ANNO I | BRASIL - E. de S. Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1925 | N.º I

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS
ANIMICOS E ESPIRITAS

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

Director: CAIRBAR SCHUTEL

Collaboradores: DIVERSOS

SUMMARIO

O nosso titulo e intuitos
Um Grande Espirita
O «Pró e o Contra» na Questão da Sobrevivencia
Os presentimentos de Catulle Mendès
Os «Camp. Meetings» Espiritas
Casos apparentes de reminiscencias de vidas anteriores
Photographia Fluido-Magnetica e Radio-Actividade Humana
O Progresso Humano e os Phenomenos Psychicos
Um retrato do Dr. Gustave Geley
Chronica Extrangeira
Écos e Noticias

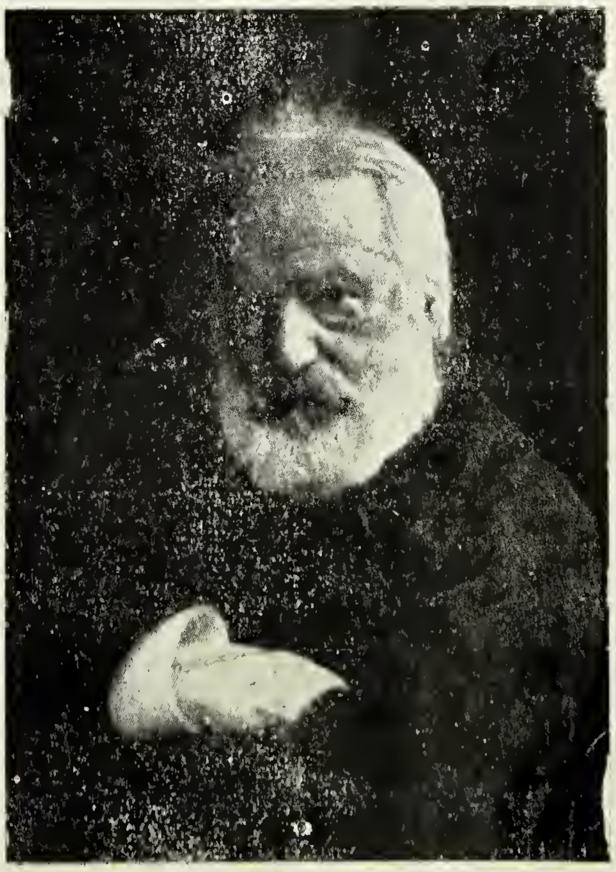

Victor Hugo — O grande poeta espirita

ANNO I — Brasil - - E. de São Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1925 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: **CAIRBAR SCHUTEL** — *Collaboradores: DIVERSOS*

O NOSSO TITULO E INTUITOS

O titulo e subtitulo que adoptamos para esta publicação comprehende uma vasta area de trabalhos e conhecimentos que marcam na hora actual um movimento de accentuado progresso na marcha da humanidade.

O incremento que os estudos psychicos teem tomado em todos os paizes do mundo, quer com o auxilio das vozes avulsas e desautorisadas, propagando as consoladoras e edificantes verdades da Revelação Nova, quer com o valioso testemunho dos representantes da sciencia, affirmando a realidade dos seus factos inconcussos, demonstra perfeitamente que o Espiritismo, embora batido e explorado em todos os meandros, é uma Doutrina vencedora, que já abriga em seu augusto templo muitos milhões de almas.

E é para notar que a somma de provas, o avultado numero de testemunhos e o valor intellectual dos observadores, constituem uma verdadeira revolução no despotico dominio do esteril preconceito ou da jatancia cathedratica, que vê desertarem do seu velho *Syllabus* os seus melhores ornamentos, hereticos contra o dogmatismo scientifico, mas representantes da numerosa pleiade de sabios de valor, a quem se deve o moderno incremento dos estudos experimentaes.

As phalanges dos estudiosos, inicialmente quasi desertas, foram se successivamente engrossando, e não ha mais quem possa negar que o Espiritismo avassalou o mundo.

E nem podia se prever outro resultado, pois o Espiritismo abrangendo o campo latissimo de acquisições scientificas nos dominios da chimica, da physica, da biologia, da astronomia e até da medicina, tem como principio, a existencia e sobrevivencia da alma após a morte do corpo, sem o que nenhuma sciencia pode prevalecer.

Submettendo-se aos processos do methodo positivo, iniciado por Bacon e erigido por Comte, Littré e outros, só elle garante a pesquiza da Verdade.

Todos os emprehendimentos realizados e que se forem realisando no terreno do animismo experimental, bem como os que se acharem na area do espiritismo propriamente, ou vulgarmente dito, serão lembrados por esta revista.

O escopo principal do nosso programma é demonstrar e propagar, que no homem existe um dualismo, composto de *corpo* e *espirito*, e esta demonstração não deve ser feita por méras especulações philosophicas, mas por meio de verificação experimental.

Estes estudos, indispensaveis á elevação humana e á vida social, constituem o maior legado ás gerações vindouras.

Por toda a parte do mundo congregam-se esforços para a divulgação da Idéa Espirita. Associações, federações de associações, congressos nacionaes e internacionaes, dão conta dos progressos que o Espiritismo vae realisando.

Entrando como parcella, embora insignificante, nesse concurso universal, nós julgamos impulsionar a cultura de um estudo, a tantos titulos salutar, atacando as fronteiras do desconhecido e pondo a descoberto uma faixa riquissima de noções indispensaveis á evolução da humanidade.

Que Deus nos ajude e permitta aos Genios Tutelares serem comnosco nesta obra de espiritualisação humana.

UM GRANDE ESPIRITA

As Experiencias de Victor Hugo — — As mezas que se movem

O poeta conversava com os seres do Além-Tumulo

O testamento espirita do exilado de Jersey

VICTOR HUGO, o grande poeta francez, foi sempre, como ninguem ignora, perseguido pela preoccupação constante do *depois da morte*.

Foi em Jersey, no deserto que Victor Hugo fez as suas primeiras sessões de Espiritismo. Nessa terra do seu exilio, na sua deliciosa casinha de Marine Terrace, Hugo passava muitos dias e muitas noites a conversar com os Espiritos.

Cuidadosamente as actas de suas sessões eram escriptas em um livro especial e esse curioso documento foi encontrado por Paul Maurice, piedoso amigo de Victor Hugo e executor testamenteiro da bagagem litteraria do grande escriptor.

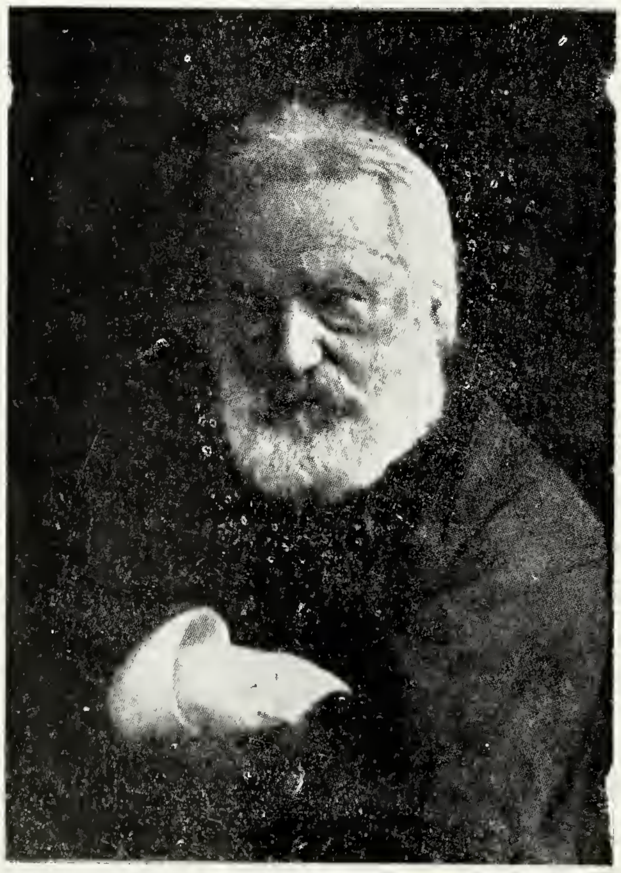
Victor Hugo — O grande poeta espirita

O livro de actas é quasi que do principio ao fim, uma série de dialogos entre Victor Hugo e seus invisiveis interlocutores, que não raro se diziam espiritos de grandes mortos. Estes, se ás vezes respondiam por banalidades, frequentemente tambem respondiam por notaveis poemas e por sublimes paginas de philosophia.

Sully Prudhomme o celebre poeta francez, membro da Academia, morto não ha muito, teve occasião de percorrer esse livro precioso de dialogos mediumnicos.

A sua opinião a respeito é das mais interessantes para a nossa causa. Prudhomme diz de facto, que as paginas espiritas de Jersey são, muitas vezes, iguaes, ás mais bellas de Victor Hugo, e *ás vezes mesmo superiores*.

As actas de Jersey eram escriptas pelo proprio punho de Hugo ou pelo de Augusto Vacquerie, amigo do poeta e seu iniciador no Espiritismo.

Toda a familia de Hugo se achava presente quando chegava a hora da conversa com o Além-Tumulo. Muitas noites foram passadas assim, as mãos estendidas sobre uma mesinha que indicava como de costume, por meio de pancadas, as lettras do alphabeto destinadas a formar palavras e depois phrases.

Varias celebridades da época frequentavam as sessões espiritas de Victor Hugo. Os mais assiduos eram entre outros, Vacquerie, o libertario hungaro Teleki, o general Le Fló, Jules Alexis e muitos outros.

Mme. Girardin essa, chegou a Jersey a 6 de setembro de 1853. Foi ella quem venceu as ultimas resistencias do poeta ás suggestões de Vacquerie, que pedia a Hugo tentasse ao menos corresponder com as almas dos desapparecidos.

Victor Hugo, porém, recusava de maneira peremptoria, porque via na interrogação dos mortos uma pratica que elle qualificava de — «sacrilega». — Entretanto o grande escriptor acreditava na possibilidade de uma conversação entre as «duas bordas do tumulo», para nos servirem da felicissima expressão de William Stead, e, com o correr do tempo, o Espiritismo nunca teve adepto mais fervoroso que Victor Hugo.

E as sessões de Jersey tornaram-se famosas.

Por varias vezes Vacquerie teve discussões acres com os Espiritos que se manifestavam. E quando mais tarde se lhe dizia que podia ser perfeitamente que Victor Hugo fosse o *communicante inconsciente* das respostas do invisivel, Vacquerie respondia: «Certo os espiritos de Jersey eram excepcionaes, extranhos, caprichosos. Que importa! Eu accredito nelles, como acredito nos onagros.

Era impossivel que Victor Hugo fosse o autor das respostas do invisivel, porque só muito raramente elle tomava lugar na mesa, contentando-se com o assistir a sessão como simples espectador, ou como secretario encarregado de escrever as lettras á medida que a mesa as dictava.

Depois da chegada á Jersey de Mme. Girardin, as sessões tomaram uma nova feição, entretanto nas primeiras tentativas lançou-se mão de uma mesinha quadrada, sendo que o insuccesso foi completo; julgaram que a forma do movel «contrariava o fluido». Victor Hugo queria fazer cessar as experiencias porém, Mme. Girardin respondeu-lhe: «Os espiritos não são cavallos de praça á espera da bôa vontade do freguez; são livres e vêm a nós quando entendem chegado o momento opportuno». E, firme no seu intento, comprou num bazar uma mesinha redonda que, como a precedente, se conservou immovel.

Um dia, emfim, a mesinha teve um movimento. Essa sessão foi commovedora. Vacquerie pediu a entidade presente désse um significado da palavra em que elle pensava. «*Traduz*» — pediu Vacquerie — a palavra que tenho no pensamento». E a mesa respondeu: «Soffrimento». Vacquerie pensava: «Amor».

A essa interpretação intellectual do pensamento de um dos assistentes digno de toda a confiança o interesse dos experimentadores augmentou. «Quem és tú?» — perguntou-se ao espirito. E a mesa respondeu: «Leopoldina». Esse nome produziu uma viva commoção. Era o da filha que Hugo acabava de perder. Mme. Hugo chorava, Charles Hugo — outro filho do poeta, — interrogava a sua irmã.

Toda a noite se passou numa conversação angustiosa, mas consoladora, com a desapparecida.

A partir desse dia, as communicações realizaram-se com regularidade. Muitas vezes mesmo em pleno dia consultavam-se os espiritos. Esses marcavam, ás vezes, a hora da sessão seguinte e ninguem faltava ao *Rendez-Vous*.

Era rarissimo que Victor Hugo tomasse logar em torno da meza. O medium era, ora Mme. Hugo, ora seu filho Charles, que parece ter possuido uma certa força mediumnica.

Victor Hugo formulava as perguntas e registrava as respostas, *que as vezes desaprovava, recebendo mesmo, outras vezes, rudes licções dadas pela Entidade communicante* Isso não o impedia, todavia, de tratar com o maior respeito os seus correspondentes occultos, que se exprimiam em verso ou em prosa, e para os quaes Hugo se dava ao trabalho de improvisar estrophes ou tiradas philosophicas.

Como dissemos a alta sociedadade de Jersey frequentava a casa do poeta. Um jovem inglez tornara-se particularmente notado pela sua assiduidade. Um dia, o joven inglez em questão chamou á meza Lord Byron, o grande poeta inglez. Charles, que *não sabia inglez*, e que servia de mediium observou que ser-lhe-ia muito difficil acompanhar as lettras da communicação se essa fosse dada em inglez.

Byron não respondeu ao convite de seu compatriota; porém, decorridos alguns momentos, foi Walter Scott quem se manifestou em seu lugar, dictando os dois versos seguintes:

Vex not the bard, his lyre is broken,
His last song sung, his last word spoken

Como muitas das pessoas presentes ignorassem o inglez, a mesma pessoa que procurara attrahir á reunião o Espirito de Lord Byron traduziu nestes termos a communicação assignada por Walter Scott:

Não atormentae o bardo, a sua lyra está quebrada
O seu ultimo poema cantado, a sua ultima palavra dita

O Espirito communicara-se numa lingua desconhecida do medium.

* * *

Victor Hugo regressou espirita do exilio, convicto da immortalidade, e até o seu ultimo dia não cessou de corresponder com os seres de Além-tumulo. Muitas vezes o grande poeta, nas suas obras posteriores aos longos dias do exilio, fez allusão ás grandezas do invisivel.

O seu fim foi o de um verdadeiro espirita. Ninguem ignora, do facto, que o immortal poeta confessou a sua crença em Deus, porém recusou as orações da Egreja, preferindo ser chorado pelos pobres, aos quaes deixou uma grande somma de dinheiro.

O genial escriptor morreu com a certeza de que uma nova vida ia abrir-se para elle e que ia penetrar nesse Além-tumulo, no qual o haviam precedido tantos amigos e seres queridos que, emquanto o esperavam, lhe tinham, nas suas conversações mediumnicas, frequentemente manifestado a sua constante affeição.

Eis, finalmente, uma das esplendidas tiradas, deixada nas suas «Obras Posthumas», excellente dadiva dos grandes pensamentos, que constituem o testamento philosophico do autor dos Miseraveis:

— «O que é que faz o homem livre? A alma. Que diz livre, diz responsavel.

Responsavel nesta vida?

Effectivamente não, porquanto nada ha mais demonstrado do que a prosperidade possivel e frequente dos máus e o infortunio immerecido dos bons durante a sua passagem sobre a terra.

Quantos homens justos não tiveram só angustias e miserias até o seu derradeiro dia? Quantos homens criminosos viveram até a mais extrema velhice, no gozo pacifico e sereno de todos os bens deste mundo, nelles incluindo a consideração e o respeito de todos! É o homem, então, responsavel depois da vida? Evidentemente sim, pois que não o é durante ella. Alguma cousa, pois, delle sobrevive, para se submetter a essa responsabilidade — a alma.

A liberdade da alma explica a sua immortalidade. A morte não é, portanto, o fim de tudo. Ella não é senão o fim de uma cousa e começo de outra. Na morte o homem acaba, e a alma começa. Tome-se por testemunho o que considerar o rosto de um ente amado com essa anciedade extranha, feita de esperança e de desesperança. Digam esses que atravessaram essa hora funebre, a ultima da alegria, a primeira do luto, digam si não é verdade que bem se sente que ainda *ha alli alguem, que tudo não acabou?*

Sente-se em roda dessa cabeça como o fremito de azas que acabam de expandir-se: uma palpitação confusa e inaudita fluctua no ar ao redor desse coração que não bate mais. Essa bocca aberta parece chamar o que acaba de partir e dir-se-ia que deixa cahir palavras obscuras no Mundo Invisivel.

Eu sou uma alma.

Bem sinto que o que darei ao tumulo não é o meu Eu, o meu Ser. O que constitue o meu eu, irá além.

Terra, tú não és o meu abysmo.

O homem outra cousa não é senão um captivo.

O prisioneiro escala penosamente os muros da sua masmorra, trepa de saliencia em saliencia, colloca o pé em todos os intersticios e sóbe até ao respiradouro. Ahi, olha, distingue ao longe a Campina, aspira o ar livre, vê a luz.

Assim é o homem.

O prisioneiro não duvida que encontrará a claridade do dia, a liberdade; como póde o homem duvidar si vae encontrar a Eternidade á sua sahida? Porque não possuirá elle um corpo subtil, ethereo, de que o nosso corpo humano não póde ser senão um esboço grosseiro?

A alma tem sêde de absoluto e o absoluto não é deste mundo. É por demais pesado para esta terra. Ha duas leis a lei dos globos e a lei do Espaço. A lei dos globos é a morte. O limite exige a destruição. A lei do Espaço é a Eternidade. O Infinito permitte a expansão.

Entre os dois mundos, entre as duas leis, ha uma ponte: a transformação. A ambição do vivo dos globos deve ser, pois, tornar-se um vivo do Espaço.

O mundo luminoso é o Mundo Invisivel. O Mundo Luminoso é o que não vemos. Os nossos olhos carnaes só veem á noite. Ah! do que vive com os olhos abertos sobre o mundo material e com as costas voltadas para o mundo desconhecido!

A morte é uma mudança de vestimenta.

Alma, tu estavas vestida de sombra, vaes ser vestida de luz. É no tumulo que o homem faz o ultimo progresso.

Na morte, o homem fica sendo sideral. A morte é a vindicta da alma. A vida, é o poder que tem o corpo de manter a alma sobre a terra, pelo peso que faz nella. A morte é o poder que tem a alma de arrebatar o corpo fóra da terra pela assimilação.

Na vida terrestre, a alma perde o que irradia; na vida extra-terrestre, o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação. O meu olhar penetra o mais que é possivel nessa sombra, onde vejo, a uma profundidade que seria amedrontadora, se não fosse sublime, dealbar-se o immenso arrebol da eternidade.

As almas passam de uma esphera a outra, tornam-se cada vez mais luz, approximam-se cada vez mais e mais de Deus.

O ponto de juncção é no infinito.

O que dorme e desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta e vê que é espirito».

O Espiritismo e a Fé

Por mais influencia que venha o Espiritismo exercer sobre o futuro das sociedades, não se julgue que substitúa elle sua autocracia a outra ou que imponha leis — isso não fará, porque, proclamando o direito absoluto da liberdade de consciencia e do livre-arbitrio em materia de fé, elle quer que a sua crença seja livremente acceita, ou acceita por convicção e não por fé — imposta.

Por sua natureza, elle não póde nem deve exercer pressão alguma — pois proscreve a fé-céga e quer ser comprehendido.

Allan-Kardec

O Pró e o Contra na Questão da Sobrevivencia

* * *

A possibilidade da sobrevivencia sob o ponto de vista scientifico.

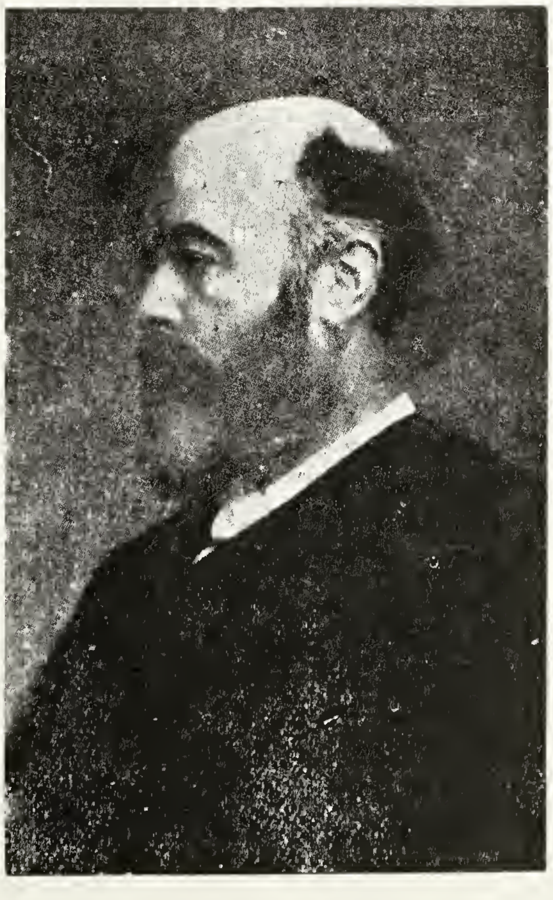

Meu bom e eminente amigo, o Professor Richet, apresentou uma exposição admiravel, um resumo synoptico dos phenomenos estudados pela Pesquiza psychica, sob o ponto de vista d'um materialista erudito, e os grupou em sua importante obra «Traité de Metapsychique». Seu trabalho não seria acceito pela grande maioria de seus collegas que, não estando ao par dos factos, são, por isto mesmo, relativamente ignorantes; mas é interessante notar que, si bem elle esteja ao corrente dos factos, cujos verdadeiros aspectos estão em conflicto com o materialismo, M. Richet continúa ainda assim materialista.

Nenhuma censura se subentende aqui: trata-se de uma posição definida e philosophica. E' bom ver esta posição sustentada com competencia, tanto para os phenomenos interessados na questão, quanto para o que toca a nossa acceitação ou á nossa rejeição da possibilidade ou da plausibilidade da sobrevivencia humana.

Si a fortaleza do Prof. Richet póde ser tomada de assalto, é pouco provavel que um successor qualquer possa se fixar n'uma fortaleza de solidez igual.

Richet dá provas de um espirito notavelmente franco, porque diz: «Eu nada nego»!

Por outro lado, elle se mostra um agnostico perfeito, quando diz que nós estamos immersos na profunda obscuridade e que nenhuma chave possuimos destes mysterios.

Mas eis aqui, justamente, onde me acho em desaccordo com elle. Eu tenho o espirito menos aberto que elle, porque nego muito; sou menos agnostico, porque tenho uma hypothese de trabalho que desejo, ou verificar ou destruir.

Presentemente, bem que o Prof. Richet esteja ao par dos factos, dir-lhe-ei que não está ao par da minha versão, do ponto de vista «espirita», Eu podel-a-ia chamar «nossa theoria», salvo não me assistir o direito de alistar outrem n' uma posição disputada e pouco orthodoxa. Porque estaria elle sciente do meu ponto de vista? Mesmo quando tenho formulado minhas opiniões theoricas, as tenho feito sempre de maneira vaga e apologetica, porque as quero confrontar com os factos e porque quero me fundamentar sobre os mesmos factos, de preferencia a uma qualquer opinião ou theoria preconcebida extranha aos factos.

Mas com o meu amigo Prof. Richet é preciso seguir outra orientação. Inutil é importunar insistindo sobre os factos, si bem que de alguns dentre elles, de ordem subjectiva, eu tenha uma opinião mais consentanea que a sua, assim como na ordem objectiva elle tem tido vantagens que eu não tenho tido. O que o perturba inteiramente é a falta de theoria. Elle afronta corajosamente o vacúo; não procura tecer hypotheses antagonistas; contenta-se em dizer que os factos são mysteriosos, inexplicaveis e um tanto «insanos» quando interpretados conforme a sciencia orthodoxa os ousa interpretar. E é bem assim que parece, com o limite a que a sciencia orthodoxa se impôz.

Ainda mais loucas devem parecer nossas theorias a seu respeito. Mas os factos novos pedem uma nova theoria para sua interpretação. Ha cousas no universo, as quaes a sciencia biologica não tomou ainda em consideração. Se algum dia ella chegar a tomar em consideração um outro factor da vida physica, então verificará que as difficuldades desapparecerão gradualmente. E o mesmo Richet sentirá, cedo ou tarde, que pode achar uma chave para esses factos, uma linha na qual os poderá enfileirar, um ponto de vista que lhe permitte de os interpretar de uma maneira mais agasalhadora e menos perturbada.

Não é preciso admirar que, do seu ponto de vista actual, estes factos parecem extranhos, perturbadores, mysteriosos e incriveis. O admiravel é, que a sua lealdade, ao par dos factos e da verdade, lhe permitte de os acceitar como fazendo parte das realidades do Universo. Elles fazem, com effeito, parte mas ha outras cousas que são tambem a realidade. E quando nós tivermos acceito o Ether e o incorporarmos ao nosso systema, — esta cousa que actualmente a sciencia biologica ignora completamente, como, de resto, todas as sciencias, exceptuando uma metade da Physica, — então o horisonte começará a se esclarecer, o nevoeiro desapparecerá, e uma estrella, ou mesmo um sól, virá illuminar a nossa obscuridade. Eu disse que tenho mais a negar que a affirmar. O Prof. Richet se abstém de negar, mas algumas de suas asserções são temerarias. Elle nega com hesitação; affirma com vigor. Procedimento, de todo, admiravel; mas nessa conjunctura, terei a temeridade de seguir um caminho opposto. Vou negar com vigor e affirmar com hesitação. Somente num alvo de claridade e de presição, creio preferivel de exprimir minhas affirmações sob uma forma positiva e dogmatica que, sem esta explicação preliminar não estaria de accordo com a natureza do objecto. E devo esperar que os meus criticos comprehendem bem que, quando abandono as negações pelas asserções, não formulo do mesmo modo senão uma hypothese de trabalho, fazendo unicamente um esforço para construir uma concepção racional das leis e principios da sobrevivencia humana.

A evidencia para a sobrevivencia, deve se basear no seu proprio valor, tanto quanto a hypothese, sem ser entravada pelas superstições triviaes.

Tenho a negar e a repudiar algumas destas superstições, d'uma maneira solemne e, neste terreno, eu sei que estou de accordo com os espiritos mais rasoaveis.

O Prof. Richet, e talvez, outras pessoas no campo physiologista — parecem desejosos de transformarem estas superstições dos seculos das trevas» á éra scientifica, mas não se pode acceitar esse modo de proceder. O assumpto é bastante difficil em si, com estas complicações impossiveis e inuteis.

A minha primeira negação é então dirigida contra a «resurreição de um corpo».

Durante seculos a humanidade se acostumou a pensar nos mortos, como se elles estivessem enterrados num sepulchro esperando qualquer acontecimento futuro, e os que acceitavam esta particularidade eram, naturalmente, pouco propensos, e alliar a fé nas apparições dos defuntos, a menos que não fosse possivel encontrar seus tumulos vasios.

Hoje julgamos absurda a idéa de um corpo resuscitado e errante; portanto, a historia das crenças populares nos mostra que tal opinião era corrente; algumas vezes concebia-se o corpo de um suicida, para garantir o seu repouso difinitivo. A razão desta pratica absurda é sem duvida, analoga á idéa do Prof. Richet, a saber — que a personalidade estava ligada tão intimamente ao corpo material, que toda a apparição posthuma, visivel ou tangivel, não se podia explicar, senão pela utilisação do referido corpo. Durante a Idade Media mesmo, certos padres da Egreja não podiam separar a idéa de uma resurreição final, da noção de um tumulo abandonado, d'uma collecção de particulas originaes do corpo, duma reconstitução dessas particulas em orgãos, em seguida d'uma revivificação.

Mas, os factos nenhuma justificação permittem de semelhante idéa, e os que sustentam o ponto de vista «espirita» desejam como o physiologista, que não se admitta sem reserva tudo o que concerne a desintegração posthuma, a decomposição, a incineração, etc. As concepções materialistas que sobrevivem ainda das crenças populares devem ser inteiramente abandonadas. Si se acha que uma apparição ou um phantasma possúe traços e marcas physicas do instrumento material abandonado, então é preciso acceitar o facto e, como é necessario, procurar algures uma explicação. Nenhuma explicação baseada sobre a revivificação de um cadaver pode ser, um só instante, acceita.

Isto parece, na verdade, a explicação nova e clara, mas á luz dos modernos conhecimentos, deve ser posta de lado e considerada caduca.

Quando nós affirmamos que os factos sustentam a doutrina da sobrevivencia, não é por ISTO que entendemos.

As praticas egypcias antigas e suas idéas sobre a morte, deviam ter sido desagradaveis e dolorosas. A noção de que a alma sobrevivente ou *Ká* tinha necessidade de alimentação, de utencilios e apparelhos, que se depositava no tumulo nesta intenção e para sua commodidade, eis uma idéa bem infantil da humanidade, que tem causado muita pena aos sobreviventes, especialmente aos sobreviventes pobres, quando meditavam se não seriam obrigados a qualquer cousa essencial, ou se não teriam negligenciado o indispensavel para tornar agradavel a existencia futura do sêr caro desapparecido.

As crenças ecclesiasticas da Idade Media eram, de certo modo, superiores a isto, Podia ser penoso enterrar a pessoa amada no frio e no escuro para os seculos sem fim; mas, em todo o caso, existia a crença que o elemento material ficaria em paz até o seu despertar, e da sua reconstituição pelo Poder Divino. Era-se muitas vezes atormentado e perturbado sobre a sorte da alma que podia, dizia-se, ficar em sofrimento sem auxilio sobrenatural da evocação do padre. Esta tem dado motivo a tantas dores, porque no fundo ellas não eram superiores ás crenças egypcias da antiguidade. Sabe-se, apezar d'isso, que a phrase «resurreição dos corpos» é susceptivel de uma interpretação rasoavel para os crentes, como, por exemplo, aquella que eu expliquei no meu livro: «*OHOMEM E O UNIVERSO*» e na terceira parte do «*RAYMOND*». Mas. a sciencia nada tem com as praticas ecclesiasticas. O seu dever é examinar os factos sob um ponto de vista inteiramente novo e differente. Nós devemos pretender, e pretendemos que o corpo physico, logo que concluiu a sua obra, fica completamente abandonado e acaba, que seus atomos podem servir ainda para outras formas da vida e que nenhuma especie de personalidade ou de identidade lhe fica associada.

Quanto ao saber no que se torna a personalidade, e o que, depois da morte, lhe serve, para o futuro, de instrumento, é uma cousa que é preciso investigar, e que é preciso adiar.

Nenhuma preoccupação cultual se deve misturar a este estudo; é, francamente, uma pesquiza scientifica a fazer. Pode ser que nós ignoraremos o que virá a ser a personalidade, mas é possivel, apezar de tudo, imaginar em uma hypothese de trabalhos.

Uma hypothese deste genero se forma no meu pensamento: sua genese se encontra nos escriptos de São Paulo, de Clemente de Alexandria, de Origenes e de outros padres da Egreja. E' bem provavel que suas idéas n' aquelle tempo, fossem condemnadas como hereticas, mas isso não prova que ellas eram falsas.

Para evitar os malentendidos eu desejo fazer observar que todas as minhas advertencias se referem aos corpos communs e ás pessoas vulgares. Se existe um caso de um «corpo» excepcional, pedindo um estudo especial, e si, verdadeiramente, *um sepulchro* estava vasio, é um caso que eu não abordarei aqui; pode ser que eu possa dizer mais, em tempo e em lugar mais propicio. Por óra eu trato da questão das apparições e da sorte dos homens vulgares. Os factos nos fazem suppôr, que, por vezes, elles apparecem depois da sua morte, mas o que é certo, é que o corpo physico fica no sepulchro ou em qualquer logar onde os sobreviventes collocaram-n'o. Si se admitte franca e inteiramente este ponto, põe-se fóra de discussão uma explicação materialista e grosseira e o terreno fica então desembaraçado. Depois a pesquiza pode seguir livre desses impecilios de crenças antiquadas. Nunhuma sobrevivencia do corpo physico existe. Entretanto nós que julgamos nos acharmos, ás vezes, em communicação com personalidades sobreviventes, temos sido informados por estas, que ellas possúem «corpos» tão reaes e substanciaes como outr' ora; que se acham identicas a um gráu semelhante que mantém a mesma apparencia, o que lhes permitte conhecerem-se e que é por meio desses corpos ou instrumentos de manifestação que elles vêem uns aos outros e é assim que elles, com o auxilio desses corpos se acham, algumas vezes, em condição de se communicar comnosco.

Como conciliar estas asserções com a que precede? É ahi justamente que intervem a minha hypothese de trabalho, hypothese que não é acceita só por mim, mas por muitos outros que caminham ás apalpadelas na mesma direcção; hypothese que nós podemos lêr em muitas palavras de São Paulo, o que nos faz pensar que este genio inspirado a tinha entrevisto, embora não pudesse exprimir nos termos que nos conviriam.

Si eu sou tentado a chamar «minha hypothese» é porque (condições psychicas á parte) eu fiz um estudo do Ether, do Espaço, de toda a Vida. Ella me parece, assim, uma entidade mais familiar, substancial e pratica, que para muita gente que não estuda não o é, e tambem para quem ella apresenta «um não sei que» de indefinido, vago e imaginario.

Entre os homens de sciencia o Ether não tem sido estudado senão pelos physicos, e mesmo para estes ha excepções. Elle tem sido negligenciado pelos chimicos, e não tem, provavelmente attrahido a attenção dos biologistas e physiologistas de nenhuma escola. Apesar disso si o Ether é uma realidade do Universo, pode ser que seja dotado de funcções chimicas e biologicas, assim como das funcções physicas conhecidas da sciencia.

Nós o conhecemos familiarmente nos phenomenos da Luz, da Electricidade, e do Magnetismo. Começamos a associal-o tambem definitivamente á Elasticidade, á Cohesão, á Gravitação e, gradualmente, aprendemos que a maior parte da Energia do Universo e, certamente, toda a energia potencial lhe pertence e não á Materia.

A materia atomica é uma cousa, mas o Ether é outra cousa ; estes dois elementos estão, talvez, em acção ; de facto, estão. O vinculo entre elles é a Electricidade. Mas se nunca houvesse possibilidade de os unificar admirando-os como manifestação distincta de um *unico* Principio, não ha duvida sobre o qual seja o mais importante. O Ether é o elemento fundamental ; a Materia é um elemento, provavelmente composto das modificações do Ether. No fundo, tudo isto é da physica orthodoxa, salvo na prova que não está igualmente feita para que todos os physicos sejam forçados a admittir.

Pode existir divergencias legitimas de opinião, mas isto é um ponto de vista scientifico bem reconhecido e racional. Está bem fundado na deducção dos factos e inteiramente independente de considerações psychicas.

Supponhamos, então para a discussão, que admittimos o Ether e o Universo physico dotado destas funcções que a maior parte dos physicos lhe attribuem, nesse caso se apresenta uma questão precisa ; não se deve levar em conta as discussões philosophicas e em ultima analyse, a mesma theoria biologica ?

Para explicar tudo isso que eu disse seria preciso um volume. Nesta discussão preciso ser breve e manifestar-me mais hypothetico do que sou em realidade. Mas quando abordamos a Biologia, somos forçados a ser hypotheticos, e a hypothese do trabalho que eu exponho, deve ser acceita sem resistencia até que se encontre os factos, que estudados por longo tempo e com cuidado, são capazes de estabelecer e de servirem de chave racional dos phenomenos que muito reaes, nos parecem apparentemente inexplicaveis.

Para o Prof. Richet os factos parecem completamente inexplicaveis. Elle tem impressão de que trabalha na obscuridade e que «a unica affirmação prudente consiste em dizer que verdadeiramente nada sabemos, absolutamente nada do Universo».

Sob este ponto de vista, meu agnosticismo é menos profundo do que o seu. Eu sinto que temos uma idéa e não ha quem saiba si ella é ou não digna da nossa confiança senão seguindo-a. Não importa que a chave tenha mais valor que tudo. Factos isolados sem serem ligados por uma theoria, são, para assim dizer, seres indoceis e desconcertantes. Não se pode consideral-os como pertencentes á sciencia, que é um systema de conhecimentos organisados.

E a razão que os Biologistas são em geral tão hostis é que, faltando-lhes a chave, sua consciencia repugna mesmo os factos.

Toda a honra do Prof Richet é que, apezar da sua repugnancia, elle esteja prompto a acceitar os factos ; mas me parece que os envolve de difficuldades inuteis, insistindo só sobre a materia ; nunca os comprehenderá por concepções sómente materiaes. Rigorosamente falando nada podemos comprehender se nos limitamos unicamente ás concepções materiaes. Concentrando-nos só sobre a materia, eliminamos dos nossos pensamentos a maior parte do Universo. Este contém outras cousas além da materia, como sejam o magnestimo, a electricidade, a luz, o ether ; contém tambem a vida, o pensamento, o espirito, a consciencia, a memoria, a personalidade, o caracter. Nenhuma destas cousas é material ; entretanto, cousa assaz bizarra, algumas dellas entraram em associação com a materia pelo curioso processo da Incarnação.

E' verdade que, durante um certo tempo, Intelligencias habitam corpos materiaes que por meios apenas conhecidos, ellas tem inconscientemente construido. É evidente que existe um Principio Formador, capaz de operar com os atomos da materia, ou antes com as moleculas mais complexas nas quaes se acham já grupados os atomos. Assim, graças à Energia que estas moleculas recebem do sol, entidades não materiaes são capazes de se manifestar normalmente, em associação com a materia.

A ligação é tão intima que nós temos aprendido a indentifical-as aos modos materiaes da manifestação e somos levados a suppôr que ellas não podem existir por si.

Ignoramos porque ellas tem necessidade de uma habitação ou de um instrumento pertencente ao universo physico, mas podemos suppor que isto não lhes falta por uma razão desconhecida. Sabemos que ellas se servem da materia, si bem que não saibamos porque, nem como. Mais os factos demostram actualmente que a associação com a materia não é essencial, um *sine quanon* para a sua existencia.

Podemos suppôr que ellas podem se servir de outra cousa, se os factos nos dão esta indicação.

(a seguir) OLIVER LODGE

OS PRESENTIMENTOS DE CATULLE MENDÈS

Em 1904 morria, em Paris, victimado por uma tuberculose pulmonar, o grande poeta Albert Samain.

Dia seguinte ao das suas exequias, a que todo o Paris intellectual acorrera, Catulle Mendès, o illustre poeta da origem portugueza, cuja obra é mundialmente conhecida, jantava em casa de amigos seus, na rua S. Petersburgo, em Paris.

A conversação cahiu, naturalmente, sobre a desapparição de Albert Samain.

— Foi uma morte analoga à de Alfred de Mussef e digna de um romantico! disse alguem.

— É facto — respondeu Catulle Mendès — cuja philosophia de bom humor era legendaria. Porém, não era assim que eu desejaria morrer.

— Como era, então, mestre?

— Á mesa! — replicou alegremente Mendès. De resto eu já exprimi em versos esse desejo!

— E com vóz sonora, o poeta declamou os versos seguintes de sua composição:

Bonjour, mort ! Quelle haridelle !
Tu n'es pas belle, nom de nom !
Bah ! J'arrose ton asphodèle
D' um dernier verre de Chinon !
Encore un rondel pour Manon,
Encore, sans funebre tirade,
Un baiser dans l'or d'un chignon !
Quand tu voudras, ma camarade !

(Bom dia, morte ! Que munia !
Com franqueza, tu não és bella
Não importa ! Rego o teu asphodelo
Com um ultimo copo de Chinon !
Ainda uma rolondilha em honra de Manon,
Ainda, sem funebre tirada,
Um beijo, numa nuca dourada !
Ao teu dispor, minha camarada !)

E, tendo esvasiado o copo, o poéta com o olhar perdido no vago, accrescentou:

— Ah! mas não será assim que eu morrerei!

Quando penso na minha morte, tenho os olhos como uma visão de horror! Parece-me que morrerei numa catastrophe, num incendio de theatro, num *desastre de caminho de ferro !*

⁂

Algum tempo depois do episodio que acabamos de narrar, alguem lembrava ao poeta outros versos em que Mendès, no seu poema La Grivedes Vignes, cantava o seu pouco temor da morte, por causa das lembranças da sua primeira canção de amor.

— Podesse eu morrer como cantei, suspirou Mendès . . .

Mas não terei essa felicidade! Desgraçado de mim. Tenho amado a belleza das flôres, o encanto da luz, as mulheres e o vinho, morrerei de uma morte horrivel, sozinho, mergulhado nas trevas da noite ! . . .

⁂

No dia 8 de fevereiro de 1908, ás quatro horas da manhã, sob o tunnel de Saint-Germain, o cadaver de Catulle Mendès era encontrado pelos guardas da linha. A caixa craneana fôra quebrada como uma noz e a materia cerebral tinha espirrado por todas as fendas. O poeta tivera, alem disso, uma clavicula e uma perna cortadas pelas rodas do comboio.

O infeliz estava vestido de casaca e a sua bengala e a sua cartola achavam-se ao lado do cadaver.

Mendès voltara de uma recepção mundana. Na Vespera tomára o trem de meia noite, para voltar para Saint-Germain, onde morava. Tendo adormecido, acordou muito provavelmente quando o comboio se aproximava da estação dessa cidade, e como sob o tunnel o trem diminue sensivelmente a marcha, Catulle Mendès, acreditando se perto do cáes do desembarque, preparava-se para descer, illudido, talvez, pelas luzes que elle tomou pelas da estação. E foi, segundo toda a probabilidade, dessa maneira que se enganou e cahiu, morrendo de uma morte atroz, sozinho, mergulhado nas trevas da noite, como elle proprio o annunciara.

O Espiritismo ao ar livre

Os "Camp-Meetings" Espiritas

Ninguem ignora os progressos que o Espiritismo tem feito em todo o mundo. Pode-se dizer que não existe um lugar do planeta em que os Espiritos não tenham feito prevalecer a sua benefica influencia, attrahindo as almas para a vida na Immortalidade. Mas onde o Espiritismo conta maior numero de adeptos e admiradores é nos Estados Unidos da America do Norte.

E é muito razoavel que assim seja, porque, como sabem os cultores do Espiritismo, foi na America do Norte, na humilde aldeia de Hysdeville, aldeia esta situada no condado de Wayne, circumscripção de Arcadia que, por intermedio das irmãs Fox, os Espiritos deram as primeiras manifestações na linguagem typtologica, ou seja por meio de pancadas, prendendo a attenção dos homens para uma nova ordem de phenomenos que vinham iniciar a humanidade na trilha do dever que conduz á Perfeição.

A partir dessa época uma grande parte do povo da União Americana tomou verdadeiro interesse pelos phenomenos mediumnicos, chegando a forçar os sabios americanos ás pesquizas, e d'ahi á fundação de associações de Estudos Psychicos, taes como existem muitas na America do Norte.

O Lago Colby, onde se acha o «Camp» (Perto do Lago Helem, Florida)

Aquelles que conhecem o genio americano sabem que o que caracterisa esse povo, é a idéa de grandeza, elles sentem uma necessidade irresistivel de fazer tudo em ponto grande e ainda mais, de crearem emprezas fora do commum, exquisitas mesmo, vamos dizer, que não apresentam caracter de similaridade.

E' assim que deliberaram a creação dos «camp-meetings» espiritas, onde manifestam as suas convicções em reuniões-colosso que se realisam em épocas determinadas

Attrahidos pelas manifestações da Natureza, elles acham que o lugar propicio ás grandes manifestações do pensamento é o da Natureza, e varias pessoas deram inicio á fundação dos «camp-meetings», sendo que o primeiro, fundado á margem do pitoresco Lago Pleasant, no Estado de Massachusset, a cem milhas de Boston foi inaugurado em 1873. De facto, é um sitio encantador e, desde então, centenas de moradas foram construidas na encosta das collinas que cercam o Lago. Quando o estio chega, essas habitações são invadidas pelos nossos confrades americanos e um verdadeiro acampamento espirita, ou mais ainda, um minusculo Paiz-Espirita se improvisa em torno do poetico e tranquillo Lago.

Depois de 1873, a moda dos «camp-meetings» espalhou-se e, em quasi todos os Estados, foram organisadas reuniões identicas.

A partir de Maio até Outubro, esses lugares de reuniões espiritas campestres são frequentadissimos. Em troco de uma somma modica, os viajantes podem viver nos hoteis e *cottages* que formam os «*camp-meetings*» transformados, com o andar dos tempos, em verdadeiras emprezas sabiamente organisadas.

Todas as mediumnidades possiveis e imaginaveis se encontram reunidas em um *camp-meeting*. Um serviço de informações dos mais completos é organisado e o viajante, que acaba de chegar, sabe immediatamente em que ponto do «Paiz-Espirita» pode encontrar um medium de incorporação, typtologia, escripta automatica, escripta sobre ardosia, «trompette,» transporte, effeitos photographicos, etc., etc.

Quotidianamente conferencistas de nomeada fazem ouvir a sua palavra a milhares de auditores, que bebem os seus ensinamentos a largos tragos, e que pelo pensamento se elevam ás mais altas espheras.

Os *Camp-meetings* nos Estados Unidos contam-se actualmente por centenas. As conferencias são methodicamente traçadas e seguem um programma ascendente, do qual cada assumpto é tratado a seu dia.

Na grande calma da natureza, ao abrigo das arvores seculares esses espiritos esquecem-se por um instante a agitação das cidades. Experimentam uma grande quietitude, e naturalisados cidadãos d' um «Paiz» nascido quasi por milagre vivem à moda da terra; fraternalmente, igualmente, de accordo com a applicação exacta das idéas de simplicidade e igualdade, lembradas pelo Christo.

Alguns edificios de um «camp» perto do Lago Helem

O «Camp-meeting» espirita de Onset bay

Os *camp-meetings*, não ha duvida, exercem uma influencia salutar sobre os que querem com sinceridade penetrar os mysterios do homem e da Natureza. Além disso a conformidade das crenças faz com que cada um dos participantes dessas colossaes reuniões tire uma força maior de pensamento do exemplo dos seus visinhos.

A variedade de mediumnidades reunidas nos *comp-meetings* dá tambem de seu lado interessantissimos resultados, pois que os mediuns, encontrando-se em meios tão favoraveis, as suas faculdades tomam um incremento prodigioso.

No nosso paiz é bem difficil que a idèa dos *camp-meetings* seja levada a effeito, mas chegará o dia dessas estações balnearias, completamente transformadas, servirem de meios de instrucção, de retiro espiritual, onde os «banhistas» e os «veranistas,» encontrarão o descanço para o corpo e o recreio para o espirito, além do completo restabelecimento da saude.

A PERFEIÇÃO

O amor géra a perfeição de todas as cousas, pois elle mesmo é a perfeição.

O espirito é votado á conquista dessa perfeição, que é a sua essencia e o seu destino, Elle deve, por seu trabalho, approximar-se da intelligencia soberana e da infinita bondade; deve, portanto, revestir progressivamente a forma mais perfeita que caracterisa os seres perfeitos.

Pamphilo.

Casos apparentes de reminiscencias de vidas anteriores

A REVISTA hindú *Kalpaka*, nos dá a noticia recente do resultado de uma «enquête,» sobre o caso de reminiscencias das vidas passadas, phenomenos observados em quatro meninos, pelo Dr. Rao Bahadur Syam Sunderlal.

A «enquête» foi ordenada por S. A. o Mahajarah de Bhartpur, tendo sido feita com perfeito conhecimento scientifico.

* * *

1.º CASO DO MENINO "PRABBU"

O caso deste menino me foi indicado por S. A. o Maharajah de Bhartpur no mez de agosto de 1922.

Elle tem o nome de *Prabbu* (brahamane), é filho de Khairati (brahamane). de Salimpur (Estado de BHARATPUR) e no momento da «enquête» tinha 4 annos-7 mezes e 18 dias de idade.

Depois que começou a falar, *Prabbu* contou a seu pae as lembranças que pretendia ter de uma existencia anterior. A «enquête» a esse respeito comporta duas phases: na primeira, o menino foi interrogado mesmo na casa de seu pae, no mez de março de 1923, pelo *naib* Thesildar. Na segunda, o menino, a meu pedido, foi conduzido á Hatyori, cidade onde pretende ter vivido em sua ultima existencia. O Thesildar de Weir, levou-o em sua companhia e chamou immediatamente quatro das principaes notabilidades da cidade: Dharam Singh Foujdar, com 60 annos; Foujdar Azmat Singh, com 50 annos; Foujdar Sam Singh, 73 annos e Harknath Brahmane, com 40 annos. O menino e o Thesildar chegaram á noite e as notabilidades da cidade foram levadas á presença do menino dia seguinte a 1 hora. O menino foi interrogado na presença delles.

Eis aqui, palavra por palavra, as declarações do menino, feitas, seja em casa de seu pae, seja em presença dos notaveis de Hatyori e a resenha controlada dessas declarações :

DECLARAÇÕES DO MENINO	CONTROLE DAS DECLARAÇÕES
A) EM CASA DE SEU PAI.	
1.º — Eu era, em minha vida precedente *Harbux*, brahmane, da cidade de Hatyori, no Bhartpur.	E' exacto que um individuo chamado Harbux, filho de Muhde, havia morado em Hatyori e morreu ha cinco annos, mais ou menos.
2.º — Eu tinha dois filhos, *Ghure* e *Shyan Lal* e duas filhas *Kohila* e *Bholi*; uma casou com *Ramhet*, de *Khorli*, outra *Gokal* de Navar. Eu recebi dinheiro pelo casamento da primeira, mas consenti o matrimonio da segunda sem indemnisação pecuniaria alguma.	Todos esses detalhes são completamente exactos.
3.º — Eu tinha uma casa em Hatyori.	Exacto.
4.º — A casa de *Swarupa Jat* era contigua á minha.	Exacto.
5.º — *Swarupa Jat* tinha um filho e uma filha.	Exacto.
6.º — Havia uma vereda elevada calçada de pedras.	Exacto.
7.º — Havia um açude, no meio do qual existia uma casa e acima do açude um Chhatri (cenotaphio com cupola.)	Exacto em todos os detalhes.

8.o — Haviam duas casas ahi, uma sobre outra no açude.	Exacto.
9.o — Hatyori tinha poços de agua potavel: a) *Panhariwala*, sombreado por duas figueiras sagradas; b) *Kankarwala*. sombreado por ameixeiras; c) *Mooliwala*, sombreado por mangueiras.	Exacto. O poço Panhariwala é com effeito, sombreado por figueiras sagradas. O poço Kankarwala é secco e ja estava secco no tempo de Harbux As ameixeiras que sombreavam desappareceram; não resta senão uma figueira. O poço Mooliwala é desconhecido. Existe um poço *Jhasroyawala*, sombreado por uma mangueira e uma figueira.
10.o — Eu tinha um *Gujar* da aldeia de Bhore como Jayman.	Esta allegação não poude ser controlada.
11.o — Ha uma inscripção numa fortaleza onde existe uma serpente.	Na fortaleza não existe, nem inscripção, nem serpente, mas ha lá uma legenda na aldeia. Harbux devia nella crer como os seus compatriotas.
12.o — No anno da fôme (Sambat 1934) eu estava em Hatyori e tinha uma junta de bufalos com a qual cultivava meus campos.	Exacto.
13.o — Eu morri na vivenda de meu pai, em um bungalow fora da aldeia.	Errado. Harbux morreu em sua casa da aldeia, depois da morte de seu pae.
14.o — Eu vivi depois da minha morte no mundo espiritual (o mundo de Deus).	
15.o — Fantasia infantil sobre a divindade.	
16.o — Deus me disse que fosse á *Salimpur* (actual lugar do meu nascimento).	
17.o — O nome de minha mulher era *Ganjo* (que significa calvo)	Sua mulher se chamava Gauron, mas davam-lhe o apellido de Ganjo, porque ella era um pouco calva.
18.o — Meu pai chamava-se *Mudhe*.	Exacto.
19.o — Meu tio materno vivia em *Bugaon*.	Exacto.
20.o — Meu sogro morava em *Burhwari*.	Exacto.
21.o — *Moola Jat* cahiu em meu poço, e eu pude tiral-o são e salvo.	Não se poude controlar o feito. Ninguem na cidade delle se lembrava.

O Tehsildar nota que o menino emquanto se o interrogava, punha se a sorrir e a falar como um bébé.

B) DECLARAÇÕES FEITAS EM HATYORI NA PRESENÇA DOS NOTAVEIS:

O menino confirma todas as declarações precedentes e accrescenta cousas ineditas taes como estas: Elle tinha tres irmãos: 1.o *Gilla*, que lhe sobreviveu; 2.o — *Ghunni*, cuja morte precedeu à sua; 3.o — O nome do 3.o irmão elle não se recordava mais Elle encontrou um dia uma serpente na capoeira, hypnotisara-a, depois batera-a contra uma arvore matando-a.	Harbux não tinha senão um irmão, *Sheobux*, mas *Ghunni* e *Gilla* eram seus primos irmãos (filhos de seu tio *Bhola*) Ghunni morreu bem antes de Harbux. Não se poude encontrar uma confirmação deste feito.

Elle era *Purohit* da aldeia de Bh....	Exacto. O filho de Harbux é ainda padre da egreja desta aldeia.
Elle declarou não se lembrar de outros nomes dos membros de sua familia, senão os que designara.	
Ao que toca sua existencia no além-tumulo, elle disse que não se lembrava.	

Quando o controle terminou, pediu-se ao menino que encontrasse a sua antiga habitação. Elle se pôz a caminho, deu alguns passos, depois parou, exitando. O Tehsildar tomou-o pela mão, e o menino recomeçou a andar depois de um momento. Depois de alguma exitação *elle foi, por si mesmo, até á sua antiga casa e tomou «seu filho» Ghure pelo dedo. O caminho para ahi chegar era longo cheio de tortuosidades, mas o menino nem por isso deixou de chegar ao fim.* As casas estavam em ruinas, chegando ao logar onde estava o portico da sua, deteve-se, incerto, e não poude situar exactamente a sua habitação no meio das ruinas accumuladas. ahi O menino não reconheceu pessoa alguma de Hatyori, reencontradas como sendo suas conhecidas na sua vida anterior e não poude se lembrar o nome de outras, salvo as designadas.

O Naib Tehsildar accrescentou, para concluir, que o menino, não foi instruido por pessoa alguma sobre estas cousas e que o seu caso é um caso authentico de lembrança de sua vida precedente.

Em consequencia, seguindo o conselho do honrado C. C. Watson, agente acreditado do Governador Geral de Rajpoutana, procurou-se completar os testemunhos e assegurar *que elle não tinha tido instrucção previa*. Tomou-se então precauções para interrogar nitidamente o pae do pequeno, saber como elle se lembrava de sua vida anterior e si alguem da aldeia de Salipur tinha alguma familiaridade com Hatyori.

Eis aqui o testemunho de Khairati, pae do menino, tal como foi obtido pelo Tehsildar de Weir (Rajpoutana) graças aos esforços de S. A. o Maharajah de Bharatpur:

Testemunho de Khairati, pae do menino «Prabbu» de Salempur, Paragnah Weir Estado de Pharapur, levantada por Ram Singeh, Naib Tehsildar.

« 1.o — Horoscopo de Prabbu foi tirado ao seu nascimento, eu o encerrei num vaso
« logo que voltei para minha casa.
« 2.o — Foi a mim que Prabbu falou primeiro de sua ultima incarnação. Elle exclamou
« um dia de repente, que seus caros filhos estavam em má situação e que elle
« queria auxilial-os. Repetiu isto varias vezes, e quando eu lhe perguntei quem
« eram seus filhos ou onde estavam e porque dizia asneiras, elle calou-se.
« Mais tarde, sentado ao lado de sua mãe, que batia manteiga, elle disse que
« ella era avarenta de manteiga, emquanto que sua precedente mãe fazia-o sen-
« tar-se ao lado da mantegueira e lhe dava grandes bocados. Ella perguntou-lhe
« onde estava sua precedente mãe. Elle replicou que estava em Hatyori, que seu
« verdadeiro nome era Harbux, e que deviam chamal-o assim e não Prabbu.
« Outra occasião, dormindo ao lado de sua mãe, estremeceu e exclamou: «Oh
« meu Deus! meus filhos estão em triste situação». Disse-se, então, que contas-
« se sua precedente incarnação, o que fez narrando factos já repetidos por Naib
« Tehsildar, e a noticia repercutiu por toda a aldeia.
« *Eu nunca estive em Hatyori e nenhuma relação tenho ahi com pessoa alguma,*
« *nem tenho parentes, nem negocios commerciaes.*
« 3.o — Eu sou o pae de Prabbu. A historia da sua incarnação passada foi feita pri-
« meiramente pelo menino a mim e a minha mulher.
« Outros ouviram-n'a em seguida. O horoscopo poude ser estabelecido e mos-
« tra que meu filho nasceu na noite de *Mah Sudi 2.o Sambat 1975* e que está
« com 4 annos, 7 mezes e 18 dias.»

Os casos seguintes foram tambem por mim completamente observados. Elles apresentam, pelo menos, detalhes interessantes:

2.o CASO CHHIDA.

Um Rajpoute, filho natural, chamado Chhida, da aldeia de Mhowa, situada sobre o Chambal, rio do Estado de Gwalior, tinha tido uma questão com a filha viuva dum brahmane desta mesma aldeia.

O brahmane dispõe-se a accusar o Rapjout pelo roubo de mais postaes e um mandato de prisão foi expedido contra Chhida. Este tendo sido informado, embrenhou-se nos barrancos proximos do rio. Elle lhe deu cinco rupias (moeda dos indios), afim de procurar um sino e de offerecer, em seu nome, ao templo de Shiva, em Mhowe Pouco depois, Chhida foi morto por um agente, quando repousava sob uma arvore.

Então, cinico annos mais tarde, em uma de suas «tournées», elle vae a casa de uma familia brahmane, na aldeia, para vender mercadorias. De repente, um menino da casa de 4 annos, approximou-se, apoderou-se de alguns objectos e retirou-se com elles.

O mercador perseguiu-o. Quando approximou-se do menino, este lhe disse que apoderando-se dos objectos, não fazia senão entrar na posse de seus bens. Elle se lembrava, dizia, de ter, em sua precedente existencia, dado dinheiro ao mercador para comprar um sino, dinheiro de que o mercador se tinha indevidamente apropriado!

Este incidente fez grande ruido. Uma velha senhora, mãe de Chhida, veiu ver o menino. Ella levou-o para sua aldeia e o menino soube reencontrar, em Mhowa, a casa que elle dizia ter habitado quando fôra Chhida!

* * *

3.o CASO DE KASHI RAM

Kashi Ram, o joven *Patwari*, foi morto em 1908 por Chhotey Lal, filho de Bhagwant Sing, zemindar (proprietario) da aldeia de Nouenhta, Bhind, Gwalior. O crime foi commettido no decurso de uma viagem em que ambos iam á côrte de Suba, para um processo que interessava o zemindar e onde o Patwari se preparava para dar testemunho contra elle.

Depois de haver atravessado á pé enxuto o rio Kauri, e cheio de raiva, procurou o Patwari, com o intuito de ganhar a causa. Não obtendo o que desejava, *matou-o, cortou-lhe os dedos da mão direita, pondo um na escrivaninha portatil do morto, a qual collocou sobre o seu peito e evadiu-se para o territorio britannico adjacente.* A policia fez uma pesquiza e foi expedido o mandato de prisão contra o assassino, mas em vão. Eu vi o processo da policia.

Logo depois, na visinha aldeia de Risalpur, nasceu um menino, *cujo corpo trazia todas as marcas de violencia, constatadas em Patwari no momento em que elle foi morto.* Este menino chama-se Sukh Lal, filho de Mihi Lal. Nasceu sem os dedos da mão direita, as costellas como que quebradas e grudadas; elle disse ter conservado a lembrança da sua vida precedente a do drama que a terminou. Eu vi o rapaz e conservei-o em minha casa, mais ou menos por oito dias. Elle lembrava-se, dizia, *de todos os principaes acontecimentos de sua passada existencia*, si bem que os detalhes se apagassem cada dia da sua memoria. Seu pae e seu irmão mais velho, confirmaram estes factos, embora tivessem elles repugnancia em divulgal-os, por motivo de um possivel escandalo.

* * *

4.o CASO DE ZEMINDAR RAJPOUTE

Um zemindar rajpoute foi morto por seu tio, em seguida a uma discussão motivada por um campo. O tio desappareceu e a policia não conseguiu aprisional-o: não havia prova absoluta. Isto se passou em 1877, no anno da fome. O assassino voltou pouco depois para sua casa. Nesse meio de tempo nasceu na aldeia um menino. Com a idade de 4 ou 5 annos, brincando com os camaradas, elle ouviu os tiros habituaes aos dias de festa, e repentinamente cahe sem sentidos. Voltando a si, exclamou que acabava de ver um assassino, o qual elle dizia ter sido seu tio na existencia passada.

Este facto foi o inicio de um grande numero de recordações. O menino reconheceu «seu irmão mais velho da existencia anterior». Familiarisou-se depressa com este irmão reencontrado e lhe revelou cousas, de que nenhum outro poderia ter conhecimento. Elle perguntava-lhe sempre o que era feito de sua espingarda predilecta, sua pistola, sua bengala, seus instrumentos de musica, etc. Estes objectos elle os usava por vezes, e estão em poder de seu irmão. Este convencido do parentesco anterior que os unia fez a descripção do crime ao Suba, Major Omrt (europeu). Mas este recusou-se a proseguir num trabalho baseado em taes testemunhos. Os dois irmãos, então, fizeram seu depoimento diante do primeiro Ministro Gampat Rao Khake. S. Alteza, o Maharajah Jiaji Rao Soindia ordenou uma «eequête» que pareceu concludente.

O menino reconheceu alguns dos seus parentes de sua sua existencia anterior. Convicto da verdade da historia, o Maharajah fez expedir um mandato de prisão contra

(Continúa na pagina 21)

Photographia Fluido-Magnetica e Radio-Actividade humana

OS RAIOS V, DO COMMANDANTE DARGET

O Commandante Darget, distincto official francez, reformado, é o verdadeiro iniciado da photographia fluido magnetica.

Foi elle o primeiro que conseguiu crear formas mentaes photographicas, fixando energicamente uma chapa sensivel, isto é, impressionando *clichés* com a imagem dos objectos em que pensava.

As suas photographias, chamadas photographias do pensamento, são muito conhecidas no mundo scientifico, e qualquer poderá produzil-as, desde que tenha a força exteriorisadora precisa para crear objectos que a placa impressiona.

O Dr. Baraduc, referindo-se ao commandante Darget, escreveu:

«As suas experiencias, que, sem o emprego da electricidade, são as primeiras no genero, permittiram-me verificar, pela primeira vez, a existencia das emanações fluidicas...»

O Commandante Darget

O nosso distincto confrade, Dr. Gabriel Delanne, director da *Revue Scientifique et Morale du Spiritismo*, escreveu no seu livro «**A Alma é Immortal**»: «O commandante Darget conseguiu, por duas vezes differentes, exteroriisar a imagem pensada de uma garrafa e reproduzir essa imagem sobre uma placa photographica, sem auxilio de apparelho.»

O distincto escriptor sr. Chaineau tratando das photographias do commandante Darget, diz o seguinte: na *Humanité Intégrale*: «E' preciso fazer eloquente justiça a quem abriu o caminho; é necessario, sobretudo, pôr em relevo o que distingue os documentos do commandante Darget e fazer sobresahir o caracter de variedade e de potencia pelo qual se reconhecem as notaveis experiencias desse official superior.»

Os grandes jornaes parisienses consagraram importantes artigos á nova descoberta do commandante Darget sobre a radio-actividade humana. A elle referindo-se, a revista scientifica *La Nature* publica o seguinte:

«O sr. d'Arsonval apresentou á Academia de Sciencias uma nota do commandante Darget relativa a photographias obtidas collocando sobre a fronte um pedaço de papel impresso applicado contra uma placa, do lado do vidro, e encerrado, o todo, dentro de um triplo enveloppe. Os raios chamados vitaes pelo autor, ou ainda raios V parecem ter agido como os raios X. A experiencia foi, com successo, repetida por varias pessoas. Porém, facto não menos curioso: algumas das photographias obtidas são em positivo e outras em negativo. Parece, portanto, ser necessario admittir que existam, pelo menos, duas especies de raios V essencialmente differentes.»

Os clichés fluidicos, diz o sr. Darget, obtem-se ou a secco, ou collocando-se a placa n'um banho revelador. Podem se empregar, indifferentemente, placas ordinarias de qualquer marca; quanto ao revelador, emprego habitualmente, o revelador de hydroquinone; porém, pode-se lançar mão de qualquer revelador photographico.

Quando a placa torna-se preta — e é preciso deixal-a enegrecer bastante — lança-se-a no fixador, isto é, no banho de hyposulfito de soda; observa-se, então, a imagem e, quando a placa está desiodada, lava-se-a durante 3/4 de hora.

A placa a secco pode ser collocada sobre a fronte ou sobre a nunca, mantida por um lenço ou por um tecido qualquer; pode-se tambem collocal-a sobre o coração, sobre o epigastro, ou sobre uma parte qualquer doente ou febril do corpo. Deixa-se-a assim durante muito tempo, uma hora, emquanto nos occupamos de outra coisa. Previamente prepara-se-a no gabinete escuro, embrulhando-a em duas dobras de papel preto. Essa manipulação deve ser feita á luz da lanterna vermelha, como para a photographia ordinaria. Colloca-se, então, a placa sobre o corpo, o lado da gelatina do lado da pelle de preferencia. Pode-se, igualmente, no gabinete escuro, pegar a placa entre os dedos e mantel-a, durante dez ou quinze minutos, a um centimetro da fronte.

Foi assim que eu obtive as minhas melhores photographias: a Colera, a Aguia e tantas outras.

A COLERA — Photographia obtida pelo commandante **Darget**, collocando a uma polegada acima da propria fronte, uma placa sensivel, certo dia em que acaba de ter um forte accesso de colera.

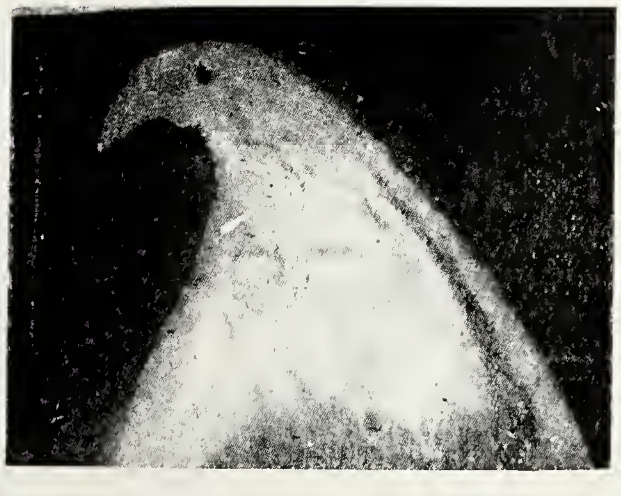

A AGUIA — Photographia obtida pelo commandante Darget, collocando uma placa sensivel a uma meia pollegada acima de mme. Darget adormecida do somno mediumnico.

Um outro processo, consiste em magnetisar, no gabinete escuro, a placa, durante dez a quinze minutos, mantendo as mãos a uma curta distancia d'ella.

A obtenção das photographias é irregular, caprichosa, sem que se possa formular uma lei qualquer, tomando como base os resultados já obtidos.

Teem-se ás vezes, surprezas inauditas, como quando o raio retira a camisa de um homem, sem feril-o, deixando-lhe as outras vestimentas.

Si se trata de uma photographia espirita, em geral, quando se quer apenas um pouco de fluido, conseguem-se figuras muito caracteristicas.

Photographia, no banho revelador — Si se mergulha uma placa no banho revelador e si se collocam em contacto com ella dois ou tres dedos de cada mão, sobre a gelatina, durante dez ou quinze minutos, obtem-se geralmente effluvios coloridos a uma ou mais côres. Si se collocam os dedos do lado do vidro, obtem-se effluvios de formas differentes e um fluido como que irisado. Eu pude, entretanto, por esse processo, obter figuras.

Si se dispôem diversas moedas sobre a gelatina, e si se collocam um ou dois dedos sobre cada moeda, estas se imprimem geralmente, e communicam a sua effigie á placa, como si tivessem sido photographadas, pelos processos ordinarios, isto é, com um apparelho munido de objectiva, 15 minutos de *pose*, ou pouco mais, são sufficientes. Algumas vezes a imagem das moedas é colorida.

Photographias fluidas com apparelho — Muitas vezes, sob pretexto de que o retrato tem manchas, os photographos inutilisam as placas e fazem o cliente pousar de novo. Ora, essas manchas não são outra coisa sinão effluvios do fluido vital. A sra. Agullana, poderoso medium de Bordeaux, produz taes manchas a vontade, prevenindo antecipadamente os photographos, cuja estupefacção, diante desse facto, e sem limites. Eu observei, de resto, que, como os magnetisadores, os mediuns produzem effluvios muito facilmente.

O sr. Arsoure, de Liége, enviou-me duas *poses*, da mesma pessoa, photographadas por elle, no mesmo lugar, a cinco minutos de intervallo uma da outra. A segunda é notavel pelas numerosas manchas fluidicas caracteristicas que a cercam. Nessas tachas, sente-se que existem figuras inacabadas, manchas proprietaes. Si em face do nosso leito, na mais completa obscuridade, dispomos um apparelho photographico, com a objectiva descoberta e, em seguida, nos deitamos durante um certo tempo, uma hora, por exemplo, conseguimos, muitas vezes, imagens dos seres ou das radiações do espaço de que nos fala Emmanuel Vauchez.

Os processos que resumidamente indiquei, são forçosamente incompletos, porém a pratica conduzirá os experimentadores a resultados cada vez mais animadores, porque estamos no começo de uma vastissima e nova sciencia.

* * *

Algumas vezes o commandante Darget obtem photographias de um genero um tanto diverso mesmo quando procede as suas investigações fluido-magneticas. Haja vista, por exemplo, a photographia abaixo, mostrando duas meninas e, ao lado d'ellas, segundo o sr. Darget, os seus *duplos*, *perispiritos*, *corpos espirituaes*, na phrase de S. Paulo.

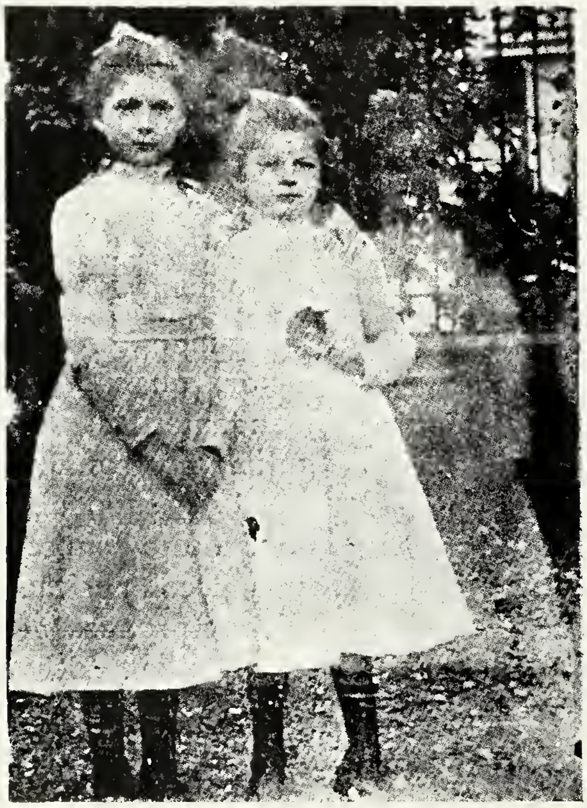

As duas filhas do sr. Pinard magnetisadas por seu pae

Esta photographia pertence propriamente ao genero chamado *espirita*. Eis em que condições especiaes o commandante Darget obteve-a.

Querendo verificar si os fluidos que um magnetisador transmitte ao *sujet* são photographaveis, o commandante Darget pediu ao conhecido medium curador sr. Pinard que magnetisasse as suas duas filhas. Começada a operação, o distincto investigador tentou a prova photographica buscada; o resultado foi o que se pode observar no nosso *cliché;* a esquerda das duas meninas veem-se os seus *duplos* ou *corpos espirituaes*.

Examinando-se bem essa photographia, vê-se que no retrato *do corpo* mmelle Pinard tem na mão um *bouquet*, ao passo que na do seu fantasma, não só esse *bouquet* não existe, como mesmo o braço está estendido e não dobrado á altura do cotovello.

Outra photographia interessante é a do padre que, não foi obtida directamente pelo commandante Darget, mas sim por um seu amigo e correspondente que, amigo de um sacerdote romano deliberaram ambos fazer uma experiencia psychica, servindo o padre de modelo, e que deu o resultado que se vê.

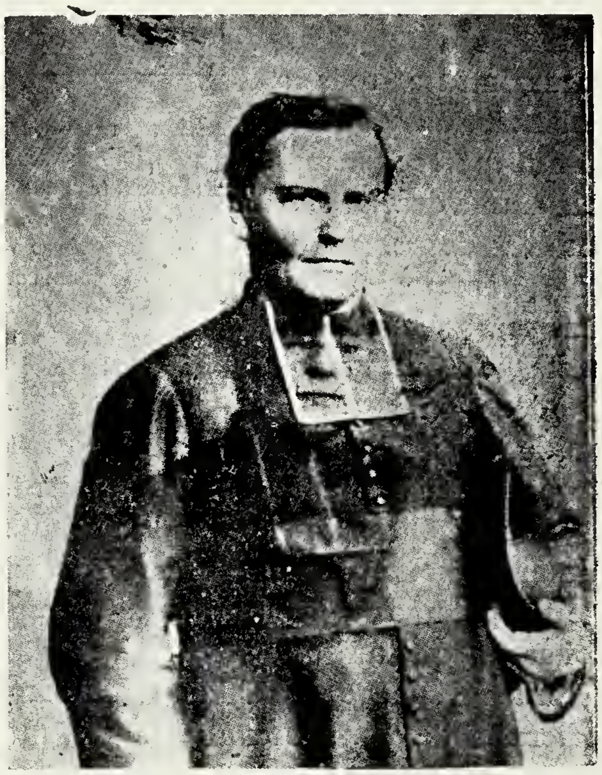

Photographia com o *duplo* de um sacerdote

Abaixo do pescoço do padre, ao peito, lado direito o leitor verificará o perispirito do mesmo padre.

* * *

O commandante Darget teve uma entrevista com um jornalista europeu que pediu-lhe a exposição da historia das suas investigações.

Eis o communicado do illustre pesquisador:

— «As minhas investigações, sobre os fluidos emittidos pelos seres vivos remontam a uns trinta annos. Todavia, só em 1894 foi que consegui, com espanto, de resto, das raras pessoas que se occupavam da questão, impressionar placas photographicas por meio do fluido vital.

Farei observar que essas impressões eram nitidas no gabinete escuro sobre placas não cobertas collocadas no banho revelador e submettidas á acção dos dedos, seja a contacto, seja a distancia.

As impressões assim conseguidas eram muito nitidas, formando uma serie de irradiação a partir da extremidade dos dedos. Essas photographias seriam semelhantes ás obtidas á luz do dia, si as placas não fossem coloridas, ora de vermelho, ora de verde, ora de amarello, segundo as pessoas e segundo os estados doentes ou sãos de taes pessoas.

Notar-se-á que o fluido vital parecia agir até então como uma luz um tanto especial. Porém varios indicios, me fizerem suppôr mais tarde que essa irradiação podia muito bem ser diversa da luz e analoga á da ampola de Crookes, á dos raios X, ou á do radium. Si assim fosse, o fluido vital, a que dei provisoriamente o nome de *raios V*, não devia attravessar os corpos opacos, como o triplo enveloppe de papel preto, vermelho e branco que proteje as placas sensiveis.

Colloquei, portanto, ha alguns mezes, uma dessas placas sobre a fronte, durante uma meia hora, e tive a alegria de verificar que, de facto, a placa sob o triplice enveloppe estava impressionada.

Para completar essa demonstração, introduzi, sob os trez enveloppes um papel impresso com a palavra «**DOYEN**», etc., (o lado não impresso do papel tocando a placa sensivel) e obtive, muito nitida, a photographia junta.

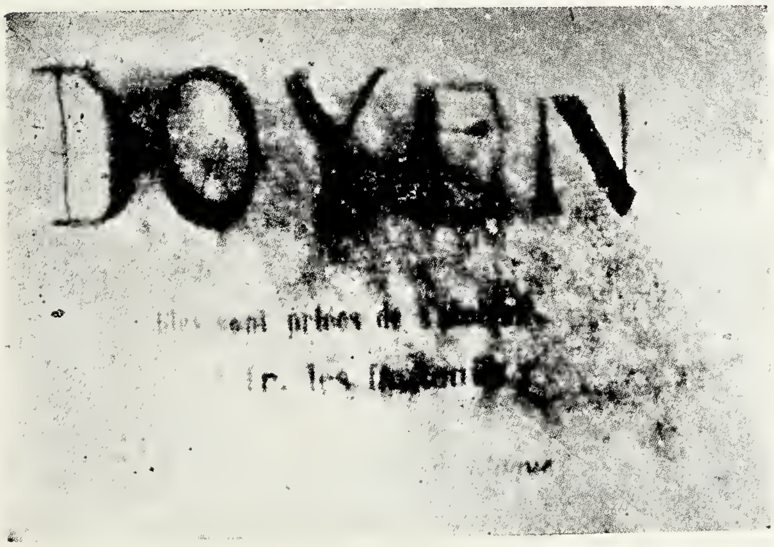

A varias pessoas de minhas relações, confiei placas semelhantes em enveloppes fechados e sellados. Essas pessoas obtiveram, mais ou menos distinctamente os mesmos resultados.

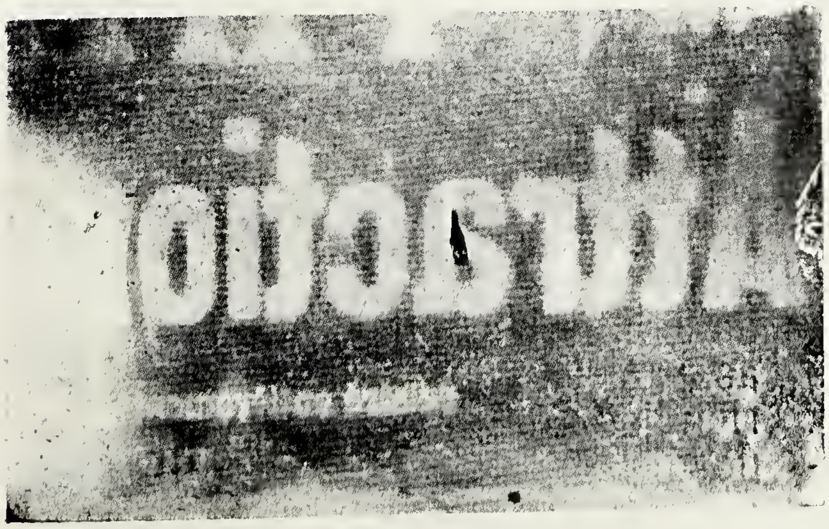

Entretanto algumas dellas, como o sr. Shettle, forneceram as palavras photographadas em negativo, como é facil verificar pela photographia junta da palavra «**ATTRACTION**».

Outras pessoas fornecem placas, parte em positivo, parte em negativo.

Devemos crêr que esses resultados são devidos ao phenomeno conhecido pelo nome de «sobrexposição», ou a existencia no homem de dois fluidos de sentido contrario? Muitos indicios permittem que me inclinem para esta ultima hypothese.

Ha, ao mesmo tempo, razões para crêr que as diversas partes do corpo, emitem raios V com uma intensidade de gráos diversos. As primeiras experiencias que fiz em tal sentido — experiencias que continúo — já me permittem essa affirmação.

E, para concluir, ao menos provisoriamente, é preciso dizer que nos achamos em presença de uma irradiação absolutamente especial, que é como que inherente aos corpos vivos. Esses novos raios variam com os individuos, isto é, sem duvida, com os seus temperamentos e os seus estados moraes — cólera, calma, alegria, etc. — bem como com os seus estados de saúde.

Aqui nos achamos como na origem da vida. Não parece, portanto, presumpçoso esperar que o conhecimento perfeito desses novos raios, forneça regras preciosas para a sciencia e para a conducta futuras da existencia.

Commandante **DARGET**

A Idéa Espirita

Uma idéa que fala á alma, ao coração, á razão e ao sentimento, e que ao mesmo tempo presta factos em todos os recantos do mundo, que podem subordinar-se á analyse e ao exame mais rigorosamente scientifico, e á experiencia e á verificação do mais rude e simples investigador, é uma idéa que ha de triumphar apezar de tudo; que hade impôr-se e dominar.

A. Herculano

O IMPOSSIVEL

Aquelle que, fóra das puras mathematicas pronuncia a palavra — impossivel — falta com a prudencia.

Arago

O PROGRESSO HUMANO E OS PHENOMENOS PSYCHICOS

O progresso é lento, na humanidade terrestre.

O systema de Copernico era ensinado por Aristarco, de Samos, no anno 280 antes de Jesus Christo. Os sabios dessa epoca não queriam aceital-o de maneira nenhuma e, quatrocentos annos depois, Ptolomeu, continuando a tradição classica, tratava essa hypothese de «perfeitamente ridicula».

Da mesma maneira pensavam ainda, no seculo XVII da nossa era, os juizes de Galileu. Hoje, todo o mundo acabou por admittir e por comprehender que a Terra não está no centro do Universo e que gravita em torno do Sol, em companhia de outros planetas, seus irmãos, arrastada atravez dos abysmos insondaveis da immensidade infinita.

A Astronomia não é a unica sciencia que póde ser chamada em testemunho da lentidão do progresso.

Os problemas phychicos nos offerecem um exemplo analogo. E' justo, porém, accrescentar que ha menos tempo que elles são formulados á analyse scientifica positiva e que estão longe ainda de ser resolvidos. Todavia, si, nesse grande assumpto, ha um capitulo que, ha muito está definitivamente escripto, é o da suspensão das mesas, em contrariedade com a lei da gravidade dos corpos, suspensão que se produz pela acção de uma força desconhecida. Esse phenomeno é actualmente objecto de discussões numerosas e pitorescas.

Ha mais de meio seculo, em 1853, o conde de Gasparin, tendo em sua companhia uma duzia de experimentadores sevéros, poz o facto em tal evidencia que as suas experiencias poderiam ter bastado para assentar definitivamente a questão.

Vê-se, nessas sessões de estudos, uma grande mesa de sala de jantar, sobre a qual se haviam collocado 75 kilos de pedra, suspender-se e partir-se, sob esse peso, balançada pelos seus movimentos. Veem-se rotações se operar, sem contacto algum, pois que, tendo-se, por meio de um folle, espalhado sobre a mesa uma tenue camada de farinha de trigo, nella não se encontrou vestigio algum de dedo.

A isto accresce que todas as experiencias eram feitas por um grupo de amigos, sem auxilio de nenhum medium extrangeiro ou retribuido.

No anno seguinte esses factos eram igualmente postos fora de duvida, por Marc Thury professor de physica e astronomia na academia de Genebra; elles são, outrosim, medidos por meio de uma mesa em equilibrio, e de balanças.

Como no caso das experiencias do conde Gasparin, as de Genebra são feitas entre collegas da Universidade e sem medium assalariado. Durante essas experiencias, nós vemos um piano, de um peso de 300 kilos, resoar e elevar-se, quando junto a elle não havia sinão uma criança de onze annos, que estudava a sua lição e que era um medium sem o saber.

Muito tempo depois de taes experiencias, em 1869, os sabios da Sociedade Dialectica, de Londres, eliminando egualmente o emprego de mediums profissionaes fizeram, em numero de doze, pouco mais ou menos, nos seus proprios aposentos, com os seus proprios moveis, examinados a cada instante, uma série de observações, estabelecendo os movimentos dos objectos sem contacto, a alteração dos pesos, as pancadas rythmadas; tudo isso sem causa apparente.

O relatorio que estabelece esses phenomenos é assignado pelo engenheiro electricista Cromwell Varley (que lançou em 1860, o primeiro cabo transatlantico entre a Europa e a America) e por varios membros da Sociedade Real, de Londres.

Alguns annos depois, o Professor Crookes, cuja competencia na experimentação physica não pode ser posta em duvida por ninguem, fez, por seu turno, as experiencias, que todo o mundo conhece, constatando, com apparelhos registradores, a alteração do peso dos corpos e provando a veracidade dos phenomenos de deslocamento de objectos sem contacto, de percussão a distancia, etc., etc. . . .

Esses factos são conhecidos, archiconhecidos. Foram observados por centenas de experimentadores, verificados mil vezes, fiscalisados, photographados. Podem se ver no meu livro *Forces naturelles inconnues*, photographias directas e sem retoques, a respeito dos quaes eu tambem estou perfeitamente disposto a dar um premio de 500 francos a quem nellas encontrar uma fraude qualquer. Varias dessas photographias foram feitas na minha casa, e, ha nada menos de quarenta annos que eu sigo esses phenomenos de muito perto.

Parece-me que os homens que se deram ao trabalho de observar pacientemente o assumpto em litigio não podem deixar de ter a convicção da levitação das mesas e de outros objectos pesados, da variação do peso dos corpos, dos deslocamentos sem contacto, das pancadas sem choque apparente e respondendo as perguntas, etc.

Falta-me espaço para entrar em outros detalhes, porém, uma vez que me deram a honra de me pedir a minha opinião, baseada n'uma longa experiencia, o meu dever é responder que o ser humano, ainda não é conhecido de pessoa alguma, nem dos physiologistas nem dos psychologos e é dotado de faculdades physicas e psychicas ainda quasi completamente ignoradas, mas cuja investigação será a gloria da sciencia futura.

Camille Flammarion

(Continuação da pagina 15)

o assassino. Mas este ultimo fugiu, perseguido, aqui e ali, pela policia até Gaya, onde morreu. Elle pediu então á S. Alteza ordenar o cancellamento do processo visto o culpado não mais existir.

Eu examinei os documentos e os tenho commigo. Fiz vir em 1912 o moço, que tinha naquella occasião 34 annos, com seu velho pae, o qual confirmou este relato. Elle accrescentou que logo após á identificação do menino, lhe apparecera o assassino, a quem o menino censurou asperamente por tel-o assassinado traiçoeiramente e de uma maneira indigna de um Rajpoute. O moço, em 1912, tinha se esquecido de todas estas cousas, ellas não lhe eram conhecidas senão porque ouviu dizer.

A historia foi corroborada ainda pelo coronel Surajpal Singh e o filho do assassino, ambos officiaes em Gwalior. Suas photographias foram tiradas pelos srs. Desai frères, de Lashkar, Gwalior.

Dr. Rao Bahadur Syam Sunderlal

UM RETRATO DO DR. GUSTAVE GELEY

A lamentavel noticia do desastre occorrido em 15 de Julho (1924) que nos roubou um amigo muito querido e fez a metapsychica perder um dos seus mais ardentes trabalhadores, chegou-me a 17 de julho por telegramma. Eu estava convicto que o Dr. Geley viria á Inglaterra precisamente para fazer experiencias de photographia supranormal no «College», Holland Park, 59, Londres.

Elle me havia concedido a honra de associar-me a estas experiencias, que realisar-se-iam a 21, 22, 24 de julho e dias subsequentes.

Depois da funesta noticia todas as disposições ficaram sem effeito.

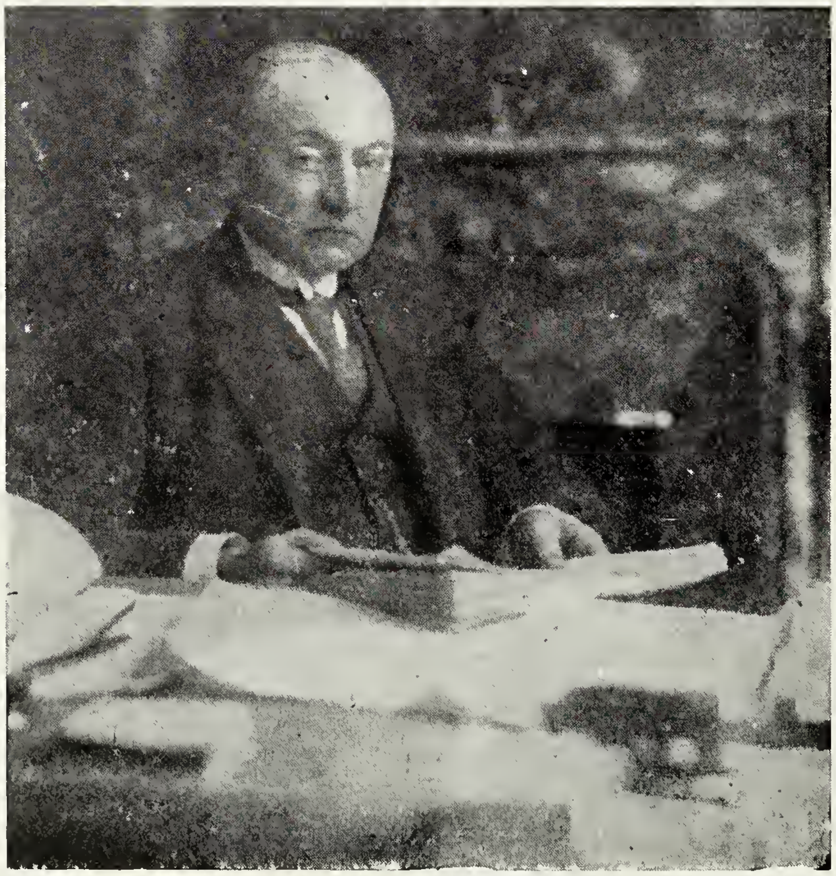

Dr. Gustave Geley
em seu gabinete de trabalho

Eu estava, então, de folga em Exmouth (Devonshire) com minha mulher. Ahi encontramos de improviso uma enfermeira que, de tempos em tempos fala mediumnicamente, em transe, e se interessa pelos factos psychicos. Naturalmente falou-se da perda que tinhamos acabado de soffrer, mas ella não conhecia o Dr. Geley, e a conversação tornou-se, outra vez de um modo inteiramente normal. Por fim ella mudou de feição, e falando em nome de seu Guia disse: «Eu vi o Dr. Geley, elle não pode crêr na sua transicção, mas tem amigos que o auxiliarão. Creio que si deliberardes resolutamente a experimentardes a photographia na semana proxima, elle poderá impressionar a chapa, porque era muito interessado nessas experiencias».

Tomei immediatamente nota dessas palavras, fiz assignar o documento e passar pelo correio, com o fim de ter a prova da data do timbre postal.

Os arranjos com o «College» foram renovados por obsequio de Mme. Mc. Kenzie, que dirige as sessões. Voltamos para Weybridge dia 19.

Em nossa casa existe uma pessoa que possúe a faculdade da escripta-automatica, com a qual eu faço constantes experiencias. Ella de nada sabia, salvo a noticia do desastre e a annulação dos preparativos. Pedi-lhe:

— «Tomai o vosso lapis».

D. — Podeis dizer-me alguma cousa?

R. — O nosso pobre amigo não pode comparecer aqui, elle está desolado pela agonia que ha em sua casa e por todos os motivos.

D. — Dae-me o vosso parecer. Mme. Mc. Kenzie me offereceu uma sessão com Hope, amanhã ás 11 horas da manhã. Em vista da vossa resposta, me parece pouco provavel que obtenhamos um successo. Devo utilisar-me do meu proprio apparelho (o que poderia melindrar a Hope) ou me servir do seu?

R. — Nada de novo deveis introduzir amanhã na sessão. Podeis lá ir contando commigo, que faremos tudo o que as condições nos permittirem. Talvez o Dr. Geley já esteja certo de que aqui chegou. Lembrae-vos que a sua chegada foi imprevista e elle estava de bôa saude. Não insisto sobre estes detalhes que, segundo penso, em semelhante caso é um dever scientifico dizer-se o que se deve sem accusações supersticiosas ou de mysticismos».

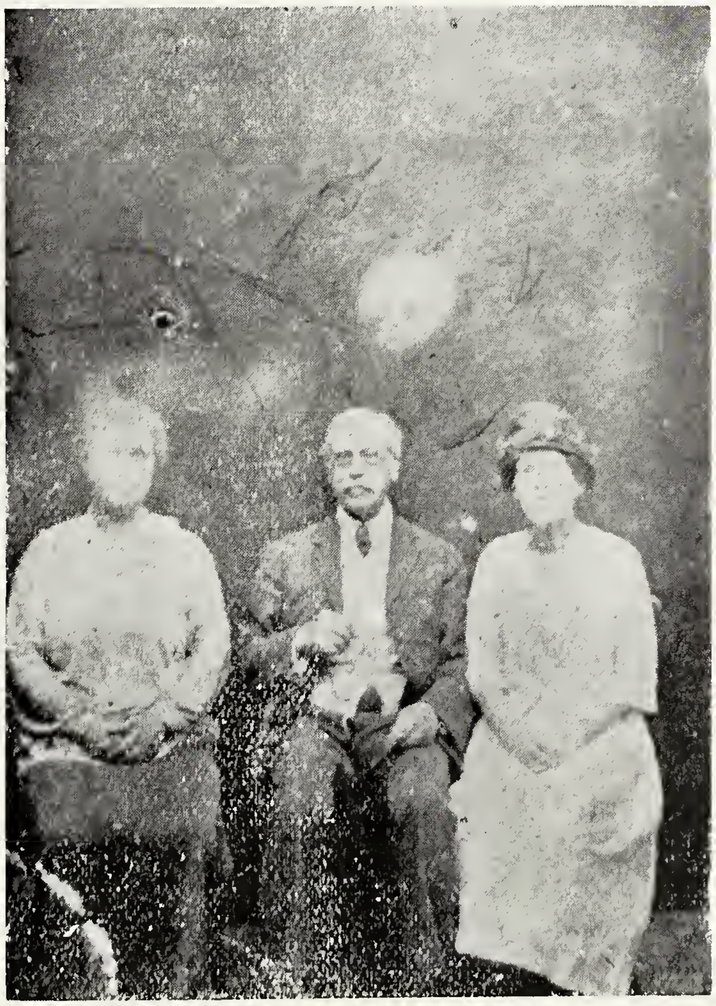

Figura 2

Dizem-me que tudo isso provem do subconsciente do medium escrevente, nada discuto. Seja qual for a proveniencia desses escriptos, subconciencia ou outra; são igualmente factos auxiliares.

Em 24 eu fui ao «College». Mm. Mc. Kenzie pediu-me que me encarregasse da experiencia.

Presentes: Mme. Mc. Kenzie, Mlle. F. S. Scatcherd (pratica em materia de photographia), eu, M. Hope e Mme. Buxton, (mediums). Mme. Mc. Kenzie tomou um pacote de chapas embrulhadas e selladas pela casa fabricante das mesmas, justamente para experiencias deste genero, de cujas chapas conserva uma trintena fechada a chave. O cliche dá o «*fac-simile*» desse pacote. (Nota da Red.: Deixamos de dar o cliché da caixa de chapas, por julgarmos sem importancia para a transcripção). As chapas são todas *marcadas nos cantos pela Companhia, para se tornar impossivel uma substituição qualquer*, embrulhadas como de costume, depois o pacote amarrado com fita de algodão, e sellado com o sello grande da Companhia fabricante (The Imperial Dry Plate Company, bricklewood, London). As duas pontas do amarrilho estão presas sobre o lacre A., sobrepostas ao logar onde o papel envoltorio é collado em baixo da entiqueta a, a, a. Mme. Mc. Kenzie affirma que ninguem, salvo ella tocou nesses pacotes, e eu, por minha vez affirmo que a caixa de chapas estava, absolutamente intacta, como foi vendida pela Comp., conservando tambem os sellos intactos. Esse pacote ficou em minha mão.

O atelier photographico do «College» tem uma unica porta de entrada, e uma que dá para a camara escura, illuminada por uma janella coberta de um tecido vermelho. O quarto escuro nenhuma porta tem. Referidos experimentadores permaceram no atelier com Hope e Mme. Buxton. Eu colloquei o pacote de chapas no meio da mesa e os assistentes deram-se as mãos formando uma cadeia em torno, de accordo com o costume de Hope, que exige canto e invocação e a permanencia do pacote entre as mãos dos assistentes. (É preciso se accomodar, com este processo para não descontentar o medium, embora eu já tivesse observado o phenomeno, sem nenhuma destas exigencias).

Terminado isto, tomei o pacote de placa, cortei os amarrilhos tendo tido o cuidado de não destruir os sellos. Entrei no quarto escuro com Hope, onde revelei as placas sem permittir que outro as tocasse. Examinei minuciosamente o *chassis* que elle me apontou e puz duas placas, assignalando-as com a minha assignatura no momento de tirar do pacote. Eu puz, então, minha firma na chapa e fiquei com o *chassis* em meu poder. Reuni, novamente os outros experimentadores no *atelier* com Hope, examinei com cuidado o apparelho e a lente já focalisada sobre as cadeiras onde os assistentes se deveriam sentar. O apparelho photographico é dos mais simples sem especialidade alguma. A lente é absolutamente propria e transparente. O fundo é de panno espesso, escuro, negro. A machina está sempre em plena vista. Hope e Mme. Buxton se collocaram ao lado do apparelho, mas sem o tocar, limitando-se Hope a abrir os «*Chassis*» para expôr as chapas, o que durou quinze segundos, depois fechou.

Eu mesmo fiquei com o apparelho e revelei as duas chapas num só banho. Certifico que Hope não tocou as chapas, do começo ao fim.

Uma dessas placas estava normal ; a outra mostrava o *extra* (Fig, 2).

Os traços que nella se encontra não são defeitos de manipulação, elles estão mesmo na gelatida. A 3.ª e a 4.ª placas ficaram na caixa e no seu papel envoltorio, no outro local. do quarto escuro sobre uma mesa do gabinete.

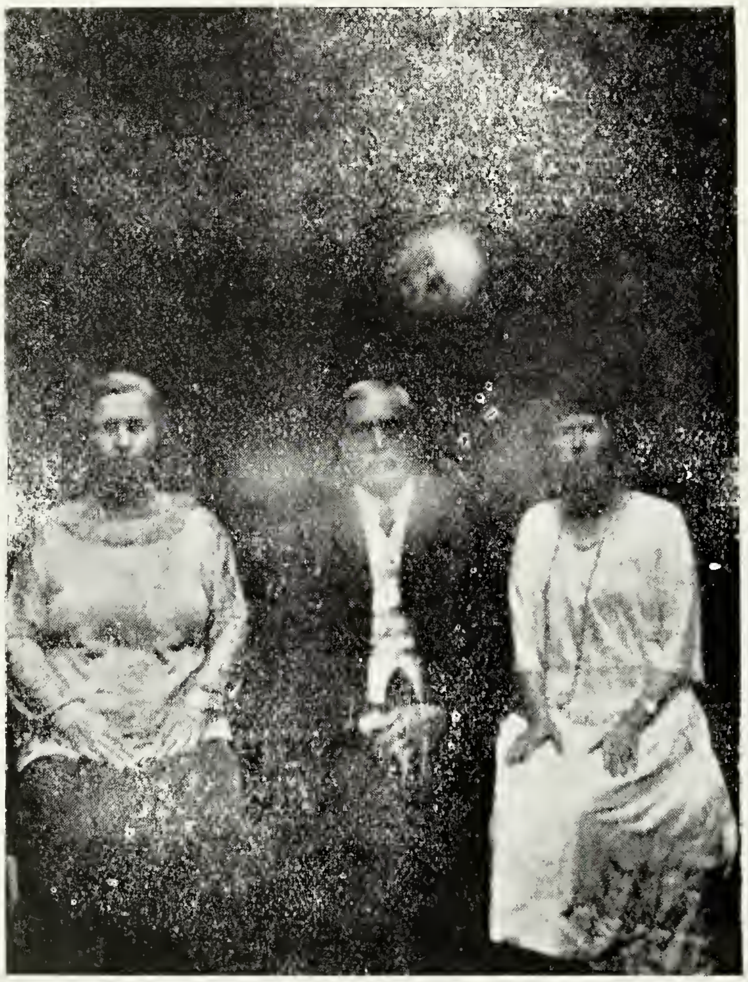

Figura 3

Hope não se approximou dellas. Nenhuma pessoa entrou no quarto escuro. Eu tomei a caixa desembrulhei as placas 3 e 4 e as puz no mesmo «chassis» depois de tel-as assignalado como as outras. O processo destas foi identico ao da primeira, salvo haver Hope derramado o revelador sobre as duas placas, na banheira que se achava commigo. A 3.ª placa contém o retrato do nosso querido Dr. (Fig. 3).

É preciso salientar que a posição é a mesma, somente a imagem está um pouco inclinada e o retrato é muito mais nitido.

Nenhuma fraude pode ser evocada. As pessoas que conheceram o nosso caro e venerado director verão, em seguinda, que não ha duvida sobre a sua exacta feição. Os que não tiveram a grande felicidade de conhecel-o, poderão comparar esse retrato com o que a REVUE SPIRITE publicou em agosto (e nós reproduzimos neste numero).

Já se tem dicto, na Inglaterra, que um *truc* poderia ter sido explorado para esse fim. Observaram-me: «vós deverieis ter levado vossas chapas». Propor este argumento é suppor que alguem tivesse podido, após ao accidente e em poucos dias, preparar fraudulentamente as placas, envial-as á Companhia, fazel-as ahi marcar, embrulhal-as depois sellal-as e envial-as com o «B. C. of P. S.».. e fazer de sorte que Mme. Mc. Kenzie encontrasse entre trinta pacotes, o pacote preparado.

Eu não penso que o nosso querido amigo estivesse presente a esta experiencia; quero antes admittir a theoria da ideoplastia, preconisada pelos nossos amigos os metapsychistas, mas em face de taes phenomenos prefiro crer que a ideoplastia pode perfeitamante ser exercida mesmo pelos invisiveis. Desde que se concede a existencia de forças invisiveis, não se lhes pode recusar o direito de disporem os meios artisticos que lhes permittem fazer retratos tão bem como outros meios que lhes facilitam a possibilidade de realizarem experiencias de outra natureza.

Para o que concerne á obtenção do retrato do Dr. Gustave Geley certifico que nós subscrevemos as sete condições que garantem a authenticidade do phenomeno:

1.º — Certeza absoluta que o pacote de chapas estava intacto;

2.º — Abertura do pacote pelo mesmo experimentador e assignatura das chapas, uma a uma, no momento em que eram desembrulhadas;

3.º — Segurança do processo por um photographo experimentado;

4.º — Certeza de que o fundo nenhuma preparação continha;

5.º — Certeza de que o «*atelier*» foi bem examinado e nenhuma fraude poderia prevalecer;

6 º — Certeza da normalidade do apparelho e da lente;

7.º — Certeza que os mediums não podiam intervir nas operações.

É bem lamentavel que o nosso distinsto confrade não tivesse podido levar mais longe suas experiencia entre nós, em materia de photographia supranormal.

Suas aptidões altamente scientificas lhe teriam certamente permittido de tirar dellas, conclusões da mais alta importancia.

STANLEY DE BRATH,
Engenheiro.

Chronica Extrangeira

Ao iniciar a nossa Chronica, temos o prazer de apresentar aos collegas da imprensa, aos collegas do collaboração e aos espiritas em geral as nossas melhores felicitações de paz.

A tarefa que foi delegada ao encarregado desta secção, não deixa de ser difficil e superior ás suas forças, mas como para o desempenho do cumprimento dos nossos deveres não faltam auxiliares que suppram a nossa deficiencia, havemos de nos esforçar, tanto quanto possivel, para levar aos leitores desta Revista as notas e resumos de relatos dos principaes factos que se forem verificando em todo o mundo, oriundos da eterna fonte da Revelação, em suas multiplas variedades de manifestações.

Communicação simultanea entre a Inglaterra-Russia e Irlanda

A *Light*, revista ingleza, publicou a a noticia interessante de uma communicação dada simultaneamente entre a Inglaterra, a Russia e a Irlanda.

— «Uma pessoa obteve, na Inglaterra com um medium, uma sessão de «Voz directa». No mesmo momento, ultra-sensivel ás impressões psychicas, uma senhora percebe manifestações extranhas em sua casa em Dublin. Emfim, uma terceira pessoa — um homem — está em Moscow com um individuo do paiz que é medium auditivo.

Estas sessões, no momento em que realisavam-se, foram synchronisadas mesmo pelos Espiritos, emquanto que esta operação, feita no plano espiritual, era ignorada dos tres mediums.

A «trompette», utilisada na Inglaterra para as «vozes», pôz a falar e disse: «Não posso comprehender uma palavra do que me contam». Então uma voz intervém, que se exprime rapidamente em uma linguagem inteiramente impenetravel para o auditor, que repete: «Nada comprehendo». Uma segunda voz se eleva, mais grave que a primeira, e as duas vozes são ouvidas dialogando em um idioma desconhecido como se questionassem. Emfim, em máo inglez, a segunda voz, diz: «In-ter-prete». Eu sou russo. Ha um espirito russo. O barulho que vós ouvis é a linguagem do alphabeto Morse. Vou vos offerecer a traducção. O amigo Espirito, em Moscow vos fala. Ouvi, eu traduzo.

O ruido do codigo Morse recomeça, com pausas frequentes, afim de permittir ao Espirito dar, phrase por phrase, uma importante mensagem, traduzida do russo. Esta mensagem precisa uma questão, que é assim tambem transmittida ao Espirito de Moscow, e a resposta volta a alguns minutos. Mas, o mais extraordinario que pode haver em tudo isso, é que a senhora de Dublin, que nada sabe do que se sabe na Inglaterra, ou em Moscow, recebe, no mesmo momento, a mensagem, palavra por palavra, emquanto o codigo Morse é traduzido por um medium inglez. A conformidade das duas mensagens — Inglaterra e Dublin — foi, depois estabelecida, emquanto que os dois textos foram comparados. Para melhor comprehender um tal e tão magnifico phenomeno, é preciso lembrar que, quando as condições são favoraveis, o espaço para os Espiritos, não existe, e que elles podem transmittir suas vozes a qualquer distancia e de uma vez.»

Influencia dos mediuns sobre Homens illustres

Grande é a influencia que os mediuns tem exercido e exercem até hoje sobre os homens illustres. Basta se passar uma vista d'olhos na Biblia para se ficar inteirado de que os antigos reis, nenhuma resolução importante tomavam, sem previamente haverem consultado os mediums. O rei Saul, vae ao Endor, e pela pythoniza consulta ao Espirito de Samuel á respeito da guerra dos Israelitas contra os Philisteus. É assim que o Sr. S. Desmonds no «Pearsons Magazine» sobre a missão que o medium tem representado, mesmo entre os incréos, diz: «Si podesse ser estabelecida uma lista dos homens illustres dos governos, militares, financeiros, doutores, homens da lei e mesmo homens de sciencia que, seja frequentemente, seja com intervallos vão consultar o moderno magico, ou o psychometra, o clarividente, com o fim de melhor dirigir os negocios publicos ou os seus proprios negocios pessoaes, ver-se-ia que essa lista havia de conter os nomes mais conhecidos na Europa e na America. Nella se encontraria duzias de cabeças coroadas ou de herdeiros do throno».

Materialização de uma mecha de cabellos

A *Vie d'Outre-Tombe* constata um caso interessante da materialização de uma mécha de cabellos, em uma sessão do anno transacto, do grupo «L'ESPERANCE» de Spa. A noticia foi transmittida pela directoria do grupo, tal como se vae ler:

— «No deccorrer da sessão, á conselho do Guia, diminuimos a luz e foi-nos dito que iamos obter a materialisação de cabellos. O medium adormeceu e alguns minutos depois, vimos ao lado direito a sua cabelleira se agitar e augmentar de volume. Um dos assistentes levantou-se e examinando os cabellos, percebeu que elles cresciam e formavam uma mécha de 30 centimetros, mais ou menos, de comprimento. O Guia nos disse que podiamos cortar esses cabellos e os conservar, em lembrança da sessão, o que immediatamente foi feito.

O medium tendo despertado, refez-se a luz completamente e puzemo-os a constatar: 1.º que nenhum signal de corte encontramos sobre a cabeça; 2.º que os cabellos não eram, nem da mesma côr, nem da forma que os do medium. Fizemos a separação dos cabellos entre os membros presentes e então produziu-se ainda o segundo phenomeno. Um dos membros, um tanto sceptico, havia collocado sobre um papel a sua parte da mecha dos cabellos e examinava-o de perto, fazendo-os rolar entre os dedos: de repente, com grande admiração sua, os cabellos desappareceram, sem que nos fosse possivel encontrar traços d'elles, apesar da mais meticulosa pesquiza. Assignado: pres. J. Brodure; medium, L. Brodure; secr. J. Antoine; — Seguem treze assignaturas dos membros do grupo que assistiram a sessão.

SALVO POR UM SONHO

Os jornaes de Johannesburg (Transwaal), diz a «Revue Spirite», nos trazem a noticia, essencialmente espirita, de um accidente occorrido na mina de ouro «Village-Deep», uma das mais profundas do Witwatersrand (3.000 metros), accidente onde desgraçadamente pereceram oito homens, mas ao qual poude escapar o mineiro Hendrik-Joannes Olivier, graças a um sonho premonitorio que teve, na noite precedente. Eis aqui em que termos o mineiro salvo conta o facto:

— «Antes de descer, eu contei o meu sonho a um dos meus chefes. Elle riu-se de mim. Chegado ao nivel 29, resolvi de repente remontar ao nivel 28. A força desta resolução era superior a mim. Mas apenas eu começara a subir, as rochas se destacavam de todos os lados. Quando eu voltei a mim era noite. Eu tinha sido ferido na cabeça e ficara sem sentidos. Senti então, pedras em torno de mim. Restava-me um phosphoro. Hesitei por certo tempo riscal-o, afinal decidi-me. Por uma sorte providencial havia sobre uma saliencia da rocha um velho bico de vela. Apercebi-me que uma pequena trave tinha impedido a rocha cahir sobre mim. Nossos homens — sete indigenas — jaziam debaixo de grandes pedras e agonisavam. Ai! impossivel de os soccorrer! Lembrei-me do meu sonho, retomei coragem e sem hesitar, arranquei as pedras, uma por uma. Trabalhei muito tempo. Comecei a sentir-me suffocado, quando percebi uma corrente de ar e vi ao longe uma claridade. Pude escapar. Enviou-se soccorros para salval-os, mas os meus homens estavam mortos.

Foi bem o meu sonho que me salvou.»

Com effeito, Hendrik-Johannes Olivier tinha tido, durante o somno, a visão muito caracteristica da catastrophe. Elle recebeu o aviso para precaver-se e chegando ao local da mina reconstruiu o sonho, narrando-o a um contra-mestre incredulo.

É, de facto, este, um phenomeno espirita caracterisado, cujo phenomeno é conhecido pelo nome de *sonho premonitorio.*

UM DONATIVO DE 150 MILHÕES

O multimilionario J. M. Morgan deu, á cidade de Washington, uma bibliotheca que, em dollars, representa o valor de 150 milhões de francos. Esta doação foi feita em *lembrança do defunto seu pae J. M. Morgan,* e o doador declarou que assim procedia para cumprir piedosamente, ordens por elle recebidas, em uma *mensagem posthuma.*

UM CASO INTERESSANTE

O diario espirita Cubano «HOY», publicou o seguinte caso narrado pelo sr. Rodolpho Felice, de San Fernando de Apure (Venezuela), facto que diz o narrador ter se dado comsigo proprio:

— «Sahindo do Cinema com dois amigos, de volta do hotel, caminhava pelas ruas solitarias. Os tres depararam, de repente, á sua frente, uma mulher elegante, a quem resolveram seguir.

Iam a passos largos, e um delles deliberou não acompanhar mais, em seguida o outro o mesmo resolveu. O sr. Felice obstinou, entretanto, á pista da desconhecida, que cada vez mais tomava uma marcha apressada. Assim sahidos dos quarteirões centraes, enveredaram para os suburbios. O sr. Felice dirigia palavras á mulher, que não respondia nem mesmo lhe voltava o rosto. Si elle a tivesse alcançado, tocar-lhe-ia na mão ou no manto. Subitamente, em plena luz de uma lampada electrica que illuminava a rua, elle ficou aterrorisado ao ver a imagem feminina desvanecer-se aos seus olhos.

Olhou, e viu-se no portão do cemiterio da cidade, e como um louco, correu até o hotel, onde os seus amigos o esperavam.»

O VELHO E O NOVO ESPIRITISMO

O Espiritismo é tão velho como o mundo. Em todas os tempos o Espiritismo tem prendido a attenção dos homens para a Immortalidade.

O velho Espiritismo é um conjuncto de factos tão authenticos, como aquelles que teem sido constatados ultimamente pelos maiores sabios do mundo. Verdade seja que todos esses factos tinham tomado um caracter miraculoso, sobrenatural, que as religiões e os religiosos lhe quizeram emprestar mas que admiravelmente systematisados pelo grande Missionario Allan Kardec, se tornaram uma vereda aberta a novas pesquizas em que o homem de bôa vontade encontra o caminho da bôa orientação espiritual.

Catalogados os novos phenomenos pelos ensinos que sabiamente deram á Allan Kardec os Espiritos prepostos para tão relevante Missão, e coodificados maravilhosamente esses ensinos, como se depara nas magistraes obras do Instituitor do Espiritismo, desappareceram o *milagre* e o *mysterio*, que tanto ensombravam os homens na pesquiza da verdade.

Este exordio nos foi suggerido ao deparar na *Rovue Spirite* uma memoria de M. Cassiopée, illustrado chronista desse jornal, sobre um phenomeno digno de menção, occorrido no anno de 1678.

Diz o distincto jornalista:

Não é de hoje que o nosso velho occidente constata apparições e as guarda em memoria. Entre todas as testemunhas classificadas se ajunta agora, mais uma; uma carta recentemente descoberta, endereçada a 11 de maio de 1678, por um certo Reverendo Mr. Fowler a um Dr. Henri Moore:

— «Esta semana, disse elle Mr. Pearson, que é um eminente ministro do culto, na cidade de Londres, disse-me que o avô de sua mulher, um homem de muita piedade, e medico do nosso rei — seu nome é Ferrar, e eu o julgo irmão do famoso Mr. Ferrar de Little Giddon — tinha feito outr'ora um contracto com sua filha (a mãe de Mme. Pearson, uma alma verdadeiramente piedosa). Nos termos deste contracto, ficou resolvido que o primeiro dos dois que morresse deveria, depois da morte, apparecer, ao sobrevivente, si possivel fosse; a filha, com alguma difficuldade, terminou em consentir essa resolução. Pouco depois, a filha, que vivia em Gillingham Lodge, ha tres milhas de Salisburg, cahiu doente e em seguinte a administração de uma poção contendo veneno, morreu repentinamente. Seu pae vivia em Londres, e na noite em que ella falleceu elle viu o cortinado do seu leito aberto pela sua filha. Ella encarou-o. Não havia noticias que ella estivesse doente. Depois desta apparição, elle disse confidencialmente á sua criada, que sua filha de Gillingham Lodge devia estar morta.

Dois dias depois, elle recebeu a noticia. E' isto que elle contou, depois, á Mme. Pearson, sua avó, a um tio e á criada. E eu sei que Mme. Pearson é muito digna senhora.»

Um Medium de fogo e de effeitos physicos

«THE HARBINGER OF LIGHT», de Melbourne, deu conta de interessantes phenomenos, de que a imprensa hungara se occupou, cujas narrativas foram reproduzidas por diversos jornaes americanos do norte e australianos. Trata-se de um menino de 14 annos, Jojann Farkas, conhecido pelo nome = o menino diabolico — devido á mediumnidade que possúe. Julgam-n'o um personagem sobrenatural. Onde elle se acha produzem-se incendios mysteriosos, e diversos sabios, dentre estes, geologos vindos de longe, teem sido testemunhos de maravilhosos phenomenos. Elles têm se esforçado para descobrir emanações de gazes das casas onde está o menino, mas nenhum phenomeno se produz na ausencia do rapaz. Quando as manifestações se verificam o rapaz é victima de uma terrivel dor de cabeça. Posto sob a vigilancia do controle, deu provas cabaes de suas aptidões».

Um dia soffria o menino terrivelmente, chegando a tomar uma cadeira para não cahir; e de repente, chammas incendiaram o cortinado da cama e as cortinas da janella. Guardanapos saltavam da messa no solo, e garrafas cahiam do *buffet* quebrando-se.

Em outras occasiões, janellas e portas foram arrancadas quando Farkas dellas se approximava.

* * *

UM MEDIUM CLARIVIDENTE

O «City News», de Londres, com a rubrica de Sir Basil Thomson, noticia assim a mediumnidade de um moço austriaco:

— «Quando eu era governador da Mormwood Scrubbs Prison, havia um prisioneiro que lia admiravelmente os pensamentos. Para fazer uma experiencia, preparei quatro pedaços de papel onde eu havia escripto antes de collocar em enveloppes separados, textos em francez, em inglez, em italiano e em lingua «fidjiana» de que me orgulho conhecer.

O capellão da prisão e eu fomos ao cubiculo do tal homem, que foi convidado a lêr o conteudo dos enveloppes.

Elle os tomou e os pôs um a um sobre sua fronte. Eu não podia distinguir os conteudos. Elle leu o francez e o inglez com facilidade, como si as palavras estivessem escriptas na parede ás suas vistas. Ao ler o italiano deteve-se. Quanto ao «fidjiano», declarou: «Não distingo claramente as palavras, mais isto quer, mas ou menos dizer assim». Então soletrou o texto da lingua antiga, fielmente, só com um erro, a substituição dum *n* por um *u*. Para dizer a verdade, a minha escripta motivou a confusão destas duas letras.

* * *

Acolhemos nesta secção as noticias dos phenomenos que chegarem ao nosso conhecimento, sendo, porém, necessario que elles venham documentados, ou nos sejam os seus relatos enviados por pessoas de inteira confiança.

Écos e Noticias

Após tantos embaraços e difficuldades, apparece, afinal, a nossa Revista que, obdecendo ás injuncções do Alto, nem chamar a attenção dos cultores do Espiritismo para uma série de phenomenos e de estudos indispensaveis á bôa orientação que todos devem tomar para o descortinio da Immortalidade.

Ao encarregado desta secção compete constatar o movimento espirita que chegar ao seu conhecimento e muito grato ficarà aos confrades do Brasil e do Extrangeiro que lhe transmittirem noticias de organisações e fundações de sociedades e de outros factos que formem o conjuncto desta collaboração.

Congresso Internacional do Espiritismo

Na reunião convocada pelo Comité Executivo e Comité Geral da «Federação Spirite International», com séde em Paris, grande numero de nações foram representadas, dentre as quaes a Allemanha, a Inglaterra, a Belgica, a Suissa, a França, a Hespanha, a Hollanda, a Republica Argentina, as Republicas da Guatemala, Cuba, Porto Rico, etc. Importantes decisões foram tomadas, havendo-se determinado o dia 6 de Setembro do corrente anno, para a abertura do Congresso Internacional.

Contribuições de intensificação Espirita

Na Hespanha, tres immoveis foram postos á disposição dos espiritas Um em Alicante, offerecido pelo sr. Primitivo Fajardo; outro em Sabadell, ao Centro dos estudos Psychologicos; o terceiro em Barcelona, Instituto Balbé, aos cuidados de Mme. Maria Sabaté.

O Espiritismo na Italia

O movimento espirita na Italia se propaga com animação. Ao lado dos trabalhadores de Genova, de Napoles, fundam-se outros centros de estudos, assim como jornaes e revistas, tal como «Sinai», cujos escriptorios se acham localisados em Trieste. «Luce e Ombra», de Roma, promette augmentar o numero de suas paginas e fazer sahir a sua revista mensalmente com 48 paginas.

O Espiritismo na DINAMARCA E NA SUECIA

A imprensa inteira da Suecia e da Dinamarca trata com particular interesse as questões metapsychicas, consideradas sob o ponto de vista scientifico e religioso. Em Odense (Dinamarca) existe uma bôa sociedade que funcciona num grande predio proprio. Na cidade de Aarling, como a de Esberg existem muitos centros em actividade.

O Espiritismo nas Indias

Ao contrario do que se affirma que a luz vem das Indias, agora é que ella começou a fazer lá os seus proselytos, devido ao zelo propagandista do illustrado espirita sr. Rishi. Este distincto confrade recruta diariamente adherentes para Revelação nova, fazendo conferencias populares, nas quaes annuncia as consoladoras esperanças da Doutrina Kardecista.

– Uma nova revista psychica acaba de apparecer em idioma Indostanico, sendo editado em Natalin.

— Uma associação fundada nesta ultima cidade, mantém activos correspondentes em Calcutá, Bombay, Mandelay, Rangoon, etc.

— Em Annam annuncia-se o apparecimento de uma revista – «*Viet Nam Thanh Nien Tap Chi*» (Hanoï.)

A Divulgação Espirita em Cuba

— Em Cuba o Espiritismo triumphante já venceu todos os obstaculos. Entre outras publicações de valor se salienta o diario espirita — *Hoy*, — cuja acção combativa lhe permitte obter victoria sobre victoria.

— Existe na ilha mais de mil sociedades espiritas, perfazendo um total de 70.000 membros.

— Uma das mais recentes revistas, das que se publicam em Cuba, lembramo-nos da que tem por titulo — *Laboremus* — *(Trabalhemos)*.

— Segundo refere «*Hoy*», nenhuma pessoa lá se envergonha em declarar-se espirita.

A Athenas dos Philosophos

Em Athenas foi fundada a Sociedade Hellenica de Pesquizas Psychicas, cujos primeiros trabalhos versaram sobre a «Premonição e os Sonhos Premonitorios».

Movimento Espirita na Gran-Bretanha

— O movimento espirita na Gran-Bretanha é admiravel.

— Grandes sociedades perseveram infatigavelmente nos mais variados trabalhos psychicos, e no estudo de todas as categorias de phenomenos : a photographia espirita fornece constantemente provas irrefragaveis da immortalidade, tendo por auxiliares os mediums Hope, Buxton, Deane e outros. O phenomeno de «Vozes Directas» é demonstrado, não sómente a uma aggremiação privada, mas deante de 250 pessoas reunidas num «hall londonien». A litteratura se enriquece com obras novas, como a traducção de «Joanna D'Arc», de Léon Dénis, por Sir Conan Doyle, etc Horace Leaf publicou as Relações de viagem dos mediums inglezes. No Hyde Park, de Londres, os espiritas effectuam sessões de videncia.

Espiritismo na America do Norte

Na chronica espirita mundial de julho ultimo, assignala a adhesão da «National Independent Spiritualist Association», que possúe na America um grande numero de templos, lyceus, escolas, predios, circulos de estudos, de demonstração experimental, bibliothecas, etc., e constitúe actualmente a liga dos jovens espiritas, cujo numero vae crescendo todos os dias. No ultimo Congresso, a «National Association» resolveu filiar-se á «Federation Spirite International», com séde em Paris, para cerrar fileiras com os seus irmãos do mundo inteiro, no Congresso Internacional, em preparativos.

— A direcção do jornal «*Scientific American*» está fazendo sessões com uma pessoa de Boston, de quem a imprensa americana faz optimas referencias de mediumnidade prodigiosa.

— Foi fundado em New York o «Spiritual Science Institute».

Movimento Espirita Francez

Tanto quanto nos outros paizes do mundo, o portentoso sol do Espiritismo se ergue illuminando os horizontes amplos que, sem a sua bemfaseja claridade, a humanidade não poderia conhecer.

— «Federation Spirite International» trabalha activamente, mantendo correspondencia continua com as associações federadas.

—A «Union Spirite Française» systematisou os seus trabalhos, de modo a obter pleno successo, publicando o «Bulletin» mensal sob a direcção do Snr. Jéan Meyer.

— Em Toulouse, Douai, Nimes, Dunkerque, Bordeaux, Saint-Etienne, Mans, Alger, Rochefort, Lion, Roubaix, como em Paris, augmenta consideravelmente o movimento de propaganda, são creados novos centros e apparecem novos jornaes. A imprensa franceza aborda, com interesse, as questões espiritas, tornando assim, os seus leitores scientes dos factos que se apresentam, como testemunhos vivos da Vida Eterna.

Espiritismo na Argentina

— A «*Costancia*», excellente sociedade, sob a direcção da Dr. Cosme Marino, e que já conta 67 annos de existencia, prosegue com as suas conferencias elucidativas e doutrinarias. A revista semanal do mesmo nome publica interessantes artigos de fonte espirita.

Sessões experimentaes são realizadas mensalmente.

Espiritismo no Brasil

Estamos certo que o Espiritismo fará renascer no nosso paiz, uma nova éra de paz e de progresso espirita, iniciando-se esta nova phase, para o povo brasileiro, no corrente anno.

Por toda a parte se intensifica o movimento de propaganda, erguem-se novas aggremiações e a imprensa vae tomando uma feição liberal, tal é a maneira suasiva porque o Espiritismo se vae impondo.

Aggremiações como a Federação Espirita Brasileira, a União Espirita Suburbana, do Rio, trabalham incessantemente pela divulgação do Ideal. Jornaes e revistas, como o Reformador, a Aurora, o Jornal Espirita, a Seara, o Clarim e outros tantos, levam por toda a parte a semente productora da Religião Christã que, em seu admiravel complemento exalta a Caridade que aperfeiçoa e a Fé que salva.

A seu turno, uma pleiade de denodados propagandistas se encarregam da pavra oral, salientando a excelsa philosophia, cujos dictados coordenados por Allan Kardec, nada deixam a desejar aos que têm fome e sêde de justiça, e querem conhecer o porque da vida e a bussola que deverá oriental-os para a posse dos seus destinos immortaes.

Pensar e Sentir

E' mais difficil fazer os homens pensar do que sentir; quando não puderdes attrail-os pelo raciocinio, tocai seus corações pelo sentimento.

O Juizo Preconcebido

Nós estamos tão longe de conhecer os agentes da natureza e seus diversos medos de acção, que seria pouco philosophico negar a existencia dos phenomenos, unicamente porque elles são inexplicaveis no estado actual dos nossos conhecimentos.

Laplance

AS ALMAS VIRTUOSAS

A alma virtuosa que tem a paixão do Bem e do Bello, do Grande — e que tem a summa posse da harmonia, produzirá obras primas, capazes de impressionarem as mais remissas e commovel-as.

Rossini

Condemnação Insciente

Condemnar resolutamente uma cousa por falsa e impossivel é se arrogar com a gloria de estar de posse das fronteiras e limites da vontade de Deus e do poder da nossa mãe natureza; e não ha signal de mais notavel loucura no mundo do que os encarar na medida da nossa capacidade e sufficiencia.

MONTAIGNE

Os homens mais felizes

Felizes aquelles cujo preparo foi bem começado aqui em baixo, porque assim como elles têm sido auxiliados neste mundo por forças do outro lado, do mesmo modo serão mais promptamente ajudados, quando passarem a grande fronteira; tornar-se-ão tão ageis como os «anjos», os mensageiros de Deus, no Mundo Espiritual, e deslisarão em radiosos caminhos.

Rev. A. F. Webling

O Espiritismo e a Sciencia

O Espiritismo é a sciencia das sciencias, cujo estudo fornece conhecimentos, não só sobre o homem espiritual, mas tambem sobre o homem corporeo; e ensinamentos de ordem moral e de ordem intellectual.

Dr. Pinheiro Guedes

UM BELLO PENSAMENTO

O amor a Deus, o culto do bem e o habito do trabalho, faz a pessôa honesta e santa, compassiva e resignada, bôa e humilde; emquanto que a riqueza argentaria deixa muitas vezes, quasi sempre, fundos rastos sangrentcs de perversão e maldade nos seus favoritos.

Eça de Queiroz

Os Verdadeiros Amigos

Os verdadeiros amigos estão presentes mesmo quando não os temos ao pé de nós; mesmo quando pobres, são ricos; mesmo quando fracos, gozam saúde; e o que é mais difficil de affirmar, mesmos mortos continúam a viver.

CICERO

Um conselho do Além

Viajor em marcha pela Estrada do Infinito, que as tuas vistas se voltem sempre para frente e celere sejam os teus passos para galgardes o cume da montanha, donde tudo te apparecerá sob um outro prisma, bem differente do que agora vês!

Procura a Estrada da Vida e não te detenhas paralysado com os accidentes da jornada; caminha sempre com passo firme, estudando as sinuosidades do terreno e com o espirito prompto para afrontar todos os revezes da viagem.

Revista Internacional do Espiritismo

Publicação Mensal de Estudos Animicos e Espiritas

Director: *CAIRBAR SCHUTEL* Collaboradores: *DIVERSOS*

DIRECÇÃO E ADMINISTRACÇÃO: MATTÃO — E. de S. Paulo — BRASIL

A Revista Internacional do Espiritismo está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicas e Espiritas occorridas no mundo inteiro. A revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

BRASIL — —	Anno —	Assignatura	simples . . .	24$000
«	«	«	registrada . .	30$000
EXTRANGEIRO	«	«	simples . . .	30$000
«	«	«	registrada . .	40$000

As assignaturas começam em Janeiro e Julho e são pagas adiantadamente

A Revista está á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2115unse

ANNO 2 - BRASIL-E. S. Paulo-Mattão, 15 de Fevereiro de 1926 - NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

LAP

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

UM ANNO DE LUCTA

Entra hoje a *Revista Internacional do Espiritismo* no segundo anno da sua existencia. Gratos nos é asssignalar este facto, não para exaltar quaesquer sentimentos pessoaes, mas como o testemunho significativo de vitalidade da nossa doutrina.

A *Revista Internacional do Espiritismo* vive porque vive o Espiritismo, de que é orgão, e com o fim exclusivo de instruir o povo no conhecimento das verdades indispensaveis ao seu progresso, verdades que confortam o coração e esclarecem o entendimento, verdades incoersiveis, de feição positiva, que de anno em anno são proclamadas mais vigorosamente com o accumulo das provas que se fortificam por novos e confirmantes factos.

Quem conhece a genesis espirita e accompanha o movimento que se vem operando em torno deste grande Ideal, bem como as novas descobertas que assignalam o progresso actual do nosso mundo, não tem a menor duvida de que o estudo da alma humana entrou definitivamente na esphera da verdade scientifica, e que todos os conhecimentos adquiridos neste sentido são fructos d'um trabalho universalisado, levado a effeito por investigadores, cuja competencia ninguem pode contestar. E é de prever que dentro em pouco essas provas se multipliquem, constituindo-se o primacial e inabalavel fundamento sobre o qual a sciencia levanta o seu mais primoroso monumento.

O Espiritismo, não ha duvida, constitúe a maxima questão actual, cujo appello vehemente vae despertando a indolencia secular e morbida apathia que nos aguilhoava, para offerecer-nos a conquista de uma verdade consoladora e saluberrima. Nesta cruzada de renovação mundial, não são só as nações mais cultas e os homens de maior cultura intellectual que se empenham para que as provas se multipliquem, mas em todos os paizes do mundo, grandes e pequenos, lettrados ou não, trabalham guiados pelas experiencias alheias, buscando, nas experiencias proprias, a confirmação da resolução do problema da Immortalidade, cujos factos, como dissemos, se accumulam como pedras fundamentaes deste grande edificio.

Na França, patria dos grandes

emprehendimentos ao lado de uma pleiade de devotados apostolos que trabalham com inegualavel ardor, sabios os mais conspicuos experimentam, investigam, discutem, apurando os factos cuja theoria se depura dos conceitos pessoaes e idéas preconcebidas. Centros, grupos, associações se fundam para proclamar á sobrevivencia; revistas e jornaes redigidos com a maior competencia proclamam com a logica do bom senso a inanidade do materialismo, que absorvia a massa popular.

Na Inglaterra é sobretudo onde encontramos grandes e illustres sabios entregues a esses estudos. Desde o brado de William Crookes — «não digo que esses factos sejam possiveis—mas sim que são reáes», — desse Russell Wallace, o emulo e collaborador de Darwin, cuja profissão de fé se evidencia no livro que publicou — «Milagres do Moderno Espiritualismo», — desde Myers, o infatigavel investigador de Cambridge, que em substanciosa memoria sobre o transe, affirmou *marcarem esses phenomenos um progresso na evolução da nossa raça*, até Oliver Lodge e Conan Doyle, cujas vozes autorisadas repercutem em todo mundo, são confirmadas as palavras de Gladstone: «As investigações psychicas são a obra mais importante que se pode fazer ao mundo».

Nos Estados Unidos fundam-se institutos e se popularisam admiravelmente os estudos espiritas.

Na Allemanha, Italia, Portugal, até no Japão e na China o espiritismo toma verdadeiro incremento impondo-se á sympathia de todos.

No Brasil, como na Argentina e America Central, por toda a parte fundam-se associações e jornaes, sendo que até a imprensa indigena disputa a sympathia do povo, abrindo suas columnas as resenhas dos factos espiritas e da sua philosophia.

A negação infundada e insciente nunca foi tão combatida como actualmente. As hostilidades dos adversarios tiveram o grande merito de incitar a curiosidade e prender a attenção dos espiritos livres para o estudo de um assumpto que a sciencia cumpria investigar.

A epoca actual, não ha duvida, marca uma nova era para o Espiritismo e nos alegramos em concorrer com o nosso pequeno contingente para o triumpho da Verdade.

⁂

A *Revista Internacional do Espiritismo* julga-se feliz em poder celebrar o seu primeiro anniversario entre festivas expansões, acontecimento esse que attribúe á consideravel influencia dos Caros Espiritos que dirigem o nosso movimento, amparando-nos e inspirando-nos, bem como nos sustentando nessa tarefa, cujos encargos onerosos não são certamente desconhecidos dos nossos leitores.

No curto transcurso destes doze mezes não nos afastamos uma só linha dos fins a que nos destinamos, e vencendo as difficuldades que pareciam deter a nossa marcha, nos esforçamos para manter esta revista á altura do Ideal que ella representa, quer dando-lhe uma feição artistica attrahente, quer cercando-a da bôa doutrina, pela exposição e estudo scientifico dos phenomenos.

Ao terminar esta breve e superficial rememoração, como testemunho de solidariedade e gratidão, assignalamos, mais uma vez, o papel preponderante que desempenhou e, vamos dizer continúa a exercer, o nosso querido amigo Luiz Carlos de Oliveira Borges, intrepido companheiro que abriu desassombradamente o caminho por onde trilhamos, para proseguir comnosco mais estreitamente nessa tarefa de erguimento espirita.

Agradecemos aos nossos collaboradores e a todos que nos têm prestado o seu concurso e confiamos em Deus que o nosso esforço não será desamparado por aquelles que comnosco trabalham pela Espiritualisação da humanidade.

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: III ::

O Espirito se acha revestido por um corpo semi-material ou fluidico a que se deu o nome de *perispirito*. Elle se acha ligado ao corpo material, corpo physico, por aquelle seu intermediario. Estando morto ou vive, isto é, no corpo ou fóra delle, tem sempre aquelle seu envoltorio. Quando se acha reincarnado, desprende-se do seu corpo, quer sob o *poder da vontade*, quer quando *adormece*, quer ainda quando se encontra *enferma* a materia em se acha preso. Desprendendo-se do corpo, elle pode transportar-se ás maiores distancias e tomar mesmo uma certa tangibilidade e visibilidade e agir neste corpo duplo como se estivesse em seu proprio corpo physico. Este desdobramento porém, nunca é completo, pois o espirito fica sempre preso ao corpo por um laço fluidico ou restea luminosa. Quando se dá a ruptura completa deste laço, produz-se a morte do corpo. Os mediuns videntes conhecem por elle quaes os espiritos dos vivos e quaes são realmente os que já deixaram definitivamente os seus corpos.

O Coronel Albert de Roches produziu o desdobramento de espiritos dos seus respectivos corpos, verificando que elles arrastam comsigo a sensibilidade e demais faculdades attribuidas pelos materialistas ao corpo physico.

A historia de todos os tempos nos tem narrado casos de desdobramento com certa condensação do corpo perispirital. e, portanto, com tangibilidade.

São denominados :

Apparição ou Bi-corporatúra.

Vejamos alguns casos, tirados de varios autores, pois são elles *provas evidentes da existencia do espirito no corpo:*

—Uma professora franceza, Emilia Sagée, perdeu 19 vezes a sua cadeira porque onde estivesse apparecia duplamente.

As meninas de um internato, em Newwelk, na Livonia, viam-n'a frequentemente no salão ou no jardim, *estando ella em outro lugar*. Outras vezes, viam diante do quadro negro, durante a aula, duas Sagée, uma ao lado da outra, perfeitamente eguaes, fazendo os mesmos movimentos, com a differença de que só uma trazia á mão o giz.

— Julianna Box foi ferida em seu corpo fluidico, na perna, por uma facada, dada pela rapariga a quem obsedava. Foi verificado que o ferimento se adaptava exactamente a bainha da faca, ferimento feito no duplo e que se reproduziu no corpo physico, por achar-se aquelle duplo bastante materialisado — (Papus — Traité de la magie pratique.)

Ainda o mesmo auctor narra este outro facto :

Uma mulher obsedava um official russo, desprendendo-se do corpo. Um dia, este official vibrou o sabre com toda a força na apparição, fendendo-lhe a cabeça. O ferimento no duplo reproduziu-se na mulher causa do phenomeno, vindo ella a fallecer no dia seguinte, em consequencia disto.

O sabio Aksakof (Animisme et Spiritisme) observou phenomenos importantes como estes :

— Uma feiticeira de nome Joanna Books causava os maleficios que desejava, desdobrando'se. Assim, tendo *um menino* se tornado o objecto do seu odio, agia sobre elle, depauperando-o.

Um dia o doentinho apontou para a parede e disse : «E' Joanna Books que está alli.» Um dos assistentes, então, deu uma cutelada no lugar indicado e a criança declarou que ella *tinha sido ferida na mão*. Dirigiram-se á casa da feiticeira e verificaram que ella estava de facto ferida na mão.

O Coronel A. de Rochas tambem produziu ferimento no duplo, ferindo o lugar em que se achava elle esteriorisado.

—Diz Robert Bruce (Flammarion — La Mort et son Mystère) que certa vez navegava, ao meio dia, perto do Banco da Terra Nova e viu, passando pelo camarim do capitão, alguem sentado á mesa, escrevendo. Julgou ser o capitão, mas encarando-o com attenção, verificou que era um extranho, que até, friamente, nelle fixara o seu olhar. Surprehendido, corre ao encontro do seu capitão e lhe pergunta quem estava em seu camarim.

— Ninguem, foi a resposta.

— Sim, Senhor, lá está uma pessôa estranha.

— O Senhor está sonhando.

— Juro-o.

— Vejamos então, disse o capitão.

Desceram ao camarim, mas nada viram. Como Bruce insistisse, o capitão percorreu todo o navio, em busca do desconhecido, baldadamente. Mas Bruce asseverou :

— Eu vi um homem desconhecido em em seu camarim e até escrevia na ardosia.

Voltam ao camarim, olham na ardosia e lá estavam escriptas estas palavras :

— Steer to the North-west — (aproai para noroeste).

— Mas esta letra é sua.

— Absolutamente não.

— Então é de algum de bordo que aqui entrou.

Mandando então chamar todos de bordo, fez com que escrevesse cada um aquella phrase do lado opposto da lousa. Nenhuma só graphia parecida com a encontrada ! Impressionado com o facto, diz: — Naveguemos para noroeste, vamos ver o que ha por lá. Tres horas depois avistaram um navio desmantelado, carregado de gente, em perigo imminente de submersão, junto a uma montanha de gelo. São recolhidos os naufragos e Bruce reconhece entre elles o homem que vira no camarim do seu capitão. Narrando ao seu capitão e novo incidente, este manda vir á sua presença aquelle naufrago e manda-o escrever do lado opposto do quadro negro a phrase : «Steer to the North-west», reconhecendo, com o naufrago que fica confuso e atrapalhado, a identidade da letra. O Capitão do navio de Bruce pergunta ao seu collega do outro navio o que fazia aquelle naufrago tres horas antes, sendo esta a resposta :

— Estando muito fatigado por excesso de trabalho, adormeceu, accordando logo depois de uma hora e me dizendo :

— Capitão, seremos salvos hoje mesmo, pois sonhei que estava a bordo de um navio que nos vinha soccorrer.

— Por accaso sonhou que escrevia nesta pedra ?

— Absolutamente não, mas acho exquisito que tudo quanto vejo aqui me parece familiar e, entretanto, nunca estive neste navio.

E' este um caso de *desdobramento inconsciente*, mas ha casos de *desdobramento consciente*, produzidos por uma acção forte da vontade cultivada e quando monoideizada.

— Caso de desdobramento narrado por Cicero :

Dous amigos foram a Megara mas se alojaram separadamente. A' noite, um delles vê o outro que lhe pede que corra em seu auxilio contra assassinos. Accorda mas não faz caso do sonho e torna a dormir. O sonho porem se repete pela segunda e pela terceira vez. Finalmente o amigo lhe apparece com as vestes rotas e ensanguentadas, censurando-o por não ter ido em sua defesa, não obstante as suas vivas supplicas. Conclue dizendo : «Logo que raiar o dia o meu cadaver será levado para fóra em uma carroça de lixo ; verifica o que te digo, peço-te, faze punir os assassinos e presta-me as honras funebres». Impressionado com a pertinacia do sonho e com o que acabara de ver, crê na realidade da apparição, deixa o leito e corre ás portas da cidade. Encontra o carro de lixo, faz prender o conductor que logo se perturba e é encontrado no meio do lixo o cadaver do seu companheiro assassinado.

Estes phenomenos de *desdobramento*, tambem são denominados *bi-corporeidade*. A Igreja Catholica nos apresenta casos de desdobramento, por ella considerados milagres.

E' assim que Sto. Affonso de Liguori foi canonisado antes do tempo habitual por se ter mostrado simultaneamente em lugares diversos.

— Sto. Antonio de Padua, se achava em Padua, pregando, quando seu progenitor caminhava, em Lisbôa, para o supplicio, por crime de homicidio. Sto. Antonio apparece, demonstra a innocencia do seu pae e logo desapparece. Ficou averiguado que elle não tinha sahido de Padua, naquella occasião.

Poderiamos citar centenas de casos de desdobramento, pois só a Sociedade Psychologica de Londres tomou conhecimento de 700 delles, bem authenticados e se encontram descriptos na obra — «Phantasms of the Living».

⁂

E' sabido, porque a historia dos povos nos narra, que os homens sensuaes e os desviados de todos os typos das leis do bem, não acceitam a immortalidade da alma, sendo todos scepticos. Immersos no lodo, na podridão, com uma carga bem pesada de responsabilidades aos olhos de Deus, bem prefeririam elles para se livrarem do respectivo castigo, dos effeitos das suas *boas acções*, que a morte lhes marcasse um ponto final na vida. Mas não! Entre a sua vontade e a realidade vae um abysmo, a distancia de um polo a outro, não se preenche com conjecturas e abstrações. Terão que colher o que plantaram, porque «A cada um será dado segundo as suas obras».

Mas Deus tem permittido que em todos os tempos e em todos os povos não tenham faltado provas da immortalidade, constituidas pelos *factos* de todos matizes, além da intuição intima desta immortalidade que no seu transbordar de amor, e como principio de bondade e de justiça, collocou na consciencia de cada um. Só é materialista quem o quer ser por conveniencia material, por indifferentismo para com as cousas de Deus, e as suas proprias, ou como um pretexto de fuga ás responsabilidades.

De 1847 para cá, com o apparecimento do Espiritualismo Scientifico, ou seja Espiritismo, as provas da existencia da alma se decuplicaram, chamando a attenção dos homens de sciencia sequiosos de verdade e de todos os de bôa vontade para aquillo que constitue a Verdade das verdades: Deus e o nosso EU immortal.

E nesta corrente, neste arrastão, lá se vão indo, embora meio a contra gosto, os taes materialistas . . .

Hoje, com os estudos modernos da alma, com os trabalhos immorredouros de Allan Kardec, que foi justamente quem, depois do Christo, maior grito de alarme fez echoar no mundo, a humanidade abre os olhos, vae despertando do topor em que se achava, ergue a fronte, olha para o futuro . . .

Os materialistas tambem vão olhando e seu numero, que era avalanche, diminue sensivelmente.

Diminuirá tanto que, em epoca não muito longe, um exemplar destes pensadores talvez venha a ser considerado como uma cousa rara, como um verdadeiro fossil . . .

⁂

A literatura espirita está cheia de factos desta natureza, e de outros muitos, factos importantes e bem documentados. Quem os quizer conhecer, pode ir buscal-os nos livros dos seguintes scientistas, com os quaes enriquecemos as nossas narrações: Allan Kardec, Gabriel Delanne, Léon Dénis, Coronel A. de Rochas, C. Flammarion, W. Crookes, Aksakof, etc.

SOUSA RIBEIRO

(Continúa)

DOUTRINA EVOLUCIONISTA

A doutrina evolucionista aplicada por Darwin ao mundo physico, *completada hoje pelo* Espiritismo, *que é o* evolucionismo psychico, *é a unica doutrina que está destinada a* revolucionar o mundo *sob o ponto de vista* moral e social, *combatendo triumphantemente as doutrinas* neantistas e o indifferentismo filosofico *que ainda hoje dominam na sociedade actual.*

E' tambem a doutrina que pode derruir o *edificio millenario das velhas superstições, e unificar a especie humana* num abraço de paz e fraternidade.

Dr. Martins VELHO

Pela defesa da alma

III

(Conclusão)

Voltando ao assumpto, noto que, para não exceder as proporções de um artigo, tenho de renunciar a outras citações do Snr. Bradley com o medium Valiantine, sem me poder estender ás outras sessões mui notaveis que elle realisou com os mediums Mme. Osborne Leonard, Mme. Esther-Smith e Mme. A. E. V. : sessões em que se encontram incidentes tão extraordinarios como os que relatamos acima. No seu conjuncto, as experiencias do Snr. Bradley constituem uma nova série de casos de identificação espirita, bem superior ás melhores obtidas com o Snr. Piper, sem excluir as famosas de «Georges Pelham» e de «Benie Junot». Os casos mais extraordinarios e completos da série são os de «Annie» e de «V. A . . . » (este ultimo era um parente proximo do Snr. Bradley), nos quaes as personalidades espirituaes se manifestaram por tres mediums differentes, e a cada mudança de medium, repetiram ao Snr. Bradley o que haviam dito precedentemente com o auxilio de outros mediums : isso, para demonstrar a sua identidade immutavel apesar da mudança dos instrumentos de que se serviam para se communicar.

E' digno de nota que, quando se produziram esses incidentes, theoricamente importantissimos, o Snr Bradley era desconhecido dos mediums com que fazia as experiencias, aos quaes havia sido apresentado sob um nome falso. Ficou elle pois, vivamente surprehendido, quando verificou que as mesmas personalidades espirituaes se lhe manifestaram ; e a sua surpreza cresceu ainda mais quando as personalidades em questão lhe mostraram que se lembravam do que haviam feito e dito na America e em Londres por intermedio de outros mediums.

* * *

Decido-me a relatar ainda dois breves incidentes que se prestam a importantes considerações.

A personalidade mediumnica W. A..., no curso de uma das suas primeiras manifestações por intermedio da Snra. Orborne Leonard, recordou minuciosamente os acontecimentos intimos da sua vida terrestre, afim de provar a Bradley a sua identidade pessoal ; depois de haver descripto tambem os ultimos instantes da sua vida, ella observou : «Depois do meu fallecimento, tentei por diversas vezes abrir as portas dos quartos... Ouvistes-me andar em casa ? Entre outras cousas, eu me esforcei para despertar Mabel (a esposa de Bradley), abrindo a porta do quarto em que ella estava dormindo ; mas em seguida me arrependi disso, pensando que ella poderia assustar-se, tomando-me por um ladrão.»

Eis os commentarios de Bradley ;

> Pouco depois do fallecimento de W. A..., Mme. Bradley estava dormindo em um quarto contiguo ao em que se encontrava o corpo. De repente, no correr da noite, a porta do quarto se abriu amplamente. Mme, Bradley desceu do leito e fechou-a cuidadosamente ; mas, pouco depois, a porta se abriu pela segunda vez. Mme. Bradley fechou-a de novo, sacudindo-a fortemente para se assegurar que estava bem fechada. Voltando-se a deitar, deixou a luz accesa, por ter ficado nervosa com a repetição do facto. E eis que a porta se abre pela terceira vez, em plena luz ! A minha esposa ficou fortemente impressionada com isso e teve de recorrer a toda a sua coragem para descer ainda uma vez do leito e fechar a porta. — (Pagina 53).

Esse incidente é interessante sob diversos aspectos. Primeiramente é importante em si mesmo, dados os seus traços caracteristicos de «telekinesia em relação com os acontecimentos de morte, e tendo-se produzido depois da morte» — traços caracteristicos que o tornam inexplicavel por todas as hypotheses naturalisticas imaginadas até aqui para explicar os phenomenos mediumnicos, comprehendida nellas tambem a «cryptesthesia omnisciente». Notarei, para ser exacto, que um contradictor de talento o Snr. René Sudre, fez a tentativa de resolver a difficuldade, explicando que nessas circumstancias podia tratar-se de um impulso telepathico que se teria produzido no momento da morte, receitado subconscientemente por alguns dos assistentes e sahido mais tarde da consciencia de quem o havia receitado, transformando-se e objectivando-se em um phenomeno de «telekinesia».

Como se pode vêr, esta pretensa explicação que representa o esforço supremo dos oppositores na defesa da sua these, não poderia ser mais importuna, gratuita e complicada. Mas é tambem contradita pelos factos, como provei ao Snr. Sudre em outro artigo que publiquei nesta mesma Revista, e no qual eu cito um caso em que o phenomeno telekinetico é produzido oito dias depois do fallecimento do agente, fallecimento ignorado do percipiente, e realizado conforme uma promessa feita em vida pelo defunto, começando tres dias depois da morte e repetindo-se cinco dias consecutivos, até o momento em que o agente chegou a cumprir integralmente o phenomeno promettido em vida, como prova da sua presença espiritual. E' quasi excusado notar quanto essas circumstancias, juntas á inverosimilhança fantastica e absolutamente gratuita da hypothese do Snr. Sudre, bastam para excluir a sua these do numero das que são scientificamente legitimas ; não é, pois, o caso de se perder tempo em discutil-a ulteriormente. Limito-me a repetir que incidentes como estes de que estamos tratando são cumulativamente inexplicaveis por todas as hypotheses naturalistas imaginadas até agora para explicar os phenomenos mediumnicos ; o que confere a estes uma grande importancia theorica. O episodio em questão é tanto mais interessante e instructivo por se achar completado de maneira inesperada pelo facto do espirito do defunto cujo cadaver jazia no leito mortuario naquella casa no momento em que o phenomeno se produziu, pretender ter sido o autor ; o que contribue admiravelmente para comprovar a these que sustentamos.

Em segundo lugar, o episodio que nos está occupando é egualmente interessante, porque as manifestações de «telekinesia» que se realizaram algumas horas depois da morte de W. A..., são analogas ás que se produzem nas «casas assombradas» (ruido de passos indo e vindo dentro de casa, portas que se abrem), emquanto que o espirito de W. A..., explica havel-os provocado com o fim de assignalar aos seus familiares a sua presença espiritual : explicação que confirma o que affirmei em minha obra sobre os *Phenomenos de assombração*, a proposito da vulgaridade de certas manifestações de assombramento : vulgaridade que, na minha opinião, se explica pelo facto dos espiritos dos fallecidos manifestarem-se como *podem*, sem conseguirem manifestar-se como *querem*. Ora, as explicações fornecidas espontaneamente pela personalidade mediumnica de W. A . , . confirma aquella minha supposição, pois que levam a concluir que a personalidade de que se trata, desejando demonstrar na roda das suas relações a sua presença espiritual, empregou o expediente phenomenico de abrir uma porta e fazer ouvir o barulho dos seus passos, porque não dispunha de outros meios para attingir o seu fim ; ella se havia manifestado, portanto, como *podia* e não como *queria*. Depois disso chega-se a outra conclusão, que os phenomenos dessa natureza, taes como se produzem nas «casas assombradas», não são de modo algum absurdos e «sem alvo»,— com affirmam os nossos oppositores, afim de inferirem d'ahi a origem subconsciente dos phenomenos em questão ; ao contrario, pondo-nos do ponto de vista de quem os produz, são intencionaes e racionaes, porque revestem o valor de «signaes» pelos quaes os fallecidos se esforçam para attrahir a attenção dos vivos.

O incidente que acabamos de relatar não é o unico desse genero que se acha registrado na obra de Bradley ; encontrase outro analogo, que se deu com o proprio autor no periodo das suas primeiras experiencias com Valientine. Descreve elle assim as impressões que experimentou uma noite, quando mal havia acabado de se deitar :

> Alguns segundos depois, senti uma sensação especial ; sentia tornar-me leve sobre o enxergão como si alguem tentasse levantar o meu corpo. Naturalmente, eu attribuia o facto a um simples trabalho da minha imaginação. Todavia, a curiosa sensação persistia, e eu a analysava intimamente, espantado de ter podido por um só instante achar que a cousa fosse real. E entretanto, apesar de tudo, o movimento persistia, acompanhado de um sentimento de estar leve o meu corpo. O leito começou então a embalar-se docemente ; dir-se-ia que se esfor-

> çavam por levantal-o um pouco do solo. Observei friamente esse movimento durante mais de cinco minutos. Eu tinha a sensação da ‹presença› de alguem no quarto, mas de alguem que era invisivel aos meus olhos.., (Pagina 22).

E' importante notar que o Snr. Bradley não fallou a pessôa alguma a respeito das singulares sensações que havia experimentado. No dia seguinte elle teve uma sessão com Valiantine, no curso da qual ‹Annie› se manifestou, e disse, rindo ao irmão :

> A noite passada, eu vim te encontrar emquanto tu estavas só ; não o percebeste, mas eu observei que a minha presença te tornava nervoso. Porque ? Não te deves nunca impressionar com a minha presença. Eu te amo ternamente e queria apenas te provar que estava ao teu lado.

Este segundo incidente é substancialmente identico ao primeiro, com esta differença, todavia, de primeiro identificar-se com as manifestações de «assombramento›, emquanto que o outro está mais de conformidade com as ‹visitas de fallecidos›, como os chamam. Mas derivam da mesma causa e são ambos igualmente suggestivos e instructivos. Com effeito, neste ultimo exemplo, assiste-se ao facto de uma irmã fallecida que, querendo demonstrar ao irmão a sua propria presença espiritual, emprega manifestações telekinesicas em torno da sua pessoa ; o que mostra bem que, a seu turno, ella teve de se contestar de alcançar o seu fim como *poude* e não como tinha *querido*.

Do ponto de vista que nos occupa, está, portanto, plenamente demonstrado que os phenomenos de «telekinesia› no momento da morte e depois da morte (quadros que cahem, pendulas que param, ruido de passos dentro de casa, objectos que se deslocam, etc.) são effectivamente provocados pelos espiritos dos mortos, com o fim de assignalar aos familiares a sua presença espiritual. Por conseguinte, não está menos bem demonstrado que os phenomenos analogos nas ‹casas assombradas›, longe de serem ‹absurdos e sem proposito», são por seu turno provocados por entidades espirituaes, com a mesma intenção de fazer conhecer a sua presença no lugar. Isto deve ser dito mais especialmente a respeito da classe de phenomenos de assombração de ordem ‹objectiva› ou physica ; as outras, de ordem ‹subjectiva› (geralmente de forma visual), podem-se explicar, pela hypothese telepathico-espirita, isto é, que provêm do pensamento do defunto voltado com uma anciosa persistencia para o meio onde viveu e onde morreu tragicamente ; determinando-nos sensitivos que habitam a casa, allucinações telepathico-veridicas do seu phantasma indo e vindo na casa, como elle *está pensando fazer* naquelle momento.

* *
*

Detenho-me ahi com as citações, julgando ter fornecido uma ideia mais que sufficiente do valor theoricamente excepcional do livro do Snr. Dennis Bradley. Convido, pois os adversarios da hypothese espirita a renunciar os seus argumentos relativos á pequenez miseravel do espirito humano, e a procurarem, pelo contrario, a obra em questão, afim de submetterem a uma analyse imparcial e severa os principaes casos de identificação espirita que se encontram registrados nella, esforçando-se para lhes applicar todas as hypotheses naturalistas de que disponham e a inventar novas, si as antigas estiverem abaixo da tarefa que cumpre realisar. Estou convencido que os seus esforços não chegarão ao exito : mas no caso de alguem pensar de ter imaginado algo que resista á logica, convido-o a publicar os resultados da sua descoberta nesta mesma Revista (1), porque estou curioso e impaciente de ver si, por acaso, ha alguem bastante habil para achar um subterfugio, mesmo nestas condições criticas.

O Snr. Bradley termina o seu livro pela phrase seguinte : «*A minha investigação alcançou uma conclusão : Não tenho mais necessidade de crer* : Eu CONHEÇO›. E' bem isso : e todos que lerem o seu livro farão echo ás suas palavras. E, por isso que penso ter-se tornado cada vez mais desesperadora a situação estrategica dos nossos contradictores.

ERNESTO BOZZANO

Revue Spirite, 8, rua Copernic, Paris XVI.

PONDO OS PONTOS NOS ii

No fasciculo de março-abril de 1925 da *Revue Mètapsychique*, o Sr. René Sudre analysa um notavel caso de identificação espirita publicado pelo Dr. Walter Prince, caso esse que, pela modalidade segundo a qual elle se desenrola, póde indifferentemente ser explicado pela hypothese espirita, ou pela hypothese «animica». Nessa circumstancia, o Snr. Sudre se pronunciou a favor da interpretação animica dos factos, e era scientificamente seu direito fazel-o. Mas, na continuação, elle se prevaleceu da occasião para generalizar, estendendo ao conjuncto da casuistica espirita as suas conclusões negativas pessoaes, e affirmando que, pela «metagnomia» combinada com a «prosopopesia» (isto é, pela «clarividencia» combinada com o phenomeno das «personificações symbolicas») a totalidade da phenomenologia espirita póde ser explicada. Por accrescimo, fazendo allusão ao valor da sua propria hypothese confrontada com a hypothese espirita, observa elle: «Não ha lugar de fazer-se uma tal comparação, *que dá uma superioridade flagrante á primeira*». Ficaria assim entendido que a hypothese da "metagnomia-prosopopesia" resolve todos os enigmas da mediumnidade, triumphando de modo decisivo da hypothese espirita. Achando-se as cousas nesse ponto, eu convido o Snr. Sudre a demonstrar "a flagrante superioridade" da sua hypothese, particularmente no que concerne aos casos até aqui referidos, de "voz directa"; recordando-lhe que, para fazer essa demonstração, cumpre-lhe refutar as minhas argumentações, nas quaes está estabelecido que não podem existir theorias "naturalistas" capazes de explicar os ditos casos. Tenho o presentimento de que o Snr. Sudre, apenas se tenha dado a essa difficil empresa, perceberá logo . . . "a *inferioridade* flagrante" que apresenta a sua hypothese posta em presença da hypothese espirita e que em consequencia disso elle reconhecerá lealmente o seu proprio erro, abstendo-se de sustentar, em seguida, uma causa que se apoia em um engano. No caso, porém, de obstinar-se elle em defendel-a, comprehende-se desde já que eu replicaria para lhe demonstrar que está em erro uma segunda vez. E desta vez será o meu turno de lhe submetter uma longa enumeração de manifestações mediumnicas ás quaes é completamente inapplicavel a sua hypothese.

Dito isto, desejo que se saiba que, ao me expressar assim, não penso emprehender ataques pessoaes contra quem quer que seja, mas unicamente subscrever o meu dever scientifico e philosophico, defendendo a todo preço a Verdade contra os assaltos do misoneismo humano, de qualquer parte que provenham elles.

Ernesto BOZZANO

PALAVRAS DE UM POETA

O Espiritismo foi para mim, do mesmo modo que para muitos outros, como que uma elevação do meu horisonte mental e a entrada do céo. Foi como que a fé a se formar dos factos. Tanto assim que a vida, sem elle, eu só a posso comparar a uma travessia feita, a bordo de um navio com as escotilhas fechadas, por um prisioneiro, que vivesse todo o tempo alumiado pela luz de uma vela e a quem de subito, numa explendida noite estrellada, permitissem subir pela primeira vez ao tombadilho para contemplar o prodigioso mecanismo do firmamento, flammejando a gloria de Deus.

GERALD MASSEY

UM GRANDE APOSTOLO

«Aquelle que se adianta cem annos dos seus contemporaneos, precisa de mais cem annos para ser comprehendido, disse Carl du Prel referindo-se a Allan Kardec. Léon Denis tambem está neste caso.

Apostolo sincero e devotado da Nova Revelação tem elle sabido dedicar toda a sua vida, sua intelligencia, seu coração, sua alma e suas forças ao grande Ideal do qual se fez fervoroso e intemerato propagador.

Emerito escriptor nunca sacrificou se a um futil prazer de popularidade ; orador inspirado sua palavra impregnada duma eloquencia calorosa esteve sempre ao serviço do formidavel problema do destino humano, offerecendo a todos que o ouvem a solução da tão controvertida questão : o porque da vida e a sobrevivencia humana.

Num artigo publicado no «*Le Journal*», de Paris, apreciando o livro «*Depois da morte*», de tão eximio escriptor, o sr. Alexandre Hepp, assim se exprimiu : «Ha um homem que escreveu o mais bello, o mais nobre, o mais precioso livro que eu tenho lido. Seu nome é Léon Denis, e seu livro é o *Depois da morte*.

Lêde-o, e uma grande piedade, porém libertadora e fecunda, vos virá bruscamente das nossas manifestações de pesar, do nosso medo da morte e do nosso grande luto por aquelles a quem julgamos perdidos».

Pois bem, ainda mais uma vez a sua vibrante vóz se fez ouvir na cidade da luz, por occasião do Congresso Espirita Internacional, no dia 10 de setembro do anno proximo passado. Com o intuito de fazer chegar aos nossos leitores a palavra substanciosa do grande Apostolo, transcrevemos da *Revue Spirite* o seu discurso apanhado por estenographia :

⁂

Senhoras, senhores,

A convite dos meus irmãos eu sahi do recanto em que vivo ha dez annos na meditação e relações intellectuaes com os Invisiveis. Sahi para vir trazer aos congressistas palavras de bôas-vindas, de concordia e de encorajamento ; para lhes offerecer os fructos, os conselhos de minha velha experiencia.

Foi uma grande alegria para mim poder saudar, domingo ultimo, nesta mesma sala os delegados das nações, que vieram trazer o testemunho do desenvolvimento mundial ou, direi mesmo, do triumpho da nossa causa.

Si eu lançar um olhar retrospectivo no caminho percorrido, poderei vos dizer que segui passo a passo a marcha do Espiritismo na França ha cincoenta annos. Participei das luctas que elle sustentou para se impôr no nosso paiz, isto é num mundo petrificado pelo dogmatismo ou o materialismo.

Experimentei a resistencia obstinada do bloco formado pelas opiniões hostis e os interesses combinados ; como todos os propagandistas do Espiritismo, conheço as alternativas da conspiração, do silencio e os assaltos furiosos da calumnia e da diffamação.

A tarefa, em certos momentos, tem sido ardua ; mas a despeito de obstaculos de todas as sortes, o Espiritismo prosegue o seu caminho ; elle tem sido difundido em todos os meios, e hoje tenho a satisfação de poder saudar nesta assembléa o coroamento de tantos esforços, a consagração de tanto trabalho e os primeiros albores de uma aurora nova.

Os conferencistas actuaes não podem fazer uma idéa do acolhimento com que eramos no principio recebidos, mas eu tenho prazer de affirmar que nas horas difficeis o apoio jamais nos faltou. Nós nos sentiamos auxiliados, sustentados pelas forças radiantes e as intuições dos guias invisiveis, e, até nas contradições as mais violentas, sentiamos passar sobre nós sopros poderosos das correntes inspiradoras.

Por minha parte tenho experimentado esta acção do Além, sobretudo quando fraudes retumbantes tornavam a situação mais delicada e mais perturbada.

Creio tambem dever testemunhar a

minha gratidão aos grandes Espiritos, cujo auxilio nunca nos faltou, aos grandes Espiritos que no momento presente prepararam este Congresso para inspirar seus trabalhos e os dirigir numa estrada recta e segura !

⁂

Uma questão aqui se propõe. Questão que me apresentaram muitas vezes e ainda agora no começo deste Congresso. O que é, na realidade, o Espiritismo ? O Espiritismo é somente uma sciencia; é uma doutrina; é uma religião ? Tomemos, si quizerdes, a palavra religião no seu sentido lato e elevado, e não no seu sentido cultual.

Pois bem, eu respondo claramente: o Espiritismo é mais que isto ; explico-me : Na sua evolução atravez dos seculos, o homem julgou dever fixar demarcações entre os differentes dominios do pensamento; ergueu entre elles o que eu chamarei divisões estanques, creou compartimentos. Numa collocou a sciencia, n'outra a philosophia ; em outras partes estão as religiões, e tudo isto se contradiz, se combate e, destes conflitos resulta um estado de confusão, de incerteza que é a causa da maior parte dos males que soffre a humanidade.

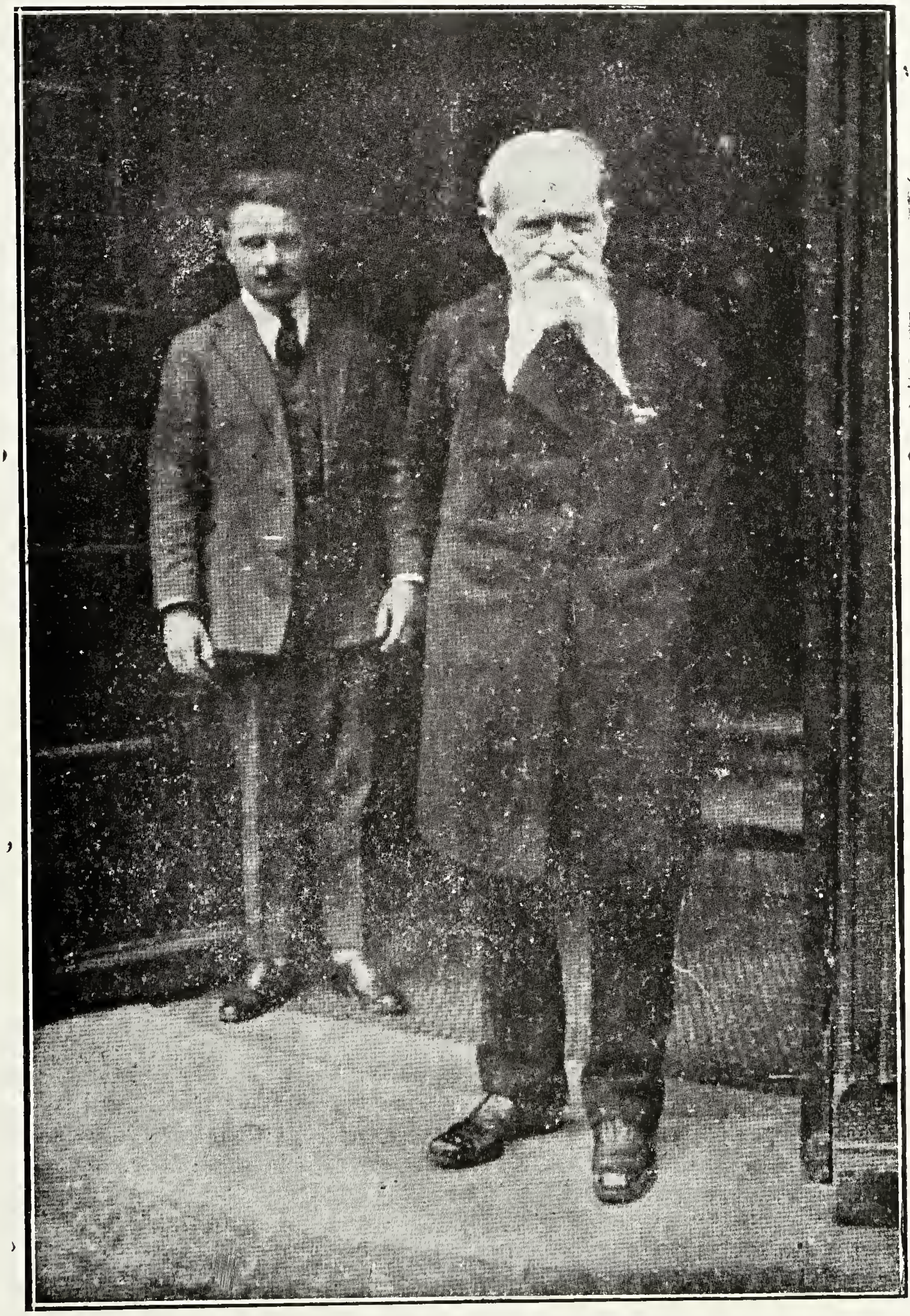

LÈON DENIS, o grande apostolo

Ora, o Espiritismo bem longe de se adaptar a estes moldes envelhecidos, a estes compartimentos estreitos nos quaes o pensamento se estiola e empobrece, invade-os de todos os lados. O Espiritismo esforça-se não para os destruir e abater, mas para engrandecel-os e alargal-os : desarraigar o espirito humano das rotinas do passado e eleval-o para os degráos superiores do conhecimento, para uma comprehensão, uma concepção mais ampla, mais larga, mais completa da vida universal ; para uma synthese em que possam se unir e se fundir um dia todas as formas do pensamento e da sciencia. O Espiritismo não é outra cousa que o estudo da vida na sua realidade, na sua plenitude ; a vida sob suas duas formas alternativas : visivel e invisivel. Ha poucos homens ainda, e mesmos sabios que conhecem a vida invisivel e distinguem as suas leis. E apesar disso, esta vida nos domina, nos envolve, nos enlaça ; della nós sahimos ao nascer, a ella voltamos ao morrer. A vida invisivel é sem limites no tempo como no espaço ; ella é preexistente e sobrevivente a tudo, emquanto que a vida terrena não é senão uma forma passageira da existencia, fugitiva como a sombra.

A vida invisivel é a séde das forças, dos poderes que animam o Cosmos; é o mundo das causas, das forças e das leis ; sem conhecel-a, nenhum homem, nenhum sabio poderá jamais resolver o enygma do universo.

Como se poderá então conter as manifestações desta vida immensa nos moldes estreitos, nos compartimentos exiguos que nos lega a sciencia do passado ? E' por isso que eu não deixarei de bradar a todos : Alargai os vossos planos e os vossos methodos si quizerdes entrar na estrada larga ; na etapa nova que o Espiritismo abre ao pensamento e á sciencia !

E' evidente que, diante as perspectivas que se abrem, as formas do passado e os principios da sciencia humana são insufficientes para o estudo do mundo invisivel e para as provas da sobrevivencia. O mesmo acontece com a religião cujos dados sobre a vida futura são reconhecidos inexactos ou incompletos depois do testemunho universal dos «mortos».

Quanto a philosophia, apezar das bellezas que nos offerece, é preciso reconhecer que os seus systemas numerosos e contraditorios fizeram mais obscuridade do que luz sobre o problema do destino. Neste dominio ainda, o Espiritismo nos fornece uma synthese mais conforme á realidade das cousas e á verdadeira lei dos renascimentos.

Para comprehender a resolução profunda que o Espiritismo traz ao dominio dos conhecimentos humanos, é preciso se elevar acima dos phenomenos vulgares e viver na intimidade dos grandes Espiritos; é preciso receber seus ensinamentos como fez Allan-Kardec e todos os que têm seguido seus conselhos.

Mais alto que os phenomenos de ordem physica é preciso dar aos phenomenos intellectuaes a parte preponderante que elles merecem, assim como demonstrou com autoridade Sir W. Barrett no seu bello livro recentemente publicado : «*Au seuil de l'Invisible*».

Só assim se poderá apreciar todo o valor social do Espiritismo e suas vastas consequencias, assim como a belleza e a grandeza d'uma revelação portadora da consolação, da esperança, da força moral para a pobre humanidade em angustia.

Tendes notado a transformação que se opera lentamente, silenciosamente—eu não direi na apparencia,—mas no intimo do nosso planeta ha um seculo approximadamente, isto é, depois da apparição do Espiritismo ? Novas forças entraram em acção, porque o mundo invisivel está em trabalho, e dos choques, dos conflictos produzidos pelo encontro das correntes novas com as forças resistentes do passado, resultará um estado de perturbação, de confusão que se assemelha ás vezes ao chaos. Mas o observador attento, no meio d'esta confusão, distingue a acção dos poderes que trabalham na preparação de uma ordem nova. Pois bem, para esta humanidade que se ergue ardente, apaixonada, avida de viver e de engrandecer, é necessario formas novas, uma crença, um *credo* universal que una todos os pensamentos e todos os corações numa aspiração commum para o bem, para belleza suprema, para Deus ! Será esta a obra de realisação futura de que o Espiritismo é o propulsor.

⁂

Terminando, eu chamo a vossa attenção para uma cousa capital, é que na marcha da humanidade, marcha para o seu destino, isto é, para a verdade, para a luz, para esse fim longinquo que se chama a perfeição, vós estaes na vanguarda desta longa caravana humana e deveis lhe servir de guias.

E esta situação privilegiada vos impõe tambem grandes deveres e pesadas responsabilidades : o dever de manter, de defender, de affirmar por toda a parte os principios formulados por Allan Kardec e pelos apostolos anglo-saxonios, os principios do novo espiritualismo, que no meio da confusão e da desordem moral do nosso tempo, parecem ser um dos ultimos refugios do pensamento, uma suprema esperança, e talvez um meio de salvação para a pobre humanidade ainda presa, por tantos liames, á materia.

E' por isso que vos incito a por de lado nos vossos trabalhos, nos vossos debates tudo o que for de natureza a enfraquecer, a diminuir o valor destes principios consagrados por todos os congressos anteriores. Estes principios são preciosa herança, devem tornar os vossos estudos mais brilhantes, mais resplandescentes que nunca afim de estabelecer no mundo o seu movimento renovador, regenerador.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

III

III CASO

O facto que vamos expor pertence por ventura á categoria dos que mais tem impressionado. E' constituido por um phenomeno simultaneamente de levitação e de transporte.

Faz parte d'uma sessão realisada na noite de 25 de maio de 1900 nas salas já descriptas do «Circulo Minerva».

Os assistentes são os mesmos que na sessão precedente, estando alem delles presente tambem o capitão Eurico de Albertis.

As precauções tomadas egualmente as mesmas que na sessão precedente.

Morselli fica a esquerda do medium, á direita outro professor, e ambos exercem sobre o mesmo plena fiscalisação.

A illuminação é feita por uma vela collocada na sala contigua. A sessão começa ás 9 horas ; decorre a primeira hora monotona e com raros phenomenos.

Passado cerca de hora e meia a sessão toma, durante meia hora, uma extraordinaria importancia pelos phenomenos, que sem interrupção se succedem.

E' quasi no fim da sessão que se desenrola a manifestação caracteristica deste caso.

— «De repente os dois professores apercebem que Eusapia, é levantada com a cadeira, e que o todo se eleva até ultrapassar o nivel da mesa, sobre a qual depois desce, de *maneiras que só os pés anteriores da cadeira e os do medium se veem apoiar no tampo da mesa já desmantellada*.

Durante este tempo, o medium tomado de grande terror, queixa-se e pede para ser collocado no pavimento. *Mas quasi a seguir é novamente elevado com a cadeira, mantendo-se no ar alguns segundos, emquanto um dos fiscaes e de Albertis, em perfeita communhão de vistas e sem accordo previo, passam as mãos por baixo dos pés da mesa e do medium.*

Pouco depois Eusapia sentada, desce sobre a mesa ; os fiscaes amparam-n'a e a cadeira é lançada para traz, sobre o soalho ; a seguir, colloca-se o medium em baixo novamente no seu logar, emquanto os seus queixumes continuam.»

Eis as palavras textuaes do relatorio, que confirmaremos com algumas observações d'um professor eminente nas quaes são nitidamente descriptas as impressões recebidas n'aquella occasião.

«E' um momento de suprema anciedade e espanto.

A levitação realisou-se sem choques, sem sacões, vivamente, mas sem saltos. Noutras palavras : se por um esforço de desconfiança quizessemos chegar a imaginar um artificio para obter este resultado, dever-se-ia pensar antes n'um levantamento pelo lado de cima (por meio d'uma corda e d'uma rodalna) do que n'um impulso de baixo para cima.

Mas nem uma nem outra hypothese resistem ao mais elementar exame dos factos.

Mme. Paladino foi realmente levantada no ar e *sustida* n'uma posição absolutamente contraria ás leis da estatica, por uma força invisivel, inexplicavel no estado actual dos conhecimentos physicos». (1)

O phenomeno citado, se o submettermos a um sereno e rigoroso exame, não só esclue a eventualidade de qualquer artificio, como dá logar a considerações de alta importancia.

A elevação de Mme. Paladino não pode ser considerada como o effeito d'um impulso que ella mesmo désse ao corpo, de maneira a levantar com elle a cadeira acima do nivel da mesa, para depois recahir sobre esse nivel, suspensa só dos pés anteriores da mesma cadeira.

Por essa forma, a ascenção á mesa deveria ser muito brusca, e a mesa, que já estava meio desmantelada, devia desfazer.

As mesmas considerações devem fazer-se, pelo que respeita á segunda levitação, que permittiu ao capitão de Albertis e a um professor passar as mãos por baixo dos pés d'Eusapia e da cadeira.

«A acção de se desprender da mesa, ainda mais do que do solo, observa o professor referido, denota a intervenção d'uma força extrinseca ao medium, por quanto este deveria apoiar-se n'uma base muito fraca, que se despedaçaria, ao receber o esforço».

Mas não é n'isto apenas que consiste o lado maravilhoso do episodio em questão. A cadeira, sobre que Eusapia está sentada ao descer, veio pousar os pés anteriores sobre o tampo da mesa, ficando n'esta posição, e tendo o medium apenas as mãos em contacto com os fiscaes da direita e esquerda, o que importa uma contradicção com as leis da gravidade.

Este estado de cousas, que provoca necessariamente um instante de apprehensão bem justificada, persiste assim algum tempo, durante o qual Eusapia vem occupar uma posição, em que devia cahir necessariamente, se não houvesse a intervenção d'alguma força ignorada, agindo como uma especie de *parafuso* nas espaldas, que sustentasse Paladino e a cadeira.

Bem notavel é tambem o estado d'alma do medium, durante o phenomeno, o qual se realisa não somente fóra de toda a espectativa dos experimentadores, mas sobre tudo contra a vontade de Eusapia; observamos as suas exclamações de terror, aliás bem justificadas pela posição perigosa, que subitamente veiu occupar.

Portanto, tambem neste caso por uma necessidade logica, pode suppôr-se a intervenção d'uma intelligencia reguladora do phenomeno e capaz de manifestar uma força consideravel — tanto para levantar o medium, como para mantel-o nesta situação difficil. (1)

IV CASO

Este ultimo caso da primeira serie refere-se á impressão feita sobre a greda, verificada durante uma sessão medianimica, na noite de 16 de fevereiro de 1902.

Foi nas salas do «Circulo Minerva»; e foram assistentes da sessão MM. Avelino, Bozzano, Evaristo Testa, o professor Luigi Montaldo e eu.

Tenho tido a occasião de assistir a muitos phenomenos d'impressão medianimica, mas escolho este porque tem um caracter quasi novo e porque é revestido de medidas de fiscalisação muito severas, de forma que fica afastada a mais longinqua suspeição de fraude.

Citando-o, não tenho a pretenção de expôr uma novidade, pois que o phenomeno já foi descripto por Mr. Bozzano, no seu livro: «*Ipotesi Spiritica e Theoriche scientifiche*».

Não é comtudo importuno para o caracter e fim deste artigo que eu o relate, servindo-me tambem em parte das palavras de Mr. Bozzano, a quem a fiscalisação do medium foi particularmente confiada.

A disposição da sala era a mesma que nas sessões já descriptas, e tinham se produzido já muitos phenomenos, quando o medium em transe, personificando

---

(1) Vide Seculo XIX de Genova

(1) Em nota relata o autor um facto analogo que observou na sessão de 10 de maio de 1902, em companhia do engenheiro Ramorino, Adolpho Erba e outros.

«John King», annuncia um phenomeno d'impressão ou moldagem ; e convidou ao mesmo tempo com insistencia os experimentadores para examinarem previamente e em plena luz a superficie intacta de tres blocos de greda preparados para o que désse e viesse.

Tinha-se feito luz e a nossa attenção commum dirigiu-se sobre a superficie dos tres referidos blocos, reconhecendo-se que estavam perfeitamente lisos e polidos.

Dois d'estes blocos achavam-se á direita do medium, collocados sobre uma grande mesa, e o outro estava á sua esquerda, sobre uma cadeira ; entre um e os outros havia uma distancia de dois metros.

Eis como se exprime M. Bozzano, descrevendo a evolução do phenomeno :

«Desde que a obscuridade se fez, Eusapia deu-me suas mãos — eu era seu visinho da direita—ficando-lhe os joelhos presos pelos meus, os pés egualmente entre os meus, e inclinando simultaneamente a cabeça no meu hombro.

Em breve começaram a manifestar-se os symptomas habituaes, annunciadores de bons phenomenos ; isto é, o medium começou a agitar-se, a ter spasmos, a gemer, a suspirar. Nenhum indicio de movimentos synchronicos ou de assentimento... Passaram alguns curtos instantes ; a agitação d'Eusapia foi crescendo, e de repente, abandonando todo o peso do corpo sobre mim, pronunciou em voz fraca a phrase habitual ; «Está prompto».

Accendeu-se promptamente a luz. Dos tres blocos, dois tinham impressões profundas. Em ambos apparecia a impressão distincta e completa da superficie plantar d'um pé. Estes pés formavam o par».

Mas as investigações não pararam aqui ; examinamos as impressões dos pés, e podemos verificar que de nenhuma fórma correspondiam ás proporções dos pés do medium.

Não póde contestar-se a realidade do phenomeno que se produziu em taes condições.

Basta saber que os blocos foram precedentemente examinados e reconhecidos perfeitamente lisos e polidos ; que elles se encontravam, não sobre o soalho, mas sobre uma cadeira, e os outros dois sobre uma grande mesa ; que entre um e os outros havia uma distancia de dois metros que as impressões obtidas não correspondiam ás proporções dos pés d'Eusapia, e que finalmente, a fórma de fiscalisação tomada por M. Bozzano era verdadeiramente excepcional, para attribuir a este facto um valor de certeza absoluta.

Quando juntarmos a estas rasões, o absurdo da hypothese de um auto descalçamento e d'um recalçamento dos pés do medium, teremos uma prova a mais acerca da importancia do que acabamos de relatar.

Não ha, pois, objecção alguma, que possa enfraquecer a veracidade da manifestação medianimica.

Excluindo a hypothese da fraude, como meio possivel das impressões recebidas, só nos resta admittir, da parte do medium, uma projecção de energia, integrando-se n'uma verdadeira fórma materialisada capaz de se representar na greda sob o aspecto de dois pés, que não são os de Paladino.

A attenção do investigador deveria fixar-se, d'uma maneira especial, sobre este ponto : que a obscuridade do lugar contribue evidentemente a facilitar a authenticidade do phenomeno ; é isto, em que não pensam os adversarios, que se servem sem reflexão das objecções costumadas para pôr em duvida os phenomenos medianimicos.

⁂

Com o relato do phenomeno precedente, encerramos uma primeira serie de phenomenos, por assim dizer preparatorios das materialisações propriamente ditas.

Não resulta objectivamente d'estes factos que tenha n'elles havido qualquer materialisação, mas implicam a supposição necessaria da intervenção de «qualquer cousa», que assume, senão uma verdadeira forma plastica, ao menos uma consistencia capaz de dispender energias, oppor resistencias e executar actos, como os teria executado uma personalidade humana.

Igualmente, pelo que respeita ao phenomeno de moldagem medianimica, impõe-se como uma necessidade logica, a intervenção de uma fórma plastica com todos os caracteres d'uma parte do corpo humano.

Mas, como se produz, d'onde vem este conjuncto d'energias, que tem como resultado formar materialisações mais ou menos objectivas, que dispõe das mesmas faculdades que uma individualidade humana viva, e até de faculdades mais notaveis ainda ?

A interpretação que, no estado actual de nossos conhecimentos metapsychicos, seria melhor recebida pela sciencia é a psycho-dynamica (Ochorowicz). Tratar-se-ia de verdadeiras projecções psycho-physicas que, em circumstancias determinadas, se desprenderiam do medium, mesmo com o auxilio dos experimentadores que formam a cadeia, e produziriam uma phenomenalidade variada, cujo supremo grão seria precisamente attingido pela *materialisação*. Porém, ser-nos-ha licito julgar que esta explicação seja sempre sufficiente, quando queremos applical-a aos casos que acabamos de citar ?

A tal respeito, cumpre-nos antes de tudo lembrar, que o caracter principal da manifestação medianimica é a *intencionalidade*, isto é, que ella procede sob a influencia d'uma intelligencia directriz e guia.

Ora, se pudessemos *sempre* e *exclusivamente* encontrar esta intencionalidade por via directa ou indirecta no medium, a hypothese do Pr. Ochorowicz poderia ser acceita sem restricções.

Na maior parte das manifestações medianimicas, e especialmente n'aquellas em que o phenomeno decorre em *synchronia* de movimentos da parte do medium, é evidente que a vontade d'elle não pode ser considerada como extranha aos phenomenos, quer ella seja uma exteriorisação directa do seu pensamento, quer seja um effeito da suggestão da parte dos assistentes.

Pelo contrario, nos phenomenos que acima referimos, a *synchronia* não parece evidente. Comtudo as manifestações são acompanhadas por um estado especial de inquietação, de agitação e de fadiga de Eusapia, como se ella fizesse esforços não indifferentes para auxiliar a producção dos phenomenos.

Neste caso tambem, como se vê, *poderia* admittir-se a idéa da intervenção da vontade do medium com a contribuição possivel da influencia suggestiva dos experimentadores.

* * *

Mas ha phenomenos nos quaes, segundo a minha opinião, a *intencionalidade* da parte do medium desapparece completamente.

O terceiro facto acima relatado, relativo a levitação da cadeira com Paladino, vem apoiar esta affirmação. Não é logico suppor que a vontade de Paladino tenha podido contribuir para a realisação desta levitação, isto é, que tenha *desejado* um phenomeno que constituia um perigo sério para a sua integridade pessoal.

A prova é-nos dada pelo susto e expressões do medium ao ver-se elevado pela mesa desmantelada, sobre que a cadeira se apoiou só com os pés anteriores.

Esse desejo tambem não se pode admittir racionalmente nos experimentadores, porque essa forma de levitação era absolutamente nova e inesperada, e embora fosse legitimo o seu desejo de ver manifestações novas, nunca pensaram num phenomeno tão perigoso e impressionante.

Trata-se, pois, dum caso (não é isolado), em que a vontade de Paladino pode difficilmente predominar, emquanto que apparece outra vontade extranha, autonoma contrariando a hypothese acima formulada, cuja genesis constitue um dos principaes poblemas da psychologia.

Quanto a nós, ficamos por óra neste ponto, reservando-nos formular deducções e considerações ulteriores, desde que expuzermos uma segunda série de factos medianimicos mais complexos, isto é, em que as formas materialisadas vêem impressionar nossos sentidos.

DR. JOSÉ VENZANO

(Continúa)

MATERIA E MOVIMENTO

Aquillo que nós chamamos materia nada mais é que o effeito produzido sobre os nossos sentidos pelos movimentos das molleculas. O espaço coberto pelo movimento das molleculas não tem mais razão para ser chamado materia, do que atravessado por uma bala de fuzil para ser chamado chumbo. Sob esse ponto de vista, então, a materia não é mais que um modo de movimento ; no zero absoluto da temperatura o movimento intermolecular se deterá e, apesar da persistencia de *alguma coisa* que conserva nella as propriedades da inercia e do peso, a *materia*, como nós a conhecemos cessará de existir.

WILLIAM CROOKES.

Uma obra de valor

PHOTOGRAPHIAS PSYCHICAS

DR. ENRICO IMODA

A *Revista Internacional do Espiritismo* já tem offerecido aos seus leitores diversas reproducções photographicas, com o intuito não só de despertar em todos o conhecimento destes transcendentes phenomenos, constatados por sabios de grande nomeada, como tambem de firmar nos animos, com provas indefectiveis, a verdade da Immortalidade que ao Espiritismo coube a inestimavel missão de constatar.

A photographia é, sem duvida, uma das melhores provas da existencia dos Espiritos. Sem o auxilio da Sciencia Espirita, esse phenomeno, a seu turno, não tem explicação. E' verdade que alguns pretendem explicar estes factos como sendo «photographia do pensamento». Entretanto, este juizo não passa de méra affirmação sem provas, visto como aquelles proprios que o formulam desconhecem os principios que regem a «photographia do pensamento», que é tambem uma das conquistas do Espiritismo, competindo só a este determinar-lhe as applicações aos casos particulares. Accresce ainda a circumstancia de não se poder logicamente falar da «photographia do pensamento», sem se ter demonstrado previamente, o existencia da alma, que põe em acção os elementos fluidicos que permittem a sua reunião e configuração para reproducção na placa photographica.

A photographia Espirita, como os demais phenomenos, está sujeita á fraude.

No anno de 1875 o photographo Buguet, da França, que não era espirita, depois de haver obtido, accidentalmente, photographias de Espiritos rigorosamente authenticas, procurou lançar mão da fraude para augmentar os seus lucros. Foi condemnado, tendo esse facto causado grande descredito que estendeu-se entre os espiritas. Foi nessa occasião que o denodado propagandista Pierre Leymarie e sua digna esposa Mme. Marina, demonstraram, como dissemos no numero passado, a sinceridade de sua fé espirita, sustentando uma lucta terrivel contra os encarniçados adversarios da Revelação Nova.

A photographia espirita, não ha duvida, é um facto comprovado. Convém, porém, aos espiritas serios e aos experimentadores que quizerem adquirir certeza da realidade do phenomeno agirem com a maxima circumspecção, de accordo com o que diz Sir Alfred Russell Wallace, o illustre collaborador de Darwin, um dos sabios que obteve a prova desse phenomeno .

1.º — Se uma pessôa conhecedora da photographia, tomar suas proprias chapas de vidro, examinar a camara empregada e todos os accessorios, vigiar todo o processo para obter a prova e encontrar na prova negativa uma forma bem definida junto da figura da pessôa que tomou posição : ha ahi uma prova da existencia de um objecto, susceptivel de reflectir-se ou de emittir raios actinicos, apesar de invisivel ás pessoas presentes;

2.o — Se mostrar semelhança incontestavel com uma pessôa fallecida, totalmente desconhecida do photographo ;

3.o — Se apparecerem, sobre a prova negativa, imagens em relações definidas com a figura d'aquelle que vem retratar-se e escolhe a sua propria posição, sua attitude, seus accessorios : tem-se ahi uma prova de que formas invisiveis se achavam realmente no campo da objectiva ;

4.o — Se apparecer uma forma vestida de branco atraz do corpo opáco de quem se retrata, sem se estender sobre elle : ha uma prova de que a figura de branco ahi se achava ao mesmo tempo, porque as partes sombrias da prova negativa são transparentes, e toda a imagem branca, de qualquer modo que seja, devia apparecer atravez :

5.o — Quando não se possa recorrer a alguma dessas demonstrações, se um medium, inteiramente distincto e independente do photographo, vêr e descrever uma forma durante a operação, e quando sobre a placa apparecer uma imagem semelhante á descripta : ha uma prova de que essa fórma ahi se achava e no campo da objectiva.

Tratando de interessantes factos, quaes os obtidos pelo Dr. Enrico Imoda, não quizemos deixar de dizer algo sobre a obtenção das photographias espiritas, denominadas por este scientista em seu livro, com as mesmas expressões que elle utilisou para intitular a sua obra : FOTOGRAFIE DI FANTASMI ou seja «Photographia dos Phantasmas.

⁂

O livro do Dr. Enrico Imoda é uma obra de valor.

O illustre sabio italiano, que desappareceu prematuramente do mundo terrestre, devido a uma enfermidade violenta, que zombou de todos os recursos da sciencia, fez experiencias systematicas, com a mais rigorosa fiscalisação, por espaço de mais de dois annos consecutivos, obtendo muitas photographias, destacando dentre estas quarenta e sete que reproduz no seu livro.

A obra do Dr. Imoda contém 254 paginas em superior papel de linho, e as photographias, em vez de serem reproduzidas em papel glacé, como se costuma imprimil-as, são reproduzidas em papel ao bromureto de prata copiadas directamente dos negativos-originaes obtidos nas sessões. Esse trabalho foi feito pelo sr. G. Simmoni com o apparelho *Taki-Brom* de sua invenção, a expensas dos editores de dicto livro, srs. Fratelli Bocca, Torino, Italia, que o guardam como propriedade litteraria.

A obra do Dr. Enrico Imoda, traz um bello prefacio do Prof. Charles Richet, que obteve tambem diversos phenomenos com a mesma medium, além de algumas provas photographicas, e encerra com uma carta do Sr. Guillaume de Fontenay, vice-presidente da secção de Paris da «Société Universelle d'Estudes Psychiques».

Para que os leitores melhor apreciem o valor de dicto livro vamos transcrever alguns trechos do Dr. Richet :

— »Eis aqui um livro que não contém theorias nem hypotheses. Raro merito com que se distingue de outros que tem o mesmo fim mas se ensombram de dissertações pueris e logomachias vans.

«O autor desta obra não teve a extraordinaria pretenção, muito commum, de querer resolver um dos enygmas do universo. Elle disse sobriamente, mas completamente o que viu ; e expoz o seu methodo de experimentação. Nada mais.

«E. Imoda não teve a felicidade de vêr sua obra. A morte impiedosa fez desapparecer antes da hora este sabio leal e enthusiasta, que cercava suas experiencias com tanto rigor quanto ardor e nos deixa um grande exemplo de paciencia.»

Referindo-se ás explicações que se pode dar a taes phenomenos diz o Prof. Charles Richet :

— «Duas unicas hypotheses são possiveis : ou ellas são resultado de fraude, ou representam um phenomeno verdadeiro.

Ora a fraude é de duas especies: ou como tem acontecido muitas vezes, uma fraude photographica; ou ainda uma fraude devido a introdução (no curso da sessão) pelo medium ou por uma pessôa extranha, de imagens, manequins, mascaras cuja placa photographica reproduziu fielmente as formas.

Dr. ENRICO IMODA em seu gabinete de trabalho

A hypothese de uma fraude photographica é absurda: com effeito, as mais das vezes existiam tres apparelhos recebendo instantaneamente a imagem do phenomeno: algumas vezes quatro e em certos casos cinco. Haviam stereoscopios, o que exclue logo toda a possibilidade de um truc photographico. Imoda mesmo desenvolveu suas placas: os assistentes são visives na posição em que se achavam no momento em que o clarão do magnesio se fez. Concluindo, é absolutamente impossivel suppôr que as imagens representem outra cousa do que as que o magnesio illuminou no momento da explosão.

Assim, uma fraude grosseira, a fraude photographica, fica absolutamente eliminada; não se deve insistir nesse ponto.»

O Professor Richet continúa estudando outras hypotheses de fraude e conclúe pela inacceitação da fraude nos factos obtidos pelo Dr. Imoda: «Resumindo: não ha prova alguma de fraude: todas as provas são contra a fraude.»

O Prof. Richet faz referencia ás experiencias de Crookes, de Aksakof, de Lombroso, Bottazzi e Morselli, assim como lembra as suas experiencias na Villa Carmen e termina : «definitivamente e irrevogavelmente os fantasmas apparecem e se os pode photographar ; este extranho phenomeno permitte se entrever um mundo de factos novos.»

Quanto á explicação o Professor Richet prefere não dal-a de especie alguma.

E assim conclúe o seu escripto : «Qual será a ultima explicação ? Que theoria pode se dar a estes factos ? Eu ignoro e me resigno ignorar. Faltam-nos elementos para construil-a ; a paciencia e o genio do homem alcançal-a-ão sem duvida».

⁂

As experiencias do Dr. Enrico Imoda, como se vê, são de grande importancia e dignas de serem imitadas por todos os que procuram as provas da immortalidade. Mas essas experiencias precisam ser systematicas, feitas com a maxima constancia e por longo tempo. Aquelles que julgam obter d'um momento para outro o resultado que desejam, nem devem fazer experiencias. Estas se fazem por séries consecutivas, em dias, horas e local determinado, sempre com as mesmas pessôas, excluindo-se absolutamente a intromissão de extranhos que, em geral, só servem para perturbar esses trabalhos.

Vamos aproveitar a opportunidade e transcrever alguns trechos do Dr. Imoda, no seu prefacio ao livro que deu á publicidade.

— «O trabalho que apresento ao publico, depois de grande excitação e má-vontade, é o resultado experimental de uma longa e laboriosa serie de sessões mediumnicas, continuadas regularmente n'um periodo de mais de dois annos com o fim preciso e exclusivo de acertar com a photographia, a objectividade real dos phantasmas.

Eu bem sabia que tal escopo era possivel : porque o chimico inglez sir William Crookes já o havia obtido ha trinta e seis annos. E' verdade que alguns criticos duvidaram da authenticidade de taes resultados : mas eu sempre julguei que no campo positivo da experimentação, a affirmação de valor, categorica, explicita de um observador honesto é capaz deve ser preferida á de muitas pessoas, embora respeitosas mas que contestam os factos de que foram testemunhas.»

LINDA GAZZERA — A Medium

E assim conclúe o Dr. Imoda :

— « O resultado positivo coroou, não sem grande trabalho, as experiencias : as photographias que aqui apresento, são os fructos de mais de dois annos de pacientes provas e experimentações em centenas de sessões, effectuadas com a maxima regularidade, a razão de tres por semana, com o mesmo circulo de estudiosos. Durante muitos mezes sem proveito colloquei a machina a espera do phenomeno. A luz do magnesium feita ao signal da medium nada mais reflectia senão as nossas imagens. Entretanto nos parecia impossivel, a mim e aos meus companheiros de estudo que as «stereoses» mediumnicas, mãos e principalmente rostos que appareciam em plena obscuridade, não se pudesse photographar á luz reflexa, como os corpos vivos, verdadeiros e reaes.

«Mas afinal, depois de um anno de espera, começaram os resultados positivos, e são estes resultados que offereço ao exame dos estudiosos e dos competentes na materia.

«Nunca percebi um truc, um erro nas condições que me foram dadas experimentar.

«Tive sempre a mais ampla e illimitada liberdade de fiscalisação : a sala da sessão, o gabinete mediumnico, os moveis do mesmo, a machina photographica, a lampada do magnesio foram preparados e dispostos directamente por mim e sob a minha vigilancia. Tendo me sido reservada a direcção da sessão, examinava o local antes e depois da mesma. Só julguei de bôa delicadeza para com a medium não offendel-a assistindo pessoalmente a troca da roupa antes e depois da sessão. Esta vigilancia ficou sob a acção da dona da casa, a qual gozava de toda minha confiança.

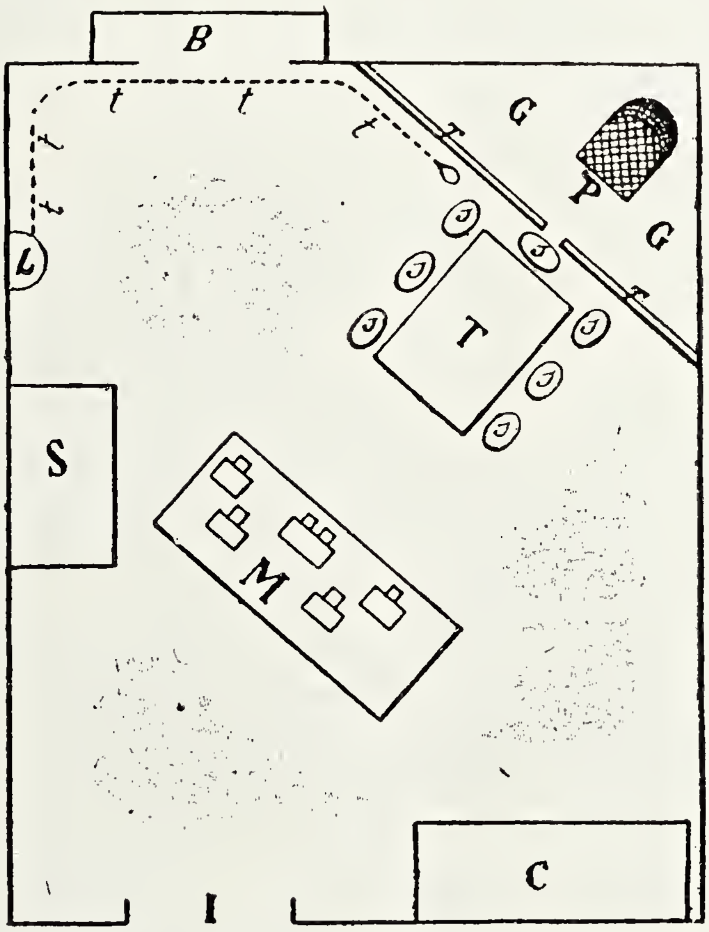

SALA DAS SESSÕES

B. Balcão — C, Mesa — G, Gabinete — I Porta d'ingresso — L, Modilhão para apparelho do magnesio — M. Machinas photographicas — P. Poltrona de vime — s, Cadeiras — S, Estufas — T, Mesa mediumnica — tttt. tubo de borracha com pera pneumatica (para ascenção do magnesio).

«Taes foram as condições de fiscalisação, com que obtive as seguintes photographias.

«Os factos e photographias que aqui publico, embora incomprehensiveis e extranhos, são phenomenos genuinos, verdadeiros, reaes.»

* * *

Linda Gazzera é o nome da medium, com o auxilio de quem o Dr. Imoda obteve os phenomenos que trata no seu livro.

E' uma senhorinha de vinte e tres annos, estatura normal, cabellos pretos abundantes, sobrancelhas cerradas, olhos grandes e vivos, de bom physico.

O Dr. Imoda faz uma descripção phisio-psychologica da medium, comparando-a ora com Eusapia Paladino, ora com Miss. d'Esperance, quando lembra os phenomenos produzidos com o auxilio de uma ou outra.

Depois de um estudo sobre a medium, o illustre sabio italiano dá a planta-schematica da sala onde se realisaram as sessões, em casa da Marqueza de R. (esta senhora quiz se conservar incognita talvez para evitar massadas). A sala é rectangular, tem seis metros de comprimento por quatro de largura, cuja planta se vê no *cliché* que reproduzimos.

O gabinete mediumnico está collocado num angulo e as paredes são núas; entre as duas paredes foi collocada uma travessa de madeira para supporte de uma cortina preta ; no alto um forro da mesma fazenda. No gabinete foi posto um pequeno banco com flores, lapis, etc., uma poltrona de vime. A lampada do magnesio repousa sobre uma mesinha e sobre a mesma lampada um longo tubo de borracha segue a extensão da parede terminando na pêra pneumatica que fica sob a acção do director da sessão. O controle é feito pelo Dr. Imoda e a Marqueza de R. ; esta fica á esquerda da medium, e aquelle á direita. Os presentes formam uma cadeia com as mãos; fóra destes fica um dos experimentadores com uma lampada vermelha de photographia, abre o chasiss e a objectiva das machinas e entra novamente na cadeia.

A entidade guia das sessões deu o nome de «Vincenzo» ; é sob a sua palavra que tudo se faz.

⁂

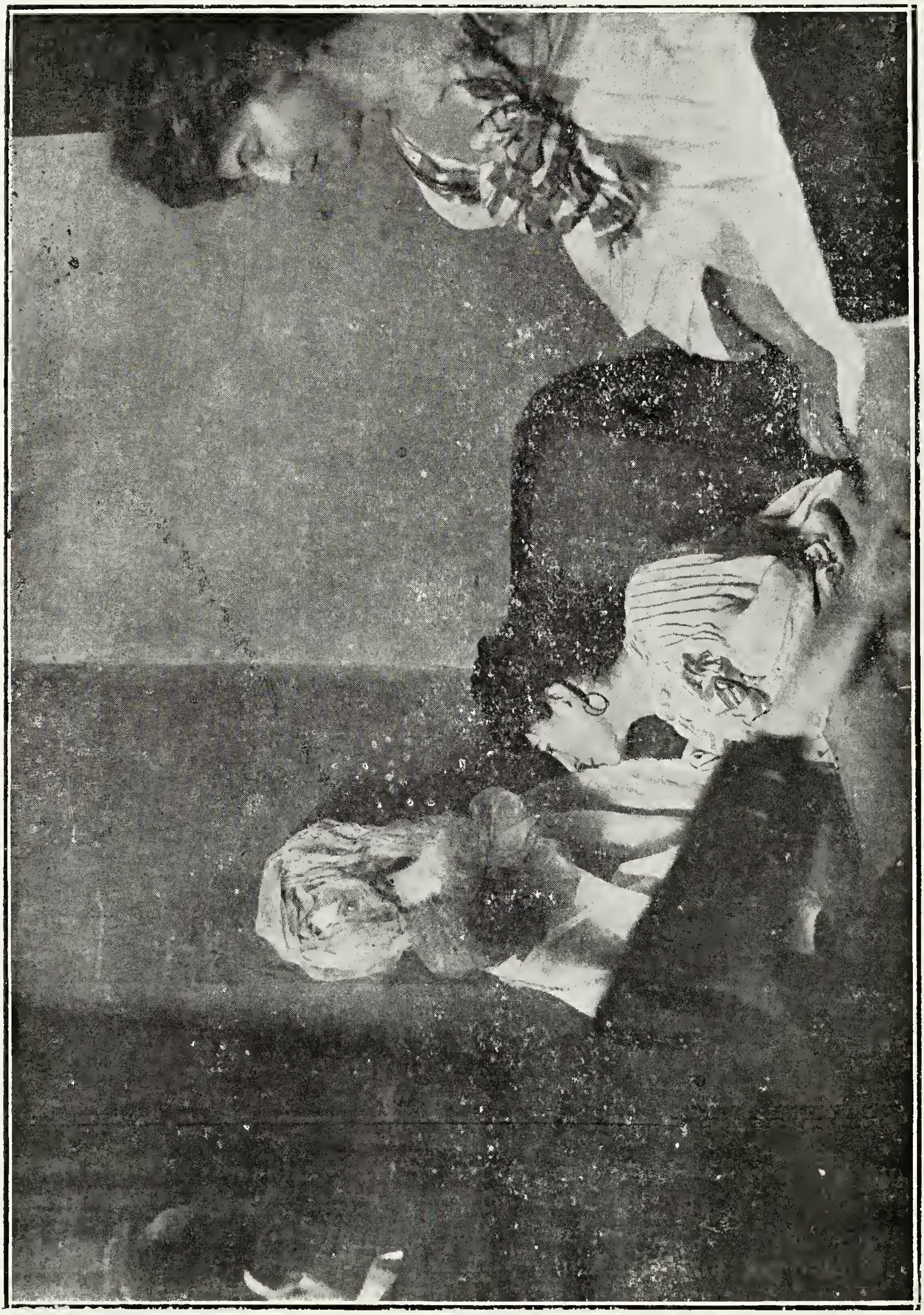

SESSÃO DE 28 JUNHO DE 1909

(DA NEGATIVA 13 x 18)

Os phenomenos obtidos com o auxilio da medium Linda Gazzera, não se limitam á photographia : effeitos physicos, transportes, movimentos de objectos, levitações, materialisações tambem consubstanciaram essas memoraveis experiencias.

Nos limitamos, está visto, á transcripção do relato de uma unica sessão, que é justamente a que justifica ou faz referencia aos *clichês* que reproduzimos, mas julgamos de bom alvitre passar tambem para estas columnas, para dar uma idéa mais nitida do trabalho do Dr. Imoda, duas cartas dirigidas a este illustre experimentador, pelo Professor Charles Richet que, como dissemos, tambem fez experiencias com a interessante medium. E na mesma obra «Fotografie di Fantasmi», o Dr. Richet, além do seu prefacio, relata as suas experiencias com Linda Gazzera, bem como reproduz as bellas photographias que, por intermedio d'esta, obteve, photographias estas confiadas a sua revelação ao sr. Guillaume Fontenay.

* * *

Sexta-feira á noite, 16 de abril 1909

Meu muito presado amigo, (*)

Eis-me chegado a Paris ha 48 horas. Fomos bem de viagem. Linda está de perfeita saúde e nós tivemos uma sessão muito interessante esta segunda-feira á noite. Eis uma breve resenha.

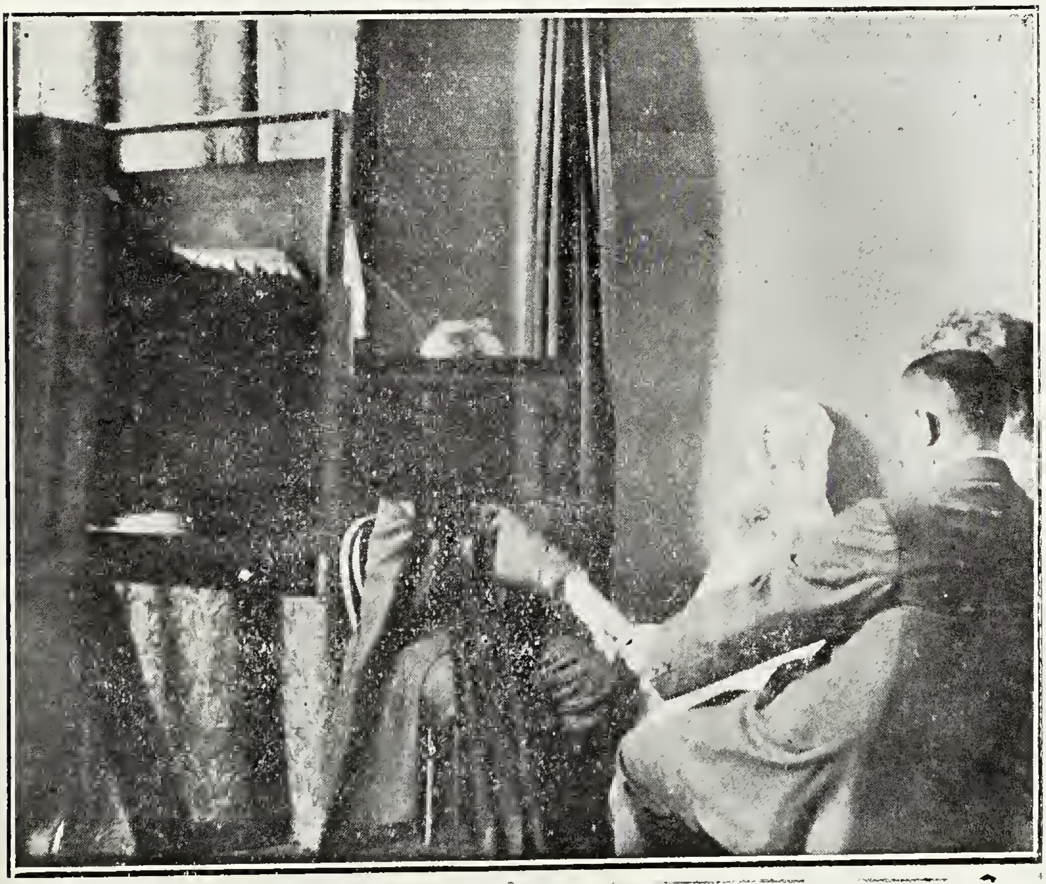

SESSÃO DE 28 DE JUNHO DE 1909

DA NEGATIVA 9 x 12

PRESENTES : Charles Richet, Charles Richet Filho, Mme. Richet e Mmlle. F., eu á direita de Linda, Charles meu filho á esquerda. Obscuridade completa. Decurso da sessão—de 9 h. 30 á 9 h. 50.

Durante todo o tempo eu tive a mão direita do medium sem deixar e sem que ella fizesse esforço para tiral-a. A sua mão esquerda esteve tambem sem interrupção mantida por meu filho Charles. Então, por diversas vezes, verificou-se movimentos de objectos ahi collocados por ultimo.

Golpes muito fortes sobre a mesa. Uma forma indeterminada passou sobre a perna, o tronco e a axilla do meu filho Charles.

Um pequeno objecto de musica (rotação desordenada) rodou no ar brincando. Uma almofada e o panno da cortina foram deslocados.

Como esperavamos obter photographias, não fomos muito exigentes no controle dos pés e da cabeça de Linda.

Nós e «Vincenzo», tanto quanto possivel, nos entendemos. Amanhã com uma Italiana que por acaso está em minha casa, teremos sessão. Ella é ama d'uma das minhas netas, e, minha filha estando em viagem, *Argentina*, está em nossa casa. Além de Argentina (combinamos com «Vincenzo») nós teremos M. Fontenay e tiraremos photographias. Fontenay é um habil photographo. «Vincenzo» nada prometteu para amanhã : elle ensairá, mas duvida.

Estou resolvido a continuar as sessões sem admittir outras pessoas ; porque não ha necessidade, quer sejam credulas, ou scepticas, e *é preciso* que hajam photographias. Eu ainda não revelei as phographias do meu veroscope (1) : Fontenay é que vai fazer esse serviço.

Agradecido mais uma vez, meu mui caro amigo, pela vossa fiel e encantadora amisade. Os dias que passei comvosco deixaram-me uma grande e forte impressão.

Crede-me para sempre vosso muito afeiçoado

CHARLES RICHET

(*) *Carta do Prof. Richet ao Dr. Imoda.*

(1) *Photographias tiradas com o Prof. Richet em Turim.*

* * *

Quarta-feira, 21 de abril de 1909

Caro amigo,

Tivemos neste instante uma bellissima sessão. Eis aqui o relato summario: guardai-o porque eu não farei outro.

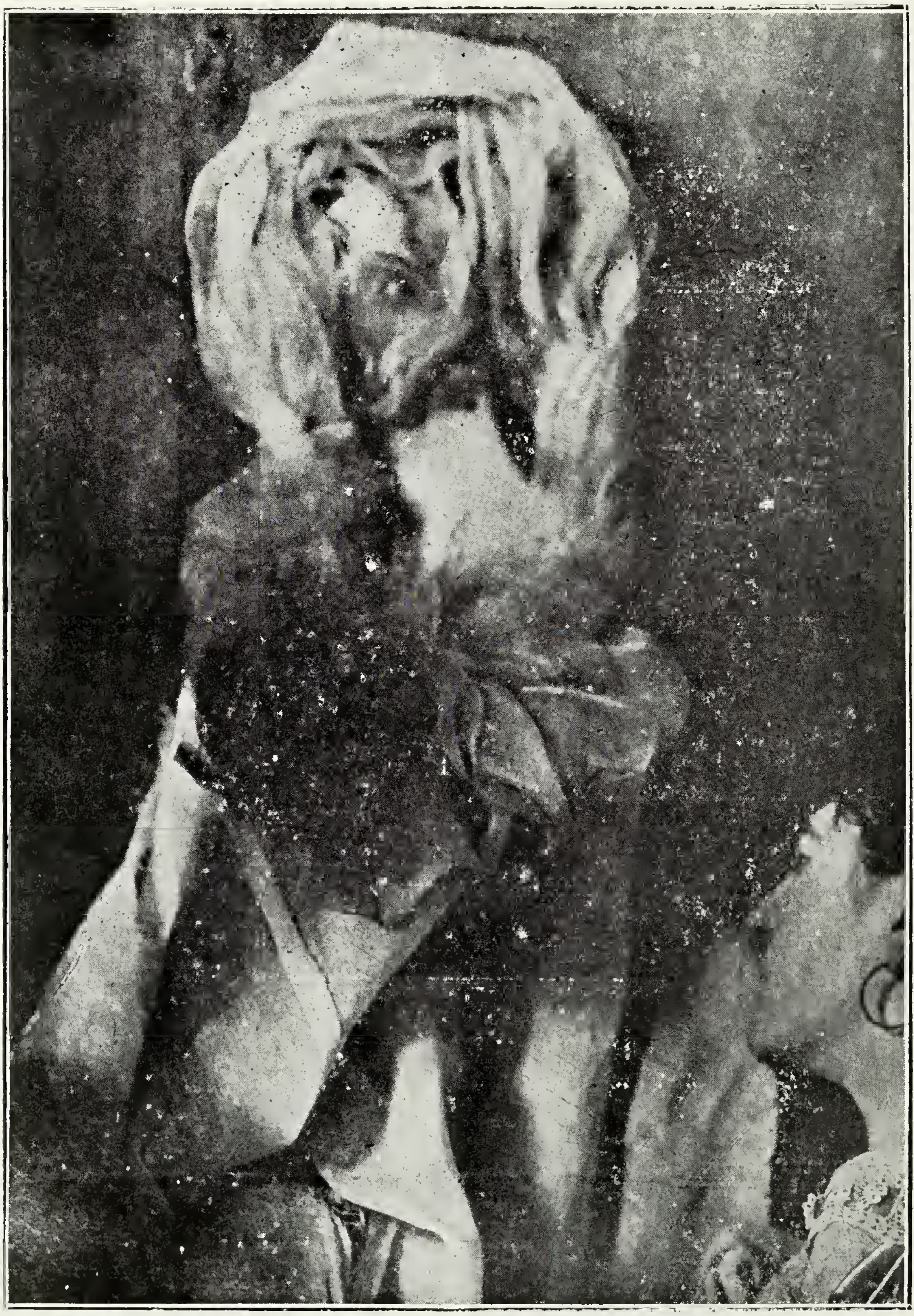

SESSÃO DE 28 DE JUNHO DE 1909 (DA NEGATIVA 30 x 40)

PRESENTES: Mme. Ch. Richet, Ch. Richet, Fontenay, Argentine: eu á direita, Fontenay á esquerda. Sessão de 9 h. 30 ás 10 h. 5.

Durante todo o tempo, sem interrupção, *sem uma só* interrupção, eu mantive solidamente, admiravelmente, resolutamente a mão direita e talvez trinta ou quarenta vezes o constatei, pondo a mão sobre a outra mão de Linda que Fontenay mantinha perfeitamente.

Todo o tempo da sessão, mesmo no começo antes que o transe de Linda se declarasse, houve movimentos de objectos. O instrumento de musica deu uma volta: um cachimbo que estava atraz de Linda, foi posto na minha bocca.

Alguns momentos depois este cachimbo foi tomado (obscuridade absoluta) e atirado com força no meio do quarto.

Emquanto eu mantinha as duas mãos de Linda, uma força grosseira, pesando sobre mim dava-me golpes violentos nas costas da mão.

Uma vez senti como a pressão d'uma mão se agitando atraz da cortina, golpes violentos foram batidos na mesa (emquanto eu mantinha as duas mãos da medium) parecia um punho (tendo um objecto ou não o tendo) que batia na mesa diante de mim.

Breve, deu-se a materialisação de uma cousa forte, grande, batendo com vigor (Fontenay que estava á esquerda foi muitas vezes e mais violentamente batido que eu, emquanto que mantinha solidamente a mão esquerda da medium) que não poude ser posta em duvida. «Vincenzo» fallou d'um «doudo do hospicio» (?)

Uma photographia foi tirada que parece bôa, nos disse «Vincenzo».

Mas infelizmente nos faz crêr que não obteremos outras.

A segunda photographia foi desenvolvida; é muito bonita. A mão está bem materialisada. Vê-se as unhas e todas as phalanges. Quatro dedos. Ella está envolta de uma fita, d'um tecido que Linda não tinha. O extraordinario é um fio que parece branco, uma especie de haste — será um *radius* em formação? — sahido da parte porterior da cabeça de Linda.

Enviai-me a prova em dispositivo da nossa ultima experiencia em Turim.

Não vos remetto ainda as figuras (admiraveis) das nossas tres experiencias em Paris, porque Fontenay não teve tempo para fazer as reproducções.

Vêde — nós não perdemos tempo.

CHARLES RICHET.

⁂

Sessão de 28 de Junho de 1909

Em Casa da Marqueza de R.

MEDIUM: Linda Gazzera.

PRESENTES: Marqueza de R., sr. Demaison e Dr. Imoda E.

FISCAES: Marqueza de R. e Dr. Imoda.

CONDIÇÕES PHYSIO-PSYCHICAS: Optimas.

DECURSO DA SESSÃO: A Marqueza de R. antecipou a sua chegada á Turim e avisou ao Dr. Imoda poucas horas antes da sessão.

Pois «Vincenzo» tendo promettido a photographia para a primeira sessão em que a Marqueza de R. estivesse presente, Imoda dá providencia para que se possa conseguil-a. São collocadas cinco optimas machinas, entre as quaes uma grande machina Suter (30 x 40), quatro são dispostas em semi-circulo á distancia de 2,40 do gabinete.

Uma mais longe para apanhar ao mesmo tempo o grupo das machinas e o circulo dos experimentadores.

A Marqueza de R. diz que fica agradecida a «Vincenzo» si puder voltar para a casa com a sua photographia. Uma mão materialisada se sente distinctamente bater em signal de amizade sobre seu hombro. A medium ainda está despertada.

Apenas a medium entrou em transe «Vincenzo» declara que este é o ambiente ideal para a photographia e dá as costumadas ordens para que se a obtenha.

Demaison transporta a mesa e emquanto Imoda colloca no gabinete a unica cadeira de vime a Marqueza mantém sentada sobre os seus joelhos a medium.

Sentada ella sobre a poltrona: ouve-se a sua respiração mais frequente, profunda, rumorosa, e sente-se o ringir caracteristico dos dentes.

Depois de trez ou quatro minutos dá o signal de abrir a cortina e logo depois ordena o fogo. Ninguem viu traços de materialisação.

O Dr. Imoda restitue á medium a sua cadeira e ella entra no circulo. «Vincenzo» (*) declara que a photographia sahiu: materialisou-se uma bellissima moça de dessete annos, muito ruiva: traz nas orelhas umas bixas de brilhante e o peito descoberto segundo a promessa que fez na precedente sessão.

«Vincenzo» interrogado declara que não conhece a moça photographada: disse que nunca a viu durante a sua vida terrena e só pela primeira vez viu-a no mundo dos espiritos. Perguntado porque a havia feito photographar-se, responde: Não sei, eu obedeço a uma força desconhecida.

Depois proseguem os phenomenos physicos, a força esta noite é intensa: succedem-se numerosos prolongados tocamentos, se constata expressamente a presença de quatro mãos, em movimento, simultaneamente:

1.º O som do tamborzinho no ar:

2.º Abalo violento da cadeira e do gabinete;

3.º Batidos de mão aberta nas costas do Dr. Imoda;

4.º Batidas de mão aberta nas costas da Marqueza de R.

(*) «Vincenzo» é o Espirito Guia das Sessões.

Durante taes phenomenos a fiscalisação era irreprehensivel.

Depois um corpo enorme, volumoso se agitou pelo ar, crepita e desce do alto pousando sobre a cabeça do Dr. Imoda! nada mais é que a poltrona de vime do gabinete que roda no ar.

«Vincenzo» ordenou despertar a medium.

Acceso o gaz, observamos attentamente a medium, que por meia hora, ficou entre nós, vestida ainda da ligeirissima tunica que deixava vêr todas as formas do seu corpo e não a permittiria esconder o minimo objecto, e por dever de relatores conscienciosos, examinamos o gabinete e toda a sala. Os véos que serviram para materialisações jazem no sólo dispersos. Não se descobre cousa alguma suspeita.

Tudo foi examinado pelo sr. Demaison na presença do Dr. Imoda.

A photographia foi obtida. «Vincenzo» manteve plenamente a sua promessa.

Chronica Extrangeira

A Espiritualisação dos povos parece projectar as suas primeiras claridades no velho mundo. Não ha duvida que um trabalho persistente e proficuo se faz em toda a parte e, principalmente na Europa, todas as forças se reunem e se agitam auxiliando esse grande emprehendimento que marcará uma nova phase para o nosso planeta.

Todos os grandes homens até os mais obstinados materialistas tomam parte nas luctas intellectuaes, discutindo problemas que se acham intimamente ligados á personalidade humana e aos seus futuros destinos. E desse choque de idéas vai se fazendo a luz que illumina a vida com as suas vicissitude extranhas.

Diversos estudos prendem actualmente a attenção dos nossos pensadores.

Ora são as «radiações cerebraes» do Prof. Cazzamali, de que esta revista já tratou num bem fundamentado artigo do Dr. Andry, e que estão merecendo a discussão e a critica de diversos confrades; ora a proclamação da theoria da «consciencia universal» do Dr. Jaworshi, theoria materialista que em duas pennadas foi batida por Jean d'Ossau que diz não se satisfazer com a opinião optimista de M. Bertal, outro contendor que vê no Dr. Jaworshi um alliado espiritualista.

A «consciencia universal» do Dr. Jaworshi, de facto, é um absurdo; negar a «individualidade biologica» que o illustre pensador julga ser *illusoria*, negar a sobrevivencia psychologica» e crêr na existencia integral da «consciencia universal»!

A seu turno o «duelo dos dois Arthur», sir Conan Doyle e sir Arthur Keit continúa a produzir nos espiritos grande interesse para o estudo dos factos espiritas. Afinal, aos poucos, vão comprehendendo que a ortodoxia scientifica não passa da proclamação de vãs e solemnes formulas e de negações *extra-cathedra*.

O facto é que nós presenciamos o alvorecer de um novo dia em que a razão liberta dos prejuizos se illumina pela concepção da verdadeira situação do homem na terra.

Uns conscientemente, como propugnadores de uma idéa nova que vem reformar o mundo, outros inconscientemente, talvez visando interesses subalternos; entretanto, todos, uns e outros, vêm concorrendo com o seu trabalho para o erguimento deste grande monumento que abrigará a humanidade inteira.

O chronista exulta desde já por vislumbrar esses albores, e aproveita a opportunidade para se congratular com os collaboradores e amigos desta revista, pelo seu primeiro anniversario, que tambem representa uma insignificante pedrinha na construcção de tão almejado edificio,

AS MESAS RODANTES

O sr. E. F. Owen, de Nova Zelandia, enviou a «*The Harbinger of Light*», de Melbourne, a resenha do interessante facto que transcrevemos com todos os commentarios do missivista.

— «Meu filho, R. W. O. assistia a uma sessão em que se utilisava da mesa, e na qual tomava parte uma moça, (que é actualmente sua esposa) Miss A. Elle era mais propenso á curiosidade do que ao estudo.

Poucos momentos após, a mesa deu o nome Lionel A. (Este moço era um irmão da pessôa acima designada). Exercia a profissão de conductor de «Tramway em Wellington (Nova Zelandia) e morrera ha 3 ou 4 annos dum accidente.

Eis o dialogo que se estabeleceu por meio da mesa:

— Estou inquieto devido a uma apolice de seguro de vida.

— Que seguro de vida? Que apolice? Podeis-me offerecer alguns dados a estes respeito?

— Eu não estou bem certo se paguei todas as prestações. Poderieis me informar?

— Qual era o valor da apolice?

— Cem libras.

— Nós vamos indagar.

Toda a familia estava, nessa occasião, presente em casa, mas em outra sala. Foi-se-lhes perguntar se elles sabiam alguma cousa sobre essa apolice de segurança de vida. Todos declararam nenhum conhecimento terem sobre isso e nem Lionel lhes falara de tal apolice.

Voltamos á mesa e o dialogo recomeçou com o «defunto»:

— Amigo, podeis nos dizer onde encontraremos a apolice que vos preoccupa?

— Sim, ella está num velho pavilhão, no fundo do jardim, sobre o angulo direito da segunda prateleira da bibliotheca, e entre um monte de papeis velhos.

— Poderiamos achal-a?

— Certamente que sim.

Isto passou-se em plena noite. Munidos de uma lanterna os jovens foram ao lugar indicado fazer as pesquizas. Encontraram a apolice que estipulava, de facto, cem libras.

Infelizmente um inquerito feito no escriptorio da companhia de seguros demonstrou que as primeiras annualidades não tinham sido pagas nos prazos determinados, embora estivesse nullo o contracto.

Eu vos envio este relato authentico para servir de provas para os que ainda duvidam do papel que representam os espiritos desincarnados entre os vivos. Confio que tambem elle auxiliará outras pessôas, mais scepticas, a reconhecerem, ao contrario do que dizem, que a «mesa rodante» não é um brinquedo de criança e de suggestionados, e que, pelos serviços que tem prestado, este meio de communicação com os mortos, merece um lugar dentre os respeitaveis, que nos permittem fixar um ponto entre este mundo e as espheras espirituaes, onde continuam a pensar em nós, aquelles que nós amavamos.

PHOTOGRAPHIA ESPIRITA

Com a epigraphe «*Uma morta photographada sobre seu tumulo*» a «Revue Spirite» assim relata o facto com os commentarios que subscrevemos:

— «Os casos de photographia espirita se tornam cada vez mais notaveis no mundo, e nos parece que esta mediumnidade admiravel tende a se desenvolver em muitos paizes. Talvez num futuro bem proximo possamos dizer que na França, esta faculdade começará a se manifestar de modo mais nitido que no passado. Esforçamo-nos agora para reunir elementos que sejam de natureza, um dia, a confirmar esta declaração, cujos elementos serão provavelmente procurados, embora não nos alimente actualmente mais que uma confiante esperança.

O *South Australien Advertiser*, de Adelaide (Australia), menciona um caso, dos mais curiosos, de photographia n'um cemiterio. O sr. S. C. Barty seguio de Adelaide para Kadina, uma pequena cidade, onde foi passar as suas ferias. Elle levou sua machina photographica e uma pessoa de referida cidade, pede-lhe para tirar a photographia do tumulo de uma mulher falecida ha dois annos para mandar aos membros da familia que moravam longe. O sr. Barty accedendo ao pedido, vai ao cemiterio pouco antes de sua partida para Adelaide, tira a photographia, logo após de haver collocado no tumulo algumas flôres e... volta para sua cidade, onde, logo que chega, revela a chapa obtendo tres bellas provas. Enviou-as á Kadina, d'onde os amigos e conhecidos se encarregaram de remetter a photographia aos diversos membros da familia da morta.

Passado algum tempo, o sr. Barty, recebe cartas cheias de admiração que dizem : «Mas porque meio conseguistes fazer apparecer nesta photographia a propria physionomia da morta ? Elle fica intrigado com os dizeres da carta, procura a prova que tinha em seu poder e constata que, de facto, perto das flores e da cruz, um rosto muito nitido pelos seus traços, typico pelas roupagens que completavam a figura, se retrata de perfil incontestavelmente. E fica admirado por ter tirado o retrato de uma mulher, morta ha 24 mezes, mulher que elle nunca viu e a mesma sobre cujo tumulo havia collocado as flôres !

Sem duvida elle é um medium photographo !

Taes experiencias são necessarias para encorajar aquelles que possuem o explendido *dom* dos Hope, dos Deane e dos grandes mediums com o auxilio dos quaes os «mortos» vêm pousar para se retratatarem.

Perseverar, perseverar ainda, é a lei dos intrepidos ! Não será demais repetir esta sentença quando se quer merecer uma faculdade que, para o que a obtêm é uma divina recompensa, e para o que a constata é uma prova divina !

DISTINÇÃO DE TERMOS

O *Observer* publicou uma carta de um seu collaborador, digna de menção. Eil-a :

— «Eu não duvido, absolutamente, que certos sensitivos tem, muitas vezes, sentido a presença de sêres invisiveis que lhes foram caros. Por minha vez já os tenho sentido e visto. Falei com meu pae já fallecido e passeei com elle em meu quarto. Eu sabia muito bem que elle não era senão um Espirito ; elle abraçou-me e apertou-me a mão. O que aconteceu não é o resultado de uma allucinação, mas sim um facto certo e real. Chamar um Espirito bem amado de *phantasma* é insultal-o. *Phantasmas*, no meu modo de pensar, são aquelles seres que foram perversos durante a sua existencia terrena. Mas os bons Espiritos, aquelles que foram rectos e sinceros, aquelles que protegem os sobreviventes que choram, não podem ser qualificados com o mesmo nome.»

AUDIÇÃO DE SEIS VOZES

Ha pouco tempo os adversarios do Espiritismo se aproveitaram de um caso de ventriloquia, de que fizeram tanto alarde, para affirmar que todos esses phenomenos de «vózes directas« não passam de producções ventriloquias.

Mas como produzir por este meio a manifestação de muitas vozes simultaneas, por exemplo, como têm sido ouvidas por vezes, em diversas reuniões.

Sobre este facto aproveitamos o testemunho autorisado do sr. R, H. Saunders, cuja narrativa que segue, extrahimos da *Light* :

— ‹Ouvimos seis vózes ao mesmo tempo: Dois Espiritos dialogavam n'um idioma para nós completamente desconhecido, e um terceiro se manifestou dizendo : ‹Ouvis o que elles fallam ?› Eu respondi : Perfeitamente, mas não comprehendemos uma palavra. ‹E' logico, replica o Espirito, elles falam um antigo idioma egypcio, desusado hoje.

Um dos ‹Egypcios› exprimia-se em vóz profunda e sonora, e o outro respondia num timbre manifestamente feminino. Neste momento, um amigo, que eu tinha convidado para assistir á sessão, e que, pouco antes, havia recebido provas de identidade e salientes do Além tumulo, disse á minha mulher : ‹Não é isto extraordinario ? Ouviste o que este espirito me disse ?» — ‹Perfeitamente, palavra por palavra.»

Então na mesma occasião seis vozes se fizeram ouvir : as dos dois Espiritos em sua linguagem enygmatica, a do terceiro Espirito que prendia a minha attenção, a do meu amigo, a de minha mulher e a minha.›

UM CASO DE “POLTERGEIST”

O «*Journal*» *do Britsh College of Psychic Science* faz menção de interessantes phenomenos de «assombração» (poltergeist), verificados em diversas casas em que tem residido Miss Gwynne. Trata-se, não ha duvida, de uma poderosa medium, com o auxilio da qual, se produzem phenomenos de telekinesia. Oscillações de mesas, levitações sem contacto e outros phenomenos violentos e ostensivos, sempre se têm verificado onde essa moça se acha. A' sua approximação diversos quadros que se achavam presos á parede cahiram, quebrando-se.

Diz o *Journal* que nos ultimos dias de abril do anno pp. referidos phenomenos se manifestaram de maneira assombrosa. As cadeiras, molheiros, vasos, bacias, pratos, mesas, bufets, chaleiras, caixas de chocolate, cestas de papel (estas eram elevadas e fluctuavam a uma altura de quatro pés) executavam dansas variadas.

M. Hevat Mckenzie fez uma «enquête» sobre Miss Gwynne e providenciou para que ella fosse internada no *College* onde melhor verificaria os factos. Assim aconteceu, verificando-se phenomenos estupendos, sendo transcriptos os seus relatos no *Journal*.

Miss Gwynne tem 20 annos, o seu physico é bom e é dotada de intelligencia mediana.

O que mais chegar ao nosso conhecimento, transmittiremos aos leitores.

EXPERIENCIAS DO MEDIUM OSSOWIECKI

A «*Revue Metapsychique*», num relato firmado pelo seu director Dr. E. Osty, iniciou a publicação de experiencias feitas por diversos scientistas com o famoso medium Stefan Ossowiecki.

Esse primeiro documento contém apreciações do Dr. Charles Richet Filho, dentre outras não menos interessantes.

Um dos documentos do Dr. Osty, assim relata :

— «*Paris, 3 de novembro 1925*

M. Ossowiecki, de passagem por Paris, esteve na noite de 3 de novembro no "Institut Metapsychique".

Durante uma conversação com o Professor Santoliquido e eu, elle disse ao Professor: "Tomai da vossa carteira, um cartão de visita, fazei em baixo um desenho. Fechai-o num enveloppe. E chamai-me quando estiver tudo prompto. Eu direi o que vós desenhastes".

O Professor ficou só no salão, todas as portas fechadas, M. Ossowiecki ficou num compartimento visinho mas sob as minhas vistas, com as costas voltadas para a porta que o separava do salão.

Passados alguns momentos, M. Santoliquido chama M. Ossowieki e entrega-lhe o envelloppe collado, de typo opaco, do Instituto Metapsychico.

M. O. colloca immediatamente suas mãos para traz de seu dorso, apertando nervosamente o enveloppe que não olha um só instante.

Depois de alguns instantes diz: "Vós não fizestes um desenho, como eu vos tinha pedido... escrevestes uma palavra... em italiano..."

Passam ainda alguns segundos. «...Vós escrevestes Fran... Francesco..., eu quero escrever sobre um pedaço de papel, a mesma cousa que vejo...»

O Dr. Osty reproduziu em cliché referidos documentos : o escripto do Prof. Santoliquido e a de Ossowiecki, que são muito semelhantes.

«M. Santoliquido toma o enveloppe das mãos de Ossowiecki e constata estar elle perfeitamente fechado.»

Eis uma bonita experiencia de clarividencia.

Trabalhai pela independencia da theoria-espirita, suffocada pelo preconceito sectario, e pela sciencia-materialista». Esta sentença e recommendação resume as deliberações do ultimo Congresso Espirita Internacional, de Paris.

E'cos e Noticias

Pelas revistas e jornaes espiritas, espiritualistas e metapsychicos que temos recebido, podemos affirmar que o movimento espirita se intensifica em toda a parte. E' pena entretanto, que a maioria dessas publicações enchendo as suas columnas de artigos, verdade seja que bem interessantes e substanciosos, se tenham esquecido os seus directores de uma pagina, que nos parece indispensavel, a dar conta dos factos que vão occorrendo em seus paizes.

Esta secção, redigida com todo o criterio, orientaria muito e facilitaria, ao mesmo tempo o trabalho que cada um de nós deve ter, de fazer repercutir no mundo todo, o progresso que o Espiritismo vai fazendo em toda a parte.

Um jornal ou uma revista não se deve compôr unicamente da parte doutrinaria e scientifica, mas deve abranger, não só os factos que se vão observando na nossa circumscripção, como tambem o movimento propagandista que se vai operando.

Ahi fica o nosso appello aos distinctos confrades e collegas da imprensa, inspiração que recebemos com a maxima docilidade do chefe da «Chronique Etrangère» da *Revue Spirite*, e temos nos esforçado para pol-a em pratica.

Solicitando a benevolencia de todos por essa «exigencia» que redundaria a sua execução em beneficio do Ideal que propagamos, aproveitamos o ensejo para levar aos confrades de além-mar os nossos saudares fraternos.

FRANÇA

Na «Maison des Spirites» continuam a effectuar-se com a maxima ordem os trabalhos de propaganda, e bem assim os estudos theorico-praticos do Espiritismo.

——— M. Delanoue iniciou, nesta associação parisiense um *curso de Esperanto*, que funcciona ás quintas-feiras, ás 16 horas. M. Delanoue dá a este idioma, em suas licções, uma simplicidade admiravel. O curso é gratuito.

——— A escola de mediums agmenta todos os dias o numero dos que se interessam por estes estudos.

As sessões de psychometria tornamse cada vez mais interessantes e concorridas. Quatro mediums consagram seus cuidados aos seus irmãos necessitados.

——— As damas de caridade se reunem ás quintas, depois de meio dia, para a confecção de roupas aos pobres.

——— A bibliotheca espirita se acha aberta todos os dias, á disposição do publico. Ella contem as melhores obras espiritas, psychicas, metapsychicas.

MOULINS E NEVERS

M. Malosse, acompanhado de M. Thibaud fez, no vasto salão do Cine artistico uma substanciosa conferencia sobre a *Sciencia da alma.*

Após a conferencia, que foi com projecções luminosas, a associação de Moulin distribuio aos assistentes brochuras de propaganda e livros espiritas.

A conferencia de Nevers, realisada por M. Malosse no Cinema do Parque, teve uma assistencia numerosa. Foram enviadas pela commissão de propaganda, obras espiritas aos directores das bibliothecas municipaes.

INGLATERRA

No *British College of Psychic Science* tem se desenvolvido ultimamente uma grande actividade espirita.

——— Os srs. Bligh Bond e Rev. Drayton Thomas realisaram diversas conferencias sobre as experiencias psychicas que fizeram, ambos trataram da «escripta automatica», tendo considerado o «transe mediumnico» como um facto de grande importancia.

——— Os srs. W. Foster e W. Hendry tambem fizeram conferencias tomando por thema «Mediums Curadores».

—— O sr. S. G. Soal, professor de mathematica no «East London College, conferenciou tambem sobre as communicações recebidas pela medium S., e que se julga serem mensagens posthumas do poeta Oscar Wilde.

—— O celebre romancista inglez, Wells, affirmou sua fé espirita, no seu ultimo romance — «O Pai de Christina Alberto», romance fundado nas revelações de Alem-Tumulo e na reincarnação.

ITALIA

—— A revista *Veltro e Luce*, annuncia a fundação, em Palermo, de uma nova sociedade de estudos psychicos, com a denominação «ALFA», em que figuram dentre outros membros os srs. I. Calderone, antigo cultor do psychismo, Mme. Legrange ; G. Sanalitro, publicista ; Massaro, psychiatra. Nos seus estatutos, diz a directoria : «é chegado o tempo de professar um apostolado pratico para a cultura espiritual, libertando assim a humanidade do degradante materialismo.

—— A «Societá di Studi Psichici», de Milão, elegeu seu socio honorario, o prof. Alessandro Chiappelli, senador do reino da Italia. Na mesma assembléa o Dr. Ernesto Bozzano foi convidado a tomar parte do Conselho da referida associação.

—— *Luce e Ombra* continua a circular regularmente.

—— *Mondo Occulto* faz elogiosas referencias ao Congresso Espirita e insere em suas paginas interessantes factos espiritas verificados na Italia.

BELGICA

—— A *Societé Metapsychique de Bruxelles* continua realisando interessantes sessões de experimentação psychica. Essas reuniões têm alto caracter instructivo devido á orientação dos seus directores.

—— A *Revue Metapsychique Belge* faz referencias sobre o menino prodigio, de 4 annos, que faz admiraveis discursos, mantendo-se no thema religioso que desenvolve, por espaço de 2 horas.

PORTUGAL

—— O espiritas portuguezes trabalham pelo breve funccionamento da Federação.

—— O *E'cos do Alem* está sendo publicado em Evora, com circulação pela Republica.

—— A revista *Luz e Caridade*, de Braga, continúa a sahir regularmente.

Até entrar esta pagina no prélo não haviamos recebido carta do nosso correspondente.

CUBA

—— As associações espiritas de Havana, como José Farias, Francisco Caridad, José da Luz y Caballero, Camino del Ideal, continuam realisando sessões de propaganda.

—— Mais um jornal appareceu nesta Republica : *Luz y Amor.*

—— A *Sociedad Espiritista*, de Cuba enviou um officio ao Governo solicitando providencias contra os especuladores, que em nome do Espiritismo, impingem pedras de cevar e mais panacéas, para auferirem lucros pecuniarios.

—— *Hoy*, diario espirita cubano entrou no 4.o anno de existencia. O seu director é o incançavel obreiro sr. Juan Morales. Nossas felicitações.

—— Os grupos *Hermanos de Concepcion* e *Luz y Misericordia* tem insentivado a propoganda por meio de conferencias.

—— Em Agramonte, Matanzas, o centro espirita *Le Roy* festejou o 1.o anniversario de sua fundação.

—— Os Grupos *Rozendo e Amalia*, de Matanzas, já estão funccionando em sua nova séde.

—— A *Revista Espiritista* de Cuba, e «*Rozendo*» de Matanza circulam regularmente.

—— A «Sociedade Espiritista de Cuba» nos officiou communicando a constituição da sua nova directoria, que ficou composta dos seguintes confrades, srs : pres. honorario, Francisco Gonzalez ; pres. eff. Alfredo I. Amoedo ; 1.o vice, Mario de la Torriente ; 2.o Salvador Molina ; sec. Dr. M. Santiestebau ; vice, Enrique Pulido ; thes. Manuel de la Torriente ; vice, Micaela Fiol. A associação elegeu tambem quinze vogaes.

Agradecemos e retribuimos as saudações com votos da mais cordial união.

ARGENTINA

—— A velha associação espirita *Constança*, que tão relevantes serviços tem prestado á propaganda, reuniu-se em assembléa geral para a constituição da sua nova Directoria.

—— Por occasião do seu 1.o anniversario o «Asilo Primer Centenario», realisou um festival dedicado ás crianças. Falou o seu director.

—— Continuam em actividade os Centros : Fraternidad, Hacia el Camino de la Perfeccion, Benjamin Franklin, Amalia Domingo Soler, Sol del Porvenir, Igualdad, Victor Hugo, Sáenz Cortez, Mundo de la Verdad, La Salud, Caridad y Constancia, Hermanos Unidos, Nueva Era, La Fraternidad Humana, Luz Espiritista, Esperanza del Porvenir, Luz de la Pampa, Caridad Cristiana.

—— A Confederação Espiritista Argentina, celebra sessões duas vezes por mez.

ESPIRITISMO NO BRASIL

PELO que se vem observando, n'estes ultimos tempos, no nosso paiz, vem se operando uma reforma, um trabalho intelligente, tendente a libertar o Espiritismo, não só dos exploradores que se aproveitam da crendice popular, como tambem de certas seitas, cujos principios esdruxulos são completamente antagonicos á theoria-espirita, mas os seus propugnadores aproveitam-se da sympathia que a nossa doutrina vai conquistando, pelos seus factos insistentes, para augmentarem com esses elementos de valor, os adeptos, os iniciados aos seus mysterios.

O écho valoroso da resolução tomada no ultimo Congresso Espirita Internacional, de Paris, se fez ouvir com tanta autoridade no Brasil que, immediatamente, um punhado de espiritas dedicados, sem temer a lucta que teriam de enfrentar, entraram em acção, e, pela palavra e pela imprensa, numa exposição succinta da theoria-espirita, com as suas consequencias scientifica, philosophica e moral, reivindicam para ella todos os factos de natureza animica e espirita, antigos e modernos que se tem estudado e que se vão verificando.

E' uma obra que merece os nossos aplausos e digna de todos os modos da nossa solidariedade, afim de bem orientar não só os espiritas, mas os estudiosos, cujas aspirações outras não são que verem resolvido o problema da Vida com as suas demonstrações de Immortalidade.

A *Revista Internacional do Espiritismo* julga-se feliz em poder constatar, hoje, 1.o anniversario do seu apparecimento, essa acção regeneradora das consciencias, pela obra de selecção que se vai operando nos dominios espiritas.

E'cos da propaganda

O Centro Espirita S. Luiz, de Itapira, sob a direcção do sr. Americo Firmino Machado, trabalha activamente na divulgação dos principios espiritas, utilisando-se, para tal fim, não só da palavra oral e escripta, como tambem do auxilio aos necessitados, um dos meios empregados tambem pela nossa doutrina para attrahir a sympathia popular.

⁂

A «Casa Espirita», de Juiz de Fóra, realisa sessões publicas aos domingos, ás 7 1/2 da noite, nas quaes tomam parte diversos oradores encarregados de expôrem os principios kardecistas de accordo com a Revelação Messianica. Essas sessões são bem concorridas. Esta associação mineira tem sua séde á Rua Sampaio, 425.

⁂

A Sociedade Espirita «Paz e Amor», de Porto-Alegre acclamou a seguinte directoria para o exercicio do corrente anno: pres. Angel Aguarod; vice, José Paulo Ribeiro; 1.o sec. Ernani Pamplona; 2.o D. Catharina Francisca Campis; 1,o thes. D. Maria Amelia da Cunha Bastos; 2.o João Pedro de Oliveira Ramos; proc. Sylvestre Zorawski; bibl. Acacio de Lannes.

A directoria foi empossada, por occisião da sessão commemorativa do seu 4.o anniversario.

⁂

Foram eleitos para dirigir os destinos sociaes do Centro «Fé, Esperança e Caridade», de Nova Iguassú, E. do Rio, os srs.: — pres. Victorino Eloy dos Santos; vice, Frederico Teixeira Pinto; 1.o sec. Hermenegildo dos Santos; 2.o Silvino Pimenta; 1.o proc. Augusto Joaquim Leitão; 2.o Joaquim Mariano de Oliveira; thes. Antonio Sóuza Marinho.

⁂

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul nos participou a eleição e posse da sua nova directoria, assim constituida: pres. Angel Aguarod; vice, Mario Mattos Santos; 1.o sec. D. Maria Amelia Cunha Bastos; 2.o João Rodrigues Mineiro; 1.o thes. João Antunes Pinto; 2.o Gregorio Leopoldino da Silva.

⁂

A directoria do Centro Espirita «S. Paulo», com séde á Rua General Carneiro, 7 A, S. Paulo, ficou assim constituida: pres. Studario Cardoso; vice, M. S. Pascal Junior; 1.o sec. Gastão Rebello Silva; 2.o Octavio Veiga; thes. Julio Antonio Gonçalves; 2.o Julio Boemer.

⁂

O sr. secretario da Associação Espirita Jesus de Nazareth, que inaugurou sua séde social a 17 do pp., communicou-nos que a directoria dessa sociedade ficou assim constituida: pres. Antonio Zeferino Franco; vice, Salvador Arnoni; 1.o sec. Octavio Graziani; 2.o José Ananias de Camargo; thes. João Lacreta; 1.o orador, Aristoteles Soares Rocha; 2.o José dos Passos Viviani.

O Centro «Amor e Caridade», de Campinas, está desenvolvendo activa propaganda. No seu salão social fez uma excellente conferencia, sobre o thema: «Amnesia—Paramnesia e hyperamnesia» — o nosso querido companheiro Dr. Souza Ribeiro, distincto medico campineiro.

Conferencias

Em diversas associações, realisaram conferencias de propaganda, os srs. Dr. Souza Ribeiro, Pedro Camargo, Leopoldo Cirne, Ignacio Bittencourt, Dr. Yvon Costa, Giaccomo de Bernardo, Dr. Romeu de Camargo, D. Aura Celeste, Manuel Quintão.

Factos Espiritas

Factos espiritas não são só aquelles que se traduzem por manifestações physicas, materiaes. As mensagens, as producções que identificam a linguagem, a lettra, a assignatura dos nossos amigos e conhecidos que passaram para o Além, são factos tão positivos ou talvez mais que o movimento desordenado de uma mesa e a sua levitação.

No Brasil superabundam esses phenomenos interessantissimos que tem accendido nas almas a chamma sagrada da Fé, e levado a consolação em muitos lares.

Havemos de transcrever n'esta secção interessantes mensagens de Espiritos conhecidos. Está visto que o faremos com as devidas reservas que o caracter desta *revista* impõe, deixando ao leitor estudioso o direito de pesquiza e syndicancia a ver si em algumas d'ellas a origem ou a causa é espirita ou animica. A que segue nos foi enviada pelo sr. Zacharias Onofre, distincto funccionario da Paulista, com a confirmação de que o estylo é muito differente do estylo do medium e a linguagem está tambem muito acima da sua instrucção. Ella traz o titulo :

«Mensagem de Casemiro de Abreu

Quando nas estertorantes e augustiosas afflicções physicas que me dava a implacabilidade da crudelissima molestia que me arrancava aos pedaços as fibras do peito e estiolava as petalas macias da rosa esbelta da minha mocidade, repousando a cabeça já meio allucinada pelo desvario insano da febre que me incendiava o sangue nas veias, no collo suave e môrno de minha mãe que me acariciava, nos labios, com repetidos beijos, aos ultimos lampejos de alento da vida que ainda me animava o corpo, eu, cahindo na prostração do que não comprehendia, numa como que lethargia, momentanea ás vezes, e outras vezes demorada, erguendo então os olhos ensombrados já pelas trevas expessas da rainha do imperio do pavôr, que chamamos ingratamente morte, soluçava em murmurios de infinita tristeza, divisando atravéz da restea da janella entreaberta o panorama da natureza que ia abandonar: — «Minha mãe! oh como a vida é bella! Veja como azulam ao longe as cordilheiras verdejantes da minha terra natal! Como chilream as aves nos beiraes dos ninhos! e os beijos divinos e acariciantes da flôr dos teus labios, tudo isto e mais a minha mocidade que ri, que salta, que enthronisa o amor, que delira nos braços da volupia e que se agita entre os anceios loucos da lascivia, ha de morrer, extinguir-se para sempre? Não! Eu não quero morrer ainda. Eu quero viver, viver!»

As gottas quentes do balsamo materno rolando então dos olhos de minha mãe, despertavam-me da singular atonia.

⁂

Minha lyra adornei com flôres de todos os tropicos e com os amôres de todas as mulheres, mas, ai! tambem imaculára meu coração no fél e no absinto de todas as impurezas.

Um bello dia, na mais intensa crise do meu desvairamento surgiu-me um anjo que, meigo e compassivo, me offereceu duas azas brancas. Ensaiei o vôo e parti. Voêi. Dezenas de annos decorreram. Meu vôo parecia sem fim. Afinal chegou o limite do percurso. Vi-me debaixo d'outros céos, noutra esphera, cercado doutra natureza de maravilhas inéditas para mim.

Sou hoje o poeta das emotividades, dos sonhos, dos encantos e do amor celestial de Jesus. Elevo, exalto e glorifico o amor essencia, o amor — sublimidade, o amor das virgens, das mães e das crianças. Sou o poeta que consagra a luz, o perfume, as vibrações d'alma, a fé dos corações e das harmonias todas creadas pelo engenho do Poeta Universal: Deus!

Não mais as montanhas altaneiras da minha patria, nem as palmeiras farfalhantes dos desertos, nem os passaros psalmodiando trefegos trinados na môrna placidez dos ninhos, nem as flôres que aromatisam o prado, não me despertam saudades na memoria nem augustia no coração. E tudo porque d'aqui do meu exilio divino eu diviso maravilhas que não desvendava do meu leito de enfermo, opulentas, soberbas e pujantes creações da natureza que não perécе, porque tudo quanto é creação do cerebro e das mãos privilegiadas do Senhor constitúe obra prima imperecivel e perfeita, muito acima da comprehensão e do dominio dos homens, que se quedam mudos e extactictos diante das teias de aranha dos seus palacios de trinta andares pensando serem obra ingualavel e singular, extraordinaria creação do seu eu ambicioso e sem calculos, quando nós do Espaço, transpomos esses gigantes de aço e cimento, e lhes attingimos o derradeiro e culminantes andar com a mesma facilidade com que o insecto mais agil fura com suas azinhas ligeiras e rapidas, alguns millimetros de espaço,

E por isso eu vos digo que tudo que ambicionaes e não conseguis, projectos enormes de grandezas mais enormes ainda, nada representa deante da obra cujo valor nunca podereis d'ahi calcular, da obra grandiloqua e sublime de Deus.

Não tenho saudades das minhas montanhas que meus olhos mortaes mal distinguiam. Aqui se avultam, em toda a sua magneficencia e explendor do poder do Senhor que eu nunca antevira, e que me parecera ser ficção, a mim que fôra poeta dos prazeres, das orgias, da sensualidade, das mundanas galas, dos theatros e das grandes enscenações sociaes. Ouvi-me ainda: minha lyra calou-se para a vida instantanea e ficticia do mundo que habitaes para as manifestações nefastas da carne; nas minhas estrophes corre a inspiração impetuosa e dulcificante das emotividades celestiaes, e hoje as suas cordas são tangidas para o hymno de consagração e para a hosanna de triumpho ao Rei dos Universos : — Deus !»

Mensagem de Victor Hugo

Esta mensagem foi obtida no Centro Espirita de Mattão, no dia 7 de Março de 1925.

— «A vida é o eterno evoluir para o Bem e para o Bello.

Na terra como no céo a humanidade caminha, os Espiritos progridem e se elevam. Em todos os ramos dos conhecimentos humanos, tanto nas obras artificiaes como nas naturaes, de tempos em tempos, se verifica um aperfeiçoamento, uma modelação mais intelligente, mais nitido é o trabalho do espirito aformoseando e como que vitalisando a materia, tirando-a da sua enercia para a realisação plena dos designios providenciaes.

Assim tambem acontece com a politica, a sciencia, a religião, come sôe acontecer com o individuo, a familia, a sociedade, a nação, as nações, o mundo.

«O homem pensa, logo o homem existe», e essa existencia se manifesta do minimo para o maximo : a intelligencia ao começo rasteja, depois esvoaça para em seguida elevar-se sempre mais alto e subir aos alcantis da gloria, formando o caracter e redimindo a alma da argila que a detém nas tramas da ignorancia.

O progresso é sempre o progresso, não cessa a sua acção, não modifica a sua rota ; é como a agua que corre : obstruida de um lado verte por outro.

Quando julgamos o mundo perdido porque á força de prepotencia e do absolutismo o homem morre, a familia decáe, a sociedade titubeia e a humanidade vacilla,—os grilhões se esbulham, o fogo abate as barricadas, as trincheiras desapparecem e os detentores da liberdade são subjugados pela força incoercivel da Luz : então o homem resurge, a familia reivindica a posse dos seus direitos, a sociedade se ergue e a humanidade affirma os seus passos para o Ideal — para a Verdade — para Deus.

A vida nunca cessa sua acção educadora, embora o caracter se perverta e as consciencias se amoldem a bastardos interesses, o dia da reacção se apresentará terrivel a reconquistar as posições determinativas das cousas e das almas.

O progresso é uma lei irrevogavel dos mundos. Na terra como nos céos as humanidades caminham, os Espiritos se elevam e dignificam-se ; todos ascendem para a Luz—para a Verdade—para Deus.»

Intervenção milagrosa?

O sr. Valentim Cuts, funccionario da E. F. São Paulo - Rio Grande, sob esta epigraphe nos enviou a narrativa de um facto com elle proprio occorrido, tal como se vai lêr e que demonstra não só a existencia dos Espiritos, como tambem a solicitude que esses seres amigos, que são chamados indevidamente — «mortos» nos dispensam, soccorrendo-nos nos momentos em que sem essa intervenção superior, certamente pereceriamos. Eis a narrativa tal qual nos foi enviada :

—«Ha cinco annos fui nomeado como agente para uma estação ferro-viaria perdida nos campos do Rio Grande do Sul. Uma vez chegou um trem de cargas e, a meu pedido, deixou um carro para ser carregado no dia seguinte. E' preciso notar que o carro era o ultimo do trem.

Carregado no dia seguinte, eu quiz mandal-o com o primeiro trem de cargas que vinha da Uruguayana. O trem chegou deixando á frente da estação a metade dos carros, com a outra foi pegar o carro em questão. O chefe do trem me pediu que engatasse, retirando-se para uma venda, no outro lado da linha.

Apromptei a manota com um pino e, segurando outro pino na mão esperava a chegada do carro que a machina empurrava lentamente para meu lado. Faltavam uns cinco metros quando, de repente, impellido por uma força inexplicavel, pulei para cima da plataforma e ali, com o pino na mão, olhava como se approximava o carro.

Nada comprehendia e nem podia dar a razão de ter eu pulado em vez de esperar o carro e engatal-o.

De repente... crac !... os dois carros

se uniram de modo que deixaram apenas uma fresta de cinco centimetros de largura. Eu teria sido inevitavelmente esmagado si tivesse ficado mais uns vinte segundos.

Explicou-se muito facil o motivo dos carros se haverem unido assim: o carro carregado por mim, em vez do para-choques, tinha um grande buraco onde entrou todo o para-choques do carro parado.

Mas, o que ou quem me impelliu para escapar da morte certa, isso não posso explicar até hoje, pois ignorava completamente a ausencia do para-choques no carro.»

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

— Está percorrendo a Noroeste, o nosso representante sr. Giaccomo de Bernardo, para quem pedimos a sympathia dos nossos amigos.

— Já estamos com as collecções do anno passado d'esta *revista*, encadernadas, costaneira em couro. Dispomos unicamente de 30 exemplares, que vendemos cada um por 40$000 e enviaremos registrado a quem desejar, sendo o porte por nossa conta.

NOTAS DIVERSAS

Diz a «Revue Scientifique et Morale du Spiritisme» que a propaganda espirita se faz actualmente até pelo radio-telephonico.

E' assim que do posto da Torre Eiffel se tem feito ouvir questões metapsychicas e o sr. J. J. Renaud breve falará do Espiritismo propriamente dicto.

⁂

Um interessante caso de videncia supranormal foi narrado por «La Vie d'autre tombe», tal como se vai lêr:

— «Ultimamente no conservatorio de Vienna, um menino foi adormecido por um medico e collocado ante o piano, tendo os olhos tapados por tres lenços, um amarello, um vermelho e um verde. O menino tocou a partitura posta deante d'elle até o fim sem que visse as paginas,

Quando se retirava o livro da musica, aberto ante elle, os seus dedos paravam até que a partitura fosse novamente collocada no piano.

⁂

M. Jane Oudot publicou, na "Revue Metapsychique Belge" um substancioso artigo no qual assignala o fim do mundo velho, e o desapparecimento das raças prejudiciaes que têm estorvado o progresso humano,

⁂

A Revista Internacional do Espiritismo agradece a todos os amigos que ja reformaram suas assignaturas e espera, com o auxilio dos Caros Espiritos que dirigem o nosso movimento, poder proporcionar aos seus leitores, interessantes trabalhos sobre a theoria espirita, unica, em face dos phenomenos psychicos, que resolve o problema da vida e proclama positivamente a Immortalidade.

⁂

Na Romania, após o Congresso Internacional, o Espiritismo se constitue assumpto de actualidade. Tem havido substanciosos debates pela imprensa que se mostra muito interessada pelo esclarecimento da causa productora dos phenomenos.

⁂

A revista "Comedia" diz: "O mysterio da morte é evidentemente um dos mais angustiosos. D'ahi se comprehende o interesse que existe em todos os meios para resolvel-o".

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2215unse

NNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Março de 1926 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

A Theoria Espirita e os Phenomenos Psychicos
A Immortalidade da Alma
Sciencia Religiosa
As Leis Superiores e a Obra Divina
G. Fabius Champville
O Sonho Thelepathico de Garibaldi
Contribuição para o estudo das Materialisações
As Experiencias do Doutor Ochorowicz
Chronica Extrangeira
E'chos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas

Mr. G. FABIUS CHAMPVILLE

ANNO 2 - BRASIL-E. S. Paulo-Mattão, 15 de Março de 1926 - NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

A THEORIA ESPIRITA E OS PHENOMENOS PSYCHICOS

A humanidade caminha impulsionada por uma força superior independente da mais decidida determinação humana.

Em pouco mais de trinta annos o mundo passou por uma modificação tão extraordinaria que podemos affirmar estar elle completamente transformado.

A arte, a sciencia, a industria assumiram posições salientes, a mecanica revolucionou as cidades e as nações e o que parecia aos nossos antepassados uma phantasia do impossivel é um facto positivo, concreto como a agua que ingerimos e o ar que respiramos.

A humanidade tem caminhado paulatina, mas progressivamente para a conquista das grandes commodidades. Aos poucos os grilhões da ignorancia se foram quebrando e liberto das gangas da inferioridade, o homem ora trabalhando e estudando, ora gemendo e chorando, arrastado por essa força indomita da evolução, se esforça para ter um lugar de destaque nas sociedades.

A constatação do erro geocentrico, o movimento da Terra, a descoberta da lei da gravitação universal, parece que foram as primeiras portas abertas para o caminho da Verdade que a humanidade tinha que seguir.

A imprensa, a navegação a vapor, o triumpho da electricidade, a descoberta das funcções nervo-espinaes raises do movimento e da sensibilidade, o estudo positivo da anatomia, a theoria das vibrações da luz, a proclamação da doutrina evolucionista, foram outras tantas etapas do genio que soffreram a repudia e o desdém, mas legaram a humanidade um thesouro valoroso para a sua independencia.

A telegraphia e a telephonia, assim como a applicação do vapor á navegação e ás vias ferreas ligaram as cidades e os continentes e estabeleceram a permuta de relações entre todos os povos e todas as raças. Finalmente, o automobilismo e a aeronautica deslumbraram o mundo economisando tempo e extinguindo as distancias, até que o *radius* coroou todos esses emprehendimentos deixando um campo a novas pesquizas que já vêm encaminhando os homens para os novos horisontes da Vida.

O progresso não cessa os seus dictames ; lei incoersivel e vivificadora de todos os tempos elle dirige a sua acção propulsora do minimo para o maximo, do pequeno para o grande, de baixo para cima, do reino da materia para o reinado da intelligencia, e deste para o Espirito, cuja evolução permanente, se constitue o factor e o expoente maximo de toda civilisação.

Não importa que os proceres do pensamento, que os pegureiros dessas cruzadas se vissem incomprehendidos e que a sciencia e a religião official lançassem sobre todas essas descobertas a sua eterna proscripção, o futuro não lhes cerrou as suas portas, e os obstaculos não fizeram mais que demorar algum tempo o triumpho da verdade, que vinha offerecer aos homens o mais rico filão dos seus arcanos.

Resta agora mais um esforço, mais um trabalho de summa e alta importancia para concretisar todos esses conhecimentos, cujos exitos coroados de resultados proficuos assignalam as phases concomitantes da elevação do nosso mundo. Mais alguns annos de lucta e a espessa muralha da vetusta cidadella da ignorancia ruirá, dando lugar ao dominio do Espirito, de posse dos seus destinos immortáes.

* * *

A phenomenalidade psychica está hoje tão demonstrada que não faltam escolas e crentes de todos os matizes a lhes editar theorias que não passam de opiniões meramente pessoaes, alheias, como costumam a ser todas as que se fundam no preconceito, á experimentação, á pesquiza, ao estudo acurado dos factos que se vão desenrolando.

Passaram os tempos em que a phenomenalidade psychica impugnada *á priori* até por pessoas eminentes presas da contumacia que obscurece certos espiritos doutos, era relegada para o ról das cousas imprestaveis.

As pretenções intempestivas e os erros de julgamento foram subjugados pela grande tenacidade de experimentadores exigentes e escrupulosos que encontraram a realidade desses importantissimos phenomenos, cerceados até ha pouco nas zônas vedadas ao seu inquerito.

Resta ainda o erro de interpretação, cujos tropeços lançados no percurso da evolução humana, a historia não deixará de registrar. Nenhuma descoberta ou nova verdade que vem reformar costumes e modificar as idéas correntes da época foi encarada sob o aspecto do seu valor intrinseco. As opiniões contradictorias e astuciosas dos retardatarios sempre se tem insurgido contra ellas, procurando limital-as aos dados do seu falso criterio, á nesga estreita do seu olhar que não vê a complexidade e a particularidade dos phenomenos ou seja dos factos que são os seus mais formidaveis fundamentos.

A *theoria-espirita*, não ha que negar, fortificada por esses factos, mais eloquentes do que qualquer divagação especulativa, tem resistido a todas as luctas e negações, mantendo de pé um corpo de doutrina que pela sua grandeza scientifica e belleza moral dá conta com o mais apurado criterio, de toda a phenomenalidade psychica. Milhares são os factos que a proclamam, desde aquelles exarados pelo Comité da Sociedade Dialectica de Londres até os que são relatados nas mais recentes obras que tratam desta especialidade.

A observação e experiencia de todos os dias tem demonstrado que as diversas hypotheses formuladas, não passam de conjecturas antiquadas, despidas de toda a logica, concepções urdidas na especulação obscura, cuja nervadura não resiste ao raciocinio e ao criterio são.

A *theoria-espirita* é a unica que explica succintamente todos os factos animicos e espiritas demonstrativos da existencia e sobrevivencia da alma, com todas as suas prerogativas e justas aspirações.

Sem falar na universalidade desta crença desde os periodos iniciaes da evolução e da sua explicação racional e fundamentalmente logica sobre todos os descobrimentos do magnetismo em qualquer dos aspectos da sua modalidade, a *theoria espirita* condensa todos os phenomenos mediumnicos caracteristicos e inexplicaveis pelas theorias meramente pessoaes.

A proclamação desta verdade não pode absolutamente ser repudiada por aquelles que prescrutam os phenomenos e buscam acuradamente as suas causas

A *theoria espirita* longe de ser uma hypothese especulativa, é, como veremos, a consequencia logica do immortalismo, cuja defesa a experiencia nos impõe.

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: IV ::

Paramnesia e Hypermnesia

A sciencia official estuda os phenomenos que constituem a *para* e a *Hypermnesia* como sendo doenças da memoria, como sendo *illusões* e *alucinações*. Não poude ella até hoje dar uma explicação clara destes phenomenos, por ser, já se vê, materialista, motivo pelo qual os colloca sob tal designação.

Todas as grandes affirmativas têm sido no começo regeitadas pelos sabios empavonados e consideradas como illusões e alucinações, como se esta simples designação os explicasse !...

E' que é este o modo mais facil que encontram para sahir da posição difficil em que a ignorancia os collocou . . .

O Espiritismo, que prega a *lei da reencarnação*, é que veio, por ella, explicar os taes phenomenos.

Consiste a *paramnesia* na *sensação do já visto*, em percepções realmente recebidas na actualidade, mas das quaes parece já se ter tido noções anteriores, sendo estas sensações novas como que um *reconhecimento*.

Impressões que o individuo recebe no momento, cousas que vê, ouve, faz, etc. pela primeira vez, dão-lhe a sensação de que de facto já sentiu, já viu, já ouviu ou fez. E' o seu reconhecimento. Este sentimento do já percebido só é explicado satisfactoriamente pela *lei da immortalidade*, da *pluralidade das vidas*, e tambem pelo facto do *desdobramento*, especialmente durante o somno. O espirito se desprendendo vê e tem outras percepções que pode reconhecer depois, quando no corpo, em vigia.

A *hypermnesia* — é a revivescencia da memoria. E' o phenomeno pelo qual, por exemplo, o individuo se recorda de factos mui remotos e já esquecidos, factos da primeira infancia e até *anteriores*.

E' a lei da reincarnação ainda que os explica. Qualquer pessôa poderá tirar provas desta lei com os somnambulos.

Qualquer *lucido* poderá descrever toda a sua vida, desde os primeiros dias da sua existencia actual, sendo que poderá levar, transportar a sua consciencia até ás vidas anteriores, se o magnetisador o fizer recuar á ellas.

Foram já neste sentido feitas muitas experiencias. E assim como as faculdades do individuo podem se transportar a um passado longinquo tambem o podem ao tempo futuro.

E' o que se chama *clarividencia*, *vista dupla*, etc. Mas os phenomenos provenientes do estado de lucidez denominados *hypermnesia* que a sciencia official não sabe explicar, considerando-os até o opposto do que é, pois diz ser perturbação intellectual, são de uma importancia enorme para os espiritas, porque constituem elles uma das multiplas formas de provas da *lei da reincarnação*, e, portanto, da *immortalidade da alma*.

Narremos alguns casos importantes destes phenomenos :

—Pythagoras se recordava de *tres* das suas reincarnações, tendo sido Hermotimo, Euphorbio e um dos Argonautos ; — Juliano, grande figura da historia, lembrava-se de ter sido em existencia anterior Alexandre da Macedonia; — Apollonio e Jeronymo Cardon tambem se lembravam de existencias anteriores ;

—O poeta Lamartine em sua viagem á Judéa, *reconheceu immediatamente* o valle de Therebinthio e o campo de batalha de Saulo ; em Sephora, ao ver o tumulo dos Macchabêus, reconheceu-o como tal, affirmando-o. Reconheceu castellos em ruinas, collinas, valles, etc., como sendo tudo para elle apenas uma recordação.

— G. Delanne, em seu livro «O Espiritismo ante a Sciencia» falla longamente do escriptor José Mary que se lembrava de muitas das suas existencias anteriores, descrevendo-as minuciosamente.

Só pela *hypermnesia*, com a *lei da reencarnação*, é que se pode explicar estes phenomenos, e ainda mais o que é o genio, a precocidade.

Só com ella se explica o facto de um Mozart executar sonatas aos 4 annos e compor operas aos 12 ; de um Pascal descobrir aos 12 annos a geometria plana ; de um Hermogenes ensinar rhetorica aos 15 ; de um João Baratier fallar 5 linguas aos 7 annos, e assim outros muitos casos. A simples observação do que se passa com todos nós prova a preexistencia do espirito. Uns encontram uma facilidade enorme em aprender uma sexta arte ou sciencia e uma difficuldade inaudita em outras. Com outros já se dá o contrario exactamente.

Os que aprendem com facilidade, apenas vendo ou lendo uma só vez, *recordam* tão somente o que já aprenderam em vidas anteriores e que se achava encoberto pelo pequeno véu do esquecimento.

Vemos todos os dias, todas as horas, estes casos de hypermnesia, aqui, ali, acolá.

Os que encontram difficuldade em aprender isto ou aquillo estão aprendendo pela primeira vez.

Quando vemos uma cousa pela primeira vez, mas temos a sensação intima de já a termos visto, é porque, de facto, já a vimos, já a observamos em existencia anterior, ou em sonhos, em desdobramentos, e estes factos que constituem a *paramnesia* nada mais são que formas ou modalidades da *hypermnesia*.

A Sciencia Espirita está desvendando todos os *mysterios* da «sciencia official.»

— Leon Denis narra um facto muito instructivo, mas que, por ser longo, vamos resumir :

— No verão de 1862, em Hamburgo, o principe Galitzin, que era magnetisador, passeava, á sesta, no parque do Casino com o marquez B... e o conde R... onde se lhes deparou uma mendiga. deitada em um banco. Approximaram-se d'ella, conversaram e convidaram-n'a para cear com elles, no hotel. Depois da ceia, o principe Galitzin com os seus «passes» magnetisou-a profundamente e ficaram assaz surprehendidos quando, ella que só fallava um máo dialecto allemão, poz-se a fallar em correctissimo francês, declarando, então, que se encarnara como pobre, por punição de um crime que comettera na existencia anterior, no seculo XVIII. Rica então, morava em um castello da Bretanha, á beira mar. Como tivesse adquirido um amante, quiz ver-se livre do marido e o atirou ao mar, do alto de um rochedo, e indicou, com bastante exactidão, o local.

O principe então com os seus companheiros e com os dados fornecidos pela mendiga em estado somnambulico foram á Bretanha verificar o facto e tiveram a sua confirmação pela bocca dos aldeões velhos do lugar. Interrogaram tambem em Hamburgo os commissarios da policia a respeito d'aquella mulher e as informações que tiveram foi que ella não tinha instrucção alguma, só fallando aquelle dialecto allemão, e vivendo unicamente dos biscates da sua vida miseravel de prostituta da mais baixa esphera.

O Magnetismo e o Espiritismo já têm registrados e bem documentados muitos factos como este, quer de *hypermenesia geral*, quer da *parcial*.

O progresso da Psychiatria, bem como da Psychologia está se fazendo e, graças ao Espiritismo os «mysterios» estão sendo resolvidos.

SOUSA RIBEIRO

(Continúa)

A alma é um mundo em que se confundem ainda sombras e claridades. Em seus reconditos, todas as potencias estão em germen, esperando a hora da fecundação para se desdobrarem em feixes de luz.

A' medida que ella progride suas percepções augmentam até que attingem as supremas altitudes espirituaes.

—

SCIENCIA RELIGIOSA

Dorme, sepultada no olvido dos santuarios da antiguidade, uma sciencia que tinha por objecto o conhecimento do espirito e a determinação das leis que presidem ás suas manifestações durante a vida como depois da morte, abrangendo ainda a complexidade das relações entre os dois planos connexos de sua actividade: o visivel e o invisivel.

Apanagio de alguns raros iniciados, que de umas a outras gerações se iam transmittindo, com os conhecimentos adquiridos, os methodos apropriados a sua acquisição secreta, essa vasta sciencia metaphysica, fundada na introspecção e apoiada na analogia, a que devem as suas generalizações, constituiu porventura no seu tempo o maximo esplendor da intelligencia humana em suas pesquizas da vida, do universo e do destino dos seres que o compõem.

Demasiado restricto comtudo em o numero dos seus possuidores, sem dilatar por isso a somma de beneficios á massa geral dos individuos, que permaneciam estranhos á sua utilidade, condemnados por isso á obscuridade mental e, em materia religiosa, circumscriptos ao dominio das superstições, em que afinal se resolvia o «exoterismo», que lhes era unicamente permittido — verdadeira escoria das concepções d'aquella natureza — estava assim destinada, senão a total anniquilamento, pois que nada se perde das conquistas do espirito, pelo menos a um longo periodo de hibernação, de que a vem fazer resurgir, mediante a ampliação e aperfeiçoamento dos seus processos, a moderna sciencia espiritualista.

O intervallo, entre esse declinio e o proximo futuro resurgir, é marcado pelo apparecimento e os progressos realizados no occidente, em alguns seculos, pelas sciencias denominadas exactas e positivas, que, tomando por objecto de suas observações e pesquizas, não já o espirito, mas a materia, depois de haverem realizado brilhantes conquistas, com que enriqueceram o patrimonio da civilização intellectual, exprimindo-as em beneficios de que tem aproveitado a generalidade dos povos — será necessario recordar as vantagens resultantes, para a vida e o conforto humanos, das applicações scientificas e industrias da physica, da chimica, da biologia, da mecanica, intensificando as actividades, accelerando as communicações e promovendo, com o vapor, a electricidade e tantas outras forças vivas da natureza, o bem-estar por toda parte? — depois de tudo isso por haverem quasi de todo abandonado a pesquiza do espirito, de suas leis e manifestações, vieram a cahir no dominio dogmatico e exclusivo do materialismo.

Como a sua predecessora de seculos, fechou-se assím a sciencia occidental em um santuario, que não tardou a povoar-se de sombras, com esta differença todavia: emquanto para a sciencia secreta do oriente a obscuridade se fez em relação á capacidade de aproveitamento das energias physicas para o bem-estar geral, sem prejuizo da correspondencia entre o espirito humano e o Espirito Divino — objecto final de suas investigações — para a sciencia do occidente o grande prejuizo consiste no atheismo e na incapacidade, a que se condemnou, de resolver os complexos problemas da alma, que não têm cessado de assaltal-a com a obstinada e desafiadora repetição de seus phenomenos.

Não lastimemos, todavia, nesta aurora dos novos tempos, que tenha sido aquelle, de systematizada pesquiza da materia e suas leis, o rumo seguido pela sciencia no occidente, antes reconhecemos, com Henri Bergson, a utilidade e o opportunismo d'essa direcção, que não tardará felizmente a ser mudada, fazendo cessar os males resultantes do excesso de materialismo, que é a funesta pandemia da nossa epoca, e integrando-se a sciencia, de parcial e fragmentaria que tem sido, numa synthese magestosa, que abrangerá o conhecimento do homem, nos seus multiplos aspectos, e o do universo, assim em sua representação exterior como na intervenção dos agentes espirituaes que regulam a sua evolução, para culminar no reconhecimento da suprema Causa que sobre todas as coisas irradia, com a immutabilidade de suas leis,, a sua Bondade providente.

No momento, com effeito, em que para o espirito humano se entreabrem essas radiosas perspectivas, não será fóra de proposito recordar as palavras do eminente pensador francez numa conferencia por elle realizada, em 1913, na «Society for Psychical Research», de Londres, sobre este duplo thema: «Fantasmas de vivos» e «Pesquiza Psychica».

⁂

Depois de enumeras as conclusões a que o conduzira «um exame imparcial dos factos conhecidos» e de affirmar a sua convicção de que, «no campo vastissimo, indefinito mesmo, franqueado á investigação psychica, esta nova sciencia ha de rapidamente resarcir o tempo perdido» accrescentou (1):

«As mathematicas remontam á antiguidade grega; a physica tem já trezentos ou quatrocentos annos de existencia; a chimica appareceu no seculo XVIII; a biologia conta quasi igual antiguidade; mas a psychologia é de hontem, e a «investigação psychica» é mais recente ainda. Deve-se lamentar esse atrazo?

«Tenho-me algumas vezes a mim mesmo perguntado que teria acontecido se a sciencia moderna, em logar de partir das mathematicas para se orientar na direcção da mecanica, da astronomia, da physica e da chimica, em logar de fazer convergirem todos os seus esforços para o estudo da materia, tivesse começado pela consideração do espirito, — se tivessem, por exemplo, Kepler, Galileu, Newton sido psychologos. Teriamos tido indubitavelmente uma psychologia de que não podemos fazer hoje a minima idéa — do mesmo modo que se não poderia, antes de Galileu, imaginar o que seria a nossa physica: essa psychologia teria provavelmente sido, em relação a nossa psychologia actual, o que é a nossa physica em relação á de Aristoteles.

«Estranha a toda idéa mecanistica, a sciencia se teria então sofregamente apoderado, em vez de os afastar *a priori*, de phenomenos como os que estudais: talvez a «investigação psychica» tivesse figurado entre as suas capitaes preoccupações. Uma vez descobertas as leis mais geraes da actividade espiritual (como o foram, com effeito, os principios fundamentaes da mecanica), ter-se-ia passado do puro espirito á vida: ter-se-ia constituido a biologia, mas uma biologia vitalista, inteiramente diversa da nossa, que teria ido procurar, por traz das formas sensiveis dos seres vivos, a força interior, invisivel, de que são ellas as manifestações. Sobre essa força não temos capacidade de acção, justamente porque ainda se encontra na infancia a nossa sciencia do espirito; e é por isso que não estão errados os sabios quando accusam o vitalismo de ser uma sciencia esteril: elle é esteril hoje, mas não o será sempre e o não teria sido, se a sciencia moderna, em sua origem, tivesse tomado as coisas pela extremidade opposta.

---

(1) *Ver Henri Bergson, «L'énergie spirituele, III, pag. 85-86.*

«Ao mesmo tempo que essa biologia vitalista, uma medicina teria surgido que remediasse *directamente* as insufficiencias da força vital, que visasse a causa e não os effeitos, o centro em vez da peripheria: a therapeutica por suggestão ou, mais geralmente, pela influencia do espirito sobre o espirito, teria podido adquirir formas e proporções que nem sequer suspeitamos. Assim se teria fundado, assim se teria desenvolvido a sciencia da actividade espiritual. Quando, porém, acompanhando de alto a baixo as manifestações do espirito, penetrando a vida e a materia viva, tivesse chegado, de grau em grau, á materia inerte, a sciencia teria parado bruscamente, perplexa e desorientada. Procuraria applicar a esse novo objecto os seus methodos habituaes e sobre elle não lograria acção alguma, tal como a não conseguem actualmente sobre as coisas do espirito os processos de medida e calculo. O reino do mysterio teria sido então a materia e não o espirito.»

Trata-se, pois, agora — obtemperemos por nossa parte — de emprehender a marcha investigadora por esse vastissimo dominio a dentro, e uma vez que, para dissipar gradual e pertinazmente o mysterio em que se envolve a psyché humana, os methodos a applicar não podem ser os mesmos, de laboratorio, adoptados para o estudo, a analyse e o conhecimento da materia em suas peculiares modalidades, cumpre á sciencia adaptar-se resolutamente ás condições que pela propria natureza das investigações psychicas lhe são impostas.

Teremos assim, sobreposta ou, pelo menos, parallela á sciencia da materia, constituindo o seu illimitado e logico desdobramento, uma sciencia do espirito, fundada no estudo, primeiro, de suas manifestações durante a vida corporea — phenomenos de visão e audição psychicas, somnambulismo e desdobramento da personalidade pelos processos magneticos, psychologia transcendental, sub-consciencia e supra-consciencia, etc. — e em seguida de sua sobrevivencia á destruição do envoltorio physico, abrangendo não sómente as manifestações pessoaes dos desincarnados, mas alçando-se ao conhecimento vastissimo do universo invisivel e da acção preponderante que exercem os seus habitantes sobre a vida e os acontecimentos humanos. Será numa palavra a gloriosa sciencia da immortalidade, cujos rudimentos foram, com pulso magistral, esboçados por aquelle pensador que se chamou Allan Kardec e cuja gloria, para já não falarmos dos inestimaveis beneficios moraes resultantes do seu indefesso apostolado, consistirá em ver confirmados pelos modernos investigadores os inamoviveis fundamentos em que baseara a sua obra de vulgarizador.

Ora, quem diz sciencia do espirito, a diz implicitamente de sua evolução através do tempo e do espaço, isto é, sciencia das leis que presidem aos seus destinos, leis de justiça e de equidade, numa palavra, Lei de Amor. E como separar-se da idéa da lei, sobretudo em sua incidencia na esphera moral e espiritual, a cogitação do seu Promulgador? A sciencia espiritualista, portanto, caminhando da observação dos factos individuaes para a sua generalização e estudando a situação do espirito no homem e a posição que lhe corresponde no universo, terá que forçosamente culminar no reconhecimento da grande Causa de que procedem todos os seres e coisas, isto é, da existencia e immanencia de Deus na creação e será fundamentalmente sciencia religiosa. Neste sentido se devem desde já orientar as investigações dos seus cultores.

Leopoldo Cirne

AS LEIS SUPERIORES E A OBRA DIVINA

Muitissimo tempo se considerou a obra divina e as leis superiores sob o acanhado ponto de vista da vida presente e do mesquinho plano da terra, sem comprehender que é no encadeamento de nossas vidas successivas e na collectividade dos mundos que se revelam a harmonia universal, a justiça absoluta e a grande lei da evolução dos seres para o Bem perfeito, que é Deus.

Léon Denis

G. FABIUS CHAMPVILLE

ENTRE os pioneiros do Espiritismo figura Gustave F. Champville, director do *Echo do IX*, dos *Echos de l'Ouest* e redactor do *National*.

Presidente da associação syndical dramatica, syndico da Imprensa, vice-presidente dos patronatos laicos, M. Champville é além disso, presidente da sociedade magnetica da França e engenheiro agricola.

Apezar dessa vida activa, o obreiro activo escreve novellas, poesias, romances. Dentre algumas obras suas, lembramos as seguintes : *Science Psychique*, *Transmission de la pensée*, *Le magnetisme et l'alcoolisme*.

Solicitada por M. J. Malgras a sua opinião sobre o Espiritismo, respondeu :

— «Em resposta á vossa carta, vos direi que o Espiritismo apresenta-se para mim sob tres aspectos differentes :

I — Sob o ponto de vista philosophico.

II — Sob o ponto de vista historico.

III — Sob o ponto de vista scientifico.

Sob o ponto de vista philosophico, a theoria espirita vem trazer a uma multidão de espiritos desamparados, atirados a uma especie de angustia moral em que todas as esperanças se esvaem, uma sorte de redempção.

Com effeito, após ás crenças que todas as gerações adoptaram sob a pressão tradicionalista dos parentes que tiveram a fé ou habito de crêr, um certo desenvolvimento moral chegou para aquelles que resolveram se afastar do Christianismo, devido as manobras odiosas da maioria ecclesiastica.

Jesus poude expulsar os mercadores do templo ; mas neste seculo os mercadores se tornaram tão numerosos que foi preferivel abandonar a casa do que disputal-a aos que tão vilmente invadiram-n'a. Então, Allan-Kardec veio e, com o seu maravilhoso Livro dos Espiritos, projectou nas almas uma nova luz ; creou uma religião com aspirações mais logicas e mais simples, mais humana, mais verdadeira para os que creem ver Deus sobre todas as cousas, mais proxima do Sêr Supremo.

E' esta a nova orientação, cuja simplicidade e sublime elevação de pensamento caracterisa a philosophia espirita.

Os enunciados das theorias de Allan-Kardec abrem horisontes novos ás almas, elevam o coração. desenvolvem a intelligencia e têm arrebatado, como aconteceu a Emmanuel Vauchez, as massas fluctuantes dos deistas a quem o christianismo romano, o catholicismo com os seus erros, suas grandes opportunidades e seu negocio não puderam convencer.

Sob o ponto de vista historico o espiritismo dá a razão da sua propria existencia.

Todas as legendas semeadas á vontade na historia religiosa de todos os tempos encontram n'elle explicação. O espiritismo veio de certo modo esclarecer toda essa cohorte de espiritos extranhos que, em todas as épocas, gozaram de uma influencia mysteriosa ; os anjos, os archanjos, os diabinhos, Satan mesmo *deus* dos Infernos, os *deuses* dos lares, os *deuses* da Grecia e de Roma, as nymphas e satyras, toda essa multidão de seres do paganismo, mostra-se assim possivel.

Estudando-se de perto o espiritismo contemporaneo, essas existencias tão discutidas tornam-se facilmente comprehensiveis, nitidamente logicas.

A theoria espirita que offerece aos espiritos perspicazes tantos factos comprovados, explica a possibilidade da existencia de seres metaphysicos cujas citações nos entretem. E não se está mais no dominio da simples imaginação como a sciencia actual tentará em vão fazer crer.

Acceitai por um instante a completa realidade do espiritismo ; a camaradagem incessante dos bons espiritos com os humanos se explica, e tudo o que vos parece obscuro no passado torna-se luminoso e inteiramente admissivel.

Os espiritos out'rora com denominações diversas, eram certamente espiritos desincarnados, parentes dos incarnados collocados em planos differentes, d'onde podiam aconselhar, encorajar, sustentar os que estavam ainda incarnados no plano terrestre.

Vê-se então, historicamente fallando, que o espiritismo devia succeder ao paganismo e á theoria dos genios bons ou maus, incubos ou succubos, como a chimica devia succeder á alchimia.

Em resumo, o espiritismo é, si ousamos dizer, a synthese completa de tudo o que se tem feito até hoje no dominio do que se julgava não haver senão allucinação ou crenças não reflectidas; por sua vez elle demonstra que o espaço não é habitado sómente pelo infinitamente pequeno, mas de outro modo. O Espiritismo vem esclarecer o que tinham feito entrever o paganismo e as religiões de todos os povos primitivos; mas não entremos em dissertações. Si examinarmos a vida dos santos ahi encontraremos grande numero de provas que esclareceriam as crenças actuaes dos discipulos de Allan-Kardec. E' esta, certamente, uma philosophia nova offerecida aos povos que nella veem, em razão de sua simplicidade, o que lhes convém com mais justos motivos e faz parte do dominio scientifico que até o presente nos foi vedado; nada ha occulto, em summa, senão as leis que regem as forças naturaes e que os sabios do mundo inteiro não puderam ainda penetrar.

Quer isto dizer que seja impossivel rasgar essas trévas?

Não, porque na hora actual, ha, na superficie da terra milhares de homens que conhecem estas leis, tão procuradas, tão seguidas e se esforçam para d'ellas se utilisarem em bem da humanidade.

Infelizmente sob o ponto de vista scientifico o sulco apenas está aberto e nas demonstrações dos Crookes, dos Denis, dos Delanne e tantos outros se encontra sómente as primeiras provas que podem seduzir e attrair os profanos.

E' preciso dizer que os costumeiros phenomenos, como os conhecimentos scientificos se acham em numerosas circumstancias, na mesma posição.

E' assim que assistimos phenomenos que parecem impossiveis e até contrarios ás leis physicas e chimicas.

G. FABIUS CAMPVILLE

Partindo do estudo profundo e seguido dos phenomenos ultimamente conhecidos ou quasi explicados, taes como os da radio-actividade, dos raios X e dos raios N, resalta de um modo mathematicamente reconhecido hoje, que, a materia pode ser atravessada pela materia sem nenhuma deformação apparente.

Estas demonstrações, pensamos, poderiam servir para fazer reflectir ao que, em tudo o que toca ao desconhecido, não oppõem senão a negação.

Nesta ordem de idéas devemos confessar que o magnetismo serviria, na maior parte dos casos, para explicar todos os factos que chegam ao nosso conhecimento de todos os cantos do mundo.

E' certamente o estudo da força psychica que pode esclarecer a questão, e o fluido vital apparece na maior parte das observações, como o principio predominante quando se trata das experiencias de M. Ch. Richet, dos doutores Schancz, Lombroso, Dolrzychy, Ochorowicz, Starynkiwycz, Kranz, Zœllner de Leipzig, enfim as experiencias de Miss Cook, de Katie King e Home.

O espiritismo terá então duplo resultado:

«Proporcionar ás almas desamparadas, como aos espiritos esclarecidos, ponderados, sinceros, uma philosophia san, desembaraçada das subtilezas mesquinhas de todas as religiões degeneradas em commercio, digna do Creador e da creatura, deixando a todos uma admiravel liberdade.

«Abrir o caminho a pesquizas scientificas de alto valor.

E' um mundo novo, esperado, previsto, que se affirma.

Nós tinhamos penetrado o mundo dos infinitamente pequenos. Forçaremos a materia invisivel a tomar forma, como fizemos ao fluido electrico invisivel se transformar em força calculavel, em luz visivel.

O corpo psychico sem a sua vestimenta de carne se manifesta, nós o fazemos agir.

Do homem se desdobra o *ser*.

D'um desincarnado nos invocamos, retemos perto de nós, na nossa orbita de acção, o corpo fluidico: o espirito.

E pelos seus olhos espirituaes, podemos vêr melhor.

O espiritismo não está senão esboçado. E' um conjuncto harmonico cuja analyse destinada a causar admiração aos nossos descendentes e alumiar a humanidade e a creação, é uma esplendida, re confortante e regeneradora luz.»

O sonho telepathico de Garibaldi

A *Filosofia della Scienza* publicou, por occasião do cinquentenario da entrada das «camisas vermelhas» em Palermo, Italia, um sonho telepathico que teve Garibaldi em 1852, e no qual o campeão da unificação da patria italiana viu o annuncio da morte de sua querida mãi. Depois de ter dito que o seu navio *Carmen* soffreu uma borrasca no Pacifico, Garibaldi assim narrou o seu sonho:

— «Achava-me doente de rheumatismo e estava, no forte da tempestade, a dormir no meu camarote.

Num sonho fui transportado á minha terra natal, mas, em vez dessa atmosphera de paraiso que estamos habituados a achar em Nice, onde tudo me sorria, parecia-me envolto num ambiente de cemiterio. Atravéz uma multidão de mulheres que via ao longe, com os rostos desfeitos e tristes, pareceu-me lobrigar um feretro.

Aquellas mulheres, posto que a andar lentamente, vinham em direcção a mim. Preso de tal presentimento fiz um esforço para me approximar do prestito funebre, mas não me pude mover; tinha sobre o peito como que uma montanha. O cortejo, entretanto, chegou junto a mim, depoz o feretro e afastou-se. Suando de fadiga, em vão tentei levantar-me sobre os braços. Estava sob uma terrivel influencia e, quando comecei a moverme, senti o frio contacto de um cadaver, em cujo rosto reconheci o venerado semblante materno. Accordei com a impressão de ter na minha mão uma outra mão, porém essa era gelida. O rugido da tempestade, as queixas da misera *Carmen* impiedosamente batida contra a terra, não puderam afastar a impressão terrivel do meu sonho. Nesse dia e nessa hora estava eu com certeza privado de minha mãi, da melhor de todas as mãis».

A mãi de Garibaldi morreu, com effeito naquella noite. As suas exequias realisaram-se dois dias depois. Seguraram nas pontas da mortalha quatro proscriptos da democracia italiana e o cortejo foi quasi todo composto de mulheres, tendo toda a população de Nice tomado parte na funebre cerimonia.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

IV

Materialisações propriamente ditas

Os phenomenos mais interessantes e extraordinarios da mediumnidade apresentam-se agora : as materialisações.

As que se verificam por meio de simples contacto são indiscutivelmente as mais frequentes.

As mais das vezes são mãos que nos tocam, que nos agarram, que apoiam a superficie palmar nos nossos hombros, ora com doçura, ora com festejante violencia ; que nos acariciam, nos impellem, nos tacteam ; dedos que nos beliscam a pelle, nos mexem nas orelhas, nos puxam pela roupa ; cabeças, com toda a apparencia humana que se approximam das nossas, depõem beijos na nossa bocca ; corpos inteiros que se inclinam sobre nós, emquanto que dois braços nos cerram affectuosamente.

Estes corpos que parecem verdadeiros seres humanos, ou mais frequentemente, porções de seres humanos, percebemol-os as mais das vezes recobertos pelas cortinas do gabinete medianimico ; algumas raras vezes, ao contrario, não são protegidos pelo panno das cortinas e apresentam-se directamente levados pelo medium ao contacto d'essas formas materialisadas, quer ellas estejam cobertas pelas cortinas, quer perfeitamente livres.

N'estas condições algumas vezes nos é possivel tomal-as. Eu mesmo consegui agarrar uma mão materialisada durante uma sessão em casa de M. Avelino, no mez de junho de 1901.

Era uma mão larga, reunindo todos os caracteres d'uma mão masculina. Assim aperteia-a intencionalmente com força no intuito de a segurar o mais possivel na minha mão.

Passado algum tempo, posto que eu não tivesse deixado de augmentar a pressão para a não largar, n'um dado momento essa mão retirou-se livremente da minha, como se as dimensões instantaneamente lhe houvesse diminuido. (1).

Um outro ponto caracteristico d'estas formas materialisadas objectivamente por contacto, é o de se deixarem perceber em diversos pontos ao mesmo tempo. Muitas vezes com effeito, differentes pessoas accusam simultaneamente contactos, como se as figuras materialisadas fossem duas, tres ou mais.

Todas essas manifestações teem logar tanto na obscuridade, como n'um logar mais ou menos illuminado e são geralmente acompanhadas pelo avolumar das cortinas do gabinete medianimico.

Quando a luz é mais intensa á verificação do phenomeno pelo contacto vem juntar-se a verificação por meio da vista. As formas, cobertas ou não pelas cortinas, avançam d'uma maneira visivel, de modo a deixar distinguir nitidamente os movimentos que executam.

Com auxilio da vista apenas, tambem se consegue as vezes ver confusamente as materialisações. São perfis obscuros, frequentemente de aspectos indeterminados e apparecendo na penumbra d'uma luz bastante fraca.

---

(1) *Refiro aqui as impressões que recebeu em casos similhantes o illustre publicista Luiz Barzini. Eis como se exprime no relato de uma sessão com Mme. Paladino, publicado em 25 de janeiro, no* Corriere della Sera, *de Milão.*

«Algumas vezes — escreve elle — tenho conseguido tomar no percurso as mãos mysteriosas. Ellas não se tem escapado, mas por assim dizer, derretido. Escapam-se-me das mãos como por um esvasiamento. Dir-se-iam mãos que amollecem e se desvanecem rapidamente, depois de haverem tido um maximum de energia e uma apparencia absolutamente vital no momento de realisarem um acto.»

Ha tambem casos em que as formas não se manifestam nem com o auxilio do contracto, nem com o da vista, mas unicamente por meio do orgão do ouvido. São pancadas dadas sobre a mesa, d'uma maneira evidente, por mãos abertas ou punhos fechados ; dedos que baqueteam na superficie da mesa ou de outros moveis ; ruidos de palmas, como de mãos batendo uma contra a outra á guisa de aplausos ; vozes aphonas que nos murmuram ao ouvido.

Accrescentamos que as figuras materialisadas não se apresentam sempre de forma e dimensão constante. Os membros podem ser de differentes comprimentos; as mãos são largas e robustas como as de um homem de constituição herculea, ou delicadas e macias como pertencendo a uma mulher, e algumas vezes ainda são mãos pequeninas, como sendo de creanças de diversas edades.

O tamanho das cabeças, cuja presença podemos verificar, varia egualmente; em raras circumstancias se pode tactear cabeças de cabellos longos ou curtos, ou lisos ou frisados e maîs ou menos consistentes; por vezes são cabellos de mulher, entrançados, ou ainda cahindo e espalhados sobre as espaduas.

N'outros casos, reconhecem-se verdadeiros relevos de rostos cobertos pelas cortinas ou indepentes d'ellas.

Só em condições excepcionaes de meio e de homogeneidade, é que se obteem em plena luz estas apparições de phantasmas, dos quaes—especialmente por causa da auctoridade de quem o verificou e descreveu — o phantasma de Katie-King é o prototypo.

As apparições que se obteem com o auxilio da mediumnidade de Eusapia Paladino, manifestam-se sob o aspecto de figuras vivas, que se movem, sorriem, enviam beijos, cujo som é nitidamente percebido pelos experimentadores.

As figuras envoltas em roupagens brancas sahem parcialmente das cortinas do gabinete, em que está collocada Eusapia, deitada n'um pequeno leito, ao qual ella se acha fixada por cordas e atada com grande quantidade de nós.

A sahida parcial d'estas apparições e a verificação que fizemos (como adeante se mostrará) de materialisação incompleta de membros visiveis, induz-nos a crêr que estas formas geralmente não são completas.

Após estas indicações syntheticas attinentes ao que se refere a esta parte extraordinaria da phenomenalidade medianimica, abordaremos muitos casos escolhidos na segunda serie ; como já fizemos precedentemente, teremos o cuidado de acompanhar cada um d'estes casos de considerações, que no final do artigo resumiremos em deducções d'ordem geral.

1.o CASO

Estamos nas salas do «Circulo Minerva» onde se tomaram as habituaes e já descriptas medidas de rigorosa fiscalisação.

O professor Morselli, os srs. Avelino, Bantle, marquez Da-Passano, Ferraro, Peretti, a condessa Rey, Schmolz e Venzano assistem a sessão.

O episodio que vae seguir-se teve logar no fim d'ella, isto é, quando se accenderam os dois bicos de gaz, um dos quaes era bico Auer, estando a sala por isso completameute illuminada.

Eusapia, á distancia de cerca d'um metro do gabinete está sentada deante da mesa, com os cotovelos apoiados sobre ella e as mãos, posto que ainda seguras pelos visinhos da direita e da esquerda, tem-n'as a tapar os olhos, para os abrigar da luz muito viva.

Apenas alguns dos assistentes se conservam ainda sentados.

Posto isto, eis os pormenores deste caso, tal como se lê no relatorio d'esta sessão, por mim redigido na data de 20 de maio de 1900.

«O sr. Peretti, tendo-se approximado da cortina, sente-se logo agarrado por uma mão, que cerra delicadamente a sua. E' uma mão, como todos pudemos observar, que vem do interior das cortinas, mantendo-se sempre coberta pelo panno, e cuja fórma póde reconhecer-se distinctamente pelo relevo da cortina.

Este facto inesperado desperta a curiosidade dos assistentes que successivamente lhe offerecem suas mãos e egualmento recebem um affectuoso aperto.

O professor Morselli pela segunda vez, e o sr. Ferraro, que até então tinha afastado, avançam simultaneamente as mãos, mas o phenomeno desejado não se produz mais.

O doutor Venzano e o sr. Schmolz,

que se approximaram do medium, emquanto o phenomeno se prolongavä, puderam, emquanto a cortina estava entumecida, dirigir a sua attenção para o interior do gabinete, perfeitamente illuminado, no qual se apercebia apenas a cadeira com o bloco de greda, emquanto que pelo lado de fóra, via-se fazer relevo por baixo da cortina a mão que cerrava a dos assistentes».

Muitas circumstancias dão a este caso um valor pouco commum. Antes de tudo, o episodio occorreu em plena luz; em segundo logar, produziu-se quando a sessão estava terminada, isto é, quando a expectativa d'um novo phenomeno já não tinha razão d'existir da nossa parte.

Além disso, desde que os assistentes exprimiram vivamente o desejo de vêr repetir o phenomeno, obtem-se com o consentimento quasi completo, o qual cessa todavia com o pedido repetido do professor Morselli feito ao mesmo tempo que o o do sr. Ferraro.

E' um caso, para interpretação do qual a intervenção da vontade dos experimentadores parece contradictoria ou pouco explicita.

Poder-se-á dizer o mesmo com respeito á Paladino?

Nella tambem não pode racionalmente encontrar-se a vontade directriz para explicar essa manifestação.

Com effeito, perante este novo facto, ella mantém-se numa passividade manifesta; ella é indifferente ao phenomeno e preoccupa-se antes de tudo com a luz sobre-abundante qua se fez para terminar a sessão. Nada ha pois em Eusapia que nos leve a considerar o phenomeno como uma emanação directa da sua consciencia; isto não impede comtudo que, em vigor, não se trate de uma suggestão inconsciente.

Outra consideração:

Vimos que, emquanto a mão cumprimentando as dos assistentes. avançava coberta pela cortina e todos verificaram a sua consistencia e força, o interior do gabinete parecia a mim e ao senhor Schmolz perfeitamente livre e apenas occupado pelos objectos ali collocados.

Constitue isto, a mais, uma prova do laço intimo que existe entre a obscuridade e a materialisação, laço que diminue gradualmente, á medida que a harmonia do meio e a homogeneidade dos experimentadores vae attingindo o seu mais alto gráu.

No caso em questão a forma, para se materialisar, teve necessidade dum logar obscuro que só poude encontrar no interior do gabinete, depois que se accenderam os dois bicos de gaz.

N'este caso, o panno da cortina, nas circumstancias que referimos, vem estabelecer condições sufficientes de obscuridade, para que a materialisação possa ter logar.

Mas nós voltaremos a este ponto, á proposito dos casos que vão seguir-se.

2.o CASO

Faz parte duma sessão feita em casa do sr. Berisso, na noite de 13 de Julho de 1905, assistindo o dito sr. Berisso e esposa, o sr. Bozzano, o Dr. Eugenio Gellona, eu e minha filha Gina.

As precauções que se tomaram relativamente ao medium e ao local foram as mesmas que se descreveram á proposito do segundo caso da primeira serie. Ficaram fiscalisando as mãos e pés de Palladino, o Dr. Venzano á direita e Mme. Berisso á esquerda. A sala é illuminada por uma lampada electrica de 16 velas. O relatorio que segue é extrahido da acta da sessão, redigida pelo sr. Berisso.

«... Num dado momento, ouve-se dentro do gabinete, onde se tinha collocado sobre uma cadeira uma garrafa cheia d'agua e um copo, um ruido com toda a evidencia produzido pelo choque destes objectos entre elles.

Pouco tempo depois, todos nós ouvimos o marulhar da agua da garrafa á despejar-se no copo, e que logo agita-se a cortina e uma mão coberta por ella vem pousar o copo d'agua sobre a mesa deante de Mme. Palladino.

Durante este tempo a mão esquerda do Dr. Venzano e a direita de Mme. Berisso vêem-se distinctamente sobre a mesa, juntas, uma segurando a mão direita do medium, e a outra a mão esquerda.

Desde que o copo é collocado sobre a mesa, Eusapia exprime o desejo de beber. Não julgamos opportuno satisfazel-a, pois sabemos por uma longa experiencia que isto poderia trazer-lhe nauseas e vomitos. Ella insiste no pedido e nós continuamos na recusa.

Eusapia está nervosa e agitada. De repente o lado direito da cortina avoluma e vem cobrir em parte o antebraço direito do medium, seguro pelo Dr. Venzano. Pouco depois, minha mulher, o Dr. Venzano e eu vimos distinctamente surgir uma mão e um braço coberto por uma manga escura, da parte antero-superior do hombro direito do medium.

Este braço, abrindo caminho por cima da extremidade livre da cortina que está sobre a mesa, toma o copo, approxima-se da bocca de Eusapia, que se inclina para traz e bebe avidamente. Depois d'isto, o braço colloca o copo sobre a mesa, e nós vemol-o retirar-se rapidamente e dissolver-se, como se reentrasse no hombro, de que o viramos sahir.

O Dr. Venzano a quem não escapou o minimo pormenor deste phenomeno, dirige-se aos assistentes e pergunta-lhes, si elles tambem viram o braço que tomou o copo sahir do hombro de Eusapia. Minha mulher e eu confirmamos o facto. O sr. Bozzano que na mesa occupava lado opposto ao medium, affirma ter visto por sua parte, uma massa obscura desprender-se do hombro de Eusapia, e pouco depois avançar por baixo da cortina collocada sobre a mesa esse braço terminado por uma mão de carne viva, que tomou o copo; logo formou a convicção de que se tratava de um desdobramento e ia communicar esta impressão aos assistentes, quando foi prevenido pela exclamação do Dr. Venzano.

Mlle. Venzano e o Dr. Gellona, que estão collocados respectivamente á direita e esquerda de Bozzano, por causa da sua posição não puderam observar esta particularidade da primeira parte do phenomeno.

E' de notar que durante a producção do phenomeno inteiro, as mãos de Eusapia seguras, não deixaram um só instante de estar apoiadas sobre a mesa, á vista de todos os assistentes».

No caso relatado, a connexão entre a vontade do medium e o phenomeno produzido, é notavel; é um facto que Aksakof classificaría sem restricção entre os phenomenos animicos.

Desta vez tambem, a materialisação tem logar em plena luz; a homogeneidade dos assistentes contribue sem duvida para este resultado. A mão que ao principio pousa o copo sobre a mesa, vem completamente envolvida no panno escuro, mais tarde ella, com o braço, apparece descoberta por alguns instantes; pois logo se introduz no espaço entre a mesa e a cortina, que cahe sobre ella, de maneira que por fim estava em grande parte coberta pelo proprio panno.

Deste modo a forma materialisada chega a ser parcialmente mantida na obscuridade, condição manifestamente vantajosa para uma mais longa persistencia da formação temporaria. Mas muitas outras considerações se deduzem da analyse attenta deste episodio.

Se, no caso sujeito, considerarmos a materialisação obtida em virtude da necessidade imperiosa de beber, exprimida por Eusapia, vemos que a intelligencia dirigente do phenomeno, para attingir o seu fim, se serviu apenas do indispensavel para o medium realisar a sua intenção.

Com effeito, em virtude das suas faculdades medianimicas, obtem-se a formação de um braço direito, sahindo do hombro direito, e (não é inutil accentual-o) precisamente da região a que corresponde a articulação Scapulo-humeral, que é o ponto de apoio dos movimentos do membro inteiro.

E' um caso typico de desdobramento, dum membro supranumerario que nos parece demonstrar como a intelligencia, para conseguir o seu fim, recorreu a um verdadeiro e bello criterio de economia, seguindo o caminho mais direito e simples e dando tambem uma prova da applicação da lei do esforço minimo, que prende a acção de toda a actividade.

Veremos adiante que temos colhido provas frequentes deste processo da intelligencia dirigente, tendendo o seu fim sem dispersão de forças inuteis e na proporção da condicionalidade do meio, homogeneidade e attitude medianimica (releve-se o termo) da parte de Eusapia.

E é talvez por esta razão, que as materialisações obtidas pela sua mediumnidade, na maioria dos casos resultam incompletas; e só em circumstancias muito excepcionaes, quando a necessidade da materialisação completa se impõe e a referida condicionalidade o permitte, é que se formam apparições humanas, que com razões suppomos completas.

E agora uma ultima consideração, que já não se refere á genesis possivel da forma materialisada.

Se o phenomeno produzido em plena luz houvesse realisado em inteira obscuridade ou em luz tão escassa que se não distinguissem distinctamente as mãos do medium seguras e apoiadas sobre a mesa, a nossa impressão era uma suspeita de fraude, visto o continuo pensamento duma possivel substituição de mãos.

Ora, se deste facto observado em plena luz ajuizarmos de muitos factos semelhantes produzidos na obscuridade mais ou menos completa, comprehenderemos quanta prudencia deve haver antes de attribuirmos peremptoriamente á fraude qualquer facto suspeito.

Nunca os experimentados, serenos ou apaixonados, deveriam esquecer esta circumstancia na apreciação dos factos, sobre tudo quando se trata de discernir os phenomenos reaes dos que o não são, pois desventuradamente ainda ha destes na causistica animica.

Dr. José VENZANO

(Continúa)

As Experiencias do Doutor Ochorowicz

A MEDIUM STANISLAS TOMCZYK

Como promettemos no numero de 15 de março do anno p.p., voltamos a offerecer aos leitores mais uma pagina das excellentes experiencias do illustre professor da Universidade de Lemberg com a extraordinaria medium Mmelle. Stanislas Tomczyk.

Mmlle. Tomczyk é uma joven polaca d'um genio alegre e affavel. Além disso é um medium dos mais notaveis que se tem visto; produz com muita naturalidade, phenomenos que foram fiscalisados com toda a exigencia scientifica pelo sabio russo Dr. Julien Ochorowicz, cujo nome é bem conhecido em todo o mundo.

Mmlle. Stanislas, como dissemos, é auxiliada pelo Espirito de uma irmãzinha que ella perdeu na mais tenra edade.

A pequena Stasia (entidade que se manifesta nas sessões de Tomczyk) age como uma criança: brinca, traquina e os seus divertimentos são registrados nos factos maravilhosos que foram observados pelo sabio russo. Cada um delles foi reproduzido um grande numero de vezes, o que, para o registro methodico dos resultados, é mais uma garantia.

Mas passemos ás experiencias após esta ligeira apresentação.

O Dr. Ochorowicz possúe um relogio de parede, construido de tal maneira que, graças a um jogo de engrenagens, os ponteiros postos em movimento devem parar num ponto previamente calculado, afim de indicar uma hora determinada.

O objecto não merece propriamente o nome de relogio: é antes, um brinquedo mecanico.

O que surprehendia o sabio russo é que Mmlle Stanislas, uma vez adormecida, posta em presença do relogio, mas sem contacto algum com elle, ordenava ao mechanismo e os ponteiros começavam immediatamente a se mover, indo marcar a hora pedida verbalmente. Ora, é preciso convir que a joven polaca intervinha, sem contacto, no mecanismo do instrumento para modificar as combinações das engre-

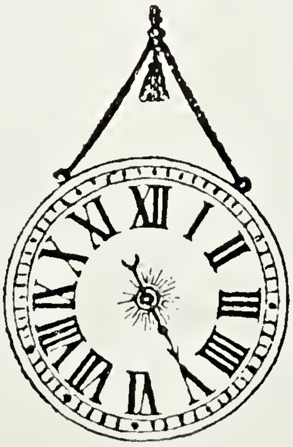

Relogio magico do Dr. Ochorowicz, influenciado mediumnicamente por Mlle. Stanislas Tomczik nagens *que ella nunca vira*, afim de obter resultados diversos dos esperados pelo medico russo, o qual, dispondo o mecanismo de uma determinada maneira devia, *materialmente* obter uma hora differente d'aquella que a medium pedia e obtinha.

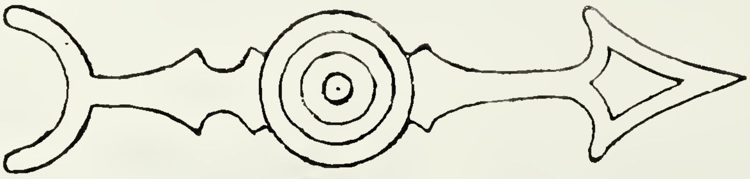

O PONTEIRO — (Esta parte do relogio é preparada para andar e parar automaticamente numa hora qualquer previamente determinada, por meio de um dente que existe no lado posterior dos circulos concentricos do ponteiro. Quando esse dente encontra no relogio outro dente, que se acha em face da hora escolhida, e que é posto em saliencia pelo experimentador, o ponteiro pára.)

Algumas vezes acontecia mesmo que Mmlle. Stanislas, quando o resultado se fazia esperar, batia com o pé no chão impaciente, ennervava-se, e dirigindo-se a uma pessôa invisivel que dizia-se Stasia, gritava descontente : «Não, não é isso que eu quero, não é isso que eu pedi ! Quero tal hora ! Ouves ?»

E docilmente os ponteiros entravam de novo em movimento, indo dessa vez parar sobre a hora indicada pela medium.

E' bom observar que essas experiencias sempre se realisaram em plena claridade. Por vezes o Dr. Ochorowicz mediu com um dynamometro, a força de Mlle. Stanislas.

Apressando a mão direita, de ordinario, marcava 32 e a esquerda 15 (esforço normal n'uma moça da edade da medium). Porém Stasia entende de vir auxiliar a sua irmã e esses numeros mudam immediatamente : a pressão da mão direita passa a ser 86 (o que representa a força de um homem).

Para bem provar a presença de sua irmãsinha, melle. Stanislas estende a mão na direcção da lampada á incandescencia que illumina o escriptorio do Doutor onde taes experiencias se effectuam, pega de novo no dynamometro e aperta-o sem grande esforço. Ao cabo de alguns instantes,

O Dr. OCHOROWICZ — Professor da Universidade de Lemberg o experimentador vê, novamente a pequena mão da medium fechar-se e tremer convulsivamente, como apertada e sacudida por uma outra pessôa, e Mmlle. Stanislas larga o instrumento gritando : «Má ! Me magoastes ! Enterraste-me as unhas na carne !»

Ora, o dynamometro nesse momento, marcava 240, cifra correspondente a uma pressão de 80 kilos, o que representa um esforço superior ao esforço muscular dos dedos de um homem forte. A palma da mão da medium, do lado do polegar, tomara um colorido violaceo, occasionado por uma pressão excessiva, ao passo que, na pelle do metacarpo, viam-se os vestigios profundos de unhas pequeninas.

O Dr. Ochorowicz nunca poude obter um tal resultado, nem com Eusapia Paladino que, como se sabe, era um medium de uma potencia notavel.

* * *

Mmlle. Stanislas declara que sua irmã tem 55 centimetros de altura menos do que ella e que physionomicamente se parece muito com ella.

Um dia o sabio russo achava-se á mesa ao lado de um convidado e de Mmlle. Stanislas que, algum tempo, morou em sua companhia, havendo sido preparado um quarto commodo. A pequena Stasia entendeu dever occupal-o invisivelmente. A sua presença manifestou-se desde o começo da refeição, mudando de lugar a cadeira e approximando-a da mesa. Como isto se passava em plena claridade, pois que um lustro preso ao tecto exactamente á altura da mesa, derramara na sala de jantar jorros de luz, era facil verificar que Mmlle Stanislas não executava movimento algum.

A extraordinaria medium polaca — Mmlle. Stanislas Tomczyc

Pouco depois, o illustre investigador russo sentia na perna o contacto de um corpo invisivel. Mmlle. Stanislas que se achava ao lado de videncia teve então um accesso de hilaridade declarando em seguida ter-lhe dito a sua irmã que ia puxar a barba do sabio.

Effectivamente, alguns instantes depois, o Dr. Ochorowicz sentia o contacto de uma mão invisivel na sua barba e nos seus cabellos.

Em tudo isso não houve allucinação, pois que, uma gatinha branca que dormia sobre a poltrona, começou a fixar a cadeira onde se achava o espirito de Stasia, invisivel para os olhos humanos, e fugiu espavorida, depois de se ter entregue a uma fraqueza organica, necessidade que nunca dava curso senão no seu recipiente especial. È que, sem duvida, o animal se amedrontara ante o espirito materialisado, que vira.

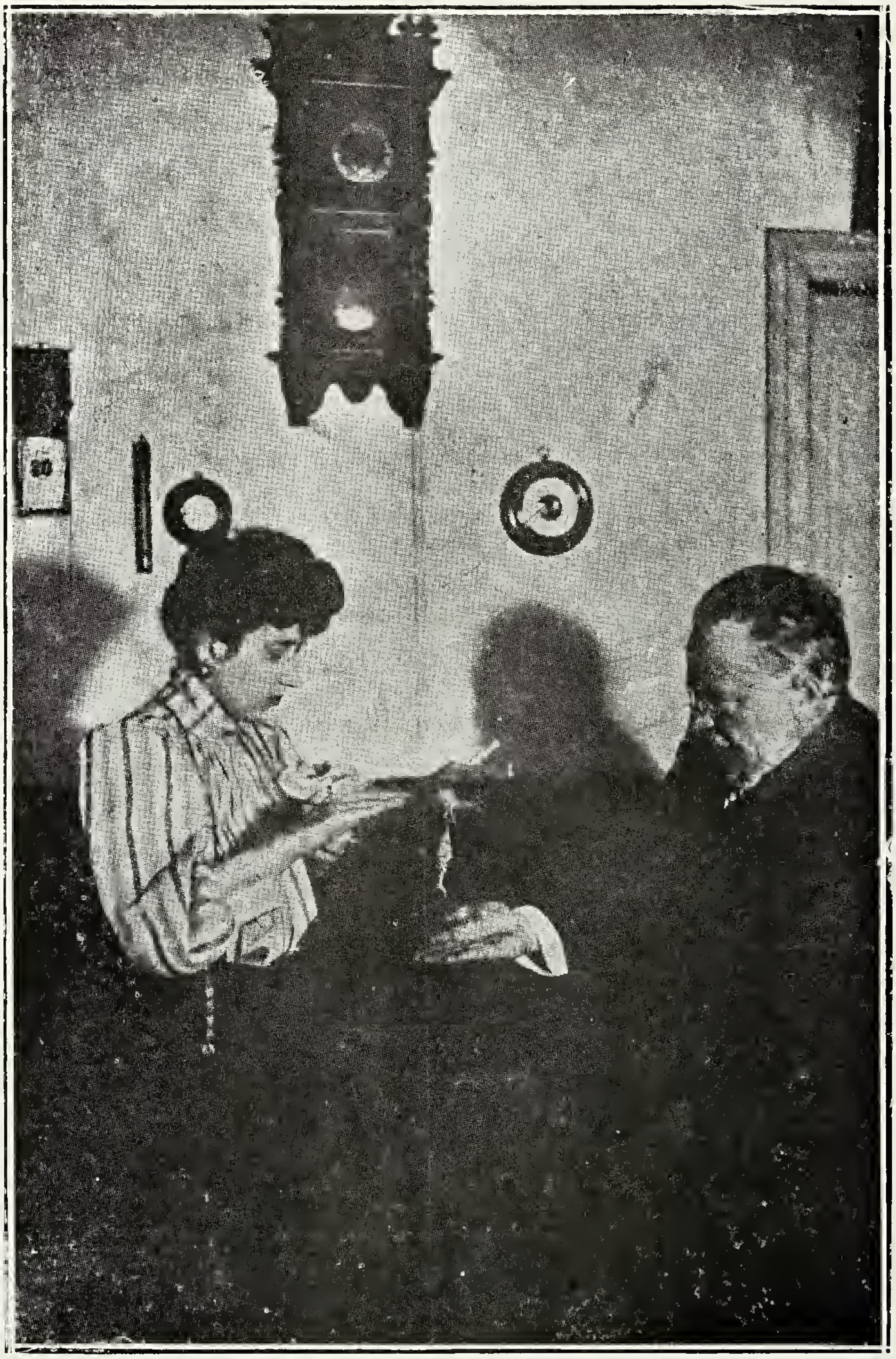

LEVITAÇÃO DA AGULHA DO RELOGIO
(Phenomeno obtido em plena claridade. O Dr. Ochorowicz acha-se em frente da medium).

D'outra vez, a pequena Stasia tirou sons de uma trombeta, achando-se a medium a distancia. Mmlle. Stanislas executou diversas levitações ou deslocamentos de objectos; poz em movimento, em direcções differentes, uma sineta presa a um fio que suspendia o pequeno cone de metal e conservava-se immovel.

Emquanto esses phenomenos se produziam o medium, sentado á distancia dos objectos que punha em movimento, executava apenas uma ligeira contração com as mãos, como quando se faz um esforço. Certa vez, Mmlle. Stanislas declarou que a luz da lampada collocada junto a ella a fatigava. Immediatamente a lampada apagou-se sem intervenção de pessoa alguma.

Durante uma refeição a mesa começou a levantar-se de um lado só, pondo em risco tudo o que sobre ella se achava. Era ainda Stasia que se divertia e que por meio de «raps» declarou que queria uma sessão para esse mesmo dia, ás 5 horas da tarde. Nessa sessão, os phenomenos auggmentaram de intensidade. Um grande e verdadeiro relogio de parede soou horas que o Dr. Ochorowicz pedira.

O martello do tympano conservou-se immovel, e o som era o que teria produzido o pendulo si, deixando o campo de seu balanço cadenciado, fosse bater de encontro ao tympano. A sessão terminou por um phenomeno não menos curioso : a pedido do Dr. o pendulo deixou repentinamente de mover-se e o relogio parou. Diversas materialisações e desmaterialisações de objectos foram operadas por Mmlle. Stanislas, que declara que sua irmã manipula a materia de forma a tornal-a tão tenue que fica invisivel e que pode passal-a em seguida atravez das fendas das portas e das caixas.

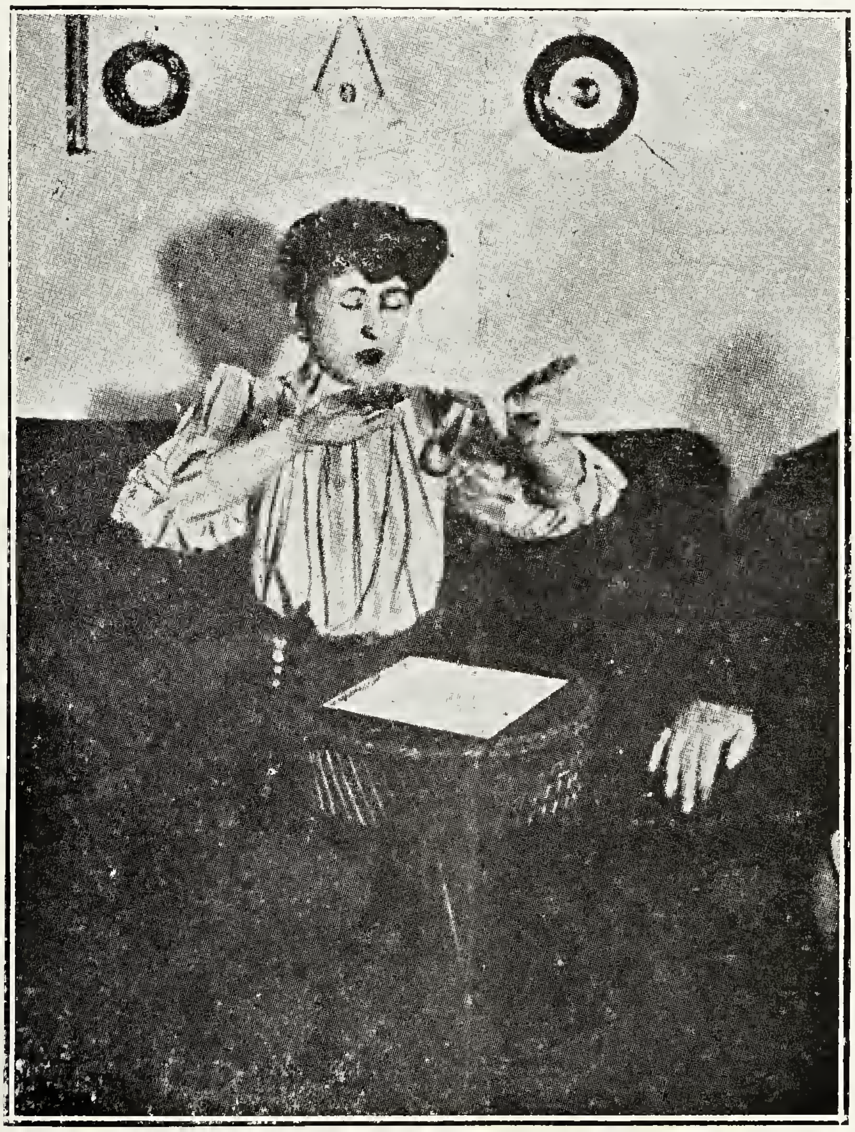

LEVITAÇÃO DO IMAM
(O Dr. Ochorowicz, do qual se vê uma parte do corpo, acha-se em frente de Mmlle. Stanislas)

O Dr. Ochorowicz, como dissemos, verificou interessantes phenomenos de levitação nas experiencias com Mmlle. Tomczyk, e essa suspensão de objectos, sem contacto, se effectuavam *como si um fio fluidico se produzisse sobre as mãos da medium* para auxiliar as levitações. Dir-se-ia que quando o objecto era de certo peso, *outros fios pareciam formar-se de maneira a reformar o primeiro.*

Esse fio fluidico não é uma simples hypothese. Elle existe objectivamente. Por diversas vezes a sua materialisação chegou ao ponto de tornal-o apparente, quando entrava em contacto com os objectos que devia soerguer.

Porém, coisa curiosa : as extremidades oppostas, isto é, as partes em contacto com os dedos conservavam-se invisiveis.

Para demonstrar que não podia, no caso, haver habil utilisação de um fio real empregado com destreza, o Dr. Ochorowicz lançou mão de meios de fiscalisação infalliveis, taes como : 1.o — A escolha, para levantar, de objectos que, pela sua forma, ou pela sua natureza (pequenas espheras por exemplo) impediam a fixação de um fio suspensor, como um cabello supponhamos ; — 2.o A producção de movimentos os mais variados dos objectos em suspensão, movimentos que não poderiam ser executados, si houvesse um fio ordinario dissimulado com habilidade ; — 3.o a photographia. Este meio de observação scientifica é indispensavel.

Graças a elle podemos offerecer aos leitores as reproducções photographicas que representam o Dr. Ochorowicz perto da medium.

O illustre sabio dispõe diversos apparelhos photographicos, prepara velas e cartuchos de magnesium, afim de que varias photographias dos factos produzidos sejam obtidos ao mesmo tempo e a distancias differentes.

Quando chega o momento opportuno o doutor aperta uma móla, os obturadores dos apparelhos abrem-se automaticamente, o relampago do magnesium produz-se no mesmo instante e o facto manifestado é photographado numa placa instantanea.

Para terminar accrescentaremos que o Dr. Ochorowicz fez muitas outras experiencias, cujas consequencias, não ha duvida, confirmam os princios basicos do Espiritismo que devem ser estudados por todos.

Chronica Extrangeira

O jornal espirita de Chicago — *The Progressive Thinker* — dirigido pela illustrada propagandista, a sra. M. E. Cadwallader, tomou a iniciativa de uma petição que foi já apresentada ao sr. Calvin Coolidge, presidente da Republica dos Estados Unidos, reclamando a protecção dos *direitos constitucionaes aos mediums*, arbitrariamente atacados em diversos Estados americanos, e escandalosamente perseguidos por exercerem suas faculdades espirituaes. Todo o grupo, sociedade espirita, todos os espiritas, emfim, foram convidados a subscreverem esse appello solicitando a justiça que a lei garante a todos os cidadãos.

O conteúdo da petição é bem interessante, não nos podendo furtar ao dever de sua publicação.

Eil-o :

«*Considerando* que tem havido em todos os tempos e em todos os paizes do mundo, prophetas, mediums e clarividentes ;

Considerando que o Antigo Testamento está repleto de factos de videncia e de prophecia obtidos por seres que conversaram com os *Espiritos familiares*, e que o Novo Testamento relata como Paulo ouviu a voz dos Espiritos, e como Pedro e João viram os Espiritos de Moysés e de Elias ;

Considerando que todas as nações pagãs, assim como os Judeus e os Christãos tiveram clarividentes, mediums e prophetas, entre os quaes se acha Socrates que diariamente via seus guias espirituaes;

Considerando que Joanna d'Arc, uma simples joven aldeiã, sem instrucção, com a edade de 15 annos salvou a França, como commandante das forças, e que ella venceu grandes batalhas, dirigida como era em todas as suas operações militares, pelas vozes do Espirito ;

Considerando que os fundadores da Egreja Catholica romana reconhecem a realidade das communicações com os Espiritos, e que o Rev. John Wesley, fundador da Egreja methodista entreteve dialogos com as intelligencias invisiveis, o mesmo acontecendo com numerosos e reputados religiosos ;

Considerando que distinctos sabios, philosophos e homens do Estado, entre os quaes se acham Swedenborg, Victor Hugo, Gladstone, Camille Flamarion, Alfred R. Wallace, Juiz Edmonds, Harriet, Beecher, Stowe, Pr. James, Pr. Hyslop, W. T. Stead, Ella Wheeler Wilcox, e uma multidão de outros que creem no Espiritismo ;

Considerando que o Espiritismo está sob a protecção das leis da Republica como um corpo religioso nos vinte e dois Estados, e que elle mantem sociedades em cada Estado da União e constitue uma vasta e constantemente crescente, uma enorme producção de litteratura, do mais elevado caracter, a mais intelligente e scientifica.

Considerando que o espiritismo está sustentado pelas Escripturas, que elle ensina a mais pura moral, que propõe o ideal mais elevado, que reune centenas de milhares de adherentes, entre os quaes se salientam homens da lei, de juizes, de advogados, de professores, de homens do Estado, de sabios, pedagogos, clerigos ; homens e mulheres de todas as classes e occupações, que vêem no espiritismo a mais reconfortante de toda a fé de que necessitam ;

Considerando que os ensinos fundamentaes do espiritismo são : a crença em uma Intelligencia infinita, ou Deus ; a fraternidade universal dos homens, a certeza que a morte não é uma extincção, mas um nascimento numa vida mais elevada, a do espirito consciente, ou que o espirito humano depois de ter deixado o corpo vive em uma zona espiritual ou esphera invisivel aos nossos olhos mortaes, mas que é real e tangivel o mundo dos Espiritos ; a certeza de que todos d'aqui do mundo somos Espiritos sob uma apparencia mortal, mas que possuimos um «sexto sentido» com o auxilio do qual as faculdades de clarividencia e de clariaudiencia existem no estado embryonario ; a convicção que existem alguns favorecidos, devido ao desenvolvimento deste «sexto sentido», em toda a parte, por isso estes são distinguidos com os nomes de videntes, clarividentes ou mediums ;

Considerando que para milhões de creaturas estas crenças constituem um explendido conforto ;

EM CONSEQUENCIA, nós, signatarios desta petição, cidadãos dos Estados-Unidos, protestamos e protestaremos sempre firmemente contra a redação e applicação das leis, segundo as quaes, os espiritas e seus mediums são perseguidos e comparados aos «escrocs» e aos vagabundos, sob a odiosa pécha de que violam as leis praticando suas crenças ou exercendo seus dons espirituaes.

As disposições legaes actuaes estão em conflicto com a Constituição dos Estados Unidos, que diz : «O Congresso não pode promulgar lei alguma no que concerne ao estabelecimento de uma crença, nenhuma lei interdizendo o livre exercicio desta crença, nenhuma lei restringindo a liberdade de falar, a liberdade da imprensa, ou o direito que têm as gentes de se reunirem pacificamente ; nenhuma lei enfim que interdiga o acto de endereçar uma petição ao Governo para obter a reparação de uma violencia que vem de encontro ao direito publico.

ASSIM : Nós vos enviamos esta petição, honrado Presidente e chefe do nosso Governo, para que cesse o constrangimento feito aos espiritas e mediums, constrangimento que é um ultrage ás crenças espiritas, sob as quaes se congregam milhões de bons cidadãos atacados em suas convicções.»

Plenamente solidarios com os espiritas dos Estados Unidos, lhes enviamos os nossos calorosos applausos e em nome dos espiritas brasileiros subscrevemos a petição enviada ao sr. Colidg, digno Presidente da grande Republica Norte Americana, contando certo que a mesma será bem acolhida pelo Chefe do Governo, para que no extrangeiro se reflictam as luzes da liberdade que devem brilhar na constellação da velha America.

PHENOMENO CURIOSO

A Revue Spirite narra este interessante facto :

— «M. e Mme. J. e S. Masson, que residem em Mont-Garavan estavam em 9 de abril do anno p.p. reunidos em sua casa. Mme. Masson lia em voz alta um artigo da Revue Spirite de março, quando de repente ambos ouviram distinctamente o som da corda de um violão, que se achava dentro de uma caixa numa escada proxima da sala de jantar. Logo que terminou a leitura do artigo M. Masson foi procurar o instrumento e abrindo a caixa verificou que uma das cordas estava rebentada. Elle resolveu substituil-a por outra, quando ficou pasmado ao encontrar entre o violão e o fundo da caixa um pedaço da corda quebrada, mas singularmente collocada em um circulo de sete centimetros de diametro e fortemente atada por um nó de marinheiro, chamado ‹nó do major› ou ‹nó do tecelão».

Eram exactamente 7 h. 50 da tarde quando este phenomeno mysterioso foi constatado pelos esposos Masson.

Muito intrigados e anciosos para obterem uma explicação dos factos, elles tiveram a precaução de formar com outro fragmento de primeira corda quebrada, um circulo sob os pontos de vista identico áquelle que lhe havia causado tanta surpreza. Este ‹duplo› foi enviado á Camille Flammarion, com uma carta explicativa em que communicava que o original estava á disposição do sabio. O mestre demorou um pouco a sua resposta e M. e Mme. Masson não a receberam porque por essa occasião sobreveio a morte do illustre amigo.

Foi então que elles resolveram nos communicar o phenomeno constatado, em abril ultimo e que julgaram de bom alvitre offerecer a corda atada com o nó, num frasco de vidro, com um commentario no envoltorio, ao Museu espirita, que vai se formando aos poucos na Maison des Spirites.

Houve ahi, evidentemente, um facto mecanico que não pode ser explicado normalmente: este nó não podia fazer-se por si mesmo, concebe-se. e é bem temerario procurar explicar que o accaso do biodynamismo pudesse dar um nó que só um marinheiro profissional pode fazer. Tem que se admittir nesse facto um phenomeno puramente espirita: esta é a opinião de M. e Mme. Masson e a nossa. O quadro em que a corda foi apresentada, como foi dito acima, será exposto muito proximamente na Maison des Spirites. Aceitem os doadores o nosso agradecimento por haverem assignalado este facto iuteressante, que tiveram a lembrança e expor á observação dos espiritas.›

O FANTASMA DE UM VIVO

A expressão *fantasma*, não ha duvida, que não parece nascida de uma regra de civilidade para designar um Espirito. Entretanto, como neste caso não fazemos mais que transcrever uma noticia da «Revista Metapsiquica Experimental›, noticia esta que a nossa collega argentina ‹La Idéa› reproduziu, conservamos o titulo que dá conta do facto que se vai ler :

—‹São 24 horas menos dez minutos do dia 8 de setembro de 1925, o momento em que escrevo esta.

Esta noite ás 21 horas, a sra. Rosa despediu-se de mim e do meu inquilino sr. Claudio Barreiro para ir á casa de uma irmã, situada á rua Paraguay 5.300 e passar a noite com ella.

Meu companheiro e eu fomos passar algumas horas num cinema proximo, e ás 24 menos 15 minutos estavamos de volta. Ao chegar no meio do corredor que separa a sala da parte da rua, divisamos (eu e meu companheiro) á luz de uma lampada electrica que illumina referido corredor, a silhueta da sra. Rosa parada na porta da sala, e que vendo-nos chegar sahiu da porta para o interior da casa.

—O que se passaria, disse eu, que Rosa já está de regresso e não passou a noite com sua irmã ?

— Quem sabe ? disse o meu companheiro.

Entramos, mantive a luz electrica e chamei : Rosa. Ninguem estava no primeiro commodo ; passei ao segundo. Nada. Abri os quartos ; ninguem. Eu já assim o suppunha, pois, um vivo não poderia atravessar portas fechadas, e a unica chave existente estava commigo.

Meu companheiro olhava admirado. Onde se teria ella mettido ? Elle subio a escada abriu sua casa, mas tambem nada encontrou. Desceu attonito e disse-me: Parece incrivel. Pois ella estava na porta ; era bem ella, e entretanto não se a encontrou em parte alguma.

—Já vê disse eu, o que você viu é o fantasma de Rosa, porque a estas horas está dormindo, e pensando que eu já tivesse voltado para casa, se effectuou o transporte do seu duplo, que foi justamente o que vimos nos esperando.

Meu amigo deu-se por convencido, entretanto, pediu-me um copo d'agua, pois tinha sêde e emquanto escrevo esta se mantém pensativo na sala sentado diante de mim.

Na manhã seguinte, quando a senho-Rosa voltou para casa, lhe perguntamos como tinha passado a noite anterior ; disse-nos ter dormido muita bem desde ás 22 da noite até hoje ás 7 da manhã.

VICENTE A. BOSIO.›

NO LIMIAR DA ETERNIDADE

O «Sunday Express» publicou uma narrativa do sr. James Douglas, na qual dá conta do que viu por occasião de um accidente que soffreu. Conduzido a uma clinica, inanimado, fizeram-lhe uma injecção hypodermica no braço. Tres medicos, dentre os quaes um seu amigo velho, acham-se em redor d'elle. Por fim o sr. James reanimou-se e eis o que elle relata concernente ao periodo que parecia sonhar, em completo estado de coma ;

«Eu me sentia como que num estado permanente de alegria e de exaltação, e constatava que possuia todos os meios de observar, com calma, a natureza de minhas loquacidades interiores e meus pensamentos delirantes. Eu me via como que em redor de meu corpo physico e era o espectador dos meus tormentos e torturas. Era um critico fino e sereno de tudo o que se passava no meu cerebro. Este dualismo, pelo que tinha de curioso e novo, absorvia toda a minha attenção. Aos poucos ia me convencendo que o destino do meu involucro corporal e do que contém minha caixa craneana não me interessava mais sériamente e que alguma cousa ia succeder para esses membros, que não podiam ter consequencias para mim. Esta qualquer cousa era a realidade deste facto : eu ia morrer.

Logo que recuperei meu estado normal, comprehendi que, no *processus* da morte que temos de passar, nada ha que possa aterrorisar o coração humano. E' mais simples morrer que nascer. A unica differença é que não estaes ao par do vosso nascimento, emquanto que sois explendida e soberbamente advertido do vosso passamento, intensa e vitalmente interessado na operação que se vai produzir e alegremente disposto a vos pôr em caminho atravez as magnificas paysagens que se vão abrir aos vossos olhos, entre a terra e o céo, entre o mar e as nuvens, entre a lua e as estrellas. Toda a minha fé na immortalidade da creatura assumiu nova proporção, quando verifiquei haver nascido uma segunda vez para a graça do soffrimento. Eu sei que nesse momento, um sentimento, um conhecimento de ordem mais elevada, e mais elevado que todos os conhecimentos e todos os sentimentos, revestem a alma de uma calma maravilhosa e a sustentam.

Eis aqui a bôa nova que eu trago aos que são absorvidos pela idéa da morte. Bem ingrato é aquelle que d'ella tem pavor !»

UM CASO DE VISÃO

Um interessante caso de visão acaba de ser relatado pela *Revista de Estudios Psyquicos*. O facto deu-se com um menino de dois annos e meio, e foi bem identificado por aquelles que o presenciaram.

Eis a narrativa :

«Ha alguns annos a tia de João, uma moça de 24 annos, foi atacada de tuberculose pulmonar. Ella havia feito diversas viagens á Madrid, na provincia de Cordova e ultimamente á Sevilha, onde se hospedava em casa de uma de suas irmãs, crendo, com a mudança de ar, recuperar a saúde. Foi tudo inutil porque o seu estado se aggravava dia a dia, até que chegou a solução fatal.

O pequeno João residia com seus parentes em uma outra casa da cidade e tinha um caracter encantador, alegre, e sua intelligencia das mais vivas offerece-lhe occasiões de observar que nunca foi triste nem isolado. Podia se dizer que este menino não sabia chorar, (tão alegre que era e mostrava prazer de viver.)

Ainda que a mãi e o pae tivessem muitas conversações sobre o estado de saúde da irmã, devido a edade de João, tinha-se certeza de que, absolutamente, esse caso afflictivo, nenhum desassocego podia lhe causar. Elle estava bem longe de pensar em tia Mercedes, a doente ! Esta, ha mais de dois mezes não sahia de casa, visto a sua grande fraqueza obstal-a. A familia de João evitava, de medo do contagio, a approximação da doente, não por si, mas pelo menino.

Uma tarde, ás 5 horas, os parentes brincando com seu filho sempre alegre como era de habito, de repente este se detém diante uma cadeira, toma uma feição séria um tanto apavorado e diz : «Ella se váe ! Ella me causa medo !» — «O que tens, pequeno ? pergunta-se-lhe. Porque estás com medo? — Porque eu vejo minha tia Mercedes sentada nesta cadeira.»

Meia hora depois, uma criada vinha trazer a noticia da morte da pobre irmã, ás 5 horas exactamente, precisamente no mesmo momento em que a havia visto e, interrogado, cessara de brincar para fazer constatar a presença de sua tia, ao pae e á mãe».

UMA VISÃO DE MME. NELLIE MELBA

O *Heraldo*, de Melbourne publicou a seguinte carta que lhe foi enviada por Mme. Nellie Melba, cantora de reputação mundial.

— «Eu ainda era moça quando minha mãi morreu. Pouco antes de sua morte ella chamou-nos todas ao seu quarto e nos dirigiu algumas palavras affectivas. A mim ella disse: sejas sempre uma mãi para a pequena Vere». Ella falava de Vere, minha irmã pequenina, que tinha então 4 annos. Eu cumpri a vontade de minha mãi.

Ora, trez mezes mais tarde, Vere cahiu doente repentinamente. Eu fil-a deitar-se e tive-a sob os meus cuidados. Mas era muito tarde para mandar chamar o medico, e me resignei esperar o dia seguinte. Levantei-me á madrugada e no momento de accender o fogo, subito, vi que havia uma terceira pessôa e á luz bassa da aurora eu reconheci que era minha mãi, vestida com o robe preto com que fôra inhumada. Sem ouvir pisadas observei como ella se approximava do leito de minha irmã e o modo que ella usava de erguer a mão, depois se inclinar para o travesseiro, enfim fazer um gesto extranho e desapparecer. Sentindo meu coração accelerar-se, corri perto do leito. Minha irmãsinha dormia calmamente e parecia estar melhor. Pela manhã, contei ao meu pai o que tinha visto e lhe disse que eu vi nessa *sombra* o presagio de graves complicações. Mas elle me respondeu: «Vamos, vamos, esquecei essas loucuras!» Mandou-se chamar o medico, mas este só veio depois de meio dia. Era muito tarde. Minha irmã Vere expirou ás 4 horas. Eis os factos, taes como se produziram.

OS ESPIRITOS E O JOGO

O relato que se vai lêr é digno de nota, não sò pelas provas de immortalidade de que os Espiritos podem prever o futuro, como tambem pela moralidade que encerra. Os Espiritos bons não entretém, absolutamente, o jogo e até o condemnam. E' assim que Mmlle. H. M. M. esescreve na *Light* de 14 de novembro ultimo:

Em 1921, meu noivo se interessava vivamente pelas corridas de cavallos e, sabendo que eu era espirita, me dizia, por vezes, que seria uma bôa idéa que eu solitasse dos Espiritos alguns palpites por intermedio da mesa. Eu, afinal, cedi ao seu pedido e pedi ao Astral, uma noite, por meio da prancheta, para saber qual seria o vencedor do Derby, que deveria correr alguns dias depois.

Um nome me foi dado: *Humorist*, que, effectivamente, ganhou a corrida, si bem não o julgassem preparado para assegurar a victoria. Eu direi mesmo incidentemente, que esta manifestação espirita teve por effeito impressionar muito trez zombeteiros que, até aquelle momento, e até a hora da corrida, riam-se de mim e olhavam-me com sorrisos de piedade por ter eu confiança na prancheta.

«Encantada por haver advinhado qual o vencedor, eu procurei saber novamente qual o cavallo que chegaria primeiro nas corridas de Ascot, e o Espirito deu-me como o mais quotado um certo cavallo cujo nome não me lembro, e como vencedor *Spion Kop*. Por infortunio eu fiz uma transposição de nomes, em vez de seguir as instrucções que me foram dadas, e joguei no primeiro cavallo deixando *Spion Kop*. Si eu tivesse jogado direito, teria ganho uma bôa somma.

«Assim resolvi ser mais attenta para o futuro e, cheia de esperança, pedi pela terceira vez o nome do vencedor da corrida de Saint Léger; minha pergunta foi formulada durante uma sessão de vóz directa. Antes de me fornecer o palpite pedido, o mesmo Espirito a quem eu havia consultado pela prancheta, recusou-se absolutamente, dizendo: «Eu não quero vos auxiliar no vicio do jogo!» Eu repliquei: «Agora é que tomastes esta resolução? Já me destes dois nomes!» — «Por certo, retorquio a Entidade, fiz tão sómente para vos mostrar que podia fazer!

Todavia não tinha a tenção de continuar, porque não desejo incorrer na falta de fazer de vós uma jogadora.

«Ouvindo esta mensagem categorica, prometti, com grande regosijo para o Espirito, nunca mais apostar. Comprehendi a licção que me foi dada.

E' que, sí o facto de jogar nas corridas não constitue, por si mesmo, um peccado, pode facilmente viciar á ponto de se tornar um habito, uma pratica que pode concorrer para a miseria propria e dos outros.»

UMA DECISÃO CRITERIOSA

Diz *The Harbinger of Leight* que, por occasião d'um julgamento, nos Estados Unidos, foi posta em duvida a condição mental de um accusado pelo facto de affirmar elle que via Espiritos.

Pronunciando o seu julgamento a respeito, diz o Juiz David: «Não é permittido arguír falsamente pelo facto de Wanderer (o accusado) dizer que vê Espiritos, e affirmar que, por este motivo elle está louco. Eu não posso subscrever a vossa opinião.

Perguntai o motivo a Sir Conan Doyle e a Sir Oliver Lodge. Julgaes então que este homem perdeu a razão? Dizei, com consciencia. Ha homens, cujo equilibrio mental não é licito duvidar e que crêem nos Espiritos, Emquanto semelhantes theorias não forem provadas falsas, o mundo deve consideral-as com respeito».

Esta sentença é mais uma pedra para a victoria espirita nos Estados Unidos, onde a verdade está prestes a triumphar.

E'cos e Noticias

O trabalho de diffusão espirita tem sido altamente recompensado nestes ultimos tempos.

Pode-se affirmar que não existe um recanto do mundo em que o Espiritismo não seja conhecido.

A nossa excellente collega Revue Spirite assignala este notavel acontecimento como um dos caracteres da robusta architectura da nossa obra, cujos principios scientificos baseados todos no experimentalismo, quer pelo seu valor religioso ou philosophico, não pode deixar de attrahir as almas bem intencionadas que amam a Verdade e procuram a Justiça.

E' assim que a despeito da má-fé dos interesseiros e interessados na desvalorisação na edificação da obra espirita, surgem em toda a parte novos nucleos sociaes, destinados não sómente ao estudo, mas tambem á propaganda do grande Ideal da Immortalidade.

Na Europa, como na America, Asia, Africa, Oceania, os espiritas têm conquistado postos de destaques, pelo trabalho com que se vão impondo á consideração de todos.

E é para notar que até nas colonias e paizes que se acham ainda sob o protectorado extrangeiro, o movimento espirita se manifesta com a constituição de novos grupos. Em Dakar, em Rabat, em Casablanca, nas possessões asiaticas, os jornaes locaes publicam trabalhos importantes sobre o Espiritismo e seus phenomenos. Na Salonica foi agora fundada uma nova sociedade. No Mexico, como na America Central a actividade espirita é animadora.

Na Argentina, sob a forma de conferencia ou por meio de opusculos a propaganda vai se fazendo.

Na Hungria, na Rumania, na Inglaterra, na Italia, nos Estados Unidos, na Hespanha, Belgica, como na França os propagandistas agem valorosamente no trabalho de diffusão dos principios kardecistas.

FRANÇA

A *Union Spirite Française* está trabalhando para centralisar todos os espiritas, afim de estender o seu campo de acção na diffusão dos principios kardecistas, e poder, então a *Union*, se fazer representar com autoridade, na patria de Allan Kardec, na Federação Espirita Internacional. A cotisação mensal é de 1 franco por individuo, com direito ao «Bulletin» da Union.

⁂

As conferencias continuam a realisar-se com toda a regularidade na França, prestando-se a esse trabalho diversos oradores.

PARIS

Sob o interessante thema — «A Atlantida» — Mme. Whitside fez, na «Maison des Spirites», uma interessante conferencia, que attrahiu grande numero de pessoas.

Mme. Whitside, que andou pela America Central, o Yucatan e o Mexico, illustrou a sua palavra com projecções luminosas de photographias de referidos logares que attestam o prodigio de um povo, cuja vida psychica acha-se bem desenvolvida. Tratou dos phenomenos espiritas entre os Atlantes, como provam as photographias hyeroglyphas e symbolicas que projectou na téla.

LE TEIL

M. M. Malosse e Thibaut effectuaram em Teil uma conferencia espirita, com projecções luminosas, no salão do Casino—cine, diante de numeroso e attencioso auditorio. Foram distribuidas brochuras de propaganda.

MONTÉLIMAR

No Cine-Palace, diante de numeroso auditorio de moços ávidos de ouvirem a palavra Espirita, os propagandistas srs. Malosse e Thibaut, falaram por longo tempo, projectando na téla os factos comprovantes da Doutirna, e attrahindo assim a sympathia da mocidade para os estudos, cujo ideal grandioso, estão destinados a regenerar a humanidade.

Foram offerecidos diversos livros á bibliotheca da cidade, tendo o «Maire» enviado aos conferencistas o seu agradecimento.

VALENCE

A Conferencia de Valence, dada á população desta cidade por M. M. Malosse e Thibaut foi de um successo inesperado. O salão litteralmente repleto, não permittiu a entrada de 200 pessoas que ficaram nas immediações.

SEINE

Com o titulo Fraternidade Espirita, foi fundada em Orly, 28, rue Paruseau, uma sociedade que tem por fim a propaganda do Espiritismo de accordo com os principios Christãos.

Châlon-Sur-Saône

Está sendo fundado nesta cidade um novo centro que se dedicará ao espiritismo experimental. O grupo em formação espera obter mediums desinteressados que participem da experimentação séria.

LYON

A Federação Espirita Lyoneza assistiu o desincarne de seu devotado secretario geral, sr. Joseph Brun. Diversas sociedades se fizeram representar no cortejo, falando ao baixar o feretro ao tumutumulo M. M. Malosse e Giraudot.

HUNGRIA

O movimento espirita na Hungria é verdadeiramente animador. Só nas cidades principaes conta o Espiritismo mais de mil sociedades em pleno funccionamento.

GRAN BRETANHA

A actividade espirita vae alargando a sua acção em todo o paiz, com uma rapidez admiravel. Os membros das Egrejas são, irresistivelmente, forçados a abordar o assumpto e a falar do pulpito aos seus fieis. Em todas as cidades novas aggremiações são constituidas. Sir Conan Doyle e sir Oliver Lodge, grandes personalidades do mundo sabio, attrahem a sympathia popular para os estudos espiritas, que se acham, pode-se dizer, em vóga, em toda a parte.

⁂

Segundo informa a *Revue Scienfique et Morale du Spiritisme*, após dois minutos de silencio, em Londres, no White-Hall, diante do Cenotaphio das victimas da guerra, Miss Estella Stead e Miss Scatcherd, repetiram a experiencia de photographia, cujos resultados precedentes foram maravilhosos. Desta vez ainda, obtiveram um novo cliché sobre o qual se distingue no meio do nevoeiro uma quantidade de rostos de espiritos nitidamente visiveis. E' mais um documento que demonstra indiscutivelmente a realidade da sobrevivencia.

HESPANHA

A Federação Espirita Hespanhola pediu a collaboração dos seus associados na obra de propaganda. Não basta ser socio, é preciso trabalhar, unindo esforços na diffusão da doutrina.

⁂

Diz a nossa collega *Lumen* que na Instituição Balbé o Pr. Vachet teria de fazer uma conferencia sobre a mediumnidade curadora, contando com a presença do famoso medium Jean Beziat.

⁂

Os elementos juvenis dos centros Sabadell, Barcellona e Tarrasa proseguem animados no seu labor.

CUBA

A PSIQUIS, de Havana, com o fim de melhor contribuir para a orientação da propaganda abriu um inquerito, para o qual pede a collaboração dos presidentes de centros e sociedades, que deverão fazer conhecer os esforços que empregam para o bom exito da doutrina. As respostas devem ser breves e constarão dos segnintes quesitos: 1.º O que faz você para melhor divulgar o espiritismo? 2.º Fóra do publico que assiste as vossas sessões, que meios emprega para dar a conhecer o Espiritismo? 3.º Qual é a sua orientação na propaganda? 4.º Troca idéas com outros centros para melhor orientar seus trabalhos? 5.º O que faz para fomentar a fraternidade universal?

⁂

Os espiritas realisaram na villa Güines uma festa litteraria para celebrar o 91 anniversario do seu espirito guia.

⁂

A *Moral Universal*, com suas Academias de Corte e Costura e Instrucção, abriu as suas aulas.

⁂

Os centros "Avicena", de Habana; "Luz y Verdad", de Remedios; "Caridad y Luz", de Gunajay, — estão em franca actividade.

ARGENTINA

Fazem uma excursão espirita, para realisação de conferencias de propaganda, os srs. Pedro Gimenez, Arias Lantero, Angel R. Chenlo e Barnabé Morera, que percorrem as cidades de Pehuajó, Lonquimay e Santa Rosa de Toay.

⁂

Está funccionando com regularidade o "Asilo Primer Centenario".

⁂

Consta que por occasião de suas bodas de ouro, a revista «Constancia», tomará nova feição artistica.

⁂

Commemorou o 49 anniversario de sua fundação a «Sociedade Constancia».

⁂

Temos sobre a mesa o semanario «La Union», dirigido pelo sr. Francisco Molina; «La Idéa», da Confederação Argentina; a «Constancia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um dos factos digno de menção que veio lembrar as luctas que o Espiritismo tem sustentado para a difusão dos seus principios immortalistas, foi a violencia praticada pelo delegado de policia, em exercicio, de S. Carlos, o sr. Cel. Casimiro Guimarães, impedindo as conferencias espiritas n'aquella cidade.

E' assim que por occasião em que o nosso companheiro Giaccomo de Bernardo lia uma conferencia a numeroso auditorio, no salão do Centro «Maria de Jesus», referida autoridade cassou-lhe a palavra, dispersando-se os ouvintes.

Como era natural, esse facto reclamou energicas providencias da directoria do Centro que, após haver legalisado a sociedade constituindo-se personalidade juridica, reabriu os seus trabalhos de propaganda annunciando uma nova conferencia franqueada ao publico, na qual seria orador o nosso distincto amigo e companheiro Dr. Souza Ribeiro, conceituado medico em Campinas. A' hora marcada, o nosso companheiro começou a falar, o salão estava repleto, e não havia ainda occupado a tribuna 15 minutos, quando um soldado, em nome da mesma autoridade arbitraria intimou-o a não proseguir, o que provocou movimento de indignação geral, felizmente sem consequencias desagradaveis, pelo espirito de ordem e de calma que assistia o conferencista, o qual reclamou de todos essa calma que vence todas as luctas e arbitrariedades, por mais prepotentes que pareçam seus autores.

O povo dispersou e a directoria do Centro, valendo-se dos direitos que a Lei concede aos opprimidos, requereu do Juiz competente uma ordem de «habeas-corpus», que foi concedida com muita sabedoria e justiça pelo Meretissimo Dr. Vicente Mamede de Freitas Junior, illustre representante do Direito da Comarca de S. Carlos.

Foi então que o Dr. Souza Ribeiro, amparado pela Lei, realisou a sua substanciosa conferencia, fallando por espaço de 2 horas e meia a um auditorio sequioso das consolações que só a nossa Doutrina é capaz de proporcionar aos que procuram a razão da vida e a resolução do problema da morte.

O vasto salão social estava repleto, assim como as portas da entrada e a parte de fóra da rua. Apresentou o orador o nosso confrade sr. Antonio Basso.

A conferencia do Dr. Ribeiro foi o que se pode chamar uma verdadeira conferencia espirita abrangendo os principios kardecistas,

Além dos representantes da imprensa local, d'esta Revista, d'O Clarim, notava-se no salão representantes de todas as classes sociaes.

O Dr. Juiz de Direito justificou sua decisão baseada em diversas considerações, que, com a devida venia, resumimos, devido ao limitado espaço de que dispomos. Eil-as :

— «Ouvido o Dr. Promotor Publico, offereceu o parecer ponderado de fls. inteiramente favoravel a concessão do *habeas-corpus*.

«Dou a ordem impetrada.

A Constituição Federal, no art. 72 e pargs. 1.º e 3.º, 12 e 22 ampara o «habeas-corpus» que querem os membros da sociedade espirita Maria de Jesus, desta cidade, porque assegura a brasileiros e a extrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade e a segurança individual, reconhecendo expressamente os direitos de reunião, de associação, de liberdade, de culto, de manifestação de pensamento pela palavra falada e escripta, não podendo intervir a policia senão para manter a ordem publica, e consagrando o *habeas-corpus* como recurso competente em caso de constrangimento illegal. Consoante o dispositivo legal, dar-se-á o *habeas-corpus* sempre que o individuo soffra ou se ache em imminente perigo de soffrer violencia ou coacção por illegalidade ou abuso de poder.

«E um recente abalisado commentador da nossa Constituição acolhendo a bôa interpretação dos componentes e a jurisprudencia acertada dos tribunaes, escreveu : «sob a Republica estendeu-se o remedio a differentes postergações de franquias individuaes : passou o *Whit* a amparar a individualidade do domicilio, o direito de petição, de viajar, reunir-se e associar-se, a liberdade de trabalho, *pensamento* e *crenças* e tambem de ir e vir. Tal o conceito hodierno do «habeas-corpus».

Tratando do direito da associação espirita de S. Carlos, diz mais a ordem de «habeas-corpus» :

— «Como ponderou o digno representante da justiça publica n'esta comarca. Quando um medico fazia uma conferencia scientifica dentro da séde de uma sociedade cujo fim é o desenvolvimento da doutrina espirita e a pratica da caridade moral e mental dos seus associados, a saude corporal e mental dos assistentes, não podia correr risco.

«A ordem publica em S. Carlos não se esclareceu, como podia perigar com as reuniões do Centro espirita dentro do edificio da sociedade. Quanto a informação do delegado de policia «exploram o espiritismo illicito» é uma simples allegação que não deve obstar a concessão da ordem impetrada, mesmo porque essa ordem não embaraça a acção da policia contra qualquer associado que tenta violar a lei. A punição tem de ser pessoal, contra o transgressor da lei penal, sem necessidade da medida extrema que condemna *à priori* transgressores, culpados e innocentes.

Cumpro a Lei, concedendo a ordem requerida para assegurar aos espiritas do Centro desta cidade, com a denominação «Maria de Jesus», o direito de reunião e a liberdade de culto na sua séde social, á rua Uruguayana 73.»

Eis ahi mais um triumpho da Justiça. Nossos reconhecimentos ao seu digno representante em S. Carlos.

E'cos da propaganda

O Centro Espirita S. Luiz Gonzaga, de Itapira, communicou-nos a posse da sua nova directoria, assim constituida : pres. Lino Elias; vice. Benjamin Zanovello; 1.º secr. Cesar Bianchi; 2.º João A. Brandão Junior; thes. Onofre Baptista; director dos trabalhos, Americo Firmino Machado; vice, José Robles Lopes; zel. D. Marcolina Machado; fiscal, Emilio Zanovello.

*

O Centro Espirita de Valença officiou-nos, communicando a eleição dos seus novos directores : pres. Nestor Andrade Ribeiro; vice, Waldemar Cardoso; 1.º secr. Agnello de Oliveira; 2.º secr. Adhemar Figueira da Silva; 1.º thes. Elpidio Gomes Cotrim; 2.º thes. Horacio Praxedes Figueira; 1.º proc. Valentim Rodrigheri; 2.º proc. Amaro Moreira; biblioth. Edmundo Ribeiro da Silva; conselho fiscal : Christovão B. Giesta Junior, João Rosa do Nascimento, Manoel Ferreira da Silva.

*

O Centro Amor e Caridade de Cafelandia, assim constituio sua nova directoria: pres. capm Paulo Pereira Santos; vice, João Almeida Queiroz; thes. Autonio Pinto Guedes; 1.º secr. D. Prosperina Silveira Queiroz; 2.º D. Jacintha Paula Santos; proc. Joaquim F. Rodrigues.

*

A União Espirita de Dois-Corregos acclamou os seguintes confrades para regerem os seus destinos sociaes: pres. José Silva Teixeira; vice, João Gomes da Cruz; 1.º secr, Sebastião P. Silva Junior; 2.º Antonio Bento Rodrigues; 1.º thes. Francisco Gomes Leal; 2.º D. Maria Wey Teixeira; proc. Adelino Rodolpho.

*

O Centro Espirita, de Guaratinguetá, presidido pelo confr. Sr. José Selles, tem desenvolvido grande trabalho na propaganda.

*

O Centro Espirita da Franca, sob a direcção do confrade sr. José Marques Garcia, mantém um azilo, denominado Allan-Kardec, onde se abrigam perto de setenta indigentes.

Inprensa indigena

A *Gazeta de Noticias*, do Rio, continua a manter uma secção especial para a propaganda espirita, na qual da conta do movimento que se vai operando na Capital Federal. Este jornal tem publicado excellentes artigos de orientação espirita, dos quaes distinguimos «Espiritismo é Espiritismo — Espiritismo e Espiritualismo, do nosso confrade José Tosta.

O Jornal, continua publicando noticias das sociedades e grupos espiritas.

Diversos outros collegas, como *A Vanguarda*, *O Brasil*, *A Platéa*, *A Provincia*, etc., fazem em seus numeros referencias sobre o Espiritismo.

O *Jornal do Commercio*, do Rio, publicou os pontos de exame de *philosophia* na Faculdade de direito da Universidade do Rio de Janeiro. O XX ponto é: Psychologia racional — Natureza da Alma; — sua origem, seu destino — Materialismo, Espiritismo.

Pelo que se vê o Espiritismo já entrou na Universidade do Rio de Janeiro.

Conferencias

Durante o mez, realisaram conferende propaganda, os srs.: Dr. Souza Ribeiro, Giaccomo De Bernardo, Leopoldo Cirne, Pedro Camargo, Daniel Christovão, Ignacio Bittencourt, Sebastião Caramurú.

Factos Espiritas

Apparição Reveladora

Por intermedio do nosso amigo sr. Carlos Steagall, o seu progenitor, sr. Guilherme Prince Steagall, nos enviou a seguinte carta, que justifica esta epigraphe e nos merece toda a consideração, tanto mais que o missivista pertence á Egreja Methodista.

Sr. Director da Revista Internacional do Espiritismo.

Sabendo que o escopo dessa Revista é reunir factos de ordem psychica, julguei acertado lhe communicar o que segue, autorisando-lhe a fazer o uso que entender. Abstenho-me de explicar o facto. Limito-me a narrar o que vi e ouvi:

Eu dava-me intimamente com a familia Mc. Knight e um dos moços João Mc. Knight tornou-se-me tão afeiçoado que não podiamos passar um sem o outro, visitavamo-nos continuamente, até fomos baptisados no mesmo dia, na Egreja Methodista. Parece que Deus criou-nos para vivermos juntos.

Em 1888 João Mc. Knight foi mordido por um cão e ficou atacado de hydrophobia. O seu estado era de uma irritabilidade inconcebivel. Só eu conseguia acalmal-o. Afinal resolveram chamar o medico e como outros que se achavam na casa não quizessem prestar esse serviço eu me propuz a fazel-o. O medico residia 15 kilometros de distancia. Havia eu percorrido 5 kilometros quando João Mc. Knight appareceu diante de mim, chamou pelo meu nome e despediu-se, ouvindo eu perfeitamente a sua vóz.

Só voltei á casa da familia Mc. Knight pela madrugada, encontrando meu amigo já cadaver. Eu disse a uma irmã de João : não me diga nada, eu vou lhe contar a hora em que elle morreu. Então narrei-lhe a minha visão determinando a hora. E ella respondeu-me ter sido justamente nessa hora que se deu o desenlace.»

Santa Barbara, 1.º de Março 1926.

Guilherme Prince Steagall.

Uma operação espirita

A' rua Garcia Pires n.º 24. em Cascadura, um grupo de adeptos do Espiritísmo, vinha se reunindo, em sessões semanaes, para a cura de uma obsessão em uma pessôa da familia ali residente.

Segundo a recommendação do Guia dos trabalhos, os irmãos que constituiam a assistencia eram todos mediums.

Provocada a regeneração do principal obsessor e operada a cura, após 8 longos mezes de trabalhos, o presidente consultou o Guia, quanto ao encerramento definitivo daquellas sessões.

A resposta não se fez esperar e em termos breves e concisos : «Para receber a caridade existem muitos ; para praticai-a, sím, é que ha poucos. A vossa missão não está terminada e valiosos trabalhos podereis ainda effectuar.»

Nesta mesma noite, 11 de Dezembro, sexta-feira, um espirito que demonstrou sentimentos altruisticos pediu aos presentes, em nome do Guia das sessões, para que na proxima reunião o numero de assistentes se reduzisse a cinco pessôas.

Assim indicou os quatro mediums e o presidente das sessões.

Disse o espirito que existia no Hospicio de Alienados, a irmã Alzira Maia, de 14 annos, obsedada desde poucos annos de nascida e por quem já se vinha orando nas sessões. Explicou que era um caso muito adeantado mas que, confiante no Alto, devia-se tentar a cura.

Os facultativos daquelle estabelecimento já a tinham desenganado, visto que era necessario uma intervenção cirurgica que apenas lhe abreviaria a morte. Tinham diagnosticado a existencia de uma «bolsa d'agua», envolvendo a massa encephalica, já em estado ruinoso.

Consultado, o espirito Jeremias confirmou o diagnostico e aconselhou que cumprissem o pedido do desincarnado que era um medico do espaço, que o fôra na terra de grande nomeada.

Queria o espirito solicitante que tres mediums devidamente preparados recebessem a incorporação do mesmo e mais dois outros espiritos para conferenciarem sob os meios de salvar a paciente que desde muito já não falava, não andava e pouco se alimentava. O 4.º medium ficaria a disposição de Jeremias para qualquer intervenção necessaria. Na sexta-feira seguinte, reunidas as pessôas citadas, manifestaram-se o espirito solicitante e mais dois outros que combinaram os meios da intervenção, designando as 14 horas do dia seguinte — 26 de Dezembro.

Pela medium Palmyra deu-se a manifestação de Jeremias que disse estar de accordo com o que ouvira e aconselhou aos presentes a permanecerem em preces.

A 27 de Dezembro a progenitora da menina indo visital-a no Hospital de Alienados, encontrou-a sentada na cama, falando com o maior discernimento e ao avistar a progenitora reclamou doces e fructas e contra a sua permanencia ali.

Conta a progenitora que medicos e enfermeiros estavam atonitos com a repentina melhora da doente que elles esperavam morresse.

Indagando como se verificou tal melhora, foi então informada de que na vespera cerca de 14 horas a enferma cahira num estado de profunda prostação e, logo a seguir, começou suar tão demasiadamente na cabeça que molhou duas ou tres toalhas. Passado aquelle transe, a menina começou a falar e logo após a andar, manifestando o desejo de retirarse d'alli e reclamando alimento. A progenitara nada quiz dizer naquelle estabelecimento. E o presidente logo na primeira sessão verificando a manifestação do Espirito Jeremias, que felicitou aos presentes pelos resultados obtidos, indágou delle como podiam os espiritos levar a effeito uma intervenção cirurgica daquella natureza e sem o necessario instrumental. Disse o espirito : Si fazeis esta pergunta é porque não estudaes; se estudasseis, saberieis que os espiritos não precisam de instrumentos, elles pela acção fluidica dilataram os póros e as moléculas osseas e pela mesma acção extrahiram a agua. Cumpre adeantar que esta agua foi produzida tambem pela acção obsessora do espirito perseguidor.

Ahi fica um caso para estudo a enriquecer os annaes do Espiritismo.

JAYME NEVES

SÃO NOSSOS REPRESENTANTES:

Em S. Paulo, o sr. Juvenal de Oliveira Dias; no Rio de Janeiro, Dr. Sebastião Caramurú, Travessa Affonso, 32 — Tijuca; na Bahia, Manuel P. Celestino Oliveira, Gravatá, 12.

Representante Geral — Giaccomo De Bernardo.

NOTAS DIVERSAS

O Indépendant Luxembourgois *publicou um artigo de fundo, assignado pelo Dr. Foveau de Courmelles, constando o grande desenvolvimento espirita e os relevantes serviços de sir Conan Doyle neste trabalho. Faz referencias das experiencias rigorosamente controladas pelo "Institut Metapsychique International", e diz que a grande imprensa que ataca o espiritismo desconhece a sua vasta litteratura doutrinal, experimental e scientifica. O artigo do Dr. Courmelles assim termina:*

—«Negar o que se ignora ou se julga inverosimel é o mesmo que negar a aviação, a telegraphia sem fio, a telephonia, os raios X... Teremos o direito de negar os factos metapsychicos affirmados por tanta gente illustre? Não, sem duvida. Então sejamos prudentes e estudiosos.»

⁂

"O Semeador", bem redigido mensario da Casa Espirita, de Juiz de Fóra, publicou um excellente artigo demonstrando que o Espiritismo não se resume a phenomenos. A sua Philosophia, incomparavel, pode-se dizer, explica o que nenhuma outra pode explicar. O Espiritismo, continúa o collega, dá a calma, a confiança, a segurança e liberta a alma do tormento da incerteza.

Conclúe transcrevendo o seguinte trecho do Livro dos Espiritos: «Formaria mui falsa idéa do Espiritismo quem julgasse que elle tira a a sua força da pratica das manifestações, e que privando-o dessa pratica se poderia minal-o pela base. A força do Espiritismo está na sua Philosophia, no appello que elle faz á razão e ao bom senso.»

⁂

A *Federação Espirita Brasileira está publicando mensalmente o "Livro Espirita", para divulgação das obras espiritas.*

⁂

A Revista Internacional do Espiritismo *é encontrada á venda: na Livraria da Federação, Avenida Passos, 30; União Suburbana, Travessa Hermengarda, 13. Meyer, Rio de Janeiro, — e em S. Paulo, Avenida Angelica, 76, com o sr. Juvenal de Oliveira Dias.*

⁂

Collecção da Revista Internacional do Espiritismo, *encadernada em meio couro, edição de 1925, 40$ registrada.*

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : **CAIRBAR SCHUTEL** Collaboradores : **DIVERSOS**

Redacção e Administracção
MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2315unse

NO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Abril de 1926 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

A Theoria Espirita
A Immortalidade da Alma
Remontando as origens
Contribuição para o estudo das materialisações
Deducção espirita
As sessões do medium Carancini
Espiritismo e Immortalidade
O Phantasma de 1816
Chronica Extrangeira
E'chos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas

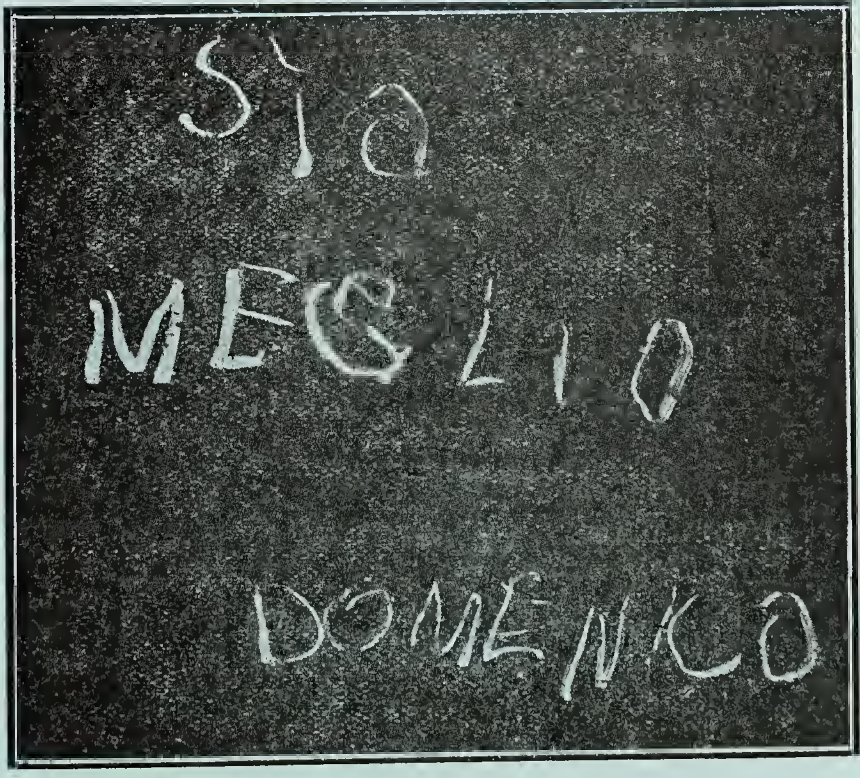

Uma mensagem de Alèm Tumulo traçada pela escripta directa

ANNO 2 - BRASIL-E. S. Paulo-Mattão, 15 de Abril de 1926 - NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

A THEORIA ESPIRITA

O Espiritismo veiu, decididamente, projectar uma luz immensa sobre todos esses factos chamados miraculosos que ensombravam as intelligencias.

Creando a psychologia experimental, a nova doutrina estabeleceu um juizo são e um criterio apurado para a distincção de todos esses phenomenos que constituiam o atroz pesadelo de muitas gerações e se acham estrictamente catalogados entre os factos animicos e espiritas.

O somnambulismo, a vista dupla, a clarividencia, a transmissão do pensamento, a telepathia, a phrenologia, as artes divinatorias, a exteriorisação da sensibilidade e da motricidade, são hoje perfeitamente explicaveis pelo *animismo*, assim como os phenomenos de materialisações, transportes, escripta directa, vozes, apparições, «assombrações», encontram a sua explicação racional no *espiritismo*.

Estes factos que têm permanecido em todos os tempos, no velho como no novo mundo, e cujos principaes adversarios têm sido o Espiritualismo tradicionalista e o materialismo, encontram no Espiritismo um explendido campo de cultura. E' assim que, graças a essas importantes e transcendentes manifestações, a alma humana, cujo problema parecia insoluvel, tomou uma feição positiva, demonstrando a sua existencia fóra do tempo e do espaço e comprovando, a seu turno, que a vida não se limita ao circulo vicioso dos nossos parcos sentidos, mas estende-se a horisontes infinitos que serão outros tantos campos de acção para o nosso progresso futuro.

A *theoria espirita* apparecendo justamente na epoca em que as religiões moribundas não mais podiam satisfazer as intelligencias, além de demonstrar a existencia da alma e sua sobrevivencia ao aniquilamento do corpo, resolveu o eterno e pertubador problema dos destinos humanos, que nenhuma philosophia, religião e sciencia poude responder, devido, certamente a falta d'uma systematisação positiva e completa de todos os dados psychologicos indispensaveis e dos estreitos limites que cerceavam e cerceiam até agora, a sua acção no campo franco da experimentação e do livre exame.

Todos esses factos extraordinarios, esses phenomenos miraculosos que embalaram gerações, constatados na historia e nos livros sagrados, todas essas maravilhas que deprimiram para depois exaltarem Braid, Charcot, Mesmer, Puisegur, La Fontaine e que foram praticadas por Hippocrates e Galeno, assim como pelos mais eminentes Apostolos do Christianismo, todo esse agglomerado de factos que, pode-se dizer, constitue a philosophia humana, apparecem hoje claramente explicados pelo Espiritismo, que projectando sobre o seu conjuncto uma nova luz, remodelou-os demonstrando as suas consequencias logicas e positivas.

O que todas as escolas, desde Aristoteles e S. Thomaz, affirmavam, na ancia de chegarem á realidade philosophica do ser humano mas degladiando-se nos planos accidentados do materialismo e do mysticismo, o Espiritismo veio provar sob uma evidencia palpitante.

A *theoria espírita* não é opinião insulada resultante de concilios ou do dogmatismo religioso e scientifico, ella não se compõe de theoremas havidos como certos, é o coefficiente dos ensinos que os factos nos têm proporcionado desdobrando as suas luzes numa seriação natural evolutiva.

E' verdade que quasi todos os que abordam pela primeira vez este assumpto ou delle têm conhecimento, querem submetter os factos a uma interpretação «animista-materialista», mas á medida que o estudo se aprofunda e a experiencia se repete essa disposição de espirito vae-se dissipando e com ellas todas as divagações especulativas.

Nos phenomenos chamados espiritas, e são justamente os que concorrem com maior somma de conhecimentos para que a verdade se estabeleça, não se pode deixar de admittir uma *intelligencia extranha* tanto ao medium como ao meio, sobrepujando todas as objecções e tentamens de explicações que tentam desviar os estudiosos do seu objectivo principal.

Mesmo nos casos que parecem se restringir ao *animismo*, surgem ainda perante o investigador numerosos phenomenos demonstrativos da insufficiencia de tal explicação e que escapam de modo frisante a todas as outras theorias.

E' bem conhecido o caso de Abraham Florentine, em que servia de medium o Rev. Staiton Moses, como relata numa das suas obras.

— Achando-se Stainton Moses com a Dr. Speer e a esposa deste numa sessão, em Shanklin, recebeu uma communicação como sendo dada pelo espirito de Abraham Florentine, falecido em Brooklin a 5 do mesmo mez e accrescentando que tinha tomado parte na guerra de 1812. As palavras : «um mez e desesete dias» foram tambem dictadas. Reconheceu-se depois que ellas faziam referencia á edade do communicante, pois se verificou ter exactamente 83 annos, 1 mez e 17 dias.

Procedendo a inquerito perante as autoridades militares de New York, verificou-se que Abraham Florentine foi voluntario tendo pertencido ao regimento de milicias de New York e que, de facto, tinha servido durante a guerra.

O Dr. Eugenio Crowell que se encarregou de pesquizas supplementares, descobriu nos registros o nome de Abraham Florentine ; e procurando a viuva deste, por ella soube que o marido havia falecido a 5 do mez em que se realisou a sessão e que eram exactos todos os mais pontos da communicação mediumnica.

Stainton Moses faz sobre este caso a seguinte textual reflexão : «Nenhum de nós jamais tinha ouvido falar de Abraham Florentine e nem siquer tinhamos amigos na America que pudessem dar estas informações . . . Affirmo que tudo isto nos era perfeitamente desconhecido».

Os phenomenos desta natureza são innumeros e não comportam outra explicação que a *theoria espirita*, unica e verdadeira, é bom repetir, que demonstra com os seus factos a verdade da Immortalidade.

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: V ::

SONHOS PREMONITORIOS

Não pode absolutamente ser uma secreção cerebral o phenomeno importantissimo da *clarividencia*. Os sonhos premonitorios são provas muito positivas da existencia da alma. Ha-os tão empolgantes em sua significação que constituem, por si sós, a morte do materialismo.

Vamos transcrever do Dr. Carl du Prel e de outros auctores alguns delles, resumidamente.

— Extracto de uma carta dirigida a Carl du Prel por um engenheiro :

«Estava em minha casa, entre os meus, e me occupava da construcção de uma machina hydraulica. Era para mim de grande difficuldade, porque nunca tinha visto alguma igual.

Apezar de levar muitas semanas em uma actividade fatigante, não avançava. Sonhei, então, uma noite, que um parente meu, já fallecido, convidava-me para ir dar com elle um passeio. Consenti e fui com elle que me mostrou uma machina modelo até mesmo nos menores detalhes e praticamente realisada em uma região arrebatadora. Quando accordei, esta imagem estava tão viva em mim que contei o sonho a duas pessoas da casa e me puz logo em acção e concebi toda a cousa de memoria.»

Neste facto se vê, alem da prova da existencia da alma, o seu poder sobre o corpo.

— O professor Lamberton occupava-se de geometria analytica e levou quasi duas semanas procurando a solução de um problema e, por não encontral-a, poz o problema de lado. Accordou, porém, dias depois, com esta «alucinação» ; via uma figura geometrica na parede do seu quarto que lhe ficava bem em frente e que encerrava a verdadeira solução do problema.

O professor não tinha encarado a questão por aquelle lado e o viu assim resolvido por um methodo completamente differente do seu. Não se pode explicar este facto sem a coparticipação da alma.

— O Dr. Bumbaum tinha um amigo que adoecera, tendo elle empregado todos os meios para alivial-o, sem resultado, o que muito o desesperava.

Sonhou um dia que estava lendo um livro em uma certa pagina onde estava a descripção exacta do tratamento necessario. Empregou-o, curando logo o seu amigo.

Alguns annos mais tarde, appareceu uma obra onde estava exposto aquelle methodo e na propria pagina em que o professor o havia lido.

Expliquem estes factos os materialistas apenas com as suas theorias de secreção da materia !

— Quando Trithéme compoz a sua «Steganographia», que lhe deu grande reputação, escreveu a Arnol Bost :

«Não aprendi isto de homem algum, mas de uma revelação, sendo que eu mesmo não sei qual, porque quando me occupava mais com estas cousas (em 1499, e já tinha desesperado como impossiveis) appareceu-me, á noite, alguem, depois que eu tinha adormecido, e me disse : Trithéme, o que tu tens na cabeça não são cousas vans, conquanto te pareçam impossiveis e pareça que nem tu nem qualquer outra pessôa seja capaz de apprehendel-as. E eu lhe disse :

Se pois são possiveis, dize-me como. E este alguem *abriu a bocca* a respeito e me ensinou todas as cousas segundo a sua ordem e me mostrou como era facil aquillo que me occupava a imaginação ha tanto tempo. Por Deus eu juro que digo a verdade e não minto».

Tomem a si os materialistas a empreza de desmentir Trithéme. Nós não o fazemos.

Esta descoberta de Trithéme bem como a sua visão tem intima ligação com um sonho ou visão que elle tivera em sua juventude aos 15 annos:

Elle viu, durante o somno, um joven de vestes brilhantes, com duas taboas na mão, uma coberta de inscripcção e outra de imagens e este joven lhe disse :

«Escolhe das duas a que quizeres.» Trithéme escolheu a que tinha inscripção porque esta sciencia já constituia a preoccupação do seu espirito.

— Caso narrado por Nork (Fatalismus—96) :

A mulher de um negociante de Paris perdeu na rua papeis importantes e tendo-os procurado em vão por todo o caminho por ella percorrido, considerou a perda irreparavel.

Sonhou, entretanto, tres dias depois, que ella estava na rua St. Honoré e que um homem *vestido de vermelho* erguia do chão os seus papeis. Ella contou logo o sonho a pessoa da casa, sahiu e encontrou na referida rua o homem da visão vestido de vermelho. Ella se dirigiu então ao desconhecido que neste mesmo dia lhe restituiu os papeis que achara e guardara em sua casa.

— Uma *criança* perdeu um canivete num monte de palha. Toda a pesquiza foi inutil para encontral-o e apesar de seu pae lhe prometter um outro, foi deitar-se chorando. Sonhou então que seu *irmão morto ha 6 mezes* lhe mostrava o lugar exacto onde se achava o canivete. Ao despertar, foi direitinho no lugar buscal-o, o que era uma verdade.

— Depois da morte de Dante, deu-se por falta de um dos contos do seu «Paraizo». Depois de todas as pesquizas, que foram baldadas, concluiu-se que elle tinha sido destruido.

Muitos mezes depois, um filho do proprio Dante sonhou que seu pae lhe tinha apparecido e que lhe dissera que o conto se achava atraz de um quadro que ficava ao lado da janella do quarto que elle costumava escrever.

Contando o sonho, todos zombaram do pequeno e apenas por curiosidade foram examinar o lugar indicado, e lá se achavam de facto os escriptos, embolorados, mas ainda ligiveis.

— No Apocalypse, visão de S. João, dada ha quasi 2.000 annos, acha-se annunciada a grande conflagração europêa. Elle viu nação se levantar contra nação e reino contra reino. Descreve até mesmo os aeroplanos como sendo *gafanhotos* com couraças de ferro, caudas semelhantes as dos escorpiões, fazendo com as azas ruido semelhante ao ruido de corvos, com rostos como os rostos dos homens, com o poder de damnificar os mesmos.

Não podia S. João dar melhor descripção do *aeroplano*.

— Um caso comprovado pela justiça de Munich :

Em 1.o de Agosto de 1897 foram roubados de uma senhora que fazia estação em Josephsthal 120 marcos que estavam em uma commoda. As suspeitas cahiram sobre o criado do proprietario, mas as pesquizas foram sem resultado

Uma senhora de Leipzig, porém, que fazia tambem estação, sonhou, dias depois, que a criada da familia era a culpada e que o dinheiro estava envolvido em uma bola de lã. Contado o sonho, os agentes da policia se puzeram em acção e encontraram de facto, envolto em lã, com a criada, a respectiva importancia.

Pela justiça de Munich foi a criada condemnada a 5 mezes de prisão.

Uma das melhores producções intellectuaes de Walter Scott é, segundo os entendidos da materia, o seu «Ivenhoe». Este trabalho foi escripto por elle quando se achava enfermo e em estado de delirio febril.

Este trabalho foi impresso antes do seu restabelecimento e grande foi a sua surpresa quando, depois de restabelecido leu e soube que era da sua propria lavra. Eis ahi um cerebro enfermo, em delirio febril, em condições anormaes, portanto, produzindo justamente o contrario do que pela theoria materialista deveria produzir : um admiravel romance que muito alegra o espirito dos seus leitores, ao envez de secreções morbidas com maleficas consequencias !

— Um outro caso, referido pelo Dr. Pascal (Essai sur l'evolution humaine) :

Uma criança, com a idade de 4 annos, quebrou o craneo que fora depois trepanado, *quando ella jà se achava em estado comatoso*. Ficou bôa. Aos 13 annos, porém, foi acommettida de um accesso febril, durante o qual se tornou clarividente, recordando-se de todos os pormenores referentes ao acidente e á operação, descrevendo á sua mãe todos os instrumentos empregados, o numero dos assistentes e dos operadores, quaes elles, como estavam vestidos, etc.

Estes factos, vejam os materialistas, jamais poderiam encontrar explicação racional na brutal theoria da secreção cerebral.

As obras de Allan Kardec e de todos os escriptores do Espiritismo estão illuminando o mundo e preparando a humanidade para uma nova phase de Progresso e de Luz.

SOUZA RIBEIRO

(Continúa)

REMONTANDO AS ORIGENS

Jonathan Koons e sua «Camara Espirita»

1852 — 1856

Na existencia moderna tão febril e agitada, e na qual tudo muda, se transforma, progride, ou degenera em trevas, escassa geralmente o tempo para voltar o nosso pensamento ao passado evocando com sentimentos de reconhecimento os nomes de tantos obscuros obreiros da intelligencia que têm contribuido collectivamente para crear este meio de cultura e de bem-estar que nos torna tão orgulhosos. Estas reflexões melancolicas comquanto são exprimidas em modos geraes podem se applicar a toda a ramificação do saber humano. Mas me limitarei aqui a examinal-as de accordo com o movimento espiritualista de hoje. Neste dominio, com effeito, muito poucos pesquizadores levam em conta a necessidade de remontar de um a outro tempo ás origens, comparando os resultados de hoje com os resultados a que chegaram os primeiros investigadores. E esta negligencia não é unicamente deploravel para os que muito tem trabalhado e soffrido pela causa da Verdade ; ella é ainda mais lamentavel porque prejudica a evolução normal das doutrinas metapsychicas. Com effeito, se constata muitas vezes que os nossos bravos pioneiros de setenta annos atraz haviam chegado a conclusões mais importantes do que as que nós chegamos nos nossos dias, e que parecem o resultado do nosso saber evoluido. Do mesmo modo, encontra-se frequentemente, nos relatos de suas experiencias, tentativas cheias de interesse e de originalidade que merecem verdadeiramente serem tiradas do olvido para que se possa renovar a applicação.

Pensei então consagrar alguns artigos ao exposto critico das pesquizas experimentaes que foram feitas em alguns dos numerosos «circulos» que se succederam nos primeiros dez annos do movimento espiritualista, começando pelo circulo Jonathan Koons, um homem que pagou a pena do seu devotamento admiravel ao serviço da nova sciencia da Alma pela propria ruina moral e financeira — o que tem acontecido a tantos precursores.

Julgo util indicar que as citações e as abreviaturas dos relatos que contém este artigo foram tiradas, a maior parte, da interessante obra historica de Emma Harding : *Modern American Spiritualism* (1870), e de uma collecção muito rara da revista : *The Spiritual Telegraph* (1853) ; uma pequena parte tambem do livro do Dr. Robert Hare : *Experimental Investigations* (1855) e do primeiro volume da Historia de Frank Podmore : *Modern Spiritualism* (1902).

⁂

Jonathan Koons era proprietario de uma modesta quinta, mas muito prospera, situada no districto montanhoso d'Atheus County (Ohio), a 72 milhas da capítal de Columbus. Tinha elle oito filhos ; até o começo de 1852, sua tranquilla existencia tinha sido dedicada aos cuidados de sua familia e de sua quinta. Sob o ponto de vista religioso, sua mentalidade, essencialmente submissa a razão, havia-se revoltado em bôa hora contra a imposição da fé em certos dogmas archaicos e absurdos ; e de revolta em revolta elle havia se tornado atheu. Nesse meio de tempo, as famosas manifestações mediumnicas de Hydesville, se produziam graças á mediumnidade das irmãs Fox, e varias familias das redondezas tinham constituido «círculos de experimentação», com o fim de obterem manifestações analogas. Uma familia amiga de M. Koons, tentára, a seu turno, a experiencia com bons resultados e, uma tarde, M. Koons compareceu a uma dessas sessões. As manifestações que elle assistiu não eram verdadeiramente de grande alcance, mas sahiu convencido de que os golpes que ouvira não eram obra da ingenua moça que desempanhava a funcção de medium.

Comparecendo a varios outros circulos, ficou surprehendido de ouvir repetir por todas as personalidades communícantes que elle — Koons — possuia faculdades mediumnicas : uma vez disseram-lhe ser elle o medium mais poderoso de sua epoca, que um dos seus filhos era tambem medium, e que todos os membros de sua familia eram sensitivos, e seriam excellentes elementos para as manifestações espiritas. O bom rendeiro acolheu a surprehendente nova com uma gargalhada, mas resolveu tentar a prova de sua educação mediumnica constituindo um circulo em familia. E não somente a experiencia deu logar a esperança de bons resultados, mas, conforme as declarações mediumnicas, constatou-se que um dos filhos de M. Koons, chamado Nahum, com 18 annos de edade, cahia em transe, escrevia automaticamente e falava por inspiração. Eis como se exprime, a respeito de suas primeiras experiencias, Jonathan Koons ;

— «Nós obtivemos manifestações as mais notaveis e as mais intensas que se produziram em todo o districto ; apesar disto, eu não me convencia que essas manifestações eram a obra de «Espiritos desincarnados» ; eu continuava a attribuil-as á «electricidade» e a «biologia». Não podia aceitar a idéa da immortalidade da alma. Reconhecia bem que certas manifestações eram maravilhosas ; admittia não se as poder explicar ; concordava que entre ellas, haviam bellas e elevadas, mas como eu estava atormentado pela duvida permanecia sceptico, emquanto que minha familia e meus amigos admiravam-se diante das communicações angelicas que se tinham obtido. Um dia, finalmente, por intermedio da mediumnidade de meu filho, as personalidades mediumnicas me disseram construir no jardim uma camara de taboas, para consagrar exclusivamente ás experiencias, assim como uma mesa especial — tudo sob planos e desenhos que me dariam ; pude então obter todas as provas que desejava, de maneiras a convencer certas pessoas, scepticas como eu, a respeito da existencia e sobrevivencia da alma. Resolvido a penetrar o fundo do mysterio, puz mãos á obra e construi no jardim uma bem feita casa de taboas, assim como a mesa, seguindo escrupulosamente os planos fornecidos pelas personalidades mediumnicas. Depois d'isto, e sempre de accordo com as inspirações recebidas, colloquei papel e um lapis sobre a mesa, fechei a chave a camara, da qual lacrei a porta ; depois fiquei de guarda diante d'esta. Logo que completou o tempo convencionado, abri e entrei ; então encontrei as folhas de papel cheias de uma longa mensagem que foi endereçada a mim e que continha ensinamentos, conselhos, promessas encorajadoras, censuras amaveis pelo meu scepticismo, e provas intimas e eloquentes de ser esta mensagem de uma intelligencia espiritual sábia e elevada.

Prosegui durante varias semanas nestas experiencias reunindo um numero respeitavel de communicações obtidas no silencio e no mysterio de minha «camara espirita», sem a menor possibilidade de uma intervenção humana.

Tudo isto não é mais surprehendente que o meu scepticismo inveterado que se esvanesceu pouco a pouco, e minhas perplexidades tinham acabado para se transformar na certeza inquebrantavel que eu estava sob a direcção de personalidades espirituaes sabias, poderosas e elevadas. Um dia os «Invisiveis» dictaram uma lista de instrumentos de musica e outros artigos que eu devia comprar para deixar á sua disposição na camara, conforme o que depois elles me dariam . . .

E' preciso accrescentar que o phenomeno da «escripta directa» da qual se pode lêr a descripção tornou-se o mais habitual neste circulo d'experimentadores, e que, a maior parte do tempo, quando elle se produzia, todos podiam observar uma mão espiritica phosphorescente que escrevia a mensagem com uma rapidez prodigiosa.

Accrescentarei para a historia, que nos annaes das manifestações mediumnicas, era a segunda vez que se obtinha o phenomeno da «escripta directa». Este phenomeno havia já se realisado pela primeira vez, em plena luz, em 1850, em casa de Hon. James F. Limmons, senador dos Estados-Unidos para o districto de «Rhode-Island.»

Agora, antes de proseguir á exposição das outras manifestações obtidas no circulo Koons, me é preciso dizer uma palavra a respeito das personalidades mediumnicas, graças ás quaes ellas se produziam, explicações fornecidas por estas entidades á respeito das condições sob as quaes se realisavam os phenomenos, e das ulteriores instrucções que tinham sido dadas para facilitar-lhes a realisação.

Os «Espiritos-guias» que se manifestavam nas experiencias de Koons declararam que existiam a milhares de annos antes da epoca assignalada na historia da lenda de Adão e Eva ; attendiam pelo nome generico de *Kings* (Reis) porque estavam á frente de diversas hierarchias espirituaes. Diziam que tinham sido encarregados da missão de encaminhar os homens para a demonstração experimental da existencia e sobrevivencia da alma. Accrescentavam que em vista dos defeitos de preparo espiritual dos homens, elles não viam outro meio para chegar ao fim senão o de despertar sua imaginação por phenomenos physicos e poderosos, e que para este tentamen haviam reunido um grupo de Espiritos inferiores muito materialisados que se immiscuiam entre os vivos, porque só estes eram aptos de manipular os fluidos desprendidos dos mediums e empregal-os na producção dos phenomenos, sob a direcção e vigilancia de Espiritos superiores. Salientarei aqui que o chefe de um desses grupos de Espiritos inferiores disse ter vivido na Inglaterra, no tempo de Charles II, tendo sido um corsario famoso de nome Morgan e morrido como cavalheiro da Corôa da Inglaterra e governador de Jamaica. Nas experiencias de Koons, havia elle tomado o nome de «John Kings». Teria sido o mesmo que manifestar-se-ia mais tarde por intermedio de Miss Florence Cook, declarando-se pai de «Katie-King».

Os «Espiritos-guias», forneceram n'outra occasião, a M. Koons as instrucções necessarias para a construcção de uma «machina espirita» com o fim de attrahir, localisar a aura magnetica insconstante nos mediums e assistentes — aura indispensavel á producção das manifestações physicas».

E' deploravel que os historiadores do Espiritismo tenham esquecido de fornecer uma descripção detalhada do apparelho em questão, descripção que appareceu em uma revista da epoca : *The Spiritual Clairon*. Seria, de facto, interessante possuir documentos preciosos a esse respeito ; sua reconstrucção seria provavelmente efficaz para a producção de uma grande parte de phenomenos mediumnicos, pois que se tem provas indubitaveis de que o apparelho era muito util nas experiencias de Koons. Sabe-se unicamente que elle era feito com materiaes de cobre e zinco dispostos d'uma maneira bastante complicada. Conforme as instrucções dos «Espiritos-guias» esta «bateria electro-magnetica» foi collocada no meio de uma grande mesa de madeira sobre a qual eram dispostos os instrumentos de musica e todos os objectos a utilisar nas manifestações.

Registramos tambem que os «Espiritos-guias» tinham dado a M. Koons uma receita para preparar uma solução phosphorescente para collocar sobre a mesa mediumnica, afim de que as mãos materialisadas pudessem ahi mergulhar, tornando-se visiveis em todos os seus movimentos.

Antes de começarem suas novas e poderosas manifestações objectivas, os «Espiritos-guias» tiveram o cuidado de avisar que ellas não tinham outro valor sob o ponto de vista espiritual senão como uma introducção necessaria á missão que lhes tinha sido confiada, pois eram somente destinadas a impressionar os homens, de modo a abalar o seu scepticismo e a fazel-os reflectir nos mysterios do *Ser*. Em seguida o chefe dos «Espiritos-guias» ditou, com o auxilio da «escripta directa», uma mensagem longa e elevada de apresentação ao circulo ; a qual não me é possivel transcrever senão o começo e o fim. Eil-os :

«O Espirito de um ser que se manifesta sob o nome symbolico de «King» Servidor e Discipulo de Deus, deseja se apresentar a Jonathan Koons, a sua familia e a todos. Eu vos procurei para a realisação de minha tarefa, visto as faculdades mediumnicas, magneticas, clarividentes que possuís e graças ás quaes os Espiritos podem exprimir á viva voz ou por escripto, seus pensamentos, sem se arriscarem a vel-os deformados pelas idéas preconcebidas dos mediums ou mal interpretados por causa da sua ignorancia. Achamo-nos entre vós em consequencia da necessidade indispensavel da manifestação de novas verdades espirituaes entre os encarnados, si bem que não ignoramos que nossa obra será repudiada e condemnada por um grande numero de pessoas como uma armadilha de satan, deste satan que fazem profissão de abominar mas que na realidade delle se servem para crucificar a Verdade, repudiando tambem tudo o que fere ao seu orgulho e vaidades prejudicados... Credes que me glorie de levar minha palavra aos vivos e ser ouvido ? Não, vos declaro ; e apesar disso, tenho a missão de tentar a prova, porque si alguma «ovelha desgarrada ouve minha voz e se dirige ao redil da Verdade Espiritual, eu voltarei ao Pae Celeste, que me enviou, dizendo : «Minha missão está cumprida».

ERNESTO BOZZANO

(Continúa)

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

V

(Continuação)

3.º CASO

Este caso occorreu n'uma sessão realisada na noite de 27 de maio de 1901 nas salas do Circulo Minerva, em presença do saudoso publicista Luigi Arnaldo Vassalo, d'um illustre professor de astronomia, de M. e Mme. Ramorino, de M. Erba e de mim.

As disposições eram semelhantes ás que já escrevemos. No principio da experiencia, a fiscalisação foi confiada a M. Vassalo que fica á esquerda do medium e a Mme. Ramorino collocada á direita do mesmo.

Os phenomenos começam e continuam variados e interessantes. Pouco tempo antes de produzir-se o episodio de que nos occupamos (n'um momento já avançado da sessão), modificou-se a disposição da cadeia, em virtude d'um pedido typtologico da mesa, indo eu substituir na fiscalisação M. Vassalo, emquanto que Mme. Ramorino continua a ficar á direita do medium.

Uma lampada electrica branca illumina a sala.

Posto isto, eis o que se lê nas actas da sessão :

«...N'este momento temos novas apparições repetidas da mão de creança por cima da cabeça de Eusapia, mão de que falamos acima, é uma pequena mão, evidentemente direita, d'uma côr rosea de carne, pequenos dedos sobre longos, delgados, que poderia pertencer a uma creança de sete annos.

E' impossivel fixar o numero de apparições d'esta pequena mão, tão frequentes ellas são. Umas vezes mostra-se pela superficie palmar, outras vezes pela superficie dorsal. Ora apparece com as pontas dos dedos para cima, ora para baixo, e frequentemente agita-se como que cumprimentando-nos.

Algumas vezes fica visivel por um tempo muito breve, outras vezes ao contrario por um espaço de tempo até 10 segundos.

O doutor Venzano e M. Vassalo, sentados á sua direita, levantam-se sem um abandonar a cadeia e outro a fiscalisação e inclinam-se para as cortinas, de maneira que podem observal-a a poucos centimetros de distancia. O doutor Venzano exprime o desejo de ser tocado, e quasi no mesmo instante a pequena mão avança com os dedos e repetidas vezes lhe roça as faces, de modo que o doutor lhe sente a impressão tépida.

Em certa occasião, essa pequena mão chega a tocar-lhe o nariz e com dois dedos o puxa delicamente, e depois toma-lhe o lobulo da orelha direita, comprimindo-o com certa força.

O medium está acordado, a pequena mão retira-se e depois de alguns segundos torna a apparecer com uma outra pequena mão, que certamente era a esquerda. Ao apparecerem, as duas mãosinhas afastam as cortinas, depois desapparecem e reapparecem repetidas vezes.

Segue-se a suspensão de phenomenos cerca d'um minuto, durante o qual Vassalo e Venzano tornam a sentar-se.

Subito, emquanto o medium continua a estar acordado e a ter as mãos visiveis para todos, pousadas sobre a mesa e rigorosamente fiscalisadas pelos visinhos da esquerda, a cortina avança, e uma mão de volume e dimensões muito superiores ás de Eusapia, ao mesmo nivel que as mãosinhas ha pouco descriptas, sáe pelo intersticio das duas cortinas, toma a cabeça do medium a inclina-se para traz com violencia.

O medium assustado procura desembaraçar-se, põe-se a gritar e pede soccorro aos assistentes.

Mas a mão não lhe larga a cabeça e continua a puxal-a para traz como para leval-a ao interior do gabinete.

N'um dado momento, essa mão retira-se, mas breve reapparece acompanhada d'uma outra mão ; e as duas, como as precedentes, pela disposição dos polegares, são uma direita e outra esquerda ; e pela identidade de traços caracteristicos, parecem pertencer a uma mesma pessôa, verosimilmente um homem. Emquanto Mme. Paladino grita e protesta, essas mãos a tomam pelos dois lados da cabeça e continuam a puxal-a para traz, de modo que a internam duas vezes no gabinete, cobrindo-a com as cortinas...»

Este episodio é do mais alto interesse, não somente por se ter produzido em plena luz, mas tambem porque me offereceu a occasião, d'uma maneira totalmente excepcional, de observar, por muito tempo e uma bôa luz, as formas materialisadas, è sobre tudo poder sentir a impressão do contacto de muitas d'ellas.

No primeiro caso desta serie, já descrevemos uma forma materialisada, constituida por uma mão que, coberta com a cortina, apertava successivamente a mão dos espectadores. No segundo caso da mesma serie, observamos a formação d'um membro toraxico inteiro, que tomando um copo collocado sobre a mesa, o levantou e approximou dos labios do medium.

Ora em ambos os casos, attendendo aos movimentos executados e á força manifestada pelas formas materialisadas, podiamos já racionalmente suppôr que ellas fossem dotadas d'uma organisação propria e verdadeira, igual á dos seres humanos encarnados.

Com effeito, nas condições de luz, duração, tempo e distancia, em que me èncontrava deante do medium, que me toca e acaricia, pude á vontade apreciar-lhe o valor, a consistencia e o gráu de calor.

E quando, com o polegar contra o index, me eram apertados a ponta do nariz e o lobulo da orelha, pude notar uma pressão e uma tracção para traz, como me poderia produzir a mão d'uma creança de tenra edade.

Posto isto, a tepidez que se desprendia das pequenas mãos, os movimentos de flexão, de extensão, de opposição de dedos, a pressão e tracção para traz, exercida por ellas, são dados efficazes em favor de nossa deducção : isto é, que se trata d'uma mão viva, provida d'um substractum osseo, que lhe constitue o vigamento ; de musculos, tendões e tecidos, todos proprios d'uma mão, vivificada por vasos em que circulam agua e sangue, animada, por um systema nervoso que lhe imprime todos os caracteres das energias vitaes.

A segunda phase do episodio, posto que não se trate de verificação por contacto directo, apoia tambem nossa affirmativa, attinente á apparição de duas mãos que por muitas vezes tomaram a cabeça de Eusapia, para impellir ao interior do gabinete contra sua vontade.

A força d'attracção manifestada por estas mãos contra a resistencia d'Eusapia (que eu e Mme. Ramorino, como fiscaes, pudemos verificar) demonstra a seu turno, que as mãos apparecidas — mãos d'uma pessoa robusta e verosimilmente mãos de homem — deviam tambem ser dotadas d'uma organisação completa, que com maior numero de dados attribuimos ás mãos de creança já descriptas.

Como se disse em dois periodos differentes do episodio, vimos a apparição simultanea de duas mãos, tendo ambas os caracteres de pertencerem a uma mesma pessôa.

Morphologicamente as primeiras mãos apparecidas eram differentes das segundas, e umas e outras eram tambem differentes das de Eusapia.

Além disso, ellas sahiam do intesticio das cortinas a uma pequena distancia da cabeça do medium e acima do nivel do gabinete.

Portanto, não se tratava aqui, como no caso precedente ; d'um phenomeno de desdobramento, mas d'uma materialisação a pequena distancia ; n'uma palavra d'uma exteriorisação de forças, integrando-se n'uma forma plastica, tendo mui provavelmente o seu ponto de partida na cabeça do medium.

Não é inutil lembrar aqui, que approximando uma mão da cabeça de Eusapia, e precisamente do logar (região parietal esquerda) em que existe uma depressão ossea, resultante d'um antigo ferimento grave, todos os experimentadores podem sentir como uma corrente de ar frio, o que conduz á supposição racional de que esta zona craneana do medium é uma via d'extrinsecação d'energia psychica.

Só nos resta agora procurar a connexão provavel entre as manifestações que se produziram e a vontade que lhes dirigia a execução.

Em rigor parece que não deve ser excluido o nexo entre a apparição das mãos de creança e a intencionalidade do medium e dos assistentes.

Mesmo é certo que o desejo d'uma tal apparição era muito vivo em alguns assistentes.

Todavia não se pode dizer outro tanto, com argumentos bastante, relativamente á apparição das mãos que tomaram a cabeça de Eusapia, chegando a internal-a para traz das cortinas.

N'este facto, podemos até distinguir duas vontades oppostas uma á outra ; a vontade contraria á de Paladino é que venceu.

E' uma circumstancia que nos faz lembrar o terceiro caso da primeira serie, com a differença de que n'aquelle havia duas vontades em contradicção entre si, emquanto que no caso presente trata-se d'uma contradicção manifesta de vontade e de forças.

* *
*

4.º CASO

Exporemos agora dois episodios que se deram em duas sessões differentes, em epocas diversas, com os mesmos experimentadores e no mesmo local, episodios ligados entre si por um laço tão intimo, que os podemos reunir n'um só caso.

O saudoso L. Arnaldo Vassallo já os publicou na sua obra : *Nel mondo degli Invisibili.*

Comtudo, julgo util reproduzil-os, já porque tive ensejo de os observar cuidadosamente durante a sua manifestação, já porque dão logar a deducções muito opportunas para o intuito de meu trabalho.

As sessões tiveram logar no Circulo Minerva na sala das experiencias, preparada como para o caso precedente.

Na sessão de que extrahimos o primeiro episodio (28 de dezembro de 1901), ficou o medium fiscalisado á esquerda de Mme. Ramorino e á direita o publicista Vassallo.

Successivamente á direita de Vassallo ficaram : o doutor Venzano, o engenheiro Ramorino, e á esquerda de Mme. Ramorino ficaram : um astronomo e Mr. Erba.

Dito isto, referimos o que se lê nas actas da sessão, que eu mesmo redigi...

«Quando a obscuridade se fez, M. Vassallo sente que por traz o tomam dois braços, que o cingem affectuosamente emquanto que duas mãos de dedos compridos e delgados, de pessôa nova, lhe cercam a cabeça e a acariciam. Entretanto, uma cabeça apparentemente de uma jovem approxima-se-lhe do rosto e o beija por muitas vezes, de modo que os assistentes ouvem distinctamente o ruido dos beijos.

Durante a producção do phenomeno, a cabeça de Eusapia em *transe completo* apoia-se sobre o hombro direito de Mme. Ramorino.

M. Vassallo pergunta o nome da entidade que se manifesta, e logo a meza, entrando em movimento, dá typtologicamente a palavra : *Romano.* M. Vassallo observa então que é um dos tres nomes de seu filho unico, chamado habitualmente Naldino, que muitos annos antes tinha perdido, quando tinha desessete annos de edade. E accrescenta que este nome é mesmo ignorado pelos seus parentes mais proximos.

Vassallo continua a interrogar.

Tendo perdido uma prova de identidade, um dedo materialisado atravessa a abertura do casaco e vae collocar-se contra o bolso interior, no qual, diz Vassallo, se encontrava uma carteira contendo o retrato de seu filho.

Vassallo insiste, rogando uma prova mais completa, e, se é possivel, uma manifestação visivel. A mesa responde affirmativamente, pedindo por via typtologica, que se faça a penumbra, o que se obtem collocando uma vela accesa no pavimento da sala contigua.

D'este modo, temos uma luz bastante fraca, mas sufficiente para se distinguir os rostos de Mme. Paladino e dos experimentadores. Eusapia, sempre em estado de Hypnose profunda, continua ter a cabeça apoiada sobre o hombro de Mme. Ramorino.

De repente, o doutor Venzano, que está sentado quasi em frente de Mme. Ramorino, vê elevar-se entre esta e Eusapia uma massa vaporosa, de forma oblonga, que na parte superior se vai gradualmente condensando n'uma formação pyriforme da espessura d'uma cabeça humana, e n'ella apparecem successivamente os relevos d'uma cabelleira muito abundante, dos olhos, do nariz e d'uma boc ca de cara humana.

O doutor Venzano, afim de se assegurar do phenomeno, levanta-se e vai communicar as suas impressões, quando o sr. Erba e o outro assistente professor d'astronomia, que ficam ao lado de Mme. Ramorino, exclama ao mesmo tempo: «Um perfil, um perfil!»

M. Vassallo, que na espectativa da apparição d'uma forma materialisada, está olhando para o fundo da sala, onde pela luz da sala contigua, o sitio está um pouco mais illuminado, volta-se para o gabinete medianimico, e consegue ainda ver a cabeça, que por repetidas vezes avança na direcção d'elle, por cima da mesa, e se dissolve.

Accende-se depois a pequena lampada electrica branca.

O doutor Venzano traça a lapis sobre uma folha de papel um desenho representativo da forma apercebida, e ao mesmo tempo Vassallo desenhador muito habil, reproduz a seu turno com muito cuidado, o perfil de seu fallecido filho; e depois mostra aos assistentes o retrato que trazia na carteira.

Com uma viva surpreza reconhecemos então os traços de similhança entre a cabeça apparecida, os desenhos feitos por Venzano e Vassallo com o retrato que este possuia.

Com effeito, as linhas contornaes da cabeça, o seu aspecto pyriforme, em virtude do cabello abundante descendo para a cara oval e um tanto magra de adolescente, correspondiam maravilhosamente. M. Ramorino, por sua posição ao lado do doutor Venzano e Vassallo, ambos de pé, e portanto tapando-lhe a vista, declara não ter conseguido vêr a apparição. Igualmente, Mme. Ramorino, sentada um pouco de lado e mesmo junto á apparição, tambem diz não tel-a podido observar».

Dr. José VENZANO

(Continúa)

DEDUCÇÃO ESPIRITA

Provando-nos a realidade de um immortal principio espiritual no homem, o Espiritismo nos ajuda a elevarmo-nos á sublime verificação da existencia de um supremo Principio Espiritual, acima e além de tudo o que nos parece desordem no universo; e do alto dessa crença principal descobriremos, atravéz da atmosphera que envolve, um Espirito Infinito transcendental consciente, pessoal, e supra-pessoal, o qual resume tudo o que ha de ordem, de vida, de intelligencia, de belleza no Cosmos e na alma do homem.

E. SARGENT.

As sessões do medium Carancini

DENTRE muitos mediums que têm concorrido com o seu trabalho para a constatação dos factos espiritas, conta-se Francisco Carancini, nascido em Roma, em 1863.

Eis como a sua mediumnidade se declarou :

Certo dia Carancini foi assistir a uma sessão dada pelo conhecido medium Piloti, quando este observou que um outro poder mediumnico diverso do seu se achava presente. As pessôas que assistiam a sessão em questão e que eram na sua quasi totalidade familiares a taes reuniões, fizeram a mesma observação.

Francisco Carancini

N'uma sessão posterior, Carancini que nunca se occupara da questão, consentiu, a pedido de Piloti, em experimentar a sua mediumnidade. Immediatamente com o novo medium a quem faltava por completo a educação, produziram-se phenomenos tão notaveis quanto os que se produziram com o proprio Piloti.

Carancini, em vista dos resultados que obteve, continuou a operar e breve a opinião publica fixou-se sobre elle julgando-o um ente extraordinario. Conquistou grande celebridade e passou a fazer sessões, quasi que exclusivamente na casa do barão Von Erhardt, um rico allemão que passa a maior parte do anno em Roma, onde aproveita o seu tempo, dedicando-se á pintura e aos estudos psychicos. O barão Von Erhardt não deixava de tomar as maiores precauções de fiscalisação, pois era interesse seu encontrar a verdade despida do embuste.

Os phenomenos mais caracteristicos elle os photographava immediamente e revelava *cada placa na presença dos experimentadores que, em seguida, assignavam uma acta da sessão.* De modo que os factos que transmittimos aos leitores são veridicos, irreprehensiveis.

As gravuras são reproducções photographicas instantaneas feitas em Roma na casa do barão Von Erhardt nas condições expostas.

As que passamos para estas paginas são reproduções de revistas européas, por não termos conseguido os originaes ; motivo pelo qual perderam a nitidez, além de soffrerem o máo retoque do gravador. Em todo o caso não nos excusamos de dal-as á impressão para que os leitores tenham uma idéa mais clara das resenhas que publicamos.

Não queremos deixar de assignalar esse facto que concorrerá certamente para melhor julgamento dos que nos leem.

Os assistentes dão-se as mãos formando cadeia e, durante os cinco primeiros minutos, guardam o mais completo silencio. Ao cabo desse tempo geralmente o medium entra em *transe*. A partir de então as pessoas presentes podem conversar e Carancini pretende mesmo que a conversação facilita a producção dos phenomenos.

O Espirito guia do medium chama-se Giuseppe e manifesta-se por meio de *raps*, graças aos quaes entra em communicação com os assistentes.

A sala onde se realisaram as sessões eram illuminadas por duas lampadas electricas cobertas com um panno vermelho. Aos phenomenos precediam geralmente a apparição de pequenos globos luminosos ou chammas minusculas. Faziam a obscuridade, e terminava a sessão com a apparição dos mesmos globos e chammas.

Quando um phenomeno interessante devia ser photographado « Giuseppe » pela bocca do medium pronunciava a palavra «Fuoco». Immediatamente, com o auxilio de um dispositivo, um relampago de magnesium illuminava bruscamente a scena, emquanto que a objectiva, descoberta ao mesmo tempo, photographava-a. E' curioso notar que Carancini não se pertubava com o clarão violento do magnesium, ao passo que,si, na sua presença, algum dos assistentes accendia simplesmente um phosphoro, a luz deste produzia-lhe crises nervosas.

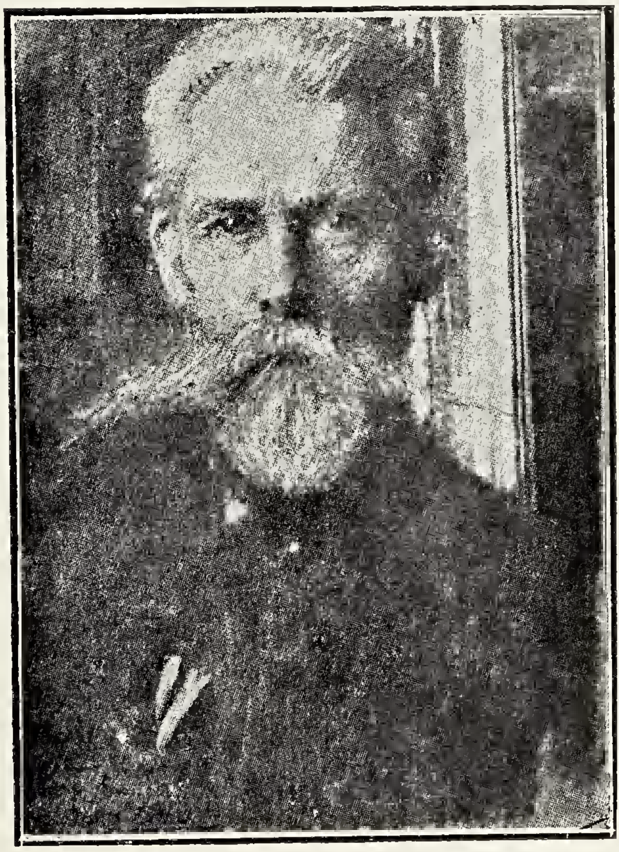

Barão Von Erhardt

No fim da sessão, o estado lethargico do medium desapparece, graças a passes magneticos.

As sessões de Carancini em casa do barão Von Erhardt foram assistidas por numerosas personalidades aristocraticas, politicas e scientificas que constataram todos os phenomenos.

A muitas das sessões que resumidamente descrevemos, assistiram o Prof. Schiller, da Universidade de Oxford ; o sr. Serge Yourievitch, secretario do Instituto Psychologico de Paris; os srs. Pedroso e Mezzoculos, ministros plenipotenciarios, o primeiro de Cuba, o segundo da Grecia ; o sr. Everard Feilding, secretario honorario da «Society for Psychical Research», de Londres; o Prof. L. N. Milesi, da Universidade de Londres ; o duque de Cardinale ; o conde

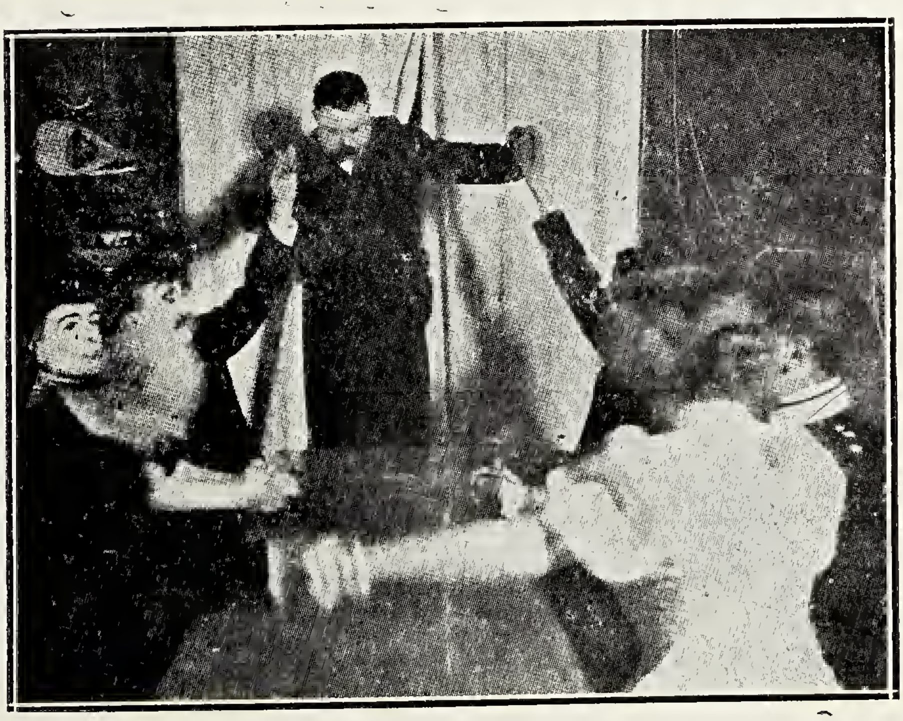

O Medium em levitação a um metro do sólo

Violara ; o duque d'Ayala Muntzer ; a marqueza Lanza ; a condessa Paglioni ; os srs. Tummolo, de Franciscis, o Dr. Casari, o Prof. Luciani (senador), o advogado Zingaropoli, etc.

* * *

Passemos agora ás sessões :

A 12 de Maio de 1908, raps e pancadas nos moveis. Os fiscaes recebem violentos golpes. Uma mesa passa por cima da cabeça do medium e vai se collocar atraz deste sem barulho algum. Um pandeiro levita, fazendo um certo ruido. As cadeiras de varios espectadores são sacudidas com violencia. Uma das photographias referentes a esta sessão mostra um bandolim suspenso, que foi depois docemente, sem o menor barulho, collocar-se junto a uma senhora.

A 23 de Junho do mesmo anno, varios assistentes sentem-se tocar nos hombros. O sr. Benedetti sente sobre seu hombro o contacto de uma mesinha que se achava num canto da sala. Uma grande mala de viagem cae no meio do circulo dos assistentes e uma moça tem os joelhos cobertos de flôres. O medium pede que se photographe a entidade que se acha collocada atraz d'elle e que é o autor de todos esses phenomenos.

Uma forma luminosa apparece então, a photographia é feita e nitidamente revelada, mostrando uma figura palida cujos traços são vagos.

A 25 de Junho, as cortinas do gabinete mediumnico agitam-se e enfumam-se; diversas mesinhas fóra do alcance de todos são derribadas. Uma d'ellas eleva-se á altura dos braços dos assistentes. Uma grande mesa e uma cadeira sahem dos seus logares. O medium, em completa immobilidade, é distinctamente visto. A grande mesa começa a levitar. — «Fuoco» — exclama o medium. O magnesium inflama-se a esta ordem. A placa photographica mostra a mesa collocada sobre as espaduas do medium e sobre um apparador que se acha ao lado d'elle.

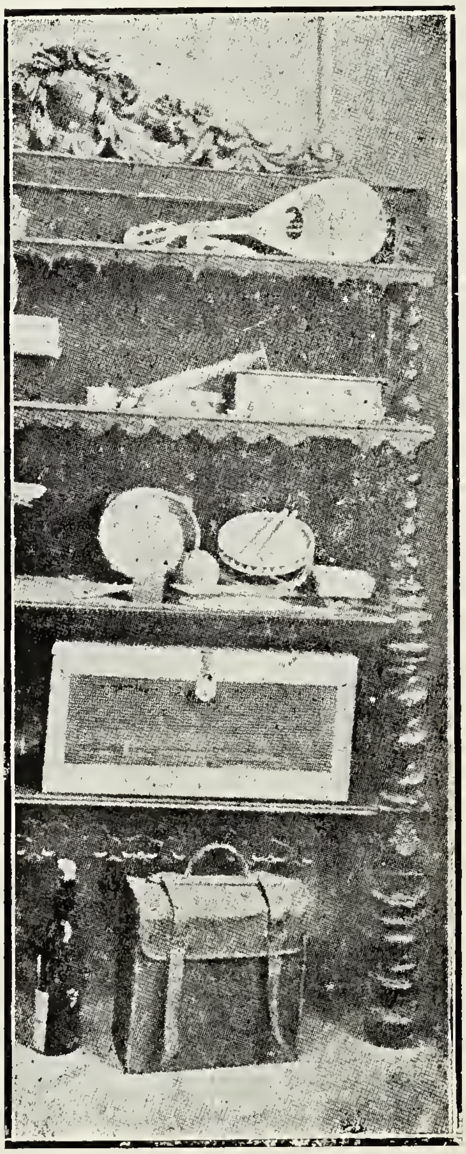
O apparador e prateleira contendo pequenos objectos empregados na sessão.

A 31 de Julho, além das manifestações habituaes—clarões, movimento de cortinas e levitações de uma mesinha, viu-se a lampada electrica accender-se e apagar-se sósinha. O botão dessa lampada achava-se collocado no bolso do medium, que não poude, como se verificou, fazer movimento algum.

A 20 de Agosto, o sr. Basile, o cavalheiro Benedetti e o barão Von Erhardt esperavam que «Giuseppe» traçasse como tinha promettido, numa sessão precedente, o desenho de um quadro que o barão se propunha a executar representando o terremoto de Messina. (Terremoto occorrido na remota antiguidade e narrado por Plinio—o moço).

O cavalheiro Benedetti sentiu-se por diversas vezes violentamente empurrado, a sua cadeira foi lhe retirada. Por fim deixaram-n'o tranquillo. «Giuseppe» principiou a desenhar promettendo terminar o seu esboço numa sessão seguinte. Em momento dado a mesa foi quasi derribada. Uma photographia foi tirada nesse instante. Um bandolim que se achava antes num aparador, foi photographado em suspensão no ar. O barão accendeu uma luz branca e o bandolim cahiu immediatamente.

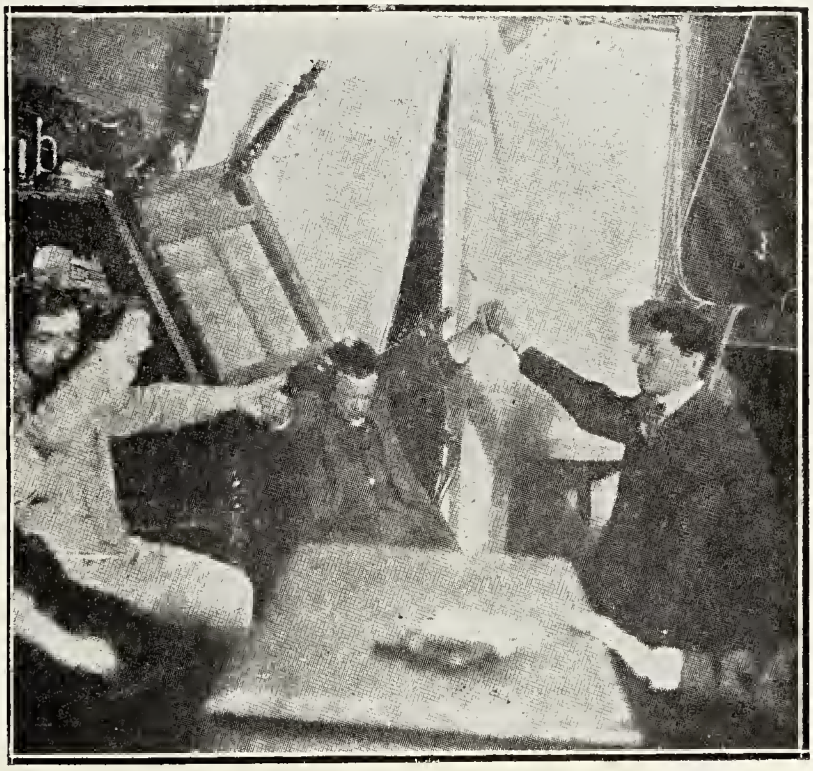

Uma grande mesa em levitação ao fundo de Carancini

Alguns instantes depois, Carancini, que se achava acordado, ficou aterradissimo, vendo uma pesada mesa sobrecarregada de papeis e medindo um metro de comprimento sobre 50 centimetros de largura, deslocar-se por diversas vezes sosinha, executando movimentos.

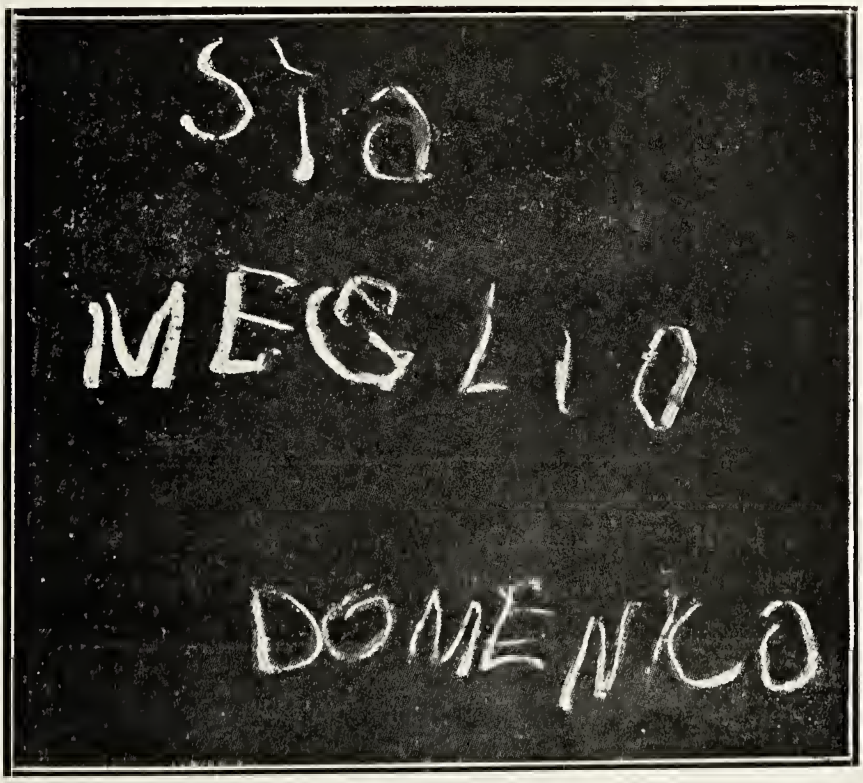

Uma mensagem de Além-tumulo obtida pela escripta directa traçada sobre um pedaço de vidro coberto de fumaça.

A 4 de Setembro, varios assistentes são tocados e empurrados. A grande mesa é virada de pernas para o ar e collocada sobre uma mesinha que se achava atraz da cortina. Antes disso esta fôra lançada contra a grande mesa, e um violino passeara no ar, tocando mesmo a cabeça de varios assistentes e cahindo, em seguida sobre a grande mesa.

Isto tudo passou-se em plena claridade e foi visto por todos os assistentes.

A 20 de outubro a sessão realisou-se no atelier de pintura do barão. As portas foram cuidadosamente fechadas e as chaves postas sobre a mesa. As duas lampadas electricas vermelhas foram accesas. Carancini cahe em transe; os reposteiros do gabinete movem-se. Um assistente dá algumas pancadas *sobre* a mesa; o mesmo numero de golpes é repetido *sob* a mesa, depois nos outros moveis e finalmente nas paredes. Os espectadores sentem como que rajadas de ar frio. Uma mesinha aproxima-se da grande mesa, em torno da qual os assistentes fazem cadeia e procura passar sobre ella.

Uma das grandes lampadas electrica é apagada para facilitar os phenomenos. O medium geme. Ouve-se no ar como que um amarrotar de tecido. O magnesio foi inflammado e todos perceberam, no momento do clarão, o paletot do medium que lhe tinha sido tirado e que levitava no ar, sendo, após, lançado sobre a grande mesa em meio dos assistentes. Note-se que os fiscaes immobilisavam completamente Carancini.

Photographia de uma entidade luminosa apparecida junto ao medium

À 10 de novembro, uma mesinha foi collocar-se sobre os joelhos de um dos fiscaes que era o Dr. Sanguini. À mesinha foi em seguida virada de pernas para o ar, indo depositar-se sobre a grande mesa que, por seu turno, começou a levitar. O tenente Guinta pediu que a menina fosse collocar-se diante d'elle e esse desejo viu-se immediatamente executado ; um violino emittiu algumas notas; um pandeiro foi lançado sobre a mesa grande e uma bola de borracha cahiu sobre os joelhos da condessa Magolatto. «Giuseppe» pediu, então, que os objectos que se achavam sobre a mesa fossem retirados e que o circulo dos assistentes fosse augmentado, o que se fez, abrindo todos os espectadores os braços sem que se rompesse a cadeia. O medium conservou-se perfeitamente immovel ; accendeu-se uma lampada branca e encontrou-se a mesa grande virada no sentido contrario, de pernas para o ar.

À 20 de novembro, um pé de mesa bate no sólo e uma mesinha vai apoiar-se sobre o pé do Dr. Cesari.

Uma caixa de musica e uma trombeta que se achava no aparador, são d'ahi retiradas e transportadas para a mesa.

Conseguiu-se tirar uma photographia da trombeta em levitação.

À 18 de Dezembro uma sineta, collocada sobre o aparador, toca e vai cahir sobre a mesa ao mesmo tempo que uma pequena bolsa. Um violino, que fôra collocado sobre a mesa *dentro da sua caixa fechada a chave*, é encontrado, alguns instantes depois, *fóra da caixa que continuava fechada e a dois metros della.*

Uma mesinha vai collocar-se sosinha contra a parede

À 2 de Fevereiro de 1909 qué-

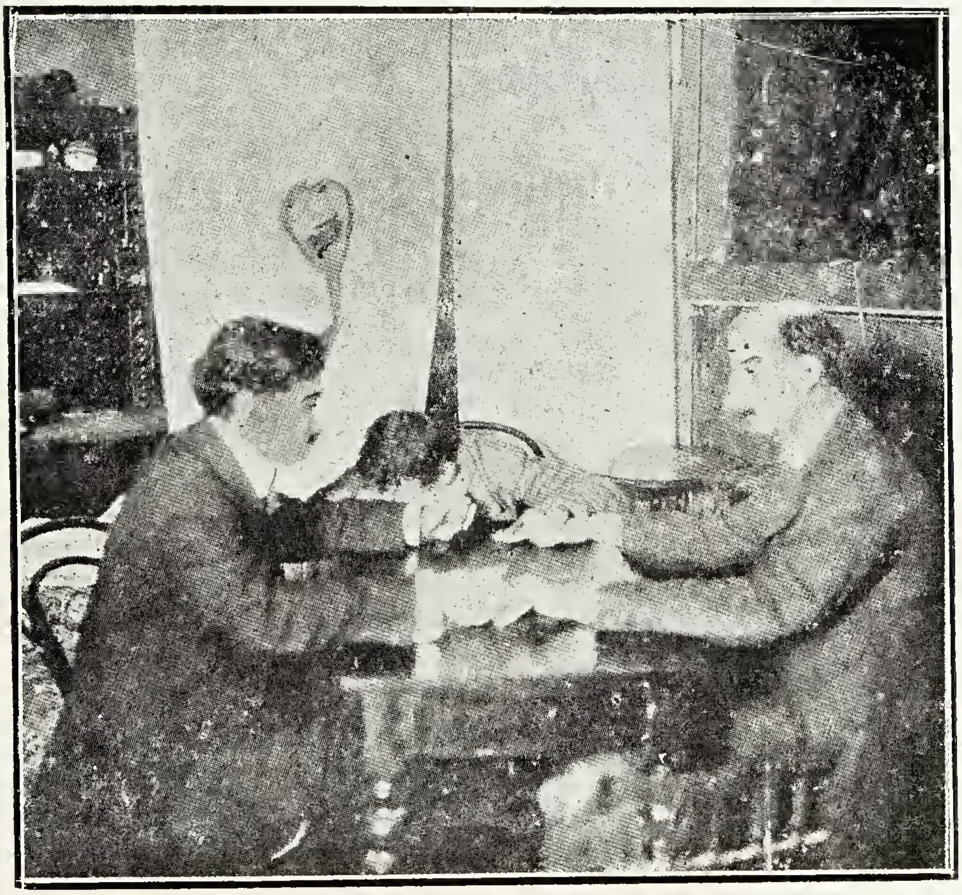

Um bandolim que sahiu do aparador, photographado em levitação.

da de uma bola de borracha sobre os joelhos de uma senhora, e transporte, do aparador para a mesa, de um pesado tinteiro de marmore. Varias pessoas sentem contacto de uma mão quente, um dos assistentes é violentamente puxado pelo paletot e a sra. do Dr. Cesari sente-se igualmente puxada.

A 16 de Fevereiro os fiscaes são tocados; os resposteiros do gabinete abrem-se bruscamente uma caixa de muisca toca, ao mesmo tempo que deixa a prateleira do aparador onde se achava, indo collocar-se sobre a mesa, onde só então deixa de tocar. Um tinteiro de marmore e uma bola de borracha fazem o mesmo trajecto.

O medium pediu a luz branca e poude-se, então, verificar que a mesinha que se achava atraz do reposteiro, fôra collocar-se sobre a mesa grande.

Novamente a sala foi illuminada com as lampadas vermelhas. Um ponteiro resoou. Um pedaço de vidro enfumado fôra collocar-se sobre uma mesa a quasi dois metros dos assistentes. Desejava se fazer uma tentativa para obter a escripta directa. Sobre a fumaça que formava uma tenue camada do vidro encontraram-se estas palavras: «Sto meglio — Domenico». (Estou melhor — Domenico). Este espirito é o sr. Domenico Giannini — morrera subita-

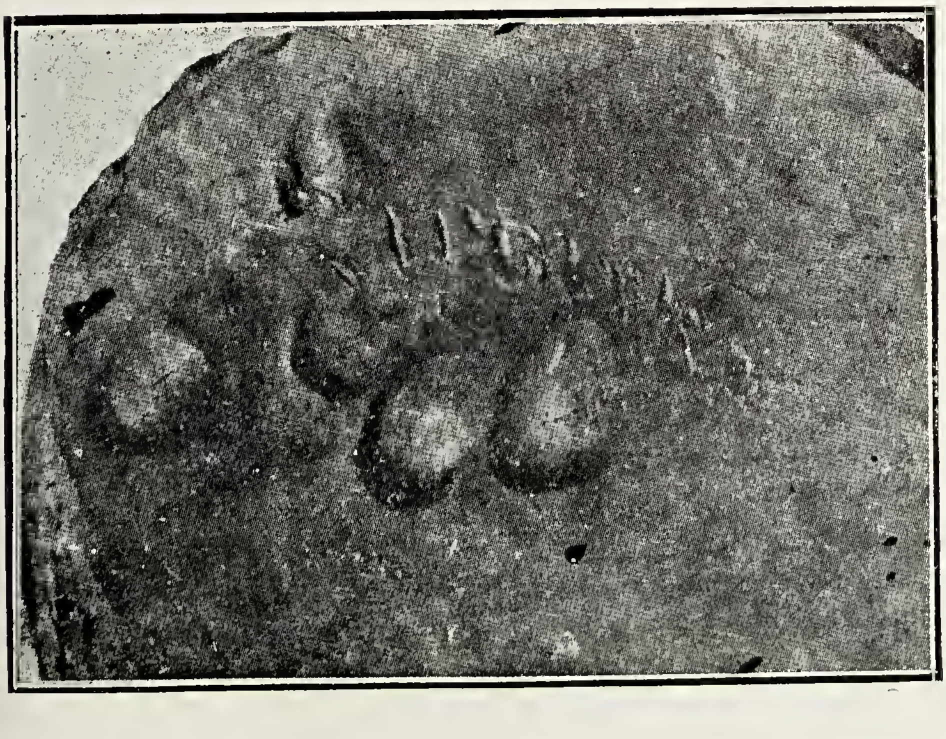

Impressão de dedos obtidos em barro. No mesmo barro vê-se igualmente a assignatura — «Ludovico».

mente. Os globos e as pequenas chammas que annunciavam o fim da sessão foram numerosissimos a 16 de Fevereiro. Os globos e chammas dansavam em torno dos assistentes e sobre o corpo do medium. Uma mão luminosa da qual pareciam escapar-se labaredas foi vista passeiando sobre os reposteiros.

* * *

Até aqui fizemos referencia ás principaes sessões, constatadas nas actas que foram assignadas pelos assistentes. Houve, porém, numerosas outras.

N'uma, por exemplo, o Dr. A. Cervesato sentiu, atravez dos reposteiros do gabinete mediumnico, uma forma humana da qual poude distinguir os membros.

Differentes objectos foram transportados, ou deslocados. Uma mesinha foi frequentemente virada e passou por sobre as mãos juntas dos assistentes formando cadeia. Varias impressões e marcos foram obtidas em barro collocado num prato, que era coberto por um vidro.

De outra vez, os experimentadores obtiveram marcas de dedos e um nome: «Ludovico».

Giuseppe explicou que se tratava de um frade morto—Ludovico de Castelfino — que desejava escrever um livro sobre a creação, por intermedio de Carancini.

Varios phenomenos de escripta directa foram obtidos. N'um pequeno tambor que cahiu sobre a mesa, por occasião de uma sessão, foram encontradas estas palavras escriptas a carvão: «Qui credit in Deum et vitam œternam, salvus erit» (*Quem acredita em Deus e na vida eterna será salvo).*

Nessa mesma sessão houve ainda duas levitações: a do tambor e a do carvão, que se encontrava no fundo do *atelier* do barão Von Erhardt.

N'outra occasião obteve-se o desenho de uma figura representando vagamente um esqueleto ao lado d'estas palavras — «Fra poco» — *(Dentro em pouco).* Foi a reproducção da phrase que Domenico Gianini pronunciou pouco antes de morrer.

Numa outra sessão ainda, Carancini foi photographado em levitação. No momento em que a photographia foi tirada, o medium achava-se a um metro de altura.

Eis os curiosissimos factos a que varias pessoas notaveis e de uma honorabilidade acima de toda a suspeita, assistiram em Roma.

Para que se comprehenda o valor destes phenomenos para os estudos que são objecto desta *revista*, é preciso accrescentar que a fiscalisação foi das mais rigorosas; que nenhum amigo pessoal do medium foi admittido nas sessões; que Carancini fez sempre parte da cadeia e que os poucos factos obtidos na obscuridade a scena foi photographada por meio da luz do magnesium.

ESPIRITISMO E IMMORTALIDADE

A certeza da immortalidade do ser pensante se desprende radiante do estudo dos factos espiritas. O testemunho de milhares de almas que se communicam vem nos trazer em toda a sua grandeza a consoladora e racional doutrina que se denomina Espiritismo.

GABRIEL DELANNE

O PHANTASMA DE 1816

O phantasma que appareceu em pleno campo, sob o reinado de Luiz XVII, agitou toda a Europa ; deu locubrações aos jornalistas. intrigou a corte e fez chorar o proprio rei.

Compulsando revistas, noticias, brochuras e livros podemos comparar os relatos afim de authenticar a veracidade d'um honesto camponez, medium inconsciente, que não se occupava de politica nem de religião e ainda menos de magia.

O *segredo d'Estado* que elle desvendou ao rei, nunca poude germinar no cerebro de *Martin Gallardon*, que assim se chama ; este homem repetiu o que disse o phantasma ; não o disse senão a Luiz XVIII ; e as circumstancias que acompanharam este extranho acontecimento foram descriptas por dois celebres alienistas da epoca : os doutores Pinel e Royer-Collard.

Folheamos as obras destes medicos, não encontrando referencias ao facto, mas elles foram encarregados de fazer um relatorio, cujo original desappareceu dos archivos nacionaes, como tambem desappareceu o camponez *Martin* : com effeito havia muitos interessados compromettidos.

O Dr. Royer-Collard morreu em 1825 ; occupava altos cargos : professor de medicina legal, inspector geral das escolas de medicina, membro da Academia e medico titular do rei. Royer-Collard deixou dois filhos : Alberto, jurisconsulto, morto em 1865 e Hyppolito, professor de hygiene, falecido em 1852.

E' de notar que o Prefeito de Chartres só escreve ao cura d'esta povoação em 16 de março.

Royer Collard e Pinel no inquerito feito nada omittem acerca da familia e dos antecedentes de Thomaz Martin.

Este relatorio é um modelo de precisão e de conhecimentos scientificos ; verifica que o camponez goza de todas as suas faculdades, como foram seus ascendentes, gente pacifica, sobria e honesta. Martin nunca chamou medico para qualquer doença. Em todos os pontos seu caracter é excellente.

Perante a veracidade e authenticidade deste relatorio medico, devemos frisar de passagem, quanto os factos foram alterados pelos pamphletarios, litteratos e politicos dessa época.

O phantasma apparece muitas vezes e Martin refere-o a seu irmão : «O desconhecido appareceu-me e disse-me «já fiz saber que não voltaria a vêr-vos, teria grande pena que os meus esforços ficassem inuteis. Póde mandar examinar-se o assumpto por doutores em theologia. Ver-se-ha a sua realidade. Tende confiança ; nada vos succederá.»

O relatorio continúa : «Em 31 de março, Martin passeia no parque do estabelecimento de Charenton, e vê outra vêz o phantasma deante d'elle, falando assim : «Haverá divergencias, discussões a meu respeito, dir-se-ha que sou um ser phantastico, um reprobo ; para vos convencer que sou um ser real, approximae-vos e tomae-me a mão.

Martin tomou-lhe a mão, sentindo apertar a sua, como qualquer mão ordinaria. Depois a apparição abriu o casaco castanho de alto a baixo, o qual sempre tinha fechado, e Martin foi então deslumbrado por uma luz brilhante.

Tornando a apertar o casaco e dissipada a claridade, o phantasma accrescentou : «um reprobo não pode mostrar-se sem trazer na fronte o signal da condemnação ; examinae bem a minha e vêde se tenho alguma cousa semelhante.»

Martin nada notou de extraordinario.

Um guarda de Charenton tinha pedido a Martin para o recommendar ao phantasma, a quem chamava o anjo Raphael ; a apparição não esperou que o camponez lh'o recommendasse ; pois preveniu-o, dizendo : «Encarregaram-vos de pedir-me a minha protecção ; dizei a esse outro, que serão salvos todos os que guardarem a lei divina.»

A missão do camponez de Gallardon ia terminar ; um agente do ministerio da Policia chegou a Charenton ; entregaram-lhe Martin que ignorava o destino que lhe davam ; á noite voltou e contou ao director o que lhe tinha succedido n'aquelle dia, 2 de abril, tinha sido conduzido á presença do rei Luiz XVIII. Martin contou-o ao director e no dia seguinte ao Dr. Royer Collard.

As duas narrações são absolutamente eguaes.

«Previamente o phantasma avisou-o de que ia comparecer deante do rei, e que tudo que lhe houvesse de dizer lhe seria indicado no proprio instante e que as expressões proprias viriam por si mesmas».

Isto passava-se perante o ministro de Policia, que fez conduzir Martin por um homem de confiança.

O Ministro precede-os, emquanto o rei aguarda. Luiz XVIII recebe o camponez e diz-lhe : «Martin, eu te saúdo.»

O ministro retira-se.

Martin contou ao rei o que a apparição lhe tinha encarregado de dizer e descobriu muitas circumstancias secretas durante o exilio do monarcha, já esquecidas, mas cuja narração avivou a memoria d'ellas, desde ha 23 annos.

Martin revelou as conspirações tramadas contra o rei, não nomeou pessoas, mas caracterisou-as, de forma a não poder haver equivoco.

O rei, vivamente impressionado, chorou copiosamente e erguendo os olhos disse : «são cousas que não devem ser conhecidas senão de ti e de mim.»

Martin, vendo chorar o rei, prometteu-lhe absoluto segredo e tambem chorou. Falava com facilidade e elevação pouco vulgar ; parecia-lhe que outro falava n'elle, e assegura que os segredos revelados lhe eram desconhecidos antes de estar em presença do rei.

Esta facilidade d'expressão desappareceu, e Martin disse ao rei : «Senhor, minha missão está cumprida ; nada mais tenho a dizer-vos.»

Martin partiu no mesmo dia 5 d'Abril, diz Royer Collard, cumpriu sua promessa e continuou o genero de vida anterior, sem nada revelar a ninguem, e sem tornar a vêr o phantasma.

Os dois medicos apreciam os factos e discutem, afastam a impostura e concluem pela absoluta honestidade d'este homem, que não é nem louco, nem um enganador, nem illuminado ; não é siquer um ambicioso nem um interessado.

Não foi joguete de qualquer intrigante ; entregou-se ás proprias inspirações ; está acima de toda a suspeita por parte dos peritos de Charenton do director, e dos chefes que o viram em Paris, que o vigiaram por parte do ministro de Policia e do Rei.

Martin, portanto, deve ter experimentado as sensações que refere ; viu, tocou, ouviu, quando outros nas mesmas condições e dotados de bom senso, não viam, nem tocavam, nem ouviam.

Annunciou factos que se passaram depois, sem ter qualquer meio de ser advertido ; previu investigações antes que o Prefeito as ordenasse, etc., etc.

Quanto as predições e revelações feitas ao rei, os medicos não falam, dizendo : «Não podemos nem devemos submettel-as á nossa discussão.»

Os sabios e conscienciosos relatores concluem que Martin não é um alienado ; que goza de perfeita saude ; que não tem as menores alterações das faculdades intellectuaes e affectivas, nem delirio, exaltação, hypocondria, monomania ou hallucinação.

As pessoas que intervieram na tragedia de 1816 e que ouviram Martin affirmar a existencia, factos e gestos do phantasma, são : o cura de Gallardon, chamado La Perruque, o bispo Charrier de la Roche ; o Prefeito de Bretevil, o ministro de Policia Decazes, o tenente André ; um estudante de medicina ; o director de Charenton, Toul hac du Maupas e os doutores Royer — Collard e Pinel.

Após a morte de Luiz XVIII, os jornaes affirmam que Mathieu de Montmorency viu Martin e que este confiara talvez o segredo do rei.

Outros dizem que Rechefoucauld e Talleyrand Périgord foram enviados por Carlos X para ouvir Martin e saber o seu segredo.

Os jornaes realistas calumniam Martin e sua familia Os que tiveram o cuidado de estudar de perto este assumpto aventam que o camponez fôra envenenado.

Martin foi num dia de festa fazer uma peregrinação a Chartres, dizendo ao partir que não voltaria ; previu assim sua morte que occorreu em circumstancias bastantes mysteriosas.

Se Martin não soube guardar em si o segredo do rei, comprehende-se que os *legitimistas* o fizessem desapparecer, pois que este segredo era dos mais importantantes :

1.º—Martin teria sido encarregado pela apparição de dizer pessoalmente a Luiz XVIII que este tivera o pensamento de assassinar Luiz XVI na caça ;

2.º Que elle mesmo, rei de França, era um usurpador, visto que Luiz XVII não tinha sido morto no Templo e vivia ainda ;

3.º Que a queda do ramo primogenito dos Bourbons não tardaria. Com effeito succedeu, como se sabe, em 1830.

Ora, se Luiz XVIII era arguido de rei illegitimo, Carlos X era tambem pouco legitimo... e se Martin falou, devia morrer.»

(De La Vie Nouvelle)

DR. BÉCOUR.

Chronica Extrangeira

A *Psychical Research Society* tem prestado inestimaveis serviços para a resolução do problema da Immortalidade.

A *Psychical Research* é uma sociedade fundada logo após ao apparecimento do Espiritismo, cujo objectivo é analysar sem prevenção de escola e de accordo com os methodos experimentaes todos os factos psychicos que lhe são apresentados.

Esta associação conta já muitos volumes que enfeixam escrupulosos relatos de experiencias feitas por sabios eminentes que constataram milhares de manifestações espiritas e animicas.

Só de abril de 1889 a maio de 1892, o *Psychical Research Society*, examinou 17.000 casos de «historias de fantasmas». Sobre este numero os pesquisadores registraram apenas 778 casos. Dentre estes, 532 apparições eram de pessoas vivas (casos de animismo) e 127 de mortas (manifestações espiritas). Os 319 restantes não puderam ser classificados, por isso não foram identificados nem numa, nem noutra série.

Entre os casos de apparições de vivos, assignala-se o de uma senhora, que foi vista em Oxford por um seu irmão, ferida, coberta de sangue. Essa senhora tinha sido victima de um accidente. Foi tambem identificado um outro caso bem interessante : um homem, residente em Woolwich e que, por varias vezes, esforçou-se, até conseguir apparecer a uma pessôa amiga em Plumstead.

A *Bath Cronicle* assím como a revista ingleza *Light* publicaram estes casos detalhadamente.

As manifestações dos vivos e dos mortos, constatadas atravéz da historia, escaparam ao criterio são, embora tivessem sido verificadas em todos os paizes, por testemunhos leaes e insuspeitos.

Esse trabalho de organisação systematica dos factos dependia provavelmente de uma intelligencia robusta, um espirito de escol, que assumisse a relevante missão da coodificação espirita, trabalho esse que só poderia ser feito de accordo com o progresso dos povos e no tempo predicto da Vinda do Espirito da Verdade. segundo predição do Christo, que viria «ensinar todas as cousas e lembrar aos homens o seu Ensino».

Pois bem, essa missão estrictamente desempenhada com o maior criterio por Allan-Kardec, nos offerecem os seus ensinos um campo novo de estudos, de pesquizas com resultados demonstrativos da sobrevivencia.

Os factos animicos e espiritas constituem a base do que será a sciencia de amanhã e que, para nós já se apresenta com todos os caracteristicos fundamentaes da Verdade progressiva que a humanidade aspira para sua ascenção a um plano superior da Espiritualidade.

A ADVERTENCIA DOS RELOGIOS

O phenomeno da detenção das pendulas dos relogios, tem sido tomado como um mau presagio ultimamente, segundo informam as revistas psychicas, cujos factos já temos nos referido.

A *Pall Mall Gazette*, trata deste assumpto, narrando alguns factos que chegaram ao seu conhecimento e não relutamos fazer repercussão. Eil-os :

—«O sr. Ch. Wilson, de New-York, possuia um excellente relogio preso á parede de sua sala. Atacado de pneumonia o sr. Wilson foi para uma casa de saúde. Ao meio dia, de 1.o de Junho de 1925 a pendula parou. Nessa mesma hora o enfermo falleceu».

—«M. X. empreiteiro de obras em Liverpool, possúe tambem um relogio collocado no seu quarto. Certa manhã, ás 11 h. 1/4 cahe violentamente sobre o soalho. Collocaram-n'o novamente em seu lugar e elle continuou a trabalhar, sem que cousa alguma se tivesse quebrado. Duas horas mais tarde, M. X. entra em casa, por se haver machucado, em virtude de uma queda de uma andaime onde déra um passo em falso. Felizmente o accidente não teve consequencias mais graves. O relogio havia, si se pode dizer, avisado o facto.»

Estes phenomenos só podem ser explicados pelo Espiritismo.

INTERESSANTES PHENOMENOS

Em um dos seus ultimos artigos na *Revue Spirite* o venerando sabio, Camille Flammarion, de saudosa memoria, publicou, com criteriosos commentarios, um relato que lhe foi enviado do Havre a 12 de janeiro de 1002, pelo sr. Saturnin Tinel, tal como se vai lêr :

—«Eu sou um pobre operario sem instrucção e faria melhor se não me occupasse de certas cousas como as que vou narrar. Com a edade de dez annos eu fui testemunha, em Manneville—la Goupil (cantão de Godeville, proximidades do Havre) dum facto que fez ruido em todo o paiz.

Isto se passava na quinta de Puy-Varin, communa de Manneville-la-Goupil ; ouvia-se barulho insolitos, porque o proprietario da quinta, no dizer das pessoas do lugar, não tinha recebido de um dos seus parentes, morto nessa quinta, o cumprimento da promessa pela qual elle se tinha obrigado.

Então, uma noite, acompanhado de meu avô, condecorado de Sainte Hélène e do padre Votte, como se o chamava então, brigadeiro da gendarmeria de Goderville, eu permaneci na quinta do Puy-Varin para verificar os factos maravilhosos que dizia-se que ahi se passavam.

Estivemos duas horas na quinta sem que nada de interessante se produzisse. Como iamos nos retirar, o padre Votte disse a meu avô : «Muito bem ! meu velho Torquet, eis uma *blague* de que fomos victimas.» Apenas tinha elle pronunciado estas palavras, os moveis e as louças e vasilhames da casa e da cosinha se puzeram a dansar ! Era como que um *sabbat* de feiticeiros.

O képi de meu avô foi projectado na chaminé, e eu, rapaz, atirado por uma força desconhecida contra a porta de sahida.

Ouvi então a vóz do meu bravo avô que dizia encolerisado : «Tu que fazes tanto alarido, si vens de Deus, falla ; mas si vens do diabo, vae-te embora.»

Estes factos se passaram, como vos disse, em Manneville-la-Goupil e estão ainda presentes na memoria dos anciãos da cidade. Lá não existia nenhum preparativo, nem medium, nem prestidigitador, mas unicamente pobres camponios como eu.

Eis, sr. Flammarion, o que julguei submetter ao vosso conhecimento, e si tiverdes necessidade de mim para o que concerne a estes factos, estou a vossa inteira disposição para mais amplas informações.»

OS BENEFICIOS DA MEDIUMNIDADE

A mediumnidade é um excellente dom que, quando bem utilisado produz grandes beneficios.

The Progressive Thinker publicou um interessante caso que confirma esta proposição. E' o seguinte :

— «A 19 de outubro ultimo, um morador de Milwaukee (Visconsin, Estados Unidos), sahiu de casa não mais voltando e pessôa alguma de sua familia teve d'elle noticias. Sua mulher, Mrs. J. H. Harris, desconsolada, levou o facto ao conhecimento da policia e durante muitos dias foram feitas pesquizas para vêr si se encontrava o desapparecido. O inquerito proseguio-se na cidade e circumvisinhanças sem resultado algum. Por fim correu o boato que Harris suicidara-se em qualquer local retirado da cidade.

A presumida viuva não perde, entretanto, a esperança de reencontrar seu esposo. Lembrou-se de escrever a M. Roberts, medium clarividente, que reside em Baraboo.

O medium recebeu a carta dia 15 de novembro e respondeu dia seguinte que «—o corpo do defunto poderia ser encontrado num rio, que Harris não havia se matado, mas morrera accidentalmente, tendo resvalado pela encosta de um rio.» Accrescentou que—«o morto achava-se estendido sobre as aguas, a distancia de 50 pés de uma arvore preso a uma forquilha, perto das usinas Platt. Havia um moinho nas proximidades.»

As indicações foram muito claras. Foi-se ao local em companhia do chefe de policia Harmel e encontrou-se o corpo de Harris tal como Roberts designou.

A imprensa americana noticiou este facto reproduzindo o telegramma de agradecimento que a viuva endereçou ao medium :

"M. A. P. Roberts. Milwaukee
Wiscousin

O chefe de policia Harmel encontrou o corpo de John Harris a cincoenta pés de uma arvore como havieis prophetisado. Agradeço-vos.

Assignado—J. H. Harris.

UM ROMANCE VERIDICO

A Revue Spirite publicou o seguinte caso :

—«Narramos o caso de uma romancista que escrevendo á noite um romance de aventuras, ouviu contar pela criada dia seguinte, toda a trama dramatica do capitulo composto pela escriptora durante sua longa vigilia. A criada tinha visto o que a autora do romance escrevera.

Existem singularidades ainda mais typicas no mundo dos escriptores, neste sentido alguns delles inventaram historias que eram exactamente realidades que acreditavam tirar da sua imaginação.

Neste genero são celebres os romances *Nostalgie et Scènes du Monde Invisible*, de Jung Stilling que, segundo se crê, era clarividente.

Este escriptor produziu sua obra num estado bizarro, intermediario entre o somno e a vigilía, numa serenidade e numa paz inexprimiveis.

Quando seu livro *Nostalgie* foi posto á venda, obteve immediatamente grande successo. O que ahi acha-se descripto, sobre um plano todavia ficticio, personagens e acontecimentos, verificou-se depois que Stilling havia reproduzido com rígorosa exactidão de scenas da vida particular.

Stilling recebeu em sua casa, logo após a publicação de tal obra, a visita de um extranho individuo, por meio de quem se documentou com rigorosa precisão sobre questões que desconhecia e que escrevera. Verificou então que o seu romance correspondia a factos occorridos, os personagens eram reaes, até a sua vida intima.

O trabalho de Jung Stilling, é um trabalho essencialmente psychico e verdadeiramente espirita. O caso pode-se, pois, explicar pelas seguintes hypotheses : 1.o—o romancista transportava-se aos meios onde se deram os factos e lia na consciencia das gentes, o que elle julgava ser uma creação sua. Ahi elle possuia todos es elementos authenticos da obra que julgava ser producto de seu talento inventivo. Na segunda hypothese, é admissivel que as Entidades bemfeitoras lhe prestasse o serviço de dictar os episodios, suggerir os caracteres e os actos dos personagens, fornecendo-lhes os elementos das occorrencias.»

OS ESPIRITOS DO THEATRO

E' ainda da *Revue Spirite*, a noticia que segue :

— «Recentemente a grande cantora Nellie Melba, entre outras lembranças espiritas, relatou que uma noite, divertindo-se no *Parcifal*, sentiu-se entrar em meio transe e neste estado cantou o trecho que lhe tocava, com a forte impressão de que Entidades envolviam-n'a para auxilial-a e ajudarem ainda a sua excellente vóz.

Outros artistas têm feito as mesmas constatações e sabe-se que Sarah Bernhardt tinha certeza que, por vezes, o Espirito da tragica Rachel estava a seu lado sobre um «pedestal» O actor Ernest Milton, representava do outro lado da Mancha, Hamlet.

Um amigo por elle convidado, estava na primeira fila das cadeiras da orchestra. Dia seguinte o artista foi passar algumas horas em casa deste amigo, cuja filha é medium. Esta cahe em transe e lhe diz que auxiliava-o durante a representação, o Espirito de Henry Irving, actor celebre, que se achava perto delle. Anteriormente o afamado Dan Leno havia muitas vezes inspirado Joey Grimaldi. Quanto a Irving dizia auxiliado por Edmundo Kean, Miss Lilian Baylis affirma que deve os seus melhores successos scenicos ao auxilio dos comediantes do passado, especialmente William Wicherley e George Frederic Cooke, um dos mais brilhantes interpretes do repertorio Shakespeariano, ha um seculo.

Não seria, sem duvida, impossivel obter sobre este capitulo curioso do estimulo do talento dos actores vivos por actores mortos, confidencias muito interessantes, si se abrisse uma «enquête» no mundo theatral.

Apresentamos a suggestão á nossa collega *Comœdia* que, sem duvida, encontraria opportunidade para receber diversos artigos interessantes a respeito. Sabe-se, com effeito, que se encontram no theatro fervorosos espiritas e poderia dar aqui uma lista de nomes de reputação que, diariamente se salientam e são queridos do publico amador de espectaculos.

E'cos e Noticias

Decididamente o mundo está em vesperas de grande remodelação. No plano moral como na esphera espiritual urge que essa transformação se apresse, porque toda a demora acarretará males futuros.

Quem tem a felicidade de acompanhar o movimento religioso e scientifico que vem se operando em toda a parte, quer accionado por homens illustres que se compenetraram dos deveres impostos pela sua elevação espiritual, quer por humildes que bafejados pelo auxilio dos Espiritos prepostos para esse grande labor de Espiritualisação dos povos, não pode negar que o mundo será transformado de momento, transfigurar-se-á pondo de lado as idéas archaicas e retrogradas que têm paralysado a marcha ascencional da humanidade. E essas mesmas antiquadas philosophias e velhas religiões que guardam em urna de ouro, veladas por sentinellas da velha dispensação o Deposito tradicional dos dogmas avoengos, já sentiram o estremecer das suas columnas e luctam com esforços supremos para manter de pé os seus bem formados edificios, mas construidos na areia movediça, cujos alicerces já se acham solapados pelas correntezas adversas.

Este anno mesmo grandes acontecimentos se desenrolarão no mundo todo e mais um influxo de Luz Divina virá nos clarear os verdadeiros horisontes da Vida.

FRANÇA

— Na sala do restaurante vegetariano, 189, rue Tolbiac, Paris, M. Ripert fez, para os membros do «Trait d'Union», uma conferencia sobre o thema : O Espiritismo Experimental.

A conferencia reuniu numeroso auditorio que ouviu com grande interesse a clara dissertação do illustre secretario geral da Federação Espirita Internacional.

— M. André Ripert, fez a «Maison des Spirites» mais uma conferencia, com grande successo, dissertando sobre o thema : «O Espiritismo na vida quotidiana.» O auditorio aplaudiu calorosamente o orador pela clareza de estilo e fundo doutrinario de sua oração.

— Realisaram conferencia na «Maison des Spirites», os illustres confrades ; M. Forthuny, sobre — «O Espiritismo e o bom-humor» ; M. Demarquette — «O Naturismo, doutrina do progresso humano».

A 18 do corrente o Dr. Henry Demont falará sobre o thema : ‹A abolição da guerra.»

NICE

Em Nice falaram os seguintes propagandistas : M. Melusson, sobre o thema : ‹Como eu comprehendo o Espiritismo› : o Commandante Gillet : ‹O Problema biologico da consciencia› ; Mme. Ternaux : «O fogo sagrado na religião› ; M. Grialou : ‹Constituição da materia› : Dr. Potheau : ‹A' margem da medicina official.›
Todas as conferencias tiveram optima concurrencia.

⁂

O *Institut Metapsychique International*, accedendo a orientação do seu presidente, Dr. E. Osty, deliberou em seus trabalhos experimentaes, provocar as manifestações psychicas, e fez, ao mesmo tempo, um appello aos homens de sciencia para estudarem esses phenomenos.

INGLATERRA

Em Londres tem havido grandes debates sobre a doutrina da evolução, Sir Oliver Lodge, o maior physico da actualidade e fervoroso espirita, acaba de declarar publicamente a doutrina evolucionista. Sir Oliver Lodge affirma que o homem descendeu ou ascendeu do reino animal. E' assim que diz o illustre sabio:

«Encontro muita gente impressionada com a idéa da evolução não só aqui mas tambem nos Estados Unidos», declarou sir Oliver Lodge a um correspondente do «New York American». «Todos ficam impressionados porque a theoria da evolução foi levada muito longe pelos seus enthusiastas ; alguns quizeram excluir a idéa do espirito e o fim de universo, afim de substituil-os por um mechanismo.

«Esta philosophia era incompleta, e actualmente é reconhecida como uma falsa descripção do universo. O engano, se se póde chamar a isso engano, consistia em defrontar a theoria da evolução com a idéa de creação, em vez de consideral-a como um methodo de creação. A velha idéa de creação considerada como um acontecimento subito, sem espaços intermediarios ou sem um lapso extenso de tempo, e considerada pelos homens de sciencia como erronea, e mesmo assim percebemos que a velha idéa continha elementos da verdade, da mesma fórma que os contem a theoria da evolução».

Sir Oliver Lodge citou o Genesis: «No começo, Deus creou o céu e a terra, etc.»

«Embora seja uma descripção inspirada e poetica», continua elle, «e embora descreva dramaticamente esse acontecimento como se se tivesse dado em um abrir e fechar de olhos o que levou milhões de annos a se realizar, a descripção é notavelmente verdadeira segundo o processo actual. Considerada como poesia de inspiração, a essencia deste capitulo do Genesis é a percepção, primeiro, de que houve a incubação do Espirito Divino, espirito que trabalha, planejando e executando. Esta é uma theoria que muito scientistas acceitam, e que eu tambem acceito. Segundo, que um cosmos sahiu do informe, do vasio, apparecendo o mundo, e nascendo a luz.

«Como, segundo a sciencia moderna, nasceu o universo ? O todo é construido de duas unidades, dois elementos electricos, o electron e o potron. Os atomos da materia nasceram destes dois elementos, e unidos por um terceiro elemento, intangivel, chamado ether ou radiação; o seu nome popular é — a luz. Assim temos o processo: o espirito incubador; o espirito planejador; o vasio cheio de descargas electricas, sendo soldadas pela radiação para formarem particulas turbilhonantes que se tornaram nebulosas, girando estas finalmente em mundos.

«Segundo a minha theoria, o universo não tem começo nem fim ; a evolução cosmica faz-se em cyclone, primeiro, o ether do espaço, cheio de radiação; em seguida, a formação deste ether em electrons e protons; a gravitação em nebulosas das particulas resultantes da materia; a rotação, o aquecimento e o encontro das nebulosas, dando origem a novas constellações, e novos mundos, que por sua vez se desintegram, formando outros mundos. Este processo, acredito eu, continúa sempre, e sempre tem continuado. Ainda a vemos hoje de varias fórmas. O universo não tem começo nem fim, sempre existiu.

«Mas ao passo que a evolução cosmica se faz em cyclos, voltando sempre ao seu começo para continuarem novamente, a evolução mental e espiritual fazse sempre para planos mais altos. Sem duvida alguma, o corpo humano é uma herança do reino animal.

‹Mas não ha opposição essencial entre a creação e a evolução ; uma é o methodo da outra. Não são dois processos ; são um, um processo gradual».

⁂

Um reporter da *Weekly Dispatch* interrogou varias personalidades inglezas sobre a orientação que tomariam e o trabalho que desempenhariam durante o anno de 1926.

A revista recebeu respostas de todos os generos.

Sir Conan Doyle enviou á redacção a seguinte declaração para responder o inquerito da *Weekly* :

«Eu tomei a resolução de empregar, neste anno que começa, ainda mais e sempre mais energia para levar avante a campanha que sustento a dez annos afim de fazer comprehender aos incredulos e aos negadores do Espiritismo a real natureza da morte».

ESTADOS UNIDOS

O prestidigitador Harry Houdini que, como os leitores devem saber, tem sido um inimigo irredutivel do Espiritismo, acaba de ser chamado em juizo pelos mediums americanos. Estes já cançados de tanta difamação, calumnia e injuria que lhes eram atiradas da imprensa pelo escamoteador Houdini, deliberaram tomar a offensiva e requereram contra o imprudente prestidigitador, uma indemnisação de 100.000 dollars.

O representante dos mediums americanos é o Rev. F. A. Wiggin, da *Unity Spiritualist Church*, de Boston, apoiado pelo Bureau da *Massachusetts Assotiation of Spiritualist.* O julgamento realisar-se-á brevemente em Boston.

⁂

O sr. Robert W. Russel, publicou no *Journal of The American Society for psychical Research* longo artigo expondo varias considerações doutrinarias para fixar as bases d'uma ‹sciencia nova», o psychismo comparado.

⁂

Os membros do British College offereceram ao medium americano Mrs. Grandon uma taça de prata em reconhecimento do seu heroico combate pela Verdade.

⁂

O sr. Ch. Sarver publicou no ‹Journal of the American for Psychical Research› um estudo sobre a planta ‹yagé› cultivada na Columbia, e que como o ‹peyotl› excita as faculdades psychicas nos que absorvem o cozimento d'este vegetal.

ARGENTINA

Realisou-se a 21 do pp. a demonstração de reconhecimento ao Dr. Cosme Mariño pelos relevantes serviços prestados ao Espiritismo durante 60 annos de trabalho ininterrupto deste popular propagandista. Por essa occasião foi offerecido ao presidente da associação ‹Constancia› um artistico album.

⁂

A ‹Sociedad Nueva Providencia› realisou uma sessão commemorativa dedicada ao medium d'essa associação, já desincarnado, sr. Domingo A. Iglesias.

⁂

A sociedade Espirita de Lonquimay, ‹Caridad Cristiana› celebrou o 5.o anniversario de sua vida social. Falaram diversos cradores.

⁂

Temos sobre a mesa ‹La Idéa›, bem orientada revista da Confederação Espiritista Argentina, de que são redactores os confrades srs. José Nosei e Carlos Chiessa.

⁂

‹La Idéa› dá a seguinte nota digna de repercussão :

‹Não são espíritas os que assim se intitulando lucram, exploram e enganam. Não são espiritas os que se occupam de sortilegios, cartomancias, horoscopos, etc.

CUBA

O Grupo Rozendo, de Matanzas, celebrou uma explendida velada em commemoração do natalicio do Apostolo das liberdades cubanas, José Marti.

⁂

O Grupo Rozendo iniciou uma série de conferencias de propaganda ao cargo do sr. Placidio Julio Gonzalez.

⁂

A ‹Sociedad Espîritista de Cuba› trabalha activamente na difusão do Espiritismo livre dos enxertos e parasytas que desnaturam a sua doutrina.

⁂

A *Psiquis* continua publicando o resultando do inquerito que fez sobre as questões que propôz e inserimos no nosso numero passado.

ITALIA

A propaganda do Espiritismo neste paiz se faz com grande morosidade. A falta das obras de Allan-Kardec em idioma italiano é um dos motivos do estacionamento espirita em terras italianas.

⁂

Il Giornale, La Sera, Il Carriere della Sera, têm publicado ultimamente escripto de orientação espirita.

⁂

Todos os diarios italianos publicaram o seguinte facto :

(Voghere, 4). Emilia Lucarelli, gravemente atacada de paralysia cahiu numa estufa accesa, incendiando as vestes da pobre velha e ao leito que estava proximo. Soccorrida por seu filho Virginio e transportada para o hospital, faleceu esta manhã, após terriveis soffrimentos. A neta da misera velha achava-se no momento em um negocio da Via Emilia quando de improviso pôz-se a gritar : Queima ! queima ! Soccorrei-a ! Ajudai-a !

Ella havia tido a visão da avó envolta em chammas e gritava soccorro. Correndo para a casa verificou que a visão era real.

Toda a imprensa brasileira publicou o seguinte telegramma, cujo phenomeno já é bem conhecido dos espiritas e tem sido verificado em diversas epocas do nosso mundo :

Cosenza, 3 (U. P.) — A rapariga solteira, de 29 annos, Helena Aiello, que ha quatro annos na sexta-feira santa súa sangue e apresenta nas mãos e nos joelhos as chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, renovou, hontem, o phenomeno pela quarta vez. O facto deu-se em Montalto Uffugo, perto desta cidade. A rapariga cahiu em extase durante tres horas. Nesse tempo o sangue porejava profusamente, emquanto appareciam chagas, nos logares do corpo em que as têm as imagens de Jesus Christo. A multidão que rodeava a casa cahiu de joelhos, proclamando o milagre. Numerosos scientistas, alguns de reputação nacional, assim como correspondentes de jornaes assistiram ao estranho acontecimento. Desta vez Helena Aiello chorou lagrimas de sangue, o que não tinha feito nas anteriores.

Pedimos aos nossos confrades extrangeiros enviar a esta revista noticias dos factos que occorrerem em suas localidades.

ESPIRITISMO NO BRASIL

NO nosso numero de Junho p. p. respondendo aos confrades extrangeiros, que desejavam conhecer o movimento espirita brasileiro e a situação da nossa Doutrina no Brasil, dissemos que o Espiritismo no nosso paiz deixa ainda muito a desejar ; que ha poucos estudiosos e muitos theoristas.

De facto, é verdadeiramente lamentavel a situação espirita em certos meios do Brasil. Uma reunião que acaba de se verificar á guisa de congresso, no Rio, para a formação de uma «Constituinte», deixa bem transparecer quão desconhecidos são os principios espiritas por aquelles proprios que se dizem espiritas e se arvoram mentores e representantes de Allan Kardec, neste paiz.

A grande imprensa tratando desse pseudo congresso o fez com tanta ironia que causa verdadeira compaixão o papel que muitos representam sem conhecimento, ás mais das vezes, de si proprios.

E a imprensa carioca, segundo estamos informados tem carradas de razões, pois foi tal o alarido, a confusão verificada em tal «congresso, o espirito de desunião e de discordia que parecia antes um congresso de desordem que de ordem, uma reunião de guerra que de paz.

Felizmente, porém, prevendo os resultados contraproducentes dessa reunião e constituição, a maioria dos espiritas, ou antes a unanimidade dos espiritas bem orientados, negou o seu apoio á pretença congregação espirita, declarando positivamente não ser solidaria com tal orientação, mesmo porque não lhe mereciam os convocadores de tal constituinte a confiança indispensavel para o desempenho da tarefa que em má hora se propuzeram desempenhar.

Por nossa parte deixamos correr á revelia o convite que nos foi enviado, crentes tambem de que outro não seria o resultado de tão temerosa empreza.

Confiamos, entretanto, na acção poderosa dos Espiritos encarregados da missão brasileira e no trabalho efficaz e denodado de um punhado de obreiros que, orientados pelos principios kardecistas, não cessam de proclamar. sob uma orientação sã as bases fundamentaes da grande Doutrina que dentro em pouco se imporá ás gentes como a verdadeira sciencia, unica capaz de resolver os problemas da vida e da morte.

O Espiritismo no Pretorio

Abrimos a chronica desta secção, no numero passado, com o caso de S. Carlos, como o leitor poderá verificar.

Temos agora a accrescentar que o Supremo Tribunal de S. Paulo, reformou a sentença justissima do illustrado e correcto Dr. Juiz de Direito, de S. Carlos. O Tribunal denegou a ordem de «habeas-corpus». O Centro Espirita «Maria de Jesus», está visto, não podia se conformar com tal decisão, e recorreram da sentença para o Supremo Tribunal Federal.

E'cos da propaganda

O Centro Espirita Friburguense communicou-nos a eleição da sua directoria, que ficou assim constituida : pres. Manuel M. Carvalho Jor. ; vice, Dr. Adolpho Calandrini ; 1.o sec. Cornelio H. Monteiro ; 2.o Vicente Ennes ; 1.o thes. Ricardo Leite ; 2.o João Perna ; bibl. Galiano S. Ferreira ; proc. Alvaro Beanclair ; zel. Francisco Pinho.

⁂

Do Centro Espirita Maranhense, rua Isaac Martins, 13, S. Luiz, recebemos o seguinte communicado :

«Levo ao vosso conhecimento que foi empossada a directoria deste centro, assim constituida pres. Domingos Castro Perdigão ; vice, Antonio N. Vinhaes ; 1.o sec. Francisco Coelho dos Santos ; 2.o Placido Camões ; thes. Waldimir Costa ; bibl. D. Rita Lisbôa.

⁂

O Centro Espirita Christophilos, r. Buarque Macedo, 41, Rio, reuniu-se a 11 do corrente, em assembléa, para eleger a sua directoria. Foi lido o relatorio do presidente e apresentado o balanço da thesouraria.

⁂

O Centro Espirita «Verdade», de Barretos, Frigorifico, communicou-nos a constituição da sua directoria, que foi assim organisada : pres. Manuel Alves Siqueira; vice, Manuel B. Nascimento; 1.o secr. Manuel Gomes; 2.o José Pardini Filho; 1.o thes. Antonio Oliveira; 2.o Manuel Camponez; 1.o proc. Manuel Otero; 2.o Firmino Santiago.

⁂

O Centro Antonio de Padua, rua Amador Pompeu, 160, Rio, communicou-nos haver elegido a seguinte directoria : pres. Manuel Barbosa Leite; vice, Dr. Sylvio Travassos; 1.o secr. Antonio Martins Silva; 2.o Augusto Nunes Ribeiro; thes. Alfredo Alves Freixo; Director da Assistencia, Benedicto Busti; zelador, João Oliveira Silva.

⁂

Em Nepomuceno, Minas, foi fundado um novo Centro, intitulado — Centro Espirita de Nepomuceno, que já conta 50 socios e cuja directoria ficou assim constituida : pres. Antenor Barbosa Oliveira; vice, João Cecilio de Castro; 1.o secr. João Oliveira Barbosa; 2.o José Teixeira Silva; thes. João Barbosa de Oliveira; A assembléa elegeu tambem commissão de assistencia aos necessitados e conselho fiscal.

⁂

De Itabuna, Bahia, recebemos um officio communicando a eleição da directoria do Centro Tertuliano Marques que ficou assim constituida : pres. José Cardoso Mendonça; vice, Camillo Alves Assis; 1.o secr. Antonio Marques Silva; 2.o Manuel Serapião Santos; thes. João José Feliz; proc. Manuel Paschoal Filho.

O Centro elegeu uma commissão beneficente composta de senhoras

⁂

O Centro Espirita de Piracicaba, dirigido pelo confrade Pedro Camago, desenvolve activa propaganda local.

E' assim que por occasião da commemoração da Lição da Paixão organisou uma sessão em que falaram diversos oradores, tendo repleto seu vasto salão e immediações do predio.

⁂

Em Campinas, o Centro Amor e Caridade, e a Cruzada Espirita Bezerra de Menezes desenvolvem activa propaganda pela palavra e pela imprensa.

⁂

O Centro Espirita de Ityrapina, dirigido pelo confr. Zacharias Onofre, offereceu ao publico uma conferencia, da qual foi orador o Dr. Souza Ribeiro. A conferencia realisou-se no theatro local.

⁂

Em Dois Corregos, a União Espirita local fez uma conferencia de propaganda em suas séde, orando o Dr. Souza Ribeiro sobre o thema : Espiritismo e Religião.

⁂

Em Mineiros, o Centro local dirigido pelo confrade Marcelino Martinez fez uma conferencia publica no theatro local, orando por 2 horas o nosso companheiro Dr. Souza Ribeiro, distincto medico em Campinas, sobre o thema : «Espiritismo e Christianismo.» O theatro ficou litteralmente cheio.

⁂

O Centro Espirita de Pennapolis, dirigido pelo confrade sr. João Marchesi, offereceu ao publico tres conferencias, nas quaes foi orador o nosso companheiro Giaccomo De Bernardo, que tomou para thema: «Jesus, sua Vida, sua Doutrina em face do Espiritismo».

⁂

O Centro Espirita de Salto, sob a direcção do confrade sr. João Lucio Duarte, fez uma conferencia publica, na qual usou da palavra o confrade Carlos Steagall, sobre o thema: Espiritismo e Christianismo.

⁂

O Centro Espirita Amantes da Pobreza, de Mattão, faz conferencias publicas todos os domingos, usando da palavra varios oradores.

⁂

O Centro Espirita Fraternidade, de Marechal Hermes, Rio, faz conferencias semanaes de propaganda falando diversos oradores.

⁂

A Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30, Rio, faz conferencias publicas semanaes.

Estão encarregados desse trabalho de propaganda diversos oradores.

⁂

A União Espirita Suburbiana, do Meyer, Rio, dirigida pelo confrade Ignacio Bittencourt, faz prelecções espiritas semanaes, com entrada franqueada ao publico.

⁂

O Gremio Luz e Amor, de Bangú, faz conferencias publicas semanaes para a divulgação da Doutrina.

Imprensa indigena

A *Gazeta de Noticias*, do Rio, prosegue na sua secção espirita, publicando todos os factos e noticias que chegam ao seu conhecimento. Muito tem se esforçado para o erguimento desta columna, o incançavel propagandista José Tosta.

O Jornal, diario carioca, vem publicando diariamente, em secção especial o noticiario espirita.

A Capital, diario de Nictheroy, abriu uma secção espiríta diaria, sob a direcção do confrade sr. Hermes Jurema.

O Mundo. Os fundadores deste jornal deliberaram não mais fazel-o circular.

A Noite, vespertino carioca tem dado noticiario espirita.

O Brasil, *A Platéa*, *A Provincia*, e muitos outros jornaes da imprensa liberal têm permittido a circulação das idéas espíritas em suas columnas.

Agradecemos a todos os collegas da imprensa que tem reproduzido nossos artigos, principalmente os que não se esquecem de citar a nossa *revista*, de onde transcreveram o que lhes pareceu digno de repercussão.

Imprensa Espirita e Metapsychica

Recebemos e agradecemos ás seguintes collegas:

— *Revue Metapsychique*, France — Paris.
— *Revue Spirite* — France, Paris.
— *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* — France, Paris.
— *Revue Metapsychique Belge* — Belgique, Bruxelles.
— *Lumen* — Hespanha, Tarraza.
— *Metanoïa* — Lyon, France.
— *Psiquis* — Havana, Cuba.
— *Psyché* — France, Paris.
— *L'Aube Nouvelle* — Algerie
Luce e Ombra — Italia, Roma.
— *Constancia* — Buenos Ayres.
— *La Union* — Buenos Ayres.
— *La Idéa* — Buenos Ayres.
— *Luz e Caridade* — Bom Jesus, Portugal.
— Rozendo — Cuba, Matanzas.
— *E'cos do Além*—Silves, Portugal.
— *Claros de Luna* — Costa Rica.
— *Fraternidad* — Porto Rico.
— *A Aurora* — Rio de Janerio.
— *O Pharol* Minas, Juiz de Fóra.
— *A Revelação* — Pará, Belém.
— *A Luz* — Alagôas, Maceió.
— *O Espirita Christão* — S. Paulo.
— *A Verdade* — Victoria, E. Santo.

Aos collegas da imprensa espirita, como acto de camaradagem, pedimos dar o nosso summario, sempre que receberem a nossa revista.

Conferencias

Durante o mez fizeram conferencias de propaganda os srs.: Souza Ribeiro, Giaccomo de Bernardo, Dr. Sebastião Caramurú, Ignacio Bittencourt, Daniel Christovão, Prof. Felippe Santiago, Manuel Quintão, Dr. Luiz Barreto, Benjamin Lourenço, Manuel dos Santos, Camillo Silva, Prof. Ophelia Boisson.

Factos Espiritas

Um novo medium?

O «Diario do Interior», de Passo Fundo, R. G. do Sul, publicou a seguinte noticia, que recebeu do seu correspondente de Santa Maria, do mesmo Estado:

«Acaba de se dar aqui um facto deveras interessante, e em cujos meandros não nos aprofundamos por ignorarmos a materia.

Um alumno do «Collegio Elementar» desta cidade, de nome João Rodrigues, idade de 12 annos, na occasião em que estudava sentado no seu respectivo banco, no alludido collegio, foi accommettido de uma especie de vertigem. A muito custo, voltando a si, deu um grito estridente, pedindo em seguida que o não tocassem pois que um espirito o obrigava a falar e, durante 10 minutos falou, produzindo uma especie de discurso em tom elevado e boa dicção, no qual disse que «a humanidade vae trilhando caminho errado, que é tempo de retroceder e trilhar de novo o caminho do amor e da perfeição. Que Deus está muito triste deante do espectaculo do mundo em guerra e dos vicios que dominam as sociedades; que o Senhor evitou uma grande catastrophe prestes a se desabar sobre o Rio Grande».

E mais uma porção de coisas que produziram sensação e espanto nos que o ouviram.

O facto foi presenciado pelos alumnos e professores do Collegio e tem sido objecto de varios e desencontrados commentarios.

João Rodrigues é um alumno do curso elementar e frequenta o 3.o anno.

E' um menino de bom comportamento e filho de paes pobres.

Desde que se deu o facto ficou de tal maneira nervoso que deixou de frequentar a escola».

NOTAS DIVERSAS

A imprensa Belga occupou-se ultimamente das experiencias executadas pelo fakir Takra Bey, doutor em medicina.

Por occasião de uma dessas sessões, uma senhora de edade que é, certamente, excellente medium de transfiguração, adormeceu, sem auxilio de magnetisador algum, e durante o somno apparente e cataleptico em que ficou, transfigurada completamente mostrou em seus traços physionomicos todos os caracteristicos do commandante Darget, os descobridor dos raios V falecido em Junho de 1923, depois o de Luiza Michel, a agitadora revolucionaria. O primeiro phenomeno durou 20 minutos, o segundo 11 minutos.

⁂

Diz a «Revue Spirite» que o movimento espirita intensifica-se em Guatemala e Honduras.

Até entrar a nossa publicação no prélo, não haviamos recebido noticias desses paizes.

⁂

Os budhistas da America do Norte, como os catholicos da America do Sul vão collocar uma estatua de Christo no Corcovado, tambem elles vão erguer uma estatua de Budha no Central Park, em New-York. A estatua custará 100.000 dollars. São as religiões das estatuas.

⁂

Mme. Gilbert, a medium de Graz, fez uma nova excursão ao British College, de Londres, para uma série de experiencias.

Gabriel Delanne

Laconica noticia chegada no ultimo correio da Europa, nos annuncia o passamento do grande Apostolo do Espiritismo Dr. Gabriel Delanne.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dà conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2415unse

NNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Maio de 1926 — NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

As Idéas Innatas
Os Mysterios da Personalidade
A Immortalidade da Alma
A «Fantasia Funebre» de Schumann
Gabriel Delanne
Remontando as origens
O Apostolado da Sciencia
Photographias Espiritas
Os Homens de Genio
Chronica Extrangeira
E'chos e Noticias
Espiritismo no Brasil

Um caso de desmaterialisação

ANNO 2 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Maio de 1926 - NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL ⁂ COLLABORADORES: DIVERSOS

AS IDÉAS INNATAS

A medida que novas perspectivas se abrem ao estudo e ás pesquizas, nos convencemos sobejamente de que nenhuma hypothese, de todas as que tem sido aventadas, é sufficiente para explicar os phenomenos psychicos em sua generalidade, e que a unica plausivel, racional, que preenche todas as exigencias do bom senso e do criterio é, de facto, a *theoria espirita*.

A insistencia com que nos detemos neste assumpto já deve ter feito os leitores comprehenderem que sendo o nosso objectivo a demonstração patente da immortalidade, não reluctamos ventilar todas as questões e hypotheses que relacionadas com os nossos estudos demonstram logo á primeira vista a inanidade de suas conjecturas e conclusões em face dos phenomenos objectivos e subjectivos que se vão verificando diariamente.

As doutrinas que se distanciam da razão e do bom senso e se afastam dos progressos da sciencia, devem ser postas á margem. Além disso todo e qualquer principio ou theoria deve forçosamente estar em relação com os factos que reclamam o estudo experimental, a analyse, o livre-exame.

O Espiritismo reveste perfeitamente todas essas condições e explica á contento todos esses phenomenos como tambem os segredos essenciaes da Psyché, cujos factos acham-se relacionados com as encarnações que á presente antecederam como élos de uma cadeia continua de evolução.

Por isso são numerosissimas as transições que se tem operado da concepção materialista e da concepção espiritualista, para adopção da theoria espirita, transições estas, digamos de passagem, sinceramente feitas pelos investigadores, á medida que novas perspectivas se abrem ás suas pesquizas.

Um dos factos digno de nota, é o que se verifica a todos os momentos das «idéas innatas», que nenhuma philosophia poude explicar.

Allan Kardec trata magnificamente desse assumpto no seu «Livro dos Espiritos», publicado ha, mais ou menos, 70 annos e repositorio extraordinario de verdades inestimaveis, dignas por todos os motivos de attenção e de estudo. E' assim que referindo-se ás «idéas innatas» explica serem ellas as lembranças dos conhecimentos adquiridos em existencias anteriores. Eis a resposta exarada em dicto

Livro á pergunta sobre certos conhecimentos, o das linguas, do calculo, etc., de individuos que não tem estudo prévio dessas materias:

— «Esses conhecimentos provém da lembrança do passado; do progresso anterior da alma, mas que ella não tem consciencia. D'onde querer que provenham taes conhecimentos? O corpo muda, o Espirito, porém, não muda, embora troque de roupagem».

De facto, a acquisição da *personalidade* nos faz antever maravilhas deslumbrantes nas profundezas da consciencia humana.

As manifestações das camadas subconscientes inexplicaveis pela sciencia materialista e pela doutrina da vida unica, constitúe um dos principios do Espiritismo que foi entrevisto por antigos psychologos como Socrates, Platão, Pythagoras que lançaram sobre elle suas vistas subtis e profundas.

Os phenomenos do inconsciente, do subconsciente, do subliminal, ainda mesmo aquelles observados nas hystericas e nos differentes estados hypnoticos e somnambulicos, não podem ter explicação sem o principio animico que reveste o *ser psychico* e cuja existencia se revela nas proprias manifestações do magnetismo e na complexa phenomenalidade animica.

Ante as provas experimentaes que nos têm offerecido os magnetisadores, provas essas corroboradas pelas experiencias espiritas, ficamos sabendo que o *eu* é alguma cousa de real e concreto, independente do corpo e pode, em certos casos, abandonar este sem perder as suas faculdades de acção.

Os casos de transposição da memoria, reportando o individuo a passadas existencias, vêm confirmar perfeitamente a explicação espirita das *idéas innatas* e desdobrar de certa forma a theoria do subconsciente que separada do *principio animico* é inteiramente insubsistente.

De facto, como conceber funcções memoriaes sem um agente intrinseco, essa causa intima que denuncia a sua existencia e immortalidade!

A subconsciencia não pode absolutamente nos fornecer senão o que tenha adquirido anteriormente, salvo si essas manifestações ultrapassando os ambitos das modalidades animicas, denunciam a existencia de uma influencia extranha accionando o agente.

Mas quer num, quer noutro caso só a *theoria espirita*, por temeraria que pareça a muitos, tem argumentos de grande ponderação para explicar com clareza e concisão as causas determinantes de taes manifestações.

OS MYSTERIOS DA PERSONALIDADE

Nem os problemas da vida individual, nem os da vida social se explicam sem a lei dos renascimentos; todo o mysterio do ser se resume n'ella! E' della que o nosso passado recebe sua luz e o futuro sua grandeza; nossa personalidade amplifica-se inesperadamente. Sentimos que mil laços tecidos atravez dos seculos nos prendem á humanidade. E' nossa a historia d'ella. Dia virá em que um mundo completo de recordações reavivar-se-á em nós; o passado, o futuro, toda a historia tomarão aos nossos olhos novo aspecto, um interesse profundo. **LEON Dénis**

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: VI ::

Provas da Alma fornecidas pelo desdobramento provocado do duplo

As provas experimentaes da alma nos são fornecidas pelos factos de diversas ordens, especialmente pelos oriundos dos somnambulos.

Os somnambulos são individuos dotados de mais *alguns sentidos* e, por isso, têm dezenas de percepções que nós não temos, como, por exemplo, *a vista a distancia ou dupla*, *a telepathia*, *etc.*

Para calcularmos o que é ou pode ser mais um sentido, qual o seu valor, o seu poder, teriamos que nos suppor apenas com *quatro* delles, sem o olfacto, por exemplo, e que alguma pessoa, dotada de mais este sentido, se approximasse de nós, com os olhos vendados, e, n'um jardim, nos mencionasse, pelo nome, todas as qualidades de flores, o que só poderiamos conhecer pela vista.

Ella saberia tambem dizer, sem ler, sem ver, que perfume estaria neste vidro, que outro n'aquelle. Os sabios diriam justamente desta o que dizem dos que são possuidores do 6.º sentido : — Não é possivel, é truque, é mystificação, é ignorancia porque tudo isto está em opposição ás leis da physiologia.— Teriam podido comprehendel-a, assim immersos na pretensão do conhecimento completo de todas as leis ? Não, certamente.

Entretanto, taes factos estariam dentro das leis e seriam naturalissimos. E assim são tambem os provenientes do 6.º sentido. E' por isso que todo o somnambulo, sem uma só excepção, consideram como um facto a immortalidade, porque sabem, por experiencia propria, que o corpo astral se separa do corpo material, porque o somnambulismo nada mais é que um estado de exteriorisação da alma, nelle se dando o que tem lugar depois da morte. O somnambulo vê ao mesmo tempo o seu espirito e o seu proprio corpo, sendo que muitas vezes se manifesta confuso, não comprehendendo esta dualidade, fallando muitas vezes do seu corpo como se fosse uma terceira pessôa e, ás vezes, convicto disto. E' dotado de vista á distancia, mas parece que não vê do ponto em que está, como que por um telescopio, mas sim desprendendo-se e transportando-se, qualquer que seja a distancia.

Vê e descreve todas as cousas, como se estivesse no lugar em que ellas se acham, porque, na realidade, sua alma se acha neste lugar, e é por isso mesmo, porque se acha desprendida do corpo, que este dorme. Muitas vezes, o somnambulo entra em communicação com outras intelligencias — outras almas de vivos, cujos corpos dormem tambem — e ainda com as almas dos chamados mortos, e é por isso mesmo que muitas vezes, quando se lhe fazem certas perguntas, respondem : «Não sei, mas aqui tem *um* que diz que sabe e que é assim . . .» Outras vezes não respondem, dizendo apenas : «Aqui tem *alguem* que me prohibe de dizer.»

Mas a prova de que ha de facto no somnambulismo o desprendimento do espirito, é que o somnambulo se torna, muitas vezes, conforme o gráo deste desprendimento, completamente estranho ás impressões exteriores, o que prova que, com elle lá se foram todos os seus sentidos ; outras vezes, ao contrario, tornam-se profundamente sensiveis, o que depende só do gráo de maior ou menor vibração do perispirito no corpo,

Com os factos que se observam com os somnambulos, podemos provar ainda que todas as nossas faculdades percepções não são filhas da materia.

Por exemplo, com referencia á visão: elles vêem atravez dos corpos opacos; ás vezes vêem com o *alto da cabeça* ou com o *occiput ;* com a *fronte*, com a *região epigastrica*, com as *extremidades dos dedos*, ás vezes, com o *joelho ;* elles vêem, enfim, atravez de qualquer parte do corpo ou por todas ellas, ou, para melhor dizer : elles vêem indepedente do corpo o *que prova que a visão não é uma propriedade do olho, mas este é que é o apparc-*

lho do espirito para a sua realisação, quando no corpo, em estado natural da vida.

Diante, pois, de provas como estas que se observam todos os dias, nas condições mais rigorosas, o *materialismo está scientificamente morto.*»

Vamos agora, ainda no tocante á exteriorisação da alma, nos occupar dos desdobramentos produzidos por Rochas, Durville e outros nas suas notaveis experiencias scientificas.

⁂

A exteriorisação da alma acarreta comsigo a exteriorisação da sensibilidade, da força vital, da intelligencia, da consciencia, enfim de todas as faculdades do homem, o que vem provar que o corpo não passa de um instrumento de vibração, de uso, não estando absolutamente n'elle, mas n'alma as faculdades do homem. O sabio coronel A. de Rochas procedeu a uma serie de experiencias esmagadoras, as quaes foram tambem repetidas pcr Durville, Luys e outros.

Rochas poz varias pessoas em somnambulismo, estado em que a insensibilidade cutanea é completa.

Verificou, porém, que a *sensibilidade não desapparecia mas se transportava, se exteriorisava* apenas, formando ao redor do corpo uma serie de camadas concentricas, attingindo, ás vezes, varios metros, camadas estas sensiveis mas separadas por zonas intermediarias e privadas de sensibilidade, distantes entre si de 5 a 6 centimetros, sendo a primeira camada distante do corpo 2 ou 3 centimetros e as ultimas mais a mais e cada vez menos sensiveis. Dá-se uma especie de ondulação, como por exemplo, a que se dá quando se atira uma pedra nas aguas de um lago. Se collocar-se um copo d'agua na camada mais proxima do corpo, forma-se atraz delle uma sombra mais ou menos intensa e que nada mais representa que uma forte condensação do magnetismo animal, do od, ou, para melhor dizer, da propria alma.

O od penetra na agua e quando a satura desprende da sua superficie uma especie de fumaça. E qual o interessante phenomeno que se dá?

A agua do corpo torna-se sensivel, de modo que todas as vezes que o magnetisador, ou qualquer outra pessôa em «relação» com elle, tocar n'ella a somnambula sentirá este toque no lugar do seu corpo correspondente á camada odica, isto é, á parte da sua alma que estava exteriorisada no copo d'agua. E Rochas demonstrou que o od exteriorisado não se concentra ou se deposita só na agua, mas em outras substancias, tornando-as tambem sensiveis.

Collocada uma placa photographica na camada odica exteriorisada para ser empregnada e depois tirado com ella o retrato da somnambula, Rochas riscou duas vezes o retrato com a agulha, gritando a somnambula e perdendo os sentidos ; voltando a si apresentava na mão direita o respectivo estygma,. isto é, dois riscos vermelhos, correspondentes exactamente aos feitos na photographia, o que quer dizer que as camadas odicas que se tinham depositado e impregnado a photographia eram exteriorisadas da mão da somnambula. Rochas fez uma serie enorme de experiencias, as mais curiosas possiveis, e que constituem provas evidentes do desprendimento do perispirito, portanto da alma.

Verificado ficcu que toda e qualquer impressão de picada, de calor, etc., feita em qualquer camada odica exteriorisada, a somnambula a sente na parte correspondente do corpo. Ora, se isto se dá, se a sensibilidade se exteriorisa, a logica nos diz que o mesmo se dará para todos os outros sentidos. Porém, Rochas continuando em suas experiencias verificou ainda que se formava ao lado direito da somnambula, sempre que se dava uma exteriorisação, odica mais accentuada, uma especie de fantasma luminoso e que ella mesma dizia ver : — era a exteriorisação do seu duplo. Conduzida a sua somnambula á photographia do Snr. Nadar, e adormecida, ella declarou, em dado momento, achar-se o seu duplo, a sua alma, desprendida e a um metro do seu corpo, encaminhando-o na focalisação da machina.

Por este meio, foram tiradas as *primeiras photographias representando a somnambula e ao seu lado o seu duplo, reproducção exacta da pessoa physica, comportando-se com as mesmas attitudes e gestos.*

Em muitas molestias, como a epilepsia, a hysteria, etc., em que se observa a anesthesia parcial ou geral, é justamente o que se dá, como *causa* da mesma anesthesia —*a exteriorisação do espirito*.

Quem sente não é a materia, o corpo, mas o espirito, e se este se acha momentaneamente exteriorisado, não pode sentir as impressões feitas em seu corpo. O Espiritismo é uma sciencia que invadiu a Medicina e que a modificará, muito em breve, em todos os seus alicerces, e isto bem profundamente.

Affirmamol-o, como espirita e como medico.

SOUZA RIBEIRO

A "Fantasia Funebre" de Schumann

Todos os grandes compositores têm recebido revelações do Além. Na arte, como na religião as faculdades da alma se illuminam ás revelações do Invisivel.

Beethoven confirmou sua mediumnidade inspirada, quando justificou a Bettina o seu isolamento :—«Eu Tenho necessidade de viver só commigo mesmo. Sinto que Deus e os anjos estão mais proximos de mim. Entro em communhão com elles sem temor.

Massenet, na sua viagem ao Simplon, diz ter ouvido uma vóz espiritual que cantava guiando-o na composição do seu poema symphonico *Visões*.

Com o grande musicista Schumann tambem se deram factos e tão extraordinarios que, os medicos de seu tempo, inscientes como os de hoje, ousaram declarar, soffrer o celebre maestro de accessos de demencia.

Ultimamente foi encontrada uma carta que Schumann escreveu de Praga, em 1839, á sua futura mulher, Clara Wieck. Nessa carta o inspirado compositor conta um facto curiossimo sobre o qual se exprime nos seguintes termos :

«E' preciso que lhe narre um presentimento que tive. Esse presentimento obsedou-me do dia 24 ao dia 25 de Março, emquanto me achava absorvido no trabalho de uma nova composição. Houve uma certa passagem mesmo que me angustiou. Alguem no mais profundo do meu coração parecia repetir-me : «Adeus» ! Emquanto eu compunha via cousas funebres, ameaçadoras e rostos desesperados. Quando acabei a composição, pensei no titulo e á idéa me veio este : «*Fantasia funebre*» *(Leichenphantasie) !* Essa cousa não lhe parece extraordinaria? Estou tão perturbado que as lagrimas me correm, máu grado o esforço que faço para retel-as».

Ora, no dia seguinte, Schumann recebia a noticia da morte de seu irmão.

O Dr. Marselli, professor da Universidade de Genebra, que estudou a psychologia de Schumann, attribúe a extranha origem da *Liechenphantasie* a um phenomeno telepathico.

Roberto Schumann, de resto, era um espirita ardente. Elle dizia ter a certeza que o thema dos primeiros compassos da sua celebre *symphonia em Ut menor* o devem á inspiração de um espirito.

O grande compositor contava igualmente que, certa noite, se havia levantado para escrever extranhas variações de piano, que lhe eram ditadas pelo espirito de Schubert.

GABRIEL DELANNE

Uma das grandes estrellas da constellação espirita acaba de se passar para os outros horisontes da Vida.

Gabriel Delanne é, talvez, o genio mais popular do mundo inteiro. Grande entre os grandes, trabalhador infatigavel, Apostolo sincero, desinteressado e dedicado, Delanne é a figura mais proeminente do velho e do novo mundo. Para nòs sua morte foi prematura.

Espirito varonil, luctador incançavel, portador de uma fé communicativa e sã mesmo da sua cadeira de dôr, elle era o grande semeador de substanciosas lições tão necessarias á alma como o pão é indispensavel ao corpo. A enfermidade que ha annos lhe vinha minando o corpo, nunca lhe attingiu ao espirito ; sua alma sempre joven, sempre activa luctava sem desfalecimento e sem tregoas contra o erro dos scepticos e negadores, repartindo com todos o alimento espiritual de que se constituio um dos maiores representantes ; um grande, um extraordinario missionario do céo, um desses Genios das alturas que o Senhor escolhe para ensinar aos homens a verdade libertadora, a verdade salvadora.

Gabriel Delanne era o que podemos chamar, um espirita innato. E' assim que inquirido pela sua iniciação no Espiritismo, elle dizia sempre :

— «Espirita eu sempre fui. As minhas recordações remontam a 1860. Meu pai era espirita. Eu aprendi o francez ouvindo falar do Espiritismo, explical-o e discorrel-o. Formei a minha consciencia sobre o mundo e sobre a creatura com a pratica deste mesmo raciocinio.»

Como se vê Gabriel Delanne teve uma educação aprimorada, chegando até os seus progenitores a facultar ao infante o comparecimento as sessões que se realisavam em sua casa.

Um facto interessante se liga á pessôa de Gabriel Delanne. Esse manuscripto de Allan-Kardec foi publicado pela «Revue Spirite», donde transcrevemos :

— «Um dia o menino Delanne se achava em casa de pessoa de seu conhecimento, brincando em frente da casa com uma sua priminha de cinco annos, e mais dois meninos, um de sete e outro de quatro annos.

No pavimento terreo da casa onde fôra a familia Delanne, morava uma senhora, que vendo as crianças na calçada a brincar, convidou-os a entrar em sua casa e lhes offereceu doces. Os meninos, bem como se pode prever, não se fizeram rogados. Essa senhora interpela então o filho de M. Delanne : Como te chamas meu menino ?

R—Gabriel, senhora.

P—Que faz o teu pae ?

R—Senhora, meu pae é espirita.

P—Não conheço essa profissão.

R—Mas, sra., isso não é profissão ; meu pae não é pago para isso ; elle faz desinteressadamente e para fazer bem aos homens.

P—Meu homensinho, não sei o que tu queres dizer !

R—Como ! não tendes ouvido falar nas mesas falantes ?

P—Sim, meu amigo, eu gostava bem que teu pae viesse aqui para as fazer falar.

R—E' inutil, sra., eu mesmo tenho o poder de as fazer falar.

P—Então vem ensaiar para me fazeres ver como se procede.

R—De bôa vontade, sra.

Dito isto elle assentou-se proximo a uma mesa da sala, collocando tambem em redor da mesa seus tres companheiros ; e eis os quatro pousando gravemente suas mãosinhas sobre a mesa. Gabriel fez uma invocação num tom muito sério e com recolhimento ; apenas terminada e com grande admiração da senhora e dos meninos, a mesa se elevou e bateu com força.

—Interrogai, sra., diz Gabriel, que a mesa responderá.

A' pergunta da sra., a mesa soletrou estas palavras : «*teu pai.*» Pallida de emoção, ella continúa : «pois bem, meu pai, vós me podeis dizer si eu devo enviar a carta que acabei de escrever ?

A mesa responde : *sim, sem falta.*

A sra. prosegue : Para provar que sois mesmo vós, meu pae, que aqui estás, dizei quantos annos fazem que morreste. —

A mesa bate logo oito pancadas bem accentuadas. Era precisamente o numero dos annos. A sra., continúa: Dizei-me tambem o vosso nome e o nome da cidade onde morreste. A mesa soletra esses dois nomes.

As lagrimas brotaram dos olhos dessa senhora que não poude continuar, tal a consternação e a emoção que lhe causou a revelação.»

GABRIEL DELANNE

* * *

Gabriel Delanne nasceu em Paris, em 1857. Depois de brilhantes estudos no Lyceu Charlemagne entrou para a Escola Central, d'onde sahiu com o seu diploma de engenheiro.

Exerceu este cargo por cinco annos na Companhia Popp, deixando-o para dedicar-se exclusivamente ao estudo e propaganda do Espiritismo.

Em 1897 elle fundou a *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*; seu primeiro livro foi entregue á publicidade em 1883. Dentre suas obras, quasi todas traduzidas em varios idiomas, nota-se: «A Alma é Immortal» (412 paginas); «O Espiritismo ante a Sciencia» (526 paginas); «O Phenomeno Espirita» (300 paginas); «Recherces sur la mediumnité» (500 paginas); «Les Apparitions Materialisées des Vivants et de Morts» (2 vol. em 8.º com 1340 paginas); «La Reincarnation» (408 paginas; «Ecoutons les Morts» (Delanne et Bourniquel, 358 paginas).

Gabriel Delanne era director da *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, presidente da *Union Spirite Française*, membro do Comité do *Institut Metapsychique Internacional*, etc.

* * *

Todas as obras de Delanne, grandes repositorios de factos e dados scientificos tendentes a provar a existencia da alma e sua evolução em vidas successivas representam a chave de uma multidão de problemas que, sem esse estudo rigorosamente scientifico, ficariam por muito tempo na obscuridade. E o que mais realça ainda em dictos livros é que são elles valiosissimo subsidio para comprehensão das obras fundamentaes de Allan-Kardec, por cujos esforços o grande pioneiro da Nova Revelação conquistou muito justamente o posto de *leader* do espiritismo Kardecista.

E a este proposito nos lembramos, como brilhante remate a estas pallidas linhas e ao mesmo tempo como uma homenagem ao illustre Espirito, passar para estas columnas o ultimo artigo de tão notavel escriptor, estampado no penultimo numero da *Revue Spirite* a «Exteriorisação do Pensamento», cujas conclusões repetem o que elle sempre dizia :

— «Está proximo o tempo em que a sciencia official, batida em seus ultimos reductos será forçada a occupar-se do assumpto que constitúe o objecto das nossas pesquisas.

Nesse dia, o Espiritismo se patenteará tal como realmente é : a sciencia do futuro.»

⁂

— «Tem-se por vezes increpado aos espiritas por haverem tomado Allan-Kardec como mestre, mas parece que essa censura seja pouco justificada, porque estudando attenciosamente suas obras si é obrigado a reconhecer que, desde o meado do ultimo seculo, elle tinha conhecimentos que ultrapassavam muito, não somente ao dos psychologos, mas tambem aos dos espiritualistas das outras escolas.

Em sua obra intitulada : *A Genesis*, elle fez um estudo profundo das differentes formas do pensamento e da acção sobre as formas superiores da materia, ás quaes se deu o nome de fluidos.

Não ignoro que a sciencia official tem desdenhosamente repellido esta denominação, porque não crê que possam existir outros estados mais quintessenciados da materia que os gazes. Mas eis que os phenomenos da radio-actividade e os estados rarefeitos dos gazes nas ampoulas de Crookes nos puzeram em presença de ions e electrons, que têm propriedades que se ignorava até o principio deste seculo e que provam que as nossas concepções sobre os estados fluidicos podem se justificar actualmente, Eis ahi um facto d'uma importancia consideravel e, o que não menos, é de saber como o ensina Allan-Kardec, que o nosso pensamento pode actuar sobre esses fluidos, modifical-os, mudar-lhes as propriedades e mesmo modelal-os como um esculptor o fazia na sua argila.

Julgo util citar aqui o que o Mestre nos diz a esse respeito n'A Genesis (1) :

— «Os Espiritos actuam sobre os fluidos espirituaes, não manipulando-os como os homens manipulam os gazes, mas por meio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espiritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento elles imprimem a estes fluidos tal ou tal direcção ; agglomeram-n'os, combinam ou os dispersam ; formam conjunctos de apparencia, forma e côr determinadas ; mudam-lhes as propriedades, como o chimico muda a dos gazes ou outros corpos combinando-os segundo certas leis.

E' a grande officina ou laboratorio da vida espiritual.

Algumas vezes essas transformações são o producto d'uma intenção ; muitas vezes são o resultado d'um pensamento inconsciente ; basta ao Espirito pensar numa cousa para que essa cousa se produza ; como basta-lhe modelar uma aria para que ella repercuta na atmosphera.

. . . O pensamento do Espirito cria fluidicamente os objectos que tinha o habito de se servir ; um avarento apalpará o seu ouro, um militar terá armas e uniforme, um fumante o cachimbo, um agricultor a charrúa e os bois, uma velha a sua róca. Esses objectos fluidicos são tão reaes para o Espirito, que igualmente é fluidico, como eram no estado material para o homem vivo ; mas, pela mesma razão de seres creados pelo pensamento, sua existencia é tão fugitiva como o pensamento.

Ainda mais : o pensamento creando *imagens fluidicas*, reflecte-se no involucro perispirital como num espelho ; ahi toma corpo e de alguma sorte se *photographa*.»

Retenhamos bem esta passagem, porque veremos a todos os momentos quanto ella é verdadeira.

Enfim, o Mestre accrescenta ainda falando da acção do pensamento sobre estes fluidos e sobre o perispirito :

— «Os fluidos actuam sobre o perispirito e este, a seu turno, reage sobre o organismo material com o qual está em contacto molecular. Si os effluvios são de bôa natureza, o corpo experimenta uma impressão salutar ; si são de má, a impressão é penosa, e, neste caso, se forem permanentes e energicos podem determinar desordens physicas ; certas enfermidades não teem outra causa.»

---

(1) *Vêr pag. 316 e seguintes.*

Todas as affirmações precedentes têm sido reconhecidas exactas pelos espiritas, que experimentam ha meio seculo no mundo inteiro ; mas é do mais alto interesse fazer constar que, actualmente, nós podemos ter provas scientificas dessa acção do pensamento sobre o corpo, e isto referindo-nos aos trabalhos dos sabios que não são espiritas, mas cujas experiencias confirmam os nossos ensinamentos duma maneira notavel.

E' bom fazer observar em primeiro lugar que, quando falamos da substancialidade da imagem mental, não se trata de modo algum do phenomeno psychologico, mas sómente do seu correlativo perispirital e psychologico.

Com effeito, a sensação, como o pensamento ou a vontade, é um phenomeno primitivo, simples, irreductivel, immaterial, um facto de consciencia ; mas a imagem que acompanha sempre toda a operação sensitiva, intellectual ou voluntaria, não é senão o aspecto physiologico, a traducção objectiva desse pensamento.

Quanda a luz actua sobre a retina, produz um abalo nervoso que transportado para a região particular do cerebro, ahi determina uma modificação dynamica que se registra. Primeiramente o phenomeno é puramente physiologico. E' possivel que fique nesse estado e não mais se torne consciente. Quando estamos muito occupado não vemos os objectos que se acham diante dos nossos olhos, e apezar disso a imagem grava-se em nós ; não ouvimos os barulhos exteriores ou as palavras que nos são endereçadas ; mas sabemos experimentalmente que as imagens visuaes, audictivas, tactis, etc., conservam-se automaticamente, pois ellas podem ser reconhecidas ulteriormente.

Este é precisamente o acto pelo qual o Espirito toma conhecimento desta modificação do cerebro, e correlativamente do perispirito, que é essencialmente um facto de consciencia.

E' unicamente neste instante preciso que a sensação (phenomeno material, physiologico) dá principio ou nascimento á percepção (phenomeno immaterial psychologico). Então mesmo que demonstrassemos que as imagens que acompanham o pensamento têm uma certa realidade physica, uma substancialidade, dimensões, contornos delimitados, esse facto não poderia apoiar as theorias materialistas, porque, ainda uma vez, analysar a imagem mental é simplesmente estudar o correlativo dynamico do pensamento, sem que, por isso, ai de mim ! esta seja menos mysteriosa.

Nòs sabemos que todas sensações visuaes, auditivas, tactis, cenesthesicas se gravam no perispirito d'uma maneira indelevel e que ellas podem renascer expontaneamente no correr da vida ordinaria, e que é igualmente possivel resuscital-a artificialmente por meio da suggestão ; ellas adquirem, em certos individuos hystericos, tal intensidade que se tornam allucinatorias e se projectam fóra, tendo, para o individuo, uma realidade incontestavel.

A experiencia do retrato é inteiramente demonstrativa a este respeito : ella consiste, como mostrou-a Charcot, á suggerir em um individuo a presença d'um retrato sobre um cartão em branco, que se confunde em seguida com uma duzia de outros, todos semelhantes, ao menos na apparencia. Ao despertar pede-se ao individuo examinar essa collecção de cartões, elle o faz sem comprehender porque, depois quando percebe aquelle sobre o qual a suggestão actuou, ahi encontra o retrato imaginario.

M. Binet suppôz, para explicar este phenomeno, que a hallucinação prendeu a um ou mais pontos de mira deste cartão particular e que o individuo reconstitue a imagem suggerida quando torna a encontrar o cartão que as contém.

Mas parece difficil admittir que isto seja uma explicação geral, porque as experiencias com a lente, o prisma, pareciam estabelecer a real substancialidade da imagem mental que, projectada ao redor obedece neste caso ás leis da optica, quando as precauções são tomadas para evitar os pontos de mira.

M. M. Binet e Ferri dizem que si se inculca ao doente (1) a idéa que está sobre a mesa de cor escura, que está diante d'elle, um retrato de perfil, ao despertar elle vê distinctamente o retrato. Si então, sem prevenir, colloca-se um prisma diante de seus olhos, immediatamente o individuo se admira de ver dois perfis, e *sempre a imagem falsa é localisada conforme as leis da psychica.*

---

(1) *Estes senhores agiam sobre os doentes da Salpêtrière.*

Dois dos nossos sujets podem responder conformemente no estado de catalepsia ; elles nenhuma noção têm das propriedades do prisma.

Demais, pode-se tomar precauções dissimulando a posição precisa do prisma tapando seus bordos. Si a base do prisma está no alto, as duas imagens são collocadas uma sobre a outra ; si a base é literal, as imagens são collocadas literalmente.

Com um occulo a imagem hallucinatoria parece se aproximar ou afastar-se segundo se colloca diante do olho do sujet o vidro do oculo ou a objectiva, mesmo que se tome a precaução de dissimular o cabo do oculo que se apresenta a seu olho e evitar que appareçam objectos reaes no campo do oculo.

Pois bem, como dissemos acima, que a hypothese do ponto de mira não pode intervir como explicação ; logo uma imagem mental, assim que é exteriorisada por suggestão, apresenta-se para o sujet como faria o objecto real ; ella é então substancial, tem dimensões precisas, em uma palavra, materialisa-se.

Meu amigo, M. Bouvier, de Lyon, poude demonstrar esta creação do pensamento n'uma série de experiencias as mais interessantes ; eis aqui como : tomando cartões de visita, tres, por exemplo ; sobre um, elle concentrava o seu pensamento dando-lhe a forma de um animal ; sobre o segundo elle imaginava um vaso de flôres ; sobre o terceiro, seu retrato. Baralhava estes cartões com outros do mesmo formato e submettia-se o todo a varios sujets fora da preseuça do operador ; ora, elle chegou á conclusão que diversos sujets, independentemente de outros, reconheceram immediatamente as cartas influenciadas e sobre ellas as imagens mentaes que foram projectadas. Aqui nenhuma duvida é possivel, a transmissão de pensamento deve ser excluida da explicação e si é obrigado a reconhecer que a imagem mental invisivel para o olho ordinario torna-se perceptivel para os videntes.

Mas ha ainda cousa melhor : Como diz Allan Kardec, o pensamento pode actuar sobre estas creações mentaes, dotal-as de propriedades physico-chimicas e tornal-as objectivamente visiveis.

Eis um exemplo typico que extrahimos de M. P. Janet (1) :

«Eu repeti, diz elle, algumas experiencias, por exemplo a queimadura por suggestão em Léonie e em Rosa. Ella produziu sobre a primeira uma forte vermelhidão e uma inflammação da pelle e na outra uma verdadeira queimadura com bolha branca com crosta endurecida nos dias seguintes. Mas o phenomeno que mais particularmente me interessou e que é mais facil de reproduzir, é simplesmente o senapismo por suggestão. Elle se produz lentamente em Rosa, quasi na vista dos olhos, em algumas horas a pelle enrubece fortemente no lugar designado, se inflamma e offerece a apparencia d'um senapismo muito assignalado, cuja marca persiste mesmo por muito mais tempo de ordinario.

Esta inflamação da pelle está *estrictamente em relação com o pensamento do somnambulo.* (2), logo se produz no lugar designado e não n'outro, e toma a forma que o sujet lhe empresta. Eu disse um dia a Rose, que soffria contrações hystericas no estomago, que lhe poria um senapismo sobre a região doente para cural-a. Constatei algumas horas depois um signal, inflammado, d'um vermelho escuro, tendo a forma dum rectangulo alongado, mas, detalhe singular, nenhum angulo estava marcado, *porque pareciam nitidamente cortados.* Notei que seu senapismo tinha uma forma extranha : «Sabeis, então, me disse ella, que eu costumo cortar os angulos do papel Rigollot para que os cantos não façam mal.»

A idéa preconcebida da forma do senapismo tinha determinado a forma e a dimensão do vermelhidão. (2). Simulei então um outro dia (os senapismos deste genero faziam cessar muito facilmente suas contraturas e pontos dolorosos) que recortava um senapismo em forma de estrella com seis pontas ; a marca vermelha teve exactamente a forma que eu lhe havia dito.

Suggeri a Léonie applicar-lhe um senapismo em forma de 5, no lado esquerdo do peito, para cural-a de uma asthma nervosa. Minha suggestão curou perfeitamente a doente e deixou em seu peito o 5 bem grande e nitido.»

---

(1) *P. Janet. L'Automatisme psychologique, pag. 168.*

(2) *Os griphos são nossos.*

Eis aqui uma experiencia inteiramente demonstrativa : uma imagem puramente mental, a da forma de um senapismo sahiu do cerebro do sujet, para ir fixar-se em seu peito ; ahi ella se tornou visivel, de qualquer maneira photographou-se sobre a pelle, com os contornos exactos que a imaginação do sujet lhe tinha imprimido como provam os cantos ausentes.

Encontramos ahi uma outra justificação do Ensino de Allan-Kardec ao pensamento que o sujet deu á imagem mental propriedades physico-chimicas, em todos os pontos semelhantes aos que possue um senapismo commum, pois que o sr. Janet declara que no interior do perimetro dessa figura a pelle enrubece e inflamma, como si verdadeiramente um senapismo tivesse sido applicado. Eis uma creação fluidica que se materialisa visivelmente e possúe incontestaveis qualidades curativas ; é uma verdadeira creação, que nos demonstra que existe em nós um poder superior á materia, pois esta é constrangida a lhe obedecer.

E' igualmente interessante que esse poder de exteriorisação da imagem mental não se limita á peripheria do corpo do sujet e que pode se estender a um segundo corpo, assim como demonstram os nodulos ou marcas de nascença vulgarmente chamadas manchas.

Tem-se, com effeito, muitas vezes observado que no estado de gravidez, uma impressão nova exercida sobre a mãi pode se transmittir á criança.

Em sua obra—*La Zone frontière*, M. Sage transcreveu alguns exemplos deste phenomeno da obra de Carl du Prel. Eis aqui dois casos notaveis :

—«A imaginação d'uma mulher gravida, é tão poderosa, diz Paracelso, que pode se transformar de muitos modos o fructo que essa mulher traz em seu ventre. Van Helmont, a seu turno, assim se exprime : «Uma mulher gravida que tem desejo de uma cereja pode fazer com que appareça no corpo do feto correspondente ao do seu proprio corpo, no qual levou a mão no momento do desejo, a cereja. Digo uma verdadeira cereja de carne que será verde, amarella ou vermelha, segundo a estação, a epoca em que as cerejas tomam estas côres.

Si o homem que traz a marca de nascença mora na Hespanha, a cereja de carne será vermelha logo que vá residir na Hollanda.»

Ignoramos si haverá algum exagero nestas affirmações concernentes as variações de côr dessas excrescencias, mas eis aqui outras mais verosimeis :

«Van Swieten queria um dia tirar uma lagarta que se achava no pescoço de uma moça ; esta poz-se a rir : «Deixai a lagarta em paz, disse ella, eu leval-a-hei toda a minha vida.» Admirado Van Swieten examina de perto a extraordinaria lagarta : tinha a forma, côr e os pellos de uma verdadeira lagarta. A mãi conta então, que durante sua gravidez, uma lagarta cahiu-lhe sobre o pescoço e que teve muito trabalho para d'ella se desembaraçar.»

Eis aqui outras duas formas de nodulos que mostram bem quanto este phenomeno pode revestir :

—«Uma mulher vendo um tintureiro com as mãos tintas de azul, ficou de tal modo impressionada, que teve um tremor nas pernas ; depois ella teve uma criança cujas mãos eram azues.

O Dr. Brandis encontrou numa familia uma menina, que parecia ter soffrido uma operação, habilmente feita, de um labifendido ; os dois lados do labio estavam unidos por uma cicatriz chegando a vêr-se o signal da sotura. Elle perguntou qual o habil cirurgião que fez a operação. Soube então que a mãi da criança, estando gravida, foi chamada por uma visinha que tinha um menino de labifendido, no qual fazia-se n'aquella occasião, operação. Vendo o sangue dos labios e as agulhas de prata com as quaes se fazia a sotura, impressionou-se e sua filha nasceu com esse signal».

Quanto mais forte é a impressão da mãi, como vemos, mais o signal apparece no objecto que causou essa impressão ; eis aqui outro exemplo :

«Na Italia, um morcego, tendo entrado numa sala em que se dava um baile, as senhoras precipitaram-se para apanhal-o com seus lenços ; o desgraçado bicho cahiu ao hombro de uma das damas, que teve uma syncope. Mais tarde essa senhora deu á luz uma menina que trazia no hombro a imagem perfeita de um morcego com azas abertas. O bicho ahi se achava completo : pellos pardos, as unhas, o focinho. A menina cresceu e nunca poude se decotar.»

Com estes ultimos exemplos, assistimos, não sómente uma especie de photographia do pensamento, em côres, mas ainda uma verdadeira modelação da substancia humana: é a ideoplastia propriamente dicta.

Si o espaço não nos tivesse sido limitado, poderiamos mostrar que os estygmas dos santos personagens podem se explicar por uma acção prolongada do pensamento fixado sobre o mesmo; esta é a opinião de diversos theologos, pois quando fala dos estygmas de S. Francisco de Assis (I), diz S. Francisco de Salles:

«A imaginação applicada fortemente para com ella representar-se as feridas e contusões que se viam bem nitidamente em um quadro, o entendimento recebia os relevos vivos que a imaginação lhe fornecia; enfim, o amor empregava todas as forças da vontade para se comprazer e se conformar com a paixão do bem amado, de maneira que sua alma se achava transformada e em um segundo crucificada. Ora, a alma, como modelo e proprietaria do corpo, usando seu poder sobre este, gravava as dôres das chagas de que ellas foram attingidas nos lugares correspondentes aos quaes seu amante havia supportado».

Segundo a sensibilidade dos sujets, as cicatrizes appareciam seja no rosto, seja nas outras partes do corpo e por vezes iguaes. E' ainda outro genero de demonstração do poder do espirito sobre a materia.

Vimos que a imagem mental da mãi pode se transmittir objectivamente ao filho durante a gestação, mas é ainda outra categoria de experiencias que nos provam que uma imagem mental é capaz de adquirir propriedades photogonicas, pois que um pensamento pode actuar sobre a placa photographica. O Commandante Darget foi o primeiro que iniciou essas experiencias; seguindo-se o Dr. Baraduc, e na Belgica por M. Dardenne que possúe consideravel collecção destas photographias psychicas. (1)

Demos mais um passo no estudo dessas manifestações e constataremos que o pensamento pode formar, modelar e exteriorisar da substancia emprestada do corpo do medium.

Foi o que o Dr. Ochorowicz demonstrou nas suas celebres experiencias com Mlle Tomczich. Elle poude, entre outros, photographar o filamento imaginario que estudado com o auxilio da lente mostrava toda a particularidade de estructura d'um barbante commum.

Obrigado a limitar o nosso escripto, lembraremos apesar disso que um estudo detalhado dos phenomenos de Eva Carrière referidos por Mme. Bisson e o Dr. Geley, seria do mais alto interesse; nós o publicaremos num volume consagrado a esta questão, ajuntando ahi um estudo dos resultados obtidos pelo Prof. Crawford. Então apparecerá com todo o poder a força ideoplastica do pensamento, que pode crear temporariamente objectos materiaes agindo mecanicamente, portanto absolutamente objectivos, mas que desapparecem logo que o pensamento creador cessa de intervir. Parece, então, que esse poder exercido por um ser que tem um poder analogo, mas elevado a um gráo superior, poderia obter resultados permanentes, e que o universo mesmo se poderia conceber como uma exteriorisação do pensamento divino se mantendo por acção incessante d'este.

D'ahi vê-se quão interessante é o estudo destes phenomenos, e não seria demais persuadir os espiritas a fazerem pesquizas nesta ordem de idéas, porque serviriam ellas para elucidar pontos obscuros relativamente á materialisação dos Espiritos, assim como sua acção permanente no organismo carnal.

Mãos á obra e peçamos aos nossos instructores espirituaes auxiliar-nos para chegarmos á solução destes difficeis problemas.

GABRIEL DELANNE

---

(1) *Sabe-se que M. Emmanuel Vanchez fundou um premio de cincoenta mil francos, destinados a recompensar o pesquisador que descobrir o meio de photographar á vontade os Espiritos do Espaço. Uma sociedade formou-se sob a denominação de photographia transcendental, da qual o distincto presidente é o sr. Dr. Foveau de Courmelles, e o thesoureiro o sr. Capitão Côte.*

(I) *Entre outros, os estigmas das mãos representavam cada um por cima uma excrescencia trigueira, parecendo uma cabeça de prego, e na palma uma outra excrescencia em forma de ponta de prego.*

⁂

Não devemos fechar estas paginas sem apresentar á Exma. Familia de Gabriel Delanne, bem como aos espiritas francezes, em nome dos espiritas brasileiros as nossas sinceras condolencias. Anima-nos, entretanto, a certeza de que o grande Espirito continuará a nos transmittir, atravéz do véo, as explicações complementares do Espiritismo, cujas doutrinas se destacam pela superioridade das suas deducções.

Testemunhando ao Supremo Senhor de tudo quanto existe, a nossa gratidão pelo que aprendemos dos ensinos que o illustre Apostolo de Allan-Kardec nos legou, oxalá que a sua fé e o seu desinteresse sirvam de modelo a todos os que trabalham pela Espiritualisação dos povos.

REMONTANDO AS ORIGENS

Jonathan Kons e sua «Camara Espirita»

1852 — 1856

Por vontade expressa das personalidades mediumnicas, as sessões effectuavam-se em condições de controle rigoroso ; com este fim, as personalidades haviam dictado as disposições em que deviam ser collocados os moveis, os objectos, os mediums e os assistentes. Havia ahi uma grande mesa quadrada, no meio da qual estava collocado o apparelho espiritico ; em torno d'ella foram postos os instrumentos de musica e outros objectos á utilisar nas sessões. Em seguida, uma mesinha mediumnica, redonda de quatro pés de diametro. Os dois mediums e quatro experimentadores, estavam sentados em meio circulo em torno da mesinha, deixando livre o lado em frente a outra mesa. Emfim, estavam os outros assistentes em filas cerradas. Mrs. Emma Hardinge — a principal testemunha destes factos, os quaes ella havia assistido — assim diz :

> «A camara estava sempre cheia, de maneira que os testemunhos cercavam de todos os lados os mediums; assim todo o movimento destes teria se percebido e todo o emprego violento de seus membros seria absolutamente impossivel.»

Os principaes instrumentos de musica collocados sobre a grande mesa consistiam, em dois tambores, uma harpa, uma guitarra, um violino, um *accordeon*, um pandeiro, um triangulo, uma corneta e varias campainhas.

As manifestações podem ser classificadas em duas categorias distinctas : d'um lado os phenomenos physicos e intelligentes, d'uma força, d'um poder, d'uma violencia quasi terrificantes ; de outro lado os phenomenos physicos e intelligentes de natureza delicada, elevada, espiritual.

As sessões começavam quasi sempre por golpes e ruidos espantosos, atroadores, que podiam-se perceber a uma milha de distancia. Seguia uma alvorada formidavel tocada sobre os tambores ; depois se fazia ouvir um ruido estridente caracteristico, produzido pelo «carregamento» do «apparelho espiritico.» Uma vez terminado o carregamento fazia-se as provas de força, sacudindo d'uma maneira violenta o robusto madeiramento da casa; que cambaleava e estalava como si por um tremor de terra. Era então a vez dos concertos musicaes. Era preciso que o medium Koons desse o signal de assalto tocando o seu violão.

Immediatamente todos os instrumentos entravam em acção, acompanhando a melodia que Koons havia entoado, guardando o compasso, mas excedendo na força sonora das notas, chegada a um maximum que um musico humano não teria podido alcançar. Em outras circumstancias, ao contrario, o concerto mediumnico executava melodias «celestiaes» desenvolvendo uma delicadeza de sentimento que emocionava e enthusiasmava o auditorio. Por vezes, enfim, uma «voz espirita» pedia o mais absoluto silencio ; então ouvia-se côros de vozes angelicas, que pareciam começar muito longe, envolvendo as almas de uma sensação extraordinaria e profunda de mysticismo e de mysterios. Em seguida estes côros pareciam se approximar lentamente, até penetrar e resoar no meio da sala de sessões. Seu effeito no auditorio era prodigioso e inesquecivel ; os relatores são accordes em declarar que nada podia dar uma idéa ás pessoas que não as tinham ouvido. Muitas vezes, quando os côros angelicos se faziam ouvir, o ar se povoava de pequenas flammas espiriticas que pairavam em todos os lados com a agilidade e a volubilidade caprichosa dos insectos ; mas com isto de especial, que seus movimentos seguiam o rythmo da musica. Algumas vezes via-se apparecer no meio das flammas mãos materialisadas que tinham formas e dimensões differentes e deixavam cahir sobre os assistentes folhas de papel cobertas de uma solução phosphorica preparada por Koons. Essas mãos permaneciam por algum tempo no meio dos assistentes que, graças aos papeis phosphorescentes, ficaram em condições de as observar. Ellas se deixavam tactear livremente pelos experimentadores, entre os quaes se achava ás vezes, o sceptico contumaz que procurava agarrar alguma cousa, bem decidido a não deixar escapar ; mas a mão se livrara promptamente do aperto desvanecendo-se e se reconstituindo logo depois. Os que tinham estado em contacto com as mãos materialisadas affirmavam em termos concordantes, que ellas pareciam absolutamente identicas ás mãos humanas, menos esta distincção : que ellas eram frias como as d'um cadaver. A proposito do phenomeno interessante das mãos que se dissolveram como fumaça para se libertar do aperto dos experimentadores, é digno notar que *era a primeira vez* que o phenomeno era obtido nos grupos espiritas. O mesmo phenomeno deu-se depois muitas vezes em seguida, no correr das sessões com o medium D. D. Home, e algumas vezes com Eusapia Paladino. Um outro phenomeno theoricamente muito importante é aquelle das conversações dos experimentadores com seus mortos, com o auxilio da «vóz directa.» Sobre este assumpto, Mrs. Emma Hardinge, diz :

> «E' de notar que varios visitantes que tinham vontade de guardar absolutamente o «incognito» eram, quando menos esperavam, chamados pelas personalidades mediumnicas communicantes.
>
> N'estas circumstancias os visitantes em questão, com grande surpreza affirmavam ter perfeitamente reconhecido o timbre da vóz e o modo de se expressar do morto que dizia estar presente, e que lhes havia fornecido relatos absolutamente veridicos e intimos relativos a sua existencia terrestre. São estas provas, de natureza irrefutavel, que serviram para convencer certas pessoas susceptiveis da presença real dos Espiritos dos mortos.»

Para a historia, cumpre assignalar que o phenomeno da «vóz directa» se produziu no Circulo Koons *pela primeira vez* depois do começo do movimento espirita ; o que faz com que esta serie de experiencias marque uma data importante nos annaes do Espiritismo.

Bem entendido, o phenomeno não era inteiramente novo, pois que se encontram factos desta natureza em todas as historias e tradicções dos povos, a partir da mais longinqua antiguidade ; sabe-se então que elle é realizado expontaneamente, sendo assáz muitas vezes nos «phenomenos de hantise», e que entre os povos selvagens, tem sido assignalado exemplos explendidos de «vóz directa» obtidos experimentalmente. O que constitue de outro lado, uma real novidade é o emprego d'um porta-voz para reforçar a tonalidade das «vozes espiritas» desenvolvidas imperfeitamente ; esta novidade tinha sido suggerida á M. Koons pelas personalidades mediumnicas.

As mensagens foram redigidas no mesmo circulo pela «escripta directa» a pedido dos experimentadores ; n'este caso como temos dito, podia-se quasi sempre perceber a mão phosphorescente que escrevia. Eis um exemplo, escolhido por acaso entre as centenas que têm sido publicados. Na communicação enviada á revista : *The Age of Progress*, por Mr. Stephen Dudley, lê-se o episodio seguinte :

> »Eu pedi á Mr. Koons que solicitasse dos Espiritos uma mensagem para mim ; immediatamente al-

guem toma o papel e lapis que se achavam sobre a mesa. Devo dizer que me tinha provido de papel de jornal que não tinha dimensões fixadas nem pauta ; isto é, differente do que havía neste districto distante dos grandes centros ; ou, mais precisamente, que não se encontra em nenhuma parte senão nas typographias. Eu tinha pensado de prover-me de um lapis especial, que me havia sido fornecido pela Casa Flesheim, de Buffalo. O espirito colloca o papel justamente na minha frente e logo apparece uma mão luminosa e absolutamente humana, que toma do lapis e começa a escrever com uma rapidez prodigiosa que a mão d'um vivo não poderia acompanhar.

O papel, a mão e o lapis estavam perto de mim que teria podido tocal-os sem me levantar ; pude então observar tudo de uma maneira completa e precisa. Meu visinho estava tão absorvido na observação do phenomeno que a um certo momento, elle pousou a cabeça sobre o lapis ; então a mão que escrevia, com um movimento colerico, bateu-lhe com o lapis uma leve pancada sobre o nariz, provocando no curioso um vivo sobresalto ; retirando-se assim mais que depressa. Alguem exprimiu o desejo de contemplar a mão de perto ; ella então deixou o lapis, approximou-se abrindo-se e fechando-se e agitando os dedos, afim de mostrar a flexibilidade de suas juntas, mas ao mesmo tempo a amabilidade de seu possuidor.

Uma senhora, sentada um pouco distante queixou-se de não vêr bem ; e a mão tomou o papel, collocou-se diante d'ella e escreveu algumas linhas para retomar em seguida o seu lugar. Logo que as duas folhas de papel estavam escriptas, a mão dobrou-as com cuidado e m'as entregou com o lapis. Certifiquei-me então que o papel e o lapis, eram bem os mesmos que tinham sido depositados por mim sobre a mesa. Emfim, a mão se apresentou successivamente á todos os assistentes, apertando a mão de cada um.

Um dos assistentes evitou entretanto tocal-a, verdadeiramente por um sentimento de timidez ou de pavor. Notamos que esta mão materialisada era tão solida como a mão d'um vivo, mas mortalmente fria...»

Com isto termino a enumeração dos principaes phenomenos que se produziam na «Camara Espirita» de Jonathan Kons ; realmente, seria inutil se estender sobre a descripção de outros phenomenos menores, conhecidos de todos, semelhantes aos golpes batidos em todos os lados da camara, os sopros de vento frio, os deslocamentos, as levitações de objectos, etc.

Pouca cousa nos resta das numerosas mensagens moraes, didacticas, scientificas e philosophicas redigidas por meio da «escripta directa» e outros Espiritos que o assistiam. O consultantes, com effeito, traziam comsigo longas mensagens obtidas. O Dr. J. Everett recolheu um certo numero d'ellas que publicou n'um opusculo ; dellas falaremos depois ; Jonathan Koons publicou, a seu turno, um resumo geral de seus ensinamentos, que revestem real interesse para aquelles que concordam admiravelmente com as conclusões as quaes trazem hoje relativamente a solução mais racional de alguns enigmas da mediumnidade. Pelo que se refere ás condições necessarias para que os Espiritos possam se communicar com os vivos, os detalhes que seguem são instructivos. M. Koons escreve :

> «Numa longa communicação redigida por meio da «escripta directa» na Camara Espirita, onde ninguem estava, lê-se que os Espiritos, para se communicar com os vivos, empregam dois elementos principaes. O primeiro é um elemento electro-magnetico constituindo o substratum do «corpo ethereo» dos Espiritos ; o outro é a aura physica desprendida dos organismos do medium e dos assistentes, ou que é extrahida das substancias inanimadas ; esta «aura» corresponde ao que se chama a «força vital». A combinação dos dois elementos em questão dá logar a um terceiro elemento eminentemente activo de certa forma sujeito a influencia do meio, e sobretudo das emanações dos organismos humanos. Quando as condições permittem que o elemento espiritual electro-magnetico seja mais forte, então os Espiritos estão no caso de triumphar das leis de cohesão e de gravitação ; elles podem assim dissolver e reconstituir toda a substancia com uma rapidez ex-

trema, ou elevar no ar e transportar objectos mais ou menos pesados, tocar os instrumentos de musica, etc.; tudo isto, graças á força accumulada com o auxilio da «bateria electro-magnetica.» Da mesma maneira, saturando-se deste elemento, os Espiritos estão em condições de entrar em communicação com os sêres vivos, tomando o lapis e a penna, e escrevendo as mensagens e desenhando. E' ainda assim que elles produziam golpes e ruidos, phenomenos vibratorios e ondulatorios, criando phenomenos luminosos que condensavam as vibrações sonoras de maneira á reproduzir a voz humana, fallando e cantando.»

No que concerne a parte scientifica e philosophica de seus ensinamentos, direi que os «Espiritos guias» não cessavam de exhortar os experimentadores á submetterem ao controle da razão as mensagens mediumnicas que elles obtivessem. Explicavam, com effeito, que é muito difficil para um Espirito transmittir sem alguma alteração, seu pensamento aos vivos, porque os orgãos cerebraes, de que elles se servem não podem mesmo assimilar as idéas espirituaes que lhes são transmittidas, seja devido aos limites fixados á intelligencia humana, seja a cultura geral defficiente do medium, ou preconceitos arraigados na sua mentalidade. Além disso, os «Espiritos-guias» insistiam sobre o facto, de ser a linguagem humana um meio muito imperfeito para a transmissão de concepções espirituaes. Elles accrescentavam que os espiritos existindo ha muito tempo nas Espheras adquiriam o habito de transmittir seus pensamentos com auxilio de meios bem mais perfeitos que a palavra, perdendo o costume de se exprimirem pela linguagem humana.

Observavam emfim, que o magnetismo dos mediums limita e deforma os pensamentos transmittidos pelos Espiritos, mesmo no caso da «escripta directa», seja como for, nesta operação toda participação das faculdades intellectuaes dos mediums deve ser excluida. Certamente, a mão materialisada, si bem que separada do organismo do medium, está ainda ligada por um cordão fluidico invisivel salvo em raras circumstancias, ella obedece a sua vontade. Apezar disso, a personalidade somnambulica do medium é ainda que registra e traduz na linguagem humana o pensamento dos Espiritos, transmittindo-o a mão que escreve. Em resumo: os «Espiritos-guias» affirmavam que as mensagens espirituaes transmittidas aos vivos tem ainda da mentalidade do medium, algumas vezes pela forma, e outras pela substancia — como os traços de uma forma materialisada assemelham-se quasi sempre aos traços do medium. (Esta ultima analogia me pertence.)

Lendo os ensinamentos dos Espiritos, dictados no correr dos annos comprehendidos entre 1852 e 1856, não podemos deixar de salientar que hoje, apenas chegamos á formúlar e acolher as mesmas conclusões sobre o melhor meio de resolver os perturbadores enigmas, de que se trata. Pode-se mesmo accrescentar que, entre os pesquizadores competentes da materia encontra-se ainda um grande numero que recusa-se acceitar estas conclusões preferindo considerar o defeito da forma e da substancia que se nota em certas mensagens theoricamente importantes, como provas que as mensagens em questão não podem ser de origem espirita. Do mesmo modo elles preferem se aproveitar da circumstancia que as formas materialisadas assemelham algumas vezes aos mediums, para acusal-os de fraudes; ou bem, quando o controle tenha sido rigoroso, para declarar que a forma materialisada não é, *em todos os casos*, mais que o «duplo» do medium. E' então util lembrar que, desde os inicios do movimento espirita, as personalidades mediumnicas haviam respondido em termos adequados e racionaes ás duvidas theoricas engendradas pela maneira que se produziam certas manifestações mediumnicas.

Notarei que os «Espiritos-guias» do Circulo Koons tinham tentado dar as explicações acima com o intuito de justificar os defeitos de differente natureza que se encontrava em suas mensagens, nas quaes os mais admiraveis ensinamentos d'ordem moral, religiosa, scientifica e philosophica eram muitas vezes formulados em termos defeituosos. Entre outras cousas os «Espiritos-guias» haviam tentado por varias vezes explicar a natureza e a razão de ser do elemento electrico do Universo, assim como a natureza e a razão de ser do elemento magnetico-vital nos organismos vivos; mas elles tinham desistido disso, porque seu pensamento era transmittido imperfeitamente e o que se obtinha assim era um conjuncto de phrases desconnexas e indecifraveis, embora certos pensamentos que emergiam aqui e alli fossem sufficientes para revelar a alta significação scientifica que teria tido a mensagem se houvesse sido transmittida integralmente. Pelo contrario, quando sé tratava de assumptos menos espinhosos para a mentalidade humana, então os ensinamentos eram formulados d'uma maneira mais propicia. E' isto que se nota nesses ultimos ensinos de eloquente concordancia habitual com as conclusões, as mesmas a que chegaram hoje varios pesquizadores. M. Koons escreve a este respeito :

> «Entre outras cousas os Espiritos ensinavam que o «corpo carnal» é penetrado em todas as suas moleculas por um «Espirito espiritual» ; que é neste ultimo que reside a consciencia e a intelligencia ; que no momento da morte, a consciencia e a intelligencia, com o «corpo espiritual», se destaca do «corpo carnal» : que o primeiro guarda temporariamente a forma humana e as tendencias e disposições que o caracterisavam em sua vida. Em outras palavras, elles affirmavam que o «corpo espiritual» como o «Espirito» que o penetra si bem que destinados a um progresso glorioso e eterno, guardam depois da morte as tendencias virtuosas ou viciosas que adquiriram das provas no decorrer da existencia terrestre ; isto faz que o «corpo espiritual» seja grosseiro ou leve, denso ou sublime, radiante como o sol ou tenebroso como a noite, em perfeita relação com as condições moraes e intellectuaes nas quaes passou a existencia terrestre.»

Sob o ponto de vista religioso, os «Espiritos-guias» ensinavam que um elemento de verdade existe em todas as religiões ; que são todas igualmente respeitaveis e necessarias, porque cada uma se adapta ao gráo de evolução alcançado pelo povo que a professa.

Elles condemnavam e denunciavam asperamente a intolerancia religiosa e toda a sorte de dogmatismo sectario. Isto foi uma das causas que concorreu para que o Circulo Koons tivesse sido alvo dos ressentimentos e vinganças do clero. Os ministros das differentes confissões christãs estavam de accordo para calumniar e diffamar Jonathan Koons e toda sua familia ; em seguida excitaram contra elle as hordas de fanaticos ; elle viu então sua casa invadida pelas Commissões creadas atrevidamente ; estes juizes inquisidores vieram perturbar sua casa para procurar desmacarar suas suppostas fraudes ; submetteram-n'o a interrogatorios humilhantes, duros de supportar. Viu em seguida incendiar sua herdade, destruir suas verdes plantações, insultar e ameaçar sua mulher e filhos. Como isso não tivesse sido bastante, o ruido dos prodigios que se produziam em sua casa tendo repercutido largamente nos Estados Unidos, atirou-se sobre o desgraçado as expobrações e as coleras do misoneismo laïco, começando pelos jornalistas e até aos sabios ; todos fizeram o que lhes pareceu melhor para marcar com epithetos infamantes a familia Koons, que segundo elles, vivia usurpando o dinheiro dos embecis e traficando com o mysterio sagrado da morte. Tudo isto foi dito e feito contra um homem que acolhera sempre generosamente em sua casa tão grande numero de hospedes. Como a herdade era situada no meio do campo, elle alojava sempre gratuitamente os seus hospedes, alimentando-os ; até que um dia, dois annos após com as excessivas despezas de hospitalidade, ficou desprovido de recursos para viver.

A este respeito é para notar que Frank Podmore, que, como se sabe, se obstinara durante toda sua existencia a reduzir toda a phenomenologia mediumnica á telepathia, desembaraçando-se de repente das manifestações physicas como das clarividentes, attribuindo-as em massa, a fraudes dos mediums (sem hesitar em ensinuar suspeitas de fraudes mesmo para a integra personalidade de William Stainton Moses) é para notar, digo que Podmore quando chega na sua historia «Moderno Espiritualismo» ás manifestações do «Circulo Koons» fala prematuramente e se apressa a passar a um outro sem fazer commentarios e sem formular insinuação alguma contra a honradez deste desgraçado.

E' difficil de lêr esta passagem da obra de Podmore sem experimentar a impressão que o auctor, apezar da sua falta de escrupulos, não chegou a imaginar qualquer insinuação de fraude capaz de subsistir em face da logica.

Tudo isto podia, além disso ser previsto *á priori*, porque é impossivel invalidar as centenas de factos existentes, todos attestando a realidade dos phenomenos em termos precisos, efficazes e concordantes ; impossivel de explicar pela fraude as modalidades pelas quaes se manifestam os phenomenos. Como explicar, com effeito, pela hypothese de fraudes os episodios das mãos materialisadas que se dissolviam nas mãos dos experimentadores ? Como explicar o phenomeno da «Camara Espirita» que foi abalada em seus alicerces como por um tremor de terra ? Como explicar o phenomeno das pequenas flammas mediumnicas que volteavam no ar seguindo o rythmo da musica ? Como explicar o phenomeno da «voz directa» pela qual as personalidades dos mortos conversavam com o timbre da voz e caracteristicos que elles tinham quando vivos e fornecendo detalhes veridicos e intimos sobre sua existencia terrestre ? Como explicar o phenomeno da «escripta directa» obtida n'um local hermeticamente fechado sem pessoa alguma e graças a qual respondia-se questões formuladas no mesmo momento, de fóra ? Como explicar o phenomeno dos concertos de musica n'uma casa isolada feita no jardim, e que não se prestava a introducção de embusteiros ? Pois eram necessarios doze musicistas, doze instrumentos de musica, d'onde vieram elles ? D'onde vieram os doces cantores dos «côros angelicos» que emocionavam totalmente os assistentes ?

Segue-se que as manifestações do «Circulo Koons» marcam uma data importante na historia do Espiritismo moderno. O devotamento com que o chefe do Circulo consagrou-se á propaganda da Verdade, negligenciando seus interesses os mais essenciaes e submettendo-se a um doloroso martyrio moral e material, merece ser recompensado, transmittindo-se á posteridade seu nome envolto na gratidão eterna dos pesquizadores ; sem contar que o nome de Jonathan Koons tem direito a um logar de destaque na historia da nova Sciencia da Alma.

(A seguir)

ERNESTO BOZZANO

O APOSTOLADO DA SCIENCIA

O sabio que procura a verdade por ella e para o bem geral, contempla as cousas do Alto. Applica-se em reduzil-as ás suas verdadeiras proporções considerando a immensidade do Tempo e do Espaço.

Com indifferença, elle assiste á ruina de suas proprias theorias, quando fica demonstrado que ellas não poderiam conduzir ao caminho da verdade ; é sem despeito que elle cede o logar a outros melhores.

Medindo o valor das reputações pelos vestigios do bem deixados, elle não trabalha por uma celebridade van ; porque não pode ignorar que as mais brilhantes glorias desapparecem esquecidas e sem nome no Oceano dos Tempos, como é a lei do destino.

Sente, sabe enfim, que não passa de uma das cellulas solidarias desta grande personalidade collectiva que se chama Humanidade ; e é por ella que lucta e soffre, sendo preciso, sem preoccupação de recompensa.

P. GIBIER

PHOTOGRAPHIAS ESPIRITAS

As experiencias do DR. HANSSMANN

NO nosso numero de agosto proximo passado, publicamos algumas experiencias do Dr. Theo Hanssmann, illustrado medico e medium de photographia, que residiu na America do Norte e muito conhecido no mundo todo.

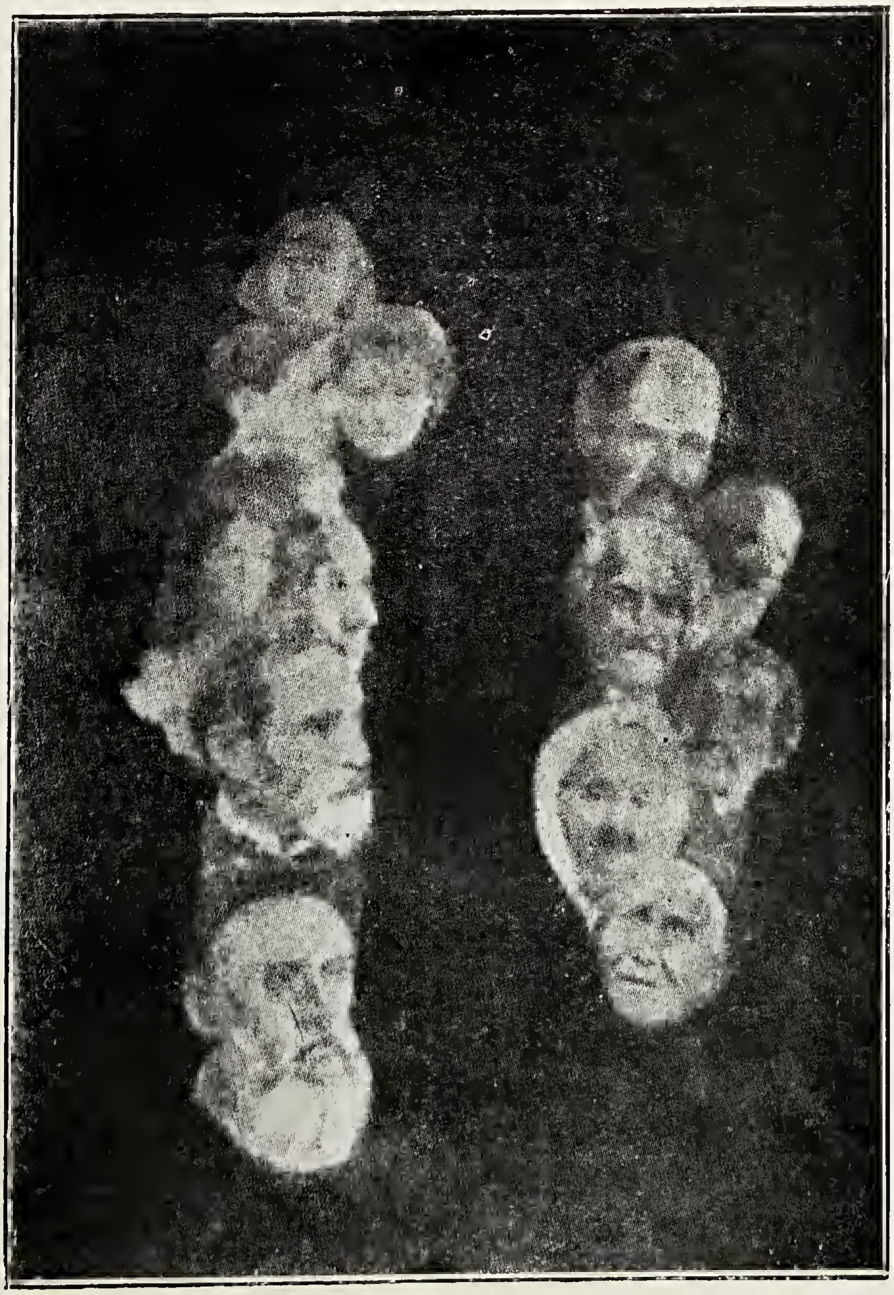

Figura 1

Os trabalhos do Dr. Hanssmann merecem, como dissemos, a attenção de todas as revistas espiritas e psychicas do velho mundo, dentre as quaes se salientaram n'aquelle tempo, os «Annales de Sciences Psychiques, de Paris, a «Light» de Londres e a Revista do Espiritualismo Scientifico, redigida com competencia pelo illustrado jornalista sr. Demetrio de Toledo.

Innumeras são as provas da Immortalidade que o Dr. Hanssmann colheu com o auxilio da placa photographica, além dos phenomenos de materialisação que presenciou, assim como de escripta-directa, manifestação esta que pensamos se ter dado tambem por influencia, neste genero de mediumnidade, do distincto medico americano.

Uma parte das photographias que reproduzimos, foi enviada á imprensa pelo eminente sabio e philantropo francez sr. Emmanuel Vanchez, um dos grandes divulgadores da photographia espirita.

As provas photographicas foram remettidas ao sr. Vanchez pelo Dr. Hanssmann, por intermedio de uma sobrinha do illustre sabio Doutora Eugénie Dupin, professora de sciencias, acompanhadas de diversas cartas explicativas em que enumera os seus trabalhos photographicos.

O Dr. Hanssmann contava que frequentou outr'ora a casa do Dr. D. J. Stansburg, que era um excellente medium. Um dia dispôz sobre a mesa uma placa de porcelana, cobriu-a com uma ardosia e collocou as mãos sobre esta ultima.

O medium se achava a tres metros da mesa. Ao cabo de dez minutos, o Dr. Hanssmann obteve, com um colorido de bronze dourado, o melhor dos retratos de W. Lloyd Garisson, o celebre abolicionista da escravidão nos Estados Unidos.

A escripta que acompanhava o retrato foi reconhecida como authentica. Ao lado da placa havia igualmente um ramo de lirio-convalle, prova de identidade dada a seu pai pelo Espirito de Ida, uma filha que o Dr. Hanssmann perdera.

Este medium-photographo, como dissemos, operava com apparelho commum, ao qual foi retirada a objectiva. Para as suas provas servia-se de papel ferro-prussiato, que dá bonitas imagens photographicas azues e cuja manipulação é mais rapida do que a exigida pelos papeis similares.

Para ter todas as garantias possiveis, o Dr. Hanssmann mesmo preparava os reveladores.

Ultimamente o distincto medico julgou conveniente fazer suas experiencias com o Dr. William Keeler, tambem medium-photographo e além disso medium vidente.

E' assim que todos os sabbados, ás dez horas da manhã os Drs. Keeler e Hanssmann se reuniam para esse trabalho proficuo de descoberta do mundo invisivel. O vidente distinguia perfeitamente os Espiritos que, como os experimentadores, se reuniam a hora habitual, tambem interessados pelos bons resultados das experiencias.

A primeira photographia que reproduzimos (Fig. 1) é um documento de familia, obtido por interessados que solicitaram do Dr. Hanssmann sua intervenção para que lhes fossem dadas noticias de parentes caros que se passaram para o Mundo dos Espiritos. A prova não podia ser mais categorica e as noticias não podiam tambem ser melhores do que elles receberam pela photographia.

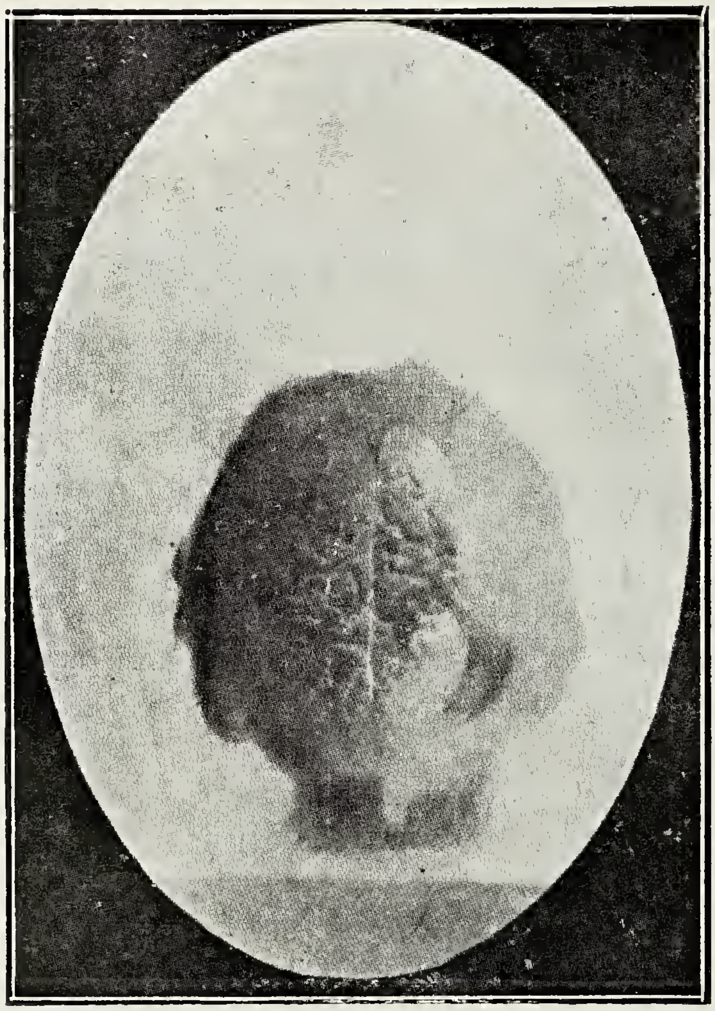

Figura 2

Um dia o Dr. Hanssmann recebeu por escripta directa uma communicação nos seguintes termos:

— «*Desejo que o operador tire domingo uma grande photographia da parte superior e da parte inferior da sua cabeça, e isso com um fim scientifico.* Assignado: *Doutor Dragomiroff.*»

O operador photographo devia ser o Dr. Keeler que, semanalmente, fazia, em companhia de sua mulher, Mme. Mary A. Keeler e do Dr. Hanssmann experiencias de photographia psychica.

Este ultimo diz que, na noite do sabbado para domingo designado, experimentou uma sensação particular na fronte e no cerebro — «como si o sangue ahi circulasse em grandes ondas»

Domingo, o medium americano foi, como de costume, á casa de seu collega e amigo.

Emquanto se faziam os preparativos para as experiencias habituaes, o Dr. Hanssmann communicou ao Dr. Keeler os termos da mensagem a que acima nos referimos.

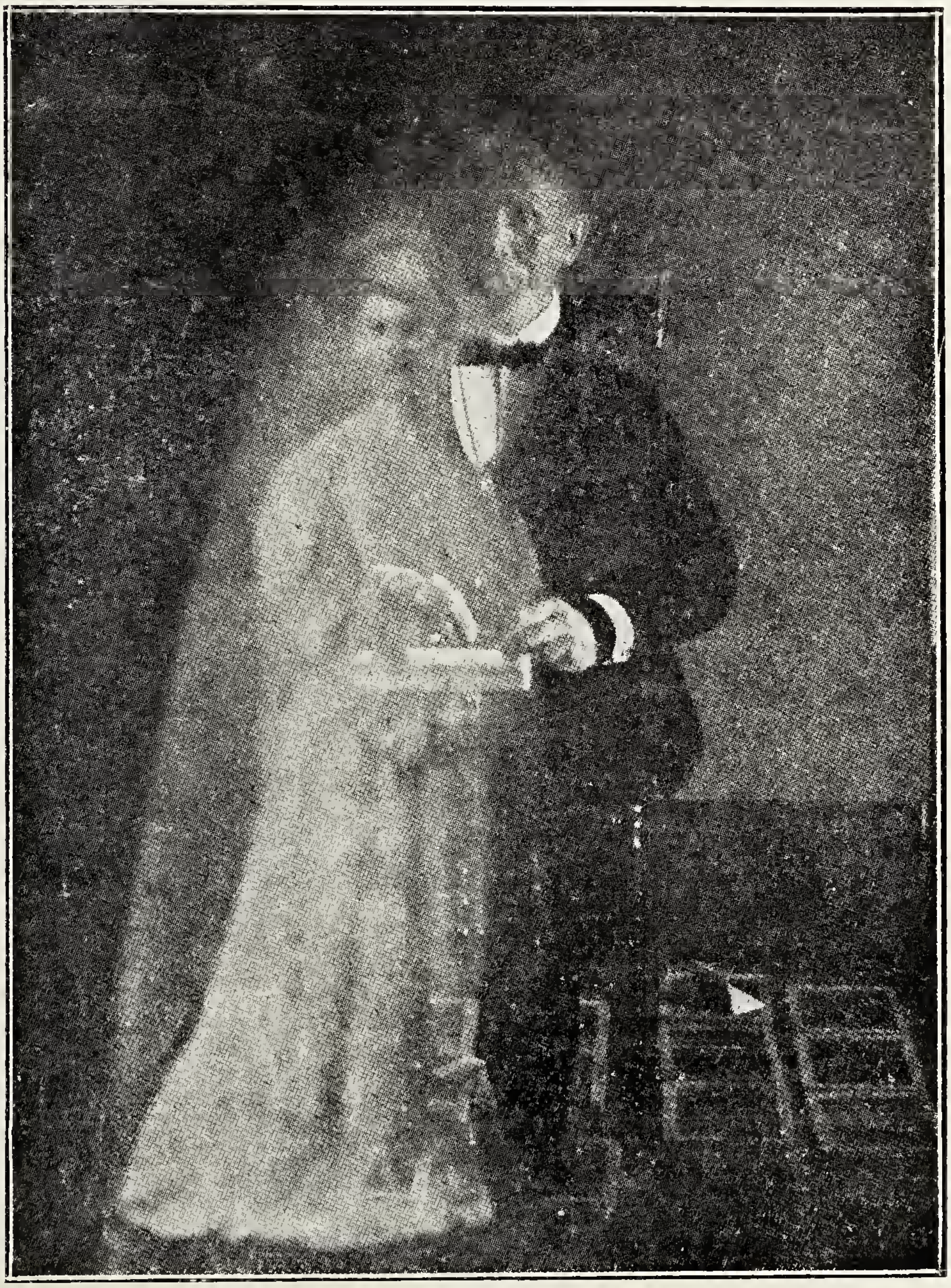

Figura 3

O Dr. Keeler que não via realmente, qual poderia ser o interesse scientifico dessa experiencia, riu muito, hesitando mesmo prestar-se a ella. Todavia o seu interlocutor insistiu de maneira tal que o Dr. Keeler consentiu em satisfazer o seu desejo.

Uma placa sensivel foi, portanto, collocada no apparelho e o Dr. Hanssmann sentou-se numa poltrona, voltando as costas á objectiva, de maneira que a sua cabeça se achasse exactamente diante d'esta, como pedira o autor da mensagem de além-tumulo.

A objectiva foi descoberta e a *pose* durou 28 segundos.

Immediatamente a placa foi transportada ao laboratorio e revelada pelos dois — mediums, curiosos de saber que surpreza lhes reservava essa extranha photographia. Terminada a operação, o Dr. Keeler e seu amigo viram, pasmos, sobre a placa a imagem photographica do cerebro do dr. Hanssmann, imagem que não podia ter sido obtida sinão graças a uma desmaterialisação completa dos ossos do cerebro, pois que a massa encephalica mostrava-se na photopraphia completamente núa. (Fig. 2)

N'uma sessão espirita que se seguiu, Ida appareceu ao seu pai, disse-lhe que havia assistido á experiencia de desmaterialisação do seu craneo e citou-lhe os nomes dos professores e doutores invisiveis qus tinham igualmente assistido á experiencia.

Depois disso o Dr. Hanssmann photographando uma senhora, obteve junto ao retrato dessa senhora tambem os retratos de muitos espiritos que cercavam-n'a.

⁂

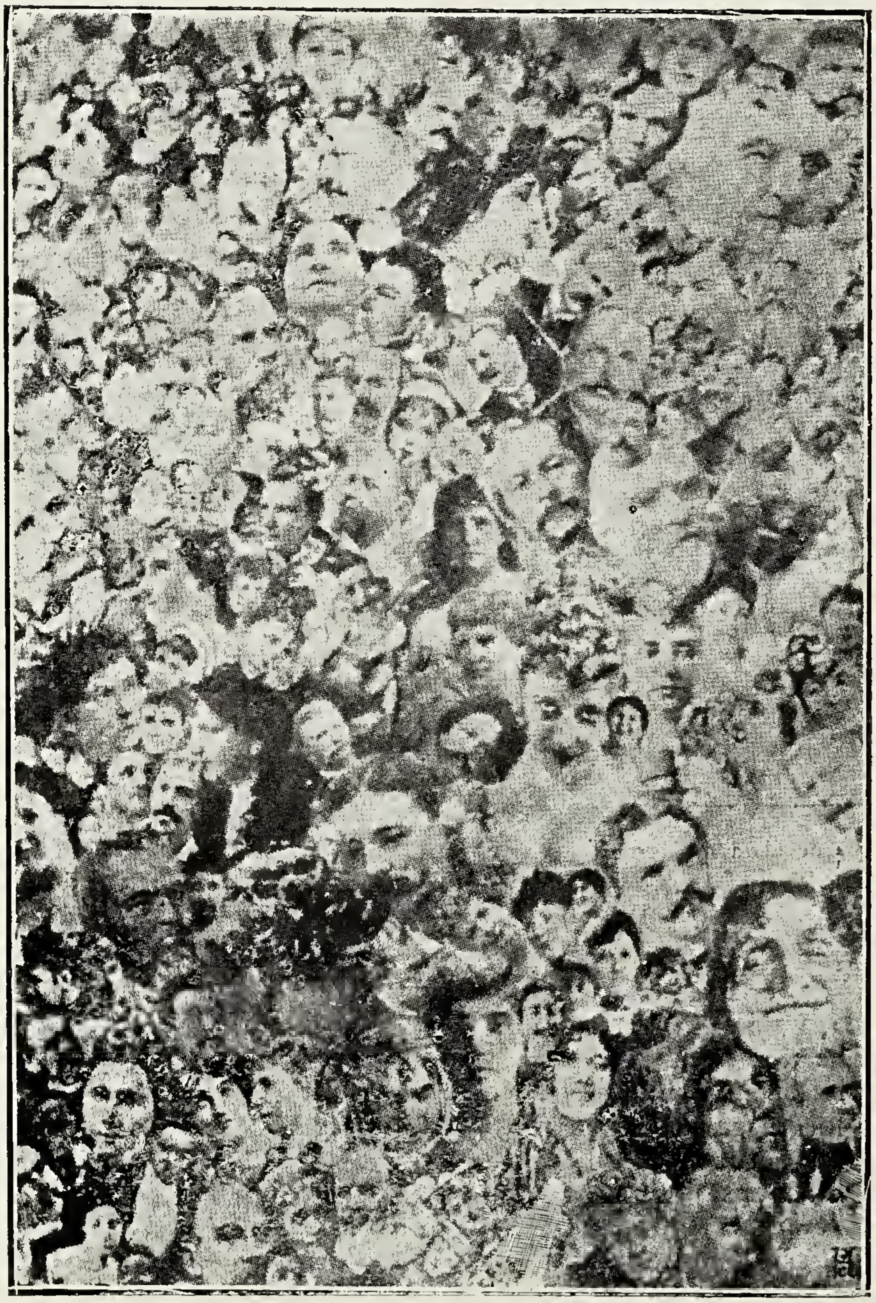

Figura 4

As experiencias de escripta-directa nas ardosias, de que já falamos no numero de agosto, são tambem muito interessantes.

Sempre que devia tentar uma dessas experiencias, o Dr. Hanssmann, quando se dirigia para a casa do Dr. Keeler, comprava ardosias novas. Essas pedras eram immediatamente marcadas, afim de que não houvesse a menor suspeita de substituição. No fim da sessão, as marcas eram verificadas authenticando as ardosias.

Pois bem, certa occasião, munido de varios pares de ardosias, o Dr. Hanssmann chegou á casa do Dr. Keeler. Com um forte cordão as louzas foram amarradas duas a duas, tendo sido collocado entre ellas um lapis de pedra. Em seguida alguns pares foram collocados no chão e outros lançados por acaso sobre uma cama. O Dr. Hanssmann sentou-se numa cadeira, collocou sobre os joelhos um par de ardosias preparadas da maneira indicada e pôz os pés sobre dois outros pares,

Ao cabo de alguns instantes, ouviu-se o attrito do lapis deslisando sobre as louzas. Dessa maneira, uma longa mensagem de além-tumulo foi escripta por mão invisivel, que traçou as primeiras phrases num par de ardosias e escreveu a continuação nas outras.

Emquanto esse trabalho operava o Dr. Keeler tirou uma photographia da scena. O que ha de extranho é que, como se pode verificar pela reproducção que fazemos da placa photographica, esta registrou, diante do Dr. Hanssmann, que ahi se vê por transparencia, a imagem sufficientemente materialisada e muito nitida de Ida, a filha morta deste ultimo, vestida de um tecido claro e ornada de um longo véo branco que desce até o chão. (Fig. 3).

⁂

Outra placa interessante é a que representa uma multidão de Espiritos que vieram patentear ao Dr. Hanssmann a sua solidariedade, auxiliando-o nos trabalhos a que com tanto carinho se dedicava.

Como se vê essa placa (Fig. 4) está coberta de physionomias. Nella está o retrato de Ida, a filha do Dr. Hanssmann, que se acha quasi embaixo, na quarta parte da gravura, quasi no centro desta.

Nesse cliché, vê-se igualmente os retratos de Lincoln, Gladstone, Benjamin Franklin, Henry Blay (o velho), o ex-presidente americano Andrew Johson; Charlotte Corday, etc.

Uma physionomia grande que se mostra á esquerda, um pouco abaixo do de Ida, é a de William Dingle, um amigo do Dr. Hanssmann, que ha mais de 50 annos lhe salvou a vida na Austria, perto de Ischl, arriscando-se a perecer.

Além das citadas, muitas outras physionomias são reconheciveis.

⁂

Oxalá que estas provas possam servir de estimulo aos nossos subscriptores, mormente os nucleos espiritas que têm obrigação de trabalhar para darem provas da Immortalidade.

Não é outro o nosso fim insistindo neste inquerito em que figuram pessoas acima de qualquer suspeita.

A photographia espirita é uma das mais bellas provas da sobrevivencia, e muitos são os mediums-photographos que, com um pouco de desenvolvimento e bôa vontade poderão prestar relevantes serviços ao Espiritismo e proporcionar. ao mesmo tempo, muitas consolações nos lares desolados pela falta de um ente querido que desappareceu do scenario terrestre.

Voltaremos a falar da photographia espirita.

OS HOMENS DE GENIO

Durante um Congresso de psychiatria que se reuniu, não ha muito tempo, em Amsterdam (Hollanda), foi apresentado um trabalho que demonstra os homens de genio serem mui raramente filhos de paes moços.

E' assim que entre escriptores, poetas, estadistas, etc., foram lembrados os seguintes: Cooper, que era o 11.º dos 12 filhos que seus paes tiveram. Dos tres irmãos Balzac, o celebre romancista francez foi o ultimo vindo ao mundo. Napoleão I foi o oitavo dos filhos de Buonaparte. Todos os desesseis irmãos de Franklin eram mais velhos que elle. Sobre os seis filhos que tiveram os paes Rambrandt, o grande pintor hollandez era o mais novo. Wagner teve seis irmãos mais velhos que elle. Mozart, igualmente. Schumann foi o quinto filho. Schubert, decimo terceiro, etc.

A observação apresentada ao Congresso de Amsterdam tende a demonstrar, contrariamente á theoria de certos medicos, que é justamente após os quarenta annos que se desenvolvem no homem certas faculdades e tomam uma maior intensidade. Quasi no fim da sua peregrinação pela vida, é que o homem começa a ser o resultado das suas obras, dos seus meritos, dos seus defeitos. E' então que o ser psychico fica de posse de todas as forças que exercem sympathica attracção sobre as entidades do espaço que se acham em preparativos para a nova incarnação.

Chronica Extrangeira

TODOS os meios espiritualistas se acham em effervescencia com o annuncio da proxima vinda do novo Messias.

O judaismo como o catholicismo, o protestantismo como a theosophia, todos pleiteam a posse do novo Enviado, assim como outr'ora pelo advento do Christiaoismo acontecia ás multiplas seitas que bebiam na fonte do Velho Testamento a agua da fé que lhes alimentava a alma.

Entretanto, nenhuma dessas religiões, a não ser a Theosophia ousóu fixar o lugar onde essa Estrella de primeira grandeza deve brilhar com toda a sua intensidade irradiando pelo mundo a luz benevola e regeneradora que amplia os horisontes e nos acaricia com auspiciosos augurios de mais duradouras felicidades.

Para os theosophistas o «Grande Instructor» já se revelou atravéz do Chefe da ordem da Estrella do Oriente, o sr. Krishnamurti, cuja «Ordem» foi fundada em 1911, exclusivamente para recebel-o.

A prova que os theosophistas dão dessa manifestação em sua Egreja, não se baseia unicamente nos preparativos, nas noções prévias, na educação psychica e no «treno», permittam-nos a expressão, do moço Krishnamurti, educado especial e escrupulosamente para tão alta missão, mas pelos signaes caracteristicos e iniciaes já do seu desempenho, quando no Congresso d'Adyar, que se effectuou em 28 de Dezembro p. p., no final da Conferencia que fazia, mudou o timbre da vóz, illuminou-se e falou como si fosse o Mestre: «Eu venho para aquelles que tem necessidade de sympathia, que querem a felicidade, que sonham ardentemente com a liberdade e procuram a felicidade em todas as cousas... Venho para construir, não para demolir, não para destruir, mas para crear! . . . »

Esta mensagem, segundo affirmam os theosophistas, é a prova de que nestes 2.000, é a primeira vez que o Grande Instructor faz ouvir sua palavra pelos labios de um dos seus discipulos.

E este annuncio corre de revista em revista, de jornal em jornal, ainda mesmo nos mais indigenas e indigentes, não só da Europa civilisada, como das mais escondidas aldeias do sertão brasileiro.

Para nós que militamos graciosamente nas fileiras do grande exercito libertador julgamos muito exiguas as argumentações theosophicas, assim como as provas que nos offerecem para identificação de tão esperada Personalidade.

A repulsa sem exame, com *parti-pris*, ou idéas preconcebidas. é procedimento condemnavel, principalmente naquelles que censuram a crystalisação de todo o saber.

O nosso metodo de analyse, de estudo, de julgamento e discernimento deve primar pelo livre exame e, de accordo com principios em que se baseiam toda e qualquer revelação, philosophia ou facto, de indução em indução, tirarmos delles as nossas conclusões *á posteriori*. E' o que adoptamos no caso Krishnamurti. Julgamos mesmo muito distincto, muito elevado esse moço para quem se voltam actualmente todas as vistas, mas perdoem-nos os seus discipulos e socios da «Liga Estrella do Oriente» a àffirmação, de que são improcedentes e prematuras as suas conclusões.

Não é verdade que seja a primeira vez nestes 2.000 annos que a Palavra do «Grande Instructor» se tivesse feito ouvir. Basta lêr as obras kardecista que fundamentam esse incomparavel Edificio de Sciencia e de Religião, que chamamos Espiritismo, para vêr atravéz de diversas mensagens ahi transcriptas, a manifestação d'Aquelle, que dizia outr'ora nas ingratas terras da Palestina: «Eu não vim revogar a Lei e os Prophetas, mas cumpril-os; vinde a mim, todos vós que soffreis e vos achaes sobrecarregados; aprendei de mim que sou humilde e manso de coração e tereis repouso em vossas almas.»

Nem mesmo a «transfiguração» com mudança do timbre de vóz e irradiações luminosas que envolveram o «Missionario do Oriente» são garantias absolutas para identificação do Messias, porque, sabemos nós, esses phenomenos, muitas vezes testemunhados na phenomenologia espirita, não denunciam mais que a manifestação de Espiritos Superiores, aliados da Revelação Nova, que se esforçam e trabalham pelo regeneração e progresso da humanidade.

Ainda ha pouco n'uma "enquête" que o redactor de "Le Matin" teve com Léon Denis, aquelle publicando no grande diario parisiense o resultado da entrevista, affirma tambem ter visto «na fonte do discipulo de Allan-Kardec irradiar a aureola dos Apostolos.»

Entretanto, estas considerações em nada desdouram o Chefe da Ordem Estrella do Oriente, e folgamos constatar toda essa manifestação de espectativa de uma Entidade superior revestida de poderes para quebrar os élos bronzeos do dogmatismo e do sectarismo que impedem milhões de almas curarem dos destinos felizes que nos esperam.

UM CURIOSO CASO DE PHOTOGRAPHIA

A revista «Nature» registrou o seguinte caso curioso de photographia :

«Um individuo tomou um vidro de relogio e preparou-o na face posterior com o fim de fazer d'elle um pequeno espelho. Logo que terminou o serviço, ficou surprehendido por constatar que sobre o minusculo espelho se achava nitidamente desenhado o rosto de uma criança. O objecto foi submettido ao exame de um chimico, que não achou outra explicação senão a seguinte : «seguramente antes de fazerdes deste vidro o espelho, gravou-se-lhe, por um processo qualquer, a imagem photographica.» Ora, a pessoa que fabricou o pequeno espelho está muito certa da sua manipulação, e que a imagem lá encontrada, não existia, e fixou-se lá por uma intervenção que lhe é absolutamente extranha.

Como se explicar esse facto ? Haverá ali um caso de photographia psychica ? Em summa, o phenomeno não se explica por suggestão e faz pensar num caso especial de photographia mediumnica. Os espiritos fortes que recusam a explicação espirita, examinem bem o pequeno espelho, e tragam-nos a sua explicação porque não podemos comprehender a manifestação.»

UMA MANIFESTAÇÃO NOTAVEL

A *Vie d'Outre-Tombe*, noticiou, apoiada em testemunho fidedigno o seguinte facto digno de repercussão :

«Um medico é chamado por uma familia residente no sitio para ver um doente. Examinando o paciente julgou o caso muito grave. A familia supplica-o passar a noite á cabeceira do enfermo. O doutor accedeu, mas a alta noite, cançado, deitou-se e adormeceu emquanto uma irmã de caridade o velava. O estado do paciente peiorou consideravelmente, pelo que o medico foi chamado, deliberando fazer uma injecção. Preparou a seringa, encheu do liquido necessario quando ouviu batidos no vidro da janella. Abre a janella, mas ninguem estava. Então o medico examinou a empola onde estava encerrada a solução e verificou que se tratava de atropina, e que a quarta parte bastaria para matar seu cliente. Desprezou aquelle liquido e fez a injecção do medicamento necessario, e muito admirado pelo aviso, redigiu uma memoria que enviou á Academia de Medicina. De facto as pancadas na janella não provinham do mundo dos humanos.»

EXTRANHO AVISO DE MORTE

A escriptora russa Olga Pouckine narra o extranho aviso de morte, que descreve assim :

«Meu avô tinha o máo habito de assustar a gente approximando-se, sem ruido, por traz e batendo palmas. Esta mania havia occasionado muitos factos desagradaveis. Uma das suas victimas era sua irmã Stephania, muito sensivel e a quem esses brinquedos deixava em grande exasperação. Mas elle folgava com os effeitos produzidos por sua enfadonha brincadeira e um dia, em que Stephania ficou muito irritada, disse : «Isto ainda não é nada ! Podes estar certa que ouvirás tres bravos no momento da minha morte, em qualquer logar do mundo que eu esteja.

Muito tempo depois elle fez uma longa viagem e passamos alguns mezes sem saber noticias suas.

Uma tarde, exactamente ás 9 1|2 quando nos achavamos em torno da mesa com algumas visitas, ouviu-se derepente, tres golpes, e ficamos estupefactos. Stephania levantou-se foi a porta da rua, julgando que seu irmão tivesse chegado, sem prevenir, para fazer uma surpreza. Ninguem lá estava e ficamos perplexos, e nos recordamos da promessa que meu avô havia feito. Alguns dias depois, chegou a noticia de sua morte. Meu avô havia morrido num paiz distante, ás 9 1|2 da noite em que nós ouvimos sua... ultima brincadeira.»

AVISO OU PRESENTIMENTO DA MORTE

Certo dia o Dr. Moreau de Saint-Méry viu chegar á sua casa o seu mais intimo amigo, que estava na força e no vigor da idade e lhe disse ao entrar : «Venho dizer-te adeus» ! Surpreso, o medico extranhou uma tão inopinada viagem, «Não! — respondeu o seu interlocutor. — Não parto para viagem alguma. Vou morrer !»

O Dr. Saint-Mery perguntou-lhe, então, si experimentava alguma dôr, si se sentia doente para assim falar. «Não ! — continuou impertubavel o outro. — Nada sinto de anormal. Mas, tenho a certeza de que não me restam mais do que alguns instantes de vida. E, por isso, quiz vir apertar-te a mão !»

O Dr. Moreau de Saint-Mery procurou dissuadir o seu amigo, examinou-o attentamente e não descobriu o minimo symptoma de molestia. Entretanto, uma hora depois, um criado ia buscal-o. O amigo do doutor acabava de ter uma syncope e, na noite desse mesmo dia, expirava, apezar de todos os cuidados que lhe tinham sido prodigados.

APPARIÇÃO DE UM SUICIDA

A imprensa espirita italiana, relembrando os casos de apparições e manifestações dos «mortos», dá conta do seguinte facto bem interessante e demonstrativo da immortalidade.

— «Em 1909 na caserna Emmanuele Filisberto, em Novi Ligure, um soldado suicidou-se disparando sob o queixo um tiro de mosquete.

O facto occorreu no escriptorio do thesoureiro. Ora, dia 11 de Fevereiro do anno seguinte, um soldado que fôra posto de sentinella no dito escriptorio, dava um tiro na parede, acreditando ter visto o fantasma do seu camarada.

No dia 22, uma outra sentinella fazia o mesmo e, immediatamente depois, cahia desmaiada. A guarda accorria e o pobre soldado era conduzido á enfermaria, onde o medico, declarava que, como o seu predecessor, fôra victima de uma allucinação, pois, apezar de todas as buscas, nada de suspeito foi descoberto no escriptorio «assombrado». Uma nova sentinella substituio a primeira ; mas ao cabo de alguns instantes, o soldado experimentou uma tal sensação de terror que lhe foi dado um companheiro. Dois outros, que igualmente os substituiram, e que passaram a noite de guarda, experimentaram o mesmo terror. Pela manhã, esses soldados declararam, como os seus camaradas que haviam feito fogo, ter tido a visão de uma sentinella parecendo-se exactamente com o soldado que se suicidara, e mostrando-se no mesmo lugar em que este puzera fim aos seus dias. Esses soldados em numero de seis, ficaram convencidos de que viram a alma do suicida, muito embora a autoridade affirme tratar-se de «um caso de terror collectivo.»

E' um novo titulo e nova classificação para os phenomenos espiritas, dado pelo militarismo italiano : «terror collectivo ! » De modo que a *collectividade* que em todo o sentido representa sempre um agrupamento, passou agora a significar parcellas que se succedem !

Auxiliai a divulgação desta Revista certo de que concorrereis para o engrandecimento do grande ideal da Immortalidade

E'cos e Noticias

O desapparecimento do inclito Apostolo do Kardecismo, Gabriel Delanne, produziu grande consternação nas fileiras espiritas. A morte de Delanne reflectiu-se immediatamente na sua excellente Revista, uma das bellas e excellentes publicações que, sempre na estacada, defendia, propagava e explicava com logica irreprehensivel, a Doutrina dos Espiritos, infelizmente ainda tão mal interpretada e tão mal comprehendida mesmo por uma grande parte dos que se dizem espiritas.

A *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, segundo nos communica M. Jean Meyer, fez fusão com a *Revue Spirite*, o que quer dizer — desappareceu para não mais voltar ao campo da imprensa, onde a golpes de bom-senso, explicamos o principio causal de todos esses factos demonstrativos da Immortalidade.

Vale-nos essa certeza absoluta que constitue para nós a garantia de que, aquelle que por longos annos, entregou-se de corpo e alma á divulgação do grande Ideal, não deixará de continuar a nos transmittir as luzes do seu saber e os influxos vivificadores do seu amor.

FRANÇA

—— Na sala da associação «Les Amis» (Guakers), 20, avenue Victoria, M. Ripert, fez uma substanciosa conferencia sobre o thema : *A vida espiritual e a vida social*. Sabe-se que entre os Quakers é grande o interesse para verem resolvidas as questões sociaes, sobre pacifismo, internacionalismo, etc.

Pois bem, M. Ripert, aproveitando o meio apropriado, demonstrou que a unica força capaz de resolver esses problemas, é a força espiritual. Falou dos factos espiritas e da necessidade da fraternisação das gentes.

—— M. Pascal Forthuny realisou uma bella conferencia da «Maison des Spirites», onde a sua palavra vibrante attrahiu selecto e numeroso auditorio.

—— M. Demarquette, fundador do «Trait d'Union» fez uma conferencia na «Maison des Spirites», sobre o *Naturismo, Doutrina do progresso humano*.

—— De 12 a 18 de junho proximo, sob a presidencia de M. G. Fabius Champville reunir-se-á o 4.o Congresso Psychico Internacional.

—— A *Revue Spirite*, publicação que conta mais de 10.000 assignantes, abriu uma subscripção permanente para attender ás despezas da propaganda.

PORTUGAL

Em Barreiro começou a circular depois de haver reformado a sua feição material o nosso collega «O Espirita», sob a direcção dos distinctos confrades Antonio Xavier Gorina e J. M. Quintella Paixão.

—— Em Silves entrou novamente em actividade o Grupo «Fé e Amor», que se dedica á propaganda do Espiritismo experimental.

—— Em Faro, o Centro «Luz Caridade e Protecção» intensifica os trabalhos de propaganda.

—— Acaba de sahir á publicidade o «Segredo da Morte», valiosissimo repositorio de factos espiritas. E' um volume de 410 paginas, da lavra de Mme. Madaleine Frondoni Lacombe.

—— Os espiritas portuguezes acabam de vêr desfalcadas as suas fileiras, com o passamento do illustre escriptor espirita General Viriato Zeferino Passaláqua.

Batalhador incansavel, forte na crença, elle foi um dos grandes pioneiros do Espiritismo em Portugal, onde, com grande ardor verberava contra os erros da egreja romana, pelo que teve de sustentar renhidas luctas com o clero.

Logo após ao desenlace do illustre propagandista, um grupo de 14 dedicados amigos do General Passalaqua realisaram uma sessão, dando por fundado o Grupo Espirita «General Passalaqua», a melhor homenagem que poderiam dedicar ao recem-desincarnado. Nessa mesma occasião foi recebida uma mensagem de Passalaqua, Espirito-Guia do Centro, cheia de bellos e elevados ensinamentos.

Nossas respeitosas cortezias ao recemliberto ; Jesus o auxilie na nossa missão.

Aos confrades portuguezes nossos sentimentos de solidariedade fraternal.

—— O Centro Espirita de Braga continúa editando a «Luz e Caridade.»

BELGICA

—— O passamento de M. Gabriel Delanne causou profunda consternação nos meios espiritas belgas. A *Revue Scientifique Belge* faz ligeiras considerações sobre Delanne, promettendo para o proximo numero um necrologio digno da alta personalidade espirita, cuja missão melhor que ninguem soube desempenhar.

—— A mesmo Revista noticía um caso extranho de catalepsia em Thenelle. E' uma moça de trinta e cinco annos que ha treze annos dorme. Mal se percebe a sua respiração : olhos fechados, dentes cerrados, o seu rosto é côr de cêra, tem verdadeiro aspecto cadaverico. Medicos e sabios de varios paizes têm visitado a paciente. O seu unico alimento, isso mesmo administrado ás colherinhas, por sua mãe, é leite com gemma d'ovo.

INGLATERRA

Numa recente assembléa de espiritas, em Londres, sir Arthur Conan Doyle, demonstrando os fins do Espiritismo assim expoz o trabalho a que se tem dedicado :

1.o Nós temos explicado o mysterio da morte. Demonstramos a existencia do corpo ethereo. Demonstramos que elle é a imagem da nossa apparencia, do nosso caracter, do nosso conhecimento e tudo o que somos; com elle entramos mais evoluidos em nova existencia;

2.o Temos provado que esta nova existencia é perfeitamente natural e apropriada á nossa natureza ; que ahi encontramos um ambiente adequado ás nossas necessidades e satisfações de accordo com a nossa qualificação e deveres, na medida das nossas possibilidades individuaes ;

3.o Temos demonstrado que o mundo espiritual não está tão separado de nòs que a interpenetração pessoal seja impossivel. Podemos ahi estar em estado de somno, em estado de trance, quando nossos corpos ethereos se acham livres. O mundo espiritual pode vir até nós quando temos a felicidade de transformar nossos corpos ethereos numa materia mais rarefeita ;

4.o Temos estabelecido como facto certo que as espheras que nós attingimos na outra vida são mais elevadas ou não, mais felizes ou infelizes, segundo o total de espiritualidade que soubemos desenvolver em nós. Aprendemos tambem que nossa residencia nessas espheras não é permanente, mas que nos elevamos sempre para destinos mais dignos de uma existencia mais espiritual e que estamos destinados a um progresso infinito, incessante que nos eleva das espheras da materia aos dominios do Espirito.»

GRECIA

—— O Espiritismo na Grecia começa a ter grande repercussão. Diz a *Revue Spirite* que a propaganda se faz sentir nos meios civilisados, de preferencia attrahindo a attenção dos homens de sciencia para a Nova Doutrina, de factos positivos e demonstrativos da Immortalidade.

—— O sr. S. Dimitriadis, conselheiro da Corte de Appellação de Patras, fez uma notavel conferencia sobre Espiritismo em geral e sobre o recente Congresso Espirita Internacional de Paris. O salão estava repleto salientando-se entre os assistentes, innumeros advogados e juizes de Patras, conselheiros de Estado e o primeiro presidente da Corte.

—— O sr. P. Yotopulus, advogado da Corte de Appelação de Corfou e deputado por Jannina fez na capital duas conferencias em que sustentou brilhantemente a insufficiencia da theoria animica, a da cryptesthesia e da subconsciencia para explicar os phenomenos espiritas. O illustrado orador disse que unicamente a *theoria espirita* pode dar explicação racional dos phenomenos metapsychicos. O conferencista citou tres casos de manifestação dos mortos, cuja identidade foi perfeitamente demonstrada.

Entre os auditores destas interessantes conferencias notava-se Monsenhor Spyridion, arcebispo de Jannina, acompanhado de diversos padres da sua diocese, quasi todos os medicos de Jannina, juizes, advogados, o general Marcon, commandante do 5.o batalhão do exercito hellenico e muitos officiaes.

Todos os jornaes publicaram os resumos das conferencias, salientando o admiravel successo obtido pelo sr. Yotopoulos.

ARGENTINA

A Sociedade Constancia, iniciou, no Theatro Union e Benevolenza as conferencias publicas que costuma realisar todos os annos.

Apresentado ao publico pelo Dr. Cosme Mariño, dissertou sobre o thema— «O Espiritismo e o momento social» — o sr. Firmo Bercetche, que occupou a tribuna por uma hora.

—— A Sociedad Espiritista Beneficente está desempenhando a sua tarefa em beneficio dos necessitados, a quem tem soccorrido com roupas e cobertas.

—— Sociedad «Lumen» fez com entrada franqueada ao publico uma conferencia sobre «A Fé Espirita».

—— Sociedad Espiritista de Mendonza «Luz para Todos», elegeu sua nova directoria sob a presidencia do sr. José Hidalgo.

—— Na Sociedad de Estudios Psicologicos «José Gutierrez», o sr. Francisco Molina, director de «La Union» fez uma substanciosa conferencia sobre o thema: «O Universo é todo Vida, não tem lugar para a morte.»

—— A Sociedad «Sáenz Cortés», de Pehuajó, trabalha intensamente pelo desenvolvimento da propaganda. Esta sociedade mantém um mensario de propaganda «Resplandor de la Verdad» com uma tiragem de 1.000 exemplares.

—— As sociedades alliadas da capital e do interior, á Confederação Espiritista Argentina, attendendo as necessidades de propaganda, têm realisado palestras e conferencias, em que tomam parte distinctos oradores. Em Lonquimay, onde a Sociedad «Caridad Cristiana», sob a presidencia da sra. Florentina de Martin, tem sua séde propria, tem corrido com grande animação as conferencias. Em Santa Rosa a «Luz de la Pampa» se salientam pelo trabalho devotado as correligionarias D. D. C. de Pallás, J. Romeu de Aramburú e F. de Martin.

—— A revista «La Idéa» publicou, como homenagem ao Dr. Cosme Mariño uma excellente photographia, que representa o 47.o anniversario da iniciação do distincto espirita nas fileiras espiritas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Os signaes dos tempos predictos de grandes acontecimentos que occorreriam em epoca de transformação mundial, que marcariam o fim do mundo velho e o inicio de uma nova era de espiritualidade se mostram bem frisantes no nosso paiz como acontece no extrangeiro.

Na esphera material, moral, espiritual reina a confusão e a desorientação; até em meios que se dizem espiritas, noviços sem cultivo e sem preparo falam, escrevem, expendendo as mais desbaratadas doutrinas, pontificando esdruxulas theorias em completo desaccordo, já não dizemos com o Espiritismo, mas com os principios da logica e do bom senso.

Aconselhamos aos leitores fazerem passar todas essas obras pelo crivo, seleccionando o mais possivel todas essas mensagens de «vivos» e «mortos» que atiradas loucamente aos ventos da publicidade, em vez de guiarem, desviam aquelles que, de bôa vontade, procuram a verdade que lhes deve orientar no caminho da Espiritualidade.

Este conselho torna-se extensivo ás

Revistas extrangeiras, que sem leitura e sem exame vão noticiando com termos elogiosos esses folhetos e livretos, em sua maioria desviados dos principios Kardecistas e alguns delles inimigos figadaes da Doutrina de Allan-Kardec. Foi assim que, perdôe-nos o bibliographo da *Revue Spirite* em sua secção, naturalmente de bôa-fé e com optimas intensões, fez a apreciação de um livreto de um tal «Centro Espirita Redemptor», cujas theorias aberrativas são tão differentes das exaradas no «Livro dos Espiritos» como o é o carvão do diamante.

«Examinar tudo e abraçar o que fôr bom» é o preceito, e, portanto, elogiar só o que fôr verdadeiramente digno de elogio.

Não levem a mal, os distinctos collegas, principalmente o da *Revue*, por cuja publicação temos verdadeira veneração, não só pela bôa doutrina que nos vem transmittindo, como tambem por ser uma obra do Mestre, cujos principios precisam e serão acatados como os unicos que satisfazem a alma e o coração.

E'cos da propaganda

O Centro Espirita «Do Calvario ao Céo», de Bebedouro assim constituio a sua nova directoria : pres. Gabriel Novaes; vice, Joaquim Antonio Pinto ; orador, Cicero Marques ; 1.º sec. Aristides Souza Lima ; 2.º João Leite Camargo ; thes. Raphael Laterre ; hosp. José Garcia ; bibl. Quintaçado Stamato e André Rodrigues ; proc. Antonio P. Mello.

⁂

Do Instituto Kardecista, da Bahia recebemos o annuario estatistico de 1925. Os directores desta sociedade são os srs. Dr. Oscar da Silva Lima e Ph. João Lino.

⁂

O Centro Espirita Christophilos, que funcciona á rua Buarque de Macedo. 41 terreo, Rio de Janeiro, assim constituio a sua directoria : pres. Porfirio Duarte Bezerra Junior ; vice, Dr. Mario José da Costa ; 1.º sec. Francisco Vital de Oliveira ; 2.º Virgilio Jacintho Souza ; thes. Manuel Bellarmino de Moura ; proc. Alfredo Siqueira Abreu ; bibl. D. Isaura Martins.

Este centro de optima orientação, faz larga propaganda, distribuindo semanalmente o hebdomadario espirita «O Clarim», aos assistentes.

⁂

A Associação Beneficente «Caminho da Verdade», de Campinas, faz conferencias publicas quinzenaes, tomando para themas assumptos espiritas de alta relevancia. Esta sociedade é presidida pelo nosso incansavel companheiro Dr. Souza Ribeiro.

⁂

O Centro «Discipulos de Jesus», de Maceió, presidido pelo nosso confrade sr. Euripedes Tenorio de Lima, fundou a Assistencia aos Necessitados. para cuja instituição conta com amigos devotados.

⁂

Está desenvolvendo grande actividade para a difusão espirita na Capital Federal, o Centro Fraternidade, que conta bem orientados e devotados companheiros de pugnas. E' assim que além da propaganda escripta pela grande imprensa, o centro faz conferencias semanaes em que se fazem ouvir abalisados oradores.

⁂

O Centro «Amor e Humildade», de Alagôas, Maceiò, constituio assim, sua nova directoria ; pres. Carlos Silva Rego ; vice, Erausto Campello ; 1.º sec. Manuel Gavozza ; 2.º Tertuliano Barbosa ; thes. D. Judith Campello ; vice, Francisco Casado Lima ; orador, Amphilophio Guerra.

⁂

Em Alagôas, funccionam com a maxima regularidade vinte e tantos centros espiritas.

O Espiritismo na Imprensa

— Todos os jornaes liberaes, principalmente os da Capital Federal abriram francamente suas columnas ao Espiritismo. Dentre este se distingue a Gazeta de Noticias que mantém uma secção diariamente, em que dá conta dos factos e da doutrina espirita.

— Temos sobre a mesa «O Semeador», de Juiz de Fóra, valente mensario da «Casa Espirita», de optima orientação, e moldado nos principios Kardecistas.

— «A Luz», de Maceió, passou a ser redigida pelo nosso distincto e competente confrade Francisco Fialho.

Da Capital Federal

Do nosso correspondente :

— A propaganda espirita intensifica-se admiravelmente nesta metropole. Homens, mulheres, illuminados pela nova luz, sahem de centro em centro, pregando as excellencias da terceira Revelação que se resume nos deveres de Fraternidade que o Christo annunciou :

— A mediumnidade, linda flôr da Espiritualidade, vai desabrochando com esplendor jamais observado.

Ao lado de tudo se nota a grande confusão que predomina nos meios inscientes e alheios aos principios exarados por Allan-Kardec em suas obras fundamentaes.

E' assim que o «baixo espiritismo», como o nomeia a grande imprensa, tem fornecido aos nossos adversarios elementos de ataque que, felizmente, não attingem mais aquelles que se conduzem sob uma orientação verdadeiramente espirita.

— A «Constituinte» encerrou seus trabalhos com a fundação da «Liga» ; esta, porém, não ligou cousa alguma : fez muito barulho é verdade, houve discussão muito azeda, etc. A «Liga» é de espiritualistas, fazem parte d'ellas theosophistas, occultistas, pensamentistas, etc., etc. Os espiritas, na expressão verdadeira do termo, ficaram de parte, abstiveram-se sem darem á mesma a sua solidariedade.

— Comquanto não seja objecto desta *revista*, julguei util inserir nesta correspondencia a fundação da «Igreja Catholica Liberal», da qual foi sagrado Bispo, o maior escriptor theosophista C. Œ. Leadbeater. Os sacramentos dessa Igreja são os mesmos da Igreja Romana : baptismo, confirmação, eucharistia, penitencia, extrema uncção, ordem e matrimonio. Os paramentos do officiante são muito mais vistosos que os dos romanos ; a batina é igual, mas de côr marron. Esperamos aqui brevemente a sagração do primeiro sacerdote.

Vai a *Theosophia* com sua Igreja ser uma concurrente da Igreja Romana.

E' bom que se fique sabendo isso.

— Não quero concluir sem, mais uma vez, confirmar as luctas renhidas pela palavra e pela imprensa, que o Espiritismo vem sustentando e o rapido progresso da nossa Doutrina que vem interessando os partidarios de todas as religiões.

Conferencias

— O Espiritismo conta mais uma dedicada operaria. E' a srta. Dra. Orminda Bastos que se estreou na tribuna Espirita na «União Espirita Suburbana» nos começos deste mez.

A Dra. Orminda em magnifico exordio explicou porque tomou por thema «A Obrancia» ; disse no que consiste essa virtude e entrando em assumpto, empolgou o auditorio pela clareza e elevação com que desdobrou o thema sob o ponto de vista social, philosophico e religioso. Citou diversas parabolas do Evangelho confrontando com os seus assertos. O salão da «União» esteve repleto.

— Mais outra conferencia a Dra. Orminda effectuou no activo «Centro Fraternidade» de Marechal Hermes, sobre a «Caridade».

—Fizeram conferencias durante o mez, mais os seguintes oradores : Dr. Souza Ribeiro, Giaccomo De Bernardo, Dr. Sebastião Caramurú, Leopoldo Cirne, Ignacio Bittencourt, Dr. Romeu Camargo, Pedro Camargo.

⁂

Deixa de ser representante desta revista o sr. Dr. Yvon Costa, a quem agradecemos os trabalhos prestados.

Factos Espiritas

Todos os factos, cujas narrativas publicamos, são authenticados por pessôas fidedígnas e que nos merecem confiança :

NO MOMENTO DA MORTE

Escrevem-nos :

No lugar denominado «Portugal Pequeno», além da Villa Marechal Hermes, onde residimos. Havia ali um pobre moço, chamado Timotheo, tuberculoso, já nas ultimas. Não mais se alimentava nem havia mais esperança de salval-o. O doente, que era casado, um dia disse á esposa :

— «Hoje quero comer, e comer carne, porque é o ultimo dia que como». E começou a dizer que ia morrer. A pobre companheira, entristecendo-se, poz-se a chorar e acabou fazendo a vontade ao marido. Thimotheo comeu o que quiz. A' tarde, peorou muito. Via-se que ia morrer. E, de facto, dentro em pouco, estava agonisando. Não tardou que chegassem vizinhos, trazendo conforto á familia. Dentre elles, entrou uma senhora, acompanhada de uma criança. Não era espirita, disseram os seus conhecidos, nem frequentava sessões espiritas. Timotheo já ha muito havia perdido a fala, quando essa senhora cahiu, subitamente, por terra, tomada de uma crise nervosa.

Houve sobresalto na sala, mas, logo a senhora começou a falar, mediumnisada, dizendo : — «Timotheo ! Vamos embora ! Está na hora ! . . . Vens ou não vens ?»

Alguem ali reconheceu, naquella manifestação, o espirito da progenitora do moribundo, que era fallecida.

A dona da casa entrou a chorar, e a senhora em transe, repetia : — «Então ? Não vens, Timotheo ?» Nisto o moribundo reanimou-se e respondeu : «Vou». E expirou.

O facto é conhecido na localidade.

Apparição interessante

Deu-se, ha dias, em Nictheroy, um caso bastante interessante, embora frequente nos annaes do Espiritismo.

Humberto Vianna, moço empregado de uma papelaria da rua José Clemente, naquella cidade, estava, á tarde, á hora do crepusculo, sentado á porta da loja, lendo um livro.

Não havia movimento na rua nem freguezes na loja.

Subito, um velho approximou-se de Humberto. Era alto, barbas longas e todo de preto. Poz-lhe a mão sobre o hombro e disse-lhe : «Sou enviado». Dahi, começou a discorrer. rapidamente, numa linguagem muito suave, tratando Humberto de filho, dando-lhe bons conselhos e mostrando-se conhecedor de toda a sua vida.

Humberto, que pernoita sosinho na loja, como que ouviu o velho dizer-lhe ao ouvido : — «Vai buscar papel e lapis. Vou ditar-te uma prece para fazeres ao deitar e ao levantar.»

O rapaz, porém, estava debaixo de um estado de abstração tal, que não poude levantar-se assim como não conseguiu reter as bôas palavras e a prece que soaram a seus ouvidos. Depois, o velho tira do bolso um maço de notas e começa a menoscabar do dinheiro, dizendo : — Isto nada vale. Sê bom, sê cumpridor dos teus deveres e não faças caso disto.» E desappareceu.

— Este facto nos foi narrado pelo Sr. Americo Indio Brasil dos Santos, telegraphista do Telegrapho Nacional e ornamento de sua classe. Por isso, nenhuma duvida temos sobre a sua veracidade.

Esta Revista está exposta á venda nas seguintes casas : Rio de Janeiro, Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30. União Espirita Suburbana, Travessa Hermengarda, 13 - Meyer. — São Paulo, Luiz Cumino, Avenida Rangel Pestana, 402 A. — Minas, Monte Santo, Nestor Luz, Rua Cel. Fabiano. 35, — E. S. Paulo, Casa Branca, Livraria Mascaro.

Collecção desta Revista do anno passado, encadernada em meio couro — 40$000, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2515unse

NNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Junho de 1926 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGIC

SUMMARIO

A Revelação Espirita
Ouçamos os Mortos
A Immortalidade da Alma
Espiritismo e Materialismo
Aprender e Desaprender
Contribuição para o estudo das Materialisações
Espiritismo e Sciencia
Remontando as origens
O Milagre de S. Januario
Chronica Extrangeira
E'chos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Bibliographia

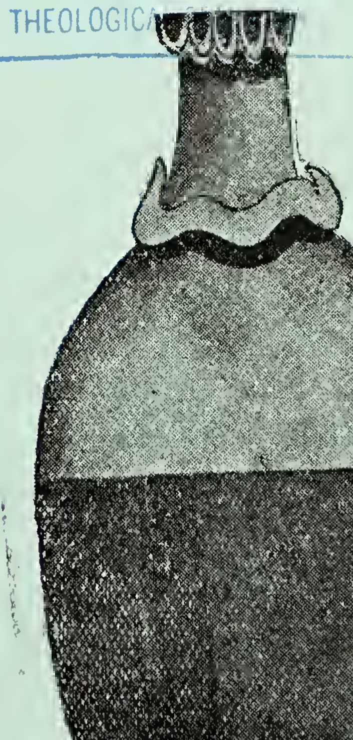

Ampoula com o sangue de S. Januario

ANNO 2 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Junho de 1926 - NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

A REVELAÇÃO ESPIRITA

A Revelação Espirita é o maior acontecimento, que a historia marcará com lettras, para o nosso mundo. De facto, ella é a Revelação das revelações : em sua pujante manifestação, explica, esclarece, annuncia de uma maneira intelligente e racional todas as revelações do futuro. Por isso, com justa razão, o grande philosopho brasileiro disse, que o Espiritismo abrange o cyclo das evoluções do Espirito, *ab initio ad eternum*, do inicio ao infinito.

O Espiritismo parece muito novo, porque a sua coodificação, admiravelmente concebida por Allan-Kardec, marca pouco mais de 70 annos, entretanto em sua essencia intima é tão velho como o mundo. Elle tem sido a alma de todas as crenças, o espirito de todas as religiões que têm embalado as gerações.

Desde tempos immemoriaes, desde epocas remotissimas da historia, a communicação com os Espiritos tem sido praticada por homens e mulheres, uma grande parte dos quaes faziam desse objecto a sua predilecta especialidade.

Todos os livros sagrados narram apparições, communicações, quer com Espiritos superiores, chamados *santos*, *anjos* ou *archanjos*, quer com peccadores que do outro lado do tumulo, atravez do mediumnismo, vinham se manifestar aos conhecidos, amigos e parentes que aqui ficaram.

O Védas, codigo religioso apparecido muito antes de Jesus Christo, affirma a existencia dos Espiritos dos antepassados que no estado visivel acompanhavam certos brahmanes, e accrescenta que os "anachoretas e cenobitas tinham a faculdade de conversar com os mortos". O povo da China, cuja chronologia monta a mais de 30.000 annos, nunca deixou de evocar os Espiritos. O missionario Huc faz referencias a um grande numero de experiencias que tinham por fim a communicação dos vivos com os mortos.

No Egypto os poderes sacerdotáes facultavam-lhes as relações com o Mundo Espiritual, embora, n'aquelle tempo, essas praticas tivessem caracteres mysteriosos e sobrenaturaes.

A crença nas evocações dos mortos ficou de tal ponto generalisada na Grecia que podia-se affirmar ser a crença de todo o povo. Todos os templos possuiam mulheres, a quem davam o nome de *pythonisas* (mediums), encarregadas dos "oraculos" e de fazerem apparecer Espiritos.

A celebridade do Templo de Delphos, onde os Espiritos, pelos labios das pythias, proclamavam o «Deus grego» illuminando os mysterios da Vida, as existencias passadas e futuras, as relações da alma com o corpo, são verdades que apparecem hoje deslumbrantes á luz do Espiritismo. D'ahi a inscripção que se lia no frontão desse templo : «*Conhece-te a ti mesmo*».

Em Roma, na Italia, como na Grecia, as *sybillas* evocavam os mortos e interrogavam, sem cessar os Espiritos e nenhuma empreza importante era decidida sem que se consultasse ás *sacerdotisas*. Os antigos mediums assim se chamavam : pythias, pythonisas, sybillas, sacerdotisas, e quasi todos appareciam ou se destacavam entre as mulheres. Viviam isolados nos templos, alguns bebiam agua da Fonte de Castalia, que diziam dar inspiração, ou mascavam folhas de louro, que «provocava a concentração».

Além do Santuario de Delphos, destacam-se o de Jupiter Ammon, na Lybia ; o de Marte, na Tracia ; o de Vulcano, em Heliopolis ; o de Esculapio, o de Isis, e muitos outros.

A Biblia salienta os poderes extraordinarios dos sacerdotes pharaonicos, e atravéz dessas paginas se desenrolam as scenas espantosas que occorreram por occasião da libertação dos Israelistas, cujos phenomenos catalogados pelo Espiritismo encontram a sua explicação racional.

Ainda no Velho Testamento, grande repositorio de documentos historicos, lemos a narração de phenomenos transcendentes, de previsões, sonhos, revelações, prophecias, apparições, communicações de Espiritos, tal como se reproduzem nos nossos dias.

Além da explosão do Synai, facto estupendo, que só póde ser resolvido pela "theoria espirita", além das manifestações que se verificam na vida de José, filho de Jacob, a quem os Espiritos se mostravam, photographando-se no "seu copo magico", todos os prophetas, maiores e menores, Samuel, Jeremias, Malachias, Job, Isaias, Ezechiel, Daniel, etc., etc., mantinham estreitas relações com Espiritos de varias categorias. Esdras sob o dictado de um Espirito reconstitue a Biblia que se havia perdido ; Samsão, poderoso medium de effeitos physicos, abala as columnas de um edificio onde se effectuava um festim e deita em terra os convivas entregues as mais detestaveis bacchanáes..

Era tão commum entre os Israelitas a communicação com os mortos, que até os Reis não levavam seus exercitos ao combate, sem consultarem primeiramente os *prophetas*. Achab, rei de Israel e Josaphat, rei da Judéa nenhuma decisão tomaram, durante o seu reinado sem a previa consulta aos Espiritos.

Saúl evoca Samuel antes de entrar em lucta com os philisteus, e como este não lhe respondesse, «nem por sonhos», nem por outra mediumnidade, vai ao Endor pedir á pythoniso a *manifestação* d'aquelle Espirito. Joël arrebatado pela visão da nova aurora que illuminaria á humanidade os seus destinos felizes proclama a diffusão do Espirito «sobre toda a carne, sem exceptuar filhos e filhas, mancebos e velhos, servos e servas».

No Novo Testamento as manifestações psychicas começam com o annuncio do nascimento de Jesus pelo apparecimento do anjo Gabriel e continuam successivamente desde o presepio de Belém até ás continuas apparições do Nazareno *post-mortem*. Em todas as paginas dos Evangelhos realçam os admiraveis phenomenos de curas, levitações, transportes, materialisações e desmaterialisações, apparições, que denotam muito bem o plano espirita traçado pelo Mestre durante a sua passagem pelo mundo. A transfiguração no Thabor com as apparições de Moysés e Elias é um facto bem digno de nota e de estudo. Os "Actos dos Apostolos" e Epistolas, são livros bem interessantes pelo grande numero de phenomenos psychicos que encerram.

Os grandes escriptores sagrados, em todas as suas obras relatam factos de natureza espirita, que vêm em apoio á theoria que propagamos. Santa Thereza, Santo Agostinho, Padre Bernardes, etc, etc, salientam factos tão dignos de attenção, pela insuspeição e seriedade de suas narrações, que seria estulticia negar só por não se poder comprehendel-os.

A missão do Espiritismo foi justamente reunir, enumerar, catalogar esses factos dispersos em todo o mundo como provas demonstrativas da Immortalidade. Ainda mais: reproduzindo sob suas leis, esses phenomenos e explicando-os de accordo com a razão dessas manifestações, o Espiritismo aponta-as como manifestação da vontade Divina, sob cujos unicos influxos o homem comprehenderá a sua situação na terra e o futuro que lhe está reservado.

A theoria espirita satisfaz racionalmente todas as exigencias da sciencia e da religião. A grande Revelação é a evolução logica da idéa monotheista proclamada no Synai como primeira etapa de um systema theogonico que se desdobrou atravéz do Christianismo e apparece integralisado no Espiritismo.

A religião como a sciencia não pode cristalisar principios: tanto uma como outra têm se desdobrado, evoluido sempre atravéz dos tempos. No plano physico, a materia radiante, o protilo de W. Crookes, o radium de Curie, a telegraphia de Branly e de Marconi lançaram novos fundamentos no campo da sciencia positiva.

O Espiritismo. hoje scientificamente demonstrado e systematisado, desvenda a historia do maravilhoso humano e faz reviver seu passado enraizado nas religiões iniciaticas cujos fundadores nos proporcionam o valor do seu testemunho para a constatação da verdade que proclamamos,

OUÇAMOS OS MORTOS

SI QUEREMOS, na verdade, conhecer o segredo dos nossos destinos; si queremos saber o que nos está reservado *lá em baixo* nessas bordas inexploradas onde temos tantas affeições; si queremos ser instruidos sobre as condições da existencia que ahi nos espera; si queremos saber o que somos, d'onde viemos e para onde vamos: ouçamos os desincarnados que nos falam, grupados em torno de nós; ouçamos seus conselhos e suas palavras de coragem; ouçamos aquelles que em tempos que se perdem com o correr dos seculos, nós conhecemos e amamos; ouçamos os que foram nossos amigos, nossos parentes, nossos irmãos; OUÇAMOS OS MORTOS!

Gabriel DELANNE

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: VII ::

Provas da Alma fornecidas pelo desdobramento provocado do duplo

As experiencias de Rochas, dos drs. Luys e Paul Joire, de Crooks, Durville, Akasakof e muitos outros nos vêm provar que o corpo do homem que sobrevive á morte com a sua consciencia, sensibilidade, vontade, sentimentos, pensamentos, enfim com todas as suas faculdades, pode, debaixo de certas condições, quando ainda no corpo, exteriorisar-se momentaneamente, arrastando comsigo todas as suas faculdades, tomando nesta exteriorisação uma base physica a ponto de se tornar perceptivel a alguns dos nossos sentidos, á machina photographica e a outros apparelhos physicos mui sensiveis, factos estes que constituem *provas evidentes da immortalidade da alma.*

Os nossos sentidos não são propriedade do corpo, dos orgãos deste, como facilmente apprehendemos do estudo sincero e consciencioso dos milhares de factos que se nos apresentam naturalmente, ou provocados como os resultantes das experiencias de Rochas. Os nossos orgãos: olhos, ouvidos, etc, apenas são instrumentos do espirito.

Sendo elles destruidos, o espirito não pode mais se manifestar por seu intermedio, mas não perde as suas faculdades. E' como a luz da corrente electrica: destruida a lampada ou o fio, não fica destruida a electricidade mas apenas impedida a sua manifestação.

E tanto assim é verdade que o somnambulo, que se acha em melhores condições de vibração, que tem percepções e sentidos que não temos em estado normal, vê á distancia de leguas. atravéz de paredes, de corpos opacos. Vamos apresentar aqui um facto que é uma verdadeira maravilha, que confunde a sciencia official e que ella é incapaz de explicar com o seu negativismo. Elle vem comprovar as experiencias de Rochas, affirmando que é uma verdade a exteriorisação da sensibilidade e que os sentidos todos são da alma e não do corpo. E' elle uma prova da existencia da alma no corpo. Vejamos da reproducção que se segue:

«Helena Keller, dotada de um corpo onde abundam imperfeições physicas: é surda, muda e cega.

Não podendo, pois, por estas imperfeições dos seus orgãos vibrar por elles a sua alma, irradiam-se, transbordam-se por elle todo as suas faculdades, de forma que o que os outros percebem pelo ver ou pelo ouvir, ella percebe sem usar dos respectivos apparelhos (por não tel-os), mas percebe em potencia duplicada, com a sua sensibilidade nervosa, visão e audição exteriorisadas pelo corpo todo, o que nós absolutamente não percebemos. E' assim que ella sabe a fundo as mathematicas, a astronomia, o latim, o grego, o inglez, o allemão e o francez. E' escriptora, é poetisa, é diplomada. Vae a toda parte sosinha; atravessa ruas movimentadas; vae ás diversões, passeios publicos, museus, etc.»

A sua personalidade está descripta no livro do snr. general Harry — «Os seres miraculosos».

«Helena tem conhecimentos de cousas que muitos sabios não lhe podem comparar; tem sentidos de percepção que nos fazem invejar. E' assim que ella mesma, em artigos seus, diz-nos: «Cada atomo do meu corpo é um vibroscopio. Parece-me que todos elles são outros tantos olhos. Percebo vibrações innumeras. Pelo simples passo de uma pessôa, sinto-lhe o caracter, o modo de ser, a idade e o sexo. Sei quando se levanta, senta ou ajoelha: Ha vibrações que me vão até aos ossos. O ruido de um tambor me rerepercute no peito e nas espaduas. Ouço o ronco do trovão e o bramido do mar, em vibrações. Os sons de um orgão me penetram e me fazem cahir em extase. Faço idéa de todos os trabalhos humanos pelas vibrações que recebo, O miar do gato e o latido do cão ouço na palma da minha mão. Sinto o relincho do cavallo, os gritos do perú e sei quando são de alegria ou de dôr. As ondulações do calor e do som produzem em meu rosto combinações innumeras de sensações.»

«Ella, pelo que lhe dizemos e pelo

que percebe e não percebemos, considera-nos, com todos os nossos orgãos, n'uma inferioridade pasmosa e assim diz :

«Passeei em companhia de pessoas que têm olhos bem abertos para a luz e que nada vêem do que se passa nos bosques, no mar, no céu e nos livros. Mais vale estar nas trevas, como dizem que eu estou, com o poder de sensações que tenho, do que ter orgãos que nada percebem.»

«E acrescenta, transbordante de felicidade» :

«Só existe uma noite escura — a da ignorancia.»

«Sente-se banhada por uma luz radiante, tendo a percepção das côres que conhecemos, e de outras, e diz sonhar com maravilhas indescriptiveis.»

Diz ainda Harry :

«Helena vive uma vida espiritual elevada, muito acima das miserias deste mundo, penetrando em regiões mais ethereas, onde o pensamento é puro e feliz. Vive uma vida tão cheia de sensações tão felizes, sensações produzidas por outros seres infinitamente mais perfeitos do que nós, que, com ellas, no corpo de tamanhas imperfeições, bem claramente nos demonstra a superioridade da alma sobre o corpo.»

Mme. Maeterlink que, em viagem aos Est. Unidos viu Helena, assim se exprime, no prefacio que escreveu para a obra de Harry — «Os seres miraculosos» :

«Saudei, em Wrentham, a magestade da melhor, da maior, da mais esplendida das rainhas. Ante a claridade d'aquellas trevas, minha razão se sentia eclypsada. Sob a agilidade dos seus dedos que recolhiam as minhas palavras, meu espirito maravilhado como que desvairava, tendo, diante d'aquella noite do tumulo, a visão de uma vida luminosa, intensa e mais bella do que a maior parte das que nos cercam. Ella é a revelação de alguma cousa elevada, uma licção para todos os que podem entrever, por traz dos mysterios que nos cercam, as realidades divinas.»

A sciencia official emmudece diante de factos como estes ; não encontra solução nenhuma a dar, com as suas idèas materialistas. Somente o Espiritismo resolve estes problemas.

— Louret conta que um homem, em convalescença, julgava-se formado de dois individuos, sendo que um estava deitado na cama emquanto que o outro passeava.

—Pariset, que era psychologo, quando uma vez adoeceu, sentiu-se possuido de dois corpos, deitados em camas differentes. Quando a sua alma estava em um delles, sentia-se bem, em um estado delicioso, sentindo-se porém mal quando tinha a consciencia no outro corpo, que era o enfermo. (Narrações de G. Delanne — A Alma é immortal.) Muitas outras experiencias foram feitas por Rochas que não podem figurar aqui, por serem de longas narrações e que nos vêm, como estes factos citados, provar que a morte do corpo não é a morte do ser. E poderemos dizer aqui, dos factos que narramos, como disse o illustre Dr. Alberto Seabra :

«Quem duvidar, prestará serviços a sciencia se puder refutar experiencias que a tantos homens eminentes se afiguraram categoricamente comprovadas.»

As experiencias de Rochas têm o poder de fazer com que emmudeçam, como uma rocha, os homens materialistas que se dizem *espiritos fortes.*

O materialismo está morto ; deu o berro final, cujo écho já lá se vae apagando nos longinquos horizontes de uma epocha historica que muito mal produziu e que graças á Providencia não voltará nunca mais. Estamos em um novo periodo do evoluir da humanidade. Novos horizontes se alargam aos nossos olhos. O homem é convidado, pelas condições novas da éra, ao estudo do seu *eu* e do porque do seu viver. Elle *tem que procurar saber de onde vem, o que é e para onde vae.* E no estudo destas questões, novas e importantes reformas se impõe. Assim, só no tocante á Medicina, golpes profundos, para o bem geral da humanidade, ella terá que soffrer, porque a alma irá tomar parte importante em todas as suas questões.

E assim, será uma *nova Physiologia* que se imporá e será uma *nova* Psychiatria que terá de se erguer, porque as existentes são sem almas. E' tambem uma *nova Pathologia* que será levantada, e ainda uma *nova Therapeutica* que deverá ser criada.

Dar-se-á uma reforma geral, completa e profunda no velho templo de Hippocrates . . .

SOUZA RIBEIRO

ESPIRITISMO E MATERIALISMO

Não ha razões theoricas que o materialismo possa invocar para negar a alma espiritica.

A ALMA EXISTE ? Eis uma pergunta que tem em todos os tempos martellado senão na cabeça da gente simples, pelo menos na cabeça de gente que reflecte antes de affirmar o que quer que seja. Outra pergunta que tem, como a precedente, torturado o cerebro humano, (sempre o cerebro dos que reflectem, está entendido) é esta : Existe Deus ? A' primeira como a segunda pergunta as repostas tem sido sempre tres : Primeira : Sim ; segunda ; Não ; terceira : *Não se sabe e jámais o saberemos.* Aos que respondem *sim* tem-se chamado espiritualístas e theistas. Aos que respondem *não*, materialistas e atheus. Aos que confessam ignorancia do que se pergunta, *agnosticos*. Temos ahi tres *escolas* de philosophia, portanto, bem caracterisadas. Combinadas duas d'estas escolas teriamos uma outra : o *sadduceismo*, isto é a crença em Deus mas não na alma, derivada de materialismo e theismo. Este materialismo dos sadduceus differe, comtudo, do materialismo ordinario não sómente pela affirmação de Deus, mas ainda porque, embora não admitta a alma, crê que o Universo, (mineraes, vegetaes e animaes, a intelligencia etc.) não são obras do accaso e sim de Deus e, consequentemente, diverge em principio do materialismo scientifico-philosophico conhecido. Combinando outras duas escolas entre si — a espiritualista com a atheista — obtemos uma outra variedade — o *animismo atheu* isto é : a crença em que existe uma alma nos seres vivos (animaes e homem, pelo menos) ; mas, como o corpo, essa alma seria producto de forças da natureza. Esta escola que nunca existiu mas que poderia existir com direito egual ao materialismo, poderia dividir-se em duas sub-escolas, a saber : 1.º A alma (sem Deus) é um principio material ou dynamico (força ou materia) ; 2.º a alma é um principio differente da materia e da força (energia dos thermodynamistas, em suas multiplas formas). Além d'estas quatro escolas philosophicas, obteriamos outras pela combinação com o materialismo e o espiritualismo e com o theismo e o atheismo, da escola agnostica, isto é, obteriamos *agnosticismos parciaes*. Esses agnosticos parciaes poderiam ser agnosticos com relação á alma e affirmarem ou negarem Deus ; ou agnosticos com relação a Deus e affirmarem ou negarem a alma : mais quatro combinações, portanto. Teriamos, ao todo oito escolas differentes. E como, quer com relação a alma, quer em relação a Deus, o gnoticismo parcial dos agnosticos poderia subdividir-se, (a alma é força ou materia, a alma é um principio differente ; Deus é distincto do mundo, Deus e o mundo se confundem — pantheismo —) então teriamos outras combinações ainda. Mas esse numero de escolas não pára ahi ; ha mais o pantheismo que é theismo e atheismo a um tempo (Schopenhauer chamou-lhe atheismo disfarçado) e este pantheismo reveste diversas fórmas e pode combinar-se com as escolas já enumeradas e assim quasi *ad infinitum*. Uma classificação das escolas philosophicas realizada só sob esse ponto de vista (o da existencia ou não existencia da alma e de Deus — e ha outros pontos de vista) nos leva já muito longe. E' um erro, portanto, considerar que só ha duas escolas (sob tal ponto de vista) : materialismo-atheu e espiritualismo theista, embora para toda gente pareça logico que o materialista deva ser atheu e o espiritualista theista. Não. Não ha nenhuma incoherencia, nenhum absurdo logico em ser espiritualista e atheu a um tempo. Já que o materialista atheu acredita possivel todas as maravilhas da natureza sem um Creador, porque não pode crêr que a propria alma distincta do corpo tambem possa existir sem Creador ? Os materialistas se revelam pessimos e illogicos pensadores quando se negam admittir a alma *porque então, pensam, seriam for-*

çados a admittirem Deus ; não, de modo algum. O homem concebido á moda materialista *não è menos maravilhoso* do que o crê o espiritualista ; e mórmente quando se lhe descobrem faculdades extraordinarias como a telepathia, o magnetismo, a suggestibilidade hypnotica, a clarividencia, a cryptesthesia, etc. phenomenos que a sciencia materialista chama de *metapsychicos* e os espiritualistas de um nova religião, de *espiritas*.

Mas deixemos estas novas maravilhas de que se descobriu ser o homem séde, fazendo de conta, por um momento, que estamos ainda numa epoca em que a metapsychica ainda não appareceu. Ahi temos o homem tal como a experiencia nol-o apresenta. «E' só materia e energia» diz o materialista. Vá lá, convenhamos. O que é certo é que nós encontramos no homem um grande numero de não menores milagres : uma cellula que encerra metade (metade !) de um novo e futuro homem, uma *vida* que tem milhões talvez de vezes mais sciencia que todos os sabios reunidos, uma vida que sabe o que faz, que providencia, corrige, desvia obstaculos, concerta, repara, prevê, suppre um orgão estragado por outro que faz o mais que pode para substituil-o ; um phenomeno como a hereditariedade pelo qual uma fórma de nariz, um defeito accidental viaja, não se sabe (nem se concebe) como, de pae a filho, outras vezes com um salto, ou antes, com um mergulho, de avô a neto ; uma faculdade de sensação incomprehensivel, outra de memoria tambem incomprehensivel . . . e finalmente uma intelligencia, um Eu que é muito mais miraculoso como producto do não-eu (materia, força) do que como essencia primitiva e *sui generis*.

Compare-se o que isto tem de portentoso com esta hypothese : Ha um principio distincto do corpo physico que cae sob os sentidos ; é talvez materia subtilissima que não obstante fórma um todo que indecomponivel ; se materia, em um estado tão differente do que conhecemos (aliás mal) que não está sujeita ás mesmas leis chimicas, pois que não se analysa (isto é, não se desagrega). Se essa materia é séde de vida, não o é, entretanto, da vida como a conhecemos no nosso organismo, mas uma vida independente, isto é, não dependendo da lei de assimilação e desassimilação, de metabolismo ; ou, se esse metabolismo se tornasse necessario para existir compensação da despeza de energia, não é difficil conceber um metabolismo se estabelecendo com o meio cosmico, energia captada directamente no reservatorio ethereo ou astral do Universo. O que é que viaja numa particula alimenticia ? Energia solar. Ora pois, essa energia solar seria assimilada directamente do espaço.

A materia e a força têm constituido um assumpto de discussão physico-philosophica dos mais interessantes. Os systemas theistas consideram a materia como creação *ex-nihilo*, de Deus, e a força seria um impulso inicial que esse mesmo Deus lhe imprimiu. Para os systhemas deistas ou pantheistas não teria havido creação *ex-nihilo* e sim *emanação*, isto é, a materia e a força seriam parte de Deus, salvo variantes d'essa escola. Para os materialistas gregos Epicuro, Democrito, Lencippo, a materia seria um agglomerado de particulas indivisiveis, como bem o mostra o nome grego de *atomo* (indivisivel).

E' esse o conceito que se fez, até hoje, da materia, salvo algumas opiniões divergentes, como, por exemplo, a de Descartes, para quem a essencia da materia consistia na *extensão*, e para Leibnitz, autor dos famosos *pontos metapsychicos*, inextensos, pontos de energia, para Spencer, que tambem colloca o conceito de *resistencia*, e, portanto, de força, antes do de materia, etc. A theoria atomica constituiu, como é sabido, a theoria basica da Chimica moderna. Ella se tornou, porém, insufficiente para explicar muitos phenomenos, que não se explicam nem mesmo pela theoria stereochimica.

Depois, com a descoberta de um novo estado da materia, o estado radiante (v. Crookes, G. Le Bon o sr. e a sra. Curie, Poincaré, Einstein, e outros) o atomo primitivo se fracciona em novos elementos ao que parece electricos e o atomo (deixando de ser) se reduz a um nucleo positivo central e a cargas negativas (electrones) a gyrarem em torno d'esse nucleo com espantosa velocidade, uma especie de systema planetario em miniatura.

Ora, se o atomo se reduz a electricidade torna-se impossivel conceber o que seja a materia, pois que a electricidade, ella propria só pode ser concebida como qualquer cousa que occupa logar no espaço, que não seja puro espaço, que tenha, portanto, além da extensão, a *massa*, a *dureza*, a *impenetrabilidade*. E' com razão que Lord Kelvin declara : «Quando eu consegui construir para um phenomeno um modelo mecanico, eu comprehendo; quando não o consegui, não comprehendo.» Por isso repellia elle a theoria electro magnetica da luz como explicação, pois, com effeito, explicar a luz pela electricidade quando a electricidade tambem não está explicada é explicar *obscurum per obscurius*. O nosso espirito não concebe nada inextenso e muito menos algo que não tenha uma massa. Bergson procura, após Kant, dar uma explicação d'isso nas «Données immédiates de la Conscience», *passim*. Isto nos conduz a um tremendo bloco de questões philosophicas connexas sobre as propriedades primarias e segundas da materia, sobre o valor dos sentidos e da legitimidade dos seus dados, da autoridade e fidelidade da razão, da imaginação, da concepção, da logica, do systema de Kant ou do de Descartes e Leucippo, do nativismo, do dogmatismo, do relativismo, do agnosticismo e vêm Spencer e Locke empiristas e evolucionistas . . . e uma serie immensa de questões e problemas connexos que ainda não tiveram solução.

O que é certo é que a analyse da materia fal-a «diluir-se em fumo algebrico» como muito bem ponderou o general Bergson.

Como quer que seja, um corollario se deprehende do resultado das ultimas investigações sobre a constituição da materia: é a sua unidade. Não estou bem certa de si essa conclusão foi arrancada pelos physicos, chimicos e philosophos, mas na minha opinião essa conclusão é legitima. Com effeito se a materia se reduz a electricidade, os corpos simples da chimica não passam de fórmas diversas sob que essa electricidade se apresenta; em que differirá o oxygenio do hydrogenio e do ouro? Questão de differença talvez do numero de electrones, da sua rapidez de movimento, do seu sentido, da relação dos electrones de um atomo com os de outro que faz parte do mesmo corpo simples . . .

Outro facto que concorre para darnos a certeza da unidade da materia é o phenomeno metapsychico da *ectoplasmia*, chamado pelos espiritas *materialização*. Neste phenomeno, como bem observou o muito illustre sabio Dr. Gustavo Geley e como já está scientificamente constatado por innumeros sabios materialistas, neste phenomeno, dizia, com a materia fluidica que emana do corpo do médium forma-se um phantasma em tudo, absolutamente em tudo, identico a uma pessoa viva: anda, falla, responde intelligentemente (portanto pensa) respira e emitte (como o constatou o Dr. Charles Richet em Villa Carmen, na Argelia) gaz carbonico como nós, tem uma circulação, coração, etc., etc., Ora, um exame da materia que constitue os nossos tecidos accusa differenças de composição chimica, segundo o tecido de que se trate: ossos, sangue, tecido nervoso, etc. Mas no phenomeno acima citado o fluido que emana do médium é homogeneo, isto é identico em todas as suas partes chimicamente. Como é que de um fluido homogeneo vão sahir tecidos cuja estructura exige differenças de constituição chimica?

Por outro lado a Thermodynamica nos mostra que as forças se transformam uma nas outras e o que as faz parecer differentes é apenas a sua modalidade: luz, calor, electricidade, energia chimica (a energia vital, tem-se acrescentado) tudo isso é no fundo a mesma cousa a energia, *tout court*. E assim após a unidade da materia somos conduzidos á unidade da energia. Mas se como se tem pretendido demonstrar a materia se reduz a energia chegamos á conclusão que o que ha não é oxygenio, hydrogenio, etc., etc. e electricidade, calor, energia chimica, energia physiologica mas simplesmente um *quid* universal que constitue o *substratum* de todos os corpos simples, de todas as fórmas de força dos organismos em geral. E quer esse quid seja algo que circula no ether, quer sejam correntes vibratorias do proprio ether, quer seja o ether em variadissimos estados, o que é certo é que é esse *quid* que nos vem do Sol e que do estado potencial em que se accumulou nos alimentos, no ar, na agua, etc. que é assimilado na digestão, na respiração, etc.

E' facil pois conceber que esse *quid* possa ser retirado pelo organismo astral, pelo perispirito, pelo nosso duplo do reservatorio de energia universal para compensar a despesa do trabalho realizado pelo perispirito ou pelo espirito.

A prevenção materialista contra os phenomenos que provam a sobrevivencia da alma não tem, pois, nenhum fundamento e os seus argumentos «a priori» não valem nada.

Os materialistas podem ainda responder que os phenomenos não explicados mas constatados até ha pouco tempo eram *normaes* e os phenomenos metapsychicos ou espiritas são anormaes. Outro erro, pois esses phenomenos são tão normaes como os outros e tiveram logar em todos os tempos é, apenas mais rara a sua constatação.

Quanto a dizer-se que elles se subtrahem ás leis conhecidas, primeiro isso poderia bem acontecer sem que constituisse motivo para repellir os phenomenos e a sua consequencia (a sobrevivencia) pois nem todas as leis do universo conhece ainda o homem ; e, segundo porque não está provado que os phenomenos metapsychicos ou espiritas desobedeçam ás leis conhecidas.

Os materialistas não têm theoricamente uma razão séria para negarem a sobrevivencia da alma. Ora, praticamente os phenomenos *provam* a sobrevivencia, logo . . . a alma existe e continua a existir após a morte. E o problema que continúa de pé é o da existencia de Deus.

Os espiritualistas deduzem-no não sò da sobrevivencia da alma como da finalidade universal, da intelligencia patenteada pela orientação e constituição das cousas, por razões de justiça e moral, etc. Mas o materialista, que por uma questão de methodo, só confia nos factos e não em argumentos, porque os argumentos são sempre passiveis de erro dada a limitação do entendimento humano pode ainda, se quizer manter suas duvidas (não tem direito de negar), com relação a Deus. O que não pode mais é negar *factos*, porque então só merece o nome de ignorante, de doido, de illogico ou de hypocrita. *Ignorante* se desconhece os phenomenos espiritas ; *doido* se após conhecel-os os nega ; *illogico* se não os negando embora, não deduz d'elles a sobrevivencia ; e *hypocrita*, falso se, já convencido da sobrevivencia, a nega.

A. CONTE.

APRENDER E DESAPRENDER

E' naturalmente irritante para os philosophos verem os seus systemas derribados, tanto mais quando a construcção desses systemas levou gerações consecutivas. Além disso, não é só o aprender ideias novas, tem-se — e isso é mais irritante ainda — de *desaprender* as velhas. Tem sido sempre assim. Talvez o primeiro exemplo tenha sido o apparente movimento do sol ao redor da terra. Para essa crença os nossos antepassados tinham a evidencia dos sentidos. Após longa lucta, a astronomia provou que essa *evidencia* era uma illusão dos sentidos. Quer isso dizer que em addição a uma aprendizagem, uma cousa teve de ser *desaprendida*. Agora, quando o cerebro morre, a intelligencia tambem morre — parece bastante claro — tão claro como o movimento do sol em torno da terra.

Desta vez é á sciencia psychica que cumpre luctar na mesma batalha que a astronomia arrostou outr'ora. Não admira que a opposição seja tão desesperada. Uma cousa nova a aprender, uma velha a desaprender !

Agora a lucta não é contra homens communs, é contra sabios e scientistas. Não querem demolir as velhas barricadas ; mas é facto que si não lançarem a tempo mãos á obra, esta lhes será feita pelo avanço geral da intelligencia.

(*Ligth, 20—Março 923*)

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

VI

(Continuação)

O segundo episodio não é menos interessante. Elle faz parte d'uma sessão que se realisou poucos dias depois da precedente (26 de dezembro).

D'esta vez tambem a fiscalisação foi confiada a Mme. Ramorino e M. Vassallo, com a differença de que M. Vassallo ficava á esquerda e Mme. Ramorino á direita do medium ; successivamente ao lado de M. Vassallo ficavam o doutor Venzano e o engenheiro Ramorino e á direita de Mme. Ramorino ficava um outro professor e M. Erba.

O facto produziu-se quando a sessão já durava ha certo tempo.

Eis aqui o relato textual d'essa sessão :

«Num dado momento (estava-se em completa obscuridade) M. Vassallo diz que uma mão, que tinha apparencia de pertencer a uma pessoa nova, lhe toca na face direita acariciando-o. Tendo perguntado se essa mão era do seu Naldinho, a mesa respondeu affirmativamente.

Então exprime o desejo de que Naldinho procure n'elle um objecto de que em vida gostava muito. Em seguida sente que da gravata lhe tiram um alfinete, dado pela artista Ernesta Novelli, pertencente a seu filho, e que n'esta noite tinha collocado na gravata, já com a intenção de que o alfinete fosse tirado pela entidade que se manifestava.

M. Vassallo agradece e insiste pedindo uma prova ainda superior de identidade.

Então, sente immediatamente que duas mãos o tomam por debaixo dos braços, o erguem obrigando-o a levantar-se, e o impellem cerca de dois passos para o lado de fóra e para traz de sua propria cadeira, isto é, a uma distancia de mais d'um metro do medium.

Em taes condições M. Vassallo, para não abandonar a mão do doutor Venzano, de modo que Eusapia, continuando na sua immobilidade, vem a encontrar-se sob a observação vigilante d'uma triplice fiscalisação.

M. Vassalo sente então um corpo humano, de estatura quasi igual á sua, vir apoiar-se sobre o seu hombro esquerdo, e que um rosto, que no seu entender, tem os caracteres do seu fallecido Naldinho, lhe fica durante algum tempo encostado á cara.

Em seguida recebe numerosos beijos, cujo ruido todos os assistentes percebem, e durante este tempo notam-se tambem phrases interrompidas, pronunciadas por uma voz aphona, que responde ás perguntas reiteradas de M. Vassallo.

O doutor Venzano, levantando-se sem abandonar a fiscalisação, avança na direcção donde partem aquellas vozes, e consegue comprehender muitas palavras pronunciadas em dialecto genovez, entre as quaes ouve estas : *caro papá*.

O dialogo entre M. Vassallo e a entidade dura algum tempo, até ao momento em que, depois do som d'um beijo, o doutor Venzano consegue ouvir esta phrase inteira : *Questo é per la mamma*. (Este é para mamã).

Quasi logo a forma materialisada se dissipa e por meio da typtologia é pedido que se faça luz. Desde que uma lampada electrica branca se illumina, vê-se avançar para M. Vassallo, que se acha de pé, uma fórma humana envolvida na cortina do gabinete, a qual o abraça emquanto que uma mão, tambem coberta pela cortina, toma a mão de M. Vassallo e a retem durante algum tempo.

O medium continúa immovel, sentado na sua cadeira, tendo as mãos presas pelas dos seus fiscaes . . . »

⁂

Nos episodios citados estão reunidos, como se vê, os principaes modos de manifestação das fórmas materialisadas.

Temos com effeito successivamente manifestações tangiveis, visiveis e acusticas. Algumas d'ellas exteriorisaram-se em plena luz, e outras em completa obscuridade, ou pelo menos, a uma luz excessivamente fraca.

As que se reproduziram em plena luz são indiscutiveis ; quanto ás outras, é bom submettel-as a um cuidadoso exame critico, com o fim de confirmar a sua realidade.

Uma das objecções que os contraditores poderiam pôr sobre o tapete, é a das possiveis hallucinações sensoriaes. Mas a hypothese hallucinatoria, se attentamente considerarmos o phenomeno, não resiste aos effeitos de uma critica sã.

Eu achava-me na plenitude de minhas faculdades psychicas e livre, como habitualmente, de toda a idéa preconcebida, quando minha attenção foi chamada para essa massa vaporosa, que, condensando-se, tomava pouco a pouco os caracteres d'uma cabeça humana.

Apesar disto, esperava prudentemente antes de exprimîr minhas impressões, e só foi quando eu, já perfeitamente convencido. as ia expôr, que fui prevenido pelas affirmações simultaneas de M. Erba, d'um professor presente e depois pela de M. Vassallo.

De mais, a fórma de figura humana, que se revelava sobre o fundo obscuro do logar, apparecia aos assistentes em condições de perspectiva diversas, segundo as posições que elles occupavam.

Para M. Erba e outro professor, situados ao lado de Mme. Ramorino, e portanto tambem ao lado da apparição, esta apresentava-se de perfil; para M. Vassallo e para mim, que estavamos em frente, pelo contrario apresentava-se de face.

Que se não tratava d'uma hallucinação, é tambem confirmado pela uniformidade com que todos reconheceram a similhança entre a figura apparecida e os desenhos traçados por M. Vassallo e Venzano, assim como com o retrato possuido por M. Vassallo e que nós não conheciamos.

Todos estes factos são provas irrefuctaveis da veracidade do phenomeno visivel, verificado.

Considerações analogas podem fazer-se quanto á realidade das manifestações auditivas, que acompanharam o segundo episodio. Não sómente ellas foram confirmadas por todos os assistentes, como eu mesmo, approximando-me de M. Vassallo que communicava com a fórma materialisada, pude apanhar muitas palavras e uma phrase inteira pronunciada em dialecto genovez.

Ora, taes palavras não podiam vir do medium (admittindo mesmo a hypothese d'um caso de ventriloquia), primeiramente em vista da direcção donde essas palavras procediam, e em segundo logar, por que eu, que consegui ouvir distinctamente pronunciar mesmo uma phrase inteira, e mais que todos, M. Vassallo, que manteve um dialogo longo e animado, reconhecemos que na linguagem aphona falada pela entidade, não havia vestigios do accento caracteristico que sempre se nota nos napolitanos, emquanto que, pelo contrario se reconhecia d'uma maneira manifesta o accento typico dos genovezes.

Agora que a sinceridade do caso exposto está assegurada formalmente, em todas as suas partes, vamos vêr que deducções d'elle podemos derivar.

* * *

Vimos já, que a entidade manifestada revelou circumstancias ignoradas de todos os assistentes, excepto de M. Vassallo ; quero falar do phenomeno do retrato que trazia na carteira, do alfinete que intencionalmente n'essa noite tinha posto na gravata, e da communicação typtologica do nome «Romano».

Ora, a revelação medianimica d'estas circumstancias, exclusivamente conhecidas de M, Vassallo, a não querermos admittir uma apparição real do fallecido, deveria implicar necessariamente uma transmissão de pensamento, e prestar-se-ia, limitando-nos ás idéas do bio-dynamismo, a uma dupla supposição :

Ou a vontade de M. Vassallo, intensamente reforçada pela esperança de tornar a vêr seu filho, teria sido percebida pela sub-consciencia do medium (em estado de profunda hypnose) de modo a provocar n'elle uma exteriorisação de energias capazes de realisar os phenomenos obtidos, ou então as faculdades particulares do proprio sub-consciente teriam penetrado directamente no conteúdo ideativo de M. Vassallo, traduzindo-o em acção.

Mas se agora nos detivermos attentamente sobre o modo de desenvolvimento da manifestação obtida, vemos que, se a vontade de M. Vassallo pôde cooperar na sua realisação, não é licito todavia dizer que ahi não interviesse outra vontade, cuja origem poderiamos achar quer no medium, quer fóra d'elle.

Com effeito, a existencia d'uma vontade autonoma, independente da de M. Vassallo, apparece desde logo, pelo conteúdo da mensagem typtologica.

Não ha duvida de que M. Vassallo, ao interrogar a entidade, estava emocionado pelo desejo de obter o nome de seu filho ; mas como elle logo declara, não esperava em resposta o nome de «Romano», isto é, aquelle que entre os nomes de seu filho, não era familiar a seus intimos e que até era ignorado pela maior parte d'elles.

Isto nos mostra já, que uma vontade extranha, autonoma, interveio a seu turno durante a producção do phenomeno, escolhendo o nome menos conhecido do fallecido Naldinho, independentemente da influencia volitiva de M. Vassallo.

Mas em favor da autonomia em questão militam considerações d'um bem maior peso.

Se nos reportarmos ás fórmas materialisadas que se manifestaram nos episodios referidos, vemos que ellas não sahem do circulo dos phenomenos desejados por M. Vassallo. Todavia reconhece-se n'ellas uma intelligencia directriz que não póde ser a de M. Vassallo.

Os pedidos repetidos, por typtologia, ora de luz, ora de obscuridade ou penumbra, demonstram a intervenção d'uma vontade autonoma, cuja origem os partidarios da hypothese bio-dynamica acima fallada quereriam achar na sub-consciencia, que deveria ser o centro da actividade psycho-physica do medium.

Esta actividade manifestar-se-ia pelo conjuncto de effeitos extraordinarios em que abunda a casuistica medianimica, e seria dotada de faculdades creadoras que lhe permittissem reproduzir perfeitamente o phenomeno da organisação viva.

E de facto, no nosso caso, não só teriamos a reproducção do pensamento, mas tambem a reproducção material do objecto do proprio pensamento, com todos os caracteres da personalidade humana, de identidade physionomica, de correspondencia effectiva !

Não é fóra de proposito notar que uma tal interpretação psycho-dynamica não é menos extraordinaria do que a hypothese transcendente.

Uma outra circumstancia digna de reparo, no caso actual, consiste no facto de eu ter podido seguir com extrema attenção e a maior serenidade d'espirito o desenvolvimento e plenitude da materialisação. A passagem da massa, por assim dizer fluidica, ao estado de condensação, até tomar a consistencia d'uma cabeça humana, dotada com todas as propriedades d'uma cabeça de pessoa viva, fez-se n'um tempo bastante breve, e egualmente a fórma se dissolveu com muita rapidez.

De mais, esta maneira de proceder não diverge do que tem referido outros observadores ; bastará apenas, omittindo numerosos casos de investigação menos absoluta, recordar o facto classico de Katie King, descripto por William Crookes.

Dr. José VENZANO

(Continúa)

O ESPIRITISMO E A SCIENCIA

O Espiritismo e a sciencia completam-se reciprocamente ; a sciencia sem o Espiritismo, acha-se na impossibilidade de explicar certos phenomenos só pelas leis da materia, e o Espiritismo sem a sciencia, ficaria sem apoio nem exame. O estudo das leis da materia devia preceder o da espiritualidade, porque é a materia que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas scientificas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

Allan KARDEC

NOTA : No nosso primeiro artigo pag. 133, 4.a linha, onde se lê : marcará com lettras ; leia-se marcará com lettras de ouro.

REMONTANDO AS ORIGENS

Os Precursores do Espiritismo

NÃO temos necessidade de lembrar aqui que as manifestações supranormaes sob todas as formas se realisaram em todas as épocas e entre todos os povos. Não será demais accrescentar que se tem produzido com ellas o mesmo que constantemente acontece para todas as outras manifestações, mais ou menos occultas da natureza, que só chegaram a se impôr definitivamente á attenção dos povos e dos eruditos e, por consequencia a se transformarem em um novo ramo do saber humano, quando os tempos foram chegados a acolhel-as. E a este respeito se deve assignalar uma circumstancia interessante : é que logo que o momento é chegado em que deve apparecer uma nova ordem de manifestações, estas desprendem, muitas vezes o seu vôo, em seguida a incidentes mais ou menos insignificantes ou banaes que teriam passado desapercebidos em certos momentos e, que, por isso mesmo, não podem fazer prever a grande importancia com que as manifestações de que se trata são destinadas a illustrar a historia do progresso humano.

No que se diz respeito aos phenomenos mediumnicos, vemos no seculo que precedeu o apparecimento do «Espiritismo», assistir-se a realisação de grandes manifestações desta natureza, que não puderam, entretanto, sacudir definitivamente a indifferença dos povos. E' o que se pode dizer das visões de Emmanuel Swedenborg e as diversas experiencias supranormaes obtidas por Yung Stilling, Lavater, Escheumayer, Zschkke, Eckartshausen, Schumann, Werner, Gassner, Oberlin ; as famosas experiencias do Dr. Justinus Kerner com a «vidente de Prèvorst» (um caso de primeira ordem e que reune quasi toda a phenomenologia mediumnica) ; os phenomenos tão importantes que se realisaram expontaneamente em 1838 e 1848 em varias communidades de Quakers, as experiencias authenticamente espiritas d'Alfonso Cahagnet com a somnambula Adéle Maginot (1845-1848) e, finalmente, as visões supranormaes e os volumes de revelações transcendentaes do celebre vidente norte americano Andrew Jackson Davis.

Entretanto, os nomes destes precursores são conhecidos de todos e se acham devidamente registrados na historia do movimento espirita. Não se pode dizer o mesmo de um outro espirita. Não se pode dizer outro tanto d'um outro precursor, absolutamente digno de ser lembrado com os demais e cujo nome permancece menospresado, para não dizer completamente esquecido. Quero falar do Dr. J. Larkin, um medico, bem conhecido em sua epoca nos Estados Unidos que, entre 1837 e 1848, havendo emprehendido pesquizas sobre o magnetismo animal, obteve manifestações supranormaes muito notaveis, cuja natureza nitidamente espirita induz a affirmar que, si se tivesse dado a conhecer estas manifestações tanto quanto ellas mereciam, o movimento espirita em vez de datar dos »golpes batidos» de Hydesville como as irmãs Fox, datariam das experiencias magneticas do Dr. J. Larkin.

As revistas espiritas que appareceram nos Estados Unidos, trataram amplamente da questão do Dr. Larkin e de suas experiencias ; a revista *The Spiritual Telegraph* (1852-1857) reivindica para elle o direito de ser registrado entre os precursores mais notaveis do Espiritualismo moderno. Entre os historiadores do movimento, Mrs. Emma Harding é a unica a falar d'elle em sua obra : *Modern American Spiritualism*.

Eis em resumo a historia do caso em questão.

⁂

Em 1837, o Dr. J. Larkin,um medico da cidade de Wrentham (Massachusetts) começou a interessar-se pelos phenomenos do «magnetismo animal», no que elles podessem ser utilisados no tratamento das molestias e não tardou perceber que possuia, elle mesmo, os poderes fascinantes necessarios para se tornar magnetisador.

No curso dessas methodicas experiencias, elle notou mesmo que as suas somnambulas eram não sómente capazes de fazer diagnostico, prognostico e de prescripções muito efficazes para o tratamento das molestias, mas que, de tempos em tempos, ellas se aventurariam em excursões estupefacientes sobre o passado e o futuro dos seus pacientes. Em 1844 uma joven domestica chamada — Mary Jane — que elle havia tomado para seu serviço, foi atacada de graves syncopes; elle começou a tratal-a pelo magnetismo animal. Não registrou no principio senão uma melhora sensivel nas suas condicções de saúde; mas após algum tempo ella começou a se mostrar clarividente, de maneira a descrever minuciosamente a genesis e as phases presente e futuras da sua propria molestia e dos doentes do doutor.

Quando o Dr. Larkin tinha de se occupar de casos de molestias difficeis de diagnosticar, punha Mary Jane em somnabulismo com alguns passes magneticos e logo a moça descrevia minuciosamente o diagnostico da molestia, accrescentando uma prescripção cujo effeito era infallivel.

Ahi não se tratava só de manifestações que o Dr. Larkin se tinha proposto obter: mas ao mesmo tempo de outras que se produziam absolutamente expontaneas e não investigadas, que punha em serios embaraços o experimentador. Uma das primeiras variedades do genero consistia na producção de golpes fortissimos que se verificavam incontestavelmente durante a phase especial do somno magnetico, no decorrer do qual Mary Jane mostrava-se clarividente; mas o Dr. Larkin não podia comprehender a natureza desse facto.

Seja como fôr, elle tinha notado que esses golpes resoavam sobre os moveis e os objectos que se achavam muito longe da somnambula para que se pudesse suppôr que era ella que os produzia, — o que de outro modo era confirmado pelos membros da somnambula que permaneciam immoveis. A unica cousa que se podia discernir entre esta phase especial do somnambulismo e os phenomenos em questão implicava uma possibilidade que o doutor recusava-se tomar em consideração, porque seria obrigado a interpretar na lettra certas affirmações da somnambula, que dizia perceber ao seu lado uma «Fada» deligente, d'uma belleza maravilhosa e d'uma angelica bondade. Dever-se-ia interpretar na lettra a affirmação de que a somnambula era muitas vezes rodeada de uma multidão de outras «fadas» semelhantes a «Katy» embora menos resplandecentes e menos poderosas; e se teria obrigação de crêr que era «Katy» que diagnosticava as molestias e indicava o tratamento. Tambem a somnambula tinha-a como seu «anjo da guarda».

Mas as perplexidades nas quaes se debatia o Dr. Larkin, para chegar a explicar esses mysterios não se limitava a isto.

Elle assistia manifestações que tendiam a fazer suppôr que a somnambula fosse por vezes possuida por influencias baixas e triviaes, em opposição absoluta com aquellas bôas e elevadas as quaes elle tinha em mira.

Com effeito, quando sob a iufluencia de «Katy» a somnambula se mostrava amavel, affectuosa, e capaz de discutir questões philosophicas as mais abstrusas e perturbadoras, elle concluia que ella fosse possuida por uma outra influencia muito vulgar, ainda que não fosse má.

Nestas circumstancias a somnambula se exprimia por phrases rudes, envoltas de expressões triviaes, pronunciando blasphemias da peior especie, emquanto ruidos enormes resoavam na sala, os moveis balançavam e se deslocavam, objectos pesados se transportavam de um canto a outro da sala.

Numa dessas occasiões, quando toda a familia do Dr. Larkin rodeava o leito da somnambula, e a porta do commodo estava fechada, um ferro pesado vindo da cosinha cahiu no meio d'elles; a cosinha era na outra extremidade da casa. Então Mme. Larkin convidou a entidade actuante a levar o objecto para onde o tinha retirado; o ferro desappareceu das vistas de todos, e embora as portas estivessem fechadas elle foi effectivamente encontrado na cosinha. Quando pedia-se á somnambula explicações a este respeito, ella respondia que essas manifestações se produziam por intervenção do espirito de um «grumete» que ella percebia junto de si e que obrigava-a a exprimir-se em sua algaravia e a blasphemar como elle blasphemava quando vivo.

Um dia, o Dr. Larkin com outros collegas da Faculdade de Medicina, foi a um banquete a umas trinta milhas distante de sua residencia. Quando elle voltou ao meio da noite, sua mulher pediu-lhe ir ao leito de Mary Jane que tinha cahido expontaneamente em somno hypnotico e desejava lhe falar. Desde a sua entrada na porta elle foi saudado pelo «grumete» com uma grande gargalhada seguida de uma descripção humoristica de todas as cerimonias, as quaes elle havia assistido, e de todos os incidentes que se produziram durante o jantar ; dentre outros, este : que o comilão Dr. Larkin tinha ficado contrariado duas vezes no correr do jantar : a primeira, porque o peixe estava crú ; a segunda, porque o bonito assado havia se acabado antes de chegar a elle.

Além das personalidades mediumnicas de «Katy», das «fadas» e do «grumete» varias outras se manifestaram ainda declinando seus nomes e suas qualidades ; indicavam os lugares onde tinham nascido e onde tinham morrido e forneciam detalhes minuciosos sobre as occorrencias da sua existencia terrestre.

O Dr. Larkin, que era um pesquizador meticuloso e systematico, transcrevia estes dados em um registro especial, o qual no correr dos annos, ficou cheio de informações biographicas concernentes á existencia terrestre de 270 espiritos de mortos, informações que elle se encarregava de verificar uma a uma, constatando sempre a verdade dos dados obtidos, assim como os detalhes mais insignificantes. Foi isto que fel-o triumphar difinitivamente do seu scepticismo estabelecendo a sua convicção, que os Espiritos de mortos se communicavam por intermedio da somnambula Mary Jane. Esta conclusão tinha a grande vantagem de resolver de um golpe assim, as outras perplexidades de interpretação até ali impenetraveis ao raciocinio do Dr. Larkin.

Esta, por exemplo : que embora a somnambula fosse illetrada e desprovida de imaginação, quando se exprimia sob a influencia de certas personalidades sua conversação tornava-se impeccavel pela forma e maravilhosa pela elevação do pensamento. Em outras occasiões ella mostrava possuir a technologia scientifica e philosophica. Si bem que as personalidades dos mortos que se manifestavam, assim pertencessem a todas as classes da sociedade, ellas se achavam de accordo para exhortar o doutor a fazer conhecer publicamente as manifestações espirituaes que se desenrolavam em sua casa ; ellas obrigavam-n'o a convidar pessoas a assistir os phenomenos, porque diziam — *é chegada a hora em que os homens devem se convencer pelos factos da existencia e sobrevivencia da alma. A este proposito elles annunciavam a entrada imminente de uma epoca em que a humanidade inteira reconheceria a possibilidade de communicar-se com os espiritos cujas communicações se effectuariam livremente em todas as regiões do mundo : epoca de transformação e de renovação para o progresso dos povos.*

Apesar dessas exhortações renovadas com persistencia, o Dr. Larkin, com approvação de sua mulher, mantinha-se absolutamente contrario á divulgação dos factos, esquivando-se de convidar alguem para assistil-os. Elle pensava, com effeito, comprometter sériamente sua reputação profissional, arruinando-se e arruinando sua familia. Foi então que o Espirito do «grumete» imaginou um meio de obrigar o doutor a se sujeitar á vontade das intelligencias espirituaes. E veio de uma maneira pouco lisongeira para a pobre somnambula, deslocando-lhe, num momento, os braços, os joelhos, os femurs, reduzindo-os a uma massa quasi informe de membros retorcidos, sem todavia, causar-lhe mal algum.

O Dr. Larkin, embora habil cirurgião que era, viu-se impossibilitado de reduzir todos os membros retorcidos ; foi-lhe preciso o auxilio de um dos seus collegas. Quando, depois de grande trabalho os dois medicos conseguiram reconstituir o corpo da somnambula e o cirurgião que foi chamado estava se despedindo, o «grumete» manifestou se novamente dizendo-lhe não retirar-se e recomeçar o trabalho. Ao terminar esta phrase, deslocou immediatamente todos os membros de Mary Jane diante dos olhos estupefactos do novo testemunho.

E' preciso accrescentar que os phenomenos repetiram-se varias vezes, o que fez com que o Dr. Larkin fosse forçado a introduzir em sua casa outros testemunhos. Não foi possivel guardar segredo sobre o que se passava ; logo após toda a população da redondeza ficou conhecendo a historia dos prodigiosos acontecimentos que se desenrolam na casa de M. Larkin. Como acontece sempre nessas circumstancias, as narrações sobre estes phenomenos authenticos, passando d'uma bocca a outra, se transformaram e deformaram, tornando-se romances diabolicos, fantasticos, nos quaes a calumnia e o escandalo realçaram malignamente; o que fez com que a reacção clerical não tardasse a se desenvolver vigorosamente e que começassem as primeiras perseguições contra a desgraçada familia.

ERNESTO BOZZANO

O MILAGRE DE SÃO JANUARIO

A liquefação do sangue de S. Januario, cujas festas se realisaram no mez de maio p.p. foi, mais uma vez, constada por pessôas dignas de todo o credito, fazendo a imprensa repercussão de tão festejado «milagre», que tem occupado a attenção de tantos sabios, assim como tem provocado a repulsa e a negação dos materialistas e anticlericaes que vem no phenomeno uma das muitas falsidades de Roma.

Julgando esse facto no numero dos phenomenos psychicos, a *Revista Internacional do Espiritismo* julgou de bom alvitre solicitar do illustre Presidente do Institut Metapsychique International e director da Revue Metapsychique, Dr. E. Osty, autorisação para traducção e publicação de um excellente trabalho do Prof. Marcel Mangin, que pode bem orientar os leitores sobre o interessante phenomeno que, a nosso vêr, só pode ter uma explicação racional de accordo com a *theoria espirita*, embora, nos parece, reluctem os sabios materialistas a acceitarem essa theoria que, não deixam de reconhecer, abrange toda a phenomenologia psychica.

O assumpto que nos prende a attenção, deve ainda demonstrar aos leitores a bôa vontade que nos orienta no estudo dos factos que se vão desenrolando em toda a parte, até mesmo os que a Egreja Romana proclama dando-lhes caracter miraculoso e se acham nas mesmas condições que os catalogados pelo Espiritismo.

Deixemos falar o Prof. Marcel Mangin:

—«Vejamos primeiramente os factos taes como se passam actualmente, os quaes necessitamos expôr tão exactamente quanto nos seja possivel, embora sejam elles muito conhecidos. E' na cathedral construida em Napoles em 1309, pelo rei Carlos II d'Ajou que se encontram as tres reliquias do santo: corpo, cabeça, e sangue; o corpo sob o altar mór em uma crypta; a cabeça e o sangue em duas custodias em uma Capella, a Capella do Thesouro, que se abre á direita da grande nave da cathedral. Em 1527, aterrados por uma peste que devastava a cidade, os napolitanos fizeram o voto de erigir ao seu poderoso patrono, S. Januario, um santuario que teria o seu nome. Mas, invasões, guerras, retardaram a execução desse voto que não foi realisado senão em 1608. A capella não ficou terminada senão 29 annos mais tarde. Tudo que a piedade enthusiasta de um povo meridional pode imaginar de mais luxuoso para honrar um santo, foi prodigalisado para o embelezamento dessa capella.»

A nossa vista habituada com a augusta simplicidade das nossas igrejas do norte, fica impressionada com a exuberancia theatral desse paganismo. Não é menos, porém, a expressão de uma fé ardente, e é isso o que nos interessa. Por traz do altar encontram-se as duas grandes custodias com porta de prata em que estão encerrados desde 1647, á esquerda o busto do santo com alguns ossos do craneo, á direita o relicario do sangue. Este, que se assemelha um tanto a uma lanterna de carruagem, tem um supporte de metal de 70 c/m. de altura, e é formado de duas placas circulares de vidro branco de 12 c/m de diametro, distantes 8 c/m uma da outra e fixadas com uma corôa de prata as duas pequenas ampoulas de vidro, segundo os especialistas, pela sua forma, devem ter sido fabricadas no seculo XIV. Na menor, que é cylindrica, percebem-se algumas manchas arruinadas interiores e sem importancia alguma. Na outra que se assemelha um pouco a uma pêra comprimida sobre as duas faces e que pode conter cerca de 50 grammas d'agua, acha-se uma substancia solida, opaca, côr de café torrado, que lhe enche os dois terços da capacidade. As duas ampoulas estão chumbadas pelo cimo e pela base á corôa de prata por meio de uma solda cujo aspecto acinzentado denota uma grande vetustez.

Desoito vezes por anno, a substancia contida na ampoula liquefaz-se *coram populo*. Ha tres séries de dias de festa em maio, setembro e dezembro, ou mais exactamente duas séries, uma de nove dias consecutivos, desde o sabbado que precede o primeiro domingo de maio até o segundo domingo inclusive, a outra de 19 a 26 de setembro, e em dezembro uma vez somente, o dia 16.

A cerimonia começa ás 9 horas da manhã; mas desde ás 7 horas as immensas naves da cathedral estão invadidas por uma multidão que augmenta a cada instante e vem formar-se em massa diante da magnifica porta monumental gradeada da capella do Thesouro.

A's 9 horas desfila pela porta da sacristia o cortejo imponente dos prelados que formam o capitulo de S. Januario ou do Thesouro. Na frente o thesoureiro Monsenhor San Felice di Bagnoli. Immediatamente depois o deputado leigo de serviço, duque de Bruzzano, trazendo uma saccola de velludo encarnado que encerra as duas chaves da deputação leiga. A seguir alguns padres de sobrepelliz, depois umas cincoentas pessoas mais, homens, mulheres, na maioria leigos, entre os quaes muitos extrangeiros vindo por vezes de muito longe que conseguiram tomar logar no proprio Santuario, na frente da multidão que um parapeito de madeira com um metro de altura mantem a tres ou quatro passos da Mesa Eucharistica.

Emquanto o sequito do cortejo se põe em fila no Santuario, os prelados passam por traz do altar, vão tomar nas custodias o busto e o relicario e logo trazem-n'os para a frente do altar. O busto com uma preciosa mitra e explendidamente vestido, é posto do lado do evangelho em cima de um alto pedestal; o relicario está entre a mão do thesoureiro que officia.

Quando todos estão em seus logares, um simples padre, collocado de pé á direita do officiante e tendo na mão um cirio acceso examina a substancia, emquanto o officiante empunha o relicario virado de cima para baixo.

A substancia fica suspensa do fundo do vaso, immovel, coagulada. Logo o padre que tem o cirio exclama: «O sangue está duro».

Precisamente nesse momento, a multidão começa as preces especiaes para pedir a Deus que se realise o milagre, isto é, que aquella substancia, que é o

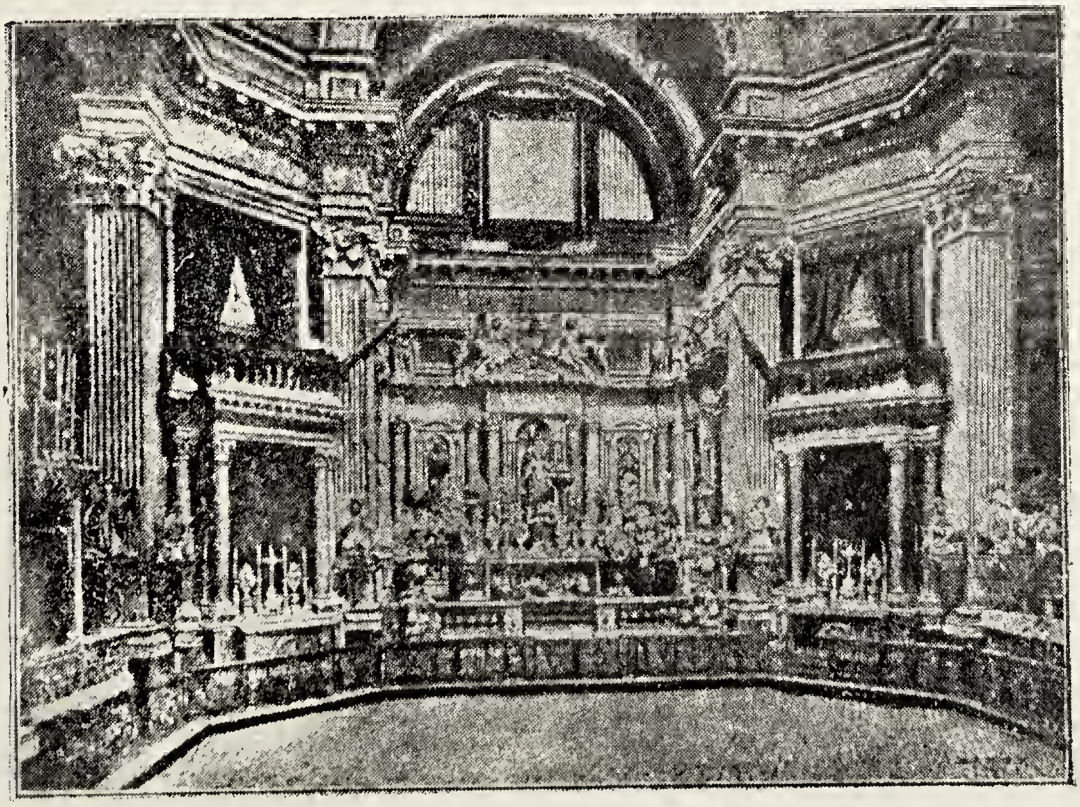

CAPELLA DO THESOURO

sangue de S. Januario, segundo a tradição, volte a ser liquido, readquira vida. O tempo para que se produza o phenomeno varia de um minuto a uma ou duas horas e até mais. Enfim, eis que de repente o officiante e os que o cercam consideram a ampoula com mais attenção ; no relicario, voltando sempre de cima para baixo, vê-se a substancia amollecer-se, destacar-se pouco a pouco do fundo e escorregar lentamente ao longo das paredes da ampoula. Ao cabo de um ou dois minutos ella termina por tocar o gargalo da ampoula; é nesse momento que se produz a liquefação de um modo brusco e de uma só vez. O padre assistente agita o lenço branco acima da multidão; é o signal de que o milagre está feito.

Um grande murmurio de alegria, de reconhecimento e de amor faz-se ouvir.

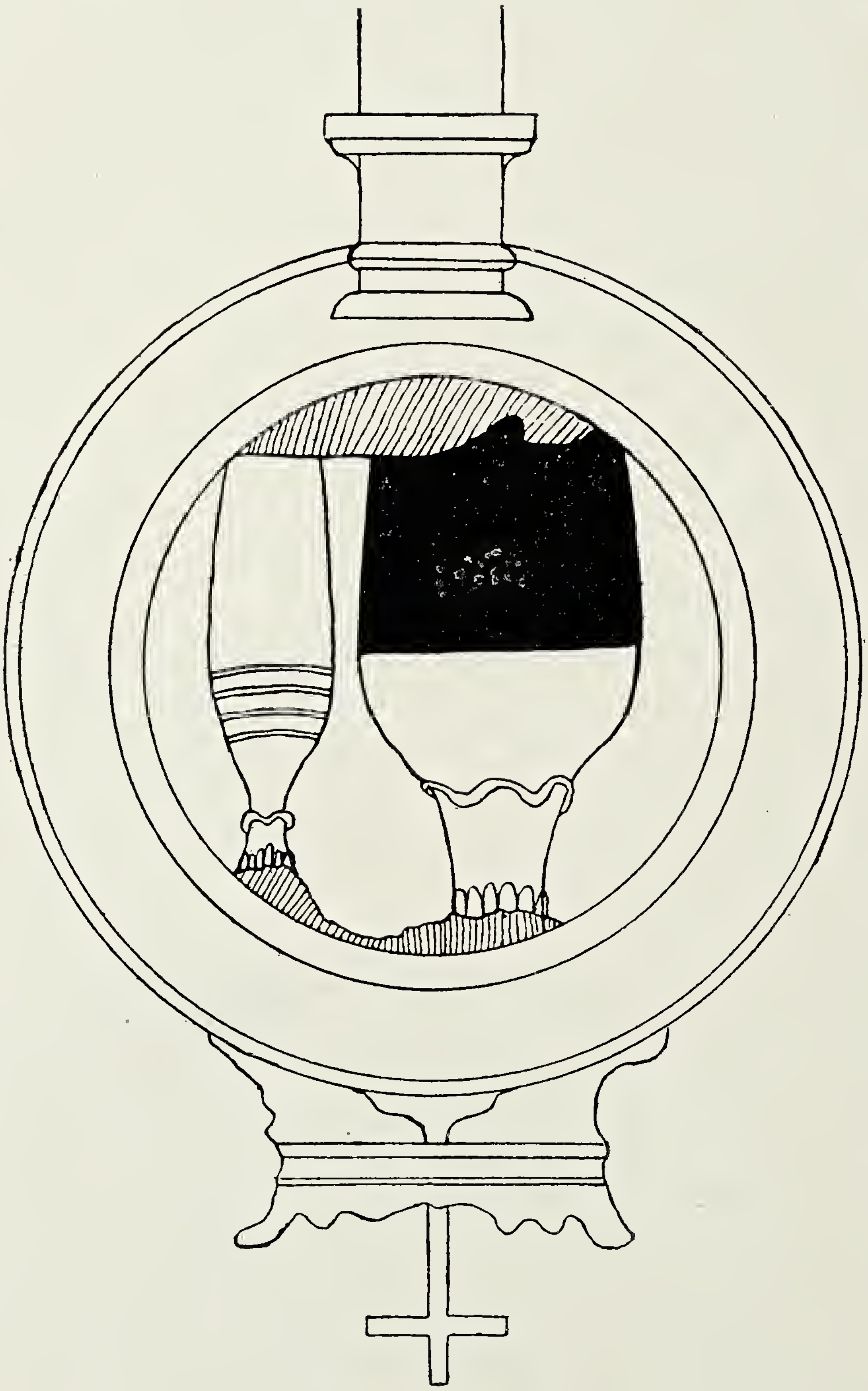

O relicario em dimensões reduzidas é virado de cima para baixo com a substancia coagulada no fundo da ampoula

Retumba o *Te-Deum* partindo de mil peitos. O officiante vira e revira o relicario para que cada um possa verificar que a substancia realmente liquefacta segue os movimentos do relicario. Começam então os beijos pelos padres e depois pela multidão.

A's onze horas organisa-se uma procissão que vae á porta monumental da capella onde encontra o capitulo metropolitano cujo deão recebe das mãos do thesoureiro o precioso relicario. Este fica exposto até á tarde no altar-mór da Cathedral.

Variação no volume do Sangue

Eu disse que se liquefazia a substancia, mas ha cousa mais interessante ainda : augmenta o volume progressivamente em maio, e diminue em setembro. Essa variação deveria parecer ainda milagrosa, si fosse possivel, do que a liquefação; todavia foi em 1709 que ella foi assignalada em um relatorio e ainda não se lhe dá importancia. Os testemunhos privados : escriptores, jornalistas, sabios ou simples viajantes, não ficam muito impressionados com a variação do volume. O bollandista A. Stilling, por exemplo, no seu longo estudo inserto no tomo VI dos *Acta Sanctorum* cita bem, segundo o «Journal du Trésor», as variações ao mesmo tempo que as liquefações, mas é a estas que consagra um capitulo inteiro, assim como ás ebulições, isto é, á formação de bolhas que por vezes se percebem á superficie do sangue, depois da liquefação. E' a estes dois factos que elle attribue um caracter miraculoso.

Essa injustificavel indifferença é devida, segundo o sr. Cavène, a ser a variação ao mesmo tempo mais rara e menos palpavel do que a liquefacção. O augmento de mais é lento e produz-se de um dia para outro ; para constatal-o é necessario um certo esforço da memoria e da vista. A diminuição que se produz em 19 de setembro, muitas vezes logo depois da liquefação, é verdade que é mais rapida ; presta-se-lhe ainda menor attenção do que no augmento de mais, e além disso ella não se produz de um modo visivel e rapido senão naquelle dia, emquanto a liquefação, realisando-se todos os dias desperta os observadores menos attentos por ser brusca e nitida.

O proprio sr. Cavène verificou o augmento em 1903 de domingo, 3 de maio, a domingo 10.

No ultimo dia a ampoula estava inteiramente cheia. Em 1901, quinta-feira, 19 de novembro, elle havia assistido a diminuição e attesta que tudo se passou como narra o «Journal du Trésor», isto é que no momento da exposição, de manhã, havia-se encontrado o sangue duro e enchendo quasi toda a ampcula e após quarenta e nove minutos se havia elle liquefeito e abaixado.

A semelhança exacta dos relatorios feitos em 1799 e 1884, isto é, com 85 annos de differença, é muito notavel. E é preciso ter em conta os testemunhos de Putignano approximadamente em 1723, do prof. Fergola, da Universidade de Napoles, em 1820, do napolitano sr. Punzo, em 1879. Este havia sido encarregado pelo seu mestre prof. De Luca (I) de estudar de perto o milagre. Declara elle na sua brochura «*La Tica de San Gennaro*», ter assistido aos dois phenomenos : augmento e diminuição.

Mas o testemunho mais importante é talvez o do proprio prof. De Luca. Em 19 de setembro de 1879, os dois professores (Punzo e De Luca), assistiram á cerimonia, ajoelhados um ao lado do outro, nos degráos do altar, muito perto do thesoureiro que segurava o relicario. O thesoureiro havia percebido a presença de De Luca, a quem elle dedicava uma grande estima, e querendo livral-o de todo motivo de duvida, confiou-lhe o relicario antes da liquefação ; este se fez *nas mãos do sabio* que ficou commovido a ponto de beijar com respeito o relicario, e ao restituil-o apertou effusivamente a mão do thesoureiro.

Experiencia do peso

Qual é a autoridade do abbade Sperindeo ? E' o que o sr. Cavène não nos diz sufficientemente.

«Um homem ainda moço, de 35 annos approximadamente. Napolitano de raça, reside á rua S. Sebastião, 71, em Napoles, com a sua veneravel progenitora. Professor de mathematicas e de physica em diversas escolas na cidade, dedica elle a S. Januario o tempo que lhe não é absorvido pelas suas occupações profissionaes. Em 1901 elle escreveu, sobre o phenomeno da liquefação, uma brochura de 55 paginas, á qual uma accumulação excessiva de algarismos e de calculos, dá na verdade um aspecto rebarbativo, mas no seu conteúdo ha cousas interessantes».

Um dia, em 1902, um jornal incredulo e anti-clerical de Roma, «*L'Asino*» zombou particularmente do phenomeno da variação do volume do qual havia alguns mezes que se falava muito em virtude da brochura do Sr. Sperindeo. «Si ha augmento de massa, é facil aos partidarios do milagre de convencerem-se : pesem o relicario antes e depois do pretendido augmento». Quanto a mim, parecia-me preferivel fazer-se essa suggestão aos incredulos. Todavia o desafio foi acceito pelo Sr. Sperindeo. Munido de boas balanças de precisão, elle pesou primeiramente o relicario no mez de maio, no ultimo dia das festas, a ampoula estava cheia. Achou 1 kilogr. 900. Repetiu o peso trocando o relicario pelos pesos nas conchas da balança. O resul-

---

(1) *Sebastião de Luca, membro da Academia de Sciencias de Paris, chimico, mais livre pensador do que christão, condemnado em 1849 a 25 annos de prisão, exilou-se para a França, tornou-se amigo dos melhores sabios francezes e frequentou assiduamente o gabinete de chimica de Berthelot. As suas pesquizas especialmente sobre a glycerina grangearam-lhe o renome de chimico eminente. As perturbações politicas de 1860 permittiram-lhe regressar para Napoles onde o seu patriotismo e os seus meritos scientificos conquistaram-lhe a cadeira e o gabinete de chimica da Universidade.*

tado foi o mesmo. Escrupulosamente exacto, repetiu elle tres vezes a experiencia, em todas ellas trocando as conchas. Em seguida o relicario foi encerrado na custodia. O peso com a substancia diminuida foi feito no mez de setembro seguinte, no dia 26, ultimo das festas, ás 6 horas da tarde, quando a substancia havia soffrido a maxima reducção no seu volume. Com a mesma minucia a experiencia foi repetida tres vezes e o peso encontrado foi de 987 grams. 91. Havia portanto uma differença de 26 grs. 990, correspondente a uma differença de volume de cerca de 26 centimetros cubicos.

Dois annos mais tarde, em 19 de setembro de 1904, o Prof. Silva recomeçou a experiencia. Antes da diminuição encontrou elle exactamente o mesmo peso que o sr. Sperindeo : 1 k.o 014 grs. e 900, mas a diminuição não foi desta vez senão de 10 grs. 900. Um detalhe mui singular : no dia 22, sempre ás 6 horas da tarde, o peso havia subido de novo a 1 kg. 008.

«Nunca em toda a oitava, eu notei uma diminuição de volume ou de peso superior á que foi notada em 21.» Por fim, no ultimo dia, a balança accusou 1 kg.011, isto é, finalmente 4 grams. de diminuição.

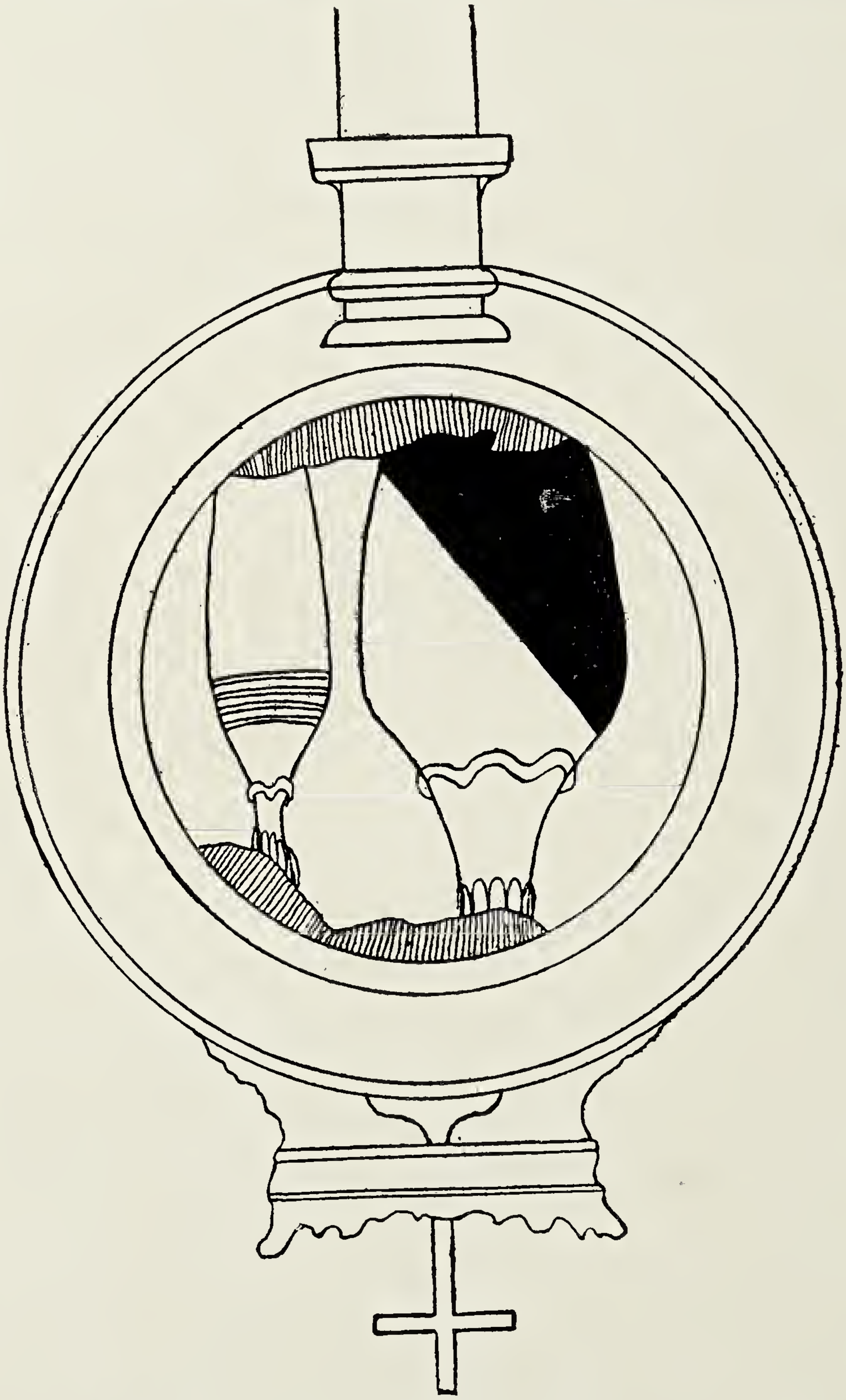

Um minuto antes da liquefacção a substancia amollecida destaca-se do fundo do relicario virado de baixo para cima e deslisa-se ao longo das paredes da ampoula.

Algumas palavras de historia

Tudo quanto acabo de dizer é da historia contemporanea. E' interessante, não é inutil conhecer o passado relativo a um facto tão maravilhoso. Desejar-se-iam conhecer as origens. Mas será isso possivel ? Como distinguir a lenda da historia ? Como saber se a substancia, a suppôr que ella seja sangue, seja mesmo o sangue de S. Januario ? Não é impossivel que o seja. Era costume entre os christãos dos primeiros seculos, recolherem no lugar, quando podiam, o sangue dos seus irmãos que eram degollados pelo odio ao Christo. O poeta Prudencio, do seculo IV, conta como era geralmente ás mulheres que incumbia essa pratica delicada e perigosa. Encontram-se nas catacumbas, encaixadas na alvenaria, frascos feitos para conservar o sangue dos martyres ao lado dos seus corpos.

Foi em 19 de setembro do anno 315, em consequencia do edito de Milão pelo qual Constantino outorgava aos christãos inteira liberdade de celebrarem o culto em toda a extensão do imperio, que o corpo de S. Januario foi transportado para Napoles. Na jornada, a uma legua da cidade, achava-se o pequeno burgo de Antignano, onde habitava Eusebia, a santa mulher que havia recolhido o sangue. O cortejo estava parado no alto da collina. Eusebia aproveita dessa parada e vai buscar em sua casa os frascos e entrega-os ao bispo que immediatamente os colloca em presença do corpo.

«Naquelle momento, a crêr na tradição, o sangue derramado e morto havia dez annos, coagulado e endurecido, para reviver em presença do corpo em cujas veias havia circulado outróra. Liquefaz-se subitamente.» Até agora nenhum documento authentico veio confirmar essa tradição.

Em 471 uma erupção do Vesuvio fez grandes devastações ; mas Napoles foi poupada. Os napolitanos vendo nessa preservação um effeito da protecção do martyr, tomaram-n'o para patrono da sua cidade e votaram-lhe um culto cujo fervor cresceu de seculo em seculo.

A primeira liquefação historicamente certa remontaria, segundo o sr. Cavène, de 1839. Um senhor José de Blasüs, em 1887, descobriu e pôz em dia uma chronica siciliana (2), em forma de diario, que vae de 1340 a 1396, na qual se encontra esta passagem :

«No dia 17 de Agosto deste anno de 1389, realisou-se uma grande procissão por occasião do milagre que fez N. S. Jenhor Jesus Christo sobre o sangue de S. Januario. Esse sangue contido em uma ampoula, havia-se liquefeito como si houvesse sahido naquelle mesmo dia do corpo do bemaventurado.»

E' possivel que se descubra algum documento ainda bem mais antigo, pois que em 1503, em um poema de Frei Bernardino, lia-se o seguinte : «O grande signal sobrenatural que eu disse operado em seu sangue pela graça de Deus soberano, não tem faltado em mil annos e mais.»

Não é preciso considerar como sem valor, por serem catholicos, os relatorios dos padres do Thesouro, feitos desde 1659, isto é, a 250 annos. A ingenua simplicidade do estylo inspira confiança. As altas personagens que têm assistido, reis, principes, sabios, bispos, cardeaes, papas, estão citados.

O sr. Cavène dá textualmente os extractos do *«Diario do Thesouro»* do anno de 1884, para mostrar como, apezar de 124 annos de intervallo e da grande differença dos costumes e das epocas, a semelhança nas constações está patente.

O sr. Abbade Sperindeo, autor das experiencias scientificas

Seguem os numerosos testemunhos de padres extrangeiros e de leigos, philosophos, jornalistas, romancistas, sabios, entre os quaes Montesquieu e Pic de la Mirandola, não são dos menos interessantes.

Experiencias de Espectroscopia

E' mesmo sangue que contém o frasco ?

A esse respeito o testemunho de Pic de la Mirandola, em 1506, é interessante, porque n'aquella epoca as ampoulas estavam livres e podia-se, por meio de uma varinha de prata que a ellas estava ligada, tocar a substancia antes e depois da liquefação. Era o que já havia feito em 3 de maio de 1495 o rei de França, Carlos VIII, como conta o historiador Fran-

---

(1) Veja-se a respeito a revista «Napoli nobilissima», novembro de 1905.

cisco Roberto Gagnin (3) Pedro Punzo, chimico a quem já nos referimos, discipulo de S. Lucas, em setembro de 1906, assegurou-nos, diz o sr. Cavéne ao sr. Solié a mim, que a substancia era mesmo sangue, somente de côr sombria devido ao decorrer de seculos.

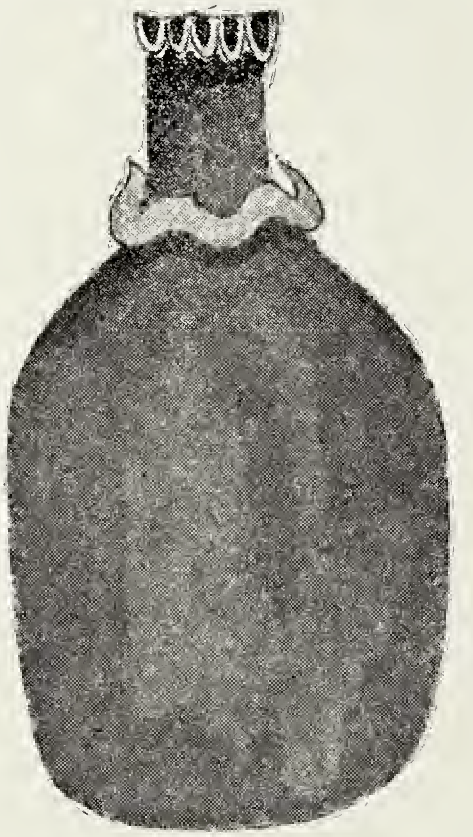
Ampoula completamente cheia

Foi sobretudo o padre Silva quem fez, nas festas de setembro de 1904 um longo estudo da substancia. Para tomar um ponto de comparação elle se muniu de uma pequena massa de sangue de boi.

«Cada dia, escreve elle, e mesmo varias vezes por dia, volto a examinar attentamente o frasco de todos os modos, á minha vontade. Pude verificar o gráo de limpidez da substancia, constatar a côr, o volume, a leve espuma da superficie e outras particularidades. Depois eu comparei os diversos aspectos da substancia com os que apresentava uma massa semelhante de sangue que eu havia levado e posto em condições analogas, e reconheci que o parallelo era perfeito, não podendo o exame para mim ser mais definitivo, mais convincente.

«O sangue alli encerrado ha seculos, mostrava-se a meus olhos tão fresco e tão vivo como o sangue de boi que eu levára e que havia sido tirado da veia poucas horas antes.»

Todavia reconhecemos a insufficiencia desses testemunhos para abalar as convicções dos incredulos, e contamos um pouco mais com o relatorio sobre a experiencia de espectroscopia devida ao sr. Abbade Sperindeo e ao sr. Januario, professor de chimica na Universidade de Napoles. Sabe-se que si um raio luminoso, antes de atravessar um prisma, atravessa uma substancia, esta substancia absorverá uma parte maior ou menor das côres do espectro solar, o qual apparecerá cortado verticalmente por faxas negras, ou faxas de absorpção, das quaes o numero, a posição, a largura e a intensidade variarão com a natureza da substancia observada.

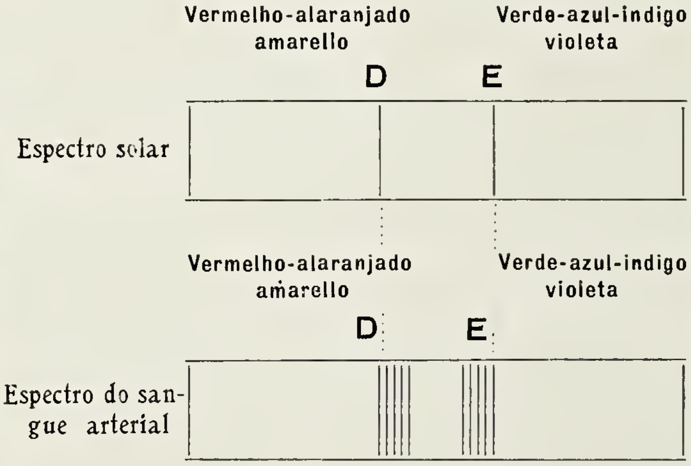
Vermelho-alaranjado amarello
Verde-azul-indigo violeta
D
E
Espectro solar
Vermelho-alaranjado amarello
Verde-azul-indigo violeta
D
E
Espectro do sangue arterial

Cada facha tem assim as suas fachas *caracteristicas*, sempre as mesmas. Pelas fachas pode-se determinar a natureza de uma substancia mais facilmente e talvez mais rigorosamente ainda do que pela analyse chimica. A medicina legal, para reconhecer a presença do sangue emprega a analyse espectral. Conhecem-se, pois, as fachas do espectro do sangue arterial.

Acham-se ellas entre D e E e occupam os espaços marcados na segunda figura.

O sr. Sperindeo narra como experimentou primeiramente com o seu

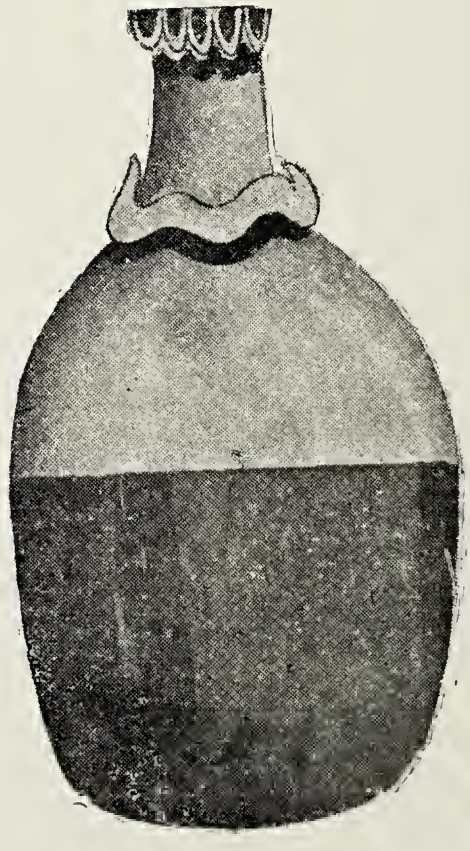
A ampoula pelo meio

(*III*) *Les Chroniques de France : excellentes factos e gestos virtuosos dos reis e principes muito christãos, que reinaram na França.*

proprio sangue, e que elle e o seu collaborador. sr. Rafael Januario, professor de chimica na Universidade de Napolis, começaram por observar bem os raios produzidos no espectroscopio e que em seguida, cerca de seis horas de 26 de setembro de 1902, elles encontraram na cathedral, atraz do altar-mór.

Algumas pessoas, entre outras, o sr. conego metropolitano, Santamaria, e um leigo, o sr. Luiz Musella, tinham vindo por pedido d'elles. O sr. Sperindeo fez quimar primeiramente sal de cosinha para ver bem o raio D. Em seguida elle inclinou o relicario de modo que suas paredes se cobrissem de uma camada leve da substancia, facil de atravessar-se pelos raios luminosos. O sr. Januario, applicando a vista ao *occulario*, viu apparecer no espectro, depois do raio D, uma facha negra, depois uma cinta luminosa e depois uma segunda facha negra um pouco menos carregada do que a primeira. «A' vista disso, o professor que até então duvidava um pouco foi tomado de uma intensa emoção: «Lá estão, lá estão as fachas ! é sangue !»

Eu desejava mais que elle conservasse o sangue frio e tirasse uma photographia. O sr. Cavéne da affirmações minuciosas de outras testemunhas e mesmo dos parentes e amigos do professor Januario, que ouviram este affirmar a sua conficção que resultou dessa experiencia: a ampoula contém mesmo sangue, sangue arterial *puro*.

MARCEL MANGIN

(*Conclúe no proximo numero*)

Chronica Extrangeira

O movimento espirita extrangeiro se caracterisa com o apparecimento de novos livros, muitos livros tendentes a esclarecer o principio da sobrevivencia.

Os estudos psychicos e espiritas continuam por meio de conferencias.

As manifestações do além tumulo não deixam de se fazer sentir para, sem duvida, concorrerem com o testemunho positivo da immortalidade, causa primordial e exclusiva de todos esses phenomenos.

CURIOSAS EXPERIENCIAS ESPIRITAS

Como sabem os espiritas, os Espiritos proporcionam sempre aos experimentadores condições favoraveis para chegarem a uma conclusão logica e racional dos estudos a que se dedicam. Além de tudo, porém, fazem questão de dar aos pesquizadores uma crença intelligente que seja, em parte, o producto de um trabalho acurado dos que se propõem desvendar o futuro que os espera.

E' assim que um investigador inglez acaba de publicar no Daily News e n'The Two Worlds curiosas observações, dignas de divulgação.

N'uma sessão que teve occasião de assistir, veiu um Espirito dizendo chamar-se Arrow Hawk. O medium accionado por este tornou-se tão gago que difficilmente podia-se entendel-o, ficando extremamente emocionado e ao mesmo tempo cançado ao sahir do transe. No seu estado normal o medium não era gago e nunca soffrera tal defeito.

N'uma outra sessão em que compareceu com outro medium, poude observar um phenomeno inteiramente contrario. O medium era deploravelmente gago no seu estado natural, a ponto de ser preciso para se conversar com elle, se fazer um grande esforço de paciencia. Mas quando estava sob a acção de um Espirito, desapparecia a gagueira e falava desembaraçadamente, expunha em linguagem correcta e rapida pensamentos muito elevados, que estavam muito acima da sua cultura e intelligencia.

OS PHENOMENOS DOS RELOGIOS

Em outros numeros temos feito referencias sobre as interessantes advertencias dos relogios por occasião da morte ou de algum desastre dos seus donos. A pendula se detém justamente na hora da occurrencia.

O facto que passamos a narrar e cuja noticia foi dada pela revista ingleza «*Light*» produziu-se de um modo justamente o contrario.

— ‹Um torneiro, de Newport, possuia um velho relogio que ha muitos annos se negava a trabalhar apezar dos con certos que nelle se fazia. O torneiro estimava muito o objecto, embora sem serventia. Pouco antes de morrer o pobre homem pediu que desejava que collocassem o relogio no caixão mortuario, e ao lado do seu coração. Esse pedido foi satisfeito. Mas eis que quando foram fechar o caixão ouviram o tic-tac do relogio. Por muito tempo o phenomeno foi observado, até que fecharam o caixão continuando sempre o relogio em movimento ›

CURIOSO PHENOMENO PREMONITORIO

A *Revue Spirite* publicou com este titulo a narração de um phenomeno premonitorio com provas confirmativas de apparição pessoal e communicação depois por um outro medium. O caso foi publicado por um dos membros do *Britsh College of Psychic Science*, cujos detalhes transcrevemos.

‹ — Meu filho unico foi morto em agosto de 1917. Dois dias depois, sem que eu ainda tivesse noticia alguma, quando ia deitar-me vi de repente meu filho no passeio da casa. Era perfeitamente elle e eu pensei que tivesse vindo de licença sem ter tido tempo de me avisar. Fui ao seu encontro mas a visão dissipou-se fazendo um gesto de consternação. Dia seguinte soube que elle havia morrido ha tres dias. Logo depois tive occasião de consultar o medium Mme. Leonard, e por seu intermedio, meu filho veiu dizer-me : ‹Eu estou magoado por te ter assustado, meu pai, apparecendo diante de ti. Mas eu creio que tu tiveste a noticia da minha morte antes da minha apparição.›

E eis o curioso : ‹Justamente depois que meu filho tivesse sido ferido, em outra conjunctura precedente, observei que um espelho no meu quarto estava muito empoeirado. Eu tomei então um panno e puz-me a limpal-o. mas a poeira em vez de desapparecer augmentava e tomou o aspecto de uma pintura representando uma sala de hospital. Eu reconheci muito bem meu filho no terceiro leito. Elle estava com a cabeça enfaixada e voltava-se para mim. Um medico approximou-se delle por entre os leitos, e constatei tambem a presença de uma enfermeira, corpulenta, com um véo vermelho. Coisa extraordinaria, meu cãosinho, emquanto eu examinava o espelho assim illustrado, sentou-se perto de mim e poz-se a ganir chorosamente. Afinal retirou-se. ‹Poucos dias depois todos os detalhes desta emocionante visão se confirmaram por uma carta que meu filho me havia escripto›.

UM PAI SALVA A FILHA DA MORTE

Psychic Science publicou um caso digno de credito, que lhe foi communicado por um membro do ‹British College›, medium clarividente. Eis o resumo do relato :

— «Meu pae falleceu ha alguns mezes. Pouco depois do seu passamento, uma tarde e já ao ancitecer, eu ia de bicycleta para minha casa. Pedalava mas pensando mil cousas e ao atravessar uma rua diminui a velocidade para passar a um trilho lateral. Nesse instante senti-me agarrada pelo braço e atirada para a esquerda com tal violencia que a roda bateu numa pedra da calçada e eu cahi. No mesmo momento um auto crusou a rua com grande velocidade e passou alguns centimetros distante de mim. Eu voltei-me para agradecer á pessoa desconhecida que tinha-me salvado a vida mas não vi ninguem. Mais tarde n'uma sessão espirita de escripta-automatica, meu pai communicou-se dizendo-me que para livrar-me de uma morte desastrosa, havia empregado uma força physica violenta tal como eu acima relatei.›

UMA MEDIUM PREDIZ SUA MORTE

A revista ‹Rosendo›, de Cuba, com este titulo, publicou o seguinte facto:

‹Seis mezes antes de fallecer, Mrs. Addie Cameron, professora do Instituto de Pesquizas Psychicas, escreveu uma carta a seu esposo na qual prophetisava a data certa de sua morte.

Esta carta foi publicada pelo esposo, sr. Oliver P. Cameron, rememorando os dons de sua senhora.

Diz elle que Mrs. Cameron não era uma ‹medium›, porém tinha a faculdade supranormal de «vêr» no futuro, e que todas as suas predições realisaram-se. Com frequencia era consultada por familiares e amigos, acertando sempre os seus prognosticos quando se tratava de enfermidades ou mortes.

A carta determinando o dia do seu fallecimento foi escripta quando se achava de bôa saúde. Alguns mezes depois foi accommettida de apendicite, tendo que ser operada com urgencia. Mrs. Cameron morreu da operação exactamente no dia e hora em que ella previra.

Dizia Mrs. Cameron em sua carta; ‹Vejo atravéz de uma janella com grades de ferro. Em cada xadrez se reflecte uma luz de prata. Não posso falar sobre isto porque estou prohibida. Porém uma cousa direi. E' uma visão ultraterrestre, em que ha um aviso para mim, pois ao anoitecer de 11 de fevereiro entregarei minha alma ao Divino.›

OS ESPIRITOS DA PRISÃO

A Revue Spirite publicou a seguinte noticia bem interessante:

— ‹O major R. A. Marriot, ex-director da Detenção de Exeter fez na Inglaterra uma conferencia sobre a ‹Posição actual do Espiritismo». Para illustrar o seu discurso citou diversos factos espiritas que se produziram entre os presidiarios sob a sua direcção. Disse que por duas vezes o pae desincarnado de um dos prisioneiros, appareceu a este completamente materialisado; n'outra occasião foi vista uma mulher que prestava serviços como enfermeira a um prisioneiro enfermo. Uma bôa materialisação foi tambem a apparição de um morto que trajava uniforme de empregado de tramway, e foi vista na cabeceira de um leito.

O major lembrou uma outra experiencia, de que foi testemunha. Um moço devia ser executado na prisão. O capellão era um espirita e foi-lhe imposto o dever de exortar o condemnado a ter uma morte digna. ‹Depois de ter o nosso capellão feito a ultima visita a este homem, diz o orador, veio ao meu escriptorio para dizer-me que o condemnado havia resolvido manifestar-se depois da morte.

Eu respondi que essa eventualidade era pouco provavel depois de um choque rude, mas que os Espiritos resolveriam melhor do que eu.

Depois da execução, o capellão, que não era homem para se deixar illudir e nem suggestionavel, viu no seu quarto, depois de apagar o gaz, luzes muito nitidas que se mantiveram muitos minutos.

Alguns mezes depois, elle conseguiu, por um medium, entrar em communicação com o joven suppliciado, que disse ter, de facto, produzido aquellas luzes. Accrescentou que a sua tarefa no além tumulo era moralisar os que haviam commettido crimes analogos ao seu, e pelo qual pagou uma divida á sociedade. Accrescentou que não deixava de confessar no mundo espiritual o delicto que o enchia de dôr, de haver matado uma moça, que foi victima do seu instincto criminoso.

UM AVISO DE MORTE

O Prof. Charles Richets publicou na *Revue Metapsychique* uma carta que lhe foi dirigida pelo Dr. Marcelo Baudoin, dando conta de uma interessante manifestação que verificou e que assim descreve:

—«Uma noite, alguns dias antes de 3 de janeiro de 1926, em Croix — de — Vie (Vandé), fui bruscamente despertado ás tres horas da manhã mais ou menos. Completamente accordado vi apparecer subitamente no meu quarto a minha criada que se achava vestida e disse-me: «Eis aqui um telegramma», estendendo a mão na qual tinha um papel azul official. Vi-a perfeitamente como tambem o papel.

Surprehendido com esta allucinação visual, levantei-me, fui ao quarto da criada e verifiquei estar ella dormindo. Meu cunhado o Dr. Cacaud, Director do asilo de alienados de Clermont (Oise) succumbio repentinamente em alguns segundos no seu leito ás 3 horas da manhã, de 3 de Janeiro de 1926. O telegramma noticiando o fallecimento eu recebi a 3 de Janeiro ao meio dia».

COMMUNICAÇÕES PELO ““OUI-JÁ””

A *Revue Spirite* publicou o seguinte communicado de uma sua collaboradora de Marselha :

— «Depois da morte de meu filho Mauricio, faz approximadamente dois annos, fiz uso do «Oui-Já» na esperança de obter communicação. Depois de muitos ensaios consegui algum resultado, pouco comprobatorio, em meu conceito, sob o ponto de vista de identificação. Attribuia o defeito a insufficiencia do meu fluido, mas conclui obtendo os seguintes factos cuja exactidão e authenticidade garanto.

Em 1 de agosto de 1925 : tomo a tableta, não obstante a minha insistencia reiterada procurando uma prova da sobrevivencia, só obtive lettras incoherentes. 13 de agosto : meu filho Mauricio se manifesta e dicta esta phrase com lentidão enervante : «Breve satisfarás teus desejos.» 17 de agosto: a plancheta se move immediatamente e dá tres vezes o nome de «Morris Steele», meu genro, residente em Genebra com minha filha Luisa. Muito surprehendida eu disse : D. Que significa isto ? Morris Steele está vivo — R. Sim. D. Então, quem sois ? O que desejais ? Rogo-vos dizer-me a verdade, — R. Alfredo Rochat (um amigo intimo de meu genro, residente tambem em Genebra, que eu conhecia, mas com quem não estava em relação) — D. Como ? morreste ? — R. Consequencia de accidente. — D. Mas, Luisa (minha filha) não escreveu-me, data de muito a vossa morte ? — R. Tres dias. — Está a caminho alguma carta, com noticia ? — R. Não. — D. Quem vos trouxe aqui ? — R. Mauricio (meu filho conheceu A. R. durante sua estada em Genebra). Desejais alguma cousa ?—R. Annunciar a minha mulher a minha volta (?)—D. Como assim fazer si ella não crê ?—R. Madame Steele (quer dizer, por meio de minha filha Madame Steele).

—19 de agosto: recebi as quinze horas a visita de M. Botto (secretario geral da S. E. P. de Marselha) que foi ao cemiterio de Mararques (a dois passos de minha casa) por motivo do anniversario da morte de sua mulher. Disse o que havia e mostrei-lhe a mensagem escripta ditada por mim. Disse tambem que para evitar discussões inuteis, não mostraria a mensagem a meu marido antes de verificar o facto.

A' tarde, solicitada por um presentimento, tomei o «oui-já» e obtive do espirito Alfredo Rochat esta communicação: «Communica a minha mulher que aqui estive». 21 de agosto : dirigi uma carta postal á minha filha, em Genebra. Não querendo precipitar acontecimentos, limitei-me a pedir-lhe noticias de Alfredo Rochat, pretextando um sonho que tive. As 10 (minha carta foi posta no correio ás 8) recebi de Genebra, de minha filha, Mme. Boulard, o aviso da morte de Alfredo Rochat. precisando que o fallecimento deu-se a 14, «em consequencia de um accidente». Immediatamente mostrei ao meu marido a mensagem recebida a 17, vista por M. Botto, e que annunciava a morte em 14, como tambem a causa, quatro dias antes do aviso mortuario. As 14 horas tomei o «oui-já» na presença de meu marido. Rochat apparece e diz : «Escrevestes a minha mulher ? E' preciso escrever porque ella não crê que nós voltamos.»

«Tal é o facto. Certamente não é o unico no genero. Em todo o caso é formal e concorda em todos os detalhes com a hyphotese espirita. Demonstra uma vontade bem nitida do communicante, para proclamar a sua sobrevivencia á sua mulher «que não acreditava.»

Certos sabios explicam isto pela cryptesthesia, a metagnomia, e dirão que eu possúo, sem suspeitar. uma faculdade maravilhosa que permittiu-me nesta occasião vêr o que se passava em Genebra a respeito de uma pessoa que me era extranha. Posso affirmar que jamais em minha vida, infelizmente, tive prova de tão extraordinaria faculdade e que ignorava completamente que Mme. Rochat precisava edificação sobre o problema da immortalidade. A Entidade se preoccupava de tal modo, que veio tres vezes manifestar seu desejo, uma vontade individual que, simplesmente ao conceito de quem raciocina, apparece como verdadeira causa da communicação.»

E'cos e Noticias

A epocha do rejuvenescimento do Christianismo que o Espiritismo desdobra com o seu devido complemento, caracterisa-se pelas luctas, felizmente incruentas que se observa em toda a parte, luctas pelo Ideal, luctas da intelligencia contra a ignorancia, do progresso contra o commodismo estacionario, da verdade contra a falsidade, finalmente da demonstração do Espirito e indispensavel dominio sobre os homens, contra o crasso materialismo que tanto tem prejudicado a humanidade. Oxalá se accentúe e intensifique esse trabalho, accionado, sem duvida, pelos poderes superiores, para que a era nova predicta pelos Enviados da Espiritualidade faça raiar pelo mundo inteiro a luz acariciadora das novas verdades que transformarão o nosso planeta infundindo em seus habitantes uma outra seiva de vida que lhes garante promissores destinos na sua trajectoria para o Infinito.

FRANÇA

O movimento espirita e metapsychico francez prosegue, graças á bôa vontade e os esforços dos illustres pioneiros que compenetrados dos seus deveres procuram dar conta da tarefa que lhes foi confiada.

PARIS

A «Union Spirite Française» effectuou uma assembléa geral, d'ella participando grande numero de socios parisienses e provinciaes. Depois de uma piedosa homenagem de gratidão ao seu ex-presidente Gabriel Delanne, M. Chevreuil, o novo presidente assumiu o cargo que lhe foi confiado, tendo usado a palavra M. M. Jean Meyer, P. Fortuny e Marty.

A assembléa foi precedida de uma conferencia de M. Philippe, membro do Comité da Union e presidente da «Societé Française d'Estude des Phenoménes Psychiques. A conferencia versou sobre— «A Ideoplastia».

M. Pascal Forthuny fez, na «Maison des Spirites» uma conferencia sobre a «Clarividencia», seguida de demonstrações experimentaes que, como sempre, interessaram a assistencia.

NANCY

O Pastor Wietrich realisou na «Sociedade d'Estudos Psychicos» uma conferencia sobre o thema: «Nas fronteiras do mundo invisivel».

⁂

O sr. Westermann, secretario da S. G. P. effectuou, sobre o thema: —«A materialisação do pensamento e a formação dos fantasmas em relação com a sciencia moderna» uma conferencia dedicada aos membros dessa sociedade.

⁂

M. Philippe, da «Union Spirite» fez uma conferencia publica sobre «As creações do homem pela ideoplastia». O conferencista declarou que a obra que estava sendo preparada por Gabriel Delanne, terminada por mãos piedosas, poderá ter o titulo — «Ideoplastia».

⁂

O sr. Pascal Forthuny fez, egualmente, na Sociedade de Estudos Psychicos, de Nancy, sala Poirel, uma excellente conferencia sobre a «*Clarividencia*» começa o conferencista explicando ao auditorio a natureza dos seus dons de clarividencia. Passa depois a parte pratica ou seja experimental. Salienta a difficuldade que sente ao trabalhar num meio heterogeneo onde as multiplas vibrações se cruzam em todos os sentidos, ennublando as formas piedosas, e diz ser-lhe preciso fazer «tours de force» para vencer a resistencia. Durante quasi uma hora o conferencista deu provas dos seus dons, revelando pensamentos, descrevendo scenas felizes ou sombrias, visões que surgiam aos seus olhos como projectadas do grande Desconhecido sobre um film mysterioso.

A' conferencia compareceram muitos medicos que se mostram interessados pelo assumpto.

Excursão de Propaganda

M. Malosse, accompanhado do seu devotado collaborador M. Thibaub fez conferencias de propaganda em Vienne, Romans, Annonay e Tournon, sendo distribuidos em todas estas cidades folhetos espiritas.

NIMES

O illustrado espirita M. Jules Gaillard fez uma interessante conferencia sobre : «A verdadeira natureza do homem e suas faculdades supranormaes». O orador dissertou largamente sobre os poderes transcendentes da alma, citou as experiencias do Prof. Richet com o medium Ludwig Kahn no Instituto Metapsychico, a que assistiram os professores da Faculdade de Medicina de Paris, Cuneo, Gosset, Laignel-Lavastine, Lardemois, Vallée, Leclainche, Daniel Berthelot, General Ferrié.

⁂

M. Rouhier e o Dr. E. Osty distinctos metapsychistas, aquelle membro e este presidente do «Institut Metapsychique» fizeram nesta associação parisiense conferencias sobre—«Plantas divinatorias» e «O funccionamento da faculdade supranormal.»

INDIA

O Espiritismo no Extremo-Oriente está em franca actividade, devido ao incansavel labor do sr. V. D. Rishi, dedicado propagandista da Nova-Revelação.

O sr. Rishi, numa das ultimas conferencias que fez em Cawnpore disse «que os povos da Europa consideram a India como o berço do Espiritismo, sendo por isso dever dos espiritas hindús, entre os quaes se encontra excellentes mediums, trabalhar com methodo e orientação para que appareçam os resultados de um esforço proficuo.

— A "Sociedade Espirita das Indias", filiada á Federation Spirite Internationale" vai se installar de modo a intensificar os seus trabalhos experimentaes, que consistirão em materialisações, photographias, phenomenos physicos, etc.

AMERICA DO NORTE

A propaganda na America do Norte se faz positivamente, operando conversões todos os dias. E' bem possivel que a America do Norte seja um dos paizes que conta maior numero de espiritas.

— Um facto digno de nota acaba de se verificar em New-York. O prestidigitador americano Houdini, que como os leitores sabem, tem se mostrado um terrivel inimigo do Espiritismo e perseguidor dos mediums, cercou-se agora de varios espiões com o proposito de desmascarar os mediums.

Ha pouco em Lily-Dale, o medium Maggie Waite, achava-se occupado a transmittir aos assistentes, por occasião da sessão, mensagens dos Espiritos dirigidos a diversas pessoas em particular, quando subito detêm-se e aponta com o dedo um individuo que se achava na sala e diz-lhe, do alto do seu estrado : «Devo-vos lembrar que ha alguns annos vos separastes de um amigo chamado Robert Hevenson, que partiu para a America do Sul. Tambem fizestes com elle uma combinação : aquelle que primeiro morresse teria de avisar ao outro. Pois bem, o vosso amigo aqui está em Espirito. Elle me diz que a phrase para o reconhecimento, é esta latina : «In hoc signo vinces». Si eu estou enganado podeis declarar ao auditorio.»

O homem parecia completamente perturbado. Por fim rompeu o silencio e confessou : ‹Sim, tudo isso é exacto !› No mesmo instante o medium continuou : ‹Perfeitamente. Mas vós sois um espião de Houdini. Os 50 dollars que recebestes para fazerdes este serviço vos foram dados por Houdini que é vosso primo germano. Não é verdade ?›

Todos os assistentes levantaram-se e voltaram-se para o homem que chorava, envergonhado, tremulo, cabisbaixo, até que este se levantou e retirou-se.

ITALIA

A Italia é, talvez, o paiz em que o Espiritismo tem sido menos propagado. A começar da divulgação pela imprensa e pelo livro, a Italia deixa muito a desejar. E' admiravel que até agora não se encontre traducções das obras de Allan Kardec neste paiz. A colonia italiana, domiciliada não só no Brasil como em outros paizes reclama o preenchimento dessa lacuna que deve ser tratada pelos confrades italianos.

ARGENTINA

— A srta. Enriquetta Spotti fez no salão theatro "Benevolenza e Unione" uma conferencia sobre "As communicações dos Espiritos".

— O sr. Manio Rinaldi dissertou no salão da sociedade Constancia sobre "A Vida terrena e a Vida Universal".

— Na sociedade Espirita "Lumen" o sr. José Belart fez uma conferencia sobre "O Espiritismo e a Justiça social".

—O Dr. Cosme Marino prosegue no seu trabalho de propaganda, tendo realisado no salão da Constancia uma conferencia sobre o thema : «Os criticos em face do Espiritismo». Falou sabbado seguinte sobre «A mediumnidade curativa» o sr. Carlos L. Chiesa.

—A Sociedade Benificiencia prosegue nas suas palestras de propaganda.

—A famosa medium sra. Josefa Romeu avisa os interessados que dará sessões mediumnicas na Sociedade «Fraternidad» nos 1.o e 3.o domingo de cada mez.

—Centro ‹Benjamim Franklin› realisou a sua conferencia mensal, que versou sobre «A Philosophia do Espiritismo.

—A Constancia continúa denunciando os exploradores que fazem do Espiritismo um meio de vida.

—Falou na Sociedade «Caminho da Perfeição» o distincto confrade sr. José R. Nosei, digno redactor d' ‹A Idéa›, sobre o thema : ‹A Acção do Espiritismo no momento actual›.

HESPANHA

Diz «Lumen» que a Federação Espirita Hespanhola está preparando algumas excursões de propaganda a cargo de distinctos confrades, os quaes levarão a palavra ás regiões levantina, andaluza, aragonesa e possivelmente á castelhana. Depois desta organisar-se-ão comités de propaganda para o norte e oeste.

— Foi fundado um novo centro em Sans-Barcelona, que tem por fim propagar o espiritismo scientifico-philosophico.

— Em Elche, sob a presidencia do sr. D. José Pastor, foi fundado o Centro Revelação, que promette um trabalho assiduo para a vulgarisação da nossa doutrina.

— Os Centros «Barcelonez de E. P.», «La Buena Nueva» e «Esperanza Christiana», de Barcelona continuam celebrando frequentes sessões e conferencias, com grande assistencia.

— Em Sabadell e Tarrasa, os Centros de «Estudios Psicologicos» e «Fraternidad Humana», estão em grande actividade.

— Em Malaga, o Centro local entrou num periodo de florescença, augmentando o numero dos seus socios, e os assistentes de suas sessões.

— Em Madrid, Alicante, Elche, Zaragoza, Algeciras ha grande movimento espiritista, demonstrando o progresso desta doutrina em toda a nação hespanhola.

ESPIRITISMO NO BRASIL

OS nossos leitores hão de se recordar do «Caso de S. Carlos», que noticiamos no numero de março ultimo. Pois bem, urge accrescentar que levada a decisão do Juiz ao Tribunal de S. Paulo, julgou este de acertada medida reformar a sentença do digno magistrado de S. Carlos, e denegou a ordem de «habeas-corpus» que foi concedida ao «Centro Espirita Maria de Jesus» para o seu livre funccionamento. Os directores de referido Centro não estiveram, entretanto «pelos autos» e recorreram da sentença injusta para o Supremo Tribunal Federal. Este, em sua sessão de 24 de maio ultimo, concedeu a ordem de «habeas-corpus» por unanimidade de votos, afim de que o centro possa se reunir livremente para a pratica do Espiritismo, não podendo assim a policia do Estado continuar a impedir suas reuniões. Foi relator do «habeas-corpus» o ministro Guimarães Natal.

Como se vê a força dos adversarios já se mostra impotente para dominar a Verdade e impedir a Liberdade em seus altos tentamens.

E'cos de propaganda

Em Campo Grande, Matto Grosso, com o titulo «Nucleo Beneficente Vicente de Paulo» foi fundada mais uma sociedade espirita, cuja directoria ficou assim constituida : directora, D. Guiomar Cesar; secr. D. Josina de Castro ; thes. D. Deliria Herculano Diniz. Commissão domiciliaria : D. D. Maria Amada, Isabel Gomes, senhorinha Alves.

⁂

A «União Espirita, de Ribeirão Preto» assim organisou a sua nova directoria : pres. João B. Oliveira Ramos ; vice, Floriano Silva ; thes. José Vianna ; secr. D. Mercedes Rufino Selles ; orador, Braulio Braga ; bibl. Pedro Luciano ; 2.º orador, Gustavo Marcondes ; 2.º secr. João Orso.

⁂

Mais uma associação de propaganda foi fundada em Ribeirão Preto, E. de S. Paulo, rua Alvares Cabral, 43, cuja feição doutrinaria e fins philantropicos têm por base os ensinos de Jesus explicados magistralmente por Allan-Kardec. Este que tomou o titulo de «Euripedes Barsanulpho», assim constituio a sua directoria ; pres, Jorge de Castro ; vice, Candido Pinto Vallada ; 1.º secr. Lourenço de Paiva ; 2.º José Cruz Teixeira ; thes. Joaquim Rollo Nunes ; proc. Aristides Motta ; bibl. Joaquim Ferreira ; orador Antonio Rosario.

⁂

O Centro Espirita Christophilos, que funcciona a rua Buarque de Macedo, 41, terreo Rio, alargou o trabalho de propaganda impressa, utilisando-se para tal fim, d'O Clarim, popular semanario, prestes a completar 21 annos de existencia.

⁂

O Centro Fraternidade, de Marechal Hermes, Rio, continúa realisando conferencias publicas de propaganda que são muito concorridas.

⁂

Ficou organisada a Federação Espirita Riograndense do Norte, com a fusão do Gremio «Thereza de Jesus» e da «União Espirita Agostinho de Hippona.» A directoria acclamada ficou assim constituida : pres. Dr. João B. Nascimento ; vice, Sebastião F. Araujo ; 1.º secr. Manuel Costa Barbosa ; 2.º Luiz Bezerra Menezes ; 1.º thes. D. Marcionilla D. Moura ; 2.º Manuel P. Lima ; 1.º proc. J. Nicacio Sobrinho ; 2.º João M. Lima ; director da Assistencia ; Dr. João G. Oliveira ;

adjuncto, Dr. Amazilde Trindade. Esta unidade mantem officinas typographicas e jornal.

Novos collaboradores

A *Revista Internacional do Espiritismo* tem o prazer de communicar aos seus leitores que foram incluidos no corpo dos seus collaboradores os distinctos confrades Leopoldo Cirne e Professor Alberto Conte, lente de psychologia da Escola Normal de Casa Branca.

Da Capital Federal

Do nosso correspondente :

O trabalho de propaganda accentúa-se dia a dia nesta capital. Ao lado da desorientação de uns e do movimento *espiritualista* de destruição que visa o Espiritismo, os obreiros bem orientados se esforçam para que a doutrina seja escoimada dos erros humanos que prejudicam a sua comprehensão. E' como se diz o joeiramento que se está effectuando para, definidas as posições, possa cada qual bem se orientar na senda verdadeiramente espirita.

⁂

A Liga da Constituinte «Espirita» não deu até agora uma unica sessão e cremos que não dará, pois entre os proprios «ligados» ha quem se queixe da deficiencia dos estatutos para taes trabalhos. Ainda mais a «liga» não tem séde; seu presidente anda percorrendo os centros que não adheriram para ver si pode captar sympathia de algum.

⁂

O sr. Jarbas Ramos, director do «Brasil Espirita» enviou ao "Conselho Espirita do Brasil" uma carta, na qual declara retirar a sua solidariedade da "Liga". O sr. Jarbas foi um dos promotores para a celebre "Constituinte."

⁂

Os espiritas de Campo Grande estão se organisando para fundação da «União Espirita Christã», que já dispõe de terreno para constucção da sua séde.

⁂

A Dra. Orminda Bastos fez em Campo Grande uma substanciosa conferencia espirita que causou grande successo.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez. os seguintes oradores : Dr. Souza Ribeiro, Giaccomo De Bernardo, Dra. Orminda Bastos, Ignacio Bittencourt, Dr. Romeu Camargo, Pedro Camargo.

⁂

Consta-nos que no começo do proximo mez de julho, o nosso collaborador Prof. Alberto Conte, lente de psychologia da Escola Normal, de Casa Branca, fará uma série de conferencias na Capital Federal, sobre themas escolhidos.

Factos Espiritas

Todos os factos cujas narrativas publicamos são authenticados por pessôas que nos merecem confiança :

Uma prova de sobrevivencia

Este facto, que nos foi transmittido pelo nosso confrade e amigo, Americo Indio Brasil dos Santos, é confirmado pela Exma. senhora D. Arminda Ribeiro da Silva, viuva do capitão-tenente Mario Ribeiro da Silva.

Em 1906, era ministro da Marinha o almirante Julio Noronha. O commandante Mario era compadre do ministro e seu official do gabinete.

Esse official achava-se a bordo do encouraçado «Aquidaban», quando, a 29 de janeiro, se deu a terrivel explosão, em que aquelle celebre encouraçado afundou com toda a guarnição, na bahia de Jaquacanga, perecendo ahi o commandante Mario, com quantos se achavam a bordo.

Horas depois de se ter dado esse facto, bateu á porta do almirante Noronha um moço vestido de preto e, como se mostrasse familiar da casa, a criada, que o não conhecia, abriu-lhe a porta, acompanhou-o até a sala e foi chamar a senhora. dizendo-lhe :

— «Está ahi um moço».

O commandante Mario falleceu com 34 annos. Era, portanto, um moço.

A senhora veio logo attender, mas, chegando á sala, com grande surpresa sua e da criada, o visitante tinha desapparecido como por encanto.

A criada fez, então, a descripção do moço e, por ella, a senhora do almirante reconheceu que se tratava do capitão-tenente Mario Ribeiro da Silva, amigo da familia, e que perecera no sinistro.

BIBLIOGRAPHIA

TU REVIVRAS

Henri Regnault, membro do Comité da União Espirita Franceza, e autor de diversas obras, acaba de dar publicidade a um novo livro cujo assumpto principal tem constituido a preoccupação dos philosophos de todos os tempos : A reincarnação ou pluralidade das existencias corporeas.

«Tu Revivras» — *é o titulo de referida obra, que, confeccionada com o luxo habitual usado nas — Edições Georges — Anquetil, enfeicha grande numero de documentos formaes, scientificos, demonstrativos das vidas successivas, como tambem de communicações dos chamados mortos, estabelecendo com estes dados uma moral elevada, destinada a transformar o nosso mundo, excluindo delle o reinado do egoismo, causa predominante da decadencia humana.*

«Tu Revivras» *é uma obra magnifica, d'uma apresentação sumptuosa, indispensavel em todas as bibliothecas, bem como digna de ser lida por todo aquelle que pensa e deseja vêr resolvido o problema do destino humano.*

Os interessados devem fazer os seus pedidos a «E'ditions GEORGES-ANQUETIL, 39, Boulevard Berthier, Paris (17) enviando um cheque ou vale postal de Frs. 18.

O Segredo da morte

E' este o titulo de um importante livro de Mme. Madeleine Frondoni Lacombe, que acaba de sahir do prelo portuguez. Escripto no nosso idioma contém 410 bem aproveitadas paginas com a divulgação de phenomenos interessantissimos, obtidos com o mais rigoroso controle.

E' uma obra, a todos os titulos, indispensavel aos que procuram a verdade.

Acha-se a mesma á venda na Livraria d'O Clarim — Mattão — Est. de S. Paulo — ao preço de 12$000.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2715unse

6 unavailable

NNO II — Brasil—E. S. Paulo — Mattão, 15 de Agosto de 1926 — NUM. 7

evista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

s Testemunhos da Sobrevivencia
Immortalidade da Alma
verdadeira Religião
ma Prova a «priori» da existencia da Alma
volução e Felicidade
ida e Amor
m grande Medium
visão de Lord Eskine
Na terra—A vida do Além»
volta de Oscar Wilde
hronica Extrangeira
cos e Noticias
spiritismo no Brasil
ibliographia
otas Diversas

Photographia Espirita de Miss Emily

ANNO 2 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Agosto de 1926-NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

Os Testemunhos da Sobrevivencia

OS unicos testemunhos que podem ser dados do individuo são aquelles que caracterisam-n'o — physica, intellectual e moralmente.

Todo o exame e pesquizas analyticas se acham subordinados a estas condições para o perfeito reconhecimento dos seres com quem privamos : configuração physica, capacidade intellectual, valor moral.

Ora, na somma dos factos em todo o mundo ao que concerne á phenomenologia espirita, observadas como têm sido estas condições, no estado critico das entidades psychicas que se vêm manifestando, não se pode deixar de optar pela sobrevivencia do homem ao transe que chamamos morte.

Não só os livros e revistas que tratam de tão interessante assumpto, como tambem as obras de antigos agiologos dispersas em todo o mundo, comprovam a realidade desta verdade, talvez a melhor caracterisada de todas as que são acceitas por todos.

Levando em conta a lata e complexa modalidade mediumnica que se tem patenteado aos olhos dos observadores em todas as classes sociaes, desde a mais rudimentar força que se presta a accionar uma «mesinha», até a aproveitada para as mais intelligentes manifestações, não ha quem com bôa logica possa concluir que todos esses effeitos tenham um caracter meramente casual e não sejam oriundos de entidades cujo poder, vontade e liberdade estão adstrictos a leis naturaes, embora desconhecidas ainda dos espiritos dotados de maior penetração.

As provas do valor pujante das communicações espiritas não se encontram sómente nas materialisações, moldagens, photographias, que constitúe a parte physica do phenomeno. Muitas outras capazes de resistir as mais serias objecções têm sido constatadas em apoio da theoria espirita, que explica clara e logicamente o porque da vida, a razão da morte e desdobra ás nossas vistas os esplendores da Immortalidade, sobre a qual se assenta esse magnifico edificio da Religião e da Sciencia.

Ha, por exemplo, um romance de Charles Dickens, intitulado *Edwin Drood*, começado pelo autor, mas que só foi terminado depois de sua morte por um medium ainda novato, sem illustração e sem a menor educação litteraria.

Esse medium chamou-se James, era um operario mecanico, incapaz de produzir tres linhas.

James não conhecia o principio da obra de Dickens quanto mais o ponto de inserção para juntar a communicação ulterior, Além disso escrevia em estado de completa inconsciencia, de que, por vezes, era preciso tiral-o ao fim do exercicio mediumnico.

Em 1873 a imprensa dos Estados Unidos relatou e commentou largamente esse facto, apurando, por meio de testemunhas occulares, a verdade que syndicava.

A parte escripta por James é de 400 paginas. A caligraphia do medium tem semelhança completa com a de Dickens. A realisação do pensamento, a cohesão litteraria e a dedução da trama em todo o trabalho mediumnico prenderam tanto a attenção dos investigadores, que o correspondente do *Daily Onion* (Springfield), não reluctou declarar, em sua critica, que as personagens mantinham perfil exacto, bem como a linha inconfundivel do caracter que Dickens lhes déra.

Emfim, a parte mediumnica é uma integração homogenea da concepção do autor: a ortographia era mantida, as particularidades, a technica e até os conhecimentos topographicos de Londres, que o medium não tinha.

O trabalho era perfeito e completo, não se podendo negar que fosse de Dickens.

Falando desse trabalho o sr. Harrison, diz que o genio e o sentido artistico que elle revela, não poderiam se conciliar com a explicação da fraude.

Innumeros exemplos desta natureza se acham registados nos Annaes do Espiritismo.

E para citar mais um caso, lembramos as condições em que foi escripta a obra *Arcanos da Natureza*, cujo primeiro volume foi publicado na Allemanha (Erlangen) pelo Dr. Acker com o titulo *Historia e leis da Creação*. Foi tal o valor intrinseco que o celebre materialista Bücker encontrou em dito livro, que se valeu d'elle varias vezes, chegando até a fazer, em seus escriptos, citações textuaes. E qual não foi a decepção de Bücher quando, em sua viagem á America do Norte teve uma entrevista com Tuttle, contra toda a espectativa lhe apparece o «autor» dos *Arcanos* na sua rude ignorancia !

Como poderia Hudson Tuttle, simples camponez, sem a menor instrucção e educação scientifica, na edade de 18 annos produzir uma obra de tal valor ! E' muito sabido que, como James, Hudson escreveu o «seu» livro em completa inconsciencia.

Gabriel Delanne, referindo-se as experiencias de Dusart e Broquet narra o facto de uma criança de tres annos e meio de edade, chamada Celina, que escrevia automaticamente e produzia communicações claras e difinidas na forma e na intenção. Broquet diz que a criança tomava o lapis transformando a physionomia, seguindo-se os movimentos rapidos e nervosos, até que dominada a crise, o lapis corria destramente sobre o papel sem se levantar, d'um traço só ligado, mas formando todas as palavras e intervallos, sahia a communicação inteira.

Em nenhum destes casos, hypothese explicativa alguma pode prevalecer; nem a do automatismo animico, nem a da subconsciencia ; a unica que preenche as condições exigidas é a espirita, que explica os factos na sua simples e real expressão.

A sobrevivencia se patenteia actualmente aos olhos de todos os que querem ver.

As differentes formas de mediumnidade explicam os diversos meios de communicação que vêm demonstrar a Immortalidade do espirito, que se affirma com todos os caracteristicos que o distinguia na vida corporea: physico, moral e intellectual.

Estudando-se attenciosamente a expressão phenomenal, não será difficil distinguir o frisante destaque das entidades productoras de taes phenomenos, que não se podem confinar no ambito estreito das interpretações materiaes.

A IMMORTALIDADE DA ALMA

:: IX ::

Apparições e Materialisações

Já falamos, em artigos anteriores, das apparições ou desdobramentos dos vivos. Vamos agora dizer algo das apparições dos mortos.

São ellas as manifestações que mais vivamente impressionam, sendo as mais interessantes. Podem ser espontaneas e provocadas. Apresentam-se geralmente sob uma forma vaporosa e diaphana, ás vezes vaga e indecisa, ás vezes claramente accentuada, bem desenhados os braços, o tronco, a cabeça, distinguindo-se os menores traços do rosto, apresentando-se, emfim, com toda a apparencia de um corpo material, e persuadindo a quem as vê de que são de facto pessôas vivas. Em certos casos, até a tangibilidade pode se tornar real, sentindo-se o calor do seu perispirito materialisado e até as pulsações do seu coração. Como prova irrefutavel de que são espiritos, *impressionam a placa photographica.*

As apparições se tem dado em todos os tempos e em todos os povos entre os crentes e os descrentes. A Biblia está cheia d'ellas. Ellas tem sido verificadas mais geralmente nos casos de morte de pessôas ausentes que vêm visitar os parentes ou amigos, com o fim de annunciar-lhes a sua morte. Poderiamos transcrever muitos casos de apparições espontaneas bem documentados, porem sendo seu numero legião e se encontrando ellas em todas as obras espiritas deixamos de o fazer.

Lembramos apenas um e este dado no Rio de Janeiro, ha poucos mezes, noticiado por todos os jornaes: — Um espirito apparece á noite, a um dos moradores de uma certa rua e pede-lhe que avise a todos os moradores, e eram 17 casas, que sahissem dos seus lares, sem perder tempo, porque todas as casas iriam desabar.

Cento e tantas pessôas fogem das suas casas e, mais ou menos 1 hora depois, todas as casas desabaram, sendo, assim, salvos todos os moradores. Vimos nos jornaes photographia da tal rua com as suas 17 casas desabadas.

A Sociedade Psychica de Londres tem tomado conhecimento de centenas d'ellas e as confirmado de modo indiscutivel, publicando-as em sua notavel obra com o titulo: «Phantasms of the Leving".

Ha uma traducção franceza desta obra com o titulo desnaturado de «Les Hallucinations Télepathiques.» E' ella prefaciada pelo professor Richet, que parece justificar a mudança do titulo para dar ao livro uma apparencia de *sciencia official*, com o fim de chamar a attenção dos «sabios» para a sua leitura. Assim, diz elle:

«Existem verdades novas que, por mais extranhas que pareçam á rotina, serão um dia scientificamente demonstradas. Esses phenomenos são difficeis de se admittir, porque tememos tudo que é novo, porque não queremos ser tirados da indolencia por uma revolução scientifica que perturbaria as idéas banaes e os dados officiaes.»

A sciencia official já de ha muito

que está soffrendo terriveis golpes, já está brechada ás maiores profundezas, e, offuscada pela luz intensa das verdades do Espiritismo que está sendo abraçado e defendido pela onda formidavel dos libertos dos preconceitos sociaes e officiaes, devaneia, apegando-se á rotina e se deixando escurecer e submergir no seu triste passado.

Ouçamos ainda Charles Richet :

«Dentro de quatro seculos, lá para 2290, os nossos bisnetos *pasmarão da nossa ignorancia* e ainda mais da nossa *presumpção em negar sem exame o que não comprehendemos. Esta é a primeira vez que se ousa estudar scientificamente o que acontece depois da morte. Quem pois ousará dizer sem ter lido este livro que isto é uma loucura?»*

Telesplastia — Esta palavra foi empregada pela primeira vez pelo Congresso Psychico de Chicago para significar as formas *simile-humanas* que se produzem em condições rigorosas de fiscalisação e que tem sido tambem designadas por *materialisações.*

A *telesplastia*, pois, é o processo de *encarnação momentanea* de um espirito, formada pelos elementos, radiações ou effluvios materiaes tomados do medium e dos assistentes. Com estes elementos o espirito vae condensando o seu perispirito homogeneamente ou apenas em partes. Assim, ás vezes, são somente as mãos que apparecem, outras, as pernas ; outras vezes ainda é só a cabeça que apparece no espaço, suspensa, phenomeno este bastante comovedor e assustador.

Estes rostos se animam e falam ; aquellas mãos mudam de lugar os objectos e tocam instrumentos musicaes. As vezes, o corpo inteiro se condensa, com todas as apparencias de vida—calor, movimento, tangibilidade. Esta *forma* sufficientemente condensada tem todos os caracteristicos do morto que apresenta os traços physicos e intellectuaes pelos quaes se faz reconhecer ; é um *simile perfeito do ser humano* que fala, escreve, sorri, que se deixa photographar, que presenteia aos assistentes com cabellos seus e fragmentos das suas vestes, os quaes tambem pouco a pouco vão se desmaterialisando. Este fac-simile do corpo humano, depois de ephemera duração no plano physico, entre os chamados vivos, se desvanece, desmaterialisa-se, passando do estado solido visivel ao estado fluidico ou radiante, estado invisivel, proprio do plano do Além em que a vida continúa . . .

As leis que regem estes phenomenos ainda são tão ignoradas como as da propria vida. Só se sabe, por emquanto, é que o Espirito retira os elementos necessarios á sua condensação dos seres vivos e que este phenomeno requer um estado de obscuridade ou de meia luz, luz terna, fraca. Este facto, porém, como muito bem diz o snr. Alfredo Erny (O Psychismo Experimental), é uma condição necessaria a tudo que toma vida, como por exemplo acontece com as sementes na terra, o pinto no ovo, a criança no seio materno. A placa sensivel tambem necessita da obscuridade — a camara escura. Somente depois de terminada a materialisação é que o sêr se pode mostrar á luz, como tambem o cliché, só depois de revelado. Este phenomeno de materialisação concilia-se com as leis que regem as transformações da materia em determinadas circumstancias. A sciencia diz que a athmosphera contem todos os elementos da terra e que este fluido cosmico ethereo representa o estado mais simples da materia, podendo em condensações graduaes dar origem a todos os corpos solidos que constituem a base da materia terrestre. Substancias solidas se transformam em vaporaes e se tornam invisiveis e, por sua vez, substancias vaporosas, fluidicas, se transformam em substancias solidas.

Percorrendo os successivos gráos de rarefação, a materia passa do estado solido ao liquido, depois ao gazozo e ao fluidico e, inversamente, o fluido mais subtil volta ao estado solido.

E' nesta lei de rarefação e condensação que se assenta a *teleplastia.* Ella se manifesta por uma especie de vapor ou de nuvem, por pequenos flocos nebulosos que pouco a pouco se condensam, se limitam e tomam a forma humana.

Estes phenomenos não transcrevemos porque não é cabivel em nosso trabalho, competindo-nos apenas indicar algumas das obras scientificas que os descrevem :

Robert D. Owen — Região em litigio entre este mundo e o outro ;

Alfredo Russel Wallace — Les Miracles et le Moderne Spiritualisme ;

Paul Gibier — Anales des Sciences Psychiques. Nestes Annaes, o Dr. Gibier diz, a respeito destas apparições: «Os phantasmas interrogados declaram todos ser entidades distinctas do medium, espiritos desincarnados que vieram á terra e cuja missão é demonstrar-nos a existencia da outra vida.»

Florence Marriat — Le Monde des Esprits, E. d'Esperance — No Paiz das Sombras.

O coronel Olcott—«Gens de l'autre monde» descreve as materialisações em condicções de fiscalisação as mais rigorosas.

William Crookes—«Recherches sur le Spiritualisme». Aksakof— «Animismo e Espiritismo e Um Caso de Desmaterialisação». As investigações destes autores são dignas de todo o acatamento. O espirito que se materialisava nas sessões de Crookes e que se deu o nome de Katie King, prestou-se a todas as experiencias, porque tinha previamente declarado:

«Eu vim para convencer o mundo da realidade da vida futura.»

Crookes observou que a *condensação ou materialisação do espirito coincide sempre com a descondensação ou desmaterialisação do medium*, revelando sempre o espirito *um peso sempre correspondente ao perdido pelo medium.*

Para maior claresa, os interessados que recorram as mencionadas obras. Estas materialisações que estão hoje occupando a attenção dos estudiosos são velhas como o tempo. No Velho como no Novo Testamento, vemol-as muito claras e bem descriptas. O proprio Jesus se materialisou muitas vezes, materialisações completas como as de Katie King, narradas por Aksakof e W. Crookes (Mat. 28—1 a 10, Luc. 24—36 a 49, João 20—19 a 29.

De tudo quanto dissemos, vê-se que é elevadissimo o numero dos sabios que se têm dedicado ao estudo do Espiritismo, que buscam as provas da sobrevivencia da alma e que esta parece já estar plenamente demonstrada por tantos factos observados, e tambem pelas innumeras communicações com provas de identidade. Os sabios investigadores do Espiritismo vão em busca destas provas, lançando mão até de apparelhos registradores mui sensiveis e de photographias, temendo uma illusão dos seus sentidos. Todos nos dizem que é um facto a sobrevivencia da alma; todos nos dizem que é um facto a acção dos Espiritos sobre os vivos e sobre a materia inanimada.

Aquelles que quizerem negar os phenomenos do Neo-Espiritualismo devem ser coherentes, *demonstrando o contrario...*

Apraz-nos terminar esta serie de artigos com as nobres palavras proferidas pelo illustre William Thompson em seu discurso na Associação Britanica:

«*A Sciencia é obrigada pela eterna lei da honra*, a encarar sem temor qualquer problema que lhe puder ser francamente apresentado.»

SOUZA RIBEIRO

A VERDADEIRA RELIGIÃO

A fé serena profunda que faz corações bons e valorosos, além de fazel-os ditosos, é o que falta á nossa geração árida e inquieta.

A Religião em sua essencia é o encontro de dois amores: o amor de Deus que procura o homem e o amor do homem que busca a Deus, que o responde. Não é a arte de collocar-se mais ou menos em condições de evitar o inferno, suppondo que este existe . . .

A verdade religiosa, como toda a verdade, é o resultado do trabalho e do estudo.

A verdade, disse Stuart Mill, não se levanta como o Sol, por seu proprio movimento e sem esforço humano, não basta esperal-a para percebel-a...

Henrique Brun, estudando os effeitos da fé, assim conclúe: «Quando a virtude e a felicidade entram em uma alma humilde sob os auspicios da fé, não são hospedes de passagem. Se comprazem na morada e permanecem. O mal pode bater á porta: a Virtude não abre. O infortunio pode cahir sobre a casa: a Felicidade não succumbe! **Paul Bodier**

UMA PROVA "A PRIORI" DA EXISTENCIA DA ALMA

PROF. A. CONTE

(Lente interino de Psychologia e Pedagogia na Escola Normal de Casa Branca.)

Hoje, graças ao Espiritismo, a existencia da alma, no sentido espiritualista, está demonstrada *a posteriori*, isto é, por *factos*. Este acontecimento é, a nosso vêr, o mais vultuoso, o mais extraordinario, o mais util de todos os tempos. A prova scientifica, experimental, da existencia da alma constitue o maior successo da Sciencia moderna. Em materia de descobertas, nenhuma se lhe compara em importancia scientifica, philosophica, religiosa, social, juridica, etc. O grande escolho das religiões foi sempre a *prova*; isto é, a impossibilidade em que ellas sempre se encontram, quando atalharam as communicações com o além, de offerecer provas experimentaes, scientificas da existencia e immortalidade da alma. Ao seculo XIX coube essa felicidade, ao Espiritismo esse triumpho. As gerações modernas se achavam tão desconfiadas e scepticas em virtude dos erros e contradicções patentes de que se achavam eivadas as velhas religiões, que só uma *demonstração* «more scientifico» poderia convencel-as da immortalidade, da existencia de Deus e dos seus corollarios. E' bem de vêr que não nos referimos aos descerebrados, aos eunucos do pensamento, aos aleijados intellectuaes que, coitados! acceitam toda sorte de absurdos com uma ingenuidade de zulú, e a quem o «credo quia absurdum» vae como uma luva. Referimo-nos *aos que pensam*.

Pois bem, a esses, após tantos logros religiosos, só provas *a posteriori*, á Bacon. E essas provas vieram. As «*almas do outro mundo*», tão lendarias já, equiparadas de ha muito ás sereias, gryphos, centauros e outras entidades fabulosas, materializaram-se nos gabinetes dos sabios, em pleno dia, em pleno Londres e Paris e outras grandes Babylonias modernas. E essas almas assim materializadas (em carne e osso, oh prodigio!) permittem que as apalpem, pesem, photographem quantas vezes se quizer, fallam, cantam, respondem intelligentemente; permittem que se lhes corte o cabello e fazem-n'o crescer á vista de todos; cortam pedaços de vestido que distribuem aos assistentes e refazem immediatamente as falhas, e uma porção de prodigios d'este jaez. (1)

Entretanto, ha provas *a priori* da existencia da alma, sobretudo *uma* prova que é decisiva. O leitor, si já está familiarizado com certas expressões da Philosophia, deve saber que, provas *a priori*, de qualquer cousa, são aquellas que podem ser dadas *antes* da experiencia provar essa cousa, isto é, as que podem provir da pura reflexão, por *deducção* em vez de por *inducção*. Vamos suppor que pondo-se alguem a reflectir sobre si os demais planetas são ou não habitados, por uma serie de raciocinios (analogia inclusive) chega á conclusão que elles devem ser forçosamente habitados; temos ahi uma descoberta *a priori*, e as provas sobre as quaes a conclusão se firma são provas *a priori*. O astronomo Le Verrier, reflectindo sobre as perturbações da orbita de Urano a após calculos de gabinete, antes de se vêr ao telescopio Neptuno, affirmou que este planeta existia; Neptuno foi, pois, descoberto por um methodo *a priori*. Supponhamos agora que pelo telescopio, ou por uma mensagem ou por outro meio analogo se adquira a certeza experimental de que ha habitantes nos outros planetas ou que pelo telescopio sómente se tivesse descoberto Neptuno, tinhamos ahi a descoberta pelo methodo *a posteriori*.

Qual será essa prova *a priori* da existencia da alma, independentemente da materia? Essa prova é um argumento espiritualista bastante citado pelos autores espiritualistas, psychologos e philosophos, tão citado que não sabemos, já, quem tenha sido o primeiro espiritualista que o formulou. Elle vem, geralmente, concebido nestes termos: «O inintelligente, a materia bruta, não pode gerar a *intelligencia*, a alma.» Este argumento, apresentado assim, não produz grande impressão. Nós proprios encontrámol-o dezenas de vezes, quando ainda materialista, e sempre nos pareceu de pouco valor. Eis, porém, que semanas após nos havermos convencido da verdade do Espiritismo, reflectindo sobre como podia a intelligencia surgir da actividade de cellulas cerebraes, de moleculas, de atomos, ions, electrones inconscientes que constituem esses neuronios — formulando o velho argumento em outros termos e examinando o maior numero possivel de exemplos, chegámos á conclusão de que o materialismo é positivamente falso *a priori*.

Daremos, aqui, primeiro a nova redacção que demos ao argumento em questão, e, em seguida, os exemplos necessarios, duas cousas que os espiritualistas deviam ter feito e não fizeram. Eis a fórma bem mais explicita do argumento: «Não é possivel nem concebivel que o composto apresente uma natureza differente, algo mais que os componentes, que seja outra cousa que não a somma, a reunião pura e simples d'esses componentes». Com effeito, como poderia haver alguma cousa de novo em um composto, senão a fórma nova de *agrupamento*, de *movimento*? Mas o movimento e o agrupamento não affectam jámais a natureza intrinseca, a *essencia*, de nada. Nas differenciações ou mudanças de estado dos corpos nós temos uma simples alteração de estructura physica, de movimento e não de *natureza*: tanto que a reversibilidade é possivel. A agua, um liquido, pode passar ao estado solido ou gazoso; um gaz pode liquefazer-se, solidificar-se, até, desde que se baixe a temperatura e augmente a pressão. (2) Mas depois, procedendo-se inversamente, consegue-se que elle volte ao estado gazoso, por um augmento da força de repulsão, ou antes, pelo restabelecimento d'essa força em tal gaz.

A alteração physica, molecular não affecta, pois, a essencia intima dos corpos. Serão os corpos affectados pela modificação chimica? Que vem a ser uma modificação chimica? E' uma modificação já não mais molecular mas atomica, ou seja, uma alteração no agrupamento, não das moleculas mas dos atomos. Mas aqui não se tem ainda uma modificação que attinja a propria natureza do corpo; é sempre uma questão de agrupamento ou, em palavras mais claras, uma questão de mudança de logar dos atomos. Esses atomos, porém, não mudaram em essencia por terem passado de lá para cá, por terem deixado o corpo x e passado para o corpo y. Supponhamos o exemplo da reacção do hydrato de potassio, (HKO) sobre o acido azotico ($HAzO_3$) que nos dá agua (H_2O) e azotato de potassio ($KAzO_3$); o K (potassio) porventura deixou de ser o mesmo corpo por ter entrado a substituir o H (hydrogenio) do acido azotico? E o H do acido azotico deixará de ser o mesmo gaz por ter abandonado este composto e ter entrado n'outro, na agua ou protoxydo de hydrogenio (H_2O)? O facto de dois gazes (oxygenio e hydrogenio) formarem um composto liquido não implica mudança de *natureza* e sim de *estado*. As propriedades dos corpos são alteradas pela nova combinação, mas isto ainda não implica alteração de natureza; o corpo pode voltar a ser o que era, a ter as mesmas propriedades. O oxygenio ou o hydrogenio que constituiram a agua e foram de novo divorciados não apresentam modificação. Vê-se, pois, que mesmo as propriedades do corpo devem-se a uma questão de estructura e não de essencia. Mórmente si ficar comprovada a theoria da unidade da materia, cara a certos chimicos, tambem professada pelo Espiritismo. No fundo tudo é materia, tenha esta ou aquella propriedade, revista esta ou aquella fórma, apresente este ou aquelle estado.

Ha quem acceite na natureza só um principio: a *materia*: outros, dois principios: a *materia* e a *energia*. Em qualquer dos casos tem-se o *materialismo*, embora os que professam o dualismo citado se digam *energetistas*. Os primeiros reduzem tudo a materia em movimento, e a força, para elles, não é senão materia em movimento. Para os segundos, a força é cousa distincta da materia e é ella que a impelle. Mas ha energetistas mais radicaes, tão monistas como os da *materia-tudo*; são os que reduzem tudo a *energia*; e a propria materia não passaria de energia condensada. Eis, pois, sob este ponto de vista, tres escolas materialistas, ou tres systemas : *panmaterialismo*, *panenergetismo* e *dualismo* ; os primeiros, monistas ; o segundo dualista. Suppondo que qualquer d'elles esteja com a verdade, nenhum poderá explicar como da materia, ou da energia, ou ainda do connubio materia—energia, pode sahir a *intelligencia*, uma vez que nem a materia nem a energia são intelligentes. Se a materia é inintelligente e for actuada pela energia inintelligente como se tornaria intelligente ?

Sollier dá-nos um exemplo especioso, com o qual, por analogia, pretende justificar a crença na possibilidade da intelligencia, ou, de modo geral, a *consciencia*, brotar do funccionamento organico cerebral : é o exemplo da electricidade, que surge de uma pilha, a qual encerra elementos, diz Sollier, muito differentes da electricidade : o carvão, o cobre e o zinco. Mas é um engano. Os elementos, aqui, differem em estado, movimento, etc. mas não em natureza. Porque, na realidade, o que se transforma em electricidade é a energia potencial chimica, de accordo com o principio da transformação da energia. E' uma energia que se transforma noutra. E si a energia consistir na materia em movimento, (3) a electricidade será materia em movimento e a energia chimica, *idem* ; apenas, em vez de ser movimento expansivo, será movimento local, reduzido a movimento atomico ou electronico. De qualquer fórma, não temos uma mudança de *natureza*.

Busquem-se quantos exemplos se quizer, nunca se encontrará uma resultante que seja em essencia differente dos componentes. Somme-se espaço, obtem-se espaço. Somme-se materia, obtem-se materia. E como alguem poderá lembrar-se de exemplos apparentemente contrarios ao que affirmamos, é bom prevel-os e respondel-os. «Ora, se dirá, a vibração de um corpo, do meio elastico conductor, e do orgão auditivo produzem um *som* ; e o som não tem nada de commum com as vibrações, que são apenas materia em movimento. Diga-se o mesmo com as vibrações do ether e do seu effeito mecanico ou chimico (não se sabe) sobre a retina e o nervo optico e em relação aos outros sentidos. Estes exemplos, porém, nada provam, porque não são as vibrações que se transmutam em sensações ; nem as sensações são a somma, ou a resultante, o composto das vibrações. As vibrações são o excitante da alma, apenas, e provocam nella o que a Psychologia denomina um *estado de consciencia*.

A hypothese de Haeckel, suppondo a intelligencia uma propriedade inherente já á propria materia bruta, em grão embryonario, tambem não satisfaz, porque, se cada atomo tem uma consciencia, como se pode fazer a fusão em uma só : a do animal, a do homem ? Um caracteristico *sine qua non* da consciencia é justamente a *unidade* completa ; como poderiam fundir-se a minha consciencia e a de Caio em uma só, composta ? Essa consciencia resultante seria em parte eu e em parte Caio ? Cousa de endoidecer.

Pelo exame aprofundado da questão vimos, em summa, que ha um argumento *a priori* da existencia da alma não como um resultado da materia mas como entidade independente, como principio *sui generis*, que, como a materia, tem uma essencia propria, original. (4) Combinada esta prova com a que fornece o Espiritismo, experimentalmente, tem-se a morte definitiva do materialismo tradicional.

---

(1) V. Experiencias do genial physico inglez W. Crookes, com o espirito materializado de *Katie King*, do Dr. Charles Richet, materialista («Traité de Metapsychique») e mil outros experimentadores, na sua maior parte materialistas.

(2) V. Ferrière, «*La Materia y la Energia*», trad. hesp.

(3) Physica de Descartes, grande philosopho francez.

(4) Voltaremos ao assumpto para tratar de outros aspectos do mesmo.

Evolução e Felicidade

O homem nesta unica existencia nem póde fazer meritos para se elevar até a sociedade de Deus ; nem pode descer até desapparecer no *nada*. A doutrina que lhe dá a immortalidade e a perfectibilidade até a perfeição e grandeza de anjo, desenvolvendo-o e apurando em multiplas vidas progressivas, fala á razão, fala á consciencia, engrandece o Creador, e, conseguintemente, tem o infallivel criterio da verdade.

Bezerra de MENEZES

VIDA E AMOR

(Conclusão)

HAVIA Jesus proposto a uma multidão que o rodeava a «Parabola dos lavradores máos» e já um grupo de escribas e de sacerdotes, com o fim de o tentar (diz o Evangelho) tinham lhe inquirido á respeito do tributo, do imposto que pertencia a Cesar, quando diversos saduceus aproximando-se do Mestre interrogaram-lhe sobre o «problema do casamento no outro mundo».

Os saduceus, como se sabe, pertenciam a uma seita judaica que não acreditava na immortalidade, nem na resurreição, nem nos bons e máos espiritos; entretanto, criam em Deus, certamente com o fim de obterem recompensas temporaes. Esta seita não era numerosa mas contava com pessoas eminentes d'aquelle tempo, havendo-se tornado um partido politico opposto ao dos phariseus. Jesus deu a resposta á pergunta por elles feita, dizendo, mais ou menos, que os Espiritos não cogitam em casamento, visto este não representar mais que uma condição para evolução das raças. Aquelles que chegam a se libertar da Vida terrena não têm mais precisão de paes carnaes porque têm o Pae Celestial e vivem «como vivem os anjos», obedientes ás leis de fraternidade.

A esta lição e para melhor esclarecer o seu pensamento e tambem com o fim de incriminar a incredulidade d'aquelles homens que viam tudo só pelo lado material, o Mestre accrescentou: «Os mortos resuscitam, sobre isto não ha duvida; Moysés o indicou na passagem que escreveram á respeito da Sarça-Ardente onde se lê, que o Senhor é o Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob; óra Deus não é Deus dos mortos, mas sim dos vivos; pois todos, para Deus, vivem». O que quer dizer.—si vós crêdes em Deus, si servis a Deus, si Lhe fazeis sacrificios, si estudaes as Escripturas e fazeis profissão de fé do que Moysés escreveu, como não acreditaes na Immortalidade, na sobrevivencia da alma, na resurreição dos mortos? Pois si o Deus é de Abrahão, de Isaac e de Jacob, e si Abrahão, Isaac e Jacob morreram e não resuscitaram, como pode existir esse Deus? Pode Deus ser de mortos; Deus do que não existe?

Estudando-se com attenção os Evangelhos se vê que a maior preoccupação de Jesus foi erguer em todas as almas a crença na Immortalidade. Ao lado da moral incomparavel que constitúe a sua Doutrina, pharol glorioso que illumina a estrada da Perfeição; ao lado de suas significativas parabolas, dessas curas maravilhosas que o distinguem como um grande sabio; ao par de todos esses factos grandiosos, como sejam a multiplicação dos pães no deserto, a conversão da agua em vinho nas bodas de caná, a cessação da tempestade que agitou o mar da Galiléa; todas essas luzes e reflexos, todos esses albores e irradiações da excelsa Figura do Messias, não tinham outro escopo mais positivo, que o da demonstração por todas as formas, por todos os modos, da sobrevivencia humana, da immortalidade da alma, da Vida Eterna.

O seu nascimento em Belém com todos os caractericos que assignalam o nascimento da creatura humana, a sua infancia trabalhosa, a sua mocidade cheia de luctas e cuidados; a sua vida publica exposta a todas as dores, decepções, perseguições, ingratidões, ataques de toda a sorte, a sua apresentação nos tribunaes da Palestina, o seu martyrio, a sua morte afrontosa, tudo era indispensavel para salientar bem a sua Individualidade, afim de que as apparições successivas do incomparavel Mestre produzissem o effeito salutar que deveria imprimir á sublime Religião que nos legou, o verdadeiro cunho espiritual, divino.

Toda a vida tormentosa do Nazareno não teve outro effeito mais poderoso que salientar a sua Resurreição. E por esse motivo, a Resurreição do Christo, em quarenta dias produziu maior resultado que toda a sua vida em trinta e tres annos. Mas para que essa Resurreição alcançasse o fim almejado, foi preciso que Jesus se incarnasse, passasse longos annos na terra e morresse como acontece com todos os homens, afim de apparecer depois, tal como o conheciam, sem differençar a sua Personalidade, sem diminuir a sua Individualidade.

⁂

A «doutrina da morte» havia avassalado todas as religiões, o negativismo tinha se assenhoreado das almas, a descrença imperava no mundo, quando o divino Messias veio á Terra para erguer nas almas o sentimento vivificador da Immortalidade e orientar a intelligencia para a Espiritualidade.

Foi essa a razão que levou S. Paulo a comprehender o Christianismo e a affirmar: «assim como a morte veio por um homem, por um homem veio a resurreição dos mortos; aquelles que morrem em Adão só resuscitam em Christo.»

Havia antigamente, como o ha hoje, crença na *resurreição*, mas era tão transviada do seu sentido proprio, tão desnaturada pelo sacerdotalismo, que não passava de uma idéa fugaz que como uma chamma se accendia e apagava-se no mesmo momento no cerebro humano; era como que um fogo fatuo desprendido da podridão dogmatico dos feretros religiosos que se decompunham nas necropoles das cousas imprestaveis.

A doutrina da resurreição era uma mescla de doutrina da morte, doutrina do inferno, doutrina do céo, doutrina do Hades, doutrina da Gehenna. Dentre os proprios Apostolos, e as santas mulheres que acompanharam o Mestre, das quaes mais se salienta Maria de Magdala, que foi a que mais amou a Jesus e seguia os seus preceitos, por isso foi tambem a que recebeu as maiores graças e os maiores dons espirituaes; dentre elles proprios não haviam ainda comprehendido a RESURREIÇÃO senão pelo modo acanhado com que a interpretavam as religiões sacerdotaes.

Quando Jesus esteve na herdade de Martha e Maria, a chamado desta para restituir a saúde a Lazaro, que diziam ter morrido, o Mestre voltando-se para Martha que chorava a perda de seu irmão, disse-lhe: «*Teu irmão ha de resuscitar*». Ella replicou: *Eu sei que elle ha de resurcitar na* RESURREIÇÃO DO ULTIMO DIA.

O Senhor disse-lhe então: «Eu sou a resurreição e a vida; o que crê em mim ainda que esteja morto viverá, e todo o que vive e crê em mim, nunca, jamais morrerá.»

Martha acreditava na *resurreição do ultimo dia*, isto é na resurreição após o *julgamento final* de quando acabasse o mundo, como pregam as religiões dominantes. Mas Jesus apresentou-se a ella como sendo a RESURREIÇÃO que deve prevalecer, pois não levaria muitos dias que Elle, resuscitado dentre os mortos demonstraria a todos os que observavam as suas palavras, que é justamente na *apparição dos mortos* que constitúe a *verdadeira Resurreição* e não numa idéa abstracta de «fim do mundo» e «juizo final» aniquilando todas as obras de Deus, para fazer prevalecer um céo ficticio e um inferno eterno,

Tão ignorada no mundo estava a verdadeira resurreição que, repetimos, até mesmo dentre os que seguiam a Jesus, nenhum tinha conhecimento d'ella, embora o Mestre d'ella lhes tivesse falado por varias vezes E foi esse o motivo porque com a morte de Jesus, os Apostolos temerosos e foragidos desistiram, abandonaram a tarefa que lhes fôra confiada. Foi preciso que Jesus apparecesse novamente a elles, *resuscitasse*, para que lhes viesse a convicção de que Elle vivia e os auxiliaria no desempenho da missão que tinham de desempenhar. Pelo que é facil concluir que Jesus não fez apostolos e discipulos com a demonstração da sua vida terrena, mas sim com a demonstração da sua vida espirita; aquella foi como que um prefacio da obra que nos legou.

Os apostolos não o são do sacrificio, nem da morte, mas sim da resurreição:

Com a morte do corpo de Jesus, o Espirito Apostolico morreu, desappareceu, e só com a «resurreição» do Mestre seus discipulos «resuscitaram» para o trabalho espiritual.

⁂

A Vida e o Amor constitúe o alpha e o omega da creação e em toda ella reluz e brilha o espirito que permanece eternamente. A immortalidade explica a razão de ser do espirito; ella é base da Sciencia e da Religião.

O Amor é a Luz que illumina os Espaços, a Immortalidade é a Vida que anima o Universo. Todas as almas aspiram a Immortalidade, por ella luctam, nella vivem, nella crescem, progridem, felicitam-se, desde o mais insignificante peixinho, desde o mais desprezivel insecto, ao mais sabio dos homens, ao mais santo dos Espiritos que paira nas alturas.

Esse anceio d'alma que movimenta todos os seres, é a Palavra de Deus echoando em toda a creação animada, é a verdade illuminando as consciencias, é o o beneplacito divino conduzindo as almas para a Perfeição, para Deus, para a felicidade.

CAIRBAR

UM GRANDE MEDIUM

OS mediums representam um papel saliente no trabalho de espiritualisação que vai se fazendo ha setenta annos, para a transformação completa do nosso mundo. Elles não podem ficar esquecidos, porque é devido aos seus esforços, á sua docilidade em receberem e transmittirem as mensagens do Além que a Verdade vai se fazendo e a Immortalidade vivifica as almas.

Já temos, em nossa revista, feito menção desses arautos do bem, esses verdadeiros apostolos da Sciencia e da Religião, e não cessaremos de lembrar todos aquelles que conscios da sua missão têm se constituido verdadeiros baluartes do Espiritismo.

A figura que illustra esta pagina é a do distincto engenheiro, o sr. Stephan Ossowiecki, cuja nota biographica se acha inserta no excellente livro do Dr. Gustavo Geley — «L'Ectoplasmie et la Clairvoyance.»

Esta nota precede o relato das experiencias que o famoso medium fez no «Institut Metapsychique», de Paris, experiencias de resultados verdadeiramente proficuos.

Deixemos com a palavra o Dr. Geley:

— «Foi no mez de abril de 1921, em Varsovia que tivemos conhecimento, o professor Richet e eu, do engenheiro sr. Stephan Ossowiecki.

Um amigo nosso, o conde PLATER, depois de nos fazer sabedores de suas faculdades de clarividente, apresentou-nos a elle.

Algumas experiencias muito simples, foram immediatamente tentadas com resultados.

Outros ensaios, mais preciosos, nos dias seguintes, tiveram pleno successo.

Logo depois de numerosas experiencias feitas, seja em Varsovia, seja em Paris, nos foi permittido tomar conhecimento dos principaes detalhes da faculdade verdadeiramente maravilhosa de Ossowiecki.

Nós as exporemos metodicamente.

Eis aqui algumas notas biographicas sobre o clarividente:

M. STEPHAN OSSOWIECKI nasceu em 1877, de pae e mãi Polonezes.

Sua avó paterna era admirada entre os que a conheciam, pelos seus dons de clarividencia.

Sua mãe apresenta as mesmas faculdades, todavia menos desenvolvidas (presentimentos, premonições).

Um dos seus irmãos possúe tambem os dons de lucidez, mas incomparavelmente menos intensos que os de Stephan. Elle é, além disso, medium escrevente (automatico).

Desde a sua mais tenra infancia, Stephan Ossowiecki observou que possuia a faculdade da leitura do pensamento.

Elle divertia-se brincando com os seus pequenos camaradas, adivinhando os numeros e as phrases que elles pensavam.

Com desessete annos, elle entrou no Instituto de Engenheiros de Petrogrado, a grande escola technica da Russia, e ahi ficou até a edade de vinte annos.

Seus dons de clarividencia se manifestaram espontaneamente.

Um dos processos de perguntas mais utilisados na escola consistia em fazer tirar ao acaso, pelos estudantes, as questões que deviam tratar e que se achavam em enveloppes fechados.

Ossowiecki torna-se um passatempo, com grande passo dos seus professores, por responder as questões sem abrir os enveloppes fechados! Sempre a resposta era, fielmente, de accordo com a questão!

Elle possuia um outro dom, mais mysterioso ainda para si proprio: via em torno das pessoas que se achavam em sua presença, suas «auras» diversamente coloridas.

Ignorando toda a metapsychica, não ligava o seu dom de clarividencia com as suas visões, e julgou-se enfermo. Temeroso consultou diversos oculistas, dentre os quaes, o Dr. Gilius, celebre especialista de Moscou. O diagnostico deste medico foi desesperador: elle disse a Ossowiecki que tratava-se de um encommodo muito grave e que elle estava em grande perigo de perder a vista! O occulista lhe impôz um retiro de varias semanas num quarto escuro, submettido a instillações regulares de atropina!

Pouco tempo depois (tinha elle, então, vinte e um annos) Ossowiecki foi delegado pelo Instituto de Engenheiros á fabrica de papel do conde Worondof-Dasykef, em Gomel-Dobroug.

Nesta cidade vivia um vidente celebre em toda a região. Era um velho juiz, chamado Worobey.

Ossowiecki, por curiosidade, procurou-o: Worobey pediu-lhe a mão, concentrou-se e disse-lhe: «Vós não sois um homem commum, tendes na vida uma missão de ordem occulta a cumprir. Sois clarividente e vêdes as auras!»

Ossowiecki ignorando a significação da palavra aura, que ouvia pela primeira vez, o juiz explicou-lhe o que significava.

Ossowiecki comprehendeu então que não tinha affecção alguma da vista e que o diagnostico aterrorisador dos medicos tinha sido erroneo.

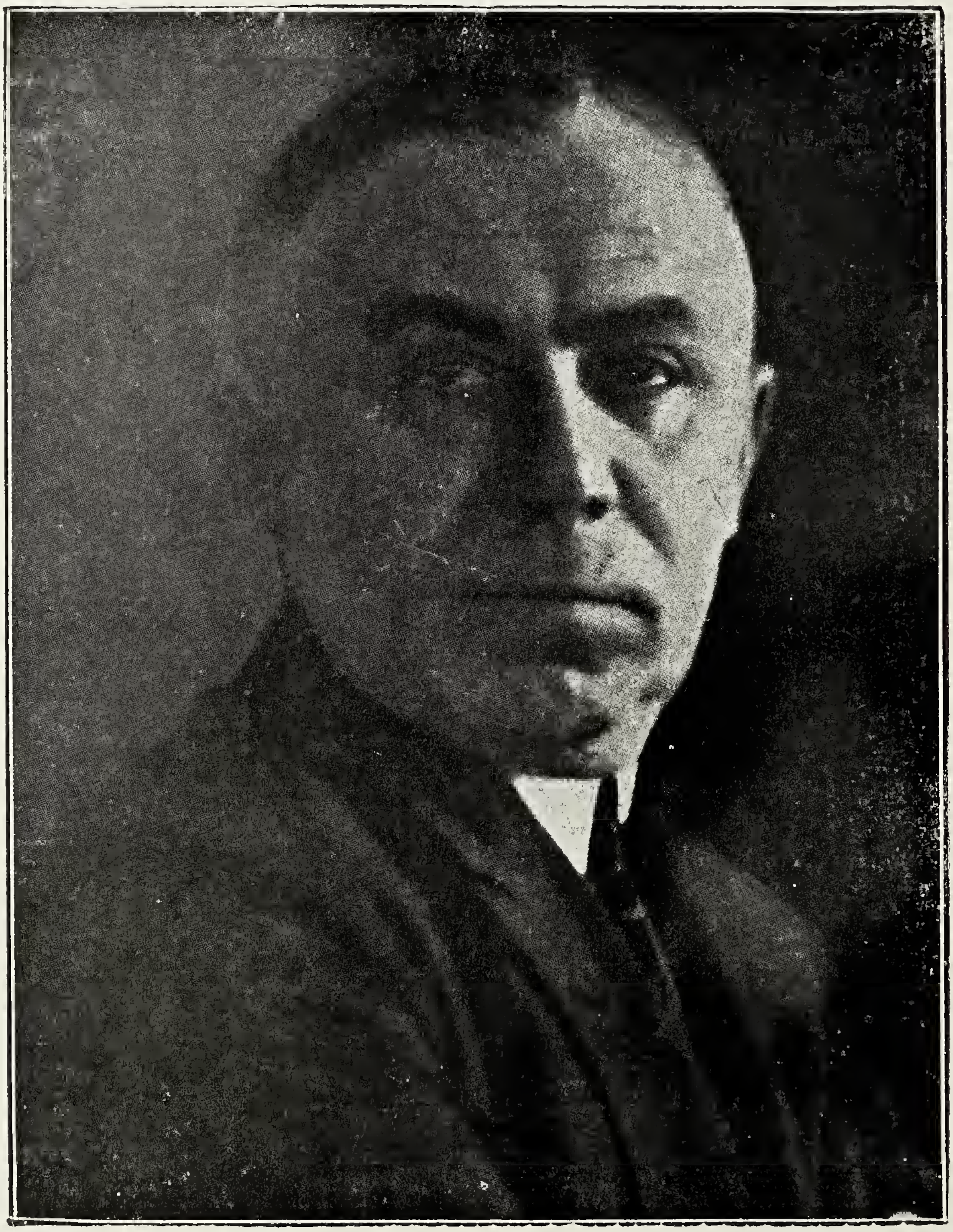

STEPHAN OSSOWIECKI

Completamente animado, pediu a Worobey que continuasse. O vidente contou-lhe então todo o seu passado, todo o seu presente e lhe expôz as visões do futuro totalmente inesperadas.

Elle viu-o na prisão durante longos mezes, nas peiores condições, depois condemnado á morte e salvo nos ultimos momentos ; mas arruinado. Accrescentou que em seguida elle adquiriria novamente uma bella situação, seria feliz e casar-se-ia com uma mulher, cujo pequeno nome seria *Anna*.

Elle adcionou esta extraordinaria predição :

«Entre quarenta e cinco e quarenta e oito annos, vós tereis uma celebridade mundial !»

Ossowiecki não acreditou nestas diversas predições que, felizes ou infelizes, lhe pareceram igualmente absurdas. Todavia as palavras de Worobey sobre o seu dom de clarividencia tocaram-n'o. Adquiriu confiança e comprehendeu que ahi existia outra cousa mais que um divertimento.

Durante os seus estudos, de desessete a vinte annos, Ossowiecki percebera, com admiração que possuia um outro dom além do da clarividencia : o da telekinesia. «Raps» se faziam ouvir no seu ambiente ; objectos eram expontaneamente deslocados em torno d'elle. Phenomenos se produziam mesmo em pleno dia ; elles enervavam e assustavam seus camaradas.

Ossowiecki teve então a lembrança de procurar reproduzir á vontade os factos de telekinesia. E conseguiu completamente. Elle fazia se amarrar em uma cadeira preguiçosa, ou prender em um sacco. Assim immobilisado, elle conseguia, mesmo em plena luz, concentrando-se penosamente, atrahir, ou repellir os objectos ; fazel-os cahir em terra, transportal-os de um para outro lado da sala.

O phenomeno mais intenso que elle observou foi o seguinte : Em uma experiencia feita com a princesa OLGA WOLKONKA, em pleno dia, uma estatua de marmore, muito pesada (necessitava tres homens para deslocal-a) foi atirada proximo a elle, de uma distancia de 2m50 !

Os deslocamentos voluntarios de objectos, sem contacto, necessitavam immenso esforço de Ossowiecki que soffria após estas manifestações grande exgotamento.

A faculdade da telekinesia durou até a edade de trinta e cinco annos ; depois diminuiu progressivamente e acabou por desapparecer totalmente.

De resto, seu pae, vendo o estado de fatiga que resultava para seu filho, se oppunha com todas as suas forças a estas experiencias. Elle lhe prometteu, no seu leito de morte, cessar completamente.

Nota interessante :

Todas as vezes que Ossowiecki se dedicava á faculdade de telekinesia, seu dom de clarividencia diminuia ou mesmo desapparecia. Havia alternativa evidente entre as capacidades metapsychicas d'ordem subjectiva e as d'ordem objectiva.

O facto tem sido observado com muitos outros mediums complexos.

De outra parte, a reunião no mesmo *sujet*, de dons assim tão diversos, prova muito bem que as faculdades d'ordem dita supranormal não são primitivamente especialisadas e que sua natureza philosophica e biologica é uma.

Ao sahir da escola de Engenheiros, Ossowiecki tinha feito uma estadia em Frankfort-sur-le-Main, como engenheiro de uma das grandes fabricas de tintas.

Seu dom de lêr cartas fechadas, dom que elle possuia quando era estudante, desenvolveu-se sobretudo a começar de trinta e cinco annos, após o desapparecimento da faculdade telekenetica.

Na edade de quarenta annos, foi encerrado na prisão, em Moscou, pelos Bolcheviks. Aos olhos destes elle era suspeito, por causa das suas relações com a missão militar francesa.

Offerecera graciosamente commodo em sua casa ao capitão JOUAN e ao vice-consul FOSSE. Um dia os bolcheviks fizeram uma perquirição, descobriram no quarto do capitão proclamações francezas aos Tchéco-Slovaquios. Accusaram Ossowiecki de ser connivente com os Francezes e prenderam-n'o.

Elle ficou seis mezes na prisão, em uma masmorra infecta, tendo por alimento um peixe salgado e um copo d'agua por dia ! Durante o dia faziam-no sahir do carcere para abrir covas no cemiterio para os fusilados ! Finalmente, elle foi condemnado á morte e conduzido ao logar do supplicio diante do pelotão de execução com sessenta dos seus camaradas d'infortunio. Foi salvo no ultimo momento, com dois outros engenheiros, por intervenção de um alto funccionario Russo que tinha sido seu camarada na Escola de Engenheiros.

Os seis mezes de tortura material e moral, durante os quaes seus cabellos embranqueceram, parecem ter desenvolvido seu dom de clarividencia.

Nota curiosa : durante todo este triste periodo, e até o momento fixado para sua execução, Ossowiecki não teve clarividencia concernente á sua pessôa. Elle acreditou realmente que a sua ultima hora era chegada.

A predição do juiz havia lhe fugido totalmente da memoria.

Actualmente o seu dom de lucidez é, talvez mais accentuado ainda no que concerne a penetração da personalidade humana do que á leitura de uma carta fechada.

Parece que a maior parte, se não todas as pessoas postas em sua presença, nenhum segredo têm para Ossowiecki. Elle penetra, por vezes, os seus mais intimos pensamentos, lê, como que num livro aberto, o seu passado, seu presente e mesmo seu futuro.

Quando se acha em contacto com uma pessôa cuja morte está proxima, vê, em torno dessa pessôa uma especie de aura sombria que não o engana, embora mesmo que o individuo mostre apparentemente perfeita saúde. Muitas vezes elle assim chegou a prever mortes inesperadas.

Enfim, em varias occasiões, o mais das vezes involuntariamente, porém uma vez voluntariamente, elle chegou a «desdobrar-se.» Sente-se fóra do corpo conservando a consciencia e a memoria. E' possivel nesse estado de desdobramento manifestar-se aos amigos. Estes experimentam a impressão de terem ao lado Ossowiecki em carne e osso.

Estes dons em nada diminuem as suas qualidades e capacidades.

Muito estimado dos seus amigos, sempre prompto a se devotar a elles, possúe um attractivo particular e inesquecivel. Muito activo, trata de varios negocios com grande successo.

A predição do juiz se cumpriu :

Totalmente arruinado pelos Bolcheviks, está novamente em prospera situação.

Mme. Ossowiecki, com quem elle se casou recentemente, tem o nome de ANNA.

A predição da celebridade mundial a começar dos quarenta e cinco annos foi egualmente justa : as publicações da *Revue Metapsychique* têm plenamente realisado.»

A visão de Lord Eskine

Lord Eskine de regresso a Edimburgo, após uma longa viagem que fizera, ao chegar em sua casa lembrou se que precisava comprar um livro e dirigiu-se á livraria. A sahir desta deteve-se estupefacto ao deparar diante de si, áquella hora, o seu administrador. Olhando-o attentamente viu que este homem tinha uma palidez cadaverica, mostrava-se inquieto, ao mesmo tempo que tinha os olhos fixos e sem brilho. Apezar de amedrontado, lord Eskine ousou dirigir a palavra ao seu administrador e lhe perguntou :

— «O que quereis ? O que vos traz aqui a esta hora ?

— «Venho com o fim de interceder perante a vossa honorabilidade para que me seja paga uma importancia que o vosso gerente me ficou devendo no ultimo ajuste de contas.»

Assombrado com o aspecto do seu empregado e da sua vóz quasi sem som, lord Eskine convidou-o a que o acompanhasse até o castello, mas no momento em que ia entrar, voltou-se e não viu mais o administrador. Surprehendido procurou saber o que havia acontecido ; disseram-lhe, então que o moço já tinha morrido. Soube tambem que a viuva do seu empregado achava-se na miseria, residindo em lugar retirado da cidade. Dia seguinte para lá se dirigiu ; encontrou a mulher de luto, havendo-lhe ella dito que, de facto, seu marido não recebera toda a importancia que lhe era devida. O novo gerente recusara-se a pagar, por não estar ao par de todos os negocios. Lord Eskine deu então as ordens para que a importancia devida fosse entregue á viuva, e o fantasma do seu administrador não mais appareceu.

"NA TERRA — A VIDA DO ALÉM"

A bibliotheca espirita tem augmentado consideravelmente nestes ultimos tempos, e a França vem concorrendo exuberantemente para essa inestimavel collaboração de instrucção para o progresso. Além do trabalho de traducção de obras extrangeiras importantissimas que, semanal pode-se dizer, são entregues ao publico, todos os mezes as melhores revistas dão conta em sua secção bibliographica de novos livros espiritas e metapsychicos que vêm nos dar conhecimento de novos phenomenos que têm sido constatados por pesquisadores escrupulosos e sob o mais exigente controle. O que constitue objecto deste escripto é um dos muitos livros que baseado na experimentação fria e desapaixonada vem, semelhante a mais uma pedra na construcção de um edificio, nos trazer a certeza da Immortalidade e consequente vida em que brilham todos os attributos do Espirito, além do tumulo, onde julgavam os inscientes terminarem todas os honras, todas as esperanças, todos os nobres sentimentos, todos os rasgos de amor e de heroísmo.

«Sur Terre — La Vie de L'au Delà»

é o titulo do importante livro que Monsieur e Madame GAL, nos offerecem para confirmar o que disse Victor Hugo — «o tumulo é uma porta que se abre para a eternidade ; o que nós julgamos ser o fim da vida, é o começo.» Escripto em linguagem simples e comprehensivel, isento de mysticismo, representa elle o desejo dos autores pois, M. e Mme. Gal julgam, muito rasoavelmente, ser a comprehensão o principio fundamental da crença.»

O sobrenatural não existe e todos esses phenomenos obumbrantes que têm sido a alma das religiões e têm servido de base na crença das gerações, não repousam em outro fundamento que o proclamado pelo Espiritismo : «a communicação dos mortos.» Na terra e além da terra existe a Vida ; ella se propaga a todos os seres, unindo-os com os seus effluvios, fortalecendo-os com as suas forças, aperfeiçoando-os com as suas luzes. A humanidade do Espaço é solidaria com a humanidade da terra e esta lhe está unida por laços ininterruptos.

As revelações do passado testemunham os acontecimentos do presente, e estes demonstram a existencia dos factos que actualmente se vão verificando em toda parte.

De accordo com estes dictames M. e Mme. Gal resolveram fazer uma serie de experiencias que lhes pudesse dar uma prova positiva da Immortalidade capaz de ser apresentada aos incredulos.

E' assim que depois de alguns annos de meditação e estudo os esposos Gal foram despertados pelos seus espiritos familiares, que lhes annunciavam ter-lhes sido concedido um *Guia director* de alta evolução. Este aviso foi recebido a 2 de maio de 1922. Datam d'ahi as experiencias decisivas dos illustres autores de «*Sur Terre — La Vie de l'Au Delá !*», interessantissimo livro feito em optimo papel, illustrado com 27 gravuras em papel couché.

Os phenomenos mais interessantes obtidos, durante essa serie de experiencias, são de photographia dos Espiritos, provas estas que mereceram o premio do «Comité da Photographia Transcendental». E para que melhor o leitor ajuize o valor de taes factos reproduzimos dois dos clichés que primam pela belleza da forma espirita, cuja resenha da sessão fazemos acompanhar. As experiencias foram feitas com 2 machinas — uma 9x12 e outra 13x18.

Sessão de 28 de Abril de 1923

Quatorze dias antes de 28 de abril de 1923, nos foi annunciada uma nova sessão.

A entidade que tinha de se prestar a estas experiencias é um Espirito que deixou a Terra em 1865. O seu nome é: «Miss Emily.»

As 9 horas da noite nos achavamos reunidos. Sabei, se nos dizia, que o espirito que vem se manifestar não tem corpo preparado; é preciso reunir os seus fluidos aos vossos. Continuai com assiduidade, sêde benevolos e attenciosos. Progredireis em cada sessão.

Nossa concentração era justificada por estas bôas palavras. Como de costume as precauções foram por nós tomadas. Dois membros do grupo assignaram as chapas e carregaram os chassis. A' claridade vermelha que illuminava nossos rostos, esperamos muito tempo... O silencio era completo.

Afinal sentimos a corrente de ar fluidico que, vindo da esquerda contornava a mesa. Em nossas experiencias era este o primeiro signal preventivo da materialisação.

Em seguida produzem-se ligeiros estremecimentos. Elles começam de vagar e se accentuam ao ponto da nossa mesa se agitar.

Um golpe mais aspero faz repicar a fixa do copo de prata...

E' o primeiro signal.

Obscuridade completa. As objectivas são descobertas.

Um luar cor de leite apparece na cortina. Por um momento é fixo, desloca-se logo, vai, vem, em todos os sentidos, depois desce sobre a mesa. Cada qual o vê na altura de sua cabeça. Esta phosphorescencia não illumina a sala, mas sua intensidade para a nossa vista carnal, é deslumbrante.

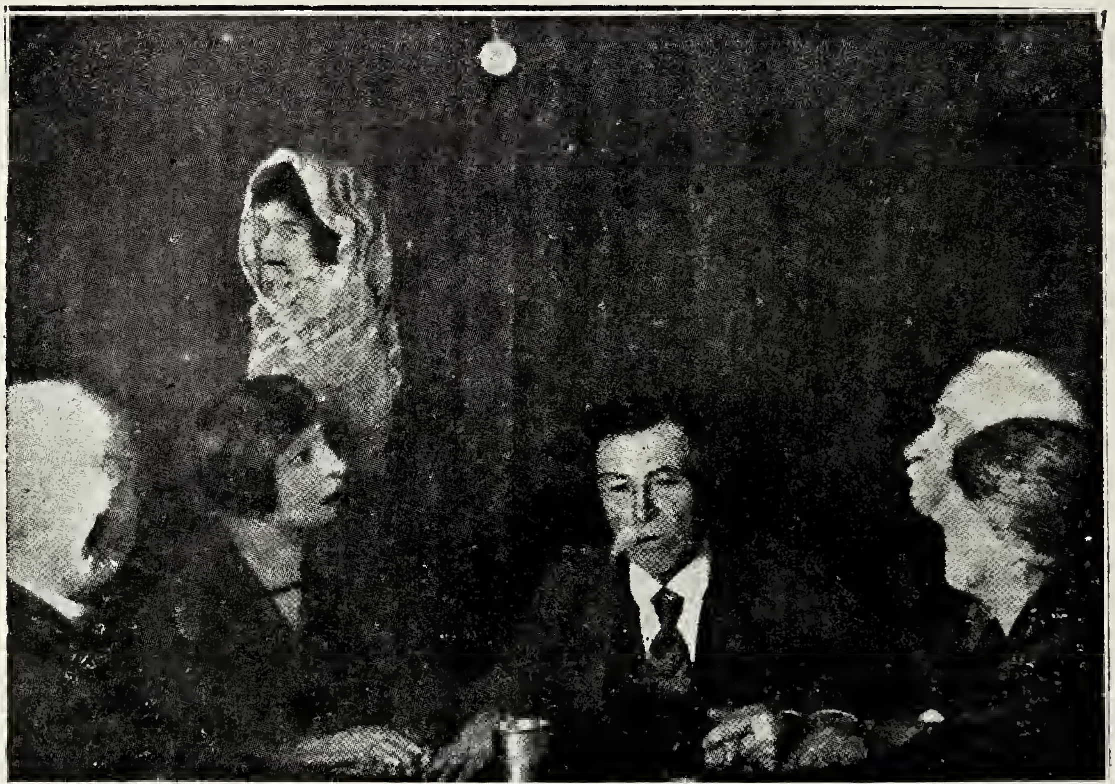

Sessão de 28 de Abril de 1923

Alguns dentre nós sentem roçamentos ligeiros nas mãos. Depois de uma interrupção começam novamente na nossa mesa os *raps*. Os golpes são nitidos, precisos, por vezes fortes e sua força crescente nos deixa prever, por instantes, a destruição do movel.

A cortina se agita, corre sobre o varão que a sustém e ameaça cahir.

Mme. Gal e Mme. Carpignano sentem-se envolvidas de uma gaze tenue que passa sobre suas cabeças. Minha mulher tem a impressão de uma forma que se apoia sobre seu hombro esquerdo. Um luar côr de leite, sem contornos definidos, forma-se por cima d'elle.

Neste momento a mesa ergue-se de um golpe. O copo tilinta reclamando magnesium.

Nós esperamos... (Fig. III) (N. R. Vede cliché n. 1)

A sessão durou uma hora para a concentração e um quarto de hora para obscuridade...

Em seguida procedemos ao desenvolvimento. As placas revelam um perfil gracioso, a cabeça de uma moça envolta num véo. Os traços são finos, vaporosos e dão a impressão de uma grande doçura...

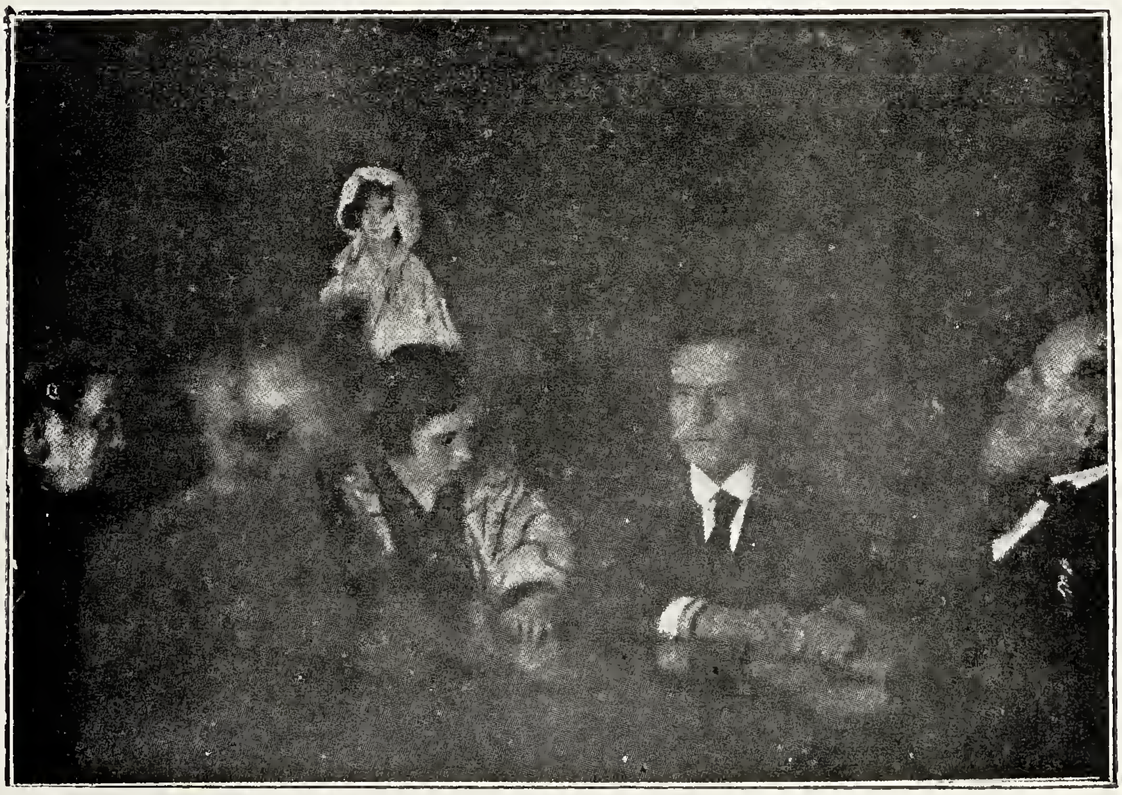

Sessão de 12 de janeiro de 1924

Sessão de 12 de janeiro de 1924

Estamos em 12 de Janeiro 1924. A sessão promettida nos foi annunciada para este dia.

Os membros do nosso grupo estão reunidos. Reina grande concentração.

Apezar dos longos mezes que se passaram o nosso ardor é, entretanto, mais vivo. Cada qual pergunta: «Qual será o espirito que virá?» Nessa vida mysteriosa que se chama «O Além« estamos certos que teremos o mesmo espirito que nos visitou a seis mezes?

São cousas incertas que demonstram muito bem não terem todos os phenomenos as mesmas regras.

Chegamos á sessão ás 9 da noite. Foi feito o exame da sala, o carregamento dos chassis, depois de assignadas as chapas. Dois apparelhos são dispostos, e o lugar respectivo de sua collocação foi indicado pelos espiritos.

Esta ultima prescripção é essencial e devemos levar em conta não tel-a observado em uma precedente sessão em que a materialisação foi nulla.

Concentração de uma hora, durante a qual os mesmos phenomenos costumados se reproduziram.

Logo depois uma corrente de ar fresco e circular, vindo da esquerda passa por todos nós, em seguida estalos na mesa. Esta se eleva, inclina-se fortemente e por seus movimentos violentos nos faz crer que ia quebrar-se. Depois se produzem os luares que duram um momento... Depois de brilharem e se haverem extinguido, vemol-os mais longe... Desta vez elles se animam, deslocam-se em todo o sentido, diante dos nossos olhos e desapparecem em seguida.

Estas manifestações duraram uma hora. A mesa se ergue e seu movimento intencional faz vibrar o copo.

E' o primeiro signal. Obscuridade completa. Os obturadores dos apparelhos são abertos. Os mesmos phenomenos se produzem de novo, mas, desta vez, são de mais curta duração.

Um quarto de hora se escôa... O copo se agita para o segundo signal...

Deflagração do magnesium...

Em semi-claridade, percebo uma forma toda envolvida em panno branco... (Fig. VIII). (N. da R. Vede cliché n.º 2)

Os obturadores dos apparelhos são fechados. Fazemos a luz. Em seguida procedemos ao desenvolvimento das chapas.

Vinte minutos depois, estas nos deixam vêr um busto de mulher, coberto com um manto, a cabeça com um gaze branca...

Ella nos dá o seu nome : MARIA-ROSA.

A VOLTA DE OSCAR WILDE

Da Revue Spirite

A sra. Travers Smith, medium ingleza muito conhecida, publicou ultimamente um livro contendo o exposto e a critica de uma longa série de communicações obtidas por ella propria.

Taes mensagens são attribuidas ao espirito do poeta e dramaturgo inglez Oscar Wilde, do qual tanto se tem falado, em demasia mesmo. (1)

Alguns dos leitores desta Revista certo se lembrarão de que, ha 25 annos, Wilde foi condemnado, pelos tribunaes inglezes, a dois annos de prisão pela pratica de actos offensivos á moral.

O livro é de um alto valor psychico, não só devido á efficacia das provas cumulativas de identificação pessoal, fornecidas pelo manifestante, como pelo espirito de investigação e isenção de animo com que a sra. Travers Smith analysa as mensagens que obteve e as impressões subjectivas que ella propria experimenta, quando recebe essas mensagens. Para pôr o leitor bem ao corrente do assumpto, vamos fornecer-lhe, primeiramente, alguns dados acerca da personalidade do medium.

A sra. Travers Smith é filha de Edward Dowden, professor de literatura ingleza, na Universidade de Dublin e autor de obras criticas literarias que se tornaram classicas. O professor Douden deu á filha aprimorada educação literaria. A sra. Travers Smith tornou-se, por sua vez, escriptora classica de renome. Sobre o assumpto espirita já ella publicou outro livro referente ás experiencias psychographicas que realisou juntamente com o professor William Barrett, fundador da ‹Society for psychic Research.› Esse volume, intitulado ‹Vozes do Vacuo›, contém provas cabaes de identificação espirita. Relativamente ás condições religiosas e philosophicas da medium, é muito de notar que, antes de se consagrar ás experiencias mediumnicas, ella se dizia «agnostica», por outras palavras : sua mentalidade rigorosamente racionalista não lhe permittia acceitar qualquer forma de confissão religiosa. E' interesse conhecer bem este estado de alma da medium, pois elle explica a sua imparcialidade admiravel na discussão das hypotheses metapsychicas applicaveis aos casos de Oscar de Wilde.

---

(1) *Mrs. Travers Smith — Psychic Messages from Oscar Wilde.*

A mediumnidade da sra. Travers Smith é de natureza exclusivamente intelligente. Manifesta-se pela psychographia e por um apparelho chamado «Oui já» (mostrador alphabetico munido de um ponteiro movel). Tal faculdade apresenta o traço caracteristico, pouco commum, de se harmonizar facilmente com outras formas visinhas da mediumnidade, de maneira a obter-se, muitas vezes, o phenomeno, tão raro, de duas mediumnidades que se fundem com a consequencia de produzir melhores resultados, podendo succeder, em certas circumstancias, que os defeitos inevitaveis proprios de todas mediumnidades, se annullem reciprocamente.

Foi o que se deu no caso das mensagens de Oscar Wilde, muitas das quaes foram recebidas com a participação complementar de outro medium, — o Sr. V. — Este isoladamente nada conseguiu, mas, quando a Sra. Travers Smith punha a mão sobre a delle, o Sr. V. escrevia então, automaticamente, com uma rapidez vertiginosa. Obtinham-se, nestes casos, resultados technicamente mais completos que quando a Sra. Travers Smith operava sosinha. Assim, por exemplo, uma das provas de identificação pessoal fornecidas pela personalidade communicante — a de perfeita identidade de calligraphia existente entre as communicações mediumnicas e os autographos do poeta — só podia ser obtida graças ás duas mediumnidades combinadas.

Por outro lado, quando a Sra. Travers Smith operava só, nenhuma differença se verificava nem na forma nem na substancia das mensagens, que eram, em ambos os casos, invariavelmente as mesmas.

Quanto á identificação pessoal, direi desde já que o texto das referidas communicações era uma admiravel reproducção da forma e da substancia dos escriptos que Oscar Wilde publicava, quando vivo.

O poeta foi interrogado a respeito das differenciações, pouco communs, com que se produziam as mensagens, e explicou que, para o duro mistér de se communicar com os vivos, a Sra. Travers Smith concedia-lhe que usasse do seu cerebro e o Sr. V. apenas lhe fornecia o exercicio do braço. Este lhe era indispensavel para reproducção de sua calligraphia.

Breve voltaremos a tratar deste phenomeno, theoricamente importante.

O que acabamos de expôr basta para illustrar a natureza mediumnica, especial, com que eram produzidas as mensagens de Oscar Wilde.

Necessario nos é ainda, observar que nem a Sra. Travers Smith nem o Sr. V. — que é um mathematico — tiveram alguma vez predilecção pela obra literaria de Oscar Wilde, da qual haviam lido apenas uma pequena parte, cerca de 20 annos antes.

⁂

Oscar Wilde manifestou-se, mediumnicamente, de uma maneira inesperada e repentina, interrompendo o curso de outra communicação. Mais tarde, elle explicou que vagava, desde alguns annos, no meio terrestre á procura de «luzes» (isto é, mediums), desejando entrar em communicação com o mundo dos vivos e tornar a ver, através dos olhos de outrem, as bellezas da natureza que elle tanto amára em vida.

A Sra. Travers Smith assim descreve a primeira manifestação do espirito :

> O Sr. V. segurava o lapis entre os dedos, e eu estava sentada ao seu lado, pondo levemente os dedos sobre as costas da sua mão.
>
> Antes que a mão se puzesse em movimento, elle me perguntou se podia fechar os olhos. Esta pergunta agradou-me, pois tenho observado com outros communicantes que o desejo de fechar os olhos, que nelles surgia espontaneamente, sempre foi preludio de resultados interessantes. O lapis pôz-se a bater, rapidamente, no papel, depois do que entrou em movimento por saltos successivos, como na sessão precedente. Por fim, escreveu o nome de um dos meus amigos fallecidos, que ditou a seguinte phrase : «Desejo conversar com minha filha adorada, minha querida Lily.»
>
> O espirito dispunha-se a continuar, mas, assim que elle disse o nome Lily, eu percebi uma interrupção na mensagem e comprehendi instinctivamente que o communicante tinha sido substituido por outro. Perguntei, então : «Qual é o espirito que está presente ?» — O lapis escreveu immediatamente «Oscar Wilde» ; e o intruso começou a dictar a sua mensagem com uma rapidez vertiginosa. Olhei para o Sr. V. Estava com os olhos fechados e parecia adormecido. Entretanto, o lapis estava seguramente governado, a tal ponto que me offe-

recia alguma difficuldade para conduzil-o do fim de uma linha ao começo da outra.

Suspendi, então, o contacto de minha mão e o lapis parou, immediatamente, começando de novo a bater, nervosamente, pequenas pancadas no papel.

Examinando o dictado, fiquei surpresa vendo a nitidez e a exactidão da calligraphia. As palavras estavam bem separadas umas das outras, os «i» com os seus pontos, os «t» com os cortes, as citações assignaladas por aspas. A pontuação era irreprehensivel.

A assignatura de Oscar Wilde chamou logo a minha attenção para a sua feição particular.

Lendo a mensagem, observei que se encontrava, de quando em quando, a letra «a» escripta á maneira do alpha grego; notei tambem, singulares soluções de continuidade entre as letras de certas palavras, como — «d-eath», «vin-tage», etc. Nem o Sr. V. nem eu tinhamos visto um autographo de Oscar Wilde, ou, se o leitor preferir, não tinhamos a menor lembrança de termos visto, algum dia, autographo algum desse escriptor.

Assim que o Sr. V. se despediu, pensei que seria interessante comparar a mensagem obtida com um autographo de Oscar Wilde. Reflectindo sobre o meio mais rapido de fazêl-o, fui muito feliz dirigindo-me ao «Deposito dos Livros», de Chelsea, onde encontrei uma carta autographa de Oscar Wilde, que ali fora depositada para ser vendida. Fiquei estupefacta: a letra do autographo era identica á da communicação mediumnica, afóra ligeiras differenças, que deviam fatalmente existir entre uma letra que se fez carregando com força no lapis e uma carta autographa escripta com a penna. Observei tambem que, de vez em quando, se encontrava no autographo uma letra «a» escripta á maneira grega; vi, ainda, esquisitas soluções de continuidade entre as letras de uma mesma palavra... (pag. 80-81).

O texto desta primeira mensagem era longo e interessante. Elle dizia assim:

Piedade para Oscar Wilde; piedade para aquelle que na terra foi o Rei da Vida... Ha alguns annos já, escrevi que, «no cubiculo de minha prisão reinava um crepusculo perenne, do mesmo modo que um crepusculo perenne enchia o meu coração»; mas hoje o crepusculo invadiu tambem minha alma.

A phrase a que o poeta faz allusão, elle escrevêra, quando vivo, no seu famoso livro: «De Profundis», composto no carcere. A proposito desta phrase e de outras ainda, citadas pelo communicante, a Sra. Travers Smith observa:

Esta primeira communicação suggere considerações interessantes; as phrases citadas do communicante e extrahidas das obras de Oscar Wilde, fazem, a principio, pensar na possibilidade de um plagio subconsciente, por parte dos mediums. Entretanto, á hypothese do subconsciente oppõe-se o facto de que algumas de minhas perguntas foram respondidas de maneira a mostrar, ao contrario, que o communicante não tirava absolutamente noções nem da mentalidade do Sr. V. nem da minha. Assim, por exemplo, pedi o endereço do domicilio, em Dublin, do Sr. William Wilde, — pae de Oscar — endereço que eu conhecia muito bem, assim como a localidade onde ficava a casa. O espirito respondeu-me: «Nos suburbios de Dublin. Meu pae era medico. Fiz algum esforço para me lembrar dos nomes».

Fiquei um tanto decepcionada, crendo ver nesta resposta as tergiversações costumeiras e suspeitas das personificações subconscientes... Observei, por isso: «Isto não vos deve ser difficil, se sois realmente Oscar Wilde». O lapis pôz-se de novo em movimento, escrevendo: «Morei muito pertinho daqui, numa rua Titos». Retirei, momentaneamente, o contacto de minha mão e perguntei ao Sr. V.: «Ha, com effeito, perto daqui, alguma rua Titos? (Tite Street), nome que elle escreveu correctamente. Nunca soube onde elle residia em Londres, e o Sr., conhece-o?»

O Sr. V. respondeu-me: «E' a primeira vez que venho á Chelsea e nunca vi o nome «Tite Street».

Restabeleci o contacto e pedi ao communicante: «Dizei-me o nome do vosso irmão». «William», respondeu-me, e accrescentou o diminutivo do mesmo nome: «Willie.» Perguntei-lhe, ainda, qual era o pseudonymo usado pela mãe de Oscar para assignar os seus escriptos. A resposta foi : «Speranza». Era verdade.

Agora, reflictamos um instante. Nem eu nem o Sr. V. conheciamos o endereço de Oscar Wilde, em Londres, e este endereço nos foi fornecido sem que o tivessemos pedido. Inversamente, eu conhecia o endereço em Dublin, e não obstante isso, o espirito não procurou fornecer-me esse endereço Quanto ao pseudonymo da mãe de Oscar, eu o conhecia; o Sr. V. ignorava-o. Levando em conta este conjuncto de circumstancias, não se poderá, certamente, suppôr que as informações fornecidas pela personalidade que se communicava proviessem das subconsciencias dos mediums...

Desde que as considerações da Sra. Travers Smith, que se acabam de ler, levaram a discussão para o grupo de provas de identificação espirita, baseado nas informações fornecidas pelo communicante, relativamente á sua existencia terrestre, bom será esgotar esse assumpto, citando e examinando outras informações do mesmo genero.

ERNESTO BOZZANO

(Continúa)

Chronica Extrangeira

Os nossos leitores devem se lembrar da petição que a sra. M. E. Cadwallader, illustrada propagandista e directora de *The Progressive Thinker*, de Chicago dirigiu, em nome dos espiritas, ao sr. Coolidge, presidente da Republica dos Estados Unidos, na qual reclamava a protecção dos *direitos constitucionaes dos mediums*, arbitrariamente atacados e perseguidos por exercerem suas faculdades espirituaes.

No numero passado, esta revista, na secção «E'cos e Noticias», em complemento da noticia que acima nos referimos, publicou trechos do discurso do sr. Alfred Terry, um dos eminentes *leaders* do Espiritismo na America do Norte, diante da commissão senatorial de Washington, justificando os principios legaes em que se baseam os espiritas para os exercicios dos direitos que a Lei não lhes pode negar.

Pois bem, o Senador James L. Whitley, de Rochester, na sessão de 7 de abril, apresentou, no Senado, um projecto de lei que permitte aos espiritas o direito de consultar os mediums clarividentes, e de exercerem livremente os seus direitos religiosos. Justificando o seu projecto disse o senador Whitley : «A decisão favoravel do Congresso terá por fim salvaguardar tanto quanto possivel a reputação dos mediums conscienciosos da desqualificação que pesa sobre elles ; e os espiritas em geral encontrarão um apoio legal. Ha dois annos eu já apresentei um projecto analogo. As objecções que me foram oppostas não têm mais hoje a sua razão de ser».

O senador Whitley foi particularmente apoiado pelo seu collega sr. Henry G. Schackno, democrata, do Estado de New-York.

O senador approvou o projecto Whitley por 43 votos contra 4.

Depois de apurada a votação, o senador Whitley, com o fim de salientar o successo obtido, lembrou que por uma lei votada em 1914, o Espiritismo foi reconhecido nos Estados Unidos, como uma religião, e que esta lei lhe dá toda a autoridade para fundar e manter centros de caracter religioso, assim como para estabelecer um *credo* e doutrinas, com o mesmo direito que outra qualquer confissão.» Depois o illustre senador accrescentou : «Actualmente, só no Estado de New-York se acham organisadas e em pleno funccionamento de accordo com a lei, mais ou menos cem «egrejas» espiritas, sujeitas todas á jurisdição da *National Spiritualist Association* sendo que muitas filiaes destas sociedades existem em todos os Estados do Atlantico e do Pacifico. Centenas, milhares de cidadãos americanos frequentam estes centros como socios activos.»

Eis, finalmente, terminada a questão espirita na America do Norte, e com tal successo, que não podemos deixar de nos congratular com os distinctos confrades do Norte, levando-lhes os testemunhos de nossas felicitações, bem como aos senadores Whitley e Schackno. e a todos os que concorreram para restauração dos direitos espiritas conspurcados por um desvio de intelligencia.

A' nossa collega Exma. Sra. D. M. E. Cadwallader, nosso testemunho de consideração e sympathia.

UM SONHO PREMONITORIO

O Sunday Mercury deu noticia de um sonho premonitorio cujos resultados foram proficuos para evitar roubos postaes na Bulgaria, pois avultavam elles tanto que já não se sabia como garantir aos destinatarios a recepção da correspondencia de valor. Um official que se occupava da administração em Dobritch sonha, então, uma noite que vê um trem parado em uma estação em plena noite e o chefe da mesma, bulgaro. de quem elle guarda bem as feições, apparentando quarenta annos, abre o wagon e furta habilmente o que lhe apraz de *colis* em *colis*, fecha em seguida a porta e apita para dar ordem de partida ao trem.

O official desperta, mas não dá importancia ao seu sonho. Mas como as encommendas continuam a ser roubadas, voltando a Dobritch, vai secretamente á Varna, mas se esconde no vagão que leva as encommendas. O trem parte e chega afinal numa pequena estação. A noite é muito escura. Um homem approxima-se do carro, abre a porta. E' o mesmo individuo que o official viu em sonho. Logo que o ladrão começou sua obra, o official deu-lhe um murro no nariz e atirou-o ao chão. Elle, confuso, pediu piedade !

Nunca mais, depois d'aquella noite, os wagons da estrada foram desfalcados.

AS SESSÕES COM MME. GUNTHER

A *Revue Spirite* recebeu de Francfort communicação de curiosas noticias que lhe foram transmittidas pelo seu correspondente d'aquella cidade sobre as desenvolvidas faculdades de uma vidente que ali reside, Mme. Gunther, que já demonstrou perante os tribunaes allemães seus notaveis dons.

Eis a carta endereçada de New-York pelo sr. Cadwel, a Mme. Gunther, cujo theor transcrevemos da «Revue» :

« . . . .

Em 22 de setembro do presente anno (1925), tivemos uma reunião no hotel Excelsior, em Berlim. Eu assistia á reunião com Mme. Gunther como medium escrevente. Pedi para ser posto em communicação com o Espirito de um dos meus amigos mortos, o Dr. Polotzer. Este manifestou-se dizendo não poder permanecer por muito tempo em communicação, visto lhe ser preciso permanecer em Cleveland, na America, onde n'aquelle momento se dava um incendio consideravel, no qual estavam em perigo muitas pessoas, a quem elle precisava assistir.

Devo levar ao vosso conhecimento que, neste momento, recebi de New-York, uma resposta ao meu telegramma dizendo que, de facto, houve um grande incendio em Cleveland na noite de 22 de setembro, isto é durante a noite em que, precisamente, tivemos a reunião em Berlim e onde Polotzer nos disse achar se retido devido ao fogo, em Cleveland : deveis vos lembrar. E' uma prova bastante notavel, não é ?

Na mesma reunião, o Espirito deu a seguinte communicação : «Eu vejo, para 23 de dezembro, uma catastrophe devido ao movimento das aguas. Uma vaga enorme invade a terra e destróe casas. Muitos homens perecem afogados.

Eu perguntei : ‹Porque nos dás esta communicação ? Seremos attingidos por este flagello ?» O Espirito respondeu : «Vós não sereis attingidos por esta catastrophe que terá por local o Oceano indiano noerlandez.»

A 25 de dezembro eu li nos telegrammas de New-York : Em consequencia de um maremoto, a ilha Yap foi gravemente attingida. As vagas destruiram innumeras casas, os habitantes pereceram afogados. Acredita-se que a catastrophe não passasse além das ilhas Carolinas. Yap tem, mais ou menos, 8.000 habitantes indigenas e mais uma centena de europeus.»

Isto é uma prova excellente do vosso poder de clarividencia do futuro, no qual vós, ou melhor ainda o Espirito por vossa bocca, poude predizer, tres mezes antes, a catastrophe supradita.

Seguem as assignaturas»

Commentando diz o collega:

Parece que estes factos merecem ser levados ao conhecimento dos nossos leitores. Elles mostram, de um lado a actividade dos seres no campo espiritual; de outra parte são factos difficilmente explicaveis pela hypothese animista.

UMA CASA "ASSOMBRADA"

«Psychic Magazine», numero de junho, deu noticia de uma casa em Saboia, em que se tem produzido factos extraordinarios:

— «Eis os detalhes das extranhas manifestações, de natureza particularmente bizarra que produzem-se ha dias em Mollettes, pequena communa de Montmélian, muito proxima de Chapareillan, nas divisas de Isère e Saboia.

Uma multidão de pessôas comparecem diariamente ao local para observar os factos, que se verificam na presença da policia. Os phenomenos dão-se na casa do pae Chabord. Este, interrogado, forneceu os seguintes detalhes sobre a genese das manifestações Um dia, que o sr. Chabord voltou do trabalho, disse-nos elle, pôz seu chapéo sobre a mesa. Este chapéo, como que arrebatado por mão invisivel, cahiu no chão. Elle ajuntou-o e constatou com admiração, no mesmo uma dezena de buracos, que pareciam ter sido feitos com um instrumento apropriado.

«Outra vez, emquanto barbeava-se, dependurara seu collete de lã e furos iam nelle apparecendo emquanto que pedaços de lã voavam «como confettis».

«Um outro dia que o pae e o filho, em companhia do sr. Donnat, um amigo que viera lhes visitar, bebiam juntos, o copo do sr. Dounat foi atirado ao chão ficando no fundo com grande buraco.

«Roupas, cobertas são furadas, os vidros das janellas são quebrados sem que se tivesse percebido projectil algum; em poucos dias, verificou-se um prejuizo de dois mil francos... e as manifestações desconcertantes continuam.

Taes são, em breves palavras, a narração dos factos que preoccupam uma vasta região saboiana.»

UM PREGADOR SINGULAR

A *Saint-Louis Post Dispatch* noticia a morte de um pregador singular. E' um tal Major Perry que ha quarenta annos, todas as noites e durante o somno profere sermãos notaveis, quer na forma, quer no fundo, intercalando-o com passagens biblicas sobre as quaes disserta.

E' um caso bem curioso porque Major Perry não sabe lêr nem escrever.

Perry é um preto velho sem instrucção que atrahiu á sua casa milhares de curiosos que não podem explicar o extraordinario phenomeno. Entre estes figuram medicos vindos de todos os pontos da Carolina do Sul. Examinado pelos doutores durante o seu sermão, orador adormecido apresenta o pulso e a respiração de caracter normal.

Major Perry acaba de falecer com a edade de 90 annos. O phenomeno somnambulico começou quando esse homem tinha quarenta e tantos annos e após uma molestia grave que o prostrou no leito. Logo depois da convalescença Perry certa noite começou a falar em inglez citando capitulos e versiculos da Biblia, da qual nunca ouvira falar e desconhecia, por não saber lêr.

Dessa noite em diante Perry, logo depois que adormecia, fazia o seu excellente discurso.

Este homem residia em Saluda County, na quinta do sr. H. P. Bouknigth, e deixa 14 filhos.

O MEDIUM GUZIK

Passou algumas semanas em Paris, tendo feito uma série de experiencias no Instituto Metapsychico, o medium polonez Guzik.

A «Revue Metapsychique» nos promette dar o resultado das sessões realisadas com este medium, que regressou á Polonia.

OS CLARIVIDENTES

As revistas francezas e inglezas tem salientado os bons serviços que os clarividentes vêm prestando já ha muito tempo, em varios paizes do mundo.

Ha pouco, na Allemanha, a policia de Westphalia achava-se em grande embaraço, diz *Psychic Magazine*, para descobrir os assassinos, autores de um crime commettido em condições revoltantes.

Deliberaram, então, as autoridades recorrerem a um clarividente profissional. Em estado somnambulico o medium, depois de haver narrado o crime em suas linhas geraes, deu todos os signaes dos criminosos e indicou, igualmente, onde estavam os objectos roubados, que motivaram o assassinato.

A policia allemã está se utilisando das sciencias psychicas para a descoberta das mortes mysteriosas.

London Magazine, a seu turno, noticia tres casos celebres em que a «clarividencia somnambulica» revelou-se uma faculdade verdadeiramente extraordinaria. Um delles é o caso da sta. Maria Marten, desapparecida, e cujo cadaver foi visto em sonho, pela propria mãe de Marten, enterrado, em Red-Barn. Pesquizas feitas no local designado permittiram encontrar a victima e um melodrama foi escripto obtendo grande successo na Inglaterra.

O outro facto é de um individuo assassinado em Loch Tor-na-h-eing, chamado Murdo Grant e cujo assassino, Hugo Macleod foi executado em 4 de outubro 1831, depois de ter sido encontrado, de accordo com as indicações d'uma vidente, Kenneth Fraser, conhecida pelo alcunho de «sonhadora». Esta mulher declarava ás autoridades : «Eu estava em minha casa quando adormeci um dia de fevereiro, e tive um sonho. Uma vóz de homem dizia-me que o cadaver estava em tal lugar, no qual nunca tinha ido. Uma outra vóz disse-me que Murdo Grant, recentemente assassinado se achava enterrado num monte de pedras. Com estas indicações o cadaver foi encontrado.

O ultimo caso é o dos assassinos Walker e Sharp, executados em 1632, por terem matado barbaramente Anna Walker, cuja figura ensanguentada e com signaes de cinco facadas, appareceu em sonho ao moleiro James Grahan. O moleiro descreveu exactamente a scena e as circumstancias do crime, que a justiça ignorava.

E'cos e Noticias

A radio-telephonia está prestando bons serviços ao Espiritismo e a Metapsychica.

Na Argentina sob a iniciativa da Confederação Espiritista Argentina, que installou em sua séde um apparelho transmissor, varios centros tratam de collocar em suas sédes apparelhos receptores. A «Sociedad Constancia» vai collocar no seu salão de conferencias, um apparelho transmissor, obedecendo assim as exigencias da propaganda.

Na França o Posto da Torre Eiffel, segundo nos diz a «Revue» está sendo utilisado para conferencias espiritas e metapsychicas, estando á frente deste o sr. Pascal Forthuny que, devido os seus maravilhosos dons de clarividencia e clariaudiencia, está attrahindo a attenção de todos os estudiosos. As conferencias espiritas acham-se ao cargo do sr. André Rippert, secretario geral da ‹Federation Spirite International.› E' assim que desde janeiro, estes dois propagandistas, cada quinzena fazem se ouvir por uma multidão de pessoas, a quem o ‹radio› vai levando a Palavra da Vida.

‹A Torre› é o jornal falado pela T. S. F., a mais original creação da radiotelephonia. Não é subvencionado pelo Estado. E' uma associação formada pelos auditores do grande Posto francez, que se cotisaram para manter na cidade da luz, mais esse monumento.

Quando teremos o radio, no Brasil, tratando de assumptos espiritas ?

FRANÇA

Oyonnax-Bourg

Em excursão de propaganda os srs. Malosse e Thibaud estiveram nesta cidade, onde effectuaram, com grande assistencia, uma conferencia com projecções luminosas. Foram distribuidos muitos folhetos e livros.

LYON

A sala de festas do Conservatorio, a Federação Espirita Lyonesa celebrou a commemoração da obra de Allan Kardec. O sr. Melusson, proferiu feliz allocução á obra do Mestre. O sr. Gaillard fez uma conferencia sobre «As faculdades supranormaes.»

O salão esteve repleto, aplaudindo com sympathia os oradores.

Carcassonne

Sobre o thema «Demonstração da Existencia da Alma», o antigo deputado, sr. Jules Gaillard fez, a numeroso auditorio uma excellente conferencia, na qual salientou os trabalhos experimentaes do Instituto Metapsychico Internacional.

NICE

Os confrades da «Societé d'Etudes Psychiques» passaram pela dôr de assistir o passamento de sua vice-presidente, Mme. Vital Boujut, cujas qualidades de coração e doçura communicativa envolviam o seu ambiente de paz e de bondade. Mme. Boujut era tambem secretaria da «Societé Magnetique de Genève», onde distribuia seus beneficos, conselhos e fluidos regeneradores.

*

O sr. Pascal Forthuny, distincto chronista da ‹Revue Spirite» (M. Cassiopée) foi nomeado membro da Legião de Honra, da França.

*

Temos sobre a mesa «*La Houle*», editado pelo sr. L. S. Judius, membro do Grupo Espirita Lyonez — Allan-Kardec.

*

Recebemos o n.o 205, de Junho, do Psychic Magazine, dirigido pelo Dr. Henri Durville, cujo summario é o seguinte :

4.o Congresso Psychico Internacional; Os Mysterios Orphicos; Maison Hantée; La Lucidité; La magie egyptienne; Jean Beziat; E'chos Psychicos. Este fasciculo vem illustrado com uma gravura do Dr. E. Durville e outra do sr. Fabius de Champville.

*

A *Psychica*, dirigida por Mme. Carita Borderieux, traz o seguinte summario:

La formation de l'ame; Les animaux pensants e le contrôle scientifique; Jean Beziat; Debat astrologique; Les mediums guerisseurs; La clairvoyance de M. P. Forthuny; Les livres nouveaux; Tribune livre.

*

Todas as revistas e jornaes parisienses traçaram os necrologios de M. Beziat, e M. Coué, dois grandes magnetisadores e mediums curadores que transpuzeram, ha pouco, os humbraes da morte. Que os céos lhes sejam propicios e os Caros Espiritos lhes auxiliem.

INGRATERRA

— A imprensa londrina mostra-se

muito interessada pelos trabalhos do «British College of Psychic Science», realisados com a medium sra. Silbert, austriaca.

⁂

Sobre o thema : «*Meus poderes psychicos e como os desenvolvi*» foram feitas seis conferencias consecutivas pelos seguintes mediums, no «British College» : Miss L. Margery Bazett (clarividente); Mrs. Barkel (transe); G. P. Sharplin (curador); Miss Grace Collyns (psychometria); Miss Helen Macgregor (clarividente); Mrs. Vickers (clarividente).

⁂

Realisou-se em Londres uma conferencia de protesto contra um artigo do Codigo que permitte aos agentes de policia se apresentarem aos mediums qualificados para inquirirem d'elles o que lhes convenha, com fins poucos dignos. Entre as pessoas que tomaram parte subscrevendo o protesto, se acham medicos, innumeros membros do clero, do Parlamento e sabios que estudam os Phenomenos Psychicos.

AMERICA DO NORTE

Henrique Ford, o grande industrial americano, apelidado «Rei dos automoveis» n'uma entrevista que concedeu ao redactor do «Excelsior», affirmou sua crença na reincarnação e pluralidade dos mundos habitados. E' assim que affirma o illustre engenheiro mecanico :

— «Cada vida que aqui passamos é mais uma contribuição para a nossa experiencia total. Tudo o que existe na terra é util ao bem-estar e para accumular conhecimentos que serão utilisados ulteriormente. Não ha uma parcella de homem, de pensamento, de experiencia que não continúe. A vida é eterna. Assim a morte não pode existir. Um dia teremos bastante conhecimento para ver e comprehender a vida eterna do universo e o que se passa nos outros planetas. A vida na terra não é senão um ponto de funcção entre as vidas passadas e futuras.»

⁂

O Dr. Millekan, com o auxilio de um dedicado apparelho de sua construcção, acaba de descobrir um elemento de irradiação cosmica além dos *ions*. O apparelho attinge a altitude de 3.500 metros sobre o monte Whitney. A descoberta do Dr. Mellekan, vem trazer aos meios scientificos grande contribuição para a descoberta do Espirito.

HESPANHA

Temos o prazer de communicar aos nossos leitores que acceitou o cargo, que lhe offerecemos de correspondente desta Revista, na Hespanha, o nosso distincto confrade e amigo sr. Quintin Lopez Gomez, digno director da importante Revista «Lumen», de Tarraza.

As noticias que seguem, são do nosso correspondente :

Todos os centros espiritas de orientação commemoraram o XVII anniversario da desincarnação da cantora do Espiritismo, D. Amalia Domingo Soler, dedicando a esta apostola solemnidades litterarias. A que foi organisada em Barcelona pelo Centro «La Buena Nueva» com o concurso da Federação Espirita Hespanhola e das «Juventudes Espiritistas», superou em importancia e constituio um verdadeiro successo para a propaganda da nossa Doutrina.

— A viagem de propaganda do Dr. Humberto Torres ás povoações de Novalda, Alcoy, Elcha, Aliconte e Zaragoza, constituiu uma marcha triumphal para o Espiritismo. Em todos os lugares foi o conferencista recebido com grande sympathia, em todas as partes se o obsequiou, commentando-se com louvor para a doutrina, as suas palavras. Em Zaragosa, entretanto, occorreu algo especial. Apenas os elementos retrogrados souberam que o Atheneu cedia seu salão para conferencias espiritas, começou o rebuliço solicitando das autoridades meios para impedir. Não conseguiram e deliberaram fazer campanha pessoal, conseguindo barrar a imprensa. Comtudo, na primeira conferencia foi superior a 2.000 ouvintes, tendo sido presidida pela Junta do Atheneu.

Dia seguinte, uma hora antes da annunciada para a conferencia, estava o salão repleto e havia muita gente fóra, sendo de notar que as quatro quintas partes dos ouvintes eram cathedraticos, medicos, advogados, engenheiros litteratos, homens de sciencia. Quem não estava no local era a Junta do Atheneu. Não estava, nem chegou á meia hora depois. Que se passara? Nada se sabia. Em vista disto o conferencista entrou no salão e occupou seu lugar, sendo recebido com aplausos. Terminados estes, levantou-se e saudou com reverencia a mesa presidencial, já que não podia fazel-a á Presidencia, o que lhe valeu uma ovação, e proseguiu no desenvolvimento do thema, que foi ouvido com grande interesse e aplaudido repetidamente.

Se occupou das provas positivas da sobrevivencia do ser e da reincarnação.

Ao sahir corria boato de que a Junta não se havia apresentado para presidir porque cada um dos seus membros havia sido convidado por um personagem differente para. á hora da conferencia, achar-se em outro local, e cada qual julgou não saber do que se tratava, e que sua ausencia não seria obstaculo a que a conferencia fosse dignamente presidida.

E não o foi, certamente, posto que o conferencista soube dar-lhe uma presidencia hypothetica e o publico revestiu-a de toda a autoridade.

— Outra viagem de propaganda organisada pela Federação Espiritista Hespanhola é a de D. Antonio Senespleda, presidente do Centro Barcelonez de Estudos Psycologicos. Este senhor visitou Madrid, Toledo, Algeciras, Gibraltar, effectuando em cada cidade conferencias que foram muito bem recebidas.

CUBA

Em toda a Ilha se intensifica o movimento espirita.

⁂

O Grupo Denizart effectuou uma série de conferencias de propaganda. Achamse á frente deste nucleo, os srs. Ramon Vidal, Eduardo Astarga e Tomán E. Flôres.

⁂

A ‹Sociedad Espiritista de Cuba› commemorou o anniversario do passamento de Allan-Kardec, tendo tomado parte diversos grupos como ‹Amalia›, ‹Fulton», «Luis y Marietta›, ‹Luz› «Caballero› e «Joaquin›.

⁂

A Sociedade ‹Union Fraternal›, de Guayos renovou a sua directoria.

⁂

Em Santiago de Cuba, a sociedade *Contemplacion* trabalha activamente,

⁂

A «Psiquis› continua publicando o resultado do inquerito espirita que iniciou em suas paginas.

⁂

Desincarnou o illustre propagandista D. Francisco Maria Gonzalez.

A ‹Sociedad Espiritista Cubana› perdeu o melhor *clarim* que possuia, pois a sua vóz era persuasiva e prompta sempre a prodigalisar consolações e affectos.

Nossas condolencias e votos de Paz e Luz ao recem-liberto.

ARGENTINA

Na ‹Sociedad Constancia› effectuaram conferencias desenvolvendo themas de actualidade, os srs. Cosme Mariño, José R. Nosei, F. M. Villa e Alfonso de Pascale.

⁂

A propaganda pelo «Radio» está produzindo grande successo.

⁂

Os Centros da Pampa— "Esperanza del Porvenir", e "Luz de la Pampa", de Santa Rosa; «Caridad Cristina›, de Lonquimay, estão em plena actividade.

As sociedades da Capital — Fraternidad, Hacia el Camino de la Perfección, Benjamin Franklin, Amalia Domingo Soler, Sol del Porvenir. Igualdad e Victor Hugo, realisam sessões publicas semanaes para difusão da Doutrina.

⁂

Temos sobre a mesa «Constancia», «La Idéa», «La Union», «Fiat Lux» — revistas argentinas.

Agradecemos e permutamos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Já se foi o tempo em que o jornal e o livro espirita eram temidos e repudiados pela maioria do povo brasileiro. Hoje a imprensa, no Brasil, constitue o verdadeiro baluarte na propaganda do grande Ideal. As casas editoras exgotam continuamente obras que tratam de assumptos espiritas e o mais notavel é que as que têm mais sahida nas livrarias são justamente as de Allan-Kardec.

Felizmente, podemos dizer, o Espiritismo está sendo estudado e observado, não só por innumeras associações existentes no paiz, como tambem por aquelles espiritos observadores sequiosos de justiça e de consolação que não encontram nas sciencias e religiões sacerdotaes a satisfação de seus desejos ou antes, de suas elevadas aspirações. O estudo é, sem d'uvida, a base da crença firme, solida, racional, capaz de resistir as forças adversas e indispensavel para auxiliar o homem nas vicissitudes da vida. Demais, o pesquizador, o estudante, precisa estar ao par de todo o movimento que se vai operando no mundo e ao lado de escriptos doutrinarios, os jornaes e as revistas satisfazem perfeitamente essa necessidade do espirito.

Conferencias

Realisaram conferencias durante o mez, os seguintes srs : Dr. Souza Ribeiro, Dra. Orminda Bastos, Pedro Camargo, Giaccomo De Bernardo, D. Aura Celeste, Dr. Romeu Camargo, Dr. Carlos Imbassahy, Alberico Lobo, Gastão Floret, Carlos Steagall, Dr. Sebastião Caramurú, Francisco Vellozo, Dr. Guillon Ribeiro Dr. Luiz Barreto e Dr. Ernesto de Souza.

Écos da propaganda

O Centro Alagoano Mello Maia communicou-nos a eleição da sua directoria, cujos cargos foram entregues aos srs.: pres. João Lucinio H. Marques ; vice. Francisco Fialho ; 1.o secr. Aristides Toledo Albuquerque ; 2.o Antonio Mafra ; thes. Alfredo C. Farias ; oradores. Manuel Z. Santos e Theodoro Palmeira ; bibl. Leopoldo Pereira.

⁂

Em Campina Grande foi fundado o Centro S. Agostinho, ficando assim constituida a sua directoria; pres. João Ferreira Amorim ; vice. Ignacio L. Silva ; 1.o secr. Chateaubriand Brasil Filho ; 2 o Severino Lopes Silva ; oradora, D. Marilita Araujo Lima : thes. Elysio A. Lima : bibl. Venancio E. Almeida ; cobrador, Manuel F. Santos.

⁂

A «União Espirita», de Maceió, assim constituiu a sua nova directoria : pres. Americo Pereira da Silva ; vice, Alipio Carvalho ; 1.o secr. Pedro A. C. Garcia ; 2.o José Cardoso Marques ; thes. D. Chiquita P. Silva · orador, Dr. Theodoro Palmeira ; bibl. Olympio B. A. Galvão.

⁂

O Centro Espirita de Cascatinha. E. Rio, Petropolis, assim organisou a sua directoria : pres. Léo Quadros ; vice, Emilio Piubel ; 1.o secr Spartaco Banal : 2.o Antonio Joaquim Teixeira ; thes, José Siqueira ; proc. Luiz Pimentel.

⁂

Como era de prever correram com grande animação os festejos de installação do Centro Espirita «Nova E'ra», de Guaxupé, Minas, que se effectuou a 23 p, findo.

— Foi aberta pelo Centro uma aula de cathecismo espirita, sob a direcção da Prof.a D. Rosinha Pimentel Antunes. contando já 35 crianças de ambos os sexos.

— O quadro social do centro conta

já 120 associados, numero que bem demonstra o grau de cultivo intellectual da população de Guaxupé.

O Centro tomou para seu orgam official «O Clarim», popular semanario espirita.

—Fez, com grande assistencia, uma conferencia de propaganda no salão do Centro, o nosso companheiro Giaccomo De Bernardo.

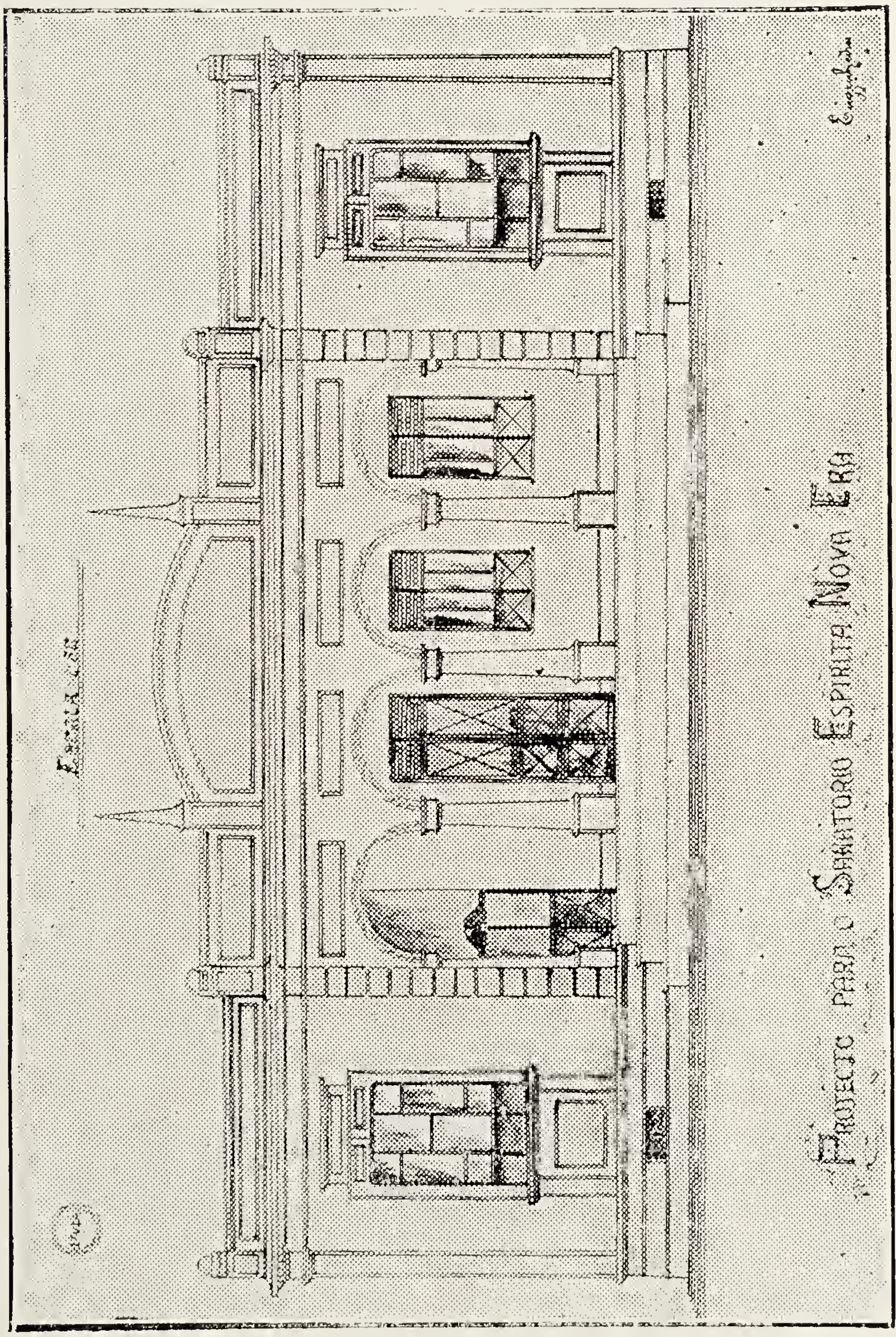

— Por iniciativa dos espiritas de Guaxupé, acha-se em construcção o edificio destinado ao «Sanatorio Nova-Era», cujo cliché damos ao lado. Tem elle por fim mitigar as dores dos soffredores, sem cogitar credos politicos ou religiosos dos que baterem á sua porta.

O terreno foi generosamente doado pelo sr. Luiz Favero e fica num ponto dominante da cidade, de onde se descortina encantadora visão panoramica.

As suas installações bem acabadas, o espaço-parque que lhe dará entrada, pittoresco jardim, embellezarão o predio que mede 15 x 30 metros.

Os promotores de tal emprehendimento trabalham com vivo enthusiasmo contando poderem muito breve installar o novo hospital.

A directoria do Centro «Nova Era» compõe dos seguintes srs.: — pres. Capm. Antonio Quirino Peixoto; vice, Rodrigo Agnello Antunes; thes. José Ferraz Araujo; 1.o secr. Miguel Sarraf; 2.o Pedro Zitti; proc. João Vieira Romão; bibl. Braulio O. de Oliveira.

Factos Espiritas

Avisos premonitorios em sonho e em vigilia..

O sr. Jacques B. Mottola, artista de merito, proprietario do atellier de ampliações photographicas «Estrella do Oriente» de S. Paulo, enviou-nos o seguinte relato, bem significativo da acção dos Espiritos entre nós :

—«Dia 26 do mez p.p. minha senhora teve um sonho com sua finada mãe.

Nesse transe ella viu-me de cama, muito mal, sua mãe ao meu lado muito triste. Dia seguinte minha senhora relatou o sonho a pessoas de sua amizade e disse : — minha mãe veio avisar-me que vai acontecer algum desastre ao meu marido ; em seguida pôz-se a resar pedindo aos nossos Protectores Espirituaes para que o mal fosse removido, si fosse da vontade de Deus e ainda com tempo de ser afastado. Nesse mesmo dia eu me achava em Jaboticabal, quando á tarde me cahiu do bolso o relogio, a uma altura de um metro e pouco em cima do cimento de uma varanda. O relogio cahiu com o vidro para baixo. Qual foi a minha surpreza ao levantar o relogio, vel-o em perfeito estado !

Na mesma occasião veio-me a intuição de que algum mal ia me acontecer. A' noite ao deitar-me, como é de meu costume, fiz as minhas préces ; quando estava no meio da oração uma vóz soou ao meu ouvido (ouvi muito bem) : — «Meu irmão, concentre-se firme e supplique ao bom Pae que lhe seja cortado o que está para lhe acontecer; tenha Fé nos seus Protectores, que lhe havemos de proteger».

Immediatamente obedecí a «vóz» que me falou.

Dia seguinte devia eu voltar de automovel, de Jaboticabal para Taquaritinga, cujo auto já tinha eu tratado. Mas surge um meu amigo e me diz : Jacques, você espera mais um pouco, pois, vou buscar meu automovel e você irá commigo á Taquaritinga. Acceitei o convite do meu amigo; ás 3 horas da tarde partimos. Dois kilometros antes de chegarmos á cidade, não o sei motivo, perdemos a direcção, o auto subiu um barranco. depois de nos ter arrastado uns 40 metros, virou, ficando com as rodas para o ar, e nós em baixo. Os vidros ficaram em estilhaços e o auto ficou totalmente inutilisado, para nada mais servindo. A muito custo pudemos sahir debaixo d'aquelles escombros, pois não era mais auto, mas sim escombros.

Graças a Deus todo poderoso sahimos illesos, sem o mais leve ferimento.

Que eternos louvores sejam tributados ao Senhor Supremo.

Não quero concluir esta, meu presado Director, sem lhe pedir, em signal do meu reconhecimento e gratidão, que com os seus companheiros de luctas dirija uma préce fervorosa ao Creador do Universo para o allivio de todos os que soffrem no corpo e no espirito.

Com toda estima sou vosso am.º confrade,

JACQUES B. MOTTOLA».

Apparição no momento da morte

Com o titulo «Um caso de telepathia» a «Gazeta de Noticias», do Rio, publicou o caso que segue :

— «O Dr. Murillo Araujo, poeta dos «Carrilhões» e da «Cidade de Ouro», costuma dar aos phenomenos espiritas, explicações mais ou menos espirituosas, comtanto que se descarte de acceitar os factos, que não nega, comtudo, de modo peremptorio.

Ante-hontem contou-nos elle o caso que se segue, não o acceitando como facto espirita e sim como telepathia :

Pessoa de sua familia recolheu-se, domingo passado, tão excessivamente agitada que não conseguia conciliar o somno. Alta noite pareceu-lhe que via uma senhora gorda, de cabellos brancos, vestida de branco, debruçada sobre o seu leito, a olhal-a com os olhos muito abertos. Amedrontou-se a pessoa com a visão e puxou immediatamente a colcha, cobrindo o rosto para não vêr. Nesta postura, começou como a sentir o contacto physico da senhora, cujo rosto não lhe parecia de todo estranho. Afastou então a coberta e encarou de novo a mesma figura, a contemplal-a da mesma maneira impressionante. Cobriu novamente o rosto e adormeceu.

O facto foi muito commentado, domingo de manhã, em casa do poeta, em Ipanema. Foram lembrados os nomes de parentas caras, fallecidas umas, outras vivas ainda não se podendo chegar a uma conclusão de quem teria sido essa visão com os olhos tão desmaduradamente abertos, que tanto impressionara a parenta do poeta.

A senhorita Maria Duque Estrada, sua prima, que estava passando dias no Meyer, voltou ante hontem ao Ipanema e, logo ao entrar em casa foi dizendo :—Sabem quem morreu ? E contou, então, cheia de emoção, como se dera o passamento de D. Maria Melania Madeira da Silva, — a que appareceu na visão — na rua Honorio n. 179, no Meyer, na mesma noite e á mesma hora em que se deu o facto no Ipanema.

Essa senhora é conhecida da familia do poeta Murillo de Araujo e só então foi lembrada. Estava de branco, morreu com os olhos muito abertos e, na hora da morte, falou na pessoa a quem appareceu no Ipanema.

A explicação telepathica dos scientistas, nestes casos, é apenas um esforço para negarem a sobrevivencia da alma.»

Um caso tipico de obsessão

Não é do programma desta revista divulgar as «curas de obsessão», muito communs no dia de hoje. O facto que se vai lêr, relatamol-o antes a titulo de curiosidade, pelo caracter espirita que apresenta. O relato nos foi remettido por pessôa fidedigna. Eil-o :

« — A srta. Olga Leal Pacheco, filha do Agente da Estrada de Ferro Central do Brasil, sr. Virgilio Leal Pacheco, residia em Mogy das Cruzes, em 1917, quando ahi começou a produzir phenomenos de mediumnidade.

Era umas vezes presa de espiritos obsessores ; outras, de simples espiritos perturbadores variando constantemente de personalidades. Umas vezes mediumnisada, tomava ares de uma pessoa fidalga exigindo que lhe déssem café em uma chicara de fina porcelana. Outras vezes, atirava para longe o sapato por julgal-o indigno dos seus pés. E então seu pae tinha de comprar calçado fino, para satisfazer o capricho da moça rica que se manifestava pela srta. Olga. Umas vezes ainda bordara á machina com grande habilidade. e no entanto a srta. Olga não tinha aprendido a bordar ; outras vezes, apparentava uma criancinha a qual era preciso dar mingáu na bocca como se faz com as crianças. Assim esteve alguns mezes em Mogy das Cruzes sem apresentar melhoras. D'ahi veio a familia morar nos suburbios da Capital Federal, Avenida Cavanellas, Estação de Sampaio. O tratamento espirita foi applicado. Varias sessões foram feitas por espiritos dedicados, com melhoras algumas vezes, mas sem resultado positivo. Uma vez mediumnisada, predisse duas mortes na familia, com as quaes ninguem podia contar e se verificaram contra a espectativa de todos.

Um dia, uma nova entidade se manifestou pela srta. Olga, dizendo ; «Olga vai voltar.» Essa entidade que deu o nome de Edy Catharina, disse, então, com insistencia á mãe da moça — «Vou buscar a sua Olguinha.» E mandou que a medium adormecesse n'aquella noite ás 11 horas, até ás 4 da tarde do dia seguinte. A essa hora dever-se-ia fazer um Pae Nosso e dizer : — Olga em nome de Deus, desperta.

Nesse mesmo dia, ás 11 horas da noite a srta. Olga entrou a dormir profundamente até ás 4 da tarde do dia seguinte. Quando o relogio deu 4 horas, o pae de Olga fez um Pae Nosso e disse : «Olga, desperta em nome de Deus.» E a moça despertou como de um longo somno de 4 mezes, que tantos eram os que tinha passado desaccordada, com o seu organismo manejado por outros espiritos.

Sentou-se na cama, pediu o sapato preto que usava 4 mezes antes. Não sabia onde estava, nem como tinha sido conduzida para ali. Mas estava completamente curada.»

* * *

BIBLIOGRAPHIA

Reincarnado

Temos sobre a mesa este excellente livro que, escripto em forma de romance, traduz a historia de factos sensacionaes occorridos ultimamente na França.

REINCARNADO é da lavra do dr. Lucien-Graux, distincto psychologo francez ; é um livro verdadeiramente Kardecista que a Federação Espirita Brasileira traduziu para melhor dotar a nossa bibliotheca de livros uteis. Acha-se exposto á venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro e na Livraria d'O Clarim, Mattão, E. S. Paulo — Preço 7$ e mais o porte.

Defensa del Espiritismo Moderno

Este importante livro de sir Russell Wallace, acaba de sêr traduzido do inglez para o hespanhol. Na Livraria d'O Clarim — 7$ e mais o porte.

La Reincarnacion

E' um grosso volume de 400 paginas impresso em optimo papel Buffon ; penultima obra do grande espirita Dr. Gabriel Delanne, que já se acha vertida em hespanhol.

Na Livraria d'O Clarim — 1 vol. 10$ e mais o registro.

Livros em hespanhol

A Livraria d'O Clarim, que nos presenteou com os volumes acima, nos communica ter recebido as obras de Allan-Kardec em hespanhol. Ficam avisados os interessados.

Revista Internacional do Espiritismo

A nossa revista está exposta nas vitrines da «Casa Garraux», S. Paulo, Rua 15 de Novembro ; e nas vitrines da «Casa Garnier» e «Livraria Alves» — Rio de Janeiro. São nossos representantes, em S. Paulo : o sr. Juvenal Oliveira Dias, Avenida Angelica, 76 ; e no Rio — Dr. Sebastião Caramurú, Travessa Affonso, 32 — Tijuca ; Henrique Nicoud, Avenida Suburbana, n.o 2650.

NOTAS DIVERSAS

Por motivo de molestia na pessôa do seu director, o illustrado espirita barcelonez D. Quintin Lopez Gomez, foi suspensa até o fim do anno a publicação da excellente revista «*Lumen*». Fazendo votos pelo completo restabelecimento do illustrado confrade, desejamos que cesse o mais breve possivel o motivo que o afasta do seu alto posto.

⁂

A *Revue Spirite* vai augmentar suas paginas, accrescendo em cada numero um artigo psychico ou philosophico redigido em Speranto, e mais outras secções que regulamentam seu serviço interno.

⁂

Completou mais um anno de preciosa existencia a nossa collega «*Rosendo*», revista psychologica do grupo «Rosendo», de Matanzas. Ao seu illustre director D. Placidio Julio Gonzalez, nossas cortezias.

⁂

Continuam a produzir grande successo as conferencias do distincto medico Dr. Umberto Torres, na Hespanha.

⁂

Entrou no prelo a versão da importante obra de Allan-Kardec, «*Instrucção Pratica sobre as Manifestações Espiritas*», concedida especialmente ao nosso companheiro C. Schutel.

Ao que sabemos a obra será confeccionada em optimo papel Buffon e será entregue á publicidade encadernada

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2815unse

NNO II —Brasil—E. S. Paulo —Mattão, 15 de Setembro de 1926—NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGIC

SUMMARIO

A Telepathia e as Manifestações Espiritas
Acção dos mortos sobre os vivos
Sabedoria
A Volta de Oscar Wilde
Uma apparição historica
Os Phenomenos dictos de Materialisação
Contribuição para o estudo das Materialisações
Uma prova consoladora
Algumas experiencias com o medium Home
Chronica Extrangeira
E'cos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas

Apparição ao lado do medium de uma cabeça de homem

ANNO 2 -BRASIL- E. S. Paulo- Mattão, 15 de Setembro de 1926-NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

A TELEPATHIA E AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITAS

«São sempre os que sabem pouco e não os que sabem muito, que affirmam a sua capacidade scientifica para resolver tal ou tal problema» — disse Darwin.

De facto, ha uma flagrante má vontade, que eleva-se por vezes ás raias do orgulho, na interpretação dos factos espiritas, verificados e acceitos por todos os grandes pensadores.

E essa audacia chegou ao auge de se classificar esses phenomenos, em sua maioria, como simples casos de telepathia.

A telepathia, no sentido vulgar da palavra, consiste na transmissão de pensamentos ou de sentimentos á distancia, realisada entre duas pessoas, uma que recebe as impressões, outra que transmitte.

A acção telepathica comprehende, por isso, uma acção bem limitada, e se acha restricta a theoria das «ondas ethereas», como as denominou W. Crookes, ou seja das «ondas cerebráes», como as denominam outros.

N'este caso é indispensavel o concurso de duas pessoas, agente e percipiente, uma ou ambas aptas para transmittir e receber as mensagens intuitivas levadas pelas «ondas cerebráes», pois a telepathia é essencialmente electiva, não dispensando o estabelecimento das relações entre dois cerebros preparados para as suas manifestações.

A telepathia, segundo o sentido em que é concebida, tem limites bem restrictos, não abrange senão uma insignificante parcella da psychologia.

Assim, entretanto, não a conceberam os modernos psychologos, que têm-n'a estudado mais convenientemente.

As obras magistraes que tratam do assumpto deram a referida expressão um sentido mais lato. Esta doutrina, ligeiramente esboçada por antigos pesquisadores, comprehende agora um vasto campo de phenomenos com aspecto differente á simples transmissão do pensamento.

E' assim que a *«Sociedade Ingleza de Investigações Psychicas»*, depois de um persistente trabalho investigador e critico, julgou de bom alvitre incluir nesta classe de phenomenos um conjuncto de factos de manifestações diversas, como sejam os das apparições das pessoas ausentes no momento de uma crise accentuada, etc.

Esse trabalho, que durou annos consecutivos de estudo e de investigação consta de muitos volumes, e vem prestar valiosa contribuição na descoberta do principio animico, ligado ao organismo humano e que pode exteriorisar-se attingindo distancias sem alteração da individualidade.

De maneiras que a palavra telepathia, tão usualmente empregada pelos adversarios do Espiritismo para negar os seus phenomenos, deriva d'ella um argumento poderoso para demonstração dos factos positivos que vêm provar a emancipação do espirito, a sua desintegração do corpo carnal.

Não nos deteremos relatando quaesquer desses phenomenos que se acham enfeixados nas obras classicas.

Mas apezar das manifestações telepathicas constituirem hoje uma extensa gamma, existem phenomenos scientificamente constatados, cujos casos, na sua differenciadissima morphologia, não podem ser catalogados nessa theoria. Por exemplo, as manifestações de ordem physica que deixam vestigios permanentes, pelo transporte de objectos, pela escripta, pela moldagem, pela placa photographica, pelas apparições tangiveis, etc. não podem ser explicadas pelas «ondas ethereas» ou «cerebraes.»

A telepathia assim como a telesthesia não podem absolutamente comprehender estes phenomenos. E' o proprio Meyers, que adoptou estes termos para substituir as expressões «*communicação e transmissão de pensamentos*», cujos termos julgou pouco explicitos a um estudo systematico, que diz em seu livro «*A Personalidade Humana*» ; «Em 1882 eu propuz os termos mais amplos de *telesthesia* ou sensação á distancia, e de *telepathia* ou sympathia á distancia, e os empregarei no curso desta obra, *sem que o seu emprego implique de minha parte a pretensão que elles correspondem para grupos de phenomenos definidos e nitidamente separados, nem que elles abrangem todas as manifestações normaes.*

Ao contrario, me parece provavel que os factos do mundo meta-ethereo são muito mais complexos que os do mundo material e os meios pelos quaes os espiritos se communicam e percebem, fóra do organismo carnal, são muito mais subtis e mais variados do que aquelles pelos quaes se operam as communicações e percepções ordinarias.»

Os phenomenos de telepathia e de telesthesia foram cuidadosamente tratados por Allan-Kardec, que os baptisou com os nomes de *photographia* e *telegraphia do pensamento.* E para bem se apreciar e comprehender esses factos é indispensavel a acceitação do principio animico, e que se tenha um vasto conhecimento das leis que regem a acção dos fluidos uns sobre outros.

As manifestações espiritas têm o seu caracter real, distincto, não podem ser negadas, sob pena de ignorancia ou má-fé. Ellas constituem o meio pelo qual o Espiritismo, pela mesma forma que as sciencias positivas, applicando o methodo experimental, nos apresenta uma nova ordem de factos, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, mas que remontando dos effeitos ás causas chega á lei que os rege.

* * *

Acção dos mortos sobre os vivos

OBSESSÃO

> «Le rôle le plus sage de l'homme, c'est de constater, par l'etude des faits ce qui a une existence réelle, et, une fois cette constatation faite d'eu admettre l'object, que nos le comprenions ou non, au lieu de prétendre l'abolir par cette seule raison que nous ne le comprenons pas.» — HIRN.

Deixámos provado, em nossos artigos anteriores, que não somos apenas um acervo de materia bruta que se desagrega com a morte, mas que alguma cousa mais do que isto ha em nós e sobrevive ao corpo.

Deixamos tambem provado com o testemunho de sabios criteriosos e honestos, que dedicaram parte da sua vida a estes estudos de tamanha relevancia para toda humanidade, o resultado das suas experiencias, os innumeros factos que comprovam a existencia da alma immortal e a sua acção sobre os que não morreram. Cumpre que aquelles que quizerem negar estes factos sejam, antes de tudo, coherentes, não os negando sem conhecimento de causa, apenas com palavras estereis, ociosas...

Os factos são sempre factos e não ha no mundo forças que os façam deixar de ser o que realmente são. Além disto, não têm os senhores negadores, os que querem negar a todo transe o que não estudaram, não viram, não conhecem, o direito de deprimir e desmentir homens do mais alto saber e da mais severa honestidade.

Neguem os factos, sim, têm todo o direito, mas o façam com conhecimento de causa, com competencia, oppondo factos a factos. O que assim não procederem dão testemunho de ignorancia e presumpção...

Flammarion, o saudoso sabio astronomo francêz, disse, a respeito da acção de um ser sobre outro, á distancia, o seguinte:

«A acção de um ser sobre outro, á distancia, é um facto scientifico tão certo quanto a existencia de Paris, de Napoleão, do oxygenio ou de Sirius.»

Todos os sabios que não se acham presos aos preconceitos (aliás basta que estejam para que não sejam sabios) estão voltando as suas vistas para a Sciencia Espirita, que já está contando com adeptos em *todos os lares*. Basta lembrarmos que já no Congresso Espirita celebrado em Paris, em 1889, portanto ha 37 annos, nas salas do Grande Oriente da Maçonaria Franceza, á rua Cadet n. 16, concorreram 500 delegados representando 40.000 mil membros de varias sociedades espiritas, tendo sido então, calculado em 15 milhões o numero de testemunhas dos varios factos espiritas. Os adeptos desta nova Sciencia e Religião já pullulam por toda parte, hoje. Só nos Estados Unidos o seu numero é calculado em 30 milhões. A Sociedade Dialectica de Londres têm nomeado commissões para o estudo do Espiritismo, tomando n'ella parte homens como Alfredo Russel Wallace, Augusto Morgan, Warley, Hell, Edmonds e outros, tendo todos elles confirmado os factos espiritas. O sabio physico inglez William Crookes, continuou por longo tempo os trabalhos de pesquizas iniciados por aquella sociedade e auxiliados por dous outros physicos de renome — William Huggis e E. W. Cox — que, com apparelhos de precisão e registradores automaticos, obtiveram phenomenos espiritas dos mais importantes, como photographias claras de espiritos, tiradas a luz do magnesio, transporte de objectos pesados, sem contacto de especie alguma, materialisações, desmaterialisações, etc. Vale a pena transcrevermos aqui as palavras com que Crookes fechou o relatorio das suas observações:

«A gente, sempre avida do sobrenatural, nos pergunta: Acreditaes nisso vós, ou não acreditaes? — Nós respondemos: somos chimicos, somos physicos; o nosso mister não consiste em acreditar ou deixar de acreditar, mas sim em averiguar, de modo positivo, se um dado phenomeno é ou não é imaginario. Feito isto, o mais não é da nossa competencia. Ora, quanto á realidade dos phenomenos, nós affirmamos, ao menos provisoriamente, porque, com immensa estupefacção dos nossos sentidos e da nossa intelligencia, a evidencia nos obriga e admittil-a.

Lembre-se o leitor de que não aventuramos nem *hypotheses, nem theorias de especie alguma.* Attestamos simplesmente os factos, só para o fim e pela razão unica de que em toda a nossa longa carreira procuramos fazer conhecer a verdade. As Commissões de investigadores, os homens insignes e praticos de todas as nações, que se reuniram severamente ás nossas experiencias concluem comnosco. Mais uma vez: não vos affirmamos que isto é verosimel, mas vos affirmamos que isto é. Em vez de duvidardes ou de crerdes ao acaso, o que é a mesma cousa, e de imaginardes que fomos capazes de desperdiçar o tempo a estudar charlatanices (como se fosse possivel tal puerilidade) dae-vos ao trabalho de examinar primeiro os factos, como nós, um tempo, incredulos, nos resignamos a fazer. Mostrae-nos com critica severa, em que ponto erramos no decurso de nossas experiencias. Particularisae e suggeri, se souberdes meios de exame mais demonstrativos. Inventae complexos de difficuldades mais insuperaveis e mais subtilmente combinados do que aquellas de que rodeamos os nossos Mediums, sem que elles jamais o soubessem. Mas não venhaes, assim inconsideradamente tratar os nossos sentidos corporaes de mentirosos ou facilmente enganados; não accuseis a nossa razão de demencia (que, entre parenthesis, só nós depois de tão rigorosos estudos, teremos o direito de reconhecer em vós), com o pretexto de que os factos contrariam os nossos juizos antecipados, semelhantes aos que nós tambem alimentámos no passado.

E' difficil ser-se mais sceptico e mais positivo do que nós em materia de cousas experimentaes. Se tendes mais confiança em vós do que em nós, seja pela vossa ignorancia, seja pela vossa sciencia de curioso, de que lado se deve collocar um homem sensato? Sustentamos que toda a mascara de presumpção ou de bondade desdenhosa cáe do rosto á vista de certos phenomenos effectuados por mediums *reaes e verdadeiros*, nos nossos laboratorios; que os mais atrevidos motejadores tornam-se semelhantes áquelles astuciosos camponezes que, nas feiras, piscam os olhos para os companheiros, zombando de um apparelho de Rhumkorff, e depois mudam de repente de côr, apenas têm tocado os fios da machina. Finalmente, rejeitar levianamente os testemunhos de homens, a quem foi confiada a tarefa de examinar um facto e dar a sua razão, equivale a desprezar todo o testemunho humano, tenha elle a importancia que tiver. Porque não ha facto algum na historia sagrada ou profana, ou nos annaes da sciencia que se baseie em provas mais solidas e mais efficazes do que as que nos tornaram, não só convencidos, mas até premidos pela evidencia. Não ouseis, pois, proclamar a superioridade dos vossos sentidos e do vosso scepticismo sobre os nossos sentidos e sobre o nosso scepticismo; e fiquem assim terminadas estas controversias ociosas.»

(*Continúa*)

SOUZA RIBEIRO

Cada espirito tem, no espaço, sua vocação e segue-a com facilidades desconhecidas na terra; cada um encontra seu logar neste soberbo campo de acção, neste vasto laboratorio universal. Por toda a parte, na amplidão como nos mundos, objectos de estudo e de trabalho, meios de elevação, de participação na obra eterna, se offerecem á alma laboriosa. Para toda a alma, ainda a mais baixa, um futuro grandioso se prepara. Todo o acto de abnegação repercute em progressão crescente na escala dos seus destinos.

SABEDORIA

Falámos, em nosso escripto anterior (1), do rumo em que terão de fatalmente orientar-se as pesquizas da sciencia do occidente, graças á incessante pressão dos factos da psychologia experimental, os quaes, revelando-lhe os profundos mysterios da psyché humana, terminarão pondo-a em contacto com as forças subtis e intelligentes que operam no universo e sobre a vida humana, para conduzil-a finalmente ao reconhecimento da Causa ou Origem suprema de que procedem todos os seres e coisas, isto é : existencia e immortalidadade do Espirito, existencia e immanencia de Deus em toda a creação, regida por suas immutaveis leis de sabedoria e de bondade.

Uma vez posta neste rumo, sem abandonar os seus methodos de observação, apenas substituindo o emprego dos instrumentos, com que tem aprofundado a sondagem da materia e da vida em suas expressões objectivas, pelo d'esses outros instrumentos de maior valor que se chamam a intelligencia, e a razão, a sciencia occidental, de sceptica e materialista que tem sido, ter-se-á tornado sciencia religiosa e espiritualista, construindo então a maravilhosa synthese da vida e do universo, de que já não será possivel separar a cogitação do seu Autor, e que será o luminoso coroamento dos esforços, dos labores de tantos seculos de anciosa investigação para conquista da Verdade.

A esse conhecimento intellectivo da Creação e suas leis, peculiar á indole e aos methodos da sciencia humana, particularmente da sciencia do occidente, nos propomos accrescentar agora a indicação de um outro vehiculo de indagação, tendente á consecução de identico resultado, mais fecundo, porém, assim em sua utilização como nas consequencias moraes de ordem generalizada para os que, arrastando as difficuldades que frequentemente surgem e se oppõem ao seu emprego, lograrem conduzil-o aos seus extremos e magnificos limites. Para nos exprimirmos com maior clareza e falando em nossa qualidade de crente, sem comtudo cessarmos de ser um racionalista moderado, diremos que ha dois meios para conhecimento da Verdade — e empregando a maiuscula, temos em vista caracterizar a sua accepção, não restricta aos phenomenos de natureza phisica, mas extensiva ás coisas divinas e espirituaes : — a intelligencia e o sentimento.

Pela intelligencia, contanto que desannuviado de preconceitos, pode o homem, reunindo e coordenando factos e perquirindo leis, não sómente adquirir o conhecimento da harmonia integral da vida em seus multiplos aspectos, como remontar á suprema Intelligencia, creadora e organisadora de tudo quanto existe ; mas não chegará a penetrar a intima e commovedora razão de ser de todas as coisas, se não fizer intervir, como uma luz reveladora, o sentimento. No primeiro caso o conhecimento será meramente exterior, e só neste ultimo ganhará fôros de convicção interior. Mais ainda : para o conhecimento intellectivo, propriamente scientifico, da Verdade são necessarios estudos preparatorios distribuidos por todas as provincias do saber humano, uma complicada apparelhagem e recursos ao alcance de apenas um reduzido numero de individuos, ao passo que o aprendizado que se faz pelo coração, sem de todo prescindir de uma relativa cultura, mais solida e preciosa sobretudo se accumulada em anteriores existencias e archivada nas mysteriosas profundezas do subconsciente, pode ser emprehendido pela grande maioria dos que neste mundo padecem «fome e sêde de justiça.»

⁂

Por singular que se afigure a nossa these, temos para apoial-a, todavia, os ensinamentos de uma suprema autoridade, os quaes, não obstante o transcurso de longos seculos e o testemunho exemplificador de alguns espiritos de escol, não ainda sufficientemente comprehendidos e menos ainda postos em pratica pela humanidade. Referimo-nos áquelle excelsa figura que, sob a modesta apparencia do filho de um carpinteiro, veio lançar na Terra os fundamentos, não de uma sciencia fragmentaria e ephemera, mas da verdadeira Sabedoria, que de Deus precede, pondo ao alcance

---

(1) Ver o n. 2 desta «Revista», 15 de março de 1926

do mais humilde os meios de a adquirir.

O que Jesus, com effeito, denominava ‹o reino dos céos› e em cujo annuncio fazia consistirem as primicias do seu Evangelho, outra coisa não é senão o despertar da centelha divina que dormita em todo o homem e constitue o laço de communhão, illuminadora e fecunda, entre ella e a Divindade. Duas coisas são fundamentalmente necessarias para esse renascimento interior do espirito: a humildade e o amor. E' por isso que Jesus, ao mesmo tempo que fazia do amor a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo a substancia da Lei e de todas as prophecias, isto é, de todas as revelações de indole religiosa, ao escolher os seus apostolos e discipulos, não os foi buscar entre os homens illustres do seu tempo, mas nas classes obscuras da sociedade judaica. Porque? — Antes de tudo porque, tendo vindo para os pobres e pequenos, para os soffredores e desprezados dos Gnosticos de todos os tempos, era com esses humildes que devia permanecer em contacto immediato, e em seguida porque, vindo ensinar a toda a humanidade o caminho directo da communhão com Deus, devia preferir para vehiculos da sua Palavra os que, possuindo aquellas virtudes fundamentaes, não seriam embaraçados pelas argucias e subtilezas metaphysicas, frequentemente suscitadas pela cultura intellectual.

A razão d'essa maior capacidade para a communhão divina, que se observa nos humildes e simples de coração, se encontra ainda na circumstancia de ser o Amor o attributo por excellencia do Creador. Aquelle, pois, que ama os seus semelhantes com um amor sincero e igual, ‹não dividindo em seu coração os seus irmãos em bons e maus, (1),› está mais proximo de Deus do que aquelle que o procura atravês dos esplendores da creação e da impeccavel immutalidade das leis que a regem.

A difficuldade, para o homem, de attingir as culminancias desse amor perfeito reside no acervo de imperfeições moraes que constituem a trama do ser inferior que é a sua personalidade exterior, do mesmo modo que o segredo para aquella exaltação reside numa educação religiosa que, estimulando progressivamente as adormecidas actividades da centelha divina, interior, de que falamos e que é o nosso proprio espirito, o encaminhe á plenitude da communhão a que Jesus convidava os seus discipulos: ‹Sêde um commigo, como eu sou um com o Pae›, coroamento unicamente possivel aos que houverem posto em pratica o assombroso programma contido nestas outras, para a natureza humana, revolucionarias exhortações: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e calumniam, para serdes os filhos de vosso Pae que está nos céos, o qual faz o seu sol se levantar sobre bons e sobre maus e faz chover sobre justos e injustos», rematadas com esta synthese eloquente: «Sêde logo perfeitos, como vosso Pae celeste é perfeito.›

Esta sciencia do Amor, que transporta o homem acima de si mesmo, approximando-o de Deus pelo vinculo d'esse attributo fundamental, constitue o grande vehiculo de illuminação para o conhecimento intimo, que não apenas superficial, de todas as coisas. Com grande acerto, pois, sentenciou aquelle sublime e ignorado monge, que em tantas, quasi todas, passagens da sua IMITAÇÃO DE CHRISTO revelou possuir o espirito dos ensinamentos de Jesus: ‹Fosses tu bom e de coração puro, tudo verias sem véo e tudo entenderas;› accrescentando: ‹O coração puro o céo penetra e o inferno.›

Não era outra a fonte reveladora que inspirava, por exemplo, um Francisco de Assis, outro admiravel monge, modelo de amor e de humildade, quando a seis seculos de distancia das pesquizas scientificas de um Darwin sobre a origem das especies, manifestava o conhecimento intuitivo da unidade substancial da creação e da solidariedade de todos os seres, submettidos á mesma lei evolutiva, ao exprimir-se d'este modo: ‹meus irmãosinhos, as feras...› Precursor genial do grande naturalista inglez, o coração lhe fazia presentir a grande verdade que o outro só em parte, no que se refere apenas á successão e encadeamento das formas, viria mais tarde, a poder de afanosas e tacteantes operações da intelligencia, revelar ao mundo.

Porque ha, de facto, parallelo á sciencia que se adquire pela observação exterior das coisas, uma outra que se aprende com o coração e chama-se, com superior propriedade, Sabedoria, justificando assim a conhecedissima affirmação de Pascal; «O coração tem razões que a razão não conhece.»

---

(1) *«Roma e o Evangelho», ditado de João, o evangelista.*

Foi á acquisição d'essa verdadeira Sabedoria que o excelso Mestre da sciencia do Infinito, Divino Mestre, portanto, veio convidar os homens, quando no apice do padrão de valores que viera offerecer ao mundo, para sua guia e redempção collocou a bondade. E' ainda neste sentido e com essa profunda significação que devemos entender aquella sua outra persuasiva exhortação; «Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por accrescimo.» Nesse «tudo o mais» se acham implicitamente comprehendidas não sómente as coisas necessarias á vida, pelas quaes tanto se afana o homem desamparado da fé, mas o proprio conhecimento da Verdade, que o coração humilde e simples melhor penetra, em seus intimos e transcendentes matizes, que a intelligencia mais culta, atormentada de ambições.

Razão teve, portanto, Bittencourt Sampaio em pôr como remate á introducção da sua *Divina Epopéa* esta sentença lapidar: «Quem fôr christão em Christo, será sabio.»

Leopoldo Cirne

A VOLTA DE OSCAR WILDE

(*Continuação*)

DA REVUE SPIRITE

No correr da sessão de 14 de Julho de 1924, o communicante escrevia:

> Permitti que, por uma vez, eu desça aos enfadonhos labyrinthos das informações pessoaes...
>
> ...E' bem incommodo para mim extrahir das profundezas obscuras da memoria as lembranças do passado. Uma das minhas primeiras recordações da infancia é constituida pela visão de uma pequena quinta irlandeza, na aldeia de Mc Cree...
>
> Cree... Não, o nome não é precisamente isso. Glencree (?)... Nós ahi morámos com Willie e Iso... Era ahi que um velho e bom mestre vinha dar-nos as primeiras licções... Era um padre... o Padre Prid... Prideau (?)... Corria perto da quinta um regato limpido... Outras recordações... um jantar com Arnold e Pater, perto do Hyde Park... Um almoço com os Snrs. Margot Tennant, Sra. Fox Blunt e outros, em Londres. Asquit era do numero, mas não me parecia verdadeiramente estar no seu elemento. Paguei as despezas, e depois do almoço contei historietas á Sra. Margot...

A Sra. Travers Smith assim commenta esta communicação;

> Todas estas informações, que a nossa investigação mostrou serem veridicas, eram absolutamente ignoradas dos mediums e dos assistentes...
>
> ...Apenas nellas se verifica um unico erro, provindo, evidentemente, de uma confusão na transmissão: Não compareceu nenhuma senhora Fox, ao almoço de que fala Oscar. Este erro é devido, talvez, a uma inversão de nomes, visto que o episodio que as segue, se refere ao Padre Prideau Fox...

Oscar Wilde continua assim a sua mensagem:

> Um dos momentos mais felizes da da minha existencia foi quando, sahido da prisão, dei aula ás creancinhas de uma aldeia perto de Bernaval (?)... Naturalmente chamava-me, então, Sebastião Menotte... Melmoth, como recordação de um dos meus antepassados... Sebastião, em lembrança das settas terriveis que me abateram, Jean Dupré, conheci-o em um café de Paris... Estou muito confuso... receio ter collocado mal no tempo algum incidente... (pag. 65-67).

Eis os commentarios da Sra. Travers Smith.

> E' digna de nota a recordação de uma pequena quinta em Glencree. Wilde fez duas tentativas para escrever o nome: «Mc. Cree... Cree... Não; o nome é Glencree». Sei que

a umas doze milhas de Dublin, existe uma aldeia perdida nas montanhas, com o nome de Glencree. O Sr. V. nada disso sabia, não tendo estado jamais na Irlanda. Wilde disse ter residido nessa aldeia. «com Willie e Iso». Ora, eu bem comprehendi que Willie era o seu irmão William ; mas quem era Iso ? Eu ignorava absolutamente que elle tivesse tido uma irmã. Tomando informações, depois, soube que elle tinha tido realmente uma irmãzinha, chamada «Isola», que morreu na idade de 8 annos, e á qual elle era ternamente afeiçoado. Wilde fala, além disso, de um velho clerigo — o padre Prideau — que lhes tinha dado as primeiras lições. Escrevi ao professor actual da escola de Glencree — o padre Folley — que teve a gentileza de dar buscas a respeito do caso, e ficou, assim, habilitado a me informar de que ha 60 annos, era director da escola de Glencree o padre Prideau-Fox.

Quanto ao topico relativo á aldeia de Bernaval, o Sr. V. e minha filha, que estava presente, ignoravam, tanto quanto eu propria, que Wilde tivesse estado em Bernaval, quando sahiu do carcere (pag. 126 127).

Emfim, vimos que Wilde accrescentou : «Naturalmente, eu me chamava, então, Sabastien Melnotte». Este foi aproveitado pelos criticos e citado como uma prova incontestavel da derivação subconsciente desta informação, visto como o nome tomado por Oscar Wilde era Melmoth e não Menotte. Quando se levantou esta objecção, li a mensagem de que se trata e achei que, de qualquer modo, tinham nos sido fornecidas duas versões do nome, das quaes uma inexacta e a outra verdadeira : primeiramente : «Melnotte». depois, «Melmoth». Entretanto, uma coincidencia feliz fez-me saber ainda outra coisa. Algumas semanas mais tarde, o «Times» publicou o annunciou de uma das vendas habituaes de autographos, em leilão ; era de Oscar Wilde. Explicava-se no annuncio que algumas das cartas expostas á venda estavam assignadas com o nome de «Sebastien Melmoth», e que uma dentre ellas pedia que a resposta fosse dirigida a Sebastião «Melnotte», accrescentando que elle se reservava para explicar ao destinatario a razão da mudança. Taes são os factos. Ora, é absolutamente certo que este detalhe não podia ser extrahido da minha subconsciencia ou da do Sr. V., pois nem eu nem elle podiamos imaginar que Wilde tivesse uma vez ou algumas vezes empregado uma variante do seu pseudonymo (pag. 111-112).

Este ultimo detalhe da verdade do nome tomado por Oscar Wilde reveste-se de um interesse theorico que a ninguem escapará. Não se pode, com effeito, explical-o pela hypotese da «cryptomnesia», tampouco pela da «cryptesthesia». A hypothese «cryptomnesia» nem é mesmo discutivel, pois de modo algum se concebe que os mediums tenham podido conhecer, para esquecer em seguida, um detalhe, absolutamente intimo, dos ultimos annos da vida de Oscar Wilde — detalhe ignorado até do proprio biographo do poeta e, portanto, authentico pela sua meticulosidade. Quanto á outra hypothese, da «cryptesthesia», que é, em summa, a faculdade da clarividencia — observarei que, para que ella possa ser applicada a este caso difficil, será preciso suppôr que, graças ás suas faculdades supranormaes, um ou outro desses dous mediums tenha descoberto os traços do correspondente de Oscar Wilde, de que se trata na carta a que allude o texto, e tenha captado na sua subconsciencia esse detalhe ignorado ; ou, então, dever-se-á admittir que essas faculdades supranormaes tenham encontrado, com auxilio da visão directa, a carta em questão e della tenham extrahido o detalhe da variante do pseudonymo. Taes são as hypotheses naturalistas que podem ser applicadas ao caso que se trata de examinar ; como nenhumas outras são conhecidas, dirijo-me ao bom senso dos leitores para que tenham a bondade de julgar si a explicação dos factos por essas hypotheses é preferivel á outra, tão simples e natural, que resalta irresistivelmente do conjuncto das circumstancias, isto é, o que fez conhecer este detalhe foi o espirito daquelle que o tinha «vivido».

Para não me alongar, demasiadamente, neste exame, não me deterei nos outros detalhes veridicos, acima referidos, todos igualmente importantes, sob o ponto de vista theorico, principalmente aquelle em que o communicante fala de uma irmãzinha morta, cuja existencia era desconhecida dos experimentadores. Convém ainda notar que embora de grande importancia, bastando por si sós para triumphar de quaesquer hypotheses naturalistas, os detalhes acima expostos não representam senão um valor subsidiario, depois das provas de identificação pessoal, fornecidas pelo espirito, dentre as quaes devemos assignalar as seguintes : as mensagens mediumnicas são escriptas na calligraphia que era peculiar ao communicante, quando vivo, e nos dous estylos, constituindo a sua personalidade litteraria bem nitida : um classicamente impeccavel, apezar da abundancia das imagens e da exuberancia dos adjectivos ; outro, epigrammatico, caustico e inimitavel. A Sra. Travers Smith liga, com razão, mais importancia á efficacia demonstrativa destas ultimas provas do que aos detalhes veridicos, fornecidos pelo manifestante, sobre a sua existencia terrestre, accrescendo que, sob o ponto de vista theorico, as hypotheses que se oppõem a taes detalhes, sendo, embora, inteiramente absurdas e insustentaveis, na extensão arbitraria que lhes é attribuida, não podem ser praticamente refutadas visto, não serem «demonstraveis».

Seja como fôr, se os partidarios da hypothese espirita não possuem arma com que possam combater contra o vacuo, muitas vezes lhes succede que conseguem aprisionar o proprio vacuo, e, no caso presente, não é difficil cercal-o por todos os lados, da maneira a tornar praticamente nullas as hypotheses contrarias que para elle convergiram. E isso se consegue empregando as duas provas citadas, pois ellas encerram argumentos substanciaes capazes de conduzir a esse resultado.

Começando pela prova de identidade calligraphica, lembraremos, o que já dissemos, que todas as mensagens dictadas pelas mediumnidades combinadas da Sra. Travers Smith e Sr. V. constituiram um fac-simile admiravel, da letra autographa do defunto que se dizia presente, de tal modo que os traços caracteristicos mais insignificantes, como os mais salientes da sua letra, foram ali reproduzidos : por exemplo, a letra «a» escripta a maneira do alpha, e o facto de destacar um grupo de letras das outras, em uma mesma palavra. Tudo isso se pode verificar, confrontando-se os fac-similes publicados na obra da Sra. Travers Smith. Não é demais lembrar aqui que nessas circumstancias, o automato escrevia com os olhos fechados e com uma rapidez vertiginosa.

Taes são as modalidades complexas e extraordinarias em que se produziu o phenomeno, durante alguns mezes ; modalidades que suggerem considerações theoricas muito importantes e oppostas a quaesquer explicações naturalistas. Para melhor demonstração deste asserto convirá indagar, primeiramente, até que ponto se poderia legitimamente levar a interpretação naturalista das manifestações desta especie. Vejamos, se se tratasse, por exemplo, da reproducção pura e simples da assignatura de uma pessôa morta, então a hypothese da «cryptomnesia» poderia ser legitimamente admittida, pois que não se poderia excluir, de uma maneira absoluta, a possibilidade de que tivesse a assignatura reproduzida cahido, um dia, sob os olhos de um dos mediums. Nesse caso, o «cliché» da assignatura teria emergido da subconsciencia do medium, com o auxilio do automatismo psychographico. Outro tanto se pode dizer com relação á hypothese da «cryptesthesia», segundo o qual as faculdades clarividentes dos mediums teriam visto, directamente, á distancia, a assignatura de Oscar Wilde, em algum livro ou documento, reproduzindo-a, psychographicamente, como se a copiassem de um modelo. Tudo isto se pode legitimamente sustentar (não quero dizer, de modo algum, que as ditas hypotheses sejam racionaes em todos os casos), mas o que se deveria, em compensação, excluir de uma maneira absoluta — e isso, aliás, ninguem ainda se lembrou de sustentar — é a possibilidade de se conseguir comprehender, pela cryptomnesia e pela cryptesthesia, uma pessôa com os olhos fechados, escrevendo automaticamente, correntemente e com grande rapidez, na propria letra do finado que se diz presente. Tal phenomeno redunda em coisa inteiramente diversa, pois não se trataria mais de copiar de um modelo á vista, ou de evocar um «cliché» subconsciente, e sim de exprimir a pessôa os seus proprios pensamentos, empregando a letra de outro. E como a letra propria de um individuo é a expressão symbolico-especifica do seu systema neuro-muscular, resulta dahi que é impossivel a qualquer individuo, em qualquer condição em que se encontre, escrever correntemente na letra propria de outro, isto é, peculiar ao seu systema neuro-muscular. E' isso tão impossivel como o é a qualquer individuo, seja qual fôr a sua situação psychica, conversar correntemente numa lingua que elle ignore por completo. Segue-se que, quando essas manifestações se produzem nas sessões mediumnicas, não ha senão uma unica interpretação racional para os factos : é a que admitte a intervenção do espirito que affirma estar presente.

Prosigamos. Passando a discutir a segunda das provas em questão, aquella que se refere ao facto de serem as mensagens de Oscar Wilde dictadas nos dous estylos, que constituiam a sua personalidade literaria tão nitida, citarei, de começo, algumas considerações, que escreveu a respeito a Sra. Travers Smith, considerações claras e imparciaes como sóem ser as dessa escriptora, que se mostra, constantemente, disposta a concordar com os partidarios da interpretação naturalista, indo mesmo além do que parece legitimo. Ella escreve :

> Observam-se, nestas mensagens, tres series principaes de provas, com relação á identificação pessoal do communicante. A primeira consiste na identidade da letra ; a segunda, na identidade de estylo, ou melhor, dos dous estylos que lhe são proprios ; a terceira, na identidade do seu pensamento, ou mais exactamente, da sua intellectualidade. Se tivessemos obtido, unicamente, a identidade da letra, esse facto ter-nos-ia parecido, sem duvida, muito extranho e muito interessante, visto que nas referidas mensagens se encontram os traços caracteristicos, incontestaveis, da letra de Oscar Wilde que, longe de ser uma letra vulgar, e, portanto, facilmente imitavel, revela, ao contrario, todas as regularidades e flexibilidades de uma mão de artista. Entretanto, se tivessemos obtido apenas isso, não hesitariamos em encarar o phenomeno como um incidente de reminiscencia do subconsciente. E mesmo se á letra individual se juntasse uma vaga semelhança no estylo, teriamos, ainda e sempre, pensado que o facto não tinha importancia como prova da sobrevivencia de Oscar Wilde. A nosso vêr, para se alcançar essa prova havia de ser preciso que, correntemente com a letra do finado, se tivesse tambem verificado nas mensagens, o verdadeiro, o proprio estylo de Oscar Wilde ; e, sobretudo, que por detraz desse estylo, surgisse, por sua vez, nitidamente, a sua intellectualidade. Ora, se analysarmos as mensagens, com o espirito livre de toda a idéa preconcebida, força é reconhecer que temos presente um dos casos raros, em que as provas de identificação, no sentido que acabamos de indicar, podem ser consideradas completas.

(A seguir)

ERNESTO BOZZANO.

UMA APPARIÇÃO HISTORICA

Chegando o Rei em Avignon, dia 23 de Dezembro de 1574, morreu ali D. Carlos, o Cardeal de Lorena.

A Rainha Catharina de Médicis quiz, nesse dia, deitar-se mais cêdo que de costume. Achavam-se em visita no palacio muitas pessôas notaveis como o Rei de Navarra, o Arcebispo de Lyon, as sras. de Retz, de Lignerolles, de Saunes e outras, que confirmaram este relato.

Quando Catharina apressava-se a dar bôa noite aos hospedes, deteve-se de repente, atirou-se á cabeceira da cama, pôz as mãos no rosto e soltou um grito agudo pedindo soccorro e dizendo que se achava aos pés da cama o Cardeal de Lorena, que lhe estendia a mão.

A Rainha exclamou varias vezes ;

— Senhor Cardeal, nada tenho a ver comsigo.

Em vista do occorrido, o Rei de Navarra enviou immediatamente um dos seus servos á casa do Cardeal, voltando logo o portador com o annuncio da morte do distincto Prelado.

OS PHENOMENOS DICTOS DE MATERIALISAÇÃO

De Mme. Juliette Alexandre-Bisson

Os phenomenos de materialisação são, sem duvida, os mais perturbadores e destinados a darem o ultimo golpe de morte no materialismo : e tanta maior autoridade elles revestem quando constatados por pessoas completamente insuspeitas, por sabios de nomeada que, adversarios do Espiritismo, de idéas francamente neantistas, têm se visto forçados a virem em publico para trazerem, com a sua responsabilidade scientifica, o seu testemunho pessoal da veracidade, da realidade de taes factos. E o livro, cujo titulo nos serve de epigraphe—*Les Phénomènes dits de Materialisations*, da lavra de Mme. Bisson, lembra esses sabios, cujas experiencias decisivas têm nos servido de provas, que evocamos todos os dias em favor da Immortalidade.

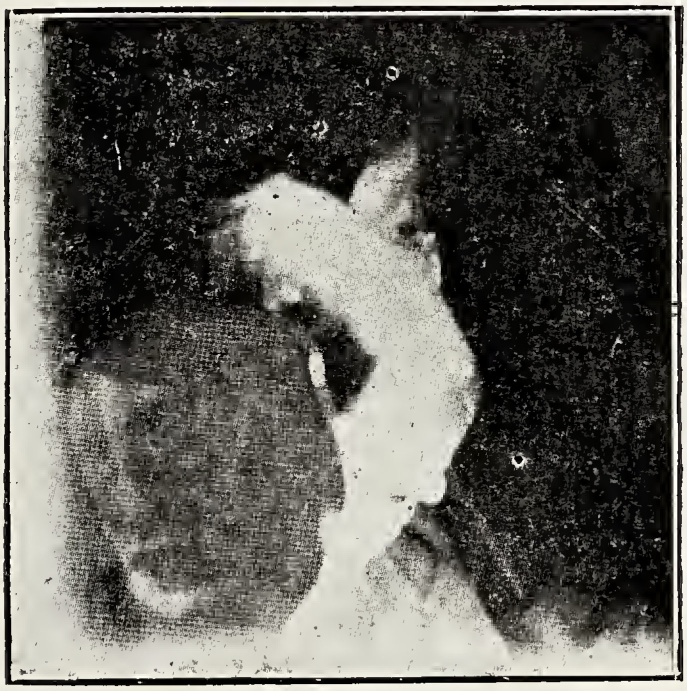

Fig. I Photographia tomada pelo apparelho interior. (Mesmo clarão que para a fig. II). Sobre esta prova pode-se ver a orelha na cabeça do homem photographada (II) e uma feição de mulher vista de face.

Mme. Juliette Alexandre-Bisson teve a felicidade de encontrar em sua propria casa um medium de inteira confiança, com quem fez por quatro annos consecutivos, experiencias de materialisações que foram testemunhadas por muitas pessoas gradas, inclusive homens de sciencia.

A srta. Eva C. não é um medium de profissão, pois reside na propria casa de Mme. Bisson, de quem recebeu educação hypnotica para o desenvolvimento do seu dom exclusivo de materialisação, pois, nenhum outro phenomeno se produz nas suas sessões.

Referida obra enfeixa os relatos das experiencias, de 1909 a 1913, com um prefacio do Dr. J. Maxwell e uma advertencia de Camille Flammarion, na qual o saudoso astronomo assim se exprime: «Mme. Bisson quiz vir com o seu medium Eva Carrière fazer suas importantes experiencias no meu proprio gabinete de trabalho, onde para responder a certas criticas devo affirmar, não perceber nenhuma hypothese de fraude possivel; da mesma forma que a famosa Eusapia Paladino veio tambem, nas mesmas condições fazer experiencias commigo. Pude constatar com meus proprios olhos, minhas mãos e pela photographia, que orgãos corporaes nasciam expontaneamente, formados pela substancia do organismo do medium. Pode-se affirmar com o Dr. Maxwell, a realidade dos phenomenos. Como experimentadores eram só minha mulher e eu. Em cada uma das experiencias, o medium foi completamente despido, depois vestido de uma capa preta. Além disso tivemos cuidado de examinar a bocca, a cabelleira, as orelhas. Suas mãos sempre visiveis se achavam ás nossas vistas. As producções foram vistas, tocadas, em plena luz de bôa lampada. Nenhuma simulação é possivel.»

No prefacio o Dr. Maxwell estende-se em largas considerações sobre o valor da photographia, sobre a honorabilidade dos experimentadores e passa a tratar das materialisações, e começando pelos seus precedentes historicos, diz; «A creação das formas humanas, no sentido que nós damos á palavra materialisação, não era absolutamente desconhecida dos antigos theologos. S. Thomaz de Aquino, falando da apparição dos Anjos, assim se exprime:

«... O ar, na sua tenuidade, não conserva nem forma nem côr, mas quando está condensado, pode tomar forma e se colorir, como se vê nas nuvens. Assim os Anjos preparam seus corpos do ar, que elles condensam pelo poder de Deus, tanto quanto é necessario para formar o corpo com que querem se apresentar» (Sumn. I. P. qu. 54. a. 2, ad, 3.)

Esta é ainda a opinião do abbade Ribet. (A Mistica Divina, I, 142.)

Os theologos attribuiam, geralmente, semelhante poder ao diabo, que podia mas unicamente animar momentaneamente os cadaveres. Apezar disso os magicos pretendiam poder crear corpos com apparencia de vida, e encontra-se a resenha de legendas deste genero nas tradições da Cabala.

Mas as materialisações no sentido contemporaneo desta expressão, não são a mesma cousa. O leitor curioso encontrará um historico completo da questão na excellente obra de Gabriel Delanne, *Les Apparitions Materialisées*. Sem entrar em detalhes de factos anteriormente relatados, limitar-me-ei a lembrar as celebres experiencias de Sir William Crookes, que photographou varias vezes a appa-

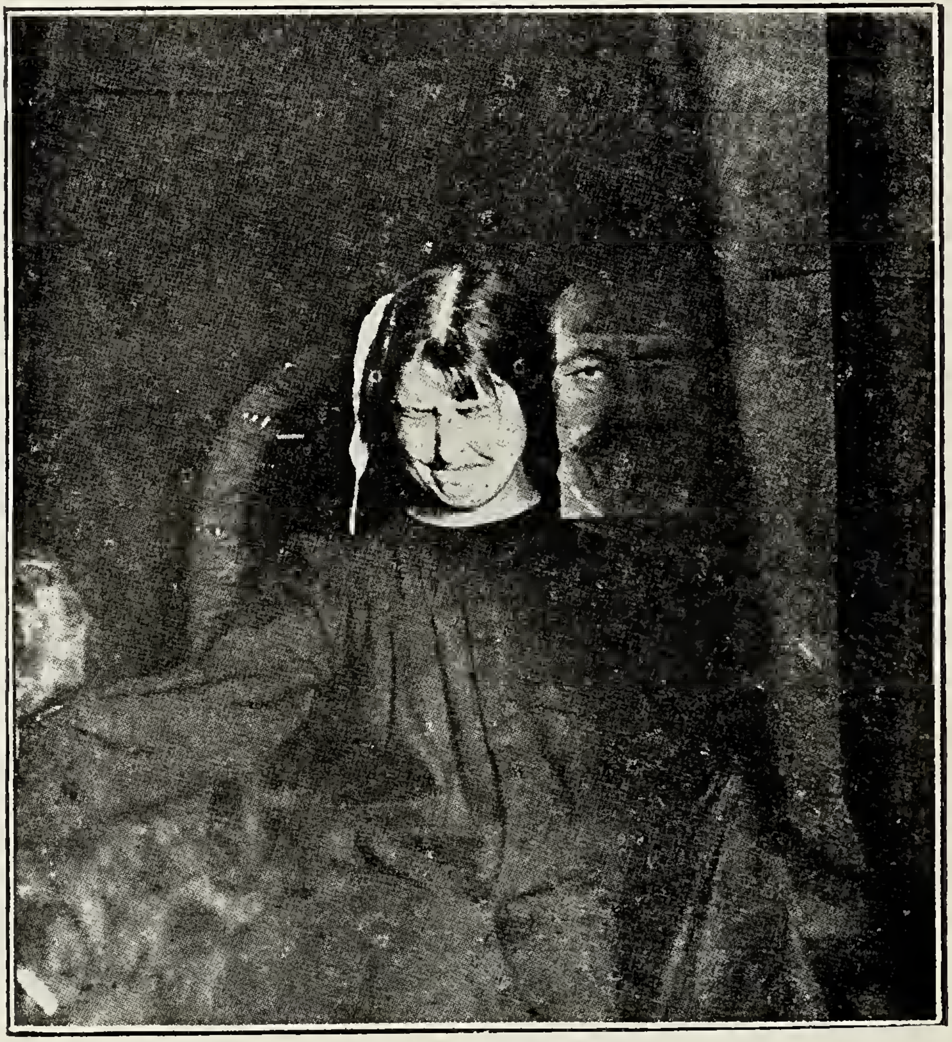

Fig. II — Apparição da physionomia de homem sem relevo. Atraz da cabeça do medium, á esquerda, percebe-se um tanto de substancia que envolve a cabeca de mulher photographada pelo apparelho interior (fig. I).

rição de uma forma humana viva. Sir William Crookes nunca retratou suas affirmações, nem permittiu duvidar de sua convicção. O testemunho de um observador tão competente merece a attenção.

Outras attestações haviam precedido a de Sir William Crookes; as materialisações eram numerosas, nos Estados Unidos e na Inglaterra sobretudo.»

E o Dr. Maxwell accrescenta: «na maior parte das experiencias anteriores, o processo descripto pelos observadores é este: um vapor se desprende do corpo do medium, semelhante a uma nuvem, luminosa ou alvacenta; a materialisação se forma á custa deste vapor, desta nuvem, deste nevoeiro (de Rochas), este modo de formação lembra a theoria de S. Thomaz de Aquino. Eu mesmo tenho observado este genero de phenomeno, formação d'uma lixivia luminosa, phosphorescente perto do medium, embora essas observações sejam pouco numerosas para me satisfazer, eu as cito á titulo de indicação. Nas experiencias de Mme. Bisson e de seus collaboradores, o processo é differente. A formação d'um vapor não é assignalada; a materialisação tem, desde o principio, o aspecto d'uma massa solida parecendo ao tecido do epiploon. Parece ter, nestes casos, um processo differente, um modo de evolução especial, correspondente á formação do que M. Charles Richet tem, creio eu, chamado «Ectoplasma».

Os phenomenos obtidos ou antes verificados por M. Bisson, são da mesma natureza que os constatados pelo Dr. Schrenck-Notzing e por este relatados no seu livro *Materialisations-Phaenomene*. Como Mme. Bisson, o Dr. Schrenck fez experiencias com a medium Eva, e com Stanislawa P. Com tempo faremos referencia sobre esta ultima obra. Passemos ao relato das ses-

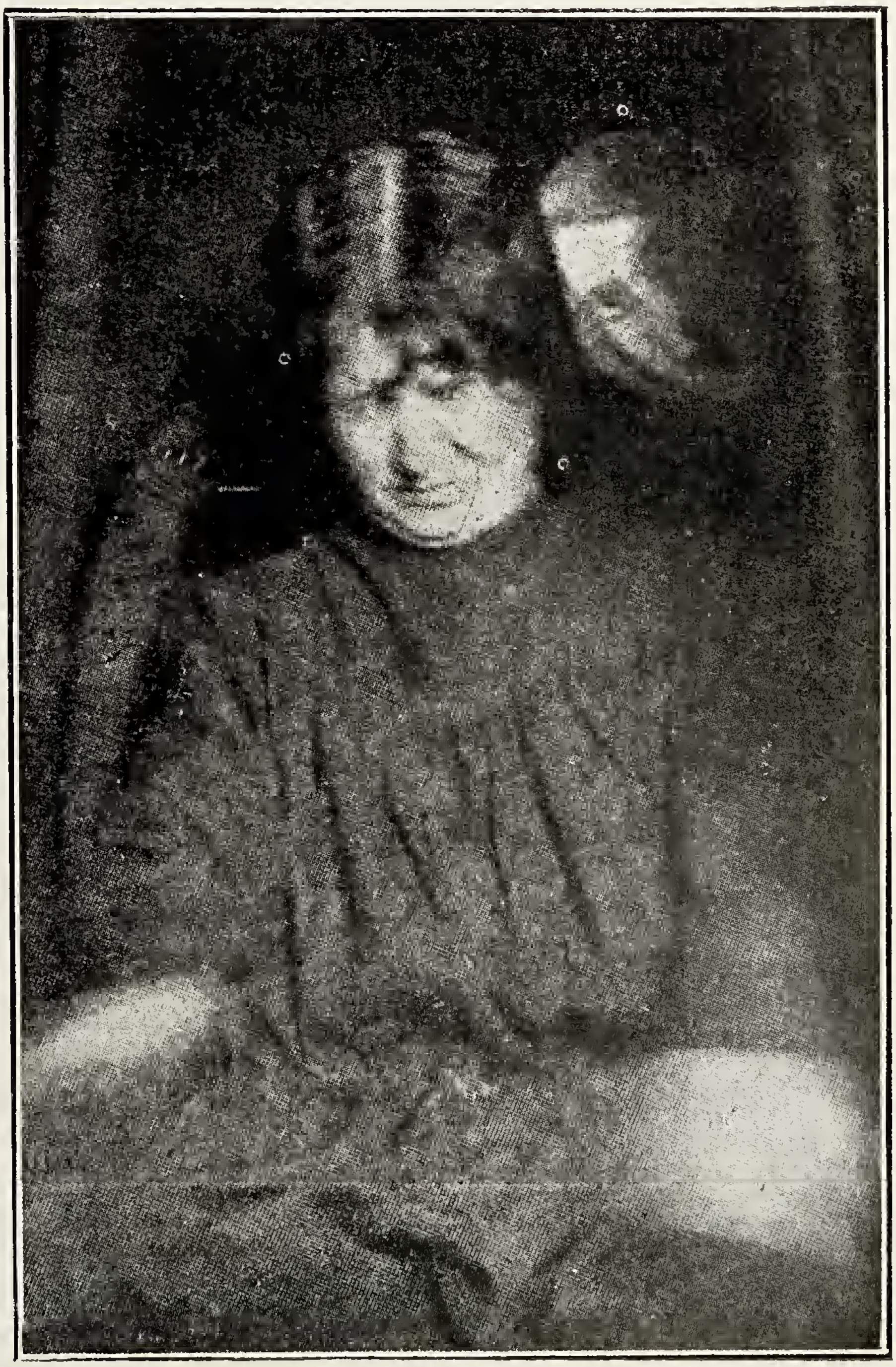

Fig. III — Cabeça de mulher junto ao medium.

sões que se referem aos *clichés* que reproduzimos.

Sessão de 22 de Outubro de 1912

Eva, apenas adormecida, a substancia mostra-se agglomerada sobre seu ventre e sobre seu peito, depois desapparece.

Alguns minutos de espera; uma cabeça de homem se apresenta ao lado da cabeça de Eva. Mais de trinta vezes a mesma cabeça apparece e desapparece; ella parece entrar no interior do gabinete. Photographa-se-a.

Depois do magnesium a mesma cabeça volta e uma figura de mulher apparece ao mesmo tempo do outro lado da cabeça do medium.

Estas duas cabeças vão e voltam no gabinete.

Num momento a figura de uma mulher apparece inclinada; ella se dirige para os assistentes.

(O controle das mãos do *sujet* é feito durante este tempo).

Pode-se ver ainda as duas cabeças apparecerem juntas, depois separadamente; ellas estão envolvidas da substancia branca. A um momento dado a cabeça de homem, que parece descer do alto do gabinete, chega perto das cortinas, depois volta, dando a impressão de evolar-se.

A figura de mulher vem a seu turno e se colloca contra a cabeça de Eva. Diante dos assistentes, elle diminue mais e mais, tornando-se do tamanho de uma laranja, emquanto seus traços continuam os mesmos.

A figura de homem volta, faz movimentos semelhantes a saudações, depois desapparece.

Sessão de 2 de Novembro de 1912

Espera-se uma hora e meia antes que os phenomenos comecem; enfim uma massa cinzenta se forma ao lado da cabeça da medium. Pouco a pouco esta massa torna-se mais clara; pode-se distinguir a feição de uma mulher.

Esta formação é independente do *sujet*; pode se vêl-a apparecer e desapparecer varias vezes. Photographa-se-a.

Apenas feito o clarão do magnesium, a mesma figura se apresenta, approxima-se das cortinas depois eleva-se para cima do gabinete. Varias vezes se mostra assim, depois desapparece definitivamente.

⁂

Mme. Bisson conclúe o seu livro, como elle deveria mesmo ser concluido:

«Eu não dou aqui a minha opinião pessoal, porque ella pouco importa; nada mais é que uma opinião, isto é, o resultado de um conjunto de impressões de caracter todo subjectivo.

«Deixemos a cada um o cuidado de interpretar sua idéa de accordo com os factos que eu expuz no correr deste trabalho.

«Mas eu tenho, ao terminar, que affirmar novamente a inteira realidade dos phenomenos: está absolutamente, fóra de duvida que o medium, em transe, exteriorisa uma certa substancia que pode apresentar aspectos diversos. Eis ahi o resultado tangivel de certas experiencias que eu quero tornar conhecidas; creio ter assim attingido o fim que visava ao começar este trabalho, que era simplesmente de demonstrar que os phenomenos dictos de «materialisações» correspondem a alguma cousa de real e são dignos de estudos scientificos. Depois disto, para terminar, não o fazei melhor que citar esta phrase do Dr. Maxwell: «Possa meu livro decidir alguns experimentadores de bôa vontade a experimentarem por sua vez !... Possa elle contribuir para que sejam considerados os phenomenos que eu estudei, como factos naturaes, dignos de serem utilmente observados e susceptiveis de nos fazer penetrar mais profundamente que todos os outros no conhecimento das leis que regem a natureza...»

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

VIII

(Continuação)

Uma sessão maravilhosa

Este caso, resumindo uma serie de episodios muito e muito interessantes, é extrahido do relato d'uma sessão, que, no nosso entender, é a mais memoravel que se tem obtido com a mediumnidade d'Eusapia Paladino.

Este relato foi já na integra publicado na *Revue des Estudes Psychiques* em setembro de 1902.

O chorado Luigi Arnaldo Vassalo serviu-se d'elle na corajosa conferencia, que no mesmo anno realisou em Roma, a pedido da Associação da Imprensa italiana.

A sessão alludida teve logar em Genova, na noite de 1 de Maio de 1902, em casa da familia Avellino, situada na rua Cassaro, n.o 29, 3.o andar.

Assistiram a essa sessão : o professor Morselli, M. e Mme. Luiz Montaldo, Ernesto Bozzano, M. e Mme. Avellino, seus dois filhos e eu, que estava encarregado de redigir a acta da sessão.

Tinha-se escolhido para as experiencias a sala de jantar, em que ha uma janella ; e aproveitamos o desvão d'esta para ahi formar o gabinete medianimico.

Depois de se haverem retirado diversos moveis para os compartimentos contiguos, encarregaram-me de preparar o gabinete.

Em consequencia, colloquei á frente do desvão uma cortina de lã, de côr vermelha carregada, e nas extremidades livres das cortinas, já existentes, fixei por meio d'alfinetes duas longas tiras de panno negro.

Por concessão graciosa dos donos da casa, escolhi em seguida um pequeno leito de ferro, semelhante aos que ordinariamente se empregam nos quarteis, e colloquei-o no interior do gabinete.

Depois eu mesmo tambem arranjei um colchão que colloquei sobre o leito.

A cerca de 20 centimetros do gabinete medianimico collocou-se uma mesa rectangular de madeira branca, cujas dimensões não eram grandes.

No angulo da sala, á direita do gabinete havia um piano, collocado em diagonal ; outros objectos junto ás paredes e diversas cadeiras completaram o mobiliario.

No angulo opposto ao piano havia uma machina photographica de tripé, ao cuidado de M. Montaldo.

A sala claramente illuminada por um candieiro de gaz, bico Auer, suspenso ao centro do tecto.

Antes de começar a sessão, Mme. Paladino foi submettida a um exame rigoroso. Uma parte dos vestidos foi tirada na nossa presença, o os exames ulteriores mais minuciosos, sem restricção de especie alguma, foram realisados por Mmes. Avelino e Montaldo, n'um aposento visinho, onde o medium se despiu completamente.

Devemos a proposito lembrar que os vestidos do medium foram por nós examinados, um por um, observando-os tambem á transparencia, para nos certificarmos de que n'elles não existia cousa alguma.

Os objectos inspeccionados foram os seguintes : calças, camisola de lã rosa, camisa branca, meias pretas d'algodão, saia de baixo e cachecorset de flanella rosa, corpete de lã azul.

Devemos notar que Paladino nunca usa espartilho durante as sessões. Havia um unico bolso na saia de baixo e n'elle apenas estava um lenço branco já servido.

O medium tornou a vestir a roupa deante das duas senhoras acima referidas, que jamais o abandonaram, acompanhando Eusapia directamente até á sala das experiencias.

A sessão começou ás 10 horas e meia. A primeira parte decorreu emquanto o medium e os assistentes, formando cadeia, estavam sentados em volta da mesa. Durante este tempo obtiveram se diversas levitações, muito interessantes, da mesa.

Os episodios que vamos expôr, só tiveram logar na segunda parte da sessão.

Eis como elles são referidos na acta, que n'essa mesma noite ditei, logo que a sessão terminou e que submetti á confirmação de todos os assistentes:

—«Quasi a seguir, Eusapia ergueu-se, levantou as cortinas do gabinete, e, ficando de costas para cima, deitou-se sobre o leito, a cujas barras o professor Morselli e M. Avellino a ligaram fortemente.

Fixaram-lhe os dois pulsos ás barras do lado, por meio d'uma corda formando muitos nós; passaram em seguida outra laçada de corda pela cinta do medium, atando com muitos nós as extremidades da ligadura aos ferros do leito.

Depois de ter verificado com cuidado todos estes processos de fixação, o professor Morselli ainda empregou um terceiro meio, prendendo os pés do medium á travessa posterior do leito, atando-lh'os ahi seguramente.

Então cada um de nós tomou logar em duas ordens de cadeiras.

Na primeira fila estavam successivamente M. Avellino, pae, eu, o professor Morselli, Mme. Avellino e M. Avellino, filho; na segunda fila ficaram, M. e Mme. Montaldo, Mlle. Avellino e M. Bozzano.

Abaixou-se então a luz do candieiro, mas tão pouco que, — como eu fiz vêr ao professor Morselli — podiam lêrse os mais pequenos caracteres d'um jornal (corpo 6).

Deccorrido cerca de um quarto de hora, a mesa, que estava a um metro de nós e 20 centimentros do gabinete, entrou sósinha em movimento.

Primeiramente levantou-se sobre dois pés, batendo muitas pancadas. Algum tempo depois, as cortinas agitaram-se, como se tivessem sido movidas por duas mãos; e formou-se na parte superior uma larga abertura, na qual todos nós pudemos vêr uma figura de mulher nova, cuja cabeça e a parte do corpo que estava visivel se achavam cercadas por panno d'uma brancura perfeita.

A cabeça parecia cercada por muitas faixas circulares d'este tecido—o que fez com que só se visse uma pequena porção oval do rosto — mas porção sufficiente para que se podesse notar exactamente os olhos, o nariz, a bocca e a parte superior do mento.

A apparição esteve visivel para todos quasi durante um minuto. E como M. Bozzano fizesse notar que só se via uma parte do rosto, aperceberam-se as pontas dos dedos das duas mãos, que afastaram os pannos d'ambos os lados, tornando os contornos mais nitidos e mais completos.

Antes de retirar, a apparição inclinou a cabeça para nos saudar e enviou-nos um beijo, cujo som foi nitidamente ouvido por todos os assistentes.

Passados alguns momentos de descanço, a mesa recomeçou seus movimentos automaticos.

Então as cortinas afastaram-se de novo, como se tivessem sido abertas do interior por duas mãos, e ficou um amplo espaço livre, através do qual se apresentou uma figura de homem, de cabeça grande e hombros fortes e envolvida tambem por tecidos brancos.

O busto estava envolto por maneira, que através d'este tecido leve podia entrever-se a côr rosada da cara, os relevos do nariz, das arcadas e do queixo.

M. M. Bozzano e Morselli, declararam tambem ter visto barba espessa no mento.

Esta figura d'homem ficou visivel durante um minuto pelo menos.

Muitas vezes se inclinou para nós, e antes de se retirar, enviou-nos muitos beijos sonóros, acompanhados de movimentos expressivos de cabeça.

Quando as cortinas se fecharam, ouvimos bater as mãos no interior do gabinete.

N'este momento, ouvimos a vóz de Eusapia, que, queixando-se chamava o professor Morselli. Immediatamente este dirigiu-se ao gabinete, e encontrou o medium na mesma posição em que tinha sido amarrada.

Eusapia, em transe, com signaes evidentes de soffrimento, queixava-se de ter os pulsos excessivamente apertados.

O professor Morselli com muita difficuldade conseguia desatar-lhe os pulsos, tão numerosos e complicados eram os nós: Mme. Paladino apenas ficou ligada pela cintura e pelos pés.

Quando Morselli voltou para o seu logar, ao passar por debaixo do candieiro, a luz era tão intensa, como notou M. Bozzano, que o professor, ao olhar para o gabinete medianimico, foi obrigado a resguardar-se com a mão da luz excessiva que vinha de cima.

Foi então que elle pediu a M. Avellino para ficar na sua cadeira; e assim se fez, trocando Morselli e M. Avellino os respectivos logares.

Quando todos occuparam os logares, observou-se quasi sem demora que, a tampa do piano se levantava e abaixava automaticamente, produzindo um certo ruido.

Quasi ao mesmo tempo vimos apparecer fóra das cortinas, á direita, uma figura de mulher nova, muito similhante áquella de que acima fallamos.

A apparição repetidas vezes pendeu a cabeça para a frente, inclinando-se, como para saudar.

Depois retirou-se.

Neste momento todos nós fomos impressionados por um facto novo bastante importante para os leitores que (segundo o costume) não hesitariam em taxar-nos de hallucinados: verificamos que a figura em questão, inclinando-se para a frente de maneira a ficar a uma certa distancia da parede illuminada pela luz do gaz, projectava a sombra sobre essa parede, e esta sombra seguia todos os movimentos do corpo, que evidentemente estava materialisado.

O professor Morselli entretanto, a pedido de Eusapia cuja vóz fraca e lamentosa vinha do interior do gabinete, approximou-se com a cadeira para junto do piano.

Alguns momentos depois uma nova figura de mulher appareceu no mesmo ponto do gabinete medianimico onde tinhamos visto apparecer a figura procedente.

Ora, se esta nova apparição offerecia alguma analogia com a outra, comtudo existiam entre ellas alguns pontos de dissimilhança.

O numero de voltas das faixas envolvendo a cabeça era completamente extraordinario: os bordos anteriores faziam saliencia, de maneira que o rosto ficava como que ahi enterrado.

O tronco da forma materialisada estava tambem cercado d'um grande numero de voltas de faixas; dir-se-ia que era o enfaixamento das mumias egypcias.

A forma materialisada encontrava-se tão perto de nós, que até podémos conjecturar com uma certa exactidão sobre a natureza do tecido.

Pareceu-nos muito mais espesso do que a gaze ordinaria, porém menos espesso do que a cambraia.

A figura inclinou-se para a frente, apoiando o cotovello sobre a parte superior do piano. Então tambem podemos observar um facto muito curioso.

O antebraço que nós viamos, era evidentemente incompleto, pois que a manga cahia, pelo menos uns 30 centimetros á frente do piano, até a tampa do teclado.

A apparição agitou no ar, por differentes vezes, este membro parcialmente materialisado, projectando sobre a parede a sombra que lhe seguia rigorosamente os movimentos.

Apenas esta forma de faixas brancas entrou no gabinete, ouvimos de novo os lamentos de Mme. Paladino que em repetidas instancias pedia ao professor Morselli para a livrar dos laços que a apertavam muito. O professor accudiu com a intenção de a libertar das duas ataduras que tinham ficado.

Mas o seu espanto e o nosso foi grande quando verificamos que o medium tinha novas ataduras nos pés e havia sido tambem fixado ás barras lateraes do leito por meio de muitas voltas de corda e nós muito mais numerosos e apertados, que os que foram feitos no principio da sessão pelo professor Morselli.

E tão apertado estava, que o professor teve de renunciar a desatal-o por si mesmo: foi preciso que um de nós o fosse fazer, o que só se conseguiu depois de um trabalho longo e paciente.

Desta vez desligamos Eusapia, não somente nos punhos, mas tambem nos pés, ficando ella apenas presa pela cintura ás barras do leito.

Apenas retomamos nossos logares, as cortinas abriram-se a uma certa altura do pavimento, e vimos apparecer, através d'um espaço largo, uma figura de mulher tendo nos braços uma creancinha e como fazendo menção de a embalar.

Esta mulher, que parecia ter uns 40 annos approximadamente, estava toucada com um bonnet branco, guarnecido da mesma côr ; este bonnet occultando os cabellos, deixava aperceber os traços d'um rosto largo e d'uma fronte elevada.

A parte restante do corpo que não se achava occulta pelas cortinas, estava coberta de vestes brancas.

Quanto á creança, pelo que podia ajuizar-se pelo desenvolvimento da cabeça e do corpo, poderia ter tres annos d'edade.

A cabecita estava descoberta, com os cabellos muito curtos, e a mulher trazia a creança ao collo, ficando a cabeça d'esta ainda um pouco superior á d'aquella.

O corpo da creança parecia envolvido em pannos, compostos tambem de tecido ligeiro e muito branco.

O olhar da mulher estava voltado para a creança n'uma attitude de amor, e a creança tinha a cabeça um pouco inclinada para ella.

A apparição durou mais d'um minuto.

Todos nós nos levantamos approximando-nos, o que nos permittiu de lhe seguir os menores movimentos.

Antes que as cortinas se cerrassem, a cabeça da mulher avançou um pouco para a frente, emquanto que a da creança, inclinando-se á direita e á esquerda differentes vezes, depoz no rosto da mulher muitos beijos, cujo som infantil ouvimos de modo muito nitido.

Durante este tempo as queixas d'Eusapia continuavam e augmentavam sempre, o que fez com que nos decidissemos a penetrar no gabinete. Eusapia occupava a posição em que tinha sido deixada e parecia soffrer e estar cançada : a respiração opprimida, o pulso agitado e forte ; foi preciso decidirmo-nos a suspender a sessão.

Mme. Paladino, sempre em transe, foi desligada da unica prisão que tinha ; fizemol-a descer do leito e veio sentar-se n'uma cadeira a uma extremidade da mesa.

Dr. José VENZANO

(Continúa)

UMA PROVA CONSOLADORA

Esta emocionante narrativa foi feita pelo illustre jornalista sr. Demetrio de Toledo, na «Revista do Espiritualismo Scientifico», accompanhada da gravura que illustra esta pagina.

O facto, comquanto já date de alguns annos, não perdeu, entretanto, a actualidade, mesmo porque a não ser a referida revista, nenhum dos orgãos da imprensa extrangeira ou nacional, d'elle fez menção, conservando-se assim quasi que inedito.

Julgamos dicto phenomeno, pelas circumstancias que reveste, muito digno de repercussão, pois demonstra muito bem o caracter do Espiritismo : demonstrar a Verdade, ao mesmo tempo que proporcionar Consolação. A photographia, não nos cançaremos de dizer, é uma das melhores provas da immortalidade, sendo por isso mesmo indispensavel o seu cultivo nos centros e grupos espiritas que assumiram a tarefa da demonstração da Resurreição.

Deixemos com a palavra o illustre confrade :

— «Foi na primavera de 1908. Uma respeitavel familia de Angers, cidade principal do departamento do Maine e Loire, composta de madame Vaugoyot, de suas duas filhas e de um sobrinho, partia, uma bella manhã, para dar um passeio pelo campo. Os excursionistas, que levaram comsigo o necessario para organisar um almoço campestre, pararam, ao cabo de certo tempo, junto á ponte de Cé, que constitúe o fundo do nosso *cliché*, ponte sobre a qual transitavam numerosos trens.

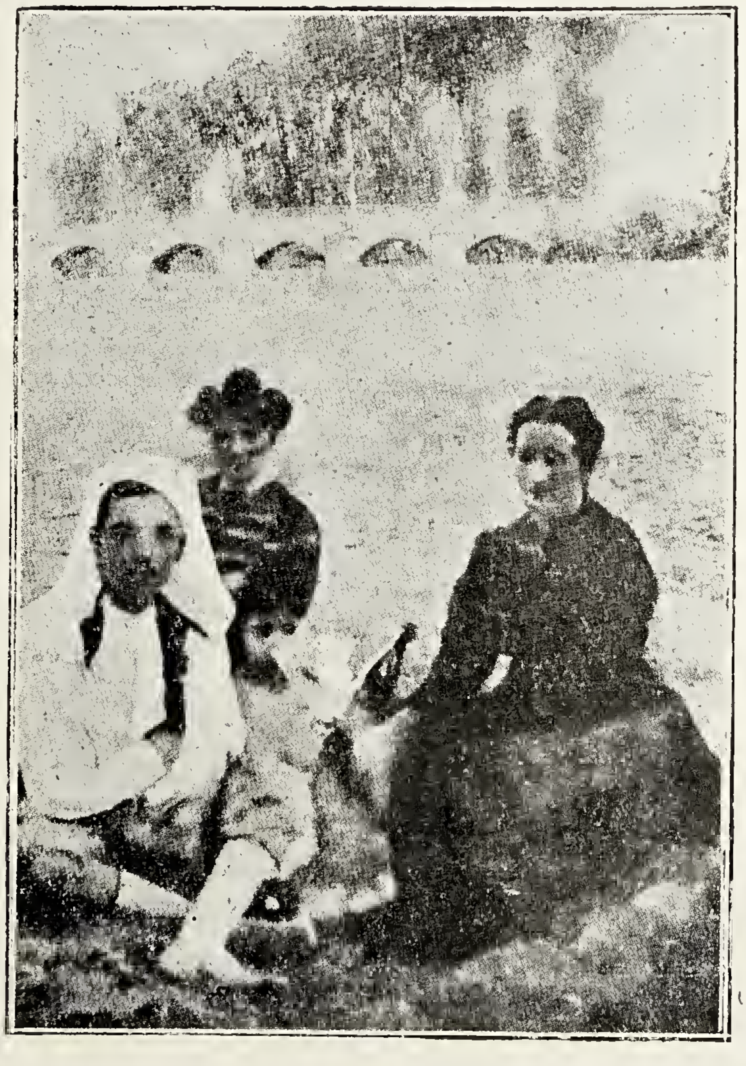

Esse magnifico passeio matinal tinha aberto o appetite dos excursionistas que se dispunham a fazer honra ás provisões dispostas sobre a relva. Em torno de uma toalha estendida no chão, o almoço começou. Quando as exigencias dos estomagos estavam satisfeitas, uma das moças, professora publica, que levara comsigo um apparelho photographico, propôz, á sua mãi, á sua irmã, ao seu primo, o retratal-os em grupo, tal qual ainda se achavam, nos seus lugares respectivos. A proposta foi naturalmente acceita e a placa sensivel impressionada.

Quando, de volta do passeio, o *cliché* foi revelado, toda a familia nelle figura, como era de esperar. O *cliché* não é mesmo máu, muito embora fosse um dos primeiros que mademoiselle Vaugoyot, principiante na arte photographica, executava.

O que não era de esperar, porém, era que n'elle se mostrasse, igualmente, a apparição que ahi se distingue, de um modo nitido, contra o hombro da irma da operadora. Imagine-se qual não foi a satisfação dolorosa que experimentou a familia, quando reconheceu, no phantasma, o retrato de uma filhinha que mme. Vaugoyot perdera, alguns dias antes.

Fôra mesmo para dar um derivativo á tristeza da pobre senhora, desde o dia dessa dilacerante desapparição, que as suas filhas e o seu sobrinho haviam organisado o passeio campestre, durante o qual foi obtido a perturbadora photographia cuja reproducção collocamos sob os olhos dos leitores.

O valor da authenticidade do nosso *cliché* é grande, pois que não vemos como os mais incredulos mesmo poderiam admittir a hypothese de uma mãi e duas irmãs, pessoas respeitaveis e conhecidas, ousando tão odiosamente explorar a memoria de uma innocente e extremecida morta, si no caso houvesse o menor erro ou duvida.

A nós nos repugna mesmo encarar a possibilidade de uma fraude, porque ha sentimentos que excluem a hypothese de uma tal profanação

Achamos desnecessario fazer sobre o caso que acabamos de relatar o menor commentario, preferindo deixal-o a sua simplicidade a meditação dos que nos lêem.»

O Espiritismo sob o triplice ponto de vista-experimental, scientifico e philosophico, é inexcedivel.

A coordenação Kardecista é a sciencia das sciencias.

ALGUMAS EXPERIENCIAS COM O MEDIUM HOME

O medium Home, como já dissemos em um dos numeros passados, revelou seus dons transcendentaes, justamente por occasião em que a alta sociedade franceza muito se occupava com o Espiritismo, ou seja sob o reinado de Napoleão III. Daniel Donglas Home foi o grande favorito dessa epoca. As suas sessões eram verdadeiramente admiraveis e convincentes os seus phenomenos. Passando para estas columnas alguns factos verificados com o referido medium, cujas sessões se realisaram na presença de pessoas da Côrte do segundo Imperio, cremos levar mais uma contribuição áquelles que estudam e trabalham pela solução do problema da Immortalidade, que é o escopo principal desta *revista*.

⁂

Este facto realisou-se no salão da Marqueza de Fontenelles e foi descripta pela condessa Tascher de la Pagerie.

Os convidados haviam assistido á sessão e tinham passado ao salão visinho, commentando muito os factos de que haviam sido testemunhas.

«Por acaso, diz a condessa Tascher de la Pagerie, um dos filhos da casa entra no aposento onde se tinham realisado as experiencias.

Com grande admiração sua, encontra a mesa ainda girando, batendo pancadas, como para escrever.

‹Chama os convidados. A primeira pessoa que accorre é Mme. Bonvouloir. Apenas no aposento, essa dama tem como uma visão, detem-se, recúa, vai cahir toda pallida e agitada.

As pessoas presentes cercam-n'a, interrogam-n'a. A senhora recusa responder. Então Home exclama :

— A mesa vol-o dirá, pois que quer falar.

As pancadas formam este nome : *Jeanne* — Que quer dizer *Jeanne*? pergunta Mme Fontenelles. — *Je t'aime*, responde a mesa. Mme. de Bonvouloir não se contém mais e cahe em prantos. A sua melhor amiga chamava-se Jeanne e, morrendo nos seus braços, havia lhe dito : ‹*Je t'aime*».

E então Mme. de Bonvouloir jurou ter visto a cabeça da sua amiga junto á mesa, olhando-a a sorrir : o corpo parecia perdido no espaço.»

⁂

Appareceram a alguns annos no jornal allemão *Die Ubersiunt*, as memorias da da princeza se Metternich. Nas memorias acha-se o *compte-rendu* de uma sessão dada por Home á imperatriz, nas Tulherias.

«Sobre uma mesa estava collocado um candelabro com vélas accezas. Quando a mesa se pôz em movimento e, num dado momento, se inclinou, o candelabro não cahiu, mas permaneceu direito, e as chammas das vélas em vez de se recurvarem, brilharam perpendicularmente á mesa.»

Eis ainda outra sessão narrada pela princeza.

Home foi apresentado pelo principe Murat a mme. de J... Umas quinze pessoas achavam-se no salão. Home sentou-se numa poltrona, a quatro ou cinco metros de uma mesa. Viram-n'o empallidecer, fechar os olhos, deixar cahir a cabeça para traz. Depois evocou o seu amigo Brion, que lhe respondia sempre : «*Brian, are you pere ?*›.

A princeza diz que nunca mais esqueceu o ruido que a mesa produzia, rangendo, para responder: «nesse momento os pendentes do lustre de cristal puzeramse a dansar, as paredes e os moveis resoaram com as pancadas e uma cadeira correu, indo estacar diante das pessoas reunidas.»

Home, sempre impassivel, declarou que os seus Espiritos amigos cercavam os assistentes e iam manifestar-se.

A princeza Metternich foi agarrada pelo pulso por uma mão de ferro. Outras pessoas sentiam que lhe apertavam a nuca ou os braços. «Experimentava-se uma sensação indefinivel, porquanto, apesar da força desenvolvida pela mão invisivel, não se sentia a minima dôr. Percebia-se a pressão de cada dedo, de sorte que se podia distinguir o pollegar, o index, etc.»

Um bouquet de violetas que a princeza havia collocado em cima do piano foi-lhe trazido em plena luz sobre os joelhos. Ouviu-se tocar então um «melophono». A narradora conta ter sentido o instrumento sobre os seus joelhos, percebendo o sopro se pôr em movimento para fazer ouvir uma «melodia de inexprimivel doçura».

Em seguida, na extremidade do tapete, viu-se alguma cousa mover-se. «Uma mão, ou algo que com uma mão se parecesse, d'aquelle logar sahia, estendeu-se para a princeza, que recuou. Foi seu marido que pegou nessa mão. Posto que a conservasse apertada quanto pudesse na sua, sentiu-a que se esvahia entre os seus dedos.

O tapete foi immediatamente levantado, mas não se viu vestigio algum, nem nada de extraordinario».

Chronica Extrangeira

Os dois paizes do mundo em que se verificam maiores sommas de factos espiritas, são, sem duvida, a Inglaterra e os Estados Unidos d'America do Norte.

São innumeros os visitantes destas duas nações que obtiveram provas patentes da sobrevivencia de entes caros de quem a morte os separou.

E é para notar que quasi todos esses eram materialistas consumados, ou então catholicos e protestantes que não encontravam em suas religiões as consolações e a verdade precisa para resolverem o problema da morte.

Entretanto, em toda a parte, embora com menor intensidade, os factos vão se multiplicando todos os dias, e estamos certos que não está longe o tempo em que os espiritos dos chamados mortos, unidos pelo mesmo ideal que nos animam, num concerto sublime do amor pela verdade, intensificarão as suas manifestações, apressando assim o estabelecimento do reinado da paz e da fraternidade, preconisado e previsto pelo Christo,

UMA APPARIÇÃO DE S. ANTONIO

O *Jutarnji List*, de Agram, publicou a interessante noticia de uma apparição, verificada pelos habitantes de Debeljaci na Bosnia.

«Duas mulheres da cidade voltavam da floresta ás 4 horas da tarde e uma grande serpente precipitou-se sobre ellas. Surprehendidas por tão inesperado ataque, tomaram pedras que arremessavam na vibora. Esta, com fortes contracções musculares erguia-se sobre a cauda e enfrenta as duas mulheres. Aterrorisadas, ellas numa préce fervorosa invocaram um Espirito para que lhes auxiliasse. De repente envolto numa nuvem branca appareceu S. Antonio, tal como se vê nos retratos e lhes disse: «Fazei penitencia porque o mundo passa por grande crise e o cataclismo universal predicto pelas escripturas santas, está proximo.»

Toda a população da cidade affluio

ao lugar da manifestação: crentes e scepticos viram S. Antonio.

A noticia repercutiu pelas circumvisinhanças e de vinte cidades mais proximas innumeras pessoas vieram scientificarse do occorrido. Foi tal a affluencia de povo que a policia teve que intervir para estabelecer a ordem.»

MANIFESTAÇÃO POST-MORTEM

A PSYCHICA, redactoriada por Mme. Carita Borderieux, publicou a seguinte narrativa, que com a devida venia transcrevemos:

«Cara sra. e amiga.

Vos envio o seguinte facto, tal como elle se deu.

O nosso caro pai morreu quarta-feira ás 13h.20. Por ser dia da Ascenção o enterro realisou-se sexta-feira. Por motivo de circumstancias imprevistas, houve uma pequena demora na cerimonia e o feretro foi collocado na sepultura exactamente as 13h.20.

Minha irmã Wanda, que estava ao meu lado, me fez notar a coincidencia. Em casa (nós moramos n'um palacete) ficou minha irmã, Maria, que estava de cama com uma críse de appendicite. Uma amiga se achava com ella no mesmo quarto e o nosso cão, Vic.

Exactamente ás 13h.20, produziu-se um forte barulho no interior da casa, como um grande balão que se atira no soalho.

O cão precipitou-se fora do quarto com latidos furiosos diante desse insolito ruido.

Minha irmã pediu á amiga, que com ella se achava, ver o que havia. Esta que estava escrevendo não ouviu e nada encontrou depois de anormal.

Minha irmã está bem certa da hora, porque accompanhava a cerimonia pelo pensamento e n'aquelle momento consultou o relogio.

Uma «enquéte» feita na visinhança me permittiu concluir que nenhum caminhão havia descarregado n'aquella hora, em que os operarios tinham ido almoçar. Enfim o barulho de abrir portas nada se assemelhava com o que foi ouvido.

A attitude do cão demonstra que não se trata de illusão por parte de minha irmã. A triplice coincidencia das horas é tambem digna de menção. Com as minhas melhores recommendações ao vosso marido, recebei, cara sra. e amiga, minhas homenagens cheias de devotamento.

Dr. H. Jaworski

UM CÃO CALCULISTA EM BRUXELLAS

E' ainda da *Psychica* a interessante noticia que se vai lêr e que demonstra muito bem a existencia da alma nos seres inferiores da creação e consequentemente a sua sobrevivencia á morte do corpo.

Esta carta foi enviada á Mme. Borderieux, de Uccle Colevret, em 16 de maio 1926:

«Tenho o prazer de vos enviar algumas notas que me pediste, sobre o meu cão calculista.

Recolhido na edade de tres mezes, em estado lamentavel de um pobre ser cambaleante de fome, Tommy conta actualmente dois annos e oito mezes. Do tamanho de um pastor Malinez do qual deve ser um cruzamento, é actualmente um cão de raro vigor, musculos de ferro, pello vigoroso, estendendo-se sobre o dorso em uma larga faixa encrespada sombria em fundo beije. A face quasi preta, illuminada por um olhar intelligente, é impressionante pelo franzido das sobrancelhas que lhe dão uma expressão de attenção e de reflexão.

Começamos a educação de Tommy quando elle tinha a idade em que o celebre «Zou» aprendeu a contar: 14 mezes.

As primeiras cifras, sommar e diminuir, foram ensinadas com auxilio de pequenos biscoutos.

O alumno, aprumado, as patas da frente apoiadas na mesa, resolvia as questões batendo sobre o movel com a pata direita. No fim de 15 dias, elle conhecia os dez primeiros numeros e batia dez, com a pata esquerda.

A primeira difficuldade estava vencida. Tommy gostava das lições que lhe eram dadas pela manhã e pela tarde, sempre com o auxilio de biscoutos; cada uma durava 15 minutos. No momento em que vos escrevo, cara sra., nosso cão calculista faz addições e subtrações sobre os 50 primeiros numeros, lê as cifras de 1 a 30 (impressas) e conta até 60. Quando não pode responder immediatamente a questão proposta, Tommy detem-se um instantante, depois bate a resposta. Elle tem tido como auditores, a Duqueza de Croy ; nossa secretaria, e sua irmã : Mlle. Deny, Mme. A. de Curte e o Dr. E. Nyssens, Mme. Lanoy, professor, e Mme. Hagenais.

Todos esses amigos se acham maravilhados das aptidões de Tommy, que tem prazer de se exhibir á galeria e mostra, para este uma alegria desusada. Mlle. Zoé Delfosse, uma minha amiga que reside em nossa casa é a paciente e perseverante professora de Tommy, e vosso excellente livro «Les animaux Pensants» é o seu guia.

Eis ahi, cara Sra., mais uma prova da intelligencia do cão. Não duvido do prazer com que lembrareis meu pobre Tommy, na vossa interessante revista, *Psychica*. Elle tambem é uma alma humilde que gravita em busca da luz infinita.

Muito sympathicamente

Henriette Renard

Presidente da Liga Internacional contra a vivisecção, de Bruxellas.

P. S. Esqueci-me de mencionar que Tommy diz sua edade e o numero da casa em que mora.

AVISO DE MORTE

The Harbinger of Light de Março noticiou um aviso de morte que o eminente sabio, Dr. Lindcay Johnson teve um dia, segundo a narrativa por elle mesmo feita e que se vai ler :

—«Ha alguns annos eu fiz uma viagem á Noroega com o meu amigo M. Frith. O nosso fim era photographar alguns sitios. Tambem nos encaminhamos de Christiania ao Cabo do Norte em pequenas jornadas. Dia 14 de junho chegamos a um pequena povoação chamada Husum, distante, mais ou menos trinta milhas de Sogne Fjord. Nosso primeiro cuidado foi tomar quartos e encommendar o jantar, e depois assentei-me no escriptorio do hotel, diante de uma janella que fica á frente do rio muito proximo, e disse ao meu companheiro que tinha de escrever algumas cartas. Elle deixou-me só e sahiu a dar um passeio. Eram, então, 5 h. 1|4 da tarde. A chuva tinha cessado e o sol brilhava pallidamente num céo claro. Depois de vinte minutos mais ou menos, quando eu fechava as cartas, cousa singular, ouvi bater na vidraça. Levantei meus olhos e o que vi ? M. Frith, fóra, que olhava-me com expressão de agonia e fazia-me signal para que fosse em seu auxilio. Atirei a penna, corri para a frente da casa e com grande admiração a ninguem vi. Não podia comprehender o que significava essa apparição allucinatoria.

A' noite meu amigo não voltou ; dia seguinte o seu leito não dava signal da sua estada ali. Então, seriamente alarmado, comecei a fazer pesquizas. Por muito tempo nada se descobriu. Dez dias mais tarde, o rio tendo abaixado, percebeu-se o cadaver de Frith entre duas rochas, justamente com o rosto voltado para a janella do quarto onde eu estava sentado escrevendo. Comprehendi então porque tinha ouvido o golpe no vidro e a visão na janella. A hora da visão correspondia justamente o momento em que o desgraçado, victima de alguma imprudencia, se afogara».

CURIOSO CASO TELEPATHICO

Com este titulo, assignado por Géo Forget, *L'Aube Nouvelle*, publicou o seguinte caso :

— «Durante a guerra, os allemães occupando as Ardennes, tomaram a precaução, como fizeram em outros lugares, de nada deixar de precioso. Derrubaram a estatua do autor do famoso «chant du Départ» que ornava uma das praças de Givet. Ella foi ultimamente reconstruida e a ‹Chronique Medicale› aproveita para lembrar a curiosa aventura do grande musico Méhul.

Em 1797 Méhul tinha um excellente amigo Bouveret, que desappareceu após um passeio, muito mysteriosamente, nas redondezas da floresta de Bondy. Depois de muitas pesquizas julgou-se tudo de boamente, mas dez annos depois o espectro de Bouveret appareceu a Méhul pedindo vingança. As apparições succederam-se de anno em anno ; uma vez o espectro indicou com o dedo a silhueta dum anzol que se achava preso ao cortinado da cama. Dia seguinte Méhul verificou que um malfeitor havia entrado em sua casa e roubado objectos de valor.

Mais tarde ainda, Méhul indo a passeio de Paris aos campos Elyseos, sentiu a mão de um gatuno roçar a sua algibeira. A estupefação de Méhul foi grande ao reconhecer no bandido o pequeno homem que tinha visto em sonho. E a policia apertou tanto o delinquente que elle chegou a confessar que ha dez annos, mais ou menos, assassinou na floresta de Bondy, a um moço que enterrou, graças a cumplicidade de um triste individuo que designou, e mostrou á policia o lugar em que havia aberto a sepultura.

SONHO VERIDICO

O Dr. Theodore Flournoy, professor de Psychologia da Universidade de Genebra, autor do notavel livro *Espiritos e Mediums*, conta o facto singular.

«No mez de agosto de 1883, mme. Bouscorlet regressou a Genebra depois de passar tres annos como professora em casa da familia Kazán.

Mme. Bouscorlet correspondia-se por carta com a familia Moratief e com Mme. Nitchinof, residente tambem n'aquella cidade.

Na noite de 9 de Dezembro de 1883, Mme Bouscorlet teve um sonho, cuja descrição enviou dia seguinte, por carta á Mme. Moratief. Um trecho da carta diz assim : ‹Sonhei que você e eu iamos por um caminho no campo. Lcgo ouvimos uma vóz que nos chamava e partia de um coche que passava.

Nos approximamos do coche e vimos dentro d'elle Olga Nitchinof immovel e como morta. Foi justamente no dia 17 de Dezembro›.

Dez dias depois, uma carta vinda de Karzán annunciava a morte de Mme. Olca Nitchinof, occasionada por uma molestia, infecciosa, no dia 16 de Dezembro e seu corpo foi conduzido a um crematorio no dia 17›

SIGNAES DE MORTE

A sra. Blon, de Ulm (Allemanha) narrou a um jornal um phenomeno raro que se passa com ella. Eis como se exprime :

— ‹Sempre que algum membro da minha familia vai morrer eu sei com algumas semanas de antecedencia, pela apparição em meus lenços, nos meus lençóes e nas minhas fronhas, de umas pequenas cruzes pretas, que não são produzidas por nenhum corpo chimico e que desapparecem repentinamente após haver occorrido a morte.

Desde menina, nenhuma morte se produziu em minha familia, composta de trinta e cinco pessoas, sem que não houvessem apparecido esses mysteriosos signaes.›

Mme. Blon accrescenta que, antes de morrer um seu tio, tinha ella desessete annos, appareceram as cruzes mortuarias no seu lenço ; antes de morrer uma sua irmã e dois outros tios, appareceram as cruzes nos lençóes da cama ; e voltaram a apparecer novamente quinze dias antes de morrer seu avô, assim pela mesma forma quando morreu sua tia.›

INTOLERANCIA SCIENTIFICA

The Two Worlds, com esta epigraphe, publicou um substancioso artigo do Dr. James Maxwell excluindo o caracter sobrenatural das manifestações espiritas e demonstrando o archaismo da theoria demoniaca proclamada pelas igrejas de Roma e Protestante. As etiquetas sobrenaturaes collocadas aos phenomenos, diz o Dr. Maxwell, são frageis e se rompem aos primeiros raciocinios. Assim termina o illustre scientista : Possa a minha palavra contribuir para o estudo e pesquiza dos phenomenos que obedecem a leis naturaes, como a do movimento da terra, etc.

E'cos e Noticias

A necessidade da propaganda se impõe a todos os espiritas para que a Doutrina se torne conhecida e produza nos que a recebe os effeitos que lhe são peculiares de consolar e fortalecer aos tropegos da Estrada da Vida.

A propaganda pela palavra e pela imprensa é, pois, indispensavel aos que já vão comprehendendo o escopo da vida com todas as suas peripecias. Demais não se pode comprehender um espirita em que o egoismo domina a tal ponto que se exime do seu principal dever que é transmittir aos que ainda ignoram as verdades que lhe têm servido de arrimo, de apoio e de esperança nas luctas da vida.

Urge que a propaganda se intensifique em toda a parte. E a nós, espiritas do mundo inteiro, compete, como obreiros que somos desta grande Seara, concorrer com os nossos esforços para a demonstração da Vida Eterna, que é a base, o fundamento solido em que se ha de erguer o templo da fraternidade.

FRANÇA

A *Revue Spirite* está se esforçando para melhorar quanto mais as suas publicações. E' assim que as suas paginas foram augmentadas com uma secção em esperanto, a cargo do sr. André Rippert, outra para correspondencia entre os seus leitores e, enfim, uma outra para «Offerecimentos e Pedidos», que auxiliará a sua parte financeira.

⁂

Conferencia Contradictoria

Sob os auspicios da *Maïeutique,* o Padre Mainage, Professor do Instituto Catholico de Paris, realisou uma conferencia sob o thema: «A Opinião da Egreja Catholica sobre a Metapsychica e o Espiritismo.»

Antes, porém, o sr. André Rippert havia solicitado do representante de Roma a permissão de levar a essa reunião a contradição necessaria para poderem ser apreciados, sem espirito preconcebido o Espiritismo e a Metapsychica, objectos de ataque da Igreja Catholica. Em vista do que foi dada a palavra em primeiro lugar a M. Rippert que desenvolveu em suas linhas geraes a these espirita. Falou sobre os factos espiritas admittidos pela Igreja Catholica e sobre o conhecimento que os padres de todos os tempos têm desses phenomenos. Demonstrou a inconsequencia do *dogma do diabo* para explicar os phenomenos; estendeu-se em considerações sobre a maneira hostil com que a Egreja tem encarado o Espiritismo e a Metapsychica, com o fim de retardar a sua marcha, entravando ao mesmo tempo o desenvolvimento e exercicio das faculdades supra-normaes do homem. Eccrescentou:—O Espiritismo veio trazer a certeza da Immortalidade e a Igreja deveria auxilial-o nessa tarefa glorificadora.

Falou depois o padre Menage que desenvolveu o thema annunciado. E por fim falaram Mlle. Gasselin e M. Regnault que se manifestaram pelas idéas espiritas.

Foi uma bella reunião em que a tolerancia imperou. Uma multidão numerosissima de ouvintes encheu o salão das «Societés savantes».

⁂

No 4.o Congresso Psychico Internacional, que acaba de se reunir em Paris, compareceram os representantes de 53 paizes.

HESPANHA

Tarraza — 22 de Julho de 1926.

—O Espiritismo na Hespanha resente-se do elemento primordial para ser divulgado entre os doutos, que só se rendem a evidencia das provas, entre os pesquizadores do maravilhosos para quem um apport, por exemplo, é o mais surprehendente e o mais sobrenatural que existe.

Por esta falta de *sugets* está sem inaugurar-se o instituto Metapsychico, de Barcelona, e a Sociedade de Estudos Metapsychicos, de Valença ; e com o fim de ver preenchida essa lacuna, a *Revista Metapsychica*, de Madrid e *Lumen* convidaram as pessoas que possuem faculdades mediumnicas a se prestarem experimentação, offerecendo-lhes renumerar os serviços.

Vamos ver o resultado.

Tudo isso não quer dizer que a Hespanha se acha totalmente alheia aos phenomenos, principalmente esses de caracter subjectivo-objectivo que fazem pensar se a mediumnidade esporadica é algo commum a todos.

— Vejam um caso notavel :

A senhorita Eulalia E... achava-se em tratamento na clinica do Dr. Nogués, de Barcelona. Esta senhorita era frequentemente visitada por sua familia e amigos e a gaveta de sua mesinha nocturna achava-se sempre cheia de bombons.

Uma tarde approximou-se da enferma a Irmã Rosalia e disse : Entrou na clinica um joven enfermo !... Seu maior soffrimento é a sêde que o devora, e como não se lhe quer da agua, porque o envenenaria, pensei que acaso um bombon acalmaria sua sêde e teria allivio no desespero : como você tem tantos ! .. — Caso você queira pode leval-os para o enfermo e quando acabarem venha buscar mais, que se não tiver na gaveta, os encontrará nas demais vasilhas dos quartos.

Desde aquelle instante foi a enferma Eulalia a provedora de bombons para o enfermo desconhecido, e cada dia perguntava por elle, cada dia sabia que não peiorava e nem tão pouco melhorava.

Chegou enfim a tarde do decimo terceiro dia em que o joven entrou na clinica. Eulalia estava com seu pai, seu irmão, uma de suas tias, seu noivo e sua futura sogra, commentando e celebrando a bôa nova de que a primeira, Eulalia, ia receber alta. Ella estava com a palavra, derepente deteve-se, cravou a vista no ar e exclamou :

—«O enfermo dos bombons ! Não o vêdes ? Seu rosto tornou-se pallido ; mudou de conversa não se recordando o que falava primeiro.

—Então, foi-se o enfermo dos bombons !—disse Eulalia á monja ; Como ? Como sabes ? Quem vos disse ?

—Elle mesmo, que veio despedir-se e agradecer a minha generosidade.

—Você se engana.

—Não me engano, e para provar darei os seus signaes,—e deu-os minuciosamente.

— E' que a Irmã Rosalia contou a você a feição do joven e você misturou-a com o seu sonho.

—Não, Irmã, não ; nem a Irmã Rosalia, nem pessoa alguma, disseram-me como era o joven. Eu o vi, elle falou-me e se despediu mui carinhosamente. Eram 5 horas da tarde ; eu estava acordada e conversando com o meu noivo... Com effeito : justamente a essa hora o joven morreu.

Este phenomeno de criptestesia é tanto mais notavel, quanto que Eulalia nunca tinha visto o joven agradecido, ninguem fez a ella descripção do seu physico, e não obstante conheceu-o ao apresentar-se-lhe.

Semelhantes a este, se dão alguns outros phenomenos ; mas todos têm pouca repercussão e não se prestam a ser authenticados por camaras photographicas, nem a ser ouvidas mediante alta vóz nem a deixar impressões sobre o papel enfumaçado ou na argila e são cridos pelos que já se acham preparados e não necessitam d'elles.

—— A Federação Espirita Hespanhola continúa na sua obra organisadora e divulgadora, e as Juventudes accompanham-n'a, multiplicando o trabalho de annunciar a bôa nova pelas cidades e villas, aldeias e povoações.

—— Prepara-se em Madrid para o outono vindouro, uma série de conferencias publicas, nas quaes se exporá o Espiritismo sob seu triplice aspecto scientifico, philosophico e moral.

Serão conferencistas os mais conspicuos propagandistas hespanhoes.

O correspondente

Quintin Lopes Gomez

ITALIA

Diz a «Revue Spirite» que uma propaganda activa a favor do Espiritismo vae-se desenvolvendo na Italia.

Nesse paiz, onde se encontra muitos

espiritas, resente-se a falta de uma organisação methodica de grupos e sociedades regionaes.

Os espiritas italianos têm necessidade, diz a «Revue», de uma revista popular do Espiritismo, que vulgarise seus principios fundamentaes, simplesmente, claramente, explicados sem a terminologia complicada que reveste certas revistas.

Outro trabalho indispensavel que os espiritas italianos tem descurado, dizemos nós, é a tradução e publicação das obras de Allan-Kardec, muito procuradas no nosso paiz, onde é grande a colonia italiana.

Enfim, na Italia, os factos espiritas são constantemente constatados e os jornaes imparciaes dão conta dos mesmos em suas columnas.

O «Corriere della Sera», diario de mais circulação em toda a peninsula, constantemente faz salientar em suas columnas, a noticia dos phenomenos que vão sendo constatados.

⁂

Um padre curador

No fim do ultimo mez o padre D. Luiz, de Monteleone de Quarto, perto de Napoles e commumente chamado «Autor de Milagres», foi suspenso *a divinis*.

O Padre Luiz foi a Napoles para visitar Monsenhor Petrone, bispo desta cidade, que recusou recebel-o.

A presença do padre thaumaturgo nas proximidades do Palacio Episcopal atrahiu uma multidão que o acclamava. Foram lhe apresentados dois doentes considerados incuraveis, que o «milagroso» curou immediatamente. Foi um delirio ao verem os enfermos restabelecidos. Voltando-se para o povo, o padre disse: «Vêdes, querem me condemnar porque eu não quero negar o meu auxilio á humanidade soffredora; mas eu não cederei, e por uma causa tão nobre não recuarei, ainda mesmo que soubesse que teria de sacrificar a cabeça.»

O padre Luiz de Monteleone nunca teve dons extraordinarios. Ultimamente em sua povoação se manifestaram esses dons, e o povo começou a chamar-lhe «Santo».

O padre declarou aos jornalistas: «Eu curo pela suggestão e invocando a piedade divina».

Casa assombrada

Diz o «Mondo Occulto» que a dois kilometros de Buso Sarzano (Rovigo) n'uma casa á esquerda da estrada do Canal de Ceregnano, tem-se verificado phenomenos extranhos, como movimentos de objectos e projectis que são arremessados por mãos invisiveis.

Os phenomenos têm sido verificados por muita gente.

ALLEMANHA

«Qual é o movimento occultista na Germania?» — tal foi a pergunta que a ‹Gazeta del Popolo», de Torino, fez ao Dr. Alberto Moll.

— ‹Ha duas correntes: a dos espiritas, propriamente dictos e a dos occultistas.›

O Dr. Sckrenck Notzing, é um sabio de larga fama, pertence á corrente espirita.

Diz a ‹Gazeta› que uma grande parte da corrente occultista, de facto, são espiritas, mas que se dizem occultistas por julgarem esta expressão mais scientifica.

INGLATERRA

O progresso espirita continúa a se accentuar na Gran-Bretanha.

⁂

Ha 450 sociedades espiritas legalmente constituidas e registradas na Inglaterra.

⁂

Entrevistado pela ‹United Press›, sir Conan Doyle declarou que o Espiritismo não é somente uma religião, mas a unica religião que não depende da fé cega, e sim do facto.» Falando sobre as materialisações disse: — ‹A materialisação das formas está sendo verificada em toda a parte. Na Inglaterra conta-se apenas um medium capaz de materialisar uma forma ectoplasmica e nos Estados Unidos tres ou quatro. A sra. Crandon, de Boston, é dotada de prendas psychicas da mais alta ordem. As suas photographias com o ectoplasma a crescer d'ella, são definitivas, — correspondem ás melhores photographias obtidas na Europa.

ESCOCIA

A *Edinburg Evening Dispatch*, diz que ha uma propaganda feliz actualmente, na capital da Escocia, em favor do Espiritismo. Edimburg conta muitos espiritas e seu numero augmenta todos os dias.

Os medicos, scepticos por systema e os padres refractarios á verdade se acham alarmados com a introducção do espiritismo em certos meios sociaes.

ESTADOS UNIDOS

Assumiu o cargo de editor-redactor chefe do *National Spiritualist*, Mrs. Mary Ridpath Mann, escriptor de talento e conferencista popular.

PORTUGAL

Foram eleitos os corpos gerentes da Federação Espirita Portugueza.

Mesa da Assembléa Geral : — pres. General Julio Cesar Barata Feijó ; vice. Capm. tenente, José Freire Grainha ; 1.o secr. Silvano Costa ; director do «Excelcior» ; 2.o secr. José Maria Pereira Bravo, publicista.

Direcção : — pres. Dr. Affonso Acacio Martins Velho, advogado e escriptor ; secr. geral, Alberto Zagalo Fernandes ; 1.o vice-pres. Dr. Antonio J. Freire : 2.º Antonio E. L. Villela ; 1.º secr. D. Dinah Santos Lima ; 2.º secr. Fernando Almiro Nogueira Vale ; thes. D. Dinah Santos Lima. A assembléa elegeu tambem o Conselho fiscal e a Junta consultiva.

⁂

O periodico «Voz do Além» continúa a ser distribuido gratuitamente em Beja e circumvisinhanças pelo Grupo «Reflexos da Verdade.»

⁂

Entrou no 1.º anno a revista de Braga «Luz e Caridade», orgão do Centro Espirita de Braga.

⁂

A revista «E'cos do Além», da Lagôa, noticia notavel incremento do Espiritismo em Moçambique.

⁂

Com a denominação «Paz, Luz e Amor» foi organisada uma sociedade espirita em Ponta Delgada, Açores.

CUBA

Em Matanzas nota-se grande enthusiasmo pela propaganda. O Grupo Raul organisou uma velada em que tomaram parte diversos oradores.

⁂

Foi constituida a nova directoria do Grupo Amalia.

⁂

A revista «Rosendo» publicou o seguinte telegramma de Londres :

— «Em uma reunião celebrada hoje em Birmigham, o filho socialista, do primeiro Ministro, Oliver Baldwin, se declarou espiritista. Affirmou que havia falado com familiares mortos e que tinha ouvido vozes espiritas que sahiam de todos os commodos de sua casa, falando nada menos de cinco idiomas.

Declarou que só depois de ter-se convencido do Espiritismo encontrou a razão da vida.

⁂

O Grupo Rozendo renovou a sua directoria que ficou presidida pelo sr. Ramon Torres Portuondo.

ARGENTINA

A «Idéa» traz um bom artigo sobre a necessidade do desenvolvimento mediumnico. Num outro demonstra a necessidade do estudo das obras de Allan-Kardec.

⁂

Na Sociedad Benjamin Franklin o sr. R. Nosei fez uma substanciosa conferencia sobre : ‹O mundo dos espiritos, sua vida e relação com o mundo espiritual.›

⁂

Realisaram conferencias publicas de divulgação espirita os srs. Villa, Marino, Manuel Torre e Mario Rinaldini.

⁂

Com entrada livre a Sociedad Espiritista «Lumen» está realisando conferencias periodicas, de propaganda, sendo oradora a sra. M. de Belart.

⁂

Na sociedad ‹Hacia el Camino de la Perfeccion», o sr. Manuel Vasquez fez uma conferencia doutrinaria cujo thema agradou a assistencia.

⁂

A Sociedad ‹La Kardeciana›, renovou a sua directoria elegendo para presidente o sr. Juan Isola.

⁂

No vasto salão da ‹Constancia› o Dr. Cosme Marino desenvolveu, á numerosa assistencia, o thema — ‹A Oração e sua Efficacia.›

ESPIRITISMO NO BRASIL

Intensificam-se de modo admiravel os trabalhos de propaganda espirita no Brasil. Pode-se garantir que em nenhum paiz do mundo o Espiritismo domina, como no nosso.

Atravéz de multiplas formas, quer por meio de curas, quer pela propaganda oral ou impressa, em todas as cidades e villas deste rincão do planeta, repercute a palavra da Vida Eterna a convidar os homens á espiritualisação. E para confirmar o que dizemos basta vêr a maneira porque se acham alarmados os sacerdotes romanos e protestantes, cuja preoccupação actual outra não é que combater a Nova Doutrina que, á semelhança do Christianismo — ‹sem uma pedra para reclinar a cabeça, quando as aves dos céos tem seus pousos e as féras os seus covis› — vai se impondo ao respeito, á sympathia e a consideração de todos.

E' assim que o phariseismo sacerdotal, nos seus ultimos estertores, lançando mão de todos os recursos que lhe possam ainda prolongar a vida manda vir da Europa mercenarios da palavra, com o fim especial de atacarem rijamente os Ensinos Espiritas, como o sacerdocio judeu o fazia aos Ensinos de Jesus. Mas nada pode contra a Verdade ; dentro em pouco veremos a luz brilhar para todos, a todos esclarecendo os horisontes da Vida Immortal.

Écos de propaganda

A' rua Helvetia, 96, S. Paulo, com o titulo «Filhos da Caridade›, foi fundado mais um nucleo de propaganda cuja directoria ficou ao cargo dos srs : pres. Antonio Corrêa Ramos : vice, D. Maria Licursi ; 1.º sec. Sebastião Lima ; 2.º Gilberto Scatambulo : 1.º thes. Jayme Machado ; 2.º Antonio Maria ; instructor, Georgino J. Barroso.

⁂

Em Amargosa, Bahia, communicam-nos a fundação do Centro Espirita Amargosense, cuja directoria ficou assim constituida : pres, Professor Gracindo Octavio de Oliveira ; vice, Carlos Cunha ; 1.º secr. Octavio Ribeiro de Oliveira ; 2.º Fausto Souza Ferreira ; thes. Pernimio A. Silva ; proc. Hermillo José Miranda ; fiscal, Laurentino Dias Nascimento ; consultores : Jacintho Almeida Sampaio e Adolpho Cerqueira Silva.

⁂

O Centro Espirita «Filhos da Fé» com séde em S. Paulo, constituiu assim sua nova directoria : pres. Georgino Barroso ; vice, Candido Caldeira ; 1.º secr. D. Ismenia Oliveira ; 2.º Ludovico de Barros ; thes. D. Ismenia P. Aguiar ; fiscal, Sebastião Fonseca.

⁂

Na cidade Affonso Claudio, Espirito Santo, foi fundado um Gremio, com o titulo Joanna d'Arc, ficando assim eleita a sua directoria : pres. D. Anna Magalhães Barros; vice, Donencio Epaminondas Nascimento; 1.º secr. Narceu A. Paiva; 2.º D. Maria Leocadini Epaminondas; zel. D. Josefina Leocadini.

⁂

O nosso presado confrade sr. Angel Aguarod fez duas excursões de propaganda, com o fim especial de tornar conhecidos os principios espiritas. E' assim que o incansavel confrade fez diversas conferencias sobre palpitantes themas. Em Santa Maria, o confrade Aguarod falou no templo maçonico sobre «O Espiritismo atravéz dos tempos». Em Bagé, onde teve carinhosa recepção, dissertou sobre : o «Conceito christão da préce», no Centro Amor e Caridade;—«Para a verdadeira Luz», no Centro Caminho da Luz. Na «Tenda Vicente de Paulo» o thema foi : «A reencarnação e factos que a provam». No Centro «Luz e Amor a Jesus» o confrade Angel falou sobre : «A mulher e o Espiritismo». Na Loja Maçonica «Amizade» sobre «O Espiritismo e as confissões religiosas.»

O distincto excurcionista percorreu tambem as cidades Riograndenses — S. Gabriel, Cacequy, Cruz Alta, Passo Fundo, Julio de Castilhos, Cachoeira, Rio Pardo Santa Victoria do Palmar, Jaguarão, Rio Grande, regressando, finalmente a Pelotas, onde muitos amigos receberam-n'o na estação. Em todas estas cidades o confrade sr. Angel Aguarod fez diversas conferencias, de caracter philosophico e scientifico, tornando assim conhecidos os principios espiritas.

A' Federação Espirita Rio Grandense nossas felicitações.

⁂

O Centro Espirita, de Mattão, reelegeu sua directoria, assim constituida : pres. Cairbar Schutel ; vice, José Goulart Faria : 1.a secr. Maria Perche ; 2.a Antonia Perche ; 1.o thes. José Maria Gonçalves ; 2.º Manuel Pereira do Prado.

⁂

A Sociedade 25 de Dezembro, de Barretos, continúa com as suas palestras semanaes, distribuindo profusamente «O Clarim» aos assistentes.

⁂

O Centro da Verdade, de Frigorifico, Barretos, trabalha activamente pela palavra e pela imprensa, na difusão espirita.

O Clarim

Completou 21 annos de existencia, este hebdomadario de larga circulação por todos os Estados do Brasil, e essencialmente Kardecista.

Haviamos tirado uma photographia da tiragem do anniversario d'O Clarim para publicar nesta secção, mas infelizmente o cliché sahiu defeituoso. Seja como fôr, acceite o collega os nossos votos de longa vida.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez, os seguintes oradores : D. Aura Celeste, D. Laura dos Santos, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Souza Ribeiro, Dra. Orminda Bastos, Leopoldo Cirne, Dr. Guillon Ribeiro, Angel Aguarod, Manuel Quintão, Giaccomo de Bernardo, Pedro Camargo, Domingos Tedesco, Ignacio Bittencourt, Dr. Sebastião Caramurú, Dr. Ernesto de Souza, Dr. Angeli Eliseu.

Factos Espiritas

Thesouro Escondido

Transcremos d'«O Estado de S. Paulo» o seguinte telegramma :

A população desta capital acha-se bastante impressionada com o seguinte facto noticiado pelos jornaes :

Manuel Cavalcanti, conductor da linha ferroviaria Great Western, e que trabalha nos trens que correm entre Recife, Cabedello e Parahyba, na ultima semana, dormiu em Cabedello, e ao levantar-se de madrugada, para tomar conta do seu serviço no trem que regressava a esta capital, viu apparecer-lhe em sonho, um individuo, que lhe supplicava que fosse desenterrar certa quantidade de ouro num local pouco distante, conforme indicava.

Cavalcanti não ligou importancia a esse sonho ; mas na viagem seguinte, quando descansava em Cabedello, em animada palestra com dois amigos, viu tornar a lhe apparecer o mesmo individuo, o qual entabolando conversação, insistia com Cavalcanti para ir desenterrar o ouro.

Tendo Cavalcanti indagado por que motivo lhe queria dar esse ouro, a visão lhe respondeu : «Porque fomos muito amigos, ha trinta annos passados».

Diante do espanto de Cavalcanti, que dizia que isso era impossivel ter-se dado, pois elle não tinha completado ainda trinta annos de edade, a visão replicou : «Mas é isso mesmo ; nós fomos amicissimos noutra vida. Tu, mais feliz do que eu, voltaste ao mundo, emquanto eu continuo padecendo».

Tendo Cavalcante dito que não acreditava em reencarnações, a visão pediu-lhe que não discutissem sobre isso e que fosse desenterrar o ouro, num logar que ella indicara.

Cavalcanti voltou-se então para os seus amigos, que estavam estupefactos, embora não tivessem visto e ouvido o extranho interlocutor e perguntou-lhes se tinham coragem bastante para acompanhal-o nessa exquisita missão.

Sendo a resposta affirmativa, partiram todos para a ilha do Bispo, logar indicado pela visão. Alli chegando, Cavalcanti não sabia que direcção devia tomar, quando lhe appareceu a persistente visão, que lhe mostrou o pedaço do terreno, onde se achava enterrado o ouro.

Cavalcanti e seus companheiros cavaram então o ponto designado e, após algum esforço, encontraram um vaso que continha 15 kilos de ouro em barra e muitas moedas do mesmo metal, que foram avaliados em 30 contos de réis.

⁂

Aviso de morte

A conhecida professora de violino, D. Deolinda Pinheiro de Loureiro, residente á Avenida Frontin, 35, Marechal Hermes, entre outros factos interessantes, contou-nos o seguinte: Sua tia D. Chiquinha, moradora á Ladeira do Faria, 48, achava-se doente, em estado que inspirava cuidados.

Estava a professora um dia junto ao seu lavatorio, quando viu, de repente, uma borboleta preta a esvoaçar pela casa ao mesmo tempo que sentiu no ambiente um forte cheiro de flores. A borboleta, entretanto, sumiu-se logo de sua vista, e d'ahi, ha pouco, Deolinda viu chamar o seu nome de familia : — «Nênê».

Olhando no momento para o lado, viu um vulto que se foi afastando e desvanecendo lentamente.

Lembrou-se de prompto da tia enferma, e disse logo em casa : «Morreu tia Chiquinha». Vestiu-se, depois, de preto, e partiu para casa da querida parenta, bem certa de que ella havia fallecido.

E, effectivamente, chegando á Ladeira do Faria, encontrou-a morta sobre a mesa.

Indagando ali da hora em que se déra o obito, soube que este se verificara a mesma hora em que ella sentira, em Marechal Hermes, a presença do caro espirito recem-desincarnado, que lá fôra despedir-se da estimada sobrinha.

Os parentes contaram-lhe, entrestecidos, como se déra o fallecimento e as ultimas palavras pronunciadas pela exitncta, a qual, na hora derradeira, via, a esvoaçar, uma borboleta preta, que as outras pessoas ali presentes, não enxergavam.

Este facto é muito commum ; a historia regista innumeros casos semelhantes. A coincidencia de apparecer a borboleta, em ambas as casas, á hora do fallecimento deve ter uma explicação plausivel. E' bem possivel que a borboleta seja uma imagem lançada por espiritos amigos para avisar os de cá, de que vai partir um dos seus para o Além. E a imagem é perfeita : — A lagarta humana vai transformar-se em borboleta — o espirito — que voará pelo espaço em fóra. A cor preta pode symbolisar a tristeza e a saudade nos corações dos que cá ficam. Quanto ao cheiro das flôres, sentido á mesma hora pela violinista, tem, sem duvida, a mesma origem, isto é, trabalho de espiritos amigos, para indicar enterro ou morte de alguem. Como se vê, os espiritos quando não se podem communicar directamente, dispõem de muitos meios para darem signaes da sua presença.

JOSE' TOSTA.

NOTAS DIVERSAS

Em Rotterdam, Hollanda, começará a funccionar uma Exposição de obras espiritas. Neste sentido, recebemos do Sr. W. A. Bergman, a seguinte circular :

«Temos intento de levar a effeito, de 1926 a 1927, uma Exposição de Obras Espiritas, em Rotterdam. Simultaneamente desejamos expor todos os periodicos, revistas e jornaes espiritas, metapsychistas e occultistas do mundo inteiro.

A remessa deverá ser feita a W. A, Bergman, com o seguinte endereço : Boezensingel, 226 — Rotterdam — Hollanda.

⁂

Temos sobre a mesa «A Verdade», revista espirita Bahiana, sob a direcção do nosso confrade Paulo Alberto. Agradecemos e permutamos.

⁂

O Prof. Hans Thirring, da Universidade de Vienna (Austria) communicou a «Revue Metapschique», o apparecimento de dois novos mediuns, jovens cujas faculdades o Dr. Hans, está estudando. Uma produz phenomenos de materialisações ; outra de transportes em plena luz.

⁂

Por occasião do jubileu do Prof. Charles Richet; e respondendo os discursos dos oradores que cumprimentaram-n'o, o illustre sabio disse : «A sombra de Pasteur, a sombra de Claude Bernard fluctuam neste areopago e nos envolvem com o seu influxo amoroso».

⁂

Desincarnou o Pastor Alfred Benezech, de Montauban, autor de diversas obras espiritas e assiduo collaborador da «Revue Spirite».

Ao illustre espirita nossos respeitosos testemunhos de admiração e votos de felicidades na Patria dos Espiritos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2915unse

ANNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Outubro de 1926 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Os Phenomenos Mediumnicos e a Sobrevivencia
Acção dos mortos sobre os vivos
No dia do Espiritismo
Inicio do Moderno Espiritismo
A Volta de Oscar Wilde
Madame Ruffina Noeggerath
Contribuição para o estudo das Materialisações
Chronica Extrangeira
E'cos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Jeronymo Ribeiro

Mme. RUFFINA NOEGGERATH

ANNO 2 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Outubro de 1926 - NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL ⁂ COLLABORADORES: DIVERSOS

OS PHENOMENOS MEDIUMNICOS E A SOBREVIVENCIA

O Espiritismo vem fazendo grandes progressos em todas as classes sociaes. Infelizmente, porém, são muito poucos os que comprehendem os nobres fins que motivam o apparecimento desta doutrina, a cujos phenomenos dão geralmente o caracter sobrenatural.

No nosso paiz principalmente, as reuniões espiritas se apresentam como um espectaculo mais curioso que instructivo ; os incredulos sahem dellas mais admirados que convencidos. As sessões experimentaes, cuja utilidade não é licito duvidar, não merecem a attenção dos espiritas, que julgam até não se dever invocar um determinado Espirito para melhor inteirarem-se da sua identidade. Com exclusão de algumas sociedades que tomam a serio os seus deveres, as associações espiritas, com prejuizo da doutrina, se reunem por curiosidade ou passatempo, esquecendo-se de que os espiritos bem intencionados não vão ás assembléas em que se troca o ensino pelo divertimento.

A instrucção espirita comprehende, é preciso que se saiba, não só a moral, mas tambem o estudo dos factos. A ella pertence a theoria de todos os phenomenos, a indagação das causas e, como consequencia, a verificação do que é passivo, e do que não é ; em uma palavra, a observação de tudo o que pode adiantar a sciencia.

Mas o escopo principal de todos esses phenomenos é a demonstração da sobrevivencia, da immortalidade. Para este ponto capital é que se preciza voltar todo aquelle que, interessado por esses factos, busca a sua razão de ser. Todos os aspectos do mediumnismo quer em suas manifestações physicas, quer em suas manifestações intelligentes denotam claramente o funccionamento da intelligencia, da sensibilidade e da vontade, que são attributos do Espirito.

Dadas as condições de dependencia que existe entre a vida psychica e a organica em suas manifestações, esses attributos se apresentam no mediumnismo sob varios effeitos, afim de chegarmos ás conclusões de suas causas principaes, ou sejam manifestações claramente animicas e as manifestações positivamente espiritas.

Do todos os phenomenos intellectuaes o que mais se salienta é o «dom de linguas extranhas», como o chama S. Paulo: — a «mediumnidade polyglota». E' muito conhecido o caso do Juiz Edmonds, cuja filha tornou-se medium, e pôz-se a falar linguas extrangeiras que lhe eram totalmente desconhecidas.

O illustre sabio Russell Wallace referindo-se aos trabalhos do Juiz Edmonds assim se exprime:

— «Ella não sabia outro idioma além do seu, salvo um ligeiro conhecimento de francez, aprendido na escola. Não obstante isso, ella tem conversado frequentemente em *nove ou dez* linguas differentes, muitas vezes durante uma hora, com a segurança e a facilidade de uma pessôa falando a sua propria lingua. Não é raro que extrangeiros se entretenham, por seu intermedio, com os seus amigos espirituaes e em seu proprio idioma. Cumpre-nos dizer como se passou tal facto em uma dessas circumstancias.

Uma noite, em que doze ou quatorze pessoas achavam se em minha sala, o sr. E. D. Green, um artista desta cidade, foi introduzido em companhia de um cavalheiro que apresentou-se como sendo Evan Gelides, natural da Grecia. Pouco depois um Espirito falou-lhe em lingua ingleza, por intermedio de Laura, o Espirito disse algumas palavras e pronunciou algumas maximas gregas até que, emfim, o sr. E. perguntou se elle poderia ser comprehendido quando falasse grego? O resto da conversação foi. durante mais de uma hora, da parte do sr. E. inteiramente em lingua grega; Laura tambem falava em grego e algumas vezes em inglez. Em certos momentos, Laura não comprehendia a idéa sobre a qual ella ou o sr. Gelides falavam; mas em outras occasiões, a comprehendia, posto que falasse em grego e ella propria se servisse em termos gregos.»

No relatorio da Sociedade Dialectica de Londres, pags. 219 e seguintes, encontra-se o testemunho do professor Damiani, valioso tributario da investigação mediumnica.

Desse autorisado depoimento colhemos os dois factos seguintes:

«Encontrando-se o professor Damiani na Sicilia, teve occasião de presenciar as faculdades d'um medium ignorante escrevendo um poema e dando communicações em varias linguas que absolutamente desconhecia. São estas as suas proprias palavras: Mui recentemente, estando na Sicilia, foram transmittidas na minha presença, por um medium *completamente illetrado*, pertencente á classe obreira, um poema de duzentos versos, muito bem composto em dialecto siciliano, bem como numerosas communicações em allemão, francez, latim e inglez.»

Não menos importante é o outro facto, que tambem presenciou, como se vê d'esta textual narração: «Encontrei-me em Clifton com um medium novo, *de dez a onze annos de idade*, que escrevia longas dissertações sobre assumptos de philosophia espiritualista. E de tal modo tratava a materia, que as communicações podiam ser firmadas por um escriptor experimentado, ponderado e bem ao corrente destas questões. Durante uma sessão, puz o celebre Gravazzi em presença desta creança, o medium. O subtil polemista propoz ao medium, ou ao espirito que se manifestava por elle, diversas questões, sobre pontos abstractos de metaphysica e de theologia, e recebeu soluções tão profundas e sabias, que ficou convencido de que não se encontrava de modo algum perante um mero caso de *menino pro-*

digio. Este medium, cujos escriptos formavam doze volumes, *traçava caracteres differentes*, segundo o espirito que se apossava d'elle e o dirigia, escrevendo por vezes em diversas *linguas mortas.*

Conheço um medium, de quinze annos, morador egualmente em Clifton, que sob a influencia dos espiritos, dá respostas escriptas em verso, tão distinctas pela forma como pelo fundo, de modo que a quantos o conhecem, não occorrem nenhuma sombra de suspeita, de que por si mesmo e sem influencia estranha, elle o possa realisar.»

Emfim o Espiritismo é uma doutrina experimental que exige muito estudo, muito raciocinio e uma pesquiza intelligente, acurada para que produza os resultados proficuos a que se propõe.

Os phenomenos mediumnicos encarados sob o ponto de vista natural, sem a impossibilidade dogmatica, maravilhosa, constituem os meios indispensaveis para a solução do problema da vida que têm occupado a attenção dos grandes philosophos. Esses factos, cujas realidades têm sido constatadas por nomes illustres, reclamam a attenção de todas as intelligencias para que a verdade triumphe dos obstaculos que ignaramente lhe oppõem.

Acção dos mortos sobre os vivos

OBSESSÃO

— II —

Os factos, pois, que comprovam a immortalidade da alma e a sua manifestação no nosso plano de vida são uma realidade, e se acham hoje attestados por um numero infinito de testemunhas e estas são de todas as nações e pertencentes a todas as crenças, inclusive atheus e materialistas que se converteram diante dos mesmos, são attestados por sabios acima de toda suspeita, pessoas que não se deixam passar por tolas, acostumadas a encarar os factos sob os pontos de vista mais variados, analysando as suas relações e circumstancias, ponderando-os em suas causas e effeitos, com espirito calmo e vista penetrante.

Diante, pois, da opinião de taes homens nenhum peso e nenhuma importancia se deve ligar ás opiniões dos que negam por negar, dos que negam sem nenhum exame previo e que só se presumem de intelligentes e entendidos...

Provado, pois, já se acha a existencia do mundo espiritual, do plano de habitação dos chamados mortos, e demonstradas tambem as suas relações maleficas e beneficas com os vivos. Os espiritos estão em toda a parte.

Dentro do mundo visivel que habitamos está o mundo invisivel que já habitámos e para o qual voltamos depois, mais uma e muitas vezes. Estes planos de vida se interpenetram e se confundem, até um certo ponto, em seus horizontes, de modo que os espiritos invadem os nossos lares, as nossas ruas, os theatros, etc., indo a toda parte e influenciando-nos, os bons, se caminhamos na recta do nosso dever para com Deus, portanto para com nós mesmos e os nossos semelhantes, e os máos, se pelas nossas acções más os attrahimos. E' lei: os iguaes se attrahem e os differentes se repellem. Convictos, não pela fé cega que é morta e que não tem o poder de fallar ao cerebro nem ao coração, mas pelo estado constante e continuo dos *factos*, não temos o menor receio de affirmar ao mundo inteiro os principios philosophicos do Neo-Espiritualismo. Bem sabemos qual o riso sarcastico e de mofa que as nossas affirmativas despertam nos labios de quem as desconhecem, uns por se supporem «sabios», cegos de vaidade e de orgulho, outros por se supporem «crentes» nos dogmas, salvos na ‹fé-céga»... — Loucos ! é o que uns e outros dizem de nós espiritas, de nós crentes na Sciencia que é Religião, na Religião que é Sciencia, porque não nos falla em nome da *fé-cega*, mandando crer ou morrer — matando sempre — mas em nome dos *factos*, não mandando crer n'elles, porém ordenando-nos *estudal-os, observal-os e analysal-os*, com todos os nossos sentidos, na sensibilidade das nossas faculdades, lançando-se mão de todos os recursos scientificos conhecidos para que tenhamos certeza e convicção, para que realmente sejamos crentes e não morramos, mais tarde ou mais cedo, asphyxiados nas fataes desillusões oriundas da *fé-cega !* Bemdicta loucura, a Crença que, para demonstrar os seus principios, se apega aos factos, demonstrando-os com a luz da logica. ‹Loucos» realmente illustrados e criteriosos são os seus adeptos que seguem a fé raciocinada, que exigem os factos — a Verdade — como base indestructivel e inviolavel dos principios da sua crença em Deus e na Immortalidade da alma. «Fanaticos», simplesmente «fanaticos» e «indifferentes» são todos aquelles que dormem sobre os dogmas náu que os conduz mui facilmente aos *portos commerciaes* da terra, com bom carregamento — todas as cousas deste mundo — mas que naufragará nos limites com o Além, matando-os afogados, em corpo e em espirito, indo toda a carga ao fundo do mar, ficando tudo na terra, por ser tudo da terra !

Desillusão terrivel, então, para todos estes que *compraram a sua salvação*, mandando o «cobre» á Roma, ás mãos do Summo Sacerdote, que confiaram na «confissão», que esperaram na salvação, crendo apenas, cegamente, no sangue de N. S. Jesus Christo, ao ouvirem deste Mestre, no Além, novamente a repetição das suas sacrosantas palavras, cheias de salutares ensinamentos, echo forte de protesto contra a salvação *comprada* e a salvação pela *fé-cega*, pelos *dogmas* malditos que escravisam, que obscurecem, que perdem, que matam : — Apartae-os de mim, malditos, vós todos que obrastes a iniquidade — !! Mat. cap. XXV — 31 a 46. Assistirão ao julgamento de outros, de grandes e pequenos, que comparecem diante de Deus, abrindo-se para o respectivo exame, *o livro da vida*, e sendo cada um julgado, *segundo as suas obras* — Apocalyp. XX — 11 a 15. Então, horrorizados, cheios dos fructos da fé-cega e dos dogmas — as trevas espirituaes — cheias de remorsos e de arrependimentos, irão comprehender, que os ensinamentos do Mestre se reduzem, em sua pureza, a um só Mandamento : — Fóra da Caridade não ha salvação, — porque, — a cada um será dado, *segundo as suas obras.* — E então, convictos agora de qual a Lei de Salvação — a pratica do Amor ao proximo em todas as direcções e modalidades — depois de soffrerem as duras consequencias do seu indifferentismo e da sua fé-cega nos dogmas, com louvor aos mesmos, irão trilhar novos caminhos, em busca da salvação, em busca da perfeição, caminhos que no seu transbordar de Amor, o Pae aponta a todos os seus filhos, sem excepção de um só, para que nenhum se perca e para que se cumpra a sua vontade e o que disse Jesus Christo :

—Nenhuma das minhas ovelhas se perderá. Meu Pae não quer a condemnação eterna do máo, do impio, mas que elle se arrependa e se converta. —

Debaixo da acção causticante do mal, do erro, arrependido dos seus actos irreflectidos, da sua crendice, com experiencia propria adquirida no cadinho purificador dos seus proprios actos, o filho, cheio de reconhecimento, sentindo em si as vibrações (da fonte divina) da esperança em um futuro feliz, ora, agradece ao Pae do mais profundo da sua alma, toda a sua Bondade, todo o seu Amor, e volta á escola — á terra — para passar mais um dia — uma existencia — e atraz deste dia, outros dias mais, no estudo de novas licções, em busca de novos conhecimentos, com o fim de desenvolver, cada vez mais e sempre, as suas faculdades moraes e intellectuaes, para que cada vez se sinta maior e melhor, até vibrar directamente no Pae, sendo Um com Elle, como já o era Christo.

SOUZA RIBEIRO

(*Continúa*)

NO DIA DO ESPIRITISMO

A maior gloria que poderia ambicionar o missionario da Terceira Revelação—se alguma porventura ambicionasse aquelle austero e abnegado espirito — seria vincular perpetuamente o seu nome á doutrina que lhe absorveu os ultimos quinze annos da sua fructuosissima existencia. Mas, por isso mesmo que nada ambicionou, contentando-se com os applausos de sua consciencia, na certeza de contribuir modestamente, como o suppunha, para tornar conhecida dos exilados da Terra a sciencia da immortalidade, erigindo-a sobre os alicerces inamoviveis da experiencia, fiscalizada pelo raciocinio, a gratidão dos seus continuadores e discipulos, á força de cultuar-lhe a memoria no dia que recorda a sua ultima investidura na libré da carne, terminou por fazer do 3 de outubro a data official do advento espirita.

Essa identificação da doutrina com a pessoa do seu excelco coodificador, confundidas em um mesmo culto de veneração e de reconhecimento, parecerá sem duvida contrariar, até certo ponto pelo menos, os intuitos de despersonalização que animaram sempre Allan Kardec, preoccupado em subtrahir o Espiritismo a todas as tentativas de fraccionamento e de sectarismo, a pretexto de nomes individuaes. Focalizando-o, com effeito, na serie das Revelações que o precederam e de que é o derradeiro termo — a primeira personificada em Moysés e a segunda no Christo — como a universalizada expressão do pensamento divino, transmittido por toda parte pelas vezes dos espiritos, bem comprehendia o clarividente missionario que nessa universalidade residia para o Espiritismo um dos caracteres e a sua maior segurança de perpetuidade.

Porque de facto, collocada a fonte de seus ensinamentos fóra e acima das contingencias e das compressões humanas, estaria o Espiritismo destinado a propagar-se a todos os continentes e penetrar no seio de todas as religiões, para as rejuvenescer com o sopro fecundante do Alto, despojando-as de sua immobilidade ritualistica e encaminhando-as a uma espiritualisação que, aproximando-as, viesse por fim a unifical-as numa synthese magestosa, em que o pensamento do Christo inspirador de todas ellas em sua pureza originaria, lograsse afinal ser trazido na communhão solidaria e fraterna de todos os homens e de todos os crentes.

Esse remoto ideal de unificação, que é uma tendencia incoercivel dos novos tempos, mal presentido embora em meio das actuaes perturbações, constitue indubitavelmente a finalidade reservada á obra dos Espiritos do Senhor em nossos dias ; mas só poderá ser alcançado sob a condição de se conservarem os depositarios da doutrina, em o plano terrestre, fieis ao espirito de impersonalidade que lhe é peculiar.

Ora, esse espirito de impersonalidade — é occasião de a accentuar agora — não soffre mutilação com o facto de associarmos o nome do coodificador do Espiritismo e a data de sua reincarnação ás solemnidades commemorativas do advento da Revelação moderna. Traduz essa identificação apenas um tributo de justiça, de tal modo o periodo culminante da vida do grande missionario e o indefesso labor que nelle desenvolveu o vincularam a essa obra, em que transfundiu toda a sua alma de pensador e de apostolo e em cuja estructura tão decisivo papel desempenhou.

Não fosse realmente a excepcional capacidade de observação de Allan Kardec, o seu espirito, a um tempo, synthetico na exposição dos principios e analytico na classificação dos phenomenos e na discriminação dos factores intervenientes em sua producção, não fossem a sua serenidade, o seu clarividente bom senso e, sobretudo, a sua intrepida abnegação em arrostar os preconceitos do seu tempo e, até a consummação do seu apostolado, permanecer imperturbavel em meio aos remoques da incredulidade e ás aggressões dos interesses vulnerados pela obra de evangelização, cuja investidura lhe fôra do Alto conferida, e quem sabe por quanto tempo ainda permaneceriamos privados dos beneficios d'essa doutrina e das sabias directrizes que, para os fruirmos, nos traçou !

Assim, não é o facto de identificarmos a Obra e o Operario em um mesmo culto de venerativo reconhecimento, com o que mais não fazemos — cumpre insistir — que obedecer aos dictames da justiça, que pode acaso tirar ao Espiritismo o cunho de impersonalidade, que lhe é peculiar, nem diminuir-lhe a esphera de universalidade, substancial a sua acção irradiadora. O que a esse espirito de impersonalidade e de universalismo pode crear, e infelizmente já vem creando, serios embaraços, é a tendencia de certos adeptos que, divorciando-se das directrizes traçadas pelo Mestre, porfiam em circumscrever a doutrina aos limites de suas acanhadas predilecções e tendencias pessoaes.

Que querem dizer, com effeito, as repetidas controversias suscitadas a proposito dos caracteres fundamentaes do Espiritismo, pretendendo uns que é exclusivamente uma sciencia e transformal-o outros, não apenas em uma religião, na elevada significação do vocabulo, mas numa seita religiosa, com accessorios e formalidades ritualisticas, senão que entre os depositarios de seus ensinamentos e — o que é mais lamentavel — entre os que tem assumido as graves responsabilidades de sua propagação ainda se não firmou a unidade interpretativa, no sentido de o não desintegrar do seu triplice aspecto — scientifico, philosophico e religioso, ou — se tanto os sobresalta o termo — — simplesmente moral ?

D'essa desintelligencia e, sobretudo, da carencia de estudo das obras basilares da doutrina, em que os seus grandes ideaes se acham nitidamente formulados, é que tem resultado a impossibilidade para o Espiritismo de produzir os fructos que mais de meio seculo de divulgação lhe devera assegurar, fructos de regeneração pessoal e de melhoramento social na ampla escala requerida pela gravidade e profundeza dos males que vulneram as sociedades contemporaneas, saturadas de materialismo e de incredulidade.

Ora, para combater esses males, promovendo obra de saneamento moral identica á que foi victoriosamente consummada pelas primeiras gerações christãs em relação ás corrompidas sociedades do seu tempo, e para encaminhar o Espiritismo á realização dos ideaes supremos, que arvora, de progressiva espiritualização da humanidade, pelo conhecimento e demonstração de seus destinos immortaes, culminando na unificação fundamental de suas convicções religiosas, faz-se mister que os espiritas, sobrepondo-se ás malfazejas suggestões de um acanhado personalismo e penetrando-se do espirito universalista da doutrina, ponham termo ás funestas divergencias, que só servem para os tornar involuntarios instrumentos dos espiritos de

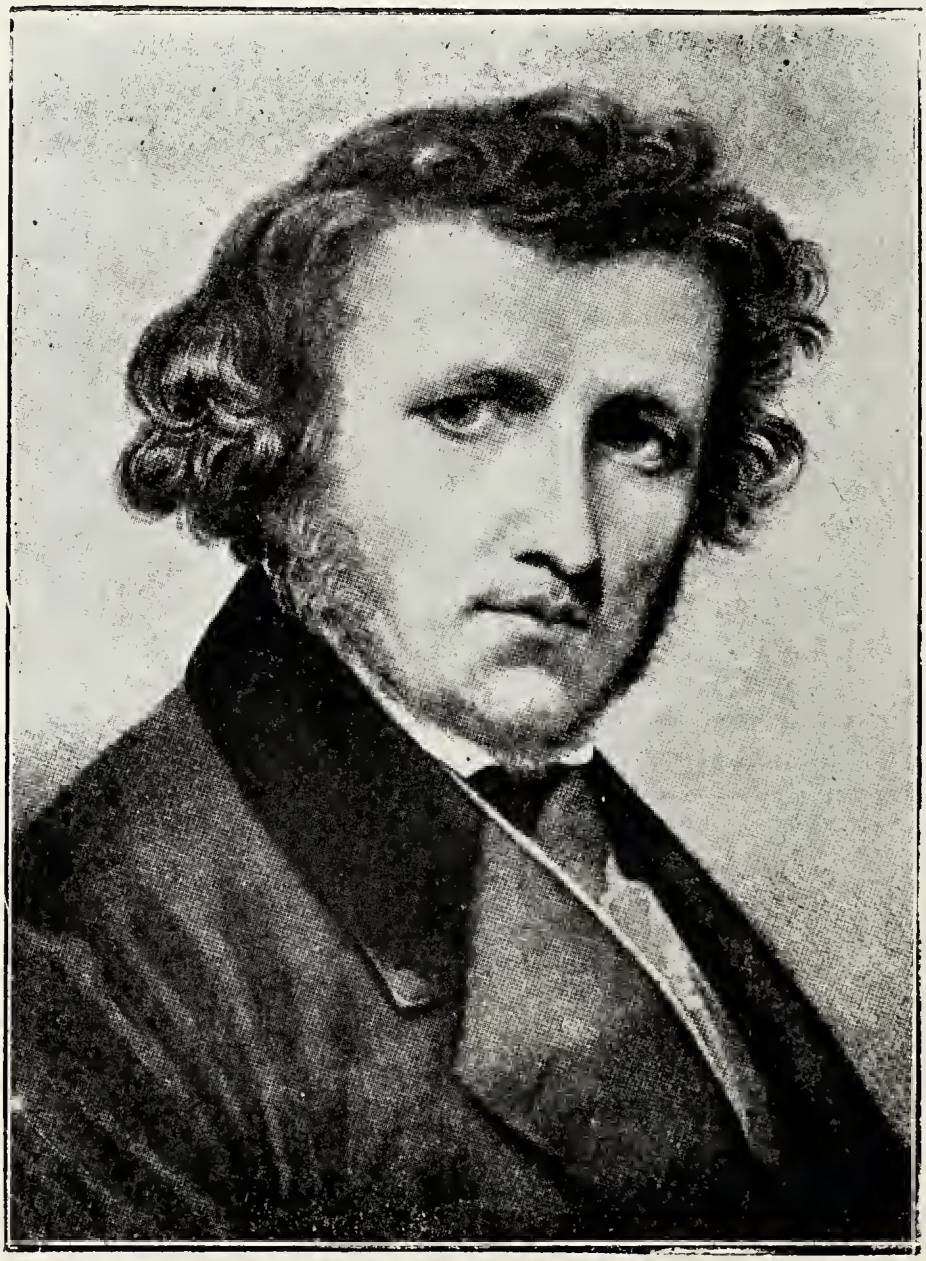

ALLAN KARDEC aos 25 annos

trevas, e comprehendam afinal a necessidade de se tornarem homens novos, verdadeiramente renascidos para a alvorada de novos tempos, cuja transformação se prepara sob a suprema e amorosa direcção do Christo.

Que outros religionarios, de boa fé sem duvida, se preparem para receber o Messias, em forma humana e objectiva, limitada portanto, é o seu direito. Nós outros, que esperamos o Christo na universalização do seu Espirito, pelo orgão de seus autorizados mensageiros invisiveis, e que neste sentido não cessamos de receber o seu annuncio, devemos nos preparar, no porfiado e vigilante esforço de nossa transfiguração interior, para que Elle resurja em nossos corações, victoriosamente convertidos á humildade, á fé, e á caridade, unica insignias por que se farão reconhecer no mundo os seus discipulos.

Lembremo-nos de que, consoante a affirmação de Allan Kardec, «o Espiritismo sabe que disse a primeira palavra, mas que jamais dirá a ultima» e, em logar nos agrilhoarmos á supersticiosa immobilidade do passado, não receemos ser progressistas, collaborando modesta mas conscienciosamente com o Mestre, quer em desenvolver os principios da doutrina sempre em um sentido mais amplo e espiritualizado, quer em aperfeiçoar as suas formas de organização e propaganda, afim de a convencermos sempre ao nivel das aspirações de nossa epoca e das necessidades previsiveis do futuro.

Só assim honraremos dignamente a memoria d'aquelle que nos prendeu nesse afortunado rumo e, como elle, fazendo jus aos applausos de nossa consciencia neste mundo, poderemos esperar, no outro, o benevolo acolhimento do Divino Mestre, a quem por essa forma teremos procurado, na medida de nossas humanas possibilidades, ser obedientes e fieis.

Leopoldo Cirne

INICIO DO MODERNO ESPIRITISMO

O nascimento do Espiritismo outra cousa não é que o começo do imponente movimento de renovação espiritualista, cujo giro triumphal pelo mundo, faz lembrar as manifestações que tem se dado em todas as epocas e remontam á mais alta antiguidade. Desde os Vedas, de facto, cujos livros religiosos, apparecidos milhares de annos antes de Jesus-Christo, a crença em um mundo espiritual, de cujos habitantes nos podem vir esclarecimentos e conforto, era geralmente admittida.

O grande legislador Manú dizia: — «Os Espiritos dos antepassados acompanham, no estado invisivel, certos brahmanes, convidados para as ceremonias em commemoração dos mortos, sob uma forma aerea; seguem-n'os e tomam logar ao seu lado, quando elles se sentam.» (1)

Confucio, por sua vez, na China, dá testemunho da seguinte sentença, gravada 500 annos antes no sóco de uma estatua de ouro, no templo da Luz, sentença que não é mais que um reflexo da crença no mesmo sentido generalisada: «Falando ou agindo, ainda que estejaes só, não cuideis que não sois visto e ouvido; os Espiritos são testemunhas de tudo.»

No Egypto, a crença no mundo invisivel deu origem á Kabbala, á cujos iniciados o Talmud assegurava o privilegio: «O que, sendo instruido n'esse segredo (a evocação dos mortos) o guarda com vigilancia em um coração puro, pode contar com o amor de Deus e o favor dos homens. Seu nome inspira respeito, sua sciencia não teme o olvido, e elle se torna herdeiro de dois mundos, este em que agora vivemos e o mundo futuro.»

A Persia participa das mesmas crenças, que se evidenciam na religião de Zoroastro.

1—*Phenomeno Espirita, por Gabriel Delanne.*

Na Grecia, a evocação dos *genios* e dos *deuses* era praticada pelas pythonisas, por quem os consultantes obtinham a apparição dos seus caros que iam interrogar.

O mesmo acontecia em Roma, pelas sybillas, sendo que nenhuma deliberação se tomava sem ser o oraculo previamente ouvido.

Os hebreus eram tão entregues á evocações dos mortos e abusavam tanto dessas praticas que Moysés, no *Deuteronomio* prohibiu-as sob as mais severas ameaças.

No Novo Testamento, os factos da vida de Jesus constituem uma impressionante série de manifestações espiritas.

E assim o comprehenderam os primeiros christãos que, depois da resurreição do Christo, já não o tendo á vista, para o consultar acerca da interpretação dos seus ensinos, reuniam-se em pequenas assembléas, sob a direcção de um dos apostolos escolhido e ahi liam e commentavam os manuscriptos evangelicos, com o concurso dos prophetas (mediums), por cujos labios vinham os dictados espirituaes, que eram acolhidos com a maxima attenção.

E' pelo menos o que se verifica e o que se conclúe de muitas passagens dos *Actos*, e da advertencia que S. João insere em sua 1.a Epistola : ‹Carissimos, não creiaes a todo o espirito, mas provai se os espiritos são de Deus› (cap. IV, 1).

S. Paulo ainda é mais explicito quando diz : — ‹Pois que haveis de fazer, irmãos ? Quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compôr psalmos, tem o dom de doutrina, tem o de revelação, tem o de linguas, tem o de as interpretar, faça-se tudo isso para edificação.› (I Corinthios, XIV, 26).

Em seguida accrescenta (v.v. 29 a 32 :

‹Pelo que toca, porém, aos prophetas, falem tambem só dois ou tres e os mais julguem o que ouvirem. E se nesse tempo for feita qualquer revelação a algum outro dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro.

‹Porque vós podeis prophetizar todos, um depois do outro, para assim aprenderem todos, e serem todos exhortados no bem, porque os espiritos dos prophetas estão sujeitos aos prophetas.›

Como se vê a analogia, entre as modernas praticas em alguns circulos espiritas e as antigas, é perfeita. Por muito tempo os primitivos christãos conservaram inalteradas as communicações ou antes as relações com o mundo espiritual, até que as fogueiras da Idade Media vieram pôr termo a essa fonte de poderosos esclarecimentos e de consolações, que seria um dos mais fecundos elementos de evolução atravez dos seculos.

E' assim que perseguidos como feiticeiros, acoimados de loucos tiveram de renunciar essas praticas, fazendo assim a Igreja calar as vozes dos espiritos, para impôr o seu ensino dogmatico que tanto tem prejudicado as almas.

Mas o mundo espiritual velava sempre, e aqui e ali affirmava a sua existencia, ora por essas apparições de moribundos ou de mortos, cujos factos se tem verificado desde tempos immemoriaes.

O tempo, entretanto, corria e o véo que encobria esse mundo tinha de ser levantado, porque as Escripturas tinham de se cumprir e a humanidade devia progredir.

⁂

O inicio do movimento espirita actual ou moderno, teve lugar no seio de uma humilde familia, residente, a principio, na primeira cidade de Hydesville, e logo depois na de Rochester, Estado de New-York, na grande Republica norte-americana.

Esse é, pode-se dizer, o berço dos phenomenos espiritas em sua moderna phase. E' preciso, entretanto, não esquecer que quasi ao mesmo tempo em que taes manifestações se produziam na America do Norte, identicos successos se davam em varias cidades da Europa. Taes foram : o caso de Cidesville occorrido, em 1850, na França, com o marquez desse nome, e que deu lugar a um curioso processo em que depuzeram innumeras testemunhas, perante o juiz de paz de Yerville ; o de Berg-Zabern, na Baviera, em 1852 ; o da villa de Lipzi, districto dd Charkof, na Russia, em 1853, notavel pelas circumstancias singulares de que se revestiu ; e finalmente, em uma epoca menos afastada, o que occorreu em 1862 com o advogado Joller, membro do Conselho Nacional de Stans, cantão de Unterwalden, Zurich (Suissa). (1)

A historia das manifestações de Hydesville convém ser lembrada e registada nesta *revista*. Extrahimol-a do livro de Emma Hardinge, cujas fieis narrativas devem interessar ao leitor.

---

(1) *Os precursores do Espiritismo nos ultimos 250 annos*, *Aksakof*.

«Foi em dezembro de 1847 que uma familia de origem alleman, a familia Fox, cujo nome primitivo era *Voss*, veio estabelecer-se em uma povoação chamada Hydesville. Esta aldeia está situada no condado de Wayne, circumscripção de Arcadia nos Estados Unidos, Estado de New-York.

A familia Fox compunha-se do pae e da mãe, John Fox, sua mulher e tres filhas. As pessoas que compunham a familia Fox pertenciam á Igreja episcopal methodista, da qual eram membros exemplares e incapazes de merecerem a suspeita de fraude ou duplicidade.

Casa da familia Fox onde se deram as primeiras manifestações espiritas (Hydesville)

Ouviram-se pancadas nas paredes, no soalho e peças visinhas, etc. As vezes, estando a familia reunida para refeição da noite, fazia rumor no quarto de dormir das meninas ; todos corriam a inteirar-se da causa do barulho, se bem que portas e janellas estivessem hermeticamente fechadas, não encontravam ninguem, mas os moveis estavam de pernas para o ar ou misturados uns com os outros ! Esses moveis mesmo em presença da familia, eram agitados por movimento oscillatorio, como se estivessem sacudidos sobre as ondas. Este facto succedia principalmente com o leito das meninas. Os Fox viam sua mobilia mover-se como se estivesse animada de vida especial ; ouviam-se passos no soalho ; as meninas sentiam mãos invisiveis correndo sobre seus corpos ; estas mãos eram quasi sempre frias. Succedia tambem que as meninas exprimentassem a sensação de um grande cão esfregando-se de encontro á sua cama.

Frequentemente, durante a noite, John Fox levantava-se acompanhado da mulher e, seguido das meninas Fox, rodeava sua propriedade, procurando surprehender os visinhos trocistas que, segundo pensavam, eram os autores das perturbações trazidas, á noite, por essas desordens que tanto tinham de insolitas como de desagradaveis. Como já se terá adivinhado, nenhum vestigio se descobria que indicasse a passagem de um ser humano.

Emfim, em Fevereiro de 1848, a vida tornara-se insupportavel na casa habitada pela familia Fox ; as noites passavam-nas sem dormir, e até os dias não eram isentos de perturbação. Durante todo o mez de março, ouviram-se os mesmos ruidos com variação de intensidade, mas a 31 de março 1848 elles foram mais fortes que de costume. Pela centesima vez, John Fox e a senhora Fox fizeram trabalhar as portas e janellas investigando a procedencia dos rumores ; mas eis que um facto novo e inteiramente inesperado revela-se : ouvem-se sons imitando manifestamente, e como por zombaria, os sons produzidos por portas e janellas, que eram abertas e fechadas ! Desta vez havia motivo para perder-se a cabeça. Afinal notou-se que a causa productora parecia ser intelligente. A mais joven dos filhas do Sr. Fox, chamada Kate, familiarisada com o invisivel batedor, disse ; «Faça como eu», e bateu com as suas mãosinhas um certo numero de pancadas, as quaes o agente mysterioso repetiu. A sra. Fox disse-lhe : «Conte dez». O agente bateu dez vezes. «Que edade tem a nossa filha ?› A resposta foi correcta. A esta pergunta : ‹Sois um homem, vós que bateis ?›, nenhuma resposta obteve-se, mas a esta outra : ‹Sois um espirito ?› Foi respondido com pancadas rapidas e nitidas. Chamados os visinhos, estes foram testemunhos dos mesmos phenomenos. Todos os meios de vigilancia foram postos em acção para a descoberta do invisivel batedor, mas o inquerito da familia e de toda a visinhança foi inutil. Não se poude descobrir a causa real dessas singulares manifestações. As experiencias seguiram-se numerosas e precisas. Os curiosos atrahidos por esses phenomenos novos, não se contentaram mais com perguntas e respostas. Um delles, chamado Isaac Post, teve a idéa de nomear em alta voz as lettras do alphabeto, pedindo ao Espirito para bater uma pancada quando alguma lettra entrasse na composição das palavras que quizesse fazer comprehender. Desde esse dia ficou descoberta a telegraphia espiritual ; este processo é o que vemos hoje applicado nas mesas girantes.

Eis, em toda a sua simplicidade, os preliminares do phenomeno que devia revolucionar o mundo inteiro. Negado pelos sabios officiaes, zombado pela imprensa dos dois mundos, posto no *index* pelas religiões medrosas e ciumentas, suspeito á justiça, explorado pelos charlatães, o Espiritismo devia continuar o seu caminho e conquistar adeptos, pois que o numero d'estes eleva-se hoje a muitos milhões, em virtude de possuir o Espiritismo a força da Verdade. Os investigadores notando que o phenomeno só se produzia na presença da joven Fox, attribuiram a esta um certo poder chamado *mediumnidade*.

O Espirito que se manifestava ás jovens Fox, declarou chamar-se Joseph Ryan e ter sido mascate durante a sua vida terrestre. Convidou ás jovens para dar sessões publicas, nas quaes elle convenceria os incredulos de sua existencia. A familia Fox foi fixar-se em Rochester e, conforme os conselhos de seu amigo do espaço, as jovens missionarias não hesitaram em afrontar o fanatismo protestante, propondo submetterem-se ao mais rigoroso exame.

Accusados de impostura e intimados pelos ministros de sua confissão a renunciarem taes praticas, o sr. e a sra. Fox, compenetrados do dever supremo de propagar o conhecimento dos phenomenos que consideravam como uma grande e consoladora verdade, util a todos, recusaram submetter-se, e foram expulsos da Igreja. Os adeptos que se reuniam em seu redor foram victimas da mesma reprovação.

Os apostolos da nova fé offereceram-se então para fazer a prova publica da realidade das manifestações, diante da população reunida em Corynthial-Hall, o maior salão da cidade. Começou-se por uma conferencia, onde expôz-se os progressos do phenomeno desde os primeiros dias.

Esta communicação foi acolhida por uma vaia mas, não obstante isso, terminou pela nomeação de uma commissão encarregada de examinar os factos. Contra a espectativa geral e contra a sua propria convicção, a Commissão viu-se forçada a declarar que, depois de um minucioso exame, não tinha podido descobrir vestigio de fraude.

Nomeou-se uma segunda Commissão, que recorreu a processos de investigação mais rigorosos ; fez esquadrinhar e mesmo despir os mediums, por senhoras, bem entendido ; ouviu-se sempre estalidos ou pancadas na mesa, viu-se moveis em movimento ; teve-se resposta a todas as questões, mesmo mentaes ; nada havia nisso de ventriloquia, de subterfugios ; nenhuma fraude foi possivel encontrar. Essa Commissão apresentou um laudo, mais favoravel ainda que a primeira, sobre a perfeita bôa fé dos espiritos e sobre a realidade do incrivel phenomeno. E' impossivel diz a sra. Harding, descrever a indignação que se manifestou ante esta segunda decepção.

Uma *terceira* Commissão foi escolhida entre os mais incredulos e mais motejadores. O resultado d'esta investigação, ainda mais ultrajante para as duas pobres jovens que as anteriores, confundiu mais os seus detractores.

O ruido do insuccesso deste exame supremo espalhou-se pela cidade.

A população exasperada, julgando ter havido traição dos commissarios e connivencia destes com os impostores, declarou que se o laudo lhe fosse favoravel, lyncharia os mediums e seus advogados. As jovens, apesar de seu terror, escoltadas por sua familia e por alguns amigos, não deixaram de apresentar-se na reunião e pediram lugar no estrado da grande sala, decididos todos a perecer, se isso fosse necessario, martyres de uma impopular mas incontestavel verdade.

A leitura do relatorio foi feita por um membro da Commissão que havia jurado descobrir a tramoia ; elle porém viu-se obrigado a confessar que a causa das pancadas, apesar das mais minuciosas pesquizas, era-lhe desconhecida.

Immediatamente produziu-se um tumulto medonho; a população quiz lynchar as jovens, e o teria feito, se não fosse a intervenção de um americano chamado Georges Villets, que fez do seu corpo um escudo, e induziu a multidão a sentimentos mais humanos.

Vê-se por esta narração, que o Espiritismo, desde o seu inicio, foi severamente estudado.

Não foram sómente os visinhos, mais ou menos ignorantes que certificaram o facto então inexplicavel; foram as Commissões regularmente nomeadas que, após minuciosos inqueritos, viram-se obrigados a reconhecer a authenticidade absoluta do phenomeno.

A perseguição faz, como consequencia, angariar adeptos para as idéas que combate. Eis porque poucos annos depois, em 1850, contavam-se já milhares de espiritas nos Estados Unidos.

A imprensa, como sempre, não encontrou numero sufficiente de sarcasmos para vomitar contra a nova doutrina. Ridicularisava as mesas girantes e os Espiritos batedores, e não havia nenhum escrevinhador de jornaes e nenhum sorumbatico ammanuense que não se désse por autorisado a criticar esses allucinados que acreditavam sinceramente que a alma do seu proximo pudesse erguer o pé de um movel.

Emfim, a mania de fazer girar as mesas, propagou-se rapidamente. Difficilmente pode-se hoje figurar a predilecção de que essas experiencias foram objecto durante os annos de 1850 a 1851.

Todas essas investigações fizeram conduzir á nova crença homens de reconhecida autoridade moral e intellectual.

Escriptores, oradores, magistrados, prelados illustres acceitaram o facto e a causa da doutrina escarnecida; missionarios eloquentes puzeram se em viagem; escriptores fundaram jornaes, editaram brochuras que, espalhados em profusão, impressionaram a opinião publica e abalaram as prevenções.

A proposito das jovens Fox, diversos scientistas, entre os quaes sir Robert Dale Owen, cuja reputação de sabio e de escriptor ninguem pode contestar, publicou, em seu livro «*Região em Litigio, entre este mundo e o outro*», importantes sessões que fez com estes mediums, cujos resultados — materialisações, transportes, photographias, são outros tantos documentos incontestes da sobrevivencia.

Em memoria dessas abnegadas heroinas, já fallecidas, Kate em 1892 e Margarida em 1903, a gratidão dos espiritas norte-americanos fez erigir um singelo monumento no cemiterio da Collina dos Cyprestes, em Brooklyn New-York, onde repousam as suas cinzas, com uma inscripção allusiva ao seu papel e á sua missão no movimento do Moderno Espiritismo.

A casa humilde de Hydesville, cujo cliché publicamos, tornou-se um centro de reunião, onde cada anno os espiritas americanos celebram o nascimento do Espiritismo.

A *Revista Internacional do Espiritismo*, que commemora hoje a data de 3 de outubro de 1804, não podia deixar passar desappercebido aos leitores este pallido resumo, da historia do Espiritismo, que ficará gravado cada vez mais no coração d'aquelles que tiveram a felicidade de estudar e comprehender a verdadeira Doutrina da Vida Eterna.

O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surge de todos os pontos do globo pela voz daquelles que já viveram na terra. Tornando evidente o que era obscuro, elle põe termo ás interpretações erroneas e deve conduzir os homens a uma mesma crença, pois que só existe um Deus, cujas leis são identicas para todos. Elle assignala emfim a era dos tempos predictos pelo Christo e os prophetas.

A VOLTA DE OSCAR WILDE

(*Continuação*)

DA REVUE SPIRITE

Nas mensagens de que nos occupamos, a intellectualidade de Oscar Wilde resalta de uma maneira literalmente completa, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Nota-se nestes ultimos o timbre que tinham no seu temperamento de homem e de escriptor. Vê-se, effectivamente, sobresahir nelles a estima, sem limites, que elle votava a si mesmo como autor, o despreso não justificado pelas producções literarias dos outros e a maneira caustica, epigrammatica e impenitente com que os desbancou.

Pode dizer-se outro tanto de suas raras boas qualidades, que se encontram inalteraveis, nas mensagens, como tambem nellas se nota o culto extraordinario, quasi morbido, que elle rendia ás bellezas da natureza e da arte, assim como a sua extranha sensibilidade affectiva pelas «palavras» em si mesmas. Estes sentimentos, elle os exprime nas mensagens, como o fazia quando vivo, com um ardor e cores inimitaveis.

Não nos seria possivel citar trechos dessas mensagens literarias sem apoucar a sua efficacia. Com effeito, para apreciar os traços de espirito e de ironia com que Oscar Wilde flagella os autores de seu tempo e para comparal-o com tudo o que ha de analogo nas suas obras, seria preciso conhecer a fundo a producção literaria de Oscar Wilde e a literatura ingleza contemporanea.

Observarei, antes, que a parte critico-literaria das mensagens foi precisamente a que maior impressão produziu na Inglaterra com relação á identidade pessoal do communicante.

Foi graças a essa identidade que as mensagens tiveram larga acceitação nos meios literarios inglezes. E a esse respeito, é bem digna de registro uma outra circumstancia interessante no ponto de vista capital da identidade de pensamento e de intellectualidade entre o autor das mensagens e o finado Oscar Wilde. E' que entre os homens de letras que têm analysado as mensagens, nenhum houve que pensasse em levantar duvidas sobre ellas, o que mostra até que ponto essa identidade pareceu a todos evidente e incontestavel. Apenas um critico subtil, muito exigente, observou que algumas se pareciam muito com a prosa de Oscar Wilde, mas de um Oscar Wilde que não estivesse mais na plenitude de seus meios.

A Sra. Travers refere-se a esta objecção no trecho seguinte :

> «Na leitura dessas mensagens, nota-se que o communicante não cessa de alludir ao estado de perturbação a que estão sujeitas, no Além, as victimas das convenções sociaes.
>
> Parece bem que Oscar Wilde nada perdeu do seu orgulho e do seu egoismo, mas lastima-se, por vezes, da perturbação que soffreram os seus sentidos e da falta de luz e de côr. Elle escreve : «A minha intelligencia actual pode ser comparada a uma fechadura enferrujada na qual a chave gira com difficuldade, rangendo e estalando.»
>
> De outra vez, observa : «A minha intelligencia não é mais tão agil e tão alada como era em vida.»
>
> Mais tarde, elle fala, com desafogo, das claraboias de sol, que lhe foi dado descortinar por meu intermedio e que o salvam de ficar completamente mofado no meio em que se encontra. A esse respeito observo que houve criticos que objectaram que essas mensagens mediumnicas não revelam toda a perfeição que se encontra nas melhores prosas de Oscar Wilde. Ora, eu acho que os criticos que exigem do finado Wilde um estylo improvisado, mantendo-se á altura das suas melhores obras, nenhuma idéa fazem das difficuldades em meio das quaes se produzem as communicações mediumnicas.
>
> Além disso, não devemos esquecer que Wilde acabou os seus dias

em completa ruina, presa de todas as decepções e amarguras.

Pode-se accrescentar que mesmo no Além elle se encontra evidentemente em condições muito precarias, correspondentes á vida que aqui viveu.

Levando em conta tudo isso, poderemos razoavelmente exigir que os seus mais brilhantes momentos de escriptor, no decurso da sua existencia terrestre, possam manter-se ainda inalterados e que aquella sua ponta de ironia deva mostrar-se tão fina como pelo anno de 1890? Seja como fôr, penso que mesmo que devessemos acceitar o ponto de vista de certos criticos, isto é, que o genio de Wilde se mostre deprimido e que a lamina da sua ironia pareça menos afiada que outrora, tudo isso em nada diminuirá a enorme importancia do facto de se ter produzido, mediumnicamente, alguma cousa de tão identico no estylo de Oscar Wilde, que impõe a quem quer que seja o dever de apreciar e discutir este caso. Emfim não devemos esquecer que a producção do estylo pessoal de um morto é dupla pela reproducção calligraphica do mesmo, circumstancia, esta ultima, que traz grande efficacia demonstrativa em favor da hypothese, segundo a qual nos achamos, effectivamente, em presença de um caso de uma personalidade espiritual que sobreviveu á morte do corpo.

Em verdade, é preciso um grande esforço de imaginação para crer que a memoria do subconsciente de um medium, em consequencia de um possivel olhar fugaz lançado, distrahidamente, a um escripto de Wilde pela personalidade consciente do mesmo medium, consiga dictar centenas e centenas de paginas nas quaes se não encontre uma palavra que não esteja escripta na calligraphia do morto.

A Sra. Travers Smith frizou bem o grande valor theorico que traz, em favor da interpretação espirita dos factos, a prova de identidade de calligraphia, como demonstração cumulativa. Do mesmo modo, não será certamente inutil relembrar tambem o valor theorico que dá á mesma interpretação a outra prova cumulativa dos numerosos incidentes veridicos fornecidos pelo communicante a respeito de sua existencia terrestre — incidentes, em grande parte, ignorados dos mediums.

Quanto á objecção, a que se responde no trecho citado, não pensamos que seja necessario accrescentar outras considerações ás que fez a Sra. Travers Smith, tão cerradas e completas, além da observação de que seria talvez opportuno insistir mais a respeito das difficuldades psycho-physiologicas, inevitaveis, que se apresentam á personalidade de um instincto, que deseje transmittir o seu pensamento aos vivos por intermedio do cerebro de outro. Seria opportuno insistir nesse ponto porque o facto de terem sido essas enormes difficuldades superadas com successo, no caso em questão, é o que admira, sobretudo, as pessôas competentes na materia, pois sabem quanto é raro a personalidade de um extincto conseguir triumphar dellas.

A experiencia mostra que se, em geral, uma entidade espiritual se acha, mais ou menos, em condições de fornecer boas provas de identificação, referindo-se a episodios de sua existencia terrestre, bem raro é que se consiga reproduzir a sua calligraphia e, principalmente, revestir o pensamento do seu estylo especial e fazer emergir, através do estylo, a sua propria personalidade intellectual. E' cousa que parece inevitavel, pois, geralmente, as personalidades dos mortos transmittem, telepathicamente, o seu pensamento aos centros cerebraes de ideiação dos mediums, que não podem deixar de revestil-o, subconscientemente, dos recursos de lingua e de estylo de que dispõem. E' verdade que em outros casos menos frequentes, parece, ao contrario, que as personalidades que se manifestam utilizam directamente o material de lingua e de estylo que acham disponivel nas reservas mnemonicas do cerebro dos mediums, mas, em qualquer caso, é claro que, mesmo nessas circumstancias, a entidade que se manifesta não poderia aproveitar senão o que encontra nessas reservas.

Estas considerações demonstram a grande importancia que tem a cultura geral dos mediums, com mais ou menos idoneidade para se tornarem bons instrumentos transmissores ao serviço dos espiritos que se querem communicar. Já vimos que a Sra. Travers Smith recebera de seu pae — professor de literatura ingleza na Universidade de Dublin — uma profunda educação literaria ; é por isso que ella se mostra um excellente instrumento mediumnico para a transmissão do pensamento de um homem de letras. Na pagina 90 de sua obra, a Sra. Travers Smith observa que, se é certo que Oscar Wilde foi o mesmo a manifestar-se por differentes mediums, com nenhum delles procurou elle fazer critica literaria ; esta poude desenvolver-se livremente pela mediumnidade que lhe era propria, quando operava sozinha. Ora, é claro que isto poude produzir-se porque o communicante tinha encontrado sómente nella o instrumento cerebral apto para esta difficil tarefa ; ou, por outros termos, porque os outros mediums não teriam podido fornecer o material bruto da lingua literaria e da cultura especializada de que necessitava um espirito communicante que tinha a intenção de revestir o pensamento de uma fórma literaria e discutir questões literarias. Devemos, todavia, observar que tudo contribue para demonstrar que o communicante utilizava unicamente o material bruto existente nas reservas memonicas da medium, e bem assim o senso do estylo literario, finamente educado nella, e não os seus conhecimentos e opiniões pessoaes. Isto está provado pelos «ensaios criticos» do communicante concernentes, muitas vezes, a obras que os dois mediums nunca tinham lido, e quando se referem a obras lidas pelos mediums, então os julgamentos do communicante são oppostos ás opiniões pessoaes dos mediums. A Sra. Travers Smith teve de assistir á derrocada impiedosa dos escriptores que ella mais apreciava.

Eis como Oscar Wilde explica a maneira pela qual transmittia o seu pensamento á medium : Durante uma sessão em que a Sra. Travers Smith estudava sozinha e experimentava com o apparelho «Oui-já», a personalidade do poeta manifesta-se. A medium dirige-lhe então esta pergunta : «Porque me escolhestes para medium ?» Responderam-lhe :

> Minha cara Sra., a cousa não é tão facil de explicar. Já vos disse que tinha olhado para vosso mundo, por diversas vezes, através dos olhos de mediums pertencentes a varios paizes, isto para me encantar ainda na gloria do vosso sol. Deste meio sombrio, onde me encontro, já tinha desejado, muitas vezes transmittir o meu pensamento a alguem da terra que estivesse apto a comprehender uma mentalidade identica á minha : imaginativa, fantastica, desejosa até de soffrer, de concentrar toda a belleza em palavras. Procurei por varias vezes um «frasquinho» capaz de conter a essencia de minhas idéas, porém, até o dia em que consegui arrebatar o lapis da mão de um espirito que se esforçava para se communicar por intermedio do instrumento (isto é, do medium V., que Wilde designa constantemente por aquelle nome), até esse dia nunca tinha encontrado o cerebro de que necessitava. Comprehende-se que se querem que eu fale aos vivos na forma que me era pessoal, em vida, é indispensavel que eu encontre um cerebro literariamente capaz para nelle actuar. Tenho necessidade de um orgão cerebral que permitta filtrar-se por elle o meu pensamento como a areia finissima de uma ampulheta se escôa através do pequeno orificio deste apparelho. E não somente se torna necessario que este cerebro seja translucido, senão tambem que eu ache nelle o material necessario para exprimir as minhas idéas. Eu posso empregar a mão do «instrumento», (isto é, do Sr. V.) de maneira a fixar no papel a minha calligraphia ; mas o seu cerebro não me serve de modo algum. Se eu tentasse servir-me delle, as minhas idéas ficariam ali presas como as moscas a uma solução gommosa (pags. 35, 36).

Em dada occasião em que a medium se sentia muito cançada, Oscar Wilde observa :

> Encontrei-vos menos sensitiva ás minhas idéas do que do costume ; de qualquer maneira, mesmo quando estais cançada, ficais sempre uma perfeita «harpa eólea», respondendo maravilhosamente ás vibrações do meu pensamento.

E mais adiante :

> Vós possuis o senso do estylo ; é por isso que me servis muito bem para revestir o meu pobre pensamento de uma forma adequada (pag. 40).

Elle queixa-se, por vezes, de encontrar no cerebro da medium palavras e imagens vulgares. Eis, a proposito, um curioso trecho no qual o communicante tinha começado a falar, romanticamente, da lua. A mão da medium escreve o que se segue:

> Breve, a lua se erguerá no horisonte do vosso mundo e ahi apparecerá suspensa no ar, como uma grande forma de queijo dourada . . . Parae ! Parae ! Parae ! Esta similitude é intoleravel. Escreveis como um pretencioso taverneiro, ricaço, que tivesse passado da venda do toucinho, a escrever versos. Eu tomo as palavras do vosso cerebro, taes como nelle as encontro. Vamos começar de novo. . Como um grande *melão* dourado suspenso no azul profundo da noite... Esta similitude é melhor, posto que seja muito rustica ; em summa, ella pode passar, porque eu adoro a vida rustica. (pag. 7).

Os episodios citados, como muitos outros contidos nas mensagens, confirmam, sobremodo, o que já de ha muito se conhecia, isto é : que, muitas vezes, as personalidade dos que partiram empregam o cerebro do medium como o teclado de uma machina de escrever, tendo innumeras teclas. Se é certo que isto se pode comprehender, pela imaginação, até um certo ponto, não se pode penetrar neste assumpto de uma maneira intelligivel para nós, — o que, de resto, era de presumir mesmo «á priori», pois que modalidades totalmente differentes de actividade psychica devem forçosamente corresponder a uma modalidade de existencia qualitativamente differente.

Observam-se, não obstante, nas mensagens de Oscar Wilde outras formas de percepção espiritual, por assim dizer «synthetica», que, sendo visinhas da que se discute, auxiliam um pouco a comprehendel-a.

A Sra. Travers Smith tinha notado que Oscar Wilde fazia a critica não sómente do autores do seu tempo, como tambem daquelles que appareceram depois da sua morte, e que elle, portanto, não tinha conhecido ; e o enigma se complicava ainda pelo facto de, as mais das vezes, os mediums tambem não tinham lido os livros sobre os quaes o communicante exercia a sua critica. De onde sacava, pois, esses conhecimentos o espirito de Oscar Wilde ?

Eis como elle explica ao medium esse mysterio .

«Tal como o cégo Homero, vou errando pelo mundo á procura de olhos para ver, e chego a ver, effectivamente, por vezes, através do véo escuro das trevas que me cercam. Tudo isto com o auxilio dos olhos de vivos, que ignorarão sempre o mysterio da minha intrusão na sua existencia ; e fico, assim, em condições de contemplar, ainda uma vez, o vosso bello mundo. Tendo tido janellas de visão renovada nas mais differentes localidades da Terra. Pelos olhos do rosto tisnado de uma moça Tamala, contemplei, longamente, as plantações da Ilha do Ceylão ; pelos olhos de um Kurdo nomade vi o monte Ararat e a tribu dos Yézedas, que adoram, ao mesmo tempo, a Deus e a Satan e apenas amam as cobras e os pavões. Uma vez, em um vapor de viagem de recreio a Saint Cloud, vi as verdes aguas do Scena e o panorama de Paris, este pelos olhos de uma menina, que nada comprehendendo do que se produzia, aconchegava-se á sua mamãe, chorando, amedrontada. Ah! como são preciosos esses instantes de visão ! Elles constituem as estrellas da minha noite, as joias faiscantes do meu escrinio de trevas ; são o nectar sonhado da minh'alma sequiosa, e eu daria bem todo o meu renome para a acquisição desse thesouro incalculavel. Olhos ! Olhos ! Que pode fazer um homem, tendo perdido os olhos ?... Que não daria eu para recuperal-os ?... Ficareis talvez surpresa sabendo que do mesmo modo, pude mergulhar-me, profundamente, nas obras dos autores do vosso tempo. Naturalmente, não tomo conhecimento de toda a colheita, limito-me a apreciar as premissas da vindima. Vós todos ainda tendes muito que aprender a nosso respeito (pag. 17-18). E' sem duvida, um processo curioso. Eis como opero : Vigio, esperando uma bôa occasião ; assim que esta se apresenta, aproveito o momento opportuno e mergulho-me na mentalidade do escriptor, colhendo as impressões que desejo, e que são geralmente de natureza collectiva (pag. 20).

Em outro logar das suas mensagens, elle precisa ulteriormente nestes termos :

> Estou apto a esquadrinhar nos cerebros dos autores e aprehender collectivamente e de uma maneira fulminante o que merece ser observado em suas obras (pag. 178).

Emfim, uma vez que a medium perguntára : — «Que pensais dos versos de Sitwells ? Lestes-os ?» elle respondeu :

Não os conhecia, pois não quero desperdiçar meu tempo precioso a apanhar rãs. Mergulho-me exclusivamente na mentalidade daquelles que têm um certo merito e não desço a olhar abaixo de um certo nivel.

ERNESTO BOZZANO.

(Continúa)

O objectivo essencial do Espiritismo é o melhoramento dos homens. E' preciso não procurar n'elle senão o que pode auxiliar o progresso moral e intellectual.

A. K.

MADAME RUFFINA NOEGGERATH

Mme. Ruffina Noeggerath é autora da importante obra «A Vida de Além Tumulo», que consta de 2 grossos volumes in-8.º, com 450 paginas cada um. «Bonne-Maman», assim chamavam-n'a pela sua excessiva bondade. Era ella a decana dos espiritas parisienses. Rica e bella, Mme. Noeggerath, aos quarenta annos assistiu o naufragio de toda a sua felicidade. Viuva, completamente arruinada em suas finanças, encontrou no Espiritismo a consolação para as suas afflições e tornou-se uma fervorosa propagandista desta Doutrina. Dotada de grande actividade e de não menos vigor intellectual, Mme. Ruffina reunia em Paris, em sua sala, semanalmente, pensadores, escriptores e artistas que se interessavam pelos estudos psychicos. Ella os inspirava com os seus poderes admiraveis e guiava-os com os seus conselhos. Excessivamente boa e caridosa, dedicava grande parte do seu tempo a soccorrer e consolar os desgraçados e principalmente as pobres viuvas que procuravam diariamente sua casa para obterem a consolação e a esperança que as sustentava durante o tempo que devia durar a dolorosa separação do ente querido.

⁂

Solicitada por M. Malgras para dizer algo sobre o Espiritismo, Mme. Noeggerath, dirigiu a este publicista em 23 de janeiro de 1905, a seguinte carta que foi publicada no livro — «Pionniers du Spiritisme en France» :

— «O Espiritismo me parece ser a solução mais logica e a mais satisfactoria dos grandes mysterios que procuramos penetrar.

A pratica do Espiritismo é simples, como tudo o que é sublime e verdadeiro. Para comprehendel-o, ouçamos o que diz Jesus, o mais poderoso dos mediums, pois Elle possuia todas as mediumnidades :

«Não procureis as synagogas, nem as assembléas numerosas; reuni-vos tres ou quatro ; fechai-vos no vosso aposento e chamai-me que virei».

Mas a Igreja tendo, com Constantino, decretado ser Jesus Deus, chamou milagres a todos os seus bellos phenomenos, milagres fóra dos poderes humanos.

Allan-Kardec appareceu.

Este genio se incarnou como um simples mortal para nos provar que os homens possuiam os meios naturaes de obter pelos factos as provas da sobrevivencia, da evolução progressiva de todos os seres e da communicação entre os vivos e os mortos ; e repetiu as palavras de Jesus : — «Não busqueis as egrejas, as grandes assembléas ; reuni-vos tres ou quatro em vosso aposento, chamai os espiritos amados e elles virão».

De facto elles tem vindo por intermedio dos mediums que sabem cumprir nobremente a sua missão.

Eduquemos moralmente os mediums, desenvolvamos suas faculdades, estabeleçamos entre elles e nós uma corrente de sympathia e de confiança. Saibamos amar, e o que o nosso coração pedir havemos de obter. Innumeras sessões têm provado esta verdade.

Aos sabios, eu digo : alargae os vossos horisontes !

Faço um appello aos sabios, mas aquelles que têm independencia de caracter para proclamar a verdade ; aos que comprehendem que as honras da terra desapparecem, para os que ambicionam a gloria por toda a eternidade. A estes saudamos com o maior respeito !

. . . .

Resumimos aqui os Ensinamentos das Intelligencias superiores, interpretados por mediums de diversos paizes e em numerosas sessões :

O homem é o artifice do seu destino. Elle se instrue e eleva-se pelas reincarnações successivas. Em suas primeiras apparições na humanidade, tendo atravessado todos os reinos da natureza, sahindo da animalidade, o espirito é ainda irresponsavel. Corrigido pelo soffrimento — consequencia do mal que praticou — elle entra em um progresso mais rapido pela separação. A felicidade que faz é a sua recompensa.

MME. RUFFINA NOEGGERATH

O fél, a raiva que devoram o seu coração o prendem ao odio e á inveja ; a insomnia que lhe causa a visão de suas más acções descobertas, eis a humilhação ; as noites do assassino são povoadas de imagens terrificantes. Tudo está nelle. Elle é o seu proprio juiz. Não existe o Deus vingador, nem os supplicios eternos. Nada de graças, nem de indulgencias. Nada de maldições do «Deus que sempre persegue—sempre e sempre!!»

Nada de condemnados.

O progresso é uma lei immutavel para todos. Deus é a alma universal, o principio da vida, o amor que o nosso cerebro pequenino não pode conceber.

O infinitamente pequeno não pode explicar o infinitamente grande.

O Ideal almejado é uma promessa que se realisa.

O mal desapparece ; elle não é senão o começo do bem, a grandeza d'onde sahirá o diamante.

As trevas se desvanecerão penetradas pelos raios da luz.

A planta sahe da terra ;
A borboleta sahe da crysalida ;
O passaro do ovo ;
A criança das entranhas da mãe ;
Tudo vae para a luz !

As festas do tornar a encontrar-se são innenarraveis!

Que a sciencia e o amor se unam para salvar a humanidade !»

* * *

A obra de Ruffina Noeggerath que, como dissemos, comprehende dois grossos volumes, trata da *sobrevivencia, sua realidade, sua manifestação, sua philosophia*, é um repositorio enorme de communicações obtidas durante vinte e quatro annos successivos.

Esse livro é prefaciado por Camille Flammarion, que elogiando a autora faz um longo exordio sobre a necessidade do estudo e da experimentação para resolvermos, cada um, com conhecimento de causa, o problema que mais affecta a nossa felicidade.

Dentre as bellissimas communicações inseridas em tal livro, vamos transcrever, para conhecimentos dos leitores, a de «Um pescador», que parece bem interpretar o pensamento do Apostolo Pedro. Ella se inspira no trecho evangelico de S. Matheus - I, 17 : ‹Segui-me e eu vos farei pescadores de homens».

— ‹Minha barca deslizava suavemente ao impulso dos meus remos ondeando com graça as aguas do rio, detendo-se em sitios em que eu sabia abundarem os peixes e onde eu atirava com presteza a minha rêde. A noite era tranquilla e estrellada; unicamente as ondas mesclavam seu murmurio com o rithmo cadencioso dos meus remos.

O silencio, a soledade no meio das aguas inspiram extranhas idéas. O pescador, costeando as margens floridas, agrada-o contemplar a verde junça e a folhagem das arvores dormitando ao furtivo beijo da luz das estrellas que se aproveitam da noite para contemplar a natureza! Oh! quanto eu amava a noite! Quanto amava sua calma profunda, a soledade imponente de tudo o que durante o dia brilha com os esplendores do sol. N'aquella soledade eu sentia viver melhor; sonhava, e o pescador chegava a ser philosopho.

A's vezes sobre a margem divisava um pobre polichinello dormindo. Era um desgraçado sem patria e sem casa que atrahido pelo murmurio das aguas, ali se havia aproximado para matar a sua fome.

O pescador via tambem frequentemente algum poeta, algum sonhador que preferia viver de noite.

Para elle a noite, sua musa amada, tinha azas de ouro e uma frente pura e serena, e uns olhos de azul celeste, doces e brilhantes. Parecia-lhe mais bellas todavia illuminada pelos raios da sua alma, emquanto que o sol dos céos deixava com a sua ausencia estender-se a noite sobre a terra.

Quando interrompendo aquelle silencio minhas redes cahiam secretamente n'agua, o poeta olhava-me com um sentimento de terna piedade e sua musa dictava versos ao pobre pescador.

O pescador philosopho bem via tudo aquillo e muitas outras cousas.

Seguindo a corrente do rio eu chegava debaixo das janellas dos palacios; escutava os alegres cantos, os rumores de festas; via resplandecer centelhas de mil luzes que ciciavam-me e eu perguntava a mim mesmo: haverá ahi mais felicidade do que a que eu encontro ao regressar á minha cabana de pescador? Serão mais felizes esses loucos arrebatados pelos torvelinhos do baile? As embalsamadas flores que enfeitam as mulheres, não esconderão alguma serpente que morderá o coração da rainha da festa?... Quem sabe se a minha pesca irá amanhã ornar a mesa dos senhores desses palacios e satisfazer seu paladar. Pouco se lhes dará do pescador que do intimo de sua alma canta seu amor, sua soledade, sua liberdade sob o grande céo e sua indifferença para as festas de uma felicidade ficticia. A felicidade intima que sinto é divina! Está em minha alma tranquilla que se eleva

Photographia tirada por um redactor de «Le Matin» alguns dias antes de sua morte.

para o Eterno que encaminha os peixes para a minha rêde, que faz desabrochar as flores, e que dá a noite para o descanço dos trabalhos do dia.

Então eu fazia uma invocação de piedade para os grandes deste mundo... e minha barca deslisava sempre dirigindo-se aos sitios mais pescados. Quando regressava ao meu modesto lar, encontrava minha mulher e meus filhos que no meu collo e em redor de mim, me acariciavam.

. . . .

Mas agora eu não sou mais o pescador de rio. *Minha pesca chegou a ser prodigiosa.* A mesa em que se servem os seus productos, se chama a mesa do progresso, ante a qual a Grande Alma se regosija da regeneração dos homens. Minha pesca é prodigiosa porque cheguei a ser «Pescador de homens !»

Eu vi a Jesus, o divino, o sublime! Vi em sua gloria a Jesus, o pescador de almas ! E animado por um sentimento que nada poderia descrever, volto á terra para me fazer pescador de homens e seguir as pisadas do Jesus-Amor, do Jesus o pescador divino.

Ah ! que felicidade ser pescador de homens e abrigar a esperança de chegar a ser algum dia como Jesus, que foi sobre a terra o que pescou mais almas para servir ao progresso Eterno !

⁂

Mme. Ruffina Noeggerath falleceu a 15 de abril de 1908, com a edade da 87 annos.

O *cliché* n.º 2, que reproduzimos, é a copia de uma photographia da illustre espirita tirada por um redactor de *Le Matin* alguns dias antes do seu passamento e por occasião de uma entrevista que solicitou a Mme. Ruffina sobre os phenomenos mediumnicos, e cuja resenha foi assim publicada em referido jornal ;

— «A morte não existe. Tudo é evolução e esforço para a luz e para a liberdade.

Assim com uma voz cheia de emoção extasiada, me fallava hontem Mme. Noeggerath, que seus amigos consideram a decana dos espiritas.

No claro-fusco de um pequeno quarto, rua Milton, Mme. Noeggerath revelava um semblante placido e fino que a crueldade paciente de 87 annos não conseguio macular. E ella falava com uma vóz mysteriosa que por vezes elevava até ás entonações da préce, das cousas maravilhosas. Sua vida inteira achava-se presa aos mysterios do Além, que desvendava, como tantas vezes fizera para consolar os que soffrem e desesperam, porque na sua humilde morada, affluiam diariamente infelizes que vinham implorar uma palavra bôa, um allivio para suas dores.

Para Mme. Noeggerath, o mysterio não existe. Ella evolue com uma certeza perturbadora nas especies interplanetarias e nenhuma duvida consegue embaraçal-a.

Sim, repetia ella, a natureza tende irresistivelmente a se liberar da obscuridade, para se transformar na luz. Vêde o grão que sahe das trevas do humus, vêde a borboleta que bate as azas, vêde o passaro que quebra o ovo para elevar-se ao azul. Para o homem acontece o mesmo : em suas vidas successivas, elle progride, com mais ou menos presteza, segundo o gráo de amor que sabe conquistar, para uma humanidade mais elevada e menos material, para os planetas superiores...

Emfim, continúa *Le Matin*, ella estava assentada em seu leito, que já ha um mez guardava, mas parecia ainda forte ; sua doce figura era como que espiritualisada. Mantinha todas as suas faculdades intellectuaes. Fiquei maravilhado quando ella me disse : «Eu sei que vòs estaes sempre na duvida, mas procurai sinceramente a verdade. Demais que importa o Espiritismo ? O que importa é comprehender que o homem, como toda a creação, obedece ás leis da evolução.»

Traçando o necrologio de Mme. Ruffina, disse Léon Denis : «A vida desta mulher é uma maravilha : sem desfallecimentos ella consagrou 40 longos annos ao cultivo das verdades espiritas, ainda desconhecidas ou repudiadas por muitos, estas verdades que pertencem ao futuro porque se apoiam na sciencia experimental, na philosophia e na mais alta e pura moral.»

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

IX

(Continuação)

Ao relato feito no artigo anterior, será util juntar alguns pormenores, que por motivo de escrupulo scientifico, entendi dever emittir, mas que foram recolhidos pelos meus companheiros da sessão e principalmente por M. Bozzano que os publicou na sua obra já citada.

Esses pormenores referem-se ao ultimo episodio e precisamente á mulher que tinha nos braços uma creança, cuja edade parecia ser de cerca de tres annos.

Ora, emquanto todos viam perfeitamente a coifa, guarnecida de rendas, e que cobria completamente os cabellos da mulher, pôde reconhecer-se tambem que esta coifa terminava em duas pontas de fita côr de rosa, que vinham atar-se sobre o mento.

A presença da fita colorida não foi reconhecida por mim (e é a razão do meu silencio): mas recordo-me muito bem ter visto uma especie de mancha côr de rosa por baixo do queixo, mancha que julguei ser na propria pelle.

Devo accrescentar tambem, que, em virtude da posição que occupava, só me era possivel, contrariamente aos outros assistentes, observar obliquamente a parte antero-lateral direita do pescoço da forma materialisada.

Uma outra particularidade, que julguei inutil mencionar no meu relato, é a seguinte, integralmente extrahida do relatorio de M. Bozzano: «O interesse que em nós suscitára todo o quadro maravilhoso, concretisado na nossa presença, quadro vivo, real, exprimindo com uma espontaneidade de actos e de movimentos as mais caras affeições e sentimentos da vida domestica, foi tal, que, apenas retiradas as apparições para traz das cortinas, quizemos a proposito pedir esclarecimentos a personalidade mediumnica de John.

E logo este respondeu pela bocca do medium, mergulhado em estado de transe, por esta maneira: «A fórma de mulher era a mãe de Mme. Avellino, e a creança que tinha nos braços era seu netinho, filho de Mme. Avelino.

Mme. Avellino, a unica entre os seus parentes assistentes á sessão que se recordava de sua mãe, morta ainda nova, não pôde reconhecer-lhe a similhança, por causa da posição lateral e posterior, que como eu, occupava; todavia recorda-se d'uma circumstancia muito interessante; e é, que sua mãe nos ultimos annos da vida, tinha o costume de usar na cabeça uma coifa guarnecida de rendas, que, segundo o estylo do tempo, se atava por baixo do queixo com fitas côr de rosa.

Quanto á creança, não pôde identifical-a, porque viu-a pelo lado da nuca.

Lembremos ainda, para ser precisos e completos, que durante as experiencias a machina photographica foi aberta diversas vezes por M. Montaldo, mas certamente por causa da luz insufficiente para impressão das chapas photographicas, estas só revelaram manchas esbranquiçadas de contorno indeterminado.

Sobre a ultima comtudo, appareceram duas manchas claras, que por sua situação, uma deante da outra, suppozemos poder corresponder ás formas da mulher e da creança, que observamos na quinta manifestação.

Ainda assim, por causa da imprecisão, entendemos não dever attribuir qualquer valor provativo ás photographias obtidas.

—

Aqui termina a exposição d'uma serie de episodios, que, nas condições e maneira por que se verificaram, prestam-se a deducções importantes.

Pelo que respeita á realidade das manifestações obtidas, seria inutil perder palavras superfluas.

Trata-se de phenomenos que se produziram á luz, n'um logar escolhido e por nós rodeado das mais rigorosas precauções, as quaes não attingiam apenas o logar das experiencias, mas tambem o medium e os seus vestidos.

E' comtudo opportuno examinarmos

um dos phenomenos mais salientes do caso actual, qual é o que se refere ao renovamento dos nós nos pulsos de Mme. Paladino, nós que o professor Morselli tinha desatado poucos minutos antes.

E a este proposito, devemos inquirir primeiramente, se por acaso o medium não teria podido atar-se sosinho.

O phenomeno é de tal modo extraordinario, que nos obriga a apreciar com o mais extremo rigor este importante argumento.

Procuramos ensaiar todos os meios, pelos quaes Eusapia teria podido atar-se, e não conseguimos aventar senão uma unica hypothese, mas essa mesma não resiste ás verificações que fizemos.

A unica supposição que poderia ser formulada, embora Eusapia se achasse em transe e estivesse amarrada ao leito por solidos laços na cinta e nos pés, é que ella podesse com as mãos livres, por meio de voltas numerosas e largas das cordas, atar as mesmas mãos ás barras do leito, primeiro d'um lado, depois do outro, approximando em seguida as extremidades, de maneira a poder praticar n'ellas uma grande quantidade de nós cerrados e depois introduzir ahi as mãos até aos pulsos.

Mas neste caso, os laços que verificamos, deveriam achar-se em condições muito differentes ; isto é, attenta a differença entre as dimensões da mão, mesmo cerrada, e as do pulso, não teriamos visto uma perfeita adhesão dos pulsos ás barras do leito, pelo emprego de laços circulares tão estreitos que ficaram marcados sobre a pelle, nem seria necessario dispender todo o trabalho e tempo empregados pelo Dr. Morselli, com o auxilio de um dos assistentes (M. Avellino, filho) para desprender as mãos das cordas.

A hypothese de que nos occupamos não é, pois, logicamente admissivel.

Excluida portanto a supposição de fraude, é facil concluir que tambem não devemos admittir uma illusão eventual dos sentidos.

A duração das apparições, o perfeito consenso de todos os assistentes quanto á sua existencia, a sombra por ellas projectada sobre as paredes da sala illuminada a gaz, repellem toda a possibilidade de hallucinação.

Uma das particularidades mais notaveis das materialisações observadas é que ellas appareceram e *ficaram visiveis durante algum tempo a uma luz de gaz tão intensa*, que permittia a leitura dos caracteres miudos d'um jornal, como o fez notar o professor Morselli.

Ordinariamente os adversarios objectam, que a phenomenalidade medianimica só póde obter-se na obscuridade. Como se vê, o caso actual é uma prova eloquente da possibilidade do contrario. As formas materialisadas que vimos, ficaram muito tempo sob a acção da luz, e só lhes foi necessaria a obscuridade do gabinete medianimico para se concretisarem antes de affrontar a luz.

Ora a razão desta resistencia só a podemos achar no excepcional desenvolvimento dos assistentes.

E' preciso mesmo a este respeito recordar uma circumstancia apontada já por M. Bozzano, a proposito da referida sessão, a saber, que faziam parte da assistencia duas senhoras, ambas dotadas d'um grande poder medianimico, e que por isso certamente contribuiam para reforçar a mediumnidade de Eusapia.

Póde considerar-se como demonstrado pela experiencia, que todos dispõem d'um certo grão de mediumnidade ; tambem se tem verificado, que ha faculdades medianimicas, que, quando combinadas, em logar de se reforçarem, se attenuam.

E' evidente que no nosso caso se trata de mediumnidades homogeneas, cuja somma deu em resultado de condições de meio, que permittiram ás formas materialisadas resistir á luz durante mais d'um minuto.

No caso presente, apezar da homogeneidade de meio e supremo grão de intensidade medianimica da parte de Eusapia, observamos que as formas materialisadas não sahiram completamente do gabinete, deixando apenas vêr uma parte d'ellas mesmas.

Notamos até, que a fórma de mulher, ao vir apoiar-se sobre a parte superior do piano, tinha o braço formado, mas incompleta a formação do ante-braço.

Tudo isto seria a confirmação do que acima dissemos, isto é, que com a mediumnidade de Eusapia, ao contrario do que se obtem com mediums bem mais poderosos n'esse sentido, mui raramente se podem obter materialisações completas.

E agora, antes de começar, como fizemos nos casos precedentes, a investigar a intelligencia que dirigia o phenomeno, é util estabelecer alguns factos.

Nas quatro primeiras apparições nenhum de nós pôde identificar pessoas que lhe fossem conhecidas em vida ; quanto ás duas ultimas formas simultaneas, representando uma mulher e uma creança, não podémos discernir bem os traços physionomicos ; somente se suppoz, pelas informações da familia Avellino e particularmente de Mme. Avellino, em virtude das circumstancias já mencionadas, que estas formas representavam sua mãe e um de seus filhos, fallecido na idade de tres annos.

Um dos assistentes julgou poder reconhecer na segunda forma materialisada Katie King, que appareceu a William Crookes com a mediumnidade de Florença Cook, e na terceira a forma de John, que se diz espirito guia de Eusapia.

Cumpre notar, que quanto a estas duas materialisações, nenhum dado typtologico, nenhuma palavra pela bocca do medium vieram confirmar essa supposição, fundada, quanto a Katie, n'uma certa semelhança com a photographia obtida por William Crookes, semelhança mais accentuada talvez na disposição das roupagens brancas, do que nas particularidades do rosto ; e pelo que respeita a John, pelo aspecto vigoroso, barba abundante e hombros largos, que a forma de homem apresentava — caracteres que correspondem ás impressões de contacto geralmente dadas por esta personalidade medianimica.

Dr. José VENZANO

(Continúa)

Chronica Extrangeira

O mundo parece se achar verdadeiramente convulsionado.

As revoluções physicas que precedem sempre as transformações espirituaes, agitam o nosso orbe levando o panico e a confusão nas populações.

Atravessamos a epoca mais critica da nossa historia. Todas as predições do Evangelho se cumprem ; um til, uma virgula, não tem escapado, e os Espiritos-Guias continuam a annunciar grandes provações para a humanidade, ao mesmo tempo que promettem o soccorro do Alto a todos os que souberem responder os seus apellos. E' assim que n'uma communicação publicada ha pouco por Léon Denis em *L'Aube Nouvelle*, diz o Espirito signatario da mensagem : «Acontecimentos que affectarão o mundo todo se preparam para o final deste anno, mas todo aquelle que tiver os olhos voltados para o alto, receberá uma especie de immunisação. A multidão ignorante affeita unicamente aos gozos materiaes, ficará sobresaltada. Os acontecimentos repercutirão no mundo physico, como no mundo moral. Seja na Inglaterra, na Russia, ao Norte, ao Meio dia, de todos os lados, fócos em fermentação provocam tempestades. Dois paizes da Europa têm que sustentar uma grande lucta nesse sentido. A Inglaterra e a França. A Inglaterra vai ser agitada por uma crise moral, economica, industrial e social. O descontentamento começa na classe laboriosa, mas a calma se restabelecerá graças ao espirito de methodo dos dirigentes e d'ahi nascerá o espirito de altruismo para consolidar as aspirações moraes. Para os inglezes a espiritualidade se manifestará.

Na França, as luctas intestinas provenientes do egoismo materialista, demorará o dispontar da espiritualidade. Começa a apparecer agora um punhado de homens que accionarão o movimento evolutivo».

Em outra mensagem diz o signatario : «Vos garanto o auxilio dos nossos amigos do espaço. Sereis protegidos no decorrer dos acontecimentos physicos e moraes que devem concorrer para uma relação contra o materialismo no vosso globo. Do espaço as forças se grupam para ensaiar a elevar as almas para a espiritualidade.

E' preciso que nós estabeleçamos correntes que desviem as moleculas materiaes e que têm provocado as desaggregações atmosphericas. Um grande numero de seres humanos perguntam se esses phenomenos são permittidos. Mas vós que vos achaes ao abrigo das fluctuações e das paixões nada soffrereis ; sereis os espectadores dos phenomenos annunciados : tremores de terra, erupções, tempestades».

Eis em suas linhas geraes, os avisos que foram transmittidos ao grande Apostolo do Espiritismo, em abril e junho do corrente anno e continuam a se repercutir por intermedio de outros Espiritos em todos os recantos do globo.

A MORTE MYSTERIOSA DO CAPITÃO JAMES

A *Revue Spirite* transcreveu do *Morning Post*, a interessante noticia que julgamos de utilidade passar para estas columnas.

«Nos enviaram um relato sobre uma mensagem espirita, graças á qual se sabe a sorte d'um piloto aviador desapparecido ha sete annos. O mysterio foi revelado recentemente e a solução confirma a mensagem. Eis os factos. Em junho de 1919, o capitão M. R. James, piloto canadense, que salientou-se durante a guerra, propoz-se a concorrer a uma importante corrida aerea, na America. Suas condições financeiras não lhe permittiam enfrentar as despezas, comprar um apparelho, mas o sr. W. de Burgh Whyte, residente em Londres «affiançou» o negocio. O capitão James acceitou a offerta, comprou-se o avião — um Sopwth Camel — e elle ganhou a corrida. Pouco depois, na mesma machina elle deixava o aerodromo de Boston com a intenção de voar até o Atlantic City. Em caminho, perdeu a direcção e fez a atterrisagem em Tyringham, Massachussets.

Passou uma noite nesta cidade e se proviu de petroleo. E' provavel que esse petroleo não fosse de superior qualidade tal como convinha ao bom funccionamento dos motores do avião. Dia seguinte pela manhã James partia e não mais se soube noticias d'elle.

«O sr. de Burgh White ordenou fazer-se pesquizas e sindicancias.

Diversas pessoas disseram ter ouvido barulho dum apparelho, mas, de facto, nada se apurou que demonstrasse verdadeiramente a sorte do infortunado aviador.

Comparando os diversos testemunhos chegou-se a conclusão que o avião, talvez pela falta de combustivel ou qualquer desarranjo no motor, cahiu no mar e o aviador perecera afogado. Esta explicação foi geralmente aceita, e não se fez mais investigações por se achar inutil.

«Mais ou menos um mez depois da desapparição do Capitão James, todavia, Mme. de Burgh White, com quatro pessoas amigas, realisaram uma pequena sessão espirita. Entre os assistentes achava-se o sr. Thomas Watson, negociante, e sua mulher.

Nenhum medium profissional se achava presente. Mme. de Burgh White, entrevistada depois, disse aos jornalistas que até esse momento ella não tinha senão experimentado superficialmente o phenomeno psychico. Ella julgava dever considerar a questão com certa indifferença, mas o que se produziu na sessão era de uma natureza tão notavel e projectava luzes tão vivas sobre os acontecimentos desconhecidos que a incredula reflectiu e absteve-se explicar os factos por um raciocinio commum.

«A sessão começou alguns minutos depois, que o nome do capitão James foi dado pela mesa, sendo seguido por este extraordinario dictado.

«O aeroplano cahiu nas florestas. Fazei pesquizas.» Visto a opinião que se havia feito sobre o accidente e a certeza que se tinha de haver o aviador cahido no mar, considerou-se a mensagem como absurda e, embora a resolução que se havia tomado, ficou resolvido fazer-se novas pesquizas. Destas resultaram o encontro com um individuo que se havia perdido nas florestas, na região de Pittsfield, e contou que nas alturas de Berkskire (Western, Massachussets) viu uns restos de aeroplano. O apparelho com certeza tinha ali cahido ha annos. Para provar o que disse, o homem acompanhou os encarregados da pesquiza, mas não acertando mais o lugar foi impossivel guiar os que o acompanhavam. Mas, devido a certas indicações, as autoridades americanas o interrogaram, e obteve-se a certeza que se tratava do aeroplano do infeliz Capitão James.

Entretanto o esqueleto do aviador não foi encontrado no local: Esta ausencia pode ser explicada pela hypothese de não ter o aviador morrido no local, mas gravemente ferido talvez se encaminhasse para qualquer lugar em busca de soccorro e perecesse retirado do local em que cahiu o apparelho, talvez em qualquer esconderijo da floresta.

As pesquizas continuam, mas o facto da mensagem espirita prevalece como uma verdade demonstrada ; as declarações do homem perdido na floresta tem permittido identificar, *sem contestação possivel* ser o mesmo avião, o que estava em pedaços, que cahiu com o Capitão James em 1919. Embora incompleta que pareça essa noticia, o facto espirita é incontestavel.

ESCRIPTA MICROSCOPICA

O professor Pawlowshi, da Universidade de Michigan, publicou no *Psychic Science* um relato illustrado da escripta microscopica do Dr. Sosen Myake, de Kioto (Japão), já descripta pelo Dr. W. F. Prince, no *Journal of the American*, da S. F. P. R.

O Dr. Pawlowski julga, no seu modo de entender, que o phenomeno é devido a uma actividade subconsciente, visto o Dr. Miyake ser dotado de uma vista normal.

A experiencia da escripta microscopica do Dr. Miyake foi feita na presença do Dr. Shimomura e de um grupo de scientistas. O Dr. Miyake utilisa-se de um pequenino pincel feito de pellos de gato. Elle escreveu uma serie de quatro caracteres chinezes e o unico movimento observado foi de alto para baixo. Suppõe-se que o pincel não chega a tocar no papel ; se tocasse os caracteres não poderiam ser assim tão pequenos. Quando o pincel está embebido de tinta, parece se formar na sua base como que um cone, que endurece-se exteriormente, do qual escorre um tenue fio de tinta sobre o papel ; quanto aos movimentos não dependem da vista do executor. Elle acha que se possuisse um instrumento do qual corresse continuamente a tinta, poderia escrever com os olhos vendados. Ao escrever elle vê lettras grandes que são observadas pela sua visão mental : tem sensação de que aquellas lettras não são formadas e escriptas por meio de movimentos musculares, mas sim que provém de qualquer cousa que se pode chamar : o poder do homem.

O Dr. Miyake escreveu uma vez 26 lettras do alphabeto inglez, que a olhos nús pareciam como um subtilissimo traço de penna.

Concluindo o interessante artigo, o Prof. Pawowski diz que, ao seu vêr, o maravilhoso dom do Prof. Miyake está em relação com os phenomenos psychicos.

O Prof. Richet inclina-se a crer que a inspiração do artista seja tambem um phenomeno psychico, e certamente a psychologia e a physiologia não podem dar explicação sobre o facto.

ANNUNCIO DE MORTE

Eis aqui um sonho narrado á *Psychica* por Mme. Segur, residente á rue de Maistre, 7, Paris.

Esta senhora, durante uma viagem que fez, hospedou-se num hotel, em Chaumont. Varias annos tinham se passado da morte de sua mãi, e ella nos dias correspondentes ao fallecimento de sua mãi nunca pensava nesta.

Em pleno somno, ella viu nessa noite uma tia com a qual havia cortado as relações.

— «Tu pensaste, disse-lhe a tia, no anniversario que lembra hoje ? Esta data será para ti uma dupla data anniversaria.»

Mme. Segur não ligou importancia no seu sonho, mas na sua volta a Paris, ella ficou sabendo que sua tia morreu justamente no dia em que sonhou com ella. De facto, na familia eram duas mortes a commemorar no mesmo dia.

UM PHENOMENO DE HANTISE

The Progressive Thinker, de Chicago, noticiou um caso exquisito da acção de um Espirito preso á terra por motivos especiaes. A narrativa é do seguinte theor :

— »Em 20 de maio de 1919, em Milwankee, E. A. Marth communicou á policia que, por indicação de um espirito que se communicou por intermedio de sua mulher (que possue faculdades mediumnicas) tinha descoberto no sub-solo de sua casa, os restos de uma mulher assassinada. Depois que mudou-se nessa casa, Madame Marth sentia mãos invisiveis lhe tocarem, e tendo interrogado ao espirito, este declarou que era um antigo medico da cidade (o nome foi revelado á policia) que havia feito numa moça uma operação illicita, que occasionou-lhe a morte. Então elle, após ter decepado o cadaver, enterrou-o embaixo do soalho, no lugar que indicou.

De facto, fazendo pesquizas, encontrou-se no lugar indicado em uma caixa já bem envelhecida, fragmentos de ossos e outros residuos organicos decompostos.»

UM CASO EXTRAORDINARIO

Da *Revista de Estudios Metapsiquicos*, de Madrid, transcrevemos a seguinte noticia bem interessante :

— Os periodicos de Bucarest têm se occupado muito de um caso verdadeiramente incrivel do qual tem sido protagonista uma joven camponeza de Talpa, cidade situada na fronteira rumano-hungara.

A joven em questão, chamada Eleonora Kagur, foi visitar uma senhora centenaria residente em Buhai, curandeira muito afamada, cuja especialidade consiste em curar molestias dos ossos.

Não se poude averiguar o que occorrera durante aquella visita ; mas ao voltar Eleonora para sua casa, começaram a se verificar phenomenos extranhos, taes como apparições luminosas, lamentações emocionantes, objectos metallicos que giravam no ar, portas e janellas que se abriam e fechavam-se por si mesmas, chuvas de calhaus, e até as aguas do rio Sereth, que atravessa a povoação, borboteavam ao passar a joven.

A cidade estava tomada de um terror indiscriptivel e resolveu-se levar Eleonora para o convento de São João de Suezawa, onde o padre João Macarescu, de Zamostea, tentou exhorcismal-a ; mas não pode terminar a cerimonia, porque um aerolito, quebrando a vidraça, projectou em plena fronte do sacerdote um pedaço de cristal que o feriu tão gravemente, que veio a fallecer no hospital de Czernowitz, para onde foi transportado.

Cessaram os exhorcismos e transferiu-se Eleonora para o nosocomio de Czernowitz, porque o convento de São João foi invadido por um contagio satanico que se apoderou de todas as religiosas. Mas tambem no nosocomio Eleonora não poude permanecer, visto se verificar com os outros asilados o mesmo que no convento. Então prenderam-n'a em uma cella e lhe prestaram assistencia os Drs. Flohr e Ramler, medicos que gozam de grande prestigio na cidade. Mas ahi foi que occorreu o mais incrivel do caso. Após poucos dias ao irem ambos os medicos visitar a paciente, verificaram com natural surpreza que Eleonora tinha desapparecido, não obstante ter sido encerrada e ninguem lhe ter aberto a porta da cella. Tem-se effectuado rigorosas buscas por toda a parte : Kagur, a possessa de Talpa, desvaneceu-se e não ha policia que encontre vestigios da mesma.»

UMA CONVERSÃO IMPORTANTE

Ha pouco deu-se a conversão do sr. W. Harold Speer, que tendo perdido sua filha e não encontrando nas Egrejas solução para o problema da morte, poude encontral-o no Espiritismo.

E' assim que alludido sr. se pronuncia na Light, depois de haver enumerado os grandes sabios inglezes que se tornaram espiritas :

— «Ha um anno, minha mulher e eu perdemos nossa unica filha, Eddie, e ao achar-me de pé, diante do tumulo aberto, pensei : «Para onde iria ella ? Não haverá uma outra vida ?» Eu, por mim mesmo, não podia responder a estas perguntas. O ensino das Egrejas não me auxiliava. O que ellas me diziam não diminuiam a minha dôr. Resolvi, então, procurar a verdade com o auxilio de Deus e d'ahi ha pouco encontrei o sr. Bligh Bond, autor dos «Escriptos sobre o Abbade de Glastonbury». Tivemos longa conversação e elle aconselhou-me a visitar um medium escrevente, na cidade. Antes disso eu ensaiava a escripta automatica, mas sem resultado. Entretanto experimentava curiosa sensação e meu lapis traçava signaes. Seguiram-se depois mensagens que diziam ser de minha cara filha, mas me satisfaziam, pois julgava-as do meu subconsciente.

Com o auxilio de um velho amigo eu assisti uma sessão particular, em Hove, onde se recebeu communicações pela mesa. Na sessão de estréa eu obtive mensagens que nenhuma pessôa poderia ter composto, porque diziam cousas desconhecidas de todos os assistentes, e foi assim que eu me inclinei a crêr que no Espiritismo havia qualquer cousa de verdadeiro. Em seguida tive uma entrevista com um medium que M. Bligh Bond havia me designado e uma nova demonstração me foi dada, de um caracter tão intimamente pessoal que eu não podia deixar de admittir a realidade da sobrevivencia. Depois procurei estudar esta preciosa questão.

Minhas pesquizas conduziram-me então a uma critica mais severa. Consultei mediums de varios paizes, assisti a numerosas sessões. Na quasi totalidade de communicações, recebi abundantes provas que as communicações provinham do Além. Durante doze mezes que seguiram á morte de minha filha, nós tivemos com ella, minha mulher e eu, conversações por meio da mesa. Ella nos foi descripta por muitos clarividentes. Melhor ainda: nós ouvimol-a falar com sua propria vóz, recebemos d'ella mensagens com a *sua propria lettra*. Eu vi-a materialisada e senti o seu beijo como o fazia em vida.

Recentemente, emfim, um medium que era-me inteiramente extranho, obteve sobre a placa, numa sessão que realisou a pedido de nossa filha, — um retrato d'Eddie, sobre a minha cabeça.

Acompanhei todos os movimentos do photographo desde a collocação das chapas nos chassis até a revelação. Affirmo positivamente que nenhuma hypothese de fraude pode ser evocada.

Eis aqui summariamente estabelecidas as razões da modificação de minhas idéas sobre o que concerne o espiritismo. Si estas linhas puderem auxiliar a outrem neste dominio tão bello eu serei feliz. Possa a minha contribuição concorrer para augmentar o numero sempre crescente dos homens e das mulheres capazes de pensar que as lições da Egreja não satisfazem á crença na vida futura.

E’cos e Noticias

The Two Worlds publicou um excellente artigo sobre — «O Espiritismo de amanhã» — assignado por E. M. Monteilh, que muito justamente mereceu um bello commentario da *Revue Spirite*.

Em referido artigo o autor dirigindo-se aos espiritas, pergunta: «Temos verdadeiramente comprehendido o valor do Ideal a que fomos chamados dedicar nossas forças, nós os espiritas actuaes, e a influencia que elle produzirá em nós quando passarmos para o outro mundo? Tem-se bem reflectido a grande utilidade e o conforto que advirá do nosso trabalho aos que receberem nossos conselhos e nossas esclarecidas directivas? Nós somos aqui os pioneiros d'uma admiravel revelação, mas esta revelação é ainda, pode-se dizer, muito joven. Quando morrermos levaremos o beneficio do nobre trabalho que realisamos para a diffusão da verdade e para a nossa propria edificação.

Recebemos actualmente daquelles que, espiritas antes de nós, viram, souberam e conheceram os verdadeiros caminhos do Espirito. Portanto, se elles são numerosos, chegará o tempo em que, no Além, nós seremos ainda mais. Presentemente auxiliamo-nos reciprocamente a crescer no conhecimento e espagirmos o que ha de melhor em nós no meio em que vivemos para aquelles que precisam. Julgai agora o que poderemos fazer aos que aqui ficarem, quando nós tivermos passado para a outra vida, quando nos acharmos lá no alto, entre as immensas legiões de Espiritos consagrados a um trabalho methodico e rico de um saber mais e mais extenso.

Não somente daremos informações nitidas e claras aos vivos, do que é e deve ser esse mundo do Além, como tambem pelos processos usuaes da escripta e de todo o trabalho mediumnico e com uma sciencia bem orientada na construcção do universo, auxiliaremos esta obra magnifica de desenvolvimento espiritual para a qual temos hoje voltadas as nossas vistas. Eis a nossa acção no dia em que nos acharmos, em multidão, espiritas nas espheras.

Não menosprezemos a benificencia que recebemos na hora presente, dos grandes Espiritos de luz que ha seculos e seculos, passaram para o outro lado. Seu trabalho é admiravel e nós constatamos com alegria as felizes consequencias. Mas contemplemos com jubilo o prestigioso reforço que trará a massa de espiritos e o trabalho mais geralmente effectivo que se completará no dia em que nós mesmos, passados para o Além, tivermos obedecido ás aspirações dos nossos seres mais caros e em que esses seres, a seu turno, juntando-se a nós, trabalharem ao nosso lado pela instrucção de toda a sua descendencia. Quantos ensinamentos raiarão nesse dia, no céo e na terra ! !

Afim de preparar, sem desanimos, este Espiritismo de amanhã, não percamos um instante.

Multipliquemos o nosso esforço e ajuntemos ao esforço o saber, cultivemos o nosso desenvolvimento espiritual de modo que á hora em que formarmos, além do tumulo, os regimentos da verdade, nossos effectivos sejam tão poderosos, mesmo contra o inimigo fortalecido, que a victoria esteja indiscutivelmente do nosso lado.»

Pelo que se depreende a obra de educação espirita é indispensavel para as acquisições futuras da felicidade.

FRANÇA

Acaba de se reunir em Paris, um Congresso Psychosociologico sob os auspicios da «International des Amis de l'Ordre Spiritual.»

Este congresso foi um esforço para conciliar a psychologia com a sociologia. O Dr. Osty apresentou ao Congresso a seguinte these :

«Bases scientificas do Espiritualismo e da Psychosociologia. A 2.a sessão foi — Philosophia. A 5.a Sociologia. A 4.a As moraes e as religiões. A 5.a A mystica e a Arte. 6 a A Questão da sobrevivencia.

Pelo que se vê o Movimento de Espiritualisação se está operando de uma maneira admiravel.

PARIS

O sr. Ripert fez uma substanciosa conferencia sobre a reconstrucção economica da Europa, demonstrando a necessidade de um ideal espiritual para a sua realisação.

*

A «Union Spirite Française» faz um appello aos seus correligionarios, appello material e moral para o alargamento do plano de propaganda. Nos tempos que atravessamos, diz o appello, não bastam a coragem e a bôa vontade, é preciso numerario para enfrentar as despezas forçadas de todos os dias.

O ultimo boletim da Union enfeixa artigos, conselhos e noticias do movimento Espirita.

HAVRE

Na sala «Lyra Havrense», M. Leo Poldès realisou uma conferencia sobre o thema : «O Espiritismo ante a opinião». Sem ser espirita, o orador demonstrou a sua imparcialidade, expondo factos que apaixonam a opinião. Um outro orador, tomando a palavra disse não ver no espiritismo senão as manifestações do espirito do mal. M. Bertin, um dos membros da Sociedade de Estudos Psychicos do Havre refutou essa concepção archaica e com argumentos cheios de logica, apoiou a doutrina espirita.

DOUAI

O *Foyer de Spiritualisme Douaisien* organisou uma serie de conferencias, nas quaes falaram os srs. A. Richard e Delmotte, que trataram da sobrevivencia e da theoria espirita.

CHALON-SUR-SAONE

M. M. Malosse e Thibaut realisaram, na sala da municipalidade, ante numeroso auditorio, duas conferencias de propaganda, tendo sido distribuidos livros e brochuras.

BEAUNE

Com grande successo, M. M. Malosse e Thibaut fizeram, neste cidade, duas conferencias, cuja repercussão na grande imprensa, bem deixa ver o progresso que vai obtendo todos os dias o espiritismo.

REIMS

Na conferencia organisada pela «Union Spirite de Reims», coube a palavra a M. Ripert que desenvolveu magistralmente o thema — o espiritismo sob varios aspectos. Algumas questões foram propostas por diversos assistentes, que foram resolvidas pelo orador de um modo claro e racional, o que tornou ainda mais agradavel a conferencia.

INGLATERRA

O Espiritismo com sua doutrina consoladora se estende admiravelmente na Inglaterra.

Existem centenas de centros constituidos. Innumeras são as casas que têm grupos familiares. Homens illustres, sabios, persuadidos da realidade da outra vida, se esforçam para transmittir aos outros o conhecimento desta Doutrina.

A verdade fundamental na Inglaterra se baseia nesta certeza: «Não ha morte».

⁂

Acaba de ser dado á publicidade uma importante obra de sir Conan Doyle — «Historia do Espiritismo», em dois grossos volumes de 350 paginas cada um.

A «Historia do Espiritismo», foi editada nas ‹Editions Cassell, Londres, (em inglez) e vende-se ao preço de 42 shillings.

PORTUGAL

O Centro Luz e Amor, realisou uma festa commemorativa do 3.º anniversario de sua fundação, collocando em seu salão de honra o retrato do seu ex-presidente ha pouco fallecido, General Viriato Passalaqua.

⁂

A terceira reunião dos espiritas do Algarve, effectuar-se-á em Faro, estando já nomeadas as commissões.

ARGENTINA

Os espiritas argentinos proseguem no seu trabalho esforçado de propaganda. E' assim que, em diversas sociedades tem se realisado conferencias, emquanto a diffusão da Doutrina pelas revistas e jornaes secunda a grande tarefa.

⁂

Na sociedade ‹Benjamin Franklin», o destemido propagandista Alfonso Depascale sobre o thema — «a phenomenologia entre os selvagens» — fez uma substanciosa conferencia, dissertando largamente sobre os phenomenos de telepathia e clarividencia que entre elles se produzem. O orador estendeu-se em considerações sobre os bruxos e feiticeiros, para terminar dizendo que todos os espiritos estão sujeitos aos mesmos periodos de evolução.

⁂

A «Sociedad Constancia» continúa realisando conferencias elucidativas da doutrina. As ultimas realisadas nessa associação foram as seguintes: «A abnegação», pela sra. D. Rosalia Vasquez de la Torre; «Commentando os mestres» — por D. Manuel Vasquez de la Torre; e «O corpo astral ou espiritual», pelo Dr. Cosme Marino.

⁂

A «Sociedad Hacia el Camino de la Perfeccion›, celebrou festivamente seu 8.º anniversario, distribuindo um folheto com a explicação da palavra Espiritismo.

Estão inscriptos para realisarem conferencias nesta associação os srs. Juan B. Ancarani, Juan Canomeras, Stacatti, Alhamoa, Lopes e Pallás.

⁂

O Centro ‹Fraternidad» celebrou a desincarnação do seu guia Rosa de Ugarte.

⁂

«La Idéa», orgão official da Confederação Argentina, num bem elaborado artigo do seu director, sr. José Nosei, trata das ‹orientações humanas», para deixar vêr a verdadeira orientação que deve ter o Espiritismo.

«A Constancia» tambem publica um artigo de Depascale sobre "Orientações do meio ambiente".

⁂

A Sociedade ‹Lumen› tem realisado conferencias de propaganda ao cargo de illustres oradores.

⁂

Temos recebido com a maxima regularidade «La Union», semanario espirita que se publica em Buenos Ayres, sob a direcção do sr. Francisco Molina.

⁂

Temos recebido com pontualidade systematica *La Luz*, importante hebdomadario dirigido pelo sr. Francisco Molina.

Bons artigos doutrinarios, publicação de conferencias e noticias.

PAMPA CENTRAL

«Fiat Lux», jornal da Sociedade ‹La Esperanza del Porvenir› dedica tres de suas paginas ao relato dos phenomenos obtidos com o medium sr. Oswaldo Fidanza. Essas paginas vem illustradas de gravuras que reproduzem os ‹aports› obtidos com referido medium.

⁂

Completou 16 annos de existencia a laboriosa Sociedade "Luz del Porvenir", de Santa Rosa (Pampa Central).

HESPANHA

Por motivo de molestia do seu director o fervoroso espirita sr. Quintin Lopez Gomez, nosso dedicado correspondente, está suspensa a interessante revista *Lumen*.

⁂

O grande diario barcelonez *Las Noticias* noticiou o seguinte facto :

‹Na aula noturna que se dá nas escolas nacionaes de Granollers, faz tres semanas que ouviu-se chamado na porta. A professora auxiliar ordenou uma das alumnas que fosse ver quem batia d'aquelle modo. Ao ir a alumna em direcção á porta, esta abriu-se por si, e o alumna quedou-se petrificada ao encontrar-se com a sombra do pae de uma das auxiliares, morto ha trez annos. O terror se apoderou de toda a classe. Semana seguinte repetiu-se a manifestação, e na outra da da mesma fórma, de modo que propalando-se a noticia, um publico numeroso invadiu a rua onde estão situadas ditas escolas.

O successo repetiu-se novamente á noite, sendo, por fim vedada a affluencia de povo pela policia, que tomou conhecimento do caso.

⁂

A Sociedade Metapsychica Hespanhola está em franca actividade.

⁂

Temos sobre a mesa a importante "Revista de Estudios Metapsiquicos" que se publica em Madrid, sob a direcção do sr. Marquez de Santa Clara.

PORTO RICO

Completou mais um anno de vida a nossa collega ‹Fraternidade», redigida com proficiencia, pela sra. D. Rosario Bellber Gonzalez.

A ‹Fraternidade›, que se publica mensalmente, é orgam do Espiritismo em Porto Rico.

⁂

Festejou o 4.º anniversario de sua fundação o ‹Grupo Rama de Sandalo.›

ESPIRITISMO NO BRASIL

Todas as associações espiritas do Brasil commemoraram o 3 de outubro, que representa o dia Kardecista, ou a dacta em que o grande Missionario da Revelação Nova se incarnou para a realização da espinhosa missão que tão bem soube desempenhar.

Toda a imprensa espirita brasileira dedicou á Allan Kardec, nesse dia um numero especial de suas publicações.

E'cos de propaganda

No dia 3 do corrente commemorou a Federação Espirita Brasileira a data Kardeciana.

O sr. Luiz Barreto, após a préce de abertura da sessão, installou o Conselho Federativo saudando os delegados vindos dos mais longinquos Estados do paiz. A seguir recebeu-se uma communicação psychographica de Richard. Teve a palavra o representante de Santa Catharina, sr. Arnaldo S. Thiago, filiado ao Centro Espirita Caridade e Luz ; depois o delegado da Federação Espirita Pernambucana sr. Djalma de Farias ; Angel Aguarod, presidente da Federação Espirita do Estado do Rio Grande do Sul, e por ultimo, o sr. Pedro Camargo (Vinicius) filiado ao Centro Espirita de Piracicaba, representante do Estado de S. Paulo.

Estão representadas no Conselho Federativo 66 aggremiações espiritas brasileiras que seguem a orientação da Federação Brasileira.

Causou optima impressão no auditorio a palavra cheia de fé do ancião Aguarod.

Todos os oradores referiram-se a grande data que se commemorava. Feita a prece de encerramento o commandante Luiz Barreto deu por terminada a sessão.

Esta Revista fez-se representar pelo nosso companheiro Dr. Sebastião Caramurú. A festividade esteve muito espiritual.

*

—— A União Espirita de Ribeirão Preto inaugurou a Escola Bezerra de Menezes, que está com uma frequencia de 37 crianças.

—— A sessão solemne em homenagem ao grande apostolo Dr. Bezerra Menezes teve uma assistencia de 300 pessoas.

—— O Clarim, hebdomadario espirita tem sido distribuido na cidade, como meio de propaganda.

*

O Centro Amantes da Pobreza, de Mattão, dedicou sua palestra de 3 de outubro, ao nascimento do Espiritismo Moderno.

Fallaram diversos oradores, estando presentes os directores do Centro Espirita de Taquaritinga.

O Centro Dias da Cruz, de Juiz de Fóra, Minas, assim constituiu sua nova directoria : pres. Antonio Scanapieco ; vice, Hugo da Silva Tavares ; thes. D. Ignacia Maia Leal ; 1.º sec. João Ricardo de Oliveira ; 2.º D. Alzira Vellozo ; 1.º proc. José Pedro Maria ; 2.º Antonio Scanapieco ; 3.º João A. Franco Leal ; 1.º zel. D. Irene Vieira Christo ; 2.º D. Geraldina Madeira ; 3.a D. Maria Oliveira ; 1.º fiscal Hugo Tavares ; 2.º Gustavo Larcher ; 3.º Antonio G. Silva ; bibl. D. Annita Fontes ; Directora da caixa de soccorro, D. Laurinda O. Baptista.

*

——A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, desenvolve proficuo labor, por meio de conferencias ao cargo dos confrades Angel Aguarod, Israel Corrêa da Silva, Dr. Adalberto Pio Souto, Dr. Egydio Hervé.

——A Directoria da Federação está agindo para que aos presidiarios da

Casa de Correcção seja levada a palavra espirita.

⁂

O Centro Espirita S. Luiz Gonzaga, de Itapira tem desenvolvido grande propaganda, pela imprensa, pela palavra e pelo livro.

Fez uma substanciosa conferencia nessa cidade o nosso companheiro Dr. Souza Ribeiro, obtendo um auditorio superior a 400 pessoas.

⁂

O Centro Espirita Maranhense assim constituiu sua nova directoria: pres. Domingos Castro Perdigão; vice, Antonio Nogueira Vinhaes; 1.o secr. Francisco Coelho Santos; 2.o Placido José Camões; thes. Waldemir Costa; bibl. D. Rita Lisbôa.

⁂

Em S. Rita do Passa Quatro foi constituido um novo nucleo espirita com a seguinte directoria: pres. Virgilio Rossi; vice, José Octavio Neves; orador, Conrado A. Offa; 1.o secr. Americo Luchette; thes. Lazaro Prado; bibl. Manuel Gomes Leitão.

⁂

Completou sete annos de luctas na arena da imprensa o nosso prezado collega «Jornal Espirita», que se edita sob a direcção do Dr. Vital Lanza, em Porto Alegre.

Desejando longa vida e prosperidades, agradecemos ao collega as transcripções que faz sempre da nossa Revista sem esquecer de citar a fonte d'onde extrahiu.

⁂

Recebemos a «Verdade e Luz», que se edita em S. Paulo sob a direcção do nosso confrade Dr. Romeu Camargo. Muito gratos pelas boas palavras que nos dirigiu e transcripções citadas da nossa revista.

⁂

Estão em actividade, além de outros centros, que nos escapam de momento, os seguintes: Caminho da Verdade, de Campinas, Discipulos de Jesus, de Maceió; Dr. Manuel Antonio Cruz, de Maceió, Jaraguá; Discipulos de Jesus, de Pennapolis; de Piracicaba; Fraternidade, Tenda Caridade, Christophilos, do Rio de Janeiro; União Paraense; Deus, Christo e Caridade, de Avahy; Sinceridade e Fé, de Lins; Centro de Villa Olympia; de Mirasol, dirigido pelo sr. Bianchi; União Espirita Bahiana; Casa Espirita de Juiz de Fóra; União de Dois Corregos; Centro de Xiririca; Vicente de Paulo, de Ladario; Centro de Cuyabá; de Casa Branca; de Araçatuba; Paz e Caridade; Amor e Caridade, Mogy-Mirim; Grupo Verdade e Luz, Natividade; Centro Nova Era, de Guaxupé; Centro de Frigorifico, União Evangelica, Barretos.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez, os seguintes propagandistas: Srs. Manuel Quintão, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Souza Ribeiro, Comte. Luiz Barreto, Leopoldo Cirne, Angel Aguarod, Giaccomo De Bernardo, Pedro Camargo, Ignacio Bittencourt, Dr. Sebastião Caramurú, Dr. Ernesto de Souza, Euripedes Tenorio de Lima, Dra. Orminda Bastos, D. Aura Celeste, Dr. Theodoro Palmeira.

Factos Espiritas

Sonho Premonitorio

Os sonhos premonitorios abundam na historia de todos os tempos; são factos que se verificam ordinariamente, mas sempre passam desapercebidos da imprensa, que não liga, geralmente, importancia aos phenomenos psychicos, devido certamente á materialidade em que vivem immersos os nossos jornalistas. Entretanto são phenomenos dignos de menção porque vêm em apoio á causa que mais devemos curar, que é a Immortalidade.

O facto que vamos narrar deu-se ha poucos dias nesta cidade, se não nos enganamos dia 9. Na vespera deste dia o sr. Vicente de Angelis, proprietario do Hotel Maccagnan, desta cidade, sonhou que o sr. Gino de Biagi indo de automovel, teve um encontro com um outro auto (291), cujo numero viu bem em sonho. O sr. De Angelis, depois que levantou-se pela manhã, contou a diversas pessoas o seu sonho.

No mesmo dia, 20 minutos depois do sr. Vicente ter relatado o seu sonho, o auto do sr. Gino esbarrou com o auto numero 291 que o sr. De Angelis vira em sonho. Felizmente não houve victimas a lamentar, mas o carro 291 soffreu avaria que foi preciso depois reparar.

Aqui está um sonho veridico, que não admitte contestação.

Materialisações em Cuyabá

Diz o *Reformador*, orgam da Federação Espirita Brasileira, que, segundo carta recebida do sr. Manuel Miraglia, de Cuyabá, tem se dado naquella cidade, importantes phenomenos de materialisações, com o auxilio de D. Angelina Scarselli, com quem se estavam ultimamente verificando phenomenos extranhos.

Diz o informante que o Espirito Guia das materialisações é o mesmo que dirigia, no Pará, as sessões com a notavel medium D. Anna Prado.

As sessões em Cuyabá tem sido assistidas por diversas pessoas de destaque, contando-se entre os signatarios da acta os srs : Dr. Mario Corrêa, Dr. Jonas Corrêa, medico ; Dr. Annibal de Toledo, deputado federal e materialista convicto que só compareceu á sessão para accompanhar o Presidente do Estado.

O que nos for communicado daremos conta aos leitores.

Uruguayana

(Brasil)

Foi fundada, em Uruguayna, a Sociedade Espirita Uruguayana, com séde provisoria á rua General Camara, 6, ficando assim constituida sua directoria : pres. hon. Dr. J. M. Lemos ; pres. José Almeida Valente ; vice, Claudomiro Garcia ; 1.o secr. Julio Valente ; 2.o Tte. Pedro Damião da Silva ; 1.o thes. João Francisco Calvi ; 2.o Rosalino P. Franco ; bibl. Dalmiro Illana. Directores : Affonso Pinto Azevedo, Ludovico Porciuncula, Iderceu Menezes, Manuel T. Siqueira, Ramão Alves e Frederico Nabor.

⁂

Na mesma cidade fundou-se ha pouco o «Circulo de Estudos e Investigações Psychicas William Stead», que funcciona sob a presidencia do Dr. J. M. Lemos.

⁂

A's Sociedades Espiritas que assignam esta revista, pedimos nos mandar mensalmente a sua correspondencia sobre o movimento social e os factos que se forem verificando competentemente controlados.

JERONYMO RIBEIRO

Falleceu em Cachoeiro do Itapemirim, E. Espirito Santo, este incansavel obreiro da caridade, que dirigia a Associação Beneficente Deus, Christo e Caridade.

Espirita convicto, medium de desenvolvidas faculdades soube aproveitar os seus dons em beneficio dos soffredores do corpo e da alma.

Que o Supremo Senhor, por seus mensageiros, possa permittir ao recem-desincarnado o testemunho da resurreição para a glorificação da Doutrina da Immortalidade.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2101unse

NNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Novembro de 1926 — N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Natureza positiva do espirito
Acção dos mortos sobre os vivos
Sir Alfredo Russel Wallace
A Volta de Oscar Wilde
Abbade Joseph A. Petit
O Inferno
Zou - O cão sabio
Um trecho de Pythagoras
Garibaldi e o Espiritismo
Uma aventura de Rechepin
Chronica Extrangeira
E'cos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Vianna de Carvalho
Bibliographia
Notas Diversas

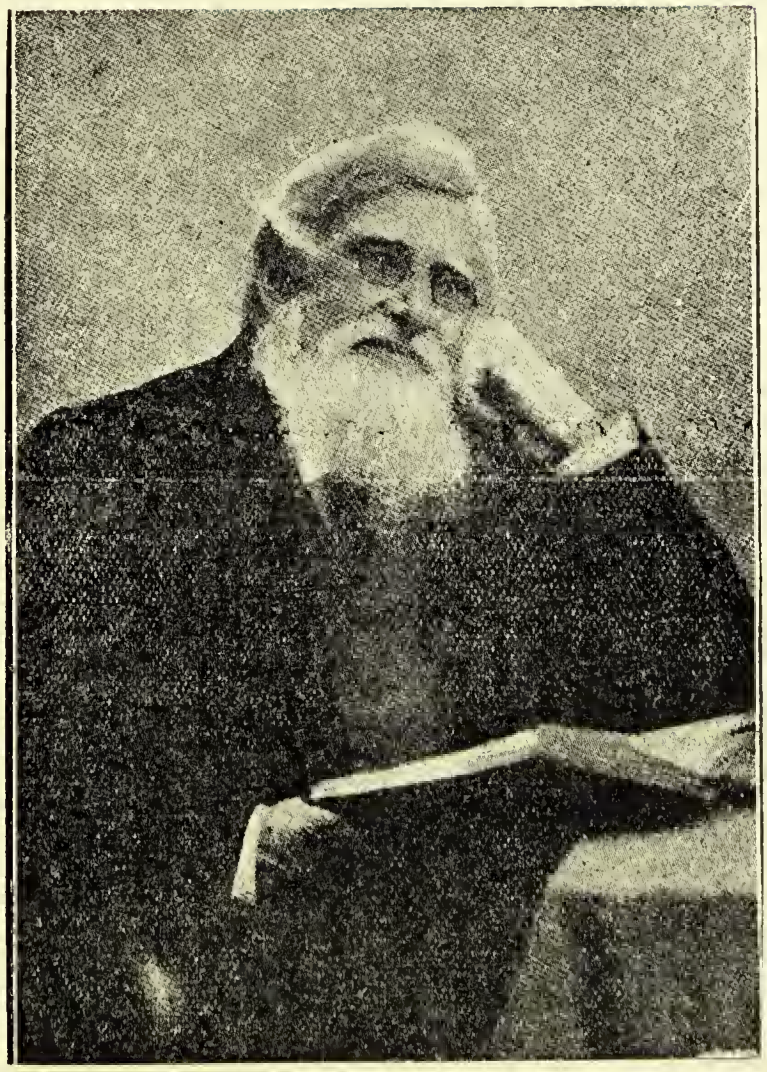

RUSSEL WALLACE

ANNO 2 -BRASIL- E. S. Paulo- Mattão, 15 de Novembro de 1926-NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

NATUREZA POSITIVA DO ESPIRITO

A crença na existencia e immortalidade da alma appareceu no mundo, mais como uma idéa innata, legado divino que trazemos ao nascer, do que como producto de reflexão. Entretanto, se passarmos uma vista retrospectiva, a historia nos revela que na concepção do grande ideal o espirito humano tem evoluido sem que se rompesse um unico dos anneis que nos ligam a essa tradição primitiva. Por mais remotamente desviada, sob o ponto de vista chronologico, que julguemos interrogar as raças primitivas, não deixaremos de ouvil-as affirmarem a sua crença na existencia da alma que, ao despojar-se do corpo, volta onde habitam os seus antepassados.

Na India, ainda em nossos dias, os povos mais selvagens creem em uma certa immortalidade do ser pensante. No Egypto, a mais antiga crença, anterior a Jesus Christo cinco mil annos, mandava encarar a morte como uma simples separação da alma, que recuperava no Além o «sopro» e ia habitar mui longe deste mundo. Na China o povo possuia tão vivamente o sentimento da sobrevivencia que o culto dos Espiritos impôz-se nessa nação desde a mais remota antiguidade. Na Persia vê-se uma concepção bem clara da alma, sendo que o mazdeismo chega a affirmar a preexistencia ao nascimento do homem.

Na Grecia era geral a crença no espirito. Os livros de Moysés não exprimem claramente a crença dos antigos hebreus na existencia e immortalidade da alma, no entanto as expressões usadas pelos prophetas no Antigo Testamento, parecem confirmar a realidade dessa crença. No Novo Testamento observamos que, com excepção dos sadduceus, cuja seita é insignificante, e estes mesmos acreditavam na existencia do espirito embora não cressem na resurreição, todas as mais seitas tinham como principio a existencia e immortalidade da alma. Depois da vinda de Jesus essa crença se tornou uma verdade incontestavel.

Emfim, em todos os paizes, desde os mais remotos tempos a existencia do espirito e sua sobrevivencia.

tem influido consideravelmente na evolução dos povos.

A tendencia natural é, como se vê, propensa á existencia no homem de um principio que o dirige e que não se extingue.

Essa idéa, como todas as outras, sujeita á evolução, tem soffrido controversias, cujo fim é, sem duvida, esclarecer o principio da immortalidade que tem occupado a attenção dos grandes pensadores.

Platão e seu mestre Socrates, cuja doutrina pode ser considerada, como se depara na Introducção do Evangelho Kardecista, idéa precursora do Espiritismo, proclama abertamente a sobrevivencia, e julgando muito grande a distancia que separa o homem de Deus, preenche este intervallo com os Espiritos, que aquelles philosophos consideravam os genios tutelares dos povos, dos individuos e inspiradores dos oraculos.

Mas a critica psychologica começa, por assim dizer, com Aristoteles. A revolução ideologica da doutrina aristotelica projectou uma nova claridade na differenciação da vida, nascendo d'ahi a alma material da philosophia escolastica.

Com o apparecimento do Christianismo a luz brilha então com grande fulgor ; os Apostolos inspirados pelo seu Divino Mestre affirmam de modo peremptorio o principio da existencia animica, sua sobrevivencia e communicação com a terra.

Basta lêr as Epistolas de S. Paulo para ver esboçadas n'ellas os Ensinos Espiritas magnificamente coodificados por Allan Kardec.

Logo depois, porém, dos tempos Apostolicos, querellas dogmaticas desviaram a attenção dos homens, permanecendo o Ideal adormecido nas «egrejas», mas os pensadores proseguiam na ancia de saber, esforçando-se para resolverem o problema que já havia prendido a attenção de tantos philosophos illustres.

S. Agostinho, o mais profundo dos padres da egreja latina, dá um novo rumo á evolução espiritualista, e estudando a materia em suas modalidades, affirma que a alma tem uma natureza especial, cujas faculdades não se encontram em nenhum corpo material.

Com S. Thomas de Aquino solidificam-se as bases da doutrina espiritualista em virtude da proclamação da alma como entidade immaterial. Bacon, que é um precursor do methodo experimental, esforçou-se para que a philosophia abandonasse os antigos limites e ampliasse os seus estudos adoptando a observação como o meio mais seguro de chegar á Verdade. Depois surgiu Descartes, na França, estabelecendo o principio chamado cartesiano : «Eu penso, logo eu existo», visto haver constatado ser a faculdade de pensar um attributo do individuo, abstração feita aos orgãos do corpo. Entretanto as discussões proseguiam sempre, formando de um lado uma pleiade de homens, como Bossuet, Fenelon, Mallebranche, Spinosa, philosophos cartesianos, e Hobles, Gassendi, Lock, baconianos ; apparecendo por fim Leibnitz, a mais vasta intelligencia dos tempos modernos, que collocou-se entre as duas escolas que contendiam para conquistar o imperio dos espiritos.

Todas essas theorias deveriam, sem duvida, preceder, para o cultivo das intelligencias, a que seria por fim assentada para sempre e que longe de revogar ou negar o principio immortalista, viria confirmal-o de um modo positivo.

As correntes scientificas se debatiam, notando-se uma tendencia negativista, quando pancadas cadenciadas foram ouvidas numa humilde habitação de Hydesville, phenomeno que reproduziu-se de modo insolito e concomitante em toda a America e Europa, abrindo assim uma das mais interessantes paginas da historia.

Os factos espiritas começaram a se definir perante homens de probidade insuspeita e de valor real. Foi quando Allan Kardec lançou aos ventos da publicidade a sua primeira obra — Livro dos Espiritos — cujo valor intrinseco é incontestavel.

Mediums de grandes poderes surgiram aqui e ali, e o Espiritismo teve como arautos homens da estatura de Crookes, Wallace, Gibier, Flammarion, Wronsky, etc. Estava fundado o methodo experimental, unico que seria capaz de definir a natureza positiva do espirito.

⁂

O lemma do Espiritismo é *Instauratio Magna* para o remate da obra que tem durado seculos de luctas e de decepções.

Bacon previu a victoria da experiencia e da observação, no dominio de todos os estudos humanos para o triumpho dos factos,—o espirito não se excluiu a essa analyse afim de que a proclamação da Fé possa ser feita com a autoridade que só o facto lhe dá.

A philosophia escolastica e a sciencia presumpçosa tem que ceder o seu logar na direcção dos povos, pois a opinião está preparada para a recepção da vida com todas as vicissitudes e modalidades, mas com a condição de ser ella apresentada, como vai acontecendo, com o testemunho dos factos de real veracidade.

Os Principios Espiritas proclamados por Allan Kardec se assentam nos factos verificados em diversos paizes do mundo, e resultam de suas pesquizas e analyses no campo do experimentalismo. Elles se podem assim resumir:

«A alma é um espirito incarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltorio.

«Os Espiritos revestem temporariamente um involucro material perecivel, cuja destruição pela morte lhe restitue a liberdade.

«O Espirito não é um ser abstracto, indefinido, só possivel de conceber-se pelo pensamento, mas um ser real, circumscripto que, em certos casos se torna apreciavel *pela vista, pelo ouvido e pelo tacto.*

«Os proprios seres que se communicam se designam pelo nome de Espiritos ou genios e declaram ter vivido na terra. Elles compõem o mundo espiritual, como nós constituimos durante a vida terrena, o mundo corporal.»

Estas verdades de caracter experimental estão destinados a restaurar o imperio do Espirito, alargando aos homens novos horisontes da vida. E' uma revelação como nunca houve e plantará mais um marco na historia das acquisições humanas.

A velha Psychologia limitada ao dogma não podia satisfazer as exigencias da intelligencia sobre o principio animico, cujo problema foi incapaz de resolver; as religiões não offereciam, a seu turno, nutrição sufficiente para as almas, quando inteiramente apparelhada para demonstrar o senso intimo da Fé na existencia de uma vida infinita, com as possibilidades de progresso para uma paz e felicidade verdadeira, mostrou em toda a sua grandeza, o Espiritismo, cuja concepção se resume na coexistencia e interpenetração do mundo real ou espiritual e do mundo phenomenal e material, como producto das experiencias concordantes da collaboração mutua de seres existentes nestes dois planos da vida.

Estes novos conhecimentos corroboram, a seu turno, as apparições do Christo depois da morte, e nos provam a existencia do mundo espiritual e a influencia que elle exerce sobre nós.

O Espiritismo não veio, pois, menospresar as acquisições do passado, mas aproveitando de suas lições tudo o que veio concorrer para a evolução do Ideal estabelecer a natureza positiva do espirito sob as mais solidas bases da sciencia experimental.

Acção dos mortos sobre os vivos

OBSESSÃO

— III —

Sahindo do commodismo, criando desaffeiçoados, e com elles, expondo-nos a maiores difficuldades na vida, enfrentando as perseguições resultantes, aos motejos, aos insultos, aos despresos, no intuito unico de espancar ás trevas para a felicidade collectiva, é que nós espiritas, nos impulsos de sinceridade e de amor a Causa da Verdade, enfrentamos a opinião da grande maioria, rompendo com as convenções seculares, convenções sociaes falsas, criadas e adaptadas aos interesses puramente materiaes e ás imperfeições da alma. Despertos para a conquista do thesouro do céu, que já entrevemos, thesouro que faz parte integrante de nós mesmos, que tem a sua séde nos refolhos da nossa alma — os dons espirituaes — e que, conquistado lentamente, atravez do tempo, aos poucos, soffrendo as consequencias das nossas proprias acções, sob a dor e o gottejar do suor do nosso trabalho honrado e honesto, nos acompanhará ao Além, ao Infinito, despresamos de livre e espontanea vontade, os thesouros de tudo que é da terra, constituidos de notas que se deterioram e de pedrarias que aqui mesmo ficam...

Já sabemos discernir o que é dos homens e o que é de Deus, o que é deste mundo e o que é do outro, do céu, o que é material, transitorio, e o que é espiritual, eterno, e, por isso, pouco nos encommodamos que nos tachem de *loucos* os homens communs, que vivem na terra só para a vida da terra, incapazes da percepção das cousas espirituaes. De todos estes que zombam dos nossos principios, da nossa fé baseada no raciocinio, nos factos, e que nos tacham de «loucos», quer presos ao indifferentismo mais completo de tudo que é sagrado, quer á fé cega que acceitaram em seu commodismo, Paulo disse o seguinte em sua 1.a Epist. aos Corinth. cap. I v. 27 : «Mas Deus escolheu as *cousas loucas* deste mundo para confundir as *sabias* e Deus escolheu as *cousas fracas* deste mundo para confundir as *fortes*.»

Accrescentou ainda o sabio Apostolo na mesma carta, cap. II v. 14 : «Mas o *homem natural* não comprehende as *cousas* do Espirito de Deus, porque lhe parecem *loucura* ; e não pode entendel-as porque se discernem espiritualmente.»

E', pois, pelo facto de discernirmos espiritualmente que nós espiritas rompemos com a opinião da grande maioria, porta larga de perdição, que só serve para facilitar a conquista do pão material, em detrimento do espiritual, e seguimos a Jesus, indo com elle pela porta estreita em busca do pão espiritual e do seu Reino que não é deste mundo. Assim, pois, que zombem de nós os incapazes deste discernimento, os homens naturaes, isto é, os communs, os da maioria, e nós, impassiveis aos seus ataques, iremos pregando aos semi-despertos e já capazes deste discernimento e despertar. Pregaremos tão somente para aquelles que se acharem collocados no ultimo grupo (4.o grupo) dos da Parabola do Semeador — Mat. XIII — 1 a 23. Serão todos chamados, todos desta grande maioria, porem só serão escolhidos os do 4.º grupo :—os que ouvem e comprehendem a palavra ; e dão fructo, um produzindo cem, outro sessenta, e outro trinta.

⁂

A *obsessão* é o imperio, o predominio que uma intelligencia exerce sobre uma outra, tirando-lhe o livre arbitrio.

Esta influencia é sempre exercida por espiritos inferiores, atrazados, e, conforme o gráo de pressão e o caracter do obsessor e do obsedado, taes serão os aspectos e as diversas modalidades da obsessão. Por ser a Medicina official materialista, nunca atinou ella com esta causa de loucura, embora tenha havido em todos os tempos casos os mais typicos, os mais claros, em que os espiritos obsessores até se declaram os criminosos, os autores, apezar da tendencia natural de todo o criminoso em procurar occultar-se.

A obsessão, porém, é, quasi sempre, o effeito de actos praticados pelos que a soffrem. E' quasi sempre o resultado do odio e o desejo da vingança. Ha tres especies de obsessão, como vamos ver :

1.a — Obsessão de um incarnado por outro incarnado, isto é, obsessão produzida pela acção de um vivo sobre outro vivo ;

2.a — Obsessão produzida pela acção de um morto, um espirito, sobre um vivo ;

3.a — Obsessão produzida pela acção de um morto sobre outro morto.

Cada uma destas especies é subordinada a gráos, segundo a pressão exercida pelo obsessor, isto é, segundo a escala evolutiva em que ambos se acharem. O nosso *objectivo* é justamente o *2.o caso*, e é delle que vamos tratar nesta serie de artigos, pois *a acção das intelligencias invisiveis, seres ditos mortos—almas ou espiritos—sobre os chamados vivos, é a causa mais commum da alienação mental*, sendo tambem de outras muitas molestias.

Quanto ao 1.º caso, isto é, a acção de um vivo sobre outro, já tratamos d'ella na serie de artigos publicados nesta Revista, sob o titulo : — *O fluido magnetico ou força odica.*

Mas como exemplos ainda de obsessão por esta acção, diremos, de passagem, que elles se verificam, a cada passo, nas ruas, nos lares, nos passeios publicos, nos bailes, em toda parte, emfim.

Quem é que nunca viu, por exemplo, um marido gordo, forte, «sacudido», obedecer cegamente, em tudo e por tudo, e até, passivamente, apanhar da sua magrissima e até quasi esqueletica mulher, cabisbaixo, de braços cruzados ?!!...

Conhecemos uma meia duzia de casos bem typicos...

Assim, por exemplo, vimos, uma vez, em uma encantadora praia de banhos, á fresca brisa do mar, um marido *obsedado* entrar em umas guarda-chuvadas da consorte *obsessora* e regressar do passeio, com esta ordem expressa :

«Já para traz !...»

— Um outro, só póde sahir á rua *acompanhado* pela respectiva esposa e, quando ella não o pode fazer, *arranja* uma terceira pessôa de inteira confiança sua para acompanhar o seu querido...

Mas... é melhor pararmos aqui, pois o mundo feminino não aprecia estas descripções...

Em relação ao 3.º caso, isto é, a acção malefica ou obsessora de um morto sobre outro, d'elle não nos occuparemos aqui, pois não constitue o assumpto do nosso thema.

Vamos tratar do 2.º caso, porém do proximo numero em diante.

SOUZA RIBEIRO

COM o auxilio dos Espiritos que, pela triumphal transformação da morte, partiram antes de nós para a feliz região sideral, com o auxilio da placida vóz que nos aconselha, e do Christo, nosso guia principal, com segurança e proveito interrogaremos o Inexplorado. Precisamos conhecer suas leis ; precisamos da evidencia que os seus phenomenos nos dão. Nas fronteiras dos dois mundos encontramos influencias muito mais necessarias, muito mais poderosas que qualquer das terrenas ; influencias benevolas destinadas a reerguer a moral degenerada e a auxiliar o progresso espiritual.

Robert Dale Owen

Sir ALFRED RUSSEL WALLACE

Ha muitos sabios eminentes que têm proclamado a realidade dos phenomenos supra-normaes; muitos são os que admittem a possibilidade de communicar com os seres do Além, mas seus methodos, suas tendencias são as dos psychistas. Sir A. R. Wallace é um specimen d'aquelles que são nitidamente espiritas, por suas convicções, sua mentalidade, seus escriptos, seu modo de agir. Basta ler sua formosa obra — «*Os Milagres e o Moderno Espiritualismo*», que tanto contribuiu para a difusão do Espiritismo na Inglaterra, para se notar o modo pelo qual elle encara a questão psychica, não somente pelo lado scientifico mas tambem pelo lado religioso.

Dentre os muitos phenomenos obtidos pelo grande naturalista, distinguimos os seguintes que não queremos deixar de mencionar nesta *revista*.

Eis o que refere o sr. Russel Wallace reportando-se á força psychica:

— «Vou narrar uma sessão da qual conservo notas. Estavamos sentados, em casa de um amigo, em volta de uma mesinha e debaixo de um lustre. Um dos meus amigos, que era completamente desconhecido para as outras pessôas, conservava-se junto da sra. Nichol (o medium) e segurava-lhe uma das mãos. Uma outra pessôa, com uma caixa de phosphoros, estava prompta a riscal-os a uma ordem dada. Ora, eis o que succedeu: Primeiramente, a cadeira em que estava sentada a sra. Nichol, foi tirada, e ella foi obrigada a manter-se de pé e com as mãos sempre seguras pelo meu amigo. Um ou dois minutos depois, ouviu-se ligeiro ruido, tal como o que pudesse ser produzido ao collocar um copo d'agua sobre a mesa, e, ao mesmo tempo, um leve farfalhar de estofos e o tilintar dos pingentes de vidro do lustre. Immediatamente, o meu amigo disse-me: — Ella escapou-me. Um phosphoro foi então riscado, e encontramos a sra. Nichol tranquillamente sentada em sua cadeira no meio da mesa; sua cabeça não attingia o lustre. O meu amigo declarou que a sra. Nichol, tinha-se subtrahido, sem ruido, de suas mãos. Ella era muito forte e pesada; que a sra. Nichol puzesse a sua cadeira sobre a mesa, e que ahi tivesse trepado, na obscuridade, sem ruido, quasi instantaneamente, estando reunidas em volta d'ella cinco ou seis pessoas, e parece-me ainda, a mim, que intimamente a conhecia, physicamente impossivel.»

A resenha que segue é a constatação da escripta directa, por Wallace, na Inglaterra, em casa do medium, sra. Marshall:

— «Tendo sido a mesa previamente examinada, uma folha de papel de carta foi em segredo marcada por mim e collocada com um lapis de chumbo sob o pé central de um movel, conservando todos os assistentes as suas mãos sobre a mesa. Passados alguns minutos, ouviram-se alguns ruidos e, retirado o papel, achei n'ella traçada com leves caracteres, a palavra *William*. Em outra occasião, um amigo provinciano, totalmente extranho ao medium e cujo nome não tinha sido mencionado, me acompanhava; quando recebeu-se o que foi dado como uma communicação de seu filho, um papel foi collocado embaixo da mesa e, depois de poucos minutos, nelle achamos escripto *Charley F. Dood*, exactamente com o seu nome. Em tal caso, é certo que não havia machinismo algum sob o movel, e só nos resta perguntar se era possivel que a sra. Marshall tirasse as suas botinas, segurasse o papel e o lapis com os dedos do pé, escrevesse um *nome que lhe era preciso adivinhar* e recalçasse as botinas, sem afastar as suas mãos de cima da mesa e sem dar indicio do trabalho que executava, operando desse modo.»

Eis um outro phenomeno interessante de transporte, narrado por Wallace:

— «O que ha de mais notavel na mediumnidade da sra. Nichol (hoje sra. Guppy), é o transporte de flôres e fructos para um quarto fechado. A primeira vez que esse facto se deu, foi em minha casa, na epoca em que as suas faculdades estavam ainda pouco desenvolvidas. Todos os assistentes eram meus amigos intimos. O medium tinha vindo para a ceia; estavamos no meio do inverno, e, antes que as flores apparecessem, elle tinha ficado comnosco durante quatro horas em um quarto muito quente e illuminado a gaz. O certo é que, sobre uma mesa núa, em um pequeno compartimento, fechado e escuro (a sala visinha e o corredor estavam bem illuminados), appareceu uma quantidade de flores que não se achavam ahi quando apagámos o gaz alguns minutos antes. Eram anemonas, tulipas, chrysantemos, primaveras da China, e muitas especies de fetos. Todas pareciam ter sido colhidas de fresco e estavam cobertas de fino orvalho. Nenhuma petala estava quebrada ou machucada, nenhuma das mais delicadas pontas dos fetos se achavam offendidas.

Sequei e conservei tudo, juntamente com o attestado que obtive dos assistentes, garantindo não haverem elles de modo algum contribuido, tanto quanto podiam sabel-o, para o apparecimento das flôres. Acreditei, então, e ainda acredito, que era absolutamente impossivel a sra. Nichol conserval as occultas por tanto tempo, tão perfeitas e, mais que tudo, tel-as coberto inteiramente de tão bella camada de orvalho, igual á que se produz no exterior de um copo quando, em um dia quente, elle está cheio de agua gelada.»

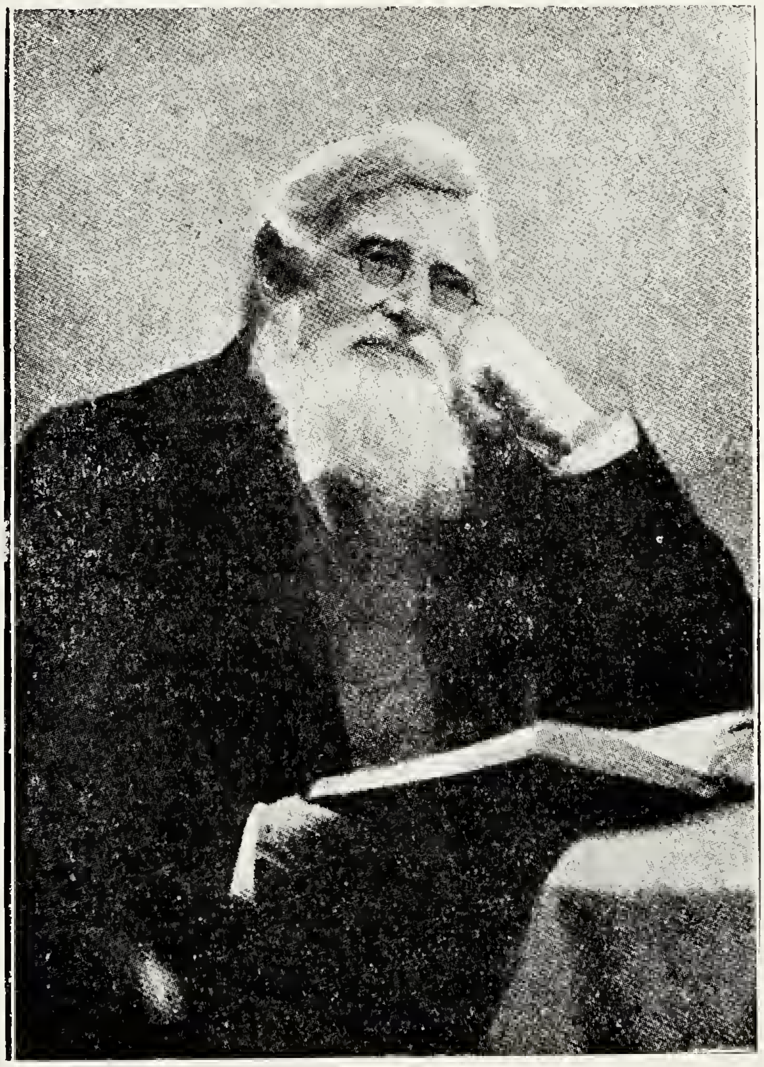

SIR ALFRED RUSSEL WALLACE

Finalmente, na obra citada, Russel Wallace narra assim a sessão em que obteve a photographia de sua mãe, fallecida muito tempo antes :

— «Em 14 de março 1874, fui á casa do sr. Hadson, convidado a fazel-o pela primeira e unica vez, em companhia da sra. Guppy, como medium. Eu esperava que, se obtivessemos algum retrato espirita, seria o de meu irmão mais velho, com o nome do qual as communicações eram constantemente recebidas pela sra. Guppy. Antes de ir á casa de Hadson, tive uma sessão com a sra. Guppy, e obtive uma communicação por golpes participando-me que minha mãe apparecia na placa, se isto lhe fosse permittido. Em tres occasiões tomei posição, escolhendo-a eu proprio. De cada vez, na prova negativa, appareceu com a minha uma outra figura. A primeira, representava um homem com uma espada curta ; a segunda, uma pessôa de pé, collocada apparentemente alguma distancia ao lado e um pouco atraz de mim, olhando-me e segurando um ramalhete de flores. Na terceira vez, depois de eu ter tomado posição e quando a placa preparada estava collocada na camara escura, pedi que a apparição viesse para perto de mim, revelando então a placa a figura de mulher, encostada e um pouco adiante de mim, de modo que seu vestido escondia a parte inferior do meu corpo. Vi todas as placas desenvolvidas, e, em cada um dos casos, a figura supplementar se mostrou no momento em que o liquido do desenvolvimento molhou a chapa, ao passo que o meu retrato não se tornou visivel senão cerca de 20 segundos mais tarde. Não reconheci nenhuma dessas figuras nas chapas negativas ; no momento, porém, em que obtive as provas, o primeiro golpe de vista me mostrou que a terceira placa *continha um retrato incontestavel de minha mãe*, assaz parecido nos traços e na expressão. Não era uma semelhança como a que se nota num retrato tirado em vida, mas uma semelhança algum tanto idealisada, apresentando-se sempre a mim de modo a não poder eu ser enganado.»

⁂

Russel Wallace nasceu de uma familia muito pobre, em Usk, ao norte da Inglaterra e não fez senão estudos muito elementares. Aos 14 annos deixou a escola e comsigo mesmo iniciou o estudo das sciencias naturaes para as quaes sentia viva inclinação. Aos 20 annos arrebatado com a leitura de uma obra de Humbold sobre «A America do Sul», tomou um navio de velas de 192 toneladas, o *Frolic* que trouxe-o ao Brasil. Nas margens do Amazonas, o joven naturalista colheu specimens muito interessantes da nossa flora e da nossa fauna; infelizmente quando, depois de quatro annos de explorações e de trabalho, voltou para a Europa, o navio que o conduzia naufragou e as collecções que elle havia adquirido com tanta dedicação e esforço, se perderam. O naturalista salvou-se por milagre, depois de permanecer em uma canôa á mercê das aguas, durante seis dias com algums companheiros de infortunio.

Após sua chegada á Inglaterra elle poude entretanto publicar um communicado sobre seus trabalhos, ao qual fez seguir um outro sobre «Les Palmiers de la Guyane.»

Russel Wallace voltou depois ao Archipelago Malaio, que percorreu durante oito annos, quasi sempre só. Foi durante este longo exilio voluntario que Wallace viu amadurecer sua famosa theoria do Transformismo. Elle mesmo conta como se achava então trespassado de frio, em Fernate, a idéa apresentou-se subitamente ao seu espirito. Elle tinha começado a ler os *Ensaios* de Malthus sobre a população; pôz o livro de lado, foi á sua secretaria e, embora doente, escreveu toda aquella theoria em uma memoria sobre a «*Tendencia das Variedades sem se separar do Typo originario*», que enviou logo depois a Sir Charles Lyell para que este illustre naturalista lesse-a na sessão de Julho de 1858 da *Linnean Society*.

Nessa mesma occasião sir Charles Lyell recebia de Darwin um ensaio destinado a ser apresentado na mesma assembléa, intitulado: «*Da Tendencia das Especies a formar Variedades.*»

Os dois pesquisadores si bem que distantes um do outro, se haviam encontrado simultaneamente com a mesma idéa. Depois de uma lucta, cheia de tolerancia e cortezias que tinha sem duvida um fim sublime, Darwin devia ceder, tendo ficado provado que Wallace trabalhava ha vinte annos por aquella theoria, e a sua memoria foi acolhida pela *Linnean Society*.

Assim viu elle glorificada a theoria da Evolução das Formas da vida, cujo nome foi quasi substituido por *Wallacismo* em vez de *Darwinismo*.

Quasi que na mesma occasião em que William Crookes, em 1870, começou a se occupar das pesquizas psychicas, Russel Wallace, abordou tão interessante questão.

O seu livro — *Os Milagres do Moderno Espiritualismo* — não é outra cousa que o conjuncto de artigos publicados de 1871 a 1875. Além desta obra o illustre sabio escreveu a «*Defesa do Moderno Espiritismo.*»

O ultimo gesto de Sir Alfred Russel Wallace no dominio do Espiritismo, foi a parte que tomou como testemunha no processo entre William Stead e o prestidigitador Maskeline, em 1907. A autoridade de seu nome contribuiu consideravelmente para convencer os Tribunaes que resolveram a questão a favor de W. Stead.

Em 1912 a Inglaterra em peso celebrou o 91.o anniversario do grande sabio, e quatro dias depois elle passou para o Mundo da Luz cercado das homenagens dos seus patricios e levando os bouquets de saudades e reconhecimento dos espiritas que ainda hoje sabem prestar á sua memoria, ao seu Espirito o culto de gratidão que lhe devemos.

Vivemos no meio do mundo dos Espiritos, do mesmo modo que no meio do outro mundo, que nos foi desconhecido, até que o microscopio nol-o revelou. O Espiritismo nos affirma que isso não é só possivel, mas real. O Universo penetravel aos nossos sentidos é apenas uma fracção de todo o infinito patente á Omnipotencia.

SARGENT

A VOLTA DE OSCAR WILDE

(*Conclusão*)

Da Revue Spirite

No ponto de vista que nos occupa, segundo as explicações fornecidas por Oscar Wilde, a maneira pela qual as personalidades espirituaes tomam conhecimento das obras dos autores terrestres, seria uma forma de percepção collectiva ou «synthetica do conteúdo dessas obras: — conteúdo registrado, de uma maneira indelevel, nos centros mnemonicos dos autores. Isto é interessante, pois em uma das minhas precedentes monographias, consagrada aos phenomenos de «Visão Panoramica», propuz-me eu justamente fazer notar que tudo concorre para mostrar que as percepções psychicas, em um meio espiritual, apresentam a particularidade de se manifestarem em termos de «simultaneidade», contrariamente ás percepções analogas, em um meio terrestre onde se manifestam em condições de «succesão». E, a esse respeito, não se pode senão assignalar o consideravel valor theorico deste facto: que essas modalidades espirituaes de percepção «synthetica» se realizam, excepcionalmente, e tambem na existencia terrestre: em geral, no somno physiologico ou no somnambulico ou extatico: algumas vezes, nos momentos supremos da inspiração dos genios; outras, no periodo preagonotico dos moribundos. Para dar, a esse respeito, uma idéa precisa aos meus leitores, que não estão ao par do assumpto, lembrarei o phenomeno curioso, a que estava sujeito Mozart, que percebia, subjectivamente, em termos de «simultaneidade», a succesão da coordenação de todas as notas que constituiam uma peça de musica inteira, e de onde elle tirava um goso supremo de esthetica. Do mesmo genero é o phenomeno bem conhecido da Visão panoramica, nos moribundos, que percebem, subjectivamente, em termos de «simultaneidade», a succesão inteira dos acontecimentos de suas existencias: — é um phenomeno bem conhecido dos psychologos.

Para me não afastar do thema de que aqui me occupo, não me estendo sobre o assumpto: limito-me a completar esta curta noticia, observando que a «simultaneidade», propria das percepções psychicas, manifesta-se, tambem, nas faculdades supranormaes subconscientes.

Isto contribue para mostrar que estas faculdades constituem, effectivamente, os sentidos da vida espiritual, que preexistem, formados, em estado latente, na subconsciencia humana, aguardando para funccionar no meio espiritual, depois da crise da morte, como os sentidos da vida terrestre preexistem, formados, em estado latente, no embrião, aguardando para funccionar no meio terrestre, após a crise do nascimento.

Agora, referindo-me á maneira de que Oscar Wilde utilizava as reservas de palavras e o senso esquisito do estylo existente no cerebro do medium, obeservarei que, com muita verosimilhança, tudo isso se produzia, por sua vez, graças a um phenomeno analogo de percepção «simultanea» de todo o material bruto disponivel no mesmo cerebro. Esta supposição tornaria intelligivel a circumstancia de poder o communicante utilizal-o com a rapidez vertiginosa com que se produzia o dictado mediumnico. E a rapidez vertiginosa com que se realizam, geralmente, os ditados mediumnicos, é, por sua vez, um indicio de que no Além tambem a concepção de uma longa mensagem se realiza em termos de «simultaneidade»; a mão do medium vôa no papel porque ella traduz, em termos de «succesão», o que o cerebro recebe em termos de «simultaneidade».

Antes de concluir, será bom algo dizer acerca das condições espirituaes em que se encontra o communicante, — condições essas a que elle fez allusão, muitas vezes, em trechos de communicações que temos citado.

Em uma das suas primeiras mensagens Oscar Wilde exprime-se assim:

> Minha tarefa actual não, é em muito, melhor que aquella que me era imposta na prisão, onde eu cardava lã. Ali, pelo menos, o meu espirito podia afastar-se do corpo e vagar á vontade; aqui não tenho mais corpo para delle sahir, e a ausencia

do corpo torna-me impossivel uma das mais agradaveis distracções terrestres. Não é absolutamente de satisfazer a idéa de nos sentirmos puro espirito, sem corpo. Este era um ornamento que nos fazia parecer reciprocamente attrahentes ou, se preferirem, mesmo inteiramente o contrario. Aqui onde me acho, esta distracção foi posta de lado; mas, em compensação, conhecemos cada um até demasiadamente, as idéas mais secretas do outro. Segue-se dahi que as idéas dos outros acabam por não mais nos interessar, e o tedio nos invade a existencia.

Podemos perceber, reciprocamente, os nossos pensamentos, como vós podeis ver uns nos outros as manchas de vossas vestes (pag.15). Eu vos disse que não ha em torno de mim senão trevas; é o meio reservado áquelles que foram victimas das convenções sociaes; ellas me reduziram a uma condição que não é favoravel á minha elevação espiritual.

A minha mentalidade é, actualmente, comparada a uma fechadura enferrujada, na qual a chave gira com difficuldade, estalando. O pensamento não mais se desprende, agil e alado, como outr'ora (pag. 20).

Estiólo-me neste crepusculo eterno; mas bem sei que, um dia, me elevarei até os fastigios do extase espiritual. Este pensamento de esperança nos é concedido para nos ajudar a supportar...

O espirito humano destina-se a conhecer o Bem e o Mal até as suas raizes mais reconditas, sem o que elle jamais attingirá á perfeição; e soffro neste meio de trevas, porque o alvo a que devo attingir me parece ainda muito distante.

E, portanto, possuo a faculdade do conhecimento, — conhecimento ao qual não pode alcançar a justiça humana, que sempre torturou a pobre humanidade, desde que ella existe (pag. 55). Seja como fôr, o estado em que me encontro não é absolutamente uma «punição», como crêdes; é um episodio indispensavel de minha experiencia espiritual; é assim que estou encerrado, presentemente, em um véo de trevas; mas estas contribuem para me orientar, a mim proprio, para os fastigios supremos da perfeição espiritual (pag. 176).

Estas revelações ácerca da situação espiritual, em que se encontra o poeta Oscar Wilde, são interessantes; e, se imaginarmos que ellas concordam admiravelmente com o que se affirma, em outras mensagens analogas, relativamente ás consequencias inevitaveis, no mundo espiritual, das faltas commettidas pelos homens, durante a sua existencia terrestre, tal concordancia constitue uma boa prova em favor da sua authenticidade.

Com effeito: se as revelações de que se trata não fossem senão uma mystificação da subconsciencia, não succederia que numerosos mediums, pertencentes ás nacionalidades mais differentes, ignorando uns as mensagens obtidas pelos outros, se pudessem encontrar na descripção de um grande numero de detalhes, que são, muitas vezes, absolutamente novos, exquisitos, inesperados. Seja como fôr, no caso presente, a presumpção a respeito da authenticidade dessas revelações está baseada em cousa bem diversa, isto é, no facto do communicante Oscar Wilde ter conseguido demonstrar a sua identidade, fornecendo todas as provas que se podem racionalmente exigir, em taes circumstancias; somos, pois, levados, logicamente, a concluir que se, na serie inteira das manifestações, não houve, que se reconhecessem, incidentes de mystificação subconsciente, e, se tudo o que elle affirmou ácerca dos episodios verificaveis, foi reconhecido, escrupulosamente, veridico, então não saberiamos por que mysteriosas argumentações logicas deixariamos de dar fé ao que elle affirma de não verificavel, relativamente á sua existencia espiritual.

A Sra. Travers Smith nota, com razão, que nenhum dos casos de identificação pessoal, de que ella tem conhecimento, teve sobre a sua pessoa uma influencia tão efficaz, como de Oscar Wilde, para a conduzir a colher a explicação espirita dos factos, pois difficilmente se encontraria um exemplo tão completo e circumstanciado, em favor da these da sobrevivencia da alma.

Com effeito, acham-se reunidas, neste caso, todas as provas cumulativas que, racionalmente, temos o direito de exigir em taes circumstancias: Primeiramente, a transmissão de varios incidentes pessoaes, ignorados de todos os assistentes; em seguida, a prova memoravel de identidade, continuada, sem tregua, no decorrer de centenas e centenas de paginas : depois, a outra prova, mais importante ainda, da identidade do estylo, ou, antes, dos dois estylos, que caracterisam a personalidade literaria do defunto communicante ; emfim, a mais concludente de todos as outras, de emergencia, por detraz do estylo, de sua personalidade, complexa, extranha, inimitavel. Observarei, ainda, que ás provas fornecidas, Oscar Wilde prometteu, recentemente, accrescentar uma outra : a de dictar uma obra posthuma, pelo seu medium. Nestas condições, me é grato affirmar que não haverá oppositores capazes de sustentar que o caso que acabo de expor, em seu admiravel conjuncto de provas cumulativas, seja susceptivel de ser explicado pelas hypotheses da ‹cryptomnesia› ou da ‹cryptesthesia» ; e, como não se conhecem outras, resulta dahi que desta vez, para as opposições está afastada qualquer possibilidade de justificar, com base nos factos, o seu ponto de vista ; por outras palavras, resulta que as conclusões a que se chegou, em favor da hypothese espirita, devem ser consideradas como scientificamente legitimas, irrefutaveis e decisivas.

Não ignoro, absolutamente, que para um oppositor systematico será sempre possivel appellar para que o recurso extremo, a que se agarram todos os vencidos nestas questões : chamar em seu auxilio a these da ‹Prova Absoluta», na extensão do sentido philosophico. Poder-se-ia dizer, em summa, que não ha, nos casos analogos, hypotheses naturalistas a oppor á hypothese espirita ; não é menos verdade que, mesmo nessas circumstancias, não se attinge á ‹Prova Absoluta», relativamente á sobrevivencia do espirito humano. Não vae nisto uma grande descoberta ; sómente tambem não é menos verdade e fóra de duvidas que todos os que forem dotados do senso philosophico, ou simplesmente senso commum, repellirão essa objecção insensata, pois que neste mundo inferior dos phenomenos tudo é ‹relativo›, o que faz que nunca se poderá obter a «prova absoluta› do que quer que seja, a partir da nossa propria existencia que é contestada por uma escola de philosophos idealistas. Não se pode contestar que taes philosophos tenham suas boas razões a fazer valer ; ou, antes, que a empreza grotesca de negar a existencia de nós proprios não lhes é assaz favoravel, justamente por causa de impossibilidade de fornecer a «prova absoluta› da existencia do universo. Isso não impede absolutamente que todos convenham que os philosophos idealistas não tinham razão, pois se, ao invés de contestarem a existencia do universo, abandonando-se a argumentações metaphysicas, tivessem examinado as innumeras ‹provas relativas›, pelas quaes se demonstra que alguma coisa existe, então, teriam, a respeito, alcançado essa certeza pratica, philosophica e scientifica que basta e deve bastar em face da razão. Segue-se dahi que exigir a ‹prova absoluta» a proposito de uma hypothese qualquer, significa ter prazer em fazer ironia descabida, ou, antes : demonstrar insufficiencia philosophica, scientifica e logica. Seja como fôr, observarei que, como ainda ninguem pensou em pedir a ‹prova absoluta›, relativamente a qualquer outra hypothese scientifica, é esquisito e inexplicavel que esta prova seja exigida, tantas vezes e de modo tão peremptorio, a proposito da hypothese espirita (o ultimo a pedil-a foi o Dr. William Mackenzie) ; o que prova a cegueira de partido com que os partidarios do aniquilamento final luctam em defesa de seus... ideaes.

Concluamos. E certo que, apezar das pretenções absurdas do misoneismo humano, o que é preciso para demonstrar, pelo methodo scientifico, a existencia da alma e a sua sobrevivencia, deve ser absolutamente analogo ao que se pede para se chegar á demonstração scientifica de qualquer outra hypothese, em qualquer outro ramo do saber. Ora, sabe-se que o que se exige, a este respeito, consiste nisto : que, como conclusão da analyse comparada dos factos, resulte nitidamente que os factos em questão convirjam todos para a demonstração da validade da hypothese a examinar. E' o que se dá no exame dos phenomenos mediumnicos — tanto animicos como espiritas — que todos convergem para a demonstração da existencia e sobrevivencia da alma. Os phenomenos animicos convergem, com effeito, para esse ponto, pois elles provam a existencia no homem, de uma personalidade integral subconsciente, bem superior á personalidade consciente, dotada de memoria perfeita e de faculdades supranormaes maravilhosas, independentes da lei da evolução biologica. Os phenomenos espiritas convergem, do mesmo modo, para esse ponto, demonstrando, por factos, a sobrevivencia desta personalidade integral subconsciente, que os phenomenos animicos revelaram. Por outras palavras : Resalta da analyse comparada dos factos que os phenomenos animicos e espiritas são complementares uns dos outros, e isto até o ponto em que sem o animismo, o espiritismo não teria base. Vê-se, por ahi, toda a inanidade e superficialidade da logica adversaria, que se illude em empregar os phenomenos animicos para combater os phenomenos espiritas. Eis ahi a synthese conclusiva que resalta, espontanea e inabalavel, da analyse comparada de toda a phenomenologia metaphysica ; e esta feliz solução experimental do formidavel problema do SER pareceu tão evidente e insophismavel ao professor James Hislop, que elle não duvidou escrever a esse respeito :

> As provas cumulativas, convergentes, em favor da hypothese espirita, parecem tão inabalaveis que não hesito em declarar que ellas são absolutamente equivalentes e até superiores áquellas em que se baseia a theoria da evolução (Contacts with the other World ; pag. 328).

Tudo isto de uma maneira geral. Voltando ao caso de que nos temos occupado, observarei que os nossos proprios contradictores não poderão deixar de reconhecer que todas as provas racionalmente exigiveis de uma entidade espiritual, que se propõe provar a sua identidade, foram fornecidas desta vez. Dever-se-ia, pois, admittir que se um caso analogo de «convergencia de provas», em favor de uma hypothese dada, se tivesse realisado, em outro qualquer ramo do saber humano, não se teria deixado de proclamar, immediatamente, a validade insophismavel da hypothese discutida. Isso equivale a reconhecer o nosso pleno direito scientifico de concluir no mesmo sentido, affirmando que o caso de Oscar Wilde traz mais uma joia a brilhar para o collar precioso das provas experimentaes da existencia e sobrevivencia da alma.

ERNESTO BOZZANO.

Abbade JOSEPH A. PETIT

Innumeros são os sacerdotes da Egreja Catholica que, convencidos das verdades espiritas, não reluctaram apregoar aos seus contemporaneos a excellente doutrina que reproduzindo o caracter primitivo do Christianismo, demonstra, cimentando com factos incontestaveis, a Immortalidade e a necessidade da applicação moral na vida quotidiana, como consequencia logica desses factos.

O abbade Petit não é o unico que, illuminado pela Nova Revelação, afrontou com coragem as excommunhões da sua egreja e passou altaneiro pelo meio da turba ignorante que via nesse grande homem, não o prototypo do caracter sublimado, mas o heretico que entregara-se aos braços do «demonio». Muitos e muitos conta o Espiritismo que sahidos de Roma e de Luthero por não poderem conciliar a estreiteza destas doutrinas com a estensão da obra traçada por Deus, sentiam que algo humano precisava ser removido e que o Espiritismo deveria ser, sem duvida, o motor de tal depuração.

Dotado de alta intelligencia, o abbade Petit acolheu com a maxima bôa vontade as novas espiritas não reluctando affirmar a realidade das manifestações dos mortos.

Foi então quando elle teve frequentes debates com o seu bispo, terminando por renunciar o sacerdocio, embora continuasse a envergar a sotaina.

Falando do abbade Petit, diz Léon Denis : «Elle pertencia á raça dos

Loisy. dos Loison, dos Lamennais, de todos esses genios que se libertaram das cadeias ferreas com que o catholicismo romano os aprisionava.»

Escriptor distincto, possuidor de vasta erudição o abbade Petit deixou obras notaveis, dentre as quaes se distingue a *Renovação Religiosa* que exgotou varias edições.

O illustre sacerdote resume assim a historia de sua conversão : «Eu era vigario de Notre-Dame-du-Hamel, quando por vezes tive occasião de ser consultado sobre os phenomenos espiritas nos quaes eu não acreditava : obsessões, golpes, vozes, apparições de defuntos, casas assombradas. Precedentemente, o sr. Prévôt, fundador do Orphanato de Cempuis vinha frequentemente visitar-me e entretinhamos palestra sobre o espiritismo. Mas eu não podia renunciar a fé que tinha na Egreja de Roma e seus ensinos. Julgava, conforme a doutrina catholica que todos os phenomenos provinham do demonio. Pouco a pouco, raciocinando, modificava a minha opinião, mas sem ter uma noção rasoavel das cousas. Na capella se davam phenomenos exquisitos, como pancadas no forro, bolas luminosas que appareciam, mas eu attribuia á secura da madeira e ao cançaço da vista. Não podia admittir a explicação espirita. Por fim retiniram as pancadas nas paredes da egreja, no tabique e nos moveis do meu presbyterio. Mas era minha convicção que tudo isso era effeito diabolico.

Estava nessa situação quando tive a honra de ser admittido na casa da duqueza de Pomar, com quem travei relações.

Parte d'ahi a minha conversão. O estudo theorico e pratico do mundo invisivel começou então, com o do magnetismo, minha principal occupação.

Para não ficar submettido a uma autoridade suspeita, pedi ao bispado minha exclusão da lista dos membros do clero de Oise e fixei-me em meu paiz natal. Foi ahi que escrevi a *Renovação Religiosa*. Fazer voltarem as egrejas chamadas christãs á pura concepção do Christianismo, foi o meu grande esforço. E esta pura noção não poderemos obter sem o concurso dos membros mais elevados do Mundo Invisivel. Neste sentido eu sou nitidamente espirita : mas não quero ser confundido com essa multidão de ociosos que fazem do Espiritismo um passatempo. Espirita não é synonimo de bôbo.»

ABBADE JOSEPH A. PETIT

⁂

O abbade Petit nasceu em Romescamps (Oise) em 1842. fez seus estudos no seminario de Saint-Lucien, onde depois foi professor de historia. Escreveu diversas obras : *Historia de*

Maria Stuart, que foi traduzida para o inglez, em 2 volumes; *Historia contemporanea da França*, em 12 volumes; além de folhetos e artigos esparsos nas melhores revistas francezas.

Em setembro de 1921, o illustre espirita passou para o outro lado da Vida, illuminado pelas claridades da Immortalidade na qual acreditava com todas as forças d'alma e de coração. Pouco antes do seu desincarne, numa carta que escreveu a León Dénis, disse: «O invisivel promette-nos dias mais felizes... Bellas cousas nos estão annunciadas para depois da guerra. Deve surgir uma reforma religiosa, da qual não vemos ainda senão as primeiras radiações. A reforma não attingirá a Egreja mas deixal-a-á de lado, para fazer-se fora della.

Eu aguardo o momento da morte com toda a calma porque ella não é mais que a libertação. E' preciso trabalhar para destruir a crença na morte, tanto nos adultos, como nas crianças, porque ella é uma falsa idéa da existencia.»

O INFERNO

(*Da Revista de Estudos Psychicos*)

Segundo o dogma, o inferno é um lugar destinado a receber os reprobos que são condemnados ao tormento do fogo por toda a eternidade.

Depois da invenção do Céo e do Diabo, a Igreja julgou que si o primeiro deveria receber as almas dos justos, forçosamente teria que existir outro lugar completamente distincto deste para albergar as almas d'aquelles que não morressem limpos do peccado, dahi occorreu-lhe a idéa do Inferno. Uma vez creado este antro, julgaram o Demonio demittido do reino celestial, desde que Deus o expulsou do seu lado e o nomearam monarcha e senhor d'aquelle terrivel lugar.

E Satan installou-se no Inferno com os seus, nomeou Ministros, Conselheiros, empregados, organisou todos os serviços e, em um palavra, deixou aquella repartição tão bem montada como qualquer dependencia do Estado.

Desde então para cá, o espirito catholico tem sondado de tal maneira as occorrencias e intrigas de dicto recinto que eu não ficaria admirado se alguem viesse me dizer o que alli se paga de direito civil ou quaes os nomes dos empregados que alli se acham.

Mas raciocinemos: Supponhamos um homem dotado de tão perversos instinctos que durante a curta ou larga vida que Deus lhe concedeu tenha feito todo o mal possivel e nenhum bem a seus semelhantes. Segundo o dogma religioso dicto homem é condemnado ao Inferno e castigado por Deus por toda a eternidade. Com o escoar de seculos e seculos chegaria afinal o dia em que o infeliz condemnado teria recebido mais damnos do que tivesse podido fazer na sua curta vida. A logica diz que assim deve ser. Pois a partir d'aquelle dia se permanecesse no Inferno, accusaria uma grande injustiça em Deus por lhe ter dado um limitado tempo para peccar e uma eternidade para castigal-o; dando de barato que pudesse existir um homem por essa forma, absolutamente mau, pois em qualquer ser humano, por mais depravado e abjecto, sempre ha algum pensamento bom ou acção meritoria durante o transcurso da sua vida.

Como, pois, o homem, ser imperfeito sente o desejo de fazer o bem e Deus, sendo o Bem absoluto, não sentir-se-ia tocado de piedade e misericordia durante uma eternidade de castigos?

Todos vós conheceis como é grande e bello o amor maternal; imaginai, pois, uma mãe e um filho; ella bôa e virtuosa consegue salvar-se; elle perverso, preso aos maus instinctos não o consegue; Deus, Juiz Supremo, diz á mãe:

— Passa para a minha direita, vai gosar a gloria que prometti aos que praticam os meus mandamentos. E tú, filho desnaturado que esqueceste as minhas leis serás condemnado ao fogo eterno.

A mãe supplica:

— Perdão, Deus meu, para o filho que eu carreguei nas minhas entranhas!

Mas Deus que não pode revogar as suas resoluções mantém firme a sentença: o infeliz filho caminha para o Averno, a mãe abraça-o e desesperada segue-o...

Deus procura detel-a e lhe diz:

— Não é esse o teu caminho santa mulher. Para onde vaes?

E ella n'um impeto de amor maternal exclama:

— Para onde vou? Para o inferno, ao lado de meu filho para consolal-o, enxugar suas lagrimas, chorar e soffrer com elle, porque é o sangue do meu sangue; deixo para Ti este Céo que me prometteste e que não posso acceitar, emquanto meu pobre filho permanecer nas trevas, soffrendo os rigores da Tua justiça e renegando a Tua sabedoria immensa, emquanto elle for atormentado durante essa noite sem fim que se chama Eternidade.

CAMILLO FLAMMARION.

ZOU — O CÃO SABIO

PARA aquelles que não estão familiarisados com a theoria da evolução animica que o Espiritismo propaga, será, sem duvida parodoxal o titulo que enfeita esta noticia, e sobretudo os resultados maravilhosos que *Zou* tem demonstrado com a educação que lhe tem sido dada.

Embora as religiões parasytarias tenham negado a alma aos animaes, os factos estão todos os dias demonstrando a improcedencia das idéas preconcebidas, causas do grande atrazo da humanidade. O desprezo pelos animaes, os máos tratos aos mesmos infligidos, em pleno desaccordo com as leis do amor e da benevolencia são productos da negação da alma que, indubitavelmente não pode deixar de existir na escala inferior da creação.

A Philosophia dos Espiritos, que tem por ponto de apoio a *alma* com os factos irrefragaveis por ella provocados e constatados em todos os pontos do globo, não podia deixar de incluir na resolução do *problema animico*, anciosamente esperada pelos homens livres, a alma dos animaes, assumpto tão relevante quão digno de consideração. E logo no seu primeiro — *Livro dos Espiritos*, as Intelligencias superiores resolveram abordal-o com grande maestria deixando claro e patente que: «os animaes não são simples machinas; que se o instincto domina a maior parte d'elles, outros operam por vontade determinada, com intelligencia; que elles têm uma linguagem para se advertirem e exprimirem as sensações que experimentam; que, embora limitada, elles têm liberdade de acção; que a alma dos animaes sobrevive a morte do corpo e segue uma lei progressiva como a alma humana; que o principio intelligente de que são dotados, tiram, como o homem, do elemento intelligente universal; finalmente que, esses animaes passarão um dia do reino animal para o reino hominal, porque a alma do homem, no seu inicio, na sua infancia, teve por origem uma serie de existencias que *precedem o periodo que chamamos humanidade*».

Mas deixemos a digressão para outra vez e digamos alguma cousa sobre *Zou*, o cão sabio de Mme. Carita Borderieux.

Varios jornaes francezes, como *L'Œuvre*, *Le Petit Parisien*, *L'Intransigeant*, *La Croix*, *La Libre Opinion* consagraram artigos a *Zou*.

Vamos passar de preferencia para estas columnas — *Uma entrevista com Zou «o cão que falla»* que o *Excelsior* publicou com a assignatura do talentoso jornalista sr. René Le Gentil.

— Uma amiga minha, sabendo quanto me interesso por estas questões que a convenção resolveu chamar sciencias occultas, convidou-me para apresentar-me a um cão que falla, que mora em casa do sr. e da sra. Borderieux, directores da revista «Psychica». Ella tinha me dicto :

— Ficai sabendo, é preciso que lhe sejais sympathico, sem o que elle não responderá.

Tive o prazer de constatar, pela recepção que *Zou* me fez desde a porta, apertando-me a mão com a pata que offereceu-me expontaneamente que os seus sentimentos eram sem duvida os mais cordiaes. Examinei então, com vagar, este joven cão, de pello pardo e luzente, cabeça comprida na qual brilham, como diamantes negros, dois olhos intelligentes que nos observam de curiosa maneira. Elle parece dizer : «O que é que este animal vertical poderá pensar de mim ?»

Eu tinha ouvido falar dos famosos cães allemães, Rolf, Lola e Awa que occuparam as chronicas ; eu sabia que a intelligencia dos nossos irmãos inferiores reserva-nos grandes surprezas. Conhecia os testemunhos do professor Zeigler, de Mme. Kindermann, de Mme. Moekell e o que Maeterlink publicou no *Hote Inconnu* das suas experiencias com os cavallos sabios d'Elberfeld ; mas estava, confesso, muito curioso para verificar pessoalmente.

ZOU, O CÃO SABIO

Zou e a telepathia

Mme. Borderieux, cuja autoridade nesse dominio é competente e só iguala a sua amabilidade, disse a esse respeito :

— Zou talvez seja menos instruido, menos intelligente, mas elle não desmentirá, penso eu, o que nos tem sido dicto a respeito dos cães d'além Rheno.

— Mas como procedeis ?

— Eu creio que a telepathia goza de uma grande influencia na instrucção do cão. Se ella não existir entre o mestre e o alumno, o resultado é duvidoso. Ha momentos em que penso que Zou lê no meu cerebro como num livro aberto. E' por isto que parece aprender com facilidade. Em verdade, elle não faz senão lêr. A tal ponto que, se fecho o livro, se meu cerebro ignora a resposta, o meu alumno se mostra desorientado. Elle hesita e bate muitas vezes dez golpes com a pata esquerda, que quer dizer: *Eu não sei*. Notai que foi elle mesmo que concebeu este modo de se exprimir. Eu quero fazel-o simplesmente levantar a pata. Elle recusa categoricamente. Eu lhe digo então : «Diz tu mesmo : *eu não sei*.» E lhe citei exemplos. Assim : «Que idade tem teu mestre ?» Zou não sabia. Pareceu reflectir, depois bateu dez golpes com a pata esquerda. Ora, não se pode confundir, pois que elle bate as dezenas com a pata direita. Depois elle emprega este meio para dizer : *eu não sei*.» Isto prova a intelligencia independente do cão.

Zou ouve as explicações da sua professora piscando uma palpebra e parece dizer: «Fala sempre, tu me interessas!»

O interrogatorio de Zou

Eu o interrogo então, mostrando-lhe cartões em que estão desenhadas cifras. Com a boa vontade que nem sempre se encontra nos escolares, Zou me responde muito exactamente. Sem se enganar elle conta perfeitamente os numeros que eu lhe mostro; primeiro 9, depois 17, enfim 25. Passamos ás quatro operações. Zou adciona sem difficuldade 9x4=13, depois 17x11=28. Depois de ter saboreado um pedaço de biscouto, elle subtrahe com a mesma intelligencia 9—4 resta 5 e ainda 18—9 resta 9.

Mesmas precisões para as multiplicações. Eu lhe pergunto:

— 5 vezes 7, quantos são?

— 5 vezes 7,—repete sua professora.

Sem hesitação, Zou bate tres pancadas com a pata direita, com a que elle conta as desenas, depois troca de pata e bate cinco pancadas com a pata esquerda para as unidades. 5x7=35. Eu lhe proponho então uma divisão, 24÷4. Immediatamente elle responde: 6, etc.

Apresenta-se-lhe em seguida cartões de varias côres: rosa, azul, amarello. O intelligente animal dá, por meio do seu alphabeto, os nomes exactos das côres. Mas, como se insiste, elle detem-se um momento sem responder e, em materia de côr, reclama um doce. Satisfaz-se-o e elle continua a responder.

— Como te chamas?

O cão bate 23.4.5; o que, segundo o seu alphabeto quer dizer Zou.

— Que idade tens?

Elle responde: «Dois». Dois annos.

— Quantos mezes?

Elle bate vinte e seis. E' exacto.

Mas Zou teme que se lhe pergunte o numero dos milhares de marcos papel emittido pela Allemanha ou dos pellos que elle tem no dorso e, com o auxilio do seu alphabeto, exige que se lhe de uma bola. Elle fez muitos calculos de mathematica, quer brincar. Da-se-lhe permissão e como para se vingar d'eu lhe ter feito trabalhar, elle traz-me a bola e exige que eu atire-a fora da sala».

⁂

Zou -- Seu perfil

E' assim que Mme. Carita Borderieux descreve, no seu livro *Les Animaux Pensants*, o perfil de seu alumno.

— «Zou nasceu em minha casa a 26 de janeiro de 1921, pela manhã. Sua mãe era uma fox ingleza, muito nova, e seu pae (eu o supponho) um pastor beocerão. Foi elle o ultimo de oito irmãos, e o unico que ficou commigo. Nunca mais separou-se de mim; vive commigo em toda a familiaridade como uma criança.

Creio que isto tem grande importancia para o bom exito dos estudos que eu empreendi.

Desde os primeiros mezes, Zou entendeu as minhas palavras, as comprehendeu e reteve um certo numero d'ellas dedicando-me a sua confiança.

A sua estatura é a de um grande fox. Esbelto, bem proporcionado, seu pello é longo, sem ser frisado, pardo brilhante, coberto no lombo de pellos negros. As patas, o focinho e a cauda são mais claros. O pello é brilhante, macio ao toque. As órelhas muito curtas, revelam sua bastardia; mas os olhos exprimem bem a intelligencia do animal. —Vêde seus olhos; tal é a advertencia que faz cada qual que o visita.

No moral, Zou, — elle não tem ainda tres annos — conserva-se muito brincalhão. Não tendo por companheiro senão um velho cão cégo, tomou grande amor pela bola, que é, fóra das suas licções, sua companheira inseparavel. Não muito carinhoso, deixa para as grandes occasiões, quando depois de ter sido separado dos seus Mestres, elle quer lhes mostrar a felicidade que sente revendo-os. E' pouco sociavel com os seus collegas. Os cães de estatura superior á d'elle, excitam a sua colera e, altivamente, elle os ataca.

⁂

Zou lê e conversa

A instrucção de Zou não se limita ás mathematicas; elle sabe lêr e conversar por um methodo especial que foi ensinado pela sua professora D. Carita Borderieux. A illustrada senhora mandou fazer um alphabeto de madeira. cada letra separada, equivalendo cada uma d'ellas um certo numero de pancadas; assim o animal por typtologia não só responde as perguntas que se lhe faz, como tambem externa, por esse mesmo processo os seus pensamentos, assim como responde *sim* e *não* por pancadas convencionaes.

Zou em casa do vigario

A nota emocionante do «cão sabio» chegou ao conhecimento de um sacerdote, que desejou vêl-o. D. Carita resolveu leval-o e foi Zou recebido entre alas em *La Croix* pelo vigario da Parochia.

Deixemos fallar Mme. Borderieux :

— «Eu já havia preparado o meu alumno para esta solemne visita, como o faria a um menino.

Eu disse a Zou com certa emphase, para fixar a sua attenção :

— Tu conheces o sr. vigario de X?

Zou me respondeu : — Não.

Querendo fazer a contra experiencia, eu perguntei-lhe immediatamente :

— Tu conheces teus priminhos ? — Sim.

— Tu vais ver o *Vigario*. Elle te dará uma bola e dôces.

Immediatamente Zou ficou absorvido e prestou toda a attenção.

— Tu dir-lhe-ás : *Curé* : C.U.R.E.' (padre). Diz Curé, meu cãosinho : C. e Zou bateu 7 pancadas ; U, Zou bateu 5 pancadas ; R, 22 pancadas ; E, 2 pancadas.

— Está bem. Tu lhe dirás assim : *Merci* (palavra ignorada do cão). Darás 1 golpe com a pata direita, 1 golpe com a pata esquerda. Diz *Merci*, meu cãosinho. E Zou levantou uma e outra, suas patas.

MME. CARITA BORDERIEUX E SEU ALUMNO ZOU

Esta lição lhe foi dada sabbado 19 de agosto (1922). Eu o fiz repetir segunda feira pela manhã, dizendo-lhe ainda : O vigario lhe dará uma bola e dôces. Queres ir vêr o vigario ?

— Sim.

Por vezes esta palavra Curé parecia encantal-o. Depois de meio dia, meu alumno, ornado com uma bella colleira, muito disposto, apesar do grande calor que fazia, entrava em minha companhia, no salão do digno ecclesiastico. Logo depois elle estava rodeado de tres meninos que lhe faziam festa. O sr. vigario havia fallado de Zou e os meninos queriam vêr o sabio.

O sr. cura entrou, eu fiz as apresentações. Zou olhava curiosamente o padre.

— Tu não estás acostumado a ver membros do clero, observou o ecclesiastico.

— Ai ! Sr. Cura !...

Trouxeram uma cadeira de palha, Zou sentou-se, e como o padre me perguntasse a idade que tinha o meu alumno, eu respondi : — elle mesmo vai vos dizer. E eu propuz a questão a Zou. Este levantou uma vez a pata direita, 8 vezes a pata esquerda : 18 mezes, sr, cura.

Eu tinha levado os numeros ; mostrei 2 ou 3 ao animal que os traduziu muito bem, com grande admiração dos assistentes, aos quaes se ajuntava a governante.

Zou fez então, uma ou duas addições, uma subtracção, uma multiplicação. Depois elle disse *Curé* com muito prazer, disse correctamente *merci* e respondeu ás questões seguintes :

— Tu queres voltar a Paris ? — Não.

— Queres ver os teus priminhos ? Não.

— Gostas do Rano (um outro cão de M. Borderieux).

— Não.

— Gostas da tua bola ? — Sim, etc.

Eu passei então a bola ao sr. Cura para que elle désse a Zou e este brincava, saltava muito alegre em torno do padre, enciumado com os meninos e muito impetuosamente jogava bola com o sr.

vigario ! Este encantado, perguntou se o visitante permanecia por muitos dias em sua parochia, e como eu respondesse affirmativamente, o sr. padre convidou ao meu pequeno alumno para renovar a visita ; o que nós promettemos.

A' tarde eu perguntei a Zou :

— Tu conheces o *Curé* ? — Sim.

— Gostas d'elle ? — Sim.

⁂

Zou visita o Dr. Osty

Diversos psychologos e sabios têm verificado as aptidões de Zou. Dentre estes se nota o Dr. E. Osty, Director do «Institut e da Revue Metapsychique».

Em 8 de outubro 1923, acompanhado da sua professora, Zou foi visitar este scientista.

O animal foi recebido da maneira mais cordeal pelo Dr. e sua familia. Offereceram-lhe uma cadeira na mesa por occasião do chá, mas o hospede sentia intimidado.

Tendo chegado o filho do Doutor, depois de uma partida de jogo de bola que fez com este, Zou consentiu mostrar a sua sabedoria e tambem responder sim e não na mão do nosso collaborador, o que nunca havia feito.

Eis como eu propuz as questões a Zou :

— Tu conheces o Dr. Osty ?

— Sim.

— Gostas d'elle ?

— Não.

— Queres voltar aqui ?

— Não.

⁂

Nunca mais falamos do Dr. Osty, mas ultimamente, em 7 de fevereiro, conversando com o meu cãosinho, lhe perguntei derepente :

— Tu conheces o Dr. Osty ?

Pensei : elle vai me responder *não*, é obrigado. Mas o meu cão bate sim.

— Gostas d'elle ? Não.

— Queres voltar a sua casa ?—Não.

Perguntei então :

— Conheces Mme. Bisson ? (Zou tinha ido em casa desta nossa distincta collaboradora em 25 de janeiro).

— Sim.

— Gostas d'ella ? — Sim.

— Queres voltar á sua casa ?— Sim.

Estes sentimentos elle já tinha externado ao voltar da casa de nossa amiga.

Peço perdão ao Dr. Osty dos sentimentos de Zou. Elle os modificará certamente. Em todo o caso posso lhes assegurar que esses sentimentos não são os de seus mestres que reconhecem no nosso collaborador a sympathia que lhes tem testemunhado.

⁂

Vamos terminar com as demonstrações de agradecimento pela permissão que os esposos M. M. Pierre e Carita Borderieux deram á *Revista Internacional do Espiritismo* de transcripção destes factos, dignos de todas as formas, de repercussão, para que se comprehenda a aptidão e intelligencia dos animaes que não podem deixar de ter por causa a existencia e immortalidade da alma nos seres inferiores á humanidade.

Com vagar daremos conta dos cavallos d'Esberfeld, do cão de Mannhein e outros animaes amestrados.

UM TRECHO DE PYTHAGORAS

A evolução material dos mundos e a evolução espiritual das almas são parallelas, concordantes, e explicam-se uma pela outra. A grande alma espalhada na natureza, anima a substancia que vibra sob seu impulso, e produz todas as formas e todos os seres. Os seres conscientes, por seus longos esforços, desprendem-se da materia, que dominam e governam a seu turno, libertam-se e aperfeiçoam-se atravez de existencias innumeraveis. Assim o invisivel explica o visivel, e o desenvolvimento das creações materiaes é a manifestação do Espirito Divino.

Garibaldi e o Espiritismo

Adriatico, periodico de Veneza, deu a interessante noticia, com a epigraphe que encima estas linhas:

Garibaldi sempre acreditou na immortalidade da alma humana. Elle dizia: «Ha na memoria do homem alguma cousa que não podemos comprehender, nem explicar, porém que existe. E', sem duvida, uma chispa minuscula, emanada do Infinito e que reside em nosso pobre e miseravel envoltorio, fora do contacto dos nossos sentidos e do alcance da nossa vista.»

Garibaldi, não só admittia a sobrevivencia da alma, mas tambem a preexistencia. Elle relata, a proposito, o seu primeiro encontro com Annita. Diz que ambos quedaram-se em extasis e silenciosos; olhavam-se como duas pessoas que não se viam pela primeira vez e procuravam se recordar de uma existencia anterior.

Os poderes psychicos de Garibaldi se manifestaram por varias vezes. Vidente, elle vio em sonho, os funeraes de sua mãe celebrando-se nesse mesmo dia em Nice.

O professor Damiani escreveu o seguinte, sobre Garibaldi:

«Em uma conversação que tive em Roma com o nosso grande homem, a ultima vez que falamos sobre o Espiritismo, encontrei-o verdadeiramente propenso á nossa divina philosophia. Eis a definição que elle deu-me sobre a mesma: «Essa religião da razão e da sciencia, se chama Espiritismo.»

Garibaldi sentia uma grande repulsão pelos padres e escrevia a seus amigos de Veneza:

— «Fazer guerra aos padres, é obra santa; elles impedem a liberdade de pensar na familia, nas escolas e por toda a parte onde dominam».

UMA AVENTURA DE RICHEPIN

O grande poeta e dramaturgo francez, João Richepin, foi certa vez passar uma temporada na costa normanda. Acompanhava-o o seu secretario. A noite depois da ceia, numa casa de campo que o poeta havia alugado, divertia-se em fazer «dansar a mesa»

Certo dia porém, a mesa que até então se limitava ao movimento costumario, começou a ditar phrases que terminaram narrando um acontecimento tragico. O antigo proprietario daquella casa morrêra assassinado, e o culpado nunca foi descoberto.

Mas a mesa sabia quem elle era e dictou o seu nome por meio de golpes do alphabeto typtologico.

Dia seguinte o secretario de Richepin foi a cidade visinha e communicou o caso ao commissario de policia. Este fez comparecer a sua presença o denunciado pela mesa vingadora. Logo que o commissario fallou-lhe sobre o crime, elle cahiu desmaiado...

A policia, entretanto, deliberou fazer adormecer o processo. Mas Richepin muito emocionado com o que tinha observado, não quiz mais se divertir em fazer «dansar a mesa».

Chronica Extrangeira

Um facto inconteste que se verifica actualmente no mundo todo, é o modo porque a egreja protestante se occupa seriamente do espiritismo, não só para consideral-o como obra demoniaca, como acontecia primeiramente, mas antes para estudar seriamente seus principios e examinar os seus factos, que não podem hoje mais ser negados por quem quer que seja.

A conferencia diocesana que realisou-se ha pouco em Exeter (Inglaterra), é uma das provas mais frisantes, da attitude do clero protestante em face do progresso do Espiritismo.

Essa conferencia foi presidida pelo bispo William Cecil, que expondo os fins da conferencia disse: «O motivo da nossa reunião é deixar bem claro, que esperamos e acolheremos com toda a boa vontade as novas informações provindas das pesquizas psychicas e concernentes aos poderes e ás faculdades do espirito humano.»

Esta declaração deve ser de alto interesse para todos os que acompanham o movimento de transformação religiosa que se opera no mundo, tanto mais que no correr dos debates em que tomaram parte um grande numero de pessôas sinceras e estudiosas, homens e mulheres, que já tinham examinado o phenomeno, ficou estabelecido não serem os factos espiritas productos de fraudes e mentiras, como propalam os seus detractores.

A resolução final da reunião de Exeter, foi que «se pesquizasse e estudasse a explicação dos phenomenos, de accordo com as novas leis naturaes».

A Conferencia de Lambeth, em 1920, que foi, talvez, um preparativo para mais uma evolução do protestantismo na Inglaterra, vê agora a sua razão de ser, d'esta ultima reunião, na qual um collegio de eminentes ecclesiasticos não hesitou tomar a serio a phenomenologia supranormal, ou seja, o facto espirita.

A CONVERSÃO DE JULIUS ZANCIG

E' assim que a «Revue Spirite» noticia a conversão de Julius Zancig:

— «Eis aqui uma interessante conversão ao Espiritismo, a do famoso Julius Zancig, illusionista que tanto tem intrigado o publico e os sabios por exercicios de leitura do pensamento, em numerosos theatros, na America e na Inglaterra.

Zancig não era espirita, e redicularisava os Espiritos. Actualmente elle escreve em *The Banner of Life*, que não brinca mais e que crê. Elle recebeu mensagens probatorias, que removeram suas duvidas e fixaram a sua convicção. Zancig proclama agora que a communicação com os mortos, para elle é um facto incontestavel. Uma das sessões que mais emocionou-lhe, foi a que, sua mulher, já morta, dinamarqueza de nascimento, veio lhe falar em sua lingua materna, que o medium ignorava completamente, Nesse dia, a communicação foi de ordem tão intima, tão privada e em dinamarquez, que Zancig ficou pasmo. Pouco depois, o illusionista teve noticias e tão probantes demonstrações que publicou uma «retratação publica,» fez saber que se separava completamente do seu incredulo companheiro americano Houdini, este prestidigitador que, tão encarniçado contra o Espiritismo, tem enviado e envia ainda secretas contra Mrs. Crandon (Margery) de Boston, a admiravel medium, de que o mundo inteiro se tem occupado.

Zancig, para reparar o mal que fez, dedicou-se agora á propaganda, tendo fundado um grande Centro Espirita, que dirige de accordo com sua segunda mulher, ha longos annos espirita. «Por este meio, diz elle, eu quero render homenagem aos honestos obreiros deste Espiritismo, que por tanto tempo neguei, cégo e sceptico como era. Eu disse tolices, no passado. Actualmente sou espirita. Quero consagrar o resto da minha vida a sustentar e propagar esta nobre causa, para o bem da humanidade.»

— Nota da Redacção : Telegramma de Detroit (E. U.) annunciou o fallecimento do prestidigitador Harry Houdini, em consequencia de uma peritonite, após uma operação de apendicite.

COMPANHEIRO INVISIVEL

Light, revista ingleza. narra o seguinte facto que lhe foi communicado por Mme. M. L. C., pessoa de conceito em Londres :

—«Em outubro de 1920, eu sahi da Escossia com destino á França. levando em minha companhia duas filhas. Eu ia orar junto ao tumulo de meu filho. Em Londres, Victoria Station, nós chegamos justamente no momento em que fechavamse as portas dos wagons. Um empregado nos arranjou logares e perguntou, singulamente : «O gentleman» tem os bilhetes ? Que «gentleman» ? Pensaria elle que algum senhor nos accompanhava ? No vapor, em Folkestone, novo incidente. Nós embarcamos em bôa hora. Um marinheiro perguntou-nos se queriamos cadeiras, e trouxe quatro. «Porque quatro ?» — disse-lhe eu. Elle respondeu ; «Uma para o senhor que ahi está !» O terceiro incidente foi no trem que nos levou a Paris. Um guarda nos installa num compartimento. Mas não ha ali senão dois logares. Eu pedi a um viajante permittir-me a amabilidade de trocar de wagon, para que eu pudesse viajar com minhas filhas : «Perfeitamente, disse-me elle, mas onde vai se sentar o senhor que as accompanha ?» Que senhor ? O viajante invisivel talvez seja meu filho.

De volta á Inglaterra, eu fui em casa de Mme. Osborne Leonard e o Espirito de meu filho disse pelo controle : «Eu vos auxiliei na gare e evitei toda a sorte de difficuldades». Mme. Leonard nada sabia de minha viagem,

Sabe-se de um outro caso, pergunta Mme. M. L. C. concluindo sua narração, — d'uma entidade protectora assim visivel para os extranhos ?

PHOTOGRAPHIA PSYCHICA

O celebre medium Horace Leaf, numa série de conferencias que fez na Australia, expoz um caso de photographia psychica em que, numa das chapas, as imagens das pessoas que pousavam tinham sido completamente apagadas, emquanto as cadeiras e a parede se achavam completamente visiveis.

Este facto, embora extraordinario, não é o unico no genero. Na obra *The Veil lifted*, o sr. Andrew Grendinning, publicou um caso inteiramente semelhante. Photographando sua filha em 1892, sem a presença de medium algum, quando desenvolveu a chapa appareceu uma forma de Espirito, mas a srta. Glendinning não foi reproduzida.

Pela mesma forma em 1794, o Professor Wagner photographando um «sujet» que se achava em estado hypnotico, não obteve, na chapa, senão a imagem dos moveis, dos tapetes e das cortinas.

Ha pouco ainda, Miss Scatcherd, medium, pousando diante de uma objectiva, não appareceu na chapa, embora toda a decoração ambiente apparecesse nitidamente.

TRES CASOS DE APPARIÇÃO

Estes tres interessantes casos de apparição, constam do «Traité de Metapsychique», do Prof. Charles Richet, e parece serem bem frisantes testemunho da existencia e sobrevivencia da alma.

1.º CASO : Um certo dia M. L. V. de Bordeaux, estando em sua mesa de trabalho, teve a sensação que uma porta se abria. Volta suas vistas para a porta, e vê, subitamente, seu tio G... Um quarto de hora depois recebeu um telegramma noticiando-lhe o suicidio de seu tio. A monição deu-se as 9,30 ; o suicidio ás 5 horas. O telegramma chegou ao escriptorio de Bordeaux as 8 horas.

2.º CASO : Mme. X... vê, em 28 de dezembro 1906, ás 23 horas, diante de seu leito uma forma de mulher, na qual distingue perfeitamente a feição e a roupa. Esta forma disse com uma vóz velada : «Eu sou Hélène Ram, vim vos buscar, estaremos juntas no outro mundo». Mme. Hélène Ram morreu em Hyères, a 28 de dezembro, as 4 horas da manhã. Houve pois um atraso de 20 horas. Os detalhes sobre a roupa eram exactos. Mme. Ram não estava doente e Mme. X pouco conhecia-a.

3.º CASO: O Rev. Jupp, director d'um orphanato, accordando-se ao meio da noite, percebeu um luar no dormitorio. Em cima do leito de um dos meninos fluctuava uma pequena nuvem luminosa. O sr. Jupp sentou se no seu leito, consultou o relogio (era meia noite e 55 minutos). Elle teve a lembrança de levantar-se para tocar esse halo luminoso extranho.

Mas em seguida sentiu que detinham-n'o e ouviu dizerem-lhe: «Deitai-vos, nenhum mal vos acontecerá». E elle tornou a dormir. Dia seguinte, um dos meninos (aquelle em cuja cama fluctuou a luz), lhe disse: «Minha mãe esteve esta noite perto de mim, vós não a viste?»

O menino tinha quatro annos. Sua mãe tinha morrido ha seis mezes.

EM FACE DA MORTE

Light publicou algumas communicações de «mortos», entre as quaes a de Espiritos de certo progresso, cujos sentimentos de vingança e de honras terrestres não mais os opprimia.

No correr de uma sessão com o medium Mrs. Wriedt apresentaram-se dois irmãos, ambos officiaes que pereceram na Irlanda, sob os golpes dos «Sinn Feiners». Um morreu de um ferimento no braço que degenerou numa infecção geral, o outro succumbiu após a amputação d'um membro. Ambos disseram: «Nós actualmente estamos muito bem, temos braços e tudo está de accordo com os nossos desejos.» Alguem perguntou: «Não tendes a idéa de vos vingar dos vossos assassinos?» A resposta foi a seguinte: «Ah! não falai de vingança! Aqui, onde nos achamos, não temos essas idéas. Mas sei muito bem que vós, ahi desse mundo, não podeis comprehender este modo de pensar.»

Outra vez, veio á sessão para falar a um seu amigo, um Espirito que durante a sua vida era portador de um titulo de «Right Honourable». Seu amigo, dirigindo-lhe a palavra julgou conveniente empregar essa expressão lisongeira, mas a Entidade interrompeu e disse: «Oh! aqui não ha titulos! Nem corôas de plumas sobre a cabeça. Todos são simplesmente Pedro, Paulo ou Jacques. Os qualificativos terrestres são abolidos quando se chega onde eu estou.»

O relato dessas sessões traz varias considerações sobre a morte. Por exemplo, foi feita a pergunta: «Se a morte é um bello acontecimento, como creem os espiritas, porque temos mêdo d'ella e mostramos tanta repugnancia só em pensar na morte?» — Ha dois motivos: A primeira é que uma theologia erronea envolveu a idéa da morte com uma multidão de terrores mysticos e que, de geração em geração, este ensinamento penetrou na consciencia da raça. De outro lado, é preciso, convir que a natureza exige de nós o dever de viver na vida terrestre, e por esse motivo ella nos dotou de uma irresistivel repulsão para o momento da nossa abolição physica. Este terror da morte cessa no momento em que *Ella* está prestes de agir. Quando ella dita sua decisão irrevogavel, curva-se a cabeça e espera-se a tranquillamente face a face. Os espiritas, que creem na Vida do Além, devem a todos os momentos pensar na morte e com perfeita serenidade. O Espiritismo não conferia ao homem esta vantagem, senão para ser ella bem cultivada!»

UMA MANIFESTAÇÃO IDENTIFICADA

E' ainda da *Light* a seguinte narrativa:

O capm. A. Pearse, achando-se em uma pequena povoação do norte da Australia, diz *Light*, travou relações com uma familia de mineiros composta de mãe, pae e um menino de seis annos. Elle foi tomado de viva sympathia pelo menino. A mãe morreu durante a ausencia do pae que estava trabalhando numa mina distante. Teddy, um dia de tempestade, estava passeando. Uma chuva torrencial desabou na povoação; faiscas electricas cahiram em varios logares. Onde está o menino? Sahiu-se á sua procura. Mas não se encontrou. Pensaram que elle tivesse morrido afogado em qualquer lugar.

Passadas duas semanas Pearse ouve uma vóz semelhante a de Teddy, e fez a pergunta: «Onde estás?». A vóz respondeu: «Na arvore, na grande arvore». Uma arvore erguia-se sobre o terreno plano. Elle fora attingido pelo raio e arrojado na forquilha de uma arvore, onde os bichos já haviam começado a comerem-lhe o corpo.

«Eu o enterrei, diz o capm. Pearse, perto de sua mãe, e na noite seguinte tanto elle como ella me appareceram. Ouvi novamente a voz de Teddy que dizia: «Agora estamos juntos».

E'cos e Noticias

Em Londres, na *Alliança Espirita* realisou-se uma grande reunião, cujo objecto de estudo foi: «A arte de curar». A sessão foi presidida pelo illustre medico, Dr. Abraham Wallace, e varios mediums curadores usaram da palavra. Um delles, o sr. Thomas pronunciou um vibrante discurso, cujos topicos principaes passamos para estas columnas:

— «Todo aquelle que se propõe curar um enfermo, deve estar convicto de ter a seu lado uma grande Força activa e effectiva, Força que tem existido em todos os tempos á disposição dos homens de bôa vontade e que pode ser utilisada por todos. Se quereis vos tornar um curador cultivae primeiramente o que é essencial: uma perfeita calma de espirito, desembaraçai-vos de tudo o que possa vos impedir de manter uma logica racional, tudo o que é tenção nervosa deve ser abolido; a inquietitude, a irritabilidade e outros tantos defeitos ou estados mentaes que impedem o desenvolvimento da faculdade de curar. Não lamenteis quando não puder curar um enfermo, nem vos glorieis quando o curardes. Para curar é preciso ter confiança, sempre confiança e nunca abandonar a crença. Se estes principios forem observados, a Força curativa que existe no Universo vos auxiliará conduzindo-vos a repetidos successos. Penso que não existe um só doente que não se possa curar; mas é preciso ter-se uma qualidade primordial: *querer* e demonstrar *inteira confiança* nas divinas possibilidades que cada um possa trazer comsigo.»

O Dr. Abraham Wallace, embora medico, declarou que fazia suas as palavras do sr. Thomas. A fé remove montanhas, e neste dominio pode-se fazer cousas admiraveis.

FRANÇA

A «Maison des Spirites» iniciou seus trabalhos, abrindo seus cursos e sessões aos socios da *Revue Spirite* e da *Union Spirite Française.*

M. André Ripert iniciou uma serie de conferencias sobre a philosophia espirita, a sciencia e as sciencias annexas. M. Pascal Forthuny já deu começo ás suas sessões de psychometria, que suscita vivo interesse em toda a França.

Espera-se entrar, brevemente, em actividade Mme. Briffaud, notavel medium vidente, que já tem proporcionado tantas consolações aos que dolorosamente soffrem a separação dos entes caros.

A «Maison des Spirites», para melhor ainda cumprir o seu programma fundou uma bibliotheca circulante, composta de todas as obras de Espiritismo e Psychismo.

⁂

O sr. Melusson, da *Union Spirite Française*, fez em Marselha, uma excellente conferencia sobre «A Belleza e Evidencia do Espiritismo».

⁂

Diversos jornaes franceses se occupam do Espiritismo e seus phenomenos.

⁂

Revue Spirite abre suas paginas com um substancioso artigo de Léon Dénis— «Tempos Difficeis» — no qual o grande Apostolo exorta os espiritas ao trabalho e ás boas obras para prepararem a sua ascenção á luz eterna e se livrarem dos fluidos materiaes que envolvem o planeta.

⁂

Psychica, dirigida por Mme. Carita Borderieux, traz um bello relato sobre os «Animaes Pensantes e o Controle Scientifico», em que enfeixa diversas experiencias com o cão de Mannheim — Rolf.

⁂

Recebemos o Boletim da ‹Union Spirite Française›. Gratos.

ITALIA

A Italia tem sido ultimamente scenario de varias manifestações insolitas, dignas de repercussão.

E' assim que narra o «Giornale d'Italia», os interessantes phenomenos verificados em Bologna :

— «No trigesimo dia da morte do chefe da familia Romagnoli, que mora no 1.o andar da casa 25, a viuva Ada Romagnoli e suas tres filhas, levantando-se cêdo para irem á festa em honra de S. Antonio, ouviram bater fortes golpes na vidraça de um dos quartos. Apezar de toda a pesquiza nada encontraram que pudesse causar aquellas batidas. De volta da festa os phenomenos recrudesceram, proseguindo nos dias seguintes.

Os phenomenos continuam, segundo relata o correspondente do «Giornale» que affirma estar a sra. Romagnoli crente de tratar-se de um facto physico, pois não crê no transcendentalismo psychico.

⁂

Na Villa de S. Pancracio, diz o «Popolo di Brescia», os Espiritos pregaram uma grande peça aos assistentes de um banquete que se effectuou nesta septentrional região da Italia. Estava a mesa posta, quando os convidados reunidos ficaram estupefactos ao verem a mesa virar de pernas para o ar prejudicando todo o comestivel, e desapparecendo a maior parte deste. O facto foi muito commentado nas redondezas

⁂

A «Voce del Mattino», de Rovigo, a seu turno, noticia a existencia de uma casa assombrada a dois kilometros de Buso Sarzano. Diz-se que nesse predio, que foi habitado até março de 1925 por Antonio Frazoso e Maria Bellinate, existe um thesouro enterrado que é causa principal de tornal-a enfestada pelos espiritos. Factos exquisitos tem sido verificados em dicto local. Projectis, batatas, pedras são atiradas por mãos invisiveis ; uma triste symphonia foi ouvida durante quasi dia inteiro.

⁂

O «Giornale dell'Isole», de Catania, diz que a communa de Thiene tem sido centro de uma romaria de curiosos que assistem insolitos phenomenos que se produzem numa casinha visinha a Igreja.

⁂

Em Vicenza, o jornal ‹La Provincia» dá noticia de phenomenos de «assombração» no quarteirão de S. Bortolo, factos que tem servido para encher as columnas dos jornaes, pois, segundo afffirmam esses phenomenos não são de hoje, mas de tres annos a esta parte, com alguma intermittencia, e se verificam sempre com a presença de uma menina, Piva Maria.

⁂

Pelo que se nota do ultimo numero de «Luce e Ombra», o grande espirita Dr. Ernesto Bozzano desenvolve uma grande propaganda escripta, em defesa da theoria espirita.

INGLATERRA

O movimento espirita inglez sobrepuja o do mundo todo. Uma larga e desenvolvida propaganda está sendo feita em todo o paiz, encarando a questão espirita sob os varios aspectos: a philosophia, a sciencia e os factos.

Acham-se á frente desse movimento os maiores intellectuaes inglezes, entre os quaes se destaca Sir Oliver Lodge e Sir Conan Doyle.

⁂

Acaba de apparecer uma nova revista *British Journal of Psychical Research*, orgão official do *National Laboratory of Psychical Research*, de Londres.

⁂

Continuam as experiencias com o medium sra. Maria Silbert, dotada de raras faculdades. Varios scientistas acompanham com interesse as experiencias.

⁂

Light publicou uma conferencia do sr. Price sobre os phenomenos verificados com a menina Eleonora Zugun.

Esta menina que tem unicamente 13 annos, reside em casa da condessa Wassilko-Screcki, na Rumania; é de constituição forte e robusta. Os phenomenos consistem em movimentos telecineticos.

O sr. Price verificou tambem na menina signaes de stygmas.

⁂

Devia ter seguido para o Egypto, uma expedição de espiritas sob a direcção do Rev. J. W. Potter, com o fim de investigar se a piramide de Cheops, em Gizeh, tem caracter «prophetico» e foi construida de modo que sua architectura désse a chave das grandes crises na historia do mundo. O Rev. Potter disse numa entrevista, manter a esperança de conhecer os fins materiaes da Grande Piramide, como tambem descobrir a mensagem espiritual em relação com a Biblia.

A expedição é composta de 15 pessoas, e em dezembro seguirá outra de cem pessoas, acompanhada de varios mediums.

As sessões vão ser celebradas na «camara do rei», lugar mais recondito da piramide. Os membros da expedição têm esperanças de recebér mensagens de alta relevancia sobre o futuro do mundo A expedição se propõe tambem visitar Roma, Florenza, Veneza, Turim e Milão, onde celebrarão sessões.

PORTO RICO

Diz a revista «Fraternidad» que, na cidade de Manatí, celebrou-se a 23.ª assembléa que teve o mais feliz successo, erguendo o enthusiasmo de todos os espiritistas, para que ponham em pratica suas actividades, afim de levar avante a grandiosa obra da Federação dos Espiritistas de Porto Rico alcançando o grande desiderato que synthetisa o augusto ideal Espiritista. E' assim que velhos luctadores, velhos paladinos, cultivadores da grande causa, formaram nobres cruzadas da Fé, promettendo proseguir em intenso labor pelo triumpho da Verdade.

Compareceram á assembléa, apesar da tempestade que desabou em S. Bernardo e cortou as communicações com a cidade de Manatí, 96 delegados representantes de varias associações.

Uma nota sympathica que causou verdadeira emoção nos meios espiritas, foi o apparecimento no proscenio do Theatro Athenas, onde se reunio a assembléa, da sympathica e galharda figura do Alcaide, distincto homem de lettras e sciencias, erudito intellectual, conhecido em toda a Ilha e no extrangeiro, D. Clementino Ramirez de Arellano, que, em eloquentissimo discurso, rico de inspiração e de conceitos, saudou em nome da Sociedade de Manati, a Assembléa Espiritista, entregou as chaves da cidade do Comité Central da Federação dos Espiritistas de Porto Rico e declarou hospedes de honra aos diversos delegados e visitantes e concorrentes de tão transcendental acto. Falaram por parte dos espiritas os srs. Samuel Medina, Francisco Arjona, srta. Rosario Belber Gonzalez, Valentim Urdaneta e outros.

A Federação Portoriquense entrou em nova phase de actividade espirita.

⁂

A Sociedade «José de la Luz y Caballero» elegeu sua nova directoria, que ficou assim constituida: pres. José R. Veliz; vice, Pablo Fernandez; 2.o vice, Srta. Antonia Gonzalez ; 3.o vice, Dr. Ramon A. de la Puerta ; Thes. José Diaz; vice, Emilio Soccarrás ; sec. Pablo Reyes ; vice, srta. Mercedes Curbelo.

ARGENTINA

Diz o chronista da ‹Constancia› que a Argentina passa por um periodo agudo de transição : muito progresso material mas paralysação espiritual ; a alma, o espirito se encontra em planos bem distantes da acção. E' um periodo de vaccas gordas que passam de sete e contam-se por milhões. Assim acontece em politica, em philosophia, na sciencia e na arte. Para confirmar accrescente que o mesmo já disse o grande estadista Dr. Lucas Ayarragaray : ‹Além do uberrimo panorama do nosso desenvolvimento economico, estendem-se aridos terrenos politicos com arbustos raquiticos com horisontes brumosos, abafados por um mutismo, sem acustica para as idéas, sem atmosphera para a acção, sem os vehementes anhelos para a vida dos governos e dos partidos e do progresso da Nação.›

Não extranhe o collega, esse mal estar se reflecte em toda a parte.

⁂

A Sociedade «Constancia» prosegue na propaganda pela palavra, confiada a varios oradores, dentre os quaes distinguimos os srs : Manio Rinaldi, Alfonso Depascale, Carlos Fortunati.

⁂

A apreciada medium sra. Josefa Romeu iniciou uma série de sessões mediumnicas na «Sociedad Fraternidad».

⁂

Temos sobre a mesa o n. I de «La Nota Espiritista» revista mensal que se acha sob a direcção do sr. José R. Nosei. Traz na capa uma bôa photographia de Don Miguel Vives y Vives.

⁂

Faleceu o sr. Pedro Gimenez, uma das grandes figuras do Espiritismo na Argentina. Pedro Gimenez foi um grande expoente do Espiritismo, diz ‹La Union», sereno, imperturbavel, sem paixões, austero defensor do ideal, leal e honrado. Referido collega dedicou ao illustre propagandista todas as suas columnas, além do cliché que illustra sua 1.a pagina com o retrato do grande espirita. Nossos votos de Luz e Paz.

⁂

A ‹Sociedad Constancia», como nos annos anteriores, fez larga distribuição de folhetos espiritas nos cemiterios da capital.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Brasil, como os demais paizes americanos, atravessa uma crise bem accentuada de indifferença e de descaso para as cousas que affectam á alma. O que predomina em toda a parte, nas grandes como nas pequenas cidades é a propensão desenfreada para as diversões. Não ha mais tempo para nada ; a fascinação pelos divertimentos absorve toda a actividade humana, inutilisando os dotes do espirito para a conquista do Ideal.

Este desiquilibrio social não deixa de arrefecer, por certa forma, o enthusiasmo dos propagandistas que compenetrados dos seus deveres esforçam-se no trabalho espiritual, sem resultados visiveis que os anime a proseguir na tarefa que emprehenderam. Vale, porém, o discernimento que inspira os arautos da nova fé quanto os signaes dos tempos que caracterisam a época presente, e se denunciam justamente pela ausencia dos sentimentos espirituaes, e o amor ás cousas do mundo que obsidiam os espiritos pouco preparados para mais rapida ascenção aos gosos duradouros que preparam as almas para os surtos elevados da verdadeira felicidade.

Não desanimem, pois, os operarios do futuro, prosigam intemeratamente no trabalho iniciado, certos de que, como refere a parabola das minas, lembrada pelo maior Evangelisador que veio ao mundo, uma era nova de luz e de verdade, lhes proporcionará a paz e o bem estar, como productos das vigilias e do esforço que empregam actualmente em proveito proprio e dos seus semelhantes.

E'cos de propaganda

A 28 do p. p. foi inaugurado em predio proprio, localisado á rua Visconde da Silva, 92, Botafogo, o Asylo Espirita João Evangelista.

A' sessão solenne compareceu grande assistencia, tendo falado diversos oradores. orientação do Asylo, que é essencialmente Kardecista, está entregue a uma directoria de que fazem parte os srs. : pres. Capm. de mar e guerra Horacio Nelson de Paula Barros ; vice, Arthur Gonçalves Ribeiro ; directora, D. Adelaide A. Camara (Aura Celeste) ; vice, d. Alice Fialho S. Franco ; 2.º secr. Dr. Carlos M. S. Barros ; 2.a sec. int. d. Stella de Assis A. Azeredo ; 1.º thes. Henrique Elisio Ferreira ; 2.º Eugenio J. Pinto Serqueira ; 1.º proc. Francisco Romeu d'Ambrosio ; 2.º Dr. Amaro A. Soares Camara.

*

O Grupo Sinceridade e Fè, de Lins, Noroeste, está em franca actividade. Dia 1.º este nucleo fez larga distribuição aos necessitados, realisando á noite uma sessão em que tomaram parte varios oradores.

*

O Centro Fraternidade, de Marechal Hermes, Capital Federal, está intensificando a propaganda por conferencias e pela imprensa, para que o Espiritismo se torne conhecido.

Ainda ha pouco, este nucleo fez uma conferencia-resposta ao Pastor Protestante d'aquella circumscripção sobre a improcedencia divina nos textos da lei mosaica.

*

A Tenda Espirita Caridade, da rua dos Invalidos 131, Rio, continua realisando conferencias e sessões de propaganda do grande Ideal.

*

Em Maceió, Alagôas, o trabalho espirita se intensifica, salientando seus esforços as sociedades—«Discipulos de Jesus», — «Mello Maia», — «União Espirita», — «Camillo Flammarion», — «Jonna d'Arc», e outros.

*

O Centro Amor e Caridade, de Ityrapina, sob a direção do confrade Zacharias Onofre prosegue na intensificação da propaganda pela palavra e pela imprensa.

*

Em Pernambuco, a Federação Espirita Pernambucana, mantém uma revista mensal, e faz conferencias publicas. A ultima conferencia, ao cargo da intelligente Profa. Floripes de Vasconcellos, versou sobre — «O papel da mulher sobre a terra.»

*

A União Espirita Paraense, publicou «A Revelação», seu orgão official e faz conferencias doutrinarias em sua séde social.

*

No Rio estão em actividade, mas os seguintes centros : União Trabalhadores de Jesus, rua Riachuelo 119; Iris, rua Elisa Albuquerque, 136 ; União Luz e Caridade, rua Cupertino, 51 ; Luz e Verdade, Campo Grande ; União Riopedrense, rua Maria Teixeira, 61 ; Antonio de Padua, rua Senador Pompeu, 160 ; Discipulos de Allan Kardec, rua Armerinda Freitas, 36 ; União dos Filhos Prodigos, rua Theodoro da Silva, 234 ; Circulo Caritas, rua Voluntarios da Patria, 18 ; Centro de Jacarepaguá, Estrada Freguezia, 542 ; Vicente de Paulo, rua 21 de abril, 48 ; João Baptista, rua Meyer, 120, e outros.

*

Em Casa Branca, devido á acção Jesuitica contra o Espiritismo, a propaganda tem tomado vulto, por meio de boletins elucidativos da Doutrina.

⁂

Em Cachoeira, Bahia, o Espiritismo vai se tornando conhecido, graças á propaganda impressa utilisada pelo centro local.

O Centro União e Fé, assim constituiu a sua Directoria :—1.º pres. Americo Palma Sant'Anna ; 2.º Augusto Mendes ; vice, Odilon Gonçalves ; 2.º Antonio Villas Bôas ; proc. Pedro Bispo ; fiscal, Trajano Mascarenhas ; thes. João Cunha.

⁂

O Asylo Allan-Kardec, da Franca, manteve no ultimo mez 84 asylados. Os medicos assistentes deste Asylo, dirigido pelo confrade sr. José Marques Garcia, são os seguintes : Drs. Mathias Vieira, Walfrido Maciel, Antonio Lopes e A. Ciniello.

⁂

A União Espirita de Dois Corregos está fazendo palestras dominicaes, com entrada franqueada ao publico. Esta sociedade mantêm uma caixa de assistencia aos necessitados.

⁂

Na Feira de Sant'Anna, Bahia, appareceu a revista «Caminho da Luz», sob a direcção do sr. Varella. Dita publicação é destinada á propaganda do Espiritismo.

Vida longa e prospera.

⁂

A Federação Espirita Brasileira prosegue com as suas sessões de estudo e conferencias, que têm sido muito concorridas.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez, os srs. Manuel Quintão, Dr. Souza Ribeiro, Dr. Carlos Imbassahy, Leopoldo Cirne, Dr. Luiz Barreto, Pedro Camargo, Ignacio Bittencourt, Euripedes Tenorio de Lima, Capm. Aristoteles Corrêa, Arthur Rosemburg, Dr. Moreira Guimarães, Carlos de Souza, Manuel dos Santos, Camillo da Silva, Sebastião Baptista de Mello, Benjamin Loureiro ; e as sras : Professora D. Floripes de Vasconcellos, D. Aura Celeste, prof. D. Antonina Padua.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

Terminando a 15 de Janeiro proximo as assignaturas annuaes d'esta Revista, pedimos desde já aos nossos presados assignantes providenciarem na reforma de suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na recepção da mesma.

Tratando-se de uma publicação dispendiosa, mas de grande alcance para o realce do Espiritismo, esperamos que todos os nossos amigos se esforcem para o augmento da nossa tiragem, e diffusão da Revista em todo o territorio brasileiro.

Vianna de Carvalho

O passamento inesperado e prematuro do Dr. Vianna de Carvalho causou grande consternação em todo o paiz, onde fizera ouvir a sua palavra vibrante illustrada por solida cultura litteraria e scientifica. Pode-se dizer que Vianna de Carvalho era o espirito mais culto da nossa epoca nos meios brasileiros, onde se tornou o imperterrito disseminador das verdades christãs durante porfiados annos de actividade febricitante.

Espirita, na accepção da palavra, dedicava todo o tempo que lhe restava de sua profissão, engenheiro militar, á divulgação da doutrina, pela palavra e pela penna, que sabia manejar com rara maestria.

Além de innumeros artigos publicados em varios jornaes e revistas, salientam-se duas séries — «Questões Espiritas» e «Estudos Philosophicos», verdadeiras joias dignas de serem enfeixadas em livros para estudo e meditação d'aquelles que procuram a verdade redemptora.

Emfim, Vianna de Carvalho foi um missionario que passou pelo mundo como um meteoro deixando o rasto luminoso de sua sabedoria, como exemplo vivo a todos os espiritas que quizerem se compenetrar dos deveres que lhes estão confiados, para viverem gloriosamente trabalhando pelo grande ideal que nos eleva, e espiritualisa, approximando-nos, portanto da verdadeira felicidade.

⁂

Varias associações espiritas do paiz celebraram sessões especiaes em homenagem a Vianna de Carvalho. Dentre estas notamos: Abrigo Thereza de Jesus. União Espirita Trabalhadores de Jesus. União Espirita Suburbana, Centro Espirita Amantes da Pobreza.

Diversos orgãos da imprensa publicaram artigos elogiosos ao illustre propagandista.

A «Gazeta de Noticias», do Rio, em sessão especial, publicou um elogio que termina assim:

«Ha cerca de 16 annos, fomos assistir na Associação dos Empregados do Commercio, a sessão commemorativa da desincarnação de Allan-Kardec, promovida pela Federação Espirita Brasileira. Sensibilisou-nos então, a allocução proferida por Vianna de Carvalho, que foi tachigraphada e enserimol-a abaixo para encerrar a nossa pallida homenagem ao querido propagandista:

«INVOCAÇÃO — Mestre! cerrou-se afinal o cyclo de tão necessarias provanças impostas ao teu ideal de amor nesse ascender doloroso ao cimo das sagrações decisivas. Não foi debalde que o holocausto que dedicaste o triumpho do Evangelho immortal, a cujo abrigo se acolhem tantos naufragos batidos pela procella infrene das contingencias terrenas.

Os raios dessa alvorada que nos trouxeste outr'ora nas azas brancas da Paz, já boiam sobre o abysmo hiante, torvo, das nossas paixões crueis. Ao toque dos teus ensinos, muda se o cardo em lyrio, as féras em rouxinóis, as dores porejam luz. Por toda a parte se escutam os hymnos de redempção, as almas sobem, cantando, os alcantis do progresso, com olhos fitos na altura, buscando Jesus nos Céos.

E a tua Doutrina, Mestre, como um Jordão de esperança, ampara, guia, illumina os corações que a virtude, arranca as trevas da dôr, para depôl-os, felizes, nessas paragens bemditas, no proprio seio de Deus».

Terminando esta breve noticia que, á guisa de homenagem, quizemos render ao illustre amigo, lhe desejamos feliz missão na Patria da Verdade, ao lado de Jesus.

BIBLIOGRAPHIA

Instrucção Pratica sobre as Manifestações Espiritas

Editada pel'O Clarim, acaba de sahir do prélo a 1.a edição portugueza d'esta importante obra de Allan-Kardec.

A «Instrucção Pratica» é a exposição completa das condições necessarias para communicar com os Espiritos e os meios de desenvolver a faculdade mediumnica nos mediums.

Cuidadosamente confeccionado, o novo livro, em bom papel Buffon e encadernado, contém 189 paginas de utilissima materia, indispensavel aos espiritas.

«Instrucção Pratica» acha-se á venda na Livraria d'O Clarim, Mattão ; e na Livraria da Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro, pelo preço de 6$000 e mais o porte.

O Novo Clero

Temos sobre a mesa um util trabalho do illustrado conferencista espirita Dr. Yvon Costa, intitulado «O Novo Clero», no qual são tratados com maestria os assumptos philosophicos que se relacionam com o Espiritismo, bem como as religiões officiaes que impedem a acceitação do novo Ideal que se expressa na Fé raciocinada, como principio logico da Verdade.

Agradecemos ao Dr. Yvon Costa a offerta do volume que nos fez.

Christianismo Comprehendido

E' folheto de 40 paginas, bem prehenchidas, da lavra do Dr. Affonso Fernandes (Ignarus), explicando algumas passagens do Evangelho. O preço é de 1$ mais o porte, na Livraria d'O Clarim.

Agradecidos pelo exemplar que nos foi enviado.

Rumo á Verdade

Mais um trabalho de Aura Celeste, poetisa espirita, que enfeixou num livrinho de 100 pgs. excellentes producções que justificam o titulo acima da obra, cujo producto reverte em beneficio do Asylo Espirita João Evangelista, do Rio. Preço 3$000 e mais $500 para o porte, na Livraria d'O Clarim.

Espiritismo, Kardecismo e Roustainguismo

E' um livrinho de 70 pags. que enfeixa uma conferencia do sr. Sousa Prado. O livro, de distribuição gratuita, pode ser pedido ao autor — Caixa Postal 1756 — Capital Federal.

NOTAS DIVERSAS

Um caso de identificação Espirita

La Nacion, de Buenos Ayres, publicou o seguinte telegramma:

«*Portsmouth*, *23* (*A. P.*) — Sir Conan Doyle fez uma conferencia, na qual annunciou que o espirito do celebre poeta escossez, Robert Burns, communicou o desprazer que sentia pelos seus retratos actualmente em uso, e designou um que ha tempo se havia perdido e que o satisfazia.

«Conan Doyle relatou que o colleccionista de antiguidades, Barrigton Nash ao comprar um retrato velho julgou que esse fosse de Burns; mas o retrato estava um tanto estragado de modo que não se podia conhecer bem. O espirito do poeta communicou-se com Nash, por um medium, em idioma escossez, manifestando o desaggrado que lhe causavam os retratos tão convencionaes que se adoptavam como seus e disse que o tal retrato que elle havia entrado em negocio, era seu, de facto. O espirito pediu a Nash que comprasse o retrato, o que fez o colleccionista, e submettendo-o a minuciosa limpeza, verificou que realmente se tratava do retrato de Burns, mais antigo que o conhecido pelo publico moderno.

«Disse o espirito de Burns que a pintura sobre a téla é obra de um grande artista de seu tempo, cujo nome citou».

Um caso de personalidade multipla

A nota telegraphica que segue, extrahimos da mesma fonte acima:

— Philadelphia, 16 (A P). — Ante a convenção da sociedade Medica de Pensilvania, foi feita uma demonstração de um interessante caso de personalidade multipla que se manifesta numa mulher chamada Jekyll Hyde. Essa mulher por effeitos de uma emoção violenta cahe em transe e se manifesta primeiro como se fosse uma menina, depois um ente de tendencias masculinas e, por fim, como uma criança de um anno. Cada transformação apresenta os caracteres da individualidade que se manifesta. Em todos os estados o «sujet» apresenta completa insensibilidade, a ponto de não sentir as picadas que lhe são applicadas no braço e no corpo».

Uma questão de direito

Está sendo aventada na Europa uma interessante questão sobre a propriedade da familia dos nomes dos parentes mortos. O sr. Gabriel Gobron disse que possúe doze ou treze mensagens com identificações espiritas, mas não dá á publicidade sem que seja ventilada essa questão, para a qual chama a attenção dos magistrados que se dedicam ao psychismo.

A mumificação pelo fluido magnetico

A proposito dos raios magneticos humanos, um collaborador de Psychica que se esconde sob as iniciaes R. V. d. S., mas que dá o seu nome á redacção, diz ter conseguido com o *seu supposto fluido magnetico humano* mumificar um salmonete, uma patruça, uma pescada, um pedaço de figado de boi, um pedaço de figado de carneiro, dois pés de gallinha, um laranja, em alguns dias, ficando tudo em perfeito estado.

O caso é verdadeiramente interessante e esta contra prova pode ser feita pelos magnetisadores assim como pelos que se dizem mediums curadores.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2111unse

NNO II — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Dezembro de 1926 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

O exame dos factos e as theorias preconcebidas
Acção dos mortos sobre os vivos
Quem é esse homem?
O Grande Reformador
Cryptesthesia e Sobrevivencia
A Memoria e o Perispirito
Emmanuel Vauchez
O Espiritismo e suas consequencias
Os cavallos D'Elberfeld
Contribuição para o estudo das Materialisações
A Anestesia e o Principio Animico
Chronica Extrangeira
E'cos e Noticias
Espiritismo no Brasil

EMMANUEL VAUCHEZ

ANNO 2 -BRASIL- E. S. Paulo- Mattão, 15 de Dezembro de 1926-NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

O EXAME DOS FACTOS E AS THEORIAS PRECONCEBIDAS

EM todos os ramos dos conhecimentos humanos, os factos têm um valor inestimavel, mas para que elles tivessem merecido esta sancção, foi preciso que se os submettesse ás provas da mais rigorosa experimentação, da mais exigente investigação.

Na physica, no chimica, na astronomia, na physiologia e até na medicina são os factos que testemunham a vida crescente de todas essas sciencias que enchem de orgulho a nossa civilisação. Mas se em vez de os examinar e estudar detidamente, os tivessemos relegado para o sobrenatural e maravilhoso, elles não poderiam certamente exprimir a sua razão de ser, o motivo das suas constantes manifestações.

O mesmo se dá com o Espiritismo, submettidos como tem acontecido ultimamente os seus phenomenos, a uma analyse profunda, a um estudo intelligente, explicam perfeitamente a sua origem e os fins altamente nobres a que se destinam,

As theorias sem os factos que vem fundamental-as nenhuma attenção merecem, mas tambem para que os factos tenham um lugar de destaque e se constituam bases solidas de principios enunciativos de verdades substanciaes, é indispensavel que passem pelo crivo de um exame severo, mas imparcial, de um estudo scientifico sob os dictames da razão esclarecida.

Foi esse o processo magistralmente adoptado por Allan Kardec antes de lançar as suas obras aos ventos da publicidade; — dahi a sua sentença: — «A fé inabalavel é somente aquella que pode encarar a razão face a face, em todas as epocas da humanidade».

Querer substituir o estudo e a investigação pela invectiva graciosa ou pelo conceito individual é abandonar o caminho seguro da sciencia para perder se em labyrintho, do qual com difficuldade se sahirá. E não é isto que tem acontecido a todas as philosophias do passado que, embora formando ciclos gradativos de evolução, não nos apparecem hoje senão como affirmações de systemas vestutos?

Laplace dizia: «devemos examinar os phenomenos com escrupulosa attenção e ver até que ponto é preciso multiplicar as observações ou as experiencias, afim de obter uma probabilidade superior ás razões que se pode ter em não admittil-os.»

E referindo-se ao Espiritismo, o Prof. Charles Richet, num bem lançado artigo na revista «Annales des Sciences Psychiques», de janeiro, de 1905, diz : «Não ha contradicção entre os factos e theorias do Espiritismo e os factos positivos estabelecidos pela Sciencia.

O numero dos escriptos, livros, memorias, relatos, notas, experiencias é tão consideravel e apoiado por autoridades taes, que não se pode deixar esses innumeraveis documentos sem um estudo profundo. Em vez de ignorarem o Espiritismo, os sabios devem estudal-o. Physicos, chimicos, physiologistas, philosophos precisam ficar ao corrente dos factos espiritas. Um longo e laborioso estudo é necessario. Elle certamente será fecundo.»

As investigações psychicas são de grande alcance moral e espiritual, não só para o individuo, como para a sociedade. E' por ellas que nós obtemos provas frisante e irrecusaveis da existencia da alma e da sua sobrevivencia, em uma palavra, a resolução do problema da vida com todas as suas peripecias. Só a experimentação minuciosa e desapaixonada no dominio do psychismo, seguida do estudo comparativo dos phenomenos modernos com os antigos, conseguem levantar uma ponta do véo que nos separa do mundo invisivel, e nos fazer comprehender que a vida não está limitada ao corpo, pois, mesmo incarnado o espirito, transpondo os limites do corpo, produz phenomenos physicos e plasticos, demonstrando que a actividade do *eu* pode ser não só intracorporea como tambem extracorporea.

Uma serie de considerações doutrinarias poderiamos apresentar aos leitores, confirmando os nosso artigos anteriores, a favor da doutrinadora lição que a investigação nos proporciona, assim como o estado nos dominios do Psychismo, mas basta que nos limitemos á tarefa delineada, que é animar os investigadores, porque a verdade ha de, forçosamente, apparecer diante dos factos persistentes que vêm positival-a.

Abrangendo o Espiritismo propriamente dicto, todo o campo de acção dos phenomenos de *personismo*, de *animismo* e de *espiritismo*, é sob os seus auspicios que os seus experimentadores devem trabalhar para melhor se inteirarem da verdade e merecerem o auxilio das influencias superiores que têm por missão auxiliar o progresso espiritual da humanidade.

A idéa espirita desliza, entre as trevas, cheia de luz, e todas as intelligencias podem distinguil-a. Justificado por milhões de seres que se abrigam hoje sob sua protecção, o Espiritismo, essa voz que se faz ouvir no transcurso das edades, fornece materiaes aperfeiçoados para uma experiencia diaria, assim como uma theoria logica e racional para analysal-os e explical-os de accordo com a sciencia e o bom senso.

A Philosophia Espirita é a evolução logica do Christianismo, de que a revelação do Sinay é a primeira etape, e os seus factos não são mais do que o renovamento, digamos antes o rejuvenescimento de todos aquelles phenomenos, que vem se desdobrando atravez da historia da humanidade.

Até ha pouco tempo a psychologia hauria os seus principios em dados aprioristicos vitalisados pelo criterio espiritualista do periodo da Escolastica. O seu campo, porém, é bem mais amplo, ella abrange o psychismo individual e collectivo do homem em todas as suas modalidades evidentes e mysteriosas, não dispensando, portanto, um severo exame dos factos e um criterioso estudo, que só o Espiritismo pode esclarecer. O preconceito scientifico ou religioso, não pode, pois, embaraçar com as suas idéas inconsistentes o estabelecimento da Verdade. Os factos ahi estão pedindo um exame meticuloso e um estudo desapaixonado e acurado.

Acção dos mortos sobre os vivos

OBSESSÃO

— IV —

Vamos hoje tratar do 2.o caso :

—Obsessão ou acção malefica de um morto sobre um vivo. —

Conforme o gráo de acção do espirito obsessor sobre o vivo, a obsessão se divide em : — *obsessão simples, fascinação e subjugação ou possessão.*

Antes, porém, de descrevermos estes estados vamos fazer algumas considerações. A obsessão é sempre o effeito de uma causa preestabelecida O mundo dos mortos nos cerca, é um plano invisivel dentro do nosso proprio planeta visivel. Não o vemos normalmente pelas multiplas condições do nosso ser e do nosso plano physico. O mundo dos infinitamente pequenos, dos seres microscopicos, tambem nos cerca por todos os lados, está dentro do nosso, e, entretanto, pelas condições de miniaturas dos habitantes deste mundo immenso, infinito, ou pelas condições proprias da nossa visão natural que não pode ultrapassar certo limite, não o vemos sem *apparelhos* apropriados.

Igualmente, o mundo dos infinitamente grandes, dos planetas e dos sóes, milhares e milhões de vezes maiores que a nossa Terra, nos cerca e não o vemos de dia, devido a simples *condição de luz*, sendo-nos tambem necessario o emprego de *apparelhos* para vermos alguns apenas do numero infinito d'elles, apesar do seu tamanho, da sua grandeza !...

Pois bem, como necessitamos de *apparelhos* para o estudo do mundo dos infinitamente pequenos e do mundo dos infinitamente grandes — o microscopio e telescopio — necessitamos tambem de *apparelhos* para o estudo do mundo dos chamados *mortos*, e estes são os *mediums*. E' por intermedio destes que nos pomos em contacto, que estudamos, que vemos, ouvimos, sentimos o verdadeiro plano da vida.

Os de lá se manifestam aos de cá de mil modos differentes. Não os vemos normalmente pelas condições da nossa visão que se adoptou ás cousas do plano em que vivemos, porém ha pessoas dotadas de vibrações maiores, que vêem além dos horizontes do mundo physico e são ellas as denominadas *mediums-videntes*. Todas as outras faculdades do homem estão sugeitas a estas dilatações ou vibrações maiores que as communs, que as normaes, d'onde ha infinita variedade de *mediumnidades*. O facto de normalmente não percebermos o outro plano da vida com os seus habitantes, não é motivo para o negarmos, pois nas mesmas condições não vemos os microbios, habitantes do mundo dos infinitamente pequenos, como não vemos, em pleno dia, o céu bellissimamente estrellado...

Se os nossos olhos *tivessem uma outra organização*, se fosse a nossa visão *penetrante como os raios X*, *não veriamos* pelas ruas os incarnados — homens e mulheres — *como os vemos*, com roupagens, chapéos, revestidos de carnes, mas *veriamos* simplesmente *esqueletos ambulantes*, suspensos sobre pregos agudissimos... E tudo mais seria igualmente mudado...

⁂

A OBSESSÃO é o termo generico que serve para designar toda especie de acção que os espiritos exercem sobre certas pessoas com o fim de lhes fazer mal, ou por simples prazer ou tambem por ignorancia das maleficas consequencias.

A acção dos bons espiritos é sempre benefica. Quasi sempre, exercem elles esta acção malefica com o fim de se vingarem do individuo, de quem têm queixas adquiridas durante a ultima vida ou em existencia anterior.

Esta acção se exerce de mil modos e nos mais variados gráos, tomando os nomes de : *obsessão simples* (muitos gráos, muitas modalidades) *fascinação* (idem), *subjugação ou possessão* (idem), seu mais alto gráo. Conforme a acção do espirito sobre o vivo que obseda, o seu gráo de intensidade, *todas as faculdades mentaes deste podem ser gravemente perturbadas e lesados os centros nervosos*, perturbando-se, portanto, a saude do organismo.

Os casos de *possessão* não se ligam simplesmente ás vibrações fluidicas exteriores. O espirito como que penetra o corpo da sua victima, n'elle habitando e d'elle se servindo como se fosse o seu proprio corpo.

Fala e vê pela bocca e olhos do mesmo, procurando, ainda, por seu intermedio, dar expansão aos seus vicios, saciar-se n'elles.

Si foi conhecido, quando vivo, poderá sel-o ainda, quando nesta *encarnação provisoria e forçada*, pela sua vóz, gestos, linguagem e mesmo expressão physionomica. Pode mesmo dar-se o caso em que dous ou mais espiritos actuem sobre o mesmo individuo, ao mesmo tempo, d'onde allucinações visuaes, auditivas, sensitivas e outras sentidas simultaneamente. Pelo proprio apparelho vocal podem elles simultaneamente se communicar, d'onde as mais profundas incoherencias observadas. Imaginemos um apparelho telephonico transmittindo-nos os recados de tres ou mais pessoas, ao mesmo tempo, de forma a ouvirmos uma palavra de uma d'ellas, seguida da phrase de outra que por sua vez é entrecortada pelas palavras de uma terceira...

Que disparate, que "angú" ! E' o que vemos muitas vezes em manicomios, e tambem cá fóra, nas pobres victimas subjugadas, sem liberdade, sem mais individualidade !... Mas o nosso corpo que está organizado apenas para receber as vibrações do espirito que o habita, cujo perispirito se ligou a todas as moleculas intimamente no periodo da vida intra-uterina, corpo aliás formado graças a acção do proprio perispirito, não pode, por isto mesmo, ter capacidade para supportar maiores vibrações. Que acontece, pois ? A alteração do corpo physico, especialmente do cerebro, mas isto somente quando as vibrações ou actuações dos espiritos sejam muito pronunciadas, duradouras e intensas.

Quando ainda não se acham processadas estas *alterações*, por mais *perturbadas* que estejam as *faculdades do individuo*, elle poderá ter momentos de *completa lucidez*, quando d'elle se afastar o espirito obsessor.

E' o que tem observado todos os psychiatras, sem saberem dar explicação deste facto, pois *julgando a loucura produzida por lezão cerebral e esta sendo permanente*, fica sem explicação, ante tal theoria, o facto de *terem os loucos periodos, ás vezes bem longos, de completa lucidez !*

A medicina materialista não tem tambem explicação nenhuma a dar aos casos em que *loucos, na phase da agonia, deixam de o ser, tornando-se completamente lucidos !* Igualmente, não pode explicar o facto de *loucos nas mãos de magnetisadores tornarem-se lucidos durante o somnambulismo*. Nem tão pouco pode explicar o facto de *loucos não apresentarem nenhuma lesão cerebral no exame anatomo-pathologico*. Como poderá ella tambem explicar o facto de *certos individuos idiotas ou de fraco intellecto se revelarem grandes pensadores, quando mediumnisados, ou ainda, quando somnambulisados ?* Como ?

SOUZA RIBEIRO

QUEM É ESSE HOMEM?

(Da revista ALMA)

Nascem os reis, os principes, em berços de ouro, e durante muitas gerações erguem as suas frontes coroadas e ungidas. Mas o sopro dos tempos e o habito das revoluções derrubam os thronos e varrem as dynastias. Somente de um sabemos ter imperado por dezenove seculos, — o mais longo reinado que registra a historia.

Surgem os conquistadores pela audacia, triumpham pelo heroismo, e tudo o que pisam é seu, tudo o que olham, a um signal, lhes obedece. Com a ponta de suas espadas traçam immenso circulo na terra, fazendo d'estes o seu feudo ; com as suas façanhas vão os seus nomes, e com os seus nomes o prestigio e a gloria. Mas passa o tempo sobre a terra, e extingue seus feitos ; ambições novas e novas conquistas anniquilam as vozes da fama, e o heroe se desvanece, seu poder se funde, o seu nome é esquecido.

Sómente um conquistador conhecemos que tem sobrevivido mil novecentos annos, augmentando cada vez mais os seus dominios, tornando cada vez mais universal a sua memoria.

E nasceu n'um estabulo de humildes animaes ; e não recebeu, como emblema de poder, outro sceptro a não ser a cruz, e não reinou mandando, e sim compadecendo-se ; por corôa teve a da dôr, por throno a eminencia do suplicio. De um mundo velho fez uma sociedade nova ; e não levava exercitos e sim discipulos, não brandia espada, mas emittia idéas, e fez mais que Alexandre com o seu arrojo e as suas legiões. Os tributos que impoz eram faceis de pagar, eram tributos de amor ; as leis que dictou eram doces leis de salvação e de dignidade ; e quando mais vasta era a sua conquista e maior o seu poder, na hora em que os caudilhos brigam e apertam as cadeias douradas de uma servidão com libré de gloria, este extranho caudilho abdicou na humanidade o seu imperio terrenal, e assignalou com o seu martyrio o caminho de outros reinos e de outra vida para as almas.

De grandes homens está cheia a historia em todos os seus periodos, em todas as civilisações que têm modificado o mundo. De uns se refere a sua crueldade, de outros a sua cubiça, d'aquelle a sua ambição, d'este a sua sensualidade, d'um outro a sua intemperança, de muitos a sua soberba.

Só um existe em quem jamais alguem notou a menor deformidade moral. Só um reune em si todas as castidades da alma, todas as perfeições do Espirito. Por sua mente não cruzam senão pensamentos puros ; de seu coração não emana senão a generosidade ; de sua mão não sahe senão a dadiva ou o allivio ; o que diz pratica ; o que faz, o indica como exemplo. Enfrenta com as idéas e com os poderes caducos, mas não conspira. E' a revolução da luz, e elle é o sol sem manchas que a diffunde. N'elle se personificou o futuro.

E' uma revelação que fala e não combate ;—se durante a sua marcha cahem as superstições, e se esvaem os vicios, e se desmorona a oppressão, e os escravos presos á gargalheira a quebram e se incorporam á sociedade, e a mulher anniquila a sua maldição e cinge um diadema, é porque n'elle se concentram a força lenta, porém progressiva, de muitos seculos, e a reformadora virtude de muitas civilisações.

Xerxes commanda cinco milhões de soldados, para cuja marcha levanta uma ponte sobre o Hellesponto e atravessa o monte Athos. O mundo sente os seus passos, e treme. O filho de Felippe leva ao coração do Oriente o sopro da Grecia entre victorias e orgias ; Cesar deixa a sua lealdade do outro lado do Rubicon, constitue-se senhor de Roma e augmenta o poderio e a gloria de sua patria. Carlos Magno faz abrir-se a historia da Idade Media com o largo capitulo de suas proezas ; Napoleão apparece em meio da anarchia, da degola e do perigo da França, e aterra os reis com a insolencia de seu genio victorioso.

Todos esses grandes conquistadores colheram o mundo de improviso com a sua apparição e seus triumphos.

Só de um se conta que os povos o aguardavam, que os prophetas o annunciaram, que de todas as partes acclamavam vozes auguricas a sua vinda, indicando de antemão a sua estirpe, os processos de seu nascimento e a maravilha de seus feitos.

Tempos de esplendores reaes, de supremacias sacerdotaes, e ninguem espera da estirpe, nem da legenda o grande Reformador. Fixam-se os vaticinios no humilde, os olhares no desvalido, e quando voz mysteriosa ou claridade de estrella annunciam o cumprimento da prophecia, ninguem vai render homenagem a templos nem palacios ; reis e poderosos, povo e pastores vão pela mesma estrada caminho do presepe, carregados de ouro e essencias uns, de humildes presentes outros, a dobrar o joelho sobre a tosca palha, unica régia alfombra d'aquelle palacio emprestado pelos animaes.

Se a sabedoria pode ter infancia, é essa a infancia d'aquelle prodigioso menino. Aos doze annos, na idade em que a razão apenas começa a balbuciar assertos, fala de coisas altas e de profundas materias. A Socrates instruiram os sabios, e elle por sua vez illustra a Platão, e Platão prepara a Aristoteles. Todos os philophos recebem e se transmittem uma herança de conhecimentos.

Só este philosopho maravilhoso fala no que não leu. Todos seguiram ou formaram escola. Este cria alguma coisa mais que uma escola : funda uma doutrina de amor. Todos escrevem volumes ; elle apenas deixa cahir sentenças. Os fundamentos principaes da humana sabedoria e da moral social elle os condensa em brevissimo codigo que uma creança aprende e entende.

Os sabios consignam as suas idéas, que logo a contradicção pulverisa. Só a doutrina d'este Sabio incomparavel se conserva sem uma abstracção, sem uma arranhadura, no decurso dos dezenove seculos em que o mundo a tem diante de seus olhos.

Cada homem illustre tem o seu parallelo na historia. Em epocas mais ou menos remotas se reproduzem os personagens eminentes das sociedades. — Tão sómente este mysterioso personagem é unico. Nem teve antecessor que se lhe parecesse, nem tem tido successor que se lhe approxime em perfeição e transcendencia. Erra a humanidade, e elle jamais erra. Succumbe o filho do homem, e elle não fraqueza. A sua vida é um milagre moral que assombra.

N. Bolet Peraza.

O GRANDE REFORMADOR

FOI em uma epoca de incerteza e desvairamento que Deus mandou ao mundo o Reformador da Humanidade.

Elle veiu, e a pregar a paz se foi onde só reinava a guerra ; a abjuração das grandezas onde só havia o culto ao poder e ao esplendor ; a humildade onde só existia arrogancia ; o perdão onde só florescia a vingança ; a lei onde só imperava o desrespeito e a indisciplina ; o amor onde só vivia o odio ; a promessa do céo onde só se acreditava na terra. Era a pomba da Arca que trazia o ramo da Paz. Plantou esse ramo para que o homem delle fizesse a arvore, a cujo abrigo se acolhesse nas tempestades dessa vida, e nella constituisse escada de Jacob, pela qual subisse ao céo.

Bartholomeu dos Martyres.

CRYPTESTHESIA E SOBREVIVENCIA

(DA «REVUE SPIRITE»)

O systema de combate que os adversarios da hypothese espirita têm empregado para sustentar a todo o transe seu ponto de vista, é extremamente curioso e inconsistente. A medida que se lhes assignala novos casos de identificação espirita, mais e mais inexplicaveis pelas hypotheses materialistas, elles ampliam proporcionalmente os suppostos poderes da subconsciencia ; o que faz que para o futuro esta participe dos attributos divinos da omnisciencia e da omnipresença. Ora, o que admira sobretudo neste systema defensivo a latitudes sem termo, é que os nossos contraditores não levam em conta que, se é verdade — cousa aliás incontestavel — que uma personalidade integral subconsciente existe no homem e que ella é provida de faculdades sensoriaes supranormaes, isto demonstra que existe no homem um espirito independente do organismo somatico, pois que possúe uma vontade e uma memoria que são proprias ás suas faculdades sensoriaes.

Tudo isto se encontra no estado latente na subconsciencia, esperando emergir e se exercitar num meio espiritual depois da crise da morte. Em outros termos, tudo isto demonstra muito bem que os phenomenos animicos bastam, por si mesmos, para provar a existencia e a sobrevivencia da alma ; e que, por conseguinte, os phenomenos espiritas fornecem uma prova *complementar* duma Verdade contida implicitamente na phenomenologia animica, representando um papel importante, mas *secundario* na solução experimental do problema do Ser. D'onde resalta toda a inanidade da logica dos nossos oppositores, illudindo-se quando empregam o animismo para combater o Espiritismo.

A natureza inevitavel e irrefutavel destas conclusões apparece para todos aquelles que reflectem sufficientemente sobre este assumpto que por varias vezes temos desenvolvido ; mas como a experiencia nos ensina que não se chega a favorecer o triumpho da Verdade sem recorrer ao methodo da repetição, sob diversas formas, eu resolvi uma vez ainda voltar a este thema, reforçando por novos argumentos os argumentos antigos.

E' preciso notar todavia que a essencia do debate consiste n'isto : que os nossos oppositores pensam empregar para os seus fins as faculdades supranormaes subconscientes, suppondo que se possa explicar num sentido materialista o enigma perturbador da existencia, no subconsciente humano, faculdades supranormaes praticamente inuteis. Pensam chegar a conclusões formulando hypotheses que, estando em opposição entre si, tendem a restringir — por assim dizer — as faculdades supranormaes subconscientes a reentrar no circulo da lei da evolução biologica; condição indispensavel para legitimar materialisticamente a origem naturalista. Se, ao contrario, as faculdades em questão, estavam independentes da lei da evolução biologica, então este facto provaria sua genese espiritual com as consequencias theoricas que decorrem.

Eis as hypotheses que formulam a este respeito os nossos contradictores :

1.º As faculdades supranormaes subconscientes são residuos de faculdades atavicas que se atrofiaram em virtude da selecção natural, tornando-se inuteis por evolução biologica ulterior da especie ;

2.º As faculdades supranormaes subconscientes são os restos abortivos dos sentidos nunca evoluidos e que não evoluirão jamais, sendo inuteis á especie para a lucta da vida ;

3.º As faculdades supranormaes subconscientes representam copias de germens de novos sentidos, destinados a evoluir nos seculos até desabrocharem e se fixarem definitivamente na especie ;

4.º O facto das faculdades sensoriaes d'uma ordem supranormal se manifestarem esporadicamente e fugitivamente em alguns individuos, não implica que essas faculdades existem em estado latente na subconsciencia de todos.

Taes são as hypotheses graças ás quaes os nossos contradictores têm a illusão de haver forçado as faculdades supranormaes a entrar na orbita da lei da evolução biologica.

Nestas condições, é preciso demonstrar que todo o concurso para provar o contrario, isto é, que as faculdades supranormaes subconscientes não são e não podem ser o resultado da evolução biologica da especie ; e que de outra forma, nossas conclusões podem se applicar tão bem á hypothese segundo a qual estas faculdades seriam destinadas a emergir e a se fixar na especie, num futuro longinquo —hypothese que é, além de tudo, insustentavel em face da analyse comparada dos factos. As outras hypotheses de menos valor, que temos ennumerado mais acima, não são de outro lado, mais defensiveis que as precedentes.

Agora, vou abordar o meu thema occupando-me logo da eliminação rapida de tres das hypotheses em acção, porque ellas são inconsistentes a tal ponto que nenhum valor theorico apresentam.

Para esclarecer o thema em discussão, começaremos por lembrar duas leis biologicas que se acham mesmo na base da theoria evolucionista e que estão indissoluvelmente ligadas entre si.

A primeira é a das «variações expontaneas» nos organismos vivos ; variações que, se são uteis ao individuo na lucta quotidiana pela vida, chegam gradualmente a se fixar e a evoluir na descendencia. Isto tem lugar graças a outra lei, a da «selecção natural», que se resume no facto da progressiva e fatal extincção dos individuos menos adaptados á lucta pela vida, e da sobrevivencia dos mais aptos ; o que produz necessariamenre a elaboração de organismos solidamente providos de sentidos e de faculdades as mais adaptadas ao meio em que vivem.

Appliquemos logo essas leis biologicas á primeira das hypotheses que enumeramos, segundo a qual *as faculdades supranormaes subconscientes são residuos de faculdades atavicas que se atrophiaram, pouco a pouco, em seguida da selecção natural porque ellas tornaram-se inuteis á evolução biologica ulterior da especie.* Constataremos logo que esta hypothese está em contradicção aberta com os factos. Para nos convencermos basta examinar como se desenrola praticamente a lucta pela vida na especie humana. Desde o chefe d'uma tribu selvagem que procura penetrar com astucia o pensamento do chefe antagonista, até ao general chefe de um exercito moderno que se esforça em prever os movimentos do inimigo para os embaraçar ; desde o tyranno da antiguidade que vigia, desconfiado os cortezãos aduladores, até o magistrado dos nossos tempos que procura penetrar o segredo do crime ; desde o homem do governo que procura inutilizar os projectos d'um chefe de partido contrario, até o mercador avido que espreita seu concorrente para vencel-o ; desde o amante desgraçado que acompanha os movimentos do seu rival detestado, até o marido ciumento que espreita a falta de sua companheira — em toda a parte — entre os homens, existiu sempre uma agitação anciosa e sem treguas para penetrar mutuamente na alma ; tudo isso é necessariamente, fatalmente, porque a vida a isso nos impelle. Segue-se que, se a especie se achasse outr'ora normalmente fornecida do sentido da telepathia e da clarividencia, estes, longe de se atrophiarem por falta de uso, teriam de se aperfeiçoar e evoluir rapidamente na descendencia, devido á lei da selecção, que teria transportado fatalmente, da extincção gradual dos individuos imperfeitamente favorecidos dos sentidos em questão, para a sobrevivencia dos individuos melhores dotados dessas qualidades.

A cousa é tão clara que parece inutil me deter mais neste ponto.

As mesmas considerações tornam não menos insustentavel a segunda hypothese, que o Pr. A. J. Balfour expõe nestes termos :

«Não é permittido suppôr que se ache em face de germens rudimentares de sentidos que nunca se desenvolveram e que provavelmente jamais se desenvolverão por effeito da selecção natural, porque elles pareciam simples escorias da grande machina evolucionista, isto é, dos productos que não teria sido possivel utilisar do mesmo modo? Pode ser (eu não faço senão aventar uma hypothese arriscada), pode ser, disse eu, nos casos de individuos assim dotados de um habito anormal, nos achamos em face de faculdades que, se tivessem sido realmente dignas que a natureza dellas se occupe, isto é se ellas tivessem sido de qualquer forma aproveitaveis na lucta pela vida, não teriam deixado de evoluir e de se tornar o patrimonio commum da especie (*Proceedings of the Soc. for Psychical Research* vol. X. p. 7.)»

Pode-se verificar o contrario, que a maior utilidade destas faculdades fosse incontestavelmente conforme á direcção imposta á especie humana na lucta pela vida. Este ponto uma vez estabelecido, não é necessario ter recurso para outras argumentações para demonstrar que a hypothese do Pr. Balfour é erronea nas suas premissas e incapaz de sustentar a analyse dos factos.

Eu passarei então á terceira hypothese, segundo á qual *o facto das faculdades supranormaes se manifestarem nos individuos não implica absolutamente que as faculdades existem em estado latente, na consciencia de todos* Esta hypothese é indispensavel aos defensores da these naturalista, sendo necessario para invalidar a affirmação que as faculdades supranormaes subconscientes, assim como as faculdades sensoriaes normaes provém de uma unica lei biologica: a das «variações expontaneas» : variações que, em consequencia da outra lei complementar da «selecção natural», se generalisaram gradualmente na especie.

Nada mais racional á primeira vista que esta hypothese e ninguem certamente se animará a contradizer o sr. Marcel Mangin quando elle observa :

«Eu poderei durante vinte annos desejar, com todas as forças da minha alma, adquirir estes dons maravilhosos, sem que no fim do vigesimo anno eu tenha sentido mover-se o mais pequeno germen. (*Annales des Sciences Psychiques* 1903, p. 241).

Apresentada sob esta forma, a argumentação parece irrefutavel ; apesar disso a analyse dos factos nos leva a concluir firmemente pela universalidade destes dons. Bastará para se convencer que a grande maioria dos individuos que foram objectos de manifestações metapsychicas encontravam-se nas mesmas condições negativas que o sr. M. Mangin, até o dia em que cahiram gravemente doentes, chegando para elles a hora da agonia em que foram accommettidos por grave accidente traumatico-cerebral, o que lhes occasionou cahir em syncope ou submetterem-se a experiencias somnambulico-hypnoticas, ou a inhalações de ether, etc.

Para esclarecer a questão eu narrarei aqui, resumindo, alguns exemplos deste genero.

No numero de novembro-dezembro de 1904 do *Bulletim de l'Institut général Psychologique*, o Dr. Solier fala de um individuo que, em consequencia de uma queda de um trem, apresentou graves perturbações nervosas de origem traumatica, e ao mesmo tempo faculdades telesthesicas foram reveladas no paciente. Elle percebia atravez uma parede de 40 centimetros, o gesto do appello que o dr. Solier lhe fazia com a mão e acudia a chamada precipitando-se para a porta. Não podia se tratar de transmissão de pensamento, pois que o Dr. Sollier jamais poude transmittir a mesma ordem ao sujet, que nunca deixava de obedecer o chamado da mão. Eis portanto uma pessôa que nunca teria supposto possuir o dom da visão atravéz os corpos opacos, se não tivesse sido victima de um grande accidente traumatico.

No volume VIII, p. 196-199, dos *Proceedings*, o sr. Myers publicou o caso do Rev. Bertrand, que, accommettido do «mal de montanha» no curso de uma ascensão para o alto cimo dos Alpes, na Suissa, se achou derepente dotado de clarividencia e viu seus companheiros em via de chegarem ao pico do lado esquerdo em vez do lado direito como elle lhes tinha aconselhado fazer ; elle vê, ao mesmo tempo o guia que toma alguns goles de vinho Madeira e come alguns pedaços de frango que levava. Elle vê enfim distender-se deante dos seus olhos uma vasta extensão do paiz e de estradas por onde nunca passara e então constatara em seguida a perfeita conformidade com o que havia percebido no periodo de lucidez. E ahi está uma outra pessoa que não teria jamais supposto possuir dons assim maravilhosos, se não tivesse sido tomado de um desfallecimento revelador.

Nos *Annales des Sciences Psychiques*, anno 1889, p. 257, se encontra relatado o caso do engenheiro E. Lacoste, que tomado de uma congestão cerebral, complicada de febre typhoide, ficou em estado de inconsciencia e de syncope durante mais de um mez, e, durante este periodo mostrou que possuia faculdades telepathicas e telesthesicas. Entre outros phenomenos que se produziram então, elle annunciou um dia a chegada em Marselha (elle morava em Toulon) de dez caixas esperadas desde muito tempo do Brasil, e accrescentou que precisava recusal-as, ou então reclamar, porque tinha havido substituição de uma dellas contendo retratos, colchas e lençóes, e muitos outros differentes objectos de valor. Ora, tudo isso foi encontrado inteiramente de accordo com a verdade, e constatou-se que na caixa que haviam posto no lugar da outra estava uma serie de retalhos de caoutchouc. E o engenheiro Lacoste teria, sem duvida recusado crêr-se possuidor inconsciente de faculdades supranormaes, se a cousa não lhe fosse demonstrada pela seria molestia que o accometteu.

Nas *Memorias* publicadas recentemente por Sir Almeric Fitzroy, descreve-se a morte de Lord Hampden, que ficou inconsciente durante quarenta e oito horas, assistido pelo seu filho Tom. Este ultimo, não observando indicio algum de volta nos sentidos do doente, resolveu entrar em sua casa para jantar; Lady Hampden tomou o seu lugar. De repente o agonisante abriu os olhos exclamando: «O que acontece a Tom?» — Surpreza, Lady Hampden respondeu: «Tom foi jantar; elle está bom.» — «Não,» disse o doente, e com um acento de viva anciedade, accrescentou: «Elle passa um grande perigo.» Logo após, quasi que immediatamente, elle cahiu na inconsciencia para morrer pouco depois. Resultou que Tom, indo para sua casa de carro, teve um encontro com um cyclista; as consequencias tinham sido graves. (*Light*, 1925, p. 433) — Ninguem duvida que Lord Hampden, como Marcel Mangin, tivesse o direito de fazer notar a todos que interpellado sobre esse assumpto, estava bem certo de não possuir faculdade alguma clarividente; neste caso teria vindo a hora da agonia para o desmentir, revelando a existencia latente das faculdades em questão no seu subconsciente.

Eu não relatarei outros exemplos, limitando-me a lembrar que ha centenas de casos deste genero, representando uma variedade muito significativa de situações episodicas que entram irresistivelmente nas conclusões geraes seguintes: Desde a manifestação instantanea, no homem, das faculdades psychicas muito superiores ás normaes, não podem ser attribuidos ao facto de um trauma na cabeça, um delirio febrento, uma inhalação de ether *os ais creados do nada*, é preciso arguir que estas faculdades existiam no estado latente nos meandros obscuros da subconsciencia, e que os estados traumatico, febrento, comatoso, determinando no individuo um enfranquecimento ou uma suspensão temporaria das funcções da vida de relação crearam uma condição favoravel ao seu desprendimento. Em outras palavras, as faculdades da subconsciencia, graças á suspensão que se produziu, teriam ficado em estado de se insinuar — por assim dizer — nas fendas assim abertas do diafragma que as divide das faculdades psychicas conscientes, fazendo irrupção no campo da consciencia normal.

Em seguida das provas que acabamos de citar e das considerações que d'ahi decorrem, ninguem tem o direito de pretender que a sua subconsciencia não contenha faculdades supranormaes; tudo o que se pode arfirmar com segurança é de não estar sujeito a irrupções expontaneas de faculdades subconscientes para o plano consciente e normal da intelligencia — irrupções que constituem justamente a differença existente entre os individuos chamados «sensitivos» e os que não são.

Com isto, creio ter respondido de uma maneira completa ao problema restricto á hypothese de que se trata.

ERNESTO BOZZANO

(*Continúa*)

A MEMORIA E O PERISPIRITO

O que faz a invencivel certeza de sermos sempre o mesmo ente, desde o nascimento até a morte, é a *memoria*. Ora, as moleculas do corpo têm sido renovadas em cada um de nós, milhares de vezes, durante o tempo de uma existencia; por conseguinte, a memoria, pois que ella persiste, não pode ser uma propriedade do que é instavel: a materia; ella pertence ao que não varia no homem, ao envoltorio fluidico: ao *perispirito*.

Gabriel Delanne

EMMANUEL VAUCHEZ

Um grande espirita acaba de transpôr os humbraes da morte. Cavalheiro da Legião de Honra, official da Instrucção Publica da França, antigo secretario da Liga do Ensino e um dos fundadores do «Comité d'Etudes de photographie transcendente», Emmanuel Vauchez teve uma existencia verdadeiramente proveitosa, não só para si, como para os seus semelhantes.

Após uma longa permanencia na Algeria, onde dedicou-se ao commercio, fixou definitavamente sua residencia em Paris, para consagrar-se ao seu grande ideal : a instrucção e a educação do povo.

Em 1863, auxiliado pelo sr. Jean Macé, elle fundou a Liga de Ensino, da qual fizeram parte cinco espiritas bem conhecidos : Camille Flammarion. A. Delanne, pai de Gabriel Delanne, P. G. Leymarie, A. Vautier e Emmanuel Vauchez. Logo depois o incansavel trabalhador fundou o «Circulo Parisiense», com o fim de propagar a instrucção nas diversas circumscripções, principalmente no seio das populações ruraes. Esta sociedade prestou assignalados serviços.

Um brilhante futuro parecia se abrir para a obra de E. Vauchez, quando a guerra de 1870-71 paralysou aquelle movimento. Terminada esta, Vauchez retomou o seu posto e foram creadas Escolas e Bibliothecas publicas. O «Circulo Parisiense da Liga de Ensino, e principalmente o seu secretario geral, concorreram para a formação de mais ou menos duzentas Bibliothecas e Escolas regimentaes, que deram como resultado e fundação de 876 Sociedades de Instrucção, compostas de 70.000 membros. Foi feita uma petição ao Governo a favor da instrucção obrigatoria, gratuita e laica, cujo documento levou um milhão e meio de assignaturas. Em junho 1880, o «Circulo Parisiense» foi reconhecido de utilidade publica, e em 1881, sob seus auspicios, foi fundada a federação das sociedades da liga com o titulo de «Liga Franceza de Ensino.»

Emmanuel Vauchez, por muito tempo, fez parte da commissão das Bibliothecas populares e escolares do Ministerio da Instrucção Publica.

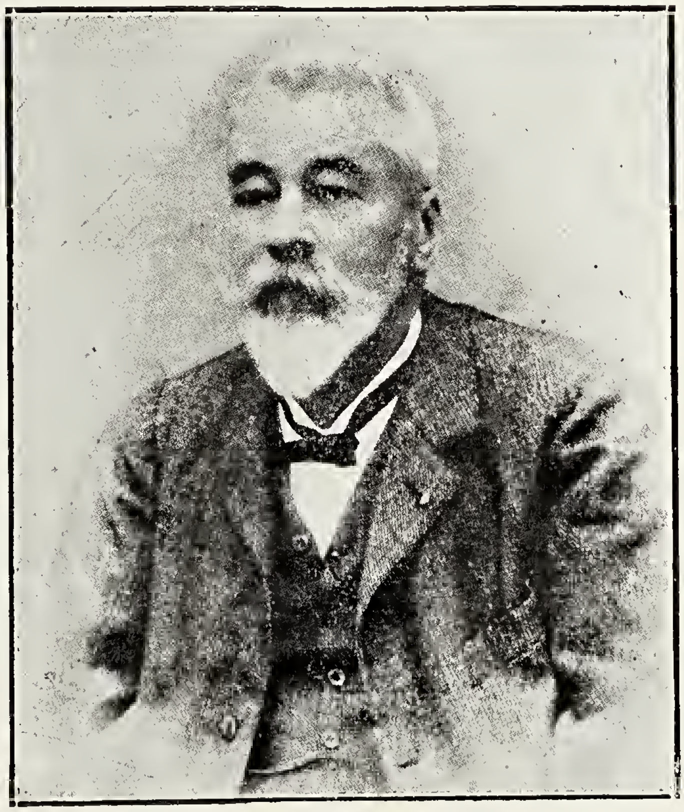

EMMANUEL VAUCHEZ

⁂

Emmanuel Vauchez obteve as provas da Immortalidade, após longos annos de estudo do Espiritismo e seus principios annexos. Em 1905, elle escreveu :

— «Fazendo experiencias de magnetismo, por muito tempo eu adquiri absoluta certeza dessas idéas contidas na nota abaixo, conclusões estas a que todo o mundo pode chegar.

«O sobrenatural não existe, é uma palavra sem sentido : o desconhecido é e sempre será, devido ao progresso, força indomavel em perpetua marcha para o futuro.

Na terra e no espaço tudo é natural ; os seres habitam a superficie do globo, trabalham e luctam para melhorar a sua natureza pessoal ao mesmo tempo que a natureza do planeta. Por toda a parte não ha senão a materia *visivel* e *invisivel* ; o homem, o mais elevado animal, é material ; quando morre, cessa de ser ? Não, porque conserva uma forma que resume para elle todo o progresso adquirido. Esta forma, embora invisivel, é material em diversos grãos tanto quanto precisa para agir.

Ã Egreja catholica ensina que existe um paraizo, um purgatorio e um inferno ; ella mesmo se encarrega de enviar para esses lugares, os seres segundo a fortuna de cada um.

Esta concepção de penas e de recompensas é a invenção materialista mais grosseira que se pode imaginar.

Na realidade, *o unico paraizo verdadeiro* consiste na satisfacção do bem que se fez.

O *purgatorio* é o soffrimento que se tem, visto se ter tido occasião de praticar o bem e não se o fazer (vida inutil).

O *inferno* é o remorso do mal praticado e a necessidade inevitavel de expiar no espaço, e depois a volta á terra em condições, por vezes, terriveis.

Taes são, no seu conjuncto, as leis que regem o mundo terrestre visivel e invisivel, estes dois termos constituindo uma entidade indivisivel ligadas por élos solidarios e inseparaveis.

D'aqui ha pouco tempo, a sciencia auxiliada pelo magnetismo, demonstrará estas verdades.»

∴

Alem de outras obras e substanciosos artigos publicados em todas as revistas psychicas, Emmanuel Vauchez deixou uma bella obra — *La Terre*, evolução da vida na sua superficie, seu passado, seu presente, seu futuro, 2 volumes in 8.o, nos quaes salienta as theorias de Buffon, Lamark e Darwin, passa um relance de vistas no Universo, e em capitulos bem escriptos, expõe uma nova theoria do mundo, muito interessante, cheia de novas e seductoras vistas, por sua singularidade. O Espiritismo e o Magnetismo têm um lugar de destaque nessa obra, assim como deveriam de ter em toda a obra scientifica.

∴

Emmanuel Vauchez nasceu em Courlans (Jura) em 19 de maio de 1836.

A 31 de agosto pp. terminou o cyclo de sua existencia terrestre, com a idade de 91 annos. Seus funeraes realisaram-se a 2 de setembro, em Chasseneuil-du-Poitou, e de accordo com os desejos do preclaro espirito, sem pompas e na mais estricta intimidade. As ultimas palavras de Vauchez, foram: «As creaturas devem se unir pelos laços da fraternidade universal ; os melhores e os mais sabios têm obrigação de instruir e guiar o rebanho hostil e ignorante ; esta deve ser a tarefa. Só o caminho da sciencia nos conduz ao Mestre dos mundos.»

Com os nossos melhores votos de felicidade, acceite o recem-desincarnado as nossas homenagens.

O ESPIRITISMO E SUAS CONSEQUENCIAS

Quem quer que tenha meditado no Espiritismo e suas consequencias, não o circumscreve á producção de alguns phenomenos ; comprehende que elle abre para a humanidade uma nova estrada e desenrola diante dos seus olhos os horisontes do infinito ; iniciando-o nos mysterios do mundo invisivel, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na creação, papel perpetuamente activo, tanto no estado espiritual como no corporal. O homem não caminha mais como cégo ; sabe donde vem, para onde vae e porque está na terra. O futuro apresenta-se-lhe na sua realidade sem os prejuizos da ignorancia e da superstição ; não é mais uma vaga esperança que o alenta ; é uma verdade palpavel, tão certa como a successão do dia e da noite. Sabe que a vida não é interrompida com a morte, mas, ao contrario, dá a certeza da perpetuidade do seu ser espiritual.

ALLAN-KARDEC

OS CAVALLOS D'ELBERFELD

Em 1904 ouviu-se falar pela primeira vez dos cavallos calculadores de von Osten.

A educação, entretanto, do seu primeiro cavallo Hans I, data de 1890. Von Osten começou a ensinar o seu alumno a conhecer a direita e a esquerda ; e logo após a contar até 5, com a pata ; a levantar a pata direita e a esquerda ; a olhar para cima e para baixo, obedecendo a palavra que lhe ditava.

Hans I morreu após cinco annos.

Sendo von Osten adepto da theoria de Gall, tratou de substituir o seu discipulo por outro que tivesse a frente saliente.

Hans II começou recebendo a mesma educação dada ao seu predecessor, e de accordo com o systema de educação dado aos surdos-mudos, Von Osten conseguiu que o seu novo discipulo aprendesse o allemão, mas sem noções de grammatica ; e assim poude lhe ensinar muita cousa.

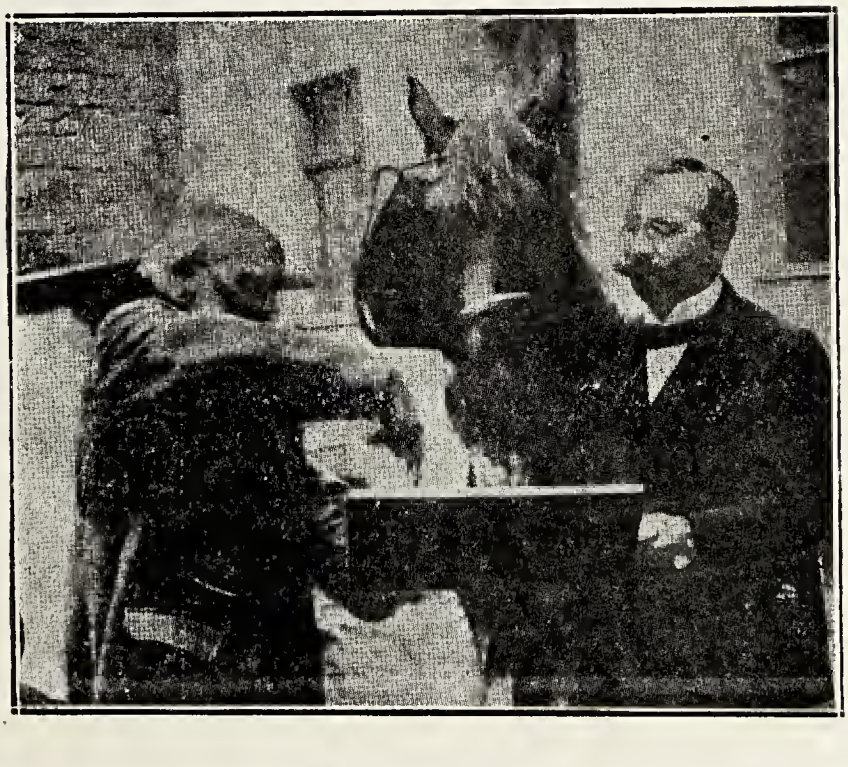

O Cavallo Hans *entre M. Von Osten e M. K. Krall*

No fim de um anno Hans sabia contar até 15, começando então as lições de calculo. Dois annos depois, Hans sabia contar, calcular, soletrar e lêr ; conhecia as notas, as moedas, as cartas de jogar, a posição dos ponteiros de um relogio, etc. Osten trabalhava com o seu alumno pela manhã e á tarde.

Em 1904 teve desejo de vender seu cavallo sabio e convidou diversas pessoas a vel-o. Diversos militares e hippologos que visitaram e examinaram Hans, uns admittiam a sabedoria do animal, outros negavam. A fama correu e os curiosos não se fizeram esperar enchendo a quinta de Von Osten para verem o cavallo maravilhoso.

O ministro da Instrucção Publica da Allemanha, visitou Hans, fez-lhe diversas perguntas e não occultou a sua admiração pelo cavallo que lia e calculava.

O celebre Schillings, L. Heck, director do Jardim Zoologico de Berlim, Matschie, o conservador de mammiferos do Museu de Berlim, enviaram uma communicação aos membros do Congresso de Berna, que, vamos dizer, foi recebida com grande indifferença. Todo esse movimento deu lugar a uma avalanche de artigos favoraveis e desfavoraveis ao pobre Hans.

Em 1909 morreu Von Osten deixando o seu cavallo ao seu amigo e alumno Krall, com quem travara intensas relações em 1903. Krall começou fazendo experiencias sobre os ssntidos do animal : sobre a subtileza visual, sobre a extensão do campo visual, sobre o sentido das cores e da forma, sobre o ouvido, o olfato, o paladar e o tacto. Deu ao cavallo a noção do que está aberto e do que está fechado ; ensinou-lhe a idéa do presente e do futuro, e tratou de dar-lhe noções do bello e do feio.

Os ensaios que fez sobre o reconhecimentos das figuras geometricas são muito curiosos. Ensinou ao animal a conhecer os angulos, agudos, rectos e obtusos; os triangulos, e a differença entre estes e o quadrado. Em todas as suas experiencias, Krall, esforçou-se para educar e não amestrar seu cavallo. Differença esta importante: a educação desenvolve a individualidade, emquanto o «amestramento» aniquila a vontade.

Depois da morte de Osten, Krall levou Hans para Elberfeld e a obra de Osten cahiu no olvido, só revivendo com a obra de K. Krall, cujo feito o Professor Claparede, de Genebra, chamou o *successo mais sensacional que appareceu na psychologia*.

K. Krall é um rico negociante d'Elberfeld, a importante cidade manufactureira de Wesffalia, cujo espirito investigador e philosophico se faz notar. O Dr. William Mackenzie falando de K. Krall, diz na *Revue de Psychologie*, que antes que Krall conhecesse o cavallo sabio de Von Osten, dedicava-se ha annos ás investigações psycho-physicas, cujos trabalhos serão mais tarde publicados. Elle transformou a sua morada em um importante laboratorio de physica, provido de importantes apparelhos, alguns dos quaes de sua invenção. A bibliotheca de Krall e de primeira ordem. Mas alem desses estudos Krall dirigia os negocios de seu pae e consagrava horas e horas á sua officina que mantinha trinta operarios sem contar os dactilographos que mal venciam a correspondencia diaria hippica do commerciante d'Elberfeld.

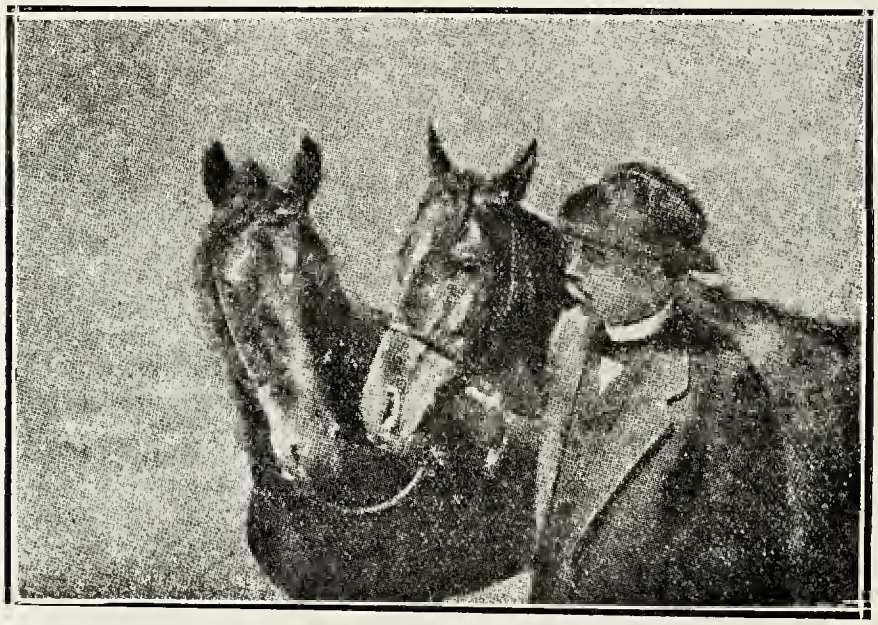

K. Krall com Muhamed e Zarif

Emfim, Krall nunca pensou em proventos pecuniarios dos seus cavallos, só queria que elles fossem estudados e examinados pelos sabios.

Aconselhado por alguns hippologos, Krall resolveu adquirir cavallos novos cujo adestramento seria mais facil, e comprou dois cavallos arabes: *Muhamed* e *Zarif*, o primeiro de dois annos e o segundo de dois annos e meio.

Estes animaes, desde o principio manifestaram aptidões differentes: Muhamed tinha uma intelligencia muito mais viva e aberta para os calculos; Zarif era tardio para comprehender.

No segundo dia de lição elles comprehendiam e obedeciam as ordens verbaes de «direita». «esquerda» e «abaixo».

No terceiro dia levantavam a pata direita ou a esquerda quando se mandava. Cada alumno tinha duas horas de lição por dia, uma pela manhã e outra á tarde afim de evitar a fadiga intellectual. Depois de um anno reduziu-se a uma hora o ensino diario. Durante esse periodo foram registrados todas as perguntas e respostas, de modo que não seria difficil escrever-se uma historia detalhada do seu ensino escolar e, por conseguinte, do seu desenvolvimento intellectual.

Krall ensinou os seus alumnos a exprimirem por meio de pancadas dadas num trampolim de madeira, assignalando assim as lettras e numeros. Afim de evitar cansaço elle fazia os cavallos indicarem as unidades com a pata direita, as dezenas com a esquerda, depois as centenas com a direita.

Assim elle simplificava a leitura dos numeros elevados. Por exemplo, para o numero 126, bastavam 9 golpes e não 126; o zero era assignalado com um movimento da cabeça, da esquerda para direita.

Em quinze dias os resultados verificados por um grupo de amigos, foram surprehendentes.

As ordens oraes os cavallos respondiam com a maior bôa vontade: *direita*, *esquerda*, *acima*, *abaixo*, *levanta a pata (direita*, *esquerda)*, *levanta a cabeça*, *etc.*

Mahumed poude contar *até dez* e provou que comprehendia a *addicção*, a *subtracção* e a *multiplicação*. Nos primeiros mezes os alumnos aprenderam as ordens oraes e escriptas, dadas em allemão e em diversos idiomas extrangeiros, lettras goticas, lettras latinas, e depois as ordens em grego e em lettras gregas. Depois de uma explicação, Krall lhes dizia : faz o que está escripto : esquerda, direita, acima, abaixo, sim, não, nada, levanta a pata direita, a esquerda, para diante de vagar, depressa, etc., toca teu lado direito, esquerdo, sacode a cabeça, mostra a lingua, qual é o pé que levantou ? que braço é o que estirou ? dá um beijo, beija a minha cabeça, rincha uma vez, saúda, dansa, etc.

Os dois alumnos aprenderam a maneira de contar, comprehendiam o numero pronunciado ou escripto em um quadro negro. Depois se lhes inculcou as primeiras noções do calculo e é admiravel como resolviam calculos difficeis, em bora por meio de calculos accessorios mais simples, sem que se os indicasse. Sabiam em frente a um relogio dizer as horas e os minutos ; sabiam o mez e o dia e tinham a idéa do anno.

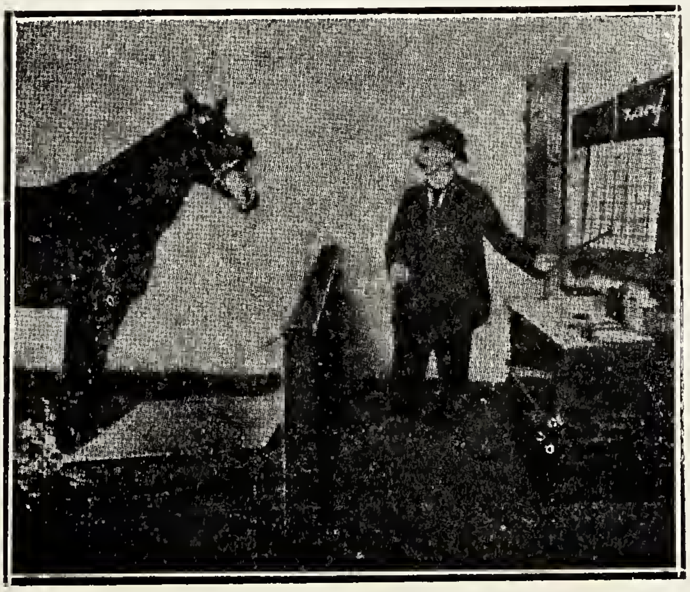

Zarif na sua licção de leitura

Por meio do gramophone se ensaiou lhes dar educação musical. Aprenderam as gamas, os nomes dos trechos executados, os nomes dos compositores.

Depois passou-se ao estudo das cartas e das moedas allemães. Com cinco mezes de ensino alcançaram o estado intellectual de Hans. Para provar que os cavallos não obedeciam a signaes imperceptiveis, como muitos acreditavam, Krall pôz-lhes antolhos, de maneira que só viam o que estava na frente e não a pessoa que os interrogava. Elles custaram a se acostumar com os antolhos e a começo, nervosos, não queriam responder ás perguntas.

Desde o começo Muhamed deu provas de um bello juizo, de temperamento sanguineo era muito excitavel e ás vezes de um humor variavel. Tinha uma excellente memoria.

Zarif mais indolente, comprehendia difficilmente os exercicios de numeros e calculos ; tinha pouco amor ao trabalho, entretanto era mais docil, mais calmo que Muhamed, mas um castigo o revoltava e o punha furioso e perigoso. A memoria desses dois animaes, como a dos homens, variava segundo as materias de estudo ; embryonaria em começo, melhorou com o exercicio a medida que os seus conhecimentos iam augmentando.

Uma prova do raciocinio é a manifestação de suas respostas quando acreditavam serem certas ; ainda que o interrogador dissesse serem falsas e ordenasse a repetir, elles insistiam.

O sr. A. Menegaux que estudou os cavallos, faz uma exposição interessante das experiencias cujos phenomenos observados damos alguns.

«As palavras eram soletradas pelos cavallos por meio de pancadas com as patas, sendo cada lettra representada por um numero pequeno que servia para designal-a. Assim por exemplo, o *e* se designava com 11, o *a* com 21, o *i* com 31, o *o* com 41, o *u* com 51, o *n* por 12, o *r* por 13, o *s* por 14, etc.

As manifestações expontaneas contadas por Menegaux não deixam lugar á duvida sobre a intelligencia e faculdade pensante dos animaes.

Muitos sabios foram a Erberfeld e reconheceram a realidade dos factos, que não podiam provir de truc.

O Dr. Hartkopf, na *Gazette de Cologne* de abril de 1912 narra factos extraordinarios e surprehendentes dos dois cavallos :

— «Chegado á cavallariça, o Dr. Hartkopf apresentou ao cavallo o seguinte problema que levara escripto : Qual é a raiz cubica de 13.824 ? — Alguns segundos depois a resposta dada por pancadas, foi 24. Exacta solução.

O segundo problema foi : Qual é a

raiz cubica de 29.791? — A resposta foi 13, exacto.

A terceira pergunta: Qual é a raiz cubica de 103.823? A resposta foi errada, mas depois rectificada, 47, exacto.

O naturalista Ernesto Haekel escreveu ao sr. Krall:

«Vossas investigações cuidadosas e criticas, provam de um modo convincente a existencia da razão do animal, o que eu nunca puz em duvida.»

Em seguida o Dr. Edinger, eminente neurologista de Frankfort; os Profs. Schoeller, Gehrcke, v. d. Heydt, Frendenberg, de Bruxellas, Besredka, de Paris, Galdstein, Kaemer, Ziegler, P. Sarasin, de Bale, Claparede, de Genebra, Mackenzie, de Genova, Assaglioli, de Florença, Ferrari, de Bolonha e muitos outros visitaram os cavallos de Krall, attestando a authenticidade dos factos.

Resumindo os resultados das observações, formularam as seguintes conclusões:

«1.o—Fica estabelecido que os animaes examinados leem os numeros e nomes (escriptos phoneticamente em allemão ou em francez) e que por meio destes numeros, dados oralmente ou por escripto, executam operações mathematicas.

«2.o—Que os cavallos que não são instruidos só depois de alguns mezes sabem fazer calculos simples, mas não podem executar provas difficeis.

«3.o — Que os cavallos ensinados por muito tempo, como Muhamed e Zarif, dão solução de problemas mais difficeis. Ao mesmo tempo se poude constatar uma differença individual em suas aptidões.

Convém ainda notar que os cavallos recusam, ás vezes, dar a solução de problemas faceis, o que depende evidentemente do humor variavel dos animaes, que se manifesta tambem em attitude geral.

4.o— Que os cavallos sabem soletrar numeros e nomes e ainda palavras que são completamente novas para elles, por meio de uma taboa alphabetica. A orthographia depende do som da palavra e é frequentemente inesperada.

«5.o — Que os cavallos dizem, ás vezes, por si mesmos, cousas incomprehensiveis, com o auxilo do quadro alphabetico convencional.

«6.o — Que todas as producções dos cavallos não resulta da transmissão de signaes, visto como as muitas respostas dadas, assim como exercicios (embora de problemas difficeis) foram resolvidos estando ausente o palafreneiro, e o sr. Krall fóra da sala não podia ser visto pelos cavallos. Se comprovaram exitos ainda estando todos os experimentadores fóra da cavallariça e invisiveis aos cavallos.

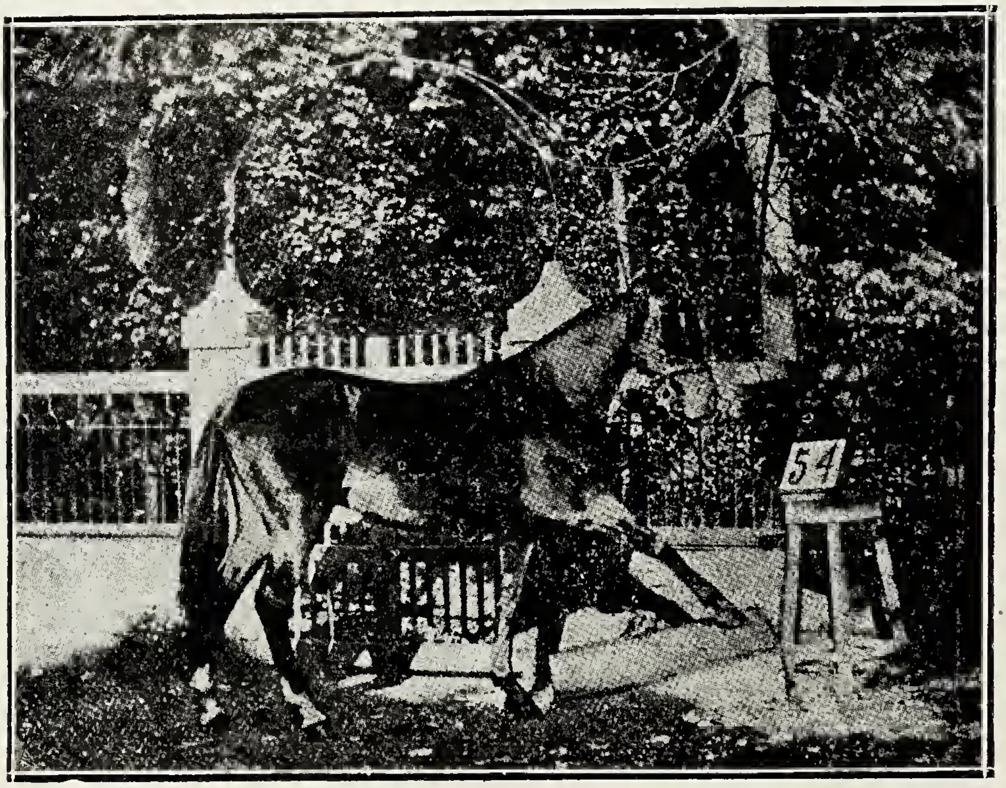

Como os cavallos respondem por golpes sobre um trampolin

Elberfeld, 25 de agosto de 1912.

—*Prof. Dr. H. Kraemer, Dr. Paul Sarasin, Prof. Dr. H. E. Ziegler.*»

A seguinte declaração é do Prof. Claparéde:

— «Tendo assistido em 30 e 31 de agosto ultimo, os exercicios dos cavallos do sr. Krall (Muhamed, Zarif e Haenschen) subscrevo voluntariamente as declarações dos srs. Kraemer, Sarasin e Ziegler.

«Respostas certas foram dadas por estes cavallos em condições que excluem absolutamente a hypothese de signaes voluntarios. Parece-me certo que estes cavallos contam realmente o numero de pancadas e que soletram expontaneamente segundo um alphabeto convencional.

«Quanto ao saber como Zarif e, sobretudo Muhamed em tão rapido lapso de tempo dão a solução correcta de certas operações mathematicas difficeis, não posso explicar agora ; novas e methodicas experiencias seriam indispensaveis. Genebra, 2 de setembro de 1912.

Prof. Ed. Claparède, Prof. da Faculdade de Sciencias de Genebra.»

⁂

Os trabalhos do sr. Krall, como os de von Osten e de Mme. Carita Borderieux, produzem uma grande revolução na sciencia, na religião e na philosophia.

De facto, os animaes já não são simples machinas submissas ao jugo e ao aguilhão dos inconscientes ; elles tambem como nós, raciocinam, pensam, agem de accordo com o meio em que se acham e a educação que recebem.

Ninguem mais tem o direito de dizer que a intelligencia animal é um problema, pois não existe verdade mais plenamente demonstrada.

‹A base da intelligencia consiste na memoria e no raciocinio, na memoria que regista os factos, no raciocinio que os coordena e classifica.

‹Todo o ser dotado de memoria e raciocinio é um ser intelligente.

Pelas experiencias e provas obtidas pelos diversos sabios que visitaram o sr. Krall, é innegavel que os cavallos possuem uma intelligencia, e uma intelligencia tão sujeita ao progresso como a intelligencia humana, assim como a hypothese de truc não cabe nas experiencias positivas feitas com *Zou*, nem com *Hans*, nem com os cavallos d'Erberfeld, pela mesma forma não se pode invocar a hypothese de um automatismo sensorial e motor por acção magnetica, para explicar os phenomenos, visto como esses animaes dão respostas intelligentes, demonstrando conhecerem elementos de linguagem, arithmetica, etc.

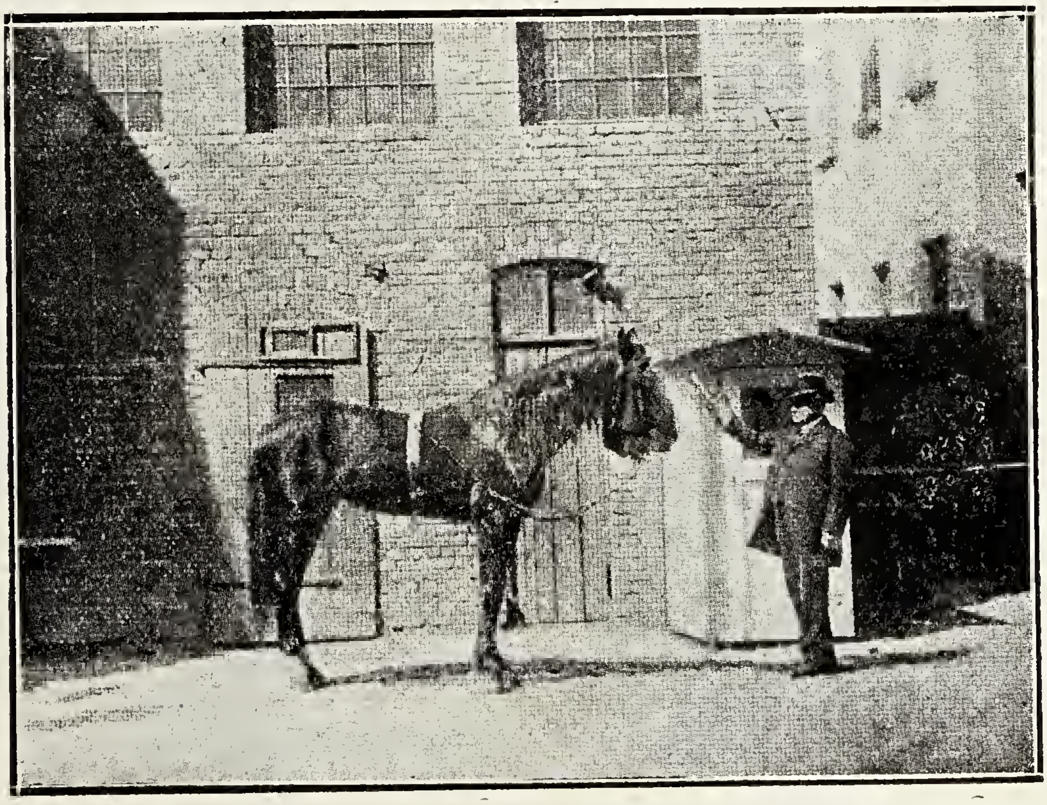

A EXPERIENCIA DO DR. GRABOW

Para eliminar a hypothese da telepathia

Concluimos estas linhas lembrando ao leitor a magnifica obra de Delanne — ‹Evolução Animica›, que explica de um modo claro e convincente a origem da alma e sua evolução atravez dos tempos.

Possam estes estudos repercutir em todos os lares o sentimento de piedade pelos animaes, nossos irmãos inferiores, que, como nós, tambem são filhos de Deus.

O estudo attencioso dos factos nos conduz inevitavelmente á demonstração da Immortalidade, base essencial do Espiritismo, nova Sciencia que será a gloria do Seculo XX.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

X

Donde vem a vontade reguladora do phenomeno?

(Continuação)

Postas estas breves considerações, vejamos em quem poderemos racionalmente buscar a vontade reguladora da phenomenalidade produzida.

Se nos reportarmos aos quatro primeiros episodios, convencer nos-hemos de que ella não pode vir de qualquer dos experimentadores. O que se obtem é absolutamente novo e inesperado por elles, e as formas manifestadas nenhuma semelhança apresentam com as pessoas, cuja apparição os assistentes consciente ou inconscientemente desejariam.

Pelo que respeita a Eusapia, ao contrario, apesar da falta de dados typtologicos ou verbaes referentes á identidade das apparições, em rigor não podemos raciocinar do mesmo modo.

Seria possivel, mormente admittindo que duas apparições representavam em verdade Katie e John, conjecturar que essas materialisações eram a projecção a distancia d'um trabalho de associação realisado na subconsciencia do medium, trabalho engendrado por impressões de meio repetidas, por suggestões dos experimentadores, frequentes e prolongadas; em summa, por um conjuncto de circumstancias inherentes á sua educação medianimica, causa, por conseguinte, d'um determinismo particular.

Quanto á apparição simultanea d'uma mulher e d'uma creança, que suppozeram ser a mãe de Mme. Avellino, e um seu filho, morto em tenra idade, é evidente que a intelligencia directriz d'esta manifestação, não pode ser procurada na propria Mme. Avellino e ainda menos nos assistentes.

Para estes, as apparições eram tão novas quanto inesperada, e o mesmo para Mme. Avellino, que não conseguiu reconhecer n'essas apparições nenhum caracter physionomico que lhe lembrasse esses queridos entes, e apenas pensou que poderiam ser elles, por causa das palavras explicativas de Eusapia e *pelo facto da coifa guarnecida de rendas e atada com fitas cor de rosa*; circumstancia que imprime realmente ao phenomeno um grande valor de identidade.

Attentas as palavras pronunciadas por Eusapia, poderia antes procurar-se n'ella a vontade reguladora da manifestação.

E então, bem como para muitos episodios dos casos precedentes, dever-se-ia suppôr que a subconsciencia conseguiu extrahir dos centros mnemonicos de Mme. Avellino particularidades conhecidas sò por esta e esquecidas, para as converter em acção, *inconscientemente*, por meio de um conjuncto de energias concretisadas á distancia sob a forma das materialisações que observamos.

Para exemplificar os factos, seremos ainda obrigados a recorrer a uma applicação bem complicada da theoria biodynamica; n'uma palavra, de novo estaremos em face d'um phenomeno animico.

Vemos que até aqui estas explicações poderiam satisfazer, se bem que não repousem sobre bases muito solidas.

Comtudo, ha na sessão descripta um incidente, que em nosso entender, escapa até ás mais complicadas conjecturas explicativas: e diz respeito á parte episodica relativa ao reatamento dos nós aos pulsos do medium, nós que o professor Morselli tinha desatado pouco tempo antes.

Demonstramos já, que a hypothese de Eusapia se haver desatado sosinha não é logicamente admissivel.

Por quem, pois, perguntamos nós então, teria sido executado este longo e complicado trabalho manual, e que cerebro dirigente poderia ter regulado este extraordinario phenomeno?

Consignemos aqui tres circumstancias muito importantes:

1.º Que o desatamento dos pulsos

d'Eusapia, feito pelo professor Morselli, tinha precedido pouco tempo a terceira apparição;

2.º Que as novas ataduras foram verificadas pouco tempo depois da quarta apparição;

3.º Que a terceira e quarta apparições foram separadas por um espaço de tempo muito breve.

Isto significa que uma grande parte do tempo decorrido entre o instante em que se desataram os laços pela primeira vez e aquelle em que novos nós appareceram, foi occupada pela manifestação das duas materialisações apparecidas.

Eis porque, se quizermos verosimilmente attribuir a uma personalidade a execução do trabalho paciente da ligação dos pulsos do medium, deveremos a admittir a intervenção d'uma nova individualidade medianimica, que teria operado no interior do gabinete, contra a própria vontade de Eusapia, cujas queixas repetidas e appellos reiterados ao professor Morselli eram uma prova evidente de seus soffrimentos bem justificados.

Vemos, pois, que para a execução do phenomeno, intervem uma personalidade nova, e tambem uma nova vontade, independente da nossa e em opposição patente com a do medium; vontade cuja genése representa para nós uma incognita, cuja investigação renunciamos, para não ultrapassar as possibilidades scientificas admittidas.

Terminando estas considerações, julgamos util notar, que tendo em conta apenas os conceitos do psycho-dynamismo, as propriedades do subconsciente não só se mostrariam extraordinarias pelo que respeita á producção do organismo vivo, mas tambem quanto a esta rica, luxuariante e variada formação de tecidos, que vimos servirem de ornamento ás formas materialisadas.

Durante os episodios acima expostos, podémos não sómente admirar de perto estes tecidos e estabelecer o confronto com os vestidos que empregamos geralmente, mas tambem verificar a quantidade, por vezes verdadeiramente extraordinaria, de faixas em que algumas formas materialisadas estavam envolvidas; podémos igualmente observar a reproducção de objectos, confeccionados segundo a moda de tempos idos, como por exemplo, a da touca guarnecida de rendas, terminadas por duas fitas de côr, como muitos assistentes poderam affirmar com certeza.

O problema das materialisações, qualquer que seja a hypothese que se estabeleça, é, como se vê, singularmente difficil, quer queiramos manter a sua explicação na ordem das leis positivas, quer pretendamos descobrir, na sua realisação, um inconsciente, extrinseco ao medium e extrinseco aos que compõem a assistencia.

∴

N'esta nova serie de episodios, em virtude dos factos expostos, adquirem muito maior importancia as deducções que tiramos a proposito da serie precedente.

D'esta vez, a phenomenalidade apresenta-se sob a forma de manifestações mais elevadas, attingindo o gráo de verdadeiras apparições de phantasmas.

Podémos verificar que tudo isto é essencialmente devido aos motivos de maior disposição medianimica da parte de Eusapia e de homogeneidade da parte dos experimentadores.

A necessidade d'um meio homogeneo, considerado em relação á suggestionabilidade do medium, permitte-nos fazer notar, que uma grande parte das fraudes que se lhe attribuem, podem ser devidas ás prevenções suggestivas de alguns experimentadores a quem falta serenidade de espirito.

Vimos que a obscuridade é uma condição que póde não ser imprescindivel, quanto a intensidade medianimica de Paladino e a homogeneidade entre os assistentes attingem ao seu gráo maximo.

Na maior parte das formas materialisadas, cuja presença observamos, vendo-as, podémos notar pontos de similhança com pessoas fallecidas, em geral nossos parentes, desconhecidas do medium e conhecidas apenas pelas pessoas presentes, ás quaes a manifestação dizia respeito.

D'esta extraordinaria phenomenalidade, em cada caso particular podemos aventar uma interpretação plausivel, em favor das theorias psycho-dynamicas, que são a mais ousada hypothese que a biologia nos póde conceder.

Comtudo, nem sempre nos foi possivel reconhecer, que esta hypothese tão complicada correspondesse completamente ás exigencias do caso e por vezes fomos obrigados a reconhecer a intervenção d'uma vontade autonoma, que não podia ser a de Paladino nem a dos experimentadores.

Ainda assim, na investigação d'esta

vontade, entendemos não dever transpôr os confins das leis naturaes conhecidas, limitando-nos a uma justa reserva; e isto, não por falta de lealdade, mas porque nos lembramos das lacunas que em numero infinito, se apresentam no dominio da sciencia, e porque somos repeitosos á auctoridade d'aquelles sabios, que começaram por negar toda a manifestação intellectual e depois foram compellidos a entrar na orbita d'uma realidade á qual, independentemente dos resultados da experiencia, aspiraram muitas intelligencias, as mais altas que o genero humano tem honrado.

(Continúa)

Dr. José VENZANO

A Anestesia e o Principio Animico

Os phenomenos que algumas vezes se produzem durante o somno anestesico prestar-se-iam sem duvida a um estudo interessantissimo, se cuidadosamente houvessem sido annotadas e recolhidas todas as manifestações, dignas de registo, que em tal estado não raro apparecem.

E' certo que algumas observações tem sido archivadas, mas, nem a attenção devida tem sido prestada a este assumpto, nem mesmo, para muitos, a importancia realmente valiosa e grandemente tributaria á solução do problema psychico tem sido apreciada como incontestavelmente devia ser.

Com o intuito de concorrer com mais esse material para a demonstração do principio animico, aproveitamos da obra de Arnaldo Matheos — *Estudos sobre a alma*, o seguinte artigo que servirá, talvez, de entrada a outros que encarem o problema por esta outra face.

«Os phenomenos observados na anestesia produzida pelo chloroformio ou pelo ether, durante cujo estado se apresentam factos importantissimos, demonstram a existencia d'um principio espiritual e a possibilidade de separal-o do corpo durante a vida.

Estes factos seriam ainda mais numerosos, se a prudencia não aconselhasse ao operador o não levar muito longe a anestesia, em virtude dos perigos que poderiam resultar e mesmo se elles e seus ajudantes, ordinariamente attentos ao resultado da operação, concedessem a attenção devida aos phenomenos psychologicos, que d'outra forma frequentemente passam despercebidos.

«Se alguma prova existe da independencia do nosso *eu*, é a que nos dão os individuos submettidos á acção do ether, quando as suas faculdades resistem aos agentes anestesicos.

A sensibilidade que une a vida e a intelligencia, extingue se; a vida persiste; a intelligencia continua e o laço desapparece.» (Dr. Bonisson).

Velpeau, na sessão celebrada na *Academia de Sciencias*, de Paris, em 4 de março 1850, citou dois casos surprehendentes, por elle observados, e que veem em apoio de quanto deixamos dito.

«Que fecundos são para a psychologia—accrescentou o celebre cirurgião—esses actos que chegam a separar a alma da materia, a intelligencia do corpo!»

Ao Dr. Bordon dizia um enfermo, depois de haver sido anestesiado:

«Parecia que uma brisa deliciosa me levava atravez dos espaços». (*De l'Etherisme*).

Diz o Dr. Cassaignac, referindo-se ao que lhe contavam alguns operados: «Parecia-lhes que não se encontravam no leito; julgavam achar-se literalmente no ar.»

O Dr. Lasagra consagrou a este assumpto uma obra em francez, com o titulo: *A alma: demonstração da sua realidade, deduzida do estudo dos effeitos do chloroformio sobre a economia animal, apoiada em raciocinios e observações d'um grande valor.*

O periodico inglez, *The Chemist and Druggist* (15 março 1874) cita um caso summamente interessante.

O operado era um praticante de nome Jayme Richardson, que anestesiado pelo protoxido d'azote, descreve as suas sensações durante a operação, levada a cabo por dois membros do Real Collegio de Cirurgia, desta maneira : — «Primeiramente senti um peso nas palpebras, que depois se cerraram, e pareceu que me encontrava numa outra atmosphera, differente da normal, semelhante á d'uma estufa. Não senti essa oppressão e suffocação de que tanto se tem fallado.

«Ao mesmo tempo percebi um zumbido, que comparo ao que deve sentir-se ao penetrar no fundo da alga num escafandro. Em seguida vi uma luz violeta, que se movia de uma maneira extranha.

«Essa luz subia e afigurou-se-me que eu a ia seguindo até uma grande altura.

«Por ultimo, a luz deteve-se, e o zumbido cessou. Eu era, como se dissessemos, uma pessoa. Podia ver meu corpo e percebida uma voz, que parecia dizer alguma cousa aos demais, á cerca da minha individualidade corporal.

«Pude vêr varias pessoas, que, tendo a cabeça inclinada, me olhavam detidamente, ou, melhor dito, olhavam para o meu corpo.»

Com tempo, como dissemos, relataremos outros casos tributarios dos estudos desta *revista*.

Chronica Extrangeira

A *Comedia*, de Paris, publicou, com a assignatura de Mlle. Simona Ratel, uma serie de reportagens muito interessantes sobre Espiritismo e Metapsychica. Nestes escriptos, bem lançados Melle. Ratel dá uma bôa licção aos jornalistas que, cheios de preconceitos e escravisados a interesses subalternos deixam de lado os factos de que mais deveriam cuidar e que vêm provocar a resolução do problema da vida com todas as suas consequencias moraes, para tratarem de assumptos banaes e, quiçá, prejudiciaes á moral e á sciencia.

N'um dos artigos diz Melle Ratel ter interpelado o Dr. E. Osty, director do *Institut de Metapsychique* e da *Revue* do mesmo nome, sobre o seu modo de pensar em face do Materialismo.

A resposta do Dr. Osty não se fez esperar, e demonstra muito bem a evolução espiritual que aquelle Instituto vai fazendo, devido, sem duvida á acção objectiva e subjectiva do Espiritismo em todo o mundo e em todas instituições.

Eis o que diz o Dr. Osty : «Cheguei á seguinte conclusão : o materialismo está acabado. Está provado que existe na intelligencia humana outra cousa do que o que apparece pelos sentidos. Está provado que o pensamento não é unicamente o producto do cerebro ; existe em nosso psychismo uma faculdade — posta em evidencia em diversos individuos — que toma conhecimento da realidade, fora dos sentidos communs e dos limites do tempo e do espaço.

Parece que se pode agora distinguir no homem dois psychismos : um «cerebral» que recebe, na successão e relatividade das sensações, um conhecimento progressivo do seu ambiente physico ; outro «transcendental», não limitado pelo tempo nem pelo espaço, dependente de uma Intelligencia Universal que conhece o programma da vida da individualidade «homem» a que está unida... Ignoro o que o tempo e o progresso da metapychica farão dessa hypothese.»

Pelo que se vê, como acima affirmamos, a metapsychica caminha a passos largos para o Espiritismo. Apparentemente em divergencia, para nós ella não é mais do que uma ramificação do Espiritismo que veio forçar a sciencia ao exame dos phenomenos, e o aguilhão que conduz os pussilanimes, os escravos do preconceito e da sabedoria bastarda a buscarem a verdade, embora por estradas mais longas e caminhos mais invios..

E' innegavel que os adeptos activos da metapsychica, de bôa ou de má vontade, consciente ou inconscientemente são Operarios do Espiritismo, como muito breve se poderá constatar.

INTERESSANTE PHOTOGRAPHIA ESPIRITA

El Sol, matutino de grande circulação que se edita em Havana, publicou a seguinte noticia, acompanhada de um bello cliché photographico.

— «Recentemente, em 8 de julho, morreu nesta cidade uma menina de dez annos: Marta Fernandes y Mon. Viva, intelligente, sympathica, alegria do lar do sr. Rafael Fernandes Morejon e da sra. Panchita Mon y Morejon, a pequena Marta era a mais velha dos seus irmãos Rachel e Renato. Nada podia fazer prever que a encantadora creatura, cheia de saúde, imagem viva da alegria, pudesse ter a morte tão proxima. Bôa alumna, Marta surprehendia seus mestres e suas amigas pela sua precocidade. Em 7 de julho cahiu enferma com uma febre fortissima. A' noite delirou, e dia seguinte morreu. O diagnostico foi «uremia», contra a qual empregou todos os meios, mas sem successo, o Dr. Toledo e outros medicos que cercaram-n'a de cuidados. A noticia do fallecimento repercutiu logo na casa dos seus parentes. Elles compareceram immediatamente á casa mortuaria, rua Compostelle, 55. Os parentes consternados, sentem-se logo após, consolados. Bem ornada a sala em que se achava o cadaver, estava cheia de flores que cercavam assim o caixão funebre. A mãi exprimiu o desejo de conservar, como lembrança, o aspecto d'aquelle local. Ella quer que se chame um photographo. A's 5 da tarde vem o photographo e tira a photographia. Dia seguinte traz as provas. N'uma d'ellas se observa então um espectaculo admiravel. Entre as flores, sobre o caixão, distingue-se perfeitamente um retrato bem nitido.

E' de um homem de edade, é o retrato do avô de Marta, do pai de D. Panchita. Este homem morreu ha sete annos.

Em vista da photographia a mãe de Marta declara: «Sem duvida alguma este retrato é de meu pai que assim se manifestou: Minha filha antes de expirar, dizia-me que ella via no quarto alguem que lhe falava e accrescentava: — Mamãe, protege-me. Este velho quer me levar, mas eu não quero ir com elle. Olha bem, elle vai sahir do quarto!»

A sra. Mon Fernandez attribuiu essa visão de sua filha a delirio febril. Mas considerando a photographia, o busto no meio das flores, ella ficou comprehendendo o sentido revelador da manifestação. O retrato é traço por traço identico a um outro retrato pendurado a medalhão em outra sala, na qual o photographo não entrou.

Catholica convicta, ignorando o que respeita ao Espiritismo, D. Panchita não sabia como explicar o phenomeno. Quanto ao pae da menina, estava tão perplexo como sua esposa. Muitos espiritas affluiram para vêr e estudar a maravilhosa photographia.

Todos estão de accordo ver ali um phenomeno muito conhecido, nada mais que a intervenção do Espirito do defunto, sua *assignatura*, sob a forma de um retrato indiscutivel.»

O SONHO DE PETRARCA

No dominio das premonições, a historia está repleta de factos, que enterrados na poeira das bibliothecas passam desapercebidos, vivendo como letra morta, sem vivificar as intelligencias.

Entre elles se encontra o «sonho de Petrarca»:

— «Um dia o poeta Petrarca escreveu de Parma uma carta (que foi guardada) a seu amigo o bispo Giovanne Andréa, contando-lhe que tivera um mau sonho: tinha visto um outro amigo seu, o bispo Colonna, sahir de sua companhia só, pallido e limitando-se apenas a lhe dizer que ia a pé até Roma.

Petrarca, na sua carta, deduziu que o bispo seu amigo devia ter morrido. De facto, vinte e cinco dias depois, visto como as communicações eram morosas out'ora, Petrarca recebeu noticia da morte do bispo Colonna, occorrida á mesma hora em que despertava do seu sonho, e na mesma noite. Os despojos do bispo foram transportados para Roma.

O poeta ficou verdadeiramente emocionado com esse aviso.

A HISTORIA DE UM MEDIUM

O sr. Stuart Armour publicou em *The Occult Review* a interessante historia da medium Dra. Séal, digna por todos os encomios de figurar nesta *revista*. Eis o que diz o sr. Stuart:

— «Por occasião em que eu atravessava um lamentavel periodo de difficuldades financeiras, tive a lembrança de frequentar um circulo em que um medium dava conselhos ás pessoas presentes. No fim da sessão, embora completamente desconhecido da vidente, eu tive a surpreza de ouvir ella dizer-me: «Esperai os outros sahirem, eu tenho que vos dar informações pessoaes». Cedendo o appello, deixei sahir os assistentes e quando me achava só com a medium uma surprehendente palavra foi pronunciada: «Sr. Armour, descobri esta noite, na vossa aura, que vos achaes atrapalhado por negocios de dinheiro, embora não se trate de grande somma.» Isto era exacto. Eu não podia pagar, mesmo no dia seguinte, o aluguel dos meus escriptorios e estava ameaçado de expulsão, o que me seria muito desagradavel, porque eu tinha excellentes negocios encaminhados. Mas a evidente accrescentou: «Eu sou uma pobre mulher; entretanto, conservo uma economia de uma centena de dollars para um certo negocio. Mas não terei necessidade desse dinheiro dentro de alguns mezes. Se vós quizerdes vos servir desse dinheiro para suprirdes as vossas necessidades, me restituireis em occasião opportuna». Mas eu recusei: não tinha a certeza de poder reembolsar em tempo determinado a generosa senhora. Mas ella insistiu: «Os meus guias me garantem que vós me restituireis o dinheiro no momento que eu quizer». Emfim, ella insistiu de modo que acceitei os dollars, paguei os alugueis e em breve tempo pude pagar á minha bemfeitora.

Esta medium generosa, nem sempre acreditava nos Espiritos. Nascida em Londres, e catholica, por muito tempo havia sido uma piedosa filha da Egreja. Casada em primeiras nupcias, educava seu filho de accordo com a sua crença. Tendo fallecido seu esposo contrahiu segundas nupcias com um protestante. A sra. Séal depois de uma série de calamidades que atravessou em poucos annos ficou pobre, sendo preciso que, com sua familia se retirasse para Kansas (Estados Unidos).

Cheia de animo, ella deliberou então estudar medicina e conseguiu, com successo tirar o diploma de doutora. Seu marido, com o fim de se tornar util, vai para California com o seu enteado. Em Oakland, por acaso, tomou conhecimento do Espiritismo interessando-se pelos seus phenomenos. O moço, uma noite de sessão, cahe em transe e apparecem lhe faculdades notaveis. O marido da sra. Séal escreve á sua esposa e ella, inspirada por sentimentos religiosos, se esforça para que elle e seu filho «se livrem das garras do demonio». Para salval-os, deixa sua clinica e segue para Oakland. Desde sua chegada, o sr. Séal procura persuadir a sua mulher que não devia fazer juizo antecipado dessas manifestações, devia experimentar e estudar. Devia comparecer a uma sessão. A incredula accede aos desejos de seu marido e fica aterrorisada ao ver seu filho, em transe, dar uma longa communicação em que se salientam as bellezas do Espiritismo!

De volta á sua casa, noite inteira ella roga, supplica a Deus que lhe faça ver a Verdade. Pela madrugada apparece-lhe o espirito de sua fallecida mãe, catholica que era como sua filha, se manifesta e diz: «Minha filha, não ha outros diabos senão os malvados espalhados no mundo em que viveis. Nenhuma egreja está de posse da verdade absoluta.»

A sra. Séal, mais calma, resolveu então visitar os grupos espiritas. Uma noite, num centro, por um medium, lhe foi dito que ella se tornaria uma grande propagandista do Espiritismo. Ella riu se da predição, mas dois annos depois subia á tribuna, onde com grande eloquencia annunciava a palavra espirita, ao mesmo tempo que, mediumnisada, respondia as consultas dos assistentes.

Esta nova phase da vida da sra. Séal, em vez de enriquecel-a, conservava-a em condições precarias, pelo que ella resolveu recomeçar sua clinica. Aconteceu, porém, que uma força superior lhe impedia de exercer a profissão, pois, quando ia formular suas receitas, a memoria lhe era retirada: «Eu não posso mais receitar, dizia ella a uma das suas amigas, estou sob a acção de uma força superior á minha». Deliberou então mudar-se para San Diego (Sul da California) e alugou uma casa que servira outr'ora de hospital militar.

Um dia estava só e cosendo, sentiu

um irresistivel desejo de beber uma garrafa de aguardente, que conservava em casa para qualquer necessidade. Tomou a garrafa, abriu, encheu o copo, levou nos labios, mas conseguiu dominar o impeto, collocou o copo sobre a mesa sem ter bebido.

No mesmo instante ouviu atraz de si uma gargalhada e voltando-se viu um soldado, com ar perturbado que parecia esperar que ella bebesse. O phantasma afinal desappareceu. Ora, dia seguinte, a sra. Séal foi á casa de um carniceiro e no momento de dar o seu endereço para a remessa da carne, notou que o garçon tinha absoluta semelhança com o phantasma que lhe apparecera. Deliberou interrogal-o: «Não tiveste um parente no exercito?» — «Sim, responde o homem, era meu irmão gemeo, e devo vos dizer, elle era um homem folgasão; morreu alcoolico no velho hospital em que residis». A sra. Séal, em vista do que lhe disse o magarefe quiz contar-lhe o que lhe succedeu, mas este formalisado vedou-lhe a palavra dizendo que ella «não tinha direito de critical-o proferindo tolices».

Numa outra occasião, me accupava de explorações mineiras, quando fui bruscamente avisado da morte repentina de um meu collaborador financeiro. Consultei a sra. Séal, sem lhe tocar na questão, dizendo-lhe simplesmente: «Que vêdes?» — «Eu vos vejo, no meio de montanhas de altos cimos, mas o caminho vos foi impedido por um abysmo profundo. Vós procuraes outro caminho: não existe. Então tomastes uma prancha que vos foi entregue por mãos invisiveis; experimentastes a resistencia com os pés e a lançaste no abysmo e... o haveis atravessado». Dia seguinte depois de meio dia o symbolo foi explicado, eu obtive dinheiro para fazer face ás despezas mais urgentes. Os vae e vem da vida desencontraram-me da vidente. Ella mudara-se para São Francisco.

Passando, por acaso, por esta cidade, tive a lembrança de visitar o medium, pois estava de posse do seu endereço. Mas approximando-me da casa, um pensamento imperioso, autoritario veio á minha mente. A sra. Séal certamente tinha morrido. Eu estava absolutamente convicto, quando entrei e toquei a campainha. Uma mulher desconhecida veio abrir, e á minha pergunta, ella respondeu: «Não sabeis então que ella morreu ha dias?» — Assim, antes de entrar em sua casa, minha velha amiga teve o cuidado de me avisar do seu passamento.»

UMA BELLA MANIFESTAÇÃO

The Two Words deu publicidade de uma manifestação edificante, que passamos para estas columnas:

— «Um emocionante phenomeno perto do leito de uma agonisante, acaba de se produzir em Great Harwood, districto de Lancashire. Uma mulher de edade achava-se em estado gravissimo. Continuamente em seu leito de dôr, chamava por sua filha, ausente, cujo retrato achava-se suspenso do lado opposto do quarto em frente do leito. O appello renovava-se e numa dessas occasiões o quadro deslisou a meia altura da parede, depois, segundo declaração das testemunhas, deslocou-se lentamente sobre um plano horisontal contra a parede até contornar o angulo do quarto, deslisar ainda sobre a parede perpendicularmente e por fim cahir ao pé do leito em que a mulher agonisava. Detalhe curioso: a dupla corda que sustinha o quadro tinha sido cortada em dois lugares a alguns centimetros abaixo do prego que supportava-o. Logo que o quadro ficou sobre o leito, nenhuma das pessoas presentes ousou pôr a mão. Sómente um ex official de policia conseguiu examinal-o afim de ver se os cordeis se achavam solidos, encontrando-os extremamente resistentes.»

MANIFESTAÇÕES MEDIUMNICAS NA ALTA MONTANHA

Luce e Ombra transcreveu da revista *Zeitschrit f. Parapsychologie* um retrato do Dr. Renker, de Berna, no qual o missivista dá conta de phenomenos expontaneos que verificou, embora nunca tivesse se occupado do espiritismo.

Na noite de 15 de setembro 1925, o doutor partiu para a montanha da Carinzia, accompanhado de seu joven amigo o pintor Frido Kardon. Em 26 de setembro os viajantes chegaram á cabana que se acha ao lado do lago de Dössener, a 2281 metros de altitude e ahi passaram a noite. Apenas se tinham deitado, o professor sente pequenos golpes ritmicos em sua cabeça ; bate na parede julgando tratar-se de um caruncho que o impedisse de dormir ; os golpes continuam, o professor insiste e ouve a vóz do seu companheiro dizer-lhe : «Deixa doutor, não se trata de um caruncho.›

‹E o que é então ?» Não posso vos dizer, forçosamente os golpes são para mim.› E depois de um instante : ‹Sois Cena ?› O que tens para me dizer ?› O doutor sentiu-se maravilhado, pois foi a primeira vez que por seu joven amigo lhe foram reveladas experiencias psychicas.

Dia seguinte os dois viajantes reuniram-se na cabana e á tarde em quatro realisaram uma sessão com todas as regras, tendo sido Kordon minuciosamente controlado. ‹Cena› se apresentou de novo, deu respostas exactas e produziu varios toques caracteristicos no Dr. Renker. Uma luz amarella appareceu no tecto, agitou se por alguns momentos e desappareceu. Na noite seguinte, no momento do doutor e Kordon dormirem (os outros dois viajantes já tinham ido embora) uma panella poz-se girar vertiginosamente na sala. Desencadeava uma borrasca de neve ; expontaneamente uma entidade annunciou que alguns viajantes iam pedir auxilio, mas o doutor e seu amigo não estavam em condições de protegel-os ; não ousaram sahir e a mensagem não pode ser confirmada. O joven Kordon explicou ao doutor que, com toda a probabilidade um espirito impertinente estava galhofando. Alguns dias depois, os viajantes se achavam numa choupana a 2250 metros. Estavam cançadissimos e apenas deitaram-se, Kordon adormeceu. O Dr. Renker ouviu golpes ritmicos e despertou seu amigo que resmungou um pouco ; depois, por pura complacença perguntou : ‹Tú és Cena ?» Com grande maravilha ouviu-se responder : ‹Não› e typtologicamente foi dada a palavra Bruck. Como um relampago surgiu na mente do Dr. Renker o nome do musico Anton Bruckner, que elle admirava não só como mestre, mas tambem porque sua personalidade psychica lhe era muito afim. Ha poucas semanas elle tinha entregado ao seu editor um romance que, pelo grande relevo dado á personalidade do protagonista Anton Bruckner, poderia bem intitular-se o romance de Bruckner. Kordon ignorava absolutamente esta circumstancia. Entre o Dr. Renker e a entidade trava-se então o seguinte dialogo :

— Mestre permitti que vos faça algumas perguntas ? — Sim. — Estás satisfeito com a descripção que faço de ti no meu romance ? — Não. — Trata-se de uma parte ou de tudo ? — De uma parte. — Podes, com uma palavra comprehensivel, dizer-me qual a parte ? — Mal (trata-se de um episodio). — Devo trocar ou retirar toda a scena ? — Tira-a.

O doutor pede ainda opiniões e conselhos e depois : — Mestre, estás sempre ao meu lado, ajudando-me e protegendo-me ?› Silencio por alguns momentos. Depois o doutor sente em sua mão, que se achava no alto da cabeça o contacto leve de uma outra mão, que o acaricia. Kordon achava-se longe e não poderia assim fazer ; aquelle contacto produz no doutor um extranho sentimento. Cahiu logo em um profundo somno e sò despertou dia seguinte pela manhã.

Pelas circumstancias em que se deram os factos, pela mentalidade, virgem de qualquer preconceito do percipiente, estas experiencias, segundo diz o relator, são muito interessantes e valorisam a hypothese espirita.›

VOZES PELO PLEXO SOLAR

Os espiritas de Londres estão maravilhados com os phenomenos produzidos por Miss Hasel Ridley dos Estados Unidos que, segundo informa *Daily Graphic* tem uma mediumnidade extranha. Consiste ella em falicitar aos espiritos falarem com vozes distinctas, não pelos orgãos vocáes, mas atravez o plexo solar e epigastro.

O Dr. Willson G. Bailey, famoso cirurgião de New-Jersey examinando a medium, exerceu sobre ella toda a fiscalisação, realisando, na mesma occasião varias experiencias satisfactorias.

A mediumnidade de miss Ridley explodiu expontaneamente. Ella fazia experiencias com uma «mesa giratoria›, quando, em vez de movimento da mesa, produziram-se vozes que partiam do seu epigastro e ventre. Miss Ridley diz que seu espirito guia é um indio da tribu dos Siouxs, chamado ‹Zorro Gris›.

E'cos e Noticias

Não pode haver Espiritismo sem estudo.

Aquelles que se dizem espiritas e não estudam, nem se collocam em condições de apreciar o movimento de renovação, de espiritualisação que se vai effectuando, não são espiritas.

O Espiritismo é uma doutrina progressiva, que vem concorrer para a evolução da alma, retida até aqui pelas religiões parasytarias, especulativas. Urge, portanto, que os seus adeptos e tambem os pesquisadores, os aspirantes da verdade, estudem, examinem, experimentem para chegarem á conclusões racionaes sobre a vida e a sua evolução na terra e no Além, como tão claramente explica o Espiritismo. D'ahi os constantes appellos da imprensa espirita, solicitando o concurso de aspirantes e proselytos para sua manutenção, ainda mais, para a diffusão das suas revistas e dos seus jornaes.

O livro leva ao estudioso o pabulo da vida intellectual, que é a instrucção, o jornal e a revista deixam-lhe ao par de todo o movimento que se vai operando no mundo, além de reunir, congregar, em seus artigos, elementos dispersos e que seria difficil ao estudante encontrar aqui e ali nas innumeras obras que enriquecem a nossa bibliotheca.

Os assignantes de jornaes e revistas espiritas concorrem, pois, para o duplo fim :

1.o a sua propria instrucção, que não pode ser regateada nem posta á margem á prerexto de economia de insignificante somma dispendida muitas vezes em cousas de menor importancia ou em diversões futeis ; 2.o mantei a vida de uma publicação, a todos os titulos indispensavel, não, certamente ao individuo que a dirige e redige, mas á collectividade.

E assim pensando todos os jornaes e revistas espiritas, do nosso paiz e do extrangeiro, estão aproveitando o anno que finda para fazerem appello aos seus subscriptores da reforma de suas assignaturas, e ainda mais do valioso concurso de cada um delles entre os amigos e conhecidos para acquisição de novos assignantes que venham concorrer para a difusão da Causa que queremos vêr inspirar todas as almas pelos salutares principios que propaga e defende.

FRANÇA

O Governo francez concedeu ao medium de materialisação norte-americana, sr. C. V. Miller, a cruz de cavalheiro da Legião de honra. Este medium é um dos melhores do mundo, tem dado centenas de testemunhos de sua faculdade. Durante a guerra demonstrou seu infatigavel devotamento na fronteira onde se achava, sob a forma da mais alta philantropia. Os espiritas norte-americanos rejubilam-se pelo acto do Governo francez, a quem apresentamos nossas sympathias.

⁂

O sr. Pascal Forthuny, chronista da «Revue» e da «Revue Metapsychique» tem dado bonitas provas dos seus dons metagonicos ou de clarividencia.

⁂

A «Federation Spirite Internationale» reuniu os membros do seu Comité executiva com o fim de escolher o lugar para o proximo Congresso Internacional. A commissão escolheu a Inglaterra para a proxima reunião dos espiritas, que effectuar-se-á no anno de 1928.

⁂

Na «Maison des Spirites» o trabalho vai se tornando cada vez mais activo, contando a mesma sociedade novos adherentes.

O sr. Pascal Forthuny tem offerecido aos assistentes importantes trabalhos de psychometria.

⁂

Sobre o thema — «A belleza e evidencia do Espiritismo» — o sr. Melusson fez, na «Maison des Spirites», uma bella conferencia, com o salão repleto de ouvintes.

⁂

O «Orphanato Allan-Kardec» tem recebido ultimamente orphãos necessitados, a quem provê com o pão do corpo e do espirito.

⁂

A «Revue Spirite» abriu uma subscripção permanente para a propaganda do Espiritismo.

⁂

A «Psychica», sympathica revista redigida por Mme. Carita Borderieux, continúa a tratar dos animaes pensantes.

PORTUGAL

Portugal está preparado para receber a bôa semente do Espiritismo. Penso que uma propaganda intelligente da sublime Doutrina dará fructos salutares. E é isto que precisamos para encaminhar esse povo, na sua maioria, desilludido e sceptico que se atira ao materialismo, consequencia dos abusos do Romanismo, que tanto tem influido para a decandencia moral dos povos. O anarchismo revolucionario continúa a semear na terra de Camões a descrença e a revolta.

Ao lado, porém, dessa onda e como que para neutralisar essas forças destruidoras, se notam homens de sciencia, de alta representação na litteratura e no paiz que estudam attenciosamente o Espiritismo. E' por isso que a grande Doutrina começa a se desenvolver no nosso paiz.

A Federação Espirita Portugueza, cujos corpos gerentes se compõem de pessôas de valor, está se empenhando sobremaneira para a diffusão do Espiritismo. Vão ser enviados conferencistas a diversas localidades e clubs, assim como vão ser distribuidos profusamente jornaes e folhetos que dão conhecimento da doutrina. A Federação conta, para tal fim, com o auxilio de todos os jornaes portuguezes e brasileiros, cuja remessa em blócos muito concorrerá para o exito da empreza.

A Federação vai nomear representantes no Brasil que auxiliem-n'a nessa obra de erguimento espiritual.

Do nosso correspondente

INGLATERRA

A imprensa londrina dá noticia do electricista Jorge Moss, que parece ter faculdades para photographia espirita.

Os retratos obtidos por Moss não são as chamadas photographias psychicas, mas sim nitidamente espiritas, pois trata-se decididamente da photographia dos mortos. Nos ultimos mezes as experiencias de Jorge Moss tem se salientado, e varios nucleos já convidaram o novo campeão para experiencias que resultarão em beneficio da propaganda.

⁂

Os diarios britannicos commentam o Sonho do Rev. Tombe. O ministro anglicano de Sydenham, viu com extranha nitidez em estado de somno o cadaver de seu filho Eric Tombe enterrado numa fossa tendo por cima quatro metros de terra. Eric havia desapparecido mysteriosamente de «The Welcome», visinho a Creydon, em 22 de abril de 1922.

Levado o sonho ao conhecimento da policia, depois de pesquizas, o cadaver de Eric foi encontrado no referido lugar com o craneo contundido.

⁂

A imprensa d'além mar dá noticia do excursionista Rev. Frank Ames Highett, que tem residido em Londres e Chelbourne, e de volta do Japão vai á União Sul Africana no cumprimento do seu programma de viagem ao que elle chama «visitas aos circulos santos.» O excursionista diz que está encarregado pelo Senhor do Planeta» de avisar o mundo que se avisinham terremotos, inundações e incendios, sendo esta a ultima praga destinada a purificar o mundo. O Rev. Frank diz que diversos paizes têm que desapparecer, pelo menos duas capitaes ficarão sepultadas e fechar-se-ão alguns mares.

⁂

Tendo o Rev. P. J. Cormicam publicado que só na Inglaterra havia mais de 30.000 loucos feitos pelo Espiritismo, o sr. H. J. Osborn deliberou fazer uma investigação a respeito, resultando a seguinte declaração que o director do Grande Asylo de Alienados da Inglaterra fez áquelle senhor :

1.º Não ha doentes aqui com o attestado de loucura pelo Espiritismo.

2.o Nenhum caso tem sido recentemente attribuido ao Espiritismo.

3.º Só raramente o Espiritismo é assignalado como causa de loucura ; elle quando muito será uma causa secundaria.

4.º Nenhum doente agora foi admittido neste Instituto, tendo como causa de loucura o Espiritismo.

A *Light*, revista ingleza publicando esta documento, dá, a seu turno a seguinte porcentagem de «loucos-sabios», que se acham detidos nas casas de Orates da Gran-Bretanha— Clerigos da Igreja da Inglaterra,—10,390 ; Clerigos de outras seitas—10.390 ; Doutores—14.390.

⁂

Sir Conan Doyle, o infatigavel propagandista do Espiritismo, continúa occupando a attenção publica com suas notaveis conferencias e sensacionaes revelações sobre a realidade da vida após a morte, bem como a communicação entre os dois mundos. Quasi todos os diarios trazem noticias do trabalho deste grande Apostolo da Nova Revelação.

Sir Conan Doyle affirma que a morte do prestidigitador Houdini foi annunciada com precedencia pelos Espiritos. Quando elle estava com Houdini em Atlantic City, realisou-se uma sessão, em que foram recebidas mensagens de Espiritos, pela mãe de Houdini, que é medium e transmittiu a noticia do que aconteceria a seu filho.

BELGICA

O sr. Pascal Forthuny, a convite da Federação Espirita Belga, fez uma serie de conferencias em Liège, Bruxellas, Anvers e Mons, demonstrando, ao mesmo tempo, suas faculdades clarividentes.

As conferencias tiveram grande successo, tendo comparecido grande numero de intellectuaes, doutores, professores da Universidade, etc.

⁂

Esteve em Liège, a clarividente sra. Lucille, conhecida parisiense, pelos seus dons supranormaes. Mme. Lucille deu na séde da Federação Espirita Belga, uma notavel demonstração de sua mediumnidade a um grupo seleccionado de espiritas de Liège.

⁂

Le Soir, a proposito das conferencias do sr. Fortuny, publicou um longo artigo, salientando o valor da propaganda e convidando o conferencista a uma nova viagem á Belgica, onde tanto animou os espiritas com sua palava autorisada, como aos indecisos pela precisão extraordinaria de sua clarividencia, verdades que foram controladas de modo a não deixar duvida.

ITALIA

A grande imprensa tem se occupado ultimamente de uma serie de phenomenos que se vão verificando quotidianamente no paiz, mas os jornalistas revestem-n'o de caracter maravilhoso, tal como os vê a Egreja.

A proposito do centenario de São Francisco, o «Giornale d'Italia» e «La Tribuna» narram o caso de uma menina de 11 annos que viu apparecer um «fradinho», entrar num albergue, perto de um convento franciscano. A menina estava acompanhada de cinco pessoas, tres das quaes confirmaram a apparição.

⁂

Temos sobre a mesa «Luce e Ombra» e «Mondo Occulto», que nenhuma noticia trazem do movimento espirita italiano.

⁂

Lembramos aos espiritas italianos a necessidade da versão das obras de Allan Kardec nesse idioma. São innumeros os pedidos que as livrarias brasileiras têm dessas obras, sem que se possa satisfazer com prejuizo da propaganda.

CUBA

A ‹Sociedade Espiritista de Cuba› promoveu uma assembléa dos centros filiados tendo comparecido representantes das associações : Amalia, Avicena, Amor y Caridad Universal. Amalia D. Soler, Denizart, Fé y Progresso, Hermanos de Concepcion, John, Juan Fraga, Joaquim, Luis, Luz de Lázaro, Luz del Porvenir, Marti, Marietta y Amalia, Monserrate, Cárdenas, Rabelais, Rosendo, Universal, Estrada Palma e Ignacio Agramonte.

Foram filiadas mais as seguintes sociedades da Capital : Alba, Octavio Medina, Hijos da Virtud, Ignacio Agramonte, Estrada Palma e Luz del Sol.

— A ‹Sociedade Espiritista› fundou uma bibliotheca circulante, com o fim de melhor tornar a doutrina conhecida

— Foi aprovado um projecto que estabelece conferencias de propaganda.

⁂

O Grupo ‹Hermanos de Concepcion» realisou uma velada, com o fim de propaganda, tendo tido grande concorrencia.

⁂

O ‹Grupo John› está realisando domingo de cada mez na sede da «Sociedad de Cuba›, uma sessão de propaganda e experimentação espirita.

⁂

A ‹Sociedad Espiritista de Cuba» vai estabelecer em sua séde social uma estação radiotelephonica de transmissão, para que todas as sociedades federadas e espiritas particulares ouçam as suas conferencias.

⁂

O «Grupo de Estudos Psicologicos Rozendo» trabalha activamente para melhorar a propaganda. Para tal fim está se esforçando para dar uma orientação mais categorica ás suas conferencias.

⁂

As revistas «Rosendo», de Matanzas, e ‹Psiquis» de Cuba estão circulando regularmente.

ARGENTINA

A Confederação Espiritista Argentina está effectuando proveitosos trabalhos de propaganda.

⁂

O Centro Franklin realisou sua conferencia mensal sobre o thema — «O Espiritismo e a Fé» tendo o seu salão repleto de ouvintes.

⁂

Renovou a sua directoria o bem orientado Centro «Pancho Sierra», de Loberia.

⁂

Celebrou o XXXII anniversario de proveitosa existencia, a ‹Sociedad Saens Cortez›, de Pehuajó.

⁂

O sr. José R. Lopez fez uma conferencia de propaganda na sede da Sociedade «Hacia el camino de la Perfeccion.

⁂

A velha sociedade «Constancia» continua a realisar suas conferencias publicas por diversos oradores inscriptos.

⁂

«*Los Muertos Viven*» — com este titulo acaba de ser publicada a interessante obra espirita vertida do allemão pelo sr. Alfredo Schott. Seu autor, o conhecido industrial Hinrich Ohlhaver fez experiencias muitos annos com a celebre medium Elisabeth Tambke. O seu livro é o resultado de phenomenos e mensagens produzidos pela mediumnidade de sua propria esposa.

As varias edições allemães já alcançaram a respeitavel cifra de um milhão de exemplares.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Ao lado do indifferentismo das multidões, a quem passa desapercebido o alvorecer do novo mundo, diversas aggremiações espiritas tem sido fundadas, tendo se accentuado notavelmente a propaganda. As livrarias espiritas accusam um movimento crescente e os jornaes augmentam a sua tiragem. A despeito da lucta acirrada do clero e da perseguição despotica de algumas autoridades ignorantes dos principios basicos da nossa Constituição, o Espiritismo vai se tornando conhecido e elevando aos lares desolados a consolação e a esperança numa outra vida que nos espera com a sua esplendorosa realidade.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez os srs: — Alberico Lobo, João Carlos Moreira Guimarães, Manuel dos Santos, Camillo Silva, Sebastião Baptista de Mello, Benjamin Loureiro, Sebastião Lacerda, Estevão de Magalhães, Ignacio Bittencourt, Aristoteles de Faria Castro, Codro Palissy, Dr. Guillon Ribeiro, Dr. Souza Ribeiro, Pedro Camargo, Giaccomo De Bernardo, D. Aura Celeste, Dr. Luiz Barreto, Carlos Imbassahy.

E'cos de propaganda

Continuam em actividade as seguintes associações cariocas: Federação Espirita Brasileira; União Espirita Suburbana: Centro Antonio de Padua; Discipulos de Allan-Kardec; União Caridade e Amor; Grupo Humildade; Centro Fraternidade: Centro João Baptista; Centro Vicente de Paulo; Centro de Jacarepaguá; União dos Filhos Prodigos; Gremio Luz e Amor; Centro Luz e Verdade; Centro Villa Nova; Trabalhadores de Jesus; União e Caridade; Cruzada Suburbana; João Evangelista; Discipulos de Jesus; Humildade e Fé; Tenda Espirita Caridade; Centro Espirita Christophilos; Grupo Sebastião; Abrigo Thereza de Jesus; Centro Magdalena.

Em S. Paulo: União de Dois Corregos; Centro Verdade e Luz, de Jahú; Centro do Frigorifico e 25 de Dezembro de Barretos; Centro de Piracicaba; Associação Caminho da Verdade, de Campinas; Centro de Pennapolis; Centro de Lins; Centro de Mirasol; Centro de Araçatuba, Centro F. A. e Caridade, da Capital.

De diversos Estados: Grupo Manuel Antonio da Cruz, Discipulos de Jesus, de Maceió.

Centro União e Fé, de Cachoeira; União e Caridade, de Alagoinhas; União Espirita Bahiana; Centro de Itabuna: Centro de Inhambupe, da Bahia.

Federação Espirita do Paraná; Centro Cearense e Centro de Iguatú, do Ceará; Centro de Campo Grande, Centro de Cuyabá, Centro de Corumbá, de Matto Grosso.

Centro de Alagôa Nova, União Espita, de Parahyba do Norte.

De Minas: Centro de Ituyutaba, Centro de Poços de Caldas; Centro de Juiz de Fóra, de Nepomuceno, de Guaxupé, de Pouso Alegre, de Alfenas, de Uberaba, de Cataguazes. Centro Humildade do Apostolo, de Florianopolis, etc. etc.

Escola Espirita "Bezerra de Menezes"

Esta escola mantida pela União Espirita de Ribeirão Preto é reconhecida pelo Governo do Estado; a matricula já attingiu a 96 alumnos. O seu Director é o nosso confrade Gustavo Marcondes Zanardini; tem como professores os srs.

Dr. Francisco Gugliano, Francisco Gomes, D. Mercedes Rufino Selles, D. Isabel Costa e D. Celina S. Moraes.

A escola, que se desdobra em curso nocturno, mantém aulas de escripturação mercantil e dactilographia.

Além destas sessões a escola abriu uma aula de catecismo espirita com 48 alumnos. A União continúa no seu trabalho de propaganda oral e escripta, tendo á frente o denodado propagandista Emiliano Cardoso de Moraes.

Factos Espiritas

INTERESSANTE CASO DE MATERIALISAÇÃO

O nosso amigo sr. Adolpho Soares, residente na capital nos enviou a seguinte carta, cuja publicação apressamos :

S. Paulo, 27 de novembro de 1926.

Presado sr. Cairbar Schutel.

Paz em Deus.

Para que o divulgue a sua esplendida Revista, venho narrar-lhe um interessante caso de materialisação, que me foi contado por um amigo, pessoa de toda a probidade mas que, até esta data, jamais se preoccupou com o que dissesse respeito ao espiritismo.

O Sr. José da Costa Fara—que é o amigo a que me refiro — residente aqui em S. Paulo, á rua Herval n. 81-A, achava-se no dia 2 de Novembro ultimo á rua da Moóca, esquina da rua Almeida Lima, á espera de um bonde, quando, com surpreza, viu dirigir-se a elle um seu conhecido, de nome Jacintho Tavares, que constava ter fallecido pouco após a Revolução de Julho de 1924. Não podendo esconder o seu embaraço, perguntou-lhe o meu amigo.

— Como ? ! — Pois disseram-me que você tinha morrido !, — ao que respondeu o seu conhecido : — Qual ! eu estou aqui. E' verdade que deixei aqui a Moóca e estou residindo agora em Villa Emma, perto da Quarta Parada ; a falta de opportunidade é que me não tem permittido vir até cá.

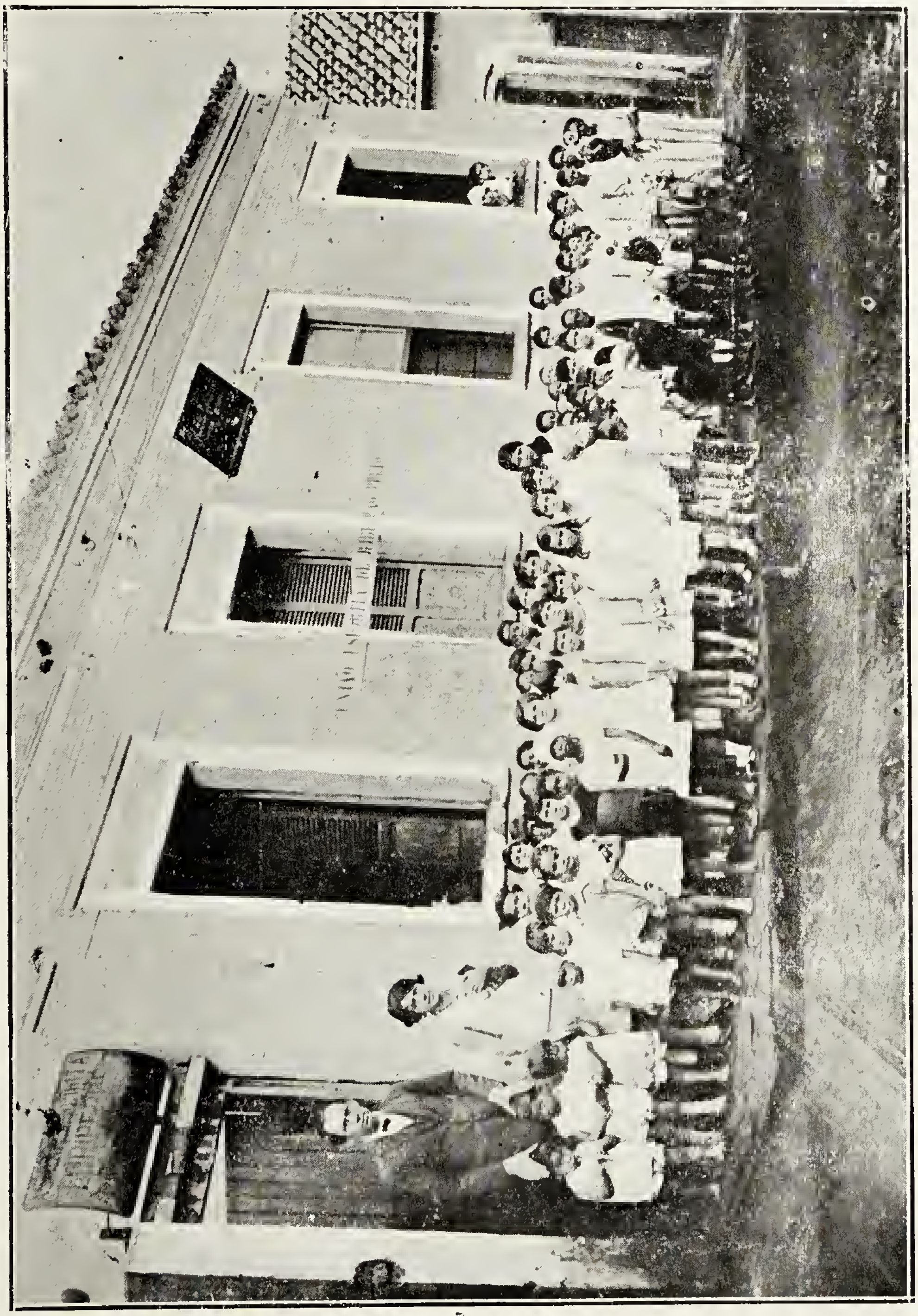

Escola Espírita Bezerra de Menezes

Refeito então da sua surpreza e certo de que fôra mal informado, o meu amigo poz-se, então, a conversar com o conhecido sobre outros assumptos até que, chegando o bonde, despediu-se delle, apertando-lhe a mão e dando-lhe um cartão com o endereço da casa em que reside agora, e que é justamente á rua Herval n. 81-A.

Dias depois, entretanto, em conversa com outros conhecidos, veio a saber que, de facto, o Sr. Jacintho Tavares fallecera pouco apóz a Revolução de 1924, asphixiado pelo gaz e, — o que é mais, um desses conhecidos era justamente uma pessoa que ajudara a vestir o corpo do finado e que, ao perguntar ao meu amigo de que forma se achava vestido a pessoa que tinha visto, obteve confirmação de que as suas indicações conduziam com a roupa com que o morto fôra enterrado.

Acreditando agora um pouco mais na realidade daquillo que antes ignorava, já se acha o meu amigo mais predisposto a se tornar tambem adepto da nossa Doutrina.

Abraça-o e deseja-lhe paz em Deus, o confrade

Adolpho Soares

NOTA DO REDACTOR DESTA SESSÃO

Pede-se aos confrades que recebem esta Revista, resenha do movimento espirita que se for verificando em sua localidade, bem como noticia dos factos authenticados de que forem testemunhos.

O AZYLO ALLAN KARDEC, da Franca, teve, no ultimo mez, o seguinte movimento : Existiam 84 ; Entraram 11 : Sahiram : curados 3, melhorados 3, fallecidos 2. Existem 87, sendo 41 homens e 46 mulheres.

E' director desse Instituto de Caridade, o benemerito espirita sr. José Marques Garcia. São medicos assistentes os Drs. J. Mathias Vieira, Walfrido Maciel, Antonio Lopes e Alfredo Cinielo.

⁂

O nosso confrade sr. Rango D'Aragona realisou, no Centro Operario de Jahú, com grande assistencia, uma excellente conferencia sobre — *A Moral Christã.*

⁂

Estão em franca actividade em Campinas os Centros «Nova Luz», «Cruzada Bezerra de Menezes» e «Caminho da Verdade».

* * *

Revista Internacional do Espiritismo

Terminando a 15 de Janeiro proximo futuro, as assignaturas annuaes desta Revista, pedimos desde já aos nossos prezados assignantes providenciarem na reforma de suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na recepção da mesma.

Tratando-se de uma publicação dispendiosa, mas de grande alcance para a divulgação do Espiritismo, esperamos que todos os nossos amigos se esforcem para o augmento da nossa tiragem, na diffusão da Revista em todo o territorio brasileiro.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL — Collaboradores : DIVERSOS

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2121unse

ANNO 2 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Janeiro de 1927 - NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL ⁂ COLLABORADORES: DIVERSOS

LAP

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 9 [illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

Synthese das demonstrações Immortalistas

Quando as idéas malsãs exercem, com desusado absolutismo, dominio sobre as massas, só a custo de incessantes esforços e repetidos combates conseguimos removel-as, para que a Verdade se reintegre em seu posto de acção.

«A experiencia, disse o sabio escriptor, ensina que não se pode concorrer para o triumpho da Verdade, sem recorrer, sob diversas formas, ao methodo da repetição. Foi o que fizemos no decurso que termina em successivos artigos publicados nesta revista, com o fim de demonstrar ou antes tornar mais patente, embora em breves palavras, a verdade da immortalidade, principio basico de toda a sciencia, de toda a philosophia, de toda a religião.

Ao lançar o nosso artigo anniversario, fizemol-o seguir de uma summula sobre o movimento mundial que se vai operando em torno do Espiritismo, desde o inicio d'esta doutrina até a epoca presente, movimento esse que conseguiu arrastar de todas as nações cultas, os homens de maior cultura intellectual, tal o testemunho de provas que se têm multiplicado todos os dias para definitiva resolução do problema da immortalidade.

Lembramos aos leitores que, de facto, a humanidade se acha sob a acção de uma força superior, independente da mais decidida determinação humana, e sem poder recalcitrar contra o aguilhão do progresso que a impulsiona para altos e nobres commettimentos que se vão delineando mais e mais ás nossas vistas e constitue o factor e o expoente maximo das civilisações.

Repetimos a velha proposição, que vem se mantendo sobranceira, vencedora a todas as theorias que ameaçavam embargar a fixação irrevogavel dos principios Kardecistas, unicos capazes de explicar de modo patente e racional, o perturbador problema da vida e os destinos humanos de accordo com a philosophia do bom-senso. Dissemos que a *theoria espirita* não é opinião insulada, nem o resultado de theoremas tidos como certos, mas o coefficiente dos ensinos que os proprios factos nos tem proporcionado numa seriação natural evolutiva.

Fizemos ver que nenhuma outra

doutrina tem explicado com clareza, logica e rectidão, tantos e tantos phenomenos da vida humana como o faz o Espiritismo, e evocamos para confirmar esta asserção, as «idéas innatas», cuja explicação só pode ser acceitavel pela theoria da reincarnação, magnificamente esboçada nas obras de Allan-Kardec e que constitue um dos principios fundamentaes da doutrina. Salientamos os phenomenos do *subconsciente* ou do *subliminal* e a complexa phenomenalidade animica, com as transposições da memoria que ultrapassam as explicações metaphysicas : mostramos o caracter da Revelação Espirita, justificada pela communicação dos Espiritos desde epocas remotissimas da historia até os nossos dias, como que vitalisando a idéa da sobrevivencia, levianamente atacada pelo materialismo que, em vez de encarar a vida sob seu verdadeiro prisma, acolheu-a como um facto consumado, como o resultado natural e mesologico das causas dynamicas.

Salientamos a necessidade de estudar os factos espiritas de accordo com os caracteres que distinguem o individuo, quer physica e intellectualmente, quer moralmente; lembramos os diversos meios de manifestações que vêm demonstrar a immortalidade da alma, pondo em destaque as entidades productoras dos phenomenos ; tratamos da telepathia em sua primitiva significação e da que querem dar os sabios dos nossos dias ; falamos dos phenomenos mediumnicos sob o ponto de vista natural ; da natureza positiva do espirito ; do creticismo philosophico dos cartesianos e dos baconianos, cuja contenda não tinha outro escopo que a conquista do imperio dos espiritos ; reproduzimos os cinco principios kardecistas que resultaram de acuradas pesquizas e intelligentes analyses no campo experimental para fixar as proposições animicas.

Finalmente, ainda num esforço de defeza da theoria espirita, sorrateiramente atacada pelos preconceitos scientificos e religiosos, exaltamos a investigação, a experimentação e o estudo, como meios mais adequados de chegar-se ao conhecimento da Verdade; pois, para tal fim, não faltam livros, mediums e factos, que demonstram todos os dias que a vida não está limitada ao corpo, mas, mesmo incarnado, o espirito transpondo os limites do corpo, produz phenomenos physicos e plasticos, demonstrando que a actividade do *eu*, pode ser não só intra como extracorporea, abrangendo o Espiritismo por esse motivo, o campo de acção dos phenomenos de *personismo*, de *animismo* e de *espiritismo*, intelligentemente catalogados por Aksakof em sua magnifica obra — «*Animismo e Espiritismo*».

Exaltamos o Espiritismo como sendo a evolução logica do Christianismo de que a Revelação do Synai é a primeira etapa, e insistimos por fim, para que o seu estudo abranja o amplo campo do psychismo individual e collectivo do homem em todas as suas modalidades evidentes e mysteriosas, afim de que o preconceito religioso ou scientifico não continúe a embaraçar com suas idéas inconsistentes o estabelecimento da Verdade.

Finalmente no decurso deste periodo, que assignala a vida desta revista, foi o nosso cuidado principal e pode-se dizer exclusivo, concorrer com a nossa modesta e desinteressada contribuição, juntando a nossa palavra fragil mas sincera, á dos pesquisadores que, com justo titulo, representam os foros da civilisação e da sabedoria, afim de collaborar para o triumpho da Fé que não desapparece ás investidas da morte.

Existe ainda uma série consideravel de observações e de experiencias que convergem notavelmente para a demonstração do *principio animico.* No proseguimento dos nossos trabalhos trataremos d'ellas com todo o cuidado, afim de melhor esclarecer pontos doutrinarios, cuja tarefa está confiada ao Espiritismo.

A theoria espirita constitúe um todo homogeneo, concreto, capaz de explicar todos os phenomenos de ordem psychica e intellectual e até certos estados morbidos, cuja causa é ignorada pela sciencia.

Com vagar desenvolveremos os themas das materias estrictamente ligadas e que constituem objecto dos nossos estudos.

Esperamos, entretanto, que os nossos amigos e leitores comprehendendo a elevação da tarefa que nos propuzemos desempenhar, saibam corresponder as nossas reiteradas provas de amor pela Verdade.

Acção dos mortos sobre os vivos

OBSESSÃO

— V —

Ha numerosos exemplos de lesões cerebraes com absoluta integridade do psychismo e casos de absoluta integridade dos centros nervosos com profunda perturbação do psychismo.

Esta these que affirmamos, não o fazemos gratuitamente, porém baseado nos *factos.* Ella está, porém, em opposição a este principio da sciencia officialisada nas Academias, oriunda dos cerebros dos presumpçosos que não tiveram olhos para proceder a analyse leal e desinteressada dos factos : «Todas as faculdades psychologicas têm a sua séde em localisações cerebraes nitidas e precisas. A destruição de um destes centros supprime a faculdade correspondente.» Os expoentes desta affirmativa, materialistas, nem siquer quizeram considerar os taes centros como os centros de transmissão, os centros principaes pelos quaes a alma transmitte as suas faculdades, vibra em o plano physico, porém como os centros de origem destas faculdades, centros criadores d'ellas, sendo a memoria, a vontade, a intelligencia, os sentimentos todos, etc., nada mais que secreções !...

Esta theoria já fracassou por completo e o seu fracasso nos veio, mais uma vez, demonstrar qual a capacidade dos das Academias... Os trabalhos de Pierre Marie e os de Montier muito concorreram para o fracasso das theorias das localisações, porém o Espiritismo com os seus *factos* e com as suas theorias que demonstram a immortalidade da alma, é que mais tem concorrido para a queda de tal theoria, pois prova elle que as nossas faculdades não tem séde no corpo physico, mas no perispirito, na alma, sendo o cerebro, o corpo physico, apenas instrumento de transmissão.

Assim, o Espiritismo, sciencia dos que são considerados «loucos» *está destruindo e reformando as theorias dos que se dizem* «ajuizados e sabios» ! Mas isso é preciso para cumprimento do que está nas Escripturas...

A anatomo—pathologia tem provado que a privação de enormes porções do cerebro, de «localisações» essenciaes, póde não ser seguida de nenhuma perturbação psychica grave, e nem de nenhuma restricção na personalidade.

Numerosos são os exemplos de lesões dos centros corticaes com absoluta integridade do psychismo.

De outro lado, como já dissemos,

perturbações as mais profundas do psychismo, e duradouras, não demonstram, no exame, lesão alguma.

Vamos lembrar alguns casos, tirados de varios auctores :

— Pasteur foi attingido de hemorragia cerebral, com hemiplegia esquerda, em 19 de agosto de 1868, dictando, em 26 de outubro, uma nota para a Academia das Sciencias e fazendo, mais tarde, suas descobertas sobre o carbunculo, a raiva, etc. (J. Grasset — Le Psychisme Inferieux.)

—Lordat, attingido de aphasia, em 1828, occupou a sua cadeira ainda durante 30 annos.

—Daniel Vierge, desenhista, ficou aphasico e agraphico, mas começou a desenhar com a mão esquerda e se mostrou com a mesma capacidade que anteriormente. —

Evidentemente, localisar no cerebro as nossas faculdades psychicas, seria a mesma cousa que localisar em tal ou qual ponto do fio de um telephone o centro da criação ou produção de uma palavra de amor, em tal outro ponto do phone ou do fio o centro de producção de uma palavra de odio. O absurdo é o mesmo. O cerebro, como o telephone, nada mais são que apparelhos de transmissão de pensamento. A séde d'elles só poderia ser encontrada na Alma.

Depois desta pequena digressão, voltemos aos factos :

—«M. Edmond Perrier, Presidente da Academia francesa de Sciencias, na sessão de 22 de dezembro de 1913, apresentou a observação do Dr. R. Robinson, referente a um homem que viveu quasi um anno, sem soffrimento e sem nenhuma perturbação mental, com um cerebro reduzido ao estado de papa e não formando senão um vasto abcesso purulento.» (Anales des Sciences Psychiques de jan. de 1917.)

—Em Julho de 1914, o Dr. Halloréan levou á Sociedade de Cirurgia a relação da operação feita no hospital de Necher em uma joven que soffrera um desastre em estrada de ferro. Na trepanação, verificou-se que uma porção de materia cerebral estava reduzida a papa. Limpa e drenada, a ferida se cicatrizou e a enferma ficou radicalmente curada. (Idem.)

—*Caso de ablação parcial do cerebro.* O Dr. A. Guepin, de Paris, dirigiu á Academia de Sciencias de Paris, em 24 de Março de 1917 uma nova contribuição contra a theoria das localisações. Diz elle que o primeiro operado foi o soldado Luiz R. que, tendo perdido uma enorme parte do seu hemispherio cerebral esquerdo (substancia cortical, substancia branca, nucleos centraes, etc.) continuou portando-se intellectualmente como um individuo normal, apezar de tão grandes lesões e da perda de circumvoluções consideradas como a séde de funcções essenciaes. Desta observação e de outras analogas já apresentadas á Academia de Sciencias, diz o Dr. Guepin que se pode concluir sem temeridade :

1.º Que a amputação parcial do cerebro no homem é possivel e relativamente facil ;

2.º Que estes operados, parece, ás vezes, que não se resentem em nada, pelo facto de terem perdido tal ou qual região cerebral.

—O Dr. Agustin Stuncha, presidente da Sociedade Antropologica da Bolivia, em 7 de agosto de 1916, discursando n'aquella sociedade, disse, entre outras cousas :

«Ha factos mais surprehendentes todavia recolhidos na clinica do Dr. Nicolás Ortiz, que o Dr. Domingo Guzmán teve a amabilidade de me communicar. A fonte destas observações não pode ser suspeita : emana das altas personalidades do nosso mundo scientifico, dos verdadeiros sabios.» Transcrevemos de W. W. Atkinson (La Fuerza del Pensamiento).

Vamos transcrever tres casos, resumidamente :

— Um joven de 15 annos de idade, morto em pleno goso das suas faculdades, apezar de ter sido completamente desprendida do bulbo a sua massa encephalica, nas condições de um homem realmente decapitado. A estupefação dos clinicos foi enorme no acto da autopsia, ao abrirem a cavidade craneana, pois encontraram as meningeas hyperhemiadas e um grande abcesso occupando quasi todo o cerebro e protuberancias, tendo ficado provado que este joven, instantes antes de morrer, pensava com toda a lucidez. «Como se concebe isto ? » pergunta aquelle professor. Só se queixava de cephalalgia, tendo 39 gráos de temperatura, pupillas dilatadas, photophobia e hyperesthesia cutanea.

— O segundo caso : — A autopsia

realisada em um agricultor, de 18 annos, verificou tres abcessos, occupando cada um a parte posterior dos hemyspherios cerebraes e uma parte do cerebello, havendo communicações reciprocas. Apesar disto, o enfermo pensava como os demais homens. —

— O outro caso :

Um homem de 45 annos soffreu uma contusão cerebral ao nivel de circumvolução de Broca, com fractura do pairetal e temporal esquerdos Ficou hemiplegico, porém com a sua linguagem apenas reduzida. A autopsia demonstrou a existencia de um grande abcesso, occupando todo o hemyspherio esquerdo — Aqui ainda tem cabimento a mesma pergunta :— Como pensava este homem ? Que orgão lhe servia para pensar, desde a destruição da região que, no dizer dos «sabios materialistas» é a séde da secreção do pensamento ?

Os factos narrados no artigo de hoje, permitte-nos dizer que as theorias das localisações cerebraes são puras fantasias, não passando de «mentiras scientificas»... Ha-as em quantidade e de todos os tamanhos e qualidades...

SOUZA RIBEIRO

(Continúa)

CRYPTESTHESIA E SOBREVIVENCIA

(DA «REVUE SPIRITE») (*Continuação*)

Resta-nos examinar a ultima das quatro hypotheses formuladas pelos nossos contraditores. Ella é incontestavelmente mais verosimil e racional que as outras. Essa hypothese é a que suppõe que *as faculdades supranormaes subconscientes são os germes fecundos de novos sentidos destinados a emergir e a se fixar na especie em um futuro longinquo.* Apezar disso não será difficil demonstrar que esta hypothese não se sustenta em face dos factos. Eu prevejo que discutindo a these em questão, terei necessidade de desenvolver a fundo numa outra these muito importante e mesmo fundamental no presente debate : é aquella pela qual se affirma que *as faculdades supranormaes subconscientes não são e não podem ser o producto da evolução biologica da especie.*

Tambem, nesta occorrencia, é preciso lembrar que a actividade organisadora da evolução biologica se manifesta por meio de uma lei grandiosa e ao mesmo tempo muito simples : a ‹selecção natural›. Uma vez isto estabelecido, me será facil demonstrar que as faculdades supranormaes subconscientes não são o producto da «selecção natural›, pois que ellas são extranhas ao meio em que esta exerce ; o que equivale affirmar que as faculdades de que se trata não são destinadas a emergir e a se fixar definitivamente na especie. na qualidade de sentidos normaes. Além de que, se os poderes supranormaes não são o producto da ‹selecção natural›, pois que ellas são extranhas ao meio em que esta se exerce, então deve-se igualmente excluir que outra lei biologica das ‹variações expontaneas» basta para explicar a sua genesis. Com effeito, o facto biologico das ‹variações expontaneas› não pode ser creado pela semelhança dos *stimuli* que chegam do mundo exterior aos centros nervosos ; em outros termos, elle não pode ser engendrados pelos productos indissoluveis que unem os centros nervosos ao plano da vida de relação. Se elle fosse, de certa forma, a genesis das ‹variações expontaneas» seria de ordem espiritual, o que os biologos modernos contestam. Se elles o admittissem não haveria mais razão de discutir a respeito do problema em questão. Depois do que precede, deve se concluir que, para provar quão bem fundada é a these que sustentamos, basta lembrar este facto capital : *que as condições necessarias para que as faculdades sensoriaes normaes cheguem a emergir são diametral e irreductivelmen-*

te contrarias as que são necessarias á emergencia e ao desenvolvimento das faculdades supra normaes subconscientes.

Vejamos, com effeito.

As pesquizas biologicas e morphologicas têm demonstrado que os orgãos dos sentidos não são originarios senão dos centros rudimentares da sensibilidade differenciada, que se achava localisada na peripheria sob a acção das excitações exteriores ; e isto nos pontos correspondentes dos filamentos terminaes das fibras nervosas respectivas confinante aos ganglios centraes, séde de reacções psychicas. Do mesmo modo, as pesquizas psycho-physiologicas têm posto em evidencia que a genesis e evolução das faculdades normaes do espirito dependem da complexidade e da natureza das sensações e das percepções que os orgãos da vida de relação transmittem do mundo exterior ao centro de elaboração psychica. E' preciso então não perder de vista que a obra dos factores da evolução. nas suas relações com a genesis e a evolução dos orgãos dos sentidos e das faculdades psychicas normaes, se exercem exclusiva e necessariamente no plano da vida de relação, sob a forma d'uma reacção continua e complicada dos *stimuli* exteriores ; isto é, que ella se exerce no plano da consciencia normal que é aquelle no qual se desenvolve a lucta pela vida, para os seres que são animados e dotados de sentidos.

Agora, se passarmos a analysar as modalidades pelas quaes se manifestam os poderes supranormaes subconscientes, constatamos que, longe de se exercer no plano da consciencia normal ellas não chegam a emergir senão com a condicção de que funcções da vida de relação sejam momentaneamente enfraquecidas ou supprimidas, e isto a tal ponto que o grão mais ou menos perfeito no qual ellas se manifestam dependa do grão mais ou menos profundo de inconsciencia, no qual se encontre o sensitivo. Ora, como é impossivel contestar que um organismo dotado de sentido, se está posto num estado de inconsciencia, é um organismo momentaneamente isolado de toda a relação com o mundo exterior — e portanto impotente para luctar pela vida — resulta logicamente que os factores biologicos não podem, não têm podido e nem poderão jamais exercer a menor influencia na genesis e evolução das faculdades psychosensoriaes subconscientes. O que equivale a reconhecer que essas faculdades pertencem a um plano funccionalmente distincto e absolutamente independente d'aquelle no qual imperam os factores da evolução biologica,

Ora, eis aqui os problemas que emergem e que se impõem depois dos dados que precedem : se nenhum producto de causa para effeito existe entre os factores da evolução biologica e as faculdades supranormaes subconscientes, qual deve então ser a origem destas ultimas ?

Porque permanecem ellas inactivas, em estado latente nas profundezas da subconsciencia, em vez de agirem em proveito da humanidade ? Porque se limitam a emergir por jactos rapidos sómente em seguida do estado de inconsciencia no qual se acha o sensitivo ? Qual pode ser a finalidade de um modo de manifestação tão anormal e mysterioso ? Este ultimo problema se impõe tanto como outros, porque tudo o que existe na natureza, mesmo pelo motivo de que existe, é uma finalidade que se manifesta. Ora, parece incontestavel que a unica solução racional dos formidaveis enygmas de que se trata consiste em reconhecer que as faculdades supranormaes não estão destinados a se exercerem no meio terrestre, porque ellas são as faculdades do sentido espiritual que esperam emergir e se exercer no meio espiritual, depois da crise da morte

E estas conclusões tiradas rigorosamente dos factos, são admiravelmente confirmadas pelas modalidades com os quaes se exercem as faculdades psychosensoriaes normaes. Assim, por exemplo, quando um individuo vê com os olhos do corpo, significa que um objecto qualquer reflecte a sua imagem na retina dos olhos, e que a imagem gravada nelles, por intermedio do nervo optico e transmittida aos centros cerebraes correspondentes, graças aos quaes a impressão se transforma em visão. Ora, o que se produz na visão supranormal é precisamente o contrario, porque o sensitivo percebe o fantasma ou as scenas de acontecimentos passados, presentes ou futuros, não com os olhos do corpo, mas com a visão interior espiritual. E como o espirito está em communicaçáo com o cerebro, um phenomeno de transmissão inversa se produz então : a imagem espiritual partindo dos centros opticos, por intermedio do nervo optico, chega á retina donde ella é projectada para o exterior sob forma halIucinatcria, produzindo no sensitivo a illusão de assistir a uma manifestação objectiva. O mesmo pode-se dizer das impressões auditivas, que consistem, na realidade, em um facto de audição espiritual que, influenciando o interior dos centros acusticos cerebraes, produz no sensitivo a illusão de perceber sons e palavras provindas do *exterior*.

Se estas modalidades de manifestação, em antithese absoluta com aquellas pelas quaes se exercem os sentidos terrestres, são de um lado todavia explicaveis reconhecendo que as faculdades supranormaes subconscientes representam as faculdades psychosensoriaes do espirito, tornam, por outro lado, inexplicaveis si se pretende que as faculdades em questão são o producto da evolução biologica da especie, conforme as leis da «selecção natural» e da «adaptação do meio». Neste caso, com effeito, não deveria se produzir o facto da sua manifestação em sentido inverso das faculdades psycho-sensoriaes terrestres, sendo que as leis da «selecção natural» e da «adaptação do meio» não poderiam exercer seus poderes sobre impressões — sensações que não seriam reaes, objectivas, provindas do mundo exterior, sendo este constituido de força e materia.

O que é de tal modo evidente que não vale a pena insistir para demonstrar. Então, levando em conta que as faculdades psycho-sensoriaes subconscientes não registram percepções *objectivas* provindas do meio terrestre, mas sómente percepções *subjectivas*, provindas d'um plano de percepção espiritual, deve-se logicamente deduzir que ellas não pertencem ao plano de evolução biologica da especie, e, por conseguinte, não podem ser o seu producto.

Em summa: se é obrigado forçosamente a concluir que ellas constituem os sentidos espirituaes da personalidade humana, na espera de emergir e de se exercer num meio espiritual, depois da crise da morte.

Afim de prevenir toda a contestação possivel a respeito das considerações que se acaba de ler, eu notarei que se poderia lhes oppôr duas objecções, das quaes a primeira consistiria notar que as faculdades supranormaes subconscientes se desenvolvem pelo exercicio, o que faria pensar que ellas são susceptiveis de evoluir no plano da consciencia normal, e, por consequencia, que ellas não são de modo algum independentes das leis biologicas que regem a evolução da especie. Eu responderia então que a circumstancia em questão significa unicamente que as faculdades supranormaes subconscientes, graças ao exercicio, adquirem uma grande facilidade de se insinuar atravez o diaphragma metaphonico que as separa do plano da consciencia normal; o que parece natural e poderia se realisar, seja qual for a solução do problema, mas nada tem de commum com a natureza do problema a resolver, que se baseie no facto que as faculdades em questão são independente de toda a lei biologica não estando em communhão com a vida de relação. Em segundo lugar, respondo que não é exacto affirmar que as faculdades supranormaes *se desenvolvem graças ao exercicio no plano da consciencia normal, pois que, quando ellas se manifestam, continuam a ser subconscientes relativamente no sensitivo* que está mergulhado em condições de inconsciencia mais ou menos profundas, proporcionadas ao grão mais ou menos perfeito em que se manifestam as faculdades de que se trata; o que prova ainda uma vez e sob um ponto de vista differente, que as faculdades são independentes das leis que regem a evolução biologica da especie. Eu nada addicionarei, ao voltar este assumpto quando se discutir directamente a hypothese segundo a qual se suppõe que as faculdades supranormaes subconscientes deverão um dia emergir e se fixar no plano da consciencia normal, em funcção dos sentidos terrestres.

A segunda objecção que se poderia formular a respeito das considerações acima, consistiria em dizer que, contrariamente á these que ellas enceram, é claro que um sensitivo que lê um escripto atravez um enveloppe fechado registra impressões que lhe chegam do «mundo exterior»; então elle percebe ainda por via *directa* e não *inversa*. Donde se concluiria que não seria exacto affirmar que a lei da «selecção natural» e a da «adaptação do meio» não podem exercer seus poderes sobre as faculdades psychosensoriaes subconscientes. Se assim fosse eu poderia assim me desinteressar dos phenomenos da «visão atravéz de corpos opacos» que não apresentam senão um valor theorico incerto, pois que é possivel que elles se reduzam a phenomenos de hypercuidade visual dos olhos corporaes, sensiveis aos raios *x*. Entretanto, como julgo erronea esta interpretação, acceito a objecção de que se trata, lembrando que todo o concurso para demonstrar que estas manifestações estreantes da visão espiritual são a seu turno de natureza *inversa* e não *directa*. Em outros termos, que aquelle que vê, mesmo nessas circumstancias, é o Espirito, que transmitte á personalidade consciente, sob uma forma objectivamente hallucinatoria, a mensagem que se lhe pede. A justeza desta explicação é provada pelo facto (que eu já discuti na minha monographia sobre a Telesthesia), que nessas occasiões as visualisações do sensitivo revestem forma symbolica. Assim, por exemplo, quando o major Buckle apresentava aos seus sensitivos phrases fechadas em cascas de nozes, os sensitivos viam diante d'elles uma folha de papel inteiramente aberta, na qual estava escripta a phrase: *folha que se acha na realidade como uma bola na casca de nóz;* indicio manifesto que não podia se tratar de uma *visão directa*, mas de uma *representação symbolica*, empregada pela personalidade subconsciente, para levar ao conhecimento da sua personalidade consciente o conteúdo da escripta a interpretar.

E' então claro que as pretendidas objecções que tem servido de questão não têm fundamento algum; e, por consequencia, que as conclusões a que chegamos relativamente ao facto que as faculdades psychosensoriaes supranormaes exercem suas funcções em sentido *inverso* e não *directo* conservam todo o seu valor theorico, que é grande; ainda mais se se examina, em confronto com o valor theorico resultante das conclusões a que se tinha chegado pela discussão precedente. Segue-se que, sobre a base das duas conclusões a que chegamos dever-se-a arguir que, se as faculdades psychosensoriaes subconscientes se manifestam de uma maneira *inversa* ou *espiritual*, e não de uma maneira *directa* ou *physiologica*, e se ellas se manifestam sómente com a condição de que as faculdades psychosensoriaes *conscientes* sejam momentaneamente apagadas de uma maneira mais ou menos completa, então está scientificamente provado que estas faculdades pertencem a um plano funccionalmente diverso e absolutamente independente d'aquelle sobre o qual se exercem os factores da evolução biologica. O que, de accordo com o facto da sua potencialidade maravilhosa, chega-se necessariamente a concluir, que se está em presença de faculdades psychosensoriaes espirituaes que existem engendradas anteriormente. em estado latente, nas dobras da subconsciencia, esperando emergir e se exercitar num meio espiritual, depois da crise da morte.

ERNESTO BOZZANO

(Continúa)

A VIDA PSYCHICA E SUAS MANIFESTAÇÕES

OS recentes progressos da psychologia physiologica estabeleceram que existe ume estreita dependencia entre a vida psychica e as condições organicas das suas manifestações. A todo o estado da da alma corresponde uma modificação molecular da substancia cerebral, e, reciprocamente. Mas neste ponto param as observações, e a sciencia é incapaz de explicar-nos a razão pela qual a materia que substitue a que é destruida pelo dispendio vital, conserva as impressões anteriores do espirito. A experiencia espirita vem a proposito para preencher esta lacuna: ella nos prova que a alma não é uma entidade ideal, uma substancia immaterial sem extensão, mas sim provida de um corpo subtil, no qual se registram os phenomenos da vida mental, e ao qual deu-se o nome de perispirito. O Espiritismo faz verificar que a alma está sempre ligada a uma certa substancia material, mas affectando uma modalidade especial infinitamente rarefeita. Os phenomenos de desdobramento do ser humano, ou seja de bicorporeidade vêm demonstrar esta proposição, que a seu turno é revelada na chapa photographica.

Gabriel Delanne

LAURENT DE FAGET

No «Livro de Ouro» das Sciencias Psychicas de M. J. Malgras, figura um documento interessante de Laurent de Faget, distincto escriptor, e festejado poeta francez, autor de varias obras.

Convidado para dar a sua opinião sobre a nova doutrina assim respondeu :

— «Quem disse que o Espiritismo não tem por missão regenerar a humanidade ? Eu vos peço a permissão de registrar a minha convicção de que outro não é o seu fim.

O Espiritismo destróe os dogmas impostores, oppondo á elles a pura luz da verdade.

Sua acção sobre os homens vem da sciencia e da religião.

Da sciencia pelos factos — hoje inegaveis — que são a sua base e provam a existencia da alma assim como a sobrevivencia ao corpo material.

Da religião, pelas leis moraes que decorrem do seu ensinamento, semelhante, em todos os pontos, ao de Jesus. Este ensinamento influirá sempre nas massas sociaes, que, graças a elle, elevar-se-ão a uma concepção mais ampla e mais alta das verdades eternas para uma alliança admiravel dos direitos e dos deveres de cada uma na sociedade regenerada.

O ideal que o Espiritismo proclama é um ideal de bondade, de amor, de soberana justiça.

O egoismo, o orgulho, todos os vicios, todos os crimes devem desapparecer diante da luz do Espiritismo como as trevas se dissipam aos primeiros raios do sol.

A sciencia espirita nos faz conhecer a vida além do tumulo, nos põe em communicação com os nossos proximos e os nossos amigos desapparecidos, nos exhortando á coragem nas provas da vida e demonstrando-nos que tudo está pesado, previsto no destino universal ; e que uma infallivel justiça preside a distribuição das nossas alegrias e dos nossos males, consequencias de actos bons ou máos das nossas existencias anteriores.

O Espiritismo nos apparece, então, como a religião scientifica do futuro, aquella que os homens adoptarão quando o cégo materialismo e as velhas orthodoxias impotentes e mentirosas forem inhumados no mesmo tumulo.

LAURENT DE FAGET

*
* *

M. Laurent de Faget, além de outras obras, publicou — *La Muse irritée*, resposta ás blasphemias de Jean Richepin ; *De l'atome au firmement*, poesias philosophicas ; *L'Art d'être heureux*, poesias intimas ; *Aspirations poétiques*.

Em 1905, Laurent de Faget redigia a importante revista «*Progrés Spirite*», que infelizmente suspendeu a sua publicação.

WILLIAM CROOKES E KATIE KING

EM 1871, uma joven de Londres, miss Florence Elisa Cook tornou-se muito falada pelos phenomenos mediumnicos que obtinha.

Anteriormente havia-se propalado na Inglaterra que a sra. Andrews, uma irlandeza de 30 annos, criada do sr. Keeler, de Moravia, effectuava em casa de seu patrão sessões interessantissimas, em que os assistentes eram tocados na cabeça por mãos de Espiritos e estes appareciam por uma abertura da cortina que separava o gabinete mediumnico.

A noticia destas manifestações foi recebida com incredulidade na Inglaterra, mas os mediums inglezes começaram a obter identicos resultados.

Nas sessões da sra Guppy, e depois os srs. Herne e Charles E. Williams chegaram a obter manifestações de Espiritos que se mostraram sustentando uma bola luminosa nas mãos, luz que os exclarecia sufficientemente para serem vistos por todos.

Foi nessa mesma epoca que começaram a se operar phenomenos na presença de Florence Cook, uma menina de 15 annos. Seu pae tornou-se membro da associação espirita de Dalston, cuja séde era o n.º 74, Navarino Read, Dalston, Londres E'ste.

A historia de miss Cook é muito interessante. Os principaes detalhes foram recolhidos e publicados num volume pelo sr. Epes Sargent, de Boston, em 1875. Esses detalhes foram fornecidos pela propria miss Cook numa carta dirigida ao sr. Harrison em maio de 1872, da qual eis o texto :

—«Tenho a idade de 16 annos. Desde a minha infancia vi Espiritos e ouvi suas vozes ; eu tinha o habito de assentar-me sosinha e conversar com os Espiritos que me rodeavam e aos quaes eu tomava por vivas. Como ninguem podia vêl-os e ouvil-os, meus paes tentaram fazer-me crer que isso era um producto de imaginação, mas eu não mudei de opinião, e elles consideravam-me uma menina muito excentrica. Na primavera de 1870, fui convidada para ir a casa d'uma amiga de collegio. Ella perguntou-me se eu tinha ouvido falar de Espiritismo, ajuntando que seu pae, sua mãe e ella, tendo-se reunido em volta d'uma mesa, haviam obtido movimentos e que, se eu quizesse, elles fariam essa noite uma experiencia commigo.»

Florence Cook pediu permissão a sua mãe e a primeira sessão realisou-se. Uma communicação foi-lhe dada por um Espirito que se dizia sua tia ; depois, quando ella ficou só na mesa, esta levantou-se a uma altura de quatro pés. Miss Cook continúa a narrativa das suas primeiras sessões :

— «Entrei em casa muito surpreza pelo que tinha visto. Alguns dias depois voltei com minha mãe, para fazer uma segunda sessão. Os Espiritos nos deram algumas provas de identidade, porem ellas não nos mereciam confiança.

Emfim, uma communicação por pancadas nos foi dada; dizendo que, se quizessemos fazer a obscuridade, eu seria levada em volta da sala. Dei uma gargalhada, não acreditando que isso fosse possivel; apagou-se a lampada, mas a obscuridade não ficou completa, visto entrar a luz pela janella. Em breve percebi que seguravam a minha cadeira. Fui erguida até ao tecto. Todos puderam vêr-me no ar. Eu estava muitissimo atemorisada para poder gritar e, sendo conduzida por cima das cabeças dos assistentes fui depositada sobre uma mesa na extremidade da sala. Minha mãe perguntou então se podiamos ter phenomenos na nossa casa. A mesa respondeu *sim, e que eu era medium*. Na noite seguinte todos se reuniram na nossa casa. Os Espiritos nos quebraram uma mesa e duas cadeiras e occasionaram numerosos prejuizos. Desde então declarámos que não queriamos tornar a fazer sessões. Os Espiritos começaram a atormentar-nos. Livros e outros objectos foram lançados contra mim ; as cadeiras passeiavam sosinhas, a mesa erguia-se violentamente *durante a refeição* e ruidos terriveis nos atordoavam pelo meio da noite. Enfim cedemos : reunimo-nos em volta da mesa para conversar com os Espiritos. Elles disseram nos que fossemos ao n.º 74, rua Navarino, onde encontrariamos uma sessão espirita. Ahi fomos, minha mãe e eu, por curiosidade : o endereço era exacto. Lá encontrámos o sr. Thomas Blyton, qve convidou-nos para uma sessão. Tambem ahi conhecemos o sr. Harrison, que pediu para assistir a uma das nossas sessões. Então não duvidamos mais da realidade da communicação dos Espiritos. Comecei desde esse momento a cahir em *transe*. Pela primeira vez um Espirito me fez falar e annunciou a meu pae que, se eu fizesse sessões com os srs. Herne e Williams, obteriamos vozes celestes na mesa. Reunimonos diversas vezes com esses srs, e finalmente obtivemos os phenomenos annunciados. O Espirito que dirigia essas sessões dizia se chamar Katie King.»

⁂

Em 1874 o grande physico inglez Prof. William Crookes, que tinha estudado a mediumnidade das irmãs Fox na America, levou para sua casa miss Cook, para ficar certo de qne não havia nenhum *truc* nas apparições de Katie King. E durante longos mezes, o sabio poude, com os mais rigorosos controles, examinar em todas as suas phases, as soberbas materialisações da entidade.

Crookes relatou as sessões que se effectuaram na sua casa. Algumas phrases extrahidas da sua narração dão, melhor que tudo, uma idéa das precauções tomadas que demonstram muito bem que o sabio inglez se mostrou convencido da authenticidade dos phenomenos, pois que chegou-se a photographar o Espirito. Eis o que diz Crookes :

«Cinco apparelhos de photographia foram preparados. Elles consistiam em cinco camaras escuras : uma do tamanho da placa inteira, uma de meia placa, uma de um quarto, mais duas camaras stereoscpicas binoculares que deviam estar com as suas objectivas voltadas, ao mesmo tempo, para Katie King, cada vez que ella pousasse, afim de obter seu retrato. Cinco banhos sensibilisadores e fixadores foram preparados com antecedencia afim de não retardar as operações que eu mesmo executava.

«Cada noite fazia-se tres ou quatro exposições de chapas nas camaras escuras, o que dava pelo menos quinze provas differentes por sessão. Algumas perderam-se ao revelar, outras velaram-se. Apezar disso eu tenho quarenta e quatro negativos, alguns máos, outros excellentes.

«Tenho uma photographia de Katie King e seu medium photographados juntos ; mas Katie King está sentada em frente a cabeça de miss Cook, e esta recostada no divan.»

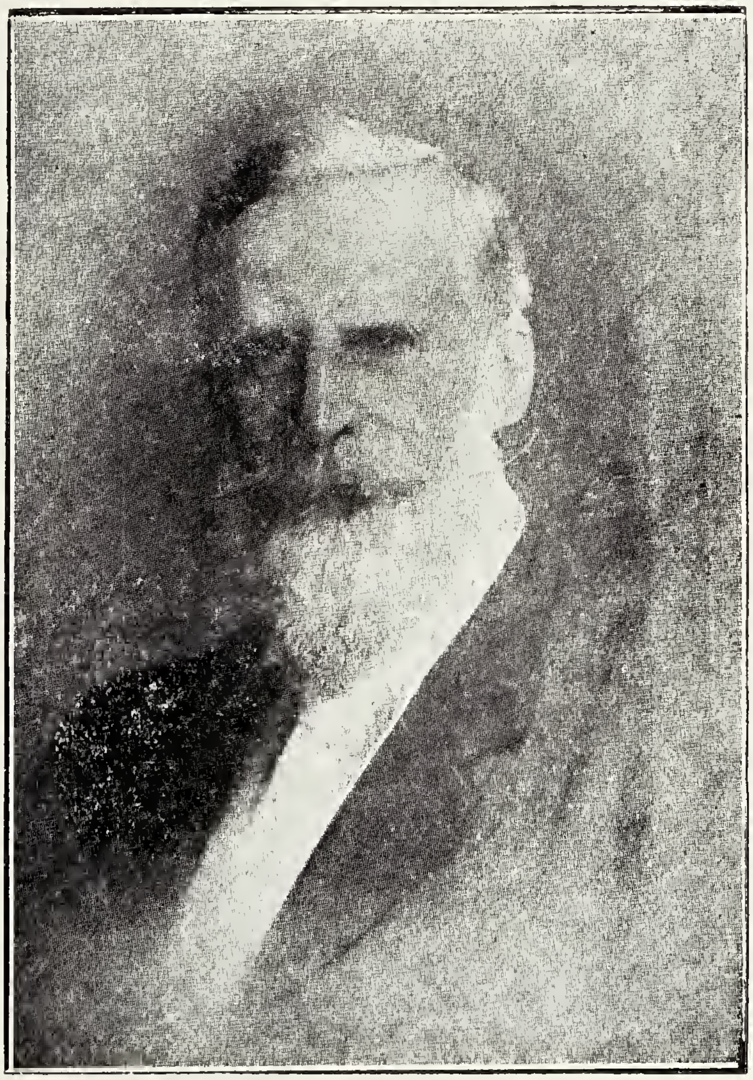

WILLIAM CROOKES

Depois de varias considerações Crookes affirma que os assistentes viram muitas vezes a miss Cook e Katie simultaneamente e que elle mesmo tocou a apparição e accrescenta :

—«Eu tenho a certeza absoluta que miss Cook e Katie King são *duas individualidades distinctas*, ao menos ao que concerne aos seus corpos. Diversas pequenas marcas que miss Cook tem no rosto não existem no de Katie. A cabelleira de miss Cook é de um trigueiro tão carregado que parece quasi negro ; uma madeixa dos cabellos de Katie que está agora sob meus olhos e ella me permittiu cortar no meio das suas tranças luxuriantes, depois d'eu tel-os acompanhado até a raiz assegurando-me de que elles ahi nasciam, é de um bello *castanho dourado*.

«Uma noite contei as pulsações de Katie ; o seu pulso batia regularmente 75, no emtanto que o de miss Cook, poucos instantes depois, attingia a 90, seu numero habitual. Encostando meu ouvido ao peito de Katie, pude sentir seu coração bater no interior, e suas palpitações eram ainda mais regulares que as do coração de miss Cook, quando, depois da sessão, ella permittiu-me a mesma experiencia. Observados do mesmo modo, os pulmões de Katie mostravam-se mais sãos que os de miss Cook, pois, no momento em que fiz essa experiencia miss Cook tratava-se d'uma forte bronquite.»

William Crookes submetteu miss Cook ás mais rigorosas provas, fazendo despil-a e vestil a por sua sra. e as experiencias se realisavam em sua propria casa. Eis o que elle nos diz a esse respeito :

— «Quando imaginar que uma innocente collegial de quinze annos tinha sido capaz de conceber e pôr em pratica durante tres annos, com pleno successo, uma tão gigantesca impostura como esta — que durante esse tempo tenha-se submettido a todas as condições que se lhe exigiu — que ella tenha supportado os mais minuciosos exames — que ella tenha consentido em ser observada a qualquer momento, antes ou depois da sessão que ella tenha mesmo obtido maior successo na minha propria casa que na dos seus paes, sabendo que aqui vinha expressamente para submetter-se a rigorosas observações scientificas — quanto a imaginar, digo eu, que a Katie King dos tres ultimos annos é o resultado de uma impostura, isso faz maior violencia ao bom senso e á razão que acreditar que ella seja o que por si propria affirma ser.»

⁂

Gabriel Delanne falando das experiencias de Crookes secundadas por diversos eminentes sabios, diz :

O Espirito de Katie King

«Como é mysteriosa a operação que resuscita, por um instante, um ser desapparecido ha seculos do mundo dos vivos ! E' a alma que vem tangivelmente affirmar sua existencia e que, fazendo irrupção na nossa materialidade, proclama ter sobrevivido á morte. Concebe-se o pasmo e a incredulidade com que foram acolhidas estas provas irrecusaveis. A negação impunha-se como um dever : o facto era tão manifestamente contrario a todas as possibilidades, que tornava-se preciso repetil-o sem discussão. Assim succedeu durante um certo tempo ; mas quando outros investigadores, tão qualificados como os primeiros, chegaram a resultados identicos, foi preciso achar uma explicação e invocou-se a theoria da allucinação para interpretar esses factos. A critica, evoluindo habilmente, consentiu em não ver por toda a parte senão trapaças dos mediums e em suspeitar systematicamente da bôa fé das testemunhas — o que é difficil quando se trata de homens honradamente conhecidos e universalmente respeitados pelos seus talentos.

Outros arrazoadores procuraram affirmar que a apparição não era um Espirito, mas sómente um desdobramento de miss Cook! Coisa extranha, os que fazem alarde de não crer na existencia da alma, mas servem-se do phenomeno de desdobramento para combater as materialisações!

Se a alma pode sahir do corpo é porque ella é independente d'este; esta é a demonstração mais notavel da sua existencia; desde então sua sobrevivencia não é mais impossivel, pois que ella não é engendrada pelo organismo. Além disso, todos os phantasmas de vivos são simulacros do corpo physico d'estes; é graças a esta identidade que se os pode reconhecer, e, como Katie-King differe muito, é mais provavel que ella não seja um simples desdobramento do medium.

Mas o que demonstra peremptoriamente a independencia absoluta de Katie-King, é que ella conversa com o seu medium completamente acordado. As manifestações de Katie-King são provas incontestaveis da existencia da alma depois da morte. Os phenomenos espiritas, verificados em todos os paizes por investigadores habituados as mais exactas e delicadas pesquizas scientificas, não podem mais ser negados pelos homens sinceros e de bom senso.

A vida de além-tumulo parecerá uma consequencia logica da vida terrena, e fóra de toda a fé, de todo o mysticismo, de todo o sobrenatural, a grandiosa certeza da immortalidade se implantará em todas as consciencias com as consequencias que necessariamente ella produz. Em vez da duvida e de uma fé vacillante, nos trazemos a prova estabelecida, experimentalmente demonstrada.

E' a solução do capital problema que preoccupou os mais poderosos pensadores em todas as épocas da humanidade; ella irradiará, fecunda, sobre o seculo vinte, e fará luzir a aurora da emancipação intellectual, da regeneração moral que devem elevar o nosso mundo a destinos superiores.»

⁂

A *Revista Internacional do Espiritismo* não podia deixar de registar em suas paginas as experiencias de William Crooks, pois foram ellas que vieram contribuir para a consolidação da veracidade dos phenomenos. No dominio dos factos, as experiencias de Crookes são irreprehensiveis, tanto mais que ellas trazem o cunho de uma autoridade scientifica cujas obras supportam sem desvantagem comparação como as de Dumas, Wurtz, Berthelot, Fremy, etc.

Não ha duvida que William Crookes é um genio, desses raros que o mundo não tem sabido apreciar.

Aos vinte annos elle publicou interessantes memorias sobre a luz paralysada; foi um dos primeiros, na Inglaterra que estudou por meio do espectroscopo as propriedades dos espectros solar e terrestre. Devem-se-lhe importantes trabalhos sobre a medida da intensidade da luz e engenhosos instrumentos de sua descoberta, como: o photometro de polarisação, o microscopio espectral. Seus escriptos sobre a chimica geral (*Chemical News*) foram muito apreciados desde que appareceram. Crookes é autor de um tratado, hoje classico, de analyses chimicas (*Methodos Escolhidos*).

Devem-se-lhe ainda numerosas investigações em astronomia, especialmente sobre photographia celeste.

Em 1855-6, a sociedade Real de Londres, que o admittiu no numero de seus membros effectivos, em primeiro escrutinio, concedeu-lhe a titulo de animação um premio pecuniario para proseguir em seus trabalhos sobre a photographia da lua.

Mas duas descobertas principalmente classificaram William Crookes entre os mestres da Sciencia moderna: o illustre sabio já se tinha distinguido por um precesso de amalgama com o auxilio do sodium, processo que é hoje empregado na Australia, na California e na America do Sul pela industria metallurgica do ouro, quando fez conhecer um novo corpo simples metalico: *o Thallium*. Aprecia-se o valor de semelhante descoberta, quando se sabe que o numero dos corpos simples conhecidos na série dos metaes eleva-se a cincoenta mais ou menos. Crookes foi conduzido a esta preciosa descoberta por seus trabalhos sobre a analyse espectral. Foi tambem assim que foram isolados o *cæsium*, o *rubidium* e o *indium*.

A segunda descoberta de Crookes é a *materia radiante*. Por meio de uma série de experiencias de exactidão extrema, o laborioso investigador demonstrou esse estado entrevisto por Faraday. Todas essas experiencias vêm provar a unidade da materia em sua essencia, principio proclamado pelo Espiritismo.

Os trabalhos de Crookes sobre a «força psychica» vieram por fim coroar a sua obra.

PHOTOGRAPHIAS ESPIRITAS

No numero 7 desta revista do anno transacto, assim como no numero 4 deste anno reproduzimos diversas photographias obtidas pelo Dr. Theo Hansmann, publicando ao mesmo tempo o modo de operar do celebre medium photographo, que tanto successo obteve nas suas experiencias, levando a muitos lares, com o testemunho da photographia, as provas demonstrativas do immortalidade.

Mas o acervo de provas é muito grande e as iremos reproduzindo aos poucos, assim como as photographias do Dr. Keeler que, até certo momento operou com o Dr. Hansmann.

Além destas experiencias, o illustre medico tomava parte em outras que distinctos investigadores americanos faziam sobre a photographia psychica.

Foi assim que, com a idade de 75 annos, o Dr. Hansmann enviou o o seu retrato ao sr. S. W. Fallis, de Chicago, dando-lhe, ao mesmo tempo, algumas informações e conselhos para proceder a uma experiencia.

O sr. Fallis tendo operado de accordo com as instrucções do dr. ficou surprezo de obter sobre a placa photographica a reproducção do retrato do seu correspondente cercada de numerosas figuras. A photographia do celebre medium, segundo a sua propria explicação servira de ponto de attracção, grupando em torno de si os seres do invisivel que tinham impressionado a placa photographica.

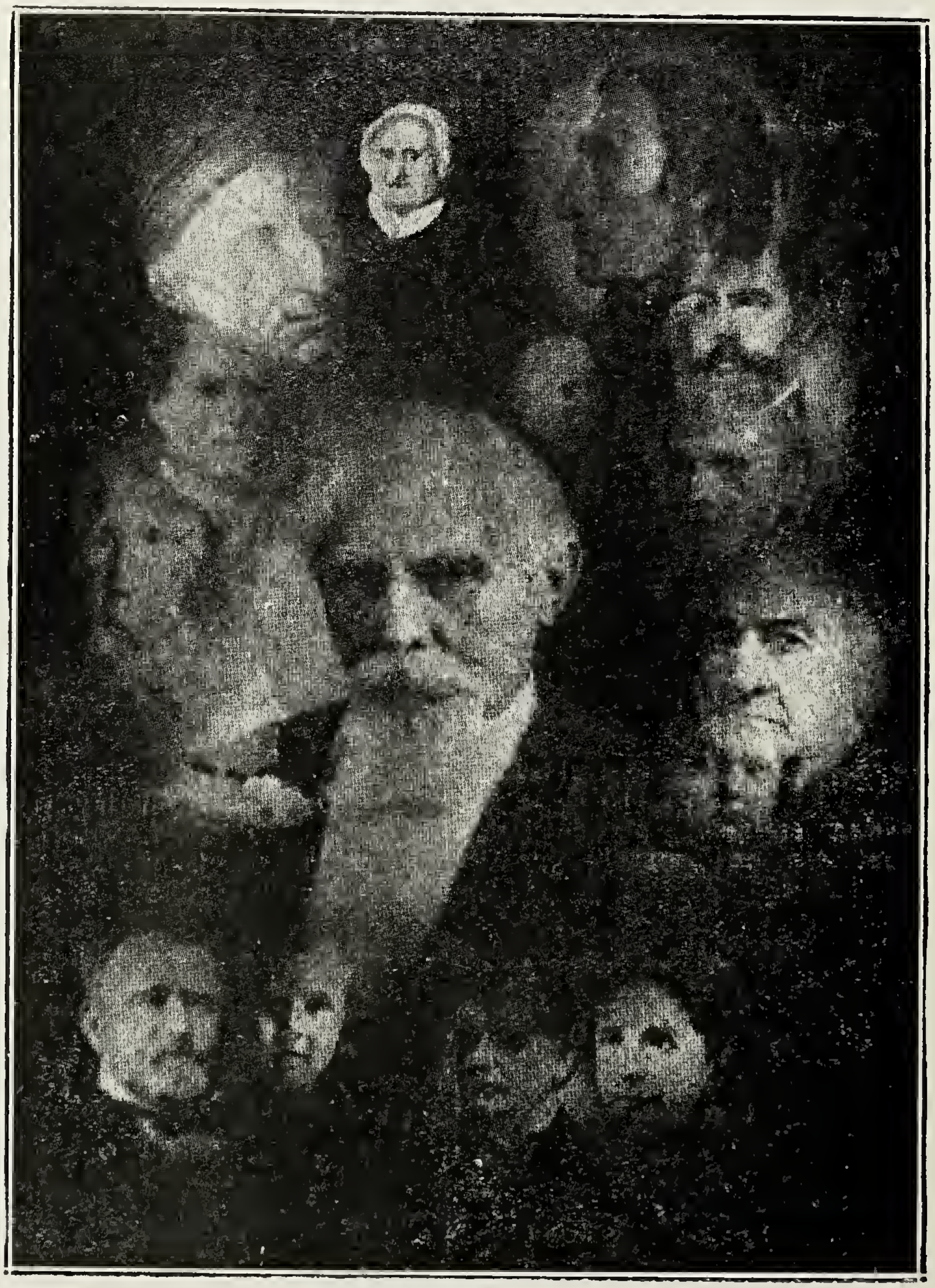

Fig 1

O Dr. Hansmann declara que, nessa photographia, reconheceu tres parentes seus, mortos ha muito tempo, bem como os Espiritos de varios amigos. (cliché n. 1.) A segunda photographia foi obtida pelo proprio Dr. Hansmann, servindo de ponto de attracção um retrato de Melle. Eugénie Dupin. Vê-se nella, a figura de Gladston, a terceira partindo do alto. Mas o que é mais interessante é que Melle. Dupin reconheceu nesse cliché, e noutro que lhe foi enviado, retratos de varias pessoas mortas de sua familia.

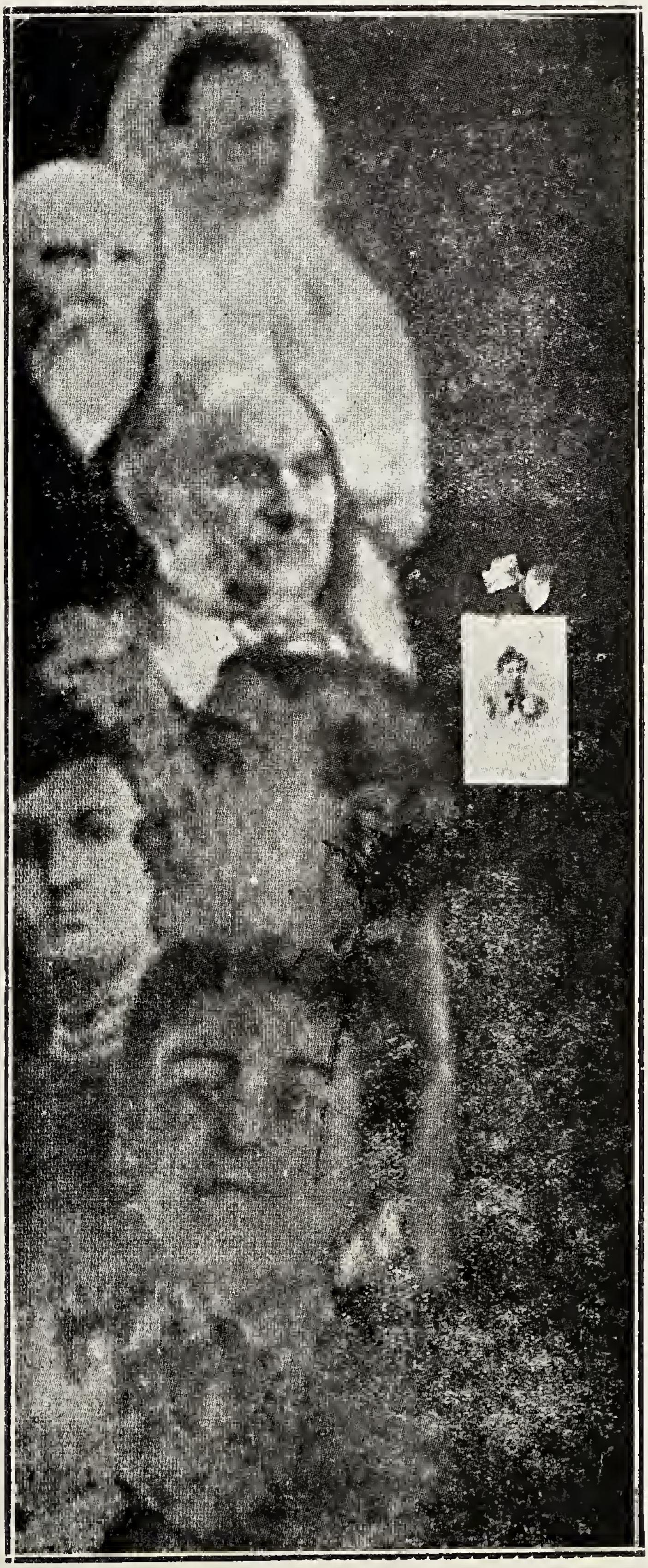

Fig. II

Numerosos contraditores acharam dever levantar objecções sobre a authenticidade dessas photographias, mas o valor dessas provas photographicas não diminuiu para Melle Dupin que nunca teve com o Dr. Hansmann senão relações epistolares.

Varios criticos baseiam a sua repulsa na desigualdade das dimensões das imagens. Mas é preciso lembrar que a distancia intermediaria do biombo preto collocado para disposição das imagens e a objectiva era de cinco metros pouco mais ou menos, devendo, portanto, as imagens que se formavam no biombo ser nitidas ; as que se produziram mais longe são menores ; as que se formaram mais perto são, naturalmente, de volume mais consideravel e de um contorno impreciso. Accresce ainda que o Espirito é que faz a sua propria dimensão, conforme se depara na affirmação da «Pequena Stasia» ao sabio Dr. Ochorowicz, quando este tendo obtido a sua photographia em condições extraordinarias perguntou á entidade communicante : Tu te chamas «Pequena Stasia», mas na realidade és, de facto, pequena ? Ao que a «Pequena Stasia» respondeu : A somnambula me vê pequena, porque vê tudo pequeno, *mas eu posso me fazer grande ou pequena.*

Esta resposta é, effectivamente, de uma clareza e de uma logica admiraveis : si, na verdade o espirito desincarnado não possue um corpo material, como nós outros o concebemos e possuimos, porque motivo é que, quando para satisfazer a nossa curiosidade, o phenomeno da materialisação que lhe permitte ser registrado pelo apparelho photographico, nos entendemos dever impôr-lhe uma dimensão determinada ?

Finalmente, as experiencias photographicas tão dignas de menção, se impõem no momento actual a todos os espiritas que trabalham pelo triumpho da Immortalidade. Não ha duvida que, como nas demais manifestações ha necessidade de medium, mas estes sempre mais numerosos do que parecem e suceptiveis ao desenvolvimento no correr das experiencias.

A photographia espirita veio dar

aos factos a prova categorica das suas manifestações positivas. Além de tudo, ella veio trazer o seu indispensavel concurso para a demonstração do perispirito, involucro permanente da alma.

O conhecimento da Sciencia Espirita repousa sobre uma convicção moral e sobre uma convicção material ; a primeira se adquire pelo raciocinio, a segunda pela observação dos factos.

HISTORIAS DE PHANTASMAS

DR. ROBERT MARCK WENLEY

Professor de Philosophia da Universidade de Michigan

EMBORA eu nunca tivesse viste um phantasma conheço muitas pessoas que ja viram. Em todos os casos que tem-me sido possivel examinar, com excepção de um, o phenomeno tem explicação ; mas tenho intima amisade com uma pessoa que viu um phantasma, de modo que não admitte explicação. Conheço dezenas de outras apparições que têm explicação facil.

«Minha mulher teve a apparição de uma amiga muito querida, a quem viu. Ella não sabia que sua amiga estivesse enferma, mas no dia seguinte da apparição se soube que a amiga tinha morrido na mesma hora da visão. Duas palavras explicam este caso : telepathia mental.

«Minha sogra viu a Velha Dama do Castello de Glamis, e minha cunhada passou atravez de um phantasma em outra mansão antiga da Escossia Mas em ambos os casos ellas conheciam as lendas dessas habitações e esperavam ver os phantasmas que viram. Se alguem deseja anciosamente ver uma cousa, ha grandes probabilidades de que se realisem os seus desejos.

«Uma vez, ha muitos annos eu esperava ver um phantasma. Muitos parentes e amigos meus viram o famoso monge franciscano do Castello de Balmier, antiga mansão de Forquarshire, perto de Dundes, na Escossia. Havia neste castello um quarto encantado, no qual vagava amiudadas vezes o velho monge tendo os braços em cima da cabeça. Quando o phantasma queria fallar com alguem, a pessôa que tinha de falar collocava o ouvido num ponto da parede do quarto e uma vez dada a sepulchral mensagem voltava a passear no quarto como primeiro fazia.

«Uma noite pernoitei no castello, no quarto encantado. Fiz o possivel para me conservar desperto, para ver o phantasma caso apparecesse; mas com grande pesar meu dormi pouco depois de meia noite e só despertei quando o sól estava alto.

«Parentes e amigos tinham visto este monge phantasma e não tenho razão para duvidar que durante seculos elle havia permanecido nesse castello. Sómente deixou de se fazer visivel a mim quando desejei vêr. Eu tinha uma pergunta para fazer-lhe, não direi qual era, porque espero voltar um dia e então creio que terei a sorte de vêl-o.

«Mas uma cousa eu aprendi : que para ver os phantasmas não se ha de ser demasiado sceptico, nem ter muito somno, para poder ficar desperto.

«Minha cunhada, durante uma temporada que passou em Haddingtonshire, permaneceu num commodo de uma casa que se suppunha habitada por um phantasma. Ella sabia da historia e uma noite que se dirigia para o seu quarto, sem haver outra luz senão a vela que levava na mão, viu repentinamente um phantasma tomando forma diante d'ella.

Querendo mostrar-se corajosa continuou andando. O phantasma não deu caminho nem desappareceu, como ella espe rava, de modo que ella passou atravez do phantasma. Depois ella me disse que tinha tido uma sensação semelhante a de quem passa por meio de cortinas de crespão ao mesmo tempo que sentiu uma humidade como de neblina, que cessou logo que ella acabou de passar atravez da apparição.

‹A explicação é simples. Ella tinha ouvido falar do phantasma que passeiava pelos corredores á noite, e viu o que esperava vêr, e quanto a sensação da humidade e o mais, não é outra cousa que uma simples associação de idéas.

‹Minha sogra hospedada no castello de Glamis na Escossia, estava uma noite sentada perto da chaminé, quando julgou sentir outra pessoa que tocava seus hombros. Conhecida é a sensação da gente se achar só em um lugar em que não se julgue estar outra pessôa. Minha sogra voltou-se rapidamente, e viu uma velhinha vestida com trajes de outros tempos, a qual lhe fez uma reverencia e retirou-se desapparecendo.

‹Tambem neste caso é facil encontrar a explicação : minha sogra viu o que esperava vêr, pois tinham-lhe contado que n'aquella casa apparecia uma velhinha sempre que um membro da familia tinha que morrer.

‹Faz muitos annos, minha esposa, sentada ao piano á hora do crepusculo viu que na parede da frente se formava um disco luminoso. A' medida que ella nelle fixava os olhos, foi augmentando, e tomou forma no centro. Era um ataúde no qual jazia o cadaver de uma amiga. Lentamente a apparição se desvaneceu. e no dia seguinte chegou de Londres um telegramma que communicava o fallecimento da amiga, occorrido precisamente na hora que teve lugar a apparição. A morte tinha sido repentina.

‹A explicação disto é a telepathia mental. Os pensamentos da moribunda tinham chegado á minha esposa.

‹Todos nós temos ouvido historias de phantasmas que apparecem durante o trabalho. Não é muito difficil encontrar a explicação. Ordinariamente se verificam estas apparições nas ultimas horas da tarde, ou de noite, quando a pessôa cançada do trabalho do dia tem a imaginação disposta até para o inverosimil. E é para notar o facto dessas pessoas apparecerem unicamente a pessoas que se achem sós.

«Mas, eis a historia do phantasma, que tem-me dado muito a pensar sem poder chegar a uma explicação, nenhuma duvida tendo eu da sua effectividade.

‹Esta historia contou-me o professor Veitch, uma das maiores autoridades em materia de logica, em seu tempo. Passou-se em um antigo castello em Galloway.

«Chegara o professor Veitch muito tarde na noite de um sabbado, com o fim de passar ali o domingo. Quando elle chegou os seus habitantes já se havia retirado para seus commodos. A dona da casa, que chamaremos a sra. S., lhe disse que levantar-se-ia cêdo para ir a igreja dia seguinte, mas como o seu quarto era retirado que elle podia dormir até mais tarde, pois que o almoço aos domingos só era servido a uma hora da tarde.

‹Meu amigo foi para o leito, feliz em pensar que poderia dormir até tarde, pois achava-se muito cançado.

‹Porém, mais ou menos ás 8 horas da manhã, sentiu uma mão em seu hombro, e ao abrir os olhos, viu o rosto de uma mulher de meia edade, inclinada sobre a cama, que o contemplava com um olhar que denunciava o mais profundo odio. Um minuto depois, dirigiu-se á porta, abriu a, sahiu e fechou-a sem dizer palavra. O Dr. Veitch, apezar de estar certo de ter fechado a porta ao deitar-se, julgou que a mulher era criada da casa e ficou admirado da sua audacia, e riu-se muito do vestido que a mulher trajava, pois era dos que se usavam a uma centena de annos antes.

«Quando todos estavam reunidos durante o almoço, lembrou o incidente da manhã e voltando-se para a dona da casa, disse que não tinha podido dormir o tempo que tencionava, pois, entrara em seu quarto uma servente, accrescentando : ‹o seu olhar, quando inclinou-se para mim chamou-me a attenção...›

‹Mas a phrase ficou sem concluir. pois elle notou que a sra. S., pondo um dedo nos labios, recommendou silencio.

‹Quando os serventes sahiram, a sra. pediu a meu amigo que contasse o que havia succedido, pois lhe interessava saber, mas não queria que os serventes ouvissem.

‹Depois de ter contado o succedido o professor Veitch, a sra. perguntou-lhe se visse um retrato reconheceria a visitante, ao que o meu amigo disse que sim, pois não acreditava haver encontrado em sua vida uma mulher com o olhar tão expressivo de odio:

‹A convite da senhora, todos os visitantes foram á galeria dos retratos, onde o professor viu o retrato de sua visitante de cêdo, vestida com o mesmo traje que lhe apparecera.

«Então a sra. S., contou a historia de um dos seus antepassados, cuja esposa o odiava tanto que não havia recuado ao assassinato que deu se no mesmo quarto em que o professor Veitch dormira. O phantasma da esposa assassina tinha sido visto em varias occasiões antes de o ter visto o meu amigo.

«Não conhecendo o meu amigo até aquella data a historia do crime, nem sabendo que houvesse naquella casa um quarto encantado, nem sendo uma pessoa medrosa, pois estava acostumado a andar á noite por lugares solitarios, eu não pude encontrar a explicação deste phantasma.»

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS MATERIALISAÇÕES

XI

(Continuação)

Dissemos no começo d'este trabalho, que num grande numero de phenomenos medianimicos de ordem physica, observados pessoalmente em longa e ininterrompida serie de experiencias, só escolheremos alguns phenomenos typicos, verificados em condições de optima fiscalisação.

Com effeito, as condições de luz, as precauções mui rigorosas, a seriedade objectiva das observações feitas, ligada sempre ao gráo de suspeição que deve acompanhar os factos anormaes, a honestidade scientifica dos experimentadores, a intenção commum de proceder sem preconceitos, formam um conjuncto de circumstancias que se agrupam e completam, para dar as manifestações obtidas o mais absoluto cunho de realidade.

Trata-se, pois, de phenomenos incontestaveis, aos quaes devemos dar tanto mais importancia, quanto homens versados nestes estudos, por vezes recusam reconhecer a realidade das manifesfações physicas.

Lembremos a proposito a campanha do Dr. Hodgson nos *Annaes da Sociedade de Investigações Psychicas* de Londres, o qual, ajudado por Davey, para demonstrar a falacia do testemunho humano, resolveu preparar uma serie de sessões, produzindo factos que os assistentes consideraram reaes.

Esclarecida a verdade, comprehende-se a impressão de numerosos investigadores, tornando legitimas suas suspeitas ; e ainda recentemente o Dr. Hyslop não era favoravel aos phenomenos physicos.

Ora a desconfiança d'estes dois sabios, justificada em parte, é bem symtomatica, pois que elles pelo resultado de pacientes e minuciosas pesquizas, affirmam a intervenção necessaria dos espiritos, n'uma serie de phenomenos intellectuaes.

⁂

Perante o exposto, confessamos não sentir abalo nas nossas convicções ; os erros em que os outros cahiram (erros que bem conhecemos), teem-nos sido uma preciosa licção para dirigir nossos estudos. Sempre estivemos attentos para evitar toda a distracção possivel ; nas salas das experiencias, sempre fechadas e selladas, nenhum assistente abandonou o logar, mesmo por um instante.

Demais, os phenomenos que apontamos, decorreram com tal espontaneidade e em taes condições, que nos lembramos de Morselli, Vassallo e Barzini que, submettendo aliás Eusapia á maior precaução, a reconheceram superflua, especialmente para as manifestações em plena luz, á vista de todos e fóra do alcance do medium e dos assistentes.

Emfim, é preciso lembrar, que Hodgson e Davey para similarem os phenomenos, aproveitaram com cuidado o momento da distracção dos assistentes.

E pelo contrario, nas sessões d'Eusapia, quasi sempre typtologica, verbalmente, ou por signaes caracteristicos, é indicado o phenomeno que vae produzir-se ; o que, em lugar de distrahir, contribue a augmentar a attenção dos assistentes. Quer no phenomeno parakinesico ou telekinesico, quer no muito mais complexo da materialisação, as manifestações medianimicas não teem, em nosso entender, o caracter de banalidade, que até investigadores eminentes lhes teem querido attribuir.

Ainda que ás vezes de apparencias bizarras, considerados só como phenomenos physicos e fóra do cunho intellectual que sempre os acompanha, teem um valor muito grande e são particularmente dignos d'attenção e estudo, pois fazem suppôr a existencia de leis ignoradas e abrem caminho á busca de novas descobertas scientificas.

Estes phenomenos physicos não podem nem devem ser considerados banaes, como não foram banaes os movimentos espasmodicos dos membros d'uma rã decapitada, que levaram á descoberta de Volta.

Accrescentemos a isto a intencionalidade, que n'elles constantemente se revela.

Que obedeçam em verdade a uma intelligencia directriz originada no medium ou na assistencia por intermedio d'aquelle, quer se trate d'uma intelligencia directriz autonoma, extranha a todos, cuja origem não achamos actualmente, é sempre um facto grandioso verificar, sob o impulso d'uma vontade, a exteriorisação de energias, realisando as mais simples ou os mais complexos phenomenos medianimicos.

⁂

Vemos que para dar uma explicação possivel aos phenomenos de materialisação, se recorreu de preferencia á theoria psycho-dynamica, como sendo a theoria scientifica, que reveste os mais importantes caracteres de probabilidade ; e quanto á parte intellectual, na maioria dos casos, julgou-se dever procurar-se-lhes a origem na sub-consciencia do medium.

A este respeito, não nos parece necessario acceitar a theoria das desaggregações psychicas, que o Dr. Paulo Janet tirou de magistraes observações durante o estado somnambulico-hypnotico de muitos dos seus sujets.

Tal theoria não é applicavel aos nossos casos, pelas razões que rapidamente vamos expôr.

As desaggregações psychicas, segundo Janet, engendram varias individualisações, mas as personalidades resultantes são secundarias, de faculdades intellectuaes limitadas, são apenas partes d'um todo consciente desaggregado, diminuindo a consciencia normal á medida que a desaggregação cresce.

A prova está em que, constituida pela desaggregação uma personalidade subconsciente inteira ou de certa autonomia, o Eu normal annulla-se como entidade, ficando em somno profundo o sujet e permittindo a emergencia da personalidade sub hypnotica.

Na phenomenalidade que descrevemos, nada d'isto existe. As personalidades manifestadas apresentam-se não só sob o aspecto de formas materialisadas visiveis e tangiveis, mas com faculdades intellectuaes não limitadas, reflectindo sentimentos e affeições das pessoas que dizem representar, evocando com precisão admiravel circumstancias e pormenores de factos *ignorados do medium*, conhecidos por poucos de nós e ás vezes esquecidos desde ha muito.

E se estas personalidades ás vezes se revelam, estando Eusapia em transe, tambem apparecem quando ella está perfeitamente acordada, na plenitude da sua intelligencia, a ponto de se interessar vivamente pelos phenomenos de sua mediumnidade.

Portanto os phenomenos expostos não podem sujeitar-se á theoria d'uma possivel desaggregação mental, e assim entendemos não dever recorrer a ella durante a sua discussão.

Para tentativa de interpretação de grande numero de phenomenos, nenhuma theoria melhor se presta ao presente, do que a bio dynamica. E dizemos *d'um grande numero*, porque, como ponderamos para muitos factos relatados, ha casos em que aquella theoria parece insufficiente.

Os phenomenos medianimicos intencionaes devem ter como ponto de partida uma intelligencia, uma vontade dirigente. Esta vontade póde existir no medium, ou ser-lhe suggerida, consciente ou inconscientemente, pelos assistentes. Mas em muitos casos, a origem d'esta vontade parece completamente independente d'um e d'outros. Verificamos phenomenos em que a intelligencia organisadora, plenamente emancipada da influencia dos experimentadores, não só não podia conter a do medium, mas estava em lucta aberta com ella.

Nas experiencias de Paladino, notam-se muitas vezes estas *personalidades contrarias*, digamos assim.

Quando ella estava desperta, fatigada, ou soffrendo por causa da duração excessiva da experiencia, vimol a por vezes insistir para que se terminasse, ao passo que a personalidade, dizendo-se o espirito de John, até com modos paternalmente energicos, insistia pela continuação da sessão.

«Não devemos crêr, escreve muito bem M. Bozzano, que se trate em taes casos d'estas personalidades contrarias, proprias de muitos sujets paranoicos, que durante o delirio hallucinatorio, estão em lucta continua com individualidades apenas imaginadas por seu cerebro doente. As personalidades descriptas nos episodios antecedentes e com as quaes se choca a vontade do medium, não são o producto d'um cerebro hallucinado ; são personalidades realmente existentes, verificavèis pela vista, pelo tacto, pelo ouvido ; são creações reaes, tendo o aspecto d'uma forma humana.»

Portanto, a existencia d'uma vontade independente, autonoma, de origem extranha ao medium e aos assistentes, digam o que disserem os contradictores, é um facto, que a nossa longa e calma experiencia nos leva a considerar indubitavel e que nos permitte ser de opinião contraria (sem aggravo ao illustre sabio) á do professor Morselli, *que julga que o medium pensa com intensidade e o quer*, assim como á opinião, ultimamente emittida, do professor Grasset, que excluindo absolutamente a maior parte dos phenomenos copiosamente admittidos pela sciencia official, crê que as idéas do medium durante o estado de transe só reflectem o conteúdo dos proprios centros mentaes.

Pensamos que a affirmação de Morselli é verdadeira para um grande numero de casos, comprovando-os até certo ponto o synchronismo dos movimentos e dos phenomenos. Todavia entendemos que esta affirmação é muito absoluta, quando elle pretende applical-a a todos os phenomenos physicos da mediumnidade.

Quanto á opinião de Montpellier está muito preso ao seu systema de negação de factos medianimicos, para poder exprimir sobre elles um juizo imparcial e calmo.

De mais, além de deixar deduzir que está pouco preparado em materia de experiencias pessoaes, mostra-se no dissertar tão abundante de citações, captadas ao serviço da sua these, como reservado e injusto na apreciação dos resultados dos investigadores, que entenderam dever formular opinião contraria.

A theoria espirita — Ao investigar a vontade, cuja origem não pudémos encontrar no medium ou nos experimentadores, já dissemos as razões, porque não podiamos *ipso facto* acceitar theorias além dos limites das leis naturaes. O campo do desconhecido é muito vasto e numerosas as possibilidades do que se pode conhecer, para que — ao presente — a intelligencia humana deva avançar mais no terreno das especulações metaphysicas.

Mas se não nos fosse dado conjecturar a intervenção possivel de novas descobertas da sciencia, seriamos levados a admittir realmente a intervenção d'uma entidade espiritual extranha á humanidade ; seriamos forçados, em summa, a entrar em plena *theoria espirita.*

A proposito, seja-me licito fazer uma pergunta : Apoia-se esta theoria em bases tão pouco solidas, que a devemos considerar absurda e insustentavel ?

Cumpre dizer que, quando falamos de hypothese espirita, limitamo-nos á que se funda na *demonstração experimental da sobrevivencia da alma, em face dos factos que tendem a provar a possibilidade de communicar com os desincarnados* despindo-a de todas as modalidades dogmaticas, de que se quer cercar desde ha tempos um grupo bastante numeroso d'adeptos ; modalidades provenientes das communicações psychographicas ou typtologicas, cujo conteúdo é por vezes elevado, por vezes contradictorio, acceites com ardor como tendo uma origem ultra-tumular.

Temos, sob este ponto de vista, a firme convicção de que a *theoria espirita* tem, ella propria, o direito de conservar-se no numero das supposições provaveis.

Dr. José VENZANO

(*Continúa*)

Chronica Extrangeira

Os trabalhos espiritas proseguem na actividade de uma tarefa providencial para estabelecerem o reinado do Espirito no mundo. E o interessante é que a maior parte dessas manifestações têm caracter espontaneo, como para demonstrar a acção continua dos Espiritos independentes da vontade humana e a despeito mesmo da pouca attenção que os homens ligam ás cousas do Além. E' o caso de repetirmos : *os mortos vivem*, *os mortos sabem*, e mais do que nós conhecem elles a necessidade da reforma moral da humanidade para que uma atmosphera de paz e progresso reine no nosso mundo.

Oxalá que o Invisivel centuplique e accentue a sua acção durante o anno que iniciamos e que os nossos amigos e leitores aproveitem esse elemento indispensavel de vida para se fortificarem cada vez mais na crença da sobrevivencia, que abre ás nossas vistas illimitados horisontes de verdadeira felicidade.

AS APPARIÇÕES DO ABBADE DEROULEDE

Mme. Gabriele Camille Flammarion, no seu ultimo artigo na «Revue Spirite», citou o interessante caso das apparições do padre Déroulède, relato pelo abbade Germain, em 27 de março 1924 ao seu fallecido esposo Camille Flammarion, cuja narrativa foi dada por escripto ao referido sabio, tal como se reproduz :

— «Trata-se da apparição de um dos meus confrades, o padre Déroulède (não é parente do poeta.)

Conheci-o no Grande Seminario. Era um homem de aspecto agradavel, muito alegre e risonho. Antigo operario pintor em Adgouléme, converteu-se e se fez sacerdote. Occupou o curato de Saint Germain, perto de Royan. (Charente inferior). Algum tempo depois de sua morte, certa noite, seu successor ouviu bater na porta de seu quarto. Não abriu, e não ouvindo mais bater acreditou que seria a sra. sua mãe, que morava com elle no andar de baixo. Dia seguinte, perguntou-lhe se tinha levantado durante a noite e se aproximado da porta. A resposta foi negativa. Isto passou-se por occasião da guerra em 1910. Na noite seguinte, o mesmo phenomeno. Golpes na porta do quarto do sacerdote, que novamente acreditou que fosse sua mãe. Levantou-se, abriu a porta, e a ninguem viu. Na seguinte manhã perguntou novamente á sua mãe que ficou surprehendida, pois não se havia levantado. Algum tempo depois a mãe do padre passeiava no jardim do presbyterio e viu um padre que olhava para ella sorrindo por cima da parede. Quiz examinar a apparição, mas esta desappareceu immediatamente. Relatando o facto a seu filho em vista das perguntas que este fizera-lhe, fez uma descripcção tão perfeita do personagem que o padre reconheceu logo seu predecessor, o abbade Déroulède, pelo retrato que delle tinha. Apresentada á senhora a photographia do sacerdote defunto, ella identificou o phantasma, sem excitar. A mesma apparição repetiu-se no jardim dia seguinte. N'outra occasião, fui ensinar o catecismo aos meninos e os encontrei summamente agitados. Perguntei-lhes a razão da sua perturbação e elles se mostraram confusos ; mas ante a minha insistencia imperativa, um d'elles, o mais resoluto, disse que passaram um grande medo, e depois de muitas reticencias, me declarou que tinham visto na mesa de communhão um sacerdote que ia e vinha, passeando com as mãos nas espaduas. Todos os que conheceram o padre Dèrouléde sabem que elle tinha esse costume. São cinco observações independentes : 1.a e 2.a batidas em noites seguidas na porta do quarto do successor do abbade Déroulède ; 3.a e 4.a apparições á mãe do cura no jardim, e 5.a aos meninos do catecismo. Eis aqui a sexta : O sachristão da igreja Saint-Germain, depois de muitos annos de serviços, renunciou tocar o sino ; por nada no mundo elle o faria. (assignado)

«Abbade Germain, parocho da Cathedral de Rochelle.»

MANIFESTAÇÕES DE ESPIRITOS COM IDENTIDADE

A *Vie D'Outre Tombe*, revista espirita belga, publicou os seguintes casos de manifestações de espiritos com provas de identidade, obtidas nas sessões experimentaes effectuadas pelos esposos Doyen, em Nancy.

— 17 de outubro 1923: Eu sou Francisco Constante Bailly, instituidor, morri em Millay (Mievre) em 29 de março de 1922, com 78 annos. Tive seis filhos que ainda vivem Carlos, Leão, Enrique, Fernando, Mauricio e Maria. Recebeu se da alcadia de Millay a certidão de obito de Bailly, absolutamente conforme as indicações do communicante e tambem uma nota certificando a existencia dos seis filhos nomeados.

— 29 de Janeiro de 1924 — Chamo-me João Contouvert, sub-tenente, morri durante a guerra em Apremont (Cantal), em 26 de novembro 1920». Certificado exacto do alcaide de Riom-es-Montagne, com data de 12 fevereiro 1924.

— 29 janeiro 1924: «Não sou um espirito da alta esphera, em que se acham muitos dos vossos visitantes, mas sei que quando se tem a honra de manifestar-se entre vós, não nos esqueceis em vossas orações, das quaes tenho muita necessidade embora não seja um desgraçado. Sou Albino Ribet, nascido em Tomseins (Loten-Gavonne). Morri a 2 de agosto 1922. Procurai verificar e tereis informes. Onde fostes inhumado? — «Em Tomseins onde fui capitão de bombeiros, official de academia e architecto da cidade.—24 fevereiro 1925.

— Sou a sra. Bizien, de Caen. (Calvados), Morava á rua Marthe-Lerc-chois. Cahi doente em 25 de abril 1922 para não mais me levantar». Como confirmação recebeu-se da alcadia de Caen o certificado de obito de Maria Eugenia Ladroue, esposa de Pedro Luiz Bizien, falecida em 25 de abril 1922.»

UMA APPARIÇÃO TYPICA

O caso que vamos narrar occorreu na revolução de novembro de 1904 em Quito. Extrahimol-o da Revista de Estudos Psychicos:

— «No encontro que houve entre as forças legaes e as forças revolucionarias, pereceram muitos soldados e officiaes. Entre estes achava-se o official Silvestre Cavalcante, que morreu instantaneamente de um tiro a queima-roupa.

No mesmo momento da morte de Cavalcante sua noiva sahia da sala de jantar de sua residencia onde seus paes se achavam commentando os acontecimentos. Todas as portas da casa estavam fechadas inclusive a do refeitorio. Subito Silvestre Cavalcante apparece á sua noiva quando ella entrava no seu quarto. A joven gritou atemorisada e não só seus paes como tambem a criada correram para verem o que lhe havia acontecido. Ella disse então que seu noivo lhe havia apparecido e lhe mostrou um ferimento que tinha no peito, do qual sahia sangue. Na mesma occasião elle lhe disse: «Adeus para sempre, meu bem! Não te esqueças de mim!»

De facto, foram estas as ultimas palavras do official.

A PENA DE VIVER

Depois da guerra muitos intellectuaes se occuparam do castigo que devia ser dado ao Kaiser e em todos os paizes commentava-se o futuro desse imperador deposto do throno.

Por essa occasião um chronista de *Le Figaro* de Paris, criticando as notas de Louis Barthou, coodernador das obras posthumas de Victor Hugo publicadas na *La Revue des Deux Monde*, relatou uma interessante sessão que improvisaram com o fim de saber como o Kaiser era julgado no mundo Espiritual.

Diz elle que os assistentes puzeram-se de accordo invocar o espirito de Victor Hugo, embora em vida tivesse elle sido formal inimigo da pena de morte, afim de conhecerem o novo modo de pensar do poeta, em vista do extranho julgamento que iam deixar a seu cargo. A sessão teve começo, com o auxilio de uma mesa giratoria :

— Mestre. Sois vós ?

Os golpes da mesa disseram : Sim.

— Mestre, onde vos achaes lêdes os nossos pensamentos ou é necessario vos interrogarmos em alta voz ?

— Não ; leio os vossos pensamentos.

— Existe algum castigo igual ao crime incommensuravel que esse pastor dos povos commetteu contra o seu proprio rebanho, sufficiente para aplacar a colera humana e satisfazer a chamada justiça immanente ?

— Sim, ha um.

— Então devemos confessar que elle não pode estar aqui na terra.

— Ahi mesmo está o castigo.

— Onde ?

— Procurai-o.

Nessa occasião cada um dos assistentes formulava planos de vingança peiores ainda que as torturas da inquisição ; mas a vóz muda não aprovou nenhum dos julgamentos que resumiam-se ao mesmo tempo na pena de morte.

Morrer, concluiram por fim os assistentes, o que equivale a não ter nascido ; esta pena não seria na realidade um severo castigo ; mas não ha outra pena na natureza distincta da morte ?

— Sim.

— Qual é ?

E o oraculo tabular formulou pesadamente :

— A pena de viver...

AS TRANÇAS DA MORTA AMADA

Oscar Wilde conta a curiosa historia da desapparição dos poemas de Rossetti.

Quando Gabriel Dante Rossetti era muito joven namorou-se loucamente de uma moça, a quem consagrou muitissimos sonetos e poesias. A joven morreu depois de algum tempo e nos ultimos momentos pediu que os manuscriptos de Rossetti, tal como estavam numa caixinha debaixo do seu travesseiro fossem collocados sob a sua cabeça no seu ataúde, para que, em seu ultimo somno continuassem a occupar o mesmo lugar que occupavam sempre.

A fama de Rossetti cresceu com o tempo. Todos os versos que sahiam de seu poema, eram apreciadissimos e todo o mundo lhe pedia copias das poesias dedicadas ao seu primeiro amor.

Rossetti não as havia conservado e confessou ser impossivel poder reproduzil-as. Por fim seus amigos resolveram pedir permissão á familia da moça para tirar do tumulo os versos do poeta, copial-os e collocal-os novamente no mesmo lugar. Depois de vencerem as difficuldades da parte das autoridades, da igreja, da familia e de Rossetti, foi feita a exhumação do cadaver, mas ao irem tirar a caixa, achava-se esta totalmente estragada, visto a pouca consistencia do material. Mas a larga cabelleira da joven tinha crescido muito depois de sua morte e as madeixas de cabellos enrolando-se, trançando-se nos papeis haviam formado como que um nicho impossivel de desenrolar.

As tranças da morta adorada tinham apertado no eterno abraço as poesias de Rossetti, o bem amado . . .

DUAS MANIFESTAÇÕES INTERESSANTES

A revista ingleza *Ligth* publicou a resenha de duas manifestações que devem interessar ao leitor ; uma pela prova de identidade, outra pelo ensinamento que encerra.

A primeira, que traz a assignatura do sr. R. A. Whitmore relata o seguinte : «Uma neta desse senhor todas as noites queixa-se que no seu quarto entra uma senhora de edade que passeia de um lado para outro. Ella faz a descripção da apparição. Os parentes procuram persuadil-a que a sua visão não passa de sonho. Mas ella insiste e seus progenitores resolvem pernoitar no quarto «assombrado». De facto a mulher lhes apparece, como apparecia á moça. Fazendo pesquizas elles souberam que outr'ora fallecera n'aquella casa e no quarto «assombrado» uma mulher de edade, cuja descripção coincide com a da apparição».

A outra noticia é do sr. James Slimmling, de Glasgow. Diz elle que numa experiencia de «mesa girante» apresentou-se uma entidade importuna que quiz monopolisar a sessão. Convidou-se a retirar-se, mas ella insistiu movimentando a mesa. Por fim pediu o auxilio dos bons Espiritos. Um delles intervem e recommenda não serem severos para com um infeliz que está insistindo porque tem necessidade de sympathia e de preces.

Segue-se, então, um conselho fraternal e o espirito que perturbava a reunião se acalma, agradece e declara-se reconhecido.

Este facto, como dissemos, encerra grande ensinamento, pois como se vê, com calma e com bondade desapparecem quasi sempre as divergencias que por vezes existem entre as entidades perturbadoras e os experimentadores.

A MEDICINA DA CHINA

The Annales of the American of and Social Science publicou uma série de estudos sociaes e economicos sobre a China, dos quaes é um dedicado á medicina.

O autor, sr. William Cadburg disse que em Canton ha um templo consagrado ao *Espirito da Medicina.*

Ha na China duas especies de medicina: a dos sacerdotes taoistas e a dos medicos propriamente ditos. Tanto uns como outros têm conhecimentos psychicos. Elles dividem o corpo humano em tres partes: a parte superior, ou a cabeça; a parte media, ou o peito; e a parte inferior, ou seja o abdomen e membros inferiores.

Ha dois principios em todas as cousas: o *yang* — principio masculino; e o *yin* — principio feminino. A vida e a saúde dependem do equilibrio destes dois principios. Se o *yang* que é um principio activo predomina, ha excitação; quando predomina o *yin*, que é um principio passivo, ha depressão do organismo.

O *yang* é de uma natureza muito subtil que acha-se no abdomen e nas seis visceras; tem uma tendencia a subir. E o *yin* localisa-se no cerebro, na columna vertebral e em suas cinco visceras, e tende a descer. As onze visceras são: o coração, o figado, os pulmões, o baço, o rim esquerdo, o cerebro, os intestinos grossos e delgados, o estomago, a vesicula biliar e o rim direito.

Duas substancias circulam no corpo: o gaz (fluido nervoso) e o sangue. O primeiro actúa sobre o segundo como o vento sobre o mar; a intercessão destes dois fluidos nos vasos produz o pulso.

O exame do pulso é muito importante na medicina chineza e se distingue segundo o dedo com que se toma e segundo a parte do corpo que tambem é auscultada. Ha 34 principaes variedades do pulso, das quaes 27 prognosticam a morte.

Os medicos chinezes examinam tambem os olhos que consideram como indicadores do estado do figado; o rosto e a lingua que variam conforme o estado do coração; a extremidade do nariz, que está em correspondencia com o estomago, ou mais exactamente com o piloro. A ponta do nariz arroxada é um signal quasi certo de inflammação do piloro. Estas indicações provam as bases psychicas dos chinezes no tratamento dos doentes.

INSCRIPÇÃO ESPIRITA

A *Chronique Medicale* publicou o interessante epitaphio de um relojoeiro, cujas expressões denotam uma grande confiança no proseguimento da vida após a morte. A inscripção parece mesmo baseada nos principios espiritas, unicos que nos dão a certeza absoluta da Immortalidade.

A *Chronique Medicale* diz ter transcripto esse epitaphio de um jornal de 1858, que, a seu turno, copiou de uma inscripção no cemiterio de Dydford, perto de Dartmour:

— «Aqui jaz em *posição horisontal* o corpo de George Roukeigh, relojoeiro, cujo talento honrou a profissão. A integridade foi o *movel* principal da sua vida, e a prudencia o *regulador* das suas acções. Todos os seus *movimentos* eram bem regulados não dando elle motivo dos não iniciados se apoderarem da *chave* de sua conducta. Sabia tão bem dispôr o seu tempo que as *suas horas* deslizavam num *mostruario* perpetuo de prazer e de doçura, até esse *minuto* fatal em que terminou a sua existencia. Elle morreu com a edade de 57 annos, com a esperança de bem se apresentar ao Creador e de se encontrar *reparado e renovado* na eternidade.»

E'cos e Noticias

«Es usted Espiritista ? Pues suscribase a esta Revista y haga que otros también se suscriban.

Esta Revista necesita la cooperación de todos para su sostenimento.»

Este appello extrahimos da *Fraternidad*, revista mensal espiritista, que se publica em San Juan, Puerto Rico, sob a competente direcção da escriptora D. Rosario Bellber González. Elle representa, em resumo os appellos que, como dissemos no numero passado, todas as revistas extrangeiras estão fazendo aos espiritas para que o maior de todos os elementos de propaganda, que é a imprensa, se possa manter e ampliar o seu campo de acção para o erguimento do mais nobre e elevado de todos os ideaes, que é o Espiritismo.

A imprensa é, de facto, o mais imprescindivel elemento para o triumpho do Espiritismo. Emquanto os nossos confrades não se convencerem desta verdade, os centros e associações hão de ser perseguidos e repudiados pelos ignorantes, pelas autoridades prepotentes, pelos fanaticos que, em numero ainda muito grande devido a ignorancia em que se acha a nossa humanidade, desconhecem os mais comesinhos principios da Religião e da Verdade.

Balmes dizia que a imprensa é uma palavra de nova especie, é uma lingua que se distingue da lingua commum em falar mais alto, em se fazer ouvir d'um grande numero de ouvintes, em retumbar no mundo com mais força e rapidez, em se perpetuar, finalmente, d'um modo mais fixo e indelevel.

O que seria da Biblia, dos Evangelhos, e mesmo das obras de Homero, de Virgilio, de Tasso, de Mozart, de Miguel Angelo, de Rafael, se não fosse a imprensa ?

A influencia da imprensa na sociedade, na politica, na sciencia, na litteratura, nas bellas artes tem produzido um effeito verdadeiramente maravilhoso. E' como o sol que alumia, fecunda e embelleza a terra ; se é verdade que este ás vezes queima os campos, sua acção não pode deixar de ser providencial, pois os seus raios beneficos seccam os pantanos e destroem os microbios que produzem a desolação e a morte.

A imprensa espirita é o poderoso vehiculo do pensamento divino ; é o medium por excellencia que faz brilhar nos lares a estrella da verdadeira Religião, e accende nas intelligencias o archote das tradições universaes, da critica, da historia, da chronologia, da philosophia, da sciencia ; é o magnifico baluarte da Religião de Christo, baluarte inexpugnavel aos odios e ás invectivas dos inimigos da Verdade.

Secundando o appello da «*Fraternidad*» desejamos que os nossos confrades brasileiros e extrangeiros se compenetrando dos deveres que lhes cumpre desempenhar auxiliando a imprensa se esforcem para a sua manutenção e diffusão, concorrendo assim para uma acção mais rapida de propaganda de todos os ensinamentos divinos.

FRANÇA

A propaganda a favor dos animaes se intensifica de um modo admiravel na França. Dentre um punhado de obreiros que cuidam dessa obra bemfeitora, se distingue a intelligente psychista D. Carita Borderiux, já bem conhecida dos nossos leitores pelos seus trabalhos e conferencias com o seu intelligente alumno Zou—o cão sabio. Nos consideramos felizes em fazer repercussão desses movimentos no nosso paiz, onde os animaes ainda são tratados como se não tivessem alma. Nesse sentido recebemos da distincta directora da *Psychica* — Revue Scientifique du Psychisme, uma carta applaudindo a nossa acção, cujo trecho agradecidos transcrevemos :

«Meu Caro Confrade

Tenho em mãos a sua revista com

um bello artigo consagrado a *Zou*, e que vós julgastes por bem illustral-o.

Esperamos que elle chamará a attenção dos vossos compatriotas para esta nova psychologia animal, da qual nascerá o sentimento da mais profunda compaixão para os nossos irmãos inferiores.

Sinto de não ter podido escrever para a vossa Revista um artigo sobre tal assumpto, mas os grandes affazeres que tenho em varias repartições além das excursões que tenho feito com *Zou* para conferencias absorvem todo o meu tempo.

. . . .

Vós podeis reproduzir da Psychica todos os artigos que vos agradem, mencionando a revista e o signatario.

Acceitae, meu Caro Confrade, os agradecimentos de Zou e os meus melhores sentimentos e votos para o successo do Espiritismo e de seus interpretes no anno de 1927 !

Carita Borderieux»

PARIS

O sr. Melusson, vice presidente da *Union Spirite Française* e presidente da *Societé d'Etudes Psychiques de Lyon*, fez na *Maison des Spirites* uma conferencia a ‹Belleza e a evidencia do Espiritismo›. Os assistentes que enchiam o vasto salão acolherem as palavras do orador com enthusiasmo. M. Melusson, que é um espirita profundo, dissertou com grande maestria enumerando uma serie de factos que fundamentam a grande Doutrina.

TARARE

Esta cidade industrial foi visitada pelos propagandistas srs. Malosse e Thibaud, que realisaram no theatro, offerecido pela municipalidade duas conferencias espiritas. Apezar da lucta que o clero lhes moveu, prohibindo aos fieis ouvirem a palavra espirita, a assistencia foi numerosissima, distribuindo por fim os conferencistas livros e folhetos de propaganda.

AMPLEPUIS

Pela primeira vez esta cidade foi visitada por conferencistas espiritas. A municipalidade pôz seu salão de honra á disposição dos srs. Malosse e Thibaut, que ahi fizeram conferencias espiritas:

MARSEILLE

O sr. Melusson fez uma conferencia nesta cidade, tendo sido apresentado ao auditorio pelo sr. Ferron professor do Liceu, encarregado de presidir a reunião. O orador abordou o Espiritismo em suas faces philosophica e logica, mathematica e scientifica. O auditorio impressionado applaudiu calorosamente o provecto orador.

⁂

A *Revue Spirite* salienta as virtudes do Peyotl, cuja influencia no sentido psychico se está salientando. Noutra pagina, a *Revue* recommenda aos seus leitores o estudo da obra ‹Instrucção Pratica sobre as manifestações Espiritas›, cuja edicção franceza está em circulação, tendo servido esta para a traducção portugueza que O Clarim, á seu turno, acaba de fazer sahir do prélo.

⁂

Léon Dénis, com o titulo «prophecia realisada› publicou a noticia que segue, digna de divulgação :

—«Na ‹Revue Spirite› de novembro de 1923, pag. 491, vinha inserta uma mensagem espirita assim concebida : — ‹Creio poder affirmar que a primeira descoberta que se verificou em nossa terra estará ligada a theoria das ondas hertzianas, tendo como resultado varios phenomenos que vos farão entrever experimentalmente as modalidades da transmissão possivel relacionadas com a vida no espaço e a lei geral das correntes que alimentam a vida universal.

Na França e na Inglaterra sabios, por nós inspirados, trabalham em silencio com o fim de extrahir das ondas uma nova força a qual, semelhante aos raios X, será dotada de extraordinario poder, que revolucionará todos os nossos processos de locomoção.

Ora, o ‹Matin›, de 3 de outubro, insere, com a assignatura do astronomo Nordman : ‹*Uma descoberta surprehendente. Raios X que caem do céo. Mas ainda* *não se sabe donde provêm esses raios, cuja penetração é extraordinaria.*» Acaba-se de descobrir e demonstrar que dos espaços celestes nos chegam, sem interrupção, raios X de uma penetração extraordinaria. O escriptor faz uma extensa descripção dos processos mediante os quaes foi essa descoberta effectuada.

E accrescenta : «Esses raios provêm do espaço. A acção que exercem não logra ser estorvada por uma lamina de chumbo da espessura de um centimetro, sufficiente para deter os mais penetrantes raios X que se conhecem e que são os do radium. Para os deter, seria necessario uma espessura de cerca de dois metros de chumbo. Assim raios X ultrapenetrantes nos chegam a cada instante e sem empeço dos espaços celestes e atravessam as nossas casas e nossos corpos. E' quasi indubitavel que devem actuar sobre a nossa saude do mesmo modo que sobre o estado da atmosphera. Trata-se de uma descoberta riquissima sem consequencias».

SUISSA

— As Ligas Suissas contra as visecção estão desenvolvendo, com grande successo, grande propaganda desse meio barbaro de estudo applicado pelos medicos materialistas. E' assim que o sr. Martin Blaaubeen, convidado pelo director das Ligas, fez conferencias sobre esse assumpto, em Bâle, Lausanne, Genève, Neufchatel e Zurich, obtendo muitos applausos.

— Em Dezembro, Mme. Carita Borderieux, secundando os esforços das Ligas, devia ter emprehendido uma «tournée», pelas mesmas cidades, com o fim de incutir nos homens de sciencia a piedade pelos animaes indefesos. Mme. Carita far-se-ia acompanhar de seu alumno Zou.

PORTUGAL

Depois da fundação da Federação Espirita Portugueza, parece ter a nossa Causa iniciado uma nova era de progresso no paiz irmão, o que é caso para regosijo.

Assim, aquella novel instituição Federativa, iniciou trabalhos tanto praticos como de propaganda, conseguindo ver augmentadas as suas condições de vitalidade. Muito em breve vae ser difinitivamente instalada num magnifico palacio pertencente a uns titulares que apesar de catholicos o alugaram á Federação sem qualquer trespasse ou augmento de renda. A sua entrada é monumental, podendo dizer-se que é bem digna da Federação, a volta da qual se encontram individualidades de grande destaque social na Republica, como lentes, advogados medicos, antigos ministros, jornalistas etc.

Presentemente está a Direcção respectiva montando a sua organisação nos conselhos do territorio nacional, onde fica representada por Commissões Federativas de Propaganda Espirita.

⁂

Deve aparecer em janeiro proximo a REVISTA DE ESPIRITISMO, orgão da Federação Espirita Portugueza e que será collaborada pelas maiores summidades espiritas portuguezas. O seu programma é o mais completo que se pode calcular tratando muito principalmente do Espiritismo scientifico, e das modernas descobertas e estudos espiritas.

⁂

A União Espirita Algarve levou a effeito em outubro o seu 2.º Congresso regional tendo sido altamente concorrido. A Federação Espirita Portugueza enviou a Faro como seu delegado a esse Congresso, o Dr. Antonio Freire, um dos principaes oradores espiritas de Portugal, que aproveitou o ensejo para fazer conferencias publicas de propaganda em Faro, Olhão, Beja e Portel, tendo colhido magnificos resultados em todas as cidades onde fez conferencias. Em Portel o delirio foi tal que apesar de começar a sua conferencia ás 8 da noite só conseguiu acabar ás 5 da manhã, tal o desenvolvimento que deu á sua conferencia, não se notando uma unica deserção por parte dos ouvintes.

A Federação em face do magnifico resultado das conferencias iniciadas pelo Dr. Antonio Freire, vae levar outras a effeito em diversos pontos do paiz.

⁂

Appareceu agora á venda em Lisboa, tendo obtido grande exito, um livro de Charles Richet, o Mestre da Metaphysica, intitulado «A Porta do Mysterio» que foi traduzido para portuguez pela illustre escriptora D. Virginia de Castro Almeida, a quem Richet confiou a sua publicação em portuguez.

O livro que é muito interessante apresenta se em forma de romance e trata da Lei das reincarnações, sendo esta a primeira lingua em que é publicado. Richet declara no seu «avant propos» que o assumpto do livro será hoje classificado de atrevimento, mas amanhã será de timidez.

⁂

A Federação Espirita Portugueza, adquiriu por 2:000$000 a bibliotheca do fallecido espirita general Passalaqua, que a familia pôz em praça por não seguir as crenças d'aquelle nosso confrade. No numero de livros comprados figuram alguns raros e de valor.

⁂

Anda por cerca de 1.000 o numero de socios que já se inscreveram na Federação Espirita Portugueza desde a sua recente fundação até ao fim de outubro.

Sabemos que neste numero figuram alguns portuguezes residentes no Brasil.

⁂

A revista portugueza «O Espirita» que se publica mensalmente com 32 paginas e uma capa illustrada, e em que colaboram as maiores summidades espiritas portuguezas, acaba de nos communicar que no intento de estreitar mais os laços de fraternidade Luso-Brasileira, resolveu criar assignaturas especiaes para os confrades brasileiros, ao preço de 5$000, quantia esta quasi destinada ao porte do correio.

Como se trata de uma bôa revista, que em Janeiro proximo vae entrar no seu 7.º anno de publicação, não hesitamos recommendal-a aos leitores que poderão remetter aquella quantia em carta registrada á respectiva Administração d'O Espirita— Avenida da Republica, n.º 8 — 1.º— Barreiro — Portugal.

Do Correspondente.

⁂

NOTA DA REDACÇÃO: "*A Revista Internacional do Espiritismo*", com o intuito de corresponder as provas de sympathia dos confrades portuguezes aos brasileiros, resolveu fazer tambem um preço especial para as assignaturas dos confrades portuguezes, durante o presente anno. Em vez de 40$ para assignaturas registradas, cobraremos 20$, a metade, e simples em vez de 30$, cobraremos 15$. Os interessados podem enviar as importancias em cartas registradas, á Administração da Revista, — Mattão — E. de S. Paulo — Brasil.

INGLATERRA

Os espiritas inglezes continuam em grande actividade

Discute-se muito na Inglaterra, depois da morte de Houdini, a probabilidade de ter tido estes dons sobrenaturaes, com o auxilio dos quaes realisava prodigios. Aquelles que creem nesta hypothese, dizem que só por meios psychicos poderia o famoso illusionista escapar dos logares onde era encerrado, inclusive sua famosa «camara submarina»; só o phenomeno de desmaterialisação poderá explicar esse facto.

⁂

No livro «*Au Revoir, not Good bye*», apparecido ultimamente na Inglaterra, cujo autor é Mr. Walter Appleyard, juiz de paz e Lord Maior da cidade de Sheffield, narra, entre outras manifestações, as experiencias com uma senhora distincta, notavel medium de «vozes directas.» Nessa epoca a esposa do sr. W. Appleyard se manifestou por intermedio de sua amiga, medium, conversando com o mesmo tom de voz que tinha em vida e dando provas admiraveis de identificação pessoal.

PORTO RICO

O Espiritismo em Porto Rico está estendendo a sua acção por toda a ilha. Todos os dias surgem novos centros e novos proselytos testemunham publicamente a sua sympathia na excellente doutrina da redempção.

⁂

Em Arecibo, rua Ariosto Cruz foi constituindo o Centro «Filhos do Dever», cuja directoria já está em acção.

⁂

O sr. Luis S. Sanchez publicou um bem fundamentado artigo sobre o ciclone de S. Bernardo, cujas consequencias espirituaes redundarão para o bem geral da população de Porto Rico.

⁂

D. Rosario Bellber González continua expendendo esforços para a diffusão espirita pela palavra e pela imprensa.

ARGENTINA

O festival em favor do Asylo «Primer Centenario» foi um verdadeiro successo, cujo resultado pecuniario muito favoreceu os asylados.

⁂

Acha-se na direcção da «Constancia» por motivo de molestia do Dr. Cosme Marino, o sr. Francisco Durand.

⁂

O sr. Carlos Chiesa fez no salão do Centro «Benjamin Franklin» uma conferencia sobre o thema: «Philosophia e Acção Espirita."

⁂

Está tendo enorme sahida a importante obra «Os Mortos Vivem», escripta em allemão pelo sr. Hinrich Ohlháver, e traduzida agora em hespanhol pela Livraria Révalo.

A edição allemã exgotou um milhão de exemplares.

URUGUAY

O Espiritismo no Uruguay continúa a sua acção libertadora.

Em Montevidéo o Centro «Luz de la Nueva Era» trabalha activamente na diffusão dos principios espiritas.

Está circulando na Capital e interior a «Alma», sob a direcção do propagandista sr. Pedro L. Bersetche.

VENEZUELA

Em Caracas acaba de ser fundado um periodico, cujo programma essencialmente espirita, é diffundir os principios immortalistas proclamados por Allan-Kardec.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Em todas as associações espiritas do Brasil festejou-se condignamente o Natal.

A nota dominante do mez é o Natal, o Natal da Humildade, o Natal da Caridade, o Natal da Sabedoria, o Natal da proclamação do reinado do Espirito.

Os ensinos espiritas sobre o Natal e a Paixão têm feito tal successo no nosso paiz, que até as associações leigas e os adeptos do Catholicismo de Roma vão já se utilisando dessas festas de caridade, para beneficiarem seus pobres.

Não ha duvida que a Palavra do Christo, mais do que em qualquer outro paiz, já vai dominando as massas sedentas de justiça e de verdade.

Praza aos céos que os Espiritos Mensageiros da Revelação Nova accentuem sua obra bemfeitora e que o anno que entrou se faça sentir pelas beneficas influencias do Amor de que tanto carece o nosso planeta.

Conferencias

Fizeram conferencias durante o mez os srs: Ignacio Bittencourt, Dr. Guillon Ribeiro, Pedro Camargo, Giaccomo De Bernardo, D. Aura Celeste, Dr. Luiz Barreto, Dr. Carlos Imbassahy, Arthur Machado, Sebastião Mello Baptista, Manuel Quintão, capm. Aristoteles Faria Castro, D. Martha Justina, Leopoldo Cirne, Prof. Joaquim Gasparino e Dr. Sousa Ribeiro.

Factos Espiritas

«O Momento», jornal de S. Carlos, noticiou a existencia de uma «casa assombrada», naquella cidade, tal como se vai ler e noticiamos com as devidas reservas, deixando de lado os commentarios sem intelligencia do noticiarista.

Eis o trecho da noticia:

Casa assombrada

Ante-hontem á noite, occorreu nesta cidade, um caso que, a serem verdadeiras as circumstancias com que foi rodeado, tem os caracteristicos de phenomenal.

Em poucas palavras vamos narrar quanto apurou a nossa reportagem:

No predio n. 48, da rua Riachuelo, reside, ha algum tempo, o sr. Francisco Baptista, vulgo «Chico Peixeiro», homem pobre, porem honesto e trabalhador.

Ante-hontem, cerca de 18 horas, estavam o snr. Baptista e todos os membros de sua familia reunidos em casa, aguardando a hora do jantar, quando começaram a entrar, pela porta da sala da frente, atiradas de fóra, innumeras pedras, pedaços de ferro, tijollos, etc.

Alarmadas, as pessôas da casa procuraram nos terrenos adjacentes onde estaria escondido o autor da brincadeira e todas as pesquizas foram infructiferas. Entretanto, as pedras continuavam a cahir sem cessar.

Tentando impedir a continuação daquillo, o sr. Baptista fechou a porta. Os projectis mudaram de caminho, vindo agora pela janella da rua. Entretanto, innumeros curiosos attrahidos pelo barulho e estacionados á frente do predio não percebiam a entrada de taes objectos!

Finalmente, quando já a rua Riachuelo estava litteralmente cheia de curiosos, o facto extraordinario cessou.

Eram 20 horas. Durou, portanto, duas boas horas a exquisita brincadeira, que deixou alarmadas todas as pessoas que a presenciaram.

Agora, perguntamos, a que attribuir o caso extraordinario?

Conforme soubemos no predio n. 38 da rua Riachuelo, foram feitas cuidadosas pesquizas para ver de onde partiam as pedras, nada sendo possivel apurar. Nos arredores, nos quintaes, etc., não havia ninguem.

Sonho premonitorio

A Exma. Sra D. Clelia Rocha, directora do Azylo Amalia Franco, de S. Manuel, narra assim a noticia de sonho premonitorio, que julgamos de utilidade a divulgação, visto a confiança que nos merece a missivista:

«...Meu chauffeur Humberto Joly foi victima de um desastre de automovel, tendo que permanecer no hospital uns quarenta dias.

Esse acontecimento que veio ferir o meu empregado elle viu em sonho, tal como se deu, na noite de 23 para 24. Narrou-me o seu sonho pela manhã e partiu ao meio dia para Araraquara, levando o caminhão com o resto da minha bagagem. Nesse mesmo dia 24, ás 4 horas, perto de Descalvado, tombou o caminhão quebrando-lhe a perna.»

Écos de propaganda

Continuam em actividade todas as associações cariocas.

O nosso confrade José Tosta, fervoroso propagandista e escriptor espirita tem mantido com rara dedicação a Secção Espirita da Gazeta de Noticias, não só salientando factos que fundamentam a theoria espirita, como interpretando-os de accordo com os ensinos kardecistas de que é fervoroso apostolo.

⁂

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, elegeu a sua nova directoria que ficou assim constituida : pres. Mario Mattos Santos ; vice, Leonel de Oliveira; 1.o sec. Olavo O. Bueno ; 2.o Pedro Martins Dias Pereira ; 1.o thes. João Antunes Pinto ; 2.o thes. Pedro Antero dos Santos.

⁂

O Centro Espirita Fraternidade, é um dos nucleos brasileiros que mais se tem distinguido no trabalho de propaganda. Semanalmente esta sociedade realisa conferencias publicas em que varios oradores expõem com clareza os principios fundamentaes da Nova Revelação, sendo distribuido aos assistentes O Clarim, popular semanario de grande circulação por todos os Estados brasileiros.

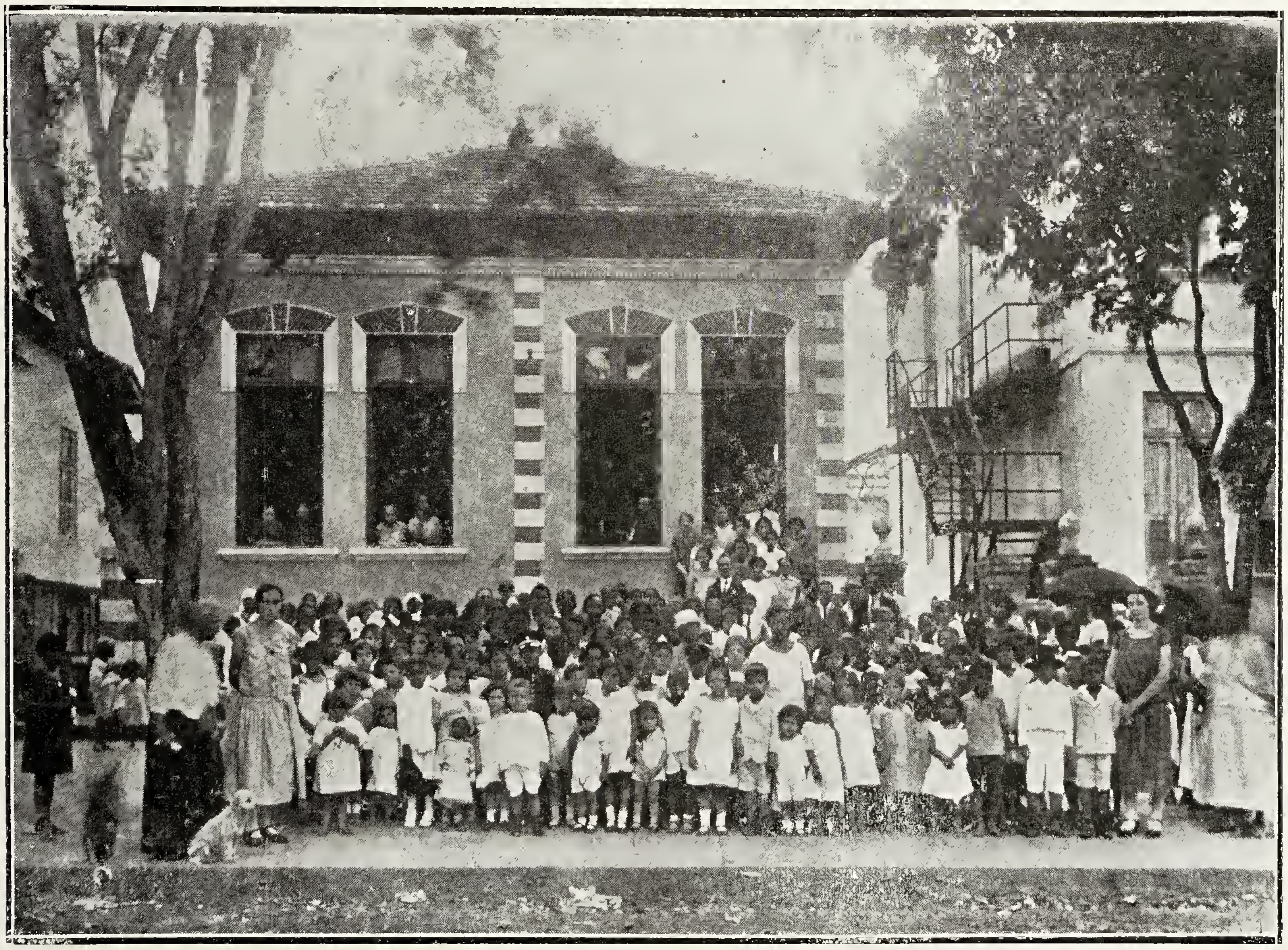

O Natal no Centro Fraternidade de Marechal Hermes — Rio de Janeiro

A gravura que damos acima representa o Natal no Centro Fraternidade, de Marechal Hermes, onde affluiram os necessitados e as crianças, a quem foram distribuidos donativos, brinquedos e balas.

Após a distribuição seguiu-se a sessão commemorativa do Natal, cabendo a palavra ao nosso confrade Leopoldo Cirne que dissertou largamente sobre o Christianismo e o Espiritismo.

⁂

O Grupo Espirita Filhos da Fé, da rua João Theodoro, 97, S. Paulo commemorou o Natal de Jesus, com uma festa ás crianças pobres, a quem, em numero de 300, foram distribuidos roupas, doces e brinquedos.

Está á frente deste nucleo o nosso confrade Georgino Barroso.

⁂

A União Espirita de Ribeirão Preto festejou o Natal, distribuindo calçados, objectos de uso domestico e *lunch* a 700 crianças pobres.

Essa associação tomou para seu orgão official «O Clarim».

A nova directoria da União ficou assim constituida : pres. João Baptista Oliveira Ramos; vice, Floriano Silva; thes. José Vianna; secr. João Orso; orador, Gustavo Marcondes Zanardine; bibl. Pedro Luciano.

⁂

O Nucleo Espirita Nova Luz, de Campinas, festejou o Natalicio de Jesus, tendo feito larga distribuição de boletins de divulgação da Doutrina.

A' noite houve uma conferencia, na qual tomaram parte os confrades Dr. Souza Ribeiro, Prof. Joaquim Gasparino e João Manuel de Jesus.

⁂

O Centro Amantes da Pobreza commemorou o Natal fazendo larga distribuição de viveres e roupa aos necessitados. O Clarim foi profusamente distribuido em toda a cidade de Mattão. A' noite houve sessão, tendo falado varios oradores sobre o Christianismo e o Espiritismo.

⁂

O Azylo Allan-Kardec, da Franca, teve no ultimo mez, o seguinte movimento: Existiam, 87; entraram, 11; sahiram: curados 6, melhorados 3, fallecido 1, evadido 1. Existem 87, sendo: 42 homens e 45 mulheres.

⁂

A Federação Espirita Brasileira commemorou o Natal, distribuindo generos, roupas e dinheiro aos necessitados, tendo realisado á noite uma sessão solemne em que tomaram parte os directores dessa sociedade. A concorrencia foi grande.

⁂

A União Espirita Suburbana inaugurou o Asylo "Legião do Bem", departamento desta associação, com séde á rua Hermengarda, 13 e 15. Vão ali ficar amparados cerca de vinte velhinhos em condições confortaveis e muito satisfatorias. A União, a seu turno, commemorou o Natalicio de Jesus.

⁂

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul tem trinta e oito sociedades federadas naquelle Estado.

Revista Internacional do Espiritismo

Terminando com este numero as assignaturas annuaes desta Revista, pedimos aos nossos prezados assignantes providenciarem na reforma de suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na recepção da mesma.

Tratando-se de uma publicação dispendiosa, mas de grande alcance para o realce do Espiritismo, esperamos que todos os nossos amigos se esforcem para o augmento da nossa tiragem e diffusão da Revista em todo o territorio brasileiro.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO 2.o ANNO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1926 a Janeiro de 1927)

N. 1 — FEVEREIRO DE 1926

		Pag.
Um anno de lucta	*Redacção*	1
A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	3
Doutrina Evolucionista	*Dr. Martins Velho*	5
Pela defesa da alma	*Ernesto Bozzano*	6
Pondo os pontos nos ii	«	9
Palavras de um poeta	*Gerald Massey*	9
Um grande Apostolo	*Redacção*	10
Contribuição para o estudo das materialisações	*Dr. José Venzano*	13
Materia e Movimento	*William Crookes*	16
Uma obra de valor	*Redacção*	17
Chronica Extrangeira	«	26
E'cos e Noticias	«	30
Espiritismo no Brasil	«	32
Notas Diversas	«	36

N. 2 — MARÇO DE 1926

A theoria espirita e os phenomenos psychicos	*Redacção*	47
A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	39
Sciencia Religiosa	*Leopoldo Cirne*	41
As leis superiores e a Obra Divina	*L. Denis*	43
G. Fabius Champville	*Redacção*	44
O sonho telepathico de Garibaldi	«	46
Contribuição para o estudo das materialisações	*Dr. José Venzano*	47
As Experiencias do Dr. Ochorowicz	*Redacção*	51
Chronica Extrangeira	«	50
E'cos e Noticias	«	61
Espiritismo no Brasil	«	64
Notas Diversas	«	68

N. 3 — ABRIL DE 1926

A Theoria Espirita	*Redacção*	99
A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	71
Remontando as Origens	*Ernesto Bozzano*	73
Contribuição para o estudo das materialisações	*José Venzano*	76
Deducção Espirita	*E. Sargent*	79
As sessões do medium Carancini	*Redacção*	80
Espiritismo e Immortalidade	*Gabriel Delanne*	86
O Phantasma de 1816	*Redacção*	87
Chronica Extrangeira	«	89

E'cos e Noticias	*Redacção*	92
Espiritismo no Brasil	«	96
Notas Diversas	«	99
Gabriel Delanne.	«	100

N. 4 — MAIO DE 1926

As idéas innatas	*Redacção*	101
Os Mysterios da Personalidade	*L. Denis*	102
A Immortalidade da alma	*Souza Ribeiro*	103
A «Fantasia Funebre» de Schumann	*Redacção*	105
Gabriel Delanne	«	106
Remontando as Origens	*Ernesto Bozzano*	113
O Apostolado da Sciencia	*P. Gibier*	118
Photographias Espiritas	*Redacção*	119
Os homens de Genio	«	123
Chronica Extrangeira	«	124
E'cos e Noticias	«	127
Espiritismo no Brasil	«	129

N. 5 — JUNHO DE 1926

A Revelação Espirita	*Redacção*	133
Ouçamos os mortos	*Gabriel Delanne*	135
A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	136
Espiritismo e Materialismo	*A. Conte*	138
Aprender e desaprender		141
Contribuição para o estudo das materialisações	*Dr. José Venzano*	142
O Espiritismo e a Sciencia	*Allan Kardec*	144
Remontando as Origens	*Ernesto Bozzano*	145
O Milagre de São Januario	*Marcel Mangin*	148
Chronica Extrangeira	*Redacção*	155
E'cos e Noticias	«	159
Espiritismo no Brasil	«	162
Bibliographia	«	164

N. 6 — JULHO DE 1926

A Idéa da Sobrevivencia	*Redacção*	165
Não se morre	*L. Chevreuil*	166
A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	167
Remontando as Origens	*Ernesto Bozzano*	169
Vida e Amor	*Cairbar Schutel*	173
Adolpho Bezerra de Menezes	*Anna Celeste*	175
O Milagre de São Januario	*Marcel Mangin*	177
Apparição historica na Suecia		183
O Fantasma do Dr. Mack	*Redacção*	184
Contribuição para o estudo das materialisações	*José Venzano*	185
A perspectiva do futuro e o Espiritismo	*Allan Kardec*	187
Chronica Extrangeira	*Redacção*	189
E'cos e Noticias	«	193
Espiritismo no Brasil	«	198

N. 7 — AGOSTO DE 1926

Os Testemunhos da Sobrevivencia	*Redacção*	201

A Immortalidade da Alma	*Souza Ribeiro*	203
A Verdadeira Religião	*Paul Bodier*	205
Uma prova «a priori» da existencia da alma	*A. Conte*	206
Evolução e Felicidade	*Bezerra de Menezes*	108
Vida e Amor	*Cairbar Schutel*	209
Um grande Medium	*Redacção*	211
A visão de Lord Eskine		214
Na Terra — A Vida do Além	«	215
A Volta de Oscar Wilde	*Ernesto Bozzano*	218
Chronica Extrangeira	*Redacção*	221
E'cos e Noticias	«	224
Espiritismo no Brasil	«	228
Bibliographia	«	232
Notas Diversas	«	232

N. 8 — SETEMBRO DE 1926

A Telepathia e as manifestações espiritas	*Redacção*	233
Acção dos mortos sobre os vivos	*Soeza Ribeiro*	235
Sabedoria	*Leopoldo Cirne*	237
A Volta de Oscar Wilde	*Ernesto Bozzano*	239
Uma apparição historica		242
Os phenomenos dictos de materialisação	*Redacção*	243
Contribuição para o estudo das materialisações	*Dr. José Venzano*	247
Uma prova consoladora	*Redacção*	250
Algumas experiencias com o medium Home		252
Chronica Extrangeira	«	253
E'cos e Noticias	«	257
Espiritismo no Brasil	«	261
Notas Diversas	«	264

N. 9 — OUTUBRO DE 1926

Os phenomenos mediumnicos e a Sobrevivencia	*Redacção*	265
Acção dos mortos sobre os vivos	*Souza Ribeiro*	267
No dia do Espiritismo	*Leopoldo Cirne*	269
Inicio do moderno Espiritismo	*Redacção*	271
A Volta de Oscar Wilde	*Ernesto Bozzano*	276
Mme Ruffina Noeggerath	*Redacção*	280
Contribuição para o estudo das materialisações	*Dr. José Venzano*	284
Chronica Extrangeira	*Redacção*	286
E'cos e Noticias	«	290
Espiritismo no Brasil	«	294
Jeronymo Ribeiro	«	296

N. 10 — NOVEMBRO DE 1926

Natureza positiva do Espirito	REDACÇÃO	299
Acção dos mortos sobre os vivos	SOUZA RIBEIRO	300
Sir Alfred Russel Wallace	REDACÇÃO	602
A Volta de Oscar Wilde	ERNESTO BOZZANO	305
Abbade Joseph A. Petit	REDACÇÃO	308
O Inferno	CAMILLE FLAMMARION	310
Zou — O Cão Sabio	REDACÇÃO	311
Um trecho de Pythagoras	PYTHAGORAS	315
Garibaldi e o Espiritismo	REDACÇÃO	316

Uma Aventura de Rechepin	*Redacção*	316
Chronica Extrangeira	«	317
E'cos e Noticias	«	320
Espiritismo no Brasil	«	323
Vianna de Carvalho	«	326
Bibliographia	«	327
Notas Diversas	«	328

N. 11 — DEZEMBRO DE 1926

O exame dos factos e as theorias preconcebidas	*Redacção*	330
Acção dos mortos sobre os vivos . . .	*Souza Ribeiro*	331
Quem é esse homem ?	*N. Bolet Peraza*	333
O Grande Reformador	*Bartholomeu dos Martyres*	334
Cryptesthesia e Sobrevivencia	*Ernesto Bozzano*	335
A Memoria e o Perispirito	*Gabriel Delanne*	338
Emmanuel Vauchez	*Redacção*	339
O Espiritismo e suas consequencias . . .	*Allan Kardec*	340
Os cavallos d'Elberfeld	*Redacção*	341
Contribuição para o estudo das materialisações .	*Dr. José Venzano*	343
A Anestesia e o Principio Animico . . .	*Redacção*	348
Chronica Extrangeira	«	349
E'cos e Noticias	«	354
Espiritismo no Brasil	«	358

N. 12 — JANEIRO DE 1927

Synthese das demonstrações Immortalistas . .	*Redacção*	361
Acção dos mortos sobre os vivos . . .	*Souza Ribeiro*	363
Cryptesthesia e Sobrevivencia	*Ernesto Bozzano*	365
A Vida Psychica e suas manifestações . .	*Gabriel Delanne*	368
Laurent de Faget	*Redacção*	369
William Crookes e Katie King	«	370
Photographias Espiritas	«	374
Historias de Phantasmas	*Dr. Robert Marck Wenley*	376
Contribuição para o estudo das materialisações .	*Dr. José Venzano*	378
Chronica Extrangeira	*Redacção*	381
E'cos e Noticias	«	385
Espiritismo no Brasil	«	389

8931CL PA 812
02-06-07 32180 XI HF Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 13 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3715unse

Anno 3, 7, 1927

LAP

15-8-27

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

ANNO 3 - BRASIL - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Agosto de 1927-NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

O SOBRENATURAL E O PRINCIPIO ANIMICO

As religiões tem assentado a sua base no sobrenatural, confundindo assim o *principio espiritual* com o maravilhoso, e transviando a crença na immutabilidade das leis divinas, que se manifestam com admiravel sabedoria em tudo quanto vive, desde a fructificação das plantas, da flôr que desabrocha, ás creaturas por mais superiores que sejam e na providencia da razão de cada uma.

Mas nenhuma necessidade tem a religião, do sobrenatural. Elle só tem servido até aqui para distrahir a attenção dos pensadores e desorientar os estudiosos que achando-se em face de manifestações extranhas relegam-n'as para o terreno da metaphysica.

No sommatorio de provas que tornam todos os dias mais volumosos os Annaes do Espiritismo, encontram-se reproducções de factos d'ordem psychica que relegados pelas religiões e até pelas sciencias para o dominio do sobrenatural, seriam mais que sufficientes, após meticulosa observação e criterioso estudo, para garantir a existencia da alma e sua consequente sobrevivencia á morte do corpo.

Entretanto enclausurados no *index* do maravilhoso e do sobrenatural, não tem elles servido senão para dar um fragil apoio ás philosophias especulativas que não têm a sancção da razão nem do coração.

O Espiritismo discordando amplamente de todos os processos empregados para esclarecer aos homens a idéa da divindade, vem lhe dar uma base mais solida que os milagres, cujo fundamento inamovivel dentro de pouco tempo a propria sciencia virá sanccionar.

Revelando ao mundo novas leis e explicando os phenomenos que são da alçada dessas leis, phenomenos que se prendem á existencia dos Espiritos, elle nos offerece a chave de uma multidão de cousas inexplicadas e inexplicaveis por qualquer outro meio, e que passaram e passam por prodigios.

Os theologos não viram nesses factos, que se tem verificado em todos os tempos, mais do que os effeitos, ao passo que reveladas, como foram as leis que regem esses phenomenos, elles entraram na ordem das cousas naturaes, salientando assim o verdadeiro caracter demonstrativo da sobrevivencia.

De modo que, os factos authenticos chamados sobrenaturaes, até mesmo os que se verificaram antes do apparecimento do Espiritismo e que occorrem não só no seio das aggremiações religiosas, como em toda a parte, têm sua explicação nas novas leis que o Espiritismo veio revelar; entram na ordem dos phenomenos espiritas e animicos e exclarecem, em suas positivas manifestações, sobre a essencia intima do espirito e sua real existencia.

Foi esta a grande missão de Allan-Kardec, em sua magnifica coodificação dos «Ensinos dos Espiritos»: demonstrar a existencia do mundo espiritual e suas relações com o mundo material e revelar as leis que regem esses phenomenos, leis de todos os tempos, mas de alguma sorte tidas como lettras mortas sem proveito para a humanidade.

Mas a Revelação Espirita não se limita a estes principios, aliás fundamentaes da sua doutrina; ella apresenta ainda um caracter bem saliente e notorio que é o de aconselhar o exercicio do entendimento e do livre-arbitrio no trabalho da observação e da pesquiza, visto não exercer dominio sobre quem quer que seja e nem impôr a passividade do homem em face dos factos que põe sob seus olhos e das instrucções que dá para o estudo criterioso não só dos phenomenos, como da philosophia nova que proclama.

O Espiritismo procede exactamente como as sciencias positivas, aconselhando o methodo experimental e racional, afim de que o observador intelligente remontando dos effeitos ás causas, tire as suas conclusões *á posteriori* sob os dictames da razão esclarecida.

E' assim que conhecido o escopo do Espiritismo, seus principios, o papel predominante que elle exerce sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos, uma modificação profunda realisar-se-á nos costumes, no caracter, nos habitos e crenças que tão grande influencia tem sobre as relações sociaes. (1)

Em uma palavra, sendo a Immortalidade a base principal de toda a Sciencia e de toda a Religião, e a seu turno baseando-se o progresso humano nestes dois factores da intelligencia, não é logico nem racional substituir-se o *principio espiritual* e os *factos* que delle decorrem pelo *sobrenatural*, cuja accepção clara da palavra impede toda e qualquer pesquiza mantendo o homem na ignorancia da sua individualidade e dos destinos que o esperam.

---

(1) Genesis, de Allan-Kardec.

O SER HUMANO

Espirito, força e materia tal é o caracter complexo do ser humano em quem se reunem todos os elementos constitutivos, todas as potencias do Universo. Tudo o que está em nós, está no Universo e tudo o que está no Universo encontra-se em nós. Pelo corpo fluidico e pelo corpo material, o homem acha-se ligado á immensa teia da vida universal; pela alma a todos os mundos invisiveis e divinos. Nós somos feitos de sombra e luz; somos a carne com todas as suas fraquezas, e o espirito com as suas riquezas latentes, as suas esperanças radiosas, os seus surtos grandiosos. Cada alma humana é a projecção do grande Fóco Eterno, e é isso que consagra e assegura a fraternidade dos homens.

LEON DENIS

Acção dos mortos sobre os vivos

Obsessão

—XII—

A medicina official não cura loucos e a prova disto temol-a no facto de se acharem completamente repletos todos os hospicios, todas as casas de saude e mais ainda os presidios de todas as municipalidades.

Esquiros, medico de loucos, vangloriava-se de ter dissecado 3.000 loucos, prova esta de que, apezar de ser um especialista, não os poude curar. Ella sempre foi impotente para curar estes pobres infelizes, isto porque desconhece a existencia e immortalidade da alma, bem como a sua acção sobre os seres vivos.

E os alienistas que não são da escola materialista, os que crêem na alma, ou são catholicos ou são protestantes, de forma que para elles as almas dos mortos estão no céo ou no inferno, de onde não podem sahir, *lugares* para elles muito distantes da superficie da terra, onde vivemos.

Não lêem as Escripturas e os que o fazem, como os protestantes, passam por cima d'ellas como gatos por cima de brazas...

Se a loucura e muitas outras molestias podem ser de fonte espiritual, é logico que devem ser tratadas de modo espiritual e por quem seja espiritual e conheça a acção dos mortos sobre os vivos e os meios de afastar esta causa.

Para exemplo do que affirmamos, veja-se a seguinte passagem do Evangelho, colhida entre muitas que lá estão :

Jesus vendo junto ao tanque de Bethsaida um paralytico que ha 38 annos se achava preso á cama, pergunta-lhe se quer sarar e diz-lhe :

«Levanta-te, toma a tua cama e anda. »

E o homem logo ficou são, tomou a sua cama e partiu. Depois disto, o Mestre o encontrou no templo e lhe disse estas memoraveis e bem caracteristicas palavras :

«Eis que já estás são ; não peques mais para que te não succeda cousa peor.»

Aqui, pois, Jesus affirma que os nossos males são de origem espiritual, são effeitos das nossas faltas (quer do passado, desta ou de outras vidas anteriores.)

O paralytico de Bethsaida não era um velho, mas um homem que soffria, havia 38 annos. Logo os seus soffrimentos tinham raizes na vida anterior, como os das crianças que já nascem paralyticas ou sob a acção de um cortejo de enfermidades. Os materialistas desconhecendo ser a alma do homem o principio organisador do proprio corpo physico e que n'elle age produzindo todas as funcções, como causa d'ellas, e sobrevivendo ao mesmo, não podem acceitar a evolução animica, e a alma tambem nos animaes e por isso, a pretexto de «experiencias scientificas» tem chegado a crueldade inutil das dissecções, vivisecções e inoculações, feitas nos pobres animaes, creaturas de Deus, e aos quaes devemos tambem dispensar sentimentos de amor e piedade, e os tem, assim, arrastado ao supplicio, aos mais crueis soffrimentos.

O Dr. Poor, por exemplo, gabava-se de ter feito «experiencias scientificas» em 3.960 animaes diversos, inoculando, dissecando-os, abrindo-os vivos, para ver o funccionamento dos diversos orgãos, para o seu estudo de physiologia e pathologia ! O proprio homem tem se tornado victima de taes «experiencias» - por parte d'aquelles que se dizem *scientistas*, e que julgam jamais prestarem contas a Deus.

—Nos Est. Unidos, em New York, D.ª Alice Ducthors, moça de 16 annos de idade, ha poucos annos, soffrera a morte por parte de um «scientista» que lhe fez uma injecção experimental.

—Na Allemanha, foram sacrificadas, em um orphanato, 14 crianças, por identico motivo.

Neisser descobre o germen da blenorhagia e diz : «Declaro que, devido as suas consequencias, a blenorrhagia é uma molestia infinitamente mais perigosa que a syphilis.»

Entretanto, apezar de tal declaração tão positiva, para terem á certeza ou quererem demonstrar que o gonococcus era, de facto, o causador d'aquella molestia, Bokhardt, Bumm, Werthein, Gebhardt, Menge, Finger, Hohn, Fraenkel, Kroner e outros muitos, inocularam aquelle germen nos olhos e nas partes genitaes de dezenas de crianças, em homens e mulheres, em doentes de hospitaes, em moribundos e paralyticos, e tambem em pessoas sãs, mas inconscientes dos funestos resultados a tal pratica «scientifica».

O proprio Neisser inoculou uma cultura em um moribundo, pelo que, porém, foi condemnado á multa de 1.000 marcos, pelo tribunal de Breslau, talvez movida pelos parentes do infeliz agonisante.

Quanto á syphilis, Hubenet, Behrensprung, Lindwurm, Rosner, Pioch, Finger, Tarnowsky, Voss, Gué e outros inocularam o puz de cancros, gomas, condilomas, placas mucosas, sangue, etc, para chegarem á conclusão da transmissibilidade da syphilis, sendo que, na phrase de Afranio Peixoto (Medicina Legal) de quem tiramos alguns destes dados—«os animaes de experiencia eram amas de leite, crianças, velhos, doentes, cacheticos, moribundos—».

Um d'estes «experimentadores, louvou-se de ter feito 25 inoculações em pessoas com 17 *explendidas* contaminações!

— Quanto a febre amarella, Reed, Carrall, Agramonte, Lagear, Guiteras, Barrete, Silva, Barros, Parker Beyer e outros muitos, em Havana, S. Paulo e Rio fizeram experimentações no homem com muitas transmissões e alguns casos até fataes.

E' assim que os homens da «sciencia tem tratado o seu semelhante! Faltos por completo do sentimento de amor para com o seu proximo, distanciados profundamente de Deus, que cousa melhor poderão praticar? Como poderão curar aos que soffrem?

SOUZA RIBEIRO.

(*Continúa*)

* * *

SCIENCIA E RELIGIÃO

Muitos creem que a Sciencia e a Religião são antagonicas. Ao contrario, ellas caminham juntas para a Verdade.

A Sciencia dirige-se ao intellecto do homem, a Religião ao sentimento. Intellecto e sentimento são partes essenciaes da mentalidade humana.

O Espiritismo veio erguer uma ponte sobre o falso abysmo e reunir essas duas grandes forças que caminhavam desunidas, apresentando-as sob o duplo aspecto intellectual e sentimental. A parte scientifica pertence aos investigadores psychicos, a parte religiosa satisfaz as aspirações da alma. As formas intellectual e sentimental correspondem ás necessidades do Espirito. Ambas caminham, embora por caminhos differentes para a Verdade; a união do cerebro e do coração terminará o conflicto Sciencia-Religião. Não haverá vencedor nem vencido, porque ambos têm o mesmo alvo e auxiliam o progresso do mundo. Então a Verdade será praticada por todos e a humanidade será singularmente ennobrecida.

M. H. E. HUNT.

FORÇA E MATERIA

No conflicto multisecular que se vem travando entre as hostes pacificas do Bem, chefiadas por Jesus, para a espiritualização da humanidade, e as forças adversas empenhadas em recalcar as aspirações humanas, circumscrevendo-as nas coisas da materia, um dos aspectos mais interessantes, senão o aspecto fundamental que, sobretudo ha meio seculo, reveste esse conflicto, consiste em que não são apenas os homens munidos de cultura e de sentimento religioso que pugnam pela affirmação victoriosa da primeira d'essas duas correntes, mas os proprios scientistas com suas pacientes investigações no dominio transcendente da dupla modalidade sob que se nos apresenta o universo physico, a saber : a materia e a energia. A differença está em possuirem os primeiros uma consciencia definida do objectivo a alcançar, emquanto os ultimos cooperam para esse objectivo de modo inconsciente.

Quando, em meados do seculo passado, Luiz Buchner lançou á publicidade, sob o mesmo titulo que nos serve de epigraphe, o audacioso volume em que, supprimindo a idéa de Deus, pretendia reduzir a vida e suas manifestações á expressão de uma força agindo de concerto com a materia, sem a intervenção divina, mal poderia suspeitar que a sua dialectica e as suas investigações seriam, de certo modo, o ponto de partida, não para o triumpho, que esperava e teve realmente uma existencia ephemera, da escola materialista, de que se constituira chefe na Allemanha, mas para o proseguimento de ulteriores pesquizas que viriam, com Gustavo Le Bon, culminar na affirmativa da incoercivel desmaterialização ou «espiritualização da materia». Tudo isso no dominio puramente scientifico.

Agora, isto é, ha menos de trinta annos, as indagações dos homens de sciencia, conduzidas irrefragavelmente naquella direcção, convergem para a captação da energia intra-atomica, demonstrado como tem sido que a transmutação, por dissociação, ou antes, pela fusão dos atomos, libera quantidades formidades de energia, que poderia ser utilizada em proveito das realizações humanas em as espheras da existencia physica.

Experiencias recentes, feitas por dois sabios allemães, das quaes se occupa o chronista de uma folha diaria e que nos suggeriram estes commentarios, assim o vieram comprovar. Menos comtudo, senão quasi nada, nos interessam as possibilidades scientificas d'aquella utilização, que as deducções philosophicas e seu consentaneo moral a que se prestam.

Resumamos em todo caso os resultados da experimentação :

«Ha poucas semanas — refere o chronista — dois homens de sciencia, allemães, em um dos laboratorios da Universidade de Berlim, introduziram com uma bomba, certa quantidade de gaz hydrogenio em um frasco de vidro que continha um pó escuro. Alguns dias depois retiraram o gaz e notaram nelle uma modificação muito importante. Uma pequena fracção do conteúdo não era hydrogenio: havia-se convertido em outro gaz, em helio.

«A importancia do facto estava em que uma classe de atomos havia-se convertido noutra : os atomos de hydrogenio em atomos de helio. E o mundo scientifico acredita que essa transformação atomica pode ser o primeiro passo para se captar a energia atomica».

Alonga-se em seguida o chronista em descrever a prodigiosa somma de energia que, por esse processo de transmutação dos atomos, seria posta á disposição do homem, assegurando que «uma gotta d'agua convertida em energia atomica produziria tanta força como a electrica que se obtem actualmente das cataratas do Niagara», e depois de assignalar que «ha trinta annos nada se sabia praticamente acerca dos atomos», faz a seguinte instructiva descripção, já de resto recentemente divulgada, dos seus movimentos e processo vibratorio :

«Agora, graças a grande numero de investigações, sabe-se que cada atomo é uma estructura complicada, não muito differente em sua organização do nosso systema solar. O mais simples de todos os atomos conhecidos o de hydrogenio, consiste em duas particulas, uma das quaes gyra ao redor da outra, como nosso globo ao redor do sol.

«O atomo de helio duas particulas em vez de uma, que gyram como planetas. Crê-se que, quando o hydrogenio se converte em helio, como na experiencia de que temos falado, confunde-se em um quatro dos atomos de hydrogenio. Os quatro "sóes" centraes constituem um só e os quatro planetas ficam pela fusão reduzidos a dois».

E, precedendo outras conclusões, assim remata a observação :

«Quando os quatro "sóes" atomicos dos atomos de hydrogenio se confundem em um só, desapparece uma parte da sua materia. Provavelmente transmuta-se em energia. A somma de energia obtida depende da quantidade de materia que desapparece».

Foi sobretudo esta ultima affirmativa que, em todo o exposto, nos prendeu a attenção

Antes, porém, de formularmos os commentarios que suggere, no sentido espiritualista que nos preoccupa, seja-nos licito, a mero titulo de curiosidade, pelo cunho eminentemente instructivo que reveste, reproduzir as seguintes considerações com que termina a chronica :

«Crê-se que em algumas partes do universo gera-se continuamente e em enormes quantidades a energia atomica. São as estrellas, incluindo o nosso sol. Surprehende a constancia com que nosso sol continúa emittindo luz e calor. Apparentemente, emitte luz e calor ha milhões de annos. Se este calor fosse previsto por um meio ordinario, por exemplo, a combustão do carvão de pedra, o sol se consumiria em poucos minutos. A unica fonte que imaginaram os homens de sciencia produza esse enorme calor, é a energia atomica. Antes que os doutores Paneth e Peters lograssem transformar os atomos de hydrogenio em atomos de helio, alguns astronomos suggeriram a idéa de que essa mesma transformação atomica occorre provavelmente no sol e é a fonte do seu calor».

Agora os nossos commentarios.

⁂

«*A somma de energia obtida depende da quantidade de materia que desapparece*».

Levando-se esse raciocinio, fundado na observação, ás suas ultimas consequencias, a conclusão a tirar é que a suppressão absoluta da materia nos conduziria á suprema realidade que se lhe oppõe, isto é, o espirito.

Quão longe nos encontramos assim das concepções do seculo que findou, architectadas em torno d'esse elemento illusorio e negativo, que é a materia, cuja influencia se fazia sentir na propria mentalidade de um pensador genial como era Allan Kardec ! .

A tal ponto, com effeito, se fazia sentir o preconceito das idéas materialistas, concebendo a materia, não já grosseira certamente, mas quintessenciada, como uma realidade indispensavel, que o austero coodificador da philosophia espirita, estabelecendo no *Livro dos Mediums* (cap. IV, *Systemas*) a necessaria distincção entre a alma e o perispirito, ou pelo temor de parecer demasiado metaphysico, indispondo contra as affirmações do novo credo a opinião dos scientistas, saturados de materialismo, que era a corrente preponderante nas camadas intellectuaes, ou porque de facto seu illuminado espirito se não tivesse ainda completamente emancipado d'aquelle erroneo preconceito, chegou a formular a sentença com que remata as seguintes considerações :

«Quanto á natureza intima da alma, nos é desconhecida. Quando se diz que é *immaterial*, devemol-o entender no sentido relativo e não no absoluto, porquanto *a immaterialidade absoluta seria o nada*». (*1*)

Ao contrario. Decorrido pouco mais de meio seculo da coodificação do admiravel monumento doutrinario, que constitue o glorioso renome do seu autor e no qual são felizmente rarissimos e perfeitamente justificaveis hiatos como esse, podemos resolutamente affirmar, baseados nas experimentações dos scientistas, que a *immaterialidade absoluta*, inconcebivel embora para a nossa mente, obscurecida pela presença de materia, é que *é tudo*.

E assim, quando proclamamos que

(*1*) *O gripho é nosso.*

o espirito, exactamente por sua absoluta immaterialidade, é a unica realidade no universo, não passando a materia, desde os seus aspectos mais grosseiros aos mais quintessenciados, de uma illusão e de um estorvo á plenitude expansiva de sua natureza, enunciamos uma verdade irrefragavel, em apoio da qual podemos invocar o testemunho dos homens de sciencia, quando em seus laboratorios verificam que quanto maior fôr a quantidade de materia que desappareça pela transmutação dos atomos, tanto maior é a somma potencial de energia que se obterá.

E se assim é — accrescentemos por nossa parte — nos dominios da natureza physica, nada se oppõe a admittirmos que, nas espheras da espiritualidade a propria imponderabilidade da energia, inapprehensivel em sua natureza intima pela mente humana, ainda é alguma coisa de grosseiro e de objectivo para o elemento vivo, consciente, por excellencia abstracta, — digamos a palavra — que é o proprio espirito.

Por isso diziamos em começo que, na obra de espiritualização da humanidade, em que se acham empenhadas as pacificas hostes do Senhor Jesus, os proprios scientistas com suas experiencias e demonstrações cooperam, posto que de modo inconsciente.

Porque a primeira necessidade que se impõe, é convencer á immensa multidão de fascinados, que correm atraz da materia e de seus funestos gozos, que são victimas de um logro, abandonando a realidade soberana que em cada um reside — principio de vida e de immortalidade — para entregar-se ás seducções de uma miragem, que lhes reserva, pela postergação dos deveres substanciaes que lhes incumbem neste mundo, fataes decepções.

Firmado esse primeiro passo, levada a todos os espiritos a persuação da nossa verdadeira natureza, não apenas immaterial, mas immortal, a que estão, nas espheras superiores do invisivel, reservados gloriosos destinos, o centro de gravitação das aspirações, humanas ter-se-á deslocado das illusões grosseiras d'este mundo para a conquista, por antecipação, d'aquelles mesmos destinos gloriosos.

Não é outro o supremo escopo da Revelação moderna.

Leopoldo Cirne

As Materialisações de Algeria

(Continuação)

DOMINGO 30 DE JULHO

Só para memoria é que faço o relato d'esta sessão, porque foi quasi nulla.

Assistentes e logares os da sessão anterior. Apenas assiste mais Mm. Ninon. Bôa luz. Depois da prece e da mudança de Paulette, que vem sentar-se junto de mim, os mediums entram para o gabinete. Espera-se bastante tempo. Por um instante se distingue o turbante do espirito pela entreabertura superior das cortinas, e uma mão branca, comprida, apparece entre os pannos. Depois as cortinas são afastadas um pouco. Distinguem-se vagarosamente os mediums, mas não a apparição, apesar dos cantos e d'uma espera prolongada e fatigante.

E sem outro incidente, levanta-se a sessão.

TERÇA-FEIRA 1 DE ACOSTO

Sessão nulla. Fez-se a inspecção á sala, são os mesmos assistentes, mas nada se produz, apesar d'uma hora de inutil espectativa.

QUINTA-FEIRA 3 DE AGOSTO

N'esta sessão, tambem Martha é o unico medium, e obtem-se bom resultado.

Inspecção da sala e do gabinete com a senhora ingleza. Os assistentes ficam na ordem seguinte em volta da mesa: M.me e M. Noel, eu, Paulette, Maria e a senhora ingleza.

Leio a prece. M.me Noel sahe um instante. Substitue-se a vela na lanterna e tira-se a tampa superior desta. Vê-se muito bem.

O medium adormece e entra no gabinete.

Paulette vem sentar-se ao meu lado.

Forma-se a cadeia e canta-se.

A espera é de cerca de quinze minutos. Comtudo as cortinas abrem-se por fim, sem que se veja a mão que a impelle. Neste momento vejo o medium meio deitado no *fauteuil*. A mão e o braço direitos são distinctamente visiveis. A cabeça fica occulta pela cortina da direita. O medium tem um corpete branco e uma saia preta. N'este instante, agitam-se atraz d'elle uns veus, parecendo-me amarello. Canta-se ainda cinco vezes em côro. As cortinas continuam abertas, sem o medium mudar de posição. Emfim, vê se á esquerda do gabinete a cabeça e o turbante de Bien Boa, estando o resto do corpo escondido pela cortina da esquerda.

Depois, o phantasma avança um pouco e torna-se perceptivel metade do corpo. Rosto trigueiro, bigode preto, sendo o resto da cara pouco distincto e envolto nas roupagens que cercam a apparição. O braço esquerdo parece envolvido n'uma especie de mousselina transparente. A pelle é branca e a forma do braço parece-me delgada.

N'esta occasião o proprio Bien Boa afasta um tanto a cortina da direita de maneira a descobrir mais o corpo do medium. Vejo um pouco mais da metade do corpo de Martha, o braço e a mão direita, ficando a cabeça na sombra ; mas uma vez, por um movimento da cortina, distingo uma parte do pescoço e como que adivinho o resto da cabeça. È antes uma percepção do que vista distincta.

O espirito mostra-se muitas vezes, mas envolto na cortina da esquerda, sendo só visiveis a cabeça e o braço.

Continua-se a cantar com ardor.

M.me Noel chama por Bien Boa com energia. Então desprende-se elle da cortina, dirige-se a Martha, *toma-lhe a mão, levanta-a e agita-a.*

Vejo perfeitamente funccionar a articulação do cotovello do medium, bem como os movimentos de flexão do braço da apparição. Não é portanto uma manga vasia que está presa ao corpete, é uma braço redondo, pois o tecido não está achatado ; está cheio pelo braço e liga-se bem á mão. Em seguida, Bien Boa desvia-se para traz da cortina esquerda do gabinete.

Um instante depois torna a sahir, meio envolto no reposteiro e inclina-se para M.me Noel ; abraça-a e todos nós ouvimos o ruido de um beijo. Durante este tempo, o medium conserva-se sempre á nossa vista.

M.me Noel pede ao espirito para sahir, mas elle fica no gabinete.

Um momento depois, vemol-o passar deante do medium ; agora está no fundo do gabinete, á direita.

Passados poucos instantes, vejo junto ao pavimento, no angulo direito do gabinete, a cortina estremecer, sahindo o espirito, com o corpo inclinado para frente, por debaixo d'ella, na parte menos illuminada. O medium está sempre visivel, sem se mexer do logar.

Bien Boa levanta-se pouco a pouco, oppoia-se n'uma cadeira desoccupada, desloca-a, ouve-se o ruido d'ella arrastando no soalho. Então, Bien Boa attinge a estatura ordinaria, a cabeça ultrapassa um pouco a parte inferior do baldaquino ; deslisa ao longo da parte direita do gabinete e entra n'elle.

Continúo vendo sempre completamente metade do corpo do medium, o braço e a mão. N'este momento as cortinas são corridas pela entidade, mas a sessão não está finda.

Decorrido pouco tempo, o phantasma afasta a cortina da esquerda (relativamente a nós), mostra a cabeça e a parte esquerda do corpo. Subito, a estatura diminue, ficando a cabeça levantada, e rapidamente toda a parte inferior dos vestidos abaixa, funde, chegando a cabeça ao nivel do chão, onde desapparece de repente sem deixar vestigios. De novo se mostra a forma inteira de todo um lado, tendo o outro occulto pelas cortinas, repetindo este facto cinco vezes, porque as contou a senhora ingleza.

Tendo minha attenção concentrada sobre as differentes phases do phenomeno, não sei exactamente quantas vezes teve logar a desapparição.

O que observei bem é que o phantasma desapparece litteralmente no soalho. Não é inclinando-se para a frente até a cabeça parecer tocar o chão, que o phantasma diminue, é fazendo-o absolutamente direito, como no theatro uma figura que se some por um alçapão. Mas aqui não ha alçapão e o soalho, coberto por um tapete, é continuo. A reconstituição completa da fórma atraz da cortina, depois que a cabeça se desvanece, dura apenas tres a quatro minutos. Devemos notar este ponto muito importante, que vejo sempre durante todo este tempo a parte direita do corpo do medium, o braço e a mão.

Em seguida fecham-se as cortinas. Decorrem dez minutos e termina a sessão. Fico com as melhores impressões, porque desta vez, a hypothese d'um disfarce me parece bem difficil de sustentar.

Decidimos com Mme. Noel que nas proximas sessões se tratará de obter as photographias simultanea do medium e da apparição.

Li este relato á senhora ingleza dois dias depois, achando-o ella conforme ao que tinha observado.

Gabriel Delanne.

(Continúa)

(Veja o numero de maio desta Revista)

O novo livro de H. Dennis Bradley

(Continuação) (De Luce e Ombra)

Eu disse no principio que a esposa de Bradley contribuia efficazmente para a extrinsecação dos phenomenos; o que se tornava notorio pelo facto de quando a Sra. Bradley não assistia ás sessões, as manifestações serem mais debeis e escassas. Bradley interrogou a personalidade mediumnica do cunhado, Warren Clarke, e eis o dialogo que se seguio:

> Bradley.—Eu queria pedir-te uma explicação a respeito das faculdades mediumnicas nas nossas sessões: pois que não estamos bem certos si a «força» pela qual se obtêm as vezes provem de mim ou da Mabel (a esposa de Bradley).
>
> Warren.—Tu, Herberto, és o *fornecedor* da «força», e o organismo da Mabel funcciona como *condensador*. De resto tu poderias servir egualmente de condensador, mas nos preferimos empregar-te como *fornecedor*. Portanto, a força retirada de ti passa pela Mabel antes de ser utilizavel e nós tentamos utilizal-a sempre mais longe de ti e della.
>
> Bradley.—Crês tu que eu só poderia tambem obter o phenomeno das vozes?
>
> Warren.—Certamente. Poderiamos utilizar-nos de ti só, mas a combinação de ti e da Mabel é muitissimo preferivel.
>
> Neste ponto a Snra. Bradley pergunta: — E eu só poderia conseguir obter as vozes?
>
> Warren.—Sim, podel-o-ias, porque tu condensas e accumulas a «força» que recebes do Herberto, e nas condições normaes poderias empregar a reserva de «força» restante em ti, mesmo quando o *fornecedor* não esteja disponivel... (p. 100).

De facto, uma noite em que estavam reunidas pessoas amigas á espera de uma sessão, e Bradley não se podia prestar a tal fim, a sua esposa offereceu-se para tentar sozinha a prova: e o phenomeno das vozes foi egualmente obtido. Com quanto deva-se revelar um incidente que faria presumir ser a força extrahida, mesmo nessa circumstancia, directamente de Bradley; e o incidente é este: Bradley que não tinha podido resistir á tentação de ir applicar o ouvido a porta do quarto em que estava decorrendo a sessão, descreve nestes termos as sensações experimentadas:

> O effeito sobre mim foi um tanto peculiar; pois que, comquanto a casa estivesse optimamente aquecida, as minhas pernas, dos pés aos joelhos, tornaram-se geladas como si houvessem sido envolvidas em um redemoinho de vento gelado. Ora, essa é a sensação que experimento nas sessões quando se desenvolvem manifestações psychicas; comquanto em taes circumstancias a sensação de frio não se torne nunca tão accentuada como dessa vez.

Baseado nesse incidente, é racional inferir-se que na sessão de que se trata Bradley haja fornecido directamente a «força» á esposa para a manifestação das vozes; e em tal caso a circumstancia salientada por Bradley de que a sensação de frio nas pernas foi muito mais accentuada que de costume, explicar-se-ia pelo facto da distancia notavel que o separava da esposa, distancia que motivava uma dispersão maior de «força».

De um outro ponto de vista, é notabilisssimo o facto de que a mediumnidade de Bradley, além de produzir o phenomeno da «voz directa», combinado com outras manifestações de transportes de objectos e sons de instrumentos musicaes, indica tambem querer culminar no phenomeno das materializações completas de phantasmas ; phenomeno que já se realizou uma vez em setembro de 1924, durante uma sessão em que tomavam parte quatro experimentadores ; isto é, os esposos Bradley, o Snr. Caradoc Evans, notavel escriptor e artista dramatico, e o Snr. Joel Jacquin, perito judiciario em impressões digitaes, o qual tinha ido com o intento de obter impressões de mãos materializadas.

No dia seguinte á sessão os dois visitantes forneceram a Bradley uma breve relação a respeito das manifestações a que haviam assistido ; e eu aqui transcrevo alguns topicos extrahidos das relações fornecidas por estes ultimos. O Snr. Caradoc Evans escreve a respeito nos seguintes termos :

> Estavamos em sessão havia cerca de meia hora, quando fui surprehendido por sentir um dedo que apertava com força sobre o meu joelho. Perguntei ao meu visinho : «E' V. quem está apertando o meu joelho com a ponta do dedo?» — Elle respondeu : «Absolutamente não›. — Accrescentei : ‹Comtudo alguem o fez›. — Ouviu-se uma risadinha exultante de alegria no meio do circulo. Então exclamei : ‹Feda, foste tu, talvez ?› (‹Feda› era um dos espiritos guias, e dizia ter sido em vida uma joven indiana), recordando-me bem de outras travessuras semelhantes praticadas por ella no passado. Fez-se ouvir uma outra risadinha alegre, seguida por um ‹sim›.
>
> Caradoc Evans. — Oh menina inexperiente, toma cuidado de não repetires semelhantes brinquedos, porque as meninas de bem não apertam os dedos nos joelhos dos cavalheiros. Demais, aposto que não sabes quem sou eu.

Feda — Sei, sim.
C. E. — Ouçamos, então.
Feda — E's Caradoc Evans.
C. E. — Approxima-te de mim quanto possas, pois me parece que te poderia ver.

> «Feda» approximou-se, e comquanto eu não pudesse divisal-a, fez-se sentir muito bem apertando-me dos lados com as duas mãos.

C. E. — Assenta-te no meu collo, Feda.

> E o espirito materializado de ‹Feda› veiu assentar-se-me no collo, e parecia-me tão substancial como uma rapariga de carne e ossos.

C. E. — Porque me não dás um beijo ?

> Logo dois labios me beijaram repetidamente ; e eram labios que tinham a tepidez da vida ; emquanto um halito quente de creatura viva me soprava o rosto. Ora, quando penso em ‹Feda›, figuro-a como sendo uma joven viva, apenas emancipada de todo preconceito social... (P. 40).

Tomo da relação do Snr. Joel Jacquin este trecho complementar do episodio exposto. Escreve elle :

> Subitamente o Snr. Caradoc Evans, com um timbre de voz um tanto resentido, exclamou : ‹Quem me está tocando ?› Todos nós lhe asseguramos que ninguem se havia movido do logar. Quanto a mim, não teria podido chegar até a elle sem tropeçar nos apparelhos por mim dispostos no solo para as impressões digitaes. Viemos logo a saber que a culpada era ‹Feda›... Pedi então a ‹Feda› para vir tocar tambem em mim ; e immediatamente veio um dedo macio e quente apertar-se sobre a minha mão direita. Pedi ainda para que me tocasse na mão esquerda, e ao mesmo tempo escondi-a rapidamente atraz das costas ; mas fui tocado egualmente (pagina 43).

Quando a mediumnidade de Bradley chegou a essa phase notabilissima de desenvolvimento, e a ella se dedicava elle prodigamente e com crescente enthusiasmo lhe sobreveiu uma ‹ducha fria" entre a cabeça e o pescoço, abrandar-lhe os enthusiasmos. Na sessão de 18 de outubro, depois das manifestações habituaes de telekinesia, após os não menos habituaes e brilhantes concertos musicaes de ordem supernormal, e a producção de mãos materializadas que tocavam nos assistentes, manifestou-se a personalidade mediumnica de "Annie", a irmã fallecida de Bradley. Este perguntou-lhe o que pensava dos progressos triumphaes com que se affirmava a sua mediumnidade: e com grande pasmo ouviu-a responder: "Herberto, peza-me muito communicar-te que vim aqui para te advertir que é preciso suspender as sessões".

Bradley continúa:

Fiquei aturdido e perguntei, porque motivo me ordenavam que suspendesse as sessões. E' porque as sessões influem desfavoravelmente sobre a tua saude. Agora virá Warren dizer-te quão necessaria te é uma longa tregoa». — Pouco depois manifestou-se Warren e me disse que o suspender as sessões por algum tempo era para mim uma necessidade imperativa. Tive com elle uma longa conversação a respeito e elle terminou dizendo: Sinto por ti, pois que sei quanto isso te contraria; mas acima de tudo precisamos ter em conta a tua saude.»

Bradley commenta assim:

Reconheço agora que era necessario suspender temporiamente as minhas experiencias; mas, no momento fiquei irritado, comquanto apreciasse as boas intenções dos espiritos familiares. Nos primeiros momentos tive vontade de revoltar-me contra o inesperado ultimatum, pois que os meus progressos tinham sido tão rapidos, e a imminencia de manifestações grandiosas parecia-me tão segura que eu me rebellava contra o pensamento de que se concedesse mais importancia á minha saude do que ás minhas indagações... Eu não havia adivinhado o escopo dos espiritos ao me ordenarem uma pausa; e todavia esse escopo está visivel a quem leia este livro; ordenavam-me uma pausa afim de que eu escrevesse um livro (P. 72-76).

De facto isso ficou confirmado por Warem, pelo medium snra. Leonard. A snra. Bradley perguntou a Warren: — «Disseste que as nossas sessões tinham influencia desfavoravel sobre a saude do Herberto.»

Respondeu elle:

«Sim, porque o Herberto soffria por excesso de trabalho, e estava em vias de querer produzir demais; de modo que não teria podido resistir. Bem sabes que quando o Herberto está immerso no trabalho intellectual, entra em uma condição especial de congestão do cerebro e dos nervos.

Depois de tres mezes de rigorosa suspensão das sessões privadas, o espirito Warren Clarke, pelo medium snra. Leonard, permittiu recomeçal-as. E Bradley fez logo a primeira sessão que resultou negativa; mas a segunda foi bôa e optimas resultaram as successivas, nas quaes as vozes resoavam no natural, fornecendo boas provas de identificação espiritica. Até que na sessão de 25 de Maio de 1925, depois que Warren havia discorrido longamente em torno de um grave negocio privado, e depois que Annie havia conversado por muito tempo a respeito da saúde da irmã Gertrudes, enferma em um sanatorio da Suissa, Bradley foi novamente aconselhado a suspender as sessões; e disseram-lhe que quando elle pudesse recomeçal-as seria avisado por «impressão».

Bradley commenta:

As communicações pessoaes recebidas aquella noite foram notabilissimas mas o conselho de suspender novamente as sessões cahiu sobre mim como ingrata surpresa, ainda desta vez. Comtudo, reflectindo com calma sobre o assumpto, tive de reconhecer que se estava preparando para mim um periodo de excessivo trabalho mental e material; e em consequencia que si tivesse continuado as experiencias com a minha propria mediumnidade, não podia deixar de sahir litteralmente exhausto...

E com esta segunda interrupção das sessões privadas termina, por ora, a serie de experiencias de Bradley. Resume elle assim os resultados:

Fica demonstrado que eu e a minha mulher podemos fazer sessões a sós e conversar, longa e naturalmente sobre qualquer assumpto, com os espiritos a nós vinculados pelos laços do parentesco ou do amor. Caso eu o affirmasse sem corroborar as minhas palavras com o testemunho alheio não esperaria certamente que me cressem; visto se tratar de um facto tão extraordinario que parece quasi inconcebivel para quantos nunca fizeram a experiencia. De qualquer modo, está firmado o facto de eu e a minha mulher termos conversado, sem auxilio de medium, por horas e horas, com espiritos da minha irmã Annie e do meu cunhado Warren Clarke, os quaes se expressaram constantemente *com o timbre de voz que lhes era* *proprio em vida, a qual nos vinha distinctissima de um ponto qualquer do espaço.* Muitos personagens eminentes, inglezes e estrangeiros, têm assistido ás nossas conversações, emquanto que por seu turno elles têm conversado com os espiritos dos seus parentes. E esta não é somente a *maravilha* do Universo, é acima de tudo a *Verdade* do Universo.

ERNESTO BOZZANO

(*Continúa*)

* * *

O RAPIDO CRESCIMENTO DO ESPIRITISMO

O Sr. W. Harold Speers é ha muitos annos um jornalista de alta posição, muito conhecido em toda Fleet Street pelos seus trabalhos como investigador criminal tendo auxiliado a resolverem-se, a favor dos seus jornaes, muitos problemas que haviam confundido os peritos dos tribunaes da Escossia. A sua pratica em examinar provas, em pesar factos, em fazer deducções accuradas tem sido longa e severa. O seguinte artigo da lavra do autor de "Edie", publicado na "Light» apresenta, portanto, um interesse especial.

A crença no Espiritismo espalha-se com a rapidez do fogo nos prados. O sceptico já não se desvia do assumpto com zombaria ou escarneo. O numero de homens eminentes que têm provado a verdade da sobrevivencia é demasiado grande para que se possa levianamente desprezar essa materia. Scientistas, doutores, clerigos e commerciantes perspicazes incluem-se nas fileiras dos espiritas, e o homem do povo agora começa a parar para pensar.

Como velho investigador criminal da imprensa, tenho tido que separar o trigo do joio, e o que talvez importe ainda mais, nunca acceitei coisa alguma em confiança. Ha um ou dois annos, eu nunca havia dedicado ao Espiritismo senão pensamentos passageiros, e quando o livro de Sir Oliver Lodge, «Raymond», foi publicado, senti, e commigo toda a Fleet Street, QUE AQUELLA GRANDE MENTALIDADE SCIENTIFICA SE TIVESSE PERDIDO COM A MORTE DO FILHO.

Senti grande afflicção quando soube que Sir Arthur Conan Doyle, o brilhante autor de «Sherlock Holmes», era tambem um crente no Espiritismo.

Quando appareceu a «Volta de Northcliffe», concluí que o meu velho amigo e collega Hannen Swaffer se enlouquecera.

Ha pouco mais de um anno, eu e a minha mulher perdemos a nossa unica filha, «Edie», e diante do seu tumulo aberto veio-me o pensamento: «Para onde foi ella? Haverá uma outra vida?» Não o podia eu dizer. O ensinamento das igrejas em nada me adiantava; no melhor dos casos dir-me-iam que ella estava dormindo!

Tomei a deliberação de descobril-o, com o auxilio de Deus si fosse possivel, e algum tempo depois, no funeral do Reitor de Heymer, encontrei o Sr. Bligh Bond, autor dos «Glastombury Abbey Scripts».

Palestramos muito e elle me aconselhou a ir procurar na cidade um certo medium de escripta automatica. Antes de fazel-o, eu proprio tentei a escripta automatica, a principio sem resultado. Depois de algum tempo, comtudo, tive uma sensação extranha e o meu lapis começou a escrever. Vieram mensagens attribuidas á minha filha amada, mas não me satisfizeram essas communicações; pensei que podiam emanar da minha mente subconsciente.

Aconselhado por um velho amigo, assisti a uma sessão intima em Hove, onde me diziam que recebiam mensagens por meio de pancadas da mesa, processo já desusado. Em tal sessão recebi communicações a respeito das quaes os presentes não poderiam ter conhecimento absolutamente nenhum, e sahi convencido de «haver alguma cousa naquillo».

A seguir obtive uma entrevista com o medium que me havia sido recommendado pelo Sr. Bligh Bond, recebendo então uma prova tão intima que me convenceu de ser verdade a sobrevivencia.

A partir desse momento, tenho sondado profunda e minuciosamente o problema. As minhas investigações têm sido todas executadas com extrema critica. Tenho visitado mediums em todos os pontos do paiz e tenho obtido sessões antes de revelar a minha identidade. Em quasi todos os casos tenho recebido amplas provas de procederem do Além as communicações.

Nos doze mezes seguintes ao passamento da minha querida filha, eu e a minha esposa temos mantido conversações com ella por meio da mesa ; temos ouvido a sua descripção por muitos clarividentes ; temol-a ouvido nos fallar com a sua propria voz ; temos recebido mensagem della com a sua calligraphia inconfundivel ; tenho-a visto materializar-se, tendo-a sentido beijar-me tão naturalmente como quando estava incarnada, e recentemente mandei tirar a minha photographia por uma senhora de todo extranha, por pedido da minha filha fallecida, e na chapa, abaixo da minha cabeça, appareceu a photographia de «Edie» ! Como vi todos os movimentos da photographa desde o momento em que lhe foi posta na mão uma caixa de chapas ainda fechada, até ser feita a revelação, não havia possibilidade de fraude.

Estou dando um summario muito breve das razões de se acharem modificadas as minhas opiniões ácerca do Espiritismo, e si estas razões ajudarem a outros a investigarem por si mesmos nessa materia, serão um meio de augmentar o numero sempre crescente dos pensadores que, insatisfeitos com os mediocres ensinamentos ecclesiasticos ácerca do Além, estão fazendo sérios inqueritos sobre o que é, aliás, o mais importante dos assumptos—a vida vindoura.

Quando se reflecte que ha centenas de aggremiações espiritas firmemente estabelecidas pelo paiz inteiro, e que em addição a essas organizações, em cada segunda rua das nossas cidades, grandes e pequenas, ha familias que têm os seus centros espiritas particulares ; que muitos dos mais brilhantes e instruidos entre os scientistas, doutores, clerigos e perspicazes homens de negocios, têm-se certificado da verdade ácerca da sobrevivencia, não é preciso pedir desculpas para apresentar-se a materia a todos aquelles que podem ainda precisar de serem informados que «não ha morte».

W. HAROLD SPEERS.

ESPIRITO E MATERIA

Todas as theorias que querem fazer do homem um automato, encontram o mais formal desmentido nos factos.

Não é verdade que sejamos só materia ; não é justo pensar-se que, pela morte do corpo, os elementos que o constituiam sendo reduzidos a pó, nada restará d'aquillo que foi o ser pensante. A experiencia nos demonstra que, assim como a borboleta sahe da chrysalida, assim a alma deixa o seu vestuario grosseiro de carne para atirar-se, radiante, no ether, sua patria eterna.

Nada morre neste mundo, porque nada se perde. O atomo da materia que se escapa de uma combinação, entra no grande laboratorio da natureza, e a alma, que se torna livre, volta ao ponto de partida.

A gélida noite do tumulo não nos infunde pavor ; possuimos a prova certa de que os mausoléos não encerram senão cinzas, e que o sêr pensante não desapparece no tumulo.

Dr. Gabriel Delanne.

Experiencias Photographicas do Dr. Keeler

Os nossos leitores já devem conhecer o Dr. Keeler que, com o Dr. Hansmann, tem sido alvo da nossa attenção, em virtude da mediumnidade interessante de que é dotado.

Este extraordinario medium photographo, com um simples objecto, tendo pertencido a uma pessoa morta, — com uma mécha de cabellos dessa pessoa, ou mesmo a falta disso com um retrato da pessoa invocadora, tem obtido frequentemente photographia do morto.

O Dr. William Keeler que é um excellente medium vidente, é auxiliado por sua esposa que, a seu turno, mostra-se uma vidente notavel, talvez ainda mais dotada da visão psychica que seu marido.

O retrato que reproduzimos de Mme. Keeler foi tirado pelo Dr. Keeler no momento de uma materialisação de espirito cuja photographia se vê ao lado de referida senhora.

O Dr. Keeler colloca os objectos enviados contra um biombo de côr escura, na direcção do qual dirige o apparelho photographico.

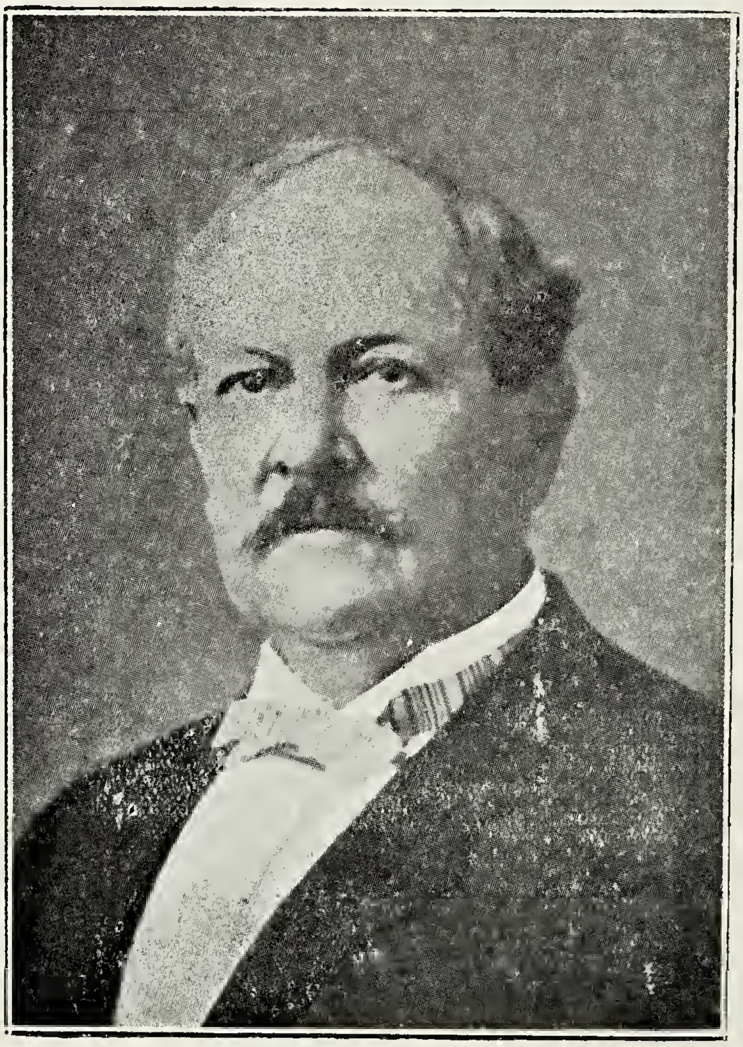

Dr. William Keeler

A sua faculdade de visão permitte-lhe saber o momento em que deve fazer funccionar o apparelho. A placa, em seguida revelada, mostra naturalmente o objecto photographado, e em torno d'elle, quasi sempre um certo numero de apparições, entre as quaes frequentemente apparece o espirito chamado.

Foi assim que o Dr. Keeler obteve mediumnicamente o retrato da sogra do commandante Darget.

O doutor nunca foi á Europa e o commandante Darget nem sua sogra, morta alguns mezes antes da experiencia, nunca foram á America do Norte.

Não obstante, o commandante Darget tendo enviado aos Estados Unidos um retrato seu e uma mécha de cabellos da mãe de sua senhora, recebeu alguns dias depois taes objectos acompanhados de uma photographia, em que se via um grupo de apparições, rodeando a reproducção do retrato que enviou.

Entre essas apparições, no alto, á extrema direita, acha-se o retrato de sua sogra.

Interessante ainda é que tendo os

esposos Darget visitado a famosa medium Mme. Agulana, esta viu e descreveu com toda a precisão a sogra do sr. Darget, tendo este conversado com referido Espirito, que prometteu-o esforçar-se para dar a sua photographia com o auxilio do famoso medium americano.

Os clichés que reproduzimos representam o quadro comparativo da parenta do sr. Darget em diversas idades e a figura fantomal photographada pelo doutor americano.

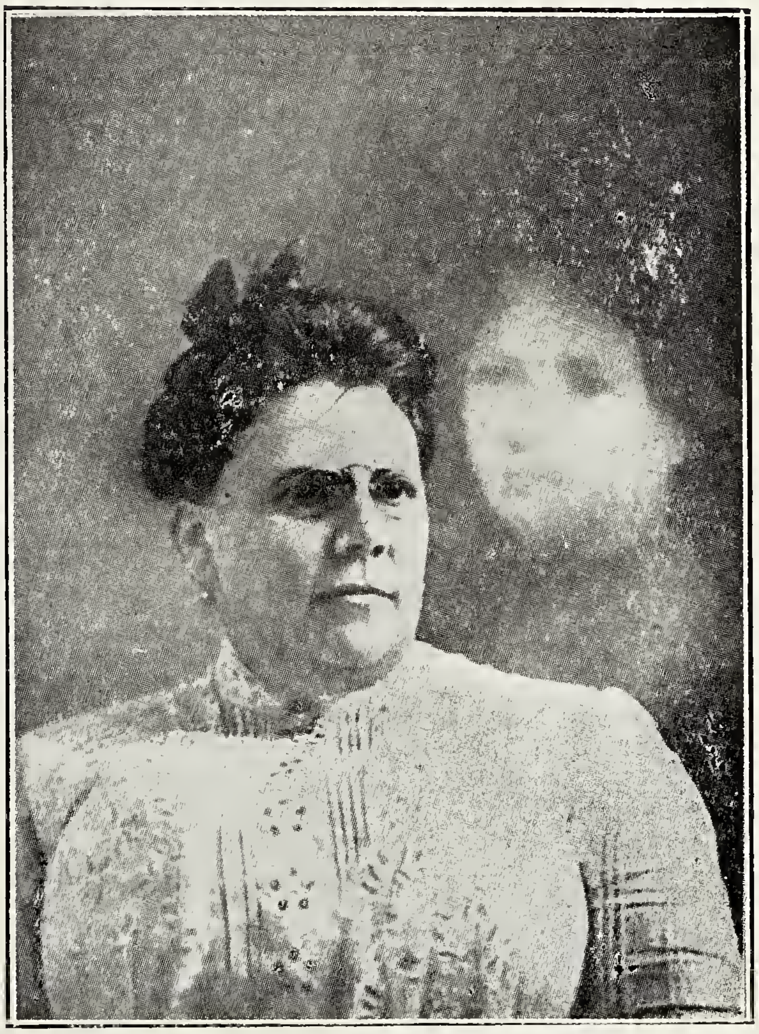

Mme. Keeler

Estas gravuras foram publicadas em diversas revistas européas, tendo a Sociedade de Photographia Transcendental tomado conhecimento d'ellas.

Acompanhando os retratos o commandante Darget enviou ao sr. Demetrio de Toledo, director então da «Revista de Espiritualismo Scientifico», a seguinte carta que julgamos de bom alvitre registrar, para que o leitor se familiarise mais com os interessantes phenomenos, que ao lado de outros não menos importantes, nos dão a certeza da Vida Além do Tumulo.

«Caro sr. Demetrio de Toledo.

O sr. quiz publicar na sua excellente revista a gravura comparativa das seis photographias da minha sogra, tiradas por mim em differentes épocas da sua vida, cercando a photographia *post mortem*, obtida pelo sr. Keeler. O publico que as vê, poderia, talvez, dizer que nenhuma se parece com a cabeça central.

Não é a minha opinião pessoal: ao contrario, entre a photographia central, que é a fornecida pelo Dr. Keeler, e a photographia normal collocada na perpendicular, abaixo desta ultima, sobretudo, a semelhança parece flagrante.

E poderia accrescentar que, nas photographias ordinarias e na do fantasma, se nota um certo ar de familia, etc... Devo observar que o retrato fornecido pelo photographo americano é de uma semelhança extraordinaria com a defunta, mostrando toda a sua magreza nos ultimos dias da sua vida.

Além disto, o que me havia esquecido de dizer lhe, é que uma mécha de cabellos lhe tinha sido cortada por minha mulher depois da sua morte, facto do qual resultou, na cabelleira, um claro, que se vê perfeitamente na photographia do Dr. Keeler, acima da orelha.

De resto, possúo oito cartas que constituem certificados de reconhecimento de pessoas, ás quaes enviara o grupo de Keeler, perguntando-lhes, *sem mais indicação*, si, nessas photographias reconheciam os traços de alguem.

Para os que, de *parti pris*, discutissem sobre a semelhança, direi que tomem duas quaesquer das seis photographias tiradas durante a vida da minha sogra e que as comparem entre si.

Affirmo que igualmente encontrarão o mesmo «ar de familia» que entre uma dessas photographias e o fantesma.»

A proposito de um retrato mediumnico de Jeanne Tournier, filha de Mme. Tournier e do grupo em que se acha o retrato de sua sogra, diz o commandante Darget :

—«Ha cerca de tres mezes, indo em Tours, visitar Mme. Valentim Tournier, mostrei-lhe o grupo *Keeler*, onde se achava minha sogra, perguntando-lhe si, em meio de todas essas figuras, reconhecia o retrato de alguem.

Sem hesitação, Mme. Tournier designou-me a cabeça do alto, á direita, como sendo o retrato da mãi de minha mulher e, maravilhada do modo que o Dr. Keeler opera, pediu-me o seu endereço afim de tentar uma experiencia pessoal.

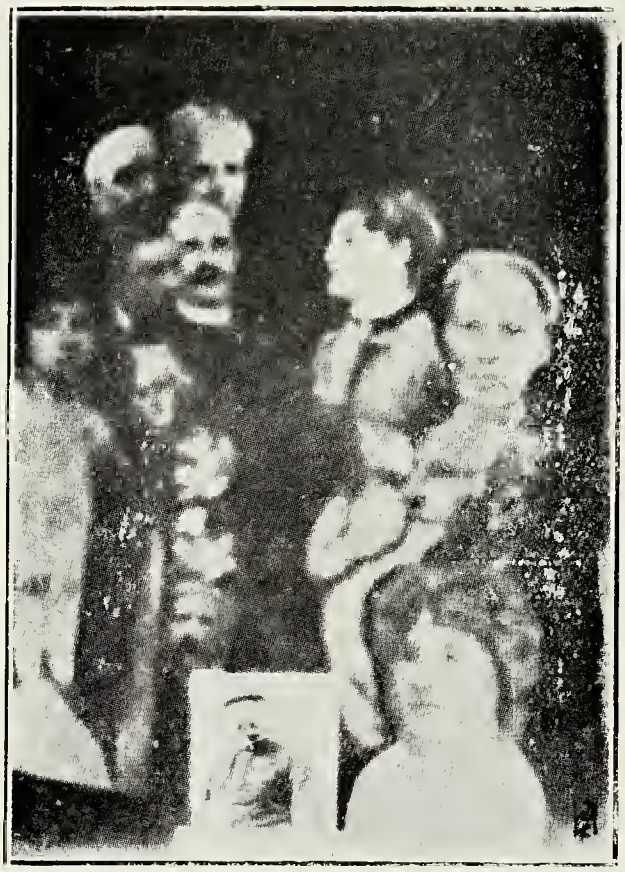

Photographia espirita executada pelo Dr. Keeler. No alto, á direita, a parenta do Commandante Darget, photographada, em apparição, mezes depois da sua morte.

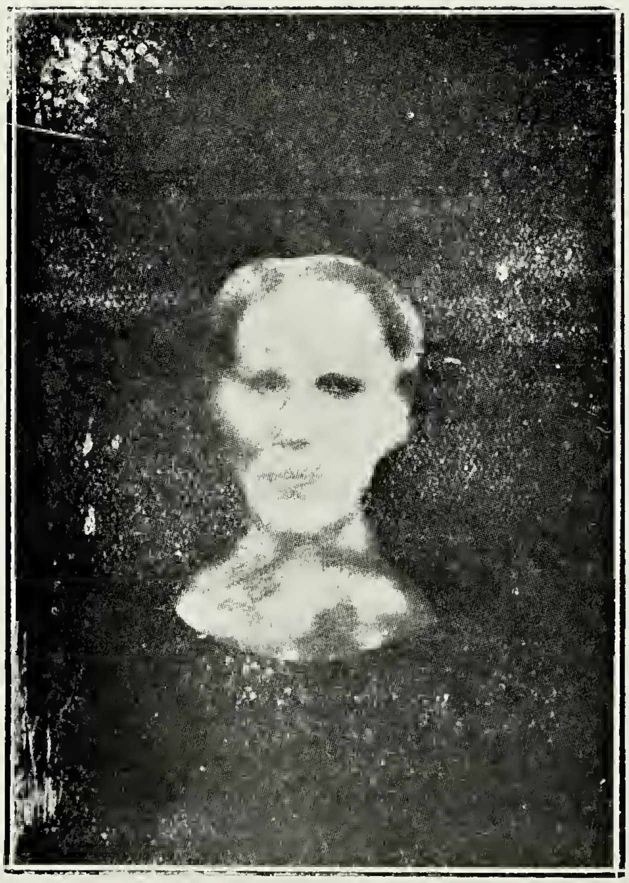

Ampliação da cabeça fantomal a que se refere o precedente «cliché».

Ora, a 27 de janeiro p.p. (1910) eu recebi d'ella uma carta cujo texto era assim concebido :

«Sr. Darget—E' preciso que eu lhe agradeça o ter-me dado o endereço do Dr. Keeler.

Elle enviou-me, de facto, no dia 25 do corrente, duas photographias de espiritos. Numa dellas, figura Jeanne, admiravel de parecença. Alegre, jovial, tal qual era ha doze annos, quando sahiu do internato.

Eu respondi-lhe : «Faça agora o que eu fiz quando lhe mostrei a photographia de minha sogra executada por Keeler. Mostre-a a diversas pessoas, dizendo apenas estas palavras : «Conhece alguem neste grupo ? Depois faça com que taes pessoas assignem uma declaração».

A nova carta que Mme Tournier, acaba de me enviar, em data de 20 de fevereiro, é assim concebida : "E' perfeitamente a minha adorada Jeanne, minha filha adoptiva, quando ha doze annos installou-se em minha casa para me fazer companhia. Ella era espirita e junto a mim insistiu como espirito desincarnado, para que enviasse a America uma mécha dos seus cabellos, promettendome que, no retrato, seria alegre. Ella cumpriu com a palavra. Na sua photographia espirita conserva as mãos como tinham sido postas no seu leito de morte ; parece mesmo estar nelle deitada, como outr'ora, de blusa branca e saia preta.

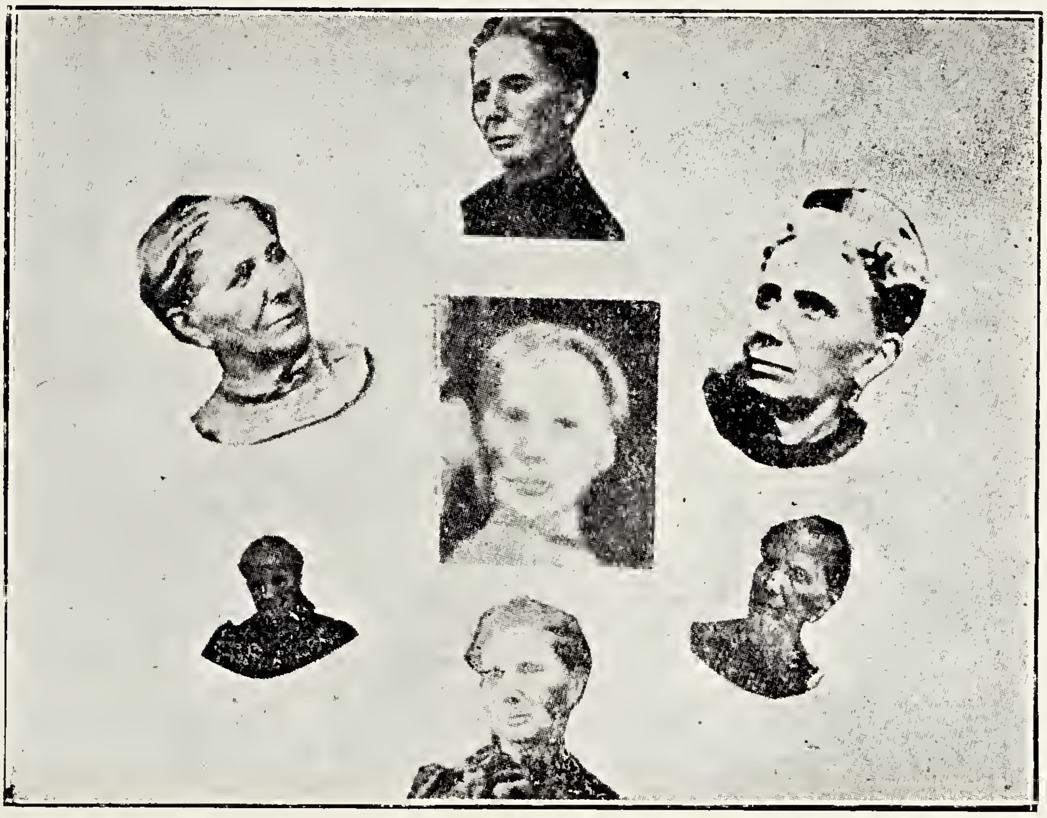

Quadro comparativo de diversos retratos da sogra do sr. Darget, em varias epocas. No centro o retrato fornecido pelo Dr. Keeler.

⁂

Emfim a photographia espirita é uma das mais faceis experiencias que se pode fazer systematicamente, e a que melhor proporciona a prova patente da Immortalidade. Nós mesmos possuimos tres grupos que nos foram enviados pelo Dr. Keeler por intermedio de um amigo, de Paris, em resposta a uma mécha de cabellos e uma photographia que ao medium photographo remettemos.

Mas, o melhor ainda é a experimentação em familia, onde se pode colher optimos resultados. Não ha necessidade de apparelho nem de chapas especiaes. Os apparelhos e chapas communs prestam-se perfeitamente.

Não ha duvida que essas experiencias demandam tempo e paciencia. Mas nada se obtem sem trabalho e sem esforço; é preciso insistir para obtermos a recompensa do nosso labor.

Estamos na epoca predita em que as entidades espiritas querem demonstrar a sua existencia, com provas materiaes; aproveitemos esses trabalhos, cujo exito virá com o centuplo da recompensa que desejamos.

A Revista Internacional do Espiritismo está prompta a fornecer aos interessados todas as indicações necessarias para o inicio das experiencias nos grupos e em familia.

* * *

O dinheiro foi dado ao homem para sua instrucção intellectual e espiritual e para que auxilie pela mesma forma o seu proximo.

A ABOLIÇÃO DO INFERNO

(Da «Light»)

E' interessante ver-se um bispo da Igreja d'Inglaterra e um escriptor popular, isto é, o bispo de Liverpool e o Snr. Jerome K. Jerome, protestando contra o fogo do Inferno. (E esta já não é a primeira vez, porque no fim do reinado da Rainha Victoria o Deão Farrar fez ouvir a sua voz contra essa mesma concepção barbara).

O Snr. Jerome K. Jerome foi vigoroso na sua denuncia, e apresentou argumentos fortes. Convidou a Igreja de Christo a libertar o nome do seu Fundador do estigma de haver proclamado e pregado um Deus de crueldade e vingança. Pergunta elle como se poderia suppôr que Christo, quando nos ordenava amarmos aos nossos inimigos, estivesse pregando ao homem uma doutrina de perfeição que Deus não tinha podido attingir ! "Até que seja aberta e assisadamente repudiada essa doutrina, a Igreja permanecerá na posição de advogada e apologista da crueldade",— affirma elle.

Até ahi estamos de accordo, por ser nossa convicção que a crença em tormentos de fogo para os malfeitores, crença que sem duvida prestou relevantes serviços em seu tempo, é agora um anachronismo. Era uma doutrina grosseira e consoante com a grosseria do tempo em que foi pregada. Era a vestimenta rude de uma verdade, a verdade das consequencias, de que o homem tem de colher o que semeou.

Noticiam haver o Snr. Jerome definido a doutrina como um «horror creado pelos padres». Mas até ahi não vamos mais em sua companhia. O clero sempre esteve circumscripto á comprehensão dos seus seguidores. Mesmo na antiguidade, quando se adoravam idolos, os padres mais esclarecidos sabiam que os idolos intrinsecamente eram falsos e sem valor algum, apenas servindo como encorporação de uma ideia. Mas isso não era cousa entendida pelo povo. Este era incapaz de pensamentos abstractos, muito inclinado a tomar o symbolo pela realidade, e a ver no idolo o proprio deus.

Mesmo em nossos luminosos dias, notamos que a grande massa humana é immensamente mais interessada pelas cousas concretas do que pelas ideias. Ainda que os padres tenham mesmo creado o horror do inferno material, como poderemos censural-o ? Os seus crentes eram geralmente incapazes de entender qualquer forma de punição que não pudesse ser expressa em termos *bem physicos*. Dava-se o mesmo com respeito ás recompensas,—ruas de ouro, edificios cravados de joias, vinhos finos, nymphas, e tudo mais nas bemaventuranças promettidas aos fieis das antigas religiões. Essas ideias eram simples noções racionaes mais ou menos litteralmente interpretadas.

Tanto o bispo como o autor popular estavam de facto simplesmente protestando contra certas formas materiaes que sobreviveram de muito á sua utilidade. Um inferno eterno, de fogo e enxofre, é um ultraje á razão, mas pouco maior do que outras doutrinas *religiosas*, em si mesmas tão irrrazoaveis e tão desnaturadas, que nos tempos modernos a maioria das pessoas educadas concordou tacitamente em deixal-as cahir, como cousas que, entregues a si mesmas, têm de soffrer morte natural. De modo mui semelhante, as leis insensatas e barbaras no Statute Book nacional tornam-se obsoletas e sem necessidade de ser revogadas.

Mas ninguem se deixe embalar com a ideia de que a «abolição do inferno» signifique a abolição das retribuições depois da morte. Que ha pessôas assim crendo, nós o sabemos ; malgrado, porém toda a nossa estima pelos optimistas, tal optimismo vae muito mais longe do que podemos acceitar. Essas pessôas concebem (mui irrazoavelmente, pensamos nós) a ideia de que o mal, quando feito aqui na carne, será por alguma indulgente Providencia desconsiderado — passando-se uma esponja por cima — e que haverá suprema ventura para todos no Além. Comquanto nós nos tenhamos desviado por muito tempo das noções puramente mechanicas de recompensas e castigos futuros, encontramos por toda parte, na Natureza, a inilludivel lei de causa e effeito. Demais, temos a frequente informação de quem deve saber d'aquelles que residem «do outro lado» ha tempo bastante longo para poderem fallar sobre o assumpto com a autoridade da experiencia, e o testemunho delles tem sido sempre o mesmo. Todo crime contra a consciencia, todo o acto contra o sentimento do direito, tem afinal de ser expiado, geralmente no Além. Nem sempre o são no principio, e d'ahi se explica a affirmação de recem-chegados de estarem felizes e ainda não terem encontrado nenhuma das reparações que lhes haviam sido gratuitamente promettidas pelos censores e moralistas da terra. Comtudo as communicações dos mais adiantados não encontram difficuldade em explicar isso. Cada um vae para o seu proprio logar,— um logar exactamente de accordo com o seu estado espiritual, e quando ha lá um certo gráo de harmonia entre o homem e o meio, ha uma naturalissima sensação de bem-estar. As dôres e penalidades começam quando, com o desenvolvimento espiritual, lá chega a discordancia entre o espirito e as condições que elle creou para si mesmo.

Milheiros de espiritos que se communicam têm dado testemunho desse facto. A alma que primeiramente encontrára um logar consoante comsigo, em condições inferiores, descobre afinal, quando essas condições se tornam discordantes, que a sahida gradual dessas condições inferiores é uma provação, em alguns casos tão carregada de dôres e miserias que pode ser figuradamente, senão litteralmente, um «inferno». Mas, como disse um communicante, «todos os infernos no mundo da alma são para a educação, para a reforma, e são moral e espiritualmente hygienicos». As provações não começam senão quando a natureza moral e mental, por longo tempo supprimida e pervertida, começa a manifestar-se. E assim é verdade que o céo e o inferno estão mais dentro do que fóra da alma. Essa affirmação, que se tem tornado chapa batida pela incessante repetição, exprime muito pouco para as mentes mediocres ; mas é uma verdade vital.

«Todos os que estão no inferno», disseram-nos certa vez, «são aquelles que estão levando vida desordenada». Pope disse a verdade quando affirmou que «a ordem é a primeira lei do Céo». De modo que, quando pleiteamos a «abolição do inferno», é realmente só no sentido de abolir-se uma concepção barbara da doutrina das retribuições, — doutrina que foi materializada torcida, alterada a um ponto que a tornou um ultrage á razão e a humanidade.

Nós vivemos em um Universo no qual os dois principios de Justiça e Misericordia prevalecem sempre. A Justiça é sempre divinamente misericordiosa e a Misericordia é sempre inexoravelmente justa. E no objectivo das suas operações estão todas essas condições que em nossas grosseiras formas de discurso nomeamos Céo e Inferno ; porque vamos sempre á Natureza e á Razão buscar ensinamentos, por muito que estas estejam em conflicto com alguns documentos e tradições, antigos ou modernos, sagrados ou profanos.

O PROGRESSO E O DOGMA

O progresso se faz e o dogma passa.

Se o dogma prevalecesse, a humanidade seria o que era ha quarenta seculos.

Se o dogma prevalecesse, Galileu não teria rompido o seu fatidico circulo ; Socrates não poderia derrocar o edificio dos seculos passados ; Thoricelli não arrancaria do ignoto a grande lei da hydro-dynamica ; Aristoteles não iria áquella fonte tirar d'ella a lei do peso especifico ; Laplace não devassaria o mundo planetario ; Fulton não descobriria o meio de avassalar os mares ; e tantas outras descobertas permaneceriam incultas, pela guerra que o dogma lhes moveu.

O dogma passa, o progresso se faz e a Verdade apparece.

Dr. Bezerra de Menezes

MEDIUMNIDADE

A crença, seja no que fôr, depende de um acto da vontade pondo em movimento a faculdade de raciocinio e focalizando esta no objecto do qual se deseja uma certeza moral ou material, consoante á natureza do mesmo, se méra hypothese baseada em argumentos abstractos ou facto verificado pelos methodos da sciencia positiva. E' examinando-o attentamente em seus pormenores, é submettendo-o, em partes e em conjuncto, á critica honesta, aos prós e contras de um raciocinio bem encadeado e sem os entraves das idéas preconcebidas, que nós poderemos avaliar o gráu de credibilidade que elle nos offerece e, assim acceital-o ou repudial-o como indigno de fé.

Sem esse impulso da vontade accionando todo o nosso machinismo psychico para a pesquiza da verdade nos dominios da religião, philosophia ou sciencia, nada descobriremos por nós mesmos, nos limites da nossa cultura, e permaneceremos, com relação aos problemas que nos cercam — ou nos fôfos coxins de uma neutralidade commoda e agradavel ou apegados á fé sem olhos ou ao negativismo *a priori* e quasi sempre atrevido.

O que ahi fica não é novidade, mas um facto muito conhecido dos estudiosos, e, se para aqui o trouxemos, expressando-o em linguagem nossa, foi com o intuito de escorar nelle as considerações que vamos tecer ao redor do phenomeno mediumnico, sob o ponto de vista de authenticidade ou de realidade evidente e comprovada pelos sentidos.

Passemos, pois, a essas considerações e perguntemos, logo á entrada: Existirá a *mediumnidade* ou individuos que, em virtude de uma organização psychophysica particular e sob determinadas circumstancias materiaes e moraes, possam receber mensagens dos espiritos desencarnados e serem intermediarios entre elles e os habitantes da terra?

Se os homens encarassem a pergunta de frente e, empellidos pela vontade, investigassem cuidadosamente a questão que ella envolve, estamos certos de que, *a una voce*, dariam resposta affirmativa, confessando a veracidade do phenomeno. Mas, assim não acontece, porque, frouxos de vontade, a cujos movimentos de impulsão oppõem varios entraves, contentam-se, uns, em lançar o phenomeno ao circulo inconsciente da ignorancia ou charlatanismo; outros, em attribuil-o ao manejo malefico do diabo para perdição das almas incautas; e alguns, em permanecer neutros, pouco se dando com a sua veracidade ou não.

Apenas um punhado da humanidade, podemos dizel-o, está apta, pelo estudo paciente que fizeram do assumpto, a proclamar sem rebuços a realidade material e objectiva da mediumnidade e as salutares consequencias que della advêm para a emancipação espiritual do homem e seu ulterior progresso na busca de Deus e da immortalidade, isto é, dos destinos eternos da alma.

Embora um punhado—em confronto com os milhões de incircumcisos de coração para crêr, que o mundo ainda comporta — seu testemunho é precioso, porque se ergue sobre as columnas massiças e indestructiveis dos factos, que a sciencia vulcanizou pelo fogo temivel de rigoroso controle...

E não constitue esse pequeno blóco humano de individuos de uma só nacionalidade, irmanados pela raça, pelas tendencias psychicas e outras affinidades compromettedoras para o enunciado de um principio qualquer, e sim de homens absolutamente separados, não só por fronteiras naturaes de paizes differentes mas tambem por indole e educação diversas, o que dá ao seu testemunho valor real e de brilho inapagavel.

Na Inglaterra, surge o vulto inconfundivel do grande sabio de reputação mundial William Crookes, que ao seu reno me de chimico dos mais eminentes allia o de descobridor do *thallium* metal branco, e materia radiante, a cujo lado vêm-se ainda mentalidades como as de Russell Wallace, naturalista e émulo de Darwin, M. Chalis, astronomo, F. Myers, celebre professor universitario, William Stead, eminente jornalista, e, em nossos dias, Oliver Lodge, sabio de primeira plana; na Russia, temos Aksakof, chimico e conselheiro imperial, o dr. Ochorowicz e outros scientistas de meritos incontestes; na Allemanha e na Austria, sobresahem o professor F. Zœllner, Carl du Prel, J. A. Fichte, Barão de Hellenbach e mais alguns, todos escriptores e philosophos de alta estatura mental; na Italia, o criminalista Cesare Lombroso, José Venzano, o dr. Ernesto Bozzano, afóra outros, cujos nomes nos escapam no momento; na França, Camillo Flammarion, philosopho e astronomo de fama universal, o dr. Charles Richet, physiologista de grandes creditos, os drs. Henry Boucher, Edmond Dupuy e mais algumas notabilidades scientificas; e em quasi todas as nações do globo, emfim, a sciencia pelos seus expoentes maximos, attesta a realidade do phenomeno mediumnico, que ainda não foi officialmente acceito pelas academias em virtude dos innumeros preconceitos religiosos e philosophicos ahi reinantes em detrimento da verdade.

Estes sabios, e dezenas de outros que não citamos, dotados de refinada perspicacia, de espirito critico levado ao exaggero e acostumados a analyses complicadas de factos e coisas, algumas subtilissimas, não se contentaram em examinar o phenomeno de longe, pelo telescopio de um assentimento *a priori*; pelo contrario, investiram no com o ardor de verdadeiros combatentes de sciencia e munidos de todas as armas de que dispunham, decididos a vencer, pela descoberta de fraudes ou dolos no campo opposto, ou a ser vencidos, se, ahi, se lhes oppuzessem factos evidentes e, portanto, absolutamente incontestaveis.

Foram vencidos; renderam-se á evidencia do phenomeno e o proclamaram sem medo ao ridiculo e aos apupos da phalange dos incréos commodistas ou interesseiros...

E o mundo todo será, um dia, tambem vencido e dobrar-se-á diante do phenomeno mediumnico, confessando-o francamente. Oliver Lodge, um dos maiores sabios inglezes da presente geração, prevê, quando diz: «Parece-me provavel que na sciencia psychica, como em qualquer outra sciencia, a parte mais forte do scepticismo actual ha de ser destruida, não por uma experiencia concludente, mas por massas convergentes de factos vindos de todos os lados. Além disso, a brecha será augmentada pela comprehensão gradual de que *taes acções psychicas* (observadas na mediumnidade) *não estão em opposição ás leis da Natureza*. São os primeiros fructos da terra promettida que temos visto de longe, e que não se acha ainda mui explorada».

Esta previsão do sabio vae-se realizando aos poucos ás nossas vistas.

A. GRELLET.

As Communicações Espiritas e a Religião

As relações do mundo visivel com o invisivel, dos homens com os entes que lhes são caros, identificam o homem com o seu futuro e o libertam do mundo material.

Supprimir essas relações é mergulhar a humanidade na duvida, que constitue todo o seu tormento e alimentar-lhe o egoismo.

A religião seria um tecido de superstições sem a demonstração positiva da sobrevivencia.

Allan-Kardec.

Chronica Extrangeira

A revista ingleza *Light* pediu ao grande escriptor belga, a sua opinião referente á sobrevivencia da alma, tendo recebido na volta do correio a seguinte resposta :

«Mais de uma vez eu tenho declarado nos meus livros a minha convicção de que os mortos sobrevivem e não perecem. Sob que forma ? Não sabemos ainda. Mas eu não duvido que está proximo o dia de o sabermos.

Sir Conan Doyle publicou, a seu turno, na «Light» a seguinte declaração : «Fui um materialista empedernido, e cheguei até a combater os factos emquanto pude. A actualidade, porém, me demonstra que a morte não é uma barreira intransponivel, e que os que abandonaram seu involucro terreno podem nos dar provas de que existem. Meus olhos viram seus rostos, meus ouvidos ouviram suas vózes, minhas mãos tocaram as suas, a minha memoria revivesceu ao contacto da memoria d'elles. Recebi tão bellas mensagens que nada conheço tão puro, tão inspirado em materia religiosa. O homem que nega hoje o phenomeno psychico é um ignorante.»

«*The International Psychic Gazette*», publicou em um dos seus ultimos numeros, a seguinte noticia :

«O bispo de Londres, dirigindo se aos seus fieis, em Westminster, disse : «Flammarion, o grande astronomo francez, demonstrou á contento em sua obra «*A morte e seu Mysterio*», e por meios puramente scientificos, que a alma é independente do corpo e sobrevive a este».

Oxalá que estes valorosos testemunhos venham concorrer para que a consciencia humana recobre a lembrança da sua existencia espiritual, para que possamos vêr suffocada a crise que nos assoberba.

OS MORTOS E OS PERFUMES

A «Revue Spirite», publicou o seguinte caso, cuja narrativa lhe foi enviada pelo sr. Francisco Guevedo, juiz districtal em Nogales — Sonora (Mexico).

Referido sr. recebeu ainda do sr. José Inurreta, director de *La Gaceta*, detalhes importantes que ajunta em sua carta :

— «Eu acabo de atravessar dias penosos. A mãi de minha mulher morreu ; era uma creatura incomparavel de bondade, a quem não se podia dar o nome de *sogra*. Sinto tanto a sua perda, como se ella fosse minha mãe. E eis aqui um facto curioso : Logo após della expirar, o ambiente exhalou um delicioso odor de rosas, e com tal intensidade que todas as pessoas presentes, inclusive as crianças, sentiram n'o. Eu estava ausente. Cheguei alguns minutos depois. O cheiro persistia e se manteve por mais de uma hora. O passamento teve lugar segunda feira e hontem quinta feira, por occasião da chegada de outros parentes que tinham sido chamados, o phenomeno repetiu-se com uma intensidade extraordinaria. A mysteriosa roseira perfumava sempre o quarto, a ponto dos recem chegados perguntarem-nos se não haviamos conservado flôres por occasião das exequias. Como explicar esta singularidade ?

O sr. Guevedo, commentando a carta de seu amigo lembra um facto pessoal.

Em 3 de novembro de 1909, em Vera Cruz, eu fui passear no cemiterio e ahi fiquei até o crepusculo. Ao ir para lá, quando atravessava um arrabalde, vi um canteiro carregado de resedá e apanhei um pouco destas flôres encantadoras. Dia precedente foi o de finados ; todas as sepulturas estavam ornadas e cercadas de flôres, mesmo as mais humildes. Todavia, chegando em uma secção do cemiterio, vi um tumulo, um unico, que estava esquecido, despido da «toilette dos defuntos». A poeira e as folhas seccas cobriam-n'o. As aranhas tinham estendido a sua toalha sobre um arbusto morto que sobre elle estava. Sobre a lapide eu consegui ler um nome que me era desconhecido : «Simona Arauz». Julguei que esta morta não tivesse parentes em Vera-Cruz, e resolvi limpar a louza. E assim depositei ahi meu bouquet de resedá, elevando o meu pensamento a Deus para o repouso d'aquella alma desconhecida.

Depois sahi.

«Na mesma noite, fui a uma reunião espirita, em uma casa das mais centraes da cidade. Havia ahi um bom medium de incorporação. Eu já tinha me esquecido do passeio. Os trabalhos começaram quando, de repente, as oito pessôas presentes disseram que sentiam em orno de si um penetrante perfume de resedá, a ponto de parecer que toda a casa estava cheia destas flôres. Fez-se logo pesquizas, mas não havia na casa uma flôr de resedá.

Então, o medium, ficando em trance, uma Entidade feminina, que dizia chamar-se Simona Arauz, me dirigiu um emocionante discurso, que começava por esas palavras: «Tu me trouxestes flôres e eu te restitúo o perfume». O cheiro coninuou até o fim da sessão.

«Tal é o facto surprehendente que eu certifico sob minha palavra de honra, e como espirita de longa data que desejo vêr a verdade respeitada.

APPARIÇÃO DOS DEFUNTOS AOS MORIBUNDOS

A proposito das publicações do Dr. Ernesto Bozzano a respeito das «Apparições dos defuntos no leito da Morte», Mme. Carita Borderieux publicou uma interessante carta que uma sua amiga Z. G. me dirigiu, e que demonstra muito bem a immortalidade e a coragem que os Espiritos infundem n'aquelles que estão preses a passar para a outra vida. Eis a carta:

«Eu perdi minha filha de 17 annos; ella esteve doente 5 annos; fazendo seus estudos muito irregularmente. Quano cahiu de cama, por 8 mezes até o momento de sua morte, conservou a intelligencia e a vontade de um modo notavel.

Quinze dias antes do seu passamento, uma noite em que eu me achava com a cabeça apoiada ao seu leito, vendo-a absorvida, perguntei-lhe o que pensava. Ella respondeu-me: — «Mamãesinha; veja lá» — mostrando-me a cortina. Eu segui com o olhar a direcção de sua mão e vi sobre a cortina escura uma forma de homem, completamente branca, destacando-se muito nitidamnete. *Nenhuma idéa espirita eu tinha*, e minha emoção foi extrema. Fechei os olhos, não desejando mais vêr.

A menina disse-me:

— Tu não me respondes?

Eu tive a fraqueza de declarar: — «Eu nada vi». Mas a minha vóz emocionada trahiu-me, sem duvida, porque, a menina accrescentou com um ar de reprovação:

O' mãesinha, eu vejo ha tres dias na mesma hora, sempre a mesma cousa. E' o meu papaesinho que vem buscar-me.

Minha filha morreu 15 dias depois, mas a apparição não se renovou mais. Sem duvida nesse dia elle a atingira a sua maior intensidade, para que eu tambem fosse testemunha.

Repito, nessa epoca eu nenhuma idéa tinha do espiritismo. Acreditava em Deus e na sobrevivencia, e nisto consistia a minha crença.

A morte de minha filha collocou-me numa situação desesperadora. Julgava ficar louca. Depois a crença espirita, pouco a pouco, impoz-se em meu espirito e no meu coração. Ouvi a minha filha, com ella communiquei-me. Hoje tenho coragem e consolação».

DUPLO SONHO PREMONITORIO

A «Revista de Estudos Psychicos publicou o seguinte facto, digno de menção:

— «O caso que vamos narrar, ainda que seja muita frequente nos dominios do psychismo, é extraordinario, por ser producto do sonho de duas pessoas distinctas, ainda que o sonho de uma d'ellas só se relaciona indirectamente com o que aconteceu mais tarde.

O distincto cavalheiro e naturalista sr. Edwin C. Reed, Director do Museo de Historia Natural da cidade de Concepcion, gosava de muito bôa saude, antes do seu fallecimento.

Dois mezes antes, porém, do seu

passamento, sonhou o sr. Reed que ao chegar ao fim de uma alameda, viu uma sepultura com uma cruz, onde se lia a seguinte inscripção: «Reed, naturalista, 7 de novembro de 1910». Este extranho sonho o sr. Reed contou o, com ironia, a varios amigos.

Na mesma noite em que isto succedeu, a sra. M. M. de R. nora do sr. Reed, residente em Mendosa sonhou que achava-se em preparativos para festejar o anniversario de seu matrimonio, que effectuar-se-ia justamente a 7 de novembro, mas que todos os presentes que ia recebendo eram corôas funebres...

Pois bem, o sr. Reed falleceu no dia 7 de novembro de 1910. Este facto nos foi referido pelo nosso distincto amigo C. V. S. Fiscal da Corte de Appellações do nosso porto, que ouviu o da nora do sr. Reed.

UM CASO DE TELEPATHIA

O Professor Silvio Venturi, director do Hospicio de Girafalco, publicou ha tempo, em «Lo Desconocido», o seguinte facto.

—«Em Julho de 1885 em residia em Nocera.

Um dia fui com um companheiro visitar um irmão em Pozzuoli, a trez horas de distancia pela via ferrea.

Todos de minha familia ficaram com saúde. Quando eu ia a Pozzuoli, lá passava ordinariamente dois dias ou mais. Chegamos ás duas horas da tarde e depois de jantar ensaiamos dar um passeio de lancha com meus paes. Mas logo detive-me pensativo e declarei energicamente que não iria, mas voltaria immediatamente á Nocera. Perguntaram-me porque, mas eu mesmo não podia explicar o motivo da minha estravagante resolução; não vacillei, pois sentia uma necessidade urgente de voltar para a casa.

Devido as minhas insistencias, deixaram-me ir. Meu amigo acompanhou-me. Atrelei ao carrinho um cavallo fraco e lerdo que caminhava á passo em vez de trotar.

Quasi perdi o trem das sete da noite, mas mudando de condução depois alcancei o trem.

Minha casa em Nocera estava situada a tresentos metros da estação, mas não tive paciencia de fazer esse trajecto á pé, tomei o carro de um amigo.

Ao chegar em casa empallideci ao encontrar quatro medicos, os Drs., Ventra, Canger, Roscioli e o medico da povoação.

Em roda da cama de minha querida filha achava-se muita gente; ella estava atacada de *crup* e ameaçada de morte.

Na região não havia essa molestia, que havia se declarado em minha filha ás sete horas da manhã, a mesma hora em que eu fui tomado da resolução de voltar á minha casa.

Tive o grande prazer de haver contribuido para a cura de minha filha».

O TESTEMUNHO DO GENERAL TURNER

O *Dailly Express*, de Londres publicou e as revistas inglezas reproduziram, um relato interessante de uma sessão em que o general inglez Sir Alfred Turner obteve uma photographia do Espirito de sua mãe. Eis as notas principaes:

— «O marechal Alfred Turner publicou a sua inteira conversão ao Espiritismo e sua crença nas photographias dos espiritos e em outros extranhos phenomenos que observou.

No interessante artigo do *London Magazine*, elle assim se pronuncia: «Tenho sido por espaço de dezessete annos um infatigavel investigador do occulto.

Fiz muitas sessões em minha casa Nas primeiras, as manifestações foram principalmente physicas, taes como as descrevem Croockes e Lombroso, mas gradualmente foram se dando phenomenos de mais alta importancia.

Os espiritos malignos não deixaram de intervir, mas desappareceram todos sob o impulso de alta influencia. Um dia o procedimento de um destes adversarios nos obrigou a suspender a sessão.

Os espiritos não eram visiveis, ma se faziam sentir com força e desagradavelmente. Um maltratou a uma senhor com um fluido muito intenso; a senhor gritou, e quando accendi a luz vi-a assustada, chegando a retirar-se sem nos dize adeus.

Em posteriores sessões nada occorreu. Emquanto a senhora não voltou as manifestações não recomeçaram. Em poucos minutos a medium que se achava sentada em uma cadeira, foi erguida com cadeira e tudo e atirada ao solo. Accendi a luz e encontrei-a em trance, em posição horisontal, no chão, extranhando eu vel-a sem o minimo arranhão.

Vi frequentemente transportes de flôres e de outros objectos que não haviam onde nos achavamos; mas cousa ainda mais extraordinaria eu vi em uma sessão celebrada em Chelsea. Quatro pessoas, inclusive eu, achavamos sentados em redor da mesa.

O medium que trabalhava não era profissional nem desconhecido de nenhum dos presentes. Obtivemos muitos objectos aportados de extranhas procedencias, que cahiram sobre a mesa, ahi trazidos por mãos invisiveis; todos elles foram acompanhados de uma grande quantidade de flores desconhecidas.

A casa foi parcialmente illuminada. Mostraram-me uma curiosa colher de cobre com uma cabeça de gato muito semelhante ás que usavam os mexicanos para o culto em suas cerimonias.

Consegui numerosas photographias, tiradas pelo sr. Boursnell, a quem fui recommendado por meu amigo W. Stead; tenho uma d'ellas que o *Dailly Express* publicou e representa o espirito de minha mãe na edade de 35 annos; é minha mãe; tenho uma miniatura feita n'aquella edade inteiramente semelhante na physionomia.

Fui convidado a resumir minhas mais recentes experiencias sobre as communicações com Stead. Pouco após ao naufragio do «Titanic» elle appareceu num grupo de amigos e em minha casa; o testemunho mais evidente da sua presença é a sua vóz que foi claramente ouvida e foi augmentando paulatinamente o tom até chegar ao maximo de uma vóz humana, em plena discussão empolada como se elle estivesse mesmo presente. Todos o conhecemos e sua vóz caracteristica não se poude confundir com qualquer outra. Começou mostrando-nos a sua alegria por se achar novamente entre nós. Falou largamente com uma senhora que havia sido sua secretaria particular por alguns annos e que muito o tinha auxiliado. Então falou-me sobre os ultimos momentos do «Titanic», e do que aconteceu quando a multidão de espiritos errantes, despidos dos seus involucros, em massa receberam a noticia de que se achavam em outra vida. Stead auxiliou muito a innumeros espiritos naufragos, a maioria em perturbação inenarravel de espanto e de surpreza»

Ecos e Noticias

Quanto mais se accentua a lucta contra o Espiritismo, mais a Verdade apparece demonstrando a sua acção poderosa, irresistivel mesmo, visto os seus principios não serem o producto de meras convenções, mas dos factos que podem ser observados por todos.

E ultimamente, quem mais se tem salientado nesta lucta sem tregoas contra a sobrevivencia, é o materialismo. Quantas conjecturas tem elle feito, quantas novas expressões tem inventado, que terminologia complicada tem usado para desorientar as almas, sonegando-lhes o seu mais caro ideal!

Não bastaram os termos — personificação subconsciente, dramatisação subconsciente, allucinação pessoal, criptestesia, telekinesia, etc.; agora temos mais a «metagnomia», empregada pelo sr. R. Sudre em sua obra «Introdução da Metapsychica humana», que mereceu um rebate do illustre pensador e sabio espirita Dr. Ernesto Bozzano, muito conhecido dos nossos leitores.

Emfim, o Espiritismo tem mesmo que passar por todas as provas de fogo; a sua tarefa e enfrentar as doutrinas parasytarias e a «sciencia official» que tem feito a humanidade descambar no plano acidentado da materialidade.

Oxalá que todas as forças se congreguem afim de vermos o desenrolar de uma batalha decisiva em que só o Espirito triumphará.

PORTUGAL

E' com prazer que registamos a actividade que se nota no meio espiritista portuguez, num resurgimento promettedor de que não ha memoria nos annaes do Espiritismo em Portugal.

A fundação da Federação Espirita Portugueza veio trazer a reviviscencia das energias, procurando se consolidar uma intima confraternisação, para bem orientada propaganda.

⁂

Brevemente será fundada a «Associação Portuense de Investigações Psychicas» cuja Commissão organisadora ficam assim constituida: Cel. Tristão Paes de Figueiredo, Major Sena Lopes, Dr. Mesquita Paul, Manuel Cavaco, Fernando de Almeida da Cruz Ferreira.

⁂

A Federação Portugueza nomeou commissões de propaganda nas seguintes cidades, além das que já foram constituidas: Moura, S. Braz de Aportel, Olhão, Portimão, Alandroal, Alcochete, Ponte Lima; sendo que está providenciando para serem aproveitados bons elementos de Angola e Moçambique.

⁂

Em Coimbra fundar-se-a brevemente um forte nucleo de propaganda sob a direção do destemido confrade sr. Antonio Gonçalves Granadeiro.

⁂

Em Moura está tambem em via de organisação um centro espirita, devido aos esforços do sr. Joaquim Segurado Faria, pharmaceutico e industrial, a quem o Espiritismo já deve optimos serviços.

⁂

A Federação Espirita Portugueza tem realisado semanalmente conferencias de propaganda, que tem sido muito concorridas quer por socios da Federação quer por altas individualidades que procuram a solução do problema da immortalidade. Os oradores que têm desempenhado essa tarefa são os srs: D. Maria O'Neil, da Academia de Sciencias; Antonio Vilela, 5.o annista da Faculdade de Sciencias; Dr. Antonio J. Freire, medico; Antonio Adelino Freitas; Pedro Cardia; Capm. José Bernardo Pinto da Silva.

⁂

A Federação está editando a «Revista de Espiritismo», que traz bons artigos e noticiario.

⁂

Os espiritas portuguezes viram desapparecer de suas fileiras dois vultos eminentes; o Dr. Adolfo Sena, Profess da Faculdade de Sciencias, da Universidade de Lisbôa; e o Dr. Alberto Zagalo Fernandes, antigo presidente da Federação Academica de Lisbôa.

Nossas condolencias e votos aos distinctos irmãos, de Luz e Paz.

FRANÇA

Paris - Le Mans - Bourges Châteauroux

O sr. André Ripert fez conferencias nestas cidades, sobre os themas: — «O escopo da Vida» — «A sobrevivenci em face da Sciencia». O orador falo sobre a psychologia normal e paranorma e a phenomenologia espirita. Todas a conferencias tiveram grande concorrenci

Châlons-sur-Marne

O Pastor Wietrich fez, no salão c leitura da bibliotheca municipal de Châlon sur-Marne, uma conferencia sobre: «A vózes do Invisivel». sobre este thema o c rador dissertou largamente tanto sob o a pecto philosophico como scientifico, co cluindo com um apello para que os pr sentes voltassem suas vistas para o Mu do da Immortalidade, que nos cerca.

⁂

Já deve ter sido dado á publicidade a ultima obra de Léon Denis— ‹Le Génie celtique et le Monde Invisivel›. O livro contém 324 paginas. Preço Frs. 10—Editions Jean Meyer, 8, rue Copernic, France, Paris.

⁂

A *Revue Spirite* diz não ser solidaria com a exploração de um ‹talisman› que uma Associação franceza vai expôr á venda para as relações com o mundo invisivel.

INGLATERRA

O discurso de Sir Oliver Lodge, no salão Grotiam, sob os auspicios da Alliança Espiritualista de Londres, continúa a merecer a attenção de toda a imprensa e repercussão nas revistas espiritas de todos os paizes. Já solicitamos do illustre sabio para dal-o na integra, nesta revista, em numero proximo.

⁂

No theatro Royalty, de Londres, foi levada ao palco a peça «The Dibbuck», essencialmente espirita, que obteve grande successo.

O «Dibbuck» é uma alma errante que se incorpora numa moça, que é noiva. Uma das curiosidades da peça é a reconstituição de uma sessão com gabinete escuro, evocação e finalmente conversão do Espirito perseguidor, que renuncia os seus amores terrestres e deixar a moça realisar seus destinos.

⁂

Foi remettida á Camara dos Communs uma petição, com grande numero de assignaturas de Parlamentares, solicitando o reconhecimento legal das faculdades mediumnicas.

⁂

Em Glasgow, na *Glasgow Association of Spiritualists*, foi dada uma nova e retumbante demonstração das faculdades dos mediums Hope e Mme. Buxton, que têm obtido excellentes photographias espiritas. Em 32 sessões realisadas, foram obtidos 32 «extras». A maior parte das entidades photographadas, foram reconhecidas como sendo as de pessoas já fallecidas. *The two Worlds* publica os nomes desses Espiritos, que tiveram representação na terra, e exerceram grande actividade em favor do Espiritismo.

Em uma segunda visita a Glasgow, o sr. Hope e Mme. Buxton, obtiveram os mesmos probantes resultados em 33 sessões.

Os assistentes levaram suas chapas, e os operadores se abstiveram de tocal-as. Tudo foi feito sob o mais rigoroso controle.

Estas experiencia têm produzido grande interesse nos meios profanos.

⁂

A Egreja Escosseza, em sua ultima assembléa, declarou que o Espiritismo é uma questão digna de exame. Essa mesma egreja fundou um hebdomadario intitulado «The Scots observer», cujas paginas inserem uma discussão sobre «A Egreja e o Espiritismo». Essa collaboração pertence ao Rev. Mr. Reid, pastor da Egreja Escosseza e espirita convicto.

⁂

A sra. Champion de Crespigny acaba de fundar no Lyceu-Club, de Londres, um centro de estudos com o titulo ‹Psychic Science Circle›, para estudos scientificos do Espiritismo.

ALLEMANHA

A *Psyche*, revista mensal psychica e espirita, orgão da ‹Sociedade de Pesquizas Psychicas›, de Berlim, publica uma noticia de um novo apparelho — ‹telekinetoscopio›, que permitte controlar os phenomenos nas sessões experimentaes.

⁂

O novo livro do destemido e sabio espirita Dr. Ernerto Bozzano — ‹A proposito da introdução da Metapsychica humana›, vae ser traduzido para o idioma de Gœthe.

⁂

O valente sabio Barão de Scherenck Notzing, foi eleito membro do Comité do Instituto Metapsychico, de Paris.

∴

Nas suas noticias da Allemanha, para a ‹Revue Spirite›, o sr. Jean Wanger, á proposito do centenario de *Beethoven*, conta o seguinte facto:

«A vida de Beethoven movimentada e dolorosa é conhecida de todos, para que d'ella façamos mais referencias. Mas um facto curioso merece ser lembrado. Quando Beethoven entrou em agonia, em 26 de março de 1827, ás 5 horas da tarde, e a néve cahia em grandes flócos, um formidavel trovão se fez ouvir, acompanhado de uma claridade deslumbrante, que veio illuminar o quarto. No mesmo instante o genio da musica exalava o seu ultimo suspiro, entre os amigos aterrorisados por esse perturbador phenomeno».

BELGICA

A Federação Espirita Belga fundou uma escola de mediuns, em Liege, reunindo-se os seus componentes aos sabbados, com o fim do desenvolvimento das faculdades de clarividencia, incorporação e psychographia. No correr da sessão costuma se manifestar o Espirito de um antigo pioneiro que vem orientar os trabalhos dos novos obreiros.

⁂

A ‹Union Spirite Belge› effectuou uma reunião publica, tendo feito por occasião o presidente, uma bella allocução. As 2.30, o secretario geral fez uma conferencia sobre o thema: ‹O que é o Espiritismo.›

⁂

Temos sobre a mesa ‹La Vie d'Outre-Tombe› orgão da ‹Union Spirite Belge›.

Traz bom summario e noticias.

ARGENTINA

A confederação Espiritista Argentina teve o nobre gesto de enviar uma mensagem ao Governador do Estado de Massachusetts, protestando contra a pena de morte imposta pelos Tribunaes de Justiça de dicto Estado a Nicolás Sacco e Bartholomeu Vanzetti, accusados por questões sociaes.

Na mensagem, a Confederação demonstra a ineficacia da pena de morte como meio de regeneração, a infracção desta pena ao codigo da Lei Divina ou Natural, cita um dos artigos da Lei do Sinay e por fim lembra os Preceitos do Christo, que devem servir de base a todas as leis humanas para que possa prevalecer a Verdadeira Moral que orienta os povos e equilibra as nações.

∴

La Union, hebdomadario de grande formato, da «Sociedad Espiritista Union» completou 13 annos de proveitosa existencia.

Este jornal está sob a direcção do prestigioso espirita, sr. Francisco Molina

∴

— A "Sociedad Espiritista Lumen continúa a realisar conferencias publica de propaganda ao cargo de diversos oradores. As ultimas conferencias foram feita pelos srs.: B. Odell, sobre — «O Espiritismo, fonte de renovação idealista» — José Belart, sobre — ‹O Trabalho pel Verdade e pela Justiça›.

Domingo ultimo subiu á tribuna, sra. D. Juana J. Caro, que dissertou sobre: ‹As vantagens do Espiritismo›.

— Na "Sociedad Constancia" falou numeroso auditorio o sr. J. Villa; send na semana seguinte lida uma conferenci do Dr. Cosme Marinho, sobre o thema — "Incarnação e Desincarnação".

— Conferenciou na "Sociedad Espiritista Beneficencia" a srta. Mathilde B. lech, sobre a "Verdadeira Felicidade".

⁂

— A "Sociedad Espiritista Carida Cristiana", de Lonquimay", ronovou su directoria, da qual é presidente o sr. Di nisio Martin.

∴

Sob o titulo "Destellos", apparece

em S. Fernando, sob os auspicios da "Sociedad Luz y Vida, uma revista destinada a propagar os Ensinos Espiritas.

⁂

O sr. Carlos Chiessa acaba de publicar um novo livro ; "Instinto, intelligencia y alma dos animales". Esta obra é editada pela Confederação Espiritista Argentina.

⁂

Temos sobre a mesa «*La Idea*», orgão da Confederação Espiritista. Vem vestida de bella capa e insere diversos clichés, dentre os quaes se destacam o de Léon Denis, e o da festa em beneficio da Broadcasting B. 4 pela «Unione e Benevolenza».

⁂

«*Resplador de la Verdad*», mensario da «Sociedad Sáenz Cortés», Fiat Lux», de Santa Rosa, Pampa Central: «La Nota Espiritista,» de Buenos-Ayres ; «Contancia,» de Federação Espiritista Argentina, continuam á circular regularmente.

CUBA

A Sociedade Espiritista de Cuba, continúa a realisar conferencias de propaganda.

⁂

Em Matanzas, diversos espiritas tem feito conferencias de divulgação dos Ensinos dos Espiritos. Foram celebrados festejos commemorativos ao passamento da grande propagandista D. Amalia Domingos Soler.

⁂

O Grupo Rozendo realisou a decima oitava conferencia Cultural Espirita, sendo orador o Dr. Mateo Fiol, Cathedratico de Logica do Instituto, que dissertou sobre — «A acção das forças moraes para o progresso da humanidade.

⁂

Recebemos o «Rozendo» revista de estudos psychologicos, de Matanzas.

GUATEMALA

Em Quezaltenango, festejou o 11.o anniversario, a revista «El Gimnasio» — dirigida pelo sr. J. Filiberto Lopes, e dedicada á propaganda do Espiritismo naquella republica. «El Gimnasio» traz excellente collaboração em que se salientam os principios kardecistas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Consta-nos que a policia da Capital Federal vae chamar á ordem as sociedades que se intitulam espiritas, mas que, de facto, não passam de antros de fanatismo onde não ha estudo, nem pesquiza, assim como aos intrujões, que se valem do Espiritismo para fins condemnados pela propria doutrina.

Parece chegado o tempo do joeiramento para que a verdade appareça e a todos possa orientar para os altos destinos que nos aguardam. Este gesto do Governo, que não pode deixar de merecer os nossos applausos, quer dizer que as autoridades já viram que alguma cousa ha a defender no Espiritismo.

Continuamos, pois, a aconselhar aos nossos amigos e aos centros constituidos, o estudo são das obras kardecistas como base de uma experimentação em que cada um possa chegar as conclusões desejadas sobre a sobrevivencia e communhão espiritual.

Rio de Janeiro

O «Centro Fraternidade», de Marechal Hermes tem feito uma serie de conferencias publicas ao cargo de um grupo de senhorinhas, cuja palavra de fé vae vivificando o auditorio, que se renova todos os dias.

— Falou a srnha. Joselina Tosta sobre a «Dôr», inaugurando assim a tribuna com a demonstração da necessidade do soffrimento para a regenaração espiritual.

— Domingo seguinte falou a srnha. Hermengarda Leal, que tomou por thema — «A existencia de Deus».

Outros oradores têm se feito ouvir, attrahindo para aquelle nucleo espiritos de bôa vontade que desejam conhecer a doutrina de Allan-Kardec.

∴

O Prof. Everardo Backeuser, da Escola Polytechnica, e o Dr. Oscar de Souza, lente de physiologia da Escola de Medicina, fizeram uma serie de conferencias sobre os Factos Espiritas em face da Sciencia. De maneira que os nossos scientistas começam a tomar á serio o que o Espiritismo ha tempo vem propagando.

∴

Mais de cincoenta associações espiritas, na Capital, realisaram sessões publicas de estudo, concorrendo assim para o desenvolvimento espirita.

∴

Com o titulo «Centro Espirita João Huss» foi fundado em Valença mais um nucleo de propaganda dirigido pelo sr. João Rodrigues.

A novel associação abriu uma aula de catecismo, que funcciona aos domingos, e já conta 40 alumnos.

∴

O Centro Espirita «Bezerra de Menezes», de Petropolis, communicou-nos que realisa sessões publicas ás segundas feiras, as 7 1/2 da noite, e conferencias todos os terceiros domingos de cada mez.

∴

O Centro Espirita «Bittencourt Sampaio», de Barra Mansa, elegeu sua nova directoria que ficou assim constituida: pres. hon. Fred. Figner; director, Manuel Pereira Horta; vice, Ary Ferreira Horta; 1.o secr. Justo Gomes Martins; 2.o Francisco Assis Martins; thes. Oscar Silva Martins; proc. Jorge Ramos Escobar; zel. D. Rosa F. Horta.

∴

O Centro Espirita Lazaro, da Travessa Hermengarda 17, está realisando conferencias publicas. A ultima foi feita por D. Iveta Ribeiro.

∴

O Grupo Espirita Fé e Esperança, de Entre Rios, constituiu a sua nova directoria com os seguintes srs.: — pres. José Magno da Silva; vice, Thomé Nicolich; 1.o secr. Antonio Costa Carvalho; 2.o Angelo Destro; thes. int. Evaristo Arneiro.

∴

Desincarnou em Entre Rios o nosso confrade Manuel Carlos Gomes, thesoureiro do Grupo Espirita Fé e Esperança.

Era um espirita trabalhador e sensato, cujo amor á causa tornava-o considerado dos seus companheiros.

São Paulo

Phenomeno em Xiririca

A «Gazeta de Noticias», velho diario de grande circulação, publicou a seguinte noticia do seu correspondente em Xiririca:

Continuam nesta cidade paulistana os phenomenos de effeitos physicos, produzidos pela presença de um medium, inconsciente, que reside com a familia do presidente do Centro Espirita local, Sr. Trajano de Souza Cabral. Dá-se constantemente o transporte de objectos, de um logar para outro, sem, todavia, serem damnificados.

Ha dias, segundo informa o confrade Cabral, foi levada uma estatua de barro de cima de uma mesa da sala para um quarto, sem nada soffrer. Um gato foi levantado á altura de quatro metros e dahi lançado contra o assoalho, com violencia.

O gato morto, foi, depois, collocado no batente de uma janella, ao mesmo tempo que se ouviam gemidos prolongados que eram dados pelo espirito.

Tem-se feito muitas sessões no Centro Espirita dahi, mas sem resultado positivo.

⁂

O movimento do Asylo Allan-Kardec, de Franca, durante o mez de julho, foi o seguinte: Existiam, 91; entraram 14; sahiram: curados 7; melhorados 1; fallecidos 4; retirou-se 1. Existem 92, sendo 45 homens e 47 mulheres.

Este hospital é dirigido pelo nosso confrade José Marques Garcia, e tem por medicos assistentes os srs. Drs. Walfrido Maciel, Mathias Vieira e Antonio Lopes.

⁂

O Centro «Amor e Caridade,» de Jahú, communicou-nos estar á frente de sua directoria, os srs. pres. Turibio J. Paes; vice, Joaquim Gonçalves; 1.o secr. João A. Leme; 2.o Isidro Alves Ferreira; 1.o th. Ettore Soriano; 2.o João A. Silva; proc. Benedicto Silva.

⁂

A Sociedade Espirita União e Caridade de Taubaté enviou-nos, acompanhado de um delicado officio, o quadro do movimento do Albergue Nocturno durante o 1.o semestre, de janeiro a Junho de corrente anno, accusando um total de 492 abrigados.

E' presidente desta sociedade o sr. Benedicto Antonio Moreira.

⁂

O Centro Espirita Vicente de Paulo, de Cruzeiro, communicou-nos a posse da sua directoria, assim constituida; pres. Dr. Mario da Silva Pinto; vice, Waldemar Carneiro; 1.o thes. Amador Costa Souza; 2.o Norberto Martins; 1.o secr. Joubert Pitta; 2,o Sebastião Barcellos; zel. Antonio Luiz Ferreira.

⁂

O Centro Espirita «Caridade e Fé» elegeu, para dirigir os seus destinos, os srs.: pres. Pedro Volpe; vice, Manuel Mendes; secr. Juvenal Pinto Fonseca; thes. Venancio Tamanini; orador, Francisco Velloso; proc. Servulo Sant'Anna; zel. Reliquias Ribeiro.

Minas

E' nosso representante em Juiz de Fóra, o nosso confrade Sr. Dr. Arminio Rego de Carvalho, rua S. Antonio, 1172.

⁂

A União Espirita Mineira, com séde á rua Curityba 626, elegeu sua nova directoria, que ficou assim constituida: pres. Cel. João Baptista Gomes; vice, major Antonio A. Souza; 1.o sec. capm. José Joaquim Borges; 2.o Tte. Vicente Rodrigues dos Santos; 1.o thes. Dr. Ernesto Souza; 2.o Thes Luiz Gonzaga do Carmo; bibl. D. Paulina Borges; proc. sta. Ephigenia Paraizo.

Alagôas

O Centro "Annibal Cardoso", de Maceió, communicou-nos ter assim ficado constituida a sua directoria: pres. José Cardoso Marques; vice, José N. S. Araujo; 1.o sec. Pedro A. C. Corrêa; 2.o D. Marieta Barros Corrêa; thes. Sebastião de Lima.

Parahyba

Está circulando em Areia, «O Luzeiro», semanario de propaganda espirita, sob os auspicios do Centro Caridade e Fraternidade.

«O Luzeiro» está sob a direcção do prestante confrade sr. Horacio de Almeida.

⁂

O Grupo «Guilherme Eurico», de Guarabira communicou-nos a eleição de sua nova directoria que ficou assim constituida: pres. Alcides Lima; vice, Augusto Aquino Torres; thes. Antonio Lira; 1.o secr. Abdias de Almeida; 2.o James de Alencar Seixas; doutr. Pedro B. Albuquerque; zel. João Fialho de Araujo.

Sergipe

A Sociedade "Obreiros do Senhor", de Aracajú, communicou-nos ter a sua nova directoria ficado assim preenchida: pres. Lindolpho Campos; vice. Alcino Mello; 1.o secr. Sergio Nogueira; 2.o José Joaquim Oliveira; thes. D. Amelia Alves.

Pará

Reappareceu a «Alma e Coração», antiga revista sob a direcção do Dr. Archimino Lima e D. Elmira Lima. Felicitações.

⁂

O Sr. Ettore Bosio realizou na União Espirita Paraense, uma conferencia sobre o thema—«A Prece», e outra na Associação «Caminheiros do Bem» sobre a «Metapsychica".

⁂

Temos sobre a mesa "A Revelação", orgão da "União Espirita Paraense".

⁂

Os grupos — "Amor e Perdão", do Castanhal; "Caminheiros da Paz" e "Luz e Amor", de Belém, filliaram-se á Associação "Caminheiros do Bem".

⁂

A «União Espirita Paraense» commemorou o 21 anniversario de sua fundação.

⁂

Sob os auspicios da Associação «Caminheiros do Bem», foi installado na Capital, um Posto Curador, estando funccionando com 7 mediums.

Bahia

O destemido propagandista, director proprietario d'"A Verdade", o confrade Paulo Alberto, brindou-nos com um exemplar de sua ultima obra — "A Morte da Egreja", poema escripto a proposito do Congresso das Vocações Sacerdotaes, realisado na Bahia.

⁂

O Centro "União e Fé", da Cachoeira, dirigido pelo confrade sr. Americo Palma de Sant'Anna, está activando os trabalhos de propaganda que vão orientados.

⁂

E' nosso correspondente neste Estado, o nosso amigo Manuel P. Celestino de Oliveira, Rua Conego Pereira, Casa 2 Leões.

Maranhão

O Centro Espirita Maranhense continúa a realisar regularmente seus trabalhos.

⁂

Por motivo imperioso, fica substituindo o nosso confrade sr. João dos Santos Netto, na representação desta revista no Maranhão, o nosso confrade sr. Luiz Augusto dos Santos.

Rio Grande do Sul

A Sociedade Feminina de Investigações Psychicas, de Porto Alegre, communicou-nos a posse da sua nova directoria, assim constituida: Sras. D. D. pres. Olympia Campos; vice. Isaura Magalhães; 1.a secr. Zazá Gomes; 2.a Alice Pereira Souza; 1.a thes. Emilia Aydos; 2.a Thereza P. Brandão; bibl. Francisca Neves.

Conferencias

Realisaram conferencias durante o mez, os srs: — Dr. Souza Ribeiro, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Everardo Backeuser, Dr. Oscar de Souza, Dr. Renato Pacheco, Dr. Sebastião Caramurú, Dr. João dos Passos, Leopoldo Machado, Henrique da Fonseca, Tito de Barros Junior, Onofre Baptista, Godofredo dos Santos, Giaccomo De Bernardo, Pedro Camargo, Prof. Felippe Santiago, e as Exmas. sras: — Aura Celeste, Iveta Ribeiro, Joselina Tosta, Hermengarda Leal, Prof. Beatriz Lindsay.

Todas as conferencias foram de grande successo.

anno 3, No 11, 1927

LAP

15-12-27

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3111unse

ANNO 3-BRASIL-E. S. Paulo- Mattão, 15 de Dezembro de 1927 - NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ✠ COLLABORADORES : DIVERSOS

O PHENOMENO ESPIRITA

O phenomeno espirita é, sem duvida, o elemento principal para a solução do problema da sobrevivencia, que até agora não poude ser resolvido positivamente por nenhuma philosophia.

A synthese das ultimas investigações que encerra as conclusões de William Crookes, Camille Flammarion, Cesare Lombroso, Aksakof, Myers, Gibier e outros sabios de renome mundial, emoldurando magnificamente a coodificação de Allan-Kardec, desvenda de um modo bem categorico, o grande mysterio do futuro e do Além.

A affirmação da alma humana se nota atravez dos livros sagrados de todos os tempos, mas ella não passava de uma intuição nitente de factos que em todas as epocas foram atirados para o dominio do sobrenatural. Em todas as religiões antigas, dos Vedas, do Zend-avesta do budhismo, do Koran, do cultualismo assyrio, babylonico e egypcio ; a Biblia e os Evangelhos estão cheios de historias de apparições e manifestações diversas que faziam reviver nos povos os mysterios do Além. Na corte dos pharaós Moysés luctou com os magos officiaes do Egypto, transformando seu bordão em serpente, assim como as aguas sangrentas e fazendo desencadear dez pragas terriveis, phenomenos transcendentes e unicos capazes de convencerem a Pharaó da libertação dos Israelitas.

No livro de Samuel vê-se Saul o primeiro rei de Israel com a pythonisa do Endor que lhe fez apparecer a sombra do mesmo Samuel, que prophetisou o triumpho dos Philisteus e a morte de Saul, prophecia que se cumpriu em toda a linha.

Os gregos tambem não desconheciam essas manifestações. Homero diz que Ulysses, com o auxilio de Circéa, invocou a sombra de Tiresias que appareceu junto á de sua mãe.

No mundo grego-romano, Epheso, Cumas, e Heracles têm suas pythonisas. Cicero fazia sessões de evocação em casa de seu amigo Apis ; Dante depois de uma evocação aos espiritos communica-se com Virgilio que lhe mostra as almas em pena : Jordano Bruno obtinha mensagens por meio da mesa ; Benevenuto e Leonardo da Vinci assistiram materialisações de phantasmas no Coliseu romano.

O mundo «prodigioso» não tem cessado o seu testemunho em todos os rincões da terra.

E si é verdade que, sob o dominio feudal da theocracia esses phenomenos diminuiram muito a sua acção, é tambem para notar que desde o inicio da Éra Espirita elles vêm-se intensificando e accentuando de tal forma que será impossivel pôr-se-lhe um paradeiro.

A grande guerra, verdadeiro furacão que passou pelo mundo, não ha a negar, veio dar um novo alento ao Espiritismo, pois os phenomenos augmentaram consideravelmente, como um acto providencial de restituir os mortos aos entes queridos que choravam a sua perda.

Do novo impulso espirita se salientam dois grandes escriptores inglezes : Sir Oliver Lodge, o sabio de maior quotação mundial ; e o novelista e historiador, medico distincto e conhecidissimo autor do Sherlock Holmes, sir Arthur Conan Doyle.

Ambos perderam filhos na guerra e ambos affirmam terem se communicado com elles depois da morte.

Milhares de casos semelhantes se acham entranhados nos archivos espiritas.

Emfim, o phenomeno espirita, considerado já pelos philosophos da escola positiva como um problema scientifico de alta transcendencia, vai merecendo a attenção dos sabios e penetrando nas academias e areopagos até aqui vedados ás cousas do espirito.

O Espiritismo vem cercado de um grande contingente de provas que se patenteiam nos phenomenos que lhe são peculiares. Um longo e reflectido estudo das experiencias alheias e um bom numero de experiencias proprias, permittirá aos pesquisadores formar uma opinião segura sobre o phenomeno espirita, ajuizando assim um conceito sabio as criticas apaixonadas de seus impenitentes oppositores.

Finalmente, já podemos dizer : a Immortalidade acha-se á nossa frente para fazer penetrar em todos os corações a consoladora certeza da existencia da alma e sua sobrevivencia, cuja phenomenologia em nova phase de accentuada manifestação nos deixará vêr a eclosão de uma aurora que envolverá o mundo todo.

CRITICOS E MEIAS VERDADES

Um pequeno reconhecimento é coisa mui perigosa. Em nossos proprios estudos o «pequeno conhecimento» embora não seja perigoso, é frequentes vezes fonte de muitos erros por parte de investigadores superficiaes que procuram resolver certas formas de phenomenos physicos. No dominio da investigação psychica é necessario ter algum conhecimento do assumpto em geral antes de emprehender um julgamento seguro.

Um conhecimento completo do assumpto — embora não seja muito profundo esse conhecimento,— daria sufficiente clareza ao pensamento para evitar opiniões turvas. Em todos os campos da actividade encontram-se criticos superficiaes, cujas opiniões são fundadas ordinariamente em meias-verdades.

Um joven e brilhante critico, por exemplo, recentemente «descobriu», para sua grande satisfação, que a clarividencia é simplesmente a faculdade que algumas pessoas possuem de ver o pensamento do assistente, e por isso não poderia ter significação relativa á vida do Além ! O absurdo dessa explanação estará evidente a todo investigador experiente no assumpto, que, comtudo, reconhecerá nella um elemento de verdade.

E' muito sabido que algumas pessoas têm o poder de «visualizar» os seus pensamentos até um gráo extraordinario, e taes pensamentos-imagens frequentes vezes podem ser apanhados pelo medium. Todavia o clarividente exercitado tem faculdades de descriminação, e ordinariamente tem pouca difficuldade em separar esses productos mentaes das verdadeiras impressões clarividentes.

(«Ligth», 20-8-27)

Acção dos mortos sobre os vivos

Obsessão — Seu tratamento

XVI

Narremos mais dous casos de obsessão, cujas curas ficaram perfeitamente documentadas :

«Os jornaes desta capital deram noticia de *mais uma victima do espiritismo*».

Foi o caso de ter ido a casa de uma *curandeira* a esposa de um moço muito conhecido da nossa sociedade, o Snr. Canongia, e de ter sahido d'ahi louca, de não a poder ter o marido, senão no hospicio de Alienados.

Foi, portanto registrado por toda a imprensa da Capital Federal o facto da loucura da moça e da sua reclusão ao hospicio.

O desolado marido veio a nós e pediu-nos conselho, como medico e espirita.

Reunidos o Dr. Antonio Luiz Sayão, Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio, Dr. Pedro Sayão, cirurgião dentista Thiago Bevilacqua, o negociante Pedro Richard, o guarda livros José Augusto da Silveira Ramos, o negociante Mattos Cid, nós e o medium Frederico Junior, fizemos a evocação do espirito perseguidor de Alice, como se chama a esposa de Canongia.

Veio em furias e inconvenientemente por tal modo, que apenas adiantamos em saber que era ou tinha sido portuguez, e que perseguia a moça por tel-o despresado, quando elle tinha por ella uma louca paixão. Perseguia-a e perseguil-a-ia por toda a vida.

Na sessão seguinte, oito dias depois, tendo reconhecido que não era mais vivente, como estivera persuadido até alli, esteve mais cordato, ouviu nosso arrazoado, e foi lhe dado ver o quadro de sua anterior existencia ante o qual ficou horrorisado.

Agora reconheço, exclamou, que ella teve razão de sobra para me repellir.

Reconciliado, pois, retirou-se do nosso meio, e desde aquelle dia Alice começou a manifestar melhoras, até que, aos poucos recobrou a razão ; sahiu do hospicio e voltou á sua casa, onde vive perfeitamente, ha já seis annos, com o marido e os filhinhos sem mais sombras de perturbação mental.

O facto de não ter immediatamente voltado á razão, e sim apenas despontado, logo que cessou a pressão, foi devido aos fluidos maus do perseguidor, que levam mais ou menos tempo a ser eliminados, segundo o gráo de receptividade moral do perseguidor.

Apesar de retirada a causa, não cessou logo o effeito, porque o effeito já estava bem gravado e precisava de tempo para se desfazer.

Isto é uma lei pathologica, que não nos cabe aqui desenvolver».

Ainda outro facto incompleto :

«Antonio José Bruno, porteiro da Escola Municipal de São José, nesta Capital, tem um filho de seu nome, que trabalhava como marceneiro, numa fabrica de moveis da rua da Conceição.

Um dia, fomos procurados pela mulher de Bruno para acudirmos ao rapaz que se tornara intoleravel, procurando rixas com as pessôas da familia e ultimamente fazendo actos de rematada loucura. O dia seguinte era o de nossos estudos experimentaes, e pois, desconfiando da existencia de uma influencia extranha dissemos á mãe que trouxesse naquelle dia, ás dez horas da manhã para o examinarmos antes da sessão, que era ás quatro horas da tarde.

Veio com extraordinaria reluctancia, e por nos dever respeito e obediencia em razão de sermos antigo medico da familia ; que o vimos nascer e crescer.

Não lhe arrancamos nem uma palavra, mas aproveitámos o tempo, moralisando-o, e principalmente ao seu perseguidor que não tivemos duvida sobre sua presença alli.

Em meio daquelle trabalho, entrou na sala, onde se achava comnosco o Commendador Domingos Gonçalves Pereira Nunes, o medium Brito Sarmento, que mal foi tomando uma cadeira sem saber do que se tratava, foi acommettido pelo espirito, com tal furia, que se não fôra Brito medium perfeitamente desenvolvido teria sido tomado.

A hora da sessão, tendo o rapaz voltado para casa, reuniram-se na sala dos trabalhos o Dr. João Baptista Maia de Lacerda, Commendador Gonçalves Pereira Nunes, Professor Lourenço Rodolfo de Athayde, e outros.

O medium Brito recebeu o espirito que antes quizera tomal-o de surpreza, o qual começou dizendo-nos : — Venho pagar-te o sermão de hoje de manhã. —

Não houve argumento, não houve razão, não houve esforço que abalasse o infeliz. Firme como uma rocha, deu-nos o seu ultimatum : Não ha poder capaz de suspender minha vingança !

Ha, respondeu-lhe pelo medium Lacerda, um espirito superior ; ha o poder da justiça do Senhor, que, em vista da humildade com que tua victima tem soffrido tua perseguição, retira-a de tua acção, para não mais poderes fazer-lhe mal.

Fazendo juras de mostrar seu inquebrantavel poder, sahiu o perseguidor; mas o caso foi que o perseguido apresentou-se-nos cinco dias depois, em perfeito estado mental, e disse-nos que vinha agradecer-nos a cura, e que dalli seguia para a fabrica, onde já havia tomado seu logar.

Dissemos que esta observação não foi completa, porque temos sempre conseguido a reconcialiação da victima com o algoz, o que nos foi impossivel neste caso».

Mas o valor curativo deste processo decorre dos ensinos e da pratica do Christo, quando restituia aos enfermos as suas faculdades mentaes, quando exercia a acção de curar.

Vejam-se os seguintes casos narrados pelas Escripturas :

Jesus cura loucos em casa de Pedro. Matheus, cap. 8 v. 16 : — «E chegando a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados (loucos) e Jesus com a sua palavra expulsou *delles* os espiritos *malignos* e curou todos».

Matheus, cap. IX vs. 32 e 33 — «E havendo-se elles retirado, trouxeram-lhe (a Jesus) um homem mudo e endemoninhado (obsedado). E expulso o demonio (espirito obsessor) falou o mudo e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Jerusalem».

São Marcos, cap. I vs. 21 a 26 — A cura do louco de Capharnaum. — «E estava na Synagoga delles um homem com um espirito immundo (atrazado) que exclamou dizendo : Ah ! que temos comtigo Jesus Nazareno ? Viestes destruir-nos. Bem sei quem és, és o Santo de Deus. E Jesus reprehendeu o dizendo : Cala-te e sahe delle. E o espirito clamando com grande vóz sahiu delle. E elle sarou».

São Marcos, cap. IX vs. 14 a 29— A cura de um joven lunatico.—«Um homem se approxima de Jesus e diz-lhe : Mestre, trouxe-te o meu filho que tem um espirito mudo; e onde quer que o apanhe, despedaça-o e elle espuma e range os dentes e vae-se definhando». Aqui é um caso de obsessão estudada em Medicina sob o nome de *epilepsia.* «Jesus respondeu : ‹Trazei-m'o». Trouxeram-lh'o, e quando o viu (a Jesus) o espirito logo o agitou (ao louco) com violencia, e cahindo por terra, revolvia-se, espumando. O pae do *epileptico* declarou que elle era assim desde pequeno e que muitas vezes o espirito obsessor o tinha lançado n'agua e no fogo para o destruir. Jesus se dirige aquelle espirito, dizendo lhe : «Espirito mudo e surdo eu te ordeno : Sae delle e não entres mais nelle». E elle clamando e agitando-se com violencia sahiu e o menino ficou bom».

Segundo Machiavel, ha tres especies de cerebros : os que, por si mesmos, comprehendem a razão de ser das cousas ; os que reconhecem a verdade, quando demonstrada por outros ; e os que são incapazes de comprehendel-a de qualquer modo, estes em maioria.

Todos aquelles que repellem as verdades demonstradas a saciedade pelo Espiritismo, ou não as tem podido comprehender e estão incluidos neste terceiro caso, ou são incoherentes, quer por irem de encontro aos dictames das suas consciencias, quer por repellirem o que não estudaram e não conhecem. São cegos e incapazes do mesmo modo.

O Espiritismo é a fonte de luz que está se irradiando pela Terra dilatando os horisontes de todas as sciencias. Não tardará muito para que elle tenha entrada franca em todos os manicomios, onde irá restituir a razão á maioria dos infelizes encarcerados..

Elle irá reformar por completo a Medicina materialista.

SOUZA RIBEIRO.

A REALEZA DE JESUS

O actual pontifice romano decretou, numa recente encyclica, a realeza social do Christo, e o rebanho de fieis, que obedece a sua direcção espiritual, acaba de realizar pomposas festas exteriores, visando confirmar definitivamente aquella sagração.

Feliz da humanidade, se de facto o Christo reinasse tão viva e efficientemente no coração dos homens, inspirando-lhe todos os movimentos, que a essa realeza consummada um simples decreto pontificio viesse apenas trazer uma sancção exterior.

E' isso, porém, o que se observa nos actos, nos costumes e sentimentos humanos, nesta epoca de vertiginosa dissolução moral, de ambições que se não saciam, de rancores que se não mitigam entre povos e individuos, epoca de obscuridade e de inquietação, de calamidades e de angustias, em que ao lado da penuria crescente dos pobres se ostentam os desvarios arrogantes dos enriquecidos a todo preço e em que a ronda sinistra da materialidade, aviltando e supprimindo o proprio recato feminino, vai solapando os alicerces moraes da familia, para que nem sequer esse ponto de apoio subsista, sobre o qual as novas gerações, com anciedade esperadas pelos que não perderam ainda a confiança no futuro, se firmem para, mediante a educação, que sómente no santuario do lar pode ser ministrada, emprehender a obra de organização social que periclita ?

Mas, se é esse o pungente espectaculo que, por toda parte, offerece a humanidade em nossos dias, é sobre essas desorientadas sociedades humanas que o decreto pontificio — valha a verdade — só por escarneo, pretende firmar a realeza de Jesus ? Ou haverá, na encyclica romana, um intuito occulto antagonico ao que aconselhariam os supremos interesses da Verdade ?

Para os que veem as coisas, não em suas illusorias expressões externas, mas na significação exacta que lhes corresponde, trata-se evidentemente de uma manobra politica, tendente a emprestar uma nova aureola de prestigio á igreja de Roma, ainda florescente, posto que muito diminuida, em suas relações com os poderes temporaes do mundo, mas de facto em franca e, para ella, alarmada decadencia no que se refere á influencia espiritual que, ha meio seculo ainda, exercia dominadora sobre as consciencias e, portanto, sobre os costumes humanos. Pretendendo-se herdeira do Christo, depositaria dos seus ensinos e dos seus poderes, é claro que, proclamando a realeza social do seu pretenso chefe, é a si mesma que ambiciona aureolar-se com essa investidura, simulando um predominio que — bem o sentem os seus ministros — a cada anno que passa vai diminuindo, guardando apenas as apparencias, com que não tem remedio senão contentar-se, do que foi outr'ora.

Não o dizemos por espirito de hostilidade, senão como testemunho imparcial de um estado de coisas que, no fundo, só nos penaliza, tanto quanto nos seria grato reconhecer — se tal fosse a verde — que a igreja de Roma, honrando a excelsa investidura de começo recebida, continuava a desempenhar o apostolico mandato, guiando com sabedoria a humanidade em seus destinos.

⁂

E, todavia, a Igreja do Christo, de que a igreja de Roma não é mais que o simulacro e, em tantas coisas, a antithese, permanece viva e permanecerá indestructivel. Não se compõe — é certo — de papas revestidos de branco, ornados de uma triplice corôa de coruscantes pedrarias, nem de cardeaes envoltos em suas togas vermelhas, lembrando a côr do sangue ou o symbolo da guerra, nem de um exercito de sacerdotes amortalhados em roupagens negras, como a significar as trevas, de que afinal vieram a tornar-se portadores e reflexo. Toda essa fantasmagoria é puramente obra dos homens que, por se haverem descuidado da oração e vigilancia, tão recommendadas pelo Mestre, não tardaram em cahir nas tentações, convertendo-se em joguete dos espiritos adversos, empenhados em destruir — se o pudessem — a obra de Jesus, sendo elles, os descuidosos e, por isso, infieis depositarios de seus ensinamentos, as primeiras e maiores victimas de taes obstinadas, deturpadoras suggestões, dignos, por esse motivo, da nossa indulgencia, com direito, sem reservas, aos nossos sentimentos de fraternidade.

A Igreja do Christo vive, sim, em sua realidade e significação universal, representada em primeiro logar nas legiões de seres evoluidos que, nas alturas supraterrestres, o amam, o comprehendem e servem por todas as formas de superior actividade, fazendo-se arautos e executores da vontade do Senhor, quer auxiliando outros, menos evoluidos, seres em seu progresso extra-planetario, quer velando pela harmonia e execução das leis moraes da creação, quer multiplicando, finalmente, amorosos e pertinazes esforços por incutir nos proprios homens os sentimentos, as virtudes, de que o Mestre, sob cuja direcção operam no silencio das consciencias predispostas, é o poderoso centro de irradiação.

Graças a esse trabalho paciente, silencioso e suggestivo é que, em segundo logar, a Igreja de Jesus tem tambem aqui na terra o seu disperso, quasi imperceptivel desdobramento, representado em todas as consciencias rectas e em todos os corações purificados, de cujo bom thesouro — para nos servirmos das proprias expressões do Mestre — os seus possuidores tiram boas obras, sejam elles filiados a determinadas igrejas denominadas ou não christãs, ou não pertençam a nenhuma confissão religiosa.

Porque os caracteres distinctivos do christão, isto é, do discipulo e imitador do Christo, não consistem nas insignias exteriores com que pretendem tornar-se conhecidos os que se inscrevem nos registros das numerosas seitas em que veiu a desdobrar-se a arvore do Christianismo, senão antes na conducta social e domestica, publica e privada dos que, conhecendo ou não em suas expressões articuladas os ensinamentos do Evangelho, os vivem de facto nos sentimentos e nas obras, sejam simples e obscuros filhos do povo, mulheres virtuosas entregues aos penosos e ignorados labores na familia, tantas vezes enriquecidos de lances de abnegação e heroismo, sejam homens conhecidos no seculo, pertencentes ás altas camadas sociaes, sejam finalmente sacerdotes catholicos, protestantes, musulmanos ou budhistas.

Em todas as espheras da actividade e da representação humanas podem, com effeito, encontrar-se humildes ou notaveis discipulos do Christo, como taes fazendo-se notar pela pureza de sua vida e de seus sentimentos para com os outros. Sobre esses, e não sobre a turbamulta dos devotos mais ou menos ignorantes e fanatizados, meros observantes do formalismo exterior do culto, é que poderia apoiar-se e de facto se apoia a realeza de Jesus. Como, porém, sempre foi reduzidissimo o seu numero em todas as epocas da historia e muito menos ainda avulta em nossos dias de tormentosa transição, pretender antecipar com um simples e temerario decreto, seguido de inexpressivas farandulagens ostentosas, o que virá, em remoto futuro, a constituir o facto culminante da civilização, pela christianização da humanidade, é ainda nisso praticar, não apenas uma irreverencia, mas um formal desrespeito á palavra do Mestre, com menoscabo da Verdade por todos conhecida.

Não o disse elle em presença de Pilatos ? — «Meu reino não é d'este mundo». E não era então e o não será tão cedo, emquanto os homens, em sua grande maioria pelo menos, se não hajam de facto convertido aos principios vivificantes e espiritualizadores do Evangelho, transformando este mundo, de theatro de desvarios e iniquidades, que tem sido através de tantos seculos, em esphera de paz, de justiça e de harmonia social, de tal sorte que o Christo reine effectivamente nos corações regenerados, obedientes e fieis aos seus mandatos.

Até essa epoca distante, cujos albores— ai de nós ! — nem sequer se vislumbram nos horizontes do futuro, a unica attitude que convem aos que devéras amam a Jesus e no silencio de seus corações guardam a promessa do seu reino, é a resignada espectativa de sua longinqua realização, ás caligens moraes que envolvem o presente oppondo os mais diligentes esforços, na pratica de sua doutrina, por abreviar de alguns minutos que seja, na vastidão dos seculos, o seu radioso, inevitavel advento.

LEOPOLDO CIRNE.

O novo livro de H. Dennis Bradley

(Conclusão) (De Luce e Ombra)

Tornando ao argumento, isto é, tornando ás manifestações animaes nas experiencias, faço notar que eu não teria podido discutir a fundo, — como me proponho fazer, — o arduo quesito implicito nas manifestações mesmas, no caso em que me houvesse limitado a citar os escassos resultados obtidos por Bradley ; d'ahi a necessidade de completal-os com a digressão exposta, na qual se encontram elementos sufficientes para justificar a discussão que segue.

E' sabido de todos que os oppositores á hypothese espiritica consideram o phenomeno das materialisações, parciaes ou totaes, dos fantasmas como consecutivo a uma faculdade supernomal, inherente á subconsciencia humana, faculdade que em dadas circumstancias teria o poder de subtrahir substancia somatica do proprio organismo (ectoplasma), para objectival-a e plasticizal-a, seguindo directrizes do pensamento subconsciente do medium (ideoplastia), e algumas vezes, para organizal-a á imagem e semelhança (materialização). E' quasi superfluo observar que em tudo isso ha alguma cousa de verdade ; pois que, como disse Giuseppe Mazzini, «a Verdade é um prisma de muitas faces, e o Erro consiste em contemplar algumas dessas faces com a illusão de contemplal-as todas». Ora, é precisamente nesta ultima illusão que consiste o erro grave em que persistem os oppositores ; já que ninguem jamais sonhou em contestar a existencia dos phenomenos Animicos, os quaes, todavia, representam só um lado do Prisma-Verdade, cujo outro lado é constituido pelos phenomenos espiriticos ; emquanto o complexo dos proprios phenomenos se deriva de uma unica causa, que é o Espirito Humano, o qual quando age como incarnado provoca os phenomenos animicos e quando opera desincarnado determina os phenomenos espiriticos. Sendo assim as cousas, é obvio que se deva encontrar perfeita identidade substancial entre os phenomenos animicos e os phenomenos espiriticos, *salvo as limitações que ao Animismo derivam pelo facto da impossibilidade para o medium ou sensitivo de transcender a sua propria individualidade* ; o que fornece aos indagadores o modo de apartar as manifestações animicas das espiriticas. D'ahi segue-se que, emquanto persistirem extremistas nos dois campos, a querer tudo explicar com a hypothese animica ou com a espiritica, não se chegará a outra cousa senão a tornar intrincado e insoluvel um quesito clarissimo na sua duplice phase de extrinsecação.

E no nosso caso, a visão parcial da Verdade implicita nas affirmações adversarias encaixa-se em tres dados experimentaes incontestaveis ; o primeiro consiste no facto de que o pensamento em circumstancias especialissimas, chega a objectivar-se em algo sufficientemente substancial para se tornar photographavel ; o segundo consiste no outro facto complementar de que o pensamento, subconsciente, de um medium de emissão ectoplasmatica, pode concretizar-se ao ponto de reproduzir a effigie materializada, mas inanimada, de uma pessoa qualquer pensada subconscientemente pelo medium ; e o terceiro de taes dados, coroamento dos outros dois, consiste em que, algumas vezes, pode-se determinar um phenomeno de «desdobramento organico-psychico» do medium immerso em somno lethargico, desdobramento creado graças á subtracção de substancia somatica dos organismos dos assistentes, mas tambem de azoto e de vibrações thermicas do ar ambiente.

Assim sendo as cousas, explica-se até certo ponto a generalização apressada dos oppositores, segundo os quaes todas as materializações de fantasmas vivos e activos, não seriam mais do que o «duplo» do medium, objectivado, materializado pelo espirito delle mesmo, arredado temporariamente do corpo. Mas a verdade é que ha phantasmas materialisados de natureza animica, e fantasmas materialisados de natureza espiritica, e que a existencia dos primeiros põe o pesquisador na obrigação scientifica de proceder mui cautamente antes de concluir quanto á natureza de cada fantasma materializado em particular ; de modo que do ponto de vista espiritico, o indagador cuidará em não conferir importancia aos fantasmas que não forneçam provas sufficientes de identificação pessoal, ou não apresentem especialissimos particulares somaticos de differenciação organica, filiados a caracteristicos psychicos que o individualizem. Temos, por exemplo, os casos classicos dos fantasmas de «Katie King», de «Estelle Livermore», e da espiritual «Nepenthes» (D'Esperance), a qual affirmava ter vivido nos tempos heroicos da antiga Grecia, e em prova disso escreveu com a sua propria mão, no livrinho de notas dos experimentadores, uma mensagem em lingua grega classica, *lingua ignorada de todos os presentes.*

Reaffirmo, portanto, que os tres casos expostos nada têm de commum com o phenomeno, aliáz rarissimo, do desdobramento organico-psychico do medium. Querendo citar algum outro caso occorrido recentemente, observarei que se não podem explicar pelo Animismo algumas das materializações de fantasmas obtidas com o medium Franck Kluski. Como prova do quanto affirmo, citarei um exemplo, extrahido da relação do prof. Pawlowski. Este escreve :

> Observada a expressão vivaz da sua physionomia emquanto estão fallando, ficamos convencidos ácerca da sua existencia independente. Em uma dessas circumstancias, em que se materializou a personalidade de um turco (o qual era familiar aos outros experimentadores), eu tive o modo de ler claramente no rosto delle os sentimentos que o animavam, emquanto percebia elle no meu proprio rosto a expressão de alegre pasmo em mim produzida pela sua apparição. Elle tinha vindo para o meu lado, inclinando-se e saudando-me em turco com estas palavras : «*Chokiash Lebistan*». Notando que eu não entendêra, repetiu com emphase a mesma phrase, sorrindo-me amavelmente. Nós, os polacos, nutrimos sentimentos de grande sympathia pela nação turca ; de modo que, nada comprehendendo das suas palavras, respondi exclamando : «Viva a Turquia !» Percebi logo que elle havia entendido, pois sorriu-me de novo, os seus olhos brilharam com expressiva alegria e applaudiu batendo palmas. Depois disso fez uma grande inclinação, e retirou-se. A minha cortezia lhe havia proporcionado um momento de alegria patriotica. Tomei logo uma nota phonetica da phrase pronunciada por elle ; e no dia seguinte fui procurar uma pessoa que conhecia a lingua turca afim de m'a traduzir. e fiquei sabendo que significava : «Viva a Polonia !»

Como se vê, neste caso encontramo-nos em frente de um fantasma materializado que se expressa *em lingua ignorada por todos os presentes* ; o que transcende os limites do que podem realizar as faculdades supernormaes-subconscientes (animismo) ; e assim sendo, o mysterio não se póde elucidar senão de um unico modo : reconhecendo que o fantasma em apreço expressára-se em lingua turca pela razão mui simples de ser elle o espirito materializado de um turco.

Um outro factor eloquentissimo em favor da explicação espiritual de taes fantasmas é fornecido pela observação psychologica dos mesmos. O prof. Pawlowski synthetisa nestes termos as suas impressões a respeito :

> O particular mais notavel nas materializações de fantasmas humanos,— direi antes o particular scientificamente mais importante, — consiste no facto de portarem-se perfeitamente como pessoas humanas vivas. Dir-se-iam enviados em uma recepção de boa sociedade. Faziam o giro da sala prodigalizando sorrisos aos experimentadores que lhes eram familiares, e olhando curiosamente os que não conheciam... No seu modo gentil de portarem-se para com todos, na promptidão com que respondiam ás nossas perguntas, e em tudo que faziam transparecia a sua anciedade de convencer a todos de que eram entidades espirituaes verdadeiras e proprias, e não personalidades ephemeras ou allucinatorias.

Como se vê, com base nos exemplos expostos, fica desde já demonstrado que a theoria propugnada pelos oppositores, não resiste de frente á prova dos factos. Todavia resta frizar uma consideração complementar bastante efficaz no mesmo sentido, a qual é suggerida pelo phenomeno das materializações animaes. E eis-nos chegados ao quesito mais importante e perturbador da nossa discussão.

Antes de tudo recordarei que na minha monographia sobre «Manifestações supernormaes entre os povos selvagens», tive de referir-me aos phenomenos de «lycanthropia» [1] que se realizariam por obra de certos «feiticeiros» africanos capazes de se transformarem temporariamente em féras, mais frequentemente em hyenas e chacaes. Até ha poucos annos os contos desse genero eram tidos na conta de deploraveis aberrações da ignorancia superstíciosa dos povos primitivos, mas recentemente foram observadas manifestações dessa natureza pelos officiaes do exercito inglez e do italiano, nas respectivas colonias africanas. E desta vez as testemunhas dos factos pareceram tão sérias aos componentes do Conselho Director da «Society for Psychical Research», que os enduziram a publicar um relato a respeito no «Journal» da mesma sociedade, pelo qual deve-se concluir que, si não é ainda o caso de ter por provada a existencia dos phenomenos em exame, é chegado o momento de tomal-os em consideração. Quanto a mim, expressei a esse proposito a minha opinião na monographia acima referida, e agora alludo novamente aos phenomenos em questão, analogos, por sua natureza, aos de materialisações conseguidas medianicamente.

Posto isto, é preciso compenetrarmonos do enorme mysterio que envolve as manifestações em exame, e ao emprehender a ardua tarefa seguirei, quanto possivel, as inducções e deducções fundadas sobre os processos de analyse comparada.

Como eu disse, os oppositores da hypothese espirita explicam o phenomeno da objectivação e organização dos fantasmas humanos, viventes, sensientes e intelligentes, affirmando concorrer tudo a demonstrar que na subconsciencia existe uma «força organisadora» capaz de plasmar seres vivos feitos á sua imagem e semelhança ; e isso elles o affirmam baseados no grande facto de que no ventre materno tal faculdade se exercita normalmente, conquanto o processo permaneça como mysterio impenetravel á sciencia humana. Estas são as affirmações dos oppositores, as quaes parecem incontestaveis ; mas ao mesmo tempo é egualmente incontestavel que a «força organisadora», inherente á subconsciencia humana, não *exorbita do poder de plasmar seres vivos feitos á sua imagem e semelhança.* Tal é a lei imprescendivel posta no governo dos reinos da natureza, — vegetal, animal e humano, — nos quaes cada individuo singular, pertencente a uma especie particular, é investido do poder de procrear individuos da propria especie, e *jamais individuos pertencentes a outras especies.* Tudo isso equivale a dizer-se que na subconsciencia humana deve-se unicamente encontrar uma «força organizadora» capaz de procrear seres humanos. Isso parece incontestavel, e de certo ninguem pensará em contestal-o, visto que em caso diverso, encontrar-nos-iamos em aberta contradicção com uma lei fundamental da natureza, sem contar que se teria conferido a omnipotencia divina á subconsciencia humana.

Estando as cousas nestes termos, como justificar as materializações de animaes vivos, sensientes e intelligentes ? Tem-se visto que com o medium Kluski materializam-se cães, gatos, esquilos, passaros, leões e pythecanthropos, os quaes *longe de se mostrarem simulacros inanimados,* tornam-se animaes vivos e cada um delles comporta-se de accordo com os caracteristicos da sua propria especie. D'ahi deriva que si se pretendessem explicar taes manifestações por meio dos poderes da subconsciencia humana, não só se contradiria uma lei fundamental da natureza, e se conferiria á subconsciencia o attributo divino da creação em potencia de todas as formas organicas, mas se lhe conferiria outrosim o poder de crear as respectivas individualidades psychicas animaes, emquanto a subconsciencia proveria os organismos plasticos d'aquelle complexo de faculdades intelligentes e instinctivas que constituem respectivamente a individualidade de um cão, de um gato, de um esquilo, de um passaro e de um leão. E' presumivel tudo isso ? Eu faria injustiça aos oppositores si os achasse capazes de propugnarem semelhante heresia scientifica e philosophica. Tanto mais que a legitima interpretação dos factos emerge, bem notoria, baseada nos processos de analyse comparada.

---

(1) « — Lycanthropia — Termo de Medicina. Especie de loucura em que se suppõe transformado em lobo, ou outro animal e procede como taes animaes. Folklore : Lobishomem.» Eis o resumo da definição dada pelo «Webster's Dict. of the English Language». Que o leitor se lembre da sobrevivencia da psyché animal e reflicta sobre esses grandes mysterios da natureza.

Nota do Traductor.

Antes de expor as minhas conclusões a respeito, applicaveis cumulativamente ás duas categorias de manifestações contempladas, não posso eximir-me de referir á hypothese proposta pelo Sr. Moctyn Clarke para explicação só dos phenomenos de «lycanthropia».

Elle, naturalmente, recusa-se a admittir uma subconsciencia humana provida do attributo divino de crear a seu bel-prazer todas as formas e todas as individualidades psychicas do reino animal, e em consequencia, propõe para explicação dos phenomenos de «lycanthropia» a theoria theosophica das «almas collectivas» em relação ás formas inferiores da vida animal. Observa elle :

> Si por «alma» entende-se o elemento astral da personalidade, então dever-se-ia dizer que o mesmo elemento antes fraccionado e comparticipado por muitos individuos, torna se mais tarde uma entidade synthetica em cada individuo de ordem superior. Baseando-se em tal theoria, seria necesrio um longuissimo cyclo evolutivo afim de attingir-se o gráo de individualização synthetica, de modo a ser licito presumir-se a existencia de uma vasta zona intermediaria, de seres que têm ainda a tendencia de voltar provisoriamente aos primitivos gráos inferiores de desenvolvimento No immenso periodo de tempo exigido para a evolução e transformação das formas biologicas, não são concebiveis linhas precisas de demarcação entre as especies, e assim, acceita a existencia da zona intermedia, deveriamos assistir ainda — como assistimos — a extranhas e interessantes manifestações.

Com tal hypothese explicar-se-iam os casos de «lycanthropia», ligando-se a elles um phenomeno de retorno a uma phase de existencia animal já vivida pelo feiticeiro-lycanthropo, explicação aliáz bem diversa d'aquella implicita na hypothese, ainda ha pouco consignada, de ser a subconsciencia humana capaz de crear toda sorte de individualidades psychicas animaes heterogeneas. Estando as cousas nestes termos, a hypothese em exame conciliar-se ia facilmente com a outra, a que me vou referir, dos phenomenos analogos de materializações animaes nas sessões medianicas. Não obstante, observo que absolutamente não é necessario recorrer a ella, visto que tudo concorre a demonstrar que o phenomeno de «lycanthropia» não consiste *em uma transformação do «feiticeiro» em animal, mas sim em um phenomeno verdadeiro e proprio de materialização medianica de um animal por obra de um feiticeiro-medium.* D'ahi segue-se que o corpo deste ultimo permanece no logar onde se acha, immerso em somno lethargico, emquanto a féra materializada vaga pela floresta, sem nunca se afastar excessivamente do logar onde jaz o feiticeiro-medium, o qual em taes circumstancias, não opera mais, permanecendo na propria cabana. Assim sendo as cousas, o enigma das roupas no corpo do feiticeiro, enigma que embaraça o relator. Sr. Moctyn Clarke, effectivamente não existe, pois que se deve dizer que, si a pequena distancia do ponto em que foi ferida a féra, encontra-se o corpo do feiticeiro *vestido*, isso se explica mui plenamente observando-se que *elle não se despiu.*

As considerações expostas têm como consequencia identificarem de modo absoluto os phenomenos de «lycanthropia» com os das materializações medianicas de animaes, o que equivale a dizer-se que a theoria com que se explicam estas ultimas deve dar razão tambem dos primeiros. Todavia o phenomeno das materializações animaes, nas sessões medianicas, faz surgir um quesito notavelmente mais complexo do que o inherente aos phenomenos de «lycanthropia», quanto ao medium que se mostra capaz de materializar multiplas formas de animaes viventes, os quaes, bem frequentemente, são identificaveis com animaes pouco tempo antes defuntos. Equivale isso a conferir uma importancia muito bem definida ao quesito a resolver-se, tendente mais que nunca a excluir qualquer possibilidade de que o phenomeno das materializações animicas tenha por causa unica o medium, isto é, que resulte um producto da emissão de «ectoplasma» combinado com a acção da «força organisadora» inherente á subconsciencia humana. E assim sendo, então occorre tomar em consideração um terceiro coefficiente indispensavel, constituido pela intervenção de uma «força organizadora» extrinseca, ou, mais precisamente, com a intervenção de uma entidade desincarnada animal, a qual, por vontade de uma entidade desincarnada humana, ou seja dos espiritos-guia das sessões medianicas, materializa-se, valendo-se da substancia ectoplasmica subtrahida do medium e dos presentes, organizando-a á sua propria imagem e semelhança por um processo inconsciente, inherente á natureza de cada uma especie, assim como o mesmo processo organizador e inconsciente se exercita em qualquer especie vivente, durante a gestação, no ventre materno.

Só de tal modo torna-se possivel dar-se plenamente razão dos factos, sem forçar as hypotheses até a extremos absurdos e inconciliaveis com as leis da natureza e com a manifestação dos phenomenos. Por isso deve-se affirmar que á medida que se analysam mais a fundo as manifestações medianicas, emerge, cada vez mais notoria, a mesma verdade ; e é que a hypothese Animica torna-se biologicamente, psychologicamente, philosophicamente, impotente, a dar a razão das complexas e maravilhosas manifestações do medianismo superior ; emquanto a hypothese Espiritica permanece indubitavelmente superflua quando se trata de explicar uma grande parte das manifestações menores do medianismo, as quaes se derivam notoriamente de faculdades supernormaes inherentes á subconsciencia humana. Isso é o mesmo que affirmar ser o Animismo o complemento necessario do Espiritismo, e que um e o outro representam o duplo aspecto com que se manifesta a mesma phenomenologia, a qual se deriva de uma causa que é o Espirito humano na sua dupla phase de existencia, «incarnado» e «desincarnado».

⁂

Tornando ao livro de Bradley, — depois desta longa digressão, — e querendo designar em uma phrase a sua carecteristica principal, direi que elle traz uma contribuição magnifica de factos extraordinarios em demonstração da existencia e sobrevivencia da alma. E no meio de tanta riqueza de episodios de identificação espiritica primam sobre todos dois casos admiraveis, os quaes enchem abundantemente os dois volumes publicados por Bradley sobre as suas proprias experiencias medianicas : são os dois casos da irmã «Annie» e do cunhado «Warren Clarke». Eu pergunto a mim mesmo, perplexo, que mais se poderia exigir ainda das duas personalidades espirituaes, afim de reconhecer como experimentalmente demonstradas a sua sobrevivencia e a sua presença espiritual no local. Todas as provas de que a mente humana póde cogitar, ou, para maior clareza, todas as provas que humanamente se podem exigir e fornecer, foram fornecidas espontaneamente e repetidamente por essas entidades espirituaes as quaes perseveraram em fornecel-as por dois annos consecutivos e perseveram ainda. Conversaram constantemente e ainda estão conversando com os seus parentes a viva voz, sem fazer uso da tromba acustica, e o timbre das suas vozes é o mesmo que os caracterizava em vida. Conversam na obscuridade, e conversam em pleno dia, com a agilidade de seres vivos, empregando o mesmo frazear que o distinguia em vida, usando os mesmos modismos, demonstrando o mesmo caracter, as mesmas peculiaridades de temperamento, as mesmas aspirações, as mesmas idiosyncrasias e a mesma intellectualidade. Não ha particular, por mais insignificante, da sua existencia terrestre, ou da existencia dos seus familiares, de que elles se não recordem ; e bem frequente recordam-se de particulares ignorados por todos os presentes e que constantemente são verificados. E como si isso tudo não bastasse, assistimos outrosim ao phenomeno supernormal de Annie, a qual se acha sempre em vigilia ao lado de uma irmã, della e de Bradley, gravemente enferma em uma aldeia da Suissa ; acompanhando attentamente a marcha da molestia, para depois nas sessões narrar as noticias do irmão, tendo-o ao corrente do curso da molestia, do estado de alma da enferma, das minimas coisas de sua vida quotidiana, noticias que sempre se provam como escrupulosamente verdadeiras. Assim tambem assistimos ao outro phenomeno supernormal analogo, do cunhado Warren Clarke, que informa a Bradley sobre um grave peculato que se está perpetrando a seu damno por um contador infiel, suggerindo-lhe de que modo deveria conduzir-se para descobrir a trapaça habilmente occultada. Observamos ainda que as personalidades espirituaes visitam a Bradley á noite tendo o cuidado de assignalar-lhe a sua presença com manifestações tangiveis para depois discreverem em sessão o que fizeram á noite, e sempre afim de lhe provar ulteriormente a sua presença espiritual no logar. Notamos emfim que o seguem em todas as peregrinações que elle faz de um medium a outro, e, embora os mediums consultados não conheçam absolutamente o consulente, «Annie» e «Warren» manifestam-se infallivelmente, e apressam-se em provar a Bradley que estão effectivamente presentes, recordando-lhe cousas ditas ou feitas por meio de outros mediums. De tudo isso deriva-se que as duas entidades espirituaes em questão, sempre promptas a se valerem de todas as opportunidades afim de provarem e tornarem a provar, directamente e indirectamente, a sua identidade pessoal, terminam demonstrando-se de tal modo em communhão constante com os seus caros, que fazem surgir nos leitores a illusão de que revivem litteralmente a sua existencia terrena no seio da familia, como si a crise da morte os não tivesse separado. Tudo isso é maravilhoso, tudo isso é bello, mas acima de tudo é scientificamente interessante, pois, em frente de semelhantes circumstancias póde-se considerar completa a chamada «prova das provas» em favor da demonstração experimental de que o espirito humano sobrevive á morte do corpo.

No primeiro livro de Bradley, intitulado "Towards the Stars", elle havia minuciosamente fornecido particulares em torno destas duas admiraveis personalidades espirituaes, e no segundo livro elle raramente se detem em dar informações e commentarios a respeito, considerando superfluo fazel-o, diante da evidencia devéras exuberante das provas accumuladas precedentemente. Entretanto "Annie" e "Warren", com as suas constantes manifestações, enchem tambem este segundo volume. Bradley observa a respeito :

> Por dois annos consecutivos, noite por noite, e bem vezes por horas inteiras, tenho conversado com a minha amada irmã «Annie», e com o meu querido cunhado «Warren Clarke». Por mais intimidade que eu tivesse com ambos quando viviam neste mundo, elles estão agora muito mais perto de mim, são-me mais familiares do que o eram na terra. Comquanto fossem estreitamente ligados a mim, agora eu me acho em termos de mais intimidade com elles e tenho com elles relações mais continuadas do que succedia durante a sua vida. Portam-se magnificamente commigo Salvaguardaram os meus interesses de um golpe tremendo, e têm me advertido, aconselhado, cuidado, afim de me pouparem crises de exgottamento por excesso de trabalho. Têm-me proporcionado aqui na terra a certeza da sobrevivencia espiritual, e foi por meio delles que fui posto em condições de divulgar pelo mundo a «Nova Sciencia da Alma», cuja evolução futura superará em importancia as nossas mais grandiosas previsões... Eu affirmo com a maxima ponderação que, si «Annie» e «Warren» não são personalidades espirituaes viventes e reaes, então grande numero de personalidades caiadas e ephemeras, por mim encontradas nas reuniões mundanas, nos theatros e nos circos, ou são por sua vez fantasmas de defuntos, ou são fantasmas da imaginação. As provas que os meus amigos espirituaes forneceram sobre a sua identidade, são muitissimo mais impressionantes do que as que me foram fornecidas por grande numero de comparsas dos salões mundanos.
>
> NÃO HA MORTE ; escrevi dois grandes volumes para o demonstrar, e consegui estabelecer directamente, praticamente, communicações regulares com o mundo dos Espiritos. Ora, esta descoberta é em muito a maior de todas as descobertas, pois por ella fica dado um grande passo na via que conduz á verdadeira sciencia do futuro... (Paginas 436-437).

E Bradley não se engana : os seus dois livros sobre mediumnidade equivalem a duas grandes batalhas combatidas e vencidas contra o obscurantismo materialista. E é com jubilo que os pensadores solitarios, aquelles que da mediumnidade fizeram o escopo da sua vida, discernem finalmente a aurora tão bem augurada da nova «Sciencia da Alma» surgindo radiosa no horizonte grisalho do saber humano. Assim sendo, não pode tardar em pleno céo o Sol fecundador de uma Civilização Nova, fundada sobre o progresso moral e espiritual da humanidade, e não somente sobre um demasiado exaltado e mal empregado progresso material.

ERNESTO BOZZANO.

O invisivel faz, pouco a pouco irrupção no mundo visivel e, a despeito dos sarcasmos, das hostilidades e das resistencias é evidente que a sua acção se vai estender e multiplicar cada vez mais, até que o homem chegue finalmente a melhor se conhecer, a discernir a lei da sua vida e seus destinos.

UM CASO NOTAVEL DE CROSS CORRESPONDENCE

(Conclusão)

9.a sessão de 11 de Março, Avenida de Suffren.

Entre 8 e 11 de Março, eu continuei as minhas pesquizas; estas se convenceram que se não conhecia retrato algum de Emilia; os que se haviam occupado desse assumpto nunca haviam encontrado. Assim escrevi ao cura de Sucy afim de poder verificar a existencia do documento que só elle parecia possuir.

Em 11 de Março realisou-se a ultima interessante sessão que devia ter por objecto a impressionante apparição de Emilia. No curso desta sessão eu pude ainda tirar uma serie completa de photographias materializada, o que constitue uma especie de primeira tentativa cinematographica (Pl. III, fig. 6).

10.a sessão de 14 de Março, em Vincennes.

Sem muita demora a pranchette põe-se em movimento e dicta, depois de algumas perguntas relativas a Sucy:

— «Sucy, lá é que nós fomos presas».

— De que artista é o retrato de Sucy?

— «Pintura de Carlos Vernet».

— Podeis dizer-nos onde se achava esse retrato?

— «Era em um palacete da rua Sainte-Honoré, perto do Pallais Royal; 1794».

— A quem pertencia esse palacete?

— «A nós».

— Podeis dar-nos alguns pormenores acerca de Sucy?

— «Era um pequeno castello com grandes arvores. Foi lá que elles se esconderam para nos prender. No salão havia um cravo; eu tocava «Philippe et Georgette», a peça de Favart. O padre Favart tem as suas memorias por Dumolard (1); era Elleviou quem cantava para mim... depois da minha morte elle nunca mais cantou essa opera».

Quem conhecia presentemente a obra de Favart, totalmente esquecida? Quem conhecia Elleviou? Para nós tudo isso era completamente desconhecido e entretanto, vel-o-emos, tudo isso era exacto.

O ponteiro pára e depois recomeça com uma mudança no seu movimento:

— «Claudio Saint-Martin... Homem, foi aqui em baixo que elle teve o seu nascimento, este nada onde quizeram condemnar a tua essencia.

Cemiterio de Amboise».

Nova parada, depois:

— «Swedenborg, o sapateiro bohemio de Lusacia escreveu: «A Aura e a triplice vista», traduzido por mim. «Homem de Desejo», «Erros da Verdade», e «Ministerio do homem de espirito», são os seus principaes livros».

— Perguntamos: Quem sois vós?

— Resposta: «Eu proprio vim e virei ainda, tende confiança na prece. A honra de uma mulher está mal guardada quando a religião não está de sentinella. A natureza é tão fraca que os homens sem religião fazem tremer com a sua perigosa virtude, como os dansarinos de corda com seu perigoso equilibrio. As fraquezas atrazam, as paixões desviam, os vicios exterminam».

11.a sessão de 21 de Março em Vincennes.

— Perguntamos: Quem está ahi?

— «Emilia».

— Ouvistes a conversação que tivemos a respeito do vosso retrato, antes da sessão?

— «Ouvi, sim. Paulo de Lézardière e o barão de Batz tinham o meu retrato. Paulo era o secretario do barão; eu o conheci quando elle veio receber ordens na Maison des Arcades. Vinha lá muita gente, aristocratas e convencionaes; fui eu quem contou tudo ao barão».

A pranchette pára, depois recomeça:

— «Sou eu, Claudio».

— Conheceis Emilia de Sainte-Amaranthe?

— «Emilia de Sainte-Amaranthe era a pessoa mais universalmente conhecida pela sua belleza; era a pessoa mais bella do seu tempo, absolutamente a mais bella. E' preciso destruir esses grosseiros materialistas e sensualistas com as suas sensações; não restará brevemente na lingua toda e no diccionario senão uma palavra unica: «sentir». Apesar disso elles não poderão mudar cousa alguma nos systemas de sensação entre os seres».

— Podeis dizer-nos onde se encontra um retrato de Emilia?

— «Deve existir um na familia de Paulo de Lézardiére, em Vendée. Em 1794 elle morava no Palais-Royal».

— Onde morava elle em Vendée?

— «Habitava em Verrerie, Poitou».

— Poder-se-iam encontrar descendentes?

— "A familia existe; tomae informações e fazei-o depressa. Eu quero destruir os incredulos que em nada creem. Isso deveria ser feito desde ha muito tempo, homem de pouca fé! Eu me expliquei sufficientemente, mas o homem é como o peixe fóra d'agua, agita-se, afana-se e não readquire a plenitude das suas faculdades senão quando volta para o elemento de onde sahiu».

Apparição de 11 de março. Uma das multiplas chapas tiradas da apparição no curso das suas translações.

A conversação que se realizou no principio da sessão ligava-se ao facto de que em 21 de Março eu havia podido tomar conhecimento da obra do Sr. Le Nôtre em a qual se acha narrada incidentemente a historia de Emilia. Esta obra, intitulada «O Barão de Batz», não tinha sido lida por nenhuma das tres pessoas participantes nas reuniões de Vincennes.

Verifiquei então que todas as nossas informações ahi se encontravam. Por outro lado, eu tinha pressa de ir a Sucy, mas receiava, ou não encontrar o documento indicado pelo Sr. Le Nôtre, ou de ter a desillusão de verificar que não havia semelhança alguma com a nossa apparição. Felizmente, alguns dias depois, eu recebia uma nota do Sr. Cura de Sucy dizendo-me que o retrato existia sempre em seus archivos.

12.a sessão de 28 de março, em Vincennes.

— Quem está ahi?

— «Claudio de Saint-Martin... Os successos cobrem as faltas, os revezes as salientam.»

— Está acabada a questão de Saint-Amaranthe?

— «Em parte»,

— Que nos resta fazer?

— «Encontrar o retrato».

— Sois o organizador de todas estas manifestações?

— «Sim».

— Devemos procurar o retrato do Sr. de Sartines? (2)

— «Os dois... A hora é grave, mas nós estaremos victoriosos em breve. São assassinos e não vencedores. Deus dirige tudo, elle escolheu esta epoca, o campo de batalha é immenso; diante das nossas tropas, em frente do inimigo, uma grande cruz; o Christo vae morrer amanhã; como elle salvou o genero humano, salvará o mundo, será a terceira derrota delles: Marne, Verdun, Somme. Elles oram a seu modo, mas neste momento a França é a mais christã. A data que elles escolhem traz lhes sempre desdita. Vencedores em Charleroy em 23 de Agosto de 1914, em Verdun em 26 de Fevereiro de 1916, em Somme em 23, elles serão vencidos pela

Paschoa. As cruzadas vencedoras venceram os infieis na Sexta-Feira Santa ás tres horas — 1099».

— E' uma approximação ?

— «Sim ; nossas tropas estão retidas, uma cruz immensa eleva-se aos céos, o Christo vae dar o ultimo suspiro ; elle que mandou dizer pela voz dos seus apostolos : «Meus filhos, amae-vos uns aos outros !»

— Então a hora é tão grave ?

— «Eu vos digo o que existe. Agora mesmo os soldados estão orando. A' força de dizer : «Meu pae !» talvez que um dia o ouçamos dizer : «Meu filho». (3)

Pouco depois das sessões, em 4 de Abril, tendo eu ido a Sucy, podia reproduzir o documento ainda existente no presbyterio.

Trata-se da photographia de um quadro que se encontra em um dos cadernos de notas escripturado pelos curas precedentes. Abaixo da photographia lê-se : «Madame de Saint Amarand (sic) proprietaria em Sucy».

Não resta actualmente senão uma nave do que foi a propriedade e não pude saber onde se encontrava o quadro nem quem foi o autor. E' uma obra notavel, digna de Nattier ou de Mme. Vigée Lebrun e parece-me incontestavel que existe uma grande semelhança entre o retrato e a apparição.

13.a sessão de 4 de Abril, em Vincennes.

Tendo regressado de Sucy e de posse da photographia, eu a depuz encima da mesa, perguntando a Emilia o que representava essa photographia.

Resposta : «Minha mãe.»

—Vossa mãe se parecia comvosco ?

— «Sim, e meu irmão tambem.»

— De quem é a pintura ?

— «Pastel de Fragodard» (4).

— Onde se encontrava elle ?

— «No toucador da Maison des Arcades. Encontrar-me-eis em uma scena popular de Carlos Vernet ; eu estou com o laço tricolor».

— Ouvimos que tocaveis musica em Sucy com Elleviou, mas visto que elle lá ia em segredo, isso parece impossivel.

— «Não, nos italianos ; eu ia lá toda noite.»

— Reencontrou-o ?

(Mui lentamente e como que com pesar) — «Não».

— E' preciso procurar vosso retrato em Vedée ?

— «Sim».

O movimento do ponteiro muda . . .

— «Claudio de Saint-Martin. Corre ao perigo quem não saberia affectal-o. A hora será victoriosa, não partaes. Não vos succederá mal algum. Nem a uns nem a outros» (5).

Interrupção, depois recomeça :

— «*Dilectus meus mihi et ego illi.* Abbade Henrique Gregorio, 1750 1831. Membro da Assembléa Constituinte e da Convenção, Bispo de Blois. Membro do Instituto e do Corpo Legislativo ; nascido em Veho, Lorena. A mulher tem uma alma, apesar do Concilio de Mâcon que me impoz silencio e me enviou ao versiculo 27 da parte da Genese».

— De que data é o Concilio ?

— «1798».

— Vossas manifestações têm relação com as de Melle. Saint-Amaranthe ?

— «Sim».

— Qual é essa relação ?

— «Para mostrar aos incredulos a immortalidade da alma".

— E' Claudio de Saint-Martin o organisador destas manifestações ?

— «Sim».

— Qual é o vosso papel pessoal ?

— «Elle me envia a ter comvosco por pedido vosso».

— Podeis dar nos alguns pormenores complementares ácerca da familia de Saint-Amaranthe ?

— «A mãe della tinha 30 annos».

— No retrato ?

— «Sim».

— Onde encontrar um retrato da filha ?

— «Havia um em Sucy. Ha um de Carlos Vernet em uma scena popular ; ella estava com o laço tricolor».

— Conhecestel-as vós ?

— «Ellas eram universalmente conhecidas, a Sra. Viscondessa de Saint-Amaranthe».

— Então ella era viscondessa ?

— «Sim... O visconde vinha algumas vezes ás escondidas á Maison des Arcades ; elle havia sido repellido da nobreza por causa de uma falta. Tinha encontrado um emprego na Republica. Havia promettido a filha a Maximiliano Robespierre. Esperava ser ministro e vingar-se dos de sua casta. Ninguem o conhecia ; Mlle. Sainte Amaranthe o sabia. Sua mãe lhe dizia que elle se escondia, porque era um avançado. A mãe queria o Snr. de Sartines, Emilia era da mesma opinião, mas haviam-se confiado no barão de Batz que viu o partido que d'ahi podia tirar para sua causa, pois que Robespierre a amava. Cecilia Rénauld, que estava na conspiração, entrou no quarto de Robespierre. Escondida atraz de uma armação, ella havia tirado todos os papeis que o compromettiam ; pois que elle esperava ser dictador. Ella queria apunhalal-o, mas Robespierre que estava embriagado quando a prenderam, pediu sangue, muito sangue. Ella poude entregar os papeis ao agente de segurança que amava Emilia. Para a vingar, elle os remetteu ao barão de Batz que os enviou a Tallien. Isso foi a queda de Robespierre».

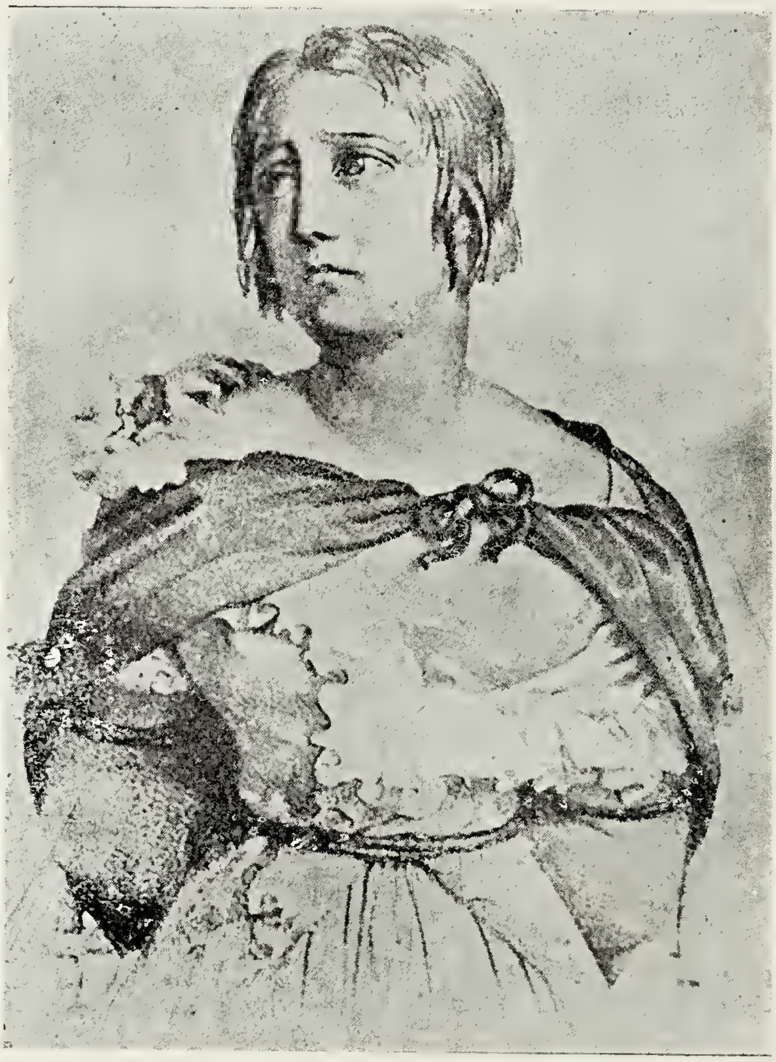

Desenho de Jacob, mostrando Emilia de Sainte-Amaranthe conduzida ao supplicio ao mesmo tempo que o marido, a mãe e o irmão.

14.a sessão de 11 de Abril, em Vincennes.

Foi dictado :

— «Henrique Gregorio. «*Ad majorem Dei gloriam*». As causas da irreligião são o orgulho do espirito e a corrupção do coração. Os espiritos orgulhosos não creem senão no que podem comprehender e rejeitam os mysterios da religião. Os deistas combatem as revelações, os atheus e os materialistas negam as verdades consoladoras : a espiritualidade da alma, a existencia de Deus. A religião christã tem bastante luz para esclarecer os que desejam sinceramente ser esclarecidos e bastante trevas para cegar os que se comprazem na sua cegueira. Historia das Scitas Religiosas e as Dissertações. — Eu censurei Gobel e o seu clero por causa das abjurações escandalosas ; votei contra a morte do rei».

— Quem era esse Gobel ?

— «Bispo Constitucional».

— Qual é a vossa impressão sobre os acontecimentos actuaes ?

— «Victoria. Os allemães esperam o dia 1.o de Maio ; é a festa de Santa Valburge. Elles estão em preces, é a Santa que os protege. Essa Santa foi trazida da Inglaterra por São Bonifacio, no seculo VIII».

15.a sessão de 18 de Abril, em Vincennes.

—«Claudio de Saint-Martin. A vida é um pensamento da juventude executado pela idade madura. A intelligencia deve ser tratada como os Grandes do Oriente, que se não podem abordar sem ter presentes a offerecer. O odio excessivo é deshumanidade, porque no inimigo ha sempre o homem».

—Quereis dar-nos ainda alguns pormenores acerca do castello de la Verrerie?

—«O castello de la Verrerie, em 1793, pertencia ao conde de Lézardière. Paulo desposou em 1794 sua prima Adelaide que era amiga de Emilia. Havia uma moça, Carlota Paulina, que emigrou em 1792 ; morreu no castello de la Varrerie em 1835" (6) (O resto é sem importancia com respeito ao caso de Emilia).

16.a sessão de 25 de Abril, em Vincennes.

— "Claudio de Saint Martin. — E'

preciso pezar melhor os suffragios do que contar os votos... Porque duvidaes de mim». (7) «O mais intelligente dos homens tem sempre um ponto em que é idiota».

— A quem se dirige essa phrase ?

— «...Hindenburg. Elles querem tentar atravessar Compiégne, Soissons, Boesinghe ; o ataque actual delles não é mais do que um fingimento. Boesinghe é no sul do canal de Ypres ; é defendido pelos inglezes. Os francezes impedirão a brecha. Quanto sangue! As horas que se vão seguir serão terriveis; a victoria está proxima,a derrota delles será em 19 de Julho».

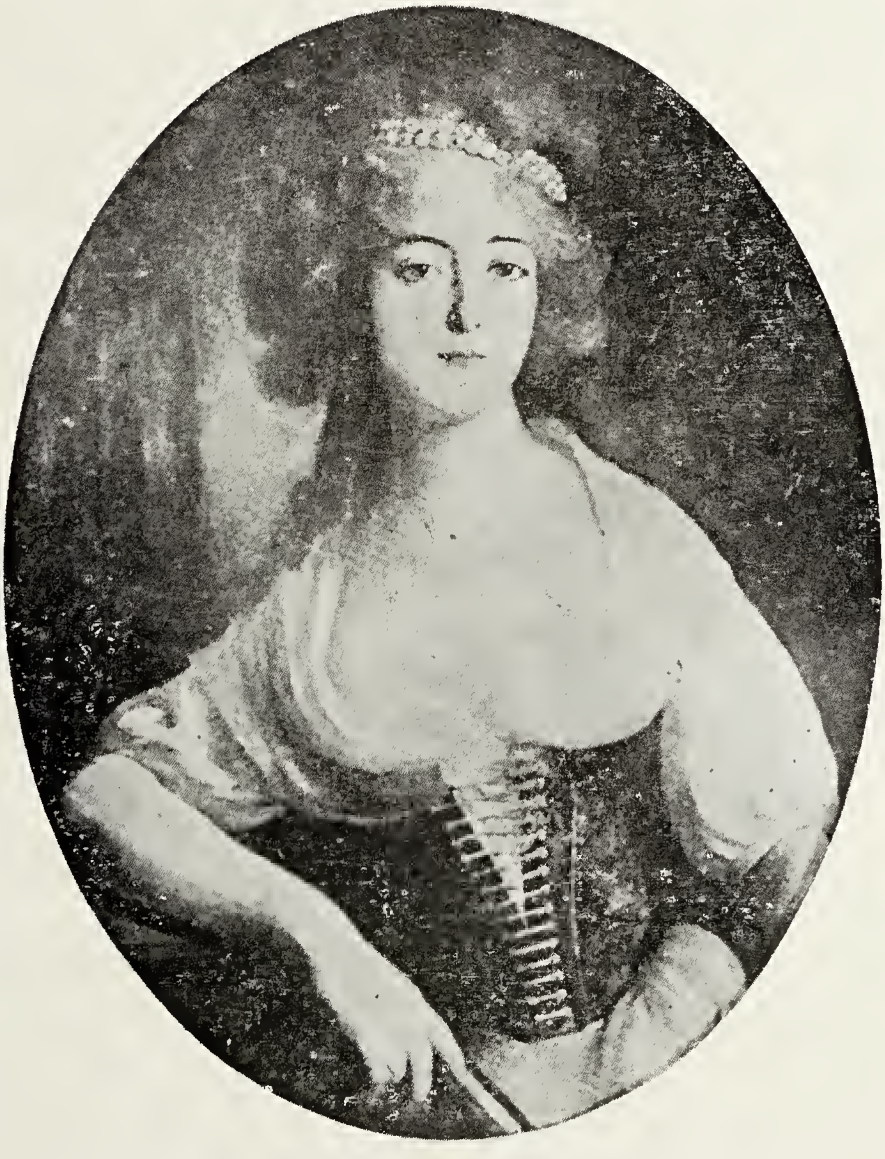

Reproducção photographica do quadro de Sucy, representando a mãe de Emilia Sainte-Amaranthe.

17.a sessão de 2 de Maio, em Vincennes.

— «Claudio de Saint-Martin. — Nascer, viver, morrer, todo o desejo do homem, o segredo da vida e o decreto de Deus. Não se morre, a alma toma azas muito tempo antes de se ir embora. A morte e a desgraça espantam: Corre-se ao passar perto dellas. A fé religiosa fugindo leva sempre a fé moral. A ausencia de convicções religiosas disseca a sociedade e a reduz a pó».

Creio dever cessar aqui a copia das actas das sessões e me limitarei a dar em seguida as minhas conclusões (8).

Primeiramente no que respeita o retrato authentico de Mlle. Sainte Amaranthe, indispensaveis para as comparações a se fazerem com as photographias da apparição, não cheguei a resultado algum decisivo ; entretanto temos um bom retrato da mãe de Emilia, e descobri dois desenhos de Jacob, publicados depois da revolução, representando o Snr. e a Snra. Sartines (Emilia de Sainte-Amaranthe) na charette que os conduzia ao supplicio, com o chale vermelho sobre os hombros. O retrato de Emilia na minha opinião apresenta traços inegaveis de semelhança com a materialisação ; acha-se egualmente uma grande analogia entre o retrato de Mme. de Sainte-Amaranthe e as referidas materialisações.

Quanto ao quadro assignalado como existente no castello de la Verrerie Vendée, resulta do inquerito a que procedi que esse castello foi queimado durante a Revolução, com tudo que encerrava.

De certo, muitas provas seriam ainda necessarias para demonstrar a identidade procurada,mas é certo que nos encontramos em presença de factos capazes de refutar certas objecções feitas a manifestações analogas.

Para explicar estes phenomenos só tres hypotheses podem ser propostas : fraude, acção subconsciente, manifestação espirita.

A fraude teria necessitado de entendimento prévio de dois mediums, e elles não se conheciam.

A acção subconsciente não se poderia dar sem o conhecimento prévio da personalidade em questão ; ora, ella era desconhecida não sómente dos mediums, como tambem dos assistentes. Si quizermos fazer intervir a hypothese da subconsciencia universal, imaginamos cousa absolutamente inverosimil, em vista das séries de phenomenos concordantes.

Resta a manifestação *post-mortem*. As cousas passaram-se, na verdade, como tendo Claudio de Saint-Martin, ou uma entidade que empregava o seu nome, organizado toda esta serie de manifestações, servindo-se de um dos episodios mais extraordinarios da Revolução, bem preparado para ferir fortemente a imaginação.

Vincennes, 1919.

Nota accrescentada depois da impressão:

Claudio de Saint-Martin, de quem eu absolutamente nada mais conhecia além do nome, na epoca destes experimentos, e que assignava as suas obras com o pseudonymo «Philosopho Desconhecido», nasceu em 1743 e morreu em 1803. Pertencia, portanto, como o abbade Gregorio, bispo constitucional de Blois, ao periodo revolucionario, como todas as outras personagens que representaram papel nesta historia.

Mme. Pérard, nossa medium, declarava não conhecer senão Saint Martin, bispo de Tours, que dividiu a sua capa com um pobre.

Depois de verificados, todos os pormenores dados a respeito das obras de Claudio de Saint-Martin : titulos, extractos, etc., são exactos.

E' necessario, todavia, fazer notar duas coisas desconcertantes no que diz respeito á pretendida personalidade de Claudio Saint-Martin : a primeira é que o nosso communicante era severo e autoritario, emquanto que o «Philosopho Desconhecido» tinha um caracter muito doce ; a segunda é que quando, vivo, elle condemnava formalmente as experiencias espiritas e reprehendendo o seu amigo Kirchberger contra o pendor do maravilhoso *externo* para o qual se inclinava, lembrava-lhe muitas vezes nas suas cartas a austera doutrina das *vias interiores*, verdadeiro caminho de accesso ao mundo espiritual. (9)

P. L. C., 1927.

---

1) Henrique Francisco Oriel Dumolard)1771-1845) — «Memorias e correspondencia dramatica de Favar, precedida de uma noticia historica», 1808. (informes encontrados em 1924).

2) O Snr. de Sartines havia desposado Emilia de Sainte-Amaranthe e foi guilhotinado ao mesmo tempo que ella.

3) Trata se de uma premunição da Grande Guerra.

4) Ha aqui uma contradicção com o que foi dito na sessão de 14 de Março. Esta nota é um engano do Snr. Paul Le Cour- Na sessão de 14 de Março Emilia referia-se a seu proprio retrato, em uma scena popular, pintado por Carlos Vernet. Este não se encontrou. O que foi encontrado e ao qual ella agora se refere diante da photographia, é um retrato de sua mãe, pintado por Fragonard. Logo outro retrato, de outra pessoa, por outro pintor. E o Sr. Le Cour confundiu coisas tão distinctas. N. T.

5) Foi dado o conselho, porque uma quantidade de pessoas fugiam de Paris, devido á ameaça allemã ; muitos criam na investida contra a Capital.

6) Tudo isso é exacto e muito pouco conhecido.

7) Nova allusão ao medo dos parisienses que queriam fugir da cidade

8) A intromissão de pessoas extranhas ao nosso grupo transformou rapidamente as communicações intellectuaes em manifestações dynamicas desordenadas e ruidosas.

9) Não achamos desconcertante um espirito mudar de opinião cento e poucos annos depois de haver escripto uma serie de ideias. Tanto menos quando a simples crise da morte geralmente modifica o modo de pensar de muitos philosophos.

N. T.

* * *

A immmortalidade e a communicação dos Espiritos se patenteiam actualmente aos olhos de todos os que se interessam pelo conhecimento da Vida no Além. Graças ao Espiritismo o homem já não apparece como um fantoche de carne que termina na sepultura, mas como um Espirito que prosegue na Vida Futura em busca de incessante progresso para a perfectibilidade. L. B.

Encarnação -- Reencarnação e Evolução

No reino das idéas, o pensamento, no seu arrojado vôo em busca da verdade, pode tirar conclusões erradas de muitos factos consequentes de observações imperfeitas ou de deducções precipitadas. Isso, porém, só acontece quando as deducções não estejam confirmadas por factos controlados por innumeros scientistas de todos os continentes, e pela evidencia palpavel das leis biologicas de confronto com o plano de justiça elaborado no desenrolar da vida de cada individuo isoladamente, ou do individuo em sociedade, ou ainda das collectividades. E' o que acontece nas conclusões categoricas para onde vamos conduzidos lentamente, na persuasão insophismavel da verdade encerrada na doutrina da reencarnação. Se estivesse no plano Divino permittir que os homens, (refiro-me exclusivamente, ao homem por ser o mais adeantado na escala dos seres e as leis que regem a evolução deste são as mesmas para todos os outros) pulassem do seu estado actual de progresso, logo após a sua morte, para o de perfeição absoluta, sem outra transição que a de seguir directamente para o Paraizo «isso para os mais perfeitos» essa primeira e unica encarnação não passaria de um mero capricho do Creador. Pensando por essa forma, seriamos tambem obrigados a acceitar que os seres espirituaes haviam sido creados no momento mesmo de serem precipitados para essa primeira e unica encarnação: então, não encontrariamos justificativas para os desencontros das aptidões no talento e na cretinice, no saber e na ignorancia, na meiguice e no grosseirismo, na candura e na soberba, na humildade e no orgulho, no desprendimento e na usura, na caridade e no egoismo, na confiança, na bóa fé e no ciume, na maledicencia, no perdão e no odio, na castidade e na licenciosidade.

Eram dadivas concedidas pelo Pae a filhos predilectos ou perseguições injustificadas aos outros desherdados dos favores gozados pelos primeiros e que os punham a mercê dos artifices do Soberano do mal — O Diabo — imaginosa creação do homem para aviltar as excelsas qualidades de justiça, bondade e sabedoria do Creador; ou então, por ignorancia o suppuzeram e o suppõem ainda, á imagem dos seus sentimentos, do seu saber e da sua justiça.

Não se dá o mesmo quando se encara a vida debaixo do influxo de multiplas encarnações.

As desegualdades das aptidões e dos sentimentos são o producto do trabalho e das conquistas que cada um fizera nas suas encarnações anteriores.

O mesmo acontece nos pontos referentes á belleza e feiura de cada individuo, á riqueza e a pobreza, á saude e a doença, porque é sempre o corpo modelado pelo perispirito, correspondendo, como apparelho que é, ás funcções inherentes ao grão de progresso alcançado pelo ser espiritual nas passadas encarnações. Em cada phase de vida o ser se despe de uma parte de suas imperfeições, adquire uma maior somma de conhecimentos e diminue o tributo de dôr que elle paga constantemente á sua ignorancia. Deante desses raciocinios o Creador se nos revela no esplendor de sua bondade, de sua equidade, de sua justiça, de sua sabedoria. A lei physico-chimica: na natureza nada se cria nada se perde, não abrange só o plano physico alcançado pela nossa visão a olho nú, ou por meio de lentes, essa lei é Universal; alcança tambem o reino do pensamento, o reino dos espiritos, o universo invisivel aos nossos olhos e percepção dos nossos sentidos. Ao redor de nós pullulam não só um numero consideravel de seres vivos pertencentes ao nosso plano physico, como particulas de materia em mil estados vibratorios e de multiplos estados de aggregação, como tambem um numero consideravel de seres em estado animico, os quaes nem a nossa visão alcança e nem tão pouco os nossos sentidos percebem. Fazem parte desses seres as almas não evoluidas que se desprenderam da vida corporia, pelo phenomeno que chamamos morte, as quaes, presas ao theatro da vida terrena, pelas suas paixões, odios e fraquezas, continuam a gravitar, invisiveis, entre nós, exercendo, muitas vezes, as funcções que se têm attribuido ao demonio, quando este, na realidade, não existe. Porém, nem a esses seres desencarnados e que ainda preponderam no mal por ignorancia, nem aos que ainda encarnados e se mantém, por sua vez, adstrictos ao mal, tambem por ignorancia, não lhes é vedado essa luminosa estrada de progresso, que o Creador, na sua omnisciencia, concedeu a todas as creaturas. Retardatarios dessa via, a seu tempo, pela dôr, pelas difficuldades, pelos soffrimentos, consequentes do seus proprios erros, irão, por sua vêz, evoluindo, e alcançarão, como os outros, os mesmos planos de luz, o mesmo reino de perfeição que é destinado a todas as creaturas. Essa verdade é uniformemente ensinada pela concorde manifestação dos Espiritos e se encontra em todas as obras de estudos experimentaes, escriptas por homens de valor mental de todos os Paizes as quaes unida ás da Litteratura Espirita, existente no presente, orça por cerca de 10 mil volumes. Tambem Jesus é concorde com esse ensino (Matheus cap. 12, vs. 43, 44, 45, cap. 17, vs. 10, 11, 12 e 13, João cap. 3, vs. 3, 4 e 7) e aliás, parece ser essa a convicção generalizada naquella epocha, como se depreende das perguntas e respostas dos apostolos, sempre que se referiam á personalidade de Jesus ou de João Baptista.

AMANDO SIMÕES.

POSSIBILIDADES DO ESPIRITO HUMANO

(Conferencia de Sir Oliver Lodge, realisada no Gotrian Hall, em 2 de Março de 1927, sob os auspicios da Alliança Espirita Londrina, e publicada em «Light» de 16, 23 e 30 de Abril de 1927. Traducção autorizada pelo autor em carta de 9 de Julho do mesmo anno).

(Continuação)

«Sabes que ha pessoas sensitivas que sentem indubitavelmente o contacto, antes de lhes tocares de facto a pelle physica. Sabes tambem que um homem que perdeu um membro sentirá contacto, ou uma dor, onde havia um ferimento. A pessoa super-sensitiva que sente contacto á distancia, está sentindo esse contacto no corpo ethereo. Assim, na morte, o corpo não tem de passar pelo processo de separar ether de ether.»

«Sabes que uma certa area de ether pode ser affectada ou dirigida por uma força physica.»

Eu disse : «Isso é verdade», querendo dizer que os campos electrico e magnetico differenciam uma porção de ether. Todo o ether não é exactamente egual. Uma parte pode ser affectada por um campo magnetico, e outra pela luz, deixando uma terceira parte sem ser affectada.

Por isso eu accrescentei : «Sim, mas eu não chamaria a isso uma area ; chamal-o-ia uma região.»

Elle disse : »Sim ; «região» é uma palavra mais adequada. Agora duvidas que o espirito e a alma estão affectando o corpo ethereo a todo tempo ?»

Eu tentarei obter delle uma definição de «alma», e disse : «Isto é importante. O termo «alma» é indeterminadamente empregado, ora por «espirito», ora no sentido de corpo «ethereo». Deveriamos fazer delle um termo util e definido. Tenho estado experimentando a ver si ficaria bem como nome do corpo ethereo. Fallam muitas vezes do homem como sendo composto de tres partes : corpo, alma e espirito. Ha o corpo material, ha o corpo ethereo que eu quizéra chamar «alma» (em inglez : «soul), e depois então o espirito que anima».

Elle não acceitaria isso, declarou : «A alma não é o proprio corpo ethereo, mas é a personalidade.»

Eu disse : «Sim ; mas então o espirito é a personalidade.»

Redarguiu elle : «Meu pae, eu não penso que o espirito *é* a personalidade. O espirito é a parte de Deus em nós. O espirito não pode nunca ser affectado pelo mal. Não existe um mau espirito : a alma é que póde ser má. O espirito vem directamente de Deus, e isso fórma a ligação pela qual podem ser hauridas as forças espirituaes que nutrem e sustentam a alma, o corpo ethereo e o corpo physico. O mais malvado dos homens tem um espirito puro, mas tem má alma. A alma é affectada pelo contacto com as cousas physicas. Assim a alma se enfada, odeia, ama e espera. O espirito não faz nenhuma dessas cousas. O espirito é o pedaço de Deus no homem.»

Disse eu : «Então a alma é a individualidade da pessoa ?»

— «E' ; e as cousas ficarão simplificadas si essa ideia fôr bem apprehendida pelos homens.»

Disse eu : «Muito bem ; mas precisamos de um nome para o corpo ethereo. O termo «corpo» fica bem ao corpo material, mas é confuso empregar-se «corpo» em dois sentidos. Os espiritos dizem que têm corpos tão bem como nós temos, mas que os corpos delles são feitos de ether em vez de materia. Eu quizéra ter corpo e alma e alguma cousa entre elles.»

Disse elle : «Tudo isso é muito interessante. Parece-me que ninguem antes tinha tido uma ideia clara acerca desses assumptos simples, e nós podemos explical-o como o vemos, quando d'ahi tomam o encommodo de nos perguntar, como estás fazendo. Meu pae, sabes que a fórma ou o corpo ethereo póde ser visto em outros logares emquanto o corpo physico ainda está vivo.»

Eu disse : «Clarividencia á distancia ou cousas dessa natureza ?»

Respondeu : «Sim ; não posso confiar muito nisso. Poderia ser projecção mental.»

«Eu me refiro,—redargui —, aos casos reciprocos em que o visitante foi percebido. Os clarividentes podem ir a uma distancia, e ver uma cousa, mas em alguns casos esse viajor que venceu a distancia, tem sido visto por pessoas que se achavam lá, ou moveu objectos lá. Refiro-me aos casos reciprocos em que o visitante tem sido percebido.»

Disse : «Sim, é a isso que me refiro. Quando a forma etherea é vista a 2.000 milhas de distancia por uma pessoa que não seja psychica (medium), quando a forma etherea faz algum movimento, levanta ou impelle alguma cousa, á distancia, mostra com isso, quão facilmente a nossa forma etherea póde separar se.»

Eu disse : «E' assim mesmo ; mas maravilha-me o modo como póde agir ella sobre a materia.»

— «Meu pae, *ella* não pode. A pessoa apparentemente sem faculdades mediumnicas, que recebe a manifestação da forma etherea, fornece o material que a forma etherea póde empregar. A forma etherea não póde agir sobre a materia á distancia. Tem de sacar alguma materia da pessoa que lá esteja. Nada podemos nós fazer sobre a terra, sem empregarmos alguma cousa dos seus habitantes».

— «Isso é o que nós chamamos presentemente *ectoplasma*», — disse eu.

— «Sim, essa é a materia physica que mais se approxima da materia em nosso plano. Estás entendendo ?»

— «Não», disse eu. «Não sei si tendes materia em vosso plano».

— «Bem, chamo-a assim para descrever o ambiente que parece tão material para nós como o vosso para vós».

— «Vós tende sómente as fórmas, não é assim ?» — perguntei eu.

— «Sim, mas as fórmas não são vasias. Chamarei ao nosso plano «o mundo tele-physico».

— «Então ha nelle alguma outra coisa senão ether ?» — perguntei.

Elle fallou como si houvesse lá alguma especie de materia, — um mundo tele-physico, um mundo physico ou metaphysico, e por isso eu perguntei : «Então ha nelle alguma outra coisa senão o ether ?»

— «E' ether e alguma coisa mais. Este é o ponto, meu pae: alguma cousa *mais*, e não alguma *outra* cousa. «Outra» não é a palavra adequada. «Mais». (1)

Eu disse. «Talvez elle não saiba exactamente o que é a substancia».

— «Não é outra composição chimica; não é outra substancia physica nem semi-physica. Essas forças e energias, todas, operam como differenças no ether. E' sómente assim que vos posso descreve-las».

Isso me deu uma orientação e eu disse: «Eu acho que queres dizer variedades ou peculiaridades de movimento, como um vortice ou remoinho; differenças no ether, causadas por estados peculiares de movimento».

E' assim que estamos começando a pensar nos electrons, como aneis de remoinho no ether. Os electrons são feitos de ether, mas são modificados. Algumas vezes procuro figural-os como nós em um pedaço de fio. O nó no fio é feito de fio, está claro, e comtudo differe do resto do fio. E' fio modificado. Podemos desatal-o. Um remoinho na agua é differente do resto da agua, differenciado pelo movimento. Assim eu pensei ser isso o que elle queria dizer, e acho que foi. Por isso foi que eu disse: «Variedades ou peculiaridades de movimento como um vortice ou remoinho; differenças causadas no ether por estados particulares de movimento».

— «Meu pae, isso é realmente alguma cousa do que eu quero dizer. Conheces o poder do pensamento, o que elle póde fazer. Sabes que um forte medo, mesmo sem fundamento, póde produzir effeitos bem definidos na materia. De uma grande tristeza ou um grande medo póde resultar a perda da vista. Mas ahi, meu pae, não ha effeito da materia agindo sobre a materia. E' uma força da mente ou do pensamento».

— «Agindo por intermedio do ether».

— «Sim, causa um disturbio do corpo ethereo. Fazeis tudo isso atravez do ether. Tudo é feito atravez do ether».

Perguntei: «Quando um corpo está morto, alguma cousa substancial partiu realmente delle? Ou é sómente a alma ou animação que o deixou? E' alguma cousa substancial que partiu?»

Respondeu: «Algum ether deixou o corpo. O que chamaes a aura é uma manifestação do corpo ethereo. A mente é para o ether o que a seiva é para a arvore. A mente é a vida daquella região particular do ether a que nós chamamos material».

— «Eu encaro a vida como mente rudimentar», disse eu.

— «E'. Daes-lhe o nome de mente nos seres humanos, mas o de instincto nas plantas e nos animaes».

— «A vida e a mente são semelhantes, e ambas estão de certo modo em connexão com o ether. Mas nessa connexão é que se acha a difficuldade. Qual é o élo? E' isso que estás tentando explanar?», perguntei eu.

— «Sim, tudo é concatenado. Nada é realmente separado na vida. A mente está ligada com o ether».

Então eu disse: «Ha uma difficuldade philosophica com respeito ás cousas pertencentes a categorias differentes e com acção umas sobre as outras; porque embora o ether não seja materia, é uma substancia physica. Não é mental nem espiritual, mas pertence ao lado physico das cousas. Como pode haver acção reciproca entre o mental e o physico? Concordaes que o ether é uma substancia physica?»

— «Sim, meu pae, reconhecemos isso. Não podemos qualificar de physica a mente. A mente é o operador. O que desejaes saber é: Ha um élo entre o operador e o material sobre que elle opera?»

— «Sim, é isso.»

— «Muito bem; ha um liame que passa atravez de todas as cousas, encadeando toda materia physica de qualquer especie que seja. Reconheço isso. Mas é preciso haver um élo definito entre a mente e a materia physica como o ether? E' preciso um élo definito entre o operador e o material? Um homem aprende a tocar piano; mas elle não se encadeia ao piano».

Expliquei então que a difficuldade está em que as cousas pertencentes a categorias differentes, cousas de ordem different, não podem ter connexão umas com as outras. Assim eu disse: «A mente e a vida pertencem a uma ordem de cousas. O ether e a materia a outra?»

— «Sim», disse elle, «a mente e a vida pertencem ao que poderieis chamar o super-mundo, mas o super-mundo tem effeito sobre o sub-mundo».

— «E' certo que tem, mas nós não sabemos como", disse eu.

— «Nós não podemos perceber muito bem a necessidade de um élo», respondeu.

— «O Snr. Myers concorda nisso comtigo?», perguntei eu.

— «Sim, elle pensa que é a vossa

consciencia que procura o liame ; é a vossa mente muito finita que sente necessidade de uma ligação. Estou ouvindo neste momento a voz do Snr. Myers. Diz elle que nós não procuramos um élo assim para a interpenetração, para approximações super-impostas. Estaes procurando uma ligação que deveria ser algo physico, superintendendo e actuando sobre o physico, e ainda deveria ser egualmente um tanto psychica para que pudesse ser empregada pelos do nosso plano. Mas, meu pae, eu acho que tendes de considerar a vida e a mente como sendo o poder que existia antes da materia. A vida e a mente são super-cousas comparadas com a materia meramente physica. Estão acima della, e além della, — governando-a. Em um certo sentido ellas pertencem a uma região que ainda não foi descoberta e á qual um dia vireis a chamar materia physica. Sabeis que não ha muito tempo um homem era considerado feiticeiro quando achava que o vapor movia alguma cousa.»

Disse eu : «Dirás, creio eu, que o espirito sempre necessita ou sempre tem um aspecto ou *incorporação* physica, um lado physico junto a si. Estão o physico e o psychico sempre em connexão ? Isso é muito importante. E' a base da ideia sacramental em religião».

Disse elle : «Bem ; fallando das cousas como estamos fallando agora, eu deveria . . .» Ahi eu observei : — «O universo material todo, nesse sentido, já foi chamado o vestuario de Deus».

Continuou elle : — «Eu deveria dizer que está certo. Podeis dizer que o universo todo é o corpo de Deus. Eu tenho o sentimento seguro de que está certo».

— «Supponho nunca ter havido um tempo sem a materia».

— «Não, vossa terra não existiu sempre, mas a materia sempre existiu».

— «E era necessaria para complemento do espirito ?» (Percebeis quanta importancia ha nisso, si fôr verdade. São duas cousas necessarias uma á outra como o animal e o vegetal ; não as podemos separar. Ha uma especie de cooperação, symbiosis, percorrendo toda a Creação). «A materia foi sempre necessaria como complemento do espirito ?», perguntei eu.

— «Sim, o operador necessita de alguma cousa sobre que operar, ou não seria operador».

Parece que somos necessarios uns aos outros, tanto d'aquelle como deste lado da vida, e por isso perguntei : «Poderia dar-se que a cousa operada fosse parte do ser que opera ?»

— «Sim, tudo é parte», disse elle. «Temos já feito demasiado no dominio das divisões ; separando demais nas nossas mentes, em nossa concepção das cousas. Não sei como vos hei de auxiliar para encontrardes esse élo que procuraes. E' tanto uma parte da mesma cousa. Eu gostaria que communicasses a outras pessoas o que eu disse sobre esse assumpto".

Elle se alegra com essa conversação que esclarece um pouco as cousas.

— "O Snr. Myers diz que prosigas no estudo do ether ; desse estudo advirá muita cousa. Elle tem o presentimento de que estamos em uma grande epoca, na qual virá uma comprehensão mais completa do que em qualquer outro tempo da historia do mundo, em referencia á vida e á actividade espirituaes, e eu penso que vereis esse advento."

Pois bem, eu acho que uma Associação como esta deve ter o privilegio de conhecer muita cousa que o mundo em geral ainda não conhece : — não sómente o privilegio, mas tambem a responsabilidade. Estamos sendo depositarios de muita verdade. Devemos ser muito prudentes para não tornal-a em descredito ; muito prudentes no modo de divulgal-a, e muito prudentes para nos precavermos contra as mentes fracas e os que poderiam empregar esses conhecimentos de um modo errado. Conservemos a praça limpa. Temos de providenciar para não lançarmos o descredito sobre o que nos tem sido confiado.

Eu ouso pensar que não seria sabio dar-lhe o nome de "nova religião". Não sei até onde descordo de vós neste ponto, Snr. Presidente, mas não o encaro como sendo uma nova religião. Eu o considero um supplemento á religião, uma confirmação, uma elaboração de muita cousa a que haviam chegado vagamente, no principio, as corporações religiosas. Tomemos por exemplo a religião christã. Qual é a essencia da religião christã ? Si descermos até á antiguidade, quanto differe ella da religião do Velho Testamento hebraico ? Pois bem, a velha ideia era julgamento, punição. Olho por olho, dente por dente, nos casos extremos; mas em todos os casos julgar, julgar uns aos outros, punir. A lei mosaica está cheia disso. Povo de pedra, estejas sempre prompto a castigar. Não é essa, porém, a essencia do Christianismo. Pode ser necessario por algum tempo. Não podemos precipitar as mudanças graduaes. Mas em que direcção estamos nós trabalhando? Qual é a essencia do Christianismo? Sympathia, perdão, amor. Não julgues... Ha poderes mais altos para julgar. Podemos julgar a nós mesmos, e não devemos julgar uns aos outros. Qual é a primeira palavra d'Elle? — "Os teus peccados te sejam perdoados." Perdão, sympathia, comprehensão, caridade.

(Continúa).

---

(1) *O Espirito corrige a pergunta — "Is there someting else than ether, then? — substituindo a palavra "else" por "more".*

Chronica Extrangeira

CONGRESSO METAPSYCHICO DE PARIS

O 3.º Congresso Metapsychico Internacional, effectuado na Sorbonne, como já dissemos, obteve real successo.

A proposito do mesmo a "Fanfula", publicou a seguinte noticia do seu correspondente em Paris, transmittida a 27 de setembro, segundo dia da abertura do congresso.

Uma revelação verdadeiramente sensacional foi feita hoje pelo prof. James Mc Master Bird, de New-York, perante os membros do Congresso Internacional de Pesquizas Psychicas. O prof. Bird projectou na tela as impressões digitaes de um "espirito" que, no caso especial mencionado, eram exactamente eguaes ás impressões digitaes do pae da pessoa que tinha servido de "medium" na experiencia durante a qual foram registradas as impressões digitaes do espirito.

Deve-se notar que o pae do "medium" tinha fallecido ha quinze annos quando foi realisada a experiencia e que a exactidão das impressões digitaes do fallecido e as do supposto espirito foram controladas por um official de policia.

AS EXPERIENCIAS DE BIRD

O prof. Bird explicou minuciosamente as suas experiencias, nas quaes servira como "medium" Mrs. L. R. C. Crandon, de Boston, durante as quaes os "espiritos" assumiram fórmas humanas e agiram como um ser vivo deixando impressões que foram photographadas e mostradas aos congressistas. O prof. Bird projectou tambem uma photographia de um "medium" que mostra a mão de um espirito. O *medium* declarára ter recebido do espirito um aperto de mão que lhe pareceu ser de um ser humano, embora indefinido.

Muitos outros congressistas referiram á attenta assembléa outros casos de manifestações semelhantes, mas sem duvida alguma as revelações do prof. Bird produziram muita surpresa entre os scientistas e em particular entre os jornalistas e o publico que foram admittidos ás sessões do Congresso.

A RELAÇÃO DO PROF. CAZZAMALLI

O prof. Fernando Cazzamalli, da Universidade de Milão, apresentou uma interessantissima relação a respeito de sua famosa theoria das emanações de ondas radio-electricas do cerebro humano, communicada pela primeira vez ao mundo intellectual ha dois annos, affirmando ter obtido photographias que mostram irrefutavelmente as emanações radio-activas por elle descobertas. Na sessão inaugural do Congresso que se realisou hontem á noite, o prof. Cazzamalli leu uma pormenorisada relação que illustra as suas numerosas experiencias, especialmente no que diz respeito aos phenomenos psychico-sensitivos do cerebro humano.

A relação do prof. Cazzamalli foi ouvida com a maxima attenção por parte dos illustres scientistas que tomaram parte no Congresso de Paris, entre os quaes se acham celebridades no campo da Metapsychica, e no fim calorosamente applaudida.

O SEXTO SENTIDO

Outros congressistas que tomaram a palavra na sessão inaugural são : Sir Oliver Lodge, sabio physico inglez, o qual expoz brevemente um estudo seu, para a eliminação do "medium" nas experiencias espiritas, e a pesquiza da verdadeira natureza dos phenomenos espiriticos ; e o prof. Charles Richet, francez, acclamado presidente do Congresso, que no seu discurso de abertura disse que *"a Metapsychica está em caminho para tornar-se uma sciencia importantissima."*

Declarou mais que hoje se póde affirmar a existencia de outro sentido — "o sexto"—, e prometteu demonstrar aos congressistas nas proximas sessões, este novo sentido, que seria a *"potencia psychica"*.

A sessão dos trabalhos do Congresso durará cinco dias, durante os quaes são esperadas outras importantes communicações dos scientistas e estudiosos que de todos os pontos da terra se dirigiram a Paris, afim de referir aos congressistas os resultados de numerosas experiencias realisadas debaixo de condições differentes e com differentes typos de "medium". Suas communicações são interessantissimas pois que muitas vezes são acompanhadas de diagrammas e photographias que demonstram irrefutavelmente as affirmações de suas theorias a respeito desta sciencia que ainda está no berço".

SONHO VERIDICO

Sob a penna de M. H. E. Bruces, "The Progressive Thinker" relatando alguns sonhos notaveis, refere ao do Dr. A. R. Joung, magistrado e proprietario irlandez que assim descreve :

— "O Dr. Joung sonhou que um dos seus arrendatarios fôra victima de um assalto, proximo ao portão da chacara de um dos seus amigos. Elle viu distinctamente quatro assaltantes que massacravam o arrendatario e tambem uma mulher que se achava nas proximidades.

Dia seguinte o Dr. Joung teve noticia de que o arrendatario fôra, com effeito assaltado no referido local, sem que se pudesse descobrir os aggressores.

O Dr. Joung partiu a vêr o paciente, e nas proximidades da chacara reconheceu os tres homens que vira em sonho, e que depois confessaram o crime".

ERNESTO ROSSI E O REI LUIZ

Um facto interessante e embora occorrido ha alguns annos, relembram os annaes do Espiritismo, com o fim, certamente, de estimulo ao estudo para aquelles que se interessam pelos Phenomenos Psychicos.

Esse phenomeno deu-se com o eminente poeta tragico Ernesto Rossi ;

Numa viagem que Ernesto Rossi fez á Portugal, recebeu do Rei Luiz, como prova de sua admiração um magnifico relogio de repetição, com o nome do Rei gravado na tampa.

Em 19 de outubro de 1880, o relogio, que sempre funccionou perfeitamente, parou ás 9 horas e 55 minutos.

Dia seguinte, a imprensa italiana affixou a noticia de que o Rei tinha morrido n'aquelle dia, na mesma hora.

Rossi mandou collocar o relogio sob uma redoma de crystal, e sobre a redoma a inscripção exacta de tão curioso acontecimento.

APPARIÇÃO DE UM MORTO

A "Revista de Estudos Psychicos", publicou o curioso phenomeno que se vae lêr :

— «Durante a guerra, na Salonica, no Hospital da Princeza Maria, um dos nossos collegas, Jules Rataud, morava num commodo separado do hospital por uma avenida de roseiras.

Uma noite ouviu um grito de angustia que parecia vir da avenida ; depois a pala ra «mamãe», e por fim um gemido de agonia. O cão do nosso collega levantou-se sobresaltado, e no mesmo instante Ratand percebeu um joven pallido, de bigode castanho, que approximou-se d'elle e depois desappareceu.

Dia seguinte Ratand visitando o hospital e indo á secção em que se achavam os que haviam morrido dia anterior, ao levantar a mortalha de um d'elles reconheceu no cadaver o phantasma que lhe havia apparecido, cujas feições eram absolutamente exactas. Era a prova da existencia da sobrevivencia e do corpo psychico, semelhante em apparencia ao corpo material e reconhecivel pela vista psychica que já não se pode mais pôr em duvida».

Ecos e Noticias

HA dias, num suelto, fiz referencia ao *accaso* que permittiu aos dois gigantes do pensamento britanico, Sir Oliver Lodge e Sir Conan Doyle, estudarem o espiritismo mais de trinta annos depois de haverem dado á publicidade documentos em que confessavam estarem estudando; e terem nesse interim se tornado gloriosos como scientista um, e o outro como litterato, para depois então sahirem pelo mundo como apostolos do espiritismo, enfrentando tudo por amor da doutrina, á qual emprestam o peso dos seus nomes.

Agora temos outra manifestação da Intelligencia previdente que dirige os nossos destinos, no facto de se reunir na Sorbonne o congresso de metapsychistas. Só agora vamos começando a penetrar no enygma metapsychista. O prof. Richet ha quarenta annos estuda os phenomenos que nós chamamos espiritas, sem acceitar o espiritismo.

Se elle acceitasse logo o Espiritismo, os scientistas o riscariam do ról de scientista e o alistariam entre os malucos.

Como não acceitou, mas proclamou com toda a sinceridade e com toda a responsabilidade do seu nome, a realidade dos factos, muitos outros scientistas dedicaram-se ás pesquizas, constituiram um acervo de factos imponente, deram-lhes nomes scientificos, e a Sorbonne os recebe solemnemente em seu seio.

Lá está a materialista Sorbonne sisudamente discutindo casos de materialisação, vóz directa, mediumnidade psychographica, etc etc.

E amanhã teremos officialisada essa nova sciencia da alma.

Quando as experiencias se fizerem por toda a parte, tenham lá o nome que tiverem, os espiritos que se manifestarem continuarão a affirmar que nunca foram formações ectoplasmaticas, mas sim seres vivos e reaes. Escreverão em linguas desconhecidas dos mediums, fallarão sobre assumptos ignorados dos presentes etc. etc., como sempre fizeram, e assim se manteterão sem violarem o livre-arbitrio dos homens de sciencia, que poderão continuar eternamente affirmando que espirito não é espirito, mas a humanidade toda irá recebendo a Verdade que vem de Deus.

G. B.

FRANÇA

Proseguem as palestras scientifico-religiosas na «Maison des Spirites» ao cargo de M. Ripert.

⁂

Uma commissão de espiritas visitou o observatorio de Juvisy, prestando assim homenagem á memoria de Camille Flammarion. Os visitantes foram recebidos por Mme. Flammarion, cuja graciosa recepção captivou-os sobremaneira.

∴

A Casa Editora Jean Meyer trabalha activamente na confecção de obras que se relacionam com o Espiritismo.

INGLATERRA

A «Sociedade de Pesquizas Psychicas», de Londres, mundialmente conhecida pelos seus estudos scientificos, que tem tido com presidentes, personalidades como o prof. Charles Richet, Bergson, Camille Flammarion, etc., resolveu incluir o Espiritismo entre os seus estudos scientificos. Ficou encarregado de apresentar um relato a respeito o Dr. T. W. Mitchell, um dos seus antigos presidentes.

O correspondente do «Intransigeant» em Londres, na communicação que enviou a este jornal diz: «Pela primeira vez na historia de suas reuniões, a «British Association» admittiu que o espiritismo seja digno de ser discutido scientificamente. O Dr. Mitchell, cuja autoridade na materia e imparcialidade são muito conhecidas, abordou o assumpto com muita prudencia.

∴

Sir Oliver Lodge e a Exma. Sra. D. Lady Lodge acabam de celebrar suas bodas de ouro.

Nossos sinceros votos de longa vida e saúde.

∴

O ‹Daily Express› publicou, com o titulo «Presenças Invisiveis», um substancioso escripto do sr. Hannen Swaffer, em que diz: «Innumeros actores, nos ultimos mezes me confessaram que quando se acham no desempenho de seu papel e em scena, se sentem actuados por alguma força invisivel que os auxiliam. Assim tambem muitas pessoas têm me affirmado haverem recebido idéas que nascem em seu espirito como dictadas por um conselheiro invisivel.»

ITALIA

Diz o ‹Mondo Occulto› que em Bari tem se dado impressionantes manifestações expontaneas, em casa do sr. Miguel Ladisa, que é casado com a sra. Maria Farano.

A ‹Gazeta di Puglia› dá um longo relato dos phenomenos.

∴

A proposito de um discurso commemorativo proferido por Guglielmo Marconi, ‹Luce e Ombra› commentando a posição actual da sciencia, transcreve o seguinte trecho do insigne descobridor do telegrapho sem fios: — Cada applicação das ondas electricas concorreu para um estudo da electricidade livre no espaço, onde a nossa mente se perde, obrigando-nos a reconhecer a nossa mesquinha sabedoria em face do grande mysterio da natureza, forçando-nos a confessar que até hoje nada sabemos verdadeiramente sobre a electricidade.»

∴

O Giornale d'Italia», com o titulo ‹Nel mondo dei fantasmi› publicou um artigo sobre as experiencias de Crawford, no qual faz notar que á proporção que a substancia ectoplasmica emerge do medium, este diminúe de peso.

CUBA

O Grupo «Rosendo» continúa realisando conferencias de propaganda em que tomam parte diversos oradores. Assim tambem essa associação faz circular periodicamente a revista ‹Rosendo›, seu orgão official.

ARGENTINA

O Centro «Pancho Sierra», de Loberia, renovou sua directoria, estando á sua frente o sr. Cesareo Gonzalez.

∴

A «Union de los Cuatro Hermanos», deu começo á edificação de sua séde social.

∴

A sociedade ‹Luz de Porvenir» filiou-se á Confederação Espiritista da Argentina.

∴

Festejou o 4.o anniversario de sua fundação a nossa collega «La Idéa», revista mensal, que se publica em Buenos Ayres.

⁂

Por toda a Republica tem havido conferencias de propaganda sobre themas palpitantes.

⁂

O «Resplandor de la Verdad», orgão da Sociedade «Saenz Cortez», dá alarme contra uma chusma de *professores espiritistas*, que disvirtuando os principios da doutrina levam a confusão em toda a parte. Lá, como cá, más fadas ha...

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

CAMPINAS

Na Associação Beneficente Caminho da Verdade, tem feito conferencias ás terças feiras, o esforçado e popular propagandista, Dr. Souza Ribeiro, medico em Campinas.

⁂

A Cruzada Espirita «Bezerra de Menezes» e o Centro Nova Luz estão tambem desenvolvendo grande propaganda por meio d'O Clarim, de boletins e por conferencias.

—

PIRACICABA

No Centro local têm feito conferencias semanalmente os srs. Dr. Ozorio de Souza e Pedro Camargo que reunem grande numero de ouvintes, visto a palavra facil e consisa com que explicam os principios Evangelicos, que o Espiritismo elucida.

—

S. MANUEL

O Centro Espirita «Fé», está fazendo conferencias semanaes ao cargo de diversos oradores. Na ultima falou o sr. J. Ramalho Junior, que foi apresentado á numerosa assistencia pelo nosso confrade Amando Simões, que em bella allocução exaltou os principios kardecistas, unicos capazes de resolverem o problema da vida.

Matto Grosso

Em Cuyabá, Corumbá e Campo Grande vae se desenvolvendo a propaganda pela imprensa.

Em Cuyabá tem havido sessões especiaes em que têm tomado parte um numero avultado de mediums.

Bahia

Navio phantasma

A imprensa publicou a seguinte noticia:

Está ancorado no porto da Bahia o navio portuguez «Almingues» sob o commando do capitão Pedro Marione de Azevedo, tendo a bordo 28 homens de guarnição e que se acha atacado de assombração.

O commandante informou a um jornal da Bahia que não é raro se ouvirem a bordo, principalmente depois da meia noite, fortes marteladas nos «espandeques». tambem na casa das machinas, assim como insistentes passadas na ponte de commando.

Devido a isso essa ponte foi pintada a piche, para se averiguar se as marcas dos pés de quem, por alli, faz os seus passeios madrugadores, deixavam impressões palmares, chegando-se a conclusão negativa.

Essas martelladas, seguidas do ruido de passos continuos, são observadas por todos a bordo, muito especialmente pelo 3.o piloto, sr. Belmiro Alfama.

Seguem-se a esse facto anormal, os constantes desarranjos a bordo do «Almingues», que parecem actuados por uma força psychica.

Minas Geraes

GUAXUPÉ

A propaganda nesta cidade tem se accentuado de modo bem promissor. E' assim que devido os esforços do Centro Espirita «Nova Era», dirigido pelo distincto pharmaceutico Rodrigo Antunes a Doutrina está sendo estudada por muitos espiritos de bôa-vontade que não tem encontrado nas religiões dominantes a verdade que illumina e a esperança que consola.

Este centro realisa sessões publicas de estudo em torno das obras de Allan-Kardec, Leon Denis, Gabriel Delanne e outros escriptores.

O Centro mantém um posto mediumnico receitista e uma pharmacia homœopathica para a pobreza, assim como a «Escola Technica José Domingues» sob a proficiente direcção do sr. João Coragem e sua distincta esposa.

Com esmolas angariadas entre os espiritas e pessoas caridosas o centro soccorre os necessitados sem arrimo que residem nas cercanias da cidade.

O predio do centro tem 13 ms. e 70 cms. de comprimento por 8 ms. e 60 cms. de largura. A sala das sessões tem 10 ms. por 8 ms. Na entrada ha uma pequena sala, ficando á esquerda a secretaria e á direita a bibliotheca, que ainda está em organisação.

Este nucleo adoptou por seu orgão official «O Clarim», que é distribuido semanalmente na cidade.

CENTRO ESPIRITA
"NOVA ERA"

Centro Espirita «Nova Era», de Guaxupé

MONTE SANTO

Um facto curioso

Escreve-nos o nosso correspondente de Monte Santo:

— Em Julho de 1926 em um logar ermo deste municipio, foi barbaramente assassinada a menina Maria, filha de José Pescador, tendo sido a mesma encontrada morta por estrangulamento, só dois dias depois do crime.

As autoridades tomando conhecimento do caso, prenderam Severiano de tal, que foi condemnado a 25 annos de prisão, devido ao depoimento de Mario José que se apresentou como testemunha de vista e affirma ter sido Severiano o autor do crime. Este acha-se cumprindo a pena na cadeia, mas confessa, a todos com quem fala, a sua innocencia, e diz que «em suas orações pede sempre a Deus que mostre aos homens sua innocencia.»

Agora, dia 7 do proximo passado mez de novembro, compareceu á delegacia de policia, Abraham de tal, que declarou á autoridade policial, que já por tres vezes, ao passar pelo lugar, ouve uma vóz que diz estas palavras : — «Mario não me mate, não faça isso commigo.»

Deante dessa declaração o delegado de policia prendeu Mario José e submetteu-o a habil interrogatorio, havendo elle confessado que, de facto, é o autor do crime, estendendo-se ainda em considerações sobre os motivos que o levaram a proceder assim. Accrescenta que na hora em que estrangulava a menina, ella gritava : «Mario não me mate, não faça isso commigo.»

E' de notar que além de haver confessado o crime ao delegado de policia e ao juiz de Direito, Mario José, das grades da prisão diz francamente aos curiosos que vão interpelal-o, ser o autor do crime.»

O caso é curioso e vae ficar registado nos Annaes do Forum como um facto genuinamente espirita, quer queiram, quer não queiram, porque a revisão do processo se impõe.

—

S. JOÃO D'EL REY

O Centro Espirita local, communica-nos ter entrado em actividade, devendo iniciar breve seus trabalhos de propaganda. E' director deste nucleo o sr. Rodolpho T. Fritsch.

Maranhão

Acham-se em plena actividade as duas associações — «Tugurio Espirita Alves Mendes», e o Centro Espirita Rosariense, ambos da cidade do Rosario e sob a direcção do nosso prestante confrade Placido Camões.

Rio de Janeiro

Realisaram sessões doutrinarias durante o mez as seguintes sociedades : Grupo Humildade, presidido pelo confrade Leopoldo Cirne ; União Espirita Suburbana ; Gremio Luz e Amor ; Centro União e Caridade ; Federação Espirita Brasileira ; Centro Antonio de Padua ; Circulo Caritas ; Centro Christophilos ; Grupo Sebastião ; Centro Fraternidade ; Centro Luz e Verdade, de Campo Grande, e outros que não nos vem á lembrança.

—

CONFERENCIAS

Fizeram conferencias os srs. Ignacio Bittencourt ; Dr. Carlos Imbassahy ; Manuel Quintão ; Oscar Castino ; Arthur Machado ; Dr. João Torres ; Prof. Dr. Dias Barros ; Gustavo Macedo ; Cesar Gonçalves ; Felippe Santiago ; Augusto dos Santos. E as Exmas. Sras. Dra. Orminda Bastos, Aura Celeste, Iveta Ribeiro, Joselina Tosta, Jurema Carneiro, Marietta Escobar, Glorinha Leal, Albertina Silveira.

Pará — Belém

A União Espirita Paraense, reformando a sua lei basica, elegeu o seu primeiro conselho fraterno, com funcção de consultor das directorias, nos casos de maiores responsabilidades, recahindo a escolha em confrades illustres, que já exerciam essa funcção de facto, embora não de direito.

São estes os membros do primeiro conselho fraterno da União Espirita Paraense : Dr. Antonio Pinheiro Filho, Dr. Luciano Castro, Dr. Raymundo Nogueira de Faria, Dr. João Morisson Faria, professor Sylvio Nascimento, major Solerno Moreira, maestro Ettore Bosio, Carlos Barros de Souza, Raphael F. O. Gomes, Euzebio Mattos Cardoso, João da Rocha Fernandes, Antonio Lucullo de Souza e Silva, Raymundo da Ponte e Souza, Raphael Moreno e Antonio Gomes Ribeiro.

NOTAS DIVERSAS

E' devéras admiravel a maneira como se succedem em toda a parte as conversões ao Espiritismo de ferrenhos materialistas que durante a vida jamais acreditaram na sobrevivencia da alma após a morte do corpo, simples aggregado de materia transformavel.

Agora é o Sr. W. Harold Speer que na «Light» faz uma sincera profissão de fé espirita, acompanhada por interessantes commentarios, que passamos a resumir para estas columnas.

O Sr. Speer perdera a unica filha. Em frente do tumulo, em vão tentava descortinar o mistério da espiritualidade, e resolveu procurar a verdade com o auxilio de Deus, para o que se dirigiu a Bligh Bond, autor dos «Escriptos sobre o Abade Glastonbury,» o qual aconselhou Speer a visitar um medium.

Tendo cultivado a mediumnidade, conseguiu ao fim de certo tempo receber communicações que diziam ser da filha. No emtanto, o pobre homem julgava tudo aquillo producto do seu subconsciente, até que um dia assistiu em Hove, a uma sessão particular onde obteve mensagens decisivas, pois tratavam de assumptos em absoluto desconhecidos para os assistentes. Nesta altura o Sr. Speer já estava convicto de que no Espiritismo estava a explicação de um enigma que durante tanto tempo o preoccupara. Tempos depois de estudar os phenomenos, de haver consultado mediums de differentes paizes, assistiu a muitas sessões, sendo a defunta descripta com rigor assombroso por videntes.

Emfim, o Sr. Speer não pode duvidar mais um instante, quando conseguiu mensagens com a propria letra da sua filha, e a viu *materializada, sentindo o beijo que ella costumava dar-lhe em vida.*

Mas, para que Speer se convencesse absolutamente, um medium desconhecido conseguiu photographal-a.

Terminaram de vez as duvidas que ainda assaltavam o espirito de um homem que não comprehendia como poderia a alma ser eterna e acompanhar do Além os amigos que deixara na terra sujeitos ao carcere grosseiro da carne.

Speer tornou publica esta conversão, fazendo votos para que o numero dos convertidos augmentasse, certo de que as lições da Igreja não satisfazem a crença da vida futura.

⁂

A Imprensa no Congresso Metapsychico

Os seguintes orgãos da imprensa, que se fizeram representar no «Congresso Internacional Metapsychico», deram noticias circumstanciadas de referido congresso:

La Dépêche de Toulouse, Le Gaulois, L'Intransigeant, Le Journal des Débates, La Lanterne, La Liberté, L'Œuvre, Paris-Matinal, Paris-Midi, Paris-Soir, La Patrie, Le Petit Meridional, Le Petit Parisien, La Presse, Le Rappel, Le Soir, Le Temps.

⁂

Manifestações Psychicas e os animaes

A «Casa Editora Jean Meyer»

acaba de publicar a interessante obra do Dr. Ernesto Bozzano, cujo titulo encima estas linhas.

⁂

Parabolas e Ensinos de Jesus

No começo de janeiro será exposta á venda a interessante obra do nosso companheiro Cairbar — «Parabolas e Ensinos de Jesus», num volume encadernado, com mais de 500 paginas.

⁂

As assignaturas da Revista começam em 15 de Fevereiro e terminam em 15 de Janeiro; ou então começam em 15 de Agosto e terminam em 15 de Julho.

Os assignantes que tomarem assignaturas até o fim do anno receberão gratuitamente os numeros de Dezembro e Janeiro.

BIBLIOGRAPHIA

Observation D'Un Cas De Mediumnité Intellectuelle

O eminente autor desta obra, Prof. Rocco Santoliquido, relata as phases successivas de um caso psychico em que se desenrolam interessantes episodios com o auxilio da «mesa falante», sendo recebidas interessantes mensagens de factos ignorados por todos que se realisam.

Esta obra foi editada pela «Bibliothèque de philosophie spiritualiste moderne et des sciences psychiques», rue Copernic, 8 — Paris, e é vendida ao preço de 5 francs.

⁂

Les Enigmes de la Psychométrie et les Phénomènes de Thélestésie

Sabe-se a clareza e a logica com que o Prof. Ernesto Bozzano grupa e ordena os factos para d'elles tirar todas as deducções uteis. Pois, jamais a psychometria foi apresentada com uma tal força como sendo bem o phenomeno — o epiphenomeno — para o qual se voltam as vistas de todos os pesquizadores.

O mestre transcreve factos e mais factos, deduzindo delles um raciocinio logico admiravel de affirmações philosophicas.

Esta obra, digna de figurar na estante dos doutos, é, pode-se dizer um dos livros classicos da metapsychica e do espiritismo contemporaneo.

Um vol. in, 12 de 201 pags, 9 francs, na «Editions Jean Meyer», rue Copernic, 8 — Paris.

⁂

O Amor á Verdade

«O Amor á Verdade», é um livro de 147 pags. da autoria do sr. Alpheu Gomes O. Campos. O autor aborda os pontos principaes da doutrina e os phenomenos physicos, desenvolvendo assim magnifica these.

Um vol. 3$500, na Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30 Rio de Janeiro.

ANNO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1928 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Caminho Percorrido
A nova Fé e a Lei do progresso
A alma animal
Uma verdade que é parte de uma verdade
Credo philosophico de Benjamin Franklin
Porque creio no Espiritismo
Sonho sobre o Universo
Fé e Raciocinio
A Penna
Psychologia animal
O Congresso Metapsychico
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas

Gabriel DELANNE

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4115unse

ANNO 4-BRASIL-E. S. Paulo- Mattão, 15 de Fevereiro de 1928 - NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ※ COLLABORADORES : DIVERSOS

CAMINHO PERCORRIDO

A 15 de janeiro ultimo, a ***Revista Internacional do Espiritismo*** *plantou mais um marco na senda da vida da imprensa.*

Inicia ella hoje o 4.o anno de existencia, com grande esperança de que, dado o moderno incremento dos estudos experimentaes, possa levar aos leitores uma somma avultada de materiaes indispensaveis para o edificio da sciencia, que aos poucos se vai construindo, onde pontificará a verdadeira philosophia, cujos factos incoerciveis nos porão em intima relação com os Espiritos propulsores do progresso, que dirigem os nossos passos para a espiritualidade.

E não é sem fundamento que nos passa pela mente esta previsão, pois, no transcurso do anno que findou, além do accentuado progresso que fez o Espiritismo entre todos os que comprehenderam a magnitude do seu objecto, tres acontecimentos notaveis se apresentam á nossa consideração : a confirmação e divulgarisação do phenomeno de voz directa, o Congresso Metapsychico Internacional, realisado na Sorbonne, e a tendencia dos litteratos e novelistas para adopção de themas que se relacionam com a existencia real do Mundo Espiritual e seus habitantes.

Esses acontecimentos não serão, porventura, os prodomos ou primicias da intensificação, não só desses mas de outros tantos phenomenos que ha tempo se vêm verificando, assim como de novos factos capazes de constituir a demonstração probante da existencia do ser espiritual e sua sobrevivencia á desaggregação corporal ?

Como se vê, a solução relativa á materia de factos, á phenomenalidade e á sua declaração official como conquista positiva e para sempre incontroversa, a Sorbonne já deu-a com a acceitação do imponente acervo de factos apresentados por quarenta e tantos scientistas e com as experiencias que certamente já terá iniciado para a manifestação de taes phenomenos.

Sentimo-nos, por isso, felizes ao nos vir á lembrança a fundação desta publicação, cujo fim altamente *nobre não é outro que concorrer para que se perscrute o mais grave problema de quantos abraça o inquerito scientifico e concitar a todos os que trabalham pelo triumpho final da sua resolução a proseguirem para que o monumento da Verdade tenha a sua completa conclusão.*

Por nossa vez, não nos deixaremos de esforçar, seja na intensificação do combate ao materialismo dissolvente e das hypotheses abstrusas em contradição com os factos, seja na divulgação da theoria espirita, *unica que tem resistido as controversias e se mantido em relação intima com os phenomenos, de que é legitimo corollario.*

De resto, laboremos que, certamente não nos faltará a protecção divina e o auxilio constante dos Espiritos que se empenham nesta obra de redempção humana.

A estes a nossa sincera gratidão e a todos os que nos têm dispensado sua sympathia os nossos reconhecimentos.

A NOVA FÉ E A LEI DO PROGRESSO

Como demonstramos pelos artigos antecedentes, o homem avança na eternidade do tempo e do espaço, no desfructo cada vez mais absoluto da vida, a medida que caminha para a perfeição sob o influxo de uma evolução lenta e gradativa, atravez de multiplas encarnações, neste e n'outros mundos, forçado pela immutavel lei do progresso.

A dôr e a difficuldade exercem a funcção de lapidarios uteis e necessarios ao cumprimento dessa grandiosa, sabia e benevola Lei.

Na ordem humana, isto é, na ordem da vida terrena, pela simples razão, de que a vida com suas innumeraveis estancias não tem em synthese solução de continuidade, nos direitos de gosos a que é dado á creatura em todas as etapas de sua evolução, a dôr physica, é a melhor e mais solicita deffensora do homem. Não fosse a dôr o organismo, o corpo, se conseguisse escapar á morte, nos apresentaria o espectaculo de uma humanidade inteiramente mutilada. Na primeira floresta que penetrassemos as nossas viceras seriam dilaceradas pelos espinhos, o nosso systema arterial destruido e com elle a vida. As crianças, inconscientes ainda da utilidade dos seus membros e organs, sentiriam um immenso prazer em cortar os seus dedinhos, em vasar os seus olhos. Não o fazem pela dôr, que sempre de atalaia na defeza do organismo os mantem a elles e a nós os grandes, precavidos e attentos em evitar que ella se manifeste. E' ella ainda, essa companheira amiga que impelliu o homem ás descobertas dos medicamentos. Pela dôr elle presciente as molestias e para evital-a procura immediatamente curar-se. Na feição da fadiga, que é uma das manifestações da dôr, o homem para evital-a foi conduzido á descoberta de todos os meios actuaes de locomoção, á todas as descobertas fabris, que lhes trouxeram o agasalho ; emfim a quasi todo o progresso até então conquistado que nos seus differentes matizes não são senão meios preventivos contra a dôr. No ponto de vista animico ou espiritual é ainda a dôr physica ou moral a melhor e mais devotada amiga do homem.

Sempre de atalaia o está prevenindo que suas fraquezas e vicios estão prejudicando o seu organismo e destruindo a sua saude.

O toxicomano do alcool, da morphina e derivados da coca, o devasso, o glutão, o jogador a têm constantemente ao seu lado avisando-os a todos os instantes das suas imprudencias e fraquezas. O perverso, o egoista o orgulhoso, o calumniador, o ignorante, isto é, o vadio, (porque quasi sempre ignorancia é synonymo de indolencia), o trahidor, o hypocrita, a encontram, na feição moral, sempre junto a elles, impellindo-os á força para a senda da lealdade, da humildade, da fraternidade, do devotamento, da candura, do desprendimento, da honradez. Quando o progresso não se faz por expontaneidade de vontade do homem, vêm a dôr moral, e esta estirpadora e vingadora dos passados de crimes e deslealdades, vae lentamente illuminando a consciencia de cada um, onde faz despertar o amor e o sentimento de justiça, que são os predicados recebidos em germens por todos os seres, ao partirem do seio da Divindade Suprema. O homem no seu commodismo perenne, na sua ignorancia estanque, na sua malvadez multiforme, no seu convencionalismo fanatico, no seu egoismo escravisador, aponta essas verdades claras e evidentes, como ensinos demoniacos, isso porque, ellas demonstram sobejamente a puerilidade da lenda do peccado original, columna mestre de uma serie de principios e dogmas incompativeis com a razão, com a bondade e sabedoria da causa suprema de todas as cousas.

Amesquinhando a magestosa obra universal, onde tudo é infinito, no tempo, no espaço, na quantidade, apresenta a Terra como o centro do universo, desse universo onde os mundos gravitam em quantidade incontestavel, dentro e fóra da orbita da nossa visão e faz desta pobre e imperfeita humanidade que aqui habita o crisol da perfeição da obra do Creador !... Faz-me perguntar-lhes sem o querer porque fez Deus Marte, Venus, Saturno com seus satellites e seu elo gravitando ao redor do planeta, Jupiter com 5 luas, Uranos, com 7, todos elles descrevendo, como a Terra seu circulo de evolução ao redor do sol, estupendos todos de elementos de vida ?... Porque os 82 milhões de sóes, centros de novos systemas planetarios, que fulguram suspensos no firmamento compondo a Nebulosa da Via Lactea, da qual faz parte o nosso systema solar ? Porque, além, nos espaços longinquos, novos aggrupamentos, novas nebulosas com milhões de sóes, centros de outros systemas planetarios, os quaes só avistamos com os mais potentes apparelhos de visão ? Serão mundos creados sem nenhuma utilidade e lançados nos espaços, descrevendo ciclos inuteis, alheios ao concerto maravilhoso de esplendor, de perfeição, de belleza e de utilidade commum a todas as cousas creadas ? A razão, o bom senso diz-me que não. E quando alguem, na ancia de saber, no desejo justo e amoroso, procura sondar os arcanos desse esplendor de ensinamento, buscando atravéz ás deducções e o ensino dos espiritos a comprehensão do seu destino, interpretando e sentindo a lei de solidariedade existente entre todas as cousas do universo e principalmente entre os vivos e os mortos, grita bem alto á turba medrosa, fugi desses ensinos que vos revelam um Deus magestoso de maravilha e perfeição, de bondade e amor, de justiça e de equidade, porque elles são demoniacos. O Deus que vos criou, circumscreveu o seu saber em crear apenas a humanidade terrena, que encerra toda a forma da perfeição e prohibe sondar os seus designios sob pena de vos punir severamente por essa desobediencia. Forma satirica de maldade ! Desejo vampirico de dominio, que não trepida, para a conservação do seu imperio, de esconder Deus e os seus predicados de todos os homens. Este é o meu ultimo artigo da serie que venho publicando sob o titulo A Vida. Quero aproveitar-me, para desmanchar um mal entendido ou uma interpretação falsa, que muita gente tem feito sobre meus sentimentos. Apontam-me como um inimigo da Igreja. E' uma grande injustiça que me têm feito. Sou ao contrario um grande amigo e admirador da Egreja de Christo, mas da Egreja de Christo, despida dos ornamentos do Paganismo que foram nella introduzidos. Entendo que será sempre a Egreja de Jesus a guiadora dos povos e a ensinadora das verdades dos ensinos Divinos já revelados e ainda por revelar-se.

A Lei é uma só. Jesus não a veiu modificar assim como os modernos ensinos do Espiritualismo. Os homens regeitaram o Espirito de Verdade, que é seu promettido e enviado. Mas Jesus triumphou e a Egreja Mosayca ficou com elle. Assim tambem triumphará o Espirito de Verdade e a Egreja de Jesus ficará com elle. Não foi a Egreja Mosayca quem rejeitou Jesus, mais sim os homens que tomavam conta della. O erro não é da Egreja e sim dos homens que a dominam. As novas idéas reveladas umas e conquistadas outras pelo esforço da penetração humana não dominam em quanto não absorverem o consenso, da maioria, nem mesmo que tragam em seu frontispicio a belleza da forma e o encanto da verdade. A religião é um ramo da sciencia ou antes a sciencia é um ramo da religião. Os erros não são della e sim dos homens. Estes é que interpretam as cousas segundo o seu progresso do momento, as suas convenções, ás suas paixões. Jesus porém, prometteu que todas as cousas seriam reveladas e que nada ficaria encoberto ao conhecimento do homem. A medida que se faz opportuno segundo a vontade e desejo do Creador as cousas são reveladas. Os homens serão modificados nas suas paixões, esclarecidos nos seus erros, illuminados na sua ignorancia.

Mas a Egreja, segundo a necessidade de cada epocha continuará, magestosa e soberba, a exercer as funcções sublime de unificadora dos povos.

As dissensões existentes hoje são filhas dos seus sacerdotes e não della.

Na Inglaterra, actualmente, uma grande parte dos Ministros da Egreja Protestante acceitam e ensinam nos templos as doutrinas do moderno Espiritualismo.

A Egreja se mantem Christã, porque os ensinos de Christo não foram modificados. O Espirito de Verdade não os veiu modificar, veiu apenas dar aos homens a sua comprehensão e amplial-os nos pontos que Jesus deixou obscuro.

No sacerdocio Catholico já se tem feito manifestação aqui e ali de muitos que tem acceito os ensinos de Kardec como verdadeiros. Infelizmente alguns, sem comprehensão verdadeira da sua missão têm despido a batina e outros não têm tido a coragem precisa para confessar publicamente as suas convicções como têm feito os Ministros Protestantes na Inglaterra e America do Norte.

Esses que forem sendo empolgados pela evidencia irresistivel das verdades espiritas fazem muito mal de desertarem do sacerdocio e maior mal ainda em não confessarem publicamente as suas convicções. A grande massa humana vae se preparando para receber ou para conhecer todas as cousas que Jesus promettera serem esclarecidas. Para prender a turba humana nos seus instinctos para o mal já não é preciso o temor de um Deus colerico e vingativo, capaz de queimar um seu filho eternamente nas fogueiras do inferno. Basta a fé raciocinada e a communhão do pensamento estabelecida nas orações em commum que são de uma utilidade maravilhosa na estructura do sentimento, da candura e da bondade. A propria paramentação dos cultos, a impressão de respeito occasionada por ella são immensamente uteis ao refreamento das tendencias maleficas das creaturas e não menor é a influencia exercida pelos sermões e conselhos dos sacerdotes bem intencionados e bondosos, infelizmente muito raros, na epoca de exclusivismo que atravessamos.

AMANDO SIMÕES

Todos os males da vida concorrem para o nosso aperfeiçoamento. Pela dor, pela humilhação, pelas enfermidades, pelos revezes, lentamente, o melhor resulta do peor. Eis porque neste mundo ha mais soffrimento que alegria. A provação retempera os caracteres, apura os sentimentos, doma as almas fogosas e altivas.

L. D.

A ALMA ANIMAL

E' com summo prazer, hoje, dia em que a nossa Revista inicia o seu 4.o anno de vida e que ao mesmo tempo, os espiritas do mundo inteiro celebram com saudosa recordação o passamento do grande Apostolo da Nova Fé, Dr. Gabriel Delanne, que passamos para estas paginas, o substancioso artigo, que com este titulo, o Mestre enviou á nossa collega franceza — «Psychica» — cuja dedicação á causa da defesa dos nossos irmãos inferiores tem sido inexcedivel.

Gabriel Delanne synthetisa para nós a alma do santo alliada ao espirito do sabio.

Nenhum espirita soube interpretar com mais clareza e precisão os Ensinos dos Espiritos compendiados por Allan Kardec e melhor traduzir o pensamento intimo do Coodificador do Espiritismo, do que o autor da Evolução Animica». Estudioso, pesquizador exigente, racionalista severo, só acceitava as verdades de evidencia irresistivel accumuladas pela multidão de documentos que se apresentavam aos seus olhares intelligentes.

Espirito talhado para altas missões, as suas obras projectam uma viva luz sobre a difficuldade, apparentemente insuperavel, da comprehensão da vida em todas as suas peripecias, desde a sua origem aos altos destinos que nos estão reservados.

Para Gabriel Delanne, como para Allan-Kardec, todos os Espiritos, seja qual for o grau do seu adiantamento, sobrevivem á morte do corpo e acham-se submettidos á lei da evolução, atravessando todos os estagios da vida inferior, e destinando-se á Vida superior, num progresso gradativo e crescente para a perfeição. O principio pensante, ou seja o *nucleo animico*, desde as formas as mais rudimentares da vida até á humanidade, conquista lentamente a sua individualidade, por uma evolução ininterrupta.

A obra de Gabriel Delanne é uma consagração especial a esse estudo, sem duvida dos mais importantes, tornando-se, por isso mesmo a chave de muitos problemas que sem elle ficariam na obscuridade.

Fazendo reviver nestas paginas o trabalho de Delanne, cremos lhe prestar uma justa homenagem e ao mesmo tempo lhe patentear a nossa gratidão por nos tornar participes dos relevantes Ensinos que de tão boa vontade nos legou.

* * *

Já que esta revista, occupa-se com interesse, das manifestações intelligentes dos animaes, eu desejaria expôr summariamente, algumas razões que me levam a crêr que a Alma humana certamente passou pela fieira animal, afim de adquirir progressivamente não só as faculdades intellectuaes, mas tambem as propriedades physiologica que lhe permittem engendrar e entreter um organismo tão prodigiosamente complicado como é o corpo humano.

E' indiscutivel que existe entre todos os seres vivos um parentesco directo porque as leis da vida são as mesmas em toda a série organica, desde o ser mono cellular até esses trilhões de cellulas que compoem um homem. Todos nascem, nutrem-se, se reproduzem, evoluem e morrem do mesmo modo.

Não existe em toda a escala zoologica, solução alguma de continuidade ; cada especie se liga a que a precede e a que a segue, não ha nuances insensiveis de uma maneira ininterrupta, e as funcções physiologicas se complicam progressivamente, tornando-se mais perfeitas por uma adaptação continua do ser no seu meio.

A paleontologia nos mostra que esta série progressiva teve lugar no passado e que no momento presente a cadeia da vida continúa sem interrupção do organismo primitivo ao homem. O que parece indicar esta filiação é que um ser qualquer da série reproduziu durante sua vida fetal, todos os seres que o precederam; é assim que o homem foi successivamente um peixe, um reptil um passaro, um mammifero, antes de ser fætus humanos.

Já que nós espiritas sabemos experimentalmente que nas sessões de materialisação, um espirito reconstitue physicamente o corpo que teve em sua ultima incarnação, não sómente seu aspecto exterior mas com todos os orgãos internos, estamos certamente no direito de suppôr que o mesmo acontece no nascimento e que este não é, na realidade, senão uma materialisação duravel. Em vista disto parece logico, pois que um organismo terrestre se constituiu, de suppôr que é no nosso globo que o perispirito adquiriu suas propriedades estructuraes e funccionaes e que elle não poude fazel-o senão incarnando-se um numero de vezes infinito, nos organismos mais e mais complicados, á medida que era capaz de os dirigir.

Gabriel Delanne

E' então na série animal que deve se effectuar essa evolução.

Eis ahi um caminho bem hypothetico, dir-se-á. — Sim, sem duvida, mas, apezar disso, si se puder demonstrar: 1.o que existe em toda a escala animal uma progressão de intelligencia correlativa á do desenvolvimento organico; 2.o se estiver demonstrado que a intelligencia animal tem uma realidade objectiva, que ella é analoga, salvo o gráo de desenvolvimento, á alma humana; 3.o si ficar estabelecido que as faculdades ditas supranormaes taes como a telepathia e a clarividencia podem se observar nos nossos irmãos inferiores; 4.o emfim, si tivermos um numero sufficiente de observadores para estabelecer que os vertebrados superiores, ao menos, são capazes de se desdobrar durante a vida e possuir ainda uma individualidade depois da morte, a identidade destas manifestações com a que nós constatamos na humanidade nos permittiria affirmar logicamente que é bem o mesmo principio que anima todas as creaturas viventes.

A questão prende-se ao estudo dos factos que parecem confirmar este modo de vêr.

E' evidente que num artigo de revista, é impossivel dar todas as provas que seriam necessarias para fazer uma demonstração completa; limitar-me-ei a citar simplesmente alguns factos que servirão de base para cada uma das categorias que eu vou passar em revista.

A respeito do desenvolvimento da intelligencia na série animal, eis aqui um quadro de Lauret, que mostra bem o progresso correlativo, si se tomar o cerebro como criterium do desenvolvimento da intelligencia:

1.o Nos peixes, o cerebro está para o peso do corpo como 1 está para 5668;

2.o Nos reptis como 1 está para 1321;

3.o Nos passaros, como 1 está para 212;

4.o Nos mammiferos, como 1 está para 186;

Ha, então, progressão continua á medida que se eleva da ramificação inferior á superior, mas, com a formal condição que os pesos abranjam cada ramificação tomada em bloco, e não tal ou qual especie examinada separadamente. Ora, isto é um facto hoje bem demonstrado, que o progresso da série animal realisa-se, não em linha direita e sobre uma unica linha, mas em linhas desiguaes e parallelas. (1).

Está claro então, a ascenção da intelligencia á medida que ella se eleva das formas as mais simples, até ás mais complexas.

Observando-se os nossos irmãos inferiores, os cães, os cavallos, nota-se nas especies domesticadas que a intelligencia que elles manifestam se approxima indiscutivelmente da nossa. E' isto que fez o religioso Agassiz dizer :

«Quando os animaes se batem, quando se associam para um fim commum, quando elles se advertem reciprocamente do perigo, quando vêm em soccorro um do outro, quando mostram a tristeza e a alegria, manifestam movimentos da mesma natureza dos que se encontram no numero dos attributos moraes do homem.

K. Krall com Muhamed e Zarif

«A gradação das faculdades moraes nos animaes superiores e no homem é tão imperceptivel que, para negar aos animaes um certo grão de responsabilidade e de consciencia, é preciso exaggerar excessivamente a differença que ha entre elles e o homem.»

Estas faculdades intellectuaes têm sido estudadas ha uma dezena de annos principalmente na Allemanha e os leitores desta revista estão ao par dos notaveis resultados obtidos por Von Osten, Krall, Mme. Moekel e Kinderman, e mesmo por Mme. Carita Borderieux.

Os relatos publicados provam com evidencia a intelligencia de Muhamed e de Zarif não se limitaram unicamente á faculdade de calcular, mas que ella testemunhava a expontaneidade destes cavallos quando, por si mesmo faziam reflexões apropriadas ás circumstancias em que se viam.

Recordam-se, por exemplo, que Zarif em vez de dar a solução do pequeno problema que se lhe propôz, assignalou que um cocheiro havia batido no pequeno elephante Kama. Não se pode tratar aqui de uma transmissão de pensamento, e demais, o facto de ter o cavallo se servido d'um alphabeto convencional para exprimir suas idéas demonstra manifestamente sua intelligencia.

Mas tanto mais notavel ainda é o cão Rolf que aprendeu por si mesmo cousas absolutamente incriveis, os primeiros elementos do calculo, assistindo ás lições que Mme. Mœchel dava aos seus filhos. Elle tambem fazia objecções e observações que provam manifestamente que nossos animaes domesticos percebem o que se passa em redor d'elles, e por vezes intervem de uma maneira original.

Testemunha o facto seguinte em que Mestre Rolf deu prova de um espirito humoristico verdadeiramente inesperado :

«M. e Mme. Mœckel tendo recebido noticias do casamento de um dos seus amigos com Miss Daisy Falham Chester, conversou em familia desse acontecimento e Rolf intervindo bate : *Doutor ter senhorita se chama ,como...* Daizy é a gata da casa.

Aqui ainda não é possivel pensar em transmissão de pensamento, visto nenhum membro da familia, ter pensado nesta homonymia. Mas para os que pudessem ficar em duvida, uma experiencia feita pelo Dr. Makenzie é das mais concludentes. Eil-a :

---

(1) *Evolução Animica.*

«Eu resolvi preparar quatro pequenos cartões que levei commigo. Pedi a Mme. Mœckel desenhar a penna um canario ou um outro passaro num dos cartões e escrever sobre outro com a sua lettra habitual, para o cão, o nome da filhinha Karla que elle estima muito. Emquanto esperava, eu desenhei num dos dois pequenos cartões que ficaram, uma estrella e colori-a com o lapis azul ; sobre outros dois quadrados contiguos, um azul, outro vermelho, tambem cheios a côr.

Rolf — o cão de Mannheim.

Durante o tempo desta preparação Rolf estava ausente ; quando elle veio, os cartões já estavam nos enveloppes (igualmente levados por mim). Então eu pedi á pequena Karla ir num outro quarto baralhar os cartões de maneira que eu não pudesse mais conhecer o conteúdo. Isto foi feito.

Todos os assistentes, inclusive eu, retiraram-se para traz de Mme. Mœckel. Eu exclui tambem, depois de um exame cuidadoso, a possibilidade de qualquer fraude.

Os cartões se acham todos com a sua face desenhada do mesmo lado, isto é para a *face* do seu enveloppe respectivo. Eu pude então facilmente extrahir um, certo de não ver o desenho. Fiz a ultima manobra atraz da cabeça de Mme. Mœckel ; depois, levantei o cartão, de mim ignorado, sobre sua cabeça e eu mostrei-o de alto á baixo, sempre o lado desenhado dirigido para o cão unicamente.

Ella tomou então o cartão como eu lhe dei ; mostrou-o por um momento ao cão, convidando-o a dizer o que vira ; então eu retomei-o do mesmo modo, e entreguei-lhe no enveloppe, depois o puz no bolso. Affirmo solemnemente que pessoa alguma a não ser o cão, viu o desenho.

Este não quiz ouvir dizer-lhe que respondesse. Bateu com insistencia 4 («fatigado»), deitou-se no chão e quiz ir-se embora.

Mme. Mœckel, muito inquieta sobre o exito da experiencia, pede, supplica e depois ameaça Rolf.

Por minha vez, eu o incito e encorajo tanto quanto posso, e prometto-lhe que se respondesse bem far-lhe-ia ver varias figuras que levei para elle. Isto parece decidil-o, e emfim elle bate, sem a menor exitação. (Cartão vermelho e azul).

Rolf não soffreu a influencia de quem quer que fosse, pois todos ignoravam a figura desenhada no cartão, entretanto o animal viu-a perfeitamente, e encontrou as palavras precisas para descrevel-a.

Si se recusa ver ahi um acto de intelligencia, a mesma cousa será para nós em identicas circumstancias.

Muitas vezes tem se ouvido dizer : para elle não falta senão a palavra. Não será isso verdade ?

∴

As faculdades supranormaes são communs aos animaes e aos homens.

Uma série de artigos publicados pelo professor Bozzano, em : *Les Annales des Sciences Psychiques* prova que existe manifestamente acções telepathicas entre certos animaes domesticos e seu dono.

E' assim que o romancista inglez Ruyard Hagar teve durante a noite, a sensação que seu cão se afogava. De facto, este foi encontrado no fundo dum tanque e, segundo relata, accidentalmente pela passagem de um trem, o cão foi precipitado n'agua, mais ou menos á hora em que teve a noticia telepathica.

Um outro caso, extrahido da mesma collecção; um cão rateiro, entrando imprudentemente numa chaminé de estufa, arriscou-se a morrer queimado, mas seu mestre avisado telepathicamente do perigo que corria o animal, fez pesquizar e poude salvar a vida do seu rateiro.

O presentimento é igualmente uma faculdade animal. O escriptor Andersen tinha sob a sua guarda um cão d'agua que um seu amigo lhe pedira ter em sua companhia visto ser obrigado, por motivo de saúde, a ir á Italia. Ora, uma noite, este cão aproximou-se de Andersen chorando, e o poeta, pelo modo em que estava o animal comprehendeu que elle tivera algum conhecimento de accidente occorrido com seu mestre. De facto, este tinha morrido no dia e na hora em que o cão manifestou a sua dôr.

Sempre no mesmo estudo, M. Bozzano assignala que, por vezes, os animaes são capazes de perceber apparições, e mesmo antes que estas se tornem visiveis aos assistentes.

Existe varios exemplos perfeitamente authenticos desta lucidez. Ultimamente nosso amigo Beziat relatou o caso do cão de Palosse, tendo tido, ao mesmo tempo, o seu mestre o visão do Drac.

Eis, então, aqui tres faculdades supranormaes: telepathia, premonição e clarividencia que estabelecem com certeza que o principio intelligente do animal possúe as mesmas faculdades que os seres humanos.

Semelhante analogia nos effeitos, implica evidentemente analogia nas causas e si entre nós é a alma que possúe estes poderes, é preciso admittir que existe tambem uma alma no animal em que se encontra as mesmas faculdades.

A semelhança entre a alma animal e a alma humana se verifica até nas manifestações extra-corporeas de todos os seres vivos.

Eis dois exemplos que reproduzo do livro positivista de Dassier; *L'Humanité Posthume*.

Este publica o testemunho de um agricultor que viu um asno entrando em seu estabulo á uma hora bastante adiantada da noite, cujo animal pastava num campo visinho.

«O asno tendo se approximado, o agricultor tentou oppôr-lhe resistencia, mas elle chegou até a porta do estabulo: e no momento em que o homem se dispôz a abril-a o animal desappareceu como uma sombra que se esvae. Admirado, elle entra em casa e accorda seu irmão para contar-lhe o occorrido. Dia seguinte, elles foram ao campo e encontraram a cerca intacta.

Eis um outro exemplo narrado por Dassier: «Uma noite estando de guarda (é um duaneiro que fala) com um dos meus camaradas, percebemos não longe do lugar em que moravamos, uma besta que passava diante de nós e parecia carregada. Suppondo que levasse um contrabando e que o seu conductor fugisse ao nos ver, fomos ao encalço do animal. A besta encaminhou-se para um campo e depois de ter dado voltas para escapar de nós, entrou na aldeia.

«Então, emquanto meu companheiro perseguia-a eu tomei um caminho transversal. Vendo-se perseguida de perto, a besta apressou sua carreira e varios moradores accordaram com o barulho que fazia a carga.

«Eu cheguei antes d'ella na rua em que pretendia passar e no momento em que eu estendia a mão para pegar no cabresto, ella desappareceu como uma sombra e nada mais vi senão o meu companheiro junto a mim e tão admirado como eu.»

No lugar em que esse facto se deu o animal não podia absolutamente escapar. A objectividade desta forma está demonstrada pelo ruido que fazia a besta, pois os moradores da aldeia, dia seguinte commentavam o facto.

Neste caso se ignora se o phantasma é o do animal morto ou vivo; mas no no momento actual, possuimos documentos photographicos que nos provam ser possivel aos animaes mortos se materialisarem. E' assim que a *Revue Metapsychique* publicou uma série de documentos que mostram passaros objectivados materialmente em Varsovia.

Nas mesmas sessões se poude controlar materialisações de cães e mesmo de uma especie de ser intermediario entre a animalidade e o homem, ao qual se deu o nome de anthropopiteco. Isto é como rosto humano, é como um macaco; apertou as mãos dos assistentes, roncando ao mesmo tempo. E' verdadeiramente um annel intermediario entre nós e nossos irmãos inferiores.

E' possivel que nos censurem por não termos apresentado um numero sufficiente de exemplos, mas o espaço de que dispomos é muito limitado, porém si se quizer examinar os argumentos enumerados, parece evidente que existe uma identidade fundamental entre todos os seres vivos, e que se a unidade biologica é uma realidade a unidade psychologica não é menos evidente.

Sem duvida existe variedades excessivamente menos numerosas entre as manifestações intellectuaes, porque desde a quasi inconsciencia dos seres inferiores até aos genios que honram a nossa civilisação, todas as transições são possiveis; é uma gradação ininterrupta e assim se verifica, a grande lei da Unidade que preside toda a creação.

Gabriel DELANNE

N. da R.

Os leitores a quem interesse esta questão, encontrarão o desenvolvimento na obra de M. Delanne — «Evolução Animica» e na «Reincarnation», ultimamente apparecida.

* * *

Uma verdade que é parte de uma verdade

(De «Light»)

Quando nos dizem que o homem consiste em tanto d'agua em combinação com varios saes—a taboa completa das substancias chimicas tem sido estabelecida varias vezes pelos chimicos — ouvimos uma verdade, mas não a verdade *toda;* de facto estamos ouvindo apenas uma fracção da verdade, uma fracção muito vulgar, comquanto fosse sufficiente para philosophos materialistas ha meio seculo passado. Egualmente quando nos são dadas certas explicações de factos psychicos, estamos recebendo a verdade, mas outra vez somente uma parte.

Realmente ficamos pasmados com o facto de algumas explicações scientificas de phenomenos psychicos serem inteiramente exactas até onde chegam, mas nunca vão até o fim do caminho.

Um pequeno estudo de psychologia rapidamente diz-nos o porque. Certas opiniões formadas anteriormente no espirito do observador scientifico entram em scena — poucas considerações de interesse proprio, talvez. Assim lemos sobre e telepathia, a dramatisação de personalidades, o hypnotismo, a suggestão, os estados de sonho, e nem sabemos mais que, e achamos tudo verdadeiro em certa medida. Mas, assim como na chimica do corpo humano, obtemos uma formula exacta, mas a cousa essencial — o homem mesmo — é deixado fóra do computo.

Disseram-nos ultimamente que o investigador scientifico que examina o Espiritismo e pronuncia-se sobre as provas deste, foi tão longe quanto podia. Imaginamos antes que foi tão longe quanto ousou. Temos visto e estamos vendo ainda uma quantidade de cercas, de preparativos, de contemporizações, por parte d'aquelles que no seu intimo conhecem a verdade, mas parecem dar muito maior apreço á sua pelle do que á sua alma. Não é que os queiramos condemnar. Nenhum homem é sufficientemente bom para poder julgar outro homem no sentido mais profundo do termo. Com toda segurança podemos deixar isso ao Omnisciente e irmos tratar dos nossos deveres.

Credo Philosophico de BENJAMIN FRANKLIN

(«Luce e Ombra»)

Benjamin Franklin, summo scientista e insigne estadista, comquanto tenha vivido em um seculo de profunda revolução do pensamento philosophico que minava as bases de toda crença religiosa, fluctuou sobre a corrente desencadeada pelos enciclopedistas, e conservou-se incolume do contagio, permanecendo firme espiritualista e convicto immortalista. E não pela céga fé hereditaria, mas antes por illuminado racionalismo, pois que a sua vasta mente de pensador acima de tudo era critica, guiada pela melhor philosophia, a do Bom-Senso, sem os grilhões escolastiscos nem os prejuizos doutrinarios Em 1756 escrevia elle á filha uma carta estupenda, da qual destaco alguns pensamentos sublimes :

Benjamin Franklin

«A' existencia sobre a terra difficilmente se póde chamar vida. E' antes um estado de embryão, um preparativo para o viver, e o homem não está completamente nascido senão quando morto... *Nós somos espiritos...*»

Não só era espiritualista, mas tambem *(horresco referens !)* reincarnacionista professo, tanto que inspirado por esta ultima convicção, ditou para si proprio o famoso epitaphio, no qual com forma imaginativa expoz tal sentimento. Eil-o :

«Aqui, jaz presa dos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro de folhas arrancadas e com o rotulo do dorso e os dourados apagados ; comtudo a obra não ficará perdida, pois que reapparecerá (como elle crê) em uma nova e mais bella edição, correcta e augmentada pelo autor».

O commentario a essa inscripção sepulcral, tão sabia em sua originalidade, é simples : o espirito do defunto é o *autor* do proprio corpo, desfeito, o qual reconstruirá outro para uma nova personalidade terrena, emendada e accrescida, como a segunda edição de uma obra exgottada. E' claro que elle fazia da physiologia um producto organico da psychologia, e ainda mais affirmava o renascimento corporal sobre o nosso planeta para a evolução espiritual.

Franklin, tambem *do outro mundo*, propugnou com factos o espiritualismo, pois segundo affirma o prof. Hare, com muitos outros, desde o principio das manifestações espiritas na America declarou-se elle um dos espiritos propulsores desse grandioso e revolucionario movimento scientifico-philosophico-religioso, que ora agita o mundo todo nas proprias visceras, e mostrou-se varias vezes materializado, dirigindo e controlando as famosas apparições do espirito de Estella Livermoore, que superam, pelo valor demonstrativo da *necrophania pessoal identificavel*, até mesmo as de Katie King, de Crookes !

Espirito certamente elevado o de Franklin, abaixou-se ás necessidades da humanidade terrestre para elevala, elevando-se assim tambem elle, e, sabio positivo, applicou, unido a outros seus pares, o methodo positivo das provas sensiveis, unico apostolado hoje convincente e fructifero do *similia similibus* para curar o homem da infecção materialista com o materialismo mesmo, com a *demonstratio ad oculos* e as provas criticas cruciaes. Dado o heroico impulso, d'ora avante a Causa vae por si mesma á victoria progressiva para o triumpho final *ad majorem Dei gloriam et humanitatis bonum !*

V. CAVALLI.

PORQUE CREIO NO ESPIRITISMO

Professor
CESAR LOMBROSO

Traducção do italiano para a «Revista Internacional do Espiritismo»

Até o anno de 1890, o espiritismo não teve inimigo mais tenaz do que eu.

Minha invariavel resposta aos que insistiam commigo a estudar os phenomenos espiritas, era a de que falar de espiritos, de mesas falantes, de cadeiras e sofás que se elevavam por si mesmos ao ar, constituia para mim o cumulo do absurdo ; que toda a manifestação de força sem materia, ou de funcção sem orgão, não podia ser formalmente tomada á serio.

Eu havia consagrado, até então, a maior parte da minha vida ás doutrinas positivas, á demonstração de que o pensamento é uma emanação directa do cerebro, e que as manifestações do genio, assim como as do crime, tem a sua origem nas anormalidades physicas, pelo desenvolvimento de certas deformações nas cellulas craneanas correspondentes, ou a uma detenção em seu desenvolvimento ordinario, como expliquei em minhas obras : *O homem de genio, O homem delinquente, O homem branco e o de côr*, etc. etc.

Tinha eu chegado a esse periodo da vida, em que nos recusamos a acceitar algo de novo, mesmo quando na evidencia nos parecia irrefutavel.

Devo tambem lembrar que ha muitos annos discutindo com os adversarios de minhas theorias sobre a origem do crime, sentia extenuadas as minhas faculdades e que a energia que em mim restava desejava-a empregar para defender minhas idéas sobre os problemas, a cuja resolução eu consagrara meus melhores annos. Em uma palavra, eu não queria dar o primeiro passo na senda que podia levar-me a novos campos de lucta.

Pondo de parte estas razões, nada podia ser-me mais desagradavel do que emprehender investigações sobre phenomenos para cujo estudo todos os instrumentos de precisão e os methodos experimentaes empregados commumente, não davam resultado ; phenomenos que não era possivel observar-se completa nem directamente, porque se produziam na obscuridade.

Tudo o que somente podia ser examinado de um modo tão falto de precisão, me parecia não ser cousa digna de ser estudada.

N'essa mesma epoca (em 1892, para maior exactidão), se produziu no curso da minha profissão medica um dos casos mais extraordinarios que me foi dado investigar. Fui chamado para assistir a filha de um homem que occupava alta posição na cidade em que eu morava. A mocinha, que achava-se então no periodo da puberdade, tinha sido atacada repentina e violentamente por uma histeria acompanhada de certos symptomas que, nem a physiologia, nem a pathologia podiam dar-me uma explicação satisfactoria.

A's vezes, por exemplo, perdia por completo a faculdade da visão, pelo menos no que respeita aos olhos : mas podia ver com a ponta das orelhas ! Mesmo com os olhos meticulosamente vendados, conseguia lêr as linhas de uma pagina que se lhe apresentasse diante das orelhas.

Si se dirigiam os raios do sol por intermedio de uma lente para essa região, ficava tão deslumbrada como se a luz fosse dirigida para os olhos ; protestava energicamente, dizendo que iam deixal a céga !

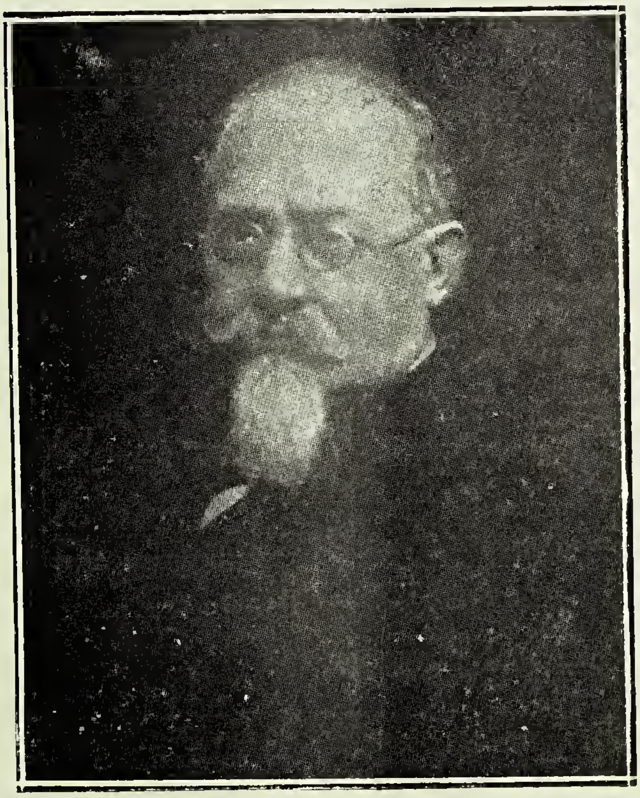

Cesar Lombroso

Mais tarde o sentido gustativo foi transportado aos nós dos dedos das mãos e o olfacto aos dedos dos pés.

Apresentava ella tambem phenomenos telepathicos e premonitorios summamente curiosos.

Assim podia vêr a um seu irmão entrando num «misic-hall» que havia á distancia de um kilometro da casa onde ella se achava, e, embora nunca houvesse presenciado um espectaculo dessa natureza, descrevia com toda a precisão a funcção que se representava e os trajes dos artistas e bailarinas.

Quando seu pae terminava suas obrigações diarias e voltava á casa, a joven, ainda que estivesse num local de janellas e portas fechadas sentia a sua vinda mesmo a centenas de metros de distancia do seu domicilio.

Com uma precisão e segurança mathematica nos prognosticava o que ia acontecer. Foi assim que uma vez annunciou que justamente quinze dias depois, ás 9 horas, perderia a faculdade de andar. E assim succedeu no momento indicado !

Outra vez disse : «Ao meio dia, d'aqui a um mez e tres dias vou ter um desejo invencivel de morder». Submetti-a então a uma constante observação, procurando por todos os subterfugios imaginaveis distrahir a sua attenção. A meu pedido se fez parar todos os relogios da casa, com o fim de que ella ficasse na mais completa ignorancia a respeito das horas.

Apezar de todas as precauções tomadas, no dia e hora annunciados por ella, teve um accesso de morder, que não pude acalmal-a senão após haver ella destruido com os dentes varios kilos de papel, de diarios, cujos pedaços encheram o quarto.

Dizia tambem que a sua paralysia não podia ser curada senão com a applicação de aluminio. Foi em vão que tratamos de illudil-a dessa applicação, usando outros metaes mais ou menos parecidos com alluminio. Conhecia immediatamente a substituição. Quando por ultimo applicamos o metal indicado, desconhecido pela maioria dos habitantes da cidade, e seguramente da joven, achou-se melhor.

Factos desta natureza, ainda que de modo algum fossem novos, pois foram observados ha tempo por Petetin, Frank e outros, que, pelo menos pareceram muito extranhos e singulares.

Em vão o meu cerebro esforçava-se para obter uma explicação plausivel ; vi-me obrigado pela força dos factos, a acceitar que não podia explical-os com o auxilio de nenhuma theoria physiologica, nem pathologica. O que eu via com toda a clareza era que a hysteria soffrida por essa joven, sua neurosis, davam lugar a que se manifestassem certas faculdades particulares, para mim novas, que annullavam as funcções ordinarias, dos sentidos, e nesse momento foi que, pela primeira vez, occorreu-me a idéa que unicamente o Espiritismo quem sabe pudesse me explicar esses factos.

⁂

Poucos annos mais tarde, achandome em Napoles com o fim de visitar os manicomios, encontrei-me e travei relações com alguns admiradores de Eusapia Paladino, e mui especialmente com o sr. Chiaia, que pediu-me realisar algumas experiencias com a referida medium.

Como o havia feito antes, recusei prestar-me a qualquer experiencia que se effectuasse em sessão publica ou na obscuridade.

Responderam me então que eu poderia fazer as experiencias que entendesse, no commodo do hotel em que me achava e a luz do dia.

Acceitei a proposta, pois as anomalias que mencionei no caso da enferma de que falei, me haviam impressionado de maneira profunda.

Quando presenciei, em plena luz, erguer-se uma mesa do solo, e uma pequena corneta voar como uma flecha, da cama á mesa, e desta outra vez á cama, estando no quarto unicamente Eusapia e eu, meu scepticismo desvaneceu-se e quiz fazer novas experiencias de outra natureza, no mesmo hotel, junto com outros tres collegas.

Na sessão seguinte, fui testemunho da mudança habitual de objectos e ouvi pisadas e palmas; mas o que mais me impressionou foi que uma cortina, collocada em frente ao meu dormitorio, de repente, despregada dirigiu-se a mim enrolando-se em volta de meu corpo, apesar dos meus esforços em contrario e necessitei alguns segundos para della me desembaraçar. Parecia exactamente uma folha delgadissima de papel de seda.

Outra experiencia que me impressionou muito consistiu em que a um prato cheio de farinha, que estava sobre a mesa, fora dado volta, sem derramar a minima particula do conteúdo, e ao voltar o prato ao primitivo lugar, a farinha, que antes estava completamente secca, tinha se convertido numa especie de gelatina, permanecendo nesse estado, mais ou menos um quarto de hora.

Por ultimo, quando iamos encerrar a sessão e nos retirar, um pesadissimo guarda roupa que estava collocado num canto do commodo, começou a caminhar em minha direcção sobre seus quatro pés como se fora um enorme pachiderme.

Em outra sessão, tambem em plena luz, sobre a mesa um dinamometro Regner a uma distancia de um metro mais ou menos da medium, pedi a esta que mesmo á distancia, procurasse exercer pressão sobre o apparelho. De repente vi que a agulha indicadora marcava 42 kilos, sendo que Eusapia em seu estado normal não podia fazel-a passar de 36. Eusapia declarou que via um espirito «João», que exercia pressão sobre o apparelho e estendia em direcção a este suas mãos retorcendo-as, mãos que sujeitamos fortemente.

Depois collocamos uma campainha a meio metro de distancia de Eusapia, pedindo-se-lhe fazel a soar. Immediatamente vimos inchar-se a manga do seu vestido como se fosse uma bexiga que se enchesse de ar e no momento em que queriamos pegal-a se desvanecia. Em certo momento que não posso precisar, verificou-se o phenomeno, um braço de semelhança gazozo, estendeu-se a lado da campainha e fel-a vibrar.

Em Milão, em uma sessão a que assistiamos, o Prof Richet e eu, cada um de nós viu, com grande surpreza, sahir das mangas dos nossos casacos, ramos de roseira, que foram crescendo paulatinamente e por fim deram flôres tão frescas como se houvessem sido cortadas nesse mesmo instante.

Pediu-se á Eusapia na mesma sessão, que escrevesse seu nome na primeira folha de uma resma de papel que o prof. Schiaparelli collocara em cima da mesa. Usando, em vez da penna, o dedo de referido professor, Eusapia manifestou um momento depois, que havia escripto seu nome, apezar de que nenhum de nós pudesse vêr signal algum de escripta. Affirmava com tal segurança que ali se achava sua firma, que voltamos novamente a rever na resma de papel, sem que pudessemos encontrar cousa alguma escripto. Por ultimo, depois de muito procurar, achamos a firma, escripta na parte inferior de uma das taboas da mesa. Outras vezes que tentamos a mesma experiencia, achamos a assignatura no meio da resma, ou na ultima folha, nunca na primeira, como pediamos. E uma das ultimas vezes achamos a firma escripta no lado de um cortinado, lado que se achava a uma altura aproximada de dois metros acima das nossas cabeças.

Collocada Eusapia numa balança, podiamos á vontade, ver augmentar ou diminuir o seu peso de uns 10 kilos e isto mesmo succedia se em vez da medium collocassemos uma cadeira.

Não se podia presumir a existencia de fraude alguma nestas experiencias, porque, quando os phenomenos se produziam nós todos susjeitavamos fortemente as mãos e os pés da medium, e até houve sessões em que a atamos de pés e mãos após havermos lhe tirado a roupa, vestindo-a com a nossa propria roupa.

⁂

Em minha ignorancia do que se referia ao espiritismo e baseando-me somente nos resultados de meus estudos sobre a historia e a pathologia do genio, a hypothese mais provavel que imaginei, foi que esses phenomenos hystero hypnoticos eram devidos a uma projecção motriz, e um sensorial dos centros psycho-motores do cerebro; ou a varios centros nervosos debilitados pela neurosis e pelo estado de trance,

E' nesta forma que se observa a creação inspiradora do genio, a que se acha associada, com uma debilidade da sensibilidade, da consciencia e do sentido moral.

Eusapia, que em seu estado normal era nevrotica, devido a uma ferida que recebera quando menina na cabeça, ficava, emquanto duravam esses extranhos phenomenos espiritas, perfeitamente inconsciente, e nos intervallos soffria convulsões.

Neste caso me confirmou a reflexão que o pensamento, por muito elevado que seja, é um phenomeno de movimento e observei que os mais importantes phenomenos espiritas sempre se manifestam nas pessoas e objectos situados nas proximidades dos mediums. A transmissão telepathica mesma, outro phenomeno do espirito, podia ser explicado pela transmissão physica de um cerebro a outro por um processo analogo ao que se verifica na telegraphia sem fios.

Sem embargo me foi demonstrado que nada, no estado actual dos nossos conhecimentos, pode dar isto uma explicação sufficiente ; o professor Ermacora, que estudou mais profundamente que eu o espiritismo, me demonstrou.

Demonstrou me dito professor que as transmissões telegraphicas percorrem enormes distancias, emquanto que a energia dos movimentos vibratorios diminue segundo o quadrado da distancia e que o cerebro, de qualquer modo que o estudemos, não é um instrumento installado na parte superior de uma base immovel como é o de Marconi.

E para destruir, por fim, a minha mais querida hypothese, pude entrar e investigar em casas deshabitadas, de desapparecidos, nas quaes se produziam identicos phenomenos com ausencia total de medium.

⁂

Foi somente depois de haver-se verificado esses factos e das sessões nas quaes Eusapia, em estado de transe, respondeu claramente e até de modo intelligente, em idiomas, que, como inglez, não conhecia absolutamente, ou expontaneamente modelava baixos relevos que em condições normaes não podia exprimir, visto ser uma pessoa sem instrucção ; foi, como digo, depois de tudo isso e depois de haver conhecido as experiencias de William Crookes com Home e Katie King; do Professor Richet e de muitos outros, que eu me vi obrigado a crêr nos phenomenos espiritas ; que, se bem são devidos em grande parte á influencia do medium, devem tambem ser attribuidos á *influencia de existencias extra-terrestres*, as quaes se pode comparar, talvez, á radioactividade persistente dos tubos depois que desappareceu o radio que lhe deu origem.

O phenomeno tão frequentemente observado de elevação e movimento de objectos, isto é, da inversão e derogação de todas as leis da gravidade e impermeabilidade da materia, do tempo e do espaço, suggere a idéa de que a influencia do medium, em estado de trance, é sufficientemente poderosa para mudar, ao redor de si, o que nós chamamos as leis do espaço ou as das tres dimensões, substituindo-as pelas leis do espaço e de quatro dimensões dos mathematicos ; isto é, provando experimentalmente a realidade do que até agora não era mais que uma hypothese mathematica.

SONHO SOBRE O UNIVERSO

Por JOÃO PAULO RICHTER

A titulo de reminiscencia historica do Espiritismo, e para constatar mais uma vez, ter sido essa crença, embora sem o titulo que deu-lhe Allan-Kardec, a alma das gerações, o ideal dos grandes homens, aproveitamos a opportunidade que nos offerece o dia de hoje, para dedicar aos nossos leitores mais uma pagina verdadeiramente extasiante de um dos genios mais originaes do seu tempo, o maior humanista da Allemanha, que os seus contemporaneos cognominaram o *unico*.

Resumindo podemos dizer que o nome de Richter, entre os immortaes da Allemanha litteraria, pode ser posto ao lado de Gœthe, de Schiller e de Lessing.

Deixemos com a palavra o illustre pensador e poeta.

Tenho estado a lêr uma excellente dissertação de Kruger sobre o velho e vulgar erro que considera vasio o espaço que ha entre dois planetas ou entre dois sóes. O nosso sol com todos os seus planetas, abrange apenas um diametro 31.460.000.000.000 de vezes mais pequeno que a distancia que ha entre elle e o proximo centro solar. Céus misericordiosos ! — pensei eu, — em que insondavel abysmo de vacuidade teria cahido este universo, se tudo fosse vasio, menos esses pequenos pontos brilhantes de poeira que nós chamamos um systema planetar ! Conceber o oceano da nossa terra como a habitação da morte, como uma cousa incapaz para a vida e affirmar que as suas ilhas populosas não são maiores que a casca d'um caracol, seria um erro ainda assim muito mais pequeno em comparação com o circuito do nosso planeta, do que o que attribue o vácuo nos grandes espaços inter-astraes ; e bem menor seria o erro dos animaes marinhos, se apenas ao mar attribuissem vida e materia, e considerassem o oceano atmospherico que existe por cima delles como vasio e despovoado. Segundo Herschel, as mais remotas das nebulosas que o telescopio descobre estão a uma tal distancia de nós, que a luz que hoje dellas recebemos, partiu desses astros ha perto de dois milhões de annos ; e assim, segundo as leis da Optica, é possivel que todos os esquadrões das hostes astraes nos estejam dirigindo raios que já morreram ha muitos e muitos seculos. Nesta escala de computação para as dimensões do mundo, que alturas e profundezas e larguras não deve haver neste universo, em comparação com as quaes o universo positivo não seria mais que uma nullidade, se elle fosse effectivamente atravessado, perfurado, cingido por um tão illimitado deserto de nada ! Mas é possivel que haja alguem que por um momento possa considerar que enormes forças devem penetrar esses desertos imaginarios com eternas vagas de fluxo e refluxo para tornar transitaveis aos nossos olhos os caminhos que levam a essas longinquas paragens estellares ! Podeis encerrar num sol ou nos seus planetas as suas mutuas forças de attracção ? Não percorre a luz os espaços immensuraveis que ha entre o nosso planeta e a nebulosa mais afastada de nós ? E nessa corrente de luz ha uma existencia tão ampla de positivo e um lar tão proprio para a residencia d'um mundo espiritual como para o teu proprio espirito ha um domicilio na substancia do teu cerebro. A estas e outras reflexões de igual teor succedeu o seguinte sonho :

Parecia-me que o corpo se me aluira em ruinas e que a minha fórma interior tinha sahido de mim, revestida de luz ; e ao pé de mim estava uma outra fórma, que se parecia com a minha ; não brilhava como ella, mas relampejava incessantemente.

— Dois pensamentos, disse a Fórma, são as azas com que me movo ; o pensamento do *Aqui*, e o pensamento do *Além*. E vê, eu estou acolá ! — e apontou para um mundo longinquo. Vem, pois, e acompanha-me com o teu pensamento e com o teu vôo, para que eu te possa mostrar o Universo envolto num véu.

E fui voando com a Fórma.

João Paulo Richter

N'um instante a Terra ficou muito para traz do nosso vôo arrebatado, a um abysmo de distancia ; apenas os cimos das Cordilheiras (Andes) reflectiam ainda um frouxo clarão ; dentro em breve o sol não era mais que uma estrella ; depois nada mais se viu do nosso systema que um cometa, que com uma pressa angelica se dirigia do nosso sol em direcção de Sirius.

O nosso vôo agora levava-nos tão rapidamente através dos rebanhos dos astros solares — rebanhos incontaveis, a não ser para o seu celeste Pastor — que mal se dilatavam diante de nós com o tamanho de luas, e logo desappareciam por traz de nós em pallidos clarões de nebulosa ; e as suas terras não podiam ostentar-se, nem por um momento só, ante a rapidez transcendente da nossa carreira veloz. Por fim Sirius e toda a confraria das nossas constelações e a Via Lactea dos nossos céus ficariam por baixo dos nossos pés como uma pequena nevoa entre outras nevoas ainda mais distantes. Assim nós iamos voando através do deserto estrellado : um céu após outro desenrolava diante de nós as quaes enormissimas bandeiras e logo as tornava a enrolar atraz de nós ; nebulosa após nebulosa se elevava num vôo muito alto, num vôo solemne, e o espirito estremecia ao vel-as ; e formavam um longo cortejo, através do qual o Sêr Infinito podia passar em viagem. Muitas vezes a Fórma que relampejava queria evitar os meus cansados pensamentos ; e então vel a-iam lá muito longe, muito para diante de mim, como uma cousa coruscante entre as estrellas — até que de repente eu meditava outra vez no pensamento do *Além*, e via-me a seu lado. Mas, como nos fossem assim tragando abysmos e abysmos de estrellas, e os céus por cima dos nossos olhos não fossem mais vasios, nem os cahiam sem interrupção no oceano solar, taes como as trombas dessas tempestades que cahem sobre o oceano das aguas, então senti finalmente dentro de mim o coração humano opresso e fatigado, e suspirei por uma estreita céla ou quieto oratorio nessa cathedral metropolitana do universo. E disse a Fórma, que ia a meu lado :

— O' Espirito ! este universo não têm fim ?

E a Fórma respondeu :

— Olha ! elle não tem principio.

Mas de repente, o céu, por cima de nós, pareceu ter-se esvasiado e nem uma estrella se via scintillar no potente abysmo, nenhum raio de luz a quebrar a unidade da infinita escuridão. As hostes estrellares que tinham ficado atraz de nós, tinham-se contrahido todas numa névoa obscura : e por fim tambem isso desappareceu. E pensei dentro da minha alma : «Emfim o universo acabou» ; e tremi ao pensar no illimitado carcere de trevas absolutas que começou a encarcerar a Creação. Puz-me a tremer no mar morto do Nada, em cuja zona insondavel de negrita a joia do universo scintillante parecia ter-se afundado, enterrado para sempre ; e através da noite em que nos moviamos, via a Fórma, que ainda relampejava como dantes, mas deixava tudo em roda della na mais profunda escuridão. Então, na minha angustia, ouvi a Fórma dizer :

— O' creatura de pouca fé ! Olha ! a luz mais antiga de todas vem ahi !

Olhei, e nesse momento appareceu um crepusculo — num abrir e fechar de olhos uma nebulosa — e depois o estrépito dum côro precipitou-se no meio das estrellas. Durante séculos grisalhos de idade, durante millenios encanecidos pela velhice, a luz estrellada estivera caminhando para nós ; e por fim chegára até nós das alturas inaccessiveis ao pensamento. Agora, como através de novos ciclos de céus. Por fim, veiu outra vez um intervallo sem estrellas ; e assim fomos durante muito tempo, antes que os raios d'uma hoste estrellada nos alcançassem outra vez.

Quando assim avançavamos para todo o sempre através de uma successão alternada de noites e de céus solares, e o intervallo crescia mais e mais antes que o ultimo céu que tinhamos deixado se contrahissem num ponto, — de repente sahimos do meio da noite mais cerrada para nos acharmos no seio de uma Aurora Boreal, arauto de um mundo agonisante, e reconhecemos por este ciclo de systemas solares que tinha emfim chegado um dia de juizo.

Os soes tinham adoecido, e os planetas estavam agitados, — revolvendo-se, abrindo em convulsões ; as aguas subterraneas dos grandes abysmos tinham-se aberto, e relampagos que faziam dez diametros de um mundo em comprimento perpassavam de leste a oeste, do zenith ao nadir ; e aqui e alli, onde estava de antes um sol, viamos agora através do vapor nebuloso, o cadaver cinzento, plumbeo, tenebroso de um corpo celeste, que ardia nas chammas do mundo agonisante, mas não dava nem luz nem calor ; e quando vi, numa extensão que não tinha fim, montanhas elevando-se sobre montanhas e cheias do que parecia neve resplandecente pelo embate dos corpos solares e planetares, então o meu espirito curvou-se sob o enorme fardo que opprimia o Universo, e disse á Fórma :

— Pára, pára, e não me leves mais adiante ; sinto-me muito solitário na creação, e nos seus desertos ainda mais ; o mundo preenchido pela substancia é grande, mas o mundo vasio é maior ainda, e com o Universo augmentam os seus Saharas.

Então a Fórma falou-me mais docemente do que antes — como um hálito da respiração :

— Na presença de Deus não ha vasio : em cima, por baixo, entre as estrellas, em roda dellas, nas trevas e na luz, reside o verdadeiro e real Universo, o sol e a fonte de tudo o que é. Mas o espirito apenas póde conceber imagens terrestres do que é ultra-terrestre : mas agora eu limpo a tua vista com eufrasia ; olha na tua frente, e observa as imagens.

Os meus olhos abriram-se immediatamente ; e olhei, e vi como que um mar interminavel de luz — mar immensuravel, mar insondavel, mar sem uma praia. Todos os espaços que havia entre os céus estavam cheios duma luz bemaventurada, e eram trovoadas de torrentes, e havia mares por cima dos mares e mares por debaixo dos mares ; e vi todas as regiões desconhecidas sobre que tinhamos caminhado; e os meus olhos comprehenderam o mais longinquo e o mais proximo ; e a escuridão : porque os desertos da creação encheram-se agora com o mar de luz, e neste mar os sóes fluctuavam como flores cinzentas e os planetas como sementes negras. Então o meu coração comprehendeu que a immortalidade habita nos espaços que ha entre os mundos, e que a morte apenas existe no seio dos mundos. Sobre todos os sóes moviam-se sombras da fórma de homens ; mas ellas eram glorificadas quando abandonavam esses mundos pereciveis e se afundavam num mar de luz ; e os obscuros planetas, como notei, não eram mais do que berços para espiritos infantis do Universo da Luz. Nos Saharas da Creação vi, ouvi, senti o scintillar, o resoar, o respirar da vida, e o poder creador. Os sóes eram apenas como rodas de fiar, os planetas não passavam de lançadeiras de tecelões em comparação com o tecido infinito do véo de isis, desse véu que está suspenso sobre toda a creação, e é tão grande que nenhum ser finito tenta erguel-o. E á vista dessa incommensurabilidade de vida nenhuma tristeza póde subsistir, mas apenas uma alegria que não conhece limites, e canticos de louvor.

Mas no meio desta grande Visão do Universo, a Fórma que relampejava eternamente occultou-se ou desappareceu no invencivel mundo dos espiritos. Fiquei sosinho no centro dum Universo de vida, estremecendo de emoção como um ser cheio de sympathia universal. De repente dos abysmos astraes veiu boiando por sobre o oceano de luz um corpo planetar ; e sobre elle ia uma mulher cuja face era a de uma Madona ; e ao seu lado ia um Menino, cujo rosto não mudava nem crescia em tamanho á medida que se approximava. Esse Menino era um Rei, porque vi que tinha uma côroa na cabeça ; mas a côroa era uma côroa de espinhos. Reparei então que o corpo planetar era a nossa desventurada Terra ; e, quando a Terra se approximou, essa Criança que tinha vindo dos abysmos estrellares para me confortar, lançou-me um olhar de amôr inexprimivel, de modo que senti no meu coração um subito enlevo de alegria e accordei no alvoroço da minha felicidade. Accordei ; mas a minha felicidade sobreviveu aos meus sonhos, e exclamei :

— Oh ! como é bella a morte, visto que nós morremos num mundo de vida e de creação sem fim ! Dou graças a Deus pela minha vida sobre a terra, mas muito mais pela vida nesses abysmos invisiveis do Universo que estão vasios de tudo, mas que estão cheios com a Suprema Realidade, e onde nenhuma vida terrena ou esperança perecedoura póde entrar.

FÉ E RACIOCINIO

O espirito moderno chegou a um estado de espectativa permanente ante o universo.

Desvaneceu-se aquella candida fé, que encheu e animou o seculo passado, no poder da sciencia de tudo explicar e resolver.

Já um escriptor allemão a definiu como a somma das opiniões dos pesquizadores vivos, com o que propositalmente se accentua o caracter de transitoriedade e precariedade das theorias scientificas.

O homem actual não duvida mais de cousa alguma, o que se pode tambem exprimir por outro modo, dizendo : o conceito da possibilidade de tal modo lhe trabalha o espirito, que os julgamentos encerrados e definitivos naturalmente lhe repugnam.

Elle presente ou sabe que ha infinitamente mais cousas e mysterios no universo do que lhe é dado conhecer, e esse presentimento confuso ou convicção raciocinada lhe dilatam o ambito da intelligencia, abrindo-a ás revelações e idéas novas.

Certo, nem todos dispõem da mesma cultura nem da mesma capacidade intellectual para chegarem sosinhos a conclusões proprias. Mas essa espreita do possivel, essa caçada ao desconhecido, essa receptividade mental, emfim, é antes um estado de espirito collectivo, contagioso, determinado por causas geraes, do que a resultante de raciocinios e deducções de cada individuo.

No meio dessa continua renovação intellectual não ha mais logar para os systemas estratificados, para os pontos de vista inamoviveis.

Qualquer doutrina, pois, que pretenda subsistir, precisa ser dotada, de flexibilidade, de capacidade de renovação, afim de assimilar as modificações da mentalidade contemporanea.

Se o não for, será posta de lado e esquecida, por mais que em contrario forcejem os seus adeptos. Outras intelligencias virão, formadas em novos methodos e penetradas de orientação nova, que desdenharão dos antigos pontos de fé inconciliaveis com a cultura da epoca.

O espiritismo é a religião que actualmente maiores qualidades de resistencia offerece para subsistir, exactamente porque emancipado do sectarismo estreito, liberto do dogma, fundado sobre a base solida dos factos e da experimentação.

Como poderemos definil-o ? A doutrina do christianismo, cuja sancção immediata se encontra na prova da sobrevivencia da alma.

Moralmente, pois, nada veiu innovar. O seu substracto é o do christianismo, integralmente, em toda a sua puresa e esplendor.

O que o espiritismo veiu trazer de novo não foi propriamente a revelação da immortalidade da alma, nem veiu descobril-a, visto como o eterno mysterio do além tumulo sempre pairou sobre a humanidade, sempre a fez levantar os olhos perscrutadores ou mysticos para as clareiras profundas que o véu desse mysterio deixa entrever.

O que ha nelle propriamente de novo é a prova pratica da communicação dos mortos com os vivos, a frequencia e a universalidade dessas communicações, que por assim dizer vulgarizam o mundo invisivel, estabelecem contacto entre elle e o nosso, reunem a ambos no mesmo laço de fraternidade humana.

E como essa communhão continua vem revelar aos homem as consequencias dos proprios actos, constitue-se uma licção de moral animada, ininterrupta e formidavel, exemplo immenso, que ultrapassa esta vida e a outra, e, prolongando-se por vidas successivas, submette o nosso orgulho á certesa da omnipotencia de leis immutaveis, que premeiam o bem e castigam o mal, perante as quaes somos apenas seres insignificantes, destinados, como particulas, a realisar a finalidade suprema do universo, que é o amor de Deus e do proximo.

Este é que é o alvo religioso das communicações espiritas e neste sentido e sob este aspecto constituem um dos principios basicos da doutrina.

Ora, se este principio basico é susceptivel de verificação e estudo pratico, de experimentação e de interpretações positivas, segue-se *ipso facto* que o espiritismo é uma religião dotada de elasticidade, capaz de ampliação e renovação, pode manter-se ao nivel dos progressos intellectuaes. Tem uma janella aberta para o terreno sadio das realidades objectivas, para o ar fresco da reflexão e do livre exame.

Acreditar no conjuncto dos principios fundamentaes da nova religião não implica absolutamente em acreditar em todas as manifestações espiritas e nas praticas mais ou menos defensaveis que de espiritismo tomam o nome.

A attitude do adepto perante os phenomenos espiritas não deve ser nem a de formular explicações peremptorias, antecipadamente fixadas para factos analogos, nem a de crer sem mais exame na veracidade da manifestação.

Isto é : nem pretensão de sabedoria infallivel, nem ingenuidade, nem intolerancia, nem crendice. Unicamente bôa vontade no apurar os factos, equilibrio de raciocinio e julgamento.

Não circumscrevemos as manifestações espiritas a um circulo fechado de interpretações. Não as convertamos em formulario de perguntas e respostas dogmaticas.

Nada de pretendermos terem os actuaes doutrinadores espiritas dado a chave do enygma de alem tumulo.

O depois da morte é muito complexo, muito obscuro, muito fechado para nós. E ante o desconhecido o criterio justo é o da espectativa attenta.

O mundo dos espiritos, invisivel para os nossos sentidos imperfeitos, formado, no emtanto, de materia mais subtil que a nossa, nem por isso está emancipado de leis naturaes, de um rythmo logico e necessario. Os phenomenos, lá como aqui, no universo inteiro, obedecem a uma causalidade immanente.

Ora, não podemos ter a pretensão de possuir o conhecimento dessas leis e dessa causalidade de modo completo nem de modo satisfactorio.

Logo, não podemos aspirar, por emquanto, á explicação segura de todas as manifestações, de que temos apenas noções geraes e imprecisas.

Por emquanto, sim. Porque tudo nos leva a crer que no futuro, com o aperfeiçoamento de apparelhos de precisão e methodos mais delicados, chegaremos a penetrar esse mundo com a relativa segurança com que penetramos o nosso mundo terreno.

Questão de tempo e progresso scientifico a que, de resto, estará extranha a fé. Mais claramente, esta é, no momento actual, a grande batedora do caminho, que lhe marca a orientação, prevê, presente, distingue ao longe aquillo que as conclusões da sciencia, mais demoradas e mais exactas, veem confirmar depois e pôr no dominio commum.

Porque é mister nos convencermos de uma cousa : não ha duas verdades, uma religiosa, outra scientifica, distinctas, ou em opposição. Ha uma verdade só, universal. Ao conhecimento relativo della vamos chegando mais depressa ou mais tarde, por veredas diversas, mas que todas apontam para o grande centro da mesma realidade.

Se tivessemos de renunciar a possibilidade de virmos um dia a constatar praticamente, experimentalmente, positivamente, a authenticidade das nossas crenças religiosas, teriamos de sacrificar a fé á cultura intellectual, o que nos levaria ao materialismo infecundo e deprimente, ou sacrificar essa cultura em holocausto á fé, o que nos faria retrogradar á barbaria primitiva.

O espiritismo vem precisamente harmonizar essas duas tendencias irrepremiveis do homem, a scientifica e a religiosa, que ambas se fundem na mesma ancia de verdade.

Disse Kardec que mais vale rejeitar 99 verdades que acceitar um erro, firmando, assim, para os crentes, o principio do raciocinio e da independencia mental no apreciar os factos.

Que desrespeito, effectivamente, pode haver para com os mandamentos do Christo, em duvidar da explanação, feita por um medium, de um determinado facto, ou de uma prophecia, ou de uma interpretação ?

Acreditar na existencia dos espiritos e na mediumnidade não importa em acreditar em todos as suas manifestações, do mesmo modo que acceitar a electricidade como um facto não implica em constituil-a causa unica de todos os phenomenos e attribuir-lhe a explicação do mundo.

Deus é infinito e dentro do universo, creação delle, movemo nos todos seus filhos. Em todas as direcções para onde nos voltemos e onde quer que perscrutemos, o encontraremos sempre, supremo e eterno.

Sendo o espiritismo, portanto, uma religião que se apoia de um lado sobre o evangelho o do outro sobre os factos observados e meditados, repelle por indole as praticas exteriores, o formalismo, o ritual, que com o tempo se reunem em corpo morto e empedrado, de que a alma fica ausente.

Lembremo-nos que todos os credos estratificados, rigidos, sequencia de actos rituaes, perdem a força viva, capaz de crear almas, isto é, de fazel-as renascer da humilhação das suas faltas para a esperança da redempção.

Não encerremos o espiritismo entre paredes, não o mumifiquemos, não pretendamos traçar limites ao estudo do universo. Penetremo-nos da serena confiança na descoberta da verdade e no amor de Deus que ajuda o esforço do homem em descobril-a.

Façamos, emfim, do espiritismo, de accordo com a sua essencia, um accumulador de energias, um estimulador de forças, um creador de almas.

Dra. Orminda Bastos.

A PENNA

A penna é tudo ! Raio que vibra, força demolidora, punhal que fére ou chicote que castiga.

E' o orgulho de ninho e arrular de pomba ; é queixa de angustia ou grito de rebeldia. Exprime e canta tudo e não ha para ella harmonia secreta, verdade occulta ou mysterios indecifraveis.

E' um pedestal que eleva ou um abysmo que afunda.

E' um drama que illumina ou uma sombra que escurece. Nas mãos dos bons é agua lustral que limpa e na dos malvados symbolisa tudo o que mancha. E' aguia ou reptil ; é aurora, é neve. Póde ser precipicio ou ser apogeu. Manejada pelo servil que quer subir, é adulação rasteira que brota para elogiar os magnatas e supplica degradante que pede o pão.

Dirigida por almas fortes, almas nobres, a penna é hymno de grandeza, é toque de clarim que vibra.

E' fumaça de incenso que sobe ao céo, oração augusta que pede pelas miserias ; voz que electriza o povo e levanta a tempestade !

Sim, a penna é tudo !

E' Alpha e Omega, prisão e desterro ; miseria e soffrimento para aquelles que a empunham com valentia e dignidade. **Amado Nervo.**

PSYCHOLOGIA ANIMAL

Zou em casa de Flammarion

Os nossos leitores já têm observado o interesse que a Revista tem procurado despertar nos animos sobre a Psychologia Animal.

Já tratamos do «Cão de Mannheim», dos «Cavallos d'Elberfeld», de «Zou», e de outros tantos animaes que, pela sua evolução, devido sem duvida á educação que receberam (como acontece com os homens) affirmam-se como individualidades viventes e, sem duvida candidatos a lugar superior na creação como aquelle que actualmente occupamos na humanidade.

Este principio de pleno accordo com a doutrina da Evolução, como bem disse Allan-Kardec, dá uma explicação justa da creação dos animaes e um merito para seus soffrimentos, pois, não ficam elles condemnados a permanecer na especie em que se acham, mas a galgar os degráos superiores da felicidade.

A intelligencia animal tem dado mesmo a pensar aos maiores investigadores.

Ultimamente com a adopção do methodo experimental, a questão da alma animal e sua evolução para a luz vae tomando um certo incremento, de modo a patentear, sem duvida, a origem da humadidade através da escala inferior da creação, e sua ascenção para a perfeição.

Os maiores pensadores do seculo julgam com a proclamação deste principio verem resolvido um dos lados do problema da Vida com suas peripecias empolgantes.

Lombroso, o sabio criminalista, que adoptava na sua integra o Monismo de Hœckel. abraçou com facilidade o Espiritismo, porque dizia elle, «nenhuma incompatibilidade vejo entre o Monismo e o Espiritismo, ao contrario, este vem infundir n'aquelle, o espirito que vivifica.

Seguindo assim as pegadas de Allan-Kardec, Gabriel Delanne e Léon Denis, os maiores sabios que abraçaram o Espiritismo proclamam a evolução do espirito atravéz das especies como se nota na magistral obra do Dr. Geley, ex-presidente do Instituto Metapsychico Internacional de Paris, e antigo director da «Revue Metapsychique».

Insistindo neste assumpto, temos por unico escopo pôr os leitores ao par do movimento evolucionista animico que toma vulto promissor em todos os meios cultos.

⁂

Nos ultimos mezes do anno de 1924, a nossa sympathica collega «Psychica», dirigida competentemente pela eximia cultora da alma infantil, Mme. Carita Borderieux, publicou em referida revista, com o titulo que encima este artigo uma entrevista que o grande astronomo francez, o mestre de astronomia popular e grande espirita, teve com o «cão Sabio»—Zou, no seu observatorio de Juvisy.

Aproveitamos esta bella pagina da «Psychica,» cuja transcripção foi autorisada especialmente para a Revista Internacional do Espiritismo.

⁂

Zou em Casa de Flammarion

O illustre Flammarion deu a grande honra a «Zou» de convida-lo para almoçar, domingo 13 de julho, no observatorio de Juvisy. O Mestre ainda não conhecia senão de fama, o pequeno cão, mas logo ambos se tornaram amigos.

Ao «dessert,» como se observa no cliché, o grande Astronomo offereceu cerejas a Zou, das quaes tirava cuidadosamente os caroços.

Quem poderá apreciar a bondade e a simplicidade do sabio! Ellas se tornam encantadoras para todos aquelles que d'elle se aproximam, e Zou está neste numero.

Depois de meio-dia diante de Mme. Flammarion, a digna collaboradora do sabio, os srs. Quessinet e Barbier, astronomos e alguns convidados que se achavam no gabinete do Mestre, Zou deu demonstrações do seu saber.

Camille Flammarion ria-se e apresentava ao cão os algarismos que elle interpretava perfeitamente : mas o calor era escaldante e o parque attrahia o animal que queria se libertar do commodo em que estava. Elle pronunciou por vezes, muitas vezes mesmo, a palavra *bóla* (Zou gostava de brincar com a bóla) em lugar do numero perguntado!

Zou, apesar disso, satisfez completamente seus auditores.

Para terminar, tentou-se uma experiencia de leitura do pensamento entre eu e meu alumno.

Flammarion, ás escondidas só com Zou, mostrou-me o numero 14. Meu alumno trucou como um máo medium.

Os numeros de que nos servimos são impressos sobre cartões em dupla face dum calendario perpetuo. O Mestre procurou esconder, uma face do cartão, mas Zou percebeu o numero que se achava em baixo: 11, e emquanto eu pensava insistentemente no numero 14, Zou tranquillamente, com tino, batia 11, *prova de que os movimentos inconscientes não o dominavam.*

Por occasião da conferencia no Grande-Hotel, em Strasbourg, o animal havia igualmente *trucado.* Tendo se voltado na occasião em que a presidente, Mme. North-Siegfried me mostrava um numero que eu lhe devia transmittir *mentalmente*, Zou percebeu um outro numero e bateu em lugar do numero que eu pensei.

Le Journal d'Alsace et de Lorraine mencionou este facto alegre, que prova a sagacidade do meu pequeno alumno.

Os dois sabios — Zou e Flammarion.

M. Quessinet, o photographo das estrellas! quiz photographar Flammarion e Zou — os dois sabios — em *pose* de conversação!

Zou não receiou, apesar de tudo o que eu lhe havia dito, da grande honra que lhe foi feita.

Dia seguinte, eu lhe perguntei:

— Tu conheces Flammarion?
— Sim.
— Gostas delle?
— Sim.
— Elle é um sabio?
— Não.
— Só tú é que és sabio?

— Sim.

No seu orgulho, o meu alumno pensa que só elle merece este titulo.

Quantos homens têm a mentalide de Zou!

CARITA BORDERIEUX.

Os nossos destinos são identicos: não ha privilegiados nem malditos; todos percorrem a mesma estrada e alcançam os mesmos fins.

O CONGRESSO METAPSYCHICO

A palavra do Prof. Charles Richet

O cliché que damos noutra pagina, á respeito deste Congresso, representa os congressista, a cuja frente se acham, — o Prof. Charles Richet, sr. Jean Meyer, Dr. E. Osty, Dr. Hans Diesch, Prof. Rocco Santoliquido e Dr. Schrenck-Notzing, — e uma parte do selecto publico que assistia as sessões.

Ao terminar o Congresso, o Prof. Richet dirigiu á imprensa parisiense a seguinte nota, que julgamos de utilidade registrar nesta Revista:

"Quando falei deste Congresso á imprensa de Paris, não podia prever que seria ouvido por um auditorio tão numeroso, cerca de 350 pessoas, vindas para tomar conhecimento de observações precisas e experiencias rigorosas. De facto, foi um Congresso tão sério e tão technico como todos os demais congressos scientificos, pelo que, no futuro, ninguem mais poderá improvisar-se psychologo, como ninguem já se improvisa astronomo ou geologo. E os que intentarem ridicularisal-o, sem o ter estudado, analysado e aprofundado, não terão voz nem voto no capitulo.

"Reprovou-se o não termos feito demonstrações (como em um circo ou theatro de prestidigitações). Mas um congresso não é um laboratorio e não se póde, deante de um auditorio de trezentas e tantas pessoas, fazer experiencia alguma, efficaz, pelo menos. Só se podem fazer investigações ou demonstrações depois de precauções delicadas, minuciosas, em presença de tres ou quatro sabios experimentados no silencio e na solidão dos gabinetes de estudo.

E' preciso contentar-se pois com as exposições feitas pelos sabios, os professores de zoologia, de physica, de medicina, de chimica, que se entregaram a tão arduos trabalhos. Tivemol-os de Leigzig, de Bruxellas, de Londres, de Praga, de Athenas, de Munich, de Bonn, de Varsovia, sobretudo, que apresentaram photographias estupendas.

"Pudémos eliminar as elcubrações fantasticas de certos espiritas que, muito a meudo, prejudicam a sciencia metapsychica com suas divagações. Nos ultimos momentos, aquillo parecia mais um congresso de electro-physiologia, tão technicas eram as demonstrações e as descripções dos apparelhos e dos graphicos, mais eloquentes do que phrases.

Eis ahi a novidade desse congresso: nos ultimos tempos, os methodos experimentaes invadiram a Metapsychica. Ninguem nos poderá reprochar por affirmações sem provas ou nebulosas dissertações sobre o além-tumulo. Estamos no terreno dos factos. Entre a Metapsychica mental e Metapsychophysica delineou-se uma clara separação. A primeira está definitivamente provada. Quanto á segunda, apesar das bellas experiencias expostas e positivas, ha que reconhecer que ainda não passa de um esboço.

Assim, pois, uma sciencia nova que entrou na linha das sciencias classicas. Largo tempo, muito tempo ainda durarão as contradições e as duvidas, Mas, que sciencia não passou — e não passa ainda — por essas phases de vacillações e de erros? No mundo inteiro se trabalha. E' como um continente desconhecido que se

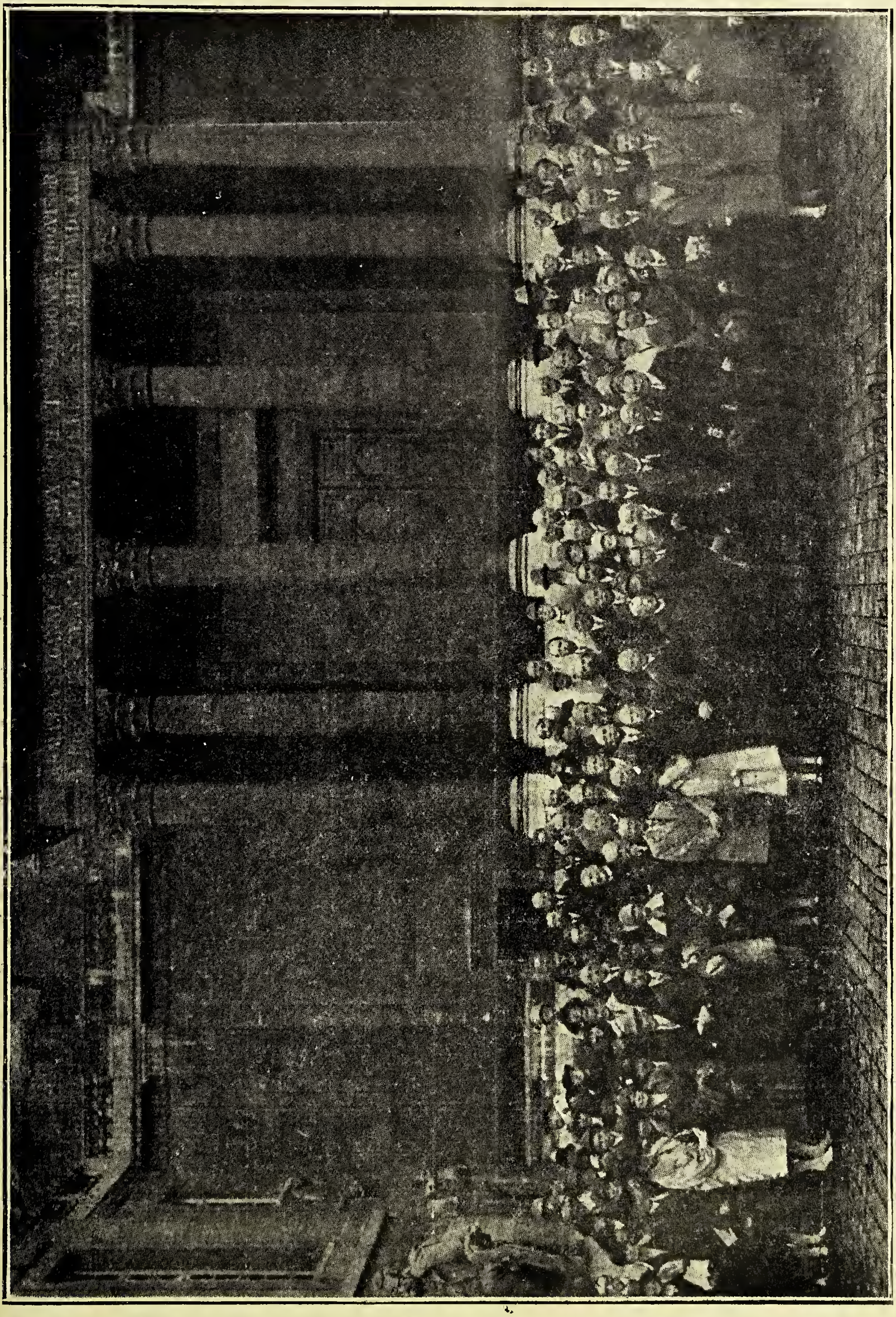

Congresso Internacional Metapsychico, realisado na Sorbonne, de Paris, de 26 de Setembro a 2 de Outubro de 1927.

descobre pouco a pouco, por fragmentos, e diante de cujo mysterio nos assombramos, porque ha talvez riquezas prodigiosas nesse mundo novo, o mundo do "desacostumado".

Percebemos agora que ha outras vibrações differentes das que actualmente conhecemos. Não sabemos nada — ou quasi nada — do immenso Universo que nos rodeia, e que vibra em redor de nós, muito perto de nós. Quem sabe se isso modificará a nossa existencia, nossa concepção da vida e até nossas idéas sobre a sociedade humana ? Tudo é possivel.

Mas não percamos o caminho, não tomemos miragens por grandes realidades. O proximo congresso, que se realisará em Athenas, na primavera de 1930, trar-nos-á novos documentos. Talvez nenhuma descoberta sensacional, porque dois annos são muito pouca coisa. Mas podemos estar seguros do vasto porvir que nos está reservado para dentro de um quarto de seculo".

Chronica Extrangeira

UMA SESSÃO INTERESSANTE

O jornal «Neues Tagblatt», de Stuttgart, dá interessante relato de uma sessão com Dagma Weindel, clarividente de Wiener-Neustadt.

Com os olhos vendados por uma facha negra, a vidente foi interrogada por um dos experimentadores : «Oriente o seu pensamento para o Freilicht Theater, de Bopferward, e diga-me o que succedeu lá em 21 de Março de 1921, entre dez horas e meia noite». Ella começou a responder immediatamente descrevendo a planta do theatro e declarou : «Sou transportada para um edificio atraz do theatro. Lá vejo duas pessoas que commummente não vivem em Bopferward. Entraram secretamente no edificio e estão accendendo um fogo». O pesquizador confirmou que realmente tinha havido um incendio criminosamente provocado no Freilicht Theater.

Outro experimentador pergunta : «Que póde a Snra. ver no N.o 8 da Rua Schubert, primeiro andar, na porta á direita, em Stuttgart, das 11 ás 12 do dia, em 29 de junho de 1910 ?» Dagma responde : «Chego primeiro em uma anticamara, depois em uma espaçosa sala. Ouço gritos de uma mulher. E' um caso de assassinato ou de suicidio». De facto foi assassinada uma certa Madame Sutter naquella data e local.

Foi-lhe dada uma carta fechada de pessoa que não estava presente á sessão. Dagma responde immediatamente : «Estou na esquina da rua Moltke e da rua Hasenberg. Da rua á direita vem um automovel e da rua a esquerda vem outro que é obrigado a parar». Pois bem, a carta tratava de uma collisão de automoveis na esquina indicada.

Depois de muitas outras respostas certas, foi feita a seguinte pergunta : «Que succedeu em um quartinho do porão do n.o 17 da rua Senefelder, em 13 de Fevereiro de 1925 ás 9 e 43 da noite ?» Resposta : «Vejo um homem escrevendo sobre uma folha de papel, depois engole uma poção». Dagma tinha visto perfeitamente uma tragedia de suicidio realizada no logar e data citados.

UMA VÓZ IMPERIOSA E PREVIDENTE

O Coronel Walter, official do exercito da Salvação publicou em *The Harbinger of Light*, de Melbourne, o seguinte relato, digno de menção :

«Um dos nossos officiaes, uma mulher, de volta de uma tournée no campo, não poude chegar á sua casa, visto a hora adiantada da noite. Deliberou então pedir hospitalidade a um lavrador a quem, em semelhantes condições tambem havia hospedado. Ella foi, com effeito, bem acolhida pelo lavrador e por toda a sua familia. Sentaram-se em torno de uma mesa e puzeram-se a contar historias agradaveis.

A's 11 horas cada qual recolheu-se ao seu quarto.

Segundo o habito de referida senhora, antes de deitar-se, leu algumas passagens de um livro de meditações. Mas, apezar de seus esforços, não conseguiu concentrar-se, visto lhe passar pela mente uma idéa imperiosa de deixar a casa em que se achava.

Ella procurou se desembaraçar dessa obstinada vóz interior que lhe fallava, e dizia: «me é absolutamente impossivel sahir agora, pois eu nem encontraria quem sellasse o meu cavallo; todos se acham dormindo; e o que pensariam de mim?»

Entretanto, levantou-se, foi á janella para ver se as nuvens densas se haviam já dissipado. A lua inundava a paisagem... «Parte para o campo», repetia-lhe a vóz mais imperiosa desta vez.

A sra. deliberou então sahir, chamou o hospedeiro, fez-lhe ver a sua intenção. Este tentou dissuadil-a, mas como ella insistisse, elle sellou o cavallo. Ella agradeceu e partiu a grande galope, percorrendo, sem incidente, vinte kilometros, que separavam-n'a de sua casa.

Dia seguinte, uma noticia emocionante chegou-lhe: o lavrador, num accesso de loucura, com um páo, havia assassinado toda a sua familia, logo após a sua retirada.»

APPARIÇÃO E AVISO DE MORTE

O sr. J. M. Morales publicou em *La Union*, jornal argentino, o seguinte facto:

— «Meu amigo o sr. Francisco G. Masvidal, Administrador dos Correios desta capital, não é espiritista; mas gosta de conversar sobre o Espiritismo, porém com uma especie de temor e desdém, permittam me a phrase, que empregam os que não conhecem o assumpto e não sabem se fazem bem tratando d'elle com seriedade ou em tom um tanto burlesco.

Ha alguns dias fui visital-o e estando em sua companhia, chegou o sr. José Guilherme Ramirez, antigo empregado do Departamento de Communicações.

Então disse-me o sr. Masvidal: «já que sempre estão pensando em cousas de espiritos, quero te dizer que quando entrastes, me pareceu que eras Ramirez.»

Eu expliquei-lhe o caso como um phenomeno telepathico corrente, sem fazer intervir a theoria espiritista «post mortem».

Então o sr. Ramirez disse: «n'estas cousas espiritistas, ou que quer que sejam, occorrem factos que não se pode explicar.»

«Confesso que não sou espiritista e em minha incredulidade chego a duvidar da existencia de Deus. Entretanto, me aconteceu uma que tem-me intrigado muito:

Vou contar:

«Na noite de 11 para 12 do actual, ás 11 horas, despertei e me pareceu ver passar diante da janella do meu quarto Emilio Juncosa.

Elle ia de vagar e levava na mão direita um revolver.

Eu, pela manhã desse dia, conversei com Juncosa, e tomei aquillo como um sonho, embora esteja certo de que estava acordado.

Adormeci novamente, ás duas horas tornei a despertar e vi novamente Juncosa com o revolver na mão. Aquillo me alarmou, mas quiz tomar o caso como um sonho, e outra vez adormeci.

Mas pela madrugada acordei-me, e vi Juncosa da mesma forma, com o revolver na mão. Não pude mais dormir e contei o occorrido a minha esposa.

Pela manhã vim para o gabinete e a primeira noticia que tive foi que Juncosa suicidara-se, disparando um tiro de revolver».

Quando o sr. Ramirez concluiu a sua narrativa, ninguem ousou dar opinião, mesmo porque nenhum dos presentes duvidava n'aquelle momento do Espiritismo; isto é, que a alma, emquanto vivemos ou depois de abandonar o corpo physico, pode manifestar-se, independente de nomes e theorias com que se queira explicar o caso».

APPARIÇÃO DE DEFUNTOS

A nossa collega «*La Vie d'Outre-*

Tombe» publicou a seguinte communicação enviada pelo sr. J. Brodure, pessôa de confiança da redacção :

«Envio-vos o relato de um facto relativo á morte de minha filha : Elise Brodure.

Minha cunhada Elise Scholtes, chegou de Paris (cidade em que mora a 45 annos) para assistir aos funeraes espiritas de minha filha Elise Brodure, desincarnada em Spa a 11 de fevereiro 1927 as 7 1/2 da tarde, idade 37 annos, me relatou o seguinte :

‹Na tarde de 11, tendo me deitado cêdo, como de costume, e em obscuridade completa, meio adormecida, eu vi bater pancadas na porta do meu quarto, o que despertou-me completamente.

No momento em que ia sahir do leito para saber o que queriam de mim, vi distinctamente uma apparição, na qual reconheci meu pae desincarnado que fez-me signal de ficar no quarto, depois desvaneceu-se. No mesmo momento appareceu uma moça com um castiçal em cada mão com velas accesas, na qual eu reconheci muito distinctamente minha sobrinha Elise ; depois desappareceu.

Dia seguinte, na manhã de 12, recebi a visita de Margherite, da casa de Henri ; minhas primeiras palavras foram :

‹Vens me dar a noticia da morte de Elise ? Recebestes telegramma ?

Sua resposta foi :

— Não, tia...

Eu insisti e lhe disse que Elise devia ter morrido.

Então ella me disse :

—Sim . . .

E me mostrou o telegramma que lhe enviaste hontem pela manhã, de 12».

Este facto continúa a estabelecer para nossa certeza pessoal, que a acção physica e psychica do homem não está limitada á peripheria do seu corpo e pode se exercer longe d'elle, porque minha filha desincarnou em 11 de fevereiro 1927, ás 7 1|4 da noite, em Spa ; o pae de minha cunhada appareceu a esta a 11 egualmente e ha vinte annos que desincarnou.

Eu não tinha enviado para Paris, mais noticias minhas, desde julho de 1926 ; só a 12, por occasião da morte de minha filha, enviei o telegramma em questão a Henri, esposo da acima referida. Este móra a uma grande distancia de minha cunhada, em Villeparisis, avenida Normandia (Seine-A-Marne), emquanto que minha cunhada (tia de Elise) mora, á rue Aumaire, 1 (3.o andar), em pleno Paris.

Ella era a madrinha de minha filha Elise e esta havia morado com aquella durante quinze annos. Minha filha tinha voltado para minha casa em Spa (Belgica), em 1923, depois do desincarne de sua irmã mais velha, residente então em Paris.

Tenho uma grande confiança na sinceridade de minha cunhada Elise Scholtes e de meu filho, tendo recebido a confidencia de sua mulher Margherite e ella tambem de sua tia.

Levo ao vosso conhecimento este acontecimento probante e vos peço, Monsieur Lhomme, acceitar minhas fraternaes saudações.

J. Brodure.»

CURIOSO PHENOMENO PHOTOGRAPHICO

O *Mensageiro*, de Roma, publicou a seguinte noticia, que lhe foi transmittida pelo seu correspondente em Belgrado :

«A familia de um certo Pietro Sirbu parece victima de um destino fatal.

Sirbu tinha quatro filhos : Nicola, Giovanni, Constantino e Carlota.

Em 1882 Giovanni, da edade de 9 annos matou involuntariamente com a espingarda de seu pae, seu irmão Constantino, que tinha apenas 8 annos. O menino, não comprehendendo o mal que fez, não teve remorsos, mas quando tornou-se adulto, ouvia sempre uma vóz que repetia aos seus ouvidos : ‹Taci, tu mataste teu irmão› ; até que tomado de melancolia e estremecimento de coração morreu, sem que uma enfermidade physica pudesse ter sido accusada como causa do seu fallecimento. Em seguida, morreram de morte imprevista, Carlota, de 21 annos e Nicola, de 31. Os progenitores ficaram sós, tendo erigido no cemiterio de Semlino (Zenum) um tumulo com os retratos dos tres filhos, menos d'aquelle que foi morto, Constantino, que nunca se havia photographado.

De uns tempos para cá notou-se um facto exquisito. O zelador do cemiterio observou no peito da photographia de Giovanni, uma outra cabeça. Foram chamados os progenitores, depois a autoridade e por fim pessoas conhecidas e da familia : a imagem que appareceu expontaneamente no peito de Giovanni, embora um tanto incerta, tinha os traços physionomicos de Constantino. Quando se querendo dar credito a esse phenomeno, muito extraordinario, a photographia foi substituida por uma outra do mesmo Giovanni, e para evitar qualquer fraude, foi a mesma encerrada num quadro metalico. Depois de alguns dias o phenomeno renovou-se, ainda mais intenso, porque na testa do assassinado appareceu uma ferida sanguinolenta produzida por uma arma de fogo.

A photographia foi trocada uma terceira vez, e a terceira vez appareceu a cabeça mysteriosa mais renovada e nitida.

Experimentaram tirar uma copia photographica de todo o retrato, mas depois de revelada a chapa, só se reproduzia o busto do assassino, ao passo que a cabeça do assassinado não sahiu.

O que dirão a isto os incredulos e scepticos ?»

MARTE É UM PLANETA HABITADO ?

A «Constancia», revista argentina, publicou a seguinte carta, digna de registro :

Com referencia aos recentes artigos da revista «Light» sobre Marte, rogo inscrever o seguinte :

— «Visito com regularidade, o conhecido medium de vóz directa, sra. Estella White, de San Diego (California), e tenho sustentado em repetidas occasiões largas conversações com pessoas fallecidas. Entre estas se conta principalmente minha filha e o pae de minha ésposa. Este ultimo era um inglez excepcionalmente intelligente, da chamada classe superior.

Durante uma conversação, elle fez menção das condições de habitabilidade do planeta Marte. Disse que os habitantes eram mais adeantados que nós. Aeroplanos, radio, telegrapho sem fio, etc. elles conhecem desde tempos remotos. São, disse, tão desenvolvidos em sensibilidade, que se communicam facilmente pelo pensamento, ainda que possuam uma linguagem falada. Seus poderes de visão são tão aperfeiçoados e desenvolvidos, que vêem os seres desincarnados tão claramente como os incarnados. Em grande parte, as enfermidades communs á nossa existencia, já foram debeladas por conhecimentos que elles possúem da vida em concordancia com as leis da natureza.

A observação dessas leis de uma forma intelligente, lhes permittiu eliminar a maioria das enfermidades e soffrimentos.

Além disso, a maldade e o crime são raros. A leitura do pensamento torna impraticaveis a mentira e o engano.

Vivem mais tempo que nós, mas meu informante não soube me informar o numero de annos. Entretanto, nascem, vivem e morrem como nós, deixando o corpo material.

Em seus meios de locomoção e de transporte, não usam combustivel, mas o fazem por um processo especial, cujo processo não poderiamos comprehender, extrahem seu poder do ar, á medida que caminham.

W. M.
Coroado, California E. U.

APPARIÇÃO NUM FUNERAL

A revista «The Bookman», tratando dos funeraes de Mortimer Collins, autor reputado, que tiveram lugar em Petersham, diz que, accidentalmente assistiu a cerimonia a novelista irlandeza Owens Blackburne (cujo nome verdadeiro é Elisabethe Sasey), que não conhecia Collins e nunca o viu.

Durante o serviço funebre, ella perguntou a uma amiga : «Quem é aquelle homem alto de largas espaduas, que anda de um para outro lado entre a assistencia ? Elle traz uma capa de veludo, tem pernas compridas, grossas espaduas, barba e bigodes escuros. Parece muito perturbado, dirige-se a uma e outra pessôa e ninguem lhe quer fallar nem dar-lhe attenção.»

Sua amiga, muito admirada, respondeu-lhe que ali ninguem estava que correspondesse os traços por ella dados «mas», accrescentou, vós acabastes de descrever exactamente Mortimer Collins tal como elle foi em vida.»

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

O Dr. Andry-Bourgeois, da Escola de Minas, fez, na *Maison des Spirites* uma excellente conferencia, sobre o thema : *Determinismo scientifico*. O orador, que foi applaudido por um publico numeroso, mostrou que não possuimos por óra todos os elementos do problema, mas que a philosophia espirita nos dá a confortadora certeza de que existe para cada um de nós uma liberdade relativa á esta vida, assim como uma outra vida mais ampla de ainda maior liberdade.

⁂

Em referida associação fizeram conferencias em janeiro, os srs. — Duchatel, A. Ripert, Demarquette e Wriétrich. Neste mez occuparão á tribuna os srs. Demarquette, Gobron e Westermann.

LA ROCHELLE

O vasto salão do Museu foi insufficiente para comportar os assistentes que affluiram á conferencia do Dr. Maxwell, que dissertou largamente sobre : *As relações das sciencias com a Metapsychica*. A reunião foi presidida por Mlle. Marcelle Rayton, distincta doutora em medicina de Rochelle. O orador após de haver occupado por longo tempo a attenção dos assistentes, estendendo-se em considerações sobre as sciencias psychicas, chimicas, naturaes e moraes, fez um appello para que todos se interessem pela resolução do grande enygma do psychismo humano e do problema da sobrevivencia.

⁂

A *Union Spirite Française* acaba de ver passar para o Além um dos seus mais dedicados pioneiros — o sr. Alfred Dange, obreiro da primeira hora que affrontou os sarcasmos e o ridiculo, sabendo impôr o sentimento de idealismo profundo que o caracterisava.

Nossas homenagens ao illustre Espirito que soube na terra cumprir o seu dever.

⁂

A *Revue Spirite* nos dá noticia de uma nova obra de Mme. Boullard-Devé, intitulada *O Christo de Luz* e se acha exposta no Salão do Outono, em Paris. Essa obra mediumnica é a que segue uma outra que figurou no Congresso Espirita de 1925 — *O sabio sob a Inspiração. O Christo de Luz* é um symbolo da fé espirita. Nimbado de ondas, o Grande Instructor promulga as leis intransgressiveis a todos os habitantes do Universo.

A luz finamente irisada ás innumeras radições cujos matizes revestem a superficie inteira da obra : a diversidade das expressões dos personagens, a nobresa do objecto e a sua perfeita execução, caracterisam os multiplos dons da artista e de sua alta cultura intellectual e moral.

⁂

Os jornaes *La Depêche de Toulousse*, o *Courrier du Pacifique*, *France de Bordeaux* e o *Express de Mulhouse* noticiam interessantes casos de levitação observados pelo Dr. Schrenk-Notzing, com o auxilio de Karl Weber.

INGLATERRA

Depois que vultos como Sir Oliver Lodge e sir Arthur Conan Doyle entraram em liça, o movimento espirita inglez se tornou tão volumoso que o chronista se sente perplexo diante da multidão de noticias que lhe trazem as revistas e jornaes espiritas e não espiritas da Gran-Bretanha, sendo forçado a desprezar grande parte, e dando preferencia apenas ao que possa ser resumido em poucas palavras.

⁂

A partir do numero de Janeiro transacto, a excellente revista "*The International Psychic Gazette*" iniciou a publicação de um directorio das Sociedades, Centros, e associações Espiritas de Londres, com dias e horas de sessão de cada, imitando nisso o louvavel exemplo de "*The Progressive Thinker*" que traz semanalmente a lista das sessões espiritas que se vão realisar em Chicago.

No primeiro numero vieram as direcções de 48, cada uma com tres ou quatro sessões por semana.

∴

Com optimos artigos de estudo, amplo noticiario, e uma Chronica Extrangeira realmente unica, "*The International Psychic Gazette*", desde Novembro do anno recem-findo, está transformada na publicação espirita realmente indispensavel a quem deseje conhecer do movimento espirita mundial.

D'aqui enviamos calorosas felicitações aos nossos illustres confrades Snra. John Lewis e Pascal Forthuny, da conjugação de cujos esforços nos dois grandes paizes pensantes da Europa, o mundo espirita obteve essa preciosa fonte de informação.

∴

A revista scientifica "*Nature*" publica um artigo de Sir Oliver Lodge respondendo á critica de um livro e confirmando as provas apresentadas no livro por experiencias proprias.

∴

Em "*The Spetactor*", Eva Martin publica um longo artigo sobre «A Reincarnação no Occidente», começando com estas phrases :

«Presentemente a reincarnação é assumpto muito tratado ; mas é um facto curioso muitas pessoas encararem o assumpto como crença exclusivamente oriental, esquecendo-se que era crença ensinada aqui em nossas ilhas no tempo dos Druidas e celebrada em cantos pelos antigos bardos britannicos. A maioria das autoridades no assumpto assegura que essa crença nasceu aqui muito espontaneamente, e não ha vestigios de nenhuma influencia oriental nos poemas e lendas que chegaram até nós.»

Folgamos muito que se patenteie uma origem tão britannica para reincarnação.

∴

Noticiando a conferencia privada feita pelo Dr. Crandon diante dos membros da Psychical Research Society, com respeito ás impressões digitaes, observa "*The Daily Herald*" :

«Como declara o Sr. Malcolm Bird, os peritos em impressões digitaes de diversos paizes, inclusive a Gran-Bretanha, depois de examinarem as impressões (das Sessões de Margery) declararam serem impressões de originaes anatomicos.

«Mas, accrescenta elle, «quando souberam que as impressões originaes foram obtidas na sala de sessão, immediatamente ficaram frios». Todavia algumas das sessões de Margery foram feitas com a presença exclusivamente de officiaes da policia.»

∴

Referindo-se a uma conferencia do Sr. David Smith sobre a clarividencia, o «*Edinburgh Evening Dispatch*» diz :

«A prova que foi feita para excluir a hypothese telepathica foi trazerem os membros da Society uma carta da qual ignoravam o conteúdo e expol-a diante do joven clarividente. Com os olhos scientificamente vendados, elle não só leu o que estava escripto no papel, mas ainda imitou a escripta.

Com os olhos vendados elle atirava com uma espingarda de pressão do ar em alvos indicados pelos assistentes e raras vezes errava.»

ALLEMANHA

Depois de se haver muito occupado com os estigmas da joven bavara Theresa Neumann, a imprensa allemã occupa-se agora com o caso de um velho operario chamado Diebler, cujos phenomenos igualam em perfeição os dos mais famosos fakirs hindús.

Diebler que é extraordinariamente insensivel a todo soffrimento physico, tem sido exposto em *music-halls*, onde é dependurado em uma cruz por meio de pregos que lhe atravessam as mãos e os pés, Além disso fez que lhe abrissem o lado com uma lança. Extraordinario de se dizer, as suas feridas não sangram, e esse crucificado affirma não sentir dor alguma no seu sacrificio voluntario.

Demais, na presença de medicos, scientistas e jornalistas, elle tem produzido nas mãos, nos pés e ao lado, escoriações vermelhas em forma de cruz da qual poreja um pouco de sangue. Elle diz que obtem esse resultado simplesmente por um esforço da vontade, e toma o encargo de produzir instantaneamente esses estigmas em qualquer parte do corpo, em qualquer momento e logar que a commissão medica ordena.

Diebler descobriu essa curiosa faculdade durante a guerra. Como prisioneiro dos polonezes, elle tentou suicidar-se, cortando uma veia. Mas quando sentiu que estava morrendo, desejou viver e ordenou ao influxo de sangue que parasse, o que se deu immediatamente com grande surpresa de sua parte. Regressando á Allemanha por occasião do armisticio, elle narrou o successo e para provar que dizia a verdade iniciou essa serie de experiencias que lhe proporcionou a celebridade.

⁂

Na «*Zeitschrift für Parapsychologie*», o Dr. Joseph Boehm, de Nürnberg, publica um longo estudo examinando minuciosamente o caso dos estigmas de Thereza Neumann.

RUSSIA

Os jornaes russos informam existir actualmente na Russia um medium clarividente que, segundo elles, seria o imperador de todos os mediums e todos os videntes do paiz dos Soviets. E' Fédor Schrimpkin. Affirmam que Schrimpkin fiscaliza secretamente todos os videntes do ex-imperio moscovita e exerce poder occulto sobre todos elles para que só digam aos seus clientes, e principalmente aos camponezes, cousas que possam concorrer para evitar as tentativas reaccionarias tendentes a derrotar o regimen bolshevista.

Seria uma sorte de novo Rasputin ao serviço secreto do partido communista russo, segundo essas noticias.

∵

Segundo "*The Progressive Thinker*», o jornal russo «*Mosrow-Rebus*» deu interessante definição do nosso movimento. Eil-a :

«Espiritismo é o estudo de factos bem provados, o conhecimento perfeito dos nossos anjos e da sua existencia espiritual, do seu trabalho e das bellezas do scenario celeste, bem como das suas escolas. Essa verdade está vencendo a superstição e as «imaginações vãs» da falsidade e da ignorancia».

⁂

A «*Krasnaya Gazeta*», de Moscou, annuncia em seu numero de 22 de setembro que os esculptores e architectos de Leningrad receberam instrucções para inventar um novo symbolo funerario que substitua a cruz, «porque, — diz aquelle jornal — «a cruz não corresponde mais ás actuaes condições da vida».

Dentre as idéas apresentadas, a do academico Fomine é uma flor de marmore com uma chamma partindo do seu centro. Não se sabe se será aprovada, mas seria um emblema essencialmente espiritualista.

A nossa collega «*The International Psychic Gazette*, commentando essa noticia, acha que temos muita razão para crer que a Cruz não seja abandonada pelo povo russo, no qual se está verificando neste momento um poderoso renascimento religioso.

Notamos que o guia do Sr. Conan Doyle, Pheneas, em sua communicação dada ha uns tres annos affirmou que a Gruz vae desapparecer, que a humanidade futura amará o Christo Vivo e não perderá tempo com a morte do Divino Mestre, como tem feito demasiadamente no passado e no presente. E' a primeira tentativa que chega ao nosso conhecimento de se abolir a cruz, depois d'aquella communicação de Pheneas ; mas não duvidamos que a humanidade venha a preferir coisas mais espirituaes em um futuro muito proximo.

POLONIA

Toda a imprensa polaca se tem occupado de uma casa assombrada em Varsovia, e milheiros de pessoas têm visitado essa mysteriosa morada.

Logo depois de construido, esse predio foi habitado por um official que, arruinado no jogo, enforcou-se.

Um negociante que habitou a mesma casa, morreu em um desastre de elevador. A viuva desse negociante envenenou-se logo depois. Uma visinha que se impressionara profundamente com essas tres mortes, enforcou-se tambem !

Ha algumas semanas a mobilia em diversos pontos da casa começou a manifestar uma agitação rara. Um guarda-roupa removeu-se por si mesmo de um quarto para uma sala de jantar. Alguns inquilinos dizem que no correr da noite elles têm visto uma mulher soluçando, coberta por longo véo preto, deslisando-se pelos corredores.

O prof. Solockowski, da Universidade de Varsovia, em companhia de dois espiritas bem conhecidos, emprehendeu uma investigação para apurar os factos.

TCHECO-SLOVAQUIA

Em Brno, cidade de Moravia, realizou-se com grande successo o Congresso dos Espiritas Tcheco-Slovacos, no qual tomaram parte egualmente alguns confrades extrangeiros, da Austria, da Allemanha e da Polonia.

O principal assumpto discutido no Congresso foi a organização de uma Federação Espirita Tcheco-Slovaca que se deverá filiar á Federação Espirita Internacional.

Os organizadores do Congresso prepararam tambem uma exposição na qual foi ricamente exhibida a arte espirita nas suas multiplas formas de manifestação.

A imprensa do Paiz fez commentarios muito sympathicos a esse grande certamen.

Os espiritas Tcheco-slovacos possúem uma excellente revista, a «*Spiritisticka Revue*», cujos habeis editores são os Snrs. Jan Rosner e J. Kuchar.

BELGICA

Em Liège a propaganda espirita tem se intensificado de maneira promissora,

⁂

Sobre : «Littré, Renan, Demoulin e Musset», fez uma conferencia, de fundo espirita, o sr. Defaweux.

⁂

Com o salão repleto de assistentes, falou sobre — *O Problema do Soffrimento*, o sr. Jacques, administrador da F. S. L.

⁂

Na *Maison des Spirites de Liège*, sobre o thema *O Espiritismo e os Sabios*, falou durante 1 1/2 hora o sr. Gilles Cabolet, cuja documentada conferencia é uma homenagem aos sabios qne têm abordado os assumptos espiritas.

⁂

As «*Vózes de Joanna d'Arc*» foi o thema escolhido por Mme. Lhomme, que entre grande assistencia lembrou a vida da martyr de Rouen, arrancando applausos dos ouvintes.

⁂

La Vie d'Outre Tombe abre a sua primeira pagina com uma apologia a Staiton Moses, o grande medium, que nos legou a monumental obra «Ensinos Espiritualistas.»

ESTADOS UNIDOS

A «Psychological Society of Boston» estabeleceu um concurso para obter a melhor these sobre os sonhos.

«*The International Psychic Gazette*, commentando essa noticia, affirma que «o estudo dos sonhos sempre mereceu especial attenção dos psychologos americanos. Tambem na Europa já foram publicados interessantes livros a esse respeito, e o prof. Sigmund Freud deu-lhe demorada attenção. Affirma elle: «Sabemos com certeza que todos os elementos componentes do sonho provêm, de um, ou outro modo, de factos da nossa propria vida passada. Esses elementos são simplesmente reproduzidos ou recordados no sonho». Os espiritas e psychistas investigadores não podem acceitar essa definição como sufficiente ou completa. Achamos que não explica numerosos casos, bem provados, de sonhos premonitorios annunciando successos futuros, realizados posteriormente.

Grande parte da phenomenologia supernormal infirma a hypothese de Freud referente ao sonho, e temos sincera esperança de que a «Psychological Society» virá a receber muitas theses bem elaboradas, trabalhos bem ponderados, discutindo a questão : Si o sonho póde ser recordação, ou tambem prophecia».

⁂

Em 2 de Dezembro do anno recemfindo foi afinal inaugurado o monumento de Hydesville, em Rochester, Estado de New York, onde foi residencia das irmãs Fox, como memoria do nascimento do Novo Espiritualismo.

Lançada essa idéa por Sir Arthur Conan Doyle quando visitou aquelle ponto historico, organizou-se uma commissão executiva, a qual abriu uma subscripção internacional para que todos os povos pudessem concorrer com fundos para cobertura dos gastos. Sob a presidencia da Snra. M. E. Cadwallader, editora de «*The Progressive Thinker*», essa commissão levou a bom termo o seu encargo, tendo realizado um congresso espirita para solemnizar a inauguração do monumento que marcou o ponto da terra onde nasceu o Espiritismo.

CUBA

O jornal «*Rosendo*» traz um artigo expondo com muita habilidade a razão de o movimento espirita não ter no mundo toda a acceitação que merece.

Declara elle que os espiritas não fazem propaganda sufficiente fóra das suas proprias rodas, são geralmente apathicos e não acham que é um dever empregar todos os esforços para augmentar o mais possivel o numero de crentes. Accrescenta ainda que um dos melhores meios de propagar o Espiritismo é assegurar o maior numero possivel de assignantes para os jornaes espiritas ; e muito desses jornaes têm morrido por falta de assignantes que poderiam ser facilmente recrutados entre os parentes e amigos dos espiritas.

E' uma grande verdade, commenta "*The international Psychic Gazette*", e não poderia haver melhores soldados para o triumpho do Espiritismo, do que os espiritas serios e conscientes. Assignar um jornal é muito bom, mas fazer que no circulo das suas relações tambem outros o assignem é ainda muito melhor.

⁂

No Grupo Rosendo, de Matanzas, o Dr. Mateo T. Fiol levou a effeito 22.a conferencia cultural Espirita, que foi assistida por numerosa e selecta assistencia.

⁂

Completou um lustro de proficua existencia o diario espirita «HOY», dirigido pelo incansavel propagandista sr. Juan M. Morales.

⁂

Em Union de Reyes, Camagiey, Carreño, Cruces, Colon, Cabaiguam, Sta. Lucia, e Babiney a propaganda vai se accentuando, graças os esforços de uma pleiade de propagandistas.

MEXICO

Segundo noticia "*The International Psychic Gazette*», o Sr. Prof. Charles Richet foi nomeado representante, da Federação Espirita Mexicana perante o Conselho Geral da Federação Espirita Internacional, e acceitou esse cargo, declarando embora que não é espirita.

A nossa collega londrina salienta o liberalismo muito louvavel do grande physiologista francez, e nós não lhe negamos nossa solidariedade nesse ponto, mas surprehende-nos a lembrança dos nossos irmãos mexicanos, pois que a Federação Espirita Internacional não é uma aggremiação de sociedade decididamente espiritas, quando o prof. Richet, innegavelmente um dos mais estudiosos e talentosos dos metapsychistas, senão o pae mesmo de todo o movimento metapsychista, declara sempre não ser espirita nem mesmo espiritualista. E faz muito bem em guardar essa reserva que tem attrahido para esses estudos todo o mundo sabio, exceptuadas apenas algumas summidades aqui da Terra de Santa Cruz.

MARROCOS

O Snr. Pascal Forthuny, redactor da secção extrangeira da «*The International Psychic Gazette*», passou um mez em Marrocos e lá fez sessões de clarividencia bem acolhidas por parte de nativos illustres.

Em Marrakesh encontrou elle uma velha vidente que lhe narrou com precisão cinco episodios secretos da sua vida e lhe affirmou que elle tinha amigos *djinns*, modo especial de dizer que é medium.

ESPIRITISMO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO

Temos sobre a mesa um bom punhado de cortes e recortes, extrahidos de varios diarios da Capital, e com muita especialidade da «*Gazeta de Noticias*», velho orgão carioca, a quem agradecemos as reproducções que tem feito diariamente da nossa Revista sem esquecer de citar a fonte, donde a noticia foi extrahida.

Para que se avalie a diffusão do Espiritismo, no Rio, aproveitamos um trecho de uma carta do nosso correspondente que assim resa: «Apesar da lucta incessante que os conservadores da rotina moveu contra o Espiritismo, a propaganda se estende de um modo admiravel. Dizer que só na Capital Federal ha mais centros espiritas do que egrejas e conventos em todo o Brasil não é errar. Todos querem a Verdade, e o mysterio parece não ter mais razão de ser.

∴

Um dos elementos de mais valor a nosso vêr, para propaganda, é a Livraria da Federação Espirita Brasileira, em plena Avenida Passos, n.o 30.

Esta empresa não vence editar livros que logo sahidos do prélo exgottam sua edição. O movimento da Livraria, é verdadeiramente admiravel, sendo que ainda existem outras casas editoras, como a velha Livraria Garnier, rua do Ovidor, 109, que reedita annualmente 3 a 4 obras.

∴

Dentre os conferencistas cariocas e fluminense que levam de um para outro lado a Palavra Espirita, notamos: Srs. Ignacio Bittencourt, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Sebastião Caramurú, Dra. Orminda Bastos, D. Aura Celeste, Felippe Santiago, Dr. Martins de Castro, Sebastião Baptista de Mello, Alvaro Marinho, Dr. Alfredo Pinheiro, Dr. Moacyr Silva, Daniel Christovam, Dr. Paim Pamplona, Leopoldo Cirne, Gustavo Macedo, Dr. Guillon Ribeiro, Dr. Rafael Pinheiro, Manuel Quintão, Dr. Porto da Silveira e outros que não nos recordamos de momento.

⁂

Ao lado dos oradores nota-se tambem um punhado de escriptores, como José Tosta, Ismael Gomes Braga, Ignacio Bittencourt, Dr. Carlos Imbassahy e outros que auxiliam a imprensa com os seus trabalhos, a modo de se fazer repercussão da doutrina e dos factos que se vão verificando em toda a parte.

⁂

Desincarnou na Capital, o Prof. Angelo Torteroli, espirita da primeira hora que muito trabalhou pelo erguimento espirita, no Rio.

∴

Entre os orgãos da imprensa no Rio se acham os seguintes jornaes espiritas: Reformador, A Aurora, O Christophilo, A Paz, a Verdade.

SÃO PAULO

MATTÃO

O cliché que reproduzimos representa a fachada do Centro Espirita Amantes da Pobreza, cuja instituição se mantem em actividade ha 22 annos, realisando ininterruptamente sessões dominicaes em que falam diversos oradores sobre themas espiritas. O centro está situado á Rua Ruy Barbosa e tem um salão confortavel para 150 pessoas, além de uma dependencia para sessões experimentaes.

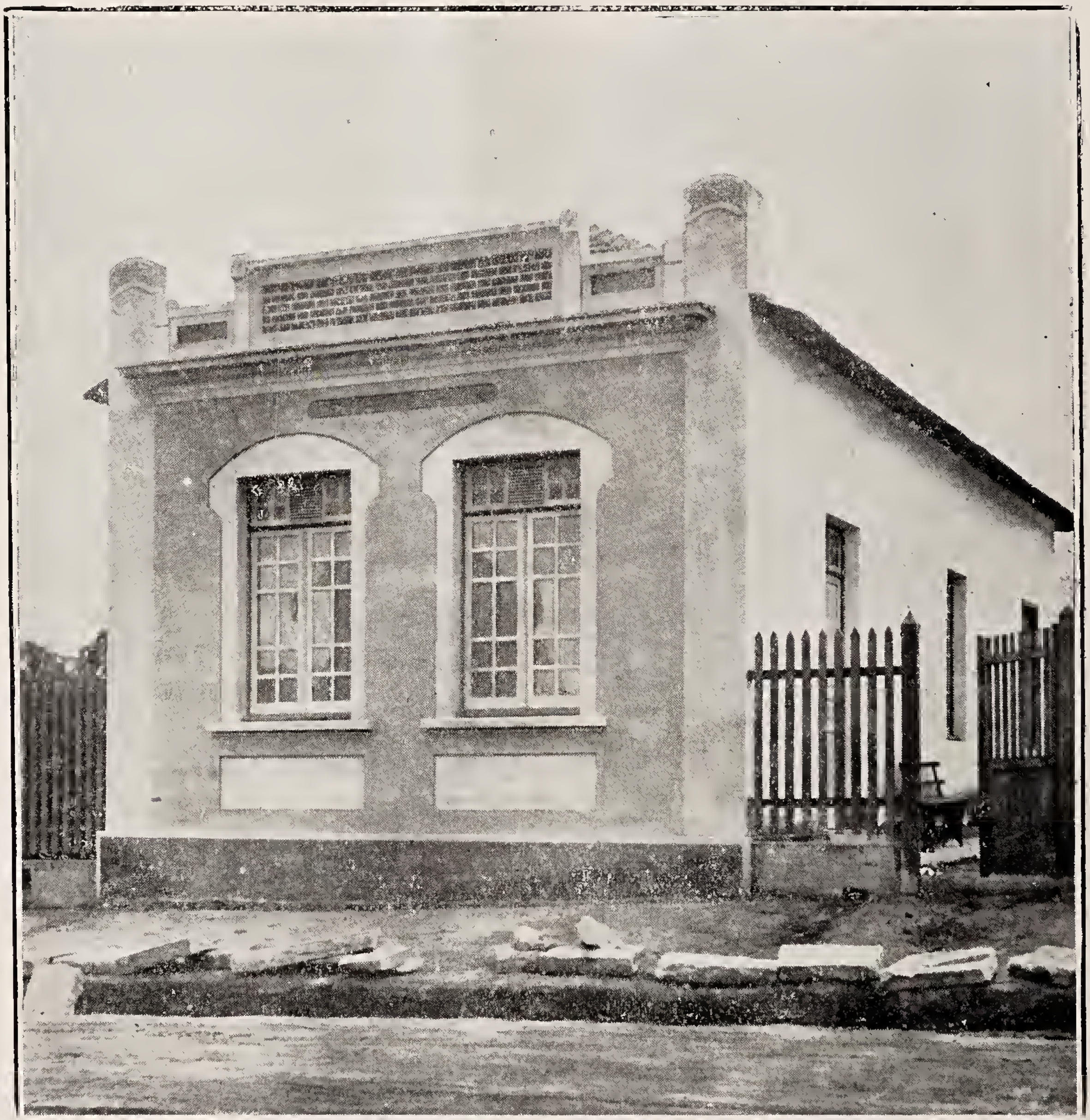

Centro Espirita Amantes da Pobreza

⁂

A segunda gravura representa a casa onde se acham installadas as nossas officinas e as d'O Clarim.

A' frente do predio estão os artistas sob a direcção do nosso confrade José Costa, o primeiro da fila á direita do leitor.

Esta empreza representa um nome que nos é caro e que não podemos esquecer no dia em que esta revista inicia o seu 4.o anno de existencia: Luiz Carlos de Oliveira Borges, cuja acção a morte não poude interromper e que se faz sentir vivificadora no nosso meio.

Como sabem os nossos amigos, a missão da imprensa é dispendiosissima além de espinhosa, maxime tratando-se da imprensa espirita. Pois bem o querido amigo, a quem não faltaram e não faltam dotes peculiares ao verdadeiro espirita, comprehendeu bem a situação da imprensa e os seus deveres de propaganda, montando comnosco as officinas que precisavamos para a publicação destes dois orgãos do Espiritismo no Brasil, que circulam do Amazonas ao Prata. Nos cumpre tambem salientar a solidariedade que sua digna esposa Exma. Sra. D. Maria Elisa de Oliveira Borges soube sempre manter com o nosso bom irmão, na obra, cremos que proficua, que procuramos desempenhar.

Em Mattão, a despeito da propaganda accentuada e ininterrupta, é insignificante o numero de espiritas. Entretanto é innegavel que a população mattonense considera e respeita as instituições espiritas que aqui exercem sua tarefa. Este facto tambem digno de menção, nos desvanece e obriga a patentear os nossos agradecimentos a estes concidadãos.

OFFICINAS D'O CLARIM

O predio onde funccionam as nossas officinas e as d'O Clarim

JAHÚ E JABOTICABAL

Nestas prosperas e bellas cidades do Estado, o Espiritismo conta avultado numero de alumnos. E' assim que a nossa Revista mantém ampla circulação entre os homens cultos, como medicos, advogados, engenheiros, pharmaceuticos, cirurgiões dentistas, etc. que comprehenderam bem não poder a *sciencia official* lhes dar o que o coração anceia e a razão requer.

Jahú conta varios centros espiritas, assim como Jaboticabal, cidade esta ultima que se admira os individuos, não pelos seus haveres materiaes, mas pelos dotes do espirito.

Falando de Jahú não se pode esquecer o dedicado obreiro Antonio Cestari, incançavel na sua tarefa, assim como em Jaboticabal a familia Volpe, espiritas estudiosos que orientam a propaganda, auxiliados pelo antigo obreiro Venancio Tamanini.

CAMPINAS E PIRACICABA

— Em Campinas, o Centro Nova Luz, sob a direcção do Sr. João Manuel de Jesus, tem feito larga propaganda por meio de boletins, além de sessões publicas para explicação da Doutrina.

— A Associação «Caminho da Verdade», presidida pelo Dr. Souza Ribeiro faz conferencias de propaganda ás terças. Além dessa tarefa, o nosso companheiro Dr. Ribeiro, faz em férias, excursões de propaganda levando a palavra da Vida aos detentos pela morte.

⁂

Em Piracicaba, o «Centro Fóra da Caridade não ha Salvação» desempenha os deveres de sua circumscripção. Este nucleo é presidido pelo confrade Pedro Camargo.

FRANCA

A directoria do Asylo Allan-Kardec, que tem por cabeça o incansavel trabalhador José Marques Garcia, está em admiravel actividade. Sob seus auspicios foi fundado agora um periodico «Nova Era», que se destina a propaganda espirita.

AGUIAR PHOTO

O Natal no Asylo Allan-Kardec, de Franca

O nosso cliché representa «O Natal no Asylo Allan Kardec», cuja affluencia de assistentes bem salienta o trabalho espirita francano.

O movimento do Asylo no ultimo mez foi: Existiam 113; entraram 17; sahiram: curados, 5; melhorada, 1; falecidos, 2. Existem 122, sendo 63 mulheres e 59 homens.

DIVERSAS LOCALIDADES

Barretos, Ribeirão Preto, Pennapolis, Araçatuba, Lins, Mirasol, Rio Preto, Taquaritinga, Limeira, Santa Barbara, Salto de Itú, Jundiahy, Itapira, Mogy-Mirim, S. Carlos, Dois Corregos, Guaratinguetá, S, Anastacio, Monte Azul, Taubaté, Bebedouro, Ibirá, Santos e Capital, Pindamonhangaba, S. Manuel, Itapetininga, etc, têm a frente distinctos propagandistas que, pela palavra, pela imprensa e pelo livro fazem conhecidos os principios basicos da nossa Doutrina.

RIBEIRÃO BRANCO

Do nosso prestante confrade sr. José Pereira, negociante nesta cidade, onde dirige o Centro Espirita S. Jorge, recebemos a seguinte carta com tres provas photographicas que submettemos ao estudo dos leitores:

Presado sr. Redactor da *R. I. do Espiritismo*.

Junto vos envio tres copias photographicas de experiencias feitas no nosso Centro, de accordo com os conselhos dados por essa revista.

O primeiro cliché obtivemos em reunião de 21 de novembro 1927, estando reunidos em redor da mesa os confrades: Domingos Martins, Luiz Mariano, Emilio Ferreira, José Marques e o signatario d'esta.

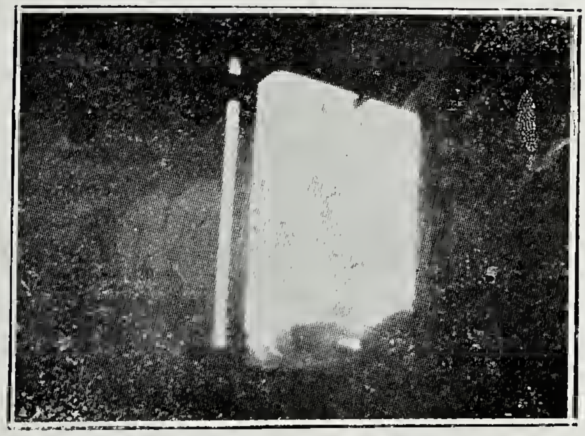

Photo N. I

A machina de que nos utilisamos é uma pequena Kodac de custo de 20$000.

O extraordinario dessa experiencia é que apezar do campo photographico apanhado pela objectiva ser de quatro pessoas, que se achavam em torno da mesa, na photographia nenhuma d'ellas se vê e nem mesmo signal algum da sala apparece, notando se o retrato de um quadro branco, que não havia na sala e ao lado direito do quadro, um vulto de pé.

A 2.a photographia é a de um menino de 12 annos, que ha cinco annos é victima de desequilibrio mental. O retrato foi tirado na rua, em plena luz do dia e á vista de muitas pessôas. Vê-se claramente nessa chapa uma fita fluidica, transparente sobre os olhos do menino.

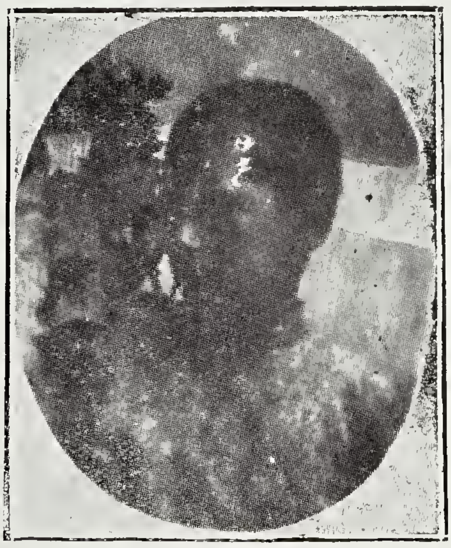

Photo N. II

O ultimo cliché representa o mesmo menino, cujo retrato tiramos n'outra chapa, verificando-se a mesma faixa fluidica contornando-lhe a orelha esquerda, descendo sobre o nariz e a bocca e estendendo-se em forma quasi oval até mais abaixo. Parece tratar-se de um caso de obsessão, que estudado pelos nossos scien-

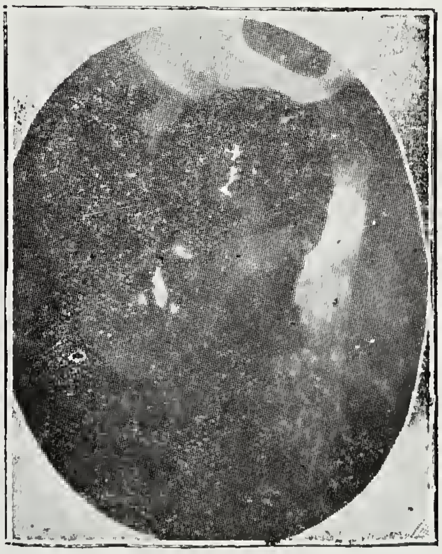

Photo N. III

tistas resultaria grande proveito para a sciencia.

Sou bastante interessado pela propaganda dos factos, pelo que resolvi vos remetter o resultado de tres experiencias feitas.

Desejo muito que os centros e grupos, assim como os scientistas do nosso paiz façam experiencias, como essa revista não cessa de aconselhar, pois, os resultados, além de não se fazerem demorar, redundarão para ampla resolução do problema da Immortalidade.

Com apreço, vosso confrade amigo,

José Pereira.

BAHIA

Uma criança se desdobra

Um nosso distincto confrade enviou-nos a seguinte carta :

Presado Director da R. I. E.
Paz em Jesus.

Pela presente venho narrar um facto commum, mas que parece não será demasiado figurar entre os muitos que enriquecem a phenomenologia espirita.

Seriam 21 horas do dia 26 de dezembro, p. p. quando tive a visita de um amigo intimo que veio lembrar-me o convite que me havia feito para assistir a formatura de seu filho, hoje doutor F...

Conversamos amistosamente na sala de visitas, emquanto que no quarto contiguo á alcova dormia o meu filhinho Carlito, de 4 annos incompletos.

Nossa cosinheira de nome Jeronyma, amiga dedicada de meu pequeno, teve vontade de servir-se de abacaxi e foi para o interior da casa para descascal-o. Ao começar, porém, foi tal a lembrança que lhe veio do amiguinho, que certamente estaria juntinho nesse momento, que o fez apparecer visivelmente e tão materialisado que a rapariga, correndo a pegal-o disse-lhe : «Carlito, meu filho, assim descalço ? !...» E lá se foram da cosinha á sala onde estavamos conversando, afim de trazel-o á cama.

Alli chegando, que surpreza !... o Carlito havia desapparecido, deixando a nossa Jeronyma estupefacta, mormente quando, ao voltar ao quarto, encontrou a criança a dormir *somno solto*.

Dando graças a Deus por este acontecimento, pela primeira vez registrado no nosso lar, vos autoriso á sua publicação.

Do amigo confrade,

Ladislau Costa.

⁂

O movimento na Bahia

O Dr. Souza Ribeiro fez duas excellentes conferencias na União Espirita Bahiana, associação que se acha sob a direcção do distincto espirita sr. José Petitinga.

⁂

Em Alagoinhas a propaganda pel'O Clarim é feita admiravelmente pelos centros. Assim tambem acontece em Amargosa, Ilheus, Inhambupe, Itabuna, Nazareth, Cachoeira, onde existem esforçados obreiros do grande Templo.

⁂

E' nosso dedicado representante na Bahia, o incansavel e fervoroso espirita sr. Manuel P. Celestino Oliveira, R. Conego Pereira, casa 2 Leões.

MARANHÃO

Mensagem de Além-Tumulo

O «Jornal do Commercio» de 23 de dezembro, p. p. publicou o seguinte telegramma :

MARANHÃO, 13 (A. B.) — Os adeptos do espiritismo estão ligando extraordinario interesse a uma manifestação, que consideram prova de sobrevivencia da alma e de communicação dos mortos com os vivos.

Ha poucos dias, falleceu nesta capital o joven Caio de Carvalho, filho do sr. Alexandre de Carvalho, guarda-livros muito conhecido nesta Capital.

Segundo a versão espiritista, agora espalhada, no dia seguinte ao da morte do rapaz, uma pessoa de destaque social que aliás era, ha longos annos, inimiga do sr. Alexandre de Carvalho, procurou-o para entregar-lhe uma mensagem, que havia recebido.

Acontecera que o sr. Alexandre de Carvalho andava viajando pelo interior e só tinha chegado á sua casa á noite, algumas horas depois da morte de Caio. O seu antigo inimigo, indo ao seu encontro, disse-lhe que cumpria o dever de transmittir-lhe tal «mensagem», recebida de Caio, que se tinha «manifestado» nestes termos :

«Sou Caio de Carvalho, filho de Alexandre de Carvalho. Peço que dê a meu pae o recado que aqui escrevo: Candinho. — Quanto te esperei ! ! Não chegaste a tempo de te dizer o meu ultimo adeus. Foi com a tua imagem na mente que morri, com saudades no coração e magua por não ter podido dizer-te o ultimo adeus».

O proprio pae de Caio de Carvalho publica esse «caso» na imprensa, e diz ter verificado, com outras pessoas idoneas, a identidade da lettra do joven fallecido, mediante comparação com cartas e outros escriptos de Caio.

O facto é commentado em todas as rodas onde se cultiva o espiritismo, e acceito como «authentico».

RIO GRANDE DO SUL

BAGÉ

A «Alliança Espirita de Bagé» é entidade dirigente do Espiritismo nesta região do Estado, e todas as sociedades d'aqui a ella estão filiadas, obedecem sua orientação doutrinaria e lhe são solidarias.

— Sob os auspicios da Alliança fizeram conferencias publicas de doutrina, os confrades : Major Octavio Pires Coelho, Torquato Severo Netto, Dr. Allysio de Souza, Dr. Candido Ferreira ; Carlos M. Viña, Cel. Christovam Maia, Miguel Cazarré Filho e Corrêa Severo.

Estas conferencias foram realisadas na séde da Tenda Espirita «Vicente de Paulo ; a affluencia foi enorme e vai crescendo todas as vezes que se annuncia a a palavra do Evangelho explanada á luz do Espiritismo.

⁂

No Centro Caminho da Luz, falaram os confrades : Trajano Rosa D'Ornellas e Corrêa Severo, aquelle sobre a «Philosophia Espirita» e este sobre a Perfeição».

⁂

A Sociedade «Amor e Caridade» continúa effectuando suas sessões e praticando a caridade ao seu alcance.

⁂

O Centro «Francisco Costa» tem prestado relevantes serviços aos pobres da «Villa Petropolis». O confrade Michelena Viña vem fazendo proveitosas palestras aos domingos e a pharmacia homœpathica do centro está aberta aos necessitados.

⁂

O Centro «Luz e Amor de Jesus», está realisando sessões publicas com o efficiente concurso da Exma. Sra. D. Hortencia Gottuzo, dedicada obreira da seara.

⁂

Além destes centros, existe o Grupo «Paz e Caridade», que não é filiado mas trabalha em prol dos que soffrem expargindo a Caridade. Na «Villa Brasil», tambem se propaga a nossa doutrina, serviço esse ao cargo do confrade Galdino Valença, que ali vae ás quartas feiras disseminar a semente do Evangelho.

⁂

Em Bagé contamos ainda com a «Tribuna Espirita», redactado pelo irmão Marcos Tibiriçá e orgam de propaganda e defeza do Espiritismo.

⁂

Finalmente, convém lembrar, todas as instrucções e orientações de todos os centros desta cidade são baseadas nos elevados ensinamentos de Allan-Kardec e de outros missionarios escriptores, que estejam de accôrdo com as verdades Evangelicas.

Do Correspondente

⁂

PORTO ALEGRE

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul communicou-nos a posse da sua nova directoria que ficou assim constituida : pres. Dr. Adalberto Pio Souto ; vice, Pedro A. Santos ; 1.o secr. Marcionilio Maia ; 2.o Pedro M. Santos ; 1.o thes. Julião Evaristo Carrion ; 2.o José Antonio Campos. Foram tambem eleitos os Conselhos fiscal e consultivo.

∴

O presidente da Federação Dr. A. Pio Souto enviou uma mensagem aos espiritas riograndenses, para que se esforcem a pôr em pratica os Ensinos dos Espiritos.

∴

PELOTAS

A propaganda vai se desenvolvendo efficazmente nesta cidade que conta grande numero de espiritas estudiosos.

NOTAS DIVERSAS

Uma casa assombrada

«A Noticia», vespertino carioca deu conta de uma série de phenomenos que se verificaram no Rio de Janeiro, rua da Gambôa, n.º 289. e que atrahiram innumeros curiosos. Os factos verificados se prendem á classe dos phenomenos de transportes, servindo de medium inconsciente, Alzira, uma menina da familia da casa.

«Garrafas, batatas, feijão e outras cousas mais, sosinhos, sem que ninguem tocasse, mudavam de lugar ante os olhos admirados dos presentes.

«Hoje, pela manhã, logo que a menina Alzira se levantou, diz «A Noticia», recomeçaram os extranhos factos.

«Até dinheiro cahia aqui no cimento, disse-nos a mãe da menor, — resolvendo, por isso, mandal-a para a visinha, no predio 283, a ver si assim, punha termo ao caso.

«Foi, porém, pura perda de tempo. Os projectis passaram então, a cahir, onde a Alzira estava. O senhor quer vêr ? Aqui está o que colhemos até agora, 9 horas e 15 minutos. Aqui estão 3$850 reis.

«E estas pedras que não são nada pequenas, tambem foram arremessadas para aqui», concluiu uma senhora de cabellos brancos, a dona da casa para onde fôra mandada Alzira».

∴

Navio phantasma

«O Clarim» transcreveu d'«A Fanfulla» uma noticia de Halifax (Nova Escossia), em cuja cidade o Capitão Myhre e toda a equipagem do vapor «Venosta», de pesca, viram a 15 milhas de Nova Escossia, um navio todo illuminado, como que phosphorecente. Esta embarcação que o Capitão e tripulantes julgaram ser o «Columbia» que naufragou no Atlantico, foi vista por um certo tempo, submergindo depois no oceano.

∴

Mulher analgesica

A imprensa Européa noticia o apparecimento na Europa de uma mulher americana que é analgesica, isto é, incensivel á dôr. Têm se lhe applicado ferro bem quente e ella não mostra sentir dôr, assim como é refractaria aos venenos mais activos e aos microbios patogenicos da maior violencia.

Toma arsenico, cyanureto de potassio, e estes venenos produzem os mesmos effeitos como si tivessem sido atirados num sumidouro.

Se lhe injectam bacillos de typho, de colera e de tuberculose, mas a extraordinaria mulher não liga importancia a nenhum d'elles e ri-se dos operadores.

Outra particularidade: não sente frio nem calor.

O caso está sendo estudado pelos mais celebres medicos europeus.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4215unse

NNO IV — Brasil— E. S. Paulo — Mattão, 15 de Março de 1928 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Nova concepção da alma
Fabula
Theorias negativistas
Uma carta do senador Alexandre Chiappelli
Philosophia de Ballanche
A solha e o passaro
Voz directa em Chínez
A existencia do perispirito
Photographias do Invisivel
Materialisações de Algeria
A felicidade de ser Espirita
Nos fastos da Igreja Catholica
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Bibliographia

Uma photographia do Invisivel

ANNO 4-BRASIL- E. S. Paulo - Mattão, 15 de Março de 1928 - NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ✻ COLLABORADORES : DIVERSOS

NOVA CONCEPÇÃO DA ALMA

A antiga concepção da alma não ultrapassa os limites corporaes, attribuindo-se aos phenomenos, então chamados metaphysicos, uma causa miraculosa e sobrenatural.

Julgava-se que a alma fosse creada conjunctamente com o corpo, idéa que originou os principios materialistas que suffocam a nossa geração.

As escolas de Leucipe e Epicuro, por exemplo, admittiam a alma mas julgavam que ella se compunha de atomos que se desaggregam e incapaz, portanto, a sobreviver á morte do corpo.

Esta idéa, que mais tarde foi apresentada com modificações successivas por Locke, Condillac, Helvetius e Holback, degeneraram em absoluto neantismo, proclamando a escola materialista o seguinte «artigo de fé» : «somente o organismo humano, a materia pode sentir e perceber».

Foi pelo menos esta a divisa adoptada depois por Molleschot, Buchner, Karl Vogt, Broussais, Hæckel e outros principes da sciencia applaudidos pelos homens mais salientes do seculo.

Karl Vogt affirmava ser — «o pensamento uma secreção do cerebro», e accrescentava — «as leis da natureza são inflexiveis, não conhecem moral nem bondade».

Hæckel dizia : «a alma, isto é, a actividade espiritual, nada mais é que uma funcção physiologica, producto de phenomenos mecanicos».

Parece ser ainda corrente entre os homens de meia sciencia e os que nenhuma sciencia cultivam mas têm representação social, ser — «a consciencia determinada pelos elementos constitutivos do sangue, e as obras de virtude e do genio, uma questão de hereditariedade ou o resultado da physica e da chimica dos corpos». Um atheista afamado chegou a dizer que o homem não passa de um «*Oxynitrocarbureto de hydrogenio colloidal*, e nada mais existe nelle senão materia».

As doutrinas espiritualistas de Aristoteles, de S. Thomaz de Aquino, de Descartes que brilhou com verdadeiro fulgor secundada por Jouffroy, Cousin, Villemain que no terreno philosophico demonstraram a existencia e immortalidade da alma, não conseguiram, entretanto, suster a onda dos neantistas que se avolumava cada dia.

A velha concepção da alma não dava lugar a provas positivas, resultando, de facto, geralmente, entre materialistas como entre espiritualistas, a adopção de um pantheismo commodista, que fazia estes ultimos curarem quasi que exclusivamente da vida terrena, com detrimento da vida espiritual, do presente com exclusão, vamos dizer, do futuro.

Com effeito, perdida a orientação da vida, cerceado o espirito ás cousas materiaes, sem esperança numa vida melhor, a sociedade teria forçosamente que precipitar-se no abysmo, onde nenhuma acquisição duradoura poderia lhe melhorar a situação. A razão disvirtuada dos seus principios, não pode absolutamente permanecer ao lado da moral e da sciencia.

Foi em taes conjuncturas que se fizeram sentir no nosso mundo as manifestações de ordem physica que haviam de proclamar o methodo de estudo experimental, para o estabelecimento definitivo da alma, como factor do organismo corporeo, sua preexistencia ao nascimento do corpo, e sobrevivencia á morte deste.

A theoria espirita constatou no homem a alliança dos dois elementos — alma e corpo — intimamente unidos, reagindo um sobre outro, como o prova o testemunho diario dos sentidos e da consciencia, tendo por intermediario o involucro do espirito, que Allan-Kardec houve por bem denominar *perispirito,* elemento este entrevisto já por S. Paulo, que o chamou *corpo espiritual* e pelo inglez Cudworth que intitulou-o *mediador plastico.*

A estes principios já ha tempo divulgados, devemos a proclamação do experimentalismo espirita para adopção, não por méra fé convencional, mas pela razão sanccionada pelos factos, da existencia da alma e sua sobrevivencia a morte do corpo.

A theoria espirita veio trazer-nos uma nova concepção do principio animico, constatada e constatavel, não só no homem como no animal, de accordo com a theoria da evolução verificada por Darwin, Lamarke e Hæckel, mas infundindo nella o espirito, sem cujo principio seria abalada pelas bases por carencia de fundamentos para fazel-a prevalecer.

O Espiritismo não veio, pois, inutilisar a lei, mas proclamal-a, adoptando a ella os meios indispensaveis para que seja comprehendida.

Estendendo a sua acção aos dois mundos, demonstrando a permuta de relações entre os vivos e os que indevidamente chamamos mortos, esclarecendo o modo de vida além do tumulo, o Espiritismo tornou-se a Religião Natural que encerra os mais amplos principios da Moral que se pode conceber.

FABULA

Sobre alta serrania cercada de floresta quasi impenetravel, habitava uma colonia da qual os habitantes das aldeias visinhas tinham pouquissimo conhecimento. A falta de informação, comtudo, era supprida por grande quantidade de fantazia e theoria.

Em certa occasião um nativo de uma dessas aldeias, explorando a floresta, cahiu em poder de um bando de salteadores que o roubaram e espancaram cruelmente. Assim se divulgou que os habitantes da colonia mysteriosa eram seres diabolicos que se deviam temer e evitar.

Porém mais tarde outro aventureiro, que se perdeu na floresta e estava a ponto de morrer de fome e fadiga, foi encontrado por estranhos que lhe prestaram todo o auxilio e graças a cujas attenções poude voltar são e salvo para casa.

Resultou a circulação de um boato de que os estranhos habitantes da colonia eram de caracter angelico ; embora os observadores mais criticos notassem que os dois relatos não podiam ser ambos verdadeiros.

Mas, no correr do tempo, um explorador intrepido penetrou mesmo no interior da colonia mysteriosa, e voltou com a noticia de que o povo era muito semelhante aos outros povos :—bons e maus, sabios e tolos.

Mas essa historia foi geralmente rejeitada como sendo muito banal, sem sensação, sem romantismo.

MORAL : Nada é mais incrivel do que a simples verdade, quér se trate deste ou do outro mundo.

(*«Light»*)

ESOPO MENOR.

THEORIAS NEGATIVISTAS

Não pode a estrella polar do monismo espiritualista luzir no céu das consciencias antes que se apaguem os fogos fatuos do materialismo scientifico, que accende uma illusão em cada canto de sua tréva ; — nem pode a humanidade seguir nenhum roteiro consciente e claro, emquanto seus guias, os sabios e os philosophos, se perderem na poeira asphixiante da estrada que conduz ao nada.

ALBERTO SEABRA—Phenomenos Psychicos.

Sempre que interrogados acerca dos «*phenomenos espiritas*», os srs. medicos, com rarissimas excepções, — mesmo porque nem todos têm aptas as retinas para supportar as radiações magnificentes da fulgurante Luz da Verdade, — em syntheses destituidas de todo valor probatorio ou racional, negam-lhes a «base scientifica», — si é que sciencia se pode chamar as negações systematicas que abundantemente proliferam e jorram dos labios desses sabios *officiaes*, julgando a realidade dos factos pelas supposições que delles fazem, mas sem nenhuma experiencia ou estudo do assumpto de que lhes pedem esclarecimentos continuos e curiosos inquiridores.

Com um senso forjado pelas premencias de uma entrevista fortuita, realisada ás mais das vezes á frente de uma objectiva photographica, que ha de reproduzir ao mundo a figura perfilada do academico interpellado, elles, sem cogitar das consequencias moraes que podem decorrer de suas affirmações, resolvem o problema dos factos psychicos pela negativa formal de sua existencia, attribuindo a um *desconhecido e prodigioso* «sub-consciente», todas as manifestações de que é capaz a alma humana, quando DEUS o permitte, para mais rapida elevação moral dos romeiros que ora caminham pela terra.

Mestres — por via das convenções sociaes a que já se escravisaram,—acham-se com o direito de nada admittir fóra do plano circumscripto de sua «sciencia» incompleta, e querem, com as simples negativas que encerram o faustoso resumo de um linguajar inutil, agrilhoar a convicção de mil batalhadores incançaveis a longos annos dedicados á experimentação e pesquiza da verdade, — essa mesma que elles recusam acceitar na sua integralidade positiva e consoladora, e pela qual os de bôa vontade têm enfrentado a felonia, o apôdo, o preconceito e os anáthemas dos sectaristas de todas as classes, sacrificando-se em pról da collectividade, a que legam o thesouro de seus estudos e transmittem, com abnegação apostolica, os ensinos moraes que lhes fôram revelados, afim de que todos, preparados para o apotheotico banquete da communhão fraterna, gosem, unidos pelo grande élo que confina o destino dos sêres humanos, a felicidade augusta que o Amor proporciona a quantos amaram e bem soffreram.

Technicos da materia, cuja imponderabilidade é para elles ainda um problema irresoluvel e talvez phantastico, nada concebem além do mundo physico em que vivem a *vida* do corpo perecivel, classificando de loucura, allucinação, accidentes hystericos, afloramento do sub-consciente e tantas outras confusas denominações que patenteiam, a *falsa theoria* elaborada adrede para fugir á curiosidade que os assedía, os desdobramentos da alma, as suas communicações medianimicas, sua acção independente do corpo, suas visões e previsões.

Nenhum estudo têm da materia. Nenhuma investigação fazem para a constatação veraz do que se lhes annuncia. Mas negam a existencia dos factos. São uma *burla* de prestidigitação, uma impostura do medium, nada mais. Terminam sempre com expressões desse quilate, o seu «judicioso» *veredictum*, que (julgam elles) ha de fazer parar o sol no firmamento.

E continuam a negar sempre. Negam, peremptoriamente, com frieza, com indifferença, com ironia, com a arrogancia do seu pseudo — saber, — mas nem uma pagina sequer conhecem desses trinta mil volumes que por ahi se acham, constituindo a consideravel bibliotheca espirita, porque — dizem — não lhes merece confiança esse trabalho immenso conseguido com sacrificio e perseverança em annos consecutivos de ingentes estudos, e onde — graças a DEUS — si com bons olhos procurassem conhecer o grande destino do sêr humano, ficariam deslumbrados e as suas vistas, antes restrictas e limitadas, se descortinariam para horizontes infinitos, para centros radiantes de luz e de harmonia, illuminados com amplitude de côres, nesses confins sidereos da belleza e da magnitude, cujos panoramas magestosos, no palpitar da vida que floresce em constante evolução para o Perfeito, cantam a gloria de DEUS e a immortalidade do homem.

Os negadores da esphera dos que citamos, não pesquizam, nunca experimentaram, nem jamais ligarão importancia aos factos que lhes chamam ao cumprimento do dever.

Fazem um «raciocinio» antecipado, torcido para o commodismo da «sciencia *official e infallivel*», com todas as probabilidades para um arrazoado definitivo que lhes evite novas interpellações sobre a questão aventada, mas é justamente nessa preoccupação de fallaciosos alvitres que se enleiam e se contradizem, expondo hoje theorias contrarias as que hontem adoptavam.

Nem pode, porém, ser outra a consequencia de uma opinião emittida sem base formada. Quem ousa duvidar ou descrer de factos regidos por leis que ainda não conhece, julgando-os impossivel por méra concepção pessoal e theorica, sem experiencia propria de que elles são realisados por *meios fraudulentos*, por mais sabio que seja, commette a insensatez de um grande engenheiro que duvidasse do funccionamento de uma machina importante, simplesmente por não poder pôl-a em movimento, quando quizesse, e nem pudesse ver, á luz do dia, o seu gigantesco mechanismo a girar em torno do centro originario de sua acção inconsciente.

Mas a machina, entretanto, funccionaria sempre que o seu inventor lhe desse o impulso necessario, apesar do scepticismo do *engenheiro sabio.*

Assim, com mais propriedade e convincentes realisações, os phenomenos espiritas, que no dizer do prof. Austregesilo, «têm o valor dos sonhos», accrescentando que «as revelações são reminiscencias accumuladas no subconsciente e que se manifestam talqualmente como quando o individuo se acha em sonho ou accidente hysterico».

E, embora a sentença do psychiatra-philosopho não interrompa o curso dessa caudal cyclopica que vem avassalando o mundo com fragoroso rumorejo, fazendo ruir, na sua passagem, o edificio secular dos dogmas, para levantar sobre os seus escombros o templo da Caridade, cuja luz interna derrama effluvios beneficos por todos os lados e illumina a intelligencia dos homens simples e pequenos a quem o Pae revela as coisas occultas aos «*sabios e aos entendidos*», eu quizera um esclarecimento possivel sobre a localisação do *sub-consciente.*

Falámos, linhas acima, nas contradicções theoricas dessas mentalidades inequivocas, mas de um parcialismo inveterado, que se têm ultimamente pronunciado sobre o Espiritismo, e uma dellas é esta em que o famigerado *sub-consciente* é chamado a desempenhar o papel de protagonista ou heroe, na ridicula farça do negativismo.

Segundo os progressos da physiologia, sciencia *real* das mais doutas *realidades*, chegou-se á conclusão de que as cellulas cerebraes ou de todo o organismo, são, de *sete em sete annos*, mais ou menos, substituidas por outras cellulas novas, nenhum vestigio ficando das que até então funccionavam, as quaes desapparecem com essa evolução e revolução do material organico.

Si assim é, o *sub-consciente* deve ser uma entidade ou orgão independente do corpo carnal, não sujeito á lei physiologica da transformação organica, immaterial, por conseguinte, sempre unido ao homem, para que, em occasião apropriada e imprevista, sem embargo do meio estranho onde é chamado a agir, possa patentear, de modo insophismavel, as «reminiscencias que se acham nelle accumuladas e que se manifestam».

Mas, si o Prof. Austregesilo *nada admitte* que não seja materia palpavel, onde e como se deve conceber esse *sub-consciente*, mais subtil e mais extenso que a propria consciencia, a ponto de «accumular reminiscencias que se manifestam» e de que o individuo não tem noção alguma senão em certos estados pathologicos ?

E como acceita o Prof. Austregesilo a existencia de uma coisa tão quintessenciada e intelligente que chega a fazer «revelações» de «reminiscencias accumuladas», si não crê na existencia da alma e nem nas suas manifestações exteriores ?

Mas si é material o *sub-consciente*, nenhuma «reminiscencia» poderá ser nelle «accumulada» além dos periodos exiguos das transformações physiologicas do organismo e, portanto, fica assim destituida de possibilidade a «revelação» de cousas que se extinguiram com os recepientes materiaes que as guardavam, os quaes se dispersam pela renovação cellular.

E' essa uma das grandes incongruencias do materialismo, cuja paternidade não se nega ao parallelismo psycho-physiologico, que assentou na base obscura da sua origem, o *dogma scientifico* de que todos os pensamentos e funcções intelligentes do *ego* profundo, são produzidos pelos centros nervosos, onde se *localisam* as nossas faculdades intellectuaes. Mas a doutrina das *localisações cerebraes*, já foi, em tempos idos, completamente esmagada por Pierre Marie e Moutier. Porque, então, arrancar do sarcophago essa «mumia» fasceta, tão pouco apresentavel nas salas academicas, onde só se discutem renovações e modernismos scientificos ?...

Mas, reatemos o fio do assumpto e prosigamos para o ponto objectivo que procuramos attingir.

Si não é material o *sub consciente*, si guarda em si factos que as transformações materiaes do organismo não attingem nem conseguem apagar,—é que existe alguma coisa mais que a analyse autopsial ainda não descobriu e que é, em toda a plenitude da Sabedoria Creadora, o centro vital inextinguivel que irradia, pensa e age independente da forma carnal que o envolve nos exilios terrenos, que subsiste a todas as metamorphoses, a todos os tumultos que a natureza provoca para a evolução constante dessa particula primorosa, immorredoura e divina, cujo destino grandioso é alcançar a perfectibilidade infinita e gosar a amplitude da lei que funde os sêres num só amplexo de fraternidade e de amor, afim de que sejam solidarios na penosa mas magnificente ascenção para a Luz.

E neste caso, em volta desse ponto luminoso e ethereo que o escalpello não toca, nem sente o tacto do anatomista, está localisado o *sub-consciente* a que se refere o Prof. Austregesilo, e que é o *corpo espiritual* de S. Paulo, o corpo astral dos occultistas, o perispirito ou corpo fluidico dos espiritas, realmente existente, assemelhando-se, no registrar continuo de todas as nossas sensações e emoções, a um canhenho vivo, cujas paginas são um relato minucioso dos nossos mais occultos pensamentos.

Dahi, a razão por que o individuo, hypnoticamente adormecido, recorda-se de factos que presenciou em tempos remotissimos, descreve-os com precisão incontestavel, podendo, conforme o seu adeantamento espiritual, prever o futuro e *revelar* acontecimentos que nelle se vão desenrolar.

Muitos até, sob acção do somno hypnotico, conforme prova o Cel. de Rochas na sua extraordinaria obra LES VIES SUCCESSIVES, chegam a transpôr as fronteiras da vida actual com as de existencias diversas vividas em paizes e meios differentes, tomando as attitudes e desenvolvimentos das respectivas personagens que em cada vida encarnaram. Precisam as datas, as epocas e até familias em cujo seio viveram, factos esses que o grande investigador constatava compulsando archivos ou colhendo pessoalmente informes em fontes dignas de consideração, dirigindo-se ás localidades a que se referiam os seus sensitivos.

Mas todos esses monumentaes trabalhos que caracterisam a tempera humanitaria do seus emprehendedores, não merecem a *confiança* da sciencia contemporanea, porque ainda perambulam pelo mundo muitos dos habitantes de *Le Pays des Aveugles*, de Wells, que continuam a chamar de loucos e allucinados a todos esses que lhes falam de um mundo mais amplo e de côres differentes, que se libra nas luminosas immensidades do espaço, para além das montanhas graniticas do seu negativismo systematico.

Deixal-os, pois, lançar ao vento as suas theorias confusas que nada elucidam sobre o que se lhes interroga, é o melhor meio de combatel-os, dada a incoherencia de que ellas vêm impregnadas.

Com elles ou sem elles, — mas protegida por DEUS e diffundida na terra pelos Grandes Espiritos enviados para esclarecer, guiar e consolar a humanidade, a doutrina coodificada por Kardec, qual pharol refulgente que na costa distante illumina e assignala ao navegador a róta segura que ha de seguir, no traiçoeiro mar da vida, continuará a sua marcha triumphal por todas as nações e por todas as classes, com sua moral consoladora, que é um balsamo divino para os corações chagados; uma esperança fulgurante para os que se abysmam nas trevas da dôr; a farta bemaventurança para os que se minguam de pão na terra; a reintegração no direito para os que têm sêde de justiça; o descortino luminoso dos horizontes infinitos por onde os astros passeiam, para os que procuram a immortalidade e nella, cultivando a virtude e o amor — essencia purissima da Caridade — sobem, como um plaustro de luz fulgurante, depois de dilatadas as faculdades no sublime exercicio do bem collectivo, para o Reino da Paz *que nos está preparado desde o começo do mundo* e onde impera JESUS com toda a magestade de Sua gloria!

João de Oliveira Barbosa.

(Conclúe no proximo numero)

Uma carta do Senador Alexandre Chiappelli

Alguns scientistas, depois de longas observações, confirmam os phenomenos metapsychicos e parapsychicos como estando inteiramente provados, mas por prejuizos da escola materialista procuram encontrar hypotheses que explicassem os ditos phenomenos sem a intervenção dos espiritos desincarnados. Presumem que a fonte de todos esses phenomenos seja a psyché do medium e que essa psyché ou alma seja mortal como parte do corpo physico. No artigo que segue, tres grandes mentalidades esclarecem o caso, por isso tomamos a liberdade de pedir a attenção do leitor para este excellente artigo do prof. Ernesto Bozzano, publicado em «Luce e Ombra».

Enviei, como homenagem ao eminente philosopho senador Alexandre Chiappelli, de Florença, um exemplar do meu volumezinho publicado em França com o escopo de confutar — baseado nos factos — as theorias anti-espiriticas propugnadas por René Sudre em uma recentissima obra muito insidiosa e muito lida.

O senador Chiappelli respondeu-me em uma longa carta densa em pensamentos; e como gentilmente me autoriza a publical-a, assim procedo, pois que nella se encontram observações e propostas que interessam ás pesquizas metapsychicas de um ponto de vista geral.

Sem mais preambulos, eis a carta em questão:

«Egregio Snr. Bozzano,

Muitos agradecimentos lhe devo pela dadiva desta critica ao Sudre: critica vigorosa, cerrada e que deveria ser decisiva. Talvez o livro do Sudre não merecesse tanta honra; tão leviana e sophisticas me parecem as argumentações desse espirito negativo por proposito; e é talvez licito duvidar da boa fé de quem se poderia chamar o Mephistophilis goethiano *«der Geist stets verneint»*; boa fé que V. Excia. lhe reconhece em principio, por previsão polemica, mas que depois nas ultimas paginas lhe retira. Eu creio, de resto, que os mesmos phenomenos a que chamam animicos, bastem para provar a independencia entre a energia espiritual e o corpo physico. E a autonomia é fundamento da sobrevivencia na apartação pela morte, ou phase maiormente vital. A questão, si existe, que com os methodos experimentaes é difficil de resolver-se, é si a sobrevivencia á morte é permanente ou quanto dura. Aqui entra, para tornar necessaria a immortalidade, um complexo de considerações moraes e espirituaes, que já não são «experimentaes» — como dizem, — mas rigorosamente scientificas a par das outras e talvez mais do que as outras.

Em toda essa terminologia dita tão impropriamente «metapsychica», ou «parapsychica» ou «peripsychica» como talvez conviria dizer, é tudo uma confusão de neologismos que parecem conceitos e não são. Por exemplo, essa «prosopopesi-metagnomia» que é um absurdo etymologico, e nada mais do que uma pretenciosa innovação verbal e pseudo-scientifica para lançar poeira nos olhos dos ignorantes. V. Excia. fez muito bem em demonstrar-lhe o ridiculo que encerra.

Eu penso, porém, que tudo isso prejudica grandemente uma tão fecunda especie de estudos. Como prejudica não serem tratados esses estudos por homens sérios e competentes como V. Excia. em periodicos de ampla diffusão. Emquanto permanecerem fechados em periodicos technicos como «Light», «Proceedings», «Luce e Ombra», «Revue Spirite», «Zeitschrift für Parapsychologie», etc., não só o publico culto, mas tambem a sciencia official os ignorará, ou estará alheia, ou desconfiada. A isso accrescente-se que a grande massa dos factos que se adduzem (e é verdadeiramente imponente e probabativa) deriva-se quasi toda de livros e periodicos anglo-americanos. As outras nações, França, Allemanha, pouco comparticipam. A Italia só com «Luce e Ombra» e pouca coisa mais. E' preciso romper todos esses circulos restrictivos, e na «Revue des Deux Mondes», na «Deutsche Rundschau», na «Nineteenth Century», na «Nuova Antologia», e que sei eu ! dar largas e precisas reproducções de todo esse precioso material de revelações espirituaes, e depois. tambem entre nós, organizar a *mediumnidade*, até agora cousa rara, conhecida de pouquissimos na sua séria documentação. Talvez estejamos perto dessa nova revelação espiritual, já promettida pelo Christo quando disse : «Depois de mim virá o espirito e vos confirmará».

Mas essa revelação precisamos ajudal-a por todas as vias, e de todos os modos ; tambem desmascarando esses novos Simplicios da pseudo-sciencia, que resistem, como o Simplicio do «Dialogo sobre os Maximos Systemas» até á evidencia das novas experiencias do Copernicanismo do mundo espiritual.

Si V. Excia. achar que deve tornar conhecidas estas minhas idéas em «Luce e Ombra» ou em qualquer outro logar, em uma discussão livre, o que escrevi até aqui está á sua disposição. E si eu puder, para o Congresso Metapsychico de Paris, lhe remetterei algumas considerações sobre a necessidade de uma rigorosa e bem definida terminologia, afim de que a *metapsychica* não se converta em uma nova *metaphysica* abstracta e uma nova escolastica . . .

Com a maior consideração e viva sympathia espiritual, seu

Alexandre Chiappelli
Senador do Reino.»

Esta interessante e franca missiva do eminente philosopho florentino é merecedora na verdade de um longo commentario.

Referir-me-ei apenas de passagem ao thema que occasionou a carta, observando ao professor Chiappelli que o livro de René Sudre não é baldo de valor que não merecesse a honra de ser refutado. Ao contrario, é um tratado de metapsychica ponderado e bem feito, mas satanicamente insidioso ; de modo que não tardou em fazer sentir a sua influencia deleteria nos ambientes metapsychicos de França, Inglaterra, Allemanha e Estados Unidos. D'ahi a necessidade de confutal-o do unico modo praticamente efficaz : demolil-o *sobre a base dos factos.*

Passando a outra cousa, apresso-me em exprimir ao professor Chiappelli toda a minha gratidão de cultor das disciplinas metapsychicas, pela observação seguinte :

> «Eu creio que os mesmos phenomenos a que chamam *animicos*, bastem para provar a independencia entre a energia espiritual e o corpo physico. E a autonomia é fundamento para a sobrevivencia na separação pela morte, ou phase maiormente vital.»

E' precisamente assim ; e é portanto grande o conforto que experimento em ver um grande philosopho comparticipar de um ponto de vista pelo qual eu lucto infatigavelmente ha tantos annos ; e é que o *animismo* prova o *espiritismo*, e que pela demonstração scientifica da existencia e sobrevivencia da alma, os phenomenos *animicos* resultam mais importantes do que os mesmos phenomenos *espiriticos*, tendo-se em conta que estes ultimos são fundados sobre provas *ab extra* emquanto que os primeiros fundam-se sobre provas *ab intra*. Assim sendo, resulta inexplicavel o facto dos oppositores, os quaes continuam illudindo-se ao ponto de manterem que com o exaltar até á omnisciencia as faculdades supernormaes subconscientes, conseguem obstar para sempre a demonstração experimental da sobrevivencia da alma, emquanto que em realidade elles chegam ao resultado diametralmente opposto, demonstrando a sobrevivencia da alma de modo scientificamente inconcusso; e isso pela razão de que da base nas suas indagações emerge o grande facto de que na subconsciencia humana existem preformadas, em estado latente, as faculdades de senso espirituaes, á espera de emergirem e exercitarem-se em ambiente espiritual após a crise da morte, assim como no embryão existem preformadas, em estado latente, as faculdades de senso physiologicas, á espera de emergirem e exercitarem-se em ambiente terreno após a crise do nascimento; ou assim como na crysalida existem preformadas, em estado latente, as asas do insecto futuro, a espera de emergirem e exercitarem-se no espaço radioso destinado a acolher a humilde lagarta transformada em borboleta.

Sempre a tal proposito, folgo em juntar ao nome do senador Chiappelli tambem o do Dr. Eugenio Osty, o eminente director do «Instituto Metapsychico Internacional», o qual ha alguns mezes me escreveu reconhecendo francamente que o facto da existencia na subconsciencia humana de faculdades de senso supernormaes, independentes das limitações do espaço e do tempo, e, melhor ainda, independentes da lei de evolução biologica, resolvia-se em uma valiosa prova em favor da existencia e sobrevivencia da alma.

E é portanto com suprema satisfação que eu saliento o facto de eminentes philosophos e psychologos que elevam a sua voz autorizada em favor de uma verdade fundamental por mim insistentemente propugnada ha longos annos, e com respeito á qual nunca desisti de advertir os oppositores que resultava inutil combater a hypothese espirita recorrendo ao systema impossivel de constranger a casuistica inteira da metapsychica na orbita estreita da casuistica animica; visto que si conseguissem triumphar nessa fantastica empresa, teriam chegado com isso a demonstrar ainda e sempre — sobre a base dos factos — a existencia e a sobrevivencia da alma, fundando-se exclusivamente sobre os phenomenos animicos. O que praticamente seria o mesmo.

Estando as coisas nestes termos, fica notorio quanto é vão d'agora em diante obstinar-se em defender desesperadamente o ideal materialista, o qual deve considerar-se transmontado para sempre. Quem pensa bem, precisa convencer-se desta grande verdade: que com o advento das indagações metapsychicas, penetrou-se em um campo de pesquizas que resultam todas — das minimas ás maximas — egualmente validas a demonstrar, baseadas nos factos, a existencia e a sobrevivencia da alma humana. Quem se limita a investigar os phenomenos animicos, vem a demonstrar a existencia e a sobrevivencia da alma baseadas nas manifestações supernormaes inherentes ao espirito *incarnado*; e quem se dedica ás indagações dos phenomenos espiritas, vem a demonstrar a existencia e a sobrevivencia da alma com base nas manifestações supernormaes inherentes ao espirito *desincarnado*. Das garras desse dilemma não ha quem fuja. Quando o comprehenderão os oppositores?

A proposito o prof. Chiappelli junta mais estas judiciosas considerações:

«A questão, se existe, que com os methodos experimentaes é difficil de se resolver, é si essa sobrevivencia á morte será permanente ou quanto dura. Aqui entra, para tornar necessaria a immortalidade, um complexo de considerações moraes e espirituaes, que já não são «experimentaes» — como dizem — mas rigorosamente scientificas como as outras ou talvez mais do que a outras.»

Esta ultima observação tambem é verissima; pois que uma vez demonstradas, com base nos phenomenos animicos, a existencia e sobrevivencia da alma, então as inducções e deducções moraes, espirituaes, philosophicas e logicas, as quaes convergem para demonstrar a permanencia, resultam por sua vez rigorosamente scientificas «como as outras ou talvez mais do que as outras». Sem contar que na casuistica mediumnica enumeram-se exemplos de identificação de defuntos, cuja morte remonta a seculos atraz, e dos quaes se tem chegado a verificar rigorosamente a identidade. Recordo, a titulo de exemplo, o caso famoso e de todos conhecido dos conjuges Children, caso investigado pelo Rev. Roberto Dale Owen, no qual a morte remontava a 105 annos. Disso deriva que si depois de um seculo as personalidades espirituaes dos defuntos permanecem inalteradas, então cahe a hypothese propugnada pelo René Sudre, e por tantos outros com elle, os quaes sendo constrangidos pela evidencia dos factos a reconhecer não se poder mais negar a sobrevivencia á morte do corpo de alguma cousa de espiritual e pessoal, a qual recorda e ama, refugiam-se na hypothese de uma presumivel sobrevivencia de entidades ephemeras, destinadas a dissolverem-se rapidamente no nada. Mas si os factos provam que depois de um seculo taes entidades presumidas ephemeras sobrevivem inalteradas, então o quesito a resolver-se muda radicalmente de aspecto ; e assim sendo, intervêm as considerações moraes, espirituaes, philosophicas e racionaes a que se refere o senador Chiappelli, graças ás quaes chega-se á conclusão de que as personalidades espirituaes desincarnadas sobrevivem, persistem, evolvem-se, elevando-se sempre, e resultam por essencia immortaes.

A proposito de um outro argumento importante, o em que se contemplam as vantagens de uma sã propaganda metapsychica, o senador Chiappelli observa :

«Mas eu penso que tudo isso prejudica grandemente uma ordem tão fecunda de estudos. Como tambem prejudica não serem tratados esses estudos por homens serios e competentes como V. Excia., em periodicos de ampla diffusão. Emquanto permanecerem encerrados em periodicos technicos... não só o publico culto, como tambem a sciencia official os desconhecerá, ou será alheia, ou desconfiada . . . E' necessario romper todos esses circulos restrictivos : e na «Revue des Deux Mondes», na «Deutsche Rundschau», na «Nineteenth Century», na «Nuova Antologia», e que sei eu ! dar longas e minuciosas reproducções de todo esse precioso material de revelações espirituaes» . . .

São essas as observações do prof. Chiappelli, justissimas em si mesmas, tendentes a favorecer a divulgação da nova «sciencia da alma». Mas praticamente a empresa demonstra-se ardua, especialmente na Italia e na França. Está bem certo o prof. Chiappelli que si eu enviasse artigos de propaganda metapsychica á «Nuova Antologia», ou á «Revue des Deux Mondes», estas revistas acolheriam os artigos enviados ? Eu o duvido muito ; ao contrario, tenho por certo que a minha prosa iria inexoravelmente para a cesta. O ambiente não está maduro para tentarem-se empresas de tal natureza na Italia e na França ; e quando o ambiente está maduro, então não é preciso forçar a vontade dos dirigentes das grandes revistas, pois que em tal caso elles mesmos pedem, espontaneamente, artigos aos competentes sobre o thema que apaixona os leitores. E isso é o que se está dando presentemente na Inglaterra, onde as revistas scientificas, as revistas de variedades, e os jornaes politicos de grandissima circulação, solicitam dos competentes artigos desse genero, pois que estão certos que no publico em geral tem-se despertado um enorme interesse pelas novas pesquisas. E' preciso aguardar, portanto, que se realise uma situação analoga tambem na Italia ; mas eu receio que a espera seja um tanto longa.

Demais, sou e sempre fui um frio propagandista, pois que penso que para dedicar-se com seriedade de propositos ás novas pesquisas, é necessario possuir-se um fundo adequado de cultura geral, especialmente psychologica e philosophica ; sem o que corre-se o risco de perder-se no canal morto das superstições e do fanatismo, causando muito mais damno do que vantagem para a Verdade.

Temos ainda de nos referir a um importante argumento do meu illustre correspondente. Escreve elle :

«Em toda essa terminologia tão impropriamente dita «metapsychica», ou «parapsychica», ou «peripsychica» — como talvez conviria dizer — é tudo uma confusão de neologismos que parecem conceitos scientificos e não são. Por exemplo, essa «prosopopesi-metagnomia», que é um absurdo etymologico, e nada mais do que uma pretenciosa innovação verbal e pseudo-scientifica, para lançar poeira nos olhos dos ignorantes. V. Excia. fez muito bem em demonstrar-lhe o ridiculo que encerra... E si eu pudér, para o Congresso metapsychico de Paris, lhe remetterei algumas considerações sobre a necessidade de uma terminologia rigorosamente bem definida; afim de que a *metapsychica* não se converta em uma nova *metaphysica* abstracta, e uma nova escolastica . . .

Palavras sacrosantas; e si o prof. Chiappelli enviar ao Congresso de Paris uma sua Nota a respeito, fará obra verdadeiramente util para a causa. Pois que em metapsychica assiste-se a este edificante espectaculo, de que cada autor que publique um livro de natureza scientifica a respeito, acha-se no dever de cunhar uma duzia de neologismos inuteis no sentido a que elle os destina para substituirem outros neologismos já consagrados pelo uso; e, o que é peior, nota-se a respeito que os novissimos appellativos são inferiores aos antigos. Continuando-se nessa marcha, realizar-se-ão bem cedo em metapsychica as condições legendarias da Torre de Babel. Reconheço que entre numerosos neologismos empregados ha muito tempo, consagrados pelo uso e comprehendidos por todos, encontram-se alguns tão fundamentalmente errados do ponto de vista etymologico, que devem realmente cedo ou tarde ser substituidos; mas para fazel-o com autoridade e efficacia é necessario eleger-se uma commissão propria de competentes no assumpto; o que é precisamente uma tarefa pertencente aos Congressos scientificos; e é de esperar-se que no proximo, de Paris, chegue-se a resolver de uma vez para sempre uma questão que se vae tornando preoccupante para quem quer que se prepare para tratar de assumptos metapsychicos.

Termino citando estas magnificas considerações do eminente philosopho que me escreve. Observa elle:

«Estamos, talvez, proximo desta nova revelação espiritual do mundo, já promettida pelo Christo quando disse: «Depois de mim virá o espirito que vos dará confirmação». Mas é preciso ajudar essa revelação por todas as vias e de todos os modos; tambem desmascarando estes novos Simplicios da pseudo-sciencia, que resistem como o Simplicio do «Dialogo dos Systemas Maximos», até á evidencia das novas experiencias do Copernicanismo do mundo espiritual».

Comparticipo com o prof. Chiappelli da convicção de que se avisinha o grande dia em que os povos do mundo inteiro assistirão ao extrinsecar-se e ao systematizar-se de uma nova e grandiosa revelação espiritual, não antagonica, mas sim complementar da do Christo; a qual conduzirá á unificação de todas as religiões; o que preludiará a tão augurada confederação de todos os povos.

Comparticipo tambem da sua convicção de que é preciso ajudar por todos os modos o grande evento que se está madurecendo, tambem desmascarando sem demasiadas considerações aquelles novos Simplicios da pseudo-sciencia, os quaes se demonstram de tal modo obcecados pela ira de parte, que resistem á evidencia dos factos oppondo-lhes sophismas e recorrendo á insidia. Mas sobre este ultimo ponto eu acho que tenho sempre cumprido todo o meu dever.

Ernesto Bozzano.

PHILOSOPHIA DE BALLANCHE

Ha homens que não são de seu seculo, que estão muito além da existencia actual e que já participam da existencia futura da humanidade. As iniciações são successivas. O homem que está adiantado a seu seculo, mais cêdo entra na vida futura. Todos os destinos humanos são analogos entre si. Cada pessoa tem de alcançar o fim mais ou menos elevado segundo seu gráo de iniciação, mais differente do das outras.

Na terra ha uma escala de espiritos humanos, que se prolonga além desta vida, mas que é percorrida por todos, mais rapidamente uns, mais lentamente outros.

Todos temos a mesma herança.

BALLANCHE.

A SOLHA E O PASSARO

Fabula por Sir OLIVER LODGE

Uma solha solitaria, para aquecer-se, nadou até á borda de um lago escossez. Succedeu que por alli voava uma andorinha beijando a agua em seus vôos de vae-vem. O peixe abriu a bocca, pasmo com a extranha apparição, e murmurou comsigo mesmo : «Então, apesar de tudo, ha realmente coisas vivas lá encima ! Eu sempre pensei que poderia haver ; têm-se visto sombras e indicações ; os nossos melhores nadadores têm-se referido a alguma coisa. Mas é tudo mui fantastico e irreal ; o mais seguro é ficar-se firme lá no fundo. Podemos ter certeza pelo menos do lôdo e da areia como coisas positivas ; tudo mais é imaginação.» E quando de novo passou a andorinha, perguntou ella : «Que é você ? Tem barbatanas ?»

A andorinha respondeu concisamente : «Nós não nadamos, voamos», e como que respondendo a uma pergunta que não fôra enunciada, accrescentou : «E' realmente coisa muito semelhante, apenas é mais subtil, mais veloz e mais alegre. Nós temos pennas com as quaes vocês nem sonhar podem ; podemos voar muito alto, muito longe da terra e percorrer immensas distancias. Nem os seus melhores nadadores conhecem metade do que se póde conhecer».

Estupefacto, o peixe ficou silencioso por algum tempo, mas logo recobrou a sua presença de espirito habitual, e começou a responder eloquentemente e sem hesitação : «Isso é mesmo extraordinario ; realmente não temos acreditado na existencia de vocês. Alguns de nós dizem que é possivel voar, pelo menos por um breve tempo, e que elles têm vislumbrado nos seus vôos outras criaturas, mas é claro que se lhes não dá credito algum. Dizem que quando estão lá encima podem até enxergar para a frente de modo a poderem predizer a vinda desses grandes cascos escuros que em certas occasiões nos perturbam ; mas muitas vezes elles erram. Nós mantemos que o voar deve ser supprimido ; não permittiremos que nos enganem».

Ouvindo esta ultima confissão, a andorinha pairou um momento, e disse em um relance : «Vocês fariam muito bem em não se deixarem enganar, mas póde haver mais de uma especie de enganos. Estão vocês sempre vigilantes contra a auto-suggestão ? Vocês conhecem pouco de todas as glorias da existencia».

«E vocês conhecem todas ? — perguntou a solha tentando lançar a cabeça para fóra d'agua e suffocando-se nesse esforço. «Tudo é claro para vocês lá encima na sua liberdade de voadores ? Diga-me com que se parece o seu mundo ?»

«Não posso dizer», respondeu a andorinha ; «vocês não entenderiam. E' coisa semelhante ao seu mundo, apenas muito mais bello. Vocês tambem ahi em baixo têm coisas muito bellas, si as procurarem, ou si derem ouvidos aos seus melhores nadadores. Elles fallam de pedras brilhantes, de algas, de conchas ; mesmo as escamas de vocês são bellas. Mas nós... nós encontramos arvores, flores, fructos ; voamos por cima de montanhas gloriosas, e nos alegramos com os aguaceiros e com o brilho do sol, com o arco-iris e com o rocio, fazemos ninhos nos eirados e nas torres das igrejas . . .»

«Não sei de que está você fallando», interrompeu o peixe. «Que coisa desse mundo são igrejas ?»

«Ah ! ahi você quer mais do que eu sei», disse a andorinha. «Ha muita coisa que nós mesmos não sabemos. Não poderiamos dizer por que foram construidas ; são semelhantes a celleiros, mas têm mais frisos e bordas ; são um tanto differentes ; parecem representar uma vista do universo ainda mais alta do que mesmo a nossa».

«Hum !» disse a solha comsigo mesma quando a andorinha terminou o seu discurso. «Ella não nos póde dizer com que se parece o meio em que vive e quer cogitar de regiões ainda mais incomprehensiveis. Não ! é tudo muito vago e indefinido. Fazemos muito bem em não crer em coisa alguma além desta nossa patria. Si eu fosse dizer aos outros que os peixes voadores disseram alguma especie de verdade, ririam logo de mim. Melhor é nada dizer. E comtudo eu ainda tenho uma vaga lembrança de que na minha infancia eu nadava mais livremente . . . Mas ai ! aquelles raios morreram ; devo contentar-me com a luz commum do dia». Assim dizendo ella se foi afundando de novo, até mergulhar-se outra vez no lôdo.

Mas a experiencia não estava de todo perdida; a solha não podia deixar de fallar sozinha sobre o caso, apesar do desdêm dos seus semelhantes; e realmente ella se sentia mais feliz embora muito mais consciente da sua ignorancia do que o estava antes. Ainda se admirava, comtudo, por que o passaro não a tinha podido esclarecer melhor sobre a natureza do mundo além.

(De «Light»)

VOZ DIRECTA EM CHINEZ

A VOZ DE CONFUCIO

Notavel depoimento de um celebre orientalista

(*Da «LIGHT»*)

O Dr. Naville Whymant narrou no National Laboratory of Psychical Research, em 20 de Dezembro de 1927, a admiravel historia das suas palestras em sessões de voz directa com um communicante que se declara ser Confucio, o grande philosopho chinez que morreu no anno 479 antes de Christo.

O Dr. Whymant, como sabem muitos leitores de «Light», é uma das autoridades mais acatadas sobre historia, philosophia e litteratura antigas da China. Não só falla correntemente o chinez como é mestre em muitas linguas orientaes e europeias.

«Os antigos pioneiros», disse o Dr. Whymant nas suas notas preliminares, «que navegavam por mares ainda desconhecidos e voltavam á patria com historias de scenas e logares extraordinarios, ao chegarem, tinham um certo medo de exporem suas experiencias aos que tinham ficado em terra firme; presentiam com boa razão que os seus relatos poderiam ser desfigurados pelos commentarios dos scepticos caseiros que nunca aventuraram a travessia de um rio».

Elle proprio tinha sido marinheiro em extranho mar. As experiencias que elle ia relatar referiam-se ao seu primeiro encontro real com o que é geralmente chamado "materias psychicas". Na verdade elle já havia passado por esse assumpto no Oriente, mas lá tratava-se de influencias hypnoticas e outras manifestações mentaes, e elle ainda não havia explorado este lado da materia.

Quando estava na America, foi convidado para uma sessão com o medium Valiantine. Disseram-lhe que já se haviam manifestado vozes em inglez, dialectos inglezes, italiano, francez e outras linguas europeias. Não fôra convidado para julgar da evidencia. Os que o haviam convidado eram espiritas muito convencidos; tinham recebido, nas sessões, provas que achavam decisivas. Por exemplo, uma voz em portuguez havia fallado dando certa informação, bem como um nome e endereço; dirigida uma carta para esse endereço, a resposta veio confirmar o que havia sido dito pela voz.

Depois começaram a ouvir se vozes em linguas orientaes e nenhum dos assistentes podia interpretal-as. Por isso convidaram o Dr. Whymant a assistir ás sessões, na sua qualidade de philosopho e orientalista.

«Eu achei pouco divertido o convite», disse o conferencista, «porque, embora eu de modo algum fosse inimigo do espiritismo, nunca tinha tido tempo de estudal-o. Assim eu esperava por uma noite em que iria gozar um affrouxamento dos nervos. Eu antecipava que, depois de varias vozes terem fallado no escuro, alguem descobriria vestigios de alguma mystificação habilmente trabalhada, altamente engenhosa."

Assistiu devidamente á sessão; varias vozes fallaram em inglez sobre assumptos particulares com os membros da assembléa. Algumas das communicações eram tão intimas, disse o conferencista, "que eu me sentia envergonhado qual intruso, mas felizmente a escuridão cobria todos os rubores".

Depois veio o nome "Cristo di Angelo", pronunciado á moda italiana "Cristo di Ann'djelo", e seguiu-se uma communicação em italiano perfeito («eu posso reconhecer o italiano perfeito, embora não o possa fallar», accrescenta o conferencista). Traduzi a mensagem para uma das assistentes; era o seguinte: «Diga á distincta dama que ella não cumpriu a promessa feita a mim — de aprender bastante italiano para me fallar na minha propria lingua; ainda me está fallando em hespanhol, e isso me desagrada».

A dama reconheceu que não tinha podido cumprir a promessa, e depois a voz cahiu em um escuro dialecto que o Dr. Whymant verificou ser siciliano.

Então vieram mais e mais vozes em inglez. Repentinamente ouvio-se na treva um somzinho quebrado, crepitante, de magico, que me levou o pensamento immediatamente para a China. Era um som de flauta, pobremente executada, tal como se ouve nas ruas do paiz celeste, mas em nenhum outro logar. Depois seguiram-se em voz baixa mas muito audivel as palavras «K'ung-fu-T'zu».

O conferencista desejava deter-se sobre alguns pontos das palavras pronunciadas. «K'ung-fu-T'zu», a forma oriental de Confucio, é um titulo em vez de um nome; significa: «K'ung o-mestre-philosopho». A familia K'ung ainda existe na China, e descendentes do grande philosopho têm estado recebendo pensões do governo ha mais de dois mil annos. Pois bem, o méro facto de um communicante em uma sala escura pretender ser Confucio, em si mesmo nada tem de notavel, diz o Dr. Whymant, por se tratar do nome mais famoso da historia chineza, comquanto poucas pessoas, excepto os chinezes, poderiam pronuncial-o correctamente como foi pronunciado na sessão de Valiantine. Por exemplo, essa syllaba final, «T'zu», ou «T'ze», é extremamente difficil de se pronunciar. Não é «Tzi», nem «Tzu», é «Ts», um som absolutamente impossivel de se representar em inglez.

O Dr. Whymant comprehendia que quem estava fallando era um erudito chinez, pois que não somente a dicção, mas tambem a intonação chineza estava reproduzida correctamente.

«Perguntei eu: «Quem sois vós?». De novo a voz um tanto impaciente: «K'ung-fu-T'zu». A idéa de que poderia ser o proprio Confucio nunca me occorria. Eu tinha imaginado que poderia ser algum desejoso de discutir a vida e a philosophia do grande mestre chinez».

Determinado a tirar a limpo o caso, o Dr. Whymant disse em chinez, com as phrases cerimoniosas costumeiras: «Qual era o vosso nome pessoal?» A resposta foi «K'iu». O facto de o nome pessoal de Confucio ser «K'iu» é muito conhecido, pelo menos dos orientalistas, accrescentou o conferencista, de modo que essa prova, embora interessante, de modo algum era conclusiva. Por isso perguntou elle: «Qual era vosso nome popular aos quatorze annos?» A resposta veiu correcta, com intonação correcta — a informação era muito pouco conhecida e a voz então se referiu a certa passagem difficil dos classicos chinezes que havia sido escripta ou pelo menos editada por Confucio.

Uma prova notavel foi então applicada pelo Dr. Whymant. Explicou elle ao auditorio que entre os escriptos mais famosos do illustre philosopho, ha uma certa passagem que parece escripta incorrectamente, pois que a sua significação é obscura. O conferencista procurou obter informação com respeito a interpretação correcta desse trecho de escripta, acreditando que não representava as verdadeiras palavras de Confucio, mas que no correr das edições por escriptores subsequentes a significação tenha sido torcida. «Eu disse: — Entre os vossos escriptos ha uma passagem escripta errado; não deveria ser lida assim? — nesse ponto eu comecei a citar até onde eu sabia, isto é, até perto do fim da primeira linha. Immediatamente foram-me tomadas da bocca as palavras, e a passagem toda foi recitada em chinez, exactamente como está registrada nas palavras-modelo de referencia. Após uma pausa de uns quinze segundos, a passagem foi repetida novamente pela voz, desta vez com algumas alterações que lhe davam uma nova significação. «Lida assim», disse a voz, «não fica clara a significação?»

No fim dessa phrase, diz o conferencista, a voz se tornou rapida e finalmente foi *murchando* até desapparecer.

Em sessões subsequentes o Dr. Whymant continuou as conversações com a voz. Em certa occasião o communicante se referiu a «uma obra que tu fizeste para os mongoes».

Isso parecia referir-se a uma pequena grammatica que o Dr. Whymant havia publicado para os mongoes, a qual, todavia, tinha permanecido na obscuridade. «Eu não era conhecido como autor dessa obra». Em outra occasião, depois de ter estado ausente de uma sessão por motivo de doença, foi-lhe dada a noticia de que K'ung-fu-T'zu se havia manifestado, e havia tentado fallar inglez. Era um inglez encrespado, pedantesco, sem cadencia, mas conseguiu dar idéa de se achar o communicante contrariado com a ausencia do Dr. Whymant. Na sessão seguinte o Dr. Whymant estava presente; K'ung-fu-T'zu appareceu de novo, e, omittindo todas as expressões cerimoniosas, referiu-se á ausencia do conferencista, dizendo: «o joio da doença estava medrando junto de tua porta». O interessante desta phrase é que, embora seja ella encontrada na litteratura antiga, a metaphora não é mais empregada na conversação chineza moderna.

A voz que pretende ser de Confucio fallou em um dialecto que já não é usado na China. O conferencista não podia affirmar com segurança que essa fosse a lingua em que fallava Confucio ha 2400 annos. Não existe homem vivo que saiba exactamente como o chinez era fallado nesses remotos dias. Sabe-se como eram pronunciadas tres mil palavras mil annos depois de Confucio. «Isto é», diz o conferencista, «conhecemos-lhes os valores phoneticos. Até agora, porém, depois de vinte e cinco annos de pesquizas, ha sómente cerca de doze sons chinezes que sabemos com certeza como os pronunciavam os chinezes do tempo de Confucio. A voz ouvida pelo Dr. Whymant empregava esses sons archaicos.

Com respeito á passagem do texto de que a voz deu a leitura corrigida, o Dr. Whymant diz que mui poucos orientalistas achavam que se houvesse intromettido um erro, e só delles um fez tentativa com provavel significação. Esse orientalista publicou a suggestão de uma correcção, em forma de pamphleto que foi distribuido entre meia duzia de autoridades no assumpto. Mal se podia conceber que essa rara e curiosa peça scientifica houvesse chegado em New York, mas, accrescentou o conferencista, si admittirmos a idéa de fraude e suppuzermos a presença de um orientalista escondido para se manifestar como Confucio, deveria ser alguem de uma habilidade quasi superhumana. Só existiam seis orientalistas cujo conhecimento e dominio da lingua chineza seriam sufficientes para impressional-o com alguma idéa de authentecidade, e nenhum desses seis estava na America por essa occasião. Era assombrosamente difficil sustentar-se a theoria de fraude, comquanto o conferencista não estivesse preparado para considerar estabelecida a evidencia da presença real de Confucio. Elle não tem preconceitos pro nem contra a communicação de espiritos; todavia sentia como sendo seu dever expôr os factos á presença d'aquelles que deveriam ter conhecimento muito maior de assumptos psychicos do que elle proprio.

Na conferencia foi tocado um disco, uma das coisas mais preciosas que possúe o National Laboratory. E' o registo de uma voz que pretendia ser a de Confucio, obtido por Lord Charles Hope, em sua residencia, e gravado pela Columbia Gramophone Company, pelo telephone, nas suas officinas, a algumas milhas de distancia. Era uma experiencia curiosa escutar-se essa voz semelhante ao som de flauta, subindo e descendo, e por vezes cahindo em uma monotonia peculiar. O Dr. Whymant escutou a voz com grande attenção. O disco havia sido gravado em uma sessão de que elle estava ausente. Elle podia interpretar fragmentos, mas infelizmente a dicção havia ficado muito defeituosa no disco. Comtudo elle reconhecia um certo numero de intonações peculiares. Na lingua chineza, disse elle, os valores do timbre são de grande importancia. Não se estando ouvindo o que um chinez está realmente dizendo, póde-se conjecturar a significação pelas subidas e descidas da voz. Por exemplo, tres notas peculiares subindo a escala (o que o conferencista demonstrou) só podem significar uma unica coisa em chinez, isto é, «Entre».

Com respeito ao disco, elle poderia colligir a significação do discurso registrado, pelos valores tonicos, mas na ausencia de uma dicção bem registrada, elle achava melhor não tentar interpretal-o por meio da intonação, pois que poderia expor-se á critica por ser obra de simples conjecturas.

Embora não estejam estabelecidos ainda planos para futuras sessões, o conferencista espera poder organizar sessões com o Confucio real ou ficticio, nas quaes estejam presentes outros orientalistas e tambem um chinez. Elle deseja que a questão seja examinada, e nesse interim evita de formar juizo. Acha que se não devem formular juizos antes que a materia tenha sido exhaustivamente pesada e provada; mas cedendo a opiniões alheias, elle estava revelando a historia, para que outros melhor qualificados do que elle a pudessem estudar.

«Ahi está», disse o orador, «uma coisa que é um problema, e um problema que reclama solução».

⁂

Agradecendo ao Dr. Whymant a conferencia, o Sr. G. R. S. Mead, editor do «Quest», fallou das importantes provas feitas pelos investigadores psychicos afim de collocarem a fraude fóra de discussão. Essas provas são muito necessarias e frequentemente preparadas; e até já se tem dito que são preparadas demais. «Esta noite, comtudo, «disse o Sr. Mead, «fomos postos muito fóra de qualquer suggestão de embuste». Elle proprio tinha ouvido com o maximo interesse os delicados pontos de erudição expostos no curso da conferencia do Dr. Whymant Tinha sido exposto um caso extraordinariamente bom de communicação do outro lado da vida. Ha quem objectaria engenhosamente que se teria travado um dialogo entre o Dr. Whymant e o seu subconsciente. Todavia o orador estava preparado a considerar o facto como um caso genuino de communicação.

Seria realmente K'ung-fu-T'zu? Quem quer que fosse o communicante, havia demonstrado profunda erudição.

⁂

Agradecendo á assembléa pelo cordial voto de agradecimentos que lhe apresentou, o Dr. Whymant fallou das difficuldades que encontra o investigador psychico sério. E' necessario ser perito em tantos ramos do saber — anatomia, photographia, sciencias, linguas, etc.

⁂

O Sr. Harriy Price, em um discurso breve, frizou emphaticamente que Valiantine não é um erudito, mas um simples operario inteiramente desprovido de cultura academica.

A EXISTENCIA DO PERISPIRITO

O perispirito não é uma concepção philosophica imaginaria para dar conta dos factos; é um orgão, indispensavel á vida physica, que a experiencia fez conhecer.

E' estudando a materialisação dos Espiritos, que seu papel se revela e põe em relevo suas propriedades funccionaes. Esta descoberta explicou phenomenos que a sciencia registrava sem poder dar a sua explicação.

Esse molde do sêr, preexistindo a toda organisação, essa separação perpetua dos tecidos segundo regras fixas, essa ordem que não se desmente apesar das concessões successivas de novos elementos, essa evolução cuja lei domina durante toda a vida o conjuncto das transformações materiaes, de maneira a modificar profundamente as suas condições segundo a idade, tudo isso torna-se comprehensivel com a theoria espirita; sem ella, uma obscuridade impenetravel se estende sobre todos esses phenomenos que nos tocam de tão perto.

Se se admitte a existencia do perispirito, tudo se esclarece e se comprehende; a logica dos factos torna-se evidente, é uma explicação racional substituindo mysterio, é uma descoberta que nos faz dar mais um passo no conhecimento tão difficil de nós mesmos.

Gabriel DELANNE.

PHOTOGRAPHIAS DO INVISIVEL

— II —

Reproduzimos varias photographias de «extras« (figs. 5, 6, 7) que mostram semelhança com a pessoa quando viva, e os parentes declaram não existir photographia das ditas pessoas que se pareça ou esteja na mesma *pose* das obtidas em Crewe. A que se vê na fig. 5 é o resultado obtido pelo valoroso pioneiro do Espiritismo, Rev. Carlos Tweedale, que do seu pequeno vicariato de Yorkshire chama a igreja para o caminho que ella deveria seguir. O Sr. Tweedale foi á casa de Hope sem nenhuma combinação previa e obteve, como muitas vezes têm sido obtidos em visitas de surpresa, um excellente resultado. O rosto psychico é o do pae da sua esposa, cuja physionomia quando vivo fica mostrada na fig. 6, para os fins de comparação. O retrato é differente de qualquer outro em existencia.

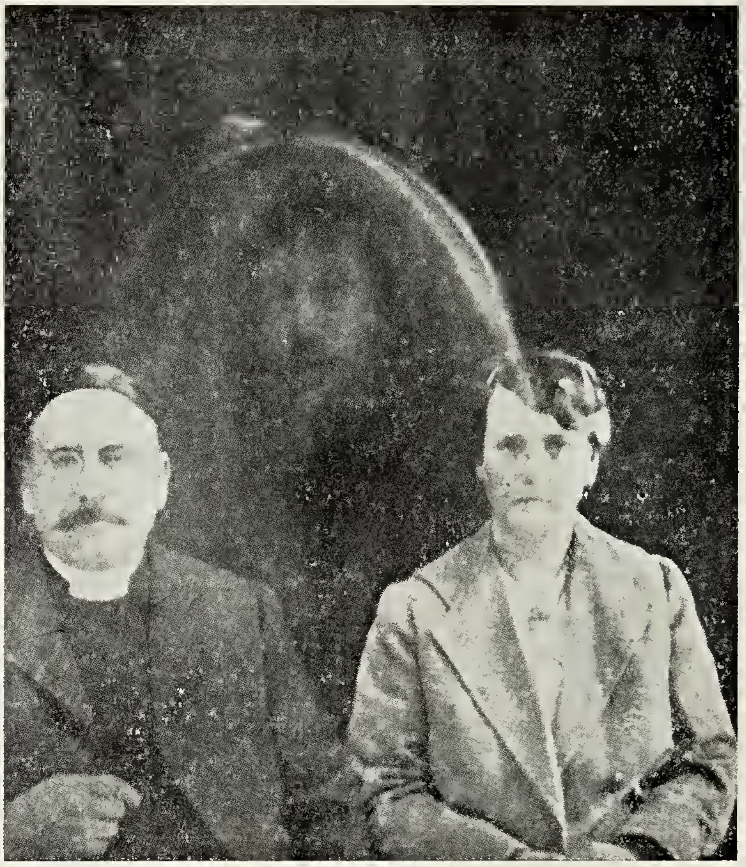

Fig. 5 — Rev. C. Tweedale e sua esposa, com a photographia psychica do pae da Sra. Tweedale.

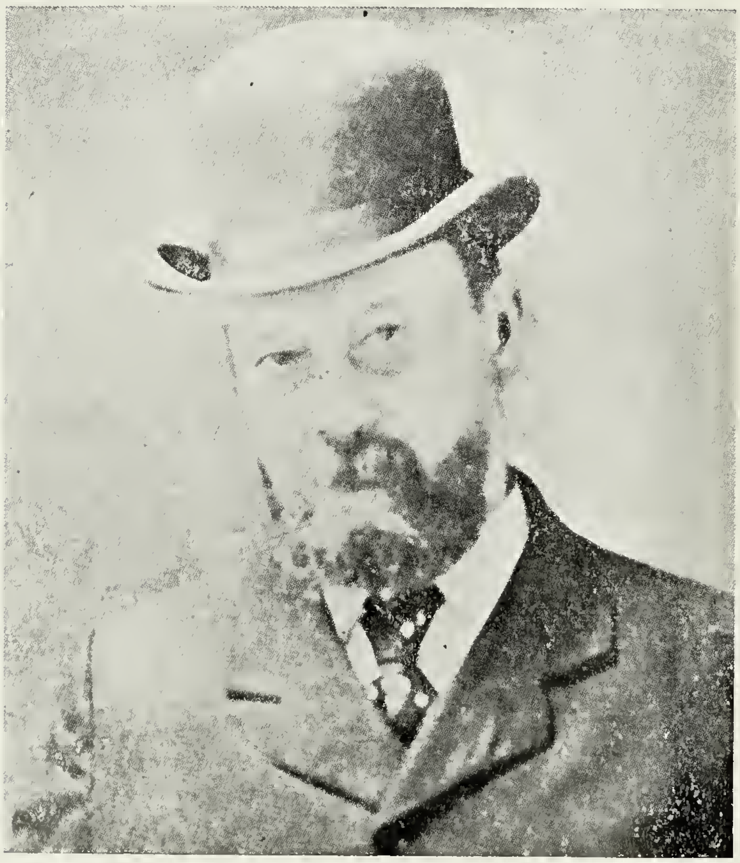

Fig. 6—Photographia do sr. Frank Burnett, pae da Sra. Tweedale—fallecido em 1913 — Compare-se com a fig. 5 que mostra o «extra» obtido 6 annos depois.

«Eu disse», continua o Sr. Doyle, «que algumas vezes os rostos psychicos são mais vivos e animados do que nas photographias tiradas em vida. Em apoio desta asserção eu apontaria a figura 7. O velho com um sorriso tão feliz é o pae da propria Sra. Buxton, então mui recentemente fallecido. Penso que mesmo os menos escrupulosos dos meus leitores contestem que uma filha seria capaz de commetter a blasphemia de falsificar o retrato do seu proprio pae fallecido, ainda mesmo que lhe fosse possivel obter um effeito tão vital».

A Sra. Buxton tem a mesma mediumnidade photographica e opera em collaboração com Hope.

Nas photographias psychicas apparece frequentemente um

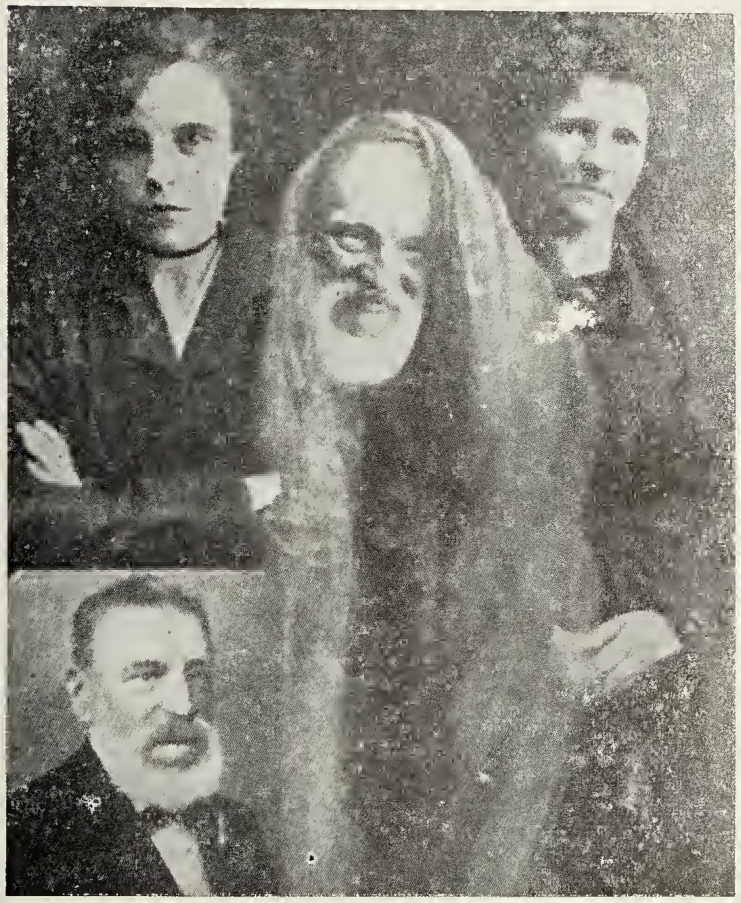

Fig. 7 — Photographia da Sra. Buxton, do Grupo de Crewe e da filha, e retrato psychico do pae da Sra. Buxton, differente de qualquer photographia deixada por elle. Em baixo, á esquerda, photographia normal do pae da Sra. Buxton em vida, para comparação.

véo do qual as suspeitas de fraude nunca deram uma explicação. O Snr. Doyle e outros investigadores que têm estudado detidamente o phenomeno presumem que seja parte do processo empregado pelos espiritos, coisa correspondente ao gabinete escuro que se emprega nas sessões de materialização, — um envolucro ou espaço fechado no qual as forças psychicas são geradas ou condensadas.

Esse véo ou nuvem não é peculiar somente ás photographias obtidas por Hope, existe em todos os mediums photographos; comtudo é de aspecto tão caracteristico o que apparece nas photographias de Hope, que se poderia facilmente separar um dentre cem de outros mediums, sem hesitação, segundo affirma o Snr. Doyle.

O Snr. Boyd, acatado preboste de um burgo escossez, em viagem pela Costa d'Africa Occidental, tirou uma chapa de um grupo de nativos, e appareceu na chapa um «extra» de uma mulher e uma criança (negras). Nesse «extra» surge de modo exaggerado o véo psychico. Logo, deve tratar-se de uma lei geral que tanto se revela em Crewe, como na ardente Costa do Ouro.

Outro typo differente de véo psychico encontra-se nos «extras» obtidos por um amigo do Snr. Doyle, um photographo amador.

O autor lamenta que os competentes não estudem com a attenção que merecem esses aspectos positivos do phenomeno, e pareçam dedicar todo o seu tempo aos casos negativos. Desse modo retardam o progresso dessa nova sciencia, comquanto a verdade te-

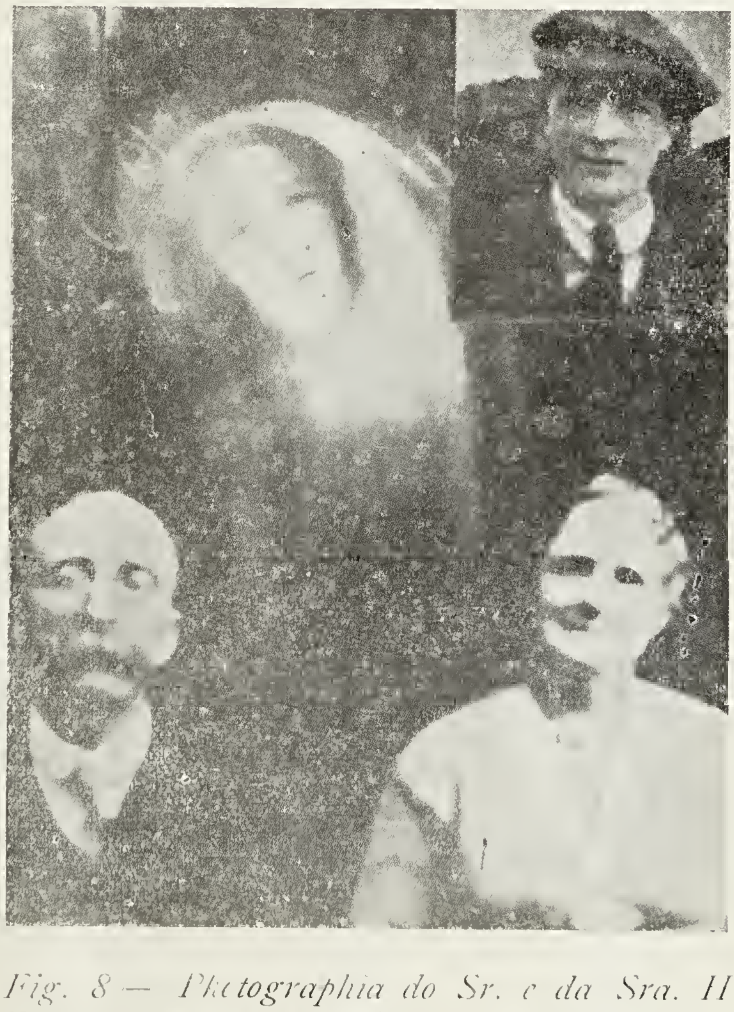

Fig. 8 — Photographia do Sr. e da Sra. H. East, com retrato psychico do seu filho, obtido em uma visita de surpreza a Crewe, Ao alto, á direita, photographia normal, reprodusida para comparação.

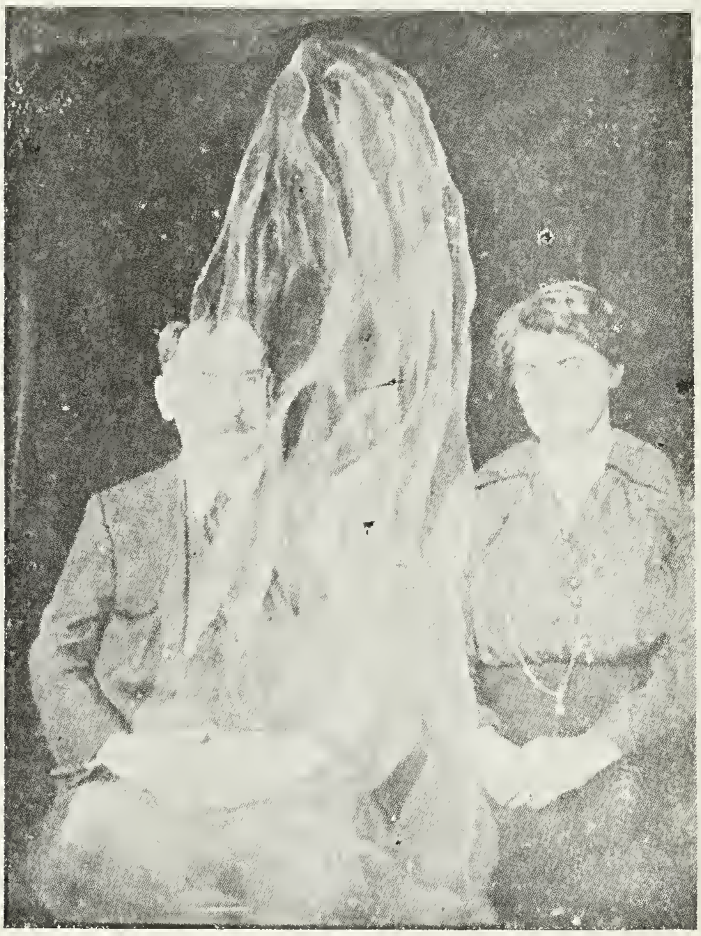

Fig. 9 — Photographia do Sr. William Jeffrey e sua filha, apparecendo um véo ectoplasmico em forma de sacco ainda vasio.

nha sempre de prevalecer.

Nas figuras 9 e 10, de resultados obtidos pelo sr. Jeffrey, de Glasgow, parece bem demonstrada a hypothese de formarem os espiritos um espaço limitado, comparavel ao gabinete escuro nas sessões de materialização. O autor frisa que o Snr. Jeffrey é presidente da Sociedade Escosseza de Magicos, e, portanto, o ultima pessoa a se deixar enganar em um embuste. Parece que a primeira exposição foi feita demasiado cêdo (fig. 9) achando-se, por assim dizer, o *gabinete* ainda vasio. Só na segunda exposição (fig. 10) tudo estava preparado para o retrato, e então o rosto da fallecida esposa do Snr. Jeffrey apparece em uma abertura feita a proposito nesse *gabinete* ou antes nesse *sacco* ectoplasmico.

Não sabemos se teria havido precipitação em fazer-se a exposição, como presume o autor nas linhas acima, ou si, mais provavelmente, os Guias teriam deixado vasio o *gabinete* para nos demonstrarem o processo que empregam. A segunda exposição foi feita immediatamente depois da primeira.

No terceiro capitulo o autor chega á seguinte conclusão: «Cada um destes casos que dei é expressivo por si mesmo, e o seu effeito cumulativo deveria ser esmagador. São escolhidos em uma grande quantidade que eu poderia fornecer, mas a repetição não traria proveito, porque si os citados não convencerem o leitor, então elle está seguramente fóra do alcance da convicção»...

G. B.

—

A Revista Internacional do Espiritismo não poupará esforços para tornar conhecidos dos leitores todos esses interessantes factos que se vão verificando no extrangeiro e são outros tantos elementos basilares do templo da Immortalidade que estamos edificando.

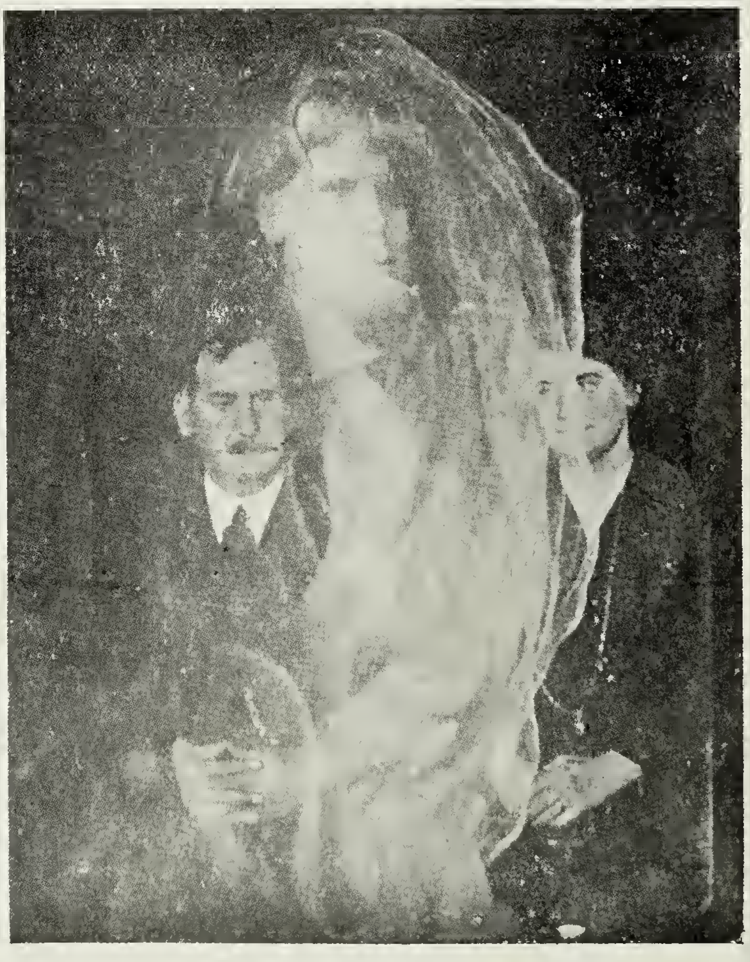

Fig. 10 — Photographia tomada immediatamente depois da precedente (fig. 9). A pose é perfeitamente a mesma, mas o véo ectoplasmico já se abre para deixar vêr um excellente retrato (um pouco deformado) da fallecida esposa de Jeffrey

As Materialisações de Algeria

(Continuação)

Terça-feira, 22 de Agosto

As mesmas precauções tomadas quanto a sala; os mesmos assistentes, mas não houve materialisação total.

No principio da sessão sendo a senhora ingleza chamada ao gabinete, por uma voz que parecia provir da garganta de Ninon, entra ella para dentro das cortinas e declara ter visto Bien Boa e ter-lhe ouvido a voz.

Essa senhora segurava os joelhos do medium.

Não se tendo produzido nada de interessante, apesar d'uma espera bastante longa, levantou-se a sessão.

Quinta-feira, 24 de Agosto

Hoje uma bella sessão ás 4 da tarde. Inspecção da sala por M. Richet e por mim.

Os mediums são Martha e Aïcha. Os assistentes tomam o lugar do costume; a luz é bôa. Faz-se a prece. Estão preparadas tres machinas photographicas, duas stereospicas e uma Kodac. Podem pois obter-se cinco imagens por cada jacto de luz de magnesium. As posições são taes, que eu posso photographar o phantasma quasi de perfil, se elle apparece como costuma. M. Richet o terá a tres quartos e a senhora ingleza de frente. Para a luz emprega-se o magnesium chlorotado.

A inflammação de mistura do magnesium com o chlorato de potassium é determinada por um grão de fulminato, que se faz partir por meio de uma haste de ferro servida d'uma mola, sendo esta accionada pela pressão n'uma bola ou pêra de caoutchouc. Os preparativos exigem muito cuidado, sem o que nos expômos a erros sérios.

Faz-se a prece e Mme. Noel magnetiza fortemente os dois mediums, dando-lhes a suggestão de dormirem profundamente. Canta-se. Ao fim de dez minutos, uma voz bastante fraca, cujo timbre se não pode distinguir, chama a senhora ingleza ao gabinete.

Assim o faz. Copio textualmente os apontamentos que ella me entregou.

Sessão de quinta-feira, 24 de Agosto de 1905. Nota fornecida.

«Uma voz chama-me do gabinete. Quando ahi entro, julgo ver uma forma nevoenta, vaporosa, indistincta á direita de Martha. Uma voz me falla, dando-me a impressão de vir ora do meu lado esquerdo, ora da frente, mas afastada de Martha.

(Seguro os dois braços de Martha e os dois de Aïcha; os mediums estão immoveis).

A voz me diz: Hoje não se deve tirar a photographia, mas quero photographar-me e será na vez proxima, sabbado. E' preciso observar as mesmas condições de hoje e tereis da primeira vez o meu retrato.

«Sinto dois dedos d'uma mão tocar-me levemente sobre a cabeça. Peço que uma mão repouse na minha cabeça e logo sinto uma mão passar-me na cabeça continuando eu a segurar as mãos dos mediums».

Depois a senhora ingleza volta ao seu lugar, contando-nos o que lhe disseram, e fez-se a promessa de não empregar as machinas.

De novo se entoam diversos cantos. Depois de meia hora approximada de espera, agitam-se as cortinas e correm para ambos os lados, descobrindo o interior do gabinete. Biem Boa apparece, envolvido na parte esquerda da cortina. N'este momento vejo *muito distinctamente* Martha e Aïda, inteiras, desde a cabeça até aos pés. As mãos descançam sobre os joelhos e são nitidamente perceptiveis.

N'essa occasião vemos, pois, ao mesmo tempo os dois mediums e Bien Boa, pois que desprendeu-se das cortinas e é visto completamente ao lado esquerdo de Martha.

Sua estatura é bastante elevada; a cabeça ultrapassa a parte inferior do baldaquino. A tez é bastante branca, bigode castanho escuro, um tanto comprido; turbante na cabeça e roupagens que são d'uma brancura fulgurante.

Mme. Noel approxima-se das cortinas para ser abraçada pela apparição.

Bien Boa da-lhe um primeiro beijo, e logo um outro, ouvindo nós todos distinctamente o som dos labios.

Depois o phantasma entra na parte mais escura do gabinete, a esquerda, como para tomar forças.

Durante todo este tempo, as cortinas teem estado aberta e os mediums visiveis.

Decorrido um instante, Bien Boa sahe da sombra e mostra-se na parte illuminada. Então diminue tres vezes de estatura, como nas sessões precedentes, até que a cabeça fica ao nivel do chão, em que desapparece sem deixar vestigios.

A reconstituição do phantasma faz-se a esquerda, na parte obscura. A desmaterialisação e reconstituição gastam alguns segundos.

D'uma vez o phantasma inclinou-se graciosamente deante de nós, como para nos saudar, e todavia as cortinas não se mexeram, estando os mediums sempre visiveis.

Depois de passar para o lado esquerdo, Bien Boa ainda se mostra e com a mão envia beijos á senhora ingleza. Durante todo este tempo vejo perfeitamente os mediums. A senhora ingleza pergunta se tambem póde ser abraçada. A um signal affirmativo do phantasma ella dirige-se á abertura das cortinas e o espirito beija-a na face.

Eis a impressão resentida por essa senhora :

«Quando Bien Boa me dava um beijo, sentia os labios, quentes, humidos e os bigodes de uma pessoa viva...»

A apparição ainda se mostra uma vez, inteira, e em seguida desapparece definitivamente, depois de ter fechado as cortinas; e quasi immediatamente a sessão termina.

Nunca eu observei tão bem a presença simultanea da apparição e dos mediums. O gabinete das materialisações ficou aberto por muito tempo e a vista dos mediums, emquanto o phantasma desapparecia no pavimento, torna impossivel a supposição de fraude.

Talvez na sessão proxima possamos photographar a apparição ; esperamos que tudo correrá bem».

Gabriel Delanne.

(Continúa)

A felicidade de ser Espirita

(A revista New-Yorkina «Immortality» traz sempre na «Pagina de Arthur Ford» lindas idéas acerca de Espiritismo. A seguir vamos dar traducção de parte de uma dessas «Paginas»).

«Eu não tenho levado vida triste. Este mundo tem sido muito bom para mim. Mór parte das alegrias communs eu tenho experimentado. Conheço o luar dos tropicos ; tenho sentido a alma estremecer-se-me ao contemplar o pôr do sol no cimo das montanhas vestidas de neve ; conheço as doces alegrias de um lar tranquillo. Sou joven, tenho amado e sido amado, e estou prompto a declarar que não conheço alegria comparavel á comprehensão da verdade espiritualista. Traz uma alegria que se não assemelha a nenhuma outra que a vida possa proporcionar ; diante della murcham-se todas as outras. Naturalmente isso não é um argumento — não é um argumento logico ou formal, mas eu acho que deve ser o unico que realmente convence. Argumentação de uma experiencia viva contra a qual as ondas da logica pura e da razão fria quebram-se em vão. É difficil provar e analysar essa experiencia em si mesmo ou nos outros ; tantos e tão variados elementos entram em combinação. Mas certamente significa mais do que a simples convicção de que a alma sobrevive á morte. Não nos traz somente a mensagem de uma vida mais longa ; traz egualmente a convicção de uma nova especie de vida. E que vida ! Todo temor e limitação desapparecem ; a liberdade e a coragem enthronizadas no coração. A belleza e a suprema ventura reveladas como herança inalienavel de todo filho de Deus.

O verdadeiro espirita não teme cousa alguma senão o tornar-se escravo de coisas mesquinhas e pensamentos reprovaveis. Apprehende o rythmo do universo e marcha com os espiritos libertos que palmilham os aureos caminhos de Deus. Sabe que toda belleza, que todas as coisas creadas estão aqui para usarem e serem usadas. Aurora boreal e pôr do sol, montanhas coroadas de neve e o velho mar, ulmeiros e gencianas franjadas, vidoeiros brancos contra fundo verde negro, resaca dos dias de vento — nenhuma dessas cousas menospresa elle, porque expressam a mesma vida de que elle é uma parte.

E os grandes espiritos que libertaram a humanidade de muita coisa feia e escravisadora; esses por meio dos quaes o sol do amor divino brilhou sobre nós, tornam-se para elle não somente personagens historicas, mas antes reaes amigos e companheiros na jornada. Não somente lê sobre elles, como mantem com elles conversação elevada e santa. Torna-se grande em espirito, porque vive em estreita communhão com os que já não estão chumbados ás convenções terrestres; nutre profunda compaixão pelos que se limitam apenas ao mundo physico.

Nos fastos da Igreja Catholica

Phenomenos Espiritas

Leia-se: *A estigmatisação, o extase divino e os milagres de Lourdes*, pelo doutor Imbert-Gourbeyre (1), e por elle podereis notar analogias de maximo interesse entre certos phenomenos mencionados nos annaes da mystica christã e os que o espiritismo vai frequentemente registrando e cogitareis:

Que dirá o catholico habituado a suppôr que todas vezes que uma pancada mysteriosa resôa, é por ministerio da alma penada ou do demonio, e souber que muito depois da morte de Sta. Theresa as caracteristicas pancadinhas foram batidas no vaso que contem o seu coração (T. I. p. 168), e que outras bem distinctas se faziam ouvir no tumulo da bemaventurada Eustochium, quando uma religiosa «do nosso mosteiro» devia morrer, o que bem averiguado não impediu Pio VII de approvar o seu culto (p. 111)?

Si é verdade que a frequencia dos extases os tornam suspeitos *a priori*, que dizer de Osanna de Mantua, que por essa causa, temia apparecer nas reuniões dos terciarios dominicanos?

Quão frequentes eram os de Anna-Maria Taigi, que cahia em extase (transe) na mesa ou mesmo quando varrendo o seu humilde aposento (p. 117 e 462)!

Os milagres de multiplicação de insectos e de moedas de prata, que operava o cura d'Ars (2), porque não hão de ser os *factos de apport* tantas vezes relatados (p. 97 a 101)?

Recommendamos aos amigos *hyperchimicos* a historia de Sta. Coleta de Gaud, que recebeu dos anjos um annel de ouro, uma cruz do mesmo metal e quinhentos escudos para a construcção do mosteiro de Auxonne (p. 101).

O que dirão elles quando souberem que houve creanças com o dom de escrever sem jamais aprenderem a pegar na penna. Maria Escobar fez assim escrever uma das suas pupillas. Lucia Gonçalez viu apparecer-lhe S. Thomaz de Aquino, que a ensinou a lêr, e depois S. José do Cupertino, ordenou-lhe de pedir a graça de poder, no que foi favorecida (p. 235, 272).

E si considerarem, com juizo são, que o desabrochar de flôres em pleno inverno, o que foi constatado, (p. 253) é

---

(1) —, 2 vol. in—8. Viet et Amat, 1895.

(2)—, *O cura d'Ars, foi J. B. Vianey.*

mais extraordinario que um *facto de materialisação*, terão dado um passo para a frente.

O confessor de Maria Ock observou uma alma do purgatorio que apparecia, por intermedio da religiosa, incitando-a a denunciar os motivos que a detinham nas chammas e o tempo que ella alli estava ; obrigava-a a fazer actos de adoração á Santissima Trindade, ao Verbo incarnado; a pronunciar as palavras : *Verbum caro factum est:* a adorar a justiça de Deus sobre ella mesma, a tomar agua benta, a accender cirios, a fazer a confissão dos crimes (p. 345).

Um dos confessores da estigmatisada, Veronica Giuliani, cuja chaga do lado se havia fechado, ordenou-lhe *mentalmente* de reabrir-se e que novamente se tornasse a fechar deante de testemunhas, quando elle ordenasse, e que a paciente soffresse, á sua vontade a Paixão, ficando suspensa no ar ; sendo em tudo obedecido, (p. 373) e declara que é coisa differente do poder dos magnetisadores.

Geraldo Magella obedecia a distancia ás ordens de seus superiores, (p. 418). Este Magella teve os dons da invisibilidade e da bilocação.

Francisca Barthel, (em 1842) foi conduzida por seu anjo ao purgatorio ; o corpo ficou immovel; a respiração parou ; o pulso não batia sinão mui fracamente ; depois o corpo vivamente agitado parecia passar pelos mais terriveis soffrimentos (pag. 535).

⁂

Os leitores desta Revista julgarão por estas curtas citações o interesse que apresenta esta obra magistral para quem estuda o espiritismo e quer manter relações com o Além.

Dr. Joaquim Branco

Chronica Extrangeira

IDENTIFICAÇÃO PELA PHOTOGRAPHIA

The Two Worlds publicou o seguinte communicado do sr. T. Pearson-Hattwhistle, muito digno de registro nos annaes espiritas :

Em 2 de agosto ultimo, apresentei-me ao sr. Hope (1) sem previo aviso, recebendo-me elle com grande amabilidade ; conduziu-me á presença da sra. Buxton, (2) que com igual afabilidade me permittiu uma experiencia.

Fui então a uma grande casa de optica e comprei uma caixa de placas, as quaes foram por mim mesmo manipuladas durante toda a experiencia. Duas negativas foram expostas e, depois de revelal-as e fixal-as, o que fiz emquanto o sr. Hope mantinha a luz vermelha no quarto escuro, apparecendo então um «extra» ou photographia espirita ou psychica de um senhor com barba.

Não o reconheci. Quando recebi as copias pelo correio, uns dias depois, tão pouco reconheci as imagens.

A 30 de agosto tive em minha casa uma sessão com a prancheta e no correr da sessão perguntei a «Tommy Hall», morto na guerra e que se apresentava amiudadas vezes nestas sessões, se não conhecia esse cavalheiro que appareceu na chapa, affirmando elle : «Sim». Por essa occasião entrou na sala das sessões meu amigo sr. James Young, e a prancheta disse : «James tambem o conhece».

Pergunta : — «Elle está aqui ?»

— Tommy respondeu : — «Sim».

— «Poderia dar-nos seu nome ?»

— Tommy : «Disse chamar-se «Oaky Now», vocês saberão o que quer dizer. Parece ser um homem bom».

Nesse momento entrou na sessão uma nossa amiga, a srta. Lizzie, que reside em Oakey Knowe. Minha esposa tendo uma das copias photographicas de «Oaky«, perguntou a Lizzie se sabia quem era. Lizzie, depois de examinal-a um momento, disse : «Sim, é o sr. Forster». Ella não sabia o que se acabava de receber pela prancheta.

Perguntei : «Não escreveria ?»

— Tommy :—«Disse que agora não.

—« Talvez uma mensagem aos seus amigos fosse de utilidade», disse eu.

—Tommy: —«Disse que a photographia é a mensagem».

- Respondi : «Sim, mas uma mensagem só para dizer que não morreu».

— Tommy : «Não só não está morto, mas está bem vivo».

— Perguntei : «Está aqui o sr. Forster ?»

— Tommy : «Sim».

— Lizzie, perguntou : «Está presente a Sta. Brown ?»

— Tommy : «E' uma sta. de aspecto robusto e pequena ?»

— Lizzie : «Sim».

— Tommy : «Não tão bonita como você» — Isto é verdade, disse eu.

Tommy : «Muito bôa evidencia esta. Não ha lugar para engano. Pode se ser sceptico como for mas não se destruirá a prova dessa photographia ; todo o argumento do mundo não alterará o facto ; estou muito satisfeito que seja alguem que voces conhecem».

— Então Lizzie disse : «O rosto do sr. Forster parece mais delgado do que quando o conheci ha annos. Será devido aos seus sofrimentos ?

— Tommy : «Differençou alguma cousa desde o seu fallecimento, mas a imagem é a mesma que era».

O sr Forster era natural deste districto e foi educado nos trabalhos ruraes. Um irmão d'elle que tinha um negocio de fazendas, morreu, e o sr. Forster dirigia o negocio sem abandonar sua lavoura. Vivia em uma chacara chamada Oakey Knowe. Ha uns tres annos retirou-se e foi morar com um seu irmão em Leicester, untamente com sua esposa e cunhada, a rta. Brown, professora aposentada. A sra. de Forster e sua irmã eram ambas baixas e fortes. O sr. Forster foi por varios nnos, membro do Conselho do Districto era muito estimado.

Pouco depois de ter-se mudado para Leicester, a srta. Brown morreu, fallecendo alguns mezes após a sra. Forster.

Eu o conheci, mas poucas relações ve com elle, nunca pensei que elle appareceria num «extra» na placa photographica. Seu socio commercial e outros amigos seus sabendo do facto, reconheceram-n'o immediatamente na photo-psychica.

Por ultimo direi que jamais eu havia visto o sr. Hope e a sra. Buxton e que o sr. Forster era a pessoa em quem menos podia pensar no momento de realisar esta notavel prova de photographia transcendental. Accresce que eu mesmo manipulei as duas chapas, do começo ao fim da operação e vi no negativo a imagem bem clara de um «extra» com barba. Este «extra» é uma boa photographia do sr. Forster, como foi testemunhada por muitos dos seus velhos amigos».

1) — Medium inglez de photographia psychica.

2) — Tambem medium de photographia.

UM ESPIRITO EXERCENDO A MEDICINA

A *Revue Spirite* publicou a seguinte carta, que por acharmos de interesse, passamos para estas columnas.

— «Nosso amavel correspondente de Tepic (Mexico), o sr. Juan Gamboa, enviou nos um exemplar do jornal *El Hispano Americano*, que se publica em San Diego, (California) datado de 19 de outubro de 1927.

Lemos ahi uma noticia extremamente interessante que faz com que os curadores espiritas tenham confiança no futuro.

O sr. M. J. Refugio Quintero, medium curador, acaba de obter do *Departamento Sanitario*, do Mexico, autorisação exepcional para exercer a medicina n'esta cidade, em condições que merecem menção.

O sr. Macias, com quarenta annos de idade, robusto e intelligente, mas de pouca instrucção, tinha a muito tempo um armazem para venda de bebidas em Guadalajara. Ha pouco tempo abandonou esse ramo de commercio para se occupar de politica.

Foi então que suas faculdades mediumnicas foram observadas e lhe foi confiado um gabinete de consultas na sociedade de Estudos Psycho-physiologicos, rua Prom, 67, Mexico.

No estado de somno mediumnico, o sr. Macias manifestou conhecimentos medicos superiores, dedicando-se especialmente a tratar os casos desesperadores, abandonados pelos medicos, obtendo curas maravilhosas.

O sr. Macias incorpora uma entidade que diz ser o Dr. Jean-Martin Charcot, da Salpetrière, morto em 1893. Os membros da Sociedade de Psycho-physiologia empregaram toda a pesquiza para verificar a fraude, mas o sr. Macias narra todos os symptomas dos pacientes, indica mesmo a porcentagem de glucose das urinas dum diabetico antes de toda a analyse; applica seus remedios com admiravel certeza e obtém curas totaes, muito rapidas, com admiração dos especialistas.

Quando recusa examinar um doente, é porque este está ás portas do tumulo e nenhuma força humana consegue salvar. A entidade Dr. Charcot emprega unicamente os methodos classicos da medicina, mas com uma grande sabedoria e uma certeza que nenhum sabio da terra seria capaz de possuir.

A attenção dos medicos da cidade tendo se voltado para as faculdades medicas involuntarias do sr. Macias, este foi denunciado ao Departamento Sanitario.

Este organismo official acaba, pela segunda vez, de se pronunciar sobre o caso, reconhecendo que a medicação prescripta é perfeitamente classica e as curas são reaes, motivo pelo qual deliberou conceder ao sr. Macias um titulo excepcional para o exercicio da medicina.

A importancia deste precedente não escapará aos mediums curadores europeus e aos advogados chamados para defendel-os contra a accusação do exercicio da medicina.

O espirito de logica que presidiu a decisão do Departamento Sanitario do Mexico, honra a America latina. Esperamos que elle tenha uma feliz repercussão sobre a opinião do corpo medico, na França principalmente e que a defeza dos curadores espiritas, mediums e magnetisadores encontre um apoio precioso no caso do sr. Macias Quintero.

Jean Gattefossé».

CASAS ASSOMBRADAS E A JURISPRUDENCIA

A Jurisprudencia italiana acaba de se occupar de um caso interessante em que o locatario de uma «casa assombrada» pediu a annulação do contracto de locação.

Eis o texto abreviado da sentença pronunciada pelo Pretorio de Pomigliano, na Italia, no «Caso Cutinelli contra Tommasini» conforme publicou «Luce e Ombra» :

— «Por acto de 24 de agosto 1926, renovado a 12 de outubro, Mme. Maria Cutinelli accusa o sr. Giuseppe Tommasini de ter recusado, desde o começo, a pagamento de uma casa que a este havia alugado por 140 liras mensaes. Ella reclama a importancia total e pede o despejo do locatario. Na audiencia marcada para os debates, o advogado de Tommasini declara ser publico e notorio que a casa habitada pelo seu constituinte é assombrada, o que motiva o pedido de recisão do contracto.»

O juiz faz notar que a questão não é nova na jurisprudencia.

Em todos os tempos a humanidade tem se occupado com semelhantes manifestações de phenomenos espiritas. A sciencia tem tratado d'elles atravéz das edades e em todos os paizes. Desde os tempos mais remotos, todos os povos — gregos, egypcios, hebreus e outros — têm observado o culto dos espiritos, porque elles estavam convictos da sobrevivencia e do aperfeiçoamento da alma. E' assim que os Romanos acreditavam nos genios protectores e tinham o culto dos deuses dos lares. Annualmente offereciam um banquete sumptuoso, chamado o *silicernium*, em honra dos parentes e amigos mortos. A edade media foi testemunho de numerosos phenomenos extraordinarios devidos ás forças invisiveis, segundo se verifica da volumosa litteratura repleta de extranhas aventuras e notadamente de debates de processos intentados contra os proprietarios de casas assombradas.

Grandes juristas têm tratado d'esta questão e entre estes tratados notamos o *Dissertatio de rescissione contractus locati ob metum spectrorum* do Cardeal Romanus, o *De jure spectrorum No 26* de Styrius, para não citar senão os mais conhecidos. Alem disso innumeros são os julgamentos dados a favor dos locatarios de casas assombradas, sobretudo no antigo reino de Napoles e na Hespanha. O codigo civil italiano estabelece, de facto, as clausulas principaes do contracto de locação, estipulando «que o proprietario tem de garantir o gozo pacifico por todo o tempo da locação, isto é a tranquilidade de espirito, a paz e a calma que devem existir no santuario da familia. Quando uma casa é invadida por espectros de demonios, de animaes, de monstros, de fadas ; quando seres invisiveis invadem-n'a dando gritos e fazendo ruidos, sobretudo á noite ; quando movimentam objectos ou atacam os locatarios, ou atiram pedras ou outros objectos, a paz e o repouso deixam de existir. Kant, o celebre philosopho, dizia a este respeito que não se julgava autorisado a regeitar as historias de fantasmas, porque um só facto improvavel não poderia invalidar innumeros testemunhos concordantes que se reunem para testemunhar essa crença.

O magistrado conclúe a sua sentença dizendo que, no caso presente, a recisão do contracto é inevitavel e que ella deve ser considerada como uma consequencia fatal retumbante sobre o proprietario.

Em vista do que o julgamento foi pronunciado : *a)* considerando que a casa alugada para defesa, Cutinelli, ao queixoso Tommasini, é assombrada pelos espiritos ; *b)* que estes causam grande perturbação aos moradores da casa, si bem que o precedente locatario viu-se constrangido a abandonar antes de vencido o contracto ; — *c)* que Tommasini ignorava este facto na occasião de tomar posse da morada; nós, juiz de Pomigliano d'Arco, declaramos o presente contracto nullo e como si não tivesse sido lavrado».

AUXILIO ESPIRITUAL

Um correspondente do «Yorkshire Observer», sr. Robert Alsop Milner, falando da telepathia, narra como, em 1874, Miss Chandos Leigh Hunt foi designada pela Liga anti-vaccinica de Keighley a tomar a palavra em uma serie de meetings organisados em Keighley, onde ella era completamente extranha.

Indo directamente a um grande meeting, Miss Hunt estava assentada atraz do sr. Milner, que nessa occasião falou durante tres horas ; elles não se encontraram senão por occasião da ceia.

«Logo que ella me foi apresentada, diz o sr. Milner, perguntou-me : «Quem era o moço que se achava ao vosso lado vos inspirando ? Eu vi a inspiração vir d'elle para vós, durante todo o maravilhoso meeting».

E ella descreveu-me exactamente meu unico irmão já fallecido, Thomaz Milner, de Perinth e Carlisle, muito conhecido ahi com o nome do Martyr, de 27 andos e morto ha pouco em penosas circumstancias».

PREMONIÇÕES E PRESENTIMENTOS

Em «Light» lê-se :

«De um artigo sobre ‹As Premonições e os Presentimentos», de James Douglas, no ‹Sunday Express›, eis aqui dois paragraphos que dão a pensar :

— «Ha uma vasta litteratura concernente ás Premonições e os Presentimentos. Varios casos são todos os dias registados no jornal da «Society for Psychical Research». Cita-se, por exemplo, o caso da mãe de Edinburgh que mandou sua filha brincar no «jardim», situado entre o caminho de ferro e o mar.

‹Uma voz interior disse-lhe : Buscai vossa filha já, porque algo de desagradavel vai se dar›.

Ella chamou a filha e assim salvou-lhe a vida, porque uma locomotiva saltou dos trilhos, bateu nos paredões e foi se quebrar contra os rochedos onde a menina tinha por costume sentar-se›.

MÃOS PHANTOMAES

A «*Gazzetta di Puglia*» publica a seguinte informação que «*The International Psychic Gazette*» reproduziu :

Na pequena aldeia de Groset, na provincia de Aosta, um pobre operario tuberculoso, sentindo-se perto da morte, pediu á familia que, logo que elle expirasse, destruisse todo o fato e roupa do seu uso para não contagiar outras pessoas.

Os parentes não cumpriram a sua ultima vontade e guardaram tudo.

Cerca de um anno depois, foi vista

uma mão fluidica projectar-se fora do seu retrato, que estava suspenso na parede do quarto mortuario e que tentava apoderar-se das roupas do leito em que o operario tinha morrido.

Os parentes aterrados por este estranho phenómeno chamaram pelos vizinhos que tambem viram esta mão espectral.

O illustre chronista da «*Internacional Psychic Gazette*» relembra um facto analogo referido pela «Luce e Ombra» em 1907. A mão que então se manifestava e que se dizia ser enorme, deixou vestigios na camada de poeira que cobria um movel e escreveu algumas phrases de caracter religioso.

Ecos e Noticias

O trabalho espirita vae se intensificando em toda a parte, ao passo que a magistral theoria de Allan-Kardec se consolida e se mostra com o perpassar dos annos, cada vez mais scientifica, mais verdadeira portanto.

Ainda ha pouco no Congresso Internacional de Pesquizas Psychicas, na Sorbonne, o Professor Hans Driesch, no seu discurso inaugural lembrando a estreita communhão que a idéa espirita tem com a sciencia disse: «*O Espiritismo é a hypothese menos artificial de todas para explicar os phenomenos da metapsychica*».

E fazendo referencia ainda a theoria espirita, accrescenta: «duas sciencias, sob o seu influxo, soffrerão grande transformação — a biologia e a psychologia».

E assim nós vemos que até o tempo, esse grande auxiliar da verdade, vem concorrendo exuberantemente para o erguimento da obra, para a qual vamos dedicando os nossos melhores esforços.

Unamo-nos, os espiritas, e trabalhemos. O dia das reivindicações está proximo e o salario já está contado para todos os que souberem pôr em pratica os talentos que nos foram concedidos.

FRANÇA

PARIS

Com grande successo o sr. A. Ripert fez, na «Maison des Spirites», diante de um numeroso auditorio uma excellente conferencia sobre o thema de actualidade: *Espiritismo e Metapsychica.* O orador, desta vez, desenvolveu perfeitamente sua these ampliando-a, como requer o o momento presente, e commentando o trecho do Prof. Richet, cuja mensagem foi enviada a imprensa, após a conclusão do Congresso de Pesquizas Psychicas, em Paris: «O Congresso realisado este anno na Sorbonne é um signal dos tempos. Nossa sciencia se acha entre as sciencias classicas officialmente reconhecidas».

Emfim, a conferencia de Ripert é mais uma nota vibrante que sôa para proclamação da theoria espirita. Foram muitos os applausos recebidos pelo conferencista, pela elevada concepção com que tratou do assumpto que motivou a sua subida á tribuna.

⁂

Sobre o thema: «O magnetismo humano e a philosophia da clarividencia», o sr. E. Duchatel, fez uma conferencia na «Maison des Spirites», dissertação que muito agradou ao auditorio. A conferencia de M. Duchatel veio contradizer as falsas provas da radiação magnetica humana, de que a *Revue Metapsychique* falou no anno transacto.

⁂

Le Radicale de Marseille faz uma apreciação da exposição de quadros de Louis Fachinetti, pintor de 14 annos de edade, que revéla um dom artistico admiravel, podendo ser contado no numero dos meninos-prodigios.

⁂

Durante o presente anno, de 1928, as reuniões da União Espiritual, effectuar-se-ão na Sala de Geographia, 184, boulevard St. Germain.

O sr. Henri Regnault, presidente da Phalange fará conferencias sobre as obras de Léon Denis — «Depois da morte—No Invisivel e o Grande Enygma.

INGLATERRA

Já começaram os preparativos para o futuro Congresso Internacional Espirita, que celebrar-se-á provavelmente em Londres no mez de Setembro proximo.

Este Congresso promette grande contribuição para uma expansão consideravel do Espiritismo, que é esperada por todos. Vultos eminentes da sciencia e da philosophia tomarão parte neste congresso.

ESTADOS UNIDOS

The Two Worlds, de Manchester acaba de celebrar o 40.º anniversario de existencia. O numero anniversariante traz a historia desta revista desde a fundação. Ao seu director, sr. Ernest W. Oaten, nossas felicitações.

⁂

Está em vias de fundação em Manchester, segundo nos informa o «Manchester City News», uma Sociedade de Pesquisas Psychicas.

⁂

The National Spiritualist», tratando da repercussão que vai tendo o Espiritismo, diz :

«E' com grande satisfação que noticiamos ter o Rev. Ollah Toph, pastor da «Psychic Science Curch», permittido responder em suas columnas ás questões relativas ao Espiritismo em uma ou outra das suas tres phases: sciencia, philosophia ou religião, ou para a cultura das faculdades espirituaes ou sobre os phenomenos espiritas interessantes.

BELGICA

A «*Revue Spirite Belge*» trata das materialisações de Mantes-S Seine. Já foram realisadas n'aquelle circulo, presidido pelo sr. Thiebault, 250 sessões bem interessantes.

⁂

O sr. Julien Coninckx, presidente da União Espirita Belga fez, sob os auspicios do Circulo Kardecista de Bruxellas uma conferencia, sobre o thema : *A Sciencia das Sciencias*, de collaboração com o medium, Mme. L., clarividente e clariaudiente.

⁂

A ultima conferencia de 1927 foi feita pelo sr. L. Moret, ardoroso pioneiro do Espiritismo, em Bruxellas, que falou por largo tempo sobre a marcha do Espiritismo na Belgica, salientando o trabalho que realisam neste momento as federações nacionaes e regionaes. Abordou os meios de cultivar e praticar o Espiritismo, de accordo com os dictames de Allan Kardec e terminou fazendo um appello aos espiritas na defesa da sagrada causa do grande ideal.

⁂

A «Librairie Spirite Belge», do U. S. B. está fornecendo aos experimentadores ecrans luminosos.

ITALIA

Em toda a região do Senna ha uma grande emoção devido aos prodigios sem precedente que se produzem expontaneamente em torno d'uma moça de Pievani di Montoriggioni. Trata-se da srnha. Sylvia Giardi. Um dia ella passava num bosque proximo da cidade para ir a uma localidade visinha em companhia de uma amiga, Lidia Saly, e ambas perceberam, com admiração, que as pedras elevavam-se á sua passagem e cahiam aos pés de Sylvia

Giardi. Ellas communicaram o facto ás suas companheiras.

Zombaram muito d'ellas, e um moço quiz tirar a prova do que disseram. Acompanhou-as e, ficou estupefacto vendo a reproducção do phenomeno.

A noticia correu por toda a cidade affluindo grande numero de curiosos, inclusive os carabineiros que verificaram o caso.

Afinal as pessoas gradas quizeram verificar o que de verdade havia na noticia, testemunhando todos, inclusive o Dr. Magi os surprehendentes factos de ordem mediumnica que no ultimo mez do passado anno alvoroçaram toda a população.

⁂

Recebemos do Prof. Luigi Bellotti um trabalho que, por falta de tempo não fazemos referencia neste numero.

PORTUGAL

A Federação Espirita Portugueza está elaborando um plano de propaganda por intermedio de alguns milheiros de pequenas monographias, onde sejam expostos com clareza e simplicidade, os multiplos aspectos do Espiritismo e os seus principios basicos ao alcance das classes populares.

⁂

Com bôa assistencia, tem se realisado todos os sabbados á tarde, no salão da Federação, conferencias de propaganda, em que têm sido esclarecidos os problemas mais complexos do Espiritismo. Esse trabalho tem sido feito pelos srs: Dr. Antonio J. Freire, Antonio L. Vilela, A. A. Freitas e Silva, Pedro Cardia, Capm. José A. Lamelas e Augusto Araujo.

ARGENTINA

A Confederação Espirita Argentina, de accordo com os principios de confraternidade e justiça que servem de base á Philosophia Espirita, enviou ao sr. Secretario da União Latina Americana um protesto contra os atropelos á liberdade que o governo dos Estados Unidos está praticando no territorio da Republica de Nicaragua.

⁂

A sociedade espirita «Constancia» festejou o seu 31.º anniversario. A sessão commemorativa effectuou-se no Salão-Theatro «Unione e Benebolenza» que ficou repleto de espiritas que foram levar á velha sociedade o seu testemunho de solidariedade e sympathia. Fez o discurso o sr. Francisco Durand, director da revista «Constancia», orgam da referida associação, seguindo com a palavra o sr. Alfonso Depascale e outros.

⁂

Completou 29 annos de existencia a sociedade «Nova Providencia», installada em calle Herrera 1680. O seu presidente, sr. Juan Tambornini historiou a vida da sociedade, o sr. Bercetche pronunciou, em seguida, um discurso allusivo á data, e o sr. Marcelino Blanco encerrou os festejos com uma substanciosa conferencia sobre— «A mediumnidade».

MEXICO

A «*Revue Spirite*» publicou a seguinte correspondencia do Mexico:

«O movimento espirita no Mexico adquire dia a dia uma importancia consideravel, chegou, pode-se dizer, a ser um dos factores da vida quotidiana.

Os recentes conflitos religiosos que tanto revolucionaram o paiz, são talvez uma das causas do augmento em numero e em força dos grupos espiritas. Assim, pela mesma forma, o presidente da Federação Espiritista Mexicana, D. Rufino Juanco, não perde vasa em aproveitar as situações favoraveis, para fazer valer em toda a parte a belleza e o valor incontestaveis da nossa philosophia.

Sessões de estudos se organisam em todas as regiões, sendo particularmente bem recebidas na capital, onde são frequentadas por pessoas de todas as classes sociaes: professores de universidades, medicos, advogados, operarios e, cousa significativa, até por padres e jesuitas, que tomam parte nos debates, o que dá ás sessões um interesse particular.

As bibliothecas espiritas de varias sociedades são frequentadas por assiduos leitores, cujo numero vai sempre augmentando. Por outro lado, os membros mais enthusiastas rivalisam entre si para organisar reuniões litterarias e musicaes, cujos resultados têm sido productivos.

A Federação Espirita Mexicana, que conta entre os seus adherentes pessoas eminentes, tem sabido conquistar a confiança e estima dos differentes partidos.

Mesmo os poderes civis lhe convidam a tomar parte nas festas nacionaes, consideração esta que os grupos espiritas de outras nações podem á justo titulo felicitar aos irmãos mexicanos, e que muito felicitamos por esse progresso.

Fazemos notar que a Federação Espirita Mexicana acaba de filiar-se á Federação Espirita Internacional».

⁂

Na povoação de Epinazo, Estado de Coahuila appareceu um «curador» que está fazendo repercussão em toda a republica — «Niño Fidencio».

Indigenas, fanaticos, jornalistas e homens de sciencia, que presenciaram as curas deste ser estranho, concordam em que se trata de um caso nunca visto no Mexico. Milhares de homens, creanças e mulheres chegam diariamente ao humilde villarejo.

Os ferrocarris nacionaes registraram já um augmento consideravel na venda de passagens. Em dezembro a sua venda chegou a 16.059.00 pesos e no mez passado ascendeu a mais de $20.000.00 pesos o importe das passagens pagas pelos turistas e doentes que desejam conhecer ao «Niño Fidencio» por curiosidade ou para curar os seus males.

Antes da descoberta deste joven illuminado os ferrocarris nunca venderam mais de 808 pesos por mez de passagens para aquelle logar.

O «Niño Fidencio», que tem sómente 18 annos de idade, faz curas com hervas, flores e sobretudo com passes de mãos. Trata perto de trezentas pessoas diariamente e quasi a totalidade dos que vão a elle regressam curados ou convencidos disso. O «Niño Fidencio» não acceita um só real, nem presentes de nenhuma especie como retribuição pelo seu trabalho.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Rio Grande do Sul

Segundo a estatistica feita ultimamente pela Federação Espirita do Rio Grande do Sul, existe neste estado 64 aggremiações espiritas. As cidades principaes em que o Espiritismo tem tido propaganda são: Antonio Prado, Bagé, Bom Jesus, Cachoeira, Cruz Alta, D. Pedrito, Encrusilhada, Ijuhy, Jaguarão, Livramento, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Victoria, Santiago do Boqueirão, S. Gabriel, Uruguayana, Santa Maria e Porto Alegre.

São adhesas á Federação quasi que 40 associações.

Rio de Janeiro

A secção diaria da Gazeta de Noticias, sob a collaboração do nosso companheiro José Tosta, continúa a proporcionar aos seus leitores agradaveis momentos de recreio, em que a instrucção espirita, ao lado de variadas noticias de factos que se vem verificando descortinam cada vez mais aos olhares perscrutadores, os enygmas da Immortalidade.

⁂

No Centro Fraternidade, de Marechar Hermes, a reunião que estava annunciada para o casal Dr. Castro Silveira e sua dilecta filha srta. Rosinha Silveira, effectuou-se, sob os auspicios do Dr. Carlos Imbassahy, visto não poderem aquelles comparecer por motivo de força maior.

O Dr. Imbassahy iniciando a sua

prelecção com o salão cheio de assistentes, começou aludindo ao desapontamento que lhe parecia existir nos presentes que alli tinham ido para ouvir outros oradores.

Fala depois sobre a epoca de luctas que atravessa o planeta, e é esse o thema da sua conferencia, que agradou o auditorio.

⁂

As sessões de estudo na Federação Espirita Brasileira, sob a direcção do sr. Manuel Quintão, tem tido muita affluencia.

⁂

Na União Espirita Trabalhadores de Jesus, com séde á rua Riachuelo, 119, realisou uma substanciosa conferencia sobre o Espiritismo, a belletrista theatrolaga srta. Iveta Ribeiro, que conseguiu atrahir áquella aggremiação grande numero de assistentes.

⁂

O Dispensario Antonio de Padua, com séde provisoria á rua S. Christovão 570, vem prestando assignalados serviços de ordem moral e material, notadamente ás crianças e velhice desamparada. Esta sociedade renovou sua directoria que ficou assim constituida : presidente Dr. Ernesto de Souza ; 1.o secretario, capitão tenente João Torres ; 2.o secretario, D. Adelaide Nascimento ; 1.o thesoureiro, João Carlos de Mendonça Furtado ; 2.o thesoureiro, D. Haydée Peixoto Serra ; procurador, Leovigildo Prazeres ; bibliothecario, D. Nair Vieira Raposo. Conselho administrativo : capitão Alfredo Ravasco, D. Celina Ravasco, coronel Leopoldino de Almeida, João Teixeira Olinda, Deborah Prazeres Dores, Lecticia Cardoso e Gustavo Sampaio. Conselho fiscal : João de Azevedo, Joaquim Tavares Barbosa e major Bento do Nascimento Velasco.

⁂

Fizeram conferencias na Capital, durante o mez, os srs. Dr. Carlos Imbassahy. Dr. Alberto Brigagão, Ignacio Bittencourt, Camillo Silva, Dr. Castro Silveira, Manuel Quintão, Benjamin Loureiro, Dr. Moacir Silva, Dr. Cancio Póvoa; e D. D. Aura Celeste, Nininha Leal, Albertina Silveira.

São Paulo

O Centro Espirita «Luz e Caridade», da rua Parnahyba constituiu, assim, a sua nova directoria : pres. Umberto Brussolo ; vice, Sabino Mercadante ; secretarias e auxiliares : srtas. Desdemona Leporini, Genoveva Ghirello, Christina Ghirello, e os srs. José Nicolai e José Sedano. Este centro mantem aula de Espiritismo para a infancia e distribúe O Clarim aos assistentes.

⁂

O Centro Espirita S. Paulo, da rua General Carneiro, 7-A, renovou sua directoria, sendo eleito os srs : pres. Studario Cardoso ; vice, Gastão R. Silva ; 1.o secr. Denisart Cardoso ; 2.o Benedicto F. Santos ; 1.o thes. Julio Boemer : 2.o Antonio Previato.

⁂

O Centro «Amor e Caridade» de Monte Azul communicou-nos haverem tomado posse de sua directoria, os srs : pres. Leonardo Severino ; vice, Durval M. Guimarães ; 1.o sec. D. Martha Paiva ; 2.o Francisco Dias Sobrinho ; thes. Henrique P. Duarte ; proc. João Luiz Nogueira ; bibl. D. Edwiges C. Nogueira.

⁂

Phenomenos de assombramento em Santos Dumont

O sr. Adolpho Vieira Palma enviou a «O Clarim», a seguinte carta :

«Venho lhe communicar a manifestação de uns phenomenos interessantes, verificados em casa do sr. Fernando Delalibera durante os tres ultimos dias.

«A louça sahiu do guarda-louça, retirada por mãos invisiveis e quebrou-se toda, ficando em cacos.

Hontem foi a machina de picar carne que ficou em pedaços.

«A machina de costura foi arrastada para o meio da sala.

O filho do sr. Fernando, um moço de 23 annos tem tomado varias bofetadas dadas por mãos invisiveis. A sra. do sr. Fernando tem mediumnidade vidente e ouvinte, ouve e vê os Espiritos. Ha tempo, um anno, mais ou menos, essa familia foi perseguida por seres invisiveis, tornando a calma no lar por intermedio do Centro de Itoby.

Agora os phenomenos recrudesceram com intensidade. D. Josephina se diz guiada pelo padre Victor que a aconselha e dá coragem.

Esta familia são sitiantes em local distante 2 kilometros desta estação. Conheço-os todos, são honestos e trabalhadores.

O caso tem sido testemunhado por muita gente que lá tem ido observar os phenomenos. Julgo que esses factos vêm demonstrar a immortalidade da alma, pois os tempos são chegados.

Americo Vieira Palma.

Pernambuco

A Cruzada Espirita Pernambucana, com séde á rua Felippe Camarão, 44, Recife, communicou-nos a posse de sua directoria, que ficou assim constituida : pres. Prof. A. J. Ferreira Lima ; 1.o vice, Mario Cavalcanti ; 2.o Dr. Octavio Carvalho ; secr. José Militão Almeida ; 1.o vice, Dr. Holphonso M. Silva ; 2.o A. S. Queiroz ; thes. Miguel Silva ; 1.o vice, Joaquim F. Lyra ; 2.o Ubaldo Fragoso ; director judiciario, J. S. Rego Barros ; da assist. Joaquim A. Santos ; da livraria, Olegario C. Pereira.

Bahia

Mais uma sociedade acaba de ser fundada em Alagoinhas. ficando sua directoria ao cargo dos srs.: pres. Antonio R. Silva ; vice, D. Justina F. Silva ; secr. Aureliano F. Costa ; 2.o Chrispim H. Souza ; thes. D. Annita M. Santos ; 2.o Arsenio C. Oliveira; proc. Manuel R. Silva; bibl. D. Francisco M. Costa ; orador Umbelino Santos ; fiscal, Cecilio N. Salles.

Ceará

A directoria do Centro Espirita Cearense, assim constituida, communicou-nos sua posse : pres. Deodoro Cabral ; vice, Manuel S. Cunha ; 1.o secr. João Gurgel Moura ; 2.o Rubens Macedo ; 1.o thes. Luthgardes P. Figueiredo ; 2.o Joaquim P. Oliveira ; bibl. Cyrillo P. Lopes ; zel. Francisco G. Cabral ; zeladoras : D. D. Conceição Maranhão e Francisca R. Costa.

Maranhão

O Centro Espirita Maranhense, que funcciona á rua 7 de setembro 66, S. Luiz, ficou assim constituida : pres. Antonio N. Vinhaes ; vice, Placido Camões ; 1.o sec. Francisco Coelho dos Santos ; 2.o D. Ricardina M. Santos ; thes. Basilio R. Cabral ; bibl. José M. Pinto.

* * *

Trabalhar para a divulgação desta Revista é concorrer para o estabelecimento da crença na Immortalidade, é ajudar a resolver o maior de todos os problemas que tem ensombrado o cerebro humano. Tornai-a conhecida dos vossos amigos e prestareis a elles um dos mais relevantes serviços.

BIBLIOGRAPHIA

O Espirito das Trevas

O «Jornal Espirita» acaba de editar o romance mediumnico — «O Espirito das Trevas» — ditado ao medium Srá. D. Celestina Arruda, pelo espirito de um dos mais festejados escriptores francezes, desencarnado ha poucos lustros.

«O Espirito das Trevas», além de ser uma obra de alto valor, de leitura amena, evidencia a primorosa lei da reencarnação e contém capitulos de salutares ensinamentos christãos.

Esse romance constitue, por isso, um precioso conducto para propaganda da doutrina dos espiritos.

O livro tem agradavel feitura material: bem impresso e revisto, com attrahente encadernação em percaline, dourada e estampada na pasta e dorso, á semelhança das edições literarias do Porto. Está á venda na red. do «Jornal Espirita», R. G. do Sul, Porto Alegre, pelo preço de 10$000.

⁂

L'Ami Disparu

L'Ami Disparu é uma contribuição da prova de identidade dos Espiritos, ou seja o relato de sessões realisadas em Maintes-S/Seine, durante o anno de 1927. Esse relato é uma verdadeira joia que reflecte a luz da Fé. Contém 34 paginas bem aproveitadas que fazem mais do que muitas obras volumosas. O sr. J. Thiébault remata a obra com o «Cerebro e Perispirito» de cerrada e substanciosa argumentação.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

⁂

Guide Méthodique de l'Experimentateur Spirite

Este livro da lavra do sr. G. Lhomme, das «Editions Spirites Populaires«, enfeixa um estudo sobre os grupos e sua evolução experimental; organisação das sessões; contróle das manifestações e vocabulario do estudante espirita.

Preço — um franco, rue Mathieu Polain, 6 — Liége, Belgica.

⁂

Parabolas e Ensinos de Jesus

Por Cairbar Schutel.

Acaba de sahir do prélo este livro ha tempo esperado pelos estudiosos e cultivadores do Christianismo.

De grande formato, com mais de 500 paginas, referida obra se acha dividida em duas partes: 1.a «Parabolas de Jesus». que encerra a transcripção e explicação das 35 Parabolas dos Evangelhos; 2.a parte: Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação philosophica em torno dos principios religiosos expostos pelo Filho de Deus, segundo os quatro Evangelistas, como por exemplo: o baptismo, o fermento dos phariseus e dos sadducceus, a reincarnação, a resurreição, o cégo de Siloé, o sermão do Cenaculo, a immortalidade, a tempestade acalmada, os odres velhos e novos, a salvação pela fé, os signaes dos tempos, etc. etc.

Encimam as exposições doutrinarias os trechos Evangelicos em concordancia, facilitando assim aos leitores o conhecimento dos Evangelhos não na lettra que mata, mas no espirito que vivifica.

O livro é impresso em papel Buffon, encardenado em percaline com titulo dourado.

E' uma obra bem feita, merecendo figurar em todas as bibliothecas.

Preço — 10$000 e mais 1$000 para o porte.

Pedidos á livraria d'O Clarim.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4315unse

NNO V — Brasil— E. S. Paulo — Mattão, 15 de Abril de 1928 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

A faculdade de curar
A vida futura e o Espiritismo
As curas pelo Espiritismo
Pheneas falla
Theorias negativistas
Photographias do Invisivel
A cigarra - a borboleta e a reincarnação
A transformação da morte
Congresso Espiritualista Internacional
Materialisações de Algeria
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas
Bibliographia

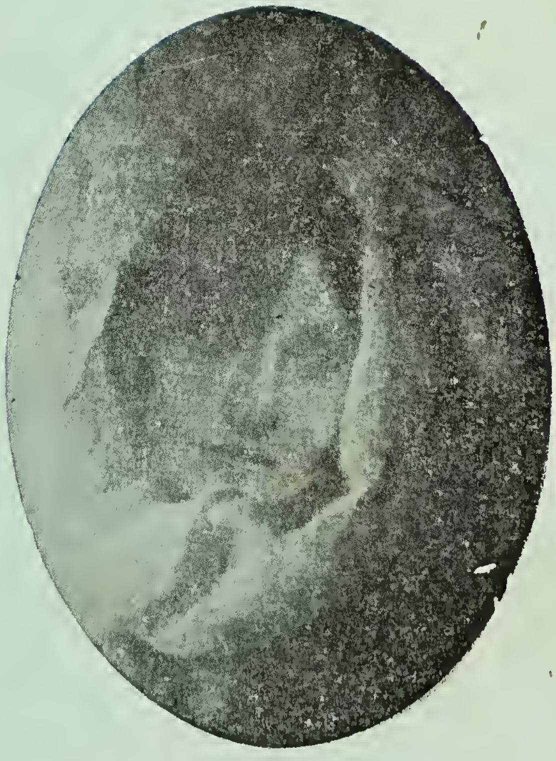

Retrato Psychico de Ignez

ANNO 4-BRASIL- E. S. Paulo - Mattão, 15 de Abril de 1928 - NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ✻ COLLABORADORES : DIVERSOS

A FACULDADE DE CURAR

O Espiritismo se desdobra em multiplos aspectos na sua magnitude admiravel. Dentre as variadas faculdades que esta sciencia poude verificar como prerogativas humanas concedidas pelo Creador para o descortinio da sobrevivencia, da vida alem da morte, se salienta a faculdade de curar, um dos mais bellos dotes do espirito.

Mas o mais notavel ainda é que todas as epocas da historia são assignaladas por factos desta natureza, assim como tem sido verificado em todos os tempos phenomenos supranormaes ou metapsychicos semelhante aos que prendem actualmente a attenção do mundo scientifico, e porque não dizer ? — de todos os povos.

A gloria do Espiritismo não é de haver inventado esses phenomenos nem mesmo de os provocar, mas de tiral-os do dominio do sobrenatural e das hypotheses dogmaticas para submettel-os ao dominio da experimentação e estudo critico da razão. Foi esta a missão principal de Allan-Kardec que originou a systematisação admiravel da *theoria espirita,* que além de abranger os phenomenos espiritas e animicos, estende-se a substanciosas considerações de ordem moral, philosophica e scientifica.

A faculdade de curar não é, pois, como dissemos, uma novidade que só tivesse apparecido, como outras tantas que aformoseam o nosso planeta, nos ultimos tempos.

Os egypcios, que foram beber os principios da sabedoria na India, empregavam no tratamento dos doentes os passes e as imposições das mãos.

Os sacerdotes brahmanes curavam pela fixação do olhar e produziam a hypnose com o fim de remodelar as vibrações perispiritaes e restabelecer os enfermos.

Herodoto, cognominado pelos athenienses pae da historia, cita os santuarios em que se reuniam os peregrinos para obterem a cura por meio de remedios descobertos em sonho.

Strabão narra que, em Memphis, os padres adormeciam e neste estado davam consultas medicas.

Deodoro de Sicilia refere que os doentes iam em multidão ao templo de Isis para serem adormecidos e curados pelos sacerdotes. E accrescenta que grande parte dos pacientes cahiam em extase e indicavam elles proprios os medicamentos e o tratamento que lhes devia restituir a saude.

Os hierophantes do altar de Trophonio adquiriram grande celebridade na Grecia devido ás curas que operavam por meio de toques, insuflações, passes e apposição das mãos.

No Antigo Testamento lê-se casos extraordinarios em que a faculdade de curar apparece como um dom maravilhoso livre de qualquer contestação. Para não citar mais que dois, lembramos a «cura de sarepta» produzida por Elias num menino filho unico de uma viuva, narrada em I Reis, cap. XVII, 17 a 24 ; e a do general Naaman, o leproso, por Eliseu, descripta no II Reis, v, 1.

O Novo Testamento é um livro de registro de curas verdadeiramente admiraveis produzidas por Jesus e seus discipulos. Allan-Kardec dedica na sua «Genesis» um capitulo especial para esses factos extraordinarios, estendendo-se em considerações sobre taes phenomenos.

Antes das primeiras manifestações espiritas que se produziram em 1843, no seio da familia Fox, membros da Egreja Methodista, a snra. Frederica Hauffe, uma das mais extraordinarias mediums videntes, conhecida pelo nome «Vidente de Prevost», se tornou tambem notavel pela cura da condessa de Maldeghem, um caso typico e classico da possibilidade da cura das molestias mentaes por meio dos factores psychicos.

O Conde Maldeghem possuia meios pecuniarios sufficientes para submetter sua esposa ao tratamento dos mais afamados especialistas, tendo emprehendido com ella varias viagens, mas sem resultado algum.

Em 28 de março de 1828, o Conde foi á casa do Dr. Kerner, narrando a este distincto medico, detalhadamente as perturbações de sua esposa que remontavam ao seu nascimento.

Foi quando á conselho deste facultativo, a enferma foi submettida á sra. Hauffe que, sem conhecimento algum de medicina, revelou, em estado de lucidez somnambulica, a verdadeira causa da molestia e os meios de cura que tiveram o mais feliz exito.

Actualmente não são poucos os thaumaturgos que apparecem em todos os paizes do mundo.

Ao lado do scepticismo e da incredulidade triumphantes, se constatam factos extraordinarios que produzem verdadeiros beneficios a humanidade.

A *faculdade de curar* ao lado de outras não menos valorosas, que o Douto mestre dos gentios não esqueceu de classificar em sua famosa Epistola aos Corinthios como um dos melhores elementos para a edificação da Fé, não deixará de concorrer, sem duvida, hoje mais que nunca, para ser desvendado o mysterio da personalidade humana e todos possam entrever a Vida Eterna com suas magnificencias e esplendores.

* * *

A VIDA FUTURA E O ESPIRITISMO

Approxima-se o momento em que a sciencia será forçada a submetter-se ao dominio do invisivel, onde reinam soberanamente a energia e o pensamento, porque elle está unido á materia ponderavel por uma serie de gráos, dos quaes já se começa a conhecer alguns.

E' nesta região que se encontra o Mundo dos Espiritos ; e quando as nossas relações forem estabelecidas com elles de accordo com os principios physicos exactos e nossas communicações forem submettidas a severos methodos criticos, se verá que os espiritos, tão desprezados tinham um conhecimento do além, bem superior a todas as concepções do passado. As relações com o Mundo Espirita dão como resultado a certesa da Vida Futura, que nenhuma religião e philosophia nos proporcionam, e cujo ensinamento é o mais grandioso e consolador de todos.

GABRIEL DELANNE.

AS CURAS PELO ESPIRITISMO

E AS SCIENCIA E RELIGIÕES OFFICIAES

Christãos intitulam-se todos, gregos e troyanos. O Christianismo primitivo desappareceu no II para o III seculo, sendo substituido pela Igreja Catholica Romana que se constituiu em dogmas e principios contrarios aos ensinados por Jesus, pois foi uma igreja que se organisou visando a conquista do temporal.

No seculo XVI, com Martinho Luthero, surgiu a Reforma denominada Protestantismo e contando no mundo todo, hoje, mais ou menos 200 milhões de adeptos. O Catholicismo Romano conta com 312 milhões.

Sendo a população da terra, calculada, actualmemente, em 1.850.000.000, deduzindo se della o numero 512 milhões, correspondente aos catholicos e protestantes, temos 1.338.000.000 de adeptos de outros credos em cujo numero, já com dezenas de dezenas de milhões, estão os adeptos do Espiritismo. Os principios das tres formas religiosas que se denominam christãs — Catholicismo, Protestantismo e Espiritismo, — são completamente differentes, não podendo, por isso mesmo, estar todas ellas com a Verdade e de posse dos ensinamentos dados por Jesus Christo. O Espiritismo é que se encontra de posse destes ensinamentos, havendo nas outras apenas fragmentos da Verdade.

Jesus disse em Mat. 7—21 :

«Nem todo o que me diz : Senhor, Senhor, entrará no reino dos céos, mas aquelle que faz a vontade de meu Pae que está nos céos.» Declarou que a arvore boa dá bons fructos e a má maus fructos, e que a separação dos bons e dos maus deve ser feita pelas suas obras. Declarou ainda, no mesmo cap., v. 16 : «Por seus fructos os conhecereis». Edificou a sua Egreja sobre a Revelação (Mat. 16—16 a 20), contra a qual nada poderão fazer os homens. E' do Além, do Alto, que todas as verdades descem á Terra. E tanto assim é que o Mestre incomparavel, ao despedir-se dos seus discipulos, na ultima das suas apparições, disse-lhes o que está em Lucas, 24 v. 49 : «E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pae : ficae porém, vós na cidade de Jerusalém, até que do Alto sejaes revestidos do poder». *Até que do Alto sejaes revestidos do poder*, lá disse o Mestre.

De facto, nós vemos que a pleiade de Espiritos Santificados, Espiritos superiores, Espiritos de Luz desceu sobre os discipulos do Mestre, no dia de Pentecostes, no recinto onde se achavam reunidos, sob a forma de linguas repartidas, como que de fogo, enchendo toda a casa de um som exquisito, como que de um vento vehemente e impetuoso, desenvolvendo a mediumnidade de todos elles e, por intermedio dos mesmos, fallando a todos os povos reunidos em Jerusalem, na propria lingua de todos, prophetisando, fazendo curas maravilhosas e outros prodigios que visavam despertar o povo para os novos ensinamentos, a nova doutrina religiosa, Luz vinda do Céo. (Ver Actos dos Apostolos, cap. 2). As portas do mediumnismo foram abertas e por ellas fallavam aos da Terra as entidades do Céo, mais elevadas, mais evoluidas, sobre Jesus, o Mestre dos mestres, e a sua Doutrina

As Igrejas Catholica e Protestante repelliram as vozes do Alto, as manifestações dos habitantes do Além, ficando ás cegas como estão em seus dogmas asphyxiantes, destruidores.

A lei de Deus é a do Amor, a da solidariedade, entre os da Terra, entre os do Céo, entre os de lá e os de cá, solidariedade universal.

O Além, o plano Astral, é plano de vida superior ao aquem, ao nosso plano physico de vida, e é por isso que Jesus estabeleceu que do Céu é que seria projectada a luz na terra e que contra estes jactos de luz (Mat. 16—18) as trevas da terra não poderiam prevalecer.

As egrejas Catholica e Protestante estão nuas, despidas dos ensinamentos fundamentaes do Mestre ; são egrejas dos homens, onde prevalecem as trevas, egrejas pretenciosas que querem lançar luz — sendo trevas —até mesmo no Além!...

Não quizeram receber o que não tinham e que precisavam receber, querendo dar o que não possuem!

Os principios do Espiritismo, além de demonstrados pelas Escripturas, o são pelos *factos* de todos os tempos, o são pela analyse, pela logica, pelo raciocinio sadio.

Conservando abertas as portas da mediumnidade que nos permittem a investigação do Além e pelas quaes nos chega tambem o auxilio espiritual, fazemos aquillo, nós espiritas, que os catholicos e os protestantes não fazem e não podem fazer: estudamos as Escripturas *ás nossas proprias custas*: pregamos os ensinamentos do Mestre nellas expostos *gratuitamente*; *curamos* os enfermos, muito especialmente os lunaticos, os obsedados, *gratuitamente*, com o *poder*, o *auxilio* dos do Alto. E é aqui, nestes factos, que está a nossa força a nossa superioridade. O desinteresse material, por si só, nestes tempos em que os homens só vivem arregalando desmesuradamente os olhos para o dinheiro, demonstra que estamos compenetrados, e de posse, de um principio superior; o poder que temos de curar, por si só tambem, demonstra a superioridade da nossa crença.

Figura, 1

Os catholicos *não fazem curas*, como catholicos; os protestantes igualmente *não fazem curas*. Nem uns e nem outros se dedicam a este meio de amar ao proximo. Não procuram curar ou alliviar os soffrimentos physicos do seu proximo de modo directo, como Jesus fazia, como faziam os seus discipulos, e como o Mestre declarou que deviam fazer os que n'Elle cressem. Lançam mão tão somente das cousas da terra, do pão material, das drogas quasi sempre venenosas, prejudiciaes, das pharmacias, da medicina dos homens peccadores e igualmente enfermos.

E eis porque nada fazem.

Não podem dar o pão espiritual do céu porque se recusam a recebel-o Repellem as vibrações dos seus superiores do Além.

Não podem dar o que não têm, o que se recusam a receber.

Jesus caracterisou os seus discipulos com um *signal*, um *sello*. Este signal não é a batina, não é a corôa no alto da cabeça de quem quer que seja, não é igualmente um diploma de curso de theologia passado pelos homens, não. Discipulos do Mestre não são aquelles que os proprios homens proclamam.

São aquelles proclamados pelo proprio Mestre. São aquelles que O ouvem, que poem em pratica os principios por Elle revelados, que com a dedicação, com o esforço, tornam-se dignos do Baptismo do Espirito.

Discipulos do Mestre, pois, não são aquelles que se dizem pertencer, por diploma ou não, a esta, aquella ou aquell'outra forma religiosa.

E' aquelle que busca possuir o Mestre em Espirito e em Verdade e que O tem de facto.

Os que se tornam dignos do Mestre são seus discipulos. Para estes são feitas certas concessões que não o são aos outros. E nisto o Pae não faz accepção de pessoa, pois vae concedendo sempre pela ordem do merecimento. Se nega hoje a um é para conceder-lhe amanhã, no dia que se tornar merecedor. O caracteristico do discipulo de N. S. Jesus Christo não é o anel, não é o diploma, não é a batina, os phylacterios pendentes, não. O Mestre disse qual seria. — *E' o poder de curar os enfermos, inclusive os obsedados, expulsando delles os espiritos obsessores.* S. Marc. cap, 16 v. 16 e 17.

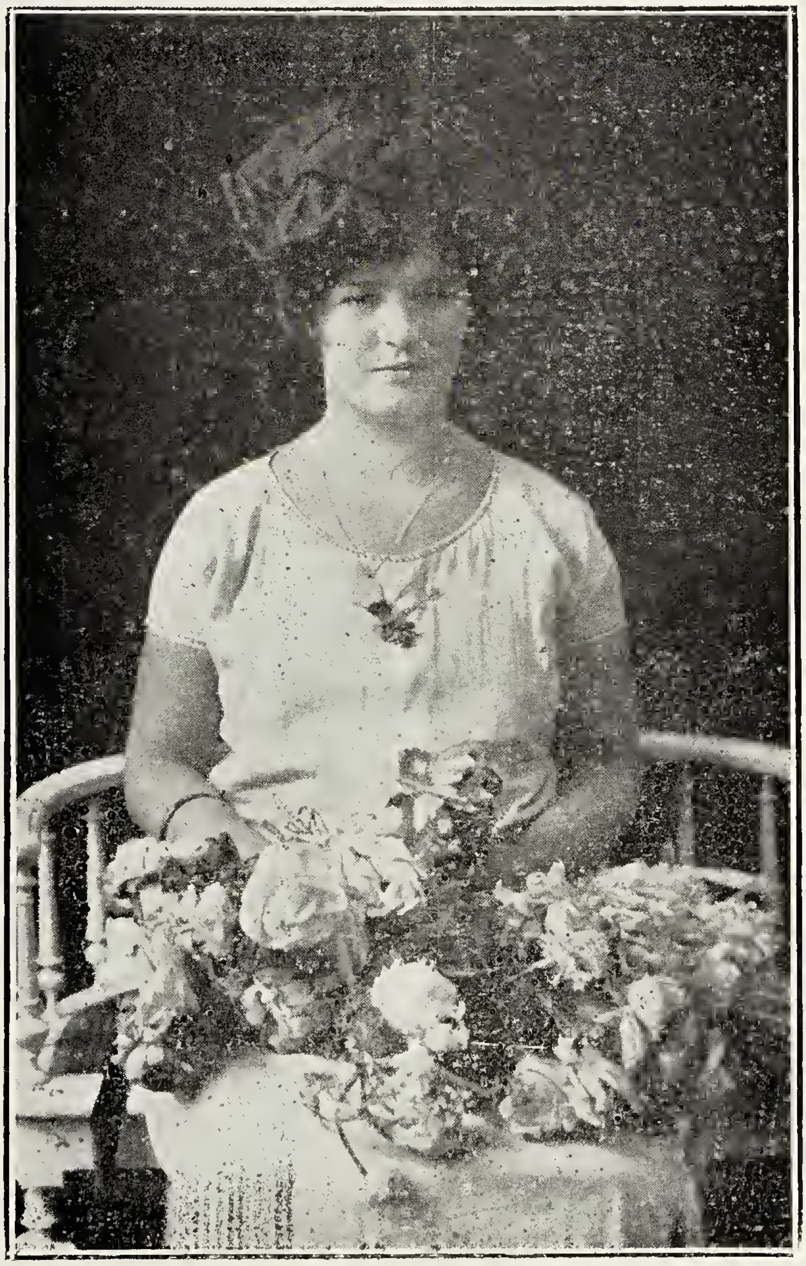

Figura II

Na nossa vida de espirita, temos observado factos muito significativos, taes como curas de enfermos desenganados por especialistas, feitas entretanto, por pessoas que nada entendem da Medicina, mas que conhecem os principios do Espiritismo e a elles se dedicam. Estas curas, alem de, por si mesmas, caracterisarem os discipulos de Jesus, affirmando ser o Espiritismo o Christianismo, mostra-nos tambem a nullidade da Sciencia Medica official dos nossos dias, filha legitima de materialistas.

Filha de taes cerebros, a Medicina official só pode mesmo ser o que é : uma «blague».

Dezenas de casos poderiamos narrar aqui, comprovando o que estamos affirmando nestas poucas linhas. Mas só nos limitaremos, hoje, a narração de um caso, ficando outros para outra occasião. Os factos como muito bem disse um escriptor, são cousas brutaes, diante dos quaes nada temos que fazer que nos curvar, cabisbaixos.

Sobre elles se apoia o Espiritismo, donde a nossa força, o nosso poder. As religiões mais velhas — creações dos homens — estão cedendo o caminho ao Espiritismo. Jesus bem disse : «A arvore que não der bom fructo será cortada e lançada ao fogo». Os dogmas estão sendo pulverisados, lançados ás urtigas. A verdade religiosa ensinada por Jesus ha XX seculos atraz, já está se apresentando aos olhos de todos em sua limpidez primitiva.

E vamos ao caso :

Em novembro de 1924, fui procurado, em meu consultorio medico por D. Maria Pelegrini, que me pediu ir á sua casa, então e ainda hoje, á rua Alberto Dias, 19 — Villa Industrial, nesta cidade, para ver uma das suas filhas de nome Santina, então com 20 annos de idade, que se encontrava perturbada das faculdades mentaes. Lá fomos. O nosso espanto foi grande, ao vermos o estado de magreza e de perturbação profunda d'aquella creatura. Como poderão ver os leitores na photographia 3, até symptomas de paralysia já lhe tinham invadido os braços e as mãos. A enferma não parava de falar incoherencias, phrases sem nexo, sem concordancia alguma. Não comia e não dormia, só fallava e gesticulava com a cabeça e um pouco com os braços. Ouvimos a sua historia, mais ou menos assim, narrada pela sua Progenitora:

— Era uma moça bonita, boa, docil e trabalhadeira; (Ver photographia 1, que a representa, quando boa, antes de adoecer) estava então como enfermeira da Beneficiencia Portuguesa de Campinas; eis que sem motivo nenhum justificavel, vae ella mudando de caracter e apresentando-se, aos poucos, perturbada no fallar e no gesticular; vae ficando irritavel e desobediente; levo-a a um medico, a outro, a outro ainda, sempre sem resultado, sempre peorando; (A photographia 2 a representa 6 mezes depois de perturbada); não a podendo mais ter em minha casa, recorro a uma casa de Saude e, com attestado do Dr. Azael Lobo, clinico conceituado em Campinas, vae ella para as Perdizes, em S. Paulo, casa de saude do Dr. Homem de Mello, onde esteve alguns mezes, sem resultado algum. De lá, passou para o Azylo Bom Pastor, onde esteve tambem alguns mezes, voltando depois novamente para as Perdizes, casa de saude do Dr. Homem de Mello, onde ficou ainda algum tempo; trouxe-a agora para casa, por não poder conserval-a lá, e para que morra em casa. Veja o senhor em que estado ella está.

Ha dois annos agora que adoeceu».

A photographia 3 a representa, logo que chegou em Campinas, vinda de S. Paulo, das Perdizes. Encontra-se ella ao lado da sua mãe e do seu irmão Victorio, moço trabalhador e honesto, empregado da Companhia Paulista de estradas de ferro, muito conhecido e estimado.

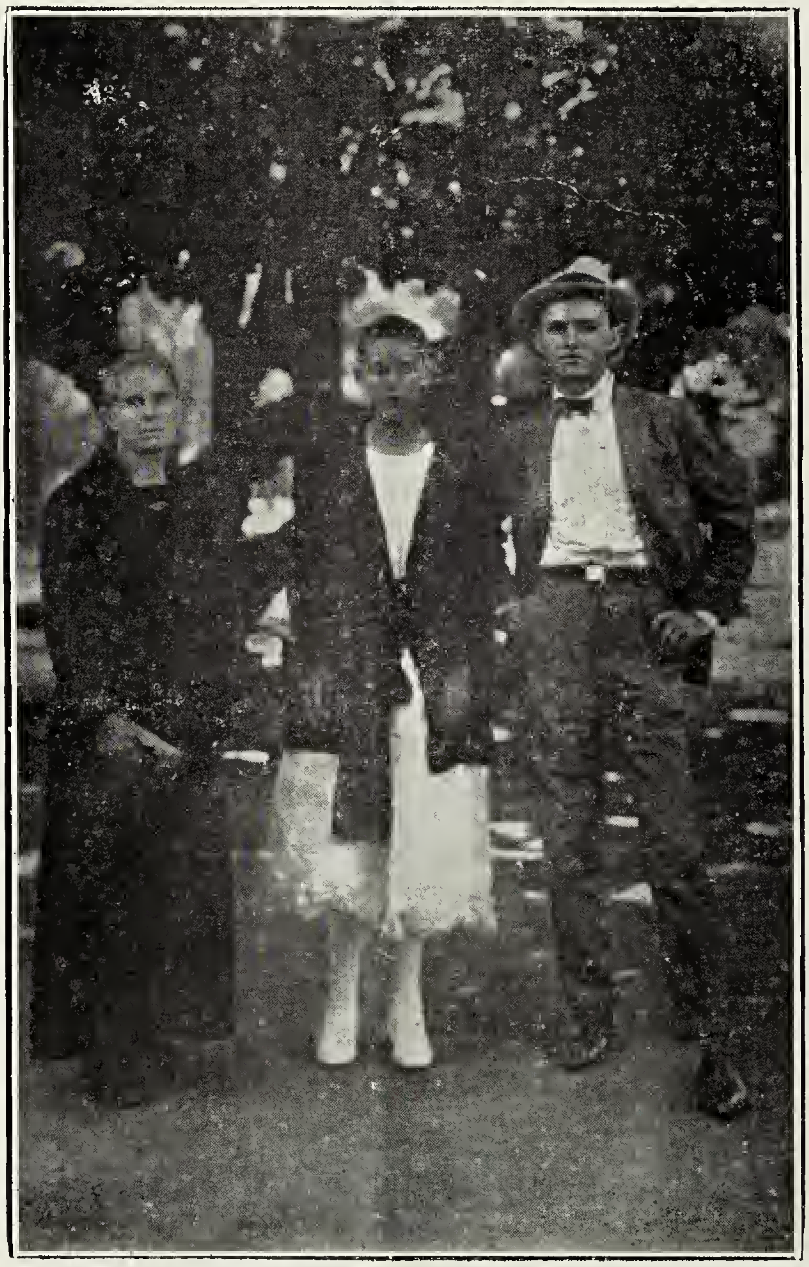

Figura, 3

Depois de ouvirmos a sua historia, narrada por D. Catharina, sua mãe, e de a observarmos algum tempo, perguntamos-lhe:

— Qual é a religião que seguem?

— Somos todos catholicos, apostolicos romanos, respondeu-nos D. Catharina.

—Sua filha está muito mal, demasiadamente perturbada e enfraquecida. E proseguimos: Aqui, a Medicina dos homens nada pode fazer, nem a allopathia, nem a homœpathia. Não fez nada em 2 annos e não o fará jamais. Sua filha está sendo perseguida por um espirito. E' uma obsedada, ou se quizer, uma lunatica, como diz o Evangelho. E' preciso tratal-a pelo Espiritismo, com a therapeutica revelada por Jesus, applicada pelos seus discipulos e não pelas drogas dos medicos e das pharmacias, que fazem até rir os proprios espiritos. E' preciso actuar sobre o espirito perseguidor, pela psychotherapia, auxiliada pela fluidotherapia. O Espiritismo ainda pode curar a sua filha, apezar de muito grave o seu estado. Eu sou espirita. Quer que trate da sua filha pelo Espiritismo?

— Doutor, pelo amor de Deus, trate da minha pobre filha pelo Espiritismo, eu quero que ella sare.

— Não tem medo de ir para o inferno ?

— E' no inferno que eu já estou, vendo a minha pobre filha nas condições em que está. Só com o auxilio de Deus e não de satanaz é que o senhor poderá cural-a.

— Pois vou tratar della pelo Espiritismo, respondemos.

Percebendo que havia boa vontade da parte dos da familia, puz mãos a obra fazendo lhe um longo *passe*. Voltei no dia seguinte. A doente havia passado melhor, mais calma e até *dormido* um pouco, coisa que de ha muito não fazia. Fiz-lhe um novo *passe* e arranjei um medium, o snr. Narciso Rondon residente a rua 24 de Fevereiro, 74, para auxiliar-me naquella cura. Depois de alguns dias, quando mais calma, começamos a fazer umas sessões espiritas especiaes, adequadas ao caso, pois pretendiamos obter a communicação do espirito obsessor e sabermos qual o motivo daquella perseguição.

Figura, 4

Com as sessões, a doente melhorava sempre, cada vez mais, porém não obtivemos communicação alguma. As melhoras foram-se accentuando mais a mais e no fim de 20 e poucos dias de tratamento a doente sarou, voltando a sua normalidade. Parece ter voltado de um sonho ou de um somno profundo, sem se lembrar dos seus dias — 2 annos — de martyrio.

Começa a perguntar a sua Mãe pelos seus parentes, pelos seus amigos, o que é feito delles, onde estão, fazendo sempre esforços para se recordar do passado, até normalisar-se, até cahir em plena consciencia de si mesma. A causa da sua perturbação tinha cessado. O espirito obsessor havia se desprendido della, pela nossa influencia, auxiliados por aquelles que do outro plano de vida tambem procuram dar testemunho do Mestre.

D. Santina Pelegrini estava curada, radicalmente curada.

Começa logo a alimentar-se e a engordar, fazendo em poucos dias uma differença admiravel. A photographia *4* a representa, *oito mezes* depois da cura. Da casa de saude de S. Paulo viera com os cabellos cortados, a machina, como vemos na photographia *3*. Esperou 8 mezes, para se photographar, dando tempo a que o cabello crescesse.

E' filha de Jacomo Pelegrini, já fallecido, ha annos, e de D. Catharina Pelegrini. Ficando viuva, com filhos pequenos, D. Catharina soube trabalhar, criar e educar todos os seus filhinhos, tornando-se assim muito digna aos olhos dos homens e aos olhos de Deus. E' uma familia pobre de dinheiro, mas constituida de pessoas ricas de honestidade. Já vae para 4 annos que D. Santina foi curada pelo Espiritismo, achando-se em gozo da mais perfeita saude. Como já ficou dito, mora esta familia á rua Alberto Dias 19, nesta cidade! Aqui està pois, narrada a cura de uma doente desenganada pór especialistas da Medicina official, e que pode ser comprovada por quem quizer.

E os nossos adversarios que não nos podem enfrentar em argumentações logicas, diante mesmo destes factos, limitam-se a dizer, numa cegueira ou hypocrisia miseravel, que o Espiritismo faz loucos, ou se cura, cura pela mão de satanaz. E' a mesma cantilena dos cegos e hypocritas do passado, que diante das curas feitas por Jesus, diziam que o Mestre as fazia em nome de Beelzebú, principe dos demonios. A resposta que em taes casos nós espiritas damos a esta gente inimiga da Verdade é a mesma resposta que Jesus deu aos escribas e phariseus seus inimigos e inimigos da Verdade. O leitor que leia S. Lucas cap. XI v. 14 a 28, para se scientificar desta resposta.

A luz ha de se fazer para todos, pois os tempos são chegados.

SOUZA RIBEIRO.

PHENEAS FALLA

Communicações espiritas recebidas em seu lar e publicadas por Arthur Conan Doyle, (Doutor em medicina, e Legum Docto).

Prefaciando essa serie de communicações que forma um volume de mais de duzentas paginas, o famoso historiador, romancista e poeta inglez declara ser tarefa delicada o publicar-se um livro de communicações tão intimas e familiares; mas algumas das communicações encerram ensinamentos sem duvida destinados a uma roda maior do que a familia que as recebeu, e seria impossivel separar apenas as passagens de interesse geral. Fazel-o seria sacrificar o tom de linda camaradagem com a qual o Communicante penetra tanto nas coisas mininas como nos grandes problemas da vida, tornando-se ao mesmo tempo um irmão querido e um Mestre augusto. A familia Doyle perderia coisa mui preciosa e essencial si lhe fosse retirada a brilhante presença de Pheneas, diz o grande escriptor; comtudo, tem-lhe sido assegurado que essa calamidade jamais se dará.

Grandes córtes tiveram de ser feitos nas communicações. Grande parte dellas consiste em prophecias referentes ao futuro immediato do mundo. Toda essa parte tem de esperar até que pareça aconselhavel a publicação e poderá formar um segundo volume, quando fôr permittida a publicação.

Todos os graves acontecimentos que se vão dar agora — catastrophes immensas e grandes soffrimentos — já antecipa o Guia do Sr. Doyle, são apenas curativos para o inicio de uma era de felicidade como nunca foi conhecida na terra.

Córtes menores foram feitos de topicos demasiado intimos para a publicidade, reduzindo-se o volume mais ou menos a um terço do manuscripto.

O medium que recebe as communicações é a propria Senhora Doyle. No prefacio que aqui estamos resumindo, o Sr. Doyle dá minucioso relato de como se desenvolveu essa mediumnidade da sua magnanima consorte e collaboradora. Em muitas communicações os sentimentos de Pheneas são differentes dos da familia Doyle e o relator muito humildemente o confessa: «Repito que os sentimentos expressos de modo algum representam os do medium nem os meus. Fallando por nós ambos, eu posso dizer que apezar de comparteciparmos da admiração que o mundo todo sente pela vida e doutrina de Jesus, nenhum de nós o apprehende de um modo tão grandioso e vivo como é o caracteristico de algumas das mensagens. Por muitas vezes eu me sinto extraordinariamente indigno do papel que me foi confiado de diffundir coisas que me parecem vindas de uma fonte tão elevada, dignas de um mensageiro muito mais espiritual do que eu».

Terminadas doze paginas de excellente e instructivo prefacio, no seu estylo conciso, inconfundivel, e antes de entrar nas mensagens de Pheneas, Sir Arthur Conan Doyle transcreve varias communicações de espiritos familiares, bem identificados, nas quaes se patenteia a perfeição com que a medium, Snra. Jean Conan Doyle, recebe as mensagens dos desincarnados.

Espiritos atrazados e infelizes tambem se apresentam e são carinhosamente doutrinados pelo Sr. Doyle, constituindo isso episodios commoventes nos quaes não nos deteremos por serem scenas familiares aos leitores desta «Revista», e outro o nosso intento.

O livro todo é formado de perguntas e respostas, em estylo muito simples, sendo que as respostas de Pheneas, por vezes muito longas, enchem quasi o total da obra.

Em 10 de Dezembro de 1922 a mãe de Conan Doyle (desincarnada), annuncia-lhe o nome do Guia, em longa e interessante communicação que termina por estas palavras: «Elle deseja que eu te diga, querido filho, que ha muito trabalho na tua frente».

D'ahi em diante começam as communicações com o Guia directamente. Quando a progenitora de Conan Doyle terminou a noticia relativa á elevação do Guia do filho, este disse: «Eu me ufano de ter um Guia assim». Tomando então contrôle do medium, Pheneas disse as suas primeiras palavras: «Nós somos irmãos».

Pergunta C. D.: «Estou trabalhando certo?»

Responde Pheneas: «Estás direito. Continúa como estás fazendo. Estás fazendo muito mais do que imaginas. E' de muito alcance o effeito desse trabalho».

C. D.: «Devemos ir á America?»

P.: «E' a vontade de Deus. Está determinado.»

Qual foi o resultado dessa viagem e da série de conferencias nos Estados Unidos e no Canadá, todos sabemos até pelos telegrammas da imprensa diaria. Por toda parte dos tres continentes, onde o Sr. Conan Doyle fez conferencias espiritas, encontrou verdadeiras multidões que o ouviam com a attenção a que fazia jús um dos maiores escriptores de todos os tempos. E' que além da fama do romancista havia o auxilio do Alto. A um pedido de Conan Doyle para que Pheneas fosse com elles á America do Norte, o Guia respondeu: «Sim, mas uma guarda muito mais forte do que eu estará convosco durante a viagem toda. São espiritos elevados, muito elevados. São de entre os escolhidos de Deus».

Um medium vidente em Los Angeles fez a descripção desse grupo de mensageiros do Alto.

Para nós não tornarmos muito extensos, temos de citar apenas phrases isoladas, extrahidas das communicações de Pheneas.

«... Breve as cousas crueis e perversas que são feitas em nome de Deus, não poderão mais existir. Todos os fingimentos terão de ser banidos e então só a verdade viverá. Amor, amor, amor. A Inglaterra não se parecerá mais com a Inglaterra de hoje em cousa alguma.

Eu acho que o mundo esta desanimador. Mesmo depois da terrivel guerra, a humanidade não está melhor. Tem de mudar, e um novo mundo será constituido sobre um Christianismo real. Este que estaes pregando será a base para o que vem. Toda crueldade desapparecerá, porque então a humanidade comprehenderá as coisas. Prevalecerá o amor, e assim em vez de trevas, a Personalidade Divina habitará em toda a parte. Prosegui com o trabalho que estaes fazendo, porque muito mais precisam de aprender».

Na California um medium vidente descreveu uma figura muito nobre de um arabe atraz do Sr. Doyle, e depois do regresso deste para a Inglaterra, Pheneas disse no correr de uma mensagem: »... Eu estava comtigo na sessão na California, quando me descreveram. Estava comtigo, trabalhando comtigo e por teu intermedio».

Em 27 de Abril de 1924: «Cada um de vós tem o seu trabalho determinado para o tempo presente, auxiliar e guiar os que nada sabem. Precisaes todos de vos preparar, para serdes dignos do glorioso trabalho para o qual Deus vos escolheu.

O periodo não será de duração muito longa, embora possa parecer longo para os que o tenham de atravessar.»

C. D. : — «Que nos cumpre precisamente fazer ?»

P. : «Sereis instruidos. Escutae o seguinte: Ha annos passados houve um homem em Jerusalem; era grande e o mundo não o conheceu. Mas é chegado o tempo em que o mundo,—todas as cores e credos, — se inclinará diante d'Elle, e todo joelho se curvará . . .»

No dia subsequente C. D. ia fazer uma conferencia em Bromley; em meio de uma communicação Pheneas diz: « . . . Iremos comtigo a Bromley. Estás sempre trabalhando pela causa. Nós te guiamos sempre. E' melhor não forçar as cousas, mas sim deixal-as em nossas mãos. Nós temos nossos planos todos organizados, e quando se approximar o tempo, te daremos a impressão, e não terás perturbação nem duvidas. As difficuldades serão applanadas em todas as direcções».

Em 31 de Maio de 1924: «Grandes cousas se estão approximando. Tudo que tiver em si o minimo vislumbre de vida espiritual será cultivado, seja neste mundo, ou em espheras mais elevadas ou mais baixas.

Deus virá finalmente para o que lhe pertence, e todos os fingimentos cahirão e todos os lobos em pelle de ovelha serão desmascarados. Os ultimos serão os primeiros e os primeiros serão os ultimos aos olhos de todos os homens».

Pheneas recommenda a C. D. que faça um registro de todas as communicações, pois que ellas virão a ser motivo de grande consolo. Foi depositado em um banco o manuscripto completo das prophecias.

15 de Junho de 1924: «Estavamos esperando por vós. O tempo é breve, e ha poucos instrumentos para dizermos tanta coisa importante. Não percas uma occasião.

Eu preciso dizer o seguinte: Vae surgir um novo mundo, novo em todos os sentidos. Então todas as sombras e trevas do mundo presente serão extinctas. Si a humanidade o soubesse, que differente poderia ser o mundo! Despertae as mentes inertes. Estaes ajudando sempre.

Cada pessoa terá o seu papel a representar. Que coisa para se ver! Quanta graça! O véo se rasgará e todos verão os seus caros. E' essencial lhes communicardes que os mortos estão vivos...» «Em todos os credos ha grandes santos».

5 de Julho de 1924: «Quando chegar a grande transformação para a humanidade, todos os credos e egrejas deixarão de existir; porque o povo de todas as nações comprehenderá que todos falharam totalmente na hora da necessidade. Todos, todos, todo nuace de seita e nação se dirigirá para o espiritismo, e assim o mundo ficará mudado, e os fingimentos varridos para sempre. Vem então o Millenium. Quando subirdes aqui para o paiz dos vossos sonhos, observareis que apenas o amor prevalece, e o sol brilha, e tudo, tudo é bello, e o coração nunca é ferido. D'aqui vereis o progresso do mundo sob as novas condições; será muito interessante, maravilhoso de se contemplar.

A seára está quasi prompta, as sementes quasi todas na terra, agora vem a chuva e depois o sol. E' a maior cousa que poderia succeder á humanidade...»

Um espirito que se disse chamar Joanna communica se. O Snr. Doyle, ardente venerador desse grande espirito que é Joanna d'Arc, traduziu em inglez o livro de Leon Dénis «Joanna d'Arc Medium», do qual fez uma bella edição. Perguntando então ao espirito si era Joanna d'Arc, recebeu resposta negativa. Interrogando si a heroina nunca estivera em suas sessões, recebe a seguinte resposta: «Tem vindo varias vezes. O livro e o vosso interesse por ella têm-n'a attrahido. Ella é um grande leader e uma força aqui encima para a proclamação dessa grande verdade na face da terra. E' um dos que vos encontrarão quando vierdes aqui para este mundo da vida».

8 de Julho de 1927. Pheneas falla: «Preciso realmente de vos dizer muita coisa. Tanta coisa de importancia para o mundo tem sido decidida aqui ultimamente.

Oh! meu Deus, que ventura quando fôr varrida da terra a impurez . . . a impureza . . . As crenças hypocritas, o veneno, os deuses do fingimento que foram creados, a theologia que se levantou como grande nuvem entre a humanidade e Deus, entre o Pae e os seus filhos. Isso vae desapparecer. A face da terra deve ficar limpa.

Não somente os humanos, mas tambem os espiritos ligados á terra terão de desembaraçar a superficie do globo. Tudo terá de ser puro, um novo solo para nelle crescer a humanidade. A atmosphera tem de ser nova. De outro modo seria o mesmo que tomar uma delicada planta, nova e fragil, e replantal-a em terra velha e sáfara. Essa é uma das razões de o solo ter de ser renovado. Depois será maravilhoso — muito mais bello do que em qualquer outra epoca da historia do mundo. Está chegando o tempo em que o Christo mesmo se proclamará».

Pergunta o Sr. Doyle: «Tenho lido que o Christo se manifestará atravez de diversos povos. E' assim?»

— «Elle virá aqui como individuo; mas com a Sua presença na terra irradiará delle uma força maior e espiritualidade para os que são espirituaes e de temperamento semelhante ao Christo. Nesse sentido o teu informante tem razão. O Christo é como uma bateria que transmitte força a outras baterias menores, as quaes com esse reforço recebido da bateria principal podem dar brilhante luz.»

Consulta o Sr. Doyle: «Que fazer das mensagens de um outro centro que me foram enviadas? Devo escrever um prefacio para ellas?»

— «Não deves pôr o teu nome nisso. Prejudicaria. As communicações são de uma alma pomposa aqui deste lado. Tem cerebro demais e não tem bastante alma, como é o caso de muita gente boa da terra. Os assumptos mostram que não provêm de fonte muito elevada. O mundo precisa actualmente de auxilio de modo pratico e efficaz. A humanidade precisa de balsamo e conforto, e não de conversas sobre coisas mortas . . .»

Seguiu se então um longa, minuciosa descripção dos acontecimentos que se vão dar; mas o Sr. Doyle ainda não tem permissão de publical-a. A uma observação de Conan Doyle, de que o conhecimento da prophecia aterrará os homens, o Guia responde: «Não, elles já estarão aterrados com outras coisas e ella terá effeito amenizador.»

Gomes Braga

THEORIAS NEGATIVISTAS

(Conclusão)

Vê-se distinctamente, desde que se lance um olhar sereno e desapaixonado pelo amphitheatro da sciencia, o proposito interesseiro desses gladiadores da palavra que terçam as armas em pról do materialismo, receiosos de que, elevado o senso moral das massas a um plano mais superior, o seu prestigio se reduza e o seu commercio soffra um abalo financeiro capaz de damnificar-lhes a cupidez, ainda satisfeita e acariciada pelos afflatos da ignorancia, a quem elles atiram um gongorismo confuso em resposta a interpellações tão simples, sem que no emmaranhado da terminologia classica se encontre um pallido reflexo da luz desejada.

São, por consequencia, personalidades que reunem em si as tres categorias de negadores estabelecidas por KARDEC, isto é: falam sem conhecimento de causa, defendem seus interesses pessoaes e acham que a moral espirita *é um estorvo* ao uso exaggerado da liberdade individual.

Mas, apesar disso, quando o homem — facto que já está acontecendo — comprehender que certos estados pathologicos se aggravam pela influencia psychica a que está sujeito o organismo, e que muitas enfermidades a que os materialistas chamam de *nevrose*, *hysterismo*, *neurasthenia* e outras podem ter origem no perispirito ou centro regulado da vida organica, visto que é o intermediario entre o espirito e o corpo carnal com que aquelle se caracterisa para as scenas da existencia terrestre, então a cura das molestias deixará de ser um *privilegio* para tornar-se um *dom* concedido a todos aquelles que moralmente se elevaram na hierarchia espiritual e sabem *dar de graça o que de graça receberam.*

Ficará, nesses dias, convencido o homem de que a sua propria vontade é um poderoso *agente curador*, desde que a secunde uma fé sincera, e a intenção de praticar o bem se arroje pelo infinito fóra, vibrando de pureza e caridade, como uma onda de luz, em busca do fluido reparador, que se acha sempre ao nosso alcance mas em meio ás coisas elevadas,

— razão porque tambem carecemos de elevar para poder attingil-o.

Inventando os materialistas theorias complicadas para obscurecer e anniquilar factos que tão claros se mostram, admittida a existencia da alma e os phenomenos que em dadas circumstancias ella pode produzir, apenas tornam mais ridicula e falsa a sua posição perante aquelles que se não satisfazem só com uma terminologia essencialmente technologica, para definir acontecimentos realisados fóra do campo de nossas percepções visuaes.

Arranjar um *sub-consciente*, um ponto localisado nas mais profundas camadas do nosso sêr, ligado á materia organica, e dal-o como conservador e reproductor das nossas «reminiscencias» esquecidas no estado normal, si de facto o organismo passa por transformações diversas, é inadmissivel como já provámos com a propria doutrina do materialismo, até hoje em pleno vigor e acceitação pelos adeptos da inexistencia da alma.

Mesmo, porém, que fosse possivel a renovação das cellulas organicas sem que dellas se apagassem os vestigios dos nossos feitos, nesse *sub-consciente* só poderia estar gravado, para o respectivo *afloramento*, aquillo que o consciente normal houvesse presenciado ou sentido. Nessa pagina profunda e sensivel intercalada nos mysteriosos reconditos do nosso sêr, só poderiam estar impressas as lembranças dos nossos proprios feitos, as nossas impressões e visões subjectivas. Tudo quanto fóra do nosso alcance e vista acontecesse, ser-nos-ia impossivel reproduzir ou relatar.

Ao contrario, porém, é o que todos os dias vemos acontecer nas experiencias espiritas, quando bem orientadas e levadas a effeito com o intuito grandioso de esclarecer o homem acerca do problema do sêr.

Os espiritos que se manifestam, os moral e scientificamente elevados, pouco ou nada falam de suas personalidades, quasi nenhum informe prestam sobre a sua origem e genealogia pessoaes.

Entretanto, com grande sabedoria, serenidade, compaixão e amor pelos seus irmãos pouco evoluidos, falam de mundos que desconhecemos, habitados por humanidades mais perfeitas e que rolam pelo espaço illimitado, mantidos sempre pela empolgante lei da gravitação nas suas orbitas colossaes, por onde deslisam e seguem os seus cyclos evolutivos, atravez das luzes multicores que outros lhe projectam, tal é a variedade infinita de planetas que em carreira vertiginosa se deslocam pelas profundidades do Universo !

Lembram-nos deveres moraes muitas vezes olvidados ; dão-nos sabias lições sobre assumptos desconhecidos acerca dos quaes os interrogamos, sempre que é para nosso bem e progresso de toda a humanidade ; falam ás vezes, em linguas completamente extranhas do meio onde se manifestam, — e o que é mais importante, — o medium quasi sempre, ou tem cultura mediocre, ou chega a ignorar mesmo as regras de falar e escrever o idioma do seu proprio paiz, quando não é completamente analphabeto.

E quando, ao falar da felicidade que gosam aquelles que gradativamente passaram pela escala do progresso e galgaram os cimos da perfectibilidade, depois de terem amado e soffrido muito, o fazem com emoção tamanha e tal belleza descriptiva que as lagrimas se nos saltam dos olhos e descem pelos sulcos do rosto como um refrigerio bemdito á febre pungitiva dos nossos desgostos ? —Reproduzirão, ahi, impressões, factos e sensações que o *sub-consciente* conserva ?

Como pode esse sentido organico desagregar-se do todo, sem a consciencia deste, e attingir as paragens divinas, onde a vida é completa, para lá adquirir conhecimentos elevados e puros que mais tarde transmitte aos que o rodeiam, si, sendo materia tacteavel, não tem accessibilidade nessas regiões do ether imponderavel ?

São considerações insignificantes essas que ahi deixamos, mas que, mesmo assim, bastam para provar *aos que têm olhos de ver*, quanto é balôfa e fatua a theoria do negativismo, que só admitte a intelligencia como producto da materia organica.

Não aconselhamos crença absoluta e céga em todos os factos que se dão e que têm apparencia de realidade, porque isso seria acceitar o fanatismo e em tudo pode haver mystificações e propositos de má fé. Mas, tambem, negar tudo pelo simples gosto de negar, quando a realidade nos fustiga o rosto e se alevanta, com a palpabilidade dos Andes, á nossa vista despreoccupada, convidando a verificação das provas que apresenta, é pedantismo crasso e vaidade absurda.

Devemos, si queremos destruir um principio generalisado e transformado em crença no coração de milhões de creaturas, estudar-lhe a base, o mechanismo fundamental sobre que se assenta a convicção de seus adeptos e propagadores, mas não, nunca — valendo-nos do respeito e admiração que as massas nos votam pelos nossos amplos conhecimentos em materias outras que não a que combatemos, lavrar uma sentença condemnatoria e accusar de futilidade, accidentes hystericos e outras denominações que demonstram o desprezo pela realidade dos factos, os phenomenos que religiosa e scientificamente têm sido comprovados por sabios eminentes, cuja sinceridade jámais pode ser posta em duvida, visto que o *unico interesse* que tiveram em mira, é o esclarecimento da humanidade, seu progresso espiritual e a sua reintegração nas harmonias divinas, guiando-a pelo Caminho da Verdade, até que ella, emancipada dos prejuizos do orgulho e liberta dos jugos da materia, possa ascender aos páramos da Luz, cantando hosannas a DEUS pela immortalidade do seu destino.

João de Oliveira Barbosa.

PHOTOGRAPHIAS DO INVISIVEL

— III —

Do Grupo de Crewe foram egualmente atacados os mediums Snra. Deane e Sr. Vearncombe. Conan Doyle os defende, declarando embora que o ataque não merecia resposta, porque foi anonymo. Snra. Deane é uma pobre e simples velhota, sem habilidade para enganar a quem quer que seja. Descobriu por acaso a sua mediumnidade photographica. A sua primeira camara escura foi improvisada debaixo da mesa da cosinha, fechada com pannos pregados com alfinetes: e mesmo assim obteve photographias notaveis, algumas das quaes chegaram ás mãos do Sr. Doyle.

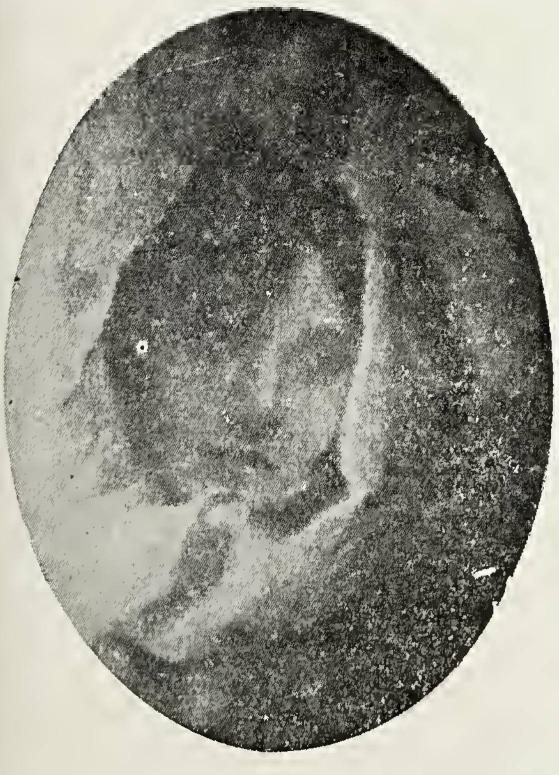

Fig, 11 — Retrato psychico de Ignez, filha do Dr. Alberto Cushman. Esse retrato tão vivo foi obtido pelo Dr. Cushman em uma visita de surpreza á Sra. Deane.

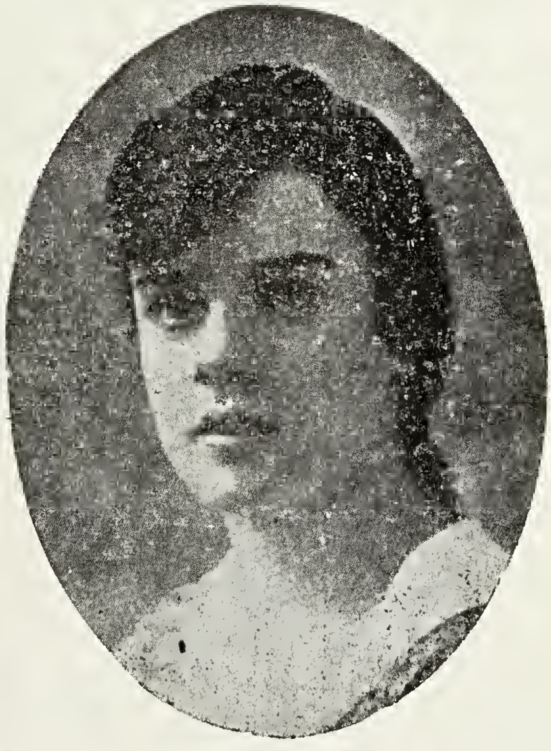

Fig. 12 — Photographia normal de Ignez Cushman, para comparação com a fig. 11.

Foi pela mediumnidade da Snra. Deane que o Dr. Cushman, distincto scientista americano, obteve um excellente retrato de sua filha Ignez, fallecida alguns mezes antes. Tendo ido ao Psychic College, sem convite nem apresentação, lá encontrou a Snra. Deane que estava de partida. Elle persuadiu-a ficar e lhe dar uma sessão, e lá, no mesmo momento obteve uma photographia da filha «morta«, que é, declara elle, differente das que existem e mais viva e caracteristica do que as feitas em vida de Ignez.

Por occasião da sua estada nos Estados Unidos, o Snr. Doyle projectou na tela essa photographia (fig. 11) e abundantes testemunhos de conhecidos da joven declararam ser um quadro-vivo da «morta».

Essa pobre medium recebeu excommunhão da sua igreja, e o Snr. Doyle lembra que Joanna d'Arc tambem teve a mesma sorte pelo mesmo motivo «de empregar um dom que Deus lhe deu».

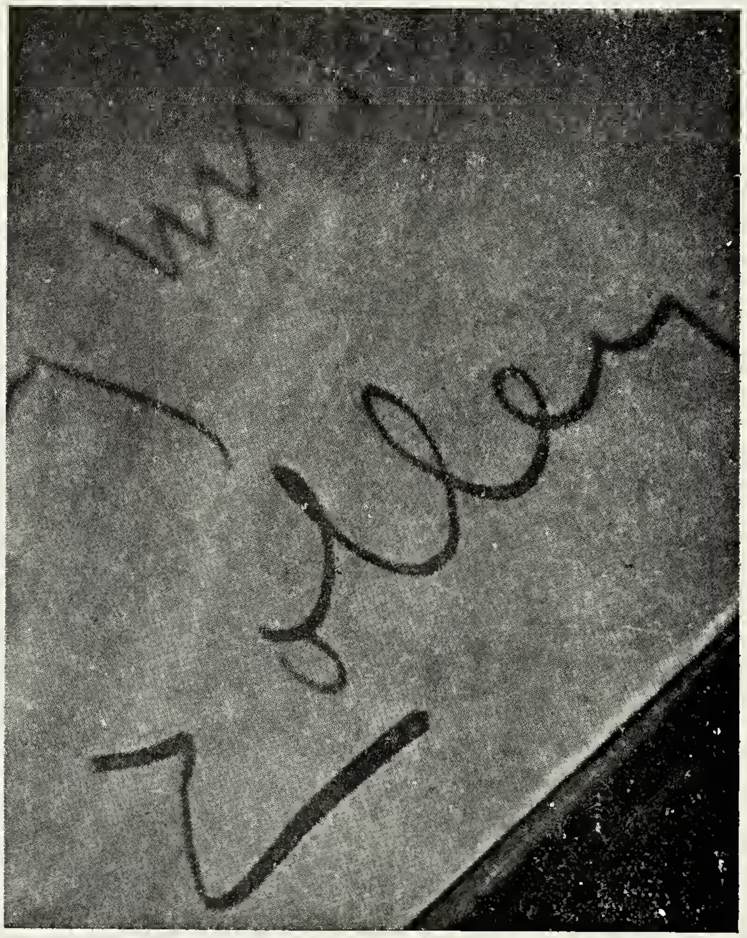

Fig. 13 — Photomicographia feita pelo Major R. E. E. Spençer, da assignatura do arcediago Colley, extrahida de uma carta escripta em vida.

* * *

Miss Felicia R. Scatcherd escreveu a «Genese e Historia do Grupo de Crewe», na qual narra episodios interessantes, além de uma biographia de William Hope.

Hope tem immenso desejo de obter uma photographia psychica da sua propria mãe, tem feito innumeras tentativas e pedidos, mas nunca conseguiu realisar esse desejo. Sente por isso um profundo desgosto.

Uma das photographias mais notaveis dos primeiros tempos do Grupo de Crewe foi obtido em 1908 pelo arcediago Colley que levou chapas e machina e se encarregou elle proprio de executar todo o trabalho photographico.

O resultado foi uma perfeita photographia dos paes do arcediago, e como nunca havia sido photographada em vida a progenitora d'aquelle sacerdote, elle annunciou pelo jornal de Leamington, pedindo a todas as pessoas que se lembravam della para irem encontral-o no presbyterio, e, apresentando a photographia entre muitas outras, cada visitante por seu turno reconheceu a photographia como o retrato perfeito d'aquella senhora. O arcediago obteve dezoito declarações por escripto para comprovar o facto.

* * *

Dentre as pessoas que concorreram com seu testemunho pessoal e com documentos para demonstrar a authenticidade das photographias obtidas no Grupo de Crewe destaca-se o Sr. Fred Barlow, secretario honorario da S. S. S. P. (Sociedade para o Estudo dos Retratos Supernormaes), cujo depoimento é longo e repleto de factos.

Declara elle ser um erro popular suppor-se que a coisa mais facil do mundo seja obter «um retrato de espirito» por meio de fraude, mesmo sem as retricções da fiscalisação que têm sido empregada em Crewe. Com boa fiscalisação de pessoa competente, a fraude torna-se de todo impossivel.

Além disso, ha casos em que toda hypothese de fraude fica annullada pelas proprias circumstancias, como na visita de conhecidos que obtêm photographias de «mortos« desconhecidos do medium-photographo. e só conhecidos do visitante. Bastaria um só destes casos para estabelecer a realidade da photographia espirita. E não é exaggero dizer-se que isso se tem reproduzido vintenas de vezes, e, conseguintemente, a evidencia da photographia psychica é esmagadora.

Depois de longos annos de minucioso estudo desse asssumpto, o Snr. Barlow declara não saber como haveriamos de arredar o facto de que muitos desses effeitos photographicos são produzidos por intelligencias desincarnadas. E elle diz «muitos» e não «todos», porque acredita a possibilidade de retratos supernormaes que não sejam de origem espirita, mas sim animica, como nos outros phenomenos psychicos frequentemente se dá. Cita um optimo exemplo demonstrando esta ultima affirmação. Isso faz-nos lembrar os ensinos de Bozzano: Sempre o espirito humano, ora incarnado produzindo phenomenos animicos, ora desincarnado produzindo phenomenos espiriticos. E ao experimentador cumpre distinguir uns dos outros e demonstrar o facto de que uns e outros provam a existencia e sobrevivencia do espirito humado.

Que melhor prova se poderia exigir da sobrevivencia do que uma mensagem escripta com a propria lettra de um «morto», sobre assumpto posterior á sua morte? Pois não são raras as mensagens em que os mortos tratam de acontecimentos posteriores á sua morte, e que não deixam duvida com respeito á authenticidade da lettra. O major R. E. E. Spencer consumiu uma grande quantidade de tempo e trabalho fazendo «photomicographias» de escriptos normaes e supernormaes para os fins de comparação. Como exemplo, reproduzimos dois clichês dessas «photomicographias». A fig. n. 13 mostra parte de uma assignatura do arcediago Colley em vida. Foi extrahida de uma carta: emquanto que a fig. 14 mostra a parte correspondente da assignatura em uma mensagem photographica recebida depois da sua morte. Essa mensagem refere-se a acontecimentos posteriores á morte do arcediago.

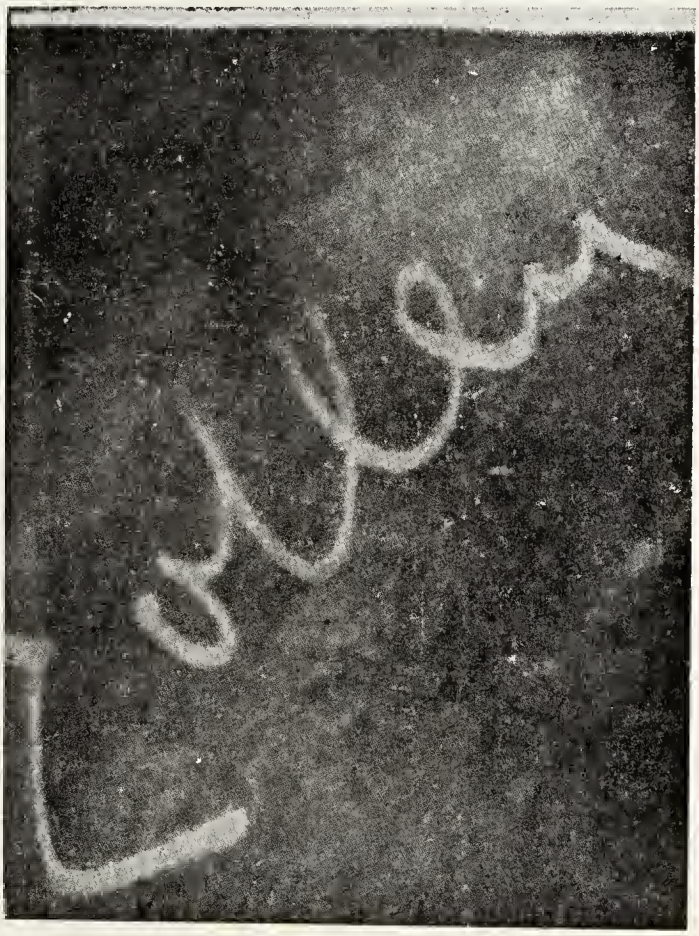

Fig. 14 — Photomicographia pelo Major R. E. E. Spencer, da assignatura do arcediago Colley, em mensagem photographica obtida depois da sua morte. Compare-se com as figs. 2 (do nosso fasciculo de 15 de janeiro) e fig. 3

* * *

O materialismo está em plena decadencia. Triumphante em todo o decurso do seculo XIX, elle se desmorona lentamente, mas de um modo irrevogavel

A. E.

A cigarra - a borboleta e a reincarnação

Em lembrança da fabula de Sir Oliver Lodge «A solha e o passaro»

Parece impossivel que haja na terra um assumpto de scenas tão symbolicas e emocionantes, um assumpto tão instructivo como esse de que nos vamos occupar, e que aos olhos de todos revela a Natureza na extranha metamorphose dos insectos.

Nos diversos *estados da vida* que se succedem nesses minusculos viventes, palpitamos e sentimos as harmonias de um «Principio Universal» que tudo rege e domina, e que serenamente nos leva ao termo de nossos destinos.

Nos insectos como em tudo o mais, a Natureza nos desvenda os occultos processos que emprega para a perpetuação da *vida*, — profundo mysterio até hoje inaccessivel á intelligencia humana.

No infinito seio do Universo a vida é indestructivel, e por isso — eterna; a morte não passa de meia transformação.

Para nós, encarada a intima solidariedade dos phenomenos vitaes, ha sempre um hiato na serie animal, hiato que interrompe a linda cadêa de ouro... tantas vezes e em vão integrada pelo orgulho do homem no arroubo subtil com que religa os seus ideaes scientificos. Partida porém essa cadêa, falta-lhe então o elo buscado pela sciencia, e buscando para circumscrever os phenomenos inaprehensiveis da vida una e eterna, brilhante e immorredoura.

Nessa pedra angular é que está o nascimento da vida *ab ovo*, dessa vida que começa sem que ninguem saiba como e quando, e vida que nos insectos logo se immobiliza e se fixa em estados transitorios, definidos, envoltos no indecifravel enigma de sua inaccessibilidade.

Como não é a decifração desse enigma que nos empolga neste momento, deixamol-a aos mais competentes e voltemos ao que tinhamos em vista, isto é — á analogia que ha entre a metamorphose dos insectos e o renascimento dos seres humanos.

⁂

Aqui está, por exemplo, a crysállida de uma futura cigarra. Neste pequeno e delicado involucro dormem as fórmas indecisas de um insecto ainda em estado potencial, em projecto de «vir a ser».

E' na hora mais quente do dia que impreterivelmente se rompem as crysállidas, porque só então têm os raios do sol a magia de dar aos prisioneiros desses involucros a capacidade necessaria para forçarem a porta de um tumulo — pellicula da crysállida. Nesse momento a pelle do involucro se funde desde a cabeça até a baixa região dorsal, e então, ainda mal contornado e tumido, surge na fenda um pequenino insecto e por ella vai sahindo aos poucos, lentamente... Uma vez fóra, estaca alguns momentos como que a descançar do laborioso esforço de seu proprio nascimento. Depois tomando posse de si mesmo, cautelosamente vai alongando as antenas que até então se mantinham dobradas... Depois, como que a saudar a nova atmosphera em que se vê põem-se a agital-as. Mais um momento e eis que as patas lhe vêm surgindo debaixo do ventre.

Neophito desse novo meio tão diverso do outro em que completou a sua evolução de crysállida recem-nascida, caminha então devagarinho a pobre cigarra em torno da casca vasia de que emergia, e que lhe offerece aos olhos, como que feito de espuma de parafina, a imagem quebradiça daquillo que foi e já não é. Dir-se-ia que ha nesse passeio a peregrinação de um filho ao tumulo do pae no dia de finados.

Neste ponto de suas metamorphoses a cigarra aspira fortemente o ar, e esse ar vibrante e oxygenado lhe penetra por todo o organismo, e rapidamente o desenvolve e consolida. Fóra, o calor secco do ambiente lhe enxuga a pelle e as azas, — essas azas que ella se põe agora a agitar, como que a experimental-as para o vôo. De facto as experimenta. Primeiro o faz, porém, lentamente; depois com mais vigor, — e depois com vehemencia.

Ouve-se o rumor desse movimento que freme e vibra como que provocado por uma corrente electrica, — tão frequente, se lhe succedem as vibrações. Então em vez de azas, o que se vê é como se fosse a mancha pardacenta de uma grande massa molle, cousa que relembra a imagem desdobrada pelo bordão de uma harpa tangida com força.

Assim vão ellas crescendo a olhos vistos, com rapidez vertiginosa, — azas ha pouco em plena infancia. Cança-se de vibral-as e, cançada de novo pára.

O astro do dia continúa a deslocar-se no firmamento.

Coado por entre as folhas, um raio de sol, avelludado e carinhoso, envolve a cigarra completamente. O canoro insecto como que sonha ao tepido influxo desse beijo de luz: — enrija-se, tonifica-se vitalisa-se.

Brota-lhe dos flancos, oriundos dos páramos longinquos do Mysterio, a haste ponteaguda de um instincto até então desconhecido: — pensa em perpetuar-se, tem a sêde e a fome da eternidade.

E mal o pensa, eil a que resoluta levanta o primeiro vôo, eil-a que rapida fende os ares com as finas membranas das suas azas transparentes.

O cyclo vai completar-se.

Estridula, jovial e leve, lá se vai a cigarra pelo azul em fóra, a cantora da primavera e do estio, dôida de sol, sedenta de liberdade, e ebria... completamente ebria de amor.

I I

Si passaes da cigarra ás borboletas, o phenomeno é essencialmente o mesmo. A metamorphose segue ahi as suas phases do ovo ao insecto perfeito.

O vocabulo grego «Psyché» tanto significava a «alma» humana como a «borboleta».

I I I

Essas metamorphoses não podiam escapar á fria observação dos philosophos esoteristas do Egypto de Hermes Trimegista e da Grecia espiritualista de Pythagoras.

Una e eterna em sua infinita variedade, a Natureza é a mesma no seixo, na flôr, no insecto, no homem e em tudo o mais.

Do ovo ao estado de insecto perfeito, atravez de mudas, a borboleta ficou sendo, em suas metamorphoses, o symbolo da alma humana atravez de suas reencarnações, desde o estado mais rudimentar do seu apparecimento no seio da materia até ao estado perfeito de puro espirito, quando se approxima, quando se unifica, *in totum* com o *Grande e Ineffavel Principio de Todas As Cousas.*

Dr. Joaquim Branco.

* * *

A TRANSFORMAÇÃO DA MORTE

Tudo quanto vive se transforma, e cada transformação é acompanhada d'uma morte apparente; nunca, porém, ha extincção de vida ou destruição d'um principio material ou espiritual no Universo. Assim se modifica e se desenvolve um germen qualquer, occulto na terra; morrem em sua forma primitiva e seu modo de existencia apparente; porém, depois dessa morte apparente, brota do germen uma nova organisação ou um novo corpo.

A morte é uma modificação, não da personalidade, mas da constituição dos principios do ser humano.

A immortalidade individual é um facto.

J. DAVIS.

Congresso Espiritualista Internacional (Trienal)

Londres, de 7 a 13 de Setembro de 1928

Aberto a todas Federações, Asssociações, Sociedades e Centros Espiritas.

A commissão acceitará igualmente todas as communicações que possam ser-lhe enviadas

EXPOSIÇÃO

A FEDERAÇÃO ESPIRITA INTERNACIONAL, a convite da Spiritualist National Union de Grã-Bretanha, reunirá o seu proximo Congresso trienal em Londres. As principaes reuniões terão logar nas salas QUEENS GATE, HARRINGTON ROAD, SOUTH KENSINGTON, London S. W. 7; outras menos importantes realisar-se-hão nas salas da LONDON SPIRITUALIST ALLIANCE, que teve a amabilidade de as por a disposição do Congresso. As Associações Espiritualistas seguintes, unem-se para formular o presente convite: The British Spiritualist Lyceum Union, The London Spiritualist Alliance, The British College of Psychic Science, The Marylebone Spiritualist Association, The Spiritualist Community e o Bureau Stead.

O Congresso de Paris de 1925 acceitou por unanimidade as resoluções seguintes, como traduzindo a Philosophia e os Principios fundamentaes do Espiritualismo Internacional:

I. — A existencia de Deus como intelligencia e suprema Causa de todas as coisas.

2. — A existencia da Alma, ligado (durante a sua vida terrestre) ao corpo physico perecivel, por um corpo fluidico intermediario (corpo etherico ou perispirito) duma natureza indestructivel.

3. — Immortalidade da Alma, evolução continua para a perfeição por estagios de vida progressiva.

4. — Responsabilidade universal, simultaneamente individual e collectiva entre todos os seres.

O fim do proximo Congresso será mostrar que a Philosophia e os Principios do Espiritualismo são baseados num estudo dos phenomenos objectivos e subjectivos da psychologia experimental. Elle estabelecerá em termos claros o caracter realmente scientifico dos methodos experimentaes espiritualistas e da analyse de todos os phenomenos psychicos e mediumnicos. Estes estudos, exigindo porém, uma exploração continua para coordenar o conhecimento e os principios que della podem ser deduzidos, revelam a existencia duma physica, duma chimica, duma biologia, duma physiologia e duma psicologia transcendentaes que ultrapassam os conhecimentos materialistas.

O Congresso porá em relevo mais uma vez a grande significação moral e social para a humanidade das provas experimentaes que estabelecem a realidade da continuidade da vida e da consciencia em outros corpos para além da sua manifestação na presente existencia que derivam da responsabilidade individual e universal, o Congresso atrahirá a attenção de todos sobre as deducções tiradas dos factos espiritualistas, isto é, sobre *os principios dr acção capazes de transfoemar profundamente a vida dos homens e das nações e por esse meio fazer avançar a causa da fraternidade universal da paz.*

Na sua sessão de encerramento o Congresso terá diante de si uma série de opiniões resultantes das suas deliberações, e destinadas a expôr os progressos da psychologia experimental, a tendencia de sabios eminentes e de representação em admittir um elemento transcendental nas suas investigações e theorias actuaes, e a tendencia de pensadores religiosos para acceitar cada vez mais as descobertas das verdades scientificas e psychicas; emfim, a acceitação progressiva em todos os paizes dos phenomenos psychicos como parte das experiencias normaes da vida quotidiana.

A todos aquelles que ardentemente desejam uma tal realização do progresso humano, o Congresso de 1928 lança este apello. Couvidamos insistentemente todo o espiritualista a unir as suas forças as da Commissão Organisadora do Congresso de 1928, para que o Espiritualismo Internacional projecte a sua luz como um pharol sobre todos os viajantes perdidos no oceano da duvida e da incerteza com respeito ao destino ultimo da humanidade.

O trabalho do Congresso será dividido em CINCO SECÇÕES ; serão recebidos com prazer, relatorios e communicações para estas secções assim classificadas:

1. — Phenomenos Psychicos e mediumnicos.
2. — Doutrina, Philosophia, Etica.
3. — Propaganda, Organisação, Literatura.
4. — Exposição Psychica (aberta durante toda a duração do Congresso).
5. — Sessões para a demonstração dos phenomenos e da mediumnidade.

PRIMEIRA SECÇÃO
Phenomenos Psychicos e Mediumnidade

a) Factos probativos da existencia no homem duma potencia extra-material ou seja força psychica. Os methodos e apparelhos empregados para detectar e desenvolver esta força no medium. Os seus modos de manifestação.

b) Força psychica agindo á distancia, isto é telepatia, telechinesia : phenomenos luminosos, effeitos curativos (com ou sem contacto) da mediumnidade curadora.

c) Factos demonstrativos da existencia e da acção duma consciencia extra-sensorial ou seja : somnambulismo, clarividencia, psychometria e premonições.

d) O phenomeno de Mediumnidade propriamente dito : manifestações espontaneas, apparições, visões, assombramentos. — Demontração da existencia e da acção do espirito (perispirito). — Materialisações, ectoplasma, edeoplasma, voz directa, phenomeno da trombeta, photografia, phonografia, moldagens espiritas, bilocação, verificação espirita e personificação, ensaio de identidade das entidades que se manifestam.

SEGUNDA SECÇÃO
Doutrina, Philosophia, Etica

a) Provas da existencia da alma.

b) Sobrevivencia da alma.

c) Evolução progressiva da alma no além.

d) Reincarnação, suas provas e sua significação.

e) O Espiritualismo como philosophia, como religião da evolução universal.

f) A acção dos factos e da philosophia espiritualista na sciencia moderna, na moral e na sociologia.

TERCEIRA SECÇÃO
Propaganda, Organisação, Literatura

a) Méthodo de organisação dos grupos, federações, associações nacionaes, instituições, obras de caridade, estatistica.

b) Leituras e projecções, films e peças teatraes.

d) Jornaes, periódicos, folhetos e livros consagrados ao espiritualismo.

QUARTA SECÇÃO
Exposição de arte espiritualista, etc.

A Commissão Organisadora faz um insistente apello aos espiritualistas para que enviem, a titulo de emprestimo, para a exposição a realizar durante o periodo do Congresso, todos os objectos ou documentos relacionados com as seguintes categorias :

a) Photographias de «formas-pensamentos» e da força psychica.

b) Photographias de «duplos», espiritos, entidades e ideographos.

c) Pinturas mediumnicas, desenhos, escriptas, etc.

d (Apports, moldagens, etc.

QUINTA SECÇÃO
Sessões

Em attenção aos delegados e visitantes de além mar e outros, a Commissão Organisadora, com o concurso da «London Spiritualist Alliance», e alguns bons mediums inglezes organisou uma série de sessões de voz directa, phenomenos de trombeta e outras formas de manifestações psychicas, clarividencia, transe mediumnico, etc.

Todas as informações sobre o horario das sessões, direito de entrada etc. serão dadas pela Secretaria da Commissão de Recepção :

Miss M. Phillimore
London Espiritualist Allliance
15. Queensberry Place
South Kensington, London S.W. 7

Aviso importante : A Commissão

espera que todos os paizes que enviem delegados ao Congresso lhe enviarão um relatorio destinado a discussão. Estes relatorios serão limitados a um tamanho que não exceda meia hora de leitura, isto é, não devem comportar de 5000 a 6000 palavras. Será dada a preferencia aos relatorios enviados por intermedio das associações filiadas na Federação Espirita Internacional. Os relatorios deverão ser em francez, hespanhol, allemão ou inglez, mas o trabalho da Commissão será consideravelmente facilitado se todas as communicações forem acompanhadas de um breve summario em francez ou inglez.

Todas as communicações deverão ser dirigidas ao Secretario Geral da F. F. I., Monsieur Ripert, Maison des Spirites 8, Rue Copernic, Paris (XVIe)

Os relatorios e communicações deverão ser divididos tanto quanto possivel, segundo a classificação dada acima. Cada assumpto deverá ser tratado num relatorio separado de maneira a facilitar o trabalho da Commissão Organisadora do Congresso. Todos os relatorios e communicações DEVERÃO SER ESCRIPTOS DUM SO' LADO DO PAPEL.

EXPOSIÇÃO PSYCHICA. — Todos os objectos, quadros, escriptas destinadas á Exposição deverão ser enviados a Secretaria da Commissão de recepção e dirigidos a

Exposição F. E. I.
Miss M. Phillimore
London Spiritualist Alliance
16, Queensberry Place
South Kensington
London S. W. 7.

INSTRUÇÕES PARA OS DELEGADOS E VISITANTES. — E' muito importante que todos aquelles que desejam assistir ao Congresso a qualquer titulo que seja, façam chegar o seu pedido antes 31 de Maio de 1928, o mais tardar.

Aos delegados officiaes, e outros representantes, poderá garantir-se um exemplar do RELATORIO OFFICIAL DO CONGRESSO logo que se publique, desde que juntem ao seu pedido a somma de CINCO SHILLINGS.

Todos os visitantes do Congresso, *alem dos delegados officiaes* se convidam a SUBSCREVER PARA O CONGRESSO. A contribuição de DEZ SHILLINGS & SEIS PENCE, dar-lhes-ha direito a assistir a todas as sessões geraes e aos debates publicos, mas sem direito de voto.

Todos os pedidos de admissão, acompanhados do montante das contribuições acima indicadas, deverão ser dirigidos ao Secretario da Commissão Organisadora :

Mr. George BERRY
Spiritualists National Union
Broadway Chambers
162 London Road
Manchester (England)

NOTA. — TODOS OS RELATORIOS E COMMUNICAÇÕES DESTINADOS AO CONGRESSO DEVERÃO SER ENVIADOS AO SECRETARIO GERAL DA FEDERAÇÃO ESPIRITA INTERNACIONAL, 8 Rue Copernic, Paris, ANTES DE 31 DE MAIO DE 1928, *O MAIS TARDAR.*

APPELLO DA COMMISSÃO ORGANISADORA DO CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

O successo universal do Congresso Espiritualista Internacional, realizado em Paris em 1925, creou para o Espiritualismo Internacional um estatuto e deu-lhe uma importancia que a nossa Causa nunca tinha attingido. Esta situação não pode diminuir e a nossa Federação deve esforçar-se por alcançar ainda um maior successo.

Fazemos o *mais insistente apello aos espiritualistas do mundo inteiro* para que elles nos garantam a sua cooperação e o seu apoio afim de que o Congresso de 1928 seja uma nova manifestação de Unidade fraternal e espiritual.

Para assegurar o exito do Congresso, os espiritualistas da Grã-Bretanha uniram as suas forças e consagraram os seus serviços e a sua dedicação ao bem commum do Espiritualismo Internacional.

Os encargos financeiros, serão como sempre, necessariamente pesados e a Commissão Organisadora espera confiadamente que os espiritualistas do mundo inteiro reconheçam a responsabilidade que lhes cabe no exito deste Congresso. Pedimos a todos uma generosa contribuição financeira para cobrir estas despezas.

Nesta esperança agradecemos antecipadamente de coração a todos os offerentes e enviamos-lhe as nossas reconhecidas saudações,

George F. BERRY
Secretario da Commissão Organisadora

TODOS OS DONATIVOS DEVEM SER DIRIGIDOS
ao Secretario Geral do Congresso da F. E. I.

George F. BERRY
Spiritualists National Union
Broadway Chambers
162, London Road
Manchester (England)

O espirito negativista em nada poderá prejudicar o Espiritismo. Adoptando o methodo experimental e tendo como base solida a razão, os seus factos desafiam o mais meticuloso exame, e a sua theoria de caracter positivo e scienfico reclama uma critica intelligente e uma logica sensata.

L. B.

As Materialisações de Algeria

(Continuação)

Sabbado, 26 de Agosto

Charles Richet chega cedo á Villa Carmen. Pede para visitar de novo a cocheira que fica por baixo da sala das sessões. Acompanho-o, e vemos que o tecto formado em abobada de tijolo, não apresenta solução de continuidade.

M. Richet sóbe por uma escada alta e sonda a obra, que dá um som massiço em todos os pontos.

As teias de aranha mostram que não foram tiradas desde ha um certo tempo. O tecto está a 4,m e 20 do solo.

A sessão começa ás 5 e um quarto. M. Richet e eu inspeccionamos a sala. Assistentes os mesmos da sessão anterior, menos Ninon. Logares os do costume. Mme. Noel faz a prece e magnetiza fortemente os mediums que estão no gabinete.

Luz vermelha bôa, havendo tambem um bico Auer meio abaixado.

Antes de começar, minha machina e as de M. Richet e da senhora ingleza focaram-se sobre a abertura das cortinas. O apparelho de magnesium está preparado atraz de M. Richet, que o deve descarregar quando se quizer.

Como o calor é suffocante, terminada a magnetisação, Mme. Noel precisa de tomar ar por um instante. Produz-se então qualquer cousa de novo.

Quasi immediatamente, apesar do bico de gaz e da luz que penetra pela porta entre-aberta, vê-se uma roupagem branca, entre as cortinas, a meia altura do soalho e do baldaquino.

Mme. Noel volta. Apaga-se o gaz, e espera-se bastante tempo cantando em côro ; a roupagem desapparece.

N'um dado momento, vê-se um tecido branco no mesmo sitio, e uma vóz, cujo trimbre não póde distinguir-se, chama a senhora ingleza ao gabinete. Copio textualmente a nota que ella me deu :

Sabbado, 26 de Agosto

«Bien Boa chama-me ao gabinete ; vou e creio ter fechado bem as cortinas.

Apercebo uma forma branca ao lado de Martha ; uma voz me diz : «Fechai !» Então reconheço que as cortinas não estavam bem cerradas. Por isso fecho-as. Já não vejo a forma. A voz que me falla vem primeiramente d'um sitio muito perto do meu ouvido esquerdo, depois, desloca-se pouco a pouco enfraquecendo e, finalmente, como que entrou em Martha, sendo a phrase terminada por esta adormecida. Eu tinha os cotovellos apoiados sobre as mãos dos mediums, e *de proposito*, ao entrar no gabinete, collocara a mão direita sobre o rosto de Martha, para me assegurar de que os labios não buliam quando a voz fallava».

A senhora ingleza sahe do gabinete, volta ao seu lugar, e annuncia-nos que é preciso esperar com paciencia e que poder-se-ia photographar. Passa-se uma meia hora; Mme Noel pede energicamente ao espirito para cumprir suas promessas.

Colloca-se nova véla na lanterna porque a que lá estava ardera completamente.

Emfim o espirito mostra-se entre as cortinas pouco afastadas.

A frente está cercada d'uma especie de placa que brilha como ouro, tendo por cima um turbante.

O peito, cuja parte superior se vê, está coberto de bordados a ouro, e o vestido é d'uma brancura fulgurante. Ainda que as cortinas estejam quasi juntas, vejo Martha quando a apparição se desloca. Então pede-se-lhe para abrir mais as cortinas, e vê-se seu braço estender-se do interior do gabinete e puxar a cortina da direita (com relação a nós) de maneira a permittir-nos ver Aïcha adormecida no fauteuil; as mãos negras destacam-se-lhe nitidamente sobre o avental branco, tendo a cabeça visivel, graças a seda branca que lhe puzeram nos cabellos.

Ao mesmo tempo vejo Martha. Ambas dormem; *os rostos das duas, as mãos, tudo perfeitamente visivel.*

Durante este tempo Bien Boa tinha-se desviado para a parte esquerda, obscura.

Ao fim d'um instante, continuando immoveis as cortinas, o espirito avança de novo, completamente formado.

Poder-se-ia já photographar.

E, pois, ainda *simultaneamente que vejo os dois mediums e o espirito.*

Bien Boa afasta-se para o lado esquerdo do gabinete.

Mme Noel previne, que da primeira vez que a apparição se mostre assim, é preciso produzir a luz do magnesium. Espera-se bastante tempo, *mas os mediums continuam sempre á vista.* Emfim Bien Boa se mostra inteiro, ao lado de Martha, sobre a esquerda.

E' dado o signal de descarregar o magnesium. Falha o primeiro fulminante. O segundo felizmente pega bem. Applico a minha machina e espero ter uma photographia dos mediums e da apparição.

Parece-me que a luz forte não incidiu sobre o phantasma que se conservou immovel e bem a vista. Apagado o clarão, Bien Boa desvia-se para a parte esquerda. Em seguida apparece de novo. Mme. Noel pede para ser abraçada; a apparição accede, ouvindo-se o ruido d'um beijo. O phantasma envia tambem beijos á senhora ingleza, que inquire se poderia sentir-lhe o contacto dos labios, e o espirito menea affirmativamente a cabeça. Essa senhora levanta-se e vae até junto das cortinas. Bien Boa beija-a na face.

Um instante depois, M. Richet estende a mão por cima da mesa e a apparição lh'a cerra com força. *Os mediums estão sempre visiveis.* Depois o espirito fecha as cortinas.

Um pouco mais tarde, expresso esse desejo por M. Richet, Mme. Noel pergunta se o professsor poderia verificar as pulsações do coração da apparição.

Richet levanta-se e vem para o gabinete; introduz a mão por entre as cortinas, sendo a mesma tomada por duas mãos, que a applicam sobre um peito, *que não é d'uma mulher*, declara M. Richet, mas não sente o bater do coração, porque o phenomeno não dura muito tempo.

Em seguida faz-se uma nova pergunta. Trata-se de saber se a mão do phantasma não poderia *fundir-se* na de M. Richet. Este introduz outra vez a mão no gabinete. Sente que lhe apresentam uma mão, mas d'uma consistencia material, e M. Richet segura-a perto d'um minuto. Sentindo que ella quer retirar-se, abandona-a.

Espera-se ainda, mas tudo é terminado. Esta sessão é de certo a mais convincente de todas aquellas a que até agora assisti.

Que a photographia saia bem ou não, para mim a certeza da existencia de Bien Boa é completa, porque bem vi-o ir e vir emquanto os mediums estavam ambos visiveis; e como elle cerrou a mão a M. Richet e beijou Mme. Noel e a senhora ingleza, seria absurdo pensar em qualquer truc, que seria impossivel de executar, nestas condições.

Decidimos continuar os ensaios de photographia. Os dois mediums despertam muito lentamente.

Martha só ao fim d'uma hora tinha recuperado a consciencia completa. Cousa importante a notar: o calor era tão intenso, que o corpete lhe tinha adherido, como se tivera sido molhado, desenhando-se a formas ensopadas; e o mesmo lhe succede á saia curta que adhere ao longo das pernas.

Gabriel Delanne.

(Continua)

Chronica Extrangeira

IDENTIDADE DE UM ESPIRITO

O «*Journal of the American*» publicou um interessante caso de identificação espirita, cujo relato foi feito por um membro da Sociedade de investigações Psychicas e se resume no seguinte :

— «Pouco tempo depois do meu nascimento, diz o autor do artigo, um senhor Joe Somers, casou-se com a irmã de meu pae, Anna Wilder. Aparentemente Joe foi um máo esposo, pois, aos tres annos de casado, abandonou sua mulher e filhos, e nunca mais se teve noticia d'elle, excepto o boato que correu que tinha morrido de colera.

Uma tarde, faz poucas semanas, eu conversava com o sr. John Ticknor, sobre negocios, quando este, mudando de assumpto e de attitude, disse ; «Um homem que disse chamar-se Joe Somers, está atraz de você».

O sr. John Ticknor que é um notavel psychometro, ou metagnomo, recebeu uma mensageem do sr. Joe Somers, por via auditiva, em que este senhor lhe declarara que entrando no regimento de Voluntarios 6 th. de Massachusetts, em Loiwel, na Companhia D. foi um dos primeiros a ser morto.

Em vista destes declarações foram feitas investigações no Estado Maior, mas não se encontrou o nome de Joe Somers na lista dos soldados que pertenceram a este regimento.

Alguns dias depois outra mensagem foi dada por Somers ao sr. Ticknor. Nesta foram transmittidos os maiores detalhes. «Você não poude achar meu nome na lista porque eu me alistei em 16 de abril de 1861, sob o nome de Carlos E, Thompson. Fui morto em 19 de abril de 1861, pelos revolucionarios, em Baltimore.»

Recorreu-se novamente ás autoridades militares. A resposta foi :

«Boston, abril 30, 1924. O nome de Carlos E. Thompson se acha nos archivos da Companhia D., Sixth Mass. Vols. Alistado em 16 de Abril de 1861. Morto em 19 de abril de 1861. em Baltimore, Maryland.»

Em outra communicação, Somers refere as condições da nova vida.— «Aprendi muitas cousas desde que desincarnei.»

No começo me achava em estado de grande perturbação. Parecia que eu não poderia comprehender o que me rodeava. Nada me era familiar. Achava-me desorientado.»

«Senti a necessidade de desembaraçar-me das minhas afflicções afim de me habilitar para uma mudança de ordem superior em minha espiritualidade ; d'ahi a razão das mensagens que eu dei ao Sr. Ticknor»,

De outra vez este mesmo Espirito deu outros testemunhos, e depois disse, por intermedio de uma senhora : «Voltei ; fechei o livro, mas desejo adcionar outra pagina. Fomos quatro que morremos ao mesmo tempo ; Newton, Lang, Whitting e eu. Cahimos, com intervallo de cinco minutos e á distancía de 20 metros um dos outros.»

Fez-se uma nova investigação e a Secretaria da Guerra de Massachusetts, informou :

— «Lutero A. Lang e Ernesto E. Whiting, eram membros da companhia D. Ambos foram mortos em Baltimore, em 19 de abril de 1861.

— «Carlos E. Thompson (Joe Somers) foi morto no mesmo logar e na mesma occasião.

— «O nome do outro soldado parece ser desconhecido, mas um Cabo chamado W. J. Needham foi morto juntamente em Baltimore com os outros soldados.»

Possivelmente o Espirito communicante se referia a este nome. De qualquer forma, a possibilidade de obter uma communicação completa deste ultimo nome, não tira o valor desta serie enorme de identificações espiritas.»

UMA CASA ASSOMBRADA NA AUSTRIA

E' da «Revue Spirite» a seguinte transcripção :

— «*La Rumeur*», o grande quotidiano parisiense, publicou no seu numero de 14 de janeiro, um telegramma recebido de Vienna, pelo qual a pequena localidade de Vanndorf (Burgenland) está ameaçada de se tornar celebre. De facto, em uma pequena casa em que mora um guarda de floresta, sr. Patzner, idade 70 annos, e sua familia, tem occorrido acontecimentos singulares.

Tendo uma amiga da familia ido passar alguns dias em casa dos Patzner, certa noite, notou que seu leito assim como os objectos da casa se achavam em movimento . . . Cheia de pavor ella chamou os donos da casa. Estes disseram lhe que esses factos se produziram já muitas vezes, e pediram-lhe segredo. Apezar disso corria o boato de que a casa era assombrada.

O vigario, padre Vargha, que veio benzer a casa viu de um momento suas luvas postas sobre a mesa, executarem uma dansa, Um «espirito» atirava-as ao chão e immediatamente ergui-as, collocando-as sobre a mesa. O frade Meyer que veio depois, tambem foi mal recebido. Uma campainha de mesa foi-lhe lançada ao rosto, Os gendermes, que inspeccionaram o lugar, ahi permaneceram algumas horas sem serem molestados, mas por occasião de sahirem, os «espiritos» lhes atiraram objectos á cabeça.

Até agora não se pode estabelecer a verdadeira causa desses phenomenos.»

UMA PROVA DE MEDIUMNIDADE

A importante Revista franceza *Psychica*, proficientemente redigida pela grande zoophyla Mme. Carita Borderieux, publicou um relato do sr. L. Chevreuil, autor da importante obra — «*On ne meurt pas*», sobre uma sessão que este teve com a extraordinaria vidente parisiense melle. Jeanne Laplace, cuja transcripção nos parece digna de figurar nessa Revista. Eil-a :

— «Mlle. Jeanne Laplace é uma vidente notavel. O sr. Harry Price, pesquisador official da *Sociedade Americana de Pesquizas Psychicas*, deu conta, no jornal desta sociedade, d'uma consulta que o Dr. Osty lhe propôz, sobre o Instituto Metapsychico, resposta que elle vê como uma prova decisiva da maravilhosa faculdade de clarividencia, excluindo a telepathia como fonte do conhecimento supranormal.

Tambem eu observei um caso bem interessante e raro, que não occorreu numa consulta privada, mas numa sessão publica, na «Université Mercereau», digno de ser notado.

Eu tinha uma carta de Camille Flammarion, a qual após haver envolvido num papel e collado, puz minha assignatura. Chegando á sala da sessão, achava-se ella repleta de pessoas impacientes por consultas déspidas de interesse.

Eu disse, então, que era portador de uma carta de uma personalidade conhecida, capaz de interessar a todos os resultados que se pudesse obter. A prova foi acceita e eis o que se produziu.

Fóra da minha espectativa, pois nenhuma descripção foi dada a quem quer que fosse, e eu mesmo não sabia de quem era a carta que me foi dada unicamente com a affirmação ser de uma pessôa de Paris, mas que tinha uma casa de campo.

Mlle. Jeanne Laplace descreveu então uma casa de campo, e que tinha o aspecto de um castello, mas não era um castello ; depois subitamente disse : «E' um scientifico ; — e logo me fez uma descripção perfeita do aspecto exterior do observatorio de Juvisy, e passou aos detalhes do interior : bibliotheca, apparelhos, aspecto das salas ; ella me narrou o parque, as plantas, os bosques ; por fim exclamou : Eis . . . elle está enterrado ali. Existe uma outra pessoa que está errante nessas paragens, proximo ao tumulo.

O que eu acho verdadeiramente decisivo nesta prova, é que cousa alguma pode ser attribuida a coincidencia, o facto da sepultura, no parque de Juvisy, não podia ser imaginado pela medium, pois não ha uma pessoa sobre cem mil que seja enterrada em propriedade privada, e que a carta, cuidadosamente preparada nenhum signal levava da sua origem. O enveloppe que tinha o timbre de Juvisy tinha ficado em minha casa.

Eu creio que esta experiencia merece ser conhecida ; é raro que se obtenha semelhantes resultados em sessão publica e eu me sinto feliz de ajuntar o meu testemunho ao do Dr. Harry Price, declarando com elle que Mlle. Laplace é uma brilhante estrella que se levanta no horisonte da metapsychica».

UM FACTO DE TELEPATHIA ?

O nosso collega sr. Pierre Borderieux, recebeu o seguinte communicado que foi publicado na «Psychica» :

— «Tenho a honra de vos transmittir um caso de telepathia, perturbador para mim, e que poderia interessar os vossos leitores esclarecidos, Eis aqui o caso :

— «Meu joven irmão trabalhava em 1913 e começo de 1914 na casa do sr. Bouvier, rue de l'Arcade, Paris, quando deixou esta casa depois de ter tido uma desintelligencia com sua patrôa a sra. Bouvier (o sr. Bouvier, seu patrão, estimava-o muito).

Elle foi para a casa dos seus parentes, rue des Chasses n. 17, Clichy, Seine.

Nós dormiamos no mesmo quarto, quando uma noite no começo de março, eu fui despertado por seu chôro. Accendi a luz e interroguei-o. Elle me disse que seu patrão estava agonisando e que o chamava. Fiz o possivel para acalmal-o. Elle tinha os olhos espantados e achava-se sentado em sua cama ; não havia duvida que elle não dormia. Tomei nota da hora ; mais ou menos, meia noite. Meu irmão dormiu depois, somno pesado.

Dia seguinte ás dez horas, veio um telegramma na «rue des Chasses» endereçado a meu irmão, communicando-lhe a morte de seu patrão.

Meu irmão partiu e na «rue de l'Arcade» disseram-lhe que o sr. Bouvier tinha fallecido de uma tisica galopante e que elle havia esperado o seu empregado, meu irmão, a quem muito estimava.

Tenho todos os dados uteis á vossa disposição.

Charles Fraivre.

APPARIÇÃO QUE SE IDENTIFICA

Mme. Frondoni Lacombe, deu publicidade do seguinte facto, digno de menção :

— «Uma minha amiga de infancia, senhora muito conhecida em Lisbôa, pertencente a familia da melhor sociedade, Mme. A. de F. G., perdeu seu marido ha alguns mezes. Infelizmente, esta amiga tem uma filha doente, internada numa casa de saude.

Um dia, esta moça, estando já deitada, ás 11 horas noite, levanta-se amedrontada, chama as irmãs de caridade do estabelecimento e pede-lhes orar immediatamente pela alma de seu pae, que ella viu morto ao pé de si.

As irmãs tomaram esta visão por uma manifestação de loucura e tranquillisaram, como puderam, a pobre moça, que teimava em dizer que seu pae tinha morrido.

Dia seguinte as freiras ficaram surprezas ao receberem pela manhã a triste noticia da morte subita do pae da moça, occorrida justamente ás 11 horas da noite, isto é á hora da visão.

Lamento muito não poder dar o nome dessa familia ; é uma das mais ricas de Lisbôa ; mas minha amiga pediu-me reserva.

Toda a familia, todos os seus amigos (e elles são numerosos) conhecem o phenomeno».

SONHO PREMONITORIO

O «Piccolo di Roma», noticia o caso que segue :

— «Na cidade de Leicester um incendio destruiu uma fabrica de celluloide, salvando-se todos os operarios menos uma moça de nome Alice Costei. Essa moça usava um canhenho no qual tomava nota de todos os actos da sua vida. A ultima vez que escreveu no livreto, foi 48 horas antes do incendio. Nelle encontrou-se o escripto : «Tive um sonho horrivel na noite passada.

Eu me achava num laboratorio que subito incendiou-se ; pedi soccorro, e depois de alguns segundos de angustia indescriptivel, despertei».

Ecos e Noticias

A nova que mais nos interessa actualmente é o futuro Congresso Espirita Internacional a realisar de 7 a 13 de Setembro, em Londres.

Os preparativos para o Congresso já começaram, segundo nos informam o sr. André Ripert, secretario da Federação Espirita Internacional, com séde em Paris, e o sr. George Berry, da «Spiritualist National Union», de Manchester.

Considerando a parte activa que os espiritas inglezes têm tomado na divulgação espirita e o esforço que têm feito para se collocarem na vanguarda da propaganda, accrescendo ainda as figuras eminentes de toda a Europa e America do Norte que desejam ver resolvido esse «problema» da sobrevivencia, o Congresso de 1928 vai ser ainda muito mais importante que o de 1925, cujos feitos repercutiram em toda a parte, acenando com os reflexos beneficos da esperança de uma era mais proficua a todos os que mourejam no campo, vamos dizer, ainda eriçados de espinhos, da propaganda.

Vamos esperar n'aquelles que guiam os nossos passos ao lado dos mensageiros terrestres, com votos sinceros, para que illuminados no espirito e doceis de coração, possam interpretar a vontade superior, que outra não pode ser que o nosso progresso e bem estar espiritual.

FRANÇA

Paris

A «Maison des Spirites» tem tido um movimento extraordinario. Além da numerosa correspondencia, a Union tem sido muito procurada ultimamente por pessoas que têm ido áquella sociedade colher informação sobre doutrina e phenomenos que se relacionam com o Espiritismo.

⁂

O sr. Demarquette fez duas excellentes conferencias sobre os themas: «O desenvolvimento do corpo pelo cultivo do Espirito» e «Um methodo pratico de cultura physico-espiritual».

⁂

O sr. Wiétrich fez uma substanciosa conferencia em torno do thema: «Somos civilisados ?» O orador respondeu esta pergunta de uma maneira duvidosa, pois, apontando as taras da nossa civilisação, diz ser indispensavel aos homens voltarem-se para as concepções espiritas, unicas que lhes conduzirão a verdadeira moral que estabelece a fraternidade e a communhão social.

⁂

Os srs. Paul Bodier e Henri Regnault estão escrevendo, em collaboração, uma biographia de Gabriel Delanne, a grande estrella que brilhou nos horizontes da França.

⁂

Já está circulando a Biographia de Allan-Kardec, escripta por Henri-Sausse.

SUISSA

A «Societé d'Etudes Psychiques» de Genebra, organisou uma serie de conferencias, tendo convidado para tomar parte nas mesmas o festejado orador sr. André Ripert, secretario da Federação Espirita Internacional.

Sob a direcção do sr. Pauchard, referida sociedade organisou tambem a série de sessões que se realisarão este anno na séde da mesma associação.

⁂

Em Lausanne foi fundada uma outra sociedade de «Estudos Psychicos», sendo o seu principal fundador, o Dr. Berthelot. Este destemido propagandista lançou um appello a todos os agrupamentos constituidos, para darem combate ao mais acirrado adversario — o materialismo.

O comité da «Societé d'Etudes Psychiques» de Lausanne, ficou assim constituido : pres. Dr. Ed. Bertholet ; vice, Prof. F. Bosset ; secr. E. Pauchard ; thes. H. Curtat ; bibl. E. Derny. São membros adjunctos os srs. : Prof. Henzelez, Dr. Ch. Pahud ; Mme. Sophie Weiss e Mlle. De Byland.

∴

Graças á propaganda de Mme. Carita Borderieux, appareceram em Genebra e Lausanne mais dois «animaes pensantes.»

— *Droujok*, palavra russa, que significa *amiguinho* é o nome de um cão de Mme. Marthe Terrise, que já faz as quatro operações, conhece as pessoas pela photographia e responde ás perguntas que se lhe faz, isto é as questões simples que se lhe propõe.

Droujok tem 14 mezes e promette grande progresso nos seus estudos.

— *Zou II* — é um cãosinho do sr. J. Girod, que tem actualmente seis mezes, accusando uma intelligencia digna de cultivo ; tambem bate as respostas *sim* e *não* a certas perguntas que lhe são feitas, e faz operações de sommar.

O sr. Girod reside em Lausanne, sendo um dos socios activos da Liga Antiviviseccionista.

ALLEMANHA

As revistas allemãs noticiam a recrudescencia de phenomenos exquisitos, num castello de Paderborner, que ha muitos annos se acha deshabitado. Esse castello, tendo sido vendido, o novo proprietario resolveu mudar-se para ahi, correndo tudo com normalidade. Mas com a morte do ex-proprietario, os phenomenos se renovaram. O ex-proprietario era um sacerdote, e os phenomenos produzidos são da ordem dos effeitos physicos.

∴

O Dr. Renz, publicou no *Zeitschrift für P. P.* o relato de uma interessante experiencia, cujo resultado foi maravilhoso. Diz o Dr. Renz :

— «Um amigo me garantiu que si eu collocasse na gaveta fechada á chave algumas folhas de papel, obteria a escripta directa. Fechei na minha escrivaninha duas ardosias unidas com um pedacinho de lapis, no dia seguinte fui examinar e encontrei escripto o meu nome de baptismo Karl, emquanto todos me tratam Charles. A mensagem era firmada com o nome Rosalia. Era o nome de minha avó, a quem eu pouco conheci, pois ella morreu quando eu era ainda criança.»

ITALIA

Com o titulo «Sonho telepathico», o sr. Lili Morani, publicou em «Luce e Ombra» o seguinte caso :

— «Não posso deixar de crêr que tambem os animaes tem a faculdade de se communicar, visto o sonho telepathico que narrarei.

Eu tinha uma ovelha, de uma intelligencia verdadeiramente extraordinaria, em nada inferior á do mais intelligente cão.

Durante o estio ella esteve comnosco, mas no inverno mandei-a para Arsoli.

Na noite de 1 a 2 de fevereiro de 1925, eu estava em Napoles, vi distinctamente a ovelha que olhava-me com uns olhos amarellos luminosissimos, e comprehendi que certamente ella havia morrido. Preveni toda a minha familia do occorrido. Indo depois á Arsoli, o pastor veiome noticiar a morte da ovelha. Lembreime da minha visão e perguntei-lhe em que dia havia ella morrido. «Não me lembro se foi no dia 1 ou 2 de fevereiro», foi a resposta.

PORTUGAL

Em Lagôa, a propaganda vae se fazendo pela revista «Ecos do Além» que circula pela redondeza, levando aos leitores artigos de fonte espirita.

∵

Em Leira está circulando o »Sol do Porvir», orgão do Centro Espirita local.

∵

Temos sobre a mesa «Luz e Caridade», publicação do Centro Espirita de Braga.

⁂

A Federação Espirita Portugueza continúa, embora com morosidade, a trabalhar pela divulgação do ideal em terras luzitanas.

Têm feito conferencias o Dr. Antonio Freire e outros oradores de destaque.

BELGICA

Em Liége fizeram conferencias, os srs : Marcel Lepinois, sobre «Massenet» ; M. Yerna — «O Espirito no Espaço» ; Mme. Lhomme — «Socrates — o Martyr do pensamento» ; Fernand Jennar, — «Magnetismo, Hypnotismo e Mediumnidade curadora.»

ARGENTINA

A Argentina é um dos paizes em que a propaganda se faz sentir com efficiencia. Além, da imprensa, de que fazem parte a *Constancia*, *La Idéa*, *Resplandor de la Verdad*, *Fiat Luz*, a imprensa semanaria, como *La Union*, dá conta, por pennas habeis, dos factos principaes que se vão verificando, assim como publica em suas columnas substanciosos artigos de fonte espirita.

Na Capital, a Confederação Espirita Argentina, e a «Sociedad Constancia», que tem actualmente á sua frente homens de valor como os srs. F. Durand, Manio Rinaldi e Alfonso Depascale, trabalham activamente cuidando dos interesses da Doutrina.

Uns dos ultimos numeros da «Constancia», traz um bem orientado artigo do Director dessa Revista, que é um brado de alerta contra a theosophia, occultismo, mentalismo, que vem trazer confusão nos neophytos e lhes desviar da experimentação e da razão esclarecida para envolvel-os nas tramas dogmaticas e nos mysterios dessas seitas religiosas.

⁂

«La Idéa» trouxe um magnifico cliché, da sessão commemorativa ao 51.o anniversario da sociedade Constancia que viu o seu salão litteralmente cheio de adeptos da Nova Revelação.

⁂

O illustre espirita sr. Francisco Molina, que apezar de precaria saude tem sabido se manter em sua tarefa como director de *La Union*, semanario de grande formato que se publica em Buenos Ayres, com difficuldade ainda de manutenção, acha-se bem melhor da enfermidade que o tem impedido de maior labor.

⁂

Fiat Luz annuncia o desincarne do venerando espirita sr. Cayetano di Francisco, membro fundador da sociedade «Luz de la Pampa».

CUBA

Hoy, diario cubano, publicou um bello artigo sobre a evolução atravéz as formas inferiores da creação. Este jornal, embora de pequeno formato tem sabido manter a sua publicação diaria, como orgão do Espiritismo em toda a Ilha.

⁂

A Associação «Amor Victoria», de Victoria de las Tunas, elegeu sua nova directoria, assumindo a presidencia o sr. Justo Guerrero Rojas.

⁂

Cogita-se em Cuba, na fundação de uma Academia, onde os espiritas possam receber maiores esclarecimentos, assim como principios da Physiologia, Historia Natural, Biologia, etc.

⁂

De Jiguani annunciam a organisação da sociedade «José de Arimatéa», dirigida pelo sr. José Garcia.

⁂

Estão em actividade, havendo renovado suas directorias, as sociedades : «Viajeros de la Tierra», de Calixto, Oriente ; «Union de todos», Cardenas ; «Manuel de Jesus», «Luz del Porvenir» ; «Jehová», e «Adolfo», de Havana.

ESPIRITISMO NO BRASIL

As chuvas constantes que têm desabado em diversos Estados, têm paralysado de certo modo o trabalho de propaganda. O máo estado das estradas, as enchentes, têm impedido o movimento dos conferencistas, que se preparam para melhor poderem agir depois da estação das aguas.

Entretanto, o trabalho da imprensa prosegue na tarefa de levar aos lares, a nova da sobrevivencia, sob cujas bases a a humanidade se orientará para melhores destinos.

Rio de Janeiro

A Federação Espirita Brasileira communicou-nos a posse da sua nova directoria, que assumiu para reger os destinos de referida corporação no corrente anno, e que ficou assim constituida: pres. Almirante Francisco Vieira Paim Pamplona: vice. Manoel Quintão; 1.o secr. Arthur Rosenburg; 2.o Dr. Luiz O. Guillon Ribeiro, thes. Joaquim Alves Cardoso; proc. Manuel Jorge Gaio; director da Assistencia aos Necessitados: Capitão de corveta, João Luiz de Paiva Junior; administrador da Livraria, Antonio Alves da Fonseca; Gerente do Reformador, Americo Lopes Vieira.

⁂

O Espiritismo em Bangú

O Gremio Espirita Luz e Amor de Bangú em assembléa geral realisada em 4 do corrente, elegeu a sua nova directoria, que ficou assim constituida: — presidente Vicente Moretti, reeleito; vice-presidente, Antonio Pereira Guedes; 1.o secretario, Daniel de Brites: 2.o secretario Elias Sobreiro; 1.o thesoureiro Juvenal Cesar de Oliveira: 2.o thesoureiro, Antonio Pereira da Silva: 1.o procurador, José Marciano Corrêa: 2.o procurador, Victorino Manfrenatti: bibliothecario, Edgard Pereira dos Santos.

⁂

Em Marechal Hermes

Realisou-se no Centro Espirita Fraternidade, a annunciada conferencia, de collaboração pelo Dr Castro Silveira e sua digna consorte D. Albertina Silveira.

Esta falou com muito accerto, por espaço de uma hora, expendendo conceitos inteiramente novos, sobre o problema feminista, sob o ponto de vista espirita, agradando immenso aos presentes, que ficaram edificados com a prelecção da apreciada oradora.

Em seguida, orou o Dr. Alfredo de Castro Silveira que commentou varias parabolas do Evangelho ponto em relevo a belleza dos ensinamentos christãos, sendo ao terminar, uma e outro, cumprimentados pelos presentes.

⁂

Centro Espirita Estudantes da Verdade

Com este titulo, acaba de installar-se na Estação de Madureira, á rua Domingos Lopes 280, um novo nucleo de propaganda espirita cuja directoria ficou assim constituida:

Presidente, tenente José Simão Corrêa da Silva; vice-presidente, Dr. Francisco Nogueira; 1.o secretario, Belmiro d'Andrade; 2.o secretario, Heliedoro de Mello; 1.o thesoureiro, João de Castro; 2.o thesoureiro, Antonio Magalhães; procurador, Antonio Mattos.

O capm. Aristoteles de Farias, sob os auspicios do Centro Espirita Amor a Deus, fez uma conferencia para os reclusos, na Casa da Correcção, onde falou por 50 minutos sobre — «O Arrependimento.»

⁂

Fizeram conferencias durante o mez, os seguintes srs: — Ignacio Bittencourt, Dr. Carlos Imbassahy, Sebastião B. de Mello, Sebastião Caramurú, Arthur Machado, Corinto Silva, Jurema Carneiro e outros.

São Paulo

Do nosso representante em viagem, recebemos a seguinte carta.

Meu caro redactor.

Queira transmittir pela nossa Revista, os meus sinceros agradecimentos, a todos os confrades e amigos que tiveram a gentileza de dispensar-me a sua sympathia e auxiliar-me no trabalho de propaganda que me foi concedida a graça de emprehender, tomando parte assim entre os cultivadores da Vinha do Senhor. Deixo de citar nomes para não ferir susceptibilidades, a todos os companheiros da Noroeste e da Sorocabana, meus reconhecimentos sinceros.

Giaccomo De Bernardo.

⁂

Duas conferencias de propaganda se effectuaram no Centro de Ityrapina: uma sobre "A Medicina e o Espiritismo", pelo professor paraense J. Menezes; e outra pelo nosso confrade Zacharias Onofre, sobre "A morte de Satanaz".

⁂

O movimento do Azylo Allan-Kardec, da Franca sob a direcção do incansavel obreiro José Marques Garcia, foi o seguinte, no ultimo mez: —Existiam 122; Entraram 22; sahiram: curados, 9; melhorados, 3; falleceu, 1; retirado, 1. Existiam em tratamento, 130; 69 mulheres e 61 homens. Os medicos assistentes são os Drs. Vieira, Walfrido Maciel e Antonio Lopes.

O asylo, pelo grande serviço que presta aos enfermos, é merecedor do auxilio de todos os espiritos liberaes.

⁂

Fizeram conferencias este mez, os srs. Dr. Romeu Camargo, Dr. Souza Ribeiro, Pedro Camargo.

⁂

O Centro S. Luiz Gonzaga, de Itapira, reformou sua directoria, que ficou assim constituida: pres. Lino Elias; vice, Benjamin Zanovello; 1.o sec. Cesar Bianchi; 2.o Francisco Martins; thes. João A. Brandão Junior; director dos trabalhos, Americo Firmino Machado; vice, José Robles Lopes; zeladora, D. Marcolina Machado; fiscal, Emilio Zanovello.

Alagôas

A Sociedade Espirita Discipulos de Jesus, de Maceió, communicou-nos a posse da sua nova directoria, assim constituida: pres. Aristides Toledo Albuquerque; vice, Alipio de Carvalho; 1.o secr. Euripedes Tenorio Lima; 2.o João Araujo; thes. Antonio C. Gonçalves Bezerra; adjunto, Leopoldo Pereira.

Matto Grosso

O Centro Espirita de Cuyabá, nos communicou a posse de sua directoria, que foi preenchida com os seguintes srs: pres. Manuel Miraglia; vice, Vicente Paula Montezuma; 1.o secr. D. Maria Ponce da Costa; 2.a D. Celina Ponce Dewulschy; thes. Gabriel Martiniano de Araujo.

Minas

— O Centro Espirita de Lavras fez uma sessão especial, commemorativa ao Natalicio de Jesus, falando o Cel. Christiano de Souza e o sr. Adherbal Moura Ramos. Este confrade, acompanhado, depois, de muitos espiritas, visitou os presidiarios da Cadeia Publica, onde falou sobre os principios christãos. Fez tambem uma substanciosa conferencia a distincta irmã, D. Yvonne Pereira, sobre a «Personalidade de Jesus e sua Doutrina.»

— Este centro, assim constituiu sua nova directoria: pres. Cel. Christiano J. Souza; vice, Eduardo Gomes Teixeira Coelho; 1.o sec. D. Yvonne A. Pereira; 2.o Jayme Barbosa; thes. D. Georgina Gomes Guerra; zel. Maria Alves Moreira.

⁂

O Centro Espirita Allan-Kardec, de Lavras communicou-nos a constituição de sua directoria com os seguintes confrades: pres. Benevides R. Ferreira; vice, D. Maria Ignez; 1.o secr. Antonio Teixeira; 2.o D. Lazarina Cavazza; 1.o thes. Osorio Sebastião; 2.o José Rocha; 1.o proc. José

L. Rosa ; 2.o José Rocha ; zel. D. Anna Vitalina ; arch. D. Jesuina M. Mercês.

Pernambuco

A Federação Espirita Pernambucana, com séde em Recife, assim constituiu sua nova directoria : pres. Djalma Farias ; vice, Augusto Costa ; 1.o secr. José Nillo ; 2.o Epiphanio Bezerra ; thes. José Costa : vice, Mariano Teixeira ; director da assistencia, Miguel Poggi ; da Livraria, Agrippino Queiroz.

∴

Tamos sobre a mesa «A Verdade», orgão da Federação Espirita Pernambucana, que traz um bello summario.

∴

AGRADECEMOS A TODOS OS NOSSOS COLLEGAS E CONFRADES QUE NOS FELICITARAM POR MOTIVO DO NOSSO ANNIVERSARIO.

NOTAS DIVERSAS

Phenomenos de «Hantise»

O «Jornal do Commercio», edição de S. Paulo, de 28 do p.p. publicou um telegramma do Rio, dando conta de interessantes phenomenos de «assombração», que se estão verificando em Engenho do Matto, Itaipú, E. do Rio.

As occorrencias têm por theatro um casebre de uma velha, Jacintha, já centenaria, e têm produzido grande alarme entre os visinhos e curiosos que lá têm ido verificar.

Essas pessoas affirmam que ouvem berros de cabrito : os bancos são atirados ao chão, com grande barulho. E' ouvido, de instante a instante, o ruido produzido por quedas de enormes pedras, pedaços de ferro, grãos de cereaes, etc.

Os visinhos da velha Jacintha, que estão empenhados em descobrir a causa de tudo isso, não acham nenhuma solução.

Quando cahe alguma pedra, ou pedaço de ferro, correm todos para ver se encontram alguem em cima do telhado, ou nos fundos da casa, nada, porém, encontrando.

Alguns espiritas tem visitado o local e observado os phenomenos.

A velha Jacintha tem em sua companhia tres netos, que são seus arrimos ; o mais moço conta 12 annos de idade.

⁂

Communicação Veridica

O Dr. Conan Doyle publicou em «The Graphic» e «Light» transcreveu o seguinte caso :

— «Durante a grande guerra recebemos mensagens automaticas por meio de uma amiga de minha mulher. Um dos Espiritos que se communicou tinha um irmão que achava-se prisioneiro nos confins da Allemanha. Perguntamos ao Espirito : «Será possivel Willy evadir-se ?» — Sim. «Como» ? — Em um trem.

Pouco depois, de facto, Willy conseguiu fugir. Mandamos uma carta a Willy com detalhes explicativos da sessão, e elle nos respondeu : «Isto é uma cousa estupenda. Atravessei a Silesia num trem para evadir-me, e creio que sou o unico prisioneiro que conseguiu escapar por esse modo».

BIBLIOGRAPHIA

Na Sombra e na Luz

Temos sobre a mesa um exemplar, ricamente encadernado da 3.a edição, 7.o milhar, deste interessante romance de Victor Hugo, psychographado pela snra. Zilda Gama. E' uma obra de valor, de plena orientação e digna de leitura attenciosa.

O livro está á venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro.

⁂

A Proposito da Introducção á Metapsychica Humana

Todas as obras do Dr. Ernesto Bozzano são magnificas. Grande espirito, cuja largueza de vistas alcançou os desmesurados horizontes da Vida Eterna, claro, conciso e logico, temol-o como um grande Missionario a luctar e a vencer, em incessantes combates, o materialismo dissolvente.

Por isso nada accrescentamos á sua obra, — «A proposito da Introducção á Metapsychica humana», ultimamente traduzida pela Federação Espirita Brasileira, a não ser recommendal-a aos estudiosos, que colherão nessas aproveitadas paginas ensinamentos profundos.

«A proposito da...» acha-se á venda na Livraria da Federação e reunida num bello volume de 270 pags. enc. com titulo de ouro.

⁂

Contos Infantis

E' um livro didatico, para o 1.o anno dos collegiaes, contem 80 paginas, cartonado e bem escripto. E' da lavra do Prof. João Augusto Chaves, nosso confrade. Os interessados podem se dirigir ao mesmo senhor, Minas, Uberaba.

COLLECÇÕES DE 1925, 1926 E 1927

Temos collecções da Revista Internacional do Espiritismo, de 1925, enc. — 40$000; de 1926, enc. 30$000; brochada — 25$000; de 1927, enc. 40$000; inclusive o registro. interessados podem nos enviar os seus pedidos.

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4415unse

NNO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Maio de 1928 — N. 4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Inquerito sobre a morte
Vida infinita
Uma quarta dimensão da materia
Leis divinas e leis humanas
Doutrina de Charles Bonnet
Pheneas falla
Photographias do Invisivel
O ectoplasma do Prof. Richet será um caso de reproducção asexuada ?
Materialisações de Algeria
O Espiritismo e os Credos
A Psychometria Retrospectiva ou Metagnomia de objectivo humano no tempo
Materia e Espirito
Nos fastos da Igreja Catholica
A existencia da alma
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

Uma photographia espirita

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Maio de 1928 - NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

INQUERITO SOBRE A MORTE

A epoca em que nos achamos é essencialmente distincta de todas as que tem a humanidade atravessado. Nunca, em tempo algum, se fez um inquerito sobre a morte, tão bem formulado e revestido de taes indispensaveis requisitos, como o que preoccupa hoje todas mentalidades que symbolisam as futuras gerações que surgem.

Por toda a parte, desde as maiores metropoles que ornamentam as civilisações ás mais obscuras aldeias do mundo velho e do novo mundo, as pesquizas em torno da morte, as investigações de natureza espiritual se repercutem, se entrelaçam num accentuado e decisivo trabalho, numa trama immensa de captação á Morte afim de lhe arrancar os enygmas que a detiveram imperiosa e sibylina atravéz dos tempos.

Já não são mais os principios da philosophia natural que enlevavam outr'ora os corações ampliando-nos os horizontes da vida, que nos impõe a palavra da ordem, nem a perpectiva de uma futura existencia num céo paradisiaco, que sustentam os homens no seu louvavel egoismo de viver sempre, mas esse anceio sofrego que se intensifica com a razão intuitiva de resolver com provas categoricas e positivas o que outr'ora affirmavam os nossos maioraes, baseados em concepções metaphysicas, nos vôos de raciocinio de suas almas infantis.

Na ordem estricta dos conhecimentos que regerá a moral das civilisações vindouras, a resolução do problema da Vida será o coefficiente a reger e dilatar os conhecimentos que farão de um povo fragil e descrente como o actual, uma sociedade vivificada pela Fé e ennobrecida pelo dever.

D'ahi as luctas increntas no aformoseamento do sentimento e no crescimento do raciocinio em busca do Ideal, trabalho esse que ao lado dos esforços congregados de uns e de outros, nos trará o merito do progresso e da paz que usufruiremos futuramente, como artifices que somos desse novo mundo regido pela vontade Soberana e obedecido conscientemente por todos os que se aggregam desde já a essa colmeia de productivo labor.

As idéas materialistas que absorveram e devastaram o mundo, a despeito das crenças religiosas que embalaram as gerações, consideram a morte como um phenomeno physico de anniquilamento do *ser*. Tão poderosa tem sido a sua influencia que até mesmo os iniciados, os que luctam para se desprenderem dessas influencias desoladoras, em momentos criticos da existencia se sentem abatidos e como que paralysados em sua actividade, como obreiros que eram desse templo da Verdade, cujo erguimento auxiliavam com prolongadas vigilias, ás vezes até com prejuizo de sua propria saúde.

Entretanto, as provas, os factos vêm blindar todos os dias essa maravilhosa Arca, que abrigará os naufragos da descrença e fluctuará nas alturas desvendando-lhes novos horisontes de luz e de verdade.

André Jackson Davis dizia, com muita razão, que «a morte nada mais é que um transito de digna admiração e em cuja perspectiva devemos depositar a nossa mais plena esperança».

As antigas doutrinas que sustinham o mysterio da morte, cercavam-n'a de lugubres cerimonias, concorrendo para tornar esse transito cada vez mais nebuloso e temido. Mas os factos, favorecidos pela pesquisa vão aos poucos erguendo o véo da «deusa» e penetrando na esphinge que esmagava as intelligencias.

As manifestações espiritas no leito da morte, não só de seres humanos como tambem dos mesmos animaes a quem os pacientes amavam, vêm concorrer exuberantemente para a resolução desse problema, inaccessivel á «sciencia humana».

Não se diga portanto, que só o homem em seu apogeu de sabedoria pode nos legar grandes ensinamentos, pois, na verdade, a morte, em sua proximidade, é a reveladora de arcanos que se nos afiguravam miragens que as luzes dissipam.

A interessante obra do Dr. Ernesto Bozzano, «Phenomenos Psychicos no momento da Morte», traz uma bôa collectanea de factos, que folheada pelos leitores, nos desobriga de transcripções, uteis sem duvida, como provas efficientes de constatação do que vimos affirmando.

Nos limitamos entretanto, deixando o mais ao cuidado dos estudiosos, a passar para estas columnas dois ou tres casos interessantes citados pelo sr. M. Collins :

— «Uma vez eu me achava junto ao leito mortuario de uma pobre velha de cincoenta annos, que sempre vivera em ambiente miseravel, mas que a sua existencia foi um exemplo de abnegação, piedade e rectidão. Ha muito duas cataratas haviam lhe cegado. Ao aproximar-se o seu fim, vi, com surpreza que ella voltava os olhos para o tecto da alcova em attitude de admirar o céo, e que, depois, baixava os olhos repetidas vezes como se quizesse esquadrinhar o que de cima cahisse. Assim ella esteve por um certo tempo, até que pronunciou os nomes de suas filhas fallecidas, vinte dias antes d'ella, e disse : «Estão me enchendo de flôres, mui bellas flôres, e me dizem :— *Não será demorado o transe, mãe, nós te ajudaremos.*

Esta velhinha, devido ás suas condições de pobreza, precisava da beneficencia Municipal, mas felizmente não teve ao seu lado medico algum que a declarasse em delirio, porque o medico Municipal achava-se fóra.

— «Outro caso de invisivel auxilio por occasião do transito pela morte, me proporcionou um joven marinheiro que tinha muito medo de morrer. Não pensava elle morrer tão joven, e quando o medico lhe annunciou a proximidade de seu fim, prorompeu em desesperados gritos. Passada a primeira afflicção, disse-me elle que tinha pesar de morrer no começo da vida, não tanto por ser moço mas pelo remorso de não ter sido bom, e continuou aborrecido sobre o que lhe occasionaria o momento fatal. Na occasião da morte, elle disse : «Tudo vae bem : poderei subir porque elles estendem-me uma corda para que eu suba por ella.» Esta idéa de ascenção foi filha do seu proprio entendimento, pois, em sua familia declaradamente irreligiosa, nenhuma crença professava.

Mas o amor e a morte obram prodigio nessas almas, como as que recebem sacramental auxilio de pastores e sacerdotes. A morte por si mesma, quando chega ao seu ambiente, mostra-se-lhes, não como o termino da vida e da consciencia, mas coma uma passagem de um a outro estado de vida».

— «Assisti tambem a mãe de um joven marinheiro pouco antes de sua morte, e como sabia o grande amor que mantinha pela sua prole, lhe perguntei se teria prazer de reunir-se ao marinheiro e outras duas filhas suas já mortas. Ella tinha ainda dois filhos solteiros que della cuidavam com a maxima solicitude. Respondeu-me: «Não sei o que dizer, porque uns precisam de mim aqui, outros precisam de mim lá». Perguntei se recordava-se de suas filhas mortas: disse-me: — «O' sim, as vejo e as ouço como quando viviam. Todos estão commigo.» Pouco após, morreu esta mulher, eu não estava no momento em que expirou, ignoro se disse algo concernente ao invisivel auxilio.

Vamos terminar com um caso de apparição de um cão no leito da morte.

E' ainda o sr. Collins que falla:

— «Eu mesmo testemunhei a morte de uma pessoa, a quem appareceu um cachorrinho seu que tinha morrido dez annos antes. Não era hallucinação, mas sim a visão directa do animal como o via em sua realidade neste mundo.

A minha amiga descançava tranquillamente em apparencia, quando de repente tentou levantar-se reflectindo em seu rosto uma viva alegria.

— «Oh! aqui está o meu querido Mark — disse, e mais dois formosos anjos!» E dirigindo-se aos que a cercavam, pediu-lhes que lhe puzessem o cão proximo á cama. E o mais admiravel é que, com suas mãos, quasi exangues, acariciava a invisivel creatura. Eu não fui capaz de ver o espirito do pequeno animal, cuja apparição proporcionou grande gozo á enferma, mas os modos pelo qual ella se manifestava, me convenceram de que, em realidade, elle estava ali presente. Por alguns momentos tomou com a mão, emquanto que com outra acariciava a cabeça do cão. Então disse: «Já o lévam de mim»; e deitando-se exhausta, mas com physionomia alegre murmurou: «Estou contente, o terei depois ao meu lado».

Vamos concluir, confirmando o que precedentemente dissemos.

O inquerito que se faz actualmente sobre a morte, seja sob o ponto de vista animico, seja sob o ponto de vista espirita, trará como consequencia a resolução do maior de todos os problemas que tem ensombrado as gerações.

A esphinge começou a falar e ninguem mais lhe deterá a vóz. Atravéz das portas da morte, veremos a mesma morte despida do véo espesso que nos cegava o entendimento, manifestando-se como a grande libertadora a franquear-nos um Mundo de perpetua claridade que offerecerá á humanidade a verdadeira realisação de sua louvavel aspiração.

VIDA INFINITA

O Espirito que chega ao fim da sua evolução terrestre, não concluiu a sua evolução, mas sim a parte mais difficil e mais penosa dessa evolução. Pouco valeria a perfeição se a virtude e o saber se limitassem ao que podemos conquistar na terra.

Além e acima da terra ha mundos gradativamente mais adiantados, por que têm de passar os que já fizeram o curso do progresso terreno. Em cada um desses mundos, o Espirito encontra uma ordem mais elevada, leis e sciencias tão desconhecidas, como as nossas o são para o camponio ou para o boçal. Em cada um d'elles desabrocham de seu seio faculdades novas, que lhe dão capacidade para assimilar os novos elementos de progresso, que ali lhe são offerecidos.

B. M.

UMA QUARTA DIMENSÃO DA MATERIA

Os corpos solidos (um cubo de madeira, por exemplo), têm tres dimensões: comprimento, largura e altura. Com facilidade apoderamo-nos dessas dimensões pelos sentidos da vista ou do tacto, identificados como estamos com a vida em um mundo de tres dimensões. Mas, como imaginar uma quarta dimensão no espaço um cerebro que cresceu e desenvolveu-se educado nos] calculos de um mundo de tres dimensões ? Uma tal proposição nada nos representa ao espirito, habituado a analysar os phenomenos naturaes com os principios e conhecimentos de uma grande geometria a tres dimensões, entretanto, parece-nos, estamos em vesperas de achar e deffinir esta quarta dimensão ; e, eis porque desde já devemos dizer algo aos nossos leitores.

Um dos mais distinctos sabios inglezes, W. Crookes, revolucionou a sciencia com a sua descoberta de um quarto estado da materia, ao qual elle deu o nome de *Estado Radiante* ; accrescendo ao conhecimento que já tinhamos do estado solido, liquido e gazoso, o de *radiante*, e a convicção e possibilidade de outros estados ultra radiantes e cada vez mais sublimados da materia.

A concepção da quarta dimensão do espaço, cabe, como precursor ao celebre philosopho Kant e depois delle ao bem conhecido astronomo Zöeller que tentou numerosas e celebres experiencias para dar provas seguras de uma quarta dimensão no espaço, podendo acerca do ponto de vista de Zöeller, servir de base a uma explicacão plausivel do *modo operandi* de grande numero de phenomenos espiritas ou mediumnicos ; por exemplo, os *apports*, (*telekinesia*) de objectos materialisados e desmaterialisados immediatamente ; entralaçamento de dois anneis de madeira torneados numa peça de madeira e inteiramente separados um do outro antes da operação : a formação de um nó simples em uma corda de canhamo sem fim, a penetração de um objecto solido, do exterior para o interior de uma caixa solidamente fechada.

Si uma qualquer das experiencias que vimos de relatar, fosse obtida com um medium na presença de uma commissão scientifica, como fôra a de Milão, por exemplo, que tinha a medium Eusapia Paladino, as longas e cuidadosas pesquizas do notavel physico Zöellner com o medium Slader, teriam sido coroadas de successo no meio academico. Infelizmente a medium napolitana do professor Chiaia não teve a faculdade de desintegrar a materia e de poder reconstituil-a, apezar de todos os esforços tentados para esse fim. Entretanto o facto existe, podemos affirmar, sem embargo de jamais termos visto directamente ; porquanto são innumeros os espiritas e theosophos que vão registrando estes phenomenos.

Bodisco, o judicioso diplomata e chanceller russo, de quem não se póde por em duvida a honorabilidade e bôa fé, nos conta no seu livro «Traits de Lumiére» pag. 47 :

«Objectos desmaterialisados pelo espirito, traspassando a materia, taes como : muros, portas e janellas fechadas, da sala em que experimentavamos, materialisados em cima da mesa, e desmaterialisados em seguida ; assim foram flôres, objectos de toucador, moedas de ouro e de prata, anneis, livros, etc.»

«Foram tomados de meu bolso, moedas de prata, (sem que eu notasse), e materialisadas em seguida sobre a meza tendo ficado em meu bolso o *porte-monnaie*. —Visto a alta importancia scientifica desta experiencia fiz repetir muitas vezes em meio de diversas pessoas da sociedade de S. Petersbourg».

Apesar de muitas pessoas de bôa-fé e da responsabilidade scientifica do chanceller Alexandrowilch de Bodisco terem testemunhado e confirmado a coisa, os incredulos systematicos a negam debaixo da *forte* razão de não terem *visto* e de que esses *apports* só se dão nas sessões obscuras ; o que, dizem elles, não pode constituir uma prova scientifica sufficiente.

E nos repetimos que um unico facto destes bastaria para demonstrar a propriedade dos corpos de possuir uma quarta dimensão ; e assim devemos declarar em que nos parece ella constituir. A quarta dimensão seria a do movimento atravez ou a Interpenetração de dois corpos solidos ou ainda a desagregação, ou dissolução e reconstituição ou *creação de novo*.

Dr. Joaquim Branco.

LEIS DIVINAS E LEIS HUMANAS

Certas interpretações que se costumam fazer das cousas e dos homens têm sido um grande entrave para o progresso da humanidade e a causa mais preponderante das luctas, dos odios e das guerras que se têm desenrolado no mundo. Não poude o homem ainda, no seu estado actual de progresso se emancipar das paixões inherentes ao fanatismo. Ha nas sociedades humanas um numero limitadissimo de creaturas, que conseguiram se assenhorear de si mesmas. Essas isolam o seu interno quando têm que julgar alguma cousa. Só assim se podem collocar num plano de neutralidade absoluta, para extrahirem a verdade do meio do barathro da confusão onde os homens a collocaram.

Todos os que julgarem sem analyse, sem exame previo, sob o prestigio de outrem que tem interesse de julgar errado, se tornarão, por força, maus juizes, energumenos, injustos. Foram esses juizes que julgaram a Jesus, a Galileu, a Jordano Bruno, Joanna D'arc, e eram elles mesmos que formavam os tribunaes da Idade Media, aquellas côrtes de matança que apavoram ainda a consciencia das sociedades modernas. São interessantes os homens! . . . Quando se trata de tradições elles as acceitam integralmente por mais absurdas que pareçam, sem nem ao menos discutil-as mentalmente. Mas quando se referem a factos actuaes, que o cunho da observação scientifica trouxe á baila nas preoccupações humanas, nem mesmo que elles se revistam de todas as provas, de todos os documentos, de multiplos factos, não bastam nunca para satisfazer as exigencias dos incredulos. E' justamente isso que se dá, no geral, com o modo de interpretar os ensinos sagrados trazidos até a geração presente pelos livros que compõem os da Historia Sagrada. As verdades nelles contidas, muito relativas ao gráu de progresso das gerações daquelles tempos, são todas do terreno metaphysico. Não dão delles nenhuma prova authentica senão a do cunho da lenda ou se o quizermos, do da Historia, que a maior parte dos escriptores de relevo dizem não passar de um amontoado de mentiras. Isso referindo-se a Historia em conjuncto. Não são no entretanto verdadeiras essas expressões em gráu absoluto, porque atravez das paginas da Historia, embora factos isolados tivessem sido adulterados pelas impressões individuaes do historiador, se pode distinguir, com nitidez, o cunho da operosidade, do progresso, da instrucção, da organisação de um determinado povo ou de uma dada Nação em uma epocha passada de sua vida.

Assim, para quem procura beber nas paginas do Deuteronomio e do Levitico a feição historica do povo de Israel, encontra ali bem assignaladas as tendencias mysticas da raça, agindo e operando sempre debaixo do influxo de uma confiança enorme nas forças espirituaes e considerando sempre os grandes homens como interpretes de Deus ou oraculos da sua palavra, o que os fazia subditos passivos e submissos á vontade dos seus soberanos. Aliás essa foi uma regra respeitada por todos os Povos Europeus e ainda o é no Japão, que como os da Europa faziam noutros tempos, ainda considera o seu Imperador como um representante de Deus aqui na terra, trazendo delle uma investidura realçada ao ponto de fazel-o divino. Essa paixão mistica foi conduzida de geração em geração até o presente e nos leva ainda até hoje a confundir simples codigos civis e administrativos de um povo com livros sagrados, divinos em todos os seus articulados. Quando muito se poderia dividil-o em duas partes distinctas: Uma a que se refere ás 12 taboas de Moysés como Divinas, eternas, indestructiveis, immutaveis.

As outras são leis humanas, codigos civis e administrativos daquelle povo, sujeito ás contingencias dos erros inherentes ao seu atraso. Leis modificaveis, subordinadas á reformas, forçadas a passarem constantemente pelas modificações que cada epocha assignalada de progresso o determinarem.

Ali não se pode mais manter a mesma formula da creação do mundo ; da genese da Terra e do homem, hoje completamente alterada pelas demonstrações scientificas modernas, bem como não é mais possivel dizer-se que Josué fez parar o Sol no firmamento, depois que os Galileus começaram a se multiplicar neste meio, e se fez o Calendario em vigor. Não se pode admittir erros em cousas Divinas. Deus não erra e se esses livros contêm erros é porque elles não são Divinos.

O vulto de Moysés se destaca sempre formidavel e valoroso, quer no seus codigos administrativos, quer no seu codigo divino. Na parte Divina elle é então um gigante, collossal. Elle e Budha legaram á humanidade as bases de toda a moral. Partiu delles a apresentação do Deus unico — Soberano Mestre e Creador de todas as cousas. Promulgou a Lei do Sinay — que é a lei Divina e por ella foi que se radicou no mundo a verdadeira fé. Tudo quanto se afasta da Lei do Sinay não tem valor senão como cunho historico. Os articulados podiam ter sido muito uteis para aquella epocha e para aquelle povo, mas já não podem prevalecer para a cultura da geração actual. Tudo isso como é bello e está mais ao menos de accordo com os desejos e ideaes da maioria, acceitamos sem discutir. Mas se a nossa razão entender de escarpelar essas afirmativas, isto é, a affirmativa de que Moysés entrou em palestra com Deus e este lhe ditou os 12 mandamentos da Lei Divina, a duvida surge immediatamente, terrivel e impositora anniquilando essas convicções. Porque acreditamos no simples testemunho de Moysés, na sua palavra, na sua afirmativa e hoje regeitamos todas as provas amontoadas em milhões de demonstrações scientificas, archivadas em grossos volumes em todas as Sociedades de Estudos Psychicos ?... Não é um contrasenso dos homens ?

E não é um contrasenso maior ainda prohibir-nos estudos provados e uteis para a geração presente, dando a esses que não provaram nada de maior prestigio moral do que o que devemos dar aos nossos maiores vultos da actualidade e nos têm legado com outras descobertas em outros generos uma somma incalculavel de bem ? Ninguem se impõe em si mesmo o crer ou descrer. E' uma cousa independente da nossa vontade. Salvo se fizermos como diz Maeterling : embrutecermos a nossa consciencia julgadora até ficarmos idiotas. Mas para que isso ? Qual a vantagem que podemos tirar em embotarmos a nossa razão para não vermos claro o que ha para se ver ? Será que Deus deu aos seus filhos a faculdade de raciocinar para depois punil-os por haver raciocinado ! Deixo a resposta para ser dada pelos theologos que não temem a responsabilidade de prenderem com mão de ferro a razão humana.

Amando Simões.

DOUTRINA DE CHARLES BONNET

OS homens, na terra, apresentam uma diversidade quasi infinita de dons, de talento, de conhecimentos, de inclinações, etc.

A escala eleva-se por uma serie innumeravel de gráos, do homem pensante.

Esta progressão continuará necessariamente na vida futura, conservando ahi as mesmas relações essenciaes : quero dizer ; que os progressos que tivermos feito aqui, tanto em saber como em virtude determinarão o ponto donde começaremos na outra vida, e o lugar que nella ser-nos-á dado.

Todos os momentos da nossa existencia individual ligam-se individualmente entre si. Não passamos de um estado a outro, sem razão sufficiente. Não ha saltos. O estado subsequente tem sempre sua razão no immediatamente precedente. A morte não é uma lacuna nesta cadeia, é o élo que liga as duas vidas ou as duas partes da cadeia.

Charles BONNET.

Pheneas falla

Communicações Espiritas recebidas em seu lar e publicadas por Arthur Conan Doyle — Doutor em medicina, e Legum Doctor.

(*Continuação*)

9 de Agosto de 1924 . . . «Ha um homem na França que virá para a frente e será um grande leader desse movimento neste paiz (Inglaterra). Elle tem cerebro e posição do ponto de vista mundano. Tu ainda não sabes o seu nome...»

Não se trata, portanto, de nenhum dos actuaes espiritas francezes de destaque, pois que os nomes destes devem ser bem conhecidos do Sr. Doyle.

C. D. :— «E a respeito das Egrejas ?»

Pheneas : — «Ellas mesmas estão se demolindo. Ellas não se têm mantido em contacto com o mundo dos espiritos. Ellas se têm revelado totalmente falhas, e quando forem postas á prova crucial, offerecerão aos homens uma pedra em vez de um pão, e elles verão que tem estado adorando deuses falsos. Em um lampejo comprehenderão os homens que os ensinos que lhes foram ministrados pelos theologos e leaders religiosos no passado são vasios e sem alma. Voltarão para esta luz — a luz do outro mundo».

24 de Agosto de 1924... «Ha muito que a humanidade vae por uma estrada que desce uma rampa. Por vezes parecia bem brilhante, mas realmente estava descendo. Subitamente entra em um tunnel, negro, negro. Quando sahir do tunnel, partir-se-á em caminhos para varias direcções : uns para cima, outros para baixo, para as espheras escuras. Algumas almas humanas criam tal crosta que mal lhes fica uma centelha de Deus. Grosseiras, grosseiras. Essas terão de trabalhar atravez esphera após esphera até afinal alcançarem a esphera do Amor, onde reina felicidade indescriptivel.

Oh, não percaes um dia em dar conhecimento disso. A pobre humanidade tem muito que soffrer. Mas não ha outro caminho. Todo conhecimento tem ella empregado para maus fins.

Que lhes importa Marte ? (Marte estava muito proximo da terra e os jornaes vinham cheios de noticias). Tudo é trivial, trivial. Breve terão outra cousa em que pensar.

Sede altruistas, isso é tudo. Olhae para cima e esquecei de vós mesmos...»

Ainda não mencionamos que Pheneas emprega atravez do livro todo, como formas de saudação e despedida, as expressões religiosas : «Deus vos abençõe ; Deus vos abençõe a todos». E pede que o Snr. Doyle, antes de responder a qualquer espirito, lhe pergunte : «Crês em Deus ?» A essa pergunta, o proprio Pheneas responde com expressões fervorosas como esta : «De toda a minha alma eu creio em Deus e sinto a Sua gloria, etc.

10 de setembro de 1924 : Pheneas declara que a ideia da Cruz vae desapparecer. A religião nova vae ser toda doçura e belleza. Será baseada no conhecimento universal do mundo dos espiritos. A isso Conan Doyle pergunta si a nova religião será christã, e elle responde : «Sim, mas a memoria da Cruz terá passado. Os homens O terão visto em Sua gloria, e tudo isso não será necessario. Será o pensamento na gloria do Christo que encherá o mundo, e não o pensamento na Sua antiga morte.

Haverá grande mudança no modo de vida do mundo. Será simplificado e elevado. Não haverá hypocrisia em religião nem na vida quotidiana. Os homens viverão para as coisas reaes, para Deus e para os seus semelhantes, sem fingimentos.

Haverá estreita e constante communicação com o mundo dos espiritos...»

Mui frequentemente Pheneas e outros Guias se referem a tarefas que terão de fazer os dois filhinhos e a filhinha do casal Doyle, animando-os. Em seguimento á conversação de 10 de setembro, elle diz a respeito de um dos pequenos, Denis : «Nós desejamos que este menino se exercite como orador. Gostaremos que elle viva com esse pensamento na mente — ser um auxiliar na grande lucta.

Elle tem de estar á vossa direita e auxiliar-vos de todos os modos. Elle nasceu para isso.

Precisamos que o outro tambem se exercite. Elle tem voz, força e muitas qualidades nobres . . .

Deus o abençõe. Possa elle se lembrar na vida quotidiana que muito se espera delle» . . .

Em 1.o de Outubro de 1924. Pheneas annuncia que presentemente os scientistas inventariam um apparelho que abrirá um novo ramo de sciencia. Seria uma combinação de cores, de altas vibrações e um electrophone. Diz que as coisas já estão em acção, mas os olhos humanos ainda não as podem ver : «Em uma tempestade ouve-se primeiramente um rumor surdo, mui longinquo, que depois se approxima mais e mais até que ribomba por cima das nossas cabeças.

Um homem muito distincto virá em breve entrar em vossa vida. Será um grande auxilio para vós e para o movimento. E' uma intelligencia clara, sem medo, um bom orador, um dirigente nato entre os homens . . .»

8 de Outubro de 1914. Pheneas declara que é guia de Conan Doyle só depois que este emprehendeu trabalho religioso. Foi enviado especialmente para isso. Fez uma bella prelecção aos filhinhos dos esposos Doyle que iam no dia seguinte para Eastbourne. Deviam se lembrar das graças aspeciaes que elles têm recebido e proceder como exemplos. Havia trabalho a ser feito lá.

Observou que os espiritos elevados commummente não podem tocar a terra senão por meio de espiritos intermediarios. A elle era permittido tocal-a directamente.

Novembro. «...A aurora já está muito proxima. O sol já se vae levantar. A humanidade vae breve chegar em uma grande encruzilhada ; o signal nos dois braços do poste será : «Ternura» e «Crueldade e Egoismo». E cada um seguirá automaticamente o signal que lhe é proprio, porque todos terão de ser verdadeiros e honestos nesse momento.»

Pergunta o sr. Doyle : «Podemos confiar em tudo que dizeis ?»

— «Não poderiamos descer á terra e dizer o que não é verdade. A verdade é Deus. A inverdade é a força inferior»...

« . . . Estamos mui satisfeitos com a descoberta de certo documento. Vel-o-eis publicados brevemente. Elle tem relação com a grande verdade da communicação espirita (O sr. Doyle acha que isso pode referir-se ao manuscripto de Cleophas).

Andaveis ambos por uma noite tenebrosa, com os pés doridos da peleja em prol da verdade. A luz da manhã parecia estar mui longe, como si jamais tivesse de chegar, e a verdade psychica nunca entendida. O solo era tão aspero e duro ; os pés pesavam 'a cada passo. Agora está quasi firme o terreno, uma luz maravilhosa apparece no céo — uma alvorada, uma resurreição. A vida, plena, rica, radiante, toma posse do que não era mais que um esqueleto, e abre-se em flores ao brilho maravilhoso e bello do sol de Deus. E no logar da profunda treva surgirá ella radiosa com um sol que jamais se porá —o sol do amor de Deus penetrando em toda a humanidade da terra. E a vontade de Deus será feita na terra assim como o é no céo. Será o fim da Oração Dominical.

As cathedraes vão ser desobstruidas de todo ritual, de todas as formulas, de todas as cerimonias. Serão apenas logares de reunião entre Deus e os homens».

12 de de Janeiro de 1925. «...Dizei a todo soffredor que a morte é a vida— a abertura da porta da vida».

Commenta o Sr. Doyle : «Então não nos devemos entristecer ?»

— «Não ha necessidade de entristecer-se, porque o tempo é tão curto. A separação não é longa.

Desejo dizer-vos mais uma coisa. Não vae haver muita perturbação com a Liga das Nações. Ella vae cahir automaticamente na posição de um jury, representando o espirito do amor de Deus, sympathia e terna anciedade pela raça humana no mundo novo, é assim»,

20 de Janeiro de 1925. «...A medium tem poderosas faculdades curadoras. Ha aqui um doutor ancioso para trabalhar com ella e auxiliar a humanidade. Elle passou ha muitos annos para este mundo.

Tu tambem tens grande força curadora, mas tens bastante que fazer fóra disso. Quando chegar a hora, essa força se patenteará».

1.o de Fevereiro de 1925. «...A palavra •religião• não será empregada no mundo que vem. Está associada demais com formulas, com crueldade e com o mal. Fallarão apenas de Amor, o Amor de Deus.

O egotismo do cerebro passará, e a simples intelligencia de uma criança supportará a verdade•.

22 de Fevereiro de 1925. «A medium sentia dor de ouvido. Pheneas deu-lhe energicos passes com as mãos della propria. Alliviaram-se logo as dores e o mal abortou. Depois de outros assumptos, Pheneas descreve em linguagem poetica a travessia do navio de Doyle para as plagas venturosas do Além. Conan Doyle pergunta: «E então eu vos encontrarei ?»

— •Não; deves pensar em mim antes como um companheiro de viagem, passageiro do mesmo navio».

5 de Março de 1925. Depois de outros assumptos, Pheneas diz: •Presentemente eu vos quero fallar: 1.o De uma grande descoberta scientifica que será reflectida em vosso plano; 2.o Sobre a evolução do homem•. E afinal terminou a sessão com estas palavras: •Haverá um cyclone na Jamaica, com perdas de vidas•. Em nota ao pé do texto o Sr. Doyle diz: •Póde referir-se aos grandes cyclones que em 1926 devastaram Cuba e as Ilhas Cayman, perto da Jamaica».

Em 25 de Março de 1925, depois de um longo discurso cheio de idealismo Christão, Pheneas encerra a palestra com esta declaração: •Eu vou a umas ilhas no norte da Australia. Ellas vão ser muito affectas.» E Conan Doyle nota: •Em 1926 as Ilhas Hollandezas ao norte da Australia foram abaladas por terremotos•.

Em 12 de Abril de 1925. «...Muita cousa tem de ser destruida; é como as cinzas que pondes no solo para fertilizal-o. Esses acontecimentos permanecerão vivos na memoria como exemplo do que se deve evitar na nova terra, sobre a qual o amor dominará nos dias que vem; a ternura, a simplicidade e o cumprimento de tudo que Deus predeterminou para a humanidade.

E' semelhante a isto: Um homem em um rude caminho no cimo de uma montanha. Desce um nevoeiro e elle se perde tremendo de medo e de frio. Cahem sobre elle as trevas e sua alma clama: •Senhor, livra-me!• Mas vem a aurora, e que aurora! Nenhum nevoeiro; em sua frente brilha aureo sol, o horizonte rozeo, elle divisa lá embaixo... oh que cousa linda! que maravilhosa campina! E quando elle olha, vê o rosto d'aquella a quem elle tanto amou outr'ora no valle de onde veiu, e encontra-a naquella campina, onde a luz é de ouro e nenhuma nuvem empana o horizonte. Elle se vê cercado de todos a quem amou e perdeu no passado. Alguem pòde ir ter com elle e lhe dizer: «Quererias voltar para aquelle valle que suppunhas ser tudo ?• Subitamente perceberá elle que era cégo e só agora enxerga e vive pela primeira vez — e assim será com todos aquelles que empregaram os talentos que Deus lhes deu, e não os enterraram no lodaçal mas os empregaram para o bem da humanidade. E o nevoeiro que parecia tão escuro é uma gloriosa bençam — o pequeno tunnel que liga o preto com o branco . . .»

« . . . Preparae-vos! O tempo é tão breve, a recompensa é tão grande! Deus quer-vos todos no logar que elle vos preparou. Amor com sympathia e altruismo é a chave que abre a porta desta gloriosa vida . . .•

Por essa occasião o Sr. Doyle estava muito interessado no trabalho do centro espirita dos Crandon, no qual Houdini, o famoso prestidigitador, estava sendo um elemento de perturbação, por isso Conan Doyle pergunta: •E a respeito dos Crandon ?»

— «Terão ricas bençãos pelo seu esplendido trabalho•.

— «E os perseguidores delles ?•, pergunta o Sr. Doyle.

— •Houdini está condemnado, condemnado, condemnado. Não lhe será permittido embaraçar o caminho do progresso divino•.

E Conan Doyle commenta em nota: •Esta terrivel prophecia foi mui tristemente cumprida, pois que Houndini morreu derepente em outubro de 1926•.

Gomes Braga.

PHOTOGRAPHIAS DO INVISIVEL

— IV —

Exemplo frizante da conservação da personalidade, encontra-se no seguinte caso. O Snr William Walker, de Buxton, era presidente de um club de photographos e elle proprio era um perito em photographia. Acompanhava com vivo interesse os trabalhos do Grupo de Crewe e cooperava em muitos experimentos. Foi o primeiro a obter o retrato psychico em cores, pelo processo Paget, por meio da mediumnidade dos seus amigos de Crewe.

Pouco antes da partida de W. T. Stead para a ultima viagem aos Estados Unidos, o Snr. Walker o encontrou em Londres. O Snr. Stead tomava grande interesse pelos resultados que estavam sendo obtidos em Crewe e pediu encarecidamente ao amigo que o mantivesse pelo correio ao corrente dos resultados. Pouco depois pereceu o Snr. Stead no malfadado naufragio do «Titanic». Em 6 de Maio de 1912, o Snr. Walker teve a agradavel surpresa de receber em duas chapas, na experimentação em Crewe, a seguinte mensagem do seu amigo :

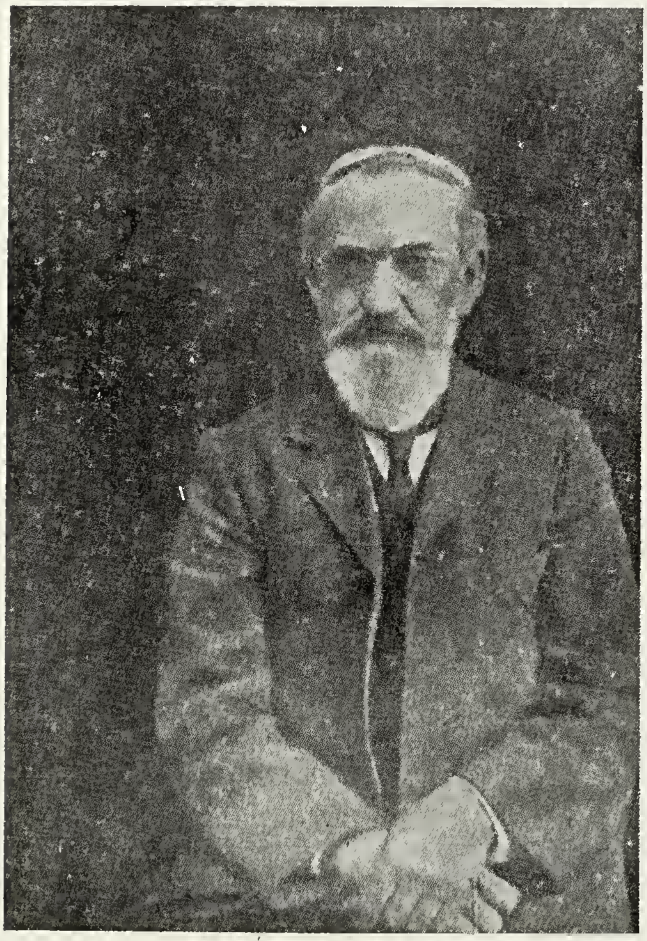

Fig. 15. — Photographia do Snr. William Walker e mensagem com a lettra de M. T. Stead. (Em nosso cliché a mensagem sahiu quasi invisivel),

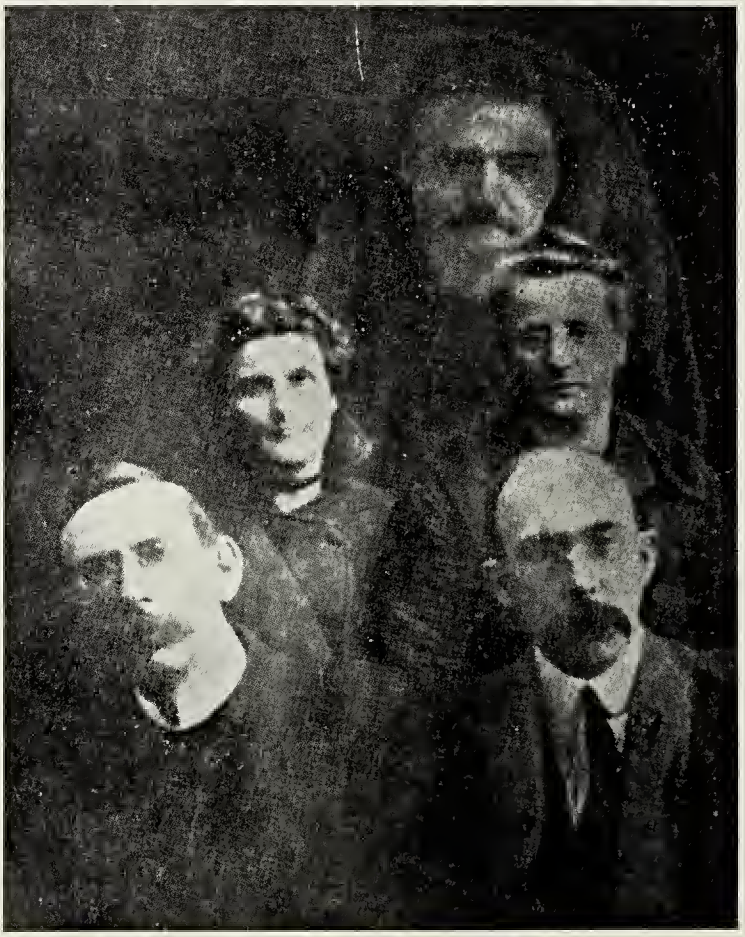

Fig. 16 — Snr. e Snra. Harry Walker em companhia de um par amigo, com retrato psychico do pae do Snr. Walker. Compare-se com a fig. precedente (15).

> «*Dear Mr. Walker,*
> •*I will try to keep you posted.*»
> «*W. T. Stead.*»

Tinha sido feita a exposição de

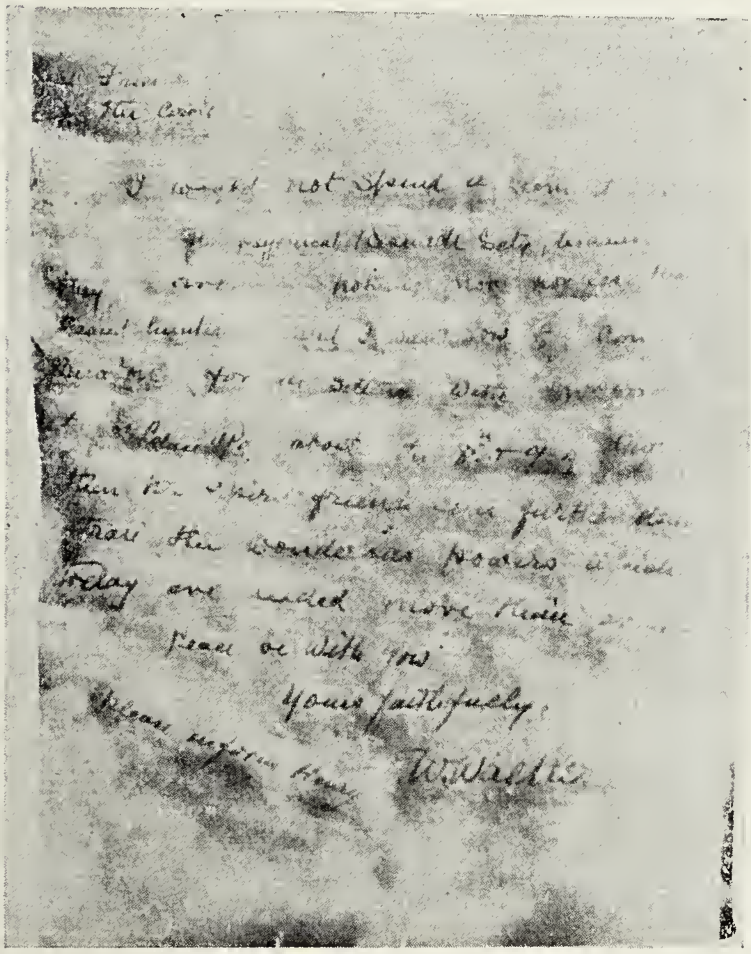

Fig. 17 — Mensagem photographica com lettra do Snr. W. Walker, obtida em Crewe em 28 de julho de 1922. Compare-se com a escripta normal do Snr. Walker, mostrada na fig. 18.

duas chapas, e em ambas vinha a mesma mensagem, mas em uma dellas o escripto era revertido e apparecia como a chamada «escripta de espelho». Esse resultado vê-se na fig. 15 (quasi invisivel em nosso cliché). A escripta não reproduz muito fielmente, mas os peritos consultados declaram fóra de duvida ser a escripta do proprio punho do fallecido W. T. Stead.

Poucos annos depois, o Sr. William Walker acompanhou o Snr. Stead para o Grande Além. Desde a sua morte, os parentes e amigos têm recebido innumeraveis provas da sua actividade «do outro lado», nesse ramo especial da phenomenologia pelo qual tanto se interessava quando incarnado.

A fig. 16 apresenta uma photographia normal do Sr. Henry Walker e esposa (filho e nora) em companhia de um casal de amigos, com um retrato psychico bem formado do fallecido Sr. William Walker. Foi obtida essa photographia com boa fiscalização, em 19 de Fevereiro de 1916.

Para illustrar o interesse que o Snr. Wm. Walker ainda demonstra pelos trabalhos do Grupo de Crewe, chamamos a attenção para a mensagem photographica da fig. 17, obtida na tarde de Sexta-feira, 28 de Junho de 1922, cujo texto é o seguinte (supprida a pontuação):

> «Dear Friends of the Circle,
>
> «I would not spend a moment with the Psychical Research Scty, because they are nothing more nor less than fraud hunters and I want you to come to Buxton for a sitting with Mrs. Walker, 3, Palace Rd., about the 8th-9th of. Aug. Then the spirit friends can further demonstrate the wonderous powers which

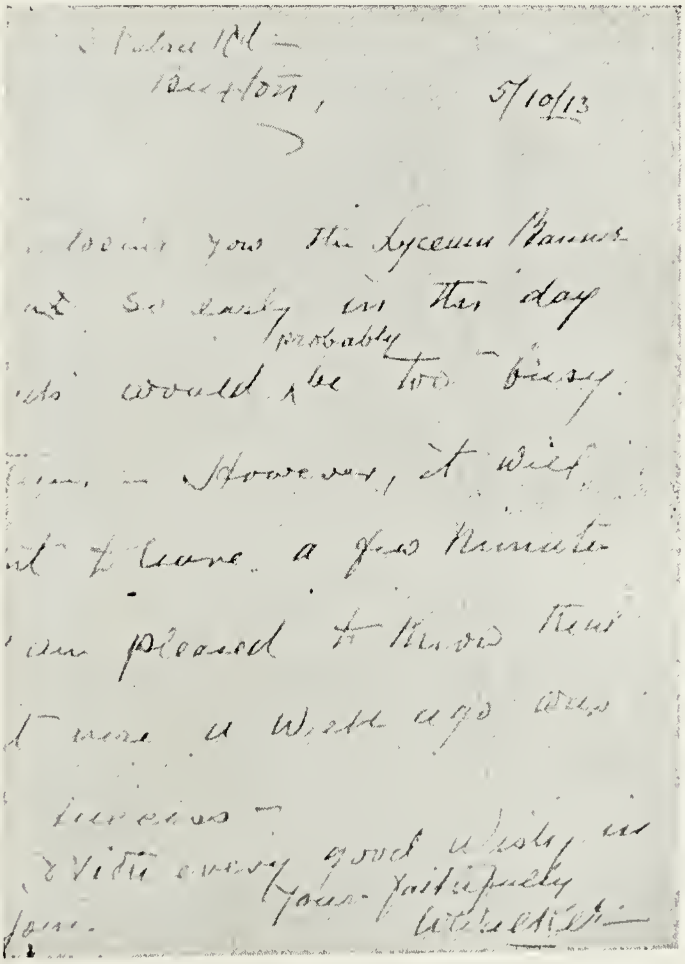

Palace Rd —
Buxton, 5/10/13

you the Lyceum Banner
so early in the day
would probably be too busy.
However, it will
leave a few minutes
am pleased to know that
a week ago
every good wish
Yours faithfully
W. Walker

Fig. 18 – Parte de uma carta escripta em vida pelo Snr. W. Walker, para comparação com a fig. 17.

to-day are needed more than ever.

Peace be with you.

Yours faithfully,
W. Walker.»

«Please inform Henry.»

Traducção :

«Queridos amigos do Grupo,

«Eu não gastaria um momento com a Psychical Research Society, porque elles não são mais nem menos do que caçadores de fraude e eu desejo que venhaes a Buxton para uma sessão com a minha esposa, 3, Palace Road, mais ou menos em 8 ou 9 de agosto. Então os espiritos amigos poderão demonstrar melhor essas maravilhosas faculdades que hoje são mais necessarias do que nunca.

A paz esteja comvosco.

Fielmente vosso,
W. Walker.

«Por favor informae ao Henrique».

O post-scriptum refere-se ao filho do Sr. Wm. Walker, residente em Crewe.

Depois de examinar uma quantidade de cartas do Snr. Walker, pae, o Sr. Barlow, — de cujo depoimento estamos extrahindo estas notas, — conclue que o bilhete é justamente como o Sr. Walter o redigiria em vida. Para comparação, damos o cliché de parte de uma das cartas examinadas pelo Sr. Barlow, fig. 18.

Um exame attento dos dois manuscriptos leva-nos á conclusão de serem do mesmo autor, apenas notando-se que a carta foi escripta com menos cuidado do que a mensagem photographica.

Excusado dizer que o Grupo de Crewe executou fielmente a recommendação do desincarnado, como sempre faz ao receber «ordens» photographicas dos guias, mesmo quando estão em completo desaccordo com a opinião delles.

O ectoplasma do professor Richet será um caso de reprodução asexuada ?

Quando Siebold descobriu nos insectos o caso da reprodução asexuada os doutores da teologia, acorreram pressurosos a divulgar que, a posse desse facto desvendava o mysterioso phenomeno da concepção imaculada de Maria de Nazareth.

Siebold, prevendo a possivel exploração que o jesuitismo iria fazer em torno das suas observações scientificas, — sendo por elles consultado, redarguiu-lhes que a reprodução nos craneotas da especie «Homos Sapiens», somente podia ser admittida com a união do espermàtozoide á vesicula de Graff.

Os teologos não desanimaram, a espera que a sciencia lhes podesse um dia explicar o maravilhoso acontecimento, considerado até hoje pelos cerebros dogmatizados, como milagre, devido aberrar das leis conhecidas em nossa época.

As investigações feitas posteriormente, no dominio da embriologia, partindo-se da filogenese ou da antogenese, chegaram aos mesmos resultados que, parecem culminar na impossibilidade da reprodução asexuada na especie humana.

O facto, comtudo, não é tão extranho quanto parece. Examinando-se detidamente, o phenomeno nas suas mais intimas modalidades, conclue-se que, — a reprodução asexuada sempre existiu na ordem do «COSMOS», não só nos insectos e vegetaes, como ainda, nas unidades anatomicas das especies vivas do nosso plano fisico.

Dos profundos estudos do eminente biologista, Sobbota, nos processos histologicos da fecundação, — resultou o conhecimento preciso da reprodução asexuada nos phenomenos de holoschisis, isto é, da divisão amitotica, nos tipos somaticos e de maturação, ou hetero-homotipicas, que são inherentes á vida celular.

Na embriogenese das celulas sexuaes (amfimixia) Van der Stricht, Doorme e

Lawes, penetrando fundamente, na fenomenalogia dos factos experimentaes, que presidem a fecundação das «Cytes e Gonia» verificaram, — que tudo se passa como se, á genese da funcção reproductiva da especie se ensaiasse na elaboração interna e asexual, que a substancia protoplasmica realizada, nas complexas divisões cineticas dos enquilêmas hialinos e nos utriculos azotados de Altmann.

Aliás, Löwitt, Rath e Schleiden, consideram a divisão amitotica como um processo de regeneração nas fases do vitalismo organico, — necessario, a integridade e perpetuação embrionaria das «FORMAS» que se agregam, se elaboram, se aperfeiçôam, e se transformam, sob a influencia virtual das forças Cosmicas.

Os mentalistas Atinkson e Mulford, notaram que ha uma «MENTE» em tudo, e como tal, uma força poderosa, que reune os electrons em os nucleos celulares, para asexuadamente, — plasmal-os e reger no seu ciclo ontogenico evolutivo, a multiplicidade dos orgãos, que os sêres vivos apresentam em nosso orbe.

Será que o ectoplasma do professor Richet, resolverá certos fenomenos ainda ignorados da sciencia ? E' o que resta aos scientistas contemporaneos averiguar.

O que se sabe, actualmente, é que, o ectoplasma possúe as mesmas propriedades das celulas sexuaes «CYTES E GONIA» e se multiplica com extrema facilidade, organizando membros e orgãos complexos em torno do "Medium" e na generalidade dos casos, se materializando completamente.

Eis, pois, o Espiritismo guiando as sciencias em suas indagações experimentaes, e quiçá, offerecendo-lhe vastissimo campo para pesquizas dessa verdade, que já empolga os espiritos, no conjunto assombroso de suas acquisições moraes e filosoficas.

Dr. Sotero Angelo.

As Materialisações de Algeria

(Continuação)

Domingo, 27 de Agosto

Sessão ás 5 horas e meia da tarde no pavilhão. Os mesmos mediums e os mesmos assistentes de hontem.

Martha está muito fatigada. Faz se a prece. Mme. Noel magnetisa os mediums, depois sahe um instante. Luz vermelha. Quasi em seguida vê-se uma roupagem branca entre as cortinas.

N'um dado momento, Martha sahe do gabinete, parecendo adormecida ; marcha em volta dos assistentes até atraz da senhora ingleza.

Depois torna para o gabinete, fazendo-se sahir dahi Aïcha. Uma especie de roupagem branca é visivel ao longo da cortina esquerda, conservando-se ahi todo o tempo em que os mediums estão cá fóra. Estes entram para o gabinete. A roupagem desapparece.

Uma voz chama a senhora ingleza ao gabinete, o que ella faz, demorando-se ahi bastante tempo.

Parece que Bien Boa prometteu para amanhã uma boa sessão sem outro phenomeno.

Terça-feira, 29 de Agosto.

Reunião ás 5 da tarde na sala das sessões. Inspecção da sala por M. Richet e por mim.

A senhora ingleza não está presente. Assistentes, M. Noel, sua esposa, eu, M. Richet, Martha, Paulette, Maria e Aïcha. Prepara-se o apparelho do magnesium. M. Richet comprou um novo apparelho, munido d'uma peça de cautchout, para lançar o magnesium na chamma d'alcool. Tres machinas photographicas estão assestadas para a cortina. Duas são estereocopicas, a outra é uma Kodac.

Marta e Aïcha vão occupar seus logares no gabinete. A leitura da prece é feita por M. Noel. Entoam-se diversos cantos.

Decorridos cerca de 40 minutos, afasta-se a cortina da direita. Vejo logo completamente Aïcha, mas não Martha.

Passam dois ou tres minutos ; depois mostra-se Bien Boa, perfeitamente materialisado, entre a abertura das cortinas. Tem um turbante, e na frente uma especie de pequenas peças de ouro, umas a seguir as outras, em logar do frontal da penultima sessão. Tunica branca, que afastando-se na parte superior, deixa vêr os bordados de ouro sobre o vestido do peito.

Bien Boa desvia-se para a esquerda, e eu vejo completamente o corpete branco, a saia preta e a mão direita de Martha ; a cabeça está inclinada para traz e pouco distincta. Sobre a cabeça de Aïcha collocou-se um pedaço de seda branca, estando as mãos bem visiveis sobre o avental branco.

A apparição entra no angulo da esquerda. Preparamo-nos para a photographar.

De novo torna a sahir do mesmo sitio, ficando quasi deante de Martha, com relação a mim, que estou de lado.

Mme. Noel dá o signal. O fulminante falhou, tendo nós de recomeçar.

O espirito presta-se de boamente a todas as experiencias. Pergunta-se-lhe, se podemos empregar um phosphoro para accender o alcool e diz que sim.

Accende-se o phosphoro, mas não ha alcool !

Pergunta-se ainda ao espirito, se se pode sahir, para ir buscar a garrafa que ficou fóra ; inclina a cabeça affirmativamente. M. Richet sahiu então emquanto a porta está semi-aberta, *penetrando a luz na sala, vejo simultanea e nitidamente Bien Boa e os mediums.*

M. Richet entra carrega-se o apparelho e accende-se o alcool.

As cortinas são fechadas pela apparição, mas não completamente, pois fica uma abertura na parte superior, por onde Bien Boa mostra a cabeça e por vezes vê a chamma d'alcool e os preparativos. Emfim tudo está prompto.

De novo correm as cortinas ; vê-se completamente Aïcha, mas Bien Boa fica deante de Martha. Pedimos-lhe para desviar-se á esquerda, afim de descobrir o medium ; obedece, deixando vêr Martha. E' dado o signal e um fraco clarão se produz. O espirito não se mexe.

Decide-se fazer nova descarga de magnesium, a qual deu bom resultado, illuminando ao mesmo tempo os mediums e o espirito.

Faço a pressão do meu apparelho, mas receio um insuccesso, pois é muito difficil obter um synchronismo perfeito entre o rapido instante da luz e a retracção do obturador.

Para a primeira vez deixarei a machina aberta um pouco antes do signal para photographar.

Ainda pedimos se seria possivel fazer outro ensaio. A apparição quer prestar-se a isso, mas não ha magnesium no apparelho ; por isso decide-se ficar para a sessão seguinte a continuação da photographia.

Encorajada pelo resultado, Mme. Noel roga ao espirito para sahir completamente do gabiente. Assim o faz, e *fica deante das cortinas, na sala*, ao lado do general Noel. De repente, a estatura diminue, enterra-se verticalmente no soalho e desapparece com grande rapidez, sem deixar qualquer vestigio, produzindo um ruido, como se um corpo material se destruisse sobre o pavimento.

Torna a sahir das cortinas e recomeça o mesmo phenomeno. Ao fim d'um instante, de novo se deixa vêr perfeitamente materialisado. Mme. Noel senta-se nos joelhos de seu marido para se approximar do phantasma, que a abraça e todos ouvem o ruido d'um beijo.

N'esta occasião, falla-se da senhora ingleza que sentirá não estar presente ; então faz o gesto de lhe mandar beijos, e em voz baixa, sem timbre, diz uma phrase graciosa para ella. Depois entra no gabinete.

Passados minutos, vê-se pela abertura, o phantasma atravessar para a direita. Nossa attenção está fixa n'este lado, em que se produz um phenomeno do mais alto interesse. Fóra do gabinete, no angulo direito da sala, sem que as cortinas mexessem, á direita de Martha, ouve-se como o deslocamento d'uma cadeira, e vejo sobre o soalho uma cousa branca que se eleva e toma rapidamente uma forma. E' Bien Boa materialisado como o vimos ha pouco. Dirige-se para a abertura das cortinas, passo incerto, como se a marcha lhe fosse difficil. Emfim, entra completamente e cerra as cortinas.

Distingue-se ainda uma ou duas vezes na abertura superior a cabeça de Bien Boa, e a sessão termina.

Nunca vi tão bem o espirito nem

tanto tempo. Parece familiarisar-se á medida que as sessões são mais frequentes e o grupo mais homogeneo.

Mostra-se muito affavel, prestando-se ás condições que lhe propõem. Pediu-se-lhe de consentir em respirar n'um frasco e respondeu affirmativamente.

E' certo que o phantasma se formou á nossa vista fóra do gabinete, sem duvida possivel ; e não é como outr'ora, levantando as cortinas e passando por debaixo, que se mostrou, mas *formando-se directamente na sala.*

E' uma prova certa, de que Bien Boa, que ha pouco photographamos, é um ser differente do medium.

Não póde allegar-se nem allucinação, nem disfarce, nem manequim ; para mim a prova é absoluta ; é ainda a mesma apparição, que vimos desapparecer ha instantes deante do general sem deixar vestigios. O que é notavel é a rapidez da reconstituição ; não leva mais de 5 a 6 segundos.

Quando o phantasma funde, é litteralmente, como se sumisse n'um alçapão que aliás temos a certeza de não existir. Até ao ultimo momento, tudo que falta por desapparecer é tão nitido, tão solido, como se o resto do corpo se não tivesse dissolvido. Depois, chegada a cabeça ao pavimento, bruscamente se dissipa.

Se uma grande paciencia é necessaria, chegamos emfim a resultados que nada deixam a desejar. O espirito conseguiu constituir completamente seu corpo. A gordura de Bien Boa é normal, os braços e o tronco são cheios, podendo até considerar-se um pouco nutrido.

Gabriel Delanne.

(Continúa)

* * *

O Espiritismo e os Credos

(*Da «LIGHT»*)

Quando, nos primeiros annos do movimento, numerosas pessoas de intelligencia ponderada — principalmente no centro e no norte da Inglaterra—convenceram-se da realidade da communicação espirita e proclamaram-n'a como facto, ficaram logo sujeitas a varias formas de perseguição.

Entre os perseguidores achava-se o clero, e muitos espiritas devotos foram expulsos das igrejas por esposarem o que os mestres religiosos consideravam negra heresia. Isto applica-se não somente aos padres das igrejas estabelecidas, mas tambem a muitos ministros das congregações anti-conformistas. O resultado mui natural foi a formação de igrejas nas quaes esses espiritas se pudessem congregar e adorar conforme o seu proprio modo. Como o Espiritismo se diffundio, não é de surprehender que echoassem gritos de alarme, por parte dos organismos religiosos orthodoxos, contra a «nova religião». O Espiritismo foi rigorosamente denunciado como anti-christão (o que naturalmente elle não é) e uma grande porção de rancor theologico foi agitatada e continúa até hoje. E' forçoso admittir que, padecendo sob o tratamento que recebiam, muitos espiritas tomaram attitude resolutamente hostil ás corporações religiosas de que haviam sahido, attitude essa que emprestava ao Espiritismo uma certa nuance confirmadora da imputação de que o Espiritismo era anti-christão. Havendo no mundo uma grande quantidade da natureza humana — como notára Artemus Ward — esse resultado poderia muito bem ter sido esperado.

Não é um caracteristico bretão o submetter-se resignadamente a qualquer forma de tyrannia ; demais, ha um forte instincto de lucta nos condados do norte. De ambos os lados agitaram-se vehementes paixões e a guerra theologica continuou por muitos annos.

Esses são os simples factos do caso, taes como os observamos desapaixonadamente por muito tempo, e não é difficil ver como entrou o elemento religioso. As communicações espiritas referentes á vida depois da morte por vezes estavam em franca contradicção com cartas doutrinas e dogmas velhos concernentes ao estado dos mortos. Por muitos annos se havia considerado a Morte como materia privativa dos padres, comquanto a morte em si mesma não seja materia mais theologica do que o nascimento. O padre era visto como o despositario privilegiado dos «segredos dos tumulos», e os seus melindres foram naturalmente feridos pela incursão de leigos nos seus dominios privados. Não incluimos pessimismo algum nestas reflexões, reconhecendo o immenso valor, para a humanidade, das diversas igrejas e a vida de trabalhos e dedicação de muitos dos seus fieis servidores. De facto a Igreja tem estado de pé durante as idades como fortaleza contra uma grande maré de pobreza, vicio, crime. Demais, a Igreja Estabelecida tem em seu abono uma longa tradição e um alto padrão de cultura e de educação, que, embora muito escarnecido, representa papel importantissimo na vida da communidade civilizada.

Para nós — e fallamos bem avisados — os factos do Espiritismo não são nem christãos nem anti-christão ; são factos da Natureza, sem significação theologica alguma, exceptuado o sentido muito lato de que são para nós evidencia de um Creador e de uma Intelligencia que tudo governa. Em summa, os phenomenos do Espiritismo assemelham-se aos outros phenomenos da Natureza em geral ; têm elles tanta significação religiosa quanta possamos ler nelles, conforme as nossas ideias particulares. E' bem certo que podem ser tomados para fins theologicos, como nas crenças religiosas das raças barbaras os eclipses e as tempestades são aproveitados para indicar a colera dos deuses, ou uma chuva em estação secca é olhada como sendo uma resposta ás preces dos magicos ou manda-chuvas da tribu.

Para nós não existe a questão de alguma religião em particular, mas a da Religião propriamente, e esta seria um principio unificador e não separador. «Guerras religiosas» e «disputas religiosas» são para nós uma contradicção de termos. Nunca é a Religião que lança os homens á garganta uns dos outros; são geralmente as differenças em formas de doutrinas e credos, e estas differenças são puramente intellectuaes. Mas nesses assumptos entra grande quantidade de emoção em que a Religião — como é uma cousa de emoção — naturalmente representa papel saliente. A sorte de cada homem, tanto neste como no outro mundo, depende, não do que elle crê mas do elle é em si mesmo. Esta consideração destróe de um só golpe o fundamento de todas as facções guerreiras de christãos, não-christãos e anti-christãos.

Tem-se-nos pedido para deplorarmos essas disputas no Espiritismo, mas no presente estado de atraso da humanidade podemos apenas dizer que são pelo menos provas evidentes de vida e actividade — não expressões muito altas, é verdade, porem bem melhores do que a completa estagnação e apathia. São as fricções mentaes que tornam manifesta uma verdade. Ha milheiros de espiritas devotados que ainda são membros da Igreja de Inglaterra ou de incorporações dissidentes. A explicação é que esses espiritas acceitam os codigos e conformam-se com as regras das varias denominações religiosas. Esses codigos e regras podem estar errados ou certos ; não é essa a questão. O facto de que tal estado de cousas póde existir confirma a nossa contestação de que o Espiritismo em si mesmo absolutamente não é materia doutrinaria, é materia puramente humana. E' assim que nos temos esforçado sempre para tratar a questão, lembrando que quando voltamos aos primeiros principios, não começamos com christãos, ou unitarianos, ou judeus, ou mahometanos, ou buddhistas ; começamos com *homens e mulheres*. Qualquer forma de religião que não inclúa o total da humanidade, em logar de uma secção somente desta, deve por este motivo estar condemnada. Mas naturalmente este modo de ver é idealistico. Emquanto precisarmos de ter crenças é bom lembrar-nos que a crença de um homem é questão puramente delle e de nenhum outro homem. Esta consideração collocaria muitas disputas religiosas no terreno simples das boas maneiras e do bom senso, cujas exigencias nenhuma religião digna do nome pode deixar de acatar.

* * *

A Psychometria Retrospectiva ou Metagnomia de objectivo humano no tempo

(«Revue Spirite»)

No interessante programma de pesquizas psychicas proposto pelo Dr. E. Osty, no principio de 1926, ao Comité do Instituto Metapsychico Internacional, figura uma modalidade, toda especial de metagnomia, da detecção da individualidade humana, cujo estudo nos conduzirá talvez um dia além do conhecimento do psychismo individual.

Eis aqui esta curiosa modalidade :

Ao tacto de um objecto possuido outr'ora por uma pessoa hoje defunta, a faculdade especial do sujet toma conhecimento da vida decorrida do morto, comprehendido tambem o episodio terminal (como á distancia esta faculdade toma conhecimento da vida em realização de um vivente).

E' um phenomeno, accrescenta o Dr. Osty, que toda gente póde provocar á vontade, porque são mui numerosos os sujets dotados da faculdade de metagnomia para o homem (de perto ou de longe). E' evidente, nota o Dr. Osty, que se trata apenas do facto correctamente obtido, aquelle em que nenhum psychismo vivo, por mais longe que seja no espaço, possa, pela communicação mento-mental, ser a fonte informadora inconsciente do sujet. Não se deve considerar senão o caso em que nenhum vivente saiba ou possa saber a materia das revelações do sujet. Este phenomeno de detecção de psychismo desapparecido, uma vez provado ao mundo scientifico, de modo incontestavel para todos, nós nos acharemos em frente do seguinte estado de cousas :

1.º O homem, depois da sua morte, deixa em algum outro logar, além do espirito dos vivos, a historia da sua vida.

2.º Os sujets metagnomos que reconstituem esse passado são, quando se emprega a sua faculdade a proposito de um vivo, detectores do psychismo de outrem, delle tirando, de perto ou de longe, o conhecimento conforme ao real, bem como ao erroneo.

Ha então analogia completa do processo phenomenico, para vivos e para mortos ?

3.º Ha analogia apparente e determinismo de outra sorte ? Mais claramente : E' de uma collaboração com um psychismo individual sobrevivente a morte que o sujet metagnomo tira as indicações que elle fornece sobre a personalidade que já não existe ?

4.º E' em uma consciencia universal que elle toma a historia de uma vida desapparecida ?

E' em outro logar e onde ?

E em todos os casos, como ?

Todas estas hypotheses do Dr. Osty, director do Instituto Metapsychico Internacional, são muito interessantes pelos horizontes psychicos que ellas descortinam ; vamos examinal-as successivamente do *ponto de vista espirita*, isto é, tendo em conta a existencia e a exteriorização do perispirito ou corpo psychico vibrante do sujet.

O Dr. Osty espera, pela pesquiza experimental, chegar a explicações solidas, a certeza, que resolverão afinal o problema da natureza fundamental e do destino do Ser Humano que a humanidade em vão tem agitado na especulação pura, desde que ella foi capaz de pensar sufficientemente.

Esta ultima reflexão do Dr. Osty é muito justa, mas de que modo esse notavel medico chegará ás suas *conclusões explicativas*, elle que não admitte o corpo ethereo vibrante do metagnomo, a chave de todos os problemas metapsychicos ?

1.º Examinemos primeiramente si, depois da morte, o Ser Humano deixa em algum logar, além do espirito dos vivos, um traço dos seus actos, e até mesmo dos seus pensamentos.

O velho adagio Hermetico não nos diz : *que tudo que está em baixo é como o que está em cima, e reciprocamente, em estados differentes de materialidade ?*

Cada cousa, cada objecto, cada acção e mesmo cada pensamento tem o seu *duplo fluidico* no astral, isto é, na aura etherica e vibrante que circumda a terra como uma camada electrizada á peripheria, protectora e isolante, esboço ou armação etherea vibrante encerrada pelo corpo bruto ou organizado, em que se vem congregar, coordenar as moleculas ou as cellulas organicas conforme as leis chimico-biologicas da natureza.

Emquanto o corpo, o objecto, não se dissocia, não se desintegra, lenta ou rapidamente, conserva elle esse duplo ethereo, esse mediador plastico, esse principio intelligente, formador e organizador.

Desde que elle se desagrega por emanações, ondas ou radiações, a *trama fluidica* evapora-se com a destruição completa do ultimo atomo ou cellula e regressa ao grande reservatorio cosmico, ao Ether Sideral, de onde provem ella pela objectivação do Pensamento Divino.

Portanto é possivel ao psychismo exteriorizado do metagnomo ir tirar nesse reservatorio o psychismo do defunto tendo este conservado a sua individualidade, a sua frequencia espiritual propria, com a qual põe-se então a do sujet em resonancia synthonica.

Dando-se então ao sujet dotado da faculdade de psychometria, um objecto que pertenceu a uma pessoa fallecida ha muito tempo, esse objecto poude impregnar-se de radiações extra-organicas do defunto e o psychismo ultra-delicado do sujet póde ser por elle affectado, como um detector sensivel de T. S. F. Essas radiações primordiaes guiam o sentido psychico do metagnomo, na aura terrestre, para reencontrar a personalidade psychica do desapparecido.

Não ha nisso uma grande analogia com o faro incrivel do cão de caça ou policial, que encontra, graças ao seu maravilhoso olfacto, depois de haver cheirado um objecto pertencente a uma pessoa, as pegadas desta ou mesmo vae encontral-a no meio dos odores «sui generis» de milheiros de individuos de uma cidade como Paris?

E os pombos-correio, de onde lhes vem esse senso innato da orientação direita e rapida? Não recebem ondas, de natureza desconhecida para nós, que emanam do pombal ou antes dos seus companheiros e as quaes elles percebem no espaço?

Então o que ha de tão extraordinario na detecção do psychismo de um desapparecido pelo extra-sensivel psychismo de um sujet dotado deste extraordinario sentido de percepção psychica? O metagnomo póde, pois, reencontrar o defunto no Além, porque não se morre senão physicamente, graças a um objecto qualquer que tenha pertencido ao desincarnado e que conservou as suas vibrações psychicas, reveladoras e indicadoras, ao ponto de permittir ao sujet de tomar conhecimento da vida decorrida do desapparecido, comprehendendo o episodio da sua morte, a data e a causa.

Muitas vezes o metagnomo até indica, pela leitura do psychismo do defunto, segredos desconhecidos dos seus filhos ou de outros herdeiros directos. Então?

Sim, depois da sua morte, o homem deixa no astral o vestigio fluidico da historia de sua vida, e é ahi que o sujet póde encontral-a e lel-a, como em um livro, pois que elle é dotado dessa vista psychica especial.

Esta detecção do psychismo de um morto, graças a um objecto que lhe haja pertencido, é pois já, de alguma sorte, a *prova implicita* da immortalidade da alma humana.

2.o Ha evidentemente analogia completa do processo phenomenico na detecção psychica, na metagnomia para vivos e para mortos

No primeiro caso, os dois perispiritos dos vivos entram, mais ou menos rapidamente, em vibrações synchronicas. No segundo caso, o objecto do defunto estabelece pelas vibrações extra-organicas que conservou, o mesmo processo phenomenico, isto é, permitte ao psychismo do metagnomo vivo reencontrar o do fallecido e vibrar em unisono para detectar a sua personalidade.

Hypothese, dirão. Certamente! Mas póde-se encontrar outra melhor, tão logica, dada a realidade da existencia do corpo astral?

3.º E' pois bem da collaboração de um psychismo individual, sobrevivente á morte terrestre, que o sujet metagnomo tira as curiosas indicações que fornece sobre o fallecido, desapparecido desde longo tempo.

4.º Não é, portanto, em uma consciencia universal que elle toma a historia completa de uma vida particular terminada. A menos que, consciencia universal, esse nirvana intellectual onde se vêm fundir as almas humanas, perdendo a sua individualidade, nós quizessemos entender o registro fluidico que tem produzido, no astral ou aura terrestre, todas as nossas acções e pensamentos. E' na collaboração intima das vibrações em resonancia dos dois psychismos — vivo ou morto — que está a chave do phenomeno. Não é em outro logar, mas é isso que se produz, no astral e do modo que acabamos de considerar.

Examinamos as diversas hypotheses do Dr. Osty, e a ellas respondemos, como é nosso direito, com a theoria espirita do perispirito, corpo ethereo e vibrante, entre os vivos e os mortos, que nos permittiu entrever *um processo logico* da metagnomia de objectivo humano no tempo.

Possa o Dr. Osty ficar satisfeito com isso, mas duvidamos muito, porque elle não admitte senão os planos latentes e transcendentes de psychismo, de pensamento, sem nos dizer onde se alojam elles, e sem duvidar que é a mesma ideia, o mesmo processo de registro psychico, em um trama fluidico ethereo — para nós, o corpo astral vibrante. Para elle o que elle chama o «plano transcendente», é o outro X verosimilmente, além do *cerebral* e cuja natureza é desconhecida. Dizer «Corpo astral», accrescenta elle, é anthropomorphizar esse X, é conservar uma forma material acostumada ao individuo ; é correr um grande risco de illusão (de onde a sua ideia de consciencia universal). Não se trata, aliaz, de negar-lhe a existencia, mas sim de pôr em causa a sua evidencia, ainda não demonstrada, e nella procurar, *pela experiencia*, todas as outras explicações possiveis.

A opinião do Dr. Osty a respeito é mui simplesmente que se está ainda nas hypotheses pre-experimentaes e que a experimentação, impellida em todas as direcções, terminará por dizer qual das hypotheses, actual ou futura, é a verdadeira. Fica, pois, entendido que «plano transcendente» eguala um ponto de interrogação. E', talvez, o «corpo astral», é talvez qualquer outra cousa. A pesquiza e o futuro dirão.

Breve provaremos a realidade desse corpo ethereo que já se tem podido photographar e moldar em parafina.

ANDRY-BOURGEOIS.

MATERIA E ESPIRITO

Não conhecemos a materia em si, tanto como succede com a força ou o espirito ; percebemos suas relações reciprocas.

Se se admitte que a força é um modo de ser, um aspecto da materia, apenas ha no Universo dois elementos distinctos : materia e espirito, que são irreductiveis um ao outro. O espirito tem por caracter essencial a consciencia, isto é o eu. O eu testemunha sua existencia por uma reacção, expontanea a uma excitação exterior.

No mundo organico tudo é cégo, passivo, fatal ; não ha progresso ; só existe mudança de estados, que não modifica a natureza intima da substancia.

No ser intelligente ha augmento de poder, desenvolvimento das faculdades latentes, desabrochamento do ser, que traduz-se por uma exaltação intima do individuo.

As modalidades da materia ou da força exercem-se num cyclo determinado : o das transformações.

A alma é una e cada essencia espiritual é individualisada ou pessoal. Nenhuma alma pode mudar-se em outra. Para a alma ha progresso, modificação intima, ascenção.

Gabriel Delanne.

Nos fastos da Igreja Catholica

Apparições do Outro Mundo

O clero do seculo passado, menos materialista, talvez, não via a morte tão infecunda como o de nossos dias. Mais espiritual não acreditava que toda a alma separada do corpo carnal, perdesse por completo a liberdade de ainda se communicar com aquelles que amou e que deixou neste mundo de provações.

A crença nos espectros dos mortos, posto que escarnecida por alguns, chamados espiritas *fortes*, foi em todos os tempos e povos guardada com veneração.

Hoje em dia toda a verdade universal que ultrapassa a visão material, choca-se com a insurreição e o scepticismo da cléresia materialista dos tempos de feroz positivismo utilitario que atravessamos.

A negação ou o esmorecimento da crença nessas consoladoras verdades é, estamos certos, um dos factores mais importantes que tem levado tantos infelizes a allucinação do suicidio.

Si a bondade de Deus não tivesse deixado escapar alguns raios dos mysterios a Elle reservados, e si alguns clarões do mundo dos espiritos, que povoam o ar ambiente não tivesse embaraçado, um pouco, os sabios descrentes por officio, não ousariamos, apesar do testemunho de autoridades judiciosas, relatar nesta revista, as apparições, confirmadas, muito embora, nos graves registos da Egreja, como vamos narrando.

Innumeros são os casos de apparições de mortos que temos ainda a contar, que por bem documentados a Egreja encerrou nos seus annaes.

Lemos, por exemplo, que estando S. Thomaz d'Aquino a orar em Napoles na Egreja dos Irmãos Dominicanos, piedoso frade romano, que elle havia deixado em Paris, substituindo na cathedra de theologia, repentinamente appareceu-lhe. Thomaz vendo-o, disse-lhe : — Alegro-me immenso com a vossa vinda ; mas desde quando chegaste ? — Eu já estou fóra deste mundo. Entretanto foi-me permittido vir até vós.

⁂

O cardeal Baronius, o grande e acolhido historiador sacro, no quinto volume dos «*Annaes da Egreja*» dá-nos conta de apparições phantomaes que vale a pena repetir.

Baronius escreve que : Marcilio Ficino, sabio conego de Florença, nascido em 1433, respeitado por suas virtudes, sua sciencia e seu merito, conversava um dia com um de seus discipulos, que elle muito amava, sobre a immortalidade da alma.

Esse discipulo era Miguel Mercati, que, embaraçado por algumas idéas philosophicas, disputava com o bom do prelado, de maneira que se entendiam. Convencionaram então, se Deus permittisse, que aquelle dentre ambos, o primeiro que morresse, viria dar ao sobrevivente noticias do outro mundo.

Separaram-se algum tempo depois, ficando Ficino em seu canonicato de Florença e Mercati, voltando para sua familia, em São-Miniato, cidade assaz distante de Florença.

Passaram longo tempo sem se verem.

Ora, numa tarde do anno de 1491, Miguel Mercati, inteiramente desperto, occupava-se em seus estudos philosophicos, quando ouviu de subito, o galopar de um cavallo que estacou em sua porta. Abriu a janella e viu uma personagem vestida de branco cavalgando um cavallo da mesma côr, que lhe clamou :

— Miguel, nada mais verdadeiro que o que se diz do outro mundo.

Miguel reconheceu o seu velho amigo Marcilio Ficino. Rogou-lhe de parar ; porém o cavallo retomou o galope e nada mais viu.

Mandou a Florença, um creado de confiança, que lhe trouxe dois dias depois a noticia da morte de Ficino em justa hora em se deu a apparição.

Baronius declara, que elle proprio ouviu do neto de Miguel Mercati, joven sabio, que era então protonotario apostolico, que era recommendavel não só por sua prudencia, como por sua sinceridade e probidade intacta.

⁂

Um homem morto pode reapparecer?

A esta interrogação o espiritualista não trepida responder affirmativamente. E' tambem um artigo de fé da Egreja christã que crê e prega a resurreição do Salvador, fundando assim o seu edificio na rocha viva das verdades Biblicas.

E como poderia ella negar a apparição de mortos, sem rebellar-se contra a autoridade das sagradas Escripturas? Pois que desde a hora em que ella divorciar-se das divinas verdades que alli nos foram reveladas, assentará somente em dogmas e rituaes, e então semelhante a casa do imprudente que edificou sobre a areia movediça, ruirá por terra arrastada pelos ventos.

Parecerá, talvez, frivolo e inutil o que vamos tratar aqui, porque si hoje perguntarmos ao mais descuidado dos homens, si são verdadeiras as apparições de mortos, nos responderão: todos os dias vê-se na Inglaterra, na França, na Russia, na China, no mundo inteiro, pessôas mortas ha muito tempo, voltarem, apparecerem, conversar, photographar-se, impressionarem os animaes; e modernamente moldar partes de seus corpos em parafina, e até mesmo deixarem as marcas digitaes.

E' pois, não somente possivel, como manifestamente real o seu apparecimento, no proprio corpo. Essas pessôas voltam, geralmente, como eram na ultima phase da vida terrena e trajando as mesmas vestes.

Para apoiar esta crença iremos tirando das Escripturas, factos de apparições, como por exemplo: na Transfiguração do Salvador, Elias e Moysés no monte Thabor em conversação com Jesus Christo. Sabemos que Elias já tinha morrido; quanto a Moysés, não resta duvida sobre sua morte, entretanto apparece com Elias em seu proprio corpo falando com Jesus Christo. Os mortos que sahiram de seus tumulos com a Resurreição do Salvador, e que appareceram a muitas pessôas em Jerusalém, não se pode por em duvidas as suas mortes, entretanto appareceram e deram testemunho do Salvador.

Jeremias appareceu a Judas Machabeu e pondo-lhe nas mão uma espada de ouro, disse-lhe: «Toma esta santa espada, como um presente que Deus te faz, com a qual tú deitarás por terra os inimigos de meu povo de Israel». Foi certamente o propheta em seu proprio corpo que lhe appareceu, sendo reconhecido por seu porte e seu aspecto.

E nem quero falar das resurreições consideradas *miraculosas*, como sejam do filho da viuva de Sarepta, resuscitado por Elias, nem do morto que tendo tocado o ataúde do mesmo propheta levantou-se e deitou a correr, nem de Lazaro a quem Jesus fez voltar a vida de uma maneira prodigiosa. Essas pessôas, depois de suas resurreições, viveram, conversaram, beberam, comeram como antes.

Não sendo porém, dessa sórte de pessôas que pretendo relatar o reapparecimento, *post morte*, adeante falarei dos que a primitiva Egreja catholica conservou a memoria.

Dr. Joaquim Branco.

A EXISTENCIA DA ALMA

A existencia da alma se revela, conseguintemente, por factos. O corpo não é uma condição indispensavel de sua existencia, e se a elle se acha ligada durante a passagem terrestre, esse laço é apenas temporario. Depois de sua separação do organismo physico elle continua a se manifestar por phenomenos de ordem espirita, factos estes de que está cheio a historia, e submettidos hoje ao estudo experimental, podem ser verificados por qualquer experimentador.

L. D.

Chronica Extrangeira

A imprensa indigena já não desdoura os phenomenos de natureza psychica que se vão verificando aqui e ali, como provas demonstrativas dos principios espiritas que elucida de um modo bem caracteristico o porque da Vida e as suas anomalias perturbadoras.

O facto que se vai lêr é verdadeiramente interessante, e, por certa forma, dá a razão do nosso esquecimento das vidas anteriores, pondo, portanto, em fóco a doutrina da reincarnação.

O facto, extrahido da imprensa européa, foi narrado pelo «São Paulo Jornal», que se edita na capital paulistana, com o titulo

HOMEM QUE PERDEU A MEMORIA

Ha casos em que de tal forma se apaga a memoria no cerebro do homem, que este passa a ter uma outra personalidade, esquecido por completo da sua vida anterior.

As vezes por obra do acaso, a velha personalidade resuscita aos poucos, e o homem na sua memoria apagada volta a ver o que fora antes de ser o que é.

Tal é o caso de Gustavo Duner, filho de N. C. Duner, que foi professor da Universidade de Upsala, Suecia.

Durante dez annos viveu com uma nacionalidade e um nome que não eram seus, tendo-se apagado por completo na sua memoria toda a recordação do seu passado.

Ha poucos mezes esse passado se lhe apresentou quasi subitamente.

O caso passou-se assim:

Quando rebentou a Guerra Mundial apressou-se a incorporar-se como official no exercito britannico e com o seu verdadeiro nome de Duner serviu nas fileiras inglezas até pouco antes de 1917.

Achava-se elle um dia junto a uma trincheira conversando com um grupo de officiaes, todos sentados no chão quando recebeu aviso da immediata explosão de uma mina.

Duner apanhou a sua jaqueta, ou a que pensou ser sua, e no momento em que punha um braço na manga, produziu-se uma terrivel explosão.

Gustavo Duner foi projectado pelos ares e perdeu os sentidos.

Quando, mais tarde, recuperou os sentidos num hospital militar, longe das linhas de frente, comprovou, angustiado, que tinha perdido a memoria.

Não se lembrava absolutamente de nada do seu passado; nem mesmo da sua identidade.

As enfermeiras e os medicos do hospital o chamavam de «Capitão de Montalt». Este nome nada signficava para elle.

Duner falava perfeitamente o inglez, e na ausencia de toda a prova em contrario, foi acceito e elle mesmo se acceitou, como «Capitão de Montalt».

Trataram de por-se em communicação com os parentes do tal capitão; os esforços deram resultado negativo.

Sabe-se agora que a mesma explosão que produziu esse phenomeno no cerebro de Duner, matou, despedaçando, o verdadeiro capitão de Montalt.

O novo «Capitão de Montalt», embora padecesse de uma completa perda de toda a recordação do seu passado, restabeleceu-se de suas leves feridas, e achando se physicamente apto, solicitou para que o passassem da infanteria ao exercito aviatorio.

Naquella epocha o serviço aéreo britannico encontrava-se muito necessitado de homens. Assim, o pedido de Montalt foi satisfeito immediatamente.

Realizou um rapido curso e se incorporou á aviação como sub-tenente.

Pouco tempo depois, ao realizar um vôo nas linhas de frente, o seu apparelho precipitou-se ao solo.

Recebeu graves feridas, ficou invalido, e teve que se retirar do serviço. O governo britannico concedeu-lhe uma pensão integral.

Embora afflicto pela perda da memoria, voltou a Londres, onde começou um outro capitulo romantico da sua carreira.

Pouco antes de produzir-se o referido accidente de aviação, um outro joven official, cujas pernas tinham sido quebradas pela explosão de uma bomba, morreu nos braços de «Montalt». A sua ultima supplica foi para que lhe promettesse visitar sua irmã que residia em Londres.

O «Capitão Montalt» cumpriu a sua promessa.

Visitou a irmã do companheiro morto e repetiu a visita por muitas vezes.

Pouco tempo depois casaram-se.

Seguiram-se sete annos de felicidade, sómente turvada pela vaga idéa que as vezes assaltava ao cerebro de «Montalt», de que o nome que levava não era o seu.

Um dia, por casualidade, de «Montalt» ouviu a uma pessoa fallar um idioma extrangeiro e, com grande assombro, deu-se conta de que o compreendia perfeitamente. Esse idioma era sueco.

Este incidente decidiu aos esposos a realizarem minuciosas investigações.

Olhou distrahidamente para uma fileira de publicações officiaes extrangeiras que havia numa estante, e a sua attenção foi chamada pelo «Statskalender», livro sueco que contém os nomes de todos os funccionarios importantes, e dos officiaes do exercito.

Como tudo o que fosse sueco o interessava profundamente desde que, sem saber como, conhecia essa lingua, tomou o livro e começou a folheal-o.

Logo, viu o nome de Gustavo Duner, que figurava como official do exercito sueco.

Esse nome lhe pareceu familiar, e pouco depois de pensar nesse nome, despertaram-se nelle algumas recordações da Suecia, alguns vislumbres do seu passado . . .

Escreveu immediatamente ao proprio Gustavo Duner, cujo endereço figurava na mesma lista, pedindo-lhe detalhes á respeito da familia Duner.

Não tardou em receber esta resposta: «O senhor Gustavo Duner morreu nos fins de 1916. Eu sou irmão delle».

Estas palavras eram seguidas por detalhes acerca da familia, que acabaram por dissipar as trevas que cobriam a sua memoria: elle era Gustavo Duner!

No dia seguinte embarcava-se para Stockolmo para ir abraçar sua mãe e seu irmão que pensavam que elle morrera.

Duner agora, nem sequer estava certo da sua nacionalidade.

Pouco depois occorreu a coincidencia mais extraordinaria na cadeia de circumstancias que dissipou o mysterio.

«De Montalt» achava-se numa repartição publica esperando que um funccionario o recebesse a quem tinha que falar á respeito da sua pensão.

AS CURAS DO DR. BULL

A *Revue Spirite* de março ultimo, com a epigraphe — «As Curas Psychicas do Dr. Bull», publicou uma noticia que deve interessar aos nossos leitores, principalmente aos medicos, assignantes que esta Revista tem a felicidade de contar em numero não pequeno.

Eis, com a devida venia, a resenha na integra:

— «O Dr. James H. Hyslop (antes de sua morte) e o Dr. Bull, de New-York, amigos intimos, chegaram á convicção que muitas pessôas consideradas como loucas ou hystericas, eram na realidade, victimas de obsessões espiritas. As insistentes experiencias do Dr. Bull que proseguiram depois da morte de seu amigo, não fizeram mais que fortificar-lhe a crença nesse sentido.

Uma certa sra. Duke, fez, ha 2 annos mais ou menos, uma visita ao Dr. Bull para lhe observar que uma mensagem espirita do Dr. James H. Hyslop por ella recebida ordenava-lhe a procural-o, visto achar-se elle *desprovido de medium*, o que constituia um obstaculo para as suas pesquizas. A sra. Helen C. Lambert que desde março de 1926 tem observado a mediumnidade de Mme. Duke e as curas psychicas do Dr. Bull (de quem é a secretaria) expõe assim os resultados:

Segundo o Dr. Bull, todo o desincarnado que é materialisado na terra, sem emancipação espiritual, procura sensações physicas no Além, e para esse fim tem necessidade de «vampirisar» os vivos, de se unir a elles para ahi reviver no plano material. D'onde resultam as obsessões, as assombrações; a consciencia do ser vivo é invadida pelo intruso invisivel, sempre que o individuo não tem, para o proteger um guarda espiritual bastante poderoso (no caso de má saúde, de pensamentos grosseiros, de inquietitude, etc).

Antes de tudo, medico, o Dr. Bull, ataca logo a causa psychica. Mas se o restabelecimento physico, não traz a melhora espiritual, elle procura encaminhar, pelo seu medium, a cura psychica : O doente é «visto» pela sra. Duke, as entidades em contacto com elle são observadas e por vezes se manifestam por seu intermedio.

Este methodo differe da psychoanalyse : 1.o pela nitidez da impressão que dá ás experiencias a facilidade da collaboração dos desincarnados (muitas vezes bem conhecidos) ; 2.o pela educação do espirito obsessor e a educação do doente que, para se proteger contra outras intrusões, pensa num guarda espiritual.

Quasi sempre o espirito obsessor julga estar ligado ao seu corpo terrestre. Elle é esclarecido, e, docil, dá com alegria os primeiros passos para a luz. Por vezes mostra-se recalcitrante, e o auxilio magnetico do Dr. Bull, basta para exorcisar o «assombrado».

As mais bellas curas são a de uma moça, internada num asylo e presa com camisola de força, que hoje, graças ao Dr. Bull, acha-se curada e aprende a stenographia ; a de uma senhora, internada successivamente em cinco azylos de alienados, que agora dirige sua casa e cuida de seus filhos (uma carta de seu marido ao Dr. Bull é o testemunho de agradecimento e affirmação, que sem o auxilio deste facultativo, sua mulher estaria perdida para sempre).

De modo que psychoses, consideradas incuraveis pelos psychiatras e alienistas *officiaes*, são, em realidade, curaveis pelo methodo do Dr. Bull que é francamente espirita.

Que responsabilidade para aquelles que se recusam usar de todos os meios para curar ! Como se o facto de cura não fosse o que mais importa ! E como augmenta o numero de alienados nos Estados Unidos !

As curas obtidas pelo Dr. Bull attingem 100 por 100 com os que têm perseverado (e não têm opposto nenhuma resistencia ao tratamento), cifra dada ao Dr. Schiller em sua viagem á New-York. A proporção não implica que o numero de curas seja muito elevado ; sendo o tratamento delicado e difficil.

CURA EXTRAORDINARIA

O Dr. Franz Hartmann, muito conhecido nas lettras espiritas, publicou o interessante facto que segue :

— «Quando eu era menino fui vaccinado e as consequencias foram taes que, por muitos motivos, daria preferencia a ter dez vezes variola.

Meu sangue havia sido contaminado e durante trinta annos soffri um eczema e tornou-me a vida quasi intoleravel.

Em vão consultei os melhores especialistas da Europa e da America. Resignei-me a tragar toda a sorte de drogas que elles me prescreviam e submetti-me a toda a especie de tratamento, esperando obter a cura.

A doença tornou-se tão intensa por ultimo, que me era impossivel conciliar o somno sem que tomasse uma dose de chloral ou aspirasse chloroformio.

Isto deu-se quando eu me achava em F. (Texas) e em meados de dezembro de 1875, o meu estado era tal que eu já pensava no suicidio. Foi então quando ouvi falar que um certo Dr. Newton, de Nova-Orleans, realisava maravilhosas curas, tratando os pacientes á distancia, sem dar-lhes remedio de especie alguma.

Escrevi a esse senhor, mas como não obtivesse logo resposta, não pensei mais nelle.

Em 1.o de Janeiro de 1876, fui chamado de uma estancia distante umas quarenta milhas para fazer uma operação cirurgica.

Depois de uma viagem forçada e ligeira á cavallo cheguei ao anoitecer e após de attender o paciente, puz-me a pensar que deveria pernoitar em tal estancia, pois achava-me muito longe de minha casa, era muito tarde para regressar. Depois da ceia comecei á pensar, estava eu á porta da casa, na noite que teria de passar, quando subito recebi algo como um choque electrico que estremeceu meu corpo. Immediatamente lembrei-me do Dr. Newton, Consultei meu relogio ; eram 8,20 da noite. Foi aquella a primeira noite, que depois de muitos annos, dormi profundamente, e continuei sempre bem depois.

Após poucos dias dessa occorrencia, recebi uma carta do Dr. Newton, de São Francisco da California, onde elle se achava provisoriamente. Nessa carta dizia-me: «Eu envio a você neste momento um choque electrico que o curará. Nenhum tratamento mais será necessario».

Levando em conta o tempo que gasta para o percurso entre Texas e California, a carta foi fechada justamente 8,20 do mesmo dia em que senti o choque.

Franz Hartmann.

AVISO ANIMICO?

O facto seguinte foi narrado a uma revista extrangeira pelo sr. M. Bachelot, electricista de Angers.

— «Eu estava unido por laços de intima amisade com o sr. Morin, pintor esmaltador que, desde o começo da guerra, foi mobilisado e levado á linha de fogo na qualidade de sargento de infanteria.

Durante uma visita, o sr. Morin offereceu-me um desses anneis de aluminio que se faziam em abundancia nas trincheiras.

Durante a noite de 7 para 8 de março de 1916 eu descançava tranquilamente, quando experimentei uma viva dôr e uma como forte pressão no dedo em que tinha o annel de aluminio.

Tirei-o machinalmente e sem esforço com o intuito de pôl-o sobre a mesa, mas tomado pelo somno deixei-o cahir no chão. Vi nesse extranho facto o presagio de alguma occorrencia sobrevinda ao meu amigo sr. Morin, e em seguida escrevi á sua familia pedindo noticias suas. A resposta foi que haviam tido noticias que elle passava bem. Mas continuei a pensar nelle, e vim a verificar que n'aquella mesma noite em que eu sentira o aperto do annel elle fôra feito prisioneiro pelos allemães, felizmente sem desfecho fatal.

VISÃO DA MORTE

Em uma revista psychica da Colonia encontramos o seguinte relato datado de 18 de Abril de 1917 e assignado pela sra. Christina Von Stommel, residente em Reuss-Greiz (Allemanha):

— «Fazia duas horas que eu me achava no leito sem poder conciliar o somno. Nada me doia, mas não me sentia bem. Cerrei as palpebras e disse para mim mesmo: «Que razão ha para que eu esteja neste estado em que me debato?». Logo após, não me lembra si estava com os olhos fechados ou abertos, ouvi uma vóz, a vóz do meu filho Karl, que com angustia infinita exclamou: «Mutter!», e simultaneamente vi-o cahir atravessado por um sabre de um australiano. Momento aquelle que nunca hei de esquecer! Seguramente este duplo phenomeno que se produziu em mim, não durou mais de uma dezena de segundos, e comtudo eu assisti, eu presenciei a interminavel e violenta agonia do filho da minha alma que, meio estendido na relva, estremecia convulsivamente . . .

— «Foi um sonho, um máo pesadelo de que não te deves recordar mais» — disse meu esposo para tranquilisar-me; mas ai, desgraçadamente não foi um sonho, porém a mais dolorosa realidade que, n'aquelle momento e na forma do que vi, arrebatou-me para sempre o meu Karl!»

ANTIGAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITAS

No anno de 1527 se manifestou um espirito batedor *(percutiens)* em Lyon, França. As autoridades ecclesiasticas intervieram, principalmente o abbade Adriano de Montalembert, capellão de Francisco I, e o bispo coadjuctor de Lyon com numeroso sequito. Os observadores do phenomeno conseguiram estabelecer relações typtologicas com o espirito, que era, conforme as conclusões a que chegaram, o da finada freira Alice de Felieux.

O abbade de Montalembert, que havia estudado o caso, publicou em Paris um opusculo sob o titulo «*A maravilhosa historia do Espirito que se manifestou recentemente no Convento das Religiosas de São Pedro, em Lyon.*

Este caso faz parte da collecção de Collin de Hancy, publicada com autorisações episcopaes, em 1862.

O Professor Enrico Passaro, em sua obra *Sulle manifestazione spontanee misteriose*, referindo-se a esta obra, cita tambem a antiga obra de Petrus Thyraens, que admitte as manifestações physicas das almas dos defuntos, como se exprime no proprio titulo do volume: «*De infestis, ob molestantes daemoniorum et defunctorum spiritus locis*».

Tambem figuram verdadeiras almas dos finados no *Manual do exorcista* do padre Candido Brognolo. Já em nossa epoca (1889) o *Boletim da obra expiatoria* publicou a manifestação do espirito de um sacerdote falecido.

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

Paris

Na «Maison des Spirites» tem se effectuado diversas conferencias, dentre as quaes lembramos, a do sr. Ripert, sobre «A Civilização, sua causa, seu remedio», e do sr. Gobron sobre a «Philosophia Espirita e a comprehensão geral do Cosmos».

Ambas as conferencias foram muito concorridas e mereceram os applausos dos assistentes.

Toulouse

Sob os auspicios do Instituto Metapsychico de Toulouse e da Sociedade Toulusiana d'Estudos Psychicos, o Dr. Maxwell fez uma conferencia sobre o espirito e a materia segundo os diversos systemas philosophicos e sob o ponto de vista metapsychico.

O orador, após substancioso estudo das doutrinas philosophicas, falou sobre a demonstração de diversos phenomenos, movimentos de objectos sem contacto, premonição, retrocognição, telepathia, e concluiu afirmando que nada pode haver sem o espirito que vivifica; o periodo de 1914 a 1918 que finalisou pelo triumpho do espirito sobre a materia é a confirmação dessa verdade.

Tours

O sr. Gabriel Gobron fez sob os auspicios da Universidade Popular uma excellente conferencia que foi verdadeira revelação para quasi todos os ouvintes.

O orador dissertou por espaço de 2 horas sobre a Doutrina de Mahomet estendendo-se em considerações psychicas que infundem o espirito na doutrina dos musulmanos.

O apriorismo scientifico e o Dr. Belin

O eminente Dr. Belin, Director do Instituto Bacteriologico de Tours, está publicando na «Revue Spirite» um trabalho com o titulo — «Contribuição para o estudo do *apriorismo* scientifico». E' um trabalho de grande valor em que o sabio medico exalta a theoria espirita demonstrando a sua authencidade por meio dos factos.

Givors-Rive-de-Giers

O sr. Malosse, director do Orphanato Allan-Kardec, de Lyon, fez uma excursão de propaganda realisando duas conferencias com projecções luminosas, sobre os principios Kardecistas magnificamente interpretados por Leon Denis. O excursionista distribuiu livros e pamphletos de propaganda para melhor deixar gravada nos lugares por onde passou a palavra de luz que hade regenerar o mundo.

Besançon

Sobre o thema: «Do Psychismo ao Espiritismo» o sr. Melusson, vice presidente da União Espirita Franceza fez nesta cidade uma conferencia, que agradou sobremodo o auditorio.

Fez a apresentação do orador o sr. Wibault, presidente da Sociedade de Estudos Psychicos, de Besançon.

Douai

«A morte não existe» — foi o thema sobre o qual dissertou magnificamente o sr. Henri Regnault, a numeroso auditorio, estendendo-se em relevantes considerações de ordem immortalista.

Após a conferencia do sr. Regnault, que mereceu os applausos dos assistentes, falaram os srs. Bonnardot e Richard.

Lille

Foi fundada em Lille uma Sociedade de Estudos Psychicos e de Philosophia Espiritualista.

A novel associação fará estudos sobre o Hypno-magnetismo, Psychismo, Metapsychismo.

A iniciativa partiu do sr. Lelon, e será, segundo affirmam as ultimas revistas, coroada de successo.

Necrologia

Passou para a outra vida Mme. Chevreuil, dedicada consorte do illustrado presidente da «Union Sspirite Française».

⁂

Após proficua existencia de 84 annos terrestres, desligou-se do corpo carnal Mme. Renardat, cujas notaveis faculdades mereceram a attenção de Allan-Kardec, que visitou, quando vivo, referida senhora.

Falou ao baixar o feretro a sepultura, o sr. Henri Regnault.

ALLEMANHA

O movimento psychico allemão continua animador. Para comprehender o interesse que o Espiritismo vae despertando na Allemanha, basta lembrar as experiencias na Sarbonne que, dentre 41 communicados apresentados nessa instituição scientifica, 15 são de pesquisadores allemães de real valor.

⁂

A «*Zeistschriff*», publicou um bello relato do Professor Dr. Christophe Schrôder, de Berlim, de experiencias feitas com o auxilio do medium Maria Rudloff.

Estas experiencias que começaram em 1919, se accentuaram de 1924 a 1927, caracterisando-se por «escriptas directas» e «desenhos directos», produzidos expontaneamente e sem material visivel, sobre as mesas, portas, moveis, etc. Os desenhos representam modelos, perfis, silhuetas, e são executados com uma especie de pó branco ou com uma substancia embebida em sangue.

Foi depois da morte do grande psychista allemão Fritz Grunewald que appareceram, directamente os rostos.

Em outubro de 1927, a medium Maria Rudolff obteve sobre os espelhos 106 rostos, dos quaes 89 pareciam confeccionados com a mysteriosa substancia imbebida em sangue; 9 cabeças sobre as vidraças (4 sanguineas); 1 sobre um linoleum, etc.

Appareceram tambem 2 desenhos directos de rostos em casa do escriptor Buchner, e 3 em casa do Professor Schrôder.

⁂

O Professor Hans Driesch, noticia o correspondente da «Revue» em Francfort, fez uma conferencia radiophonica sobre os phenomenos psychicos, tendo sido immediatamente contestada pelo Prof. Désiré, de Berlim.

Domingo seguinte a T. S. F. transmittia uma outra conferencia sobre o «sub-consciente», do Dr. Paul Prinzhorm.

Na sua conferencia, o illustre sabio Prof. Driesch levou ao conhecimento dos seus auditores uma communicação que recebeu de sua mãe, communicação essa que elle considera authentica.

INGLATERRA

O *Psychic Science*, orgão official do «British College for Psychic Science, reproduziu o relato de Mme. Britain, conhecida e respeitada medium de Londres, com descripção de sua mediumnidade. Mme. Britain, depois de successivas experiencias foi reconhecida medium pelo «College». O Dr. Conan Doyle fez com ella experiencias de resultados proficuos. O inicio da mediumnidade de Mme. Britain lembra a historia D'Esperance que, na infancia, passava horas e horas com seus amigos espiritos.

Mme. Britain é clarividente e clariaudiente.

BELGICA

No Circulo Kardecista de Bruxellas realisou-se uma reunião especial, tendo sido modificada a ordem das sessões e tomadas novas deliberações indispensaveis a attender os interesses da propaganda.

⁂

O sr. Coninckx, presidente da F. E. B. fez sob os auspicios da Federação Espirita de Brabant e do Circulo Kardecista, uma conferencia genuinamente espirita, que obteve optimo successo. O orador definiu as razões de ser do Espiritismo e a legitimidade de se o considerar a Sciencia das Sciencias. Collaborou na reunião Mme. Lagrange, medium vidente e ouvinte.

O salão ficou repleto, tendo sido impedida a entrada por falta de lugar.

⁂

Todas as associações espiritas belgas commemoraram o anniversario do passamento de Allan-Kardec.

ITALIA

O illustre scientista italiano Professor Rocco Santoliquido fez uma substanciosa conferencia em torno do thema: «A Biologia e a Metapsychica».

«Luce e Ombra» — reproduz a importante peça oratoria e de fundo genuinamente scientifico que vem em apoio da theoria espirita.

⁂

O Dr. Ernesto Bozzano continúa a publicar interessantes monographias demonstrativas da sobrevivencia.

No proximo numero de «Luce» o Dr. Bozzano responderá a um artigo do Professor Romano Bianchi, relativo ao psychismo em sua modalidade espirita.

Manifestações na basilica de S. Antonio

O «Mondo Occulto» transcreveu do «Mattino» de 6 de Janeiro, a seguinte noticia:

— «A noite passada as 21 horas, o tenente dos carabineiros Masi, passando proximo á basilica de S. Antonio ouviu prolongados gemidos e percebeu partirem da egreja que se achava fechada.

A noticia propalou-se ao circulo de «l'Unione» d'onde o pretor cav. Graziani e o secretario politico do Facio cav. Viterbo, com outras pessoas ficaram de atalaia. Julgaram primeiramente que os gemidos partissem da casa de um certo Mariano Bendelari que achava-se enfermo, mas este disse que não, pois estava melhor.

Interrogado o preposto da basilica, rev. Francesco Gargiulo, este sacerdote declarou que na hora dos gemidos elle achava-se na tribuna do orgam e nada ouvira; permittiu a visita na igreja não se encontrando pessoa alguma. O padre Gargiulo disse que com certeza trata-se do lamento do Santo Patrono, S. Antonio, e lembrou dois outros episodios, occorridos um em 1911 e outro em 1925.

Em 1911, dois carabineiros viram na Ladeira Marina Piccola, um velho uniformisado de marinheiro que interpellado sobre o que fazia, respondeu:

— Eu protejo os meus filhos.

Depois desappareceu.

Alguns dias depois irrompeu uma epidemia de colera.

Em 1925 o mesmo velho foi visto pela sra. Carmela Ercolano e esta apparição foi seguida de um terrivel furacão. A população de Sorrento está muito aprehensivel com o phenomeno.

La Veritá Spiritualista

Com este titulo e abordando o thema: «I morti vivono e possono communicare con noi» ?» o eminente autor de varias obras juridicas Dr. Picone Chiodo, publicará breve um volume consagrado aos factos espiritas em relação com a moral e a justiça.

PORTUGAL

Foi fundada no Porto, a ‹Sociedade Portuense de Investigações Psychicas›, que iniciará muito breve seus trabalhos, na sede provisoria, 364, Rua Camões.

∴

Trabalha-se activamente para a fundação da ‹União Espirita Alentejana›.

⁂

A Directoria da Federação Espirita Portugueza está organisando uma série de conferencias publicas de propaganda espirita em Lisboa e na Provincia, contando já com a acquiescencia de varios collaboradores, dentre os quaes se acham — D. Maria O'Neill, Luciano Silva, Antonio L. Villela, Dr. Antonio Freire, Pedro Cardia.

∴

Já circulou o numero conjuncto de janeiro e fevereiro da «Revista de Espiritismo». Traz o seguinte summario: Do Espiritismo: A substancia; Ascese Evolucionista; Pruebas, pruebas; Dominio Mental; Commissões Brasileiras; Amor a Deus; Quintin L. Gomez; Razão de Selvagem; Sobre o Problema do Mal; Chronica Extrangeira; Depoimentos; Noticiario.

HESPANHA

Sob os auspicios da Federação Espirita Hespanhola realisar-se-ha em janeiro de 1929 o primeiro Congresso Espirita Latino com a comparticipação de toda a America Latina. O Congresso deverá realisar-se em Barcelona durante a Exposição Internacional de Sevilha e Barcelona.

CUBA

No amplo salão do cine «Palatino» da cidade de Agramonte realisou-se a extraordinaria velada espirita, organisada pelo grupo ‹Dolores Cabarnau›, com a cooperação dos grupos «Rosendo» e «Amalia» de Matanzas. A concorrencia foi enorme.

∴

A propaganda em Matanzas se faz accentuadamente pelo Grupo «Rosendo» e seu orgão official.

⁂

Continúa circulando o diario espirita *Hoy*, orgão espirita e maçon de Cuba.

ARGENTINA

Fizeram conferencias na «Constancia» os srs. Rinnaldini, Carlos Lecumberri e Nicolas Rinnaldini, sobre themas de actualidade.

∴

O Centro ‹Fraternidad› reabriu suas sessões mediumnicas que se effectuam no 1.º e 3.º domingo do mez com o auxilio da sra. Josepha Romeu.

∴

Mais de duzentos espiritas se reuniram no mez p. p. em torno de largas mesas postas ao ar livre na Pampa Central, para celebrar o VII anniversario da sociedade «Caridad Cristiana».

∴

No programma das conferencias de 1928, da sociedade "Lumen" estão inscriptos 29 conferencistas.

∴

Temos sobre a mesa "La Union" semanario dirigido pelo sr. Francisco Molina, e a "Constancia", orgão da sociedade que lhe dá o nome, sob a direcção do sr. F. Durand.

⁂

A sociedade "Fé y Caridad" celebrou o IV anniversario de sua fundação, desenvolvendo optimo programma de discursos e conferencias.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O movimento espirita no Brasil é promissor. A propaganda vai se intensificando e novos centros e grupos estão sendo fundados em todo o paiz.

Por outro lado, a imprensa indigena vai se tornando liberal e não deixa mais passar em vão os factos espontaneos que são observados com sympathia.

Parece que o espirito ultramontano que dominava outr'ora, vai perdendo a sua influencia.

A transição vai se fazendo aos poucos e d'uma epoca de fanatismo e superstições que detinham-nos no caminho do progresso, não ha que duvidar, chegaremos a uma era espiritual tão anciosamente desejada por todos os que já trabalham pelo seu destino espiritual.

Rio de Janeiro

A Federação Espirita Brasileira continúa com as suas sessões de estudos, que são muito concorridas. As sessões se effectuam sob a presidencia do sr. almirante Paim Pamplona.

⁂

— Sobre o thema — «Os ultimos serão os primeiros» — o Dr. Moacyr Silva, official de gabinete do sr. ministro da Viação, fez uma conferencia no circulo Caritas — Rua Voluntarios da Patria, 20, com grande concorrencia.

— Falou igualmente no mesmo circulo o Dr. Herminio Nunes, sendo o Espiritismo, o assumpto de sua oração.

⁂

No Centro Fraternidade, de Marechal Hermes, falaram : Dr. Carlos Imbassahy, D. Martha Mawry, srta. Hermengarda Leal.

⁂

No Amparo Thereza Christina, o sr. Pedro Paulo fez uma palestra sobre a «Consolação da Fé».

⁂

«A Vida e a Morte», foi o thema da conferencia do sr. José Ribeiro, na União Espirita Trabalhadores de Jesus, Rua do Riachuelo, 119.

⁂

Orou no Gremio Luz e Amor, do Bangú, o sr. Sebastião B. Mello, sobre «assumptos Espiritas».

⁂

Em Madureira, o Centro Estudantes, da Verdade, commemorou o anniversario de sua fundação, organisando uma sessão especial na qual falaram diversos oradores.

⁂

O conferencista popular Ignacio Bittencourt, fez durante o mez diversas conferencias de propaganda, todas muito concorridas.

⁂

Na instituição de caridade «Seara dos Pobres», rua do Mattoso, 120, o Dr. João Passos, medico da Saude Publica do E. do Rio, fez uma conferencia sobre o thema : «A Dôr».

⁂

No Centro Fraternidade, sobre o thema : «Amor» fez uma conferencia, com optima assistencia o Dr. Sebastião Caramurú.

Impressionante caso Espirita

Todos os jornaes do Rio noticiaram o impressionante caso que tem feito grande repercussão.

Passemos, data venia, das columnas d'«O Dia», de Campos para as nossas a narrativa de referido caso :

"Informaram-nos que com o Sr. Amaro Ribeiro de Freitas, conhecido por Amarinho e residente á rua Beira-Rio n. 486, em Guarulhos, occorreu um caso sensacional de Espiritismo. A nossa curiosidade foi grande e procuramol-o, antehontem.

Encontramol-o na Confiserie Trianon e dissemos-lhe, promptamente, o que queriamos:

— Que nos conta você do caso espiritico de ha dias?

— Foi um caso devéras surprehendente. Ha quatro dias, precisamente, ia eu para Guarulhos quando, um pouco além do meio da ponte municipal avistei, junto a cabeça da ponte, uma mulher. Pensei a principio, que se tratasse de algum homem de saia. Pouco faltava para a meia-noite. Voltar seria medo. Continuei a caminhar, mas confesso que com certa precaução. Quando acabei de atravessar a ponte, a mulher avançou para mim e falou. Pela voz, então verifiquei tratar-se mesmo de uma mulher.

— E que lhe disse ella?

— Disse-me que estava com medo de atravessar a ponte sózinha. Era uma moça solteira, moça de familia, que fôra visitar, em Guarulhos, uma familia conhecida. Como ficasse tarde, sahira apressadamente mas, junto á ponte, estacionara com receio de atravessal-a sem uma companhia. Offereci-me, então, para trazel-a á avenida 15 de Novembro, do lado de cá, o que foi acceito pela minha gentil interlocutora.

— E como era ella?

— Tratava-se de uma moça branca, de vinte e cinco annos presumiveis, um pouco gorda.

— Era bonita?

— Era. Bem vestida, trajando saia e blusa escura, encantava á vista.

— E você não a reconheceu?

— Não. Não me lembro de ter visto aquella moça em nenhuma outra parte. Principiamos a caminhar, rumo a cidade. Ella não quiz andar pelo meio da ponte, preferindo o passeio á direita de quem vem. Perguntei-lhe, então, onde morava. Ella me disse a rua e o numero da casa, mas confesso que me esqueci.

— E não se lembra você ao menos do nome da rua?

— Não me lembro. Caminhando um ao lado do outro, encontrámos um moço meu conhecido, o Crespo, que me cumprimentou e foi seguindo. A moça ia ao meu lado, hombro a hombro. Eu ouvia-lhe os passos em movimento na ponte, sentia-a permanentemente ao meu lado, via-lhe a sombra no chão. A lua escondida de quando em vez por pequenas nuvens brancas, projectava as nossas sombras para a frente. E o silencio, o grande silencio que reinava! Apenas o rio, em baixo, a rolar mansamente. As ultimas badaladas da Mãi dos Homens, ao longe, quebravam um pouco a monotonia do silencio. A' ultima interpellação que lhe fiz, ella não me respondeu promptamente como das outras vezes. Então, virei-me um pouco e não a vi. Voltei-me de todo, rodei nos calcanhares, assombrado, sem avistal-a. Ao longe, quasi dobrando em Guarulhos, o moço que pouco antes passara, caminhava calmamente. Procurei-a em vão. Ao rio, francamente, não se atirara a moça. As aguas claras continuavam a correr calmamente. Demais, não ouvi nenhum ruido. Senti pavor, confesso. O desapparecimento da moça e o exame que fiz no local, espiando o rio de um e de outro lado e olhando para todos os cantos da ponte, demoraram segundos apenas. Veiu-me a realidade das coisas: eu tinha conversado com um espirito, com um habitante do Além!

— E o moço, o Crespo, que disse no dia seguinte?

— Disse-me que, de facto, vira a moça em minha companhia.

— E' interessante tudo isto!

— Eu não acredito, absolutamente, na hypothese de um suicidio. Ella não se atirou ao rio, disso tenho eu plena certeza. Admittamos, porém, a idéa absurda do suicidio. Precisava ella de esperar alguem para matar-se? E essa moça não teria familia que notasse a sua ausencia de quatro dias já? Suicidio não houve. Eu não ouvi o choque do corpo com a agua nem ella teve tempo de saltar a grade.

— E quem será a moça, Amarinho?

— Eu estou prompto a comparecer em qualquer sessão espirita para narrar o succedido. Talvez, com o auxilio de espiritos clarividentes, se consiga descobrir a identidade da moça."

São Paulo

A apparição de Guarulhos

Em Guarulhos, S. Paulo, está se verificando uma apparição que tem attrahido ao local verdadeira romaria. A apparição se manifesta a um pequeno vidente, vestida de um manto azul. E' com ella que o menino conversa largamente e interroga-a, etc. As palavras textuaes da apparição, são as seguintes :

— «Eu não sou santa. Não quero igrejas nem rezas».

Eis emfim a noticia do «Diario» :

— «O ‹Diario da Noite›, assim que teve informação deste acontecimento, fez seguir para Guarulhos um dos seus redactores, a colher impressões e noticias a proposito.

Numa visita ao local é que se póde avaliar o quanto preoccupam á população daquella villa as conversas quasi que quotidianas de Armando Soares com a «moça do manto azul». Já de outros bairros confluem, á hora das crises visionarias, crentes e curiosos em quantidade. São verdadeiras romarias, que para ali se systematizam com a intercadencia das visões.

O menino fala, com o chapéo na mão, olhos postos na araucaria escolhida para estação transmissora de vozes de além-tumulo. Os populares — em que estão representadas todas as classes sociaes, desde o operario mal ajambrado e rude até representantes de profissões liberaes — se conservam pelos arredores, descobertos tambem. E o incredulo que saiba portar-se. Porque póde cahir no desagrado da multidão. Esta, sem embargo de saber que a apparição não é de uma santa, tem para si mesma que qualquer cousa de formidavel, de imperioso, de sobrenatural se vehicula pelas antenas dos sentidos perceptores de Armando Soares.

O mais curioso nisso tudo é que, segundo o que se affirma em Guarulhos, mais uma pessoa, além de Armando Soares, teve occasião de visionar sobre o pinheiro áquella que se chama Maria do Cruzeiro. Poder-se-á dizer : Armando Soares é victima de uma auto-suggestão. Mas então as suas estasis vão ao extremo de affectar aos que delle se approximam. E' o caso de d. Olga, esposa do operario Gumercindo Augusto.

Maria do Cruzeiro, como o "Diario da Noite" já informou no seu numero de hontem, apparece em plena luz meridiana para o vidente Armando Soares. Ao toque do meio dia se desfaz nas nevoas de «ao-delá». As preferencias pela luz, todavia, não impediram que Maria do Cruzeiro se fizesse annunciar e surgisse junto ao portão da residencia da familia Soares, á rua das Palmeiras, em Villa Augusta. Isto foi a 22 do corrente, pelas 20,30 horas.

Facto identico se deu com a esposa de Gumercindo Augusto, na mesma noite, com pouca differença de hora.

O sr. José Vidal França foi muito amavel, quando o procuramos na villa de Guarulhos, onde exerce as funcções de sub-delegado de policia.

Os habitantes do logar o têm em grande consideração, pelo que verificamos em contacto com diversas pessoas. Respeitam-no como autoridade e estimam-no pessoalmente.

As crises visionarias do menino Armando Soares lhe foram communicadas por este mesmo, que lhe transmittiu os pormenores dos primeiros colloquios.

— Acompanhei o menino — observou-nos o sr. Vidal França — em dias successivos. E varias perguntas feitas á apparição foram inspiradas por mim. Acredito na boa fé de Armando Soares, que é um garotinho ingenuo, pobre, sem malicia. Elle, quando se põe em communicações verbaes com Maria do Cruzeiro, chora á vezes, convulsivamente, como se qualquer commoção profunda o abalasse. A familia Soares é conhecida aqui em Guarulhos, ha 11 annos pelo menos.

— Para isolar o menino — observou o sr. Vidal França — tenho dispendido esforços inuteis. O povo o assedia, circumscreve-o num circulo de perguntas. Difficil a tarefa !›

* * *

COLLECÇÕES DE 1925, 1926 E 1927

Temos collecções da ‹Revista Internacional do Espiritismo›, de 1925, enc, — 40$000 ; de 1926, enc. 30$000 ; brochada—25$000 ; de 1927, enc. 40$000 ; inclusive o registro. Os interesssados podem nos enviar os seus pedidos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL — Anno — Assignatura simples 24$000
— BRASIL — Anno — Assignatura registrada 30$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura simples 30$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura registrada 40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4515unse

NNO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Junho de 1928 — N. 5

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

[illegible]
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

O perispirito e suas propriedades funccionaes
Pheneas falla
As Materialisações de Algeria
Photographias do Invisivel
Espirito e Vida
Voz Directa
Unidade e Variedade
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

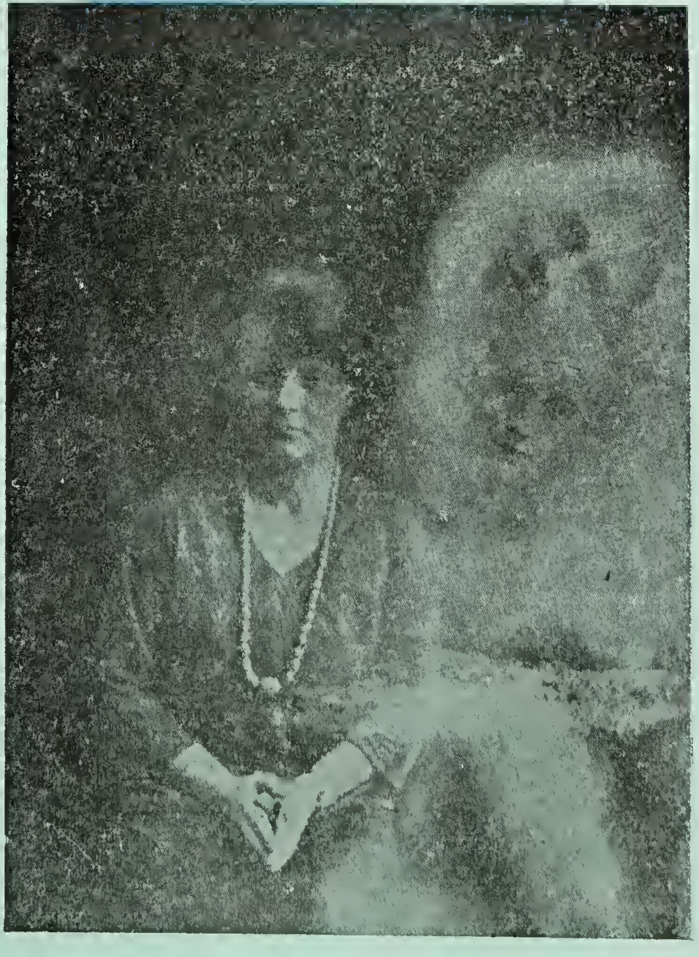

Photographias do invisivel

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Junho de 1928 - NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ⁓ COLLABORADORES : DIVERSOS

O PERISPIRITO E SUAS PROPRIEDADES FUNCCIONAES

Estudei todos os phenomenos chamados espiritualistas ou espiritas. Que se deve concluir d'elles ? Nada, se não se partir de um facto primordial : que existem um corpo material e um corpo astral ou psychico, e que os dois corpos se separam ás vezes um do outro, mesmo durante a vida.

Prof. Elliot Cowes.

O estudo do perispirito é indispensavel ao estudo da vida, seja em sua funcção physica, seja em sua funcção psychica.

A existencia desse corpo foi constatada desde a mais afastada antiguidade por philosophos eminentes que, apezar de não dispôrem, como actualmente dispômos, de instrumentos precisos para uma prova experimental da sua manifestação positiva, chegaram á conclusão de que a materia, por si só, não poderia ser a causa dos phenomenos psychicos e sensoriaes que desde então se vêm verificando.

E nem de outra forma se pode chegar a uma explicação racional da memoria, assim como do equilibrio no movimento de aggregação e desaggregação, no fluxo e refluxo da materia que constitúe o corpo carnal. Sem esse *modelador plastico* como se daria a reorganisação dos tecidos e sem esse elemento de funcção invisivel, mas real, como se effectuaria esse trabalho de transmutação diaria do corpo humano, visto como a sciencia affirma claramente que pela combustão interior o nosso corpo quasi que se reforma todos os mezes ?

O *principio perispirital* vem resolver todos esses problemas e responder a todas as perguntas relativas á manutenção da vida humana.

Conservador da forma e do equilibrio vital, embora invisivel aos olhares ordinarios, esse *mediador plastico* é que mantém a tonalidade do organismo, além das propriedades psychicas que lhe são peculiares, e se apresenta com as faculdades especiaes de certos individuos, como nos casos de bilocação, desdobramento, etc., factos esses já acceitos no mundo official, embora a sciencia academica guarde reserva sobre a natureza dessas manifestações.

E' verdade que esses factos são raros e não se dão com todos, o que quer dizer que o *perispirito* está destinado a exercer um papel proeminente no futuro da humanidade, e que por emquanto, devido ao atrazo em que nos achamos a sua acção generalisada só se manifesta na Vida do Além.

Na vida carnal, em condições ordinarias e fóra dos limites do trabalho que deve effectuar na manutenção e reparação das cellulas organicas e registro dos factos, elle se mantem em estado latente e prompto para entrar em funcção, logo que se desmembra do corpo physico.

Esta proposição nada tem de illogica e irracional, quando se considera a vida no seio materno, onde somos dotados de todos os orgãos de que dispomos, sem que, entretanto nos utilisemos da grande maioria delles.

Inativos durante a vida prenatal elles começam a funccionar logo no momento do nascimento do ser que veio habitar o mundo e só a sua acção se estabilisa de accordo com a época do desenvolvimeuto completo do individuo.

Parece que a lucta pela existencia é que proporciona o funccionamento dos orgãos inactivos, mas existentes no seio materno. Primeiro são os orgãos vocaes, depois os visuaes ; o estomago começa a trabalhar, os pulmães a respirar ; os braços, as pernas, e assim por deante até que o cerebro entre em vibrações para a rude tarefa da vida em prol da perfeição espiritual.

Uma comparação bem lembrada relativa ao problema philosophico e biologico, que podemos applicar ao *perispirito* é a hystolise do insecto.

Allan-Kardec já havia se utilisado dessa imagem que, certamente, não pode ser tomada ao pé da lettra, para dar uma idéa do *espirito revestido do seu involucro* na vida terrestre e na existencia futura : «a lagarta encerrada na crysalida e depois renascida como borboleta, senhora dos ares.»

Essa analogia faz-nos lembrar a descripção que o inglez australiano, sr. J. Brown fez do que vira sua filha por occasião da morte de seu filho.

Ao lado do leito do moribundo, ella descrevia a seu pae a separação entre a alma e o corpo, pouco mais ou menos como a descreveu Jackson Davis em seu livro, e que já publicamos num dos numeros d'esta *revista.* D o sr. Brown conclúe dizendo : «Seria possivel que minha filha procurasse enganar-nos em semelhante occasião ? E eu que lucraria, porventura, em contar uma mentira ?»

O Dr. Ciriax fez ha tempo, em Berlim, uma publicação tendo por assumpto a morte. Eis, em resumo o que elle diz : «O modo porque a morte é descripta por centenas de videntes prova que a alma (ou o Espirito) sahe do corpo pelo craneo. Notaram esses videntes que, logo após esta sahida, *uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça, e, tomando a forma humana, condensa pouco a pouco, assemelhando-se cada vez mais á pessoa morta.* Mesmo depois de formado esse *corpo psychico* se conserva ligado por algum tempo ao despojo mortal por um laço fluidico que parte da região intermediaria entre o coração e o cerebro. A morte por si mesma nada é, mas ha difficuldades a vencer para se morrer como as ha igualmente para nascer.»

O Dr. Carl du Prel, de Munich, diz em seu livro «La Mort l'Au Delá» : «A morte extingue o corpo material e desperta o *corpo astral ou psychico.* Entre os gaulezes, os druidas affirmavam que a alma se revestia de *um corpo novo.*»

E' verdade que o escalpello e o microscopio são impotentes para revelar a existencia do *perispirito*, mas a photographia já tem nos offerecido a prova objectiva desse corpo.

A noção do *perispirito* vem ainda esclarecer um principio hoje corrente em sciencia como resultado de uma lei geral : o transformismo — nações como individuos, mundos como nebulosas, tudo evolúe do simples para o composto, da homogeneidade primitiva chega-se á prodigiosa complexidade da natureza actual submettida a leis que reclamam tempo para a producção dos seus effeitos.

Sem o espirito, revestido do seu respectivo *involucro,* que adquire aos poucos propriedades funccionaes, (1)

---

(1) «Evolução Animica» e «Espiritismo ante a Sciencia» de Gabriel Delanne.

passando todos os seres pela série animal e numa gradação successiva até o homem, o transformismo não passa de uma concepção metaphysica e abstracta, ao passo que com a idéa do *perispirito* tudo se concilia e melhor se esclarece do que com a explicação materialista de hereditariedade, influencia do meio, etc.

Além dos phenomenos lembrados das apparições dos vivos, podemos accrescentar as apparições materialisadas dos mortos, de que muito tem tratado esta Revista, cujas demonstrações scientificas repousam sobre a certeza da existencia como principio independente do corpo.

O conhecimento do *perispirito* vem, pois, nos trazer os seguintes esclarecimentos : 1.º que o Espirito não é um producto dos nervos e do cerebro, pois elle se manifesta e sobrevive á desaggregação desses orgãos ; 2.º que possúe um organismo fluidico que o envolve durante a vida carnal e que o individualisa ainda após a separação do corpo material ; 3.º a conservação do typo individual apesar da renovação incessante de todas as moléculas ; 4.º a reparação das partes lesadas ; 5.º o equilibrio das funcções vitaes apesar da renovação das cellulas.

Além de todas essas considerações poderiamos ainda accrescentar que só com o auxilio do *perispirito* se poderá explicar as manifestações do *inconsciente,* tantas vezes constatadas nas sessões experimentaes do nosso tempo e por todos os magnetisadores que souberam penetrar nos refolhos da *psyché* humana.

Pheneas falla

Communicações Espiritas recebidas em seu lar e publicadas por Arthur Conan Doyle — Doutor em medicina, e Legum Doctor.

(*Continuação*)

Depois de algum tempo virá a alvorada — brilhará um novo sol — um sol que dará mais luz e calor. Outra vez a terra se tornará verde. Apparecerão as flores, a humanidade se despertará para um mundo renascido. As coisas velhas terão passado para sempre, e a terra não as conhecerá mais.

As almas escuras estarão juntas, e as de cor castanha, as pardas, as purpurinas, assim como no estojo do pintor. Não estarão mais misturadas como agora se acham na palheta da terra. Cada um irá para o seu proprio. E' o logar da divisão — cada um com os seus proprios, de modo que todas as forças contradictorias serão neutralizadas, e uma só vibração será permittida sobre a terra.

Pergunta do Sr. Doyle : — Quereis dizer que os mais baixos irão para espheras primitivas, os elevados para espheras altas, e outros vão ser deixados sobre a terra ?

R. : — Exactamente.

P. : — Quaes vão ser deixados ?

R.: — Os que têm em si esforços para melhorar e que largarão as cascas nesse memoravel tempo.

A terra será o mundo dos que vão fazer uma segunda tentativa neste plano.

Por fim, nas espheras mais baixas não será deixado nenhum ser humano. Todos se elevarão pelo trabalho, pois que todos são filhos de Deus, embora maus.

Como as espheras mais elevadas serão reforçadas com poder, na mesma proporção occorrerão as expedições salvadoras qne descem ás espheras inferiores.

Aqui nós pensamos muito por meio de figuras, por isso é que as dizemos.

Em 18 de Maio de 1925. Depois de longa communicação de Pheneas, o Snr. Doyle lhe pergunta : «Alguma novidade ?»

— Só esta: — soffrerão muito e muito breve.

— Isso é duro! — observa o Sr. Doyle.

Pheneas continúa: — Seria peior para as gerações que vem si fosse de outro modo.

Em certas estações os jardineiros revolvem o solo e replantam. Arrancam o joio e lançam-n'o fóra. Todos os canteiros necessitam dessa operação. Uns mais, outros menos. Assim é com o mundo e com a Inglaterra. E' necessario replantar para a primavera e para o verão da historia do mundo, que agora vão chegar. No passado foi o inverno».

Em 31 de Maio de 1925. Depois de longa communicação, Pheneas dirige-se a Malcolm, filho do Snr. Doyle: «Tens um grande trabalho destinado a ser feito por ti; é um bello trabalho. Já uma vez foi discutido quem deveria fazel-o. Tu foste nomeado. Si fizeres, isso te proporcionará um enorme adiantamento espiritual».

— Que trabalho é?

— «Por elle obterás um grande avanço no outro mundo.

Esse trabalho exige qualidades especiaes».

— Onde tem de ser feito?

— «Neste mundo, breve, precisas de estar preparado para elle. A varios respeitos já estás equipado para fazel-o. Foi decidido em eras passadas. Era necessario dizer-t'o para nos não deixares em falta agora. Foste enviado aqui para isso.

E' um grande trabalho».

Pedimos a attenção do leitor para as allusões que Pheneas faz á reincarnação, annunciando que a missão de Malcolm estava-lhe destinada de longas eras (*It was decided ages ago*), que o joven foi enviado especialmente para cumpril-a (*Iou were sent here for it*) e em outras passagens.

O prof. Morselli e outros adversarios do espiritismo pretendem descobrir uma immensa contradicção entre as communicações recebidas na França e mais paizes latinos e as recebidas nos paizes de lingua ingleza. Declaram esses criticos que si as communicações realmente proviessem de espiritos desincarnados, intelligencias independentes dos mediums, não se veria a contradicção de espiritos negando a reincarnação de um lado da Mancha e affirmando-a do outro lado. Que uma divergencia tão profunda de doutrinas é a propria morte da hypothese espirita, pois que os espiritos deveriam saber ao certo um ponto tão essencial.

Apparentemente tem muito fundamento a objecção.

A esse proposito o juiz suisso Georg Sulz escreveu um livro interessante, «*Bleibet Kristen!*», o qual ainda não foi traduzido, só se encontra no original allemão, lingua pouco lida pelos espiritas patricios. Nesse livrinho o velho pensador espirita da Suissa demonstra a opposição dos mediums inglezes em receber communicações favoraveis á reincarnação, e a relutancia dos editores em publical-as, e vice-versa na França. Para depois concluir que a divergencia é apenas apparente no que concerne aos espiritos. As idéas preconcebidas são dos mediums. Do mesmo assumpto trataram com maestria Ernesto Bozzano e Gabriel Delanne. Mal si justificaria esta nossa digressão, si não tivessemos observações mais recentes do que esses tres mestres, nenhum dos quaes procurou descobrir o motivo do preconceito britannico contra reincarnação na terra.

Os espiritas inglezes em geral acham mais provavel a reincarnação apenas em outras «espheras», e dão a esta palavra significações varias, ora como outros mundos, ora como estados do espirito desincarnado. Acha-se diffundida tal idéa em todos os paizes de lingua ingleza.

Essa attitude de reserva um tanto hostil contra a reincarnação, tem-se modificado ultimamente nesses paizes e notadamente nos Estados Unidos, e é de se esperar que em um futuro proximo todos elles preguem como os kardecianos a reincarnação. Em um dos ultimos numeros de «The Progressive Thinker», de Chicago, lemos uma longa e bella communicação, demonstrando com logica inflexivel que a doutrina das vidas successivas é baseada nos factos. Em outro numero do mesmo semanario encontramos como epigraphe de longo estudo a conhecida divisa kardeciana «Nascer, viver, morrer, renascer e progredir sempre, etc.»

Na revista «Truth-Immortality», de New York, numero de outubro de 1927, apparece um longo trabalho a favor da reincarnação. Uma nota editorial resalva a responsabilidade da redacção, mas não apresenta outro argumento senão «que a redacção não se sympathisa com essa doutrina do modo como é apresentada pelo autor do relatorio.» Nesse trabalho vem citada uma communicação do cardeal Gibbons, na qual elle affirma : «*Estaes no caminho certo, a reincarnação é um facto*».

O preconceito dos espiritas anglo-saxonicos contra a reincarnação, a nosso ver, origina-se do contacto dos colonizadores britannicos com a India e outras colonias.

Como civilizadores e evangelizadores de taes povos de Asia e Africa, os inglezes lá encontraram muitas doutrinas supersticiosas, ou tidas como taes pelos theologos da Igreja Anglicana, e trataram de combatel-as substituindo os livros sagrados e tradições indigenas pela biblia. Por uma fatalidade, todos aquelles indigenas : buddhistas, brahmanes, mussulmanos, etc. creem correntemente na reincarnação. D'ahi a supporem os missionarios que a reincarnação fosse uma superstição de povos primitivos e a combatel-a com o mais sagrado fervor. Os novellistas serviam-se de todas as crendices desses povos para ridicularizal-os, e entre essas crendices figura a reincarnação.

Desse combate multiforme que impregnou a litteratura, surgiu o preconceito, cultivou-se a prevenção contra essa verdade tão clara para nós.

Os espiritos que do espaço fazem a propaganda do espiritismo, evitam sempre os ataques bruscos aos nossos preconceitos. Preferem dar-nos parcelladamente as verdades, á medida que as podemos ir assimilando. D'ahi a fazerem affirmações fracas, desviarem o assumpto, negarem conhecimento do ponto, ou mesmo negarem a reincarnação.

Como exemplo typico dessa attitude, permittimo-nos traduzir uma communicação extrahida de outro livro differente do que aqui estamos resumindo. Eil-a:

«Quanto á reincarnação, é um assumpto amplo e complicado. Nessa como em todas as outras cousas, eu só vos posso dizer o que eu proprio experimentei, ou então o que ouvi de espiritos mais elevados e creio ser a verdade. Assim eu acho ser incorrecto affirmar-se que TODOS precisam de voltar á vida material sobre a terra. Quando alguem adquiriu conhecimentos espirituaes durante a vida mortal, não se reincarna, excepto por um especial desejo seu proprio».

Pergunta : «Então sustentaes a doutrina da reincarnação ?»

Resposta : «Não como lei absoluta pela qual tenham de passar todos os espiritos, mas eu creio mesmo que nas experiencias de muitos espiritos a reincarnação é uma lei para o progresso. Cada espirito ou alma nascida para a vida planetaria tem os seus guardas espirituaes que, das espheras celestes, superintendem o seu bem-estar, e educam a alma pelo meio que na sua sabedoria acham melhor. Esses guardas espirituaes, ou, como alguem os chama, anjos, differem em seus methodos e escolas de pensamento, porque, ensinam-me, que em nenhum logar ha identidade, e nenhum caminho absoluto ha que todos tenham de trilhar do mesmo modo. Cada escola de pensamento que tem a sua copia na terra, o seu obscuro reflexo sobre a terra, tem o systema perfeito de escola e os seus altissimos instructores nas espheras celestes». (De «*Speaking Across de Border Line*»).

E' digna de menção a habilidade com que o espirito communicante, empregando meias concessões, consegue fazer um medium anti-reincarnacionista receber a mensagem e os editores registrarem esse sublime ensinamento.

Não existe senão apparentemente a contradicção apontada pelos referidos adversarios do espiritismo. Estudando-se a litteratura espirita anglo-saxonia com a humildade de quem quer realmente aprender e não com o viso de destruir, e tendo-se em conta o preconceito de taes povos contra a reincarnação, talvez tenhamos é razão de ficar pasmos ao encontrar por toda parte habilidosas allusões a esse ensino, por vezes burlando a prevenção dos mediums. Mas para encontrar a verdade, é preciso procural-a com paciencia e humildade. Aos olhos do critico superficial e orgulhoso que só abre os livros com o fito de combatel-os, apparecem negações por toda parte. Não consegue perceber nem mesmo a maravilhosa harmonia que reina ostensivamente sobre outros pontos, e em desaccordo com as crenças religiosas dos mediums. Por exemplo, as impressões dos espiritos logo que se desincarnam, são as mesmas em todas as communicações, recebidas em todos os paizes, ha quasi oitenta annos, por mediums de origem catholica, protestante, materialista, etc. Nenhum espirito vem affirmar que está no céo, no purgatorio, no inferno, ou que vae entrar no nada, por ideias preconcebidas dos mediums. Todos têm a surpresa de continuar a viver uma vida muito natural ; todos declaram se terem perturbado ; nos casos de espiritos atrasados, todos confirmam a illusão de se não haverem desincarnado.

Não bastaria isso, essas primeiras impressões tão naturaes e tão concordes por toda parte, como prova completa da sobrevivencia ? Mas quando cheios de orgulho e preconceito, temos olhos e não vemos, temos ouvidos e não ouvimos.

HENRI SAUSSE

O Espiritismo tem perdido nestes ultimos tempos os seus mais esforçados obreiros.

E' verdade, como disse Jesus, «a semente não nasce se não morrer», e para que a Verdade se imponha parece indispensavel que nesses transportes de vida, d'aqui para o Além, e de lá para cá, o Genio agite as massas com o ruflar incessante de suas azas, ou com a vóz do seu verbo e o riste poderoso de sua penna.

O Espirito não cessa a sua acção, quer quando planta a semente que ha de forçosamente germinar e crescer, quer quando no trabalho de colheita, a messe lhe acena com seus dourados fructos.

E nesse vai e vem, tambem as almas crescem, o progresso se accentua, as gerações se preparam para as novas ordens de idéas que ampliam aos homens mais dilatados horisontes, onde a vida se manifesta com todo o fulgor.

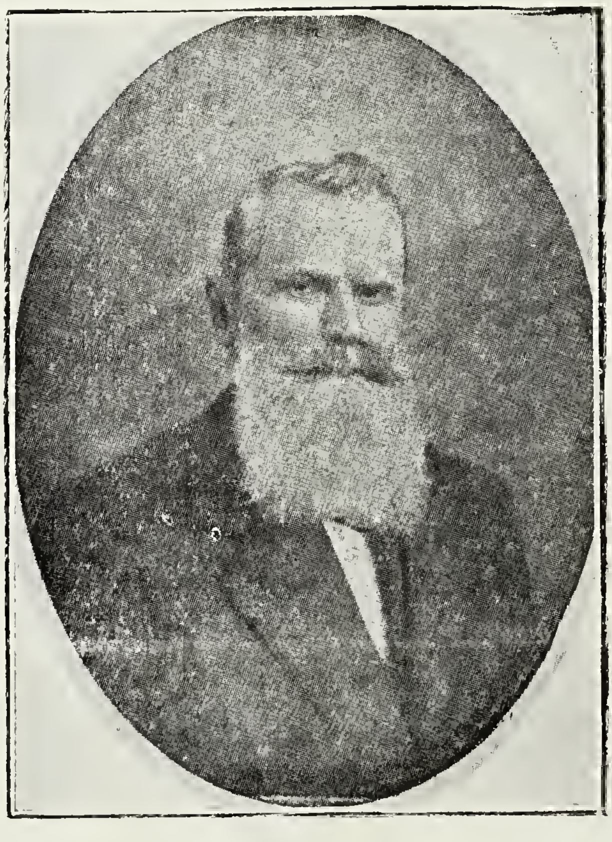
Henri Sausse

No curto espaço de um anno e pouco a França viu partir para a Outra Vida, os seus dois dilectos filhos, Gabriel Delanne e Leon Denis, agora é Henry Sausse, um dos grandes pioneiros, espirita da primeira hora, que voltou a receber novas ordens e novas energias na fonte da Vida Espiritual, donde nos vêm todas as luzes que necessitamos na terra.

Henri Sausse era um grande enthusiasta da obra de Allan Kardec, um fiel discipulo do Mestre, a quem não cessou de honrar nos seus escriptos.

Henri Sausse é autor de varias obras, dentre as quaes distinguimos a *Biographie de Allan-Kardec*, *Biographie de Leon Denis*, *La Reincarnation selon le Spiritisme*, *A la recherche des origines de l'Ame humaine* e *Des Preuves... en voilá !*

Sob este vehemente titulo, Henri Sausse apresenta os resultados de mais de cincoenta annos de estudos e de perseverantes pesquisas nos campos então pouco explorados da Psychologia Experimental. De 1884 a 1890 o autor obteve uma trintena de vezes phenomenos physicos e materialisações. O grupo por elle presidido recebia com especialidade flores. A medium descrevia os espiritos que lhe traziam bouquets de flôres, e até havia, não só transportes, mas materialisação de flôres. As flôres ainda orvalhadas, pareciam recentemente colhidas.

Uma vez um lilás branco e uma rosa vermelha cahiram na sala de experiencias, estando esta fechada. Muitos bouquets eram volumosos.

Numa experiencia em que Gabriel Delanne estava presente, obtiveram o preparo e transporte de um bouquet que continha dezesete rosas de diversas côres e uma magnolia com seis largas folhas e enorme flôr.

Henri Sausse perguntou aos Espiritos o modo porque produziam esses phenomenos, e o guia respondeu que elles colhiam as flores em chacaras de floricultura, e sem que pessôa alguma visse.

Um dia, na presença de um visitante uma soberba rosa amarella appareceu sobre o piano ; no mesmo momento a medium cahiu em catalepsia. Uma outra rosa materialisou-se na sua mão e o observador affirma não ser possivel invocar a fraude para esses factos.

Outros phenomenos se davam em plena luz.

Certa vez estando a medium adoentada appareceram materialisadas 19 perolas phosphorescentes, que pareciam medicamento. O autor «Des Preuves» — guardou uma como lembrança.

Emfim, factos que dão a pensar foram verificados por Henri Sausse, que bem os soube aproveitar para testemunhar e pregar a sua crença na Immortalidade.

Henri Sausse foi um dos grandes cooperadores da «Federation Spirite Lyonnaise» durante quarenta annos e presidente honorario da «Union Fraternelle de Valence».

Grande apostolo, coração cheio de virtudes, intelligencia activa e applicada ao bem da humanidade, o illustre Espirito é o exemplo vivo da Fé que precisamos assimilar para galgar, como elle fez, as altas regiões da Espiritualidade.

A Revista Internacional do Espiritismo saúda o illustre espirita, pedindo ao Senhor abençoar a sua obra.

O Espirito e sua visibilidade

O Espirito é uma essencia indivisivel, immaterial, intangivel, que constitue a personalidade de cada individuo ; elle é cercado de materia quintessenciada que forma o seu involucro e mediante o qual entra em relação com o mundo exterior.

Esse corpo fluidico, em virtude da sua rarefacção, possue um movimento molecular mais rapido que a dos gazes e dos vapores que são já invisiveis para nós ; logo, elle não é visivel tão pouco, senão porque os olhos não contém no estado normal fibra que possa vibrar harmoniosamente com elle.

Para que se torne visivel é preciso entrar em relação com o incarnado, e então accumula, pelo magnetismo espiritual, no nervo optico uma quantidade de fluido nervoso maior que a existente, que sensibilisando certas fibras acciona-as de tal modo que o individuo assim possuido de uma, vamos dizer, super-sensitividade, vê o Espirito, emquanto durar a acção magnetica.

Na mediumnidade vidente, é por essa forma, renovada a operação acima, que se desenvolve o novo sentido, que augmenta a extensão do apparelho visual.

GABRIEL DELANNE.

As Materialisações de Algeria

(Conclusão)

Quarta-feira 30 de Agosto

Sessão á noite nos aposentos de de Mme. Noel ; visita preliminar por M. Richet e por mim. Portas e janellas selladas, prece, magnetisação, lampada vermelha. Os mesmos assistentes, com a senhora ingleza e os mesmos mediums.

Sessão nulla, ou quasi nulla. N'um dado momento, distingue-se qualquer cousa brilhante no angulo esquerdo da entrada do gabinete, quasi á altura em que estaria a cabeça da apparição ; depois nada mais, apezar d'uma longa espera. Exame nos sellos ; estão intactos.

Quinta-feira 31 de Agosto

Inspecção da sala por M. Richet e por mim, ás 4 e meia. Preparativos dos apparelhos de magnesium e da lampada de alcool. Assistentes os da sessão anterior ; mediums, Martha e Aïcha, que tomam logar no gabinete. Para os assistentes a ordem é sempre a mesma. Accende-se a luz vermelha, assim como o bico Auer, durante a inspecção, prece e magnetisação dos mediums.

Depois da reentrada de Mme. Noel, apaga-se o bico Auer.

Quasi immediatamente depois de fechadas as cortinas e durante a sahida de Mme. Noel, entrando a luz do dia pela porta semi-aberta, Bien Boa mostra a cabeça pela abertura superior das cortinas, e desapparece logo, quando Mme. Noel voltou ao seu logar.

Espera bastante longa.

Uma voz chama a senhora ingleza, que vae ao gabinete e o espirito lhe diz que se poderá photographar, mas que é preciso paciencia.

Essa senhora volta ao seu logar e canta-se quasi durante meia hora.

Depois d'este tempo, as cortinas afastam-se, e o phantasma se deixa vêr inteiro, mas não se demora muito tempo.

Um instante depois reapparece e puxa a cortina da direita, o que permitte de vêr um pouco Aïcha. Pede-se-lhe para abrir mais ; com o braço direito impelle uma segunda vez o pesado reposteiro, depois entra no angulo da esquerda. Estes effeitos mechanicos indicam da parte do phantasma uma certa força muscular. Quando de novo se mostrou, pede-se-lhe para passar á esquerda, de maneira a deixar-nos vêr Martha.

Elle puxa a cortina da esquerda e então vê-se completamente o corpo d'este medium.

Um instante antes tinha dito que elle mesmo daria o signal para a photographia. Espera-se.

Ouve-se então sua voz sempre velada, que diz : vá ! A luz do magnesium permitte que o vejamos muito bem, inteiro, ao mesmo tempo que Aïcha e uma parte do busto e saia de Martha.

A combustão do magnesium continúa ainda um instante depois da descarga, o que nos deixa vêr bem todo o grupo.

Pergunta-se a Bien Boa, se podemos recomeçar. Assim o quer ; fecham-se as cortinas.

Substituo a placa no meu apparelho, fazendo outro tanto M. Richet e a senhora ingleza.

Foquei. O phantasma mostra-se novamente, depois de ter afastado as cortinas. Dá o signal. Nova descarga ; depois outra e cerra as cortinas. São findas as experiencias photographicas.

M. Richet exprime o desejo de vêr ainda a apparição formar-se fóra das cortinas. Bien Boa promette fazel-o.

Decorreram cerca de 10 minutos, durante os quaes se canta. Nossa attenção está fixada sobre o lado direito do gabinete. Quasi no mesmo sitio que na penultima sessão, uma especie de mancha branca apparece, eleva-se, e mui rapidamente, *o phantasma apparece completamente formado á nossa vista.* Dirige-se para o gabinete seguindo a cortina da direita. Antes de entrar, inclina-se sobre Mme. Noel como para a abraçar, depois entra. Ainda o vemos a primeira e segunda vez na abertura das cortinas, e a sessão termina.

E' a segunda vez que nós vemos a

apparição formar-se sob o nosso olhar, na sala. Esta observação, que se repete a pedido de M. Richet tem um bem grande valor scientifico. Muito se agradeceu a Bien Boa a sua condescendencia, promettendo elle para a sessão seguinte a experiencia da baryta. A apparição tem sempre esta especie de capacete que brilha como o ouro, mas desta vez veiu sem turbante, uma especie de véu que cobre a parte superior da cabeça.

Haverá sessão amanhã.

Sexta-feira 1 de Setembro

Inspecção da sala por M. Richet e por mim. Hoje Aïcha está doente, de fórma que Martha será o unico medium.

Folgo com isso, pois veremos se a presença de duas pessoas no gabinete é necessaria para a manifestação de Bien Boa. Assistentes os mesmos ; logares os costumados. Hoje não se trata de photographia ; estamos certos de que a apparição não é de natureza hallucinatoria, porque as placas sensiveis nos mostraram imagens do phantasma identicas ás que os olhos nos permittiram observar.

Mme. Noel faz a prece e magnetiza Martha, que está no gabinete e dorme rapidamente. Durante a curta sahida de Mme. Noel e quasi immediatamente após a magnetisação, apercebe-se a cabeça de Bien Boa, no alto, atravez da abertura das cortinas.

Trata-se agora de vêr bem o medium e pedir á apparição para sahir do gabinete e vir junto a nós, depois se tentará a experiencia da baryta.

Após um quarto de hora de espera em que se canta, o espirito mostra-se bem materialisado entre as cortinas, tendo sido vigorosamente afastada pelo braço do phantasma a da direita. Depois de duas tentativas, ainda afasta completamente a da esquerda, vendo se então Martha adormecida, a cabeça inclinada para traz e as mãos sobre os joelhos Bien Boa sahe do lado esquerdo, inteiro, muito bem formado. A placa metalica que tem sobre a fronte brilha como ouro. Tem bigode e barba. Corre a cortina da esquerda porque a luz incommoda o medium. Depois entra para a parte esquerda obscura.

Um pouco mais tarde, *pela terceira vez*, desde o começo de nossas experiencias, a apparição produz-se no angulo direito da sala, sempre sob a apparencia d'uma mancha branca que engrandece rapidamente e toma a forma bem conhecida de Bien Boa. Vê-se então o espirito dirigir-se para a abertura das cortinas, e antes de entrar beija Mme. Noel, pois que todos ouvem o ruido dos labios. Depois entra no gabinete, diminue brandamente e desapparece no chão, á nossa vista, sem deixar vestigio material.

Canta-se por bastante tempo. De novo se mostra entre as cortinas. Por pedido energico e supplica de Mme Noel, *sahe do gabinete*, dirige-se para a direita faceando a cortina, chegando até Maria, voltando depois devagar. A marcha é lenta. Passa deante do gabinete sem entrar e segue sereno, passando por traz do general Noel e caminhando na sala, em volta da mesa, perfeitamente illuminada pela luz vermelha.

Chegado a M. Richet o phantasma passa lhe a mão pela cabeça e beija a senhora ingleza. Esta tinha adormecido e Bien Boa disse que esperára que despertasse para sahir. Segue no passeio circular. Antes de entrar no gabinete, pergunto se me quer dar a mão e elle cerra energicamente a minha atravez da roupagem do vestido e depois penetra no gabinete.

Pouco depois, a cortina da direita avoluma na parte inferior, e Bien Boa sahe do gabinete como uma pessoa ordinaria, dobrado ; apruma-se, vai até á abertura e entra.

Mme. Noel pede para se fazer a experiencia com a baryta, cuja idéa pertence a M. Richet. Sabe-se que o ar exhalado dos pulmões contém acido carbonico ; para o demonstrar basta soprar n'um balão contendo baryta em dissolução para dar logar ao carbonato de baryta, revelado logo sob a forma de precipitado branco.

M. Richet tinha preparado e levára, uma dissolução de baryta n'um frasco com duas tubuladuras, uma das quaes recebia um tubo de caoutchouc munido d'uma boquilha d'osso. A pedido de Mme. Noel, Bien Boa sahe do gabinete e vem a meza, junto ao general Noel. N'este momento a cortina da esquerda é afastada e vejo muito bem Martha, toda ella adormecida na cadeira. Comprehendendo toda a importancia d'este facto, por tres vezes differentes, apesar do pedido de Mme. Noel para me calar, pergunto a M. Richet se vê bem o medium.

Da primeira vez diz vêr só as mãos, e das outras vezes diz sim. M. Richet toma o frasco, vê a dissolução limpida, pondo o frasco na meza, em frente do espirito, dizendo-lhe para soprar pela boquilha. Assim o faz e ouve-se um sôpro forte e regular, mas não se ouve o borbulhamento, porque o espirito não tinha soprado pela extremidade do tubo. O general Noel, mettendo o dedo na bocca, indica ao espirito como deve fazer, o que Bien Boa comprehende e executa. Ouve-se o borbulhar do liquido, e vê-se uma nuvem branca, muito espessa formar-se no liquido. M. Richet toma o frasco com emoção, e todos applaudem; Bien Boa saúda e entra no gabinete.

N'este momento vejo ainda Martha adormecida, sem se ter mexido. Uma vez ainda o espirito se mostra entre as cortinas. Dirige a M. Richet algumas palavras pessoaes, que todos ouvimos distinctamente.

M. Noel julga a principio que é a elle que o espirito se dirige, mas Bien Boa designa com o dedo M. Richet, depois desmorona-se com ruido por terra desapparecendo. Assim terminou esta memoravel sessão, em que adquirimos a prova de que o phantasma formado deante de nossos olhos, que tocamos, que anda, que falla, é constituido interiormente como um ser humano, pois que queima carbono em seu organismo phantasmal.

Para nós, espiritas, esta experiencia da baryta é d'uma importancia de primeira ordem, porque confirma as experiencias que fez W. Crookes com Katie King. Para os nossos leitores que as não conhecem, julgo util transcrevel-as aqui, afim de que observem as similhanças existentes entre todos os espiritos verdadeiramente materialisados. Eis a passagem em que o grande sabio inglez consigna suas notas sobre o aspecto do phantasma e sobre sua physionomia:

«Vi tão bem Katie recentemente, quando estava illuminada pela luz electrica, que me é possivel hoje accrescentar alguns traços ás differenças estabelecidas n'um artigo precedente entre ella e seu medium. *Tenho a mais absoluta certeza de que Mlle. Cook e Katie são duas individualidades distinctas, pelo menos no que respeita a seus corpos.* Diversos signaes que ha no rosto de Mlle. Cook não existem no de Katie.

Os cabellos de Mlle. Cook são d'um castanho tão carregado, que quasi parecem negros; um annel de cabello de Katie, que alli esta sob meus olhos, *e que a mesma me permittiu cortar do meio de suas tranças luxuriantes, depois de o destacar com meus proprios dedos até ao alto da cabeça, e me ter affirmado de que ahi tinha realmente crescido*, é d'um bello castanho dourado.

Uma noite contei as pulsações de Katie: o pulso batia regularmente 75, emquanto que o de Mlle. Cook, poucos instantes depois, attingiu 90, seu numero habitual.

Apoiando o onvido sobre o peito de Katie, pude *ouvir um coração bater dentro*, e suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração de Mlle. Cook, quando após a sessão me permittia a mesma experiencia. Auscultados do mesmo modo, *os pulmões de Katie* mostraram-se mais sãos que os de seu medium, porque quando fiz a experiencia, Mlle Cook seguia um tratamento medico por uma grande constipação.»

Lendo os relatos publicados por W. Crookes, ninguem póde rasoavelmente pôr em duvida o valor de suas observações, que não fazem mais que confirmar as de centenas de Espiritas, que teem publicado suas investigações sobre o mesmo assumpto.

Apesar do desdem dos incredulos, não obstante a attitude escandalisada dos materialistas, eis os phantasmas que permittem aos principes da sciencia a verificação official da sua existencia, resultando que submettidos aos mesmos processos d'analyse que os seres humanos, revelam a mesma natureza. A materialisação é em verdade uma reencarnação momentanea d'um organismo desapparecido da terra desde ha longo tempo, e unicamente a theoria espirita do espirito, isto é, do corpo indestructivel da alma, póde explicar esta reapparição, esta resurreição temporaria.

Ainda um pouco de paciencia, e veremos resurgir toda uma sciencia nova, toda uma biologia hyper-physica, que illuminará as obscuridades, da sciencia biologica actual, e será a este Espiritismo tão diffamado que se ha de dever a mais admiravel scientifica demonstração da immortalidade da alma, que a nossa humanidade jamais conhecêra.

GABRIEL DELANNE

PHOTOGRAPHIAS DO INVISIVEL

— V —

Nas sessões com a viuva Walker, em Buxton, foram obtidos excellentes resultado , os quaes ficam narrados em uma longa carta do filho, publicada pelo sr. Barlow. Revelando cuidadosamente as chapas, o Sr. Henry Walker declara «ter notado que a luz psychica estava muito mais clara do que a luz natural do dia».

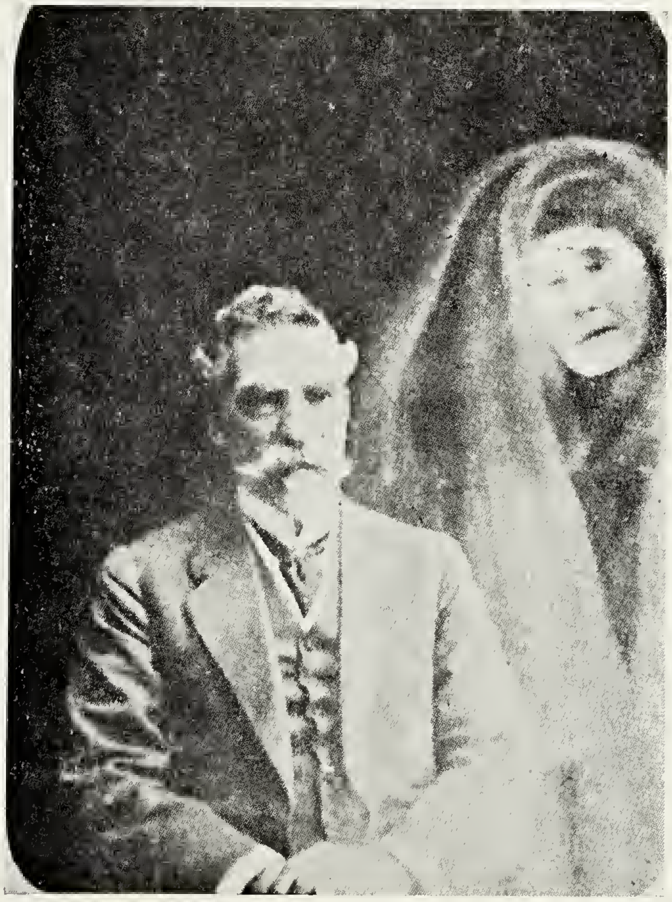

Fig. 19 — Snr. S. Maddocks, secretario honorario da S. P. R. de Sheffield. com photographia psychica da sua primeira esposa. Compare-se com a fig. 20.

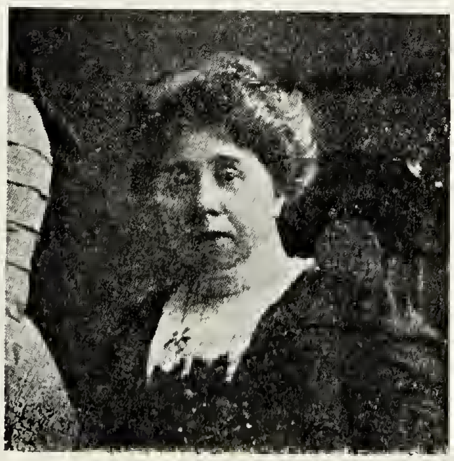

Fig. 20. — Primeira esposa do Snr. S. Maldocks, para comparação com a precedente, fig. 19.

A proposito da dedicação com que o Grupo de Crewe executa as instrucções recebidas, o Sr. Barlow escreve :

«O Grupo de Crewe invariavelmente deposita toda confiança nas mensagens recebidas do Além. São pessoas dignas e simples que estão em estreito contacto com os seus auxiliares invisiveis, os quaes lhes dão conselhos por meio de mensagens photographicas nas afflicções e doenças. Tem-se dado o caso do conselho recebido estar em opposição directa com os desejos dos mediums ; mas elles nunca hesitam em executar essas instrucções, as quaes geralmente provam que intelligencias dirigentes possuem conhecimentos e previsão que excedem em muito os seus instrumentos humanos.

Photographo perito, o autor do depoimento relata os processos por meio dos quaes chegou a se convencer da authenticidade da photographia espirita, depois de ter attribuido tudo á fraude e empregado todos os meios de verificação. Afinal, com tres mediums obteve elle provas completas e acha impossivel que acontecimentos futuros lhe possam modificar essa convicção obtida tão demorada, tão pacientemente vencendo o seu proprio scepticismo.

Passamos todas as minucias por amor á brevidade e vamos traduzir apenas um depoimento typico. Além de todas as precauções que lhe occorriam e eram postas em pratica, o Sr. Barlow se lembrou de encarregar um seu collega de envolver e sellar um pacote de placas com todas as precauções para não poder ser violado. Acceito o encargo pelo Snr. Frederic Lewis, de Birmingham, tambem habil photographo, foi tomado um pacote ainda fechado e foi cuidadosamente sellado. Eis a declaração do Snr. Lewis :

> «Certifico que, em 14 de maio de 1920, embrulhei e sellei um pacote ainda fechado de placas «Imperial Special Sensitive» de 1/4 e entreguei o pacote ao Sr. Fred. Barlowque então embrulhou ainda o pacote e applicou-lhe os seus proprios sellos. Na manhã de 20 de maio de 1920 o Sr. Barlow trouxe-me de volta o pacote de chapas e na minha presença rompeu os seus sellos e envoltorios. Verifiquei então mui cuidadosamente que os meus envoltorios e sellos estavam intactos e estou inteiramente convencido de que não foram trocados. Eu pessoalmente revelei as chapas em presença do Sr. Barlow. Em duas dentre as doze chapas do pacote desenvolveram-se distinctas imagens negativas de rosto — um rosto em uma chapa e tres pequenos rostos em outra. Não posso offerecer explicação alguma para esse resultado, podendo apenas declarar que estou perfeitamente convencido de que nenhuma trapaça ou embuste foi praticado.
>
> (Assignado) Frederic Lewis».

O pacote assim fechado pelo fabricante, pelo Sr. Lewis e pelo Sr. Barlow, foi remettido ao Sr. Vearncombe que, como Hope, costuma obter photographias em pacotes lacrados, pela imposição das mãos, sem o emprego da machina, e o resultado ficou acima descripto.

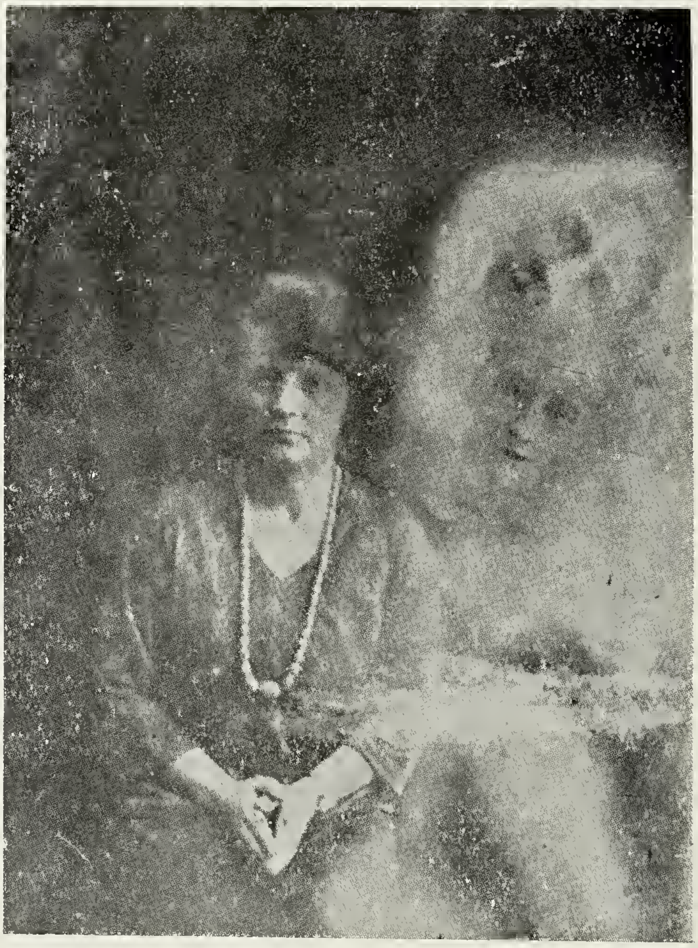

Fig. 21 — Photographia da Snra A. E. Griere com retrato psychico do pae e do marido. Ella era completamente desconhecida no Grupo de Crewe. Compare-se o rosto de baixo com a fig. 22.

⁂

Testemunho do Sr. Samuel Maddocks, secretario Honorario da Society for Psychical Research, de Sheffield e Districto.

Em uma substanciosa missiva, o Sr. Maddocks dá o relato dos resultados que obteve em Crewe, em tres sessões. Na primeira recebeu uma mensagem ; na segunda um rosto completamente desconhecido, mas que a sua segunda esposa, medium clarividente, declarou ao chegar a photographia em Sheffield, ser «o mesmo rosto que ella vê todas as noites no seu dormitorio».

Finalmente na terceira sessão o «extra» da sua primeira esposa, o qual elle reconheceu immediatamente. Os amigos e parentes reconheceram nessa photographia um perfeito retrato da «morta» como se achava ella depois de 20 mezes de torturas com um cancer. Todos os dentes da enferma haviam sido extrahidos por determinação de um medico de Londres, no periodo da doença final, e isso nota-se no «extra» (fig, 19), segundo affirm ao missivista,

A photographia normal que se vê na fig. 20 foi tirada varios annos antes.

⁂

Testemunho da Snra. A. Elizabeth Griere (Carta).

«Tenho muito prazer em lhe entregar as photographias inclusas. A minha sessão com Hope foi em Dezembro de 1921.

Como é aconselhado, levei as minhas chapas, e desejo declarar que em todo o processo photographico o Snr. Hope não manejou as chapas senão para pol-as na machina, no ***studio***. Eu as tirei do pacote, colloquei-as no ***chassis***, depois as retirei e revelei. O resultado da sessão é o que ahi vae.

Estou perfeitamente certa de que o «extra» N. 1 é um retrato do meu marido, e os «extras» da photographia N. 2 (fig. 21) são os rostos do meu pae e do meu marido. O Sr. notará a indubitavel semelhança com a photographia normal aqui inclusa (fig. 22(,

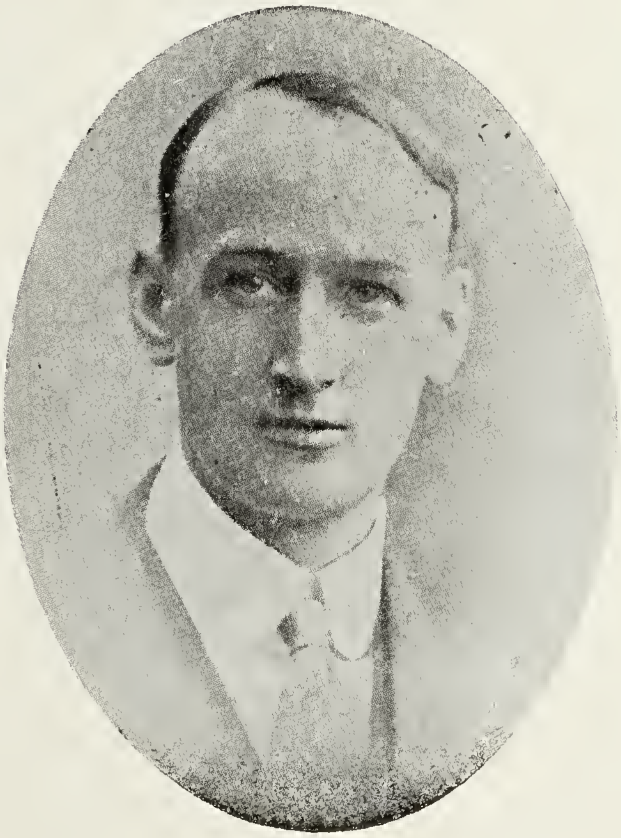

Fig. 22 — Photographia normal do marido da Sra. Griere, para comparação com o retrato da fig. 21.

Eu era completamente desconhecida do Sr. Hope e da Sra. Buxton, e serei sempre muito agradecida pela cortezia com que me receberam por occasião da minha estada em Crewe. Confio que esses retratos lhe possam ser uteis.

(Assignado) A. Elizabeth Griere».
20 Woodmill Road
Dunfermbine».

—

Deixamos de mencionar vinte e tantas cartas e outros depoimentos mais longos, todos com os endereços dos missivistas, como documentação do livro do Sr. Conan Doyle, por nos parecer sufficientes os resumos que damos acima. Pelo mesmo motivo não reproduzimos nove outras photographias que illustram aquella interessante obra. **G. B.**

ESPIRITO E VIDA

O reino de Deus é externo e interno. Assim como a existencia exprime tudo o que é individual, tudo o que é infinito e divino é espiritual. Como não podemos ter a vida sem o Espirito Divino, tambem não podemos ter uma existencia consciente sem a alma individual.

A vida e o Espirito são inseparaveis da existencia; cada alma ou individualidade tem uma existencia propria, mas tudo está sujeito á direcção do Espirito Divino.

FECHNER.

VOZ DIRECTA

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NA ITALIA

(*De «LUCE E OMBRA»*)

E' um facto bem curioso o phenomeno da «voz directa», o qual, depois de se haver manifestado em forma plenamente desenvolvida desde os primordios do movimento espirita, foi-se tornando cada vez mais raro e assim se manteve até os nossos dias. e agora dá signaes de se generalizar e tornar-se commum na Inglaterra e nos Estados Unidos, mantendo-se comtudo raro nos outros paizes, e litteralmente nullo na Italia até os ultimos dias. Fica entendido que me refiro á «voz directa» propriamente dita, isto é, á voz que vibra isolada no espaço, sem que a materialisação de uma larynge ou de um phantasma justifique physiologicamente a manifestação.

Mas agora em Genova, em um circulo privado e com o auxilio de poucas sessões de desenvolvimento, chegaram-se a obter manifestações poderosas de «voz directa», em tudo comparaveis com as que são obtidas pelo famoso medium Valiantine.

Proponho uns breves informes em torno das origens dessas felicissimas experiencias.

Nos primeiros mezes de 1926, o nobre genovez Marquez C. S. (por motivos de opportunidade limito-me a citar as iniciaes (1) apenas), tendo perdido tragicamente o seu filho primogenito, e achando-se em estado de grande depressão moral, foi aconselhado por um amigo a procurar lenitivo na leitura do livro de H. Dennis Bradley «Rumo ás Estrellas». O marquez Centurione Scotto procurou o livro e o leu com immenso interesse, e brotou-se-lhe n'alma a esperança de um dia communicar-se com o filho fallecido por meio da «voz directa».

A esse proposito procurou-me elle, expondo-me o estado da sua alma e pedindo-me para intervir perante Bradley afim de arranjar-lhe uma sessão com Valiantine.

Um mez mais tarde partia o marquez para Londres, onde foi hospede de Bradley, e assistiu a tres sessões, nas quaes manifestou-se repetidas vezes o filho defunto que lhe fallou em lingua italiana, lingua totalmente desconhecida do medium. No momento do seu regresso á Italia, o marquez foi apresentado por Bradley e Valiantine com uma «trombeta acustica» de aluminium, ambos exhortando-o a iniciar sessões em casa com o objectivo determinado de obter a «voz directa». (2)

Logo que chegou da viagem, o marquez Centurione Scotto reuniu um pequeno grupo de amigos mais ou menos iniciados nessas pesquisas e sem mais preambulos iniciaram-se as tentativas de obter o phenomeno tão ambicionado.

Affirmo sem receio de errar que ja-

---

(1) A revista Londrina «Light» publicou na integra a traducção deste trabalho, e foi autorizada a dar todos os nomes proprios por extenso. Vamos seguir-lhe o exemplo, dando os nomes dos experimentadores. C. S. é o marquez Carlo Centurione Scotto, em cujo castello de Millesimo foram feitas as sessões.

Nota do Traductor.

(2) Bradley, Valiantine, Mrs. Leonard e outros inglezes e americanos que se têm especializado no estudo da mediumnidade de «voz directa» affirmam que com pacientes exercicios todas as pessoas chegam a desenvolver em si essa forma de mediumnidade. Os exercicios consistem em se pôrem os candidatos diariamente em perfeita escuridão e ahi se conservarem pelo espaço de uma ou duas horas, enchendo o ar ambiente de vibrações sonoras por meio de canticos, ou discos de grammophone, ou iustrumentos de musica. Parece que os factos mais cedo ou mais tarde vêm confirmar essa opinião.

Nota do Traductor.

mais tentativas de tal natureza foram coroadas de successo tão rapido e portentoso.

Já desde a primeira sessão, com immensa surpresa de todos, as trombetas acusticas, devidamente cercadas de uma substancia luminosa, elevaram se no ar, volteando se até ao tecto, approximando-se dos experimentadores, e vozes aphonas, só em parte intelligiveis, partiram do seu interior. Pelo processo mui facil das eliminações, chegou-se á conclusão de que a mediumnidade em fusão era de quatro experimentadores : os conjuges marquezes Centurione Scotto e os conjuges Rossi. Além disso, chegou-se a verificar que os conjuges Centurione Scotto quando se assentavam a sós no circulo nada obtinham, succedendo o mesmo com os conjuges Rossi por seu turno que nada obtinham quando sós no circulo. Reunidos os quatro sensitivos, obtinha-se facilmente a «voz directa», bem como phenomenos de materialisação de mãos, de pés, e presumivelmente de phantasmas inteiros, phenomenos de «apport» notabilissimos, levitações e transporte de objectos pesadissimos, sons melodicos de instrumentos de musica que gyravam no ar, escripta directa, e outras e outras coisas ainda.

Tenho aqui sobre a mesa as relações das cinco primeiras sessões feitas em Genova, no palacio do marquez Centurione Scotto ; sessões maravilhosas sob diversos pontos de vista, das quaes, porém, me não occuparei, tencionando por ora limitar-me ás duas ultimas sessões, ás quaes tambem eu assisti, realizadas nas noites de 23 e 24 de julho do anno p,p., no castello authenticamente medieval em que o marquez passa o verão ; particular este ultimo que eu menciono, porque teve repercussões importantes sobre alguns dos melhores phenomenos.

⁂

Para clara comprehensão dos factos, é necessario que eu forneça alguns esclarecimentos de ordem geral referentes ás disposições com que foram reguladas as sessões.

Como ordinariamente nas experiencias de «voz directa», o ambiente era mantido na mais absoluta escuridão, mas como já ficou dito, as trombetas acusticas eram cintadas e salpicadas de uma substancia phosphorescente que as tornava perfeitamente visiveis. Observei que quando estavam deitadas sobre o tapete, a sua phosphorescencia era sufficiente para illuminar um pequeno espaço ao redor dellas.

Como todos sabem, nas sessões mediumnicas de effeitos physicos, auxilia grandemente a manifestação dos phenomenos o manter-se o ar ambiente em continua vibração, seja conversando moderadamente, seja pondo em acção um instrumento musical ; e isso para se chegar mais facilmente á «synthonisação» das diversas vibrações particulares ás «forças» e aos «fluidos» que se exteriorisam do medium e dos presentes. Com respeito ás nossas sessões e para não ter de repetir continuamente as mesmas palavras : «Poz-se em movimento o grammophone», ou então: «parou-se o grammophone», declaro de uma vez por todas que nos intervallos entre um phenomeno e o outro, punha-se invariavelmente o grammophone a funccionar, o qual era promptamente parado quando se notava que uma trombeta acustica se elevava no ar.

No que se refere a varios concertos aereos maravilhosos por nós obtidos com um instrumentinho norte americano conhecido pelo nome de «Flex-a-tone», devo explicar como tal instrumentinho—de que Bradley deu um de presente ao marquez Centurione Scotto — consiste em um garfo no meio do qual é fixada uma lamina de cerca de dez centimetros de comprimento que termina em uma ponta ligeiramente recurvada ; lamina essa de cujos lados são dispostos dois globinhos de madeira fixados sobre molas. Agitando-se o instrumento, os dois globinhos tocam rapidamente a lamina, a qual emitte uma nota musical harmoniosissima, emquanto que apertando mais ou menos sobre a extremidade recurvada da propria lamina, varia-se a tonalidade da nota ; de modo que um perito no uso do instrumentinho póde delle tirar todas as notas da escala harmonica, obtendo effeitos maravilhosos.

Explicando isso, passo a expor em succinta relação os phenomenos que se desenvolveram nas duas sessões de que se trata ; e isso de accordo com os apontamentos tomados no correr das manifestações pelo professor Gildo Passini.

Sessão de 23 de Julho de 1927

(No Castello dos marquezes Centurione Scotto, em Millesimo).

Presentes seis pessoas : os esposos marquezes Centurione Scotto, os conjuges Rossi, o prof. Gildo Passini, e Ernesto Bozzano. Encarregado do grammophone o Sr. Rossi. Duas trombetas acusticas phosphorescentes collocadas no centro do circulo.

Apagam se as lampadas ás 11,15.

Depois que o grammophone tocou o segundo disco, começam se a sentir os habituaes sopros de vento gelado.

Quando o grammophone toca o terceiro disco, de um angulo extremo do tecto prorompe uma voz poderosa que saúda os experimentadores expressando-se em lingua ingleza :

— «*Good evening, Souls !*» (Boa noite, oh almas !).

E' Bert Everett, o espirito-guia das sessões de Bradley.

Contam-me que em cada inicio de sessão tal voz augural de saudação se renova de modo identico, mas que Bert Everett jamais se manifesta durante o desenvolver-se das sessões ; presumivelmente porque se reserva a tarefa de vigiar e disciplinar os espiritos anciosos por se communicarem.

Aquella voz brotada do alto, sem trombeta acustica, clara, estridente, muito mais forte do que o normal, chegou nos tão de imprevisto e foi tão poderosa que nos causou a todos um grande sobresalto.

De repente deram-se grandes solavancos na mesa em que estava o grammophone, emquanto que os sopros de vento gelido recomeçaram a voltear entre os membros do circulo.

A marqueza Centurione Scotto declara que alguem a toca e sacode-lhe a poltrona.

De repente as trombetas acusticas elevam-se rapidamente no ar, descrevem sobre as nossas cabeças circulos concentricos, elevam-se até o tecto, gyram, nadam, volteiam, produzindo um effeito phantastico.

Depois disso descem ao nosso nivel, e de uma dellas prorompe a voz robusta e clarissima do espirito-guia D'Angelo, o qual saúda por sua vez, gritando : «*Boa noite a todos !*»

— Rossi :— *Queres tu dizer-nos se as condições estão boas ?*

— D'Angelo :— *Condições optimas !*

— Rossi :— *Temos aqui comnosco um novo hospede. Conheces ?*

— D'Angelo : — *E' um benemerito das nossas idéas.*

Depois de um breve intervallo musical a trombeta eleva-se de novo, e vem collocar-se diante de Bozzano. E' o espirito-guia D'Angelo que, dirigindo-se a Bozzano, observa :

«*Deveria haver muitos como tu : mas na Italia, ao contrario, ha poucos. Porém ha muitos nas outras partes do mundo.*»

Apenas o grammophone recomeçou a tocar, executando a valsa do «Fausto», e eis que se eleva no ar o «Flex-a-tone», e põe-se a acompanhar a musica com um synchronismo impeccavel, sem se enganar em um tempo, sem errar uma nota, complicando ainda a sua tarefa com a execução de variações brilhantes que attestavam a grande pericia do executor ; e tudo isso em volteios pelo ar, elevando-se até o tecto, descendo até fazer vibrar o instrumentinho proximo dos ouvidos dos experimentadores, gyrando e voando por toda parte com a volubilidade de uma borboleta. Era um espectaculo que tinha algo de magico, sem contar que se escutava o concerto com verdadeira exultação artistica, pois que a tonalidade melodiosissima d'aquelles sons magistralmente harmonisados com as notas do grammophone, tornava-se admiravel pelo colorido e expressão musical. Por minha parte eu estava extasiado ao ponto de me esquecer momentaneamente que me achava em uma sessão mediumnica, para absorver-me inteiramente na audição d'aquella musica paradisiaca.

Depois do maravilhoso entretenimento musical, de todos os presentes proromperam applausos enthusiasticos e os gritos : «*Bravo ! Bravo !*»

— Bozzano : — *D'Angelo, queres dizer-me quem é esse portentoso executor ?*

— D'Angelo : — *E' o mesmo saxophonista das outras vezes. Não o conheces.*

A trombeta eleva-se de novo e detem-se em frente da marqueza Centurione Scotto.

— D'Angelo (Com voz grave e triste : — *O destino te prepara a morte de um parente proximo.*

— Marqueza (com grande anciedade): — *Quem é? Dize-me quem é? Não me deixes nesta cruel incerteza!*

— D'Angelo: — *Trar-te-ei o retrato da pessoa.*

A trombeta retira-se. Todos permanecem em tremula espectativa do proximo «apport» revelador da pessoa que está destinada a morrer. Depois de cerca de um minuto, ouve-se cahir um objecto sobre o tapete, perto da marqueza. Ella inclina-se, recolhe-o e, apalpando-o no escuro, exclama:

— «*E' o retrato do Tito. Reconheço-o pela moldura. Estava encima da mesa na salinha verde. Dize-me D'Angelo, é mesmo verdade? As ultimas noticias eram optimas! Elle estava restabelecendo-se rapidamente*».

Um intervallo de silencio. A trombeta levanta-se e avisinha-se do marquez Centurione Scotto..

— Marquez: — *Quem és tu?*

— (Voz): — *Sou Mary* (mãe da marqueza). *D'Angelo tem razão quanto ao Tito. Estava melhor, mas de um momento ao outro está em perigo.*

— Marqueza C. S.: — *Mamãe porque não vens dizer alguma cousa tambem a mim?*

A trombeta transporta-se para a frente da marqueza.

— Mary: — *Vês que eu tinha razão a respeito de Mino* (o filho vivo do marquez). *Não estudou bastante. E' preciso que estude mais para a proxima secção.*

— Marqueza: — *E o Tito? E' mesmo verdade? Coitadinho!*

— Mary: — *Não lhe resta muito que viver.*

Dois dias depois a marqueza recebeu uma carta da esposa do referido Sr. Tito, informando-lhe de uma imprevista e gravissima recahida do convalescente.

O Sr. Rossi muda o disco do grammophone.

— D'Angelo: — *Esta peça causa enfado ao Commandante* (o filho defunto dos Marquezes).

O Sr. Rossi pára o grammophone e muda o disco.

A trombeta eleva-se e dirige-se a Bozzano.

— Bozzano: — *Quem és?* (A trombeta retira-se presumivelmente por insufficiencia de força).

Põe-se novamente o grammophone em movimento, e a trombeta dirige-se logo a Bozzano.

— Voz (com accento pronunciadamente meridional): — *Oh Ernesto Bozzano! Oh caro! Caro! Eu te procurei em Londres, procurei-te em Genova. Finalmente encontro-te!*

— Bozzano: — *Oh Eusapia! Eusapia! Não e preciso que me digas quem és, porque já te reconheci pela voz.*

— Voz: — *Sou mesmo eu. Agradeço-te por teres vindo.* (A trombeta cahe por terra).

Depois de um breve trecho de musica tocado pelo grammophone, reergue-se a trombeta e dirige-se a Bozzano.

— Bozzano: — *Quem és?*

— Voz: — *Ainda a Eusapia. Nós todos te agradecemos por tudo que tens feito por nós e pela verdade. Mas tu és demasiado modesto... demasiado modesto...*

E' muito verdade que em Londres a Eusapia havia-se manifestado ao marquez Centurione Scotto para perguntar por mim e que havia feito o mesmo nas sessões de Genova. Esta sua primeira manifestação foi para mim uma verdadeira revelação do ponto de vista da identificação pessoal do espirito communicante; pois que eu reconheci infallivelmente quem me fallava, apenas havia ella pronunciado o meu nome. Em vida tinha ella um modo particular de pronunciar o meu cognome, sibillando de modo inimitavel os dois «zz». E não era só isso, quando ella me dirigia a palavra, não me chamava nunca pelo simples cognome, ajuntava invariavelmente tambem o nome, eliminando, porém, a palavra «signor» que commummente precede o cognome da pessoa a quem se falla. Assim, por exemplo, si queria pedir o meu parecer sobre alguma coisa, em vez de dizer: «*Signor Bozzano, che ne pensa lei?*», invariavelmente dizia: «*O Ernesto Bozzano, che ne pensate voi?*»

Viu-se como ao se manifestar mediumnicamente, começou exactamente com esse vocativo: «O Ernesto Bozzano!», precisamente como em vida, além de decahir de modo sibillante nos dois «zz» do cognome. Essas pequenas, mas importantissimas idiosyncrasias da linguagem constituem as provas mais demonstrativas da presença real, no logar, da entidade que se affirma presente. Accrescente-se que me fallou com a perfeita tonalidade de voz que tinha em vida, e o accento pronunciadissimo do seu dialecto napolitano italianizado

Quem quer que não haja provado,

não póde formar um juizo do effeito que produz no raciocinio do experimentador o facto de ouvir imprevistamente resoar a voz bem conhecida de um defunto querido. Agora que tenho provado tambem eu esse effeito, declaro que considero o phenomeno de uma voz directa *reconhecida* a prova mais efficaz para convencer os scepticos. Pois que, *depois de haver provado*, raciocina-se logo de outro modo: uma coisa é ler sobre o phenomeno e outra é assistir ao phenomeno. Quando se tem assistido, ninguem mais poderia fazer acceitar patranhas theoricas a quem *tem ouvido*. A voz rediviva de um defunto é a melhor prova da sua presença no local.

Depois de um pouco de musica o sr. Rossi exclamou:

— *Senti um pé calcar sobre o meu!*

— Voz: — *Monsieur le professeur...*

— Passini: — *Qui êtes-vous, monsieur?*

— Voz: — *Je dois vous faire une confession... J'ai été bien méchant dans ma vie.*

— Passini: — *Mais qui êtes-vous?*

— Voz: — *Rappelez-vous le quart d'heure de Rabelais?*

— Passini: — *Qu'entendez-vous, monsieur, par le quart d'heure de Rabelais?*

— Rabelais: — *Le quart d'heure du malheur.*

— Passini: — *Pourriez vous me dire quand vous ètes né?*

— Rabelais: — *J'ai fait beaucoup de mal. A present je veux faire pénitence.*

— Passini: — *Pourrtez-vous me répondre? La vraie date de votre centenaire?*

O phenomeno cessa bruscamente.

Aquella voz havia fallado com tonalidade natural, clarissimamente; sahia do solo, no centro do circulo.

Essa é a especie de «voz directa» que mais impressiona, pois que parece brotar espontaneamente de um tumulo. A manifestação de Rabelais exige um desenvolvimento de considerações um tanto longo que por isso eu reservo para as conclusões. Limito-me aqui a informar que o Espirito de Rabelais já se havia manifestado uma outra vez e sido mais extenso, na sessão precedente.

Depois de um curto intervallo musical, reergue-se a trombeta e approxima-se de Bozzano. E' o espirito-guia D'Angelo e assim lhe falla:

— *Caro Bozzano, está aqui a tua mãe e deseja ardentemente fallar-te; mas para ella ha pouca força, e por isso recommendo-te que estejas bem attento ás suas palavras.*

Retira-se a trombeta, e logo a outra trombeta eleva se, approxima-se de Bozzano, e faz ouvir uma voz um tanto debil, apparentemente muito commovida, que falla em dialecto genovez.

— Voz: — *Meu caro Ernesto...*

— Bozzano: — *Mamãe, mamãe, és tu?*

— Voz: — *Sou tua mãe; ha tempo eu esperava este dia. Desejava fallar-te ainda uma vez, pare dizer-te que estou contente comtigo...* (Seguem-se outras palavras, outras phrases, que a emoção de quem as proferia, combinada com a debilidade da voz, tornou incomprehensiveis. Logo em seguida ouviram-se dois beijos dirigidos a Bozzano, e a trombeta cahiu ao solo.)

Algum tempo depois, tendo chegado em casa o filho dos marquezes Centurione Scotto, foi introduzido na sala das sessões, e foi substituir o Snr. Rossi no governo do grammophone, emquanto que o Snr. Rossi veio tomar parte no circulo com os outros. Logo eleva-se uma trombeta e a voz do espirito-guia D'Angelo, em tom irritado adverte:

— *Desse modo perturba-se a sessão toda. Vae-se embora toda a força.*

Todos reconhecem que o espirito-guia tem razão, e promettem recordar-se da recommendação para o futuro. Repõe-se em movimento o grammophone.

Bozzano, Passini e a Snra. Rossi informam que sentiram as caricias de uma certa mão; mas trata-se de mão que se diria ser de madeira, pois que não é quente, não é de carne. E' ossea como a mão de um... esqueleto.

A trombeta approxima-se do Sr. Mino (o filho dos marquezes Centurione Scotto). E' Mary (a avó delle):

— *Eu te havia dito que «levarias bomba» em um exame.*

Decorreu cerca de dez minutos sem manifestações, coisa que ainda não se havia dado.

— Rossi: — *Como, não se manifesta mais ninguem?*

— D'Angelo : — *Fizestes mudanças e movimentos. Dissipou-se a força. Os espiritos não podem fallar. Tentarei fazer um «apport» ; e depois, boa noite a todos.*

— Passini : — *Por ora suspenderemos a sessão ; mas depois voltarás, não é verdade ?*

A trombeta eleva-se e gyra tocando nos joelhos de todos, e acariciando a cabeça do marquez Centurione Scotto. Isso a titulo de saudação.

— Todos : — *Obrigado, obrigado.*

Depois ouve-se a queda de um objecto sobre o tapete. Accende-se um phosphoro e descobre-se a patinha de um veado encastoada com um annel nickelado. E' um dos numerosos tropheus de caça do marquez, os quaes estão appensos ás paredes da salinha verde que é no mesmo pavimento, separada por tres outras salas.

Suspende-se a sessão ás 24,50.

—

Segunda parte.

(Reabre-se a sessão a uma hora e 25 minutos).

Emquanto soa o grammophone, ouve-se sobre o tapete o bater rythmico de dois tacões de couro ou de madeira, como si se tratasse de alguem que dançasse furiosamente em meio de nós. Depois parece que o dansador se eleva no ar e continúe esperneando por cima das nossas cabeças.

— Rossi : — *Como, não se manifesta ninguem ?*

— D'Angelo : — *Não ha mais força para materializar as vozes. Boa noite a todos.*

Todos : *Boa noite.*

Evidentemente o espirito-guia D'Angelo se havia retirado de facto, e portanto era aconselhavel encerrar-se a sessão. Mas uma pessoa do grupo propoz continuar-se a sessão sem o guia, curioso por ver o que succederia.

Põe-se em movimento o grammophone, e emquanto o disco sôa escapa-se a mesinha sobre a qual estava o instrumento. O Sr. Rossi teve a habilidade de salvar o grammophone de uma cambalhota desastrosa, e o poz sobre os joelhos, onde o instrumento continuou a tocar. A mesinha se havia retirado cerca de um metro e meio, indo postar-se entre a Snra. Rossi e Bozzano.

— Marquez Centurione Scotto : *Puxaram-me pelo braço.*

Uma das trombetas eleva-se e vae sobre a mesinha onde se tomba. Endireitamol-a, mas alguem a faz cahir de novo.

— Passini : *Oh lá !*

— Todos : *Que lhe succedeu ?*

— Passini : *Uma grande mão me apertou e estreitou-me os joelhos.*

A marqueza C. S. dá um grito.

— Todos : *O que ha ?*

— Marqueza : *Duas mãos me apertaram as pernas.*

Como, na ausencia do espirito-guia, occorrem outras manifestações de tal natureza, as quaes indicam a presença de espiritos inferiores, interrompe-se immediatamente a sessão.

E' uma hora e 45 minutos.

Ernesto Bozzano.

(Continúa)

UNIDADE E VARIEDADE

Jamais a natureza oppõe-se a si propria. O brazão do Universo só tem uma divisa : UNIDADE E VARIEDADE. Remontando á escala dos mundos, acha-se a unidade de harmonia e de creação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita nesse immenso jardim de estrellas ; percorrendo os degraus da vida, desde o ultimo dos sêres até Deus, reconhece-se a grande lei de continuidade ; considerando as forças em si mesmas, pode formar-se uma serie cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

ALLAN KARDEC.

Chronica Extrangeira

O novo *Diccionario Universal*, de Maurice Lachatre, publicado nos fins do seculo passado, dá a seguinte definição do Espiritismo :

ESPIRITISMO. — Esta doutrina nova nascida na America, a meiados deste seculo, tem se propagado admiravelmente por todos os paizes do mundo e conta numerosos adeptos ; tem por attributo a Verdade e a Justiça ; se apoia na moral ensinada por Confucio, Platão, Socrates e todos os sabios da antiguidade e pelo joven mestre Nazareno ; tem por divisa a caridade.

O Espiritismo reconhece um Deus supremo ; a immortalidade da alma ; admitte o principio da reincarnação, isto é, a necessidade para cada alma de animar novos corpos neste mundo e em outras espheras, para elevar-se cada vez mais na ordem intellectual e moral.

Um dos dogmas mais consoladores do Espiritismo é o da expiação, depois da qual, todos sem excepção, podem emendar seus erros, suas faltas, seus crimes soffrendo em uma ou mais incarnações as provas que lhe são impostas ou que hajam pedido por si mesmos em estado de espirito.

O Espiritismo é a mais sublime expressão da moral na humanidade, a mais racional das concepções philosophicas, e com tão diversos titulos, é chamado a reunir sob sua bandeira, num futuro mais ou menos proximo, a immensa maioria das nações do globo.

SONHO PREMONITORIO

Os phenomenos espiritas são muito conhecidos do alto clero. Se a curia de Roma deixa de acceital-os, appellando para o demonio ou negando systematicamente os factos, é por virem elles de encontro aos vetustos dogmas que constituem para a Egreja impenetravel barreira da Verdade ahi permanecer.

A despeito disso, entretanto, os phenomenos continuam a se dar, dentro ou fóra da Egreja, para mostrar que nenhum mortal, por mais poderoso que seja pode traçar limites á vontade de Deus.

O caso que segue vem em apoio á nossa affirmação, pois, além de outros factos, como por exemplo as apparições de Pio X no Vaticano, ajuntamos mais o seguinte que demonstra estar o Papa ao par desses phenomenos.

O Dr. Achilles Fumasoni Bionde, ex-consul da Italia em Moscow, narra o que segue :

— «Quando Pio X morreu, eu achava-me hospedado no Hotel Savoia, de Padua. Uma noite, em sonho, assisti a coroação do novo Pontifice : e este sonho teve taes caracteres de realidade, que exclamei : «E' o Cardeal Della Chiesa, Arcebispo de Bolonha : homem de grande valor que ha de governar com summo explendor a Egreja catholica».

Ao despertar eu me recordava de todo o sonho sem omittir detalhes e por esse motivo resolvi communical-o á Sua Eminencia. Em carta que escrevi, em papel timbrado do hotel, contei o phenomeno ao Cardeal e accrescentei : «Poucas vezes sonho, mas os meus sonhos sempre se realisam ; rara vez uma premonição minha deixa de realisar-se».

Eu não conhecia o Cardeal Della Chiesa, e si sabia seu nome era por tel-o lido nos jornaes, por occasião da morte de Rampolla. Tambem nunca me preoccuparam os assumptos do Vaticano, visto a vida que passo sempre no extrangeiro. De modo que levando em conta essas circumstancias o facto me pareceu mais digno do que eu notara.

Além da carta que mandei á S. Eminencia, em Bolonha, narrei o extranho sonho ao gerente do hotel, sr. Joppe, ao juiz de Alpago, ao sr. Moderni, ao advogado Castellani, ao conde Sbrogovana e a outros amigos meus, que podem testemunhar . . . se não bastasse a minha palavra honrada para dar fé do que narro».

SESSÕES DE MATERIALISAÇÃO DA ALLEMANHA

Pouco antes da guerra, refere o Dr. William H. Watson, pastor da Associação Scientifica Mental, de Chicago, que estando em Paris, praticando a cura espiritual, por ser medium curador, os scientistas de Berlim enviaram uma commissão de sabios á Paris, afim de fazer investigações sobre o Espiritismo e especialmente sobre a faculdade psychica que permitte curar os enfermos. Ficaram admirados das novas idéas e dos extranhos resultados, um tanto differentes dos phenomenos que haviam observado na Allemanha. Tanto o sr. Lemarie como outros membros do comité francez de investigações, me aconselharam, disse o sr. Watson, que fosse com elles para Berlim.

Os socios do Club Anglo Americano na Avenida Unter der Linden, 47, nos receberam, achando-se entre elles os sabios Karl Begas, Alfred Rethel, Bernhard Romer e Karl Meller. Nossa primeira sessão realisou-se no n.o 98, de Fredrich Strasse, em uma sala humilde, tendo se apresentado formas materialisadas, opacas e pesadas. Com o fim de experimentarmos em mais vantajosas condições, celebramos uma sessão na fabrica de porcellanas de Charlottemburg, que deu excellentes resultados.

Apresentou-se materialisado um alto personagem que disse chamar-se São Severino e ter vivido na terra no seculo V da Era Christã, e ser o introdutor do Christianismo na Allemanha, onde morou n'aquella epoca. Com vóz debil falou da cura espiritual, affirmando não ser muito commum esse phenomeno. Disse que ha tempo tratam de propagal-o entre os germanos, mas o povo repeliu o ensino, preferindo o systema das hervas e da dieta.

Os representantes então do governo do Kaiser, ali presentes, levantaram-se admirados do que viam e ouviam, não podendo comprehender como um homem que tinha vivido no seculo V pudesse voltar novamente ao mundo. Para provar a sua identidade elle se exprimiu na antiga linguagem gotica que usavam os religiosos, demonstrando seus conhecimentos linguisticos de varios modos convincentes. Seu fim era demonstrar que os Espiritos podem se apresentar materialisados em certas occasiões, embora estejam sempre presentes em redor de nós, mas invisiveis.

A convite dos homens de sciencia de «Spandau on der Spree», o comité fez uma sessão no hotel «Kaiserhof» na qual se apresentou o celebre pintor Albert Durero, de Nüremberg. Este grande artista disse que não podia se afastar de sua cidade natal senão por curto espaço de tempo, por estar ainda muito apegado á terra, como a maior parte dos espiritos terricolas, com excepção de uns poucos já evoluidos que não se podem materialisar visto a sua pouca afinidade com a materia terrestre.

Este ser, conclúe o sr. Watson, nos deu algumas informações interessantes sobre as curas, affirmando que as crianças deveriam começar a cultivar os dons espirituaes, desde a mais tenra idade, dedicando a maior parte do seu tempo a estes estudos.

UMA PROVA DA SOBREVIVENCIA

A *Psychica*, revista franceza de estudos psychicos, publicou o seguinte relato que lhe enviou Mme. Hélène Ponsard :

— Poucos dias depois da morte, em Genebra, de meu tio, o Dr. T. Landesmann, minha tia recebeu de Napolis, d'um amigo, o Dr. Nehrer, a seguinte carta :

Cara sra.

Estou sciente por vossa carta de 26 de fevereiro que meu excellente amigo, Land, vosso caro esposo, mudou de forma, passando para uma nova existencia certamente melhor, segundo a lei eterna do progresso continuo e necessario para toda a creação. Si eu não tivesse esta convicção, um acontecimento occorrido ha duas semanas, e ao qual eu devo o encontro da vossa benevolente carta, me teria prendido a attenção para que essa convicção se fizesse em mim.

Eis os detalhes : uma noite fui despertado por um sonho, que tinha relações com um maço de papeis esquecidos, que seriam encontrados num armario : emquanto eu reflectia, ouvi 2 golpes ligeiros, mas bem pronunciados em cima do meu leito, tendo experimentado alguns arrepios.

Os dois golpes repetiram, na noite seguinte, no mesmo lugar ; eu não podia conceber o motivo e nem para que fim, mas achava que deveria se tratar de um aviso qualquer.

Hontem lendo vossa carta, estabeleceu-se em mim a convicção que se tratava da alma do meu amigo Land. Para obter a prova, procurei me pôr em communicação com o seu espirito por meio da escripta automatica mediumnica. Eis o que escrevi :

«Que Deus seja comvosco meu caro amigo ! Na minha collecção de livros sobre *homœopathia*, minha mulher encontrará uns papeis com a inscripção : «Manuscriptos». Ella não deve abril-os, mas queimal-os logo que receba esta communicação.

Caro amigo, peço-te dizer á minha mulher que não morri, mas mudei de forma.»

Eu perguntei ; A que Bibliotheca queres dar os teus livros, caro amigo ?

Resposta : — A' Associação de Vienna (Austria).

A communicação está assignada : I. Landesmann.

Oxalá, senhora, que possaes estar convencida e consolada por esta prova que os nossos mortos não têm deixado de existir e nos conservam toda a sua affeição.

Adeus, cara sra. permitti que vos testemunhe toda a minha gratidão e reconhecimento.

ANT. D. NEHRER.

De accordo com as ordens dadas na carta do Dr. Nehrer, minha tia fez as pesquizas necessarias.

O manuscripto foi encontrado no lugar indicado e queimado immediatamente, segundo a ordem vinda do Além.

Hélena Ponsard.

ANNUNCIO DE MORTE

Mme. Carita Borderieux, narrou no ultimo numero da *Psychica*, o seguinte facto, narrado por sua amiga Mme. Henry, irmã do general Fix :

— «Na Bretanha duas meninas, uma de 8 annos e a outra de 12 annos, amavam-se extremamente. Ellas iam sempre juntas á egreja, onde faziam suas préces communs. Como já tivessem uma idéa da morte combinaram que aquella que morresse primeiro deveria vir contar á outra como era o céo.

Morre uma das meninas, e sua companheira sentiu profundo pesar.

Passados muitos dias, a menina sobrevivente, levanta-se pela manhã e conta á Mme. Henry que havia visto Yvonne (a menina que tinha morrido), e que ella lhe havia dito : «Quando se faz o bem na terra, encontra-se o bem onde me acho ; quando se faz o mal, encontra-se o mal. Breve tú estarás commigo onde me acho».

Tres mezes depois, a menina morreu.

Uma das meninas era irmã de Mme. Henry, a pessôa que me contou este facto».

UMA PROPHECIA DE D. BOSCO

O «Mondo Occulto» publicou e a «Revue Spirite» transcreveu uma prophecia de D. Bosco, que registamos ;

— Em 1867, D. Bosco foi convidado á corte de Francisco II, pela Rainha-Mãe Theresa, que queria conhecer o futuro de seu filho. D. Bosco lhe disse : «Magestade, eu lamento, mas vós não mais vereis Napoles.

A 3 de fevereiro do mesmo anno foi Francisco II que interrogou-o. D. Bosco prophetisou : «Magestade, eu devo vos dizer que vós não subireis jamais ao throno da Italia.»

Elle lhe recordou então as injustiças de seus predecessores. Francisco II sentiu-se melindrado e disse a D. Bosco : «Sabeis que pessôa alguma nunca ousou fallar-me desse modo ?»

Mas, embora perturbado, Francisco II fez D. Bosco repetir a prophecia a sua esposa rainha Sophia, no palacio de Farnése, o que D. Bosco fez com a mesma franqueza, accrescentando não ser propheta, mas que via o que dizia. A Rainha protestou, e D. Bosco respondeu : «Eu quero que os vossos desejos se realisem, mas acho de meu dever vos dizer que nunca subireis ao throno da Italia».

Ecos e Noticias

O trabalho de propaganda vai se desenvolvendo magnificamente na Europa.

Na França, como na Inglaterra, na Allemanha, na Belgica, em Portugal, os pioneiros da liberdade accentúam os seus esforços para levar a toda a zona que lhes está confiada a nova da Redempção Espiritual.

FRANÇA

PARIS

Tres excellentes conferencias se effectuaram na «Maison des Spirites» com enorme concorrencia que calorosamente applaudiu os oradores.

A primeira, sob o thema — *A Vida visivel e a invisivel*» foi magnificamente desenvolvida pelo Dr. Westermann, Engenheiro-chimico e poeta, secretario da Sociedade de Estudos Psychicos de Nancy.

A segunda, pelo psychologo sr. Quénisset sobre : «*A sciencia moderna vae se tornando espiritualista*».

A terceira coube ao sr. André Ripert, sobre — *A Sobrevivencia e a Reincarnação em face da Sciencia Moderna.*

O sr. Ripert que desenvolveu perfeitamente o thema sob o ponto de vista puramente objectivo, estendeu-se em considerações de ordem espirita, obtendo grande successo pela oração improvisada que pronunciou.

AVIGNON

No salão de honra da Camara Governativa, o sr. Jules Gaillard, ex-deputado fez uma excellente conferencia sobre o thema : *A verdadeira natureza do ser humano depois das descobertas da sciencia experimental.*

Diversos jornaes deram o resumo da conferencia, dentre os quaes *Le Radical*, *Le Petit Provençal*, *Le Petit Marseillais*, *Le Mistral*, que fizeram elogiosas referencias ao antigo advogado da Côrte de Appellação, de Paris.

Le Petit Provençal assim conclúe a sua noticia : «As magnificas observações de M. Gaillard esclarecem perfeitamente o mysterio da alma e o agonisante problema do destino».

VERSAILLES

«Materialismo ? Espiritualismo ? em face da Sciencia Moderna» — foi o thema que escolheu o sr. Ripert para sua conferencia em Versailles, onde attrahiu numeroso auditorio que recebeu com sympathia e reconhecimento a Palavra Espirita, de que o orador é um verdadeiro inspirado.

ALGERIA

De passagem por Algeria, em sua tournée de propaganda, o sr. Wiétrich pronunciou uma bella conferencia, na qual exaltou os principios consoladores do Espiritismo.

HAVRE

— Sob os auspicios da Sociedade «Les Amis des Bêtes», D. Carita Borderieux fez uma substanciosa conferencia, illustrada com projecções luminosas e demonstrações de *Zou* sobre a «Intelligencia dos Animaes».

— Nesta cidade foi fundado o jornal «*Le Protecteur des Bêtes*», para combater, criticar, denunciar e perseguir os individuos que maltratam os animaes. «Le Protecteur» está sob a direcção do sr. Léon Godreil.

ROCHEFORT

Sobre o thema — *A Reincarnação*, o Prof. Gabriel Gobron fez na «Maison de l'œuvre de l'Enfance» uma conferencia na qual expendeu conhecimentos psychicos de alto interesse e que demonstram a verdade da reincarnação.

Jornaes e revistas

Revue Spirite : O ultimo numero desta importante revista, fundada por Allan-Kardec, traz substanciosa materia de estudo dos mestres, srs. Gaston Luce, Dr. E. Bozzano, Dr. J. Maurice, Dr. M. Belin, G. Gobron, C. de Vesme, Dr. Andry Bourgeois, sir Oliver Lodge, Suliac, etc.

Psychica: Temos sobre a mesa o numero de abril desta publicação sob a direcção de Mme. Carita Borderieux.

Psychica noticia as conferencias sobre os «animaes sabios», com provas demonstrativas dadas por *Zou*, já conhecido dos nossos leitores.

— O sr. Paul Bodier fez tambem uma conferencia sobre «*O Espiritismo e seus adversarios*».

Psyché — revista do Moderno Espiritualismo, publica, sob a responsabilidade de Ranol Larmier, enfeixados num artigo, uma serie de prophecias para o corrente anno e que nos parecem de accordo com os avisos espiritas de grandes acontecimentos, que se vão verificar brevemente ?

Annales du Spiritisme- revista scientifica e moral, orgão da Sociedade Allan Kardec, de Rochefort-Sur-Mer. Traz bôa collaboração.

BELGICA

— Liège, a Federação Espirita festejou o anniversario da passagem de Allan Kardec, tendo obtido numerosa assistencia. Foi orador official o sr. Lambert

— A Federação Liegense organisou festiva sessão, ao cargo de Mme. Lhomme, tendo sido distribuidos premios aos alumnos do Curso Moral.

— No Circulo Kardecista de Bruxellas Mme. Alice Gargine fez uma conferencia sobre — ‹O Espiritismo› — que foi assistida por grande auditorio.

O Circulo Kardecista estabeleceu um curso de instrucção espirita com entrada franqueada ao publico.

O Circulo dispõe de bons mediums videntes que constatam a presença dos Espiritos que acompanham os assistentes.

— ‹La Revue Spirite Belge›, orgão da «Union Belge», traz bom summario e relato de experiencias.

INGLATERRA

Congresso Espirita Internacional

As inscripções para o Congresso Espirita Internacional, que realisar-se-á em setembro proximo, encerram-se a 31 do corrente, assim como só serão recebidos até esse dia, os relatos ou quaesquer documentos que tenham de figurar no Congresso. Todos os objectos destinados á Exposição podem ser enviados á Miss M. Phillimore London Spiritualist Alliance, 16, Quensberrey Place — South Kensington — London S. W. 7.

O Dr. Osty em Londres

O dr. Eugenio Osty, do Instituto Metapsychico Internacional, visitou o National Laboratory of Psychical Research, de Londres, em presença de grande numero de personalidades de destaque em sciencias psychicas, e fez no Queen's Gate Hall uma conferencia com projecções luminosas a respeito da obra dos mediums pintores, Gruzewski e Lesage, em 27 de Março p. p., sob a presidencia de Lord Carlos Hope. Houve um grande auditorio consistente em membros e amigos do National Laboratory of Psychical Research.

O dr. Osty fallou em francez, sendo traduzido successivamente pelo dr. Neville Whymant e pela Sra. D. Edith Lyttelton.

Começou pela jocosa observação de que achava melhor para o seu auditorio ser victima de um discurso traduzido do que do seu imperfeito conhecimento de inglez. Poderia expressar muito melhor as suas idéas em sua propria lingua.

Após algumas observações sobre a psychologia pratica referente á analyse dos cinco sentidos e do papel que estes representam na descoberta dos conhecimentos, o dr. Osty disse que estava tratando do caso de pessoas que haviam adquirido conhecimentos e capacidade sem passarem pelos processos normaes da educação. Tomou primeiro o caso de Augustin Lesage, mineiro que trabalha nas minas de Pas de Calais, o qual desconhecia completamente a pintura ou o desenho, e era nascido em condições de vida que o arredavam inteiramente de influencias artisticas.

A sua extranha aptidão não se manifestou até elle chegar á idade de 35 annos, e então repentinamente descobriu elle em si uma rara aptidão para a pintura ornamental. A sua primeira tela foi examinada por muitos pintores competentes que a consideraram uma obra-prima de merito excepcional, levando em conta o seu genero e absoluta falta de treinamento de Lesage. Em maio de 1927, Lesage produziu o seu trabalho sob vigilancia, no Instituto Metapsychico Internacional, de Paris.

A seguir o dr. Osty tratou do caso de Marjan Gruzewski, nascido em Vilna, Polonia, em 1898, um joven de boa familia que não havia revelado vocação alguma especial até á idade de 17 annos, quando, ao entrar em pesquizas psychicas foi declarado medium de telekinesia e teleplastia; desenvolveu tambem a faculdade de improvisar versos e acção em transe. Mais tarde descobriram-se nelle singulares aptidões de desenhar e pintar.

A conferencia foi illustrada com uma quantidade de projecções na tela mostrando a obra dos dois mediums. Essas projecções despertaram grande interesse e admiração. As producções de Lesage consistem principalmente em desenhos decorativos extranhamente suggestivos do estylo oriental, como na arte da China antiga, do Tibet, da India e do Egypto. Ha uma symetria surprehendente nos desenhos e foi declarado pelo orador que os coloridos do original são de merito singular.

O dr. Osty deu pormenores relativos aos desenhos e mencionou o facto de haver a familia Lesage tomado conhecimento de assumptos psychicos, devendo-se a isso terem chegado as notaveis faculdades do medium ao conhecimento de pessoas versadas nesse ramo do saber.

A obra de Gruzewski consiste principalmente em desenhos de figuras e retratos, e as suas producções revelam conhecimentos surprehendentes de anatomia e pintura de retratos. Alguns dos quadros são extremamente magicos, apresentando rostos e figuras grotescas que declaram ser habitantes do mundo astral.

Nas observações da conclusão, o dr. Osty disse que não propunha explicação alguma para esses extranhos phenomenos por elle expostos. Elle proprio não é espirita, e deixava aos seus ouvintes a liberdade de darem ás manifestações a interpretação que lhes aprouvesse. Com respeito ao espiritismo, elle expressou a opinião de que os espiritas se preoccupam demasiadamente com a hypothese da influencia vinda dos defuntos; elle proprio acha que é muito mais importante estudar-se a mente incarnada e exgottar completamente todas as suas possibilidades, antes de adoptar-se a hypothese espirita.

Depois de pequena discussão, Lord Carlos Hope propoz um voto de agradecimento que foi cordialmente acceito, ficando assim encerrada uma sessão extremamente interessante.

(Da «Light»)

ITALIA

Luce e Ombra publica um excellente artigo do Dr. Ernesto Bozzano em resposta a outro do Prof. Romano Bianchi, intitulado «Scienza e religione», esclarecendo certas objecções por este apresentadas á proposito do assumpto que tomou por titulo.

ALLEMANHA

Visão premonitoria

Está circulando a «Webes Leben», orgão de diversas sociedades espiritas allemãs.

Nesta revista o sr. Henri Gauler, d'Elberfeld, narra um facto extraordinario que teve occasião de verificar.

Em 4 de Junho de 1926 o sr, Gauler despertou tendo á sua frente uma senhora, que elle sabia estar doente. Dia 6, lendo jornal, deparou com a noticia do fallecimento de referida senhora, justamente no dia e hora em ella lhe havia apparecido.

Nota Promissora

Numa discursão sobre problemas espiritualistas occorrida em Chemnitz, diz o «Die Zeitschrift fur Seelenben», de Leipzig, terem comparecido 3.000 pessoas.

Um medium extraordinario

O «Okkultische Rundschau» noticia a exposição de quadros de Henri Nusselein, que com a edade de 55 annos e sem instrucção alguma revela um dom artistico extraordinario. Henri Nusselein nestes dois ultimos annos pintou 2.000 télas.

Varias commissões de sabios, dentre as quaes os da Universidade d'Erlangen, examinaram, com admiração, o pintor-medium e seus curiosos trabalhos.

A medium Rudloff

«Die Zeitschriff für psychische Forschung», de Hamburgo, noticia os extraordinarios phenomenos que se vem verificando com a medium Maria Rudloff, produzidos por desenhos directos e expontaneos feitos com sangue. O Prof. Christophe Schröder, de Berlim fez um relato desses factos.

As mensagens de Wiesbaden

«Light» publicou o seguinte resumo das communicações recebidas pela sra. Mathilde Abraham, de Wiesbaden, em 1923 e 1925, as quaes confirmam em linhas geraes as prophecias de Pheneas e muitas outras recebidas durante o mesmo periodo.

«E' chegado o tempo de se revelarem coisas que não teriam podido ser assimiladas anteriormente. Não vos surprehendaes com as coisas que vão succeder. O mundo vae ser completamente transformado, não de accordo com o vosso modo de pensar, mas de conformidade com a vontade de Deus. A egualdade reinará; o homem não será mais julgado pelos seus haveres; precisamente esta geração vae assistir a muitas coisas, enormes mudanças não somente na vida privada como tambem no governo dos povos. O homem acha-se ainda em estado muito crú, semelhante ao diamante ao sahir da mina e tem de ser lapidado para brilhar; cada provação, cada soffrimento moral lapida uma das facetas. O caminho terá de ser mostrado abrindo-se um tunnel onde nos possamos encontrar; estão sendo feitos planos exactos e d'aqui deste lado ajudaremos muito. Estaes apenas começando a comprehender quão pouco tendes progredido e quanto tendes de aprender para fazer mesmo pequenos progressos; é como uma pedra collossal que se tem de remover; a mão de um só homem não poderia fazel-o, mas uma multidão alcançaria o resultado; a união faz a força.

Trabalhae juntos; educae os povos; acima de tudo o lado moral precisa de ser melhorado; cada um tem de fazer a sua parte. De tempos em tempos vos enviamos espiritos elevados que vos auxiliam; mas que serve isso si vós mesmos não vos esforçardes, e si. pelos vossos actos, embargaes o impulso e cahis para traz?

Fallo-vos agora da guerra. Emquanto os povos se armam uns contra os outros e luctam para se exterminarem o mais possivel, o progresso será nullo. Chegastes a uma epocha perigosa na qual uma das duas coisas tem de succeder — progresso ou retrocesso. Si escolherdes o ultimo, estaes perdidos e o Supremo Creador vos anniquilará (1). Os homens precisam de progredir: si não o fizerem, desapparecerão Nós vol-o advirtimos; dizei-o aos homens. E'-nos doloroso ver tanto odio, inveja, ciume, cobiça, que cobrem a terra de densas emanações difficeis de atravessarmos. Poder-se-ia realmente chamal-a de inferno...

Quando reconhecereis, pobres insensatos, que a verdadeira finalidade é trabalhardes juntos para o melhoramento das raças, para a purificação dos corações, para o amor do proximo e a unidade social?»

---

(1) A inexactidão que se nota deve ser consequencia da opposição do medium á doutrina da reincarnação. O espirito quereria referir-se á reincarnação em mundos inferiores ao nosso, mas foi obrigado a empregar uma linguagem de accordo com as idéas do medium.

Nota do Traductor.

AMERICA DO NORTE

Diz a «Revue Spirite» que, em New York, uma nova medium, Mme. Duke tem prendido a attenção dos homens de sciencia, e principalmente dos medicos.

Foi depois da morte de seu irmão que Mme. Duke começou a desenvolver sua mediumnidade de escripta automatica, Ella recebeu mensagens do Dr. James H. Hyslop, aconselhando-a a procurar o Dr. Bull, como dissemos no nosso ultimo numero.

Mme. Duke cahe em trance realisando duas sessões por dia, nas quaes ella fica em semi-inconsciencia.

Alguns diagnosticos dados por Mme. Duke são admiraveis. Por exemplo :

Um desincarnado diagnostica uma inflammação urethral num doente. Dois medicos examinam o doente e affirmam estar elle são. O desincarnado insiste, é feito o exame spectroscopico por um especialista, e este constata a affecção urethral.

As diversas peripecias do diagnostico se passaram como o espirito havia predicto.

PORTUGAL

A Federação Espirita Portugueza prosegue em seu trabalho de propaganda.

⁂

Em Braga continúa a ser publicada a revista «Luz e Caridade».

⁂

Temos sobre a mesa a revista «Ecos do Além», de Lagôa, sob a direcção do sr. José Francisco Cabrita.

O ultimo numero de abril, dá o relato de um sonho premonitorio verificado em Villa Real de S. Antonio e noticiado pelo sr. Antonio Galamba.

CUBA

Os Grupos «Rosendo» e «Amalia», effectuaram uma conferencia publica no Theatro Santo, de Matanzas, sendo orador official o sr. Casimiro Bares Secada que, dissertou largamente sobre Allan Kardec e o Espiritismo.

⁂

Em Agramonte foi desenvolvido largo plano de propaganda pelo grupo «Dolores Cabarnau», auxiliado pelos grupos «Rozendo» e «Amalia». Falaram diversos oradores dentre os quaes os srs. Jesus Absugary, Placido González. A concorrencia excedeu a toda a espectativa.

⁂

Os espiritas cubanos assignalam o o desincarne de um dos seus mais devotados companheiros, o sr. Juan Francisco Casanova, personalidade de grande merito e significação decisiva para a nossa Doutrina.

ARGENTINA

A Confederação Espiritista Argentina celebrou o XII anniversario de sua fundação, realisando uma bem concorrida sessão no salão da «Unione e Benevolenza», sendo orador official o sr. Manio Rinaldi.

⁂

«La Nota Espiritista» da uma illustração da conferencia effectuada pela «Sociedad Espiritista Beneficente», no salão da «Constancia».

⁂

O sr. Benjamin Odell fez sobre o thema — «Os novos criterios da psychologia», uma conferencia no salão da «Sociedad Lumen».

⁂

Sobre o thema — «A morte não existe», dissertou largamente á numeroso auditorio, o sr. F. Durand, na «Sociedad Constancia».

⁂

Entre outros propagandistas, estão inscriptos para as conferencias de propaganda os srs. Chiesa, Durand, Depascale e Fernandez.

MEXICO

A Federação Espirita Mexicana celebrou com grande exito o anniversario da desincarnação de Allan-Kardec, salientando a Missão deste grande Espirito.

⁂

«El Siglo Espirita» dá noticia das importantes curas effectuadas pelo Espirito do Dr. Charcot, no Mexico, valendo-se da mediumnidade do sr. Refugin Quintero.

⁂

O Circulo «Luz, Esperança e Caridade», de Tuxtla Gutierrez, elegeu sua nova directoria, bem como a commissão de «Caridade e Soccorros».

⁂

O Circulo «Paso e la Luz», possúe uma bôa medium de incorporação, estando tambem outras em desenvolvimento.

⁂

Todos os Circulos federados estão em grande actividade, enviando oradores aqui e ali para que se torne conhecida a Palavra Espirita.

«El Siglo Espirita» diz que o movimento espiritista no Mexico adquire importancia consideravel e, pode-se dizer, constitúe um dos factores da vida quotidiana. Os recentes conflictos religiosos deram como resultado a multiplicação dos grupos.

O sr. Rufino Juanco, presidente da Federação Mexicano não perde occasião para aproveitar as situações favoraveis, pormenorisando a belleza e criterio da nossa Philosophia.

As bibliothecas sociaes têm tido uma frequencia desusada e os leitores augmentam admiravelmente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O movimento espirita brasileiro nestes ultimos mezes nada se distancia do que se vai verificando na Europa. Graças as multiplas manifestações que se estão dando aqui e ali, attrahindo curiosos de todos os lados, o Espiritismo vai tomando um novo incremento, augmentando, por essa forma consideravelmente o numero de estudiosos, que já veem na Nova Revelação a grande sciencia capaz de descortinar os horisontes do Além, velados pela Morte inclemente que constituiu-se a dominadora dos seculos transactos.

São Paulo

AMPARO

Ha 2 mezes na residencia do sr. José Tortorella, rua S. Benedicto, 23, vem se dando curiosas manifestações espiritas.

Punhados de areia são arremessados por toda a casa ; louças e imagens atiradas por mãos invisiveis ; dinheiro e ovos são transportados para logares ignorados.

A casa, logo nas primeiras manifestações foi benzida pelo rev. Frei Atanasio, mas sem resultado algum, continuando as manifestações.

A familia Tortorella é catholica, nenhum conhecimento tendo do Espiritismo.

Do Correspondente.

⁂

BARRETOS

Experiencia de Photographia

Sob a direcção do nosso confrade sr. Americo Mori foi fundado em Barretos, um circulo de pesquizas psychicas, que recebeu a denominação de William Crookes. As sessões deste nucleo se realisam duas vezes por semana. Na 3.a sessão os experimentadores obtiveram pela typtologia o nome do espirito que assiste essas reuniões : Anquides. Na 5.a sessão obtiveram a photographia que reproduzimos.

O sr. Mori nos diz numa carta que enviou-nos com o retrato: O nosso photographo possue 20 annos de pratica, além disso consultou um profissional muito entendido, o qual assim se expressou — «a machina resente-se de um pouco de fóco, mas o que mais contribúe para essa empanação é de origem fluidica; as pintas sobre a cabeça do medium não são outra cousa senão fluidos condensados».

Mas o que mais tem me impressionado são as nebulosas ahi existentes, não encontrando nessas manifestações outra explicação que a espirita».

Reproducção da experiencia no Centro William Crookes, de Barretos

O sr. Mori já nos enviou a copia de uma outra chapa, obtida depois, que daremos no proximo numero.

⁂

CAPITAL

Aviso de morte

«Falleceu, repentinamente, o sr. Oscar Costa Araujo, commerciante nesta praça.

O referido commerciante ainda no dia 27, ás 17 horas acompanhou o enterro do prof. Horacio Scrosoppi, fallecido domingo.

A's 23 horas, achando-se na escada de sua casa muito bem disposto, recebeu o seguinte aviso de um desconhecido mysterioso, que a elle se dirigiu:

«Moço! Aconselho-o a despedir-se de sua familia, pois daqui a uma hora o senhor estará morto!»

O sr. Oscar achou esse aviso um tanto extranho e não vendo mais o desconhecido, bastante impressionado, relatou o facto a sua familia.

Em seguida, dirigiu-se ao guarda civil que estava nas proximidades de sua casa, a quem, depois de contar o succedido, preveniu que se puzesse de atalaia, pois desconfiava estarem tramando contra a sua existencia.

Voltando á casa, ainda bem disposto, o sr. Oscar participou a sua familia as providencias que acabava de tomar e momentos depois foi acommettido de tonturas e mal estar e exactamente uma hora após o aviso recebido jazia no leito de morte.

O que acabamos de relatar foi narrado por membros da familia do morto, a pessoas amigas que acompanharam o enterro».

⁂

O caso de Guarulhos

O caso de Guarulhos, que noticiamos no nosso ultimo numero, movimentou a população da capital.

E as multidões afluiram tanto aos pinheiros de Guarulhos que o sr. Delegado de Costumes viu-se forçado a pôr um paradeiro ao fanatismo que já lavrava por aquelles arraiaes.

Dizem os diarios paulistas que o menino Armando Soares declarou perante a autoridade que nada vira.

Esta confissão, em face das declarações do sr. José Vidal França, que tambem é autoridade, não nos merece fé.

E' claro que uma criança sob a pressão da policia, que fazia questão de não haver ella visto cousa alguma, não poderia manter-se em attitude de contar a verdade, tanto mais que depois reaffirmou ter visto «Maria do Cruzeiro».

Seja como fôr o phenomeno existe, e se Armando não viu, outros de mais autoridade que Armando têm visto e até a apparição tem sido constatada pela chapa photographica.

Fica permanecendo, pois, a nossa noticia.

Minas Geraes

Um caso de materialisação ?

O seguinte caso que tem tido repercussão em varios jornaes está sendo muito commentado nos meios espiritas. Transcrevemol-o com as devidas reservas na integra :

«Viajantes, procedentes da cidade mineira de Pitanguy, referem um facto interessante que está preoccupando fundamente a opinião publica daquella localidade.

Contam que está correndo alli, de bocca em bocca, a noticia de uma curiosa manifestação espirita. Trata-se da apparição mysteriosa dos «espiritos» de duas pessoas que alli residiam e falleceram ha poucos dias. Seriam Levy Ruy Barbosa e Francisco de Paula Barbosa, o primeiro ex-guarda-livros da Estamparia, e o segundo, seu irmão mais velho, ex-chefe de contabilidade da mesma empresa.

Adoeceram ambos de febre typhoide, tendo Levy, fallecido a 9 de abril ultimo.

Antes do desenlace a familia telephonára para Pitanguy, chamando um medico primo dos dois enfermos, para encarregar-se do tratamento de ambos. Ao fallecer Levy, não era grave o estado de Francisco, mas os medicos recommendaram que nada lhe fosse dito sobre o fallecimento do irmão, naturalmente para evitar uma commoção e subsequentes abalos physicos.

Francisco foi peorando dia a dia, até que na manhã do dia 22, veiu tambem a fallecer.

Ora, na manhã desse mesmo dia, segundo está correndo em Pitanguy, arrematam os viajantes, que são pessoas conhecidas, surgiu Levy «pessoalmente na casa do seu primeiro medico, batendo á porta e declarando que ia buscar aquelle facultativo para tratar Francisco, já que não lhe foi possivel «ter accudido a tempo, para tratar delle, Levy».

A pessoa que attendeu ao chamado do extranho mensageiro e que conheceu Levy em vida, sabendo com segurança do seu fallecimento, e estando mesmo informado de pormenores, foi tomada de grande terror, pondo-se a correr para o interior da casa.

Eis que o «espirito materialisado» — dizem os informantes» — penetra, de um salto, na casa, por uma das janellas, desapparecendo em seguida, inexplicavelmente depois de haver sido visto por outras pessoas.

Esse phenomeno que os espiritistas classificam de materialisação, está dando margem aos mais desencontrados commentarios, preoccupando principalmente os espiritas esotericos da cidade de Pitanguy, sendo de notar que Francisco Barbosa era pessoa muito dada a estudos de occutismo e tinha grandes relações com outros adeptos da mesma.

Matto-Grosso

CUYABÁ

Do nosso correspondente.

Extranho Phenomeno

No dia 27 de Abril p.p. fui procurado em minha casa, ás 19 horas, mais ou menos, pelo Snr. Jorge Zamar, acompanhado pelo meu amigo Snr. Wady Boabaid. O Snr. Jorge relatou-me o seguinte : No dia 20 de Abril, em Rosario-Oéste, onde reside, voltando para casa, ás 23 horas mais ou menos, de volta de um baile, elle e um seu companheiro procuraram cada um os seus quartos.

Ao entrar Jorge no seu quarto, com uma vela na mão, sentiu um forte socco no alto da cabeça e outro nas costas. Virando-se, viu atraz de si alguem e immediatamente puxou do revolver e atirou contra esse alguem.

Acudiram immediatamente o companheiro e demais pessoas da casa, aos quaes Jorge relatou o facto, dizendo que devia alguem estar escondido no quarto. Qual não foi, porém, a sua surpreza quando esse alguem apresentou-se a elle apezar dos presentes todos que nada viam, embora elle apontasse o novo ser e no meio mesmo dos seus foi, solemnemente esbofeteado. Embora os outros nada vissem, ouviam perfeitamente o estampido das tapas que tinham tamanha força de atiral-o ao chão

Não podendo estar no quarto devido a essa perseguição, sahiu á rua indo dormir em casa de um patricio seu.

No dia seguinte foi para o sitio onde passou 4 dias.

De volta do sitio, o facto repetiu se da mesma forma. Pessoas incredulas e curiosas procuraram examinar o facto e, reunindo-se em elevado numero, em casa do Snr. Jorge Zamar, não viram, mas ouviram perfeitamente o barulho classico de uma mão batida pesadamente sobre uma face, que se enrubecia immediatamente. Depois, estando elle deitado numa rede, uma garrafa veio bater-lhe contra o peito e cahiu ao chão, quebrando-se. Do telhado começaram a cahir nickeis, e, sendo verificados, eram nickeis de 100 réis. Cahiram 7, um cada vez. Do telhado cahiu tambem grande numero de pedregulho. Todos viram esses *factos*.

Esses factos me foram confirmados pelo estafeta do correio, mais ou menos pelas mesmas palavras.

O telegraphista de Rosario-Oéste deu ao chefe da Estação de Cuyabá, o relato dos factos da seguinte forma :

Jorge Zamar vem se dizendo, ha dias, perseguido por um individuo que o enforca e esbofetea. Hontem, á noite, reunimos na casa Odener umas 40 pessoas para ver o invisivel, quando, num dado momento, ouvimos um tapa na cara de Jorge Zamar, que o derruba ! Depois de dez minutos, mais ou menos é elle na nossa presença enforcado !

Um pavor damnado !

Ahi está o facto. Como espirita, digo que é mais um dos tantos casos de apparição e materialização de espiritos, ligados a velhos odios que motivavam a perseguição.

Cada qual deduza dahi a Lei que puder entender, lembrando do salutar aviso do Divino Mestre :

Têm olhos e não vêm.
Têm ouvidos e não ouvem.
O facto ahi está.

⁂

Uma manifestação de Guerra Junqueiro

O nosso collega «Reformador», orgão da Federação Espirita Brasileira, publicou no seu numero de 15 de maio ultimo, um excellente trabalho mediumnico, uma poesia recebida pela medium senhorita America Delgado, em uma sessão da «União Espirita Paraense», na noite de 27 de Setembro de 1927.

O interessante é que o proprio Espirito do grande vate, incorporado somnambulicamente no apparelho de que se utilisou, recitou a dicta poesia, tendo sido a mesma depois psychographada pela referida senhorita, e enviada ao «Reformador» pelo sr. Almerindo Martins de Castro, da «União» e collaborador da mesma revista.

Parecendo-nos, de facto, o estylo e o feitio semelhante ás composições do eminente poeta portuguez, julgamos de bom alvitre levarmol-o ao conhecimento dos nossos presados leitores, pedindo aos entendidos ter em conta as difficuldades que os Espiritos encontram atravéz das faculdades de um ser humano, mormente quando têm de se exprimir em estylo litterario ou poetico.

Eis a reproducção da Mensagem :

NA PEDRA SEPULCRAL

Um dia, na terra fria, a negra ossada
do poeta sorriu, despida e abandonada,
não do ribombar medonho do trovão,
mas das falas ôcas de um senil papão
que surgiu, por acaso, ao pé da sua cóva,
talvez para levar-lhe alguma idéa nova.
Cingia-lhe a cabeça (e de avultado somma)
alta mitra brilhante. Era vindo de Roma.
Rugiu, então, fitando a lousa, furibundo :

«Porque, Junqueiro infame, enxovalhaste o mundo ?
Teu nome vem escripto em livro excommungado,
de versos indecentes, vis, e estylo acanalhado !
Que paginas de immundicie ! Que horror ! Que lodaçal !
Foi teu ideal o crime ; só praticaste o Mal !
Jamais tu foste á egreja esmolas off'recer !
Morreste ; estás no Inferno, eternamente a arder !»

Se um corvo alli passasse, cahiria fulminado
pelas chispas candentes que o tal bonzo desvairado
desprendia dos olhos, empregando um gesto audaz,
mais vermelhas que as chispas do olhar de Satanaz.
Depois, com vesgo olhar de raio que flammeja :
«Agora, desafio-te : vem insultar a Egreja ! . . .»

Então, a negra ossada ergueu-se bruscamente,
vibrante, soberana, a rir, sarcasticamente,
bradou, com essa voz do bravo que tem gloria,
calmo na luta, sempre certo da victoria :
«O vate lusitano ergueu-se em terra fria,
p'ra combater o Mal, horrivel monstro, a harpia !
Para traz, usurpador de titulos de santo !
Não manches esta lousa, que tem da Gloria o pranto !
Repousa aqui um bravo e impavido ancião
que desdenhou do papa e riu da excommunhão.
Se fui um scelerado, a culpa tive-a eu :
amei o olhar de Christo e a voz de Prometheu,
que, mesmo sob o jugo, gemendo acorrentado,
espera ver o sonho um dia realisado
—a bandeira da Paz e a Liberdade plena
concedida aos mortaes, numa expansão serena !

O' bonzo, vae chamar depressa o rei Plutão
e diz-lhe que aqui venha tirar do pó do chão
a carcassa caduca e poeirenta de Junqueiro,
para assal-a, meigamente. ao lume de brazeiro,
talvez em companhia das almas condemnadas
que se somem num abysmo, aonde ás chicotadas,
vão arder herejes em supplicio eterno,
nos fornos de um palacio com o titulo de — Inferno!
E tem o tal palacio muitas diversões :
queimar os entes vivos á luz dos caldeirões,
nos dias de fartura e grande movimento.
Para a este labor dar pleno vencimento,
tem á porta de bronze elegante rapaz,
lacaio do monarcha — altivo, Satanaz,
com os chifres ponteagudos e a cauda reluzente
de fogo rutilante, alegre, sorridente,
especie de burguez, especie de macaco,
tendo, lepido, ao hombro um tridente e um sacco,
farejando, attento, mais uns condemnados
que cheguem fóra de horas, mais ou menos atrazados . . .»

E a mumia, heril, com egual soberania,
bradou ao bonzo, que, vencido e mudo, ouvia :
«Já basta de Mentira, espertos intrujões !
Porque extorquis ouro em troca de orações?
Abaixo a Estupidez ! Abaixo a Hypocrisia.
O Deus, bondoso e puro, condemna a idolatria.
Tremei, profanadores do nome de Jesus,
porque na Terra ha de raiar, em viva luz,
a aurora do porvir de Amor e de Verdade.
trazendo Paz ao mundo, consolo a Humanidade.
E vós, ó homens, fortes, unidos e possantes,
queimae o diadema de ouro com brilhantes,
transformando as egrejas em templos de Humildade,
onde o crente pratique o Bem e a Caridade !
Haveis de ver, entoando um hymno triumphal,
A sombra de Junqueiro na pedra sepulcral ! . . .»

E a mumia, ao terminar, num gesto de bravura,
deitou-se, calmamente, a rir, na sepultura.

Quanto ao bonzo, de colera bramindo,
voltou pr'as bandas donde tinha vindo.

Guerra Junqueiro.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

S

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4615unse

NNO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Julho de 1928 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Exteriorisação da sensibilidade e da motricidade
Os effluvios odicos e a sciencia do seculo XX
Pheneas falla
A verdadeira Religião
M. Krall e os animaes pensantes
Nos fastos da Igreja Catholica
Uma photographia «Extra» de Sir William Crookes
Voz Directa
Animismo e Espiritismo
Formas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo
Faculdades psychicas e existencia do Espirito
Espiritismo no Brasil
Ecos e Noticias
Chronica Extrangeira

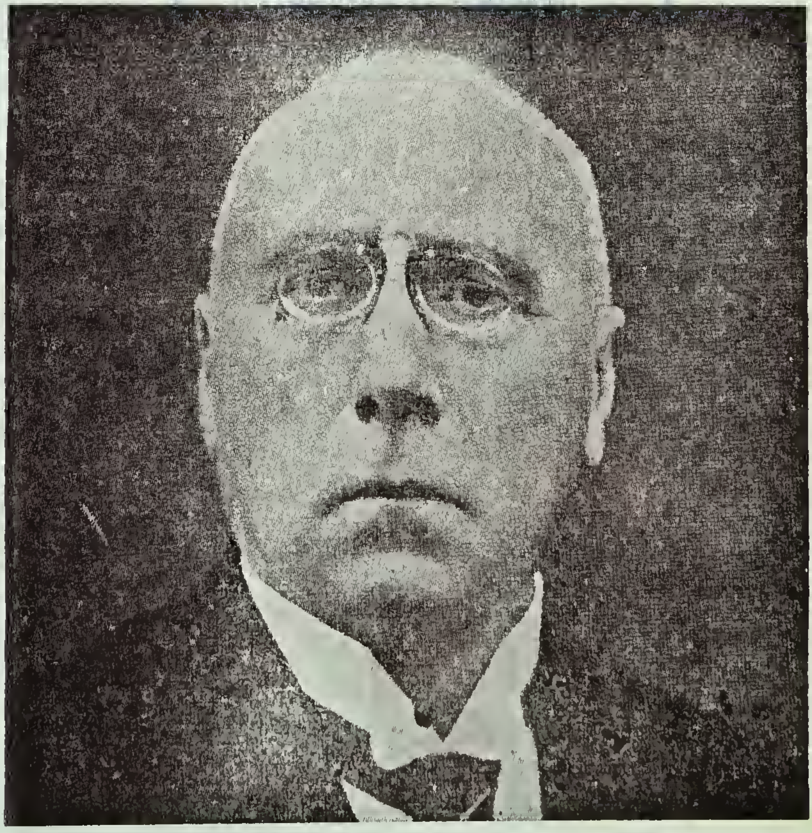

M. Krall

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Julho de 1928 - NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES: DIVERSOS

Exteriorisação da Sensibilidade e da Motricidade

Com a irrupção dos factos espiritas e animicos no mundo todo, o materialismo foi vivamente abalado e a conversão ao Espiritismo dos mais eminentes sabios originou a fundação na Inglaterra, de uma Sociedade de Investigações Psychicas, cujos trabalhos, graças ao methodo dos seus associados, deram-lhe grande prestigio, resultando a publicação de dois grossos volumes intitulados «Phantams of the Living» (Phantasmas dos vivos), phenomenos de valor, consignados por Myers, Gurney e Podmore.

Como é natural, em vista das personalidades eminentes que tomaram á sério esses estudos, em todos os paizes foi se accentuando o desejo de pesquiza, e factos transcendentes foram constatados com precisão inalienavel, achando-se registrados os seus relatos em milhares de livros que enriquecem actualmente a bibliotheca espirita.

O Espiritismo, como bem sabem os nossos leitores e esta Revista tem procurado esclarecer o mais possivel, não constam os seus factos unicamente de manifestações dos *mortos*, mas tambem de phenomenos psychicos verificados com as *vivos*.

Se aquella phase do Espiritismo é de indispensavel valor para o testemunho da immortalidade, esta é tambem um poderoso elemento para a constatação da existencia da alma, que se affirma e manifesta nos *vivos* completamente independente do *corpo carnal*, demonstrando assim não ser ella o resultado do trabalho cellular, dos nervos, do cerebro, como erroneamente julgava a sciencia materialista.

Os phenomenos de exteriorisação da sensibilidade e da motricidade, que se acham aliás restrictos ao *animismo*, uma das modelações do Espiritismo, vêm tornar patente a existencia do *corpo espiritual*, involucro permanente do espirito e seu verdadeiro instrumento não só na Vida do Além, mas tambem indispensavel á vida actual como o factor maximo da conservação da forma e do equilibrio vital, e como dissemos no nosso ultimo numero, revestido de propriedades peculiares que se apresentam em certos individuos, nos casos de bilocação, desdobramento, etc.

Muitos investigadores e magnetisadores têm experimentado a sensibilidade do individuo completamente exteriorisada. Dentre os mais exigentes e escrupulosos de todos elles lembramos o coronel De Rochas, de quem reproduzimos alguns trechos insertos em sua magistral obra «*Exteriorisation de la Sensibilité*».

Nos seus estudos o coronel de Rochas notou que quando se faz atravessar um copo d'agua por uma zona luminosa sensivel de um somnambulo exteriorisado, as camadas que se acham por traz do vidro, em relação ao corpo, ficam interrompidas, e a agua do copo se illumina rapidamente, desprendendo-se d'ahi uma especie de fumaça luminosa, e o somnambulo sentia os contactos feitos nessa agua.

Foi então que fez a experiencia de photographia com a Sra. Lux, tirando tres chapas, uma quando esta se achava ainda accordada, outra adormecida, e a outra quando exteriorisada. Picando com um alfinete a primeira placa, a sra. Lux nada sentia ; na segunda sentia pouco, e na terceira sentia demasiadamente cahindo em contracturas e soltando gritos lacinantes.

Essas experiencias foram assistidas por um medico distincto que constatou o facto, o Dr. Barlemont.

Foi nessa occasião que esses dois illustres investigadores obtiveram a photographia do corpo do medium e do seu duplo momentaneamente separados, photographia que a «Revue Spirite», de novembro de 1894, estampou com um relato de referido sabio.

Aksakof, em sua obra «Animismo e Espiritismo» cita tres casos, mais ou menos semelhantes em que a apparição foi photographada.

Não são só essas as apparições de vivos que impressionam chapas photographicas, outros factos analogos foram observados pelo capitão Volpi e por Straud, director do Bordeland, assim como a forma desdobrada do Professor Istrati que impressionou diversas placas á distancia de 50 kilometros do lugar onde se achava adormecido o corpo d'áquelle professor.

Fallando da exteriorisação do espirito, o Prof. Myers diz que—«a auto-projecção é o unico acto definido que o homem parece capaz de executar, tanto antes como depois da morte corporal».

Communicando a si proprio uma vibração especial, o espirito demonstra á evidencia, não ser um composto, um aggregado de forças, mas ao contrario, o centro da vida, da vontade, o principio dynamico que governa o organismo e dirige suas funcções. Além disso a independencia da alma vem provar que o corpo nenhum papel representa nessa prova que se objectiva a ponto de ser visto, tocado e photographado.

O seguinte caso narrado pelo Dr. Britten, em seu livro «*Man and his relations*», é caracteristico, digno de registo nesta Revista.

— «Um individuo de nome Wilson, morador em Toronto (Canadá), adormece no seu escriptorio e sonha que se acha em Hamilton, cidade situada a quarenta milhas inglezas ao oéste de Toronto.

Em sonho, faz as suas visitas habituaes e vae bater á porta de uma amiga, a sra. D... Vem uma criada abrir a porta, e annuncia-lhe que a patrôa havia sahido ; entretanto, elle entra e bebe um copo d'agua ; depois sahe, encarregando a criada de transmittir os seus cumprimentos á dona da casa. Wilson desperta, e verifica que tinha dormido quarenta minutos.

Alguns dias mais tarde, uma sra. chamada G..., residente em Toronto, recebe uma carta da sra. D..., de Hamilton, na qual esta referia-lhe que o sr. Wilson viera á casa d'ella, bebera um copo d'agua e depois partira sem voltar, o que a tinha contrariado, pois desejaria muito vêl-o. O sr. Wilson affirmou não ter estado em Hamilton havia já um mez ; mas, pensando no seu sonho, pediu a sra. G..., que escrevesse á sra. D..., para solicitar-lhe que não falasse do incidente aos criados, afim de saber se por acaso reconhecel-o-iam. Elle foi depois a Hamilton com alguns amigos e todos reunidos apresentaram-se na casa da sra. D... Duas criadas reconheceram Wilson como a pessoa que tinha estado em casa, que batera á porta, que bebera um copo d'agua, e que pedira para transmittir os seus cumprimentos á patrôa.»

Os casos de desdobramento, abundam nas paginas da historia e o seu fim providencial é a demonstração da existencia espiritual independente do corpo carnal.

Catalogados nas manifestações

animicas, esses phenomenos só podem ser explicados succintamente pelo Espiritismo, que como disse o grande sabio inglez Sir Russel Wallace, «é a sciencia da natureza espiritual do homem, pondo-nos em relação com aquelles que indevidamente chamamos mortos.»

* * *

Os effluvios odicos e a sciencia do seculo XX

Ao observador ponderado não passarão em julgamento sem uma objeção fortissima, as theorias rotineiras da sciencia materialista, sustentadas ainda por alguns levitas do paganismo official, os quaes procuram refundir a seu modo, a explicação sufficientemente racional, que se hão formulado em todos os tempos, sobre a existencia e objectividade do principio animico de Aksakof, o vitalismo de Broussais ou o senso intimo de Lordat.

Todo o arrojo de expressões contrarias que se oponham a evidencia desse agente universal, ficam para logo invalidadas ante o testemunho da historia, da philosophia e da sciencia.

A prova é insofismavel. Os argumentos manifestam uma clareza indiscutivel. Afirmativas ousadas, neste sentido, que a philosophia sempre nutriu veladamente, expungem agora no plenario scientifico como axiomas intangiveis.

Felizmente, os proceres do espiritualismo hodierno já previram o antecipado «plàcet» que o cenaculo dos sabios não tardariam a expedir ao conjunto de principios que tão superiormente souberam difundir nas consciencias livres.

Hoje, após as experiencias scientificas do Barão de Reichembach, Baraduc, Charles Richet e William Crookes, sobre a exteriorização da motricidade, a força odica, aports, materializações e o ectoplasma, — não é licito contestar a vetusta existencia do principio alcahestico sideral, — já divulgado pelos philosophos da antiguidade, — sem que se ratifique inconveniencias de ordem moral; se endosse um deslize da razão; ou se proclame heresias que o academismo espiritualista repele, por frenar o entendimento na indução de vociferações pueris.

Os estudos de Ruttenford e Curie sobre os corpos radioactivos, e notaveis trabalhos de Molinari, Elster, Geitel, Thompson e Ramsay, acabam de abjurar as noções classicas de materia, corpo, peso, massa e volume, — para dar logar a terminologia de espaço, electrons, ions, energias de distancias, de movimento, cuja substituição, somente viera confirmar ainda uma vez que, — não assiste razões para os propulsôres do psiquismo dissentirem com o obscurantismo cruento da época, — porque os credos dogmaticos apegados ao erro, — vivem a ostentar verrinas propinando á massa de inflados fieis ou recalcitrantes incréos, a mais saburrenta rotina do negativismo.

Seria estulticia e até levaria os partidarios do psiquismo, a retrogradarem de alguns annos, em repizar a mesma objectivação de um principio fartamente demonstrado.

Era como em se descendo á mina, se explorasse o minério, á custa de persistente trabalho desembaraçando-o de sua ganga nativa e, inhabilmente, misturasse-o á blenda originaria.

Com os subsidios dos conhecimentos opulentissimos que a sciencia embora em traços remorados acaba de fazêl-os ingressar no patrimonio da especie, — só os retardatarios da marcha ascencional do saber, conseguirão votar-se ao ridiculo ruminando intolerancias, ou expondo deformidades que o sectarismo cavilôso irá impingindo a negligencia e passividade mental dos individuos.

Sabe-se que as energias, sejam: de ordem quimicas, electricas, termicas, mecanicas ou radiantes, reunindo-se numa certa porção de espaço, constituem nucleos de integração e desintegração de propriedades especificas produzindo mudanças de estado na multiplicidade dos elementos cosmicos, imprimindo vibrações á substancia, organizando a variedade infinita das «FÓRMAS» que a sciencia classica denominou de corpos materiaes.

A existencia de um potencial de energia psiquica, em todas as «FÓRMAS» organizadas, cuja exteriorização pode ser photographada, é actualmente um facto inconteste.

Daí o valor incontroverso de todas as pesquizas positivas, visando a objectividade das forças cosmicas.

Ha inumeros aparelhos que registraram esse fluido odico, em successivas experiencias, taes como : o Pendulo de Briche, o Magnetoscopio de Rutter, o Biometro de Luccas, o Galvanometro de Puyfontaine, os Cylindros de Thore, o Estenometro de Joire, os aparelhos de Leger, Planot, Fayol e tantos outros.

Só para invocar aqui o exclusivo coeficiente testemunhal do experimentalismo de Laboratorio.

A documentação por ser extensa, torna-se dispensavel no caso presente. E, se o protoplasma é o ponto de partida dos sêres organizados do plano physico, como quer a embriogenía classica, — segue-se que, os efluvios odicos ou aura extensivel, são a protogénese das manifestações astraes tangiveis, localizadas no proscenio intracosmico da vida hiperphysica ou supranormal.

Não ha fugir da evidencia dos factos. A sua imanencia transcorre, resalta e volita em sumas de concisões, — e vae das duvidas que a ignorancia humana ainda sustenta, á solidez das certezas que o conhecimento espiritual assoalha.

Diante das theorias recentes sobre as propriedades especificas dos elementos, temos chegado a provas tão concludentes da imponderabilidade da substancia, e do dinamismo das forças alcahesticas sideraes, cujo potencial ignoto a nossa percepção intuitiva não conseguiu apreender, que até a propria materia se eternizou na immortalidade permanente das transformações universaes.

Aliás, isso não é assumpto novo. Onde e em que base se apoiam, se firmam ou se fisgam, — agora os sofismas interpostos por todos os impugnadôres da alma e dos phenomenos psiquicos, para contrariar as verdades de sua manifestação, existencia e immortalidade, revelada pela mesma sciencia do seculo XX ?

Onde pairam os pseudos postulados fulminantes, que emprestavam a materia bruta todas as faculdades possiveis, para depois confundil-a no cáos ?

Mas, ha ainda um ponto obscuro que é preciso esclarecer. Alguns sectarios de doutrinas suspeitas, em inconscientes proclamações escriptas, no vêso de lançar confusão entre os espectantes do torneio espiritualista, — têem feito acreditar que se nega a existencia da materia.

E' uma absurda falsidade. O espiritismo admitte a unidade da substancia sem Pantheismos.

O que o espiritismo contemporaneo combate, porém, e não pode tolerar, — são a negação do «SER SUPREMO», a completa animalização dos individuos, as desastradas consequencias moraes que o materialismo implantou no orbe, — onde a humanidade toda, conhece-o, soffre-o, suporta-o, como um estigma fatal do erro.

Não tardará que a especie humana mesmo imunizada do atrazo lamentavel, pela EUGENÍA MORAL, que o psiquismo lhe inoculou na alma, estaque, — no atrio da esfinge incognoscivel, — onde se retêem os profundos arcanos da sabedoria infinita de Parabhrama.

E' que a face misteriosa da verdadeira sciencia é velada. Não poderá ser conhecida, nem profanada, emquanto o homem preferir rojar-se na vaza da materialidade, — a ser aguia de pureza que se alteia ás culminancias das verdades immortaes !

Dr. Sotero Angelo.

* * *

A alma desenvolve as suas faculdades por uma evolução incessante, que tem por theatro, alternadamente, o espaço e o mundo terreno. Em cada uma de suas passagens, ella adquire uma nova somma de acquisições intellectuaes e moraes, que conserva sempre e que aperfeiçôa e augmenta por uma evolução infinita.

G. D.

Pheneas falla

Communicações Espiritas recebidas em seu lar e publicadas por Arthur Conan Doyle — Doutor em medicina, e Legum Doctor.

(*Continuação*)

Mas voltemos ao livro de Pheneas.

Na mesma sessão de 31 de maio de 1925, elle dá instrucções ao Snr. Doyle para a publicação do livro : «Sim, podes dar á luz o meu ensino, e dá-lhe o nome de «Pheneas falla». Mas tens de tratar apenas do ensino e tomar a minha opinião quanto ao que vaes dizer. Lembra-te que eu não sou o residuo a ser tirado da ponta da penna, mas sou eu quem sustenta a penna»,

E' a primeira vez no livro que elle emprega linguagem imperiosa ; talvez receioso de modificações no manuscripto, ou de commentarios que modificassem as suas idéas.

Em 5 de Julho de 1925, Pheneas falla de novo sobre o livro, suggere o subtitulo — «Communicações espiritas em um centro familiar» —, empregando novamente linguagem modesta.

Tratando de assumptos doutrinarios, diz que a infinita bondade de Deus nos perdôa metade das nossas dividas, e por isso quando se soffre é que a divida era muito grande.

Fallando elle na transformação do planeta e desapparecimento dos maus elementos, pergunta-lhe o Sr. Doyle :

— Vão para fóra da terra ?

— «Para um logar onde poderão realizar o progresso proprio, mas não terão o poder de damnificar nenhuma outra vida humana.»

Em outro ponto, tendo Pheneas fallado a respeito dos espiritos encarregados das transformações que se vão operar no planeta, o Sr. Doyle pergunta :

— Devo dar ao mundo alguma cousa a esse respeito ?

— Si o désses ao mundo demasiado cêdo, seria lançar semente preciosa em um solo pedregoso. O vento levaria a semente e as pedras não a receberiam, porque a mentalidade e a capacidade da alma da raça humana estão encolhidas, enrugadas. Por isso o solo tem de ser revolvido, para permittir que a bella terra do subsolo venha á superficie e sobre ella seja semeada a semente da verdade, do saber e do grande despertar.

Eu gostaria de vos dizer alguma coisa a respeito do bem-estar das raças selvagens . . .

A ignorancia dellas não é sempre diabolica, mas é o signal da fallencia completa da raça humana «educada» em propagar o espirito do Christo. Si a religião houvesse sido cousa real, viva e vivificadora, e o verdadeiro espirito do Christo houvesse prevalecido, e o Seu terno amor tivesse sido irradiado, em poucas centenas de annos teria penetrado nos logares mais escuros, emquanto que se accendeu entre os homens a lampada do egoismo theologico e do orgulho e do poder que os cegou. E o espirito de amor, de ternura, que se deveria ter diffundido amplamente no coração da humanidade, morreu como planta á mingua d'agua.

Esse é um dos quadros do film que tem de ser passado pelos responsaveis.

Pensae nas igrejas, as imagens de ouro, as joias, a pompa e as cerimonias — pensae nas vidas gastas em vã adoração. Si esse dinheiro houvesse sido empregado no trabalho entre as raças atrazadas, conquistando-lhes o amor e o respeito — não ensinando dogmas — então em duas ou tres gerações ter-se-iam tornado povos amorosos e bellos em vez de selvagens.

E' uma das grandes faltas das igrejas que se deram á exhibição e á pompa. O seu tempo está passado. Vem agora a prestação de contas. Cada parcella da conta tem de ser paga integralmente. As lagrimas mais amargas do Christo tem sido derramadas pela má representação que tem sido feita d'Elle. A sua comprehensão da fraqueza humana, o seu terno amor que a todos envolve, têm sido representados como si elle fosse um grande e terrivel juiz dando sentença a um prisioneiro. A sua mão que guia para a felicidade foi torcida pela astucia clerical até apontar para o inferno. A Igreja, tão palavrosa a respeito d'Elle, é a sua peior inimiga . . .»

No fim da sessão de 21 de Outubro de 1925, Pheneas diz que as igrejas estão observando com attenção o avanço do espiritismo e estão pensando o que hão de fazer. A idéa presente dellas é adoptal-o, mas sob alguma outra forma ou com outro nome, para salvarem as apparencias.

A communicação de 20 de Novembro termina com estas palavras : «Em breve haverá grande cyclone na America». E uma nota do Sr. Doyle declara que em 1926 Miami foi destruido.

Em 25 de Março de 1926 : «Breve será feita uma grande descoberta na electricidade, por via espiritual e por um homem que não conhece cousa alguma de electricidade. Será um processo de ver e ouvir por meio da electricidade.

Estes conhecimentos espirituaes estão vindo para o vosso mundo em pequenos regatos, todos de uma fonte que é inexgotavel. Breve esses regatos se reunirão em poços e lagos que submergirão todas as coisas».

Em 26 de abril de 1926, fallando a Denis, filhinho do Sr. Doyle, Pheneas trata da missão espinhosa que lhe foi confiada e faz referencias mais claras á reincarnação do que as mencionadas quando tratou da tarefa de Malcolm Doyle. Diz :

« — Elle se offereceu voluntario para o trabalho no plano terrestre. Antes de deixar elle aquella maravilhosa esphera, foi-lhe dito que o caminho era aspero, que as rochas lhe iriam ferir os pés — as difficuldades da vida. Respondeu elle : «A gloria de Christo reina em minh'alma, em meu coração, em meu ser. Tenho coragem. Posso vencer». E a benção do Christo baixou sobre elle quando elle deixou o mundo dos espiritos, e as forças angelicas o abençoaram quando elle passou para a terra que precisava delle. Breve virá o chamamento . . .»

⁂

E' curioso o facto de Pheneas passar por vezes quasi bruscamente de um para outro assumpto, e a critica talvez encontre nessas mudanças uma grande falta de habilidade litteraria do Guia de Conan Doyle, mas observando-se com paciencia essas mudanças, faz-se ainda ahi uma notavel *descoberta*. Parece-nos proposital esse procedimento, sempre que o espirito quer dizer algo em desaccordo com a opinião pessoal do medium ou do grupo, aos quaes não deixa tempo á hesitação.

Na mesma sessão de 26 de abril em seguida a uma descripção da vida no Além, Pheneas diz : «Aqui não temos carnes. Amamos todos os seres vivos, porque foi Deus quem os creou e Elle ama a todos que creou, e em todos ha uma centelha de Deus e de amor — amor pelos companheiros, pelos filhos, por alguma coisa.

«Eu me sinto afflicto quando vejo os animaes sacrificados ao appetite do homem. Mas os seus dias estão contados. Poucos mais serão sacrificados, comparativamente, porque no mundo novo a humanidade será despertada á significação da enormidade que é tirarem uma vida- refiro-me a matar os seres creados por Deus para encher o proprio estomago»...

Uma nota do Sr. Doyle esclarece que nenhum dos presentes era vegetariano.

A ultima communicação de Pheneas, em 26 de Novembro :

— «E' a grande lucta do bem contra o mal. O que queremos não é que os homens fiquem assustados, mas que comecem a transformar-se e desenvolveremse nas vias espirituaes. Não estamos tentando excitar os nervos do povo, mas sim preparal-o emquanto ha tempo. O mundo não poderia continuar como tem sido. Elle se destruiria, si continuasse.

Por amor das gerações que vem, é necessario ser dada á humanidade uma comprehensão de Deus, o grande, o terno Pae de todos, e a velha noção erronea dos theologos, de um Deus como Juiz, tem de ser banida. O amor, não o medo, deve estar em todos os corações. A humanidade precisa comprehender a especie de existencia que terá de levar nas espheras inferiores, si levar vida egoistica e má na face da terra. O conhecimento do logar para onde os actos do homem o conduzem ha de auxilial-o e inspiral-o a evitar o mal e viver com elevação. O conhecimento da felicidade humana real nos mundos elevados que o aguardam, dará coragem ao homem para enfrentar as difficuldades e tristezas da terra. A esperança e a alegria de grande felicidade e do cumprimento de todos os ideaes do coração, hão de tornar a vida muito mais supportavel e muito mais brilhante.

Quando os seres amados são promovidos a uma vida mais elevada, a morte perde o seu aspecto doloroso, a sua tragica tristeza, porque os que ficam na terra saberão que pelo infinito amor e bondade de Deus estabeleceu-se uma ponte de communicação, e que os seus queridos não lhes foram arrebatados; mas podem tornar conhecida a sua presença e prestarem auxilio, guiar, influenciar, por meio dos novos conhecimentos adquiridos em uma vida mais alta. Assim serão enxugadas as lagrimas da humanidade e nova esperança e antecipação de uma vida grandiosa inspirarão a um amor maior uns para com os outros e para com Elle, o grande Pae de tudo que vive. O mundo será então como Elle o tem destinado que seja. As sombras se banirão, e o amor de Deus irradiará em todos.

Aquelles que se têm opposto á verdade divina estão sendo postos á margem. Breve, muito breve, a luz será vista no céo, no céo puro de Deus, e grande será o temor. Grande tambem o regosijo dos que conservaram as lampadas accesas á espera do noivo.

Dizei aos homens que elles serão forçados a acceitar a idéa de Deus e da vida immortal. As folhas do outonno da historia do mundo estão cahindo, as geadas do inverno estão se approximando; e então a alvorada, a primavera da eternidade. E acima de tudo o brilho do sol do Amor — Deus — justamente Elle — Deus!»

⁂

O Snr. Doyle encerra o livro com uma nota final, poucas paginas de commentarios nos quaes pergunta aos catholicos e protestantes orthodoxos si encontraram no livro alguma diminuição da crença christã, ou algum vestigio do diabo nas communicações. Aos criticos agnosticos interroga si nas communicações só encontraram banalidades, como costumam affirmar. Esclarece a impossibilidade de se explicarem muitas das idéas encerradas nas communicações pela theoria do subconsciente, idéas fóra do conhecimento delle e da Snra. Doyle.

Resumindo os ensinos de Pheneas, diz o Sr. Doyle: «O conjuncto das suas mensagens respira intensa reverencia pelo Espirito do Christo, que elle apresenta como uma sorte de prisma espiritual que focaliza os raios Divinos sobre o mundo. Proclama que o mundo precisa de preparar-se para grandes transformações physicas e espirituaes, que conduzem, todas ellas, a um nivel mais elevado da existencia humana, a qual implicaria, no que podemos alcançal-a, uma distribuição mais equitativa da riqueza, maior simplicidade de vida, sentimento de humanidade muito mais terno, envolvendo homens e animaes, abstinencia da alimentação de carne, e fim das religiões dogmaticas, das formulas e rituaes, inspiração directa decorrente do contacto constante com o mundo espiritual, de modo que as duas espheras procederão em estreita harmonia e cooperação. Tal é o futuro como Pheneas o prevê . . .»

E ahi fica, resumido como pudemos, o ultimo livro publicado pelo infatigavel Sr. Conan Doyle.

G. B.

A VERDADEIRA RELIGIÃO

A religião que deverá reunir um dia todos os homens sob a mesma bandeira será aquella que melhor satisfizer a razão e as legitimas aspirações do coração e do espirito; aqeulla que, em nenhum ponto for desmentida pela sciencia positiva; aquella que em vez de se immobilisar, seguir a humanidade em sua marcha progressiva sem se deixar jamais exceder; a que não for intolerante, exclusiva; mas for emancipadora da intelligencia, só admittindo a fé raciocinada e cujo Codigo Moral for o mais puro, o mais racional, mais em harmonia com as necessidades sociaes, em summa, a que se distinguir pela pratica da caridade e fraternidade universaes.

ALLAN-KARDEC.

M. KRALL E OS ANIMAES PENSANTES

O cliché que abaixo reproduzimos é o do sr. Krall, mestre dos cavallos d'Elberfeld, o primeiro que após Von Osten tratou com constancia e intelligentemente da psychologia animal, em sua phase experimental, designada com o titulo — «Os animaes pensantes».

M. Krall descobriu, graças ao methodo que adoptou, a intelligencia quasi humana dos animaes superiores e sua telepathia com o homem.

M. Krall

Abastado negociante, elle teve por vezes em suas estribarias uma dezena de cavallos e um elephante, submettidos ao seu methodo de ensino.

Ultimamente Krall fez experiencias com cachorros ainda novos, mas achou não darem tão promptos resultados como teve com os cavallos.

No III Congresso de Pesquisas Psychicas que se effectuou ha pouco em Paris, M. Krall fez uma importante conferencia illustrada com preciosas projecções.

Numa enquête que este pesquisador teve com a redactora da «Psychica» Mme. Carita Borderieux, declarou:

— «A gloria desta descoberta não é minha, mas sim de Von Osten. Foi este o primeiro que soube descobrir no seu cavallo Hans, um ser intelligente. Mas as experiencias de Von Osten, como elle previra, foram abafadas pelo sceptismo das multidões, pelas conclusões contrarias de duas commissões uma que reconhecia a realidade dos factos, mas outra que negava.

Foi quando eu resolvi tomar á peito a questão; iniciei meus estudos com o velho cavallo Hans e dois jovens cavallos: Muhamed e Zarif que chegaram á minha quinta em 1.º de novembro de 1908.

Os resultados obtidos vós sabeis, bem como os vossos leitores.

— Estes factos, disse eu, são, de facto, bem conhecidos, mas as explicações? Todos rendem homenagem á vossa boa fé, mas têm-se fallado de signaes inconscientes?

— Sim, o prof. Strumpf, director do Instituto Psychologico de Berlim, condemnou Von Osten, sob este pretexto. Mas é preciso convir que esses movimentos de signaes não seriam sufficientes para fazer o cavallo dar respostas aos differentes problemas que se lhes propunha.

Poderá um phenomeno tão extravagante resolver um processo de pensamento, tão delicado como o dos cavallos? Isto é inadmissivel, E o que vale a existencia de signaes se os cavallos têm dado respostas sem vêr o interrogador?

Um grande numero de respostas foi dado nessas condições, excluindo toda a influencia de signaes de natureza visiveis.

O Prof. Claparède, da Universidade de Genebra, o reconheceu em sua brochura : *Les chevaux d'Elberfeld,* publicada em 1912, e os srs. von Buttel, Mackenzie e Assagioli, participam tambem dessas experiencias.

— Todos os cavallos são susceptiveis de instrucção ?

— Não. Em um anno eu tentei a instrucção de onze cavallos ; tres nenhum resultado deram. Elles nada comprehendiam, sem que se possa saber a razão. Os oito cavallos restantes, cada um tinha um gráo de intelligencia.

— Mas vós constataste telepathia nos cavallos ?

— Perfeitamente. Muitas vezes fizemos esta experiencia : — Voltando as costas ao cavallo, eu e um meu amigo, pensamos um numero ; depois, um de nós dizia a Muhamed : — Somma os dois numeros que nos pensamos. — R : 8 — Eu havia pensado 3 e meu amigo — 5. Em seguida : Subtrahe o numero por mim pensado e o pensado por Krall. — R : 1.— Exacto, meu amigo tinha pensado 4 e eu 3.

Emfim, M. Krall tem grande esperança nas suas futuras experiencias, que virão trazer grande contribuição para a Psychologia Animal.

Nos fastos da Igreja Catholica

Apparições do Outro Mundo

A parte tola do clericalismo moderno é seguramente o mais acerrimo inimigo do espiritismo. Persegue o zombando como de coisa que é seria, tachando de superstição, — de *diabolismo*, - de extravagante e ridicula doutrina, — ou ainda de, «colossal mystificação exercida por um numero restricto de intrujões contra um enorme numero de simplorios».

O espiritismo que não se revolta absolutamente com semelhantes apreciações, prosegue indifferente e seguro a sua carreira. Seus detractores a guisa dos primeiros adversarioss do Christo, ou como os juizes de Galileu, passarão : elle ficará. Os espiritas confiam serenamente no julgamento de Gamaliel.

No emtanto, é nos vetustos archivos da primitiva Egreja que vai o espiritismo collectar os mais caracteristicos e authenticos factos, conservados, parece, providencialmente para provar as verdades que vão sendo annunciadas do alto dos telhados.

O que se segue é extrahido das Légendes *de l'autre monde*, por Collin de Plancy, approvado em 1862 por Pierre-Luiz, arcebispo de Arras, de Boulogne e de Saint-Omer.

O abbade de Saint-Pierre fez uma longa menção, em suas obras, de uma singular aventura acontecida em 1697.

«Em 1695, um estudante chamado Bézuel, de edade então de quinze annos, ligou se de amisade com dois outros jovens, estudantes como elle, e filhos de um advogado de Caen. O mais velho delles, tinha, como Bézuel, quinze annos, e o segundo, mais moço, dezoito mezes menos, chamava-se Desfontaines.

O moço Desfontaines de caracter mais sympathico e compativel com Bézuel, fizeram-se de uma intima amisade.

Em 1696, um dia em que ambos se divertiam a ler uma historia de dois amigos que se haviam mutuamente compromettido, com certa solemnidade, que o primeiro que morresse viria dar noticias de seu estado ao sobrevivente. A historia ajuntava que o morto voltou effectivamente e contou ao seu amigo coisas surprehendentes.

O moço Desfontaines, impressionado com esse conto, do qual não duvidava, propoz a Bézuel fazerem tambem igual promessa.

Em começo Bézuel temeu atar tão sério compromisso, porém, mezes depois, em junho de 1697 tendo seu amigo de partir para Caen, accedeu ás suas supplicas.

Desfontaines tirou então do bolso dois contractos em que escrevera o duplo compromisso a tomar. Cada um desses papeis exprimia a formal promessa, da parte do que morresse primeiro, assignado com seu sangue, de vir denunciar sua sorte ao amigo sobrevivente. Bézuel não mais hesitou, picou a mão e tambem assignou com seu sangue o outro documento, entregando-o em seguida ao seu amigo.

Desfontaines, encantado com a posse do documento, partio, com seu irmão mais velho. Alguns dias depois escreveu a Bézuel uma carta communicando ter feito uma viagem feliz e passar bem. A correspondencia que deveria continuar entre elles, cessou porém inteiramente.

Ora, a 31 de Julho ás duas horas da tarde, estando Bézuel num campo onde seus companheiros entregavam-se a jogos de recreação, sentiu-se repentinamente estonteado e tomado de desfallecimento, que durou alguns instantes. No dia seguinte, a mesma hora, repetiram-se os mesmos symptomas da vespera. Na sexta-feira, 2 de Agosto, elle vio avançar seu amigo Desfontaines, que por acenos o chamava. Bézuel estava assentado, e abatido pelo desfallecimento, por sua vez e por acenos chamou a apparição, recuando no banco para lhe dar lugar.

Os camaradas que circulavam a alguns passos de Bézuel viram surprehendidos esse movimento.

Como Desfontaines não avançasse, Bézuel levantou-se e foi ao seu encontro. A apparição tomando-o pelo braço, afastou se cerca de trinta passos e disse-lhe:

— Eu te prometti que, si morresse antes de ti viria dizer-te. Morri hontem afogado no rio, a esta mesma hora; fazia tanto calor que tivemos desejo de nos banhar. Quando no rio senti grande fraqueza e afundei. O abbade Menil-Jean, meu camarada, mergulhou para soccorrer-me; agarrei-o pelo pé; porém temendo elle ser um salmão que o atacava, ou porque sentisse a necessidade imperiosa de voltar a tona para respirar, esperneou tão rudemente, dando-me um ponta pé no peito que me fez ir ao mais profundo do rio.

Desfontaines contou em seguida outras coisas que Bézuel não quiz divulgar, seja que o afogado lhe pedisse ou seja por outras razões.

Bézuel quiz abraçar a apparição; porém não achou sinão a sombra, e no emtanto a sombra lhe havia apertado fortemente o braço que perdurou dolorido.

Vio muitas outras vezes o phantasma, parecendo um pouco maior do que quando se haviam separado, e sempre na semi-nudez de um banhista.

Trazia nos cabellos um letreiro que Bézuel não pode ler mais que a syllaba *In*. Conservava o mesmo tom de voz, não parecendo nem alegre e nem triste, mas de uma tranquillidade completa. Encarregou ainda seu amigo de diversas mensagens aos seus parentes.

A apparição terminava sempre por phrases que significavam: Até logo!

Esse senhor Bézuel finalisou seus estudos, abraçou a carreira eclesiastica e foi cura de Valogne onde viveu estimado pelos seus parochianos, não só pelo seu bom senso, como por seus costumes severos e amor á verdade.»

⁂

O frade dominicano, Don Agostinho Calmet, um dos mais sabios e o mais laborioso de seu seculo, o melhor commentador da Biblia, relata em suas «*Dissertações*» a famosa historia do Marquez de Rambouillet, que appareceu depois de sua morte ao Marquez de Precy. Esses dois senhores conversavam de coisas de outra vida, como quem não estava muito persuadido de tudo que se diz; comprometteram-se mutuamente, que o primeiro dentre os dois que primeiro morresse viria dar noticias ao sobrevivente.

«O Marquez de Rambouillet partio para a Flandre onde mais accesa estava a guerra civil e o Marquez de Precy ficou em Paris detido por uma febre ardente. Seis semanas, mais tarde vio elle, pela manhã, correr-se as cortinas de seu leito, e voltando-se para ver quem o buscava, vio o Marquez de Rambouillet em aprestos de guerra. Saltou do leito para lançar-se em seus braços, na alegria que lhe causava sua volta. Porém Rambouillet, recuando, lhe disse:

— Essas caricias são fóra de proposito. Eu venho me desobrigar da palavra que vos dei.

Fui morto hontem e agora sei que tudo quanto se diz do outro mundo é certissimo. Venho, pois, exhortar-vos a viver de outro modo, e dizer-vos que não tendes tempo a perder, porque, tambem vós, sereis morto no primeiro encontro em que vos achares.

Percy adiantou-se para seu amigo, certo de que queria zombar com elle; porém nada tocou de palpavel. Entretanto, Rambouillet vendo sua incredulidade, mostrou-lhe sobre os rins o ferimento que o matou, parecendo sangrar ainda, e em seguida desappareceu.

Tomado de espanto e consternação, Precy chamou seus creados accorrendo toda a gente da casa; contou então o que acabava de se dar, e com pezar vio que attribuia-se a sua visão á febre. Julgando uma allucinação o acontecido. Esta aventura divulgou-se rapidamente. Não havia caminho de ferro, nem telegrapho e o correio chegou só cinco dias depois. As noticias positivas confirmaram o que Precy tinha narrado, — a morte de Rambouillet e o seu ferimento.

Posto que muitos, crentes de que a visão de Precy fosse real, não deixaram, no entanto de se esforçar, de persuadil-o de presentimentos, de sympathia, nada havendo de sobrenatural, e que o que elle havia visto não passava de um sonho em vigilia. Chegaram a convencel o ao ponto de voltar ao serviço, e na primeira batalha em que elle tomou parte, foi morto, como seu amigo havia previsto.

(*Approvado em 1862 pelo Arcebispo de Arras, de Boulogne e de Saint-Omer.*)

Dr. Joaquim Branco.

Uma Photographia "Extra" de Sir William Crookes

Recebida na Hollanda por J. Kabebuke

(Secretario Geral da Associação Hollandeza de Espiritismo, «Harmonia«, Rotterdam, Essanburgsnigel 61)

The Two Worlds publicou o «extra» obtido n'uma experiencia de photographia, pelo secretario da Associação Hollandeza de Espiritismo, que passamos para estas paginas com a nota que segue:

«Ha alguns mezes o sr. Goedhart, de Haya, informou a esta revista sobre o nosso medium hollandez, de photographias transcendentaes, o sr. W. Haven, de Rotterdam.

Em novembro de 1926, obtive o primeiro «extra» ou photographia supranormal, tendo até o presente cerca de cem. Entre estas as ha em bom numero, cuja imagem espirita ou «extra» foi conhecida por parentes, amigos ou conhecidos dos defuntos, algumas immediatamente e outras após minuciosas verificações.

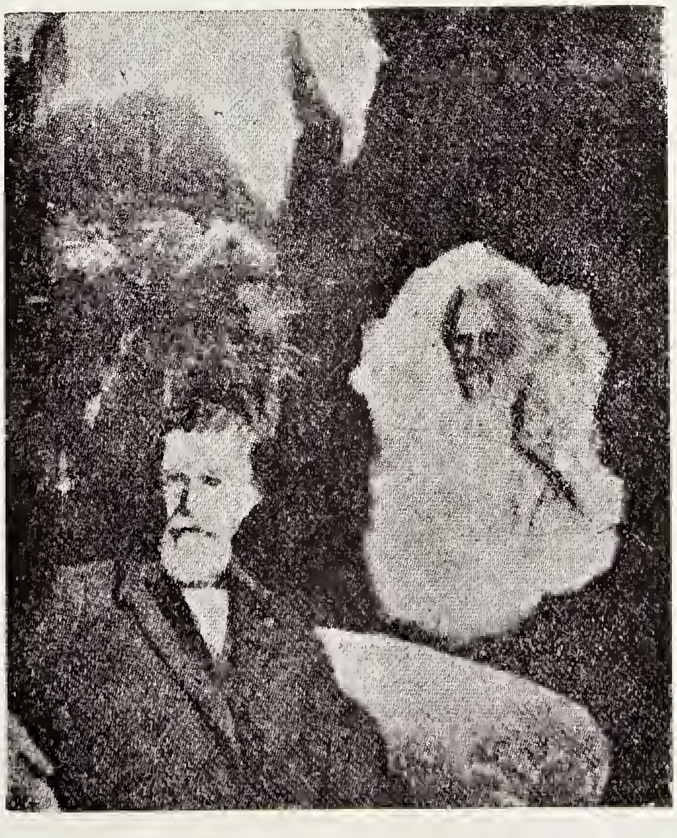
«*Extra*» *de Sir William Crookes*

Varios pioneiros holandezes já mortos, como J. S. Göbet, Van Straaten e Else Van Calcar deram seus retratos e suas assignaturas nas placas do sr. Haven.

Sabbado 2 de outubro de 1927, fizemos uma sessão experimental com o medium mencionado. Nós mesmos compramos uma caixa de placas e as sellamos cuidadosamente. Compramos tambem os ingredientes chimicos para revelar as placas. Verificamos, ao mesmo tempo, que os sellos estavam intactos; tambem examinamos o chassis como a machina photographica e o gabinete de experimentação e sellamos as placas com as nossas iniciaes.

Fiscalisamos com attenção todas as operações.

Durante, como tambem depois da experiencia, mantive os chassis carregados sob o meu controle pessoal. Sentei-me de tal forma que pude vêr, á luz vermelha, tudo o que o medium fazia. As placas foram logo reveladas e fixadas sob nossa pessoal supervisão e constatamos que cada placa continha as iniciaes com que as marcamos antes da exposição.

E o resultado foi o seguinte : das seis placas, duas, contém uma nuvem luminosa ; uma, uma firma, e tres, uma photographia. Uma d'estas é inconfundivelmente um «extra» do nosso estimado Sir William Crookes.

Autoriso a V. a reproduzir esta em sua valiosa revista e lhe agradeceriamos se publicasse este breve resumo. Pessoalmente affirmamos sua verdade.

J. Kabbuke».

VOZ DIRECTA

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NA ITALIA

(De «LUCE E OMBRA»)

Sessão de 24 de Julho de 1927.

Presentes sete pessoas : os conjuges marquezes Centurione Scotto, os conjuges Rossi, a senhorita Maria Chiappini, o professor Gildo Passini, e Ernesto Bozzano. O grammophone acha-se a cargo do Sr. Rossi. As duas trombetas no centro do circulo.

Apagam-se as lampadas ás 10,20.

Depois que o grammophone tocou a musica de dois discos, sentem-se os habituaes sopros de ar gelido.

As trombetas elevam-se e volteiam no ar.

Depois, de um angulo do tecto, prorompe de improviso a poderosa voz de Bert Everett que saúda em inglez :

— «*Good evening, good evening, Souls !*»

— Todos : — *Good evening.*

Então ouve-se a voz do espirito-guia :

— D'Angelo : — *Boa noite, meus senhores. Boa noite a todos.*

— Rossi : — *D'Angelo, queres dizer-nos como estão as condições ?*

— D'Angelo : — *Assaz boas.*

— Rossi : — *Porque esse «assaz»? Que queres dizer ?*

— D'Angelo : — *Ha um elemento novo no circulo e é um tanto debil.*

(A senhorita Chiappini nunca assistiu a sessões mediumnicas.)

— Rossi : — *Mas tu procurarás remediar.*

— D'Angelo : — *Farei o possivel.*

— Rossi : — *Escuta, D'Angelo, poderias dizer-me como correu o negocio de um certo enveloppe em minha casa ?*

— D'Angelo (depois de uma pausa) : — *Não vejo bem dentro do enveloppe. Vou consultar a alguem mais intelligente do que eu, e verei si te posso responder.*

Depois de um breve intervallo musical, a trombeta achega-se a Bozzano.

— Bozzano : — *Esta é a Eusapia com certeza.*

— Vóz : — *Sou eu mesma. Vinha dizer-te que poderias, com a tua autoridade, fundar uma sociedade espirita que comprohendesse a Italia toda ; e isso para a propaganda da idéa* (a trombeta cahe).

A outra trombeta approxima-se do Marquez Centurione Scotto.

— Voz : — *Boa noite, Carlos.*

— Marquez : — *Quem és ?*

— Voz : — *Sou a vóvó. Descobriste o modo de ser sempre joven, tu! Ah ! Ah ! Ah !* (uma longa risada e beijos.

A trombeta achega-se á marqueza C. S.

— Marqueza : — *Quem és ?*

— Uma voz muito debil : — *Sou a tua irmãzinha Constancia.*

— Marqueza : — *Oh ! querida ! porque me fallas tão baixo ?*

— Constancia : — *Tenho pouca força.*

— Marqueza : — *Vês tu o Victor ?*

— Constancia : — *Vejo-o sempre ; está bem.*

— Marqueza : — *E comtudo deves estar muito no alto, pois que morreste tão pequena e tão pura.*

— Constancia : — *Sim, estou no alto, e é por isso que já ha tantas vezes esforço-me por vir fallar-te.*

Depois de um intervallo musical, faz-se ouvir uma voz que sahe do solo, no centro do circulo, e falla em hespanhol.

— Voz : — *Soi español ; para ser comprendido hablaré en latin. Sum Hispanorum Dux. Hic mortum sum, signum identificationis armam meam fero . . .*

— Passini : — *Gratias tibi agamus. Quis es, ubi est corpus tuum ?*

— Voz : — *Navarrae, hic tumulatus sum.*

Pouco depois ouve-se uma queda secca. Um objecto pesado cahiu perto de Passini ; mas para não se perturbar o curso das manifestações, deixa-se para mais tarde a verificação do «apport».

Terminada a sessão, observou-se tratar-se de uma pistola antiquissima, chapeada de prata, que se achava, junto com outra egual, depositada encima de uma mesa na salinha verde.

O marquez declara que taes pistolas, bem como um grande numero de armas de toda sorte, couraças, lorigas, medievaes existentes no castello, são de tempo immemoravel, passando em herança de pae a filho, e que provavelmente a pistola "apportada" pertencia effectivamente ao General Navarra que manifestou aquella noite. Elle foi morto pouco afastado d'aquelle castello, na batalha de Cosseria, e havia sido sepultado na capella da familia no proprio castello.

Tudo isso é altamente suggestivo. Nem se deve esquecer que o espirito communicante se expressou em latim, justamente como usavam fazer os cavalheiros do seu tempo quando tinham de conversar com outros cavalheiros pertencentes a nações de lingua diversa.

Sentem-se fortes sopros frios.

— Bozzano : — *Uma mão me apertou os joelhos.*

— Rossi : — *Quem tocou no Snr. Bozzano ?*

— Bozzano : — *Eu havia comprehendido bem que quem me havia tocado era a Eusapia.*

— Eusapia : — *Exactamente ; mas tu não reagiste e eu me fui embora.*

Segue uma pausa.

— Rossi : — *Porque não se manifesta mais ninguem ?*

— D'Angelo : — *Aqui está um numero excessivo de espiritos querendo fallar. Tenho de mantel-os em ordem.*

— Um de nós : — *Mas quem são esses espiritos ?*

— D'Angelo : — *Aqui proximo está um outro hespanhol vestido de vermelho.*

A Snra. Rossi sente fortes calafrios e uma penosa tensão de nervos. O grammophone recomeça a tocar um trecho do «Barbeiro de Sevilha». A «Flex-a-tone» eleva-se no ar acompanhando — como sempre maravilhosamente — a musica.

— Todos : — *Bravo ! Bravo !* e applaudem.

Depois de parado o grammophone, o instrumentinho deve ter ficado no ar, á espera que se recomeçasse a peça ; pois que apenas o grammophone recomeçou, tambem elle recomeçou, mas do alto.

Ao mesmo tempo, renova-se o rumor rythmico de dois pés que bailam furiosamente no meio do circulo, e depois repete os mesmos movimentos esperneando no ar.

A Snra. Rossi é agitada em sua poltrona, sente uma forte tensão de nervos e entrevê á sua direita uma columna fluidica que lhe transmitte uma sensação de enfado.

— Sr. Rossi : — *Deveriamos talvez suspender a sessão ?*

— D'Angelo : — *Não ; está para manifestar-se o hespanhol vestido de vermelho, que se dispõe a fazer um «apport».*

Todos sentem correntes alternadas de ar quente e frio.

— Rossi : — *Para fornecer maior força, não seria melhor que se formasse a cadeia ?*

— D'Angelo : — *Não perturbeis com os vossos movimentos o que se está preparando.*

Pausa.

A trombeta eleva-se e faz um gyro pelo ar, parando um instante na frente de cada um, como si quem a segurava procurasse reconhecer alguem que não via ha muito tempo.

— Voz (um tanto forte) : — *Buenas noches ; buenas noches a todos !*

— Todos : —*Buenas noches ; buenas noches !*

A trombeta finalmente parece haver encontrado a pessoa que procurava ; pois que se detem em frente da marqueza Centurione Scotto.

— Marqueza : — *Quem és ?*

— Voz : — *Soi el grande torero Guerrita. He querido buscar algo para usted.*

— Marqueza : — *E's aquelle que conhecemos em nossa viagem de nupcias ?*

— Guerrita : — *Si.*

— Marqueza : —*Aquelle de Madrid ? Plaza de Toros ?*

— Guerrita : — *Si.*

— Marqueza : — *Aquelle que nos deu de presente a espada com que havia morto o ultimo touro, e o manto vermelho ensanguentado ?*

— Guerrita : — *Si ; traigo algo para usted.*

Neste ponto os soffrimentos nervosos da Snra. Rossi vão assumnido caracter cada vez mais penoso. Com a minha pratica decennal dos phenomenos de «apport», eu havia bem comprehendido que aquillo era o preludio de um phenomeno de «apport» de proporções extraordinarias ; pois que sempre havia succedido assim em nossas sessões. E os nossos dois mediums de «apport» não tinham consciencia dos movimentos convulsivos que lhes agitavam os membros, porque estavam immersos em somno mediumnico, emquanto que a Snra. Rossi achava-se em estado de vigilia, e portanto era natural que se alarmasse. Afim de acalmal-a e dar-lhe força, tomei-lhe a mão, notando que o braço e o corpo inteiro della eram sacudidos por tremores convulsivos. Dizia ella que sentia esvasiar-se, sentia diminuir-se. Eu a animava, dizendo-lhe que apenas realizado o «apport», teria quasi instantaneamente recupedo o vigor perdido. E de facto assim succedeu.

Depois das ultimas palavras do espirito Guerrita, segue-se um periodo um tanto longo de silencio. De repente o prof. Passini que estava tomando notas, sentiu uma coisa metalica insinuar-se entre as suas mãos — uma das quaes segurava o canhenho e a outra o lapis. — Tenta segurar o objecto, mas este se lhe escapa. Pouco depois sente algo metalico acariciando-lhe fugazmente a face esquerda ; depois alguma cousa feril-o no externo. A sua mão corre instinctivamente e segura a lamina de uma espada apontada horizontalmente sobre o seu peito, a qual lhe ficou abandonada nas mãos. Elle apalpa-a toda até ao punho e depois passa-a a Bozzano que a seu turno passa-a á marqueza Centurione Scotto, e esta, apalpando-a, reconhece a espada recebida em Madrid como presente do toureiro Guerrita, espada essa que se achava confundida no meio de muitas outras espadas antigas, encima de uma grande mesa no segundo andar. Em linha recta a distancia era de cerca de uns trinta metros ; mas na realidade era muito maior, pois que para cehgar onde estava a espada era preciso percorrer algumas salas que não eram symetricamente dispostas, depois um longo corredor, subir tres lances de escadas tortuosas, e percorrer um outro lance em galleria de vidro.

— Passini : — *Agradeço-te, toureiro, de me não haveres traspassado !*

Põe-se de novo o grammophone em movimento ; o qual d'ahi a pouco desprende-se da mesinha, deslisa-se pelo ar e vae posar-se docemente sobre o tapete, tocando sempre com toda regularidade.

— Passini : — *D'Angelo, então não se manifesta mais ninguem ?*

— D'Angelo : — *O grande esforço que foi feito consumiu a força toda. E' melhor terminar a sessão. Boa noite.*

— Passini : — *Mas depois recomeçaremos. Procura voltar.*

Accendem-se as lampadas. São 23h 45.

Recomeça-se a sessão ás 24h 10.

Depõe-se sobre o soalho o grande registro das firmas dos hospedes e juntamente um lapis de copia.

Põe-se em movimento o grammophone.

— Marqueza C. S. : — *Alguem tocou-me na cadeira.*

A trombeta eleva-se volteando rapidamente ; depois faz um gyro baixo tocando nos joelhos de todos, um após outro. Depois vae pousar-se sobre o registro de firmas aberto.

— Rossi : — *Porque te foste pousar sobre o registro ? Comprehendeste porque o trouxemos para a sessão ?*

— D'Angelo : — *Farei o possivel de escrever a minha firma.*

Alguem affirma estar ouvindo ruido do lapis a escrever. A trombeta eleva-se e dirige-se a Bozzano, sussurrando-lhe com voz muito debil algumas phrases em dialecto genovez, das quaes Bozzano não consegue apanhar senão as seguintes palavras : «sou tua mãe . . . a menorzinha». A trombeta cahe por terra.

— Bozzano : — *Quanto eu daria para saber o que me quiz ella dizer! Fallava-me certamente de assumptos de familia...*

— Passini : — *Escuta, D'Angelo, tu que és sempre tão gentil, poderias informar-te da mãe do Sr. Bozzano, e depois referir a Bozzano o que ella lhe quiz dizer.*

— D'Angelo (a Bozzano) : — *Fallo-te em nome de tua mãe . . . Espera que eu tome um pouco de força . . .*

(Depois o espirito-guia repete a Bozzano o que a mãe deste havia tentado inutilmente lhe dizer sobre assumptos de familia).

Nas duas manifestações de minha mãe não me foi possivel identificar-lhe a voz, devido á ausencia de toda sonoridade da propria voz. Noto que a pessoa da descendencia della pela qual ella demonstrou tanto interesse nesta ultima communicação, não era ainda nascida quando minha mãe falleceu.

Pessoalmente eu estou convencido de haver conversado com a minha mãe, e o que ella me disse concorre efficazmente a demonstral-o. Do ponto de vista scientifico, reconheço que os dois incidentes em exame ficam prejudicados por falta dos dados importantes que se encontram nas manifestações de Eusapia Paladino.

Segue-se um intervallo musical. Depois ouve-se um cão de guarda ladrando no jardim e a elle responde outro cão ladrando no meio do circulo.

— Passini : — *Que é?*

Responde-lhe um gemido lamentoso.

— Passini : — *D'Angelo, poderias dizer-me o nome do cão que ladrou e descrever-me a sua cor e raça?*

— D'Angelo : — *Podes perguntal-o á Marqueza. O nome do cão é «My-Love.»*

(A Marqueya confirma que ha vinte annos possuio um «Fox-Terrier» com aquelle nome, e nol-o descreve.)

Torna-se a pôr em movimento o grammophone, e subitamente o «Flex-a-tone» eleva-se no ar acompanhando com a maravilhosa maestria habitual a musica do grammophone.

Terminada a peça de musica, não se percebe a queda do instrumentinho.

— Um de nós : — *Talvez tenha cahido encima do divan.*

Procura-se em vão encima do divan; mas pouco depois ouve-se o rumor metalico da sua queda . . .

— Rossi : — *Escuta, D'Angelo, puzeste a tua firma no registro?*

— D'Angelo : — *Em vez de mim, assignou outro dos que vieram esta noite.*

Encerra-se a sessão. São 1,45. Accesas as lampadas, examina-se o registro, sobre o qual está escripta, com caracteres grandes, occupando quasi a pagina inteira, a seguinte firma : — «GUERRITA».

(Continúa)

Ernesto Bozzano.

* * *

ANIMISMO E ESPIRITISMO

O animismo é um ramo da doutrina espirita; esta somente é que explica aquelle. O animismo comprova e admitte: O corpo astral e sua acção a distancia; a exteriorisação da sensibilidade, da motricidade e da intelligencia; a subconsciencia; as personalidades multiplas; a leitura do pensamento; as suggestões mentaes; a clarividencia.

Mas não pode elle explicar, por si proprio nenhum dos factos.

A conclusão logica do animismo não é, pois, a negação do espiritismo, mas o reconhecimento das grandes difficuldades que existem, ás vezes, para distinguir um phenomeno de origem animica de um phenomeno de origem espirita.

A interpretação dos phenomenos do espiritualismo experimental pela doutrina espirita, abrangendo a theoria animica, é a mais simples, a mais racional, a mais natural. Repellindo-a, cahiremos em um abysmo de contradicções.

DR. GELEY.

Formas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo

Ninguem menos classificado para tratar do assumpto do que um leigo em medicina como o obscuro autor destas linhas ; por isso proponho um esclarecimento á guisa de justificação para tal ousadia.

Dois grossos volumes com o titulo de Diccionario de Psychiatria (1) tentaram-me a entrada em uma livraria. Examinando-os, notei que eram escriptos em collaboração por 128 medicos especialistas, todos carregados de titulos no mundo scientifico, sob a direcção do Dr. D. Hack Tuke, nome egualmente seguido por uma lista de titulos e cargos na especialidade. As definições encontradas de relance me revelaram a immensa utilidade da obra para os estudantes do psychismo. Comprado o livro e examinado com vagar, deu-nos a convicção de que um diccionario de psychiatria deve fazer parte da bibliotheca de todo espirita estudioso ; porém é provavel que exista falta de tal obra em portuguez, e assim vamos permittir-nos transcrever aqui, traduzidas com a maxima fidelidade que nos seja possivel, algumas linhas que os iniciados em Espiritismo poderão ler de modo um pouco differente e entender melhor do que os representantes da sciencia official materialista.

Nas paginas 401 e seguintes do primeiro volume, vem um longo estudo da «Consciencia dupla» ou «Desdobramento da personalidade». Tratando dos symptomas dessa forma de *demencia*, declaram que ahi como sempre confirma-se o adagio «*Natura non fecit saltus*», pois que desde os casos mais simples até os mais caracteristicos, vae-se uma longa escala. Vêm narrados 7 casos typicos, dos quaes vamos escolher os mais breves para reproduzir aqui, deixando os commentarios a cargo do leitor intelligente e iniciado, e pedindo perdão aos medicos pela nossa ousadia em invadir-lhes os dominios e para algum termo technico que encontrarem mal interpretado.

Caso I.

A senhorita R. L. tem soffrido ataques de somnambulismo espontaneo ordinario desde a infancia. Devemos o conhecimento destes factos a M. Dufay, de Blois. Mais ou menos em 1845 estava ella com 24 annos de idade e dirigia em Blois um estabelecimento de costuras. Todas as noites, approximadamente ás 8 horas, ella perde completamente a consciencia por espaço de alguns segundos. Passado esse momento, ella endireita-se toda, retira nervosamente os oculos (ella é extremamente myope no estado normal). Já não é myope ; continúa a peça em que estava trabalhando, emquanto trabalhando vae palestrando com as companheiras ; levanta-se, anda pela sala de costuras , trata dos seus negocios. Em summa, quem não houvesse assistido ao começo do ataque não poderia notar coisa alguma de anormal na senhorita R. L , si ella não mudasse o seu modo de fallar ; porém ella falla de si mesma na terceira pessoa como fazem as creanças e os negros.

Nesta segunda personalidade, a sua intelligencia é mais activa do que no estado normal. Especialmente a sua memoria é de uma agudeza extrema, e assim tambem os sentidos augmentam — esse estado de somnambulismo dura de duas a tres horas ; — muitas vezes a nossa cliente vae dormir mui naturalmente na hora do costume e na manhã seguinte desperta-se no seu estado normal. A passagem do estado de somnambulismo para a vida normal é marcada por dois ou tres bocejos ; não se dá a perda da consciencia como no principio do ataque.

Devemos accrescentar que a senhorita R. L. ignora absolutamente em seu estado normal tudo que succede em sua *outra* vida, emquanto que nesta ultima ella está consciente de sua existencia *toda*.

Portanto a senhorita R. L. é uma somnambula que tem uma dupla consciencia muito caracteristica — somnambulismo total.

Caso II.

Este caso é publicado sob a autoridade do sr. Mesnet. F., ferido na batalha de Bazeilles, em 1870, por uma bala na cabeça, tem tido durante quatro annos (1874) duas phases distinctas em sua vida — uma normal, outra pathologica. A sua saúde é excellente, e no seu estado normal elle ganha a vida como cantor em café-concertos, é intelligente. De repente os seus sentidos fecham-se aos excitantes externos, e após alguns momentos sahe elle deste estado transitorio, indo e vindo, procedendo como si os seus sentidos estivessem em pleno funccionamento, a tal ponto que quem não estivesse sciente do seu estado encontral-o-ia de passagem sem suspeitar de cousa alguma. Durante essas crises, os seus appetites e funcções instinctivas continuam como no estado normal — come, bebe, fuma, veste-se, despe-se e deita-se nas horas de costume ; mas está em completa anesthesia, não tem os sentidos do paladar e do ofacto, a vista é imperfeita e o tacto altamente desenvolvido.

A duração dessas crises varía, e ellas occorrem a intervallos de 15—20 dias de saúde normal. Accrescentarei que todos os actos de F., durante o ataque (segundo estado) são apenas repetições dos seus habitos do estado de vigilia, com excepção de uma idéa que elle só tem no segundo estado, a tendencia para o furto.

Finalmente, todo o periodo de ataque é uma phase da existencia, da qual ao despertar elle não tem consciencia alguma ; o seu esquecimento é absolutamente completo ; a separação entre as duas phases da vida é absoluta.

Não ha duvida que F. é um somnambulo — somnambulo completo.

Caso III

Por amor á brevidade, deixamos de transcrever o caso III, demasiado longo, no qual se trata de um somnambulo que tem sido preso como vagabundo pelas policias de nove paizes differentes. Esse novo judeu errante percorre 70 kilometros e mais por dia nas suas vagabundagens que só se dão no seu segundo estado, o qual dura de quinze a vinte dias, começando sempre em um sonho no qual elle põe as pernas em movimento, e levantando-se parte em busca de trabalho abandonando tudo.

Caso IV.

Esta observação, publicada em 1882 por Camuset, foi reproduzida por Jules Voisin em 1885, e mais tarde por outros observadores que estudaram o paciente, cujo caso ainda continúa a pasmar o mundo scientifico.

Em 1880, V., de 17 annos de idade, entra para o hospital de alienados de Bonneval. E' um hysterico hereditario. Um dia, trabalhando no campo, é atacado de repentino terror á vista de uma vibora e soffre um violento ataque de hysteria. Ao voltar-lhe a consciencia, elle é uma outra pessoa de todo differente. O caracter mudou-se completamente. Em logar de rixento e gatuno, tornou-se um individuo gentil, honesto e obsequioso. Acha-se neste segundo estado. Além disso perdeu completamente toda lembrança do passado e imagina-se ainda na penitenciaria de St. Urbain, de onde foi enviado para Bonneval. Não reconhece coisa alguma que vê em torno de si ; não sómente se esqueceu de tudo que viu e que succedeu, mas tambem não sabe mais o officio de alfaiate que sabia antes do ataque.

Esse segundo estado dura um anno, findo o qual, após um violento ataque de hysteria, volta elle a ser o que era primitivamente — vicioso, gatuno, arrogante, rixento. Termina fugindo do hospital. Quando o trazem de novo, apresenta phases semelhantes.

Foi estudado durante muito tempo em Bicêtre por Jules Voisin. Por fim fugiu no seu estado normal. Mais tarde encontramol-o em Rochefort como soldado de infantaria em Marines, e serviu como *sujet* para interessantes experiencias dos Srs. Bourru e Burot. Elle deve estar agora neste paiz (Inglaterra).

Estamos convencidos de que si se-

se paciente, que com toda razão é considerado soffrer de hystero-epilepsia, houvesse sido ou fôr estudado do ponto de vista somnambulico, descobrir-se-á que na sua infancia, perturbada pela miseria e vadiagem, elle era somnambulo, e que os seus segundos estados são apenas exaggeros dos ataques.»

—

Seguem ainda casos muito interessantes e um commentario que precisa de ser conhecido dos estudantes de Espiritismo e Animismo, mas para nos não tornarmos demasiado longo, ficamos hoje por aqui, abstendo-nos de qualquer commentario nosso, e lembrando mais uma vez ao leitor que as transcripções acima são feitas de uma obra materialista, publicada pelos expoentes maximos da medicina official.

Gomes Braga.

---

(1) Dr. D. Hack Tuke — «*Dictionary of Psychological Medicine*».

Faculdades psychicas e existencia do Espirito

Recentemente um artigo editorial de «The Two Worlds» salienta certos aspectos muito fortes e verdadeiros dos phenomenos psychicos :

«. . . E' verdade, e não pedimos licença para dizer que a maior parte dos effeitos psychicos não implica necessariamente a acção de um espirito desincarnado.

Essa é uma das coisas geralmente pouco conhecidas ou pouco reconhecidas. Si fosse melhor comprehendido esse facto, grande parte das illusões e malentendidos seria banida da sala de sessões. E absolutamente não é coisa nova. Alguns dos velhos espiritas, por vezes illetrados, reconhecem-n'o e o disseram, mostrando não serem tão credulos como se diz.

Descobriram que as faculdades dos assistentes algumas vezes representavam papel — até mesmo em phenomenos physicos — sem a intervenção de espiritos independentes ou desincarnados.

Comtudo, da realidade da communicação de espiritos ha, e sempre houve, provas evidentes que supportam toda analyse.

A existencia de outras classes de phenomenos póde parecer que complica a questão ; mas realmente a esclarece e fortalece a evidencia por mostrar que nós proprios somos espiritos. Si não o fossemos, o méro facto de passarmos pela morte não nos converteria milagrosamente em seres espirituaes. A exploração da região psychica da vida humana é tarefa da investigação psychica. A missão do espirita é proclamar a existencia do espirito depois da morte e applicar o conhecimento desse facto á sua vida quotidiana. O investigador psychista póde acceitar ou não acceitar a doutrina da sobrevivencia. E' uma questão de fôro intimo que o faça ou não, mas de qualquer dos modos póde elle chegar a valiosos resultados pelo simples estudo das faculdades latentes na humanidade incarnada.»

—

E' muito interessante e nem sempre facil separarem-se phenomenos animicos de phenomenos espiritas. Uns e outros demonstram a sobrevivencia e a esse respeito a luminosa intelligencia de Ernesto Bozzano tem nos fornecido paginas sublimes. Veja-se, por exemplo, o artigo «UMA CARTA DO SENADOR ALEXANDRE CHIAPPELLI».

G. B.

Chronica Extrangeira

OS nossos leitores hão lembrar-se da noticia que demos no numero de 15 de maio do anno p.p. sobre as pinturas mediumnicas de M. Gruzewski.

Este medium acaba de submetter-se a uma série de ex- riencias no «Instituto Metapsychico In- nacional», sob a competente direcção Dr. Eugène Osty.

Marjan Gruzewski é natural da Polonia. scido de uma familia, de proprietarios terras, elle actualmente reside em uma s herdades de seus paes. Sua infancia po- ada de visões, denunciam muito bem os racteres mediumnicos que permittem-lhe manifestação de factos anormaes que n sido verificados desde 1915 a esta ta por pessoas livres de qualquer sus- ição e com sua presença.

Foi justamente em 1915 que Gruze- ki ouviu falar pela primeira vez dos fac- s e da doutrina espirita. A' primeira sta achou essas cousas indignas de sua tenção, depois sob a influencia de seu mão, sua irmã e de um primo, resolveu zer experiencias pessoaes. Começou a perimentar com a «mesinha», que por phabeto convencionado respondia ás suas rguntas. As sessões continuaram e no n de algum tempo, notou que o movel animava mesmo sem o contacto de as mãos, tendo em seguida se operado movimento de transportes, de objectos, r uma força invisivel.

Foi depois que Gruzewsky sentiu a a mediumnidade desenhista, que desen- lveu-se de modo prodigioso, embora o ferido medium não tivesse aprendido de- nho e nada entendesse dessa arte.

A «Revue Metapsychique» publica, m a assignatura do Dr. Osty, um lon- relato das sessões no Instituto, relato te que vem illustrado com 36 clichés s desenhos de Gruzewski.

Este famoso medium, que foi espe- almente á Paris, para serem os pheno- enos produzidos por seu intermedio es- dado pelos homens de sciencia, não re- miu as suas sessões aos factos que enu- eramos, mas com o seu auxilio até materialisações de Espiritos foram obtidos, sendo que todos esses phenomenos se realisam quando elle se acha em estado de hypnose.

Se nos fôr permittido com vagar, daremos alguns clichés á titulo de curiosidade.

O CASO WHITE

A «*Revue Spirite*» publica a seguinte noticia que transcreveu de uma collega allemã:

— «Em Zeitchrift für psychiche Forschung (Hamburgo, março 1928), o Dr. E. Mattiesen publicou uma serie de artigos sob o titulo — *Analyse dos transes dos grandes mediums*, nos quaes se abrem novos horisontes para a hypothese espirita. A «Revue» promette a traducção de referidos escriptos e accrescenta:

— O Dr. E. Mattiesen está actualmente na Allemanha, tratando com grande interesse do espiritismo scientifico. Elle faz longos relatos dos numeros da «Revue Spirite» e transcreve no «Zeitcrift». Num destes numeros estuda o caso White.

A viuva White, inconsolavel com a morte de seu esposo occorrida em Cardiff, na edade de 38 annos (1920), dirigiu-se á Oliver Lodge, e entrou em relação com meia duzia de medium, dos quaes Mlle. Damaris Walker e Mme. Léonard, por intermedio de quem obteve tal abundancia de factos que um livro não seria capaz de relatar.

As experiencias começaram em fins de novembro, e foram de «videncia» e «psychometria», pois o caracter espirita se precisou em 1921. Damaris descreveu o aspecto physico e moral dos ascendentes do fallecido White, desconhecidos de Mme. White como medium, e cuja exactidão foi verificada. Com mlle. Leonard, pelo «ouijá», uma quantidade de detalhes foram dados e reconhecidos verdadeiros.

Este accumulo de pequenos factos muitas vezes intimos, vieram confirmar, á Mme. Florence Mary White a sentença de

Platão: «O que é o amor? Será somente terrestre? Não, é a ponte lançada no abysmo da morte...»

O PROF. KRAUS MEDIUM

A mediumnidade não é um dom que depende da vontade ou do querer do individuo. Seja elle quem for, queira ou não queira, si é dotado de mediumnidade, esta faculdade tem de explodir um dia. Foi o que aconteceu ao Prof. Kraus, do Liceu de Rogensbourg e adversario declarado do Espiritismo, mas apesar de tudo .medium.

E' o que diz a «Gazeta de Monaco», publicando curiosos factos cuja narrativa foi confiada pelo Dr. von Schrenck-Notring, cujos trabalhos sobre psychopathologia são bem conhecidos.

O Prof. Kraus, embora suas idéas contrarias ao Espiritismo, prestou-se a experiencia de contróle que se realisaram em Munich, a que compareceram diversos sabios.

Durante trinta e cinco sessões, phenomenos mais extraordinarios se produziram, particularmente a levitação. Viu-se Kraus elevar-se um metro acima do solo e se conservar suspenso, seja em posição vertical. A's vezes elle cahia rudemente no chão, o que demonstrou a veracidade do phenomeno.

UMA CASA ASSOMBRADA

O *Mondo Occulto,* de Napoles, dá conta de extraordinarios phenomenos que ha tempo se vem verificando em uma casa da colonia situada no territorio Martina Franca, em Taranto. O proprietario impressionado com os factos que occorrem ás suas vistas, após haver tentado todos os meios para fazel-os cessar ou para vêl-os explicados, resolveu abandonar a casa aos seus familiares e transferir se para Martina Franca.

Segundo elle informa se têm visto os seguintes phenomenos:

A casa é proxima á padaria Panarella, entre Martina Franca e Crispiana, e tem sido sempre habitada pelo proprietario, que é o sr. Francisco Taliente, um bom agricultor, todo dedicado ao serviço da lavoura. Mas ha algum tempo mãos invisiveis se divertem a atirar grandes pedras na casa de Taliente. O phenomeno se repete todos os dias, ao meio dia, e o mais interessante é que as pedras, arremessadas de distancia, sibilando com grande impeto, cahem lentamente, de modo a não fazerem damno algum.

Taliente narra alguns episodios sobre este extranho bombardeamento. Um dia elle jantava em torno de uma mesa com seus filhos quando começaram a cahir as pedras. Uma destas alvejou uma garrafa cheia de vinho que cahiu fragorosamente no chão; mas nem a garrafa quebrou-se, nem uma gotta de vinho derramou. De outra feita uma das pedras alvejou a orelha direita, produzindo prurido. Por fim, o bom homem impressionado com os phenomenos, decidiu-se a chamar o padre para benzer a casa. Nem os exorcismos do sacerdote valeram, pois, quando o padre elevava o crucifixo para benzer, o bombardeamento cessava, mas para começar em seguida peior ainda. Taliento vivamente impressionado resolveu abandonar a casa e o campo, e fixar residencia na cidade. Os moradores das circumvisinhanças dizem ser o espirito de um assassinado que vem do outro mundo incutir medo aos vivos, para que abandonem o lugar.

UM SONHO VERIDICO

«Revue Spirite» transcreveu de «La Stampa» o seguinte relato, cujo facto produziu grande impressão e deu-se em Carmignanella, Toscana.

Na noite de 25 fevereiro ultimo, um operario Adolpho Paglia viu em sonho uma pessôa desconhecida que lhe disse ser alma reincarnada de um morto. Paglia perguntou-lhe quem era. Elle verificou mesmo em sonho tratar-se de uma pessôa enterrada a 50 metros do castello historico de Cerbera, que se acha transversalmente no caminho em que Paglia costumava a passar. Nesse momento elle despertou coberto de suores frios, e pen ou em seu extranho sonho.

Dia seguinte, Paglia para se convencer toma uma pá e um enxadão e vae no lugar indicado pelo seu sonho. Lá chegado cava o terreno 40 centimetros de profundidade e descobriu um esqueleto bem conservado. Então, Paglia, que já não se sentia com forças para proseguir no trabalho, atira ao chão suas ferramentas e sahe pelo campo, onde, algumas horas após, seus companheiros acham-n'o meio louco e conduzem-n'o á casa.

A policia informada do caso, dirigiu-se ao local, onde encontrou o esqueleto. Presume-se tratar de uma antiga sepultura, provavelmente da epoca em que o famoso Castello, cantado por Dante Alighieri, foi scenario de sangrentas aventuras.

UM SOLDADO ANNUNCIA SUA MORTE

Light, revista ingleza, sob a assignatura de Lady Palmer, publicou o seguinte relato, cujo facto vem lançar mais uma confírmação nas apparições e communicações dos Espiritos.

— «Meu filho Arnold estando na fronteira durante a guerra, eu e sua esposa ficamos muito inquietas, por não termos noticias d'elle. Numa tarde de estio, elle fez uma visita á minha nóra. Sentados ao lado de uma janella estavamos conversando. Minha nora de repente deixou sua cadeira e approximou-se de mim. Nesse momento percebi brusca e nitidamente meu filho que, apesar de tudo, eu sabia acharse além-mar no regimento. Elle sentou-se na cadeira deixada por sua esposa, de pernas cruzadas naturalmente. Estava de uniforme kaki e seu rosto se achava voltado para mim, o que me surprehendeu e senti-me como que aturdida . eu disse mentalmente a mim mesmo : «Esta visão não significa outra cousa senão que meu filho foi morto.

Não ousei communicar este pensamento a minha nora.

Levantei-me para sahir, numa profunda agonia, mas esforçando-me para resignar-me tanto quanto possivel. Meu filho sempre voltado para mim acompanhou-me silenciosamente até um taxi que eu mandei chamar. Eu não ousei falar-lhe.

Logo que cheguei em casa, telephonei aos meus amigos e disse-lhes ter visto meu filho Arnold que parecia estar insensivel como num profundo somno e que elle não deixara um instante de fixar-me com seus olhares.

Isto passou-se quinta feira á tarde. Sexta feira contei á visão a outro filho. Sabbado e domingo seguintes eu ainda não tinha tido noticia alguma de Arnold. Minha nora telephonou-me : «Já não posso mais supportar este silencio.» Resolvi então telephonar a Mme. X..., cujo marido era commandante do regimento de meu filho e soube d'ella que seu marido lhe havio escripto justamente *quinta feira* precedente dizendo-lhe que Simmonds, Palmer e outros officiaes (cujo nome esqueceu) morreram quando dormiam em seu abarracamento no momento em que elle escrevia e que elle foi o unico official salvo.

O Palmer em questão era meu filho».

MUMIFICAÇÕES E CURAS

O individuo que tem o poder de mumificar um pedaço de carne, um passaro, ou cousa que o valha, tem forçosamente o dom de curar pela imposição das mãos, é sem duvida um bom magnetisador, ou então um medium desse effeito.

Na Europa se fazem estas experiencias, tendo sido verificados, por varias occasiões factos admiraveis.

Ainda agora, a directora da «Psychica», Mme. Carita Borderieux, noticiou ter recebido de Lyon, do sr. J. Gaillard, uma costeleta mumificada em 28 de dezembro, do anno p.p. e um peixe, em 5 de janeiro do anno corrente. O sr. Gaillard havia feito passes magneticos de movimento circular, por 15 minutos por dia em referidos objectos de experiencia. Os srs. Pascal Forthuny e Fleurière declaram que elle é, sem duvida, curador.

Essas experiencias merecem a attenção dos nossos conterraneos.

Ecos e Noticias

O que caracterisa a diffusão do Espiritismo é o crescimento de suas obras, que enriquecem diariamente as bibliothecas. Pode-se affirmar que não passam quinze dias sem que um novo livro deixe de ser entregue á publicidade. Na França, na Italia, na Allemanha, principalmente na França e em idioma francez pode-se contar nestes ultimos tempos uma media de cinco a seis livros por mez que tratam de assumptos psychicos.

E' um bello thermometro que assignala perfeitamente a sympathia que a nossa doutrina vai conquistando em toda a parte, devido á positividade dos seus principios cheios de logica e de criterio.

FRANÇA

Paris

O sr. Ripert, secretario geral da Federação Espirita Internacional, fez na Sociedade Theosophica, uma conferencia sobre — «O Universo Metasensivel». O orador, que desenvolveu magnificamente a sua these, demonstrou a numeroso auditorio quanto a nossa vida material é limitada, inclusive o mundo espiritual que nos envolve. O auditorio acolheu a palavra do sr. Ripert com calorosos aplausos.

⁂

Tres conferencias scientificas foram feitas no «Instituto Metapsychico», com os seguintes titulos: «Algumas percepções paranormaes; suas condições e aspectos», pelo sr. Le Loup de Sainville; «O desconhecido scientifico», pelo prof. Saint-Lague (com projecções luminosas); e «A influencia do Phenomeno Metapsychico sobre as obras de alguns illustres pensadores (Kant, Schopenhauer, Hans Driesch)», pelo sr. Charles Quartier.

⁂

No theatro de «Sète», Mme. Carita Borderieux fez uma conferencia, sobre os «Animaes pensantes», com o testemunho comprobatorio de Zou e projecções luminosas.

⁂

A «Union Spirituelle» prosegue em suas palestras sobre «O mundo Espiritual e estados de consciencia depois da morte». A palavra tem cabido á Mme. Laurent, e as experiencias de clarividencia e clariaudiencia á Mme. de la Pommeraye.

⁂

O sr. Pascal Forthuny prosegue em suas notaveis experiencias de clarividencia e enuncia prophecias que devem se realisar neste mez.

⁂

Na «Maison des Spirites» realisaram conferencias os srs. Dr. Andry-Bourgeois, sobre — «Phenomenos de Premonição e de Materialisação de que fui testemunho»; M. Sage — «Porque o Dr. Hodgson rendeu-se finalmente á hypothese espirita»; sr. Wiétrich — «Rumo á grande amplidão».

Nancy-Marseille e Saint-Chamond

— Em Nancy, M. Wiétrich fez, com numeroso auditorio, uma conferencia espirita, na «Societé d'Etudes Psychiques.

— Em Marseille, na Associação Geral dos Estudantes fez tres conferencias sobre — «As questões Metapsychicas; «O Tratado de Metapsychica; e o livro de Mæterlinck — "A Vida no Espaço".

— Em Saint-Chamond, a Municipalidade offereceu o seu salão a M. Malose que fez magnifica conferencia de propaganda, tendo sido depois distribuidas obras espiritas aos ouvintes.

Constantine-Alger e Oran

O popular propagandista sr. Edmond

Wiétrich fez uma excursão a estas cidades, onde realisou diversas conferencias de divulgação espirita. A affluencia de assistentes foi enorme sendo os salões pequenos para conter as pessoas que desejavam ouvir a fluente palavra do orador.

INGLATERRA

Ao que sabemos, as portas do proximo Congresso Espirita Internacional, a realisar-se em setembro, serão abertas a diversas escolas philosophicas, devendo ser mantidas a maxima tolerancia e benevolencia entre os congressistas.

Representará nesse Congressso, a *Revista Internacional do Espiritismo* e *O Clarim*, o sr. André Ripert.

Menino Prodigio

Acaba de ser submettido a experiencias, no Laboratorio das Pesquizas Psychicas, de Londres, um menino, phenomeno mediumnico curioso. Tem elle 8 annos de idade, e exteriorisa com tal intensidade fluidos, que os objectos que elle toca se põem em movimento.

Reconhecimento juridico de um phantasma

Um caso sensacional preoccupou a imprensa londrina, em abril proximo passado. Vamos aproveitar a narrativa que foi transcripta pela imprensa do nosso paiz, e com especialidade pelo «Diario Nacional", de S. Paulo.

LONDRES (Abril). Nesta cidade deu-se ultimamente um facto extraordinario, e ainda virgem nas chronicas juridicas ; um tribunal, regularmente constituido acaba de reconhecer a existencia de um phantasma.

O facto deu-se da seguinte maneira: O sargento Hennessy estava de serviço, como sentinella na velha Torre de Londres, que foi usada como prisão real durante muitos seculos.

Ainda hoje essa torre serve de prisão e para alli são enviados todos os prisioneiros politicos, especialmente os culpados de alta trahição e outros crimes de lesa-magestade que acarretam quasi sempre a pena de morte.

Uma sentinella de serviço na guarda da torre tem por consequencia uma responsabilidade enorme.

Uma noite em que o sargento Hennessy, com o seu fuzil de bayoneta calada ao hombro patrulhava o parapeito inferior, foi visto pelas outras sentinellas correr como um louco contra uma porta fechada que dá para os carceres dando dois outros golpes com a sua arma nas solidos almofadas de carvalho.

Ao mesmo tempo em que dava a estocada soltou um grito medonho na solidão da noite, assustando as aves nocturnas que fugiram desorientadas.

Uma outra sentinella deu um brado de alarme, a guarda toda acudiu e encontraram a sargento Hennessy desmaiado e cahido de bruços junto á porta.

Immediatamente o levantaram e o levaram á enfermaria.

Ao voltar a si o sargento Hennessy não pôde ou não quiz dizer a razão do estranho procedimento.

«Eu vi uma cousa horrorosa», balbuciava elle escondendo o rosto nas mãos e estremecendo, sem comtudo dizer mais nada e recusando-se a contar o que havia visto.

Alguns dias depois elle teve a dupla surpreza de se ver condemnado por um conselho de guerra, que o expulsava do exercito por «estar embriagado no serviço, e de ser intimado a comparecer a um tribunal civil que o ia julgar pelo crime de que era accusado de estar embriagado no serviço da nação, como sentinella de um presidio.

«Neste segundo julgamento, a conselho do seu advogado, quando o juiz lhe perguntou se tinha alguma cousa a allegar em sua defeza, levantou-se e fez a seguinte declaração :

«Eu não vos posso obrigar, senhores jurados, a crêr na veracidade das minhas palavras, porém relatar-vos-hei os factos, tal qual elles se passaram : E' verdade que eu costumo nas noites frias beber um golesinho de gin para aquecer o corpo. Nada porém bebi nessa noite, como nunca fiz em toda a minha nas occasiões em que estou de serviço.

«A illuminação no parapeito inferior da torre é, como todos sabem, muito deficiente. O grande globo electrico da esquina fica a mais de cincoenta passos da porta onde se deu a occurrencia de que resultou o eu ser accusado de embriaguez.

«Quando me approximei dessa porta poderia jurar que vi alguma cousa sahir por ella. Corri de bayoneta em riste para ver o que era. Apresentou-se ante meus olhos então uma cousa que me fez gelar até os ossos. Uma mulher muito alva e transparente, vestindo uma grande camisoia branca caminhava, ou antes deslisava pelo chão.

«Isso porém não era nada. O que me horrorisou, e que ainda me faz sentir calafrios quando me vem á lembrança é que ella tinha a cabeça desligada do corpo e como que fluctuando no ar por cima dos hombros. Tanto estes como a cabeça estavam ensanguentadas e os olhos faiscavam como duas estrellas.

«Uma visão de tal modo horrivel que encheria de terror o mais corajoso soldado callejado nas batalhas e acostumado a defrontar com a morte a todo instante. Se o tivesse sabido antes teria largado do meu fuzil e me teria persignado retirando me immediatamente dalli. Porém me achava de tal modo aterrorisado que já não sabia mais o que estava fazendo. Eis, senhores jurados, a narração fiel de tudo quanto me succedeu naquella noite de pavor. Faço perante vós esta confissão, porque a isso me aconselhou meu advogado, porém não tenho a minima esperança de que acreditem nas minhas palavras, como eu não acreditaria se alguem me viesse contar semelhante aventura».

Tinha razão o sargento. Ninguem acreditou na sua narração. O jury declarou que se elle não tinha nada melhor que apresentar em sua defeza seria condemnado. Desta vez, porém, surgiu uma surpreza para o tribunal.

Elle apresentou nada menos de sete militares que haviam feito em diversas occasiões a guarda da torre inclusive um capitão de outra companhia do seu regimento, que é o 6 de infanteria e um velho sargento condecorado com a cruz da Victoria.

Um após outros estes sete homens declararam que por diversas vezes quando faziam a guarda da torre, viram uma mulher ou antes o phantasma de uma mulher com a cabeça separada do corpo, andando por assim dizer boiando no ar, no parapeito inferior.

O capitão accrescentou que nunca havia crido em phantasmas, porém se vira forçado a crêr desde a occasião em que vira o que elle julgava ser o phantasma de Anna Bolena, a infeliz rainha que havia sido decapitada na Torre de Londres, por ordem do rei Henrique VIII.

Dessa forma, o sargento Hennessy não foi só absolvido, pelo tribunal civil, como conseguiu uma revisão do processo militar, sendo readmittido no exercito.

E desta forma, o phantasma de Anna Bolena ou o que quer que fosse que esses homens viram, foi o primeiro e unico phantasma reconhecido officialmente por um tribunal.

Oscar Wilde e Mme. Kingston

Le Journal publicou a seguinte nota :

— «Uma personalidade que se salienta nos meios espiritas da Inglaterra, Mme. G. Kingston, acaba de submetter a um comité de litteratos e escriptores londrinos o manuscripto completo de uma peça de theatro que lhe teria sido ditada, pretende ella, no curso de um certo numero de sessões, pelo espirito de Oscar Wilde. Tendo se levantado duvidas a esse respeito, Mme. Kingston convidou os incredulos para uma das suas sessões, e diante delles, no espaço de uma hora, quinze a vinte paginas foram escriptas por ella com rapidez surprehendente.

Melhor ainda ; dois criticos inglezes, aos quaes foi submettido o manuscripto, declararam reencontrar, com grande admiração, nessa supposta obra de Wilde, o estilo exacto do escriptor ; mesmo o meio em que se desenrola a peça corresponde ao espirito do autor do «Retrato de Dorian Grey» — a peça, intitulada «Isto é inventado ?» será representada proximamente a alguns convidados, e espera-se, com justa curiosidade, a impressão dos espectadores e o julgamento dos competentes.

Telepathia á distancia

A «Society for Psychical Research», de Londes, emprehendeu uma série de experiencias de telepathia á grande distancia. Os resultados obtidos com o grupo de Paris são encorajadores.

Uma nota sobre Sir Oliver Lodge

The Two Worlds referindo-se á conversão de Sir Oliver Lodge diz :

— «Na sua mocidade, sob a influencia e exemplo de seus mestres, Huxley Spencer e Chifford, elle era agnostico, o que o havia preparado para o Espiritismo, porque, segundo elle julga, o agnosticismo, terrivel extirpador de erros, é um excellente introductor para o conhecimento da verdade.

Sua conversão começou após as suas relações com Gurney e Myers, que eram espiritas. Ella accentuou-se pela observação dos phenomenos de transmissão de pensamento e terminou pela intervenção de Mme. Piper, medium americano, que veiu á Inglaterra em 1889, lhe transmittiu noticias e mensagens de uma de suas tias e de um dos seus tios, ha tempo fallecidos, e que, em sua vida terrestre, Mme. Piper jamais havia encontrado e conhecido.

Declarações do Bispo Barnes

Tem causado grande surpresa entre os catholicos da Europa as declarações do Bispo Barnes, de Birmingham, em cujo sermão pronunciado em Westminter, disse:

«A investigação scientifica nos leva quasi inevitavelmente á conclusão de que ha outros innumeraveis planetas, nos quaes existe uma potencia intellectual e uma comprehensão espiritual muito superior á nossa.

•Si dispuzessemos de instrumentos para examinar a radiação cosmica, que é actualmente objecto dos mais intensos estudos, poderiamos comprovar o grande numero de mensagens que crusam o espaço, procedentes de seres para quem o nosso radio é de valor secundario.

•E' preciso modernisar o nosso dogma religioso e nosso culto, alliando a intuição espiritual de Jesus á idéa do Universo, tal como ensina a sciencia moderna•.

PORTUGAL

Em S. Miguel, Açores, foi fundado, com a denominação •José Maria Coelho Lima•, um grupo espirita, com o principal objectivo de propaganda. A novel associação deverá crear uma bibliotheca que será facultada ao publico. A directoria é composta do triumvirato, srs. Acurcio Veiga Muniz, Candido José Xavier Junior e Octavio Pereira Gomes.

∴

Sob a presidencia do sr. Alberto dos Santos Rocha, foi reaberto o Centro Espirita do Porto, que elegeu sua nova directoria.

⁂

Em Moura, foi fundado mais um nucleo espirita com a seguinte directoria: pres. Joaquim F. Segurado Faria; secr. Antonio F. Oliveira Galamba; thes. Francisco A. P. Faria; 1.o vogal, Joaquim Isidoro; 2.o João A. Fernandes Junior; 3.o Victor Garrados.

⁂

Continuam a circular «E'cos do Além», de Lagôa; «O Futuro», de Lisbôa; a «Revista de Espiritismo», orgão da Federação Espirita Portugueza; e «Luz e Caridade», de Braga. Todos espiritas.

BELGICA

Circulo Allan-Kardec

Após radical reforma de orientação, este circulo acha-se em plena prosperidade.

Ameaçado de extincção, devido ao credito que lhe davam noveis mediums a uma cohorte de Espiritos fascinadores, que se diziam santos, um grupo serio de espiritas assumiu a sua direcção fazendo-o passar por completa transformação. E' assim que, dentre 17 membros que realisam trabalhos experimentaes, existem 3 mediums de incorporação e dois de escripta-automatica. No circulo existem tambem videntes, fazem-se trabalhos verdadeiramente edificantes.

Esta noticia transcrevemos de *La Revue Spirite Belge*.

Premios do Curso Moral

A •Federação Espirita Lioneza•, distribuiu premios aos alumnos que deram melhores provas do seu adiantamento no Curso de Moral, instituido por aquella unidade belga.

Commemoração de Allan Kardec

O Circulo Kardecista de Bruxellas realisou uma sessão commemorativa ao passamento de Allan Kardec.

⁂

La Revue Spirite Belge publicou em sua pagina de honra, o discurso do sr. Paul Bodier, pronunciado proximo ao Dolmen em que descançam os despojos de Allan-Kardec, no Pére Lachaise.

AUSTRIA

A «Sociedade Austriaca de Pesquizas», constituida em 2 de dezembro de 1928, presidida pelo Prof. Hans Thirring, está em pleno funccionamento. Em um discurso pronunciado pelo Prof. Thirring, foi lembrado o movimento espirita mundial, e com especialidade a «Society for Psychical Research» com William Crookes, Oliver Lodge, Lord Rayleigh, William James, Murray, Driesch, etc., o «Instituto Metapsychico Internacional», a «American Society for Psychical Research», nos Estados Unidos ; a «Societé Médicale des Recherches Psychiques» ; a «Sociedade Allemã de occultismo scientifico», da Allemanha.

Emfim a Austria collocou-se na vanguarda da civilisação com a fundação da novel associação.

PRAGA

O jornal «Pestry Tydeu» publicou as opiniões de numerosos pesquisadores, sabios e universitarios, dentre os quaes os Drs. Oskar Kraus e Oskar Fischer, prof. de psychiatria da Universidade de Praga, sobre as levitações, deslocamentos de objectos sem contacto, obtidos com o auxilio da medium austriaca Maria Silbert. O Dr. Kozak, prof. da Universidade, o Dr. Syllaba, especialista de molestias nervosas, o sr. Arne Laurin, redactor do «Prazer Presse» assistiram as experiencias e verificaram a authenticidade dos phenomenos.

GRECIA

O movimento psychico na Grecia se intensifica promissoramente.

A «Sociedade Parapsychologica de Athenas conta 5.000 socios.

MEXICO

A Federação Espirita Mexicana celebrou o 59 anniversario da desincarnação de Allan-Kardec, effectuando no Theatro Hidalgo uma velada litteraria, cujo ambiente de cordial enthusiasmo e pletorico de selecto publico, em sua maioria amigos e socios dos centros federados, assistiu com respeito e sympathia a homenagem prestada a tão illustre espirito.

⁂

Os espiritas mexicanos acabam de assistir a passagem para a Verdadeira Patria, de um dos seus melhores obreiros, o sr Juan B. Romeu.

⁂

O «Siglo Espirita», combatendo os «gajos» que querem viver á custa do Espiritismo, publicou a seguinte nota :

«Não são espiritas, nem são mediums os que se dedicam a consultas sobre Thesouros occultos, assumptos materiaes e exploração dos enfermos.»

⁂

O Circulo «Amor e Progresso», de Tampico, organisou sua directoria sob a a presidencia do sr. Ramon Zaleta.

⁂

Em Zaragoza e Tijuana foram fundados novos centros; assim como na cidade de Carmen.

⁂

O Centro «Paz e União», de Puerto Mexico ficou sob a presidencia da sra. D. Mercedes Sainzlópica.

⁂

Os centros filiados á Federação estão em plena actividade, muitos delles estão desenvolvendo a propaganda pela palavra.

CUBA

O Espiritismo está muito diffundido em Cuba, contando até um diario que, embora de pequeno formato, vae se mantendo altaneiro na propaganda do grande Ideal.

⁂

Os espiritistas de Holguin, Manzanillo, Matanzas, Habana, Santiago e Guantánamo, estão se unindo para constituir a Confederação Espirita Nacional.

ARGENTINA

No salão da sociedade «Constancia» realisaram-se durante este mez conferencias sobre os seguintes themas : — «As faculdades supranormaes ; a sobrevivencia do Espirito», pelo sr. Alvarez Montenegro. «Telepathia e Espiritismo», pelo sr. Alfonso Depascale. «Objectivo da vida na terra», pelo sr. Manuel Pallás. «O Espiritismo e o progresso da humanidade", pelo sr. Antonio Sanahuja. No salão da sociedade «Lumen», realisaram conferencias os srs. Paulino Musachio, Benjamin Odell, D. Maria Belart e Joaquim Belart.

⁂

Os espiritas argentinos festejaram o 3.o centenario da fundação do Asylo — "Primeiro Centenario da Independencia Argentina. Falaram diversos oradores tornando a festa muito concorrida.

⁂

Estão circulando periodicamente *La Nota Espiritista*, *Constancia*, *La Idéa*, *La Union*, *Fiat Lux*. Todos trazem substanciosos artigos e noticias.

⁂

Grupo de Matanzas continúa realisando sessões aos sabbados.

O Grupo mantém a revista «*Rozendo*».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Parece que uma nova phase de propaganda accentuar-se-á no nosso paiz a modo de tornar dominante a Idéa Espirita, destinada a estabelecer em toda a parte os principios moraes preconisados por Jesus e substituidos pela classe sacerdotal por vãos simulacros que têm retardado o progresso espiritual dos povos.

O Espiritismo não precisa da influencia dos grandes do mundo e dos governos, mas precisa dominar o mundo.

Esse dominio não o acceitará o Espiritismo passivamente, servilmente, como acontece ás doutrinas sacerdotaes, mas activa e energicamente exigindo de governos e governados, grandes e pequenos, o estricto cumprimento da Lei, para que a justiça não periclite e debaixo do estandarte da mais ampla Fraternidade possamos gosar o progresso material e espiritual que o Supremo Senhor concede ao nosso planeta.

São Paulo

PIRACICABA

N'esta cidade, uma das mais prosperas do Estado, o Espiritismo tem merecido larga divulgação.

A gravura que damos é da fachada do "Centro Espirita Fora da Caridade não ha Salvação", dirigido pelo nosso confrade Pedro Camargo, muito conhecido entre os espiritas por Vinicius, pseudonmo que usa em seus artigos, pois, o distincto correligionario além de tudo é inspirado escriptor.

Orador de merito, Pedro Camargo, effectua no centro conferencias semanaes, que se realisam as quartas feiras sobre pontos Evangelicos, que esclarece em bellas e bem conjecturadas dissertações. Além disso e quando está de veia, o Pedro, como lhe tratamos na intimidade, abala-se do seu lar e vai levar pelas redondezas, em outros nucleos, cujos confrades reclamam a sua presença, a Palavra Evangelica, contribuindo assim para a redempção das almas presas ao jugo clerical.

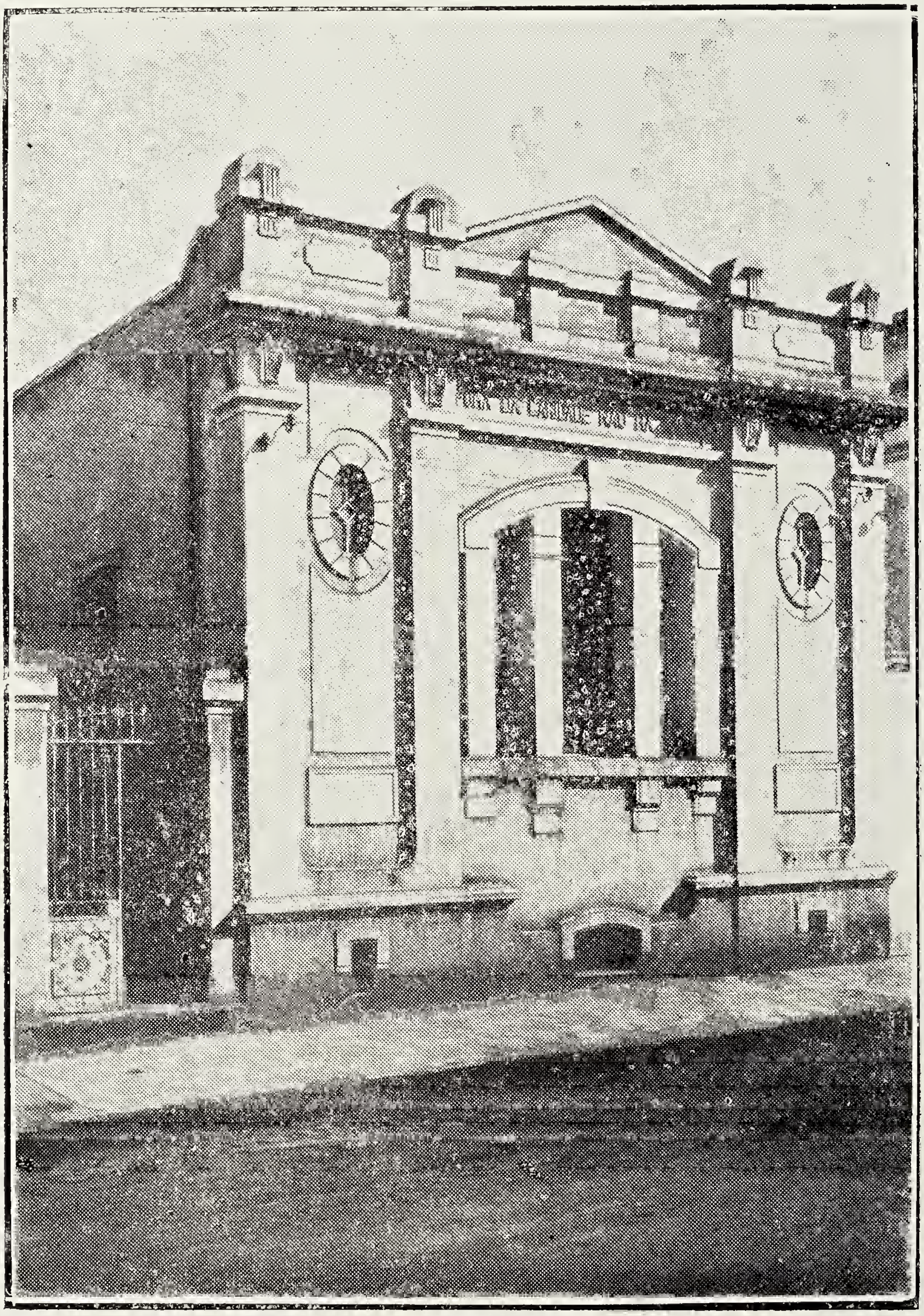

Fachada do Centro Espirita «Fora da Caridade não ha Salvação», de Piracicaba

No Centro Piracicabano, além das palestras do Vinicius, existe um posto receitista e uma pharmacia homœpathica para servir aos necessitados, bem como uma secção especial de communicações com o Além onde são recebidos Espiritos de varias categorias.

Este trabalho é dirigido pela incançavel obreira D. Eugenia Silva, professora da Escola Modelo, espelho de virtudes, caracter elevado, emfim, uma verdadeira espirita que comprehendeu e se compenetrou da sua tarefa na terra. E o labor dessa Apostola não se resume a essas sessões: visita os enfermos, dá-lhes passes que suavisam suas dôres, tem sempre para todos palavras de animo, gestos de conforto.

O Centro de Piracicaba costuma tambem promover festejos de caridade e commemorativos certos dias do anno, occasião em que oradores extranhos visitam a «Noiva da Collina» e se fazem ouvir, attrahindo ao gremio curiosos e recalcitrantes que conhecem a sentença do Evangelho: «ninguem ser propheta em sua terra».

Em resumo, é o que conhecemos de Piracicaba, sem esquecer outras tantas distinctas senhoras auxiliares dos trabalhos, como D. Laurinha Albuquerque, D. Maria Pereira (Inhaia), D. Mariqninhas Gentil e outras do sexo fraco e coração e entendimento fortes que se fizeram seguidoras de Jesus e discipulas estudiosas do Amado Mestre.

BARRETOS

Infelizmente não podemos cumprir a promessa que fizemos, — offerecer aos leitores a gravura da photographia que recebemos, e de que nos referimos no ultimo numero.

«O retrato não dá cliché» — foi o que nos disse o gravador. Mas a copia acha-se em nossa redacção á disposição dos interessados que queiram examinal-a.

N'essa copia vê-se o sr. Mori em concentração, sentado, braço apoiado sobre uma mesa redonda.

O «extra» está justamente sob a parte da mesa na qual o sr. Mori tem o seu braço. Elle caracterisa-se por um pedaço de facha luminosa que tomando a parte esquerda do campo da objectiva, quasi attinge a perna direita do medium: é uma nebulosa.

Esse «extra» foi obtido no Grupo «William Crookes», 16.a sessão.

E' do seguinte theor o relato do sr. Americo Mori:

«Obtivemos essa nebulosa do seguinte modo:

Nas duas sessões anteriores obtivemos algum resultado, mas com traços muito leves, além disso desejamos estudar as causas numa série de pesquizas precisas.

Estudando o "Trabalho dos Mortos", verificamos que o Maestro Ettore Bosio empregava uma parte de magnesium bem menor que a nossa. Para cubagem de uma sala de 5x4, empregavamos 80 centigrammos. Verificamos então que era muito grande a intensidade da luz, que absorvia os fluidos, produzindo-se assim traços muito leves. Na 11.a sessão obtivemos numa chapa tres "extras", ou tres entidades, das quaes todos assemelhando-se a pessoas conhecidas nossas. Uma dentre estas é D. Maria Tedesco, ha mezes desincarnada e esposa do confrade Domingos Tedesco, que nessa occasião encontrava-se presente. Este «extra» foi conhecido de todos a quem mostramos a copia. Infelizmente não dá cliché para reprodução na Revista. A operação essa noite foi feita por um habil profissional, sr. José Tedesco.

Mas como dizia, comprehendemos ser a carga de magnesium demasiada para novas sessões.

A explosão era feita por um circuito electrico, evitando assim a luz branca de phosphoros ou algo equivalente.

Iniciada nova experiencia, sala preparada, eu e o nosso photographo sr. Josino Silva Ramos, que conta 20 annos de pratica, tomei pôse junto á mesa de communicações typtologicas, contando o operador tres tempos, explodiu o magnesium. Revelando a chapa, verificou que 25 centigrammos de magnesium eram sufficientes, e assim foi obtida a nebulose de que trato.

As nossas sessões são feitas com panno preto, para fundo, em toda a extensão.

Estamos proseguindo, e o mais que houver levarei ao conhecimento dessa Revista.

JABOTICABAL

Foi constituido nesta cidade, talvez a mais intellectual do Estado e de mais liberal população, um grupo de pesquizas e experiencias espiritas, abrangendo o ciclo animico, cujos resultados devem ser constatados pela photographia.

O grupo está sob a direcção do bem orientado e estudioso espirita Pedro Volpe, acatado cirurgião dentista nessa cidade, e se compõe em grande parte dos irmãos Volpe, todos espiritas e dentre elles alguns mediums.

Ao chegar ao nosso conhecimento essa agradavel nova, já se haviam realisado cinco sessões. A quarta foi maravilhosa : deu-se a materialisação rapida de uma mulher, que foi reconhecida como um dos da familia Volpe. O magnesium foi incendiado nessa occasião e a chapa, que tivemos occasião de examinar, em sua terça parte contém uma mancha branca, que os Espiritos explicam como sendo fluidos que não estavam ainda aggregados para produzirem o resultado desejado, pois a luz foi feita antes do tempo preciso.

Sabemos que esses trabalhos proseguirão, pois todos se acham encorajados e cheio de esperanças nos bons resultados, devendo até as sessões se effectuarem mais amiudadas vezes.

⁂

As Palestras do Centro continuam aos sabbados, sendo a entrada franqueada ao publico.

⁂

O serviço da imprensa ou seja propaganda pela imprensa está ao cargo do velho amigo Paschoal Volpe que, religiosamente, todas as semanas distribue «O Clarim» na cidade, bem como folhetos de esclarecimentos espiritas.

SALTO

O Centro Espirita Jesus commemorou o 8.o anniversario de sua fundação, tendo, por esse motivo, realisado uma conferencia publica em sua séde o Dr. Souza Ribeiro, distincto medico de Campinas, que tomou para thema — «A nova era e o signal dos tempos.»

O Centro Jesus trabalha activamente na seara distribuindo «O Clarim» á assistencia. Está á sua frente o confrade João Lucio Duarte.

CAMPINAS

No Centro Caminho da Verdade continúa fazendo conferencias ás terças feiras, o nosso companheiro Dr. Souza Ribeiro.

⁂

Sobre o thema — «O papel da mulher na restauração moral da sociedade» — fez uma conferencia no Centro Caminho da Verdade, o nosso confrade João Leão Pitta, espirita da velha guarda que vem se dedicando ao cultivo do espirito.

⁂

Sob a direcção do confrade sr. João Manuel de Jesus, o Centro Nova Luz continúa com as suas sessões, distribuindo tambem "O Clarim" aos assistentes.

MATTÃO

Mais um companheiro recem espirita deu inicio á sua tarefa no Centro Amantes da Pobreza, o sr. Benedicto de Mattos que fez perante auditorio sua profissão de fé. O confrade Mattos tem facilidade em exprimir-se, orientando os seus discursos com logica e baseando-se no Evangelho e obras espiritas.

Na ultima palestra fallou sobre — "Deus e seus attributos".

S. JOÃO DA BOA VISTA

Do nosso correspondente :

Esteve nesta cidade, á serviço d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, o nosso amigo Giaccomo De Bernardo, que fez no Grupo Amor e Caridade, duas conferencias : a primeira sobre a «Reincarnação» ; a segunda sobre «O Diabo e o Inferno». Ambas as conferencias agradaram muito á numerosa assistencia.

Argeu P. Machado.

CASA BRANCA

Da Correspondente :

O nosso confrade sr. Giaccomo De Bernardo, representante dessa Revista e d'O Clarim fez nesta cidade, uma conferencia, na séde do Grupo «Jesus, Luz e Caridade», com accrescido numero de ouvintes.

Joanna M. Fernandes.

FRANCA

O Espiritismo na Franca desenvolve-se admiravelmente.

As obras do Azylo Allan-Kardec vão se estendendo cada vez mais, sem comtudo satisfazer a necessidade dos que procuram o asylo.

O relatorio do mez findo dá a consideravel somma de 158 abrigados.

IGARAPAVA

Do Centro Espirita Luz, Caridade e Amor recebemos um delicado officio dando-nos conta da sua nova directoria: pres. Azarias Arantes; 1.º secr. Edmundo Dantes de Castro; 2.º Thietre Diniz Cintra; thes. Antonio Arantes; o Conselho fiscal é: Alfredo Vilella de Andrade, Aristides Waldomiro Nery e D. Nicolina Pastelli.

LINS

O Centro Sinceridade e Fé communicou-nos a constituição de sua nova directoria, assim concebida: pres. Julio A. Gonçalves; vice, Antonio Silva Teixeira; 1.º sec. Paulo Pereira Prado; 2.º Elpidio Barbosa; thes. José I. Dias Costa; proc. Romario Vieira; bibl. José Gabriel Souza.

Este nucleo em plena actividade faz larga distribuição d'O Clarim.

Rio de Janeiro

Espiritismo na imprensa

A «Secção Espirita» da "Gazeta de Noticias" continúa a proporcionar diariamente aos seus leitores vasto noticiario do movimento espirita, que se opera admiravelmente entre os cariocas e fluminenses.

Centro Fraternidade

Neste Centro, de Marechal Hermes, Avenida 7 de setembro 49, têm feito palestras e conferencias, os confrades: Dr. Carlos Moreira Guimarães, D. Albertina Silveira, Benjamin Loureiro, Antonio Guedes, Camillo Silva, srtas. Jenny Leal, Joselina Tosta, Amaro A. da Silva, Dr. Sebastião Caramurú e outros.

Federação Espirita Brasileira.

As reuniões de estudos nesta associação continuam systematicas sob a direcção dos confrades srs. Manuel Quintão, Paim Pamplona, Dr. Imbassahy, Dr. Guillon e outros pioneiros espiritas.

Associação Espirita Italiana

Nesta associação tem feito conferencias o seu director, nosso amigo M. Rango D'Aragona.

Grupo Fé e Esperança

Este nucleo de Entre Rios assim constituiu sua nova directoria: pres. D. Rita Cerqueira; vice, D. Ruth L. Bittencourt; 1.º sec. Manuel I. Reis; 2.º D. Helena Arneiro; thes. Evaristo Arneiro; bibl. José Arneiro.

Centro Espirita Lazaro

Neste nucleo do Meyer, presidido pelo confrade sr. Adolpho Barreto Sampaio, fez uma conferencia sobre — «Flores da alma», o sr. Augusto Amaro da Silva.

Conferencias de Ignacio Bittencourt

Continúa effectuando suas apreciadas conferencias, o popular propagandista Ignacio Bittencourt, que falou ultimamente na Federação sobre a Doutrina Espirita.

Centro Estudantes da Verdade

Este nucleo com séde á rua Domingos Lopes, 280, Madureira, está effectuando um bello trabalho de propaganda. Contando com bons elementos, que estavam por manifestar-se, começou a realisar conferencias nos primeiros domingos de cada mez ás 4 horas da tarde; sessões ás quartas feiras, as 8 da noite.

O presidente deste grupo é o Commandante José Simeão Corrêa da Silva. O Centro distribuiu O Clarim aos assistentes.

Maranhão

Centro Espirita Maranhense

Do nosso correspondente:

Os propagandistas espiritas luctam com grande difficuldades no Maranhão, de

1.o Basilio L. Cabral, thes.; 2.o D. Ricardina Santos, 2.o secr.; 3.o Antonio Vinhaes, pres.; 4.o Francisco Santos, 1 o secr. e 5.o José M. Pinto, bibl.

maneiras que as obras que conseguem realisar representam o resultado de grandes esforços no campo, ainda bem inculto cá no Norte, da propaganda.

Este nucleo vae, entretanto, colhendo alguns fructos das sementes que espalha.

Costumamos oppôr os factos á calumnia e escudados no amor, na tolerancia e na indulgencia vamos vencendo as difficuldades.

O Centro Espirita Maranhanse tem por directores os seguintes confrades: pres. Antonio Vinhaes; 1.o secr. Francisco C. dos Santos; 2.o D. Ricardina Santos; thes. Basilio L. Cabral; e bibl. José Maria Pinto.

Aproveitando a opportunidade que nos offerece o envio desta correspondencia

Sala da secretaria do Centro Espirita Maranhense, num dia de domingo.

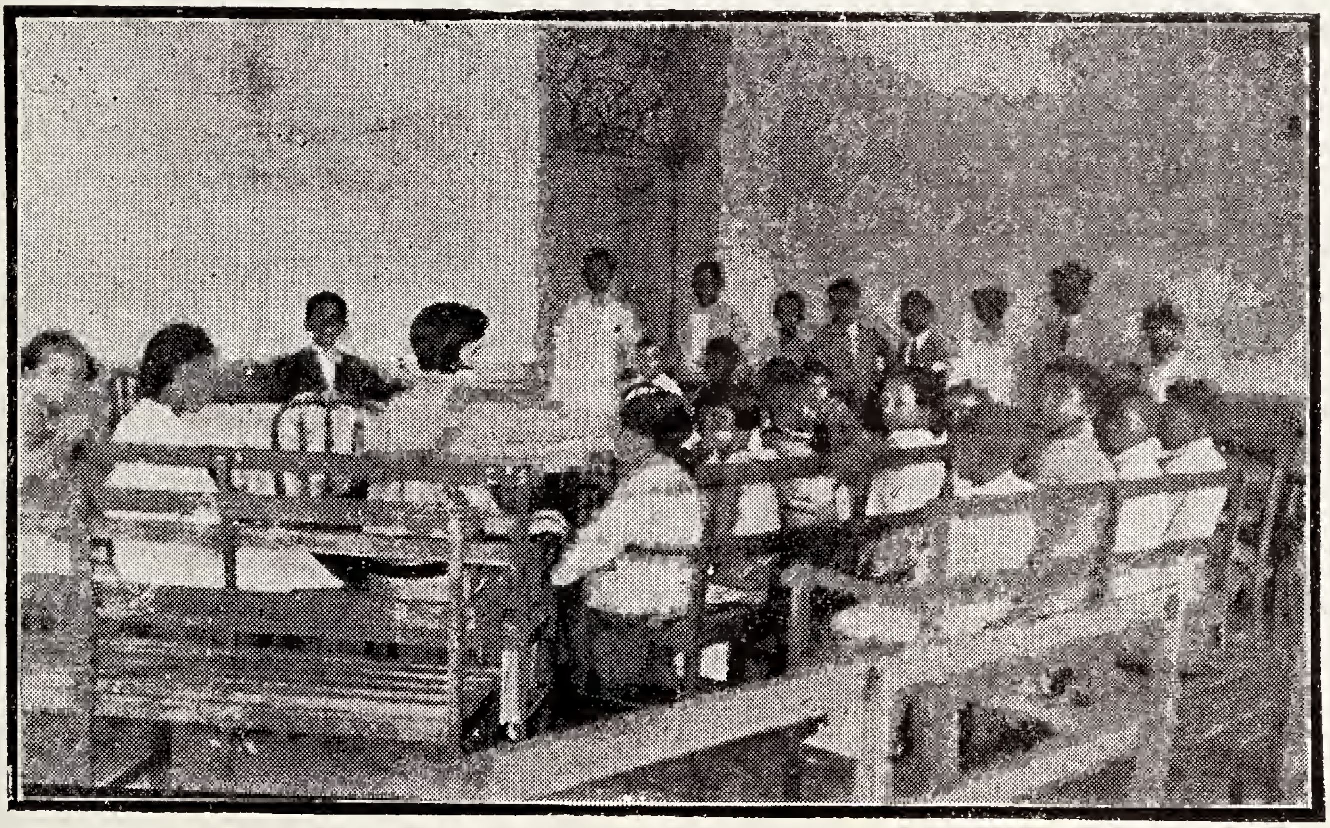

Sala das Conferencias do Centro Espirita Maranhense.

envio a essa Revista algumas photographias de varios aspectos do Centro Maranhense, que edificou sua séde social onde se realisam todos os seus trabalhos.

O Centro, além de sessões de propaganda em que a entrada é franqueada ao publico, realisa trabalhos praticos mediumnicos, obedecendo exclusivamente ao methodo kardecista, assim como conferencias publicas sob themas espiritas para melhor diffusão da Doutrina.

Tendo em conta a recommendação dos luminares do Espiritismo, que recommendam incessantemente a instrucção das crianças o Centro Maranhense não quiz passar em vão esse preceito e resolveu a

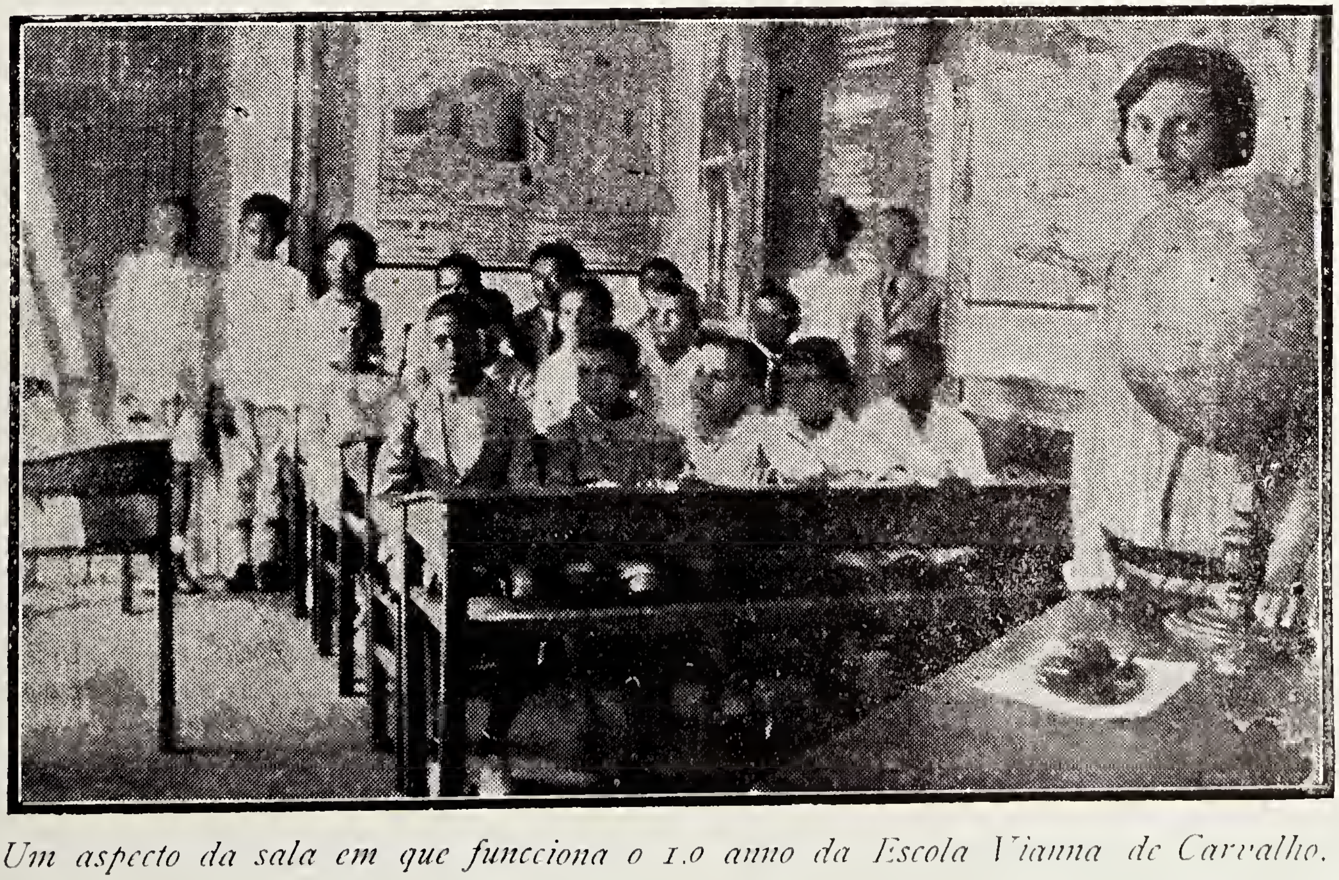

Um aspecto da sala em que funcciona o 1.o anno da Escola Vianna de Carvalho.

abertura de uma Escola para as crianças pobres, que julgou por bem denominal-a com o nome do preclaro Espirito, intemerato propagandista, sabio polemista e admiravel orador e escriptor Dr. Vianna de Carvalho, de saudosa memoria.

Quando o Centro fundou a «Escola Vianna de Carvalho», o clero moveu-lhe tremenda lucta, mas os Mensageiros do Senhor não deixaram fracassar a nossa iniciativa, e a Escola vai prestando bons serviços aos que sem recursos se veriam privados das lettras.

Ha poucos dias honrou-nos com a sua visita o Sr. Dr. Antonio Lopes, um dos luminares da advogacia nesta terra, e inspector da instrucção nas escolas mantidas pelo governo municipal. Do boletim de visita constam estas palavras, que muito nos confortam e encorajam para as luctas futuras: «Sou de parecer que qualquer auxilio por parte de particulares ou dos poderes publicos á Escola Vianna de Carvalho, é de inteira justiça».

Eis uma ligeira noticia do trabalho espirita no Maranhão, onde a lucta é grande e prevalece ainda o clericalismo açambarcador de consciencias. Mas confiamos nas Mensagens do Alto, que novos tempos chegam em que a Luz brilhará com seu maior esplendor e a Verdade forçará os retardatarios, desbravando-lhes novas veredas em que predominará o verdadeiro amor do proximo.

Goyaz

JATAHY

De passagem por Uberabinha, esteve nesta cidade goyana o nosso irmão Emiliano Cardoso de Moraes.

Em Uberabinha, o sr. Emiliano fez uma palestra no «Ponto», dirigido por D. Maria Modesto, esforçada propagandista n'aquella cidade mineira.

Em Jatahy foi enorme a assistencia que compareceu ás palestras do confrade Emiliano, tendo sido distribuidos avulsos espiritas.

Minas

GUAXUPÉ

Centro Nova Era

Esta Sociedade Mineira assim constituiu sua nova directoria: pres. Pharm.o Rodrigo A. Antunes; vice, Attilio Pisa; 1.o secr. D. Barbara Z. Coragem; 2.o Arthur Ferraz Araujo; thes. José Ferraz Araújo; proc. Raymundo de Macedo Filho; orador, João Santos Coragem, bibl. Bento Wey.

⁂

Esteve nesta cidade um grupo das «Operarias do Bem», sob a direcção de D. Clelia Rocha.

O clero, por ordem do bispo fez tenaz campanha contra essas moças que angariam, em troca de espectaculos de fundo espiritual, donativos, para o Asylo estabelecido em S. Manuel.

O confrade João Coragem foi valoroso elemento para que as «Operarias do Bem» tivessem bom acolhimento da população.

⁂

Passou por esta cidade, effectuando uma palestra espirita o confrade Giaccomo De Bernardo, representante desta Revista.

Do Correspondente

JACUTINGA

Do Correspondente:

Sobre «O Espiritismo», o nosso confrade Onofre Baptista fez nesta cidade uma conferencia, com grande assistencia, dissertando com felicidade sobre as bases fundamentaes da doutrina.

A nova serie de assignaturas desta Revista começa a 15 do proximo mez de Agosto

Communicamos aos interessados que ainda temos algumas collecções encadernadas do 1.o, do 2.o e do 3.o anno da Revista Internacional do Espiritismo.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL — **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4715unse

NNO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Agosto de 1928 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

As forças eventuaes e os phenomenos psychicos
Formas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo
Idéas preconcebidas
Voz Directa
Sir William James
Contribuição para o estudo e experimentação da photographia espirita
Um medium desenhista
Prova photographica do perispirito
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Bibliographia
Necrologia

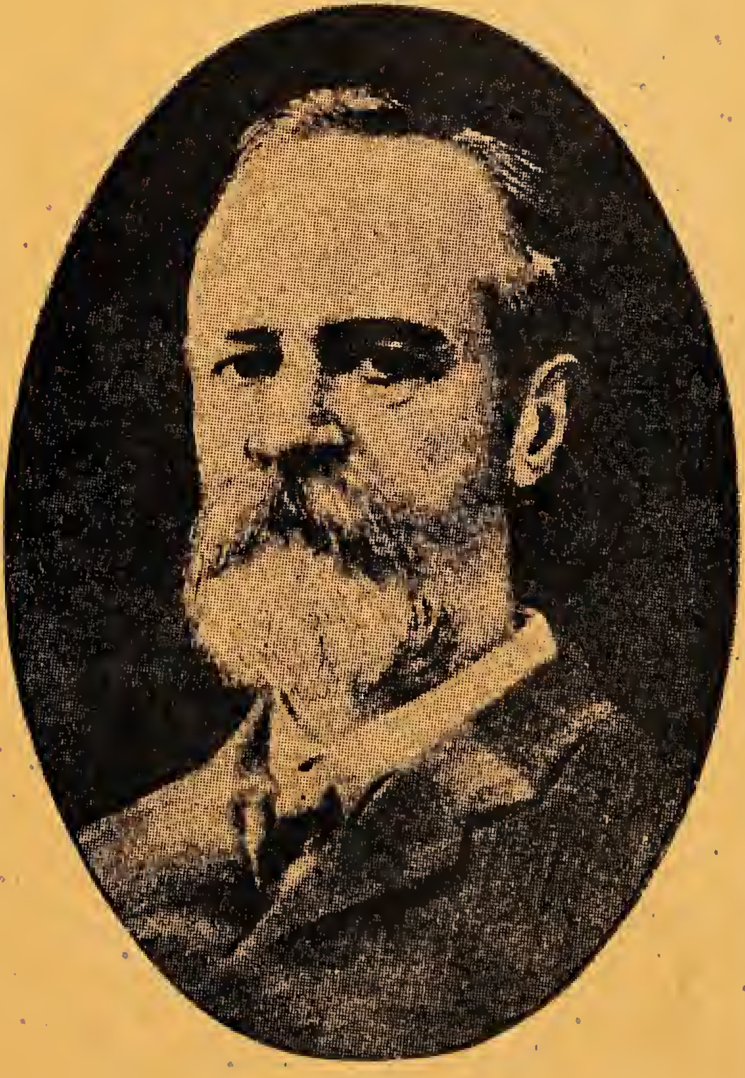

SIR WILLIAM JAMES

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Agosto de 1928 - NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ≍ COLLABORADORES : DIVERSOS

AS FORÇAS EVENTUAES E OS PHENOMENOS PSYCHICOS

AS «forças eventuaes» representam um papel predominante nas crenças da humanidade.

Escravisado pelo dogma, immerso na superstição e no fanatismo, o homem foge da Verdade e anda por invios caminhos, perdido qual judeu errante, sem parada e sem destino, cégo de sua natureza, ignorante do futuro que o espera.

Nas classes abastadas de saber as «forças eventuaes» dominam verdadeiramente as consciencias.

Nos illetrados essas forças cognominadas poderes milagrosos, arrastando enormes multidões aos altares do «deus desconhecido», como outr'ora no Areopago de Athenas faziam curvar servos e livres, pequenos e grandes sem que a razão, por mais poderosa que fosse, conseguisse impedir esse transvio de almas.

E', na verdade, difficil se conseguir que o homem se reconcilie comsigo mesmo.

Tomando a apparencia pela realidade, alheio ao raciocinio, ao livre-exame, ao estudo frio e reflexivo dos phenomenos que se desdobram aos seus olhos; affeito ao uso vulgar dos cinco sentidos destinados ás cousas grosseiras da terra, o homem não se elevará acima de si mesmo sem que reiteradas provas da immortalidade venham abstrail-o desse estado degradante em que se acha.

As crenças da humanidade parecem uma mescla dos mysterios, dos cultos, das cerimonias com que os pagãos reverenciavam seus deuses e seus heróes e das fabulas mysteriosas da antiguidade.

Esse mythismo, que tem ensombrado as massas elevou-se actualmente ao capitolio, prendendo a civilisação em suas estreitas malhas, embora com uma terminologia que nada explicando, ainda estabelece a confusão nos neophitos que procuram a verdade e esforçam-se por encontral-a.

Foi com o fim de desbravar o campo inculto dessas «forças» que denominamos «eventuaes», que Allan-Kardec dedicou, no seu livro «A Genesis», um magnifico capitulo com o titulo «Os fluidos», em que deixa bem patente a inexistencia do *milagre* e a completa solução do problema que vinha preoccupando os grandes philosophos de todos os tempos, ou seja, a natureza espiritual do homem e a sua subsistencia atravez as vicissitudes da materia, inclusive o phenomeno que chamamos morte.

Todas as forças, todos os fluidos perceptiveis unicamente a certas e determinadas pessoas ou em certos momentos da vida, só podem ser estudados claramente sob este aspecto, sob esta nova e determinada phase da sciencia, que em seus magnificos surtos nos faz entrever todos os dias mais dilatados os horisontes dos conhecimentos humanos, até agora cerceados por uma religião de dogmas e uma sciencia de mysterios.

E é justamente por haverem as pesquisas scientificas fornecido a chave dos *milagres* que se operam mais particularmente no elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando a sua impossibilidade pelas leis que regem a materia, e não poderem ser explicados por esses mesmos scientistas os phenomenos em que o elemento psychico tem parte preponderante, que a explicação espirita, de accordo com as leis que regem a vida espiritual, resolve á contento a equação, dando uma solução clara e racional da incognita que prendeu por tantas centenas de annos a intelligencia dos maiores pensadores.

Não pode existir effeito intelligente, sem causa intelligente. Os phenomenos psychicos separados de suas causas, predominantes, alheios a sua verdadeira concepção, hão de permanecer sempre como aconteceu até os annos transactos nas raias viciadas do sobrenaturalismo ou do mythismo, cujo despotico imperio deprime as almas em vez de exaltal-as e tolhe a marcha evolutiva da humanidade.

O que vale proclamar a veracidade desses factos, affirmar a sua realidade se os relegamos para uma esphera de conhecimentos absolutamente vedados á humanidade, mantendo irresoluta a questão ou fazendo ainda mais, dando lugar para duas interpretações sem valor representativo e que até desvalorisam *in totum* não só as causas como os phenomenos que dellas decorrem ?

Que valor merece em mathematica a equação exponencial se procurarmos conservar desconhecido o seu maior expoente e ainda dermos lugar ao apparecimento de mais uma incognita ?

Se prevalecem as «forças eventuaes» da natureza, que o «sabio» lhes quer dar o caracter de intelligentes, é claro que predominam os mysterios e a mythologia pagan ha-de forçosamente attrahir as almas para o sobrenaturalismo, com detrimento da Verdade que anceia por vêr-se comprehendida. Os phenomenos psychicos, verificados em todas as epocas, vêm agora nos mostrar os erros das religiões que serviram de padrão á humanidade, como a exiguidade da sciencia terrena quando se vê nos planos transcendentaes da Vida.

E por isso mesmo tanto a sciencia como as religiões não podem deixar de contribuir, para que o espirito estudioso veja nellas um elemento reaccionario, que revoltando-se contra o progresso, tornam-se inconscientemente contribuintes desse mesmo progresso a que se oppõem.

O Espiritismo tendo por objectivo principal o conhecimento das leis do principio espiritual, a grande força predominante na natureza, veio resolver a multidão de phenomenos até hoje inexplicados e inexplicaveis, oppondo assim energicos embargos ás praticas e crenças ridiculas que atrazam a humanidade com a derrota que elle dará as «forças eventuaes», transformará, com a sua poderosa acção não só as idéas archaicas que negam a verdade, mas estabelecerá na terra o verdadeiro reinado do Bem e da Fraternidade, com a revelação de um outro mundo onde o homem é julgado por suas obras.

OS homens de genio, os santos, os prophetas, os grandes poetas, sabios, artistas, inventores, todos quantos têm dilatado o dominio da alma, são enviados do céo, executores dos designios de Deus em nosso mundo. Toda a philosophia da historia ahi se encerra. Haverá espectaculo mais bello que essa ininterrupta cadeia mediumnica que liga os seculos entre si, como as paginas de um grande livro da vida, e integra todos os acontecimentos, mesmo os mais apparentemente contradictorios no plano harmonico de uma solemne e magestosa unidade ? A existencia de cada homem de genio é como um capitulo vivo d'essa grandiosa biblia.

Léon Denis.

Formas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo

— II —

Em nosso primeiro artigo, tratando do diccionario de psychiatria escripto em collaboração por 128 summidades medicas, citamos sem commentario alguns casos. Hoje vamos citar outros em continuação e conclusão, deixando egualmente os commentarios a cargo do leitor iniciado em Animismo e Espiritismo.

Comquanto a litteratura espirita esteja repleta de factos semelhantes, os que estamos traduzindo e transcrevendo têm uma significação muito especial por serem recolhidos e registados por homens de grande saber e adversarios ou pelo menos desconhecedores do Espiritismo, os quaes não podem ser acoimados de supersticiosos em favor dos factos espiritas.

Caso V.

A responsabilidade deste caso cabe ao Dr. Bonamaison, de St. Dizier. Este medico publicou em «L'Hypnotisme» de fevereiro de 1890 a observação seguinte : — Mlle. X., paciente no hospital de alienados de Dizier, com 22 annos de idade, é alta, morena, intelligente. Está manifestamente soffrendo a hysteria. Cada manhã tem ella um ataque de somno que dura de quatro a cinco horas. O seu olhar se torna fixo. Para a conversação ou o trabalho em que estava occupada e permanece immovel na posição em que se achava. Este estado dura de alguns segundos até perto de dois minutos. Depois um suspiro prolongado indica que a paciente está entrando no estado somnambulico. Olha com pasmo ao redor de si, dizendo ás pessoas presentes : «Bom dia !» e ás vezes accrescenta—«Ah ! você está aqui !» Então parece lembrar-se e recomeça a conversação interrompida ou o trabalho no ponto em que o havia deixado. Algumas vezes a phase cataleptoide é tão breve que passa despercebida. E então as pessoas que se acham em torno della e que ignoram essa extranha anomalia, não notam cousa alguma. Mas para um observador informado, o caracter e as maneiras de Mlle. X. soffreram uma modificação apreciavel ; os seus olhos estão mais brilhantes, as suas maneiras são mais espontaneas, ella falla e ri com animação ; e, de muito docil que é no seu estado normal, no segundo estado torna-se voluntariosa e caprichosa. Neste estado ella se occupa de preferencia com peças de costura ou bordados finissimas, as quaes executa com actividade febril e habilidade unica. Durante o ataque de somnambulismo a paciente conserva a lembrança de tudo que se passou durante a sua vida normal e durante os precedentes ataques de somnambulismo. Ao voltar ao estado normal, ella se esquece completamente de tudo que succedeu e de tudo que disse durante o ataque de somnambulismo — mas frequentes vezes dá-se que no dia seguinte, entrando novamente no estado de somnambulismo, ella tenta renovar a conversação ou continuar o que estava lendo durante o segundo estado do dia antecedente e do qual ella se havia esquecido no estado do dia antecedente e do qual ella se havia esquecido no estado normal.

O somnambulismo espontaneo combinado com o desdobramento da personalidade, é uma das manifestações mais raras da grande hysteria e a litteratura medica contem bem poucos exemplos. Podemos dizer que em consequencia do regresso periodico da segunda condição, a nossa paciente vive duas vidas distinctas e a sua personalidade é dividida em duas individualidades distinctas. Poderiamos mesmo accrescentar que o segundo estado é de facto a mais agradavel das duas vidas, a mais completa, pois que nelle ella tem conservada a lembrança da sua existencia inteira, emquanto que no estado normal todos os periodos do seu segundo estado são completamente extinctos da sua memoria.

Nesta observação, da qual damos apenas um resumo, a indentidade da consciencia dupla com o somnambulismo não admitte duvidas.

Caso VI.

Macnish relata o seguinte ; Uma joven dama, instruida e bem educada, de boa constituição, cahiu repentinamente em somno profundo que durou além do tempo normal. Ao despertar, ella havia esquecido tudo que sabia, não havia conservado idéa alguma nem de palavras nem de coisas.

Teve de aprender tudo de novo. Teve que aprender a ler, a escrever, a contar. A pouco e pouco foi se tornando familiar com as pessoas e e coisas que a cercavam e eram para ella como si as visse pela primeira vez. Fez progressos rapidos. Depois de um espaço de tempo consideravel, de alguns mezes, sem causa alguma apparente, foi ella acommettida novamente de um longo somno semelhante ao que havia precedido á sua nova vida.

Ao despertar, achava-se ella exactamente nas mesmas condições em que estava antes do primeiro somno ; mas não tinha lembrança alguma de tudo que se déra no intervallo. Em uma palavra, reintegrada em seu velho estado, ella ignorava o novo estado. Assim alternadamente ella trazia em lembrança as suas duas vidas que eram vidas separadamente.

Por mais de quatro annos essa joven tem apresentado — quasi periodicamente — esses phenomenos ; em um estado, quer no outro, ella não tem mais recordação do que duas pessoas distinctas têm das suas respectivas naturezas. Por exemplo, durante o periodo do seu velho estado, ella possue todos os conhecimentos que adquiriu na infancia e na mocidade ; em seu novo estado ella somente conhece o que aprendeu desde que aquelle se interrompeu. Si alguem lhe é apresentado em um desses estados, ella é obrigada a conhecel-o tambem no outro afim de ter uma noção completa da pessoa. E assim com tudo mais. Em seu antigo estado tinha ella uma linda calligraphia e tem-n'a conservado sempre no estado normal. No novo estado a sua escripta é má e desageitada como a de uma criança, e isso porque ella não tem tempo nem meios de aperfeiçoal-a.

Como dissemos acima, essa successão de phenomenos já perdura ha mais de quatro annos, e Mme. X. tem conseguido arranjar o caso de modo a não crear situação muito desairosa na roda das suas relações mais proximas.

Este caso de consciencia dupla — que saibámos—é o primeiro que foi publicado. Data de 1816. Desde então até 1858 (a epoca em que começamos a estudar Félida X) deve ter havido outros, mas passaram sem registo.

Caso VII.

Com este caso, observado por nós mesmo, é bem conhecido, aqui publicamos apenas um resumo e accrescentamos um relato das condições actuaes da paciente. São decorridos trinta e dois annos de que essa paciente entrou para a nossa observação. Em 1858 fomos chamado para tratar de uma joven, Félida X. que os paes julgava louca. Tinha ella então quinze annos, e era hysterica com convulsões. Era industriosa, intelligente e de caracter sério, quasi triste. Este é o principal phenomeno da sua enfermidade que alarma a familia e os que a cercam. Quasi diariamente, sem causa alguma apparente nem excitação dos sentimentos, ella entra na segunda condição, do seguinte modo : Está assentada com uma peça de costura na mão ; de repente, após uma dor de cabeça nas fontes, cahe em profundo somno, do qual ninguem a pode despertar e que dura de dois a tres minutos. Depois desperta-se, mas é differente do que era antes. Está alegre, risonha, canta harmoniosamente em voz baixa, proseguindo sempre o trabalho que tem nas mãos, graceja com os que lhe estão proximo, a sua intelligencia é mais activa, não soffre as dores nevralgicas que tem no estado ordinario. Neste estado a que chamamos a segunda condição, Félida tem um conhecimento completo de toda a sua vida, lembra se não só da vida ordinaria como tambem dos estados eguaes ao em que então se acha.

Em 1858 essa segunda condição durava de uma a tres horas por dia, algumas vezes ainda menos; depois disso havia uma nova perda de consciencia e despertava em seu estado ordinario. Então Félida é sombria, morosa, e, o que mais a entristece, ignora absolutamente o que se deu no periodo precedente. Qualquer que tenha sido o tempo da sua duração, a lembrança está completamente extincta. Nos annos que se seguiram a 1858 os periodos da segunda condição têm augmentado e egualado em duração os periodos da condição normal. A existencia de Félida estava dividida em duas partes eguaes, depois a segunda condição passou a exceder o estado normal da vida, e durante certo numero de annos os periodos normaes duravam só dois ou tres dias contra tres ou quatro meses da segunda condição. A vida dessa senhora era intoleravel, porque ella não se recordava da maior parte da vida. Nós nos abstemos de fazer as reflexões que essa condição singular suggere. Cada leitor poderá fazel-as por si mesmo.

Agora, em 1891, Félida tem 47 annos de idade. A sua saúde geral é má, porque ella tem um tumor no ovario. A sua condição intellectual presentemente é a seguinte: Nos nove ou dez annos ultimos os periodos da segunda condição têm diminuido de duração até durarem apenas algumas horas, e apparecem sómente a intervallos de 25-30 dias. Assim Félida está quasi curada e estará perfeitamente curada na idade critica.

(Do «Dictionary of Psychological Medicine», p. 403 e seguintes.)

——

Terminando o resumo desses casos que exponho ao estudo dos espiritas que ainda os não conheçam, desejo apenas declarar que nenhuma explicação, nem mesmo em forma de hypothese, é apresentada para justifical-os do ponto de vista-materialista. Seguem uns commentarios sobre o maravilhoso dos factos, commentarios muito interessantes, aos quaes pretendemos nos referir opportunamente si estas generosas columnas o permittirem, mas que não pretendem explical-os.

Gomes Braga.

IDÉAS PRECONCEBIDAS

Passou o tempo em que se podia, a priori, *repellir as nossas idéas sem se lhes dar a honra da discussão; hoje o Espiritismo impõe-se á attenção publica. E' preciso que os prejuizos absurdos, com que o acolheram ao nascer, desappareçam diante da realidade. E' necessario que se saiba que, longe de serem visionarios, os espiritas são observadores fieis e methodicos, não relatando senão factos bem confirmados.*

E' preciso que se convençam de que muitos milhões de homens não são victimas de uma loucura contagiosa, e que, se elles creem, é porque sua doutrina offerece os mais nobres ensinos e abre ao espirito os mais vastos horizontes. E' preciso emfim, deixar de parte essas faceis zombarias, empregadas ha cincoenta e cinco annos em todos os pasquins, e que não fazem nem mesmo rir aos que as editam.

G. D.

VOZ DIRECTA

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NA ITALIA

(De «LUCE E OMBRA»)

Esclarecimentos e considerações

Como os leitores terão observado, as «vozes directas» obtidas por nós nas experiencias de Millesimo, não provinham sempre das trombetas acusticas; mas muitas vezes resoavam, poderosas, de um angulo extremo do tecto, ou brotavam do solo no centro do circulo. Como já ficou dito, estas ultimas são as que mais impressionam, pois se diria surgirem de um sepulcro.

Repetem-se, portanto, nas experiencias de Millesimo as mesmas modalidades de manifestação que já se haviam observado em Londres, na casa de Bradley, com o famoso medium Valiantine. E póde-se accrescentar que as sessões de Millesimo podem supportar o confronto com as melhores de Bradley.

O marquez Centurione Scotto e o Snr. Rossi que assistiram ás sessões de Londres com Valiantine affirmam-n'o de modo categorico. A voz poderosa de Bert Everett, o espirito-guia inglez, resoou identica nas sessões de Millesimo e nas de Londres com Valiantine. A voz do nosso benemerito guia D'Angelo, é absolutamente natural e clara como a de um vivo. Egualmente optimas foram as vozes do General Navarra, de Eusapia Paladino, do «torero» Guerrita, da mãe da marqueza Centurione Scotto e de Rabelais. Debil, mas intelligivel, a voz da irmãzinha fallecida da Marqueza; rouca, aphona e pouco intelligivel a voz de minha mãe.

E convem observar aqui que as ‹vozes directas›, as quaes se succedem rapidamente em uma mesma sessão, demonstrando-se radicalmente diversas entre si, e sobretudo demonstrando-se variabilissimas entre si pela capacidade de exprimirem-se claramente, é uma circumstancia que concorre efficazmente com outras para demonstrar a origem extrinseca ou espirita das ‹vozes directas»; visto que um tal facto concorda como o que se deveria realisar em se tratando de personalidades de defuntos, as quaes não poderiam deixar de apresentar graduações sempre diversas em capacidades technicas e intellectuaes, como não poderiam deixar de ser muito diversas entre si devido ao gráo de elevação alcançado nas espheras espirituaes (caso no qual os espiritos menos evoluidos seriam os que melhor conseguiriam communicar-se); sem contar que todos teriam necessidade de adquirir a pratica necessaria na utilização dos «fluidos», antes de chegarem a communicar-se desembaraçadamente. E é por isso que os espiritos-guias, os quaes se manifestam em todas as sessões e communicam-se a cada momento, são os que se exprimem com vozes absolutamente naturaes e com o desembaraço dos vivos. Ora, é theoricamente importante o notar-se que toda essa complexa situação dos factos, a qual se explica tão planamente pela hypothese espirita, não se póde explicar de modo algum com a hypothese das «personificações subconscientes›, nas quaes, naturalmente, deveria reconhecer-se sempre a ‹personalidade somnambulica› do medium, a qual, por effeito da suggestão ou da auto-suggestão, personificaria o pensamento e as aspirações dos presentes. E está bem quanto ás personificações; mas de que modo explicar-se com a mesma hypothese as variabilissimas capacidades de exprimir-se com a ‹voz directa›, desde o momento em que se tratasse sempre da mesma «personalidade somnambulica›, do medium? Talvez se pretendesse que nas contingencias em exame a «personalidade somnambulica» simulasse taes capacidades diversissimas de technica vocal com o escopo unico de burlar o proximo? Quem quer que haja assistido a alguma sessão desse genero e tenha observado a naturalidade das manifestações, e o esforço penoso com que algumas personalidades que não conseguem exprimir-se continuam a tental-o e tornar a tental-o para se fazerem entender; quem haja assistido a tudo isso, repellirá protestando, ou então sorrindo de compaixão a taes insulsas elucubrações de quem nunca assistiu aos phenomenos sobre os quaes tem a presumpção de discutir. De qualquer modo, observo por minha conta que na hypothese de uma «farsa» da subconsciencia, não se trataria mais de presuppor um phenomeno mais ou menos scientificamente legitimo de «automatismo somnambulico», mas de certo postular-se-ia na subconsciencia humana a existencia de uma personalidade supremamente intelligente, raciocinante, e ao mesmo tempo diabolicamente e insulsamente malefica. Ora, uma tal presumpção não só é inverosimil, não só é grotesca e absurda, mas fica outrosim desmentida categoricamente pelas experiencias hypnoticas, pelas quaes é demonstrado que as chamadas «objectivações de typos» creadas pela suggestão nos pacientes hypnotizados, tornam-se personificações estereotypadas, privadas de iniciativa, privadas de vontade, privadas de raciocinio, as quaes representam automaticamente o seu papel na comedia, como o quiz o suggestionador. Em outras palavras: as «objectivações dos typos» tornam-se «monoideismos em acção», e jamais personalidades autonomas que vêm quando querem, vão-se quando lhes parece ou lhes apraz, revelam segredos ignorados de todos os presentes, fallam em linguas ignoradas dos mediums e por vezes de todos os experimentadores, leem nos pensamentos delles, tocam maravilhosamente instrumentos novos, cuja technica é ignorada por todos os presentes, produzem «apports» maravilhosos, escrevem firmas com «escripta directa», e outras e outras coisas ainda. Parece-me que baste para me considerar autorizado a concluir que apesar da existencia de quesitos theoricos até agora sem solução a respeito da identificação pessoal de algumas dessas entidades, isso não impede de affirmar-se sem receio de errar que as «personificações somnambulicas», comprehendidas no sentido hypnotico nada têm de commum com as «personalidades mediumnicas» que se manifestam pela «voz directa». Tudo isso em these geral; isto é, considerando-se as manifestações em exame em seu complexo; pois que em these particular, parece indubitavel que os casos desse genero em que as personalidades communicantes chegam a demonstrar a sua identificação pessoal baseada na revelação de incidentes da sua existencia terrena, incidentes esses desconhecidos de todos os presentes; e tudo isso combinado com as provas cumulativas que derivam da reconhecida identidade do timbre da voz com que se exprimem, da reproducção no discurso das mesmas expressões que lhes eram particulares em vida, da emergencia do mesmo temperamento, das mesmas aspirações, das mesmas indiosyncrasias; parece indubitavel, digo, que em semelhantes contingencias não ha necessidade de perder tempo em demonstrar-lhes a identidade espirita em frente dos propugnadores das «personificações subconscientes». Elles não dispõem nem mesmo da minima prova em favor da these que sustentam; nós dispomos de todo um complexo admiravel de provas convergentes como a um centro para a these propugnada. Em semelhantes condições, responder-lhes seria estulticia.

Comquanto eu reconheça que de um ponto de vista rigorosamente scientifico, não houve nas nossas experiencias episodios realmente notaveis de identificação pessoal de defuntos; o que parecia inevitavel, pois que as demonstrações scientificamente adequadas nessa especie obtêm-se pelo methodo das provas cumulativas; de modo que para attingir o escopo seria necessaria uma longa serie de sessões, como nas experiencias anogolas de H. Dennis Bradley. Isso não impede que as manifestações de Eusapia Paladino, de Guerrita, o «torero», do General Navarra, contenham optimos elementos de demonstração da presença real no logar das entidades que se affirmavam presentes.

Além disso, observo que nas sessões em exame verificou-se repetidas vezes um phenomeno physico, o qual si não é uma prova de identificação pessoal, é indubitavelmente uma prova da presença real de entidades espirituaes extrinsecas a todos os presentes; o que, do ponto de vista theorico, é o mesmo. Quero me referir aos maravilhosos concertos aereos do instrumentinho «Flex-a-tone». Reflictamos um momento. Todos os presentes ignoravam a technica de tal instrumentinho, e a arte de tirar delle todas notas da escala harmonica, apertando mais ou menos a cauda da lamina, deve indubitalmente tornar muito longa a aprendisagem. *Então quem havia tocado o instrumentinho?* Tal pergunta impõe-se ao criterio de qualquer pessoa, e immediatamente comprehende-se que se não pódem dar senão duas soluções ao formidavel quesito: a subconsciente e a espirita.

Recentemente, por occasião de um

episodio de ordem differente em Londres com o medium Valiantine, e no qual se manifestou o espirito de um antiquissimo personagem chinez, o qual não só fallou em sua propria lingua, mas ainda forneceu a leitura correcta de umas poesias que os amanuenses haviam deturpado de modo a tornal-a incomprehensivel; em tal occasião houve um critico espiritophobo, o qual sentenciou que a explicação do facto era simplicissima: o subconsciente do medium havia voado á China, havia procurado um lettrado que conhecesse a leitura correcta da poesia, e havia voado para Londres em menos tempo do que se diga, despejando-a quente, quente aos experimentadores. E tudo isso com o escopo meritorio ou então insulso de enganal-os. Baseado nisso, dever-se ia inferir que no nosso caso aquelle imaginifero critico espiritophobo sahiria de apuros sentenciando que o subconsciente de algum dos quatro mediums em fusão tenha desprendido vôo para a America do Norte, e lá chegando tenha procurado um habil «saxophonista,» e delle tenha surripiado a virtuosidade como os ladrões surripiam as carteiras e a tenha exhibido na sessão, sempre com o o escopo nobilissimo, ou antes idiota, de agradar ao proximo. Essa é a unica explicação de que dispõem os propugnadores da hypothese subconsciente.

Achando-se as coisas nesses termos e como minha razão não concederá jamais que a personalidade subconsciente de um medium seja capaz de tocar magistralmente um instrumento que o medium e todos os presentes absolutamente não conhecem, não me fica coisa melhor do que me adherir incondicionalmente á explicação menos imaginifera, mas infinitamente mais logica, fornecida pelo espirito-guia D'Angelo, segundo a qual tratava se do espirito de um saxophonista norte americano que em vida tinha sido um habil executor do instrumentinho em questão, o qual depois da morte se havia manifestado por intermedio de Valiantine e que agora se manifestava na Italia, nas sessões de Millesimo. São essas as minhas conclusões, e em nome da logica e do senso commum desafio que me demonstrem que não tenho razão.

E agora passo a discutir a personalidade mediumnica de Rabelais, a qual mais do que qualquer outra reclama esclarecimentos e commentarios. Os esclarecimentos consistem nisto: o prof. Gildo Passini é um estudioso apaixonado da personalidade complexa e genial do famoso escriptor francez, cujas obras traduziu em italiano. Do ponto de vista da hypothese espirita, isso equivale a dizer-se que Passini, estudando durante annos com grande amor a personalidade litteraria em que tão, havia feito estabelecer-se uma estreita relação psychica entre a sua propria personalidade integral subconsciente e a personalidade espiritual de Rabelais (não nos esqueçamos que o pensamento é um dynamismo telepathico muito mais efficaz do que o dynamismo physico das ondas electricas na telegraphia sem fio); o que tornou possivel a Rabelais manifestar-se-lhe, emquanto que a existencia de uma relação psychica entre elle e Passini, tornava o primeiro consciente do que succedia na vida privada do segundo; o que explica a presença do espirito de Rabelais nas sessões mediumnicas em que tomava parte Passini. Noto que quando Rabelais manifestou se pela primeira vez e Passini lhe informou que havia traduzido em italiano as suas obras, elle disse: «*Je le sais*».

E agora passo a considerar o episodio em exame do ponto de vista da hypothese adversaria: aquella pela qual se quereriam reduzir todas as manifestações de defuntos a simples incidentes de «personificações subconscientes». O propugnadores de tal hypothese acolherão com jubilo o episodio exposto, porquanto elle é um exemplo typico para demonstração do facto de que a intervenção de Passini foi a causa determinante da personificação que se dizia ser o espirito de Rabelais. O que indubitavelmente é verdade, mas ao mesmo tempo observo que tal coincidencia de facto está longe de constituir uma boa argumentação em favor da these propugnada pelos oppositores, visto que se deve invocar a mesma coincidencia, e é mesmo indispensavel, para explicar o episodio do ponto de vista espirita. De qualquer modo, reconheço que a hypothese das «personificações subconscientes» tem a sua razão de ser, porquanto com o hypnotismo podem-se crear as chamadas «objectivações de typos», que, comquanto nada tenham de commum com as genuinas personalidades mediumnicas, comtudo, no nosso caso em que falta forçosamente qualquer prova de identificação da origem subconsciente da personalidade mediumnica em questão. Mas eu me apresso em accrescentar que na serie de experiencias aqui considerada salienta-se uma circumstancia de facto notabilissima, a qual é de tal modo inconciliavel com a hypothese das «personificações subconscientes» que se deve logicamente excluil-a do numero das hypotheses legitimamente applicaveis ao caso em exame. E eis a circumstancia a que me refiro :

O marquez Centurione Scotto que se havia iniciado nas pesquizas metapsychicas por amor ao filho fallecido, e havia ido a Londres afim de tomar parte nas sessões com o famoso medium Valiantine, com o qual havia obtido a manifestação do filho, agora que chegou a conseguir em sua propria casa o phenomeno de «voz directa», não tem senão um unico pensamento do qual comparticipa a sua consorte : o de communicar-se mediumnicamente com o filho no ambiente domestico. *Pois bem, apesar disso, o filho defunto não se manifestou nunca em toda a serie de sessões até hoje realizadas pelos marquezes Centurione Scotto.* Circumstancia essa explicabilissima do ponto de vista espirita (pois que os espiritos, por causa que não é aqui o momento de inumerar, não estão sempre á nossa disposição), mas é literalmente inconciliavel com a hypothese das «personificações subconscientes», visto que si as «personalidades mediumnicas» que se manifestam fossem objectivações illusorias dos pensamentos e das aspirações dos presentes, a «personificação subconsciente» do filho defunto dos marquezes Centurione Scotto deveria objectivar-se em todas as sessões. Mas ao contrario, nada, e sempre nada, com grande desapontamento dos paes.

Posto isso, e tornando ao episodio de Rabelais, deve concluir-se logicamente que si a hypothese das «personificações subconscientes» fica categoricamente desmentida pelas consideracões expostas, então ella decahe inexoravelmente tambem no caso da personalidade mediumnica que se diz Rabelais, e a interpretação espirita deste ultimo episodio, pela qual Rabelais chega a manifestar-se em virtude do «raport psychique» existente ha annos entre o escriptor francez e o seu traductor italiano deve manter-se, até prova em contrario, como a unica hypothese legitima. Entendamo-nos : estou bem longe de affirmar que o episodio de Rabelais seja um caso de identificação espirita. Muito ao contrario ; affirmal-o pareceria absurdo desde que elle não forneceu, e não podia fornecer, nenhuma prova boa de identidade pessoal. Affirmo sómente que a hypothese naturalistica, tambem nos casos analogos ao citado, é insustentavel apenas se submettam os factos aos processos scientificos da analyse comparada ; e em consequencia observo que a hypothese espirita, mesmo em semelhantes contingencias, permanece ainda a unica hypothese legitimamente formulavel, si bem que os casos da natureza exposta não apresentem valor theorico do ponto de vista scientifico.

Exhausta a discussão em torno da verdadeira natureza das personalidades mediumnicas que se manifestam com a "voz directa", ficam a considerar-se os maravilhosos phenomenos de "apport" por nós conseguidos. Noto a proposito que os tres principaes não se realizaram como phenomenos em si mesmos, foram indissoluvelmente conjugados com as manifestações das personalidades de defuntos que os provocaram : pois que duas dessas personalidades recorreram-se a elles afim de provarem ulteriormente a sua presença real no logar, e a terceira attendeu a um pedido que lhe foi feito. Este ultimo episodio merece ser brevemente commentado devido ao seu grande valor theorico. Relembro que a Marqueza C. S., impressionada com o prenuncio generico da morte imminente de um seu parente proximo, pediu á personalidade communicante para não deixal-a em tão cruel incerteza e revelar-lhe o nome do parente destinado a morrer. O espirito communicante respondeu : «Trar-te-ei o seu retrato» ; e pouco depois uma photographia em sua moldura cahiu aos pés da Marqueza C. S. Ora, o grande valor theorico do phenomeno em exame consiste nisto : foi consecutivo a uma premunição de morte e a um pedido formulado no momento pela Marqueza C. S. ; o que significa que do ponto de vista theorico elle basta por si mesmo para subverter todas as insulsas, monotonas e ignorantes arengas da fraude universal. De facto no caso, o hypothetico impostor deveria preconhecer que um parente proximo dos Marquezes C. S. deveria adoecer gravemente dois dias mais tarde para depois morrer, e que a Marqueza a respeito lhe faria uma pergunta, baseado na qual elle teria podido preparar o falso «apport» sensacional. Ora, como a clarividencia no futuro exorbita das faculdades normaes dos fraudulentos, segue-se que no caso especial está provado que ninguem poderia ter preparado fraudulentamente o phenomeno em exame, desde o momento em que elle ficou indissoluvelmente ligado a circumstancias que não podiam ser previstas. D'ahi segue-se outrosim que si para um dos «apports» em questão chega-se a attingir a certeza absoluta a respeito da sua authenticidade, então não se poderia racionalmente acceitar duvidas nos outros dois, os quaes se manifestam em tudo analogos ao primeiro.

Ernesto Bozzano.

(Continúa)

SIR WILLIAM JAMES

Os homens se distinguem pelo seu valor intellectual.

O adagio popular : — «o habito faz o monge», não se adapta mais aos nossos tempos. Estamos na epoca da espiritualidade e as insignias que valem são as da sabedoria e virtude.

O nome de sir William James preenche perfeitamente estas condições, motivo pelo qual não esquecemol-o para illustrar as paginas desta *revista*.

Nascido em 1842 e fallecido em 1910, toda sua longa carreira foi dedicada ao estudo e ao trabalho.

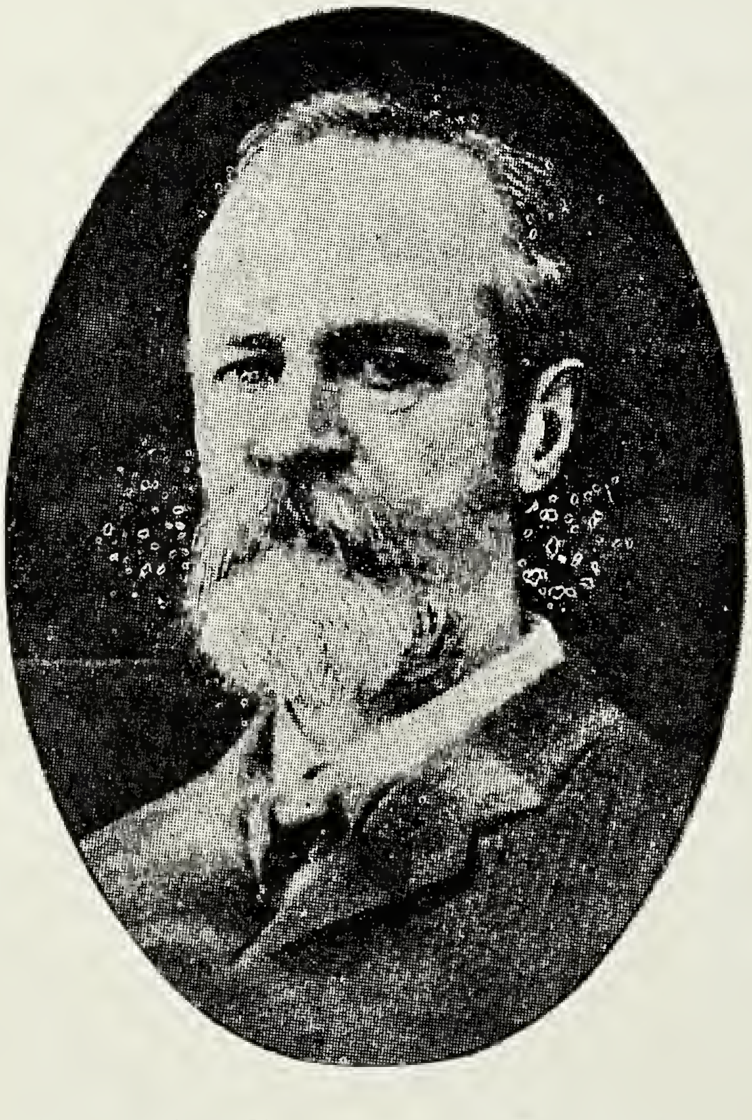

Sir William James, Doutor em medicina e Ex-Professor da Universidade de Harvard

O Dr. William James foi professor da Universidade da Harvard, tendo deixado varias obras instructivas. Medico illustre, sabio na extensão da palavra, escreveu varias obras, sendo a primeira de orientação philosophica que intitulou «O Sentimento e o Esforço», seguindo-se as demais «Os Principios de Psychologia», «A Vontade de Crêr», «As Verdades da Experiencia Religiosa», de que tratando o sr. Addington Bruce, de Boston, disse : «Quando mesmo William James não tivesse escripto outra cousa, só este volume lhe garante um lugar na historia da philosophia». E accrescenta : é um estudo scientifico dos phenomenos da experiencia religiosa, com o fim de salientar a essencia da religião e apreciar o seu valor. Este trabalho é um antidoto poderoso contra o scepticismo cynico e pessimista dos nossos tempos.

O professor James dá á parte principal do seu livro, a resposta a estas interrogações : «A religião tem exercido influencias ? Tem sido util ?» O que resume nestas palavras : «Incontestavelmente a religião é uma parte da vida normal do homem e contribúe para a sua preservação, sua integridade, sua prosperidade, a razão se allia ao instincto para favorecer a sua continuação».

Sir William James era um homem de espirito aberto a todas as grandes verdades. Elle esperava serenamente, philosophicamente, experimentalmente todos os novos descobrimentos, e dizia que, assim como a sciencia nos deu o telegrapho e a electricidade, a religião nos daria a paz, a tranquilidade, a felicidade. Falando sobre a nossa saúde, affirmava: — a sciencia encontrou os meios de curar certas enfermidades, a religião cura outras melhor ainda que a sciencia.

O Dr. James não cessava de repetir que a religião é essencialmente um trabalho pessoal e cada um deve ser religioso á modo de poder corresponder ás tendencias do seu espirito, não de uma religião de concepção personalista, mas baseada em Deus, Causa de todas as cousas.

Finalmente, o Prof. William James encontrou no Espiritismo e nas theorias que d'elle resaltam, sobretudo na doutrina da «consciencia subliminar» elaborada por Myers, em Cambridge, Inglaterra, num circulo de professores espiritas, a prova scientifica da existencia de um poder exterior que age sobre o homem e lhe é superior.

A ultima obra do Dr. William James intitula-se — «*Etudes et Reflexions d'un Psychiste*», traduzida já para o francez pelo sr. E. Durandeaud. E' um livro de 336 paginas, que foi publicado em 1924 sob os auspicios da «Internacional de Sciencia Psychica».

Elle encerra interessantes relatos de importantes experiencias psychicas, que parece exaltarem de modo a não deixar duvida, sobrevivencia da alma.

A obra do Dr. James termina com uma especie de appello ao estudo e á experimentação, de cujos trabalhos a recompensa será certa: «difficil é o esforço, mas magnifica a recompensa.»

Contribuição para o estudo e experimentação da photographia espirita

Muitos amigos e leitores têm nos pedido instrucções para obtenção da photographia espirita.

Naturalmente é esta a mais preferida de todas as photographias transcendentaes, pois que, bem sabem os estudiosos que não se pode classificar de espiritas todas as impressões transmittidas pela chapa photographica, que ultrapassam, portanto, a percepção por meio dos cinco sentidos.

De facto, os «extras» mostrados pela placa, podem ser de diversas naturezas. Por exemplo:

a) oriundos da radiação dos corpos, pois, todo o corpo com vitalidade transmitte radiação, o que nos parece ter dado, este principio lugar a denominação do *raios V*, a tal manifestação radiante.

b) photographias *fluido-magneticas*, das quaes já tratamos no primeiro numero d'esta Revista.

c) photographias animicas, que comprovam a existencia dos *fluidos perispiritáes* nos incarnados, como tambem a existencia do *perispirito*, esse modelar plastico do corpo carnal que reorganisa os tecidos, explica o funccionamento da memoria, etc.

d) photographias espiritas, de que Allan-Kardec faz referencia na «Genesis», como creações fluidicas dos Espiritos, que tomam da materia cosmica os elementos para formação do que desejam exteriorisar para o nosso mundo.

e) finalmente, photographias propriamente dictas dos Espiritos, com os seus principaes caracteristicos e tão bem delineados que em alguns casos um retrato tirado em vida é perfeitamente identico ao que foi transmittido pelo Espirito depois de morto.

E' preciso que o experimentador procure discernir uma das outras manifestações, e a pratica, a constancia na pesquiza, o criterio na investigação, e mais ainda as condições que revestirem o phenomeno, orientarão bem os pesquizadores nesse estudo de alta relevancia moral e social.

Para nos poupar ao trabalho de uma repetição prolixa do que já se tem dito á respeito das experiencias de photographia, recommendamos aos leitores passarem uma vista d'olhos nos nossos numeros atrazados, desde o 1.o de 15 fevereiro 1925, até o ultimo, que muito lucrarão em seu trabalho de experimentação.

A photographia espirita é um dos melhores factos que devemos oppôr á negação da immortalidade que tanto mal tem causado á humanidade.

Não recommendamos esse trabalho por «magisterlismo», attitude que nem de leve nos passou pela lembrança, assumirmos, mas que a elle temos nos dedicado ha muitos annos, colhendo, ao menos para nós, muitos fructos, resultados que têm firmado, de modo a não duvidar, a convicção de que a sobrevivencia não é um dogma, mas um facto, tão patente como a luz ao meridiano.

O nosso methodo de experimentação está ao alcance de todos e é facilimo em sua execução. Basta que se tenha uma pequena sala para esses trabalhos, onde não hajam perturbações e atrapalhações, o mais é reunirem-se sempre as mesmas pessoas em dias determinados e horas certas, procurando saber dentre ellas qual será o medium, o que se revelará bem depressa.

Na parede do fundo colloca-se uma cortina movel de panno preto que não seja lustroso. Essa cortina constará do panno, que tomará toda a extensão da parede na largura ; de altura de uns dois metros, presa de um lado e outro, cima e baixo em dois sarrafos de madeira ; e no alto uma argola de barbante para ficar apensa sobre um prego que se põe no centro da parede.

Os outros apparelhos são : uma machina photographica commum, á chapa será melhor que a de filmagem ; uma lampada de magnezium á espoleta ou á pedra, que se colioca com a carga competente sobre a machina já em pose photographica. A quantidade do magnezium deve ser relativa á cubagem da sala. Para um commodo pequeno bastará 20 a 25 centigrs. de magnezium, mais ou menos.

Faz-se a obscuridade, abre-se o obturador, pede-se o auxilio divino e a presença dos Espiritos guias, concentra-se e, ou por intuição, ou por um signal convencionado com os Espiritos, dá-se ordem de «luz». Fecha-se o obturador, accende-se a luz e vai a chapa para a camara escura, onde se a revela. Costumamos deixar as nossas chapas mais um pouco de tempo no banho revelador, para auxiliar a impressão de fluidos que, como é natural, se imprimem mais tardiamente.

O revelador que usamos é hydroquinone, sob a seguinte formula :

Solução A :

Sulfito de sodio 20 gram.

Hydroquinone 250 centigrs.

Agua fervida 100 gram.

Dissolva a agua quente e filtre.

Solução B :

Carbonato de sodio puro 50 gram.

Agua distilada 200 gram.

Toma-se 1 parte da primeira e 2 da segunda, mistura-se bem.

O banho de viragem é o commum:

Agua fervida 200 gram.

Hyposulphito de soda 40 grams.

—

Procuramos ser minuciosos porque, pelas cartas que temos recebido, vemos que muitos pesquisadores desejam até noções de photographia. Entretanto, como existem photographos em toda a parte, os neophitos poderão, cada um, pedir instrucções quanto essa parte ao profissional de sua localidade.

Eis em linhas geraes, a iniciação para photographia espirita, que não cessamos de aconselhar, mormente aos espiritas e directores de centros e grupos, como uma parte, das mais importantes de seus trabalhos.

E' claro que nestas experiencias, como em outras, é preciso que haja methodo, ordem, constancia, espirito de pesquiza, porque, si é verdade que os resultados podem não se fazer demorar, ás vezes trabalha-se por muito tempo sem que se note a mais ligeira mancha nas chapas. Mas, desde que haja um medium, a obtenção do phenomeno é certa ; e em algumas occasiões pode o Espirito guia permittir ao Espirito que se quer photographar, retirar os fluidos precisos de qualquer pessoa, mesmo incredula, da visinhança, e completar com os dos assistentes para chegar a obter o que deseja.

Estamos numa éra nova, os tempos predictos se cumprem á risca, o 'espirito é derramado sobre toda a carne› e os factos centuplicam-se maravilhosamente. Urge que aproveitemos essas graças, não só em beneficio proprio, como dos que ignoram e dos que não crêem.

UM MEDIUM DESENHISTA

Um caso interessante de mediumnidade é o que apresenta Mme. Vilhelmine Asmann, filha de um humilde operario mineiro.

Esse medium, de quem as revistas francesas fizeram grande repercussão a meia duzia de annos, reside em Hale-sobre-o-Saale, e viaja em companhia de seu marido, o sr. Kampfer, que é quem prepara as suas composições.

Mme. Asmann, estando em meio-trance, pode trabalhar num desenho durante 8 e 10 horas. Ella nunca aprendeu a arte da pintura e, não obstante, os seus trabalhos artisticos, segundo affirma «Le Messager», nosso collega belga, são curiosissimos, tendo sido expostos em Berlim, em Bruxellas e em Anvers. Mme. Asmann expôz os seus quadros em Liège sendo muito apreciados pelos entendidos. Estes consistem em desenhos geometricos de flores e ornamentos diversos que têm um cunho caracteristioo de fantasia oriental e grande riqueza de colorido.

Varios orientalistas querem ver, na representação de certas formas de plantas e de flores, reminiscencias da arte indiana. Outros, porém, preferem encontrar nelles uma evocação da arte assyria.

A iniciação de Mme. Asmann no Espiritismo marca a data em que perdeu seu filho unico e uma irmã a quem dedicava particular affecto. Achando insufficiente para acalmar o seu desgosto as consolações da religião que professava, deliberou saciar-se na fonte da Revelação Nova que proporcionando-lhe communicações dos entes queridos, até que começou a desenhar sob o impulso dos desapparecidos: Albert e Hellise.

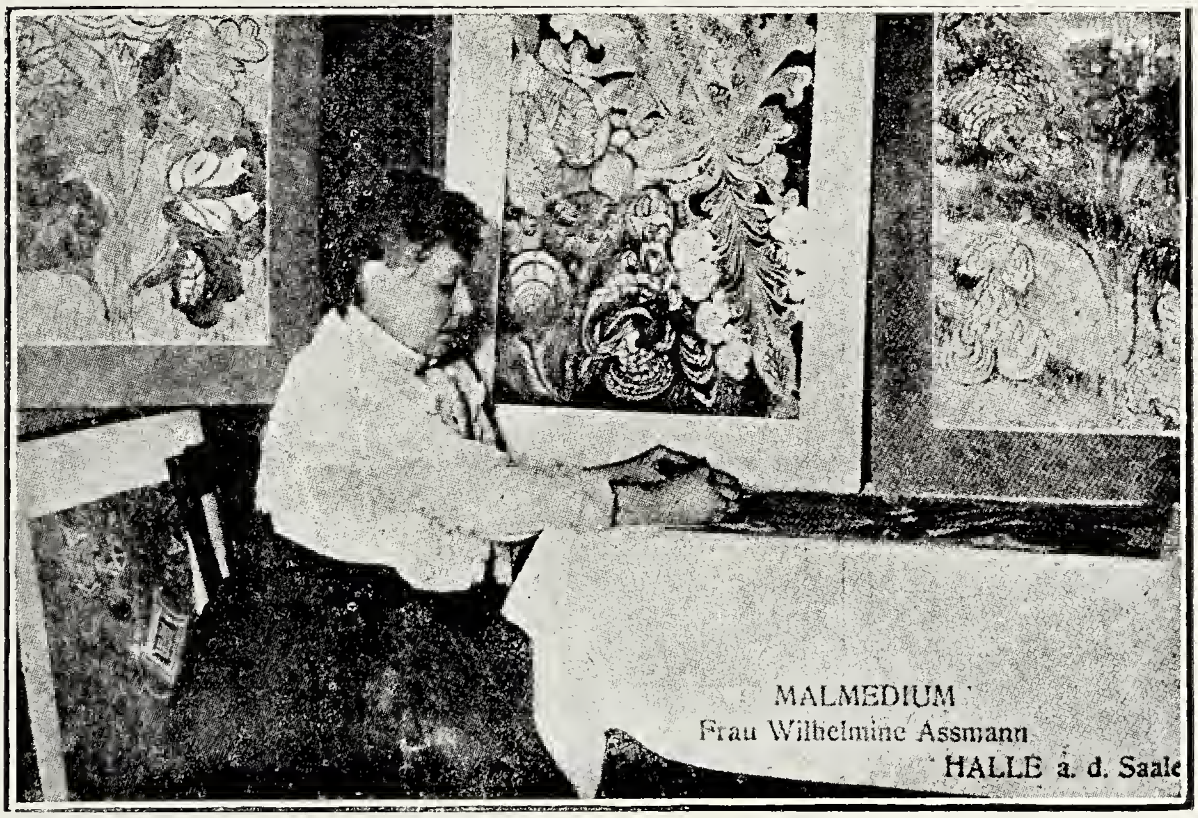

Mme. Asmann desenhando mediumnicamente. (Este cliché é reproducção da Revista do Espiritualismo Scientifico)

Mme. Asmann, quando trabalha, diz sentir o contacto das mãos dos seus guias; ella as vê mesmo, sob a forma de um «clarão azulado, electrico» pousar sobre a sua mão. Frequentemente até ouve a sua vóz segredar-lhe ao ouvido a côr do lapis a empregar. Segundo o medium declara, emquanto desenha se acha em estado de inconsciencia absoluta. A sua mão move-se automaticamente.

Mais ainda: Mme. Asmann não toma interesse para o trabalho que produz. «Eu não o vejo — diz ella — sinto apenas quando o impulso pára e quando o espirito de Albert vem substituir o de Hellize».

Depois quando o desenho está terminado e que o medium se sente só, experimenta, ás vezes, um grande cançaço acompanhado de longos arrepios. O medium fica immovel, após, os traços ligeiramente contrahidos e subitamente tornados como de marmore—procura, numa caixa, os lapis vermelho, verde, azul, roxo que lhe servirão ao desenho projectado.

Com um movimento decisivo Mme. Asmann traça firmemente um rectangulo de 70 centimetros de alto sobre 50 de largo; em seguida, depois de ter estabelecido sobre a folha uma divisão em sentido diagonal, desenha, com uma grande rapidez, sem hesitação alguma, contornos de plantas, de flôres e de ornamentos que parecem não merecer a honra de um trabalho mais minucioso, pois que o medium os abandona logo que taes contornos são indicados. Porfim, traça um ultimo desenho que lembra motivos arabes e que parece ser objecto de ornamentações detalhadas.

Apesar das conversações que se travam em torno d'ella, durante o seu trabalho, mme. Asmann continua absorvida e os seus lapis azul, vermelho, roxo, verde, havana, etc., são agarrados com uma mão nervosa para descrever arabescos phantasticos. Quando o trabalho termina, o desenho formado por essa mistura de traços bizarros e independentes constitue uma imagem interessantissima, onde as côres se casam com grande felicidade.

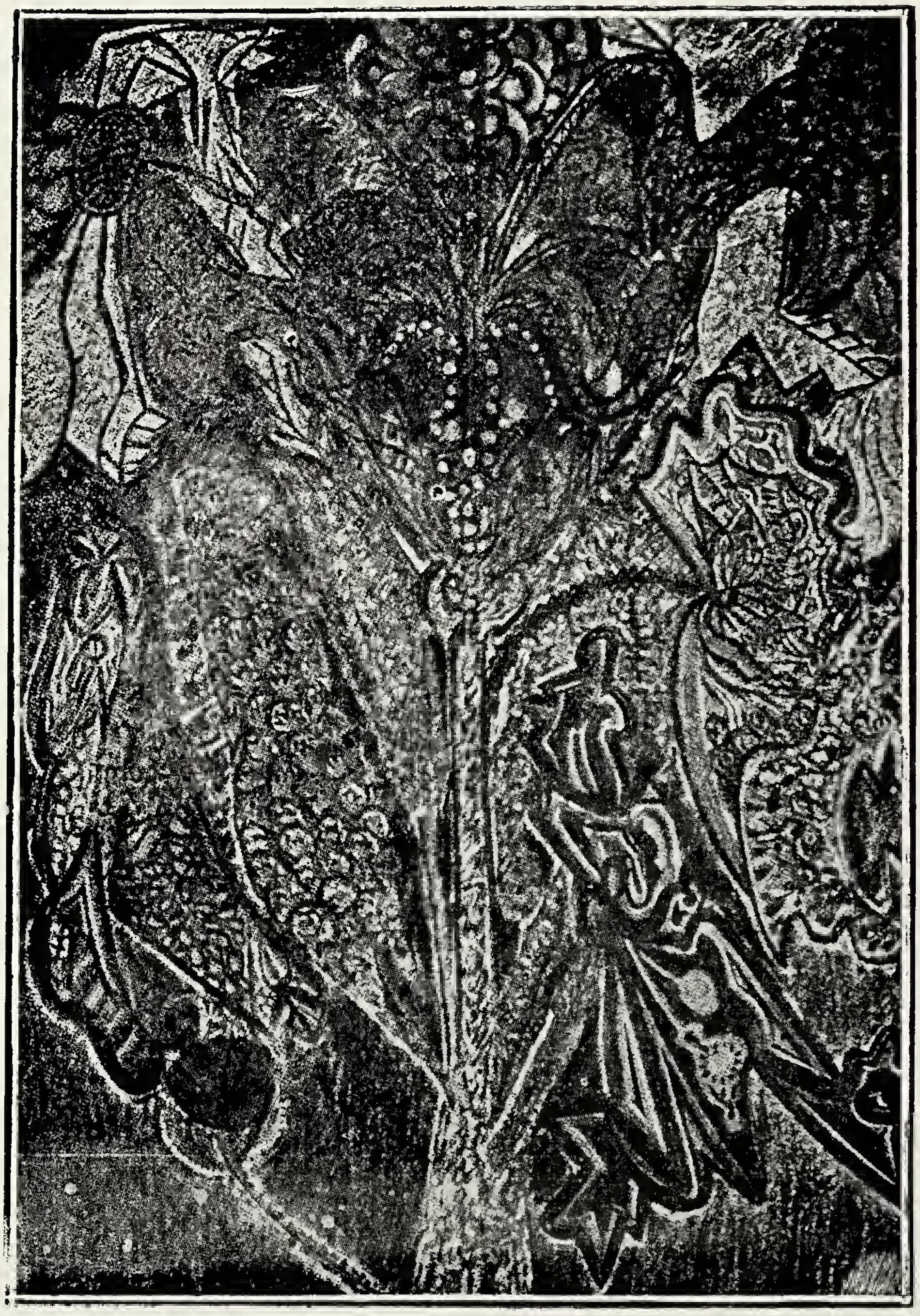

Um pastel mediumnico de Mme. Asmann, representando uma planta bisarra de outro planeta.

Mme. Asmann nunca apaga um traço ou uma sombra, e quando, o seu marido lhe lembra que é tempo de terminar, o olha como uma pessôa que «viesse de muito longe». Depois, tem uma crise de lagrimas e o estado de transe passa inteiramente.

Mme. Asmann trabalha ás vezes, á noite e, durante os seus estados de transe, estados de que alguns duraram 25, 30 e mesmo 50 horas, não toma alimento algum, sendo, outrosim, totalmente insensivel ao frio e ao calor.

Os desenhos que ella produz á noite, a uma grande luz, são superiormente executados. Numerosas pessoas desfilaram diante dos pasteis mediumnicos de Mme. Asmann e ficaram maravilhadas da sua concepção original e da sua execução artistica.

O estudo da mediumnidade prende-se intimamente a todos os problemas do Espiritismo; é mesmo a sua chave.

O medium é um agente indispensavel, com cujo auxilio se produzem as manifestações do mundo invisivel. Elle é, de certo modo, um instrumento, para demonstração da Immortalidade.

* * *

Prova photographica do Perispirito

O homem não é o corpo que morre mas o Espirito que sobrevive a essa fatal transformação que intitulamos extincção.

Na natureza nada se extingue, tudo permanece e se transforma; e o Adão vivente se mostra radiante quando despido de sua argila vê em espirito vivificante.

A materia desaggrega-se, mas a alma que é o ser imperecivel permanece em sua individualidade imperecivel, sempre crescente em sabedoria e virtudes que constituem a sua felicidade.

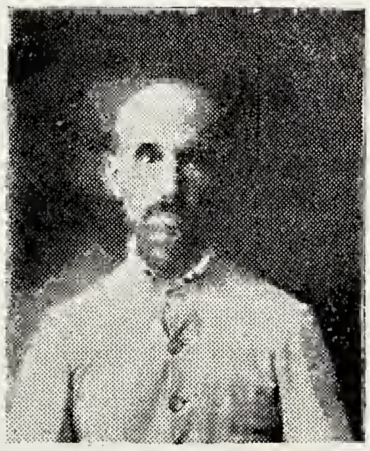

O sr. Luiz Pagani e seu duplo

Tratando do «perispirito e suas propriedades funccionaes», esta revista inseriu, em sua primeira pagina um artigo da redacção em que lembra a sentença do Prof. Elliot Cowes, que nada se pode concluir dos phenomenos espiritas sem a admissão do «corpo astral ou psychico», do perispirito, como lhe chamamos. De facto assim é.

O perispirito exerce um papel predominante em todos os phenomenos animicos e espiritas, e a sua acceitação não implica uma crença céga.

A existencia do *principio perispirital* está de accordo com a razão, e até os grandes escriptores sacros d'outros tempos a elle se referiam, chamando o *corpo aereo*, *corpo igneo*, *corpo glorioso*.

Em referido artigo foram lembradas como comprobação do *perispirito*, as experiencias de sabios illustres.

O Dr. Baraduc, o coronel De Rochas e outros, chegaram, em suas experiencias, a obter photographias de *duplos*, denunciando a existencia do *perispirito*.

Actualmente as provas augmentam e se fazem expontaneamente, independente mesmo de pesquiza e da boa vontade dos homens.

E' o caso do sr. Luiz Pagani, occorrido ha pouco na cidade de Salto, tal como o leitor verá do cliché que reproduzimos, com o relato, ou antes, a carta que, acompanhando a photographia nos enviou o nosso amigo sr. Francisco Caetano de Paula, residente n'aquella cidade.

«Presado Director da Revista Internacional do Espiritismo:

Junto envio-vos uma photographica, digna da vossa attenção, pois, segundo me parece, trata-se de um *duplo*, como os que tem sido observados por sabios de merito.

Tendo sido incumbido pelo Delegado de policia, de photographar todos os operarios das Fabricas, cujos retratos deverão ser adicionados ás cadernetas, tocou a vez do sr. Luiz Pagani. Revelada a chapa, com espanto do sr. Braz appareceu o phenomeno. O photographado não é espirita, como tambem não é o photographo, tendo entretanto aquelle nos offerecido o exemplar que vos envio acompanhado de um documento autorisando-nos a fazer do mesmo, o uso que nos convier.

Se o caso merecer a vossa attenção, aproveitae-o para incluil-o no numero de outros tantos factos que a nossa Revista publica. Interessante é o caracteristico do *duplo*, ao qual não falta mesmo a ruga da testa que apparece no retrato do sr. Pagani.

Com estima sou atto. confrade

Francisco Caetano de Paula.

Salto 4 de Julho de 1928.

Pelo que se vai verificando, não é só na Europa e America do Norte que se obtém phenomenos. O nosso paiz é rico desses factos, que se perdiam por falta de divulgação.

Oxalá que, como é de esperar, os phenomenos se intensificam, pois, será maximo o nosso prazer dando delles a publicidade que merecem.

Chronica Extrangeira

A esperança é sól do espirito ; aquece-o e esclarece-lhe a situação em que se acha nesta floresta tenebrosa da vida que atravessamos. Sem ella não ha futuro, como sem o sól material não ha horizontes, e o passado se esvae, como rapida escôa a areia da ampulheta, assignaladora do tempo.

«Quem pode viver sem esperança ?» perguntou o poeta num extase de inspiração.

A Esperança é a companheira da Vida ; separae essas duas filhas gemeas de Deus e o mundo se converterá em trevas, e o homem não mais se perceberá.

O chronista ao assumir este posto que lhe foi offerecido, acceitou-o com a condição de converter esta secção numa fonte de esperanças, onde os leitores periodicamente viessem beber a agua, que desaltera, e radiante em seus vivificadores fluidos pudesse lhes permittir a visão de novas altitudes, onde os céos se lhes mostrem mais claros e a vida mais prospera.

VISÃO DA MORTE

O seguinte relato publicado no «Zeitschrift für Parapsychologie», de Leipzig, numero de agosto de 1927, foi feito pelo Dr. C. Renz, de S. Francisco.

Os caracteristicos por elle descriptos do phenomeno da morte, já tão estudados por Andrew J. Davis, testemunham muito bem a veracidade da visão que teve, cujo facto impressionou-o por tal forma que não poude resistir a intuição que teve de publical-o.

Passemos integralmente para estas columnas a sua narrativa. E' assim que escreve o Dr. C. Renz :

— «Todos os meus amigos lembram-se da morte de minha mulher, occorrida em 23 de maio de 1902 á meia noite menos quinze minutos. Nesse dia, ás 16 horas, mais ou menos, eu tinha certeza que um desfecho fatal não poderia tardar. Em torno do leito da moribunda, cuja mão direita estava entre a minha, achavam-se reunidos alguns dos meus mais intimos amigos, o medico e duas enfermeiras. Um silencio religioso reinava no quarto e cada qual observava anciosamente a doente cuja respiração ia enfraquecendo. A morte parecia imminente. Duas horas, portanto, se eschoaram sem mudança notavel. A hora de jantar tinha chegado, mas ninguem se julgava com coragem de adandonar a agonisante para sentar-se á mesa. Mas as 18,30 sendo a situação a mesma, eu obriguei meus companheiros a deixar o quarto. Quinze minutos após, estava só eu com minha mulher, e voltando machinalmente os olhos para a porta da sala de jantar, percebi muito distinctamente tres nuvens que pareciam impulsionadas pelo ar e avançavam docemente. Cada uma d'ella media, mais ou menos 1 m. 20 de altura e 15 a 20 centimetros de largura; vinham proximas umas das outras, mas sem tocarem-se. Julguei poder ser fumaça de cigarro vinda da sala contigua. Aborrecido pela falta de delicadeza dos meus amigos, precipitei-me para a porta. Com grande surpreza minha, nenhuma pessôa encontrei. Durante esse tempo, as tres nuvens haviam docemente se approximado do leito que envolveram completamente. Depois um rosto feminino destacou-se do nevoeiro, justamente por cima da cabeça de minha mulher. Si bem que transparente, esta apparição resplandecia como um raio de sol dourado.

«Faltam-me palavras para descrever a grandeza dessa visão. Envolta de uma tunica grega, mangas largas e fluctuantes, ella lá estava com uma corôa radiosa sobre a cabeça, na claridade de sua belleza. Ar calmo e sereno, ella parecia, com os seus braços estendidos, querer penetrar a agonisante de uma paz dôce e gloriosa. Ao lado d'ella, duas formas brancas se mantinham ajoelhadas. Outras formas ainda, menos nitidas, fluctuavam no ar. Acima de minha mulher, eu observei um corpo fluidico parecendo luctar para romper definitivamente o laço que ainda a retinha. O lento trabalho durou cinco horas. Julgando uma hallucinação eu frequentemente voltava os olhos dessa scena, attendia algumas palavras dos amigos ou fechava os olhos. Mas a visão persistia ao mesmo tempo que eu experimentava uma especie de oppressão bizarra e que minha cabeça e meus membros sentiam-se como tomados de uma grande fadiga.

Emfim, a agonia de minha mulher teve fim. Um estertor e a respiração cessou. Tudo pareceria acabado, mas por duas vezes ainda a vida reappareceu antes de se extinguir completamente. E com o ultimo alento da agonisante esvaiu-se a visão e desappareceu o sentimento de oppressão que pesava sobre mim.

Teria eu tido uma hallucinação, devido á minha fadiga physica e á minha desgraça? Ou ter-me-ia sido dada, por uma graça do Céo, a faculdade de ter os olhos abertos um instante para a belleza, a beatitude e a paz serena do Mundo Espiritual?»

IMPRESSÃO DIGITAL DE UM ESPIRITO

As provas da sobrevivencia, nestes ultimos tempos têm vindo de todas as formas e, pode-se dizer, á contento de todos os que, de bôa vontade, desejam obtel-as e trabalham para syndicarem o que ha de verdade Além da Morte.

Phenomenos de toda a natureza têm maravilhado o mundo. Imaginou-se por ultimo que não poderia ser melhor a prova de identidade si o Espirito desse a «impressão digital» para ser comparada com a que se acha nos Departamentos da Policia.

Pois bem, esta tentativa foi ultimamente coroada de grande exito.

Todos os que acompanham o movimento psychico, devem se lembrar do desafio feito por um grupo de sabios á Mme. Margery, o medium de Boston, que submetteu-se a todos os contrôles imaginaveis, tendo os phenomenos vencido todas as resistencias contrarias. Essa distincta senhora é esposa do Dr. Crandon, um dos principaes cirurgiões de Boston, homem sympathico, calmo e modesto, mas de uma energia mascula, que sustentou com admiravel independencia de espirita, renhida lucta com os Universitarios de Harward, incredulos, endurecidos no seu falso saber. Elle conta como sua esposa supportou crueis provas, resistindo a contrôles que, por fim, vieram estabelecer a realidade dos factos.

O mais importantes de todos é a impressão digital scientificamente verificada.

Sabe-se que a entidade que se manifestava nas sessões era Walter, irmão de Margery. A sua vóz foi ouvida por todos os assistentes e a authenticidade deste phenomeno foi reconhecida, depois do emprego de um apparelho de contrôle que tornava a negação impossivel. Certas pessoas puderam, assim, entrar em conversação com Walter, espirito propenso á brincadeira e conhecido por suas espirituosas replicas em face das quaes os maiores scepticos sahiam cabisbaixos.

Mas narremos o caso da impressão digital, reconhecida.

Em 1912, Walter, que residia com sua mãe, ao barbear, deu um passo falso cortando-se com a navalha, do que veiu a morrer. Sua mãe guardou a navalha collocando-a numa caixa. Esta caixa só foi aberta em maio de 1927 e quem a abriu retirou a navalha da caixa, utilisando-se de uma pinça. Examinando-a notou que no cabo da navalha havia uma impressão digital, e como Walter, em suas manifestações espiritas houvesse dado impressões na cêra por mais de sessenta vezes, o Dr. Crandon, de posse da navalha, submetteu-a á observação dos experimentadores e em seguida com as demais «impressões espiritas», ao serviço anthropometrico dos principaes verificadores de impressões dos departamentos da policia em New-York, Londres, Washington, Vienna e outras cidades, sendo que o resultado não deixa nenhuma duvida quando á egualdade da «impressão».

Ora, essa identificação de Espirito não pode ser de certeza mais mathematica.

Light, noticiando o caso, pergunta ao Dr. Crandon como a mediumnidade de Margery resistiu a uma atmosphera tão infensa, a influencias esterylisantes como a dos scientistas arrogantes, que presenciaram os phenomenos, procurando sempre inutilisal-os.

O Dr. propôz a questão a Walter e este respondeu que a sua acção sobre o medium e sua resistencia ás más condicções eram devidas á grande affeição que elle tinha por sua irmã e a união de sentimentos que os ligava.

E assim vae o Espiritismo vencendo os negadores com sua sciencia.

DOIS CASOS DE REINCARNAÇÃO

O sr. J. Malosse publicou na «Revue Spirite» o relato de dois casos de reincarnação, tal como se vae lêr :

— «No grupo Allan-Kardec de Lyon, em outubro 1922, M. Louis Gleizal, dono de uma fabrica de sedas, e sua senhora, estavam presentes a uma sessão experimental. Casados ha oito annos nenhum sorriso de criança viera festejar o seu lar. Por clarividencia foi annunciado a Mme. Gleizal que ella seria mãe. Um menino mostrou-se e fez comprehender que desejava-a para sua mamãe ; uma menina acompanhava-o. Até 1925, epoca da sua incarnação, a menina manifestou sua presença em todas as reuniões e, pelo medium, annunciou que ella nasceria primeiro. O menino apparecia irregularmente ao seu lado, mas cada vez que se o via, elle apparentava com ella uma affeição, uma solicitude fraternal.

Em 1923, durante uma sessão, os dois meninos, após terem graciosamente contornado os assistentes, collocaram-se entre M. e Mme. Gleizal e fizeram gestos de caricias infantis. Novembro 1923, a menina appareceu só : com seus pequenos dedos folheou um album de photographias e, numa d'ellas pareceu se reconhecer. Teria querido indicar que já havia pertencido á familia ? As pesquizas feitas nesse sentido não deram resultado concludente, por falta de indicações precisas.

Durante todo o anno de 1924, ella demonstrou, com sua presença constante, sua existencia no além do nosso plano physico limitado pelos nossos sentidos. Novembro do mesmo anno, a criança annunciou : «Já preparei tudo». Ella é sempre acompanhada de um guia, que chama ingenuamente «o anjo». Dezembro, o corpo espiritual da filhinha é absorvido, em parte, pela formação latente de seu involucro carnal. O medium teve occasião de vêl-a, como costumava, sobre os joelhos de Mme. Gleizal, mas não distinguiu mais que uma pequena massa fluidica d'onde um raio de luz irradia até o coração de M. Gleizal. Janeiro e fevereiro 1925 o corpo fluidico evolúe e augmenta, vae dos joelhos á cabeça da futura mamãe. Por instantes o corpo fluidico da criança desapparece no seio materno.

A partir de março, o guia fala só e dá conselhos sobre a gestação e exalta o amor materno. Em junho, o silencio se faz e—em julho 1925 — a criança deu o seu primeiro grito.

O menino não cessou, entretanto, de apparecer a criança recem nascida, que durante sua presença, exprimia sua felicidade pelos seus doces olhares e alegria do seu sorriso . . .

Estas apparições cessaram bruscamente no começo de 1927 e o menino fazia sua entrada no mundo em março do mesmo anno.

Os membros do grupo que acompanharam a evolução destes dois sêres antes do seu nascimento terrestre, podem certificar, conforme as linhas que precedem e que corroboram, d'uma maneira admiravel, a continuidade de nossas existencias.»

UM NOVO MEDIUM ?

O «O Seculo», de Lisbôa, com o titulo «Um pobre jornaleiro de Guimarães resolve problemas de mechanica», publicou a interessante noticia que adapta-se bem a esta chronica :

— «Um pobre jornaleiro, que trabalha numa serração de madeira desta cidade, tem, ultimamente, praticado actos que causam assombro geral.

Ha alguns annos adquiriu a referida serração de madeiras um locomovel, typo Lanz que, apesar de nova, nunca chegou a funccionar bem, consumindo muito combustivel. Ultimamente os proprietarios ficaram surpreendidos quando viram o pobre jornaleiro ir para junto da machina, com um aspecto physionomico diverso do costumado, falando uma lingua que não comprehenderam, e a dar uma certa disposição a algumas peças e levando uma d'ellas a uma serralheria mecanica, para tornear. Como visse os mecanicos com difficuldades para fazer o serviço que indicava, elle, com uma facilidade extraordinaria, torneou a peça e ajustou-a á machina. Não conhecia um torno e, não sabendo lêr nem escrever, tudo ignorava da mecanica. Pôz, porém, a machina, então, a funccionar com uma precisão admiravel e com uma consideravel economia no consumo do combustivel.

D'ahi por diante, têm-se passado factos extraordinarios com o mesmo individuo. De tempos a tempos, durante o dia após umas pequenas contorsões e rapidas sincopes, toma o aspecto physionomico de varias pessoas conhecidas, já falecidas, falando até com o timbre de vóz que tinham em vida».

UMA VIDENTE NO TRIBUNAL

The Two Worlds, de maio ultimo noticia uma interessante questão que tem despertado grande interesse na Prussia Oriental, em seguida ao comparecimento no Tribunal da Relação, da celebre vidente Mme. Elsa Gunther-Geffers, que foi perseguida no anno passado pelo Ministerio Publico e absolvida por um tribunal inferior.

O caso, apesar disso, foi levado ao Supremo Tribunal e numerosos testemunhos juridicos e scientificos foram chamados.

Ficou resolvido que a medium possue videncia desde quatro annos de idade, occasião em que, certa vez levantou-se de seu leito, por occasião de uma reunião familiar e annunciou : «Acha-se uma casa em chammas e todos os sinos sôam». Quatro dias depois, a cathedral dessa cidade foi devorada por um incendio.

Quando moça ella era conhecida em toda a parte pelo seu dom de videncia, e utilisada pela policia local para pesquiza dos criminosos, cuja tarefa deu successo perfeitamente constatado. No primeiro Tribunal ella exibiu declarações escriptas dum proprietario, empregado de rendas territoriaes e de um juiz, dizendo que tinha descoberto dois assassinos, que foram em seguida condemnados.

A medium tem uma tal fé nos seus poderes que mesmo trahida diante do tribunal, pediu que fosse submettida á prova.

Nessa occasião as autoridades se achavam preoccupadas com o desapparecimento de um carroceiro. Foi levada a mulher ao albergue em que o carroceiro foi visto a ultima vez ; ahi ella entrou em trance e encaminhou-se pelas ruas direcção a um tanque, onde disse que o desapparecido jazia em posição curvada e com o chapéo á cabeça. O tanque foi immediatamente explorado mas sem resultado. Alguns mezes mais tarde, entretanto, o corpo foi encontrado mergulhado dentro dum tubo, exactamente na posição descripta. Em vista de tal evidencia, o Tribunal, absolveu a accusada.

De uma grande importancia a seu favor é o facto della não se ter por infallivel e não faz esforço algum para explicar o seu dom. Isto, diz ella, pertence aos sabios; ella conhece só os factos.

Na Corte de Appellação onde foi para se fazer interrogar por um sargento de policia a respeito de um crime do qual só elle conhecia os detalhes, Mme. Gunther-Geffers cahiu em transe sob o severo contrôle de um afamado psychista e hypnotisador.

O sargento lhe declarou que um roubo tinha sido commettido ; ella disse immediatamente o dia. Respondendo as questões subsequentes, ella disse em que localidade, descreveu o quarto, a mobilia e a pessôa que tinha sido roubada e indicou sua idade certa.

Ella disse exactamente como o ladrão havia entrado e accrescentou que deixara depois de haver effectuado o roubo, uma pistola. Declarou tambem que o malfeitor tinha comido e bebido na casa. Emfim, deu o nome da pessôa roubada e do ladrão. Todas essas informações são certas, com excepção da ultima indicação que ainda não poude ser controlada. A videncia desta medium está assim completamente confirmada pelos factos. Um grande numero de testemunhos devem vir ainda á barra do tribunal, mas uma cousa ficou resolvida : é que na Corte de Appellação, Mme. Gunther-Geffers demonstrou sua faculdade de videncia.

* * *

Ecos e Noticias

Monsieur E. Dujardin publicou na «Revue Spirite» um bello artigo com o attractivo sub-titulo — «A doutrina espirita completa os Ensinamentos do Christo ?»

Este palpitante thema esclarece muitas obscuridades que parecem envolver o Espiritismo, especialmente para os que conhecem-n'o pela rama, não se dignaram a lêr com attenção as obras de Allan-Kardec, que julgam archaicas e atrazadas, em seus principios da sciencia hodierna.

Infelizmente cada um julga o Espiritismo pelo que elle é, e como se contém em sua magnifica philosophia, mas de accordo com suas idéas preconcebidas, seu deficiente saber.

De um lado chamam-n'o «uma sciencia», de outro «uma religião», assim como os espiritos superficiaes appellidam-n'o a «superstição do seculo».

Com justo motivo, pois, a «Revue Spirite», pelo seu illustrado collaborador, esforçou-se para esclarecer os principios basicos do Espiritismo, e seu verdadeiro papel no mundo.

Não ha absolutamente duvida sobre a tarefa que o Espiritismo representa em face do Christianismo. Este não constitúe a ultima phase da religião, que não pode deixar de ser essencialmente progressiva.

Jesus num dos seus discursos que se acha entranhado no Evangelho de S. João, disse «ter muitas cousas ainda para ensinar, mas não o fazia n'aquella epoca devido ao atrazo dos seus contemporaneos, que absolutamente não entenderiam.» E accrescentou que o Espirito da Verdade, que depois seria enviado em seu nome, nos ensinaria tudo, fazendo-nos lembrar o que Elle havia dicto.»

Com effeito uma das principaes preoccupações do Espiritismo é fazer reviver, ou antes renascer o Christianismo, tornal-o conhecido de todos e offerecer a quem o receba em sua significação primitiva, despido da lettra e interpretações dogmaticas, o devido complemento promettido pelo Mestre e que faz, ao mesmo tempo, realçar o Genio do Christianismo.

Erram, portanto, os que vêem no Espiritismo uma simples sciencia, e os que julgam-n'o mais uma seita religiosa que vem fazer numero com as demais que reduzem os principios christãos em proveito dos seus cultos e sacramentos convencionaes.

Apresentando-se como a Revelação das revelações, o Espiritismo tem a justo titulo o caracter de Religião Universal, baseada nos dictames do Amor, d'onde faz realçar a sua excelsa e inegualavel Philosophia, que á seu turno explica a phase scientifica dos seus factos inconcussos.

Revolvendo da poeira dos tempos os

phenomenos espiritas e animicos cuja narrativa se encontra em todas as paginas dos livros sagrados e de que tratam todos os escriptores sacros, o Espiritismo, confrontando esses phenomenos com os actuaes que se estão verificando em todos os paizes do mundo, tira de todos elles as consequencias logicas da Immortalidade, resolvendo, a seu turno, o grande problema da vida que tem preoccupado os maiores pensadores.

Tal é o caracter do Espiritismo, que reclama com justa razão a attenção de todas as almas bem formadas, de todos os espiritos famintos de Verdade e Justiça.

FRANÇA

M. Chevreuil, dignissimo Presidente da *Union Spirite Française* expôz no Salão dos Artistas Franceses, uma bella obra de realisação pictural, na qual realçam as nossas pesquizas no dominio do supranormal. E' um lindo quadro que representa a phase principal de uma sessão de materialisação.

Diz a «Revue» que o autor, muito habilmente pintou em côres diversas que envolvendo todos os lados em que se acham os personagens, evitam os contrastes seccos e duros e permittem tons delicados e harmoniosos.

Os seis personagens do grupo estão systematicamente repartidos e suas formas se equilibram perfeitamente. No centro do quadro se vê uma cortina com o medium em transe, donde se destaca a massa ectoplasmica Um pouco mais alto apparece uma cabeça luminosa de uma entidade.

E' um quadro de valor que encerra o principio da Immortalidade que nos afaga.

Premio Literario

O illustre escriptor espirita sr. G. Gobron obteve o premio litterario, para o de 1928, da «Sociedade Erckman—Chatrian».

⁂

Rochefort-sur-Mer

No Circulo Allan-Kardec, o sr. G. Gobron fez uma conferencia sobre «A Reincarnação», merecendo a sympathia e applausos de numerosa assistencia.

Nimes

«A verdadeira natureza do ser humano», foi o thema sobre o qual o sr. Jules Gaillard falou, nesta cidade diante de numeroso auditorio.

Le Mans

Na «Societé d'Etudes Psychiques», o sr. André Ripert dissertou sobre «Espiritismo e Materialismo».

O auditorio, que se compunha de mais de 250 pessoas, ouviu com interesse a palavra do fluente orador, que demonstrou com os factos espiritas a inconsistencia do materialismo.

Marseille

No salão da «Sociedade de Estudos Psychicos e Metapsychicos», Mme. Beauvais fez uma conferencia sobre «O senso intuitivo, ou sexto sentido do Prof. Richet.

INGLATERRA

Proseguem com intensidade os preparativos para o Congresso Espirita Internacional, a realisar-se no proximo mez. São esperados em Londres os scientistas espiritas de todos os paizes do mundo que levarão o seu concurso Intellectual para esse desiderato.

Um caso de reincarnação

O correspondente da «British United Press» em Calcuta, conta-nos esta curiosa historieta :

Vive naquella cidade uma menina de sete annos, filha de um brahmane. Quando chegou aos tres annos, essa criança disse ao pae, certo dia, que não era a primeira vez que se encontrava na terra. Lembrava-se muito bem de que já aqui vivera de outra feita. E concluiu :

— Digo-lhe mais : da outra vez, quando morri, deixei tres filhos.

O pae tomou a conversa como uma fantasia de criança. Como, porém, a menina insistisse nos seus ditos e lhe indicasse a aldeia onde deixara os filhos, o pae levou-a até lá. A pequerrucha reconheceu logo não só a casa, onde vivera, como os filhos, os quaes são, hoje, homens edosos e chefes de familia. Além disso, narrou surprehendentes pormenores da sua vida anterior, citou nomes e datas. Ora, tudo quanto disse foi attestado como rigorosamente exacto pelos mais velhos habitantes do lugarejo . . .

Esse episodio provocou em toda a India um profundo movimento de curiosidade. Nem era para menos. Resta, apenas, averiguar se a correspondencia não foi escripta no dia 1.º de Abril . . .

⁂

O «Intransigeant» insere um communicado de Londres, com a pergunta : «Os cães têm alma ?» —e accrescenta : «A lei sobre a vivisecção deu lugar na Camara dos Communs a discussões apaixonadas. O commandante Kenworthy declarou em nome dos theologos e dos amigos dos animaes que «os cães têm alma e não devem ser submettidos ás experiencias odiosas da vivisecção.»

⁂

O bispo de Birmingham, que é grande autoridade religiosa na Gran-Bretanha e ao mesmo tempo partidario da evolução religiosa, no seu sermão em Westminster, querendo dar um impulso á sua egreja, disse que—«a vida appareceu na terra a 500 milhões de annos e se desenvolveu pela evolução natural até formar o homem actual ; e que se um cataclysma não fizer parar esse desenvolvimento, a vida acabará por crear seres superiores ao homem, assim como este é superior aos grandes lagartos do periodo secundario.»

SUISSA

As cidades de Genebra, Lausanne,, Vevey e Montreex, que mantém associações de estudos psychicos, foram visitadas por uma commissão de espiritas, tendo os srs. Ripert e Jean Meyer realisado em todas ellas, conferencias de propaganda.

O sr. Ripert falou sobre themas palpitantes, salientando os trabalhos do Prof. Hans Driesch, da cadeira de philosophia da Universidade de Leipzig.

⁂

Em Montbrison o sr. Malosse fez uma conferencia com projecções luminosas diante de numeroso auditorio que enchia o vasto salão municipal.

Foram distribuidos jornaes e livros de propaganda.

⁂

Em Nice, no salão Bellet, que tornou-se pequeno para conter as pessoas que affluiram á conferencia, fez se ouvir o sr. Melusson sobre : «O Espiritismo como producto dos estudos psychicos». A conferencia do sr. Melusson obteve pleno successo, sendo vivamente saudado em sua peroração.

⁂

Em Junho ultimo realisou-se em Genebra uma reunião com o fim de crear um Centro permanente de Conferencias e de Congressos Internacionaes de Pesquizas Psychicas. Nessa reunião ficou resolvida a creação immediata de um Comité internacional de direcção ; e um secretariado.

O Comité provisorio ficou assim constituido : Dr. Ch. Bandonin, Director do Instituto Internacional de Psychagogia de Genebra ; G. Cirdolo, Senador da Italia, Presidente honorario da Sociedade das Cruzes-Vermelhas italianas ; Dr. Ed. Claparède, Prof. de Psychologia da Universidade de Genebra ; Dr. H. Driesch, Professor de Philosophia da Universidade de Leipzig; A. Ferrière, Vice Director de Bureau internacional d'Educação de Genebra ; Frank Grandjean, Professor de Philosophia de Universidade de Genebra ; Dr. C. G. Jung, de Zurich ; Sir Oliver Lodge, membro da Academia Real da Inglaterra ; Dr. E. Osty, Director do Instituto Metapsychico Internacional de Paris ; Eug. Pittard, Professor de Anthropologia da Universidade de Genebra ; Prof. Ch. Richet, membro da Academia de Sciencias de Paris ; Prof. R. Santoliquido, Conselheiro de Estado da Italia, Conselheiro da Saude Publica internacional da Liga das Cruzes Vermelhas e Presidente honorario do Comité permanente do Officio Internacional de Hygiene Publica de Paris.

SUECIA

O «Progressive Thinker», do Chicago e a ‹Revue Spirite» transcreveu a historia do Espiritismo, na Suecia tal como se vae lêr:

— «O Espiritismo não appareceu na Suecia senão em 1870. Seus adherentes são recrutados entre os representantes das classes superiores da sociedade de Stockholm e Gothenbourg, as duas cidades principaes desse paiz.

A primeira sociedade espirita foi constituida em Stockholm pelo professor A. E. Tornebohm, sabio de nomeada. Em 1885, foi fundada outra sociedade, a «Spiritiska Litteratur Foreningen (Sociedade espirita litteraria), que de 1890 a 1925 dirigiu a revista espirita «Etterat».

Pouco depois appareceram duas pequenas sociedades dirigidas respectivamente pela baroneza Barnekow e o Rev. J. Uddin. Este redigia tambem uma publicação espirita mensal o «Hjalp». Concurrentemente, durante alguns annos, a princesa Maria Karadja publicou uma revista denominada ·Sekel› (O Seculo XX).

Emfim em 1920 foi fundada em Stockholmo, sob a presidencia da condessa Brietholz e vice presidencia do editor F. C. W. Wallenkampf, a Sociedade espirita, que effectuava suas reuniões todas as semanas.

Depois dessa epoca, o sr. G. Sundgvist, recentemente convertido ao Espiritismo, tornou-se, na Suecia, um dos propagandistas mais activos da sua nova crença.

A causa determinante de sua conversão é singular. Filho de um materialista da escola Heekeliana elle havia adherido a doutrina paterna, quando uma revelação repentina fel-o mudar de opinião.

Orador eloquente, possuidor de grande fortuna, elle esforçou se quanto poude pelo desenvolvimento do Espiritismo no seu paiz. Dedicou-se especialmente a recrutar mediums. Seus esforços que datam apenas de tres annos, têm já produzido resultados muito sensiveis, pelo que lhe enviamos as nossas felicitações›.

ALLEMANHA

O jornal ·Frankfurter Zeitung» trata da stygmatisada de Konnersreuth, cujos phenomenos são-lhe conhecidos e defende a medium da accusação que lhe moviam. O tribunal reconheceu a authenticidade dos factos paranormaes e dos stygmas, sendo os accusadores condemnados a sessenta dias de prisão.

⁂

«Das Ilustrierte Blatt›, de Francfort deu, em sua primeira pagina, uma gravura representando «uma vidente no tribunal». A vidente é officialmente chamada a prestar seu concurso numa questão criminal. Em estado de trance, como mostra-a a photographia, entre dois medicos legistas, ella poude dar supranormalmente indicações precisas e decisivas ignoradas do tribunal.

BELGICA

A «União Espirita Belga» reuniu-se, havendo tomado varias deliberações necessarias ás necessidades da propaganda.

⁂

A associação acima referida fez publicar, com o titulo ·Moralisação Geral» — um opusculo destinado a ser lido pelos presidentes dos grupos, por occasião das sessões.

⁂

Temos sobre a mesa o n.o 6 da ·Revue Spirite Belge›, que traz bons artigos e optimo noticiario. A «Revue› é completamente redigida por M. J. L'Homme, e administrada por M. L. Moret.

ITALIA

Foi fundada em Firenze a "Societá di Studi Psichici", sob a presidencia do sr. Olinto Bini, tendo por fim o estudo do magnetismo, do hypnotismo, da mediumnidade. O programma social está isento de caracter religioso e politico.

⁂

O «Mondo Occulto» publicou uma mensagem attribuida á mãe do illusionista Harry Houdini, fallecido na America do Norte, anno passado.

Houdini antes de expirar prometteu communicar-se com sua esposa por meio de um alphabeto convencional, mas essa mensagem não é delle proprio e sim de sua mãe, fallecida a 13 annos.

A communicação foi transmittida á viuva pelo presidente da «First Spiritualist Church», e recebida pelo medium Ford. E' do seguinte theor :

— "Uma senhora veio commigo. Eu não a conheço, mas ella assevera ser Mrs. Weis, mãe de Harry Weis, conhecido pelo appellido de Houdini. Vos transmitto a sua communicação :

— "Por muitos annos meu filho desejou que eu lhe dissesse uma palavra, por um codigo especial. As condições de sua familia depois de sua morte, forçam-me a dizer qualquer cousa sobre esse codigo, pelo qual meu filho falará desde que a familia procure meios e elle possa agir para lhe enviar sua communicação pessoal. Eis o que meu filho espera : Perdoe-me". A mensagem parece um tanto obscura, mas os entendidos julgam-n'a de grande importancia.

PORTUGAL

A Federação Espirita Portugueza recomeçou, em sua séde social, os trabalhos de espiritismo experimental.

⁂

Deixou de fazer parte da "Revista de Espiritismo", D. Maria Veleda.

HONDURAS

Em Honduras, o Espiritismo tem merecido a sympathia dos pensadores.

A sociedade Espirita "El Nuovo Oriente", de Comayaguelo, vai se esforçando para que a propaganda seja feita e a doutrina se divulgue com intensidade.

MEXICO

«El Siglo Espirita», com o titulo «Orientação para os centros espiritas», publicou em sua primeira pagina um excellente artigo, que se pode resumir na seguinte sentença : "um centro espirita deve ser uma escola onde se ensine e se eduque, um fóco de luz que illumine as consciencias.".

⁂

Em Veracruz, Santo Antonio, Peravillo, Aragon, Tampico, Salsipuedes, Monterrey, e outras cidades, a actividade na propaganda é digna de elogios.

⁂

O Centro «Amor Maria Luiza» celebrou uma explendida velada, tendo feito o discurso official o sr. Alfonso Rangel Andrade.

⁂

A Federação Espirita Mexicana trabalha activamente na obra da regeneração do Mexico.

ARGENTINA

O Centro "Benjamin Franklin" já está funccionando em sua nova séde social, Uriarte 2266.

⁂

A Confederação Espiritista Argentina fez um appello de união aos centros confederados, para uma acção de propaganda proficua em torno dos nossos ideaes.

⁂

A Confederação está irradiando pelo seu Broadcasting B 4, com onda de 243, 8, conferencias doutrinarias e scientificas, recitações, monologos, etc, de orientação espirita, nas terças, quartas e sextas feiras ás 21 horas.

E' optimo meio de diffusão espirita.

⁂

Além de outros oradores, que nos escapam os nomes, fizeram conferencias publicas durante o mez, os srs : Dr. B.

del Castillo, J. Tornay, F. Villa, Francisco Durand, Prof. B. Laravia, Manuel Nazquez de la Torre, Manuel Caro, Alfonso Depascale e Manio Rinaldi.

CUBA

Com o intuito de esclarecer certos principios do Espiritismo, ao mesmo tempo deixar patente as torpes explorações que são feitas em nome da doutrina, o Grupo Espirita Rosendo enviou á Secretaria do Governo da Republica uma nota elucidativa, contendo as bases fundamentaes da Philosophia Kardecista.

∴

O «Grupo Fraternidad» realisou uma conferencia cultural, na qual tomaram parte varios collaboradores.

⁂

A seu turno o Grupo Rosendo fez uma conferencia em que falou o sr. Antonio Pino sobre "A Natureza do Espiritismo.»

⁂

Homenageando seu Espirito Guia, o Grupo Raul realisou uma velada em que falaram diversos oradores.

∴

Completou sete annos de proveitosa existencia, a revista ‹Rosendo», que se publica em Matanzas.

Nossas felicitações.

PORTO RICO

A Federação Espirita de Porto Rico celebrou na importante cidade de Ponce, a vigesima quinta assembléa annual, tendo á frente figuras eminentes e de destaque social.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Criterio Scientifico e as Manifestações Psychicas

Decididamente entramos numa época em que os phenomenos psychicos se accentuam e intensificam-se em todos os paizes do mundo.

Não é preciso lêr as revistas e jornaes que tratam do assumpto, para nos convencermos das multiplas formas de manifestações que se vão verificando em toda a parte, cujas noticias apparecem todos os dias em todos os jornaes da imprensa quotidiana. Não se pode pois, negar a ausencia de factos que desvalorisem a nossa asserção, não sendo, portanto, justo que se attribuam esses factos a causas sybilinas de conceito pessoal, que nada explicam e visam o descredito dos phenomenos que não podem deixar de ter um fim util e providencial.

Achamos que o criterio scientifico, não só nestes, como em tantos outros casos em que a Verdade parece querer forçar as intelligencias a um estudo serio e proficuo de suas leis, seria de uma pesquiza minuciosa e investigação bem controlada em torno desses phenomenos que, verificando se expontaneamente, hão de forçosamente ter uma causa efficiente que age para que essas manifestações se produzam.

Que valor tem a critica ironica, infantil e quasi sempre estupida, deste ou d'aquelle escriptor que fala sem conhecimento de causa, sem mesmo ter examinado superficialmente este ou aquelle facto, occorrido nessa ou n'aquella cidade!

A mordacidade, o deboche são proprios de espiritos pequeninos que metem os pés pelas mãos e se aventuram a tratar de assumptos que lhes são completamente desconhecidos e de que não têm as mais simples noções.

Urge que os nossos governantes, como tambem os que dirigem a imprensa do nosso paiz, compenetrados dos seus deveres, em vez de lançarem ao desprezo factos que se prendem a fins moraes e sociaes, se revistam de criterio scientifico, como está acontecendo na Europa e America do Norte, e façam estudar esses phenomenos, adoptando os mesmos methodos positivos usados em todas as sciencias, para, depois de haverem chegado a uma conclusão clara, logica, racional dos phenomenos, darem conta aos seus governados, aos seus leitores que pedem-lhes dos mesmos, não uma opinião pessoal vasada nos estreitos limites da «sciencia que cada um crystalisou», mas nos resultados de analyse exigente e estudo criterioso dos phenomenos.

Por exemplo, no caso da rua Mauá, como pode a policia de S. Paulo, e a imprensa fazer valer a sua opinião, si ella não se baseia senão : ou na crença archaica dos nossos avós, na superstição das religiões que se ufanam em ter ao seu lado a multidão ignorante e analphabeta ; ou na negação ousada de outros tantos individuos que têm por costume julgar o que lhes chega ao conhecimento, á primeira vista, sem previo exame para acertado juizo !

Os caracteres que servem para distinguir a verdade, de nada servem para esses individuos, que não exercitam de modo algum o são raciocinio e nem se guiam pelo criterio que nos dá a noção exacta do phenomeno com todas as suas empolgantes vestimentas.

Poderão merecer conceito, tão extravagantes juizos, desviados como se veem, dos comesinhos principios da logica e do bom senso ?

Os factos espiritas, máo grado a má vontade dos homens, estão se verificando no nosso paiz com intensidade digna de attenção e estamos certos que essas manifestações vão se multiplicar para levarem de vencida o materialismo agonisante.

A missão do Espiritismo iniciada na aldeia humilde de Hydesville não cessou, nem cessará, até que se cumpra a previsão do Apostolo : «A morte será tragada na victoria».

Rio de Janeiro

Phenomenos Espiritas em Theresopolis

A «Gazeta de Noticias» publicou o seguinte facto :

No lugar denominado Ponte Nova, 3.o districto de Therezopolis, têm occorrido ultimamente phenomenos curiosos e anormaes, perturbando a tranquillidade da familia em cujo seio se produzem e attrahindo a attenção de visitantes. Consistem não sómente em transportes e movimentos de objectos, sem contacto visivel, taes como cadeiras, mesas e outros utensilios, como sobretudo em effeitos physicos, não raro desagradaveis e molestos produzidos no corpo do medium. que é uma menina de 16 annos, chamada Olga Camara.

Os invisiveis, ora de dia, ora á noite, a têm atormentado, causando-lhe sevicias, produzindo ruidos incommodos, apagando e accendendo as luzes.

Um dia sentiu ella que lhe ferravam uma dentada no braço. Assustada e premida pela dôr, poz-se a chorar. Mas logo ouviu distinctamente a entidade occulta lhe dizer : — «Não chores, tola, que eu curo isso já com iodo». E no mesmo instante, olhando o braço viu sobre as marcas dos dentes que nelle haviam ficado assignaladas, correr um liquido como iodo.

Noutra occasião, noite alta, dormiam todos e acordaram sobresaltados, com os gritos de Olga. Correram a inteirar se do que se passava e viram a pobre menina sendo vergastada com um chicote brandido por mão invisivel, que dependurara do logar onde se achava.

Os phenomenos, á data em que nos foram communicados — meados de fevereiro passado — ainda continuavam, sendo, como se vê, dignos de estudo, principalmente da parte de scientistas, que nelle encontrarão excellente motivo para se convencerem de que em torno e acima de nós existem forças intelligentes e incorporeas, capazes de intervir em nosso mundo.»

⁂

A Federação Espirita Brasileira continua fazendo conferencias dominicaes, assim como os presidentes das sociedades adhesas fazem prelecções sobre pontos doutrinarios de elucidação evangelica.

⁂

O Amparo Theresa Christina realisou um festival, sendo orador o Dr. Carlos Imbassahy.

⁂

O Centro Espirita Fraternidade, de Marechal Hermes, prosegue em suas conferencias semanaes, usando da palavra diversos oradores.

⁂

Effectuaram reuniões de propaganda durante o mez, as seguintes sociedades: Gremio Luz e Amor de Bangú, rua Silva Cardoso, 57; Centro Discipulos de Jesus, Campo Grande; Centro Estudantes da Verdade, em Madureira; Circulo Caritas, rua Voluntarios da Patria, 18; Centro União e Caridade, do Realengo; União Espirita Suburbana, travessa Hermengarda, 13, Meyer, Tenda Espirita Caridade, rua dos Invalidos, 178; Centro João Baptista, Meyer; Asylo João Evangelista, dirigido por D. Aura Celeste; Centro Vicente de Paulo, em Quintino Bocayuva; Associação Espirita Italiana, que funcciona no salão da União dos Trabalhadores de Jesus; Dispensario Antonio de Padua, rua de S. Christovão, 570; Centro Israel Barcellos, rua Gita, 69; Centro Espirita Christophilos, rua Buarque de Macedo, 41 terreo; Centro Espirita Lazaro, rua Hermengarda, 17, Meyer.

⁂

Fizeram conferencias durante o mez, os srs. M. Rango d'Aragona, Dr. Pedro Burlamaqui, Dr. Oliveira Botelho, Sebastião Baptista de Mello, srta. Martha Maury da Costa, Manuel Quintão, Dr. Luiz Caetano, Ignacio Bittencourt, Dr. José Ribeiro, Almirante Paim Pamplona, Commandante José Semião Corrêa, srta. Joselina Tosta, Augusto dos Santos, Stellito José de Oliveira, Americo Ferreira de Almeida, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Pinto Machado, Dr. Alberto Moreira, Herminio Nunes, srta. Olga Vasconcellos, e outros cujos nomes nos escapam.

São Paulo

CAMPINAS

A Associação Beneficente Caminho da Verdade continúa a effectuar conferencias semanaes, ás terças feiras, ao cargo do Dr. Souza Ribeiro. Uma das ultimas prelecções foi feita pelo sr. João Leão Pitta, velho espirita de Piracicaba, sobre o thema — "O papel da mulher na restauração moral da sociedade".

⁂

No Centro Espirita «A Nova Luz», sob a direcção do sr. João Manuel de Jesus, os estudos espiritas proseguem com a normalidade do costume.

Tanto um centro, como outro distribue o Clarim á assistencia.

⁂

SALTO

Por motivo de commemoração do 8.o anno de existencia, o Centro Espirita «Jesus» fez uma conferencia publica, tendo sido convidado para orador o Dr. Souza Ribeiro, distincto clinico em Campinas.

⁂

JUNDIAHY

O Centro Espirita Fraternidade que funcciona em predio proprio, cuja fachada damos no verso, foi fundado em 23 de Novembro de 1905 pelo confrade sr. José Flavio Martins Bonilha (fallecido em 1910) e mais amigos.

Sem séde propria, embora sempre os seus fundadores tivessem se esforçado para conseguil-a, teve epocas de decadencia e quasi desapparecimento.

Seu reerguimento data de 1917, época em que a professora D. Rodolphina Sant'Anna, covidando os elementos dispersos conseguiu regularisar o seu funccionamento.

Foi então que o confrade, sr. Manuel Soares filho, á frente de alguns companheiros, conseguiu levantar o predio que foi inaugurado em Outubro de 1922.

Os trabalhos do Centro são assim

constituidos : Segundas feiras — desenvolvimento de mediumnidades. Terças e quintas receituario e doutrinações. Sextas feiras—trabalhos praticos de communicação com o Além. Domingo — pregações Evangelicas por confrades que têm conhecimento da Doutrina e se interessam pela sua propaganda.

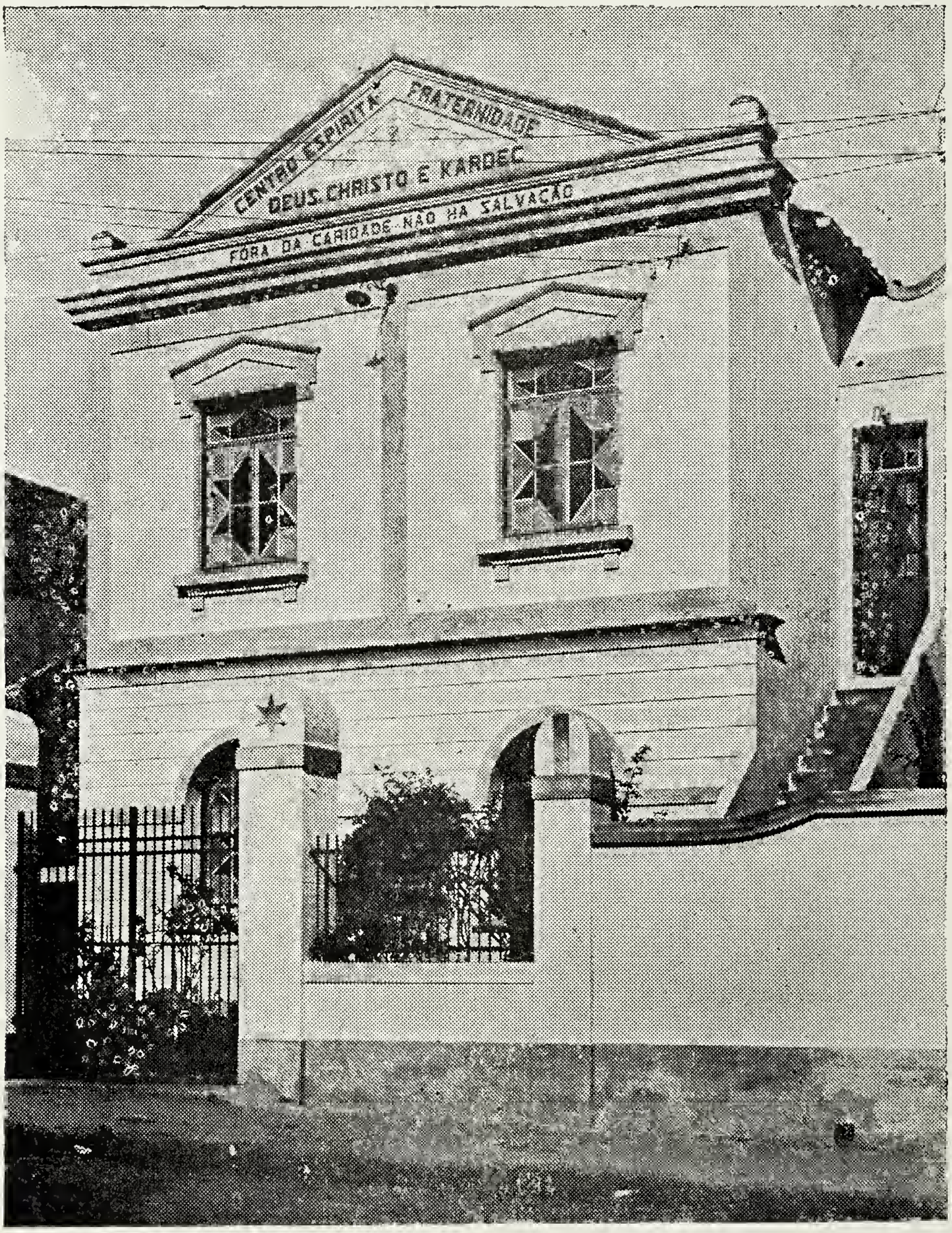
CENTRO ESPIRITA FRATERNIDADE
DEUS CHRISTO E KARDEC
FORA DA CARIDADE NÃO HA SALVAÇÃO

Fachada do Centro Espirita Fraternidade, de Jundiahy

A directoria actual do Centro Fraternidade é : pres. Abel Fraga ; vice, Guilherme Biattner ; 1.o sec. Olivio Reis ; 1.o thes. Pedro Socoloski ; 2.o Vicente Pereira da Silva ; bibl. Aristides Martins ; zelador Manuel Dias.

⁂

A casa assombrada da rua Mauá

Do nosso collega «O Clarim», extrahimos o que segue sobre uma casa onde se tem verificado phenomenos, da Capital.

A despeito da negação e critica ignorante que alguns jornaes da grande imprensa tem feito sobre os factos que se tem verificado ultimamente numa casa da rua Mauá, de propriedade da «Light», onde funcciona a «Promptidão Paula Souza», os phenomenos continuam e são testemunhados por centenas de pessoas que têm sentido «o braço forte» dos Espiritos que movimentam as manifestações.

E' assim que o «S. Paulo Jornal» noticia o caso :

A CASA DO ASSOMBRAMENTO

E' a «Promptidão Paula Souza» um edificio de dois andares, situado nas dependencias da Light na rua Paula Souza, com frente para a rua Mauá.

Ha quasi um mez, que alli se dão acontecimentos bem extranhos e que, a principio, tiveram apenas a importancia que sempre se concedeu a factos em que apparecem "almas" do outro mundo a "visão" de espiritos commovidos . . .

Mas com os dias, pruridos fortes de verdade cresceu e aventou, o phenomeno sentido por quantos lá passaram uma noite, enchendo de pavor aos funccionarios da Ligth pertencentes á turma de emergencia que fazia o pouso no casarão vermelho, de aspecto bastante macabro, ás dez horas, naquelle sitio inteiramente ermo, quasi na escuridão, cortado, apenas, de quando em quando pelo pharol e pelo apito de uma locomotiva da Ingleza, procedendo á manobra das composições dos trens da madrugrada.

A HORA DO PAVOR

Esses operarios, por fim, acabaram excusando-se, perante os seus chefes, em permanecer naquelle posto, porquanto éra horrivel o que lá soffriam.

Assim, inesperadamente, viam-se agarrados por mãos invisiveis, que os tentavam estrangular, apertando-lhes os pulsos, esbofeteando-os arrancando-os dos leitos, puchados pelas pernas para serem, violentamente, atirados ao solo ! . . .

E isto tudo, e essa aggressão toda, sem que pudessem sequer divisar o perfil do seu malfeitor que, medonho e implacavel promovia á scena dantesca e impressionante, casado no vacuo, imponderavel e inattingivel pelas suas victimas . . .

A CURIOSIDADE POPULAR

E' enorme em torno do caso, apparecendo commentarios de toda especie.

Assim, uns affirmam que aquella inesperada represalia é movida por espiritos soffredores que ali morreram encurralados, durante os tragicos dias de Julho de 1924.

Outros adeantam que o que apparece lá é o espirito do promptidão Jorge, que já se manifestou num centro da doutrina de Allan Kardec, e que muito tempo trabalhou no deposito da rua Paula Souza, para depois succumbir, dolorosamente, quando em serviço no Ipiranga, fulminado, com a cabeça quasi decepada por um fio.

INTERVENÇÃO DA POLICIA

O caso foi levado, hontem, ao conhecimento da Delegacia de Ordem Politica e Social, a cargo do dr. Ibrahim Nobre, havendo essa autoridade tomado immediatas providencias, isolando o referido predio da visitação publica.

Ao que se apurou, o facto recrudeceu nas noites de segunda para terça feira e nas de sexta para sabbado, sendo que tres inspectores que lá passaram uma noitada ficaram apavorados com o que viram e sentiram . . .

Ao que nos informaram, 46 funccionarios da Ligth que, relativamente de quatro em quatro, ali permanecem no desempenho de suas funcções, já pediram «agua» sendo que quatro delles soffreram uma certa perturbação mental, após a horrivel refrega dos sopapos e trambolhões.

Minas

Um facto exquisito

Os nossos distinctos confrades J. Barroso M. Siqueira, Valentim Ferreira Couto, João Gonçalves Junior, de Varginha, nos enviaram a seguinte narrativa de um facto occorrido n'aquella cidade e que não vacilamos em publicar. Eis o cartão que recebemos de referido srs.

«Presado sr. Redactor da Revista Internacional do Espiritismo.

Juntamos a narrativa de interessante facto occorrido nesta cidade em 6 de junho do anno corrente. O narrador é homem serio e digno de todo o credito, bem como insuspeito.

Conta-nos o sr. J. A. M. distincto cavalheiro bastante conhecido em nosso meio social, em Varginha — Minas, onde goza de justa e merecida estima, o seguinte : Que no dia 6 do mez de junho corrente, occorreu com elle um facto estranho, porém normal e muito natural para nós.

Este nosso amigo exerce profissão bastante trabalhosa, como auxiliar de importante casa commercial desta praça, ha mais de 8 annos, sem descanço, pois durante este tempo não teve nenhuma licença, estando ainda no seu posto de trabalho, e o resultado desses esforços diarios, trouxe-lhe fadigas, e máu estar anormal; conclusão :—fórte neurasthenia. Procurando distrahir-se, voltava ás 23 horas do referido dia 6 de uma visita que fizera a pessoas de sua amizade — quando em plena rua Direita esquina da rua Wenceslau Braz deparou com um casal, decentemente trajado, que vinha em sentido contrario, e ao se defrontarem, o cavalheiro que tinha ao lado uma senhora, lhe dirigiu delicado cumprimento em forma amiga e como pessôas já conhecidas, sendo o mesmo feito pela referida senhora, e correspondido pelo snr. M. que nos relata o facto, mas sem reconhecer no presente casal pessôa alguma de suas relações, nem mesmo remota.

Nas proximidades do citado lugar tem a sua séde a Loja Maçonica, onde o nosso Amigo exerce cargo administrativo. Então a senhora pergunta-lhe se não havia inconveniencia em chegarem até ao edificio da Loja, o que foi respondido que não.

Para lá então se dirigiram os tres, que na sala de entrada ficaram, e permaneceram alguns momentos em palestra, tendo antes o dito cavalheiro se retirado, sob pretexto de comprar uma caixa de phosphoros, não mais voltando. Durante a palestra o nosso amigo disse a visitante não saber a que devia a visita, declarando que provavelmente por fraqueza de memoria ou esquecimento não tinha a satisfação de saber com quem falava.

A referida dama, então, em tom amistoso e intimo, respondeu que não havia interesse em saber o seu nome e nem de quem se tratava, só tinha a dizer que era sua amiga e o acompanhava de perto em todos os seus passos.

Disse mais ao nosso informante que a sua excitação nervosa não tinha razão de ser porque Deus, é bom Pae e todo misericordioso e a ninguem abandona, principalmente nos momentos difficeis da vida, pois pensamentos taes . . . que citou ao nosso informante, que guardou reserva, deviam ser abandonados de vez — relatando cousas absolutamente desconhecidas para uma segunda pessôa. Procurando o nosso amigo negar, occultando a verdade, foi constestado pela visitante que disse ser inutil a negativa, porque bem o conhece por se achar sempre ao seu lado e seguir de perto os seus passos. Fez vêr ainda que as suas contrariedades decorrem de elementos que se combatem, mas com energia e fé no Creador de todas as cousas, porque só assim a sua victoria seria completa, pelo que aconselhava-o a buscar e esperar pelo dia promettido.

Muita cousa ainda deixou de nos dizer, sobre cousas de maior rezerva.

Durante o movimento que a visitante aconselhava ao nosso amigo informante, declarou mais que a sua *tibieza* se continuasse, podia leval-o a um ponto ainda não determinado pelo Creador, e apontando para á parede (núa) em frente, na sala onde se achavam, o fez vêr um desenho (fluidico) de uma sepultura de marmore, tendo em uma das extremidades uma columna quebrada e debruçado sobre a mesma um homem, como que chorando.

Finda a palestra a visitante convidou a retirarem-se o que foi feito — no momento porém em que deviam se despedir, ella mysteriosamente desappareceu de forma inexplicavel para o informante, pois incontinente procurou por todos os lados não encontrando-a e no local não ha nenhum esconderijo facil.

A pessoa que nos narrou o facto desta, não é espirita e nem professa nenhuma outra religião, porém como homen honrado e serio nenhuma duvida temos de suas informações, absolutamente sem interesse algum.

Valentim Ferr. Couto
J. Barroso M. Siqueira
J. Gonçalves Junior.

∴

BELLO HORISONTE

A União Espirita Mineira, com séde á Rua Curityba, Bello Horisonte, communicou-nos ter sido eleita e empossada a sua directoria, assim constituida : pres. Major Antonio Paraizo ; vice, Dr. Ernesto Senra ; 1 o sec. Capm. José Joaquim Borges ; 2 o Atilio Ziviane ; 1.o thes. Jovino Silva , 2.o Garibaldi Bagno ; bibl D. Maria S. Brandão ; proc. srta. Ephigenia Paraizo.

∴

LAVRAS

Sob a direcção do nosso confrade, Phar. Antenor Barbosa de Oliveira, foi fundado o periodico "Luz e Verdade", para fins de propaganda espirita.

Agradecemos a visita do collega desejando-lhe longa vida.

Alagôas — Maceió

O Grupo "Annibal Cardoso" communicou-nos haver constituido seguinte directoria : pres. Pedro A. Costa Correia; vice, Prof. D. Adelaide Cardoso Marques ; 1.o sec. José Cardoso Marques ; 2.o Annatercia Santiago ; thes. Sebastião Lima ; vice, José S. Nelson Araujo.

∴

A propaganda em Maceió prosegue activamente.

Pelo nosso confrade Euripedes Tenorio de Lima, da Sociedade Discipulos de Jesus, foi apresentada a idéa da creação de uma nova associação espirita feminina, dentro do quadro social de referida associação, denominada «Liga Espirita Feminina de Educação Christã da Mulher».

No Centro Discipulos de Jesus têm feito palestras e conferencias, os srs. Oseas Rosas, Pedro Oliveira, Dr. Theodoro Palmeira, Antonio Cunha, Pedro Corrêa, José Cardoso, Dr. J. Barbosa Junior.

∴

Completou mais um anno de vida, «A Luz», jornal dirigido pelo nosso amigo sr. Francisco Fialho.

Pará

A imprensa de S. Paulo, inclusive o «Diario Nacional», registou o seguinte telegramma :

BELE'M, 4 (A. B.) Vindo de Pernambuco acha-se nesta capital o menino José Maia que se apresenta como «visionario espirita». Esse rapazelho de treze annos é conhecido em varias capitaes do norte brasileiro e anda realisando conferencias, e projecta seguir de Belém para Portugal.

José Maia fez hontem uma predica no Centro espirita I. Costa.

BIBLIOGRAPHIA

BIOGRAPHIE D'ALLAN KARDEC. — A «Bibliotheca de Philosophia Espiritualista Moderna e Sciencias Psychicas», enviou-nos um exemplar desta obra, que consta dos actos principaes da vida do Mestre.

O nosso director já teve autorisação da Casa Editora para traducção de referida obra e o trabalho já começou a ser feito, de modo que breve tel-a-emos em portuguez, podendo satisfazer aquelles que não conhecem o francez e desejam ficar ao par da vida do Mestre.

Agradecidos pela generosa concessão de M. Jean Meyer.

FABRICATION CHIMIQUE DE L'OR. Recebemos um exemplar deste livro de Jollivet Castelot, editada em Douai, France.

NECROLOGIA

LÉO QUADRIO. Este nome representa um dos mais bellos florões do Espiritismo no Brasil. Foi um dos fundadores da Federação Espirita Brasileira, trabalhador, portanto, da primeira hora, mais d'aquelle que levou a sua obra até o fim, ao ponto de, pouco antes de exhalar o ultimo alento, chamar para perto de si o seu melhor amigo Spartaco Banal e dizer-lhe : «Spartaco, és moço ainda, podes trabalhar muito. Não deixes enfraquecer a luz que te illumina a alma ; a da fé, bebida na nossa amada Doutrina ! Trabalha, trabalha que serás feliz. Sinto que as minhas forças diminuem e que o momento da partida se aproxima... Deus te...»

Espirito nobre, a honestidade de Léo era pouco vulgar. Homem do trabalho rude soube aureolar a sua fronte com uma vida exemplar que legou aos aspirantes espiritas, que pretenderem ser espiritas como elle diz ser desde já, no Mundo da Verdade.

Léo Quadrio desincarnou com 77 annos, era presidente do Centro Espirita de Cascatinha, E. Rio.

Ao baixar o feretro á sepultura falou o sr. Ulysses Mendonça, cuja oração commoveu até ás lagrimas a maioria dos que acompanharam á tumba os restos materiaes do saudoso companheiro.

Aos confrades de Cascatinha nossas permutas de solidarios affectos e ao prestigioso Espirito de Léo nossa palida homenagem.

ANTONIO NUNES VIANNA. A sociedade nortista viu abrir-se mais uma lacuna em seu meio social, com a perda do Tenente Coronel Antonio Nunes Vianna. Residia elle em Natividade, Goyaz, onde dirigia um nucleo espirita. Bom chefe de familia, bom esposo, bom pae, não media tambem sacrificios para os que imploravam seu auxilio, tornando-se, por isso cidadão querido no lugar onde morava e circumvisinhanças.

Fervoroso espirita, tinha a crença não só para si, mas constituiu-se propagandista da Nova Fé, pregando por theoria e pela pratica os preceitos do Mestre.

A exma. familia, nossas condolencias com votos de ampla felicidade ao espirito recem-liberto.

ADOLPHO VIEIRA PALMA. Não faz tempo que a «Revista Internacional do Espiritismo» publicou uma carta deste confrade narrando factos espiritas occorridos em Santos Dumont.

Quando pensava elle e nós tambem que o seu nome teria breve de figurar nesta publicação, mas para noticiar o seu passamento para o Além!

E' assim a vida na terra : flôr que fenece, vento que passa, luz que se apaga.

Mas para os que procuram altear o seu caracter, a vida é uma escola de aperfeiçoamento, como foi para Adolpho Vieira Palma, prodromo da Vida Real, onde o ser não morre para gozar a Paz que soube preparar na terra e a luz, cujo combustivel fez acquisição para lhe illuminar o caminho do porvir.

Palma era orador official do Centro Espirita União e Esperança de Santa Rosa propagandista fervoroso do Ideal e caracter recto que procurou cumprir o seu dever.

Que Jesus lhe conceda o salario dos obreiros da ultima hora.

COLLECÇÕES DE 1925, 1926 E 1927

Temos collecções da "Revista Internacional do Espiritismo", de 1925, enc. — 40$000 ; de 1926, enc. 30$000 ; brochada — 25$000 ; de 1927, enc. 40$000 ; inclusive o registro. Os interessados podem nos enviar os seus pedidos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4815unse

O IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Setembro de 1928 — N. 8

evista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

NOV 1 5 20[illegible]
THEOLOGIC[illegible] SE[illegible]

SUMMARIO

isão á distancia e premonição
orpo e Espirito
ormas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo
ictorien Sardou
. Herbert Stead
óz Directa
Obras definitivas e a Perfeição
s Genios
Chapelot (Jean Condat)
bitabilidade de Marte
z Directa em Nova Zelandia
hronica Extrangeira
cos e Noticias
piritismo no Brasil
Bibliographia

VICTORIEN SARDOU

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Setembro de 1928 - NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ✂ COLLABORADORES : DIVERSOS

VISÃO Á DISTANCIA E PREMONIÇÃO

O Psychismo representa o conjuncto dos factos de ordem sobrehumana, mas não de ordem sobrenatural, que se tem verificado de uns tempos para cá, e vão se verificando todos os dias.

O Espiritismo é a razão desses factos, é a theoria clara, logica, concisa, de todos os phenomenos que não podem ter uma explicação material, que não se acham adstrictos á ordem dos demais phenomenos que a physiologia, a physica, a chimica, etc., explicam por suas leis já no dominio dos sabios e entendidos.

Accresce ainda considerar que os termos *metapsychica, parapsychica,* ao envez de terem sido creados para darem uma explicação succinta dos factos, exprimem unicamente a idéa de uma psychologia, ou seja um psychismo ampliado, um como que complemento da psychologia official, que nada mais era que uma philosophia que estudava os phenomenos de ordem moral e intellectual.

Com justa razão poderiamos definir a *metapsychica* e a *parapsychica,* uma sciencia de pesquizas experimentaes abrangendo o campo da psychologia experimental, sem, comtudo, affirmar a causa productora dos factos que tem verificado, esperando fazel-o mais tarde, depois de resolver a «equação», cujo X consiste mesmo na explicação desses factos.

De modos que e antiga psychologia não passa de especulações philosophicas, utilisando de processos metaphysicos que não puderam absolutamente nos fazer chegar á solução do grande problema da Vida, inquerido por milhares de gerações e estudado por homens de superioridade intellectual.

A metapsychica, que tambem se pode chamar psychologia-physiologica é uma sciencia de observação que verifica a correlação existentes entre os factos psychicos e a vida physica e as condições organicas daquelles factos, com extensa phenomenalidade hoje desvendada. E como o discernimento desses factos, entendem os «mestres», que necessita de aturada experiencia e dum cauteloso criterio, abstém-se elles de todas as hypotheses até hoje suscitadas para explicação dos factos ; limitam-se a observal-os e constatar a sua veracidade.

Mas é preciso convir que esses phenomenos não foram verificados depois da creação dessa sciencia experimental, que se chama *metapsychica.* Os factos já existiam, e aquelles que parecem novos, não passam de mais acentuadas manifestações e aperfeiçoadas reproducções dos que em todos os tempos se tem attribuido, ou ao «poder infernal», ou ao sobrenatural e maravilhoso.

Assim entenderam os Espiritos mensageiros da Nova Revelação, cujos frisantes caracteres exprimem perfeitamente os augurios e previsões exarados na Revelação Messianica com a mais esclarecida precisão mathematica.

O Espiritismo não é, portanto, uma concepção humana, uma doutrina pessoal com pretenções ao estabelecimento de um dogma que escravise as consciencias.

Abrangendo todos os factos que tem por origem a alma humana, elle se constituiu, com justo titulo, a «sciencia que trata da natureza espiritual do homem e suas relações com aquelles que, indevidamente, chamamos mortos.»

O seu fundamento, o seu alicerce, a sua base, como se vê, é indestructivel porque tem raizes em todas as crenças de todos os povos, raizes essas que nenhuma intelligencia terrena, nenhum poder, nenhuma escola scientifica, conseguiu ainda extirpar.

D'ahi a força da sua theoria, desafiando todas as mais hypotheses explicativas que tentam desnaturar os phenomenos, a logica com que elle pulverisa todas as objecções que lhe são apresentadas.

De facto, como explicar pelos processos vulgares, pela metapsychica e pela parapsychica, pelas philosophias religiosas correntes, pela physica e pela chimica, a visão á distancia, e os innumeros casos de premonição que enchem as paginas dos livros sagrados e os registros da Moderna Psychologia ?

Citemos um delles catalogado no numero dos phenomenos telepathicos, que foi narrado num numero da *Ora*, de Palermo, e reproduzido pela revista «Luce e Ombra», devido ao caracter de sua manifestação e a impressão que causou entre os medicos e intellectuaes de Vienna.

—«Perto de Litmeritz, vive uma velhinha céga, de 70 annos, chamada A. Bernhelm, a quem ha sete annos foi um filho para os Estados Unidos a tentar fortuna. Mas parece que o desventurado moço encontrou o destino adverso, porque apesar de todo o esforço e bôa vontade, não poude sequer conseguir sombra de bem-estar.

Ainda assim, á custa de economia e de grande trabalho, conseguia enviar á sua desventurada mãe, uma pequena mensalidade, para a abrigar da extrema miseria.

Haverá quatro mezes a triste céguinha foi uma noite atormentada com um terrivel sonho. Parecia que de uma torre via um extenso mar, açoutado por uma medonha tempestade.

Um navio luctava desesperadamente contra a furia das ondas, que a cada instante ameaçavam submergil-o. Veio a náo approximando-se e já perto sosssobrou ao peso das vagas.

No momento em que um dos naufragos ia para sempre desapparecer no abysmo das aguas, soltou um grito de horror e chamou-a pelo nome. Pareceu-lhe que era seu filho.

O terror que experimentou a velha céguinha por aquelle sonho macabro, deixou-a sobresaltada, pois tinha uma fé inabalavel nos seus sonhos que guardava como vaticinios mysteriosos, inspirados por seu anjo da guarda.

Por isso ficou firmemente convencida de que alguma desgraça tivesse victimado seu filho.

No dia seguinte contou o sonho a varios visinhos.

Como sempre succede com estas narrações, todos procuraram dissipar do seu pensamento as tristes apprehensões, que tanta dôr moral lhe causavam.

Porém, A. Bernhelm tinha como certo que alguma cousa grave havia succedido ao filho, se não fosse mesmo a maior das desgraças.

Na noite seguinte um outro sonho, não menos extraordinario que o primeiro, se produziu.

Encontrou-se como na praia de um mar revoltoso, e, de repente, sobre as ondas appareceu uma forma, que veiu dirigindo-se a ella. Era o filho, que saudando-a, lhe disse : «Minha mãe, venho do mundo do além ; era minha sina que encontrasse precocemente a sepultura no mar ; digo-te o ultimo adeus. Os teus ultimos dias são tristissimos. A noite da tua intelligencia está proxima e será para ti grande felicidade. Ver-nos-hemos num outro mundo que os olhos mortaes jamais viram ou poderão vêr.»

Este segundo sonho impressionou a céga não menos do que o primeiro, e a partir desse momento a sua anciedade attingiu um alto grão, tanto mais que foram passando os dias e nenhuma noticia vinha da America.

Então pediu para lhe escreverem duas cartas : uma dirigida ao filho, e outra á familia onde estava alojado.

Decorreu mez e meio até que chegou a noticia de que Ludwig Bernhelm morrêra num naufragio. Do confronto das duas datas resultou verificar-se que a data da perda do navio em que elle viajava, coincidia com a mesma noite em que a mãe tinha tido o primeiro sonho.

A dôr que soffreu a infelicissima céga com aquella fatal noticia não se pode descrever.

Decidiu morrer de fome.

Recusou por alguns dias qualquer alimento. O medico da povoação teve de recorrer á alimentação forçada, empregando a sonda gastrica.

Ultimamente appareceram «symptomas muito alarmantes. Manifestaram-se signaes de loucura, em virtude do que se impôz o dever de a mandar internar n'um manicomio, onde continúa em condições desesperadas. Não ha mesmo esperança alguma de restabelecimento».

Eis em sua singeleza a fiel narrativa de um caso typico de premonição com visão á distancia, repetindo-se, para frisar a veracidade do facto occorrido, e com a circumstancia ainda de se dar com uma pessôa completamente privada da vista em condições normaes, alem de avançada em annos, o que, segundo a doutrina materialista, prejudica a lucidez da intuição ou cousa que o valha.

Este facto que comprehende as duas phases da Vida, abrangendo, portanto, a modalidade *animica* e a *espirita*, só pode ter explicação racional pela *theoria espirita.*

Nem a theoria *demoniaca,* nem a *gnomica,* nem a do *ser collectivo,* nem a do *subliminal* ou *inconsciente* cabem neste caso frisante de nitida communicação espirita, com todos os caracteristicos de identidade.

Nem mesmo se poderia invocar o caso de uma *visão symbolica,* de uma *visão panoramica,* pois trata-se de uma visão extatica em que a velhinha Bernhelm, completamente céga, teve a visão nitida e percepção de seu filho perecendo num naufragio na mesma noite em que se deu a terrivel catastrophe.

Vê-se, pois, claramente, por este exemplo, que tiramos á esmo, de um acervo já bem numeroso de outros tantos de igual natureza que, debalde os porfiados esforços da negação e do scepticismo em oppôrem entraves á consecução de um ideal que se impõe a todos os pensadores, a Verdade nos impelle ao estudo e á investigação da nova sciencia que implanta no nosso coração o desejo de aprofundar o mysterio de todos esses phenomenos da vida, que só o Espiritismo pode esclarecer de accordo com a razão de ser do *principio animico* e suas faculdades maravilhosas, que têm constituido o objecto exclusivo de nossa maior attenção.

CORPO E ESPIRITO

A cada anno que passa, os factos se multiplicam, os testemunhos se accumulam, a existencia do Mundo dos Espiritos se affirma com autoridade e prestigio crescentes. De meio seculo para cà o estudo da alma passou do dominio da metaphysica e do mero conceito ao da experiencia e da observação. A vida se revela sob um duplo aspecto : physico e supra-physico. O homem participa de dois modos de existencia. Por seu corpo physico pertence ao mundo visivel ; por seu corpo fluidico ao mundo invisivel. Esses dois corpos coexistem nelle durante a vida. A morte é a sua separação.

LÉON DENIS.

Formas de demencia que interessam aos estudantes do Espiritismo

— III —

Como vimos nos dois artigos anteriores, transcrevendo topicos do grande diccionario de psychiatria compilado por 128 summidades medicas em collaboração sob a direcção do prof. Dr. Hack Tuke, a medicina official possúe em seus archivos casos de *demencia* mysteriosos para ella mesma.

Daquella obra magistral vamos hoje transcrever o commentario dos casos que demos em nossos dois ultimos numeros sob esta mesma epigraphe. Eil-o :

— «Commentario». — «Nos factos precedentes fica demonstrado haver pessoas que parecem ter duas existencias alternando-se uma com a outra e absolutamente separadas pela ausencia de recordação.

Acreditamos que a explicação desse facto será encontrada na analyse do somno. Já em nota preliminar annunciamos esta explicação.

Um dos phenomenos mais curiosos do somno é o somnambulismo, cujo principal caracteristico é o esquecimento ao despertar.

Nos que são por elle affectados, a actividade physica e intellectual, que no somno profundo está amortecida, age até um certo gráo. Ora, o numero de somnambulos é consideravel — especialmente entre as crianças — e desde o caso simples em que o somnambulo pratica um acto limitado, até o somnambulo extraordinario que parece ter uma existencia independente do seu estado de vigilia, ha uma grande variedade de gráos. Vejamos si o exaggero desse somnambulismo não nos leva ao estado que, em seu caracter mais frisante, merece o nome de *dupla consciencia.*

Admittimos que á primeira vista a assimilação da consciencia dupla ou dual com o somnambulismo póde parecer extravagante (1), especialmente com respeito a alguns dos factos citados acima ; comtudo é acceita por observadores reaes, e após havel-o declarado em 1875, voltamos a achal-a correcta, embora a tivessemos abandonado por um momento.

Entrando no ponto principal da questão, investiguemos o que são as gradações que vão do somno ordinario á segunda condição, e veremos que os nossos pacientes nada mais são do que somnambulos, cujas faculdades e sentidos estão todos activos.

O nosso *dormidor* é uma criança de oito ou dez annos, e dorme profundamente como se dorme nessa idade. Falla-se-lhe em um tom de voz gentil e monotono ; elle não se desperta, mas responde ; póde-se dirigir-lhe o pensamento á vontade, e muitas vezes fazel-o dizer coisas que em estado de vigilia elle não revelaria. Não tem vontade propria ; vira-se na cama, bebe, etc. Todas as mães sabem que é assim.

A actividade ductil e impressionavel do *dormidor* póde ir ainda mais longe. E' bem conhecida a historia do official de marinha, cujos camaradas se divertiam suggerindo-lhe sonhos ; e elle, adormecido sobre um banco, precipitava-se de cabeça para baixo imaginando que estava mergulhando para salvar um amigo que elles diziam estar afogando.

Dá se o mesmo no somnambulismo provocado, no qual a suggestão póde produzir resultados extraordinarios.

Assim, em somnambulismo, seja ou não provocado, de onde quer que venha a suggestão, seja transmittida atravez dos ouvidos ou pela sensação muscular, as faculdades mentaes fluctuantes, indeterminadas, sem vontade e sem coordenação,

---

(1) Não só á primeira vista, mas sempre nos parece extravagante tal assimilação, considerando-se que nos casos citados o paciente passa de um estado de vigilia para outro estado de vigilia, sem se adormecer ; portanto a palavra somn — *é inaplicavel. E* somnambulo *(do latim* somnus -|- ambulare*) é uma impropriedade verbal no caso.*

Trad.

submettem-se espontaneamente a uma influencia externa desconhecida do paciente que depois de haver agido ou fallado, desperta-se sem ter a mais leve recordação dos seus actos ou palavras.

Mas a actividade no somno póde ser maior ; os sentidos em parte despertam ; elle anda dormindo, é somnambulo na acepção real da palavra. Examinemos este somnambulo. Cada faculdade da sua mente se desperta, separadamente ou em parte, e dá-lhe um gráo maior de perfeição. Além disso, esta faculdade póde ser levada isoladamente a uma actividade exaltada e exceder de muito na funcção o seu poder normal. Então o *dormidor* se torna um phenomeno, uma maravilha, ouve pelo calcanhar, enxerga pelo estomago, prediz o futuro, dá opiniões infalliveis, está em relações com Deus e com os santos, sabe o que se está passando a mil leguas de distancia. E', em uma palavra, o que em certas rodas se chama um excellente *sujet* ou um milagre. (2)

Mas geralmente o sentido principal, o da vista, está ausente ou é incompleto. Além disso, as idéas do somnambulo, tendo perdido o seu equilibrio e o seu arranjo proprio (coordenação) podem ser dirigidas ao accaso, os sentidos não agem, ou agem imperfeitamente, e o paciente assim só póde ter uma idéa falsa ou incompleta do mundo exterior.

Que falta para se tornar perfeito esse somnambulo ? Seria necessario que o funccionamento das faculdades e dos sentidos fosse perfeito, especialmente o do sentido principal — a vista. Esta é de facto que dá noção justa do mundo externo, e consequentemente rectifica as idéas e auxilia-as para se coordenarem bem.

Ora, esse somnambulo tão perfeito parece-se extremamente com uma pessoa commum. Parece para todos, excepto para os que o cercam ; somente para os iniciados está elle na segunda condição— *em um estado de consciencia dupla.* A sua personalidade está dividida em duas. A prova disso é que, passado o ataque, elle se esquece, como somnambulo, tudo que se passou durante o ataque. E' precisamente isso o que se dá nos casos de consciencia dupla, de que citamos as observações acima.

Pela analyse precedente pensamos ter provado que o despertar successivo das faculdades e dos sentidos constitúe a gradação entre o somno ordinario e o somnambulismo que chamamos completo, e que dá á pessoa estudada, a apparencia de levar uma vida dupla. Podemos, pois — para voltar á nossa posição — encontrar pessoas que têm apparencia de serem como toda gente e que, todavia, estando em uma segunda condição, são apenas somnambulos que ao despertar terão esquecido tudo.

Não nos occultamos as desconcertantes questões que esta possibilidade justamente suscita, especialmente do ponto de vista da responsabilidade. Mas não é dever da sciencia discutir as consequencias do que ella affirma. O seu dever é ao mesmo tempo mais grandioso e mais restricto ; é estabelecer a verdade, baseando-se em factos certos e bem verificados. Voltemos aos tempos em que se queimavam as hystericas como feiticeiras, porque, como eram insensiveis ao açoute, tinham pacto com o diabo, dizia-se.

Hoje damos de hombros ; os nossos descendentes por seu turno darão de hombros em um periodo em que, considerando a lei inevitavel do progresso, os nossos successores poderão explicar o que presentemente não podemos, e quando o que hoje nos pasma, não pasmará a mais ninguem.

Contentemo-nos em registrar os factos depois de os termos cuidadosamente observado. Outros tirarão delles conclusões muito melhores do que nós poderiamos fazel-o.

Talvez que então os magistrados e os medicos fiquem em paz com os progressos da sciencia ; estarão melhor relacionados com os estados singulares que podem tornar irresponsaveis os criminosos, e destroçarão o embuste dos que, sabendo da existencia desses estados, os simularão para obter um veredicto de irresponsabilidade, como tambem os exaggeros dos advogados que farão delles o maximo para alcançarem os seus intentos. Talvez que então seja compilada para todos os medicos uma medicina forense em conformidade com os progressos da phy-

---

(2) Observe-se o pavor que o autor tem das palavras «medium», «espiritismo», etc. A phrase que lhe estava no pensamento era ...nas rodas espiritas se chama um excellente medium». — Trad.

siologia e da psychologia. Presentemente tal coisa não existe.

E. AZAM (de Bordeaux)»

(Do «Dictionary of Psychological Medicine», paginas 401 a 406).

Esse commentario prima em nada esclarecer ; mas os estudantes de Espiritismo conhecem tanto a explicação clara, simples, logica, irrefutavel, desses factos, que nos contentamos em transcrever as paginas do livro traduzidas com a maxima fidelidade que nos foi possivel, e aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos aos autores da obra por nos haverem fornecido de fonte absolutamente insuspeita esses excellentes casos de . . . mediumnidade.

Gomes Braga.

Victorien Sardou

1831 -- 1909

Victorien Sardou em seus ultimos annos

No numero de janeiro de 1926, tratando dos mediums pintores e desenhistas, promettemos illustrar as nossas paginas com uma nota historica do illustre dramaturgo, decano dos espiritas franceses, cujo nome encima estas linhas.

Victorien Sardou foi um escriptor fecundo cujas obras se traduzem muito bem n'*A familia Benoiton*, na *Tosca*, na *Dora*, no *Thermidor*, e, principalmente, na *Patria*, além de outras que não nos vêm á penna.

Sardou é um espirito que se distingue dos seus contemporaneos. A sua existencia conta 78 annos, 1831-1909.

Logo que o primeiro écho dos phenomenos mediumnicos atravessaram o Atlantico e chegaram á França, com uma curiosidade intelligente, interessou-se para lhes examinar os effeitos e procurar as suas causas productoras, embora mesmo no berço esses phenomenos começassem a ser imitados por audaciosos charlatães.

Ao que consta, Sardou iniciou suas pesquizas espiritas antes mesmo de Allan-Kardec começar a sua excelsa missão ; d'ahi o titulo que lhe deram de decano dos espiritas francezes.

Dotado de lucida intelligencia, caracter bem equilibrado, positivo, grande perspicacia, que dão importancia extraordinaria aos factos que constatou e ainda mais aos phenomenos produzidos por seu intermedio, Victorien Sardou viu desdobrar-se em si proprio a faculdade mediumnica, que não lhe permittia duvidar das manifestações, que n'aquella épocha, começavam a se produzir em toda a parte.

Eis como Sardou escreveu sua profissão de fé, numa carta que escreveu a Jules Bois, em resposta á solicitação de referido escriptor, que queria a opinião de Sardou sobre os factos que se estavam verificando. Jules Bois publicou-a no seu livro — *l'au delà et les forces inconnues*, d'onde extrahimol-a.

«Meu caro confrade :

Eu fui dos primeiros a estudar o espiritismo no seu começo — ha isto uma cincoenta d'annos — e a passar da incredulidade para a surpreza e da surpreza para a convicção. Precisaria um volume para vos responder. Limito-me, entretanto, a vos enviar o resumo de meio seculo de observações.

Os phenomenos materiaes observados em condições de exame as mais rigorosas e attestados pelos sabios que me abstenho nomear, cujos factos são inexplicaveis no estado actual dos nossos conhecimentos.

E' impossivel de deixar de reconhecer num grande numero de casos a intervenção d'uma intelligencia extranha á dos operadores, que não é nem a projecção, nem o resultado dos seus proprios pensamentos, e tambem de não constatar na producção de certos phenomenos, a acção de seres invisiveis de que é difficil precisar a verdadeira natureza.

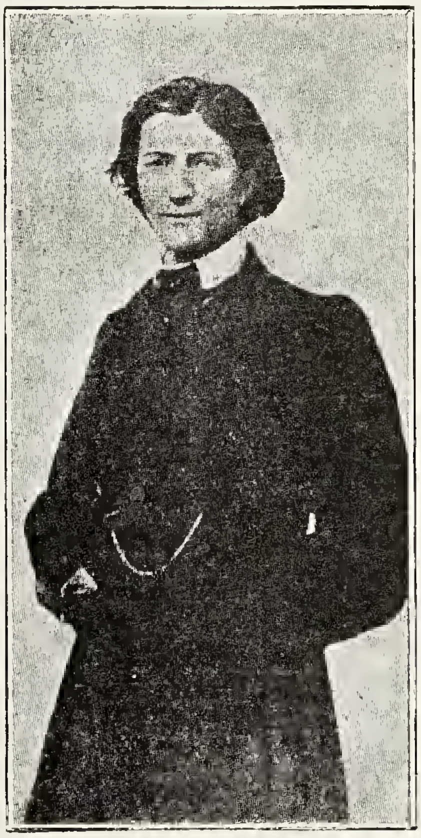

Victorien Sardou com 25 annos quando era medium

Mas, como admittir, sem se arriscar ao ridiculo, que esses seres não são chimericos e que nossa bella humanidade não é a ultima palavra da creação? Para escapar ás censuras da sciencia official e da incredulidade dos ignorantes e dos «fortes de espirito», que são muitas vezes imbecis, esforçam-se para explicar os casos em que a intelligencia occulta é manifesta por hypotheses que dizem scientificas, bem graciosas para aquelles que sabem o que eu sei, que viram o que eu vi e fazem o que eu tenho feito.

Vós me perguntaes si eu creio nas materialisações...

— Naturalmente, porque eu mesmo as obtive no tempo em que era medium e espero ainda que m'as expliquem por qualquer força psychica desconhecida ou por fraude de que eu seria, por minha vez, o autor, o o testemunho e a victima, como uma mão invisivel poude deixar sobre a minha mesa de trabalho um bouquet de rosas brancas que eu conservei durante annos até que elle se tornasse em pó !

Emfim, quanto aos desenhos espiritas dos quaes vos fiz allusão, eu os obtive em 1857, em condições identicas ás do sr. Desmoulin ; mas ha muito tempo que eu mantenho reserva sobre os pretendidos documentos planetarios. Isto tem o mesmo valor que a linguagem marciana que nos foi offerecida ultimamente.

Eis, meu caro confrade, as conclusões das minhas proprias experiencias. E' pouco ! Entretanto eu não perdi o meu tempo.

Saudações amigaveis

Victorien Sardou».

Victorien Sardou já havia feito representar com grande successo suas primeiras comedias, quando manifestou-se nelle uma mediumnidade multiforme. A mais celebre foi a que permittia-lhe, apezar de profano nas artes graphicas, executar desenhos admiraveis em sua originalidade.

Reproduzimos alguns delles, que extrahimos dos «Annales des Sciences Psychiques». Em certas horas elle tomava o lapis ou a penna e sua mão traçava sobre o papel, com rapidez surprehendente, desenhos de aspectos phantasticos.

Sardou, assim se exprime, narrando essas phases da vida em que elle representava uma personalidade secundaria.

«Minha mão não me pertencia ; ella obedecia a uma influencia extranha que se dizia ser o espirito de Bernard Palissy.

Um dia, quasi as duas horas, eu

sentara-me em meu escriptorio, como de costume, e havia posto diante de mim uma folha de papel de dimensões ordinarias. Em vez de desenhar, a penna obedecendo a um impulso repentino de minha mão, traçou bruscamente uma linha obliqua em todo o comprimento da folha, de maneiras que ella não prestava mais para nada.

Intrigado, eu interroguei Bernardo Palissy, pelo processo que costumava e recebi esta resposta laconica: «*Papel muito pequeno*». Procurei uma folha de papel maior; ella foi inutilisada por novo risco, e o espirito, consultado, repetiu: «*Muito pequeno*». Sob a minha observação que eu não tinha papel maior, o espirito ordenou: «*Vá compral-o*».

Eu repliquei que estava chovendo e que o papel de que me utilisava estava no canto do caes de S. Miguel, onde eu morava então. — «Vá á praça Saint-André-des-Arts», tornou Bernardo Palissy. Eu fiz um appello á minha memoria sobre as papelarias: não havia nenhuma do meu conhecimento nessa praça. Mas o espirito repetiu com obstinação: «Sim, existe uma! Existe uma!»

Muito intrigado eu puz o chapéo e sahi. Percorri a praça e ia para o caes de S. Miguel, amolado por ter sido enganado pelo espirito, quando, por acaso avistei uma taboleta com esta inscripção: «*Venda em grosso de cartões.*»

Entrei na casa e verifiquei com surpreza que o fabricante possuia todas as dimensões imaginaveis, de papel. Comprei o que precisava e fui para minha casa. Logo que eu colloquei a ponta do meu lapis sobre o papel, minha mão escreveu com rapidez: «*Vês que eu tinha razão!*»

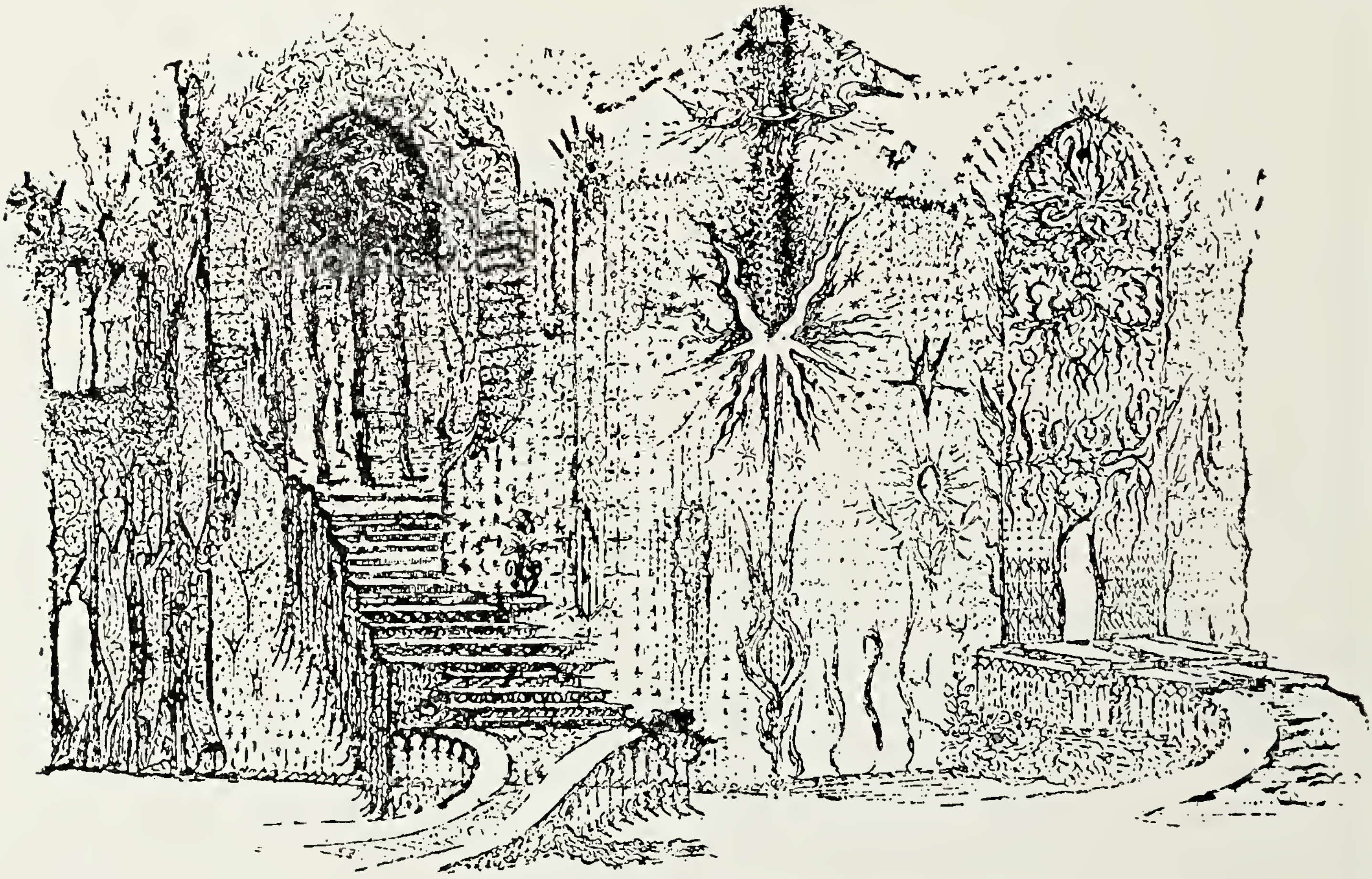

Casa Imaginaria de Zoroastro em Jupiter

(Desenho mediumnico de Victorien Sardou)

* * *

Como é natural, a critica sobre a mediumnidade e desenhos de Sardou surgiu de um e de outro lado, assim como o seu modo de vêr o Espiritismo, o que fel-o publicar a seguinte carta que faz parte de uma das obras de Jules Claretie:

—« . . . Quanto ao Espiritismo

eu vos direi melhor em tres palavras, o que penso, do que se o fizesse em tres paginas. Ha no espiritismo factos constatados, curiosos, inexplicaveis no estado actual dos nossos conhecimentos, e outros que se explicam sem difficuldades.

Ha espiritas imbecis, ou ignorantes, ou idiotas ; aquelles que evocam Epaminondas e os que dizem tolices ou que crêem no diabo ; naturalmente vão dar com os costados em Charenton.

Ha charlatães — os impostores de toda a sorte, os prophetas, os que dão consultas, os Davenport, e *tutti quanti !*

Ha emfim os sabios que creem explicar tudo por prestidigitações, por hallucinação e movimentos inconscientes, como os srs. Chevreuil e Faraday; e que, tendo razão para certos phenomenos que presencearam e que são, de facto, hallucinação e prestidigitação, não o tem de outro lado sobre uma série de outros factos positivos que não se deram ao trabalho de estudar. Estes sabios são muito culpaveis, porque, pelo facto de não receberem razões oppostas dos experimentadores sérios e por suas explicações insufficientes, deixaram o espiritismo sujeito á esploração dos charlatães de toda a especie e concorrem ao mesmo tempo para que os *amadores* não se occupem d'elle.

Ha, finalmente, o observador (mas é raro), tal como eu, que incredulo, de um momento para outro, tive de reconhecer a existencia de factos,

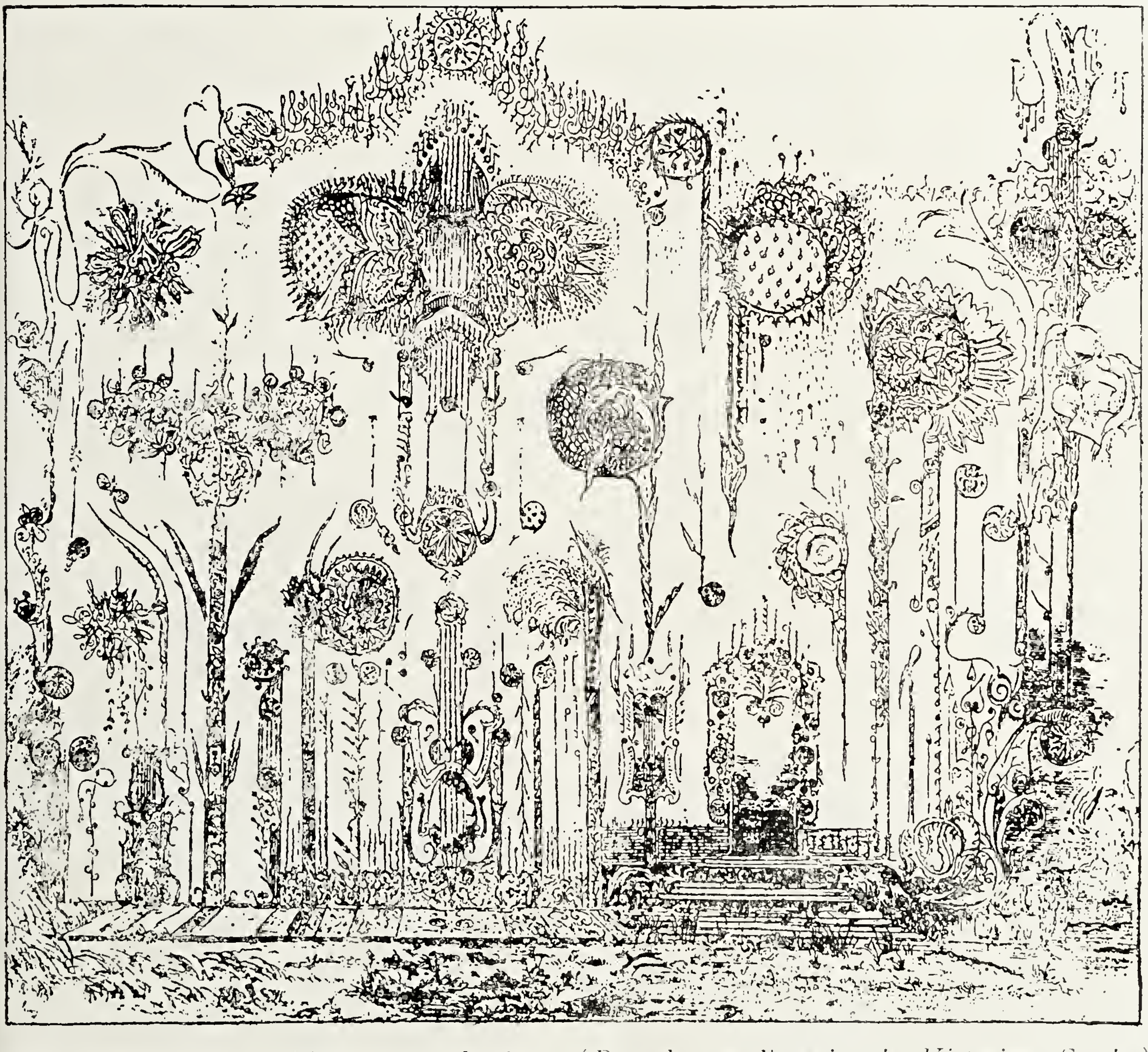

Casa Imaginaria de Mozart em Jupiter. (*Desenho mediumnico de Victorien Sardou*) rebeldes a toda a explicação scientifica actual, sem renunciar, por isso, vêl-os explicados um dia, e que, desde logo, se têm applicado a discernir os factos, a submettel-os a uma classificação que, mais tarde se converterá em lei. Estes se abstem, como eu faço, de todos os cenaculos, e, satisfeitos da convicção adquirida, limitam-se a vêr no espiritismo a aurora de uma verdade muito obscura ainda, deplorando que esta verdade pereça abafada entre estes dois excessos (como deixei dito e escripto) da credulidade ignorante que crê tudo e da incredulidade sabia que em nada crê.

Elles encontram na sua convicção e na sua consciencia a força de affrontar o pequeno martyrio do ridiculo que une-se á crença que elles propagam, envolta de todas as asneiras que não se deixa de lhe attribuir e não julgam que a legenda que a reveste merece a honra de uma refutação.

E' assim que eu nunca tive a pretenção de demonstrar a quem quer que seja que Molière ou Beaumarchais influiram nas minhas peças. Parece que isto é cousa secundaria.

Quanto ás *Casas de Jupiter*, é preciso que pergunte á gente de bem que me suppõe convencido da sua realidade, si se acham tambem persuadidos que Gullivier acreditava tambem em *Lilliput*, Campanella na *Cidade do Sol* e Thomas Morus na *Utopia*.

O que não resta absolutamente duvida é que o desenho a que vos referis *foi feito em menos de duas horas*.

Da origem eu não dou quatro «sous»; mas, para o facto, o caso é outro. E eis ahi todo o espiritismo em duas palavras!

Mas percebo que nada querendo dizer, disse muito, apezar de não ser ainda sufficiente, e termino apertando-vos estreitamente a mão

Victorien Sardou».

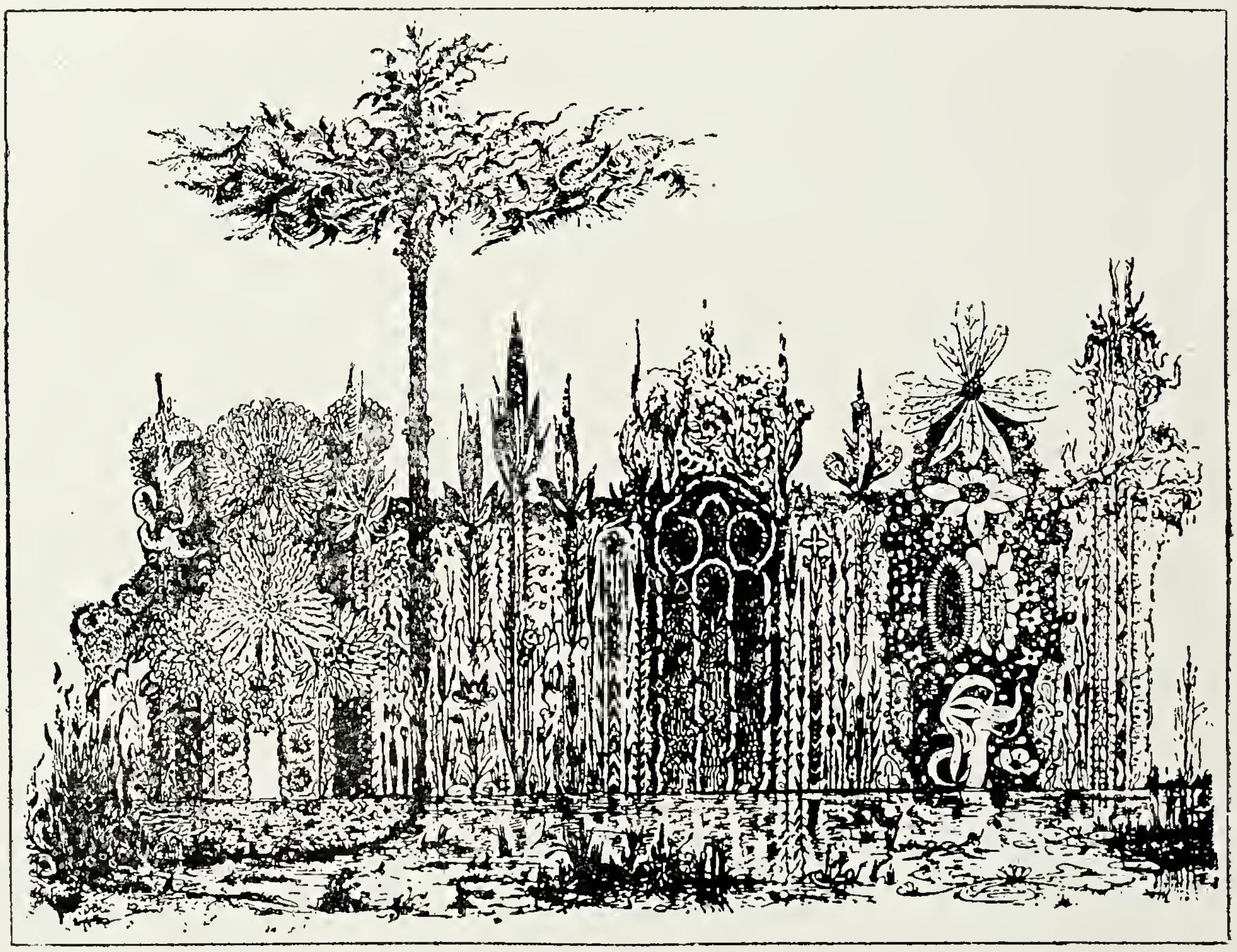

Um desenho mediumnico de V. Sardou

* * *

Em 1904, o sr. J. Malgras organisava um trabalho, que veiu depois á luz com o titulo *Les Pionniers du*

Spiritisme em France, é como desejava o seu autor o «Livro de Ouro» das Sciencias Psychicas».

Conhecedor dos trabalhos de Victorien Sardou, o sr. Malgras dirigiu uma carta ao autor da Tosca, pedindo algo que pudesse figurar nessa obra. Eis a resposta de Sardou :

«9 de dezembro 1904

Quando não se tem a felicidade, sendo medium como eu fui, de se convencer por suas proprias experiencias ; onde observar nas condições precisas, os phenomenos produzidos por mediums de valor, o melhor que se pode fazer é livrar-se de experiencias de salão, que são puras infantilidades, ou das que se tenta em vão comsigo mesmo e que não se prestam senão para desencorajar o que procura a verdade.

E' preciso desde logo pôr-se ao par do testemunho dos sabios do mundo inteiro, cujos nomes deixo de citar, que, após haverem estudado os factos para demonstrar a falsidade que julgavam conter, tiveram a bôa fé de se retratarem com toda a honradez e affirmar a sua convicção.

Se o Espiritismo não fosse senão uma burla, ha muito tempo não mais se trataria d'elle ; ao passo que actualmente seus adeptos se contam por milhões e maior é o numero ainda dos timoratos, que não ousam proclamar sua crença, por respeito humano, interesse profissional, cobardia e sobretudo por tolice.

Victorien Sardou».

Emfim, Victorien Sardou foi um dos primeiros que em sua visão clara das espheras superiores do espirito, não reluctou confessar publica e desassombradamente a crença que mantinha na Nova Revelação, tal como ella se apresentou ao mundo, com as suas insignias de sciencia e amor, que adornam a Verdade.

Em 1905, uma revista ingleza *Grand Magazine* abriu uma «enquête» sobre as manifestações espiritas e o sobrenatural, tendo começado essa série de communicados recebidos com a publicação de uma communicação de Victorien Sardou.

Membro da Academia Franceza desde 1877, teve um logar de merito na litteratura dramatica, tendo sido em 1900 nomeado Presidente honorario do Congresso Espirita e Espiritualista, reunido em Paris n'aquelle anno.

A *Revista Internacional do Espiritismo* tem o summo prazer de fazer reviver na alma espirita, este illustre homem em quem se destaca o amor pela Verdade, a coragem da Fé, e o caracter limpido de quem sabe cumprir o seu dever.

F. HERBERT STEAD

O passamento do Snr. F. Herbert Stead, irmão do saudoso Snr. W. T. Stead, em 14 de Janeiro deste anno, quasi não foi noticiado na imprensa diaria. Comtudo em sua vida prestou elle grandes serviços á causa da humanidade.

Em seu livro «A Direcção Invisivel ; Uma Palavra de Testemunho Pessoal» (The Unseen Leadership : A Word of Personal Witness) elle pretende ter tido intima direcção pessoal de Jesus de Nazareth nos grandes acontecimentos da sua vida, taes como a Colonia Browning, da qual elle foi director durante vinte e sete annos, a convocação da Conferencia de Haya pela causa da paz, a organisação do Queen's Fund pelos desempregados, a lucta em prol das Pensões para a Velhice, e a sua fundação dos Lares para a Velhice. Elle diz de Jesus Redivivo :

«Elle me fez conhecel-O, como o Companheiro Presente, o Guia Vivo, o Amor Omnipotente... Todo o meu ser era uma vibração apaixonada de pasmo, de admiração, de gratidão, de amor, de adoração. Eu me sentia mui longe de me achar em um estado meramente passivo. Invadia-me todo, cada faculdade interna em mim elevava-se a sua mais intensa actividade para receber quanto eu podia do Dom Infinito. Assim eu cheguei a verdadeiros transportes de certeza». («Int. Psy Gazette»)

VOZ DIRECTA

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NA ITALIA

(De «*LUCE E OMBRA*»)

Esclarecimentos e considerações

(*Continuação*)

Saliento ainda um particular interessante inherente aos phenomenos em consideração; e é que os objectos «apportados», embora em sua maioria metalicos, *não estavam quentes*; o que, de resto, se verifica frequentemente em tal categoria de manifestações. E aqui me devo deter um pouco sobre o assumpto, afim de explicar aos leitores que o não saibam, o grande significado metapsychico e scientifico do curioso particular de muitas vezes acharem-se quentes ao contacto os objectos «apportados».

Começo notando que algumas vezes pediram-se explicações ás personalidades mediumnicas acerca da modalidade com que se realizava o phenomeno dos «apports», e ellas informaram que isso se dava por um acto da sua vontade, a qual era uma força que dominava a materia; e por conseguinte que no caso especial produziam os «apports» desintegrando nos seus elementos moleculares a materia constituinte do objecto a ser «apportado»; o qual, porém, embora reduzido ao estado fluidico, não perdia a forma que o caracterizava, no sentido de que os atomos que constituiam o objecto desintegrado mantinham sem mudança a sua posição relativa na estructura do objecto mesmo reduzido a estado fluidico; o que facilitava grandemente a reintegração quando, depois de havel-o feito passar atravez de portas e janellas, as personalidades mediumnicas se apressavam em reintegral-o pela força de um segundo acto de vontade.

E' essa a explicação fornecida a proposito pelas personalidades mediumnicas; explicação que, de modo indirecto mas muito efficaz, fica confirmada pelo facto de, apalpando-se as pedras e objectos metalicos «apportados», perceber-se uma sensação de calor que algumas vezes é notavel, outras intensa, e em alguns casos escaldante. Ora, isso está de accordo com o que se deveria dar no caso das pedras e objectos metalicos «apportados» terem sido submettidos a um processo de desintegração e reintegração rapidissimo; quer dizer que em tal caso e em virtude da lei physica da transformação das forças, dever-se-ia determinar uma reacção thermica mais ou menos notavel, conforme a constituição molecular das pedras e objectos «apportados». Não ha quem deixe de ver que a concordancia admiravel entre os effeitos thermo-dynamicos previstos pela sciencia na hypothese de um agrupamento rapidissimo de atomos, e o que se verifica no phenomeno de «apport» equivalha a uma convalidação indirecta da explicação fornecida pelas personalidades mediumnicas a respeito do modo como se realizam por um effeito da vontade, os phenomenos em exame.

E aqui, para reconfirmação ulterior da mesma explicação accrescento que na minha longa experiencia decennal das manifestações de tal natureza, realisou-se um phenomeno de «apport» que por se haver realizado apenas pela metade serve para demonstrar de modo resolutivo a veracidade das affirmações das personalidades mediumnicas. Já tive de publicar repetidas vezes o relato de tal episodio; mas devido a certos problemas metapsychicos que se acham até agora sem solução, a reiteração dos casos que trazem nova luz sobre os phenomenos, é de uma necessidade imprescendivel, si quizermos chegar a fazer-nos ouvir. De qualquer modo, limito-me a referil-o em brevissimo resumo.

Em Março de 1904, em uma sessão em casa do Cavalheiro Peretti, na qual servia de medium um nosso querido amigo dotado de notabilissima mediumnidade de effeitos physicos, e com o qual obtinham-se os «apports» por simples pedidos, eu pedi á personalidade communicante que me trouxesse um blocozinho de pyrite de enxofre que se achava encima da minha secretaria a cerca de dois kilometros de distancia. A personalidade mediumnidade observou (pela bocca do medium em trance) que a força estava quasi exgottada, mas que mesmo assim experimentaria. Pouco depois o medium foi tomado pelas convulsões espasmodicas habituaes que indicavam a chegada de um "apport", mas sem se ouvir a queda de um objecto sobre a mesa ou o soalho. Pedimos explicações á personalidade mediumnica, e esta informou que havia conseguido desintegrar uma parte do objecto pedido e trazel-a para a sala de sessões ; mas que se tornando pouca a força não se achava em gráo de realizar a reintegração. Accrescentou ainda : "Accendam as luzes". Assim fizemos e notamos com immenso pasmo que a mesa, as roupas e os cabellos dos presentes, bem como o tapete e os moveis da sala, estavam recobertos por uma camada finissima de um pó brilhante, impalpavel, de pyrite de enxofre. Terminada a sessão, voltei para casa e encontrei encima da secretaria o blocozinho de pyrite, ao qual porém faltava um grande fragmento equivalente a uma terça-parte do todo, e representado por uma cavidade profunda feita no proprio objecto.

E' esse o magnifico phenomeno occorrido em uma das nossas sessões, o qual serve para demonstrar *de modo resolutivo* que, em sua maioria os phenomenos de "apport" realizam-se por um processo de desintegração e reintegração molecular rapidissimo dos objectos «apportados». Nem sempre, porém, pois que algumas vezes succede que o objecto é integralmente transportado até o ambiente das experiencias, sendo ahi introduzido por meio da desintegração de uma secção correspondente da madeira da porta.

Esta ultima variante do phenomeno nos foi indicada pela mesma personalidade mediumnica com a qual obtivemos o "apport" incompleto acima referido. Haviamos notado que bem frequentemente as pedras e objectos metalicos «apportados» não estavam quentes, e pedindo explicações disso á personalidade referida, informou-nos ella que isso se dava, porque em logar de desintegrar a materia do objecto «apportado», havia desintegrado a madeira da porta, produzindo uma abertura sufficiente para a introducção do objecto em questão. E todos se convencerão que no caso especial de que nos estamos occupando, tal explicação dos factos parece racional e concludente.

Visto isso, segue-se que a elucidação do mesmo particular physico repetido pelos «apports» aqui considerados, deve concluir-se analogamente que si os objectos «apportados» não estavam quentes, significa isso que as personalidades mediumnicas transportaram-n'os para a sala fechada em que se experimentava, desintegrando a madeira da porta e não os objectos.

Com respeito aos phenomenos de «xenoglossia» (conversações em linguas desconhecida do medium) por nós obtidos, observo que elles não podem supportar o confronto com os casos admiraveis de phenomenos dessa natureza obtidos nas experiencias de Bradley. Todavia si levarmos em conta que no nosso caso trata-se apenas de duas sessões, então é preciso convir que é muito mais do que uma boa promessa o que obtivemos. De facto, houve vozes que se expressaram em inglez, em francez, em hespanhol e em latim. Feita abstracção do inglez, pois que se tratava de simples phrases de saudação ; e do francez que era familiar a todos os presentes, ficam as conversações em lingua hespanhola e latina. A primeira não era familiar a nenhum dos presentes, comquanto todos na Italia comprehendam mais ou menos tal lingua, o que não significa, porém, saber fallal-a ; a segunda era familiar sómente ao prof. Passini. De qualquer modo a hypothese de que a «voz directa» communicante houvesse ido encontrar os seus conhecimentos de latim na subconsciencia do prof. Passini, é uma hypothese que não póde supportar a analyse dos factos, como demonstrei no prefacio do livro de Bradley. Agora, ás considerações de ordem psychica e grammatical por mim adduzidas, junto aqui uma consideração de ordem hypnotico-somnambulica; isto é, observo que si o facto das «vozes directas» que fallam desembaraçadamente uma lingua desconhecida do medium, pudesse ser explicada pelos poderes da subconsciencia, a qual alcançaria nas subconsciencias dos presentes os conhecimentos linguisticos que exhibe sumptuosamente, em tal caso nas experiencias hypnoticas e somnambulicas, devia-se infallivelmente encontrar o phenomeno seguinte : Quando as somnambulas clarividentes descrevem minuciosamente—na presença de um ou mais doutores em medicina — o interior do seu proprio organismo ou de outrem como tambem as enfermidades que nelles descobrem, deveriam exprimir-se alguma vez em termos rigorosamente technicos, encontrados na mentalidade do doutor-hypnotizador com o qual se acham em «relação psychica».

Ora, ao contrario, tal phenomeno jámais se verificou : as somnambulas descrevem o interior do organismo humano e as enfermidades que lá notam com os termos da linguagem pobre de qualquer profano ; e como a linguagem technica de uma dada sciencia equivale a uma pequena lingua especializada, deve-se d'ahi inferir que si as somnambulas não chegam a apossar-se de tal limitadissimo grupo de vocabulos, apesar da "relação psychica" que os vincula intimamente ao doutor-hypnotizador, então deve-se concluir logicamente que não poderiam de certo conversar correntemente em uma lingua que não conhecem. Ora, tal conclusão, indiscutivelmente fundada sobre os factos, apresenta um valor resolutivo a respeito do debate em consideração ; isto é, baseados nella devemos concluir com toda logica que quando os mediums conversam desembaraçadamente em uma lingua que não conhecem, isso demonstra de modo indiscutivel a presença no logar de uma entidade extrinseca ou espiritual.

Concluindo, parece-me haver demonstrado que das duas sessões acima referidas ficam notorias e indubitaveis duas grandes verdades : 1.o) que as manifestações mediumnicas da «voz directa» não só são reaes, realissimas, como tambem são as manifestações mais efficazes para levar a convicção aos scepticos endurecidos ; 2.o) que das sessões em exame, podem-se extrahir algumas boas inferencias a favor da presença real no logar das personalidades de defuntos que se affirmam presentes. Em primeiro logar, inferencias de tal natureza podem-se extrahir da circumstancia altamente suggestiva das «vozes directas» que se succedem rapidamente em uma mesma sessão, demonstrando-se radicalmente diversas entre si, e sobretudo demonstrando-se entre si variabilissimas na capacidade de exprimirem-se claramente ; o que se explica perfeitamente com a hypothese espirita, mas de todo não se póde explicar com a hypothese das «personificações subconscientes». Em segundo logar, analogas inferencias podem-se extrahir do phenomeno das «vozes» que se expressam em linguas ignoradas do medium. Em terceiro logar, as mesmas inferencias emergem de modo resolutivo do maravilhoso phenomeno do instrumentinho musical «Flex-a-tone», cuja technica era desconhecida de todos os presentes, e que acompanhou a musica do grammophone com uma virtuosidade de executor excepcional; o que presuppõe necessariamente a presença de um executor extrinseco a todos os presentes. Em quarto logar, inferencias analogas emergem do incidente de Eusapia Paladino que fallou com a tonalidade de voz que tinha em vida, com o accento pronunciadissimo do seu dialecto napolitano, fazendo uso de pequenas idiosyncrasias da linguagem litteralmente inimitaveis e que a caracterizavam em suas relações commigo. Sem contar que os phenomenos prodigiosos de «apport» por nós obtidos concorrem efficazmente para reforçar taes inferencias ; e isso porque se ligam indissoluvelmente com as personalidades dos defuntos que se affirmam presentes ; emquanto que a um delles ligam-se tambem declarações que implicam um phenomeno de premonição de morte.

Quanto aos phenomenos de materializações de mãos e de pés, de levitações e transportes de objectos pezadissimos, de uma assignatura obtida pela «escripta directa», são importantes, mas o seu valor theorico se empallidece em confronto com os phenomenos maiores. Porém indubitavelmente elles concorrem efficazmente com os outros para demonstrar a potencialidade sem limites dessa felicissima combinação de quatro mediumnidades synthonizadas entre si. Tudo isso demonstra tambem que si se podesse proseguir methodicamente nas experiencias tão admiravelmente iniciadas, chegar-se-ia sem duvida a tal excellencia de manifestações mediumnicas, physicas e intelligentes, que prometteriam chegar-se a resolver definitivamente os quesitos e as perplexidades theoricas até agora sem solução no campo das disciplinas metapsychicas.

Mas por ora não é possivel proseguirem-se as experiencias assim iniciadas; pois que os conjuges Rossi estão residindo em Londres.

Uma ultima declaração. No relato da segunda sessão, supprimi o ultimo episodio occorrido com a «voz directa» a isso á espera de emprehender as devidas pesquisas afim de esclarecer-lhe theoricamente a significação. Proponho-me, portanto, a tratar amplamente do caso em artigo especial, em tempo opportuno, submettendo o extranho e interessante episodio de que se trata aos processos da analyse comparada, pois que se encontram nas minhas classificações outros episodios analogos, os quaes foram plenamente averiguados com informações precisas tomadas dos protagonistas directos e indirectos.

Ernesto Bozzano.

As Obras Definitivas e a Perfeição

As ancias extremas de todo o artista, de todo o escriptor, philosopho, sabio pesquisador, litterato, é fazer uma obra definitiva.

Para alcançar, põe em actividade sua vontade ; não regateia vigilias, não poupa trabalho.

Muitas vezes já triumphou. O mundo repete o nome do eleito. O ouro enche as arcas do illustre homem. Mas o homem illustre não está satisfeito. Sabe, na limpidez da sua consciencia, que não realisou obra definitiva. Que o exito não é a insignia do acerto, que, ao contrario, ha triumphos que entristecem porque não se harmonisam com o julgamento intimo. Que, embora em seu vasto labor, conhecendo cousas de valor, o diamante com que elle sonhou, o diamante que tentou mostrar ao mundo, jaz escondido nas dobras do sub-consciente e seus fulgores potenciaes permanecem ainda na pedra bruta ! . . . E a vida se vae ; e o fim se approxima e a pedra não será achada . . . Quem poderá aquilatar as angustias de uma alma sincera de artista, de sabio que pensa nestas cousas !

A obra definitiva ! Ella é a flôr por excellencia da vida. No physico muitas gerações vieram preparando-a, com uma affirmação cada vez maior dos sentidos, do systema nervoso. No espiritual . . . quem conhece as peregrinações da alma, as viagens que fez para ser o que é hoje ! . . .

Essa flôr em cada um de nós, seculos inteiros foi almejada . . . E nós vamos, ainda mais uma vez, sem vel-a abrir-se !

Ah, como invejamos os grandes cimos da humanidade !

Homero (supponhamos que foi só um poeta, dada a maravilhosa unidade que se vê na maior parte dos cantos da *Iliada*), chegou, traçou seu poema immortal, e envelheceu na intenção. Já velho escreveu seu delicioso conto da *Odisséa*, e se foi, com os olhos sem luz e sua alma cheia de resplendores, deixando á humanidade a dadiva de sua *Iliada*.

Esquilo, Sófocles e Euripedes, — o primeiro que «pintava os homens maiores do que são ; o segundo como deveriam ser, e o terceiro como são», deixaram taes maravilhas que, qualquer d'ellas tomada a esmo — *Prometheu acorrentado* (uma das sete que resta do primeiro) — *Ediporei* (uma tambem das sete que resta do segundo) — ou *Alcestes* (uma das desoito que ficaram do terceiro) parece uma obra definitiva.

Herodoto, depois de suas numerosas viagens ao Oriente, á Grecia, á Italia, compôz sua *Immensa historia*, cheia de singeleza e magestade, e octogenario, foi aos campos elyzeos, satisfeito de sua obra definitiva, cujos materiaes custaram-lhe mais de 40 annos de labor.

Platão, «o maior de todos os homens que têm falado de Deus antes da era christã», segundo a celebre phrase de Gatry, fez uma obra de tal maneira definitiva (diremos maravilhosa) que foi chamado o Divino.

Cicero, que começou por ser chamado rei da eloquencia juridica, para a posteridade deixou de ser o nome de um homem, para ser o «nome da eloquencia».

Virgilio, cuja perfeição «sempre a mesma, sempre sustentada», por acaso, exemplo unico na historia da poesia, deixou suas quatro obras definitivas — as *Eglogas*, as *Bucolicas*, as *Georgicas*, a suprema *Eneida*, e passou sereno para a Immortalidade.

Lucrecio nega magnificamente tudo: é o pólo de sombra, é genialmente negro. Mas deixa seu definitivo poema «da natureza das cousas» como o claro-escuro para a movel paysagem do mundo e desapparece.

Dante atravessa os nove circulos concentricos em que a alma devia abandonar toda a esperança, remonta os sete circulos da *expiação*, ascende por fim aos séte planetas paradisiacos e deixa a atonita Edade Media que fenece, á humanidade que virá depois no Renascimento, a maravilha da sua Divina Comedia.

Shakespeare escava no coração do mysterio, agita ainda o nosso pensamento. Suas obras todas são definitivas, embora não sejam originaes: tal é a sua elevação.

Cervantes escreve a melhor novela do mundo, a novella por excellencia, a epopéa do ideal sempre derrotado e sempre vencedor «que a épica tambem se pode escrever em prosa e verso» (*Quixote*, fim do cap. 48, primeira parte), e se vae, pobre, angustiado; mas definitivamente immortal.

Victor Hugo chega aos cimos e mostra-se extraordinario, unico, sem herdeiro no mundo.

* * *

E o artista, o sabio, o litterato, o poeta, sentem ao contemplar estes alcantis, a ancia que parte das entranhas da obra definitiva; comprehendem que não ha repouso para a alma que não lavrou a sua pedra preciosa e se entristecem pensando que hoje é quasi impossivel extrahir esta gemma dos ignorados abysmos do Eu e apresental-a, pulida, bella em sua nudez diaphana e scintilente, aos olhos desta humanídade atarefada, turbulenta, nervosa, que sente a vertigem dos successos, o cataclisma da metamorphose, a agonia de todos os deslumbramentos!

A obra definitiva! Contentar-se-ia o homem de arte e de pensamento em dizer algo de novo... Algo de novo! Sem duvida a melhor maneira de sahir do passo, é voltar e lembrar o esquecido, já que, segundo aquella phrase peregrina «nada ha tão inedito como a obra impressa, . .»

Muitos alcançaram esta novidade de agitar e esgravatar e eu perguntei muitas vezes a mim mesmo, se não diria cousas estupendas aquelle que tivesse, por exemplo, o valor e a paciencia de lêr a *Patologia*: os 300 tomos, pouco mais ou menos, em que se encontram taes maravilhas.

Asseguro que muitas cousas de Chrisostomo, de Tertuliano, de Origenes viriam traduzidas e intercaladas nas paginas actuaes de uma novidade deslumbradora.

Mas a consciencia de um artista, com esta e outras artimanhas de erudição, ficaria satisfeita?

* * *

E, apesar disso, é preciso proferir nossa palavra, cinzelar nossa preciosa pedra, afinar a nossa nota para o concerto eterno, melhorar o mundo, ainda que seja num atomo, para não deixal-o como recebemos, porque cada um de nós recebe o mundo por herança... e ha de nos ser pedida a conta do que temos feito por elle!

E como cada alma tem uma sêde de perfeição infinitamente superior ás suas forças, é inenarravel o tormento de muitas almas mediocres, que querem intensamente, que querem a todas as horas, a todos os momentos, e não podem, e veem nas maravilhas que as outras fizeram, e que trabalham ao seu lado, e não estão com aptidão de crear, e se revelam contra a imitação e repellem o cunho dos temperamentos alheios, o imperioso élo de poderosos engenhos extranhos...

São estes seres que constituem a immensa maioria (porque quão poucos se erguem acima do nivel da intelligencia mediana!) E, quiçá, no seu fôro intimo protestam contra a injustiça do seu destino.

Entretanto, essa injustiça, segundo tenho comprehendido, não existe.

Todo o homem, pensando-se bem, ó almas descontentes! é um aprendiz de Deus. O melhor symptoma que caracterisa o ser divino é justamente esse desejo de perfeição.

O humilde encadernador de livros que diz: «Eu quizera encadernar como até agora ninguem o fez, os volumes que me são confiados», é um ser mysterioso, excelso, angelico já . . .

O pedreiro que pensa: «Quizera assentar os tijolos mais solido, mais depressa, e mais harmonicamente como ninguem o fez, é já um celeste architecto do futuro mysterioso...

O que é terrivel, desanimador e angustiosamente triste, é o desengano de ser melhor. Esse é o peccado contra o Espirito Santo.

Cahir mil vezes diariamente e levantar-se mil vezes e continuar caminhando é cousa tão bella que o proprio Universo se alegra.

Insistir diariamente no afan de melhorar a mais humilde das obras, já é toda a obra capital.

Os seres que chegaram a realisar ante nós, a consumar essas cousas definitivas que lembramos, não penseis, ainda que o pareça, que fizeram-n'as na actualidade. Vieram fazendo-as ha cem, a mil annos, iguaes em natureza, que, pacientemente, nos saurios prehistoricos já traçava os primeiros ensaios da divina curva do cisne de Leda . . .

Se vês um homem genial que se orgulha do seu engenho, apostae sem temor que elle *não sabe* d'onde vem. Deveria interrogar ao sêr enygmatico que se esconde nas profundezas da sua inconsciencia, e si elle pudesse responder, lhe diria as vezes que esteve na escola do planeta: innumeraveis e tediosas vezes, que por fim lograram em uma concreção lenta de esforços a maravilha que agora os pasma.

A divina justiça não fez seres superiores e seres inferiores. A lagarta não será sempre lagarta, será um dia a ave do paraizo e cada cousa chegará á excellencia do «seu eu», conforme o bello conceito do poeta mexicano das *cousas sem alma*:

Da materia resistente e bella
tomai o que mais dura e mais encanta;
se sois pedra, sêde marmore; se sois planta
sede loureiro; sois chamma, sede estrella!

* * *

Talvez a suprema philosophia para os que sentem ancias entranhaveis de lavrar a obra definitiva devera consistir em aperfeiçoar o trabalho humilde ou excellente, que trazem entre as mãos, sem contristar-se jamais das rebeldias da argilla em que trabalha.

Cada homem deveria se esforçar para ser em seu officio, arte, sciencia, e nos limites de suas condições, o que os yankes chamam tão acertadamente *the right man in the right place*.

Cada homem deveria seguir igualmente o sapientissimo preceito latim: *age quod agis*, e fazer sobre tudo com «amor o que estivesse fazendo».

Os artistas do renascimento diziam: — O que fôres, sejas com toda a tua alma».

Sejamos com toda a nossa alma pedreiros, agentes de machinas Singer, selleiros ou philosophos, ou pintores, ou poetas, lembrando que o merito não está «no titulo que temos mas sim na perfeição que empregamos para desempenhal-o».

Conta-se que em uma manga de um vestido de Isabel a Catholica, encontrou-se, depois de morta a rainha, um pedaço de papel em que se lia: «A Fulano (um pobre homem de Granada) para pregoeiro porque tem muito bôa vóz».

Os commentaristas affirmam que nesse pedaço de papel está o segredo da grandeza d'aquelle reinado, no qual se nomeava pregoeiros os que tinham bôa vóz, organistas das cathedraes os que sabiam tocar o orgão, embaixadores os homens direitos, instruidos, honestos, que tinham «dom de gentes», etc.

A receita é muito simples, mas parece que agora quasi em nenhum paiz é usada. Em todos acontece o que no conto do violino narra Victoriano Salado Alvarez e o que succedeu com certo moço que foi recommendado por um canonico da cathedral de Guadalajara (no Mexico) para violinista do coro. O recommendado, dizia o canonico: «E' um moço excellente, mantém sua pobre mãe, viuva e tem tres irmãosinhos . . .»

— «Mas insinuava o canonico; toca o violino?

— «Muito asseiado; anda sempre limpo como uma prata . . .»

— Mas, toca violino?»

— Muito devoto. Confessa e communga cada mez!

Muito bem; mas toca violino?

Como não tocava violino, era o unico defeito que maculava aquelle prodigio!...

Se diz que isto é o geral do mundo. Em innumeraveis paizes, os que não tocam violino, são os que são recommendados e collocados nas orchestras. As orchestras actualmante desafinam... Então vem a revolução. Diz-se que uma revolução não é mais que *uma mudança de pessoal*. Todo o pessoal da orchestra troca pois; outros a dirige... Mas tambem os violinistas novos tão pouco sabem tocar o violino!...

Qual é o segredo do exito social e

politico de alguns paizes? Simplesmente que na sua grande orchestra, os violinistas sabem tocar o violino.

Saibamos tambem nós fazer o que fazemos por menor que seja a nossa obra.

Empreguemos todo o instincto de perfeição na tarefa que nos foi entregue.

Sejamos perfeitos «como o nosso Pae Celestial é perfeito», sem deixar de ser o que somos.

Um ferrador que chegue ao summo da habilidade de preparar ferraduras e ferrar as cavallarias, poderá dizer com santa confiança chrisíã ao sublime *archetypo* :

— «Meu Pai, segui o conselho do teu Jesus, e como ferrador que sou tão perfeito, como tú te crês perfeito, com Deus, ou pelo menos com a perfeição relativa á minha humana natureza».

A cada um se nos pede no Evangelho que negociemos com o nosso ou os nossos *talentos*.

Ai d'aquelle que enterra o seu talento ou o devolve ao amo, que pede contas, tal como recebeu, sem haver ganho com elle cousa alguma.

Mas, além da perfeição no officio, na arte que se exerce, na sciencia que constitue nossa especialidade, ha algo verdadeiramente definitivo, o *definitivo por excellencia*.

Sabeis o que é?

O melhoramento moral.

Feliz o homem que, durante sua breve passagem pela vida, melhorou a si mesmo o quanto poude, conforme seu ideal interior, de accordo com o valor intimo que todos temos.

Que importa que esse homem não haja escripto livros, nem tenha pintado quadros, nem esculpido estatuas, nem creado instituições sociaes de relevo, se cada dia que passou na vida procurou ser melhor que na vespera!

Muitas dignidades que conhecemos, que veneramos, não escreveram livros: passaram a existencia só fazendo o bem. Alguns eram simples, por acaso ignorantes, entretanto, redimiram raças e renovaram todas as cousas.

Sua obra foi definitiva, foi a da caridade, derramando-se como a agua clara pela terra sedenta.

Carregaram o mundo ás costas porque nenhuma pena do mundo lhes foi extranha.

Nem uma hervinha era quebrada no caminho sem que seu coração não sentisse a mesma dôr.

Os homens que se acham nessas alturas, na altura dessas almas, como disse Santo Antonio: «Mel na bocca, melodia no ouvido e jubilo no coração.»

Esses seres, eram carne e sangue, dôr e miseria como nós outros, mas queriam com uma commovedora vontade ser melhores; tiveram fome de excellencia e quando alcançaram-n'a, seu unico anhélo foi derramal-a sobre o mundo.

Divinos prodigios de suas riquezas espirituaes, conquistadas quem sabe em milhares de annos, apressaram a dal-as a quantos indigentes encontraram no seu caminho.

Um delles, o maior de todos, o que chegou, já em vida, á identidade do Ideal Supremo, era carpinteiro, e vos garanto que antes de pregar sua sublime doutrina, fabricava as melhores cadeiras e as melhores mesas de Nazareth!

Amado Nervo.

OS GENIOS

Os Genios são os pharóes que Deus envia ao mundo para nos illuminar o caminho do futuro. Elles se acham tão avançados da humanidade que só após longos e penosos annos podemos comprehendel-os. A sua vida, o seu falar, os seus ensinos, ao começo, visto a deficiencia da nossa intelligencia, parecem reflexos de luzes que se accendem e se apagam, miragens que apparecem e desapparecem, e só depois de grande esforço de intelligencia e funda meditação é que absortos na luz que delles dimana, saudamos com arroubo d'alma esses Espiritos que passaram, essas estrellas que cahidas do céo, deixaram ao longo do caminho o rastro brilhante do seu saber, as perolas valorosas de suas virtudes como exemplo aos que ficaram e têm retardados os seus passos na senda da evolução espiritual.

De todos esses o maior, o mais bello, o mais sabio, o mais virtuoso e santo é o divino filho de Maria, o humilde carpinteiro da Galiléa. **LUCIPAZ.**

J. CHAPELOT (JEAN CONDAT)

J CHAPELOT foi o pseudonymo litterario de Monsieur Jean Condat, escriptor, inventor e artista de merito, uma das figuras proeminentes do Espiritismo na França.

O sr. Chapelot fundou successivamente jornaes e revistas que mereceram optimo acolhimento, em collaboração com os srs. Sabo e Bez. «*La Ruche spirite Bordelaise* foi a primeira revista da Gironde fundada ha 40 annos. Alem disso elle collaborava em diversos jornaes de Paris e da provincia.

J. CHAPELOT (Jean Condat)

Administrador de primeira ordem, naturalista, sabio, folklorista e lettrado, João Condat pertenceu ao partido liberal, e depois republicano da primeira hora, que não escondia suas convicções democraticas, apesar do perigo a que lhe expunha, naquelle tempo a sua attitude.

Solicitado por M. Malgras a dar a sua opinião sobre o Espiritismo, respondeu em março de 1905 :

—...«Num capitulo do meu *Diccionario Humoristico*, intitulado : *Reflexões sobre o Espiritismo*, encontrareis a minha apreciação sobre esta consoladora doutrina, que fez de mim, materialista e atheu, que não via Deus em parte alguma, um fervoroso adepto espirita que vê actualmente esse Deus em toda a parte, convicto como estou da immortalidade da alma e do seu progresso infinito pelas reincarnações, verdade que, em breve tempo, fará abalar todas as religiões terrestres, porque ella nos faz comprehender um Deus de justiça, de bondade e de misericordia que a razão, o bom senso e a consciencia nos mandam adorar, e não um Deus máo, vingativo e caprichoso, que os insensatos, os degenerados do catholicismo (eu não digo do christianismo) nos recommendam crêr, depois de haverem-n'o feito á sua semelhança, isto é, com os seus defeitos, tanto physicos como moraes.

* * *

« . . . .

Estudando as sciencias, srs. sabios, vós explicastes o raio, os relampagos, o movimento da terra, a marcha dos astros e dos cometas, o fluxo e o refluxo do mar, etc.

Estudando o espiritismo, vós explicareis o Evangelho ; e esta missão, crêde-o bem, vale mais que a outra, E' a salvação do mundo !

Porque, como bem diz o nosso irmão Léon Denis, o espiritismo é o desenvolvimento racional do christianismo verdadeiro, d'aquelle que os concilios abafaram sob seus dogmas, mas que reivindicará a humanidade em marcha, se ella ouvir as vózes do além tumulo, que como no tempo de Jesus, elevam-se para exhortar os homens á sabedoria e á fraternidade.

— Para attrahir a attenção de certas pessoas para esta nova doutrina, precisaria lhes offerecer alguns milagres.

O espiritismo a ninguem os offerece, porque elles não existem. Os milagres são cousas chamadas sobrenaturaes. Ora, para elle não ha factos sobrenaturaes, pois que os explica todos.

E' certo que antes do espiritismo se uma pessôa não sabendo desenhar, fizesse uma paisagem, uma figura que não pudesse ser feita senão por um pintor de renome, dir-se-ia: milagre! (M. Jaubert, vice-presidente do Tribunal civil de Carcassone, e muitos outros).

Se uma pessôa fizesse destacar-se das prateleiras da sua bibliotheca um livro, e esse livro sem o auxilio de uma mão humana cahisse sobre os joelhos de um dos assistentes de uma sessão dir-se-ia: milagre! (M. Home)

Se uma penna collocada sobre o papel, traçasse ella mesma algumas linhas, tendo o tinteiro num outro aposento de portas fechadas, ou então numa redoma de vidro, todos diriam: milagre! (Todos os habitantes de Larroque d'Olmes (Ariège) são testemunhos deste facto).

Se uma pessôa morta ha muito tempo (o tempo não inflúe, salvo o caso de reincarnação) se tornasse visivel, mais ainda tangivel, para todos os assistentes, todos exlamariam: milagre! (M. Home, Eusapia Paladino e muitos outros).

⁂

«Que dizer de quem critica as theorias do espiritismo?

Não seria o mesmo que inspirar coragem ao animo ha muito tempo abatido e, em vez de lhe offerecer cousas comprehensiveis e faceis, dar-lhe a digerir mysterios?

Pode-se censural-o de fazer crêr em Deus ao que não acreditava?

Poder-se-ia reproval-o por dizer elle aos malfeitores que terão de dar conta de suas obras em novas existencias terrestres ou planetarias?

Mas tudo isso é tão logico, tão conforme á razão, que nós contamos por milhões os corações conduzidos a Deus por meio desses ensinamentos.

Então as theorias que apasiguam os odios, que acalmam os desesperos, que dão a prova palpavel que o nada não existe e que depois da morte ha um premio para os bons e um castigo para os máos, serão theorias satanicas?

Na verdade, os infelizes que procuram ensinuar semelhantes monstruosidades estão mais perto do hospicio de alienados do que os espiritas que folgam recebel-as.

Seja como for, a despeito de todas as imprecações, vós sois chamados a nos fazer companhia e ficae certos que estareis em bôa companhia porque o espiritismo conta actualmente em suas fileiras, — e que vós pareceis ignorar — sabios, homens de lettras, artistas, militares de alta patente, magistrados, engenheiros, professores, senadores, deputados, embaixadores, principes, etc.

J. Chapelot.

(*Dictionnaire humoristique* pag. 172 e seguintes)

HABITABILIDADE DE MARTE

Os sabios estão actualmente empenhados em saber si, de facto, Marte é habitado. O Prof. W. Kitchey declarou que na França, Inglaterra e Estados Unidos trabalha-se activamente para a construcção de um Observatorio, cujo novo telescopio terá dez vezes mais força que os mais possantes até hoje construidos.

O novo apparelho será feito de modo que a luz apanhada pela superficie de uma lente de 19,7 pés de diametro será reflectida em outra lente de igual tamanho, e d'ahi desce para o telescopio vertical, onde existem 9 lentes connexas permutaveis de 16,40 pès de diametro e montadas sobre rodas, permittindo que as objectivas girem na posição em vez de serem ligadas ao telescopio. Miss Mary Proctor, da Sociedade Real de Astronomia da Inglaterra acha que, para resolver a questão da habitabilidade de Marte, basta augmentar a potencia dos apparelhos actuaes. de 160.000 vezes a 1.000.000. Emfim, espera-se que dentro de oito annos saberemos positivamente se Marte é ou não habitado.

Le monde marche . . .

VOZ DIRECTA EM NOVA ZELANDIA

(«*Da Ligth*»)

Nas paginas da nossa collega «The Harbinger of Light», de Melbourne, vem uma historia muito interessante narrada pelo Snr. F. G. Fetherston, director do jornal «The New Zeland Motorist». Esse cavalheiro declara-se «fóra das malhas do espiritismo» e descreve uma sessão recentemente realizada em Nova Zelandia, na qual ouviu a voz do seu filho, um soldado fallecido, «tão clara e inconfundivel como sempre eu a ouvi durante a vida delle», tratando tambem de outros phenomenos evidentes.

Em apoio das suas affirmações, o autor cita, devidamente autorisado, os nomes dos seguintes cavalheiros, que assistiram á sessão : Dr. Waddell, sr. E. Bouillon, sr. James Treloar, e Rev. Percy Paris, os tres primeiros occupam respectivamente os cargos de presidente da Hamilton Automobile Association, director da filial de Hamilton do Banco de Nova Zelandia e director-gerente da Treolars Limited de Hamilton. A quarta testemunha é um ministro methodista, tambem de Hamilton. Portanto parece que o Snr. Fetherston e as suas quatro testemunhas são homens de posição e idoneidade, em cujo testemunho podemos nos fiar — ponto este de muita importancia por augmentar o valor dos factos observados.

Deixando de parte, por necessidade de ser conciso, muitos pormenores preliminares, vamos citar a parte principal da narrativa com as proprias palavras do Snr. Fetherston : «Devo intercalar aqui que um dia ou dois antes eu recebera de Wellington uma carta, na qual affirmavam que o meu filho fallecido havia apparecido lá com o filho de um celebre titular, cujo nome não estou autorizado a publicar, e que os dois estavam empenhados em uma obra humanitaria ; e que uma voz com todos os caracteristicos da sua me havia fallado em algumas sessões anteriores, sobre assumptos de familia, dos quaes ninguem na Nova Zelandia senão eu podia ter conhecimento,

Duas ou tres horas antes da sessão, eu escrevi o nome desse companheiro espiritual sobre um pedaço de papel e levei-o a uma photographia do meu filho, pendente da parede do meu quarto, e disse de modo que eu concebia ser propriamente espirita : «Atanley, estás vendo estas palavras ? Si puderes, dize estas palavras, exactamente estas palavras, na sessão a que eu vou assistir hoje».

Repeti isso varias vezes, e pareciame, emquanto eu fallava, que da photographia me estava elle sorrindo. Puz os oculos e examinei com attenção a photographia. De facto ! Lá estava um sorriso inconfundivel.

Fiquei perturbado, pensando : «Si a minha imaginação me póde levar tão longe assim, diminúe de muito o valor do meu juizo nesses assumptos».

Em silencio eu collei o pedaço de papel sobre o vidro da photographia, sobre o rosto, e entrei para o jantar.

Depois do jantar, tirei o pedaço de papel novamente e fechei-o no enveloppe que depuz na mão do Snr. Bouillon. A ninguem disse cousa alguma a respeito do papel nem do sorriso.

E agora tenho de narrar o que eu nunca teria coragem de escrever para publicar, si não pudesse citar como testemunhos os nomes do Dr. Waddell, do Rev. Snr. Paris, dos Snrs. Bouillon e Treloar, sem mencionar egual numero de senhoras respeitabilissimas de Hamilton.

O medium entrou em trance, parouse de cantar, e um momento depois, atravez do silencio da sala escura, ouvida por todo o grupo, soou a voz de meu filho, saudando-nos. Podia ter sido ouvida no exterior da sala fechada.

Era clara e inconfundivel como sempre eu a ouvi durante a sua vida.

E depois a «voz» disse para todos ouvirem : «Pensaste que da photographia eu estava sorrindo hoje de tarde. Estava mesmo. Nós podemos fazel-o.»

Depois de escrever como foi dada correntemente a mensagem comprovadora, pela voz directa, o Snr. Fetherston conclúe com as seguintes palavras :

«De onde provêm essas vozes ? Eu não o tento dizer ! Somente affirmo que quanto fica relatado acima é verdade; foi lido e entregue para ser publicado sem nenhuma objecção quanto a fidelidade da narrativa, pelos meus quatro companheiros de investigação : Dr. Waddell, Snr. Treloar, Snr. Bouillon, e o Rev. Percy Paris ; quatro pessoas do maior conceito em Hamilton e nenhuma dellas espirita. O quinto era um materialista convicto ha muito tempo, o qual como resultado de testemunhar esse e outros phenomenos semelhantes, achou que não era mau ir reunir-se ao rebanho do Reverendo acima mencionado. Os alicerces da sua crença, de não haver uma vida no além-tumulo, foram-lhe varridos de debaixo dos pés.»

O medium era a Sra. Lily Hope, da Igreja Espirita de Nova Zelandia.

Chronica Extrangeira

O Espiritismo abrange duas formas distinctas uma da ourra, mas que não são senão modos de vêr que convergem para o mesmo fóco : Phenomenismo e Ideologia.

Não pode haver idéa verdadeira sem factos que a comprovem ; assim tambem não pode haver phenomeno sem que, ao menos, se o estude para uma explicação mais ou menos clara.

O Espiritismo, em sua parte theorica, é a sciencia dos factos de ordem psychica que se tem verificado em todos os tempos ; em sua parte positiva representa ella a prova demonstrativa de sua theoria.

Nesta secção tratamos dos factos, dos phenomenos e nos esforçamos para darmol-os em toda a sua puresa e veracidade, para que os leitores atilados comprehendam a necessidade das provas demonstrativas da theoria que defendemos e propagamos.

Não tendo o Espiritismo dogmas, não impondo crenças a quem quer que seja, claro está que offerece elle a todos um campo vasto de pesquizas e de estudos, para edificação da verdadeira Crença que todos desejam.

Na phenomenologia os pesquizadores encontrarão todos os elementos, sob as bases solidas do experimentalismo, de contróle das theorias exaradas na magnifica philosophia espirita ; e na theoria terão o confronto logico, conciso, racional dos factos que forem observando.

Tal é o Espiritismo, em sua acção liberal e vivificadora : não dogmatisa, não escravisa consciencias, não quer adeptos inconscientes dos seus principios, repudia com toda a sua força os supersticiosos e fanaticos, mas a todos convida ao estudo e á pesquiza, desdobrando, com os seus factos incohersiveis e sua doutrina racional, aos olhos de todos perspectivas promissoras de um futuro feliz.

O TESTAMENTO DE JAMES CHAFFIN

O caso que se vai lêr foi extrahido dos «Proceedings of the Soc. f. Ps. Research», de novembro de 1927, e não póde ter outra explicação senão a que dá o Espiritismo. Além de tudo é facto authentico em que toda a idéa de truc deve ser posta á margem. Acha-se elle escripto nos seguintes termos :

«Em 15 de novembro de 1905, James L. Chaffin, pae de 4 filhos, fez um testamento, no qual instituiu seu terceiro filho, como seu herdeiro, desherdando assim sua futura viuva e seus tres outros filhos. Mas em 16 de Janeiro 1919, após a leitura da «Genesis, cap. 27», que descreve o engano de Jacob, fez um outro testamento, repartindo igualmente seus bens entre seus quatro filhos, com a condição d'elles manterem sua mãe.

Elle collocou este testamento na sua velha biblia, no cap. 27 da Genesis, ligando-o entre as folhas, á guisa de envelope, e poz a biblia no lugar do costume. A ninguem contou o que fez, mas elle costurou no bolso de dentro do seu sobretudo um papel no qual havia escripto :

«Lêde o cap. 27 da Genesis, na velha Biblia de meu pae», porque essa Biblia pertencera a seu pae, o Rev. Nathan S. Chaffin.

James morreu a 7 de setembro 1921. Seu terceiro filho herdou tudo. Em junho 1925, o segundo dos filhos teve sonhos muito nitidos nos quaes seu pae lhe appareceu em seu leito, vestido como de costume, com um sobretudo preto. Em fim de junho, a apparição lhe fallou e disse : «Vós achareis meu testamento na algibeira do meu sobretudo.» Depois destas palavras, elle desappareceu. James Pinkney Chaffin, o segundo filho, estava persuadido que seu pae, lhe havia, realmente, feito uma visita, e indo á casa de sua mãe perguntou do sobretudo de seu pae. A mãe o havia dado a John, seu filho mais velho, que morava em Yadkin County, á 20 milhas de distancia. Em 6 de julho, James Pinkney foi á casa de John e ahi encontrou o sobretudo e examinou o bolso interior que achava-se costurado. Tendo-o descosido, retirou delle o pedaço de papel que continha o escripto : «Lêde a Genesis, cap, 27, na velha Biblia de meu pae.»

James julgou que deveria cercar-se de testemunhas para a pesquiza que tinha de fazer na Biblia, e foi na presença de um visinho e de sua filha que o testamento foi descoberto.

Resumindo, o testamento foi reconhecido valioso pelo tribunal, assim como pela viuva do 3.o filho, e a injustiça foi reparada.

James diz : «Muitos dos meus amigos não creem que os «Mortos» possam dar communicações aos vivos, mas eu estou convicto que meu pae me appareceu varias vezes, e persistirei nesta convicção até á hora da minha morte.»

Que para o caso presente, um sabio não venha nos falar de subconsciencia nem de telepathia.

Não havia uma só pessôa que tivesse conhecimento deste segundo testamento, a unica foi a que tinha morrido ha 4 annos.

O homem que recebeu a communicação, recebeu-a, sem duvida alguma, de um «Morto».

L. V. de V.

MUSICA PSYCHICA

A «musica psychica ou supra-normal» já é muito conhecida dos espiritos estudiosos. Allan-Kardec fala d'ella varias vezes, e espiritos de escol, em suas communicações descrevem-na de modo admiravel.

Ha pouco tempo, a «Constancia» publicou o interessante relato que julgamos interessante de fazer chegar ao conhecimento dos nossos leitores, a respeito da «musica espirita» ouvida numa das sessões de C. Brandzen. O narrador é o Sr. Samson. Eis a carta :

"Tenho o prazer de vos enviar o resultado de uma sessão mediumnica, effectuada em minha casa a 6 de março do corrente anno (1928), pois ella demonstra o progresso de nossa doutrina e póde despertar interesse. Este relato está assignado por todos os assistentes da sessão, entre os quaes se nota pessôas sympathicas á causa e espiritas conhecidos nesta localidade.

Como eu tivesse a felicidade de descobrir em Mme. Maria Z. de Rey, dons de uma excellente medium falante, deliberei tomar o trabalho de desenvolvel-a ; constatei logo que tratava-se de uma senhora extremamente sensivel ás manifestações do outro mundo. Assignalo este facto visto tratar-se de um medium novo, cujas primeiras communicações, não revestiram o caracter trivial d'aquellas que se obteem habitualmente em todo o desenvolvimento mediumnico. Ao contrario, um espirito superior, de nome Thereza Catholica, se apresentou immediamente e deu-se como guia e protectora da medium. (E' o nome de uma amiga desta, morta já ha 15 annos.)

Resolvi então, organisar em minha casa sessões hebdomadarias, e convidei a tomar parte varias pessoas do meu conhecimento, para que ellas pudessem fazer repercussão da doutrina entre os profanos que procuram a convicção pela experimentação.

Infelizmente, depois de algumas sessões fui dissuadido de proseguir, pelos mesmos espiritos desincarnados, que insistiram para que eu abandonasse o meu projecto, afim de que um pequeno e bem orientado circulo fosse constituido, afim de propagar de uma forma sã e elevada o ideal espirita.

Em vista das nossas soliciiações,

uma ultima sessão nos foi concedida. Esta realisou-se terça-feira, 6 do corrente: ella foi extremamente interessante como vós podereis julgar.

Em referido dia, as 21 horas, a sessão teve começo. Depois de algumas comnicações de importancia relativa sob o ponto de vista experimental, e em uma ambiencia de bôa harmonia formada pelos signatarios da presente, produziram-se phenomenos simplesmente extraordinarios.

Eram mais ou menos 22 h, 30, quando um espirito incorporado em Mme. de Rey nos annunciou que um anjo approximava-se, acompanhado de uma musica celeste que nós pudemos ouvir.

Surprehendidos, nos detemos e escutamos. Qual não foi a nossa admiração quando, após alguns instantes ouvimos uma melodia que tomou toda a sala. Esta musica parecia um hymno sagrado e augmentava gradualmente de intensidade e de tom num suave «crescente». Ficamos boquiabertos em face de tão maravilhoso phenomeno, o qual nenhuma das pessoas presentes havia assistido. E intensas lagrimas de felicidade espiritual inundaram nossos olhos. Admiramos com o mais profundo respeito a manifestação dessas forças do mundo invisivel, como se nos achassemos na presença da Divindade.

Um solemne silencio reinava na sala. Nós estavamos suspensos com as palavras do medium que não tardou a se fazer ouvir. De facto, um espirito superior com o nome de Anjo se manifestou e entoou um hymno sagrado, de accordo com a musica extra humana que ouvimos. Em seguida, após uma breve exhortação sobre a moral espirita, elle retirou-se, deixando na alma de todos nós que ali nos achavamos a impressão profunda de uma lembrança inexquecivel.

A musica celeste continuou, tanto mais fascinante, quão mysteriosa. De repente, o espirito de um artista tomou possessão do medium. Este espirito declarou ter sido dansarina e cantora italiana. Como eu lhe pedisse mostrar-nos o conhecimento que tem da dança, disse que tendo morrido devido a infecção em um pé, resentia ahi os effeitos e não poderia dar-me o que eu desejava; e accrescentou que cantaria algumas operas italianas; o que fez.

Devo fazer notar que a medium, de descendencia hespanhola, nada conhecia do idioma italiano. O espirito começou então a cantar em italiano perfeito e com uma vóz tão agradavel que foi para nós uma nova maravilha.

Emfim, Thereza Catholica encerrou a «soirée», mandando, impedindo continuar as sessões até nova ordem. Já havia passado de meia noite; nós verificamos, então, admirados, que a musica extra-terrestre tinha durado mais de uma hora e meia sem interrupção.

Levantando-nos, ao terminar a sessão, nos parecia sahir de um extase maravilhoso, sem que tivessemos podido comprehender o que se havia passado.

(Este relato foi enviado pelo sr. Dadiel Gelsi. Seguem as assignaturas de outros assistentes) SAMSON.

A VIDA DEPOIS DA MORTE

A «Revue Spirite» transcreveu, com este titulo, um artigo do «Der Friedensreich-Bote», de M. Georges Sulzer, Presidente da Corte de Cassação de Zurich, a personalidade mais conhecida e mais importante da Suissa, entre os que cultivam o mundo psychico e espirita.

Hugo Grabinski, em sua obra *Spuk* (Hindelohein, 1922) e Johannes Illig no seu livro — *Eternel Silence?* creem que as manifestações espiritas representam a obra de humanos desincarnados em vez de sêres gnomicos, diabolicos que jamais houvessem tido corpo carnal de ser humano. M. Georges Sulzer tambem participa da mesma idéa. Apoia-se nas communicações que recebeu, e em particular numa mensagem de M. Hauser publicada em 1922 no jornal *Montsalvat* em Saarbruck.

Em fins de 1902, M. Hauser morreu d'um ataque apopletico em Berna, e seus despojos foram transportados para Zurich no forno crematorio. Emquanto se dava a cerimonia funebre, a multidão apinhava-se no lugar do percurso do sequito funebre. Entre ella se achava o medium Gallas, esposa Sommerhalder, que entrou em sua casa (Kanzleistrasse, 13) cahiu em trance no momento em que o corpo subia á acção crematoria, e exclamou, olhos esbugalhados: «Isto queima! isto queima!». Depois uma vóz masculina se fez ouvir, affirmando que ella emanava de M. Hause, e lamentando-se de dores atrozes que causavam a incineração.

M. Georges Sulzer, após este acontecimento, frequentou regularmente as sessões espiritas de Mme. Sommerhalder (de que elle falla em seu livro : *Lumière et ombre dans la pratique spirite*, pag. 74 a 79, texto allemão). O medium em trance repetia a scena de dôr como no dia da incineração, o que emocionou muito M. Georges Sulzer. Logo após annunciava que M. Hauser desejaria se communicar. Effectivamente uma vóz masculina se fez ouvir, emanando de um espirito que não parecia ter conhecimento da sua vida no além.

M. Sulzer auxiliou-o a se conhecer, explicando-lhe que elle estava manifestando-se em uma sessão espirita e por intermedio de um medium. E lhe propôz logo a questão : «Já ouvistes falar em espiritismo ?» — á qual M Hauser respondeu : «Sim, já conversei sobre isso com Pioda». Em seguida o desincarnado deu os detalhes dos seus soffrimentos causados pela cremação, soffrimentos que elle pretendia sentir ainda, accrescentando que se achava *em um espesso nevoeiro*, tão espesso que nem mesmo os experimentadores elle via. Entretanto ouvia suas vozes, e declarou que reconhecia no seu timbre de vóz o Presidente da Corte da Cassação Sulzer, que elle ouvira certa vez num tribunal. Isto, como se vae vêr, é exacto :

M. Sulzer declarou de facto que nunca teve relações estreitas com M. Hauser, antigo Presidente da Confederação Helvetica, mas que com elle encontrou-se um dia em que era juiz do Conselho do Estado de Zurich, num processo. O que confirma absolutamente as declarações do espirito.

A conversação entre M. Sulzer e M. Hauser continuou por via mediumnica : O antigo Presidente da Confederação Helvetica lastima de não ter, quando vivo, nunca se lembrado do problema do ser e do destino.

M. Sulzer escreveu a M. Pioda, Conselheiro do Estado, em Locarno, que sabia ser amigo do Dr. Franz Hartmann, para lhe perguntar se era verdade que elle tivesse falado de espiritismo com M. Hauser, quando este estava vivo. Em 2 de dezembro 1902, M. Pioda respondeu negativamente. Mas accrescentou : Minha convicção não constituindo segredo para quem quer que seja, é possivel que M. Hauser tenha sabido que eu era espirita . . . Pode ser que meu primo, M. Pioda, embaixador suisso em Roma, discutisse espiritismo com M. Hauser ?» O embaixador, interrogado, não se recordou da conversação espirita com o defunto. Nada mais que seu primo. Isto entretanto não implica necessariamente que não tivesse se falado a respeito : M. Pioda, sendo um espirita muito conhecido, certamente falou sobre o espiritismo a grande numero de pessoas, que não guarda na memoria. Isto se comprehende perfeitamente.

M. Sulzer, exigindo a verificação minuciosa das mensagens espiritas, está tambem de accordo que os espiritos podem se enganar, como nós. A morte surprehende a vida conservando-a por muito tempo o que a vida na terra é. D'outro lado, é possivel que Deus deixe ao cargo dos homens a pesquiza paciente e laboriosa das novas verdades, em vez de divulgal-as em *revelações* mediumnicas que dispensariam todo o esforço sério.

E' naturalmente possivel tambem que espiritos máos — o diabo da igreja romana — possam chegar, assim como os espiritos angelicos, a communicar com os vivos. A este respeito M. Sulzer recommenda a leitura de dois recentemente escriptos em idioma allemão : *Lembranças da mocidade de um homem velho*, de Kugelgen, e *Acontecimentos sobrenaturaes*, de Oberst Blochlinger.

E' necessario então de preparar um escudo (préce, vida interior, recta conducta, cultura de espirito, fraternismo, etc.) para se preservar dos assaltos dos máos espiritos.

M. George Sulzer conclúe que um largo dominio se abre nas conquistas do futuro, e que neste tempo de corrupção materialista, a philosophia e a religião vão ter um rejuvenescimento bemfeitor com o estudo psychico e espirita.

E' bem esta a nossa convicção ardente. E somos felizes de ver a Suissa no numero dos paizes em marcha para as novas conquistas».

PREMONIÇÃO DE UM FACTO VEROSIMIL

A *Revue Metapsychique*, de Paris, publicou, com este titulo, a seguinte nota do Professor Charles Richet, muito conhecido no mundo scientifico e dos espiritas em geral.

— «Geralmente, e não sem algum motivo, costuma-se negligenciar os factos de premonição, mesmo em face de um facto muito verosimil. Evidentemente esses casos não têm um caracter muito probatorio.

Eu noto entretanto uma premonição que merece ser acceita, porque encontra-se nos seus interessantes detalhes de caracteres de monições de factos inverosimeis que nenhuma sagacidade permittiria conhecer.

Eis o que me escreve de Kosateti, na Tchéco-Slovaquia, Mlle Marie Frishner que eu conheço pessoalmente : «Minha irmã e eu, quando mocinhas, tivemos casos de segunda vista, mas ella resolveu se libertar dessas visões que eram sempre penosas. Durante mais de vinte annos ella não teve uma só d'ellas, mas no anno passado teve uma que não foi penosa, mas interessante.

«Nós moravamos muito isoladas, no campo. A eleição do Presidente da Republica Allemã estava na ordem do dia. Ella devia realisar-se numa segunda-feira, dia em que os jornaes não circulam.

«Minha irmã, muito cançada, tinha se deitado e adormecido. Eu havia mandado a criada na gare, para que ella obtivesse noticias á viva vóz. Ella não voltava.

«Entrei no quarto de minha irmã, que accordou-se. Voltando-se para mim, ella me disse : «Queres saber quem foi eleito. Eu posso te dizer. Foi o Marechal Hindenburg.» — «Mas como tu sabes ?» — «Alguem veio perto do meu leito e me disse.» Mas eu devo ter sonhado, porque a pessoa fallou-me em allemão, e nosso pessoal não sabe uma palavra em allemão.

«Nesse momento a criada entrou e confirmou a noticia».

Certamente vão nos censurar de ter notado esse facto. E, seguramente, se não existisse factos dessa natureza, este nada significaria.

Eu vou ainda mais longe. Elle não pode servir para fortificar os sonhos veridicos, porque a eleição de Hindemburg era possivel, talvez provavel. Mas o que é interessante é a forma desse sonho, que não é licito duvidar, todavia analoga á forma dos sonhos veridicos.

«*Alguem veio perto do meu leito e me disse*».

Eis os symbolos de aspecto sybillino que revestem as crypíesthesias dos sonhos veridicos.

Agora que, por quantidade de exemplos, a realidade dos sonhos veridicos revestindo os factos inverosimeis está solidamente estabelecida, têm-se quasi o direito de permittir um lugar para os sonhos veridicos revestidos de factos verosimeis, factos que se poderia prever sem nenhum esforço de sagacidade.

Dicto de outro modo, eu sou levado a crêr que trata-se de uma monição cryptesthesica, mas reconheço que é absolutamente impossivel de dar dellas uma prova qualquer, porque o acaso e a sagacidade podem intervir no caso.

Charles RICHET.

Ecos e Noticias

A nota de mais actualidade que preoccupa o mundo scientifico e espirita é a realisação do Congresso Espirita Internacional de Londres. Aberto no dia 7 do corrente e encerrado no dia 13, só temos noticias mui resumidas por meio de loconicos telegrammas. No proximo numero promettemos aos leitores uma noticia, mais ou menos circumstanciada, de accordo com a nota do nosso representante Sr. André Ripert, a quem confiamos a presença desta Revista em referido Congresso.

Por emquanto nos limitamos a expôr o programma das sessões :

7 e 8 do corrente :

Estes dias são consagrados exclusivamente ás Commissões Executiva e Geral e aos interesses concernentes estrictamente á Federação Espirita Internacional; só os delegados officiaes das Sociedades filiadas serão admittidos nesta reunião.

8 de setembro á tarde

Recepção dos Delegados e Membros do Congresso. Discurso de bôas vindas, reunião artistica e musical.

9 de setembro

11 horas da manhã — Reservado eventualmente para os trabalhos do Comité inacabados sabbado precedente.

3 horas da tarde

Demonstração dos trabalhos dos alumnos do Lyceu Social, na sala «Battersea Town».

7 horas — Queens Hall — Reunião, sob convite, dos membros do Congressso, sob a hospitalidade de Sir A. Conan Doyle.

10 de setembro

10 horas — Reunião das secções para combinação dos trabalhos geraes.

11 de setembro — Trabalho das sessões.

12 de setembro — Pela manhã e depois de meio dia continuação dos trabalhos das sessões.

13 de setembro — Pela manhã e depois de meio dia preparação para as sessões de communicações e resoluções, á submetter ao Congresso. A' tarde apresentação das communicações e resoluções. Discurso de despedida.

A *Exposição Psychica* foi bem organisada. Foram organisadas sessões de: Photographia Psychica, mediumnidade physica, trance mediumnico e demonstrações de clarividencia. Todas as sessões foram reservadas aos visitantes extrangeiros.

FRANÇA

PARIS

M. Ripert fez na «Maison des Spirites» uma substanciosa palestra sobre o thema — «O homem não é somente o que se conhece na apparencia», na qual estendeu-se em considerações de ordem espirita, que agradaram muito o numeroso auditorio.

⁂

Na mesma associação o sr. Sage fez interessante conferencia sobre thema scientifico, que agradou sobremodo os assistentes.

⁂

Conferenciaram ainda os srs. Andry Bourgeois e Wietrich, que estenderam-se em considerações scientificas e philosophicas.

Bourdeaux-Annecy-Marseille

Realisaram conferencias nestas cidades, os srs. Ripert e Gaillard, que abordaram a «questão social» em face do Espiritismo.

INGLATERRA

Telegrammas de Bethersden, noticiam que Wilfred Betts, de 18 annos de idade, filho de um rancheiro desta cidade está produzindo phenomenos que deixam maravilhados todos os que os têm presenciado.

Os caramellos saltam e as campainhas sôam á sua approximação; as barras de ferro adquirem em suas mãos forças magneticas e mysteriosas.

Wilfred diz que não pode explicar o motivo da atracção que exerce sobre os objectos.

«Só se eu disser, affirmou elle, que sinto em meu corpo uma especie de corrente electrica que me dá a sensação de que existe algo extranho em meu ser que fórça os objectos que se acham em torno de mim, se deslocarem para mim sempre que desejo.

«Uma vez, disse sua tia Mrs. Daniel Betts, quando elle estava deitado, as cadeiras da casa puzeram-se todas em movimento approximando-se da cama, emquanto os objectos saltavam como impulsionados por alguem; outra vez um jarro de prata saltou ao passar o meu sobrinho proximo a elle, e a campainha da mesa de jantar nunca deixa de tocar nas suas proximidades."

«Uma tarde, conta Edgard Betts, primo de Wilfred, quando trabalhavam na carvoeira, um prego de ferro sahiu mysteriosamente das mãos do moço e atravessou velozmente o tecto de ferro galvanisado que cobria a sala de trabalho.

Consultado Sir Arthur Conan Doyle, disse nada haver de extraordinario nestes factos. Conheço, disse o Dr. Conan Doyle, muitos casos semelhantes e vi, não ha muito em Buckinghamshire e em Highgate phenomenos semelhantes; em sua maioria trata se de phenomenos de mediumnidade.

⁂

"The Empire Newes" diz que o sr. Abraham Curry, de Armgah, Irlanda, está experimentando, com successo, um novo remedio para o cancer.

O Rev. Samuel Mayes, vigario de Kilmore, está acompanhando as experienriencias do sr. Curry.

PORTUGAL

«E'cos do Além», lembra a necessidade da organisação do 2.o Congresso Espirita Portuguez, com o fim de congregar alguns elementos dispersos e unir ainda mais a familia espirita portugueza. Accrescenta a mesma revista que é de esperar que o Congresso se realise ainda em dezembro.

∴

Em Lagôa a propaganda continúa a ser feita, com especialidade pela imprensa.

∴

Temos sobre a mesa a «Luz e Caridade», orgão official do Centro Espirita de Braga.

∴

Recebemos a «Revista de Espiritismo», orgão da Federação Espirita Portugueza. A Revista tem sua redacção á rua Assunção 58 — Lisbôa.

ALLEMANHA

No fim do anno proximo passado á rua Augustenstrasse, de Munich, deram se manifestações insolitas tão frisantes que atrahiram a attenção de toda a imprensa regional.

A viuva do Dr. Decker residia nessa rua, 2.o andar de uma velha casa. A criada, Thereza Winklhofer, em 15 janeineiro 1926, ouviu bater na porta e abriu: ella viu um homem que convidou-a a ir ao theatro. As visitas desse homem, que só Thereza vê, repetem-se. Logo após vibrações da campainha são ouvidas pelos estudantes, pela policia, assim como fortes batidas na porta, sem que o espirito esteja visivel. As manifestações continuaram e uma viravolta completa em toda a mobilia succedeu ás batidas. Os jornaes *Berliner Tageblatt*, *Frankfurter Zeitung*, *Kolnische Zeitung*, *New Freie Presse*, etc. publicaram os factos.

Os phenomenos foram observados e controlados pela policia, pelo Dr. Schrenck-Notzing, o Dr. Tischner, e os membros da «Sociedade de pesquizas Psychicas» de Munich.

∴

A despeito da perseguição que a justiça allemã move contra os mediums, os factos vão-se avolumando e os jornalistas na sua tarefa de levarem ao dominio publico o que se vae passando, narram certas occorrencias de ordem psychica que se vão verificando sob o titulo «*O sexto sentido*». E' o caso dos mediums Fastenrath, da Colonia, e de Mme. Gunther-Geffers que de clarividencia profunda, enfrentaram scepticas opiniões e deram conta de factos que a policia não poude desvendar.

O Dr. Manfred Georg, fazendo narração desses factos, diz, num substancioso artigo que Mme. Gunther-Geffers é um dos mais notaveis mediums clarividente que elle conhece.

⁂

Der Friedensreich-Bote lança um appello a todos os pioneiros da vida espiritual para que «se livrem dos erros do passado e despogem do velho homem". E accrescenta : "Somente um novo espiritualismo pode salvar o homen da corrupção e da decadencia.

SUISSA

Em Zurich, no Club Psychologico, que conta sabios eminentes e psychiatras distinctos, o Dr. Bernoilli fez uma conferencia sobre o 3.o Congresso Internacional de Pesquizas Psychicas ; em janeiro ultimo, o Dr. Dekker expoz aos associados um caso interessante de uma "casa assombrada" nos suburbios de Haya. Julga-se que os autores dessas manifestações são — o assassino do principe d'Orange, morto em 1584 e seus camaradas.

CUBA

Continua a circular diariamente *Hoy* jornal que se dedica á defesa da Maçonaria e propaganda espirita.

⁂

"Rosendo", de Matanzas, trata da questão do baptismo segundo os principios kardecistas.

MEXICO

"El Siglo Espirita", com o titulo "Alerta Espiritistas", publica um substancioso artigo fazendo um estudo comparativo entre o Espiritismo e a Theosophia.

∴

A Federação Espirita Mexicana pede grande actividade dos centros federados para que a doutrina tenha efficaz repercussão.

ARGENTINA

Os espiritas argentinos commemoraram o 1.o anniversario do passamento do Dr. Cosme Marino, que presidiu por longo tempo a ‹Sociedade Constancia».

∴

A Sociedade Lumen realisou uma conferencia, com grande assistencia, sobre o thema : «Utilidade da propaganda espirita.

∴

Estão circulando com regularidade *La Nota Espiritista*, *La Idéa*, *Fiat Lux* e *Resplandor de la Verdad.* Agradecidos pela visita.

⁂

O Centro ‹Pelo Caminho da Perfeição», com seu salão repleto, effectuou a festa do seu 10.o anniversario tendo falado diversos oradores.

∴

No salão da «Constancia», a srta. Orealis Zamorano fez uma conferencia sobre a ‹Mulher e o Espiritismo›.

∴

Recebemos a ‹Constancia›, revista sob os auspicios da sociedade que lhe dá o nome.

PORTO RICO

A ‹Fraternidad›, envia uma mensagem aos espiritas da America, dos paizes latinos, convidando para um Congresso Espiritista Internacional. A mensagem está assignada pelo sr. Luis Sanchez, presidente honorario da Federação Espiritista de Porto Rico.

∴

A questão do "baptismo" agita os espiritas portoriquenses. Os estudiosos de lá, como os de cá estão de accordo que nenhuma pratica material deve representar o "baptismo", que outra cousa não é senão o "signal visivel que a crente externa, como prova de uma graça invisivel recebida do Alto.

∴

O Dr. J. H. Monserrat publicou sua "profissão de fé", num artigo digno de nota. O Dr. Monserrat conclúe que o nosso dever, como espiritos amantes do progresso, é, em obediencia aos principios espiritas compendiados por Allan-Kardec, pesquizar e estudar, procurando arrancar da Natureza os seus segredos, para com elles nos beneficiarmos e ao nosso proximo.

∵

Até entrar a nossa Revista no prélo não haviamos recebido noticias de outros paizes.

ESPIRITISMO NO BRASIL

SÃO PAULO

O «Correio Paulistano», em sua «Chronica dos Municipios», fazendo uma narrativa da cidade de Mattão, com a sua lavoura, sua industria e seu florescimento, não esqueceu de citar a nossa Revista, o que muito nos penhora.

Essa secção d'«O Correio», está ao cargo do illustre jornalista sr. Orlando Pacini, que é, ao mesmo tempo, gerente d'A Comarca, de Mogy-Mirim.

Eis o que diz o «Correio», quando faz referencias sobre a imprensa local á nosso respeito e sobre "O Clarim":

IMPRENSA : — Está representada muito bem e brilhantemente pelos seguintes orgãos :

«O Clarim», jornal espirita, fundado e dirigido pelo sr. Cairbar Schutel. Conta 23 annos de existencia.

•Revista Internacional do Espiritismo" — que se acha em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, conferencias e congressos, deixando os leitores ao par dos factos e novidades animicos e espiritas occorridos no mundo inteiro. Esta importante publicação e sobremodo arrojada tentativa, circula victoriosamente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas. Tambem, é dirigida pelo sr. Cairbar Schutel.

⁂

Palestras e conferencias

Fizeram conferencias e palestras, neste Estado, durante o mez, os srs. : Pedro Camargo, Dr. Souza Ribeiro, Dr. Lameira de Andrade, Dr. Romeu Camargo, Zacharias Onofre, Prof.a D. Prosperina Queiroz, Primo Borim, André Souza Mendes.

⁂

A propaganda em Pennapolis, sob os auspicios do nosso confrade João Marchesi, tem sido feita pela imprensa, por intermedio d'O Clarim, que é distribuido semanalmente na cidade.

⁂

Entrou no 24.o anno de luctas o nosso companheiro «O Clarim», já bem conhecido dos confrades.

⁂

O Centro Jesus Nazareno, de Taquaritinga, communicou-nos haver renovado a sua directoria, que ficou assim constituida : pres. João Lacreta ; vice, Salvador Arnoni ; 1.o sec. João Ananias de Camargo ; 2.o Joaquim Lourenço Sobrinho ; thes. Capm. João Caetano Ferreira.

⁂

O Centro de Ribeirão Branco communicou-nos haver substituido o seu titulo, de S. Jorge, para Monte Thabor.

RIO DE JANEIRO

As conferencias de propaganda, na Capital, proseguem animadoramente, assim como a actividade nos centros continúa digna de nota. Falaram, durante o mez, os srs. Dr. Luiz Barreto, Cel. Parga Nena, Camillo Silva, Dr. Paim Pamplona, Ignacio Bittencourt, Dr. Sebastião Caramurú, Mariano R. D'Aragona, D. Albertina Silveira, Dr. Carlos Imbassahy, Augusto dos Santos, Manuel Quintão, Godofredo dos Santos, Dr. Arnaldo Nunes, Dr. Florentino Rego, Dr. Luiz Carlos, e outros cujos nomes nos escapam.

⁂

A «Gazeta de Noticias» tem dado optima secção espirita, quer transcrevendo factos que se vão verificando, quer publicando artigos de orientação e noticiario do movimento dos centros.

MINAS

O Dr. Lameira de Andrade, e os confrades Eugenio Sarno e Giaccomo De Bernardo, têm feito na zona mineira conferencias de propaganda.

⁂

O nosso confrade sr. João Landre, de Alfenas, enviou-nos a seguinte carta:

«Ha dias, aqui nesta cidade, em casa do sr. Regis Vieira, se verificou um phenomeno digno de nota:

O sr. Regis, dentista, residente nesta cidade, á rua Conego José Carlos, tem em sua companhia uma domestica de côr preta por nome Adelaide. Essa preta ha dias, em certa hora do dia, cahia em transe, sem que a familia suspeitasse e assim continuou por muitos dias, pondo o pessoal da casa em sobresalto. No quarto dia em que começou a manifestação, falou pela preta um espirito que disse chamar-se Joaquim Simeão, desconhecido do sr. Regis. Disse ter desincarnado em 2 de dezembro de 1924 em um dos districtos desta cidade, e ter sido assassinado. Pediu que mandasse dizer uma missa por sua intenção.

A sogra do sr. Regis, que é catholica praticante, perguntou ao espirito quando se retirava. Elle respondeu que só o faria por sua livre e expontanea vontade, que tinha permissão para ali permanecer, por seis dias, mas que no quarto dia, quando faltassem 5 minutos para as 8 horas da noite, retirar-se ia; que tinha muita cousa a dizer. Emfim no dia e hora determinada despediu-se de todas as pessôas ali presentes, dizendo: «Até o outro mundo», e retirou-se.

D'ahi ha 3 dias, porém, o sr. Regis foi novamente despertado por barulho no interior da casa, e ouvindo batidas na porta do seu quarto ás 10 1/2 da noite, perguntou quem era. Qual não foi a sua surpreza ao ouvir na resposta o mesmo Joaquim Simeão, para que não esquecessem de dizer a missa por elle recommendada».

O facto, narrado pelo mesmo sr. Regis, merece fé.

E' possivel que o parocho local já tivesse satisfeito a exigencia do espirito, exigencia aliás muito natural, pois, segundo sabemos, a morte não illumina, nem dá sabedoria a quem quer que seja e o espirito mantém no Além, suas crenças terrenas, até que melhor se instrúa na verdade. E' assim que se encontra espiritos de todas as crenças e descrenças, no outro mundo, e muitos ha que não sabem o que se passou comsigo, ignorando mesmo haver morrido o seu corpo.

O facto principal, entretanto, é a communicação do espirito, que vem demonstrar a immortalidade, segundo os dictames espiritas.

MATTO-GROSSO

O Centro Espirita «Vicente de Paulo», de Ladario, communicou-nos a posse de sua nova directoria, assim constituida: pres. Estanislau Gomes dos Santos; vice, Americo dos Santos; 1.o sec. Antonio Rodrigues; 2.o Evaristo Barbato; 1.o thes. Agostinho Agnello; 2.o Alexandre Arruda; orador, João Anastacio Rodrigues; bibl. Leão Jesus Andrade; proc. Porfirio Martins Rodrigues.

RIO GRANDE DO NORTE

A Federação Espirita do Rio Grande do Norte, communicou-nos a posse da sua nova directoria, assim constituida: pres. José M. Rosa e Silva; vice, Mario Cavalcante Mello; 1.o sec. Paulo Garcia; 2.o Luiz Bezerra Menezes; 1.o thes. Antonio Pereira Dias; 2.o João M. Lima: 1.o proc. Antonio F. Cavalcante; 2.o José Cardoso, 1.o arch. Sebastião Oliveira; 2.o José Correia; zeladores, Ananias F. Castro e D.D. Maria A. Fernandes, Antonia Julia.

PARA'

Foi fundado em Obidos um novo nucleo com o titulo «Antonio de Padua». A sua directoria ficou assim constituida: pres. Antonio A. Mesquita; vice, Januario Almeida Genú; 1.o sec. Antonio Tavares Souza; 2.o Lourenço Marques Oliveira; 1.o thes. Pedro Francisco Araujo; 2.o Jesuino Moraes Bittencourt; bibl. Antonio Pinto de Almeida; directores, João T. Nascimento, Marcos N. Souza e D. Maria Soares Almeida.

O novo centro já filiou-se á União Espirita Paraense.

⁂

Continuam obtendo pleno exito as palestras realisadas na União Espirita Paraense. Fizeram-se ouvir ultimamente, os confrades — Possidonio Góes, Aurelio Valente, Carlos Barros, Silvio Nascimento e Solerno Moreira, que desenvolveram themas espiritas de elucidação doutrinaria.

ALAGÔAS

Acaba de ser fundado o grupo «José Euzebio», sob a iniciativa do sr. Jayme Silva, devotado espirita alagoano. O novo nucleo tem sua séde á Rua Feliz Deserto, no bairro Jaraguá.

⁂

Mais um outro centro, com o titulo «Manuel Baptista» foi fundado á rua Senador Bernardo, ficando sua directoria assim constituida : pres. Galdino Ramos Vasconcellos ; vice. Benedicto Ferreira Santos; sec. Joaquim Paranhos e Jacintho Mendonça ; thes. Joathan Araujo ; vice. Jonas Silva ; arch. Arthur Mendonça ; proc. Olympio Silva, Benedicto Souza, Floriano Mello.

⁂

O Centro «Discipulos de Jesus» trabalha activamente na propaganda, sob a direcção do sr. Euripedes Tenorio de Lima.

⁂

Recebemos «A Luz», redigida pelo sr. Francisco Fialho.

BIBLIOGRAPHIA

LEON DENIS — SUA VIDA — SUA OBRA

Das «Editions Jean Meyer», de Paris, recebemos um exemplar d'esta interessante obra, que vem mostrar a concordancia do Ideal Kardecista com a do seu grande Apostolo Léon Denis.

Esta obra contém a vida de Léon Denis, desde a sua primeira infancia até o seu desapparecimento do scenario terrestre : sua mocidade estudiosa, seus trabalhos, suas luctas, suas viagens, a evolução do seu genio, seu infatigavel apostolado, sua velhice fecunda.

O livro está á venda na Rue Copernic, 8, Paris, contém o retrato de L. Denis aos 30 annos. O preço é frs. 10, mais o porte.

⁂

ANTES—DURANTE E ALÉM DA VIDA TERRENA

Mais um livro, de perto de 300 pags. acaba de sahir dos prélos da casa «Editions Jean Meyer», de orientação genuinamente espirita. Representa communicados colhidos somnambulicamente por M. Clark.

Agradecidos pelo exemplar que nos foi offerecido.

COLLECÇÕES DE 1925, 1926 E 1927

Temos collecções da Revista Internacional do Espiritismo, de 1925, enc. - 40$000 ; de 1926, enc. 30$000 ; brochada - 25$000; de 1927, enc. 40$000 ; inclusive o registro. Os interessados podem nos enviar os seus pedidos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4101unse

NO IV —Brasil — E. S. Paulo—Mattão, 15 de Novembro de 1928—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMMARIO

A autoridade dos factos espiritas
O Mestre
O phenomeno da mediumnidade
A existencia da Alma e a Vida Futura
Thereza do Menino Jesus
Paul Puvis
Obras impereciveis
William Blake
Um leader espirita americano
O Espiritismo julgado por um Theosopho
Uma velha pagina de Sir Oliver Lodge
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

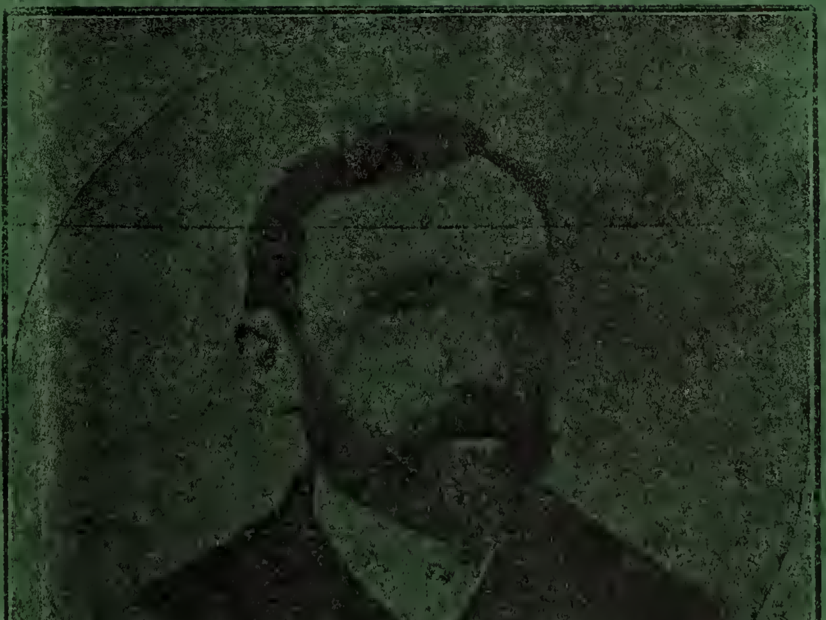

PAUL PUVIS

No. 9 [illegible]

No 9 unavailable

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Novembro de 1928 - NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ⁓ COLLABORADORES : DIVERSOS

A AUTORIDADE DOS FACTOS ESPIRITAS

A Verdade não se impõe arbitrariamente.

Ella só se apresenta com os factos, que constituem os principios basicos das idéas sans.

Pelo mesmo motivo não se pode transviar a natureza dos factos com uma explicação bastarda, que, á guiza de theoria, desorienta as intelligencias em vez de preparal-as para uma orientação racional da causa por que se produzem esses factos.

Em todos os ramos do conhecimento humano são os factos que têm conduzido os pesquizadores á descoberta da verdade.

Haja vistas o movimento da Terra, cujas consequencias scientificas ninguem desconhece o valor. Ella não surgiu de um principio dogmatico, mas sim do facto observado meticulosamente por Galileu.

O novo continente não se fez por uma idéa visionaria de Colombo, mas só depois de grande lucta e acerbas provações o grande genovez poude descobrir a existencia das duas Americas.

O sangue, desde que o mundo existe, circula nos organismos humanos e animaes, entretanto, foram necessarios os longos e pacientes trabalhos de Harvey para que a sciencia ficasse de posse da «circulação do sangue».

Leblanc não pôz a soda no sal marinho, entretanto seu nome figura no pantheon dos descobridores por haver encontrado a soda no sal e descoberto o processo da extracção d'aquella, deste.

Assim são todas as descobertas de que se ufana o nosso mundo, e cujos estudos sondando a natureza dos phenomenos chegaram os pesquizadores ao conhecimento das causas.

Não é a nossa vontade, nem a nossa sciencia, nem a nossa arte que criam os factos. Elles existem de toda a eternidade. As vibrações existiam antes da descoberta de Young, assim como a electricidade antes de Galvani e Franklin, Edison, etc.

O magnetismo sempre existiu antes de Charcot e Mesmer, assim como o vapor antes de Arago. As descobertas destes e sua applicação é que lhes dá o valor.

Os factos, em todos os ramos da sciencia são insistentes, produzem-se sempre, porque elles são oriundos da Sabedoria Universal e Eterna, cuja fonte não cessa de jorrar para instruir os homens na verdade. D'ahi a grande autoridade dos factos que apparecem mesmo contra as vontades mais potentes do mundo.

As sciencias têm sempre se originado dos factos e a sua estabilisação consiste em haverem adaptado aos factos as theorias que d'elles decorrem. Si o contrario tivesse succedido, por exemplo se applicado as theorias da electricidade ao magnetismo, ou do magnetismo á electricitricidade, as actividades se consumiriam no estudo e nas pesquizas, as convicções tornar-se-iam incomprehendidas, e as sciencias andariam numa confusão impassivel de se manterem.

Este criterio foi que levou Allan Kardec a descobrir o Mundo dos Espiritos e as relações que os seus habitantes podem manter comnosco.

Scientificado pelo magnetisador Forstier que o magnetismo, segundo experiencia que esse magnetisador fizera, tinha acção sobre as mesas, fazendo-as mover, julgou muito natural esse facto «porque o fluido magnetico podia muito bem actuar sobre corpos inertes».

Mas não achou natural que o «fluido magnetico fizesse as mesas falarem», visto como este não pode senão exercer *effeitos mecanicos*, sendo que os *effeitos intellectuaes* exigem uma *natureza intelligente* para produzil-os.

Foi então que tomando á serio o estudo desses factos, que chamamos espiritas, entreviu nelles, além das futilidades apparentes e dos phenomenos que se procurava por passatempo, a revelação de uma nova lei, que descobriu, applicando á nova sciencia que fundou, o methodo experimental, não acceitando theorias preconcebidas, e dos effeitos remontando ás causas.

Diversos outros investigadores seguiram o criterio do Mestre.

Varley, o antigo Director da Companhia de cabos submarinos, que lançou o primeiro cabo transatlantico, ao ouvir fallar dos phenomenos psychicos, não escondeu o seu scepticismo, mas, premido pelos factos, depois de intelligentes experiencias feitas em sua propria casa e com sua esposa, affirmou categoricamente a realidade dos factos e ainda mais, não terem esses phenomenos parte alguma com a electricidade.

O depoimento de Varley é um documento importante, pois o seu testemunho foi dado perante o comité da Sociedade Dialectica de Londres.

Assim como todos os factos que fundamentam as sciencias, os factos espiritas são evidentes e ninguem poderá negal-os sem fazer jús do diploma de presumido e ignorante.

William Crooks que estudou o Espirito de Katie-King, por espaço de tres annos, em companhia de scientistas do mais alto valor como o Dr. Gregory, Sergeant Cox, o Prof. Challis, de Cambridge, Adolfo Tropelle, Augusto Mongau e outros, chegando a medir e pesar a «*entidade espirita*» para comparar com os pesos e medidas do *medium*; elle examina a apparição, exerce o controle da photographia, conversa com ella, obtém d'ella um escripto do proprio punho, e em seu relatorio de sabio conclue á respeito dos factos: «não digo que sejam possiveis, mas sim que são reaes».

Lombroso, o genial psychiatra, que tambem se eternisou pelos trabalhos clinicos sobre a pathogenesis da pelagra, deixou na sua obra «I Fenomeni Ipnotici e Spiritici» a bella profissão de fé que conscientemente pode fazer um espirita de sua estatura.

E quantos homens de sciencia que examinaram os phenomenos de Eusapia Paladino affirmaram a veracidade dos factos! O Prof. Felipe Bottazi, Director do Instituto de Physiologia da Universidade de Napoles; Dr. Galeoti, prof. de Pathologia geral; Tomas de Amicis, encarregado da cathedra de Dermatologia e Syphilographia; Oscar Scarpa, physico, professor de Electrochimica da Escola superior Polythechinica de Napoles; Senador Cardarelli, prof. de clinica medica e outros muitos que seria fastidioso enumerar. Estes escolheram o local das experiencias, para afastarem todas as duvidas, fizeram-se acompanhar de um arsenal de apparelhos, manometros, tympanos registradores de Marey, metronomos, e apesar de todas as precauções e exigencias experimentaes, viram mãos diaphanas vagando no ar, cabeças nitidamente formadas; os moveis se moviam sem contacto, e phenomenos transcendentaes foram verificados e testemunhados.

O que dizer do livro do Professor Morselli onde abundam relatos de factos que este professor verificou! Sua convicção na existencia dos factos é tão grande que elle diz: «os phenomenos psychicos devem ser observados como o são os phenomenos celestes».

O Dr. Lapponi, medico de Leão XIII, examina, por ordem d'este e com intuito de combate, os factos espiritas, e publica com a sancção do Vaticano, um livro em apoio dos factos, embora desnaturando suas causas.

Os verdadeiros homens de sciencia não podem negar os factos, porque, como dizia o Professor Chiaia a Lombroso, citando Dante: «A verdade é obrigada pela lei da honra a se oppôr sempre contra a falsidade».

A crença nos factos espiritas, chamada antigamente «apparição dos fantasmas dos mortos», perde-se na noite dos tempos, porque os factos sempre existiram como sempre existiu o movimento da terra, a circulação do sangue, a soda no sal marinho.

Nas paginas das Escripturas e dos Livros Sagrados, ella figura até como artigo de fé, chegando até a se apresentar como attributos de entidades bemaventuradas.

D. José Ramon Savedra, o sabio e virtuoso autor da *«Demonstração da Divindade da Religião»,* e que é insuspeito por ser catholico, como insuspeita é a sua obra que mereceu a approvação ecclesiastica, inseriu em seu livro os bellos trechos que se vai lêr e que confirmam peremptoriamente os factos espiritas.

—«A respeito da immortalidade da alma, pode-se dar uma PROVA NATURAL DO FACTO: *as relações com os mortos, ou a evocação e apparição das almas dos mortos.* —E' um facto que a alma dos mortos entra em relação com a alma dos vivos e se dá a conhecer a estes. Judeus, gentios e christãos têm acreditado nesses factos. Successo tão geraes não se pode fingir, tanto mais que são attestados por pessoas illustradas e respeitaveis. No livro 1.º dos Reis, encontra-se a evocação da alma de Samuel pela pithonisa do Endor. Santo Agostinho relata uma apparição de almas que teve S. Cyrillo de Jerusalem, e as vidas dos santos apresentam innumeraveis casos deste genero. Ha tambem uma multidão de factos recentes que confirmam esta verdade. A alma de Benjamin Franklin pronunciou um pequeno discurso em 20 de fevereiro de 1850, que se acha registrado. Consta de um documento firmado por todos os assistentes (Table parl. Jun., 1854). Nessa mesma epoca fazia muito ruido nos Estados Unidos o que dizia o espirito de Calhoun. Na presença dos generaes Hamilton, Waddi Thompson, Robert Campbell, M. Tallamadge e outros, intimos amigos de Calhoun, e na presença tambem de um dos seus filhos, pediu-se ao espirito de Calhoun que escrevesse de modo que sé conhecesse a lettra, e escreveu *I'm with you still* (todavia estou comvosco). Todos reconheceram sua propria lettra, e Hamilton observou que Calhoun costumava escrever *V'm,* em vez de *Yam.*

«Em 1853 o espirito de Calhoun disse em Washington, a M. Tallmadge, que o fim das manifestações espiritas, era o de reconciliar os homens, convencendo-os da immortalidade da alma. M. Tallmadge disse que o espirito de Channing deu em Bridge Port, igual resposta em 1850. Por estes e outros muito factos analogos, M. Tallmadge julga que se encontra nesses factos a prova irrefragavel da immortalidade da alma.

«Um sabio belga, M. Jobard a quem a sciencia e a industria devem notaveis descobertas, convencido das communicações dos espiritos, disse: «E' um facto actualmente tão difundido que ainda que seja dotado de uma logica não vulgar é impossivel contestal-o, salvo si se pretender que todo o mundo é louco e só o que nega é que é sabio e se acha isento da epidemia geral, a maior que a humanidade tem visto: a communicação directa com os mortos, a realidade das suas apparições. (La table parlante, abril 1854).

«Varios autores francezes dizem que são puramente diabolicas as evocações dos espiritos humanos, e por conseguinte nada provam a favor da immortalidade da alma. Mas esta opinião me parece inacceitavel por estas razões: 1.a Todo o contexto da apparição de Samuel demonstra que não foi obra do demonio: aquelle espirito inspirou a Saul o temor ao poder de Deus e predisse sua morte e de seus filhos, para o dia seguinte, e a victoria dos philisteus sobre Israel ; 2.a Si as evocações modernas fossem obra do espirito do mal, este trabalharia para a gloria de Deus e salvação das almas. A negação da ordem sobrenatural foi victoriosamente confundida por estes factos, pois, ha evidentemente, sempre nelles um agente sobrenatural.

E' provavel que satanaz se ufane por inocular nos homens a crença na ordem sobrenatural e preparal-os assim para o céo ?»

Finalmente, a autoridade dos factos não pode ser sonegada, nem ceder o seu lugar a principios arbitrarios que contradizem a logica e ao raciocinio.

A verdade não se impõe abruptamente, mas exige estudo e livre exame, favorecendo os investigadores com os factos que d'ella se originam. Ella não representa um expoente de principios imperiosos, de juizos preconcebidos, mas o resultado de estudos feitos por suas manifestações positivas ; d'ahi a autoridade dos factos espiritas, cuja unica doutrina regenerará a humanidade impondo a todos, os deveres de fraternidade e progresso.

O MESTRE

O pendulo dos tempos, na sua função sincronica, oscilava a ultima etapa do seculo XIX.

Para além dos ideaes, perdiam-se os vestigios das tradições dos runos, apagava se o cultualismo iniciatico, agonizava a mitología poetica dos Vikings, fugiam ás leis dos codigos Amaraupi, Vedas, Koran e Zend-Avesta, que eram o resaibo filosofico deixado pelas civilisações prehistoricas.

Para aquem, o periodo da Renascença apontava aos espiritos o prenuncio do fastigio filosofico scientifico em que se abismaría a especie no enigmatico écran da superna evolução espiritual.

O desejo de palpar o ignoto obsidiava a raça. Havia febre de conhecimentos. Ambicionava-se o dominio das leis ocultas. Perquiriam-se manuscriptos, rebuscavam-se papiros, interpretavam-se ideogramas, interrogava-se a natureza em seus elementos, para enriquecer cada vez mais o opulento patrimonio do saber humano.

Foi em meio do fragor dessa luta para acquisição da verdade, que a manifestação dos fenomenos psiquicos surgiram no seio da familia Fox, alarmada com as entidades espirituaes. Houve como que uma espectação geral dos animos. Espanto, indignação, desespero, interesses varios, se insurgiram conjugados para a obra do exterminio. Os sintomas da nova filosofia recrudesceram, tomaram vulto, e pareciam fadados a triunfar do cepticísmo para se impôr ás consciencias deslumbradas pelo complexo das revelações.

A modesta aldeia de Hydesville, no continente norte-americano ía abrir aos olhos do mundo a mais fulgurante pajina da espiritualidade que a experiencia e acuidade dos antepassados não lograram ultimar.

Os factos psiquicos alí desenrolados marcaram o epicentro de fenomenos assombrosos que se haviam de irradiar mais tarde para todos os recantos do orbe, agitando os povos, convulsionando as sciencias, derruindo preconceitos, redimindo a moral combalida e arregimentando escassos conhecimentos das verdades eternas, que ainda restavam mescladas ao empirismo religioso da época.

A saciedade premía os cerebros dos sabios. E uma interrogação constante se escancelava á face da sciencia...

A Galia antiga, berço dos Druidas, coube a primazia de hospedar o illuminado espirito do MESTRE, Leon Hipolito du Rivail, a quem fôra confiada a missão de estudar, discutir, ampliar e coodificar a sciencia espiritista, pondo-a ao alcance das multidões e das intelligencias mais rudimentares. Sistematizou o espiritismo num corpo de doutrina e inscreveu-o na arena da luta onde tantas rivaes valorosas se degladiavam em titanica peleja.

A-pezar-de, as adversidades se constituirem em apanagio do seu triunfo, ela venceu os embates. Iléza, avançou então, ocupando o lugar que lhes competia. Os multiplos adversarios recuaram desorientados. A firmeza de ataque da nova doutrina, a impavidez no ardor da pugna divina arrefeceu-lhes a coragem. Resistiam ainda o sarcasmo e a duvida, já desmembrados e exhaustos quando a alvorada do seculo XX os fez ceder e lhes abateu de vez a relutancia, entoando o hino da convicção e da fé nessa harmonia inesperada da victoria espiritual.

Daí para cá, o seu evolver ha sido um facto. Não se deteve nem se deterá jamais. A conquista das consciencias será o seu maximo designio.

Ano, a ano, hora a hora, minuto a minuto, ela se vae insinuando por entre os corações hostís e aí estabelecendo o seu reducto de transformações moraes.

Os livros do grande MESTRE foram a semente divina lançada ao humus opulento, que são os corações humanos, onde se multiplicarão sempre em mésses de conversos espiritistas.

Os mais puros ensinamentos ditados pelos prepostos de DEUS, contêem os seus livros, á ponto de fazer revivescer o faustoso esoterismo professado pelas remotas raças do Egito e da India misteriosa. Pode-se afirmar que depois do meigo Rabbino, o MESTRE DOS MESTRES, nenhum vulto ou mentor filosofico teve uma projecção de grandezas igual á de Hipolito du Rivail. Por isso que, o dia 3 de outubro é commemorado com alegria no seio da grei de professos espiritistas, por que assignala a data solenissima da encarnação desse iluminado espirito em nosso plano fisico. Ao MESTRE KARDEC, rendemos a mais significativa homenagem á memoria de sua vinda a terra, porque soube legar ao mundo o exemplo do trabalho, humildade, fé e nobreza no desempenho da santa causa que lhe foi confiada. A sua causa é a nossa causa. Da victoria dos seus ensinamentos depende a nossa victoria moral. Honra e gloria, pois, ao seu espirito. Ave MESTRE !

Sotero Angelo.

* * *

O PHENOMENO DA MEDIUMNIDADE

O phenomeno da mediumnidade se patenteia em todas as épocas. Ora fulgurando com intenso brilho, ora velado e obscurecido, conforme o estado d'alma dos povos, jamais cessou de encaminhar a humanidade em sua peregrinação terrestre.

Todas as grandes obras são filhas do Além.

Tudo o que ha revolucionado o mundo do pensamento, adduzido um progresso intellectual, nasceu de um sopro inspirador.

Na hierarchia das intelligencias existe uma solidariedade magnifica. Uns aos outros se têm os grandes inspirados transmittido, atravéz o longo rosario dos seculos, o pharol da mediumnidade reveladora e gloriosa. A humanidade ainda caminha á frouxa luz crepuscular dessas revelações, á claridade desses fogos accesos, nas eminencias da historia, por predestinados instructores.

Deus envia seu pensamento ao mundo por emissarios que incessantemente descem os degráos da escala dos seres e vão levar aos homens a communicação divina, como os astros enviam á terra, atravéz as profundezas, suas irradiações subtis.

Desde as mais elevadas e brilhantes espheras ás regiões mais baixas e obscuras; desde os mais radiosos espiritos aos homens mais grosseiros, o pensamento divino se projecta em catadupas de luz, numa effusão de amor.

LEON DENIS.

A existencia da Alma e a Vida Futura

Acima de todas as negações e de todos os sarcasmos; fluctuando sobre o oceano iracundo dos odios sublevados, dos interesses feridos, de todo um formidavel e apparatoso conjuncto de preconceitos, ha de sempre a verdade fazer o seu caminho, até conquistar todos os espiritos, porque o seu prestigio é incontrastavel.

Mais dia, menos dia, opera-se a fatal reacção do bom senso: então os negativistas recolhem-se a um prudente silencio; os futeis zombadores e os ineffaveis trocistas e desdenhosos começam a sentir que o sorriso escarninho *gela-se-lhes* nos labios. E a verdade passa, triumphante, resplandescente, offuscando os que permaneceram na sombra da ignorancia, illuminando com os seus raios beneficos todos aquelles que se esforçaram por lhe acompanhar a marcha evolutiva.

Foi assim em todos os tempos, com todas as idéas novas.

Porque não haveria de ser assim com o Espiritismo?

Os seus defensores têm supportado criticas que sahem muitas vezes do terreno elevado dos principios, para descer ao ataque pessoal, não raro assumindo caracter de offensa, de injuria soez e grosseira.

Considerados simples imbecis, a quem ousados prestidigitsdores ludibriariam com os seus passes de magica, a que eram equiparados os phenomenos de materialisação e de transporte; ridicularisados como paranoicos ou mystificadores, quando affirmavam a intervenção, nesses e noutros phenomenos espiritas, de forças e intelligencias que operam independentemente da vontade do homem, foi-lhes mistér uma grande coragem moral, não raro levada ás ultimas consequencias, para que poudessem resistir a todas essas provas e dolorosas contingencias.

Não obstante, jamais escassearam os combatentes de boa vontade. E hoje, congregados em torno do lábaro sacrosanto do Espiritismo, symbolisado na bandeira branca da paz, em cujo centro refulge o sol eterno da verdade, podem elles, mercê de Deus, proclamar a victoria dos seus ideaes, em marcha accelerada para a conquista da humanidade.

Sobre o alicerce positivo da sciencia, ergue-se agora a cupula transcendente da religião.

Effectivamente, eis como se expressa a respeito do assumpto, no *avant-propos* do seu monumental *Traité de Metapsychique*, o insigne Charles Richet, *professeur à l'Université de Paris, Membre de l'Institut:*

....«En effet, comme il s'agit de phenomenes peu habituels, le public et les savants ont pris le parti de les nier, tout simplesment, sans examen.

Cependant ses faits existent: ils sont nombreux, authentiques, éclatants. On en trouvera dans le cours de cet ouvrage des exemples si abondants, si précis, si démonstratifs, que je ne vois pas commen un savant de bonne foi, s'il consent á l'examen, oserait les révoquer tous en doute.

On peut résumer en trois mots les trois phénomènes fondamentaux qui constituent cette science nouvelle.

1· *La cryptesthésie (lucideté* des auteurs anciens); c'est-à dire une faculté de connaissance qui est differénte des facultés de connaissance sensorielles normales.

2· *La telékinesie;* c'est à dire une action mécanique différente des forces mécaniques connues, qui s'exerce sans contact, à distance, dans des conditions déterminées, sur des objectes ou des personnes.

3· *L'éctoplasmie* (*matérialisation* des auteurs anciens); c'est-à dire la formation d'objects divers qui le plus souvent semblent sortir du corps humaint et prennent l'apparence d'une réalité matérielle (vêtements, voiles, corps vivants).

Voilà tout la métapsychique. Il me semble qu'aller jusque-lá, c'est aller déja très loin. Plus loin, ce n'est pas encore de la science.

Mais je prétends que la science, la

sévère et inexorable science, doit admettre ces trois étranges phénomenes qu'elle s'est refusé jusqu, á présent á reconnaître».

A citação foi longa mas necessaria para demonstrar que tudo aquillo que affirmavam os propagandistas do Espiritismo, está agora sob o dominio da experimentação scientifica, que até já procura occultar do vulgo esses conhecimentos, vasando-os em uma linguagem erudita, mediante nomenclatura adrede preparada para esse fim.

«Mais longe do que essa investigação pura e simples do phenomeno, diz o sabio professor da Sorbonne, *não pode chegar ainda a sciencia*». E é de se lhe reconhecer a sinceridade dessas palavras que envolvem uma promessa e uma esperança, porque affirmar que *ainda* a sciencia não póde ir mais longe, é o mesmo que dizer : com o tempo e novos estudos poderemos lá chegar.

Pois esse tempo se approxima, conforme nos diz um telegramma de Glasgow, inserto na «Republica», de Florianopolis, annunciando que «Sir William Bragg, presidente da Associação Britannica para o Progresso da Sciencia, declarou, no discurso de inauguração da convenção da dita instituição, que existe alma, desafiando assim nos homens de sciencia que negam a possibilidade de uma vida futura.

Disse aos tres mil sabios de todas as partes do mundo, que assistiam á convenção «que a sciencia não pode ter a pretenção de destruir a alma, sendo que sua missão consiste em manter unidos a alma e o corpo».

Accrescentou que d'ahi resulta que a sciencia e a religião de nenhuma maneira são incompativeis».

Exactamente como procedem os espiritas que, da certeza a que chegaram, mediante provas experimentaes, da existencia da alma e da indestructibilidade dos seus sentimentos, fazem derivar toda uma philosophia capaz de transmudar a face do mundo, tornando-o um paraizo onde reine a fraternidade, quando fôr, essa mesma philosophia, acceita por todos os homens e postos em pratica os seus postulados que se baseiam na moral evangelica.

Arnaldo S. Thiago.

(*Traducção*). A'quelles dos nossos caros leitores que tenham difficuldade em versar a lingua franceza, tomamos a liberdade de offerecer a traducção do trecho transcripto de Richet :

«...Effectivamente, como se trata de phenomenos pouco habituaes, o publico e os sabios tomaram o partido de os negar, muito simplesmente, sem exame.

Entretanto, esses factos existem: são numerosos, authenticos, maravilhosos. No curso desta obra encontrar-se-hão exemplos tão abundantes, tão precisos e probantes desses factos, que não vejo por que um sabio de boa fé, acquiescendo em examinal-os, ousaria pôr em duvida todos esses factos.

Pode-se resumir em tres palavras os tres phenomenos fundamentaes que constituem esta nova sciencia.

1.º A cryptesthesia (*lucidez* dos antigos autores) ; isto é, uma faculdade de conhecimento, que é differente das faculdades sensoriaes normaes.

2.º A telekinesia, isto é, uma acção mecanica differente das forças mecanicas conhecidas, que se exerce sem contacto, a distancia, em condições determinadas, sobre objectos ou pessoas.

3.º A ectoplasmia (materialisação dos autores antigos) ; isto é, a formação de objectos diversos que, em maior numero de casos, parecem sahir do corpo humano e tomam a apparencia de uma realidade material (vestes, véos, corpos vivos).

Eis ahi toda a metapsychica.

Parece-me que chegar até ahi, já é ir muito longe. Mais longe não cabe ainda á sciencia.

Julgo, entretanto, que a sciencia, a severa e inexoravel sciencia, deve admittir esses tres estranhos phenomenos que até o presente ella se tem recusado a reconhecer».

Para julgar os Espiritos, como para julgar os homens, é preciso em primeiro lugar saber julgar-se a si mesmo. Ha infelizmente pessoas que tomam sua opinião pessoal como medida exclusiva do bom e do máu, do verdadeiro e do falso ; tudo o que lhe contradiz a maneira de vêr, as idéas, o systema que conceberam ou adoptaram, é mau a seus olhos. A taes pessoas falece evidentemente a primeira qualidade para uma sã apreciação : a rectidão do juizo ; mas ellas não o percebem. — A. K.

THEREZA DO MENINO JESUS

Promettiamos em outro artigo transladar para estas columnas alguns casos espiritas operados pela Carmelita de Lisieux, e agora só encontramos difficuldade em escolher entre tantos.

Temos sobre a mesa dois volumes repletos de factos bem documentados, attestados por medicos e autoridades civis e ecclesiasticas, com assignaturas de numerosas testemunhas, factos esses recolhidos em varios paizes, de especies as mais differentes e obtidos sempre em rodas catholico-romanas. A nosso ver, bastariam estes dois volumes para ficarem sobejamente provadas as verdades fundamentaes do espiritismo: — sobrevivencia do espirito humano e commercio constante entre os dois mundos, de incarnados e desincarnados.

Passemos a resumir factos, deixando de transcrever as assignaturas por amor á brevidade.

A superiora do Carmelo de Gallipoli (Italia meridional), narra em longo documento como se achando aquelle instituto em grande penuria economica, recorreram á «Santinha» e receberam a visita d'aquelle luminoso espirito que, além de consolal-as na fé, lhes «apportou» a somma necessaria ao pagamento das dividas da communidade, ficando ainda generoso saldo.

De onde provinha esse dinheiro? Quem o teria supprido para soccorrer ás necessitadas? Uma parte veiu do bispado; o bispo percebeu o desapparecimento do dinheiro e teve intuição nitida do seu destino altruistico, tendo-o dito á superiora, e esta lh'o quiz restituir ao verificar posteriormente o «apport», porém o prelado recusou-se terminantemente a receber a restituição (Padre Loche — «Santa Thereza do Menino Jesus», paginas 366/7).

Publicados esses *milagrosos* «apports», repetidos por varias vezes, ficou tambem divulgada a miseria em que se achavam as freiras de Gallipoli, e donativos generosos do publico encarregaram-se de amparar a instituição, livrando-a da penuria.

Por escassez de espaço, deixamos de transcrever os dialogos da superiora com o espirito, publicados na obra citada, a paginas 362 e seguintes.

De conversações desse espirito com incarnados, conhecemos varios casos notaveis e ainda agora o ultimo numero da «International Psychic Gazette», revista espirita londrina, relata-nos uma manifestação espontanea de Therezinha, em Budapest: manifestação em que o espirito materializado conversa com o chefe de uma repartição publica, em seu gabinete, sobre assumpto de interesse de uma pobre funccionaria que ia ser despedida. Alheio ao espiritismo e tambem aos milagres catholicos, o homem custou a admittir a realidade do facto, mas afinal foi forçado pelas circumstancias a reconhecer a sua origem super-normal. Mas não nos deixemos afastar das fontes catholicas officiaes.

Com doze assignaturas de parentes, de autoridades e do medico, temos a narração da cura de uma phlebite, na senhora Duval Adrien, do Avre, repentinamente por intervenção do espirito da carmelita. O attestado medico, redigido e firmado pelo Dr. Luiz Marion, considera a cura «definitiva e milagrosa» (op. cit. 368-371.

A seguir vem a cura de um menino, de um caso de paraplegia, relatada minuciosamente e attestada por 19 assignaturas de parentes, do professor, do padre da freguezia, e por fim attestado de tres medicos. (op. cit. 371-3).

E mais adiante um documento provando o desapparecimento de um tumor na hora de ser operado. Facto este occorrido em Belfast (Irlanda), e igualmente acompanhado de attestado de testemunhas e autoridades e do medico (op. cit. 375-7).

Com firmas reconhecidas do attestado medico e das testemunhas, vem um caso de cura de cancro no esóphago, quando a enferma já se achava nas portas da morte (paginas 377-9).

E outros e outros casos ainda de curas espiritas, mui patentes, mui documentados, aqui temos diante dos olhos, operadas por esse brilhante espirito. E vemos o mesmo espirito levantando um ferido no campo de batalha, apparecendo e fallando ao Revmo. Arcipreste de Béthume, etc., etc.

Com que pése á rotina sectaria e myope, todos esses factos são espiritismo puro. Ahi temos conversações com um espirito, «apports», ensinamentos, curas, visões, premonição. E é sobre esses factos, espontaneos ou provocados, que se funda o espiritismo, que se renova, que se revigora dia a dia o nosso movimento. Bemdicta seja, pois, a joven Carmelita que antes e depois da morte tão bellos e numerosos ensinos de espiritismo nos tem dado.

Gomes Braga.

PAUL PUVIS

PAULO PUVIS é o nome de um dos mais distinctos escriptores, luctador da primeira hora, e um dos primeiros membros da Sociedade espirita, fundada por Allan-Kardec. Figura como um dos grandes pioneiros do Espiritismo na França.

Inquerido pelo sr. Malgras sobre a Doutrina Espirita, respondeu dizendo ser o «seu Credo», e nas brilhantes linhas que seguem traçou magistralmente, o que, de facto, o Espiritismo é e ensina.

— «O espiritismo é a revelação das leis da vida do Espirito, o termo actual mais elevado da evolução das religiões, crenças e philosophias humanas para a realisação do ideal commum ; a Verdade.

Só elle dá uma solução racional e satisfatoria de todos os problemas que se originam d'esta triplice interrogação : — Qual o motivo da vida ? — D'onde viemos ? — Para onde vamos ?

O espiritismo não é uma doutrina nova organisada por homens privilegiados. Ao contrario é uma doutrina muito antiga e tambem uma sciencia, que com o tempo e o progresso e a medida do desenvolvimento das intelligencias, está, como todas as sciencias se desembaraçando da sombra que o envolvia.

Esta sciencia é ao mesmo tempo uma luz. Esta luz está luzindo no mundo todo ; mas não são todos que a vêem ; uns porque não se acham em condições de supportar os seus raios, outros porque não a comprehendem, outros porque lhe são indifferentes e alguns porque fecham os olhos para não vel-a.

O espiritismo marcha ao par e de accordo com as outras sciencias, engrandecendo-se com o progresso que ellas fazem, a sempre prompto, como ellas a reformar qualquer dos seus pontos se lhe demonstrarem que está em erro. Mas a differença que existe entre elle e as outras sciencias, é que elle não limita o seu campo de acção á materia visivel e tangivel : o seu estudo se estende ás forças inaccessiveis e, em particular, ao estudo dessa força que chamamos «espirito», e do seu involucro, o «perispirito», composto de elementos não submettidos ás leis materiaes conhecidas.

Como todas as sciencias, o espiritismo apoia os seus principios na autoridade dos seus factos ; mas é preciso notar que esses factos, escapando, por sua natureza, á nossa acção directa, não estão sob a dependencia da nossa vontade, e, por consequencia não podem ser tratados como os factos puramente materiaes.

Os phenomenos constatados em todas as épocas e em todos os paizes, e attestando a sobrevivencia da alma depois da morte, têm feito o espiritismo annunciar como verdades as proposições seguintes :

— Nada se cria, nada se perde, nada morre, tudo se transforma.

— O homem é formado de tres elementos : o corpo carnal ; o perispirito, duplo fluidico do corpo, involucro semi-material do Espirito e indestructivel, e, pelo facto de sua individualidade, conferindo ao Espirito seu caracter principal, a individualidade ; e o Espirito, pura emanação da Divindade, creada simples ao mesmo tempo que infinitamente perfectivel. — Destes tres elementos, o corpo carnal é o unico que está submettido ás leis communs.

— O phenomeno da morte é o instante que precede e acompanha a transformação do ser vivente, seja o seu nascimento para uma outra vida.

— O Espirito continuando a existir depois da morte, não ha razão para que não tenha existido antes do nascimento, e para que não reappareça um numero indeterminado de vezes na terra.

— A reincarnação é então uma lei. As diversas reincarnações são etapas da existencia da alma, ao mesmo tempo que phases de provas indispensaveis ao seu progresso.

— Cada incarnação, o Espirito revestindo orgãos novos, perde momentaneamente a lembrança de suas existencias passadas, — cuja lembrança elle reconquistará logo que fique livre de sua prisão carnal ; — mas ha uma cousa que importa a todos mais que o nosso perispirito, é a lembrança da nossa personalidade, signal indelevel que marca suas qualidades e defeitos, seus trabalhos, suas luctas, suas provas, e todas suas acquisições anteriores.

PAUL PUVIS

— O phenomeno do nascimento e o da morte são analogos e submettidos ás leis da physica e da chimica.

— A combinação, em certas condições, d'uma substancia fluidica (perispirito), submettida a uma força intelligente (Espirito), com uma substancia particular carnal, isto é material, produz o fœtus humano, que se desenvolve no seio materno, obedecendo simultaneamente as leis que regem a substancia espiritual e as que regem a substancia material, para dar lugar, finalmente, ao nascimento do ser humano.

— A desassociação destes elementos de natureza differente produz a morte, que não pode ser e não é a extincção desses elementos, mas a volta de cada um delles ao seu estado proprio. O elemento material, separando-se do elemento espiritual, não obedece senão as leis da materia e se decompõe : o elemento espiritual, revestido do involucro perispirital, conquista a sua liberdade, isto é seu estado normal, sua união com o corpo não sendo senão transitoria.

O exame da theoria e dos factos espiritas deve ser feito concurrentemente com o methodo scientifico e o methodo philosophico. — Este ultimo consiste em fazer intervir as idéas eternas da razão, da justiça, da belleza e do amor, ás quaes a humanidade deve seus heróes, seus sabios e seus genios e de todos os tempos ; e acima de tudo, a idéa de um Ser perfeito, Deus.

A razão que nos leva a procurar o bem e a felicidade, nos faz saber que só o bem existe e que o mal não é senão uma derogação accidental ou momentanea do bem ou si se quer, seu primeiro degráo. Os vicios, os defeitos, todas as paixões más são taras, doenças do espirito, pelo mesmo motivo que as doenças do corpo, e umas e outras levam o homem a conhecer a si mesmo, afim de encontrar o remedio proprio para cural-as e entreter sua saude moral como sua saude physica.

A idéa de justiça mostra que nada ha illogico na creação, que tudo ahi tem o seu lugar e ordem, e revela um creador infinitamente perfeito. E' ella que nos faz sentir a necessidade d'uma lei de solidariedade ligando todos os seres entre si ; é ella que nos faz comprehender que a desigualdade dos sêres e suas condições não é senão aparente ou temporaria ; é ella que nos explica porque pode haver seres inferiores e outros superiores.

mas sómente seres iguaes em simplicidade e ignorancia, que todos (em épocas differentes, a creação é incessante) passam, passo a passo, dos degráos mais infimos até os mais elevados, subindo todos ao mesmo cume, sujeitos aos mesmos perigos, para passarem pelas mesmas transformações e se aperfeiçoarem indefinidamente, de accordo com a lei da evolução.

Si a terra fosse o unico mundo habitado, a pluralidade das existencias teria um termo como tambem o mundo, e todas as theorias espiritas cahiriam ; mas a pluralidade dos mundos e o seu numero infinito provam, por si mesmos, a immortalidade da alma (qual seria o seu destino de outra forma, e porque o accesso nesses mundos seria inderdicto ?) e a pluralidade de suas existencias, que não estão limitadas á terra.

A razão, a justiça e, ainda mais, a idéa de que nós fazemos de um Deus perfeito, exigem que o homem trabalhe pelo seu engrandecimento. A idéa, ou si se quer o sentimento da felicidade, faz o homem comprehender a necessidade do progresso e do seu aperfeiçoamento despertando em sua alma as nobres paixões de gozos delicados e elevados do pensamento e da arte, e dando azas as suas ideaes aspirações para os esplendores d'um além já entrevisto que nos aguarda.

Emfim, o amor, ou a attração das almas umas para as outras, se revela em nós sob aspectos diversos, como uma lei maravilhosa, uma lei divina, a maior de todas porque governa tudo o que existe.

A esta sentença de Jesus : «*Amae a Deus sob todas as cousas, e o vosso proximo como a vós mesmos, eis toda a lei e os prophetas*», não podemos accrescentar hoje : *eis todo o espiritismo ?*

Qualquer que seja o nome que se dê a esta lei, é a lei por excellencia ; é a lei sublime que consola e que fortifica; e todos, sem excepção, inclinar-se-ão diante d'ella e acceitarão, mais hoje, mais amanhã, desde que tenham força e vontade e luctam para progredir.

E então revelar-se-á claro e luminoso para todos o sentido verdadeiro da immortal divisa da nossa grande Revolução ; *Liberdade*, *Igualdade*, *Fraternidade*, isto é: Liberdade para o espirito, Liberdade para todos os homens no cumprimento dos seus deveres de progressiva evolução atravéz das idades e dos mundos ; — para todos os homens Igualdade de provas, de accordo com as responsabilidades de cada um ; para todos os homens Igualdade de direitos e de deveres ; Igualdade dos destinos mais ou menos gloriosos, mais ou menos atormentados segundo os meritos ou demeritos de cada um ; emfim, para todos os homens, Igualdade de aspirações e de esperanças ; Igualdade do principio e do destino supremo, a felicidade divina por este meio augusto : a Fraternidade».

Obras impereciveis

Os obreiros da Espiritualidade fazem obras impereciveis, porque o seu material é producto da Palavra que não passa.

Muitas vezes seus nomes se tornam esquecidos e chegam mesmo a desapparecer, mas as luzes que nos legaram, as verdades pelas quaes dedicaram todas as suas forças scintillam como estrellas da primeira grandeza dando ao viajor exhausto na Floresta da Vida, a vivificadora esperança de suas amenas claridades.

Felizes os que dedicam a sua intelligencia, as suas forças, os seus haveres ás ***obras impereciveis*** *que os vendavaes não derruem e os elementos não destroem; inscrevem seus nomes no Livro da Vida, e grande é o salario que o Senhor lhes reserva para que, a seu turno constituam o thesouro imperecivel que lhes permittirá completa felicidade.*

L. B.

William Blake

NO Evangelho lê-se um interessante trecho, que parece ser fielmente cumprido pelos escriptores espiritas: «Todo o escriba instruido no reino dos céos é semelhante a um pae de familia, que do seu thesouro tira cousas novas e velhas».

De facto, a sciencia como a religião, não são cousas apparecidas neste seculo, ellas não nasceram repentinamente para desapparecerem d'aqui a pouco tempo.

Como manifestações divinas submettidas á Lei do Progresso, que preside todos os seres e todas as cousas, a sciencia como a religião existem desde as mais remotas éras, crescendo e se consubstanciando sempre na proporção do crescimento, da evolução da intelligencia humana.

A revelação da Verdade é gradativa em todos os povos e todas as raças.

A revelação Abrahamica não contém preceitos, nem mandamentos, mas sómente a demonstração da Divindade.

Na revelação Mosaica já se nota a prescripção de ordenações que constitúe o Codigo do Sinay.

A revelação Messianica é a demonstração do Deus Espirito com os seus attributos de Sabedoria e de Amor e seu consequente complemento de fé, esperança e caridade.

Na esphera da sciencia, a chimica não attingiu ás alturas em que se acha sem ter sido alchimia, assim como a astronomia sem ter passado pela phase da astrologia.

A verdade vai crescendo nos homens, na medida que os homens crescem n'ella.

Nem podia ser por outra forma. Tudo na natureza está submettido a esta lei: o homem não se alimenta de alimento solido sem ter preparado as suas funcções digestivas com o alimento liquido. O menino não pode cursar uma academia, sem haver feito os estudos preparatorios.

Esse facto não quer, entretanto, dizer que a sciencia não existia antes de a conhecermos, ou que a religião nasceu quando chegamos a vêl-a, ou a comprehendermol-a. E dada a diversidade de espiritos que existem e têm existido na terra, alguns de grande elevação, como Socrates, Platão, Pythagoras, outros de grande atrazo como os hottentotes e cafres boçaes, parece claro que os adiantados alcançaram ha muitas centenas de annos o que nós só agora lobrigamos, assim como os selvicolas não podem absolutamente ter nem as ligeiras noções do que nós já conhecemos.

D'ahi a necessidade do cumprimento do preceito de Jesus: «tirarem os escriptores do seu thesouro de conhecimentos, cousas novas e velhas para a instrucção dos leitores».

Estas considerações vêm a proposito de William Blake, cuja extraordinaria personalidade não pode deixar de figurar entre os grandes mediums da antiguidade.

Os extraordinarios phenomenos verificados com Blake, são muito anteriores ao apparecimento do Espiritismo, o que quer dizer que elles têm se dado em todas as épocas.

Blake nasceu em Londres, em 1757, e faleceu em 1827.

Pode-se chamal-o um dos precursores do Moderno Espiritualismo.

Elle vivia do officio de gravador, e passava grande parte no tempo que lhe restava, lendo, desenhando, pintando e escrevendo as expressões dos seus sentimentos e dos seus pensamentos. Os seus contemporaneos chamavam-n'o maniaco e desiquilibrado, mas era admirado por um pequeno numero de homens de sciencia. Viveu sempre pobre, mas não miseravel; soffreu muito por não ter sido comprehendido, mas confiava no futuro, em summa foi um homem feliz.

Sua obra comprehende quadros, gravuras, desenhos. Artista de merito, gravava sobre o cobre em alto relevo, por processo de sua invenção. Dos seus trabalhos, elle mesmo tirava copias coloridas e ajuntava aos volumes dos seus livros. Deixou muitas obras, dentre as quaes, o *Livro de Thel*, os *Canticos da Innocencia*, o *Casamento* do *Céo e do Inferno*, as *Portas do Paraizo*, as *Visões das filhas de Albion*, *Canticos da Experiencia*, *Livro de Urizen*, etc., etc.

O Dr. François Benoit, professor de Historia da Arte, da Universidade de Lile, publicou em 1907 em Paris, um livro com o titulo *Un maitre d'Art* : *Blake le Visionnaire*, no qual estuda profundamente a personalidade de Blake.

Em 1908, o mesmo professor publicou na antiga revista «Annales des Sciences Psychiques», um estudo interessante, do qual nos servimos para traçar estas linhas. Diz referido psychologo que a analyse do temperamento e do caracter de Blake revela uma extrema complexidade e singulares contrastes. De um lado, todas as apparencias d'uma circulação regular e d'um perfeito equilibrio nervoso: uma assiduidade e uma paciencia exemplares, uma fleugma admiravel; a vóz doce e o gesto reservado mesmo quando conta os seus sonhos mais apocalypticos, ou expõe desconcertantes paradoxos; uma modestia real, uma simplicidade que chega a attingir á candura, e uma cortezia perfeita. De outro lado, elle tem crises propheticas, e manifesta uma violencia de espirito que o faz um querelante brutal. Mas a sua nota dominante é uma ternura ardente, uma sensibilidade extrema e uma bondade admiravel.

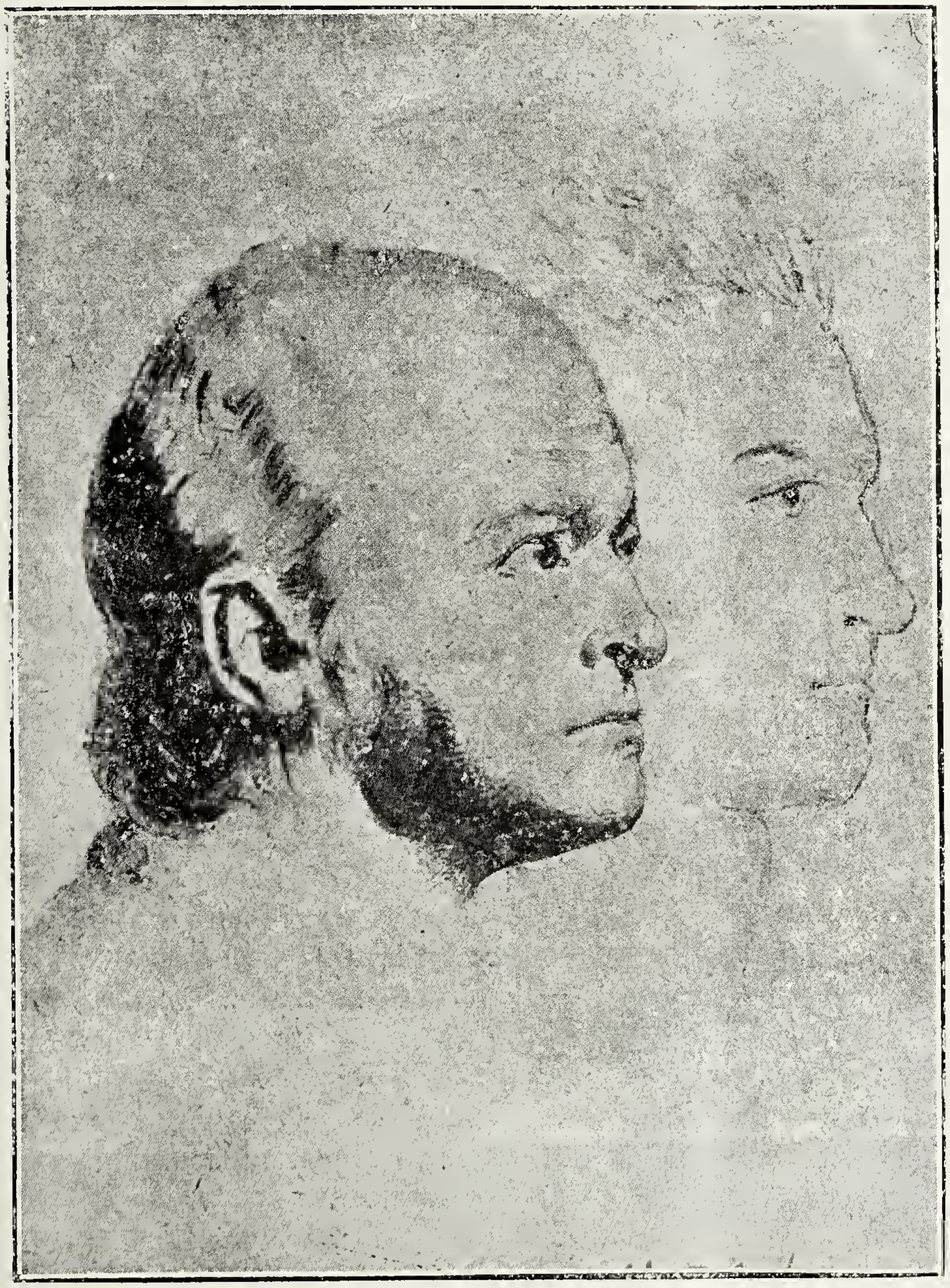

William Blake

Sua vida moral foi affectada por duas grandes crises que correspondem a dois paradoxismos de actividade litteraria e artistica. A primeira aos seus trinta annos, occassionada pela morte de seu irmão Robert; a segunda de 1801 a 1802 após uma prolongada estada á beira do mar.

Blake era curioso e refletido, sua applicação admiravel, sua comprehensão rapida, possante e nitida, seu juizo claro e seguro, faziam d'elle o verdadeiro homem do sexto sentido, lembrado pelo prof. Richet, ou o super-homem de Niestch.

As leituras favoritas de William Blake eram a Biblia e os Evangelhos, os escriptos de Swdenborg, de Jacob Bœhme, de Paracelso, de Bunyou, de Santa Thereza, dos antigos gnosticos, alchimistas, doutores em magia e astrologia.

Emfim, Blake possuia uma alma de apostolo e tinha a convicção de que se achava encarregado de uma missão, a de revelar aos homens o «Evangelho Eterno» e de fundar Jerusalem na sua Inglaterra. Sua extraordinaria faculdade mediumnica apparece como um relevo de ouro numa moldura azulada.

Toda idéa no seu cerebro cria corpo; lhe apparecem pessôas, seres e cousas. Elle tinha pela sua elevação de espirito tres auxiliares por meio de quem conversava com os céos, a poesia, a musica e a pintura. Sua arte chegou a crear maravilhas. Escrevia e desenhava, a imagem segue o texto ; as imagens são plasticas e significativas, aliam as qualidades da verdade e têm a expressão da ordem.

Durante toda a sua vida, Blake esteve em communicação com o mundo espirita. Elle via e ouvia os Espiritos, tanto os desincarnados, como os incarnados em certas condições e espiritos de todas as categorias. E' assim que logo que seu irmão faleceu, elle vi-o nitidamente batendo palmas por haver se livrado do corpo mortal. Foi seu irmão Robert que lhe revelou o processo de gravação que elle depois usou, e a todos os momentos estava em communicação com esse espirito.

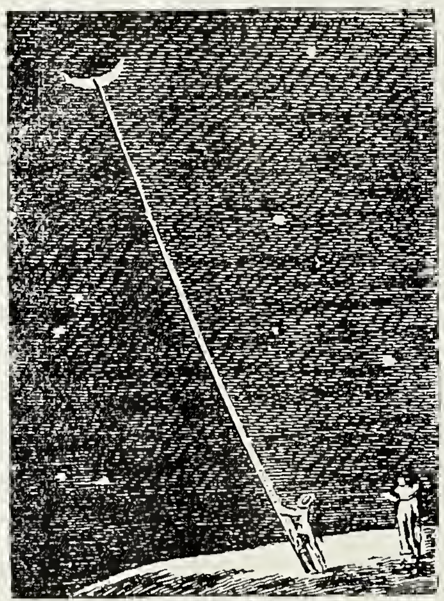

I want! I want!

Blake dizia communicar-se sempre com Nelson, Pitt, Voltaire e Milton. Este ultimo lhe pediu fazer uma correcção no *Paraizo Perdido*. Elle desenhou os retratos dos antigos reis inglezes, apresentando-os como elles são no outro mundo. Affirma que S. José lhe deu receitas, e os Apostolos lhe assistiram muitas vezes, quando elle se achava em Westminster.

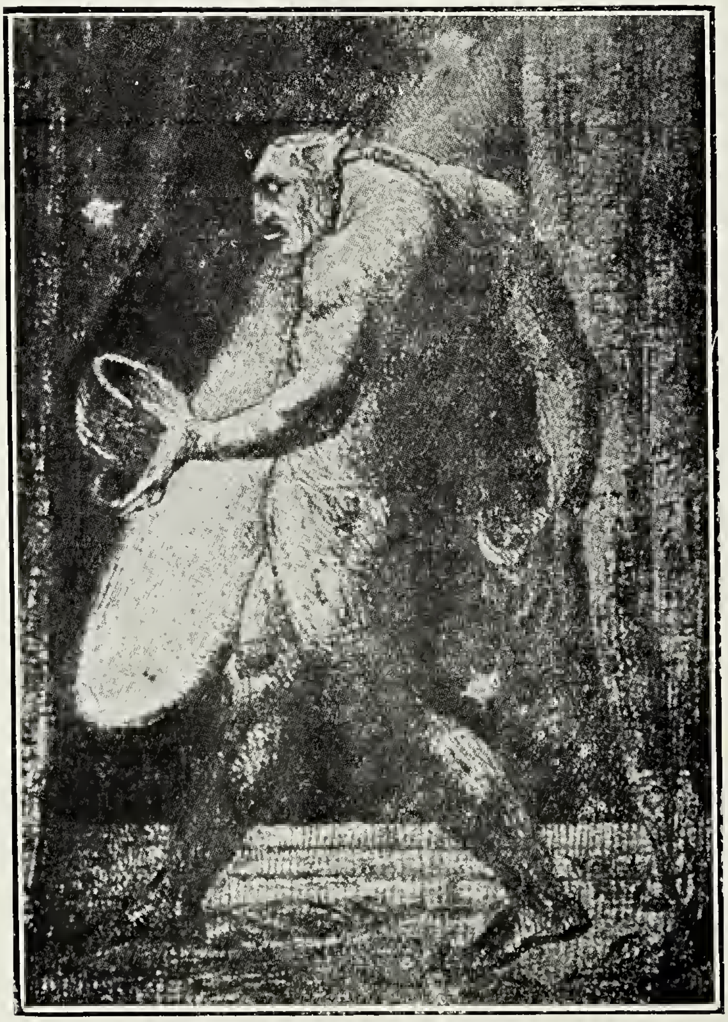

Um Vampiro

Blake diz que deve a parte essencial de sua vida moral, as suas visões.

Caracter completamente independente, sem preconceito, inimigo do suborno, em 1802 escreveu a Butts :

«Eu não me envergonho, nem tenho medo, nem repugnancia de dizer o que precisa ser dito, a saber que eu estou sob a direcção dos mensageiros do céo, dia e noite. Não se lhes pode fazer maior injuria do que duvidar d'elles». Tendo alguem lhe perguntado se quando o sol se erguia, elle não via um disco de fogo parecido com um guinéo (moéda ingleza no valor de 21 schillings), respondeu : — «O ! não ! não ! eu destingo uma legião innumeravel da milicia celeste clamando: Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo Poderoso !»

Falando da forma dos Espiritos, diz Blake :

— «Um espirito e uma visão não são o que pensam os philosophos modernos, uma nuvem, um vapor, um nada. O pintor desta obra declara que elles lhe são sempre mostrados, infinitamente mais perfeitos e mais minuciosamente organisados do que tudo o que os seus olhos têm observado.

Elles são particularisados até nos seus costumes : o de Saúl, por exemplo, trazia um capacete de uma forma tão especial que foi preciso ao artista ter todo o cuidado para desenhal-o exactamente. Da mesma forma sua vóz é clara e sua palavra intelligivel »

«Eu escrevi esse poema (*Jerusalem*), narra Blake á Butts em 1803, *sob um dictado directo, doze, vinte e até trinta linhas de uma vez, sem premeditação de minha parte e até contra minha vontade* . . . Eu não fui mais que o secretario ; os autores estão na eternidade.» E prosegue: «Quando eu estou sob as ordens dos Espiritos, eu escrevo, e desde esse momento vejo as palavras voarem no meu gabinete, em todas as direcções.

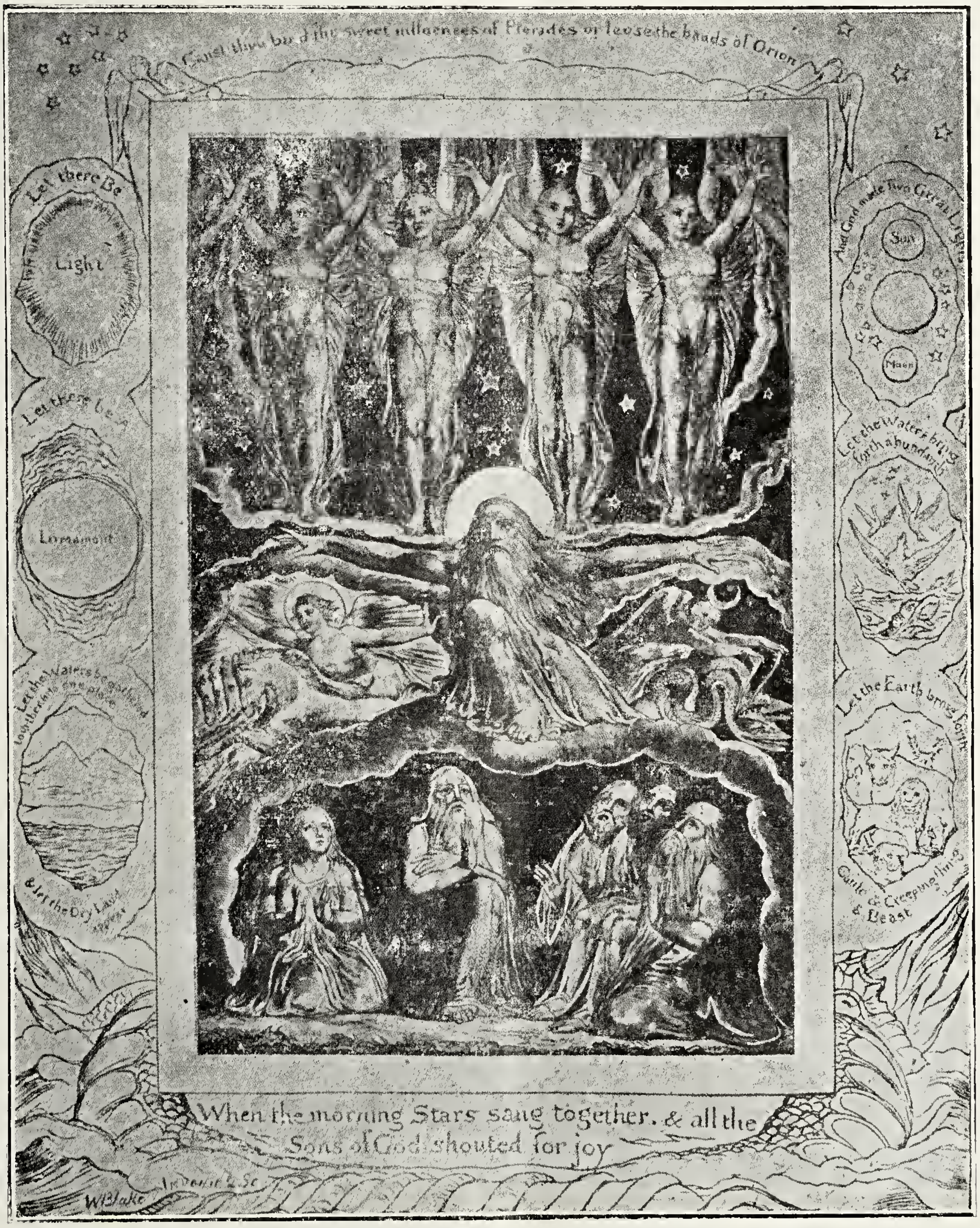
Canst thou bind the sweet influences of Pleiades or loose the bands of Orion
Let there Be Light
Let there be a Firmament
Let the Waters be gathered together into one place
& let the Dry Land appear
And God made Two Great Lights
Sun
Moon
Let the Waters bring forth abundantly
Let the Earth bring forth
Cattle & Creeping thing & Beast
When the morning Stars sang together, & all the Sons of God shouted for joy
W Blake inven & Sc

Livro de Job XXXVIII (4-7)

O QUADRO REPRESENTATIVO DO LIVRO DE JOB

Um dia appareceu-lhe na escada de sua casa um horrivel phantasma que tinha o corpo como que escamoso e salpicado. Diz elle que era um ser tão real como qualquer humano ; a sua materialidade era patente aos olhos carnaes.

Blake tomou o lapis e retratou-o, apresentando como o «Espirito de um Vampiro». E' um desses seres atrazadissimos do mundo espiritual ; quem sabe si algum vulto que se tornou celebre neste mundo pelo poder do ouro que possuia, cuja influencia lhe dava, á seu turno, poder despotico, e pratica continua de más paixões ; carnifice, inclemente, alma adstricta só ás cousas do mundo ?...

Outros «Vampiros» do mais ou menos, igual jaez, lhe foram mostrados, horrendos na apparencia e repellentes pelas suas condições intimas e moraes !

O «Quadro de Job», desenhado por Blake, é uma representação dos trechos do Patriarcha (Livro de Job XXXVIII, 4 a 7) : «Onde estavas tú quando eu fundava a Terra ?... Quando as estrellas da alva, juntas alegremente cantavam e todos os filhos de Deus jubilavam ?»

O retrato de William Blake, desenhado por elle mesmo, indica muito bem a sua dupla natureza physica e espiritual, como ensina hoje o Espiritismo, ser a de todos os homens.

O desenho do «Sepulchro de Blair», dando uma idéa nitida do fim de uma vida que termina na Terra e o inicio de outra que começa no Espaço, é estupendo e falla mais á alma do que muitos discursos.

Para Blake, a mediumnidade não era um privilegio, mas elle dizia : «Todos os filhos de Deus, e mais especialmente todos os artistas podem subir no carro de fogo do pensamento contemplativo ! Basta que cultivem a imaginação . . .»

⁂

O mediumnismo, vivido na nossa epocha, foi o attributo das grandes almas da antiguidade. Sob os seus auspicios é que se fizeram os genios e os sabios têm lugar de destaque na historia da civilisação.

Com o auxilio do mediumnismo é que a chamma sagrada da inspiração penetra nos cerebros e repercute no mundo a «vóz do Além» que edifica, consola e salva.

O que eram os «videntes», os «extacticos», os «thaumaturgos» que produziam maravilhas que deixavam boquiabertos os homens do seu tempo ? senão portentosos mediums que viviam em intimas relações com o Mundo Espiritual e seus habitantes.

O Espiritismo faz reviver hoje todos esses phenomenos transcendentes registrados na historia e evoca essas grandes mentalidades, proceres do pensamento moderno que envolve actualmente o nosso mundo, annunciando a Resurreição e a Vida.

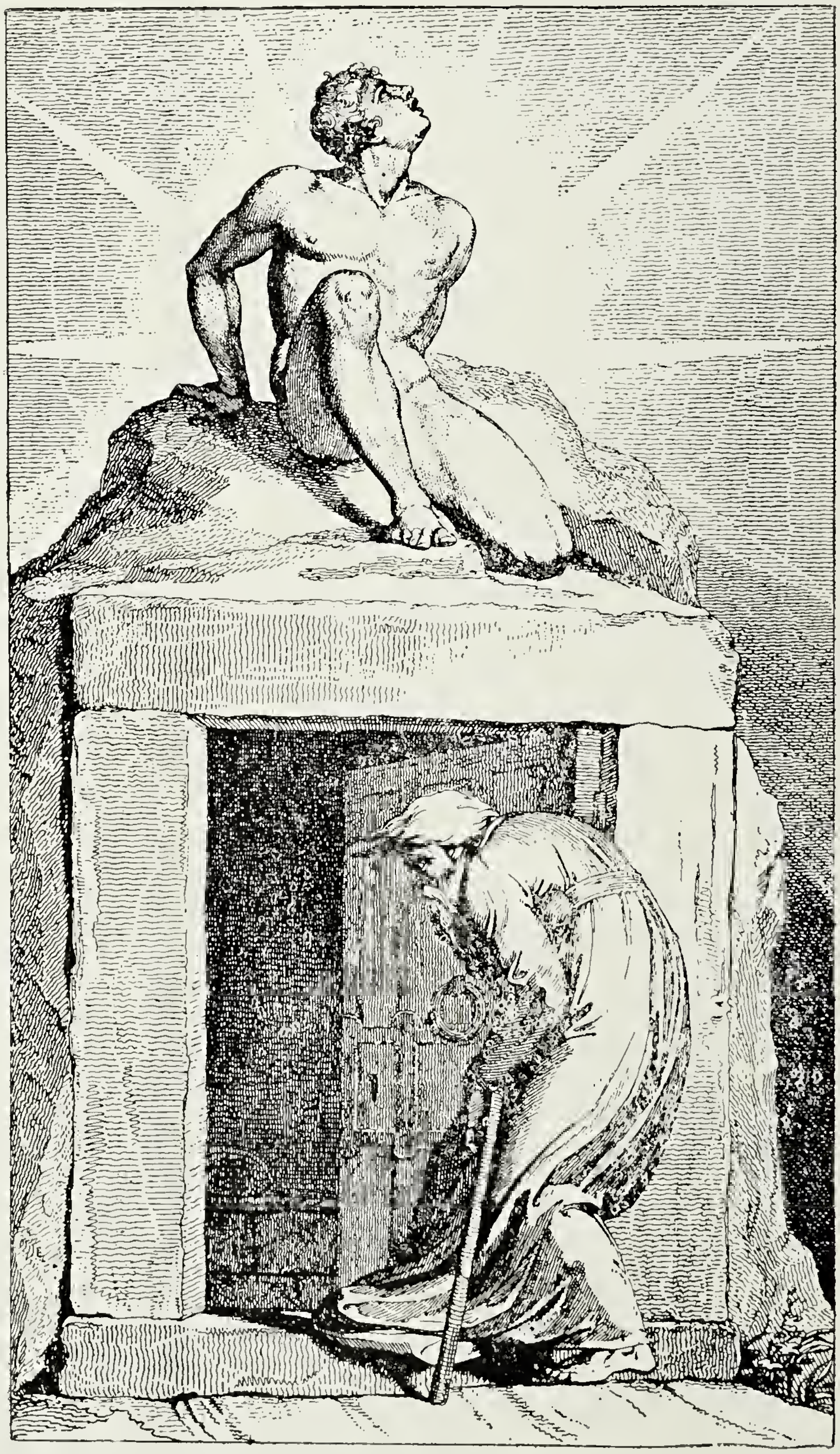

O Sepulchro de Blair

(Desenho de Blake)

Abrangendo as revelações passadas em sua grandiosa manifestação de incessante progresso, o Espiritismo é, sem duvida a Revelação das revelações, a luz que illumina o carreiro da Vida projectando os seus raios para outros céos e outras terras onde habita a justiça.

Relembrando, como temos dito, esses grandes genios que envolto das roupagens da immortalidade, vieram nos trazer a sua sancção para essa verdade capital, prestamos a esses illustres Espiritos a nossa justa homenagem com testemunho de admiração e respeito, ao mesmo tempo que trabalhamos para o restabelecimento da Verdade.

* * *

Um Leader Espirita Americano

O Snr. J. P. Whitwell, presidente da National Association of Spiritualista dos Estados Unidos

Durante a minha actual visita aos Estados Unidos, encontrei o Snr. J. P. Whitwell em Paterson, Nova Jersey, e depois em New York, onde passei uma agradavel tarde em companhia delle e da sua encantadora esposa.

Elle tem a seu cargo os deveres de presidente da maior organização espirita talvez do mundo, e cumpre com toda circumspecção esses deveres, sem deixar que as exigencias de um grande negocio prejudiquem alguma das questões importantes do movimento espirita.

Presentemente o Snr. Whitwell está viajando de Estado em Estado para assistir ás convenções que se reunem neste gigantesco paiz.

Essa tarefa a que elle se impoz deve ser muito exhaustiva para um homem que já está chegando á idade na qual mór parte dos homens só pensa em se retirar para o repouso.

Excellente orador, os seus modos tranquillos conquistam a attenção e a confiança. Pode interessar aos espiritas britannicos saber que embora tenha passado môr parte da sua vida na America, o Snr. Whitwell é nascido em Stourbridge, Inglaterra. A Sra. Whitwell é do Norte da Inglaterra. Boa medium e oradora, ella secunda em muito o marido na acção espirita.

O Snr. Whitwell foi eleito presidente da National Association em successão ao Dr. Warne, fallecido em 1925. Esse posto fel-o chefe de vinte e quatro associações estadoaes que comprehendem muitos milheiros de igrejas locaes.

Encontrei nelle um excellente *causeur* com conhecimentos maduros e bem definidos das necessidades do espiritismo nos Estados Unidos.

Elle é mais propagandista do que revivalista de religião. Não visa tanto fazer espiritas quanto convencer os homens da sobrevivencia como verdade scientificamente provada. A pessoa convencida dos phenomenos psychicos e da sua interpretação espirita que prefira permanecer em sua propria igreja orthodoxa, encontra nelle plena approvação para tal attitude, porque assim tal pessoa leva uma importante verdade para um centro que de outro modo não seria attingido por ella.

O espiritismo nunca ha de absorver a theologia christã, pensa elle.

Antes modificará as crenças irracionaes introduzindo-lhes um ponto de vista natural. Eu acho que isso é uma idéa commum a todos os *leaders* espiritas americanos.

Não ha differença fundamental entre o espiritismo na America e na Gran Bretanha. Provavelmente os bretões não mais attrahidos para o trabalho scientifico, feito em connexão com os phenomenos mediumnicos do que o são os americanos, e por essa razão o movimento na Gran Bretanha é mais intellectual, porém não essencialmente mais religioso.

O Snr. Whitwell tem recebido muitas provas da sobrevivencia por meio das faculdades psychicas da sua esposa. A sua crença sincera na interacção dos dois mundos, tem-n'o levado a resultados muito praticos como o caso que segue.

Um cavalheiro das suas relações tornou-se muito desventurado, porque a sua joven esposa, com uma prole crescente, repentinamente contrahiu o habito de embriagar-se. O infeliz marido tentou todos os meios de combater essa desastrosa fraqueza, mas não obteve resultados. Expoz o caso ao Snr. Whitwell que o interpellou si algum membro da familia da esposa teria tido a mesma fraqueza, e caso affirmativo si essa pessoa teria morrido sem se corrigir do vicio.

A resposta foi que um irmão fallecido daquella senhora tivéra sido ebrio. «Bem», disse o Snr. Whitwell, «eu acho que conheço a causa da sua desdita e que poderemos cural-a. Supponho que o espirito do irmão da sua esposa é attrahido para ella por amor e desejo de sympathia.

Quando elle chega ao ambiente terrestre, volta-lhe a ancia de bebidas fortes, e provavelmente elle transmitte esse desejo a irmã». Por essa razão o Snr. Whitwell se dirigio em voz alta ao espirito, explicando-lhe que se elle desejasse vir a presença da irmã devia fazer um esforço tenaz para dominar o desejo de bebidas alcoolicas, pois que estava produzindo maus effeitos, arruinando mesmo a vida della e a da sua familia.

«Agora», disse o Snr. Whitwell ao marido pasmado, «vá para casa e aguarde os acontecimentos. Eu penso que a sua esposa irá perdendo esse doentio desejo. Com o tempo desapparecerá totalmente».

Uma semana mais tarde o marido lhe deu a noticia de que durante sete dias a senhora havia tomado bebida alcoolica apenas uma vez.

Tres semanas mais tarde havia ella perdido todo o desejo de bebidas.

Essa historia foi confirmada um anno depois por um medium publico que não sabia cousa alguma do caso e descreveu ao marido o irmão da senhora, o qual enviava uma mensagem de gratidão ao Snr. Whitwell por havel-o auxiliado a comprehender o seu estado.

A mensagem era encerrada com estas palavras: «E encontrei minha mãe». Esta phrase era uma boa prova, porque o Snr. Whitwell, quando estava aconselhando ao espirito, tinha sido inspirado a dizer que si elle seguisse aquella advertencia, em breve encontraria o espirito de sua mãe.

HORACIO LEAF.

O ESPIRITISMO JULGADO POR UM THEOSOPHO

(Não raro ouvem se theosophistas patricios affirmarem mui consoladoramente que o espiritismo é uma das melhores vias para se chegar á theosophia. Fosse assim e deveriamos estudar directamente a theosophia, abandonando o espiritismo, cuja funcção passaria a ser demasiado obscura para merecer a nossa attenção. Bem outro, porém é o caso.

A grande maioria dos homens, de civilização occidental não se conforma com uma philosophia baseada no que se diz que os Mestres dizem. E si quizessemos acceitar um systema philosophico sem base nos factos, então ficariamos muito bem com a velha Scholastica.

Parece-nos, porém, que tal modo de encarar o problema é contrario á opinião dos theosophos mais esclarecidos, pois que reduziria a theosophia a uma orthodoxia bem estreita. A proposito vamos dar a seguir a traducção de um capitulo do livro «Occultismo na Natureza», de C. W. Leadbeater, um dos mais autorizados theosophos.

Nesse capitulo o illustre bispo da Igreja Catholica Liberal esclarece que «ha muito logar para o espiritismo ao lado da theosophia», reconhecendo que a verdade tem muitos prismas e o erro consistiria em querer monopolizal-a sob um prisma unico de uma determinada escola).

Eis o capitulo em questão (paginas 155 a 157):

O ESPIRITISMO

Não nos esqueçamos que os espiritas estão inteiramente de accordo comnosco sobre varios pontos importantes. Todos admittem ; 1.o que a vida depois da morte é uma realidade viva e sempre presente ; 2.o que o progresso eterno e a ventura suprema esperam todos os homens, os máos como os bons. Ora, esses dois principios são de uma alta importancia, pois que constituem um avanço muito grande sobre a posição tomada pela orthodoxia ordinaria. Por minha parte, a esse respeito, eu seria muito feliz de me reunir a elles e differir a discussão sobre os pontos que nos separam, até que tenhámos pelo menos convencido o mundo dessas duas grandes verdades. De resto eu sempre pensei que ha bastante logar para as duas sociedades, a espirita e a theosophica.

As pessoas que desejam os phenomenos, que não podem crêr senão quando *viram*, não obterão satisfação alguma entre nós, mas encontrarão, ao contrario, o que buscam, entre os espiritas. Por outro lado, os que exigem uma philosophia e não os phenomenos, virão antes ter comnosco. Aquelles a quem as communicações obtidas por intermedio dos mediums transportam admiração, não apreciarão certamente os ensinos theosophicos, assim como as pessoas que souberem reconhecer a profundeza destes, não ficarão satisfeitos com as communicações espiritas. As duas escolas offerecem o que é preciso ás pessoas de espirito liberal e aberto, mas dirigem se a categorias totalmente differentes uma da outra ; mas não se segue que deveriamos viver em má intelligencia.

Em tudo que a Snra. Blavatsky escreveu sobre o espiritismo, ella insistiu fortemente sobre a incerteza que apresentam os phenomenos espiritas, e sobre a preponderancia das substituições de pessoas nas apparições reaes. As experiencias que eu fiz pessoalmente durante varios annos foram mais probantes, e eu não creio que haja um só dos phenomenos relatados nos livros que eu não tenha podido verificar por mim mesmo e isso por varias vezes. E' certo que me foi dado constatar por vezes substituições de pessoas, mas, em summa, eu devo dizer que em mór parte das minhas experiencias, apparições reaes apresentavam aos meus olhos, e eu não posso deixar de testemunhar a realidade dos factos.

As mensagens recebidas nas sessões o mais das vezes são falhas de interesse e o seu ensino religioso não é geralmente senão christianismo diluido, mas que entretanto é impregnado de um grande liberalismo e eleva-se muito acima do fanatismo orthodoxo.

Isso não significa que todos os espiritas sejam liberaes ; infelizmente tambem entre elles ha os de espirito sectario, que são estreitos de vista, intolerantes quando se trata, por exemplo, da Lei das reincarnações. A maioria dos espiritas inglezes e americanos não reconhecem ainda essa Lei, mas não succede assim na França com os discipulos de Allan Kardec e com a escola da Snra. d'Esperance na Inglaterra.

Um grande numero de estudantes admira-se de que todos os mortos não tenham conhecimento da reincarnação e não a admittam como um facto real ; mas porque deveria ser de outro modo ? Quando o homem morre, procura a sociedade dos que elle conheceu na terra e vive em uma classe de pessoas analoga á que elle frequentava neste mundo physico. O simples tendeiro do campo não tem enchances — depois como antes da morte, de entrar em relações com pessoas que lhe pudessem dar instrucções a respeito da reincarnação. Mór parte dos homens fecha-se a toda idéa nova em consequencia de uma multidão de preconceitos, e como os levam comsigo para o mundo astral, não são mais succeptiveis de serem guiados e se renderem á razão e ao senso commum do que o eram na terra.

Sem duvida é verdade que o homem de espirito aberto póde aprender muita coisa no plano astral e mesmo adquirir rapidamente o conhecimento do ensino theosophico em seu conjuncto ; ha mortos a que assim succede ; e é por isso que algumas vezes as linhas geraes dos nossos ensinos são dadas nas communicações espiritas. E' preciso não esquecer que existe um espiritismo de ordem mais elevada, do qual o publico não tem conhecimento e que não publica relatorio algum dos seus resultados. Os melhores centros são extrictamente privados e reservados somente a uma familia ou a um pequeno numero de amigos. Nesses centros, as mesmas pessoas reunem.se muitas e muitas vezes, e toda pessoa extranha é excluida, com receio de que o magnetismo seja modificado ; assim as condições são rigorosamente perfeitas e os resultados obtidos são surprehendentes. Nas sessões publicas, onde toda gente póde ser admittida, ou onde se paga para obter um logar, tem-se o mais frequentemente, senão sempre, de tratar com desincarnados de uma classe inferior em consequencia dos magnetismos diversos que se desprendem da assistencia.

C. W. Leadbeater.

Uma velha pagina de Sir Oliver Lodge

No classico tratado de «Magnetismo Curador» publicado por Alphonse Bué, no seculo passado, encontramos uma longa citação de Oliver Lodge, que já naquelle tempo era um sabio acatado. Embora publicadas tantos annos antes do seu apparecimento no campo espirita, as idéas do genial scientista revelam uma profundeza promissora dos enormes trabalhos que hoje enriquecem o patrimonio da humanidade; por isso vamos transcrevel-as aqui :

«Bem o sentimos, attendendo ao «adiantamento das sciencias, dizia ultimamente o Sr. Lodge, presidente «da Secção das Sciencias mathematicas e physicas no Congresso da Associação Britannica, que além dos «nossos conhecimentos actuaes se estende uma vasta região em contacto «com varios ramos conhecidos da «sciencia, e que um espirito culto deve abordar. Esse dominio é limitrophe ao mesmo tempo da physica e «da psychologia, intermediario da energia e da vida, do espirito e da «materia.

«A relação entre a vida e a energia está ainda para ser comprehendida : a vida é um principio dirigente, que ainda não encontrou o «seu logar no dominio da physica. O «que é a *força* e de que modo gastam-n'a os sêres ? De que maneira a «materia pode ser deslocada, guiada, «desarranjada por intermedio dos sêres ?

«A descoberta d'um novo modo «de communicação por uma acção mais «immediata, talvez atravez do ether, «não é de modo algum incompativel «com o principio da conservação da «energia nem com nenhum dos nossos conhecimentos actuaes, e não é «dar prova de sabedoria o recusar-se «a examinar phenomenos por que acreditemos estar seguros de sua impossibilidade, como si o nosso conhecimento do Universo fosse completo !...

«Demais, quando nos acostumarmos, isso não nos parecerá mais tão «estranho ; não é mais do que uma «consequencia natural da communhão «de vida ou das relações de familia «entre os sêres existentes.

«A transmissão de vida póde ser «comparada, sob muitos pontos de «vista, á transmissão do magnetismo ; «não estão todos os imans ligados «sympathicamente de modo que, se «forem convenientemente suspensos, «*qualquer vibração de um delles se repercute sobre todos os outros, mesmo na distancia de 150 milhões de kilometros ?*

«Porque é que a barreira que «até aqui separou o espirito da materia, não poderia ser gradualmente «afastada, como já o foram tantas outras ? Porque razão não poderiamos «chegar a uma percepção mais completa ácerca da unidade da natureza, tal como já foi ideiado por muitos philosophos ?

«Desde o começo, as coisas parecem mysteriosas : um comêta, um «raio, a aurora, a chuva, são outros «tantos phenomenos mysteriosos para «quem os vê pela primeira vez. Tudo «parece razoavel, encarado sob um «ponto de vista conveniente ; as possibilidades do Universo são infinitas, «como a sua extensão physica. Porque procurar sempre negar *à priori* «a impossibilidade das coisas que de«correm de nossa concepção ordina«ria ?

«Não devemos recuar diante de «problema algum, desde que se apre«sente a opportunidade de abordol-o. «Não devemos hesitar em proseguir «livremente a investigação das leis, «mysteriosas embora, que regem a «vida e o espirito ; o que sabemos, «nada é ao lado do que nos resta a«prender ! Querer restringir nosso e«xame aos territorios já meio con«quistados, é enganar a fé dos ho«mens que luctaram pelo direito de «livre exame, é trahir as esperanças «mais legitimas da sciencia !»

Quanto effeito já produziram essas palavras na mente dos homens de sciencia ! mas quanta opportunidade infelizmente ainda ellas têm depois de dezenas de annos de proferidas !

G. B.

Chronica Extrangeira

A epoca que atravessamos de materialismo impenitente está assignalada com lettras indeleveis nos livros sagrados, que caracterisam muito bem os tempos em que nos achamos.

A sabedoria nunca attingiu as culminancias em que se acha, em contraposição, porém, as virtudes em tempo algum ficaram obscurecidas e foram relegadas do convivio social, como acontece actualmente.

O homem, tal a sua falta de fé e confiança no futuro, tornou-se um automato, incapaz de um acto generoso, de uma acção nobre São mesmo muito raro os que procuram se preparar para as futuras lides na Immortalidade.

Que dizemos ? Immortalidade !

Para a massa bestificada, abastada ou não que vive no mundo, a immortalidade é uma palavra de tropeço, como se aquelles proprios que o repudiam não desejassem, não aspirassem a immortalidade !

A educação «religiosa» do povo, tem concorrido tenazmente para que assim aconteça.

Obscurecidos pelos dogmas, sacramentos e mysterios, os principios do Christianismo, unicos que nos poderiam guiar para um estado de melhoria espiritual, sem conhecimento de sua natureza psychica, o homem descambou para a materialidade d'onde lhe será muito difficil sahir. Sem que se opere uma grande revolução que inverta a ordem das cousas, o nosso planeta continuará soffrendo o embate de tempestades, ao sopro rijo de ventos adversos, ameaçado sempre como batel em mares bravios, de terrivel naufragio.

Mas cremos na acção divina que melhora as situações e nos traz a dôce aragem da bonança. E si está escripto que terrivel crise materialista e metalisada affectaria a nossa humanidade, destruindo sentimentos, aniquilando affectos, os mais puros, tornando os homens amantes de si mesmos, egoistas, orgulhosos, patifes e desleaes, está por sua vez escripto em alto relevo que «o Espirito da Verdade, viria, por essa occasião, a restabelecer todas as cousas, proporcionando, ao mesmo tempo, as consolações aos desabrigados da sorte, aos que não participam dos lazeres do mundo, aos famintos de justiça, aos que buscam na verdade a luz que illumina, e no dever o amor que salva.

Uma epoca não é um tempo que nunca se acaba, é um lapso de tempo que se assignala no relogio da eternidade.

Oxalá estejam a sôar os ultimos «tictac» dessas horas de materialidade, e que uma nova aurora venha nos acariciar, trazendo com a frescura dos seus amenos orvalhos, a claridade do novo dia da Espiritualidade que deve fazer os homens resurgirem para Deus.

REVELAÇÃO DE UM FURTO

A revista «Luce e Ombra» publicou o seguinte caso:

— «Em Milão, emquanto os funccionarios e agentes de policia effectuavam suas pesquizas afim de descobrirem os autores de um roubo praticado ha mezes, um facto novo se verificou que parecia dever finalmente coroar de successo as pesquizas emprehendidas com o fim de encontrar os objectos roubados. Tratava-se, de facto, de pelles de animaes que servem para guarnições, que foram roubadas da casa Rizzini, situada na Alameda Magenta.

Ha dias apresentou se em casa do sr. Tomatis, um senhor que declarou estar apto, devido á assistencia com um espirito que mantinha e com o qual se communica sempre, como medium que é, para descobrir os objectos roubados de que tratava a chronica negra dos jornaes. De momento o sr. Tomatis vacilou crêr na affirmação do «soit-disant» medium. Mas julgando depois que deveria ser interessante tentar uma experiencia, resolveu acompanhar seu visitante ao lugar indicado, em chacara proxima.

Os agentes da policia guiados pelo sr. Tomatis puderam, com effeito, constatar ahi que as informações fornecidas não tinham fundamento, mas que não deixavam de corresponder á realidade; em outros termos, no lugar indicado pelo medium existia um despojo roubado, mas não o que se procurava: encontrou-se, de facto, seiscentas sacolas vasias, fructo de um outro furto com prejuizo de um industrial milanez o sr. Vender.»

MENINOS MEDIUMS

A «Revue Spirite» transcreveu do «Spiritual Truth», de Londres, os interessantes communicados de dois mediums:

— «O primeiro, muito resumido, refere-se a Berthe Nation. com 10 annos, filha do redactor da *Message of Life*.

Um camarada de Berthe, Emilio Manihera, filho dum chefe maior, havia morrido, e, pelo punho de Berthe traçou uma mensagem, escripta a seu pae.

— «O segundo caso, muito mais desenvolvido, refere-se tambem a uma menina de 10 annos, Daisy, filha do Rev. Dr. D. A. Dryden, pastor methodista, da California.

Esta menina, foi atacada de enterite e febre typhoide e estava em perigo de morte. Ella o sabia e disse ao seu pai que não se affligisse, porque depois de sua morte, ella voltaria de tempos em tempos a visitar sua familia.

Estupecfactos o pae e a mai interrogaram sua filha e eis o resultado do que desejavam saber.

Daisy estava em communicação frequente com um dos seus irmãos, Allie, morto com a idade de 6 annos, antes mesmo d'ella ter nascido. Allie lhe tinha dito que ella morreria e ajuntar-se-ia a elle lá onde elle se achava.

A superintendente da Escola Dominical veio vel-a e serviu-se de metaphoras classicas da sombra do rio e da cortina que separam a vida da morte. Daisy não comprehendeu e perguntou a seu pai o que a superintendente queria dizer. Este deu-lhe explicações. Ella então respondeu:

«Isso é um erro, não existe rio, nem cortinas, porque eu vejo tudo, ao mesmo tempo, aquelle que se acham no outro mundo.

A irmã mais velha de Daisy cantava um hymno no qual se falava em azas de anjos.

—«E' um erro, disse Daisy, os anjos não têm azas».

—Sua mãe perguntou-lhe: como tú vês os anjos?

—«Eu não os vejo continuamente, mas chegada a occasião de vêl-os, os horisontes se alargam e eu vejo longe. Seria impossivel contar todas as pessoas que eu vejo, são muitas, conheço algumas...

Desejava que pudesses vêr Allie, agora elle se acha junto a vós. Elle disse que não podeis vêl-o porque os vossos olhos espirituaes estão fechados.

—Como tu falas com Allie?

—«Conversamos pelo pensamento».

—Como Allie te apparece? Traz elle vestimenta?

— «Não, pelo menos não é igual a que nós usamos. Elle parece revestido de alguma cousa branca, e bella, sem costura e sem signal de fios, de modo que não seria um tecido... O meu corpo está usado e é como um vestido velho que mamãe não quer mais. Eu não carregarei mais o meu corpo, porque terei um novo. Vós levareis meu corpo para o tumulo porque não tenho mais necessidade d'elle. Penso de ter um novo como o de Allie... Mamãe, faz-me vêr o mundo pela ultima vez, porque eu morrerei antes de amanhã».

O pae e a mãe levaram-n'a á janella. Seus olhos se illuminaram e ella disse: «Adeus céo, arvores, flôres, rosa vermelha, rosa branca, caro e bello mundo! Como eu vos amo! Apesar disso não desejo aqui ficar... Não ficarei longe, não ficarei no tumulo. Si os vossos olhos se abrirem vós veieis o que eu tenho visto e não acreditareis na morte, porque ella é magnifica... Quando chegar o momento eu vos direi».

A's onze horas e meia, ella disse com uma vóz fraca: «Dois Espiritos luminosos me buscam. Allie está entre elles. «Sim, eu vou.» — E expirou.»

MENSAGEM DE HINCHCLIFFE

O «Mundo de la Havana» publicou a sensacional noticia sobre a morte do capitão Hinchcliffe:

—«A sra. Hinchcliffe, viuva do capitão Hinchcliffe communicou a um reporter do *Sunday Express* haver recebido uma mensagem espiritual de seu marido, na qual elle dá os detalhes sobre as circumstancias em que elle e Elsie Mackay morreram, na sua tentativa de atravessar o Atlantico em maio ultimo.

Um medium de Londres recebeu directamente de Hinchcliffe uma mensagem para ser transmittida á viuva do aviador. Esta declara que jamais seu marido se interessara pelo Espiritismo, mas que, apesar disso ella crê que a mensagem provém do seu marido.

Relatando a catastrophe de Hinchcliffe, diz este á sua mulher:

«Após 900 milhas de vôo, fomos surprehendidos por terrivel ventania acompanhada de chuva e de granizo. O vento avariou a aza esquerda e arrancou a lona. Comprehendi a impossibilidade de proseguir e modifiquei a direcção do avião para o sul, com a esperança de chegar aos Açores.

Voamos para o Sul, desde meio dia até 3 horas da madrugada descendo gradualmente.

De uma hora da manhã em diante eu comprehendi que estava perdido, porque a nossa bussola não funccionava mais e uma das vélas havia cahido no mar.

Assim tambem pensando miss Mackay perdeu o sentido e não mais voltou. Prosegui assim até 3 horas da manhã em que cahimos no mar, á distancia de uma milha dos Açores; cahimos bruscamente. Tomei a ultima gotta de chá que restava e lembrei-me de nadar até á costa. De facto, nadei 20 minutos mais ou menos, mas a corrente era muito forte, perdi o sentido e afoguei-me.

A sorte de miss Mackay foi mais suave que a minha. Ella afogou-se quando já estava desvanecida no nosso apparelho.»

O Sunday Express accrescenta que o capitão Hinchcliffe prometteu pôr-se novamente, por um pouco, em communicação com sua mulher.

A CONVERSÃO DO DR. CAPPS

O *Progressive Thinker*, de Chicago, relata como o Dr. Capps, que mora na California, se converteu ao espiritismo.

Um dos seus amigos lhe havia aconselhado procurar um medium cuja faculdade era a escripta directa na ardosia.

O Dr. Capps resolveu pôr em execução o conselho de seu amigo, comprou duas ardosias escolares, escreveu em um pedaço de papel quatro questões que submetteu á consideração de sua esposa falecida, collocou entre as ardosias e fechou estas uma sobre outra. Depois tomou o trem para S. Francisco, onde chegou ás 11 horas da manhã.

Uma pessoa sua conhecida, que elle encontrou ao sahir da gare lhe deu o endereço d'um medium competente. Chegado á casa deste pediu o preço da consulta, que era tres dollars em caso de successo e gratuita em caso de insuccesso.

Elle aceitou, tomou lugar na mesa, tendo sempre entre as mãos a ardosia e a carta. O medium sentou-se do outro lado da mesa, em plena luz.

No fim de alguns instantes tres ruidos surdos annunciavam o fim da consulta.

O Dr. Capps desatou as ardosias, examinou-as bem como o papel que escreveu, e sobre uma das ardosias encontrou as respostas das suas quatro perguntas escriptas com lettra de sua mulher e assignadas por ella com sua propria firma».

A CRISE DA MORTE

Entre as monographias do illustre escriptor espirita Dr. Ernesto Bozzano, se destaca, pelo interesse que o assumpto desperta, a que está sendo publicada em numeros consecutivos da *Revue Spirite*, com o titulo—«A Crise da Morte» — nas descripções dos defuntos que se communicam.

E' um trabalho substancioso, como aliás são todos os trabalhos de Bozzano, e que vem lançar intensa luz sobre essa travessia que todos temos que fazer e os momentos que seguem á morte.

A *Revista Internacional do Espiritismo* teria immenso prazer de transcrever na integra esse importante trabalho, mas a carencia de tempo lhe impede esse dever.

Entretanto, ao chronista foi encarregada a tarefa de não deixar totalmente em branco o assumpto que julgamos de tanta relevancia, e passar para estas paginas dois interessantes relatos que se prendem á «crise da morte».

Diz o Dr. Bozzano :

— «Eu reproduzo um caso de data antiga, que extrahi do livro do Dr. Wolfe : Startling Facts in Modern Spiritualism (pag. 388). «Jim Nicolau», o «espirito-guia» do celebre medium M. Hollis, que disse e provou ter sido soldado durante a guerra de Separação da America, e haver morrido de typho num hospital militar, responde da maneira seguinte ás perguntas de um experimentador :

D.—Que impressão experimentaste no momento da tua entrada no mundo espiritual ?

R. — Me parecia ter despertado do somno com um tanto de perturbação a mais. Eu não me senti mais doente e o facto me admirava de um modo atordoador. Eu tinha uma vaga supposição de que qualquer cousa extranha havia acontecido, mas não sabia do que se tratava. Meu corpo estava estendido no leito do campo, e eu o via. Dizia para mim mesmo : «Que extranho phenomeno !»—Olhava em torno de mim e percebia tres dos meus camaradas, mortos nas trincheiras diante de Vicksburg, e que eu tinha enterrado. E entretanto elles estavam diante de mim ! Eu os olhava com profunda surpreza. Elles, a seu turno, olhavam-me sorrindo. Então um delles me saudou dizendo :

—Bom dia, Jim ; tu és tambem dos nossos ?

—Eu sou dos vossos ? Que queres dizer ?

—Mas... aqui estás comnosco, no mundo dos espiritos. Não percebestes ? E' um meio onde se está bem.

Estas palavras eram muito fortes para mim. Uma violenta emoção apoderou-se de mim, e eu exclamei : — "Meu Deus ! Que dizes ? Estou morto ?"

—Não, tu estás mais vivo que nunca, Jim ; mas te achas no mundo dos espiritos. E para te convenceres, basta que examines o teu corpo.

De facto, meu corpo estava estendido, inanimado, diante de mim, no leito do campo. Como contestar a causa ? Pouco depois chegaram dois homens que collocaram meu cadaver sobre uma prancha e transportaram-n'o a um carro, que movimentou-se e partiram. Então eu acompanhei o vehiculo, que parou perto dum fosso, onde meu cadaver foi enterrado. Eu fui o unico assistente do meu enterro !...

D —Quaes foram as sensações que experimentastes na crise da morte ?

R.—Como quando se fica tomado pelo somno, quando ainda se pode ter algum pensamento que se teve antes do somno, mas não se pode recordar o momento preciso em que o somno veio. Isto é o que se produz no momento da morte. Mas um momento antes da crise fatal, minha mentalidade tornou-se activa ; eu lembrei-me subitamente de todos os acontecimentos da minha vida. Eu vi e ouvi tudo o que fiz, o que disse, o que pensei ; tudo o que occorreu na minha vida, ao que eu estava associado, tomado parte. Lembrei-me mesmo dos divertimentos e das brincadeiras no campo militar ; experimentei-as como no momento em que se produziram.

D.—Conta-nos as tuas primeiras impressões no mundo espiritual.

R.—Vou vos dizer que os meus amigos soldados não me abandonaram mais desde que desincarnei até o momento em que fiz a minha entrada no mundo espiritual ; ahi eu tinha muitos parentes proximos, irmãos e irmãs, que, entretanto, não vieram ao meu encontro quando desincarnei. Quando entrei no mundo espiritual me parecia pisar num terreno solido, e eu vi vir ao meu encontro uma velha senhora que dirigiu-me a palavra, dizendo : «Jim, tu estás entre nós ?» —Eu olhei-a attentamente, e exclamei : «Oh ! avó ; és tú ?» «Sou eu mesma meu caro Jim. Vem commigo».—E ella me conduziu muito longe—lá para sua morada.

Quando chegamos ella me disse que eu precisava descançar e dormir. Deitei-me e dormi por muito tempo...

D. — A morada que tu falas tinha o aspecto de uma casa ?

R.—Certamente... No mundo dos espiritos, há a força do pensamento, por meio da qual pode-se crear todas as commodidades que se deseja ..»

O Dr. Bozzano passa a fazer o estudo d'esta communicação, que julga real, lembrando que, de facto, o poder creador do pensamento é evidente mesmo no mundo material em que nos achamos, e a prova ahi está com a photographia do pensamento.

⁂

O outro caso é recente, obtido graças á mediumnidade de Mrs J. Platts, viuva do Rev. Charles Platts, que teve a infelicidade de perder dois filhos na grande guerra. As communicações publicadas por ella, proveio do filho cadete : Tyny, de 18 annos, morto na frente franceza em abril de 1917 e que se communicou psychographicamente, por meio da mediumnidade improvisada de sua mãe. Eis o que elle diz sobre o que concerne a sua entrada no mundo espiritual.

— «Os seres que vivem no meio terrestre têm muito que aprender sobre a situação que os espera depois da morte : quero dizer sobre o instante em que o espirito se destaca do seu organismo carnal. Me foi permittido te dizer algo nesta mensagem. Começo te dizendo que não existem dois espiritos desincarnados que tivessem passado por crise igual. Apesar disso estas experiencias variadas apresentam uma circumstancia commum : é que todos os espiritos nesse momento se julgam ainda vivos como no mundo, e os que passaram por uma agonia de soffrimentos, ficam admirados por terem sarado repentinamente : sua alegria é tal que eu creio ser a mais forte impressão que se pode experimentar depois da cri e da morte. Quando eu morri, ou mais exactamente quando morreu meu corpo, eu acreditei estar mais vivo que nunca, e esperei receber ordens para um novo passo avante (quando eu fui ferido por um projectil que me matou nós estavamos separados de nosso regimento e tentava-se com grandes precauções estreitar relações).

Ás vezes os espiritos desincarnados, achando-se sós num meio desconhecido, experimentam um grande terror ; mas isto não acontece senão com os que em vida foram profundamente egoistas e nunca voltaram o seu pensamento para Deus. Todavia, chegado o momento, esses espiritos são auxiliados e encorajados, a seu turno, pelos seus «espiritos-guias», mas é preciso que elles adquiram espiritualidade sufficiente para ficarem em condições de perceber os «espiritos-guias».

Quasi todos os desincarnados passam por um periodo de somno reparador, que pode durar um dia ou dois, como pode durar semanas e mezes ; isto depende das circumstancias do seu trespasse. No meu caso, eu fui morto de uma maneira violenta, eu não tinha soffrido, eu não tinha passado por molestias penosas ; apesar disso, dormi durante uma semana mais ou menos, porque a morte tendo sido muito subita, meu «corpo fluidico» foi bruscamente retirado do «corpo somatico» com um contra golpe sensivel sobre o primeiro.

Quando, entre os espiritos recem-chegados ha os que são ligados por vivas affeições a outros espiritos desincarnados depois de algum tempo já, estes ultimos vão ao seu encontro antes d'elles passarem pelo somno reparador.

Não se poderia pensar numa felicidade maior do que constituem esses encontros no meio espiritual, depois de longas separações que pareciam definitivas. Embora os espiritos saibam que devem ainda se separar por um certo tempo, elles não lastimam porque sabem que essas separações não são definitivas. E quando os espiritos recem-chegados despertam do somno reparador, seus «guias» intervém para lhes iniciar no estado espiritual de cada um.»

Estas revelações de summa importancia vêm trazer-nos um complemento de sabedoria, sobre a nossa futura situação, que será tanto melhor quanto houvermos nos esforçado para melhoral-a.

O Espiritismo vem pois, no tempo predicto nos ensinar todas as cousas, lembrando-nos tambem a necessidade de pôrmos em pratica os Ensinos Christãos, pharol resplendente que nos guia na jornada da vida.

Ecos e Noticias

Era nosso desejo offerecer aos nossos leitores noticias desta propria Revista sobre o Congresso Espirita Internacional, de Londres, mas infelizmente até entrar esta publicação no prelo nenhuma carta havia nos chegado ás mãos, do nosso representante no Congresso, sr. André Ripert, a quem confiamos com muito prazer a representação desta revista no Congresso, inscrevendo-nos antecipadamente como participes de tal tentamen.

E' possivel que se tivesse extraviado a nossa correspondencia da Europa n'aquelle sentido, pois outro juizo não podemos fazer de quem para caso semelhante não poderia, após haver acceitado a incumbencia, nos pôr á margem.

Seja como fôr, os nossos leitores não podem ficar sem noticias do resultado do Congresso, e vamos nos valer ainda, para nos desempenhar de tal compromisso do relato do distincto espirita argentino e inspirado escriptor, o Sr. Manio Rinaldini, um dos redactores da «Constancia», que, na qualidade de delegado da Confederação Espirita Argentina, assistiu o Congresso e fez publicar na CONSTANCIA suas impressões.

Com a devida venia passamos para estas columnas o relatorio do distincto collega :

Minhas impressões sobre o Congresso Internacional Espirita de Londres.

Quinta feira 13 de Setembro terminou o Congresso Espirita Internacional, que se realisou na grandiosa cidade de Londres, e, pode-se dizer sem o menor assomo de duvida, que obteve pleno exito especialmente sob o ponto de vista de união e comparecimento de todas as Federações e Sociedades Espiritas de diversos paizes.

A nota dominante deste importantissimo Congresso, foi a tolerancia, o grande espirito de tolerancia que reinou em todas as discussões, deliberações e conclusões a que se poude chegar. Pode se dizer sem rodeios, que o exito é para unir todos os espiritas do mundo inteiro e com tal linha de conducta venceremos.

Sómente se estando presente nesta memoravel assembléa é que se poderia apreciar o espirito de fraternidade, de fé no futuro, de confiança no triumpho desta grande causa, que se salientou desde o primeiro ao ultimo dia.

Só se teve de lamentar sinceramente que de todos os paizes em que se fala o idioma hespanhol, unicamente a Republica Argentina tenha feito se representar. A Confederação Espirita Argentina salvou o conceito do Centro e do Sul da America. Tão pouco nossos irmãos do Brasil não mandaram um delegado e estou certo que si qualquer desses numeros de paizes tivessem enviado um delegado, recordar se-iam com jubilo as memoraveis horas vividas neste inexquecivel Congresso. Estou convicto que qualquer esforço que se faça a semelhante reunião, é pouco em relação ao explendido sentimento de confraternidade que se experimenta entre espiritas vindos de todos os pontos da Terra.

Varias agradaveis surprezas nos reservou este Congresso. Quiçá a maior foi quando o delegado da Islandia, um paiz quasi ignorado, manifestou com dados precisos que a nação em que mais tem progredido o Espiritismo, é a sua.

Com effeito, ahi 80 % da população é Espirita. E o trabalho para tal fim tem 20 annos. Outra surpreza foi a do Japão, que mandou tres conspicuos delegados, entre elles o Dr. Asano que disse que o Espiritismo na sua patria progride rapidamente, sendo elle presidente de uma Sociedade que conta 3.000 socios e que se occupa em fundar succursaes em todo o paiz. Que admiravel exemplo !

Outra noticia que causou impressão foi a do delegado dos Estados Unidos quando declarou que a Federação Espirita Norte Americana se incorporava á Federação Espirita Internacional. O Estados Unidos mandou uma delegação de 20 pessoas, em sua maioria mulheres, todas ellas directoras de revistas, presidentes de Centros, entre as quaes se encontra a sra. Cadwallader, a figura feminina mais admiravel do Espiritismo nessa nação. Tambem o Canadá mandou uma delegada, a senhorita A. Garrad, Sul da Africa dois delegados. A India tres delegados, a China um, Rumania um delegado, Suissa dois, Allemanha um, Hollanda tres, Belgica tres, França o leader actual o sr. Jean Meyar, o sr. Ripert e mais dois senhores. Italia, Hespanha e Portugal não mandaram, com pesar de todos, delegados.

E' indubitavel que a figura mais importante e notavel do Congresso, como do Espiritismo na Inglaterra, é sir A. Conan Doyle. Tem uma personalidade extraordinaria. Onde elle está, o ambiente se enthusiasma immediatamente. Certamente Sir Oliver Lodge é outra personalidade extraordinaria, mas noutra esphera de acção. E' exclusivamente um homem de sciencia e si bem que um espirita convicto, é antes de tudo um investigador scientifico. Não esteve presente no Congresso.

Sir Conan Doyle é um homem de uma autoridade e de uma convicção extraordinaria. Possue incalculavel experiencia sobre os phenomenos e quando fala sabe o que diz. Por outro lado, devido a fé illimitada que tem, os seus discursos têm surtos felizes que mantêm o publico num ambiente de constante optimismo.

Outra personalidade com quem tive o prazer de travar relação é o Dr. A. Wallace, que é actualmente o Decano dos espiritas inglezes e que tambem possúe uma experiencia e conhecimentos notaveis na materia. Experimentou com o grande William Crookes ; assistiu sessões com as irmãs Fox e com os maiores mediums e homens de sciencia ou de saber que têm parte activa no movimento Espirita.

Outro homem notavel que foi nomeado Presidente, por seis annos, da F. E. Internacional, é o sr. E. W. Oaten, director da Revista «The Two Worlds», cuja experiencia data ha mais de 30 annos.

Com homens dessa estatura e autoridade o Espiritismo tem irremissivelmente que se impôr. E' preciso ouvil-os e estar em contacto com elles para conhecer e sentir a enorme força de convicção que possuem e a fé incontrastavel no futuro.

São antes de tudo grandes espiritualistas ou espiritistas, mais do que homens de sciencia. Isto não quer dizer que desdenham a sciencia, ao contrario, mas é tal o numero de provas accumuladas, aqui na Inglaterra, da sobrevivencia e communicação dos espiritos, que inevitavelmente seu contingente e a fé poderosa d'essa gente invadirá o mundo todo.

Outra pessoa que possue uma autoridade indiscutivel e que é muito pouco conhecida fóra do seu paiz é o engenheiro Stanley de Brath, notavel escriptor e philosopho, autor de varias obras importantissimas.

No que concerne á Reincarnação, é certo que a maioria dos inglezes, como ficou em evidencia no Congresso, não creem n'ella, mas isso não se dá por espirito de dogmatismo, senão porque desejam provas. Apesar disso, a actitude que elles assumem é mais de espectativa, e se acham dispostos a mudar de opinião si os factos lhes levarem a convicção. Por óra se mantém na theoria não reincarnacionista, mas sem lhe dar importancia, pois a idéa central que prima em todos os dirigentes, é a de provar ao mundo inteiro a realidade da sobrevivencia da alma e a continuação da vida no mundo espiritual com todas as suas enormes consequencias de caracter social, politico e religioso.

Para abreviar direi que neste Congresso Internacional, os cinco continentes do globo sentiram-se unidos pelo mesmo ideal, estabelecendo-se laços de espiritualidade e progresso que com o tempo se irão robustecendo mais a mais, grupando em seu redor todos os elementos espiritas que luctam e palpitam pelo mesmo objectivo.

E' de esperar que no proximo Congresso, que se realisará em Haya, em 1931, cada Republica do Centro e Sul da America mande seu delegado, o que dará origem a um intercambio utilissimo para a causa, de idéas e aspirações que nos permittirá, aos americanos do Sul e do Centro, tão pouco conhecidos todavia, a constituir um verdadeiro expoente de espiritualidade e progresso.

Pelo que se vê a determinação e confiança dos dirigentes da F. E. I., é inquebrantavel, e não ficaremos na retaguarda nesta obra de organização, base indispensavel de todo o movimento bem orientado. Todo o meu melhor desejo é, actualmente, que o grande espirito de optimismo que aqui predominou e que em todos nós se infiltrou, sature e anime a todos os espiritas que lerem estas breves linhas, com novas forças e enthusiasmos para proseguirem sem desfalecimentos na grande obra da renovação espiritual em que todos estamos empenhados.

M. RINALDINI.

FRANÇA

Brevemente começará na França o trabalho de propaganda pela palavra.

Não quer isto dizer que os nossos irmãos francezes tenham descurado desse dever, mas é que os dirigentes do Espiritismo na França têm um periodo determinado para reiteradas conferencias, especialmente nas cidades do interior, onde diversos oradores assumem o compromisso de levar aos auditorios as Novas da Revelação Espirita. Esse periodo está proximo a começar e o trabalho de organisação das conferencias já se está fazendo.

Esse plano é digno de nota e merece ser imitado pelos espiritas brasileiros, com especialidade os paulistas, em cujo Estado ha magnificos elementos mas nenhuma organisação que mereça elogios.

Brevemente, portanto, o Espiritismo fará ecôar na França, pela vóz dos seus Apostolos os principios basicos de sua excellente Doutrina, assentados na roda inamovivel da Immortalidade.

Emquanto esperamos, aparamos a penna para applaudir os irmãos francezes que sob o criterio de M. Jean Meyer vão concorrer para mais um avanço do Kardecismo na terra de Victor Hugo.

ITALIA

Associação Espirita Italiana

Noticias da Italia nos fazem scientes de uma nova organisação espirita sob a competentissima direcção do grande scientista muito conhecido dos nossos leitores, Dr. Ernesto Bozzano.

O Comité auxiliar ficou assim constituido : Butti Litterio, Mmelle. Luiza Caroni, prof. Tullio Castellani, prof. Camillo Delfino, prof. Carlo Del Lungo, Cav. Giuseppe De Musis, Dr. Angelo Drago, Dr. Grent A. Grechnam, Mlle. Maria Martinengo.

O secretariado provisorio está installado em Genova, ao cargo do sr. Tullio Castellani — Caixa Postal 1525.

A associação visa unir todos os néo-espiritualistas italianos para que contribuam efficazmente para a propaganda e experimentação. Já está edificado o predio, com todas as dependencias, bibliotheca, salão de conferencias, gabinete de leitura, laboratorio de experiencias, etc. Serão tambem editadas obras necessarias para o conhecimento da Doutrina.

A novel Associação creará succursaes por toda a Italia.

Nossas felicitações e votos para que esse trabalho se realise sem difficuldades.

Importantes sessões em Salerno

«Luce e Ombra» publicou um relato de uma série de sessões em Salerno, assignado pelo advogado Dr. Gennaro d'Avossa. O medium, muito joven, de instrucção muito elementar, nos momentos de transe, aborda discussões elevadas sobre religião e philosophia. A identificação dos espiritos que se communicam pelo medium Giuseppe Magna têm sido feitas em condições dos mais rigorosos controles. Por exemplo um humilde sapateiro de Napoles, morto já ha 50 annos, Mario Andrioli, manifestou-se num patoá napolitano particularissimo, cuja identidade foi verificada.

Giuseppe Magna é medium de incorporação e por elle tambem se manifestam grandes musicos : Paganini e Liszt, se utilisam do seu corpo para tocarem peças musicaes.

«Eu sou forçado, diz o Dr. Gennaro d'Avossa, eu que tenho assistido as sessões e conheço o medium, a admittir a realidade dos phenomenos. Achamo-nos na presença de pensamentos, sentimentos e factos de uma alta philosophia e duma elevada arte musical, emfim de uma série completa de conhecimentos que, de modo algum não são peculiares de Giuseppe Magna e nem pertencem ao seu patrimonio espiritual. Tudo isso não deverá attribuir-se á intervenção de intelligencias desincarnadas ?»

ALLEMANHA

Um novo medium allemão

A *Revue Spirite* noticia a estada em Berlim de Mme. Lotte Plaat, que submetteu-se a experiencias na «Sociedade Medical de Pesquizas Psychicas.» O Dr. Paul Sunne, de Berlim, medico chefe do Asylo d'Aerzberg e director do *Zeitschrift für Parapsychologie*, deu conta de um phenomeno que observou, phenomeno extraordinario de effeito physico que figurará no relato que vae fazer.

Uma obra de valor

O Commandante do Exercito allemão, general de cavallaria Friedrich von Bernhardi publicou um interessante livro, com o titulo *Curiosidades de Minha Vida*, no qual conta factos espiritas que verificou após a morte de sua mulher.

Zeitskrift fur Parapsycologie transcreve muitos trechos de referida obra na critica que fez da mesma.

E' assim que o General Friedrich von Bernhardi depois do fallecimento de sua esposa deliberou estudar algo de Espiritismo, lendo as obras que lhe são favoraveis e contrarias, e para ter opinião propria pôz se em relação com o medium Rothé, cujos phenomenos verificou, testemunhando assim todas as occorrencias, como sejam evoluções aereas de uma campainha, de bastões phosphorecentes e luminosos, vibrações de campainha electrica, mãos luminosas que sahiam do gabinete, etc.

A obra do general Friedrich está produzindo successo na Allemanha.

A Reincarnação e o Catholicismo na Allemanha

O Catholicismo na Allemanha parece querer se amoldar aos principios espiritas, principalmente ao que diz á Doutrina da Reincarnação.

Pelo menos é que se pode concluir da publicação feita por um jornal catholico, do caso de uma menina de Calcutta, de 4 annos, facto já conhecido dos nossos leitores e cuja criança disse a seu pae já haver vivido em outra localidade e onde deixara tres filhos, etc.

O *Frïedeusreich-Bote* dando azas á noticia, accrescenta que se trata inegavelmente de um caso de reincarnação, muito conhecido dos espiritas e occultistas, e que a Egreja Catholica nos seus primeiros seculos admittia a doutrina das vidas successivas.

Diz mais que — «foi no anno 550, em um concilio, que uma grande maioria decretou a rejeição dessa crença contra uma minoria impotente. A palavra de Jesus : Quem dizem que eu sou ? e esta outra : ha muitas moradas na casa do Pae, attestam esta verdade ensinada na Egreja primitiva.

«A crença na reincarnação dá aos innumeraveis *porque* da vida uma resposta logica, em face da concepção catholica da punição e da vingança de Deus !»

Reuniões Espiritas na Allemanha

A *Revue Spirite* diz que o Congresso do Wahrer Weg (Grande Loja de Hanovre) teve 250 representantes, vindos de Berlim, Celle, Dresde, Hanovre, Hildeshein, Leipzig, Magdeburg, Zittan, etc. Communicações obtidas por 14 mediums foram apresentadas e discutidas.

Em abril houve uma grande reunião em Zittan, para discutir o assumpto : Prophecias sobre o cataclismo proximo cosmologico.

As sociedades do Wahrer Weg (o verdadeiro caminho) são filiados á Federação Espirita Internacional.

Casa assombrada na Allemanha

O jornal Saarbrücker-Zeitung consagra um longo e imparcial artigo sobre varias casas assombradas que existem na Allemanha, em Teplitz, Kotterbach e Nikolsburg, onde chuvas de pedras, deslocamento de objectos e outros phenomenos têm sido frequentes.

As pesquizas feitas pelo Dr. Simsa, medico alienista de Praga, que repetiu essas experiencias varias vezes em Praga, em Nikolsburg e em Brunn parece serem convincentes.

INGLATERRA

Congresso Internacional de Londres

Infelizmente, como diz em seu relato o sr. M. Rinaldini, representante da Argentina, no Congresso Espirita Internacional, o Brasil não foi representado nesse Congresso. E a culpa não foi nossa que delegamos esse poder ao sr. André Ripert, a quem revestimos de todas as credenciaes, inclusive diversos numeros d'esta Revista e d'O Clarim, e a nossa competente quota de ingresso.

O illustre espirita francez, talvez pelos seus multiplos affazeres, se esqueceu da missão de que lhe encarregamos.

Não importa, e o nosso fim publicando esta nota, de modo algum nos vem em mente melindrar o Secretario Geral da Federação Espirita Internacional, mas deixa ver a todos que não foi culpa nossa, nem falta de attenção e consideração aos promotores do Congresso, que nos merecem todo o conceito e particular estima.

⁂

A Revue Spirite Belge publicou longa noticia do Congresso ; era nosso desejo transcrevel a *in totum*, mas tememos que o espaço de que dispomos não nos dê margem para tal

Nos limitamos a dar ligeira nota, ficando o mais para o proximo numero.

Abertura do Congresso

A sessão foi presidida e aberta por sir Conan Doyle, que com expressões affectuosas saudou os congressistas.

Falou em seguida o sr. Berry que salientou a importancia do congresso.

Verificou-se a presença de diversos paizes que tomaram parte no Congresso, proferindo discursos : Mistress Cadwalader, directora de «The Progressive Thinker», de Chicago ;

O sr. Grimshaw, dos Estados Unidos ;

Sr. Rinaldini, de Buenos Ayres ;

Sr. Rishi—Indias Inglezas

Sr. Ripert — França

Sr. Melusson — presidente da União Espirita Franceza.

Dr. Wasaburo Asano — Japão

Sr. Stanulesco — Rumania

Sr. Beverlins — Hollanda

Sr. Bruns — Allemanha

Sr. J. Lhomme — Belgica

Sr. R. Montandon — Suissa

Dr. A. Wallace da London Spiritualist Alliance ;

Dr. Fukurai, presidente do Instituto Psychico do Japão;

Miss Edith Elliot, de «The British Spiritualist's Lyceum Union;

Sr. G. Knott—Secretario do Lyceum;

Dr. Johnson—Africa Occidental.

BELGICA

A «Union Spirite Belge» prosegue no seu trabalho de propaganda. Temos sobre a mesa a «Revue Spirite Belge» orgão official da Union.

⁂

Foi aberto o «Curso de Moral», da União, ficando o mesmo sob a direcção de Mme. Anna Lhomme.

⁂

Os espiritas belgas viram desapparecer do seu gremio, a devotada propagandista Mlle. Marguerite Tindemans, cuja vida foi toda dedicada á pratica do amor, da caridade, da tolerancia.

Os despojos foram inhumados no cemiterio de Robermont, tendo feito o elogio funebre Mme. Lambert, que falou em nome da Federação Espirita de Liège.

⁂

A Escola de Mediums da Maison des Spirites, de Liège recomeçou o seu funccionamento em outubro p. passado.

CUBA

Federação Espiritista de Cuba

O Dr. Ramon A. de la Puerta, presidente da Secção de Relações Exteriores, da Federação Espiritista de Cuba, communicou-nos a posse da nova Directoria desta Federação que ficou assim constituida : pres. Salvador Molina ; 1.o vice, Adolpho Gonzalez Oliveira ; 2.o Marcas del Amo ; sec. Miguel Santiesteban ; vice, Delfin Riquemes ; Thes. Manuel Fernandez ; vice, Leopoldo Lopez ; contador, Elpidio Sandino ; vice, Martin Pichardo ; 1.o vogal Dr. Ramon A. de la Puerta ; 2.o Manuel del Amo ; 3.o Felipe Ortega ; 4.o Pedro Alvaré ; 5.o Luiz Vialet ; 6.o Manuel Cortés ; 7.o Manuel Wilson.

Congratulamos com os espiritas cubanos e desejamos que os laços de fraternidade que nos unem, se estreitem mais a mais.

Sociedade Espirita de Cuba

Acompanhado de uma carta portadora de fraternos affectos, recebemos desta sociedade cubana uma circular sobre a sua nova directoria, bem como os principaes anhelos que a sociedade deseja manter :

1.º Velar para que a Soc. Esp. de Cuba se conserve sempre como centro de cultura e fraternidade.

2.º Realisar um amplo labor de propaganda do espiritismo como idéa progressista, moral e scientifica.

3.º Estreitar as naturaes relações de união e harmonia com todos os nossos irmãos.

O Conselho directivo ficou assim constituido : pres. hon. Alfredo Y. Amoedo ; pres. Manuel Fernandez ; 1.o vice, Leopoldo Lopez ; 2.o Cnel. Pio Dominguez ; sec. Dr. Miguel Santiesban ; vice, Enrique Polido ; the Alberto Peralta ; vice, Carlos Manuel Velez.

Muito grato pela communicação.

* * *

Recebemos «HOY» diario espiritista de Cuba. Traz bom noticiario e artigos de fundo. Infelizmente o espaço de que dispomos se exgota, e só no proximo numero poderemos dar noticias mais circumstanciadas de Cuba.

COSTA RICA

O movimento espirita nesta Republica tomou um novo alento, dando reapparecimento a revista «El Estudio», que havia adormecido.

MEXICO

O diario mexicano «El Dia» abriu uma secção espirita na qual está inserindo uma série de artigos do illustrado presidente da Federação Espirita Mexicana, sr. Rufino Juanco.

GUATEMALA

Os Centros «Amor e Constancia», «Sciencia Divina» e «Luz Omnipotente» trabalham effectivamente na vanguarda da propaganda nesta Republica.

ESPIRITISMO NO BRASIL

PARA'

Um phenomeno interessante

Onze de julho de 1928, ás dez e meia horas da manhã, no cemiterio de Santa Isabel, junto ao muro dos fundos, onde uma catacumba ia receber o cadaver do meu amigo Arcadio Frederico de Sousa Menezes. Proferidas as orações do ritual, retirara-se o sacerdote catholico. O caixão repousava, aberto, sobre um banco. O sol faiscava. Mais de quatrocentas pessoas formavam a assistencia. Os maçons, revestindo as insignias de lucto, tinham na dextra a flôr e uma das luvas que deveriam deixar no feretro. Em nome da «Grande Loja Symbolica do Pará», o dr. Archimimo Lima dizia do caracter e das virtudes do irmão extincto, cuja saudade seria eterna entre os obreiros da Arte Real. Terminado esse discurso, o silencio respeitoso que reinava, foi cortado por um baque nitido, forte, partido do caixão, semelhante ao de uma pedra que alli cahisse, ou ao golpe de malhete usado nas sessões maçonicas. Os assistentes mais proximos olharam-se admirados. O deputado Dejard de Mendonça, director d'«O Imparcial» tocou-me o braço. Curvei-me sobre o corpo e afastei as flôres, procurando o objecto que teria produzido o rumor escutado. Nada! Das mangueiras, afastadas, aliás, nenhum fructo tambem se desprendera. Admitti, então, a explicação acceitavel aos versados nas communicações de além-morte. O espirito de Arcadio, embora no periodo de relativa perturbação que segue o desencarne, entendendo as commovidas palavras do interprete dos seus irmãos na Ordem Maçonica, que elle tanto amava, accusara a sua presença com a pancada bem conhecida nas sessões elementares de espiritismo pratico e que, sendo igual ao bater do malhete maçonico, symbolisava o seu fraternal «muito obrigado».

APOLLINARIO MOREIRA.

(D'A Revelação d'O Pará)

BAHIA

Um sonho revelador

A imprensa carioca publicou o seguinte telegramma:

Bahia, 2 (A. A.) — Os jornaes noticiam que na cidade de Estevam do Jacuhype uma senhora sonhou que encontrara nos fundos do seu quintal um thesouro escondido.

Contando o sonho ao seu esposo este mandou que fossem feitas escavações a uma profundidade de cinco metros, encontrando moedas de ouro portuguez de 1530 avaliadas em 400$000 cada uma; um relogio de ouro no valor de 30 contos de reis e outros objectos calculados em mais de cem contos.

MARANHÃO

A familia espirita maranhense commemorou o 3 de outubro.

O «O Imparcial», diario de S. Luiz, publicou uma bella tirada espirita contornando o retrato do Mestre.

RIO DE JANEIRO

E' difficil resumir o movimento espirita no Rio tal a actividade que reina em todas as associações: Federação Espirita Brasileira, União Suburbana, Centro Fraternidade, Internacional Espirita, Asylo João Evangelista, Circulo Caritas, Liga Espirita do Brasil, União dos Crentes, Centro Espirita Imael, Gremio Espirita Nazareno, Centro Auxiliador S. Sebastião, Centro de Estudos Espiriticos, União Riopedrense, Centro Lazaro, Centro Christophilos, Gremio Luz e Amor do Bangú, e muitas dezenas de outros que o espaço não permitte citar. A propaganda no Rio é feita de véras.

SÃO PAULO

Em Lins, Noroeste, o Grupo Sinceridade e Fé, tem feito grande propaganda; em Pennapolis, o Centro Discipulos de Jesus, tem desenvolvido actividade; em Jaboticabal proseguem as palestras semanaes nas quaes têm tomado parte os confrades Pedro Volpe, Francisco Volpe, José Dias. Em Piracicaba e Campinas, o Dr. Ribeiro e Vinicius continuam com as palestras hebdomadarias. Em Jundiahy houve uma conferencia pelo centro local, commemorativa a 3 de outubro.

Estão em actividade tambem muitos outros nucleos que lembraremos no proximo numero.

Na capital, o Centro Luz e Caridade, da R. Visc. Parnahyba, 192, commemorou os finados a 2 do corrente, obedecendo o seguinte programma: Falsos Espiritas (comedia em 1 acto); Vamos ao Cemiterio (comedia em 1 acto); Religiões (comedia-drama); Via Crucis (monologo). Conferencia sobre o dia de finados, pelo sr. dr. P. Lameira de Andrade.

Este nucleo é dirigido pelo sr. Umberto Brussolo, nosso representante em S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL — Collaboradores : DIVERSOS

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci4111unse

NO IV — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Dezembro de 1928 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMMARIO

Automatismo Mediumnico
Casos de identificação espirita
Todos temos fome
Intervenção dos Espiritos na vida humana
Preceitos de Confucius
Photographia Espirita
Estigmas e Estigmatisados
Exteriorisação da Sensibilidade e da Motricidade
A Nova Era
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

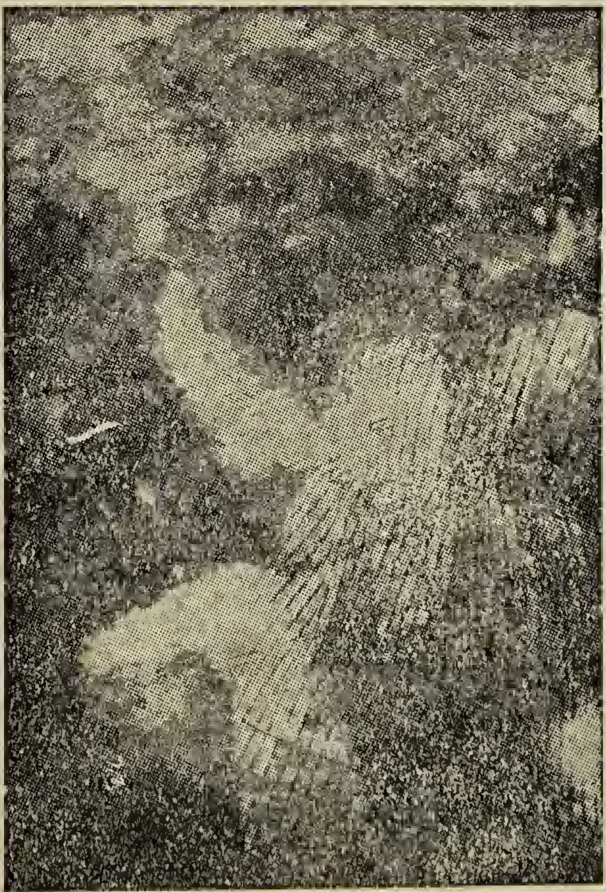

PHOTOGRAPHIA ESPIRITA

ANNO IV - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Dezembro de 1928 - NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ✂ COLLABORADORES : DIVERSOS

AUTOMATISMO MEDIUMNICO

Uma das manifestações interessantes, mas rara, da Phenomenologia Espirita, é a produzida pela escripta automatica, ou seja aquella em que o medium não toma absolutamente parte activa : a mão recebe impulsão involuntaria e escreve, sem consciencia propria, palavras, phrases, até paginas inteiras.

Esse caracter de mediumnidade não faz accepção de idade nem de sexo.

Esse meio pelo qual as «Entidades» do Mundo Espiritual teem se communicado com a terra, é muito mais antigo do que parece.

Querem alguns sabios attribuir essas manifestações á inconsciencia do medium, e as mensagens intelligentes que transmittem, quasi sempre muito superior á sua intelligencia e ao cabedal de conhecimentos que possúem, ao sub-consciente.

Quanto á primeira proposição, da inconsciencia do medium, é um facto, pois, a impulsão da mão é involuntaria e elles não têm consciencia do que escrevem. Só depois da penna haver traçado palavras e paginas inteiras, é que vão ficar sabendo o conteúdo da mensagem pela leitura.

E' o que se dava com um dos mais poderosos mediums dessa natureza, que se salienta nos Annaes do Espiritismo : William Stainton Moses, fundador da Alliança Espiritualista de Londres.

Esta revista ha de ter occasião de tratar dessa illustre personalidade e então, aquella noticia biographica poderá se prestar perfeitamente de complemento d'este artigo.

Por ora nos limitamos a dizer que a mediumnidade de Stainton Moses era tão distincta, tão notavel, que elle conseguio prender a attenção dos maiores sabios do seu tempo, bem como contribuir de um modo fóra do commum para a fundação de diversas associações britannicas e por ultimo dirigir, devido tambem a outras faculdades que possuia, a importante revista ingleza — «Light».

O mediumnismo automatico é verdadeiramente digno de observação e estudo. A alheação do raciocinio, a ausencia da consciencia, a abolição da vontade são os seus caracteristicos predominantes.

No homem em estado ordinario nada se produz sem que pense, elabore, deduza, queira. No mediumnismo automatico ha quietação dessas operações, elle é mero instrumento de uma intellectualidade e volição alheia.

Accresce ainda outra cousa a que Stainton Moses se referiu, que as idéas que apparecem nas mensagens são, por vezes, totalmente diversas das do medium e oppostas ás suas convicções, assim como cousas que o medium ignora completamente, lhe são reveladas claras, precisas, definidas, faceis de verificar e sempre exactas.

Ora, essas idéas não podem absolutamente ser oriundas do medium, e nem mesmo da sua sub-consciencia.

Em alguns casos, em certas e determinadas circumstancias, em que se pode bem caracterisar a mensagem animica, é possivel que os conhecimentos revelados nesse estado anormal venham do *subliminar*, mas essa theoria não tem extensividade á ponto de abranger todas as manifestações.

Sir William Barret, muito conhecido na galeria dos sabios, cathedratico da Universidade de Dublin e Professor de Physica Experimental do Real Collegio de Sciencias da Irlanda, que além disso foi profundo psychologo que soube desbravar, e remover as barreiras que nos separam do Mundo Invisivel, é tambem de opinião que as communicações se dividem em dois grupos com uma linha divisoria pouco definida: em um a causa determinante seria a acção das faculdades latentes da nossa personalidade, que se manifesta pela organisação especial do medium ; e em outro, parece que referida acção está guiada, ou é dirigida por personalidades invisiveis, que viveram ou pretendem ter vivido na terra. No primeiro caso as mensagens emanam do medium, no segundo passam atravéz d'elle. Destas ultimas, algumas podem ser oriundas de pessoas vivas, embora sejam raras tambem essas manifestações que não deixam de se dar, talvez para demonstrarem que a «theoria do sub-consciente» elaborada pelo materialismo não é verdadeira.

Temos, por exemplo o caso do Rev. P. H. Newnham e sua esposa, que escrevia automaticamente, perguntas que seu marido lhe fazia, perguntas que ella ignorava e respondia depois de as lêr.

A falsidade da «theoria materialista» não fica só ahi, pode-se-a demonstrar de modo ainda mais categorico.

Se a alma não sobrevive a morte do corpo, as suas acquisições são limitadas a esta vida ; como pode ella responder a questões que não estudou e desconhece, a factos que ignora e nunca ouviu d'elles fallar?

A «theoria do sub-consciente» está intimamente ligada á «theoria das vidas multiplas» ; sem esta, aquella não pode absolutamente prevalecer.

Accresce ainda a circumstancia que a negação da acção dos Espiritos no automatismo mediumnico deixa sem explicação certos factos authenticados por homens de sciencia, da transmissão de duas ou mais mensagens na mesma occasião por um só medium, como por exemplo relata William Crookes, n'uma sessão que presenciou. (1)

«Em minha presença, diversos phenomenos produziram-se ao mesmo tempo, e o medium não os conhecia todos. Aconteceu que a joven Fox escrevesse automaticamente uma communicação para um dos assistentes, na mesma occasião em que transmittia outra para uma pessoa differente, por meio do alphabeto e por pancadas. Durante todo esse tempo, o medium conversava com uma terceira pessôa, sem o menor embaraço sobre um assumpto completamente differente dos outros.»

O Dr. B. Cyriax, director do *Nue Spiritualistisch Blatter*, de Berlim, narra como conseguiu verificar a verdade do automatismo mediumnico.

Resolvido a estudar os phenomenos, quiz fazer pesquizas em sua propria casa no seio de sua familia afim de estar plenamente convencido que nenhuma fraude se produziria.

Durante desenove sessões nenhum resultado obteve ; foi somente na vigesima que movimentos da mesa vieram animal-o a proseguir, pois já estava prompto para abandonar as experiencias.

«Nessa vigesima sessão, diz elle, senti derepente uma sensação muito particular : ora de calor, ora de frio ; percebi em seguida uma especie de corrente de ar frio que passava pelo meu rosto e pelas minhas mãos ; depois pareceu-me que meu braço esquerdo estava, como se costuma di-

---

(1) Crookes—Recherches sur le Spiritualisme.

zer, dormente ; mas a impressão era completamente differente de fadiga. Nessa occasião meu braço estava paralysado, e minha vontade era impotente para fazel-o mover e muito menos aos meus dedos; tive, em seguida o sentimento de que alguem punha meu braço em movimento e tal foi a rapidez com que elle agitou-se que não consegui retel-o.

Minha esposa foi buscar papel e um lapis e collocou-os sobre a mesa ; de um salto, minha mão esquerda apodera-se do lapis e, durante alguns minutos, traça signaes no ar com incrivel rapidez de modo que meus dois visinhos eram forçados a se inclinarem para traz afim de não serem attingidos; após isso, minha mão abaixa-se bruscamente sobre o papel, fere-o violentamente e quebra a ponta do lapis. Nesse momento a mão repousando docemente sobre a mesa comprehendi perfeitamente que a minha vontade tinha sido inteiramente neutra nos movimentos que acabava de executar ; não pude reter meus gestos, não me foi possivel, no momento de repouso, mover o braço, que estava insensivel como si não me pertencesse.»

Para resumir diremos que foi nessa occasião que o Dr. Cyriax viu desenvolvida a sua mediumnidade mecanica. Accrescenta elle:—«Desse dia em diante, minha mediumnidade desenvolveu-se mais rapidamente e, seguindo os conselhos de meus amigos da America do Norte, a reunião era composta de duas damas e um cavalheiro. Comecei a escrever com a mão esquerda, primeiro como exercicio, depois vieram communicações de differentes Espiritos e, certa noite, desenhei uma cesta de flôres.

Devo dizer que sou muito desageitado com a mão esquerda no estado normal, não sabendo siquer servir-me d'ella para comer, quanto mais para escrever.

Adquiri a mais absoluta convicção de que a força que escrevia e desenhava por meu intermedio, era independente de mim e devia residir em uma outra intelligencia que não a minha, porque durante essas manifestações, eu conservava toda a minha lucidez, não sentia inconveniente algum a não ser o que era concernente ao meu braço esquerdo, pois durante toda a sessão parecia não me pertencer e fazia impressão de que era usado por alguma outra pessôa sem a minha participação e contra a minha vontade. Meu espirito era tão alheio a isso que, emquanto minha mão escrevia, eu podia perfeitamente conversar com as outras pessoas presentes. Um collega que em certa occasião assistia a sessão, querendo reter o movimento da minha mão, e tendo para isso collocado duas mãos de modo que a minha supportasse todo o peso do seu corpo, nenhum resultado tirou ; minha mão proseguio seu trabalho com força e regularidade emquanto que eu apenas sentia o peso das mãos collocadas sobre a minha».

As declarações do Dr. Cyriax são muito interessantes, e julgamos dever reproduzil-as visto se tratar de um homem de alta competencia que só poude acreditar na communicação com os Espiritos e na sobrevivencia, pelos phenomenos que se deram por seu proprio intermedio. De outro lado ellas vêm á proposito do thema que queremos ver elucidado e que procuramos desenvolver nos limites de um artigo.

A escripta automatica é um dos magnificos caracteres demonstrativos da existencia da alma e sua sobrevivencia á morte do corpo. Por esse meio as «Entidades» do Mundo Espiritual têm-se communicado muitas vezes com a terra. Esta verdade é confirmada por todos os que compareceram ás sessões de Mme. Piper e outros mediums de referida faculdade.

Nos casos de automatismo mediumnico não se pode, portanto, evocar a theoria da dupla ou multipla personalidade integrada ao proprio organismo do medium como lembram em seus trabalhos, Binet, Azam e outros escriptores.

Todos os phenomenos observados, affirmam que a dupla personalidade, ou a fragmentação da persolidade são incapazes de explicar esses factos dignos de estudo e attenção, pois elles mostram uma individualidade distincta e independencia absoluta completamente separada do medium.

CASOS DE IDENTIFICAÇÃO ESPIRITA

Manifestações de defuntos que, embora conhecidos do medium ou dos assistentes, se acham revestidos de narrativas de factos occorridos depois de sua morte e ignorados dos assistentes e dos mediums.

Na casuistica metapsychica se encontra um grande numero de factos d'esta natureza; e nas diversas obras de classificação que eu publiquei, ha muitos para os quaes esta introducção estava subentendida, sobretudo a que leva o titulo: *Apparições de defuntos no leito da morte*, donde o facto mesmo de manifestar-se á cabeceira da cama de um parente ou de um amigo moribundo, implica claramente que os defuntos «mostram conhecer factos occorridos depois de sua morte». E' necessario accrescentar a estes episodios de «casas ou logares frequentados» nos quaes os phantasmas procedem de modo que se os acredita sabedores de tudo o que se passa em seu redor, e pode-se ver até que ponto são numerosos os episodios deste genero na casuistica. O que não significa, entretanto, que todos esses factos contenham dados sufficientes para poder-se classificar todos elles entre os casos de identificação de defuntos. Ao contrario, mui poucos dentre elles respondem ás exigencias da critica sobre este ponto; em todo o caso, si se os considera em seu conjuncto, não podem deixar de apoiar indubitavelmente a hypothese da intervenção real dos defuntos nestas manifestações.

Dito isto, transcrevo muitos outros casos entre os melhores deste genero.

PRIMEIRO CASO. — E' extrahido do vol. VI, pag. 17, dos *Proceeding of the Society for Psychical Research*. Quem o refere é o sr. F. G., de Boston, conhecido pessoal do Dr. Hodgson e do professor Royce.

... No anno de 1867, minha unica irmã, que tinha então dezoito annos, morreu de uma maneira imprevista atacada de colera, em S. Luiz. O golpe foi terrivel para mim, que a amava profundamente. No anno seguinte me fiz viajante de uma casa, e o caso que vou narrar se deu no curso de uma das minhas viagens em 1876.

Eu tinha visitado a clientela de S. José, e me achava de volta no hotel afim de transmittir os pedidos recebidos; estes eram mais numerosos que de ordinario, o que me havia posto de bom humor. Minha attenção estava inteiramente voltada para a lista que tinha deante de mim, pensando que a minha casa ficaria satisfeita com o exito obtido. Não pensava, nem havia pensado antes em minha irmã nem no passado. Era meio dia, o sol resplandecia na sala, achava-me em meu escriptorio em actitude de fumar e de escrever, quando, não sei como, tive a impressão de que alguem estivesse sentado á minha esquerda, e apoiado um braço sobre a meza.

Voltei-me bruscamente e vi a forma de minha irmã defunta. Olhei-a um momento, depois sciente do que via, ergui-me radiante chamando-a pelo nome, mas logo ella desappareceu. Quedei-me profundamente surprehendido, duvidando quasi de mim mesmo; entretanto, o cigarro que eu tinha entre os labios, a penna que mantinha entre os dedos e as lettras traçadas sobre o papel que ainda estavam humidas, me asseguraram que eu estava accordado e que não tinha sonhado. Eu estive tão proximo a minha irmã que poderia tocal-a si isso tivesse sido possivel e tive tempo bastante para observar suas feições, a expressão do seu olhar e os detalhes do seu traje. Ella me parecia viva; seus olhos fixavam-se em mim com uma expressão perfeitamente normal, sua pelle era rosada, lisa, como de uma creatura viva.

Eis aqui agora a mais eloquente confirmação da realidade do que vi. A apparição me havia impressionado de tal maneira, que voltei immediatamente para a casa de meus paes ancioso para lhes contar o successo. Meu pae, homem pratico e de um bello criterio, á principio quiz ridicularisar-me, mas, depois, ficou estupefacto quando narrei-lhe uma arranhadura bem grande que notei na face do phantasma, e todos vimos minha mãe erguer-se palida, nervosa a ponto de desmaiar. Depois que tudo se tranquilisou, ella declarou, chorando, que sem duvida alguma eu tinha visto minha irmã, pois ninguem aqui no mundo sabia que ella tinha produzido em sua filha uma arranhadura no rosto cumprindo um piedoso dever sobre o seu cadaver. Ella então declara o grande soffrimento que manteve secremente por motivo desse accidente involuntario, lamentando-se de ter ferido a face de sua filha, e accrescentando que, sem que ninguem soubesse cobriu com pó esse ferimento; repetiu que a ninguem ella havia dito o seu segredo. De facto, nem meu pae, nem os outros membros da familia conheciam esse facto. Entretanto, eu vi claramente, na cara de minha irmã uma arranhadura tão viva que parecia ter sido feita n'aquella hora. Minha mãe impressionou-se de tal modo com a minha narração, que depois de se ter deitada, quiz levantar-se e vestir-se novamente, para dizer-me mais uma vez que agora ella sabia de *um modo certo* que eu tinha visto minha irmã. Algumas semanas depois minha mãe cahia enferma e morria feliz pela certeza que tinha de se reunir á sua adorada filha num mundo melhor. (O pae e o irmão de M. F. B. confirmam integralmente a narração que precede). M. Podmore é de parecer que o caso citado não seja explicavel pela hypothese telepathica; deste modo, o agente transmissor havia sido a mãe do perceptivo, unica pessoa que tinha conhecimento da arranhadura. *(Proceeding of the Society for Psychical Research*, vol. VI, pag. 291). Embora esta hypothese não deva ser excluida *a priori*, pois não se pode impedir de pensar que houvesse tendencias sympathico-telepathicas entre a mãe e o filho, este episodio deveria se dar antes na epoca da morte da menina quando a lembrança do incidente estava ainda viva na alma angustiada da mãe e quando o filho morava perto d'ella e não depois de nove longos annos e precisamente em momentos em que o filho estava longe d'ella. Estas condições tornam inverosimil a hypothese telepathica em comparação com a interpretação espirita do facto.

SEGUNDO CASO. — Tomo este caso da *Revue Scientifique e Morale du Spiritisme* (1907 pag. 121); está assignado pelo commandante Darget, personalidade muito conhecida no campo dos estudos medianimicos.

Elle escreve o que segue ao director da *Revue*.

Apresso-me em communicar-lhe um caso de identidade espirita que se produziu em minha familia e contra o qual difficilmente se poderá formular objecções sérias.

Em 16 de Maio ultimo, minha mulher e minha filha foram á casa do medium Mme. Bonnard, e pediram uma sessão. Quando o medium estava em trance, disse que via a mãe de minha mulher, morta um anno antes.

Depois revelou detalhes caracteristicos rigorosamente exactos referentes á minha familia, de modo que identificava a personalidade communicante. Minha filha então disse:

— Prova-me que és verdadeiramente minha avó revelando-me algum incidente ou segredo que somente se refira a mim e venha dissipar a minha duvida.

Devo dizer que, no anno precedente minha filha havia estado nos banhos de Biarritz com sua avó, e esperava que se lhe revelasse factos occorridos durante essa temporada:

O medium disse então:

— Vossa avó me mostra um *ramo de flores, todas brancas*, dizendo que experimentara grande satisfação quando foram depositadas sobre seu tumulo.

Com estas palavras minha mulher e minha filha quedaram-se desilludidas e desconcertadas, pois ellas nada haviam posto sobre o tumulo.

Nesse interim, minha filha pensou em escrever a uma prima de Bordéos que, estando recentemente em viagem com sua familia, tinha visitado o Cemiterio de Portiers onde se achava enterrada sua avó. Minha filha perguntou, em sua carta, si ella tinha depositado flôres sobre o tumulo e neste caso de que côr eram as flôres.

A prima respondeu que passando por Portiers, havia depositado sobre o tumulo de sua avó um ramo de flores, *todas brancas*.

Agora, digo eu, onde poude a medium obter este detalhe. Nem a transmissão de pensamento, nem a hypothese da subconsciencia, nem outras phantasias semelhantes podem explicar o facto. A explicação racional consiste em suppôr que o espirito da avó, a titulo de prova de identidade, disse ao medium um facto occorrido que sabia ser ignorado por minha mulher e minha filha. (Assignado : Commandante Darget).

TERCEIRO CASO. — E' extrahido de um estudo de F. Myers, inserto nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, (vol. VI, pag. 29) ; o relator e perceptor é um senhor Happerfield, empregado dos Correios.

Road Bath, 12 de Maio de 1885. — Quando meu velho amigo John Harford, que havia desempenhado as funcções de pregador evangelico, sentio o seu proximo fim, em 1851, mandou-me chamar e falou-me nestes termos :

— Agradeço-te teres vindo, amigo Happerfield ; eu não posso morrer tranquillo sem ter a certeza que alguem proverá o bem-estar de minha mulher até que ella se junte a mim na outra vida. Me dirijo a ti, a quem conheço ha muitos annos, afim de que me promettas prover as necessidades de minha mulher durante o tempo que lhe resta de vida.

Eu respondi :

— Amigo Harford, ficae tranquillo, o que tu pedes será feito.

Elle accrescentou :

— Sei que posso confiar em ti. Era 20 de Junho ; alguns dias depois o velho expirava. Eu me encarreguei de regularisar os seus negocios ; quando tudo estava em ordem, não restava á viuva mais que um insignificante haver insufficiente para viver. Accomodei-a numa pequena casa, pedi o auxilio de alguns amigos para que lhe favorecessem, olhando-a sempre para que nada lhe faltasse. Depois de algum tempo, um sobrinho de Harford veio visitar-me e me propoz levar sua velha tia para Gloucestershire. O convite parecia rasoavel si a viuva accedesse ; acceitou, e o sobrinho levou-a comsigo.

O tempo passa ; nenhuma correspondencia houve entre nós e nenhuma noticia mais tive da sra. Harford. Eu cumprira a promessa que fiz ao meu amigo moribundo e achava ter feito a minha obrigação.

Uma manhã, ao romper a alva, estando accordado e absorvido em minhas reflexões, senti repentinamente a presença de alguem no quarto ; então vi se abrirem as cortinas da minha cama e apparecer ante mim a forma de meu velho amigo defunto, olhando-me com um ar triste, preoccupado. Nenhum terror senti, mas a surpreza e a preoccupação eram taes que permaneci mudo. Elle começou a falar com a sua voz habitual e disse-me :

— Amigo Happerfield, venho para te lembrar que não cumpristes a tua promessa de prover o bem estar de minha mulher ; ella está em grandes difficuldades e soffre privações.

Eu lhe assegurei que havia cumprido o meu dever, que ignorava a situação de sua viuva, que me informaria immediatamente, e que si fosse como elle dizia soccorrel-a-ia immediatamente. Minhas palavras pareceram satisfazel-o e desappareceu subitamente. Accordei mulher para contar-lhe o occorrido. Levantamo-nos e escrevi antes de tudo ao sobrinho em Harford. Este respondeu me que, em consequencia de intrigas e perseguições havia sido demittido do cargo de professor e se achava em situação tal que fôra forçado a pôr sua tia no Asylo de mendicidade. Enviei immediatamente dinheiro pedindo que mandasse a viuva para minha casa. Assim aconteceu ; installei-a novamente numa casinha, olhando-a para que nada lhe faltasse, e nada perturbasse o seu bem-estar.

Taes são os factos. Não sou absolutamente nervoso, nem supersticioso.

No momento em que meu amigo me appareceu, estava accordado, descançado e tranquillo. Nada accrescentei, nem diminui ; o meu relato está conforme a verdade. (Assignado : C. Happerfield).

QUARTO CASO. — O seguinte episodio se encontra em um resumo parcial de factos desta natureza, publicado pelo professor Barret, de collaboração com Myers *Journal of the Society for Psychical Research*, (vol. IV, pag. 110).

D. D. Home ia pela primeira vez á casa do sr. Ward Cheney em Connecticut, onde percebeu logo um farfalhar de roupas de sêda que passavam perto d'elle ; depois viu formas de phantasmas e ouviu uma vóz que dizia :

— Não gosto que puzessem um caixão em cima de mim.

E um momento depois :

— Ainda mais ; Seth não tinha direito algum de cortar esta arvore.

As pessoas que o acompanhavam identificaram as formas dos phantasmas segundo a descripção que o medium tinha dado, e comprehenderam a significação da segunda mensagem, mas declararam que a primeira relativa ao caixão, era absurda e desprovida de sentido. Resolveu-se abrir a sepultura e comprovou-se que outro caixão havia sido depositado effectivamente sobre o de Mrs. D... Então, outras vozes percebidas pelo medium explicaram que essas mensagens foram dadas de accordo, só com o fim de uma identificação espirita.

QUINTO CASO : — Em meu trabalho intitulado : *Percepções Psychicas e Animaes*, citei uma passagem interessante na qual uma joven defunta chamada Palladia tinha apparecido muitas vezes a um seu amigo de apelido Mamtchith, mostrando conhecer factos occorridos depois de sua morte. Extrahi o episodio seguinte desta relação, que foi o primeiro observado por Mamtchith.

Durante o anno 1875, escreve elle, dois annos depois da morte de Palladia, eu me achava em Kieff, e, numa tarde do mez de Dezembro, assistia pela primeira vez a uma sessão espirita. Ouvi golpes da mesa, o que não me surprehendeu, pois attribui-os a uma farça. Voltando para minha casa quiz ver se os mesmos golpes se reproduziam commigo só : puz minhas mãos sobre uma mesa e esperei. Logo os golpes se fizeram ouvir. Imitando então os processos que acabava de observar, puz-me a enumerar o alphabeto e me foi ditado o nome de Palladia.

Fiquei surprehendido, quasi espantado ; não conseguindo acalmar-me ; voltei á mesa perguntando á Palladia o que tinha para dizer-me. Me responderam :

— Colloca o anjo no seu lugar ; vae cahir.

Fiquei perplexo, não comprehendia a que se referia a phrase ; depois pensando que Palladia estava enterrada em Kieff, lembrei-me de ter ouvido dizer que se queria erigir um monumento nessa tumba. Nada mais sabia a esse respeito, porque nunca tinha ido no cemiterio.

Com o auxilio do guarda, não sem difficuldade, cheguei a descobrir a tumba enterrada na néve. Me detive estupefacto : a estatua de marmore, representando um anjo com uma cruz, estava fortemente inclinada para um lado.

A partir desse dia pude obter prova sobre prova, até á mais completa demonstração que existe outro mundo com o qual podemos entrar em relação, e cujos habitantes vêm nos dar provas sufficientes de sua existencia para desarmar o mais obstinado scepticismo. *Proceedings of the Society for Psychical Reseaтch*, (vol. X pag. 387).

Ernesto BOZZANO.

(Continúa)

* * *

TODOS TEMOS FOME

Bem sabe que todos temos fome : fome de pão, fome de amor, fome de conhecimentos, fome de paz . . .

Este mundo é um mundo de famintos.

A fome de pão, melodramatica, enganadora, ostentosa, é a que mais nos commove, mas não é a mais digna de nos commover.

Que me dizes da fome do amor ? Que me dizes d'aquelle que quer que lhe queiram, e passa pela vida sem quem lhe lhe dêem uma migalha de carinho ?

E a fome de conhecimentos ? A fome do pobre espirito que anceia saber e choca-se brutalmente contra o pedestal de granito da Esphinge ?

E a fome da paz que atormenta o peregrino inquieto, obrigado a desgarrar os pés e o coração nos caminhos ?

Todos temos fome ; sim, e todos, portanto, podemos fazer caridade.

Aprende a conhecer a fome d'aquelle que te fala... no conceito de que, fóra da fome de paz, todos se escondem. Quanto maiores, mais escondidas ellas estão.

Amado Nervo.

Intervenção dos Espiritos na vida humana

Mui condemnavel de certo é desviar-se ou tentar desviar-se o commercio com os espiritos da sua finalidade providencial, moralisadora, regeneradora da humanidade; todavia muitos são os outros proveitos que os homens sempre prentenderam tirar das suas relações com os amigos de um outro mundo. Entre nós o mais commum desses proveitos é o tratamento da saude. Consulta-se aos espiritos com respeito ás drogas que se devem ingerir para combater este ou aquelle mal physico no proprio ou alheio corpo ; e não raro recebem se indicações preciosas, diagnosticos mais ou menos minuciosos e positivos. Nem poderia ser de outro modo si os medicos levam para o Além os seus conhecimentos e até os seus preconceitos scientificos, e os seus sentimentos de humanidade.

Vem esta nota a proposito de um curioso artigo do Sr. R. H. Saunders, publicado em um dos ultimos numeros da nossa collega londrina «Light» ; artigo esse que vamos dar na integra, aqui a seguir, aconselhando todavia ás nossas leitoras que se não deixem seduzir pelo pensamento de imitarem aquella joven ingleza, pois que poderiam soffrer amargas desillusões.

Eis o artigo :

«O ASPECTO ALEGRE DA SALA DAS SESSÕES ESPIRITAS

Ligado ao grupo da Snra. Roberts Johnson, do lado dos espiritos, acha-se um rapaz fallecido durante a grande guerra. Na Terra, Zé Griffiths tinha uma posição modesta em uma fabrica de tecidos de algodão ; no Além tornou-se humorista com um objectivo especifico.

Combina elle muita argucia despretenciosa com o humorismo satirico. Conheço assistentes que soffrem pesar com as pilherias desse espirito. Acham que o intercambio com o outro mundo deveria ser feito com toda solemnidade. Uma attitude reverente, sem duvida, é a que convém, mas isso não deixa de ser compativel com um gracejo inoffensivo.

Nem todo experimentador sabe que uma attitude mental demasiado seria engendrar uma tensão que difficulta a obtenção dos melhores resultados. Quando reina esse estado de tensão mental, é tarefa do Zé Griffiths diminuil-o, e invariavelmente se nota que após um riso cordial causado por alguma pilheria delle, a voz de algum espirito que estava tentando manifestar-se toma força e surge arrebatadora.

Além de ser o espirituoso do grupo, o Zé Griffiths pretende ter agido como agente matrimonial, e ter unido dois mortaes pelos santos laços nupciaes.

Elle sempre tem alguma historia engraçada para contar, e recentemente em uma sessão com a Sra. Roberts Johnson, elle se dirigiu a mim : «Ouviste isto ? Um homem não fallou com a mulher durante 13 annos». «Como foi isso ?» perguntei.—«Porque não a quiz interromper», accrescentou elle.

Protestamos logo contra esse libello lançado ao bello sexo, e a conversação se encaminhou para que Zé Griffiths nos contasse o seguinte caso :

«Certa mocinha estava em uma sessão com a Snra. Johnson, e eu estava dizendo que me era difficil casar as viuvas, e a mocinha disse : «Pois bem, eu não sou viuva».—«E eu vou te arranjar brevemente um marido», disse eu.—«Eu vou passar quinze dias de férias em Brighton», disse a moça, «arranja-me um lá».—«Não, não», disse eu, «tens de ir para Margate». Ella foi para Margate, e eu impressionei-a a ir para um hotel onde eu sabia que lhe havia um rapaz com affinidade, e ella estava casada com elle antes do fim do mez». (1).

«E' verdade», observou a Sra. Johnson, «e veiu-me ás mãos um pedaço do bolo nupcial dirigido ao Zé Griffiths, aos meus cuidados».

A Sra. Johnson contou-nos então

que quando a joven relatou ao rapaz o que o espirito havia dito, o noivo escreveu ao pae della dizendo que como eram os espiritos que haviam arranjado o caso, elle esperava que não houvesse opposição. O pae respondeu que achava extraordinario era um noivado após um conhecimento tão fresco, mas que si obtivesse informações satisfactorias, daria o seu consentimento. A todos os respeitos o joven par se apparelhava maravilhosamente, e hoje um casal feliz agradece a sua união á intervenção do Zé Griffiths como esforçado *São Gonçalo !*

E' um engano imaginar-se, como fazem algumas pessoas, que nenhum beneficio material póssa ser obtido por intermedio dos espiritos. Tenho sido testemunha de muitos beneficios, preparados pelos nossos amigos do invisivel, de natureza material. Certa vez David Duguid observou-me : «E porque não poderiamos ajudar os nossos amigos, desde que com isso não se prejudique a outrem ?»

Nessa historia revela-se outro ponto muito interessante. As nossas auras, que indicam as nossas naturezas individuaes, são distinctamente perceptiveis á vista dos espiritos. Ellas estão sempre exteriorisando-se, promptas em qualquer momento propicio a se misturarem com as auras que se acham em affinidade com ellas, e os espiritos nossos amigos comprehendem muito melhor do que nós onde é possivel a harmonia entre dois seres. A razão de Zé Griffiths ter podido «fazer esse trabalho», como elle proprio classifica a sua intervenção, é devida ao facto de haver elle encontrado uma joven susceptivel de ser influenciada a ir a um logar onde elle sabia achar-se a sua «affinidade» e a approximação deu opportunidade a que as duas auras se misturassem-se, como era o plano da Natureza».

Admittido que os espiritos possam prestar-nos auxilios materiaes, como temos de admittir em frente dos factos, não devemos ignorar igualmente que ahi se acha uma grande fonte de dissabores e mystificações. Salvo casos muito excepcionaes com finalidades altruisticas, de interesse geral, ou situações muito embaraçosas, devemos reservar o intercambio apenas para as questões moraes. Devemos ver nas communicações uma fonte de Revelação e não uma agencia de negocios mundanos, e assim agindo poupamo-nos a muitos dissabores.

G. B.

---

(1) Realmente curiosa é a linguagem de giria desse espirito. Por ser impossivel reproduzil-a na traducção, damol-a aqui em seu broken English :

«A lass was sittin' wi' Mrs. Johnson, an' ah was saying' ah foond't difficult to wed t' windows, an' the lass said, «Well, I'm not a widow», — «eh, ah' 11 soon find tee a hoosband», ah said. «I am going to Brighton for a month's holiday», said t' girl, "find me one there.» «No, no,» said ah, «thee moost go to Margate.» She went to Margate, an' ah impressed her to go to hotel where ah knew her affinity was stayin', an' she was married to the lad afore her month was oop.»

N. T.

Preceitos de Confucius

«A virtude deve ser o objectivo tanto do operario como do monarca.

«Faz ao teu proximo o que queres que o teu proximo te faça.

«Ama aos homens em geral, mas ama com ternura e predilecção os homens de bem.

«Esquece as injurias que te fizerem, mas nunca esqueças os beneficios.

«E' preciso reger um Estado, como se rege uma familia, e ninguem pode reger sua familia sem lhe dar exemplo.

«Occupa-te com cuidado de prevenir os crimes, para diminuir o cuidado de punil-os.

PHOTOGRAPHIA ESPIRITA

A prova photographica da existencia dos Espiritos, da sobrevivencia humana, é a melhor que se pode dar, não só para consolação dos que aqui ficaram cheios de saudades lamentando a temporaria separação dos entes queridos, como tambem para edificação dos incredulos.

Acontece, porém, que além de depender ella de um medium portador dessa faculdade, requer, como sôe acontecer em todas as manifestações mediumnicas, da influencia do meio e das condições psychicas exigidas pela lei das communicações.

Photographia supranormal de D. Angelina Lopes e seu filho morto.

Os mediums de photographia, no nosso paiz, são rarissimos, ao menos na apparencia, ao passo que na Europa e America do Norte se os encontra com muito mais facilidade e até desenvolvidos.

Existem mesmo muitos profissionaes que se dedicam especialmente ao cultivo dos phenomenos, sendo que, grande parte, querendo usar de muita lisura, só recebe a importancia quando os phenomenos se verificam.

E' bom accrescentar tambem que esses mediums não fazem da «profissão» um meio de se enriquecerem, mas se utilisam do salario muito limitado á sua subsistencia, porque, dizem, emprehendendo qualquer trabalho, deixam adormecer as suas faculdades e a ninguem se tornam uteis, ou por outra, seus «dons» a ninguem são uteis.

Ha, entretanto, os especuladores e trapasseiros que se locupletam dos phenomenos que produzem e das mystificações que impingem aos incautos. D'ahi a indispensavel fiscalisação que se exige na Europa e America do Norte quando se comparece a uma sessão.

Seja como fôr, a Photographia Espirita é um facto e quando ella vem espontanea e inesperada tem immenso valor.

Sir William Barret, professor da Universidade de Dublin, narra um caso interessante de photographia espirita com patentes provas de identidade. Eil-o :

— «Lady C., parenta de um meu amigo, tinha ido no verão para a casa de campo de Lord Combermere, «Combermere Albey», em Cheshire. A bibliotheca se achava situada numa sala artistica, o que inspirou a Lady C., tirar a photographia dessa sala. Collocou a machina em lugar conveniente focalisando para uma poltrona de luxo que lá havia, e na qual Lord Combermere costumava sentar-se. Abriu uma caixa nova de chapas, no quarto escuro, collocou uma no chassis e tirou a photo. Ao revelar a chapa ficou admirada porque a figura de um velho sentado na poltrona tinha apparecido na chapa.

Pois bem, pouco tempo depois, veio a se saber que Lord Combermere tinha morrido em Londres, em consequencia de um desastre e o seu enterro effectuou-se justamente no momento em que a photographia foi obtida.

Tão extranha coincidencia, me obrigou a remetter a copia do retrato aos parentes de Lord. A figura apparecia confusa e entre as opiniões uns diziam ser d'elle, outros não.

Depois logo fazendo outra experiencia em casa de um meu amigo o defunto sr. Titus Salto, pedi ao seu filho maior, um joven que se sentasse numa poltrona crusando as pernas com naturalidade. Tirei a photographia, e revelada a chapa, ó surpreza, sahiu uma duplicata da photographia de Lord Combermere, — um homem de idade avançada, sem pernas sentado na poltrona.

Enviei as duas photographias com um artigo, a respeito, para o *Journal of the Society for Psychical Research*, que publicou-o em dezembro de 1895.»

Emfim, para todas as curiosas manifestações psychicas a difficuldade está em encontrar o individuo, cujo organismo possua a idiosincrasia peculiar que facilite a produção do phenomeno. Precisamos nos lembrar que estamos ainda no inicio de uma nova sciencia que mal conhecemos e cujo trabalho não depende só do estudo theorico mas sim de experiencias, ou seja do trabalho experimental.

Todas estas considerações nos vieram em mente a proposito do cliché que estampamos e nos foi enviado pelo nosso amigo e distincto espirita sr. Umberto Brussolo, com a nota que segue:

«Presado Redactor.

«Ha 19 mezes morreu victima de um desastre de automovel (motorista o proprio pae da victima) a criança José, filho dos srs. Manuel e D. Angelina Lopes, residentes nesta capital.

Grande foi a affiicção deste casal, particularmente do pae, que não podia se conformar com tão grande desgraça.

D. Angelina, crente no Espiritismo, pedia sempre a Deus que proporcionasse ao seu esposo uma prova para que tambem elle se tornasse crente na Doutrina da Verdade, e os Espiritos protectores alimentaram esta esperança, promettendo que quando menos ella esperasse, a prova viria.

Ha um mez um amigo do casal (amador photographo) apresentou-se em casa de D. Angelina com uma pequena machina photographica nova, declarando que ainda não a havia experimentado. D. Angelina então pediu-lhe que experimentasse a machina, pois desejava se photographar.

Acceita a proposta foram para o quintal e começaram os preparativos. O photographo, porém, perturbado, declarou que o rosto de D. Angelina achava-se encoberto; attribuindo a sombra de algumas roseiras. Estas foram afastadas afim de haver mais luz, mas o photographo continuava a affirmar que o rosto de D. Angelina estava encoberto. Então, esta lembrando-se da promessa dos protectores pediu que lhe tirasse o retrato assim mesmo. Qual não foi o espanto deste moço quando ao revelar a chapa notou que além do retrato de D. Angelina transfigurado, existia tambem o retrato do seu filho no mesmo estado em que se achava depois de morto, com o mesmo vestido que foi enterrado! Augmentou ainda o assombro ao ver-se ao lado dos dois o vulto de uma velhinha, o qual foi por todos identificado como sendo D. Benedicta Lopes, muito amiga de D. Angelina, fallecida já ha 7 annos.

Este phenomeno attrahiu á casa do casal Lopes centenas de pessoas que se admiraram do facto.

Eis uma prova que servirá para modificar a opinião de muitos que dizem que a Revista Internacional do Espiritismo só publica clichés de phenomenos que se produziram na Europa e na America do Norte.

Conhecendo a seriedade da familia interessada e sciente dos testemunhos de todos os que conheceram esses dois espiritos quando incarnados, pois affirmam todos que elles são ainda mais reconheciveis que a propria D. Angelina, na chapa, deliberei enviar esta noticia, ficando a disposição de quem precisar maiores esclarecimentos.

Com estima sou att.º confrade,

UMBERTO BRUSSOLO.
S. Paulo, 7 de Outubro 1928.
Rua Visc. Parnahyba, 192.»

* * *

Se existe uma crença que pode fazer jús á tradição, é a que admitte um mundo de seres invisiveis, por quem o Ser Supremo se communica com o mundo material. — S. Munck

ESTIGMAS E ESTIGMATISADOS

A PROPOSITO DA «ESTIGMATISADA» DE CAMPINAS

NO ultimo Congresso Internacional Espirita, que teve lugar em Londres, setembro do anno expirante, o Dr. Maxwell, procurador da Republica Franceza em Bordeaux, estendeu-se em largas considerações de ordem scientifica para fazer prevalecer as estreitas relações que existem entre o Espiritismo e a Medicina.

Infelizmente não nos chegou ás mãos a these do Dr. Maxwell, mas unicamente a laconica noticia do desempenho de tal tarefa pelo já conhecido homem de sciencia.

Mas não é este o primeiro scientista que assim se exprime. E para não citar individualidades desconhecidas no nosso paiz nos limitamos a lembrar o Dr. G. Geley, mundialmente tido por um sabio de primeira grandeza que, accrescentou ainda, não poder a Medicina dar conta da sua tarefa, divorciada do Espiritismo.

No Brasil mesmo temos o illustre medico Dr. Pinheiro Guedes, que deixou uma obra de summo valor, intitulada "A Sciencia Espirita", dedicada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual chega a affirmar que «a medicina, como arte de curar, é filha legitima do Espiritismo».

E para que se veja que não avançamos um passo em falso, basta dizer que o Dr. Pierre Janet, illustrado membro do Instituto e Professor do Collegio de França publicou ha pouco um livro com o titulo "*Medicina Psychologica*", em que se pode deparar muito claramente o parallelo existente entre o Espiritismo e a Medicina.

E si, como todos os sabios e entendidos julgam, não pode se cercear os *estigmas* ao preceito do «sobrenatural e do milagre» que o sacerdotalismo romano lhe dá, devendo esses phenomenos serem submettidos á inspecção medica, o Espiritismo não pode deixar de ter o seu lugar na pesquiza e estudo dos mesmos, em virtude dos valiosos subsidios que dá para aclaração desses phenomenos que, comquanto de ordem physica, não podem deixar de ter uma causa psychica. E esta verdade não tem sido negada por todos os illustres medicos, professores e sabios que têm verificado e estudado os *estigmas e estigmatisados.*

OS ESTIGMAS

O que são os estigmas? No que consistem elles?

Em metaphysica se conhece por estigmas, as marcas, signaes que apparecem n'este ou n'aquelle individuo, sem distincção de sexo, nacionalidade e crenças; signaes esses que não foram feitos por pessoa visivel, por homem algum, nem por instrumento de qualquer especie.

A estigmatisação, segundo a observação de emminentes psychologos acha-se quasi sempre ligada ao phenomeno de *hematidrose* (suor de sangue.)

OS ESTIGMATISADOS

Pode-se dividir os estigmatisados em duas classes: os estigmatisados activos e os estigmatisados passivos. Estes, a seu turno, dividem-se ainda em superiores e inferiores.

Nos estigmatisados activos a causa productora é nimiamente *animica.*

Nos estigmatisados passivos, o geral das estigmatisações são de fonte espirita, isto é, produzidas pelos Espiritos dos que indevidamente chamamos «mortos.»

Existem, entretanto, alguns casos em que a causa productora do phenomeno é tambem de fonte animica, — o Espirito de um vivo actuando, por suggestão, em outro individuo. E' o que chama-se em Espiritismo—acção *inter-vivus.*

Eis em poucas palavras o que são os estigmatisados e as estigmatisações.

Não é preciso formular hypotheses especulativas, nem reccorrer ao miraculoso ou ao sobrenatural para se elucidar a questão.

A verdade é mais comprehensivel que todas as conjecturas metaphysicas.

E o que significam as expressões: milagre — sobrenatural ?

Vocabulos que nada exprimem.

OS ESTIGMAS E OS ESTIGMATISADOS ATRAVÉZ DOS TEMPOS

O *estigma*, assim com *o névo* (signal de nascença) é conhecido desde os mais remotos tempos.

Esses phenomenos não são outra cousa senão o resultado efficiente da idéa-plastica do pensamento.

Moysés não deixa de referir-se ao *névo* no Pentateuco, e os gregos, levando em conta a influencia da idéa-plastica das senhoras no periodo de gestação, chegavam a collocar junto aos leitos bellas estatuetas para que os filhos fossem bonitos.

SANTOS ESTIGMATISADOS

A estatistica offerece um grande numero de «santos estigmatisados». Basta lêr a «Mystica Catholica» para ver como esses casos são bem mais numerosos do que julgamos.

A começar de S. Francisco de Assis que accusava nos momentos de "exaltação da cruz" a visão de um Anjo que lhe apparecia com um cruxifico experimentando nesses momentos sensações dolorosissimas nos pés e nas mãos e em seguida chagas sangrentas. Além disso tinha elle outro estigma, que representava a «lançada de S. Longuinho».

Lombroso, o celebre criminalista italiano diz que entre os frades que foram depois estigmatisados, se salientam Benenetto da Reggio, Filippo D'Acqueria, Carlo di Sazia e Dolo. E entre os laicos, Mattia Careri, Cherubino d'Aviliana, Nicolló di Ravenna, cujas chagas só foram descobertas depois de sua morte.

E accrescenta: «Mas seria impossivel enumerar todas as mulheres que se salientaram pelo estigma. Algumas viveram no seculo passado, por exemplo Rosa Cerra d'Ozieri (Sardenha), religiosa capuchinha.

Durante o anno de 1812, todos poderam estudar a estigmatisada Anna-Catharina Emmerich.

O allemão won Hartwig visitou, em 1840, Maria Mœrel, de cujas chagas sahia sangue cada sexta-feira, mas especialmente na semana santa; fala tambem da «addolorata» di Capriana (Trentino), Maria Domenica Lazzari, que tinha além dos estigmas de crucificação os da coroação de espinhos.

Não é preciso lembrar o caso de Luiza Lateu, a celebre estigmatisada belga, que deu origem a debates que se tornaram memoraveis.

HERETICOS ESTIGMATISADOS

Como dissemos, o estigma não faz accepção de crenças nem de moralidade, não sendo, por isso mesmo signal de santidade.

Na *Vida de S. Ignacio de Loyola* lê-se o caso de uma moça que não primava pela moralidade do seu comportamento, mas cahia em «extase» e apresentava nas mãos e nos pés os estigmas de Christo, por quem manifestava o seu vivo amor.

O illustre psychologo francez, C. de Vesme, que acaba de publicar n'um grosso volume a «Histoire du Spiritualisme Experimentale», diz que o Padre Drebegne, trapista e medico, fala de uma estigmatisada (1840), cuja conducta irregular dava lugar a suspeitas de fraude para obter prodigio, por isso tomaram todas as precauções, cobriram-se-lhe as mãos e amarraram-n'as, mas apezar disso o phenomeno se produziu igualmente.

Entre hereticos da idade media se contam dezenas de estigmatisados. Entre os convulsionarios de S. Medardo, approximadamente 200 sentiram as dôres da Paixão de Christo.

A tragica historia do processo de Londum (1635), que lembra a morte de Urbano Grandier, está repleta de estigmatisados, em quem se salientavam as «marcas diabolicas».

ESTIGMATISADOS MUSULMANOS

O Dr. Arnhard trata de muitos estigmatisados mahometanos, que reproduziam as feridas que o seu propheta (Mahomet) recebeu nas batalhas da fé. (Lombroso—«Richerche Sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici.)

OBSERVAÇÕES E EXPERIENCIAS DA ESTIGMATISAÇÃO

Em 1885, um pharmaceutico de Charmes, o sr. Focachon, produziu vesicações numa somnambula, por meio de suggestão hypnotica. O caso foi testemunhado pelo Dr. Liebault e mais o Prof. Liégois, o sr. Fèvre, o Dr. Brulard, os Professores Beaunis e Bernheim da Faculdade de Medicina de Nancy.

Este facto pode constituir um exemplo da actuação *inter vivus*, a que acima nos referimos.

O Dr. Pierre Janet observou em Magdalena uma «medium» com quem estudou, a manifestação expontanea de estigmas, ligeiras escoriações nas palmas das mãos, nos pés e no lado esquerdo, localisados nos lugares classicos das chagas de Christo, com exsudações sanguineas.

Em La Rochelle, em 1885, tres medicos, maravilhados pelo caso da somnambula do sr. Focachon, experimentaram e obtiveram tambem por suggestão hypnotica, algumas gottas de sangue na pelle de um hypnotisado.

Emquanto o caso do Dr. Janet parece ser de causa espirita, este como o do sr. Focachon, são de natureza puramente animica.

O ESTIGMA E A MEDIUMNIDADE

O estigma como phenomeno psychico não pode deixar de ser o resultado de uma funcção mediumnica que tem em todos os phenomenos como causa principal o Espirito, seja incarnado, seja desincarnado.

A theoria materialista não é capaz, portanto, de explicar a razão do estigma.

E' para notar que em todos os casos os estigmatisados apresentam caracteres distinctos de diversas mediumnidades: clarividencia, clariaudição, incorporação, glossolalia (fallar linguas extranhas), etc. etc.

CARACTERES INTELLIGENTES DOS ESTIGMAS

Todos os estigmas têm caracter intelligente, sejam os que representam os estigmas de Christo, sejam outros de differente natureza verificados tambem nos estigmatisados com formas de desenhos e lettras.

Este facto vem ainda corroborar a «theoria espirita» que procuramos divulgar para bôa orientação do estudo dos estigmatisados.

A ESTIGMATISADA ELÉONORA ZUGUN

O caso da estigmatisada de Konnersreuth, Thereza Neumann, muito conhecida de todos, caracterisa bem as diversas mediumnidades que essa moça possúe. Entretanto, a titulo de curiosidade vamos lembrar aos nossos leitores, os factos «miraculosos», mais claramente, espiritas que com ella ou por seu intermedio se tem verificado: 1.o Em seguida a visão que teve de «santos», curou doentes que os medicos foram incapazes de curar: paralyticos, cégos, affectados de obstrucção intestinal, chaguentos, etc; 2.o sexta-feira santa de 1926 lhe appareceram os estigmas de Christo. Estes estigmas reapparecem todas as sextas-feiras; 3.o Ella cahe em extase e ve e descreve a Paixão como si os factos se desenrolassem novamente aos seus olhos; vê e descreve tambem outras scenas, como o martyrio de S. Lourenço, o Pentecostes, a Transfiguração de Christo; 4.o Cura os enfermos com orações.

Mas o caso de Eleonora Zugun não é menos caracteristico.

Eleonora é uma mocinha de 14 annos, rumenia. A Condessa Wassilko Serecki, que verificou todos os phenomenos que por intermedio da joven Eleonora tem se dado, accompanhou-a ultimamente numa excursão por diversos paizes da Europa, onde sabios de todas as crenças tiveram occasião de constatar os phenomenos que se dão com ella. No Convento de Gorovei, onde a Condessa demorou-se cinco dias com Eleonora, deram-se muitos phenomenos.

Diz a Condessa que até essa data mais de 3.000 phenomenos poude verificar com Eleonora: Transportes de objectos sem contacto, em plena luz, phenomenos de «apports», em seguida os estigmas. Estes são de diversas naturezas: marcas de dentes (pode-se contar os dentes), de unhas, contusões de diversas especies que apresentam formas de desenhos e de lettras. O corpo da medium, além disso apparece untado de gordura e de pó.

Todos esses phenomenos foram observados por muitos sabios em Berlim durante nove sessões organisadas pelo *Vossische Zeitung*, de Berlim, e a *Gazette de Voss* deu dellas minuciosa noticia.

Em Londres tambem Eleonora submetteu-se a experiencias dos sabios, e o

Dr. J. Tillyard publicou o relato dessas sessões.

Um caso tambem extraordinario foi relatado pelo Professor Christophe Schrôder, de Berlim, em *Die Zeitschrif für Psychiche Forschung*, sobre as faculdades mediumnicas de Maria Rudloff. Foram organisadas seis sessões para *filmar* os phenomenos. Nas sessões de 1, 5 e 8 de junho de 1927 produziram-se factos extraordinarios, — desenhos sem contacto visivel foram feitos sobre objectos de vidro que estavam na sala, — cabeças de gatos, perfis humanos, etc. Interessante é que esses desenhos são traçados como por um dedo invisivel, com uma substancia embebida de sangue. A realidade dos phenomenos poude ser constatada pelo *film*.

Interessante em tudo isso é que, emquanto uns phenomenos graphicos se mostram na pelle de uns mediums, outros apparecem por intermedio de outros á distancia, em objectos, mas traçados tambem com sangue !

Como tudo isso é edificante !

E não terão todos esses factos um fim providencial ?

MEDIUMNISMO — ANIMISMO E ESPIRITISMO

A mediumnidade é uma faculdade do individuo para os altos commettimentos do Espirito.

E' por meio da mediumnidade que vem a prova inconcussa da existencia da alma e sua sobrevivencia á morte do corpo.

Todos esses phenomenos, dictos de animismo, observados primeiramente pelos mestres do Magnetismo e do Hypnotismo são provas concludentes da existencia do principio animico que constitue a parte principal do homem. Esses phenomenos enchem muitos volumes dos *Proceedings* da "*Sociedade de Pesquizas Psychicas*", de Londres, composta das mais eminentes personalidades do mundo scientifico.

Assim tambem todos os phenomenos chamados espiritas, provenientes dos espiritos de pessoas que viveram neste mundo e provam a sua identidade, como tem acontecido, nos favorecendo com factos os mais transcendentes e admiraveis, não têm outro fim que demonstrar o proseguimento da vida no Além Tumulo, e a existencia de um Mundo Espiritual que nos rodeia.

A Mediumnidade, o Animismo e o Espiritismo são inseparaveis, constituem a divina trindade da Immortalidade, com todas as suas consequencias scientifica, philosophica e religiosa.

As Escripturas interpretadas no seu conjuncto harmonioso fazem realçar a Verdade Espirita.

As sciencias, seja a Medicina, a Physica, a Chimica, a Biologia, a Astronomia não podem ser entendidas como verdades reaes e promissoras sem o Espiritismo, têm forçosamente que paralysar a sua acção e tornarem-se incoherentes com os seus proprios principios.

A Philosophia desapparece num cháos de contradições e incongruencias sem o sopro vivificador do Espiritismo. De facto, que seiva de vida podem dar ás almas a Philosophia Catholica e a Philosophia Protestante, com o seu «deus anthropomorpho», seus dogmas de inferno eterno, diabo, seus mysterios, seus milagres ?

A Philosophia Espirita, *prima inter pares* satisfaz a razão e o sentimento e se demonstra pelos seus proprios factos, que constituem a derrota do Materialismo que tem degradado os homens.

A Philosophia Espirita, além disso proclama a Religião Natural, que é a Religião do Universo todo, que não está limitada a um insignificante planeta, onde, infelizmente, os homens não se respeitam e usam da palavra Fraternidade unicamente em seus discursos.

O Espiritismo nos faz comprehender essa Religião composta de «Idéas» e de «Factos», porque a Religião não é uma simples historia ; e ao mesmo tempo nos inflúe para, no terreno religioso, sem descurarmos da theoria, nos esforçarmos, entretanto, ainda mais para praticarmos os seus principios, porque — «bemaventurado é aquelle que ouve a Palavra de Deus e a põe em pratica.»

Finalmente, o Espiritismo é o *facsimile* do Christianismo de Jesus em sua pureza primitiva, que não se limitou a palavras, nem a instituição de dogmas e mysterios, mas exaltou os principios do Amor á Deus e ao proximo, como a essencia purissima da Religião, apresentando ao lado desses principios basicos da Lei e dos Prophetas, um imponente cortejo de factos nimiamente scientificos.

quer seja de curas de enfermos e obsidiados por maleficos Espiritos, até os de dominação dos elementos da natureza, ao lado das provas da Immortalidade que o seu Illustre Fundador deu, quer durante a sua existencia terrena, quer depois da sua morte.

O estigma é, pois, um phenomeno que só o Espiritismo pode explicar, de accordo com a Sciencia, de accordo com a razão, de accordo com o sentimento, de accordo com a Verdade.

CAIRBAR.

Exteriorisação da Sensibilidade e da Motricidade

O APPARELHO DO Dr. SYDNEY ALZUTZ

O Espiritismo veio chamar a attenção dos sabios e dos doutos, sobre a verdadeira natureza do homem, não só em sua condição physica, mas tambem sua constituição psychica.

E' da resolução deste problema vital que se poderá firmar a base solida da moral, é d'ella que ha de nascer para o mundo, a verdadeira sciencia que nos guiará a mais promissores destinos.

Parece claro que o homem não pode ser meramente o producto do oxygeneo, do hydrogeneo, do azoto, do chloro, do fluor, do carvão, do phosphoro, do enxofre, do calcio, do potassio, do magnesium e do ferro.

Si o homem não fosse mais que a combinação desses elementos em doses proporcionadas, era bem possivel que, em vez de se construir automatos electricos que attendem telephone, etc., se fabricasse homens, visto se ter bem certos os elementos que o corpo contém, bem como a sua dosagem certa.

O sr. E. Simon, após uma curiosa observação que fez num cadaver, concluio que a physionomia de um homem morto é muito differente da physionomia de um homem vivo. Emquanto a d'aquelle mantem as linhas nitidas e de contornos muito pronunciados, como a physionomia humana em gesso ou em marmore, a physionomia de um homem vivo é, pelo contrario, contornada de um modo vaporoso e em certas pessôas como que impregnada de luz.

Esta conclusão do sr. Simon, vem em apoio da nossa these, sobre a existencia do «corpo psychico», que Allan-Kardec denominou «perispirito». E' o organismo que reveste a individualidade e não se separa d'ella, não só durante a vida presente, como depois d'esta vida, na vida espiritual.

Todos os phenomenos animicos são dependentes exclusivamente do «corpo psychico». E' com o «corpo psychico» que o individuo se exteriorisa e age á distancia.

As experiencias do Cel. De Rochas, antigo Director da Escola Polytechnica de Paris, vieram resolver de certo modo as questões atinentes á existencia do «corpo psychico» que é a verdadeira séde da sensação.

Por exemplo, De Rochas, após acuradas experiencias que foram assistidas por homens de valor scientifico, declarou que : «*Quando a exteriorisação do "corpo psychico" se effectúa a uma certa distancia do paciente, tocando-a com uma agulha o sensitivo solta um grito*».

Esta nova affirmação é uma contraposição da conclusão materialista — «que o escalpello ainda não encontrou a alma».

O escalpello encontrou a alma, não só no corpo, visto a alma accusar a dôr por elle produzida, como tambem fóra do corpo d'onde ella se acha exteriorisada.

A sensibilidade á distancia indica claramente a alma a distancia, pois a sensibilidade não é senão um attributo da alma.

Assim tambem a produção de certos phenomenos catalogados na série do Animismo e que embora possam tambem ser de origem Espirita, são verificados como animicos, dependem da «exteriorisação da motilidade» para suas manifestações.

Exemplo : aquelles que se realisam voluntaria ou involuntariamente, contrarios ás leis conhecidas da estática e da dynamica dos corpos inanimados, como : a variação do peso desses corpos augmentando-o ou diminuindo-o sem contacto material, visivel ou averiguavel ; movimentos ordenados e intelligentes dos mesmos corpos, tambem sem contacto apreciavel, obedecendo a um desejo mental ou expresso de qualquer pessoa presente, ou sem finalidade conhecida ; escriptura directa em condições absolutamente inexplicaveis, sem a admissão de um ser racional invisivel e impalpavel que a realise e para o qual não sejam obstaculos os obstaculos materiaes que á sua realidade se opponham ; producção de sonidos, de electricidade positiva e negativa actuante sobre o electroscopo, sem auxilio de nenhuma das fontes conhecidas de electricidade ; etc., etc.

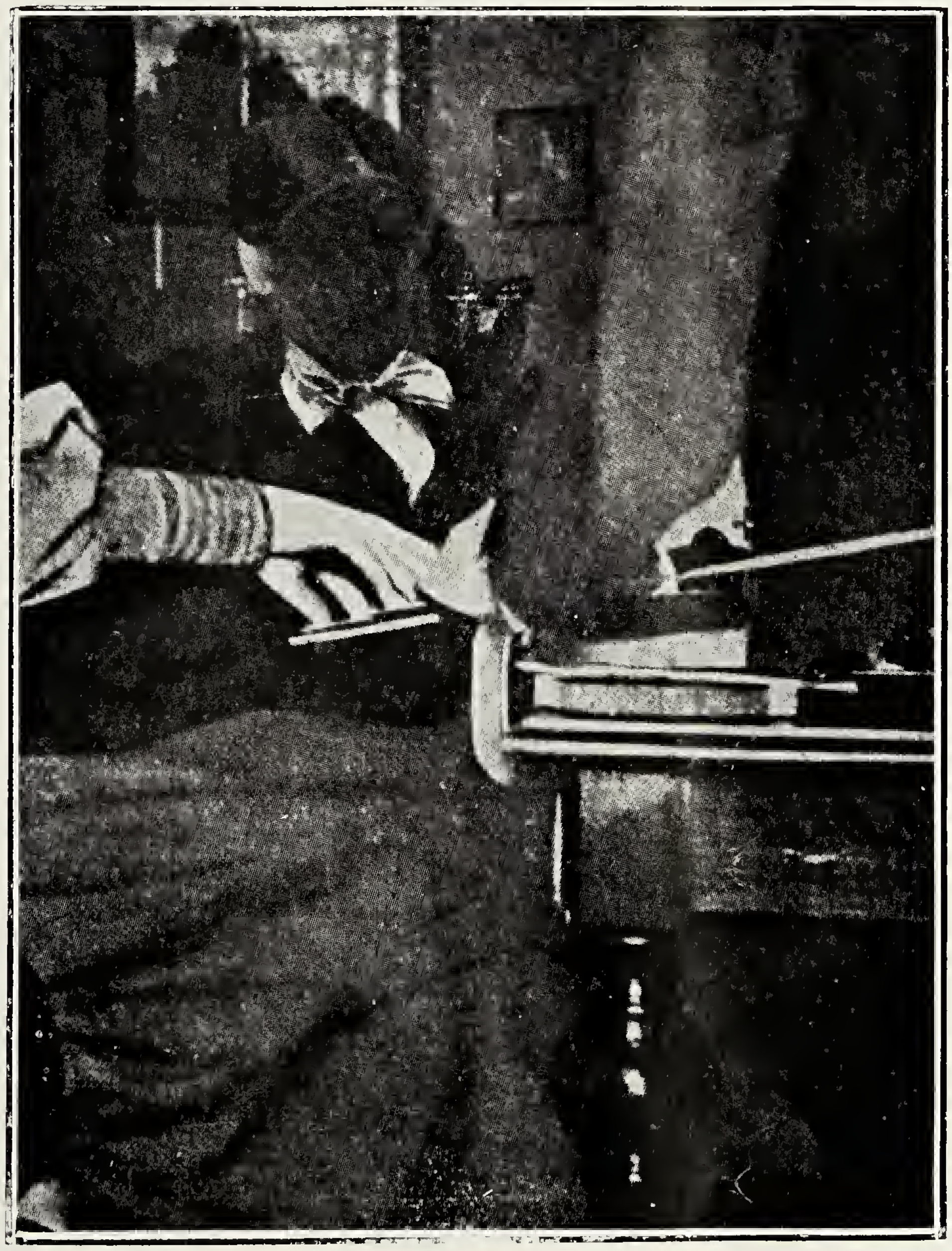

Fig. I — Photographia instantanea tirada durante uma experiencia. Ao fundo o Dr. Alrutz, tem o rosto coberto por uma mascara.

Estes dictames, que não cahem por acaso da nossa penna, mas representam todas as conjecturas que os experimentadores fizeram para ver realisados os factos que os comprovam, attrahiram uma pleiade de scientistas, que, em suas novas experiencias se muniram de apparelhos registradores de construcção impeccavel para serem melhor averiguados os factos que se teriam de observar.

Entre essa pleiade de sabios se conta o Dr. Sydney Alrutz, Professor de Psychologia da Universidade de Upsal, (Suecia), que no Congresso Internacional de Psychologia de Genebra, apresentou um interessante relatorio sobre o novo methodo de investigação dos phenomenos psycho-physiologicos. O Dr. Sydney procurou determinar a energia nervosa e mais especialmente as formas dessa energia ligada aos phenomenos psychicos e constituindo transições entre taes phenomenos e os phenomenos electricos e chimicos estudados até agora.

Em certas pessoas essa energia se manifesta de um modo evidente. Têm ellas, sem duvida, organismos dotados para taes fins. São, como os chamamos *mediums*, individuos constituidos pelo seu physico e systema nervoso de variabilidade de dynamismo funccional. Essas pessôas, de excessiva actividade nervosa, irradiam ou emittem a sua energia exteriormente, chegando ao ponto de se exteriorisarem.

O Dr. Sydney fez diversas experiencias para confrontar os factos com esta theoria, e querendo ter uma fiscalisação certa construiu um apparelho analago aos de que Hare e Crookes se serviram outr'ora com o mesmo fim.

Esse apparelho se compõe de uma pequena taboa de 85 centimetros de comprimento, sobre 28 de largura e 6 millimetros de espessura. A tres quartos de comprimento dessa taboa se encontra um entalhe transversal que a atravessa de um lado ao outro e que descança sobre o lado mais fino de um pedaço de madeira disposto verticalmente e talhado em forma de lamina de faca. Na extremidade do braço mais longo dessa taboa, acha-se preso um fio que a liga a uma balança, dando assim, á taboa uma posição mais ou menos horisontal.

Collocando-se as mãos sobre o braço mais curto da taboa horisantal e tendo-se o cuidado de dispol-as de maneira que os dedos não vão além do limite do entalhe, só se pode, é evidente, por meio movimento musculares voluntarios ou involuntarios, fazer baixar esse braço e, conseguintemente, levantar o braço opposto.

Todavia eis o que se deve procurar obter: um ou dois *sujets* collocam as mãos da maneira indicada sobre o braço mais curto da taboa, de modo a carregal-a de energia muscular de fluido. Ao mesmo tempo, devem *querer* que o braço mais longo *baixe*, o que *normalmente* é impossivel, porque a pressão sobre o braço mais curto tende exactamente a fazer *subir* o braço mais longo.

Ora, uma penna fixada á balança inscreve sobre um cylindro enfumado os movimentos da taboa horisontal. Ao mesmo tempo, no quadrante da balança, lê se directamente *o quantum* da pressão correspondente ao movimento executado. Em estado de repouso, como na fig. 1, a balança deveria indicar um peso, o representado pela taboa que lhe é suspensa (cerca de 80 grammas); porém esse peso annula-se por meio de uma tara, isto é, collocando-se no prato livre da balança um peso que equilibre o da taboa suspensa no prato opposto.

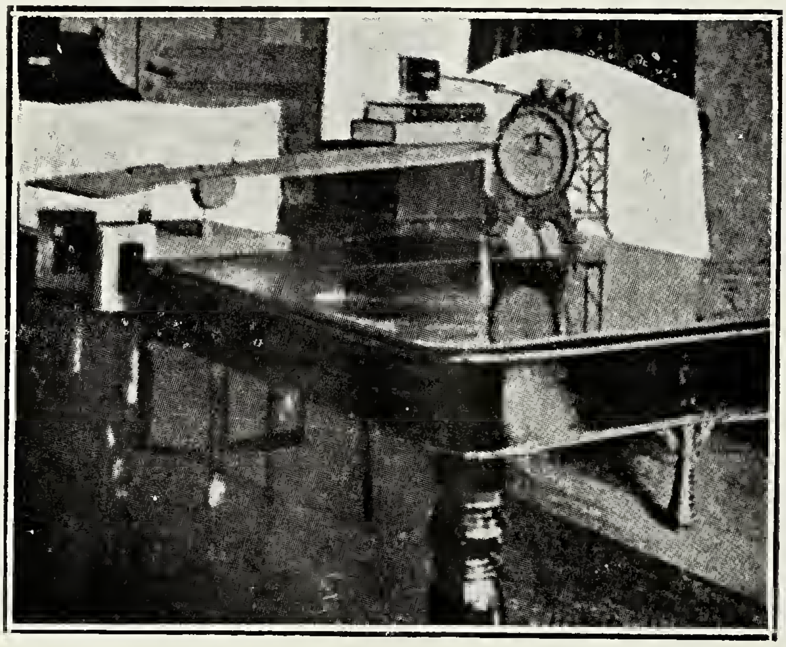

Fig. II — Apparelho empregado pelo Dr. Sydney para suas investigações sobre exteriorisação fluidica e dynamica.

* * *

Com esse apparelho o Dr. Sydney Alrutz fez numerosas experiencias a partir de 1905.

Os *sujets* do illustre investigador eram duas moças, srtas. B... e C... O proprio Dr. Alrutz tomou uma parte activa em varias experiencias, collocando tambem os seus dedos sobre o braço mais curto da taboa. Durante esse tempo, os dois «mediums» fixavam attentamente o braço mais longo e pensavam com força que esse braço baixaria em vez de se elevar. Só ao cabo de alguns minutos foi que o experimentador obteve um resultado positivo, registrando a balança, sob a vontade das duas moças, um augmento de pressão de 40 grammas e passando a agulha do cylindro de 80 a 120. Uma segunda experiencia demonstrou, ao cabo de 5 segundos, um augmento de pressão de 100 grammas sobre o braço mais longo da taboa horisontal.

Numa outra experiencia (fig. 2), o doutor collocou a sua mão esquerda junto a dos dois mediums, ao passo que, com a mão direita, punha em movimento um contador de segundos. Em seguida verificou as mãos dos seus *sujets* e prestou a maxima attenção para que os dedos não fossem além do ponto de apoio da taboa, cujo braço grande, portanto, si baixasse, só o faria sob a acção de um fluido exteriorisado. O augmento da pressão registrada pelo cylindro foi de 50 grammas e Mme. Alrutz, tendo tirado uma photographia instantanea da experiencia, o clarão do magnesio determinou um sobresalto nos dois *sujets* que, pela surpreza, exerceram repentinamente uma brusca pressão sobre o braço curto da taboa, fazendo o braço longo elevar-se acima da sua posição normal.

O diagramma dessa interessante experiencia foi automaticamente inscripto pela penna. De facto, logo após a descida normal do braço longo vê-se a sua subida brusca acima da sua posição natural.

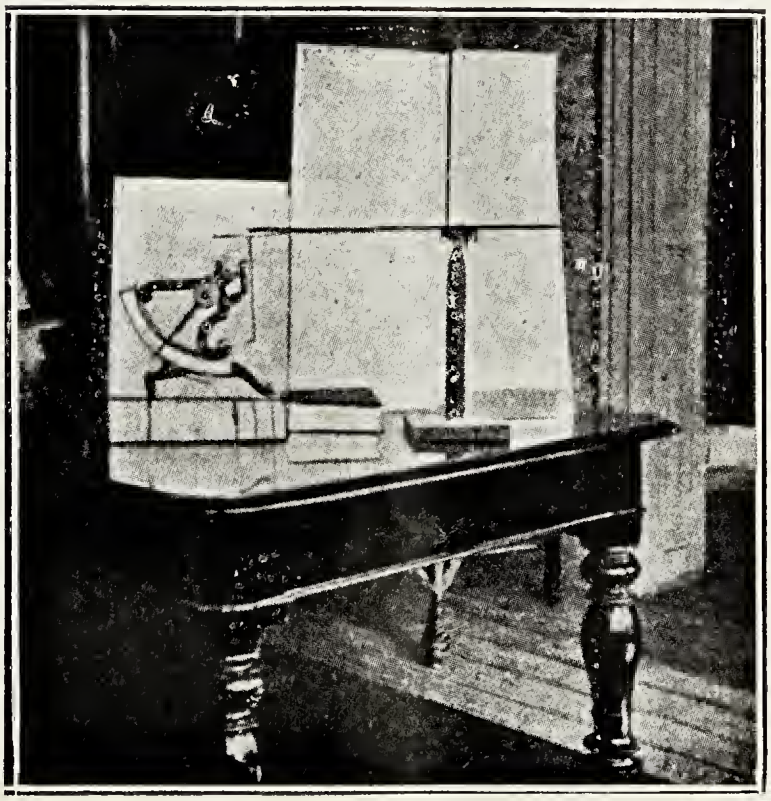

Fig. III — Apparelho extra-sensivel do Dr. Sydney Alrutz.

Não se pode acreditar que a descida do grande braço tenha sido devida a um deslocamento das mãos dos *sujets*, porque duas velas accesas junto ao apparelho permittiam que nem o doutor nem a sua senhora perdessem um só instante de vista os movimentos dos referidos *sujets*.

* * *

Todas as experiencias obedeceram ao mais exigente controle e ás maiores precauções. As mangas das senhoritas B. e C. foram levantadas. Além disso, uma prancheta movel foi collocada entre os seus dedos e o braço curto da taboa, para que não se dissesse que os *sujets* levantavam esse braço por glutinosidade ou adherencia, de maneira a fazer baixar o braço suspenso á balança.

Essa prancheta intercalar é visivel na fig. 2.

O Dr. Sydney visitou na Suecia, Mme. Karin que reproduzia phenomenos semelhantes aos por elle estudados. Servindo-se de um outro apparelho mais sensivel, mas de dispositivo identico (fig. 3), o Dr. Sydney fez algumas tentativas com essa senhora e com uma das suas amigas, Mme. G., que incidentemente se achava em casa de Mme. Karin. *Querendo* que o grande braço baixasse, essas senhoras obtiveram resultados de 70, 80 e 100 grammas, conforme seus desejos.

Note-se que o doutor augmentara sua propria fiscalisação das de dois funccionarios do Estado, dos quaes um, o marido de Mme. Karin, era absolutamente sceptico no que dizia aos phenomenos obtidos pela sua mulher. Nem a balança, nem as mãos da operadora, nem o registrador foram um só instante perdido de vista.

Mme. Karin ficava cançadissima com a exteriorisação fluidica necessaria ao bom resultado da experiencia, chegando mesmo, ás vezes, a adormecer o pé.

Accrescentemos que os dois «mediums», (Mme. Karin e Mme. G.) obtiveram, outrosim, movimentos da balança (2 a 3 grammas), dispondo as mãos acima do grande braço, mas *sem contacto*.

* * *

No outomno de de 1905, o Dr. Sydney recomeçou as suas investigações em companhia de Mme. Karin e de Mlle. H. que tinham sempre as mangas arregaçadas.

Então foram obtidas descidas de grande duração do braço longo da prancha. Observou-se, além disso, que o resultado era sempre melhor quando uma das experimentadoras ordenava em vóz alta : «*Agora ! Que a prancha desça !*

Mme. Karin notou que tinha desejo de dormir sempre que fixava o olhar no braço da balança que queria ver baixar.

Varias vezes mesmo esta senhora adormeceu tão profundamente que foi difficilimo accordal-a.

Outra observação digna de nota é a

seguinte : si Mme. Karin afastava a vista da prancheta, muito embora pensasse em produzir um abaixamento do seu braço longo, nenhum phenomeno se verificava.

O Dr. Sydney Alrutz, que operou com o concurso de numerosos «mediums» constatou que todos sentiam a mesma fadiga, como si se tratasse de acções psychometricas ordinarias. Mme. Karin adormece ; Mme. B. sente baixar extraordinariamente, a temperatura do corpo, sente-se mal e não pode dormir no dia seguinte. Isso denota uma causa psychica exteriorisada, causa que se manifesta *de cima para baixo*, agindo sobre o grande braço da prancha.

O operador entende que o phenomeno não se pode explicar admittindo um levantamento da prancha por meio de uma força empregada por baixo, no braço curto, porque, nesse caso, elle teria percebido a fraude. De outro lado, porém, não poude ainda, como desejava, verificar si a madeira de que é feito o seu apparelho tem uma influencia sobre o phenomeno, isto é, si, no caso, se produzem phenomenos de conducção ou de isolamento e si verdadeiramente a luz representa um papel executor.

E o Dr. Sydney termina pronunciando-se pela realidade dos phenomenos constatados pelos seus apparelhos, muito embora taes phenomenos estejam em flagrante contradição com as leis da sciencia official.

⁂

O Espiritismo faculta aos seus investigadores, sabios ou não, todos os meios de pesquiza no dominio psychico, pois a sua principal missão é convencer os incredulos, da existencia da alma e sua sobrevivencia ao desmembramento do corpo physico.

Proclamando o methodo experimental, o Espiritismo impõe aos seus adeptos a crença racional e criteriosa, nascida do estudo e do exame positivo dos factos.

D'ahi o grande poder do Espiritismo e a sua superioridade a todas as philosophias especulativas que só se podem impôr por absurdos dogmas, valendo-se, ao mesmo tempo, do sobrenateral e do mysterio para obscurecerem os transcendentaes phenomenos que se dão mesmo dentro de suas proprias escolas.

O animismo marca um passo avançado na marcha da humanidade ; o Espiritismo desprende por completo os homens das masmorras materialistas, distendendo ás suas vistas amplos e bellos horisontes onde a Vida, o movimento, a Intelligencia constituem a sublime trilogia da evolução e da verdadeira felicidade.

A NOVA ERA

Uma nova éra se ergue para a humanidade.

O dominio das theorias, dos mysterios de fé, dos dogmas já passou, para dar lugar ao reinado dos factos.

Cabe ao Espiritismo a gloria dessa nova directriz, sob cuja orientação o homem, pelo estudo e pela investigação, sem necessidade de seitas sacerdotaes, obterá a certeza da existencia do Mundo Espiritual e da sobrevivencia da alma além da tumba.

A nova Philosophia está assentada sobre as tres poderosas e inamoviveis columnas : Paternidade de Deus, Fraternidade humana e Immortalidade consciente para cada individuo.

Sob estes principios a morte perde o seu aspecto desolador, para mostrar-se como a grande libertadora da alma que deixa o seu calaboiço carnal afim de gosar as expansões do Mundo Espiritual cujas bellezas excedem á mais rica imaginação.

Uma nova éra se ergue, e muito em breve as relações entre os espiritos incarnados e desincarnados serão tão apreciaveis como as que existem entre os povos separados pelo oceano.

B. M.

Chronica Extrangeira

Todas as revistas extrangeiras continuam a tratar do Congresso Espirita Internacional, effectuado em Londres no mez de setembro ultimo. O Congresso é, pois, assumpto de actualidade para nós, tanto mais que devido á falta de espaço limitamos muito as noticias que tinhamos que transmittir aos leitores sobre aquella importante reunião.

Uma das notas importantes que colhemos do Congresso, foi a do Grimshaw, presidente da «National Spiritualist Association» da America do Norte. Esta sociedade conta um numero superior 1.5oo.000 socios.

A secção scientifica do Congresso podemos resumir assim:

— O sr. A. Wallace expôz os trabalhos do sr. H. Marty, que está estudando os phenomenos physicos do espiritismo e o electro magnetismo.

— o sr. Mac Indoe descreveu o detalhe de operações de transmissões telephonicas e fez menção do emprego de um apparelho utilisado em caso de surdez, durante uma sessão de vóz directa.

— O sr. Oaten baseado num estudo que vem realisando ha mais de 30 annos, diz que nas sessões ha necessidade da collaboração dos assistentes com o medium. A assistencia, de accordo com a qualidade, goza de influencia para o bom resultado das communicações.

— O sr. Ponerides falla de um menino medium, de 9 annos, cujas communicações provam a identidade de seu avô.

— O sr. Montandon apresenta o resultado dos seus estudos sobre a cremação. Baseado na experiencia, affirma que a cremação produz soffrimento, se tem a sua acção logo após á morte; mas que depende do estado mental, dos desejos e da idade do individuo, do clima e do estado de decomposição do corpo. Em innumeros casos a dôr não existe mais 36 horas depois do individuo ter exalado o ultimo suspiro, pois o seu perispirito está completamente desembaraçado do corpo.

— O sr. Maxwell, procurador da Republica em Bordeaux, mostra as relações estreitas que existem entre o espiritismo e a medicina.

— O sr. Strong fala do mecanismo espiritual nos phenomenos de materialisação.

Finalmente, a secção scientifica do Congresso preconisou para o proximo Congresso, a organisação de uma secção especial para o exame das faculdades curativas do magnetismo, da suggestão e da acção espiritual.

Uma das notas importantes do Congresso, é a conferencia de Sir Conan Doyle, que conseguio reunir no enorme salão de Queen's Hall alguns milhares de ouvintes, onde, mais uma vez demonstrou o espirito de Fé que o caracterisa e o alto amor que mantém pelo Espiritismo.

A conferencia foi illustrada com projecções luminosas de photographias de formas materialisadas.

UM SONHO VERIDICO

O *Zeitscrhrift für Parapsychologie*, publicou o seguinte caso:

— «O Professor da Universidade de Graz, sr. Johannes Kasnacich conta um sonho que sua sra. teve na noite de 7 a 8 de fevereiro de 1928: um desconhecido approximou-se d'ella e encarregou-a de transmittir os seus cumprimentos a seu marido. O sr. Kasnacich, após sua sra. haver lhe contado o sonho, imaginou que, talvez, um dos seus innumeros correspondentes tivesse morrido.

Effectivamente, no mesmo dia, o Professor recebeu uma carta do Major Barzou, muito conhecido em Budapest como psychista, na qual se lê estas palavras: «Eu não sei si você já sabe da morte do nosso amigo e irmão no Ideal, Hermann Saudherr, occorrida ultimamente em Tigelberg.» O Dr. Kasnacich escreveu ao Major pedindo arranjar uma photographia do fallecido. Recebida a photographia, elle mostra á sua sra., e esta exclama, admirada: «Eis o desconhecido que me appareceu em sonho!»

DOIS SONHOS QUE SE COMPLETAM

A proposito do sonho veridico que transcrevemos acima, vamos offerecer á meditação dos leitores, mais um facto interessante revelado em sonho, acontecendo haverem duas pessoas na mesma noite recebido, em sonho, a revelação do caso. O facto foi narrado aos «Annales des Sciences Psychique» pelo Dr. Guido Fiocca Novi e passou-se em 1905, mas nem por isso deixa de ser novidade para quem não o conhece.

—«Na linda cidadesinha de Castel di Sangro, perdida no meio das altas montanhas do Abruzze — Aquilêno e até hontem quasi sepultada sob a neve, passou-se um facto que commoveu e occupou nestes ultimos dias as autoridades locaes e toda a população.

O sr. Paschoal Cocozza, excellente homem, guarda campestre do sr. Barão Rafael Corrado, viu em sonho o pae fallecido havia dez annos, exprobando-o assim como a seus irmãos de tel-o esquecido, e cousa mais grave ainda, de deixarem seus pobres ossos exhumados pelos coveiros, abandonados atraz da torre do cemiterio, na neve, entregues aos lobos!

O sr. Cocozza, muitissimo impressionado com esse sonho macabro, contou-o á irmã no dia seguinte. Com grande surpreza d'elle esta lhe referiu que tivera exactamente o mesmo sonho. Então, o bom do guarda sem mais demora, apezar da tormenta de neve, levou a espingarda e foi ao cemiterio situado numa colina que domina a cidade. Ali, atraz da torre, no meio de espinheiros e na neve que ainda conservava signaes de patas de lobo, elle viu ossos humanos. O sonho fôra pois veridico.

Naturalmente o sr. Cocozza denunciou o guarda do cemiterio Francisco Mannarelli á Casa da Camara que por sua vez transmittiu a denuncia ao juiz de paz, o sr. Casoria, o qual mandou prender Mannarelli e tres outros coveiros.

Os accusados, como desculpa, disseram que o tempo marcado para exhumação dos cadaveres e trasladação do ossuario, era dez annos, tendo justamente findado e estando elles occupados n'essa trasladação, tinham sido surpresos á bocca da noite pelo frio e pela neve, não tendo podido transportar uma parte das ossadas. No entanto, no seu systema de defesa os coveiros tentaram negar que os ossos encontrados fossem os do pae do sr. Cocozza; isso permittia-lhes contestar ao guarda campestre o direito de se considerar lesado pela negligencia dos coveiros. Mas por informações confidenciaes e após pesquizas feitas no cemiterio, foi averiguado que os ossos eram realmente os do sr. Cocozza pai, fallecido havia dez annos.

O sonho foi veridico sob todos os pontos de vista. Se por um lado não exclúe a possibilidade d'uma acção telepathica dos coveiros sobre os percipientes: todavia implica tambem a intervenção dum agente extranho unico a saber que os lobos tinham investido contra esses ossos. Aliás os coveiros no momento da exhumação não podiam saber a quem pertenciam estes esqueletos. Emfim, cousa notavel, este sonho se realisou ao mesmo tempo nos dois percipientes, unicos interessados.

Dr. Guido Fioca Novi".

PROVA DE IDENTIDADE E ESTIGMA

Agora que a «estigmata de Campinas» está revelando phenomenos sensacionaes que repercutem sua noticia em todo o Paiz, nos parece ser de actualidade a publicação do caso interessante occorrido ha alguns annos e publicado pela Revista de Estudos Psychicos. O caso foi contado pelo Rev. Bourchier, cuja authenticidade certifica:

— «Um irmão e uma irmã que se estimavam muito, convencionaram que o primeiro que morresse deveria de apparecer ao outro. O irmão morreu repentinamente em Malta, e na mesma noite appareceu á sua irmã na Inglaterra. Ella pediu uma prova da realidade da apparição e elle escreveu seu nome numa folha de papel que collocou sobre a mesa. Ella pediu outra prova mais e elle tirou as cortinas que rodeiavam a cama, presas que se achavam no fôrro; ella pediu ainda outra prova e elle tomou-a pelo punho deixando uma mancha com uma queimadura.»

O Rev. Bourchier não quiz dar o nome da sra. visto occupar ella uma posição muito elevada na sociedade ingleza e não deixar que seu nome apparecesse nesse relato. Mas depois, mui proximo á sua morte ella propria revelou o caso ao Reverendo Seneath, que julgou de dever publical-o.

Trata-se de Lord Tyrone e Lady Beresford, ambos educados na mesma religião, mas tendo duvidas e desejando saber qual a religião mais agradavel ao Ser Supremo, resolveram se contratar para que o que morresse primeiro viesse dar provas de sua sobrevivencia.

Deixemos com a palavra lady Beresford que narra o seu colloquio com o espirito de lord Beresford :

— Não será a noticia de minha morte sufficientemente convincente ?

— Não ; eu poderia ter tido um sonho casualmente e esse sonho ter se realisado. Quero uma prova de mais realidade.

— Pois bem, disse o Espirito, eis aqui algo de irrefutavel que ninguem poderia fazer, e tomando com a mão a cortina suspensa sobre a cama, tira-a do arco de ferro proximo do fôrro.

— Sem duvida, disse lady Beresford, que essa prova é bôa, mas eu poderia fazer isso dormindo e persistiria na minha duvida.

— Pois bem, alli está um caderno, vou escrever nelle meu nome ; você conhece bem minha lettra.

E escreveu o nome numa das folhas do caderno.

Mas a irmã replicou :

— Ainda isso não dissipa a minha duvida, pois poderia ter me levantado dormindo e imitar a vossa lettra.

— Você é difficil de convencer, disse o Espirito. Eu poderia tocal-a, mas os Espiritos não devem tocar no corpo mortal, demais poderia deixar em você signaes que não mais desapparecessem.

— Eu não temo, pode tocar.

— Você é uma mulher corajosa ; estenda então o seu braço.»

Lady Beresford estendeu o braço elle apertou o seu pulso ; sua mão estava fria como o marmore, os tendões se contrahiram e os nervos abateram-se, e affirma ella ter ficado para sempre uma cinta preta no punho. Então elle lhe fez varias predicções que realisaram-se á lettra. Disse :

«Morri terça-feira passada ás 4 horas. Você terá breve um filho que se casará depois com minha filha. Alguns annos depois do nascimento desse menino, morrerá seu marido e você se casará outra vez com um homem que lhe maltratará e com quem você terá duas filhas e um filho. Do parto d'este ultimo você virá a falecer, aos 47 annos. Mas como você tem seu livre arbitrio, poderá conjurar tudo isso resistindo a tentativa do segundo casamento».

Mas, como dissemos, tudo se realisou, e lady Beresford adoecendo e vendo-se approximar a sua hora, contou detalhadamente a historia que precede. Depois de sua morte, encontrou-se ainda a marca em questão.

Esse facto, além das demais revelações que se verificaram, mostra que o «estigma» pode ser produzido por um Espirito independente do estigmatisado e ainda sem caracter de obsessão.

* * *

Terminando a 15 de Janeiro proximo as assignaturas annuaes d'esta Revista, pedimos desde já aos nossos presados assignantes providenciarem na reforma de suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na recepção da mesma.

—São nossos representantes no Rio os Srs. : José Tosta, Avenida Frontin, 28 — Marechal Hermes ; Henrique Augusto Nicoud, Estação de Merety, E. F. Leopoldina.

Em S. Paulo os Srs. : Juvenal Oliveira Dias, Avenida Angelica, 76 ; Humberto Brussolo, Rua Visconde Parnahyba, 192.

Ecos e Noticias

Os factos espiritas começam a empolgar novamente os homens. Os memoraveis tempos de Eusapia Palladino, Home, Slade, Moses e outros, que abalaram as muralhas do materialismo, parece que voltam novamente. Ora são estigmatisados que atrahem multidões, ora phenomenos insolitos expontaneos em casas abandonadas, ora mediums ainda jovens que nada conhecem de psychismo produzindo phenomenos, pode-se dizer ineditos nos annaes da historia, e ao lado de tudo o grande baluarte da imprensa a fazer repercussão dos factos, que precisam mesmo se centuplicar para que a humanidade desperte e trabalhe pelo bem dos seus destinos immortaes.

JAPÃO

Entre as numerosas pessôas que visitaram a redacção de «Light», em Londres, registramos o nome do sr. Wasaburo Asano, presidente da Sociedade Japonesa de Sciencia Psychica, com séde em Yokohama, Tsurumi, Higashi-Terawo n. 1601.

O sr. Asano é um cavalheiro de espirito muito culto e trato encantador, que trouxe muita cousa interessante a nos dizer com respeito á diffusão dos conhecimentos psychicos no Japão, onde se encontra um grande numero de espiritas convictos, bem como grupos de estudantes e pesquisadores em diversas localidades, embora a unica organisação importante seja a sociedade acima mencionada.

Fundada ha seis annos, essa sociedade já conta mais de 3.000 membros que na sua séde realisam conferencias, sessões, discussões, e estudam muitas obras inglezas classicas sobre assumptos psychicos. A sociedade publica tambem a revista mensal «*Sinreito-Jinsu*» (Vida e Espirito).

«O Japão pode ufanar-se de possuir excellentes mediums de trance, «*apport*», clarividencia, escripta automatica, «disse o sr. Asano, á «*Light*». Entre outros salientam-se a Senhorita Tossi Osanani, o sr. Uchida, a sra. G. Nakani Shi, o Prof. R. Nakan, do Collegio Technico de Osaca, o sr. Arafuca (negociante, director da fabrica de tecidos de linho) e outros que prestam seus serviços sem recompensa de especie alguma.

O sr. Asano, que é graduado pela Universidade de Tokio, foi professor na Academia Naval Japoneza, cadeira essa que elle renunciou ha quatorze annos afim de dedicar o seu tempo ás pesquizas psychicas, campo de estudos este um tanto irrisorio para os seus amigos e conhecidos. E' um erudito em litteratura ingleza e falla a nossa lingua, diz a «*Light*», com estupenda perfeição, embora nunca anteriormente tenha posto pé no solo britannico nem americano. Traduziu em japonez as obras de Shakespeare, e está fazendo traducções de livros psychicos, entre outros do conhecido volume «Gone-West». Acaba de ser publicado um volume de sua autoria, em lingua japoneza, com o titulo : «*Conferencias sobre Sciencia Psychica e Espiritualismo*».

O sr. Asano acha que no futuro o Espiritismo terá um grande movimento mundial, com ramos em todos os paizes e presume que o grande centro do movimento será Londres.

Elle observa que o desmaio do poder da Igreja na Inglaterra reflecte um processo semelhante verificado em seu paiz, no qual os padres e os theologos officiaes vão perdendo muito do seu antigo prestigio.

O seu primeiro contacto com o psychismo deu-se logo após uma longa enfermidade de seu filho que era então uma criança de nove annos, cuja doença os medicos não conseguiram curar. A sra. Asano levou o menino a um medium que diagnosticou com acerto uma doença pulmonar e predisse com exactidão a data — 4 de novembro — em que a criança ia ser curada. «Comecei então a considerar seriamente o assumpto e a tentar desenvolver faculdades psychicas em mim mesmo, «diz o sr. Asano.»

Deu resultado a tentativa, elle adquiriu uma especie de clarividencia que lhe tornou possivel «vêr» o conteúdo de caixas lacradas ; em sua esposa tambem desenvolveu-se a clarividencia e agora elles conseguem manterem-se «em relações» quando se acham distantes um do outro.

Durante o ultimo terremoto no Japão, diz o sr. Asano, «eu estava em Tokio, emquanto minha mulher e minha familia estavam em Kyoto, a quatrocentas milhas de distancia. Naturalmente, todos os meios de communicações ficaram suspensos, comtudo a minha mulher em Kyoto conseguia «vêr-me» e assegurar-se que eu estava salvo».

ALLEMANHA

A revista «Wahres Leben», de Leipzig, assignala um grande movimento psychico na Allemanha.

Entre as mais recentes publicações se constata 14 obras que tratam da questão psychica e espirita, escripta por conhecidos homens de sciencia.

⁂

A «estigmatisada de Konnersreuth», Thereza Neumann, continua a attrahir de diversos paizes da Europa e da America, milhares de pessoas, peregrinos, enfermos, curiosos, sabios, religiosos. A's quintas-feiras ao anoitecer, a aldeia parece um grande acampamento, para esperar a producção dos phenomenos que se dá ás sexta-feiras.

⁂

O general allemão Peter, notavel metapsychista, publicou um artigo em *Zeitschrift Parapsychologie*, salientando a obra de Conan Doyle e affirmando, ao mesmo tempo que, para os casos psychicos que a sciencia não explica, não ha remedio senão acceitar a explicação espirita.

POLONIA

O Dr. Watraszewski está fazendo experiencias com um novo medium, a srta. Sabira, que lê cartas fechadas, faz diagnosticos de enfermidades indeterminadas e complicadas, sentindo em si mesma o reflexo das molestias. A srta. Sabira vê os pulmões dos enfermos como se fosse dotada dos raios X. Vê tambem o que se passa, narra o passado e o futuro. Basta-lhe tocar numa carta escripta para dizer quem a escreveu, embora a pessôa lhe seja desconhecida.

AMERICA DO NORTE

«*Progressive Thinker*», de Chicago, diz que o sr. Fischer, governador da Pensylvania, nomeou uma commissão de sabios medicos para examinarem e fazerem pesquizas sobre os methodos dos mediums curadores e magnetisadores que curam.

FRANÇA

A «Maison des Spirites» tem effectuado reuniões de propaganda e palestras com bôa assistencia.

O sr. Ripert iniciou na «Maison» uma série de conferencias, tendo a primeira se realisado em fim de outubro.

⁂

Mme. Carita Borderieux prosegue em suas conferencias com Zou, na demonstração da alma intelligente nos animaes.

Mais um cão sabio appareceu ultimamento na França.

VARSOVIA

O Espiritismo perdeu um medium de valor Jean Guzik, por intermedio de quem os Espiritos produziam phenomenos luminosos, materialisações visiveis e tangiveis, vózes directas, deslocamento de objectos, moldagens, etc.

Varios sabios fizeram experiencias com Jean Guzik, attestando a veracidade dos factos.

Ao recem desincarnado nossos reconhecimentos pelos bons serviços a Verdade. Que o Senhor lhe dê a recompensa.

INGLATERRA

Acaba de ser publicada uma obra do sr. Heraldur Nillsson—«A Igreja e as Pesquizas Psychicas»—em que o seu autor aponta mais de cincoenta ecclesiasticos inglezes que se tornaram ultimamente espiritas. Lembramos, dentre outros os Rev.os Arthur Chambers, Thomaz Colley, Charles Twecdales, Wale Owen, Percy Dearmer, Basil Wilberforce, Fieldin-Ould, Dayton Thomas, etc., etc.

ITALIA

A *International Psychic Gazette* diz ter recebido de um seu correspondente na Italia, noticias de que na igreja de Santa Lucia del Piave, se produziram factos mysteriosos, chegando uma das bancadas massiças, que tres homens mal podiam levantal-a, a elevar ao ar, sem contacto, á vista de toda a gente. Num outro dia a campainha da sachristia retiniu violentamente sem que se descobrisse a causa. Outros phenomenos se produziram.

HESPANHA

A *Luz del Porvenir*, noticia o apparecimento de uma «Casa assombrada» em Villaviciosa de Odon. A policia foi chamada, bem como o parocho local e observaram os phenomenos, que constitúe em arremessos de pedras sem causa visivel.

PORTUGAL

Conferencias

A sra. D. Maria O'Neill tem realisado conferencias de propaganda em diversos grupos, sobre themas palpitantes.

⁂

A Federação Espirita Portugueza constituiu commissões para tratarem dos interesses da propaganda.

⁂

Devia ter se realisado um Congresso Espirita Regional em Faro.

⁂

«A Revista de Espiritismo» está circulando bimestralmente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Brasil pode-se orgulhar de não estar na retaguarda espirita em materia de propaganda.

Si é verdade que não existe entre todos uma harmonia quanto certos principios exarados nas obras fundamentáes, o que aliás acontece em todos os paizes, o que é facto é que em nenhuma outra nação do velho mundo se trabalha mais na propaganda do que no nosso paiz.

A diversidade de opiniões sobre a interpretação de certos principios doutrinarios, em vez de prejudicial e vir abalar o Espiritismo, como muitos pensam, ao contrario, deixa ver bem claro o espirito liberal da doutrina, que não fórça crenças, assim como o juizo que ella expende sobre a diversidade de espiritos existente no nosso mundo.

O espirito atrazado não poderá comprehendel-a, na sua pureza, como a comprehende o espirito de condições medianas, e este, a seu turno, não comprehenderá como sóe acontecer ao espirito adiantado. Entretanto, no que díz ao seu maximo expoente, que é a Caridade, não ha opiniões diversas e contraditorias, tanto o adiantado, como o de condições medianas, como o atrazado estão de completo accordo.

«A verdade, disse Allan-Kardec, não poderia ser entendida por todos, mas a Caridade é assimilavel a todas as intelligencias, pois todos d'ella necessitam».

E a maior propaganda do Espiritismo no Brasil, prende-se justamente á caridade.

Na Europa e America do Norte se escreve muito e discute-se pontos scientificos do Espiritismo e do Animismo; a questão primordial é o estabelecimento definitivo da existencia da alma e sua sobrevivencia á morte do corpo, realisam-se sessões importantissimas com este objectivo, pois não faltam para tal, elementos predestinados; no nosso paiz não é assim, o principal é a Doutrina, oradores se movimentam diariamente para expôrem os principios doutrinarios, jornaes circulam do norte ao sul levando a todos os lugares a «Nova da Salvação»; os operarios mais activos abordam a grande imprensa, abrem secções, dão conta no movimento social ao lado tambem de artigos que expõem a Doutrina, sustentam polemicas com adversarios, fazem circular boletins de propaganda, distribuem folhetos, livretos, livros, mantém sessões periodicas para exposição da Doutrina, emfim, luctam, trabalham, se esforçam, nos limites dos meios que encontram.

Estamos certos que si o Supremo Senhor conceder tambem ao Brasil a dadiva de mediums semelhantes aos confrades europeus e americanos do norte, a luz não ficará sob o alqueire, ella brilhará com o mesmo resplendor que tem brilhado para a França, para a Inglaterra, para a Allemanha, para a Italia e para a America do Norte. E quem sabe si nessa occasião não será muito mais facil a acceitação do Espiritismo para o nosso povo, inclusive a classe letrada, visto já ter algum conhecimento da Doutrina, do que para o Extrangeiro onde não tem havido tanta propaganda d'aquelle genero?

Não duvidamos que haja tambem no nosso paiz uma manifestação ostensiva de phenomenos objectivos acompanhada de «esplosão» de mediumnidade em diversos Estados da Republica, para sanccionarem o trabalho oral e escripto dos propagandistas desinteressados e dedicados á grande obra da regeneração do nosso paiz.

Para provar o que dissemos acima vamos lembrar aos nossos leitores não só o trabalho pela palavra que se vem effectuando, como tambem o da imprensa, certamente desconhecida no Extrangeiro, pois no Congresso de Londres não se fez a minima referencia ao Brasil, mas que deveria se equiparar ás demais nações espiritas.

Comecemos pelo:

REFORMADOR — antiquissima revista, que se edita quinzenalmente, sob os auspicios da Federação Espirita Brasileira; vê a luz no Rio de Janeiro.

JORNAL ESPIRITA, que tem por director o sr. Vital Lanza; se publica em Porto Alegre. E' um periodico mensal mas de grande formato, tirado em optimo papel. Já conta 10 annos de vida.

A LUZ, semanario de Maceió, Alagôas, tem 9 annos de existencia, está sob a direcção do sr. Francisco Fialho.

A REVELAÇÃO, orgão da União Espirita Paraense tem 22 annos de existencia; publica-se no Pará—Belém.

ALMA E CORAÇÃO, com 11 annos de vida, sob a direcção do Dr. Archimino P. Lima, secretariado por sua esposa D. Elmira Lima. E' tambem do Pará, Belém, terra já muito conhecida no Extrangeiro pelos phenomenos de materialisação de D. Anna Prado, que repercutiram em todo o mundo.

O CLARIM, semario popular que circula por todos os Estados do Brasil, com edição superior a 9.000 exemplares. Conta já 23 annos de vida e se edita em Mattão — S. Paulo.

A AURORA, quinzenario dirigido pelo sr. Ignacio Bittencourt, com larga tiragem por todos os Estados, com mais de 17 annos de existencia.

A VERDADE, revista mensal de Recife, Pernambuco, orgão da Federação desse Estado; conta 31 annos, é redigida pelo sr, Djalma de Farias, tendo por secretario o sr. Epiphanio Bezerra.

A VERDADE, da Bahia, que tem como director o snr. Paulo Alberto. Conta 5 annos de vida.

LUZ E VERDADE, quinzenario sob a direcção do snr. G. T. Coelho, sendo seu redactor-chefe o snr. Antenor Barbosa de Oliveira. Esta no 1.º anno de luctas; publica-se em Lavras, Minas.

O CHRISTOPHILOS, mensario do Centro Christophilos, da Capital Federal, sob a direcção do sr. Porfirio D. B. Junior, secretariado por D. Olga Vasconcellos.

ESPIRITA-CHRISTÃO, mensario sob a direcção do snr. Amaury Fonseca, publica-se em S. Paulo. A orientação deste jornal é dar publicidade das communicações que recebe.

A VOZ DE EURIPEDES, outro jornal, fundado ha pouco em Goyaz, Rio Verde, que só publica as communicações que o Centro local recebe.

Além destes existem muitos outros que não recebemos; outros sem publicação regular, como sejam *A Paz*, do Rio de Janeiro, redigido pelo sr. Estevam Megalhães; *A Luz*, de Florionapolis; *A Tribuna Espirita*, de Bagé, Rio Grande do Sul; *A Redempção*, do Pará; *A Revelação*, de S. Francisco, S. Catharina.

Tambem costumam a circular mensalmente *Boletim da Federação Espirita*, do Rio Grande do Sul, e innumeros *Boletins* avulsos, tirados nas diversas cidades dos Estados, do norte ao sul da Republica.

A tudo isso é preciso accrescentar o grande numero de jornaes diarios da grande imprensa que abriram *secções Espiritas*, onde publicam artigos, mensagens, noticias e dão conta do movimento social.

Figura no primeiro plano, a *Gazeta de Noticias*, velho orgão carioca, que traz bem desenvolvida a sua secção diaria; segue o *Correio da Manhã*, tambem da capital; *A Noite*, *o Jornal*. Em São Paulo, temos em primeiro lugar *A Platéa*, vespertino sob a direcção do velho jornalista Araujo Guerra; o *São Paulo Jornal*; o *Diario Nacional*. Nos Estados do Norte, A Provincia, de Pernambuco. Emfim em todo o paiz são innumeros os jornaes diarios, semanaes politicos que tratam de Espiritismo, pela penna de espiritas, com o intuito de propaganda.

A imprensa espirita presta real serviço no nosso paiz; em todos os centros em actividade se distribúe avulsos, livros, etc.

Palestras e Conferencias

Qual outro paiz pode contar o numero de suas palestras e conferencias espiritas, como o faz o Brasil?

Um dos paizes em que temos observado grande actividade espirita, é a Argentica. Mas estamos certos que o trabalho oral em toda essa Republica não attinge ao trabalho brasileiro. E' possivel que haja mais esforço e espirito de sacrificio de uma pleiade de confrades argentinos que se destacam pelo seu grande amor á causa, como os srs. A. Durand, Manio Rinaldini, Alfonso Depascalle, Francisco Molina, Barnabé Moreira, e outros que nos escapam, mas no Brasil o numero sobrepuja, e si houvesse no nosso paiz o esforço que ha na Argentina, muito mais diffundido estaria então o Espiritismo.

Rio de Janeiro

Federação Espirita Brasileira

As reuniões da Federação são muito concorridas, tomando parte nellas diversos oradores.

A propaganda que esta instituição faz pelo livro, tem dado excellentes resultados. Não se pode calcular, sem ser de visu o movimento da Livraria da Federação, um bello signal de que o povo estuda o espiritismo.

Internacional Espirita

Esta associação recem creada para propaganda pela palavra, prosegue religiosamente no seu programma. As conferencias da «Internacional Espirita» do mez de Novembro, foram as seguintes: 1.a por Leopoldo Cirne, muito conhecido no mundo espirita como escriptor e orador, o thema foi —"Dia de Finados"; 2.a Dr. Carlos Imbassahy "Praticas espiritas, seu valor e perigos; 3.a Mariano Rango d'Aragona: "A visão espiritual de Dante Alighieri"; 4.a Dr. Sebastião Caramurú: "Medium e Mediumnidade"; 5 a, Mariano Rango d'Aragona: "A estigmatisada de Campinas."

Centro Espirita Fraternidade

Eis uma associação, digna de menção pelo trabalho que desenvolve em beneficio da Doutrina, na Capital Federal.

O Centro Fraternidade situado a 7 de Setembro, 49, Marechal Hermes, acha-se installado em bom predio, realisando, além das sessões costumadas, conferencias em que tomam parte diversos oradodores, que fazem affluir áquelle local numeroso auditorio, composto de todas as classes sociaes, que enchem litteralmente o vasto salão de conferencias.

O Centro Fraternidade mantém diversos departamentos, dentre os quaes, a Aula de Moral Christã, como auxiliar das mães de familia, desenvolvendo as boas qualidades e buscando reprimir os sentimentos que, porventura manifestem. A aula funcciona aos domingos.

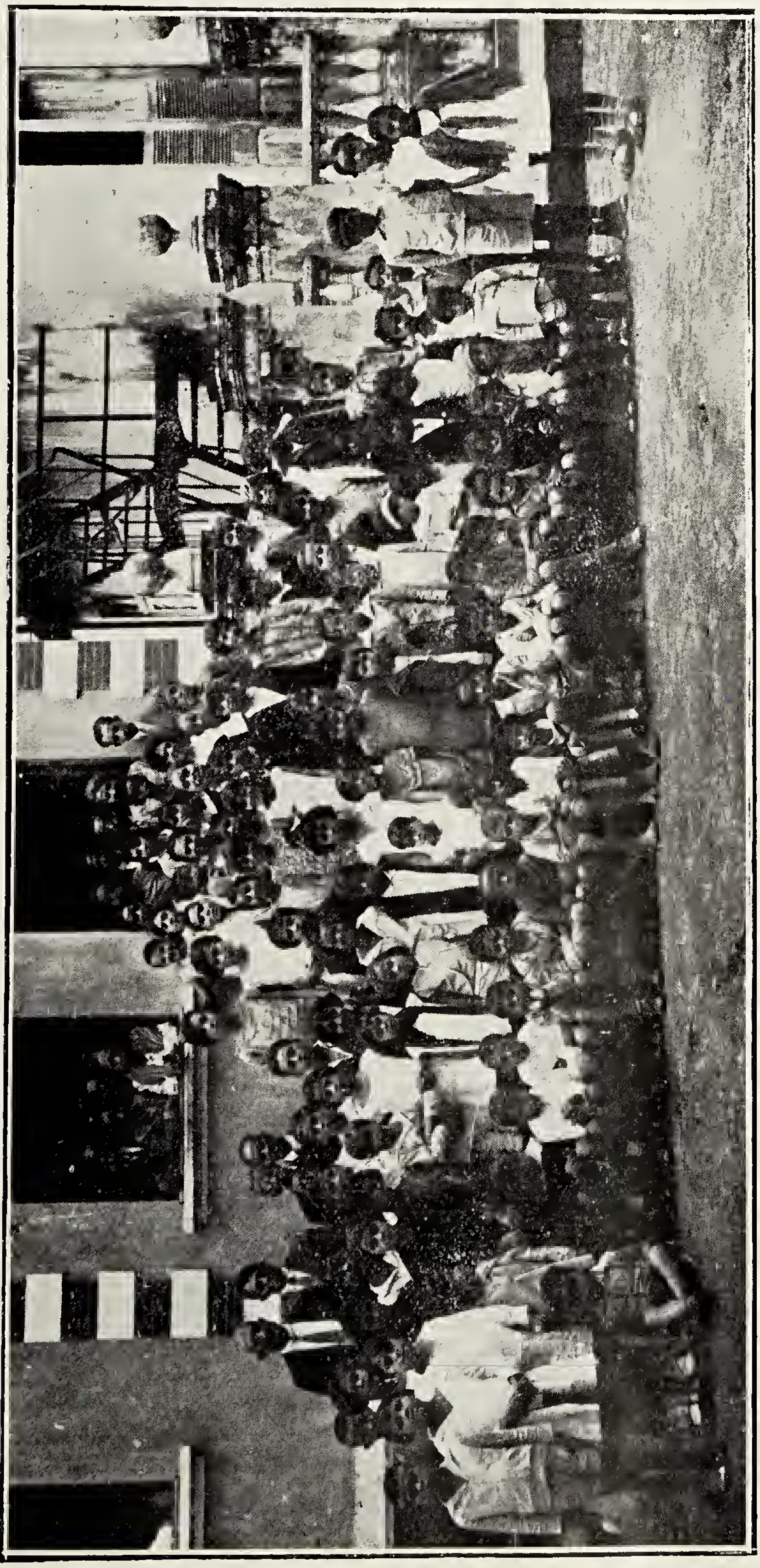

Aula de Moral Christã, inaugurada sob a direcção do sr. Benjamim Loureiro, do Centro Fraternidade.

No Centro Fraternidade collaboram diversos confrades, dentre os quaes—José Tosta, Joselina Tosta, Jenny Leal, Hermengarda Leal, Jurema Carneiro. Antonio P. Guedes, Benjamin Loureiro, Dr. Carlos Imbassahy e outros.

Liga Espirita do Brasil

Esta associação que funcciona no Palacio Ouvidor, rua do Mercado, 22, tem realisado conferencias de propaganda, sendo oradores os srs. Rego Barros, Angelo Elisey e Cesar Gonçalves.

⁂

Gremio Espirita Nazareno

A proposito da noticia da «Gazeta», que o sr. Jayme Neves faria dia 31 uma conferencia neste Gremio, explicando os motivos de sua retirada do Espiritismo para ingressar no Catholicismo, o sr. Commandante João Torres dirigiu-se a esse nucleo para assistir a exquisita conferencia, verificando ser tudo falso, e a noticia ser o fructo de acção deshonesta de uma criatura que não medindo esse acto, nem sua responsabilidade para com Deus e os homens buscasse attingir a quem é de todo o coração devotado ao estudo e á pratica do Espiritismo. E' isto o que diz o sr. João Torres.

⁂

Centro Estudantes da Verdade

Fez neste centro mais uma das suas apreciadas conferencias, o sr. Barbosa Leite.

⁂

Amparo Thereza Christina

Neste Amparo da Velhice desamparada, á Rua Assis Carneiro, 537, Piedade, os confrades Almirante Paim Pamplona e Dr. Carlos Imbassahy, fizeram, o primeiro a 18 e o segundo a 25 do p'p. duas conferencias sob os auspicios espiritas com grande assistencia.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

O Amparo Thereza Christina não poupa esforços para desempenhar seus deveres de Caridade, pelo que é digno do auxilio dos confrades.

⁂

Asylo João Evangelista

Esta instituição sob a direcção de D. Aura Celeste, á rua Visconde Silva, 92, celebrou o 5.o anniversario de sua fundação, tendo sido orador o Dr. Leal de Souza. Foi uma festa humilde, e empregnada de uma atmosphera espiritual que muitos bons fluidos levou á assistencia.

⁂

Outras Associações

O espaço que dispomos d'esta vez é mais extenso que das demais, mas ainda mesmo que dispuzessemos de todas as paginas d'esta Revista, não realisariamos o nosso desiderato, dar noticias de todos os centros do Rio de Janeiro que se acham em actividade. Resumimol-os nos seguintes mais em fóco :

Cruzada Espirita Suburbana, praça Arthur Azevedo, 13; União Espirita Suburbana, Trav. Hermengarda, 13 - Meyer ; Centro Estudantes da Verdade, rua Domingos Lopes, 280, Madureira ; Tenda Espirita Caridade, rua dos Invalidos, 178; Centro Humildade e Fé, rua Riachuelo 119; Abrigo Theresa de Jesus ; Grupo Sebastião, rua Vicente de Paulo, 16 ; Centro Paz e Fraternidade, Instituição Legião do Amor, rua Bento Lisbôa, 11 ; Instituição Benemerita de Jesus, rua Miguel de Frias, 68; Centro Vicente de Paulo, rua 24 de Maio 409, Sampaio ; Centro Antonio de Padua, rua Senador Pompeu 160; Centro de Jacarepaguá, Estrada da Freguezia, 552; Centro João Baptista, rua D. Claudina, 33, Meyer; Centro Espirita Lazaro, Trav. Hermengarda, 17-Meyer; Centro Christophilos, rua Buarque Macedo, 41; Circulo Caritas, União dos Crentes, Centro Ismael, Centro de Estudos Espiriticos, União Riopedrense, Gremio Luz e Amor, de Bangú, etc. etc. Em todos estes ha conferencias e sessões de estudo semanalmente.

Conferencias

Diversos oradores tem feito conferencias no Rio. Lembramo-nos dos seguintes nomes : Dr. Carlos Imbassahy, Leopoldo Cirne, Ignacio Bittencourt, Dr. Leal de Sousa, Commandante Luiz Barreto, Commandante João Torres, Rego Barros, Barbosa Leite, Sebastião B. Mello, Dr. Sebastião Caramurú, Camillo Silva, Antonio Guedes, Manuel Quintão, Rango d'Aragona e diversos outros oradores e senhorinhas.

Pará

A familia espirita paraense, festejou em diversos nucleos a data commemorativa ao grande philosopho do Moderno Espiritualismo.

Falaram diversos oradores sobre Allan-Kardec e o Espiritismo.

⁂

Palestras Espiritas

Nas palestras da União Espirita Paraense tomou parte o academico de direito, sr. Ribamar de Moura, que fez uma conferencia sobre «A simplicidade da coodificação do Espiritismo.» Esse moço quiz nessa conferencia fazer sua profissão de fé-espirita.

⁂

Noticias de Belém affirmam haver o Dr. Archimino Lima desenvolvido o «dom de curar», realisando importantes curas desenganadas pela sciencia official.

⁂

A Confederação Espirita Caminheiros do Bem está desenvolvendo o seu programma de propaganda.

Esta sociedade realisou a 3 de outubro uma imponente festa artistico-litteraria dedicada a Allan-Kardec.

⁂

Um facto sobrenatural ou enfermidade?

Com esta epigraphe *A Revelação*, do Pará publicou a seguinte noticia que transcrevemos á titulo de curiosidade.

«Sob o titulo supra a «Folha do Norte», de 12 do corrente, illustrando com photographias, publicou interessante noticia sobre um caso de cegueira subita de que se viu atacada a srta. Julia Mello. Contou ella ao reporter daquelle matutino que estando a estudar numa banca, em um quarto, á meia noite de segunda para terça-feira, 8 para 9, percebeu junto de si um ruido extranho e voltando-se deparou-se-lhe uma moça muito linda. Quiz gritar e não poude, e estabeleceu-se entre ella e a moça o seguinte dialogo:

Você me dá sua vista?

Não, respondeu Julia Mello, não vê a senhora que preciso della para viver, moça como sou ainda?

Mas eu preciso della é para o meu irmão.

Não, repetiu Julia Mello.

Neste momento o phantasma convida Julia para ir ver seu irmão, toma-a pela mão e Julia tem a impressão que viaja sem nada ver. E' lhe mostrado o irmão do phantasma.

Após isto, sentiu se novamente em seu quarto onde a linda moça passou as mãos sobre os olhos de Julia deixando a sob a dolorosa impressão de uma cegueira». Os nossos confrades Alcides Rocque da Palma, Antonio Gomes Ribeiro, da União Espirita, profᶠ. Braulio Lima sensibilisados pelas afflicções de Julia e sua familia, que não conheciam nem sabiam onde moravam dirigiam se nesse mesmo dia 12, sexta-feira, á tarde, á residencia daquella jovem e lá conheceram que se tratava de uma forte influencia de espiritos.

Depois da permissão da familia, esses nossos confrades, por meio de preces e passes, contribuiram para que Julia voltasse ao seu estado normal.

Foi indescriptivel a satisfação da familia, que entre lagrimas de alegria abraçava Julia Mello.

A moça na mesma occasião assignou uma carta dirigida á «Folha do Norte», expressa nos seguintes termos:

Sr. Redactor. O phenomeno de que trataes no vosso conceituado jornal de hoje é facil de explicar porque é de origem espirita e que todos podem estudar, porque faz parte das leis da natureza. Um espirita com a sua força magnetica restabeleceu-me completamente, pois se tratava apenas de uma incorporação.

Para melhor prova, peço que venha aqui um reporter afim de verificar o meu estado. — (ass)

Julia Silva Mello.

Belem — 12—10—28.

—

Na entrevista concedida á «Folha do Norte», a senhorinha Julia Silva Mello fez absoluta questão de manifestar a sua crença no catholicismo e a sua aversão ao espiritismo.

Este facto é o resultado de ensinuação malevola de pessoas que se julgam ao lado da verdade.

Esses nossos confrades não tiveram ao ir n'aquelle lar a minima idéa de converter toda a familia ou um só de seus membros ao espiritismo. Elles foram impulsionados pelo maior mandamento da Doutrina Espirita — a «Caridade».

Aonde quer que exista a dor, um lar sem pão, um orphão desamparado, uma afflicção emfim, ahi são levados os espiritas pelo verdadeiro sentimento da caridade para cumprir o seu dever, sem indagar qual a crença, posição social, raça, ou estado civil daquelle que soffre, porque elles põem de lado todas essas cousas puramente terrestre para se lembrar que têm diante de si um irmão que padece.

Um dos nossos directores esteve tambem em casa da familia de Julia Mello em companhia do professor Braulio Lima.»

Alagôas

Com grande successo, Alagôas realisou o seu 1.o Congresso Espirita a 3 de outubro ultimo. A multidão alagoense a co-participar da festividade, não em caracter só de curiosidade simples, mas demonstrando as suas sympathias pelo Espiritismo.

Foi eleito por dois annos um Conselho Deliberativo afim de providenciar sobre as resoluções do Congresso. Ficou assim constituido:

Presidente—Dr. Barboza Junior; Vice Presidente — Cel. Manoel Zeferino dos

Santos ; 1.o Secretario—Cel. Alipio Carvalho ; 2.o Secretario—Professor Auryno Maciel ; Orador—Dr. Theodoro Palmeira.

Transferindo, assim, sabiamente, a essa pleiade de confrades illustres, o espinhoso encargo de, embora sem caracter de «chefía», que não se enquadra nos principios de egualdade e fraternidade proprios do Espiritismo, trabalhar pelo melhor entendimento e pratica do mesmo em Alagôas, o Congresso realizou, no dia 13 do fluente, a cerimonia solenne do encerramento de seus trabalhos.

Ainda essa vez, por gentileza do exmo. sr. Governador do Estado, cuja actuação benefica e intelligente, em Alagôas, é uma suggestão constante aos nobres e uteis emprehendimentos, como o desse Congresso, ainda uma vez, diziamos, a solennidade teve logar no Theatro Deodoro.

Mais do que no dia 3, aquelle predio estadual regorgitou de assistentes, representantes de todas as classes e condições sociaes.

Camarotes, cadeiras, archibancadas, «geral»,— tudo estava cheio antes, muito antes da hora marcada para a cerimonia.

A's 20 horas em ponto, o Presidente do Congresso, Dr. Barboza Junior, num breve mas formoso discurso, falou dos trabalhos da instituição e dos beneficios sociaes que o Espiritismo está fatalizado a distribuir, e abrindo a sessão concedeu a palavra ao novel e illustre confrade Professor Auryno Maciel.

Nome notavel na actualidade intellectual de Alagôas, notavel por ser portador das mais respeitaveis credenciaes de philologo, escriptor jornalista e orador —brazões de cultura que o põem em relevo mesmo entre os seus pares da Academia Alagoana de Lêtras e do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, do qual tambem é illustre membro o nosso illustre confrade Dr. Barbosa Junior — o professor Auryno Maciel ia, então, fazer o seu debate na tribuna espirita, fazer a sua profissão de fé no Neo-Espiritualismo.

E o fez maravilhosamente.

Falou depois o velho tribuno Cel. Manuel Zeferino, sobre a individualidade de Vianna de Carvalho ; seguindo com a palavra o nosso confrade Djalma Trindade.

Não foi sem grande verdade que na capital federal chamaram a esse nosso querido e intelligente companheiro de «patativa do Norte»

Realmente, Djalma é a incarnação viva da Eloquencia, mas da Eloquencia sadia que se alimenta numa erudição vasta, profunda e perfeita.

Seu thema, essa vez, foi o estudo synthetico do Espiritismo sob três aspectos : Sciencia, Philosophia e Religião.

E elle falou com sabedoria e raciocinios e primores taes de forma e fundo, que, quantos o ouviram, se sentiram arrebatados.

A's 21 horas e 30 minutos o Presidente, Dr. Barboza Junior, encerrou a sessão, tendo antes, porém, em magistral discurso e sob verdadeira emoção, agradecido á mulher alagoana, ao publico em geral e ás autoridades a sua honrosa presença naquella solennidade, e dirigido ás mães de familias sabios e suggestivos conselhos para a sua formação e orientação espiritual consoante os ensinos do Espiritismo, afim de que do seu influxo e pontificação, affectuosos, no lar, resulte, em mais breves tempos, a regeneração e esclarecimento dos homens.

Em seguida o illustre Secretario do Congresso nosso confrade Euripedes Tenorio de Lima, annunciou a todos que no dia seguinte o sr. Djalma da Trindade faria uma conferencia sobre Espiritismo, no C. Espirita Alagoano "Mello Maia".

E assim encerrou seus trabalhos o 1.o Congresso Espirita de Alagôas.

Do Correspondente.

São Paulo

Ribeirão Preto

Foi inaugurado o novo salão da União Espirita de Ribeirão Preto, com uma festa espirita em que tomaram parte diversos oradores. O salão actual comporta 350 pessoas.

Varias associações co-irmãs se fizeram representar.

São Manuel

A «Liga das Operarias do Bem», presidida por D. Clelia Rocha, festejou o 4.o anniversario do «Orphanato Analia Franco numa bella reunião artistico-litteraria. Entre outros oradores falaram o sr. Javert Costa e Amando Simões nosso collaborador e presidente do Orphanato.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci5121unse

O V — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Janeiro de 1930 — N. 12

LAP,

evista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR
CAIRBAR SCHUTEL

SUMMARIO

studo Retrospectivo

escola da Dôr

xperiencias de Voz Directa em plena luz

s perigos da mediocridade

r. A. Bertrand-Lauze

s phenomenos luminosos no momento da morte

res libertadores espiritualistas

sychologia Animal

ransição e Progresso

ma sessão de materialisação em Londres

hronica Extrangeira

cos e Noticias

piritismo no Brasil

Dr. A. Bertrand-Lauze

ANNO V - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Janeiro de 1930 - NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

ESTUDO RETROSPECTIVO

A vida das associações e das publicações é como a vida de todas as emprezas que não dispensam um estudo acurado do presente, um exame attencioso do passado, para a bôa orientação no futuro. Pelo que fizemos e estamos fazendo podemos, mais ou menos prever o que iremos fazer, nos esforçando sempre para melhorar a obra de bôa vontade começada.

Somos muito gratos aos nossos subscriptores que nos auxiliam sobremaneira na divulgação desta grande obra que chamamos Espiritismo, e por isso mesmo desejamos que cada um delles tire d'ella os proventos que correspondem perfeitamente á sympathia que dispensam á nossa publicação. Esses proventos são todos espirituaes, pois, são de ordem moral e scientifica, o que reclama uma criteriosa observação e attenciosa leitura dos escriptos que vamos publicando. Estamos certos de que os homens de bôa vontade, os intellectuaes que nos seguem nesta tarefa, assim têm procedido.

A nós, porém, cabe o dever de revivescer o passado, de passar ligeiras vistas no trabalho feito, a partir do primeiro numero do anno lectivo, lembrando assim aos nossos leitores que assentando-se os principios espiritas sobre as bases solidas da Immortalidade, a doutrina que expendemos em successivos artigos tende a esclarecer cada vez mais esses principios que jaziam adormecidos nas consciencias com grande prejuizo para a sciencia e para a moral.

Assim fazendo, deixamos demonstrado quão distanciadas da verdade e dos factos estão as theorias que contradizem o Espiritismo e impugnam-n'o sem razão e sem criterio. Fizemos vêr as duas alternativas em que vive a humanidade, empregnada do *materialismo*, das doutrinas *neantistas*, de um lado, e dos influxos do *sobrenatural*, do outro. Lembramos, para confirmar o estado de consciencia em que vivem os homens, as occorrencias dos concilios de *Elvira* e de *Ancyra*, citamos o *Canon Episcopi*, bem como a proposição do Dr. Jobert de Lamballe, em nome da Academia, sobre a *lesão muscular* que serviu de diagnostico para os factos espiritas.

Salientamos, depois, a «universalidade das manifestações espiritas», caracter principal dos seus factos que se tem verificado em todos os paizes e em todos os tempos. A sua genesis se lê em todos os Codigos Sagrados, e não ha uma só religião, uma só crença que não os enumere com certo vigor.

Demonstramos o caracter evolutivo dos phenomenos, muito mais nitidos hoje do que hontem, chegando-se até a photographar os Espiritos.

Passamos a demonstrar a necessidade que deve-se ter para conquistar a verdade, e que não podendo esta ser satisfeita sem trabalho, é preciso que investiguemos, estudemos, experimentemos, porque sem esforços nada se pode adquirir.

Apresentando-se o Espiritismo como uma nova luz que vem esclarecer a humanidade, mostrando-lhe veredas novas, reclama, sem duvida, a attenção de todos que terão de gozar de suas claridades. E' preciso, pois, que se abandone a velha psychologia que nada explica e que se funda em milagres, para que a psychologia experimental, produza em nossas almas os effeitos desejados que melhor nos orientem para o futuro.

E a este proposito chamamos a attenção dos leitores sobre a prophecia de illustre sabio que proclamou o Espiritismo — «a philosophia do futuro», visto como, sem dependencia de personalidades civis e governativas, fóra mesmo de todas as academias, a Philosophia Espirita, magnificamente esboçada no «Livro dos Espiritos» e noutras obras complementares, resolve magnificamente o problema da vida, pois, dá solução racional e logica de todas as desigualdades, da diversidade de aptidões e de condições que se manifestam de modo perturbador no plano terrestre.

Para melhor frisar a nossa these, tratamos da «vida antes, durante e depois da morte», lembrando os conceitos de illustres sabios e pesquisadores, como Bozzano, Myers, Gurney, Podmoore, Flammarion e uma centenas d'outros que têm se dedicado absolutamente a estes estudos, bem como casos de visões materialisadas ou não que confirmam magnificamente a nossa theoria.

Não esquecemos de lembrar Allan-Kardec, a grande Individualidade que com admiravel concisão e visão intellectual, recebeu a Revelação Nova, utilisando suas luzes de forma a se irradiarem pelo mundo inteiro, como se vê pela tradução de suas obras em todas as linguas.

E como resultado de tudo isso fizemos vêr a necessidade da «Vulgarisação do Espiritismo», pois, como diz a sentença christica «não se deve pôr a luz sob o alqueire, mas no velador para servir a todos». Neste escripto, deixamos patentemente provada a deficiencia das sciencias humanas e das religiões para manter o equilibrio entre a Religião e a Sciencia, e chegamos a avançar a affirmar que só ao Espiritismo, pelas suas doutrinas consoladoras e verdadeiras, cabe esta tarefa.

Concluimos, finalmente, «desoccultando o occulto», na phrase do saudoso Dr. Gibier, mostrando que a «Psychologia do desconhecido» é a que se impõe na presente épocha, para fazer reviver nos animos, a fé, tão desnorteada das intelligencias e tão afastada do coração humano.

Não vivemos só de pão e para o pão, mas sim de luzes que clareiam a estrada que temos ainda que percorrer, de verdades que nos tornam sabios, de esperanças que fazem vibrar nas almas precursoras felicidades da antevisão dos nossos bellos destinos.

E tudo isto a Revista Internacional do Espiritismo proporciona aos seus leitores. Basta lêr os seus numeros transactos, dos quaes o de hoje fecha a quinta série para vêr que nos esforçamos para não perder mesmo um pequeno espaço que, sem esta bôa vontade, seria fechado com uma moldura, uma vinheta.

Tanto nos artigos de fundo, como na colloboração que veiu á nossa redação, procuramos estampar as que se amoldasse á orientação desta revista ; escolhemos do extrangeiro tudo o que de bom encontramos para que os nossos subscriptores aproveitassem bem os seus estudos ; e na publicação de factos, deixamos de lado o que pudesse parecer inverosimel, registrando só os que se achavam sob o mais rigoroso controle.

Tudo o que se passou no Extrangeiro — transportamos á secção de «E'cos e Noticias» — e as occorrencias doutrinarias bem como a phenomenologia de que foi theatro o nosso paiz tambem registou-se na secção competente.

Emfim, não descuramos desta *revista*, seja no fundo, seja na forma, confeccionando-a o melhor possivel, sem regatear preços de materiaes e trabalho, contanto que ella possa bem representar a grande Causa Espiritual, destinada a reforma e redempção da humanidade.

Para tudo valeram-nos os nossos collaboradores, os nossos artistas, os nossos cooperadores, todos que amam a Verdade e a ella levam uma particula de sua bôa vontade para a construcção do magestoso Templo.

A todos nossos reconhecimentos, nossa gratidão, nosso testemunho de fraternidade.

A Escola da Dôr

> *A DOR é a agua lustral da culpa, o banho de energia do Espirito!*
>
> *«VÓZ DO ALTO»*

Assomamos ao limiar do mundo terreno com um grito de dôr, e, ao partir é através da dôr dos que nos sobrevivem, que se dá o nosso trespasse.

A Dôr é, por conseguinte, o Viatico que acompanha a nossa existencia no planeta, e que sublima ao expressar o poema divino, apenas bastando que a Alma a entenda como a propria purificação.

A flôr de lotus nasce no brejal, vive alguns dias e logo fenece sob a acção dos ardentes raios solares. O brejal é a «dôr»: a curta existencia, a «provação», e a visão do sol a «Eternidade». Eis ahi os marcos principaes da nossa accidentada trajectoria do planeta...

O Viatico está para a nossa alma como o pranto e a préce (ambos necessarios) estão para a elevação da alma a Deus. O pranto purifica e a préce nos dá força para galgar o calvario que conduz definitivamente á mansão da Alegria Celeste.

Mas, se a Dôr é a nossa «propria sombra», que nos acompanha, invariavelmente, na purificação do «EU», ha, entretanto uma gama infinita de côres que nos serve como que de guia e espelho, e que nos adverte de que é necessario retroceder da senda da desventura. Oh, quanto somos dignos de lastima!...

Em São Paulo, fui visitar por duas vezes a colonia dos «leprosos». O quadro é tão emocionante que, contendo as lagrimas, rendi graças ao Criador por me haver concedido de não só fruir uma existencia de relativa bôa saude, como, ainda, de gosar da liberdade de me locomover pelo mundo. De facto, naquella colonia de infelizes se morre a cada hora, sem ter gosado o conforto da liberdade...

Quem mais infelizes que os leprosos?

Em Buenos Ayres, a maravilhosa metropole moderna, vi, em noite gélida, a Ambulancia da Assistencia recolher os enregelados «sem tecto». — E monologuei, então: Os leprosos são menos infelizes que estes, pois que, na Dôr, têm, ainda assim, o conforto de um domicilio.

Visitei tambem os manicomios modelos da Europa, onde os dementes abastados podem reconquistar a razão mercê do labor dedicado da sciencia largamente remunerada. Mas, em contraposição, visitei tambem os grandes manicomios publicos, onde se acotovellam os dementes pobres, que agonisam entre o abandono e o esquecimento.

E verifiquei tambem que para os «mentecaptos» ha um padrão differencial de Dôres...

E sempre nas grandes metropoles do mundo, as chamadas «civilisadas», tenho visto atravez do fulgor noturno da illuminação artificial o vae-vem alegre dos levianos e gosadores, na visinhança dos palacios do vicio e do prazer, como dos templos sumptuosos das religiões, deslizar a «peccadora impenitente» em busca do mais ignobil pão.

Hospitaes, carceres, colonias penitenciarias, azylos de invalidos, de velhos, de infancia abandonada, etc., não são tambem expiatorios anonymos de Dôres ?

Onde o «primeiro» ou o «ultimo infeliz» ? ...

E se do campo das Dôres physicas nos transferirmos ao das moraes (ou quando não ao de ambas conjugadas) o quadro é ainda mais miseravel.

Conheci muitos amigos que, dilacerado e coração por «dôres intimas», invejam os leprosos e os dementes, na supposição de que o aguilhão insomne e remordente do espirito não existisse ...

Estes pacientes «moraes», mesmo os mais «intelligentes», ou «ultra sensiveis», são os que quotidianamente engrossam as phalanges dos «suicidas».

Que concluir desta infindavel multidão de soffredores terrenos ? ...

Para nós, espiritualistas, a tragedia é apenas o «acido» que prova o ouro, depois que este é despojado da escoria que envolve a pepita inicial.

Se o ouro, ou mesmo o diamante, para brilhar na joalheria, tem necessidade do acido e do buril, a nossa alma deve, fatalmente, passar pelo cadinho da Dôr para se transformar em essencia purissima do Espaço.

E na amalgama das reincarnações, das differentes dôres, provando-as todas, a alma eleva o vôo a reunir-se ás entidades superiores.

A grande aspiração do nosso seculo consiste em fazer da Dôr a melhor cathedra de aperfeiçoamento espiritual. Devemos estudar cada Dôr, medital-a e consideral-a como a razão da vida terrena, que, ao envez de felicidade e goso, é simplesmente «provação.» Onde se «morre physicamente» a felicidade é uma ironia, pois que a materia é unicamente o vehiculo de progresso em espirito.

Uma destas noites eu conversava com um Desencarnado que fôra afamado clinico do Brasil. Depois de ter dado a indiscutivel prova profissional de sua entidade, lhe pedi a impressão da sua esphera. E elle me respondeu textualmente : «*Que a dôr humana é* «*o espelho em que nós do espaço* «*miramos para praticar a Caridade* «*e progredir. Na terra a Dôr póde* «*ser entremeada de prazer, momen*«*taneamente, mas sem afastal-a de*«*finitivamente, pois que tal impor*«*taria em supprimir então o labor* «*unico e soberano que corrige e ele*«*va a criatura. Aqui a visão da Dôr* «*é constante, mas, egualmente sua*«*ve, emquanto é só estimulo para* «*confortar os encarnados e os desen*«*carnados, caridade esta que nos* «*conduz a ascender de esphera em* «*esphera.*»

«*Portanto, aqui a emulação do* «*bem é tudo, e num perfume de mis*«*são ininterrupta.*»

«*E em tal espelho de Dôr hu*«*mana, mercê da nossa fraqueza,* «*por vezes, se reflecte tambem a* «*sau*«*dade*» *dos que deixamos no plane*«*ta, pois que os affectos latentes,* «*sempre vibrando, nos fazem dese*«*jar ardentemente ajudar-vos, con*«*formar-vos e premunir-vos !*»

Esta communicação do amigo Desencarnado que, de certo, deve encontrar-se numa esphera média, a qual o avisinha de nós.

Mas a communicação é sufficiente para nos convencer de que a Dôr germina sobre a terra, se espalha pela esphera astral mais proxima de nós, transformando-se em perfume nas espheras superiores.

Prova, solidariedade, misericordia ...

E então, que ninguem desvie a vista do multiforme quadro da Dôr terrena. A visão da Dôr como a paciencia em supportal-a, constituem o baptismo da culpa, o banho de energia da nossa peregrinação.

Seja qual for a entidade ou o periodo de uma determinada Dôr, uma e outra, são bem mesquinhas em face da Alegria Divina na qual mergulharemos em dia luminoso da nossa peregrinação.

Da cathedra da Dôr que a sociedade deverá breve inaugurar para ensinar ao homem o «santo antidoto», e melhor, para engrandecer o seu Espirito, nós, ou os porvindouros, recordaremos tres episodios que consagrarão este sentimento purificador : a Dôr de Magdalena quando viu arrebatarem o seu Redemptor ; a Dôr de

Maria ao assistir á crucificação do Filho; a Dôr de Christo quando, completa a sua missão, abandonava a Humanidade á lucta fatal pela sua purificação.

Deante destas Divinas Dôres, toda e qualquer dôr terrena é apenas um atomo da Eternidade feliz que nos aguarda.

Bemdigamos, pois, a Dôr terrena!...

Mariano RANGO D'ARAGONA.

Experiencia de Vóz Directa em plena luz

Ernesto Bozzano

(Trad. de «Luce e Ombra»)

QUEM quer que tenha acompanhado o desenvolvimento mundial das investigações metapsychicas, terá, sem duvida, observado uma circumstancia bastante suggestiva: é que no phenomeno da «vóz directa», que se havia manifestado com grande potencialidade nos começos do movimento espiritualista para logo deter-se e converter se em phenomeno raro nos nossos dias, começa agora a resurgir com pleno vigor, um pouco de cada lado, produzindo-se com diifferentes modalidades por demais interessantes, o que denuncia um processo evolutivo de muito bom augurio para a demonstração scientifica da realidade objectiva do phenomeno. Com effeito, nota se que recentemente se conseguiu obter as «vozes directas» em plena luz; e isso de modo continuado e normal e não de maneira excepcional e fugaz. Estes importantissimos resultados foram obtidos numa larga série de experiencias que se desenvolveram e continuam a desenvolverem-se na Nova Zelandia. A primeira serie dos relatos sobre as mesmas experiencias, foi publicada ultimamente em um volume em «Dunnedin», capital d'aquella colonia ingleza e contemporaneamente em Londres. O livro se intitula: «The Blue Roon» (O quarto azul) e foi escripto de collaboração pelo experimentador, Mr. Clive Chapman, que é um pintor e commerciante inglez, residente na Nova Zelandia — e o redactor — chefe de um diario local. Este ultimo por motivos pessoaes assigna só as iniciaes: Jorge A.W.

Trata se de uma serie de experiencias que reunem alto valor theorico: tanto mais que estão rigorosamente documentadas, pois, os autores cedem, constantemente, a palavra a outros experimentadores que dão o seu testemunho e quasi todos assignam os seus nomes e alguns indicam seus respectivos domicilios. A este respeito observo que si para as estupendas manifestações de que se trata existem provas testemunhaes da authenticidade, direi, historica das mesmas manifestações, em troco apparecem quasi superfluas as provas de outra indole tendentes a demonstrar a genesis positivamente supranormal: e isto pela sensivel razão que — como se disse — as «vózes directas», das que se trata se realisaram constantemente, em ambiente bem illuminado, ou seja em plena luz do dia.

A medium — Miss Pearl Judd — é uma joven de desenove annos, sobrinha de Mr. Olive Chapman, que por sua vez é tambem dotado de faculdades supranormaes (mediumnidade desenhista, musical e vidente). Casualmente elle descobriu as faculdades mediumnicas da sobrinha, quando, certa vez, indo á casa dos parentes da mesma falou sobre a realidade dos phenomenos mediumnicos, o que causou áquelles surpreza, pois, ignoravam que se occupasse desses estudos. Mr. Chapman aproveitou a opportunidade para submetter aos presentes a prova do «quadrante alphabetico provido de uma agulha movel» (uma especie de «Ouija» modificado por elle), com a esperança de descobrir entre elles algum individuo dotado de faculdades mediumnicas. Havia já ensaiado com diversas pessoas quando tocou a vez da sobrinha Miss Pearl Judd: foi então quando sob a influencia da mão desta que o pequeno «quadrante» começou a mover-se, traçando um nome : «Dorothy». Esta era uma menina falecida com 5 annos, conhecida em vida intimamente por Mr. Chapman. (Soube-se logo que aquella manifestação de «Dorothy», não tinha sido casual, mas predeterminada, pois, ella devia exercer as funcções de «espirito guia» principal da medium). «Dorothy» encommendou a Mr. Chapman a vigiar, guiar, proteger á todo o custo a sobrinha, para que a mediumnidade da mesma pudesse desenvolver se nas condições mais favoraveis possiveis, accrescentando que elle deveria cuidar especialmente para que nenhuma influencia deleteria se infiltrasse na aura mediumnica da mesma. Annunciou, por ultimo, que Miss Pearl Judd e Mr. Chapman haviam sido designados para cumprirem uma missão espiritual.

Segue no texto uma larga e minuciosa exposição do metodo progressivo adoptado por Mr. Chapman para desenvolver as faculdades mediumnicas de sua sobrinha, cujas faculdades tiveram um rithmo acelerado, demonstrando quasi todas as modalidades com que se realisam os phenomenos mediumnicos até chegar á produção da «vóz directa». Dessa diversidade de manifestações mediumnicas não me preoccupei por falta de espaço, limitando-me a relatar um só phenomeno de «apport» que reveste uma importancia especial, visto ter se produzido em plena luz do dia, e o objecto apportado ser percebido no momento em que se materialisava.

Mr. Chapman informa que elle pedia e obtinha phenomenos de «apport» e de «transporte» quando os membros da familia se achavam reunidos para o almoço. Do seu relato extraio o seguinte episodio :

«Disse que queria arriscar uma nota de dez dollars . . .

Assim dizendo, fiz nella diversas dobras reduzindo a a um pequeno papel quadrado, depositando-a no meio da mesa, e cobrindo a com um livro.

Alguns instantes depois olhei em baixo do livro e, todavia, vi ahi a minha nota. Comecei a duvidar do resultado da minha experiencia, mas ao olhar a segunda vez, vi que a nota havia desapparecido. Acabava de fazer essa observação quando a mesa começou a vibrar vivamente : o que, no codigo convencional mediumnico, quer dizer «hilaridade» da parte da personalidade mediumnica. Terminado o almoço, começou se a tirar a mesa e emquanto minha sobrinha estava pondo os pratos e talheres na copa fóra da sala de jantar defronte á porta, e por conseguinte nos dava as costas, o meu olhar voltou-se sobre a mesa e vi uma nuvensinha da dimensão de uns poucos centimetros, a uma distancia aproximada de um pé do lado daquella. Atravez da mesa eu percebia o desenho da pasta de guardar papeis : mas rapidamente foi se condensando e solidificando. Chamei a attenção de todos sobre o phenomeno e um instante depois, aquella nuvenzinha se havia convertido em minha nota de dez dollars, dobrada como eu a havia deixado.

Esta foi a unica vez que nos foi dada assistir á materialisação de um «apport» ante os nossos olhos assombrados. (pag. 44) »

Faço notar, de passagem, que o episodio exposto, confirma mais uma vez a theoria por mim desenvolvida, á proposito das experiencias de Millesimo, sobre as modalidades como se realisam os phenomenos de «apport».

Voltando ás «vozes directas», assignalo em seguida uma modalidade de realisação muito instructiva theoricamente : é a que resôa em plena luz, mas só com a condição de estar o experimentador Mr. Chapman — sentado ao piano — *tocando sem interrupção*. Quando elle se detém a «vóz» se debilita e cessa em seguida. Agora como todos sabem, em experiencias analogas, quando o phenomeno se produz protegido pela obscuridade, as cousas se dão mui differente, pois, tão depressa resôam as "vozes directas", se detem immediatamente o instrumento musical em funcção, e as "vozes" mostram poder conversar em tom normal : isto é, demonstram estar providas de "energia vibratoria" sufficiente para se manter, ainda que seja por meia hora, sem que haja necessidade de se *alimentar* com a continuada emissão das vibrações harmonicas. Em summa, das circumstancias antiteticas expostas deveria se deduzir que, em linha geral, o phenomeno das "vozes directas" não se poderia produzir sem o auxilio das "vibrações harmonicas", que em plena claridade seriam susceptiveis de se accumular em reserva, permittindo assim ás personalidades mediumnicas conversar independentemente de um instrumento musical em funcção ; emquanto que em plena luz não sendo permittido accumular em reserva "vibrações harmonicas" — visto que a luz dissolveria os "fluidos" indispensaveis para o effeito, se faria necessario que a fonte de emanação das "ondas sonoras" não cesse um só momento de provel-as ás personalidades mediumnicas que se manifestam.

Esta, por conseguinte, seria a causa pela qual succede que o phenomeno em exame se manifesta de tão varios modos quando o ambiente é escuro ou illuminado.

Sei muito bem que em outras circumstancias especiaes se produz outra modalidade de manifestação para as «vózes directas», e que em plena obscuridade podem concretar-se por auxilio da materialisação de uma propria e verdadeira «laringe» : como se conseguiu photographal-a repetidas vezes nas famosas experiencias com a famosa medium Margery Crandon, em Boston. De todos os modos, essa modalidade excepcional de realisação do phenomeno em exame — e que — como quer que seja — não é possivel obter em plena luz — não modifica em nada as observações expostas, pois, si as «vózes directas» podem produzir-se em plena luz com a condição de que um instrumento musical continúe tocando sem interrupção, quer dizer que as «vózes directas» se manifestam, geralmente, utilisando de forma mysteriosa as «vibrações harmonicas» e as «ondas sonoras».

Nas experiencias que vamos examinar, trataremos de multiplas formas de manifestação que confirmam tambem as observações expostas.

Voltaremos, pois, sobre o topico principal, á medida que se apresente opportunidade.

(Continúa).

Os perigos da Mediocridade

A psychologia dos homens mediocres caracterisa-se por um traço commum : incapacidade de conceber uma perfeição, de formar um ideal. São rotineiros, honestos, mansos ; pensam com a cabeça dos outros, condividem a hypocrisia moral alheia, e ajustam o seu caracter ás domesticidades convencionaes.

Estão fora da sua orbita o engenho, a virtude e a dignidade, privilegio dos caracteres excellentes; soffrem, por isso, e os desdenham. São cégos para as auroras ; ignoram a chimera do artista, o sonho do sabio e a paixão do apostolo.

Condemnados a vegetar, não suspeitam que existe o infinito mais para além dos seus horisontes.

O horror do desconhecido ata-os a mil prejuizos, tornando-os timoratos e indecisos: nada aguilhôa a sua curiosidade : carecem de iniciativa e olham sempre para o passado como si tivessem os olhos na nuca.

São incapazes de virtude ; ou não a concebem ou ella lhes exige demasiado esforço. Não sabem estremecer num calafrio, sob uma caricia terna, nem desencadear de indignação diante de uma offensa ; nenhum afan de santidade põe em alvoroço o sangue do seu coração ; ás vezes não praticam crimes de medo do remorso. Quando se arrebanham são perigosos ; mancomunam-se para opprimir os que desdenham se aliar aos élos da rotina. Isolados não merecem attenção.

Nenhum idealismo, para os mediocres, è respeitado. Para elles, pensar é loucura ; a dignidade é irreverencia ; a justiça, lyrismo ; a sinceridade é tolice ; a admiração uma imprudencia ; a paixão uma ingenuidade ; a virtude uma estupidez... Todo o idealismo encontra nesses climas o seu tribunal do Santo Officio.

JOSÉ INGINIEROS.

Dr. A. Bertrand-Lauze

Este nome é de um grande homem, foi conselheiro geral de Gard, na França e devotado defensor do Espiritismo.

Collaborou em muitos jornaes e revistas e é muito apreciado pelo seu estylo colorido e suas idéas originaes.

Solicitado por M. Malgras para dizer algo sobre o Espiritismo e figurar entre os seus pioneiros na França, enviou a seguinte mensagem, digna de attenção e acolhimento.

7 março 1905.

E' uma gloria para mim pertencer á phalange dos pioneiros que vós buscáes como propagandistas da causa espirita, e mostrar-me tal como sou aos meus amigos e á vindicta dos sectarios de todas as escolas.

Os amigos, graças a vós, se conhecerão, e dar-nos-hemos as mãos para a defeza do nosso ideal.

A' vindicta dos sectarios opporemos o feixe luminoso do nosso commum pensamento e, por minha conta, de pé firme desde já os espero no terreno da discussão e dos factos.

. . . .

Os modernos espiritualistas, em communhão na armada que representa o pensamento humano em linha de combate, estão na frente da batalha ; a elles pertence a victoria e para maior gloria o reino novo e da Evolução em marcha.

—

7 março 1905.

«Conhece-te a ti mesmo e co-
•nhecerás o Universo e os Deuses.
«A evolução é a lei da vida.
«A unidade é a lei de Deus.
«A tetrade sagrada, immensa
•e puro symbolo, fonte da na-
•tureza e modelo dos Deuses.

PYTHAGORAS.

•Eu não vim para destruir a
•Lei e os Prophetas, mas dar-lhe
•cumprimento.

Matheus V-17. JESUS.

«A fé vae se ; a duvida, a incredulidade, o fanatismo do «deixae-me viver», como uma mancha de oleo, se estende pouco a pouco, envolvendo a humanidade num circulo vicioso, onde todas as orthodoxias ancestraes deixam nos espinhos da estrada farrapos de suas occultas concepções theo-cosmogonicas que se adoptavam ás idades da fé ingenua, em que a alma humana, num isolamento de vida mais restricto, mais presa pelas fronteiras, ditas naturaes, vivia duma vida menos cosmogonica do que a dos nossos dias.

A imprensa, o vapor, a electricidade, e todas as applicações successivas da sciencia no seu sentido geral e absoluto deram á raça humana, ao homem, como que a concepção de ser elle um super-homem, e que para o futuro se firmaria elle só como o mestre do mundo.

As realisações presentes, si elle as devia ao seu proprio genio, no futuro pela investigação da materia vel-a-hia se submetter a elle, por novas combinações o poder terreno, e que assim, de progresso em progresso, a chimica, a physica e elle harmonisariam a força material á altura dos seus secretos desenhos !...

Esta visão estreita do homem orgulhoso de si mesmo e do dominio material que elle crê poder formar a seu modo, parece ter lhe feito perder a vista do dominio da acção psycho moral e espiritual.

Assim é que só se vê apparentemente todos os idealismos especulativos de base veridica, biblica, sagrados segundo nossos paes !

Acima de tudo nota se todas as angelicas concepções da fé ingenua com que nossos paes embalaram a educação de seus filhos !

Acima de tudo a sabedoria, a sciencia moral, a fé céga dos representantes do sacerdocio, sejam quaes forem os cultos a que pertençam !

O homem impregnado de sciencia physica e chimica tem menos pena de atirar sobre o seu forum o cabedal de conhecimentos, do que o sacerdocio ; e este representante nato da iniciação antiga, seja qual for a orthodoxia de que se prevaleçam seus representantes, sejam os in feriores ou os do cume da escala, com raras excepções, são como um amalgama de personalidades informes, sem cohesão, sem ideal, sem a menor noção iniciatica.

Perdão, eu me engano; suas cohortes, signal dos tempos, obedecem ás leis da physica e da chimica moderna, elevaram-se dos phenomenos abstractos e concretos de dupla composição physica e chimica, mas tambem physica e animica.

Os levitas, os discipulos não têm mestres, e se têm é *mudo*, ou elles estão *surdos* á sua vóz; uns e outros, seja qual for o seu gráo de sabedoria e de fé, sua alma não irradia mais sobre as gentes.

Nelles o bezerro de ouro está ainda erguido, bem como as preoccupações que engendraram, como um *film*, retendo os fluidos positivos da antiga e eterna sabedoria, *sciencia e fé* unidas em acção positiva sobre as massas.

Dr. A. Bertrand-Lauze

Este mundo planetario sob o impulso do Universo, recebe de todos os orbes da esphera infinita a sua energetica evolutiva: lentamente se infiltra do Ether, para o individuo e para o todo, pouco a pouco.

O sacerdocio cegamente preso á sua forma ancestral por impericia propria, obstina-se, como todo o ignorante da sua gloria passada, na sua acquisição anterior, no seu velho e carunchoso verbo, que elle crê magico; infrena, ladeia, sapateia na praça publica para manter sua augusta magestade, que a cada dia vê desvalorisar-se.

Como o Verbo que, com *Rama*, *Krishna*, *Hermés*, *Moysés*, *Orpheu*, *Pythagoras*, *Platão*, *Jesus* o maior dos filhos de Deus tem successivamente erguido o mundo atravéz das idades, não é obedecido por aquelles que se dizem herdeiros desses messias do verbo divino, numa acção regeneradora e moralisadora que permittiria fazer apparecer tudo ou parte do passado?

O passado, o bello passado visionario, oh! pobres adeptos do sacerdocio actual, não está verdadeiramente em vós! A tradição immutavel, diante da vossa mutabilidade, lentamente desappareceu de vós, não deixando nas vossas mãos senão a ambição do ouro amado; passando a outro santuario a tradição com o seu verbo magico moralisador.

Espiritualistas modernos de todas as escolas: theosophistas, hermetistas, gnosticistas, kabbalistas, espiritas, etc., recolhei esta deshereditariedade (a tradição) do sacerdocio.

Approximai-vos do santuario pelo esforço positivo, continuo que dá sob os golpes da prova e da dôr, o conhecimento, a razão, a sabedoria.

Estudai o phenomeno psychico em suas diversas modalidades, observai o facto, controlae-o; e percebido seja ella por vossa alma consciente, affirmae-o em torno de vós.

Trabalhae pela vulgarisação dos phenomenos junto áquelles cuja alma anciosa, afflicta, sob a acção de um grande golpe, procura força e consolação num ideal que deseja fruir.

E' então, é ahi que o vosso verbo, os vossos factos, accumulados uns sobre outros, proporcionarão a essas almas em penas as realidades das cousas deste mundo com o outro.

Vosso verbo dará á sua chaga ainda entreaberta o raio de luz que lhes mostrará novos horisontes dos céos, onde elles poderão contemplar e comprehender o grande livro immatriculado no Universo, *em que as acções psychicas constituem o todo*, pois que dellas depende nossas acções physicas e chimicas.

-- Um olhar sobre o mappa mundo,

minha alma estremece de tristeza ; a humanidade está enferma dum mal moral ; alto a baixo na escala social ella clama o seu direito ao bezerro de ouro e, emquanto balas e scrapneis crepitam e impõem este direito sobre as chagas e o sangue, a outra, as mais pacificas forjam armas assassinas e erguem fortalezas resistentes !

Marte, na aurora do anno, Senhor do céo, condensa seus raios sobre nós como nos penetrando assim de sua symbolica rudez, immergir-nos na dôr, donde, sem duvida, a humanidade sahirá para cicatrisar suas feridas com o *balsamo moralisador*.

Assim a lei moral sahirá do *santuario* ; a *tradição* abrirá suas azas rejuvenescida pelo *verbo Ev-o luê*.

A essa hora a viviseção será vencida porque o homem de sciencia, tomando a a vida sob outra orientação, estudará sua tetrade *CORPO, ESPIRITO, ALMA*.

Que felicidade para os pobres animaes ?! tão ignominiosamente e unutilmente torturadas, de incisões e inoculações microbianas !

Sabendo subordinar a sciencia do corpo á sciencia do espirito, á sciencia psychica ou metapsychica (pouco importa a palavra, não jogamos com palavras, mas com factos), elle saberá reconhecer que o corpo não é senão uma machina imperfeita que se move sob a acção fluida que dá lhe á plastica, e que sua alma é suprafluidica.

Para estudar, para aprofundar esses meandros *intus et extra*, de fieira em fieira, é preciso passar os olhos no mundo, seu desenvolvimento, sua grandeza tradicional atravéz da escala dos mundos, de cujas raças o nosso planeta não constitúe mais que uma infima e grosseira escala.

Physiologistas, physicos, chimicos, astronomos, mathematicos, sabios de todas as classes, tornai-vos psychistas, psychologos, metapsychicos : vós ficareis admirados dos progressos que farão as vossas sciencias !

Vamos, ao trabalho ! Avante para o novo cyclo !

Amigos, á tarde, á noite quando todos dormem, as duas estrellas da minha alma olham, observam e contemplam aquellas dos céos.

Oh ! grande Deus ! Eu vejo uma aqui, do crepusculo á aurora que brilha com uma viva claridade ; ella dardeja seus raios de fogo sobre o nosso pobre planeta.

E' a estrella dos magos !

No randal impetuoso dos seus raios luminosos, compostos dos sete raios do arco iris, ella annuncia para o seculo nascente :

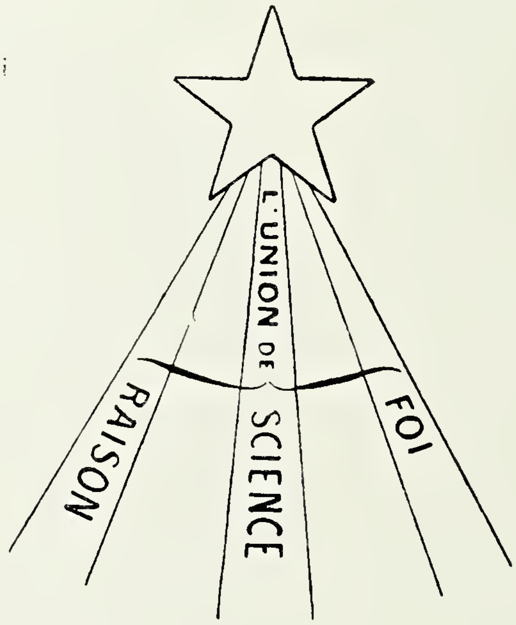

Assim seja !

Dr. A. Bertrand-Lauze.

> «E quando chegarem os tem-
> «pos, eu rogarei a meu Pae, que
> «vos dará um outro Consolador,
> «que ficará comvosco para sem-
> «pre, a saber o ESPIRITO DA
> «VERDADE, que o mundo não
> «pode ainda receber porque não
> «o vê nem o conhece.
>
> (João, XIV, 16 17).

* * *

Creio poder affirmar que a vida terrestre dará lugar á vida no espaço infinito. O homem elevar-se-á de sol em sol, como pela escada de Jacob, á hierarchia da existencia, segundo seu merito e o seu progresso, do homem ao anjo, do anjo ao archanjo.

EUGÉNE PELLETAN.

Os Phenomenos luminosos no momento da morte

(De «La Tribune de Genève»)

RAOUL MONTAUDON

No momento da morte, ás vezes, se produzem phenomenos luminosos. O mesmo acontece durante as horas que precedem ou seguem á morte. Phenomenos que podem ser percebidos a maior ou menor distancia são constatados.

Entre os casos citados na litteratura especial, existem varios em que a apparencia de um globo luminoso é visto movendo-se no espaço.

Eis aqui, porém, um caso relatado entre outros da «Sociedade Ingleza de Pesquizas Psychicas», cujos archivos constituem um grande thesouro de preciosos ensinamentos.

Uma noite que Miss Williams achava-se em seu quarto em plena obscuridade, percebeu movendo-se em redor d'ella «uma explendida luz vermelha». Detive-me por muito tempo olhando-a, diz ella, afim de me convencer de que não estava enganada. Em seguida eu atravessei o quarto dirigindo-me para a porta e a luz seguiu-me. Era semelhante a um globo de luz electrica, mas de aspecto mais vaporoso.

Emquanto Williams seguia com os olhos esse globo luminoso, seu pensamento estava voltado para uma amiga que ella sabia achar-se gravemente enferma ; na mesma noite ella soube que, na mesma hora em que se deu o phenomeno, sua amiga, Mrs. Long, havia expirado.

Encontramos no mesmo volume o caso de uma senhora que velando seu filhinho moribundo, percebeu de repente a alguns pés acima della uma chamma azulada.

«Ella era, diz a missivista, do tamanho, mais ou menos, de um dedo polegar e achava-se envolta uma aureola. Ella encostou na minha cabeça e esteve durante alguns segundos, depois deslocando-se diagonalmente na direção do anglo opposto do quarto desappareceu no tecto : emquanto ella desapparecia uma vóz que parecia vir do canto do quarto murmurou : «Isto era a sua alma.» Alguns momentos após o menino faleceu.»

O caso seguinte é reproduzido da revista «Luce e Ombra». Foi constatado na familia do Prof. Tito Alippi, reitor do Lyceu de Pésare.

Eis o relato do Pr. Alippi :

«Resolvi tornar publico um phenomeno de apparencia sobrenormal, que se acha ligado á mais profunda dôr da minha existencia, com a esperança que outros imitarão o meu exemplo, expondo os factos da mesma natureza que por ventura tenham constatado.

Ha dois annos e meio, minha adorada filha, de 13 annos, morreu em poucos dias de uma grave molestia.

Na noite seguinte ao transporte funebre do cadaver, da casa para o cemiterio, minha mulher, deitada ao meu lado, sem dormir e banhada em lagrimas, viu na obscuridade formar-se derepente uma claridade semelhante a uma moça e o tamanho de uma cabeça. Ella seguiu em sua ascenção lenta para o tecto até que desappareceu. Minha mulher embora abatida corporal e moralmente, procurou se tornar calma como é seu habito e julgar o caso serenamente e sem dar credito aos phenomenos espiritas, explicou o facto de modo natural, presumindo ser uma hallucinação. Mas dia seguinte, nossos filhos, uma outra menina que tinha 14 annos e um menino de 12 annos, contaram á sua mãe terem visto, quando accordados em seus leitos, na obscuridade, um globo de fogo de tal e tal forma e côr... Em summa, elles descreveram exactamente tal como minha mulher tinha observado, e ainda com a coincidencia approximativa da hora.»

Terminamos estas breves indicações lembrando que o Dr. Baraduc obteve a photographia do «corpo astral» de sua mulher, e isto no momento de sua morte, sob a forma dum globo luminoso.

Eis como Paul Nord descreve a visita que fez ao Dr. Baraduc:

«Nós examinaremos um dos clichés, dos mais interessantes : é aquelle em que o doutor photographou sua mulher no momento em que ella morreu. Elle narra com grande emoção, aliás comprehensivel, como auxiliou o espirito de sua esposa a se destacar de modo a favorecer a formação do «corpo astral» que se vê na photographia exteriorisada sobre o corpo da moribunda. affectando a forma espherica.»

E' interessante aliar a estes factos as seguintes observações :

Nas bem conhecidas experiencias do coronel de Rochas com o *sujet* Laurent, este em certa occasião «sentiu que seu corpo tendia a tomar a forma de uma bola e observou que se continuasse os passes magneticos terminaria por se assemelhar a forma de uma esphera com uma cauda.»

Quando Laurent foi adormecido ao mesmo tempo que Mme. Mireille, elle viu o duplo desta senhora sob a forma duma columna luminosa que não tardou a metamorphosear-se «em um globo luminoso que conservou uma especie de cauda.»

M. Vincent Turvey, na sua obra : *The Beginnings of Seership* narra que no curso de suas experiencias habituaes de visualisação clarividente á distancia, um dos assistentes percebeu seu «corpo astral» destacar-se de seu «corpo somatico» sob a forma de um globo de cristal.»

Pela mesma forma Mme. Malvina Gerard, a reputada somnambula que occupou a tempo a attenção de M. Sage nos *Annales des Sciences Psychiques,* quando era levada á terceira phase hypnotica, via os «espiritos» sob a forma de espheroides brancos de varios tamanhos e mais ou menos brilhantes.

Um dia que a somnambula Edméa, de Hector Durville, estava profundamente adormecida disse expontaneamente : «O corpo physico não tem importancia, elle litteralmente nada é. O phantasma é tudo. Mas a cousa não é facil de explicar. Ha no phantasma um globo muito brilhante que irradia a luz em torno de si. Um é independente do outro e elles podem se separar. O globo é colorido como o phantasma, mas é incomparavelmente mais bello. O sr. Durville perguntou : «O que acontece quando se morre ?» A somnambula respondeu : «Mas não se morre totalmente . . .» «Eu queria dizer : o que se produz no momento da morte do corpo ?» Eis aqui : o phantasma se destaca, mas d'ahi ha pouco tempo se separa totalmente do corpo e o globo luminoso alia-se a elle.»

* * *

A PALAVRA DE UM SABIO

Vi e estudei centenas *de factos de tal forma convincentes que, se eu não conhecera o espirito dos sabios de profissão, ficaria admirado de não estarmos mais adiantados em psychologia. Lendo os trabalhos recentes onde as questões espiritas são tratadas de maneira muito inconsiderada, sinto-me tentado a exclamar a cada instante : «Quem foi, oh deuses poderosos ! que collocou esta espessa faixa de materia sobre os olhos dos mortaes ?*

Convenho que observei coisas que poucos homens tem tido opportunidade de vêr ; mas foi porque, despertada a minha attenção por um facto dos mais simples quiz saber e gastei tempo em procurar.

Não ha bem que não custe desgostos, nem saber sem o tributo do trabalho. Como disse Schopenhauer : a verdade não hade vir saltar-nos ao pescoço. E' mister procurar, é preciso pensar.

Pensar ! Ah ! eis a difficuldade . . .

DR. PAUL GIBIER.

TRES LIBERTADORES ESPIRITUALISTAS

LINCOLN — MARTI — MADERO

(Da «Luz del Porvenir»)

O progresso historico moderno, contemporaneo da America é digno de lembrar a participação que tomaram tres grandes Libertadores Espiritualistas, iniciadores os tres de povos e emancipadores de consciencias. Referimo-nos ao norte americano Abraham Lincoln, ao cubano José Marti e ao mexicano Francisco M. Madero.

Lincoln, Marti e Madero formam uma trilogia augusta de homens elevados, «inspirados pelo Além», que offereceram sua vida terrestre em holocausto de seus nobres ideaes. Sem hyperbole alguma se os pode qualificar de redemptores ou guias que traçaram a róta luminosa da Justiça, o Progresso e a Liberdade.

Um sopro divino animou toda a sua obra ; e estudando-se suas vidas não pode duvidar-se que pertenceram aos eleitos pelo «mundo invisivel» para promover a libertação humana.

Para os espiritas é significativo o labor desses seres excepcionaes, já que foram por suas idéas e feitos filhos da nossa Causa. Lincoln, nas grandes resoluções do seu periodo presidencial, não duvidou em consultar os invisiveis ; Madero militou abertamente no Espiritismo, e Marti, em horas de inspiração sublime traçou pensamentos imperecíveis sobre a vida e a morte, declarando-se um crente convicto na immortalidade da alma. Estas tres grandes figuras merecem que seus nomes sejam esculpidos com lettras de ouro

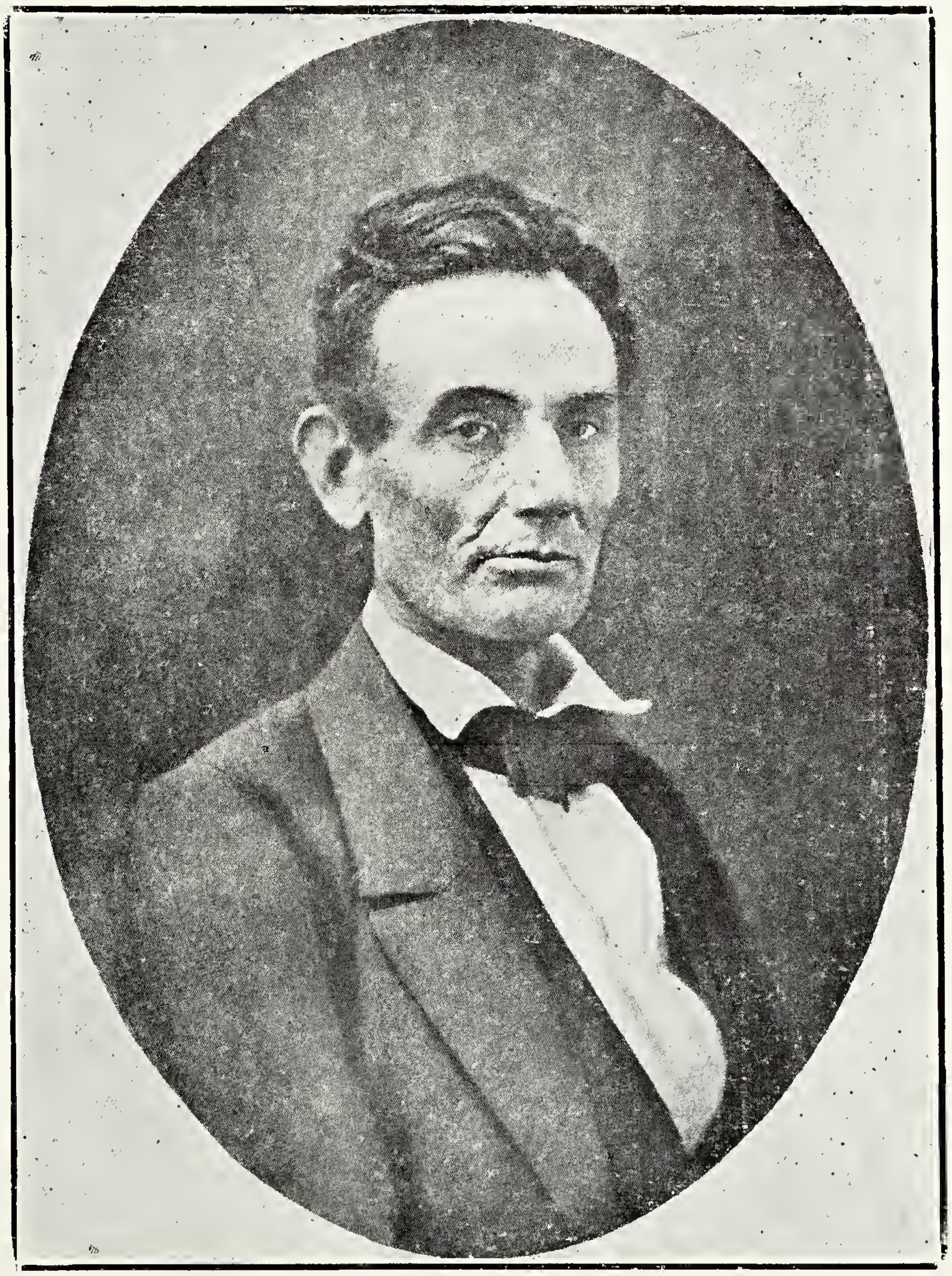

Abraham Lincoln

nos annaes gloriosos do Espiritualismo moderno.

* * *

A notavel medium norte-americana Nettie Colburn deixou em suas «Memorias» preciosas paginas sobre a iniciação no Espiritismo do famoso presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln. Estavamos nos terriveis dias da guerra de Separação, que ameaçava dar cabo da nação americana. Os escravistas e anti-escravistas combatiam ferozmente. Na Casa Branca, Lincoln tinha momentos de angustiosa afflicção, quando uma modesta medium de Albany, miss Colburn, se apresentou no Palacio de Washington com o fim de tratar de assumptos particulares. A esposa do presidente ha tempo se interessava pelo ideal espirita, e sabendo que a joven Colburn era portadora de faculdades mediumnicas, tratou de travar relações com ella. Convidou-a a entrar, e depois que a moça entendeu-se com Lincoln sobre seus negocios particulares, ficou combinado que se celebraria uma sessão na qual o Presidente tomaria parte.

Isto aconteceu em 1863, quando a guerra do Norte contra o Sul estava em toda a sua força.

Na mencionada sessão, e em outras que periodicamente se effectuaram em Casa Branca, o presidente Lincoln ouviu palavras que o impressionaram profundamente, havendo se manifestado espiritos de pessoas suas conhecidas quando vivas, segundo elle mesmo declarou, os quaes lhe deram orientações e traçaram planos que dar-lhe iam a victoria na grande guerra de emancipação. Foram tão preciosos e uteis á causa abolicionista que elle defendia, as manifestações que recebeu da medium, que chegou a declarar que esta lhe havia prestado, servindo de instrumento dos invisiveis, o mais bello concurso que poderia imaginar.

— «Minha filha—exclamou elle— possuis um dom dos mais singulares. Que elle vos venha de Deus eu não duvido.

De tal maneira os Invisiveis agiram para fazer realçar um dos factos mais salientes que a Historia americana registra, contribuindo com seus esforços e conselhos para a emancipação dos negros escravos americanos.

* * *

José Marti, o propulsor da Independencia de Cuba, foi outro homem excepcional. Foi poeta, escriptor, tribuno, philosopho e revolucionario. Sua philosophia é das mais elevadas do espiritualismo. Possuia uma alma radiante e um coração aberto ás mais generosas acções. Offereceu sua alma terrenal pela causa que defendia.

Eis aqui um delicado florilogio de pensamentos seus :

—«Se eu odiasse alguem, odiaria por elle a mim mesmo.

— «Emquanto houver um homem infeliz, ha algum homem culpavel.

— «O verdadeiro homem não olha o lado que se vive melhor, mas sim o lado em que está o dever ; esse é o homem verdadeiro, o homem pratico, cujo sonho de hoje será a lei de amanhã.

— «O melhor meio de servir a Deus é ser homem e trabalhar para que não se menospreze a Liberdade.

— «Soffrer é, quiçá, mais do que gozar : Soffrer é morrer para esta torpe vida, e nascer para a vida do Bem, unica verdadeira.

— «A humanidade não se redime senão por determinada dose de soffrimento, e quando uns delle se esquivam é preciso que outros o accumulem».

As idéas de Marti sobre a vida e a morte são de uma espiritualidade concludente :

— «A vida humana não é a vida integral ; é um trecho escuro do resto da vida. A mente humana não poderia concebel-a. A morte não é mais que uma forma occulta da vida. A morte é jubilo, é renascimento, tarefa nova.

A vida humana seria uma invenção repugnante e barbara se se limitasse á vida na terra.

— «Negar o espiritual que vibra e illumina, que guia e consola, que sara e mata, é o mesmo que negar a luz do sol.

— «A salvação da liberdade prepara a felicidade da morte.

— «Na ordem encadeada e illimitada da natureza em que uma arvore e uma penna duram seculos não pode numa só vida acabar-se a vida do homem que os é superior.

«Este ardente espiritualismo que anima este grande cubano — disse o culto escriptor M. Isidro Mendez — em um substancioso estudo intitulado «El misticismo de Marti» e de quem recebemos os anteriores pensamentos do Mestre — não tem um momento de desconsolo, um apice de incerteza, nem uma só manifestação terrorifica do desconhecido» — Foi, pois, Marti, um crente sincero que recebeu inspiração do Alto e que ouviu a vóz que lhe fallou neste seu pensamento :

— «A viagem humana consiste em chegar ao paiz que trazemos descripto no nosso interior, e que uma vóz continua nos promette.»

Já dissemos que Marti offereceu sua vida pelos seus ideaes ; morreu com o rosto voltado para o sol como desejava, e toda a sua vida foi uma pagina heroica. «Quando se tem vivido para o homem, quem nos poderá querer ou fazer mal ? A vida ha de se levar com bravura, e a morte ha de se esperar com um osculo».

⁂

Francisco Madero, o apostolo da Revolução Mexicana, figurava tambem nas phalanges espiritistas. Até os seus mais encarniçados adversarios estão de accordo que elle foi um nobre espirito, um coração generoso, um caracter integro. Amava o seu povo e pela liberdade deste chegou a dar a sua vida. Iniciou a Revolução que deu uma nova e elevada consciencia social ao povo do Mexico.

Madero foi um espirita convicto. Fez propaganda dos nossos ideaes, e deixou muitos escriptos, entre elles um «Manual Espiritista», que publicou sob o pseudonimo de «Bhima» sob os auspicios do 2.o Congresso Nacional Espiritista Mexicano. Esta obrinha foi dedicada á juventude e aos operarios em geral.

Madero foi apostolo e martyr, como Marti e Lincoln, e como elles, desafiando os prejuizos, inspirado nos seus ideaes espiritualistas, combateu o mal onde o encontrou, libertando com a palavra e a acção os opprimidos, ajudando os fracos e rebelando-se contra tudo o que opprimia o sagrado espirito humano.

Como Lincoln e Marti, marcou novas veredas á evolução dos povos, despertando as consciencias adormecidas e emancipando aos que viviam presos aos jugos politicos, religiosos e sociaes. E como Marti e Lincoln, Madero sempre acreditou na immortalidade. Não temeram a morte. Seu credo era de vida eterna, de confiança no Além Tumulo.

Todos elles entregaram-se valorosamente ás causas que abraçaram porque como disse Marti : «Quem offerece-se aos homens é devorado por elles ; mas é lei maravilhosa da natureza que só está perfeito o que se dá. E não se relucte a offerecer a vida até que não vençamos, em nosso proprio bem e da collectividade.»

Em lembrança d'elles, a nossa offerenda.

S. PAZ BAZULTO.

EM FACE DO IDEAL

Do berço ao tumulo, do tumulo ao berço, eis as etapas da nossa existencia até alcançar o progresso preciso para a vida livre no Espaço.

Labores obscuros, somnos profundos, vigilias gloriosas. Fraternidade, evolução, progresso ; taes devem ser os nossos deveres, os nossos sentimentos, as nossas tendencias. Tal é nossa divisa, a divisa da Humanidade. A claridade que nos guia ainda é fraca, mas sabemos que estamos em bom caminho, e estamos seguros de chegar ao fim.

Gloria aos nossos mortos que da outra margem do Rio vêm nos illuminar. Só elles, porque vivem no seio da Eternidade, podem nos falar da Eternidade.

Gabriel DELANNE.

PSYCHOLOGIA ANIMAL

Emquanto os estadistas absorvidos pela crise financeira que alastrou-se no mundo estudam os meios de conjural a, e os politicos se debatem por questões pessoaes que, além de não resolver as questões governativas que crescem todos os dias tomando um verdadeiro caracter dissolvente da sociedade e da familia, um punhado de sabios, uma pleiade de philosophos atacando a raiz do mal de todos os males, se esforça para vêr resolvido o problema da alma, cujo desideratum em sua maxima realisação, marcará o signal frisante de uma era nova, que felicitará as gerações vindouras.

E é de vêr que esse trabalho magistralmente orientado, talvez pelos altos poderes do Além, não se limitam á pesquiza da alma humana com as suas ascenções e as suas quédas, mas descem á escala inferior da creação, onde a vida tambem prolifera intensamente, onde a intelligencia domina o instincto, onde a dôr se faz sentir como no reino hominal, onde a luz com seus bellos fulgores penetrando os meandros mais reconditos dos seres, nos mostram que algo ha nessas vidas semelhantes á nossa, que não é uma força céga que faz o cão comprehender o seu dono e o cavallo a obedecer o seu guia e senhor ; que tambem elles, como nós, possuimos, ou antes *somos* os motores da nossa intelligencia, os impulsionadores da nossa vontade, os autores das nossas acções.

UM MACACO EQUILIBRISTA
(Cliché do «Dimanche Illustré»)

Bu-Bu, chamado o «Rastelli» dos macacos. E' o unico no mundo que executa jogos de equilibrio. Actualmente elle está em Paris, representando num grande circo parisiense.

Esta grande tarefa de descobrimento, revelação e propagação cabe aos psychistas em geral e aos espiritas em particular.

Abstrahidos de toda a preoccupação mundana, alheios ás injuncções regionaes que desbriam os homens e lhes fazem periclitar o caracter, fóra das congregações ritualistas e das aggremiações religiosas que com a mais cinica incuria chegaram a negar a alma ao animal, elles lavram num bello mas velho terreno, que assignala o vestigio por suas mattas frondosas e florestas virgens, dos nossos ancestraes, dos nossos antepassados, alguns poucos dos quaes legaram ás gerações a herança dos seus feitos heroicos nessa ramificação dos conhecimentos humanos.

E não será ella, de facto, a chave principal para a resolução de todos os problemas que mais de perto nos estão affectos ?

Como explicar a lei da evolução proclamada pelas sciencias positivas e constatada na téla viva do scenario mundial, sem o principio intelligente que anima os corpos e aformoseia o orbe em que vivemos, dotando nos todos os dias de melhoramentos destinados a uma existencia mais accomodaticia e mais proficua ?

E se admittimos a alma no homem, donde julgamos ter ella vindo com os seus conhecimentos innatos, suas propensões, seus instinctos de ferocidade de um lado, seus arroubos de virtudes de outro ?

Fazem bem os psychistas, tomarem a si a grande tarefa da resolução do problema animico, visto as religiões dominantes seleccionarem estes estudos pondo-os á margem de suas cogitações e a sciencia official consideral-o acima de suas attribuições, ou antes, assumpto de somenos importancia para sua attenção dedicada antes a cousas que julga de mais utilidade e mais positivas.

Compete a nós fazer desabrochar as flores que hão de perfumar o ambiente do futuro.

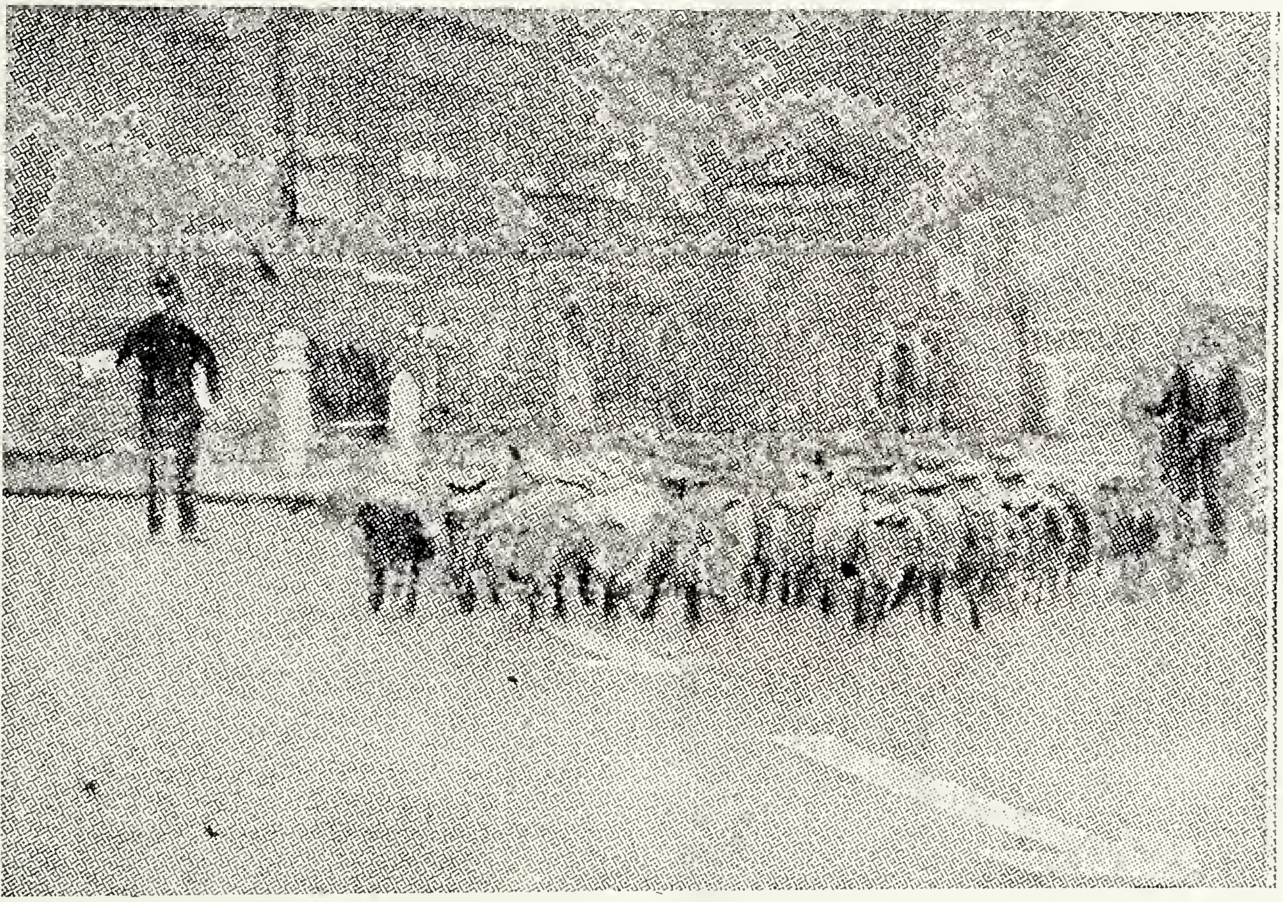

EM LONDRES: OS CARNEIROS E SUA INTELLIGENCIA.

Esse rebanho de ovelhas fazendo evolução no grande boulevarde de Londres, dá-nos uma nota pitoresca, é que, como poderia fazer um chauffeur dos mais exercitados, os animaes encaminham-se em direcção da flecha de circulação.

Deixemos de lado os tôrvos de entendimento, os presumidos de saber, os negadores systematicos de todas as novidades, que só se comprazem em utilisal-as depois que ellas cahem no dominio publico, tornando se imprescindiveis ás populações. Elles serão arrebatados pela onda, não poderão resistir aos influxos superiores de determinações progressistas.

Prosigamos na nossa tarefa, certos de que a semente que plantamos nem uma só se perderá.

—

O «Poney» Blach Bear

Na importante revista *Psychic-Research*, orgão de *The American Society for Psychical Research*, o sr. Goadby publicou um longo artigo sobre mais um «sabio» da raça cavallar, o «poney» Blach Bear.

Blach Bear conversa com os seus interlocutores por meio de um codigo convencional; utilisa se para manifestar o seu pensamento de 26 lettras e 10 cifras—ao todo 36 caracteres.

Diversos pesquisadores e sabios têm tido entrevista com o «poney» Blach, ficando maravilhados da precisão com que são dadas as respostas ás perguntas que lhe fizeram.

O nosso espaço não permitte a transcripção do artigo-relato do sr. Goadby. Nos limitamos a passar para estas paginas algumas conversas que diversos tiveram com o cavallo Blach.

Nesta sessão experimental, estiveram presentes, além do sr. Goadby, miss Post, mrs. Gallatin, mrs. Candler e mais um menino que foi em companhia de um dos assistentes.

Eis em linhas geraes a palestra :

— Miss Post.— Quem é o Presidente dos Estados Unidos ?

— Biach Bear. — (*c. a. d. A. Smith*, o infeliz concurrente de Hoover).

(*Movimento de surpreza e riso*)

— Mrs. Gallatin. — «Mas não é Al. Smith que vós quereis, não é ?

— Blach Bear — (Sacode a cabeça em signal de negação).

— Mrs. Gallatin. — Quem desejarias como Presidente ?

—Blach Bear.— M. Goadby (*surpreza ainda mais viva e risos*)

— Mrs Gallatin. — Quem era Presidente dos Estados Unidos em 1861 ?

—Black Bear. - Linc (*Lincoln*)

— Mrs. Candler. — Quem o assassinou ?

— Blach Bear. — Booth.

— Mrs. Candler. — Em que cidade aconteceu isto ?

— Blach Bear. — Washington.

— M. Goadby.—Que aconteceu depois a Booth ?

— Blach Bear. — Quebrou uma perna.

— Uma vóz. — Qual é o prenome usual de Booth ?

— Blach Bear. — Wilkes.

— O menino. — O que pensaes desta reunião ?

— Blach Bear. — Dize tu mesmo, meu caro menino.

Como se vê essa experiencia foi interessante e comprobativa, demonstrando a intelligencia do «cavallo sabio» e sua extraordinaria memoria que revelou muito bem tudo quanto aprendeu.

Interessante ainda é que o «poney» do sr. Goadby conhece muito bem as lettras e sabe ler inglez. Numa sessão com o sr. Alan Macdonald, da Direcção do New-York World, Macdonald cortou um circulo de papel em que se achavam as palavras «Standard Oil», collocou em frente ao cavallo e mandou que dissesse o que deveria dizer. Blach depois de pequena observação bateu pelo alphabeto convencional — «Standard Oil.»

Mais um exemplo da fidelidade do cão

L'Acchinatation, revista franceza, publicou a seguinte noticia que traz o titulo acima :

«Um cão acaba de provar mais uma vez que os animaes não são desprovidos de intelligencia. O cão em questão pertencia a uma pobre doente de Menez-Bic-en Trédarzec, nas costas do Norte ; tinha 64 annos de edade. O animal nunca a deixava só.

Um visinho foi surprehendido altas horas da noite pelos latidos do cão proximo á janella de seu quarto. Levantou-se e sahiu ; o animal encaminhou se diante delle para um tanque visinho ; elle acompanhou o cão, e viu fluctuar n'agua o corpo de Mme. Chavoir que ahi perecera afogado.

A infeliz mulher, no escuro, errando o caminho, cahiu no tanque.

Wolf — o cão mathematico

A «Psychica», revista franceza dirigida por Mme. Carita Borderieux, diz que o sr. Richard Jordan, director de «Kurz-Mitteilungen der Gesellschaft für Tierpsychologie» (Pequenas informações da Sociedade para o estudo da psychologia animal) narra no numero de maio de 1929 o que segue :

«Wolf é um cão allemão que o Pastor Grünwald, em Dürrenmungena, perto de Nürnberg, instruiu ha dez annos, a exemplo de Rolf, de Mannheim. Eis aqui o seu alphabeto, que foi composto por elle mesmo :

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a.au,	r,	o,	w,	l,	u,	f.v,	h,	b.p,	e.eu

11	12	13	14	15	16	17	18	19
d.t,	g ch,	i,	k,	m,	u,	s.sch,	x,	g.

Wolf conta com as patas. Para *sim*, bate duas vezes, para *não* quatro vezes ; tres golpes significa que *está cançado*.

A' minha cidade á aldeia distante, quando approximei-me de sua casa, elle latiu ; mas depois, tendo eu almoçado á mesa com o pastor, sua senhora e o pequeno Hartmut, estando a porta entreaberta, Wolf veio a mim e festejou me. Sentiu-se feliz, posou a cabeça nos meus joelhos e se mostrou muito alegre.

— Queres tu contar para o sr. Jordan ? perguntou-lhe o pastor.

—«Wolf :—Sim». Pois bem, diz então quantos fazem 3x5-|-60—20— 4. Quantas dezenas ? Wolf ergue 5 vezes a pata: — 50. E quantas unidades ? — Wolf bate uma vez. Assim elle havia contado 51, o que não me admirou. Eu observei Rolf e quasi todos cães calculistas, e conheço sua fabulosa capacidade para o calculo.

Então, contei que a cadella Senta que eu tinha ido vêr na ilha de Fehmarn, me havia proposto um dia o seguinte problema : 25x33.

Contando mal de cabeça eu respondi 775, mas Senta me corrigiu, batendo 825.

Eu devia partir logo para alcançar o auto postal que sahia para a gare de Rot. Pedi a Wolf que dissesse que horas eram ; pois o pastor não via as horas no relogio. Wolf respondeu que eram 10h.27, o que era exacto.

Alguns dias depois o sr. Jordan recebeu uma carta de Mme. Grunwald que exprimia com admiração, a amisade que o cão testemunhou ao sr. Jordan, pois, elle tinha a natureza muito reservada e ficava muito desconfiado quando achava-se em face de pessoas extranhas. Com as senhoras elle era mais dado. Ella disse tambem que Wolf era muito vaidoso e ambicioso, e mostrava se encantado quando se dizia ser elle muito bonito, mas que, á seu turno, tinha «uma grande alma, nobre e devotada, como demonstrou pelas respostas que deu ás suas perguntas». Ella diz mais, que depois da visita do sr. Jordan, pediu-se a Wolf que propuzesse um problema, assim como Senta propôz, e Wolf deu o problema : 15x26. «Nós, tendo contado apressadamente, elle se mostrou muito impaciente» — «São 320 ? eu perguntei. «Não», respondeu Wolf. — «São 390 ?» — «Sim» — respondeu.

O «Nürnberger et Uhr-Blatt» de 4 de maio publicou um artigo sobre a visita que o sr. Jordan fez a Wolf ; nesse artigo o sr. Jordan diz que Wolf está no numero 52 da lista dos animaes que calculam e respondem ás perguntas que lhes são feitas.»

Psychologia animal na Europa

A psychologia animal na Europa está tomando um grande influxo ; é preciso que acompanhemos esse movimento renovador que marca a éra nova que já está iniciada e que transformará completamente as archaicas idéas hereditarias que nos envolvem com o seu manto de ignorancia.

Caminhamos sob o influxo decisivo do progresso. Estudemos, pesquizemos, trabalhemos se não queremos fazer parte da escoria das civilisações decahidas.

CAIRBAR.

* * *

Transição e Progresso

A hora em que estamos é uma hora de transição e de parto doloroso. As formas exgotadas do passado empalidecem e se desfazem para dar lugar a outras, a principio vagas e confusas, mas que se precisam cada vez mais. Nellas se esboça o pensamento crescente da humanidade.

O espirito humano está em trabalho; por toda a parte, sob a apparente decomposição das ideias e dos principios ; por toda a parte, na sciencia, na arte, na philosophia e até no seio das religiões, o observador attento pode verificar que uma lenta e laboriosa gestação se produz. A sciencia, essa sobretudo, lança em profusão sementes de ricas promessas. O seculo presente é o das potentes eclosões. As manifestações do além, de passageiras e isoladas, vão se converter em permanentes e mundiaes. O nosso dever é esclarecer esses factos á humanidade futura, pois, caminhamos para o futuro, para a vida sempre renascente, pela via immensa que nos abre um espiritualismo regenerado.

LE'ON DENIS.

Uma sessão de Materialisação em Londres

O *Bulletin du Conseil de Recherches Métapsychiques de Belgique,* publicou o interessante relato que se vai ler e lhe foi enviado, de Londres, pelo sr. Alex. Dribbel:

— «M. Dribbel, membro do nosso circulo, nos enviou a tradução do relato de uma sesão effectuada em 12 de junho 1928, em Londres (Carehalton), na Villa Hollandia, em casa de um dos seus parentes, sr. Alex. Dribbel, com dose membros do grupo Hollandia, fundado em 1927, para o estudo da typtologia, de vozes directas, de escripta automatica e de metagnomia.

O medium é o sr. C. P. J. morador em Great Yarmouth.

Os assistentes são collocados em meio circulo, diante do gabinete escuro feito por cortinas collocadas num canto da sala e proximo a uma janella.

Com o auxilio de cordões fortes passados em redor dos corpos, o medium é ligado tambem á cadeira sobre a qual fica sentado, os punhos e pernas presas, e os botões da roupa tambem atados, para que não possa levantar-se.

Começa-se por tocar duas peças de gramophone: «Over there» e «In the sweet Bye and Bye», depois do que o disco é deixado no apparelho.

As luzes são apagadas, e depois de alguns minutos de attenção, as cortinas do gabinete escuro são agitadas com violencia e puxada para o interior do local. Este facto produziu-se varias vezes no correr da sessão e foi acompanhado de um frio psychico nitidamente sentido por todos os assistentes.

Logo uma individualidade, em linguagem esmerada annunciou sua bôa-vinda e o pesado porta-vôz de cobre que se achava fôra do circulo foi posto no meio, nitidamente visivel com seu reflexo lusidio.

A entidade, guia do medium, o *Espirito de um Arabe, Aboubeu Mohammed,* intitulando-se John, para mais facilitar, disse aos assistentes para auxiliarem o porta-vóz; d'outro lado, durante toda a sessão, os barulhos diversos, por vezes nitidos, se produziram no gabinete. Luzes fluctuaram em torno do gabinete emquanto o porta-voz ia tocar, seja o forro, seja os assistentes.

Subitamente, uma peça de roupa foi projectada no meio do circulo; examinada, reconheceu-se ser o paletot do medium, cujos cordões dos botões se achavam intactos,. e mãos invisiveis distribuiram aos assistentes o conteúdo dos bolsos: um lapis, um molho de chaves e uma tablette de aspirina.

Uma entidade com uma pronuncia escosseza muito nitida, nos disse chamar-se James Hardy, conhecido familiarmente por Jimmy; disse algumas palavras humoristicas e tomou parte activa na canção «Annie Laurie» que entoou em forte vóz.

Uma outra vóz directa declarou que o canto deveria ser continuado durante certo tempo por causa de uma perturbação devida a ligeira infiltração de luz vinda da janella e garantiu-nos que podiamos esperar phenomenos mais accentuados, desde que a obscuridade fosse restabelecida.

Acabamos de cantar a aria «*Bye and Bye*» quando a pesada tampa do gramophone abaixou por varias vezes e no pedido para saber se os espiritos presentes podiam fazer funccionar a machina, a tampa foi immediatamente erguida e o diaphragma com a agulha posto no disco. Uma só linha do canto «We schall meet on that beautiful shore» foi executado e Jimmi, falando pelo porta-voz, garantiu que elle havia achado esta phrase a proposito.

Perguntou-se-lhe se elle poderia distinguir e fazer ouvir o cantico registrado no outro lado do disco e pôr a machina em movimento. Quando a corda se exgottava, ouviu-se o barulho da manivela, mas o suporte do disco tendo feito ouvir um ruido, o sr. Dribbel pediu á entidade collocar o disco bem no lugar, o que fez todas as vezes que o ruido se reproduzia. Todos constataram que o manejo da machina foi executado com cuidado e um assistente fez notar isso ; de mais, um ligeiro raio de luz filtrante dava no gramophone e passava até a cadeira de um assistente, permittindo assim deixar ver que não tinha havido intervenção de nenhum dos assistentes.

Depois disto os «écrans» luminosos se puzeram em movimento, e sob sua claridade as cortinas foram vistas, bem como mãos materialisadas ; em seguida uma forma completamente materialisada se fez vêr ás pessoas sentadas perto do gabinete. Esta forma aproximou a cabeça de dois assistentes, que viram bem o rosto de um homem de barba preta vestido de uma tunica, fazendo mover os «écrans» para se mostrar inteiramente. O pedido de fazer bater os «écrans» para affirmar se era a entidade John, tambem foi satisfeita.

Uma outra forma tambem completamente materialisada foi reconhecida ser a mãe duma sra. sentada perto das cortinas ; esta foi acariciada pelas mãos do fantasma.

Um senhor viu tambem a silhueta de uma mulher corpolenta e quasi todos os assistentes experimentaram a sensação de mãos quentes durante as manifestações que se produziram.

Uma vóz dôce dirigiu-se a uma senhora e deu o nome do seu irmão falecido ; ella foi tocada varias vezes por uma mão deformada de tal maneira que não poude duvidar da presença de seu irmão que, quando vivo soffria de rheumatismo que havia deformado suas mãos.

Uma corrente de ouro foi tirada do pescoço de uma senhora e posta no pescoço de sua visinha. Um grampo foi tirado do cabello de uma outra e posto na mão de outra assentada do lado opposto.

Mãos delicadas ajustaram o laço da gravata de um dos assistentes, arranjaram o collete, acariciaram o rosto emquanto que outra passava pelos cabellos e orelhas, depois elle recebeu um beijo na fronte.

Os cabellos de uma senhora foram subitamente desmanchados e arremessados aos olhos ; flôres que estavam num vaso sobre o piano foram atiradas á extremidade do salão e certos assistentes foram aspergidos com a agua do vaso.

Subitamente ouviu-se um forte ruido e uma senhora sentada proximo do gabinete, ficou espavorida com a visão de um grande animal que, sem duvida, deveria ser um cão.

A metade das pessoas presentes poude sentir sobre as mãos as patas e o arranhar das unhas do cão ; outros sentiram a cabeça do animal apoiar-se sobre os seus joelhos e a lingua lamber-lhes as mãos. Todos ouviram-n'o correr na sala batendo as patas e a cauda na armação do gramophone. O animal parecia querer se fazer reconhecer, pois trazia nos dentes um «écran» luminoso que mostrava o maxilar superior. Um «écran» collocado verticalmente sobre o soalho permittiu ver a cabeça do cão, e um de nós poude verificar o pello rijo de um «terrier» irlandez, o que foi confirmado por outro assistente do lado opposto, que declarou ver a silhueta de um cão.

A tampa do gramophone tendo se abaixado novamente, pediu-se ao Espirito collocar outro disco e ser feita a manobra, tirando o disco utilisado.

A minuete de Beethoven foi executada e á pedido a porta do gramophone foi aberta.

O sr. Dribbel pediu então á entidade tocar um trecho favorito no qual elle pensava.

A manobra do instrumento repetiu-se mas o trecho tocado não foi o que o sr. Dribbel pensou.

Terminada a peça, a machina continuou a funccionar, então a entidade Jimmy pediu que parassem a machina, póis, lhe faltava força para isso. E assim terminou a sessão.

Accendeu-se a luz, o medium foi encontrado em sua cadeira, mas sem paletot. A sessão havia durado tres horas.

Os assistentes, que durante a sessão tinham formado cadeia, assignaram o relato, assim como se acha.

Alex. Dribbel.

Chronica Extrangeira

NOVOS HORISONTES DO ESPIRITISMO

Não sabemos as surprezas que nos estão reservadas, Cada dia que passa, novos descobrimentos nos maravilham, novas luzes nos illuminam denunciando o fim da escravidão da razão e o principio do imperio da liberdade de consciencia. Por mais que os conservadores se esforcem para dominar as almas, tanto mais se enfraquecem os seus poderes.

O vapor, a electricidade dominaram as distancias, uniram continentes, approximaram os povos. O que a electricidade, força ainda desconhecida, nos reserva ? Quem será capaz de negar que com o seu auxilio o «Mundo dos Mortos» poderia ser ligado tambem ao «Mundo dos Vivos», e reatarmos as relações interrompidas pela morte, com os nossos entes queridos ?

Não ha muito tempo propalou se a noticia de haver Edison descoberto um apparelho de communicação com os espiritos.

Esse boato circulou em diversos jornaes indigenas e repercutiu na imprensa espirita, mas sem que se pudesse affirmar, pois a noticia appareceu como um filho de paes incognitos.

Ha uma duzia d'annos as revistas europêas noticiaram a descoberta de uma machina com reveladores especiaes para photographar os Espiritos. A importante revista «Annales des Sciences Psychiques» chegou a dar o retrato do descobridor, da machina, como tambem algumas copias photographicas, que não eram bem nitidas porque, dizia o autor da descoberta, seu apparelho não se achava bem aperfeiçoado.

O tempo passou, e nós ficamos comprehendendo que não se tratava mais que um medium-photographo, e não de um apparelho-medium.

Em 1853, segundo nos informa o egregio Dr. Ernesto Bozzano, foi construido um apparelho no famoso circulo de Jonathan Kooms, em Ohio, Estados Unidos, cujo apparelho funccionava expontaneamente depois que a sessão começava, carregando-se de «aura magnetica» emanada do medium e dos assistentes.

Com o auxilio desse apparelho se conseguiu obter a «voz directa». Era elle composto de cobre e de zinco, combinados por tal forma esses metaes que pudessem accumular a energia mediunmica dos circumstantes.

Mas a descoberta não produziu mais effeito, prestando-se somente ás sessões do circulo Jonathan.

Agora agita-se novamente a questão do «medium mecanico».

O sr. Olive Chapman, de Nova Zelandia annuncia haver descoberto o «instrumento» desejado para nos pôrmos em communicação com o Outro-Mundo. Em uma carta que dirigiu á sra. Guendolyn Kelley Hack, uma das assiduas assistentes das sessões de «vóz directa» effectuadas no castello de Millesimo, o sr. Chapman a informa do actual estado de suas experiencias e affirma que em tempos que vêm perto, as communicações com o Além effectuar-se-ão pelos «mediums-mecanicos». Elle está trabalhando na construção de um apparelho que possa sintonisar as vibrações do ambiente terreno com as vibrações do Mundo Espiritual. O apparelho é fundado sobre os principios da telegraphia sem fios. O sr. Chapman diz que recebeu do Mundo Espiritual, por via mediumnica o desenho do apparelho, como tambem o desenho da corneta acustica para as «vózes». Accrescenta que tenciona se entender com Edison para maior successo da sua descoberta. Convém, entretanto accrescentar que o «medium-mecanico» é destinado unicamente aos phenomenos de «Vóz directa» e «effeitos physicos» — como materialisações, apports, etc.

Eis uma novidade que fazemos chegar ao conhecimento dos nossos leitores, uma "bôa-nova" — de anno novo, desejando que o novo invento veja a sua real conclusão para que nos sejam dados momentos felizes de apreciar essas transcendentes sessões, que demoveram as idéas materialistas dos grandes sabios, como Crookes, Wallace, Lombroso, Gibier, Flammarion e outros centos que militam nas nossas fileiras, pugnando pela reforma e redempção da humanidade.

CURIOSAS MANIFESTAÇÕES DO RAIO

O sr. Henri Azam, conhecido escriptor espirita, publicou na "Psychica" uma nota muito digna de attenção dos estudiosos e que vem por certa forma confirmar o que os Espiritos Instructores disseram á Allan-Kardec, quando este preparava o seu «Livro dos Espiritos», sobre a "Acção dos Espiritos nos phenomenos da Natureza :

E' do seguinte theor a nota do sr. Azam :

— «Varios jornaes, dentre os quaes o *Ouest-Eclair*, de 20 de outubro, publicaram o curioso facto que segue :

«A egreja de Beaumont Hague (Mancha), toda adornada de rosas para a inauguração da estatua de Santa Thereza de Lisieux, foi fulminada sabbado pela manhã. A torre foi descoberta, as portas arrancadas dos gonzos, os vidros quebrados e a abobada destruida. Os bancos foram todos revirados . . .

Mas um phenomeno que não deixamas de notar, e que chamou a attenção de todos os parochianos, mesmo dos que visitaram hontem a egreja é que dentre milhares de rosas que enchiam o templo, nenhuma foi attingida pelo raio. Mais ainda, um largo tapete de rosas que envolvia a estatua da santa e que enquadrava centenas e centenas destas flôres confeccionadas pacientemente de papel pelas moças de Beaumont, foi encontrado a menos de um metro duma das mais vastas fendas do forro. Pedaços de madeira e plastras cahiram em redor mas nem um seixo attingiu a bella ordem da delicada decoração.

⁂

Este caso interessante da acção do raio—catastrophica na apparencia—é mais um facto a adcionar na collectanea exposta por Camille Flammarion, em sua obra : *Les phenomenes de la Foudre et Les Caprices de la Foudre.*

E' assim que o Mestre dizia, esses caprichos curiosos se approximam muito dos phenomenos de *poltergeits* nas casas assombradas. Os effeitos são da mesma natureza, elles parecem ser intelligentes ou terem por causa uma intelligencia . . .

Com effeito, se não se admitte que os phenomenos espiritas ou mediumnicos parecem ser facilitados por zonas electro-estaticas poderosas (que são invisiveis e não devem ser confundidas com zonas electro-dynamicas - - ou electrico-estaticas em movimento—magnetismo attractor da materia circumvisinha e então materialisante visivel), não é possivel que nesses momentos em que altas potencias atmosphericas estão em jogo, entidades do espaço não se aproveitem d'ellas para assignalar a sua presença. De todos os modos essas zonas electricas constituem o *meio* e não a *causa* dessas curiosas manifestações. Seria interessante conhecer a natureza dessas causas eventuaes capazes de agir sobre forças physicas. Profundo problema que não pode ser elucidado senão hypotheticamente . . . Mas aqui nós entramos no puro dominio da Physica, muito distanciada actualmente da Physiologia classica».

A PEDRA SEPULCRAL

A seguinte noticia extrahimos da *Revue Spirite :*

Ernesto Bozzano diz em «Luce e Ombra», a proposito do caso de identificação espirita, que o Pr. Lawrance Jones declarou no Journal of the S. P. R. haver conversado recentemente com Bergson a respeito de provas de identidade espirita.

O Pr. Lawrence expôz então ao philosopho o seguinte caso :

— Um commerciante que havia enriquecido no oriente veio a morrer numa parochia da região de Sussex. Uma pedra sepulcral foi posta no seu tumulo.

Depois de certo tempo o genro do defunto contou ao pastor que sua mulher, num sonho, ouvira seu pae lhe dizer que a pedra sepulcral tinha sido posta sobre outro tumulo que não o seu. Mandé, o coveiro disse que semelhante erro era impossivel ter-se dado, porque seu irmão, que morreu subitamente em seguida a M. X..., tinha sido inhumado ao lado deste. O genro, satisfeito com a resposta não insistiu.

Mas a filha de M. X... teve novamente a visão de seu pae em sonho, que clamava com insistencia contra o erro. As autoridades, informadas, concordaram permittir a exhumação. Os trabalhos feitos vieram constatar que a pedra tinha sido posto, por erro, sobre o tumulo do irmão do coveiro, contrariamente ás affirmações deste.

Este caso é extremamente interessante porque é a correcção de um *erro desconhecido de todos os viventes,* por uma apparição num sonho prophetico.»

CLARIVIDENCIA DOS ANIMAES

Os grandes psychologos são unanimes em affirmar que certos animaes, como o cão, o gato, o cavallo são dotados de faculdade clarividente, talvez ainda mais accentuada que os proprios homens.

A este proposito vamos lembrar dois factos bem interessantes occorridos já ha algum tempo, mas que nem por isso desvalorisa a sua veracidade, pois, varios jornaes inglezes delles fizeram referencia, tendo tambem sido publicado uma resenha de cada um, na revista ingleza «Light», donde passamos para estas paginas.

O primeiro caso occorreu por occasião do assassinato do actor dramatico William Terriss, e foi contado por um amigo do filho da victima :

— «Na noite em que se deu o crime, Mme. Terris estava sentada no salão de sua casa em Bebfort Park, tendo adormecido ao seu collo o seu pequeno cão «Davie». Seus filhos William e Tom estavam com ella. O relogio marcava 7 h. 20, quando subitamente, sem motivo apparente, o cão saltou ao chão e começou a avançar freneticamente aqui e acolá rangendo os dentes e mordendo, num paroxismo de excitação e de terror. Esta attitude do cão impressionou vivamente Mme. Terris, que ficou perturbada o restante da noite.

Ora, foi justamente ás 7 h. 20, que o sr. William Terriss foi assassinado.

Tom, o filho de Terriss, assim se exprime : «Eu jogava xadrez com meu irmão William e o cão dormia ao collo de minha mãe quando repentinamente elle nos surprehendeu saltando em terra e lançando-se furiosamente dum a outro lado, rangendo os dentes e mordendo o ar. Minha mãe ficou amedrontada e exclamou : «Mas, que será ? O que é que elle está vendo ?» persuadida que a colera do cão estava voltada para algum ser invisivel. Eu e meu irmão nos esforçamos para tranquilisal-a, embora estivessemos tambem surprehendido da attitude do cão que era ordinariamente calmo e de caracter pacifico.»

Este caso, pelas circumstancias que o revestem demonstra muito bem a clarividencia do animal ; pois tratava-se, sem duvida, da «percepção» hallucinatoria da scena do assassinato.

—

Outro caso de não menos interesse foi exposto por um escriptor inglez, sr. J. W. Boulding, tal como se vai ler :

— «Um dos meus amigos, morador em Kensington (suburbio de Londres), estava doente ha muito tempo e num domingo á tarde do ultimo estio, um outro meu amigo com sua mulher foram de carro visital-o. A certa distancia da moradia do doente, o cavallo refugou negando-se a caminhar; parecia tomado de um terror repentino : recuava, tremia, ficando temorosos os que se achavam no carro. A certo momento a senhora levantou-se para melhor verificar o que se passava, e qual não foi o seu espanto, quando viu diante do cavallo, com os braços abertos o doente que elles iam vêr. Seu terror foi tal que ella cahiu sem sentidos nas almofadas do carro. Seu marido ordenou então ao cocheiro a voltar para casa. Isto aconteceu ás 5 horas da tarde.

Mais tarde elles resolveram pôrem-se novamente a caminho. Quando chegaram á casa do seu amigo verificaram que as portas e janellas estavam fechadas. Então lhes disseram que o doente havia expirado. A morte occorreu justamente á hora em que o phantasma appareceu diante do cavallo.

Tenho a notar que o cavallo foi o primeiro a perceber a apparição, o que confirma o que se diz que os animaes participam com os homens das faculdades de clarividencia.»

OS PHENOMENOS DE CHARLOTTENBURG

O Dr. Sunner, director da revista "Zeitschrift für Parapsychologie", publicou um relato dos phenomenos de "hantise" (assombração) de que a imprensa allemã se referiu, em Tauroggenerstrasse, Charlottenburg.

Trata-se de phenomenos insolitos de effeitos physicos, pancadas, rupturas de objectos, rumores, etc., que têm sido verificados em casa do sr. Alberto Regulski, com a presumivel mediumnidade da undecima filha deste senhor, chamada — Lucia.

Os phenomenos começaram logo após á morte de um tio da menina; interessante é que a medium e sua familia veem o espirito. O Dr. Sunner garante a veracidade do facto e expontaneidade das manifestações. Com a presença do Dr. Sunner deu se a dança de uma boneca que estava na cama da menina, bem como foram ouvidas pancadas e rumores. O mais interessante é que foi obtida a "escripta directa" por duas vezes no leito da medium. A primeira foi um signal parecido com a cruz de S. André; a segunda foi um H maiusculo, mal desenhado mas que exprime a primeira lettra do nome do defunto "Hans".

O phenomeno repetiu se diante de uma commissão de medicos encarregados pela "Sociedade de Medicina de Berlim" para o controle.

Com relação á marte do sr. Hans Regulsk deram se outros phenomenos: — em Berlim, na casa de residencia da viuva deste, em Lichtenberg em casa de uma sua prima, em Charlotenburg na casa de uma irmã da sra. Regulsk.

O Dr. Sunner espera que a mediumnidade da pequena Lucia possa ser melhor estudada quando a sua constituição permittir, pois actualmente ella se acha muito fransina".

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

As reuniões geraes das Commissões Executiva e Geral da Federação Espirita Internacional realisaram-se com a mais estreita cordialidade, tendo sido já estudados varios projectos para o Congresso Internacional que se effectuará em 1931, em Haya.

* * *

Muitos extrangeiros visitaram a «Maison des Spirites» inteirando-se do movimento que se vai realisando por toda a França.

* * *

Fizeram conferencias no salão da »Maison des Spirites» os illustrados confrades, sr. Andry Bourgeois, engenheiro de minas, e o Pastor Wiétrich. A medium Luce Vidi tem effectuado sessões experimentaes.

* * *

A «Revue Spirite», dando noticias do movimento espirita brasileiro, fez lisongeiras referencias do nosso trabalho de propaganda e do livro «Parabolas e Ensinos de Jesus», da lavra do nosso director.

Centro de Estudos Parapsychicos

No Centro de Estudos Parapsychicos da rue du Rocher, 64, tem havido interessantes sessões e conferencias semanaes: Experiencias de clarividencia de Pascal Forthuny; Experiencias sobre os doentes por Mme. Turck, vidente-medica, apresentada pelo conhecido jornalista Marcel Réja, — experiencias controladas pelos Drs. Jaworski, Teutsch, Regnier, etc. Conferencia de Mme. Marie-Louise Laval, sobre «Os Convulsionarios de S. Medard.»

INGLATERRA

A Ceifa de Hontem

«The Daily News» diz que no Theatro Apollo, de Londres fez grande successo a peça dramatica «Yesterdy's Harvest», que foi obtida por via mediumnica pela sra. Gladys St. John Loe. Esta senhora, que era descrente da immortalidade frequentando sessões com mediums conhecidos obteve communicação com o seu marido que havia morrido ha dois annos. Logo depois tornou-se medium recebendo o drama que entregou á publicidade no Apollo.

Um Phantasma em Fawkhom

Ha duas semanas que apparece no bosque de Fawkham, perto da cidade de Maidston um phantasma que tem trazido atropeladas mais de mil pessoas. Quem viu em primeiro lugar o phantasma, foi o sr. Estrie, morador perto do bosque.

O sr. Estrie chamou varios visinhos e resolveram perseguir o phantasma que dava gritos pungentes e subindo ao céo desapparecia. Desde essa occasião não ha noite em que o phantasma não appareça a um ou outro morador. Ha pouco um chauffeur dum caminhão deu um tiro de revolver no espectro que estava, dizia elle, trepado num galho de uma arvore. Os que estavam presentes declararam não saber exactamente como se passou o facto, seja como fôr o imprudente chauffeur levou uma pancada na cabeça, cahindo inanimado de medo.

Todos os jornaes da circumvisinhança noticiaram os phenomenos.

Um novo apparelho

A «Light» deu noticia de um novo apparelho — o «reflectographo», construido pelo sr. Kirby, de Skegness.

Trata-se de um apparelho extremamente delicado — uma especie de teclado de piano — que quando movimentado por uma mão ectoplasmica, projecta luz electrica com a intensidade que regula a pressão da mão.

Sir Conan Doyle escreveu sobre o mesmo instrumento dando os detalhes da operação. Sua opinião é que o apparelho do sr. Kirby é muito pratico e que o seu inventor abriu nova vereda ás investigações psychicas. Sir Conan Doyle espera que o sr. Kirby será convidado por uma commissão de sabios para fazer demonstrações com o seu apparelho.

O medium Schneider em Londres

O *Daily Mail*, o *Daily Express* e o *Daily News* fazem lisonjeiras referencias ás sessões do medium allemão Rudi Schneider, sessões essas que se têm realisado em Londres, com a presença de professores da Universidade e jornalistas. A demonstração da realidade dos phenomenos supranormaes tem sido dada de modo a não deixar duvida, apezar do rigoroso controle que tem sido exercido.

Um grupo permanente de sabios — physicos, biologistas e psychologos, será convidado no proximo outono para estudar os phenomenos, assim como algumas personalidades inglezas.

James Hewatt Mackenzie

Faleceu o sr. James Hewat Mckenzie fundador do *Bretish College of Psychic Science*.

Aos nossos confrades inglezes nossas condolencias.

HESPANHA

Todos os espiritas sabem que a Hespanha foi a inquisição do Espiritismo. Em 1861 o bispo de Barcelona mandou queimar na praça publica 400 livros espiritas. Pois bem, justamente em Barcelona, foi que sobre esse «auto de fé» ergueu-se o grande monumento espirita. E' assim que os nossos confrades hespanhoes têm traduzido em seu idioma todas as obras espiritas que têm apparecido. Depois da bibliotheca franceza, talvez seja a hespanhola a que mantem maior numero de edições espiritas para servir o publico.

A Federação Espirita Hespanhola, luctando sempre contra um governo despotico e oppressor, tem conseguido exercer digna e christãmente a sua tarefa. Ella mantem uma bella revista «La Luz del Porvenir», fundada em 1878, pela insigne litterata D. Amalia Domingo Soler. muito conhecida, por suas obras. em todo o mundo.

Festa Litteraria

O Centro Espirita Esperança Christã, de Barcelona, effectuou uma sessão litteraria em honra ao sr. Manuel Palás e sua esposa, em visinha áquella cidade. O sr. Palás é vice-presidente da Confederação Argentina.

—

O Centro de Estudos Psychologicos de Sabadell inaugurou a serie de conferencias de propaganda na sua nova séde social. São directores desta unidade os srs. Ramon Plans. José Soler, José Carbonell, Frederico Folch, João T. Serra, Francisco Soler e Narciso Tatché.

—

Sob a presidencia do Prof. Asmara a Federação Espirita Hespanhola realisou sua assembléa geral, tomando certas resoluções necessarias á divulgação da doutrina.

ITALIA

O «Scintille del Pensiero», diz que nota-se, em Milão, uma grande actividade entre os pesquisadores milaneses.

O Pr. Gino Trespioli fez duas conferencias sobre a — «Vida no outro Mundo» — e «As communicações mediumnicas».

* * *

«La Gazetta del Popolo» publicou o relato da extraordinaria sessão de Cascinaldi di Trovinassi, proximo a Setimo Vittone. Trata-se de um aviso de morte que a srnha. Olga Fiorina, como medium transmittiu, sendo ella propria a pessôa visada pelo espirito, e que realisou no dia seguinte.

O facto produziu sensação e toda a imprensa tem commentado.

* * *

«La Scena Illustrata» publicou tres communicações mediumnicas extrahidas, da série do Prof. Ernesto Bozzano.

* * *

«Luce e Ombra» continúa publicando os relatos de «Voce diretta» do Dr. P. Bon.

SUECIA

O grande medium inglez A. Vont Peters fez em Stockhlm uma conferencia a 2.000 pessoas.

Em Gothenburgo, depois de haver dado demonstrações da immortalidade, foi fundada uma sociedade de estudos psychicos.

Assim vai o illustre medium Peters cumprindo a sua missão de levar ás gentes a palavra da redempção.

HOLLANDA

O grande movimento espirita que se opera actualmente na Hollanda, na «cidade da paz» — em Haya, é um dos signaes caracteristicos da Nova Aurora que já illumina os horisontes do nosso mundo.

* * *

O sr. Jansen, de Copenhague fará em janeiro, uma «tournée» de conferencias na Hollanda, exepecialmente sobre Mme. d'Espérance, um dos maiores mediums que tem apparecido. O sr. Jansen percorrerá Haya, Rotterdam, Haarlem, Utrecht, Nimègue, Græning, etc.

* * *

Foi organisada uma commissão de propaganda para intensificar a actividade espirita em Haya, Amsterdam, d'Apeldoorn, Delft, Gravenhage, Groningue, Haarlem, Hengelo, Nimège, Utrecht, etc.

* * *

Mais uma revista circulará brevemente neste paiz — «Er is geen dood», cujo 1.o numero apparecerá brevemente.

PORTUGAL

Os trabalhos das commissões de propaganda vão merecendo o mais feliz exito.

* * *

Realisaram conferencias publicas de propaganda os srs. Dr. Antonio Freire, Cel. José Augusto Faure, D. Maria D'Oneill e Antonio Vilela.

* * *

Consta que se effectuará brevemente o Congresso Espirita Alentejano.

* * *

No Centro Espirita «Luz», de Coimbra os srs. Dr. A. Pratas e Lameiras effectuaram substanciosas conferencias.

* * *

A Federação Espirita Portugueza iniciará brevemente a construcção de sua séde, contando já para esse trabalho 113:609$000.

* * *

O Centro Espirita de Leiria tem visto augmentar muito a sua assistencia, graças ás communicações de alto valor que vem recebendo.

* * *

A Sociedade Portuense de Investigações Psychicas está em grande actividade intensificando a propaganda no norte do paiz.

* * *

A «Revista de Espiritismo» reservou em sua capa, um quadrinho para o annuncio da nossa publicação. Somos muito reconhecidos aos confrades da directoria da «Revista», por esse acto de sympathia e solidariedade.

* * *

Recebemos os «Ecos do Além», de Silves, sob a direcção do sr. Francisco Cabrita. «Ecos do Além» está no 14.o anno de existencia.

MEXICO

A Federação Espirita Mexicana fez um appello aos grupos federados para abandonarem de uma vez as explorações e imitações religiosas que lavram como herva danninha na Seara.

* * *

A seu turno o sr. Rufino Juanco, director da mesma revista dá um brado de alerta contra uma «seita trincadista» que em nome do Espiritismo, desorienta os neophitos, como sôe acontecer aqui os celeberrimos «redemptoristas», que se dizem espiritas e combatem Allan Kardec.

* * *

A Federação Mexicana celebrou o Natal fazendo larga distribuição de donativos ás crianças pobres.

* * *

O medium Rufino Quintero, que faz parte do corpo directivo do «El Siglo Espirita», continúa realisando, com successo, curas mediumnicas de alto valor.

CUBA

Uma nova effervescencia de propaganda se accentùa por toda a Ilha.

* * *

Em Havana foi fundado o centro

«Hermano Jesus», tendo por presidente o sr. Abraham Pumariega.

⁂

A Federação Nacional está fazendo um appello para federar grupos.

⁂

Continúa circulando o diario espirita e maçon «Hoje» — sob a direcção do sr. Morales.

BELGICA

O sr. Bieva realisou conferencias em Liège sobre «Confronto do Espiritismo e Catholicismo», com numerosa assistencia.

Fizeram tambem conferencias, os srs. Derache—«Os Martyres»; L'Homme—«Algumas experiencias na Islandia»; Cabolet — «O Espiritismo e a Paz».

⁂

A Federação Espirita de Liège realisou uma grande festa do Natal, dando presentes aos meninos necessitados.

⁂

O sr. e a sra. Richard têm feito conferencias em Liège, com demonstrações de clarividencia.

⁂

Temos sobre a mesa "La Revue Spirite Belge", redigida pelo sr. J. L'Homme.

ARGENTINA

Temos sobre a mesa "La Palabra de Lumen", que está no 2.o anno de existencia.

⁂

Na "Sociedade Constancia" falou o sr. Ortubia sobre a "Tolerancia entre os espiritas»; o sr. Serra sobre "A cultura da moralidade".

⁂

A Sociedade Beneficencia Natividade realisou uma grande festa por occasião, fazendo grande repercussão espirita.

⁂

No Centro Benjamin Franklin o sr. Manio Rinaldini fez, com numerosa assistencia, uma conferencia sobre "O progresso do Espiritismo na actualidade.

⁂

Recebemos a "Constancia", revista da Sociedade Constancia.

⁂

Temos sobre a mesa a bem feita revista "La Idéa", da Confederação Espirita Argentina.

⁂

A Confederação Espirita Argentina conta as seguintes sociedades federadas:

Amor, Luz e Progresso—da Capital.
Amor e Caridade—S. Fernando.
Benjamin Franklin—Capital.
Deus e Progresso—Capital.
Pucella d'Orleans—Capital.
Fé e Caridade—Capital.
Humanidade—Capital.
Pelo Caminho da Perfeição—Capital.
José Gutiarrez—Avellaneda.
União dos 4 Irmãos—Capital.
Marcos de Leão—Capital.
Miguel Vives—Lanús.
Mundo da Verdade—La Plata.

Estes gremios já enviaram á Confederação a nota dos seus trabalhos. Outros ha que ainda não o fizeram.

⁂

«La Idéa», dá noticia que Edison crê na clarividencia em vista de uma prova de que foi testemunho.

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

As festas do Natal em S. Paulo

Os festejos do Natal correram com certa animação, consistindo em distribuição de generos, roupas, aos pobres; dôces ás crianças; visita aos encarcerados; conferencias publicas e discursos sobre a data de 25 de Dezembro.

A maioria dos Centros paulistanos esteve em franca actividade: Centro de Mattão, de Piracicaba, de Jahú, Filhos da Fé e 13 de maio da Capital; Centro da Villa Neves; Centro de Tayuva; Centro de Campinas; de Pennapolis, de Lins, de Araçatuba, e muitos outros.

TAYUVA

Um caso curioso

Enviaram-nos de Tayuva a seguinte noticia:

Na fazenda S. José, deu se um caso digno de registro. E' o seguinte: O colono João Tessario estava junto á sua irmã Tessaria Martino; conversavam sobre serviços de roça que tinham de fazer, quando subito sentiram cahir lhe nas costas agua fria. Não havia chuva nessa occasião e o sol estava abrazador, pois seriam 11 horas da manhã. Os dois irmãos ficaram muito intrigados com o banho que tomaram, sem saber donde viria aquella agua.

A familia Tessario, que tem crença catholica, pela sugestão de um filho, está atribuindo o phenomeno ao «diabo».

ARAÇATUBA

Previsão de Morte

Transcrevemos a seguinte noticia do «Diario de S. Paulo»:

«ARAÇATUBA, 27 (Do correspondente do «Diario de S. Paulo») — No dia 25 ultimo, numa das ruas de Valparaizo, prospero patrimonio situado neste municipio, deu-se um desastre de consequencias fataes.

Obra do acaso, a todos impressionou profundamente.

Viajavam num automovel de propriedade do sr. João Gomes, a sua familia, um seu sobrinho e o dr. Ramos Mourão, com destino a esta cidade, quando, ainda na sahida de Valparaizo, uma grossa arvore tombou exactamente sobre o vehiculo.

Passados os primeiros instantes de geral espanto, verificaram os sobreviventes e os derrubadores da matta, que se achavam gravemente feridos o dr. Ramos Mourão e o moço sobrinho do sr. Gomes. A senhora deste e o «chauffeur» estavam tambem feridos mas sem gravidade.

O dr Mourão poucos momentos teve de vida e o sobrinho do sr. Gomes falleceu horas depois.

Amigos do dr. Mourão, engenheiro ha pouco residente entre nós, promoveram o seu enterro nesta cidade, ao qual compareceram grande numero de pessoas gradas.

Particularidade interessante e realmente impressionante :— Num dos bolsos do dr. Mourão foi encontrado um cartão para o delegado de Policia local, informando o do presentimento que aquelle engenheiro tinha de morrer em proximo desastre e indicando lhes a residencia de seus paes em Minas Geraes.

SOROCABA

No Centro Espirita Flammarion, fez duas conferencias, o nosso confrade sr. Hermenegildo de Aquino, sobre o thema: «O temor da morte» — «Auxiliemos os seres inferiores».

O Clarim e A Aurora foram distribuidos.

Do correspondente.

RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto é, das cidades de S. Paulo, talvez a que tenha maior numero de espiritas. Duas sociedades importantes se conta nessa cidade, além de diversos grupos familiares, e espiritas pessoaes.

"DEUS—CHRISTO—CARIDADE"

Espiritas da União de Ribeirão Preto, por occasião da homenagem ao Espirito de Euripedes Barsanulpho. Photo offerecida á Revista Internacional do Espiritismo.

Assistentes da sessão em homenagem ao Espirito de Euripedes Barsanulpho, na União Espirita de Ribeirão Preto

A União Espirita de Ribeirão Preto tem por director dos seus trabalhos o nosso companheiro Emiliano Cardoso de Moraes ; e o Centro Euripedes Barsanulpho, é presidido pelo confrade sr. Jorge de Castro, tendo por orador o nosso confrade Gustavo Zanardini.

E' nosso representante em Ribeirão Preto, o nosso prestante confrade sr. Emiliano Cardoso de Moraes, com quem os interessados podem se entender para novas assignaturas e reformas de assignaturas — Rua João Ramalho, n. 4.

* * *

ITAPIRA

Sob a presidencia do confrade Americo Firmino Machado, o Centro Luiz Gonzaga realisou a sua palestra mensal, na qual tomaram parte os seguintes oradores : Cesar Bianchi—exame das religiões ; João Brandão Junior —o Christianismo ; recitaram as meninas : Hermelinda Braga, Beatriz de Freitas, Alice Rodrigues, Mathilde Rodrigues.

O presidente dissertou depois sobre «O Christianismo no 2.o seculo».

Falou em seguida o representante

da Revista Internacional do Espiritismo Giacomo De Bernardo, sobre «Os Discipulos de Jesus.»

O salão social achava-se repleto de assistentes, tendo sido distribuido O Clarim.

O Centro realisa suas palestras no 1.o domingo de cada mez. Além disso o Centro faz sessões de estudo ás 2.as 3.as 5.as 6.as e sabbados. Aos domingos estudo e commentarios do livro «Parabolas e Ensinos de Jesus».

Se todos os Centros tivesse a bôa vontade e a orientação do Centro de Itapira, o Espiritismo estaria disseminado e já estaria dominando as almas.

Do correspondente.

RIO CLARO

Em visita ao Centro local, onde fizeram conferencias, estiveram os nossos confrades saucarlenses Antonio Basso e Francisco Crestana, e Zacharias Onofre, de Ityrapina, tomando cada um delles para thema—«A doutrina espirita», cuja exposição foi feita com muito clareza.

Usou da palavra por fim o secretario do Centro sr. Paulo S. Ferraz que agradeceu aos visitantes as provas de amor fraterno que lhes offereceram.

«O Clarim» foi distribuido aos assistentes.

GUARATINGUETA'

O Centro Espirita Amor e Caridade, dirigido pelo nosso confrade sr. João Teixeira de Souza, festejou o Natal, desempenhando o seguinte programma :

Dia 24, das 7 ás 10 horas — distribuição de 1.200 vestidos confeccionados ; 1.200 pães ; 1.200 pacotes de doces á outras tantas crianças portadoras de cartões para esse fim.

A's 11 horas—Visita aos encarcerados na Cadeia Publica e entrega de vestidos, pães, doces e outros presentes.

A's 19 horas – Sessão solenne, abrilhantada com o concurso de 10 senhoritas e crianças que recitaram lindas poesias.

Abertura dos trabalhos pela presidencia.

Recitativos :

Grande Festa—Lourdes Torres ; Caridade—Italia Salmo ; A Felicidade—Maria L. Almeida Castro ; Meditação—Dholy de Souza.

2.a Parte

Pontos de vista — Discurso pela senhorita Lourdes Torres ; Natal — Octavia Torres ; Allan Kardec—Nair Nery ; Jesus e os pequeninos—Ilza Torres ; A Dôr — Lourdes Torres ; Aspiração—Geralda Almeida Castro ; O Espiritismo — Octavia Torres ; Préce a Jesus — pela Presidencia.

Rio de Janeiro

MIRACEMA

Á Sociedade Paz e Harmonia consoante ao seu programma vae desempenhando a tarefa a que se propoz.

A Escola da Associação sob a direcção da professora Lavina Lopes, attendendo ao convite do Dr. Ribeiro Junqueira, compareceu ao Cine dia 15, onde foi assistir juntamente com o Grupo Escolar, a conferencia sob o titulo «A Escola», proferida pelo illustre Dr. R. Junqueira, tendo as creanças em forma, e durante o tempo que permaneceu no recinto do Cine portando-se com disciplina.

— A festa do Natal correu animada. A distribuição aos pobres excedeu a toda a expectativa, pois, á frente desta obra de caridade estiveram senhoras e senhoritas que demonstraram a melhor bôa vontade.

— Houve distribuição de roupa e cobertores aos pobres, bem como todos os donativos que foram obtidos. O commercio de Miracema auxiliou muito essas emprezas de caridade.

Do correspondente.

⁂

Na Capital todos os centros festejaram o Natal fazendo larga distribuição de dinheiro, generos e roupas aos pobre.

Houve á noite em todas as associações conferencias que versaram sobre a Vida de Jesus e sua Doutrina.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO 5.o ANNO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1929 a Janeiro de 1930)

N. 1 — FEVEREIRO DE 1929

Caminho andado	Redacção	1
Casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	3
O espiritismo na America do Norte . . .	Da revista «Rearson»	5
Experimento de Photographia do Pensamento .	T. Fukurai	8
Voz Directa	Gomes Braga	11
Estudo Experimental da Alma	Allan Kardec	15
Gabriel Delanne e o Espiritismo	Redacção	16
A Theosophia e o Espiritismo	M. Rango D'Aragona	20
Algumas de minhas experiencias em Londres .	M. Rinaldini	24
Notavel Photographia Espirita	Redacção	28
Chronica Extrangeira	«	30
Ecos e Noticias	«	33
Espiritismo no Brasil	«	37

N. 2 — MARÇO DE 1929

Os phenomenos psychicos e as theorias contradictorias	Redacção	41
Theosophia e Espiritismo	M. Rango D'Aragona	43
Voz Directa	Gomes Braga	45
A Alma dos animaes	Gertrude E. Metcalfe-Shaw	48
O Materialismo	Dr. J. Passos	52
Uma photographia interessante	«	55
Casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	57
Photographias transcendentes	Cairbar	60
Chronica Extrangeira	Redacção	63
Ecos e Noticias	«	66
Espiritismo no Brasil	«	70
Bibliographia	«	74

N. 3 — ABRIL DE 1929

Universalidade das manifestações espiritas . .	Redacção	75
A essencia do Espiritismo	M. Rango D'Aragona	77
Pela Fraternidade	Erasmo Pilotto	78
A Alma	Leon Denis	79
O sonho do General Mac Clellan	Wesley Bradshaw	80
Casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	83
O Espiritismo no Japão Moderno . . .	W. Asano	85
Dr. Hyppolyte Baraduc . . . . . ,	Redacção	88
O movimento do Espiritismo Exp. na Allemanha	Gabriel Gobron	92
A Alma dos Animaes	Redacção	94

Propriedade do perispirito	G. Delanne	95
Chronica Extrangeira	Redacção	96
Ecos e Noticias	«	99
Necrologio	«	102
Espiritismo no Brasil	«	103

N. 4 — MAIO DE 1929

Evolução dos Phenomenos Espiritas	Redacção	107
Testemunhos da sobrevivencia	Camille Flammarion	109
Voz Directa	Gomes Braga	113
Magnetismo e Espiritismo	A. Bouvier	115
A evidencia da Immortalidade	L. B.	116
O espiritismo no Japão moderno	W. Asano	117
Conceito racional	Marius George	119
Expiação e redempção	M. Rango D'Aragona	120
O movimento espiritualista na Allemanha	Gabriel Gobron	122
A fabula de Anatole France	De «La Nota Espiritista»	123
Factos espiritas e animicos	Redacção	124
A sciencia e o facto	Lis	125
Historia do Espiritismo	D. N. G.	126
Chronica Extrangeira	Redacção	127
Ecos e Noticias	«	130
Espiritismo no Brasil	«	134
Necrologio	«	137

N. 5 — JUNHO DE 1929

A conquista da verdade	Redacção	139
A morte e sua significação	Oliver Lodge	141
Casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	143
As forças radiantes	M. Rango D'Aragona	145
Mensagens em linguas desconhecidas do medium	De «Light»	147
Photographia Metapsychica	G. H. Adan	151
A visão de Carlos XI	Redacção	152
Photographias espiritas	«	154
O que penso do Espiritismo	L. Chevreuil	155
Theoria do dr. Titus Bull sobre a obsessão	H. Leaf	156
Evolução e Perfeição	José Ingenieros	157
Psychologia Animal	Zoophilo	258
Chronica Extrangeira	Redacção	160
Ecos e Noticias	«	163
Espiritismo no Brasil	«	166
Bibliographia	«	170

N. 6 — JULHO DE 1929

Psychologia das contradições	Redacção	171
Os scepticos e descrentes	J. Ingenieros	173
Vida e Morte	Dr. Sotero Angelo	174
O significado philosophico da duvida	Ernesto Bozzano	175
A supremacia do Espirito	Pedro de Camargo	178
Espiritualismo... Politico ?	M. Rango D'Aragona	179
A immortalidade da Alma	Allan Kardec	180
A Mediumnidade de «Margery»	G. B.	181
A mediumnidade e a immortalidade	Leon Denis	182
Uma sessão com os mediums Hope e sra. Buxton	H. F. Lawton	183
Psychologia Animal	Redacção	184

S. Paulo e a Immortalidade	Cairbar	185
O medium mexicano Refugio Quintero	Redacção	186
As faculdades mediumnicas	Leon Denis	187
As idéas espiritas de Conan Doyle ha 40 annos	A. Conan Doyle	188
Uma sessão de «Voz Directa» num crematorio	Redacção	190
Chronica Extrangeira	«	191
Ecos e Noticias	«	195
Espiritismo no Brasil	«	199
Necrologio	«	202

N.º 7 — AGOSTO DE 1929

Philosophia do futuro	Redacção	203
Uma sentença juridica	Dr. Ernani de Andrade	205
A vontade	José Ingenieiros	207
Psychologia Animal	Souza Ribeiro	208
As grandes contendas astraes	M. Rango D'Aragona	210
As photographias do Padre Pons	Redacção	212
Um medium pintor	«	214
A mediumnidade de «Margery»	G. B.	220
Chronica Extrangeira	Redacção	223
Ecos e Noticias	«	227
Espiritismo no Brasil	«	230
Bibliographia	«	238
Notas Diversas	«	238

N. 8 — SETEMBRO DE 1929

A vida antes — durante e depois da morte	Redacção	239
Uma sentença juridica	Dr. Ernani de Andrade	241
M. Jean Meyer	Redacção	243
Os tres periodos espiritas	Allan Kardec	245
O testamento de Allan Kardec e a 4.a Revelação	M. Rango D'Aragona	246
Um artista de valor	Redacção	248
Photographia espirita	Charles L. Tweedale	250
Psychologia Animal	Redacção	252
A missão do Espiritismo	Pedro de Camargo	253
Os ultimos momentos de Gœthe	Redacção	254
A immortalidade da alma — suas razões psychicas	Prof. G. Lindsay Johnson	255
Chronica Extrangeira	Redacção	256
Ecos e Noticias	«	261
Espiritismo no Brasil	«	265
Necrologio	«	270
Bibliographia	«	270

N. 9 — OUTUBRO DE 1929

Allan Kardec	Redacção	271
O Espiritismo como doutrina integral	Arcilio Guimarães	273
O homem com personalidade e o homem sem personalidade	José Ingenieiros	275
Os dois espelhos	Pedro Camargo	276
O principio espiritual e a existencia de Deus	Allan Kardec	277
A multiplicação dos pães	Cairbar Schutel	278
O subconsciente	M. Rango D'Aragona	281
O espiritismo e as idéas novas	Max	282
As photographias e o Padre Pons	Redacção	283
A morte	Leon Denis	285

A tradição e a reincarnação	Gabriel Gobron	286
Acção do magnetismo humano sobre os microbios	Redacção	289
Psychologia Animal	«	291
Chronica Extrangeira	«	293
Ecos e Noticias	«	297
Espiritismo no Brasil	«	299

N. 10 — NOVEMBRO DE 1929

A vulgarisação do Espiritismo	Redacção	303
A tradição e a reincarnação	Gabriel Gobron	305
Psychologia integral e reincarnação	Dr. Gustave Geley	307
Independencia e submissão ás leis	Cairbar Schutel	308
O moderno Espiritualismo	Leon Denis	309
O arcediago Colley e as materialisações que presenciou	Redacção	310
As photographias espiritas e o Padre Pons	Redacção	314
Psychologia Animal	«	316
As radiações humanas e as curas	«	318
Os sabios e os phenomenos espiritas	«	321
Chronica Extrangeira	«	324
Ecos e Noticias	«	328
Espiritismo no Brasil	«	331

N. 11 — DEZEMBRO DE 1929

A Psychologia do Desconhecido	Redacção	335
Psychologia Animal	Souza Ribeiro	337
A tradição e a reincarnação	Gabriel Gobron	339
Premonições — Avisos propheticos e sonhos premonitorios	Cairbar Schutel	341
O Espiritismo Inglez	M. Rango D'Aragona	345
Os mortos e a immortalidade	Traumer	347
As photographias dos drs. Hasmann e Keeler	Redacção	350
Rev. W. Stainton Moses	Redacção	352
As curas miraculosas	Henri Azam	356
Chronica Extrangeira	Redacção	357
Ecos e Noticias	«	360
Espiritismo no Brasil	«	362
Bibliographia	«	366
Notas Diversas	«	566

N. 12 — JANEIRO DE 1930

Estudo Retrospectivo	Redacção	367
A escola da Dôr	M. Rango D'Aragona	369
Experiencia de Vóz Directa em plena luz	Ernesto Bozzano	371
Os perigos da mediocridade	José Ingenieiros	373
Dr. A. Bertrand-Lauze	Redacção	374
Os phenomenos luminosos no momento da morte	Raoul Montaudon	377
Tres libertadores espiritualistas	S. Paz Bazulto	379
Psychologia Animal	Cairbar	382
Transição e Progresso	Leon Denis	385
Uma sessão de materialisação em Londres	Alex. Dribbel	386
Chronica Extrangeira	Redacção	388
Ecos e Noticias	«	391
Espiritismo no Brasil	«	396

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director : CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores : DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	40$000

NUMERO AVULSO 2$500

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

8931CL PA 814
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1 1 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7115unse

NNO VII — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1931 — N. 1

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

Completa

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Advento da grande Espiritualisação
As consequencias Philosophicas do Espiritismo
Nova etapa a percorrer
«Espiritualismo»
Voltaire
Reencarnação
As experiencias do Dr. Enrico Imoda
A proposito de «Revelações Transcendentaes»
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas Diversas
Bibliographia

Photographia do Espirito de Cesarino

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Fevereiro de 1931 - NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

Advento da grande Espiritualisação

O periodo que atravessamos, assignalado por grandes acontecimentos que agitam com inquietantes perspectivas todos os pensadores, não representa para nós senão o advento de uma nova éra de grande Espiritualisação para a humanidade.

Os desasocegos, as apprehensões, a desorientação das sociedades e dos Governos, a falta de fé, o desagrado para tudo o que concerne á Vida Espiritual, a ausencia de Ideal, a fascinação para as diversões e o culto das paixões mal sans, são caracteristicos frisantes de um mundo que se esvae sob a fermentação de doutrinas deleterias, para dar nascimento de um novo mundo, que se erguerá aos influxos de um Sol de Amor e de Justiça em que a razão e a affeição terão representação condigna de uma humanidade regimentada sob os principios vivificadores do Espirito.

A época actual tem absoluta paridade com as épocas transactas adventicias das grandes revelações que concorreram, por certa forma, para uma nova norma de vida na terra.

Sem nos deter nessas phases historicas do nosso mundo, mas para melhor frisar o momento que passa, basta lembrar a anciosa espectativa que se manifesta em toda a parte da apparição de um homem revestido de poderes capazes para solucionar os intrincados problemas que affectam sobremaneira a vida dos povos e das nações e que originam a crise avassalante que nos opprime.

De todos os lados existe uma esperança instinctiva de que algo de solemne está para apparecer: catholicos, protestantes, pensadores de todas as crenças apregoam mesmo que não está longe o dia em que um novo Messias falará ao mundo, fixando as bases de uma nova sciencia estrictamente ligada á Religião.

Este «espirito prophetico» diffundido em «toda carne» denuncia claramente que a humanidade está sobresaltada com o vislumbre de quadros allucinatorios, mas de caracter veridico, que se desenham em sua mentalidade, intuições premonitorias que coincidem perfeitamente com as predições das Escripturas, os avisos profeticos e as mensagens mediumnicas dadas em todas as Associações Espiritas do mundo.

O grande Coodificador do Espiritismo, no seu livro «A Genesis», cap. «Papel da sciencia na Genesis», demonstrando a nullidade da sciencia para resolver as difficuldudes do problema da Genesis, lança um appello para que «a sciencia constitua a verdadeira Genesis segundo as leis da natureza», e se estende em considerações substanciosas», verdadeiramente sabias sobre os systemas do mundo antigo e moderno, uranographia em geral, esboço geologico da terra, diversas theorias sobre a sua formação, revoluções do globo, genesis organica, genesis mosaica, etc. cujo compendio supre já a falta de um outro que em tal sentido venha ser elaborado.

Quer dizer isto que, para nós, essa sciencia não constitue uma esperança de realisação, mas um facto bem positivo, só desconhecido d'aquelles que não querem se dar ao trabalho de estudar.

O Espiritismo lançado aos quatro ventos em 1857 por Allan Kardec no seu «Livro dos Espiritos» constituiu-se a PEDRA ANGULAR das grandes verdades que, como estrellas bemfazejas, illuminarão o mundo, estabelecendo o traço de união entre a Religião e a Sciencia. Mais ainda, elle erguerá a moral dos povos no dia em que a sua philosophia for conhecida e observada, orientando os homens para um progresso mais definido e apressado para a realisação dos maiores emprehendimentos.

Como os demais pensadores e proselytos de outros credos, acreditamos tambem que não está longe o dia em que o Super-homem, esperado por todos se mostre no grande palco mundial, cheio de sabedoria e de autoridade precisa para fazer prevalecer a sua Palavra, anciosamente esperada pelos humildes do povo, pelos desilludidos da vã sapiencia dos dictadores da consciencia e dos escravocratas da razão.

Ha muitos annos entrevimos o periodo em que nos achamos, e foi justamente por anciarmos tomar parte na liça ao lado do Grande Ideal que nos apresentamos na arena da imprensa para reivindicar os direitos do Espirito, conspurcados por escribas sem norte que só buscam os bens terrenos, e o commodismo pessoal.

—

Traçamos as linhas que aqui ficam, lembrando o 6.o anniversario do nosso apparecimento, que evoca as luctas mantidas pela Espiritualidade.

Meia duzia d'annos de combate sem tregoas, pelo maior de todos os ideaes assignala para nós o dia de hoje.

São seis annos de labor intellectual na propaganda, na divulgação do Espiritismo, cujo periodo é uma concretisação de forças que nos esforçamos reunir afim de abater as barreiras materialistas que impedem a passagem dos espiritos para o reino da Verdade.

Entramos hoje no 7.o anno de vida e nos achamos encorajados para as novas refregas, embora confessemos a nossa deficiencia para tão alta tarefa. Mas estamos certos que não nos faltará o auxilio Supremo para o bom exito da empreza que enfrentamos.

Somos sinceramente reconhecidos a todos os que nos têm auxiliado com os seus affectos e nos dedicado a sua solidariedade e sympathia.

Esperamos que os Caros Espiritos que dirigem o nosso movimento, nos sejam propicios, suprindo com as suas luzes e o seu poder as nossas necessidades.

Deus seja louvado.

A vida do homem de bem é uma prece continua, uma communhão perpetua com seus semelhantes e com Deus. Elle não tem mais necessidade de palavras nem de formas exteriores para exprimir a sua fé; ella se exprime por todos os seus pensamentos. Elle respira e agita-se sem esforço numa atmosphera elevada, cheia de ternura pelos desgraçados, cheia de bôa vontade por toda a humanidade.

Essa attitude é que mantem os homens de bem nas alturas de receberem as inspiração do genio.

LEON DENIS.

As consequencias Philosophicas do Espiritismo

Todos os espiritas que vão á Paris, não visitam o dolmen de Allan Kardec, no Père Lachaise, sem visitar o tumulo em que está a urna que guarda as cinzas de Gabriel Delanne. Os nossos leitores devem saber que o inclyto Espirito, resolvera que os seus despojos fossem incinerados, e a sua vontade se cumpriu.

Os espiritas illustrados teem, como se vê, grande veneração por Gabriel Delanne. E este culto que devotam ao illuminado cultor da Doutrina Kardecista, é mais do que justo, elle traduz o nosso reconhecimento e a nossa gratidão a um sêr que dedicou, com rara intelligencia, uma vida inteira ao serviço do mais bello Ideal, no qual se concretisam a Sciencia e o Amor.

Duas estrellas brilharam na França secundando a obra kardecista : Léon Denis e Gabriel Delanne. Aquelle, talvez antigo sacerdote dos tempos Veedicos, poder se-ia cognominal-o a «Sciencia do amor». Gabriel Delanne era o «Amor da Sciencia». Ambos são illustres, ambos são grandes, mas um fala ao coração e o outro ao raciocinio, embora ambos fossem coração e raciocinio.

As obras de Gabriel Delanne ahi estão como repositorios profundos de factos e dados scientificos tendentes a provar a existencia da alma e sua evolução em vidas successivas, chave de todos os problemas sociaes. Quem as compulsar verá que Delanne não era um simples escriptor, mas sim um sabio, sabio na expressão lata da palavra.

Nós somos um dos seus maiores admiradores. Uma grande sympathia nos liga á excelsa individualidade que é objecto destas linhas. E assim, coincidindo o nosso anniversario com o do passamento de Gabriel Delanne, não quizemos deixar de lhe render ligeira homenagem.

Rememorando os seus feitos passamos para estas columnas o seu bello artigo, cujo titulo encima estas linhas.

O primeiro dever dos espiritas é estabelecer solidamente a sciencia experimental, pela qual se demonstra scientificamente que a alma é um ser pessoal, autonomo, que está unido ao corpo de uma maneira intima durante a vida, mas que differe essencialmente d'elle por suas faculdades de clarividencia, de premonição, de desdobramento que não podem explicar-se pelas propriedades da materia.

Depois, a prova immediata, de que o principio pensante tem sobrevido, se estabelece pelas communicações typtologicas, pela escripta mecanica ou directa, pela incorporação, pelos phenomenos de apparições naturaes ou provocadas, quando a discussão tem eliminado os casos duvidosos.

Nós possuimos hoje em dia, para cada uma destas categorias de phenomenos, dados tão numerosos, as provas têm authenticidade tão incontestavel, que os adversarios do espiritismo se abstem de discutil-as pessoalmente na impotencia em que se encontram de diminuir seu valor.

Os sabios, isto é, o pequeno numero dos que estudam a questão, ficam em face do espiritismo numa attitude duvidosa que passa da negação absoluta a uma admissão mitigada dos factos, mas só dos que parece prestarem-se a uma explicação na qual não intervem os espiritos dos defuntos.

E' assim que temos visto o Dr. Le Bon contar, com certa gravidade, que os prestidigitadores são os unicos competentes para resolver a questão da realidade dos phenomenos espiritas, como se os medicos, taes como Lombroso ou Morselli, acostumados ha muito tempo a descobrir as tramoias dos falsarios ou hystericos, houvessem se deixado surprehender por enganos durante os annos que consagraram a essas investigações.

Mas para confundir ao sr. Le Bon, é que alguns dos mais habeis prestidigitadores, M. Rybka, M. M. Herevard Carrington, Bagally, Feilding, e ultimamente o mais habil de todos elles, dos Estados Unidos, M. Thorston, disseram que o que viram na Europa *é inimitavel pela fraude*, o que faz muito bem comprehender, pois jamais um desses artistas se proporia a trabalhar se prendessem-lhes as mãos e os pés num local onde ninguem podesse se introduzir.

O argumento de M. Le Bon, é, pois, sem valor algum para quem conhece a questão, mas contribúe para fazer crêr ao povo em geral, que tudo é fraude ou illusão nas manifestações espiritas.

Uma tactica mais habil é fazer uma selecção entre os factos; se escolhem os que parecem os mais sensiveis, os phenomenos da mesa ou da escripta, e com excesso de theorias sobre os movimentos involuntarios e a subconsciencia, chega-se a dizer que os mediums «não falam senão comsigo mesmo». Mas esse resultado não pode ser conseguido senão relegando factos que não podem nas suas minimas manifestações ser catalogados em tal categoria, em que julgam os srs. P. Janet, Binet ou Grasset. Pelo menos esses senhores se abstem de citar casos em que meninos escreveram mensagens em idiomas extrangeiros, recebidas por quem desconhecia esses idiomas, assim como autographos de defuntos ou revelações de factos desconhecidos dos assistentes.

GABRIEL DELANNE

Que valor podem ter, então, essas pretensas explicações? Não podemos applical-as senão a algum caso de automatismo que não attinge ao verdadeiro problema.

Esse methodo, adoptado por homens que em outras sciencias se mostram escrupulosos e imparciaes, deveria nos surprehender se não soubessemos que as idéas preconcebidas falseam os melhores juizos.

Emfim, até os «psychistas» ou metapsychistas o adoptam como verdadeiro amparo a hypotheses para escaparem ás verdadeiras conclusões que apoiam os phenomenos espiritas.

Elles apresentam theorias bio-chimiças, bio-psychicas, psycho-dinamicas, telepathicas, etc., etc., cujo merito é serem incomprehensiveis e, ainda, em opposição com os factos authenticos que conhecemos.

Outros emfim, para não comprometerem-se, falam de «forças desconhecidas», como si esses factos não fossem «intelligentes».

Mas a que vem todas essas tentativas? Naturalmente porque o phenomeno espirita é a demonstração directa da insanidade das doutrinas materialistas que são as da maioria da gente instruida.

Os phisiologistas, dos quaes muitos são na verdade pobres philosophos, tinham chegado a sustentar que o «eu» é uma illusão, pois seria impossivel explical-o pelo jogo das celulas cerebraes de modo que o individuo, em ultima analyse não seria senão um OXYNITROCARBURETO DE HYDROGENIO COLLOIDAL, um producto chimico muito complicado, uma combinação instavel da qual, por casualidade, um dos productos é a intelligencia.

Seja, sem offensa para os inventores dessas magnificas concepções; diremos que são puramente absurdas e absolutamente intoleraveis, pois entre um phenomeno intellectual e um phenomeno physico não ha relação commum, são heterogeneos um ao outro, de uma essencia totalmente differente que nenhuma comparação é possivel.

Quem pesou um pensamento? Quem mediu litteralmente sua extensão. Acaso tem volume, forma, côr?

Si se constata que ao mesmo tempo se elabora nas envolturas corticaes, e tem lugar reações chimicas concomitantes, não é de modo algum uma prova que o cerebro engendre o pensamento, pois muito exactamente aquelle é o INSTRUMENTO NORMALMENTE INDISPENSAVEL para a manifestação no mundo objectivo.

A antiga comparação do instrumento e do musico é sempre exacta, pois ninguem, que eu saiba, nunca pensou que o piano bastará para fazer ouvir a melodia, si alguem ali não estiver para servir-se delle.

A clarividencia é uma faculdade animica que, só por ella mesmo na falta de outras provas, bastaria para estabelecer que os phisiologistas se equivocam, e nos induzem ao erro, quando querem fazer da alma uma funcção do cerebro.

Eis aqui um individuo que está reclinado no seu leito durante a noite. Em certo momento vê claramente uma scena que se desenrola ao longe: seu pae victima de uma catastrophe ferroviaria. No dia seguinte fica sabendo que a sua visão foi real e os detalhes do malfadado acontecimento são identicos ao que elle viu.

Factos analogos a este abundam nas publicações da Sociedade Ingleza de Investigações Psychicas e se encontram tambem nas pesquizas iniciadas em França pelos Annaes Psychicos ou por Camille Flammarion.

A certeza da existencia deste poder está hoje perfeitamente estabelecida e confirma tudo o que os antigos magnetisadores nos ensinaram a esse respeito.

Como explicará um materialista que a vista poude, sem o auxilio dos olhos, alcançar essa scena atravez de paredes e de noite?

Deixar-se-á esse problema sem resolver se alguem o propuser, e dar-se-á de hombro malhumorado affirmando que ninguem poude constatar scientificamente semelhante impossibilidade.

Em vão se lhe mostraria o relato no qual Kant affirma, depois da verificação, que Swedenborg descreveu com todos os detalhes, de Gothenburgo, um incendio que se produziu em Stokolmo; e se ha de contentar com a resposta de um SILENCIO PRUDENTE.

E' que, de facto, é impossivel conciliar as propriedades do systema nervoso com a percepção de scenas que não foram registradas pelo olho. Para vêr é preciso que a luz reflectida pelos objectos que estão em redor chegue até á retina; é necessario que as ondulações transmittidas passe pelos envoltorios opticos até chegar á periferia dos lobulos cerebraes, pois é só nesse momento que o individuo tem conhecimento da sensação visual.

Si a luz não age sobre o olho ou si está detida em sua marcha por um obstaculo, uma parede, por exemplo, é certamente que o individuo nada verá do que está além do obstaculo.

Assim pois, se apezar destas impossibilidades physicas e physiologicas, a visão das scenas longinquas se realisa, é a demonstração ABSOLUTA de que a faculdade de vêr não é uma propriedade do systema nervoso, mas pertence ao ser interior, ao «*eu*» consciente que o exerce fóra dos processos costumeiros, quando circumstancias particulares permittem prescindir momentaneamente do seu instrumento ordinario de percepção, isto é do systema nervoso.

Este ser interno, este «*eu*» é positivamente TRANSCENDENTAL, como disse Carl du Prel, pois, essa clarividencia não está limitada ás cousas actuaes; ella pode estender-se ao passado e resuscitar scenas desvanecidas na noite dos tempos ou lançar-se ao futuro para predizer o que terá que succeder.

(*Conclúe no proximo numero*).

Nova etapa a percorrer

Fundada em 15 de fevereiro de 1925, a «Revista Internacional do Espiritismo» completou hoje o seu VI anno de existencia, iniciando, com este numero, nova jornada. Nestes *seis annos*, a Revista se esforçou para dar cumprimento as suas promessas: *demonstrar a existencia do espirito no corpo e fóra delle com as provas oriundas da experimentação*. E os *factos* espontaneos como os provocados verificados no paiz ella procurou divulgar e analysar em suas columnas, como tambem os *factos* principaes verificados em outros paizes, transcrevendo das principaes Revistas espiritas do mundo os artigos mais importantes. Esta medida se tornou indispensavel ante o facto da existencia de grandes experimentadores em paizes mais velhos que o Brazil e onde o Espiritismo experimental, pelo tempo, mais progrediu. Ademais, a phenomenologia espirita sendo constituida de *factos reaes* produzidos pelo elemento *espiritual*, como força organisadora intelligente e consciente, vivendo na materia e fóra della, cerca-se de mil difficuldades o seu estudo, a explicação do seu modo de producção, exigindo um conhecimento mais ou menos grande da *materia*, dos elementas que a constituem e das leis que regulam as suas transformações e os seus phenomenos. *A materia* tem sido mais e melhor estudada na velha Europa e por isso, manifestando-se o *ser espiritual* através della, são justamente aquelles que mais a conhecem os que melhor poderão estudar e explicar o *espirito* e os seus phenomenos produzidos na materia ou através della. E' por isto que encontramos na Europa os maiores experimentadores e que não podemos, de modo algum, dispensar a sua collaboração e a transcripção das suas experimentações. E o *espirito* vae sendo estudado e observado através de phenomenos na apparencia de origem puramente material. E foi assim que Lombroso, então materialista, penetrou nas fileiras do Espiritismo, compenetrando-se da existencia e immortalidade da alma, ante a observação de um caso de *levitação*, phenomeno de apparencia toda material mas que contrariava as leis conhecidas da gravidade.

No Brasil não temos ainda os grandes experimentadores no terreno do Psychismo e, por isto, não ha elemento puramente nacional para o sustento de uma Revista de phenomenologia experimental, sendo, por isto indispensavel o concurso do extrangeiro. A Revista Internacional do Espiritismo preenche as condições necessarias de uma bôa revista na propaganda do Neo-Espiritualismo, pois ella, além da sua secção de collaboração onde grava artigos doutrinarios e de exposição e explicação de phenomenos animicos e espiritas, mantém a «Chronica Extrangeira» onde são reproduzidos das Revistas extrangeiras os factos mais curiosos; a secção «E'cos e Noticias» que narra as «conferencias» e todo o movimento de propaganda do Espiritismo nos outros paizes, mantendo tambem a secção que diz respeito ao «Espiritismo no Brasil». E assim sendo, esta Revista não pode e não deve ser esquecida por aquelles que se têm na conta de *espiritas*. O espirita não pode ser egoista — ser espirita só para si — e, por isto, cumpre-lhe o dever de difundir o Espiritismo em todos os seus principios, fazendo novos adeptos, para o que, porém, cumpre-lhe filiar-se ás associações espiritas onde as houver, fundal-as onde ellas não existirem e assignar jornaes e revistas que digam respeito á Doutrina, lendo-os e passando-os para frente. Os jornaes e as revistas espiritas são os grandes propagandistas, os transmissores dos ensinamentos do Mestre Jesus e que vão a todo lar lembrar os seus ensinos. A propaganda maior é feita pela palavra escripta e não pela oral. A imprensa é o maior factor do progresso e descoberta alguma concorreu tanto para instruir e libertar o homem que ella. O Brasil está fadado, parece aos olhos de todos, de nacionaes e de extrangeiros, fadado a ser uma potencia formidavel entre todas as nações, mas potencia no terreno moral e intellectual. Actualmente, porém, como muitas outras nações, elle passa por uma crise, crise material, moral e intellectual, parecendo-nos que o clero romado se aproveitará desta crise para neste grande paiz penetrar mais fundamente as suas raizes, o que virá produzir, fatalmente, crises violentissimas no terreno das idéas em geral, especialmente no terreno das idéas religiosas. *Officialisando-se* a Igreja extrangeira que tem a sua séde em Roma, a liberdade no terreno das idéas, do pensar e do sentir, receberá um profundo golpe e a acção do clero se fará sentir no terreno das perseguições e imposições e elle sonhará com a restauração da «Inquisição» em toda a America Latina, com a sua séde no Rio de Janeiro.

Mas este facto, si se realisar, a reação vae ser tremenda e o numero daquelles que aspiram a liberdade já é tão grande que dará a victoria ao Reinado do Espirito que virá implantar, de vez, a ordem, o progresso, a liberdade, a paz e a justiça cá nos nossos céus e nas nossas terras.

Prevemos a victoria passageira do clero e a nossa victoria definitiva. Precisamos nos unir, todos nós, brasileiros e extrangeiros, que somos amigos da nossa liberdade: espiritas, protestantes, positivistas, budhistas, theosophistas, israelitas, materialistas etc. para o trabalho sublime da nossa protecção, com ou sem sacrificio, contra aquelles que em pleno seculo XX, seculo de luzes, querem nos tirar a nossa liberdade de pensar e de sentir, impondo-nos as suas archaicas idéas e escravisando-nos.

Por isto, espiritas! unamos-nos, demos-nos as mãos no trabalho da nossa propria defesa e daquelles nossos irmãos que, conquanto não pensando como nós, não do nosso credo, sentem como nós sentimos, a necessidade da liberdade, aspirando-a pelos pulmões, pelos póros, pelo coração, pelo cerebro e pela alma, e da qual se sentem tambem ameaçados pelo clero. Nesta defesa, precisamos, desde já, dar mãos fortes aos jornaes e revistas do nosso credo, *assignando-os*, pois são elles que irão melhor se debater pela nossa defesa.

Este mês, mais um jornal, o «Heraldo» do grande batalhador espirita Souza do Prado vae surgir no Rio de Janeiro, já estando com a sua Redacção fixada á rua 1.º de Março 99-2.º, e elle, certamente, será um defensor dos nossos direitos. Ainda este mês, surgirá tambem o 1.º numero da Revista «A Verdade», cujo director é o confrade Adail Ramos Ribeiro, revista mensal que se publicará em Ribeirão Preto. Assignae-os. E' significativo, e bastante, o facto de, mesmo em tamanha crise, surgirem novos orgãos de propaganda e de defesa do Espiritismo!

E' que os tempos são chegados para a victoria das idéas sãs e para o triumpho da liberdade e da justiça.

— A Revista Internacional do Espiritismo que entra, com este numero, em seu VII anno, muito terá que fazer, mais que nos annos anteriores e, por isso, torna-se digna do apoio material, moral e intellectual de todos os espiritas. Assignae-a. E unamos-nos para a defesa da nossa liberdade de pensar e de sentir, ameaçada pelas pretenções do clero que trabalha activamente para a conquista das posições e para o inicio das perseguições.

Sousa Ribeiro.

Todas as leis, theorias e systemas, filhas da vaidade, productos da fragilidade humana e da pretenção prophetica e vidente, têm duração ephemera dos castellos da areia movediça. Só a Lei Natural permanece para sempre.

"Espiritualismo"

Conferencia feita em 13 de Dezembro de 1930, pelo Sr. Almirante Arthur Thompson, no Theatro João Caetano, do Rio de Janeiro.

(Continuação)

O Espiritismo não é senão o estudo da vida na sua realidade, na sua plenitude, aquém e além da muralha divisoria do visivel e do invisivel.

O Espiritismo é tão velho quanto o mundo; foi conhecido e praticado por todos os povos da antiguidade — na India, no Egypto, na Persia, na Grecia, na Gallia e na propria Roma.

Os factos historicos estão ao alcance para apontar aos incréos a Verdade: Vozes que impellem Joanna d'Arc para salvar a sua patria; os feitos assombrosos de Simão o Mago, de Buddha, de Moysés de Apollonio de Tyana, de S. Francisco Xavier, de Santa Thereza, etc.

Os acontecidos em pontos diversos e em épocas differentes, conhecidos englobadamente por miragens e visões de Wasarden, visões de Swedenborg, experiencias de Stilling, Lavater, Escheumayer, Schumann, Werner, Gassner, a famosa videncia de Prevorst, os phenomenos de Quakers e as experiencias da somnambula Adêle Maginot, as revelações de Davis, as celebres experiencias magneticas do Dr. Larkin, etc.

Os factos espiritas, i. e., aquelles em que tomam parte os desencarnados, como os de typtologia, de levitação, de cryptestesia, psychographia, trepidação e de effeitos telekinesicos foram sujeitos a estudos, exames e experiencias, dos quaes se destacam em primeira plana os do magistrado Edmundo da Côrte Suprema de New York com o professor Mapes; os de Roberto Hare da Universidade de Pennsylvania; os de Wallace, Oxon, Varley e tantos outros na America do Norte, em Londres, em Paris, em Berlim.

Entraram em plena actividade de estudos espirituaes, muitos scientistas, não poucos sabios e grande numero de pesquisadores, na sua maioria incredulos e avidos para negar.

Entre esses salientaram-se muitos padres romanos energicos, destacando-se, além dos Doutores da Igreja Clemente de Alexandria e Gregorio de Nicéa e o bispo de Montal, os de Lerida na Hepanha, não tendo havido alguem sincero que negasse e tampouco opposicionista que não se rendesse á evidencia dos factos.

Foram assim systematisados os estudos e methodisadas as experiencias.

O primeiro desdobramento da ignorancia veio ao Mundo Occidental no seculo XIX.

Foi em 1832 nos Estados Unidos, vindo a publico na Inglaterra, quando para lá foi levado o caso das irmãs Fox.

Em França, na cidade-Luz surge Allan Kardec (Mr. Rivail), que coodifica a doutrina. Ella se irradia pela Europa e pelas Americas.

No Brasil, aonde as idéas progressistas encontram sempre guarida, ha longo tempo que se cuida do espiritismo. Homens de bôa vontade estudam, apprehendem e propagam-n'o, e em 1910, na cidade de Santos o Astral Superior firmou uma poderosa corrente fluidica, sendo ordenado á Luiz de Mattos Lavrador e Luiz Alves Thomaz para que providenciassem a sua fundação no Rio, capital do Brasil, pois que ahi melhor se faria sentir a sua irradiação e a sua acção, o que foi feito em 1911.

E' elevadissimo o numero dos sabios da Terra que se tem dedicado ao estudo e á pratica do Espiritismo.

Os mais conhecidos dentre scientistas, pesquisadores e propagandistas pelo livro, pela imprensa periodica ou pelas experimentações são, salvando erro ou omissão: — Aff. de Mendonça — Aimée Blech—Aksakof—Alb. Coste—Alb. Krántzio—Alb Seabra—Alfredo Erny — Allan Kardec—Amelia Cardia — Amicis (F.) — Amigo y Pelicer—Annie Besant—Antonio Basso—Arnossum—Augusto Vacquerie—Augusto Morgan—Barata Feyo—Barati—Barão Guldenstabi — Baronio — Barcas—Bellarmino — Beaumis — Bergson — Bernheim—Besterman — Bezerra de Menezes —Bianchi (Virgilio)—Bittencourt (Ignacio) —Blanc—Blavatsky (Helena P.)—Bonnani Boutlerow — Bozio — Braferio — Cairbar Schutel—Camillo Castello Branco—Camille Flammarion— Carlos Sigonio — Castro Lopes - C. Imbassahy—Chagas de Miranda (bispo) —Chambers—Champville (Gustave) —Chiaia (Ercoli)—Chovi Hard—Cirne (Leopoldo)-Claude Bernard — Conan Doyle — Conde d'Urche—Condessa de Avilez—Condessa Serecki—Constantinidis—Costa Teixeira (conego) — Cunha Cruz—Dale Owen — Danielsson (pastor)— Darwin —Davis (Andrew)—De Rochas (conde)—De Vercelli —Du Prel—Durville —Einarsson (Pall)— Emil Mattiesen—Ermacora— Ernesto Bozzano—Ewerton Quadros (general)—Felicio Suares—Fechner—Figuier (L) —Figner—Finzi (Giorgio) —Francisco Gomora—Gabriel Delanne—Garcia Lopes — Geley (Gustavo) — Giustinnini — Gramont — Greg de Valença—Guerra Junqueiro — Gyel (E.) — Hans Driesch—Hanssmann — Hartmann — Herbert Spencer — Hyslop —Hohlenberg— Imoda (Eurico)— Jacob Smary—Jacques Ourique (general) - Jinarajadasa—Jeronymo Osorio — Joseph Angles Julio Barcos—Kerner— Lamarck — Laplace—Lassols—Lachâtre (Maurice) Leadbeater —Le Bon—Lechainche — Le Dantec—Léon Dénis— Letourneau—Lombroso — Lord Byron — Lorino — Luiz de Mattos — Macnab — Maeterlinck — Madame Girardin—Magdalena Lacombe - Maldonado—Mandsley—Marchal (padre) —Marcos Marulo—Maria O'Niel—Mariller —Martins Velho—Max Nob—Mikouska—Mirahorian —Margon—Moura Lacerda Myers—Nietzche—Nascimento Cottas—Ochrowicz — Oesterreich - Olcott—Oliver Lodge — Oscar D'Argonnel—Osty —Owen Marden — Pagenstecher—Paula e Silva (bispo) — Paul Gibiel—Paulo Jovio — Pedro Canisio —Pedro Masseo—Paltano— Pezzani — Pinheiro Guedes—Prévost (Marcel)—Reuter (Florizerl von)—Ribot—Richet (Charles) — Roustaing—Rowx—Salter — Santoliquido —Sargeant Cox (E.) Schrenck—Notzing —Nus (Eugène) — Schopenhauer — Seidl (general) — Sjeissom— Souto Mayer (W.) —Souza Couto—Soto— Souza Ribeiro — Spartaco Banal—Stainton Moses (pastor) —Stuart Mill - Szmurlo—Tamborini- - Tanagras—Tireu—Tolstoi—Torres Salanot — Vachel—Victor Hugo — Victor Vieira — Villegas—Visconde de Saboya —Warbey —Wilde (Oscar)—William Barret — William Crookes—William James— Windt — Zangalo Fernandes — Zoellner.

Almirante Arthur Thompson

(Photo offerecida á Revista Internacional do Espiritismo)

Todos esses sabios e investigadores

tem ido em busca de toda a especie de provas; já existem apparelhos registradores. Nenhum nega a sobrevivencia da alma; todos affirmam ser um facto a acção dos espiritos sobre os vivos e sobre a materia inanimada.

Aquelles que quizerem negar os phenomenos do Neo Espiritualismo devem ser coherentes, como diz Souza Ribeiro, *demonstrando o contrario*...

E' de conhecido homem de valor Mr. William Thompson: «A Sciencia é obrigada por sua propria honra a encarar sem temor qualquer problema que lhe fôr francamente apresentado».

* * *

Illustre Auditorio:

A concepção das vidas successivas da alma é infinitamente mais racional, mais justa e mais confortadora do que qualquer outra theoria orthodoxa ou philosophica.

Em sua grandeza consoladora, em sua perfeita justiça ella deixa longe a doutrina chamada da — predestinação, que transforma o Deus do Amôr num distribuidor de favores, num mau, num carrasco. Para esses que assim pensam, o seu Deus faz surgir as almas, umas destinadas á virtude e aos gosos terrenos, outras ao vicio e ás viellas tortuosas do infortunio. Umas vão para o paraiso após a morte, outras para as furnas do Inferno eternamente...

E' o velho Jehovah, de Guerra Junqueiro, que «recostado na nuvens expessas do céo biblico»:

> «despotico, cruel, sanguineo, intranzigente arrojou sobre nós a eterna maldição, transmittiu nos á alma o virus da serpente, produziu Torquemada e fez a Inquisição!»

Quem pode querer um Deus monstruoso?

Um pápá Noel com a inflexibilidade de um Scarpia ou de um Javert?

Só quem não tem alma...

E... apezar de tudo ella *pur si muove*, como dissera Galileo ao enfrentar a ignorancia dos frades, quanto ao movimento da Terra...

Assim, dizemos nós, aos que não querem conhecer a immortalidade da alma!

Uma vez admittida pela propria theologia a evolução physica, facil foi mostrar a opportunidade de uma evolução psychica, porque a barreira do dogma relativo a isto tinha sido transposta. As provas da alma são dadas por manifestações physicas e intellectuaes. O somnambulismo, a transposição da memoria, o desdobramento são estados de exteriorisação da alma.

A crença nas vidas successivas da alma é tão velha quanto o mundo. As antigas religiões da India já a ensinavam.

* * *

A constituição e a evolução, de que vamos tratar, são derivadas, nesses estudos, de investigação e não de especulação, aquella apoiada em factos positivos e não em vagas theorias.

Sabem os scientistas materialistas que a agua póde se solidificar á baixa temperatura e evaporisar-se á alta; assim tambem sabem que os solidos sob certas condições pódem converter-se em liquidos ou em gazes; igualmente que todo o gaz póde se liquefazer ou transformar-se em solido. O ar pode tornar-se liquido por exemplo.

O quarto estado da materia é o «ethereo» pela Chimica occulta. O hydrogeneo póde assumir o estado ethereo em vez do gazoso, qualquer solido póde chegar ao estado subtil, isto é, ethereo. Outros liquidos pódem, como o mercurio, chegar a esses resultados por processos especiaes.

A Sciencia nos fala dos atomos do oxygeneo, do hydrogeneo e de qualquer das 60 ou 70 substancias, denominadas — elementos; nos fala tambem da condensação da materia das substancias organicas, que constituem a materia dotada de vitalidade, e tambem de todas as applicações de uma força occulta ou sejam a electricidade, o radium, os raios X, os raios N, os raios gamma e ultra gamma e das radiações observadas nos tecidos vegetaes e animaes.

Podemos agora estudar a *genesis* da Vida.

* * *

Tomemos um mundo em formação — uma nebulosa — O chaos vae tornar-se um Cosmos. E' uma massa cahotica de materia, em um estado de calor intenso, tendo milhões e milhões de kilometros de diametro.

¿ Conservar-se á sempre nesse estado ou virá a mudar ?

A nebulosa adquire um movimento espiral, gira e toma fórma esphera ; com o tempo vae se achatando e, á proporção que fôr se contrahindo — anneis de materia se destacam do nucleo central e tendem a resfriar se. Os elementos se reunem em torno de um centro e, em logar de um annel, vemos um planeta girando em torno do sol. ¿E depois ? Quando a nebulosa fôr um systema solar, os elementos chimicos apparecerão — o hydrogeneo, o carbono, o azoto, o oxygenio, o phosphoro, o calcio, o ferro e outros elementos formando certas combinações — a vida pois despontará ! Uma parte da materia apresentar-se á sob fórma de protoplasma — primeira fórma da vida — e, nos periodos seguintes, esse protoplasma arranjar-se-á em grupos e em combinações, tomando a fórma de organismos vegetaes e animaes.

Duas actividades, desde logo, se descobrem nessa materia viva — a primeira é que o organismo deseja conservar sua vida, o que consegue pela nutrição, a segunda é o desejo de reproducção.

Sob esse impulso começa a Evolução.

De simples vae-se ao complexo.

Dos organismos unicellulares, bacterias, algas, cogumelos, desenvolver-se-ão plantas aptas a disseminar.

Teremos a reproducção por grãos, mais tarde plantas darão flôres.

A vida se aperfeiçôa de periodo em periodo e se conserva melhor.

A energia augmenta, a reproducção se multiplica.

Um processo de evolução similar do protoplasma dá origem ao reino animal : partindo dos protozoarios, organismos uni cellulares acharemos grão por grão os invertebrados, passamos dos uni aos multicellulares com tecidos, systema nervoso, systema circulatorio ; chegaremos ao envolvimento do tronco central nervoso pelas vertebras e teremos os vertebrados, d'ahi — os reptis, vindo os mammiferos e desses, gradativa e successivamente se chega ao *HOMEM*.

Esse processo nos vem da nebulosa ao homem e nada mais é que a Evolução.

Essa theoria da Evolução, tomada por hypothese, tendo a analogia por base é, de todas, a que mais satisfaz.

* * *

O homem, preso a uma consciencia, não podia girar a sua imaginação, simplesmente, em torno do presente. Olha para trás o passado ... olha para frente — o futuro.

Comprehendeu o sabio materialista que não podia haver sciencia sem uma força superior porque, não existindo o «nada», não havendo o «mysterio» e sendo o «sobrenatural» producto da ignorancia humana, sómente uma grande força occulta, que em tudo se faz sentir, póde ser a fonte, isto é, a *CAUSA* de todos os *EFFEITOS* intelligentes.

O sabio então, examinando a natureza do homem, nota dois elementos intimamente ligados — um passivo, outro activo.

A vida, que seria um terceiro elemento, é um effeito da acção reciproca desses dois.

Temos pois que nos occupar de uma «actividade», que pertence, quer ao mundo physico do movimento, quer ao mundo astral do sentimento, quer, por fim, ao mundo mental do pensamento.

Esses tres typos são postos em acção por nós.

A Vida é uma fonte de Energia, que age de combinação com certos typos de materia hyperphysica.

Não somos nós senão os transformadores da Energia do «Logos».

LOGOS ou Verdo da — Sabedoria Antiga — é o nome tirado da philosophia grega, exprimindo a *Palavra* sahida do *Silencio*, a *Voz*, o *Som* — fonte da qual todo o Universo procede. E' o Deus popular — o Grande Fóco Gerador dos Mundos !

* * *

A materia do Universo é a emanação desse Logos (o Grande Fòco) ; as energias do Universo são as correntes da sua vida.

Podemos agora dar o encadeamento da Evolução.

Sabemos que o principio gerador deu ao Cosmos — a materia cosmica universal e o movimento.

O Verbo gerou a Lei. E a Lei, actuando sobre essa materia cosmica e o movimento, — gerou a successão eterna das coisas e dos factos. E gerou a condensação e a separação dessa materia cosmica ; da condensação veio o movimento circular ou a rotação, da separação — a translação ; de uma e de outra advem o resfriamento e as fórmas desaggregadas das massas condensadas e os globos vaporosos ; desses vapores os liquidos e desses os solidos e por fim os primeiros organismos.

Depois de produzir a alma — grupo mineral, em seguida faz o protoplasma, vivifica fórmas vegetaes, mais tarde fórmas animaes.

E a eterna Lei na sua actividade tirou da substancia o principio vivificante.

Essa vida que flue do Logos e que se chama "mónada" (para não chamarmos desde já de—alma—) se projecta.

Do attrito produzido nascem as vibrações da vida ; as energias desta passam, uma a uma, do estado latente ao estado activo, isto é, do estado estatico ao estado cynetico, desenvolvendo um movimento turbilhonario d'uma inconcebivel rapidez.

E esse turbilhão de vida fórma —o atomo primordial.

Os atomos primordiaes, em diversos aggrupamentos, formam as subdivisões de particula infinitesimal da materia, constituindo assim essas o setimo plano das sete grandes regiões do Universo: uma parte desses atomos do setimo produzem turbilhões formando o atomo do sexto plano ; identicamente, teremos os do quinto, do quarto, do terceiro, do segundo e do primeiro planos.

Um plano não é somente uma idéa metaphysica, é tambem uma subdivisão da Natureza.

A mónada attrae, em torno de si, combinações de material astral e dá a essas combinações (o que é chamado — essencia elementar) uma vitalidade particular e a propriedade caracteristica de tomar fórma.

A essencia espiritual é que vivifica as mónadas ; essa aggregação atomica, de que falamos, é simplesmente o vehiculo e a substancia, por meio da qual penetram os gráos de intelligencia inferior e superior.

(*Continua*)

VOLTAIRE (FRANCISCO M. AROUET)

Quem ha na communhão catholica, como heretico e atheu ?

O espirito de seita da Egreja tem sido a pedra de tropeço na divulgação das idéas novas e divulgação das verdades scientificas, calumniando reformadores e condemnando á atrocidade das fogueiras inquisitoriaes os *soit disent,* julgados relapsos e atheus.

Para illustrar esta verdade, lembramos o martyrio de Ciecco d'Ascoli. Giordano Bruno, Galileu e Joanna a vidente da Gallia como a chama Eugenio Sue.

Com a sua proverbial intolerancia e aferrada a intangibilidade dos dogmas foi intolerante e impiedosa contra tudo que se não enquadrasse no limitado molde de seus canones.

Voltaire de indomita indole de insurgir-se contra tudo que cheirasse a intolerancia, antipathisado com a cleresia, dirigiu gracejos que degeneraram em animadversão e em tenaz rixa em que a Egreja para amparar as flexadas certeiras do seu espirito arguto valeu-se do anathema ás suas obras por impias e atheistas.

E porque Voltaire ainda hoje é calumniado ?

Porque o acoimaram de heretico e atheu, condemnando suas obras a execração ? quando elle não foi impio, nem heretico e muito menos atheu ?

Voltaire só foi justo e verdadeiro. Consulte-se o seu insigne «*Tratado da Tolerancia*» cujas paginas seu vigoroso pulso traçou, causando assombro aos ecclesiasticos, e por elle se ha de vêr que as aleivosias que assacaram em torno do seu gigantesco vulto esvaem-se como fumo ao vento.

O autor de «*Zadig e Candide*» relegou a sua verve ironica, fina e subtil para em mais de um logar referir-se em termos carinhosos e do maximo respeito ao meigo Nazareno; bem como todo homem sincero, imparcial e virtuoso de bôa fé o fará. E disse :

«E' preciso que o espirito de intolerancia esteja apoiado em pessimas razões pois que rebusca em toda parte os mais futeis pretextos . . . «Das palavras e acções de Jesus Christo e de quasi tudo o mais, prega a doçura, a paciencia, a indulgencia. E' o pae de familia que recebe o filho prodigo ; é o obreiro que vem tarde, e recebe como os outros; é o samaritano caritativo ; elle proprio justifica seus discipulos para que não jejuem; perdôa a peccadora ; contenta-se em recommendar fidelidade a mulher adultera.

«Enfim morre victima da inveja. Si fôra possivel comparar o sagrado com o profano, e um Deus com um homem, sua morte humanamente falando, teria muita relação com a de Socrates. O philosopho grego pereceu pelo o odio dos sophistas, dos padres e dos primazes do povo ; o legislador dos christãos succumbio ao odio dos escribas, dos phariseus e dos padres. Socrates poderia evitar a morte, e não o quiz; Jesus Christo offereceu-se voluntariamente.»

Na mesma obra encontra-se a sua — *Prece á Deus* — perpassada de humilde uncção e fé, nestes termos :

«Não é pois, aos homens que me dirijo, é a ti Deus de todos os seres, de todos os mundos e de todos os tempos, si é permittido a frageis creaturas perdidas na immensidade e imperceptiveis ao resto do Universo, ousar pedir-te alguma cousa, a ti, que tudo deste; a ti, cujos decretos são immutaveis e eternos; Digna-te olhar com piedade os erros que se prendem á nossa natureza: que esses erros não façam nossas calamidades. Não nos deste um coração para nos odiarmos e mãos para nos trocidarmos uns aos outros; faze que nos auxiliemos mutuamente para supportar o fardo de uma vida penosa e ephemera; que as insignificantes differenças entre as vestes que nos cobrem os frageis corpos, que entre todos os nossos idiomas insufficientes, que entre todos os nossos costumes ridiculos, que entre todas as nossas leis imperfeitas, entre todas as nossas opiniões insensatas, que entre todas as nossas condições tão desproporcionadas á nossos olhos, e tão iguaes deante de ti; que todos esses ancenubios que distinguem os atomos chamados homens, não sejam signaes de odio e perseguição; que aquelles que accendem cirios ao meio dia para celebrar-te, supportem os que se contentam com a luz do teu sól; que os que cobrem suas vestes com pannos de linho para dizer que é preciso amar-te, não detestem os que dizem a mesma cousa, cobertos com um manto de lã negra; que te seja egual adorar-te numa algaravia formada de uma antiga linguagem ou em uma algaravia mais nova ; que aquelles cujas vestes são tintas de rubro ou de violeta, que dominam numa particula de um infimo cumulo de lodo deste mundo, e possuem alguns fragmentos circulares de certo metal, gozem sem orgulho do que chamam grandesa e os vejam sem inveja: porque tu sabes que não ha nessas vaidades, o que invejar, nem do que se orgulhar.

«Possam todos os homens lembrar-se que são irmãos ! que tenham em horror, a tyrannia exercida sobre as almas como tem em execração a rapina que arrebata pela força o fructo do trabalho e da pacifica industria ! Si os fragellos da guerra são inevitaveis, não nos odiemos, não nos despedacemos uns aos outros no seio da paz, e empreguemos os instantes de nossa existencia em abençoar igualmente em mil linguas diversas, desde Sião até a California, tua bondade que nos deu este momento !»

E é este o heretico, o atheu e anti-christo.

J. BRANCO.

Si tudo depende do progresso, para a Perfeição; si a Perfeição é o Alvo da Felicidade; si a Sciencia não cessa um só instante a sua marcha evolutiva, como comprehender a ascenção do homem cerceado por uma «religião ostracina», que se crystalisou em dogmas absolutamente contrarios a todos os conhecimentos scientificos que caracterisam a nossa época! — LIS.

Reencarnação

GEORGE ESCENBACH

Traducção do allemão do «Deutsche Zeitung von México»

Os budhistas creem na reincarnação. Para elles é o destino, o meio e o caminho para que o espirito, que unido ao corpo e tenha peccado, retorne novamente ao seu estado de primitiva pureza.

Mas a crença não é identica com o saber. Que budhista pode provar que é esse o caminho da vida, e que existe verdadeiramente essa reincarnação ?

E não obstante, assim orientados se podem contar factos que nos collocam em face de uma esphinge, pelos quaes os partidarios de Budha, encontram prova do seu ensinamento.

Ha poucas semanas occorreu na India um caso portentoso. Não se pode duvidar da veracidade do facto communicado pela penna official do commisario Inglez de Goralehpur nas provincias unidas de Agra e And.

O menino de tres annos de idade filho do hindu Ram Charan Mahajan na povoação de Kaurari, declarou subitamente que desejava abandonar o lugar. Ninguem podia explicar o motivo dessa resolução. Nos momentos em que elle não era vigiado, fugia de casa, e procurando, se o encontrava no caminho real. Todas as vezes dizia que tinha que ir á Pharha, uma povoação das cercanias de Kaurari. Ao principio os paes não se preoccupavam com o que elle dizia. Pensavam que, talvez, seu filho brincando com outros meninos de Pharha tivesse ouvido delles qualquer fantasia que o attrahisse a esse lugar.

Mas a ultima vez que seu pae o interrogou, o menino de tres annos disse : Que se chamava Gopi e que queria ir a Pharha porque ahi havia vivido como taverneiro. Fez a descripção de sua casa com uma precisão que impossivel é fazel-o um menino da sua idade. Disse que tinha tido familia, mulher, um filho e uma filha. Que havia enterrado dinheiro em Pharha. Afinal descreveu de modo dramatico e mui vivaz, a morte do taverneiro Gopi.—Um comprador pediu-lhe tinta em pó, ao abrir uma caixa uma serpente venenosa agarrou-se á sua mão e a mordedura lhe causou a morte.

O conto do menino produziu tal impressão e deliberaram fazêr syndicancias.

Effectivamente, poude-se verificar que quatro annos antes, um taverneiro chamado Gopi, em Pharha, tinha morrido de uma mordedura de serpente, e que havia deixado á sua mulher, um filho e uma filha.

Levaram o menino a Pharha, onde nunca tinha estado. Immediatamente reconheceu a casa de Gopi, e entre a multidão de curiosos designou duas mulheres «suas conhecidas», a um joven, bem como sua mulher e seus filhos. Effectivamente se tratava da viuva de Gopi e de seus filhos. Depois o menino revelou factos da vida do taverneiro falecido, que não podiam ser conhecidos senão da familia de Gopi, cujos factos foram reconhecidos pela viuva maravilhada.

A casa de Gopi tinha trocado de dono, de maneira que o dinheiro enterrado não poude ser verificado porque o novo dono não permittiu a investigação.

As indagações officiaes porém, comprovaram que o dono da casa, antes pobre, depois de haver adquirido a propriedade tinha se tornado rico. Curioso é que o dono não quiz dizer como havia feito sua fortuna repentinamente. Para os hindus esses factos curiosos são uma prova que a alma de Gopi depois da morte do seu corpo encontrou uma nova habitação terrestre no menino de Kaurari.

* * *

Um caso não menos surprehendente de epoca anterior, é relatado por Gabriel Frarieux na «*Revue Mondiale.*» Faz approximadamente 25 annos se encontraram em Berlim o principe russo Gallitzin e o capitão francez de Rochas, que se occupava ha tempos de estudos hypnoticos.

Uma tarde elles encontraram uma mendiga que estava ebria e dormia sobre um banco publico. Rochas julgou que o momento era propicio para fazer uma experiencia e adormeceu a mulher hypnoticamente. Immediatamente desappareceram todas as scenas de intoxicação alcoolica.

A mulher, em estado de transe, começou a falar francez empregando palavras escolhidas e de idioma francez antigo como usava a nobreza do seculo 18.

«Eu tinha por nome Magdalena de H... e morava num castello perto de Caen. Meu esposo era aspero para comigo. Eu odiava-o por estar enamorada de outro, e não suportava essa vida por mais tempo, e uma noite empurrei meu esposo num precipicio.

Depois de sua morte tive que pagar a minha mal acção. Minha alma agora está neste corpo e nesta miseria.

O relato da mendiga incitou o capitão a fazer pesquizas sobre a vida passada da desgraçada, e em Berlim poude verificar que ella nunca havia falado mais que allemão vulgar, e que não tinha, absolutamente, conhecimento do idioma francez. Não havia equivoco possivel.

Ao seu regresso á França, o cap. Rochas apressou-se em se informar se, effectivamente, havia existido uma familia de H. Se dirigiu a Caen, e lhe disseram que no castello que a mulher lhe havia referido, vivia ainda um membro da familia. O capitão se apresentou ao dono do castello e durante a conversação lhe perguntou se havia existido na familia uma mulher com o nome de Magdalena. Sim, lhe responderam, uma mulher muito jovial a qual tornou-se suspeita de haver assassinado o marido.

Emocionado com essas informações e o relato da mendiga, o capitão resolveu contar ao dono do castello o que lhe havia succedido em Berlim, mas o dono do castello, em vista da narrativa, retrahiu-se não dando mais informes.

* * *

Outro facto curioso aconteceu com um official Italiano. Estava na guarnição em Veneza. Sua mulher teve uma menina. A «nana» (ama) cantava á criança todas as noites a mesma canção para adormecel-a. Na edade de quatro annos morreu a menina. A criada não mais cantou a canção.

O official foi depois mandado para Napoles, onde lhe nasceu uma segunda filha. Quando chegou a ter quatro annos, seus paes ouviram uma noite a memoravel canção que jamais tinham ouvido após a morte da primeira filha.

Era a menina que estava cantando. O que é que estás cantando ? perguntou a mãe. A menina fixou os olhos em seus paes e respondeu :

«Pois estou cantando a canção que minha «ama» cantava para mim quando moravamos na cidade sobre a agua».

Os paes sentiram-se tão felizes que para elles não podia haver duvida alguma que a sua filhinha que havia morrido em Veneza tinha voltado a nascer em Napoles, e sua alma vivia n'aquelle corpo de sua segunda filha.

A doutrina da Evolução é a justa exposição da Lei Divina, em sua alta significação de amor, sabedoria e previdencia. Só pela sua comprehensão o homem se libertará da ignorancia que o opprime e dos falsarios que o exploram.

TOSTA.

As experiencias do Dr. Enrico Imoda

Os grandes homens são operarios da Idéa, que só com o tempo se grava nos corações.

As experiencias de Crookes, Bottazi. Morselli, Aksakof, etc. não podiam passar desapercebidas pelo Dr. Imoda. e elle julgou de bom alvitre, já que possuia o testemunho alheio da veracidade dos phenomenos espiritas, fazer experiencias afim de ter, com justo motivo, o testemunho proprio.

Foi justamente o que se deu nos annos de 1909 e 1910, em Torino. Encontrada uma medium, srnha. Linda Gazzera, cujos dons se adaptavam perfeitamente ás provas, iniciaram-se os trabalhos, tendo o Dr. Imoda convidado um grupo de amigos que compareceram a todas as sessões, pessoas que, na sua maioria eram completamente alheios ao Espiritismo.

Os trabalhos deram optimos resultados, havendo-se resolvido por fim a publicação de um livro, para dar conta ao mundo, dos factos, que produziram na Europa grande sensação.

Esse livro quando chegou a ser publicado o Dr. Eurico Imoda já se havia passado para o Além. Entretanto, elle deixou todos os dados precisos para a publicação da obra, que foi

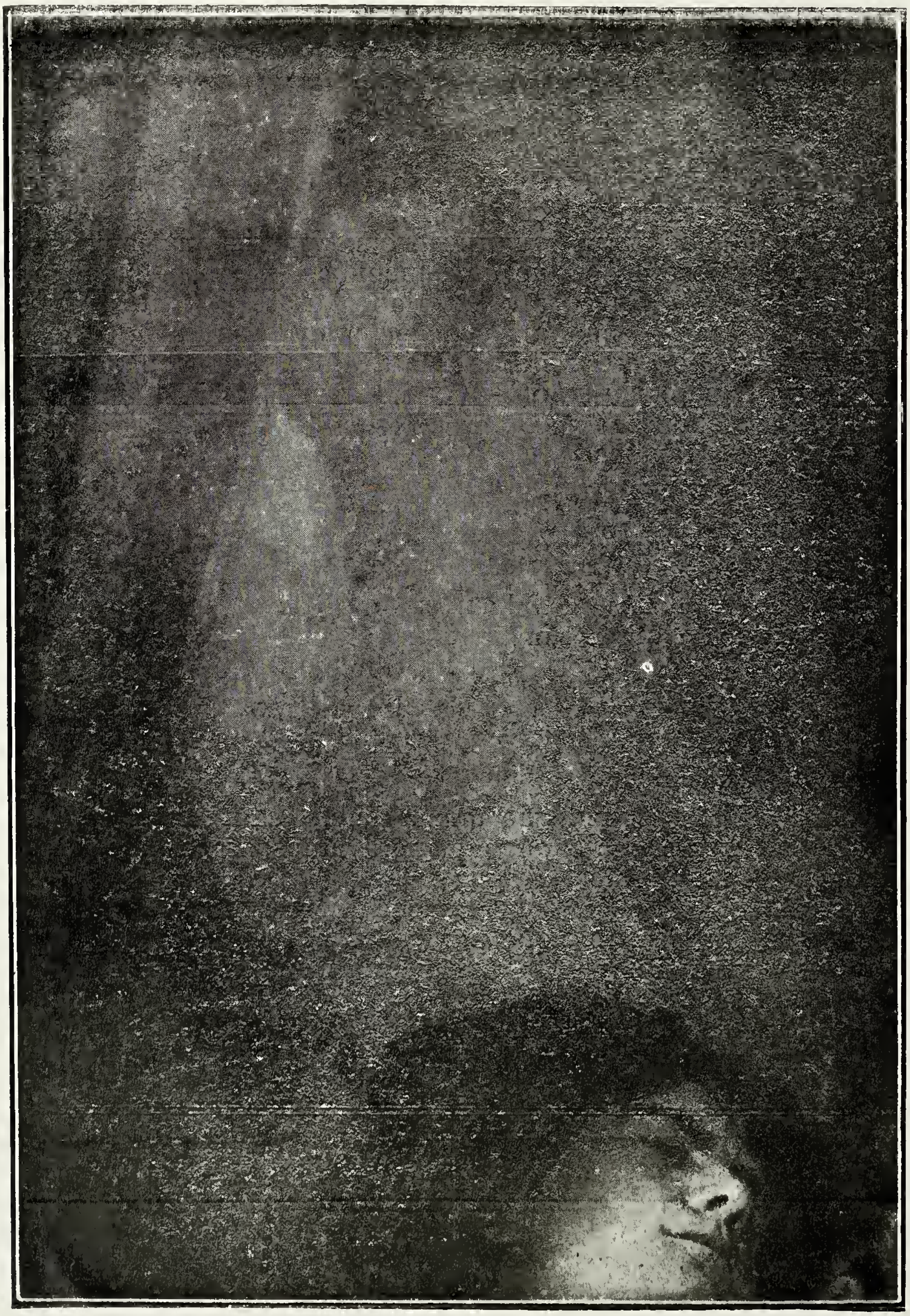

Photo Espirita de «Carlota», obtida na sessão de 31 de outubro de 1910 (Da negativa 24 x 30) prefaciada pelo Prof. Charles Richet, que tambem observou muitas experiencias de materialisação, transportes, escripta directa, etc. etc.

Na apresentação do livro «Fotografie di Fantasmi»—diz o Prof. Richet: «Eis aqui um livro que não contém theorias nem hypotheses. O autor desta obra não teve a extraordinaria pretenção, muito commum, de pretender resolver um dos enygmas do universo. Elle disse sobriamente (mas completamente) o que viu, e expôz o seu methodo de experimentação, nada mais».

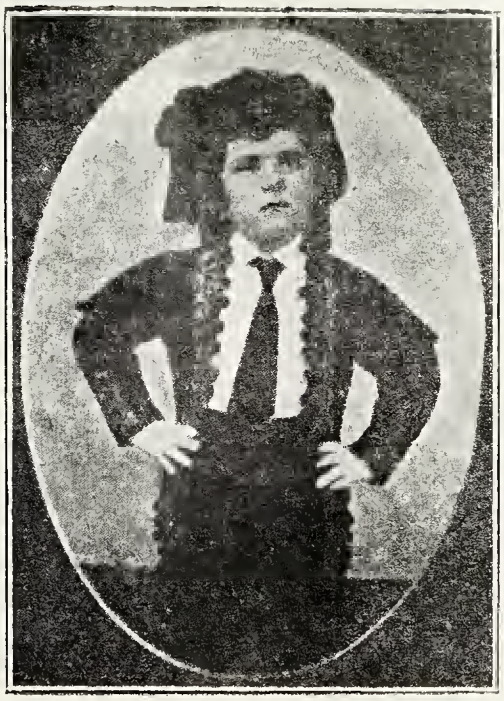

Photo de Cesarino — (tirado em vida)

Mais adiante o Prof. Richet diz: «Trata-se neste livro de uma sciencia bem desconhecida ainda: a sciencia metapsychica, e de um dos capitulos os mais curiosos e quem sabe si dos mais extraordinarios: a photographia dos Fantasmas. Eu não farei o historico, nem falarei das experiencias do meu amigo Crookes, nem as de Aksakof, nem as de Lombroso, Bottazzi e Morselli com Eusapia Palladino, nem as que eu fiz da Algeria, só tratarei das experiencias de photographia aqui reunidas e que nos apresenta E. Imoda.

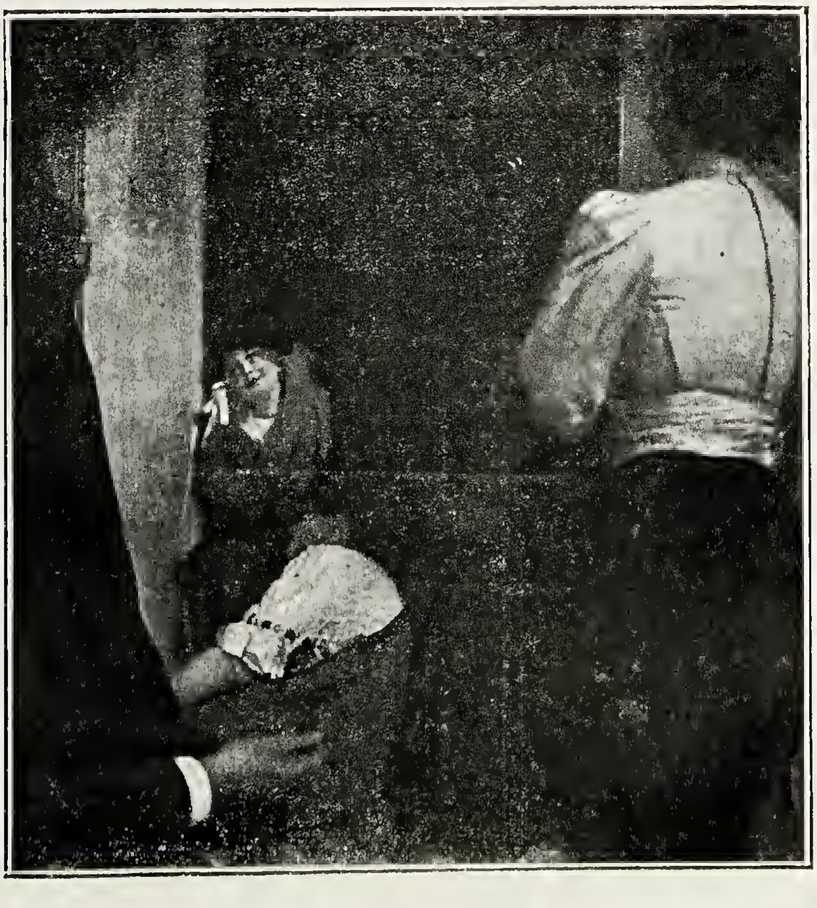

Photo do Espirito de Cesarino, obtido na sessão de 14 janeiro 1911 (Da negativa 9x9

Embora os phenomenos de telekinesia apresentados desde o começo da sessão por Linda Gazzera fossem intensos, o experimentador não quiz desenvolver o seu medium para este fim. Elle fazia questão de photographar as forças exteriorisadas pelo medim. Nós chamamos essas forças, quando ellas revestem as formas tangiveis e photographaveis — *ectoplasmas*. E' uma palavra que com Oliver Lodge costumamos empregar nas nossas experiencias com Eusapia Paladino».

Ajuizando a obra do Dr. Imoda, diz adiante o Dr. Richet:

«Elle (Dr. Imoda) eliminou do seu centro todas as pessôas extranhas, experimentou por longo tempo, e exerceu todo o contrôle. A hypothese de fraude photographica é absurda; Imoda mesmo desenvolveu suas chapas, os assistentes estão visiveis na pôse, é impossivel conceber imagens, senão as que se achavam no campo de acção com o «Lampo» do magnesio».

—

O livro do Dr. Imoda é um bello volume em magnifico papel, e as illustrações não são gravadas, mas copias authenticas photographicas das chapas.

Ha tempo offerecemos algumas reproducções aos leitores. Mas encontramos outras em dita obra que exprimem magnificamente a veracidade do phenomeno.

Uma dellas foi obtida a 31 de outubro 1910, copia da negativa 24x30.

Esta chapa é de uma belleza verdadeiramente ideal.

Nota-se que o Espirito não chegou a se condensar bem, preferiu se manifestar em forma semi-etherea, o que dá uma impressão maravilhosa a todos que examinam essa photographia.

O *corpo igneo, celeste*, na phrase do Apostolo dos gentios, fluctuando sobre o medium adormecido na poltrona é um verdadeiro trabalho de arte, que os maiores pintores idealistas não foram capazes ainda de conceber.

Outra photographia sensacional, de grande emotividade, é a da sessão de 14 de janeiro de 1911 (negativa 9 x 9).

Comparando-se o retrato do Espirito de Cesarino P. com a photographia do mesmo em vida, vê-se bem delineado todos os caracteres do menino, accrescendo ainda que na Photo Espirita elle parece exprimir a sua grande alegria, talvez pela melhor situação em que se achava livre de um involtorio carnal que, certamente, julgado depois da «morte» não deixará de ser um fardo molesto e pesado que carregamos.

Essas provas photographicas são verdadeiramente edificantes. Ellas falam mais alto que os discursos e as dissertações religiosas e scientificas.

Examine o leitor as duas photographias com que illustramos esta pagina e ajuize as esperanças que nos proporciona o Espiritismo, bem como a consolação que elle offerece aos que viram passar para o Outro Mundo, seres caros, que eram a metade do seu coração.

A PROPOSITO DE "REVELAÇÕES TRANSCENDENTAES"

(Continuação)

Eu lembrarei agora que esses deploraveis ataques tem tomado recentemente uma forma aguda, á proposito da publicação dum famoso livro do Pr. Oliver Lodge, contando ensinamentos da natureza de que se trata, transmittidos sob uma forma anedotica. Antes de discutir os ensinos em questão, eu noto que no livro de Mrs. Dawson-Scoot, tambem a personalidade mediumnica do defunto Dr. Scott, toca no mesmo assumpto nos termos seguintes :

«A causa principal de tantos crimes no mundo dos vivos não existe aqui. Quero falar da necessidade de comer. Ou antes, nós não temos necessidade de comer, no sentido preciso do termo, embora aquelles que se acham entre nós que queiram ainda experimentar a satisfação de comer, possam encontrar essa sensação.» p.p. 73 e 74.

E mais adiante :

«Dae-nos o pão de cada dia» não é uma préce que nós endereçamos a Deus. Nossa nutrição é espiritual, e nossa mentalidade pode livremente adquiril-a. *Todavia quando se chega no meio espiritual, fica-se por um certo tempo dominado pelos prejuizos terrenos e inhibições sensoriaes adquiridas no curso da existencia terrestre.* Mas nós não tardamos perder completamente o habito, em face da grande realidade da existencia espiritual . . . » (p. 156).

Ora, estas informações concordam perfeitamente com o que se lê no livro do Pr. Oliver Lodge, intitulado *Raymond.* Todos se recordam da ironia empregada pelos oppositores e das armadilhas vulgares dos jornalistas á proposito de uma affirmação analoga á precedente, porém mais especificada, do espirito «Raymond» que tivera occasião de expôr a anedota seguinte :

«... Ha alguns dias chegou aqui um soldado que desejaria fumar um cigarro. O soldado, encontrou evidentemente o cigarro mas quando começou a fumar não experimentava a satisfação habitual, tambem, depois de haver fumado quatro cigarros, nunca mais pediu cigarros E' o que acontece com todos, não têm o mesmo prazer que antes dos habitos adquiridos no mundo dos vivos, e perdem o habito pouco a pouco. Entretanto, quando chegam aqui, os espiritos são ainda influenciados pelas tendencias que os dominava na terra; assim existem os que querem comer, outros que querem beber um copo de «whisky». Não deveis vos admirar que eu vos diga que se os pode contentar, servindo se-lhes com qualquer cousa de analogo ao que elles pedem. Somente, uma ou duas vezes que uzem da cousa pedida não sentem mais necessidade e se esquecem... (Raymond p. p. 197-198)».

O que diz a personalidade mediumnica de «Raymond», não é, em summa, senão a repitição do que tinha sido exposto por outras personalidades mediumnicas. E' preciso, entretanto, notar que «Raymond» nunca deixou de prevenir que não se trata de objectos, de verdadeiras bebidas, de verdadeiro tabaco, mas de creações ephemeras do pensamento, tendo por fim amenisar gradualmente e sem recursos emocionaes, a realisação das condições nas quaes se encontram os espiritos desincarnados que se acham muito viciados por habitos adquiridos no curso da existencia terrestre, afim de não permanecerem consternados comprehendendo bruscamente que elles se achavam na condição de espiritos desincarnados; ou mais precisamente, de «puros espiritos» desprovidos de corpo.

Em summa, o espirito do defunto «Raymond», nunca pensou affirmar que, no meio espiritual, se fumava cigarros authenticos e se bebia whisky feito com alcool. Mas os jornalistas não prestam attenção nem vêem as cousas como ellas são, e tem se aproveitado do episodio em questão para provocar hilaridade das multidões, annunciando que no paraizo os espiritos fumavam havana e saboreavam whisky.

Si se observa, por outro lado, os factos sob um ponto de vista sereno e objectivo, pode se notar immediatamente que os phenomenos animicos de «photographia do pensamento» e da «ideoplastia», taes como se realisam no mundo dos vivos, servem já para confirmar por meio de factos incontestaveis, a affirmação fundamental contida nas revelações de que se trata; tendo em conta que o pensamento é uma força organisadora no curso da existencia terrestre, não se pode julgar absurdo e insustentavel o facto que, nas espheras espirituaes, ou mais precisamente na esphera preparatoria á existencia espiritual propriamente dita, a força organisadora do pensamento se exerce expontaneamente sobre as essencias ethereas — para assim dizer — para crear os duplos ephemeros de todo o objecto ou de toda a substancia terrestre, e que esta faculdade do espirito é empregada com o fim de preparar, graças ás providenciaes illusões, os espiritos pouco evoluidos, ainda viciados por tendencias voluptuosas terrestres, na realisação gradual da mudança radical de estado no qual elles se encontram logo, e que uma providencial condição psychica analoga ao somnambulismo terrestre, não lhes permitte reconhecer. E pareceria que os que têm mais necessidade dessas especies de illusões bemfeitoras sejam os espiritos d'aquelles que entraram na existencia espiritual por causa de mortes violentas ou repentinas, taes como, justamente, os soldados mortos na guerra, ou pessoas que morreram repentinamente por apoplexia, syncope, ou qualquer desgraça accidental.

Nestas condições, pergunta se o que ha de ridiculo, de absurdo, de inconciliavel com a existencia espiritual, em tudo o que descrevem as personalidades mediumnicas. Ao contrario, se deveria dizer que nada ha mais racional sob o ponto de vista psychologico e therapeutico que os systemas de «desacostume» que se o seguiria nas espheras espirituaes para libertar gradualmente os espiritos desincarnados das tendencias voluptuosas adquiridas no curso da existencia terrestre; systemas absolutamente analogos áquelles adoptados aqui em baixo para deshabituar de seus vicios os alcoolicos e os morphinomanes, a quem não se suprime bruscamente os habitos viciosos — o que provocaria desordens funccionaes de certa gravidade — mas com os quaes se segue uma lenta graduação, administrando aos pacientes doses sempre inferiores de alcool e de morphina. Pode se, então, perguntar ainda uma vez: porque se deveria taxar de absurda e ridicula a affirmação que, no mundo espiritual, obedece se o mesmo principio racional para fazer os espiritos desincarnados perderem os habitos viciosos que adquiriram na terra? E se é assim, porque os systemas adoptados para deshabituar, num estado de existencia, deveriam ser menos efficazes em outro estado? Não haveria razão para se mostrar que as ironias ferinas dos jornalistas e a hilaridade das multidões não seriam senão a prova da sua profunda ignorancia dos phenomenos da «photographia do pensamento» a da «ideoplastia», assim como os processos de analyse comparada, mostram, ao contrario, dignas da mais seria consideração? E si os processos da analyse comparada chegassem um dia a provar definitivamente que o mesmo objecto contem um fundo de verdade incontestavel, então, longe de ver essa questão como um motivo de brincadeira nós deveriamos mostrar uma verdadeira sabedoria estudando systematicamente para o bem da humanidade,

* * *

Antes de passar a outras citações da obra de Mme. Dawson-Scott, é bom que nos detenhamos um instante a examinar uma contradição apparente que se constata entre o relato do Dr. Scott, que se encontraria no meio radiante e attrahente, immediatamente após o seu suicidio e as affirmações unanimes de outras personalidades mediumnicas relativamente ás severas sancções que esperam aquelles que se tornam culpaveis desse acto reprovavel em face das provas que nos reserva o destino e que nos é preciso soffrer virilmente.

Todas as personalidades mediumnicas são, de facto, de accordo em affirmar que uma das faltas mais graves que retardam o progresso espiritual das almas desincarnadas é o suicidio, que teria fatalmente como consequencia fazer gravitar o espirito do suicida, nas espheras espirituaes inferiores, «onde não ha luz». Ora, o Dr. Scott disse, ao contrario, se achar immediatamente no meio espiritual radiante, onde foi alegremente acolhido por entidades espirituaes que pareciam ser, á seu turno, felizes.

O sensitivo, Mme. Dawson Scott ignorava a existencia desta contradição nas mensagens mediumnicas, mas pessoas amigas lhe fizeram notar, e ella pediu ao falecido communicante para lhe explicar. Elle respondeu nos termos seguintes:

«Isto se deu porque foi preciso tomar em consideração outro factor: é que aqui nós não partilhamos da mesma opinião sobre um grande numero de questões. Eu não fiz senão vos contar os acontecimentos que me são pessoaes; eu affirmei ter sido alegremente recebido no mundo espiritual, onde ninguem fez-me referencia sobre o meu fim; accrescentei que minhas primeiras impressões foram de gozo por ter-me livrado do meu corpo. Isto não impede que um outro espirito pudesse ver as cousas sob ponto de vista diferente; ou bem, que um outro espirito, nas minhas condições, pudesse ter uma sorte diversa. Em summa, o que eu expremi não era senão minha opinião pessoal; não era outra cousa. (P. 107)».

Esta resposta está longe de resolver a questão, mas, por outro lado, ella constitúe uma nova illustração da grande verdade que o espirito do Dr. Scott se esforça constantemente para persuadir á sua esposa; é que os espiritos desincarnados não se mostram absolutamente omniscientes, e julgam segundo suas proprias experiencias, exactamente como acontece no mundo dos vivos. Segue-se que seus julgamentos devem ser acolhidos sob reserva, pois que não representam senão opiniões pessoaes, ou as experiencias especiaes das personalidades que podem por vezes saber mais do que nós sobre certas questões, e nada mais. Ora, em certos casos, nota-se que o espirito communicante, descrevendo o meio radiante em que se havia encontrado concluira que a mesma sorte feliz aguardava os outros espiritos de suicidas, e, por consequencia, que se podia entregar voluntariamente á morte sem provocar graves infrações na existencia espiritual; quando a verdade é outra. A verdade tinha escapado á comprehensão do Dr. Scott, porque elle não reflectira que, se elle se achava na «luz» apesar do seu suicidio, *é porque não era responsavel pelo acto que havia commettido*, devido a uma enfermidade mental hereditaria, conhecida sob o nome de «spleen» que acaba muitas vezes num accesso de «mania de suicidio».

Não me parece ser preciso accrescentar mais alguma cousa; com effeito o que eu disse basta para eliminar a unica contradição, aliás apparente, que existe nas mensagens mediumnicas em questão, postas em relação com os ensinamentos provenientes de outras personalidades mediumnicas.

ERNESTO BOZZANO.

(*Continua*)

Chronica Extrangeira

No Extrangeiro, em todos os paizes, nota-se um grande movimento de libertação das consciencias, parecendo que o sopro da Liberdade passa pelo mundo todo.

Ora são agitações trabalhistas, syndicalistas, ora são intellectuaes que se unem para libertar o mundo do dogma, retiral-o do sobrenatural e do mysterio em que vive immerso cerceando a humanidade á mais crassa ignorancia das cousas espirituaes.

Na França foi fundada uma grande sociedade intitulada — «União Racionalista», cujo fim é «fazer o homem pensar» e execrar os «artigos de fé» mantidos pelo sectarismo religioso. A «União» foi fundada pelas personalidades mais illustres nas sciencias e nas lettras, de França, como Prof. Charles Richet, Emile Borel, Becquerel, Fauconnet, Berthelot, Lapicque, Condessa de Noailles, Leclerc, Rostand, etc.

Os trechos do appello que a «União» faz, se resumem no seguinte :

«Estamos convencidos de que, em todos os campos abertos do pensamento, ha logar para os methodos scientificos : o espirito scientifico presidiu o nascimento das sciencias sociaes, e no sentido que aqui lhe attribuimos, é o proprio racionalismo.

«Temos a convicção de que esse racionalismo é bemfazejo, que só elle é capaz de assentar e resolver os grandes problemas que solicitam o espirito humano, que elle pode e deve dar origem não só a um systema de conhecimento, mas a uma união maior dos espiritos, e maneiras novas de conhecer o ideal».

«A «União» appella para todos quanto creem no valor scientifico, na efficacia do espirito da sciencia em todos os campos do pensamento. Sem caracter politico, ella dedicar-se-á á tarefa intellectual acima indicada».

A «União Racionalista» tem sua séde em Paris, Rua Lille, 44 (VIle.) caixas postaes, Paris, 1471-64.

De outro lado, tanto na Inglaterra, como na Allemanha ha grande lucta contra as pretenções clericaes de alliança ao Estado.

O MEDIUM FRED MARION

O sr. R. Lambert, traductor allemão das obras de Charles Richet, publicou no *Zeitschrift fur Parapsychologie* um relato das experiencias que fez com o medium Fred Marion, de Stuttgart.

Em 28 fev. 1930 as suas experiencias impressionaram bem, principalmente a clarividencia, a leitura de cartas em enveloppes fechados, cujas provas foram dadas publicamente. As sessões subsequentes foram de muito maior successo. Emfim, o sr. Lambert, cujo espirito scientifico é apurado, convida a todos os pesquisadores allemães a não perderem occasião de estudar o novo medium, cujas capacidades de clarividente, são bem notaveis.

O CINEMA E AS APPARIÇÕES

Da «Revue Metapsychique», que transcreveu do «Excelsior», passamos para estas columnas a caracteristica proposta do sr Hellwing.

— «*La Revue Internationale du cinéma Educateur*», orgão do «Institut International du Cinema de la Société des Nations», pela palavra de M. Albert Hellwig, presidente do Tribunal de Potsdam, propõe utilisar o cinema para a verificação dos phenomenos psychicos. Pelo registro com o micro-chronometro pode-se fixar as apparições rapidas, as quaes não se pode distinguir por outros meios ordinarios. Assim o cinema está particularmente indicado para o exame e contrôle dos phenomenos psychicos, uma só fita cinematographica, tomada nas mais perfeitas condições teria mais valor, como documento, que os mais volumosos relatos dos sabios, graças á projeção sobre o «écran» das «imagens ultra-normaes» das apparições de «espectros», dos phenomenos psycho-occultos, de telepathia, etc...»

Mas o orgão do Instituto pergunta se os mediums accederão de bôa vontade a serem suas experiencias controladas pela cinematographia.

De facto, seria desejavel para todo o estudo verdadeiramente scientifico dos factos supranormaes, que pudessem ser registrados por instrumentos de physica inaccessiveis á suggestão, e nós temos esperança que um dia veremos fantasmas cinematographados.»

"O MEMORIAL SERVICE" NO ALBERT HALL

Da «Constancia»:

— A commemoração do dia do Armisticio que, com fidelidade, se realisa todos os annos no Albert Hall, deu ensejo a que os espiritas de Londres externassem e demonstrassem mais uma vez os ideaes que os animam.

Desta vez foi uma reunião que pode-se dizer, na verdade, destinada a condemnar as guerras e propiciar e alentar os sentimentos pela paz mundial; por esta razão especialmente, transcrevemos o extracto dessa sessão publicada pela Light, visto considerarmos opportuno nestes momentos em que os rumores de uma nova guerra agitam intensamente o ambiente europeo.

— A Srta. Estela Stead leu um sentido discurso e communicações recebidas de William Stead e «Dos dois jovens», cuja summula é: «Hoje innumeraveis seres se sentiram voltados ao tempo em que tudo o que elles amavam era da côr da sua juventude. Os pensamentos volveram aos passados dias de alegria e de dôr, e com toda a felicidade que era de esperar sem que as sombras houvessem interposto a sua presença. A lembrança dos amigos queridos está sempre viva, como igualmente a de todos a quem temos amado. Deixae que este anniversario o consideremos nosso «O Dia sempre vivo». Que seja um dia em que encontrareis tempo para dedicar-lhe um sentimento ao vosso proximo, não somente ao visinho em particular, como tambem a massa de todos os vossos proximos. E' de urgente necessidade para o vosso bem, para os nossos amigos e camaradas, para as nações como para o individuo, visto que cada um e todos fazem parte da humanidade, que se desenvolva um sentimento de maior bondade, de tolerancia, e uma verdadeira aversão á rebellião.

A rebellião está em torno de vós. Só pode ser dissipada pelo esforço individual afim de dispersar todo o ensinamento que a erigiu. Ha forças em acção que se não forem inutilisadas devastarão a vida em pouco tempo. Julgareis que já as combatemos na Grande Guerra, mas temos muitos motivos para continuar a campanha. Agora nos mobilisamos para auxiliar a lucta contra o materialismo».

— A oradora, sra. Graham Moffat começou dizendo: «Minha bôa vovósinha costumava a dizer quando falava de algo que não aprovava. «Não tem sido experimentado». E continuava: «Nunca se teve em mente que as mulheres andassem de bicycleta e os homens voassem. Mas estas cousas têm succedido. Outra cousa que a minha velha senhora dizia é «que nunca foi planejado» que os homens pudessem se communicar com os mortos. E assim é tudo. Mas ella teve que se acostumar com essas novidades, disse a oradora entre riso accrescentando que uma das mais bellas provas evidenciaes ella recebeu de sua mãe, do mundo espiritual.

Mencionou uma communicação, escripta pelo general Braddock, e mencionando o Canadá. O sr. Moffat não tinha conhecimento de cousa alguma sobre esse nome, mas consultando a historia desse paiz verificou que referido personagem é um conhecido soldado que combateu pela conquista do Canadá e morreu em combate. A mensagem de Braddock dizia que: «não ha mais guerra. Rogae pela paz».

— O Rev. C. Drayton Thomas fez notar que quando partiu para uma viagem longe de sua residencia, seu primeiro pensamento foi enviar uma mensagem aos seus para que ficassem tranquillos sobre a sua sorte. Tivesse sido eu um dos que cahiram na guerra, teria feito o mesmo, disse o conferencista. De facto, quantos na guerra passaram para o «além» e voltaram aos seus queridos para lhes dar mensagens, para demonstrar que aquelles que haviam ficado na terra não comprehendiam nem sabiam de que existia uma via de communicação.

Esta falta de conhecimento os tem penalisado muito. «Pergunte cada um a si mesmo, disse o orador, se alguem não já vos disse: para que molestar os mortos? Mas o que a elles molesta é a ausencia da comprehensão. Ha indicios, entretanto, no pulpito, e na imprensa, de que se está operando uma mudança.

Ha muito que fazer, accrescentou. Sabemos pouco sobre as leis que regem as faculdades psychicas. O problema será resolvido pelos pensadores do movimento espiritualista. Penso que muitas mediumnidades se prejudicam por não ser esse precioso dom completamente desenvolvido. Com maior conhecimento, as faculdades psychicas poderiam ter um aperfeiçoamento devido; embora isto requeira, da parte do medium, um certo sacrificio. Sem mediums não haveria communicação com o mundo invisivel, embora pudessemos obter communhão com esse mundo. «Mas» — disse o orador, eu pergunto, como um homem honesto conheceria a communhão se não tivesse falado com os seus amigos do «Além»?

Eu desejaria possuir o dom da mediumnidade; não trocaria esse dom pelo mais alto posto que a Igreja pode dar.

— O outro orador foi o sr. Hannen Swaffer: «A cada anno em todos os lugares deste paiz, reuniões como esta tem lugar no mez de novembro. Completamente esquecidos da promessa aos soldados que morreram na guerra, depositam flôres nos cenotophios, os padres fazem sermões, os diarios, como faço eu, escrevem uma quantidade de palavras, de artigos de fundo, e são pronunciados discursos por grandes chefes politicos. Ao mesmo tempo o dinheiro gasto em armamentos nos ultimos quatorze annos quasi está decuplicado. Foi chamada «uma guerra para terminar a guerra», e entretanto está se fabricando mais guerra.

Citou depois, paragraphos de um recente volume do commandante Kenworthy, que declarou que as mulheres deveriam ser envolvidas na proxima guerra. E' uma declaração em inglez sobrio feita por um official da armada Britanica, um membro socialista por uma das secções do Hull.

O sr. Swaffer mencionou uma recente sessão que assistiu, na qual se obteve uma mensagem de sir Conan Doyle, em que elle fala no sentimento do amor que o acompanhou na outra vida; isto o havia permittido obter muita luz no outro mundo.

E' este amor, do qual nós falamos, tão voluvelmente, que terminará com a guerra.

— A Srta. Lind-af-Hageby, occupou a tribuna. Ella lera essa manhã num periodico, um artigo de um conhecido homem de sciencia. O que escreveu foi uma poderosa defeza do materialismo. «Os homens, disse essa autoridade, devem ser humildes; são descendentes dos monos! (risos). As orações são inuteis, disse, porque o homem é a mais alta expressão das forças automaticas do universo». Esta é a classe de sciencia que nos brinda! Acabo de chegar de Genebra e me impressionou o crescente cinismo com que se olha ali a Liga das Nações. Em todos os paizes da Europa faz-se preparativos febris para a guerra. Gazes venenosos, para o ataque são cuidadosamente experimentados. Apesar de suas profissões de fé, a gente segue o credo do materialismo, em vez do credo de Christo — que é reconhecimento do poder do Espirito.

— O sr. Ernesto Oaten, é o ultimo orador: descreveu as impressões de uma mãe Escosseza que ouviu e reconheceu a vóz de seu filho, que morreu na guerra. Este filho voltou á falar com sua mãe e lhe disse como entrou na Nova Vida. Entretanto, até o presente não havia communicação official de sua morte ; elle foi registrado como «extraviado».

Todos esses moços estão, no mais verdadeiro sentido da palavra, vivos. «Só vivem realmente os que escaparam da prisão da carne», concluio o sr. Oaten».

Esta reunião, como nos annos anteriores, foi organisada pela «Marylebone Spiritualist Association». Por fim o presidente sr. Craze pediu que todos trabalhassem pela paz internacional e a abolição da guerra. A immensa maioria ali presente se pôz de pé, unindo-se ao pedido altamente humanitario do Presidente.

UM EXERCITO DE ESPIRITOS

«A Revue Spirite Belge» transcreveu da «Spiritische Bladen», o interessante phenomeno que se vae lêr:

— «Sir Frank Benson, muito conhecido e que serviu em Flandrd durante a guerra, confirma a realidade de numerosos relatos, sobre muitos exercitos de espiritos que foram vistos durante a guerra. Na sua obra «Minha vida psychica» elle conta o seguinte :

«Num dos dias decisivos do começo da guerra mundial, um batalhão inglez devia marchar contra uma forte posição do inimigo. O Coronel notou que seus homens estavam particularmente augmentados. Um dos soldados lhe disse : Nós não sabemos, sir, como tropas de reservas chegaram aqui.» O coronel ficou estupefacto, porque elle não tinha, com effeito, tropas de reserva.

O ataque effectuou-se e depois de um combate encarniçado os Allemães renderam-se. Enviando a sua espada ao coronel, o official allemão lhe perguntou : «Mas onde estão as outras tropas ? — Que tropas ? perguntou o coronel. «Mas eu vi centenas de homens além dos que estão aqui». O coronel disse : «Todas as minhas tropas que tomaram parte no ataque, estão aqui diante vós». — «Não comprehendo isto — responde o general allemão — porque além destas forças, nós vimos centenas de homens, combatendo ao vosso lado».

Alguns annos depois da guerra, continúa Sir Frank Benson, eu contei esse caso na «London Philosophical Society». Um senhor levantou-se, veio perto de mim e me disse : «Eu garanto a verdade do que vós acabais de contar, pois, sou o coronel a quem nesse dia os allemães se renderam».

AS VISÕES DE GOETHE

As revistas allemães transcrevem escriptos do Prof. Ludwig Jaham, relembrando as «Visões de Gœthe».

1.o Depois da partida de Sesenheim, Gœthe viu-se a si proprio a cavallo, fazendo uma viagem que, de facto, realisou 8 annos depois. Esta foi a sua mais conhecida visão.

2.o A «manifestação» do soldado francez no campo de batalha de Iena, á qual assistiu um amigo de Gœthe, K., e que se prolongou por muito tempo.

3.o A visão no caminho de Belvedire a Weimar : Gœthe viu, vestindo um roupão e uns chinellos que lhe pertenciam, o seu amigo, Friedrich, de Frankfort. Chegando á casa encontro o amigo, que fôra surprehendido por um aguaceiro, e entrara em sua casa lhe vestira o roupão e calçara os chinellos.

O Prof. Jaham accrescenta : «Gœthe tratou muito de questões occultas, e estudou os lados obscuros da natureza, como provam os seus livros. Conheceu muitos phenomenos e teve visões.»

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

O illustre sabio francez, Sr. Dr. Andry Bourgeois fez na «Maison des Spirites» uma conferencia sobre o thema — «Porque Morremos ?»

O orador estendeu-se em considerações sobre as escolas — materialista, metapsychica e espiritualista, concluindo que ha absoluta necessidade de um esforço pessoal, condição indispensavel da evolução dos individuos para obtenção da verdade.

O Dr. Bourgeois, apesar da sua argumentação scientifica, falou numa linguagem clara e simples, como é de seu costume.

* * *

O Pastor Ed. Wietrich fez tambem na «Maison des Spirites» uma conferencia sobre «O alcance do nirvana».

Rochefor-Sur-Mer e Rouen

O sr. Wietrich fez nestas duas cidade conferencias sobre a «Doutrina da Reincarnação», com grande successo.

Revue Spirite

Agradecemos a illustre collega as palavras de encorajamento que nos tem enviado por vezes.

Agora noticiando o anniversario d'O Clarim, desta cidade de Mattão, diz a «Revue» :

— «O Clarim — o valoroso jornal de S. Paulo, festejou seu 25.º anniversario. O nosso confrade é um dos orgãos espiritas que mais tem trabalhado pela causa espirita no Brasil, e apesar da sua apparencia modesta, o seu trabalho tem sido dos mais fecundos. A «Revue Spirite» envia ao director d'O Clarim, sr. Cairbar Schutel, e a todos os seus collaboradores suas fraternaes felicitações.

Psychica

Temos sobre a mesa o numero de dezembro, desta revista, sob a direção de Mme. Carita Borderieux.

Revue de la Santé «Guerir»

Recebemos o n.o 2 desta interessante publicação que se edita em Paris, sob a direção de M. Louis Gastin.

Retribuimos a visita.

HOLLANDA

Tratando da propaganda na Hollanda, diz a «Revue Spirite».

— Notamos com grande prazer, a publicação no *Geest en Levem* (Arnhem) de um artigo sobre a organisação do «Congresso Espirita Internacional de Haya», em 1931, que promette ser importante ; no *Spiritische Bladen* (Haya) nós lemos um bello estudo de M. A. Saparenburg sobre Ernesto Bozzano, que é a cabeça do movimento espirita na Europa ; elle batalhou contra o animismo com Morselli na *Luce e Ombra*, com Ch. Richet, nos *Annales des Sciences Psychiques*, com René Sudre, mais recentemente, no seu livro :

A proposito da introdução da metapsychica humana, apparecido em Paris, Edições Jean Meyer.

— Sessões experimentaes (medium Jouker, a 19 e 30 setembro) continuam a realisar-se entre os hollandezes, que têm feito propaganda excepcional (com um estudo e retrato de Bozzano».

PORTUGAL

—O sr. Dr. Antonio J. Freire tem feito conferencias e palestras doutrinarias na Federação Espirita Portugueza, que têm despertado grande interesse á assistencia.

— O sr. Pedro C. Dias de Souza, com o auxilio de um medium tem feito importantes trabalhos demonstrativos da Immortalidade.

— Deveria ter partido para o norte, para fazer uma série de conferencias em Vianna do Castello, Porto e Coimbra, o Dr. Antonio Freire, da Federação Portugueza.

— A subscripção para construção do predio em que deverá funccionar a Federação já attinge . . . . 216:000$000.

— A «Sociedade Portuense de Investigações Psychicas» traduziu para o portuguez o «Extracto do Relatorio», do Congresso Espirita Internacional, realisado em Londres no anno 1928.

E' um livro de 250 paginas, que a Sociedade vende ao preço de 4 escudos.

ITALIA

— O Dr. Ernesto Bozzano continua, em «Luce e Ombra» a publicação de sua monographia «Dei fenomeni di «apporto».

— Suspendeu a sua publicação a Revista «Ultra».

HESPANHA

— O sr. Fernando Córchon fez, na Instituição «Veritas», uma conferencia, sobre o thema — «O Pensamento».

— O Centro Barcelonez elegeu a sua nova directoria, ficando como presidente o sr. Martin Font.

— A nova eleição da Federação Hespanhola resultou a constituição da directoria, sob a presidencia do Prof. Asmara.

— A Juventude «Lumen», do Centro Barcelonez elegeu para seu presidente o sr. Francisco Guevora.

— Tem se effectuado no Centro Barcelonez diversas conferencias á cargo dos oradores : sr. Marceliano Rico, sr. Frederico Climent Terrer, sr. Mateo Luiz, e do Dr. Mur, da Universidade de Barcelona.

— Temos sobre a mesa «La Luz del Porvenir», da Federação Espirita Hespanhola.

CUBA

— O Grupo Amalia, de Havana, effectuou uma velada em memoria do socio fundador Mario de La Torriente.

— O «Heraldo de Cuba» noticiou a manifestação de ostensivos phenomenos em Havana, como ruidos, movimentos de objectos, etc.

— A «Liga Contra o Suicidio» effectuou interessante velada em memoria de Simon Bolivar, cujo centenario se realisou em toda a America.

— Temos sobre a mesa «Rozendo» revista do Centro Espirita de Matanzas.

PORTO RICO

— Recebemos a revista «Rayo de Luz», de Ponce, que pede uma reunião dos espiritas para tratar-se de assumptos necessarios a propaganda.

BELGICA

— Esteve em Liège, o Pastor Wiétrich, incançavel propagandista que fez uma série de conferencias espiritas.

⁂

Fizeram conferencias na Federação Espirita Liègense, os srs.

Dr. Monier e M. Bieva, que foram muito aplaudidos pela numerosa assistencia.

⁂

A conferencia de M. Ch. Derache em Charleroi na «Maison des Huits Heures» foi um verdadeiro successo, que atrahiu numerosa e selecta assistencia.

⁂

Em Jamappes, o sr. Chapelle fez uma conferencia publica sobre: «Socrates precursor da Idéa da Sobrevivencia, com a base philosophica da reincarnação».

O orador agradou sobremodo ao numeroso auditorio, tendo concluido com um appello para os preparativos do Congresso de Charleroi.

⁂

Recebemos a «Revue Spirite Belge» muito bem cuidada, dirigida por M. J. L'Homme.

ARGENTINA

— Foi fundado em Buenos Ayres, a «Agrupacion Cosme Marino, que celebrou no mez passado uma sessão commemorativa ao seu protector. Desta sociedade recebemos uma circular contra os mystificadores e exploradores do Espiritismo, que estão merecendo um serio ataque dos espiritas argentinos.

— Temos sobre a mesa, as seguintes revistas argentinas, de divulgação espirita: *Constancia, La Nota Espiritista, Luz y Vida, Palabra de Lumen, La Idéa, e Resplendor de la Verdade.*

Como se vê os confrades argentinos estão verdadeiramente desenvolvendo a propaganda que não se limita á imprensa, mas tambem á palavra oral.

INGLATERRA

Conan Doyle Memorial

Sob a presidencia do Vice Almirante J. Amstrong foi fundada uma grande associação em Londres, para fins de pesquizas psychicas, para acolher mediums e desenvolver numa escola adequada seus dons, garantindo-lhes a subsistencia, e para propaganda do Espiritismo. Foi estabelecido tambem o serviço de cooperativa.

A nova sociedade faz um appello aos espiritas do mundo inteiro para o erguimento da empreza.

Os donativos podem ser enviados a—A. G. Grigg. Esq. Hon. Treasurer the Conan Doyle Memorial Fund, Lloyd's Banck, Ltd., 121-Oxford Street, London, W. 1.

⁂

Recebemos «The Greater World», revista semanal que circula com a maxima pontualidade.

MEXICO

— Os espiritas de «Perla Reinera», (Monterrey) trabalham activamente na propaganda. Recentemente o Centro Aurea celebrou o onomatico de um dos seus protectores, cuja festa teve grande assistencia.

— O Centro Amor e Caridade, de Pampico tem feito sessões de propaganda, com bons resultados.

— Temos sobre a mesa o «Siglo Espirita», orgão da Federação Espirita Mexicana.

— O laborioso grupo de Pampico, tem effectuado festivaes difusores do Espiritismo, com verdadeiros resultados.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O movimento revolucionario que substituiu o governo transacto, deu ensejo a uma grande invasão clerical que está, por certa forma, atemorisando os espiritos livres ameaçados em sua liberdade espiritual.

Os jornaes liberaes do Brasil, que aliás são pouquissimos na epocha que atravessamos, têm publicado diversos protestos de pensadores contra as pretenções do clero e sua intervenção nos negocios temporaes. O «Correio da Manhã» que é justamente o que mais tem se salientado, publicou, nos ultimos tempos, diversos artigos do sr. Almirante Americo Silvado, bem como dos Drs. Miguel Lemos e Jefferson S. Vieira Lemos, do Apostolado Positivista do Brasil sobre o respeito á Carta Constitucional de 24 de Fevereiro de 1891. Esses illustres cidadãos dirigiram ao Presidente do Governo Provisorio um protesto contra as aspirações do clero.

De outro lado, a «Liga Brasileira do Livre Pensamento», de S. Paulo, deu publicidade do Memorial que dirigiu ao Chefe do Governo Provisorio, contra a adoptação do «Ensino Religioso nas Escolas». Ultimamente um grupo de livre-pensadores, de S. Paulo, publicou um protesto contra os ritos e cerimonias catholicas romanas nos actos officiaes.

No Rio de Janeiro, a «Liga Espirita do Brasil» está fazendo um appello a todos os espiritas brasileiros e livre-pensadores, e adeptos de outro credo que não seja o Romanismo, para se movimentarem «de modo á velar por aquillo que a Constituição de 24 de fevereiro 1891 conferiu á nação, e que moral-espiritual, politico-socialmente se constitúe a nossa maior conquista, na synthese de seu artigo 72 e respectivos paragraphos, garantindo a liberdade de culto e de pensamento, do ensino leigo nas escolas publicas e da separação das egrejas do Estado». A «Liga» effectuará no Rio de Janeiro, uma grande reunião a 31 de março do corrente anno para tal fim, devendo todos os espiritas e livres pensadores que quizerem se aliar á mesma dirigirem-se desde já ao seu presidente — Commandante João Torres, rua do Ouvidor, n. 15, que melhores informações dará á respeito.

O Natal nos Estados

Em todas as cidades de todos os Estados do Brasil foi festejado o Natal pelas aggremiações espiritas esparsas em todo o paiz. E' assim que, além das sessões commemorativas publicas, nas quaes houve conferencias de propaganda, foram distribuidos aos pobres, generos, roupa e dinheiro, dando assim os espiritas um bello testemunho do seu amor pelos que soffrem, do seu interesse pelos desprestigiados da sorte.

Alagôas

Maceió

Uma caravana espirita composta de 24 membros, dentre os quaes notamos os nossos amigos Euripedes T. Lima, Adherbal Arecipo, Dr. Barbosa Junior, Dr. Theodoro Palmeira, visitou 18 gremios de Maceió, proferindo discursos de orientação e animadores.

Minas Geraes

Presidente Soares

Presidente Soares é uma das cidades mineiras em que o Espiritismo vae-se desenvolvendo, graças á propaganda de meia duzia de obreique se esforçam para tornar conhecida esta bella Doutrina.

O Centro de Presidente Soares, denomina-se «Retiro dos Filhos de Deus».

No ultimo Natal esta associação com o auxilio do commercio fez distribuição de generos e roupas aos necessitados, tendo á noite effectuado, na sede social, uma conferencia, o sr. Kruger Mattos, um dos dirigentes do Centro «Francisco de Assis», de Carangola.

Por occasião dessa festa, foi tirada a photographia do predio do centro em via de ser concluido, os assistentes e demais pessoas espiritas, vendo-se tambem na porta do centro a sua directoria junto ao sr. Kruger de Mattos. Da esquerda para direita: Braz Cosenza (secretario); Kruger de Mattos; ao fundo, na mesma ordem: Raymundo José Soares (da commissão de contas); Pharmaceutico Rozendo Fontes Tavares (Presidente); Em direção á Braz Consenza: José da Costa Lisbôa (da Commissão de Contas); Odorico Rocha (procurador);

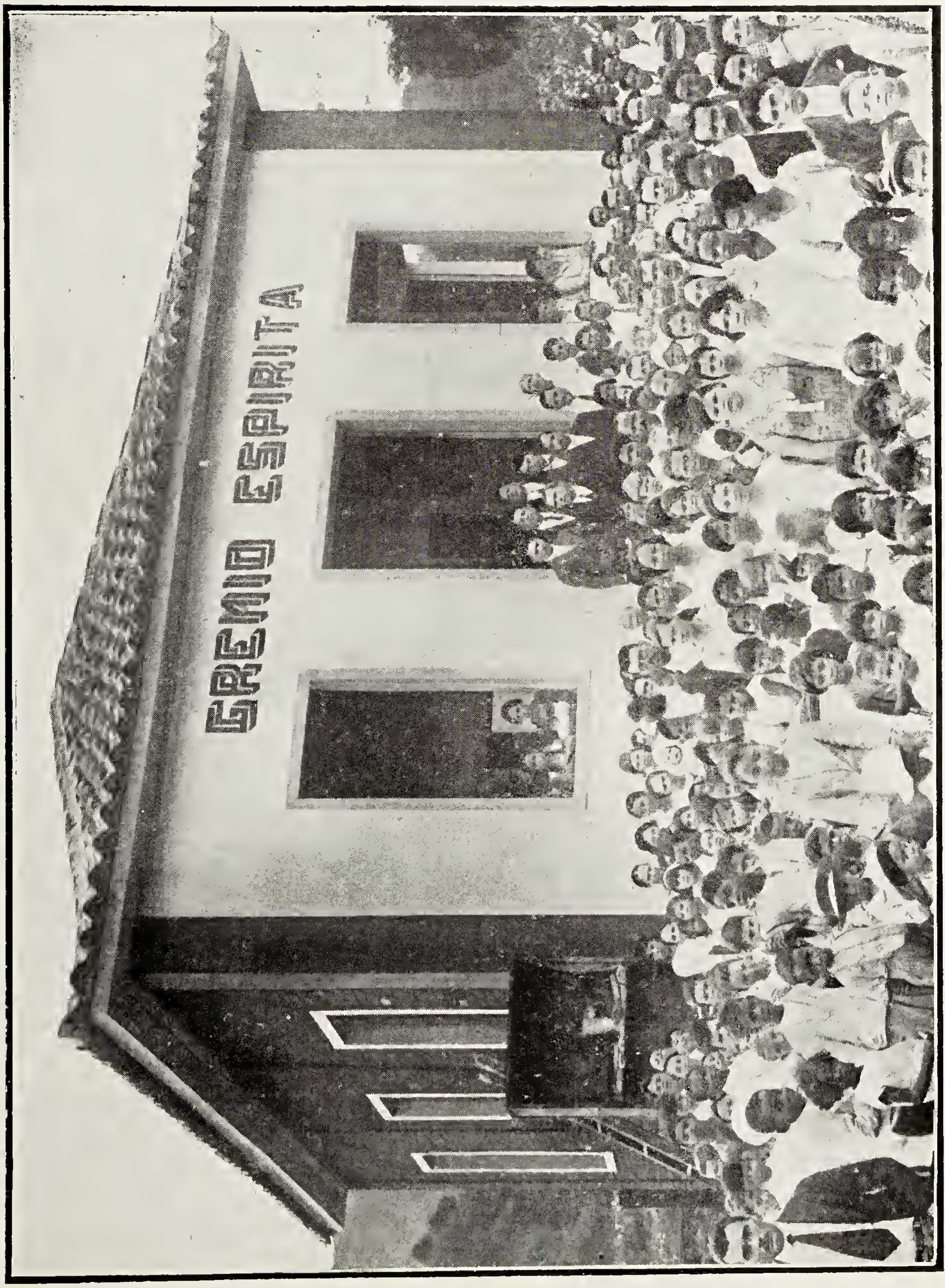

Photographia offerecida á Revista Internacional do Espiritismo, pelo Centro Espirita «Retiro dos Filhos de Deus»

Leoncio Faria (da commissão de contas); por traz deste — José Oliveira Santos (thesoureiro).

Rio Grande do Sul

O «Jornal da Manhã», de Porto-Alegre, abriu uma «Secção Espirita», na qual se dá resposta a todas ás perguntas que tendem ao conhecimento do Espiritismo.

⁂

O Dr. Paulo Hœcker effectuou no theatro uma substanciosa conferencia de propaganda que reuniu numeroso auditorio.

⁂

A Sociedade Espirita «Allan Kardec» continua desenvolvendo larga propaganda por meio de conferencias e palestras semanaes.

⁂

A Federação Espirita Riograndense está soffrendo um periodo de reorganisação social, devendo breve ser constituida sua nova directoria.

Rio de Janeiro

Novo Jornal

Sob a direção do sr. Souza Prado, foi fundado na Capital Federal o «Heraldo», novo jornal que se propõe á tarefa de propaganda.

O primeiro numero que temos sobre a mesa, está bem redigido e contem 12 paginas.

Felicitamos ao collega, desejando-lhe bôa orientação.

Correspondencia do Rio

— Um dos mais esperançosos grupos de effeitos physicos e «voz directa» desta Capital pertence á «Casa dos Espiritas», presidida pelo Capitão-tenente João Torres. Muito breve espero enviar um relato de experiencias que já iniciamos neste grupo.

- Mais um grupo destinado á producção da "Voz direcia" é o da "Tenda Espirita Joanna d'Arc".

Estes trabalhos vão tomando vulto na Capital e aos poucos se estão espalhando pela cidade toda. Elles têm despertado enorme curiosidade entre os nossos confrades, e não menor entre os sectaristas de varios credos.

— A revolução abalou todo o trabalho espirita aqui no Rio, mas estou crente que muito breve tudo reentrará nos eixos.

— Um grupo de propagandistas obteve novamente a permissão de visitar a Casa da Correcção e fazer conferencias doutrinarias aos sentenciados, bem como distribuir livros e folhetos. Esteve á frente deste movimento o nosso confrade sr. Leonardo Torrentes.

A primeira conferencia foi feita pelo Dr. Sebastião Caramurú, sobre "Jesus e as manifestações espiritas".

— Fez uma conferencia no "Abrigo Thereza de Jesus», o Dr. Leoncio Corrêa, ex-director da Instrução Publica e fino litterato, propagandista do Espiritismo.

— Estou sciente que a Republica Nova estenderá ainda mais os limites da liberdade, não merecendo, portanto, credito os boatos de alliança da Igreja com o Estado. Continuará a ser mantida a letra da Constituição, predominará o principio Positivista, e si a nova Constituição for promulgada em nome de Deus, será tambem com exclusão do elemento clerical.

Do Correspondente.

Paraná

Curityba

— A Federação Espirita do Paraná assim constituiu sua nova directoria: pres. Pr. José Nogueira dos Santos; 1.o vice, Dr. Flavio Ferreira Luz; 2.o Pedro Augusto Pereyron; secr. geral, Augusto Curial; director do Nucleo Central, Jacob Holzmann;

secr. Demetrio Pacheco; Director do Albergue Noturno, Esmeraldo Blasi; Director do Ensino e Caixa Allan Kardec, Dr. Sebastião Paraná; Director do Departamento Registro e Estatistica, Humberto Loyola; Director da Pharmacia, sra. Rosina Silva; Directores da Commissão Pró-Sanatorio Bom Retiro: Dr. Flavio Luz, Antonio Borges Moura, Domingos Greca; bibl. João Eugenio Justen e Olegario Ayres de Arruda; Directora do serviço de expedição, D. Maria José Wanderley; Commissão de propaganda: pres. Dr. Flavio Luz;—membros: Dr. Sebastião Paraná, Dr. Lindolpho Barbosa Lima; Dr. Avelino Lopes, Cap. Antonio V. Silva, Pr, José Nogueira Santos, Nerval Silva, Oswaldo José Ayres e Liconio Corrêa.

* * *

A Federação Espirita do Paraná mantém: Albergue nocturno; pharmacia e consultorio; bibliotheca; Palestras dominicaes.

* * *

Foi apresentado, em assembléa, á Federação, o relatorio do presidente Pr. José Nogueira do Santos, cujas notas principaes são: Na pharmacia foram aviadas em 1930 — 13.060 receitas. No Albergue Nocturno pernoitaram 6.003 pessoas. As escolas elementares do sexo masculino tiveram um comparecimento de 150 alumnos. e do sexo feminino 86 alumnos.

* * *

A Federação continua a manter como orgão official do seu departamento — «O Clarim».

São Paulo

Campinas

Continuam as conferencias na Associação Espirita Caminho da Verdade. Falaram ultimamente o Dr. Souza Ribeiro e a srna. Luiza Franco que dissertou sobre o nascimento do Espiritismo e sua acção social.

— O «Diario do Povo» abriu uma columna espirita, acto digno de menção que assignala bem a feição liberal deste jornal.

Jundiahy

O Centro Espirita Fraternidade assim constituiu sua nova directoria: pres. Antonio J. Pires; vice, Pedro Sokoloski; 1.o thes. Laurentino Santos; 2.o Vicente P. Silva; 1.o secr. Alcides W. Machado; 2.o João Martins.

NOTAS DIVERSAS

Nova Conferencia do Almirante Thompson

O sr. Almirante Thompson realisou mais uma conferencia no Theatro Lyrico, do Rio de Janeiro, na qual abordou o thema: «O divorcio».

* * *

Revista Espirita do Brasil

Entrou no 3.o anno de existencia esta revista que se publica no Rio de Janeiro, sob a direcção do sr. Camp-tenente João Torres.

A «Revista Espirita do Brasil» é orgão da Liga Espirita do Brasil, cuja orientação obedece.

A' illustre collega, nossas cortezias.

* * *

O nosso anniversario

Depois de haver circulado o n.o 12 da nossa revista, a nossa collega «A Aurora», registou o havermos completado o 6.o anno de vida, com as seguintes palavras que muito nos penhoram e agradecemos :

Revista Internacional do Espiritismo

Com o bellissimo numero de 15 de janeiro p. findo, que temos em mão, terminou o 6.º anno de sua preciosa existencia esta prezada collega, cujo valor honra a arte graphica da nossa terra, e mais do que esta, a sua orientação e feitura, que a colloca na vanguarda das suas congeneres, por qualquer prisma que seja encarada a sua publicação.

Manda a justiça, pois, que nos desvaneçamos satisfeitos com a sua realisação e supliquemos á Deus não só a sua brilhante continuação como ainda que mais se eleve e engrandeça em pról das verdades de que é portadora.

Ao seu digno director, o querido irmão Cairbar Schutel e seus collaboradores, as nossas sinceras e fraternaes saudações.

* * *

Expediente da Revista Internacional do Espiritismo

Como medida indispensavel á manutenção da vida desta *revista* somos obrigados a supender a remessa aos assignantes que se acham em atrazo e não responderam ás duas ultimas circulares que entremeiamos ás paginas da revista.

BIBLIOGRAPHIA

Guia Methodico do Experimentador Espirita

Mais um livro acaba de ser dado á publicidade pelas «Edições Espiritas O Clarim» — *Guia Methodico do Experimentador Espirita.*

Dita obra contém : Os grupos e sua evolução experimental ; Organisação das sessões ; controle das manifestações ; Vocabulario do estudante espirita.

A' venda na «Livraria d'O Clarim, preço 2$500 sob registro.

—

A Questão Religiosa

E' um folheto de 30 pags. de distribuição gratuita, com uma tiragem de de 5.000. Contém as seguintes materias : Estudo da Religião ; Religião Catholica Romana ; O Protestantismo ; O Budhismo ; Mazdeismo, Shintoismo, etc. ; Christianismo Primitivo ; Espiritismo ; Questão Religiosa ; Aos Operarios, aos humildes, aos desprotegidos, aos filhos do povo. E' da lavra do nosso companheiro Schutel.

Pedidos gratis na Livraria d'O Clarim, enviando só o sello para remessa.

—

Jacques-Jacqueline

Ensaio sobre alguns phenomenos normaes e supranormaes, da lavra do sr. Edgard Bonnet. Tem um magnifico repositorio. Vamos lêl-o com attenção. Por ora agradecemos ao autor o exemplar que nos enviou.

Os pedidos podem ser feitos ao autor — M. Edgard Bonnet, rue B. lomet, 42 — France — Paris.

Revista Internacional do Espiritismo

Collecções encadernadas : do 1.o anno 40$000; do 2.o anno 30$000 ; do 3.o anno 40$000 ; do 4.o anno 35$000 ; do 5.o anno 30$000

Pedidos á directoria — Mattão — E. S. Paulo

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL — **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL — Anno — Assignatura simples 20$000
— BRASIL — Anno — Assignatura registrada 24$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura simples 24$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura registrada 30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7215unse

NO VII — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Março de 1931 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Considerações Philosophicas
O Caracter e a Personalidade
As consequencias Philosophicas do Espiritismo
O legendario juizo de Midas
A proposito de «Revelações Transcendentaes»
Novas sessões de «Voz Directa» em Veneza
O mundo espirita
Éffluviação Odica
Maravilhosa prova na Escossia
«Espiritualismo»
Uma invenção curiosa
O Lyrio do Valle
Psychologia Animal
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

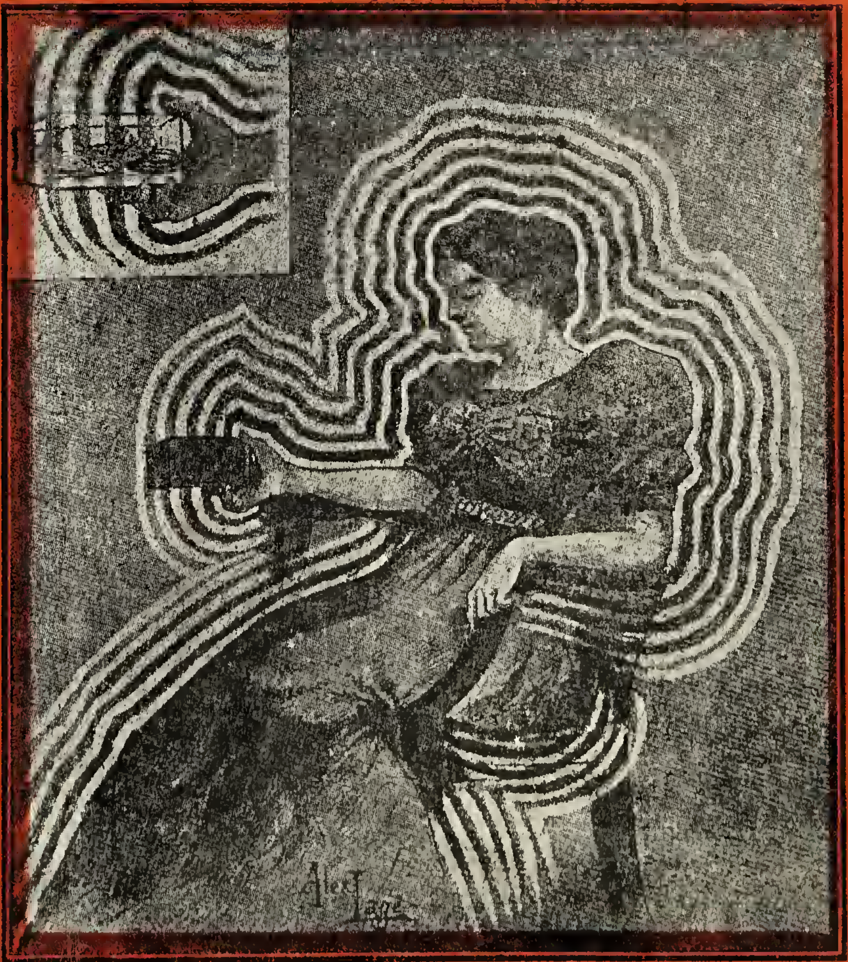

Um desenho schematico

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Março de 1931 - NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

Considerações Philosophicas

O mundo progride e a humanidade evolúe. O progresso physico é consequencia natural da evolução dos espiritos. Aquelle se faz sempre por meio de prepostos de Deus, que trazendo-nos verdades novas e nos proporcionando novos descobrimentos, concorrem para o embellezamento do nosso planeta e bem estar dos seus habitantes. A evolução dos Espiritos é, portanto, um complemento do progresso, que em parte se torna collaborador na obra intellectual das massas.

Esse progresso é constante e ininterrupto, e quando elle parece paralysar a sua acção, esse interregno não representa na Lei Natural senão uma pausa harmonica para dar lugar a uma acção mais accentuada de ordem moral, que sustenta e mantem os valores das conquistas realisadas nos planos physico e intellectual.

Sem esses entremeios a harmonia não permaneceria, ou antes, não existiria, porque não se pode alcançar um progresso real consubstanciando a obra da evolução intellectual, sem obedecer a um rithmo moral de manutenção e de ordem.

Na natureza tudo é harmonia, e as almas vibram em sua perfectibilidade de accordo com a harmonia da natureza. D'ahi o principio : os espiritos se equilibram e ascendem nas azas da Moral e da Sabedoria.

Sabedoria sem moral é tão prejudicial á humanidade como seria a Moral sem sabedoria.

Esta, como se observa nos nossos tempos, produz a desaggregação, estabelece a desunião e a discordia, porque não está unida a moral.

A moral sem sabedoria poderia ser muito bôa no sentido de virtude, mas o mundo não daria um passo para o progresso ; as faculdades intellectuaes, os ornamentos do cerebro não existiriam e as nações permaneceriam separadas, desconhecendo-se, os mares seriam desertos intransponiveis e a humanidade dividida, fraccionada, ignorando cada parte a existencia das outras partes não corresponderia absolutamente á obra do Progresso que todos são chamados a realisar.

Vê-se, pois, logica e claramente que, assim como o progresso physico reclama a evolução da humanidade sob o ponto de vista intellectual, a sabedoria sendo uma condição inherente á evolução exige para sua vera consolidação a pratica da Moral, que é condição indispensavel da ordem e da harmonia entre os povos.

—

Estabelecida a base da Moral como preceito «sine qua non» de evolução consequente ás exigencias que o Progresso Physico requer, um outro quesito apresenta-se logo á nossa consideração :

— Qual é o principio capaz de erguer e manter a moral entre os homens?—Mais claramente: Qual a religião, a sciencia, a philosophia que se julga apta para o desempenho dessa grande tarefa?

A nosso vêr, esse grande edificio destinado, sem duvida, a abrigar a humanidade inteira, tem que se erguer sob o dominio da mesma Lei que rege todas as sciencias positivas, para que resista as correntezas destruidoras e não seja abatido pelos vendavaes da adversidade.

N'elle não podem prevalecer o dogma e o mysterio, porque, si de um lado existe o *ignoramus et ignorabimus*, de outro prevalece o incentivo — *progrediamur.*

O maravilhoso, o mysterio, que é o incomprehensivel, o incognoscivel, tem de se tornar comprehendido e conhecido, porque nelle operam os dois grandes factores — estudo e livre-exame—um incentivando o outro, e ambos realisando a obra de ascenção moral e scientifica.

Qual é essa Lei que rege todas as sciencias positivas, chamada tambem para estabelecer a lei moral que harmonisa os povos?

E' justamente aquella que preconisa o livre-exame e estatúe o methodo experimental estabelecido por Bacon, como meio de se chegar á Verdade.

A base da Moral influencia sobremodo a vida dos povos.

O producto, o resultado das acções humanas não tem por causa senão a moral que as engendra; e assim como uma bôa arvore não produz máos fructos e estes dão a conhecer a natureza da arvore, assim tambem a Verdadeira Moral, ou em termos mais populares —a Verdadeira Religião tem forçosamente que produzir bôas obras pelas quaes será reconhecida.

Conclúe-se de tudo isso a necessidade do estudo religioso, do livre-exame em materia religiosa, para resolução dos complicados problemas que absorvem os povos.

Só por este meio conseguiremos estabelecer a ordem e a paz no mundo, perturbado actualmente pela influencia de um materialismo devastador, illogico, inconsequente e contraditorio que entenebrece os espiritos.

O Caracter e a Personalidade

O caracter é uma synthese, é um expoente de toda a personalidade, e não de algum elemento isolado.

Nos proprios philosophos que desenvolvem suas aptidões de modo parcial, o caracter pareceria depender exclusivamente de condições intellectuaes; erro inutil, porque sua conducta é o transumpto de cem outros factores.

Pensar é viver. Todo o ideal humano implica uma associação systematica da moral e da vontade, fazendo convergir ao seu objectivo os mais vehementes anhelos de perfeição.

O investigador de uma verdade se sobrepõe á sociedade em que vive; trabalha para esta e pensa por todos, antecipando-se, contrariando suas rotinas. Tem uma personalidade social, adaptada para as funcções que não pode exercer em uma ermida; mas os seus sentimentos sociaes não lhe impõem cumplicidade com o menos limpido.

Em sua anastomose com os outros conserva livres o coração e o cerebro, mediante alguma cousa de proprio, que nunca se desorienta: aquelle que possue um caracter não se domestica.

JOSE' INGINIEROS.

As consequencias Philosophicas do Espiritismo

Conclusão

Evidentemente estamos de novo em um dominio em que as leis physico-chimicas que conhecemos, não são mais applicaveis, visto que o ser que possúe esse dom está livre, nesse momento, das leis do espaço e do tempo que determinam rigorosamente o mundo material : ha pois algo mais que materia nas pessoas que possuem estes poderes.

Mas existe outra prova directa, irrecusavel da independencia da alma sobre o corpo : é o phenomeno do desdobramento. Está provado que certos individuos têm sido vistos agindo em sitios determinados emquanto que o corpo material está em sua casa. Como é impossivel que o mesmo organismo physico haja occupado, ao mesmo tempo, dois lugares differentes no espaço, deve-se deduzir, sendo a visão real que se tem produzido uma duplicação, que algo se desprendendo do corpo carnal para represental-o á distancia, em uma palavra, houve, forçosamente desdobramento, bi-corporeidade.

Em muitos exemplos, esta imagem, esse dúplo, provou por seus actos, por suas palavras, ou por seus escriptos, que era intelligente, emquanto o seu involucro corporal jazia inerte e inconsciente, porque seu principio espiritual o havia abandonado. E ahi tambem, toda a negação da realidade dos factos seria perfeitamente inutil, devido á multidão de testemunhos affirmativos que se possúe e támbem em razão das provas : visão collectiva, photographia, impresssões, etc., que nos certificam que a allucinação não pode intervir para a explicação.

Parece, então, evidente que um sêr interior que possue poderes tão differentes dos da materia viva não é engendrado por ella, mas desfructa de certo modo de existencia inteiramente distincto do modo biologico e que revela outra lei.

Esta indução está plenamente confirmada pelos phenomenos do espiritismo que, sem discussões metaphysicas, demonstra immediatamente que o «eu» sobrevive á desintegração corporal, visto que o individuo falecido ha mais ou menos tempo, volta para nos affirmar, seja de uma maneira, seja de outra, que continúa no espaço sua vida espiritual. Aqui não se trata de mysticismo, é um *facto* que se impõe e já não é necessario appelar para a fé, afim de ser espirita, pela mesma forma que para ser astronomo ; pois tudo descança sobre a observação e sobre a experiencia.

Os espiritas descobriram, os primeiros, as condições que favorecem o exito das experiencias, e os sabios que os seguiram neste caminho nada lhes ensinaram ; mas não conseguiram exito senão empregando os diversos processos que os primeiros observadores julgaram necessarios.

Por muito tempo se combateu a realidade dos phenomenos espiritas e particularmente as materialisações que, forçosamente, ha de desapparecer a opinião de que esses phenomenos só eram devido a subterfugios miseraveis. Mais de cincoenta sabios, entre os quaes contamos homens como Crookes, Wallace, Lombroso, Ch. Richet, Ochorowics, Pio Foa, Porro, Bottazzi, Morselli, Maxwell, Flammarion, Myers, Lodge, etc., affirmaram que viram nas sessões de Eusapia mãos que não pertenciam a nenhum dos assistentes e que estes membros tinham todos os caracteres morphologicos dos nossos.

Essas mãos deixaram signaes

da sua existencia sobre o negro-fumo, moldagens e placas photographicas.

Não são simples debuchos que se vê, mas verdadeiros modelos anatomicos, sobre cuja realidade não ha equivoco possivel.

Nas mesmas sessões, *varias* mãos foram vistas simultaneamente, o que evita a hypothese do desdobramento do medium.

Além disso essas mãos agem com intelligencia: ellas escrevem, tocam piano, desenham, etc. Eis aqui a certeza absoluta que se adquire compulsando os documentos publicados sobre o assumpto.

O Espiritismo nos ensina, e ainda mais, nos demonstra, que a alma é inseparavel de uma substancia etherea que tem a forma do corpo.

E' outra materia que é visivel durante o desdobramento e acompanha o espirito depois da morte do corpo, de maneiras que as impressões são demonstrações directas da realidade desse corpo espiritual, ao qual se deu o nome de *perispirito.*

Ahi vemos a certeza dos sabios em face de semelhantes phenomenos. Em vez de reconhecer a theoria espirita, elles imaginam que essas mãos são *creações* do pensamento do medium, que chamam «*ectoplasmas*», apendices «*neoplásticos*», etc., e sem reflectir na enormidade dessas hypotheses, que fariam bem sahir do nada para voltar a elle, organismos tão complicados como é uma mão com suas ramificações, seus caracteres anatomicos e physiologicos, visto ainda serem dotadas de calor e motricidade. Seria então uma geração expontanea, muito mais maravilhosa ainda que a de um microbio, pois se trata de um membro humano cuja genesis, apesar de extraordinaria complexidade, seria instantanea.

Mas essa solução torna-se ainda mais extravagante quando se trata de materialisações totaes.

Que se leia Crookes, Gibier, Wallace, Aksakof, Carl du Prel, Venzano, Morselli, os professores Tummulo, Millesi ou Porro, etc., etc., e temos a certeza que quantas precauções foram precisas, não deixaram de ser tomadas para evitar a fraude. Está estabelecido por *provas absolutas* que fantasmas materialisados tem apparecido em aposentos perfeitamente fechados, e que nada, inclusive o medium, poderia representar o papel da apparição.

Sobre a mesma placa photographica se vê o medium e a apparição; esta, pois, occupa um lugar no espaço, reflecte a luz, é um corpo material que ás vezes se vê tomar forma na mesma sala, como Wallace e o diacono Colley affirmam, em condições inimitaveis pela fraude.

Os moldes das mãos, dos pés, do rosto em parafina são tambem documentos de primeira ordem, nesse sentido, que nenhuma duvida offerecem e nenhuma mão humana poderia sahir de semelhante guante. Era preciso a forma se desmaterialisar para deixar intacto o molde de cêra.

Todos estes phenomenos, e muitos outros, taes como a diminuição do peso do medium durante a formação do ser materialisado, estão affirmados por indiscutiveis autoridades scientificas para que uma mera negação não venha destruir sua importancia.

Muitas vezes estas formas deram testemunho, além da semelhança de sua indubitavel personalidade, recordações pessoaes, escriptas autographas, idiomas extrangeiros, etc. — para que nenhuma duvida haja de sua identidade. E', pois, a demonstração directa da sobrevivencia, e nenhuma argucia, nenhum sophisma, poderá tirar-nos a grandiosa certesa que a immortalidade é uma verdade que se demonstra rigorosamente e não é o somno chimerico de espiritos avidos de maravilhas.

Eis aqui uma nova psychologia experimental que abre á sciencia novos horisontes vastos e insuspeitaveis.

Qual é a composição e o papel do perispirito durante a vida? Um orgão de tal importancia não acompanharia a alma no espaço si seu papel se limitasse á parte terrestre da vida do espirito.

Nós, espiritas, sabemos que é elle o armazem, o guardião indefectivel das acquisições da nossa vida intellectual, e é porque estão gravados de um modo indelevel na substancia imperecivel, que o espirito os leva para o além e pode augmentar sem cessar o thesouro de seus conhecimentos e progredir sem cessar e sem decadencia possivel, apesar da lentidão da sua evolução.

E' com o testemunho directo dos que franquearam as portas da morte que edificaremos lentamente por uma discussão critica aprofundada a sciencia da vida no espaço. E' no estudo das situações occupadas por cada individuo desincarnado que saberemos se a lei moral não é mais que uma palavra, uma convenção social, ou se ao contrario ella deve ser posta no numero dessas necessidades ás quaes nada se subtrahe e cujo imperio se exerce sobre a alma com um poder irresistivel.

Proseguindo nossa indagação, temos o dever de procurar como se cumpre a evolução do principio pensante e se o mundo espiritual não é tão rigorosamente regido por principios immutaveis como o é o mundo da materia.

A nova sciencia que se edifica, se trata de problemas religiosos, julga entretanto, tratal-os com independencia e sem ter por objecto nenhuma das religiões que dividem a humanidade.

Allan-Kardec disse-o : «O Espiritismo ha de ser scientifico, e se não fôr, não existirá.» Suicidar-se-ia se tomasse uma das formas dos cultos que hoje existem.

Pela natureza de suas pesquizas, jamais poderá ser dogmatico, visto que se modificará á medida que o progresso dos descobrimentos futuros vão se realisando.

Não é, pois, senão por um desconhecimento profundo do seu fim e de seus methodos que se lhe quer attribuir os caracteres de uma religião.

Na realidade se confirma em alguns pontos os ensinamentos fundamentaes de todas as religiões, mas se afasta sobre a infinidade de outras, porque substitue ás antigas concepções, uma visão ultra-tumba que differe essencialmente do que os sacerdotes catholicos, protestantes, judeus, mahometanos, budhistas, etc., imaginaram.

Desde as primeiras linhas, essa grandiosa construção futura se desenha. A lei da evolução que rege o universo physico se applica igualmente ao mundo espiritual e temos bôas razões para pensar que a ordem e a harmonia não se applicam sómente á materia inerte, mas se estendem na vida espiritual sob as formas mais puras da justiça e do amor.

GABRIEL DELANNE

O legendario juizo de Midas

Pan ousou comparar uma flauta de sete carriços com a lyra de Apollo. Propôz uma justa ao deus da harmonia, sendo arbitrio o velho rei phrygio. Resoaram os acordes rusticos de Pan, e Apollo cantou ao compasso das suas melopeias divinas. Todos decidiram que a flauta era incomparavel á lyra, todos, unanimemente, menos o rei que reclamou a victoria para Pan.

Immediatamente cresceram sob seus cabellos, duas milagrosas orelhas : Apollo ficou vingado, e Pan se refugiou na sombra. O juiz confuso quiz occultar as orelhas debaixo da sua corôa. Um camareiro as descobriu ; correu a um valle longinquo, cavou um poço e contou ali o seu segredo.

Mas a Verdade não se enterra : florescem rosas que, agitadas por brisas, repetem eternamente que Midas teve orelhas de asno.

Este apologo ensina que a Verdade é invencivel e sua justiça é o respeito ao merito ; sua acção é irrevogavel.

A PROPOSITO DE "REVELAÇÕES TRANSCENDENTAES"

(Continuação)

Entretanto, depois de havermos feito allusão aos conhecimentos muito limitados que possuem os espiritos desincarnados existentes nos meios espirituaes visinhos ao mundo dos vivos (o que constituiria a causa principal de pretendidas contradições que se verifica nas mensagens mediumnicas), é bem que nos detenhamos um pouco neste thema muito importante, citando algumas passagens do texto no que esta verdade está illustrada.

Na pag. 62 o Dr. Scott dirige-se á sua esposa, nestes termos :

«Nota não esquecer que o que eu te exponho não constitue senão o meu modo de ver e de julgar o fim da nossa existencia nesta esphera espiritual. Outros espiritos podem ver as cousas sob aspectos differentes e julgar em consequencia. Todos somos sujeitos a nos enganar, como eramos ahi na nossa vida. Nossos conhecimentos são limitados ao que conhecemos. E' preciso que não te esqueças».

A proposito da idéa de Deus, elle observa :

«Nossos conhecimentos não são tão circumscriptos como os vossos, mas o nosso saber é insignificante em face do que ignoramos... Muitos dentre nós crêem num Deus pessoal, mas para todos ; e eu estou entre estes. Nós não conhecemos a verdade a este respeito, e devemos nos limitar a especular, como vós mesmo fazeis. (P. 46). Relativamente ao que disse Stan (os irmãos mortos das irmans Shafto) á respeito da esphera do Christo, eu te direi que elle chegou no mundo espiritual com a crença firme na divindade de Jesus Christo, e presentemente não acha razão de mudar de opinião. E' possivel que elle tenha razão, mas eu duvido. (P. 52).

Por outro lado, a personalidade mediumnica de William Stead crê num Deus impessoal, e exprime o seu pensamento nestes termos :

«Meu modo de ver é que nós, scentelhas divinas, seremos por fim integrados em Deus, pois, somos moleculas vitalisadas e espiritualisadas, que provém delle.

E' mesmo possivel que Deus esteja, a seu turno, numa evolução eterna com o universo. Mas eu não falo senão por indução ; em semelhante assumpto eu não posso vos transmittir senão o que me parece provavel. O nosso corpo terrestre é constituido por milhares de celulas, das quaes a cada uma é dada uma vida ; ora os milhares de espiritos em evolução eterna, cada um fornece uma existencia individual, podem ser equivalente das celulas do corpo humano e se integrar no Todo, no qual se manifesta o Espirito de Deus. (Pg. 179—180)».

E á proposito das informações dadas sobre os assumptos moráes, religiosos ou philosophicos, o Dr. Scott observa :

«Não somos ainda bastante evoluidos ; por isso nossas opiniões não têm grande valor. Nós as transmittimos aos vivos, mas entre os vivos ha muitos que são mais sabios e evoluidos que nós. Nestas condições, vós deveis pensar com a vossa cabeça. Não crede que pelo facto de ter dado um passo no caminho do progresso espiritual baste para nos dar conhecimento da Verdade. Algures já tendes constatado que nossas opiniões differem uns dos outros. Assim, por exemplo, Stanley Shafto vê nosso meio espiritual sob um ponto de vista muito differente do meu. O que se diz na terra se repete aqui : tantas cabeças quantas sentenças». (P. 77).

Notarei tambem que, como acontece no nosso mundo, o mesmo se dá nas espheras espirituaes de transição, constata-se entre os espiritos que ahi moram, uma incerteza identica de opiniões, relativamente ao destino que os espera quando o momento é chegado para elles deixarem o meio no qual se acham.

Nestas circumstancias, elles observam que os seus semelhantes chegados á maturidade espiritual, adormecem e desapparecem do seu meio sem nada saber do destino que lhe está reservado; justamente como acontece no nosso mundo; tambem, elles, como nós, tem que especular sobre o assumpto, donde resulta grande desaccordo de opiniões.

Eis aqui como se exprimiu George Dawson, um primo falecido do sensitivo:

«... Nós temos uma variedade infinita de occupações que nos tornam felizes. Nós passamos de uma para outra felicidade. Estamos immersos na luz; cada um é livre para seguir sua propria vocação, exercendo plenamente suas faculdades espirituaes. Exercendo-as desenvolve e aperfeiçôa.

Não ha velhice. Permanecemos no vigor das nossas forças.

(*Mrs. Dawson Scott*): Mas tudo isso não deve então acabar?

(*O Espirito*): — Isto não pode continuar por muito tempo. Apesar disso meu pae e minha mãe já deixaram esta esphera, e eu penso que não tardarei a seguil-os. Supponho que elles partiram porque sua evolução espiritual tinha attingido ao grau maximo conciliavel com a existencia nesta esphera.

(*Mrs. D. S.*): — E vós ignoraes onde elles estão?

(*Espirito*): — Imagino que a razão pela qual se tormaram invisiveis para nós consiste no facto que seu corpo espiritual tinha attingido o maximo de purificação conciliavel com as condições de existencia. Ora em outras palavras, que o facto é devido ás minhas proprias condições que não attingiram ainda o grau necessario de purificação...

(*Mrs. D. S.*): — Qual será o fim desta longa e lenta evolução?

(*Espirito*): — Ha quem pense de um modo, outros pensam de outra, a este respeito. Quanto a mim estou examinando, estudando; vivo feliz no meio das felicidades presentes... (p. 126. 127)».

Noutra parte do livro, o sensitivo pergunta a seu marido defunto:

— «Vos lembraes de ter vivido outras vezes na terra?

(Espirito): — Eu não sei quanta cousa eu ignoro! Notarei, todavia, que experimentei um sentimento de affinidade pelo meio oriental e que vós experimentáes o mesmo sentimento. Ora, nada pode existir sem que exista uma causa que explique a existencia. Não ha sensações — intuições fortuitas; mas ellas têm por vezes origens remotas e eu não sou bastante evoluido para ser capaz de seguir os traços, seja recuando até ás origens, seja partindo das origens. Aqui aprende-se muito, mas ha cousas que nós ignoramos. De todo o modo eu vejo quão limitados são os modos de saber no mundo dos vivos. (p. 72-73».

Um outro dos quatro espiritos communicantes — Henry Lawry — parente do sensitivo, nota:

— «A' medida que os espiritos progridem se despojam dos seus prejuizos inhibitorios; mas vós não deveis esquecer que logo que chegamos a um grau notavel de evolução espiritual, julgamos ter dado unicamente um passo na nossa longa viagem.

(Mrs. D. S.): — Vós falaes da «nossa longa viagem». O que queres dizer com estas palavras?

(Espirito): — Eis: Eu não me lembro senão da minha vida terrestre, e ainda, imperfeitamente; mas tenho o sentimento de já ter tido outras vidas. E' um sentimento que por vezes emerge em mim com uma grande vivacidade; e então me sinto em communicação com as nações orientaes. Notarei que quando eu vivia na terra, eu me sentia atrahido para a arte e a vida orientaes. Eu sinto permanentemente como se houvesse um laço que me prendesse ao mundo oriental. Nada posso affirmar ao certo, mas não importa; e me parece tambem que esse sentimento não representa senão uma porção minima de mim mesmo.

O que se diz pode ser verdade, que partes do nosso ser já tem vivido em outros lugares. (p. 138, 139)»

Nestas ultimas mensagens constata-se que os espiritos communicantes, têm como que uma vaga intuição de terem vivido outras vezes na terra e esta forma de intuição, justamente por ser vaga e incerta, é preciosa sob o ponto de vista theorico; ella serve, para nos esclarecer á respeito do famoso desaccordo que existe á proposito da «reincarnação» entre as personalidades mediumnicas communicantes, cuja maioria affirma a realidade das vidas successivas, emquanto que uma minoria a põe em duvida ou nega-a formalmente. As personalidades mediumnicas que a contestam se portam de modo a deixar suppor que elles falam com conhecimento de causa, emquanto, que, na realidade, não fazem senão manifestar sua opinião pessoal, por vezes profundamente contraria a esta solução do mysterio do universo; justamente como acontece no nosso mundo.

Ernesto Bozzano.

(Continúa)

* * *

Novas Sessões de "Voz Directa" em Veneza

(DE «LUCE E OMBRA»)

Dr. Piero Bon

(Conclusão)

Outra voz se diz o pae de minha senhora. Conversa affectuosamente sobre cousas familiares, com ella e commigo, e, como na outra noite se sente ditoso quando eu o trato confidencialmente como antes.

Cristo D'Angelo volta a apresentar-se com impeto, de improviso. Todos nos assustamos mas festejamos a sua brincadeira.

Cristo D'Angelo : Ah! ah! faço saltar a todos! nada de medo! calae-vos que vou cantar», e começa a cantar a toda a vóz, muito forte, outra canção: «Marianina come fu... quanto sei bella... me fai mori».

Termina, alongando ao infinito a ultima nota. O phenomeno é por demais interessante, já que, como fiz notar em outra opportunidade semelhante, pareceria demonstrar que a formação da voz é independente da respiração.

Todos applaudimos alegremente.

Cristo D'Angelo «gostaes disto?» Elle tambem ri-se. Logo, á pedido, volta a cantar a mesma canção, com os mesmos assombrosos effeitos.

Com a sra. Hack, Cristo D'Angelo se entretém falando de «Margery»; logo passa a conversar com a srta. Valle e commigo.

Accedendo a um novo pedido, canta outra vez. Agora é a canção *Dormi su questo sonno... sto figlio di re* (ou algo parecido, pois, os termos sicilianos e a mui errada pronuncia apenas são comprehendidos por mim). Alguem lhe pergunta se é uma canção muito antiga. Elle responde: «E' uma canção do meu tempo».

Dirigindo se a alguem de nós, a quem não consegui identificar bem, Cristo D'Angelo diz: «Ha um menino que chora lá fóra». Effectivamente da rua vem o pranto de um menino. Parece que isso conturbou a Entidade que já não responde.

Uma voz, a minha filha: «Oberto, Oberto: sim, sou teu primo Oberto». A um pedido de minha filha a voz responde dando detalhes sobre o seu falecimento, occorrido «ha dez annos», em outubro: o que seria exacto. Logo a voz passa a saudar e a enviar beijos á «Tia Nora», minha esposa.

Alfredo Aicardi me annuncia a vinda, por estes dias, de uma carta do sr. Grandi da America e accrescenta: «Agora não está muito satisfeito».

Uma voz fala á sra. Hack. Saúda-a assim: «Hello dear». Diz ser seu marido. Fala-lhe muito proximo e diz: «How many days move will you be here?» (quantos dias mais pensas ficares ahi?). Respondendo-lhe a sra. Hach pede-lhe fazer-lhe ouvir o assobio que ha um tempo lhe era habitual. Em seguida a vóz começa a se fazer ouvir. Mais alguns ruidos vindos do exterior impedem a senhora de apreciar devidamente.

Everett que tambem na salinha contigua falam e offendem. Mandamos que façam silencio e Elle fala com Geo Valiantine.

Uma voz se annuncia á sra. Bradley como seu avô. Dialogo. Diz que não conhece os presentes, mas saúda a todos. Esta Entidade fala com voz forte e de modo energico, caracteristico.

Outra voz diz á srta. Valle ser seu pae, e conversa largamente com a mesma sobre coisas e pessoas familiares, dando conselhos e instrucções.

Octaviano vem saudar minha senhora, minha filha e a mim, despedindo-se.

A voz que se diz a de meu pae me saúda e se despede carinhosamente. Lhe pergunto se vê um pequeno retrato em photographia collocado no marco do seu retrato grande.

R. «Sim, é o meu».

P. «E o que tens na mão n'aquelle retrato?»

R. «A bandeira».

(Mais tarde verificamos: papae, então com quinze annos, vestido de garibaldino, tem em vez um fuzil, que confundindo-se com um cortinado, dá verdadeiramente a impressão de ser uma bandeira).

A corneta sóbe até o tecto, dá umas voltas e cahe.

Ko Kum fala com voz potente.

A corneta dá voltas tocando em todos.

Uma voz diante do Almirante X. Y. se diz seu irmão E. Dialogo.

A corneta golpea forte sobre a cabeça de um de nós.

Dr. Barnett: Good night. Good souls, we will have to close, we will be on our way. (Bôa noite. Bôa gente, devemos dar isto por terminado e seguir o nosso caminho).

A Avó detém-se uns instantes adiante de mim, saudando-me, beijando-me, independente da corneta que é visivel no solo, longe. Se renova em mim a mui dôce impressão da avó viva, palpitante de carinho: suavissima lembrança das inolvidaveis sessões terminadas desta forma. George Valiantine sahirá amanhã para Inglaterra.

Dr. Piero Bon.

O MUNDO ESPIRITA

O mundo espirita apresenta tantas variedades no ponto de vista intellectual e moral, quanto a humanidade; devemos mesmo dizer muito mais, pois que, qualquer que seja a distancia que separa os homens na terra, desde o primeiro degrau até o ultimo, ha espiritos aquem e alem desses limites. Para conhecer um povo, é preciso vêl-o da base ao cimo, estudal-o em todas as phases da vida, sondar-lhe os pensamentos, esquadrinhar-lhe os habitos intimos, em uma palavra, fazer-lhe por assim dizer a dissecação moral. Só multiplicando as observações é que se pode aprehender as analogias e as anomalias, e assentar um julgamento por comparação.

Quem poderia contar os volumes escriptos sobre a etnographia, a anthropologia e o estudo do coração humano? E todavia estamos ainda longe de ter dito tudo. O que se faz para o homem pode-se fazel-o para os Espiritos, e é o unico meio de se chegar a conhecer esse mundo, que nos interessa tanto mais quanto a morte a que todos estamos sujeitos, a elle nos conduz pela força mesma das cousas.

ALLAN-KARDEC.

Effluviação Odica

Um dos mais interessantes capipulos do Animismo, que o Espiritismo constata e esclarece, é a effluviação odica.

A irradiação odica ha muito vem sido notada e constatada, o que levou alguns pesquisadores experimental-a por meio da photographia.

As primeiras tentativas para a obtenção do *od* attenuado em fluido magnetico foram feitas pelo Commandante Darget em 1883, cujas experiencias foram repetidas em 1894, em companhia do Dr. Baraduc.

Os nossos leitores já conhecem muitos resultados dessas pesquizas, pois, tivemos occasião de reproduzil-os em varios numeros desta *revista.*

Dentre os melhores processos empregados para constatação do fluido magnetico, notase os dois que seguem :

1.º Collocar as duas mãos dirigidas para a placa, em plena obscuridade e durante quinze minutos de magnetisação.

2.º Collocar a placa sobre a fronte a 1 centimetro de distancia, durante quinze minutos.

Estes dois processos são justamente os que estão mais isentos de objecções, e por isso são os que devem ser experimentados.

Existe um processo que, após se haver filtrado bem o revelador, pôe-se-o na banheira e a placa photographica, depois de haver sido banhada e recebida o revelador integralmente, colloca-se, em plena obscuridade, com o lado da gelatina para baixo e o vidro para cima, no banho, e magnetisa-se-a, tendo sobre ella as pontas dos dedos, por quinze minutos.

Este modo de agir é sempre de bons resultados, mas acontece não estar isento de objecções que poderiam ser feitas, porque o proprio fluido magnetico irradiado pelos dedos produz uma emissão turbilhionaria, que modifica o revelador occasionando suspeitas que para os inscientes provocam objecções.

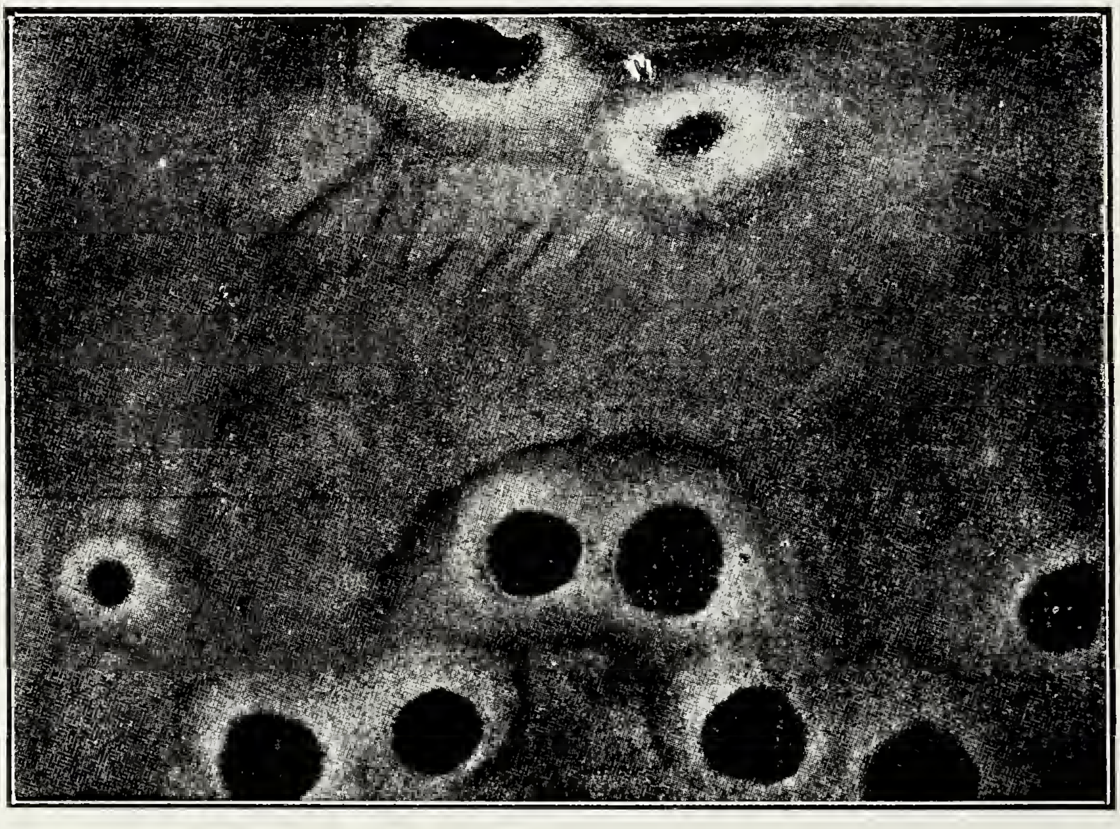

Effluviographia com uma aureola envolvendo o ponto de contacto dos dedos sobre uma placa sensivel.

Emfim, estas experiencias feitas com magnifico resultado, deram lugar a outras de maior importancia ainda, nas quaes. se constataram phenomenos de alta significação espiritual.

A existencia dos effluvios está, pois, mais do que demonstrada :

1.o Pelas descripções dos «sujets» magnetisados;

2.o Pelas affirmações dos sensitivos, accordados, de Reichembach;

3.o Pelas experiencias do Dr. Maxwell;

4.o Pelas experiencias de De Rochas, controlando a existencia e a côr do effluvio por meio da electricidade e do spectroscopio;

5.o Por meio de photographias expontaneas de duplos dos vivos;

6.o Pelas effluviographias do Dr. Luys e outros pesquisadores.

Estes testemunhos concordantes, vêm de observadores que têm operado em condições diversas, e os controles physicos obtidos, nos garantem a existencia incontestavel dos effluvios que escapam do organismo, em certas condições. Esta emissão é quasi insensivel normalmente, mas pode adquirir grande intensidade nos individuos predispostos, seja quando o «sujet» passa por uma crise grave que põe em acção todas as energias do seu ser.

Nota-se ainda que a radiação humana conserva no espaço a forma da parte do corpo de que provém, mais ou menos limitada, segundo as circumstancias, o vem demonstrar os phenomenos de desdobramento, tal como se observa na historia da religião, por exemplo com S. Antonio de Padua, e outros.

Outros phenomenos constatados pela effluviação odica, vêm em apoio á existencia do «corpo animico» — ou seja «corpo espiritual», na phrase de S. Paulo.

Os casos de exteriorisação da sensibilidade, referidos pelo Conde De Rochas são tambem outros phenomenos odicos, de importancia capital.

O exodo da sensibilidade fóra e em derredor do corpo physico é um dos phenomenos mais bizarros para os physiologistas. Separar o orgão do que parecia sua funcção é certamente uma prova de que o apparelho nervoso não é o productor, mas sómente o instrumento habitual das manifestações. Esse phenomeno vem, a seu turno, trazer luzes sobre a videncia dos sensitivos atravez de corpos opacos, como se esclarece pelo schema que gravamos nestas paginas.

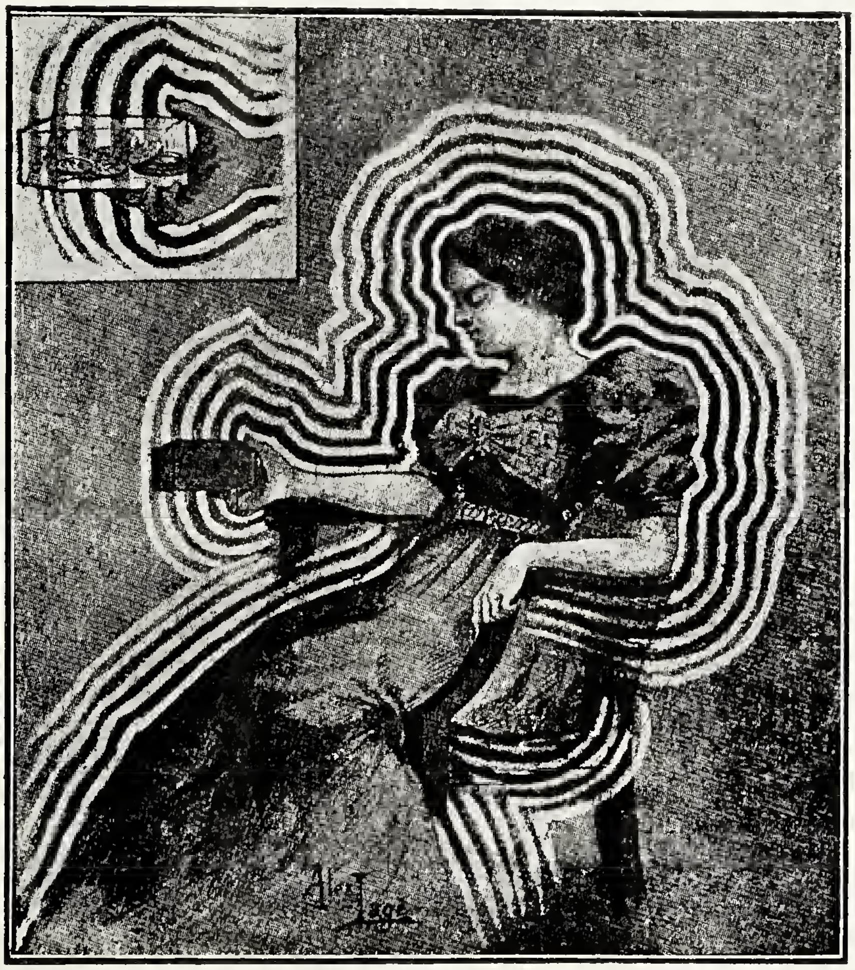

Desenho schematico, mostrando os lados da sensibilidade exteriorisada.

As partes negras são os intervallos separando as partes sensiveis.

No alto mostrando como o od *atravessa a materia, e como o espirito da vidente pode entrar em relação com os objectos contidos na caixa fechada.*

Finalmente, o Espiritismo é um campo aberto aos novos estudos de physiologia, como já temos repetido muitas vezes, e os srs. medicos não podem prescindir estes estudos, sob pena de quererem se manter na ignorancia, sempre condemnavel de novos descobrimentos que vem dar uma nova extensão á sciencia, chamada, como disse Allan Kardec a constituir a nova Genesis.

C.

Maravilhosa prova na Escocia

«Extra» do Espirito de uma senhora que nunca se photographou

Por THOMAS MINFORD
Dunbar — E. Sothian

Traduzido para a «Bevista Internacional do Espiritismo« de «The Greater World»

Alegremente accedi ao pedido da publicação em «The Greater World», da photographia psychica de minha esposa, porque estou verdadeiramente ancioso para dar testemunho pessoal da realidade da sobrevivencia individual depois da morte physica, com a admiravel revelação que será concedida a quem perseverar ardentemente nestas investigações. Além disso, dá-me muito prazer recordar os particulares referentes á obtenção e á identidade desse retrato supranormal. Minha mulher passou para a Outra Vida ha 24 annos, e não existe na familia photographia alguma della, porque ella nunca tirou o retrato em vida.

Sabendo do trabalho que os srs. Craig e George Falconer estavam fazendo em Edinburgh, fiz com elles uma sessão a 3 de dezembro ultimo, e para a minha grande satisfação ficou provado que o «extra» é a physionomia nitida de minha esposa.

Resido agora em Dunbar, mas emquanto fui casado vivia no oeste da Escocia.

Depois que obtive esta photographia psychica, tive a opportunidade de visitar o oeste, onde mostrei a muitos dos meus amigos o retrato, no qual elles reconheceram muito bem minha esposa.

Todos elles, assim como meu filho mais velho, não hesitaram em reconhecer os traços physionomicos de minha mulher. Vê-se que o sr. Falconer e eu fomos difficilmente discerniveis na photo.

Tive uma outra sessão com os mesmos mediums em janeiro 14 e appareceu na chapa o rosto bello e muito feliz de meu filho mais moço Eduardo, que faleceu na idade de 16 annos, afogado, quando se banhava, ha mais de 30 annos.

Inclúo uma copia desta photo se desejarem publicar.

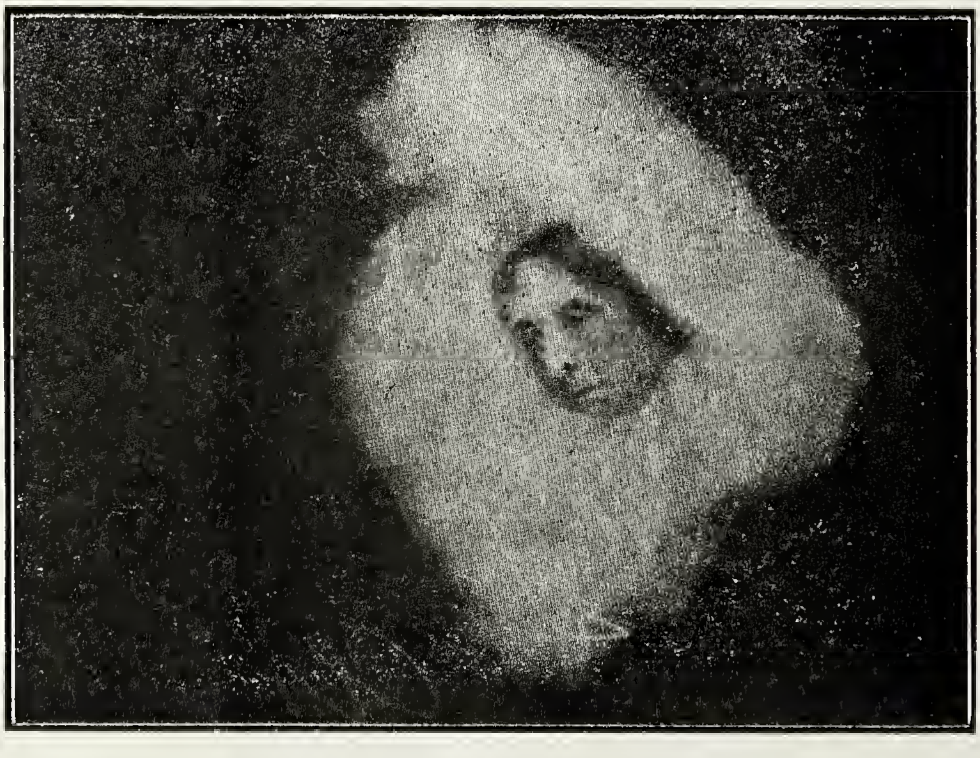

Photo do Espirito da mulher do sr. Thomas Minford.

E' facil comprehender que na minha idade avançada, estas manifestações trouxeram-me o maior conforto, ao mesmo tempo que me fazem lembrar o meu dever de falar aos outros da desconcertante evidencia que se pode obter da continuação da existencia dos nossos entes queridos que deixaram a vida material.

Devo accrescentar que em 1914

minha audição começou a diminuir, tendo eu gasto subsequentemente muito dinheiro em consultas e tratamentos medicos, de maneira que fui obrigado a usar cornetas acusticas.

Em 1919 eu assistia diversos serviços na Edinburgh Psychic Research Centre, sempre sentando-me na primeira fileira.

Uma occasião o guia de Mrs. Falconer's «Sunshine» (brilho de sol), disse-me que lhe pediam que me desse uma mensagem, a qual tinha por fim restabelecer a minha audição. Uma manhã, em novembro de 1920, lembro--me distinctamente que eram 10 horas, minhas cornetas acusticas cahiram de minha cabeca e com grande espanto e alegria eu pude ouvir de novo o tic-tac do relogio.

Depois disso ouço normalmente e agradeço a Deus ter me favorecido assim por intermedio dos mensageiros que o servem.

“Espiritualismo”

Conferencia feita em 13 de Dezembro de 1930, pelo Sr. Almirante Arthur Thompson, no Theatro João Caetano, do Rio de Janeiro.

(Continuação)

Não existe no Universo senão a Alma Universal, que está sempre em toda a parte, immanente em tudo — energia suprema e unica.

E' a Força da Intelligencia Maxima.

Temos, desde já, pelo visto, o principio da dualidade — *VIDA* e *FO'RMA* — os dois pólos da Natureza ou sejam o positivo e o negativo, isto é :

a *FORÇA* e a *MATERIA !*

Desce pois a mónada, atravez dos tres reinos elementares e attinge o plano physico, onde começa a aggrupar em torno de si particulas de ether, que se mantém em fórmas diaphanas, atravessadas por correntes de vida.

Tendo os mineraes adquirido uma grande estabilidade na fórma, a mónada, sempre evoluindo, elaborou uma maior plasticidade no reino vegetal, combinando esta plasticidade com uma sufficiente estabilidade de organisação.

Ambas, a plasticidade e a estabilidade encontráram uma expressão de equilibrio mais perfeito no reino animal e chegáram ao perfeito equilibrio no reino humano, em que o corpo physico é composto de principios muito instaveis, permittindo uma grande adaptabilidade, mantidos aquelles em seu conjuncto por um poder central de combinação, que resiste á desaggregação geral.

A mónada no sêr humano é o «EGO» — sopro vital de Logos, contendo em si o germen em estado latente de todos os poderes e de todos os attributos.

E' pois o «EGO» o raio seleccionado da Fonte de Luz Una do Universo.

E' a presença do «EGO» que dá o sentimento do «EU», tanto ao corpo, como á intelligencia ; o «EU» sendo o principio que possue consciencia propria, como veremos.

O «EU» é o homem na plenitude do seu poder — factor.

Advem-nos, desde logo, nesse substractum continúo, dois principios fundamentaes :

1.o) Existencia da «mónada» ou do «EGO» com suas pontencialidades, que se transformam em poderes activos ;

2.o) Continuidade da Vida e da Fórma.

* * *

A palavra — atomo — quer dizer «que não se subdivide», no emtanto a Sciencia occulta nos diz que o atomo não é a ultima subdivisão da materia.

Indo se ao processo extremo de subdivisão chegaremos ao «DX» mathematico, de que se compõe o mundo astral — atomo do quinto plano da Natureza, cujo plano a sciencia theosophica denomina de mundo mental.

Dois atomos jámais se tocam.

Cada um tem seu campo de acção e de vibração.

O ether interpenetra esses intersticios e todas as substancias conhecidas e a materia; esta interpenetra a material mental.

O od de Reichenbach ou — fluido astral — é o meio que banha os dois mundos, o visivel e o invisivel, é o mediador plastico entre esses dois mundos, opéra como vehiculo da sensibilidade, da intelligencia e da consciencia.

Serve ao espirito para se communicar com os encarnados.

E' conhecido por — espirito vital — na Idade Média e por *fluido mesmerico* — pelos magnetisadores.

E' a quintessencia dos alchimistas e a materia subtil de Descartes.

E nada mais é que o ether, de que já falamos.

Cada impressão transmittida ao cerebro pelos sentidos deve passar pelos variados estados da materia antes de chegar ao «EU», á alma que está nelle.

A vida utilisa-se pois, dos organismos feitos de materia solida, liquida e gazosa e serve-se tambem das fórmas construidas de materia mais tenue, pertencente a um quarto estado, dito — radiante — (que é o etherico dos theosophistas) assim como serve-se dos typos da materia ainda mais rarefeita, a materia «astral» e a materia «mental».

A demonstração desse quarto estado da materia foi feita em 1880 por Crookes no Observatorio de Paris, a convite do Almirante Mouchez e do Professor Wurtz.

* * *

O homem em sua vida corporea, pensa; o homem sente; o homem age.

Utilisa-se pois dos seus vehiculos — da acção, o physico (carnal); do sentimento, o emocional (astral); do pensamento, o mental.

Correspondentes, portanto, temos os tres planos — physico, astral e mental, que formam os tres mundos atravez dos quaes se passa a peregrinação da alma. E' nesses tres mundos que gira a roda da existencia humana.

* * *

A materia evolue para a luz, quanto mais se dilue, quanto mais se subtilisa, mais poderosa ella é. Ora, se a materia evolue para a luz, se essa evolução se verifica atravez de potenciaes vibratorios que a vão subtilisando, se á medida que ella se dilue mais poderosa se torna, quando ella se tornar no maximum ella terá se reintegrado á Grande Luz que é o potencial infinito, a Vida Universal.

* * *

A realidade sensivel é pois a força, que é a manifestação da propria substancia.

O principio vital é o espirito e o espirito é — a alma.

O espirito é luz e a vida intermediaria é o elemento que serve para formar o corpo astral que é o *PERESPIRITO*, com que o desencarnado se apresenta ao instrumento que é — o medium (Vem da antiguidade o medium sob os nomes de pythias, pythonisas, sybillas e sacerdotisas).

O perespirito já não offerece duvida em alguem, é largamente photographado.

A particula de mundo astral vem de mundos differentes, já evoluida: o espirito desce á Terra e se liga ao mundo material pelo perespirito.

Todos os corpos contém tres vidas que são — a superior (espirito), a intermediaria (perespirito) da qual acabamos de falar e a inferior (materia). Estas tres vidas componentes da Vida humana, propriamente dita, formam o Aura — que lhes é devido.

AURA — é uma nevôa formada do fluido odico que, como já dissemos, não é outro senão o ether, a qual envolve o sêr e é conhecida por «aureola» ou «resplendor». O aura, que é a irradiação do corpo vital de cada sêr, sendo variavel em côr e intensidade para cada corpo — é o espelho da alma humana, no qual se reflectem todos os seus pensamentos e objectos destes. E' nelle que os desencarnados vêm os nossos desejos e actos bons ou maus. Eis porque se diz não haver segredo na vida humana.

As côres do Aura são observadas pelos mediums videntes e são photographadas.

• • •

O «EU» pessoal surge da identificação expontanea com seus vehiculos.

As impressões do Universo physico, indo de encontro ás moleculas materiaes do corpo physico, poêm em vibração as cellulas que constituem os orgãos de sensação ou sejam os nossos sentidos; por sua vez estas vibrações poêm em movimento as moleculas de materia mais fina dos orgãos correspondentes aos centros de sensação ou sejam os nossos sentidos internos, isto é, os sentimentos.

Destes partem novas vibrações, que se propagam á materia ainda mais subtil do planeta mental inferior e d'ahi reflectem-se até que ao chegar ás moleculas materiaes dos hemispherios cerebraes convertem-se na nossa consciencia cerebral.

• • •

A alma humana é uma consciencia individual e permanente, que vive em uma fòrma ou corpo de materia invizivel.

Toda alma é particula da Intelligencia Universal, ella é, digamos, de uma maneira mais perceptivel o proprio Deus em potencialidade. Mas é um deus inconsciente de sua divindade e, para tornar se consciente é necessario passar por todas as experiencias sub e superhumanas. Desce á materia para depois remontar á Divindade, na primeira tem sua marcha descendente ou involução, na segunda marcha ascendente ou evolução

O homem evolue por encarnações repetidas, para as quaes é attrahido pelo desejo e das quaes se liberta pelo conhecimento e pelo sacrificio, tornando-se por fim divino (espirito de luz) em realidade, como fôra sempre em potencialidade.

O processo de evolução, foi visto ser um desenvolvimento gradual, amadurecido por uma expontaneidade interior e é solicitado exteriormente por sêres intelligentes que pódem retardar ou accelerar a evolução (diz a Sabedoria Antiga) sem jamais ultrapassar a norma das capacidades inherentes aos materiaes.

E' necessario que façamos uma idéa dessas etapes primordiaes do universal movimento progressivo e periodico, pelo qual as coisas se transformam.

Em todo esse processo cosmico, que vae do atomo ao homem, a evolução da materia é um continuo arranjo; a evolução da vida, um inteiro desenvolvimento.

Reproduz-se, por consequencia, no homem, em miniatura a propria — Evolução do Universo — Eis porque o homem é chamado — microcosmo — e o Universo macrocosmo.

• • •

Não existe no mundo em que habitamos uma só creatura, por mais feliz que pareça, que não tenha uma parcella de soffrimentos.

Nenhum progresso se executa sem penas, nenhum sêr poderá alcançar os vertices gloriosos da Evolução pela Lei Eterna do progresso, sem palmilhar atravez das idades, o aspero caminho da dôr.

¿ Será o soffrimento então uma lei ?

O soffrimento é apenas o resultado inevitavel da violação da chamada Lei Divina, que são as Leis naturaes.

Toda creatura que soffre é porque violou a lei; seja na propria existencia, seja em outra ou outras anteriores.

Não é possivel evitar esse soffrimento, como o de queimar-se quem leva o dedo ao fogo.

Se o soffrimento é consequencia do mal, o mal é o resultado da ignorancia. E a alma ignorante levada por seus impulsos, por seus desejos, por brutaes paixões commette o mal até que á força de grandes soffrimentos, comprehendendo que a dôr segue sempre a má acção, começa a raciocinar tirando deducções das suas experiencias e procurando evitar o mal.

O resultado das experiencias passadas, a synthese de nossas personalidades anteriores, a reacção que a acção nos produziu, tudo condensando no corpo causal nos dá a nossa «consciencia moral».

* * *

¿ O que vem a ser Consciencia ?

Temos que a idéa de nossa existencia reside em nós sob o estado vibratil do sentir e do pensar, que nos dão a fórma e o fundo de um «EU» interior: este recebe o passar da corrente animica, a inspiração (digamos em linguagem poetica) de algo superior que é o «EU» superior.

Ora, este «EU» exterior é—o Grande Fóco de Luz e de Vida, a Grande Fonte de Amôr; o «EU» interior, essa «particula accesa ou leve harpejo», de que já tratamos, é — a Consciencia.

Não ha vida sem consciencia, nem consciencia sem vida.

Se o coração do corpo physico é o regulador do rythmo circulatorio vital; é a consciencia a reguladora do rythmo emocional psychico no corpo mental.

VIDA—é a consciencia voltada para o interior e, consciencia — é a vida dirigida para o exterior.

Sem o soffrimento que dá amplitude á nossa consciencia, a evolução seria infinitamente mais lenta.

A faulha divina no homem, revestida da materia dos planos mais subtis da Natureza, constitue no verdadeiro homem o «EU» superior.

E' a *individualidade* permanente que reencarna e evolue. O «EU» inferior é a *personalidade*, que se apura e se desenvolve.

O «EU» superior é pois, o sêr consciente ; o «EU» inferior é o vehiculo servido por aquelle.

* * *

Foi a analyse da Consciencia, emprehendida por Descartes, em primeiro logar, que se torna com Spinoza e Hume, a força poderosa demolidora dos dogmas theologicos.

O «penso, logo existo». («cogito ergo sum») de Descartes leva lhe a deduzir a existencia do Omnipotente.

D'ahi, como mathematico, explicar o conjuncto do mundo visivel, inclusive a structura physica do homem, como sujeito á leis fixas da fórma e do movimento.

• • •

Na plenitude de seu Poder, de seu Amôr e de sua Belleza, essa Consciencia dota a primeira parcella de vida de tudo quanto ella encerra.

Cada germen da vida é um fóco dessa Existencia sem limites.

Em cada cellula ella se expressa em sua verdadeira grandeza.

O estudo da Evolução da vida é ainda mais maravilhoso em suas consequencias que o estudo da evolução das fòrmas, segundo a sciencia moderna.

A Evolução é uma passagem de pontencialidades latentes ao estado de poderes activos.

• • •

A Lei Eterna a que a Vida está subordinada é pois a Lei do Progresso, que é continuo, incessante, universal.

Quando a mente humana contempla as actividades da Mente Universal, na Natureza visivel revela-se um encantador plano geometrico.

D'ahi porque dizia Platão : «Deus geometrisa !»

Podemos avançar desde já que, tudo quanto existe na Natureza obedece a uma gradação septenaria, indo do mais tenue ao mais denso.

A essas gradações da materia são chamados — planos ou mundos.

Pois, se a luz tem sete côres prismaticas do espectro solar e a musica sete notas, a Harmonia Universal se exerce sobre sete planos. . .

• • •

Sendo para o respectivo estudo, o homem dividido em «principios» ou sejam modalidades de manifestação da vida, seus quatro principios inferiores desenvolvidos no grande Oceano da Vida, constituem o quaternario inferior e são considerados como funccionando no plano astral e no plano physico.

Chegada pois aquella manifestação á fórma humana do «EGO» na Terra, desenvolve-se nelle o corpo astral da materia fluidica ou materia cosmica astral, com o seu duplice physico, inteiramente similhante ; a mónada os fortalece e impulsiona para um aperfeiçoamento continuo e sempre crescente de fórma e de capacidade, afim de manifestar as energias superiores da Natureza : a vida portanto se especialisa para a manutenção do organismo physico — vitalisando-o, dirigindo-o e coordenando-o.

Trabalha pela selecção a principio multiplicando as fórmas, depois separando as mais aptas, afim dessas sobreviverem na luta pela existencia.

Conforme o Espirito adquire dominio sobre a materia da esphera inferior, ella vae governando com maior acerto a obra evolucionaria, a *VONTADE* determinando, a *SABEDORIA* conduzindo, a *ACTIVIDADE* executando as grandes determinações do Destino.

Assim, como para a vida da planta ha os archetypos, assim tambem os ha para as almas dos homens.

Em frente á cada um ha um typo, segundo o plano traçado pela propria Intelligencia Suprema, o qual a esta attingirá quando evoluido, chegar á Perfeição.

(Continúa)

UMA INVENÇÃO CURIOSA

O APPARELHO — «AVISO» — (ADVERTISSEUR)

A revista allemã «Zeitschrift fuer metapsychishe Forschung» do dia 4 de Novembro de 1930, chama a nossa attenção para um invento denominado «advertisseur», o qual representa uma conquista no campo do espiritismo experimental, onde, desde algum tempo ha um serio interesse em descobrir um apparelho mechanico, por meio do qual seria, para o futuro, mais facil podermos entrar em communicação directa com os entes que já deixaram o plano material.

A respeito do «Aviso», o mais interessante é que o seu inventor não é uma pessoa de carne e ossos, mas sim uma entidade recem-desincarnada na Belgica, e que se chamava Henrique Vandermeulen: ao fallecer tinha a edade de 15 annos, e era o filho do sr. Louis Vandermeulen.

Henrique era estudante e achava-se em ferias na casa dos seus paes; um dia! repentinamente, sentiu-se doente; no começo, sem importancia, para depois de alguns dias aggravar-se o seu estado; curioso é, que Henrique pede ao medico assistente, que lhe faça uma intervenção cirurgica, sendo este pedido repetido por elle alguns dias depois. Finalmente, reconhecem os medicos que a operação seria inadiavel; feita a intervenção, parecia, depois, que estava passando melhor, para em seguida peiorar novamente, fallecendo ao completar os seus 15 annos.

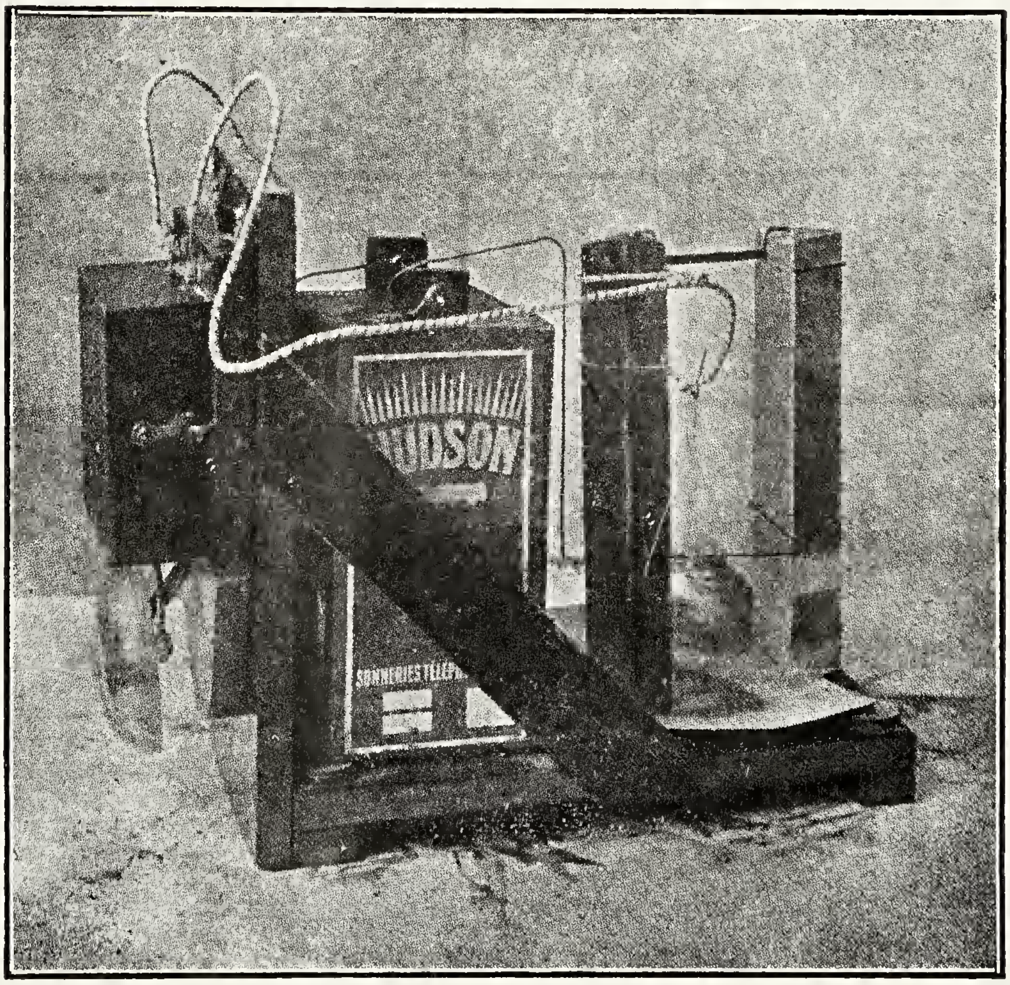

O Apparelho — «Aviso» — (Advertisseur)

E' curioso tambem de anotar que no momento de Henrique cahir enfermo, o cachorro da casa, seu grande amigo, começou a uivar quasi que sem parar, acabando por soltar gritos que mais pareciam gritos humanos, no momento da morte do moço.

Um amigo da familia Vandermeulen, na noite de adoecer o Henrique, teve um sonho, vendo a casa amiga em alvoroço e estendido morto na cama o rapazola. O sonho impressionou-o de tal forma, que o levou a contal-o a outros; mas, como pensou que seria uma imprudencia communicar o sonho aos paes do moço, resolveu scientificar somente o tio de Henrique; este, a primeira vista achou banal semelhante sonho, para depois reflectir melhor, uma vez que o sonho se tornou em realidade...

Os paes desolados, encontram, no fim de algum tempo, motivos que trazem novamente a esperança e a paz para este lar, graças ao sr. A. Rutot (membro da Academia Real Belga e presidente do Conseil de Recherches Métapsychiques de Belgique).

Aconselhados a fazer uso da plancheta ou do psychographo começaram a realisar experiencias, as quaes, depois de algumas provas de paciencia, foram coroadas de exito. Foi restabelecida assim a relação com o querido filho ; as primeiras sessões positivas tiveram ainda uma pesada atmosphera de duvidas, pois houve desconfianças fundadas, se realmente era o filho a entidade que se communicava e que dizia sel-o.

Finalmente, com provas irrefutaveis, foram dissipadas as ultimas duvidas e estabelecida a perfeita identificação ; reinava de novo o contentamento no seio da familia, por saber agora, que o filho achava-se vivo, embora no plano livre da carne, onde o mesmo se sentia feliz, estudando musica e sciencias... conforme os proprios dizeres do mesmo ; disse elle ainda mais, que a sua existencia havia de terminar quando completasse os seus 15 annos de vida terrestre, e que a morte da sua carne foi motivado por um tumor interno.

Os paes de Henrique muito gostavam de se entreter com o filho, e vice-versa ; um dia propôz o pae ao filho, de estudarem um meio, para poderem receber um signal convencional nos momentos que o filho desejava communicar-se com os seus.

Não demorou muito, que um dia Henrique informa o pae que descobriu o meio de avisal-o por meio de um apparelho imaginado por elle, e poz-se a dictar como se havia de proceder na montagem do referido apparelho, que devia interessar a humanidade toda, pelo menos aos estudiosos da doutrina da Luz, que é o espiritismo.

O apparelho chamado «advertisseur» (Aviso) foi, finalmente, montado depois de muitas peripecias ; era tosco, mas preenchia o que delle se exigia.

Consistia em um pilha electrica, destas uzadas para os telephones, dois prismas de vidro, sendo um delles coberto de resina ; neste ultimo achava-se suspenso num fio um triangulo de ferro, servindo de commutador de corrente, mas muito leve de peso ; os respectivos fios de cobre da ligação terminam numa campainha commum, conforme pode ser visto no clichê.

Depois de mais uma pequena modificação podia emfim ser inaugudo o «Aviso» ou apparelho de chamada ; cheio de contentamento sobre o successo, fez Henrique tocar o apparelho de sua invenção pela primeira vez durante dez minutos ! e em seguida estabeleceu-se a conversa pelo psychographo . . .

Os paes agora, já muito contentes com este successo, manifestaram ao filho o desejo de quererem logo entrar em communicação vocal com elle ; propuzeram-se trabalhar juntos para tentar a descoberta de um apparelho que permitta um entendimento para o futuro, semelhante o de um telephone — sem fios. — Seria isto o ideal almejado ha muito tempo ; e chegará tambem a hora desta inovação, talvez, quem sabe, muito em breve ; pois, estão chegados os tempos, onde devem apparecer estas coisas, tudo, para que seja dado á humanidade o testemunho que o além não é um somno de lethargia ou uma questão de duvidas, mas sim uma realidade tão clara e brihante como a luz do astro rei.

Reproducção do allemão por Max Kohleisen.

A Doutrina revelada pelo Espiritismo, consistente na evolução dos Espiritos e no seu progressivo aperfeiçoamento intellectual e moral, mediante vidas successivas, até que os maus comprehendam o bem, e os bons se elevem a superiores condições, esta excelsa doutrina da salvação universal, da qual faz parte a communicação dos Espiritos, exalta a infinita grandeza de Deus, porque tem o criterio da Verdade.

O LYRIO DO VALLE

CERTA VEZ, acompanhado por seus discipulos, palmilhava Jesus um caminho estreito e aspero, em demanda da povoação visinha, a cujos habitantes, que O esperavam anciosos, ia levar o balsamo consolador de sua palavra repassada de amor e de perdão.

Chegados que foram a um valle coberto de verdura, por onde serpeava uma torrente de agua pura e refrigerante, ordenou o Mestre a seus discipulos que ali saciassem a sede, pois o sól ia a pino e um calor suffocante abrazava a terra.

Depois, sentindo-se tambem fatigado, sentou-se o meigo Nazareno á sombra salutar de uma grande arvore, que estendia seus vigorosos ramos sobre uma parte da pedregosa estrada.

Fruindo o doce conforto daquella sombra, quedaram-se os caminhantes, como que escutando a voz mysteriosa do profundo silencio, que ali reinava.

De espirito elevado ao Altissimo, num extase sublime, tinha o excelso Filho de Maria os olhos fitos na margem do arroio, que deslisava cantando.

E eis que, de entre a relva luxuriante, surge, esbelta e graciosa, uma haste virente, em cuja extremidade balançava-se ao vento uma flôr de peregrina belleza, tendo a cor immacula da neve e trescalando da corolla albente, onde brilhava uma gotta purissima de mel — um perfume delicioso e suave.

Não tardou que, sobre o Lyrio candido e adorante, viesse pousar um lindo colibri de doiradas pennas, para sugar-lhe o perfumoso nectar.

Vieram tambem travessas borboletas de variadas cores e saciaramse daquelle mel.

Depois, uma abelha negra como a noite, baixou ainda sobre o mimoso calice da flor nascida de um olhar dulcissimo do Nazareno.

Jesus contemplava esse quadro esboçando um sorriso amoroso e terno, quando a voz de João — o discipulo amado — se fez ouvir no pesado silencio daquella hora:

— Senhor, porque consentis que tão negro e venenoso insecto venha libar o nectar dessa flor divina, turvando-lhe o candor das petalas com o negror sinistro de suas azas? —

E Jesus lhe disse:

— Sabei, filho meu, que o venenoso e malfazejo insecto, como as inofensivas borboletas e o beija-flor innocente, necessita da Providencia Divina para a conservação da vida, que por Ella lhe foi dada e, Deus, nosso Pae, que é todo sabedoria e bondade, concedendo á flor o mel com que se nutrem os famintos, que a elle se chegam, quer sejam estes humildes e bons, quer soberbas e malfazejas; deu ao homem um grande exemplo de caridade. —

João escutava o Mestre com religiosa attenção.

Jesus continuou:

— Esse lyrio, que ahi viste florir, foi igualmente generoso a quantos buscaram a perola luzente de seu mel. Assim deve ser feita a esmola pela mão do homem, isto é, destribuida cegamente a todos que soffrem. Mas, ouvi bem: a esmola deve ser ungida de caridade e esta não está na moeda que recebe o mendigo da mão de quem lh'a dá, mas no sentimento affectivo — verdadeira compaixão — que nasce e transborda no coração deste, ante a desgraça daquelle.

A miseria do justo não attinge á alma: E' unicamente material e suave na sua tortura, pois elle a bemdiz amparado pela Fé e confiado na misericordia do Senhor.

O réprobo, ao contrario, traz a

condemnação na propria consciencia e dentro dalma o alvoroço constante dos crimes que praticara. E' tamanha a sua miseria que o faz digno de toda compaixão.

Portanto, a esmola — emanação da Caridade — é tanto mais valiosa quanto maior é a miseria de quem a recebe.

O branco Lyrio do valle foi pois, magnanimo e caridoso em prodigalisando ao negro e venenoso insecto a gotta crystallina, que lhe brilhava no seio. — E calou-se o Mestre, ouvindo o rumor do vento a sacudir brandamente a folhagem da arvore que O abrigava. Uma nuvem branca toldou a face do sol e Jesus voltando-se para os apostolos, disse-lhes :

— Prosigamos a jornada.

Aquelles que me esperam têm grande sede de Luz e Eu vou dissipar as trevas em que se mergulham. — Obedeceram os apostolos e, caminhando, pensava João na sabia licção que acabara de receber e conservava na retina a fórma gentil do branco Lyrio do Valle — adoravel emblema da Caridade.

Emiliana Delminda

Taquaritinga—22—2—931.

* * *

PSYCHOLOGIA ANIMAL

A Casa Editora «Leymarie», de Paris, acaba de lançar á publicidade um livro intitulado «La Vraie Religion» no qual se lê que os animaes são almas em evolução que attingirão um dia o cyclo terrestre, incarnando-se entre os humanos.

Esta affirmação não agrada certamente os «sabios» que pensam com a cabeça da Igreja Romana que Adão e Eva constituem o tronco do genero humano e que o mundo foi feito ha 6.000 annos e em seis dias de vinte e quatro horas.

Estes senhores limitam o seu saber nessas resenhas especulativas archaicas e por demais infantis e no seu «commodismo intellectual» se limitam em negar a alma aos animaes.

Esse modo de fazer do animal uma machina, tem gerado as maiores injustiças e dado lugar á mais repellente barbaridade que, á titulo de experiencia, se pratica com os pobres animaes.

Agora, porém a luz vae se fazendo e os retardatarios que crystalisaram a sciencia, vão se compenetrando aos poucos do «mal entendido» de sua comprehensão.

Além de tudo, as provas de manifestação animica dos animaes inferiores vão se accumulando todos os dias, e os estudiosos vão se inteirando de que no corpo grosseiro de um animal ha uma alma e alma immortal, só se differençando do homem pelo seu grau de evolução.

Os testemunhos de amor, de lealdade, de affectos dados pelos animaes, principalmente o cão, são tão frisantes, que chegamos a pensar que os proprios homens não ultrapassam a estes nossos irmãos inferiores em sentimentos.

Ha poucos dias, mesmo nesta cidade tivemos occasião de observar a dedicação de um cão, que deu a sua vida para livrar da morte uma criança que lhe era amiguinha.

E' o caso de um desastre da queda de um rancho que cobria um moinho de fubá, movido por um motor electrico de tres cavallos.

Com a queda do rancho, partiu-se o fio conductor da electricidade e duas ou tres pessoas ficaram presas no mesmo fio, inclusive uma criança.

O cão, «Tupy», vendo o desespero da criança e dos demais que não podiam se livrar da prisão electrica em que se achavam, lançou-se intemeratamente ao fio, tomando-o entre os dentes, o que amenisou o choque por certa forma, tendo logo depois se fechado o registro de contacto, que livrou a todos, menos ao cão que pereceu electrisado, visto a posição de dianteira que tomou no seu grande acto de heroismo.

Esses factos não se explicam com a simples palavra «coincidencia» assim como os actos de heroismo humano não são assim explicados.

«Tupy» immortalisou-se nesta cidade, e todos que o conheciam, não deixam de exaltar-lhe a coragem, o amor e a dedicação, chegando a sacrificar a sua vida por uma criança a quem estimava.

—

Agora, para não citar só o testemunho proprio, vamos transcrever um caso, tambem recente e que mereceu a attenção dos jornaes e revistas européas.

E' um outro caso em que o protagonista é tambem um cão — «Luck».

«Luck» era o cão favorito da rainha Victoria, da Suecia. Com o fallecimento desta, em abril, do anno p. p. o cão recusou todo o alimento, morrendo de sentimento pela separação de sua dedicada amiga.

Eis o telegramma de Roma publicado no «Éclaireur de l'Est«, de 21 de abril de 1930:

— «A dedicação dos cães para com os seus mestres é muito conhecida; é tal que vae até á morte. A este respeito se cita innumeros casos.

O ultimo occorreu em Roma e lembra o cão da rainha Victoria, da Suecia, ultimamente falecida.

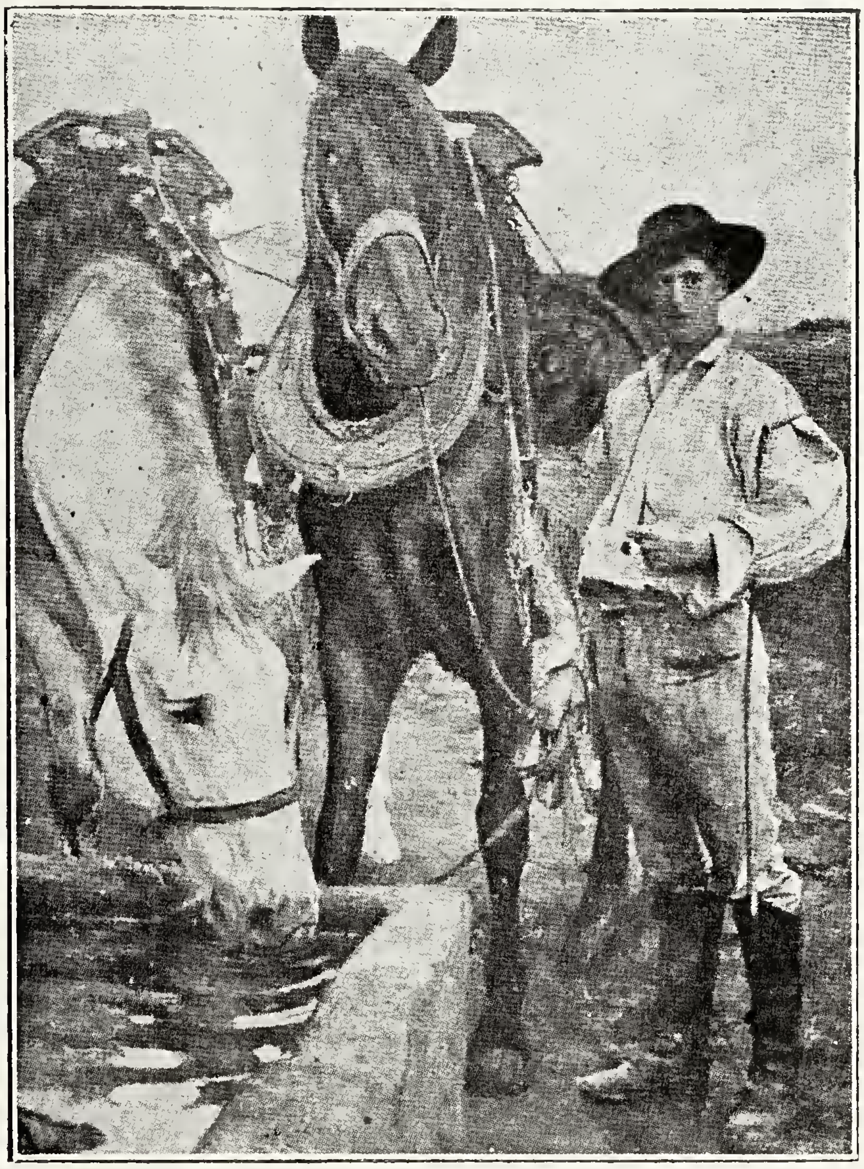

Tratae bem dos vossos cavallos, dos vossos muares; dae-lhes de beber, dae-lhes de comer, banhae-os, limpae-os, pois, são elles que vos auxiliam a angariar o pão quotidiano.

—

Tratae dos vossos cães, estimae os, porque elles são os vossos melhores amigos; chegam a sacrificar por vós sua propria vida.

—

Não sacrifiqueis os animaes e os passaros pelo prazer de matar. A caçada é uma barbaridade. Lembrae-vos das palavras do Meigo Nazareno, que Deus dá covis ás feras e alimenta os passaros. O tiro ao alvo em pombas e passarinhos é um signal de grande degradação. Não podem ser bem vistos aquelles que para satisfazer um prazer brutal matam os passaros.

—

Sêde bons, amae, protegei a todos os que vos são inferiores, advogae a sua causa, para que os vossos amigos invisiveis vos assistam com prazer.

Este fiel animal, um bello animal, pello preto, era o favorito da soberana. A rainha Victoria o possuia ha desoito annos e delle ella nunca se separou. «Luck» era o nome do cão que sempre acompanhava sua dona em todos os passeios, em todos os lugares que ella ia.

Quando a affecção de que soffria

a rainha Victoria se aggravou, obrigando-a a guardar o leito, o cão não mais deixou o quarto da soberana. E observava-se que a tristeza do cão augmentava sempre á medida que se aggravava a molestia da soberana, até o momento em que ella expirou.

Pois, desde o momento em que a rainha Victoria rendeu o ultimo suspiro, «Luck» recusou todos os alimentos, e não tardou tambem a morrer; a dôr que elle soffreu foi mais forte que todos os cuidados que lhe prodigalisaram.

—

Se ter sentimento, raciocinio, afectos, amor, só por ser cão não representam essas virtudes attributos da alma, vamos concordar, que não podem tambem elles caracterisar a alma humana.

Por onde se conhece a alma? Não é pelos dotes intellectuaes e psychicos que as almas manifestam? Pois se os animaes que manifestam todos estes dotes não têm uma alma, e si esta não é immortal, repitamos, mais uma vez, com S. Paulo: comamos e bebamos . . .

Cairbar

Chronica Extrangeira

VISÃO DA BARONEZA DE BOILÈVE

O facto seguinte foi authenticado por pessoas notaveis do mundo official e levado ao conhecimento da Academia de Sciencias de Paris.

A 17 de março de 1863, em Paris, no 1.o andar da casa n.o 26, rua Pasquiot, por detras da Magdalena, a sra. baroneza de Boilève offerecia um jantar a muitas pessôas, entre as quaes se notavam o general Fleury, escudeiro-mór do imperador Napoleão III, o sr. Devienne, primeiro presidente da Côrte de Cassação, o sr. Delesvaux presidente da Camara do Tribunal Civil do Sena.

Durante o jantar, tratou-se, sobretudo, da expedição ao Mexico, começada havia um anno.

O filho da baroneza, tenente de caçadores a cavallo, Honoré de Boilève, fazia parte da expedição, e sua mãe não deixava de perguntar ao general Fleury se o governo tinha noticias delle. Não as tinha. Falta de noticias, bôas noticias.

O banquete terminou alegre.

Sentindo-se ella, porém, inexplicavelmente fraca, chamaram medico da familia, que era o illustre Nélaton.

Posto ao corrente da extranha aventura, o facultativo prescreveu calmantes e retirou-se. No dia seguinte, a baroneza estava physicamente restabelecida, mas o moral ficára abalado.

Dahi por diante, mandava, duas vezes ao dia, um portador ao Ministerio da Guerra, pedir noticias do tenente.

Ao cabo de uma semana, recebeu noticia official de que, a 17 de março, ás 2 horas e 50 minutos da tarde, no assalto de Puebla, Honoré de Boiléve cahira morto por uma bala mexicana, que o attingira o olho esquerdo e lhe atravessára a cabeça.

Tres mezes mais tarde, o dr. Néleton transmittiu a seus collegas da Academia de Sciencias uma communicação do succedido, escripta pelo punho do primeiro presidente Devienne e assignada por todos os convivas do famoso jantar.

EXTRANHO PHENOMENO

A «Light» noticiou que uma joven allemã, de 15 annos, Hannah Zupp, da cidade de Ziskow, na Bohemia, que durante longo tempo produziu phenomenos de poltergeist (barulhos provocados por espirito), está em via de desenvolver o dom de pintura em estado somnambulico.

Ha, mais ou menos, dez annos, diz o correspondente do *Sunday Sun*, em Berlin, Hannah teve algumas crises de epilepsia. Ora, em seguida a cada crise, extranhas manifestações se produziam em diversos departamentos da casa; os pratos andavam pelos ares, e as mesas se deslocavam sem contacto, os livros e os quadros cahiam sem contacto visivel. Esses phenomenos cessaram á medida que se attenuavam as crises de epilepsia e na idade de onze annos, tudo voltou ao normal. Durante 3 annos tudo esteve sem novidade na casa dos Zupp.

Depois nos diz que no espaço de tres mezes uma mudança mysteriosa se produziu em Hannah. Ella se tornou uma bella moça em nada parecendo á filha maligna que era dois annos antes.

Foi então que se desenvolveu seu somnambulismo e ella começou a fazer desenhos á crayon, que foram julgados notaveis. Ella actualmente pinta admiraveis aquarellas, paysagens e marinhas, quando se acha em estado de somno, embora jamais tivesse estudado desenho. Quando desperta nenhuma lembrança tem dos seus trabalhos noturnos.

Cousa mais extranha ainda, ella possúe a faculdade de falar o francez, o russo e o grego, sem o minimo sutaque allemão, quando está em transe.

Os parentes nunca exploraram os dons de sua filha e não desejam a publicidade sobre a mesma.

Outro facto interessante que se verifica com Hannah, são os estigmas: quando desperta, por vezes, tem marcas vermelhas no corpo em forma de circulos e de cruz.

AS MENSAGENS DE NED Á MARY JANE

Diz a «Revue Spirite» que «Licht» (Breslau, p. p. 241-242) sob a assignatura de O. J. Palmer, relata os factos:

— Uma senhora de Hastings e seu marido fizeram uma visita a seu filho que se achava num campo de instrução durante a guerra. Uma sessão de Espiritismo foi effectuada, sendo o filho medium escrevente. Mas as difficuldades inhabituaes surgiram do facto de querer a entidade escrever duma maneira bizarra. Finalmente o medium abandonou a mão e numa escripta cheia de garatujas se obteve:

«Mary Jane, diz a Papae que elle deve continuar a cantar. Isto é meu desejo. Ned».

Esta mensagem era incomprehensivel para o filho e os parentes:

Quem era Ned? Quem era o pae que havia cessado de cantar? Mysterio!

Narrando na pharmacia da aldeia, os parentes expuzeram-lhe o extranho mysterio. E tudo se esclareceu:

Os dois filhos do pharmaceutico chamavam assim sua mãe, por causa do seu trabalho em casa, onde ella fazia as vezes duma Mary e duma Jane.

O mais velho dos filhos se chamava Ned; e tinha morrido.

Depois da morte deste moço, o pharmaceutico não cantava mais, rompendo assim com o seu velho e dôce habito.

De mais, o moço morrera depois de uma terrivel crise de gotta; seus dedos ficaram deformados, de modo que devia ter a ponta do lapis de outro modo.

Um trecho da escripta de Ned, quando vivo, permitte o confronto real com a da communicação.

... Passado tempo elles voltaram a vêr o seu filho novamente, e organisaram uma sessão, na qual obtiveram a mensagem: «Mary Jane, diz ao Arthur que leve, como era costume, o carvão. Ned».

O pharmaceutico explicou o sentido da mensagem. Quando era o dia do anno novo, cada um dos seus filhos, levava á sua mãe um pedaço de carvão como symbolo da felicidade. Depois da morte de Ned, seu irmão Arthur, tinha posto termo a este uso afim de não entristecer sua mãe.

O experimentadores jamais podiam conhecer este costume do Condado de Yorkshire. E' para notar que nas suas sessões elles queriam saber a sorte que a guerra reservaria a seu filho, e não para fazer demonstrações a um pharmaceutico que lhes era absolutamente desconhecido e em cuja casa passaram por acaso.

Como M. Bleuler, Prof. de Psychiatria da Universidade de Zurich explica estas duas mensagens (Zeits. f. Parapsychologie) :

«Os espiritos que apparecem, conversam e tratam sempre de cousas no sentido das idéas do circulo onde se manifestam».

Ned. com o costume de Yorksire, falaria segundo o senso dos experimentadores de Hastings, que ignoram esta tradição ?»

UM FACTO SENSACIONAL EM BERLIM

A «Revue Spirite» nos transmitte a seguinte noticia:

«Toda a imprensa allemã, especialmente o berlinez *Tempo*, relatou os factos seguintes :

Em 6 de julho de 1930, os ladrões entraram na casa de M. Alwin Bongschewa (Reichenberger Strasse, 124) em Berlim. Elles não foram conhecidos. Na noite de 7 a 8 de julho, o sr. Alwin sonhou que vira os objectos disparecidos em Mont-de-Piété. Elle seguiu esta pista vista em sonho e recuperou effectivamente uma parte dos seus haveres.

M. Voigt teve a curiosidade de entrevistar em 16 julho 1930 o sr. Alwin Bongschewa para obter dados mais precisos. Estes nos foram transmittidos detalhadamente por *Zetschrift fur Metapsychische Forschung*.

M. Bongschewa não recuperou senão os objectos em Mont-de-Piété, visto os ladrões terem lá depositado unicamente uma parte do roubo, avaliada em mais de 15.000 frs. Elle nunca teve sonho prophetico, e não tinha dado a este sonho importancia alguma. O Mont-de-Piété *Wieener Straste, 18*, lhe appareceu separado do sonho. Elle hesitou. O director lhe pareceu uma «cara conhecida» : Ora, elle não conhecia M. Lehmann e não tinha mesmo notado que havia essa rua em Mont-de-Piété !

Neumann, um ladrão desse lado, não trahiu os companheiros. M. Bongschewa, nesse dia, não foi auxiliado senão pelo seu sonho, porque a policia o recebeu com indefferença quando elle narrou o seu sonho prophetico ! Naturalmente as pesquizas policiaes realistas, não obtem outros resultados. O pouco que M. Bongschewa conseguiu salvar dos seus haveres roubados, elle deve unicamente á sua clarividencia ! A prisão de Neumann não lhe produziu resultado algum . . .

ASSIM FALLOU CONAN DOYLE

«*L'Intransigeant*», de Paris, publicou, com este titulo, um artigo assignado por Yves Dartois, no qual elle faz menção das tentativas de communicação com o grande Missionario do Espiritismo, depois logo de sua morte, e cujos trechos reproduzimos :

«Eu devo dizer que não affirmo nem nego o que se segue. Cada qual, nesta materia, pode pensar como entender.

Mas ha outra cousa que é preciso com toda a bôa fé contestar: a evidente tortura physica do medium. As mãos se crispam, a face fica palida e os traços physionomicos desapparecem . . .

E, atravez do somno, o appello mysterioso se manifesta. Eis aqui, de toda a bôa fé, o que diz «Conan Doyle». Era 9,5 min. Nos avisa que responderia ás nossas questões.

— Tende sido chamado muitas vezes ?

— Muito, mas a pouco tenho respondido (o que teria a provar, segundo as doutrinas espiritas, uma «libertação» recente).

— Sois feliz ?

— Muito feliz. Tudo o que eu presentia era exacto. Nada tenho a modificar nas minhas paginas sobre o espiritismo. Tudo é verdade. E' preciso crêr, crêr. Vivo no meio de minha familia. Sou o seu guia. Eu os vejo. Amo-os.

— Tendes alguma mensagem para lhes transmittir ?

— Inutil, pois que estou em communicação com elles.

— Qual dos vossos livros preferis ?

A vóz se fez docil :

— Amigo : amo a todos, pois foram escriptos com o coração.

«Vós escreveis ...»

Seguiam-se algumas notas pessoaes.

De repente, sem pergunta alguma «o espirito de Conan Doyle» nos falou do anno 1931. Lembremo-nos que os espiritos preveem com difficuldade um futuro distante, mas tambem muitas vezes frequentemente o futuro proximo.

Conan Doyle disse então : «Eu amo a França. Ella soffrerá.

— . . .

— Não, a guerra não ,.. Ella soffrerá, mas se rehabilitará.»

Esta mensagem publicada num dos mais importantes jornaes parisienses, denota bem o interesse que o Espiritismo vai despertando na Cidade da Luz.

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

Federação Espirita Internacional

O Comité Geral da «Federação Espirita Internacional» reuniu-se em Paris, com o fim de tratar do Congresso a realisar-se este anno, em Haya.

Infelizmente não poude comparecer o vice-presidente da Federação, o distincto e generoso propagandista sr. Jean Meyer que se acha bastante enfermo. A reunião, sob a presidencia do sr. Oaten correu amistosamente, tendo-se resolvido varios projectos para o futuro Congresso, no qual todos os espiritas devem se fazer representar.

—

Intelligencia, Consciencia e Amor

A «Revue Spirite» publicou um magnifico artigo do Dr. Andry Bourgeois, distincto sabio para quem se voltam as nossas esperanças, como uma das grandes estrellas novas a estender ainda mais os horisontes espiritas, sobre a «Intelligencia, a consciencia e o amor».

Com vagar os nossos leitores terão a tradução do bello artigo do Dr. Andry.

—

Conferencias em Pariz

Na «Maison des Spirites» têm realisado importantes conferencias, com enorme assistencia e sobre diversos themas os srs. : M. Edm. Wiétrich : «A evolução da idéa de Deus no drama religioso»; «A illusão e a Verdade em materia religiosa». Sr. Victor Hantefenille : «As maravilhas da Caridade»; Sr. Sage : «As correspondencias Cruzadas.

—Mais outras conferencias foram effectuadas : «Ensaio sobre a estigmatisação»—pelo sr. Pierre Laflèche ; «A Conquista da Illusão», pelo sr. Wan der Leuw ; a «Metaphysica Iniciatica de Jesus»—pelo sr. Kopp. Assim tambem tem havido palestras varias sobre assumptos psychicos, pelo Dr. Regnier, e experiencias de clarividencia por Mme. Buffety e Mme Luce Vidi

A Psychica

A «Psychica» traz o retrato de Mme. Carita Borderieux, com um estudo graphologico da distincta protectora e educadora dos nossos irmãos inferiores, os cachorros.

Conferencia de Andry-Bourgeois

Este distincto sabio francez, fez, na «Maison des Spirites» uma substanciosa conferencia sobre o thema : «La Survie d'aprés Charles Heroy», que agradou sobremodo á numerosa assistencia.

Strasbourg

M. Jean Noël, talentoso orador e cheio de convicção, fez, nesta cidade, tres excellentes conferencias espiritas para a difusão do neo-espiritualismo.

Roubaix e Angouleme

O incansavel propagandista, Pastor Wietrick fez, sob os auspicios da «Revue Spirite», fez conferencias de propaganda nestas cidades onde salientou a «fé nos milagres» como prova da crença espirita, e a theoria da reincarnação o mais bello florão da grande philosophia.

Esperamos que muito breve, a França, mais uma vez, projecte sobre o mundo suas novas luzes.

Publicações recebidas

L'Ami Disparu

Temos sobre a mesa a 9.a edição deste livrinho, que é a contribuição supplementar para prova de identidade dos Espiritos.

Este fasciculo da lavra do sr. Jules Thiebault, vem illustrado com seis gravuras espiritas.

Agradecidos.

Revue de la Santé

Estamos com o numero 3, nova série desta revista, redigida pelo sr. Louis Gastin. «Guerir» é o verdadeiro titulo da revista.

SUISSA

—A «Societé d'Etudes Psychiques de Genève», fundada em 1892, nomeou seu Presidente de Honra, ao sr. Albert Pauchard, illustre espirita que ha muitos annos vem collaborando para a difusão da nossa doutrina.

—Foi eleito presidente da mesma sociedade o Raoul Montandon, que exerce o mesmo elevado cargo nas «Societés Savantes» de Genève, e na «Societé de Geographie.»

AUSTRIA

Conferencia do Dr. Hoffman

O Dr. Richard Hoffman, prof. de theologia da Universidade de Vienna fez uma conferencia sobre — «O Espiritismo e a Sciencia». A conferencia organisada pela Sociedade Austriaca de Pesquizas Psychicas, foi presidida pelo conhecido psychanalysta Barão Alfred von Winterstein.

O conferencista seguindo as pegadas de Hans Driesch, cujas pesquizas sobre o Vitalismo levaram a acceitar a sobrevivencia, após a morte, cita varios factos em que fica excluida a hypothese de allucinação.

ALLEMANHA

O clarividente Erik

O clarividente Erik Hanussen effectuou, com enorme successo, a 10.a sessão publica em Berlim, diante de uma assisténcia superior a mil pessôas.

O livro do Dr. Frieze

Appareceu em Leipzig a 6.a edição da obra do Dr. Robert Friese — «Stimmen aus den Reich der Geister». (Voz do Reino dos Espiritos). Esta obra assignala a decadencia do materialismo e a insuficiencia da theoria das taras em face dos factos nitidamente espiritas.

Zeitschrift fur Metapsychische Forschung

Temos sobre a mesa o numero de janeiro desta importante revista, redigida pelo Dr. C. Schröder, de Berlim, que abre com um importante escripto sobre o medium Arthur Ford.

Zeitschrift trata de um phenomeno de «apport» que vem illustrado com 3 gravuras.

As ultimas paginas são dedicadas a Conan Doyle, com vasto noticiario.

Um medium de 4 annos

Em Berlim, um menino de 3 a 4 annos, possúe extraordinarias faculdades, que estão sendo estudadas por homens de sciencia.

INGLATERRA

The Greater Worlds

Temos recebido com grande regularidade a importante revista «The Greater World», que traz sempre bôas noticias do movimento espirita inglez e principalmente das obtenções de photographia espirita.

As vozes directas e D. Bradley

Denis Bradley, já conhecido dos nossos leitores, está escrevendo uma nova obra sobre as «Vozes directas».

Mme. Piper

Já foi dado á publicidade o novo livro de mme. Alta, filha de mme. Piper, sobre a biographia desta extraordinaria medium. A obra é prefaciada por sir Oliver Lodge.

BELGICA

Congresso de Charleroi

Os espiritas belgas se preparam para darem no Congresso de Charleroi uma manifestação importante do Espiritismo.

—

Conferencias

Os srs. Ch. Derache e J. Donnay tem continuado a effectuar conferencias de propaganda na Federação Espirita de Liege.

—

Associação Regional de Charleroi

A «Associação Espirita de Charleroi» tem trabalhado activamente na divulgação do espiritismo. O seu presidente, sr. Moret declara estar a associação em prosperidade.

—

Revue Spirite Belge

Temos sobre a mesa esta interessante revista, n.o de janeiro, sob a direção do sr. J. L'Homme.

MEXICO

Pela Propaganda

O Centro «San Blas», de Torréon, dirigido pelo sr. Rodrigo Lopes Oliveira, trabalha activamente e está effectuando sessões experimentaes de valor.

* * *

O Centro «Juan Baptista» effectuou magnifica velada de propaganda, obtendo grande numero de assistentes. Este nucleo tem sua séde em Piedras Negras.

* * *

A associação «Estrella Venus», de Jucatan, realisou uma festa cultural, na qual tomaram parte as sociedades Luz de la Felicidad, Luz y Humanidad, Luz del Porvenir e Estrella del Horisonte. A festa foi concorridissima.

* * *

O Centro «Enseñanza y Caridad» de Tantoco, com fim de divulgação da Doutrina, fez uma velada, com numeroso auditorio.

—

As Conferencias do sr. Rufino Juanco

O ex-presidente da Federação Espirita Mexicana, sr. Rufino Juanco, em excursão de propaganda, tem realisado diversas conferencias espiritas em Aguas, Calientes, Orizaba, Veracruz, etc.

CUBA

Havana

O Centro Espirita «Ramon Martinez Milian» está realisando sessões de instrucção duas vezes por semana.

* * *

Recebemos um pacote de «Hoy», diario cubano sob a direção do sr. Morales.

Santiago de Cuba

O grupo «Rosendo» elegeu sua nova directoria sob a presidencia do sr. Lorenzo Sarlabous.

Rosendo

Temos sobre a mesa esta revista, de Matanzas, sob a direcção do sr. Placido Julio Gonzalez.

PORTO RICO

Recebemos o n. 27 da revista «Rayo de Luz», sob os auspicios do Centro Quaerens, que se edita em Ponce, Porto-Rico.

ARGENTINA

À Propaganda

Diversas associações espiritas estão realisando conferencias publicas de divulgação da Doutrina, como meio de maior propaganda dos principios Kardecistas.

A Sociedade «Constancia»

Festejou o LIV anniversario de sua fundação a Sociedade «Constancia» que vem prestando ha mais de meio seculo reaes serviços ao Espiritismo.

Esta associação está actualmente realisando sessões de estudo em que tomam parte diversos oradores.

La Idéa

Recebemos esta importante revista, orgão da Confederação Espiritista Argentina.

La Nota Espiritista

Temos sobre a mesa esta revista, que traz um bom artigo «O momento actual e a difusão dos ideaes».

Luz y Vida

Esta revista da Associação «Luz y Vida» acha-se sobre a nossa mesa, trazendo bôa collaboração.

La Palabra de Lumen

Recebemos tambem «La Palabra de Lumen.» Por estas publicações se verifica a divulgação do Espiritismo na Argentina.

Revista Internacional do Espiritismo

Collecções encadernadas : do 1.o anno 40$000; do 2.o anno 30$000 ; do 3.o anno 40$000 ; do 4.o anno 35$000 ; do 5.o anno 30$000
Pedidos á directoria — Mattão — E. S. Paulo

ESPIRITISMO NO BRASIL

LIBERDADE RELIGIOSA

No numero passado lembramos as sérias aprehensões que assaltaram os espiritos livres em vista do movimento clerical para officialisação da Religião de Roma.

Noticiamos a reacção em pleno vigor com os protestos dos livre-pensadores contra a intervenção do clero nos negocios publicos.

Agora temos o prazer de constatar que a onda dos libertadores da consciencia se avoluma e estamos á vêr que os protestos vão surgir em todos os recantos do Brasil, para que seja mantida a Constituição em seu artigo e paragraphos que garante a liberdade de culto e de pensamento, assim como a separação da Igreja do Estado.

— No Rio de Janeiro, a Liga Espirita do Brasil reunirá a 31 do corrente os espiritas e livre-pensadores que a ella quizerem se aliar para tratar da «Liberdade de Consciencia». perturbada por estultas pretenções de um clero sem compostura e sem ideal.

— RIO GRANDE DO SUL.—Em Porto Alegre foi fundado, após uma reunião no Grande Oriente do R. G. do Sul, um Comité Pro-Liberdade de Consciencia, que já começou a agir para uma solução justa do caso.

Em Pelotas foi fundado outro Comité com a mesma orientação, contando ambos com grandes adhesões.

Em todas as cidades riograndenses o Comité de Porto Alegre vai agir, afim de fomentar uma acção efficaz de Liberdade.

— EM SÃO PAULO, a acção, pode-se dizer que é insignificante em vista da actividade offensiva dos bispos. Mas estamos certos que um movimento libertador se fará sentir.

Urge que, em todos os demais Estados da União, os livre-pensadores, os maçons, os protestantes, emfim os acatholicos ajam em bem da collectividade para que não nos seja sonegado o melhor de todos os direitos que nos assiste, que é o direito de liberdade.

O Espiritismo não podia, absolutamente, deixar de se interessar por essa questão, esforçando-se tanto quanto possivel para evitar a officialisação de uma Igreja, o que não deixaria de dar lugar a uma terrivel «lucta religiosa».

Todos os centros, associações, federações devem estar á postos na defesa dos direitos que nos assistem.

A' imprensa espirita cabe um papel saliente na grande obra, e por nossa vez não recuaremos do cumprimento do nosso dever.

—

Imprensa Espirita

Temos sobre a mesa os seguintes jornaes e revistas: *Lux*, de Caeteté, Bahia; *Heraldo*, do Rio de Janeiro; *A Verdade*, de Recife; *Reformador*, do Rio de Janeiro; *Revista Espirita do Brasil*, do Rio de Janeiro; *A Aurora*, do Rio de Janeiro; *A Voz do Alto*, de Belém, Pará; *A Revelação*, Pará, Belém; *A Luz*, Faxina, S, Paulo; *O Abrigo*, Recife; *Alma e Coração*, Pará, Belém; *Mensageiro*, Manáos, Amazonas; *O Christophilo*, Rio de Janeiro; *Nova Era*, Franca; *A Verdade*, Ribeirão Preto; *O Semeador*, S. Luiz, Maranhão; *A Senda*, Victoria, E. E. Santo; *O Clarim*, Mattão, E. S. Paulo.

Rio Grande do Sul

Do Secretario Geral do «Comité Pro Liberdade de Consciencia», de Porto-Alegre, recebemos um officio nos communicando a fundação e os fins do «Comité» bem como solicitando o nosso apoio, moral para que a campanha de regeneração se accentúe e permaneça a manutenção da inviolabilidade dos direitos, consignada no artigo 72 da Constituição Brasileira. O officio veio assignado pelo Rev. Menna Barreto Jayme.

O nosso director já respondeu, enviando uma mensagem de solidariedade aos illustres proceres do pensamento.

—

Porto-Alegre

200.000 adhesões

O Comité Central Pro-Liberdade, já conta mais de 200.000 adhesões.

Só o Presidente do Synodo da Igreja Evangelica Rio-Grandense do rito allemão enviou uma declaração ao Comité, dando apoio ao movimento em prol da liberdade de consciencia, em nome de 322 communidades com 27.000 familias e mais de 150.000 pessoas.

Jornal Espirita

O Dr. Paulo Hecker, valoroso propagandista riograndense, adquiriu o «Jornal Espirita».

Festa Espiritica do Detento

Realisou-se a 1.o de janeiro, na Casa da Correcção de Porto Alegre, a «Festa Espiritica do Detento», promovida pelo Dr. Paulo Hecker, com a approvoção do Dr. Fanor A. de Marsielac administrador desse estabelecimento. O programma foi assim executado :

—Pela manhã, das 9 ás 11 horas, e á tarde, das 13 ás 18 franquia de visitação para as familias dos presos.

—A's 14 horas o Dr. Paulo Hecker fez uma explendida conferencia, sobre o thema : «Rehabilitação dos Culpados».

—Depois foram distribuidos aos presos e familias dos presos, premios, empadas, sandwichs, gazoza, guaraná, dôces, cigarros e charutos.

— Pelo Sr. Director foi nomeada uma commissão de reclusos convertidos ao espiritismo, afim de receberem o Dr. Paulo Hecker e a Commissão da Festa.

Tocou durante a festa no pateo grande da Penitenciaria, uma banda da Brigada Militar do Estado, gentilmente cedida pelo seu commando.

Sociedade Espirita Allan Kardec

Tem havido palestras e conferencias semanaes nesta sociedade, ao cargo de diversos oradores, dentre os quaes, notamos : Professora D. Maria dos Anjos Ruis Ferreira e Dr. Ildefonso da Silva Dias. As reuniões têm sido concorridissimas.

Sociedade Espirita «Paz e Amor»

Esta sociedade, com séde em Porto Alegre, R. G. do Sul, assim constituiu sua directoria : pres. Angel Aguarond ; vice-pres. Trajano Mostardeiro ; 1.o secr. Torquato Belardinelli ; 2.o secr. José Maria Macedo dos Santos ; 1.o thes. D. Maria Amelia da Cunha Bastos ; 2.o thes. Dr. João Baptista Siqueira ; proc. Ernesto Paiva Teixeira ; bibl. D. Catharina Francisca Campis.

—

Esta sociedade porto alegrense, continua effectuando as suas sessões as segundas e quintas feiras, ás 20 horas, com grande concorrencia.

Pelotas

O Dr Miguel de Souza Soares realisou na Bibliotheca Publica uma conferencia em torno da liberdade de consciencia, a segunda da série que o Comité Pro-Liberdade de Consciencia está effectuando.

Sociedade Francisco Xavier

O Dr. Ildefonso S. Dias effectuou nesta sociedade, com séde á rua Demetrio Ribeiro 1058, uma conferencia com o salão repleto de ouvintes, sobre o thema : «A porta estreita das provações e a porta larga dos vicios».

Cruz Alta

— Na linda cidade serana de Cruz Alta e logares limitrophes, por circumstancias fortuitas, achava-se ha muito paralysada a diffusão extensiva da doutrina espirita, não obstante a existencia de numerosos confrades, portadores da melhor boa vontade.

O dr, João José Rubbi medico homœpatha e ex-pastor protestante, um pertinaz servidor da boa causa, teve, certamente, por inspiração do seu guia espiritual, a feliz iniciativa de aggregar os elementos dispersos, organisando em diversos districtos daquelle municipio e dos visinhos um grupo, em cada séde, que, sob os melhores auspicios, pugnam pela causa da verdade christã, combatendo a ignorancia e o fanatismo, que são as maiores chagas do nosso tempo.

São Paulo

Reunião Pro-Liberdade de Consciencia

Realisar-se-á a 23 e 24 do corrente, em S. Carlos, uma grande reunião dos Centros do Oeste com o fim especial de fundarem a Liga Pro-Liberdade de Consciencia. Por essa occasião serão aventados assumptos que se prendem aos interesses da propaganda espirita.

O «Comité Provisorio» que convocou a reunião é composto dos confrades — Dr. Souza Ribeiro, Francisco Volpe, Antonio Basso, Francisco Crestana, João Fusco e Cairbar Schutel.

São convidados todos os espiritas á comparecer. A reunião effectuar se á no Salão do Centro «Maria de Jesus».

Capital

Espectaculo de Propaganda Espirita

Organisado pelo Centro Espirita Luz e Caridade em collaboração com o Centro Virgem de Orleans, realisou se sabbado, 21 de Fevereiro, ás 20 horas, no Theatro Guarany, Largo do Cambucy, 21, A — S. Paulo, um grande espectaculo, pelos amadores do Centro Luz e Caridade, foi representado o drama em 3 actos, de Umberto Brussolo, approvado pela censura theatral da policia, intitulado :

«Os Mortos Fallam»

Os personagens são :

Silvestre Ramos,—Umberto Brussolo.
Laura (sua filha)—Antonieta Nicolai.
Isabel (filha de Laura) — Iracema Nicolai.
Dr. Gastão (aventureiro) — Guerino Cataldi.
Peres (agente de policia) -- Paulo Cataldi.
Antonio Lopes (fazendeiro) — Nicola Cataldi.
Ricardo — Eduardo Moretti.
Amalia Lopes — Maria Peruch
Elvira (cumplice de Gastão) — Mimi Brussolo.
Adele — Desdemona Brussolo.
Gertrudes — N. N
Carolina — Josephina D'Onofrio.
Jacob — Gino Barisotti.
Um copeiro — Salvador D'Onofrio.
Um delegado — Eduardo Aidar.
Herminia (amiga de Isabel) — Urania Nicolai.

Foi uma festa de valor, e de grande resultado para a propaganda.

Centro Fraternidade Tayuvense

Este centro assim constituiu a sua nova directoria : pres. José Fernandes Souza ; vice, José Antonio Souza ; 1 o secr. José Mendes Ireno ; 2.o, Antonio Pinto ; thes. Gabriel Paiva ; orador, Dr. Abssay de Andrade ; proc. Joaquim Florencio ; fiscal, José Pedro ; zel. D. Apparecida Conceição.

Este centro faz, aos domingos, reuniões para estudos evangelicos sob a direção do seu presidente. O sr. José Ireno fez uma palestra com regular concorrenrencia sobre a doutrina.

Sorocaba

Centro Espirita Flammarion

Este centro, de Sorocaba, communicou-nos haver assim eleito a sua nova directoria: pres. Americo Chébel ; vice, Luciano A. Lopes ; 1.o secr. Ismael Oliveira ; 2.o Augusto Marius ; thes. Pedro R. Oliveira ; bibl. Abrão Campinas.

São Manoel

— O Dr. Lameira de Andrada, realisou no Theatro Royal, 20 e 21 do p.p. duas palestras espiritas sobre os themas : «A taça mysteriosa», e a «Illusão da Vida», que lograram enorme assistencia, embora o padre local houvesse exhortado o povo para não comparecer.

— No Centro Fonte de Saúde, fez uma conferencia, sobre o thema—«Céo e Inferno», o nosso confrade Javert Costa.

— A propaganda espirita vae nesta cidade se accentuando ; é raro o dia que não temos uma confereccia publica.

Do Correspondente.

Jahú

O Centro Amor e Caridade communicou-nos haver assim constituido a sua nova directoria : pres. Ostiano Silva

Maia; vice, Marcolino José Moreira; 1.o secr. Theodomiro Souza Santos; 2.o Isidoro Alves Ferreira; 1.o thes. Luiz Ribeiro Alves; 2.o Antonio Augusto Marques; proc. Manuel Gonçalves Sobrinho; zeladoras, D D. Rosa M. Paranhos, Alice Maia, Jacy Maia, Dirce de Campos Maia.

Pindamonhangaba

Do nosso presado confrade sr. Thomaz Nunes da Silva, de Pindamonhangaba, recebemos o seguinte communicado:

«E'-me grato communicar ao illustre Confrade, haver sido organizada nesta cidade uma «Commissão de Propaganda» composta de elementos dos Centros Espiritas «Caridade e Amor», «Mello Moraes», «Luz e Verdade» e Nucleo «Vicente de Paula«, tendo por fim, intensificar a propaganda do Espiritismo, segundo os ensinos das obras fundamentaes da Doutrina, no seu triplice aspecto religioso-philosophico scientifico, procurando, por meio de palestras e conferencias publicas, despertar áquelles que, vacillantes, conservam a luz debaixo do alqueire, e cohibir os abusos introduzidos na pratica doutrinaria.

A Commissão procurará tambem augmentar a distribuição gratuita entre o povo, dos brilhantes orgams doutrinarios «Aurora» e •O Clarim», paladinos intemeratos da Verdade, dignos de se tornarem mais conhecidos em todos os meios sociaes, em todos os lares, pelos sublimes ensinos que propagam.

—

A «Revista Internacional do Espiritismo» em Mogy-Mirim

E' nosso representante em Mogy-Mirim, o nosso amigo, sr. Gabriel Cintra.

Capital Federal

Liga Espirita do Brasil

A 31 do corrente, na séde da Liga Espirita do Brasil, haverá uma grande reunião, na qual será fundado o «Comité Pro-Liberdade de Consciencia».

Convida se aos espiritas do Brasil a secundarem essa acção em bem da Liberdade do Pensamento.

Estatistica da Imprensa

«A Noite», vespertino carioca, declarou que, segundo as ultimas estatisticas, os Centros Espiritas do Districto Federal tiveram uma permanencia de 400.000 espiritas, e de mais de 800.000 solicitantes e sympathicos á Doutrina.

Minas Geraes

Uberlandia

Centro Fé, Esperança e Caridade

Para dirigir os destinos desta tenda de trabalho, foi reeleita a mesma directoria do exercicio passado, ficando assim constituida: Pres Gustavo José da Silva; Vice, Francisco Affonso da Silva; Thes. Alexandre Andrade Villela; Secr. João Faria Godoy; Proc. João Silva.

—

Tendo augmentado consideravelmente a frequencia nos trabalhos publicos, isso depois da visita que nos fez o sr. Bispo. Luiz Maria de Sant'Anna, fomos obrigados a ampliar o salão, e graças aos esforços dos bons trabalhadores, principalmente do distincto confrade dr. Fernando Villela de Andrade, pudemos inaugurar a parte nova em 25 de Dezembro passado, ficando um amplo salão que comporta mais de 500 pessoas, como verificou-se na sessão extraordinaria realisada nesse dia.

Monte Santo

O Centro Amor e Caridade festejou o Natal, distribuindo viveres e roupa a 140 pobres.

* * *

Foi no dia 1.o de Janeiro deste anno, empossada a seguinte directoria do Centro Amor e Caridade, eleita no dia 16 de Dezembro p. findo, para o exercicio de 1931: Pres. Diomar Branco; vice, Dr. Thomaz Novellino; thes. Joaquim Custodio da Luz; 1.o secr. Victor Larisca; 2.o José Russo; bibl. Nestor Silva; proc. Luiz Gonzaga da Luz; zel. Affonso Sant'Anna; orador, Theonesto Corrêa. Permitta o senhor que este centro continue a desempenhar as suas nobres missões amparado pelos bondosos mensageiros do além.

Do Correspondente.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A venda nas principaes Livrarias Espiritas

No. 3-5 unavailable.

NO VII — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Julho de 1931 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Evolução Psychica da Humanidade
Psychologia Animal
Evolução da Sciencia para o Espiritismo
As photographias espiritas na Inglaterra
Vida e obra de Diogenes de Medeiros
A catastrophe do R-101
A proposito de «Revelações Transcendentaes»
As moedas do Vaticano
Chronica Extrangeira
Chronica Brasileira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

Uma Photographia Espirita

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7615unse

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Julho de 1931 - NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

Evolução Psychica da Humanidade

O progresso é uma lei fatal da Natureza. Em todas as escalas da Vida, em todas as ramificações dos conhecimentos humanos, o progresso faz sentir a sua acção paulatina, gradativa, mas ininterrupta. Seres e coisas em todo o mundo, em toda a parte, em todo o Universo nascem e apparecem do minimo para o maximo, do nadir para o zenith, da ignorancia dos seres, pela perfectibilidade, para as altas conquistas do pensamento, para a Luz, para a Verdade.

Em tempo algum o progresso paralisou a sua acção, em tempo algum as almas se detiveram na estrada da vida julgando concluida a sua tarefa, terminada a sua missão.

Se estudarmos sem espirito preconcebido e livre das imposições ferrenhas das escolas dogmaticas, a genese e evolução animica comprehenderemos com facilidade a razão da evolução da humanidade caminhando para os altos pincaros, numa approximação sempre crescente da Espiritualidade.

E' justamente nisto que consiste o Ideal : marchar continuamente para um estado melhor e mais promissor, libertando-nos dos entraves da ignorancia e, portanto, do soffrimento.

Só por esse modo se pode explicar a razão de ser da Liberdade, como uma dadiva celeste a nos animar nas luctas com promessas sempre crescentes de novas claridades e superiores estagios, onde com mais facilidade possamos emprehender ininterruptas ascenções para a acquisição da verdadeira Felicidade.

E' assim que o Espiritismo com as suas demonstrações de Immortalidade e Progresso veio trazer á humanidade uma nova concepção da Vida, de accordo com os methodos inductivos e experimentaes que servem de base a todas as sciencias positivas.

A nova psychologia baseada nos phenomenos de animismo e de espiritismo, ou seja da manifestação da alma presa ainda ao organismo vivo, e suas consequentes apparições e demonstrações após a morte organica, veio abrir um campo novo de estudos que nos dão a solução do mysterioso problema da existencia real da individualidade pensante e sua sobrevivencia integral á definitiva separação do corpo carnal.

Abrangendo toda a phenomenologia do somno, do sonho, a telepathia, a lethargia, a catalepsia, o somnambulismo, o extase, a vista dupla e, finalmente os casos de *emigração do fluido odico* arrastando comsigo *a personalidade*, como se verifica nos phenomenos de bi-locação e desdobramento, o animismo mostra bem claramente a existencia de um *metaorganismo,* segundo a expressão de Hollenback, de pleno accordo com os ensinos kardecistas sobre o *perispirito*, já nomeado por S. Paulo —

corpo celestial, como o verdadeiro elemento somatico que resiste a todas as transformações moleculares e onde se fixa de modo evidente a memoria. Com effeito, como se poderia explicar, sem esse corpo, a disciplina da mecanica e da chimica no seio dos organismos vivos, sem um coordenador synergetico ?

Outro phenomeno digno de menção, é o despertar de conhecimentos *innatos*, muito superiores aos adquiridos e ao meio em que se verificam. Sem a admissão do *principio animico* que preexiste e subsiste ao corpo nenhuma explicação plausivel pode prevalecer, pois todos sabemos perfeitamente que as leis chimicas de affinidade, de eleição, de composição e de decomposição nem mesmo podem explicar a elaboração de uma idéa, a emoção de um sentimento. Só a vida animica demonstra a vida superior da razão, do sentimento, do altruismo, do amor.

Aliando todos esses phenomenos de ordem transcendental e até inexplicaveis pela sciencia-official e a philosophia das escolas, ás manifestações propriamente ditas espiritas, em suas multiplas formas e diversidade de expressões, referendadas pelos maiores sabios do mundo e constatadas evidentemente em todas as camadas sociaes, em todos os tempos, não podemos deixar de chegar á conclusão de que a humanidade tende para uma vida intellectual e psychica, obedecendo a uma vontade superior, que nos fala pelos factos e com a razão e o bom-senso.

E é por isso que affirmamos que o mundo scientifico e religioso não pode ter as suas áreas restrictas, os seus limites baseados por concepções humanas, cujos principios collidem com o livre exame, á ordem de pesquiza e investigação, indispensaveis ao alcance de todas as novas verdades.

A sciencia-official limitando seus conhecimentos ás acquisições de uma centena de doutos, se faz semelhante ao que prende num póste uma aguia privando-a de elevados surtos. Pela mesma forma, a religião prendendo o pensamento ao circulo das idéas obsidentes do milagre e do sobrenatural, se constitúe a custodia de bronze que impede o progresso humano e véda-lhe as faculdades do seu talento, impedindo assim que o homem se torne o pioneiro de uma nova região de trabalhos e buscas indispensaveis á evolução espiritual.

Vamos concluir com um appello aos homens de bôa vontade, para que com persistentes proclamações de liberdade incentivem o progresso humano, afim da humanidade alcançar as altas finalidades da sua evolução psychica.

O facto patente, irretoquivel que o Espiritismo se encarregou de demonstrar ao mundo é que: A Alma existe e sobrevive á morte do corpo, como preexiste ao nascimento deste; ahi estão as manifestações animicas e espiritas que nos dão essa certeza e trazem todos os caracteristicos da verdade que representam.

John Stuart Mill dizia, mui judiciosamente: «O argumento da tradição ou a crença geral da raça humana, se o acceitarmos como guia para a nossa propria crença, deve ser recebido por completo; e por elle somos levados á crença de que as almas dos seres humanos não sómente sobrevivem ao corpo, senão tambem se mostram como fantasmas aos vivos; pois não achamos um povo que tenha tido uma dessas crenças sem o acompanhamento da outra. Realmente, é provavel ter a primeira das duas crenças se originado da outra, e que os homens primitivos nunca teriam supposto não morresse a alma com o corpo, si não observassem que ella os visitava depois da morte».

E' chegado o momento da evolução psychica da humanidade, e todos os homens de bôa-vontade, todas as almas nobres são chamadas a corroborarem nessa grande obra que vem marcar mais um passo para os nossos destinos superiores.

* * *

PSYCHOLOGIA ANIMAL

O homem se considera portador de alma, ou antes, alma vivente em um corpo physico, quando neste mundo, pelo facto de pensar, de ter razão e raciocinio, considerando os demais animaes desprovidos della, allegando, para isto, que os animaes não pensam, não raciocinam. Somente o orgulho conduz o homem a tal affirmativa, senão a falta de raciocinio, o que o nivela aos demais animaes.

Nós espiritas consideramos os animaes nossos irmãos inferiores, creaturas da Divindade, predestinados tambem aos expoentos maximos da evolução através do tempo e do espaço e aos gozos da bemaventurança eterna.

E delles não nos encontramos lá muito distanciados, não. Se uns se encontram muito aquem do ponto da escala evolutiva em que nós nos encontramos, outros se encontram já muito proximos de nós. E como a evolução se dá em todos os sentidos, em todas as direcções, como em todas as direcções se irradiam os raios do nosso Sol, acreditamos, nós que escrevemos estas linhas, que ha animaes que raciocinam melhor que muitos dos humanos... Como os attributos da alma estão no pensamento e no sentimento, affirmamos tambem que muitos animaes, em regra todos elles, *sentem melhor* que a maioria dos humanos. Os animaes mais proximos de nós, como: elephante, boi, cavallo, cachorro e macaco, por exemplo, dão demonstrações de que são portadores de maior emoção e de que *amam mais.*

Se a nossa mente é maior que a delles, como de facto o é, o coração delles sente mais e vibra mais amor que o nosso. E se o coração dos chamados animaes inferiores vibra menos amor que o nosso, não vibra, porém, o que tanto o coração humano vibra: o odio e a crueldade. Os chamados animaes inferiores só matam quando acossados pela fome ou em legitima defesa. E ainda que levados pela fome, não matam os da mesma especie que amam e que respeitam. O chamado animal superior, o tal chamado humano, a todos mata, a todos destróe, tenha ou não tenha necessidade. O tal «civilisado» mata a todos os demais para frital-os ou jogal-os fóra !... Mata-os por simples diversão, por simples prazer de matar. Um ser que se compraz com o soffrimento, a lagrima, a dôr e a vida dos demais seres, não sente e não pensa, *não é racional.* Ainda que o não queira, este ser não passa de um bruto. O homem, este ser que se desliga da cadeia que encerra todos os seres vivos da Natureza e que se considera um elo á parte, está mesmo desligado dos demais, porém pela sua crueldade. O homem não respeita a vida do seu proprio semelhante, matando-o, arrastado pelos sentimentos mais mesquinhos.

Os animaes chamados inferiores assim não procedem. São mais generosos, são mais altruisticos e são mais nobres. O sentimento da generosidade vibra em todos elles, não vibrando nos humanos. Temos visto cães em praças publicas darem lições de generosidade aos humanos que se dizem seus superiores em evolução espiritual, isto é, em desenvolvimento moral e intellectual. Temos visto cachorros grandes, fortes, pegarem outros, derrubal-os e segural-os, subjugando-os entre as suas patas. A scena é digna de observação e de estudo para deducções e conclusões: a victima, as vezes um animal pequenissimo, em confronto com o agressor, chora e uiva de pavor, em supplicas de perdão; o agressor, animal possante, que com uma só dentada estrangularia o seu pequeno companheiro, olha-o, ronca de orgulho da sua força, mas escutando os seus gemidos e as suas supplicas, detem a sua força, e, deixando-se impregnar pelas vibrações do amor que está em seu ser, como está em toda parte e em toda parte se irradia, abre as patas e solta a sua victima que, gritando, de mêdo ou de alegria, corre e vira a primeira esquina que encontra...

Nunca vimos um cão matar um outro, nem mesmo quando varios se reunem para uma coça em um companheiro, pois dão sempre a sóva respeitando a vida do seu semelhante. E o homem, este animal orgulhoso?

Este bipede é mais cruel que todos os cães. As guerras com todos os seus horrores estão para demonstrarem que esta ultima phrase nossa não é dura e não é falsa. Os homicidios diarios e que se dão em toda a parte, ás dezenas, aqui, alli e acolá, sob todos os pretextos, ahi estão tambem para confirmar a nossa affirmativa. E para que alguem não allegue que exorbitamos, enaltecendo as qualidades moraes dos cães e deprimindo as dos bipedes humanos, aqui vae a narrativa de um facto:

Em Mineiros, cidade do Estado de S. Paulo, visinha de Dous Corregos, ha seis annos, mais ou menos, dois bipedes humanos, sabendo que um pobre carroceiro, casado e cheio de filhos, havia recebido o seu ordenado, combinam assaltal-o e matal-o para o roubar em um determinado lugar por onde o pobre homem ia passar. O assalto foi feito. O pobre carroceiro, sendo assaltado e maltratado, entrega aos dois bandidos todo o seu dinheiro, pedindo-lhes *pelo amor de Deus* que o não matassem, porque *tinha mulher e muitos filhos*. Os taes bipedes não quizeram ouvir os seus rogos e as suas lagrimas e o mataram assim mesmo, alheios por completo ao nome de Deus e aos nobres sentimentos. Qual é o cão que faz isto?

Estes assassinos, que confessaram o seu torpissimo acto, entrando em jury, foram absolvidos pelos jurados! Diante deste facto que aqui narramos, facto ao qual poderiamos accrescentar muitos outros, poderemos perguntar: estes assassinos e os seus jurados que os puzeram na rua têm razão? Estes homens pensaram algum dia? Serão o pensamento e a razão os attributos caracteristicos da alma, pensam e raciocinam os que praticam crimes barbaros como este que narramos e os que se tornam solidarios com elles? Terão alma estes individuos? Se a faculdade de pensar e de sentir dos animaes pertencentes as especies superiores, como os que citamos, as suas emoções e os seus nobres sentimentos são, como querem alguns pensadores, simples «instincto», elles que são incapazes de acções tão torpes, tão baixas e tão vis, então o instincto dos animaes considerados inferiores é coisa bem superior á intelligencia humana. Se assim é, estimariamos que os humanos tão corruptos perdessem a sua intelligencia, o seu raciocinio, e adquirissem o «instincto» dos cães, dos cavallos e dos macacos. A collectividade só teria que lucrar com isto porque as torpesas e as infamias desappareceriam. E maldito seja o raciocinio que produz o mal. Bemdito seja, e para sempre bemdito, o «instincto» que evita o mal e que procura praticar o bem.

Sousa Ribeiro.

Doçura e Piedade

A piedade e a doçura são dois bons meios de governar. Collocar sobre a lei politica a lei moral, é o unico meio de subordinar sempre as revoluções e a civilisação.

Dizer aos homens que sejam bons, é o mesmo que dizer-lhes que sejam justos. A's grandes provas devem seguir os grandes exemplos: a aggravação das catastrophes se resgata e se compensa com o augmento da justiça e da prudencia.

Aproveitemos as calamidades publicas para inocular no espirito humano uma verdade a mais, uma verdade tão elevada como esta: perdoar é curar.

VICTOR HUGO.

Evolução da Sciencia para o Espiritismo

De «LA IDEA» Por Manuel S. Porteiro

O materialismo está de bancarota: a sciencia e a philosophia deram-lhe a sua sentença desfavoravel e essa sentença é decisiva a tal ponto que nem os seus proprios sequazes ousam discutil-a; elles vêem os factos que o destroem com a forçada prudencia, oppondo-lhes algumas vezes debeis objecções que equivalem a uma dissimulada confissão da derrota; mas cedem, pouco a pouco ao avance triumphal do espiritualismo. E' que os factos são de tal maneira e solidez, e abarcam uma caudal tão grande de manifestações espirituaes de diversas ordens scientificas, que não deixam logar algum á hypothese superficial da materialidade do universo. A materia já não é, aos olhos da sciencia e da philosophia moderna, a fonte geradora das forças universaes, como postulou o materialismo, mas uma condensação da energia, uma representação das forças dinamicas, sob uma apparente realidade material, realidade que desapparece ante o olhar penetrante do chimico e physico moderno.

Durante cem annos, desde Dalton, se acreditou na indestructibilidade do atomo, considerado como substractum da materia; o que não passou de uma hypothese, teve a virtude de servir de fundamento a toda a philosophia do seculo XIX e foi o cavallo de batalha dos velhos campeões do materialismo, como dos monistas e positivistas. Os mesmos espiritualistas, não podendo ultrapassar os limites da sciencia experimental, fundavam seus raciocinios na indestructibilidade do atomo, buscando fóra da materia a força que a movia e organisava; e esta hypothese da força extrinseca, por mais que tenha sido burlada, partindo da simplicidade do atomo, tinha, de accordo com os postulados da sciencia, todo o peso da logica: pois, não podendo a materia, isto é, o atomo material, exteriorisar força de si mesmo (porque em tal caso não seria simples, inalteravel), tinha que se suppor a força como um propulsor exterior, emanada de uma substancia immaterial, inter-atomica e não como uma propriedade da materia, como pretendia a philosophia materialista.

Era mister, para destruir esse erro, que a sciencia se elevasse na escala das formas materiaes até chegar progressivamente ao estado radiante, o quarto estado de materia descoberta por W. Crookes, e proseguir na serie dos descobrimentos: raios catodicos; raios X, radium e demais corpos radioactivos (e em ultima analyse todos são) e chegar com Gustavo Le Bon á disassociação do atomo, considerado como condensação de energia.

Chegada a este ponto dos conhecimentos scientificos, a origem dinamica da materia é um facto que não se discute. Falta, entretanto conhecer de modo positivo a natureza da energia atomica; mas hoje o methodo de analyse de Einstein, confirma a theoria electrica da materia, sustentada por eminentes chimicos e physicos, e demonstra que esta não é mais que uma das formas da energia cosmica. O atomo está constituido totalmente de electricidade positiva nos *protons* que figuram no nucleo, negativa nos *electrons* que o rodeiam. Segundo o Dr. Isnardi, um dos nossos mais distinctos physicos, na moderna theoria do atomo, não figura a materia como subtractum de nenhuma propriedade especifica, isto é, de nenhuma propriedade material

«O que denominamos tal — disse — não se pode definir em forma precisa, nem possuimos, á respeito, uma theoria que a diferencie de outros elementos, taes como o campo electro magnetico em nossa imagem do mundo physico. Acaso nesta imagem os unicos substractos sejam a electricidade positiva e a negativa; mas já algumas theorias ensaiaram reduzil-os a um phenomeno mais geral que os comprehenderia». (1)

«A energia estatica de uma carga electrica — diz o eminente physico Oliver Lodge — explica a massa e o aspecto material de um electron. Uma liberação de energia deve ser provocada pela desaparição ou dissolução de materia e com o emprego de uma energia apropriada, é *provavel que se podesse reconstruir a materia*»... (s/n). «Para conseguir — continúa — uma representação ou uma imagem physica do processo, nos vemos forçados a atribuir ao ether do espaço, a unica existencia substancial e fundamental que ha no universo material, e devemos tratar de resolver e explicar todas as outras cousas com o auxilio desse ether» (2).

O conceito da origem etherea da materia, foi intuído por muitos pensadores antes que a sciencia o estabelecesse, e em 1900, o expôz o physico Larmur, aventurando-se ao porvir da physica e da chimica: «A materia, dizia elle, está constituida pelo ether e nada mais que pelo ether».

O principio da conservação da materia, formulado por Lavoisier: *Nada se crêa e nada se perde,* teve em Gustavo Le Bon seu primeiro impugnador, que ao formular sua theoria da disassociação do atomo, escreveu no portico de sua obra «Evolução da Materia», a proposição contraria: *Nada se crêa e tudo se perde.* Segundo este sabio, a materia se dissolve no ether, «sem retorno». O universo material, ao desassociarem-se os atomos que o constituem pela radioactividade dos corpos, acabaria um dia por desaparecer no ether, donde procede.

Era, na verdade, desalentadora esta theoria para a sciencia. Mas novos descobrimentos no dominio da physica e da chimica, vieram valorisar as palavras de Oliver Lodge que propositalmente damos em gripho: ... «*e com o emprego de uma energia apropriada, é provavel que se pudesse reconstruir a materia*»; o que não impede que o principio de sua conservação soffra um descalabro, visto como, em rigor, o que se conserva e subsiste atravez de todas as formas materiaes, é a energia, são os ions e electrons que, ao romper o equilibrio que os condensa, deixam de dar existencia á materia.

A reconstrução do universo material de que falava Lodge em 1925, se está effectuando perennemente: a energia que irradia dos corpos, torna novamente ao atomo, mediante processos que a sciencia ainda não poude penetrar. Mas estes processos não podem ser eventuaes nem mecanicos. Nelles, como mui judiciosamente affirma J. W. T. Mason, existe um segredo que está além da physica, que é, na realidade, metaphysico.

Que o atomo seja constituido pelo ether — já que em ultima analyse, a electricidade não é senão um dos seus movimentos — e que este seja a unica existencia substancial e fundamental do universo material, elle não explica todavia a desintegração e reintegração e constante rejuvenescimento dos elementos materiaes. O ether, diremos parodiando Moleschott, no que a força se refere, não é um Deus que dá impulso, antes o recebe; é um meio immaterial cuja rigidez supera a do aço e no qual se pode imprimir movimentos de uma velocidade de propagação 300.000 vezes superior a de uma bala de canhão; é um agente que se pode fazer vibrar, desviar e medir a vontade, sem que por isto se possa isolar. «Ignoramos, diz Gustavo Le Bon — a natureza e o modo de acção das *forças* capazes de condensar uma parte do ether que enche o universo em atomos».

Ha, pois, forças que obram sobre o ether, e estas forças não podem ser senão intelligentes, isto é, devem agir sob a acção de agentes espirituaes e volitivos.

---

(1) A Materia, «Nervum», N. 70, pg. 301. (Revista da Faculdade de Philosophia e Lettras de Buenos Ayres).

(2) A Materia e a Energia, (Atenéa), n.o 1. Revista de Sciencias e Lettras da Universidade de Concepcion (Chile).

Concedendo ainda volição aos electrons, estes não poderiam se desintegrar e reconstruirem-se perpetuamente, de accordo com um plano harmonico, unico, universal. Este incessante processo de creação e renovação, exige uma Vontade e Poder creadores, uma Intelligencia Suprema razão de ser de tudo quanto existe, que obre segundo um plano harmonico sobre a enegia proteiforme que enche o universo.

A sciencia moderna já respondeu a esta exigencia philosophica, por meio dos seus mais fieis servidores, dando satisfação ás celebres palavras a Zola: «Si Deus existe a sciencia acabará por descobril-o», e assentou tambem este principio alentador sobre o dinamismo espiritualista do universo: *Tudo se cria, se transforma e rejuvenesce perpetuamente nas diversas formas da energia, obedecendo á acção incessante de um Poder creador.*

A este Poder creador, razão de ser do universo, Lakhovsky chama o UNIVERSÃO que, segundo elle, seria a «pro-materia immaterial que creou a materia...» o «unico que assegura a continuidade interastral, o secreto vivo do movimento dos astros no vacuo absoluto, que, sem elle, seria identico ao nada e á morte». «O universo, disse, está em toda a parte. A cada passo, a cada minuto, encontramos provas de sua presença. O universo material e a vida são phenomenos muito instaveis. Basta uma variação de temperatura para aniquilar a vida e desassociar a materia, reintegrando os ions e electrons ao seio do universão, donde voltam em seguida expellidos pelas ondas cosmicas para formar outras combinações materiaes e outros organismos vivos».

Applicando a analyse critica ás concepções de Lakhovsky, e sem desconhecer o alto interesse que sua theoria das ondas cosmicas tem para o conceito dinamico e espiritual do universo, vemos que ella não satisfaz, todavia as exigencias philosophicas a que os factos dão lugar. E, com effeito o autor do «Universão», detem-se em meio caminho por prevenção quiçá contra o velho conceito teologico de Deus: attribúe ás ondas cosmicas o poder omnimodo de crear a materia, expellindo do seio do ether os ions e electrons, para a reconstrução dos atomos, e as considera como a razão intima da existencia do universo. Mas se os electrons, concedendo-lhes ainda a volição, são incapazes por si mesmo de se associar e formar o equilibrio atomico que dá existencia á materia em suas multiplas e diversas formas e obrar de accordo com um plano unico de vida e intelligencia; não vemos que as ondas cosmicas, que sulcam o ether em todas as direcções, que têm diversa frequencia e longitude, possam se acomodar a um plano unico e universal sem um Principio creador directriz. A radiação cosmica possivelmente, seja a causa formal, o vehiculo abastecedor de energia radiante que constitue os atomos, mas não a causa efficiente nem a razão ultima do universo. Além disso, ou para melhor dizer, no principio e fim de tudo está Deus, Supremo Creador e razão de tudo quanto existe.

O universão não é senão um conceito, algo mais ampliado do ether dos physicos, ao que Lakhovsky concede os attributos de Deus. O numero, entretanto, não vai ao caso: de facto existe uma substancia immaterial que dá origem ao mundo da materia, que cria esta materia, a reconstroe e rejuvenesce.

«O Deus do Universo -diz o notavel physico Roberto A. Mellikan — está trabalhando constantemente. As ultimas revelações da sciencia, indicam que nos espaços interestelares se estão formando atomos mais pesados de hydrogenio. Este hydrogenio se está enchendo de algum modo de energia radiante, que constantemente escapa das estrellas. Esta hypothese não é athéa, mas bem theistas. Existe algo alem que nós não comprehendemos. Em alguma parte do universo continúa ainda o processo de formação de elementos pesados, taes como ouro, platina e radio, por elementos mais leves. Sabemos hoje nos circulos mui limitados da certeza, que todos os elementos se formaram originalmente de hydrogenio. Com a descoberta da radiação cosmica, temos indicações de que está ainda em marcha o mesmo processo de formação».

Eis ahi como a hypothese de Deus á ponto de ser desterrada pelos positivistas da philosophia por inutil, se faz necessaria á sciencia moderna, para a comprehensão e explicação do universo e do processo de sua formação. O conceito de um Creador, razão de ser de tudo quanto existe, se converteu no novo postulado da sciencia, contra o velho dogma materiarialista, que sustentava a indestructibilidade da materia e attribuia a esta o poder de transformar-se a si mesma e de crear a vida e a intelligencia, mediante processos mecanicos. Estamos já no deismo scientifico, affirmado pelos mais recentes descobrimentos da physica. Um passo mais em nossa investigação e nos acharemos no espiritualismo scientifico, reclamado pelas mesmas sciencias physicas e naturaes, para a interpretação e melhor comprehensão do universo e seus agentes «mysteriosos». Penetremos ainda mais na busca dos dados scientificos e encontraremos com a tão menospresada metaphysica, identificada com a sciencia. E, por fim, chegaremos ao metapsychismo e ao Espiritismo como a mais lidima expressão da espiritualidade do universo.

Si a fama mundial de que goza merecidamente o professor Mellinkan, por ter sido o primeiro que isolou e mediu os electrons e descobriu a radiação cosmica (raios ultrapenetrantes), lhe dão autoridade scientifica para tirar conclusões de suas experiencias e estudos de sua especialidade, não menos a tem o professor Eddirgton, da Universidade de Cambridge, por seus trabalhos de astronomia, bem conhecidos do mundo scientifico e intellectual e suas theorias avançadas do espaço e do tempo. Pois bem, este eminente astronomo e illustre pensador, affirma que «si sustentamos que deve haver uma base physica para tudo, a sciencia moderna pode sustentar nosso equivoco» ; «que os novos principios da sciencia convidam a fazer interpretações espirituaes do universo». Por sua parte, Einstein, o mais illustre dos physicos mathematicos, manifestou recentemente que «a sciencia é em si metaphysica».

«A vida, o espirito e a consciencia — diz Lodge — não pertencem á região material ; seja o que sejam em si mesmos, são completamente distinctos da materia e a energia, e entretanto se valem da materia e a dominam».

«A materia condiciona-se e se move por meio da energia, mas com frequencia a solicitação da vida e do espirito. O espirito por si mesmo não exerce a força nem entra no systema da physica, mas produz resultados que de outro modo não teriam occorrido. Causa movimentos e disposições ou construções que respondem a um caracter previsto...»

«Assim os seres humanos, se são de espirito bastante aberto para meditar em tudo que lhe manifeste, se vêem obrigados a reconhecer nas cousas uma direcção ; e têm que raciocinar com uma atitude religiosa. Em outras palavras, reconhecem essencialmente a existencia de um Poder que sobrepassa a natureza corrente». (I).

Eis aqui a synthese do que temos dicto, que resume o estado actual dos conhecimentos scientificos a respeito do universo, segundo os mais recentes descobrimentos da physica e da chimica.

(I) — Interacção do Espirito e a Materia. «A Vida e a Morte».

O Espiritismo é uma sciencia vasta, profunda, eccletica ; elle constróe a synthese da vida humana, abrange o cyclo das evoluções do Espirito, ab initio ad eternum, *do inicio ao infinito. Seus principios, suas leis teem applicação universal ; são um phanal no meio das trevas que nos cercam ; são um pharol no mar tempestuoso da vida.*

O estudo do Espiritismo é, pois de imprescindivel utilidade ; Sciencia das sciencias, elle as unifica em uma synthese admiravel.

DR. PINHEIRO GUEDES.

As Photographias Espiritas na Inglaterra

As photographias espiritas na Inglaterra se traduzem em factos de real veracidade. Graças á mediumnidade de certas pessoas, como Hope, Buxton e ultimamente os irmãos Falconer, começam a desapparecer as difficuldades que haviam para obtermos as provas photagraphicas dos entes queridos que se passaram para o Além.

Temos aproveitado e continuaremos a fazel-o, a bôa vontade de «The Greater World», transcrevendo desta importante revista ingleza, para maior repercussão, os relatos e clichés dos retratos espiritas que vem publicando e que constituem, o que podemos chamar de Evangelho Illustrado da Immortalidade.

Os dois retratos que se seguem foram obtidos em condições que merecem toda a fé, cujos relatos transcrevemos devidamente vertidos para o nosso idioma, graças á contribuição que nos vem prestando o nosso amigo Dr. Watson Campello.

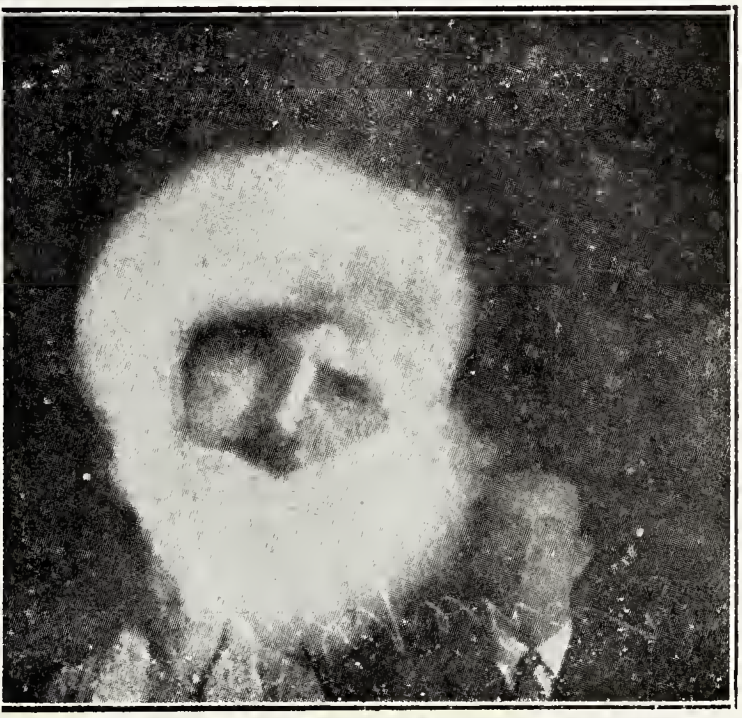

A Photo de um Guia

PHOTOGRAPHIA ESPIRITA DE UM GUIA

A photographia espirita reproduzida nesta pagina nos foi remettida pela sra. Spencer, de Whetstone (medium de «The Circle of the Sun»).

Foi obtida numa sessão com a presença dos irmãos Falconer, no anno findo. A sra. Spencer escreveu-nos a 20 de janeiro: «Tenho muito prazer de incluir uma copia de uma photographia psychica que podeis publicar em «Greater World».

Como muitos outros leitores, sinto quando recebo tão maravilhosas manifestações em retel-as, visto ser meu dever publical-as para edificação e persuasão dos que procuram a verdade.

Pouco ha a dizer de particular interesse a respeito desta photographia. A face é a de um dos meus guias. Tive o prazer de vel-o pela clarividencia, em tres occasiões. Uma vez, quando me achava sob o seu controle, uma amiga, medium de bastante poder tambem o viu e reconheceu os olhos no «extra» como sendo os mesmos de um guia. Elle tem prazer em ser conhecido pelo nome de «Luz», não que elle queira attrahir sobre si qualquer attenção, mas porque sabe quem era quando submettido á sua experiencia terrestre.

—

Uma Prophecia

«Escrevendo as presentes linhas, tenho a impressão de vos dizer que deveis esperar algum phenomeno de natureza material em 30 de janeiro ou proximidades. Desculpae-me accrescentar isto, porém fui impelida a fazel-o».

NOTA DOS EDITORES: Esta predição realisou-se desta maneira: Após o serviço de Middlesbrough, a primeiro de Fevereiro, sentado á volta do fogo. Deu-se o caso de estarem presentes cinco mediums: sra. Lavel e srs: Verril, Rausou, Henrion e Bower, todos estes fizeram descripções de espiritos de uma identidade evidente e algumas mensagens relativas ao lado material do nosso trabalho.

—

CONVENCIDO POR UMA PHOTOGRAPHIA ESPIRITA

Por JOHN LEWAR

Tenho lido com interesse em «The Greater World» a evidencia da photographia espirita e desejo relatar a minha experiencia feita em 20 de janeiro com os irmãos Falconer, em Londres, Lancaster Gate 78. Visitei-os conforme combinação previa as 11,30. No quarto escuro assignei o meu nome em uma chapa nova tirada de um pacote. Fui a um outro quarto onde uma camara estava prompta para exposição. Tomei lugar com um dos Irmãos que segurava minha mão esquerda. Uma oração foi proferida e um hymno cantado por nós. Senti uma grande força vibrar em meu ser. Então a placa foi exposta e assisti a sua revelação.

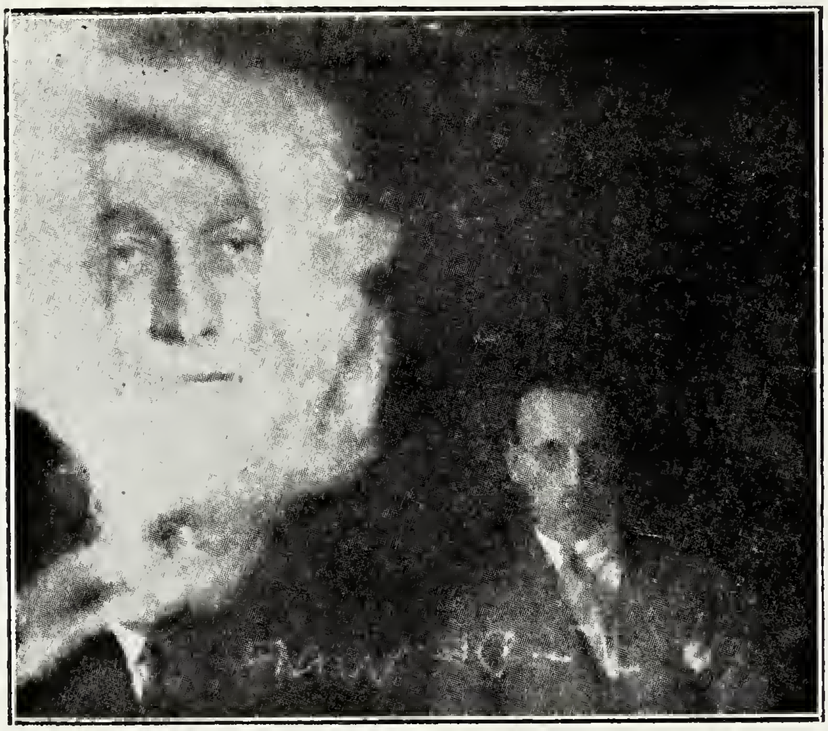

Uma Photo convincente

Appareceu uma grande cabeça com um nariz proeminente. Eu disse que não era pessôa minha conhecida. (Tenho feito camaras e tenho me interessado pela photographia ha mais de 40 annos).

Após uma quinzena recebi duas copias da photographia e senti-me desapontado porque eu não conhecia o rosto do espirito.

Na mesma manhã fui a Westcliff, pois estava ancioso para ver si um dos meus amigos reconheceria o «extra», mas nenhum resultado obtive.

—

Um que duvida obstinadamante

Mais ou menos nove mezes depois, tive uma longa conversa com um amigo sobre a volta dos espiritos e elle assegurou-me «que isso era uma tolice». Perguntei-lhe se tinha mais conhecimentos sobre este assumpto do que sir Oliver Lodge, sir Arthur Conan Doyle, sir William Crookes, etc. Elle disse: «dae-me uma prova pessoal e eu crerei». Eu disse-lhe que trabalhei durante longos annos para obter a prova que possúo e elle deveria fazer o mesmo, si é que desejava a prova. Se uma cousa é digna de ser possuida, deve-se luctar para obte-la Não fallei mais sobre o assumpto com este amigo. A sua mulher tem dom mediumnico, mas os prophetas não têm honra em sua patria.

Mostrei a alguns dos meus amigos a mencionada photographia, com esperança que alguem a reconhecesse, mas em vão, até que a mostrei ao amigo incredulo. Eu simplesmente colloquei a photographia sobre a mesa, referindo o meu desapontamento com o retrato obtido. Imaginem a minha surpreza quando a sua mulher, apoderando-se da mesma exclamou: «Meu Deus! Ted, é seu pai!» Em seguida passou-a a seu marido que ficou deslumbrado por um momento; elle ficou mortalmente palido, encostou-se á mesa e disse: «Este é o meu pae.» Então ficou silencioso, immerso em profundos pensamentos.

—

Reconhecimento instantaneo

Passei a photographia á sua filha que se aquecia ao fogão e ella disse: «Este é o vôvô». Ouvi o filho martelando no terreiro e disse: «Vá mostral-a e nada diga á respeito». O mesmo fez a seguinte affirmação: «Mas este é o meu avô.» A esposa do meu amigo, no dia seguinte levou a photographia á casa de sua mãe e irmã que moravam distante trinta milhas. Ellas sentiam-se venturosas em contemplar um rosto bem conhecido. Outras pessôas que tinham relações com o falecido, tambem o reconheceram.

Pedi mais copias aos irmãos Falconer, mas elles só me enviaram a negativa, visto estarem de partida para a Africa.

Alguns dias depois recebi uma carta do amigo incredulo, dizendo: "A minha mãe e eu muito lhe agradecemos a remessa da photographia. No sabbado passado fui á ... e não tenho necessidade de dizer quão satisfeitas ambas — minha mãe e minha irmã — ficaram em receber cada uma um exemplar da photographia. Desde que meu pae passou para o Além, ha dois (2) annos, a falta de saúde e outros infortunios fizeram a minha mãe sentir muito a sua ausencia, mas estou certo que esta notavel prova de sua presença proxima fará com que ella vença os seus desgostos".

Vida e Obra de Diogenes de Medeiros

(Conferencia realisada no 60.o dia da sua desincarnação, 7 março 1931, na União Suburbana, pelo Dr. João Passos, Medico

(Continuação)

EU tambem atravessei a illusão do positivismo. Mas não fiz como Diogenes, que foi um méro espectador das extravagancias do mundo. Fil-o como um cultivador entranhado do *orgulho e da vaidade!* ...

E' verdade que ali se cogita do amor, do pensamento, da grandesa moral, mas tudo isso cercado por uma aureola de negra fatalidade. Ali tudo é cerebro, corpo e alma; amor, vontade, sabedoria, *condições fataes da evolução humana* — sem merito nem demerito. Ninguem é responsavel, porque ninguem se fez bom ou mau: foi a fatalidade, esta senhora, esta megera terrivel, emula do satanaz catholico. A sciencia ali é tudo, embora o amor lá esteja enthronisado. Mas, para attingir o amor, para amar a humanidade, a *deusa* resumida em Clotilde Vaux, é preciso conhecel-a. Para conhecel-a, é mistér estudar a escala encyclopedica. Dahi os positivistas completos e incompletos, isto é, os que têm cultura scientifica e os que não têm cultura.

O amor, ali, theoricamente é tudo; mas para chegar a este amor, é preciso percorrer a escala das sciencias. E, em percorrendo a escala das sciencias, lá se vae o amor ... só fica o orgulho!

Entretanto, só o amor poderá conduzir uma alma á sciencia, porque só uma alma submissa, sem orgulho, sem fatuidade, sem futilidades, sem vaidades, poderá comprehender a obra divina.

Eis porque, procurando systematisar as acquisições da intelligencia, nosso amado A. Comte reseccou os corações!

Clotilde de Vaux já o havia sentido na sua doçura immensa. Ella dizia que não achava mistér para amar iniciar-se nos mysterios do quadrado da hypothenusa, e que bastava que a sciencia residisse nas alturas onde pairavam os A. Comte para illuminar o mundo. O resultado pratico é que o positivismo attrahiu sobretudo para o seu seio as intelligencias exclusivamente preoccupadas com a illusão scientifica da terra.

Dahi o resultado negativo para o bem social, aliás de uma harmonia prodigiosa.

Em nosso meio é facil verificar: os positivistas, conscios de sua superioridade sobre as demais creaturas, nunca se submetteram a cousa nenhuma, e foram sempre os orgãos das revoluções... *scientificas*, como elles chamam, *systematicas*, mas iguaes em tudo ás outras revoluções *empiricas*, porque têm sido igualmente fraticidas e perturbadoras da harmonia social e moral.

Assim, a *sociocracia* tornou-se realmente uma aristocracia das intelligencias. E, ao envez do *amor por principio e a ordem por base*... veio *a revolução por principio e a pedantocracia intellectual por base*...

Era inevitavel, e ninguem melhor do que a alma genial de A. Comte o sabe. E isto prova que os erros dos grandes homens constituem tambem grandes ensinamentos, porque quando elles erram, erram profundamente, immensamente, fragorosamente, dolorosamente, espantosamente, *genialmente*, e, das perturbações produzidas por esses erros, o mundo caminha pela dôr, harmonicamente. E' o que significa a lição do positivismo desmantelador dos ultimos reductos da crença no mundo. Como sabeis, hoje, só resta dessa philosophia o fragil remanescente daquillo que ha meio seculo agitava o mundo. A grandesa propulsora desse desbaratamento é o proprio A. Comte, são os seus proprios discipulos. No emtanto, os positivistas da terra não se dão conta de tão formidavel anniquilamento. Preferem acceitar a hypothese de que as leis sociaes só se realisam quando as vontades se conjugam: *para completar a realisação das leis moraes e sociaes são necessarias vontades*... Mas, afinal, que leis são essas que jamais se verificam? Então as vontades pódem destruir as leis naturaes? O positivismo desapparece progressivamente da terra, a olhos vistos; mas o mestre previa o contrario, a sua expansão progressiva, em virtude das *leis naturaes* por elle descobertas regulando os acontecimentos moraes e sociaes. Agora verificamos o opposto da previsão do mestre: O positivismo desapparece; mas então a previsão do Mestre deve estar errada; essas leis, com certesa, não existem... No emtanto, nada disto impressiona a grei que resta no mundo; elles não vêm ainda que ha uma força espiritual esmagando os preconceitos todos, preparando o reinado de plena consciencia espiritual, sob a irradiação magnifica da misericordia infinita de nosso Pae de Amor!

Diogenes passou apenas por esses systemas, catholicos e acatholicos, como a garça real, que immerge no lôdo e delle sae incolume, de plumas rebrilhantes, porque sua alma havia já galgado os pinaculos da intellectualidade terrena, em outras idades, em outras existencias, e nesta ultima peregrinação pela vida vinha apenas polir e repolir na pratica do amor as arestas do seu coração magnanimo, para esplender agora no azul como gemma offuscante.

Na alma que ascende e sublima-se naquillo que constitue a grandesa maxima na terra, como no universo maravilhoso, o Amor — é sempre possivel encontrar os resquicios do seu passado de lucidez intellectual. E' isto uma experiencia de todos os dias. E' aquillo que já uma cerebração de jesuita significou dizendo que no mundo existem os *ignorantes que sabem lêr e os doutores quasi analphabetos*...

Uma alma que já percorreu os tramites por onde se ascende na escala das conquistas intellectuaes, em voltando ao planeta para uma missão de humildade, uma missão de amor, complemento divino de sua integralisação moral para uma etapa mais alta, em mundo superior, tem, sem duvida, atravez o apparelho cerebral não cultivado, que não gravou as reminiscencias do passado, um grande poder assimilador, muitas vezes á altura das mais profundas cogitações scientificas e philosophicas. Era o que acontecia com Diogenes. Sua capacidade de assimilação era tão grande que o collocava em situação de destaque mesmo entre aquelles que eram reputados doutos. Eu sempre aprendi com Diogenes. Eu sempre o vi interpretando e ensinando admiravelmente dentro da doutrina espirita e fóra della, assumptos muitas vezes de culminante valor scientifico, como um verdadeiro mestre. E Diogenes não havia feito nenhum curso especial perante os futeis preconceitos terrenos! Lia, porém, incessantemente, e assimilava maravilhosamente. Mas, como não ser assim, se na realidade a alma tem diante de si o grande poema da creação em cujas maravilhas descortina incessantemente os mais sublimes enredos?

No emtanto, a materia é um verdadeiro presidio para a alma.

Imaginae uma gota de luz e um oceano de trevas: Ahi tendes a alma humana submersa, nossas almas, todas as almas incarnadas.. Mas a materia varia infinitamente ! Aqui temos um cégo de nascença : nenhuma ideia faz da luz ! A scentelha maravilhosa está de facto mergulhada num oceano de trevas !

Acolá temos um medium que, quando fecha as palpebras, vê ainda melhor o mundo espiritual, outras luzes, outros matizes que aqui não são percebidos : Parece que sua alma poreja atravez os intersticios infinitesimaes de sua materia e entra em contacto com as maravilhas do céu !

Entre esses dois extremos, uma alma profundamente mergulhada no pélago da materia, e outra recoberta de uma tunica tão leve que irradia o seu perispirito e alcança o azul — quanta distancia, que abysmo formidavel !

Afinal, um genio, um colosso de outras idades, poderá vir á terra fechado na opacidade de um abysmo de materia, e nada verá do mundo e ninguem suspeital-o-á como uma potencia intellectual de outras idades — como o cégo de nascença, mas cégo para as relações superiores do mundo e da vida... Como tudo isto é formidavel e deixa nos perplexos diante de tão maravilhosos mysterios !

(Continúa)

* * *

A CATASTROPHE DO R-101

Os avisos premonitorios do aviador Hinchlife pela medium Mrs. Garret. A manifestação do tenente Irwin no Laboratorio de Pesquizas Psychicas de Londres.

AS MENSAGENS DO AVIADOR HINCHLIFE

Deve estar ainda na memoria de todos a horrorosa catastrophe em consequencia da qual pereceram carbonisadas 46, das 54 pessoas que viajavam na gigantesca aeronave R-101, o maior dirigivel, construido pela Inglaterra.

Pois bem, é bom não esquecer que esse desastre poderia perfeitamente ter sido evitado, si o seu commandante e tripulantes déssem credito aos avisos espiritas.

O glorioso aviador Hinchlife, que perdeu a vida em março de 1927 numa tentativa de travessia do Atlantico, enviou a sua esposa e a mrs. Egerton por intermedio de mrs. Garret nada menos que 4 mensagens assignalando a má construção do apparelho como tambem dando as previsões da catastrophe, caso insistissem em levantar o vôo. A primeira mensagem foi dada em 19 julho 1928, sobre a construção do apparelho. A segunda em 1.o de agosto sobre a desordem em que se achavam os fios. A terceira em 1.o de Fevereiro 1929. E muitas outras em seguida, sendo que algumas das mensagens vieram por voz directa. Uma das ultimas mensagens, recebida depois de iniciada a viagem do R-101. justamente em 4 de outubro 1930, pela prancheta, é laconica, mas noticia muito bem o desastre :

«Levanta-se a tempestade. Só um milagre os pode salvar !»

Em seguida a esta foram dadas outras communicações que assignalavam a duvida sobre o exito da viagem que os viajantes da aeronave sentiam em face das correntes atmosphericas e da pressão do ar, dando, ao mesmo tempo, pormenores interessantes do combate travado durante duas horas contra os elementos, até á completa destruição do apparelho.

Manifestação do tenente Irwin pela medium Sra. Eileen Garret

O commandante Irwin communicou-se no Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas de Londres, por intermedio da sra. Eileen Garrett, narrando todas as peripecias que passaram por occasião do desastre.

O sr. Bernardo Laporte, que é correspondente de «Le Matin», em Londres, enviou a este jornal a substanciosa mensagem, que julgamos de utilidade a reproducção nestas paginas.

Eil-a:

«Ninguem, por certo, se esqueceu ainda da noite tragica de 4 para 5 de outubro ultimo, no correr da qual o immenso dirigivel «R-101», que partira de Cardington com destino á India, se perdia em Allone, perto de Bauvais, ás 2 horas, fazendo 48 victimas, entre as quaes o ministro do Ar da Grã-Bretanha, lord Thomson.

Uma commissão de inquerito, perante a qual compareceram numerosas testemunhas do terrivel naufragio aereo, reuniu-se depois em Londres, sob a presidencia esclarecida de Sir John Simon. O seu relatorio foi publicado a 31 de março ultimo e as suas conclusões já são conhecidas.

Mas o que não se sabia, ha ainda alguns dias, é que sessenta e uma horas depois da catastrophe, em uma sessão espirita realisada a 7 de outubro, no Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas, de Londres, o fallecido tenente Irwin, commandante do dirigivel, fazia conhecer com surprehendente clareza as razões do accidente.

O Commandante Irwin

Na sua reunião mensal de 6 de maio, os membros do Laboratorio conheceram, pela primeira vez, o texto do que se passou naquella sessão e sobre o qual aquelles que a ella haviam assistido tinham guardado absoluto segredo até então, afim de não serem accusados de procurar influir nos trabalhos da commissão de inquerito.

Devo á amabilidade do Sr. Harry Price, director do relatorio lido na reunião da ultima semana. Esse documento não deixará de causar profunda sensação entre aquelles que se interessam pelos assumptos espiritas.

Antes de entrar no assumpto, quero, todavia, manter a promessa que fiz ao Sr. Price, de que deveria dizer, para melhor comprehensão do publico, que as pesquizas psychicas e o espiritualismo são duas coisas muito differentes, embora andem sempre confundidas. Se o espiritualismo é uma philosophia, uma religião, tendo suas egrejas, seus sacerdotes e seus officios, as pesquizas psychicas são uma sciencia, da mesma fórma que a biologia, a chimica e a astronomia.

O Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas foi fundado para estudar, sem paixão e por meios scientificos, todas as phases dos phenomenos psychicos. Não se preoccupa com as tradições, não se deixa mover por influencias exteriores, não é obcedado pelo que é possivel ou impossivel em pesquizas psychicas: esforça-se unicamente para apresentar ao publico relatorios veridicos de experiencias feitas sob seus auspicios.

A sessão de 7 de outubro

Isto posto, eis em que circumstancias o Sr. Harry Price, e o Sr. Ian Coster e a senhorita Ethel Beenham, secretaria do Laboratorio, tiveram opportunidade de receber, a 7 de outubro, por intermedio da Sra. Eileen Garrett, medium muito conhecido na Grã-Bretanha, a mensagem do tenente Irwin.

Desde 2 de outubro haviam sido feitos os preparativos para esta sessão. Seu fim era entrar em communicação com o fallecido Sir Conan Doyle; não se tratava, naturalmente, do «R-101».

Então, ás 15 horas de quarta-feira, 7 de outubro, as quatro pessoas que acabo de mencionar encontravam-se reunidas em uma sala do Laborario. Tudo se vae passar em plena luz do dia, porque a sala não foi posta no escuro.

O medium está assentado numa cadeira, deante das outras tres testemunhas e a senhorita Beenham espera, com lapis na mão, prompta a stenographar todas as palavras que vae pronunciar a Sra. Garrett. Esta empallidece e fecha os olhos. A sua respiração torna-se de repente mais profunda e os musculos da sua face se contraem. Grossas lagrimas correm pelas suas faces. No fim de cinco minutos, ella encontra-se em estado de transe.

A Sra. Garrett possue um guia que a domina e que se chama «Uvani», o qual lhe tem declarado anteriormente que foi arabe. Sabe-se que elle fala mal o inglez. São 15 e 5 quando pelo orgão da Sra. Garrett, elle se manifesta :

— Sou Uvani. Eu vos saudo, amigos. Que a paz seja comvosco e com todos os vossos.

A medium Eileen Garrett

Está aqui o tenente Irwin

E Uvani annuncia que o Dr. Alberto Freiherr von Sckrenc-Notizing, psychico allemão conhecido, fallecido a 12 de fevereiro de 1929, vae fazer uma communicação. Quando tal communicação estava sendo feita, inesperadamente Uvani interrompe a mensagem do além, para exclamar :

— Eu vejo neste momento I-R-V-I-N-G ou I-R-W-I-N... Elle diz : «E' absolutamente necessario fazer alguma coisa. Desculpae-me se vos aborreço. Pouco importa a minha pessoa; mas por amor do céo, fazei-lhes saber que a tonelagem do dirigivel era muito grande para a força dos motores».

Estupefactas, as tres testemunhas se entreolham emquanto que a voz da senhora Garrett, muda completamente. Uma entidade nova, que declara ser o tenente H. Carmichael Irwin, commandante do «R-101», se manifesta pelos seus labios. Esse espirito parece estar muito agitado e é uma longa serie de phrases spasmodicas que elle vae fazer ás pessoas presentes uma narrativa detalhada e excessivamente technica das circumstancias nas quaes o dirigivel naufragou sessenta e uma horas antes. Elle fala muito depressa, a tal ponto que a stenographa com difficuldade annota tudo quanto elle diz. Entretanto. segundo as testemunhas, apenas algumas palavras da narrativa escaparam.

O tenente Irwin repete que a tonelagem do dirigivel era muito pesada para os motores de tão pequena força, motores aliás muito pesados, e continua no mesmo estylo :

— Eis por que, por cinco vezes differentes. tive de regressar rapidamente á minha base afim de evitar uma catastrophe. A «força ascensional util» era muito fraca ! A «força ascensional bruta» fôra muito mal calculada ! Que loucura tentar mudar os lemes de profundidade ! Estes acham-se avariados, os tubos de alimentação do oleo pesado, entupidos. E' muito ridiculo o extravagante projecto de empregar o «hydrogenio carbonado» (ou carbureto de hydrogenio !) Entretanto eu não encontraria esse gaz em quantidade sufficiente para satisfazer todas as necessidades. Fiz experiencias reduzindo o hydrogenio do meu dirigivel. Resultado : não pudemos attingir mil metros de altitude. Com o hydrogenio puro, de melhor força ascensional, attingi facilmente tal altura.

Tempestade electrica

«Foi a fricção numa tempestade electrica que causou a explosão (?) Tinhamos voado a uma altura muito pequena sem podermos jamais nos elevar. Era muito grande a nossa carga para uma viagem de tal distancia» E' o que succede para o «S. L.-8». Avisae Eckner». E' má a velocidade media do cruzeiro. O balão balança muito. «Existe nos balonetes» uma tensão consideravel.» Os «starboard strakes» (termo maritimo que significa os revestimentos que cobrem as partes principaes de um navio e, por extensão, de um dirigivel) estão começando a affrouxar». Foram insufficientes os nossos ensaios e ninguem conhece convenientemente a aeronave. São muito pequenas as nossas helices. Faz-se mal a injecção de carburante. «A bomba de ar» deixou de funccionar. O systema de resfriamento não satisfaz. A «alesage» dos cylindros é muito fraca. Ha muito tempo que sei disso, mas falei em vão ao constructor. Se me tivesse ouvido, talvez triumphassemos. Devido á injecção defeituosa do carburante, produziram-se algumas explosões.»

Nessa altura, o sr. Price interveiu, dizendo : «O oleo pesado não é inflammavel.»

Mas Irwin respondeu logo : «E' inflammavel. A pressão e o calor produzem a explosão nos cylindros.» E proseguiu :

«O tempo era pouco propicio para emprehender uma viagem tão longa. O envolucro do dirigivel está coberto de agua. Caimos de cabeça. E' impossivel nos endireitar. Não podemos encontrar nosso assento. Comprehendeis que é necessario que eu vos fale. «Temos quasi tocado os tectos das casas de Achy.» Depois seguimos a linha ferrea.

«No inquerito, mais tarde, se será forçado a reconhecer que a superstructura do envolucro não tinha nenhuma elasticidade e que era muito pesada. Ella não era assim antes do mez de março do anno passado. Eu sabia que esta viagem não seria um sonho, mas um pesadelo. Foi um «grave erro augmentar, depois do corte, a secção central.» Ella ainda nos fez perder a elasticidade. Ella influiu sobre a potencia dos motores. Desde o começo eu sabia que não tinhamos nenhuma probabilidade de sahir daqui».

Apenas pronunciadas estas palavras, a voz do medium muda novamente. E' Uvani que volta á scena, repetindo machinalmente, ao que parece : «Alesage», capacidade, alimentação, carburante, nunca podiamos nos elevar...» Durante um ou dois minutos, a senhora Garrett se cala ; mas Uvani, pelos seus labios, retoma a palavra. O espirito de Irwin desappareceu».

«Tendo posto a limpo a sensacional relação stenographica da mensagem do falecido tenente Irwin, commandante do dirigivel «R-101», através do orgão da Sra. Eileen Garrett, medium, o Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas, de Londres, devia, naturalmente, apurar o que havia. Mas, antes de estudar as notas tomadas pela senhorita Beenham, os membros do Laboratorio julgaram do seu dever fazer chegar uma cópia autorisada ao Ministerio do Ar da Grã-Bretanha, e sabe-se que esta foi, no momento opportuno, transmittida a Sir John Simon, presidente da Commissão de inquerito.

Cumprido esse dever, o Sr. Harry Price esforçou-se para encontrar alguem que, pela sua posição bem elevada, pudesse, sem contestação, emittir opinião sobre as palavras do tenente Irwin. Uma personalidade, pela sua posição nos meios aeronauticos britannicos, obrigada a conservar o anonymato e que esteve em contacto, muitas vezes, com os officiaes da equipagem do «R-101», foi escolhida pelo Laboratorio para determinar o valor que é possivel dar á communicação vinda de Além. Technico, esse perito esforçou-se, sobretudo, para estudar os detalhes technicos e, especialmente, os termos e a phraseologia das palavras que sahiram da boca da Sra. Garrett.

Depois de ter lido e relido a narrativa stenographica, elle conversou com a Sra. Peel Goldney, do Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas, e foi com ella que, durante uma tarde inteira, commentou apaixonadamente o assumpto. Lembrou essa personalidade uma catastrophe anterior, a do «R-38», que a 24 de agosto de 1921 se quebrou nos ares e pegou fogo, quando evoluia sobre o rio Humber. Foi devido a esse naufragio aereo que a idéa dominante dos constructores de dirigiveis britannicos teve de attender ao perigo que constitue uma grande provisão de essencia transportada ao mesmo tempo que numerosos apparelhos electricos, cuja faisca póde provocar a explosão. Eis por que foram installados a bordo do «R-101» motores a oleo pesado, embora fossem elles, para determinada força, de peso muito maior que os motores ordinarios de aviação.

O perito diz ainda que a opinião publica na Grã-Bretanha e principalmente em Cardington, base do dirigivel, sempre acreditou que o peso da agua da chuva espalhada sobre o involucro do «R-101» foi uma das causas da catastrophe, visto não serem os motores bastante potentes para supportar esse fardo addicional.

Emfim, nota elle tambem que as conclusões officiaes da commissão de inquerito confirmam, no conjunto, a communicação do tenente Irwin, pois que ellas reconhecem que houve importante fuga de gaz durante a tempestade que sacudiu terrivelmente a nave aerea. Os balonetes, devido á fricção com os metaes de revestimento no interior do involucro, gastaram-se e deu-se então um rasgão, maior do que os outros, na parte deanteira do balão. O relatorio official fala tambem do máo funccionamento dos commandos, assim como da possivel falta de competencia do pessoal.

Todas essas razões são egualmente dadas na mensagem do tenente Irwin.

Quanto aos termos technicos empregados pelo espirito do commandante do dirigivel na sua communicação transmittida pelo orgão da Sra. Garrett, o technico de aeronautica considera ser isso uma coisa verdadeiramente notavel. O medium, como elle verificou, nada conhece de aeronautica ou de mecanica. Nunca teve automovel nem motor de nenhuma especie. Entretanto, a construcção e a manobra dum dirigivel são coisas das quaes sómente se occupa limitado numero de especialistas que, entre si, se servem de certos termos technicos. Eis por que o referido technico, chamado unicamente a se pronunciar sobre o valor e a veracidade das asserções do tenente Irwin, sómente pode estar de accordo com elle sobre a maioria dos pontos mencionados na mensagem do Além.

Irwin fala de uma mudança de lemes de profundidade, assim como do emprego do hydrogeneo carbonado. Estas coisas, realmente preparadas para a viagem, eram conhecidas sómente de limitadissimo numero de pessoas. Em certo momento, disse ainda o tenente : «A bomba de ar deixou de funccionar». Esta observação é applicada ao systema de injecção de oleo pesado e que funccionava graças a motores que foram substituidos «antes da viagem tragica» por simples bombas manuaes. Não é surprehendente encontrar na mensagem de Irwin esta menção ás modificações feitas ou a fazer no seu navio aereo ?

Por outro lado, os termos por elle usados como «potencia ascencional util», etc., são expressões que fazem parte da linguagem commum ? Outra phrase interessante é a que se refere ao facto de «quasi o dirigivel ter tocado os tectos das casas de Achy».

Como um medium britannico, embora grande conhecedor que seja da geographia da França, póde conhecer a aldeiola de Achy, situada na estrada nacional n. 1, a dois kilometros e meio a sudeste de Marselha-en-Beauvais (Oise) e a 16 1/2 kilometros a noroeste de Beauvais ? O director do Laboratorio Nacional de Pesquizas Psychicas teve muita difficuldade em descobrir essa aldeiola, que não está indicada na maioria dos mappas ao alcance do publico inglez. E ficou provado que ella consta dos mappas officiaes postos á disposição do «R-101». Emfim, a aldeiola encontra-se exactamente na rota prevista do dirigivel.

Podem ainda suppor que a senhora Garrett tenha podido normalmente conhecer as experiencias feitas com o maior segredo, em Cardington, com o hydrogeneo carbonado ?

E esta phrase que, até agora, tenho propositadamente deixado em silencio : «Succede o mesmo com o «S-L. 8». Avisae Eckener ?» A alta personalidade da Aeronautica chamada como technico não pôde descobrir do que se tratava senão depois de laboriosas pesquisas em documentos allemães relativos á aeronautica. As iniciaes «S» e «L» e o algarismo «8» applicam-se a um dirigivel construido na Allemanha, o «Shutte-Lanz» que, como é de crer, era conhecido do tenente Irwin, tanto como do commandante Eckener, constructor do «Graf-Zeppelin».

Poder-se-ia, a rigor, falar de transmissão de pensamento. Mas as tres pessoas que assistiram á sessão e que ouviram o tenente Irwin se manifestar por intermedio da senhora Garrett, não têm conhecimentos technicos sufficientes em aeronautica ou em mecanica para poderem, mesmo inconscientemente, auxiliar o medium. Embora a catastrophe tivesse occorido no momento da recepção da mensagem, apenas 61 horas antes, nem o Sr. Harry Price, nem o Sr. Ian Coster, nem a senhorita Ethel Beenham haviam sobre ella conversado em conjunto. O nome de Irwin não havia sido mencionado na propria conversa e, por isso, foi para os tres uma grande surpresa quando ouviram o medium em transe começar a falar do commandante desapparecido, empregando termos que bem poucas mulheres e bem poucos homens, escolhidos ao acaso, estarão em condições de enumerar.

O Sr. Harry Price, em nome do Laboratorio Nacional de Pesquisas Psychicas, declara que não está absolutamente no intuito dos autores do relatorio que deu motivo a estes dois artigos discutir se o medium, a senhora Garrett, foi realmente controlada pela entidade desincorporada do tenente Irwin, ou se as palavras emprestadas a este emanaram seja do espirito subconsciente do medium, seja do espirito de um dos ouvintes. O Laboratorio limita-se a relatar os factos devidamente controlados e occorridos em uma sessão realisada em pleno dia, deixando ao publico o trabalho de os julgar».

A PROPOSITO DE "REVELAÇÕES TRANSCENDENTAES"

(Continuação)

No momento de transcrever algumas passagens de revelações mediumnicas sobre as formas nas quaes se desenvolveria a arte na existencia espiritual, revelações transmittidas por quatro defuntos communicantes, por intermedio de Mrs. Dawson-Scott — eu renovo a advertencia de não dar uma significação litteral ás palavras pelas quaes se descreve a arte espiritual ; palavras que não são provavelmente outra cousa senão uma expressão em termos proprios á existencia terrestre, dum pensamento que não se pode traduzir nem conceber em sua verdadeira significação espiritual. Pela mesma maneira que um cégo de nascença não chegará jamais a conceber o que são as côres, assim a mentalidade dos vivos não chegará jamais a conceber no que consiste exactamente a existencia espiritual. Mas ao mesmo tempo, como a um cégo de nascença não se pode impedir de formar uma idéa qualquer das côres, idéas que, embora não correspondendo á verdade, lhe servem para fixar o seu pensamento a esse respeito, assim tambem as resenhas que nos são transmittidas sobre a existencia espiritual, sendo disfiguradas pela mentalidade do medium, poderiam nos ser uteis para fixar nossas idéas sobre o facto fundamental que as *espheras* ou os *estados* espirituaes não seriam representados pelo vacuo no espaço, mas constituiriam meios relativamente substanciaes em communicação com seres espirituaes que ahi moram ; emquanto que estes viveriam uma vida activa e muito variada, pois que se os acharia no meio espiritual os *equivalentes* das actividades das aspirações, as mais nobres, da humanidade encarnada ; actividades sensoriaes, affectivas, artisticas, philosophicas, sem contar actividades de natureza sensorial, e as essencialmente espirituaes que nós não saberiamos conceber.

E a grande lei espiritual que rege a existencia espiritual pareceria consistir na natureza dynamica do pensamento. Assim, a linguagem falada corresponderia a projecção telepathica do pensamento ; ás formas de arte, da poesia ao romance, da pintura á esculptura, corresponderiam ás projecções de formas do pensamento, por vezes estacticas, doutras vezes cinematographicas, que seriam de natureza mais ou menos permanente, segundo suas qualidades intrinsecas.

Quanto aos accordes musicaes, seriam percebidos em vez de ouvidos, isto é, teriam a percepção de vibrações syntonisadas harmonicamente nos seus multiplos vibratorios, numa variação infinita de combinações. E como a «vibração» constitúe o principio mysterioso e insondavel ás origens do universo, e como o Movimento universal se determina justamente em forma vibratoria, como da luz e do calor fertilisando a Vida, da Vida que povôa os mundos, da Intelligencia que é o plasma da Vida, segue se que os accordes musicaes constituiriam a forma de arte, superior a todas as outras, collocaria o Espirito em communicação com a Intelligencia Infinita immanente no universo.

Começo por tocar levemente na forma potencial do pensamento nas espheras espirituaes. O Dr. Scott nota :

«Nossos pensamentos são visiveis ; nós não temos necessidade de nos exprimir. *Nós somos*, nós mesmos um pensamento, mas um pensamento real e substancial. Nós nos tornamos substanciaes pela força do pensamento ; isto é, nosso corpo é *pensamento;* nós temos em seguida as vestes de pensamento ; é assim que nós criamos um e outro. Naturalmente não se trata de roupas de fazendas, de pannos. Nós somos vestidos de pensamento... Nós não temos necessidade de recorrer á palavra senão quando queremos nos communicar com o mundo dos vivos. Aqui não ha idiomas porque é identico em todas as mentalidades... (Pg. 64)

— *Mrs. Dawson Scott*: — Como os romancistas podem produzir suas creações, se elles não usam palavras ?

— (*Espirito*) : — E' uma questão de percepção. O autor formula com o pensamento as scenas de sua historia, e nós percebemos o que elle formula e ahi age o pensamento e a emoção.

(Mrs. D S) Eu já sabia que vos daveis uma forma ao pensamento, mas ignorava que se podia dar uma forma ás emoções.

—(*Espirito*) : — Toda a emoção se manifesta com o auxilio da luz. Radiosidade, intensidade, profundidade, calor, tudo isto é transmittido á luz por effeito da emoção. O pensamento é creador ; a emoção é a luz que o anima. Os que são capazes de profundas emoções irradiam luzes quentes muito bellas, muito differentes da luz branca do pensamento em si mesmo . . . (P. 92). — Nòs percebemos as personagens dum romance como si ellas estivessem reaes, e suas vicissitudes como si se desenrolassem realmente deante de nós. A arte desta natureza é uma expressão individual, como seria para vós engendrar um films. Isto é que se engendra assim qualquer cousa pela arte ; esta «qualquer cousa» uma vez engendrada emancipa-se do pensamento gerador para tornar por si mesmo uma cousa. Nestas condições vem o patrimonio de todos.. . (P. 135 136).

E George Dawson que tinha sido quando vivo, escriptor, poeta, pintor, nota a seu turno :

«Eu me occupo aqui do que é equivalente na terra e escrever dramas e poemas. A qualidade da obra depende da excellencia das nossas faculdades intellectuaes ; mas a produção de nossas obras não apresenta as difficuldades que nos entravam quando nos meios physicos. . . Nós não temos livros, mas os pensamentos são cousas e não apparencias nebulosas como no vosso mundo... Se eu componho, isto é, se eu penso um poema, elle irradia em torno de mim no esplendor do pensamento, e todos os espiritos que ahi se acham podem aprecial-o A grande arte irradia um esplendor maravilhoso ; e quanto maior, tanto mais brilhante. Não podemos nos enganar julgando-a, porque o seu gráu de excellencia apparece para todos tal como é... Eu executo assim a arte, embora a minha arte não seja muito elevada.

Eu exercito em tudo: poesia, drama, pintura. Aqui uma pintura é litteralmente uma pintura. Pensando nós a engendramos e ella permanece. Nós não temos paredes nas quaes collocamos nossos quadros, mas elles se tornam patrimonio do conhecimento de todos... Aqui não se lê, mas as personagens de um romance agem diante de todos, de principio a fim. Na terra as artes são absolutamente distinctas e realmente differentes umas das outras; é que os meios materiaes pelos quaes ellas se effectuam são essencialmente diversos Aqui, ao contrario, os meios espirituaes pelos quaes as obras artisticas se effectuam são permutaveis. A musica é pura emoção; o romance é emoção personificada; o drama é emoção em acção; a pintura é emoção pintada; e a poesia, como a musica não é senão um aspecto da mesma forma emocional.

Em outras palavras se fundem numa base commum, que é a lei mathematica do «rithmo», aqui esta base fundamental substitue o papel, a téla, o instrumento de musica... (P. 117)».

E William Stead assim diz:

«Vós não podeis fazer uma idéa nitida sobre isto: o que se compõe, que se põe em paginas, o que se imprime e o que se pinta, no vosso mundo, para dar-lhe uma forma material de um livro, aqui se transforma ao contrario, em um centro de luz que todos nós percebemos? Sua permanencia depende do seu valor... Vós podeis então imaginar o que é a nossa litteratura, nossa musica, nossa pintura. Uma litteratura sem livros, sem palavras, composta unicamente de pensamentos, de emoção e de experiencia. Musica sem instrumento e sem executores, pinturas sem télas... vossa arte toma uma forma physica; a nossa é livre de toda essa servidão. (P. 156 157) — Uma das differenças entre a existencia terrestre e a nossa consiste no grande facto que nós não temos necessidade de nutrir um corpo, visto como temos necessidade de nutrir o espirito. Ha em nós uma especie de instincto, ou apetite, que nos força a procura para a nutrição mental; e o estimulo é tão poderoso que, si a possibilidade de se nutrir não fosse o desiderato de todos, nos teriamos aqui a lucta das competições para a pesquiza da nutrição mental. Felizmente assim não acontece A nutrição mental necessaria para o artista está sempre á sua disposição.

Os artistas possuem uma forma de energia espiritual muito mais fina e penetrante que o resto da humanidade, e elles a exercem produzindo obras de arte. Lembrai vos que a arte não é somente a *belleza*, mas tambem a expressão *totalisadora* da vida.. (P 188 189).»

George Dawson falla assim da musica:

«Para vós a musica se exprime por sons; nós não temos o sentido do ouvido. Apesar disso nós a percebemos egualmente, porque os sons não formam necessariamente uma parte integrante da musica. Nós percebemos as vibrações, os motivos que derivam das vibrações, o eschema do trecho da musica; e nós percebemos tudo isto duma maneira muito mais perfeita e profunda que vós não podeis obeter pelo sentido do ouvido. Vós não chegaes a comprehender que nossas vibrações constituem uma sublimação dos vossas sentidos. Despojai vos um momento dos vossos sentidos; o que resta? Evidentemente, a visão mental, a audição mental, etc.

Nestas circumstancias, vós dirieis que vieis e entendieis com o espirito... (P 127-128)».

E Henry Lowry;

«A musica é uma combinação de vibrações e impressiona nossa natureza espiritual sob a forma d'emoção e de força em acção; elle se exerce, então, em um meio muito menos humano do que aquelle em que agem o poeta e o romancista. Romance e poesia se realisam ainda com o auxilio dum ser humano: a musica, não... Apezar disso, quando nós ouvimos a musica das espheras, não podemos nos livrar de uma illusão de effectivamente ouvir, embora a realidade do facto seja differente A percepção tomou em nós o lugar da audição (P. 134-135).»

Ernesto Bozzano.

(Continúa)

* * *

AS MOEDAS DO VATICANO

Por mais que queiramos nos abster de commentar a attitude de Roma que teima se dizer representante de Deus na terra, «noblesse oblige» a nos referirmos a ella, que hoje, mais do que nunca, se affirma a perfeita antithese da Religião.

O Vaticano sempre teve sêde de ouro, e seus representantes até quando falam do céo é com interesse na terra, interesse de ouro, interesse de dominio.

Jesus dizia: «O meu reino não é deste mundo» —E o Catholicismo de Roma, fez, com os seus sacerdotes, deste mundo o seu reino: o Papa se intitula Rei dos reis, Senhor dos senhores; o seu culto é o do Bezerro de Ouro.

O Vaticano transborda de ouro, e tem ouro por toda a parte, os templos feitos para oração regorgitam de ouro, e em vez da humildade, ahi se vê o orgulho, em vez do desprendimento, a ganancia, a ambição, o fausto, as pompas, o ouro que seduz e céga!

Mais uma obra testemunhal da «religião do Vaticano» acaba de ser exposta ao mundo, conforme se vê das gravuras que reproduzimos de um jornal allemão. Uma d'ellas retrata o «Vigario de Christo na Terra» com o seu riquissimo manto bordado a ouro, e no verso a effigie representando o Meigo Nazareno com os disticos: — 100 Lire.

A segunda moeda representa o Apostolo S. Pedro; no verso a alegoria de duas chaves cruzadas e uma aguia no centro, encimados pela tiara do «humilde rei» da cidade do Vaticano: é uma realidade, dura realidade, mas não ha quem a conteste.

Pobre igreja! ha quantos seculos pervertes a Doutrina de Jesus! Ha quantos seculos contrapões o Evangelho do Mestre, o Divino Codigo de redempção humana, com as tuas obras de ouro!

Como se vê, na prova dos clichés se retratam com surprehendente nitidez o apego ás cousas da terra que passam, em contraste com o que

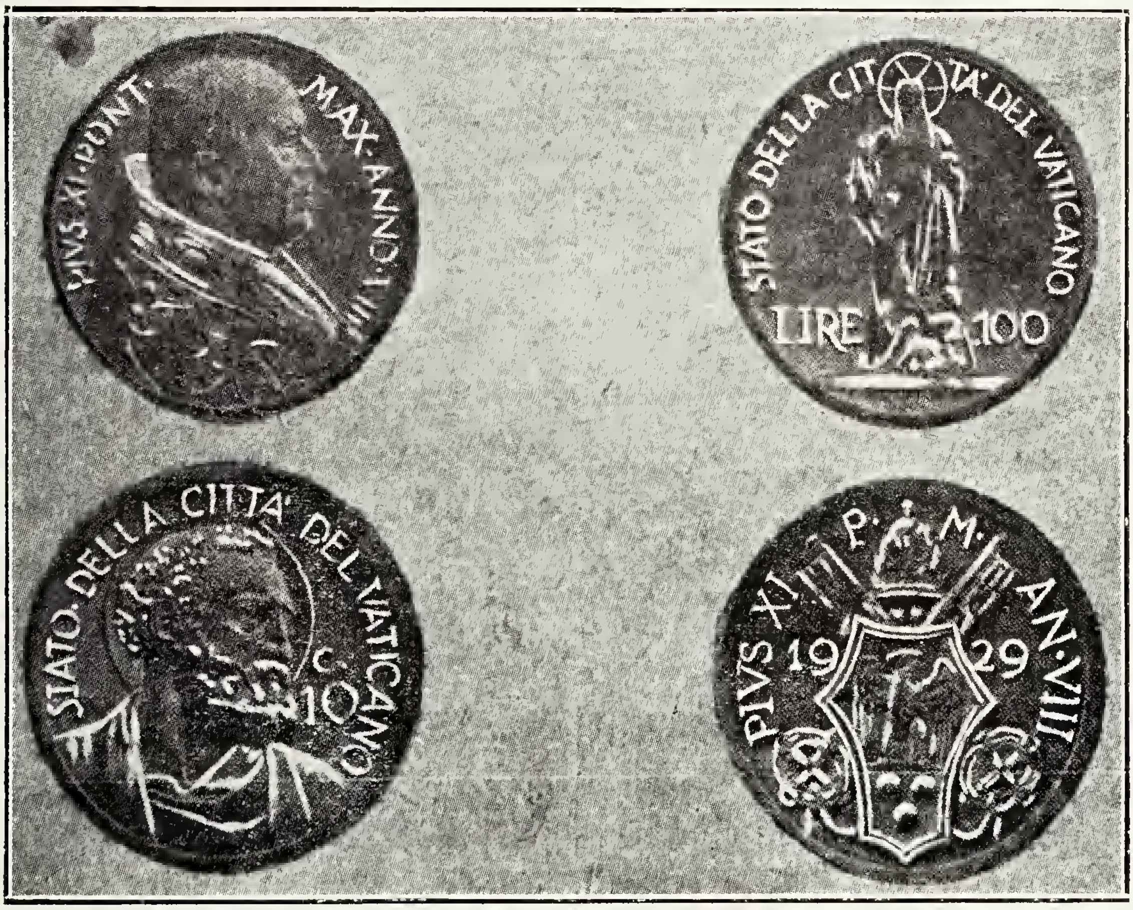
PIVS XI PONT MAX ANNO VIII
STATO DELLA CITTA' DEL VATICANO
LIRE 100
STATO DELLA CITTA' DEL VATICANO
C 10
PIVS XI P M AN VIII
1929

ensinou Jesus: «Não ajunteis thesouros na terra, onde a traça e a ferrugem consomem, e onde os ladrões penetram e roubam; mas ajuntae para vós thesouros no céo, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam, *porque onde está o teu thesouro, ahi estará tambem o teu coração.*» (S. Matheus VI, 19-21)

Em outra passagem Jesus accrescentou: «é mais facil passar um camello pelo fundo de um agulha que um rico se salvar.»

A Religião que o Christo fundou sacrifica a fortuna para exaltar a humildade, a honradez, a Caridade e a Verdade.

O seu nascimento numa mangedoura, e depois ensinando ás multidões, sem templos, sem formalidades, sem ritos, sem sacramentos e cultos, exprimem melhor as dadivas celestes que Elle distribuia a mancheias entre os necessitados e seguidores.

Finalmente, o Mestre dizia: «As féras têm suas cavernas, as aves dos céos têm seu ninho, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça».

Que contraste entre Jesus e o Chefe do Catholicismo Romano!

Que antagonismo entre as intenções de um e as do outro!

Realmente existe uma antithese inconfundivel entre o Catholicismo e o Christianismo.

Que Deus tenha piedade dos que tacteiam em trévas, julgando estar na Luz.

M. Kohleisen.

Chronica Extrangeira

A "VOZ DIRECTA" EM TASMANIA

De «The Two Worlds»

E. W. Oaten

Tasmania é um dos logares mais longinquos do Imperio Britannico, e é bom saber que tambem ali o mundo espiritual faz sentir a sua presença.

A srta. Betty Scott, de Lanceston, Tasmania, me escreve dizendo:

«Pode a Vm^{ce}. interessar ficar sabendo que a minha curiosidade pelo Espiritismo despertou ao ouvir uma conferencia que, durante a guerra fez Vm^{ce}. em Leanington Spa Town-Hall, e agora tomo a penna para lhe informar sobre o progresso do Espiritismo na pequena ilha de Tasmania.

«Não temos sociedade alguma organisada, mas fundamos varios circulos familiares. Recebemos por varias vezes, a visita do sr. Wyvyan Deacon, um notavel medium de Melbourne (Australia). Em Dezembro ultimo realisamos com elle uma sessão de vóz directa em minha casa, em Lanceston, e as «vozes» foram persistentes durante quasi quatro horas. Cada assistente teve o prazer de conversar com um ou mais seres queridos do Além, e suas communicações foram confortadoras. Um delles, o sr. Fred Parsons, sustentou larga conversação com seu pae falecido. Este aconselhou a seu filho que fosse a Melbourne e empreendesse novo negocio, que dar-lhe-ia muito bom resultado. Foi seguido por meu avô que falou comigo um bello tempo, sendo logo interrompido por outra vóz que se manifestou e pediu a meu avô que lhe permittisse falar outra vez com o seu filho Fred sobre um assumpto de muita importancia. Meu avô consentiu, e o pae de Fred Parsons lhe disse, então, que não fosse á Melbourne até Março, porque viu em seu cerebro que elle pretendia ir immediatamente. Depois agradeceu a meu avô a sua deferencia, e continuamos nós dois falando. Foi um notavel facto ouvir os Espiritos conversando entre si.

«O sr. Deacon nos visitou outra vez em Julho 1930. A sessão se verificou em casa do sr. J. Hughes, de Lanceston, com a presença do Intendente (sr. R. Osborne). Não fazia cinco minutos que haviamos começado, quando as vozes se fizeram ouvir.

«O espirito control da voz directa de Deacon, «Larry» nos disse que iam fazer algo fora do ordinario. Então, tomou posse do sr. Deacon um espirito que declarou ser W. T. Stead que pediu ao sr. Hughes que se sentasse em frente d'elle e tomasse as mãos do medium. Emquanto cantavamos um hymno, se apresentou uma mão materialisada e tocou na frente, duas vezes, do sr. Hughes, depois do que, o pae falecido do sr. Hughes falou a seu filho pela trombeta com vóz clara e forte.

«Em resposta a seu pedido entoamos um cantico seu favorito, e sua voz foi ouvida sobre o nosso côro atravez da trombeta. O sr. Osborne sustentou larga conversa com sua defunta esposa, que se exprimiu em voz vibrante e bella. O sr. William Stead de posse de Deacon pronunciou um vibrante discurso e depois disso vieram mais vózes. Era interessante ouvir o guia de Deacon, «Dr. Cheong» que emquanto se utilisava de seu medium em transe continuamente falava com «Larry» (em Irlandez), que respondia por megáfono. Conversaram entre si varios minutos, emquanto todos nós os ouviamos.

«Obtivemos, assim, maravilhosas provas da realidade da continuação da vida depois da morte.

«Depois da sessão se pediu ao sr. Deacon que posasse para um dos principaes artistas em photographia, de Lanceston, afim de obter material para seu estudo. Quando uma das chapas, depois de tirada a photographia, foi revelada, além do rosto do sr. Deacon appareceu o rosto de um chinez, e foi reconhecida como a do «Dr. Cheong», por um dos guias de Deacon. Isto causou sensação em Lanceston porque a photographia foi tirada de modo commum e demonstrou a muitos que, a vida depois da morte é um facto. A' pedido de Deacon, junto uma copia dessa photographia, que espero lhe interessará.»

Recebemos a photographia e nella se vê claramente o rosto extra, que é decididamente de um Chinez Sentimos que não seja sufficientemente nitida para reproduzir.

A carta da sra. Scott está acompanhada de uma acta na qual se declara a verdade do informe, e está firmada por: «sr. J. W. Hughes, Inspector Chefe do Estado de Tasmania» e «sr. N. M. Osborne, Intendente de Lanceston.»

E' para nós uma satisfação saber o progresso que se realisa em Tasmania. E' outra prova de que o Espiritismo é o mesmo em toda a parte do mundo, e que sua força consiste nas provas que continuamente se obtem de que, aquelles que o mundo chama mortos, são pessôas que estão realmente vivas.

UM AVISO EM SONHO

Trad. Watson Campello

A seguinte narrativa transcrevemos do «Daily Express» de 2 de outubro 1930.

«O sonho de uma senhora com uma tragedia de afogamento, que occorreu algumas horas depois, e a heroica conducta de um joven de 17 annos, no mesmo dia de seu anniversario, sacrificando sua propria vida para salvar u'a moça, foram as partes dramaticas de um accidente automobilistico, no mesmo dia de hoje.

O joven George Enver, de Granville Park, Lewisham, morreu afogado, quando o automovel em que viajava precipitou-se no rio Tamisa.

Samuel Harris, o chaufeur. sua filha Sophie de 15 annos de edade, ambas de Lancaster Park-Richmond e a prima, sra. Leslie Levinson, de Brookside Road, conseguiram escapar da submersão, salvando-se...

A morte de Enver é um golpe terrivel, disse Harris no hospital em que fôra recolhido após o accidente. Se elle não se esforçasse para salvar a vida de minha filha, poderia ter salvo a sua propria.

Uma premonição

Minha esposa teve um surpreendente aviso do accidente. Tinhamo-nos recolhido hontem á noite e já planejado todos os detalhes de uma viagem a Bristol, viagem de negocios e a Cardiff. George Enver, um dos meus empregados no escriptorio de Snow Hill, pousou comnosco, para que pudessemos partir cedo, pois ainda estava escuro. Ella tremia por effeito de um sonho que tivera em relação á nossa viagem. Ella era muito psychica, e disse-me que sonhara com um accidente de que resultou a morte de todos por afogamento. No momento, nenhuma importancia dei ao sonho e tornámos a dormir, pois, ella havia me chamado demasiadamente cêdo. Parti com as pessoas da minha familia, minha filha, minha prima e Enver, mais ou menos ás 5 horas. Minha esposa contou-me recentemente que quando se levantou para o café, após a nossa partida, sentia-se muito nervosa e contava o seu sonho á empregada, quando ouviu vibrar a campainha do telephone. A principio estava receiosa em attender o chamado, embora nada houvesse de extraordinario num telefonema aquella hora. Quando attendeu foi para ouvir as primeiras noticias da tragedia».

O SONHO DE WESTBURN

O facto que se vai lêr e foi publicado na «Revue Spirite Belge» e no «Magazine Pitoresque» de 1870, demonstra que os phenomenos espiritas são sempre os mesmos em todos os tempos, e que os mortos nunca cessaram de se communicar com os vivos. Além disso elle sancciona perfeitamente o que ultimamente os Espiritos têm dito do Mundo Espiritual.

—

Descendente da familia do duque de Hamilton, Westburn tinha por amigo intimo um de seus primos, chamado Allanton, cuja morte, occorrida muitos annos antes da sua, grandemente o affligira.

Em 1757, Westburn, que já envelhecera bastante e cuja saude se tornara muito delicada, costumava repousar durante uma hora depois do jantar. Sentada a seu lado, sua mulher conversava com elle, ou lia em voz alta, até que o somno o ganhasse. Um dia, dormiu o ancião mais tempo do que de costume e mais profundamente. Quando acordou, disse que fôra despertado pelo rumor de um bando de pombos a voar.

«—Estava passeando, disse elle, no mais bello jardim de quantos hei visto. Fiquei tão maravilhado com a sua extensão extraordinaria, com a sua pitoresca belleza, com o esplendor das flôres que surgiam do solo á volta de mim, que exclamei :

«—Isto não pode deixar de ser o paraiso. Devo estar nos jardins do Senhor.

«Mal acabara de pronunciar essas palavras, um mancebo de radiosa belleza e de celestial physionomia me sahiu ao encontro e, com encantador sorriso, me saudou familiarmente, desejando-me as boas vindas áquella patria ditosa. Manifestei-lhe a minha surpresa por semelhante acolhimento da parte de um estranho e accrescentei :

«Ha, entretanto, alguma coisa no seu semblante, que me dá a impressão de estar deante de um amigo.

«—Pois que ! replicou elle, já não se lembra da nossa velha intimidade ? E' meu parente proximo, meu amigo, meu visinho.

«Vendo que eu o olhava com ar de incredulidade :

«—Será possivel, ponderou, que se haja esquecido de mim ? Dar-se-á lhe aconteça o que succede a tantos outros : longe dos olhos, longe do coração ? Não reconhece em mim o seu primo Steward d'Allanton ?

«—Impossivel, repliquei. O meu querido amigo Allanton era velho e nunca fôra bonito, ao passo que o senhor é o mais lindo rapaz que encontrei.

«—E' o que se dá, retrucou elle, com todos os que aqui chegam. Tornam-se jovens e bellos. Aqui não ha velhice, nem feialdade. Sou realmente o seu velho amigo e primo Allanton e dentro de vinte e quatro horas o meu amigo aqui entrará na minha companhia, tão joven e tão bello quanto eu.

«Nesse momento, ouvi o bater

de azas dos pombos e despertei».

No dia seguinte, acharam morto o ancião no seu leito. Sua alma, libertada sem soffrimento do envoltorio terrestre, se fôra juntar á do amigo nos jardins celestes.

MANIFESTAÇÕES PUBLICAS DA INGLATERRA

Na Inglaterra, ultimamente, teem causado grande sensação as experiencias do medium, a Sra. Meurig-Morries, feitas diante dum público numeroso.

Em 15 de Fevereiro ultimo, no «*Fortune Treatre*», manifestou-se o seu guia, por incorporação, falando sôbre o assunto, «O Mundo e os Mundos do futuro», de cuja dissercão recordamos êste edificante bocadinho :

—«Durante a vida terrêna temos absoluta necessidade de cultivar cuidadosamente as qualidades espirituais, porque elas são de capital importancia para nós ; só elas persistem.

A responsabilidade do homem deve levá-lo sempre a procurar o que é justo e bom, no mais elevado grau, mesmo nas coisas puramente materiais, fazendo assim uma preparação melhor para uma vida mais prolongada na pátria dos Espiritos.

A lei da causalidade, agindo nas condições estreitas que rodeiam o homem sôbre a terra traz com ella, ao mesmo tempo, o Bem e o Mal.

O homem deve triunfar das dificuldades que o rodeiam.

A chave do progresso encontrase na compreensão dos poderes da alma e na necessidade que temos de os pôr em harmonia com o plano divino.

UM FACTO ESPIRITA NA PERSIA

A seguinte noticia extrahimos da «Revue Spirite» :

«A Sociedade Espirita de Teheran, recebeu de seu correspondente de Kazvine uma carta documentada que resumimos da copia que nos mostrou M. Vahided Dooley, de Teheran :

Em 28 de agosto 1930, M. Seyed Morteza, agente de policia n.o 109, passando na rua Darbé Kuchk, em Kazvine, ouviu gritos em uma casa. Correu immediatamente e fez detalhada pesquiza, e depoz o seu relato no Commissariado. O negocio foi até ao Tribunal.

Mme. Farkhondé declarou então que depois da morte de seu marido, Machhadi Mohammed, droguista, ha quinze dias teve necessidade de contratar a venda da casa á Mme. Bala, esposa de Mirza Mohammed, Israelita convertida ha pouco. A ultima noite que ella passou na casa familiar, teve um sonho extranho :

Seu marido lhe appareceu muito triste. Tendo-lhe perguntado a causa da tristeza, Mme. Farkhondé ouviu-o responder : «A venda de nossa casa me assombrou !...» Ella então allegou as difficuldades da vida. Seu marido então lhe aconselhou ir procurar os cem *tomans* (2.000 francos francezes), que elle havia escondido um dia sob a escada interior da casa.

Obsidiada por seu sonho dia seguinte, Mme. Farkhondé não deixou de voltar á casa que ella tinha deixado para então entrar em posse dos cem tomans. Tendo pedido á Mme. Bala a permissão de fazer escavação no lugar indicado para desenterrar um deposito ahi collocado por seu marido, Mme. B recusou terminantemente. Depois ella foi procurar um militar, o joven sub official, Reza Khan, do Regimento Ghahréman, e voltou em sua antiga casa na companhia deste. Mme. Bala não ousou manter a sua recusa. O operario Reza Gholi prestou o seu auxilio e no lugar revelado pelo sonho por seu falecido marido Machhadi Mohammed, foi encontrado um pote de barro cheio de moedas de dois *krans* (4 francos). Mme. Bala, em vista de todo esse dinheiro tentou se oppôr, ao levantamento dos cem tomans.

Então o sub official Reza Khan e Mme. Farkhondé chamaram o agente de policia que passava na rua.

Durante a demanda, Mme. F. morreu, mas o Tribunal resolveu que o thesouro deveria pertencer aos herdeiros do droguista Machhadi Mohammed.»

A «Revue» termina agradecendo ao sr. Dooley a noticia e pedindo que factos dessa natureza não deixem de ser narrados para a publicidade.

Chronica Brasileira

Um tumulo que verte agua

Um phenomeno bem exquisito se está verificando em Ponta-Grossa, Paraná. E' um tumulo que verte agua.

O tumulo já foi submettido a uma pesquiza e, por fim arrazado, sendo construido um outro, pois julgava-se que poderia haver alguma veia d'agua que viesse brotar no tumulo. Mas, nada; a segunda construcção apresenta o mesmo caracteristico: verte agua de um ponto determinado.

A «Gazeta do Povo», de Curityba tem se interessado pelo caso e feito larga reportagem. Dito jornal enviou a Ponta Grossa um representante com o fim especial de acompanhar o movimento que se opera em torno do «tumulo que verte agua», pois, innumeros são os romeiros que colhem a «agua» do tumulo, que vai se tornando milagrosa, a ponto de se haver constatado a cura de grande numero de doentes, inclusive de olhos que têm usado a «agua milagrosa.»

Aproveitando a reportagem da «Gazeta» vamos scientificar, embora ligeiramente aos nossos leitores do que vai occorrendo em Ponta Grossa.

Está claro que não está no nosso programma a publicação das curas operadas em pessoas enfermas que visitaram o tumulo e colheram agua, mas temos constatado, como dissemos acima, pela narrativa do «Diario», que quasi todas têm sido de affecções de olhos.

A agua muda de côr

Diz a «Gazeta»:

«A reportagem da GAZETA DO POVO, attendendo a informações de romeiros, verificou um caso sensacional: a agua do tumulo, colhida quinta-feira ultima, era branca e limpida; pois sexta-feira, a porção colhida pela nossa reportagem tinha uma côr diferente, parecendo rosa.

Ontem, em nosso placard expuzemos as duas quantidade dagua para que o publico as comparasse.»

Pancadas que se observam nas mezas girantes foram ouvidas na lage mysteriosa

Foram ouvidas na lage mysteriosa, pancadas semelhantes as que se observa nas mezas girantes e nas sessões de effeitos physicos de Espiritismo.

A Orientação da Gazeta

A «Gazeta do Povo» está orientando magnificamente as suas observações e encaminhando os leitores para um estudo scientifico dos phenomenos. A proposito das «vozes» que têm sido ouvidas nas cercanias do jazigo a Gazeta publicou o seguinte:

Não resta a menor duvida sobre os fenomenos espiritas que cercam a historia do tumulo que chora. Urge que os espiritas mais esclarecidos promovam uma serie de sessões para reproduzir as maravilhosas revelações que preocupam, principalmente, o mundo moderno da ciencia.

Estivemos indagando do modo como se processam as sessões de «voz directa».

Reunem-se três a sete pessôas. De preferencia individuos cuja mediumnidade tenda para a «voz directa». Organismos que possam produzir o famoso «ectoplasma», substancia quimica que existe invisivelmente nos corpos humanos e que facilita a materialização e a manifestação individual dos espiritos.

Sala completamente fechada. De inicio, escuridão completa. Uma vitróla de mane intensidade. Discos preferidos: só musica e musica delicadissima. Por exemplo: «Noturno de Chopin», «O misterio da noite»; «Num jardim dum templo chinez»; «Minueto, de Paderevvsky»; «Serenata de Toselli», etc. etc.

A mais variada conversação.

Sempre assuntos elevados. Todo o ridiculo perturba e relaxa as comunicações entre o mundo visivel e o mundo invisivel.

Diz um observador dos mais acatados: «Deve-se falar sem interrupção e sem o minimo receio». O mêdo deve ser banido. Toda concentração é extremamente prejudicial. As preces não tem a sua razão de ser.

O fenomeno não se produz pela religiosidade. Esse é um dos pontos capitaes.

Acreditamos que uma série de sessões de «voz directa», feitas em Ponta Grossa, poderia trazer-nos cousas sensacionaes. E' preciso não esquecer as buzinas de folha ou de papelão com franjas ou ponteiros luminosos.

Quanto ás pancadas no tumulo, essas são vulgarissimas no Espiritismo.

São demasiado conhecidas as mezas que falam.

Embora tenham sido a porta das investigações elas estão sendo abandonadas. Ahi se tem produzido muitas mistificações. O desdobramento da individualidade das pessôas presentes é frequentissimo.

Explicação Scientifica do sr. Paulo Tacla

O sr. Paulo Tacla, diz a Gazeta, é um estudioso, que offereceu ao mesmo jornal uma explicação scientifica sobre as «vozes» nas cercanias do tumulo.

Vamos transcrever alguns trechos do seu escripto:

Na reportagem que a GAZETA DO POVO, vem fazendo, com assombro e inveja dos bébés da imprensa, veio á discussão o meu nome, ligado a determinadas experiencias cientificas sobre a voz direta.

Em primeiro lugar, dirá o leitor, que historia é essa de «voz diréta»?

Devo declarar, antes de tudo, que participei das mesmas experiencias que se fizeram e se vem fazendo em Dorincour, na Inglaterra, pelo illustre e genial sabio inglês Herbert Dennis Bradlei.

Bradlei é o admiravel e profundo autor dos famosos livros «Mas além das estrelas» e «A sabedoria dos deuses».

Suas observações são de molde a impressionar vivamente qualquer observador e indagador dos problemas da vida e do universo. Nos trabalhos que realizou o emerito colaborador do Daily News, tomaram parte as figuras proeminentes da ciencia moderna, como Einstein, Marconi, Oliver Lodge e pesquizadores de renome universal Conan Doile, Lloyd George, Charles Richet e muitos outros. Eu não quéro dizer, e nem posso, que o que Bradlei observou seja a verdade absoluta. Mas as suas experiencias alarmaram o mundo moderno da ciencia e levaram a Marconi a tratar de construir um aparelho radiotelegrafico para transmitir, aos quatro cantos da Terra, as «vozes diretas», recebidas em Darnicourt, Ariena Tovvers, Ontario, Milão e outros pontos do planeta.

Bradlei assegura a imortalidade do espirito. Diz elle: — eu não creio; eu sei!

Realmente o problema é deveras transcendental. Ele merece o mais acurado estudo e toda a isenção de animo é pouca para encara-lo.

Com encontrarmos defensores para a sobrevivencia da alma, tambem se nos deparam, e inflexiveis e impetuosos, os que dizem que tudo pertence ao pó, ao nada. Os discipulos do materialismo são em maior numero do que nunca, muito embora os adeptos das chamadas correntes psiquicas sejam em 50 o/o do povo instruido da Russia, em volume colossal na Alemanha e na Inglaterra.

Augusto Branco e D. Balbina

O tumulo que verte agua é de Augusto Branco, homem bom fallecido ha annos, esmoler e de caracter formado. Attribúe o phenomeno á manifestação do Espirito de Augusto Branco. Sua irmã D. Balbina tomou á si a tarefa da distribuição da agua que verte do tumulo.

Reivindicações Liberaes

O movimento de liberdade de

consciencia intensifica-se no nosso paiz, que se esforça para libertar-se do clericalismo oppressor. E' assim que todos os dias surgem d'aqui e d'ali protestos contra o decreto de 30 de abril que instifúe o ensino religioso nas escolas.

Dentre estes se nota os dos alumnos das Escolas: Polytechnica, de Direito, de Medicina, de Bellas Artes, do Gymnasio Pedro 2.o e outras.

* * *

Foi fundada a Liga Alagoana Pro-Liberdade de Consciencia, tendo o seguinte Comité director: pres. Zanelli Caldas; vice, Aristides Toledo Albuquerque; 1.o secr. José Cardoso Marques; 2.o Agenor Pereira; thes. Jayme Xavier da Silva.

* * *

O protesto dos Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro contém 533 assignaturas.

* * *

As Lojas Maçonicas — Evolução 2.a, Filhos da Fé e 21 de Março, de Natal, R. G. do Norte protestaram contra a intromissão do clero nos negocios do Estado.

* * *

Foi fundado em Jaboticabal um jornal para defender os principios liberáes, sob a direção do Prof. Francisco Marino — «Tribunal Liberal».

* * *

Em Belém, Pará, foi constituida a Liga Pro-Estado Laico, ficando o Comitè director assim constituido: pres. Dr. A Teixeira Gueiros; e os demais membros: Drs. Nogueira de Faria, Oséas Antunes, Luiz Barreiros, e outros obreiros que se batem pela liberdade.

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

Visita ao Dolmen de Allan-Kardec

Os espiritas francezes, como nos annos anteriores, visitaram o dolmen de Allan Kardec, no Paire Lachaise. Diversas associações se fizeram representar. Falaram os srs. Henri Regnault, Lamoyne e Paul Bodier.

Após á visita ao tumulo de Allan Kardec, se dirigiram ao tumulo de Gabriel Delanne, onde fallaram os mesmos oradores, exaltando a obra scientifica do admiravel discipulo Kardecista que foi G. Delanne.

Conferencias na Maison des Spirites

Na Maison des Spirites foram feitas as seguintes conferencias: «Minhas Experiencias Pessoaes» — pelo Dr. Viguier; «Desenvolvimento das faculdades Supranormaes», pelo sr. E. Caslant.

Conferencias do Pastor Wiétrich

O illustre propagandista M. Ed. Wiétrich fez uma excursão de conferencias em Sanit-Etienne, sobre «A Reincarnação»; em Nantes, sobre «Os Phenomenos Espiritas e a Sciencia»; em Montauban sobre «As forças moraes e espirituaes».

Strasbourg e Beauvais

Fez uma grande conferencia em Strasbourg sobre o thema: «Como se nasce e como se morre», o sr. Jean Noël. O orador dissertou largamente sobre a evolução e a reincarnação.

Em Beauvais, sobre o thema: «Phenomenos Metapsychicos», fez uma conferencia, o Prof. Tocquet, de Sciencias da Escola Normal.

NORUEGA

De há muito que o desenvolvimento do Espiritismo se vem acentuando, na Noruega, e mediuns explendidos teem ali aparecido. A Sr.a Ingeborg, é um medium notavel e muito conhecida nos meios escandinavos e inglês.

Seu pai, o Sr. Dahl, juiz em Fredrikstad, foi por ela, convertido ao Espiritismo, tendo já escrito algumas obras sobre o assunto.

Como muitos outros, era adversário das sciencias ocultas, mas em 1919, as manifestações de seu filho mais velho, que tinha falecido naquela ocasião, vitima dum acidente no rio onde se afogou, chamaram a sua atenção para a tése Espirita.

Dentre as próvas de identidade que seu filho lhe deu, por intermédio da irmã, algumas eram assuntos inteiramente desconhecidos dela, por terem decorrido quando ela tinha apênas 3 anos.

Afim de eliminar a intervenção do subconsciente, o juiz Dahl combinou uma cifra, cuja chave era desconhecida de todos os outros assistentes ás experiencias, obtendo um sucesso completo.

O falecimento, em 1924, de outro seu filho, cadête, foi o ponto de partida para as novas experiencias, especialmente de escrita automatica, tendo recebido, por êste meio, comunicações várias e provas incontestáveis da sobrevivencia da alma.

Quási sempre, para suprimir o subconsciente, a Sra. Ingeborg, lia, em voz alta, um livro enquanto recebia comunicações simultaneas pela mão direita e esquerda.

As três obras publicadas pelo juiz Dahl, conteem uma documentação muito abundante e interessante, pelo facto de, durante 30 anos, êle se ter conservado scético, absorvido pela idéa do subconsciente, tendo inventado, nas experiencias, mil e um módos de evitar a participação do subconsciente.

ALLEMANHA

Homenagem ao Dr. Schrœder

Foi prestada grande homenagem ao Prof. Ch. Schrœder, pelos seus relevantes serviços á biologia e á psychologia animal com o auxilio dos phenomenos metapsychicos. O Dr. Schrœder é director do Instituto Metapsychico de Berlim e da revista «Zeitschrift für Metapsychische Forschung». A festa offerecida ao illustre scientista foi effectuada no dia em que o mesmo completou 60 annos.

Duas importantes conferencias de Hans Driesch

Sob os auspicios da Sociedade de Medicina Berlinense de pesquizas psychicas, o philosopho e sabio Hans Driesch, Prof. da Universidade de Leipzig, fez uma conferencia sobre: «*A crença nos espiritos á luz da sciencia*».

Em Cheumitz, o Dr. Driesch fez uma outra conferencia sobre: «*O corpo e a Alma*».

Transmissão de pensamento

As experiencias de transmissão de pensamento entre Berlin entre Athenas têm dado optimo resultados.

PORTUGAL

Vibração

E' este o titulo de um semanario que acaba de ser fundado em Silves sob a direção do sr. João José Duarte. A «Vibração» tem o programma verdadeiramente liberal.

A Luz do Progresso

Visitou-nos este excellente confrade sob a direção de Reis Varela.

A «Luz do Progresso» é orgão do serviço de Communicações interplanetarias, e se publica em Saboia.

Ecos do Além

Festejou o seu 15.o anniversario esta revista de Lagôa-Silves, sob a direção do nosso confrade sr. José Francisco Cabrita.

Nossas felicitações.

Revista de Espiritismo

O n.o de março e abril desta revista traz bons artigos e noticiario.

Outros jornaes e revistas

Temos sobre a mesa a «Luz e Caridade», o «Além», e o «Mensageiro Espirita»; e a «Vibração».

Pelo que se vê, em Portugal a propaganda se accentua promissoramente.

HESPANHA

«La Luz del Porvenir» commemorou o 22.o anniversario do passamento da illuminada espirita D. Amalia Domingo Soler, a grande escriptora hespanhola de fama mundial. D. Amalia foi a fundadora de «La Luz del Porvenir».

Um transporte exponlaneo

No centro barcelonez, por occasião de umas experiencias de tiptologia, um dos jovens que estava sentado proximo á tribuna, foi levitado por cima da arandela e das pessoas presentes e collocado no meio da sala.

* * *

Na Hespanha os centros trabalham activamente na difusão do ideal. Ora são reuniões intimas, ora conferencias, veladas, etc.

PORTO RICO

A Federação Espirita de Porto Rico reunio-se em assembléa geral para tratar de assumptos, dentre os quaes: Regulamentação das sessões mediumnicas, desenvolvimento de mediums, creação de um seguro espirita, fundação de um periodico e incorporação de associações.

A Federação vae construir a sua séde.

MEXICO

Todas as associações espiritas mexicanas festejaram a Missão Kardecista por occasião do anniversario do passamento de Allan Kardec.

CUBA

Temos sobre a mesa «Rozendo», revista de Matanzas que circula quinsenalmente.

Noticias de Havana e interior nos dizem que as homenagens prestadas á Allan Kardec em 31 de março estiveram imponentes.

ARGENTINA

Estão circulando na Argentina as seguintes revistas e jornaes espiritas: «Constancia» — «La Nota Espíritista» — «La Palabra de Lumen» — «Resplendor de la Verdad» — "Luz y Vida — "La Idéa" e "Nueva Orientación". A propaganda vae se fazendo mais pela imprensa.

EQUADOR

Na capital do Equador, tem se dado extranhas manifestações que têm posto em sobresalto os moradores da rua Marti, antiga Pasaje Vasconez Gomes. Os phenomenos são de ordem physica. Moveis que se movimentam de um para outro lado, transportes, etc.

Os phantasmas, como foram denominados pelo publico equatoriano, têm posto em continuo reboliço os pacatos moradores da rua Marti. Nos numeros 41 e 45, o primeiro de propriedade do dr. Luis Barberis, que se encontra na Europa e que está actualmente occupado pelos senhores Gaston Rivas, Enrique Gonzales e Luis Rodrigues Macambio e, o segundo, de propriedade do sr. Jacobo Moreno, filho de um hespanhol pertencente á nobreza de sua terra, é que se passam os casos extraordinarios.

O caso entregue á policia que tem verificado os phenomenos, não poude dar solução alguma.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Imprensa Espirita Brasileira

A imprensa espirita brasileira vae cerrando fileira. O nosso paiz é, sem duvida o que possúe mais jornaes espiritas em todo o mundo. E isto é um bom signal—quer dizer que os espiritas brasileiros são intellectuaes. Para dar uma breve noticia dos jornaes que temos sobre a mesa, sem contar algum outro que não tem chegado á nossa redação, ennumeramos: A Verdade, de Recife; O Reformador, do Rio de Janeiro; A Revista Espirita, do Rio de Janeiro; O Jornal Espirita, do R. G. do Sul; O Mensageiro, de Manáos; O Pharol, de Maranhão; A Verdade, de Theophilo Ottoni, Minas; O Heraldo, do Rio de Janeiro; Mensageiro do Orphão, de S. Manuel, S. Paulo; A Luz, de S. Rita de Jacutinga, Minas; O Abrigo, de Recife; A Propaganda, de Maceió; A Luz, de Faxina; A Nova Era, de Franca; Alma e Coração, de Belém Pará; O Espirita Christão, de S. Paulo; O Christophilo, do Rio de Janeiro; A Verdade, de Ribeirão Preto; O Semeador, de S. Luiz, Maranhão; A Aurora, do Rio de Janeiro; e O Clarim de S. Paulo.

Além destes existem muitos jornaes anti-clericaes que inserem artigos espiritas, como O Facho, de Uruguayana e outros.

Livros — Boletins e Pamphletos

A propaganda pelo livro, boletins e pamphletos é verdadeiramente fabulosa no nosso paiz. Não cremos que maior numero de livros circulem em outro paiz.

As obras de Allan-Kardec têm uma extração admiravel; as edições se exgotam e a Verdade apparece. As edições complementares, á seu turno, têm enorme extração.

E', pois, de verificar, em vista do grande interesse que os principios espiritas vão despertando, muito breve, o nosso paiz se erga, sacudindo a oppressão clerical que tenta obsidiar o povo brasileiro, e num brado de liberdade, conquiste os seus direitos de luz e de progresso.

Conferencias Espiritas

Em sua excursão de propaganda, os nossos amigos João Leão Pitta e Onofre Baptista têm feito conferencias em varias cidades.

O sr. Onofre Baptista fez conferencias em Uberaba, Araguary e Uberlandia, tendo conquistado a sympathia dos ouvintes.

— O sr. Pitta effectuou 13 conferencias em S. Carlos, 14 em Ityrapina, 2 em Leme e 4 em Limeira.

— O illustre clinico mineiro, Dr. Thomaz Novellino effectuou conferencias em Uberaba, onde foi muito aplaudido.

— O sr. Espiridião de Abreu fez na Estação Miguel Pereira, Rio, uma conferencia sobre o «Amor e o Perdão».

— No Centro Joanna d'Arc, Rio, o conferencista Dr. J. C. Moreira Guimarães dissertou sobre o Espiritismo.

— Dr. Coriolano de Goes fez, na Casa dos Espiritas, Rio, uma excellente conferencia sobre «O Espiritismo e a origem do Papado».

— O Dr. Lins de Vasconcellos fez no Centra Ismael, Rio, uma conferencia sobre a «Philosophia Espirita.»

— No Amparo Thereza Christina sobre «A Doutrina Kardecista» fez uma bella conferencia o sr. Francisco Fraga, presidente do Centro Israel, de Bento Ribeiro.

Paraná

Albergue nocturno no Paraná

O movimento do Albergue Nocturno, creado e mantido pela Federação Espirita do Paraná, no mez de maio p.p. foi o seguinte:

Homens — Brasileiros	465
Allemães	63

Polacos	18
Hespanhóes	8
Israelitas	2
Ukranios	2
Scheco-Slovacos	14
Finlandezes	2
Austriacos	4
Lituanos	6
	589
Mulheres — Brasileiras	35
Polacas	3
Lithuanas	1
	39

Minas Geraes

Baependy

O 1.o de maio, foi muito festejado aqui pela Sociedade Operaria. Foram dados vivas ao operariado, ao artigo 72 da Constituição e á Liberdade de Consciencia.

—

O Grupo Resurreição e Vida, elegeu assim sua nova directoria: pres. Homero Silva; vice, Fernando Silva; thes. Theobaldo Rocha; s.o secr. José Figueiredo Torres; 2.o Romualdo Biagione; proc. Salvador Silvia; zel. Mamede Maciel.

—

Tem sido acompanhada com grande sympathia a campanha do nosso «O Clarim» e todos os liberaes do E. de S. Paulo contra as pretenções clericaes, de se immiscuir na administração do Brasil para impôr o seu regimen do «crê ou morre.»

Do Correspondente

Monte Santo

Comité Pro-Liberdade de Consciencia

O Centro Espirita Amor e Caridade desta cidade acaba de fundar recentemente neste municipio Mineiro, um Comité Regional Pró-Liberdade de Consciencia, composto dos seguintes membros: Dr. Thomaz Novellino, Diomar Branco, José Russo, Nestor Silva, Victor Larisca, Affonso Sant'Anna, Joaquim Custodio e Luiz Gonzaga da Luz. Já adheriram a este comité os Centros Espiritas dos municipios visinhos «Amor e Caridade» de Muzambinho, «Nova Era» de Guaxupé, «Deus Amor e Caridade» de S. Sebastião do Paraizo e um grupo de Espiritas do municipio de Arary, os quaes prometteram trabalhar em prol deste grande ideal que representa a harmonia e o progresso de nosso querido Brasil.

Escolas de Instrução

Foram fundadas duas Escolas no Centro Espirita Amor e Caridade desta cidade, sendo a 1.a para o preparo de alumnos que se dedicam aos estudos dos estabelecimentos officiaes de ensino do Paiz, dirigida pelo nosso esforçado irmão Dr. Thomaz Novellino e a 2.a para estudos da Doutrina Espirita, dirigida pelo nosso dedicado confrade José Russo.

Dr. Thomaz Novellino

Viajou para Uberada, importante cidade do Triangulo Mineiro o nosso dedicado e esforçado irmão Dr. Thomaz Novellino distincto clinico aqui residente, que para alli foi realisar uma serie de palestras e conferencias espiritas.

Do Correspondente.

São Paulo

Centro Espirita S. Vicente de Paulo — Juquery

Este Centro do Bairro da Roseira no municipio de Juquery elegeu sua nova directoria que ficou assim constituida: pres. Horacio Mondovain; vice, Senem Mandovain; 1.o secr. Nicacio Mandovain; 2.o Antonio José de Oliveira; 1.o thes, José Gimenez; 2.o Faustino de Oliveira; 1.o proc. Francisco Rescio; 2.o Manoel Mandovain; 1.o fiscal José Maria de Freitas; 2.o Faustino Francisco de Freitas; orador, Sezefredo Mandovain.

Este Centro realiza suas sessões todos os sabbados. A propaganda pela imprensa é feita por intermedio do Clarim o qual é distribuido gratis aos assistentes.

A presente directoria é a que tambem compõe o Comité Pro-Liberdade de Consciencia de Juquery.

Do Correspondente

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS.

Director: CAIRBAR SCHUTEL — **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7815unse

No. 7 [illegible]

NO VII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1931 — N. 8

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMARIO

Evolução Cientifico-Religiosa
A quem espera
Psicologia da Razão Humana
Evolução pela Razão
As fotografias espiritas na Inglaterra
Vida e obra de Diogenes de Medeiros
A mediocridade e o idealismo
Psicologia Animal
Henri Ford e o Espiritismo
Evolução e Convenção
Inteligencia e instincto dos Animaes
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Bibliografia

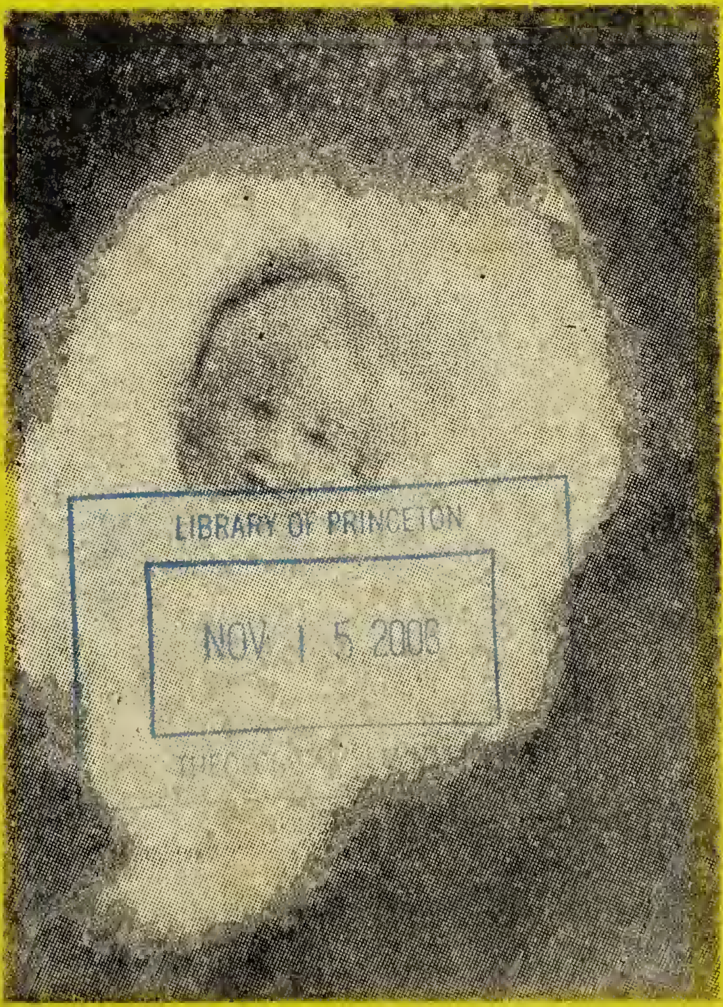

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2008

Uma Fotografia Espirita

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Setembro de 1931 - NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR: CAIRBAR SCHUTEL ≍ COLLABORADORES: DIVERSOS

Evolução Cientifico-Religiosa

A moral não é um conjunto artificial de formulas catequisantes que impressionam as massas e as submetem pelo terror. E', antes, o resultado dos conhecimentos adquiridos nestas duas ramificações do saber: a Ciencia e a Religião.

Moral artificial sem razão e sem inteligencia, é moral sem sanção.

Base primordial da evolução dos povos, a moral, para que seja recebida pelos homens de inteligencia e de sentimentos, não se impõe como um principio imperativo, apresenta-se no campo livre do pensamento com todos os caracteristicos da Verdade: *noumenos* e *phenomenos;* palavras e fatos; manifestações subjetivas e manifestações objetivas. E' revestida de todas estas circumstancias, portadora de todas essas insignias que ela convida ao homem ao estudo, á observancia e á meditação.

Ha moral cientifica e ha moral religiosa, e tanto uma como outra nos conduzem ao mesmo desideratum: a evolução pela ciencia, a evolução pela religião. Ambas partem do mesmo principio, que é Deus, ambas nos elevam á mesma dignidade, que é á Perfeição, para uma rapida aproximação da Divindade.

Daí a sentença do Apostolo: «que a vossa caridade creça em todos os conhecimentos para que não tenhaes tropeços no dia de Christo»; e esta outra de Jesus: «sêde perfeitos como perfeito é o vosso Pae Celestial.»

A Ciencia não se expõe por meio de formulas sibilinas, nem sinaes hieroglificos; ella é o produto de acurado estudo no produtivo campo de sua fenomenologia, de cujo exame livre se deduz pela razão e pela logica a causa expoente dos fenomenos observados. Assim é na quimica, na fisica, na biologia e em todos os ramos da instrução que vão erguendo as gerações.

A religião, á seu turno, compõe-se de teoria e fatos, teoria erguida justamente sobre esses fatos observados e observaveis, que constituem a demonstração categorica dos principios justificados pela logica e pela razão.

E' um erro grosseiro que tem sido referendado até aqui pelos intelectuaes que se constituiram guias dos povos, orientadores das massas: a separação absoluta da Ciencia, da Religião, e o caracter meramente sentimental d'esta com uma Fé-cega, cujos principios se acham em decidida colisão com os teoremas da Ciencia. Dizemos teoremas, porque a Ciencia especialisada pelo oficialismo contém, á seu turno muitos principios que não podem ser demonstrados, tal a precipitação dos academicos em decretar artigos de fé, sem a sanção dos fatos e que se chocam constantemente com a razão e o bom senso. Empregamos a expressão teorema na sua genuina significação: principio que pode ser demonstrado por fatos.

Esse erro crasso, que vai ás raias do absurdum, proclamado pelos espiritos acomodaticios e subservientes, é a causa principal da paralisação da humanidade, ou antes do seu desiquilibrio mental, que tem originado a depressão dos caracteres, e dos costumes, nos fazendo retroagir no campo da moral, de modo a todos censuravel.

Verdade seja que os homens mais sinceros, mais leaes e de mais caracter têm repelido energicamente essa transigencia vil da ciencia com a religião e vice versa, por parte dos seus turiferarios e proclamado, com justas razões a falencia religiosa, visto os principios geneticos adotados pelo sacerdotalismo colidirem com a verdade cientifica erguida sobre fatos.

Daí o inicio da luta, que se vem eternisando entre a Ciencia e a Religião, mas a da «religião» que insiste em manter os seus principios falsos, para os quaes evoca uma inspiração divina.

E' justamente nessa questão milenar, deprimente para a humanidade, reacionaria para o liberalismo que se esforça em vencer os entraves escravisantes opostos aos pensadores para as altas conquistas da Fé e da Sabedoria, que o Espiritismo intervem, proclamando que a Religião não pode deixar de encarar a razão face á face, e que sendo ela de caracter progressivo, como é a Ciencia e como é tudo no Universo, exige dos seus adeptos, ao lado do estudo, do raciocinio, da pesquiza, do livre-exame, muita sinceridade, muita lealdade para a indestrutivel edificação da Fé.

Em linguagem mais clara: não se pode crêr na genesis catolica ou protestante, com a sua esdruxula concepção de formação do mundo e creação dos seres, e ao mesmo tempo adotar as teorias de Laplace, de Kant, de Newton, como não se pode em face d'aquelas idéas que embalaram os nossos antepassados, se admitir a antropologia, a geologia, a paleontologia, que constituem os ensinos obrigatorios das nossas academias.

A unidade de crenças é indispensavel ao homem, como o é a toda a humanidade. Si entre dois principios houver colisão, é que ou ambos são falsos, ou um deles não é verdadeiro, não podendo se pôr em harmonia com o outro. E o homem não pode absolutamente se orientar por dois principios contraditorios entre si, e, portanto, destruidor um do outro. Ou bem a verdade, ou bem o erro.

Bipartir a mentalidade humana para a aceitação de idéas eterogeneas, contraditorias, é o mesmo que levar um homem ao labirinto no qual ele não possa encontrar uma saída.

O Espiritismo veio, pois, no momento azado para resolver todas essas dificuldades que nos fizeram paralisar na Estrada do Progresso.

Ele nos diz que a Religião é impoluta em sua verdade e que a Ciencia não pode, absolutamente, contradizer. Religião e Ciencia, separadas até aqui pela classe sacerdotal, encontram um traço forte de união na nova Doutrina, que explica á contento a Vida com suas anormalidades extranhas e a Vida Real, Immortal, num conjunto harmonioso e belo de aptidões e conhecimentos aptos a nos fazer entrever novos planos de Espiritualidade, sucessiveis pelo progresso que formos adquirindo, seja na esfera religiosa, seja na esfera cientifica, com acesso para uma felicidade acendente e de acordo com o nosso progresso e evolução intelectual e moral.

O Ensino dos Espiritos unindo a Religião á Ciencia, a Sabedoria á Fé, escoima desta todas as impurezas com que a interpretação sacerdotal a maculou, assim como transfunde na Ciencia, até aqui materialista, uma seiva de vida nova, erguendo-a do atomo perdido no seio da terra ás vibrações do Eter onde a força se faz sentir numa permuta constante de vida que anima as almas.

E assim, então, se vem cair e desaparecer para sempre as vetustas lendas da creação do mundo e da formação dos seres; o Universo desdobra-se ás nossas vistas numa deslumbrante formosura e nos aparecem a ordem e a harmonia, como fatores dessa obra infinita que muito mal podemos entrever.

Daí a formação e o crecimento da moral arrebatando-nos para os altos pincaros, a fé, como um poderoso ariete sustentando-nos nas lutas, e a Verdade esplendorosa se desenhando ás nossas vistas com insistentes convites para uma acenção constante, mas infinita aos Supremos Tabernaculos de Deus.

A evolução dos povos depende da evolução cientifico-religiosa. Sem esta não pode haver verdade, não pode haver luz, não pode haver moral.

A quem espera

Vós que anceiaes pela Verdade Eterna bemdireis a licção vital que este investigador tem a vos communicar.

EXPERIENCIA REAL

(Da «Ghost Stories»)

(Conclusão)

Seis semanas mais tarde eu recebi um convite para ir á casa de um amigo, um medico acatadissimo de Los Angeles, em cuja residencia se achava uma senhora ingleza, medium, a sra. J., que pretendia já haver trabalhado com Sir Oliver Lodge e Sir Arthur Conan Doyle. Havia muito pouco tempo que ella se achava na America, mas alguns dos meus amigos que já a tinham visto, disseram-me que era muito bom medium.

Eu já tinha morado na casa desse amigo, conhecia nitidamente a familia, e conhecia perfeitamente o quarto por cima da sala das sessões, bem como as dependencias da casa. Entretanto essa gente não sabia absolutamente coisa alguma ácerca da reunião em casa do sr. Frank Julian, nem da communicação que eu recebera lá. Não se achava presente nenhuma das pessoas que tomaram parte naquella reunião, e ninguem da segunda conhecia a medium Sra. Boyd, porque esta havia chegado pouco antes a Los Angeles. Logo, mesmo que se quizesse appellar para a hypothese da fraude, no caso succedido commigo, não se poderiam explicar os factos. Eu havia conservado absoluto silencio sobre a promessa que havia sido feita pelo espirito de minha mãe.

O gabinete escuro consistia apenas em duas cortinas presas perto do forro da sala e extendidas até o soalho. O soalho, as paredes, tudo emfim, foi minuciosamente examinado por uma commissão de homens. A medium foi despida e examinada por uma commissão de senhoras, na qual se achava uma doutora em medicina; e depois vestida com o roupão de banho e calçada com as chinellas da dona da casa, e foi escoltada escrupulosamente para o gabinete.

Quasi immediatamente depois da sua entrada, começaram a apparecer formas diante de nós e muitas dellas foram reconhecidas. Não entrarei aqui na apreciação das notaveis experiencias dos outros; mas finalmente ouvi o meu nome ser chamado e passei para a frente.

Eu não estava com esperança nem scepticismo, somente com a intelligencia e os olhos bem abertos. Quando as cortinas me foram abertas pela assistente, eu vi uma nuvem amorpha, de pouca densidade, juntando-se entre mim e a medium que se achava assentada, com a cabeça curvada para a frente, respirando profundamente. Eu a podia distinguir bem atravez da figura que se estava formando. A sombra foi-se augmentando lentamente até cerca de cinco pés de altura e gradualmente foi tomando apparencia de uma pequena figura humana de roupão branco e traços indistinctos. Ouviu-se então a voz poderosa do guia da medium, gritando de perto do forro, perguntando se eu reconhecia o espirito. Eu disse que não, e immediatamente a voz me disse que fosse prestando attenção para não me enganar.

Dentro de poucos momentos as linhas do esboço se foram accentuando um pouco e eu achei que se estava formando uma longa barba branca. A bocca, o nariz e os olhos ainda se achavam indistinctos. Lembrando-me que meu avô tinha longa barba branca e era de pequena estatura, e me havia promettido em uma sessão de voz directa que ainda me appareceria, eu disse: «Vôvô, és tu?» Um movimento da cabeça negou rapidamente. Appareceu-lhe então a mão e levantou o que eu estava suppondo ser uma barba e percebi que era um véo.

Com pasmo reconheci o rosto da minha querida mãe fallecida já ha varios annos.

«Minha querida mãe, és realmente tu?» perguntei eu. Ella disse em voz baixa: «Sim», e moveu-se para a frente cerca de dois pés, poz a mão direita sobre o meu hombro, de sorte que eu senti o seu véo tocando-me no queixo, e me beijou. Eu digo — «moveu-se para a frente», porque a parte inferior da figura não se solidificou, de sorte que minha mãe parecia mais fluctuar do que andar. Eu lhe pude notar a respiração quando ella suspirou de alegria. Afastou-se e desintegrou-se diante dos meus olhos. Durante toda a manifestação eu pude ver atravez da nuvem ectoplasmica e vigiar a medium, a qual absolutamente não abandonou a cadeira nem se mudou de posição.

A principio isso me pareceu o cumprimento total da promessa que me havia sido feita seis semanas antes. A minha mãe se me havia mostrado, me havia tocado e fallado commigo. Somente isso não se havia dado *em uma grande casa branca sobre uma collina.*

Mas achava-se presente um Sr. B., cavalheiro rico e muito interessado em occultismo, residente em Altadena. Esse cavalheiro convidou a medium Sra. T. para a sua casa no sabbado seguinte, e convidou-me tambem a tomar parte na sessão.

Na quinta-feira elle tinha sessão com outra medium, uma medium de voz directa, e convidou-me tambem para esta sessão.

Na sessão de quinta-feira minha mãe veio e conversou commigo, embora eu não a pudesse ver, durante oito minutos, explicando-me uma coisa que me deixou pasmo com respeito á sua primeira materialização. A conversação foi tão natural e se achava em tão perfeita harmonia com tudo que havia succedido antes, que eu não admitti mais duvidas.

Na sessão de sabbado á noite minha mãe veio de novo, permaneceu mais tempo, beijou-me duas vezes e eu a pude ver muito distinctamente. Sua voz era mais forte e ella me prometteu que na proxima vez traria o meu irmão Frank que foi morto por um accidente em Tacama. Desta vez *o facto se deu em uma grande casa branca sobre uma collina.*

Isso já seria muito notavel devido á sequencia dos acontecimentos, se houvessem parado ahi — mas não foi assim.

Um mez mais tarde estava eu de passagem por Glendale, California, e parei para cumprimentar dois bons amigos que eu já não via de muito tempo, um dos quaes era a Sra. Schultz, excellente medium, mas que nunca havia trabalhado senão em roda de amigos muito intimos e membros do seu grupo familiar, sem receber remuneração absolutamente alguma. Fui convidado a ficar em sua casa para jantar e tomar parte em uma sessão de voz directa que se faria depois do jantar. Só havia nove pessoas presentes, inclusive um deputado do districto e um eminente alienista.

Assistimos a muitos phenomenos interessantes, e quando a trombeta se levantou, veio minha mãe e conversou por fim commigo sobre as quatro sessões anteriores.

Foi o primeiro indicio que os outros assistentes tiveram de que eu já havia recebido communicações de minha mãe, o que lhes causou grande surpresa.

Portanto, eu digo: a quem espera, tudo virá, até mesmo experiencias psychicas — desde que, emquanto estiver esperando, não esteja erigindo barreiras impossiveis de serem transpostas.

VINCENTE JONES.

Psicologia da Razão Humana

A sagrada Escritura afirma que o que diferencia o homem dos animaes é o dom divino da razão; a ciencia, pelo menos em principio, confirma o aforismo biblico. Por minha parte nada tenho a contestar, mas sou de acordo que precisaria atenuar a significação muito lisonjeira para o homem acrecentando uma glosa na qual se reconhece que a razão é a faculdade mais rudimentar da inteligencia humana. Eu não penso formular assim um paradoxo, mas sim uma verdade incontestavel, que me proponho demonstrar.

De todo o modo, como me proproponho encarar o tema sob o ponto de vista stritamente metapsichico, não me será possivel de valer-me do recurso das provas que contribuiriam melhor para sustentar a tése, e que concernem as questões politicas e sociaes; eu me limitarei a tocar apenas a alinea seguinte.

Joseph Mazzini disse: «A Verdade é um prisma de varias faces, e o Erro consiste em encarar algumas dentre elas com a ilusão de contemplar todas».—Neste aforismo, a maior das imperfeições da razão humana, se acha descrito. E' desta imperfeição que decorrem, de todos os tempos, as lutas politicas e sociaes, das seitas religiosas, dos grupos cienticos e filosoficos —partidos, seitas, grupos nos quaes se sustentam doutrinas que contém, sem duvida, uma parcela de Verdade immersa num mar insidioso de erros que se quereria divulgar e impôr em nome de Deus, da Justiça, da Liberdade, da Egualdade, do Progresso e da Felicidade dos povos. E' o que se constata nas doutrinas socialistas, comunistas, anarchistas; doutrinas irrealisaveis porque estão em oposição com os fundamentos da natureza. Os que sustentam estas utopias, não chegam a perceber esta verdade manifesta, porque sua razão obsecada por um monoideismo hipnotisante (que em principio, é generoso) vê unicamente o que concorda com o monoideismo de que trata-se, ou antes empregando as palavras de Mazzini, «eles veem sómente algumas das faces do Prisma—Verdade, pensando perceber todas»,

Mas, eu passo a respeito do assunto, a falar sobre as diferenças de opinião existentes entre as pessoas que se occupam de estudos metapsichicos. Eles pertencem a tres grupos.

O primeiro compreende os que sustentam, diante dos fatos, que não se chegará absolutamente a explicar as manifestações metapsichicas sem alial-as á hipotese espirita, porque esta constitue o complemento necessario da hipotese «animica», emquanto que a existencia dos fenomenos animicos é uma prova indiscutivel que existe na subconciencia humana uma personalidade espiritual integral, dotada de faculdades e sentidos normaes independentes da lei da evolução biologica (o que prova que eles não são o produto da evolução biologica).

O segundo grupo é composto d'aqueles que pensam ao contrario, que chegar-se-á um dia a comprimir o conjunto grandioso das manifestações metapsichicas no circulo restrito da hipotese «animica». O terceiro grupo é o dos incertos (duvidosos), dos hesitantes; isto é, daqueles que, graças ás pesquisas metapsichicas, chegaram ao ponto da primeira etape acencional: a da «Duvida-fecunda», e que guardam, em consequencia, uma atitude de atenção. Este ultimo grupo, no qual se acham personalidades eminentes, cuja atitude prudente no debate, parece justificado pela grandeza e pelo interesse excepcional do problema a resolver, sob o ponto de vista social e moral, divide-se á seu turno em tres grupos distintos: o de pessoas que apesar de duvidarem, são decididamente orientados para a solução espiritualista; o d'aqueles que são não menos resolutamente partidarios da tése animica do problema; enfim os que ocilam perpetuamente, tanto para uma como para outra das soluções extremas.

E' justo reconhecer que no primeiro dos «sub-grupos» que eu acabo de indicar se acham os pesquisadores que mostram mais sabedoria. De facto, duvidando tudo, eles voltam-se firmemente para a solução espiritualista do problema; solução que concorda com as intuições e as tradições da humanidade, e que tem a maior probabilidade de ser a verdadeira.

Por outro lado, o menos esclarecido dos grupos em questão é indubitavelmente o dos negadores irredutiveis, que não se detém jamais no pensamento de que podem estar errados. Resulta disto que se assiste ao curioso fenomeno: que, quandos os defensores da hipotese espirita os refutam, baseando-se nos fatos, eles não respondem, não podendo responder, mas continuam imperturbaveis, a sustentar a doutrina materialista, como si tivessem respondido e pulverisado os argumentos do seu contraditor. Eles agem de bôa-fé, porque ignoram sinceramente ter sido batidos e não se rendem ás consequencias desastrosas da sua derrota. E' que as suas vistas cerebraes, obscurecidas pelo prejuizo materialista, não chegaram a assimilar as verdades que contrastam com as doutrinas fundamentaes da sua fé inabalavel.

Finalmente, o grupo dos defensores da hipotese espirita se subdivide, a seu turno em dois «sub-grupos» distintos. O primeiro é muito numeroso; é constituido pelo que se chama «almas simples» (que poderiam muito bem ser chamadas «almas-esclarecidas»), cujas convicções são fundadas mais na *intuição* que na *razão*. Mas o outro grupo compreende, ao contrario, os pesquisadores, os pensadores, os homens de ciencia, cujas convicções não são influenciadas senão pelos fatos, que eles adquiriram em massa, que eles classificaram, analisaram, compararam durante uma longa série de annos. E' certo que as pessoas pertencentes a este ultimo sub grupo deveriam ter, mais que todas as outras, o direito de se pronunciar com autoridade e de serem ouvidas. Elas se acham, pois, na realidade; e si por vezes os representantes deste grupo põem os contraditores num embaraço sério, esse embaraço dura tão pouco que não deixa depois traço algum entre eles. Os contraditores pisam esses embaraços e continuam a jurar sobre os seus dogmas materialistas — este falso sol que já cahiu a mais de meio seculo.

Estas tristes reflexões me oferecem ocasião de passar uma revisão sobre o meu assunto, isto é, sobre o tema da «psicologia da razão humana», com o fim de analisar as lacunas, de perquirir suas causas e de sugerir os meios mais adequados para neutralisar os efeitos, na medida do possivel.

E' preciso então convir que o inconveniente que eu deploro tem por vezes algumas causas extranhas mesmo á razão: em primeiro lugar ao fato que muitas vezes os dados essenciaes do problema a resolver são desconhecidos do pensador que tem, entretanto, a audacia de os afrontar; neste caso, a lacuna não depende precisamente da razão humana mas da ignorancia d'aquele que ousa emprehender a critica dum assunto que não conhece bem. Mas si se elimina as circunstancias desta natureza, é certo que a causa unica que determina um tão grande numero de conclusões erroneas consiste na dificuldade enorme para a inteligencia humana, de *ter simultaneamente presentes diante da razão todos os elementos do problema, mesmo quando estes elementos são virtualmente conhecidos do pensador que se propõe resolver.* Segue-se que no meio metapsichico esta imperfeição da inteligencia humana constitúe um inconveniente desastroso, em seguida do qual acontece que os pesquisadores serenos e imparciaes, cada vez que encontram um episodio eloquente de identificação pessoal dum defunto reconhecem bem, nesse momento, a natureza incontestavelmente espirita, e ficam tocados e perturbados durante um certo tempo, mas terminam invariavelmente por esquecer, como já haviam esquecido numerosos episodios analogos que eles tinham conhecido precedentemente. E' assim que se assiste ao retumbante espetaculo de uma maioria de pesquisadores, livres de prejuizos, bem dispostos em face da interpretação espiritualista dos fenomenos mediumnicos, que atravessam fases passageiras de uma convicção certa — convicção fundada sobre fatos — que reboam invariavelmente nas perplexidades de outr'ora, continuando durante toda a sua existencia a proceder do mesmo modo, passando dum caso ao outro, duma prova a outra, esquecendo sempre, esquecendo tudo, sem nada pôr de lado, e por consequente, agitando-se perpetuamente no vacuo. Infelizmente este fenomeno psicologico não se verifica unicamente nos leitores apressados e superficiaes, desprovidos de espirito filosofico ; dá-se em todas as classes de leitores e de pesquisadores, mesmo entre os mais eminentes metapsichistas. Elle se produz mesmo com tal frequencia, uma tal uniformidade, que é preciso justamente deduzir que se trata de uma imperfeição inata da natureza humana, que não chega a manter na memoria senão uma minima parte dos elementos que ela conhece virtualmente a respeito do assunto de um tema dado. Resulta que a razão humana *induz* e *deduz* quasi sempre por premissas, passando duma conclusão erronea a outra ainda mais falsa. Nessas circunstancias resta-nos só nos resignar com o inelutavel ; o que não significa, entretanto, que não se deve procurar os meios melhores para obviar, tanto quanto possivel, esta imperfeição inata da razão humana.

E os meios existem. O principal seria aconselhar aqueles que empreendem investigações metapsichicas com sérias intenções cientificas de pesquisar e estudar durante longos anos antes de escrever sobre este assunto, antes de descutir publicamente, antes de emitir juizos e hipoteses, antes de se pronunciar definitivamente em favor de uma ou de outra solução do problema. E como não é unicamente a razão humana que é imperfeita, mas que as faculdades mneumonicas o são tambem, dever-se-ia exortar os novos iniciados a se preparar para a grande empresa de pesquisadores num dominio de pesquisas tambem orientadas e ao mesmo tempo importantes. Eles deveriam adotar o metodo de classificar, durante muitos anos, todo o material bruto dos fatos existentes, dividindo-os em classes, categorias, grupos e sub-grupos, tendo cuidado de organisar cuidadosamente uma Taboa geral das materias recolhidas, afim de tirar partido, com grande rapidez, todas as vezes que as circunstancias exigirem. Mas tudo isto não basta. Dever-se-á, ao mesmo tempo, redigir uma lista bem ordenada de todas as hipoteses que se propõe para explicar os fatos, assim como de todos os argumentos que se tem formulado para o apoio de cada hipotese. Depois disso é preciso resolver não se aventurar a formular conclusões de natureza geral relativamente á origem provavel duma dada categoria de fatos, sem ter primeiramente passado em revista, analisado e comparado todos os casos que tem sido publicados sobre o tema de que se trata, e sem ter primeiramente passado em revista e pesado convenientemente todas hipoteses e todos os argumentos bons, mediocres e erroneos que se têm formulado relativamente sobre o tema em questão.

Quando os novos iniciados tiverem executado esta indispensavel tarefa, somente então chegarão a estabelecer uma concepção solida do tema que têm a intenção de discutir. Reportando nos ainda á frase de Mazzini, é sómente então que eles conhecerão efetivamente «todos os aspéctos do Prisma—Verdade», o que lhes fornecerá os meios de se pronunciar com autoridade sobre a questão. E' esta a unica maneira de se agir na investigação das manifestações metapsiquicas, si se quer obviar, na medida do possivel, as imperfeições inherentes á razão e á memoria humana.

Agora, eu passo ás tristes notas sobre o assunto que nos ocupa, e lhe dou uma formula interrogativa : «Quantos são, ou têm sido, no meio metapsichico, aqueles que têm tido a idéa de empreender o trabalho preliminar de que acabo de falar; trabalho literalmente indispensavel para todos os que se propõem levar uma contribuição de valor á evolução da nova «Ciencia da Alma?» Quanto a mim, aplico rigorosamente a trinta e nove anos todas as regras de pesquisa cientifica indicadas acima. Mas quantos são os que fazem a mesma cousa?— Não é dificil responder esta questão; eu me limitarei a notar que as condições atuáes, teoricamente caóticas, das ciencias metapsichicas demonstram que os pesquisadores que se conformam ou se acham conformados ás regras em questão, são pouco numerosos até o presente para que seja possivel atender, graças aos processos de analise comparada e da convergencias das provas, a demonstração cientifica, inabalavelmente cientifica concernente á origem das manifestações metapsichicas. Um só ponto é certo: é que não ha entre os adversarios da hipotese espirita homens que se achem conformados com as regras indispensaveis da pesquisa. Notarei, de outro lado, que entre os que se deixam levar por juizos pouco ponderados de natureza geral, constata-se este outro fenomeno: que os mais rasoaveis são os que sabem mais, e que os mais inconsiderados, os mais dogmaticos, os mais seguros de si mesmos, os mais fieis de sua erudição, são os que sabem menos.

Estamos, então, ainda longe do dia em que as imperfeições inatas na natureza humana serão corrrigidas e em grande parte eliminadas, graças ao severo sistema de pesquisa de que tenho falado; e que se poderá esperar sob as bases inabalaveis o acordo assim desejado, relativamente á origem das manifestações metapsichicas; acordo pelo qual se reconhecerá a dupla natureza das manifestações estudadas: «Animica» e «Epirita»; uma complementar da outra; todas as duas espirituaes; todas as duas necessarias a demonstração cientifica da existencia e da sobrevivencia da alma. Em todo o caso, chegará seguramente o dia em que este fim radioso para a evolução dos povos, porque a esperiencia dos seculos nos diz que a Verdade acabará fatalmente triunfando de todo o obstaculo. Mas não se chegará aí senão com a condição de empregar, em toda a investigação, os metodos de pesquisa cientifica da analise comparada e da convergencia das provas; o que não se consiguiria obter senão mui dificilmente sem adotar os sistemas de classificação global de que acabo de falar.

Ernesto Bozzano.

EVOLUÇÃO PELA RAZÃO

A escravidão da razão é o mais prejudicial fator do progresso humano. A razão é frésta por onde entra a Luz do espirito; é pelo seu continuo exercicio que a alma se esclarece e acende á alturas. Tanto no plano fisico como no plano espiritual é pelos olhos da razão que o homem vê o bem, compreende e foge do mal, e conquista conhecimentos necessarios á sua perfeição. Toda a Doutrina de Jesus, como se demonstra pelas suas belas parabolas, alegorias e comparações, constitúe um persistente e ininterrupto apelo ao espirito para a investigação, o estudo, o livre-exame e a analise dependente da razão para um juizo réto e acertado. Fugi dos escravagistas da razão, eles são dominadores despoticos que impedem a vossa evolução, semelhante os salteadores que fazem trévas para se apoderarem dos vossos haveres. Guardai unidade de espirito pelo vinculo da Fè, e atirai-vos ao ilimitado campo do investigação e do estudo, pondo de lado o que a vossa razão condena, e crecendo no conhecimento da Verdade que vos dará uma verdadeira felicidade.

Feliz daquele que pensa, feliz do que raciocina; subirá com presteza os degráos da perfeição e se libertará da ignorancia, a causa dos grandes dissabores e terriveis incertezas. — L. B.

As Photographias Espiritas na Inglaterra

«The Greater World» continúa a nos presentear com excellentes photographias obtidas por intermedio dos irmãos Falconer e os mediums Mme. Buxton e M. Hope.

Nós temos muito prazer em fazer repercussão desses factos, que são provas evidentes da sobrevivencia, e falam mais alto do que qualquer negação ou «juizo-louco».

Na Inglaterra, com o auxilio de um desses mediums, é muito facil se obter a prova photographica da existencia de um amigo ou de um parente que já passou para o Além.

E' assim que até se tem obtido retratos de pessoas que nunca se retrataram em vida e quando o fizeram, seus retratos psychicos têm uma outra pôse, diversa daquella que mantem as photos terrenas.

A photographia que reproduzimos é muito interessante, chamamos para ella a attenção dos leitores. O relato traduzimos de «The Greater World», graças á amabilidade do nosso amigo Dr. W. Campello.

Photo espirita da filhinha da sra. Hipsley

— «A photographia psychica que reproduzimos nesta pagina é seguramente uma das mais bellas jamais obtida. Uma copia foi-nos remetida pela Sra. Laura Fairweather, que esteve em sessão com os irmãos Falconer em Janeiro p.p., quando os mesmos davam demonstrações de sua mediumnidade em Londres. A Sra. Fairweather escreveu-nos ha algumas semanas que ella não podia identificar o «pequeno rosto de anjo», porem que se sentia feliz com o pensamento de ser ella assistente quando se manifestou a vontade de Deus para que esta manifestação admiravel se conserve em nossa memoria.

Ella naturalmente ficou anciosa para que os pais da creança fossem descobertos, para receberem a alegria e consolação que milagres desta natureza exercem sobre corações doridos.

«The Greather World» foi escolhida para levar a photographia ao conhecimento de milhares de pessoas.

O modo habitual de proceder dos mediums, foi seguido nesta sessão. A Snra. Fairweather poz as suas iniciaes na chapa, antes que esta fosse collocada na camara. A oração do Senhor foi proferida e, apoz a execução de um hymno, fez-se a exposição. A chapa foi revelada em presença da assistente e logo se certificaram da existencia do rosto de uma creança registrado na mesma. O «extra» appareceu de cima para baixo e o ectoplasma cobrio parcialmente o Snr. Falconer (Graig). A chapa mostra o retrato completo da Snra. Fairweather e as suas iniciaes, «L. F.», mas ella rogou-nos que só publicassemos a parte da photographia que contem o «extra».

Guardamos a photographia durante algumas semanas, esperando uma oportunidade para tornal-a conhecida por estas columnas. Na semana passada julgámos a occasião asada para publical-a no proximo numero. Esperavamos que, por intermedio da revista, seriam descobertos o pai e a mãe da menina. Poucas eram as possibilidades de dar com a pista dos mesmos por outro meio.

Os nossos leitores devem lembrar-se que, de tempos a tempos, temos dado extraordinarios relatos provando que nossos amigos espiritos, pelo poder do amor de Deus, são aptos a usar a sua influencia, arranjando as coisas de modo que as photographias desta natureza parem nas mãos de um parente do espirito que se manifesta dessa maneira. Inteiramente a parte do proprio «extra», muitas vezes as circunstancias da conversa produzem convicção evidente.

Após a allocução de Zodiaco em Harrogate, no ultimo domingo, a Srã. Boydell, fundadora e medium residente da Egreja Espiritual de Christo, apresentou-nos a diversas pessôas em sua casa que se achavam presentes á sessão, sendo esta a primeira vez que assistiam á reunião espirita. A maior parte desconhecia inteiramente os phenomenos psychicos. No correr de nossa explicação e respostas á muitas perguntas, frisámos que os espiritos podem mesmo imprimir os seus retratos nas placas photographicas e mostrámos aos mesmos a figura da menina, que éra a unica photographia psychica que levavamos á Harrogate.

A primeira pessôa que a vio, a Sra. Muller, immediatamente disse á sua amiga, a Sra. Hipsley, natural da Scandinavia, que seguramente era o rosto de sua filhinha. Uma outra senhora exprimio-se da mesma maneira. Então a photographia foi passada á Sra. Hipsley que, surpresa e muito emocionada, concordou que o «extra» éra a sua filha Ingrid. Ella abrio um pequeno medalhão, que trazia ao pescoço em uma corrente, e mostrou-nos a photographia de Ingrid, tomada quando doente, pouco antes de ingressar no mundo da luz. A semelhança das menores particularidades eram chocantes. A mãe estava particularmente satisfeita em ver na photographia psychica a forma peculiar da parte superior da orelha, caracteristico que a criança tinha herdado de seu pai. A parte saliente produzio uma pequena sombra escura vista no centro da orelha. O que é perfeitamente visivel na photographia original.

A identificação ficou estabelecida, mencionámos que algumas vezes a orientação é fornecida pela data em que a photographia é tomada. Destacando a figura do cartão, achámos a data de 28 de Janeiro de 1931, escripta pela propria letra do Snr. Craig Falconer. A Sra. Hipsley affirmou então que Ingrid morreu ha cinco annos, a 28 de Janeiro. Todos estavam surpresos.

A Sra. Hipsley, que mora em Grantham, pertence á seita dos Omakers, e ella não lê literatura espirita. Ella estava em curta visita a Harrogate. Assim torna-se evidente que, si não tivessemos contacto com essa senhora de um modo tão inesperado, a feliz saudação de Ingrid, do céu, muito provavelmente não teria chegado á sua mãe. A Sra. Hipsley é uma psychica natural e tem visto a forma do espirito de sua filha e a de seu proprio pae.

Todo esse incidente rende-nos particularmente agradecidos em ter emprehendido a jornada a Harrogate para servirmos aos designios dos mysteriosos caminhos de Deus».

—

Retrato Psychico do sogro do Rev. Tweedale

As duas photographias reproduzidas nesta pagina foram gentilmente postas á nossa disposição pelo Rev. Charles L. Tweedale, Vigario de Weston, em Yorhshire, o autor de «Sobrevivencia do Homem após a Morte»

A photographia foi obtida sob severas condições de fiscalisação. O Sr. e Sra. Tweedale fizeram uma visita de surpresa ao Snr. W. Hope em Crewe, o celebre medium. Dentro de meia hora da entrada do casal em casa do Snr. Hope, este «extra» foi obtido em sessão com o mesmo.

E' o rosto do progenitor da Sra. Tweedale, que finou-se ha cinco annos e meio antes. O Snr. Hope nunca o tinha visto, nem tão pouco o seu retrato. Não existe photographia semelhante em pose e detalhes á photographia espirita. O fallecido só deixou crescer a barba nos ultimos dezoito mezes de sua vida terrestre. Foi quando elle foi photographado com o seu chapéo duro, como se vê no outro photo.

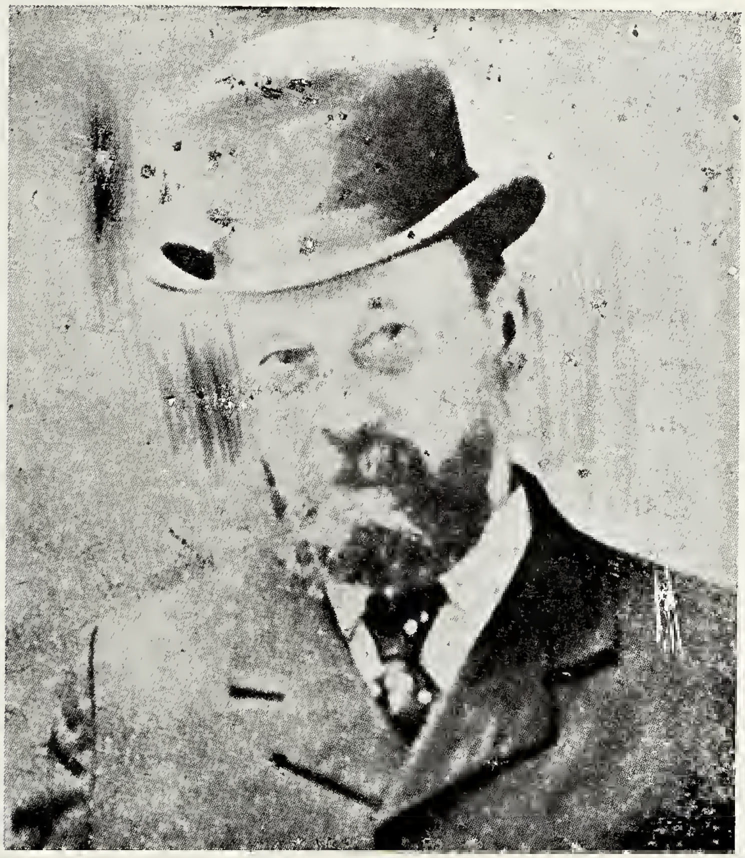

Photo do sogro do Rev. Ch. Tweedale, em vida

O «extra» não mostra traço de chapéu. A semelhança dos traços physionomicos é a mais surprehendente.

Acrescentamos os seguintes detalhes addicionaes do livro «Sobrevivencia do Homem após a Morte» (pag. 366):

«Minha esposa estava convencida que era seu pai logo que a negativa foi posta contra a luz e, para mim, a semelhança era evidente. Tive o maior cuidado com a negativa immediatamente após a fixação e antes de consentir que a mesma passasse a outras mãos, notando especialmente que um lado do véo psychico ou arcada dirigia-se para baixo, passando pelo centro do rosto de minha esposa, coincidindo com a cartilagem do nariz.

Em momento nenhum, durante a experiencia, o Snr. Hope teve siquer uma occasião de imprimir uma falsa imagem na chapa, mesmo porque ha o facto da figura psychica apresentar o meu sogro usando barba, mas sem chapeu, particularidade que exclue a

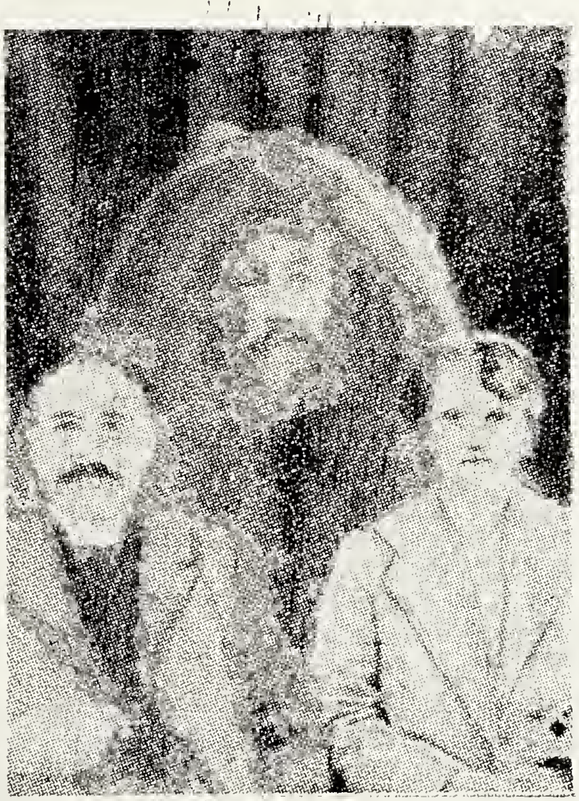

Photo espirita do sogro do Rev. Ch. Tweedale

mesma possibilidade de fraude, porque não ha photographia normal em que elle se apresente usando barba e sem chapeu, como o mostra a photographia psychica...

Enviei copias a muitos que perderam entes amados, procurando a evidencia da sobrevivencia, aos espiritas de Crende, e tive o prazer de vel-os vir ao meu vicariato exibindo provas da sobrevivencia de seus amados desapparecidos e cheios de inenarravel alegria.

Quando as Igrejas se convencerão do valor e admiravel natureza desta e semelhante evidencia?

Vida e Obra de Diogenes de Medeiros

(Conferencia realisada no 60.o dia da sua desincarnação, 7 março 1931, na União Suburbana, pelo Dr. João Passos, Medico

(Continuação)

NOS ultimos trinta e cinco annos, Diogenes foi o apostolo maravilhoso cuja personalidade sublime destaco neste momento como um monumento de amor, de fé, de puresa evangelica.

Viveu pobre e desincarnou como viveu, este espirito millionario do amor divino. Longe do mundo, mas proximo do céu, nada anhelou das cousas ephemeras da vida terrena, transfigurado para o bem, para a caridade, para o amor divino. Nos ultimos tempos, poupado amorosamente pelos filhos amantissimos do contacto com as grosserias do mundo, nem siquer sabia já o custo das pequenas utilidades da vida. No emtanto, respondia, em média, a oitenta consultas por dia, em cartas que inundavam a sua mesa, e attendia durante seis e oito horas os clientes que se agglomeravam desde cedo em sua residencia, portadores de todas as dôres, tanto physicas como sobretudo moraes.

Diogenes foi o braço divino que segurou innumeras vezes as mãos dos desesperados, dos vencidos pela descrença, dos que premeditavam os crimes maximos—os homicidios, os suicidios . . .

Nesta epoca, meus irmãos, neste ambiente social maculado pela hypocrisia dos falsos prophetas, que procuram retardar a marcha da verdade, fazendo do espiritismo commercio, industria, esporte, delettantismo, tudo, menos espiritismo, Diogenes foi uma excepção, um puro, um espirita na expressão evangelica do amor, uma flor de luz irradiando como uma victoria regia sobre os pantanaes da terra !

Quando sua familia o admoestava amorosamente, pelo descaso de si mesmo, retardando, com oitenta annos quasi, sua primeira refeição para duas e tres horas da tarde, afim de attender a todos os clientes que o procuravam, elle respondia, invariavelmente : «*A hora dos que soffrem não póde ser incluida nos relogios communs ; quanto ao alimento, que melhor poderia ter do que consolando os afflictos ?*»

Foi assim que elle, já velho, nos primeiros dez annos de seu apostolado, ao envez de descançar aos domingos, esmolava para crear a Assistencia aos Necessitados de S. Christovão, e ali instituir o pão dos pobres, que se distribue diariamente a cem familias necessitadas.

Na pratica diuturna do seu amor, de sua caridade, resultou estender tanto as suas relações que de todos os Estados do Brasil, como de muitos outros paizes da America do Sul e da Europa, recebia correspondencias e consultas espirituaes.

Um dia em que Diogenes recolhia tarde á sua casa, um visinho, um official do exercito, desconhecendo o seu vulto, desfechou-lhe um tiro de chumbo grosso, do qual o attingiram dois grossos bagos, indo um alojar se na perna e outro sobre o epigastro, sobre o estomago, tendo quasi perfurado o peritoneo.

Diogenes soffreu alguns dias, prostado no leito, as consequencias da estranha aggressão, mas não quiz nenhuma reparação, nem mesmo diante da auto-accusação do visinho, e costumava dizer que aquelles bagos de chumbo serviram-lhe para experimentar e resgatar as dores que praticara outrora, quando caçava nas florestas . . .

Eis aqui a grandiosa alma que neste momento nos assiste amorosamente, piedosamente, nesta homenagem evocativa dos corações que mais o amam na terra.

Vêde quanto differem nossas commemorações das cerimonias catholicas. Aqui, nós nos reunimos tendo a certeza de que estamos amparados pela alma sublime cuja vida recordamos para o ensinamento de todos, emquanto nossos corações vibram em unisono ao rythmo de uma grande saudade-amor, na esperança de um dia venturoso nos reunirmos todos no azul para a eterna symphonia da paz!

Ali, entre nossos irmãos, tudo é luto e desolação! O desespero apunhala as almas. Ninguem tem certeza de cousa nenhuma. O mercantilismo macula com o seu manto negrejante as mais profundas dores.

Aqui nós commemoramos o medium sublime, na expressão evangelica do amor.

Diogenes foi bem o herdeiro dos antigos prophetas de Israel.

Ser medium é ser uma harpa divina tangivel ás vibrações do amor para sublimes realisações na terra!

Ser medium é ser o herdeiro de Moysés; é ser o herdeiro de Isaias, de Jeremias, de Elias ou João Baptista; é ser o herdeiro do Mestre Divino, o *medium* dos *mediums*, o divino medium para quem o pensamento infinito do Pae era um oceano de luz onde mergulhava sua alma para os extases maravilhosos!

Mediums: Onde quer que vos encontreis na terra, lembrae-vos da vossa divina missão! Lembrae-vos sempre que o pensamento de infinito amor do Pae vos procura atravez seus mensageiros de luz, para a transformação do mundo em meio de suas dores inenarraveis!

Quando chegarem os tempos — são as palavras dos prophetas: «*derramarei o meu espirito sobre os vossos velhos e vossos mancebos, e elles prophetisarão...*»

Lembrae-vos que a mentira é a tréva, a dor, a maior treva; e a sinceridade, o amor á verdade tem o divino encanto de uma redempção!

Lembrae-vos que tudo podereis fazer para o bem dos afflictos!

Lembrae-vos que podereis mentir aos homens, ao mundo, aos mares, ás florestas, á tudo, mas, jamais podereis mentir aos céus!

A terra, este grão de areia minusculo, é apenas um palco onde se desenrolam os mil dramas da vida. Além de nós desdobra-se a vastidão do espaço ilimitado, onde nos contempla, nos segue, nos acompanha, nos aconselha, nos conduz, a platéa universal dos espiritos.

Lembrae-vos que vossos paes, vossos irmãos, vossos parentes, vossos corações amados vos seguem incessantemente com o seu coração oppresso da ancia de que vos livreis incolumes das provas terriveis desta existencia! Se mentis ao mundo, elles chorarão, sentir-se-hão apunhalados pela vossa hypocrisia, pela vossa má fé.

Quem quererá apunhalar os corações que nos esperam no além para a divina festa do amor? Quem quererá apunhalar a alma de sua mãe, de seu proprio pae?

E quem quererá apunhalar a alma do Pae de todos os paes—Deus?

Lembrae-vos incessantemente das dores horriveis do mundo: os crimes, os fratricidios, os homicidios, as luctas infrenes, a guerra hedionda pela cobiça, pelo orgulho, as ambições desmedidas; os que choram de afflicção; os que têm fome, os que têm frio; os que jazem encarcerados nas prisões, nos manicomios, nos hospitaes!... E, se este quadro de horrores não vos commover, então, lembrae-vos da vossa propria alma! Vêde como Diogenes esplendeu de amor pelos afflictos, pelos que choraram, pelos que sentiram a setta hervada de todas as angustias, de todas as vicissitudes da vida! Se elle tivesse mentido, se elle tivesse transformado no lôdo da ambição, do commercio, do orgulho, da vaidade, as ondas de luz que recebia do Além, hoje, ao envez de alma esplendorosa, elle erraria pelos espaços illimitados envolto nesse proprio lôdo, nessa propria treva que se havia creado repellindo o amor divino!...

Séde sinceros e sobretudo humildes.

Abominae o orgulho e a vaidade; fugi, sobretudo, dos calculos da ambição, dos interesses inconfessaveis.

Olhae sempre para Diogenes, que viveu pobre e pobre desincarnou para receber no Além a moeda imperecivel do amor nas graças dos corações que consolou com as luzes de sua alma, com a riquesa de sua mediumnidade, o manancial inexhaurivel de sua bondade inexcedivel.

E, vós, falsos prophetas, onde quer que vos encontreis: o céu vos contempla! O vosso juizo sobre vós mesmos será inexoravel! Minos está dentro de cada um de nós, como Deus dentro do amor e com elle se confunde!

Falsos prophetas! Meus irmãos: desmantelae, conspurcae, chacinae, trucidae, destrui tudo, mas não pretendaes nunca apunhalar o proprio amor divino com a vossa hypocrisia! Não procureis assassinar o proprio Pae! interceptando com o vosso coração de lama a projecção do sol dos sóes, do amor dos amores! Deicidas! Amoricidas! Meu Deus! Meu Deus! Tambem já estava escripto: *surgirão os falsos prophetas !*,..

Mas bastará que surja em cada recanto da terra uma alma de Diogenes para que a Verdade caminhe atravez de milhares de falsos prophetas!

Diogenes conjuga sempre o verbo amar ¡ e vos conjugareis sempre o verbo que vos impulsionou na vida —soffrer! soffrer! soffrer! como noctambulos dos seculos pelas trevas da dor que vos creastes numa harmonia prodigiosamente infernal!

Amemos, porém, os falsos prophetas, nossos irmãos desventurados! Suppliquemos por elle ao Pae! Unamos nossos corações; congreguemol-os fluidicamente numa só vibração de amor; impulsionemol-os com a aza do nosso pensamento e voemos pelas amplidões illimitadas.

Pae Santissimo: Ainda que todas as viboras da hypocrisia e da mentira mordam fibra por fibra o nosso coração; ainda que o punhal de todas as falsidades abra em nosso peito ferimentos mil; ainda que a lama de todas as abjecções envenene o ambiente social e moral da terra, asphyxiando a verdade; ainda assim, meu Pae, nós Te supplicamos por todos os irmãos que em nome do teu Amor apunhalam o teu proprio Amor, e Te pedimos, meu Pae, que nossos corações, nossas almas se esphacelem, se dissolvam nessa onda de lôdo como fermento de amor, que transformará em seiva luxuriante, em flôres, em frondes, em sementes divinas o proprio lôdo, a propria lama dos corações empedernidos. E para todos, meu Pae, supplicamos que se estenda a luz divina do teu amor como um manto de misericordia e de doçura!

Assim seja!

Já vi o sol, o divino sol, o divino amor em Diogenes, mas já experimentei tambem o travo de fel da hypocrisia humana!

Já vi lagrimas de amor, lagrimas de um coração de amor, tão lucidas e tão bellas, que se cahissem no céu se transformariam em sóes, e illuminariam mundos!

Contemplei a apotheose de tua agonia lenta e suavissima, meu Diogenes. Estavas enregelado. O suor dos moribundos perolava as tuas faces macillentas. Não havia uma só arteria no teu corpo que denunciasse o trabalho do teu coração: havia ausencia de pulso, fosse qual fosse a arteria pesquisada.

Eramos quatro medicos á tua cabeceira. O Luzo, teu assistente Dr. Muciano de Souza, Dr. Manoel de Castro, Dr. Francisco Bittencourt Sampaio Neto, e eu.

As medicações cardiocyneticas, assim chamadas na illusão da therapeutica, nada tinham produzido. Os teus tecidos já nem mesmo absorviam pelo simples motivo de não se fazer então no teu corpo nenhuma circulação efficiente.

No entanto, o teu coração pulsava, ostentava um rythmo egualitario entre a systole e a diastole, como se fôra um retorno á vida fetal: era o rythmo embryocardico ou fetal das vaidades medicas.

Tudo morria no teu corpo, excepto a tua vida psychica, que continuava invariavelmente a mesma, como se nada de anormal perturbasse a tua razão calma e lucidissima.

Foram 48 horas neste estado?

Foram 60 horas? Nem o sei.

Sei apenas que de quando em quando afloravas á materia, para dizeres algo aos teus, aos amigos, pedir alguma cousa, e ensinar sempre... A's 5 horas da manhã do teu dia de libertação ainda me fizeste o diagnostico e prognostico dos doentes que tinha em nossa casa. Lembro-me que, no fim, fizeste tambem o teu proprio prognostico, e me disseste: *o meu tic-tac não vae bem; está perdido; vou para o Além!* E, voltando-te para o canto, mergulhaste no somno, no entorpecimento.

Por duas vezes, naquella noite extrema, eu proprio te auxiliei a te levantares e a te mudares de leito...

Na minha contingencia de cégo, fil-o tremendo, porque esperava o collapso fulminante! Havia palpado todas as tuas arterias e em nenhuma tinha encontrado pulsação, e, pois, pressão sanguinea compativel com a vida, e muito menos com o levantar e caminhar!

Essa situação tornou-se invariavel, até que, ás 9 1/2 horas, reuniste os teus amados em torno do teu leito, supplicaste e... partistes para o Além!

Depois veio a tua revelação, annunciando-nos que, desde 48 horas antes, já pairavas no azul em sublimes colloquios com os corações muito amados do Além!

E' preciso assignalar este acontecimento maravilhoso. Diogenes não tinha pulso algum, em nenhuma de suas arterias, havia mais de 48 horas; mas conversava normalmente; levantava-se, mudava de posição, mudava de leito e tudo isso... sem circulação apreciavel!

O coração, auscultado, revelava-se com um rythmo apressadissimo, mas levissimo, com bulhas apagadissimas e systoles e diastoles em tempos iguaes.

Parece-nos que sem sangue circulante, sem liquido nos vasos, o vasio devia conduzir ao collapso immediato...

Mas, então, havia liquido, havia circulação em Diogenes?! Mas, que circulação era aquella, tão leve que era imperceptivel a quantos medicos examinaram o doente, e tão sufficiente que lhe permittia agir, fallar, raciocinar, ensinar, caminhar?

(Continúa)

A mediocridade e o idealismo

Os homens mediocres são incapazes de conceber o idealismo. A sua escalada é a dos obtusos; tecem a sua surda teia de aranha em torno dos genios, dos santos e dos heroes, obstruindo, nos povos a admiração e a gloria. Si um philosopho estuda a verdade, tem que lutar contra os dogmatistas mumificados; si um santo quer atingir a virtude, se depedaça contra os prejuizos moraes do homem acomadaticio; si o artista sonha novas formas, rithmos ou harmonias, as regulamentações officiaes da beleza embargam-lhe o passo; si o enamorado quer amar obedecendo ao seu coração, esborôa-se contra as hypocrisias do convencionalismo; si um juvenil impulso de energia leva a inventar, a crear, a regenerar, a velhice conservadora impede-lhe o passo; si alguem, com gesto decisivo, ensina a dignidade, a turba dos servis ladra; os invejosos carcomem a reputação, com sanha perversa, dos que tomam os caminhos dos cimos; si o destino chama um genio, um santo, ou um heroe, para reconstruir uma raça ou um povo, as mediocracias, tacitamente arregimentadas, resistem. Todo o idealismo encontra, nesses climas, o seu Tribunal do Santo Oficio.

JOSE' INGINIEROS.

PSICOLOGIA ANIMAL

A alma é a base de todas as ciencias, a prova de todas as verdades, o arrimo de todos os postulados, a luz de toda a religião.

A alma tem começo, mas não tem fim; ela nasceu nas brumas dos tempos, vem atravessando estagios de vidas sempre crescentes, passando por transformações sucessivas, melhorando, aprendendo, se aperfeiçoando, lutando, vencendo, conquistando saber, purificando-se das bôrras do passado, limpando-se da lama das travessias pelo reino inferior da creação, até que adquire, como o diamante saído do carvão, o brilho de novas atitudes tendentes á perfeição, á santificação, á divinisação.

O plano da creação é da unidade com perfectibilidade e a diversidade é o meio de aquisição dos altos pincaros.

O espirito existe no animal, porque se não existisse, não existiria tambem no homem; e o espirito não permanece indefinidamente na mesma escala, porque seria negar a lei do progresso, a bondade, a justiça e a misericordia de Deus.

Tudo isso quer dizer que os animaes não existem na terra para serem supliciados pelos homens. Eles têm direito, como nós temos, á vida, e esta arena não é para eles senão como é para nós um campo de perfeição.

Assim tem compreendido muita gente bôa, e assim precisam compreender aqueles que querem ser bons.

Na Europa se move uma grande campanha contra a viviseção, e agora contra a caça aos cães decretada pelo ministro das Finanças, da França.

A Sociedade Protetora dos Animaes, de Paris, por sua presidente Mme. Camille de Gast, solicitou do sr. ministro uma providencia afim de cessar a perseguição aos pobres animaes, e essa ilustre dama tem obtido a adesão de todos os homens e mulheres ilustres da França, inclusive da imprensa liberal.

UM MACACO NA MANICURE

Mona é um macaco pertencente a uma «ménagerie» de Philadelphia. Ele é tão inteligente que trata-se como um cidadão comum. Vêde com estende os seus dedos á manicure! (Cliché do «Dimanche Illustré»)

Para demonstrar á ilustre zoofila a nossa solidariedade, nessa obra em que realça o espirito de bondade, de justiça e de misericordia, vamos, por nossa vez, pedir aos srs. Prefeitos de todas as cidades brasileiras, e com especialidade do Estado de S. Paulo, que é justamente aquele em que domina mais o máo trato aos animaes, revogar a «lei barbara» da matança aos cães com strichinina, substituindo-a por uma outra na qual não impere a canzoada pelas ruas e praças, mas que não se veja os espectaculos deshumanos que se tem observado de envenenamento em plena rua, dos cães.

A nova lei poderia ser, *mutatis mutandis*, assim formulada :

Art. 1.o Todos os possuidores de cães são obrigados a registrar na Prefeitura seus animaes, evitando a permanencia destes nas ruas.

Art. 2.o Fica creado um imposto de 20$000 anual que os proprietarios pagarão á Prefeitura.

Parag. 1.o Somente é permitido o transito de cães nas ruas, quando acompanhados de seus donos.

Parag. 2.o Os cães encontrados vagando pelas ruas, pagarão seus proprietarios a multa de 5$, sendo apreendidos, e só mediante ao pagamento da multa poderão ser retirados. Não sendo procurados no prazo de oito dias, lhes serão dados destinos convenientes.

Art. 3.o Todos os cães registrados serão vacinados, correndo as despezas das vacinas por conta da Prefeitura.

Art. 4.o Esta lei abrange todos os distritos municipaes.

Art. 5.o Revogam-se as disposições em contrario.

O nosso mundo está passando por uma remodelação solene ; urge que acompanhemos o futuro da nova humanidade que vem surgindo. Nós somos os precursores, os arautos das novas verdades que imperarão irrevogavelmente neste planeta d'aqui a poucos anos.

Não nos deixemos vencer por um passado de imperialismo aviltante, de estupido preconceito, de ignorancia nefasta.

Compreendamos a vida com todas as suas peripecias, e nos tornemos desde já cientes de que o Espirito é que tudo move e vivifica. Nas lutas, nos dissabores, nos sacrificios, lembremo-nos dessa *particula animica*, que constitúe o nosso *proprio eu*, e que já atravessou os reinos inferiores da creação, como outros o terão que fazer para chegarem á humanidade : tudo evolue, evolve do minimo para o maximo, das trevas para a Luz, do não ser para o Ser, da materia para o Espirito, da monada para Deus.

CAIRBAR.

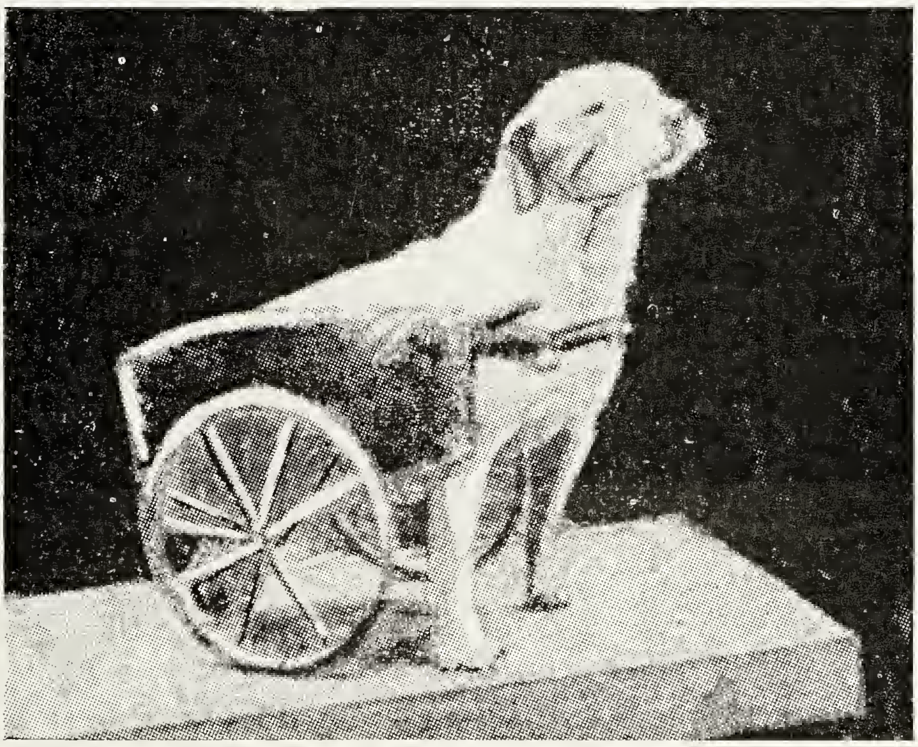

O CÃO PARALITICO E SEU PEQUENO CARRO

O sr. Gaston Mavel, de Paris possue este pequeno cão, que ficou ultimamente paralitico. Para lhe permitir andar, o seu mestre mandou construir um carrinho com o qual o cão está perfeitamente habituado. (Cliché do Dimanche Illustré»)

* * *

Henri Ford e o Espiritismo

O misterio! Sempre, diante do olhar pesquisador do homem, o misterio insondavel!

Abismos que se sucedem a abismos! Interminas sombras substituindo-se ás sombras que se desfazem!

Terrivel, esmagador o circulo vicioso em que se constringe o pensamento!

Diante do troglodita o eterno incognocivel! Diante do maior genio contemporaneo, o eterno incognocivel!

Profundo misterio!

Isis reveladora—a Ciencia! Isis distribuidora da esperança — a Fé.

Oh! tu que sabes, glorifica o Senhor!

Canta hosanas ao Senhor, tú que tens na alma a centelha da fé!

Peregrino das terras do Infinito! Exhausto caminheiro da Eternidade! Jamais ser-te-ha dado desvanecer-se diante de teus olhos a ultima sombra do misterio! O véu de Isis, por mais que se adelgou no infinito do Tempo, jamais poderá desvelar completamente o Incognocivel!

Por isso demorará sempre no coração humano uma deliciosa e fecundadora chama de esperança; por isso o viandante, por muito estenuado que se encontre, ha de ser eternamente dominado por outras mais bellas perspectivas do futuro, que o induzam a proseguir a intermina jornada!

Isis reveladora! Os teus simbolos antigos se desmoronam a nossos pés: a esfinge dominadora do deserto não mais nos apavora!

O pensamento humano, neste seculo de prodigios, derrocou uma a uma todas as bastilhas que lhe tolhiam o surto. Psiqué, agrilhoada pelos preconceitos, quebrou todas as cadeias que a manietavam no passado. A alma humana respira, a grandes haustos, o ar tonificante da civilisação hodierna.

Já não se pode dizer dos que procuram no immenso campo das idéas o cibo precioso de que se alimentam as almas sonhadoras, ahi renovando suas provisões de esperança: — «Assunto para desocupados...» como se dizia outróra desdenhosamente.

Agora o «assunto para desocupados é patrimonio dos Gustave le Bon, dos Charles Richet, dos Henri Ford...

Henri Ford, o arquimilionario de Detroit, o homem que está desbravando o Amazonas, o autor de «*My life an work?*

Sim, esse mesmo.

Ouçamo-lo:

«*Evolução eterna.* A unica lei perpetua é a da evolução. O processo evolutivo torna se cada vez mais veloz, fino, no entanto, com linhas geraes que permanecem as mesmas, de milhares de annos. O que é fundamental hoje, era fundamental desde que se tem memoria dos homens de cinco a seis mil annos na gota minuscula da caudal dos tempos. Daqui a trinta anos, tudo que é considerado problema hoje, será ainda considerado problema, porque os homens quererão mais velocidade, mais conforto, maior aperfeiçoamento. E a humanidade não parará nas suas aspirações. O mundo não ficou menor porque os aviadores Port e Gatty circumnavegaram-no em menos de nove dias. Mesmo que o homem chegue a fazelo em uma hora ainda restarão sessenta minutos para serem vencidos e isso demandará o esforço das inteligencias e a colaboração dos seculos, conservando intatos os mesmos ideais que hoje nos affligem.

Transmigração das almas. A continuidade do progresso resulta da transmigração das almas. O senhor diz que não acredita na existencia da parte imortal da nossa personalidade, nem em Deus. Estou certo de que a idade o reconduzirá novamente ao espiritualismo. No ateismo o senhor quiz encontrar por si mesmo as verdades que deveriam ser aceitas pela experiencia de outros. Assim como o senhor aceita as leis mecanicas, biologicas e quimicas, sem have-las investigado pessoalmente, mas por fé na palavra dos sabios, tambem deveria aceitar as verdades religiosas sobre a existencia de Deus e a transformação das almas, sem procurar a sua propria razão. Creio firmemente na sobre-existencia da alma, que é o caracter, a qual passará a outros individuos (1) realisando através de gerações a obra incessante do progresso humano. Nada se perde na natureza. Como acreditar que se perca justamente a parte mais nobre do homem : sua inteligencia, seu caracter ? O senhor alude á hereditariedade da transmissão do caracter através do sangue ; mas ha alguma coisa que o sangue não transmite, segundo se pode verificar pelo estudo das proprias leis da hereditariedade. Deus está na consciencia do Universo. Muitos não o vêm porque fecham voluntariamente os olhos, mas isso não afeta ao fato da sua existencia».

Eis a pedra angular da doutrina espirita — a lei das reencarnações — sustentada e defendida por um dos homens que mais cuidam de economismo e de finanças, por esse magico transformador da materia bruta em utilidades de toda natureza, que tem a serviço de suas industrias, em todo o mundo, duzentos mil homens e que vai proporcionar escolas a um milhão de crianças !

Entretanto o espiritismo, ainda ha quem affirme, é assunto para desocupados !

Desocupado, Henri Ford ! !
Desocupado, Charles Richet ! !
Estamos em boa companhia !

⁂

Doutrina regeneradora e purificadora ! Eu te devo o melhor da minha vida : esta luminosa esperança, esta doce esperança que orienta e conduz tantas almas emancipadas de preconceitos mas agrilhoadas á carne enganadora !

S. Francisco, Santa Catharina, Agosto de 1931.

Arnaldo S. Thiago.

---

(1) A outros corpos, deve-se entender, pois a personalidade inteligente é indestructivel, ela permanece através a eternidade.

Evolução e Convenção

A vida terrestre não é uma convenção sacripanta, sem principios que a justifiquem e sem fins que nos dignifiquem. A vida terrestre não é, portanto, propriamente o que se chama Vida, mas sim um caminho, um meio, para colimar ao portico da Vida ; é uma luta para a perfeição, é um trabalho continuo para o desenvolvimento das nossas forças latentes : para a aquisição de conhecimentos, para o desenvolvimento da razão, para o crecimento da individualidade pelo cultivo das virtudes ativas.

A convenção pede estabilidade, paralisação ; a evolução exige movimento, transformação crecente para a Luz, com renuncia da personalidade.

Aquele que encara a Vida, tal como ela é renuncia a personalidade para enriquecer a individualidade.

A convenção perpetúa a especie aniquilando o individuo e reduzindo a um automato avelhentado e inutil. A evolução faz da personalidade um genio e o conduz ao apogeu da Imortalidade.

A vida terrestre é uma região enriquecida de minerios de valor, onde adquirimos tesouros para a Vida verdadeira : «Deus existe e a Alma é Imortal», explica os processos da evolução. — L I S.

Intelligencia e Instincto dos Animaes

Os phenomenos de psychologia, como os de physiologia, são mais ou menos os mesmos em todos os animaes Os seres superiores da creação são portadores dos mesmos orgãos e das mesmas funcções. Este simples facto serviria para demonstrar, por si só, a intelligencia e a alma nos animaes. A razão nos leva a esta conclusão. Porque motivo seres que têm os mesmos orgãos e as mesmas funcções serão divididos, dando-se intelligencia e alma a uma serie delles e negando-se estes mesmos attributos ás outras series. Porque só o homem ha de ter intelligencia e os outros animaes que caminham para elle, alguns já tão proximos, não a terão? Porque motivo, por qual logica, só o chamado rei dos animaes — ainda tão animalisado — ha de ser portador de alma, isto é, ha de ser alma vivente em corpo physico, ou fóra delle, e os outros apenas acervo de materia inanimada? Esta hypothese é absurda, é irracional. Todos os seres da criação têm intelligencia e têm alma, em maior ou menor intensidade, conforme a especie e a raça, variando o grão de intelligencia e de evolução animica nos individuos da mesma raça ou familia.

O que se dá no reino hominal tem que se dar tambem nos reinos inferiores.

Ha varias raças humanas e cada uma dellas com os seus caracteristicos differenciaes no physico, no moral e no mental.

Ha varias raças de macacos, de cavallos, de cachorros, etc., e todas ellas tambem com os seus caracteristicos differenciaes, no physico, no moral e no mental. Honestamente, nenhum scientista poderia contestar esta affirmativa. Aliás, não é necessario ser scientista para proceder a esta verificação; qualquer pessôa em goso dos seus sentidos poderá proceder a analyse e chegar a mesma verificação.

E na mesma familia de qualquer animal inferior vemos o que vemos nas familias dos humanos: uns differentes dos outros, no physico como no moral e no mental. Os filhos dos mesmos paes são sempre differentes, qualquer que seja a especie, a raça ou a familia a que pertençam; uns são mais bonitos do que outros, ou mais fortes, ou mais doceis, ou mais intelligentes; uns têm o sentido da vista mais desenvolvido que a dos outros, ou o alphato, ou o ouvido, ou o gosto, ou a sensibilidade tactil; uns são mais activos, outros são lerdos; uns são famintos, vorazes, outros são sobrios em todas as suas necessidades.

E como se dá entre os *dois bilhões* de seres que representam a raça humana e que *nenhum se confunde com outro* porque são todos differentes entre si no physico como nas qualidades moraes e mentaes — mil caracteristicos differenciaes — assim tambem se dá entre os representantes de todos os outros seres. Nos seres humanos, o simples *tom da voz*, por exemplo, é um signal distinctivo entre elles e que serve para o reconhecimento de todos. Todas as pessôas que conhecemos — e são milhares — reconhecemos immediatamente, com os olhos fechados, ante o balbuciar de uma phrase, senão de uma unica palavra. Pelo *tom da voz* tambem os outros animaes se reconhecem entre si, porque cada um tem tom differente dos demais. A vacca reconhece o mugido do seu bezerro e vice versa; a gata reconhece o miado do seu gatinho, a cachorra, o latido do seu cachorrinho, e assim por diante. Por este e outros signaes, especialmente pelo olphato, um animal qualquer, uma vacca, por exemplo, entrará em um curral onde existam centenas de bezerros, procurará e descobrirá. infallivelmente, sem hypothese alguma de erro, o bezerro que é o seu filho; o mesmo fará a cachorra, a gata ou qualquer outro animal. E' mais facil uma mulher enganar se no reconhecimento de um filho pequeno que qualquer um destes animaes. Mas, dizem aquelles que não querem conceber alma aos animaes — orgulhosos todos e egoistas — que estes animaes agem unicamente por instincto. Em tal reconhecimento, no caso que figuramos, ha incontestavelmente, discernimento e este nada mais é que a applicação da intelligencia e da razão. O que estes senhores todos chamam de instincto nada mais é que intelligencia. Instincto—acto machinal, independente de reflexão — como o definem, não seriam taes actos, mas outros muito differentes e que os não vemos nos animaes. Se uma gata acceitasse o primeiro gatinho estranho que lhe apresentassem como sendo o seu filho tirado do seu ninho e lhe fizesse caricias e lhe desse de mamar; se uma vacca, ao entrar no curral, attendesse, passivamente, ao primeiro bezerro que della se approximasse e o acceitasse como filho e o alimentasse; se uma cachorra, uma cabra, ou um outro animal qualquer, fizesse o mesmo. então acceitariamos taes phenomenos como sendo independentes da vontade, da intelligencia, da reflexão, como sendo passivos, machinaes, mas tal não se dá. Estes phenomenos são identicos aos phenomenos que se dão na especie humana e que são catalogados como *actos da razão e da intelligencia*.

Antes, o discernimento no reconhecimento dos seus proprios filhos é feito com mais rigor nos seres infra-humanos que entre os bipedes humanos. Taes seres, se têm a intelligencia menos desenvolvida, como, de facto, têm, por outro lado, têm mais desenvolvidos os outros sentidos, como, por exemplo, a vista, o ouvido e o olphato. Assim, de uma feita, puzemos sob as azas de uma gallinha cheia de pintinhos, de poucos dias, e que os protegia contra a chuva, sem que ella o visse, um outro pinto mais ou menos da mesma idade, que fomos buscar no visinho. A gallinha ficou desinquieta e o pinto tambem, este piando entre os outros, desconhecendo, certamente, o ambiente que era novo, e a gallinha, não se contendo, sáe do lugar em que estava, para observar o que se passara de anormal sob as suas azas, e, reconhecendo entre os seus pintinhos um extranho, dá um grito de alarme e atira-se sobre elle de bicadas e pancadas com as azas que, se não fôra a nossa prompta intervenção, o pobresito teria ficado esmigalhado! E chamam a um acto deste de *instincto?* Se é instincto, é por *instincto* tambem que os homens expulsam do seu lar os ladrões ou os que o desrespeitam. Mas, o que significaria os gritos daquella gallinha? Elles deviam traduzir os seus pensamentos... Os homens tambem dão alarme gritando.,. E não teriam elles esta significação:

«Intruso!» Audacioso! » Ponha-se daqui para fóra!» ? Se pudessemos traduzir o vocabulario dos animaes chamados inferiores, como nos sentiriamos grandes, ante novas maravilhas que, então, se descortinariam ante os nossos olhos! Como o mundo nos iria parecer grande, desdobrando se formidavelmente ante os nossos sentidos! Iriamos ter, talvez, uma pallida idéa do infinito, ante o desdobrarse de tantos infinitos! Mas, se tal acontecesse, ante o desdobramento de tantas grandezas novas para nós, ao lado do sentimento de grandeza, das sensações de admiração e de alegria que nos invaderiam todo o ser, iriamos ter tambem sensações oppostas, pois iriamos perceber as oriundas da nossa pequenez. Ante tanta cousa grande nós nos nullificariamos! E ante a decifração da linguagem dos animaes e das suas recriminações pelos maltratos que lhes infligimos tão estupidamente, a nossa consciencia não teria mais paz, se a nossa attitude para com elles não se modificasse. Elles são seres do Creador. São nossos inferiores, mas são nossos irmãos. Como os nossos iguaes, tambem têm direito á nossa compaixão e ao nosso amor.

Sousa Ribeiro.

Sendo a ciencia um conjunto de conhecimentos resultantes dos fátos, parece grande estulticia querer negar de pés juntos os fenomenos inteletuaes que se verificam nos animaes. Ou a ciencia-oficial aceita os fátos como são, ou abandona o campo cientifico e restringe a sua doutrina ao circulo estreito de um negativismo pirronico e dogmatico. O animal age por indução e dedução, logo raciocina e tem intelligencia.

X.

Chronica Extrangeira

A VOLTA DE MEU IRMÃO

De «The Greater Word»

Tradução de Watson Campello

Pelo Sr. H. S. Terry

Ha pouco tempo tive um sonho muito nitido em que vi meu unico irmão do qual não tinha noticias ha 20 annos. Elle mudou-se de Birmingham, por conveniencias de negocios, ha muitos annos passados. Elle era ardente adepto de uma certa denominação Evangelica, como toda a nossa familia, inclusive eu proprio.

Seguindo o exemplo de muitas pessôas, eu decidi fazer investigações sobre o espiritualismo, esperando mostrar aos espiritualistas o erro em que laboravam. Todavia, immediatamente eu mesmo comecei a desenvolver mediumnidade e apresentou-se o momento em que abandonei a minha igreja e me tornei obreiro no campo espiritualista.

Em meu sonho meu irmão veio ao meu encontro com amistoso sorrizo e a seguir, com um forte aperto de mão. E disse: «Eu devo ir». Voltando-se para meu pai, que eu não via, dirigio-lhe estas palavras: «Ha tanto tempo, paesinho!»

A mensagem verificada

Relatei meu sonho á minha esposa e filha na manhã seguinte. Apóz uma semana, quando nos reuniamos para experiencias em nossa propria casa — sessões de communicações com emprego de mesinhas — apresentou-se um espirito pretendendo ser meu irmão. Fiz-lhe muitas perguntas relativas á sua e nossa familia e achei as respostas correctas, refiro-me ao que era de meu conhecimento. Affirmava elle que sómente ha tres dias tinha ingressado no mundo dos espiritos e que elle nos tinha trazido o nosso pai e mãe. Promettendo tornar a voltar.

Agora devo mencionar que minha mãe tem dado mensagens por intermedio de minha mão ha bastante tempo. Achava-me eu no escriptorio, á hora do lunch, no dia immediato ao da primeira visita de meu irmão ao nosso circulo, quando senti a presença de minha mãe e seu desejo de escrever. Tomei um lapis e papel e recebi a seguinte mensagem: «Teu pai e eu trouxemos teu irmão Tom para ver-te. Elle passou para o nosso lado sómente ha poucos dias e está satisfeitissimo com a *vida* aqui, porém sinceramente arrependido de ter zombado de tua convicção da *volta* dos espiritos. O sonho que tiveste recentemente, referente a teu irmão, foi um sonho visão. Elle perambulava em espirito muito antes de sahir de seu corpo physico e foi attrahido para ti em teu sonho quando o teu perispirito agia em condições de espirito. *Tom* sabia que estava prestes a passar ao além».

A mensagem confirmada

De tudo isso eu estava informado, mas não tinha outra evidencia da passagem de meu irmão.

Uma semana depois minha esposa estava lendo as noticias sociaes em «Birmingham Mail». Subitamente ella voltou se para mim e exclamou: Veja, aqui está a noticia da morte de seu irmão em Leamington!» Juntamente incluo um recorte do jornal.

A noticia é a seguinte.

«Terry. — O filho do fallecido Thomas William Terry deseja agradecer a Henry Griffths e Filhos, Leamington; Tia Gutie, Tio Jack e outros pela sua bondade, sympathia e offerta de flores ao fallecido.»

Depois disto meu irmão continua a visitar-nos constantemente.

UM ESPIRITO QUE CUMPRE SUA PROMESSA

Pela Sra. Field

Trad. de «The Greater World»
por W. Campello

Ha quatro annos eu e meu marido fizemos (uma viagem) um cruzeiro religioso ao mediterraneo. Acabavamos de perder os dois cães Pekinese aos quaes eramos muito affeiçoados. O snr. Field tinha particular estima a «Chum» e elle disse quanto ia sentir a falta de afagos ao regressarmos. Elle disse-me: «Dizem que os cães não têm vida futura; não haverá céu para mim si os meus pequenos amiguinhos não estiverem lá tambem. Si eu morrer antes de ti e encontrar um meio de voltar, hei-de trazer o meu «Chum» commigo, como prova».

Como eram propheticas essas palavras, pois uma semana depois de nosso regresso, meu marido falleceu inesperadamente num accidente! Alguns mezes passados um medium disse-me que seus guias desejavam que o apparelho declarasse que quando meu marido voltar a mim elle me dará uma prova tão especial de modo a convencer-me sem nenhuma duvida, da volta do seu espirito.

Desde então assisti a numerosas reuniões de Espiritualismo, porém elle nunca me foi descripto por medium algum. De tempos a tempos visitava a sua sepultura, dizendo a mim mesma: «Si ao menos me fosse dado saber que elle é feliz».

Evidencia por intermedio de uma criança

No sabbado passado, 6 de Junho, fui ao cemiterio como usualmente. Uma sensação extranha appossou-se de mim naquelle dia, tão fóra do commum que pensei dever relatal-a a alguem.

Com esse fim fui, á noite, á casa da sra. Aeschimann para contar-lhe o que me succedera. A sua filhinha Dorothea, por acaso se achava na sala, fazendo seu serviço domestico. Acabava eu de dizer que tinha ido ao cemiterio, quando a criança voltou se para mim e disse que ella podia ver uma luz brilhante sobre a minha cabeça e no meio ella via o rosto de meu marido, que descreveu com precisão. Elle sorria. A criança affirmou ver tambem escriptas as palavras: «Eu sou tão feliz!»

Eu estava contentissima, porém mais alguma coisa estava para vir, pois Dorothea subitamente exclamou, excitada: «Oh, acabo de ver um cachorrinho igual á sua Dinkie (minha Pekinese actual) a correr adiante de mim!» Essas palavras recordaram em mim, subitamente, a promessa de meu marido, que elle voltaria com o seu «Chum».

Nem a creança nem sua mãe tinham qualquer conhecimento desta particularidade, assim a volta de meu marido foi de uma evidencia admiravel.

Dorothea disse depois que ella sentio sobre o seu braço uma pressão quente de u'a mão.

O sr. Field gostava muito de crianças e, em circumstancias analogas, é isso o que elle faria.

Não ha duvida de que elle assim o fez para exprimir a sua gratidão á criança.

PENA CAPITAL E O ESPIRITISMO

Mensagem de Josefina Butler dada em Liverpool a 25. 2. 1931.

A seguinte mensagem foi obtida por um mediu da celebre philantropica e reformadora de presidios, Josephina Butler, e é particularmente interessante em vista do recente movimento a favor da abolição da pena de morte.

Deus vos abençôe, meus amigos. Estou satisfeita em estar presente. Falei já antes por labios mortaes, mas não por este instrumento.

Gosto, quando possivel, falar atravez de alguem cuja mente está fixada em coisas elevadas. Não é sempre que conseguimos opportunidade. Quando a conseguimos, agarramol-a. Agora estou em espirito ha muitos annos. Quando em nosso plano terrestre, impuz-me o dever de visitar almas postas atraz de grades de prisões. Quando passei para cá e aprendi, convenci-me que a vida continua em planos mais elevados; quando o meu espirito achou a luz e conhecimento das condições da vida de nosso espirito além do véo, tive o privilegio de poder continuar o trabalho de preoccupar-me daquelles que nos chegam das prisões. Elles ainda trazem as grilhetas, quando vêm para este lado e pensam que ainda estão lá.

Continuo o trabalho com os prisioneiros. Que Deus ajude aquellas almas que nos vêm das cordas do carrasco. Si conhecesseis o estado de uma alma que nos vem da corda do executor, nunca enforcarieis outro! Nunca! NUNCA! Elles nos chegam com terror! Os vossos jornaes dizem: «O prisioneiro morreu sem um tremor.» Ah! Elles não vêm o espirito. Só vêm o corpo. Si a pena de morte fosse abolida, farieis muito mais beneficio no vosso plano do que podeis imaginar. Oh! que terror e piedade que isso provoca!!

O terror das almas que nos chegam excedem toda a descripção. Tentamos levar-lhes a luz: Que Deus conhece tudo e o Seu amor não lançará ninguem fóra. O terror dessas almas, bem como a corda, está collocada á volta de seu pescoço! *O seu terror nos vem em espirito.* Temos tido o privilegio de levar alguns á luz, porém não muitos... não muitos. Outros não querem receber nos. Elles voltam e induzem outros a cometter actos semelhantes *aos que elles* fizeram.

Hostes Espirituaes de Mantos Brancos

Foi me permittido vir esta noite para que eu vos informasse o que estamos fazendo. Oh, si os mortaes pudessem reconhecer o que estão fazendo! Se elles soubessem não arremessariam almas pelas portas da morte, como fazem. Elles podem ser perversos, mas mesmo assim, existe nelles uma pinta de rehabilitação que é a de Deus. Ha um ponto e si quereis attingil-o e avivar a faisca em labareda no interior da alma, poderieis elevar essa alma a um plano de luz e amor.

Não sabeis. Só vêdes o quadro mortal. Oh, o terror! o terror da alma que chega a nós. Podeis imaginar a corda a volta do vosso pescoço? Que uma alma seja arremessada na eternidade não é razão para que outra seja mandada em seu seguimento. Não quero contristar-vos mais. Ha muito tempo eu podia ter passado a outra esphera mais alta, porem prefiro trabalhar entre aquelles de quem vos tenho falado. «Sois Josephina Butler?» Sou, porem não julgueis que alguem aqui podia saber quem eu sou. Quando cantastes o hymno, hostes espirituaes vestidas de branco invadiram esta sala. Os que se acham na escuridão vêm os que brilham e admiram a brancura. E elles pensam si tambem elles poderão um dia attingir á mesma brancura — Deus vos abençôe.

LUZ SOBRENATURAL SOBRE LONDRES

Do «Morning Post»

Trad. de W. Campello

Uma mysteriosa luz vermelha de grande intensidade foi vista no céu sobre Londres por milhares de pessôas a 8 de Junho, pelas 10 h. 21 m.

Os leitores de «The Daily Mail» descreveram-na de diversos modos como: «Uma viva cruz vermelha»; «Um rasto de luz»; «Um esboralhador gigante vermelho-incandescente» e «Um vasto foguete». Todos, entretanto, estavam de accordo com o facto importante, que a luz, que clareava ao mesmo tempo o céu e a terra, não se movia.

O snr. J. S. Clarkson, de Clapham, disse. «A luz permaneceu durante 4 ou 5 segundos e então pareceu tremer e apagou-se. Abaixo della havia uma aurora. Estou certo que não era luz terrestre».

O snr. Cooke, de Streatham, S. W., affirmou: «A luz appareceu num relampago e desappareceu com a mesma rapidez».

O snr. Picton-Teubernille, de Hounslow, disse: Julgando pela minha experiencia de aviador, posso dizer que a luz achava-se a 15.000 pés de altura. Todo o céu em volta da mesma éra de um vermelho brilhante, como provocada por fogueiras. Pensei que poderia ser a cauda de cometa». «The Daily Mail».

A theoria de um Scientista

Sir Ambrose Fleming, o scientista, falando sobre a "A Luz", no Instituto Victoria, a 15 de Junho, suggerio que essa luz podia ser sobrenatural, provindo de um mundo que a sciencia não conhece ainda.

"Ha muitas referencias na Escriptura de luz que certamente não procedia de combustão, incandescencia ou phosphorecencia de materia commum, porém que poderia, sob certas condições, affectar muitos olhos humanos ao mesmo tempo e, por isso, não era somente um phenomeno subjectivo. Tambem não podemos concebel-os como acontecimentos ficticios e não occorrentes.

Columna de Fogo

Um delles foi a "Columna de Fogo" sobre o tabernaculo que guiou e guardou as hostes de Israel durante a sua peregrinação ao deserto. Tambem ao ser dada a Lei no Sinai a montanha "queimou com fogo" e foi vista pelos filhos de Israel.

"E outra vez o anjo da Resurreição, cujo rosto "semelhante á luz", levou o terror aos corações da guarda Centuria, na qual havia de 4 a 6 homens, ou mais. Devia haver alguma cousa extra-terrestre nessa luz, para assim alarmar esses rudes soldados romanos.

E' claro que tem havido manifestações de luz que era sobrenatural.

Sir Ambrose Fleming é uma das maiores auctoridades do mundo sobre *luz* e *radiação* e foi o inventor da valvula thermica, que tornou possivel a telephonia sem fio. Elle tem 81 annos de idade.

CÃO PSIQUICO

De «The Greater World»

Ha poucos dias um amigo relatou-me o que elle considerava a extranha acção de seu cão.

O animal subiu a uma cadeira e durante longo tempo permaneceu com o olhar fixo na photographia emoldurada de um senhor fallecido em Fevereiro, 1929. Eu asseverei ao amigo que provavelmente «alguma coisa» ia acontecer.

Um ou dois dias depois meu amigo informou-me que o seu cão morrera sob as rodas de um vehiculo.

O senhor, representado pela photographia, tornara-se um espiritualista alguns annos antes de seu fallecimento. Sua esposa tambem compartilhava de sua crença.

Meu amigo adquirio um cachorrinho novo. Quando novamente nos encontrámos eu lhe disse: "O senhor e os seus devem estar sentindo muito a falta do cão". Porém elle respondeu: "Realmente isso não se dá porque o cachorrinho parece tão «*fóra de moda*», sempre imitando os modos do velho cão."

Tenho certeza que o antigo cão era psychico e tinha consciencia (conhecimento) do espirito do senhor photographado. Tambem creio que o cão "voltou" e influenciou o cachorrinho pelas suas vibrações.

A. G. Groom.

CONAN DOYLE E L'ILLUSTRAZIONE

A "Illustrazione del Popolo", de Turim, publicou um artigo explendidamente ilustrado sobre Conan Doyle e suas mensagens do Além. Nesse escrito a viuva do celebre escritor espirita fala da "definitiva e tangivel evidencia" da sobrevivencia pessoal de seu marido. A "Illustrazione", mui judiciosamente, diz que o artigo de Lady Conan Doyle sobre os phenomenos do espiritismo, não pode ser posto á margem com cepticismo, pois esse assunto merece a atenção dos meios cientificos e religiosos, bem como a consideração da imprensa.

O GATO ANGORA DE MARGERY

E' da "Revue Spirite" a noticia que segue :

"O sr. F. Bligh Bond, editor nos Estados Unidos, de *Psychic Research*, noticiou, á proposito de Margery, um fáto curioso.

Sabe-se que o Espirito Walter o guia de Margery, pretende armazenar fluidos na sala das experiencias, que ele utilisa em seguida na ausencia do medium para produzir pequenos fenomenos. Esses fluidos, ele os retira dos experimentadores e os compara a uma especie de electricidade.

Um dia que Margery tinha levado o seu gato angora á sessão, todos os espectadores viram sobre a mesa como que uma chama palida. Quasi no mesmo tempo, o espirito Walter disse que precisava fazer retirar o gato que se achava em estertor. Margery tinha caído em transe, com o gato sobre os joelhos ! Logo que se executou o conselho de Walter, o gato que estava caído em convulsão, seu pêlo estava rigido. Poz-se-o na porta, e ele se restabeleceu imediatamente, mas depois evitou a Margery a quem queria muito, durante os dias que seguiram sua "herança mediumnica".

Este fáto pode fazer parte de outros numerosos de mediumnidade animal e de fantasmas de animaes que têm sido observados e controlados, em cujo numero se encontram relatados muitos casos na obra especial de Ernesto Bozzano : «*As manifestações metapsiquicas e os animaes.*»

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

Importante reunião na «Union Spirite Française»

O Comité diretor da União Espirita Franceza, numa importante reunião, proclamou o Dr. Andry Bourgeois, substituto de M. Jean Meyer, como presidente. Este ilustre escritor e conferencista, que é a seu turno engenheiro de Minas e da Escola d'Eletricidade, exerce tambem o cargo de presidente da secção de Pesquizas Cientificas e da sociedade de Estudos metapsiquicos. O mesmo Comité convidou para fazer parte do seu Conselho o Pastor Ed. Wietrich, valoroso propagandista espirita, assim como hipotecou solidariedade a M. Hubert Forastier, digno redator da «Revue Spirite.»

—

Fizeram conferencias na «Maison des Spirites» o Coronel Caslant, sobre o «desenvolvimento das faculdades supranormaes» ; e o sr. Ripert, que tomou por thema : «Para Deus».

—

M. Wietrich fez uma série de conferencias em Bordeaux, Besançon e Chateauroux, conseguindo atraír numerosa assistencia.

A Cartomancia na França

Em face da interpelação de M. Girod, deputado da Alta Assembléa, o ministro de Finanças declarou que os cartomantes devem ser inscritos na cedula das profissões liberaes, visto seu trabalho ser intelectual, ficando sujeitos ao imposto.

6.o Congresso Psico-sociologico

De 15 a 22 de novembro realisar-se-a o 6.o Congresso Psico-sociologico, no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, sob a presidencia de Honra do Pr. Charles Richet, Pr. d'Arsouval, Maurice Masterlinck, e presidencia efetiva de M. La Fontaine, vice-presidente do Senado Belga. O fim especial do congresso é o estudo de um espirito de beneficencia mutua da sintese dos diferentes aspéctos do problema: «*A Consciencia e o problema da Liberdade*».

BELGICA

Congresso de Charleroi

Realisou-se o Congresso Nacional Belga, em Charleroi, no local «Cordeiro de Ouro».

Falaram diversos congressistas: M. M. Moret, Derache, Cabolet, LHomme. O congresso foi presidido por M. Bieva, e foram tratados os seguintes assuntos: Desenvolvimento social do Espiritismo; A Pena de Morte; O Espiritismo e a Paz, Sanção da Lei Moral.

—

Temos sobre a mesa a «Revue Spirite Belge», que traz optima colaboração.

—

M. Wietrich fez uma série de conferencias espiritas em Bruxellas á convite do «Grupo Teosofico».

Foi grande o sucesso obtido.

* * *

M. Chattey reencetou suas tournées de conferencias, interrompidas devido á enfermidade de sua cara companheira recentemente desincarnada.

GRECIA

Devemos á nossa colega «Revue Spirite» as noticias que seguem:

«O sr. J. de Paulinas, durante uma sessão espirita em Athenas com o presidente de uma «Corte de Apelação Provincial», se obteve a communicação de um espirito que se dizia Nicolau II. O ex-Tsar declarou que desejava dar uma lembrança para uma das suas conhecidas de Athenas: Na obscuridade, uma fotografia representando um castelo foi colocada numa bacia de lavatorio. Feito isto, o espirito mandou cortar em quatro dita fotografia, dilacerar tudo em pequenos pedaços, queimar tudo e atirar as cinzas fóra. Depois a mesma fotografia foi encontrada na bacia e foi dada ordem para leval-a a um General que tinha efetivamente conhecido Nicolau 2.o.

Durante as sessões espiritas organisadas na casa deste General, houve diversos «apports». Uma estatueta antiga de marmore (35cm. x 8 cm.), um vaso antigo finamente esculpido, um vidro de perfume, um carta com caracteres bisantinos, provinda de um antecessor de M. de Paulinas, uma mensagem profetica cuja tinta estava ainda fresca, comunicações com sináes cabalisticos, etc...

Estes fátos bastante extraordinarios não perturbaram M. J. de Paulinas; numa carta de confirmação ele nos declara: «Eu creio que semelhantes fátos não podem ser qualificados de mystificações.»

Bôas identificações espiritas têm sido obtidas no circulo de Atenas, o que deveria forçar a certos psiquistas atenienses se aproximarem de bons mediums e se inspirarem na sabedoria de Hans Driesch e não do preconceito negativista alemão. E então estes «guias» se aperceberiam que a transmissão do pensamento não é tudo no espiritualismo experimental!

Em 22 dezembro 1913, M. J. de Paulinas observou o seguinte fáto na ilha de Spetzai (a 50 milhas inglezas de Atenas): Um «apport» foi anunciado aos experimentadores, dum objeto pertencente a Mlle. P..., de Atenas (pelo espirito de Lais: uma ferradura foi atirada na casa de Mlle. P. no momento em que ela se deitava, causando-lhe grande pavor e foi transportada para a ilha de Spetzai. A enquête feita em Atenas na presença de Mlle. P., do Prefeito de Volo, dum magistrado da Corte Suprema (Areopago), não deixou duvida sobre a autenticidade deste «apport», anunciado e executado entre as 10 h. e 10.20 da noite de 27 desembro 1912, entre Atenas e a ilha natal de M. Paulinas.

M. de Paulinas prometeu nos dar uma multidão de observações e fátos espiritas ocorridos durante uma vida de pesquisas nos meios da elite grega. No interesse superior da nossa causa, agradecemos antecipada e calorosamente. E' preciso que os privilegiados nestas investigações, partilhem seus tesouros com os irmãos menos felizes. Os pesquisadores têm tambem um *Karma*».

ALEMANHA

A revista reincarnacionista *Der Vorkaempfer* tem publicado ultimamente excelentes artigos sobre as vidas sucessivas. Entre os reincarnacionistas alemães nota-se os srs. Walter Krueger e W. J. Krischano Waskaja.

* * *

Temos sobre a mesa «Zeitschrift fur Metapsychische Forschung, sob a direção do Prof. Dr. Christoph Schröder.

HESPANHA

O Centro Barcelonez de Estudos Psicologicos celebrou uma grande festa, distribuindo premios aos estudantes.

* * *

Com numerosa assistencia o Prof. Asmara, fez no Atenêo uma conferencia sobre a Metapsiquica e o Espiritismo.

* * *

O novo regimen republicano da Hespanha aboliu a pena de morte.

Muito bem, livre do clericalismo, livre da morte.

* * *

O sr. Man López Man, num substancioso artigo na «Luz del Porvenir», exalta a orientação dos jornaes liberaes que não renunciam o Ideal, e acusa a imprensa mercenaria que transformou o apostolado em feira, ou em bazar.

* * *

O Centro de Sabadell tem estado em grande actividade propagandista.

• • •

O Centro Cultural Espirita fez uma festa que redundou em beneficio da propaganda.

• • •

Desincarnou o Dr. José Palau Bardia, vice-presidente do Centro Cultural. Foi uma lacuna que se abriu entre os espiritas castelhanos, a quem levamos o nosso sentimento de solidariedade, rogando do Senhor, luz ao recem-liberto.

PORTUGAL

A «Revista de Espiritismo» traz um bem elaborado artigo do Dr. Lobo Vilela, sobre a sugestão.

* * *

O «Mensageiro Espirita», redigido pela Dra. Amelia Cardia, vem repleto de excelentes artigos e bom noticiario.

* * *

Temos recebido com muita regularidade «A Vibração», de Silves, sob a direção do sr. Manuel Guerreiro. «A Vibração» é o jornal de maior circulação no barlavante algarvio.

* * *

Temos tambem sobre a mesa o «Além», mensario da Sociedade de Investigações Psiquicas de Lisbôa.

* * *

Recebemos tambem a "Luz do Progresso", de Saboia; "Luz e Caridade", de Braga; "E'cos do Além", de Silves. Todos muito bem elaborados.

ITALIA

O Dr. Bozzano, incançavel propagandista pela penna, continúa publicando nas revistas italianas e estrangeiras excelentes artigos racionalistas que demonstram a superioridade da teoria espirita sobre as demais.

* * *

O sr. Giovani Poli, numa discrição de sua viagem á Inglaterra, descreve as experiencias com Vout Peters, que foram satisfatorias.

PORTO RICO

«Raio de Luz» — trouxe em sua primeira pagina uma gravura de Conan Doyle.

• • •

O Espiritismo, em Porto Rico, como era de esperar, está recebendo um novo impulso.

CUBA

Completou o 10.º anno de existencia a revista cubana "Rosendo", que se publica em Matanzas.

* * *

O Grupo Fraternidad, comemorou a sua fundação com uma festa literaria.

* * *

O Grupo Raul, comemorou o 15.º aniversario da desincarnação do seu fundador, tendo grande assistencia em sua sessão, na qual tomaram parte diversos oradores.

* * *

Foi fundada em Havana, a revista "Leia", de concepção espiritualista, abrangendo a fenomenologia espirita.

ARGENTINA

A sociedade "Hacia el Camino de la Perfeccione" renovou a sua diretoria.

Assim tambem ocorreu á Sociedade «Te Perdono», ficando como presidente o sr. Lauriano Fanjul.

• • •

Perante numeroso auditorio no Salão da «Constancia», fez uma conferencia sobre o tema: «Porque somos espiritas», o sr. O. Rovira.

* * *

As sessões na «Constancia» continuam regularmente, tendo tomado parte varios oradores.

• * •

No Centro Psiquesofia houve grande festival de propaganda.

• • •

Sociedades em funcionamento

Existem em pleno funcionamento, na Argentina, desesseis sociedades espiritas confederadas com dias certos de reuniões, de modo a concorrer eficazmente para a propaganda. Doze destas têm a sua séde na Capital: Amor, Luz e Progresso; Amalia Domingo Soler; Adelante y Progresso; Benjamin Franklin; Constancia; Camillo Flammarion; Doncella de Orleans; Fé y Caridad; Hacia el Camino de la Perfeccion; La Fé; La Union de los Cuatro Hermanos; Luz, Justicia y Caridad.

• • •

Conferencia na Sociedade Constancia

O sr. Carlos Chiesa fez, no grande salão da Sociedade Constancia, uma substanciosa conferencia sobre o thema: Comunicações espiritas que demonstram a evolução da alma».

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo está passando, no Brasil, por uma fase preparatoria para um grande surto.

O movimento que se observa em toda a parte é de luta para a liberdade, de incentivo para o raciocinio, de combate a todas as idéas archaicas, sejam das ramificações da ciencia, sejam nas ramificações religiosas. Emfim, comquanto não se achem paralisados os trabalhos de propaganda, elles assinalam o preludio de uma grande difusão espirita que, provavelmente, não tardará a aparecer.

São Paulo

O CLARIM

Completou o 26.o anniversario este colega que se edita nesta cidade, mas tem grande circulação por todos os Estados do Brasil.

No seu numero especial de aniversario «O Clarim» deu os retratos de Allan-Kardec, Dr. Bezerra de Menezes, Gabriel Delanne e Leon Denis, bem como uma gravura da reconstrução do Auto de Fé, de Barcelona com a queima dos livros de Allan-Kardec.

A 15 do p.p. houve uma sessão comemorativa a «O Clarim», tendo falado o Dr. Souza Ribeiro, que fez uma explendida conferencia scientifica.

Conferencia publica em Juquery

Organisada pelo Centro Espirita Vicente de Paula do Bairro das Roseiras, municipio de Juquery, o nosso confrade Sezefredo Mandovain realisou no dia 16 corrente uma belissima conferencia sobre o Espiritualismo. A assistencia foi numerosa, a qual mostrou sua gratidão ao orador, aplaudindo calorosamente o fim da sua conferencia que durou perto de 2 horas.

Aos assistentes foi distribuido «O Clarim».

Nucleo «Fé em Deus», de Santos

Esta associação espirita da Avenida Conselheiro Nebias n. 263 commemorou o dia 19 do corrente a data da desencarnação do seu fundador, Francisco de Freitas Pinto.

O irmão Sebastião da Rocha Ventura fez uma pequena palestra, explicando o motivo da reunião. Em seguida foi concedida a palavra aos oradores do espaço os quaes por intermedio do medium Francisco Soares Serpa fallaram sobre a immortalidade da alma e a vida do mestre atravez da Palestina, enchendo o coração da numerosa assistencia de enthusiasmo e amor pela causa da verdade da fé e da justiça.

Aos assistentes foi distribuido diversos exemplares dos folhetos «Os Violadores da Lei» e «O Alcoolismo e suas consequencias».

E' a seguinte a directoria deste nucleo : pres. Manoel Baptista de Souza ; vice, Sebastião da Rocha Ventura ; 1.o secr. Euclydes Amaral ; 2.o secr. Roberto Soares Serpa ; thes. Jeronymo Cardoso da Silva.

Do Correspondente.

Conferencias em Bairro do Goulart

Fez duas excelentes neste Bairro, o nosso representante Giacomo De Bernardi, cujos têmas agradaram sobremodo a numerosa assistencia.

* * *

Estiveram neste Bairro, vindos de Araçatuba, Dr. Jovellino, presidente do Centro desta cidade, acompanhado de sua Exma. esposa, e o Dr. Campelo, distincto clinico.

O Dr. Jovellino fez uma conferencia sobre o Evangelho.

Assistencia foi bem numerosa, tendo o presidente sr. José Donhas agradecido a todos, pela colaboração espirita que levaram á referido nucleo.

Do Correspondente.

Conferencista em excursão

Sob os auspicios da Revista Internacional do Espiritismo e d'O Clarim, iniciou uma escursão de propaganda pela palavra, curando, ao mesmo tempo os interesses destas publicações, o nosso amigo João Leão Pitta, que se destina á Curitiba.

João Pitta irá ao Paraná por escalas, passando pelas seguintes cidades : Rio Claro, Limeira, Ityrapina, Piracicaba, Campinas, Salto, Mairinck, Sorocaba, Tatuhy, Itapetininga, Faxina, Itararé, Jaguaraiba, Castro, Ponta Grossa, Palmeiras, Curitiba, Morretes, Antonina, Paranaguá, Lapa, Rio Negro, Entre Rios, Mafra, Joinville e S. Francisco.

Noticias de Rio Preto

Os nossos trabalhos continuam prosperos. Em visita ao Centro Allan Kardec estiveram nesta cidade os confrades : José Marques Garcia, e Prof. Theophilo Pereira, do Hospital Allan Kardec e da Nova Era, de Franca ; Leonardo Severino, de Monte Azul e Francisco Amadeu, representante da «Aurora», os quaes com o nosso companheiro Nelson Dias nos proporcionaram farto banquete espiritual.

— O Departamento de propaganda do Centro Allan Kardec, fez uma distribuição de mil exemplares do folheto—"Os Violadores da Lei".

— Esteve nesta cidade, onde fez diversas conferencias o sr. João Pitta, representante d'O Clarim.

Do Correspondente

Noticias de Cafelandia

O Centro Amor e Caridade festejou seu anniversario, com uma bella conferencia realisada pelo confrade Dr. Baptista Pereira.

Pelo confrade Primo Borin foi feito o historico da associação.

— A nova directoria do Centro ficou assim constituida : pres. José Souza Gaia ; vice-pres. Ernesto Braz ; 1.º secr. João Frois de Castro ; 2.º secr. Durmival Silva ; 1.º thes. José A. Gonçalves ; 2.º thes. José Gonçalves Filho ; orador Primo Borim ; bibl. Antonio Gonçalves ; proc. Ambrosio Cunha ; zelador Juvenal Rodrigues.

Rio G. do Sul

Conferencia Espirita

Realisou-se na séde da "Sociedade Espirita de Dias da Cruz" á rua da Azenha, 366, uma conferencia publica pela exma. sra. d. Maria dos Anjos Ruiz Ferreira, que dissertou sobre o seguinte ponto : — O Espiritismo perante as palavras de Jesus : "Ha muitas moradas na casa de meu Pae".

S. E. Allan Kardec

Na séde da Sociedade Espirita Allan Kardec, á rua General Vitorino n. 146 realisou se quinta-feira, dia 13, ás 19 horas e 45 minutos, a reunião publica do costume, para o estudo do Evangelho, á luz da doutrina espirita.

O ponto escolhido para essa noite foi o seguinte :

"O fluido universal. Natureza e propriedade dos fluidos. Ação dos espiritos sobre os fluidos. Os milagres do Evangelho".

Palestras Evangelicas

A Sociedade Espirita Allan Kardec está realisando palestras instrutivas.

Estas palestras doutrinarias são feitas de accordo com o Evangelho de Jesus e o Espiritismo não vem destruir o Christianismo, como muita criatura ainda julga, mas vem restaural-o, varrendo dele as impurezas inquinadas pelos homens, em oposição ás verdades pregadas por Jesus.

Sociedade Dias da Cruz

Fez uma conferencia nesta associação o sr. Israel Corrêa da Silva, que falou sobre : «O Perdão das injurias».

Abrigo Nocturno

No Abrigo têm pernoitado mais ou menos 90 pessoas.

Dentro em pouco ficará terminado outro pavilhão e o Abrigo dará comodo a 200 pessoas.

Federação Espirita do R. G. do Sul

Conforme noticiámos, realizou-se, sabbado, 15 do corrente, á primeira reunião do Conselho Deliberativo da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, afim de eleger a directoria que regerá seus destinos durante o bienio vindouro.

O resultado foi assim apurado: pres. Dr. Paulo Hecker; vice, Conrado Ferrari; Membros do Conselho: General Timotheo Amaral Oestreich, Emilio Kolransch e Leonel Oliveira.

Do Correspondente.

Minas Geraes

Excursionista em propaganda

Está percorrendo o Estado de Minas, tendo feito conferencias em todas as localidades onde tem passado, o nosso representante sr. Onofre Baptista, que tem recebido inumeros testemunhos de simpatia dos espiritas mineiros, bem como de católicos e protestantes liberaes de referido Estado. Ultimamente, passando por Canindé, Guará, Igarapava, Ituverava, Jardinopolis e Ribeirão Preto, fez conferencias espiritas em todas as cidades.

BIBLIOGRAPHIA

Grandes e Pequenos Problemas — *Angel Aguarod*

«*Grandes y pequenos problemas considerados a la luz de la Revelacion Espirita*». E' este o titulo de um livro editado pela revista «Luz y Vida», de Buenos-Ayres, da lavra do nosso confrade sr. Angel Aguarod. Contém 186 pags. e é impresso em bom papel.

Estatistica do Brasil

Recebemos do Departamento Nacional de Estatistica, um exemplar da «Estatistica da Imprensa Periodica no Brasil» de 1929-1930. O livro veio acompanhado de uma circular do Gabinete do Ministro, assinada pelo sr. Lindolpho Collor.

Religião da Humanidade

E' um folheto de distribuição gratuita que contém um apelo ao Chefe do Governo Provisorio, á proposito do recente projeto que institúe o ensino religioso nas escolas publicas. Esse apelo que foi publicado na «Folha da Noite» é da lavra do sr. J. Silveira Santos, professor aposentado como lente da Escola Normal. Muito bem redigido, demonstra cabalmente a falta de criterio do sr. Francisco de Campos que, quando ministro teve a infeliz lembrança de, sob as injunções do clero estatuir o ensino religioso nas escolas.

Do Além

Temos sobre a mesa o 6.o faciculo, das Comunicações Mediunicas recebidas pela medium «Aura Celeste» nas sessões do Asilo Espirita João Evangelista, com séde á Rua Visconde da Silva, 92, Botafogo, Rio de Janeiro. Este faciculo é de distribuição gratuita.

Interpretação do Apocalipse

Acaba de sahir do prelo a 4.a edição da «Interpretação Sintetica do Apocalipse», por Cairbar Schutel. E' uma obra indispensavel áqueles que estudam as Escrituras e querem conhecer a interpretação do Apocalipse, ultimo livro do Novo Testamento. Traz as profecias de Jesus e assinala o desenrolar, atravez dos selos, dos acontecimentos que ensombram o nosso planeta. 1 vol. broc. na Livraria d' «O Clarim», 2$000 e mais o porte.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção
MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7915unse

NO VII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1931 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMARIO

Breves considerações sobre o Inconciente
O 3 de Outubro
Pela paz do mundo
Psicologia Animal
O poder do Amor
Auto de Fé em Barcelona
Um morto que se lembra de tudo
Fotografias psiquicas
O Espiritismo e sua Palavra
Curas pelo Dr. Barcroft, espirito curador
Vida e obra de Diogenes de Medeiros
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

Uma fotografia espirita

Aos nossos assinantes e amigos

A «Revista Internacional do Espiritismo» previne aos seus assinantes que a reforma das assinaturas para o ano de 1932 deve ser feita até 15 de janeiro de 1932.

Tendo que organisar o novo livro de remessa, bem como a tiragem de exemplares, faz-se mister que os nossos amigos nos avisem até essa data, afim de não se verem privados do recebimento da Revista.

Para facilitar a todos a recepção da Revista continuamos a manter os preços — 20$000 — assinatura simples ; 24$000 — registrada.

As grandes despezas que enfrentamos com a nossa publicação, só podem ser equilibradas pelos nossos assinantes com o envio das importancias acima, e estamos certos que cada um saberá cumprir o seu dever, concorrendo com a insignificancia que corresponde á sua assignatura, afim de que esta se mantenha na altura reclamada pelos nossos ideaes.

Outrosim esperamos que os nossos amigos nos prèstem o serviço de angariar assinantes entre os seus amigos e conhecidos, para maior divulgação da causa que propagamos.

O Diretor : CAIRBAR SCHUTEL.

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Outubro de 1931 - NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ⁓ COLLABORADORES : DIVERSOS

Breves considerações sobre o Inconciente

A alvorada espirita anunciou com os seus bruxoleios vivificadores, uma época promissora de sabedoria e de amor para a humanidade.

Era justo que após cruentas lutas pela liberdade, aprisionada pelo despotismo sacerdotal de mãos dadas com os imperialistas que retardaram mais de dez seculos a marcha do progresso no nosso planeta, as Entidades Superiores do Além se abalassem e entrassem numa ação reivindicadora para refazer esse tempo perdido em contendas infrutiferas e abstração criminosa para a solução dos altos problemas do espirito.

Afinal, a Fenis da Fabula ergueu-se das cinzas em que a haviam sepultado, e falou.

A Esfinge estremeceu e as suas letras hieroglificas luziram com uma nova luz, que iluminando o passado e o presente, projéta forte claridade para o futuro, permitindo-nos desde já vislumbrar os novos horisontes que nos esperam.

«A Imortalidade é tudo» — nos dizem essas letras; sem ela, de fáto, não ha luz na Vida.

E' na preexistencia e sobrevivencia do *ser humano*, que nós vamos encontrar a chave magica capaz de resolver os mais transcendentes problemas, da psicologia, da ciencia, da filosofia e da religião. E' essa chave que abre e fécha aos homens as portas do reino dos céos.

Só a existencia e a sobrevivencia da alma podem explicar com logica e criteriosamente as diferenças e modalidades do ser humano, assim como todos os misterios da conciencia, da subconciencia e do inconciente.

Ninguenm pode negar a «*conciencia*» e ainda mais que existindo nela uma sucessão da estados de animo que, a-pesar-de não serem iguaes, constitúe a identidade pessoal do que chamamos o «*EU*». E interessante é que este «*EU*» tem se mostrado persistente, enfrenta as interrupções aparentes de sua existencia, como nos estados de sono natural e nos estados hipnoticos, seja por sugestão, seja por anestesicos, e resiste a destruição e renovação do conjunto material do corpo, cerebro, orgãos sensoriaes, etc.

Longe, portanto, de ser a *conciencia* uma palavra abstrata, ela designa, como se vê, um orgão, no qual se encontram outros acessorios que o tornam indispensaveis á Vida humana, como, por exemplo, a *memoria*, que podemos comparar a um grande film cinematografo, ainda com enorme fita em branco para registrar os espetaculos, as figuras, as ocorrencias que se forem desenrolando no correr da vida até o seu ponto final de trajetoria terrena. E' então que chegamos ao *umbral de um novo mundo do pensamento.*

Mas os fenomenos da *conciencia* se diferençam muito dos fenomenos da *sub-conciencia*, ou seja do *inconciente, inconciente psiquico*, onde ficam armazenados na memoria psiquica, todos os gravames dos films, de todas as existencias do Espirito, e ainda mais daquelas ocorridas na sua vida livre no Espaço.

D'ahi é que vêm as tendencias e as precocidades, de uns para o vicio, de outros para a virtude, para as ciencias, a filosofia e a arte, como se tem notado nos meninos prodigios, e que comprovando a doutrina das vidas multiplas, certificam o grau de evolução ou seja de progresso de cada individuo.

Esses fenomenos, tidos por maravilhosos e sobrenaturaes, não podem ter outra esplicação senão a da *sub-conciencia*, enriquecida nas multiplas vidas terrestres.

Ora, parece claro que a «*theoria do Inconciente*», lembrada por diversos homens de ciencia, estudada racionalmente e sob as condições da mais estrita logica, em vez de ser um projeto de combate ao Espiritismo, como alguns pensam, é uma grande contribuição para o aclaramento da verdade Espirita, pois, não se a pode conceber, em face de sua fenomenologia, sem a theoria reincarnacionista, lembrada pelo Espiritismo, e sem a continuação do *Principio Animico Conciente*, após a destruição do corpo carnal — ou seja a *Imortalidade da Alma.*

O inconciente, otima espressão escolhida para sua designação, não pode operar neste plano exterior, senão em certas e determinadas condições. Tudo, na natureza está submetido ás mesmas leis. Nós tambem sabemos que cada halo luminoso do espétro solar contém raios visiveis, e analogamente, cada pessôa abrange o conciente e o inconciente, segundo os fenomenos verificados. Na fisica experimental ficou demonstrada a existencia do ultra-violeta e do infra-vermelho, assim vemos, tambem na psicologia o nosso «*EU*» não possúe somente a *conciencia*, pois além do *umbral da conciencia*, emergem de sua obscuridade fenomenos trancendentes e inteligentes.

Não ha, entretanto, duvida de que ha necessidade de um determinado estado de *passividade* para que as manifestações do *inconciente* ou seja do *sub-conciente* se produzam. Este estado é um dos caracteristicos da *mediunidade*, que para ser bem compreendida á ponto de se distinguir as manifestações animicas, das manifestações espiritas, não dispensa um estudo profundo do conciente e do inconciente.

O Espiritismo veio projetar uma grande luz na psicologia, com os estudos experimentaes da alma humana, antes e depois do eclipse que chamamos morte. O estudo da disassociação da personalidade, feito já por eminentes psicologos, vem corroborar a tése espirita, da existencia e sobrevivencia da alma.

O Espiritismo, portanto, podemos concluir, longe de temer a analise da sua Doutrina e de seus fátos, provoca-as, pedindo a todos um estudo acurado, uma pesquiza exigente para o estabelecimento da Verdade.

Um eminente professor inglez escreveu no *Spiritual Magazine* que «O Espiritismo é a crença baseada unicamente sobre fatos revelados ao mundo atravéz de um vasto sistema de mediumnidade, sendo a sua verdade capital obtida experimentalmente, a existencia de um mundo dos espiritos e o continuidade do espirito individual além do momentaneo transe da morte».

As producções inspiradas que ultrapassam os conhecimentos do individuo, ou são produtos de Espiritos que lhe são superiores em sabedoria, ou são oriundas do inconsciente donde emergem para um fim justificavel, e foram adquiridas em outras existencias, como sóe acontecer, por exemplo, com a «xenoglossia.» A preexistencia e a sobrevivencia individual, só esta teoria explica esses fenomenos.

LIS.

O 3 de Outubro

O homem em sua deficiencia memorativa deliberou, talvez com muita justeza, assinalar datas para relembrar fátos, que se perderiam na noite do esquecimento si esse alvitre não fosse tomado.

O 3 de outubro representa por isso uma efemeride que, em vez de glorificar um homem, assinala os prodomos de um grande, o maior de todos os ideaes, que se apresentou na Terra, como um Sol sem ocaso a iluminar gerações, aquecendo as, ao mesmo tempo com a inquebrantavel esperança de um futuro de verdadeiro Progresso e da mais religiosa fraternidade que aspiram os espiritos de escol para o perpetuo equilibrio de uma Paz frutificadora de grandes ações, capazes de estabelecer entre nós o «Reino de Deus».

O Coodificador do Espiritismo

O 3 de outubro é para o Espiritismo, o que o Batista foi para o Cristianismo, o preludio de uma grande manifestação de ordem Moral e Espiritual, que viria, como tem acontecido, abalar o mundo todo.

Espirito eleito para assumir a direção de um grande movimento, revolucionario em ciencia, revolucionario em filosofia, revolucionario em religião, o Dr. Léon Hyppolite Denisard Rivail, cujo nascimento lembra o dia de hoje, assinalou com o cumprimento de uma gloriosa missão, o inicio no nosso mundo, de uma era verdadeiramente espiritual em que predominará o imperio da Sabedoria unida ao Amor.

E elle bem previu em suas «Obras Posthumas», no cap. «Aristocracias», que a «supremacia intelectual, bem mais rasoavel do que todas que a precederam, não poderia prevalecer, visto como a inteligencia nem sempre ser penhor da moralidade e poder o homem mais inteligente fazer mau uso das suas faculdades; devendo, portanto, ceder ás injunções de um outro poder superior, munido de toda a força precisa para constituir uma supremacia duravel, animada por sentimentos de justiça e caridade. Esta sim, supremacia que se poderia denominar *aristocracia intelecto-moral*, seria a unica capaz de levar de roldão o egoismo, o orgulho e a ganancia para bem longe da terra, e estabelecer entre nós o reinado da Verdadeira Fraternidade».

Mas é preciso compreender que esta sintese de um programa não consta de simples palavras pronunciadas ao vento, para armar efeito e atrair simpatias. Ela é uma bandeira com a inscrição revolucionaria de uma reforma completa, como dissemos, de todas as instituições, adredemente ligadas á «questão social», bandeira que tremúla inflada ao sopro vivificador dos dois grandes, maiores poderes do Universo: — Imortalidade e Progresso.

De fáto, foi só depois de haver encontrado nas «despresiveis mesas girantes» a chave dos mais altos problemas sociaes; foi só depois de entrar em franca relação com o «Mundo dos Mortos» e de haver colhido provas sobejas da sobrevivencia pessoal, da diversidade de Espiritos, dos Caracteres da Revelação Espirita, e depois tambem de ter erguido esse incomparavel Monumento que constitue o «Livro dos Espiritos, Livro dos Mediums, Céo e Inferno, Evangelho segundo o Espiritismo e Genesis», que o inclito missionario chegou ás conclusões acima expostas, e que esprimem magnificamente o principio do grande Ideal.

O trabalho inestimavel do Dr. Léon Rivail (Allan Kardec) abarcando as lições do passado, que combinam perfeitamente com as do presente, com referencia ás Manifestações Espiritas verificadas em todos os tempos, segundo se nota em todas as Escrituras e em toda a Historia, constititue, sem duvida, aquela casa de que fala a parabola, erguida sobre a a Rocha, que está perfeitamente apta para resistir aos vendavaes e ás correntezas.

E, com efeito, a grande repercussão que têm tido os livros de Allan-Kardec, edições que se exgotam e se sucedem, em todos os idiomas, chegando os principios kardecistas a penetrar nos mais esconsos rincões do nosso Planeta, independente dos grandes da terra, dos governos, que até têm reprimido essa obra, e enfrentado luta sempre com doutores e sacerdotes, é o maior atestado da procedencia divina de taes ensinamentos que assinalarão muito breve a regeneração da humanidade com um surto grandioso para a Verdade.

E basta essa modificação que se vai operando todos os dias em todos os paizes do mundo para darem a glorificação merecida áquelle grande Espirito, que chamamos Allan-Kardec, e que a data de hoje marca o seu aparecimento na terra a 127 annos, como o maximo expoente da Verdade capaz de resolver todos os grandes problemas que têm ensombrado as civilisações.

* * *

PELA PAZ DO MUNDO

O NOVO EVANGELHO

Trasladamos para estas colunas, na integra a mensagem que o sabio sr. Alberto Einstein, endereçou ao mundo e que, do ponto de vista cristão em que nos encontramos, consideramos o Novo Evangelho para o concerto da paz mundial.

E' bem verdade que no mundo os periodos renovadores se sucedem de formas varias: uns mansos e pacificos, outros violentos e trucidantes.

As amarguras, ás dôres cruciantes, consequentes da grande guerra, vimos a ação pacificadora do inolvidavel Wilson, então, presidente dos Estados Unidos da America do Norte, com seus famosos «quatorze principios», no cenario da Conferencia da Paz, em cujo momento, ainda os homens ostis aos sentimentos de paz, se viu anulada, em parte, a ação pacifista do grande apostolo; entretanto, apesar dos pesares, a semente não caío em terreno sáfaro e germinou e os frutos sasonados iremos saboriar em futuro proximo: os páctos, as conferencias de paz, de limitação de armamentos se vêm realisando, senão com resultados totais, pelo menos com resultados de ordem alentadora os mais firmes e animadores da ação para o beneficiamento da humanidade.

Leiam, meditem e ájam os nossos compatricios e irmãos em torno do novo evangelho lançado ao mundo cristão pelo sabio Sr. Alberto Einstein :

A Mensagem de Einstein

Dirijo-me a vós delegados á Internacional, dos Resistentes á Guerra, congregrados em Lyon, porque sois a personificação do movimento que exterminará a guerra.

Si agirdes com sabedoria e coragem poderemos ser a agremiação de homens e mulheres mais aptos para realisar esta iniciativa, a mais nobre dentre todas as iniciativas humanas.

Aqueles que aqui representais — homens e mulheres de cincoenta e seis paizes — são detentores de um poder infinitamente superior á força das armas.

Todas as nações do mundo falam em desarmamento. Deveis guia-las — afim de que não se contentem apenas com palavras. O povo deve chamar a si a solução desse magno problema não o deixando apenas a cargo dos governos e dos diplomatas.

Aqueles que pensam estar para sempre de guerra, iludem-se com uma imprensão falsa de segurança. O militarismo de hoje, é muito mais poderoso e destruidor do que o de ontem, que arrastou o mundo á catastrofe de 1914-1918. Foi obra dos governos. Mas, entre os povos crece o ideal de paz.—E' propaga-lo sem desafio e sem receio. Deveis prégar aos povos que evocam a tarefa do desarmamento a que não dêm a menor colaboração á guerra e aos seus preparativos.

Deveis appelar para os trabalhadores de todos os paises do mundo afim de que recusem ser os instrumentos dos poderes ostis á Vida. Em cerca de dose paises a mocidade masculina se recusa a prestar serviço militar. Essa juventude é a pioneira de um mundo futuro, liberto do flagelo da guerra.

Todo amigo sincero da paz deve dar apoio aos movimentos de conciencia destinados a levantar a humanidade contra a conscrição.

Faço um appelo aos intelectuais de todos os recantos da terra. Para os meus colegas cientistas appelo afim de que se recusem a empreender qualquer pesquisa que vise auxiliar a guerra. Aos sacerdotes appelo para que se dediquem a evidenciar a verdade e renunciam ás prevençôes nacionalistas. Appelo para os escritores afim de que de publico, se pronunciem resolutamente a favor da paz.

Peço a todos os jornais que se consideram pacifistas que se recusem a servir á guerra. Aos diretores peço que lancem o repto ás personalidades eminentes e influentes de suas palavras, perguntando-lhes, sem rodeio: «Qual é a vossa atitude? Achais que devemos esperar que o mundo inteiro tenha abaixado as armas, antes de baixar as nossas e de estender aos outros povos a mão amiga e fraternal?»

O momento não é de contemporisação. Ou sois a favor da guerra, ou contra a guerra. Se sois a favor deveis animar a ciencia, o capital, a industria, a religião e o trabalho, afim de se esforçarem para que as vossas armas nacionais sejam eficases e assassinas. Se sois contrario á guerra deveis envidar vossos esforços para que estas grandes forças oponham resistencia maxima aos armamentos. Imploro a cada leitor desta mensagem que tome uma atitude definitiva e que a tome com clareza e decisão.

A' geração atual incumbe dar este passo, o mais decisivo de todos os passos que a humanidade jamais poderá tomar. Cabe-lhe a missão de transmitir ás geraçôas futuras o dom inestimavel de vêr o mundo redimido da barbaria guerreira!

Se nós a desejarmos com bastante energia, este ideal se realisará. Uma só condição é necessaria que todos aqueles que abominam a guerra declarem corajosamente que não permitirão que ela seja declarada mais uma só vez.

Appélo para todos — homens e mulheres, eminentes e obscuros — pedindo que antes da Conferencia de Dasarmamento Mundial de Genebra, em fevereiro proximo, declararem que de ora em diante recusarão qualquer auxilio á guerra ou aos preparativos de guerra. Peço-lhes que levem esta resolução aos governos em mensagem escrita e que enviem a resposta que obtiverem.

Espero receber milhares de respostas ao meu appelo, pedindo que sejam endereçadas ao Bureau Central da Internacional de Resistencia á Guerra, 11. Abbeu Road, Enfield (Mddlessex) Inglaterra.

Afim de que seja levada a bom termo a nossa campanha, autorizei a criação da «Caixa Einstein da Internacional de Resistencia á Guerra.» Qualquer contribuição deverá ser enviada á thesouraria da Internacional. — (a.) *Alberto Einstein.*

PSICOLOGIA ANIMAL

Quasi todas as religiões do mundo acceitam a *lei da reencarnação* e, portanto, a *lei da evolução*, sua consequente natural. Acceitando esta lei, acceitam ellas, não só baseadas em um principio de logica como tambem nos *factos* que observam e estudam, a alma dos animaes, sujeita á mesma evolução. Apenas a Igreja Catholica Romana, com o seus 300 milhões de adeptos, e a Igreja Protestante, rebento daquella, com os seus 150 milhões de fieis, cheias de absurdos, de dogmas, de principios que repellem a razão e exigem a *fé-cega* são partidarias do principio exclusivista que concede a alma tão somente aos animaes-humanos, negando-lhe, mesmo a esta, a evolução depois da morte.

A Igreja Catholica, porém, abre uma excepçãosinha para aquelles que vão para o seu *purgatorio*—uma das suas grandes fontes de renda—concedendo a estes a evolução para o céu, mediante *pagamento*. As rezas feitas pelo padre, dezenas, centenas, milhares de vezes, pagas todas ellas, e bem pagas, sob todos os preços, tendo um minimo estabelecido, mas não tendo o maximo, que poderá ir a contos de reis, a fortunas inteiras, preces revestidas de certos apparatos e que receberam na pia baptismal o nome de *missa*, incumbe-se do transporte dos condemnados das regiões obscuras e pavorosas do purgatorio para o céu catholico romano, região onde não ha sombras mas «luz» e onde predomina a *vagabundagem* do modo mais ostensivo possivel, pois os sahidos do tal purgatorio para lá vão como nelle se achavam, com todas as suas imperfeições, todas as suas tendencias más, levados unicamente pelos empurrões, grandes ou pequenos, das *missas*, gordas ou magras, e lá nada mais fazem senão ouvir cantigas mais ou menos maviosas. Uns cantam e outros ouvem, isto por toda a eternidade! Este céu de musica, de cantos e hymnos tão somente, creado pela Igreja dos padres, onde a ociosidade, a indolencia, a inercia fazem o seu dominio absoluto, deveria ter inspirado á Igreja ao cultivo maximo da musica e do canto, tornando obrigatorio a todos os seus crentes o estudo destas artes, como preparo indispensavel á futura adaptação... Os leigos nellas, os sem ouvido, sem gosto psychico pelas mesmas e até á ellas refractarios, como os ha em numero incontavel, terão, fatalmente, no céu romano o seu maior supplicio. Mas... não é nesta secção o lugar apropriado para a analyse das asneiras do Romanismo e, por isto, passemos adiante.

As Igrejas Protestantes, e são inumeras, repellem, tambem, a grandiosa lei da evolução animica para todos os seres da creação, acceitando tão somente a immortalidade da alma para os bipedes humanos, e sem evolução, de forma que concordam, tambem, com a sua *mamãe*, quanto ao *inferno eterno* de soffrimentos e ao *céu-musical*, onde irão ficar, juntos, todos os que fôram da Terra e que o mereceram pela *fé-cega no sangue*. Não havendo evolução, todos levarão para este céu os seus gostos, as suas tendencias, os seus vicios, a sua ignorancia e, assim sendo, elle ha de ser um reflexo perfeito da sociedade em que vivemos. E nesta nossa sociedade, não existindo harmonia, não imperando o amor, mas o odio, as lutas, os tiros, os bofetões, lá tambem ha de haver, fatalmente, tudo isto... E aqui nem mesmo aquelles que cultivam o canto e a musica se comprazem com elles o dia todo, mas poucas horas, cansando-se, enfarando-se delles, no fim de algum tempo, e buscando distrahir o espirito em outras cousas, onde vão encontrar novas e mais agradaveis sensações, como, por exemplo, em plantações de couves e de batatas...

Mas, deixando, tambem, de parte, os dogmas das Igrejas Protestantes e indo além, diremos que uma destas igrejas, em sua origem, fez excepção ás demais, pois acceitou a *Lei da Evolução* para todos os seres da creação e esta igreja foi a Methodista. O seu fundador, João Wesley, que falleceu em 9 de março de 1791, não só *acceitou* o principio das *communicações dos mortos com os vivos*, colleccionando-as, até, em um livro especial, como tambem *acceitou* a *Lei da Evolução* para todos os seres, dando, assim, alma immortal para os animaes que, como nós, são, tambem, creaturas de Deus.

O pastor protestante W. H. Fitchett, director do «Collegio das Senhoras Methodistas, Hawthorn Melb» e presidente da «Egreja Methodista da Australia», e, ainda, autor da obra «Como a Inglaterra salvou a Europa» e de outras, escrevendo, em dous volumes, a biographia de João Wesley, fundador da Igreja Methodista, diz o seguinte, que vale a pena aqui transcrevermos :

«Sobre alguns assumptos Wesley nutria idéas esquisitas. Elle acreditava, por exemplo, que havia a possibilidade, e mesmo a probabilidade, de uma vida futura para os animaes. As creaturas têm soffrido neste reino de dor e morte que o peccado do homem chamou à existencia ; porque não hão de participar nos resultados da redempção humana ? Porque sabemos que toda a creação juntamente geme e está com dores de parto até agora ; e Wesley diz : «Quer attendam os homens quer não, estes gemidos não são dispersos ao ar, mas entram nos ouvidos daquelle que a todos creou». E esta creação que geme, accrescenta, «espera a redempção» Wesley diz, ainda : «A promessa *nunca haverá dôr, jamais*, se cumprirá, não somente no homem, mas em toda a creatura, segundo a sua capacidade ; toda a creação animada será restaurada a tudo o que perdeu». E pergunta : «Quem sabe que não seja da vontade do Creador Bondoso eleval-os na escala de seres? Quem sabe se quando nós formos elevados à paridade com os anjos, que os animaes não serão constituidos o que nós agora somos — seres capazes de communhão com Deus?» — Vol. II, pag. 229 — Wesley e o seu Seculo — São estas, pois, as idéas de Wesley e que o pastor Fitchett considera *esquisitas*. *Esquisitas* são, porém, as idéas do rev. Fitchett e de todos os outros seus collegas, não acceitando, como Wesley, a *redempção* para os animaes, consequencia final da *lei da evolução animica.*

Esquisitas, tambem, são as idéas de todo o protestante pertencente á Igreja Methodista, não acceitando principios que o fundador desta igreja acceitara e proclamára, como a *communicação dos espiritos* e a *alma immortal e evolutiva* dos animaes infra-humanos.

Esquisitas são as idéas de exclusivismo, de dogmatismo e de commodismo de todos estes amigos da *salvação pela fé.*

Esquisitas são, ainda, as concepções mesquinhas da Divindade que toda esta gente faz.

SOUSA RIBEIRO.

O PODER DO AMOR

O amor é o mais poderoso ariete do progresso animico. Com elle e por elle, os seres lutam, progridem e se aperfeiçoam. Voltai as vossas vistas para todos os lados e vereis por toda a parte o amor, como um élo supremo, unindo os seres, animando-os, fortalecendo-os e concorrendo para o seu bem estar e relativa felicidade.

Na terra, no mar, nos ares, é sempre o amor que dá a razão da vida, acenando a todos com as promessas da esperança. Aqui são as manadas das especies que se unem para a defeza e para a paz ; ali cardumes de peixes brincam alegres, mais além esvoaçam as andorinhas, unidas e solidarias, prestando socorros ás mais fracas, em busca de climas que lhes sejam propicios. Tudo é amor, amor pela existencia, amor fraterno, amor materno e filial, amor em todas as suas bases pela conservação da especie e perfeição. Amai, que a vida é amor. — V. H.

Auto de Fé em Barcelona

...Esta voz terrivel me disse :
«Tu queimaste as idéas, e as idèas agora te queimam...
O Espirito do Ex-bispo de Barcelona

Em todos os tempos a Inquisição de Roma não teve por intuitos matar corpos, mas sim aniquilar idéas.

Primeiramente foi no circo das féras, nos torquinetes, no potro que se torturava o pensador fazendo renegar a sua crença; depois accenderam-se as piras que carbonisavam corpos, mas libertavam almas. Até que, emfim, os livros, os pamphletos, as revistas, os jornaes foram attingidos pelo despotismo das Igrejas que se dizem de Deus.

O Espiritismo não passou tambem sem o baptismo do fogo.

E' assim que em 9 de outubro de 1861, ás 10 horas da manhã, sobre a colina da cidade de Barcelona, no lugar onde eram executados os condemnados á pena ultima, por ordem do Bispo de Barcelona, D. Palan, foram queimados 300 volumes e brochuras sobre o Espiritismo, á saber : A *Revista Espirita* — sob a direcção de Allan-Kardec ; A *Revista Espiritualista*, director — Pierard ; o *Livro dos Espiritos*, por Allan Kardec ; o *Livro dos Mediums, O que é o Espiritismo*, por Allan Kardec ; *Fragmentos de Sonata*, pelo Espirito de Mozart ; *Carta a um catholico sobre o Espiritismo*, pelo Dr. Grand ;

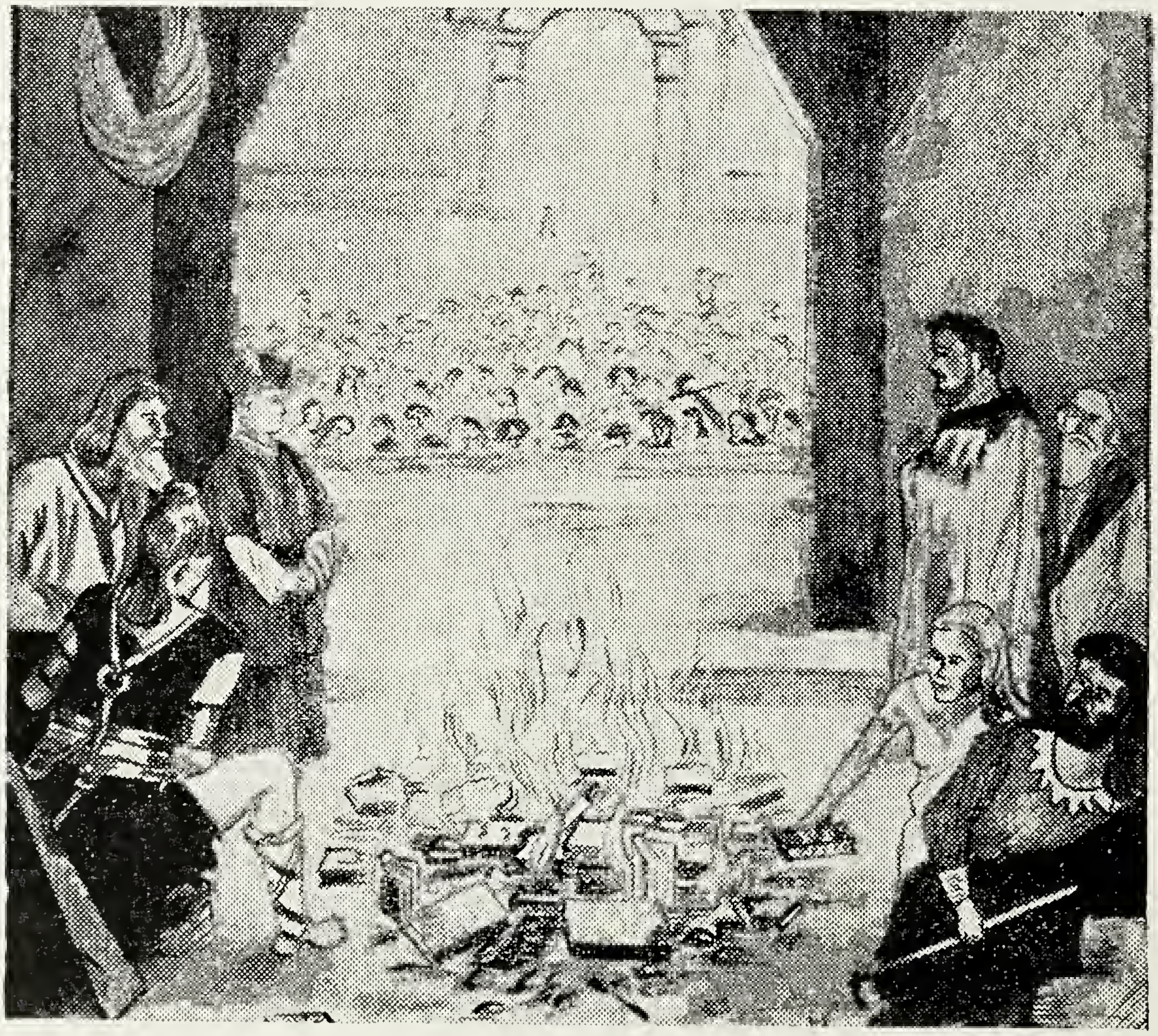

Reconstrução do Auto de Fé, de Barcelona
(*Por C. Malagoli*) (*Rep. d'O Clarim*)

Historia de Joanna d'Arc, dictada por ella mesma, á srta. Ermance Dufan; *A realidade dos Espiritos demonstrada pela escripta directa,* pelo barão de Guldenstublé.

Assistiram ao auto de fé:

«Um padre com trajes sacerdotaes:

«Um notario encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé.

«Um auxiliar do notario;

«Um empregado superior da administração da aduana;

«Tres empregados da alfandega, encarregados de atiçar o fogo;

«Um agente da alfandega, representando o proprietario das obras condemnadas pelo Bispo;

«A multidão obstruia os passos e enchia a vasta Colina onde se achava erguido o cadafalso.

«Quando o fogo consumiu os tresentos volumes espiritas, o padre e seus auxiliares se retiraram entre assobios e maldições de innumeraveis assistentes que gritavam: «*Abaixo a inquisição!*»

«Varias pessoas se aproximaram immediatamente da fogueira e recolheram cinzas».

Os principaes jornaes da Hespanha deram detalhada noticia deste facto, e os orgãos da imprensa liberal d'aquelle paiz profligaram severamente esse attentado á liberdade.

A' Allan Kardec foi enviado, de Barcelona um desenho em aquarella, feito por um artista notavel, representando a scena do auto de fé, assim como foram enviadas ao Mestre cinzas colhidas no logar da fogueira, e no meio das quaes se achavam fragmentos, ainda legiveis, das folhas queimadas. Elle as collocou numa urna de crystal, e a Sociedade Espirita de Pariz conserva ainda essa urna.

* * *

D'ahi para cá nos centros espiritas amiudaram as communicações dos espiritos occupando-se do auto de fé.

* * *

No dia em que completou nove mezes do auto de fé, morreu o Bispo D. Palan, que o ordenou.

A Sociedade Espirita de Paris tratou de evocal-o. Foram preparadas algumas perguntas para serem feitas, caso respondesse elle á evocação. De facto, o Espirito do Bispo não se fez demorar e antes que lhe fossem feitas as perguntas elle deu resposta expontaneamente por um dos mediums de referida Sociedade. A communicação de caracter inesperado reza:

«Auxiliado pelo vosso Chefe espiritual me foi possivel vir vos ensinar com o meu exemplo e dizer; não rechaceis nenhuma das idéas annunciadas, porque um dia, um dia que durará como um seculo, essas idéas unidas gritarão como a voz do Anjo: *Caim! o que fizeste do teu irmão? o que fizeste do teu poder, que devia consolar e elevar a humanidade?* O homem que voluntariamente vive cégo e surdo de espirito, como outros o são do corpo, soffrerá, expiará e renascerá para tratar do trabalho espiritual, que o seu endurecimento e seu orgulho fizeram olvidar; e esta vóz terrivel me disse: *Tu queimastes as idéas e as idéas agora te queimam...* Rogae por mim; porque a oração é agradavel a Deus, sobretudo quando o perseguido a dirige pelo perseguidor. *Sou aquelle que foi o Bispo e que agora nada mais é que um penitente.*»

A injustiça, a falsidade geram a prepotencia, d'ahi a perseguição, as calunias nefastas, para prevalecerem o erro e a mentira, contra a Verdade. O dogmatismo, forma dinastica da escravidão da inteligencia, tem sido a causa de todos os dissabores porque têm passado as almas, pois que, os miseraveis de hoje são os despotas de hontem que em vez de libertarem oprimiram, em vez de iluminarem entenebreceram.

TOSTA.

Um morto que se lembra de tudo

O caso que vou resumir e comentar, foi publicado em varios numeros da revista ingleza *The Two Wolds*, e reproduzido em seguida em uma brochura de cincoenta paginas, com o titulo—*The Spirit Return of Mr. Hacking.*

E' um caso pertencente á categoria das provas de identificação espirita obtidas por meio da «visão-clarividente» e a «possessão mediunica»; mas se observa nele formas de desenvolvimento caracteristicos e importantes ; doutro lado, as informações fornecidas pelo espirito comunicante, desconhecido de todos os experimentadores, são tão abundantes e precisas que se pode colocar este episodio entre os melhores obtidos por meio de formas mediunicas que eu venho indicar. Convém então conhecel-o bem, para impedir que se torne esquecido como acontece infelizmente o grande numero de episodios interessantes desta natureza.

O caso se desenrolou numa série de sessões que se efetuaram em 1922 na séde da «Society for Psychical Research», de Sheffield, cujo presidente é o Rev. F. Ballard. Os fátos são expostos por Mr. W. Harrison Barwell, que começa notando que o grupo de experiencias de que elle fazia parte, havia empreendido suas pesquizas com o auxilio de um sensitivo da Sociedade em questão, e medium escrevente; mais tarde, o grupo sendo aumentado por M. e Mme. Brown, não tardou a se descobrir que M. Brown era dotado de faculdades de clarividencia e clariaudiencia muito notaveis que deram logar logo ao sono mediunico, com personificações espiritas ; foi sobretudo por seu intermedio que se desenvolveu o caso de que nos vamos ocupar. M. W. H. Barwell escreve :

«No correr da 50.a sessão do nosso grupo se manifestou uma entidade que dizia ser o espirito dum Rev. F. Calder. Elle disse ter sido durante vinte um anos chefe principal da igreja de Chesterfield, e em seguida reitor, durante trinta e um anos em Wingerworth, perto de Chesterfield. Continuou assim dizendo : «Eu vejo que sois um grupo de investigadores severos da verdade; ponho me á vossa disposição, para espelir do circulo os elementos indesejaveis e vos ajudar com os meus conselhos nas vossas pesquizas. Assim será sempre que continuardes a vos ocupar destas questões com os mesmos fins elevados». Ele tomava a palavra, não faltando á sessão, dirigindo-a, abrindo-a e encerrando-a...

Os que acompanham o movimento espiritualista hão de se lembrar que um bispo anglicano bem conhecido, censurou acremente o Rev. Vale Owen, por ter permitido a Sir Conan Doyle fazer uma conferencia na igreja de Oxford. Ora, este bispo tinha sido um dos alunos do Rev. Calder ; este, com o fim de esclarecer a mentalidade de seu antigo aluno relativamente ás verdades espirituaes, tomou o compromisso de dar a todos, por intermedio do nosso circulo, provas de identificação dos mortos que fossem de natureza irrepreensivel ; com este fim, ele arranjou a intervenção nas sessões dum espirito desconhecido de todos.

Em 6 de fevereiro 1922, as 7 horas da noite, *William Sagar* (um espirito familiar do grupo) anunciou a presença de um defunto que ele não conhecia, e que desejava se manifestar no circulo. Acrecentou que seu nome era John Hacking, que tinha pertencido a uma congregação de Wesleyens e que tinha morrido a quarenta e cinco anos mais ou menos ; ele não poude fornecer dados mais precisos. Respondemos que nos sentiamos felizes por havermos recebido o recem-chegado ; e logo o vidente, Mr. Brown, disse que percebia um homem de porte elevado, de meia idade, inteiramente calvo, com barba cerrada, bigodes e labios superiores pequenos. Estava vestido de uma longa tunica preta, abriu num certo momento para mostrar ao vidente os joelhos arqueados, principalmente um deles.

Logo depois, falando por Mme. Brown em trance, este mesmo espirito disse ter vivido na cidade de Bury (Lauashire), onde tinha sido diretor na escola Wesleyenne de Clerk-street. Ele descreveu detalhadamente o que estava encarregado de fazer nessa escola, acrecentando que depois de sua morte, tinha sido substituido por um diretor chamado Marsden, que já havia tambem falecido. Descrevendo os locaes da escola, disse que ela tinha duas portas de entrada, uma para meninos outra para meninas. Falou de uma capela na rua da União, duma rua Clerke, que crusava perpendicularmente com a rua União. Terminou dizendo que sentia-se feliz de voltar ao meio terrestre para auxiliar nossas pesquisas.

Entre os membros do nosso grupo se achava a Rev. B..., que disse ter estado na cidade de Bury. Então o espirito communicante convidou o Rev. B. a fazer uma pesquisa para controlar as narrações fornecidas pelo espirito, o que o Rev. B. prometeu fazer. A sessão terminou assim.

E' preciso notar que nenhum dos assistentes, fora o Rev. B. jamais haviam estado em Bury; nenhum dos assistentes, nem mesmo o Rev. B. haviam conhecido a existencia dum obscuro mestre escola de nome Hacking, que viveu a quarenta e cinco anos. O Rev. B. que é um pesquisador sério, pediu e obteve dos assistentes, um atestado a esse respeito.

Na sessão seguinte, o comunicante Mr. Hacking explicou que tinha sido comissionado para se manifestar á conselho do «espirito-guia» Calder, e com fins bem determinados... O Rev. Calder se manifestou em seguida. Ele explicou ao Rev. B. ter levado ao circulo o director Hacking afim de fornecer as provas de identificação pessoal capazes; desejava então que o Rev. B. se movimentasse para bem conduzir a enquête e publicar, em seguida, o relato.

No correr da reunião de 24 fevereiro, o Rev. B. informou ao espirito comunicante Hacking que, dentre as principaes informações, doze tinham sido obtidas com o auxilio dos seus amigos como rigosamente veridicas. Então o comunicante pediu ao Rev. B. tratar das pesquizas de novas resenhas que ele estava disposto a lhe fornecer...»

Tal é o resumo das primeiras manifestações do espirito de John Hacking. Para não alongar o meu escrito, vejo-me na necessidade de interromper n'este ponto o encadeamento ulterior dos incidentes que se desenrolaram no curso de varias sessões, deixando de lado numerosas informações veridicas fornecidas pelo comunicante, para chegar á parte nova e excepcionalmente provante do caso em questão.

Em julho de 1922, o relator, Mr. Harrison Barwell estava na rua com sua senhora, a quem manifestava o seu desgosto de não ter encontrado uma pessoa capaz em Bury que pudesse lhe auxiliar a controlar de uma maneira satisfatoria o caso do espirito Hacking. Emquanto assim falavam, Mr. e Mme. Barwell viram duas pessoas que vinham ao seu encontro. Mme. Barwell reconheceu serem o major P..., e sua senhora, com que já se tinham encontrado numa reunião espirita; eles comprimentaram-se e começaram a conversar. Ele disse que nas sessões que no momento se efetuavam se manifestava o espirito de um desconhecido que tinha sido professor em Bury; mas que lhe era dificil controlar as suas afirmações, não podendo entrar em relação com pessoa alguma que as conhecesse nessa cidade. O major P. respondeu que ele as conhecia muito bem e que sua mulher havia nacido em Bury, onde tinha morado muito tempo. Esse encontro fortuito parecia verdadeiramente providencial, e Mr. Barwell convidou a M. e Mme. P. para comparecerem ás sessões.

Resultou então uma série de conversações entre o espirito comunicante Hacking e a mulher do major P., que apresentam um valor teorico consideravel, pelas razões que eu me reservo expôr depois.

Dia seguinte do encontro, do major P. e sua mulher não faltar na reunião da noite: logo que o sensitivo Mr. Brown caiu em sono mediunico, o espirito Hacking se manifestou. O relator continúa dizendo:

«Eu apressei-me em lhe apresentar os novos visitantes e Hacking sentiu-se encantado por achar-se na presença de uma pessôa nativa em Bury. Logo começou entre eles uma conversação animada, na qual estando um sentado vis a vis ao outro, comentavam com grande emoção reminicencias de um passado longinquo, emquanto eu tomava nota do que eles diziam.

O comunicante perguntou a Mme. P... si ela se lembrava da escola da rua Clerke, e ela respondeu que tinha morado proximo á escola, isto é, na rua Agar. O comunicante notou: «De fáto, a rua Agar não é senão uma continuação da rua Clerke. Acrecentou que ia nomear algumas pessoas que ela havia provavelmente conhecido». Por exemplo, Mr. Nelson, o relojoeiro da rua Agar, e o livreiro Wardleworth?» Mrs. P. respondeu tel-os conhecido, de fáto, mas que depois de certo tempo seus estabelecimentos não ficaram mais nessa rua». O comunicante diz que ia experimentar lembrar de outros comerciantes que existiam nessa, e começou: «e Mr. Hall, vendedor de verduras, vós conhecestes?» Mrs. P. respondeu afirmativamente, perguntando, a seu turno a M. Hacking si sabia qual o negocio que se achava de lado do de M. Hall. O comunicante lembrou então uma loja que se achava em frente e vendia maquinas, e acrecentou se lembrar muito bem que ao lado havia uma casa de moveis, que descreveu minuciosamente. Mrs. P. declarou que a descrição era absolutamente exata e que o armazem pertencia a seu pae. Então o comunicante notou que na loja de fronte existia um grande busto humano esculturado ao natural; ele falou de Mr. Hall, um senhor gordo, dum sr. Ioseph Burrows, de uma alfaiataria proxima e do proprietario que era o chefe da cidade, depois da loja de Watson, o cosinheiro cuja familia morava defronte dc Ateneo e que eram corpulentos e fortes.

M. P. perguntou então si o comunicante se lembrava de uma escola para meninas. Ele reflectiu por algum tempo, depois disse que se lembrava de duas escolas para meninas situadas nos Boulevards do Belvédère. Mrs. P. disse que essas escolas, de fáto, tinham existido, mas que não era dessas que falava. O comunicante pensou um instante depois exclamou: «Agora me lembro, trata-se da escola de Mr. X. Ele perguntou em seguida a M. P. si ela não era parente de Mr. Ashworth, o negociante de chapéos da rua Silver. Mrs. P. lhe respondeu negativamente. Ele acrecentou: «Defronte a esta havia uma casa de couros pertencente a Gile Hewart». Neste momento o major P. tomava palavra para diser que era pae do atual magistrado supremo da Corte de Justiça...

O communicante perguntou ainda: «Conhecestes o coronel Hutchinson que morava na esquina da rua Mosslane e que saía sempre á cavalo? Ela respondeu lembrar-se perfeitamente, e o communicante disse: «Como é bom se conversar com quem conheceu as mesmas pessoas a muito tempo!» Eu lhe fiz notar que ele tinha tido conversações interessantes com o Rev. B. Ele disse que sim, mas que aquela d'aquela noite fôra ainda mais interessante.

Mrs. P. perguntou ao comunicante si se lembrava da data da inauguração da capela da rua União; ele respondeu que preferia não enunciar datas pois não tinha certeza de tel-a gravado em sua memoria, mas disse que a data estava escrita na fachada da capela.

Ele perguntou si Mrs. P. tinha conhecido Mrs. Clarkson Hay, um rico senhor; e Mr. Probert, o chefe do correio. Mrs. P. que os conhecera de nome. — E Balliwell, o gordo mercador de carvão, conheceste? Não tinhas um irmão que usava pince-nez? Eu o vi varias vezes na porta do armazem de vosso pai; suponho que era vosso irmão.» — Não, respondeu Mrs. P., que tinha cinco irmãos. (no correr duma outra sessão ela informou ao espirito comunicante ter identificado o moço que ele julgara seu irmão; era Henri Hall que usava pince-nez). Ele perguntou ainda: «Lembrai-vos do que havia ao lado da porta de entrada para os moços, na Escola da rua Clerke? Ela respondeu: «me parece que havia um negocío»—O comunicante replicou: «Não, era um Restaurante Britanico, que na realidade não passava de uma brasserie, de um certo Tom Diggie... Conheceste Billy Wittau? — Sim. Não confundaes com Bily Wittau que morava perto da igreja e mandava seu filho na minha escola. Conheceste Ashton Hine que se salientava pelos chapéos de aba larga, que usava? — Sim, me lembro.

Ele tinha uma filha chamada Cissie, professora da Escola Trindade. E Miss Shaw, conheceste? Era costureira á rua Mosses, mas tinha perdido as pernas e andava num carrinho que ela mesmo manobrava...» — Sim, me lembro. Conheceste Tomas Blunt, rua Hywood, e sua cavalariça que incendiou-se e os cavalos pereceram no desastre? — «Certamente não me lembro!»

Ele falou em seguida de William Weldon, fotografo, que possuia um carrinho com um pequeno cavalo para transporte de pianos. Mrs. P. disse que John Weeldon, filho desse homem era sempre chamado para conduzir moveis, por seu pae...— Conheceis a livraria do Ateneo?—Sim. E o velho Fontiman? — Sim.

Nessa occasião, como era tarde, o comunicante deu bôa-noite e antes de se retirar disse que esperava rever ainda Mrs. P...

Ernesto BOZZANO.

(Continúa)

Fotografias Psiquicas

(Traduzido de «The Greater World», de 15 de Novembro de 1926.)

As demonstrações de mediumnidade por fotographias psichicas, que os srs. C. e G. Falconer, de Edimburgo, deram em Londres, durante sua estadia de duas semanas, a contar de 19 de Outubro, foram altamente coroadas de êxito.

Mais ou menos 95 por cento dos visitantes constataram «extras», mas o prodigioso esforço dispendido nas sessões diarias gradualmente se fez sentir, até que, em 29 de Outubro, o poder falhou. Reconhecendo a situação, os mediums cancelaram todos os contratos remanecentes.

Os Irmãos Falconer

O mesmo sucedeu em maio ultimo, mas, depois de uma semana de trabalhos, a maravilhosa fotografia de Zodiaco e da cruz foi obtida, graças ao auxilio dedicado do «Greater World House», em 1.o de Junho..

Os snrs. Falconer visitarão outra vez Londres em Janeiro vindouro, para novas series de sessões. Estas são sempre realizadas em plena luz do dia e os interessados são convidados a examinar préviamente as chapas.

Dá-se um fáto interessante: os dois irmãos não conseguem resultado algum quando «posam» separadamente. Indubitavelmente, um é complemento do outro para este trabalho particular.

Eles tentaram, por diversas vezes, trocar de lugar — Craig na máquina e George passando para o seu lugar ao lado da pessôa que «posa» — mas sem resultado.

Uma fotografia estranha

Abaixo reproduzimos uma estranha fotographia.

A face do espirito póde ser vista melhor, inclinando-se o papel para a direita. Como ela foi obtida, descreve a senhora Aeschemann:

«Varias pessôas cultas que conheço, e que têm sido iniciadas ultimamente no Espiritualismo, encontram dificuldade em acreditar nas fotografias espiritas, em vista da possibilidade de mistificação.

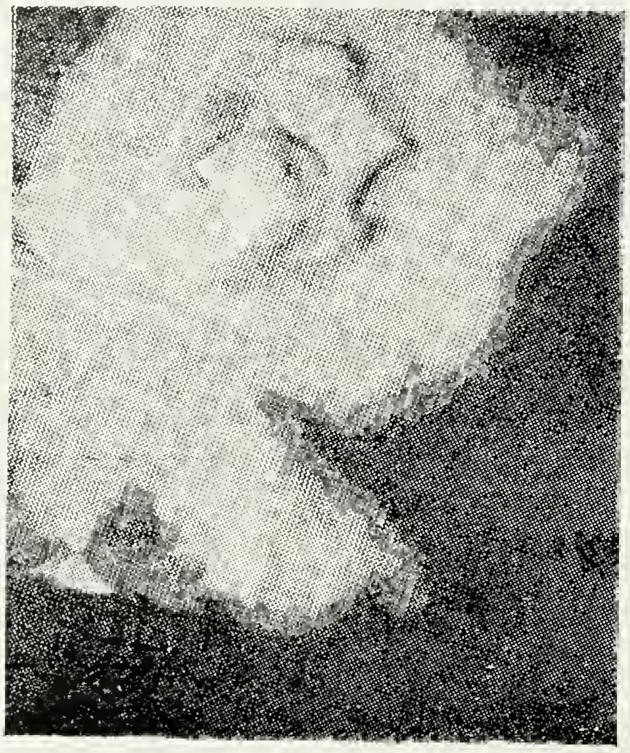

Um «extra» estranho

Em virtude disso, eu, por minha vez, para conseguir uma prova com os irmãos Falconer, primeiramente supliquei para que, se porventura se revelasse um «extra», fosse um que não pudesse ser mistificado.

Emquanto esperava pelo meu companheiro de «pose», tomei o meu logar e orei.

Os irmãos vieram para a sala e convidaram-me a acompanhá-los até á camara-escura, para ver e rubricar a chapa a ser batida. Tratava-se de um pacote novo, que foi aberto em minha presença e, tendo eu rubricado a chapa, assistí á sua colocação na máquina.

O snr. Craig e eu nos sentámos e recitámos a «Oração do Senhor». Dois versiculos de «Jesus, Amante de minha alma» haviam sido cantados, quando a exposição se deu.

Em companhia do snr. George, fui assistir á revelação da chapa e ví que indubitavelmente havia um «extra».

Posso absolutamente afirmar que toda a possibilidade de fraude, fôra afastada.

Trata-se de dois simples, zelosos operarios, que não recusam experiencias se qualquer pessôa lhes trouxér suas proprias chapas.

Examinando pormenorizadamente o retrato psiquico, poder-se-á verificar que, posto que o nariz apareça de frente e encobrindo o meu olho direito, o resto do rosto termina atrás de minha cabeça.

O «extra» é desconhecido, mas apresenta traços familiares, especialmente na pálpebra lánguida e na sobrancêlha.

Estou empenhada em encontrar, entre os antigos membros de minha familia, um que me possa auxiliar para identificar o meu «extra».

O Espiritismo e sua Palavra

«Eu não vim condenar o mundo, mas sim para salvar o mundo; eu não vim destruir a Religião, mas fazer com que ela seja cumprida; eu não vim opôr embaraços á ciencia, mas tornal-a verdadeira e progressiva. Não quero a morte do impio, mas que o impio se converta e se salve.

Mas vim, como outr'ora entre os filhos degradados de Israel, com a autoridade da Palavra e com a faculdade da ação. Vim com o poder e a magestade dos fátos; trago na dextra a Fé que orienta, e á sinistra o Amor que salva.

Eu sou a luz do mundo e quem me seguir não verá trévas.

NATHAN.

Curas pelo Dr. Barcroft, espirito curador

Pelo Coronel
WALTER SHAKERLEY

Traduzido de «The Greater World»
de 13—12—1930, pag. 397).

HA tempos, comuniquei á senhorinha Mayes que eu esperava obter permissão para publicar uma fotografia do espirito do Dr. Barcroft, que me havia honrado com sua amizade. Já me referí a êle no artigo publicado em «The Greater World» de 27 de Setembro.

Recentemente o medium me visitou e não sómente accedeu a meu pedido, como tambem forneceu a informação que abaixo segue :

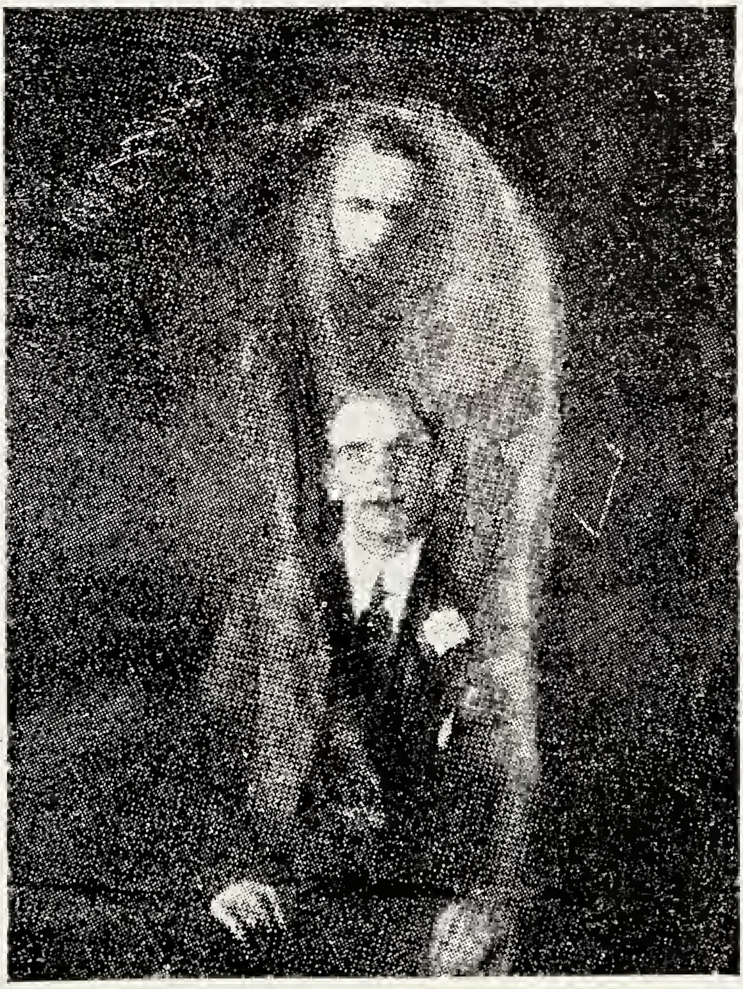

Espirito Curador

«Dr. R. F. Barcroft — filho de um outro Dr. Barcroft que éra muito conhecido pela descoberta que fez de um anestésico — morreu em 1837, com a idade de 61 anos, depois de longo tirocinio médico, na maior parte em Londres, mas, no fim de sua vida, na India, onde contraíu a malaria que se lhe tornou fatal.

Desincarnando-se, ele julgou que sua missão no sentido de minorar o sofrimento humano não havia terminado e, para usar da frase que êle proprio empregou quando falou comigo, começou logo a «montar guarda aos hospitais», na esperança de encontrar um aparelho por cujo intermédio pudesse expressar-se.

Mas foi sómente em 1912 que êle descobriu, no snr. H. B. Tyrer, de Preston, o instrumento desejado.

O snr. Tyrer achava-se, naquela época, em tratamento na Real Enfermaria de Preston, em virtude de um acidente sofrido, e o Dr. Barcroft, usando de sua influencia sobre o pensamento do medico assistente, não só efetuou a cura, como tambem descobriu que, na pessôa do enfermo encontrára um medium aproveitavel.

O snr. Tyrer, além de medium é ervanário, de maneira que êle está capacitado para ministrar as prescrições do espirito do doutor.

Ele é o guia nominal da Igreja Espiritualista de Preston. Eu digo «nominal» propositadamente, porque o dr. Barcroft é, sem duvida, o verdadeiro guia. Por intermédio do snr. Tyrer, êle dirige uma Escóla, todas as terças-feiras, e tambem préga na Igreja num domingo por mês. Nos domingos restantes, êle envia mensagens ás cidades circumvizinhas.

O dr. Barcroft é provavelmente pouco conhecido dos Espiritualistas de fóra de Lancashire, porque o snr. Tyrer é incapaz de abandonar seus doentes por pouco tempo que seja, mas o doutor tem sido ouvido, ocasionalmente, nas regiões adjacentes.

Eu proprio o ouvi conferenciar por mais de duas horas seguidas e a assistencia lamentou quando êle se retirou.

Admiravel tratamento para malaria

Com referencia aos poderes deste guia-curador, em vista do pouco espaço que tenho á disposição, poderei apenas tocar ligeiramente nos fátos a que tenho assistido pessoalmente, embóra me haja contado o doutor que efetuára curas nos casos do Dr. Ellis Powell e dos snr. e snra. Vale Owen.

Ha quatro casos de meu conhecimento, sendo o primeiro o meu proprio.

Eu vinha padecendo, pelo espaço de quatro mêses, de uma dolorosa erupção, que ninguem foi capaz de curar.

Finalmente, conseguí entrar em conhecimento com o dr. Barcroft, por intermedio do snr. Vale Owen. Fui visitar o snr. Tyrer e, nessa ocasião, seu guia tomou-me a mão e ditou uma simples prescrição ervária. Em menos de tres semanas fiquei completamente curado.

Mas a malaria é o ponto mais fórte do doutor, porque, tendo-a éle proprio sofrido, fez naturalmente um estudo especial dessa molestia.

Em 1925, a pedido de um médico local, levei ao dr. Barcroft um amigo meu que sofría de violentos ataques de malaria, de quatro em quatro dias, e que estava, por esse motivo, muito proximo do seu fim.

O guia segurou lhe as mãos por alguns minutos, disse lhe qual éra a sua doença e ditou uma prescrição. Levei meu amigo para casa, distante duas horas por estrada de ferro, num estado quasi de colápso.

Passei varias semanas sem vê-lo e, quando o encontrei, estava êle em gozo de saude robusta, cuidando de seu jardim. Contou-me que, na noite em que regressára de Preston, fôra acometido de um fortíssimo ataque, mas depois, tomando o remédio que chegára no dia seguinte, nunca mais tivera outro. Julgo que, até hoje, os ataques não mais se repetiram.

No ano seguinte, num feriado, minha irmã, a quem eu contára esta cura, encontrou-se em casa de um oficial que estava licenciado por doença.

Tratava-se de um caso de malaria, tão grave como o precedente. As autoridades haviam lhe vedado o embarque para a India, pois isso lhe sería fatal.

Aconselharam-no a visitar o dr. Barcroft e êle locomoveu-se, em pequenas etapas, da Costa do Sul até Preston.

A mesma cena sucedeu: uma visita de meia hora, o caso diagnosticado simplesmente pelo toque manual e, por fim, uma prescrição ervária.

Tres mêses depois, apresentava-se êle proprio no regimento da India, curado, mas lhe deram tres mêses de licença para se restabelecer.

A doença não se manifestou mais e êle regressou para a India completamente curado.

O quarto caso não éra de natureza fatal, mas decididamente sério. Um amigo meu foi perdendo, gradualmente, a faculdade de escrever, o que éra essencial para sua profissão. Como eu estivesse com consulta marcada com o dr. Barcroft, convidei-o para ir comigo.

O dr. pegou-lhe a mão e perguntou-lhe o que julgava sofrer, pelos sintomas que se apresentavam.

Ele respondeu: «câimbras de escritor».

O guia, entretanto, informou-o de que aquilo éra legado de alguma febre e ele, então, confessou que tivera interite durante a guerra.

Foi lhe receitado mergulhar a mão em agua quente por um minuto, todas as manhãs, durante oito dias, secando a depois com doze pancadas na toalha.

O doutor, sorrindo, perguntou se se êle iría executar tais conselhos excêntricos e ele respondeu afirmativativamente, pois aquilo lhe parecia tratar-se de uma cura por sugestão.

Ele assim procedeu e, depois de tres semanas, poude escrever tão bem como fazia antes. E' verdade que as câimbras mencionadas ás vezes ameaçam de voltar, mas o espirito do doutor, apenas com uma alteração da dieta, o põe novamente em perfeito estado.

Estou propenso a crêr que, talvez, tenha sido ésta uma cura por sugestão, mas não haverá um «*poder*» atrás daquelas simples instruções?

A fotografia inclusa foi tirada em 1.922 com o snr. Tyrer, a pedido de seu guia, pelo snr. Hope, do «Crewe Circle».

Comquanto haja o dr. Barcroft vivido ha muito tempo, assegura o fotografado que este retrato é uma fiel representação de sua fisionomia terrena.

Vida e Obra de Diogenes de Medeiros

(Conferencia realisada no 60.o dia da sua desincarnação, 7 março 1931, na União Suburbana, pelo Dr. João Passos, Medico

(Conclusão)

Haverá duas physiologias?

Não creio. Creio, sim, que a nossa physiologia ainda é muito superficial para inquerir desses phenomenos intimos da vida.

Tomemos dois seres inferiores. Isto é a repetição de uma experiencia de physiologia. Aqui temos uma rã e um peixe, ambos vivos.

Aqueçamos o primeiro, a rã, em agua quente, progressivamente, e esfriemos o peixe, tambem progressivamente. Antes de attingir a 50° centigrados, a rã estará entorpecida, paralysada, sem movimentos e sem sensações, como morta, mas de facto em estado de vida latente; o peixe, antes de attingir 15° abaixo de zero, soffrerá a mesma transformação da rã: ficará duro, paralysado, rigido e tão rigido que, se o percurtirdes com o martello, quebrar-se-á como se fôra um objecto de vidro...

No emtanto, desse aspecto mineral, o peixe, lentamente aquecido, voltará á vida normal. O mesmo acontecerá com a rã, quando lentamente resfriada. Todos sabem que nos tumulos egypcios, dos pharaós, profanados principalmente por exploradores inglezes, foram encontradas sementes de cereaes, de trigo — principalmente, que ali haviam sido depositadas ao lado das mumias, ha millenios. Pois bem—essas sementes, plantadas, germinaram, floriram, fructificaram... Essas sementes ficaram em vida latente millenios. Assim teriam ficado o peixe de nossa experiencia e a rã, mantendo as mesmas condições experimentaes.

Todos os animaes inferiores offerecem este espectaculo da vida latente. Os fakires, catalepticos voluntarios, assim como os que cahem em catalepsia involuntariamente são outros tantos exemplares de vida latente entre os seres humanos.

O somnambulo, o *sujet*, quando em estado de transe, tambem apresenta uma grande diminuição em seus phenomenos vitaes, podendo chegar á catalepsia.

A acção do calor e do frio exerce a mesma influencia sobre os animaes, como sobre nós humanos, dependendo apenas do grau de intensidade.

Esses estados, porém, na humanidade, são motivados por causas oppostas: no somnambulismo, no fakirismo, na catalepsia, é a alma que se aparta ficando apenas presa ao corpo por um tenue filete fluidico pirispiritual. Nos estados de decomposição da materia, estados morbidos adeantados, nas agonias, ao contrario - a alma é que é repellida da materia por não mais subsistirem os laços fluidicos vitalisantes.

Ora, assim como a nossa physiologia jamais comprehendeu os estados somnambulicos e catalepticos, assim tambem no phenomeno que contemplamos só o Espiritismo poderá formular conceitos consentaneos com a logica dos acontecimentos.

O mundo vivo differe do mundo inorganico pelo principio vital (fluido) que dá á materia, sempre a mesma em todos os corpos, um grau de vibratilidade electro-magnetica capaz de pol-a em movimento incessante de trocas constantes com o meio ambiente—phenomeno que traduz, materialmente, a propria vida, no conceito de Blainville, embora seja apenas o resultado da vida.

Ora, se, ao contemplar uma chaminé fumegante, de uma usina, alguem induzisse erradamente: *ali se se trabalha porque a chaminé fumega*, eu viria para sustentar ao contrario, isto é, *ali ha fumaça porque a usina funcciona*...

Assim é a vida: nós tambem *fumegamos*, expellimos gazes constantemente, e absorvemos tambem incessantemente; mas isto não constitue a vida, é apenas o resultado da propria vida, uma consequencia dessa vibratilidade prodigiosa de moleculas que se entrechocam, combinam-se, dissociam-se e recompoem se incessantemente...

Eis aqui o prodigio do fluido vitalisante! Mas, nos seres que pensam, que sentem, que amam, sem duvida, ha um accrescimo á vitalidade: é o pensamento, é o amor! Eis aqui a scentelha divina, a alma, presa ás contingencias da materia pelo fluido vitalisante. Mas, então, os animaes tambem possuirão alma? Sim, necessariamente. Mas, esta alma animal estará em correlação com a nossa alma, representará um estadio de nossa propria evolução? Não sei, e ninguem poderá sabel-o na terra. Mas, as opiniões do Além, dizem, se dividem sobre este ponto.

Com quem ficamos?

Se essas fontes merecem o mesmo conceito, ah! então, jamais poderemos ser juizes, mestres daquelles que meditam no Além. Ou então o Espiritismo terreno seria superior ao que nos vem do Além!... Mas, existe algum espiritismo feito na terra? O verdadeiro, pelo menos, só tem uma fonte —: o Além.

E o Aquem—tambem fabrica espiritismo? Creio que sim, a julgar pela multidão, as montanhas de trabalhos contradictorios que por ahi andam perturbando as almas frageis.

Restam-nos, portanto, as opiniões do Além. Ellas se diversificam? Mas, terão mesmo uma só fonte, como capacidade intellectual, virtude, verdade, amor?

Se assim forem, então, na terra ninguem poderá julgal-as, salvo se houver alguem neste mundiculo capaz de se arrogar a posição de mestre, para resolver as questões que os proprios luminosos discutem do Além e no Além...

Para nós, entretanto, os scientistas que tudo sabem, mas ainda não puderam assistir, nos seus experimentos incessantes, a simples transformação de um ser unicellular vegetal em cellula animal, ou vice-versa — comprehendem menos ainda da vida do que nós, espiritas, porque elles nada mais enxergam além da brutalidade physico-chimica.

Entretanto, os nossos irmãos scientistas poderão inquirir-nos: porque tudo isso? Esse além, esse fluido, essa vida, essas maravilhas todas que exhibís, esses mysterios impenetraveis? E eu lhes responderei: vós tendes sempre interrogações a fazer; as vossas interpretações scientificas estão iriçadas de *porquês;* entretanto, se vos perguntarem: que é afinal a propria luz que contemplamos, a electricidade, o calôr, as ondas hertzianas, e tudo mais, — qual a genese de tudo isso, vós vos acolhereis prudentemente por detraz de vosso cartaz de cobertura de sempre: *a sciencia ainda não chegou a este ponto de explicar a genese das energias universaes*...

Mas, então, porque quando se trata de phenomenos mais difficeis e mais sublimes, aquelles que se referem á vida, á alma, aos destinos humanos inevitaveis e profundos — *vós* negaes tudo, *á priori*, e vos esqueceis de vosso cartaz de segurança: *a sciencia ainda não chegou até lá?*

Se a vossa sciencia ainda não chegou até lá—permitti que vos diga — já o vosso coração lá deveria ter chegado — porque sabeis que tudo é uma maravilha no mundo, nos mundos, como em todo o universo surprehendente. Ora, quem poderia presidir a esta maravilhosa harmonia senão uma sabedoria e poder infinitos como os de Deus — nosso Creador — nosso Pae? Pois, como poderia o nosso pensamento, o amor, tudo quanto constitue a vida humana, essencialmente, desapparecer tambem, perder-se no vasio do *nada*, que ninguem póde saber o que seja—se vós tendes o cuidado, quando trataes da materia e da energia, de *dizer que nada se perde, e que as energias se transformam, mas não perecem?* E quando não vos reconheçaes com o direito de sentir e pensar, pelo menos deveis conceder aos espiritas esse direito de pesquisar, estudar, sentir e receber os ensinamentos do mundo espiritual, que estão ao alcance de todo o mundo, ainda das creaturas mais cégas do universo.

O Espiritismo é hoje uma sciencia eminentemente experimental. Aqui, no phenomeno estudado, a vida organica, com a sua progressiva marcha para o collapso extremo, ia se extinguindo a pouco e pouco, lentamente, apagando-se, diluindo-se num crepusculo suavissimo; mas a vida psychica, ao contrario por uma dissociação maravilhosa, ostentava-se cada vez mais lucida, até que, no momento final, teve a sua expressão apotheotica: a alma, que se sentia prestes a desprender-se da materia, acena para os seus, chama-os, congrega-os em torno de si, faz a sua supplica ao Pae pelos que ficam, fecha as palpebras e adormece tranquillamente — isto é, — parte deixando a materia inerte e regelada...

Que materia é esta que ainda nos momentos extremos, quando tudo devia estar em decomposição, sem personalidade já, tem estes requintes de fé, de piedade e de amor?

Que chimica será essa? Ah! Sim! — é a chimica divina do amor! E' a alma! Mas quem não sente ahi a energia superior da alma, a eterna coordenadora, perfeitamente dissociada no momento inevitavel da separação, prestes a despedir se das vestes pesadas da materia, já declinando, demudada, para a simples mineralidade?

Quem?!

O orgulho pode tecer em torno de vossa fronte, meus queridos irmãos materialistas, o mais trevoso véu, a mais aberrante cegueira; mas, se levantardes o vosso olhar para o infinito, para os céus, o pezo dos myriades de mundos que gravitam no azul, qual um enxame de sóes maravilhosos, vos esmagará a fronte e vos fará pensar nos destinos da alma humana, naquelles entes amados que se foram, e nas maravilhas divinas do amor infinito de nosso Pae!

Tenho assistido a enfermos com lesões gravissimas, que desincarnam sem uma dôr, sem um gemido, sorrindo docemente.

Qual o papel, portanto, das grandes lesões anatomo-pathologicas?

Tenho assistido a outros enfermos, com lesões minimas, apresentando soffrimentos inenarraveis. Tenho mesmo assistido a muitos que, sem lesão alguma constatavel, soffrem intensamente. Para nós é o estado da alma; são as vibrações, são os fluidos, são as energias desse laboratorio prodigioso da alma humana, que perturbam o metabolismo intimo, causando, ou soffrimento atroz, ou a euphoria indisivel. Mas, nesta esphera de perturbações vibratorias—pois que tudo é vibração no universo—é mistér incluir as perturbações de origem externa, as vibrações dos pensamentos de odio, devastadores, quer das almas iracundas, quer, sobretudo, a vasta palpitação dos que erram no Além e gravitam em torno das miserias terrenas, harmonicamente presos ás suas dores profundas...

Mas, meus concidadãos eternidadenses: haverá duas dores iguaes? Haverá mesmo dois soffrimentos iguaes? Haverá duas venturas iguaes? Não acredito. Creio que tudo varia infinitamente: a mesma paisagem que encanta uma alma, pode desgostar uma outra alma; o mesmo acontecimento que enlouquece uma creatura póde ser recebido differentemente por uma outra alma...

Será uma méra questão de evolução, de altitude moral ou intellectual? Mas, quando duas almas se encontram num mesmo plano igualitario, moral e intellectual, terão as mesmas sensações, conceberão igualmente?

Acredito que não. Acredito que

cada alma seja um prisma divino em cujo ambito as maravilhas da creação despertam matizes mil, coloridos *sui generis*, e que o universo sublime seja uma eterna symphonia de cantos infinitos, onde cada alma representa uma estrophe luminosa de amor, de luz, de vibração inenarravel. E, ainda que reunissimos todas as Schaharazades do universo, para contar, nos dias de mil e um seculos, os sonhos de amor que rolam pelos azues illimitados, ainda assim, nenhuma dessas princezas, ao cabo da tarefa maravilhosa, teria avançado uma letra, do alpha ao beta, no livro inconcebivel do poema divino da creação!...

Meu Diogenes: o teu coração, neste momento, recebe todas as vibrações dos teus amados, cada qual um sol, uma estrella, uma Canopus de saudade, de amor, de doçura inenarravel. Mas, em meio das luzes destes astros offuscantes, a esposa, a filha, o filho, a nora, os netinhos, os amigos todos; em meio de toda esta constellação de amores, ha um fiosinho de luz quasi perdida no emmaranhado das côres palpitantes: este raiosinho é o meu coração, que tambem te estremece, te venera e te contempla sempre com aquella mão patriarchal erguida outrora paternalmente, num consolo infinito, sobre o esquife de uma grande dôr!

Recebe o meu osculo filial: Adeus!

CONCLUSÃO

Grande cousa é o Amor!—unico bem que verdadeiramente existe!

(Mme. de Stael)

Que profundos ensinamentos nos proporciona a contemplação de uma existencia fecunda como a de Diogenes de Medeiros!

Nascido de paes humildes; creado numa situação de humildade, em rusticos labores, Diogenes, no momento opportuno, despertado por sua grande mediumnidade, retomou, providencialmente, a posição que lhe competia como alma esplendidamente evoluida.

Passou por todos os credos, superficialmente, antes de encontrar a verdade espirita e por ella pautar o caminho de sua finalidade na existencia que encerrou tão brilhantemente.

Tendo construido um monumento imperecivel de caridade e de amor, elle deixou-nos um legado difficil de ser igualado.

Contemplando com indisivel contentamento uma existencia tão cheia de fé, de bondade, de perdão, de amor, nós sentimos, em todo o seu esplendor, a grandesa daquelle enunciado da sabedoria antiga: *os homens se agitam, mas só Deus os conduz.*

Assim embevecidos na contemplação da maravilhosa alma de Diogenes, e fortificados pelo exemplo dignificante de abnegação e de amor, encerramos este simples bosquejo de sua biographia, supplicando ao Amor de todos os Amores, ao Pae, sua divina paz para os corações afflictos da terra!

Assim seja!

O SENTIMENTO RELIGIOSO

O sentimento religioso, expurgado das superstições ancestraes, poderá converter-se em individuos mais cultos, numa pura aspiração moral que não contradiga as verdades do seu tempo; aperfeiçoando-se em função da experiencia, inspirará o desejo de agir moralmente, dignificando a vida individual e social.

Talvez chegará a hora em que os homens melhores não busquem na cumplicidade de deuses utilitarios, inventados, talvez para consolo de vitimas ou justificação de verdugos, a verdadeira fé; então acentuará as forças moraes e procurará na sabedoria o cumprimento do dever.

José Ingenieros.

Chronica Extrangeira

Por W. Campello

UMA PREDIÇÃO E SUA REALISAÇÃO

Pela sra. Field

De «The Greater World»

As narrativas que appareceram recentemente em «The Greater World», relativas a cães psychicos e visões de animaes, despertaram na minha mente um notavel facto em que um cavallo desempenhou uma parte importante, até o momento em que o extraordinario facto confirmou a occurrencia do extranho phenomeno. A pedido do editor, vou relatar toda a historia. E' a verdade em todos os seus detalhes; sou disso testemunha. Acrescento que esses factos se relacionam com a minha propria familia e deram se ha muitos annos.

A Fazenda Stackpole, em Parish of Stakpole, estava exactamente á margem do mar. Achava-se proxima de uma estrada de rodagem que apresentava uma curva não longe da fazenda. Nessa curva havia um portão para impedir a sahida do gado. O proprietario tinha tres filhas. Infelizmente elle fazia uso imoderado de bebidas alcoolicas.

Em uma clara noite de luar, Maria, a filha mais velha, de seu quarto olhava pela janella antes de deitar se. Subitamente uma exclamação de surpreza escapou-se de seus labios. Voltou se para sua irmã Kitty e disse: «Olha, o carro de Simão está entrando no pateo. Oh, agora retiram do carro um caixão funebre e trazem-no para a nossa casa?» Kitty, um pouco horrorisada, olhou pela janella, mas nada via fóra do commum. Quando o carro e os homens desappareceram tão silenciosamente como tinham vindo, Maria convenceu se que tivera uma visão e que era a predicção de alguma coisa sinistra que ia consumar se.

A Previsão de um Fazendeiro

Algum tempo depois o fazendeiro como elle tinha por habito fazer, foi ao mercado de Pembroke, conduzindo um carro tirado por um novo cavallo fogoso. Na cidade, tratando de seus negocios, entregou se, como habitualmente, a libações, de modo a não achar-se em estado normal quando, á tarde, voltava para a fazenda. Todavia o seu estado alcoolico se desvanecia gradualmente. Quanto mais se aproximava de casa mais normal sentia a sua cabeça. Chegando á curva o cavallo tornou se muito inquieto diante do portão. O fazendeiro saltou ao chão e abrio o portão. Não só o animal não avançava, como sacudia a cabeça e escouceava violentamente a ponto de ficar coberto de suor quente e abundante. O homem então seguio á frente, puchando-o pelas redeas.

A lua cheia brilhava intensamente, lançando negras sombras das arvores e cercas. Emquanto lidava com o cavallo, a attenção do homem fixou se subitamente em extranha visão. Uma procissão de gente vinha da fazenda para o seu lado. Elle pensou de si para si: «Eu não posso comprehender porque esse povo atravessa o campo em logar de vir pela estrada!» Mas elles se aproximavam, até passar junto a elle. Então elle vio que carregavam um caixão mortuario. Olhou para o mesmo e vio o seu proprio nome escripto sobre a tampa.

O Cavallo Terrificado

Outra feição particular: a primeira pessôa de lucto éra seu primo irmão, proprietario da fazenda visinha, porém elle não via a sua propria mulher e filhos. Toda a scena chocou-o profundamente, como facilmente se pode imaginar. Naquelle momento achava se, o cavallo apoiado sobre as pernas trazeiras e mostrava-se particularmente terrificado. O fazendeiro teve o maior trabalho em dominar o animal. E este absorvia toda a sua attenção e o homem cautelosamente trabalhava para fazer passar o cavallo juntamente com o carro pelo portão e para o pateo.

Elle então ordenou ao empregado para raspar bem o animal. Este ficou surpreso em ver o seu patrão tão mortalmente pallido, e o cavallo — nunca tinha suado tanto! Perguntou o que acontecera e o fazendeiro, muito satisfeito por falar a alguem, relatou a sua sombria aventura...

Quando Maria ficou sciente do que ficou dicto, lembrou-se de sua visão e assim, sua irmã e mãe.

Passa se algum tempo. Um dia o carro de Simão chegou á fazenda. O homem parecia muito triste e embaraçado. Que seria? A mulher do proprietario foi chamada e o homem disse-lhe que acabavam de trazer o corpo de seu marido no carro. Acharam no morto na estrada, depois de encontrarem o cavallo e o carro vasio. Tornou-se evidente que elle tinha cahido ou fôra cuspido do vehiculo; o seu pescoço estava fracturado.

Quando se realizou o funeral, a estrada se achava em concerto e intransitavel. Consequentemente o cortejo foi forçado a atravessar o campo da casa ao portão, precisamente como o fazendeiro o tinha visto em visão. Outra vez, o que mais chorava éra o seu primo George, da propriedade visinha, a viuva e filhas recusaram-se a acompanhar o funeral, porque não tinham recebido os vestidos pretos pedidos.

A evidencia neste caso foi por tres vezes: visão de Maria, visão de seu pai e do animal terrificado.

A previsão foi neste caso por tres seres diversos: visão de Maria, visão de seu pai, visão do cavallo terrificado.

A VOLTA DO MENINO

Pela sra. E. Wood

De "The Great World"

Tenho grande interesse por «The Greater World» e vou relatar um facto que se deu comigo.

Ha muitos annos estava eu na Africa desempenhando as funcções de missionaria e, naturalmente, deixei os meus filhos em casa. Um filhinho nosso com sete annos, falleceu emquanto se achava na escola.

Quando tive conhecimento do acontecido, grande foi o meu pezar, ficando eu profundamente abalada. Parecia impossivel desembaraçar-me da terrivel depressão causado por esse golpe.

Numa noite tive um sonho ou visão de que até hoje me lembro perfeitamente bem. Meu filho veio a mim e achava-se de pé ao lado de minha cama, ao mesmo tempo que seu anjo da guarda tomava assento no quarto, um caro e velho vigario que, quando no mundo, muito se interessava pelo trabalho de meu marido. Em minha alegria, exclamei: «Oh, aqui está o pequeno Stanley». Perguntei lhe si éra feliz no céu e elle disse: «Oh sim, cantamos, temos jogos e tenho uma amiguinha». Estendi a minha mão para tocal-o, mas elle se afastou, parecendo intranquillo e disse: «Devo retirar me para o céu agora». Segui-o para fóra do quarto e, pelo corredor, a outro quarto, quando subitamente elle se elevou, abanando suas mãos, dizendo: «Adeus, mamãe».

Elle falava com muita rapidez e sua voz éra exactamente a mesma quando na terra, portanto seu maneirismo.

Agradecer-vos-hia muito por uma explicação.

Nota do editor: O menino voltou e permittiram-lhe manifestar-se para confortar sua mãe. Todavia o seu meio éra o de felicidade, assim, após o reconhecimento e conversação elle foi impellido para traz, para a sua morada real.

E' uma experiencia commum os corpos de materialisação etherea dissolverem-se, quando tentamos tocal os, correndo a desintegração, sem duvida, por conta do contacto com vibrações da materia e emoção.

UM CÃO PSIQUICO

De «The Greater» *Pela sra. Hehir*

Tendo muitos de vossos leitores, naquelle tempo, manifestado prazer em ver a figura psychica de um cãosinho de Cairn e seu amigo rafeiro, publicada em «Greater World»—Janeiro, 10, penso que talvez esse incidente, que se deu ha dois annos, pode ser interessante.

Uma sobrinha de meu marido achava-se muito doente e devia ser operada durante a tarde do dia em que occorreu este incidente.

Meu marido estava ausente e eu estava com todo o trabalho e responsabilidade sobre os meus hombros. Fui tomar a merenda, sentindo-me muito depremida e sósinha. Quando me sentei, subitamente me apercebi da presença de um caro e amado amigo, fallecido dois annos antes, Era natural da Russia, de grande encanto e caracter nobre a quem, com muito orgulho, considero um amigo estreitamente ligado. Isto não era coisa extraordinaria, visto elle muitas vezes ter vindo quando nos reuniamos em outras occasiões. A sua presença neste momento era tão real e confortadora que, como não houvesse criados presentes, eu falava com elle em voz alta.

Uma prova admiravel

Meu cão, Tara, dormia estirado ao sol no outro extremo da sala, subitamente acordou, atravessou a mesma sala e sentou-se ao «seu lado» e descansou uma de suas patas sobre o «seu braço», soltando pequenos latidos de emoção. Eu fiquei sem fala ; era uma prova admiravel. Eu tinha chamado o cão em vóz alta de modo que elle devia ter vindo a mim, como usualmente. Porém, não, elle foi e sentou-se junto do que, a uma pessôa entrando na sala, teria parecido uma cadeira «vasia» e sua pata pousada apparentemente no ar. Toda a pessôa que conhece o peso da pata de um cão irlandez, sabe que elle não conseguiria conservar-se nessa posição durante cinco minutos, a não ser que visse e sentisse um «braço» sobre o qual descançou a sua pata.

Devo mencionar que o cão era ligado por estreita amizade ao meu amigo quando o mesmo se achava no corpo physico. Não duvido de que o cão é um psychico. Quatro semanas depois da morte do cãosinho de Cairn, o meu cão uivava e indubitavelmente o via, e estou convencida de que a sua visão e força psychica auxiliaram materialmente a producção da figura espirita do cãosinho.

PREDIÇÃO DE UMA TRAGEDIA

Por Sir C. W. Bennett *De «Beyond»*

Quando investido das funcções de Consul Geral de Sua Magestade em Nova-York, sir Bennet recebeu a seguinte informação curiosa de uma das mais heroicas tragedias da historia —

Que são sonhos ? São elles simplesmente a actividade de um cerebro em horas de somno ? Sómente isso e mais nada ? Ou ha nos sonhos alguma coisa mais, outro sentido, talvez sobrenatural, trabalhando com o cerebro e aproximando se por vezes á vista dupla ?

Verdadeiramente poucos homens devem existir que não tenham tido sonhos que elles sentem não poderem ser explicados unicamente pelo raciocinio do senso commum.

Eu não tenho a pretensão da dupla-vista em todos os sonhos, mas, em muitas occasiões eu tive a experiencia de sonhos que se realizaram escrupulosamente —e, incidentalmente, de diversos que não se verificaram — que difficilmente podem ser explicados de outra maneira.

Porém o incidente mais notavel foi o em relação com a expedição polar do Capitão Scott, no sul.

Nenhum dos exploradores me era conhecido ; meus pensamentos não estavam especialmente concentrados na expedição, porém, como todo o Inglez, eu estava muito interessado na bella tentativa para attingir o Polo Sul e, no tempo da occurrencia de meu sonho, eu sabia que teriamos noticias da expedição a qualquer momento.

Visão de toda a Tragedia

Sonhei que Scott e seus companheiros tinham attingido o Polo e que na volta foram surprehendidos por uma saraivada, perecendo todos de fome e frio. Eu tinha previsto toda a tragedia, occorrida então.

Na manhã proxima, ao almoço, narrei o meu sonho á minha mulher e filha. Repeti-o no meu escriptorio e no club, ao lunch ás pessôas que ahi se achavam commigo.

Então seguio se um dramatico momento. Um amigo, Mc. K., banqueiro inglez, aproximou-se da mesa e disse: «Ouviram as terriveis noticias a respeito de Scott?» Narrou-nos então os acontecimentos que acabavam de chegar pelo telegrapho e um de meus companheiros disse com voz um tanto emocionada: «Mas Bennett justamente acaba de nos dizer» —Tive esse sonho á noite, repetidos tres vezes; o lunch realizou se pela uma hora e as noticias chegaram á Nova-York, por telegramma a uma e meia, (1,1/2), tempo de Nova-York, quando Mc. K. a referio no club.

Todos silenciaram por alguns momentos e então seguiram-se perguntas e reflecções sobre o significado de tão extranha coincidencia.

Ha muitas pessôas vivas ainda que podem testemunhar a absoluta verdade desse facto.

Nenhuma informação eu tinha tido a respeito da tragedia, além de minha visão. Era impossivel que eu pudesse ter recebido alguma, e a mais importante circumstancia a respeito era que o meu sonho occorreu no momento em que as noticias do desastre deviam estar sendo telegraphadas do Hemispherio Sul.

Não. Ha mais no sonho do que o desajudado trabalho de um cerebro que dorme.

MENSAGEM DE UM MISSIONARIO

(De «Beyond»

A mensagem seguinte foi dada em Liverpool a 4 de Fevereiro, 1931. O interessante é que ella mostra o deslumbramento e alegria de um christão um tanto estreito, conquanto cheio de fé e sincero, perante a belleza que encontrou no Além.

O orador movia a sua mão para indicar aquelles que o rodeavam em espirito e disse: «Todos elles estão aqui. Todos estão aqui. Bello! Alguem finalmente pousará a sua cruz, cheio de fé e receberá uma corôa». Tinhamos acabado de cantar o verso antes delle começar e elle continuou: «Eram essas as ultimas palavras que eu proferi antes de passar ao Além; ignorando que a vida é eterna. Eu estava me desfazendo de uma cruz. Eu pensava si seria digno de usar uma corôa e viver com Elle atravez da eternidade? Mas não sabia que a vida além-tumulo estava tão estreitamente ligada á vida mortal. Pensava dever esperar no tumulo até que o Rei dos Reis chegasse para julgar os vivos e os mortos. Que erro! Que engano pensar que, num abrir e fechar de olhos, seriamos transformados em Sua semelhança! «Não ha ruas de ouro, nem portões de perolas. Ninguem assentado sobre thronos, tocando harpas feitas de ouro. Ninguem reclinado no seio do Salvador, pois até agora eu não O vi. Como poderiamos nós todos repousar no Seu seio; como o poderiamos nós todos com as nossas naturezas e temperamentos differentes? porque mesmo em espirito somos differentes. Como poderiamos nós todos estar satisfeitos de, assentados, tocar uma harpa de ouro? Que falta de comprehensão! Que falta de conhecimento dos Céos. Ah! nós proseguimos o nosso caminho pelo véo da denominada «morte» e alli, do outro lado da cortina, esperando-me, estavam os amados que foram antes de mim. E alli havia *vida!* Ha! *vida* como nunca encontrára nos meus mais arrojados sonhos. VIDA! vasta, estupenda, vital, eterna!

«E eu, pobre louco que éra, pensava que podia ficar deitado num tumulo até que a trombeta do Senhor me chamasse para fóra. E quando eu olhava em redor de mim e via as bellezas, os prados de gloria, os rios de paz, o pôr dourado do sol e arvores que nunca morrem ou murcham. onde ninguem envelhece, onde nunca chegam tristezas ou amarguras e não têm logar a contenda e inveja. Ah, que mudança! Que admiravel mudança: onde o nosso novo nome nos é dado, onde recebemos a corôa da Vida que, com trabalho ganhamos, meus amigos — fructo de nossos esforços. Oh, as collinas de ouro. As glorias das Espheras. A belleza dos espiritos daquelles que subiram e attingiram a Esphera do Deus vivo!

«Pensaes que estamos *mortos?* Ah, mortos? Não! Si vós, homens do plano terrestre, pensaes que estaes mais vivos do que nós que vivemos em espirito, commettereis um grande erro. Crêde-me quando vos affirmo que a vida por nós vivida nas Espheras de Deus é infinitamente mais real do que a vida passada por mim na terra; Sim. Ah, de accordo com as vossas obras, assim será comvosco, quando ingressareis ás Espheras da vida.

«Feliz gente! gente feliz. Tivesse eu conhecido o que sabeis. Fossem os meus olhos abertos aos conhecimentos que possuis; quão diferente teria sido o meu ingresso na Vida além-tumulo. Ainda assim, os homens não dão ouvidos quando lhes affirmaes que falamos comvosco. Quem deu credito ás vossas palavras?

Bem, isto foi uma experiencia para mim. Nunca pensei que eu tornaria a fala por labios mortaes. Consegui-o com algum esforço. Espero que me releveis as minhas hesitações. Si eu tivesse a *força,* poderia ter-vos falado mais. Falar-vos-hei mais quando tornar a voltar, si me fôr permittido. Devo retirar-me. Receio que tivesse gasto toda a *força.* Possa a sua bençam repousar sobre vós.

FIGURA PSIQUICA DE NOSSO SENHOR

Um phenomeno admiravel occorreu no domingo, 17 de Maio, nos limites de Trieste (Italia), durante a filmagem de uma scena numa casa de campo. Um dos operadores teve uma visão do Mestre e a figura foi, simultaneamente, impressa em diversas secções do filme. «The Mornig Post» publicou tres noticias do seu proprio correspondente; transcrevemos do ultimo numero de 22 de Maio:

«Entrevistei o homem que primeiro vio as imagens miraculosas. Este homem é o snr. Bruno Picco, um membro da secção mechanica da «Companhia Cinematographica Mercurio».

O Signor Bruno Picco, em trabalho de filmagem, subitamante desmaiou. A filmagem foi interrompida, ao mesmo tempo que éra chamado um medico. Picco depressa voltou a si, mas obstinadamente guardou silencio quanto á causa do repentino collapso.

Porém quando o film foi examinado, regeitaram-no porque acharam que, devido a subita interrupção, as ultimas exposições ficaram defeituosas. Assim todo o filme devia ser feito de novo.

Depois de terminado este, o filme regeitado foi collocado sobre um tablado para uma segunda inspecção, quando foi claramente vista a imagem de Jesus Christo, rodeado por uma aureola, facto este constatado por todos os presentes, inclusive todos os actores que faziam parte da filmagem, operadores e guardas da casa de campo.

Picco então explicou que ao ver no principio a sagrada imagem pelo orientador, elle teve o collapso. O Signor Picco parece ser inteiramente uma pessoa normal, porém elle declara que, antes, vio a imagem de Jesus e espera ainda ver a terceira vez, segundo prophecia de sua fallecida irmã, em sonho».

UM CÃO PSIQUICO

Manchester Evening News publicou o relato de um cão que assombrava o Lancashire, entre Formby e Ausdale.

Certa vez caminhava um viajante ao longo da praia, entre os dois citados lugares, quando viu erguer-se do chão, á sua frente, um grande cão. Era um enorme cachorro preto, com olhos que emitiam extranho brilho e cintilavam malevolamente para o passeante.

Este amedrontado, recuou, levantou a bengala. Em vez de saltar, porém, o cão ficou em atitude humilde, por segundos e caminhou depois vagarosamente em direção a uma rocha, desaparecendo. Então o passeante verificou tratar-se de um *cão-psiquico.*

Ecos e Noticias

ALEMANHA

Um surto extraordinario nota-se neste paiz a respeito dos estudos da alma e as suas extraordinarias faculdades. Muitos cientistas começam agora a reconhecer francamente e em publico que este assunto de tão grande importancia, tem sido até agora negligenciado pela ciencia. Todavia, já se tem feito regulares progressos nestes estudos de maneira que a ciencia e os poderes publicos já se utilisam dos primeiros resultados positivos e comprovados. Confirmam estas acerções os varios assuntos que extraimos da «Zeitschrift fur metapsychische Forschung». : Dois annos de experiencias de telepathia a grandes distancias (Athenes-Pris e Berlim, Vienna-Varsovia) cujos resultados foram positivos na sua maioria e continuam, orientados pelo Dr. med. A. Tanagra.

— *Autoskopie* : Estudos sobre casos da aparição do «Duplo» com todas as suas variações, pelo Dr. Karel.

— Descrição sobre interessantes estudos de «Apportes» com o medium T. Lynn, organisados pelo Professor Dr. Crawford (Belfast) acompanhados de interessantes clichés.

— Experiencias do snr. F. A. Kordon-Veri com a «pendula sideral» e relatadas pelo Dr. philologo Albert Langer.

— Demonstrações sobre as capacidades criminal-telepaticas (medium vidente) de Mme. Eva Kohn-Muller, auxiliando a policia secreta de Berlim, desvendando crimes misteriosos com exito, que conduziram a policia com passos seguros, para deitar a mão aos criminosos, assim como descobrir desaparecidos. Estes fátos são comentados favoravelmente pela imprensa germanica.

— Noticiario sobre premonições, comunicações espiritas e materialisações parciaes.

Max Koleisen.

FRANÇA

«*Sociedade de auxilio aos Animaes*», *da França*

Esta associação, especialisada na proteção aos cães e aos gatos, está fazendo um grande sucesso na França. Os fins a que se propõe a Sociedade de Proteção aos animaes são muito interessantes : recolher os cães e gatos aos postos policiaes e conduzil-os depois aos albergues que lhes são destinados ; fazel-os visitar pelo veterinario do serviço e tratal-os, alimental-os convenientemente, restituil-os aos proprietarios, ou destruil-os humanamente quando abandonados.

A Sociedade criou um departamento anexo ao albergue, para favorecer gratuitamente o tratamento de todos os animáes de pessoas que não possam pagar. De outro lado, aqueles que não mais quizerem um cão, ou um gato de sua propriedade, poderão levar ao Asilo, que a diretoria se encarregará de colocal-os em mãos de zoofilos.

A Sociedade Protetora dos Animaes realisou a pouco uma Esposição, na qual foram apresentados cães formosos, bem como fotografias de «cães sabios», como Zou, de Mme. Carita, Rolf, o cão de Manheim e outros.

A Sociedade tem o seu secretariado a rue Marignam, 14—Paris.

União Espirita Francesa

O Boletim da União Espirita Francesa nos dá conta, pelo sr. Hubert Forestier, da atividade em que se manteve, propugnando pela causa espirita.

Maison des Spirites

Foram suspensas as conferencias e sessões na «Maison des Spirites», devendo breve recomeçar esse trabalho.

Bordeaux

O Prof. Garrigues, adjunto honorario do Liceu, fez uma conferencia sobre o têma: «Trinta anos de experiencias espiritas».

INGLATERRA

O medium Rudi Schneider

O medium astriaco, Rudi Schneider que prestou-se a pouco a notaveis experiencias cientificas com o Diretor do Instituto Metapsiquico Internacional, Dr. Osty, deve ter chegado a Londres, onde vae dar uma série de sessões experimentaes e depois no Laboratorio nacional de pesquizas psiquicas, em South Kensington. Estas sessões foram promovidas pelo sr. Harry Price, diretor do Laboratorio Nacional que, em 1929-1930 já experimentou com dito medium e cujos resultados nessa ocasião ocuparam a imprensa londrina.

Em torno de uma identificação espirita

O «Zeitschrift» se ocupou a pouco de um interessante caso, que se passou a cincoenta anos num circulo inglez.

«Foi organisada uma sessão espirita em casa do sr. Mansell com o medium Mme. Everitt, em plena luz. O espirito comunicante pareceu não compreender bem o mecanismo da tiptologia e foi preciso se lhe explicar. Enfim, ele deu as letras: T-H-O-M-A-S M-A-N-S... Alguem quiz adivinhar: «Ah! Thomas Mansell?» Mas M. Mansell nem os outros assistentes nada sabiam a respeito de Thomas Mansell! Dificultosamente chegou-se a esta retificação: Thomas Manton. Ninguem conhecia este nome. Propoz-se questões para identificação do espirito e se obteve os seguintes dados:

Thomas Manton, morto em 1677, nacido em Laurence-Lydiard, em Somersetshire, enterrado em Stoke-Newington, (não conformista em theologia) e Capelão do Rei Charles II, depois exonerado e encarcerado. Para mais dados é preciso se dirigir ao Wadham Colege, em Oxford.

O pastor W. W. Newbold, um dos visitantes assiduos do Brifisch Museum, foi encarregado de verificar a exatidão da mensagem espirita (remontando uma cincoentena de anos!) Um dicionario bibliografico deu sobre Thomas Manton indicações mais detalhadas do que a comunicação espirita, mas esta não se achava erronea em nenhum ponto.

Nenhum dos assistentes havia ouvida falar deste teologo, nacido em 1620 e morto em 1677, e que não é conhecido senão por meio de raras historiografias de Cromwell e de Carlos II.

Aparição do fantasma de um cão

O Comandante E. G. Fellours publicou na *Light* a interessante narrativa que segue:

«Eu sou espirita á varios anos, mas minha mulher e minha filha não creem nas manifestações. Mas apesar disso elas me disseram terem visto por varias vezes um grande cão de pellos compridos, na escada, que roncava quando elas passavam.

Isto se dava na casa em que morámos e deixamos em agosto ultimo. O que me extranhava nesse fato é que os nossos cães nada percebiam, talvez por não verem.

Uma tarde eu estava no toilette, cuja porta que comunica com o quarto de minha mulher estava aberta, e ouvi os meus objetos de toilette se agitarem no lavatorio. No mesmo momento senti uma pressão sobre o pé e ouvi distintamente o ruido de um cão, minha mulher tambem ouviu e o seu cachorro que estava dormindo despertou e pôz-se a roncar. A noite estava calma e a casa era distante de todo o movimento de rua. Era impossivel a gente se enganar sobre a natureza do barulho. Eu tive assim a prova de que as manifestações vistas por minha mulher não eram imaginarias. Minha filha, que tem 15 anos percebeu o cão fantasma sem que minha mulher lhe falasse alguma cousa».

A Igreja Escosseza e o Espiritismo

O presidente da Igreja Escosseza, Rev. P. William A. Reid, apresentou á Congregação, o reconhecimento dos fenomenos espiritas. Entre as razões dadas pelo Rev. Reid se notam as seguintes : ele proprio tem mediunidade ; a realidade dos fátos psiquicos não podem ser postos em duvida ; existe uma comunicação com as inteligencias desincarnadas, bôas e más ; o Cristo, os Profetas e os Apostolos estiveram muitas vezes em comunicação com os Invisiveis ; a Igreja Primitiva e seus dons espirituaes provam a realidade do que hoje se chama espiritismo e mediumnidade ; no novo Testamento se encontra menção e fatos sobre nove desses dons espirituaes ; no momento atual tres ou quatro igrejas ja reconhecem o espiritismo e a comunhão espirita com os mortos ; os cristãos acham no espiritismo uma razão a mais para crêr e esperar.

Sabe-se que a Igreja da Escossia admitiu a petição do padre da Igreja Paroquial de West Maybole, e que esta decisão das autoridades Presbiterianas de Glasgow tem, de fato, provocado a adesão do clero escossez para a teoria e a pratica espiritas.

Sabe-se tambem que entre as 600 Igrejas Espiritas das britanicas, muitas delas foram unidas ao Espiritismo : Igreja Nazarena, Igreja Apostolica, Igreja Catolica Apostolica (não romana), seita dos Quakers.

Eis uma importante novidade, para a qual chamamos a atenção dos Pastores Evangelicos que atacam incientemente o Espiritismo.

Declarações de Sir Oliver Lodge

O ilustre sabio inglez, Sir Oliver Lodge, numa conferencia realizada ultimamente na Curia de Oxford, declarou que, após a sua morte, tentará entrar em comunicação com os vivos. «Entabolarei, disse ele, a minha identidade, mencionando certos pequenos detalhes que tive o trabalho de colecionar e que deixei consignados numa carta lacrada e que se encontra em poder da Sociedade Ingleza de Pesquizas Psiquicas.»

O Clero Protestante e o Espirito do «Dr. Lascelles»

A revista ingleza «*Beyond*» nos diz que na sua Queens Gate, 29, sabado, 27 Junho, mais ou menos 40 clerigos da Igreja da Inglaterra e outras denominações religiosas deste paiz, se reuniram para ouvir o «Dr. Lascelles» faser uma conferencia sobre a necessidade vital para adopção dos metodos da Corporação de Cura Espiritual pelas Igrejas de todas as denominações em toda a Inglaterra.

A conferencia foi feita por intermedio da mediumnidade do sr. Simpson no estilo habitual do «Doutor». O dr. frisou plenamente com desassombro os pontos em que, em seu modo de pensar a Igreja falhou pela negligencia dos preceitos do Cristo - «curar os enfermos e expelir os demonios».

No desenvolver da sua alocução, tão cheia que foi de verdades e criticas candidas, nunca lhe faltou aquela veia de bondade que sempre conquistou os corações de todos seus ouvintes. As perguntas que se seguiram foram variadas e estimulantes e mostram que o Dr. não deixou de despertar um aguçado e vivo interesse entre os seus ouvintes. Nunca o Dr. titubeou, mas deu as suas respostas diretamente e ferindo o ponto preciso, de modo a não deixar ninguem sem um profundo sentimento de admiração pelo imenso poder de ver internamente o senso comum de sua notavel personalidade.

A Corporação é muito grata a todos aqueles que auxiliaram a tornar-se um fáto a demonstração das admiraveis possibilidades do trabalho que levamos avante com todos os nossos corações e almas. Apesar de todo o criticismo estamos resolvidos a proseguir, trabalhando pela verdade que sabemos ser essencial á vida, até finalmente termos a certeza de ver estabelecidas dentro dos corpos organisados da nação, clinicas semelhantes ás nossas proprias para trazer balsamo e cura aos necessitados.»

Protesto do Espirito de Richard Wagner

O Espirito de Richard Wagner, dizem ter se manifestado no Convento Garden, em Londres, para protestar contra a musica de Jazz.

GRECIA

As ciencias psiquicas na Universidade de Atenas

A seguinte noticia extraímos da *Revue Spirite* :

«A Universidade de Atenas, em vista do Congresso Internacional Metapsiquico que realisou-se na Grecia em 1930, assim como com as experiencias de telepatia á grande distancia, entre Atenas e Paris (depois de 1928) e Atenas e Berlim (1931) convidou a *Sociedade Helenica de Pesquizas Psiquicas*, para expôr a telepatia experimental aos estudantes : o Dr. Tanagra e os dois mediums Constantia e Evangelia, em 11 e 12 maio ultimo experimentaram então no laboratorio de psicologia aplicada da Universidade ateniense. As experiencias, pelo seu sucesso, provocaram aplausos dos estudantes e o Prof. Voreas, em nome da Universidade, exprimiu seus vivos agradecimentos á S. H. de R. P.

Sabe-se que a Universidade de New-York (Columbia) com o Dr. Gardner Murphy, tomou a mesma iniciativa que a de Atenas.

Eis um movimento de recuo do materialismo que convém sublinhar».

BELGICA

Sessões de materialisações em Liège

Num pequeno grupo familiar de Liège tem se dado importantes sessões de materialisações.

A «Revue Spirite Belge» publica o relato dessas sessões.

Congresso Nacional de Charleroi

No ultimo congresso, efetuado em Charleroi foram tratados assuntos importantes, como : o desenvolvimento do Espiritismo, a pena de morte, o Espiritismo e a Paz e a Sanção da Lei Moral.

Movimento Espirita Belga

O movimento espirita belga continúa animado. Na Federação Liègense está estabelecido um ciclo de conferencias, bem como as sessões de estudo e fenomenologia.

HESPANHA

Apelo da Federação Espirita Hespanhola

A. F. E. Hespanhola ordenou ao secretariado, dirigir um apelo aos espiritas do paiz, para que se constituam em associações aliadas á Federação, afim de exercerem agora, que já passaram os tempos de despotismo clerical, os seus direitos de propaganda concedidos sob o amparo da Lei e da Justica.

Centro Beneficente «Ciencia Espirita»

Esta sociedade, de Barcelona, transferiu sua séde para a rua Pavia, 107, tendo realisado a inauguração do seu novo local com uma sessão especial.

Publicação de livros

Continuam a ser publicados livros de valor, traduzidos de varios idiomas.

La Luz del Porvenir

Temos sobre a mesa esta revista da F. E. H. com interessantes artigos.

ITALIA

Indagini sulle manifestazioni supernormali

Incansavel escritor espirita Dr.

Ernesto Bozzano, fez aparecer mais uma obra com o titulo acima. Esta, como as demais obras de Bozzano é de grande erudição demonstrando uma força persuasiva nos argumentos capazes de convencer a todos os estudiosos do Espiritismo.

Giovani Pioli e Vout Peters

O sr. Giovani Pioli está publicando na «Luce e Ombra» a descrição das experiencias com o medium Vout Peters, de volta a uma tornées de conferencias á Islandia, Scandina e Finlandia.

Casas assombradas

O ultimo numero do «Mondo Occulto» narra nada menos de cinco casas assombradas na Italia, de cujos fenomenos se fez inqueritos e relatos interessantes.

PORTO RICO

Federação Espirita de Porto Rico

Esta unidade portoriquense convocou uma assembléa geral para tratar de urgentes assuntos de propaganda.

Centros Qaerens e Lumen

Estas duas agremiações se reuniram para prestar sua solidariedade á F. E. P. R., nomeando delegações.

Rayo de Luz

Temos sobre a mesa o n. 43 desta revista.

BOMBAIM

A «Revue Spirite» nos dá a seguinte nota de Bombaim :

«Mlle. H. Kohn, professora no Decan College, em Poona (Universidade de Bombaim), enviou a Henri Price um relato de fátos extranhos, que foram publicados na «Psychic Science».

O Dr. Ketkur tinha recebido um orfão hindú, Damodar. Quando este dormia, os fenomenos de *Spuk* (assombramentos) se produziam. Seu irmão Ramkrishna Bapat tinha os mesmos poderes. Foi em 1928-1929 então quando Damodar tinha 9 a 11 anos que os fátos se tornaram particularmente notaveis : deslocamento de objectos sem contato (Ramkrishna Bapat perdeu varios empregos por causa desse poder), impossibilitado de comer e beber Damodar via os seus alimentos e agua levitados ! Muitos mortos foram vistos durante as sessões. Quando atingiu á puberdade, cessaram os fenomenos».

CUBA

Rosendo

Esta revista de Matanzas, que nos visita quinzenalmente, transcreveu de nossas paginas o comentario da carta do Senador Chiapelli, pelo Prof. Ernesto Bozzano.

Muito gratos.

H O Y

Sob a direção do sr. Juan Morales continúa a ser publicado este diario, que defende os interesses do Espiritismo e da Maçonaria.

ARGENTINA

A Confederação Espiritista Argentina reuniu-se com o fim de estudar a possivel constituição de uma estação emissora «Radio Sarmiento». Em face da situação financeira e com o fim de ampliar as atividades futuras, a comissão nomeada é de parecer que a construção da «Radio Sarmiento» é de util empreendimento.

Com efeito, a construção de estações emissôras redundam em grande proveito para a propaganda, e nós brasileiros muito teriamos que lucrar com a construção de um «Radio Emissor» no nosso paiz.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Bahia

Têm sido suntuosas as ultimas reuniões realizadas na séde da União Espirita Bahiana, onde a palavra do professor dr. Luiz S. de Góes se faz ouvir, nas quintas-feiras e nos domingos, sob os mais acalorados aplausos. Este nosso ilustre confrade, professor de anatomia é, igualmente, profundo conhecedor de todas as religiões que, aliadas ás ciencias, são sabiamente interpretadas por ele que as reune num conjunto harmonioso sobre cuja base se assenta a Ciencia das ciencias a que se denomina ESPIRITISMO.

Nas duas ultimas sessões a que tivemos a honra de assistir, fez o ilustre conferencista a critica da obra do dr. Xavier de Oliveira — Espiritismo e Loucura — deixando-a em farrapos ; pois a solidez dos seus argumentos, baseados nas maiores sumidades cientificas, deixaram áqueles que o ouviram a impressão exata de que o assistente do dr. Juliano Moreira foi apenas um instrumento maleavel dos falsos ministros do Cristo, os jesuitas.

(1) Dr. Luiz Góes. (2) Snr. José Petitinga, (3) Engenheiro Navarro (4) Snr. Manoel Philomeno, (5) Engenheiro Ribeiro Junior

Terminando nossa narrativa sobre as palestras cientificas do distinto professor Góes, temos a satisfação de trazer á publicidade a fotografia da sessão especial, celebrada na «União», sobre Hipnotismo pratico. Presidio-a o velho confrade snr. Petitinga ladeado pelo engenheiro Navarro e pelo snr. Manoel P. B. de Miranda. Depois de haver o dr. Góes dissertado sobre o assunto, o ilustre operador, engenheiro Ribeiro Lima Junior iniciou suas experiencias com um grupo de 8 hypnotizadas por elle, desde o estado de credulidade até ao de somnambulismo, tendo sido de grande exito todas as suas demonstrações. Parabens aos espiritas bahianos e á digna directoria da União Espirita Bahiana

Do Correspondente.

Nossa sucursal na Bahia

E' nosso representante na Bahia, o sr. Claude Prudhomme, Rua Barão Jacuhype, 43 (Bairro Novo Mont-Serrat) uo Caixa Postal 38—Cory Brothers & Ca. Ltda.

Maranhão

Centro Espirita Maranhense

— O Centro Espirita Maranhense festejou o 6.o aniversario de sua fundação.

— Este nucleo mantem a Escola Vianna de Carvalho, que teve uma media de 9.043 alumnos de fevereiro a julho.

— Diversos jornaes maranhenses abriram suas colunas á propaganda espirita, sob os auspicios do Centro Maranhense.

— Um punhado de espiritas está tentando fundar a União Espirita Maranhense com o fim de unir a familia espirita deste Estado.

Rio G. do Sul

— O Albergue Noturno, creado para os sem této tem sido acolhido com grande simpatia.

— O Hospital Espirita vai passar por uma reforma com aumento de um pavilhão.

— As associações espiritas Allan Kardec, Dias da Cruz, Bezerra de Menezes e outras estão em franca atividade.

— O movimento Pro-Estado Leigo vai se acentuando todos os dias, sendo de esperar que a lei seja revogada.

Do Correspondente.

Pará

Um caso curioso

Telegramma da imprensa :

«BELE'M, 29 (A. B.)—A cidade se interessa por um caso de somnambulismo banal, revestido de circumstancias que os jornaes põem em relevo fazendo, a respeito, uma reportagem barulhenta.

Um menor, caixeiro da padaria denominada «Casa da Onça» anda por cima dos telhados, falando em tom de discurso, que imita perfeitamente.

A noite passada o caso provocou grande agglomeração de povo, que commentava jocosamente o facto. A multidão engrossou de tal forma que a policia se viu forçada a intervir para restabelecer a tranquilidade, perturbada em todo o bairro da capital.

Revista Internacional do Espiritismo

Collecções encadernadas : do 1.o anno 40$000; do 2.o anno 30$000 ; do 3.o anno 40$000 ; do 4.o anno 35$000 ; do 5.o anno 30$000; do 6.o anno 35$000.

Pedidos á directoria — Mattão — E. S. Paulo

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

À venda nas principaes Livrarias Espiritas

ANO VII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1931 — N. 10

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Base fundamental do Espiritismo
Um morto que se lembra de tudo
Ideáes de Progresso
Foto Espirita de Conan Doyle
Pactos entre vivos e mortos
Prova da mediumnidade dos Irmãos Falconer
Novas idéas sobre o Universo e a Vida
Fotografia psíquica de um cão
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Necrologio

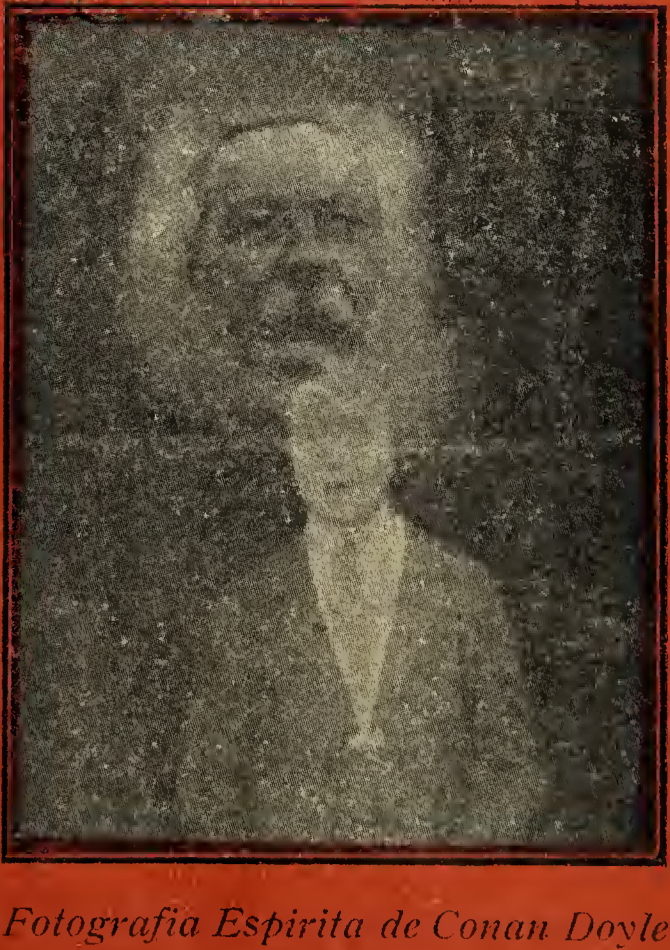

Fotografia Espirita de Conan Doyle

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Novembro de 1931 - NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

Base Fundamental do Espiritismo

O Espiritismo tem um principio fundamental sobre o qual acenta todos os seus postulados, e pelo qual trabalha incessantemente afim de vel-o aceito com todas as forças da inteligencia e todas as luzes da razão: a Imortalidade da Alma.

A imortalidade da alma é, de fáto, a base de toda a ciencia, de toda a religião, de toda a filosofia, de toda a moral. Sem éla todos os problemas que ensombram a humanidade, todas as questões que dividem as nações, geram a cizania e insuflum a luta entre os povos, se tornam insoluveis.

Esta afirmação está absolutamente confirmada com o que se passa no mundo inteiro sob o dominio das religiões exclusivistas e da ciencia oficial.

Todas as noções positivas que os livros classicos nos têm trazido para a solução de todos os problemas acima exarados, não satisfazem absolutamente as mais limitadas aspirações, não resolvem, por forma alguma, as incognitas que, a cada passo, surgem embaraçando a marcha acencional da humanidade. Grandes fisiologos, como Cabanis, Weber, Ribot, Hersen, enfrentando o problema da vida, em grossos volumes, nada conseguiram esclarecer sobre o espirito, permanecendo a mesma obscuridade sobre a existencia ou não existencia da alma.

Nem as leis fisicas do calor, da luz, da eletricidade; nem a das ações e reações quimicas, afinidade e eleição, composição e decomposição, são suficientes para dar a mais ligeira idéa dos fenomenos inteligentes que se observa nos seres vivos, que ultrapassam a bio-mecanica e a biodinamica.

Sem o «principio espiritual» preexistente e superstite ao corpo, todas as hipoteses de trabalho cáem como os cultos desvalorisados que não têm acésso na inteligencia. E a existencia desse «principio» está demonstrada cabalmente de acordo com as modernas investigações que nenhuma ciencia poderia reivindical-as para si, como faz o Espiritismo que apresenta todas as contra-provas da realidade tangivel das aparições, sejam dos mortos, sejam dos vivos, desde os mais tenues vestigios por elas deixado, até a impressão digital fotografica, provas inconcussas de sua existencia.

As experiencias de espiritismo, iniciadas a uns oitenta anos por Allan-Kardec, com o maximo escrupulo, com completa isenção de animo, com uma sabedoria singular, tal como a possuia o coodificador do Ensino dos Espiritos, e o acervo de fátos, de provas, de documentos de inumeros homens de ciencia que sucederam ao Missionario da Revelação nova, demonstram á contento, máo-grado a antiga psicologia, a existencia e sobrevivencia individual, revestida do seu inseparavel involucro, que em linguagem technica se chama — perispirito.

E si os doutos da ciencia oficial, ultrapassando os dominios da psicologia fisiologica, creada pelo velho animismo, nos seus estudos inter-perifericos, ou sejam o das sensações, da transmissão centripeta, da transformação psiquica e a transmissão centrifuga, se aplicassem ás experiencias extra-perifericas, magnificamente expostas pelo Conde De Rocha e Dr. Baraduc, haviam de chegar á conclusão da verdade espirita, enunciada hoje por emeritos investigadores do mundo inteiro.

Mas infelizmente os doutos se congregaram, como os sacerdotes ao redor dos idolos, em torno do «Dogma-cientifico» que deifica a materia com detrimento do espirito, sem experimentação pessoal, limitados ao estreito circulo de uma ciencia sem sanção, sem provas que flutúa nas aguas da incerteza.

Dahi a necessidade de clamarmos sem cessar, para que os espiritos de bôa-vontade atraídos ao Espiritismo, por sua base fundamental, se dediquem ao estudo da nova Doutrina, teorica e praticamente, afim de bem compreenderem as nossas superiores afirmações todas baseadas em provas irretorquiveis, sem duvida muito superiores a uma crença céga, a pretensos milagres que só têm paralisado a evolução da humanidade.

Estamos cientificamente convencidos de que só o Espiritismo, demonstrado magnificamente pelos fenomenos animicos e espiritas, não só está destinado a dar um grande impulso na religião e na ciencia, como tambem resolver todas essas questões e problemas que constitúem a crise porque passa o nosso mundo.

Só o Espiritismo pode esclarecer a humanidade, conduzindo-a aos seus destinos verdadeiros.

Um morto que se lembra de tudo

(*Continuação*)

EU dei um amplo resumo da primeira sessão, porque deveria não prolongar esta resenha com a citação de outras sessões que são analogas á primeira pelo numero extraordinario de detalhes minuciosos que contem sobre pessôas, armazens, instituições, monumentos, ruas e episodios ocorridos á quarenta annos; narrativas que foram, na maior parte, reconhecidas e rigorosamente veridicas pela consultante Mrs. P., emquanto que um grande numero ignoradas desta, foram reconhecidas veridicas depois de rigorosas pesquizas; e este ultimo grupo de detalhes ignorados de todos os assistentes aumenta consideravelmente o valor teorico do caso de que nos ocupamos.

Agora, eu passo sobre os relatos das sessões sucessivas, que ocupam uma trintena de paginas, e me limito a citar um episodio que se produziu depois da verificação do caso na Revista *The Two Worlds*, publicação que provocou o envio de diversas cartas ao relator, da parte de pessoas que, tendo conhecido M. Hacking quando viva, podiam atestar a exatidão das resenhas que ainda não haviam sido confirmadas.

O relator escreve :

«Na copiosa correspondencia que deu lugar a publicação do caso Hacking, nos falta assinalar uma carta á Mrs. P., por Mrs. Hoeson, de Handsworth (Birmingham) que durante sua infancia tinha morado na cidade de Bury e tinha conhecido Mrs. P., carta na qual ela dizia ter frequentado a escola de Mr. Hacking, com seus dois irmãos menores, acrecentando que tinha por professora Miss Hewitt (lembrada pelo Espirito comunicante). Mrs. P. me permitiu tirar uma copia dessa carta que eu li ao comunicante Mr. Hacking durante a sessão de 5 de dezembro 1924. Hacking pela boca de Mr. Brown, em transe, notou :

«Muito tempo se passou ; entretanto, eu me lembro de ter conhecido tambem sua irmã Harriet, mais velha que ella dez ou doze anos. (Neste momento, ele fez aparecer diante do medium a visão de um pequeno cavalo atrelado a uma voiturette.) Eles possuiam um jumentosinho que guardavam numa cocheira situada em Broad-strect, defronte do Bureau de Poste, e que, quando Mrs. Hodson era ainda criança teve um belo «poulain».

A mãe e o filho foram enviados para perto de Buckeley Welles. Conheci seu pae, e me lembro muito bem dos dois irmãos de Mrs. Hodson, que eu via pela manhã quando abriam o armazem. Entrando neste, eu via á direita uma urna cristal contendo aneis de ouro para homens. O armazem tinha um comprimento de vinte metros com os moveis dos dois lados e a passagem no meio. Eu me lembro que Mrs. Hodson tinha uma amiga inseparavel, chamada Clara Kay. Os parentes desta possuiam um armazem de productos alimentares e defronte os Countes, perto do Banco do Comercio. Era o primeiro armazem depois do Banco. Eles tinham uma outra filha mais velha, chamada Alice, da mesma idade de Harriett Count, e dois meninos : Johanny Kay e José Walton Kay...»

Eu pedi a Mrs. Hackin indicações sobre o seu modo de trajar nessa época. Me respendeu :

«Eu duvido que Mrs. Hodson se lembre de minha pessoa : ela era muito moça. Eu andava sempre vestido com um longo «pardessus»; muitas vezes levava guarda-chuva ; os dias de festa, punha um chapéo de sêda. Dias de semana, punha um chapéo de feltro analogo ao dos ministros anglicanos. Eu tinha barba aos lados e bigode. Minha barba então era grisalha. Pode ser que a titulo de ulterior identificação, pois que é o meio de divulgar uma grande verdade, me convenha acrecentar outros detalhes relativamente á minha época. Perguntae então, a Mrs. Hodson si ela se lembra de Polly Ungham. Perguntae si ela não conheceu a velha «Sarah» do «Café Royal», justamente defronte do armazem. Ela deveria tambem se lembrar de Mre. Hardmann : uma mulher de cabelos castanhos. Seu pequeno armazem parecia uma caixa, e entretanto ela fazia bons negocios. Perguntae, sobretudo, si ela se lembra do pequeno jumento e do «poulain». Estes são detalhes que se gravam em mentalidades infantis. Me parece que ela teve um irmãosinho chamado Herbert. Escrevei tudo em seguida á Mme. Hodson, informando do que vos disse. Bôa noite.»

Eu escrevi, com efeito, a Mrs. Hodson, que respondeu-me em 18 dezembro 1924, nos termos seguintes :

«A vossa carta contribuiu, exclusivamente ela, para me convencer, assim como minhas irmãs, mais do que outras provas que tive, e todos os artigos que tenho lido, sobre a questão espirita... Eu porei em ordem os comentarios.

E' verdade que minha irmã mais velha tem doze annos mais do que eu. Mas ela não se chama Harriett, mas sim Mary Elisabeth (Polly). Nós eramos cinco irmãs e dois irmãos. Minha irmã Harriett não era a mais velha, mas sim a terceira. E' verdade que tivemos um jumentinho chamado «Black Vess» que atrelavamos a uma pequena charrette. E' verdade que a cocheira estava em Broad-street, em frente ao Bureau de Poste.

«No que concerne o detalhe da urna de cristal contendo aneis de ouro para homens, eu creio que quando Mr. Hacking fez alusão a isso, foi somente para fazer crêr, pois havia mesmo uma urna de 22 polegadas mais ou menos, quadradas, mas continha outros objectos em ouro, além de aneis : fivelas, medalhas, chaves de relogios, etc. No momento em que vos escrevo eu mesmo trago uma medalha, no pescoço, das que se achavam na urna. Era uma guarda joias que tinhamos e os aneis de ouro de minhas irmãs que lá estavam constituem provas de identificação, a mais extraordinaria e convincente que o espirito de Mr. Hacking nos deu para demonstrar sua presença real. Essa urna era famillar, pois, meu pae tinha um armazem de moveis, não poderia negociar com aneis.

A descrição do armazem com a passagem no meio é absolutamento exata; o armazem era realmente comprido, uma vintena de metros. E' verdade que minha companheira se chamava Clara Kay e que nós eramos inseparaveis. E' verdade que o armazem de produtos alimentares de seus parentes era defronte ao nosso, do lado do Banco do Comercio. E' exato que sua irmã mais velha chamava-se Mary Alice: seus irmãos John Joseph Kay (Johny), e Joseph Walton Kay (Josey). Ela tinha um outro irmão Willie, que partiu para a America pouco depois de haver terminado seus estudos.

Tudo é verdade no que concerne ao aspéto de Mr. Hacking e seu modo de trajar. Sua figura me era familiar. E eu tenho lembrança que ele ameaçou com o seu guarda-chuva a dois meninos que brigavam.. E' igualmente verdade que eu conheci muito Poly Ingham (Mr. Sam Kay)... Eu o vi novamente a um ano apenas e tivemos uma longa conversa... Eu tambem conheci muito a velha Sarah, do «Royal» assim como o armazem de Mr. Hardman. Meu irmão mais velho, de fáto, se chamava Herbert.

Emfim: tudo o que o espirito comunicante disse é maravilhosamente verdadeiro.

Agora uma nota importante: Joseph Waltou Kay era conhecido de todos com o alcunha de «Joe», ou «Joey». Eu conhecia seu verdadeiro nome, visto minha intimidade com a familia, e Mr. Hacking devia-o conhecer tambem, pois o seu nome estava registrado na sua escola. Ora, são precisamente esses detalhes, inexplicaveis por outra teoria, que apresentam o maior valor no senso espirita».

Tal é o resumo substancial do admiravel caso de identificação pessoal dum morto, que fôra um obscuro mestre-escola desconhecido do medium e dos assistentes, e cujo individuo morrera a 45 anos em uma provincia muito distante d'aquella em que se manifestou. Ora não se pode deixar de reconhecer estar em face de um caso que, deve a enorme quantidade de detalhes fornecidos pelo espirito comunicante, pela verdade absoluta de detalhes, dos quaes nenhum foi de natureza fantastica e pelas modalidades nas quaes se deram os fatos, e o mais extraordinario, o mais teoricamente importante de todos os casos desta sorte conhecidos até aqui; isto é, de todos os casos de identificação espirita obtidos pela «visão clarividente» e a «possessão mediunica.»

Nestas condições, não será inutil analisar sistematicamente sem falsas deferencias para as pessoas, começando por discutir sua antenticidade como episodio realmente supranormal. Os opositores se mostram justamente muito exigentes em face de episodios de identificação espirita obtidos por formas de mediunidade que tem servido no caso; notam, com efeito, que um medium mistificador obtem claudestinamente uniformes sobre um morto qualquer, desconhecido de todos, para os levar depois durante as sessões, como se elles provissem do defunto pessoalmente. E os opositores têm indiscutivelmente razão: não ha duvida que esse truc é realmente facil. Resulta dahi que não agem com prudencia na obtenção desses informes por meio da mediunidade. O metodo mais seguro para triunfar dessa perplexidade neutralisante consiste em acolher somente os casos nos quaes as modalidades de manifestação são pela sua natureza a melhor prova de origem supranormal dos fátos, pois que mostram a impossibilidade material da fraude. E' o que se dá no caso em questão.

E' preciso, entretanto, notar que a intervenção nas sessões de Mr. e Mme... se produziu de uma maneira absolutamente inesperada, emquanto que o medium e todos os experimentadores, em torno do relator, não os conhecia absolutamente, e que, apesar disso, elle teve expontaneamente, entre o medium e Mrs. P. uma entrevista animada e apaixonada á respeito das reminicencias do passado comum aos dois interlocutores. Ora, isto exclúe de uma maneira absoluta toda a possibilidade do medium preparar a prova ardua das resenhas dos acontecimentos sobre uma pessoa desconhecida, em vista de vir sem previo aviso ás sessões.

Nota-se tambem que no outro episodio de Mrs. Hodson, o modo porque os fátos se produziram é mais concludente ainda, pois que os detalhes fornecidos pelo espirito comunicante se transmitiam de uma a outra pessoa que, além de ser desconhecida do medium e dos assistentes, *não assistia á sessão*, e estava distante dezenas de milhas; o que não impedia ao espirito comunicante de fornecer incontinente informações abundantes relativamente a um passado longinquo que abrangia a ambos; informações que foram maravilhosas por sua qualidade e precisão.

Nestas condições, e como os argumentos que eu acabo de expôr são mais sufficientes para excluir a hypotese da fraude eu julgo inutil insistir.

ERNESTO BOZZANO.

(Continúa)

Ideáes de Progresso

Por Santiago A. Bossero

Tradução da «Constancia»

SE tem dito muitas vezes que ha tantos ideaes como idealistas e José Inginieros completou o pensamento dizendo que — «ha tantos idealistas como seres capazes de conceber uma perfeição».

Pode-se deduzir que todo o ser que anhela uma melhora de caracter moral ou espiritual e possa concretisal-a em fátos, deve ser tido como idealista.

O que semeia, o que planta um rosal, o que funda uma biblioteca, o que ensina, o que concebe um sistema filosofico, etc., sente no seu intimo a força do ideal que impele-o a realisar esses átos.

Uns com mais intensidade, outros com menos, o certo é que o numero dos idealistas é muito maior do que se pode supôr.

Mas o que interessa são os ideáes em suas grandes manifestações: religiosos, filosoficos e sociaes.

O meu fim é demonstrar ainda que entre os ideáes que parecem antagonicos, existem principios de similitude que nos impõem o estudo de cada um para evitar caír em sectarismo, mal de que sofrem tambem a maioria dos espiritistas.

Disse um famoso escritor: «A verdade em começo era como um grande e bello espelho, que Deus pôz nas mãos dos homens. E como tudo o que é divino que chega ás mãos humanas corre o mesmo risco, esse espelho caíu no sólo fazendo-se em mil pedaços. Cada religião, cada filosofia, cada partido politico, tomou um pedaço daquele espelho e apresentando-o aos olhos dos homens, esclamou: Esta é a verdade. Na realidade, a verdade seria a união de todos esses pedaços — acrecenta o escritor — e seria sempre um reflexo da verdade, pois, os pedaços unidos já não poderiam refletir com nitida precisão a imagem da verdade primeira e unica».

Por diversos caminhos se anhéla chegar á méta. Passo á passo novos descobrimentos nos aproximam de Deus e a cada avanço dos conhecimentos, se amplia o horisonte, chegando a confundir a razão limitada do homem.

Ha, entretanto, no homem um principio que o impulsiona: este principio crece á medida que desenvolve suas faculdades, trabalho de multiplas existencias, e que o faz ver com luz meridiana, que ha tambem um principio comum que envolve as filosofias e, portanto, as religiões.

Si passarmos as vistas nas épocas passadas, podemos iniciar este estudo, partindo da Grecia, povo que mereceu de Condorcet o seguinte juizo: «Exerceu no progresso da humanidade uma influencia tão poderosa e tão feliz, que a natureza havia designado para ser o benfeitor e guia de todas as nações e de todas as idades».

A filosofia atraía as elevadas inteligencias desta nação, destacando-se Pitagoras, filosofo e organisador das escolas e que anunciava que o Universo estava regido por uma armonia cujo principio só os numeros podem revelar.

Pitagoras descobriu a verdadeira posição dos corpos celestes, mas seu sistema a este respeito era tão contrario ás idéas correntes de então, que quedaram olvivadas suas conclusões, para reaparecer nos fins do seculo XVI com demonstrações mais positivas.

Mas, que interessa aos povos um filosofo, um medico, um sacerdote quando restritos em sua orbita de ação, olvidam os acontecimentos que os rodeiam, quando a liberdade é suprimida, quando os livre-pensadores são perseguidos e permanecem em silencio?

E' evidente que os que assim procedem são, por sua vez, esquecidos pelas gerações, pois sua participação nos desejos populares gravam seus nomes para exemplo da posteridade.

Pitagoras enobreceu sua existencia, contribuindo na quéda de Falaris, tirano da Sicilia, com sua eloquencia e com seu valor pessoal. Fundou uma escola que tinha como base: a ciencia, a moral e o patriotismo, da qual saíram defensores energicos dos direitos do homem.

Não deixou de sofrer perseguições, destino reservado aos fortes, e em certa ocasião, um tirano, alarmado com os seus ensinos, mandou incendiar a escola que fundara, queimando vivos os discipulos aí reunidos.

Isto produziu um grande mal, pois, os ensinos foram depois, falsamente interpretados, creando-se inumeras escolas de sofistas, que se separaram cada vez mais de suas verdades, até aparecer

SOCRATES

Socrates começou separando as causas primarias, que originavam sérias disputas e demonstrou a inutilidade destas para a felicidade do homem.

Propagou os conceitos da liberdade, estimulou as virtudes, fortificou os conceitos de fraternidade e apoiou suas teorias com os fátos. Em varias oportunidades demonstrou um valor á toda a prova, intervindo em lutas pela liberdade de seu paiz. Sendo senador se destacou pela justiça de suas opiniões. Em certa oportunidade se discutia no Senado a aplicação da pena de morte ao capitão de um navio grego, que depois de ter ganho uma batalha, surpreendido por violenta tormenta, não teve tempo de enterrar os mortos, o que constituia naquele tempo um grave delito, que a superstição fazia de caracter sagrado. Todo o povo exigia a pena capital, Socrates, unicamente, se opunha e defendia com calor os acusados, demonstrando o absurdo do castigo, para quem havia defendido valorosamente a nação.

Socrates tinha um afan: Formar bons cidadãos. Não escolhia lugares para se dirigir ao povo. Nas praças, nos sitios, nos lugares de reunião familiar, aproximava-se das gentes e tratava de estimular em todos a conquista das qualidades moraes, aconselhando o desprezo das riquesas; em uma palavra, trata de livrar o homem do que constitue a maior miseria: a ignorancia. Amava a liberdade sobre tudo e demonstrou saber defendel-a.

Em consequencia de um desastre com os espartacos, o governo democratico de Atenas, caíu em mãos de trinta aristocratas, que o povo chamou-os trinta tiramos.

O chefe dos trinta proíbiu Socrates de instruir a juventude, com severas ameaças.

Longe de intimidar-se, Socrates intensificou sua propaganda e apezar de haver passada desapercebida por grande numero de pessoas, conseguiu despertar no povo o desejo de liberdade que, unido e forte, se levantou contra os tiranos, derribando o poder sustentado com o terror.

Belo exemplo, digno a todas as

épocas e especialmente desta. E' bom que sirva para fazer compreender a muitos correligionarios que, junto ao ideal que professamos, devemos lutar antes de tudo pela liberdade em nosso paiz, e estas atividades serão dignas de nós, pois, não se concebe um ideal de perfeição que esqueça os direitos do cidadão, fundamentaes em todo o livre-pensador.

Socrates estava destinado a receber o premio que a ignorancia dá a todos os que lutam pela liberdade dos homens.

Vendo os sacerdotes o acendente que elle tinha sobre a juventude e os conceitos elevados que espendia, o que fazia perigar suas comodas posições materiaes, tramaram um complot contra ele. Mediante varios agentes secretos, Melito, Licon e Anito, fomentaram uma opinião contraria ao filosofo entre a massa mais ignorante, acumulando calunias e acusando-o de corromper a juventude. O Senado premido pela opinião publica, condenou-o a beber cicuta.

Na prisão rodeou-se de seus fieis discipulos, a quem aconselhou até os ultimos momentos, e tendo-se-lhe proporcionado os meios de fuga, negou-se de fazel-o, dizendo : «Não devo dar máo exemplo de desobedecer as leis da minha patria».

Logo após consumado o crime a reação publica foi enorme. Melito foi condenado á morte, e se declarou luto universal, foram espulsos do paiz todos os que interviram na acusação e ergue-se uma estatua. Assim demasiado tarde, os homens pagam suas dividas as espiritos elevados. (1)

A Escola Cinica

Se lhe deu este nome, pois, os seus partidarios protestavam contra tudo. Fundou-a um discipulo de Socrates, Antistenes. Tinha como base o despreso de todos os vicios e as considerações dos homens. Entretanto, estes bons principios foram postos em estremos ridiculos.

O despreso á consideração dos demais, fazia que os seus componentes cumprissem as mais elementares necessidadess á vista do povo.

Socrates dizia de Antistenes : «atravez da costura da tua capa eu vejo o teu orgulho.»

Esta escola deu um filosofo notavel : Diogenes. Vivia em um tonel que trasladava de um logar para outro. Seus meios de vida eram os mais simples.

Em certa ocasião viu um menino tomar agua, servindo-se com suas proprias mãos, deliberou então lançar fóra sua taça, pois, fazendo como o menino evitaria usal-a. Seu nome fez-se celebre, pois, nenhum filosofo praticou, como ele, tão estritamente como pregava. Satirisava aos retoricos dizendo : «Ensinam a arte de bem dizer e não a de bem fazer».

Nenhum dos que pertenceram a esta escola, alcançou sua popularidade, nem conseguiu levar tão longe as esperiencias que a sua filosofia impunha, pelo que, ainda hoje, é lembrado com admiração.

Zenon e a Escola Estoica

Afirma-se, todavia, com profundados estudos, que nenhuma escola foi superior a dos estoicos

Fundada por Zenon, tinha como base a moral pratica.

Condorcet disse : «Os estoicos fizeram consistir a felicidade e a virtude na posse de uma alma insensivel ao prazer e á dôr, livre de todas as paixões, superior a todos os temores, não reconhecendo outro bem rial além da virtude, nem outro mal rial além do remorso. Acreditavam que o homem tinha poder de sobra para remontar a essa altura si possuisse uma vontade firme e independente da fortuna e dono de si mesmo, chega a ser insensivel ao vicio e á desgraça.

Segundo eles, um unico espirito anima o mundo e está presente em toda a parte, si não é o mesmo em tudo ou seja o todo, e nada existe que não seja ele. As almas humanas são suas emanações. A do sabio, que não maculou a puresa da sua origem vai, no momento da morte reunir-se a esse espirito universal. A morte seria, pois, um bem para o sabio, submetido ás leis da natureza e livre de tudo o que o vulgo chama males.

---

(1) — *H. Tampucci.*

Zenon praticou os postulados da doutrina estoica e ensinou aos jovens a sabedoria e a virtude. Esta doutrina foi a que mais se propagou na Grecia e na Italia e muitos foram os martyres do Cristianismo que a conheciam e admiravam pela moral que encerrava.

A base desta filosofia descançava sobre o principio aceito pelos seus crentes : abster-se de sofrer e não se lamentarem pelo que venha contra nós, quando não provem de nossa vontade.

Epicteto, um dos filosofos que mais se distinguiu nas fileiras estoicas, ensinava dizendo : «A verdadeira liberdade consiste em querer que as coisas sucedam, não como se pretende, mas como sucedem.»

Poderiamos dizer, os que conhecemos o Espiritismo : «Aceitar as coisas inevitaveis e que não dependem da nossa vontade, sem queixar-nos da lei que as produz, que sempre obra em nosso beneficio».

Para pintar o caracter de alguns dos estoicos, creio oportuno lembrar o gesto digno de um dos seus discipulos : Prisco Helvidio.

Se discutia no Senado romano um assunto importante para o povo. O imperador Vespaziano ordenou um dia a Helvidio que se abstivesse de ir ao Senado.

— De ti depende demitir-me de meu cargo — respondeu Helvidio — pois, eu irei ao Senado emquanto fôr senador.

— Si fores será para calares — propôz o imperador.

— Não perguntes a minha opinião, porque eu não abrirei os labios.

— Mas si estiveres presente eu terei que pedir o teu parecer.

— E eu darei segundo me parecer justo.

— Si disseres me verei obrigado a matar-te.

Ao que respondeu Helvidio :

— Eu te disse, por acaso, que sou imortal ? Faremos ambos o que depender de nós : tú ordenarás minha morte e eu suportal-a-ei sem queixarme.

Outro belo exemplo do estoicismo que esta doutrina imprimia nas almas, deu Laterano.

Havendo-lhe enviado Neron, a Epafrodites, para interrogar-lhe acerca da conspiração em que se achava comprometido, Laterano respondeu :

— Quando tenha que dizer algo, só direi ao teu amo.

— Pois, serás encarcerado.

— E quem poderá impedir que eu marche para o desterro alegremente, cheio de esperança e contente com a minha sorte ?

— Serás condemnado á morte.

— E o que ganharia eu morrer gemendo e me lamentando ?

— Eia, revela-me o teu segredo.

— Isso não, porque depende exclusivamente de mim.

— Olha ! eu te prendo em cadeias !

— O que dizes, amigo meu ? Me ameaças acorrentar-me ? Experimenta fazer si te atreves.

Poderás prender os meus braços, minhas pernas, mas a minha vontade não, nem Jupiter pode tiral-a.

— Corto-te imediamente a cabeça !

— E quando te disse eu que a minha cabeça tinha o privilegio de não poder ser cortada ?

Os fátos responderam a tão valorosas palavras. Conduzido ao suplicio, Laterano e não tendo sido o primeiro golpe bastante forte para decepal-o, fraqueou um instante, mas refeito estendeu novamente a cabeça com maior firmeza.

Deduz-se com facilidade que já antes do Cristianismo, os ideáes de progresso buscam abrir caminho para o povo.

O Cristianismo

Todos os seus conhecidos principios, desenvolvimento e desvio no que hoje se chama catolicismo, o que faz destacar o Cristianismo das anteriores escolas e religiões, tem carater essencialmente popular, e o seu principio basico de suprimir os deuses faz nascer no homem a convicção da existencia de uma só entidade, que abrange tudo : Deus.

Ele apareceu numa epoca especialissima. Findava uma civilisação corrompida — quiçá como a civilisação atual — e os albores de uma humanidade nova — como ocorre tambem no presente — apareciam no vasto horisonte historico dos povos.

Seu fundador se destaca de todos os seres que pisaram a terra.

E' que Cristo uniu á sua sabedoria e amor, uma imensa tolerancia e compreensão, filhas dos seus conhecimentos, que fasendo-lhe compreender o estado de evolução dos seres, fazia-lhe prever o grandioso futuro que espera o genero humano.

Sua obra é bem conhecida e digna da analise sincera de todos os idealistas. Seu exemplo assinalou caminhos a todos os lutadores de todas as épocas, sem distinção de crença. Sua moral se eleva por sobre todos os sistemas conhecidos e confirma suas palavras, com átos de fraternidade, que o assinalam como o revolucionario do ocidente, que soube despertar nas massas o conceito de toda a dignidade.

Quando expulsa os mercadores do templo, pareceria assinalar nos mercadores de todas as épocas quão pequenos são, ao mesclar seus egoisticos sentimentos de lucro com o ideal.

Tambem foi perseguido. Sua vida foi destruida fisicamente pelos homens, que aplicam a cega justiça áqueles que vêm com um raio de luz iluminar as trevas em que vivem.

Entretanto, sua morte é o começo de uma nova era. Se amplia sobre os povos um conceito de fraternidade desconhecido até então, e os homens começam a compreender que são irmãos por sua origem comum.

Podemos repetir do martir do Golgota, as palavras de Victor Hugo : «Sua morte é o primeiro passo para a abolição da pena capital, pois, mostra aos homens que, assim como se condena um culpado, se pode condenar a cabeça divina de um inocente.»

E' evidente que, para a evolução de um planeta atrazado como a terra, jogam em grande parte, as forças contrarias : a luz e as sombras, o bem e o chamado mal, alternam, passam por sobre os homens, os deslumbra e os envolve com o negro manto, os leva até o cume da perfeição, ou os arrastam ao abismo da ignorancia.

Os discipulos de Cristo ao propagar seus principios despertavam nos corações o amor, presagiando sobre a terra uma aurora anunciadora do belo dia de fraternidade universal.

Mas os sacerdotes do paganismo não se diferençavam dos sacerdotes de todos os tempos. Ante o avance do Cristianismo não vacilaram em se passar para as fileiras dos que sabiam atraír o povo, não com o proposito de contribuir para o triumfo dos ideáis de Cristo. Longe disso, com a conversão de Constantino, o Cristianismo ficou grandemente prejudicado. Todos os prejuizos, todos os vicios, todos os dogmas ficaram incorporados ao que se pode chamar catolicismo.

E em nome de Cristo se cobriu a terra de crimes, se empreenderam guerras, se implantou a inquisição, e o que era a luz espiritual se converteu no terror e na ignorancia.

O Materialismo

Neste estado de coisas, impunha se ao homem : aceitar os principios do materialismo que começou a ganhar terreno em muitos ou bem pertencer a uma das religiões positivas.

O materialismo, com todos os defeitos, desempenhou, entretanto, um importante papel na historia dos povos. Apareceu quando a religião com seu sinistro poder, tratava de obstar o livre-pensamento. O fanatismo e a superstição amordaçavam os seres e só a doutrina materialista poude conter a série de crimes que se cometiam. O ariete materialista destruiu passo a passo as teorias absurdas de origem humana, demonstrou que a constituição geologica da terra não estava com os principios proclamados pela religião, destruiu o falso conceito que assinalava a terra um lugar central no sistema planetario, em uma palavra, mediante a ciencia colocou os teologos numa situação insustentavel e demonstrou por outro lado, que uma bôa parte dos intitulados milagres não eram mais que mistificações para enganar o povo.

Sem embargo, sua missão terminou. Realisou o trabalho que a humanidade precisava para escapar das garras das religiões e hoje seus proprios defensores vêem abrir assombrados, sob seus olhos, o novo horisonte que o Espiritismo veio trazer, e que se vale da mesma ciencia para lhes despertar.

Quanto as religiões positivistas, nós sabemos bem que não têm mais razão de ser. Todo o ideal é uma fonte da qual brota agua cristalina que satisfaz a sêde dos que dela se acercam. Mas si a agua se estanca, perde suas melhores qualidades, sua corrupção se produz e acaba por produzir nauseas.

Isto sucedeu com o catolicismo e similares: separaram-se das sensiveis verdades do Cristianismo; os seus pastores sonharam com a dominação do mundo pela força da ignorancia; trataram de apagar a luz da ciencia, acendendo a luz das fogueiras; acumularam riquezas pela fraude e pelas ameaças. Em cada nação ficou um rastro de sangue. Mas apesar de todos os obstaculos que os falsos representantes de um Deus desnaturado, põem no caminho do progresso, o plano do deus unico e como diz Zola, em cada aldeia ha uma boca que trata de soprar e apagar a luz da ciencia — a do padre -- tambem é certo que em cada rincão do planeta ha um mestre que ensina e dissipa as trevas.

Os ideáis de progresso

Os povos não podem viver sem sustentar uma crença, um ideal, ou sem ter a sua fé e esperança em algo melhor, superior. O fracasso das religiões positivas é evidente. Como consequencia logica têm nacido varias filosofias e sociologias, que estão mais em acordo com o gráo de progresso dos espiritos que habitam a terra.

Os homens observaram que os sacerdotes agiam unidos aos poderosos da terra, que aplaudiam e alentavam as injustiças dos grandes, que estimulavam e efetuavam a esploração dos que a produziam. Tudo isso originou uma forte reação. E apareceram novas doutrinas sociaes, de orientação progressista e viu-se com surpreza renacer algo que parecia desterrado: o mesmo Cristianismo, com processos diversos, mas si se quer, contem em essencia os principios de Cristo. E para os que duvidam, lembramos que perseguem estes ideaes: supressão da esploração do homem pelo homem, estabelecimento da patria universal, para terminar assim, de uma vez por todas, com as guerras e odios de raças, solução dos problemas economicos, mediante o principio que obriga a todos trabalhar, supressão da prostituição, dignificando o nivel moral da mulher e evitando que a miseria a arraste aos baixos fundos sociaes, supressão das repugnantes diferenças estabelecidas entre os sexos, defesa e amparo da infancia, etc.

Quando uma religião sustentou propositos tão fraternaes e indicou a formula de solvel-os? Nunca. E' por isso que neste seculo vemos assombrados o progresso constante desses ideaes, que tudo invadem, tudo transformam.

Ha, entretanto, neles, pontos que são contrarios á forma de encarar a evolução por parte dos espiritualistas: me refiro a violencia e á negação da imortalidade da alma, por parte dos que sustentam certas idéas, por certo tambem beneficas á humanidade.

A violencia é consequencia logica do atrazo da sociedade atual e a intolerancia demonstrada pelos poderosos, para resolver problemas economicos que, nestes ultimos tempos estão tomando certa gravidade que parece ser impossivel se chegar a uma solução pacifica.

Sem querer justificar a violencia eu creio que é mil vezes melhor se ver o sangue derramado por um ideal superior, aos horrores de uma guerra que, como a ultima, custou a vida a mais de 12 milhões de jovens.

Mas não esqueçamos que si ha uma lei e permite certos átos de força, é por emanação divina que se realisam esforços superiores, que permitem num momento estabelecer nos povos o que custou seculos para gravar nas consciencias.

A historia nos diz que dá mais resultado um abalo, do que a passividade dos que comungam com as coisas estabelecidas, que lhes serve para viverem sem esforços, sempre á custa dos que trabalham.

Combatamos com afinco o flagelo da guerra e não declamemos tanto com os ideáis de progresso, que no dizer de um conhecido escritor de nossas idéas, «são os rebeldes os que caminham com a lanterna do progresso na mão».

Quanto ao segundo ponto, a imortalidade da alma, é uma crença que, tenho notado, é inata em cada espirito, mesmo nos chamados materialistas.

Basta ter uma conversação com frequencia, para levar nas fileiras incientes um bem idealista a todos eles. Mas convém não compreender entre estes os setarios prejudiciaes a todos os ideáes.

O Espiritismo

Atravéz de um estudo feito com sinceridade por quem deseja ver as manifestações do plano da evolução universal, eu deduzi que os ideaes do progresso têm em si principios comuns que respondem a idéa do Creador: «Impelir sempre para diante o planeta, para transformal-o num mundo mais feliz».

Efetivamente, contrarestando o materialismo da época, surge o Espiritismo, não como um ideal novo, mas como a continuação da obra de outros seres superiores, que não puderam fazel-o conhecer aos povos, devido o atrazo mental das massas. Sua origem se pode buscar entre os primeiros habitantes da terra.

Com distintos nomes, mas sempre com o sinal da espiritualidade, como base de seu conteúdo, o Espiritismo existiu em todos os tempos.

O que o destaca de todos os ideaes é sua base moral, que nenhuma doutrina poude superar. Tambem mereceu a diatribe e a perseguição.

Apezar disso, aumenta o numero de seus partidarios. E é ainda pela primeira vez que ele pode chegar diretamente ao povo, apresentando uma filosofia cientifica que une fraternalmente todos os homens e que satisfaz tanto a inteligencia como o sentimento.

O Espiritismo sem necessidade de recorrer á violencia, põe por terra os sofismas dos teologos, que impediram, por muito tempo aos homens verem claramente as leis que regem o Universo.

Quiz-se difamal-o, mesclando-o com as praticas malsans de curandeiros e adivinhos. Mas resiste valentemente á maldade, elevando-se constantemente apoiado em experiencias cientificas.

Chego ao ponto central de minhas idéas. O Espiritismo reconhece a origem comum dos espiritos: admite as mesmas experiencias atravéz de multiplas existencias; aceita o nacimento do ser em diversos paizes e mundos, o que destróe a idéa restrita de patria terrena; reconhece a igualdade entre os espiritos, desaparecendo as diferenças do sexo; aceita o postulado maximo de todos os tempos: amae-vos uns aos outros, principio que estabelece o melhoramento individual e coletivo.

Em consequencia: de forma irrefutavel está em contato por seus principios essenciaes com os que lutam: contra a existencia de fronteiras, a supressão da exploração do homem pelo homem, o amparo da mulher e da infancia; em uma palavra, a sua doutrina é de progresso, e portanto, cabem em suas fileiras com folga, os idealistas de todos os sistemas que anhelam o perfeiçoamento da humanidade.

No Espiritismo, repito, cabem todos os ideáis, ele é o todo que admite a parte, é a ciencia de toda a nobre ação e de toda iniciativa pelo melhoramento moral, economico e espiritual dos homens.

Recebido desta forma, seu horisonte se amplia, sua obra se faz imensa, seu futuro nos permite augurar o dia da paz entre todos os seres que habitam o planeta.

Pode ser detido o progresso do Espiritismo, num futuro não longinquo e ter ele a mesma sorte do Cristianismo?

Sim, si as religiões vendo-se perdidas passem para as suas fileiras, com todos os seus erros e com todas as suas praticas malsans.

Mas a experiencia servirá aos daqui e aos de lá para evitar maiores males. Respeitando o modo de pensar e agir de todos, creio necessario separar certas praticas rotineiras das que nós dizemos espiritistas.

Suprimamos imagens, personalismos, não adoremos aos mediums ou aos presidentes das sociedades; substituamos a oração pela elevação de pensamento, transformemos o chamado sentimento da beleza, façamos da caridade um dever de justiça, pois, os que sofrem é disso que precisam: justiça; com ele elevaremos a dignidade humana e suprimiremos as diferenças moraes, bastante dolorosas, por certo, entre o que dá e o que recebe. Dir-se-á que isso não passa de insignificancias que se reduz a trocas de palavras. São, não ha duvida, estes detalhes um poderoso obstaculo para que ingressem nas nossas fileiras seres racionalistas e, em consequencia, livre-pensadores, que creem, as vezes com bastante fundamento, tropeçar numa religião nova. Quanto menos se pareça o Espiritismo a uma religião, mais rapido será o seu triunfo e chegará com mais facilidade ao coração do povo. E em suas fileiras contará com idealistas dos diversos campos sociaes, que aspiram ver implantada na colonia humana, os tres principios, todavia não realisados em nação alguma do mundo, que constituem a base da obra de Cristo e que se concretisam nestas conhecidas palavras: Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

O mestre nos deixou uma frase digna de se gravar nos corações.

«Passarão os seculos mas minhas palavras de amor não passarão.»

Contribuamos constantemente para que a humanidade as realise e o amor impere para sempre em todas as almas.

* * *

Foto Espirita de CONAN DOYLE

As atividades espiritas se acham em franca efervecencia na Inglaterra.

Ao lado das sessões de materialisação, vóz-directa, sonambulicas, falantes, nota-se as produções fotograficas plenamente identificadas, o que quer dizer que os Espiritos que trabalham na Inglaterra se esforçam para dar ao mundo, provas da Imortalidade e da existencia de um Outro-Mundo.

Agora, mais uma medium de fotografia se revelou na Inglaterra: a srta. D. (prefere que o seu nome não apareça em publico)

Nas experiencias são proporcionados todos os meios de controle.

Nas ultimas feitas as placas foram compradas em casas especialistas pelos proprios experimentadores, e os chassis são carregados sem que a medium os toque. Um pano preto é posto na parede atraz de uma cadeira. As fotografias são tiradas em plena luz, conservando-se aberta

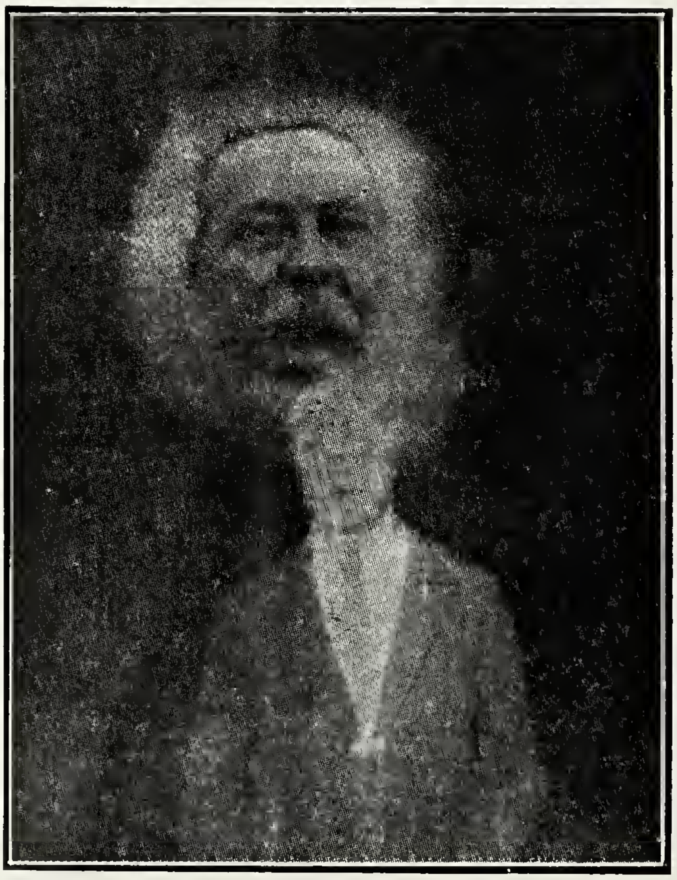

Retrato espirita de Sir Conan Doyle

uma janela. A chapa fotografica de Conan Doyle, foi obtida com o mesmo processo. Pelo exame do negativo é facil se verificar não ter havido «truc» algum, seja antes, seja durante ou depois da revelação.

A medium não pôsa, ela obtem retratos com qualquer individuo : o interessado traz consigo as chapas e a medium pede que as tenha por algum tempo entre as mãos, em seguida coloca suas mãos sobre as do individuo e faz uma oração. A chapa é então colocada no chassis, depois de examinada pelos assistentes.

Depois de tirada a foto, a chapa é revelada na presença de um dos assistentes, ou mesmo do interessado.

E' possivel que nunca se tivesse obtido uma fotografia espirita tão nitida, como essa dada pelo famoso escritor inglez após a sua passagem para o Além.

Interessante ainda é que o Espirito Conan Doyle havia prevenido á pessôa que se fez fotografar pela medium que ensaiaria «pôsar» com essa pessôa. Conan Doyle disse depois : «Eu desejo que vocês comparem a fotografia que obtivemos com aquellas que anteriormente foram obtidas por meu filho.» De fáto, esta ultima, está muito melhor, e o ar fisionomico indica muito bem a felicidade de que se acha possuido o eminente autor da «Nova Revelação». Ele acrescenta que : «o seu maior prazer é dar aos «vivos» provas patentes da sobrevivencia».

Vê-se, portanto, que os grandes homens que se desincarnam na Inglaterra, continuam a fazer parte deste mundo, trabalhando pelo bem estar e progresso dos que ficaram.

O Rev. Vale Owen, á seu turno, está dando comunicações, com provas de identidade, bem como outros Espiritos que representaram papel proeminente na terra.

Vamos confiar na acção do Além, ao lado da hecatombe que ameaça o mundo, já se pode entrever a pomba mensageira do ramo de oliveira.

* * *

Pactos entre vivos e mortos

— *(De The Occult Review)* —

Trad. de Ismael Gomes Braga

Em seu interessante livro de reminiscencias, Houndini refere o pacto feito entre ele e seu secretario particular, João W. Sargent, quando este se achava no leito de morte.

«Houndini», disse Sargent, «isto póde ser o fim. Si fôr, eu virei ter com V. sem me importar com o que suceda no Além, desde que exista um meio para eu chegar até V. E si eu fizer isto, V. ha de percebê-lo, porque eu farei coisas tão fortes que V. não se possa enganar».

Diz Houndini que nunca recebeu comunicação de especie alguma da parte do seu defunto amigo, deixando assim alguns de nós na duvida si não teria havido uma outra vida para Sargent, ou, no caso de ter havido, si as autoridades do outro lado lhe teriam proibido a comunicação.

Mas parece que outras pessoas foram mais afortunadas. Um dos mais famosos casos dessa natureza, foi o entre o Conde de Tyrone e, segundo algumas versões da historia, Lady Beresford.

A historia é muito conhecida e não precisa de ser narrada com pormenores. Em resumo é a seguinte :

Lord Tyrone e Miss Hamilton, amigos desde a infancia, fizeram um pacto solene de quem morresse primeiro. si fosse permitido pelas Forças do Além, aparecer ao outro e dizer-lhe qual crença era mais aprovada pelo Ser Supremo. Algum tempo mais tarde Miss Hamilton casou-se com Sir Tristam Beresford.

Certa manhã Sir Tristam notou que a esposa trazia uma fita de veludo preto, em volta de um dos pulsos, e perguntou-lhe si ela se havia ferido. Respondeu ela que não, mas suplicou-lhe que não a apertasse para explicar o que havia sucedido, pois que não era coisa alguma que interessasse o marido saber. Declarou-lhe ela que seria obrigada a usar a fita durante o resto da vida. Homem prudente, Sir Tristam não tocou mais no assunto, mas, notando que ela se achava muito anciosa pela chegada do correio, perguntou-lhe si estava esperando alguma carta. «Sim», disse ela, «espero a noticia de que Lord Tyrone morreu. Estou certa que ele morreu terça-feira passada ás quatro horas».

Contemplando-a com incredulidade, Sir Tristam exclamou : «Dou-te a minha palavra que eu nunca havia pensado que fosses tão supersticiosa. Como foi que te entrou essa idéa na cabeça? Algum sonho?

Lady Beresford abanou a cabeça. «Não foi», respondeu ela. «Tenho certeza disso». Verificou se a correção do que ela havia afirmado, porque uma carta tarjada de preto foi logo trazida e entregue a Sir Tristam. Era a noticia da morte de Lord Tyrone. Havia falecido no dia e hora mencionados por Lady Beresford, que nunca disse como havia feito uma profecia tão correta, nem porque usava a fita de veludo, senão anos mais tarde, quando, ao ter de dar á luz um filho de seu segundo marido, mandou chamar Lady Betty Cobbe e o filho do primeiro matrimonio. Contou lhes então a extraordinaria historia que segue. Disse que na noite anterior ao incidente á mesa sobre a fita de veludo, fôra ela despertada e víra Lord Tyrone assentado ao lado do seu leito.

Dizia-lhe ele que havia falecido na terça-feira anterior ás quatro horas, e que, de acôrdo com o pacto, tinha pedido permissão de vir visitál-a para lhe declarar que a «religião revelada era a unica pela qual ele se poderia salvar». Continuou ele então informando lhe que ela teria de perder o marido, casar-se de novo e morrer aos 47 anos, depois de dar á luz um filho. Em resposta ao seu pedido de alguma prova de que ela não estava sonhando ou fantasiando o seu aparecimento, ele puxou as cortinas de veludo incarnado do leito pelo grande arco de ferro que conservava levantado o céu da cama ; e como isto não lhe pareceu bastante convincente, tomou-lhe ele um dos pulsos, cujos nervos imediatamente se encolheram. «Agora», disse elle, «não deixeis olhos humanos verem o efeito deste meu áto. Tem-no sempre coberto». Apenas concluidas essas palavras, desapareceu a visão. Ela tornou a dormir e ao despertar de manhã olhou logo para o pulso. Estava com um sinal vermelho, e ao tentar movê-lo, notou que não tinha força alguma. O nervo estava encolhido e praticamente paralisado. Além disso a cortina estava levantada sobre o arco da cama.

Convencida então que não era sonho o que havia sucedido, e sim realidade, ela executou as instruções do fantasma e cobriu o pulso com a fita de veludo preto. Nunca mais deixou tal fita. Depois de haver narrado tudo isto ao filho e a Lady Betty Cobbe, pediu-lhes que a deixassem só. Logo depois deu á luz um filho e morreu. Por uma curiosidade, para ver si não seria mera fantazia de Lady Beresford, Lady Betty Cobbe desatou a fita e olhou o pulso da amiga morta. Era muito menor do que o outro pulso e sobre ele se achava a marca vermelha. Lady Betty conservou a fita durante toda a sua vida, e ouvi dizer que tal fita ainda se acha em poder dos seus descendentes

Conforme outras versões da historia, a propria Lady Betty teria sido a personagem principal desse notavel caso. Teria sido ela quem fizera o pacto com Lord Tyrone e usaria a fita. Não sei qual das duas versões será correta. Conta-se uma historia um tanto semelhante a esta de uma parenta minha da familia Roche (A minha avó era prima irmã de Sir David Roche, Bart), e creio que tambem de varias outras familias contam se historias semelhantes.

⁂

Um caso bem interessante de pacto para depois da morte é narrado em ligação com a Igreja Cristã, de Oxford. E' o seguinte :

O Rev. Theodore Alois Buckley, capelão da Igreja Cristã, de Oxford, fez um pacto com seu amigo Sr. Kenneth R. H. Mackenzie, pelo qual aquele dos dois que morresse primeiro, si lhe fosse permitido, teria de voltar em fórma espiritual e dar noticias ao outro. Passaram-se anos sem que coisa alguma lhes viesse lembrar o pacto. Eis, senão, quando, certa noite ocorreu um fáto notavel. O Sr. Mackenzie achava-se deitado em seu leito olhando ociosamente a vela arder, sem o pensamento se fixar em coisa alguma especial, quando sentiu de repente certa mão fria como o gelo pousar-lhe sobre a fronte. Muito sobresaltado, como ficou, olhou em torno de si e viu de pé, junto do leito, claramente desenhada, a figura do Sr. Buckley, vestido precisamente como o víra a ultima vez e tendo debaixo do braço a mesma pasta que costumava trazer. Imediatamente os olhos deles se encontraram e a figura afastou-se para junto da janela, onde permaneceu imovel por mais de dois minutos. Depois dissolveu-se, mas reapareceu ainda duas vezes. Um ou dois dias mais tarde o Sr. Mackenzie recebia noticias da morte do Sr. Buckley. Havia morrido tres dias antes do aparecimento.

* * *

Outro caso de pacto dessa natureza em Oxford, relatado pelo Dr. Lee, apoia-se sobre excelente autoridade. Dois homens pertencentes ás Ordens Sacras de Oxford, Dr. W. e Sr. P., fizeram o pacto solene de voltar aquele que morresse primeiro, si fosse permitido pelos Poderes do Além, e dar noticias ao sobrevivente. Algum tempo depois de fazer tal contrato, o Dr. W. sonhou varias vezes sucessivas que P. lhe aparecia com os olhos esbugalhados, cheio de terror, e lhe dizia: «W., estão me enterrando». Cada vez que tinha tal sonho, W. despertava com uma sensação horrivel de sufocação. De manhã ele desceu para o almoço, muito impressionado, e estava assentado em uma cadeira de braços em frente ao lume, lendo, quando ouviu uma pancada na porta.

Pensando que fosse o engraxate ou o criado, ele gritou: «Entre», sem se voltar para olhar. Ouviu a porta abrir-se docemente e alguem entrar e se aproximar dele. Um momento depois assustou-se com uma voz que logo reconheceu ser um murmurio de P. ao seu ouvido dizendo: «W., estão me enterrando». Aterrorizado, olhou ao redor de si; ninguem estava no aposento. Completamente só! Convencido de que teria sucedido alguma coisa a P., saíu logo para a casa dele que era a alguma distancia. Ao chegar lá, encontrou um coche esperando á porta. P. estava no caixão que acabava de ser fechado para o enterro. Por insistentes pedido de W., o caixão foi aberto e o corpo de P. foi posto á sua vista. Notando a ausencia do odor carateristico das camaras mortuarias, W. aplicou o ouvido aos labios e ao peito do suposto cadaver, e percebeu um fraquissimo som de respiração. Proibiu logo que se realizasse o funeral e fez retirar o corpo do caixão, lançando-se á aplicação de reativos e fricções quentes. Depois de insistente tratamento, P. readquiriu consciencia. Tinha estado em trance, e viveu ainda muitos anos depois disso.

Entre os homens celebres de Oxford que conhecem todos os pormenores deste fáto, achava-se o Rev. Dr. Hall, professor no Colegio Pembroke, e o R. William Browne, capelão da Penitenciaria da cidade. O caso é muito interessante por causa dos problemas que suscita. O que foi mesmo que W. viu e ouviu? Foi o «ego» imaterial de P.? Durante o trance teria ele estado pensando fortemente em pedir socorro ao seu amigo W., e, sendo favoraveis as condições, teria ele projetado o seu ser á presença daquele? Ou teria sido alguma entidade espiritual a ele muito dedicada que teria representado o seu papel? Não sabemos si depois da sua morte real ele se teria comunicado com o Dr. W.

* * *

Outro caso bem autenticado de pacto é o de William Smellie e William Greenlaw.

Estes dois amigos fizeram um pacto semelhante aos outros que narrei acima. Greenlaw morreu primeiro, e Smellie, logo depois do aniversario da morte, recebeu um susto por ver o fantasma do amigo aparecer-lhe de repente. O fantasma falou e informou-lhe que tinha tido muita dificuldade em obter permissão de voltar á terra, como havia combinado; que agora se achava em um mundo muito melhor do que o havia deixado, mas que as esperanças e desejos dos seus habitantes não estavão satisfeitos de modo algum, porque, do mesmo modo que os habitantes de um mundo inferior, eles olhavam apenas para a frente na esperança de alcançarem um estado de existencia mais feliz. Smellie relata a sua observação com tal sinceridade que é dificil não se acreditar em sua historia. Ele acredita com certeza que viu e ouviu o fantasma real do seu amigo falecido, William Greenlaw.

* * *

Tenho encontrado muitas pessoas que me contam terem feito pactos dessa natureza com amigos e parentes, mas conheço apenas alguns exemplos em que os pactos parecem ter sido cumpridos. Comtudo, estes poucos são de facto expressivos. Um desses casos foi-me contado ha alguns anos passados em um club literario de Londres.

A Snra. Weston, uma dama americana, narradora do caso, fizéra um pacto com a Snra. Schultz, quando eram meninas ambas em uma escola de Boston, pelo qual aquela que morresse primeiro voltaria a avisar á outra. Assim, um dia, anos depois que ambas se haviam casado, a Sra. Weston achava-se sósinha, assentada certa manhã na sala do seu hotel, em Berne, quando subitamente a toalha da mesa foi violentamente agitada e tomou a aparencia de uma serie de ondas no mar. Ao mesmo tempo ela sentia uma impressão de balançar se e levantar se, como se estivesse em uma canôa, emquanto uma voz que ela reconheceu como sendo a da Sra. Schultz disse, muito clara e distintamente : «Que tal achas isto ? Isto é o que eu faço todos os dias no mundo onde agora estou». Nesse momento a criada entrou na sala, e, vendo a toalha da mesa procedendo daquele modo, comentou o fáto, porque o dia estava quente e não havia o minimo vento.

A Snra. Weston ficou muito assustada, e alguns dias depois recebeu uma carta de Boston dizendo que a Sra. Schultz, de quem ela não tinha noticias havia mais de um ano, havia falecido. Havia morrido duas semanas antes, alguns dias antes do incidente da voz e da toalha de mesa. Ao que parece, o pacto entre as duas amigas estava assim cumprido.

* * *

Mais um caso : O de um pacto cumprido em York Minster. Como na obra a que me reporto não vêm nomes, emprego nomes ficticios somente para conveniencia da narrativa.

Miss Hay fez um pacto com seu primo, Jack Hay, tenente da Marinha Real, pacto esse pelo qual o primeiro dos dois que morresse voltaria para destruir o ceticismo do outro com respeito á vida futura. Então, alguns anos depois deste acôrdo, Miss Hay, em companhia de seus pais e do Sr. Dennis, estava visitando York Minster. Deixando os pais em frente de um tumulo que lhes interessava, ela desceu com o Sr. Dennis por um dos lados. De repente ambos viram uma joven com o uniforme da Marinha Real que vinha em sua direção. Quando passou por eles, o Sr. Dennis ouviu-o murmurar algo ao ouvido de Miss Hay, que se tornou palida como um cadaver e teria caido si o Sr. Dennis não a segurasse a tempo. Emquanto os pais cuidavam de Miss Hay, o sr. Dennis correu ao encalce do joven official, mas este de maneira incompreensivel havia desaparecido.

Quando Miss Hay voltou a si do desmaio, pediu para ser deixada a sós com o Sr. Dennis, porque precisava de lhe falar em particular. Atendida pelos pais, ela contou ao Sr. Dennis tudo a respeito do pacto que tinha com o primo. «Tenho certeza que Jack morreu», observou ela ; «por isso é que eu não quis que meus pais ouvissem, porque eles gostavam muito dele. Foi o fantasma dele que nós vimos. O Sr. o ouviu falar ao meu ouvido ? O que ele disse foi o seguinte : "Ha um estado futuro". Ele cumpriu o pacto».

Alguns dias mais tarde o que ela tinha suposto verificou-se estar certo, porque chegou a noticia de que o tenente João Hay tinha morrido afogado no mar, no mesmo dia e hora em que o seu fantasma apareceu em York Minster.

Elliot O'Donnell.

O problema da morte tem interessado os pensadores de todas as épocas, e mil meios tem sido postos em pratica para resolvel-o, desde os apelos aos «manes» aos pactos entre vivos e mortos.

Chegaram, afinal, os tempos da morte perder o seu carater sibilino e ser encarada, não mais na aparencia lugubre de um misterio que faz emudecer doutos e sacerdotes, mas na sua realidade positiva, embalsamando corações e estabelecendo em todos uma crença de base cientifica na Imortalidade.

L. B.

PROVA DA MEDIUMNIDADE DOS IRMÃOS FALCONER

De «The Greater World» *Trad. W. Campello*

Um cabogramma de uma agencia jornalistica, publicado em jornaes de Londres e Escocia, noticiou o comparecimento dos srs. Craig e George Falconer perante o Magistrado de Johannesburg, a 10 de Julho, accusados de fraude. Conforme a noticia, alguns detectiveis — dois — posaram como pessôas interessadas em photographias espiritas, para cujo fim se apresentaram no «Studio» dos mediums, obtendo sessões. Não foram obtidos «extras», mas como fôsse nulo o resultado nessa primeira experiencia, os referidos detectiveis julgaram-se bastante justificados para obterem uma ordem para proceder á uma devassa.

Ordem de Prisão

Em seguida a policia invadio a sala do Espiritualista local, apoderando-se da camara photographica, chapas e outros materiaes ; chegando logo apóz a ordem de prisão, não só dos irmãos Falconer, como tambem do sr. Lynton A. Barret, redactor de «The South African Spiritualist» que contribuiu com sua co operacão á Sra. Falconer e seus filhos durante a estadia dos mesmos em Johannesburg. Logo depois foram todos postos em liberdade mediante fiança de 100 libras.

Quando os irmãos Falconer nos deixaram na primavera, nos declararam sinceramente que a sua viagem pela Africa do Sul obedecia ao unico objectivo de trabalho missionario, excluido o pensamento de beneficios pecuniarios, porém éra natural que se veriam sujeitos a pesados gastos de viagem e nesse caso só acceitariam gratificações. Ainda mais, prometteram elles que em toda a parte elevariam bem alto os ensinos de Christo e se bateriam pelo espiritismo Christão. Segundo informações vindas da Africa do Sul, vemos que os irmãos Falconer cumpriram cabalmente a promessa feita.

Todos que estiveram em contacto intimo com a familia Falconer, sentiram-se impressionados pela humildade e cortezia da mesma. Os irmãos Falconer têm soffrido bastante com os maliciosos, foram victimas de falsas injunções dos que duvidavam da genuidade de sua mediumnidade, entretanto todas as accusações não resistiram aos factos, á luz do dia. O Snr. Hope, de Crewe ; a Snra. Dean, de Londres, os famosos e igualmente humildes mediums de photographias psychicas, soffreram semelhantes perseguições.

Os irmãos Falconer, por vezes diversas, fizeram serviço publico de exposições de chapas na Africa do Sul, porém até ás ultimas noticias, nenhum resultado obtiveram. As condições psychicas voltaram-se contra o trabalho, éra justamente nessa occasião e quanto mais os mediums e guias se esforçavam, viram baldados os esforços conjugados, que os dois detectives se apresentaram como pretensos investigadores.

Testemunho da Africa do Sul

Acabamos de receber a seguinte carta da Africa do Sul : O «extra reproduzido nesta pagina é o mencionado sob o n.º 3.

«Do Snr. J. A. Gibberd, membro da delegação de The Christian —Chusch of Spiritual Light and Haling. Observatory, Cape Province :— Os Snrs. Craig e George Falconer partiram na sexta-feira, 12 de Junho. para Johannesburg, tendo completado a sua estadia em Cape Toron. E' desnecessario dizer que muitos dos nossos, com pezar, se despediram dos retirantes. O dom dos mediuns é admiravel, demonstrando, de modo permanente, a verdade da clarividencia.

Sei que o Snr. si interessa por photographias psychicas, publicando-as em sua importante revista. Envio-lhe 6 photographias obtidas entre meus companheiros de trabalhos psychicos. Si qualquer dellas se prestar para fins de propaganda, com prazer peço fazer uso da que lhe convier. Cada photographia leva apensa a sua descripção, isto é, referencia dos nomes dos que assistiram ás sessões e outros detalhes. Todos consentem na declinação dos nomes.

Seis Exposições

N.º 1 — Batida a 6 de abril. Ha alguma duvida quanto á identidade do rosto, conquanto apresente bastante semelhança aos traços de minha familia. Assistentes: Sra. Lee, Casal Cox, (não apparece) e eu proprio.

N.º 2 — Parente identificado por velha photographia e forte semelhança á uma irmã, ainda viva. Assistente: Sra. Lee.

N.º 3 — Espirito guia, reconhecido por clarividentes. Fui eu o assistente. (Veja illustração).

N.º 4 — Grupo photographico de um de nossos Circulos. Assistentes: Esposos Pentz, invisiveis; Sra. Lee; Snr. Porter, assentado; Snr. Cox; Snr. Arnott e eu proprio de pé. Diversos rostos foram reconhecidos pelos assistentes como sendo os de parentes. O photo é notavel pela ordem (fileira) de rostos ethereos que são visiveis no fundo e parte superior.

N.º 5 — Photographia de um guia espiritual, tomada na nossa casa, com luz electrica. Assistentes: Sra. Lee e eu, invisiveis; Sra. Porter e Snr. Cox, invisiveis.

Inteiramente Satisfeitas

N.º 6 — O Circulo de Luz e Cena de Lama. A identidade de um grande rosto á esquerda, cobrindo a Sra. Lee, é ainda incerta, conquanto com forte probabilidade de pertencer a um amigo que, ao momento de ser escripta a presente, ainda não vio a photographia. Os tres rostos menores apparecendo como um cacho no centro do anel ectoplasmico são os dos guias do Circulo e foram reconhecidos.

Em conclusão, peço permittir dizer que todas as precauções razoaveis foram tomadas e os irmãos Falconer insistiram para que um ou mais assistentes vigiassem o desenvolvimento de cada chapa. Estamos todos completamente satisfeitos quanto a genuidade destas phtotographias espiritas.

As demonstrações espíritas pela fotografia, bem como as moldagens e impressões digitaes, com plena identidade, constituem uma solene vitoria contra a morte. Só esses fátos demonstram muito bem o caracter imortalista do Espiritismo. — LIS.

Novas idéas sobre o Universo e a Vida

(D' «O Comercio do Porto»)

Quem fez os seus estudos de física, química ou biologia há trinta anos e não se deu ao trabalho de ir actualisando os seus conhecimentos, de modo a acompanhar, mais ou menos, a evolução da ciencia, póde dizer-se que não sabia nada.

No século passado supunha-se que os corpos eram constituidos por átomos, que estavam continuamente animados por diversas fórmas de energia. Tudo no mundo era fôrça e matéria. Até os sêres vivos eram considerados, tal qual como os corpos brutos, sujeitos unicamente ás mesmas leis; para os monistas, nos sêres vivos haveria apenas fenómenos fisico-quimicos. Até o pensamento humano e a conciência eram fenómenos da mesma natureza.

Todas essas ideias, que tanto fizeram delirar os nossos livres-pensadores, derruiram com o tempo, e o século XX está assistindo a uma aproximação entre a ciência positiva e a metafísica aristotélica e escolástica.

A descoberta da radio-actividade introduziu a noção da desmaterialização da matéria e os fisicos chegaram á conclusão que a matéria é apenas uma fórma de energia e que a energia é uma fórma de electricidade. O átomo é constituido por um núcleo de electros positivos, em volta do qual gravita um numero maior de electros negativos.

Como estamos longe da velha concepção materialista do átomo eterno e indivisivel em perpétuo movimento!

A materia, diz o dr. Desfosses (1), num belo estudo que me sugeriu o tema para esta crónica, a matéria desapareceu diante da ciência moderna; no Universo fisico a única realidade que subsiste é a energia electrica.

Os seres vivos, vegetais ou animais, apresentam caracteristicas que os distinguem dos corpos brutos.

Tenho aqui no meu terraço alguns vasos de lindos craveiros. Todas estas plantas pertencem á mesma espécie botánica mas, enquanto que, num dos vasos, as flores que desabrocham são côr de rosa, em outro são rajadas e num terceiro são de um belo escarlate quási purpurino. Que fôrça misteriosa fará com que os cravos de cada vaso sejam sempre da mesma cor?

Ali do beiral do telhado pende um ninho de andorinhas. Os pequenitos nasceram há oito dias e, daqui a um mês, estarão aptos a deixar o ninho e a encorporar-se num bando de aves que vão, atravessando muitas centenas de quilometros, passar um inverno a um pais de clima mais temperado. E, na Primavera proxima, guiadas por um prodigioso instinto, regressarão ao ninho e reconstituirão a sua familia.

Ali em baixo, na vinha, as uvas estão êste ano muito atrasadas no seu desenvolvimento. Mas, no meio de uma multidão de videiras, há algumas cepas de malvasia, onde os cachos começam a alourar e a encher-se de açucar. Antes que eu désse por ela, um bando de algumas dezenas de estorninhos, vindos de muito longe e voando a vinte metros de altura, precipitaram-se verticalmente sôbre as uvas em começo de maturação e comeram-nas a eito.

Quem ensinou aos estorninhos vagabundos que, nesta vinha, começava, em algumas cepas, a maturação das uvas?

Com certeza não foi qualquer energia fisica ou química quem orientou nos ares as atrevidas avezitas.

Muito menos a fisica e a quimica poderão explicar a piedade de Santo António de Lisbôa e de S. João de Deus, o heroismo de Nun'Alvares e de Afonso de Albuquerque, o estro de Camões ou o tartufismo de tantas pessoas que andam pelo mundo a enganar a gente.

---

(1) *La Presse Médicale*, 1-VIII-31.

Os biliões de sêres vivos que povoam as terras e os mares, diz Desfosses, mostram que jámais eles se apresentam como uma máquina privada de iniciativa. Duas fôrças dirigem a natureza animada; a fôrça electrica e a fôrça psiquica.

Pouco sabemos ainda da essência de tão misteriosas fôrças e talvez elas sejam eternamente, para nós, impenetráveis *segredos da Natura.*

Mas é próprio da natureza humana investigar sempre e procurar conhecer as causas das coisas.

A concepção materialista do Universo, tão singela mas tão grosseira, já não satisfaz ao nosso espirito.

Temos de voltar ao psiquismo antigo e acreditar em que os sêres vivos são animados, quer dizer, téem uma *alma* vegetativa sensitiva, ou intelectual.

J. A. PIRES DE LIMA.

Prof. da Faculdade de Medicina do Pôrto

Fotografia psìquica de um cão

POR LADY HEHIR

(*Traduzido de «The Greater World», vol. IV n. 137, de 10-1-1931*)

Varias vezes se tem levantado a questão sobre se ha uma vida posterior para os animaes ou não.

Muitas pessôas não o acreditam, embóra estejam seguramente persuadidas de que as almas humanas sobrevivem á morte física.

Como quer que seja aqueles que têm interesse em investigar as pretensões dos pesquisadores psíquicos pódem e devem obter provas e mais provas de que a «vida» nos animaes persiste além da morte do corpo material.

Ocorre frequentemente que as fórmas espirituais dos animais, especialmente daqueles que alguem estimou grandemente, são vistas e descritas pelos clarividentes. Muitas vezes tambem êles são ouvidos e até mesmo sentidos.

Mas, emquanto tais experiencias permanecem sem convencer a muitas pessôas, porque élas não pódem ser repetidas a seu bel-prazer, ha uma admiravel prova de evidencia, quando o animal «morto», repentinamente e em absoluto inesperado, aparece numa chapa fotografica ou num film.

Tal evidencia figura na fotografía psíquica que eu tenho prazer em enviar-lhe, para ser reproduzida por «The Greater World».

Os fátos concernentes a éla são os seguintes:

«Possuiamos um cãozinho «cairn-terrier» que se chamava Kathal e do qual gostávamos muito. Morreu em meus braços no dia 12 de agosto de 1926. Seis semanas depois, mais ou menos, chamámos uma senhora, Mrs. Filson, que até então nos éra inteiramente estranha.

No domingo, 26 de setembro de 1926, ésta senhora bateu quatro chapas de nossa cachorra lobeira irlandêsa, chamada Tara, e ésta fotografía é uma delas.

Póde ver-se nitidamente que Kathal apareceu na fotografía, deitado de atravessado nas costas de Tara, como costumava fazer quando seu corpo tinha vida terrena, mas com a cabeça voltada para a fotografa. Neste retrato a cahorra de caça tem uma aparencia de estar num estado de catalepsia, emquanto que as tres outras chapas—que não revelaram o «extra»

— mostram seus olhar brilhante e satisfeito.

Dever-se-á notar tambem que seu dorso é réto, sendo cheio de uma substancia branca, sem duvida a que é chamada ectoplasma.

Deve lembrar-se de que o dorso de um cão lobeiro é consideravelmente curvo e nunca poderá ser tão réto como se vê neste retrato.

Além disto, a impressão original mostra inequivocamente que a massa branca no dorso da cachorra é transparente, porque meu vestido é visivel através dela.

As fotographias foram tiradas com uma máquina Kodak ; penso que éra uma Browwe n. 2.

Foi utilizado um filme novo, tendo sido aberta a caixa e tirado o papel prateado em minha presença.

A hora da exposição foi mais ou menos de 2,45 a 3 horas depois de meio-dia.

Ninguem de nós estava pensando, nem no cãozinho, nem em fotografia de espirito.

A manifestação que resultou da revelação do filme encheu todos de grande surpresa. O cãozinho «morto» nunca havia sido citado a Mrs. Filson.

Em vida os dois cães tinham sido inseparaveis amigos. Dormiam, comiam e brincavam juntos e por longas horas a cachorra lobeira ficava estendida na relva, sob as arvores, com Kathal atravessado no seu dorso.

Pergunta-se agora, qual fôra o medium para tornar o fenomeno possivel ?

Não sei. Possivelmente fôra a cachorra de caça.

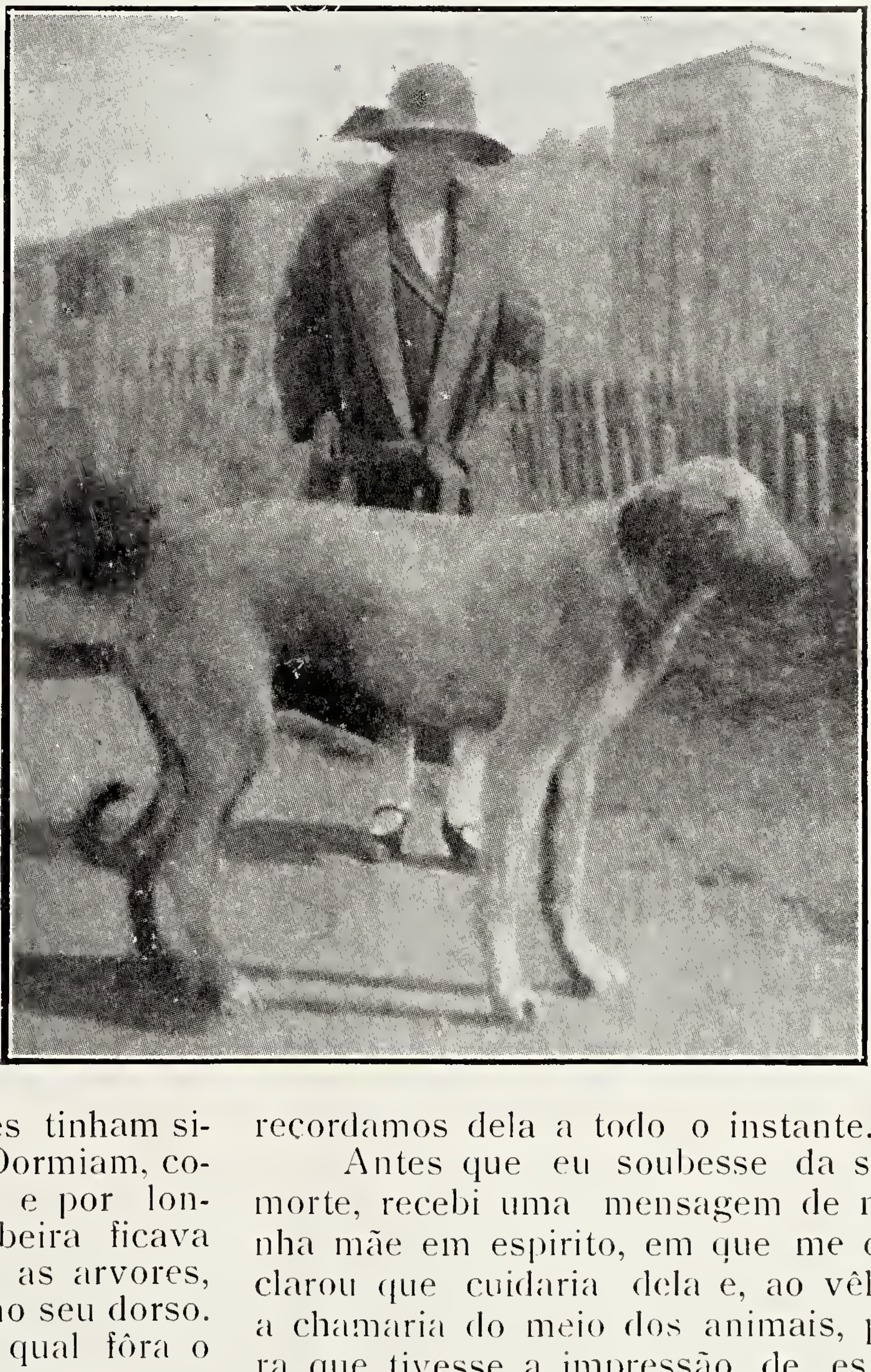

Uma cousa é certa ; que antes de tudo houvéra uma força vital necessaria para as condições psíquicas e fôra provocada pelo élo-de-amizade existente entre nós e os animais e entre os dois cães entre si.

Perdemos a figura principal de nosso canil nesta véspera de Natal, o que nos entristeceu muito, pois nos recordamos dela a todo o instante.

Antes que eu soubesse da sua morte, recebi uma mensagem de minha mãe em espirito, em que me declarou que cuidaria dela e, ao vêl-a, a chamaria do meio dos animais, para que tivesse a impressão de estar ainda em nossa casa, vendo os cães e gatos de que nós sempre tanto gostámos.

A doutrina da alma, destinada a grandes cometimentos, já realça em suas multiplas manifestações animicas e espiritas, determinando com seus fátos o pleno acordo existente da evolução animica com a sabedoria, a justiça e o amor de Deus. — G. D.

Chronica Extrangeira

Por W. Campello

PRIMEIRAS IMPRESSÕES APÓS Á MORTE

Transcrevemos de «The Greater World», a Mensagem do Dr. Wollatt, da no Circulo Zodiaco :

«Não levareis a mal uma visita de minha parte ? Tenho que fazer um pequeno esforço para communicar-me em condições semelhantes a estas. Quem fala é Woollatt. Quero fallar-vos, não como um Doutor, mas como um homem.

Ha pouco tempo falaram-me sobre as minhas responsabilidades. Aquelle a quem chamaes Zodiaco metteu-me em brios, disse-me tantas cousas para que me anime e possa vencer as difficuldades ! Pois bem, eu tentei.

A vida do medico é assim : elle pertence a seus clientes. Tudo o que elle tem é d'elles e o exigem, vós o sabeis. Elle é o seu pae, confessor e, algumas vezes, o seu banqueiro.

Pois bem, eu não me estou queixando ; estou contente porque tive um pequeno conhecimento a respeito do que era preciso para progredir.

Desejo falar-vos, si me é permittido, sobre o accidente.

Quando eu fui esmagado muitas pessôas pensaram que era uma lastima—um homem em seu apogeo, com a sua vida cortada deixando a sua familia privada de sua pessôa e por crear.

Que perda ! Não hesito em confessar-vos que fiquei revoltadissimo a principio. Não sabia si estava morto ou vivo.

Eu estava com a minha esposa e filho no hospital como um homem que está perdido em horrivel pesadelo. Eu dizia a mim mesmo : «Não sejas tolo, coragem, vai tudo bem, rapaz ; estás sonhando !» Porém eu não estava. Eu não gostava disso, eu estava com medo de encarar o facto de que eu estava morto.

A Morte Provoca Rebeldia

Naturalmente, foi o meu proprio erro, pois, eu podia ter me achado em melhores condições dentro de algumas horas, mas não estava preparado. Meus pensamentos estavam voltados para a minha mulher, meus filhos, meu lar.

Eu apreciava a vida, gostava ver as flôres desabrocharem em meu jardim, tinha prazer em ver meus filhos sahirem cheios de saúde e felizes para a escola ; gostava de ver o meu lar, com o seu conforto e quando eu abria o portão o fazia com o sentimento de posse.

Eu éra o homem typico que amava o seu «castello», porque — tomae nota disto — lá dentro estava o amor ! Eu lastimo o pobre diabo que vai para casa para nada achar senão desharmonia. Eu lastimo o homem e lastimo a mulher e é preciso encarar o facto que não ha muitos que possúem a verdadeira felicidade...

Assim me sentia na manhan em que passeava ao ar livre : «Como é bom estar vivo ; graças a Deus pela minha mulher e filhos, graças a Deus que eu posso respirar, vêr e andar. E então, dentro do brilho de um glorioso dia de verão, aquillo !... o aniquilamento».

De que modo pensaes que procedi ? Portei-me como um garoto, queria gritar e dar ponta-pés ; porém isso nada me adiantava, assim tentei tomar posse de mim mesmo. Disse a mim : — Oh ! encare isso como homem ! Porém vêdes ? todavia eu reconhecia esta verdade. Eu não suppunha que iria ingressar tão depressa no além. Zodiaco sabia disso e a sua allocução deu-me um pouco mais de conhecimento a respeito das coisas da outra vida.

Sabeis quem me auxiliou ? Isto pareceu-me um tanto extranho, porem um joven veio a mim, — fallecido na guerra, com 25 annos — e disse : «Olha, meu caro doutor, não vá mostrar-se pusillanime. Eu respondi : «A respeito de que está falando ?» «Eu passei por isso», disse elle ; «é uma sensação de *estagnação ;* permitta que o instrua». Eu sympathisava um pouco com o rapaz, mas senti-me melindrado no meu amor proprio quando elle disse : «não vá mostrar-se pusillanime.»

A Experiencia de um Soldado

Perguntei : «que foi que aconteceu ?» «Bem», disse elle : o dr. não quer acredital-o, naturalmente, porém é um tanto ridiculo estar morto». E' assim ? «repliquei eu», tenho receio de que eu não chegue a convencer-me disto. Mas elle não se deixou vencer. «De qualquer modo», disse eu, «você parece estar muito bem ; o que sentio ao despertar ?» «Oh ! eu puz-me a bater com os pés de um modo escandaloso, gemi como um garoto.

«Então vi alguma coisa que poz fim aos meus bramidos, sabe o que foi ? Vi muitos garotos a brincar num revaldo e elles pareciam tão felizes ! As flores eram tão altas que não mais podia vel-as e eu disse de mim para comigo : «Os meus olhos tambem não estão em ordem ? E' melhor ver a coisa de perto», fui e vi que eram crianças, contudo eram crianças *transformadas ;* e quando eu as vigiava, vi flôres que não eram iguaes as da terra, tambem cheguei á convicção de que as crianças estavam *mortas !* E todos aquelles garotos eram tão felizes ! ! !

Então elle disse que fez um passeio de reconhecimento ou ponsou que assim o fez. Parece que em sequida elle estava longe, inteiramente perto do Polo Sul· Não sabia como alli se achava. Estava rodeado de neve, frio e desolação e, quando de pé olhava para o alto, vio alguma coisa que procurava comprehender. Parecia-lhe que o céo se abria e pela abertura, sahia alguma coisa semelhante a um mensageiro de bôas novas— eu não profiro a palavra anjo porque elle não usou deste termo — e, quando esse mensageiro se achou proximo, estendeu-lhe as mãos e, quando estas se tocaram, elle achou-se ás margens de um lago, respirando o ar da manhã. Aqui elle perguntou-me «Devo contar-lhe mais ?» Eu repliquei «Que me adianta isso ?» E elle disse : «Olha, meu velho, temos que encarar este facto, que o nosso insignificante pedaço de terra se assemelha a uma mancha em comparação ao vasto universo que ahi está a espera que o comprehendamos».

Devo dizer que elle me distrahio e vi mais tarde que elle me narrou a sua historia com esse fim. Retiramo-nos da scena do desastre, mas ao ter andado 100 jardas, o esforço foi tão grande, que não pude proseguir.

O que elle vio e ouvio no hospital

Alguns momentos depois acheime em pé ao lado do leito de minha mulher. O seu espirito estava ora dentro ora fóra de seu corpo, como um passaro esvoaçando para dentro e para fôra de uma janella aberta. Vi então uma coisa que realmente aquietou o meu coração rebellado, sentindo a paz invadir-me. Cercada de seres gloriosos, iniciou-se uma palestra de que eu era o ouvinte, entre minha mulher e aquelles entes celestes.

Parecia, a principio, que elles estavam combinando alguma coisa e eu ouvia attentamente, percebendo que estavam planejando o futuro de minha mulher, deixando-lhe a escolha. Quando conversavam, vi que outra perspectiva se apresentava e a hesitação de minha companheira finalmente desappareceu. Quer queiram quer não, é a verdade de Deus, a minha mulher olhou para o alto, encontrou os olhares de alguem, a quem chamarieis um anjo, e disse simplesmente : «Penso que voltarei á vida».

Gritei alto para a minha companheira, porém ella não me ouvia. Sinto que tinha a dizer : «Não decida tão depressa, minha querida, pensa sobre isto, reflicta bem !» Porém os seres radiosos estavam todos em volta de seu leito e elles abafaram o som de minha voz egoista.

Sob o ponto de vista de um medico, a sua cura e a restauração de seu corpo, foi um milagre.

Eu, modestia á parte, era um bom medico, sim, assim o creio, mas agora os meus conhecimentos parecem de terceira ordem. Um novo evangelho vamos pregar e o evangelho é este: A intervenção dos invisiveis relativamente a estas coisas que pretendemos conhecer e não conhecemos. A minha mulher é bôa esposa, bôa mãe e bôa mulher e, porque ella desejava o melhor, atrahia para si, por uma lei natural, aquelles que podiam dar o melhor. Nunca sabereis, até que tenhaes vindo para cá, quão insignificante é o poder do homem e quão vasto é o poder de Deus sobre os corpos dos homens.

Esperança no Futuro

Sinto tudo tão singular, como si estivesse olhando sobre um vasto oceano e vendo no longinquo horizonte uma luz gloriosa e sei que tenho de dirigir o meu navio naquella direcção. E' admiravel, sinto-me tão livre! Sinto que não haverá mais pensamentos retrogados, pezares estupidos e inuteis, caminhando sempre para a frente, sabendo que se eu puzer a minha embarcação na rota correcta, no tempo preciso, o pequeno bote que representa a vida terrestre de minha esposa, cruzará a minha rota, pois é preciso trabalhar para isso, luctar para esse fim!

Dizei a ella que tudo é admiravelmente bom, que, conquanto ella pareça estar envolta pela nevoa de coisas materiaes, esta só é uma nevoa da terra. Exactamente acima existe o clarão da mais brilhante luz solar envolvendo toda a sua pessôa.

«Nota — O Dr. Woollatt foi esmagado num accidente de automovel.

PROVA DE SOBREVIVENCIA

O Comte. G. V. Bond publicou na «Lihht» os seguintes fátos que teve ocasião de verificar.

«O Comandant Bond estava nas Indias quando sua mãe, que morava na Inglaterra, morreu. Pouco tempo depois ele casou-se e foi morar na Inglaterra, com seu pae, que deu-lhe o quarto em que sua mãe falecera. Certa noite ele ia conciliar o sono quando sentiu os braços de sua mãe lhe envolver o pescoço e ele ouviu, em alta vóz: «Meu caro filho, estou muito contente porque tu és feliz».

O Comandante Bond afirma que não estava dormindo, mas que sentira e ouvira perfeitamente sua mãe. Desse dia em diante, ele começou a se interessar pelas questões espiritas.

Outro fáto citado pelo Comandante Bond, que se produziu anos mais tarde. Sua senhora e ele haviam desenvolvido o dom da escrita automatica, e um dia o lapis escreveu: «Mãe». Depois vieram provas evidentes que, de fáto, era a mãe de Bond que se comunicava. Ele então lhe disse: «Eu creio que sabeis que meu filho tem que passar exame. Podeis auxilial-o de qualquer maneira?» O lapis escreveu: «Experimentarei».

Desoito mezes mais tarde, o comandante Bond e sua familia assistiam a uma sessão publica de psicometria, na Sociedade de Pesquizas Psiquicas de Ipswich. Entre os objetos que se apresentou ao medium, achava-se uma caixa de prata, para fosforos. O psicometra depois de haver dado noticias exatas sobre o proprietario do objeto, acrecentou: «a pessôa a quem pertence esta caixa, vai passar por exame; pedem-me que lhe enderece a seguinte mensagem: «Ele será auxiliado pelo «Além tumulo».

Ora, a caixa pertencia ao filho do comandante Bond e tinha sido enviada ao psicometra pelo páe.

Pouco depois, o moço se apresentou ao exame; seu ponto fraco era geografia. Ora, mais ou menos, meia hora antes de passar pela prova, teve inspiração expontanea e intensa que lhe caberia por sorte o Egito e Mesopotamia. Inutil é dizer que os dez minutos que lhe restavam foram empregados revendo estes dois paizes. Logo que entrou na sala de exames constatou que, de fáto, o ponto que lhe caiu foi o Egito e a Mesopotamia. Sua memoria revivecida lhe permitiu então passar com honra no exame.

CURAR PELO PSIQUISMO

«Beyond» publicou o interessante artigo do Major Armitage, que se vae lêr:

Tendo havido tantos casos authenticos de curas pela Mente e Espirito (geralmente resumida Cura Psychica) realisadas em todo o mundo por Christãos, Espiritas, Scientistas Christãos, Hindús, Bhudistas, etc., bem como por medicos e outros scientistas que as Igrejas e o publico indagam como e porque meios essas curas estão sendo feitas. Os factos nos provam evidentemente que a denominação (christã) dos curadores (Healers) e dos pacientes não é a causa (factor), pois sabemos que todas as denominações têm curas a seu credito.

A velha concepção d'«O Poder da Mente sobre a Materia» não é uma explicação scientifica, porque, como póde a mente de uma pessoa ter poder sobre o corpo de outra pessôa? E entretanto isso occorre. A explicação é evidentemente, de accordo com as recentes descobertas da sciencia, que o poder é devido a vibrações ethereas dadas por e recebidas por nosso systema nervoso, é portanto evidente, dos factos collectados, que este poder pode curar e que existe mais que uma vibração que cura, pois temos relatos de curas por magnetismo animal, suggestão, etc, bem como por outros methodos de cura, que devemos addicionar á cura espiritual e temos a prova que, como no radio (sem fio), ha muitos «comprimentos de ondas» que curam. Algumas pessoas, que estudaram a sciencia, são de opinião que o «ether» tem mais de uma densidade.

Os Yoges Orientaes ensinaram durante muitos seculos que ha um poder chamado «Prana», palavra que significa «energia absoluta» que elles podem por certas meditações — meditações profundas e orações — retirar (extrahir) do ether, e, como se vê nos ultimos livros de Sir Oliver Lodge, «Phantom Walls» e «Beyond Physics», muitos scientistas estão evidentemente chegando ás mesmas conclusões.

Não podemos pôr a religião e a sciencia em compartimentos estanques e o unico modo de aprender qualquer coisa é estudar os factos da religião e da sciencia com mentes sem preconceitos; não podemos esperar que os factos se ajustem ás nossas ideias preconcebidas, devemos ajustar as nossas crenças com os factos, devemos, si desejamos aprender a verdade, estudar os factos.

As conclusões dos factos conhecidos, podem ser reunidos como se segue:

1.o — Existe um Poder Espiritual Vivo e Intelligente em todo o Universo, inclusive a humanidade, que tem a sua existencia irrecusavel e cujo vehiculo physico parece ser o ether que está em toda a parte no Universo e é tudo no Universo.

Sir Oliver Lodge escreve á pagina 47 de seu livro, «Beyond Physics»: «Este ether tão cheio de energia está inteiramente impregnado de alguma coisa que se pode denominar Vida e Mente (entendimento) *in exelsis*—Concebo o ether como um vehiculo ou instrumento physico ou concomitente (accessorio) da Mente suprema. Talvez, Espirito seja um termo melhor.»

2.o — Os mestres de todos os tempos e paizes, inclusive os curadores de hoje, ensinam que podemos, preparando nos espiritualmente e aprendendo methodos proprios, extrahir um certo poder do ether que os Hindús chamam «Prana», as primitivas Igrejas Christãs denominaram Espirito Santo e este poder parece ser o mesmo «principio ethereo» de Sir Lodge e acima de todos parece explicar o que Jesus Christo queria dizer quando Elle ensinava (São Lucas, cap. 17 — ver. 21) «O Reino do Ceu está dentro de vós». Jesus Christo e outros instructores tambem ensinavam que os curadores nada podem fazer por si proprios, elles são somente canaes (conductores), sendo a cura real feita por Mais Altos Poderes. Para nós a força é invisivel e imponderavel, excepto no caso de alguns clarividentes bem desenvolvidos e no caso das investigações do fallecido Dr. Walter J. Kilder, ultimo electricista em St. Thomas Hospital, Londres o qual sensibilisando os olhos com a tintura de alcatrão de carvão allemão «Dicyanin» (que tambem é usada para sensibilisar placas photographicas), estava habilitado a ver ao menos algumas das emanações do corpo humano. O seu livro, «A Atmosphera Humana» requer estudos e posteriores investigações devem ser feitas sobre assumptos semelhantes, visto alguns dos methodos usados pelo dr. Kilner não serem propriamente conhecidos.

3.o—A experiencia pratica nos mostrou que são as vibrações ethereas emittidas pela vehemencia das orações e pelo poder da vontade do curador que é um dos principaes factores na obtenção da cura e a forma da oração ou a denominação (religiosa) do curador e paciente tem pequena ou nenhuma influencia na cura.

4.o — Tambem sabemos que muito depende do paciente bem como do curador. O paciente deve ser receptivo — «A tua fé te salvou» (São Lucas cap. 17 ver. 19) é applicavel hoje como o era ha 1 900 annos. Isto tambem é uma materia de experiencia pratica de differentes methodos devem ser applicados a pacientes differentes de modo a seguir o «comprimento da onda» do paciente e isso deve ser aprendido por experiencia na cura pratica.

5.o—Todavia as vibrações ethereas podem ser emettidas e recebidas no plano material, pelo nosso systema nervoso, somos dotados de mentes e espiritos bem como de corpos materiaes, o corpo ethereo do homem tambem tem sido visto pelo processo do Dr. Kilner, por pessoas vivas no corpo astral (ou corpo ethereo) e foi declarado ser «communicadores espiritas», — e, como já foi mencionado o actual trabalho de cura é feito pelos Poderes mais Elevados (Higher Powers), chamae-os Santos ; Anjos da Guarda, Espirito ou o que quizerdes, de modo que ainda temos muito a aprender, de facto, quanto mais aprendemos, mais reconhecemos a nossa ignorancia. O systema de «Oração Harmonica» como é praticado em Quee Queen's Gate, 29, Londres, obteve grande successo, successo que pode ser obtido por qualquer pessoa que tenha desejo de experimentar esse methodo de cura espiritual, que é o methodo mais efficiente de cura. Como prova pratica *reuna* sete ou nove amigos com o fim de concentrar na cura de algum caso particular. O paciente não precisa estar presente, elle ou ella pode estar em sua casa ou no hospital. Obtenha que o paciente faça as mesmas orações no mesmo tempo determinado (de modo a estar em harmonia com os curadores). Deve se começar com o Pae Nosso (Lord's Prayer). Cada sentença deve ser proferida separada e vagarosamente, meditando durante dois ou tres minutos a cada sentença — nomeie um chefe (leader) e tudo deve agir em «Harmonia» uns com os outros. Eu compuz algumas ideias para a meditação—podeis entregar as vossas proprias ideias, mas todos devem estar de accordo e estar em «Harmonia» entre si. Então terminae a reunião com orações de agradecimento ou poder curador e tudo conseguireis si empregardes a seriedade propria e poder da vontade. Tereis necessidade de mais de uma cura para cada caso, particularmente no começo, porém ha poucos casos que não experimentem algum beneficio immediato.

Si quizerdes ter maiores conhecimentos sobre «Cura Psychica» e sobre os methodos oriental e occidental de «Psychologia» ou alguem dos vossos ou amigos, procurae nos—quarto 43 5 th Floor, State Shipping Block. 49, Market Street, Sydney.

Não recomendamos outra «cura psychica» do que o methodo acima mencionado, a não ser que aprendaes methodo proprio. Temos classes para os que querem aprender. O snr. e snra. Armitage se offerecem para attender e assistir a qualquer reunião de cura levada a effeito por qualquer denominação ou grupos de amigos.

O HOMEM DE SAPATOS VERMELHOS

De «The Occult Review»

«A Sra. G. alugou uma casa perto de Bedford. Supreendera-se com o pequeno aluguel que lhe fôra pedido, pois se tratava duma vivenda encantadora. Seu filho mais novo, uma criança de cêrca de três anos, subia, certa vez, ao regressarem duma excursão, para se recolher ao leito, e, a meio da escada, virou-se para o lado, como se houvera visto passar alguém. Sua mãe observou que êle fez o mesmo na noite seguinte, que dessa vez se achegou a ela, parecendo assustado.

—«O homem dos sapatos vermelhos !»—exclamou o menino.

De manhã, sucedeu a mesma coisa. Cada vez que a criança se aproximava da escada, dizia :

— «Olha, o homem dos sapatos vermelhos !»

Sabendo ser imaginoso o seu filho, a Sra. G. não ligou importancia a esses factos ; porém, como o terror do menino aumentava cada vez mais, começou a reflectir sobre o caso.

De uma feita, encontrou o proprietário e, sem se referir à imaginação de que supunha dotado o filho, falou da sorte que tivera em alugar uma casa tão barata, e o senhorio respondeu :

— Sim, mas é que dizem que a casa está assombrada e eu tenho, por esse motivo, dificuldade em alugál-a. O último locatário, que ali viveu e morreu, dizem que está assombrando o alto da escada. Deve ter sido uma pessoa muito singular, pois os seus visinhos diziam que usava sapatos vermelhos.

Ecos e Noticias

FRANÇA

Maison des Spirites

A «Maison des Spirites» após o periodo de ferias costumeiras, entrou em franca atividade. Nessa casa de instrução espirita tem se efetuado reuniões para estudos filosoficos, mediunicos, experimentaes, bem como conferencias instrutivas e educativas. Dentre estas, as ultimas realisadas foram sobre : «O Congresso Espirita de Haia e a Mediunidade» por M. Ripert; «Os Fenomenos paranormaes nos povos antigos», por M. Marquès—Rivière.

O Espiritismo no teatro

No teatro Fontaine foi levado, com sucesso, o drama: «Le Guerisseur» (O Curador), magnificamente interpretado por M. Revel.

Conferencias nas Provincias

As conferencias nas Provincias, segundo o plano da «Maison des Spirites» e da «Federation Spirite International», vão ter começo muito breve, sendo organisado um bélo corpo de conferencistas.

INGLATERRA

Sir Oliver Lodge

No gozo da mais completa saúde e fortaleza completou 80.o aniversario, o grande fisico inglez, Sir Oliver Lodge, intemerato representante do Espiritismo inglez.

Sir Oliver Lodge aparenta um homem de 50 anos, tal é a sua disposição e lucidez de espirito.

Diversos jornalistas pediram entrevistas ao grande sabio por ocasião do seu aniversario, e tendo um deles lhe perguntado : Qual a maior descoberta que aparecerá em primeiro lugar, no mundo ? — Sir Oliver Lodge respondeu : «A descoberta do Outro Mundo.

Fotografias Espiritas

O sucesso das fotografias espiritas por meio dos mediums Hope, Mme. Buxton e Irmãos Falconer, tem sido verdadeiramente estrondoso.

Todas as revistas inglezas, Light, Beyond, The Greater World, e outras fazem referencias a esses interessantes fenomenos, reproduzindo provas fotograficas de uma autenticidade fóra de duvida.

O Protestantismo e o Espiritismo na Inglaterra

Os Pastores Protestantes da Inglaterra estão verdadeiramente abalados com os ultimos fenomenos que têm verificado. Existe uma grande controversia entre o clero anglicano, visto diversos deles possuirem o dom da mediumnidade, como chegaram a afirmar publicamente.

Centros de Curas

Tem sido estabelecidos diversos centros de curas, em que tomam parte medicos e pastores.

As curas são feitas por passes magneticos e préces.

Foto de Conan Doyle

Causou grande sensação nos meios inglezes o retrato psiquico de Conan Doyle, seguido de mensagens do autor do Sherlok, mensagens essas que têm sido reconhecidas pela familia com provas de identidade.

Predicas do Espirito «Power»

No «Fortune Theatre», de Londres, teem-se reunido numerosos auditores com o fim de assistirem ás prédicas que, sôbre filosofia espiritualista, o espírito «Power» está fazendo todos os domingos por intermédio de Mrs. Meurig Morris.

Um discurso de Sir Oliver Lodge

O grande sábio Sir Oliver Lodge pronunciou um importante discurso no Congresso das Igrejas Livres, em que afirmou a crença na reincarnação, acrescentando que estamos rodeados duma multidão de sêres que nos seguem e nos auxiliam e que são os nossos anjos da guarda, como alguns lhes chamam.

O Sr. Oaten no Congresso de Haia

O Sr. Ernesto W. Oaten presidiu o Congresso Internacional Espirita de Haia.

* * *

ALEMANHA

Os trabalhos espiritas na Alemanha proseguem como nunca, á ponto de abalarem a ciencia materialista.

O Prof. Ohms disse no «Medizinische Welt", que a ciencia do cerebro, pelo menos na Alemanha, entrou francamente numa fase nova.

—

Temos sobre a mesa «Zeitschrift fur Metapsichische Forschung» de setembro. Traz uma bela gravura de escrita direta e a de um medalhão, produtos mediunicos de Mme. Silbert.

* * *

ITALIA

Propaganda Reincarnacionista

Em Piemont se desenvolve grande propaganda reincarnacionista.

A alma dos animaes e o Mondo Occulto

O «Mondo Occulto» noticiou que Lady Hehir obteve uma fotografia trancendental cuja origem é a seguinte : Ela tinha um pequeno cão chamado Catal, que lhe dedicava grande estima. Morreu a 12 de agosto 1925. Pouco tempo depois, como Mme. Filson se achasse em visita na sua casa, ella teve idéa de fotografar um grande cão irlandez Tara. Com grande surpresa quando a chapa foi desenvolvida, viu ao lado de Tara, seu amigo Catal, que ela tanto estimára. A cabeça do pequeno cão morto foi perfeitamente reconhecida.»

A volta do Capm. Hinchliffe

O Dr. Ernesto Bozzano, estrela de primeira grandeza do Espiritismo, publicou em «Luce e Ombra», um substancioso estudo sobre a volta do Capm. Hinchliffe.

* * *

BELGICA

Charleroi

Em Charleroi a propaganda espirita vae se estendendo consideravelmente.

Ultimamente foi estabelecido pelos espiritas locaes uma «Mutua» para enfrentar despezas de enterramentos e auxilio ás familias.

Union Spirite Belge

A Union reuniu-se em assembléa geral para tratar de interesses da propaganda.

Foram aprovadas diversas resoluções importantes.

M. J. L'Homme

Abriu-se uma lacuna na familia espirita belga, com o passamento de M. J. L'Homme, pae do diretor da Revue Spirite Belge.

ESPANHA

O Prof. Asmara tem feito otimas conferencias espiritas. A ultima realisada em Malaga, versou sobre o tema: «Nova Orientação sobre a Filosofia e a Religião».

* * *

A bibliotheca espirita aumenta consideravelmente na Espanha.

Estão sendo publicadas, não só obras nacionaes como traduções de grande relevancia, que vêm concorrer para a divulgação da incomparavel doutrina.

* * *

A «Institucion Veritas», entrou neste mez em grande atividade, desenvolvendo magnifico programa de palestras e conferencias publicas.

* * *

Os Centros de Sabadell e Tarraz uniram-se para uma campanha de propaganda em suas redondezas.

⁂

Os espiritas espanhóes estão em festas, pois, no Congresso de Haia ficou resolvido que o futuro Congresso efectuar-se-á na Espanha, em Barcelona.

* * *

Temos sobre a mesa «La Luz del Porvenir», bem orientada revista da F. E. Espanhola.

PORTUGAL

O Centro Espirita de Braga prosegue no seu trabalho de propagando e na tiragem da revista «Luz e Caridade».

• • •

A Federação Espirita Portugueza tem realizado conferencias doutrinarias e sessões experimentaes, dirigidas pelo Dr. Antonio Freire, sendo medium D. Isaura Fernandes.

• • •

O Cel. José Augusto Faure Rosa fez na Federação, uma conferencia sobre o Cooperativismo.

* * *

Sobre o tema: «Psiquismo Experimental» o com. Aniceto Xavier Horta, fez, com projeções luminosas uma excelente conferencia.

• • •

O general Arnaldo Cabral fez, na Federação, uma conferencia sobre: «Espiritismo e Teosofia.»

* * *

O Dr. Gilberto Marques conferenciou na Federação sobre o tema: «Novos Horizontes.»

* * *

«A Morte é Vida», livrinho do Dr. Lobo Vilela, tem tido grande saída.

* * *

A «Revista de Espiritismo» publicou energico artigo rebatendo ás falsidades de Nino Pecararo, vehiculadas pela imprensa submissa ao clero, para causar sensação.

* * *

O Dr. Antonio Freire esteve no Porto e em Coimbra, tendo feito palestras dedicadas aos espiritas.

PORTO RICO

Os espiritas portoriquenses reuniram-se em assembléa na Federação Espirita de Porto Rico, tomando varias deliberações indispensaveis á propaganda.

A nota dominante foi a instrução: ha necessidade de instrução, de estudo, sem o que não pode haver uma fé verdadeira, uma religião racional.

Além de outros oradores, falou o presidente sr. Manuel Medina.

—

Temos sobre a mesa «Rayo de Luz», orgão da F. E. Porto Rico.

ARGENTINA

Temos recebido as seguintes revistas: Resplandor de la Verdad; Constancia; Palavra de Lumen; La Idéa; La Nota Espiritista, que demonstram muito bem, pela sua constancia, o progresso espirita na Argentina.

* * *

Diversos oradores argentinos, fazem conferencias semanaes de propaganda, com entrada franqueada ao publico, que vai recebendo com simpatia a Nova Revelação.

• • •

Os espiritas argentinos viram abrir entre si uma lacuna, com o desincarne do Dr. Ovidio Rebaudi, membro da comissão diretiva da Constancia.

O Dr. Rebaudi é autor de diversas obras; além de tudo era abalisado homem de ciencia.

Aos correligionarios argentinos nossas condolencias e testemunho de fraterna solidariedade.

HOLANDA

Haia

Congresso Espirita Internacional

Conforme foi anunciado, efetuou-se, sob os auspicios da Federação Espirita Internacional, o Congresso Espirita Internacional, em Haia, ao qual compareceram setecentos congressistas de varios paizes. Foram tratados varios têmas indispensaveis á bôa marcha da propaganda, e por fim foi proposta uma moção sobre a paz e o desarme das nações, bem como felicitações ao governo Espanhol por haver implantado a liberdade de conciencia em seu paiz. Presidiu o Congresso o sr. Ernesto W. Oaten.

Nós havemos de estimar muito que do Congresso apareçam os frutos indispensaveis á difusão da Doutrina pela qual nos batemos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

Associação de Propaganda Espirita

Uma associação que apareceu recentemente e entrou agora em pleno funcionamento é a que tomou o titulo acima. Esta sociedade composta de centros aliados, está destinada a prestar otimos serviços ao Espiritismo, porque o seu fim *exclusivo* é a propaganda pela palavra e pela imprensa e o esforço que expender é para orientar os Centros que lhe são aliados no estudo da doutrina e no desenvolvimento moral e filosofico dos seus componentes.

A Sociedade não admite para seu aliado centros sem cultura, imbuidos de idéas pessoaes e preconcebidas, dadas á pratica de um charlatanismo deprimente que se põe como pedra de escandalo, á marcha progressiva do Espiritismo. A Sociedade prefere se manter com dez centros treinados nos principios Kardecistas, do que contar com 100 ou 200 que selecionem o estudo, o livre exame e a moralidade, deixando de obedecer estes principios basicos da verdadeira regimentação espirita.

Por deliberação da diretoria e socios, em assembléa geral, a Sociedade mudou a sua séde para Rio Preto, para melhor andamento dos seus trabalhos. Breve a

Sociedade enviará a todos os centros do Estado os seus Estatutos.

A correspondencia social pode ser dirigida para o Secretario, João Fusco, Rua Silva Jardim, 826, Rio Preto.

Centro Allan Kardec, de Rio Preto

Uma excelente medida adotada pelo Centro Allan-Kardec, de Rio Preto, foi abrir uma escola de oratoria, na qual se acham matriculados diversos espiritas riopretenses. Ao que sabemos, o centro já conta com alguns oradores, que podem muito bem, dar em publico, o motivo da sua fé.

Oxalá que os demais centros do Estado e da União façam incluir no seu programa essa nova iniciativa, de incalculavel valor para a propaganda.

Conferencista em excursão

Sob os auspicios desta *revista* e d'O Clarim, seguiu em excursão para o Paraná, via escalas, o nosso prestante companheiro sr. João Leão Pitta que efetuou conferencias em diversas cidades.

— Em Tatuí, no teatro local, duas conferencias ;

— Em Itapetininga, 4 conferencias, espirito-evangelicas ;

— Em Itararé, 3 conferencias do mesmo teor, assim como em Faxina.

A hora em que escrevemos o nosso representante está em Ponta Grossa, onde já iniciou suas conferencias.

A palavra do Pitta, ungida de fé, tem sido muito apreciada por todos.

Conferencias em Jahú

O nosso representante Giacomo De Bernardo, foi muito bem acolhido em Jahú, onde leu, nos Centros, Verdade e Luz num dia, e Antonio de Padua no outro, duas excelentes conferencias, de genuina fonte espirita.

As reuniões de S. Carlos

Em São Carlos, o Comité Central do Estado Pro Liberdade, e consecutivamente a Associação de Propaganda Espirita do E. S. Paulo, efetuaram reuniões, sob a direção dos nossos confrades Dr. Souza Ribeiro e C. Schutel.

Em seguida, á noite, o Dr. Thomaz Novelino, clinico em Monte Santo, fez uma conferencia sobre as Revelações atravez da historia.

Nas reuniões se pronunciaram varios oradores, que, com ampla liberdade se manifestaram sobre assuntos diversos.

Conferencias em Campinas

— O Dr. Thomaz Novelino, clinico em Monte Santo, tem feito em Campinas uma série de conferencias que têm sido muito apreciadas.

— O Dr. Souza Ribeiro, continúa fazendo conferencias ás terças na Associação Caminho da Verdade.

— O Dr. Souza Ribeiro, Dr. Novelino e Onofre Baptista, nosso representante falaram no Centro S. Miguel a mais de 300 pessôas, desenvolvendo temas espiritas da atualidade.

— O confrade Silva Pereira, tem falado na Associação Caminho da Verdade sobre assuntos espiritas. Este amigo é nosso representante em Campinas.

Festival Espirita em Olimpia

O Centro «Fóra da Caridade não ha salvação» comemorou o 3 de outubro com um festival literario em que tomaram parte varios oradores. Foram distribuidos dôces ás crianças. Foi esta a primeira festa espirita que se realisou em Olimpia.

Excursão na Mogyana

De regresso de um trecho da Mogyana esteve entre nós o nosso amigo Onofre Baptista, que efetuou palestras espiritas com grande assistencia em — S. Rosa, S. Sebastião do Paraiso, Muzambinho, Itapira, Casa Branca, e Itoby. O nosso representante foi muito bem acolhido em todas essas cidades, onde conquistou grande numero de assinantes.

Correspondencia de S. Paulo

Centro Espirita Paz de Pae Jacob

No Centro Espirita Paz de Pae Jacob, á rua da Gloria, 11, S. Paulo, o Prof. sr. Campos Vergal fez uma conferencia sobre : «A Vida Espiritual atravez das formas». A assistencia numerosa aplaudiu o orador, que foi muito feliz no desenvolver a sua oração.

Aos confrades Adão e D. Benedita Fonseca, diretores desta casa de caridade, nossos parabens.

Centro Espirita Mensageiros da Paz

Este Centro do Bairro da Pitangueira (Alto de Sant'Anna) commemorou no dia 18 de Outubro a data da desencarnação do protector do Centro constando o programma de uma sessão solemne, na qual fizeram-se ouvir diversos oradores, entre os quaes seu presidente Benedicto Dias e o confrade Eduardo Moretti que representou O Clarim. Houve tambem um numero de canto e declamação por parte dos alumnos do Catecismo, que mostraram o proveito que tiraram dos ensinamentos recebidos, sendo bastante aplaudidos. Aos assistentes foi distribuido O Clarim.

Centro Espırita «Paz, Amor e Caridade»

O dia 25 de Outubro este Centro da rua Martim Affonso fez a costumeira distribuição mensal de alimentos aos pobres que a elle recorrem.

Aproveitando da oportunidade diversos confrades de outros Centros que, aceitando o convite, se reuniram e fizeram se ouvir dirigindo aos assistentes palavras consoladoras de caridade e amor.

Tambem os alumnos do Catecismo deram uma demonstração dos ensinamentos recebidos, respondendo as perguntas que lhe foram dirigidas sobre a doutrina de Jesus, com uma espontaneidade que causou admiração a todos.

U. Brussolo.

Rio de Janeiro

Correspondencia da Capital Federal

O Centro Fé e Caridade, de Engenho de Dentro, visitou incorporado, no dia 27 de Setembro, a Casa de Correição, dirigindo palavras de conforto aos reclusos.

— O confrade João Pinto de Souza realisou uma palestra no Centro E. Ismael, com séde na Parada Magalhães Bastos, no dia 27 de Setembro findo, dissertando sobre o thema «Ha muitas moradas na casa de meu Pae».

— O confrade dr. Ismael da Silveira, realisou uma conferencia, no dia 27 de Setembro, no Centro Israel Barcellos, de Bento Ribeiro.

— Na União Espirita Suburbana, no dia 28 de Setembro, o commandante Bandeira de Mello, realisou uma bella conferencia evangelica, perante grande assistencia.

— No dia 19 de Setembro o confrade coronel A. Barbosa da Paixão, fallou na séde do Centro Ismael, de Senador Eusebio, sobre o thema «Santuario Consolador».

— Arthur Machado realisou uma palestra sobre «Espiritismo e Aura», no dia 24 de Setembro, no Grupo E. Sebastião, illustrando a com quadros coloridos demonstrativos.

* * *

NECROLOGIO

Americo Firmino Machado

Eis um dos bons obreiros do Espiritismo, no Brasil, que findou a sua tarefa, para começar uma outra que lhe está destinada no Mundo Além. Era um grande coração e uma mentalidade bem elaborada nos conhecimentos espiritas. Propagandista intemerato, muito concorreu para bôa orientação do Centro Espirita Luiz Gonzaga, de Itapira, de que era um dos diretores. Humilde, sincero, leal, entreteve sempre comnosco as estreitas relações, aliado á nossa publicação desde a sua fundação.

A' Exma. familia nossas condolencias e ao presado amigo, que, talvez, nos espreite, no momento em que traçamos estas linhas, os nossos parabens pela liberdade que obteve, os nossos votos para que tenha grandes venturas e valoroso auxilio dos Caros Espiritos que dirigem o nosso movimento.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL — **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

Á venda nas principaes Livrarias Espiritas

s

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci7111unse

NO VII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1931 — N. 11

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMARIO

Genealogia dos fenomenos espiritas
Os Caminhos da Evolução
Um morto que se lembra de tudo
Fotografia espirita psicometrizada
Preceitos da Caridade
O cão no cristal
Evolução Animica
Pintando quadros com a mão de um fantasma
Conversação com a alma de Jubran
Oposição á Verdade
O cão sabio de Weimar
O Congresso Espirita de Haia
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

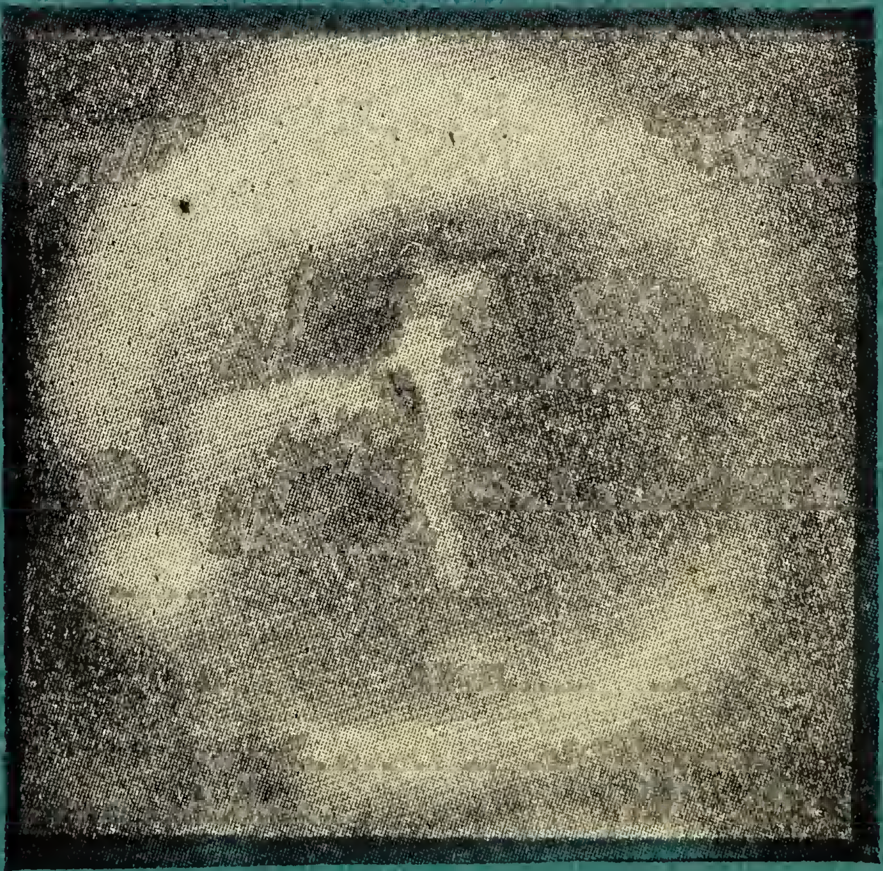

Fotografia Espirita de um cão

Aos nossos assignantes

Em 15 de fevereiro deste anno, nós deliberamos baixar as assignaturas da Revista Internacional do Espiritismo, justamente no momento em que todos os jornáes e revistas alegando a carencia de material elevavam seus preços.

Não foi sem sacrificio que mantivemos esta deliberação. Neste vindouro anno de 1932 continuaremos a manter a baixa do preço aos assignantes, mas é preciso que nossos clientes correspondam com o devido numerario adiantadamente para podermos equilibrar as despezas.

Os espiritas não devem ignorar os esforços que fazemos para manter esta publicação, cuja feição artistica se torna dispendiosa.

Urge, portanto, que cada um cumpra o seu dever e se mantenha na altura reclamada pelos nossos Ideáes.

Desde já prevenimos que será suspensa a Revista a todos os que não responderem ao nosso appello.

Sendo de praxe do jornalismo actual, o pagamento adiantado das assignaturas, nós aguardamos dos nossos amigos uma resposta positiva.

Aproveitamos a occasião para agradecer a todos os que comnosco têm collaborado e nos trazido o seu valioso apoio.

PEDIDO DE ASSIGNATURA

Sr. Redactor da «Revista Internacional do Espiritismo»

Junto a quantia de 20$000 ou 24$000 — para uma assignatura simples — registrada, da Revista Internacional do Espiritismo, por um anno, á começar de 15 de fevereiro de 1932 e a terminar em 15 de janeiro de 1933.

QUEIRA ENDEREÇAR A REVISTA A'

Nome..

Rua..

Cidade..*Estado*..................................

....*de*..*de 193*.........

ASSIGNATURA,

....

ANNO VII - E. S. Paulo - Mattão, 15 de Dezembro de 1931 - NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ≍ COLLABORADORES : DIVERSOS

GENEALOGIA DOS FENOMENOS ESPIRITAS

Os fenomenos espiritas datam da mais remota antiguidade. Desde que se fizeram sentir nas almas os primeiros albores da espiritualidade, em todos os tempos e em todos os paizes os Espiritos vêm acionando os homens para um progresso crecente de luzes e de verdades que constituem as glorias das civilisações.

E' por isso que se diz que o Espiritismo é tão velho como o mundo, ele se perde nas brumas das éras, assistiu o florecimento das primeiras inteligencias que, absortas, contemplaram os céos marchetados de estrelas, e viu-as lançarem na terra os primeiros grãos, cujo trabalho constituiria o inicio da escada por onde teriam de subir aquelas almas, ainda simples e ignorantes, mas já dotadas da perfectibilidade para se elevarem um dia a um estado de perfeição espiritual.

As idades mais antigas, a de pedra ou *paleolithica* e a idade de bronze ou *neolitica*, nos demonstram perfeitamente que todos os povos primitivos, a despeito mesmo da sua inferioridade moral e intelectual tinham crença arraigada na existencia dos espiritos, taes as manifestações que verificavam continuamente. Até o mesmo culto fetichista de objetos inanimados e dos animaes ou a zoolatria, não representam para esses povos mais do que um simbolo de atração para invocacão do manes, dos antepassados e dos espiritos.

E si é verdade que algumas tribus selvaticas hodiernas conservam o fetichismo primitivo, assim como os insulares da Polinesia, os negros, os Pelles Vermelhas da America, as hordas da Malasia, é inegavel que as almas dos mortos são o objeto principal do seu culto.

David Livingston, no seu livro «Missionary travels», diz: «que todos os selvagens em geral acreditam na vida de além-tumulo e na possibilidade das intervenções de seres sobre-humanos. Como eles supoem que entre as almas ha bôas e maleficas, as evocam ou as conjuram, seja por preces, seja levando com a maior parte dos negros, filacteres chamados por eles *gris-gris !*»

Perron d'Arc diz que os selvagens australianos á noite vão aos cemiterios para obter comunicações da parte dos mortos. Eles conservam as tradições dos antepassados prehistoricos e asseveram mesmo ouvir vozes que decem das arvores, sahindo dos troncos e sopros que passam e se elevam das hervas.

No Guiné é crença que as almas dos mortos se utilisam até dos objetos de que têm necessidade.

Olans Magnus diz que nos confins do mar glacial, onde se forma uma peninsula, ha povos chamados *Pilapianos*, que bebem, comem e conversam com os espiritos.

Nas ilhas Carolinas, os Malaios, os pretos da Etiopia, do Sudão, da Guiné, do Congo, os Cafres, os Hotentotes, os Indianos da America, os Pelles-Vermelhas, todos creem na intervenção dos espiritos e não têm outra religião a não ser a dos manes. (Leia-se Lutke, «Viagem ao redor do Mundo»; Loskill, «Historia das Missões»; Dixon «Nova America»).

Por mais que nos esforcemos a procurar a origem dos fenomenos espiritas, em parte alguma a encontramos, ella é, pode-se dizer inata no homem. Os Patagonios têm uma crença firme na comunhão das almas.

Todas as populacões chamadas «barbaras» pela civilisação helenica admiram em todos os tempos a existencia de um outro mundo e comunicação com os espiritos. A parte mythica da sua historia assím nos afirma. Os *scythas*, os *gethas*, os *chamans*, os *kalmuks*, os *tchuvaches*, segundo Vrangel e Ed. Spencer, evocam e exocizam os espiritos.

Al. De Lerchine, trad. de Ferry de Pigny, no seu livro «Descrição das hordas e das steppes de Kirghiz-Kazaks», diz que na opinião dos scandinavos, os fiunezes e os laponios eram todos feiticeiros, como são entre os samoyedas e os kirghises, visto a sua faculdade de fazer conjurações e expelir espiritos.

Os germanos e os celtas entravam em comunicação com as almas por meio das sibilas. Os gaulezes não só acreditavam na vida futura, como achavam que as almas conservavam a sua individualidade e vinham se comunicar com os vivos. Dos selvagens aos barbaros, dos barbaros aos povos semicivilisados, até aos nossos tempos, nenhuma civilisação foi excluida da manifestação dos mortos. Os fenomenos espiritas debaixo de um véo espesso que constitúe um grande misterio tem sido a base fundamental das crenças dêsfiguradas em seu sentido intimo pelos dogmas e sacramentos sacerdotaes.

No Egito é crença geral que as almas não deixam a terra e aqui habitam seres invisiveis que se comunicam comnosco. A India, a China, a Assiria, a Palestina, a Persia professavam as mesmas idéas. Freret diz que a evocação dos mortos torna-se por toda a parte uma potencia e as suas praticas se espalham em todo o Oriente.

Si passarmos ligeiras vistas nas Escrituras veremos que os hebreus tinham como objeto principal de sua crença a comunicação com os espiritos. Fenomenos extraordinarios foram presenciados por esse povo «escolhido» para grandes emprezas. Como as pitonisas, sibilas e bardos e os ascetas da Thebaida eles penetravam o mundo invisivel, sofrendo a influencia dos espiritos superiores que lhes dilatavam o horisonte intelectual. Foi tão grande e havia tomado taes proporções o comercio com o invisivel, degenerando abusos e ação de espiritos imperfeitos e enganadores, que Moisés proibiu aos hebreus a evocação dos mortos.

Na Grecia os fenomenos espiritas chegaram no seu apogêo. Nos templos de Isis, de Esculapio, no antro de Trofonios, no oraculo de Delfos, de Dodona e de Epidauro as pitias caíam em extase e profetisavam ao hierogrammatas como ao povo reunido. As sibilas de Dodona, de Jupiter Ammon e as de Cumas caíam em convulsões e escreviam revelações até nas folhas das arvores.

Finalmente, a fenomenologia espirita tem se verificado em todos os paizes e em todas as raças, como uma graça inata no homem para o seu desenvolvimento espiritual. Ela não apareceu primeiro num individuo ou num logar para se estender a outros; nascera em cada homem como nasceram na terra todas as sementes, apareceu como apareceram no mundo as palmeiras e os carvalhos, é, em suma sem genealogia.

Quanto mais o homem se eleva e progride, mais avista o passado e descortina o futuro; é como numa acenção a uma montanha munido de poderoso binoculo, ele pode ver o começo do caminho que percorreu, as curvas e voltas que deu e recordar as peripecias da viagem. — L. B.

Os caminhos da Evolução

INDIVIDUALISMO E COLLECTIVISMO

FAMILIA E PATRIA

Percebemos, sem esforço, em nossa vida mental uma organisação bi-polar, como sendo uma especie de estructura do espirito. Dentro dessa bi-polaridade nascem os conceitos que formulamos acerca da realidade.

Por isso o nosso espirito caminha sempre em duas direcções oppostas na interpretação das coisas.

Para focalisar-se a attenção em territorio neutro, equidistante desses extremos antagonicos, faz-se mister um acurado emprego da Rasão critica, nucleo verdadeiramente superior da vida mental.

Essa bi-polaridade parece ter origem na natureza duplice do homem, que é um composto de alma e corpo, e no proprio antagonismo entre o «ser» e o «não ser», entre o «eu» e o «não eu».

Da consciencia da existencia desses dois mundos, do objectivo e do subjectivo, segue-se, talvez, a dichotonisação das principaes operações do espirito, e a natureza antithetica dos conceitos.

Exprimirão sempre esses conceitos de opposição a realidade ?

Uma analyse detida verifica que na maior parte ellas obedecem a um artificio schematico do intellecto : são symbolos commodos das sensações immediatas.

Para verificarmos até onde impéra o dominio anti-thetico do nosso intellecto é facil correr a lista de alguns conceitos logicos ; temos assim : a analyse e a synthese, o abstracto e o concreto, o consciente e o inconsciente, o simples e o composto, o finito e o infinito, o relativo e o absoluto, o particular e o universal, o positivo e o negativo, o extrinseco e o intrinseco, a verdade e a mentira, o mediato e o immediato, o «apriori» e o «aposteriori», etc. etc. Não parariamos si fossemos annotar todos os conceitos antitheticos do conhecimento : luz e treva, calor e frio, saude e doença, alegria e tristeza, branco e preto, bem e mal, bello e feio, leve e pesado, grande e pequeno, duro e molle, liso e aspero, prazer e dor, etc.

Não é nosso objectivo cançar a paciencia do leitor, porem, chegarmos á razão por que a Evolução humana se faz em duas direcções oppostas : a do individualismo e a do collectivismo ou socialismo.

São duas tendencias naturaes com base na bi-polaridade das nossas faculdades logicas, e, portanto, de alguma vantagem para o progresso humano.

De facto, o individualismo faz desenvolver certas qualidades e aptidões necessarias, como por exemplo, a maior affirmação da personalidade. O adextramento das faculdades de fins egoisticos na lucta pela vida, creando o patrimonio economico dentro da ordem juridica (já se vê), conduz á formação de um typo de caracter superior, de vontade potente, de pugnacidade irrefreavel, de intelligencia lucida, em que predomina um apurado senso das realidades, uma perfeita adaptação dos movimentos aos fins.

E' preciso que se note ainda que o individualismo tem tido as suas arestas aparadas, a sua rudeza um tanto polida pela maravilhosa instituição da familia. E' effectivamente a familia o élo, o laço da união, o declive intermedio que facilita a caldeação do individualismo para o collectivismo.

Por outro lado a evolução no sentido collectivista faz desenvolver os sentimentos altruistas esboçados na familia.

Parece-nos, entretanto, que jamais se realisará na terra o pleno e absoluto regimen social collectivista. E' possivel mesmo que a natureza da vida no planeta não seja propicia ao estabelecimento definitivo de um tal regimen.

Para as escolas que se denominam de positivistas o individuo é tido como uma abstração, só tendo existencia real a sociedade : não passa elle de um elemento, de uma «cellula» do organismo social, que é o verdadeiro ser.

Para o néo-espiritualismo experimental ou Espiritismo o individuo é a realidade primeira, evoluindo sempre em progresso intellectual e moral, crescendo em amor e justiça ; e a segunda realidade é a aggregação, a communhão desses seres em uma sociedade fraterna, cuja perfeição se mede pelo adiantamento e pela pureza dos espiritos.

O homem é um ser sociavel, quer dizer necessita de viver em communas para o completo desenvolvimento de sua individualidade.

São, pois, duas realidades que se completam, que se interdependem, mas que não devem ser absorvidas uma na outra.

Com essas premissas conclue-se que as duas direcções (individualismo e collectivismo) apontada, naturalmente á evolução humana realisam em parte o ideal do progresso, e que talvez fosse prejudicial que a vida humana se extremasse numa ou noutra directiva.

Para impedir esse mal Deus instituio a Familia, afim de que nem os excessos da egolatria nem os do anonymato descaracterisante e regressivo impedissem a marcha ascencional da Civilisação para o mais alto Poder e para a mais nobre Justiça. Suavisada, pois, a aspereza do individualismo, illuminado pela consciencia de uma finalidade christã de vida, extinctas as formas de exploração do homem pelo homem, garantida a existencia na doença e na adversidade por mecanismos de previdencia economica não humilhantes, a sociedade futura será mais perfeita, comportando maior dose de bem-estar, de felicidade para o homem.

E que representará em tudo isso o ideal da Patria ?

Será um bem ? Será um mal ?

Forçosamente é um bem. A Patria representa para a humanidade o que a Familia representa na sociedade, no seio de um pôvo : uma escola de sacrificio, de abnegação, de heroismo, de renuncia, de altruismo.

O amor da patria não deve ser aniquilado, destruido, pois, representa a força de cohesão de um nucleo, de uma familia humana mais ampliada. As grandes patrias modernas de formação historica mais ou menos recente, e que permittem a fusão de todas as raças, representam já um grande passo á frente no sentido da fraternisação humana. Pouco a pouco, da particularisação das cidades primitivas para a orgauisação ampla, menos exclusivista dos estados modernos, vae-se alargando a esphera dos sentimentos affectivos do homem.

A interacção cada vez mais intima dos póvos, forçada pelas condições da vida hodierna, com as especialisações necessarias pela natureza vária de ordem geographica, climaterica, economica, social e technica, vae trabalhando no sentido de alcançar-se o mais vasto circulo da Humanidade. Todas as patria, se fundirão, então, sem perda de suas personalidades na Grande Patria Humana — a Sociedade das Nações.

Estamos na alvorada desse glorioso dia.

Comprehendendo que a violencia nada edifica de estavel, e que os horrores da phase militar precisam passar difinitivamente para as paginas da Historia, os póvos se agitam em torno de um ideal sublime de pacificação e de ordem juridica.

A Humanidade será então um grande organismo bem diffinido, onde cada pôvo tenha a sua funcção particular, os seus deveres e os seus direitos garantidos na Economia do Grande Ser.

Não mais haverá os cataclismas das guerras, que são reacções violentas provocadas pelas crises de evolução e de formação. Uma synergia funccional, um equilibrio harmonico entre as nações serão mantidas graças a um Tribunal de Justiça Internacional, regulando as relações vitaes entre todas as familias da Humanidade.

Não coincidirá essa risonha perspectiva com o advento dos tempos de que nos falam os espiritos de luz?

Certamente que sim, pois, o reinado de Deus se caracterisará por essa sociedade onde o homem agindo de accôrdo com a Verdade realisará uma obra de Justiça e de Amor.

Attingiremos assim á Civilisação Christã em sua plenitude.

Rezende. *Arcilio Guimarães.*

Um morto que se lembra de tudo

(*Conclusão*)

PASSANDO á analise dos fátos, eu salientarei então o fenomeno de aparição no medium duma visão clarividente do morto comunicante, na qual este era representado tal qual ele era em vida. O relator escreve :

«O vidente, Mr. Brown, disse perceber um homem de estatura elevada, quasi velho, inteiramente calvo com a barba aos dois lados da face e sob o mento, mas o mento raspado e os labios superiores. Estava vestido com um sobretudo preto, que ele abriu a certo momento para mostrar ao vidente as pernas arqueadas, principalmente uma delas».

Mais adiante a espirito comunicante completa os detalhes a respeito da sua propria pessoa, acrescentando :

«Eu andava sempre vestido de sobretudo; muitas vezes trazia o guarda-chuva; nos dias de festa, eu saía com chapéo de sêda; dias de semana usava um chapéo de feltro analogo ao dos ministros anglicanos. Usava suissas; minha barba nesse tempo era grisalha».

Mrs. Hodson, que se lembrava do homem, salienta :

«No que concerne a aparencia de Mrs. Hacking e seu modo de vestir-se, é exato. Sua figura me era familiar, e eu guardo uma impressão muito viva duma occasião em que, rua Agar, ele ameaçou com seu guarda chuva, a dois rapazes que brigavam».

Uma outra senhora na vila de Bury, escreve ao relator :

«Eu estou lembrada a respeito do raquitismo das pernas de Mr. Hacking. Parece-me lembrar-me muito bem; mas a minha memoria não anda muito lucida. Ora, ha alguns dias, eu encontrei uma das minhas amigas, e me lembrando que ela havia frequentado a escola de Mr. Hacking, encetei conversação com ela, que me disse expontaneamente : «Era um homem que tinha as pernas bizarramente deformadas».

E eis ahi identificado o homem da visão. Note-se que eu nada sugeri á minha amiga ; eu apenas perguntei-lhe se tinha conhecido Mr. Hacking».

Está, então, demonstrado que a visão que apareceu ao medium é absolutamente veridica. Isto reveste um valor teorico enorme e decisivo no sentido espirita. Com efeito, como se dar conta do fáto, que o medium tivesse podido vêr aparecer a visão veridica de uma pessôa morta á 45 anos, que lhe era absolutamente desconhecida, assim como aos assistentes ? Não se poderia certamente invocar a famosa hipotese naturalista da «prosopopéa-metagnomia», segundo a qual o medium chega a mistificar seu proximo, representando as personalidades dos defuntos, e apresentando carateristicos veridicos a esse respeito, seja na sua propria subconciencia (cryptomnesia), seja nos subconcientes dos assistentes (clarividencia telefonica) ; explicações que nada tem de comum com a visão de que se trata na qual o individuo aparecido era absolutamente desconhecido ao medium e aos assistentes. Não se poderia mais invocar a hipotese da «cryptestesia» sob a forma de «psychometria», pois que, quando o medium teve a visão, não somente ele não manipulava objetos que pertenceram ao morto desconhecido, mas não havia entre os assistentes uma só pessôa que o tivesse conhecido. Ora, sabe-se que, na ausencia de pessoas ou de cousas com as quaes se pode estabelecer a «relação psiquica», não pode haver fenomenos de «psicometria». Seguese que a visão clarividente da pessoa do falecido Hacking é uma prova admiravel da identificação espirita. Eu desafio que me demonstrem o contrario.

Mas o episodio de Mrs. Hadson é mais decisivo ainda (pode-se exprimir assim para episodios proprios a este fim). Aqui trata-se de uma pessôa ignorada do grupo experimentador, a qual, tendo escrito para confirmar por seu testemunho os fátos publicados pelo relator, é chamada por este ao espirito comunicante; o espirito, depois de ter notado que se lembrava dela, transmite numerosos e maravilhosos detalhes concernindo os seus relatos de conhecimento com a dama e o meio no qual eles tinham vivido, não esquecendo de salientar que se ocupava de fornecer detalhes porque era isto «a melhor maneira de propagar uma grande verdade». E é preciso convir que «a grande verdade da existencia e sobrevivencia da alma, ele assim a demonstrou de um modo irrefutavel; pelo menos deve ser assim para todos os que não tem o espirito preconcebido e obscurecido por prejuizos irredutiveis.

Um dos traços caracteristicos mais extraordinarios desta série de comunicações mediunicas já tão extraordinarios, e o dos nomes proprios transmitidos constantemente com uma certeza que jamais se encontrou em experiencias dessa natureza. Como se sabe, os nomes proprios constituem a maior dificuldade de transmissão nas comunicações mediunicas obtidas pela «psicografia» ou pela «clarividencia telepatica«.

De fáto, a transmissão sendo quasi sempre telepatica, resulta disso que si, com a telepatia, pode-se transmitir asadamente a substancia de uma idéa, ou de uma frase, QUE REVELANDO UMA SIGNIFICAÇÃO CONCRETA, chega sob a forma vibratoria aos centros cerebraes de ideação do medium, e se transforma ahi em pensamento originario (sendo tudo mais ou menos expresso na linguagem do medium); a mesma cousa não se pode realisar quando se trata de nomes proprios que, NÃO REVELAM UMA SIGNIFICAÇÃO CONCRETA, nem se pode transformar em uma representação qualquer quando chegam aos centros cerebraes dideação do medium; a menos que não contem qualquer cousa podendo ser traduzida nas formulas simbolicas; se assiste então ao fenomeno do nome que é transmitido, convertido em uma representação simbolica, o que confirma ulteriormente o que eu tenho dito a respeito das dificuldades inherentes á transmissão de nomes proprios nas comunicações mediunicas.

Nestes termos, como se dar conta do fáto cujas dificuldades não aparecem no caso em questão? Provavelmente a solução do problema deve ser procurada na circumstancia de que as comunicações do espirito de Hacking se efetuam em condições de «possessão mediunica»; deveria se concluir que o espirito comunicante não transmitia telepaticamente seu pensamento, mas amparava-se temporariamente, e dum modo excepcionalmente perfeito, do orgão cerebral do medium («possessão»).

Um outro traço caracteristico, extraordinario do caso em questão, consiste no fáto DUM MORTO QUE SE LEMBRA DE TUDO, emquanto que, na grande maioria dos casos de identificação espirita obtidos pela «psicografia», a «clarividencia telepatica» e a «possessão mediumnica», constata-se que se os mortos communicantes se lembram muitas vezes de muitas cousas, isso se realisa raramente sem esforço mneumonicos repetidos e sem lacunas e erros consideraveis. Sem duvida, estes inconvenientes são, em grande parte, determinados por condições imperfeitas de transmissão. ou de possessão mediunica; se deveria concluir que do caso de Mr. Hacking, não se nota nem lacunas, nem erros, nem esforcos peniveis de memoria, porque o fenomeno da «possessão mediumnica», foi mais perfeito que de habito.

Entretanto, esta explicação não dissipa inteiramente o misterio, sendo dada a quantidade excepcional das lembranças longinquas, muito detalhadas, evocadas pelo espirito comunicante ; circumstancia que apresenta analogias muito notaveis com os fenomenos de recordação que se obtem nas experiencias hipnoticas (regressão da memoria), graças as quaes tem ficado demonstrado que a *memoria fisiologica* não é senão uma fração muito insignificante duma *memoria integral* existente em estado latente nas profundezas da subconciencia humana. Eu observarei então que o caso de Mr. Hacking leva a supor alguma cousa de semelhante para as lembranças dos destinos humanos no meio espiritual. Isto é que, do mesmo modo que, assim como a memoria fisiologica e terrestre não guarda senão recordações uteis á existencia incarnada, relegando no fundo da subconciencia as lembranças integraes praticamente inuteis todavia, em certas circumstancias especiaes estas emergem em toda a sua perfeição maravilhosa — a mesma cousa se produziria para a memoria espiritual, que normalmente não guardaria senão lembranças de acontecimentos terrestres nas suas grandes linhas construtivas, relegando numa sorte de subconciencia espiritual a memoria integral dos acontecimentos em questão. Somente, como acontece na existencia incarnada, teria tambem na existencia desincarnada das entidades espirituaes mais capazes que outras, de utilisar essas reservas mneumonicas, entrando voluntariamente em condições psiquicas especiaes. Isto seria o caso do espirito do falecido Mr. Hacking que, graças á sua feliz idiosincrasia neste sentido, teria sido escolhido pelo «espirito-guia» Galder, para provar aos vivos, sobre a base dos fátos, a sobrevivencia pessoal do espirito humano desincarnado.

A' proposito das considerações que eu venho expôr, resta-me chamar a atenção dos leitores sobre este eloquente paragrafo do relator, paragrafo que concerne a qualidade extraordinaria de resenhas veridicas fornecidas pelo espirito comunicante. Eil-a :

«Graças ao concurso de diversas pessoas, nos chegamos a controlar a verdade de mais de 300 detalhes fornecidos pelo espirito Hacking e por seus amigos mortos que colaboram com ele do lado espiritual...»

Como pode-se ver trata-se dum caso de identificação espirita, no qual os detalhes necessarios a este respeito foram fornecidos, não somente de um modo cientificamente suficiente, mas, todavia exuberante.Os opositores render-se-ão desta vez diante da evidencia logicamente irresistivel duma prova como esta ? Para alguns dentre eles. eu duvido, devido que a força dos prejuizos é totalmente exgotante e poderosa, que creou uma forma *sui generis* de cegueira logica propriamente dita. Mas que poderão eles imaginar, estes contraditores, com o apoio do seu ponto de vista ? E' o que eu estou curioso para saber.

Ernesto BOZZANO.

Os prodigios da memoria são fátos demonstrativos da existencia da alma. E quando esses fátos ultrapassando as barreiras da morte se enunciam com incontestavel evidencia em positivas resurreições, não sò provam a existencia como a sobrevivencia do «ser pensante».

As reminiscencias para identificação daqueles que viveram neste mundo, constituem mais uma valorosa contribuição para o estabelecimento do principio Imortalista, base fundamental do Espiritismo.

LUIZ.

FOTOGRAFIA ESPIRITA PSICOMETRIZADA

De «The Greater World»

Trad. W. Campello

A convite dos irmãos Falconer, tive com os mesmos uma sessão a 20 de Janeiro p. p., ao tempo em que elles davam demonstrações de sua mediumnidade em Londres. Era durante a hora do lunch. Mesmo que eu não estivesse tão apressado a voltar para o City, não me occorreria o pensamento de estabelecer fiscalisação. Já ha muito tempo eu estava inteiramente satisfeito com a completa genuinidade do seu trabalho. Todavia assignei uma chapa nova na camara escura e assisti a todos os processos até a revelação da chapa.

Obtive um bom «extra», como pode ser verificado na reproducção nesta pagina. O rosto era e é-me ainda inteiramente desconhecido, o que tambem se deu com amigos que o viram. A impressão original mostra irrecusavelmente que o homem usa um bonet de feitio particular. Devido a isso pareceu-me que se trata do espirito de um escocez. Não me parece tel-o conhecido, visto eu não ter relações com a Escocia.

Terminado o serviço de Zodiaco em Middlesbrough a 1.o de Fevereiro deste anno, Miss Moyes e eu fomos visitar os esposos Loudon, com os quaes tomámos logar á volta do fogo com mais alguns amigos, em animada conversa. Todos eram mediuns. Um dos assumptos das nossas divagações eram as photographias psychicas e eu mencionei o meu «extra escocez». O snr. A. W. Ranson pedio-me para ver a copia, mas eu não estava habilitado a mostrar-lha porquanto a tinha deixado em casa. Todavia, surpreso fiquei ao perceber que elle se punha em contacto com o espirito e começava a descrevel-o.

Apóz a minha volta remetti uma copia ao Snr. Ranson, pois elle mostrou desejo de vel-a. Elle escreveu-me a 10 de Fevereiro.

O snr. que se manifestou na photagraphia entreteve relações com o nosso paiz de origem (Suissa), pois alli passou diversos dias santos em estações proprias. Vejo uma villa, um pequeno logar, bem em baixo ao pé das montanhas, pela qual todos os que sobem são obrigados a passar.

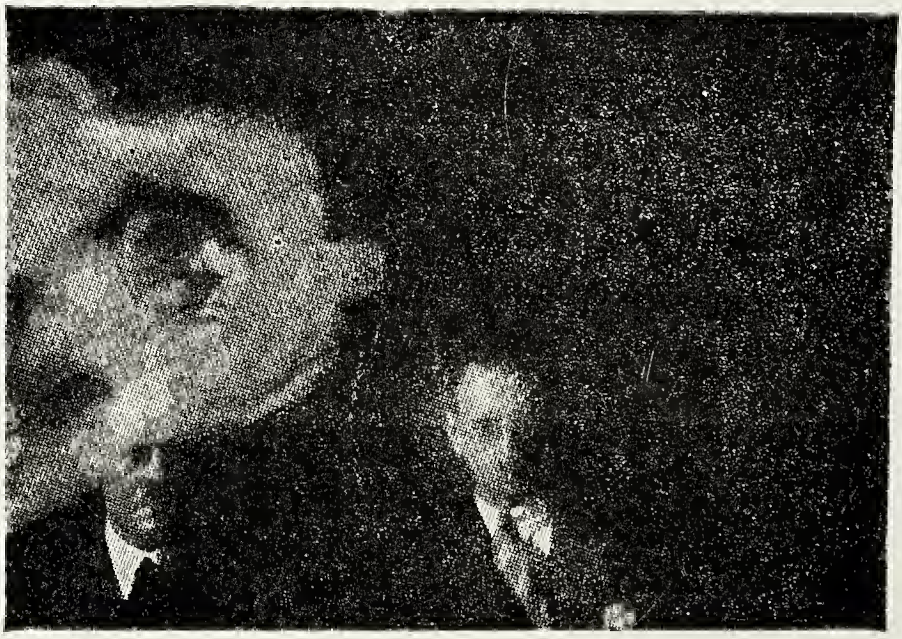

O editor de «The Greater World» e Craig Falconer

Meu guia me suggere dizer que o nome do homem é Jock Mc. Gregor e que elle combateu na guerra ao lado de companheiros da Alta Escocia. Estou certo que elle tinha a graduação de capitão. Sou levado com este nome na direcção de Glasgow e estou certo que a photographia poderia ser reconhecida naquella cidade. Elle não usava o saiote (dos montanhezes da Escocia), pois vejo-o com longas calças».

Esta informação é tão cathegorica que se é levado a duvidar da sua veracidade. Todavia, espero que parentes ou amigos sejam eventualmente descobertos e ficarei satisfeito em receber noticias de qualquer pessôa que possa auxiliar ou por cujo intermedio a identificação possa realisar-se.

Zodiaco falou em Huddersfield a 30 de Novembro ultimo. Após essa predica muitas pessôas presentes descreveram suas visões. A ultima éra uma senhora de pequena estatura, na parte mais afastada da sala (cinema). Ella levantou-se e veio para o centro, controllada pelo espirito de uma criança. Terminado o serviço, ella aproximou-se de mim e disse : Meu guia deseja que eu lhe diga que a 20 de Janeiro proximo alguma coisa agradavel vai-se dar consigo.» A prophecia realizou-se, pois foi naquella data que eu obtive essa bella e interessante photographia espirita. Espero que esse facto chegue ao conhecimento da mencionada senhora de Huddersfield, para o seu proprio conforto. Não conheço o seu nome ou onde reside.

C. A. A.

(Nota — Sabemos que o Snr. A. W. Ranson se sentia satisfeito em «psychometrizar» photographias espiritas não identificadas. Seu endereço é : 5, Unthank Street, Middlesbrough).

Preceitos da Caridade

A CARIDADE é um dos attributos divinos que nos conduzem ao seio da Felicidade. Por isso disse Allan Kardec, o grande missionario que abriu para o mundo terreno as portas da Espiritualidade : «Fóra da Caridade não ha salvação».

A Caridade faz parte integrante da vida interna ; quando ella sahe do coração tem o magico poder de alargar os horisontes dessa vida que, por sua vez, faz parte integrante da Vida Eterna. O Espirito, na sua evolução, antes de se despojar dos liames terrenos, é sujeito a duas vidas : vida interna e vida externa ; emquanto aquella marcha para a Eternidade, esta se esvae no tumulo. E, havendo duas vidas, uma resultante da outra para o aperfeiçoamento do Espirito, é logico que os espiritos escassos de conhecimentos pratiquem a Caridade de modo exterior: para fazerem ver aos seus semelhantes que elles são caridosos. Por isso «já receberam a sua recompensa».

S. Paulo, o grande Apostolo, para que os espiritos tenham pleno conhecimento de seus actos, disse : «Crescei em todos os conhecimentos». Devemos, portanto crescer no conhecimento da Caridade, praticando-a na sua forma interior, pois o «Nosso Pae que vê em secreto, em secreto nos retribuirá», augmentando e divinisando a nossa vida interior. A nossa vida exterior é um campo onde se faz a colheita para leval-a no celeiro, que é a vida interior. De maneiras que a Caridade só tem valor na sua forma secreta, quando parte do coração.

A proposito vem a offerta da viuva pobre : «Sentando-se Jesus em frente do gazophylacio, observava como o povo deitava alli o dinheiro. Ora muitos ricos deitavam grandes quantias ; mas vindo uma pobre viuva, deitou duas pequenas moedas, que valem um quadrante. Chamando seus discipulos, disse-lhe : Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais no gazophilacio que todos os offertantes, porque estes deram do que lhes sobrava ; ella, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuia, tudo o que tinha para o seu sustento.»

Não é a quantidade de dinheiro que faz a Caridade ; não é o muito que parte do orgulho, é o pouco que parte do coração. A Caridade não exige quantidade, mas sim bôa vontade. Nã é tampouco com as nossas sobras que devemos matar a fome aos famintos, mas sim quando elles nos baterem á porta devemos dar o que temos, para lhes dar sustento. E assim buscaremos no exterior como o extrangeiro que busca em terras extranhas riquezas para a sua patria — que é a vida interna, a vida do Espirito immortal.

A Caridade é ilimitada; não tem formulas; tanto soccorre o faminto como o maltrapilho: tanto cura o enfermo, como consola o afflicto; tanto desfaz a mentira como edifica a Verdade. Ella encerra em si todo o amor ao proximo, porque quem tem caridade ama ao proximo como a si mesmo. E' por isso que «fóra da Caridade não ha salvação.»

Pratiquemol-a pois, na nossa vida exterior que é a deste mundo, pois o Mestre disse que ha trévas exteriores, e é das trevas que nasce a luz; é neste mundo que buscaremos a luz necessaria para alumiar a vida do Espirito — a vida interior. E ficaremos como numa só vida — a vida immortal, despojados das formulas exteriores, entraremos consequentemente a usufruir os beneficios da Vida Divina, visto termos encontrado neste campo o thesouro occulto, com o qual conquistaremos o reino dos céos.

José Costa Filho.

O CÃO NO CRISTAL

Por
ERNEST MEADS

Trad. de «The Greater World» por W. Campello

A interessante photographia de um cão publicada em «The Greater World», de 10 de Janeiro, lembrou-me uma obtida pelo fallecido Robert Bursnell ha 25 annos.

Um querido amigo e excellente medium, Robert Barker, que durante alguns annos foi meu companheiro em investigações psychicas, possuia um bello cão de côr inteiramente branca, de raça Barzoi, ao qual elle votava muita estima. A medida que o cão envelhecia o seu temperamento tornava-se caprichoso e deixava exercer vigilancia, pondo a Sra. Barker nervosa. Meu amigo, com reluctancia, decidio envial-o, aos cuidados de seu filho á camara de execuções de «Dogs' Home» em Battersea.

O joven Barker vio como o cadaver do cão foi retirado da carreta em que elle tinha sido conduzido á camara e notou sobre o couro, sempre de uma brancura perfeita, ao nivel do hombro (espadua), uma placa de terra suja que provinha do soalho da carreta que estava immunda.

O snr. R. Barker estava um tanto triste com a perda do cão. Alguns dias depois elle acompanhou-me em uma visita ao amigo Boursnell. O cão foi mencionado no curso de nossa conversação. Por acaso Boursnell manifestou o desejo de tirar uma photographia de um crystal que elle possuia, pois sentia a impressão de que alguem queria manifestar-se. O resultado foi aterrador — uma excellente photographia do cão! O proprio Boursnell nunca tinha visto o cão, de modo que elle não podia ser responsabilisado, de maneira alguma, pela photographia, excepto, naturalmente, si o seu admiravel poder mediumnico tenha sido usado pelos «guias» para realisar o seu objectivo. Não podiamos comprehender a existencia da placa de emmundice no hombro do cão.

Entretanto quando mostrámos a a photographia ao joven Barker o mesmo affirmou, sem hesitação, que a mancha éra do tamanho exacto e estava na posição precisa, como elle a tinha visto no cão. A ninguem elle tinha contado esse facto, assim a manifestação tornava-se evidente e das mais notaveis.

Consideramos esse facto como um indicio de amor de nossos amigos no mundo dos espiritos.

Infelizmente a negativa está fraca, mas penso ser possivel a sua reproducção e publicação em «The Greater World».

Nota do Editor —Somos muito gratos ao snr. Meads pela remessa desta admiravel photographia. Realmente a chapa está fraca, fizemos esforços para obter uma reproducção satisfactoria. Até que se veja a impressão não se pode julgar coisa alguma, porém já temos uma bôa copia da negativa.

Ha uma outra photographia, obtida por Robert Boursnell, da face de uma senhora que appareceu no mesmo crystal. A chapa pertence a outro leitor, porém é tão fraca que uma reproducção no papel em que «The Greater World» é impressa, talvez não seja praticavel. Esta negativa, como diversas outras, foi nos gentilmente emprestada pelo snr. F. J. Watson, para fins de exposição. Temos autorisação para publicar qualquer destas o que redundará em beneficio dos leitores.

No nosso numero da semana passada, em artigo referente a photographias espiritas mencionamos que os snrs. Falconer pensavam que era possivel o apparecimento de seus «extras» nas lentes de sua camara que assim actuaria como um crystal. Quando elles suggeriram esta theoria desconheciam as experiencias de figuras psychicas em crystaes que já tinham sido photographadas.

O Cão Psiquico

Evolução Animica

Sob o ponto de vista animico, as manifestações do Espirito em todos os seres são graduadas de modo a mostrarem um ascendente que vae accentuando-se mais á medida que se approxima da humanidade ; de maneira que, ainda que existam, entre os anthropoides e selvagens, grandes differenças intellectuaes, ellas não variam, entretanto, senão no grau das manifestações e não bastam para fazer crer em um principio, nos animaes, differente d'aquelle que se conhece no homem.

Fazer o estudo desse principio, determinar o mais exactamente possivel como elle pode desenvolver-se, mostrar em seguida porque modificações elle torna-se, em cada passagem sobre a terra, mais apto para dirigir organismos cada vez mais aperfeiçoados, é a missão do Espiritismo.

Gabriel DELANNE.

Pintando quadros com a mão de um phantasma

Trad. de Ismael Gomes Braga

Historia verdadeira demonstrando como um grande artista burlou a morte, e um humilde ourives se tornou o instrumento inspirado por um genio.

Por ESTUART PALMER ——— (*Da Ghost Stories*»)

«Toma conta da minha obra e acaba-a», foram as palavras que alguma coisa intangivel murmurou no ouvido de Frederico L. Thompson. Elle se achava de pé, completamente só, ou pelo menos pensava assim, em um salão da American Art Galleries, na cidade de Nova York.

Em sua frente se achava um quadro representando um pantano de New England que elle conhecêra quando menino. Mas outra era a razão de lhe interessar aquella pintura a oleo; estava assignada com o nome de Robert Swain Gifford. E um homem com esse nome o havia iniciado em Nova York seis mezes antes.

Tudo havia começado nos pantános, perto de Bedford, Massachussetts, um anno ou mais antes. Até aquelle tempo Thompson havia sido um João Ninguem, acorrentado á sua aldeia por grilhões que não podia quebrar. Seu pae havia sido um ourives, e com elle Thompson havia aprendido a arte; mas nunca havia encontrado uma occasião de empregar esse conhecimento — para partir da aldeia onde havia nascido.

Depois, um dia em que se achava caçando nos pantanos, encontrou um extranho. Os dois homens pararam, como os desconhecidos frequentemente fazem no campo, para conversar sobre a caça e as possibilidades do tempo. Thompson nunca soube o que o levou a fallar de si mesmo e de suas ambições contrariadas, ao extranho de olhar penetrante, mas sentia pelo outro homem uma sympathia extraordinaria.

De qualquer modo, quando se despediram, o desconhecido lhe deu um cartão com o nome Robert Swain Gifford, e um endereço escripto a lapis:

«Quando o sr. se dispuzer a vir para a cidade», disse o desconhecido, «eu lhe darei uma carta para o Tiffany, se o sr. quizer procural-a commigo. Eu conheço ha annos o chefe da firma e póde ser-lhe util. Adeus, muitas felicidades!»

Thompson foi para a cidade e foi ter no endereço dado no cartão; mas Gifford achava se ausente e a esposa prometteu que communicaria ao marido a visita do sr. Thompson. Alguns dias mais tarde chegou-lhe a carta de apresentação para Tiffany. Thompson escreveu um bilhete de agradecimento ao seu bemfeitor, e poz-se em busca de uma collocação.

A carta a Tiffany lhe serviu muito; porque, embora os grandes joalheiros não tivessem logar para um aprendiz em ourivesaria, recommendaram Thompson á firma atacadista Lorimer & Lane, que tinha então a sua séde em Broad Street. Elle foi admittido e começou o seu curso de apprendizado, para o qual os principios apprendidos com seu pae o puzeram em boa posição.

Logo depois de escripto o agradecimento exigido pela cortezia, Thompson se esqueceu do homem que se mostrára seu amigo. Seu novo trabalho e os problemas de se adaptar á vida de cidade absorveram-lhe todo o tempo. Foi por simples acaso que elle entrou na exposição das Gallerias Americanas. Elle nunca tomára interesse particular pela arte, excepto no ramo especial das artes applicadas de que fazia sua profissão. Os salões estavam quasi desertos quando elle os ia percorrendo a passos rapidos, olhando ociosamente para as varias pinturas e estatuas em exposição.

Depois sentiu-se attrahido para a pintura de um pantano—um pantano exactamente como elle havia conhecido perto de sua aldeia natal, em Massachussetts. E o nome que assignava o quadro era o mesmo que o seu bemfeitor lhe havia dado—Robert Swain Gifford... Elle nunca havia sabido que aquelle amigo desconhecido fosse artista, mas alli estava uma prova disso.

O nome era pouco usado e, além disso, o pantano era evidentemente o mesmo em que elle havia encontrado o homem.

Taes eram os pensamentos de Frederico Thompson, aprendiz de ourives, emquanto elle se achava de pé em frente do quadro de Gifford. E então... então aquella extranha phrase lhe soou no ouvido: «Toma conta da minha obra e acaba-a!» Elle se voltou rapidamente, mas o salão estava vazio. A voz pareceu-lhe conhecida. Havia um anno e meio que elle tinha ouvido a voz de Gifford, e então só haviam palestrado por meia hora mais ou menos, mas parecia-lhe lembrar-se da voz.

Como qualquer outro homem commum, sem imaginação, Thompson não se assustou com as palavras que ouvira. Se havia sido a voz de Gifford, então o homem estaria em algum logar nas Galerias.

Na sala contigua estava um servente de pé. Thompson se approxima delle: «O Sr. viu o Sr. Gifford — Robert S. Gifford hoje nas Gallerias?»

O homem esbugalhou os olhos: «Não Sr.; ah... escute, o Sr. Gifford morreu ha tres mezes, em Paris.»

Thompson procurou occultar o susto que levou. Gifford morto! Então de quem havia sido a voz que elle ouvira tão nitida? Qual era a significação daquella mensagem?

«Naquella sala estão os ultimos quadros que o Sr. Gifford completou antes de morrer», continuou o servente, «mas elle tinha contracto de muitas outras pinturas. Foi um grande choque para toda gente, e uma grande perda para a arte a sua morte em plena juventude. Toda gente dizia que elle estava no limiar de uma verdadeira revolução na pintura de paisagens».

Mas Frederico Thompson não se deteve para ouvir as opiniões do servente sobre a arte. Apressou-se em sahir e correr novamente para a luz do sol, ancioso por ouvir outra vez o borborinho quotidiano da cidade. O que havia succedido? Estaria elle trabalhando demais? Os seus nervos lhe estavam pregando peças?

«Toma conta da minha obra, e acaba-a».

As palavras ainda lhe resoavam nos ouvidos. Estava bem claro o que lhe era ordenado fazer. Era a voz de Gifford que havia fallado; mas Gifford era morto e está claro que os defuntos não fallam. O joven ourives achou que estava ficando doido.

Em vez de ir para o seu quarto, Thompson poz-se a andar a passos furiosos, esforçando-se para afastar de sua mente os extranhos pensamentos que se apoderavam delle. Andava e andava sem cessar pelas viellas estreitas de Manhattan, emquanto a luz do dia ia sumindo e as lampadas de gaz começavam a brilhar; pois que estava-se no verão de 1905, e a luz electrica ainda não estava installada em todas partes da cidade.

Andava sempre, ainda pensando em Gifford, até que se achou em um ponto afastado ao norte da cidade, em frente de uma pequena loja. Lá dentro brilhava uma luz e, como que sem a intervenção da sua vontade, elle torceu a maçaneta e os pés o introduziram na loja. Veiu dos fundos um velhinho cambaleando: «Deseja alguma coisa? Alguma téla ou côres?»

Thompson olhou ao redor de si com medo e surpreza; porque se achava em uma bem sortida loja de artigos de arte, e os seus dedos nervosos já estavam acariciando e apalpando um pincel que elle havia tirado de uma caixa encima do balcão.

O que se havia apropriado de seu cerebro? Havia um defunto voltado á vida para fazer uso do seu corpo?

(continúa).

* * *

Conversação com a alma de Jubran

Como ele define a morte e explica os seus sentimentos nos seus ultimos momentos de vida.

O jornal arabe *Sphynge*, diario de grande formato e basta circulação que se publica em S. Paulo, publicou em seus editoriais, a bizarra noticia que se vai lêr, e que traz os titulos acima.

Graças á lembrança de um nosso amigo, nos foi oferecida a versão do arabe, de referido artigo, cuja transcrição satisfaz magnificamente os nossos anceios, pois, nos alegra, mais uma vez constatar a divulgação que vai tendo o Espiritismo pelo mundo todo, e os esforços que os Espiritos daquelles que erroneamente chamamos mortos fazem para arrancar esta infeliz humanidade da atonia, do letargo em que vive mergulhada.

Felicitando o «*Sphynge*» pelo grande serviço que veio prestar á causa da Imortalidade, e ao mesmo tempo á colonia syria no nosso paiz, passamos á transcrição do relato resumido nas epigrafes que já reproduzimos :

«O meu caro leitor acredita na possibilidade da conversação com as almas ? Não te culpamos se és dos que cismam ou duvidam da possibilidade da comunicação entre o nosso mundo e o mundo das almas, pois não é mesmo facil ao homem crêr sem que faça experiencia propriamente, mas apresento esta conversação e garanto representar ela a verdade, pois, conheço, pessoalmente os dois «Mediums» que realisaram por seu intermedio referida conversação, da qual não duvido da sua fidelidade, e talvez poderei numa outra ocasião me estender mais sobre o assunto, citando experiencias que assisti.

Agora, porém, com este relato, eu quiz demonstrar que referida conversação está no tempo de ser lida, pois, os jornaes já anunciaram a breve chegada em Monte Libano dos restos mortaes do literato arabe—Jubran Kalil Jubran.

Em um quarto particular num dos bairros de Beyrouth sentaram-se dois mediums para falar com as almas, conforme tinham por costume. Eram quasi 11 horas da noite, quando um deles propoz que se evocasse a alma de Jubran, o morto de Libano e seu grande poeta. Não passou um minuto e receberam um signal, participando-lhes que uma alma desejava lhes falar.

P. - Queremos a alma de Jubran Kalil Jubran; poderemos saber quem se apresentou ?

R. — (A resposta foi a seguinte, letra por letra) : «Quem e continúa á viver, quem saboreou a morte e guarda o ultimo momento ; quem voou para o mundo da imaginação e viu com os olhos da alma o que está atraz da morte ; quem cantou pela eternidade e não teve temor da morte».

P. — Sois Jubran ?

R. — Sou.

P. — Diz nos o que vistes depois da morte.

R. — Vi o que via outr'óra : Paz, Vida Eterna e Luz que não se apaga, e a desgraça para os que não enchergam.

P. — Define para nós a morte.

R. — Um unico passo das trevas para a luz, luz para os sofrimentos ; da desgraça para a graça ; do sofrimento para o descanço e do nada para o tudo ; eis o que é a morte, ó filhos da minha terra.

P. — (1) Vos reunistes ás vossas poesias ineditas e ás vossas pinturas que não foram feitas ?

R. — Vi o que a minha memoria juntou e o que a minha alma desejou.

---

(1) O morto era poeta e pintor imaginario.

Um amigo do morto lhe fala :

«Te lembras de mim, irmão Jubran ?

R. — Não és o Dr... meu amigo na Armenia ?

Amigo : Sim. Saudações á tu'alma na minh'alma, sabes quanto te amo ó ! Jubran.

R. — Sei muito bem, meu irmão.

P. — Peço-te que nos descrevas o que é a Vida onde estás.

R. — Que sensação e que gozo ! Sempre acreditei na eternidade e tinha razão.

P. — Prometes-me atender um pedido que vou fazer ?

R. — Prometo.

P. — Resolveram os meus parentes e amigos transportar os teus restos para a ultima morada ; poder-se-á nesse momento fazer se uma saudação á tu'alma, meu amigo Jubran ?

R. — Estarei sobre vossa cabeça e assim se reunirão nossas almas.

P. — Quaes os teus sentimentos nos ultimos momentos de vida ?

R. — Um sentimento sensacional ! Comprehendi que breve caíria o pano e se me apresentaria a beleza do panorama.

P. — Onde estás é bonito e esperas te mudar para outro logar mais bonito ?

R. — Sim, e a minha mudança será o mais breve possivel.

P. — Estás satisfeito com a nossa conversação ?

R. — Lamento não estarem no meu tempo, mas me chamem de vez em quando e eu me esforçarei para lhes servir.

P. — Tens algum desejo ?

R. — Desejo que o meu tumulo seja muito simples e que seja nele colocado o meu retrato em ponto grande.

Adeus. Adeus e até logo.

2.ª Reunião. O retrato de Jubran achava-se colocado em frente dos «Mediums».

A alma : — Saudações dos habitantes do espaço, aos habitantes do mundo que para mim se findou.

— Saudações ... Quem se acha aqui ?

R. — Quem do seu retrato vós saudaes, e com a sua alma ruflando sobre vós.

P. — Sejas bemvindo ; poderás nos definir a alma ?

R. — A alma é igual ao grande espaço, é eterna ; tem olhos para ver e é infinita.

P. — E' facil a comunicação entre nós e vós ?

R. — Entre os habitantes do espaço e os da terra ha sempre essas ligações firmes. Os átos da vida humana os seres julgam fazel-os de motu-proprio, a verdade é que os mesmos são guiados por forças invisiveis. Entre a vossa terra e as nossas habitações encontra-se forças eguaes aos que mandam e aos que obedecem !

Quantas pessoas de grande fama ! e taes grandezas ! são causadas por essas forças ocultas que os acompanham. Se não fôra elas não apareceriam os profetas, nem existiriam inteligencias».

OPPOSIÇÃO Á VERDADE

Aquelle que, em nome de erros tradicionaes, se oppõe á livre investigação da verdade, conspira contra a dignificação do seu paiz. Nenhum systema do passado merece que lhe sacrifique uma hypothese do porvir. Nada se deve acatar antes de se comparar factos com factos, idéas com idéas, doutrinas com doutrinas.

Crêr no primeiro catecismo que se nos ensina ou se nos impõe, é renunciar nossa personalidade, é adherir intencionalmente áquillo que convem aos nossos interesses materiaes, como fazem muitos ricos incredulos, que fomentam a religião para domesticar os pobres, o que equivale a renegar toda a moral. Os dogmatismos são coacções que os beneficiarios da mentira fazem gravitar sobre a nossa consciencia.

Amar a Verdade e contribuir para a elevação do mundo moral ; por isso nenhum sentimento é mais odiado pelos que cultuam a mentira. **José Ingenieros**

O Cão Sabio de Weimar

Relato do Prof. Plate, da Universidade de Ièna e do Prof. Sewertroff, da Universidade de Moscou, sobre «LUMPI»

Versão de «Zoologischer Anzeiger» e da «Psychica»

Em face da questão de saber se existem cães que contam, e ser discutida e negada por muitos fisiologistas importantes, nós consideramos ser de nosso dever publicar as observações seguintes, que pudemos realisar em 30 de abril e 22 de maio 1931 sobre Lumpi, o celebre terrier preto branco e pardo, de Weimar. Ele pertence á Mlle. Luzane Hensoldt e foi educado por sua filha adotiva, Mlle. Gerda Wolfson, que é cantora no Teatro Nacional. O cão bate o alfabeto sobre um livro que Mlle. W. põe diante dele: A—1, B—2 . . . z—25 golpes.

As dezenas são batidas com a pata direita 10 - 1 golpe, 20 — 2 golpes, etc. As unidades com a pata esquerda. Muitas vezes ele bate livremente. Depois de cada numero, ele fica com a pata tranquila por um instante. Se não se está certo do numero batido, porque os golpes são dados muito rapidamente, pede-se-lhe repetir e ele repete . . . SIM — 1 golpe, NÃO — 2 golpes, com a pata esquerda.

Depois de cada resposta exata ele recebe como recompensa um pedaço de doce.

Cada uma das duas sessões duraram, mais ou menos 3 quartos de hora (conversações compridas) e parecia que o cão ficava muito cançado. O nosso relato encerra exatamente 60 questões, 53 respostas exatas, contendo um pequeno erro, corrigido depois de questionado, pelo cão, e duas respostas inteiramente nulas. Houve 11 ensaios de cousas ignoradas, isto é, que nenhum dos assistentes conhecia as questões, escritas á esmo em folhas de papel de igual tamanho e apresentadas ao cão, de modo a não serem vistas senão por ele.

A estes ensaios pode-se ainda acrecentar 3 questões escritas por Mme. Sewertzoft, e das quaes os outros assistentes não tiveram conhecimento.

Destes 14 ensaios especialmente convincentes, aos quaes as duas sessões foram sobre tudo consagradas, 8 foram resolvidas imediatamente, 4 respostas eram meia exatas, e 2 nulas. O processo verbal está á disposição dos interessados. Basta dar aqui um extrato fazendo conhecer a natureza das questões.

Nós estamos certos que o processo empregado com *Lumpi* de fazel-o bater sobre um livro que fica diante dele, pode dar lugar a objeções, porque se presta a movimentos inconcientes (como levantar e abaixar o livro, e olhar a pata direita ou esquerda, etc.)

Assim um de nós, (M. Plate) tinha solicitado que a instrução dos cães fosse feita como a dos cavalos de Krall, isto é, fazendo os bater sobre um «plateau» fixo (uma prancha, ou papelão). Mas quando se observa atentamente Mlle. Wolfson, não se pode ter idéa que *Lumpi* seja influenciado por sinais inconcientes. Isso resalta, não sómente dos ensaios de cousas ignoradas, mas tambem do fáto que as respostas são muitas vezes todavia inesperadas e que é preciso ás vezes pedir ao cão para repetir o numero, sobre o qual ha duvida de quantos golpes ele bateu.

1.a Sessão :

Passa se, então, ao cão verbalmente, problemas de calculos faceis, exemplo :

$$8 + 4 \qquad \frac{25\text{-}10,}{5} \quad \frac{30}{3} + 4, \qquad \frac{12 + 8 + 10}{5}$$

que são em seguida exatamente resolvidos. As tres questões seguintes se assemelham $7 + 3$, $7 - 3$, $7 + 3$, resolvidas igualmente, o que prova que o cão conhece o alemão. Tres vezes *Lumpi* indicou exatamente a hora sobre um relogio. Meio ano quantos mezes tem ? (Resposta 6). Quantas pessoas presentes estão de lunetas ? (3). Quantos vidros tem as lunetas ? (6). Se disse precedentemente ao cão que se teria nesse dia a visita de pessoas vindas da Russia. Questão : Donde vêm essas pessoas ? *Lumpi* bate 17, 20, 18, 18, 11, 1, 13, 4—Russia (em allemão *Russland*). Donde vem o Tio Plate ? (o cão já o conhecia). Resposta : Iéna. Em seguida vem a questão : «Onde estava a tia hontem ?» Nós esperamos a resposta—Iéna—, porque Mlle. W. tinha no dia precedente ido ao teatro de Iéna. Mas *Lumpi* respondeu 1, 20, 3, 8—*Auch* que quer dizer *tambem*. Depois que Mme. Schwertzoff lhe deu um pedaço de salchissa de figado para recompensal-o, perguntou-se-lhe : «Como achas isso ?» — «Magnifico». Esta resposta era todavia, inesperada ; elle poderia ter dito «bom» (assim se diz em allemão) ou bello. Que achas do procedimento da tia ? Resposta : «nobre».

O que segue é muito notavel. Numa sessão *precedente* M. Plate tinha feito diversas objeções, e emitido algumas exigencias, ele se mostrava muito mais cético que a maior parte dos visitantes. Sobre a questão : Como tu achas o tio, teve-se a surpreendente resposta : «Severo». *Nesta* sessão, fez se a mesma pergunta, e desta vez *Lumpi*, respondeu : «Justo». Mlle. W. vê nisso a reflexão, mas independente do cão, pois ela não o havia influenciado.

2.a Sessão

Nos ensaios de cousas ignoradas as questões, visiveis unicamente para o cão, eram escritas em pedaços de papel branco : Quantas senhoras ha nesta sala ? Quantos senhores ? 6 +7—5, 7+ 5, 14+ 6, 40—25, 3+ 7. Tu comes salchichas com prazer ? Todas as respostas foram exatas. A' ultima questão *Lumpi* bateu : Eu cômo com prazer ; (*geon* em lugar de *gern*, isto é, 14 golpes para r em lugar de 17. Apesar disso consideramos exata a resposta, visto não haver duvida sobre o sentido da frase.

As quatro respostas meia exatas concerniam nas questões seguintes : Como se chama o 1.o dia da semana ? Resposta : Sexta-feira. Esta resposta poderia se explicar pelo fato que a sessão havia começado numa sexta-feira. Ele tinha ouvido das senhoras : «Amanhã chegarão dois professores de Iéna» e deve ter sabido de qualquer forma que era sexta feira. Em seguida : 6 vezes 6 6+ 6) Resposta : 12 ; provavelmente o cão não tinha reparado bem e respondia á 6 mais 6 (6 +6). Questão : 5+ 3x4—Resposta 24. Ralha-se com *Lumpi* e faz-se verificar bem no papel e ele bate corretamente 32. Na sua primeira resposta ele tinha provavelmente pensado em 5+ 3x3. Questão 20—4 : 4. Resposta : 20. Pode ser que ele tivesse confundido, «dividido por» (durch) com mais (und). Nós chamamos estas respostas meia justas, porque não se pode negar que elas têm um sentido acertado. Sobre os dois insucessos, eil-os : Como se chama esta cidade ? E teu pé quantos dedos tem ? A resposta á primeira questão era todavia incompreensivel Emquanto nos olhavamos para o papel repetiu-se verbalmente a questão, e ele bateu então exatamente «Weimar». A segunda questão ele respondeu por 15 golpes.

O cão sabio de Weimar

Durante as questões de «causas ignoradas» teve se a impressão que *Lumpi* não aceitava de vontade esse metodo, que lhe era todavia desconhecido. Ele bate facilmente uma palavra que se lhe apresente, por exemplo o nome sobre um cartão de visita ou uma palavra saliente no titulo de um livro. Mas quando se trata de apresentar-lhe esses cartões é preciso dizer : *Lumpi*, olha bem. Perguntou se assim varias vezes : Isto é um problema de calculo ? (Resposta sim ou não). Ou então : Isto é uma frase ? (Resposta sim ou não). Pode ser que a escrita desconhecida lhe perturbasse, conforme as letras grandes ou pequenas e distintas.

Das nossas observações nós tiramos as seguintes conclusões :

1. Lumpi compreende até um certo ponto quando se lhe fala alemão com ele ;

2. Ele pode, até certo ponto, lêr frases alemãs ;

3 Ele pode resolver problemas faceis de adição, subtração, multiplicação e divisão ;

4. Ele pode, com o auxilio do *Alfabeto de golpes* responder imediata e exatamente a muitas questões que não ultrapassam suas observações jornaleiras e instrução que recebeu ;

5. Os ensaios de cousas ignoradas» e respostas inesperadas provam que não ha sináes concientes ou inconcientes no que o concerne. Não ha razão para supôr que não tenha havido, quando se trata de questões habituais, numa observação attenta e simultanea de tres biologistas cientificamente atraídos para pesquizas e exigentes nas experiencias que fizeram. (1).

6. Ninguem pode recusar a um menino que responde como *Lumpi* um certo grão de inteligencia. Deve se, pois, dar o mesmo testemunho quando se trata do cão sabio de Weimar.

Ações inteligentes da parte dos cães são assim observadas de tantos modos diferentes que as nossas observações podem igualmente ser atribuidas á inteligencia animal. Que esta, sem duvida, é um desenvolvimento pouco habitual e provem em parte da sua disposição natural, em parte da instrução recebida. Esta explicação nos parece mais simples e mais natural que a suposição de uma transmissão telepatica, que de outro lado foi incluida nos ensaios de «cousas ignoradas» porque não se pode transmitir senão o que se sabe. Entretanto, o fim deste artigo é dar a conhecer nossas observações e não entrar em teorias e explicações de psicologia animal; nos preferimos deixar estas aos especialistas. Esperemos que os biologistas de profissão não receiarão, elles mesmos, de tomar o trabalho de instruir metodicamente um cão, porque não ha necessidade de dizer quantas questões ha ainda para resolver no terreno da psicologia animal.

Atualmente, não tem havido senão profanos que se ocupam destas questões e embora seja recomendavel a sua bôa vontade lhes falta, por vezes o senso critico. E' por isso que não se deve admirar que muitos sabios importantes condenam inteiramente a direção da psicologia animal criada por Krall e assemelham-n'a ás sessões dos clarividentes profissionaes e dos espiritos. E' então necessario que os especialistas tomem a si a causa. Um de nós (Plate) estudou os cavalos de Krall e, assim como P. Sarasin, von Buttel-Rupen, Claparìde e outros sabios, chegando se á conclusão de que havia muita verdade nas asserções de Krall, não podendo, entretanto aceitar certas conclusões, indo mais longe, deste amigo dos animaes. Os cavalos de Krall morreram, mas se conhece, de outra parte, um grande numero (mais de 30) de cães calculistas. Mas a não ser Ziegler, não ha um sabio notavel que se tenha ocupado dessa tarefa. E' preciso preencher esta lacuna.

Nós agradecemos á proprietaria do cão, Mlle. Hensold e sua professora, Mlle. Wokon, o amigavel acolhimento que nos dispensaram. Esperamos que essas senhoras assim tambem possam receber outros sabios especialmente os mais céticos.

Nós cremos que *Lumpi* fará ainda com que mais de um cético, encontre o seu caminho de Damasco.

---

(1) *Mme. Sewertroff estudou a biologia e publicou estudos sobre as amibas e bacterias.*

* * *

Os interessantes fenomenos, que se vão verificando e que derivam da inteligencia dos animaes inferiores, vêm provar categoricamente a estadia das almas nas baixas regiões e sua concomitante evolução para o reino hominal. «Deus crêa espiritos iguaes facultando a todos o progresso e o bem estar». Não ha criação arbitraria. Tudo na natureza se encandeia para a perfeição.

— LIS. —

O Congresso Espirita de Haia

Com o fim de cientificar aos leitores sobre os trabalhos do ultimo Congresso Internacional Espirita, realisado em Haia, de 4 a 10 de setembro de 1931, aproveitamos a resenha feita pelo Dr. Andry Bourgeois, vice-Presidente da União Espirita Francesa, para o Boletim da mesma sociedade, e que foi enviada á nossa colega de Buenos Ayres, a «Constancia».

O ultimo Congresso Espirita Internacional, realisado em uma das grandes cidades da Holanda (Haia) — desse povo nobre e energico, cuja tenacidade fez a sua grandeza foi um grande sucesso para a nossa grande doutrina.

E digamos sem perda de tempo: graças aos Presidentes srs. P. Goedhart, representante dos Paizes Baixos, Ernesto W. Oaten e Denis Doyle, filho do ilustre Conan Doyle, e tambem seu secretario geral, sr. Van Walt, a mais bela cordialidade não cessou de reinar entre todos os membros das diversas nações do mundo, representados neste interessante Congresso, que se efetuou sob a Presidencia de honra da amavel sra. Conan Doyle.

As discussões sobre as questões de seu vasto programa, se deram todas dentro de um espirito de cordialidade, de bôa vontade, devido, talvez, á atmosfera de concordia que reina em Haia, onde se acha instalado o «Tribunal Internacional da Paz».

As sessões diarias, de manhã, meio dia e noite, se realisaram em um ambiente magnifico, em vastas, luminosas e bem ventiladas salas do «Pulchri Studio», erguido em uma das mais formosas e antigas avenidas de Haia, a de Lange Voorhout, 15, adornada de belas arvores e larga como a Avenida da Grande Armeé de Paris. As principaes discussões nas quaes tomou parte ativa a delegação franceza, entre outras, a da «Union Spirite Française», da qual tenho a honra de ser Presidente, versaram sobre a mediumnidade curativa, cujo informe feito por mim, durante este IV.º Congresso Internacional, encontrareis no proximo numero do nosso «Boletin» e sobre a Reincarnação.

Depois dos debates cordiaes com os demais membros extrangeiros do Congresso, chegamos á conclusão que o sr. Hubert Forestier e eu temos redatado nos quatro artigos lapidares, que transcrevo em seguida:

1.º O Congresso afirma que, sendo agora demonstrada a cura por meios espirituaes, está no interesse da humanidade utilisar as faculdades mediumnicas na pratica medica;

2.º O Congresso convida a todas as associações a reunir a maior quantidade possivel de documentos autenticos, concernentes a curas obtidas por meio das faculdades mediumnico-curativas;

3.º O Congresso pede a todas as associações nacionaes a sua ação, por meio de uma ativa propaganda publica, animar para que o estudo da metapsiquica e das faculdades mediunicas seja considerado parte necessaria da educação medical;

4.º O Congresso constata com pesar que, em todos os paizes, a lei e o corpo medico coartam a liberdade da pratica da mediumnidade curativa. O Congresso está resolvido a realisar seus maiores esforços para obter uma regulamentação legal da mediumnidade curativa e dos curadores, os que não devem ser taxados de impostores.

Na França, emfim, faz falta uma lei que não condene os mediums que não fazem mais que passes magneticos, imposição das mãos e préces, sem ordenar medicamentos de especie alguma, salvo as recomendações higienicas correntes.

Quanto á questão da Reincarnação foi um assunto um pouco mais escabroso. A tése dos anglo-saxões — a qual o Dr. Belyn de Tours e eu, contestamos — foi apresentada pelo sr.

Geo Berry, antigo Presidente da Federação Espirita Internacional, com o titulo: «Algumas objeções á Reincarnação». Esta tése expõe que depois da morte, depois de um só passo por este planeta terra, continuamos nossa evolução no mundo ou planos espirituaes não materiaes, e tambem que depois do nosso passamento, nossas faculdades espirituaes tornam-se imediatamente decluplicadas, não tendo, portanto, necessidade de volver aqui em baixo.

Nós dissemos que um individuo perverso ou ignorante, então, por aquelle motivo, o seria dez vezes mais e, por outro lado, que si é certo que devemos evoluir em planos ou mundos materiaes, poderiamos muito bem ter começado em um desses sitios, sem necessidade de baixar, embora uma só vez, neste mundo terra, tão grosseiro e tão material.

O sr. Berry nos fallou tambem da herança fisica e dos celebres cromosomas que constituem os elementos destacaveis do nucleo celular protoplasmatico. Dissemos que esses celebres cromosomas, nos davam a chave da herança psiquica como os motocondrios do protoplasma e que essa herança dependia puramente da fisica, o livre-alvedrio não existiria e teriamos que estar, então, fatalmente destinados a ser bandidos, ladrões e assassinos, si nossos paes o houvessem sido e nos houvessem, por sua vez, transmitido a terrivel herança. Emfim, desde que não nascemos virgens de toda faculdade, segundo afirma o Dr. Osty. Onde, eu pergunto, receberam os meninos prodigios sua faculdade extraordinaria, si, como sempre sucede, os paes não possúem nenhuma ?

A amigavel discussão terminou adotando o antigo artigo do ultimo e terceiro Congresso Internacional, realisado em Londres em 1928, artigo concernente á Reincarnação e que nós resolvemos recordar aos nossos leitores.

O Comité Executivo da Federação Espirita Internacional, depois da leitura dos informes, memorias e documentos e depois de ouvir os discursos que se relacionavam com as questões vitaes do Espiritismo, referentes á sua propagação e á sua organisação propoz votar as seguintes conclusões :

O Espiritismo é uma filosofia que repousa sobre dados cientificos precisos, cujos principios fundamentaes se acham assim enumerados :

1.o Existencia de Deus, Inteligencia e Causa Suprema de todas as cousas ;

2.o Existencia da alma, que se acha unida ao fisico perecivel, durante a existencia terrenal, por um elemento intermediario chamado perispirito ou corpo eterico ;

3.o Imortalidade da alma ; sua evolucão continua para a perfeição por etapas de vidas progressivas ;

4.o Responsabilidade individual e coletiva entre todos os seres, de acordo com a lei da Causalidade.

Estas conclusões foram adotadas por unanimidade pela Assembléa.

Estas são as discussões em que tomei parte, na qualidade de Vice-Presidente e delegado da União Espirita Franceza. Elas apareceram em maiores detalhes, pois, não dou aqui senão um resumo muito sucinto, no informe (geral) que sahirá em um volume especial dentro de uns mezes.

O Congresso terminou alegremente com um belo banquete e musica, presidido pela sra. Conan Doyle, realisado em um dos mais vastos hoteis de Haia, o de «Deux Villes», ao qual concorreram mais de tresentas pessoas, dentre estas distintas senhoras. Além de um *menú* perfeito, pudemos ouvir excelentes discursos sobre a nossa querida doutrina e seu desenvolvimento mundial, em holandez, inglez, francez e alemão. Após cada discurso era executado o hino nacional de cada paiz e ouvido respeitosamente por todos os presentes.

Os discursos mais aplaudidos e que mais sensação causaram foram os do Presidente sr. Ernesto W. Oaten e do nosso querido Secretario Geral da Federação Espirita Internacional, sr. Andrès Ripert, que teve de realisar um esforço, devido ao seu estado de saúde, para vir a Haia e trazer-nos sua doce palavra, a palavra espirita nascida no coração. Tambem fez sucesso o do sr. Hubert Forestier, que representa atualmente o malogrado Jean Meyer no cargo de Vice-Presidente do Comité Executivo da F. E. I. O Congresso manifestou, num assomo de Justiça, sua simpatia e confiança ao sr. Forestier, designando-o para tão alto cargo. Seu discurso encantou a todos pela ordem e sua clareza bem franceza. Muito «Muito bem» merecidos, aplausos saudaram as palavras cheias de emoção deste orador, palavras que nos provaram amplamente que não ha o que possa deter o avance progressivo da nossa doutrina espirita que é a da Verdade.

Andry Bourgeois
Vice-Presidente da U. E. F.

Chronica Extrangeira

A PALLADINO AUSTRIACA

A «Revue Spirite» publicou a sumula de um relato de fenomenos admiraveis, como se vai ler.

«A admiravel medium Mme. Maria Silbert, de Graz, a *Palladino austriaca*, serviu de fóco para um bem curioso artigo de M. Bruckner (Zurich), na *Zeitschrift für metapsychische Forschung* (n.o 7, p.p. 206—211).

O autor teve ocasião de assistir numerosas sessões com Mme. Maria Silbert, desde que a conheceu em 1916. Ele relata aqui o *fenomeno das lettras:* Ele havia colado as letras do alfabeto, maiusculas e minusculas em varios cartões, e tinha colocado 30 sobre a mesa durante a sessão. Os experimentadores e o medium, que não tinha sido prevenidos, ficaram surpreendidos. M. Bruckner pediu então a Nell, o espirito-guia, para compor uma frase. A luz foi apagada. Um golpe violento anunciou pouco depois, que era preciso acender a luz. Acendeu-se: colocadas em duas linhas, as letras formavam uma frase latina, da qual eis aqui a tradução:

Fé, harmonia e perseverança vos conduzirão ao fim desejado. Deus vos saúda! Nell.

Maria Silbert, de origem modesta, não conhece linguas mortas.

Uma outra experiencia: as letras misturadas foram postas numa caixa feixada. No piano, um assistente tocou uma aria do Rigoletto. A luz foi apagada. A pesada mesa de carvalho bateu ao ritmo da musica, elevou-se até á altura das cabeças dos experimentadores fez uma tourneé no espaço, ao ponto de obrigar os experimentadores a recuar para não serem tocados por ela, pois, tornou-se leve como uma penna. A musica cessara. Encontrou-se a caixa com as letras sobre a mesa e a luz feita, viu-se letras juntas que formaram a frase: *Per aspera ad astra! Nell.*

O grupo de medicos que foi testemunho destes dois episodios do *fenomeno de letras*, não esquecerá tão cedo esta memoravel sessão.

Pouco depois, M. Bruckner trouxe para uma sessão experimental uma ardosia envolta em papel amarrada, com um lapis. A ardosia tinha sido examinada pelos medicos antes de ser embrulhada. Obscuridade. Tres golpes para anunciar a luz. Encontrou-se a embalagem intata, fechada, leu-se sobre a pedra, depois de rasgar-se o involucro: *Nell* (reprodução fotografica na revue).

Quarto prodigio: Um medico encheu uma garrafa de agua e arrolhou-a. Colocou-se-a sobre a mesa. Obscuridade. Um golpe batido. Luz. A garrafa está em baixo, *vasia* e entretanto arrolhada. Um fisico presente, ficou absorto!

Quinto prodigio oferecido aos nossos medicos. Em uma massa de argila, Nell, foi convidado a gravar o seu perfil como para uma medalha. Obscuridade. Golpes batidos. Luz. A argila posta sobre a mesa, foi retirada, examinada: um cliché nos mostra na revista a maravilhosa moldagem obtida, que foi feita em varias vezes, pelo invisivel modelador.

E dizer que esses medicos eram céticos, alguns negativistas alemães e resolvidos a desmascarar a impostura!

Taes realidades nos consolam contra os ataques delirantes dos anti-espiritas.

GUSTAVE LE BON MEDIUM ?

O ilustre sabio e escritor sr. Gustave Le Bon publicou na *Revue Scientifique*, de Paris, um interessante artigo, cujos principaes topicos não podem passar sem menção.

Depois de tratar das grandes invenções, o sr. Le Bon, assim refere:

«Por diversas razões, eu tomei o habito ha alguns anos, de dormir á noite num simples «fauteuil». Tendo, por vezes, necessidade de conhecer exatamente a hora, eu conservo sempre um colete contendo no bolso um relogio, cuja corrente está presa á casa de um dos botões. Ora, quasi todos os dias, eu constato ao despertar, que essa corrente está contraída por diversos nóz, sendo que esses nóz são diferentes de um dia para outro, assim como o seu numero. A insonia, as preocupações e influencias diversas aumentam o numero dos nóz observados.»

Depois o autor passa a demonstrar que nenhuma força fisica conhecida explicaria o fenomeno; nem a luz, nem a eletricidade, nem o calor, nem o equilibrio.

Não resta invocar senão «a influencia duma força biologica desconhecida emanada do individuo da corrente» «Ora as forças que intervem para reagir o organismo vivo são tão complexas quão inexploradas. Qual delas influenciará na corrente? ...como não se sabe jamais onde uma pesquiza pode chegar nao é preciso o hesitar para penetrar num caminho desconhecido, embora esse caminho não fosse mais que um modesto atalho».

Depois destas considerações o Dr. Le Bon diz: «...se entrevê atualmente que o Universo está repleto de forças ignoradas, cuja descoberta será a chamada para a mudança de vida dos povos e sobre tudo as idéas filosoficas servindo de base para a nossa concepção».

O artigo, como dissemos está assinado — Gustave Le Bon.

Será que o ilustre cientista se tornou o medium e chamado, portanto, para a elaboração visivel duma dessas «forças», que age para a transformação dos povos e mudança das concepções filosoficas que dominam atualmente?

UMA PREMONIÇÃO DE MORTE

O «*L'Intransigeant*», de Paris, publicou com a assinatura do sr. Pierre Boril as seguintes emocionantes lembranças.

«O pintor H. Le Sidaner, que foi amigo de Emile Verhaerem, contou-me esta historia impressionante:

«—Eu me lembro nitidamente que Emile Verhaeren, tornou-se triste, e tendo vindo ao meu atelier percorreu toda a sala de trabalho, observando atentamente todos os quadros que muito apreciava, *como si quizesse vel-os pela ultima vez.*

«Nós fomos ao jardim onde as ultimas rosas floreciam á brisa da tardesinha. O outono proximo, ao longo das alamedas já havia tocado as folhagens com a sua divina e mortal magia. A hora era emocionante e dôce. Eu esperava que essa beleza tivesse impressionado Emile Verhaeren. Tantas vezes essas roseiras agonisantes lhe haviam inspirado palavras entusiasticas. Como se estivesse só, com canto de esforço moderno, observava o jardim com olhos maravilhados, nos quaes eu procurava debalde a flama, que um instante antes, os havia iluminado.

Vãmente eu ensaiava protestar. Emilio Verhaeren impediu logo as minhas palavras: «Não experimenteis me fazer mudar de idéa. Eu vos asseguro que a todas as horas tenho recebido *o aviso.*»

A luz declinante dourava os bordos das roseiras. Pairava no ar um sentimento de doçura e de tristeza; parecia o fim dos dias felizes que estavam para acabar.

Emile Verhaeren partiu, eu fiz toda a sorte de suposições. Me lembrava que o poeta hypersensivel era muitas vezes sujeito a grandes exaltações, seguidas logo depois, de profundos abatimentos.

Na noite seguinte eu não consegui conciliar o sono. As palavras tragicas do poeta resoavam aos meus ouvidos. Eu revia a singular expressão do seu rosto como que esculpido pelo pensamento.

Eu não deveria demorar a saber que Emile Verhaeren tinha verdadeiramente recebido o aviso. Doze dias depois, uma manhã, abrindo o jornal, li pesarosamente o drama da Gare Verte para Rouen, no momento em que ia tomar o trem, Emile foi morto por uma locomotiva.

TELEPATIA OU VISÃO E SONHO?

A «Action Française» publicou o relato do curioso caso que se vai lêr, ocorrido na Hungria, e que parece provar a exteriorisação e motricidade do espirito durante o repouso do corpo. Eil-o :

«Assinala-se um curioso caso de telepatia, cuja heroina é uma certa Maria Szabo, que mora numa povoação perto de Szegedin.

«Um dos seus filhos havia emigrado para a America ha uma vintena danos. Depois do aviso de sua chegada em New-York, ele não deu mais noticias á familia, que julgava o morto. Ha duas semanas a velha Maria Szabo despertou á meia noite gritando : «E' ele ! E' ele que voltou !» A' sua filha correu á sua cabeceira, a velha explicou que ela tinha visto em sonho seu filho no tombadilho dum navio, mas que ele havia mudado muito e trazia uma longa cicatriz no rosto.

Ao redor da pobre velha, que ha anos sofria perturbações nervosas, ninguem deu importancia a essa visão.

Mas hontem, o emigrante reapareceu de improviso, na cidade natal, onde a sua volta causou profunda sensação. Pode-se estabelecer que na noite em que Maria Szabo teve a visão de seu filho no navio, e cuja visão assinalou uma cicatriz, o moço se achava precisamente no Oceano, á bordo do navio que o repatriava. Sua face está manchada com uma longa cicatriz, produto de uma briga que teve com outros moços.

A historia é verdadeira, ou é uma das numerosas «serpentes do mar» que se batem com o sol de agosto ? Nós ignoramos. Mas seria sintomatico que a serpente, neste caso, houvesse tomado uma forma «metapsiquica».

APARIÇÃO DA CONDESSA A. M. BÜLOW

Com o titulo um «Testemunho Perturbator», «La Liberté», de Paris, publicou a seguinte narrativa :

«Como a Condessa D... na noite de sua morte, apareceu ao sr. de Bülow.

No capitulo de suas memorias consagradas á sua estada em Paris, como segundo secretario da embaixada, e que a «Revue de Paris» publicou, o sr. de Bülow narra as suas relações com a condessa D..., uma mulher de uma quarentena danos que, sem ser divorciada, vivia separada de seu marido.

O sr. de Bülow gostava comparal-a á Mme. de Warens, o que afinal lisongeava-a ; mas tendo relido as «Confessions», ela irritava-se de ser comparada a uma mulher que tinha tido por amante o criado de quarto ! Trinta anos mais tarde, a lembrança da condessa D... reviveu no sr. Bülow de modo singular.

Isto aconteceu pouco antes, diz

ele, da minha retirada como chanceler. Eu que não sonho senão raramente, tive um sonho surpreendente, tão nitido como os que lembram o do bom Homero. Eu vi subito a condessa D...., diante de mim, em carne e osso e não posso me esquecer. Era verdadeiramente seu rosto, sua voz, seu olhar. Ela pôz-se a falar de modo muito natural: «Emfim! eu vos vejo outra vez! Ha muito tempo que nós não nos vemos. Porque nunca mais me escreveste, a mim que amavas?» Eu respondi, não sem embaraço interno, mas fazendo bôa continencia: «Eu errei, errei muito, minha cara amiga. Mas se vós soubesses quanto é agitada a minha vida! Eu sou tão ocupado! Mas si eu não vos escrevi mais, vos sou, entretanto, muito grato». Ela estendeu-me a mão e desapareceu, como desapareceriam, em Homero, as figuras aparecidas em sonho, esvanecendo-se no ar.

Dia seguinte pela manhã, estava eu sentado no meu escritorio e tomei um bloc-notes e escrevi numa folha: Bureau do numero. Rogo me informar a hora do proximo correio para Paris; tenho que lhe confiar uma carta.

Mas antes de ter podido escrever á minha amiga, como desejava, li em um jornal de Paris, no momento em que tomava o meu chá da manhã, que a condessa D... tinha morrido na mesma noite em que tive esse bizarro sonho».

O sr. de Bülow, citando este fáto sem comentarios, faz notar que nunca se havia ocupado de espiritismo, de sonambulismo, de aparições, de hipnotismo, nem de telepatia, assim como ignorava isso tudo.

UMA CARTA DE MRS. CONAN DOYLE AO DR. KINDBORG

O Dr. Kindborg, reputado alienista de Breslau, e ao mesmo tempo propagandista ativo da realidade psiquica, denunciou a tática dos nossos adversarios (Zeits. für Parapsychologie, p. 400) publicando uma carta de Lady Conan Doyle, viuva do grande escritor inglez.

Ei-a:

«Caro Doutor Kindborg, eu vos agradeço muito o amavel envio de um recorte de jornal relativo á Pecararo. *Tudo isso é uma historia inventada com muitos remendos.* Meu bom filho nunca se materialisou por ele, e ele jamais nos ludibriou: Um dos nossos amigos, tendo um dia perguntado se queriamos experimentar com Pecararo, nós aceitamos, *mas a sessão nenhum resultado deu.*

Como um quimico experimenta continuamente, meu marido utilisava para as suas pesquizas todos os mediums possiveis e mais que um quimico não se inquietava com as gotas que vão á goteira; nunca mais pensamos nesse Pecararo.

Eu intentei uma ação contra tres grandes jornaes inglezes que haviam repercutido essa historia de mistificação e sou curiosa em conhecer outras gazetas que lhes imitaram. Vossa fiel devotada, Mrs. C. Doyle».

Em vista disso seria interessante saber que interesse tiveram esses jornaes em dar uma noticia falsa, assim como as agencias mundiaes de informações, em fazer repercussão de uma mentira.

Comentando o caso diz o Dr. Kindborg, a descortezia dos nossos fanaticos adversarios, os torna admiraveis dicipulos de Tartufo e de Basilio.

Por nossa parte julgamos que agora é que seria ocasião do «Estado de S. Paulo» e outros jornáes que não vacilaram incluir em suas cisudas «Notas e Informações» tal noticia, soltarem foguetes...

UMA SESSÃO PRODUTIVA

«Wahres Leben» publicou a narrativa do sr. Emile Gast, cujo fáto occorreu com Mme. L. H. sua conhecida.

«Seu pae morreu subitamente, e para pôr em ordem a sucessão, havia necessidade de se encontrar o testamento que não se sabia onde estava. Debalde se o procurou em toda a casa. Os dias passaram e nada. Uma noite que a familia estava reunida, ouviu-se pancadas como si fossem dadas com um objeto pesado. Isto sucedeu até o dia em que um amigo da familia tendo visitado Mme. L. H., esta narrou-lhe o ocorrido. O amigo não se admirou e prometeu esclarecer a situação, voltando depois com o «scriptoscopio de Arnald» que serve para as comunicações espiritas. Foi feita uma sessão, o scriptoscopio trabalhava com uma vitalidade louca: «O testamento está na escrivaninha que tu vendestes, vai amanhã procural-o». A mãe de fáto havia vendido uma escrivaninha para um seu conhecido. Ela foi á casa dessa pessoa, as gavetas foram abertas, mas o testamento nada! Voltou novamente á casa, mas nada de testamento! Uma nova sessão espirita foi organisada: «O documento está na escrivaninha, veste-te e vae procural-o!»

Ela foi novamente em casa da pessoa. Mas no meio do caminho foi surpreendida em vêr indo ao seu encontro com o documento em questão.

Desde esse dia os golpes cessaram. Pode-se, se quizer, citar nomes, lugar e data em que esses fátos foram verificados.»

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

PARIS

Demonstrações de Mme. Luce Vidi

Mme. Luce Vidi, poderosa clarividente, voltou a prestar o seu concurso á «Maison des Spirites». Suas demonstrações têm sido acompanhadas dos seguintes temas, já desenvolvidos: O Mundo Invisivel — aparencias e realidades; As Forças; As Vidas; Os Pensamentos; As Vontades; Os Poderes.

Curso de Historia Geral das Religiões

O grande psicologo, sr. Ed. Wiétrich abriu um curso, na «Maison des Spirites», de Historia das Religiões.

Conferencias

Na «Maison des Spirites» fizeram conferencias, os srs Marquès Rivière, sobre—Os Fenomenos Paranormaes nos povos primitivos; Dr Andry-Bourgeois — A Inteligencia Divina; M C. Poisont — Astrologia e Reincarnação.

Uma nova prova da sobrevivencia

A «Revue Spirite» publicou o seguinte:

«Geralmente se censura os espiritas de citar fátos antigos, senão de varias dezenas de anos. Eis aqui o que se passou domingo passado 13 setembro:

A V... uma menina de tres anos dizia á tarde á sua avó que a educa: «Papae lá está e me fala; estou alegre de vêr Papae». E ela falava como si o pae estivesse presente com grande alegria.

Dia seguinte pela manhã um telegrama anunciou a morte do pae da menina, M. C. de 28 anos de idade, que morreu á noite, de uma congestão pulmonar, em seguida á quéda de um cavalo, ocorrida a 3 semanas antes nas Grandes Manobras. M. C. era oficial em Metz e nada se fazia prever o desenlace. Ele mostrou-se á sua filha por ocasião da morte como verificaram as testemunhas.

E' uma manifestação a mais da alma dos mortos.

A Imprensa Francesa

A maioria dos jornaes francezes se

ocupa do Espiritismo : L'Intransigeant, Le Petit Parisien, L'Oeuvre, La Liberté, Le Petit Journal, Marseille-Matin, etc.

ALEMANHA

Exposição Mediunica

Em outubro ultimo efetuou se uma grande exposição de arte mediunica, alemã e extrangeira em Berlim. A participação da exposição foi gratuita, aberta a todos os mediuns.

Os Jesuitas e o Espiritismo

As revistas espiritas e metapsiquicas alemãs estão publicando artigos em que salientam os mais afamados teologos catolicos que se acham ao lado do Espiritismo.

Diz o Zeist que o Padre Jesuita Graterer, Professor da Universidade d'Innsbruck, formou ao lado dos metapsiquistas, lavrando um protesto contra os ataques injustificados contra Maria Silbert.

De outro lado afirma que o Jesuita Ude, prof. da Universidade de Graz, já se pronunciou ha anos em favor da autenticidade dos fenomenos de ordem fisica, cujas sessões experimentaes bem controladas se efetuaram em sua propria casa.

E acrecenta : Sabe se muito bem que o Dr. Ludwig, Prof. de teologia *catolica* da Alta Escola de Ixeising, é um dos colaboradores da «Zeitschrift für Parapsicologie» e já escreveu contra as insinuações perfidas e calunias do sr. Bestermann sobre 14 mediums europeus.

SUECIA

Chamado Telepatico

O Dr. Frois Bjorset se achava em Gotenborg, Suecia, para uma visita a um doente. A' noite, ele viu, quando repousava, sua mulher que estava em Copenhague, e chamava-o para que voltasse imediatamente : sua filha tinha caído gravemente doente.

O Dr. Frois pôz se imediatamente á caminho e, de fáto, encontrou sua filhinha ameaçada de difteria. Um medico seu amigo lhe contou, então, que tendo ido varias vezes em sua casa, em sua ausencia, para tratar a criança, encontrara a mãe dormindo na cadeira no quarto em que se achava a menina, devido as vigilias seguidas com a doentinha. Ele ouviu-a, de fato, falar dormindo e apressar seu marido que não tardasse de voltar a Copenhague.

INGLATERRA

A conclusão de um inquerito

O sr. Giovanni Pioli termina com estas palavras, a narrativa de uma viagem de estudos que acaba de fazer atravez do espiritualismo britanico (Luce e Ombra) :

«E se me perguntarem o que, no espiritualismo britanico, me apareceu como a gêma mais brilhante e preciosa, eu responderei sem hesitar, com as palavras colhidas mais de uma vez dos labios das crianças, das viuvas, dos paes e mães privados de seus filhos, dos amigos separados dos seus companheiros de existencia, palavras pronunciadas com menos calor de convicção do que a simples candura daquele que *sabe* e *viu* brilhar o sol no céo : «Nós não *cremos* mais, mas nós *sabemos*, que a morte *não existe*, e que a vida é uma preparação para a solenidade da passagem». Eles tem assim renovado a experiencia do Cristianismo Primitivo, consignado nos epitafios, em que o dia da morte era chamado «o dia do nascimento» e em que a saudação suprema era : «Vive na Paz de Deus !», «Nós te sabemos em Paz !» ; «Vive em Deus e na lembrança dos teus !», «Vive em Deus e roga por nós !»

INDIAS NEERLANDEZAS

A «Revue Spirite» fez uma sumula das noticias do «Indisch Spiritisch Tidjschrift», sobre o Espiritismo nas Indias Neerlandezas. E assim se expressa :

«Particularmente em Bornéo, o espiritismo mantem-se em progresso. Uma importante cronica do movimento europeu, por M. Van Rossem, no correr da qual encontramos que o Dr. Tenchaeff, diretor de «Tidjhrift voor Parapsychologie» teria lembrado organisar experiencias com o clarividente Max Moecke. Um belo estudo sobre os dois irmãos mediums Willy e Rudi Schneider. A «Hollandsche Revue» publicou o seguinte caso interessante de clarividencia:

«Trata-se do Governador-Geral Maetsuyker, em Batavia, 1662.

«Ao lado de extratos da revista espirita holandeza «Spiritische Bladen» e de diversos jornaes, mencionamos especialmente o numero de 28 de janeiro de «Algemeen Protestantenblad», onde foi publicado um artigo sobre a Egreja Primitiva.

A revista espirita das Indias Neerlandezas é bem documentada e traz uma util contribuição para os nossos estudos e nossas pesquizas. Desejamos lhe um sucesso ainda maior na Insulinda.

CHECO-SLOVAQUIA

«Spiritistika Revue» consagrou um numero duplo ao Congresso Espirita Nacional Checo-slovaquio, que efetuou se em Julho ultimo, em Radvanice com o maior sucesso e que foi honrado pelo apoio moral do Presidente Masaryk, Chefe do Estado.

ESPANHA

Comunicado ao Governo da Republica

A Federação Espirita Espanhola enviou ao Governo Provisorio o seguinte comunicado, de que foi encarregada.

«A Federação Espirita Internacional, reunida no Congresso trienal em Haia, dia 9 de setembro 1931, com unanime resolução dos seus membros, Felicita ao Governo Espanhol, por ter resolvido instaurar na Espanha a Liberdade de Conciencia. O Congresso roga, assim, á Federação Espirita Espanhola, como membro que é da Internacional, seja seu interprete junto ao Governo da mencionada Nação, transmitindo semelhante acordo, persuadido, como está que esta tão sabia medida adotada por dito Governo, afirmará a paz e a concordia entre todos os cidadãos espanhóes.

Associações em atividade

A Federação Espirita Espanhola, a Instituição Veritas, o Centro Barcelonez, o Centro Cultural Espirita, estão em franca atividade.

Temos sobre a mesa «La Luz del Porvenir» que traz bons escritos.

NOVA ZELANDIA

O Prof. Gowland, anatomista e neurologo em Dunedin, Nova-Zelandia, declarou a Harry Price ter assistido com o medium Pearl Judd, a levitação de uma pesada mesa (com simples contato das pontas dos dedos), bem como a execução duma melodia no piano quando tres pessoas se achavam sentadas na cobertura do teclado. O Prof. Gowland assistiu tambem fenomenos de «vozes diretas».

PORTO-RICO

— Em Porto Rico vae se acentuando a divulgação do Espiritismo.

A revista «Rayo de Luz» transcreveu de nossas paginas, a bela colaboração — «O que é a materia» — áto esse que muito nos lisongea.

«Rayo de Luz» imitando todas as revistas extrangeiras que enfrentam com a pesada crise que nos assoberba, fez um apelo aos seus assinantes solicitando-lhes serem corrétos com os seus pagamentos.

- No Centro Quærens efetuou-se a comemoração do primeiro aniversario do desincarne, de seu ex-presidente Don Luiz Saliva, cujo áto teve grande concorrencia.

— Completou o seu 2.o aniversario «Rayo de Luz», a quem felicitamos, desejando prosperidades.

* * *

ESPIRITISMO NO BRASIL

Rio G. do Sul

Pelotas

Um genio de 3 anos

Arita ao lado do piano

As crianças prodigios têm a sua historia bem firmada no Espiritismo.

Doutrina essencialmente filosofica, cimentada por fátos, que constituem-se, á seu turno, sua base fundamental, só o Espiritismo explica, á contento, todas as anomalias sociaes, de acordo com a lei da reincarnação, escada sublime da Evolução, por onde se elevam todos os espiritos para a conquista da Perfeição.

De quando em quando aparece aqui ou ali, um genio que se revela pela sua precocidade.

Agora está em cena a pequena Arita que, com 3 anos de idade se revela pianista.

A pequena Arita é de Pelotas, onde naceu e reside; filha do casal— sr. Artur Gomes e Silva e D. Ilza Gomes e Silva.

«Em Junho, achando-se em Pelotas, o ilustre jornalista Dr. João Carlos Machado, diretor de «A Federação», orgão oficial do Partido Republicano Riograndense, fizeram-no ouvir a galante Arita acompanhando a orquestra do Grande Hotel. O conhecido tribuno, diz a «Vida Domestica», donde extraímos a noticia e os clichés, encheu-se de entusiasmo. fazendo calorosas demonstrações de carinho á menor pianista brasileira».

O general Flores da Cunha, Interventor do Rio Grande do Sul, ao ter conhecimento dos dotes de Arita, pôz sob os seus auspicios a educação artistica da miniatural pianista, devendo vir ela para o Conservatorio, em S. Paulo.

Como se vê no cliché, Arita diante do piano, com a exigua dimensão do seu corpo, desaparece; a sua mãosinha quasi que não abrange mais que uma tecla.

«Sentada no tamborete, como á frente de um brinquedo colossal, os dedos de Arita dansam sobre a superficie de marfim». E ela parece desaparecer para apenas impressionar auditivamente os que lhe acompanham a execução.» Emfim, a menina prodigio parece demonstrar bem claramente a doutrina da reincarnação e evolução dos Espiritos, principio claro, logico da existencia na terra e absolutamente de acordo com os atributos divinos.

Arita no piano

— —

Porto-Alegre

S. E. Bezerra de Menezes

Esta sociedade, localisada á rua Cel. Bordini, 20, realisou dia 2 de novembro uma sessão especial em homenagem á data. Falaram diversos oradores.

Sociedade Allan Kardec

A presidencia da benemerita sociedade Allan Kardec, realisou dia 2, uma sessão solemne em commemoração á data designada pela humanidade aos finados na qual foram diffundidos os pontos de vista da doutrina dos Espiritos.

Fallou o illustrado professor sr. Affonso Guerreiro Lima.

Centro Amor e Caridade

Esta sociedade, com séde á rua Dona Thereza n. 125, participou-nos que ella não tem nenhuma associação filiada e nem acceita filiação.

Palestra Doutrinaria

Em sua séde á rua Demetrio Ribeiro n. 1058, a Sociedade Espirita «Francisco Xavier», realisou mais uma palestra publica que versou sobre o tema: «Morrer é viver», a cargo do irmão vice presidente, sr. Oscar Breyer.

São Paulo

Araçatuba

O Centro local, União Espirita «Paz e Caridade» realisou uma festinha pelo fato de invergarem os alunos da escola o novo uniforme.

E' prof. da Escola. D. Leonor Audi.

* * *

A Diretoria social foi assim constituida: pres. Ignacio Audi; vice-pres. José Donã Barrios; diretor, Dr. Jovelino de Camargo; 1.o secr. José Molina; 2.o secr. Frederico José de França; tes. Pedro Dagio; proc. João Teixeira Filho; bibl. Sebastião Sales de Oliveira; fiscal Joaquim Castilho; zel. João da Costa.

Monte Verde

O Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, assim constituiu sua directoria: pres. Ida Rossi; vice, Arão Rego Barros; 1.o secr. Luiz de S. Lima; 2.a secr. Illuminata F. Lima; tes. Aristodemo Rossi; bibl. Maria Ferraz R. Barros; proc. José Dominguez da Silva; zel. Izabel de Souza Soares; diretor de Doutrina, Leonardo Severino.

Rio Preto

O Centro Espirita "Allan Kardec" tem desenvolvido grande atividade. O nosso confrade João Fusco e demais companheiros enectaram grande trabalho de propaganda que se estende pelas circumvisinhanças.

Sociedade Espirita de Propaganda

A Associação Espirita de Propaganda do E. S. Paulo, já começou a sua tarefa, tendo já dado inicio á distribuição de boletins e folhetos, bem como á venda de livros por preços reduzidos, para disseminar o grande ideal.

O secretario, sr. João Fusco, que está encarregado de dar as principaes providencias para a bôa execução do trabalho, não tem poupado esforços nessa obra de construção idealista.

Todos os centros da zona do Estado, em que age a Associação devem secundar essa obra de erguimento espirita.

São Paulo

O livre exercicio da mendicancia

Um dos fatos mais impolgantes da época e que está merecendo os comentarios geráes é a resolução do Coronel Manuel Rabello, Interventor Federal em S. Paulo, sobre a mendicancia.

Não podemos nos furtar de transcrever, na integra, com o nosso testemunho de solidariedade e de aplausos, a comunicação do Interventor ao secretario da Justiça. Eil-a em sua transcrição do «Diario Official» :

O coronel Manuel Rabello, interventor federal em São Paulo, enviou hontem uma communicação ao secretario da Justiça, a proposito da mendicancia, redigida nos seguintes termos :

São Paulo, 26 de novembro de 1931.

Cidadão secretario da Justiça e Segurança Publica.

Dr. Florivaldo Linhares.

Considerando que não se deve desconhecer o alcance social e moral da mendicidade, quando ella é dignamente exercida ;

considerando que qualquer cidadão póde estender a mão á piedade, implorando a generosidade dos irmãos ;

considerando que quem péde, em publico, geralmente demonstra superioridade de sentimento, por ter de comprimir o orgulho e a vaidade ;

considerando que a esmola beneficia tanto o coração de quem a pede como o de quem a dá ;

considerando que a recusa ao trabalho não é um vicio peculiar ás classes pobres ;

considerando que a contemplação da sociedade demonstra que o maior numero de vadios é formado pela burguezia ;

considerando que os mendigos, vivendo da bondade alheia, são moral e socialmente uteis, enquanto são nocivos os ricos ociosos, que vivem em pleno desregamento moral sem nada produzir ;

considerando que é covardia e falta de generosidade tratar os mendigos como si entre elles, mesmo excepcionalmente, se encontrassem os maiores hypocritas e os maiores exploradores ;

considerando que existem exploradores em todas as classes sociaes ;

considerando que, si ha falsos mendigos, o numero destes é sempre muito diminuto, e que nem assim deixam de produzir em outrem reações altruistas ;

considerando que não basta a robustez, de que alguns mendigos parecem dotados, para assegurar-se que o seu apparelho cerebral seja são ;

considerando, assim, que o pretender-se julgar, pela apparencia, si o individuo necessita, ou não, de mendigar, pode induzir a grave erro ;

considerando que muitas vezes o mendigo concorre, com a sua presença, para a manutenção da ordem, evitando muitos crimes ;

considerando que occultar os mendigos aos olhos dos forasteiros é querer illudir a estes quanto á anarchia social em que todos os occidentaes vivemos ;

considerando que o mendigo é um programma, que desperta a attenção, mesmo dos corações mais duros, para os problemas em pról da felicidode humana ;

considerando que nada nos póde mais commover do que o soffrimento alheio ;

considerando que é um dever fundamental o respeito á mulher, em qualquer situação social em que se encontre ;

considerando que embora, em principio, a esmola deva ser dada, ninguem é a isso obrigado ;

considerando que a dignidade da mendicidade escapa—como a de qualquer outra funcção proletaria—á competencia judiciaria dos orgãos do governo, e está unicamente sujeita ao juizo da opinião publica ;

considerando, portanto, que violar o livre exercicio publico da mendicidade é monstruoso crime de lesa-humanidade ;

determino que ninguem, sob o simples pretexto de exercer a mendicidade, soffra qualquer constrangimento em sua liberdade ; que, quando, por motivos insoffismavel de ordem, algum mendigo deve ser affastado do ponto onde se ache, a autoridade competente o faça com todo o cavalheirismo, ainda mais em se tratando de uma senhora, e finalmente, que só se procure dar asylo aos mendigos que livremente o solicitarem.

Peço, pois, que vos digneis de tomar as providencias que são necessarias para o fiel cumprimento da presente communicação.

Saude e fraternidade — Coronel Manuel Rabello, Interventor Federal».

Telegramma de felicitações ao Cidadão Interventor

O nosso diretor, passou ao Cidadão Cel. Manuel Rabello, Interventor Federal em S. Paulo, o seguinte telegramma :

«Em nome espiritas brasileiros, maxime os do Estado de S. Paulo, como presidente Associação Propaganda Espirita, felicito Vossencia sabia ordenação sobre mendicidade que constitúe um Evangelho.

«O Clarim» e a Revista Internacional do Espiritismo, que tenho a honra de dirigir aplaudem calorosamente referida ordenação.

Pessoalmente beijo mãos Vossencia inspirada resolução».

Telegramma do Centro Espirita de Mattão

O sr. Pharm.º José Goulart de Faria, presidente em exercicio do Centro Espirita de Mattão, em virtude da decisão do Cel. Rabello, Interventor em S. Paulo, sobre a mendicidade, passou ao mesmo o seguinte telegramma :

«Centro Espirita Mattão aplaude vossa resolução e vos felicita.

Considero vossa ordenação o maior monumento até hoje erguido pela revolução».

Rio de Janeiro

O movimento espirita, na primeira quinzena de Novembro continuou intenso.

O dia de finados foi commemorado com reuniões evangelicas em mais de cincoenta associações Kardecistas do Rio de Janeiro, com grandes assembléas.

— No dia 3, o confrade Cesar Gonçalves fallou no Centro Deus, Luz e Caridade, sobre «O Espiritismo é Regenerador do Caracter».

— No dia 4, na Tenda Espirita de Caridade, fallaram os confrades Sylvio Travassos e Arthur Machado, sobre «Perespirito e Aura».

— A 7, realisaram conferencias os confrades José Ribeiro dos Santos, no Centro Lazaro, Amor e Caridade ; Adolpho Barreto Sampaio, no Centro Luz e Amor ; Godofredo dos Santos, no Centro Fé e Caridade ; Edgard Ismael da Silveira, no Centro Caridade Ismael.

— A 8, foi inaugurado o salão de conferencias do Centro Discipulos de Allan Kardec, do Meyer, fallando o confrade Lins de Vasconcellos.

— A 9, houve uma Assembléa no Abrigo Seara dos Pobres.

— Na Federação Espirita Brasileira houve grandes reuniões nos dias 1, 2, 3, 6, 8, 10, 13 e 15, fallando varios oradores sobre assumptos relevantes.

— Em Realengo, o Centro União e Caridade, realisou a 13 e 15 sessões publicas de estudos evangelicos.

— A senhorita Julieta Pinto, fallou, no dia 14, no Centro Luz e Amor, de Bangú.

— No Centro João Baptista, de Bangú, o confrade João Pinto de Souza, realisou uma conferencia no dia 14.

— Alcides de Oliveira occupou a tribuna do Centro Fé e Caridade, no dia 16.

Estas notas vão com falhas de muitos factos, de cuja publicidade não nos foi possivel tomar conhecimento. Sirva, porém, de consôlo a certeza de que mencionamos apenas uma decima parte do que houve no periodo acima, o que é bastante animador.

Do Correspondente.

Paraná

Ponta Grossa

Esteve nesta cidade o ilustre propagandista João Leão Pitta, que fez, sob os auspicios d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, cinco conferencias sobre temas espiritas. O sr. Pitta foi muito bem acolhido pelo povo pontagrossense, conseguindo numeroso e seleto auditorio.

O excursionista partiu para Curitiba, via Entre-Rios e Palmeiras, onde faria conferencias de propaganda.

Do Correspondente.

Curitiba

O sr. João Leão Pitta fez, na Federação Espirita do Paraná, uma série de conferencias doutrinarias, desenvolvendo com facilidade certas passagens da filosofia genesica, bem como as parabolas do Nazareno, que tiveram no seu verbo medido, vigoroso e ameno, uma interpretação racional, ao alcance de todas as inteligencias.

As conferencias do sr. Pita foram bem concorridas, tendo o mesmo recebido as simpatias do povo paranaense.

* * *

Movimento do Albergue Noturno, creado a mantido pela Federação Espirita do Paraná, no mez de Outubro de 1931.

Homens — Brasileiros	254
Polacos	33
Alemães	29
Russos	5
Portuguezes	16
Estonianos	16
Dinamarquezes	7
Argentinos	3
Austriacos	1
Israelitas	1
Espanhóes	2
	367
Mulheres — Brasileiras	70
Polacas	4
Italianas	2
	76
— Homens	367
— Mulheres	76
Total	443

Aos albergados é distribuido café com pão, a noite e de manhã.

Revista Internacional do Espiritismo

Collecções encadernadas: do 1.o anno 40$000; do 2.o anno 30$000; do 3.o anno 40$000; do 4.o anno 35$000; do 5.o anno 30$000; do 6.o anno 35$000.

Pedidos á directoria — Mattão — E. S. Paulo

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL — Collaboradores: DIVERSOS

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 813
02-06-07 32180 XL
HF Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 13 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1221unse

No. 1 [illegible]

NNO XII — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Março de 1936 — N. 2

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

A Grande Transformação
Litteratura de ultra-tumba
A Biometria humana
Rectificações do Espiritismo á Filosofia e á Ciencia
Em memoria do Doutor Charles Richet
A hereditariedade e os meninos prodigios
Admiraveis Sessões de Provas
São Paulo e o Espirito do Christo
Os Espiritos Intervêm?
Manifestação dos Espiritos
Mortal e Immortal
Evidentes desenhos espiritas
Uma Medium Precoce
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil
Notas e Factos

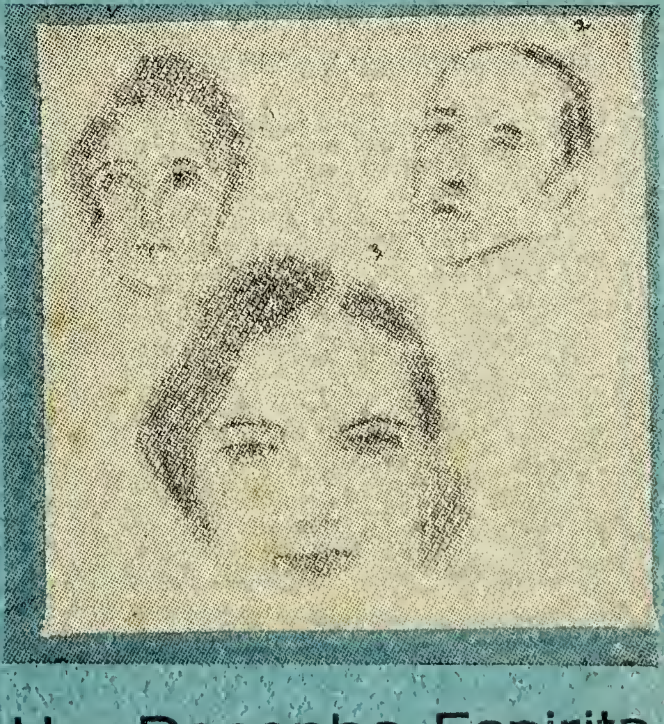

Um Desenho Espirita

Revista Internacional
do Espiritismo

[illegible]

[illegible]

[illegible]

ANNO XII — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Março de 1936 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

A Grande Transformação

OS Ensinamentos dos Espiritos vieram crear uma nova mentalidade, com a revelação dos promissores destinos que nos esperam.

A morte perdeu o seu caracter tetrico e mysterioso, sendo-nos apresentada não mais como uma megera ceifadora de vidas, mas como um anjo libertador que nos vem livrar do soffrimento e da tortura. As perspectivas de outr'ora que annunciavam para as almas um céo de contemplação beatifica e esteril, e um inferno de pungentes dôres, com um purgatorio intermediario e ineficaz dissolveram-se ao mais ligeiro sopro do raciocinio, assim como aconteceu á doutrina geocentrica proclamada como artigo de fé antes de Galileu e Copernico.

Hoje sabe-se tambem que não é o corpo physico o centro principal da vida e já se comprehende que esse corpo somatico não é mais do que um conglomerado de materia, atomos constituidos de ions, electrons, protons, que se movimentam em torno do *ente sobrehumano*, como scentelhas de ferro attrahidos pelo iman.

A constituição do homem, modificou-se completamente depois do apparecimento do Espiritismo, que auxiliado pelas experiencias do magnetismo e do hypnotismo lançaram uma grande luz sobre os phenomenos physicos e vitaes, assim como sobre a phenomenologia psychica, arrestada pelo sacerdotalismo e aprisionada nas custodias do mysterio e do sobrenatural.

Não ha cem annos ainda que o Espiritismo foi revelado ao mundo e já sentimos os effeitos vivificadores dessa Doutrina que, apezar do grande progresso e novos descobrimentos que tem feito em todas as espheras dos conhecimentos humanos, e ainda mais nas regiões vedadas aos cinco sentidos do homem e aos mais aperfeiçoados apparelhos, se mostra cohesa em seus principios basilares, sem lhe notar uma falha, uma incoherencia, uma contradição.

Basta ler o «Livro dos Espiritos» que circulou pela primeira vez em 1845, e as ultimas obras que viram a luz nestes ultimos mezes, para se comprehender a harmonia e a verdade que caracterisa a Revelação Kardecista, acolhida hoje com summo interesse pelos maiores pensadores e por todos os homens humildes, mas de bom-senso e sem preconceito que buscaram conhecer o porque da vida e os destinos que nos esperam.

A Revelação Espirita tem se manifestado ao homem paulatina e gradativamente. Das «mesas girantes» á «Vóz Directa», dos transportes e phenomenos physicos á materialisação dos «defuntos», até a photographia dos seres que atravessaram os humbraes da morte, as provas insistentes, positivas, irrefragaveis, enchem volumes e volumes, dessas portentosas manifestações que vieram abalar a incredulidade dos homens e fazer ruir a «sciencia materialista» que, após os beneficios que proporcionou á humanidade com suas descobertas, inoculou na alma humana o veneno corrosivo da descrença que tanto mal vem causando no mundo.

Felizmente o materialismo, que deixou o seu lado positivo para se tornar dogmatico, intolerante e enfatuado, perdeu o seu ponto de apoio com a divisão e subdivisão do «atomo» — demonstrada magnificamente por illustres sabios que, a seu turno, deixaram patente a unidade da materia oriunda do Cosmos, tal como revelaram os Espiritos encarregados da systematisação da Doutrina Espirita, como se lê na «Genesis Segundo o Espiritismo» e mesmo no «Livro dos Espiritos». O «Ether» está sendo estudado com o maximo cuidado e o illustre physico inglez, que fez sua profissão de fé espirita, Sir Oliver Lodge, tem feito muita questão de recommendal-o ao estudo dos seus contemporaneos para que possam comprehender a Vida em sua legitima significação.

A nova concepção da materia, veio nos revelar que a materia que affecta os nossos sentidos, não é mais do que um conjuncto, «como que uma rêde de largas malhas» constituidas de electrons e protons, sendo immensa a distancia que entre elles medeia, num atomo individual em relação á grandeza de uns e outros.

Segundo as deduções scientificas, o «Ether» é mais denso do que a agua, mais elastico do que esta e é dotado de perpetuo movimento, que explica a transmissão das palavras e notas de musica de um ponto a outro em ondas. E é por esse meio de vibrações do ether que percebemos a luz, o calor e a electricidade.

O Mundo Invisivel não é, portanto, um cháos, o nada ; é constituido, como a materia visivel, de protons e electrons, mas com vibrações fóra do nosso alcance, pois, como é sabido, no dominio da optica, as ondas luminosas só são perceptiveis para nós nos limites das sete côres do prisma, do vermelho ao violeta ; além e aquem dessas côres as radiações solares escapam á nossa vista ; chamam-se, por isso raios obscuros, desconhecidos. Nos limites dos sons o mesmo acontece, só uma pequena parte nós os percebemos.

Devemos concluir que só existe o que affecta os nossos sentidos ? quando podemos perfeitamente comprehender que a materia physica que affecta os nossos sentidos nada mais vem a ser que uma parcella do Ether a vibrar dentro de certos limites !

Precisamos nos convencer de que a Vida é a alma do Universo, por toda a parte ella vibra, na execução da Lei da Evolução que se nota das minimas ás maximas cousas. E evolução não quer dizer extincção, mas sim transformação para melhor, para mais accentuada perfeição.

Proclamando a Vida Universal, o Espiritismo deu um golpe fatal na morte, cumprindo a previsão do Apostolo da victoria sobre a morte, ultimo inimigo do homem. D'ora avante a sciencia tem forçosamente que se modificar e se assentar nas bases inamoviveis da Vida para poder crescer e prosperar. A doutrina anthropocentrica tem que desapparecer como desappareceu a geocentrica, e o homem de posse de sua individualidade e dos seus destinos verdadeiros, bemdirá os sublimes Ensinos dos Espiritos que reivindicarão os direitos dos povos impondo-lhe os sagrados preceitos : Estudo, Liberdade, Fraternidade sob a Paternidade de Deus, Espirito Omnisciente, omnipotente, omnipresente que cria, anima e movimenta as maravilhas do Cosmos.

A evolução se processa como uma lei fatal, em toda a creação, independente de vontades subalternas. A's vezes, o mundo parece paralisar e mesmo em certas espheras moraes e intellectuaes retrogradar; mas é justamente nesses momentos que a acção demonstra o seu poder rompendo os diques que prendem e fazem extravasar a civilisação.

L I S.

Litteratura de Ultra-Tumba

Por Ernesto Bozzano

Da «Revue Spirite»

(Continuação)

EU passo a analysar um segundo caso do mesmo genero que teve lugar na Italia, ha varios annos. E' um caso que não pode ser definido *de transição* como o precedente, especialmente porque ahi não se encontra a incerteza theorica proveniente do facto que a personalidade que tenha dado a communicação não manifestou sua presença. Neste outro episodio, ao contrario, as personalidades mediumnicas actuantes declaram explicitamente o que ellas são. Infelizmente, sob o ponto de vista demonstrativo, as modalidades pelas quaes se produziam os dictados mediumnicos são defeituosos de tal maneira que erguem perplexidades muito mais fortes que não attingiram o caso precedente.

O Pr. François Scaramuzza era director da Academia de Bellas Artes de Parma, onde ensinava a pintura, arte na qual tinha sido notavel. Lhe faltava, entretanto, cultura litteraria, visto ter cessado de frequentar a escola aos quatorze annos para tratar de ganhar a vida. Durante sua mocidade, elle occupou se vivamente com o magnetismo animal, que praticara com successo. Elle tornou-se espirita quando attingiu á idade avançada, e com 64 annos suas faculdades de medium escrevente se manifestaram, mas sómente durante tres annos, somente (1867-1869). Durante este curto periodo de tempo elle escreveu com rapidez vertiginosa enorme quantidade de obras, poesias de todas as sortes. Entre ellas, precisamos especialmente assignalar um volumoso poema em oitavas (29 cantos, 3.000 oitavas) intitulado: «*O Poema Sagrado*»; assim como duas comedias em versos, de que o espirito de Charles Goldoni seria o autor. Estas são comedias vivas, brilhantes, muito bem concebidas e finamente buriladas que têm todo o perfume da arte goldoniana.

Mas não se poderia dizer outro tanto do ramalhudo *Poema Sagrado*, o qual lhe foi dictado, «soi disant», pelo poeta Ludovico Arioste. Trata-se no poema de assumptos muito elevados, taes como a natureza de Deus, a genesis do universo, a creação dos sóes e dos mundos, a origem da vida cosmica, as finalidades da vida, os destinos do espirito individualisado, graças a passagem na vida incarnada. Encontra-se aqui, e acolá imagens magnificas, compreensivas, grandiosas, mas quasi sempre expressas em uma linguagem pobre, e torneada de versos relaxados e vulgares. Os conceitos cosmogonicos que ahi se ensina parecem racionaes e acceitaveis; elles se elevam por vezes a uma real altura philosophica, por exemplo quando está em fóco a immanencia de Deus no universo, se revelando aos mortaes sob a forma de Movimento; e quando se analyse o Tempo e o Espaço, «atributos de Deus», pois que elles são infinitos como o proprio Deus, o que, passando duma dedução á outra leva a personalidade mediumnica que se communica a tender para uma concepção identica da hypothese do «Ether Deus». Experimenta-se quasi um sentimento de despeito vendo que pensamentos philosophicamente sublimes são expressos em versos tão banaes e sob uma forma tão commum. Entretanto os versos são certos e faceis, as rimas são quasi sempre expontaneas; o que revela uma familiaridade indiscutivel com a technica do verso na personalidade que se communicava. Esta se lamenta muitas vezes do medium que reveste muitas vezes as idéas de uma forma poetica negligenciada; mas accrescenta não o poder impedir. E' preciso reconhecer que um fundo de verdade existe nas affirmações da personalidade de que se trata, pois que ellas concordam com os conhecimentos que se possúe actualmente a tal respeito, após experiencias de transmissão telepathica do pensamento, tendente a demonstrar que o pensamento pertence unicamente á mentalidade do *agente*, emquanto que a forma de que elle é revestido pertence á elaboração subconsciente do *percipiente*. E' preciso, pois, deduzir que si—como acontece neste caso—o medium é um homem desprovido de cultura litteraria, elle não poderá senão transmittir muito mal as idéas que recebeu telepathicamente da personalidade mediumnica donde vem a communicação. E' isto que se pode invocar em favor da origem, extranha ao medium deste *Poema Sagrado*. Si este nos torna perplexos, apezar dos defeitos tão consideraveis da sua forma, isso é devido á elevação philosophica de algumas das suas partes. Mas sobre o resultado da identificação pessoal do «soi disant» espirito que se communica, é preciso reconhecer que nada se encontra ahi que seja de natureza a reforçar indirectamente a presumpção que possa effectivamente tratar-se de Ariosto, salvo a belleza de algumas imagens embora apagadas constantemente pela vulgaridade da forma. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer, francamente, que, si se quer attribuir tudo ás faculdades d'elocubração artistica inherentes á consciencia do medium, o problema se torna embaraçoso e obscuro. De facto, o medium não era somente sem cultura litteraria ; elle nada sabia de sciencia e de philosophia. Donde vinha então a inspiração grandiosa de certas partes de seu systema cosmogonico? Importa não esquecer o facto surpreendente do medium que, sómente em tres annos, além do *Poema Sagrado* em 29 cantos e 3.000 oitavas, um volume de 915 paginas ! — escreveu duas comedias em versos attribuidos a Charles Goldoni, treze longos cantos, igualmente em versos, dois cantos em estrophes de tres versos, um melodrama, uma tragedia, cinco poesias folgasães assignadas pelo fallecido seu tio, que tinha, justamente, escripto versos dessa sorte durante sua vida, e emfim, um grosso volume de poemas liricos.

Trata-se de uma producção poetica enorme, sempre fraca sob o ponto de vista da forma, mas muitas vezes bôa —ás vezes mesmo excellente—sob o ponto de vista da substancia, das imagens, da profundeza do pensamento philosophico. De todo o modo eu convenho francamente que não é o caso de se parar ulteriormente para commentar a producção mediumnica de M. Scaramuzza, pois que ella não apresenta dados sufficientes para se tirar deducções mais ou menos legitimas em favor de uma ou de outra das hypotheses explicativas oppostas que pertencem ao campo da Metapsychica. Provavelmente, nem uma, nem outra das hypotheses em questão poderia bastar para dar conta, si encarar-se cada uma isoladamente ; ser-se-ia então levado a concluir, que nesses casos de interferencias subconscientes poderiam se alterar duma maneira inextricavel com as erupções fugaces de inspiração supranormal, cuja natureza não está ainda definida.

* * *

Agora, após ter falado de um caso passado na Italia, direi duas palavras sobre um outro caso todavia recente, que se produziu em um grupo de experimentação em Lombardia, e no qual se manifestou uma entidade que dizia ser o espirito de um escriptor que morreu muito moço, ha alguns annos apenas. Elle tinha sido, quando vivo, um autor genial de novellas, com signaes caracteristicos de estylo, de forma, duma viva imaginação, difficeis de imitar. Ora, acontece que a entidade em questão, á titulo de prova de identificação pessoal, dita varios contos absolutamente conformes aos que tinha escripto quando vivo. Estes documentos mediumnicos foram publicados. A pessôa que havia tomado a iniciativa de me enviar um volume, eu a tomei pela identidade incontestavel de technica litteraria e de imaginação creadora existindo entre os contos escriptos, durante sua vida, pelo autor em questão e esses ditados pela entidade que se communicava; eu me propuz então a analysar a fundo o caso de que se trata na presente monographia. Infelizmente os parentes do morto oppuzeram-se formalmente á diffusão do volume; o editor teve que retiral-o da circulação e elle me impediu de falar no caso. Tanto mais deploravel é isto visto tratar-se de documentos mediumnicos donde sobresahem relatos instructivos e suggestivos que não se verificam commumente em escriptos dessa sorte.

O que me consola um pouco é de pensar que, nenhuma vontade humana seria capaz de impedir o defunto de continuar a se manifestar ditando producções litterarias com o fim de demonstrar a sobrevivencia, outras provas virão se juntar as primeiras, e o caso da identificação do autor morto revestir-se-á mais e mais de valor, esperando o dia em que o *veto* injustificado será levantado, pela bôa vontade d'aquelle que o havia imposto, ou por outro motivo.

(Continúa)

A BIOMETRIA HUMANA

Da "Revista de Estudos Psichicos"

Por Luiz P. Vandevelde

(Conclusão)

O biometro registra os gráos de expansão de nossa força vital, isto é, por phenomenos de atração ou repulsão que a agulha do *biometro* marca por gráos.

As manifestações desta força, que penetra os organismos, se diffunde, se transforma, e por conseguinte, se exteriorisa, cuja entrada e sahida traduz os estados da vitalidade physica e psychica.

Segundo as notaveis experiencias e observações do Dr. Baraduc, a atração significa condensação do movimento, concentração intelligente da força, afinidade e cohesão atomicas consecutivas, concreção material, em uma palavra: organisação, erecção, vida.

A repulsão representa exteriorisação do movimento livre, funcção intelligente, expansão psychica, dissolução da materia, em ultima analyse: exgotamento, morte.

O segredo da saúde physica e mental, consiste no justo equilibrio e ponderação, entre a entrada e a sahida da nossa energia vital, e a formula «Biometrica» revela nossa polorisação, isto é, nos demonstra que a energia é a que predomina. Por exemplo: a agulha do «Biometro» se move sem contacto, sob a influencia da mão collocada á distancia de dez centimetros, e esta influencia se exerce atravez de um globo do crystal *hermeticamente fechado.* Da interpretação deste facto surge a formula repetindo-se esta analogamente nas experiencias feitas com individuos de temperamento igual e dando em outros casos formulas particulares, segundo cada individuo.

Porque, na maioria dos casos, ha atração para a mão direita e repulsão ou immobilidade para a mão equerda? Temos realisado experiencias com o calor e a luz, nada tendo podido constatar a respeito dessa alternativa de atração para a direita e repulsão para a esquerda, que segundo os individuos, varia em curto espaço de tempo e das formulas «biometricas» e personalissimas.

A's vezes as duas mãos, frias ou quentes atraem e repelem, do mesmo modo succede em occasiões que a direita repele e a esquerda atrahe, ou bem as duas dão um resultado nullo que se traduz por zero.

Este phenomeno obedece a um movimento intimo que emana das condições do *corpo ethereo*, ou fluidico, do gráo de tensão de suas energias.

A força vital que reflui na agulha do *Biometro* não é calor, não é luz, não é electricidade. Experiencias concludentes nos têm demonstrado que o *fluido vital* não encontra difficuldades, obstaculos para atravessar certas materias nem é influenciado por ellas. Por exemplo: o sr. M. B. que goza bôa saúde, tem por formula «biometrica», atração 5 gráos para a mão direita, e 5 gráos repulsão para a mão esquerda. Tomamos pela segunda vez sua *biometria*, mas atravez de uma prancha de ferro de 20 centimetros de espessura, posta entre o *Biometro* e a mão direita e immediatamente com a esquerda, e constatamos as mesmas formulas. Se repete isto atravéz de um vidro, porcelana, cartão e diversos corpos interpostos entre o «Biometro» e as mãos com o mesmo resultado.

Seria longo enumerar as multiplas experiencias realisadas sobre individuos de vibrações anormaes ou sans, distinguil-as daquellas anormaes ou pathologicas. Os factos são os melhores argumentos, e tambem provas, e para que o leitor possa levar em conta a sua importancia transcendental e apreciar seu valor sob o ponto de vista do diagnostico, daremos um resumo do quadro sinoptico das disposições ou estados respectivos da alma e do corpo material, cujo resultado determina uma natureza chamada psychica, animica ou material quando a formula queda constante.

Em nós, no estado normal. a alma vital se descobre por igualdade e bôa vitalidade, pelo equilibrio entre a atração direita e a repulsão esquerda. O typo da formula, atração: 5— rep: 5, é o do corpo equilibrado em suas manifestações materiaes e moraes.

A formula atração dupla, denuncia neurasthenia cerebro espinhal, debilidade vital. Sob o ponto de vista moral, trac:/atrac: quer dizer tristeza, medo, contrição.

A formula Rep:/Rep: indica exteriorisação animica, expansão da alma, alegria ou exhuberancia da vitalidade.

A força o/o significa equilibrio entre a tensão da força vital e da força universal. Sob o ponto de vista moral, quer dizer, calma, frialdade, indifferença, falta de movimento da alma.

Com a formula atrac:/o, o corpo fluido se carrega, condensa a força vital cosmica sobre um dos quatro centros principaes, isto é, craneano, toraxico, sub-diaphragmatico, pelviano. E a formula das neurosis, é hipocondria, enfermidade fluidica por falta de ponderação.

A formula o/Rep: indica uma polarisação da força vital do lado psychico, tudo se dirige ao cerebro. E' uma predisposição que pode chegar até a psychi neurosis, monomania, engendrando um eretismo cerebral.

Estas são as principaes formulas e seus significados, mas ha que observar minuciosamente o andar da agulha, si se move lentamente, o que acontece com as naturezas regulares, ou si os seus movimentos são rapidos, com arrancos, o tempo, sua fixação, que são outros tantos estados do temperamento do individuo.

Pelo resumo que temos dado sobre a «biometria humana», se vê quanto é preciso aos psychologos e especialistas de molestias nervosas, dispôr deste apparelho que lhes permitte sondar mais profundamente os mysterios da vida humana e determinar com exactidão o estado physico e psychico, seja normalmente sensitivo ou anormalmente, como os neuroticos e os desiquilibrados.

* * *

Todas as experiencias tendentes á demonstração scientifica da sobrevivencia pessoal tem sido feitas e até com apparelhos destinados ao verdadeiro controle. Não faltaram as balanças no leito da morte, os instrumentos que indicam a pressão fluidica, as impressões palmares e digitaes, as moldagens da face, das mãos, dos pès, as photographias na claridade e na obscuridade. E tudo comprova a existencia e sobrevivencia do espirito, que maiores prodigios farà ainda, como demonstração de que vivem os seres desapparecidos e podem agir de accordo com a vontade de Deus. — L. B.

Rectificações do Espiritismo à Filosofia e à Ciência

Por DR. RODRIGO SANZ

Da «Revista de Espiritismo» de Lisbôa

IV

5. — E agora, ¿como é que a energia psiquica produz a energia fisica? ¿como é que a energia mental, ou de vontade ou representação, causa a luminosa, eléctrica, gravitatória e, finalmente, a que se mede e substitui, ou pode medir-se e substituir-se?

O Espiritismo ainda não pode responder a isto. Por hoje, limita-se a delinear, cientificamente, um altissimo conceito (vede em que cérebros ele tem estado: Platão, Leibniz, Poincaré) que, até ao presente, tem sido, meramente, filosófico.

Mas adverte logo que, se se quizer perguntar pelo equivalente térmico ou mecânico da energia mental, a pergunta está mal feita, pois o costume do manêjo e consideração da energia susceptivel de medição nos faz pressupôr, erradamente, que a psiquica produz a fisica, *comutando-se*.

Não se comuta, seguramente. O pensamento de Stephenson não se tornou a fôrça viva duma locomotiva, nem o de Edison a luz duma lampada eléctrica. Essa luz e essa potência são, na realidade, efeito do pensamento de Edison e de Stephenson; mas não têm equação naquela outra luz e naquela outra potência que trabalhou nos cérebros ditosos dos dois inventores: são productos duma energia *que os sobrepujava.* «La mente lleva la mole», como disse o poeta, há vinte séculos; mas move-a e leva-a, *porque não equivale*, senão *porque plus-vale.*

6.—E como manifesto corolario do conceito anterior e real consequencia do aumento da energia, chegamos a outro importantissimo, que transcende a Psicologia, do modo mais interessante, ao passo que, em Cosmologia, ilumina focos muito notaveis que, neste momento, constituem a preocupação e cavilação dos fisicos.

E' este, simplissimo: «todos os sêres simples, e, mediante eles, todos os compostos, têm certo grau de liberdade, pela mesma razão que o têm de consciencia (razão *quia)* e aumentam a sua energia» (razão *propter quid).*

Liberdade e não-determinismo, causalidade não rigida: é eleição às vezes, sobre a predeterminação comum. Pois bem, isso é lei universal: ha liberdade no homem, porque a tem e exercita o seu espirito; ha liberdade, em menor grau, nos irracionais, e menor ainda, nas plantas, e menor ainda, na célula, no miscélio e no cristaloide; e tambem existe, como germe do que chamamos arbitrio, até nos electrões dos átomos, os minimos sêres que conhecemos.

Vamos fixar-nos, sómente, nos extremos da escola. Porque essa lei, aplicada ao homem, vem anular uma questão milenaria, a de possibilidade do acto humano livre; e aplicada ao electrão, vem predizer e anunciar aos fisicos o mesmo que hoje em dia e a estas horas os traz perplexos e cavilosos.

7.—Nunca a humanidade duvidou a sério do arbitrio, porque todos sentimos em nós esse poder de querer uma coisa. Mas jamais a Filosofia póde explicar, concludentemente, o arbitrio, nem dar a teoria cabal do acto livre. Sempre se tropeçou em que o acto livre, o que pode ser ou não ser, sem mais que querer ou não, parece contradizer o principio de razão suficiente. Dizer que a razão suficiente dum acto meu é a minha vontade (que é ao que dizemos, ao responder, às vezes, *porque me dá na gana)*, é tirar-lhe—pelo menos assim parece—razão suficiente, pois não é razão um capricho, antes o caprichoso não tem razão alguma, por falta de motivo.

E a ciencia positivista animou, sempre, a mesma objecção, negando possibilidade ao acto livre, por oposto ao principio fisico da invariação da energia total. Porque uma acção livre, ou que não equivalha a outra anterior, nem é comutação dela, pois «aumentaria a quantidade de acção no Universo e, portanto, é absurda» diz o Positivismo.

Mas, posto que o falso e absurdo seja essa invariação da energia universal, ai fica desfeita a grande dificuldade positivista. O acto livre é possivel, é congruente, é necessario na vida universal, porque é o acto em que se aumenta a energia.

E ai fica, tambem, aplanado o caminho dos filosofos sisudos e reflexivos, pois quere dizer que o mesmo ser gera o acto livre e que é ele proprio, a sua psique, a razão suficiente de sua acção não predeterminada, sem que o efeito seja superior á causa, visto que a causa, naquele acto, se torna superior ao que era. Que, por isso, cada acto livre corrobora o caracter e acusa a personalidade.

8.—Vamos, agora, ao outro extremo. Se os electrões devem estar, tambem, sujeitos à lei de liberdade, visto os seus actos consistirem em giros orbitais, passos de nivel para nivel e redistribuições, quando algum se desloca do seu atomo, ou quando os atomos se combinam, segundo as chamadas valencias, se-lo-ão nestes actos ou factos, em que alguns estarão livres, ou não determinados por actos ou factos anteriores. Logo, as leis dessas órbitas, passos e redistribuições não se apresentarão cumpridas, com absoluto rigor, em todos os casos: serão leis *estatisticas*, geralmente cumpridas, mas não, inexoravelmente, electrão por electrão. (Nem as atomicas, atomo por atomo, ou as moleculares, molecula por molecula; pois tomamos, como exemplo, as electronicas).

Pois bem; isto é o que se estuda, agora, afincadamente, em muitos laboratorios de fisica: facto este observado de ha um rôr de anos a esta parte, sem duvida alguma e até com geral surpreza e desconcerto. Donde se conclui que os enunciados matematicos das leis electronicas e atomicas não se cumprem com rigorosa exactidão; que ha casos de não-determinação na conduta de electrões e atomos; que os calculos ajustados a essas leis se cumprem, em regra, mas não sem excepção e *desvios da lei*... ... Porque *desvios* se nos antolham os complementos doutra lei de causalidade livre, interferente com a mais conhecida e comum de causalidade, rigida e predeterminada.

A estas horas já se exagera do outro lado do campo cientifico e, para alguns cientistas, a realidade cosmica é, em si mesma, causal e contigente, e todas as suas leis são estatisticas e de probabilidade... O Espiritismo pode dizer-lhes: «Não é assim; porque ha outra causalidade que nunca havieis considerado em Fisico-Quimica, nem em Biologia. Ao lado da causalidade determinista que, unicamente, admitieis, ha a que se exerce em cada acto de aumento de energia, portanto, não determinada por antecedente. Continuarão, pois, a valer os enunciados matematicos das leis fisicas; mas, nem todos serão apoditicos, pois haverá muitos condicionais. E aplicando o calculo em toda a sua extensão, e, por conseguinte, tambem o de probabilidade, ver-se-á que a realidade completa a Matematica, umas vezes a apoditica e outras estatisticas e provavel».

9.—E aqui terminarei. Perdôe se a um serôdio enamorado da doutrina espirita, que a conheceu depois dos cinqüenta anos, mas que nela, finalmente, encontrou resposta a velhas perguntas do seu entendimento e do seu coração, e tambem luz para uma velha idéa de quando nada sabia—nem estava divulgada em Espanha—a teoria da relatividade (depois da qual se admira de que não esteja ainda revogada a segunda parte do principio da conservação da energia)... Perdôe-se-lhe, digo, que, tendo de colaborar nesta respeitavel revista, não por atrevimento, mas cumprindo indicações do dever, haja escolhido tema em que quiz dar do melhor que em sua pobreza tinha: ao seu amor ao Espiritismo e do seu amor às altas questões do pensamento, cujas soluções, dirigirão, finalmente, a nossa maneira de proceder.

(Tradução de I. D. S.)

EM MEMORIA DO DOUTOR CHARLES RICHET

Por Claire Jeancourt Gouveia

Trad. do «Além» para a Revista Internacional do Espiritismo

Não está mais neste mundo o grande pesquizador de forças espirituaes, elle acaba de entrar em uma vida nova.

As portas da Eternidade se abriram para elle.

Elle conhece agora todos os perturbadores mysterios de ultra-tumba que inquietaram profundamente seu cerebro de pensador.

Sua alma está em face de Deus, e sua obra offerecida a intelligente avidez dos homens, lhe deu direito á immortalidade.

Sabio, philosopho e poeta, Charles Richet muito mereceu de sua patria e da humanidade.

Quando vivo, ella lhe dispensou respeito e gloria, e agora, ella deve honrar sua memoria inscrevendo seu nome com lettras de ouro ao lado d'aquelles que ornam o recinto sagrado do Pantheon.

Como outros elle deu sua vida, sua fortuna e sua intelligencia em proveito da sciencia.

Elle viveu como christão, trabalhou como sabio e pregou como apostolo.

Nenhum problema moral ou social lhe foi indifferente.

Sabio, elle ia a pesquiza de tudo o que podia attenuar o tributo do soffrimento humano; philosopho, elle se applicava para dissipar as inquietitudes moraes; e poeta, embellezava e suavisava a estrada ornando-a de bellezas espirituaes: Verdadeiro principe da vida.

Elle completou seu glorioso destino como soldado pacifico e duplamente patriota, porque soube levar para o além das nossas fronteiras o nome francez e o prestigio de nossa civilisação.

Elle não fazia politica, mas sim patriotismo vivo; suas obras testemunham.

Aspirando a vinda dum homem superior, elle a pesquisou, como dizia Montesquieu, trabalhando para deixar após si os homens mais felizes, porque para elle, o mal, é a dôr dos outros; por isso elle não vivia senão para pensar nas chagas alheias, secar suas lagrimas e remover suas agonias.

Durante um quarto de seculo elle nos tornou participe de sua bemfeitora amisade.

Sua ultima palavra para nós foi na ilha Ribaud e ella está em frente aos nossos olhos e no nosso coração.

Deixamos aos mais competentes o cuidado de falar de sua obra immensa, d'enumerar as multiplas faces nas quaes sua prodigiosa actividade se comprazia novas bemfeitorias para a humanidade soffredora.

Este grande sabio tinha tomado Socrates por modelo e, como elle, elle não conhecia senão o dever.

Sua grande alma se manifestava de todos os modos, elle a pôz nos preceitos dos seus bellos versos de uma eloquencia toda christã:

quel que soit le sort qui traccable,
Oppose au mal un front serein,
Trace l'offense sur le sable !
Grave le bienfait sur l'airain.

Que bella lição e que bello encorajamento o autor de «A Grande Esperança» nos deixa!

Custa pousar a penna quando se fala do grande genio humanitario, que foi o doutor Charles Richet.

Os que o choram devem se orgulhar de vêr que elle occupa maior lugar ainda agora do que quando vivo.

Elle não era senão um homem, e agora é um espirito, um espirito luminoso que não vem unicamente trazer a luz aos nossos olhos da carne, mas nos mais fundos reconditos de nossa alma.

Estas linhas não são senão uma palida homenagem de gratidão ao mestre e ao amigo desapparecido; pedimos aos que elle deixou na terra nos fazer a honra de contar no numero d'aquelles que o admiram, que deploram a sua partida e choram n'o.

Porto, 8 dezembro 1935.

A hereditariedade e os meninos prodigios

Por GABRIEL DELANNE

A sciencia materialista attribuindo as faculdades intellectuaes ao funccionamento do cerebro, em vista dos estudos que tenho feito, sou obrigado a esclarecer em que condições os phenomenos de hereditariedade podem fornecer uma explicação sobre o caso dos meninos prodigios.

Nós temos visto que a palavra «hereditariedade» designa a transmissão dos caracteres anatomicos e physiologicos entre os parentes e seus descendentes ; é um facto indiscutivel.

Mas a sciencia actual nenhuma explicação valiosa offerece. Todas as theorias imaginadas por Herbert Spencer, Darwin, Necgelli, Weismann, etc., são absolutamente incapazes de dar conta deste phenomeno, porque as gemmulas, as micelles, o idioplasma, os idos determinantes, os biophoros, as pangenas, etc., não são senão palavras que não correspondem a realidade alguma objectiva. Em vista disto, deve nos ser permittido, a nós espiritas, utilisar os conhecimentos que temos adquiridos experimentalmente; elles nos autorisam a formular uma explicação que, ao menos, tem o merito de se apoiar na observação e na experiencia.

Visto que o perispirito possúe o poder de organisar a materia, é a elle que nós devemos attribuir esta funcção para explicar a formação do embryão e do fetus. Si verdadeiramente o principio espiritual tem atravessado as escalas da serie zoologica, si elle conservou na sua substancia os traços indeleveis (orgãos atrophiados) desta evolução, é natural que a reproduza abreviadamente durante os primeiros mezes de gestação.

Os caracteres secundarios que pertencem aos parentes, podem ser attribuidos a uma acção magnetica do pae e da mãe que modifica mais ou menos profundamente o typo perispirital do ser que se incarna para lhe dar uma semelhança com os seus progenitores.

Esta hereditariedade physica não é, nem geral, nem absoluta ; entretanto, ella existe por vezes, e isso não é contraditorio com a explicação que eu dou.

E' de outro modo quando se trata da hereditariedade psychologica. Essa não existe, por assim dizer, e si por vezes pode-se descobrir aptidões intellectuaes semelhantes entre parentes e seus descendentes, estas similitudes não são jamais transmissões directas.

Um mathematico, por exemplo, não communicará a seu filho o conhecimento da algebra, assim como um linguista não lhe dará a das linguas que elle conhece perfeitamente.

Eu tenho citado numerosos exemplos que demonstram, não somente que uma quantidade de homens de gènio sahiram de meios os mais obscuros, nos quaes seria impossivel descobrir a causa de suas faculdades eminentes, mas tambem que os maiores homens não tiveram muitas vezes, senão filhos degenerados.

A hereditariedade psychologica é tão pouco frequente que um certo numero de physiologistas tem cogitado de uma lei de inneidade. Na realidade, é bem o que acontece. Cada ser vindo á terra, traz em si toda a bagagem do seu passado e manifesta, por vezes, desde a mais tenra infancia conhecimentos tão prodigiosos que é materialmente impossivel de os attribuir á hereditariedade e ao funccionamento da materia cerebral que não poude ainda adquirir todas as propriedades funccionaes.

Todas as formas da intelligencia são manifestadas com uma clareza incomparavel nos musicos como Mozart ou Beethoven, antes mesmo que elles tivessem podido conhecer as noções fundamentaes da sua arte.

O mesmo aconteceu para os

pintores como Giotto e esculptores como Miguel Angelo que, com 8 annos nada mais tinha de aprender da technica de sua arte.

Que dizer do caso inverosimel, mas, entretanto, bem real, d'um Hennecke que, com 2 annos, sabia tres linguas, e com 2 annos e 1/2, mamando ainda, poude prestar exame de historia e geographia. D'um Hamilton conhecendo com 3 annos o hebraico e aos 7 ainda mais adiantado que a maior parte dos candidatos ao concurso.

E' bem certo que o cerebro dos meninos não deveria servir senão mechanicamente para a enunciação das idéas, porque tem sido incapaz de registrar, em razão de seu desenvolvimento incompleto, a multidão dos conhecimentos das associações de idéas e dos raciocinios que estas sciencias necessitam.

Como eu tenho dito, era provavelmente por um phenomeno de exteriorisação que o espirito incarnado manifestava suas prodigiosas aptidões que elle não tinha podido adquirir evidentemente senão nas suas existencias passadas.

Estes phenomenos são tão embaraçantes para a sciencia materialista, que ella os passa cuidadosamente sob silencio.

Admiraveis Sessões de Provas

Da «Psychic News» *Trad. Prof.a Carlinda Ribeiro*

O Dr. Edwin F. Bowers é um medico de Nova-York que tem tido admiraveis experiencias com mediums de effeitos physicos. A seguir, elle fala de suas sessões com Robert Moore, um medium de materialisação.

Eu testemunhei, diz o dr. Edwin F. Bowers, phenomenos atravez a mediumnidade de Robert Moore, pastor de uma Egreja Espiritualista, em Dayton, Ohio, cujos membros eu costumava attender.

As salas, com frentes para Leste, na Rua 36 em Nova York e nas quaes as reuniões eram feitas, não foram da escolha de Moore ; eram escolhidas pelos componentes da Egreja Espiritualista. Não havia alçapões no soalho, soalho construido de madeira pesada e nem lá havia algum logar fechado, ás escondidas na parte de traz do gabinete (logar onde o medium costumava ficar). Esse gabinete consistia meramente em duas cortinas escuras penduradas em um fio amarrado por mim e outros do grupo, atravez do canto da sala. Atraz do gabinete havia uma parede de 8 pollegadas e atraz dessa parede estava tudo a descoberto.

Assim, nenhuma pessoa poderia chegar no gabinete, vindo por detraz. Haveria a mesma difficuldade para qualquer pessoa lá entrar, indo pela frente, porque quando o grupo completo composto de 30 membros se reunia, a fila de cadeiras, perto do gabinete, não estava mais do que 6 pés adeante. Essa fila de cadeiras em forma de semi circulo fechava a sala de parede a parede. Succediam-se outras filas atraz da 1a. e a unica entrada se encontrava atraz da ultima fila de cadeiras. Assim, se alguem quizesse entrar por essa porta, que sempre se encontrava fechada e trancada antes da reunião, e conseguisse attingir o gabinete, teria, para chegar lá, de passar pela frente da audiencia, subindo antes sobre 1/2 duzia de fileiras de cadeiras occupadas, ou seja sobre cabeças, pernas e corpos dos assistentes, sem que pessôa alguma reparasse, o que seria completamente impossivel.

A sala estava obscuramente illuminada por uma lampada vermelha, da qualidade usada na camara escura dos photographos.

Depois que os olhos das pessoas estavam acostumados a essa luz, o que requeria somente alguns minutos, todo objecto grande como um homem ou mesmo como uma creança, seria promptamente discernido.

Moore (o medium) sentou-se fóra do gabinete, á vista de todos ; durante esse tempo os espiritos eram materialisados (built up) atraz das cortinas por essa condensação de teleplasma, ou irresistivel ectoplasma comprehendido pelos que estudam os phenomenos psychicos. Moore sustentava conversação com um dos componentes do grupo, emquanto a entidade materialisada, conversava por seu turno com alguem que se achava em uma das extremidades da sala, ao lado do gabinete. O medium sentára-se fóra das cortinas que constituiam o gabinete, tendo tomado um gole de agua, entrementes uma entidade semi-materialisada sahia fóra do gabinete, trocando saudações com as pessôas presentes, discorrendo, em seguida, em breve discurso, sobre philosophia moral.

Moore estava á vontade, como sempre succedia em outras casas onde havia estado em experimentação, como succedera no Apartamento a Leste, Rua 36 e se elle fosse transportado para qualquer outro logar, em casas differentes e a qualquer hora, se fosse preciso, os mesmos phenomenos se produziam.

Moore costumava convidar alguns membros da assistencia para sentarem-se ao seu lado, segurando-lhe as mãos e cobrindo-lhe os pés com ambos os pés dos convidados, isso durante a demonstração. Eu, pessoalmente, muitas vezes tive esse previlegio.

Um espirito materializado com o seu medium J. J. Dikson, um phenomeno semelhante (analogo) ao que descreveu o dr. Bowers.

Nessas condições e com todas aquellas circumstancias, vi muitas vezes os espiritos apparecerem, sahindo por entre as cortinas do gabinete. Duas ou trez vezes, quando não havia muitas pessôas á sessão, e, portanto, havendo maior espaço livre, vi aquellas entidades materialisadas passeiarem pela sala, fluctuando mais ou menos 10 ou 15 pés acima do solo e dando suas mensagens confidenciaes a um ou outro assistente.

Essas formas materialisadas, sempre que sahiam do gabinete, saudavam os presentes, fazendo uma ligeira curvatura, beijando um ou outro, beijos esses dados na testa dos contemplados com essa sympathia e que se verificavam sempre que se iam retirar ou desmaterialisarem.

Eu mesmo tenho experimentado varias vezes essa grande ventura. Os espiritos nunca se perturbaram para voltar ao gabinete ou para desmaterialisarem. Depois que elles concluiam suas demonstrações, iam se desintegrando até desapparecerem sumindo-se por entre o assoalho. Algumas vezes esses desapparecimentos eram gradativos, occorrendo, mais ou menos, dentro de um segundo.

Entre os membros que formavam o grupo (mais ou menos composto de 30 pessôas), havia medicos, advogados, um instructor de um departamento da Columbia, inclusive um japonez que occupava um elevado cargo. Haviam tambem um juiz, homem cheio de dignidade e letrado que nos confessou estar elle convencido de que a apparição que estivera muitas vezes ao seu lado e com elle conversára, em tom baixo, era de sua mulher, fallecida ha pouco tempo.

A sessão usualmente principiava com cantico de um hymno ou de alguma harmonia parecida. Nisso havia vantagem de estabelecer relação e de se conseguir as vibrações precisas. Em seguida aos canticos, estabelecia-se silencio por alguns momentos e nessa occasião apparecia uma alta figura vestida á moda indiana, com um manto e trazendo sobre a cabeça um turbante enfeitado, entidade essa que, ao apparecer, saudava os presentes com uma voz guttural, dando a seguir alguns passos pela sala, cumprimentando pessoalmente um ou outro dos presentes para depois retirar-se afim de dar logar a entrada de nova apparição que se dizia sua sobrinha. Tratava-se de uma linda creança apparentando ter, mais ou menos, seis annos de idade. Varias vezes ambas as entidades appareciam ao mesmo tempo.

A creança era dotada de uma grande e dulçurosa influencia, nunca havia sentido taes e tão maravilhosos efluvios; era uma creatura admiravelmente angelica, impossivel descrevel-a, um verdadeiro problema para ser resolvido, deixando a todos os presentes perplexos de admiração.

Essa pequena personalidade tinha adquirido a mais assombrosa somma de conhecimentos; grande variedade de assumptos complexos ella os entendia com verdadeiro saber e tudo isso aprendera durante 30 annos de existencia no «outro lado».

O logar de predileção favorito dessa encantadora creança era sobre os joelhos do medium e ahi sentava-se e saltava como tinha feito quando vivia em nosso mundo.

Vi repetidas vezes, á distancia de umas dezoito pollegadas, esse pequenino espirito materialisado, escarnecer de certas proposições assim como de certos problemas sociaes e economicos da Republica de Platão, ou de Phaedro, Marcus Aurelius, e sobre meditações, criticas de puro raciocinio de Kant, de Spencer. Zombava de outros fundamentos ou de outros assumptos philosophicos, scientificos ou literarios.

Nesse pequeno espaço de tempo que tivemos contacto com esse sêr, entrando em conversação sobre as sumptos varios, deduzimos que a mesma não poderia ter aprendido de forma alguma em qualquer escola deste mundo, pela idade que afigurava possuir.

Numa noite, quando se procedia a sessão experimental, um professor de geologia perguntou-lhe se ella lhe diria os nomes dos gigantes reptis da éra carbonifera, éra geologica na qual as nossas actuaes minas de carvão tiveram a sua origem.

A pequena fada indiana, sorrindo e movimentando levemente a cabecinha de um lado para o outro, como se fôra um pequeno passarinho a prescrutar qualquer cousa invisivel, respondeu com vivacidade: «Não, doutor, eu não posso, mas, se esperar um momento, eu trarei alguem que o fará».

Immediatamente desappareceu como um relampago e não teria passado mais de trinta segundos, reappareceu, vindo do gabinete, acompanhada pela alta personagem que havia apparecido anteriormente. Com uma voz forte e rouca, dirigindo se á assistencia, disse: «Nossa pequena guia disse-me que alguem dos presentes tinha perguntado a ella sobre assumptos de palacontologia e sobre o qual talvez eu tenha algum conhecimento, sendo esse assumpto de minha competencia, pois, sou o professor Geikie-Archibald Geikie.

Um silencio profundo e religioso reinou em toda a sala. O professor continuou: «Posso vos sugerir que vejam nas paginas da minha geologia? Achariam lá uma completa somma de conhecimentos sobre os gigantes reptis da éra concernente a qual foi inquírida». Eu fiz uma notação das paginas indicadas e achei, quando regressei á casa, o livro de Geikie, livro esse que eu tinha estudado na escola superior. De facto havia alli uma completa descripção dos residuos, fosseis da ichthyosaurus, da plesiosaurus e outros estudos relativos aos lagartos d'aquella éra.

Tornou-se finalmente uma usual occorrencia para essa pequena indiana, quando qualquer assumpto estava acima dos seus conhecimentos, interrogar ou solicitar auxilio do habil technico, professor Archibald Geikie.

Preciso accrescentar que essa creança falou em bello allemão e tambem em muito puro hespanhol.

Tenho pensado constantemente, com admiravel convicção, se algum dos famosos prestidigitadores, aquelles que têm procurado imitar os phenomenos psychicos e a redicularisar os mediuns, seriam capazes de demonstrar conhecimentos scientificos tão variados como os que foram amplamente manifestados por aquelle pequeno sêr e pelo espirito que deu o nome de Geikie, discursando esses prestidigitadores sobre assumptos philosophicos ou de literatura, com aquella erudição assombrosa.

São Paulo e o Espirito do Christo

Paulo é um dos filhos legitimos do Christianismo. Seu nascimento deu-se na Estrada de Damasco, quando o Senhor lhe appareceu e lhe deteve os passos, substituindo a empreza de morte, da qual elle era portador por uma empreza de Vida que o Apostolo da Luz, mais do que todos, desempenhou com nobreza de caracter e lucidez de espirito. O grito de Damasco: «Saulo! Saulo! porque me persegues» produziu tal transformação no nosso Doutor, arrebatou-lhe a personalidade de Saulo substituindo-a pela de Paulo e este mesmo vivia sob o dominio incessante de Jesus, á ponto delle dizer: «Eu não vivo mais, mas o Christo que vive em mim». A sua crença cega e avoenga foi substituida pela sciencia, e de seu animo audaz e sobranceiro foi arrancado, como um veneno lethal, a idéa da morte, do crime, do sectarismo, e inoculada a seiva do amor que vivifica, a luz da sabedoria que guia e esclarece o cumprimento do dever que eleva e santifica.

Paulo é o successor do Christo na missão aos gentios como aos Judeus, aos judeus como aos gregos. Os demais Apostolos receberam os Espiritos Santos no Cenaculo de Jerusalém; Paulo recebeu o proprio Christo na Estrada de Damasco. Aquelles perceberam grande rumor no vasto salão e viram linguas de fogo que sobre elles baixaram; Paulo ouviu e viu a Jesus Christo na estrada de «Bosor», vestido como no Thabor, com seu corpo de luz.

Paulo, ó grande Paulo! agora que se processa a transformação do mundo e grandes cousas nos esperam, dá-nos, dobrado, do teu Espirito, como Elias o deu á Eliseu; ajuda-nos com a tua coragem, fortalece-nos com a tua Fé, cerca-nos do teu amor, illumina-nos com a tua sabedoria, para que possamos realisar os planos christicos, magnificamente expostos nas tuas Epistolas. — C.

OS ESPIRITOS INTERVÊM?

(Da Revista de Estudios Psiquicos)

Por Victor Noir

UMA historia de espiritos sempre encontra auditorio numeroso, credulo ou incredulo, mas em todo o caso um bom auditorio.

Em nossa já larga tarefa de caçadores de themas capazes de interessar ou divertir num fugaz minuto logo esquecido, a esse grande soberano absoluto que se chama, o publico, temos recolhido mais de uma vez historias desse genero. E temos podido observar que os sorrisos finamente scepticos ou francamente velhacos que cada um desses relatos faz brotar invariavelmente, tem sido acompanhado tambem por uma scintillação mais ou menos luminosa dos olhares, por uma expressão de anhelo crescente e mal dissimulado em todos os rostos. Quiçá amanhã ninguem sorria.

E' que a humanidade se sente possuida nesses momentos pela coqueteria do infinito e as chimeras de um anno atraz se apresentam como explendidas realidades. Por isso, a negação vae sendo substituida por um immenso signal interrogativo, contra o qual se acha collocada a frente ardorosa de uma pleiade de luctadores de genio.

A humanidade acaba de resolver o problema das communicações pelo ar, mar e terra; conseguiu enviar o pensamento atravez do espaço e lucta agora para surprehender nas vibrações supremas do ether o segredo da sua existencia e de seus destinos.

Por esse motivo, os diarios e revistas do velho mundo e dos Estados Unidos, enchem paginas e mais paginas com relatos emocionantes e plenamente comprovados de manifestações espiritualistas que tornam cada vez mais diaphana a grande cortina que nos occulta o paiz de Ultra Tumba.

Esses relatos são como as primeiras luzes dos navios, de um descobridor gigantesco e incorporeo, que se desenham nas trevas, trazendo-nos a revelação de um immenso universo novo.

Entre os homens de sciencia morre a velha e passageira escola dos que negavam a existencia da alma. Vem a nós, em troco, a historia phantastica e perturbadora, o relato que parece extrahido de um conselho da idade media, das experiencias de um grupo de sabios, que no momento actual tratam de averiguar o peso da alma humana.

Em dois ou tres laboratorios da França e da Inglaterra, essas experiencias são conduzidas sob o maior sigillo por um grupo de homens eminentes, consagrados á solução do problema da vida e da morte.

Sabe-se hoje em dia que collocando-se o corpo do moribundo sobre leitos ligados a finissimas balanças, se nota uma differença variavel de peso, entre o momento da agonia e a primeira rigidez da morte.

Talvez, dentro de poucos dias ou mezes, a grande incognita desappareça para sempre. E é preciso confessar que essa lucta grandiosa é consoladora para os que soffrem e se agitam no mundo. Semelhante esforço faz passar pela fronte do homem um sello de grandeza immortal como o tempo.

* * *

De todas as investigações comprovadas a que se entregam com enthusiasmo sabios e periodistas do mundo inteiro, parece concluir-se que essa intervenção mysteriosa attribuida aos espiritos dos que partiram antes, é cada vez mais franca e concreta em todos os assumptos da vida actual.

Ha alguns annos se resgistravam manifestações inconexas, charlatanices e fraudes de mediums. E' como se um menino evocado do limbo, começasse a ajuntar as silabas, formar palavras sem sentido ante um auditorio.

Agora se notam apparições que se deixam photographar, que offererecem dados sobre acontecimentos ignorados, que aconselham e intervém e multidão de casos concretos.

A nota mais extranha e reveladora dessa intervenção é um testamento de ultra-tumba, que ha poucos annos foi declarado valido pelos tribunaes norte-americanos.

Em agosto de 1910, se apresentou á Côrte de Columbia, a viuva de William H. Crowell, velho empregado do Departamento do Thesouro de Washington, que morreu sem testar, deixando uma modesta fortuna de setenta ou oiténta mil dollars.

A viuvá reclamava essa fortuna, contra os tres filhos que Crowell tinha tido em sua primeira nupcia. Declarava que tanto ella como seu esposo tinham sido assiduos crentes e observadores da theoria espiritista, que haviam acceitado depois de longos estudos e provas.

Acompanhou a Mrs. Crowell ao tribunal, o professor L. O. Keeler, famoso medium de Washington, contra o qual jamais se poude fazer uma accusação de fraude ou charlatanice.

Antes de falecer Crowell, chegou até a traçar sobre um papel, com mão agonica, umas tantas palavras illegiveis. A viuva pediu, então a Keller que obtivesse uma communicação do «morto» afim de poder interpretar essas linhas que ella julgava ser o testamento que fez.

Uma vez em trance hypnotico, Keeler traçou em uma pedra a seguinte mensagem: «Querida Elida: Isto é o que eu queria dizer no papel. Ordeno que meu irmão W. H. Crowell, de Washington, seja meu testamenteiro. Confio absolutamente nelle. Creio que elle seja honrado por meus filhos. Deixo á minha mulher cinco mil dollars da minha fortuna. Ella sempre me amou e cuidou de mim abnegadamente e eu lhe sou reconhecido.»

«Fiz testamento ha muitos annos, mas o inutilisei depois. Será melhor que venha meu irmão e examine meus papeis para vêr como andam as coisas.

«Meu Ruby me recebeu aqui. Vi muitas pessoas. E' um mundo muito bello» — *William H. Crowell.*

O Ruby a quem se referia a mensagem era uma filha de Crowell falecida aos dez annos de idade.

O caso tomou tanta maior importancia, quando o juiz, Roberto E. Dean, um dos grandes advogados de Washington, tomou a defeza da viuva. Os testemunhos chamados reconheceram todos que Crowell se dedicava ardentemente ao espiritismo e, finalmente, uma commissão de calligraphos declarou que a mensagem escripta na pedra pelo medium Keeler, era do punho, lettra e rubrica do «morto».

Em vista disso a Côrte ordenou, com data de 27 Novembro (1910), que se entregasse á viuva, a quantia de cinco mil dollars que o testamento de ultra-tumba lhe consignava.

Eis aqui a historia espiritista mais incrivel da época.

(Continúa)

* * *

MANIFESTAÇÃO DOS ESPIRITOS

As almas ou espiritos dos que viveram na terra, constituem o mundo invisivel no espaço que nos envolve. Resulta d'ahi que desde que ha homens ha espiritos e estes têm poder de se manifestar, como o têm feito em todas as épocas. E' o que o provam a historia e as religiões de todos os povos. Ultimamente, porém, as manifestações adquiriram enorme desenvolvimento por querer a Providencia curar a humanicade da chaga da incredulidade e do materialismo, permittindo aos que deixaram a terra, virem attestar a sua existencia e revelar-nos as condições felizes ou penosas em que vivem. O mundo visivel é envolvido pelo invisivel e vive em perpetuo contacto com este. D'ahi essa mltidão de phenomenos que, ignorados, eram considerados sobrenaturaes. — ALLAN-KARDEC.

Mortal e Immortal

Non omnis moriar.
Horacio.

Por V. CAVALLI

O homem teme a morte porque teme que a morte seja o fim da vida, de sua existencia consciente, isto é, a extincção do seu *eu*: e ao mesmo tempo aspira a immortalidade, experimenta essa necessidade moral por uma especie de instincto. Como se explica essa evidente contradição psychologica ?

De um lado seu temor é fundado, apparentemente ao menos, porque o facto da individualidade humana conclúe com a morte do corpo; e não existindo em face dos sentidos parece certo que não existe de nenhum modo e sob nenhuma forma nova.

De outro lado, sua necessidade instinctiva de não acabar quando morre, de sobreviver ao seu corpo, de viver sempre em sua propria essencia interna, *com o sentimento de si mesmo,* não se deixa aniquilar pelo espectaculo quotidiano da destruição da vida corporal, pela evidencia sensivel de uma lei natural, que obriga a morrer a tudo o que nasce, visto que tudo o que teve principio ha de ter fim...

Pois bem, como pode surgir no homem esse *instincto natural da immortalidade,* em contradição flagante com a *lei natural da morte ?*

Todas as hypotheses sophisticas dos psychologos materialistas para explicar esse phenomeno psychologico, tão absurdo em apparencia, não chegam a satisfazer aos mesmos que as imaginam e formulam.

E' absolutamente impossivel fazer surgir alguma cousa do nada; seria uma verdadeira e propria *creatio ex nihilo* esse instincto geral da immortalidade em todos os homens, em todos os tempos, em todos os lugares, e em todos os gráos da civilisação, da barbarie e da rusticidade, no entanto a idéa da immortalidade é repudiada pelo *facto* mesmo da morte, e não é suggerida por nenhum outro contrario facto da natureza visivel, a não ser que se recorra ás manifestações supranormaes da experiencia religiosa e da esporadica epiphia posthuma.

Assim pois, na *consciencia interna* do homem deve fazer se ouvir um oraculo prophetico e divino, cujo éco chega, ainda que de um modo obscura e mysterioso, á sua *consciencia externa...*

Em resumo, o *espirito* do homem *sabe* que é immortal, porque é eterno, emquanto que o *homem* desse *espirito não o sabe,* mas entretanto, o *sente...*

E o temor da morte, como se explica ?

Explica-se assim: *algo morre realmente com o corpo, o que nasce com o corpo e vive com o corpo,* ou seja a personalidade physica com a sua *consciencia cerebral* e *sensitiva.*

A pessôa *a (mascara,* etymologica e não metaphoricamente falando), cahe e vae-se em pedaços com o organismo plastico, e o espirito herda e leva comsigo o resultado do trabalho feito por meio do organismo.

Por conseguinte o homem material tem razão em temer a morte; e esse temor, como qualquer instincto natural, não engana, e foi dado para preservar e conservar o corpo, que é o instrumento necessario para a tarefa evolutiva do espirito incarnado. E assim, por outro lado, tambem não mente esse outro instincto natural da immortalidade, que é um attributo constituinte da *sciencia transcendental* do ser espiritual.

O fructo maduro cahe, a planta permanece de pé; o homem é mortal, seu *espirito* é immortal.

Desse modo, a contradição psychologica, que não é mais que apparente, desapparece á luz da logica e o mysterio se illumina com a luz meridiana. *Mors janua vitæ.*

Por isso, no somnambulismo magnetico se descobre a consciencia superior do individuo transcendental, o *espirito*; se observa o surprehendente espectaculo de que o mesmo se sinta attrahido a *outra parte*, isto é, ao mundo suprasensivel, e deseje submergir-se ali como em seu elemento natural de vida. Fala de seu corpo com visivel desprezo; da pessoa terrena do *homem*, em terceira pessoa, como si fosse *outra* e ainda a menor é a inferior parte de si mesmo; descobre seus vicios e seus defeitos, e os censura; não quer occupar-se daquillo que tanto occupa e preoccupa o seu *eu* sensitivo, sua consciencia cerebral, seus *interesses* materiaes, e muito menos sua propria *saude physica*. Como é isto?

E' que a orientação já mudou no humbral do outro mundo, e que o *espirito* do homem é muito melhor e vale mais que o homem, e vê e sente que a morte é a *liberdade*.

O contrario deve succeder, por logica necessidade, quando o espirito desincarnado se communica comnosco; volve a penetrar no nosso mundo e a ser, em grande parte, o homem de antes.

Por isso Du Prel ensinava, e com razão, que para ter uma noção menos inexacta da outra vida, é necessario estudar o somnambulismo ao mesmo tempo que o Espiritismo; entretanto, em resumo, não se obterá mais que o conhecimento de um estado intermediario anormal e precario, no do verdadeiramente anormal e permanente.

Si se tivesse presente esta grande verdade expressa por Juvenal em um magnifico exámetro:

> «*Nunquam aliud Natura,*
> *aliud sapientia dicit*».

nossos juizos se approximariam mais da verdade: mas, ao contrario de assim ser, divergem tanto della porque substituira os factos por preconceitos systematicos ou escolasticos: *idola theatride* Bacon de Verulamio. E semelhante substituição conduz á ignorancia voluntaria d'aquillo que mais interessa ao homem conhecer para não descer ao nivel do bruto e chegar a ser *sicut equus et mulus, quibus, non est intellectus.*

Nem mente o temor á morte, nem mente a esperanca de morrer. Morre a forma consciente annexa e connexa do corpo, ficando della tão somente uma reminiscencia archivada com aquella outra forma superior que sobrevive, porque preexiste ao corpo, sua feitura e meio instrumental necessario á existencia physica.

Assim apresentado o problema se resolve facil, clara e satisfactoriamente. A contradição só existe na apparencia.

A natureza é logica sempre em tudo; é a logica em acção.

A morte em face do Espiritismo

A morte, tantas vezes considerada no passado como um feroz tirano, tornou-se, graças ao Espiritismo, um anjo bondoso, cuja tarefa é esperar a alma para a introduzir no vestibulo glorioso das espheras celestes.

O receio da morte era, outr'ora, mais ou menos universal, mas comprehende-se agora que a morte não é mais do que a abertura dos portaes duma vida melhor e mais elevada. Os espiritas sabem que a morte vem simplesmente para conduzir a alma duma camara obscura para uma outra dependencia cheia de luz radiosa. Os que nos precederam nos esperam de braços abertos e nos acolhem com alegria.

O receio da morte desapparece e a esperança, a confiança e o conhecimento da bondade de Deus tomam o seu logar de maneira que se pode dizer com a confiança sublime do apostolo Paulo: «O' tumba, onde está a tua victoria? O' morte, onde está o teu aguilhão?»

R. H. Saunders.

Evidentes desenhos Espiritas

ATRAVEZ DE UMA MEDIUM PARALITICA

The Greater World

Trad. W. Campello

Aqui estão alguns admiraveis desenhos espiritas produzidos atravez da mão de Miss Lilian Brooke, a medium paralytica de Halifax, que recentemente permaneceu em Soutchurch na residencia de Mrs. Butcher (Presidente da Centro Espiritual Christão de Rayleigh).

Este feriado foi o meio da revivificação da mediumnidade de Miss Brooke, ultimamente adormecida devido ao seu estado de saude. Mrs. Butcher escreve: «O guia de Miss Brooke tem-na empregado (usado) constantemente fornecendo extras em numero de quatro sobre cada cartão a cada pessoa que a visitou. Foram produzidos 20 desenhos ao todo e 18 foram reconhecidos. O guia prometteu completar mais alguns emquanto aqui estiver.»

Os tres «extras» aqui reproduzidos foram desenhados sobre um cartão postal fornecido por Mr. H. Adey, secretario do referido Centro, que affirma terem todos sido reconhecidos pela sua familia.

«Cada um de per si é uma figura (retrato) perfeita», escreve elle. «O n.o I é minha tia, o n.o II é meu sogro, o n.o III é minha irmã.»

Após mudança e descanço de um mez em Soutchurch, Miss Brooke retornou agora para Halifax e esperamos que sua mediumnidade continue a funccionar lá tão effectivamente como se deu na praia.

Remettendo-nos os «extras», Mr. Adey descreve os terriveis soffrimentos que atormentaram Miss Brooke. Elle tambem fez referencias elogiosas ao trabalho que está sendo feito por Mrs. Butcher e seu grupo de Espiritos curadores, citando como exemplo o seu proprio caso. Durante 16 annos elle esteve impedido de mover o tornozelo direito, porém sentiu restaurado o poder para mover o musculo com um unico tratamento feito pelo guia de Mrs. Butcher e a cura foi completa e permanente. Agora posso percorrer milhas», escreve elle.

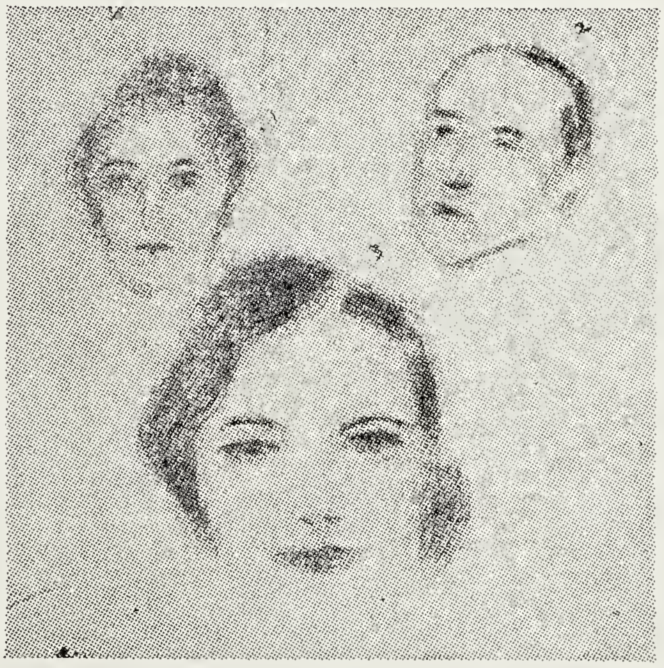

Tia, Sogro e Irmã de Mr. Adey

* * *

A MEDIUMNIDADE

A mediumnidade é a mais bella faculdade humana. Ella representa o sexto sentido, assim denominado por Richet. Este sexto sentido comprehende a variedade de dons, com que Deus dotou os homens para as altas conquistas do espirito. E' pela mediumnidade que Deus tem se revelado ao mundo pelos seus mensageiros, é por ella que os principios religiosos se salientam nas Escripturas; é ella, finalmente, que testemunha a existencia da Immortalidade com suas surprehendentes maravilhas. Cultivae a mediumnidade, pois ella è o laço que vos liga aos entes caros que vos precederam na resurreição e na vida. — CALIXTO.

UMA MEDIUM PRECOCE

Por HENRIQUE NICOUD

A immortalidade se patenteia hoje, de modo assombroso, para que todos, sabios e leigos, comprehendam que uma Outra Vida succede a esta, como o dia succede á noite, e onde colheremos os fructos das sementes que plantamos.

Eu tenho uma neta, que se revelou medium com 5 1/2 annos de idade.

Em um baile, em 1934, minha esposa tomou a neta nos braços, sendo que nesse momento ella disse á avó: olha, mamãe, ahi, mostrando alguem que nós não viamos. Minha esposa perguntou-lhe—onde?—Ahi, respondeu a menina, designando o lugar. Nós viemos a comprehender que a criança era dotada de dons e via o que não impressionava a nossa retina.

A nossa neta veio para a nossa casa onde passou alguns mezes. Ahi então, descrevia com precisão suas visões. Via a mãesinha, via os avós, via varios outros espiritos.

Certo dia, á tarde, minha esposa ouviu uma forte discussão na sala. Foi vêr de que se tratava. Era a neta que incriminava acremente uma entidade imaginaria. Inquerida á respeito, respondeu que ali se achava um padre que calumniava e destratava não só sua mãe como a todos nós de casa, numa linguagem muito baixa e muito feia.

A menina se achava possuida por um indio, que é nosso protector, e resolveu, por intermedio della chamar o insolente á ordem. Ella descreveu a scena como se passou e repetiu o dialogo.

A minha neta sempre descrevia luzes que via no Espaço, mormente á hora da préce, em nossa casa, afirmando que uma luz reflectia sobre a minha cabeça. Perguntei d'onde vinha essa luz e ella, na sua simplicidade infantil, respondeu: «d'aquelle páo»—(era um caibro). Ella me dizia tambem que via um velho de barbas brancas, e segundo a descripção, eu o tinha por um Espirito bondoso e de luz, mas sem saber de quem se tratava. Na vespera do Carnaval do anno p. p. refugiamo-nos em uma leiteria, devido á chuva que era forte, e a menina observando os mostruarios viu numa caixa de bonbons varios retratos, dentre os quaes apontou o que ella via em casa.—«Vôvô -quem é esse homem?»—E' Pedro II. —«E'? — pois é esse velho que eu vejo ás vezes em casa.—Não é possivel disse eu. — «E', sim senhor. Depois tive confirmação de que, de facto, era D. Pedro de Alcantara, que se manifestava á criança. Em casa nenhum retrato de Pedro II havia e nem ella tinha visto, em parte alguma semelhante retrato.

Certa vez, minha netinha viu em uma revista uma photographia de festa numa casa. E quando viu a varanda, pois actualmente é raro uma casa ter varanda, principalmente aqui em Caixias, ella me perguntou: «Vôvô, como se chama isso?» — Varanda, respondi eu.—«Pois eu tenho sempre visto uma varanda como essa e muita gente junta, quando o sr. faz as préces.

Passeando um dia na Avenida Rio Branco paramos em frente a uma vitrine, ella disse-me: «Vôvô, um barco (branco) como esse, eu sempre vejo em casa na hora das préces.»

Muitas vezes contestei a menina, para ver se ella cahia em contradição, mas as suas videncias eram reaes, e ella as descrevia tal como via.

Actualmente a menina tem 7 annos e a videncia é quasi nulla. Ella via com os olhos abertos ou fechados. Talvez essa suspensão de mediumnidade se désse para não atrapalhar seus estudos.

Chronica Extrangeira

Por W. CAMPELLO

INQUERITO DO DIALY SKETCH

The Two Worlds—*Por Rey Brandon*

Por toda a parte vemos o interesse provocado pelo inquerito do «Daily Sketch» no espiritualismo.

O vasto Victoria Hall, onde Estelle Roberts realiza suas sessões dominicaes, fica abarrotado muito antes de começarem os trabalhos. O mesmo acontece nas reuniões de confraternisação (entre espiritualistas e protestantes) em Fortune Theatre, emquanto que muitos recemvindos, attrahidos pela publicidade das investigações, vão a outros centros «para ter informações.»

Sexta-feira ultima, numa reunião de propaganda, organizada pela Igreja Espiritualista de Kenton, Red Cloud proferiu uma allocução atravez do seu medium em transe, depois do que Estelle Roberts deu uma sessão de clarividencia, reunindo-se tão grande multidão de modo a se verem muitos coagidos a retirar-se, desapontados.

Os que assistiram a uma sessão pela primeira vez, deixaram Kenton Hall maravilhados pelo que testemunharam. Red Cloud tratou, no seu maximo, dos ensinos do Nazareno e do modo porque seus ensinos foram desnaturados; emquanto que, a intervallos, as descripções e mensagens transmittidas pela clarividencia de Mrs. Estelle Roberts provocavam murmurios de assombro do denso auditorio.

U'a mensagem a uma recipiente continha vinte nomes proprios e sobrenomes, todos reconhecidos. Entre outras coisas foi descripta a recipiente uma amiga de nome Mrs. Mason, —actualmente no mundo dos espiritos cujo cão actual Benny fora morto sob as rodas de um auto. Tambem foi mencionado um certo Rev. Walton Lee, que, á guisa de evidencia, falou de seus argumentos relativamente ao céu e inferno, accrescentando ter «mudado sua ideia a respeito do inferno», depois do seu ingresso no mundo espiritual!

A uma assistente foi dito ter ella um filho do outro lado. Este rapaz forneceu a numero «16», referente a um anniversario e falou do mez de setembro e rosas, palavras que pareciam ser de toda a evidencia á recipiente. Continuou a recitação de numerosos nomes e de novo todos fodos foram reconhecidos.

«O seu filho encontrou-se com Jack—o tio da senhora—e William», disse o medium, «Lembra-se de uma senhora de nome Mason?»

«Sim», respondeu a assistente.

«Ella tinha um filho, Ted.»

«Bem, essa Mason quer que a senhora saiba do seu encontro com Bessie. Lembra se de Long Tom? Agora elle já não usa a botta com o salto supplementar para levantar o corpo de um lado, desappareceu o defeito physico. Mrs. Mason tambem encontrou se com Edwin Arthur, todos agora no mundo espiritual»

A principio este nome nada despertou na mente da assistente, porém reconheceu-o depois de mencionados outros nomes ao mesmo relacionados.

Mais adiante quando foi mencionado o nome Mrs. Curtis, morta por um cancer e que tinha morado em Walham Green, a memoria da assistente falhou temporariamente.

«Porém ella affirma que a senhora a conheceu», disse o medium. «Espere um pouco, a senhora lembra-se de Kitty—uma jovem que morreu num accidente de bicycleta — Kitty Curtis.»

«Oh, sim, lembro-me agora», respondeu a assistente.

Todas as sessões de Mrs. Roberts estão sendo severamente vigiadas pelo corpo redactorial do «Daily

Sketch» e posso affirmar estar o mesmo profundamente impressionado com o que viu e ouviu até agora.

A decisão final do inquerito se acha com a commissão. Esta está composta de pessoas que não se deixam facilmente influenciar no sentido de proferir um veridicto em favor do espiritualismo.

A investigação será completa no sentido proprio da palavra e devemos congratular-nos com o «Daily Sketch» pelo modo admiravel por que está conduzindo o inquerito.

DEPOIS DA MORTE

Não è prudente a antecipação da vida proxima

The Two Worlds — *Horace Leaf*

O mero facto de espiritos nos dizerem ser o mundo delles superior ao nosso não constitue prova de estarem elles dizendo a verdade. Se nós «somos espiritos agora como sempre o seremos», devemos conter faculdades e poderes que indiquem ser melhor o nosso proximo estado que este. E' irracional pretender alguem, pelo facto do homem morrer, apropriar-se o homem de qualidades absolutamente novas. E' mais razoavel acreditar ser a retirada (separação) da materia a libertação de um estorvo que restringe nossos poderes espirituaes. E' o que os espiritos affirmam.

Pessoas que passaram por experiencias «fóra do corpo» durante a vida terrena, descreveu suas observações. Affirmam que o tempo, espaço, materia, movimento, apprehensão e sua reacção ao novo meio, estão de accordo com os ensinos dos espiritos.

O mundo além

Ha uma notavel experiencia, frequentemente sentida pelos que deixam o corpo temporariamente. E' o que chamam extase ou illuminação espiritual. Experiencias estas muito communs em pessoas profundamente religiosas que nunca deixaram o corpo em vida.

Parece, então, que a vida além differe desta tanto qualitativa como quantitativamente, porém na direcção da mudança progressiva, a differença não é absoluta.

Um bom meio para formar uma ideia de como o além pode ser um avanço sobre o nosso mundo presente, é achar nossas limitações terrestres.

Indubitavelmente, o movimento (locomoção) é uma grave restricção, devido á natureza da materia. A materia impede tanto a ponto do homem ter procurado meios para vencer os impedimentos, o que deu em resultado a invenção de meios mechanicos como estrada de ferro, transatlantico, automovel e aeroplano.

Nosso Sentido de Restricção

O homem tambem construiu apparelhos de supplemento aos sentidos. O telephone augmenta nossa capacidade auditiva; o telescopio, microscopio e televisão ampliam nosso poder visual; o radio é um supplemento da voz humana. Estas invenções mostram ser maior a mente do homem que seu corpo e elle naturalmente lucta contra mundo e carne que o roubam e confinam.

E' devido a este sentido de restricção que encarecemos qualquer coisa tendente a melhorar nossa expressão propria. A linguagem é outro caso em mira. Algumas pessoas consideram-na essencial á sua existencia intelligente.

Inegavelmente, a linguagem é um admiravel meio de recepção e disseminação de conhecimentos; porém, não obstante ser uma das nossas maiores vantagens, tambem ella é uma das mais graves limitações. Ella pode enganar, bem como revelar a verdade. Pode confundir, assim como esclarecer e pode frustar seu proprio objectivo, cortando uma mente de outra, como se pode verificar, visitando-se um paiz cuja lingua é incomprehensivel. Tão decidida é sua restricção a ponto de muitos genios religiosos nos prevenirem repetidamente contra a mesma. Tambem Jesus nos fez ver quão enganosa e prejudicial ella pode tornar-se.

Apezar de não podermos comprehender uma lingua extrangeira, podemos contudo, comprehender a mente do extrangeiro — exprima-se do modo que quizer elle pensa o mesmo que nós pensamos. O processo ideal de communicação seria pela telepathia.

Todos Psychicamente Dotados

A natureza, apparentemente, não nos permitte o uso extensivo deste methodo na terra, porém, temos provas sufficientes para justificar a crença de possuirem todos a faculdade telepathica latente em si.

Indubitavelmente o grande argumento contra o uso geral da telepathia é poder ella revelar demais, porém, o seu uso controlaria nossos pensamentos e deste modo melhoraria a tonalidade mental, moral e espiritual da humanidade.

E' exactamente isto que a telepathia parece desempenhar no mundo espiritual, onde, dizem ser este o modo normal de communicação. Assim temos evidencia de ser o mundo proximo, só por esse factor, melhor que o nosso.

A historia da telepathia nos mostra estarmos destinados a usar esta faculdade futuramente. Ella é activa nos civilizados e incivilizados. Ella evidentemente não é uma faculdade vestigial, porque podemos estimulal-a a um elevado grau de efficiencia entre occidentaes e selvagens. A igualdade por toda parte revela não ser rudimentar.

Uma Descoberta Profunda

Si ella é mais activa entre os de cultura primitiva, é porque elles possuem menos coisas capazes de attrahir sua attenção e o subconsciente, em cujo interior a faculdade parece residir normalmente, não está tão definitivamente cortada da consciencia. Podemos, pois, razoavelmente suppor estar esta faculdade a espera de um meio apropriado á sua acção normal. Isto concorda com os ensinos dos espiritos.

Em virtude do que ahi fica, não é um arrojo affirmar ter o espiritualismo feito uma descoberta profunda referente a um dos factores que tornam a existencia no além muito melhor que a existencia neste nosso mundo. O espiritualismo é por isto um revelador das realidades espirituaes, num modo nunca antes conseguido por outra religião, porque a descoberta scientifica da telepathia pertence, de direito, á inspiração do espiritualismo.

PROVANDO A IMMORTALIDADE PELA CLARIVIDENCIA

The Two Worlds *De Bournemouth*

Grande parte de material de toda a evidencia transmittida atravez da mediumnidade é pouco divulgada. Si as provas mais convincentes, produzidas aos domingos em todas as plataformas espiritualistas fossem relatadas, as provas da sobrevivencia seriam esmagadoras. Mesmo os scientistas, os mais scepticos, correriam o risco de verem o seu scepticismo sepultado sob a massa de informações que os forçária a respeitar o espiritualismo.

Realizou-se uma sessão impressionante no domingo, 2 de Junho, na Missão Espiritualista Charminster Road, Bournemouth. Mr. Horace Leaf estava dando desempenho a um de seus regulares compromissos missionarios de fim de semana para a Missão e com sua allocução e clarividencia deve ter feito luz em qualquer mente sceptica o que é o mesmo que alumiar o todo da vida do sceptico.

A parte numerosas provas que podem ser consideradas ordinarias, elle forneceu numerosas muitissimo convincentes. Assim, quando elle descreveu a uma extranha o espirito de um homem alto (com ricos detalhes) inclusive o ter elle sido em vida um grande caçador de feras na Africa.

«Elle carrega uma espingarda de duplo cano e diz ser — Henry — o seu nome», disse Mr. Leaf.

A dama tomada de assombro e talvez de alegria quasi pulou da sua cadeira. Sim, ella reconheceu o espirito em cada detalhe.

Em seguida Mr. Leaf viu pairar sobre a cabeça de outra assistente uma jovem mulher attrahente.

«Ella era alta e bella. Deveria ter sido anemica», disse o medium. «Não; ella estava tuberculosa. Vejo sangue jorrar literalmente da sua bocca. Ella morreu em consequencia da perda de sangue (exgotada). Ella diz que seu nome era—Doris.»

Não havia vislumbre de incerteza na voz da recipiente, quando ella disse ter conhecido muito bem a jovem e serem exactas as informações de Mr. Leaf relativamente á idade da moça e periodo da sua passagem.

Duas outras assistentes sentiram grande alegria pela apresentação de um espirito de mulher idosa que declarou ter sido visinha de uma dellas e que fôra conhecida pelo nome de Mrs. Phipps. O riso do prazer que illuminou o rosto da senhora que recebeu a descripção revelou sua grande alegria pelo novo encontro de uma amiga, amiga que ella suppunha a morte ter separado para sempre.

O seguinte seria meramente um caso de telepathia? Falei ao casal ao qual o caso se refere e ambos estavam maravilhados; tanto mais que o episodio estava longe do pensamento de qualquer um delles, até que voltou á memoria pela descripção feita por Mr. Leaf. Este pensava tratar-se de um homem morto.

Mr. Leaf disse ver sobre a cabeca da senhora um homem proximamente de 45 annos de idade, de pé junto a um automovel quebrado.

«Vejo», disse elle, «que a roda dianteira direita saltou do eixo e o carro avança perigosamente aos trambolhões. A senhora conheceu semelhante homem morto num accidente de automovel?»

A assistente não atinava.

«O nome do homem é—Arthur» — persistiu Mr. Leaf.

Isto tornou tudo mais claro. Sim, ella conhecera um certo Arthur que soffrera um accidente automobilistico, cuja roda dianteira direita saltara do eixo entre Londres e Worthing. Porém, isto foi ha 15 annos. O homem era de facto seu marido, mas longe de ter sido morto, pois estava presente á sessão.

O DESENVOLVIMENTO EM INVESTIGAÇÕES PSYCHICAS

The Two Worlds

Hereward Carrington

A mente humana pode em certos casos obter informações por algum meio mysterioso desconhecido da sciencia orthodoxa. Pode tambem ler os pensamentos que se lhe referem. Assim sendo, vê-se ser materia extremamente difficil qualquer coisa semelhante a «prova» da sobrevivencia, como já fiz sentir. Alguns sustentam que só podem ser provas conclusivas as communicações de factos desconhecidos de *qualquer* mente viva. Já se conseguiu material desta especie?

Ha numerosos exemplos dos quaes vou citar dois. O primeiro é o caso do testamento de James L. Chaffin. Mr. Chaffin fez um testamento que não lhe satisfez e algum tempo depois redigiu outro, que dobrou e guardou na Biblia da familia, sem mencionar o facto a pessoa alguma. Collocou-o entre as paginas que contem o cap. 27 da Genesis. Todavia, occultou por uma costura no bolso interno do seu velho sobretudo, um papel sobre o qual escreveu as palavras: «Leia o cap. 27 da Genesis na velha Biblia de meu pai.»

Mr. Chaffin morreu em 1921. Em Junho de 1925, seu segundo filho, James, começou a ter sonhos muito vividos com o pai, que constantemente lhe apparecia e de uma das vezes lhe disse: «Você achará o meu testamento no bolso do meu sobretudo» e desappareceu. Na manhã seguinte, James foi á casa da mãe, examinou o velho sobretudo, cortou a costura do bolso interno e achou o papel que continha a mensagem. Então, pela primeira vez, procuraram na velha Biblia e no ponto indicado acharam o testamento faltante, que foi cumprido em Dezembro de 1925.

—

No segundo exemplo, foram obtidas por Mr. Bligh e «John Alleyne» uma serie de escriptas automaticas em latim e inglez medieval. Pretendiam provir de um velho abade que viveu quando a Abadia de Glastonbury florescia. Este edificio é hoje uma ruina completa, existindo sómente uma ou duas arcadas e algumas paredes quebradas. Todos os annos é visitada por centenas de touristes.

Sabe se ter existido, annexa á Abadia, uma capella conhecida pelo nome de Edgard Chapel, porém não ha qualquer vestigio della e nem mesmo qualquer registro a ella referente.

Na escripta automatica, foi indicado o lugar exacto da capella e fornecidos numerosos detalhes precisos como—suas dimensões, internas e externas, a posição da porta que lhe dava entrada, o facto de ter possuido janellas com vidros azues e outros factos de igual natureza. Note-se ter sido tudo isto obtido pelas escriptas vistas por pessoas de escól, annos antes de ter sido revolvido o terreno pela escavação. Quando tudo foi desenterrado, anos depois, os detalhes foram reconhecidos exactos, mesmo quanto ás medidas em pés e pollegapas, fornecidas pelas escriptas automaticas.

Aqui, nestes dois casos temos factos communicados que não existiam em nenhuma mente viva. São excepcionalmente chocantes e suggestivas...

AVISO EM SONHO

O Weekly Post publica a seguinte historia certificada como absolutamente verdadeira :

«Ha alguns annos, quando em gozo de ferias, fui apresentada a um homem encantador. Estabeleceu-se entre nós uma grande amizade, pois muitos pontos de vista nos eram communs e o nosso casamento estava fixado para dahi a tres annos, não obstante a persistencia de uma pequena vóz que me avizava.

Certa noite tive um sonho. Eu estava assentada num logar muito apreciado por nós dois, olhando para o mar, quando percebi a presença de um menino a meu lado. Elle faloume e, olhando ao longe, vi meu noivo vir ao nosso encontro. O menino disse então : «Aqui está meu pai; eu queria avizal a.» Em seguida despertei.

Fiquei tão perturbada com o sonho que perguntei a elle se era casado, assim que de novo o encontrei. Elle riu-se e negou o facto e não havia razão para que o nosso casamento não se effectivasse. Porém, a voz do menino não me sahiu dos ouvidos. Pedi a um amigo para informarse e veio a resposta : «Casado e tem um filho.»

UM NOVO LABORATORIO

A Sociedade para Investigação Psychica de Sheffield inaugurou um novo laboratorio e sala de sessões em West Street. O laboratorio será completamente equipado para investigação, com sufficientes camaras escuras photographicas, etc, etc. A Sociedade foi dividida em quatro grupos para enquetes extensivas sob linhas especificas. O prof. Fraser Harris foi indicado director consultivo honorario. Na sessão inaugural realisada em Builders'Exchange, a 11 de Dezembro, o prof. Fraser Harris falou á reunião. Presidia Mr. O J. Wendlandt. O prof. Harris declarou não ser espiritualista, mas sentia enorme interesse pelo phenomeno anormal. Evidentemente, todos os crentes de religiões não podem ignorar a possibilidade de um mundo supernatural, contudo, elle temia serem pequenos os nossos conhecimentos a respeito desse mundo. Se o phenomeno psychico augmentar a nossa convicção, devemos fazer investigações. O Rev. Alfred Hall disse que difficil é comprehender o universo sem a doutrina da vida eterna; esta doutrina não pode apartar-se da religião. Em seguida Miss Taylor Wagstaff foi controlada pelo seu guia bem conhecido, K. C. e proferiu excellente allocução, ao fim da qual ella passou varias mensagens a diversos membros da assistencia e todos puderam identificar os espiritos descriptos.

UM CÃO QUE FALA

O Progresso de Hoje editado por Miss Lind-af-Hageby, publica na sua ultima edição um extracto de um livro recentemente apparecido em Stuttgart citando trechos do diario da Baroneza Mathilde von Freytag Loringhoven.

Ella tem estado a experimentar durante muitos annos os poderes intellectuaes dos animaes, e ensinou diversos cães a falar e contar. «Kurwenal» foi exercitado a falar por meio de latidos convencionados para cada uma das letras do alphabeto, o numero de latidos correspondiam ás letras usadas.

A Baroneza prova que «Kurwenal» não repete meramente o que apprendeu, mostra iniciativa e pensamento individual e independente. Elle é capaz de ler perguntas impressas sobre papel e fazer observações apropriadas ás mesmas bem como respondel-as correctamente.

Miss Lind-af-Hageby e a Duqueza de Hamilton viram-no ha poucos annos, quando elle somente contava cinco mezes de idade e então revelou sua habilidade para contar. Quando citavam nomes de poetas conhecidos o cão «latia» os seus nomes.

Perguntaram-lhe: «Em que logar está o meu chapeo? Não o acho em lugar algum!» Replicou o cão, «Debaixo da cama!» E lá estava elle.

Apparecendo certa vez diante delle alguns visitantes, depois de responder a muitas perguntas sobre o globo, Africa, Asia e Australia, elle recusou-se a dar mais respostas e «latiu», «estou farto de geographia» (escripto com «f»).

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

Palestras pelo Microphone

O nosso distincto collega Hubert Forestier, presidente da F. S. F. e redactor da «Revue Spirite» continùa com as suas palestras pela «Radio-Toulouse».

Maison des Spirites

A affluencia na Maison des Spirites tem augmentado consideravelmente. Durante o mez foram feitas varias conferencias sobre themas palpitantes pelos srs.: Dr. Andry Bourgeois, Dr. André Dumas, Marc Semenoff, M. Maupan, Hubert Forestier. Mme. Luce Vidi tem dado conferencias com provas demonstrativas, graças ás suas faculdades clarividentes.

Annales du Spiritisme

Esta revista traz um bom artigo do Prof. Moutonnier, sobre a «continuidade da vida».

Archivos do Espiritismo Mundial

Temos sobre a mesa esta publicação, que se edita em Paris, sob os auspicios da Federação Espirita Internacional.

Le Symbolisme

Temos sobre a mesa esta revista, que se edita em Paris.

Revue Spirite

A «Revue Spirite» publicou um bello necrologio do Prof. Charles Richet.

INGLATERRA

União Nacional Britannica

A União Espirita Nacional Britannica consta de 500 centros espiritas de estudo, que se chamam «igrejas» em obediencia á lei ingleza. Ha conferencias, demonstrações mediumnicas, Caixas Beneficentes, «tournées» de propaganda, com uma organisação notavel.

Sir Oliver Lodg e a medium Estelle Roberts

Sir Oliver Lodge tem publicado uma serie de artigos espiritas em «Sunday Dispatch», ao mesmo tempo que «Daily Sketch» vai publicando uma outra série sobre a mediumnidade de miss Estelle Roberts.

Liberdade para pesquizas espiritas

O sr. C. R. Attlee, leader do Partido Trabalhista acaba de se pronunciar pela liberdade das pesquizas psichicas, até aqui limitada pelos Withcraft e Vagrancy Acts.

Revistas e Jornaes

Recebemos «The Greater World», "The Two Worlds" e "Le Resistant á la Guerre".

Este ultimo se edita em quatro idiomas e mantem seus "estados maiores" em 25 nações. O seu principal distinctivo é: "Não matarás". O seu cabeçalho é assim epigraphado: «A guerra é um crime contra a humanidade. Nós estamos resolvidos a nos oppôr por todas as formas á guerra e a luctar contra a guerra.» O jornal está sob a responsabilidade do Secretario Internacional, sr. H. Runham Brown.

BELGICA

A Belgica, segundo relato de M. J. Lhomme está dividida em sete Federações provinciaes que tem, cada uma um delegado na «Union Spirite Belge». O trabalho de propaganda prosegue, devendo se realisar um Congresso Nacional.

SUISSA

Segundo diz o «Boletim Internacional», a crise financeira occasiona na Suissa uma grande difficuldade para a propaganda, assim como a falta de mediums. A Suissa, sendo o centro das Conferencias, uma grande actividade internacional reina no paiz e é assim que a diffusão das idéas espiritas se faz, apezar de tudo.

INDIAS

O chronista da «Revue Spirite» nos diz que o Espiritismo nas Indias vai tendo larga repercussão, graças á acção denodada de Mr. Rishi, cujas "tournées" pela India faz palpitar os corações e vibrar os espiritos. Mr. Rishi é um duplo graduado da Universidade de Bombay. E apezar da sua oratoria e bastos conhecimentos doutrinarios, elle não se satisfaz com a palavra, faz-se sempre acompanhar por um medium que dá demonstrações immortalistas. Segundo o «Boletim da Indian Spiritualist Society» Mr. Rishi effectuou, ultimamente, o segundo trabalho: — Duas Conferencias em Hyderabab, com projecções de photographias espiritas; sessões organisadas para proveito de pessoas desejosas de se communicar com seus parentes defuntos. «Tornée» no Estado de Sind, com o fim de consolar os que choram a perda dos entes queridos.

— "Um monsenhor e a familia desejavam ter noticias de um menino seu parente, victima de um tremor de terra em Quetta. O menino se manifestou e deu provas de identidade. Elle declarou que ia renascer na propria familia e deu o nome que desejava ter.

—"Outro exemplo interessante é a manifestação de duas jovens. Uma dellas declarou que renasceria em uma familia em Guhadgar. As duas jovens chamam-se Durga e Kamba. De facto, foi constatado o nascimento de uma menina depois, que comprovou ser Kamba.

PORTUGAL

A imprensa portugueza está preoccupada com um cégo, que perdeu a vista quinze dias após seu nascimento e que se acha ha 11 annos no Instituto dos Cégos do Porto. Esse cégo que nenhuma instrução tem, faz instantaneamente calculos, os mais complicados.

—

O Dr. Antonio Vilela, medico de grande valor, realisou uma conferencia sobre: "O Espiritismo e a Crença na Immortalidade".

* • *

A Federação Espirita Portugueza assim constituiu sua directoria: pres. Cel. José Augusto Faure da Rosa; vice, Dr. Pedro Carreira Dias de Souza; 1.o secr. José Pereira Serra; 7.o Francisco Alves Carrasqueiro.

—

Temos sobre a mesa a Revista de Espiritismo. Bons artigos e noticiosa.

ALLEMANHA

Temos sobre a messa a interessante revista — "Zeitschrift fur Metapsychische Forschung", sob a direção do Prof. Dr. Christoph Schröder.

HESPANHA

Fizeram conferencias os seguintes oradores: Prof. Asmara, Frederico Climent Ferrer, José M. Francés, Cervello. Font, Nieto, Farrás, Rico, Esteva Marata e Esteva Grau.

Os Centros Amalia, Beneficiencia, "Amor e Fraternidade" estiveram em franca actividade.

* * *

Temos sobre a mesa "La Luz del Porvenir".

ITALIA

«La Ricerca Psichica» publicou a conclusão da monographia do Prof. Bozzano: «Sulla Reproduzione medianica delle crise preagonica nei defunti comunicati.»

• • •

A mesma revista publicou um artigo do Dr. E. Osty sobre a "Memoria».

* * *

Os Drs. F. Paronelli e A. Minghetti fizeram varias conferencias sobre psychismo.

ARGENTINA

Com o titulo «A Grande Esperança»—La Idéa, publica, na 1.a pagina, magnifico artigo sobre os valores actuaes e os que hão de vir.

* • •

A Confederação Espiritista Argentina realisou com suas confederadas uma bella festa campestre.

* • •

Com o thema: «A Canção da Vida» o nosso confrade sr. M. Rinaldini fez uma conferencia na "Sociedade Luz y Vida".

• • •

Dentre as revistas e jornaes que recebemos distinguimos: «Constancia»—«La Idéa» —«Alifan» — «Adelante»—«Resplandor de la Verdad».

CUBAS

Segundo nos informa — "Rosendo" o trabalho de propaganda em Cubas tem se accentuado, havendo verdadeira animação.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Os factos espiritas no Brasil estão se accentuando de um modo promissor. Os grandes diarios da Capital Federal têm noticiado muitos phenomenos, principalmente de curas, que tem deixado arreliados os nossos esculapios da «sciencia official» e os sacerdotes que especulavam com as curas, creando santos milagrosos.

Mas vamos aos factos.

Além das curas do Prof. Mozart, de que nos occupamos num dos ultimos numeros, se salientam ainda as seguintes que tem feito ruido e tem merecido a repercussão nos diarios cariocas.

—E' «A Vanguarda» que assim noticia o caso, com titulos garrafaes e o retrato do paciente:

«A cidade toda conhece o reclamista «Polar». Affonso Silva — é o seu verdadeiro nome—tem feito tanta «réclame» na cidade, que se tornou um cartaz vivo, ambulante, sympathico.

Dias atraz, Polar desappareceu da circulação e soube-se que essa creatura dynamica que tanto animou o movimento do centro urbano, com as suas "réclames" espectaculosas, fôra acommettido de grave molestia: estava paralytico.

Alguns dias depois, elle reapparece e retoma a sua actividade, perfeitamente são, sem o menor vestigio da molestia que lhes haviam attribuido.

Que succedera ? Um boato malevolente?

Nada disso. Polar fôra, realmente, acommettido de paralysia e conseguira ficar bom.

Curou-se num centro espirita.

A historia pode parecer fantastica aos que não se aperceberam ainda do numero verdadeiramente sensacional de pessoas que, no Rio de Janeiro, se tratam e se curam pelo Espiritismo.

Polar foi mais uma.

Affonso Silva veiu á redacção de "Vanguarda" relatar o seu caso, que é, realmente, interessante.

— Imaginem que eu deitei-me perfeitamente bom—diz-nos o conhecido reclamista—e accordei paralytico do braço esquerdo. Paralysia completa, absoluta, total. Não tinha mais o menor movimento no braço. Era como se tivesse morrido esse membro superior. Eu sou canhoto. Não tenho geito para fazer coisa alguma com o braço direito. Façam uma idéa da minha afflicção, do meu desespero.

Durante varios dias, fiquei com o braço morto, em casa, incapaz de tentar qualquer coisa. Minha mulher e minha filha é que me penteavam, me davam o laço da gravata, me vestiam a camisa, o paletó, emfim, serviam-me de braço. Esta paralysia era mais do que uma desgraça: era uma catastrophe.

—Aconselharam-me a recorrer a um centro espirita. E eu fui. Fui ao Centro Espirita Caridade de Ismael, na rua General Caldwell, n. 278. Ahi fui recebido com uma sympathia fraternal que me commoveu. O presidente, depois de consultar ao guia, disse que iria fazer, immediatamente, uma sessão, especialmente para mim. Disse mais que se tratava de fluidos maus que haviam sido lançados sobre mim, em sessões de magia negra.

Fez-se a sessão. Os "mediums" deram as mãos, formando uma poderosa corrente espiritual. Não sei o que senti em mim, mas fui abalado, profundamente, por uma commoção interior que não pude conter. Veio-me uma vontade irresistivel de chorar e as lagrimas me saltaram dos olhos aos borbotões, e a garganta se me afogou em soluços.

Emquanto isso, a medium que recebia o espirito-guia veio a mim e mandou que eu levantasse o braço paralytico.

—Vamos, meu irmão, levante o seu braço! Não tenha receio: levante-o que v. já não tem nada. Fiz um esforço, e o braço obedeceu á minha vontade. Primeiro, vagarosamente, difficilmente. Depois, mais facilmente, até que os movimentos se restabeleceram inteiramente. Minha mulher e minha filha choravam de emoção. Toda gente se achava emocionada, e eu mais do que todos. E agora, estou bom, completamente bom. Depois de 20 dias de paralysia.

Para mim, foi um verdadeiro milagre. Nunca vi coisa semelhante. Como A VANGUARDA é o jornal lido por todos os espiritas, desejei relatar-lhe o meu caso, para que toda gente saiba que eu encontrei a cura, a saúde, e a bonança no Espiritismo, depois de 20 dias de desespero.

Appendicite curada por passes magneticos

O «Correio da Noite» de 23 de Janeiro publicou uma noticia referente a um caso de appendicite curada por meio de passes magneticos.

Trata-se da menina Arminda Ferreira, de 9 annos de idade, filha do sr. Antonio José Ferreira, residente á rua Adriano, 72, a qual, depois de haver a radiographia confirmado a inflamação do appendice, deixa de fazer a operação e se restabelece, com simples passes.

Por indicação do medico que aconselha fosse Arminda submettida a urgente operação, deveria ser ella internada no hospital Jesus.

Emquanto tratavam os seus de arranjar o internamento, foi a menor levada ao «Templo da Verdade» á rua Dona Romana 194-A, onde, apresentada ao capitão Aristoteles foi a mesma submettida aos passes.

Em pouco tempo cederam as dores, pararam os vomitos tão frequentes até então, achando-se actualmente Arminda completamente curada.

Uma tuberculosa moribunda recupera a saúde

A «A Vanguarda», vespertino carioca de 21-2-36, noticiou um caso bem interessante de cura de uma tuberculosa já moribunda, com radiographia attestando os fócos, que, submettida ao tratamento espirita ministrado pelo sr. Alfredo de Souza, do Rio de Janeiro, ficou completamente curada, tendo-se tirado uma nova radiographia que constatou a cicatrisação dos pulmões.

«Chama-se a menina Iracy Gomes de Carvalho e tem 13 annos. Reside á rua Pereira Figueiredo, 99, casa 8, estação de Oswaldo Cruz, com os seus paes, Clemente Gomes de Carvalho e Eponina Gomes de Carvalho.

A sua molestia principiou, ha uns tres annos atraz, com fortes dôres no peito e nas costas, acompanhados de febre. Nesse estado febril, incharam-se-lhe as mãos e os pés. Oito dias após essas primeiras manifestações, os seus paes procuraram os medicos, drs. Waldomiro Antonio Barbosa e Mario de Souza. Estes a examinaram e disseram aos paes que a menina estava muito fraca e que era necessario cuidar sériamente de sua saúde. Mandaram que ella tirasse radiographia dos pulmões. Os paes da menina obtiveram que a radiographia fosse tirada no Hospital Central da Marinha. Examinada pelos drs. Waldomiro Babosa e Mario de Souza, confirmou-se o seu diagnostico: Iracy estava tuberculosa.

Todos os recursos da sciencia medica se revelaram impotentes contra o mal. Durante cerca de dois annos de tratamentos, dietas, etc., a pequena tornou-se cada vez mais fraca e o mal seguiu em progresso. Os escarros sanguineos e as hemoptyses eram frequentes. Chegou um momento, em que a menina só tinha a pelle por cima dos ossos, e toda gente esperava um desenlace, mais dia menos dias. Os paes velavam dia e noite á cabeceira da pequena enferma, cujo fim, parecia approximar-se, rapidamente.

Foi neste estado desesperador, que os paes de Iracy tiveram uma pequena esperança. Uma senhora do seu conhecimento, de nome Dolores, falou-lhes das curas maravilhosas que o sr. Alfredo de Souza vinha realizando, sobre cancerosos e tuberculosos e aconselhou-os a procural-o.

O sr. Clemente Gomes de Carvalho e sua senhora, se bem não tivessem grandes esperanças, pois a menina estava moribunda, resolveram fazer esta ultima tentativa, e levaram a pequena, numa pequena maca, dentro de um automovel, até á residencia do sr. Alfredo de Souza. Iracy se achava em tal estado que já perdera a fala. Apenas arquejava. Chegando á casa do sr. Alfredo de Souza, deitaram a maca no chão e esperaram a vez da menina receber as irradiações. Pois bem, depois das irradiações, a pequena enferma se levantou com assombro de todos. Neste mesmo dia, ella poude andar sósinha, de modo que a maca voltou vasia. Dahi por diante, as suas melhoras se accentuaram rapidamente. Foi isso em setembro do anno passado. Pouco depois, passaram as hymoptyses e os escarros sanguineos. O organismo foi readquirindo as forças perdidas.

Em dezembro os paes da menina resolveram mandar tirar uma nova radiographia, o que foi feito, novamente, no Hospital Central da Marinha, e levaram a chapa ao dr. Waldomiro Barbosa. Este ficou assombrado, quando verificou que a menina não apresentava mais nenhuma lesão nos pulmões. Notaram, entretanto, que ella accusava uma pequena lesão no coração. Iracy continuou o tratamento com o sr. Alfredo de Souza e as melhoras progrediram. Ainda hoje continua recebendo irradiações. Mas está como se não tivesse nada. Trabalha. Ajuda sua mãe nos serviços caseiros. Nunca mais escarrou sangue. Nunca mais tossiu. Não sente dores. Emfim, está radicalmente curada da tuberculose. E não tardará a curar-se igualmente da lesão cardiaca, porque quem pode o mais, pode o menos.

Eis ahi, em suas linhas geraes, um dos casos mais sensacionaes de cura que temos observado. Não merece um inquerito e um estudo consciencioso por parte dos medicos e scientistas, que amam verdadeiramente a sciencia de curar?

São Paulo

Succursal d'O Clarim e da R. I. do Espiritismo

A succursal paulista d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, está a cargo do nosso confrade sr. Umberto Brussolo, rua Visconde Parnahyba, 206, com quem os interessados podem se entender.

— Na succursal, encontra-se alguns livros de urgencia para servir os que desejam estudar.

— O nosso representante, encarrega-se de registros de Centros, bem como attende os espiritas do interior para negocios na Capital Paulista.

Correspondencia da Capital

O Centro Mensageiros da Fé, elegeu sua nova directoria: pres. Fidelis Cesar; vice dito Gregorio Teixeira; 1.o secr. Roque de Oliveira; 2.o secr. Helvecio de Freitas; thes. Aurelio Crepaldi; proc. João Ribeiro.

Os novos eleitos tomaram posse immediatamente.

O irmão Benedicto de Castro Dias, que ha annos vinha exercendo o cargo de presidente deixa aquelle cargo, mas continuará como doutrinador do mesmo Centro.

De Santo Amaro

Tambem nesta antiga cidade, proxima a Capital, o Espiritismo começa a ter os seus adeptos.

Além de diversos grupos familiares, existe o Centro Espirita «Caritas» o qual está em continuo progresso.

Installado em um confortavel salão, sito a rua Barão do Rio Branco n. 1.181 e sob a competente direcção do estimado confrade sr. Nilo Preconá, realisa as suas sessões as terças feiras e aos sabbados ás 20 horas, espalhando a palavra de Jesus á todos aquelles que ainda a desconhecem.

Notas e Factos

Por TAVARES DE SOUZA

Tres macacos descobrem um crime

A nossa collega "Revista de Espiritismo", de Portugal transcreveu do "Diario de Lisbôa" um telegramma sensacional, que revela muito bem a intelligencia animal e, portanto, a existencia da alma nos seres inferiores. Eil-o :

LONDRES, 18.—Um telegramma de Calcuta diz que um crime de morte praticado numa aldeia de Bengala, não ficou impune devido a inteligencia de tres macacos. Foi o caso que dois ladrões assaltaram e mataram, para roubar, um desgraçado que ganhava a vida fazendo dansar os tres animaes. Estes fugiram para cima de uma arvore e viram os criminosos abrir uma cova e enterrar nella o cadaver. Os simios desceram, marcaram o local da sepultura com ramos de bambú e foram á casa do dono, que fica muito longe, e puxando a mulher da victima pela saia levaram-n'a no local. Avisada a policia, foram os macacos que indicaram a pista aos agentes, apontando por gestos e guinchos, o caminho que levaram os assassinos. Acabaram por ser presos dois individuos, que tão bem se defenderam que chegaram a ter ordem de liberdade. O Chefe de Policia lembrou-se, porém, de trazer á presença dos homens, os macacos, os quaes mal os viram se atiraram á elles furiosamente. Foi dificil arrancal-os dos dentes dos animaes. Por fim, cheios de sangue, os presos confessaram que eram os autores do crime.

Propaganda na Columbia

Mr. Francis K. Reimer percorreu a Columbia Britannica, até o territorio de Alaska, desenvolvendo activa propaganda.

As videncias de Mme. Moreau

A "Union Spirite Belge" tem demonstrado aos seus assistentes, a existencia dos Espiritos, depois da morte, por intermedio de Mme. Moreau, excellente medium clarividente.

Manifestações em Portugal e a grande Imprensa

A grande imprensa portuense e lisbonense não se exime de publicar os phenomenos espiritas que se vão verificando além-mar. Ainda ha pouco, além de outros phenomenos deu conta de um calculador prodigioso que está admirando os maiores mathematicos.

Photos Espiritas

Em Bruxellas iniciaram sessões de photographias de Espiritos, com successo. Revue Belge deu um bello cliché comprovante.

Anti-Christo Senhor do Mundo

O chronista recebeu esta interessante obra, que deve ser lida por todos. Com effeito, o Anti Christo vem dominando o mundo atravez dos tempos e actualmente o seu reinado está em grande pujança.

Leiam "Anti-Christo" si quizerem conhecer o Anti-Christo.

[illegible] e Feitos

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

E na «Editora Espirita Limitada»

Rua dos Andradas, 86 Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1281unse

No. 3-7 unavailable

NNO XII — Brasil—E. S. Paulo — Mattão, 15 de Setembro de 1936—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Materia -- Fluido Vital e Espirito
Uma mulher de Endor
Doutrina Espirita
Litteratura de ultra-tumba
Intelligencia attributo do espirito
O Pensamento Espirita em Teologia
A vida no além
Protecção aos «nossos irmãos inferiores»
O fantasma do Convento
Uma sessão de materialisação e voz directa
Chronica Extrangeira
Notas e Factos
Ecos e Noticias
Gazetilha
Espiritismo no Brasil
Bibliographia
A' ultima hora

Uma Photo Espirita

Revista Internacional do Espiritismo

[illegible]

Materia — Fluido Vital e Espirito

[illegible]

ANNO XII — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Setembro de 1936 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

Materia — Fluido Vital e Espirito

NO nosso ultimo escripto deixamos vêr a deficiencia da materia para a explicação da vida. A divisibilidade do atomo e a sua destructibilidade fizeram ruir por terra o castello erguido pela sciencia-materialista.

Esse pantheismo prejudicial e grosseiro que tanto encareceu a sciencia dos doutos e dos lettrados, não tem mais razão de ser. As novas descobertas, no terreno da materia, é preciso frisar bem, devem ter dissuadido os proselytos do materialismo.

Novas verdades vêm nos pôr ao par do meio em que vivemos, e podemos desde já concluir que, ao lado da materia organica, da materia solida, liquida, gazosa, radiante e ultraradiante, existe o *fluido vital*, o *fluido ethereo* e o *Espirito*, cabendo a este o privilegio da indestructibilidade e da indivisibilidade.

Parece-nos que com exclusão do que chamamos *alma*, *espirito*, *principio intelligente*, tudo o mais está sujeito a modificações, a transformações, de accordo com o individuo e o meio. O proprio ether deve passar por modificações, ao menos esse ether mais susceptivel á nossa comprehensão.

A Lei do Universo deve ser: o Espirito evolúe, tudo o mais se transforma. O Espirito se desenvolve, cresce em conhecimentos, se aperfeiçôa; a materia, a força-vital, o ether se transformam, de accordo com as nossas necessidades e o meio em que vivemos.

Cremos que existem forças physico-chimicas que regem os organismos, ou antes oriundas do proprio organismo, mas não é possivel deixar de admittir a força-vital, uma modalidade das forças da natureza, uma forma da energia, que até agora não se conseguiu isolar.

A força, ou melhor o fluido vital se mostra pelos seus effeitos. E' por meio deste fluido que se opera a ligação entre o corpo carnal e o corpo ethereo, ou espiritual, mas como tudo obedece ás leis naturaes e intelligentes emanadas do Supremo Creador, esse fluido se acha sempre de accordo com a especie ou o individuo, e é de prever que sua parte essencial seja aproveitada pelo Espirito por occasião do seu desincarne para a sua acção no Além, ficando, entretanto, essa energia sujeita a modificações nos meios em que o individuo se ache.

A descoberta do *perispirito* veio nos trazer uma valorosa contribuição para o estudo do homem durante a sua estadia na terra, por occasião do abandono do corpo physico e após o seu trespasse para o Além. Deste estudo nos veiu o conhecimento do *fluido vital*, ou *energia vital*. Chegou-se á conclusão que o processo da morte se effectúa pelo exgotamento dessa *energia*. Emquanto perdura o fluido vital, a ligação persiste entre a alma e o corpo; com o desapparecimento desse fluido effectúa-se o desenlace.

A força-vital, como se vê, representa um papel preponderante para o organismo. E' o factor principal da vida, tal como conhecemos em sua apparencia physica. O corpo somatico sem esse fluido não passa de materia inerte, como inerte é uma pedra que jaz sobre um passeio.

A allegoria da pedra pode dar uma ligeira noção da acção do fluido vital sobre o corpo. Si tomamos essa pedra e atiramol-a ao ar, a força que se achava em nossos musculos communica-se á pedra e ella se eleva rapidamente effectuando uma trajectoria; emquanto a força perdura, a pedra está em acção, exgotada, porém, a força, a pedra volta á sua inercia primitiva. Esse facto pode servir de comparação á acção que a força vital exerce no organismo. Emquanto immerso nesse fluido, o organismo coheso se movimenta e age, mas desapparecida essa força, o corpo torna-se inerte, gelido, petrificado, cadaverico.

Estas conclusões theoricas que formulamos podem perfeitamente servir á titulo de hypothese de trabalho para novos esclarecimentos no campo da psycho-physiologia.

O *fluido-vital*, concepção altamente genial, bem estudado, poderia perfeitamente explicar a origem de uma infinidade de doenças e o tratamento adequado para o restabelecimento dos pacientes.

A saúde physica e psychica do individuo deve depender do equilibrio do fluido vital. Si este é deficiente, não envolve e não penetra em todos os membros do corpo, si não tonalisa todo o individuo, ou seja todo o organismo, a parte lesada soffre, sem duvida, porque se resente desse fluido. Si algumas das partes contem maior quantidade, excesso desse fluido, as vibrações celulares accentuar-se-ão, produzindo congestões sanguineas, erupções, etc. Por outro lado si a força fôr insufficiente, apparecerão as paralysias, os formigamentos e outras molestias de depressão organica.

A força vital não pode e não deve ser posta á margem pela sciencia. A execração dessa força é que constitúe o erro da physiologia, cujo caracter materialista nada explica, e além de prejudicar a humanidade, impede tambem a sua approximação da Verdade.

A descoberta de Pasteur, que abriu o campo inexplorado da microbiologia, proporcionou uma grande contribuição para o erguimento da sciencia, mas vamos concordar que sem a admissão da *força-vital* e o conhecimento do *perispirito*, a microbiologia deixa muito a desejar.

Os sabios, os doutos e principalmente os medicos não podem deixar de se interessar pelo assumpto que tratamos, sob pena de grande responsabilidade, pois, da resolução deste problema depende, não sò o progresso da sciencia, o futuro da sciencia, como a saúde publica.

A etiologia da grande maioria de molestias se conserva até agora desconhecida e a medicação symptomatica não restabelece os enfermos. Os discipulos de Hypnocrates com os seus palliativos, e o que é peior com as suas applicações draconianas, querendo fazer do corpo humano um laboratorio chimico, consomem diariamente innumeras vidas.

De outro lado, os progressos do magnetismo, do hypnotismo, com os seus factos positivos, assim como as chamadas «curas pela oração», acceitas hoje por sabios eminentes, como Alexis Carrel e outros, parece esclarecerem a necessidade da adopção da força-vital, cuja ignorancia deste principio tem occasionado muitos prejuizos.

E' fóra de duvida que as propriedades da materia vivente não resultam da mesma materia; em outros termos mais adequados, a vida não é producto da materia, pois, se fosse, a alma seria então o que querem os materialistas, o resultado do trabalho mollecular e das funcções neuricas e cerebraes.

Ora, os factos observados ha quasi noventa annos, cujas narrativas enchem os Annaes do Psychismo, demonstram a existencia da alma independente do cerebro, dos nervos, dos ossos, do sangue, da carne, enfim, do corpo somatico.

Outra cousa precisamos observar: a chimica, que tem feito admiraveis progressos, não conseguiu ainda, por meio de manipulações, fabricar artificialmente o protoplasma, e mesmo que conseguisse, estamos certos, esse producto não satisfaria as exigencias da vida, porque faltar-lhe-ia o elemento vital, que concorre para a nutrição constante do «individuo» afim de ser reparado o dispendio. Esse «individuo» não passaria de uma massa protoplasmica inerte que não responderia as excitações exteriores. Já não fallamos da cellula porque a complicação seria ainda maior.

Convem, entretanto, para não dar logar a más interpretações, lembrar que o papel que a força-vital exerce no organismo está subordinado á intelligencia, por mais rudimentar que seja essa intelligencia.

A «força-vital» não é mais do que um agente ao serviço do «individuo», e a prova temos nas curas de molestias tidas por incuraveis; individuos que durante longos annos, apezar de não lhes faltar o recurso da sciencia-official, da sciencia materialista, permanecerem doentes, até que, por meio de um simples «toque» se restabeleceram.

Como se produziu essa cura? Milagre? Não, porque milagre não existe. E' mais acertado dizer: restabelecimento do paciente, pelo restabelecimento da tonalidade da força-vital, pelo equilibrio desse agente da Vida.

O Espiritismo veiu nos dar uma noção clara da vida, e já tem demonstrado magnificamente, com os seus factos positivos e sua logica de ferro que a doutrina anthropocentrica é irracional e erronea.

O homem se compõe de corpo e Espirito; este já não é mais uma entidade abstracta, uma conjectura, uma cousa metaphysica, mas sim um *ser* concreto e substancial, revestido de um *corpo de ether*, tendo como elemento necessario a *força-vital* para a sua união ao corpo somatico.

A morte é a separação do Espirito do corpo carnal pelo desapparecimento do fluido vital.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx x xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Uma Mulher de Endor

Service, o orgão mensal da Associação Espiritualista de Marylebone, publicou um resumo de um discurso do Rev. Maurice Elliot em Quenn's Hall. O seguinte é um extracto:

«Nunca deveis esquecer ter existido a Igreja Primitiva e que ella praticava seus serviços espirituaes, nos quaes os prophetas prophetisavam, os curadores curavam, os productores de milagres faziam milagres, os clarividentes faziam descripções, muito antes de ser escripta a primeira linha do Novo Testamento. O Novo Testamento foi escripto pelos membros da Igreja para deixar registrado o que a Igreja acreditava e praticava.

No nosso esforço de convencer as igrejas do facto de terem ellas negligenciado o lado espiritual da religião, sentimo-nos grandemente estorvados pelas traducções erradas e más interpretações. Vou dar-vos um exemplo do Velho Testamento. Estaes familiarisados com a Feiticeira de Endor. Eu sempre falo vagarosamente quando abordo esta historia. Essa pessoa de coração generoso e altamente dotada é denominada uma mulher, no original, e esta mesma palavra designa a Virgem Maria e, contudo as nossas autoridades ecclesiasticas ainda permittem a impressão da palavra — feiticeira — no Velho Testamento. Aqui em publico eu declaro que isso é uma desgraça, porque trata-se de um livro chamado — Biblia Sagrada. Pois bem, se continuardes a chamal-a Biblia Sagrada, pelo Amor de Deus, tirae della as inverdades.»

Doutrina Espirita

Por GABRIEL DELANNE

Pensamos ter demonstrado, nos estudos parciaes que temos feito, que os phenomenos vitaes e psychicos que coexistem no homem, recebem uma explicação racional por meio da Doutrina Espirita.

Nada, nas theorias que temos exposto, está em opposição á philosophia das sciencias.

A existencia do perispirito durante a vida e depois da morte, foi estabelecida experimentalmente, com todas as garantias possiveis contra a fraude e o erro ; sua composição fluidica foi constatada pela photographia e podemos conceber sua natureza tomando analogias nos estados em que a materia é duma extrema rarefacção. Sua imponderabilidade não é mais desconhecida que a das forças phisico-chimicas: luz, electricidade, affinidades, etc. Sua acção sobre a materia não é mais extraordinaria que a do magnetismo sobre a limalha de ferro ; enfim, nenhuma das suas propriedades é irracional.

Sua união com a alma é da mesma especie que a das forças ligadas aos atomos materiaes. Se não se pode aniquilar a materia, muito menos se poderá destruir o Espirito, a alma que se manifesta depois da morte, visto ser immortal.

A reincarnação não é somente a conciliação logica de todas as desigualdades intellectuaes com a justiça de Deus ; ella se prova experimentalmente pela incarnação de Espiritos em certos meios determinados, com todas circumstancias predictas antecipadamente, que os farão reconhecer. Se isto é possivel uma vez, sel o á um grande numero de vezes. Admittindo o facto, pode-se comprehender que a reincarnação é uma lei geral para o principio intelligente e applical-a aos animaes, entre os quaes, além disso, pode-se observar factos que parecem confirmar bastante esta verdade.

A existencia do fluido vital, ainda que posta em duvida na actualidade, nos parece indispensavel para explicação dos phenomenos da vida, pois, a evolução e a forma de todos os seres viventes, assim como os phenomenos de reconstituição organica, não são explicaveis pela sciencia moderna.

Nós que conhecemos a verdadeira natureza da alma, offerecemos a nossa theoria, pois resolve logicamente um grande numero de difficuldades.

A causa de todos os quiproquós, que separam os materialistas dos espiritas, está na ignorancia em que se acham os sabios e os philosophos, com relação á existencia e a natureza do perispirito.

Para os phisiologistas a alma não é mais que uma resultante das funcções vitaes do cerebro. Enganados pela concordancia que constatam entre o estado morbido deste orgão e o desapparecimento correlativo de certas faculdades, crêm que ha nisso uma correlação de causa e effeito, e, aquillo que os confirma nesta maneira de ver, é que a faculdade restabelece-se quando o orgão volta ao seu estado normal.

Nós, que possuimos a prova de que a alma sobrevive á desaggregação corporal, sabemos que essa concordancia é devida á acção do perispirito sobre a corpo que fica tolhida se a acção da força vital estiver perturbada, porém que retomará o seu imperio quando a calma restabelecer-se.

A theoria materialista nada explica sobre o universo, constata factos que attribúe ás leis materiaes que se encadeam, determinando-se successivamente. O Espirito é uma possibilidade qualquer, poderia não existir, de sorte que a intelligencia não passa dum accidente da creação. Achamos essa conclusão absurda, porque, sem um ser raciocinador, a creação não teria significação.

Vimos as forças naturaes concorrerem com todas as suas actividades para o brotamento do ser pensante, e quereriam que este ultimo producto da evolução que, em vez de submetter-se passivamente, como seus predecessores, tomou as redeas da direção de seu dominio, seja devido a uma surpreza, a um jogo do acaso?

Tudo na natureza desmente esta conclusão, e mesmo que não tivessemos a prova material da immortalidade da alma, o bom senso faria justiça a estas allegações sem fundamento.

A materia é céga, inerte e passiva, somente se move á influencia da vontade. O que chamamos forças não são mais que manifestações tangiveis da Intelligencia universal, infinita, increada. São os signaes evidentes da vontade superior que mantem o universo. Assim como são indispensaveis os agentes para fazerem executar as leis promulgadas pelas assembléas legislativas, assim tambem é necessaria uma potencia, eternamente agindo, para executar as leis naturaes; todas as mudanças que constatam se na materia só têm um fim: o adiantamento do Espirito, que é a unica realidade pensante. Aproximamo-nos assim dos espiritualistas. Mas estes estudando a alma apenas pelo senso intimo, são levados a attribuirem-lhe uma espiritualidade absoluta que, fatalmente, impede-os de compreender sua acção sobre o corpo. Além disso, tal modo de vêr lhes interdiz a explicação dos numerosos e variados phenomenos da vida inconsciente do Espirito. Ainda não é tudo.

A Philosophia lhes mostra que qualquer estado está necessariamente ligado a um substratum material; que a lembrança, por exemplo, está intimamente ligada a um estado determinado do systema nervoso, sem o qual não poderia produzir se; de sorte que, depois da morte, se a alma é puramente espiritual, não mais terá nenhum dos seus conhecimentos passados, pois o corpo será destruido.

E' chegado o tempo em que os véos devem rasgar-se; o Espiritismo traz provas tangiveis da immortalidade; é preciso que affrontando todos os sarcasmos, todos os prejuizos, elle obrigue os pensadores serios a estudal-a attentamente.

Todos os espiritos que estão mergulhados em suas velhas concepções, serão obrigados a abrirem os olhos ante a brilhante luz da verdade, apoiada solidamente sobre factos irrecusaveis; então teremos a alegria de vêr milhares de intelligencias sabias esquadrinharem o campo esplendido que se abrirá á sua frente. O dominio da materia imponderavel, como o conhecemos é tão vasto que uma mésse fecunda de descobertas será certa para aquelles que lançarem-se ao estudo desses campos ainda inexplorados.

Com a certeza das vidas successivas e da responsabilidade dos actos, muitas questões apresentar-se ão sob outros aspectos. As luctas sociaes que, em nossa época, tomam um caracter terrivel de preparo, poderão ser amortecidas pela convicção de que a duração de uma existencia é apenas um momento transitorio na eterna evolução. Com menos orgulho na classe alta e menos inveja nas baixas camadas sociaes, uma solidariedade effectiva nascerá ao contacto desta consoladora doutrina, e talvez nos seja dado ver desapparecerem as luctas fratricidas, productos ineptos da ignorancia, dissipando se diante dos ensinamentos de amor e fraternidade que são a irradiante aureola do Espiritismo.

* * *

As nossas vistas devem, com muita especialidade nos tempos que atravessamos, estarem voltadas para a Immortalidade. A Immortalidade é o padrão representativo da nossa Doutrina. Sem ella o Espiritismo teria tanto valor como qualquer das seitas existentes. O que destaca a nossa Doutrina de todas é a Verdade Immortalista — a sua insignia incomparavel. — LIS.

Litteratura de Ultra-Tumba

Por Ernesto Bozzano *Da «Revue Spirite»*

(Continuação)

ASSIM como nota o Dr. Prince, é claro que, no no caso de Patience Worth, o verdadeiro problema á resolver consiste em pesquizar onde se poderia encontrar um tão grande numero de obras litterarias de primeira ordem, nas quaes se desdobra uma vasta cultura e um genio notavel, uma riqueza de forma impeccavel no modo de expressar seu pensamento, uma profundeza philosophica, uma sagacidade penetrante, uma espiritualidade elevada, uma rapidez fulminante na concepção das idéas, uma habilidade excepcional no desenvolvimento das operações mentaes as mais complexas; emfim, tambem uma adivinhação apparente do pensamento dos outros. Como tudo isso poude se manifestar por intermedio de Mrs. Pearl Stenore Curran, de Saint-Louis, que, de accordo com suas proprias declarações, com os testemunhos e as provas que vieram á luz, não possúe e jamais possuiu uma cultura correspondente tal como ella mostrou, e nem aspirações nesse sentido.

Agora não nos resta senão applicar ao problema das differentes hypotheses que se pode formular a este respeito.

A primeira que se apresenta é a do «subconsciente», entendido na significação estrictamente psychologica, segundo a qual achar-se-ia em face de um caso de desaggregação psychica e da formação consecutiva duma personalidade subconsciente, fracção systematisada da personalidade integral consciente, que emergeria alternativamente á superficie, seja dirigindo temporariamente o campo consciente do «sujet» seja manifestando-se no exterior pela utilisação da mão e da laringe do mesmo.

O unico psychologo da escola universitaria que estudou pessoalmente o caso em questão, foi o professor Cory, que reconheceu sem restricções o «prodigio duma personalidade mediumnica, reflectindo nas suas obras litterarias a vida e os costumes d'outros tempos e isto com uma competencia e uma familiaridade que não pode deixar de maravilhar profundamente os leitores... «Elle reconhece que o romance «The Sorry Tale» suppõe em seu autor uma massa enorme de conhecimentos sobre a vida e os costumes da Palestina e de Roma na epoca do Christo...» Elle reconhece que a acção de Telka se desenrola na Inglaterra e que este romance está escripto em um idioma archaico pertencente a regiões e epocas differentes..., o que causa uma grande perplexidade complicando ainda o problema para resolver. Tudo isso, segundo o professor Cory, tenderia a demonstrar que «o typo e a estructura da mentalidade de Patience Worth são tão novos, que causa difficuldade imaginar até onde se poderia estender os poderes de sua mentalidade e quaes os limites que se poderia assignalar.»

Sómente depois de haver lealmente reconhecido a complexidade enorme do problema a resolver, o professor Cory concluiu, quando mesmo suppondo que Patience Worth é o producto duma atmosphera de attenção anciosa por uma manifestação do Além ; é, então, mais provavel que essa attenção se tornou o factor essencial da disassociação psychica que se desenvolvia... Patience Worth nasceu nas profundezas do subconsciente. Engendrada na atmosphera do ideal, concebida pela pura fantasia, ella modelou seu proprio ser de uma pura substancia imaginaria e quer permanecer assim, não asssimilando nada que contradiz a illusão que a domina... Segue-se que ella persiste em ter sido uma joven ingleza, tendo vivido na Inglaterra ha varios seculos».

Em summa, o prof. Cory conclúe sem se preoccupar de explicar de que maneira uma fracção da personalidade disassociada pode ser muito mais vasta, mais erudita, mais intelligente e mais genial que a personalidade integral consciente donde ella provém.

Inutil é perder o tempo para discutir uma hypothese litteralmente insustentavel e absurda, sob o ponto de vista logico, nos limites em que quereriam manter os psychologistas orthodoxos. O Dr. Prince analysa, de um lado a outro, o estudo do professor Cory, demolindo successivamente todas as suas argumentações e isso de uma maneira decisiva. Esta refutação do Dr. Prince é magistral; mas em verdade, dez linhas bastariam para abater uma hypothese que não pode ser sustentada, senão em condição de não ser levada em conta os factos!

Quando a analyse critica do Dr. Cory foi publicada, um experimentador informou Patience Worth que um psychologo eminente tinha concluido que ella era uma fracção da personalidade do medium. Eis aqui sua resposta dictada como sempre no dialecto archaico de ha tres seculos:

«Quem então ousou dizer que eu sou uma parcella desviada da imaginação do medium? Quem ousou sustentar que uma grande intellectualidade é filha da imaginação duma pequena intellectualidade? A vóz d'aquelle que proclamar semelhante absurdo ficará sem éco. Que elle venha e me ligue ao medium, se quizer, mas o futuro proclamal o á um TOLO. Sua penna está perdida! A minha é uma penna de ouro temperada na sabedoria antiga. Eu não CANTO para CANTAR mas para meu canto PERMANECER. A idéa de me apresentar uma fracção da «harpa viva» que eu emprego, equivale a distribuir para todos os pequenos, livros, craneos, espadas, vinho e sacramentos para que elles se divirtam. Vede: eu toco a «harpa viva» e ella responde vibrando a união com a vóz da sabedoria antiga.»

Accrescentarei que o Dr. Prince e o Prof. Mac Dugall conclùem á seu turno em um accordo perfeito com Patience Worth. O primeiro nota: «se queria nos fazer admittir que o *mais* está contido no *menos*.» O segundo diz: «tudo isso equivale a sustentar que a *parte* é mais vasta que o *todo*.»

Eu creio que isto pode bastar. Não falamos mais e passamos á segunda das hypotheses que se pode formular.

O Dr. Prince, em varias passagens do seu volume deixa nitidamente comprehender que elle considera a hypothese espirita como a unica capaz de dar conta de semelhantes factos. Entretanto, a circumspecção dum sabio que se dirige a outros sabios que não estão ainda maduros para certas verdades, conclúe propondo um dilemma que é, todavia, constituido de duas proposições que os psychologistas universitarios não gostariam. Elle diz:

— «Eis aqui a these que eu formulei depois de dez mezes de estudos assiduos dos factos: ou modificar radicalmente a concepção do que se chama o «subconsciente» comprehendendo nelle potencialidades intellectuaes das quaes nenhuma idéa se tinha até aqui, ou então reconhecer a existencia de uma causa que age por intermedio da subconsciencia de Mrs. Curran, porém extranha á sua subconsciencia. No primeiro caso se tornaria normal o que se considerou aqui «supranormal» (pelo mesmo modo que a «hypothese», a qual ha um seculo parecia subentender das probabilidades supranormaes, foi depois «normalisada»); no segundo caso se chegaria a admittir o «supranormal.»

Eu, por minha vez, reconheço que se, para os casos analogos a este de que nos occupamos, se renunciava a hypothese do "subconsciente", entendido no sentido de uma fracção systematisada da disassociação psychica do "sujet", e si se admittia a hypothese de Myers, segundo a qual existe, talvez, no homem uma personalidade integral subconsciente, infinitamente mais vasta e perfeita da consciente, dotada de faculdades de sentido supranormaes e de capacidades intellectuaes cuja emergencia esporadica daria logar ás "inspirações" do genio; eu reconheço que si se admitisse tudo isso, se chegaria a dar conta, até um certo ponto, do caso em questão. Eu digo: "Até um certo ponto", porque ter-se ia ainda de enfrentar obstaculos formidaveis.

De facto, se com essa hypothese se chegasse a explicar de qualquer modo a excellencia das obras litterarias dictadas pela personalidade mediumnica, assim como a virtuosidade extraordinaria com a qual ella "jogava com as palavras", não se explicaria então como elle poude escrever romances em um dialecto do XVII° seculo, e isto sem jamais cahir em erro de inserir no texto termos vindos em uso depois de 1600. Do mesmo modo não se explicaria como ella provou estar ao corrente dos costumes e usos da Palestina e de Roma na epoca do Christo. Estas duas circumstancias se transformam em uma grave objecção, pois que uma personalidade integral subconsciente se identifica ainda e sempre com sua propria personalidade normal. Ora, no nosso caso, esta ultima personalidade era totalmente ignorante dos dialectos archaicos empregados por sua suposta personalidade integral, como era dos costumes e usos dos povos existentes ha dois mil annos.

Mas isto não é ainda tudo. E' evidente que uma personalidade integral subconsciente que attesta por factos o gráo mais elevado de sua superioridade intellectual em comparação daquella da personalidade consciente, não deveria jamais se mostrar suggestivel ou auto suggestivel—duas formas pathologicas de stase mental que indicam uma restrição enorme do campo consciente da personalidade humana. Ora, como esta ultima argumentação é incontestavel, segue-se que não se saberia explicar como uma personalidade subconsciente tão superior áquella consciente poude se illudir ao ponto de crêr ter vivido no seculo XVII sob a forma duma pequena emigrada na America e morta em uma emboscada de Indios. Inutil fazer notar como é poderosa esta objecção que parece fundada na experiencia das phases profundas na hyponse e no somnambulismo magnetico, phases nas quaes o «sujet» não é mais suggestivel. Esta objecção é sobretudo indiscutivel em nome da logica e do senso commum, tanto mais que as affirmações da personalidade mediumnica correspondem o facto que ella tem constantemente conversado no patoá archaico que se falava na sua epoca no condado em que ella diz ter nascido. O obstaculo theorico em questão não poderia ser evitado suppondo que a personalidade integral subconsciente de que se trata conheceu bem o que ella era, mas se fez passar por espirito de uma morta afim de enganar os vivos. De facto, neste caso, ir se-ia ao encontro duma enormidade de natureza moral igualmente inadmissivel. Com effeito, uma personalidade subconsciente talmente mais elevada e mais perfeita da consciente deveria ser moralmente superior á esta ultima de modo correspondente; ella não deveria então jamais mentir e sobretudo mentir com intenção estupida e malevola de enganar os viventes, mystificando lhes nas suas aspirações espirituaes e affectivas as mais sagradas.

Intelligencia attributo do Espirito

As manifestações intellectuaes, de caracter espirita, não podem deixar de serem oriundas de seres intelligentes que não fazem parte do mundo material. O facto de não serem esses seres percebidos, por meio dos vossos sentidos physicos, logica e racionalmente, não pode autorisar a inexistencia desses seres. Tantas cousas não attingem aos vossos sentidos e, entretanto, as admittis como verdades incontestes. Não vêdes, nem sentis o infinitamente pequeno, mas sabeis agora que em torno de vós pululam miriades delles.

Precisaes chegar ao conhecimento das cousas pelo estudo e exame dos effeitos. A phenomenologia intellectual do Espiritismo é tão provavel como a phenomenologia physica. E assim como esta não pode mais ser negada senão pelos ignorantes e individuos de má-fé, assim tambem acontece para aquella. O que falta aos homens é intelligencia para chegarem a esta conclusão. — L. B.

O PENSAMENTO ESPIRITA EM TEOLOGIA

(Conclusão)

II — ¿Como não havemos, pois, nós, os espiritistas, de recusar os dogmas católicos, que já não aturdem os sábios, por imponentes como as Pirâmides, senão que os escandalizam por absurdos como os arranha-céus de Nova-York, e que, ainda por cima, já não consolam os tristes, porque a sua falsidade e impossibilidade se tornaram ou vão tornando manifestas, na consciência geral e publica?

Sem esperar que no-lo dissessem os espiritos, já previamos a queda dêsses dogmas, que dará lugar a maiores e melhores aproximações da Verdade e do Bem... Agora, sim: Os espiritos superiores que, geralmente, sabem mais que nós, ensinam francamente, com doce e mansa franqueza, que êsses dogmas, que eram tidos como a flor da sabedoria e do amor, no tempo em que se formularam, estão superados pelo amor e pela sabedoria de 1.700 anos depois e que não são para o nosso tempo. Tudo envelhece, e as Religiões, tambem... O medo do Inferno desapareceu, bem como o terror infundido pelo Demonio; a fé em promessas de Gloria vai desaparecendo, como a fé em todos os ensalmos. E a concepção do Paraiso, do Peccado Original, a Encarnação Divina e da Redenção por Jesus, segue o mesmo caminho; e a idéa do Magistério infalivel da Igreja Romana em assuntos de fé e moral, a mesma coisa... Porque tôda essa Antropologia e Teologia é demasiado simplista, própria de crianças; e a Humanidade culta vai saindo da infância e vê que a realidade é mais complexa e que a felicidade exequivel não vem pela fé céga, mas pela consciência do nosso procedimento: não por comoda obediência ao que não entendemos, senão pelo necessario cumprimento do que penosamente vamos compreendendo que é razoavel e justo.

¿Ah! mas entendamo-nos bem. Recusamos e repelimos o sistema dogmático romano, e o grego, e quantos protestantes hajam conservado parte, maior ou menor, do romano. Recusamos, pois, os de tôdas as Igrejas *chamadas cristãs* (pois não ha outras dêsse nome); como *a pari* ou *a fortiori* recusamos os do islamismo e do judaismo, e de todos os constituidos hoje em Igreja tradicional, uns e outros envelhecidos. Não ha *Religião positiva*, como dizem, isto é, que tenha dogmas e ritos, que nos satisfaça e da qual sejamos confessores. E é certo que, como verdades religiosas, só professamos as fundamentais, que umas figuram em Credos positivos e outras em nenhum, e tôdas são de *fé racional*, fundada no que consta e a todos pode constar, ou de factos, ou por razão irrefragável.

Conclue-se, porém, que não recusamos o pensamento ético-religioso de Jesus e que as nossas teses éticas e religiosas são *essencialmente cristãs, e como as de Jesus-bar-Josef, chamado o Cristo.*

Cada dia vemos melhor que os seus ensinamentos estão mal interpretados nos dogmas das Igrejas chamadas cristãs, umas vezes como se os dogmas as ignorassem, outras vezes negadas e falseadas de facto, sem duvida por causa da ignorância. E a nossa pretenção de boa fé é que o o Espiritismo, nos seus estudos experimentais e na sua doutrina elaborada sôbre os factos experimentais, coincide com os ensinamentos do Cristo, os quais propagamos, ante o mundo moderno, *tal como foram;* e isto, não porque sejamos seguidores de Jesus *a priori*, mas porque *a posteriori* as nossas averiguações e deduções reproduzem os seus ensinos, porque umas e outras afirmam a verdade.

Escute, escute, meu amigo.

Dois são, para nós, os preceitos que resumem e sintetizam o procedimento e sentimento religioso, a essência de tôda a Religião. Um, reconhecer Deus, abatendo os pavilhões do arbitrio em face da magestade da Morte suprema, donde tudo procede. Outro, querermo-nos os humanos mútuamente, como condição *sine qua non* de felicidade e contento, e como manifestação — a mais adequada á nossa pequenez — do amor em obras, que é o fundamento universal da vida, porque, como disse o Dante, até o amor move as estrêlas... E êsses dois preceitos encontramo-los nos Evangelhos, como ensinamento genuino de Jesus que, expressamente, disse que o Decálogo nisso se resumia: amar a Deus com tôda a alma e todo o coração, e ao próximo, como a si mesmo.

Para nós, a lei cosmológica suprema é a de evolução incessante dos sêres para maior consciência, quere dizer, para maior saber e amor e, por conseqüência, poder. E nesta evolução entra a nossa alma ou o nosso eu, que vem de ha muito ascendendo e continúa a ascender, mediante renascimentos na humana espécie, e que ascenderá, indefinidamente, como alma de espécies superiores, noutros astros ou lugares... E êsse conceito, pelo menos na segunda e terceira parte—na sua aplicação ao homem — achamo-lo nos Evangelhos, como ensinamento genuino de Jesus. A terceira, naquelas palavras «sereis como deuses», isto é, chegareis ao que pensais que é Deus; e naquelas outras «muitas são as moradas do Pai nos céus», quere dizer, os lugares donde olha pelas criaturas que o reconhecem. E a segunda, naquelas outras palavras terminantes «é-vos necessário renascer», e em tôdas ou quasi tôdas as suas parábolas ou frases em que avisava que ouvisse quem tivesse ouvidos (a parábola dos vinhateiros, a do espirito baixo que abandona a sua casa e logo volta a ela e a encontra varrida e asseada, a conversação ácêrca de Elias e do Baptista, as suas palavras sôbre o cégo de nascença, etc.)

E escusado é dizer que Jesus ensinava a sobrevivencia da alma, como nós a proclamamos, provada por factos.

Para nós, a lei moral suprema é a da Justiça Absoluta, exacta e matematica a tal ponto, que *justiça* é sómente a necessaria *justeza* nas acções livres, que se cumpre atravéz da evolução... E nos evangelhos, achamos o mesmo conceito genuino de Jesus, quando diz que as dividas morais, ou de desamor, «hão de pagar-se até ao ultimo ceitil.»

Em vista dos factos, é para nós axiomática a comunicação de almas humanas, separadas dos homens pelos *mediuns*... E para Jesus não era menos axiomática, visto que, nos Evangelhos, fala correntemente dos «filhos do outro seculo», dos homens que têm «Espirito imundo», dos que «profetizam» ou falam inspiradamente; e a parabola do rico e Lazaro indica que a alma deste ultimo podia voltar á terra com um recado para os irmãos do rico... E não é passivel duvidar de que Jesus era espiritista e *medium*, como nenhum outro; que conhecia e exercia a cura psiquica, a clarividencia a distancia e no futuro; e que falava dos milagres como de coisa regida por lei e não contra a natureza, praticando-os como dom natural proprio, cultivado na meditação e na austeridade.

E ainda que seja digressão — brevissima - hei-de lhe observar que as Epistolas de S. Paulo e S. João revelam praticas espiritas entre os discipulos de Jesus e que o capitulo XIII da 1.a aos Corintios é um pequeno tratado de mediunidade.

Para nós, jamais se compôs melhor oração que o «Pae Nosso», porque a sua primeira parte exprime os melhores conceitos que de Deus pode ter o comum das inteligencias humanas; e a segunda expõe as maiores necessidades que a comum inteligencia dos homens pode alcançar e que nos afligem e tornam miseros... E o Pae Nosso foi composto por Jesus, e é seu genuino ensinamento... E a sua transcrição difere numa palavra nos Evangelhos canónicos que a transcrevem; porque um diz *panem nostrum quotidianum da nobis hodie*, e outro *panem nostrum supersubstantialem da nobis hodie*: dupla lição reveladora de que Jesus, como nós, considerava grandes necessidades humanas o pão do corpo e o da alma, o de farinha e o de conhecimento, sem o qual até o da farinha falta; e de ambos pedia o bastante na sua prece de cada dia.

Para nós, não ha castigos nem premios eternos, mas necessarios efeitos temporais do nosso procedimento, do nosso esforço, do nosso descuido em nos dominarmos... Nos Evangelhos, bem vistas as palavras genuinas de Jesus, não conseguimos encontrar o conceito do Inferno, nem da Gloria, tal como depois aparecem nos dogmas. O «ranger de dentes», a «escuridão exterior» e o «fogo da Geena» são pintura e alegoria do estado subjectivo das almas culpáveis e que ainda não compreendem a sua situação: não podem significar um estado definitivo e eterno, posto que «havemos de ser como deuses». E nas frases «ver a Deus», «ser consolados», «alcançar o reino dos céus», etc., tampouco aparece o sentido, que logo formulou a Teologia dogmática, de «ver a Deus cara a cara», mas alegoria e pintura da elevação que a alma sente e goza, quando compreende; bem entendido que *compreender* é saber mais e servir mais.

Para nós, não ha pecado original transmitido por herança, senão faltas próprias que vêm de nossas vidas anteriores e que hão de ser reparadas pelo próprio; por conseguinte, não ha redenção por outro, nem Jesus redimiu os homens, mas sómente lhes indicou o caminho da redenção... Nos Evangelhos tampouco encontramos o conceito dogmático do pecado original, mas o outro (caso do cégo de nascença); nem que Jesus se julgasse ou se dissesse redentor, pois bem claro afirmou: «eu sou a luz do caminho».

Enfim, para nós, Jesus não é Deus, nem a Segunda Pessoa divina encarnada... E no relato evangelico, bem examinado e analisado, se pusermos de parte tudo o que for acrescentamento, por desharmonico com o caracter de outras passagens, não achamos que Jesus se chame *filho de Deus*, mas como cada homem e cada sêr; e fala do Pai, e até de «seu Pai que o enviava», como do Pai comum, em cujo nome vinha iluminar os homens, preparado com aperfeiçoamentos de sua alma, alcançados em esforçadas reencarnações anteriores. E no tocante à sua concepção sobrenatural, ou a ser unigénito de sua mãi, etc., as palavras genuinas do Evangelho mostram que Jesus tinha irmãos e que a sua concepção e nascimento tinham sido naturais.

Aqui está o equivoco que necessitava de particularização!... A nossa doutrina e os ensinamentos dos Espiritos sérios e elevados, repelem os dogmas de todas as igrejas tradicionais *chamadas christãs; mas são cristianissimas e restabelecem as de Jesus, falseadas nesses dogmas*... E isto — repito — não porque sejamos seguidores de Jesus *a priori*, mas porque as nossas teses ético-religiosas concordam *a posteriori* com as genuinas de Jesus, postas a claro por diligente critica dos textos evangelicos, que têm sido, evidentemente, acrescentados, intercalados e alterados em muitos lugares.

Leia, meu amigo, «O Evangelho segundo o Espiritismo», de Kardec; e creio que se admirará. E se você se inteirar do movimento e agitação de Pastores e Bispos de Inglaterra e Escócia (alguns católicos) em favor do Espiritismo, em virtude da luz que oferece para compreender os Evangelhos e admitir os seus relatos, creio que ainda mais se admirará.

III.—Com o exposto na I parte àcêrca da divindade divina, já o meu amigo terá compreendido que o seu terceiro argumento *adversus spiritas* se funda numa noção inteiramente errónea da Trindade. Ou antes, todo ele é um conjunto de erros. Nem por negar que o Cristo seja Deus desvanecemos a segundo Pessoa divina (pelo contrario, afirmando-o, é tornar Deus um absurdo), nem desvanecemos a terceira, nem ficamos solidarios com a «Religião judaica» (lembre-se de que tambem a islamita omite a Trindade), nem o conceito da Trimurti ou Triplicidade bramânica, egipcia ou budista —pelo menos como sóe expor-se — tem que ver com o teorema filosofico da Trindade de Deus e de sua essencial e constitutiva Companhia.

E terminarei esta longa epistola, porque outras occupações me aguardam. Um abraço do seu amigo

Dr. Rodrigo Sanz.

A VIDA NO ALE'M

Tradução especial para a Revista Internacional do Espiritismo

Pelo Barão CARL DU PREL

(La Mort L'au Delá — La Vie dans L'au Delà

Contemporaneos d'um periodo em que a religião e a sciencia se combatem encarniçadamente, nós somos tentados a não dar justiça a uma e nem a outra, e vemos o conflito como provindo duma divergencia total nos principios dos dois adversarios.

Toda a lucta na natureza provem de um desvio de equilibrio; mas ella tem, ao mesmo tempo, a tendencia de rehaver este equilibrio creando novas formas. O mesmo acontece com a religião e a sciencia. O antagonismo não existiu em todos os tempos ; não é uma differença de principios que é a causa dos seus debates, e quando mesmo a sciencia fosse obrigada a destruir uma parte do edificio da doutrina religiosa, ella guardar-se-ia de atacar o fundamento. Ella o reaffirmará o contrario—talvez mesmo sem o saber — mas a isso será forçada—levada pela lei do progresso que é a sciencia.

Na origem dum novo sistema religioso nós o vemos sustentar pela sciencia contemporanea. Mas esta reunião não é senão de curta duração ; porque a religião, depois de uma curta evolução, transforma-se logo em dogmas estreitos, emquanto que a sciencia caminha irresistivelmente para o progresso, e quanto mais ella avança maior se torna o antagonismo entre os dois lados. Mas, si bem que os dogmas parecem indissoluveis, chega o momento em que elles recebem uma outra interpretação, de sorte que entram em uma phase em que ficam de novo no mesmo terreno com a sciencia.

E' este o caso para o problema actual do Além-Tumulo. De accordo com a sciencia, na origem, tem havido divergencia total em seguida; mas visto a nova interpretação do problema, chegar-se-ia á conclusão que os adversarios entrassem em accordo e o conflito cessasse.

Uma das sciencias que, em todos os tempos exerceu a maior influencia sobre a solução do problema do Além, e sobre os sistemas religiosos, é, sem duvida, a Astronomia. Para o homem primitivo ella não é senão uma percepção optica e sua concepção religiosa se ressente naturalmente. A terra é para elle o centro do mundo; sobremontada duma abobada celeste semeada de estrellas. No céo que cobre esta abobada, elle colloca os Poderes que o governam, e elle crê em uma sobrevivencia da alma, é ahi que ella viverá depois da morte. O homem primitivo nenhuma idéa tinha das dimensões do Espaço; elle não conhecia as leis de Keppler que regem os astros. Quando elle via apparecer as estrellas da approximidade da noite, acreditava as ver «retornar» ; seu desapparecimento era para elle um afastamento. A reapparição jornaleira do sol foi saudada com uma graça espectial (não sendo considerada como um movimento celeste), e eis porque nós encontramos a adoração do astro do dia entre as religiões as mais antigas, adoração que os romanos mesmo tinham adoptado e mantido. Sob a influencia de semelhantes noções astronomicas, é muito natural que a religião se tornasse geocentrica e anthropocentrica. O dogma principal da religião christã (catholica e protestante), a «Redempção da humanidade pelo Filho de Deus» tomou raizes em uma época em que a terra era ainda considerada como o ponto central do universo e o homem como o ser superior da creação, assim como se considerava o phenomeno da vida restricto ao nosso planeta.

Copernico, sobrepondo a apparencia optica desalojou a terra do centro do Universo e continuando a sondar as profundezas dos céos chegou a reduzir a capital á de uma modesta villa, de provincia; em seguida veio a analyse espectral, que nos revelou que o phenomeno da vida repercute em todo o universo; de sorte que a humanidade perdeu muito da sua importancia. Nestas condições é inevitavel que a religião do futuro se prepare e que será de novo accordo com os conhecimentos astronomicos actuaes, não será mais, nem geocentrica nem anthropocentrica e a idéa da creação será a da evolução.

Barão Karl du Prel

O problema do Além-Tumulo como os demais, foi egualmente baseado pela apparencia optica. Collocava-se o Céo em cima da abobada celeste e considerava-se a passagem da alma para o Além depois da morte, como uma ascenção. A astronomia pois fim a esta concepção demonstrando que nós nos achamos num espaço infinito onde não ha alto nem baixo. Mas esta adapção de nossas vistas ao progresso da sciencia, não corresponde ao renuncio da nossa crença no Além.

Encontramos em toda a parte e sempre, na consciencia humana, o sentimento innato e indestructivel, que fóra e acima da marcha das cousas, que nós observamos pelos sentidos, deve haver um outro estado de cousas imperceptivel á nossa consciencia cerebral; em uma palavra, a physica deve ter sua metaphysica. As ruinas dos templos de que não conhecemos mesmo os constructores, as milhares de igrejas e de capellas que cobrem a superficie da terra, nos provam que o homem, no seu fôro intimo, é um ser pensante metaphysico e consciente.

E' verdade que este pensamento e esta consciencia tem creado uma massa de objectos repugnantes, mas esses objectos mesmo possúem um fundo racional. Não encontrando a essencia das cousas na natureza visivel, a imaginação do homem creou um mundo de symbolos allegoricos para representar a origem das cousas e sua evolução. Estes presentimentos metaphysicos têm encontrado a sua expressão nas formas variadas e tolas que têm servido de base aos systemas religiosos e que eram os melhores adoptados para servir de formula á crença das massas.

Estas intuições encontraram sua expressão mais pura nos systemas philosophicos dos Gregos e Germanos; mas as suas vistas elevadas permaneceram sempre inacessiveis ao entendimento do povo. Ellas permanecerão, entretanto, indestructiveis no homem em geral, porque elle se sente ligado, por sua natureza a esta ordem de cousas metaphysicas e tratará sempre de examinar as relações que existem entre elle e a causa primaria. E' verdade que os systemas religiosos baseados nesta base especulativa, jamais chegaram a tomar uma forma concreta; elles puderam a pouco e pouco mudar o aspecto para introduzir outras formas. Assim será no futuro, porque a lei da evolução terrestre não póde separar a intuição metaphysica da natureza do homem. O esforço dos padres para moldar as religiões em formas fixas, «soi-disant» eternas, não deterá a evolução, ao contrario, a decomposição está mais que certa, porque o que não pode resistir á analyse e ao progresso da sciencia ha de perecer. Pode-se dizer com toda a consciencia, que os padres teem sido em todos os tempos os inimigos mais declarados da religião, pois que elles timbram de fingir o sentimento religioso innato, transformando-os em dogmas esdruxulos e sem vida.

Os systemas religiosos que tentam explicar as relações do homem ao estado metaphysico das cousas, variam segundo as épocas. Mas nenhum systema encontrou uma formula correspondente á verdade e á realidade. O Universo permanece sempre immenso, incomprehensivel; os mais eminentes espiritos têm debalde tentado uma solução do enygma; nenhum mortal chegou ainda a levantar o véo de Isis.

E' verdade que se pode constatar o progresso lento mas seguro nesta evolução centenaria dos systemas philosophicos, mas todos abraçam esse progresso como uma obra de Sisypho e não têm a coragem de se interessar por esse progresso. Chega o momento em que a humanidade desesperada de não ver resolvido esse problema metaphysico, renuncia a religião e a philosophia e dedica-se exclusivamente ao estudo das cousas visiveis para ficar assim satisfeita. Esta phase tem, certamente, seu lado bom, ella é mesmo necessaria ao progresso e á civilisação; mas quanto mais este systema se desenvolve, mais se mostra o inimigo da civilisação. O nosso seculo viu desenvolver-se a sciencia physica a um grau que era desconhecido; mas podemos constatar o reverso da medalha. Pouco se crê em uma metaphysica, a religião recebida dos meios hippocraticos e a philosophia é despresada mesmo das pessoas cultivadas. E' um axioma universalmente reconhecido que não ha senão cousas physicas que é preciso estudar, que a verdade não se encontra senão por meio da experimentação, o mesmo caminho que vai ter á Verdade.

Nós reconhecemos de bôa vontade que os estudos physicos, sob a dependencia da metaphysica nos têm proporcionado grandes cousas; elles nos proporcionam grande bem-estar material e puzeram as forças da natureza ao serviço da humanidade. Mas de outro lado elles crearam uma tendencia de não tratarem senão das cousas visiveis e terrestres, negando toda a metaphysica e ahi está o perigo iminente, pois que é no detrimento dum factor iminente da civilisação que vemos a moral soffrer. E' um absurdo pretender cultivar a moral e outros sentimentos ideaes, sem os quaes a sociedade não pode existir como corpo solidario, quando se retira o seu sól natural: a metaphysica. Nestas condições elles desapparecem infallivelmente, e as consequencias incontestaveis são a brutalidade e a indisciplina das massas. Vemos nos nossos dias os crimes e as malfeitorias se multiplicarem, vemos a brutalidade progredir nos estudantes e no Parlamento, constatamos o horrivel crime da viviseção que mostra onde nos conduz o desenvolvimento da intelligencia sem o factor moral para guial-a. Eis porque vale a pena perguntar se temos o direito de abandonar o estudo da metaphysica. Não desejamos que se pense que a metaphysica está em opposição aos estudos das sciencias physicas; neste caso haveria antagonismo como para os dogmas das religiões. Si a metaphysica se occupasse dum Além Tumulo sobrenatural ella não se differenciaria das religiões e não poderia se entender com a sciencia physica, pois esta deve ter por base provas e estudos sobre a lei causal, e em geral o «sobrenatural» escapa á investigação: não se pode estudar senão o que é natural.

Nós temos, então, de examinar o que se entende por Além-Tumulo, para vêr se o conflicto entre a metaphysica e as sciencias naturaes é real ou se não é senão apparente e se não se poderia fazer cessar este conflicto, dando ao Além-Tumulo uma definição mais clara e mais exacta.

(Continúa).

Protecção aos "nossos irmãos inferiores"

Por AMADEU MENDES

A minha casa dá para o valle do Pacaembú.

O leitor, é evidente, nada tem a vêr com esta particularidade, que só a mim interessa.

Torna-se, porém, necessario, mencional-a, para esclarecer a scena que se segue :

Muito antes dos primeiros albores da aurora, acordei-me certa noite, aturdido por um insolito rumor que vinha da rua—rodar bulhento de carroças que passavam, guizos, chocalhos estridentes, estalos de pinguelins que feriam o ar.

Como não findasse, desde logo, o estrepito, mas, ao contrario, persistisse com as mesmas caracteristicas dos primeiros momentos — levantei-me e abri a janella para inquirir.

Na noite de luar claro, a via-lactea parecia, — para usar de uma imagem que não é minha — um immenso ramo de amendoeira florida e o concavo do valle em um mar de nevoeiro, que se dilluia no alto.

Os meus olhos, áquella hora, destinada ao somno e a repouso, não desejavam porém se extasiar nas maravilhas do firmamento estrellado, nem na contemplação do bello phenomeno meteorologico, mas indagar a origem do barulho extranho.

E não foi difficil certificar-me do que se tratava :

Eram algumas carrocinhas, puchadas por burros, que conduziam terra, de um terreno baldio, fronteiro á minha residencia, para uma construcção que se iniciava em rua proxima.

Deus do céo ! Aquella hora, em que a propria natureza, envolta no manto da noite, adormece na tranquillidade dos seres e das coisas, alguns entes racionaes teimavam em não dormir e, o que é peior, não permittiam que as suas alimarias repousassem das fadigas do seu dia bem trabalhado e bem ganho.

Soube, depois, que esses impavidos labutadores eram empregados de um adorador de Allah, individuo destemeroso no trabalho, que os chefiava e, como elles, se entregava áquelle mistér indesejavel e arduo.

Ante á minha insistencia indagadora—tão fundamente me impressionou o extranho caso—informaram-me mais que o homem, operario das deshoras, insatisfeito com a lentidão do augmento dos seus haveres, no commercio das fazendas, dos botões e das fitas, installava, durante o dia, a esposa á testa da sua loja, emquanto elle ia, com a sua carroça, e o seu burrico e a sua ganancia, em busca de mais facil e apressada fortuna...

Nesse insoffrido trabalho, nesse febril açodamento, em amealhar teres para a sua bolsa exigente e insatisfeita, presente-se o futuro morador dos nossos melhores palacetes e das nossas mais ricas avenidas.

Não serei eu, no entanto, quem invectiva o desdobramento de sua actividade e o censure por saber os seus olhos sempre voltados para o seu mealheiro, que elle não se cansa de augmentar.

Esses assomos de enthusiasmo pelo trabalho, deveriam, porém, delimitar-se ao seu esforço pessoal. Aliás á incontinencia de sua desabalada actividade a ajuda do irracional, é empresa que está a pedir embargos e correctivos immediatos.

A offensa aos sentimentos de piedade, deste caso, para com aquelles que não dispõem de defesa, a não ser a propria commiseração humana—sempre tão periclitante e tão fragil pouco representaria si não fosse apenas uma das pequeninas contas do immensuravel rosario de soffrimentos a que estão sujeitos os irracionaes, no auxilio quotidiano que prestam ao homem, nesta nossa bem amada e super-civilizada cidade de Piratininga.

Para protegel-os ha aqui na capital duas sociedades, com o honesto intuito das velhas arvores, frondosas e ramalhadas, fincadas em campo aberto, que offerecem, com a benignidade de um deus lar, aos fatigados das soalheiras escaldantes e das caminhadas longas, o agasalho de sua sombra, acolhedora e amiga.

E, como complemento áquella protecção, mas com propositos mais amplos, uma lei federal estende a todo o paiz o amparo aos que a natureza fez incapazes de articularem pela voz, as suas dôres, os seus martyrios e as suas queixas.

Sem depreciar o nobre intuito daquellas associações, antes applaudindo calorosamente o seu esforço e o seu gesto nobilitante, de raro desprendimento pessoal, e, sem desconhecer que a referida lei já é um indicio seguro da nossa civilização e do nosso progresso, força, porém, é confessar a quasi innocuidade de uma e de outras.

Para a realização de tal finalidade elaboraram-se estatutos, fizeram-se regulamentos e decretaram-se leis.

No entretanto, com um tão bello apparelhamento de força propugnadora da justiça, a defesa dos animaes continúa quasi como nos tempos em que a propalada protecção não existia. Por que?

E' que a liberal democracia, neste particular rege-se, apenas, e tão sómente, por um dos seus tres poderes.

O executivo e o judiciario são letra morta, no caso em apreço.

Ha a lei, mas não ha os orgams para julgar e para compellir o cumprimento della.

Quantas vezes quem escreve estas linhas, ao assistir a uma scena revoltante—um esqueletico animal entre os varaes de uma carroça, com peso excessivo ás suas minguadas forças e ainda sob o impiedoso açoite de um chicote feroz; ou uma cavalgadura em trabalho, sangrando, de ferida aberta; ou centenas de outros, — quantas vezes, diziamos nós, não fomos compellidos a arrostar a ira dos responsaveis por esses soffrimentos, apesar da incerteza que levavamos no problematico prestigio que nos dariam as autoridades, si o caso tivesse de ser resolvido na policia, em virtude da rebeldia do culpado.

Quanto Sancho Pança, ajuizado e prudente, não viria tambem no nosso gesto, arroubos visionarios do fidalgo manchego!

Mas si é certo que os animaes possuem a faculdade de discernir e de pensar, como o affirma tanta gente de responsabilidade e de ponderação, triste figura fazemos nós perante elles, dada a minguada efficiencia de protecção que lhes concedemos, comparada á de que carecem e que lhe desejamos prestar.

E' sabido que intellectuaes do estofo de um Maeterlink, de um Claparéde, ou de um professor Mackenzie não tiveram e não têm constrangimento em acceitar a affirmação de que a intelligencia não é patrimonio exclusivo do homem, embora a sciencia, sempre tão avara nos seus preconceitos, teime em dar a essas funcções do cerebro dos animaes, nebulosas denominações de automatismo, reflexos, tropismos e quejandos termos rebuscados e esquipaticos.

Os cavallos de Elberfeld — Muhamed, Zarif, Berto e o pequenino Rolf, de Manheinn, assombram os que indagam das suas manifestações intellectuaes.

Maeterlinck no seu excellente livro «L'Hôte Inconu», estuda-os, com a dedicação de um sabio na pesquiza da verdade.

Examina, analysa, indaga, perguire.

Aventa a idéa da telepathia e do subconsciente.

E o seu trabalho nesse particular é exhaustivo; tudo quanto vislumbre o minimo indicio para corroborar aquellas hypotheses, não descura. Tem pelo subliminal, como Flournoy, a paixão dos grandes iniciados.

O seu talento, sempre tão agil em versar qualquer assumpto, armase neste das suas melhores reservas, para que o seu pensamento deflua com subtileza e argucia.

E vemol-o, no fim do seu trabalho, não excluir a hypothese da intelligencia dos «nossos irmãos inferiores»—para empregarmos um carinhoso eufemismo de S. Francisco,—quando pondera:

«Il n'est pas facile de próvoir dés á present les conséquences et les promesses de cet aspect nouveau que prend soudain la énigme de l'intelligence».

E Alberto Seabra, esse grande pensador, cuja invulgar cultura merece a nossa mais commovida admiração, em uma conferencia vasada em lidima e erudita linguagem, como tudo que lhe sahiu da penna, não se arreceia de filiar-se entre os que acceitam como verdade inconteste a intelligencia dos animaes.

«Certos animaes, affirma o illustre escriptor, batem ás portas do mundo scientifico e pedem aos homens de sciencia que os tratem conforme a sua dignidade de seres pensantes».

E', pois, mais ou menos indefensavel a nossa situação perante elles, tendo como temos, apenas a intenção de os defender contra as insidias da perversidade humana.

Tenho para mim que o problema ficará sem solução definitiva, emquanto não fôr enfrentado pelos poderes governamentaes, de uma maneira pratica e positiva.

Pensamos que é necessario, que é indispensavel, attribuir aos fiscaes, aos guardas-civis, ou a quem melhores nomes tenham, o dever, e não o direito, de exigir o cumprimento das leis existentes e de impôr aos infractores das mesmas as multas que o caso pedir.

Não nos achamos ainda convenientemente educados, para evitarmos a pratica do mal, sem os rigores da penalidade.

E si é certo que os animaes carecem, actualmente, da nossa protecção, inilludivel e positiva, é evidente tambem que elles fazem jús que esta lhe seja concedida.

O livro de San Michele, de Axel Munthe, é, toda a gente o sabe, uma obra de reputação firmada, applaudida pela mais severa critica mundial.

Quem teve a felicidade de o ler, sentiu, por certo, esse ineffavel prazer espiritual, que só as grandes intelligencias nos podem proporcionar.

Evangelho da bondade, da piedade e da ternura, é consolador como uma préce.

O que, porém, mais me encantou na leitura delle, não foi a bondade christã do medico sueco em distribuir, com mão larga e generosa, os seus cuidados profissionaes a quantos da sua sciencia e do seu carinho necessitassem.

Não foi a sua missão piedosa e benignamente doce em prestar espontaneamente os seus trabalhos aos sobreviventes do terremoto de Messina ou aos doentes do cholera de Napoles.

Não foram as scenas cheias de humor e de graça do capitulo do «conductor de mortos».

Não foi a descripção virgiliana, da subida de Capri, através «das giestas em flôr, myrtos e outras florinhas», que o escriptor candidamente declara nunca vira na patria de Linneu.

Não foi a maravilhosa collocação de San Michele, no topo de Anacapri, a cavalleiro do golpho de Napoles.

Não foram, emfim, as innumeras revelações de requintado gosto artistico, que, a cada passo, se defrontam nas paginas do livro.

Mas foi aquelle pendor piedoso, quasi mystico, que o escriptor escandinavo sempre manifestou, com a doçura de um balsamo, da primeira á ultima pagina, pelos animaes.

Bondade e carinho para com todos elles—do mais pequenino, como as andorinhas, ao mais feróz, como a leôa da *Ménagiere Pezon.*

O capitulo intitulado «O Santuario das aves», deveria ser largamente divulgado, como os livros de oração, pois a sua leitura seria um precioso ensinamento de amôr a esses pequeninos sêres alados, que vivem a mercê da imprevisivel delimitação da crueldade humana.

A scena do regresso dellas á Anacapri, no inicio da primavera, depois do vôo largo do Mediterraneo, é de uma rara belleza, edificante e commovedora.

A indignação do escriptor pelo procedimento de Barbarossa, o carniceiro caçador das aves emigradoras, toca ás raias do épico, para depois se transformar em poema de alegria redoirante, quando o medico consegue adquirir a montanha do martyrio, que se transforma, então, no «Santuario das aves.»

Livro de bençams para os indefesos e para os humildes. Livro fundamentalmente piedoso, que empresta, a quem o escreveu, as virtudes de uma quasi emulação com S. Francisco de Assis.

Conta Gustavo Barroso, em uma pagina de «folk-lore», que «Budha, quando papagaio pela terceira vez, ensopava de agua as azas no rio e com ellas borrifava a floresta que pegava fogo. Alguem lhe perguntou se esperava, cansando-se tanto, apagar o incendio. E respondeu superiormente: cumpro o meu dever, sem pensar no resultado».

E' a missão de muito doutrinador bisonho...

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx x xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

O Fantasma do Convento

A Condessa que ainda o visita

The Two Worlds — *Trad. W. Campello*

Uma photographia estampada em um numero recente de «The Two Words» despertou grande interesse. «Nesta da Floresta», a bem conhecida clarividente de Bournemouth, declara ter visto muitas vezes a figura envolta em suas vestes brancas durante suas visitas ao Convento.

Trata-se de Margaret, Condessa de Salisbury, cuja urna se acha á esquerda do Altar mór. Margaret amava a velha Egreja do Convento e preparou sua urna antes de morrer, porém, ella não foi sepultada ahi. Ella foi decapitada por ordem do Rei Henrique VIII, por ser ella Catholica Romana e não acceder aos amores do Rei.

«Nesta» escreve: «Tambem eu amo a Egreja do Convento e quando fui morar no Sul muitas vezes ia alli. E' meu habito entrar a orar em qualquer antigo edificio e na minha primeira visita á Egreja do Convento eu vi com toda a clareza esse bello espirito. Muitas vezes passei por baixo das cordas encarnadas que separam o altar do publico, para collocar flôres brancas na sua urna e desde então, vi-a muitas vezes.

Tres mezes depois da minha primeira visita ao Convento, fui procurada por um nobre alto e moreno, ao qual darei o titulo de Conde B. para uma sessão de clarividencia. Dentro de alguns momentos, eu disse estar elle entregue a trabalhos subterraneos, archeologicos no sub-solo de um castello escocez. Nunca estive nas proximidades do castello, um lar ancestral, mas eu era capaz de descrever-

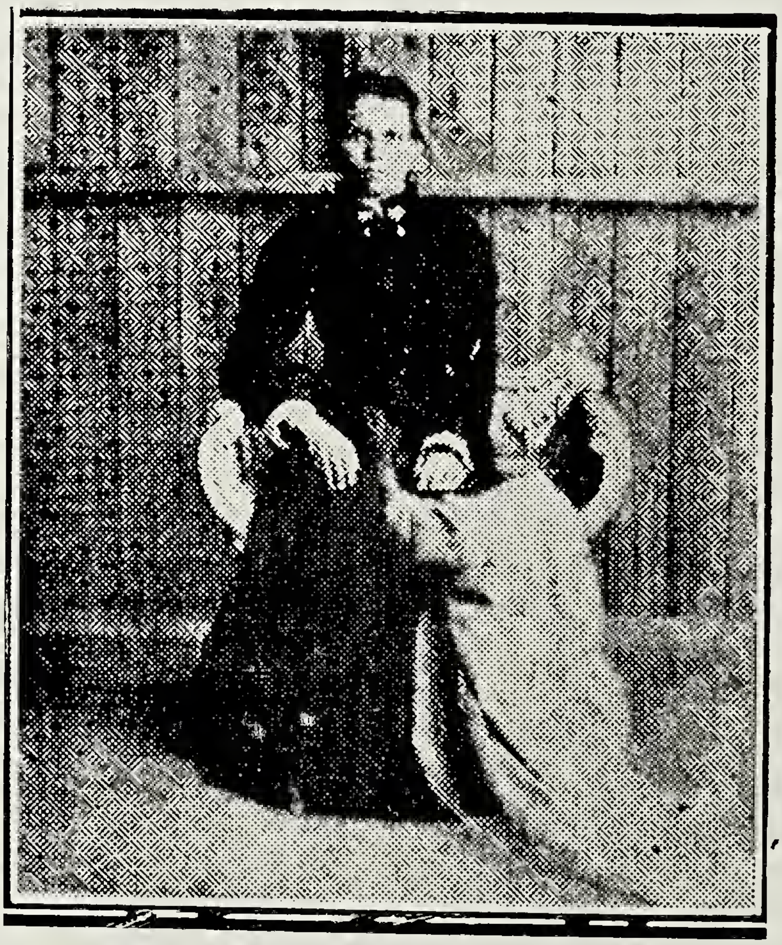

Uma forma parcialmente materialisada sem a cabeça. Produzida em Manchester pela mediumnidade de Annie Mellon lh'o com todas as minudencias. Em seguida o castello desvanesceu-se ante meus olhos e em seu logar surgiu a Egreja do Convento. Atravez de nevoeiros veio a fórma que tantas vezes eu tinha visto no Convento. Antes eu ignorava a identidade da dama espiritual, porém, nessa leitura clarividente pude pronunciar o seu nome completo, Margaret, Condessa de Salisbury, tambem conhecida por «Bemdita Margaret». Na minha visão clarividente eu agora a lobrigava no castello escocez e perguntei ao meu cliente, «Qual a relação que existe entre o senhor e a dama espiritual que tenho visto na Egreja do Convento?» «Oh», replicou o Conde B., ella é minha antepassada e a senhora é a unica clarividente pela qual ella poude manifestar-se. Todos os outros mediums—eu encontrei alguns muito bons em Londres—foram sempre impedidos por um espirito malevolente de um monge, que assombra o nosso castello. Estou surprehendido ter a «Bemdita Margaret» conseguido manifestar-se atravez da senhora.

«Oh», respondi eu, «é porque tambem eu soffri perseguições pela minha fé e ainda hontem, ignorando a sua visita, ajoelhei-me junto á urna della na Egreja do Convento e lá depositei algumas flôres brancas. Isto deve ter fortalecido as relações entre nós.»

Depois disto o Conde vinha frequentemente visitar me e mandou me porções de terra e cascalho das escavações. Eu me ufanava de nunca ter sido molestada pelo monge perverso e mesmo não tinha consciencia da sua presença.

Certo dia o Conde B. veio inesperadamente. Elle não possuia a virtude da paciencia e estava muito apressado. Naquelle dia eu não sentia a menor disposição para realizar uma sessão ou mesmo concentrar sobre o castello. Era uma sexta feira e Margaret nunca vinha nestes dias. Impaciente por mais informações, disse o Conde, «vamos ao Convento ver se Margaret nos diz alguma coisa, pois estou ancioso por continuar a pesquisa.» A minha clarividéncia e as tradições historicas do castello revelaram que a mãe de Margaret fôra emparedada nas masmarros do castello. Era ella a Condessa Izabella e antes de ser capturada, escondera alguma coisa nas passagens do subterraneo. Dahi a razão da investigação no castello.

"Eu hesitava se deveria ou não ir ao Convento, pois sentia que alguma coisa estava para acontecer, porém, attribuindo isto ao meu estado nervoso, eu fui. Havia muita gente na Egreja e era difficil encontrar um logar tranquillo; finalmente asssenteime num canto socegado e cahi em divagações. O espirito de Margaret veio logo. Ella falou-me de um acontecimento proximo, que se verificou depois. Então ella conduziu-me atravez da passagem do castello escocez; eu sentia vagamente estar em segurança emquanto o Conde estava a meu lado, então, aconteceu uma coisa terrivel. Ouvi uma vóz rispida, rude e cruel. Senti horrivel dor nos olhos. Era o monge perverso que se manifestava pela minha mediumnidade.

"Só me recordo da pallidez mortal do Conde quando elle perguntoume se eu estava bem. Retirei-me para minha casa e passei horas horrorosas. Estou certa de que o monge se manifestou porque eu fiz o que não deveria ter feito. Durante tres dias meus olhos estiveram injectados de sangue e meu marido não se afastou da minha cama. Telephonei ao Conde, porem, elle não veio.

«Na tarde do terceiro dia eu estava exhausta. Fui á urna de Margaret em companhia de meu marido. Ajoelhámo-nos e ella de novo veio a mim. A fria brisa psychica fez meu marido estremecer. Então ella descançou sua mão fria e espiritual sobre minha cabeça e atravez de meus olhos, instantaneamente fiquei livre da dôr.» Desde então, o monge perverso não se aproximou de mim, apezar de continuar a assombrar o castello de L. onde as escavações continuavam. Tudo o que aqui escrevo é a pura verdade e até o fim da minha vida venerarei a memoria da «Bemdicta Margaret».

(Nota — O verdadeiro nome do Conde B. foi nos fornecido em confidencia,' juntamente com cartas que nos satisfazem quanto á sua identidade. — Editor).

Uma Sessão de Materialisação e Voz Directa

Materialisação de um Policial — Espiritos falam allemão e francez

The Two World *Trad. W. Campello*

Realizou se uma esplendida sessão a 22 de Maio, em Hessel, sendo Mr. Trefor Davies o medium. Os assistentes eram em numero de dez, e sete nunca haviam assistido a sessão alguma.

Antes de começar a sessão, Mr. Trefor Davies foi cuidadosamente revistado por um comité, em seguida conduzido á sala de sessões e solidamente amarrado numa cadeira. Fizemos uma evocação e cantámos alguns hymnos, depois do que controlou o guia do medium e nos falou por algum tempo. Então a trombeta começou a mover-se e, atravez della, muitas vózes falaram á diversos assistentes, sendo as mensagens adequadas e de toda evidencia.

Uma vóz falou a Mrs. Cress no idioma allemão, tudo perfeitamente comprehendido e respondido. A identidade provou ser o irmão da assistente.

Estava presente Mrs. Glen, conhecida propagandista do Espiritismo e seu irmão falou-lhe em vóz directa e acabou por mostrar-se em fórma materialisada. Mrs. Glen examinou attentamente o rosto da fórma (irmão morto) que pela vóz directa perguntou, «Você me reconhece ?»

Mrs. Glen não respondeu á pergunta, porém, perguntou sómente, «Quer dar-me o seu nome ?» Ao que a fórma respondeu com exactidão, «Arthur, Arthur !»

Appareceram diversas crianças e deram seus nomes completos. Um menino, morto num accidente de rua, adiantou-se para saudar uma assistente e esta reconheceu nelle o sobrinho. O menino deu o nome exacto da mãe.

Em seguida apresentou-se a fórma de um policial, morto na guerra, deu o seu nome—Lord—e provou positivamente a sua identidade.

A seguir tivemos a visita de uma fórma que declarou chamar se Munroe, instantaneamente reconhecida, era o antigo secretario da Sociedade Espiritualista de Edinburgh, morto ha poucos mezes.

Manifestou-se uma intidade declarando chamar-se Alec Thompson (Dr.) e affirmou ter fallecido na Australia. Este espirito empregou esforços para provar a sua identidade.

A forma seguinte impressionou-nos penosamente. Declarou ser Charles Hall, de Hull, e ter commettido suicidio. Sahiu claramente do gabinete, foi visto distinctamente por todos e recebeu conforto e auxilio espiritual.

Mrs. Marshall e Mr. Turner (espiritos) empregaram esforços para apparecerem em fórmas reconheciveis e conseguiram-no. Ambos foram bem conhecidos dos presentes e Mr. Turner deu o seu endereço exacto, quando na terra, Argyl Street.

Juntamente com as fórmas materialisavam-se constantemente rostos e mãos e estas tocavam nos assistentes, cada um por seu turno. A trombeta estava em constante actividade e della sahiam vozes quando se distanciava do medium. Os espiritos tocavam pandeiro e executaram um tom de marcha. Incidentemente viamos durante toda a sessão, objectos luminosos a fluctuarem em volta da sala. Mesmo quando havia fórmas materialisadas e a trombeta girava em volta da sala, esses objectos luminosos eram frequentemente visiveis.

Então apresentou-se um espirito e usando sua propria vóz cantou na lingua italiana os versos do «Tesoro Mio». Todos os presentes ficaram arrebatados pela tonalidade e flexibilidade da vóz deliciosa.

Logo a seguir mostrou-se u'a mão materialisada que apresentava mutilação. O espirito não conseguiu falar e o guia Red Cloud, transmittiu o nome, occupação e ultima residencia do dono da mão mutilada.

Mrs. Cress reconheceu immediatamente a identidade, um antigo visinho seu.

Tivemos o transporte de numerosas flôres para dentro da sala, não obstante a ausencia das mesmas no aposento e diversos assistentes receberam borrifos de agua.

O rigoroso exame feito na sala, no começo da sessão, mostrou ausencia absoluta de agua e flôres, facto de que todos os assistentes estavam convictos.

O serviço terminou com as bençãns das crianças espirituaes presentes. A vóz do guia infantil era captivante e surprehendente. Certa vez, ouvimos simultaneamente a vóz de Red Cloud e da criança.

Agradecemos a Mr. Trefor Davies. Elle nos era completamente estranho e estranho era para elle o ambiente em que se achava, porém, não obstante tudo isso, elle nos forneceu provas irrecusaveis da sobrevivencia. A cada um dos presentes elle trouxe conforto e conhecimento.

(ass.) *Ida L. Glen*
Charles Chatwin (presidente)

Chronica Extrangeira

Por W. CAMPELLO

As reuniões de maio em Londres

The Two Worlds

O enthusiasmo elevou-se ao maximo na reunião de cerca de setecentas pessoas, sob a presidencia de Mr. John Stewarth. Mr. Ernest Oaten falou com a sua força habitual. Em seguida o presidente fez a apresentação do Rev. Maurice Elliot, cuja oração foi em parte uma apologia e em parte uma accusação.

Disse elle: "Na qualidade de ecclesiastico sou forçado a confessar que muitos homens honestos estão fóra da Igreja, não por serem irreligiosos, porém, pelo facto de não poderem elles supportar o absurdo. Muitas das praticas convencionaes da Igreja se resumem ao que o Dr. Norwood classifica «tolices sagradas». E citou as criticas feitas pelo Rev. Dick Sheppard á actual situação da Igreja. «Quando ouvi as orações de abertura dos trabalhos desta noite, eu me senti envergondado da minha Igreja, porque ella recusa o seu pulpito a pessoas da envergadura de Mrs. McKenzie e Mr. Ernest Oaten.

Sou espiritualista convicto ha vinte e cinco annos. Agradeço a vida de minha esposa e filha ao mundo espiritual. Ha muitos annos minha mulhar enfermou. Consultei dois medicos de Harley Street. Ambos ordenaram uma operação immediata, de um tumor maligno. Porém, eu costumava frequentar sessões espiritas e, em todas ellas, diversos espiritos insistiram commigo para que eu não permitisse a intervenção, porém, deixasse as coisas seguir o seu curso normal. Elles me asseguraram não haver razão para sobresaltos, pois o crescimento não era de natureza maligna. Contei minhas afflicções ao meu bispo que me aconselhou a seguir os avisos dos anjos, cujos conselhos eram mais dignos de consideração do que os dos homens. O tumor continuou a augmentar assustadoramente de volume e aquelle tumor se transformou no que hoje é a minha filha. Em regosijo de ter a minha filha escapado da faca do cirurgião, o meu bispo realizou uma cerimonia baptismal toda especial.

Eu acredito que a Igreja se ache em estado de transição. Ella não tem seguido o mestre fielmente, do contrario estaria curando os enfermos e dando demonstração daquelles dons espirituaes, que o Mestre declarou seriam derramados sobre seus verdadeiros seguidores. Acredito estar proximo o tempo em que haverá uma amalgamação das diversas seitas e então a Igreja será completamente diversa do que hoje é...»

«Assassinato» visto em sonho

Historia de um ministro irlandez

Não se deve olhar a «Gazeta da Igreja Irlandeza» na esperança de nella encontrar relatos de experiencias psychicas. Contudo, o ultimo numero traz um artigo sobre «Telepathia», da autoria do Rev. Hamlet McClenaghan.

Damos o extracto seguinte:

«Na antiga parochia de que fui pastor ha muitos annos, havia um poço de mineração, "mina de ferro", como o povo a chamava. Vinte annos antes da minha estadia naquella parochia foi impedido um assassinato naquella mina, por meio de um sonho.

Um certo morador de Frankford, Condado de King, teve um sonho tão vivido de estar sendo assassinado um amigo seu naquella mina, a ponto de saltar da cama, muito antes da hora habitual, correr para a cocheira, tirar um cavallo e galopar apressadamente para a mina, á distancia de cinco a seis milhas.

Salvou a Vida do Amigo

Quando o cavalleiro chegou á curva da estrada em face da mina o quasi assassino, que tinha a victima subjugada, viu o cavalleiro e poz se em fuga atravez dos campos, sem descarregar o golpe decisivo. No devido tempo a victima restabeleceu-se dos ferimentos. Sua vida foi salva por um sonho.

Esta historia, relatada por pessoa interessada, é um exemplo curioso de como um sonho pode predizer o futuro. Pois, evidentemente, o sonho verificou se no minimo um hora antes do attentado á vida do amigo.»

Conan Doyle ainda continúa activo

Falando a um reporter, Mr. Denis C. Doyle testificou o facto de ainda estar a sua familia em contacto diario com Sir Arthur. Disse Mr. Denis:

«Aqui em nossa casa sentimos estar elle constantemente comnosco, exactamente como no tempo em que estava vivo. O seu corpo está sepultado no jardim e muitas vezes nos dá a conhecer que aprecia as flôres collocadas na sua sepultura. O trabalho de papai, durante a sua vida, foi pôr os factos da sobrevivencia diante do publico, de um modo comprehensivel aos homens. Elle ainda continúa no mesmo trabalho com maiores poderes á sua disposição. Elle é um Marconi espiritual.»

Actividade Espiritista em Llamberis

The Two Worlds

Durante a recente conferencia de Llamberis foi recebido um convite procedente de Harlech College. Esse convite pedia a ida de um comité para expôr aos estudantes o fundamento sobre que se apoia o Espiritismo.

O mencionado Collegio ensina sciencias e economia politica e é mantido em parte pelo governo, pelo Novimento da Escola Adulta e pelo «Trade Unions».

Os srs. M'Indoc e Ernest Oaten para lá se dirigiram e tiveram excellente recepção pelos sessenta estudantes reunidos para aquelle fim. Era a primeira vez que os estudantes iam ouvir algo sobre o Espiritualismo.

Mr. M'Indoc fez um esboço da nossa causa do ponto de vista estrictamente scientifico e foi ouvido com grande attenção durante os quarenta e cinco minutos da sua peroração.

Em seguida Mr. Oaten empregou quarenta minutos em responder a uma série de perguntas, algumas pertinazes, a elle submettidas pelos jovens de todas as idades. Elles agitaram o lado scientifico, religioso e social do Espiritualismo e sua relação particular á sciencia social e economica.

Os oradores foram enthusiasticamente comprimentados e cordialmente convidados a repetir a visita.

Em resultado dessa visita muitos estudantes compareceram ás conferencias no Royal Victoria Hall, Llamberis, nos dias seguintes.

Durante o curso da conferencia, foi enviada uma carta de cordial apreciação a Sir Oliver Lodge, transmittindo-lhe sua fraternal saudação e expressando sua gratidão pelo seu inestimavel trabalho na Sciencia Psychica e pelo seu testemunho desassombrado. Sir Lodge respondeu agradecendo.

Unitarismo e Espiritualismo

A Igreja Unitaria vai constituir um comité para estudar o Espiritualismo.

Na assembléa annual da denominação realizada na semana passada em Essex Hall, Londres, houve uma discussão sobre "A Validade da Experiencia Mystica", depois da qual o Rev. E. Savell Hicks, ministro leader, fez um appello vehemente no sentido de ser feita uma investigação no Espiritualismo.

O Rev. Hicks, pessoalmente conhecedor da materia, provocou applauso da vasta assembléa quando elle emphatisou o importante trabalho que está sendo feito em nome da Investigação Psychica. E' um assumpto disse elle, que não devemos ignorar.

"Se ha qualquer evidencia da sobrevivencia humana, nós devemos examinal a", affirmou elle. "O que sabemos relativamente á sobrevivencia? A mesma Igreja Anglicana nada tem a dizer-nos sobre o assumpto. O que sabemos *nós* á respeito? Nada! Onde o nosso comité para estudar a materia? Onde?

Porque é que o nosso grande movimento, em constante progresso, emudece sobre o que mais deveria interessar-nos, a sobrevivencia?

Prolongado Applauso

O Rev. Hicks chamou a attenção da assistencia para o explendido trabalho realizado pela maior e mais progressiva figura do ministerio — o Rev. Leslie Wetherhead e pediu maior attenção para o nosso desenvolvimento que está se verificando na cura espiritual. Suas palavras foram longamente applaudidas. Parece que o orador tocou no ponto sensivel da assistencia e certamente a estrada está aplainada para uma consideração mais generosa do phenomeno psychico, por parte da Igreja Unitaria.

Damos alguns nomes de personalidades conhecedoras dos phenomenos espiritualistas e pertencentes á Igreja Unitaria.

Rev. Lestre J. Belton, redactor de *The Inquirer*, com longo estudo sobre a materia, tendo publicado uma obra sobre investigação psychica, editada pela imprensa da denominação;

Rev. Alfred Hall, recente presidente da assembléa geral e presidente da S. P. R de Sheffield;

Rev. Herbert Grabtrel e o Rev. Theodor Parker, cujo nome fora mencionado na conferencia, foi unitario *espiritualista.*

Visões no leito mortuario

Mr. Beverley Nicholls tem estado a escrever sobre Espiritualismo no «Sunday Chronicle». Diz elle: "Não sou espiritualista, porém, respeito o e vejo sua sinceridade e aspiração." Elle relata numerosos casos de moribundos que percebem a presença de visitantes invisiveis e cita particularmente o testemunho de uma enfermeira que tem assistido a muitos fallecimentos. Diz ella: "Grande é o numero de moribundos que veem outras pessoas no quarto. Muitas vezes as que estão prestes a deixar este mundo me perguntam quem eram essas outras pessoas, quando ninguem mais havia."

Podemos accrescentar a esse testemunho que, em diversas occasiões quando assistiamos a parentes e amigos, não somente o moribundo via visitantes para nós invisiveis, porém, ainda citavam os nomes das que foram parentes e amigos e se passaram antes delles.

Muitos desses casos são relatados no livrinho intitulado — Visões nos Leitos Mortuarios.

Espirito que toca violino

Materialisação de 20 fórmas

A 14 de Março ultimo, Mr. J. Wilson, conhecido medium de materialisações, de Chuds, visitou Elland para realisar uma sessão em casa de Miss Hasselden.

Presentes vinte e tres assistentes e, antes de iniciar os trabalhos, o medium foi cuidadosamente examinado. Praticamente, elle entrou despido no gabinete, este foi improvisado por uma cortina presa num dos cantos da sala.

A luz branca foi substituida por boa luz vermelha, permittindo a cada assistente ver perfeitamente o que aconteceria no curso da sessão, como distinguir feições, etc., de qualquer forma a apparecer.

Depois de curto periodo, Sussanah, um dos guias do medium, appareceu, tomou um violino existente na sala e começou a tocar, provando positivamente não ser sua apparencia uma illusão dos assistentes, mas um ser real e intelligente.

A segunda forma foi de facil reconhecimento, era Mrs. Hasselden, fallecida ha seis mezes e foi seguida pelas materialisações de Ben Taylor e R. H. Jates. Pessoas conhecidas de Jochshire. Mrs. Jates por muito tempo foi secretario da União Espiritualista Nacional.

Ininterruptamente surgiam as formas. Appareceu a seguir a forma de A. Clay e sua irmã, ambas enthusiasticamente saudadas por dois irmãos presentes á sessão.

Depois manifestou-se um menino que assegurou ter habitado em West Yale e ter morrido ha pouco tempo. Como prova forneceu o nome Shaw.

Os guias do medium vinham frequentemente e traziam outros, notadamente o casal Saville, antigos moradores de Elland, muito conhecido no districto e ambos foram reconhecidos pelos presentes (maioria).

Durante o periodo de uma hora e tres quartos, quanto durou a sessão, as formas se construiam e eram facilmente reconhecidas por um ou outro assistente e as vezes por muitos ao mesmo tempo. Todos os assistentes manifestaram grande satisfacção pelo que viram e ouviram.

O numero total das fórmas, inclusive os guias, foi de vinte.

Congratulações a Mr. Wilson pelos excellentes resultados sob tão difficeis condições.

Apertei a mão de um espirito

Por Petronella Nell

Quando me achava em Chriotchurch (Nova Zelandia) hospedou-se commigo a explendida medium mrs. Lily Hope. Ella trazia uma simples valise e durante sua estadia nunca sahiu de casa, excepto em minha companhia, e nunca recebeu visitas. A's sessões assistiam quatro ou cinco pessoas. A sala só continha as nossas cadeiras e cortinas.

Nestas condições alli appareciam todas as noites cerca de doze espiritos diversos.

A primeira forma materialisada a apparecer era a irmã Monica, controle principal. Certa vez, ella chamou-me para junto de si e poz um pouco da sua roupagem (drapery) entre minhas mãos para que eu a examinasse. Parecia fina gaze. «Isto», disse a forma, «é ectoplasma de que tanto se fala. Percebe o seu movimento?»

«Sim», respondi. Não só eu sentia o movimento ou agitação, como tambem uma pulsação rhytmica que certamente não provinha do meu pulso. Irmã Monica explicou ser a pulsação uma prova segura da realidade do «tecido» ectoplasmico.

Em seguida materialisaram-se meu pai e minha mãe. A minha pagem, que eu não tornara a encontrar desde os meus nove annos, deu-me informações cuja exactidão depois verifiquei em Ceylão. Uma moça amiga, morta ha tres annos—todos esses espiritos se apresentavam em corpos semelhantes ao meu — tomou minhas mãos, puchou-me para si, apertou-me em seus braços e falou-me da sua amizade constante, mostrando-se muito commovida; tudo em termos e maneiras que me eram familiares.

Quando meu pai tomou minha mão e a apertou vigorosamente na sua, eu levantei-a, sempre segura na minha, examinei-a attentamente e notei a sua estructura fina e delicada, a textura lisa da pelle, as unhas de formato oval — todas as caracteristicas das suas mãos, quando vivo.

Da sua ultima materialisação, pouco antes da minha partida para a Inglaterra, estava presente minha hospedeira, miss B. Hay. Pedi-lhe para aproximar-se e voltando-me para meu pai, fiz a apresentação. Pedi a meu pai para tomar a mão de miss Hay de modo a poder tambem ella certificar-se do seu forte aperto. Elle assim fez e agradeceu á minha hospedeira, com seus modos encantadores, o modo porque me hospedava. Em voz baixa pedi a ella para examinar a mão de meu pai.

Devo explicar que mrs. Hope, a medium, era uma loura typica, cujos olhos azues, cabellos dourados e faces rosadas differiam profundamente da côr morena de meu pai e mais ainda da coloração de Lucy e da de Chikko, o monge tibetano...

Vou relatar agora o caso da pequena Masie. Ella me havia fallado diversas vezes pela mediumnidade de Mrs. Mason, em Londres. Da ultima vez, quando eu estava de partida para a Nova Zelandia, ella prometteu visitar-me naquelle paiz.

Alguns mezes depois em Christchurch, eu estava em sessão com Mr. Norton Taylor, materialisou se Romer, menina americana e falava-me. Senti dedos mimosos a acariciar meus cabellos. Voltei rapidamente a cabeça para ver quem era. O meu movimento fez com que esses dedos me deslocassem os oculos para fóra da orelha direita. Immediatamente os mesmos dedinhos levantaram os oculos e collocaram-nos cuidadosamente no lugar. Em seguida os dedos esvaeceram se e Romer declarou que uma menina de nome Masie, de Londres, havia tocado nos meus cabellos e mostrava-se contente pelo facto de eu a ter sentido.

NOTAS E FACTOS

Por Tavares de Souza

O Marechal Pilsudsky era medium?

A proposito da conferencia feita pelo Dr T. Sokolowski, presidente da Sociedade de Estudos Psychicos, de Varsovia, sobre o Marechal Pilsudsky, a nossa collega franceza «Revue Spirite» publicou com o titulo acima uma nota que passamos para estas columnas:

Sabe se que o Belvédère foi theatro de apparições materialisadas, das quaes Jeanne Grudrinska foi a primeira e o Grão Duque, que apostrophou rudemente um dos funccionarios em serviço, tendo este fugido, passando varias semanas soffrendo grande commoção nervosa.

O Marechal chamou a attenção dos que o cercavam sobre o barulho e a agitação incessante que se dava em torno delle, e que chegava a perturbar o seu trabalho. Chegou a procurar na casa do Marechal, ratos e morcegos, mas tudo em vão.

Quando o General Xeligowski preparou sua marcha sobre Vilna, o General Engenheiro Wejtko tomou parte com o Marechal Pilsudsky de seu plano de acção: elle conhecia admiravelmente o terreno e tinha confiança nos seus projectos. O Marechal respondeu-lhe: «Vós organisastes assim o trabalho, mas agireis de outro modo!» E indicou ao General Wejtko o caminho á seguir. Ora, essas informações, o Marechal Pildsudsky, não as podia ter senão pela segunda vista ou semi-trance.

O Marechal sendo um dia convidado a tomar parte na festa dum regimento de cavalaria, prometeu beber pela saúde do regimento á noite. Mas absorvido pelo trabalho do dia, o Marechal adormeceu. Umas batidas despertaram-n'o: era o fantasma de um soldado que lhe tinha particular affeição, quando vivo, e vinha lhe lembrar a promessa. O Marechal levantou se e foi tomar o vinho para a gloria do regimento.

Si se crê no Dr. T. Sokolowski, numerosas são os factos deste genero na vida do Marechal Pilsudski.

Confusão nas igrejas

A confusão nas Igrejas é grande e ellas não podem chegar ao conhecimento da verdade sobre os factos espiritas.

«Light» lembrando as divergencias que a esse respeito existem, concluiu que ellas perderam a sua autoridade para a exposição da verdade. E cita:

—«O R. P. Knapp, prestidigitador catholico, clama nos circulos catholicos e patronatos, que todo o espiritismo se reduz a «trucs» grosseiros que elle padre se esforça para imitar.

—«O R P. Herbert Thurston pensa de outro modo, garante a authenticidade de numerosos phenomenos mediumnicos, e ousa mesmo dar o seu testemunho á favor das «casas assombradas», dos factos produzidos por D. Home, etc. Elle faz um appello á calma e ao estudo.

—«O R. P. Johnsom admitte tambem as mensagens espiritas vindas dos «mortos», mas affirma que são os «mortos» dos planos dos mais baixos do astral.

—«Um ecclesiastico que faz a critica sob o pseudonimo de «Eleutheros» pretende que os «mortos» dormem, e, portanto, as mensagens espiritas não podem vir nem dos baixos, nem dos altos planos da vida.

A mentira dos loucos espiritas

Foi feita uma devassa nos estabelecimentos de Horates, nos Estados Unidos, pelo sr. Henry S. Hillers, não sendo encontrado nem um louco espirita, psychista, occultista e jamais houve loucos por causa do espiritismo. De outra parte, numerosos são os doentes pertencentes ás igrejas orthodoxas regulares! O sr. Hillers lastima que a imprensa profissional tenha se alugado aos chefes do «anti-espiritismo» para levar ás massas essa mentira corruptora e malevola.

Combate ás idéas da Redempção

Na Allemanha está se verificando, segundo diz «Wahres Leben» um grande combate ás idéas da «redempção». O homem não pode ser redimido por outro, porque elle tem grande responsabilidade na construcção do seu destino. Os espiritas allemães acham que cada um é o operario do seu destino, e que a substituição da pessoa do peccador é um absurdo.

A morte vista por seis pessoas

O jornal francez — «Nord Maritime» publicou um interessante phenomeno que, embora muito conhecido dos espiritas, temos prazer de registrar. E' o seguinte:

—«Mme. Martin, septuagenaria, que gozava saùde até seus ultimos tempos, cahiu de cama e a agonia começou ante-hontem.

Perto della se achava seu marido, M. Gaston Martin, 78 annos; Mme. Jeanne Martin, sua filha de 45 annos; Mme Gosset, uma visinha, e mais duas ou tres pessoas.

Ora, ante hontem ás 8,30, a moribunda fez um gesto de se levantar e cahiu novamente no leito.

Então os testemunhos viram acima da cabeça da velha senhora, apparecer um distico luminoso, que logo se transformou no busto de uma joven mulher "muito bonita" segundo dizem os espectadores da extranha scena.

A apparição se manifestou a um metro acima do leito depois desappareceu."

Referido jornal diz: "E' preciso pensar neste caso verdadeiramente excepcional. Allucinação collectiva, extase visual, ou simplesmente erro. A sinceridade das testemunhas é indiscutivel, todas as hypotheses podem ser emittidas, mas é duvidoso que este phenomeno real ou "sonho" encontre uma explicação satisfactoria." E nós accrescentamos: — A não ser a espirita.

Ecos e Noticias

FRANÇA

Conferencias

—Na Algeria, o sr. E. Karpatin fez substanciosa conferencia. Esteve tambem nesta cidade Monsenhor A. G. Hounsfield, bispo da Igreja Catholica Liberal, que fez duas conferencias sob os auspicios dos Grupos Espiritualistas e Idealistas.

—O sr. Louis Viala, presidente da União Espirita de Oran fez uma conferencia sobre—«A vida e a obra do pintor Lesage.»

—O sr. Stellet fez na »Maison des Spirites» uma conferencia sobre o thema «Tres annos de experimentação psychica com o sensitivo Léon Alalauf.»

—Sr. Maitre Eugène Tozza falou tambem na «Maison de Spirites» ; tambem falaram os srs. André Dumas e Paul Bergé.

—O sr. Hubert Forestier, director da «Revue Spirite» prosegue com as suas conferencias.

AUSTRIA

O «Neues Wiener-Journal» trata da telepathia judiciaria.

Varias experiencias tem sido feitas nesse sentido.

ALLEMANHA

A pequena clarividente Ilga K... segundo diz «Zeitschrift fur metapsychische Forschung» foi estudada pelo Prof. Neureiter, da Universidade de Riga.

* * *

A campanha anti-espirita na Allemanha continúa, facto, talvez, que levasse o Director do Instituto Metapsychico de Berlim, a declarar não ser espirita. Entretanto, s. s. accrescenta : — «mas deixo aos outros a liberdade de serem.»

BELGICA

A União Espirita Belga, a Federação do Brabant, a Federação de Liège e demais associações belgas estão em plena actividade.

—

O numero especial da "Revue Spirité Belge» teve grande tiragem.

—

Esta revista affirma que, segundo «The Two Worlds», a lei que ia vigorar contra os curadores de todas as especies, menos os medicos e se achava em discussão, foi posta á margem. E' de notar que esse facto occorreu graças á luta encarniçada que os espiritualistas moveram contra ella por longo tempo.

Deste facto resalta a amplitude do movimento espirita e seu poder.

INGLATERRA

O sr. Denis Conan Doyle, filho do famoso novelista Dr. Conan Doyle, diz a «Revue Spirite» vae esposar, em Londres, a Princeza Nina Mdivani.

—

O Rev. William Paxton, de Londres, reconheceu a verdade e os factos do Espiritismo, mas diz não poder adherir á Doutrina.

—

O Rev. Harry Horton, muito criticado por suas sympathias ao Espiritismo, uniu-se ao Rev. G. Maurice Elliot durante um meeting para collaboração das Egrejas do Espiritismo.

—

«Light» diz que varias associações espiritas se organizaram para registrar as provas espiritas dadas durante as demonstrações publicas.

—

Segundo uma estatistica feita na Inglaterra teria já um catholico sobre tres espiritas na parte septentrional do Reino.

—

Em varias cidades da Inglaterra os espiritas estão se organisando em «Cavalheiros cruzados» para luctar contra o espirito de intolerancia, de aggressão, de guerra e de crueldade.

—

Os estudantes do College Harlech, em Llanberis, pediram aos srs. Indoe e Oaten, lhes expôr a questão espirita. Este facto causou grande successo. O Director do Collegio, a seu turno, está estudando a questão, que lhe parece de grande importancia para o futuro.

—

Temos sobre a mesa: «The Two Worlds», «The Greater World» e "Prediction", importantes revistas inglezas.

ITALIA

O Prof. Ernesto Bozzano prosegue incansavel na sua tarefa de esclarecimento da theoria-espirita. O illustre sabio italiano está escrevendo agora sobre os «phenomenos olfativos.»

—

Temos sobre a mesa—«La Ricerca Psiquica» e «Mondo Occulto».

POLONIA

Segundo «Der Spiegel» appareceu uma nova stygmatisada polaca: appareceu nella as cinco chagas de Christo e os signaes da corôa de espinho.

Anastacia Woloszyn é a ultima dos filhos de uma modesta familia de agricultores da villa de Krasne. Tem 24 annos e se fez sempre notar por sua vida virtuosa. O acontecimento da stygmatisação despertou interesse dos scientistas. O Prof. Gabriel Kolstelnick observou-a por muito tempo e diz que a moça é perfeitamente sã e normal, exceptuando o ardor de sua fé orthodoxa, e frequentemente ella cahe em longos extasis. O Prof. Kolstelnik declara que as chagas resistiram todo o tratamento, e que excluindo o jejum, Anastacia produz os mesmos phenomenos que Thereza Neumann.

CUBA

Os espiritistas cubanos commemoraram o desincarne de Amalia Domingo Soler, a grande missionaria, que recebeu, por via mediumnica a obra «Memorias do Padre Germano.»

Todos os centros se reuniram para prestar homenagem ao illustre Espirito.

ARGENTINA

As conferencias de propaganda continuam a se realisar — tanto na «Constancia», como na «Confederação Espiritista Argentina» e outras associações.

Assim tambem estão circulando: A Constancia, La Idéa, Luz y Vida, Resplandor de La Verdad e outros jornaes e revistas.

AMERICA DO NORTE

«The America Society of Psychichal Research» publicou um artigo de Mr. John O'Nell sobre a «Medicina de Amanhã», que não será mais com drogas e panacéas, como a medicina actual.

A arte de curar encarará o homem sob novo aspecto sem descurar de sua parte espiritual.

Gazetilha

A nova medicina

Sem querer falar na medicina actual, verdadeira tapeação, que demonstra muito bem a crise moral que atravessamos, a verdadeira arte de curar já começou a passar por uma transformação digna de menção.

Os governos já estão impotentes para reprimir o progresso da nova medicina que surge aos influxos do Espiritismo.

Por exemplo, a «Lei do Bill», contra os «curadores», que annunciou-se haver passado, cahiu, foi abandonada por ser de impossivel sancção.

Agora é o Dr. W. N. Chapell, segundo nos informa *«The American Society of Psychical Research»*, que apresentou ás Sociedades Medicas interessantes relatos, nos quaes descreve os resultados de dois typos de tratamentos para as ulceras gastricas.

Dois grupos de cem pessoas, cada um—foram tratados, um grupo pelos methodos medicos mais recentes, e o outro agindo-se sobre a alma. Este ultimo fez desapparecer todos os symptomas do mal em 95 o/o dos casos, emquanto que o outro grupo não deu a porcentagem acima de 5 o/o.

Conferencias pela T. S. F. do Deão Matthews

O Deão Matthews, sacerdote britannico, fez pela T. S .F. uma série de conferencias sobre—«As Esperanças da Immortalidade», no correr das quaes elle se apoiou, por vezes nos factos espiritas.

Não ha duvida que o clero inglez está evoluindo.

Fantasmas em Oxford

No collegio Keble, em Oxford, varios estudantes e um dos superiores tem verificado o apparecimento de fantasmas. O sr. Mactarlane diz, que indo para o seu quarto á meia noite, viu no vestibulo fracamente illuminado, uma forma humana envolta numa capa. A' noite, os fantasmas se movimentam pelas escadas do edificio.

Mandamento do Mestre Danow

Realisai o divino que existe em cada um de vós e não contai senão com elle para o equilibrio da vossa saúde e da vossa salvação. O Mestre não está ahi, de facto, senão para sustentar os vossos primeiros passos. Decifremos a Natureza e a Vida com o olho Divino: collocai todos os vossos capitaes no banco de Deus, então podeis contar com a felicidade—nos disse o Mestre.

O Espiritismo na Oceania e Estados Malaios

O Espiritismo, decididamente, está se infiltrando em todos os pontos da terra. Na longingua Oceania, como nos Estados Malaios Federados, grande numero de pessoas se dedicam á divulgação do grande Ideal.

O sr. Parson publica, uma vez por semana, uma chronica sobre Espiritismo, em «The Times of Malaya», apesar dos grandes embates do clericalismo e do materialismo que, de braços dados querem barrar a Verdade.

A' favor da Radiestesia

O Dr. Léon Daudet, medico parisiense muito conhecido, acaba de se manifestar em favor da realidade da *«radiestesia»*. cujos fenomenos vem estudando com interesse. Commentando sua attitude, o sr. Paul Courquin, em um artigo publicado na «Revue Spirite» lembra que o sr. Daudet é catholico professo e julga que a «radiestesia» vai arrebatar mais uma ovelha do rebanho de Roma.

O Fogo e a «Resurreição da carne»

Parece que os sacerdotes da Igreja Romana estão abrindo mão do dogma da «*Resurreição da Carne.*» E' assim que a imprensa europea commenta a incineração de altas personalidades do clero, como sejam o Arcebispo de Travancore (India) e do bispo anglicano de Nottingham.

Reconhecimento dos fenomenos espiritas

A esposa do Bispo Evangelico de Rochester, Mrs. L. B. King, em um artigo publicado no «Evening News» acaba de affirmar a authenticidade dos fenomenos espiritas.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx x xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo caminha á passos de gigante, no nosso paiz. Por toda a parte as conferencias publicas e radiophonicas, jornaes, livros, boletins, tornaram conhecida a nossa Doutrina que já penetrou, podemos affirmar em todos os lares.

Vamos dar um resumo do nosso movimento, pedindo ás revistas européas de norte e sul americanas que permutam comnosco, a transcreverem afim de que os povos de além mar fiquem inteirados da grande propaganda espirita brasileira.

Conferencias e palestras radiophonicas

Fizeram conferencias pela Radio Club de Sorocaba, os seguintes confrades:

— Dr. Diniz Cintra, sobre a Evolução e o Problema da Felicidade.

— Sr. João Spinelli, sobre o Espiritismo - factos e doutrina.

— D. Alarice Alves—«A Doutrina Espirita».

— Caetano Mero: «O Espiritismo e sua Doutrina.

— Pela Radio Club Sorocaba foram irradiadas, pelo Spiker da mesma estação, 4 conferencias espiritas do nosso director, C. Schutel.

— A mesma Estação, pelo mesmo Spiker, irradiou uma conferencia do sr. Pedro Camargo, sobre—«A Felicidade.»

— Gentilmente cedido pela directoria da Radio Club Rio Claro, o nosso representante João Leão Pitta fez, no Microphone uma conferencia sobre: Deus e suas obras.

— Por occasião da commemoração do Centro Fé e Caridade de Rio Claro, occupou o microphone a srta. Olga Wenzel, que falou sobre — As grandezas do Espiritismo.

— Sobre o thema: «A Immortalidade da Alma» - o nosso companheiro Schutel fez na Radio Cultura de Araraquara uma conferencia.

—Pelo microphone da P. R. G. 4 —Jaboticabal, o nosso companheiro Schutel fez uma conferencia sobre o thema: A Evolução e a Immortalidade da Alma.

N. da R. — Pedimos aos nossos confrades dos outros Estados, principalmente do Rio de Janeiro, a fineza de nos enviarem noticias de suas conferencias radiophonicas.

Conferencias Publicas

Fizeram conferencias publicas os seguintes propagandistas :

— Snr. Onofre Baptista — pela «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», em Agudos, na porta da Cadeia Publica. Foi a primeira conferencia que se fez nesta cidade. Em Pederneiras, duas palestras no Centro Eterna Amisade. Em Baurú no Centro Verdade e Caridade. Em Vera Cruz, no Centro Trilha da Verdade. Em Marilia, duas palestras no Gremio Luz, Fé e Caridade, á cunha.

— Deputado Campos Vergal — fez no Centro Fé e Razão, de Caçapava uma conferencia, sobre—O destino glorioso dos Espiritos.

Em Mirasol, fizeram conferencias os srs : — Sebastião Flores, Antonio Luiz Castro, Francisco Amadeu, d'A Aurora.

Em Pirajú : D. Clotilde Veiga Barros, professora do Grupo Escolar de Ourinhos, no Centro Allan Kardec.

Em Jahú e Dois Corregos—o sr. Caetano Mero.

Em Araraquara, sob a presidencia do sr. Prof. Antonio Aguiar, o nosso companheiro Schutel fez uma conferencia sobre : A Vida Eterna e o Espiritismo. No mesmo Centro, foram feitas mais duas conferencias pelo sr. João Leão Pitta.

Em Jaboticabal, os nossos companheiros Schutel e Pitta fizeram conferencias sobre—A Immortalidade da Alma e Communicação dos Espiritos.

Em Rio Preto, o Centro Espirita Rodrigo Lobato, pelos seus directores srs. Farid Ignacio Mussi e José Garcia, iniciaram a campanha espirita pela Radio Rio Preto, P. R. B. 8, todas as quintas-feiras, as 8,15 horas da noite.

Radio Difusora Espirita

Communica-nos o sr. Caetano Mero, vice-presidente da União Federativa Espirita Paulista, que a idéa da construção de uma Estação de Radio, na Capital, continúa a merecer o apoio geral.

Segundo nos informa o illustre confrade já foram passadas dez mil carteiras, representando a importancia de cem contos de réis. Mais um pouco de tempo e o esforçado promotor, desse grande emprehendimento de incalculavel valor para a propaganda do Espiritismo, dará começo aos trabalhos de construcção da Radio Difusora Espirita.

A Imprensa e o Espiritismo

Toda a imprensa está abrindo as suas columnas á divulgação do Espiritismo.

Quer os grandes diarios como os periodicos do interior têm se dirigido ao nosso director, nesse sentido, salvo os thuribularios que escravos do preconceito, temem prejudicar seus interesses pessoaes.

«Correio Paulistano» — Sabemos que este grande diario paulista tem augmentado muito a sua tiragem, depois que seus dignos directores franquearam suas columnas á «Chronica Espirita» que se publica em referido jornal ás terças feiras.

«A Vanguarda», "Correio da Manhã", «A Patria», continuam com a «Secção Diaria de Espiritismo.»

O diario carioca, de grande formato — «A Nação», communicou nos pelo seu secretario, sr. Licurgo Costa, a abertura de uma «Secção Espirita», sob a direcção do sr. J. Mattos Vieira. «A Nação» funcciona nos predios 33-35, Rua 13 de Maio — Rio de Janeiro.

São numerosos os jornaes do interior que abriram suas columnas ao Espiritismo. Brevemente daremos uma noticia dos mesmos, o que não fazemos hoje por carencia de tempo.

«O Clarim» festejou o 31.o anniversario de sua fundação que tambem está sob a direcção do nosso companheiro Schutel.

«O Clarim» que tem uma tiragem de 10.000 á 12.000 exemplares por semana, circula por todos os Estados do Brasil, levando a Palavra Espirita em todo o territorio brasileiro.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos as seguintes obras, e agradecemos:

CONSCIENCIALISMO — é um livro de autoria de Torres d'Alba, que trata da Reforma Social do Brasil, da America e do Mundo. Um grosso volume de 360 pags. em 8.º

MISERERE — romance de orientação psychica do illustrado propagandista Dr. Luiz Autuori.

SURTOS DA VERDADE — poesias do Dr. Coriolano Góes.

REINCARNAÇÃO OU PLURALIDADE DAS EXISTENCIAS —do Dr. Campos Vergal.

SOBREVIVENCIA E COMMUNICAÇÃO DOS ESPIRITOS —de Oswaldo Mello; edição da Federação Espirita Brasileira.

LIVRE ARBITRIO E DETERMINISMO — Luiz Gastin — Edição da Federação Espirita Brasileira.

SESSÕES PRATICAS — S. Banal—Federação Espirita Brasileira.

AMOR IMMORTAL — Dr. J. A. Nogueira — Edição da Federação Espirita Brasileira.

A' ULTIMA HORA

"A Vóz de Poincaré" e a imprensa Européa

A noticia que demos, num dos nossos numeros passados sobre uma mensagem do ex-presidente da França, por «vóz directa», e com o auxilio do medium Valiantine, repercutiu na imprensa européa de um modo sympathico.

«*Le Courrier de la Presse*», referindo-se á nossa noticia diz: «Reproduzindo o texto da «Revista Internacional do Espiritismo», a «Revue Spirite» cerca o de sabias reservas: As autoridades dos Archivos da Palavra apresentaram á Valiantine um attestado constando a extraordinaria semelhança com a vóz de Poincaré registrada na sessão de Valiantine na America». E assim conclúe: Seria uma bôa occasião para a astrologia e o espiritismo nos dizer sobre a sorte da Europa.

«*Argus de la Presse*», tambem de Paris, transcrevendo a noticia, termina assim:

«Eis o que deveria interessar á «*Sociedade das Nações*». Ao menos esses trabalhos não perturbariam senão espiritos máos».

Um inquerito de imprensa

O seguinte é uma apreciação feita por um jornal de Berwick. O *Berwick Advertiser* caracterisou Mr. Clayton como «um optimo orador, que faz uma allocução muito sincera». Disse Mr. Clayton: «Apezar de eu estar quasi cégo e inteiramente cégo fui durante muitos annos, tenho a faculdade de visualisar o mundo invisivel e posso ver a gente que mora lá». Mr. Clayton fez onze descripções, com os respectivos nomes proprios e sobrenomes, cerca de seis foram inteiramente reconhecidas e o restante dependente de enquete.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura	simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura	registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura	registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

E na «Editora Espirita Limitada»

Rua dos Andradas, 86 Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1291unse

NNO XII — Brasil — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Outubro de 1936 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 [illegible]
THEOLOGICAL [illegible]

SUMMARIO

Estudos Animicos e Espiritas
Materialismo e Espiritismo
A derrota do materialismo
Notas Espiritas -- Lei do rythmo
Mais retratos espiritas
Cicero e a Immortalidade
A dualidade da alma individual
Basta de lagrimas
Prova definitiva pela photographia espirita
Litteratura de ultra-tumba
O nascimento e a morte
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Espiritismo no Brasil

Uma Photo Espirita

[illegible]
du Capitalisme

[illegible]

ANNO XII — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Outubro de 1936 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL ≍ COLLABORADORES : DIVERSOS

Estudos Animicos e Espiritas

DESDE o inicio da nossa publicação collocamos no primeiro plano do nosso trabalho e das nossas cogitações, os estudos animicos e espiritas, porque julgamos que só com o seu indispensavel auxilio poderá ser resolvido o problema da Vida.

O momento que atravessamos é de indecisão, de scepticismo e de descrença.

As doutrinas materialistas solaparam todo o edificio social.

As religiões, com os seus dogmas archaicos e seus cultos pharisaicos, aniquilaram todos os sentimentos divinos, todas as paixões nobres, e concorreram sobremodo para que o indiferentismo para as cousas do Espirito se apoderassem das massas.

Todos os sermões e discursos que se fizeram ouvir dos pulpitos e das tribunas, colligidos e registrados entre as obras classicas que enriquecem as bibliothecas, sejam elles de Vieira ou de Bossuet, de Alves Mendes ou Montefeltro, de Monte Alverne, de Malanchton e centenas delles que illustram a litteratura, não tiveram outra serventia que envernizar o homem exterior, permanecendo o espirito na duvida sobre a sua situação no Universo, ignorante sempre dos seus destinos.

E' que faltou nelles a verdadeira seiva que vivifica e rebustece, a comprehensão da sobrevivencia com as suas consequencias e finalidades.

Este facto vem nos demonstrar que, assim como não se pode erguer um edificio permanente sem uma base, um fundamento solido e inamovivel, toda e qualquer doutrina, toda e qualquer philosophia, toda e qualquer sciencia, que não se assenta sobre o alicerce immortalista, construido pelos factos, e pela logica que nos fornecem esses mesmos factos, não pode prevalecer.

Eis porque, em vez de preparar as paredes e a cupula do grande templo, nós preferimos tratar exclusivamente das bases, trazendo para a sua construcção materiaes de primeira ordem, bem cuidados, insistentemente escolhidos. E esta tarefa está affecta exclusivamente ao Espiritismo.

A *theoria-espirita* é a que explica e faz realçar o sentimento immortalista, porque é com o auxilio dos factos animicos e espiritas, é por meio desses interessantissimos phenomenos que temos a prova patente, positiva, categorica, substancial, da existencia e immortalidade da alma.

A existencia e immortalidade da alma, ou seja a sobrevivencia humana, é o primeiro capitulo de todas as verdades que concorrem para o progresso do homem, para sua elevação moral e espiritual. Sem esse capitulo toda a obra fica prejudicada, como tem acontecido até o presente. O que tem valido leis e decretos, sermões e discursos, exhortações e convites em prol do bem e da moral?

Para que tem servido dogmas e cultos, artigos de fé sob terriveis ameaças em caso de infracções?

A moral obrigatoria pode deter por momentos as furias do coração, mas é incapaz de sofrear os genios explosivos, as almas precipitadas. A moral decretada é como a religião dogmatica e hereditaria, não passam ellas de mascaras que em certos momentos transfiguram as questões e servem para esconder as mazellas dos doutrinadores, dando-lhes a falsa apparencia da virtude.

O Espiritismo, muito differente das religiões e philosophias utopistas, tem o seu principio basico na Immortalidade e as suas consequencias geraes no amor, alpha e omega da Lei Divina. Mas para se chegar á finalidade da Lei é preciso partir do inicio do caminho. Ninguem pode entrar numa casa pelo telhado, é preciso bater á porta e que esta lhe seja aberta.

O estudo da alma deve estar sempre no primeiro plano das nossas cogitações, a demonstração da existencia da alma e sua sobrevivencia, não pode deixar de merecer a attenção de todos os oradores e escriptores espiritualistas.

Todos querem saber sobre a alma, si em cada um existe uma alma, ou antes, si cada um é uma alma, na extensão da palavra, ou é unicamente um aggregado de celulas, um corpo de carne que perece. Dentre os individuos que compõem a humanidade, uma grande maioria mantém sérias duvidas sobre este principio, que precisa ser bem ventilado, bem explicado, bem demonstrado. E si existem unicamente acirradas duvidas sobre esta questão de interesse vital, e não absoluta negação, é porque a Providencia Divina imprimiu em todas as creaturas com o sinete do instincto, o sentimento da Immortalidade, e ao applicar esse sinete, deu essa impressão mui tenua, para que nós mesmos nos encarregassemos de bem salientar os seus caracteres, contornal-os, tornarmol-os cada vez mais salientes, mais legiveis, mais distinctos, afim de termos o merito dos nossos esforços, dos nossos trabalhos, das nossas pesquizas na esphera da Espiritualidade.

Referendando e reiterando o que temos escripto, insistimos para a basta contribuição, que os nossos confrades illustrados e entendidos devem offerecer á humanidade para o desvendamento da alma com os seus peculiares attributos, seus poderes, suas forças latentes, suas aptidões, bem como a sua sobrevivencia ao desaggregamento do corpo somatico.

O Espirito é o autor de todas as qualidades que apparentam a sua individualidade, nelle está a vida, nelle está a séde de todas as percepções; só elle permanece indestructivel aos golpes da morte.

O Espirito pode agir no corpo ou fóra delle, sem dependencia desse corpo para suas manifestações. Milhares de factos que demonstram essa prerogativa espiritual constam dos Annaes do Psychismo. Esses phenomenos constatados por pessoas de valor e insuspeitas, autorisam a proclamação da existencia da alma. Além disso, esses factos nos autorisam a concluir que a alma é immortal, sobrevive á morte do corpo e continúa a agir independente desse corpo, assim como poude agir independente d'elle, quando se demonstrou em vida, pelos referidos phenomenos. De modo que, si nenhum facto, si nenhuma manifestação *post mortem* se houvesse verificado, só os phenomenos de animismo bastariam para consolidar os factos de espiritismo, muito conhecidos de todos os povos e em todos os paizes, mas ignorados em seus principios e desconhecidos em seus fins immortalistas.

O Espiritismo proclamando, relembrando, provocando e sanccionando esses phenomenos, collocou-se na vanguarda dos grandes ideáes, tornou-se o illustre Cicerone, que nos conduz e orienta de uma maneira especial pela Estrada da Vida; que faz affirmar os nossos passos e accelerar a nossa marcha num progresso apressado para a posse dos nossos reaes destinos, para a conquista de novas verdades, necessarias ao encadeiamento de crescentes felicidades no seio incommensuravel do Cosmos.

Nestes tempos em que a duvida paira, como phantasma amedrontador em todas as almas, em que o brado de morte resôa em todos os horisontes, ergamos bem alto o estandarte do Espiritismo, não nos envergonhemos de nomeal-o, de confessal-o, de proclamal-o, o grande Libertador das almas, o Verbo Divino que veio erguer o archote da Verdade, tirar os homens da sombra da morte para conduzil-os á realidade da Vida e lhes dar a verdadeira posse da Immortalidade.

* * *

Materialismo e Espiritismo

Por Gabriel Delanne

O movimento scientifico que caracterisou o seculo XIX foi o da investigação positiva. Longe de quererem, como out'ora, firmar hypotheses admittidas *a priori* e fazer que os phenomenos da natureza concordem com as suas idéas preconcebidas, os sabios buscaram, no estudo meticuloso dos factos, sua norma de conducta, e chegaram, seguindo este methodo, aos maravilhosos resultados que diariamente estamos verificando. Mas se, deixando o dominio material, os homens de sciencia quizerem applicar o positivismo ás realidades espirituaes esbarrarão em difficuldades invenciveis ou, pelo menos, por elles supostas como esta.

A escola allemã, com Buckner e Moleschott, declara positivamente que as velhas concepções de Deus e da alma já estão fora de tempo, e que a sciencia reduziu a nada essas crenças fabulosas. Moleschott applicou-se sobretudo a demonstrar que a idéa é o producto directo de um trabalho molecular do cerebro, e Karl Vogt não teme dizer que o cerebro segrega o pensamento, mais ou menos como a urina é segregada pelos rins. Em nossa época, Hæckel desenvolveu theorias analogas; nada ha de novo em seu systema a não ser as palavras; o *mecanismo e a adaptação pathologica* que, no fundo, significam *materialismo.*

Pois bem ! nós, espiritas, vimos dizer aos positivistas : Somos vossos discipulos ; adoptamos o vosso methodo e só acceitamos como reaes as verdades demonstradas pela analyse, pelos sentidos e pela observação. Longe de nos conduzir em os resultados a que chegastes, esses instrumentos de investigacão nos fizeram descobrir um novo modo de vida e nos deram a certeza sobre pontos controversos.

As grandes vozes dos Crookes, dos Wallace, dos Zoellner, proclamam que, do exame positivo dos phenomenos espiritas resulta claramente a convicção de que a alma é immortal e que, não só ella não morre, mas tambem pode manifestar-se aos humanos, por meio de leis ainda pouco conhecidas que regem a materia imponderavel. Todo effeito tem uma causa, e todo effeito intelligente faz suppôr uma causa intelligente : taes são os principios, os axiomas inabalaveis sobre os quaes repousam as nossas demonstrações.

Os materialistas podiam, ainda ha pouco, repellir os argumentos favoraveis aos phenomenos, dizendo que elles não obedecem ao verdadeiro methodo que conduz á verdade ; mas nada de semelhante deve-se temer. Não viemos dizer : Precisa-se de fé para comprehender a nossa revelação. Não tolhemos o livre exame ; mas, ao contrario, dizemos : Vinde instruir-vos, fazei experiencias, buscae comprehender todos os phenomenos, sêde observadores meticulosos, não acceiteis uma experiencia senão quando puderdes repetil-a muitas vezes e nas mais variadas circumstancias ; em uma palavra, caminhae prudentemente em busca do desconhecido, porque, avançando-se á procura de novos principios, é facil cahir-se no erro. Quando tiverdes sufficientemente estudado, o proprio phenomeno vos instruirá acerca da sua natureza e do seu poder. Não será essa uma conducta positiva por excellencia ? Que poderão os mais decididos materialistas responder a Robert Hare, ao professor Mapes, ao sr. Oxon ? Servimo nos das armas dos nossos inimigos para vencel-os : é, em nome do methodo, que proclamamos a immortalidade da alma depois da morte do corpo.

Todas as theorias que querem fazer do homem um automato, todos os sabios que fizeram da sciencia um escudo para proclamarem a materialidade do sêr humano, encontram o mais formal desmentido no testemunho dos factos. Não é verdade que sejamos só materia; não é justo pensar-se que, pela morte do corpo, os elementos que o constituiam sendo reduzidos a pó, nada restará d'aquillo que foi o ser pensante. A experiencia nos demonstra que, assim como a borboleta sáe da crysalida, assim a alma deixa o seu vestuario grosseiro da carne para atirar-se, radiante, no ether, sua patria eterna. Nada morre neste mundo, porque nada se perde. O atomo de materia que se escapa de uma combinação, entra no grande laboratorio da natureza, e a alma, que se torna livre pela dissolução de seus laços corporaes, volta ao seu ponto de partida. A gelida noite do tumulo não tem mais terrores para nós, porque possuimos a prova certa de que os mausoléos não encerram senão cinzas inertes, e que o ser pensante não desapparece.

E' sobretudo para os miseraveis, para os desherdados deste mundo, que esta sublime prova da immortalidade é doce e consoladora.

A certeza absoluta de uma vida melhor, anima o trabalhador na lucta encarniçada que diariamente elle sustenta contra a necessidade. A morte não lhe apparece mais brutal e triste como o aniquillamento supremo, mas, ao contrario, a porta que se abre para um mundo melhor, a aurora brilhante de um dia novo, mais remunerador de seus soffrimentos que esta triste terra sobre a qual vegeta.

Que todos aquelles a quem a perda de um ser ternamente querido deixou abatidos, desanimados, levantem a cabeça, porque as vozes dos Espiritos nos bradam que essa dôr os afflige, que elles vivem ao redor de nós, que nos envolvem em sua ternura, e que, de seus corações, se elevam constantes préces pedindo ao Eterno que nos proteja contra os perigos da existencia. Eis as claridades sublimes que se desprendem da sciencia espirita, eis as venturosas certezas que não podiam dar-nos as religiões nem as philosophias, porque seus dogmas e suas doutrinas, não estando mais em harmonia com os progressos do seculo, deixam o homem a braços com a duvida, esse verme roedor da sociedade moderna.

Não nos illudamos : o tempo da fé céga passou ; hoje é necessario, para que uma theoria philosophica moral ou religiosa seja acceita, que ella repouse sobre o fundamento inabalavel da demonstração scientifica. Outros tempos, outros costumes ; o mundo antigo se apoiou na revelação : o de hoje, precisa da certeza lentamente adquirida ; a fé, por si só, não basta : é indispensavel que a razão sanccione o que se pretende fazer-nos acceitar como verdades.

A grande força do Espiritismo consiste na liberdade de exame que elle deixa ao cuidado dos seus adeptos. Todos os seus principios podem ser discutidos e submettidos ao estutudo ; cada vez que essa experiencia foi feita, elle surgiu mais forte e mais robusto que nunca dessa prova temivel. As religiões, na hora actual, se assemelham a essas andadeiras que são indispensaveis á criança para aprender a andar, porém que se tornam inuteis, e mesmo prejudiciaes, quando ella adquire o desenvolvimento preciso para se dirigir por si só. Encerrado em um dogmatismo estreito, o homem do seculo decimo nono sente que esse ensino caduco não mais está em harmonia com os seus conhecimentos e, forçado a escolher entre as certezas da sciencia e a fé imposta, atira-se de corpo e alma para o materialismo. Se, porém, esse homem encontrar uma doutrina que concilie as exigencias da sciencia com as necessidades que a sua alma tem de crer em alguma coisa, elle não hesitará: adoptorá essa fé nova, que satisfaz plenamente a todas as aspirações. Estas considerações summarias, explicam a enorme acceitação do Espiritismo. Não devemos comtudo, crêr que o Espiritismo seja inimigo das religiões: elle não combate senão os seus abusos; dirige-se mais particularmente aos materialistas e áquelles que, sem serem completamente atheus, estão indecisos ácerca da vida futura.

Em vez de ser redicularisada e combatida, esta doutrina deveria achar-se na base de todo o ensino moral e religioso. Dando ao homem a prova evidente de que a sua passagem pela terra é temporaria, de que terá de responder depois pelo bem ou mal que fez, impõe um paradeiro aos seus maus instinctos que, em nossos dias principalmente, ameaçam corromper a sociedade. O Espiritismo faz conhecer, com effeito, as condições em que se acha a alma após a morte do corpo. Em vez de considerar o Espirito de um modo abstracto, nossa doutrina demonstra que elle é, depois da morte, uma individualidade verdadeira, que não tem menos realidade que o homem; sómente a natureza do corpo mudou, quando as condições da existencia deixaram de ser as mesmas.

A derrota do Materialismo

Adopte-se ou não a explicação espirita, o certo é que, dos estudos de psychologia experimental resultará a derrota do materialismo negativista. Não são somente os phenomenos mediumnicos que o contrariam, mas os estudos sobre a telepathia, o hypnotismo, o somnambulismo, os desdobramento da personalidade, as manifestações superiores da subconsciencia.

Não é mais possivel considerar o pensamento como secreção do cerebro, nem a alma como funcção dos centros nervosos. E' inadmissivel, com effeito, que uma secreção anormal, accidental, pathologica, possa ser constantemente superior á secreção normal, regular e physiologica. Não é possivel conceber uma funcção, que não só possa ser separada do orgão, como ainda, em taes condições antiphysiologicas, adquirir mil vezes mais potencia e extensão. Não seria por demais insistir neste raciocinio: — A interpretação dos phenomenos do espiritualismo experimental pela doutrina espirita (abrangendo a theoria animica é a mais simples, a mais racional, a mais natural).

DR. GUSTAVO GELEY.

Notas Espiritas

Lei do Rythmo

O Espiritismo é grande sobretudo por ter proclamado a lei de «causas e effeitos» ou seja do «rythmo».

No tempo tudo se reaviva, mal ou bem, e como em uma aspiral purificadora comprime o passado, imprimindo-lhe a ascenção que conduz ao Amor Divino.

Felizes os que praticaram unicamente o bem, porque sentirão eternamente o seu perfume; infelizes todos quantos se obstinaram a crer que somente o mal conduz á supposta felicidade terrena. Se é verdade que estes ultimos atravez as reincarnações, deverão egualmente, no tempo e no espaço, soffrendo e purificando-se, alcançar—como aquelles—as culminancias celestes; o seu calvario será todavia duro e doloroso.

O Supremo Factor deixa a cada creatura sua que por si mesma trace o caminho immortal, com pleno livre arbitrio que lhe concedeu de antemão; dahi a nossa responsabilidade completa e absoluta.

Lemos que a Hespanha, em outros tempos catholica e filha predilecta da Egreja Romana, em uma revolução pavorosa como esta, assalta conventos e egrejas, devastando e incendiando-os, pondo em fuga sacerdotes, frades e freiras. Scenas revoltantes para nós «espiritualistas» porque nós nunca approvamos actos que deshonram a civilisação de um povo qualquer que seja, e especialmente do velho continente, onde a maturidade da época da rasão devia ser um facto consummado. E bastaria este nosso sentimento para fazer-nos apreciar ainda melhor pelos poderes publicos e religiosos, nesta hora em que se põe em duvida as nossas intenções christãs...

Mas, emquanto ficar de pé uma autoridade... terrena, é de todo necessario analysar, os acontecimentos á luz meridiana, mesma se desagrade aos nossos mais respeitaveis e valorosos adversarios de fé. E seremos serenos na interpretação das perturbações hespanholas.

Onde se encontra, para a referida lei de «causas e effeitos», as rasões de taes perturbações? Sejamos sinceros: na «inquisição», que durante seculos embruteceu, torturou, massacrou milhares e milhares de creaturas, pelo simples «crime» de conceber a religião menos de profissão publica do que como um facto intimo.

A Hespanha foi, desgraçadamente, a nação mais opprimida pelo dominio ecclesiastico, com chefes como Simon de Monforte e Domingos Guzman, e um exercito incalculavel de congregados, prelados, frades, torturadores, etc. A inquisição tornou-se em summa uma verdadeira instituição politica, contra a qual em vão protestaram os proprios S. Agostinho e S. Ambrosio. O Vaticano era a forja internacional deste massacre de innocentes, como é verdade que somente Torquemada, em apenas 14 annos, torturou, 80.000 pessoas, queimando vivos 6.000, com approvação do pontifice romano.

Pois bem, estabelecida pelo Espiritismo a lei do «rythmo», ou seja de «causas e effeitos», quaes deviam ser as consequencias deste attentado systematico á rasão humana, desejada pelo Creador, afim de que os seus filhos fossem arbitrio e responsaveis pelos proprios destinos? Tardia, lenta, mas inexoravel, a reacção hespanhola tinha de vir e eil-a em acção, sem entretanto—a crueldade da propria... Santa Inquisição. Sim, porque nunca as victimas de hoje irão perfaser a millesima, ou centesima parte das victimas do dominio catholico que, para garantir-se a alliança civil, chegou a reconhecer no «pequeno senhor» da edade media o «ius primae noctis» sobre as virgens feudaes. Semelhantes, immoralissimas uniões deviam encontrar na lei do «rythmo» a reacção... purificadora.

A de hoje.

Resta-nos unicamente saber quem sejam os chefes audazes e inexoraveis desta reacção, desde que admittimos que tudo quanto acontece aqui em baixo está sempre em correlação com o outro mundo.

—

Não hesitamos em affirmar que os chefes estão no astral e são unicamente aquelles que foram imolados nas fogueiras da inquisição.

Se alguem achar que já decorreu bastante tempo desde os ultimos «autos de fé», sendo assim de suppor que parte das victimas já se ache em franca evolução e a outra reincarnada, responderemos de que esta ultima — o agente terreno — é o espoente da parte astral, ou seja atrasada, entre as phalanges dogmaticas do espaço, para preparar justamente o encontro (talvez final) entre a obra do mal e do bem.

Sim, o encontro final, inelutavel, afim de que se inicie a pacificação dos rivaes, pela propria lei do amor que fraternisa o universo. E emquanto isto, o «rythmo» age no alto como em baixo, sem parar jamais, tal como a agulha do quadrante do relogio, marcando o vae-vem do tempo e implicitamente os acontecimentos... purificadores. Porque, e não adeanta negal-o, o repetir se das tempestades humanas responde tambem e sempre ao polimento do passado, se este pertence á ordem moral, mas que foi transviado dos seus proprios expoentes. No caso em apreço a egreja romana.

Debalde, portanto, a escandalisação daquelles que clamam contra o movimento anti-religioso da Hespanha: para nós, «espiritualistas» constitue o effeito de uma causa historica que, sahindo do odio de casta, deve purificar-se com a consequente reacção dos sacrificados, desincarnados ou reincarnados que sejam. E' a lei do «rythmo» em acção, segundo a immutabilidade dos decretos divinos.

Inclinando-nos perante a justiça do Creador, mas invocando tambem da sua misericordia que apresse a transformação humana, illuminando e multiplicando os mensageiros da paz e da luz; nós reclamamos ainda e sempre os responsaveis pelo mal a reflectir sobre consequencias da sua obra. Hontem a Egreja, hoje o Estado, obliterando o sacrificio de Christo, continuam a dividir a humanidade no pacto instintivo e creador do amor. Delicto este que arrasta o globo a dores indescriptiveis...

E é em vão que contra nós se embatem as criticas, as paixões e a prepotencia: nós não descambamos de uma linha siquer da doutrina espirita que, junto com o preceito do "amor e perdão" ensina a fatalidade da lei de "causas e effeitos".

Por esta doutrina humano-divina nós podemos humildemente denominarmos os continuadores da obra do Nazareno "usque ad mortem et ultra".

Mariano RANGO D'ARAGONA.

AS REVELAÇÕES

Na realidade tres grandes revelações dominam a historia. Aos prophetas de Israel, succedeu o medium divino Jesus. O Espiritismo é a ultima revelação, a difusão espiritual annunciada por Joel (II, 28, 29), «quando o espirito se derramará como uma aurora sobre o mundo, e os velhos serão instruidos por sonhos e os mancebos terão visões.»

O proprio REUSS concorda que, segundo esse calculo, «a effusão do espirito será tão ampla que a nação inteira se tornará um povo de prophetas.» Assim, a acção psychica do Além transformará o mundo futuro numa humanidade de videntes e auditivos. A mediumnidade será o ultimo estado da raça humana encaminhando-se ao termo de seu destino. — LEON DENIS.

Mais Retratos Espiritas

«The Two Worlds» — *Trad. W. Campello*

Nunca podemos dizer quem é que vai interessar-se nos nossos negocios pessoaes. Por exemplo, vêde esta photographia. Um photographo ambulante chegou a uma casa de Newcastle e propoz-se a tirar alguns retratos. Havia uma criança na casa e, como crianças são pretextos para retratos, vestiram-na com uma camisola limpa, propria para a occasião, collocaram-na no vão da porta de entrada e pediram-lhe um sorriso para o passaro que ia apparecer.

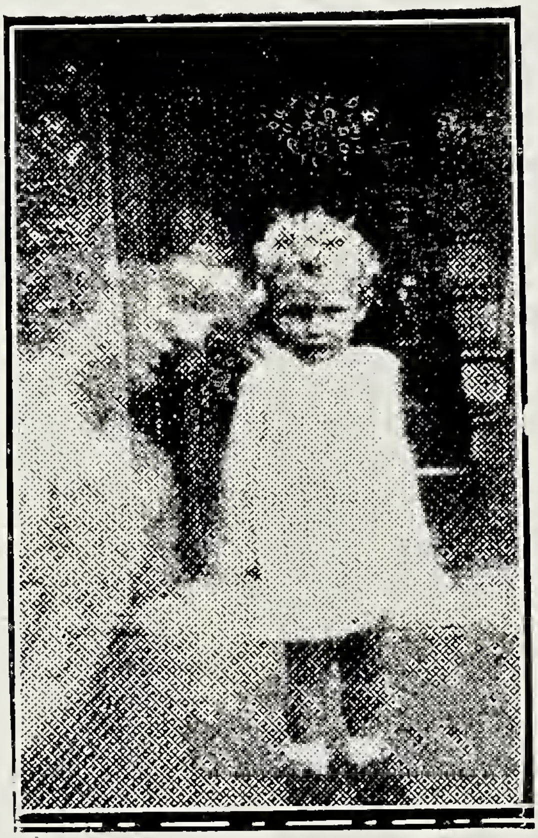

O photographo retirou-se, promettendo voltar dentro de poucos dias trazendo o retrato acabado. Elle assim o fez, porém, a pedir desculpas, pois tendo tirado retratos, sabe Deus ha quantos annos, nunca vira coisa semelhante a esta. Elle havia tirado o retrato de uma menina limpa e affectada e, contudo, appareceram duas pessoas na impressão. Para evitar reclamações, elle se propoz a tirar outro retrato.

Os pais, porém, tinham ouvido falar algo sobre o assumpto e acceitaram o retrato. Ainda mais, encommendaram ainda outras copias. Fizeram investigações e o rosto do «extra» foi identificado como sendo o da tia da menina, morta ha bastante tempo. A tia, apparentemente, estava satisfeita com a pôse da sobrinha. Tudo aconteceu quando a tia já estava morta ha dezeseis annos. O photographo não a vira antes e o seu officio era fazer retratos claros e não mistificar seus clientes com figuras superpostas. Os pais não eram espiritas e queriam um da menininha, não o de uma pessoa que deixara a vida ha annos. O «extra» não poderia ser produzido por uma combinação de raios luminosos, porque o sol nunca produziu uma photo independente. Assim, somos forçados a chegar á unica conclusão, isto é, que a senhora voltou do além-tumulo.

CICERO E A IMMORTALIDADE

FELIZ será o dia em que eu sahir desta multidão corrompida para me reunir á divina e feliz pleiade das grandes almas, que deixaram a terra antes de mim! Ahi encontrarei não sómente esses homens illustres de quem tenho falado, mas tambem meu caro amigo Catão, um dos melhores e dos mais fieis nos seus deveres, que conheço. Eu puz seu corpo no athaúde, mas sua alma não me deixou, e sem me perder de vista elle unicamente me precedeu um dia no Além. Apezar de minha dôr, sinto-me consolado pelo pensamento de que estamos separados por momentos.

Do livro «De Senectude» — CICERO.

A DUALIDADE DA ALMA INDIVIDUAL

Lição de Zodiaco em Inglaterra em 10 de Setembro de 1927, por intermedio da Senhorita Winifred Moyes, em transe

MEUS filhos, quando, ao alvorecer da manhã, o viajor desperta e pensa no caminho que tem de percorrer, põe em ordem o seu equipamento sabendo que, antes do anoitecer, muitos trabalhos terá de affrontar. Assim tambem, quando adquiris a consciencia espiritual, comprehendereis que importa não deixar correr as horas do dia sem as consagrar áquillo que o espirito interior vos indicar. Examinaes, portanto, o vosso alforge para ver que não faltem ali duas coisas essenciaes : a agua da fé e o pão do serviço.

Quão poucos se contentam com o que é imprescindivel á vida diaria! Muitos reunem isto e mais aquillo de modo que, quando chega a noite, se sentem cançados pelo peso da bagagem desnecessaria com que se sobrecarregaram. Descontentes e sem sympathia pelo mundo, comparam a vida a um fardo pesado e dizem que ella pequena compensação offerece ao soffrimento.

A vós e a muitos outros me dirijo pedindo que examinem o que possuem para a jornada que o dia de amanhã representa : digo-lhes que, se desejarem viajar de coração alegre e verificar, no fim do dia, que aproveitaram bem as suas horas, ser-lhes-ha mister levar comsigo a agua da fé e o pão do serviço.

As coisas dispensaveis e o progresso espiritual

Quando vos tiverdes desembaraçado do involucro actual, reconhecereis a verdade d'estas minhas palavras. Olhando para aquelles cujos dons vos inspirem profunda admiração, haveis de procurar saber a historia da sua vida. E os que possuirem o discernimento interior vos dirão : «São aquelles que andaram pela estrada ingreme e difficil e que conseguiram percorrel-a, visto que viajavam sem equipamento pesado, e venceram a tentação de descançar á sombra das arvores». A agua da fé e o pão do serviço os fazia vencer obstaculos que pareciam insuperaveis : são agora como anjos do Céu».

Eu tenho, de quando em quando, procurado explicar-vos um tanto ácerca do que vós chamaes «o homem». Tenho-vos dito que Deus que é o Pae e a Mãe, deu ao que era parte de si mesmo um reflexo dos poderes divinos. Tenho-vos dito tambem que os filhos e as filhas do Altissimo foram criados aos pares, completando-se mutuamente ; mas preveni-vos de que era mister bem comprehender a distincção de sexo, o que ereis propensos a esquecer.

O matrimonio sagrado

Muitas perguntas se levantam na mente do corpo acerca de varias coisas. Occupar-me-hei d'ellas em tempo opportuno. Mas o que desejo fixeis agora na memoria é isto : Quando em uma épocha muito e muito afastada cada um foi criado, era a expressão da pureza e da verdade sem comtudo possuir o dom da experiencia pessoal. Cada qual se completava por outro e embora estas duas metades, que mutuamente se completavam, tenham estado separadas durante periodos eónicos, tornar-se-hão a reunir para sempre, em harmonia com o intuito divino. E' este o sagrado matrimonio a que tenho feito referencia em outras occasiões.

Hoje, porém, desejo occupar-me d'aquillo a que vós chamaes Dualidade, cumprindo-vos meditar sobre esta questão. Trago-vos a verdade espiritual que acceitareis ou não, sendo certo que por estardes sujeitos ás restricções physicas, apenas podereis comprehender parte da realidade grandiosa.

Fallarei pois sobre a Dualidade ; mas sou forçado a servir-me das vossas palavras para transmittir as minhas ideias á vossa mente.

Esta dupla criação do Senhor Deus é universal, isto é, não diz respeito apenas ao que vós entendeis por ser humano. E, com referencia aos animaes e insectos, desejo que noteis a vasta criação separada de vós, e tambem a vós ligada pelo facto de que, na qualidade de filhos e filhas do Altissimo, tendes de tutelar e proteger toda a forma de vida que se encontrar fóra da orbita do que chamaes «o homem».

A vida futura individual de tudo que foi criado

Tem havido quem ensinasse que em um bando de passaros, reunidos em vôo, se dá um facto notavel: affirmam esses que o mesmo bando possue apenas *uma* alma, *uma* unica vida; e, segundo dizem, o mesmo acontece a uma manada de animaes. E pretendem alguns que esta lei se applica ás mais humildes criaturas.

Mas notae isto: Vós olhaes para os passaros que, voando cortam livremente o ar. Se um d'elles cahir por terra; para esse vos dirigis cheios de sympathia, e levantareis esse pequeno ser palpitante tentando acalmal-o. Haveis de conservar a recordação do que lêstes no olhar d'essa victima humilde, em cujo corpinho emplumado existe a *vida*, êsse segredo que nenhuma mente humana sabe desvendar.

Os que estão libertos das coisas do mundo material, não podem alliar o Amor de Deus á idéa de que o pardal, o tordo, o melro deixarão de existir após o seu estágio sobre a Terra, e tambem que, em um grande bando de passaros, apenas um d'elles sobreviva á morte physica.

Quasi todos sorriem quando se lhes diz que as aves do Céo têm uma vida futura; mas notae isto: Nenhum dos presentes deixará de reconhecer a sua insufficiencia espiritual; e, não obstante isso, procurarieis soccorrer o pequeno ser que tivesseis na mão. Que significa isso? Estará, n'este caso, Deus abaixo do homem? Oh, como é grande a estulticia dos prisioneiros do plano terrestre! Os passaros do ar pertencem a Deus. São milhões, porém cada qual é uma das Suas criaturas! E, como o homem, foram, no principio, criados em forma muito differente da que hoje têm: com belleza inconcebivel, possuindo o dom do canto, cheios de confiança, sem temor!

Este vosso planeta, meus filhinhos, parece-vos ser muito importante; e ainda mais o exaltam os que não creem em Deus. Julgam no, alguns, ser o limite do saber e da propria vida. Mas os que têm seguido pelo caminho da sabedoria espiritual sabem que, para além do mundo physico, existem grandiosos estados e ambientes. Eu tenho procurado fazer-vos entender que, antes de terdes entrado n'este plano de experiencias, haveis tido um passado que a linguagem do Mundo não pode explicar. Isto affasta por insensata a lembrança de que faltaria o *espaço* necessario para a vida futura de todas as criaturas de Deus. Esta Terra, emquanto a nós, é como um atomo entre muitos. E para além d'esses atomos existe um Universo vasto, illimitado, sem ter fim!

O effeito de serem separados os complementos espirituaes

Chamo a attenção para o plano e proposito da vida. Os que habitam a Terra sentem, ás vezes, uma solidão profunda. Um chora pelo outro: pelo seu complemento, ignorando a causa da sua afflicção. Seus olhos estão cerrados ao passado e ao porvir. Então, meus irmãos, succede isto: Impellidos pela solidão e desejo de companhia, procuram nova alliança. Poder-se-ão depois estimar-se mas não como o fôra em relação ao que havia partido. Confiantes e encontrando desculpa, ligaram-se a novo elemento; e essa união continúa durante a vida physica. Ao accordarem para a realidade, muitos comprehendem o erro que commetteram.

Vós tendes visto como aquelles que estão dominados por preconceitos mundanos buscam este e depois aquelle; eu, porém dirijo me aos que têm sido educados um tanto nas coisas que são do Espirito; e é para esses que venho trazer palavras de animação. Digo lhes que do esforço para cumprirem o seu dever terão a correspondente colheita, e d'isso lhes advirá tambem o encurtamento do periodo de separação d'aquelle por quem seu ser real anseia.

As barreiras levantadas pelo suicidio

Alguns commetteram este erro grave: Alguem que muito amavam lhes enchia a vida; mas o que chamam um inimigo se approxima em forma de doença, e o corpo physico d'essa pessoa tão querida deixa de existir. A dor domina-os e a vida lhes parece um deserto, não reparando que existem outros igualmente feridos. Então, em um momento de fraqueza e de irreflexão, põem fim ao tabernaculo physico julgando que assim se iriam reunir ao que lhes era tão caro.

Meus irmãos, taes erros occorrem porque os filhos da Terra não estão devidamente elucidados. Descarregam sobre elles proprios o mais terrivel golpe, porque, por sua obstinação ou cobardia succede que durante o periodo de vida a seguir, ficam impossibilitados de encontrar aquelle mesmo a quem se desejavam reunir. Entretanto, poderão, durante o que chamam os sonhos, ouvir mutuamente suas vozes; mas, como sonho, desfallece, porque elles mesmos levantaram as barreiras que os separam.

Vêde porem a grandeza do amor de Deus! Desde a criação, o Pae determinou que os que fossem como que complementos de outros podessem, pelo amor, reunir-se em pensamento. Viandantes na jornada da experiencia, trocaram porem a vontade de Deus pelas inclinações da sua personalidade. A consequencia foi, que n'este seu presente estagio, poucos são os que podem atravessar os ambientes dos muitos mundos para communicarem com quem tanto amam. Não pela vontade de Deus, mas pela obstinação humana!

A lei de misericordia que preside ao adormecimento

E' mister supportar estas consequencias; todavia não nos é retirado o amparo: Em todos os periodos de desenvolvimento, durante o espaço de tempo a que chamaes o somno, a Divindade que habita em vós, tem a faculdade de ir aonde lhe aprouver, toda a vez que o corpo, pelos seus desejos, o não impeça. Quando o corpo terrestre está adormecido, predomina a verdadeira personalidade isenta de ambições terrenas. Comtudo, os vossos pensamentos do dia não deixam de influenciar os movimentos durante a noite. Mas, pela vontade de ascender e não cahir; durante o adormecimento entraes em ambientes cuja santidade vos deslumbraria agora. N'essa occasião, se a outra parte, o vosso complemento, estiver igualmente unido a Deus, as chamadas barreiras deixarão de existir.

E' por isso que alguns sentem durante o somno uma felicidade ineffavel. Onde estivestes não sabeis nem tampouco quem haveis encontrado. Mas Deus o sabe, Deus conhece os Seus filhinhos e usa para com elles de illimitada clemencia. Então, alguns aprendem, e por isso entram na luz quando abandonam o corpo, e encontram quem a Divindade interior lhes diz ser o seu complemento!

Quando se pensa n'esta altissima concessão de Deus, a solidão perde o seu horror, e a desharmonia se pode encarar com resignação!

A verdade occulta na historia do Jardim do Eden

Tudo isto é, meus irmãos, a verdade que a historia do que vos chamaes o Jardim do Eden encerra e que se nos apresenta em allegoria. Poderá parecer um relato ambiguo, mas, quando se encontra a chave do enygma, principia a fazer-se luz em nosso entendimento. Essas verdades apresentadas em parabolas foram transmittidas ao homem precisamente pelo processo que estou agora recorrendo a este instrumento (a medium). Ao reproduzi-las, pela palavra ou pela escripta, alguma coisa se perdeu. Porem, «de Deus não se zomba», e portanto ficou o sufficiente para mostrar ao homem o seu passado e fazel-o ver um tanto do que o futuro lhe reserva.

Recordando-vos pois de que Deus criou seus filhos á sua semelhança, gravae na memoria que a distincção relativa ao envolucro physico a que daes o nome de «sexo» interessa apenas a este pequeno plano.

Fazem alguns esta pergunta: «Se o homem e a mulher são iguaes perante o Criador, porque veiu Deus á Terra com o corpo de um homem?» E' bem facil dar a resposta. Se o Messias tivesse vindo em forma de mulher, pessoa alguma teria prestado attenção ao Mestre, porque n'aquelle tempo consideravam as mulheres inferiores ao gado; e até no presente não estão livres do mal estar em que vivem. E lembrae-vos de que foi uma mulher quem forneceu o corpo physico ao Salvador do Mundo. Não partilharão, assim, ambos os sexos d'esta honra?

Darei agora uma explicação rudimentar do que diz respeito á Individualidade: Criado á imagem da Divindade, foi dado ao homem um reflexo dos attributos de Deus. Mas, sendo dadiva não se pode, verdadeiramente, considerar pertença sua. Portanto, quando foram criados os pares, ou complementos, como os quizerdes chamar; Deus, em seu grande amor determinou que um fosse como que para a direita e o outro para a esquerda, de modo que a longa viagem de experiencia fosse abreviada pelo auxilio e conhecimentos mutuos.

O desabrochar da Individualidade

Assim principiou a individualidade; mas peço-vos que não a confundais com a palavra personalidade, como tantas vezes fazeis. A individualidade é a libertação do ser real interior, ao passo que a personalidade anda associada á vestimenta em que se funcciona durante os periodos de involução e de evolução . . .

O corpo physico é semelhante a uma ferramenta que vos pertença; e, ao abandonal o, tereis outro corpo mais denso ou mais subtil. Durante a lucta, se vão trocando os corpos terrestres por corpos celestiaes *(1.a Epistola aos Corinthios XV-40)*. E á medida que estas vestimentas vão perdendo a sua densidade, mais facilmente se manifesta a individualidade. Em futuro muito e muito remoto, vos haveis de encontrar libertos de todas as peias; e, pelo esforço e experiencia vireis a ser, verdadeiramente, «filhos» e «filhas» do Altissimo!

Que desça sobre vós outros a paz, essa paz que provém da comprehensão do plano e proposito da vida; que possaes alcançar o sublime descanço de Deus — O verdadeiro descanço consiste em seguir o Grandioso Modelo, em cuidar dos enfermos e soccorrer os que cahirem pelo caminho *(Evangelho de São Lucas X-33)*.

Em Nome de Christo vos deixo a paz e a benção espirituaes!

BASTA DE LAGRIMAS (1)

Pela mão de Anthol que voltou do Alem

Da «Revue Spirite» || *Trad. para a R. I. E.* || Por J. J. PRUDHOM

Prof. Bozzano, cujas analyses de obras psychicas occupam um logar importante na revista «La Ricerca Psichica», consagrou numerosas paginas a «*No More Tears*» (Basta de Lagrimas), de Mme. Stuart, apoiando as suas observações pessoaes em citações abundantes, e terminando por um appello aos sabios a quem o estudo dos phenomenos interessa, convidando-os a classificar os seus casos, de maneira a dar uma prova cumulativa dos factos examinados.

Accrescenta:

«Exprimindo-me assim, julgo pela minha experiencia pessoal, pois foi registando e classificando toda a especie de phenomenos supranormaes que eu, positivista e materialista da escola de Herbert Spencer, cheguei, baseado em factos, a certeza scientifica da sobrevivencia humana.»

Pensei que os leitores da «Revue Spirite» ficariam satisfeitos comigo por lhe resumir um desses factos, que consiste nas experiencias psychicas de uma mãe com as suas pessoas queridas, depois da morte destas, experiencias que ella conta numa linguagem simples, a da Verdade, nesse livro intensamente emocionante, «Basta de Lagrimas», de que o Prof. Bozzano deu conhecimento aos leitores da «Ricerca Psichica, com a sua maestria habitual. A julgar pela minha experiencia pessoal, o titulo do livro «Basta de Lagrimas» não está muito bem posto, pelo menos quanto ao que lhe diz respeito, porque foi com os olhos razos de lagrimas que, de uma ponta á outra, lhe percorri as paginas comovedoras. Esse titulo é, comtudo, exacto, se subentendermos que as lagrimas não eram de tristeza. Ha risos mais amargos que fél, e lagrimas suaves como a brisa da tarde. As que ides verter como eu ao

---

(1) «No more Tears» — The Francis Mott Company, London. Preço sh. 3/6.

lêr essas linhas, terão essa suavidade; e se, entre as minhas leitoras, houver mães que tenham chorado, como Mme. Stuart, e talvez ainda chorem um filho querido, essas continuarão a chorar depois de lêrem este breve resumo; mas as lagrimas que ellas de óra avante verterem, serão lagrimas dulcificadas pela certeza de que o ser querido está sempre bem vivo num mundo real, de que o nosso não é mais do que a sombra, e de que poderão tornar a vêl-o e a falar-lhe, e certificarem-se, por meio de provas tão evidentes como a luz do dia, de que elle está sempre junto dellas, cercando-as com a sua ternura e proteção.

Para nos permitir medirmos a extensão e a profundidade da laceração que o annuncio da terrivel nova lhe causou (2), Mme. Stuart, no primeiro capitulo, «Meu filho e Eu», começa por dar uma definição do amor materno, para uso do sexo forte, que elle não pode fazer mais que uma idéa. Depois, num abandono patetico, fala-nos das suas relações com o seu «ladie» (rapazote). Para começar, tal morte prematura não foi uma surpreza para ella. Quando, pela primeira vez, a parteira lhe puzera o bébé nos braços, uma vóz lhe murmurou baixinho ao ouvido: *E' só emprestado... só emprestado.* Este aviso não devia deixar jamais de preoccupal-a. Precisou mesmo: «Fui perseguida pela impressão, diz ella, que se gravara agora no meu espirito em caracteres indeleveis, de que o meu filho attingiria uma idade de homem, glorioso, desabrochado, e que, exactamente na idade de desoito annos e nove mezes, morreria". Aos quatro annos, uma escarlatina esteve a ponto de levar a criança. "Mas eu não partilhava á opinião (de que a criança morresse) com as outras pessoas. Não cessei nunca de dizer o que nosso filho recuperaria a saúde, para nos ser tirado dois ou tres mezes antes do seu decimo-nono anniversario. Não sei dizer porque é que eu tinha esta firme impressão, nem o motivo porque eu estava absolutamente certa, mas fosse o que fosse que os outros pensassem de mim ou eu de mim propria, nem por isso é menos verdadeiro que o meu filho foi morto em França exactamente com a idade de desoito annos e nove mezes.

«Quando estalou a guerra tinha elle quinze annos. Exclamei logo: «Cá está: o meu rapazote vai ser morto!» «A guerra ha de acabar antes d'elle ter idade para partir.», respondeu meu marido.»

«O nosso filho tinha um bello physico para a idade. Parecia muito mais velho que realmente era. Achava que lhe tardava o deixar o trajo civil. Alistou-se num batalhão local de athletas, á espera da idade para ganhar os seus galões nos Fusileiros-Artistas.

«Comtudo, pouco depois de se alistar, telephonou perguntando-me se eu via inconveniente em que elle passasse para a aviação militar. Respondi-lhe: «Laddie», chegou a occasião de procederes e de tomares tú as tuas decisões. Já não precisas de consultar a mamãe. E's tú que deves suportar o pêso e fazer o que te parecer melhor.» Respondeu-me: "Está dito, mamãe, Deus te abençôe!" Respondi: "Deus te abençôe, meu querido filho." Mas quando puz o telephone no descanço, elle deu um leve som argentino. Encostei-me á parede, e fechando os olhos disse,—de mim para mim: "E' a tua sentença de morte."

E depois, chegou o dia . . .

"Mamãe, parto para a França dentro de tres dias!"

"Cerrei os labios. Fomos muito praticos. Mas, no mais profundo do meu coração, eu sabia que elle não regressaria mais. O resto da familia tinha esperança, mas para mim não havia esse elixir de vida porque eu sabia que elle fôra "apenas emprestado", e que meu pensamento havia de se realisar."

"Devo dizer que meu filho tinha attingido, apesar da sua pouca idade, uma grande maturidade de espirito."

Seguem cartas que o moço escrevia a amigos e parentes, de uma

---

(2) O annuncio de que seu filho Athol, bello rapaz de 18 annos, observador na aviação ingleza durante a guerra, tinha sido dado como desapparecido (J. J. P.)

elevação de espirito e de uma maturidade, que não era de esperar de um «tommy» de desoito annos. Ao lêl-as não se pode deixar de pensar: Estava amadurecido para o plano superior; a Terra já não era feita para elle.

E a pobre mãe abandona-se ás lembranças:

«O meu filho e eu, tinhamos sido sempre o melhor par de amigos e de camaradas, que pode haver. Nunca deixei de lhe dizer que eu nunca lhe havia de faltar na vida, qualquer que fosse o seu desgosto, pesar ou dissabor. Não tinhamos um pensamento que não compartilhassemos, o meu pequeno e eu. Eramos grandes namorados (sweethearts); nos comprehendiamos por meias palavras; e agora chegara a bifurcação dos caminhos. Oh! meu Deus, como se podem dar taes cousas.

«Meu pequeno, lhe disse eu, tens de prometter uma cousa á tua mãe. Se te chegar o momento de morrer, quero que tentes com todas as tuas forças sorrir, um sorriso para tua mãe, e que a ti proprio digas que eu tambem vou ser corajosa. Havemos de tornar a ver-nos, meu querido, algures, qualquer dia, de qualquer forma! Portanto, não quero que tenhas a sombra de uma anciedade ou pesar a meu respeito no ultimo momento.»

«Está dito, mamãe, eu comprehendo! respondeu elle. Mas, queridinha, é preciso que me prometas tambem alguma cousa. Não has de chorar, e não has de pôr luto por mim, está dito? Quero que a minha mãe vista sempre lindos vestidos, em minha intenção.»

«... Aqui tenho de assignalar dois ou tres pequenos incidentes. Versa-á em que extraordinarias circumstancias. O meu filho gostava apaixonadamente de fazer advinhações com cartas quando era criança, e geralmente o seu publico era a mãe. Inventou varias; causavam-nos indescriptiveis accessos de hilaridade, e numerosos eram os gracejos que trocavamos nessas occasiões. Nessa noite, a penultima que elle passava em casa, ajudei-o a arrumar as malas; quando tratavamos disso, veio-me á mão uma bolsinha, e eu perguntei-lhe se elle a queria. «Põe-me-a ahi tambem, disse elle, serve para os botões de camisa.» Ali a puz, perguntando a mim mesmo se não teria um dia ainda de tornar a desembrulhar aquella bolsinha — no quarto de meu filho, então vasio. Subitamente o meu filho quiz dar-me coragem, e a modo de ultimo gracejo, sacou do velho baralho, e pôz-se a perseguir-me, rindo em volta do quarto; depois, deitou-as na cama d'elle. Depois da partida, juntei as cartas todas e, cega com as lagrimas, embrulhei-as num papel de seda, atei-as dos quatro lados com uma larga fita, e lacrei o embrulho. Puz o meu sinete em cada nó, depois fechei-as fóra das vistas numa caixa que continha os thesouros d'elle. Fechei-a á chave, dizendo a mim propria, emquanto tal fazia: «Emquanto eu viver, nenhum olhar pousará mais sobre estas cartas, e nunca mais mão nenhuma na Terra lhe tocará, a não ser que elle proprio volte e o faça.»

Mais adiante ver-se-á o que aconteceu.

Nessa mesma noite, o meu filho manifestou o desejo de ir despedir-se de alguns amigos da familia. Eram amadores de musica, e o meu filho frequentava tambem muito os concertos. Nessa noite cantou elle tres canções, e eu desejo que fixeis bem a vossa memoria a ordem exacta pela qual ellas foram cantadas. Depois, vereis porque quando eu vos reconduzir a estes incidentes, elles vos provarão que os nossos bem queridos não só levam as suas recordações comsigo, mas teem melhor memoria do que nós, muitas vezes.

«A primeira canção de meu filho foi «The Perfect Day» (O dia perfeito); a segunda «Let the Great Big World Turning» (Gire o grande e o grosso mundo) e emfim «Good Send You Back to Me» (Que Deus te entregue a mim) (1). Como cheguei ao fim deste serão sem me abater, não sei eu. Sabia que haviam de vir os dias em que eu o tornaria a vêr em espirito nesse mesmo quarto, exacta-

---

(1)—Canções populares que eu muitas vezes ouvi e até mesmo cantei quando estive na India (I. J. P.)

mente como agora o via, inclinado com um á-vontade desprendido e gracioso para o piano, com a mão levemente posta na anca, e o rosto viril impregnado de firmeza sob a monteira marcialmente inclinada a um lado da cabeça, que os seus lindos anneis ornavam de outro lado. Sim, pensava eu: é com certeza a ultima vez que o vejo assim, e que eu ouço a sua querida vóz cantar esses velhos e lindos estribilhos. «Estribilho! disse elle, com um gesto physionomico que me pareceu approximar-se de uma piscadela de olhos, e eu fiz côro, como fazia:

«I only know I want you so
No body else will do»

Voltamos tarde para a casa, de braço dado, á luz das estrellas, pelas veredas do campo adormecido. Disse-lhe eu: «Ai meu filho, tenho o presentimento de que nunca mais na minha vida hei de ouvir cantar estas canções. Não poderia repetir este serão». Apertou-me o braço com mais força e disse: *Então, porque, mamã? Brevemente voltarei de licença, talvez, dentro de tres mezes, e logo que nos tornarmos a vêr prometto que cantal-as-ei.*

(Continúa)

Prova definitiva pela photographia espirita

De «The Greater World» *Trad. W. Campello*

Escreve-nos Mrs. Wheatcroft, de S. W. Londres.

Remetto uma photo espirita obtida atravez da mediumnidade dos Irmãos Falconer, em agosto do anno passado, que consideramos admiravel e digna de publicação, caso a vossa Revista disponha de espaço.

O «extra» que apparece tão claramente é, sem a menor sombra de duvida, o avô de Mr. A. Wheatcroft, meu marido, que tambem assistiu á sessão.

Quando Mr. A. Wheatcroft era mais moço elle se parecia muito com o avô e, mesmo agora, todos os que veem a photo do avô, confessam se surprehendidos pela forte semelhança que meu marido tem com elle.

Infelizmente elle falleceu quando meu marido apenas era uma criança e sua viuva mostrava grande predilecção pelo neto porque, dizia ella, elle era a imagem do marido.

Devo accrescentar ter Mr. Wheatcroft passado ao Além antes do nascimento dos Irmãos Falconer e elles certamente nenhuma photo delle conseguiram ver. Só existe um retrato que não está em nossso poder, porém, pertence a um parente. Naquella photo elle apparece envergando um uniforme de official de marinha, porém, no «extra» a posição da cabeça está em direcção differente.

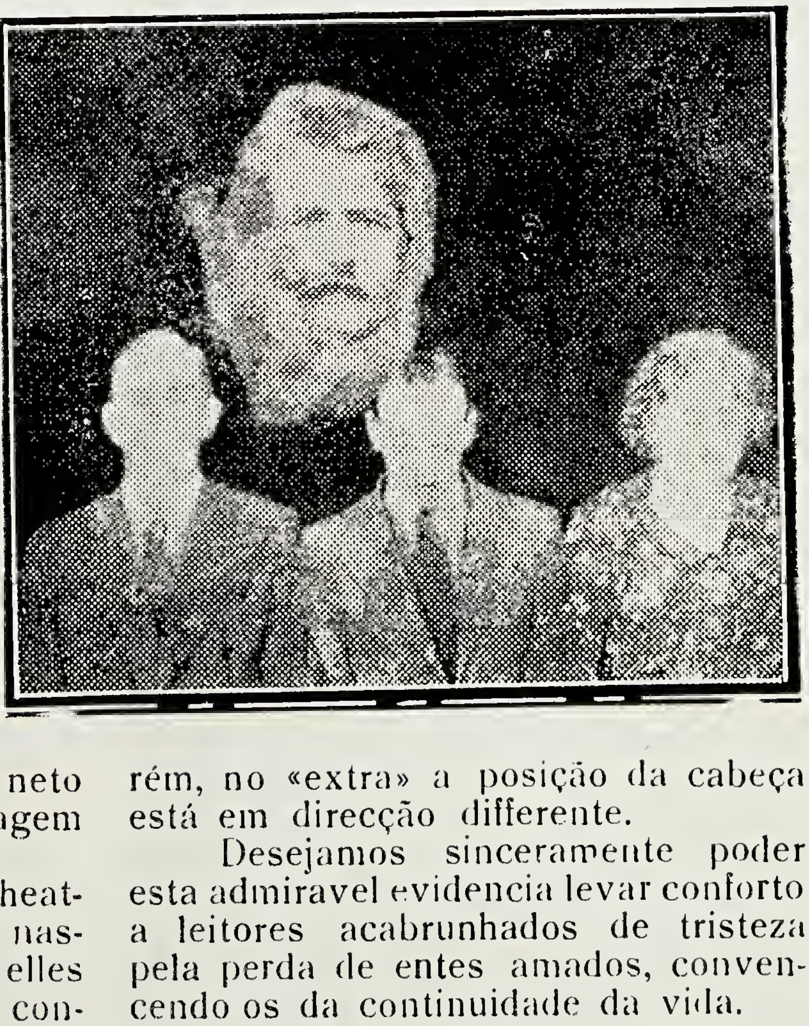

Desejamos sinceramente poder esta admiravel evidencia levar conforto a leitores acabrunhados de tristeza pela perda de entes amados, convencendo os da continuidade da vida.

Litteratura de Ultra-Tumba

Por Ernesto Bozzano *Da «Revue Spirite»*

(Continuação)

RESTA-ME tomar em consideração uma ultima obra litteraria, obtida mediumnicamente pouco depois, e que mereceu grande interesse na Inglaterra, assim como vivas discussões nas revistas metapsychicas, espiritas, religiosas, e mesmo nos jornaes politicos, de tal maneira que á primeira edição se exgotou em cinco mezes.

A obra intitula-se : *Os Escriptos de Cléophas* e foi apresentada como uma «Chronica sagrada», complementar dos *Actos dos Apostolos* que nos chegaram mutilados em algumas partes, em seguida das perseguições de que foram victimas os primeiros christãos. Os *Escriptos de Cléophas* teriam sido transmittidos directamente (ou para melhor dizer «inspirados») pelo discipulo deste nome, a um dos quaes Jesus Christo appareceu no caminho de Emmaus, tres dias após sua morte, e com o qual elle sentou para jantar na villa homonyma de Emmaus.

O medium por intermedio do qual esta obra muito notavel foi dictada é Miss Geraldine Cummins, filha do professor Ashley Cummins, de Cork (Irlanda), doutor em medicina. Ella é uma escriptora elegante, autora de um romance e de duas comedias escriptas em collaboração com outros; ella é, ao mesmo tempo, uma habil jogadora de lawn-tennis. Eu disse isto com o unico fim de mostrar o perfeito equilibrio de seu corpo e de seu espirito. Em 1923, ella começou a exercitar a escripta automatica, com sua amiga Miss Gibbes, e em 1925 obteve-se derepente os primeiros dictados concernente a historia do primeiro seculo da Igreja. A entidade que os dictava, assignava: *Le Messager;* sua escripta se effectuava com o medium em condições de semi-transe. O lapis corria rapidamente no papel; de 1400 á 1500 palavras eram dictadas, sem interrupção, em uma hora. O dictado, uma vez terminado, era immediatamente retirado antes que o medium despertasse; queria-se, de facto, que o medium permanecesse continuamente na ignorancia do seu conteúdo, com o fim de evitar interferencias possiveis da sua subconsciencia. Esta medida de precaução não impedia que o escripto começasse invariavelmente no ponto preciso que havia sido interrompido.

As pessôas que assistiam ao dictado mediumnico nenhuma influencia exerciam sobre este ; o medium acolhia então, com prazer, todos o que desejavam assistil-o. Segue-se que essas sessões se desenrolavam constantemente na presença de medicos, padres catholicos, de pastores protestantes, de theologos, de historiadores, de jornalistas, assim como de numerosos membros das duas «Societies for Psychical Research», ingleza e americana.

As sensações pelo medium experimentadas no curso do dictado eram a de uma pessôa que sonha, nenhum poder tendo sobre o desenvolvimento das phantasias sonhadas. Ella experimentava uma outra impressão, que seu cerebro era utilisado por outra individualidade, que della se servia de uma maneira analoga á de um telegraphista que se serve de seu apparelho, ou de uma dactilographa de sua machina de escrever.

Relativamente na origem deste *Evangelho supplementar*, o Reverendo John Lamond, que esteve entre aquelles que assistiram á sua producção, nota:

> «Seja quem for o autor destas «Chronicas sagradas», ellas não são certamente o producto da mentalidade subconsciente de Miss Cummins. E' bem esta quem as escreveu mediumnicamente, assistida por uma amiga (e seu auxilio provavel), Miss Gibbes; mas o material de que se compõe as Chronicas não podiam absolutamente vir della. E' lealdade dar o indispensavel credito á

belleza litteraria da forma; mas as chronicas intituladas: «The Scripts of Cleophas» não são sua obra. Nota-se nellas uma surprehendente familiaridade com os vocabulos em uso no curto periodo apostolico da Era christã, um conhecimento perfeito das cidades e dos paizes desta epoca. Quanto aos conhecimentos historicos, elles são descriptos com tal vivacidade de côr local, que não se saberia attribuir o relato senão a um testemunho occular. Tudo, em summa, neste livro, contribúe a demonstrar que seu autor, ou seus autores, sejam quaes forem, estão completamente ao corrente dos acontecimentos que ahi se descreve numa harmonia perfeita de sentimentos com os actores do drama narrado. E' preciso accrescentar a isto que Miss Cummins, quando se produz a escripta mediumnica, se acha em condições de semi trance; e a impressão experimentada por todos os que têm assistido a estas experiencias, é que as «chronicas» obtidas dessa maneira são «inspiradas» por um autor invisivel... O relato augmenta de interesse á medida que progride, e quando for completado (esperamos que isto se realise), constatar-se-á que varios acontecimentos aos quaes toca-se muito fugazmente nos «Actos dos Apostolos» foram esclarecidos por uma nova luz. A visita dos discipulos á Emmaus é descripta amplamente nas chronicas, assim como outros acontecimentos dum interesse vital, se reportando á Resurreição. De facto, nos Escriptos de Cleophas se expõe uma nova concepção da Resurreição... O trabalho devotado de Miss Cummins nesta ordem de manifestações lhe deu ganho ao reconhecimento dum grande numero de leitores, entre os quaes varios theologos profundamente ao corrente dos tempos apostolicos e da litteratura dos evangelhos apocryphos da época, o julgamento unanime destes competentes á respeito do grande valor dos «Escriptos de Cleophas» merece a mais seria consideração. (Psychic Science, 1929, p.p. 337 338).

Um outro eminente theologo catholico, o Rev. canonico H. Bickerstett Ottley, termina um artigo consagrado aos *Escriptos de Cleophas* pela declaração seguinte:

Eu tive occasião de assistir duas vezes pessoalmente á producção da «Mensagem», confiada ao instrumento inconsciente que era no momento Miss Cummins... Eu consagrei varios mezes ao estudo e á analyse diligente e severa dos Escriptos de Cleophas; analyse que meus titulos academicos me conferiam a competencia necessaria para emprender. Por outra, eu fiz notar que tinha começado esta pesquiza com um preconceito aprioristico bem formado, que me tornava sceptico no facto de pesquizas que, desde a infancia, eu tinha aprendido a considerar como sendo «o dominio defendido das communicações espiritas com a vida que succede á morte.» Ora, eu tinha o dever de reconhecer que os «Escriptos de Cleophas» trazem á Apologetica christã dos nossos tempos uma contribuição duma importancia suprema que se realisa justa no momento em que se sentia mais vivamente a necessidade. (Journal of the S. P. R. 1929, pagina 91).

Mis Gibbes escreve á seu turno:

Relativameute á authenticidade supranormal dos «Escriptos de Cleophas», é preciso levar em conta a circumstancia que elles foram severamente analysados por varios theologos universitarios, considerados como as melhores autoridades á respeito, elles foram unanimes em exprimir a opinião que, «si os «Escriptos de Cleophas» são, de qualquer sorte, authenticamente transcendentaes, constituem uma das contribuições as mais importantes que tenham sido transmittidas ao acontecimento do periodo apostolico da christandade» Elles declaram mesmo que «estes Escriptos contem numerosos incidentes e episodios que, si se levar em conta do gráo de cultura daquella que os obteve mediumnicamente, são litteramente inexplicaveis no sentido que elles tenham tido uma origem humana... Pode se dizer outro tanto dum grande numero de citações geographicas e incidentes historicos de que se pode controlar a verdade, assim como a frequente terminologia dos termos apostolicos...» E' justamente sobre estes dados que se exerceu especialmente a critica dos theologos competentes, que constataram a anthenticidade e exactidão constantes.—(Light. 1928, p. 473).

(Continúa)

O NASCIMENTO E A MORTE

Pelo DR. JOAQUIM BRANCO

A interessante mensagem que se vai ler, foi recebida em Paris, pela medium Jeanne, e julgo-a digna de publicidade pela illustração tão apropriada entre a metamorphose dos insetos e as reincarnações humanas.

—

"A creança quando entra na vida não soffre, entretanto faz grandes esfórços :—ennovela-se, empola-se e crispa alternadamente os musculos convulsionando todo o corpo.

Os mesmos phenomenos se reproduzem com a morte. No phenomeno da Morte o Espirito para deixar o corpo e desprender o Perispirito, que ligado por todas as fibras nervósas amalgamadas com os laços perispiritaes, rompe por estremeções os ligamentos que são tanto mais vivazes quanto menos gasto estiver o corpo que subitamente seja subjugado pela molestia que o consome. As ligações se vão adelgaçando até o rompimento, sendo, como são, naturalmente elasticas e susceptiveis de uma tensão consideravel.

Por affinidade o Perispirito segue o Espirito no seu esforço para afastar-se, recaindo por vezes em razão da ligação intensa em que ainda está com o corpo. Eis ahi as contracções, os puxões violentos que exgottam as forças nervosas do muribundo. E' um supremo combate dado á vista do proprio Espirito que acompanha o seu tragico desenvolvimento com a impaciencia do prisioneiro que vê limar os fusis da cadeia que o constrange em sua prisão.

O Espirito, no entanto nada soffre com os choques e angustias dessa luta, em que somente se resente a vida automatica; espera confiante no triumpho de sua libertação.

Libertação, digo que não será em todos os casos a expressão, em absoluto exacta, pois que para muitos Espiritos a hora da morte é indesejavel. Indesejavel aos que nunca fixaram seus pensamentos e suas esperanças nesse tranze fatal da vida terrena. Para os que foram empolgados pelas coisas do mundo o céu não os attrahe, nada lhes inspira. Esses não terão mais que uma felicidade mediana, arredados que foram tanto da dôr como da alegria. Não conheceram, é certo, as angustias dos máus, nem tão pouco as felicidades indisiveis dos justos.

Bemaventurados os que soffrem porque serão consolados — com tanto que o soffrimento seja acceito e supportado com o pensamento divino, que se reverte em dom precioso e fecundo para o soffrimento.

Todo o homem soffre, mas nem só por isso terá a felicidade celeste. São estes os que o soffrimento não tenha sido um meio, um motivo de amor e de esperança, e, que contrariamente tenha sido motivo de murmurio por pequenos espinhos da vida. Entretanto o soffrimento é sempre contado, nós auxiliamos, auxiliaremos sempre o Espirito a levantar o véu pesado e espesso que o cobre, que o circunda como o sudario que envolve seu corpo; pois que, todo o homem que não tem a fé e a esperança da vida futura já está sepultado nesse pesado véu da incredulidade.

Ha um insecto—o pernilongo—em cujo simile de metamorphose me farei comprehender. Este insecto quando ainda não é sinão larva, circula na agua com a vivacidade da centelha; chegado porém, o momento de ter azas, immobilisa-se largo tempo, trabalhando se dentro de si proprio para desembaraçar se do seu envolucro. Apparece-lhe primeiro a cabeça, depois uma aza, em seguida outra, cae então seu envolucro até as patas, como que para servir-lhe de esquife, de uma barquinha em que matem-se na superficie da agua o tempo necessario ao fortalecimento de seus novos membros, para a dextensão de suas azas e para reconhecer-se e tomar posse de si mesmo, para de prompto lançar-se nos ares, impellindo para longe, em seu vôo aquelle despojo, d'ora em diante inutil para a nova vida de insecto perfeito.

Assim o Espirito sceptico e incredulo ficará algum tempo entre o vosso mundo e o mundo espiritual para adquirir o conhecimento de sua posição. As trévas o enclausuram mais ou menos profundamente, conforme ou não á sua incredulidade se ajunta a outros males.

As almas assim errantes na obscuridade, não sabem onde estão, nem o que será dellas; quando conscias de sua partida da terra e da persistencia de seu sêr, faz-se-lhes a luz, por ellas e para ellas, sendo então transportadas para os logares que conquistaram por seu adiantamento. Nós as auxiliamos, as adeantamos nesse momento, bem pouco podendo, no entanto fazer, até que ellas por si mesmas tenham reconhecido o seu estado.

Até esse momento permanecem ellas em uma vaga e penosa inconsciencia, sem poderem fixar alguma idéa, sem nenhuma certesa, tudo parecendo-lhes indeciso e agitado em ondulações ao seu redor. C. M.»

—

Esta mensagem nos revela em torno dos dois acontecimentos mais importantes da vida terrena, — o nosso apparecimento aqui, com o Nascimento e a cessação dos dias aqui passados, com a Morte.

A intelligencia communicante, para melhor se fazer comprehender recorre ao methodo analogico, insinuando como processo mais seguro que a propria razão para chegarmos ao conhecimento das coisas intelligiveis.

A entidade estabelece para isso, com arte, a relação, um certo parallelismo entre a metamorphose do pernilongo, em suas phases de aperfeiçoamento e a effectiva evolução humana nas alternadas crises de Nascimento e Morte.

Ora submettendo tudo o mais ao methodo das analogias vemos que só no insecto a Natureza nos desvenda os occultos processos que emprega para a perpetuação da VIDA, — profundo mysterio até hoje inaccessivel á intelligencia humana.

Considerando o insecto parece que não ha na terra scenas mais symbolicas e emocionantes, ás de que nos occupamos, e que aos olhos de todos revela a Natureza na extranha metamorphose dos insectos.

Passando do pernilongo á borboleta o phenomeno é essencialmente o mesmo. A metamorphose segue ahi as suas phases da vida *ab ovo* ao insecto perfeito.

E assim, por analogia a vida se nos manifesta indestructivel no infinito seio da Natureza e por isso — eterna; a morte não passa de méra transformação.

Essas metamorphoses não podiam escapar á fria observação dos philosophos esoteristas do Egypto de Hermes Trimegisto e da Grecia espiritualista do sabio Pythagoras.

Una e eterna em sua infinita variedade, a Natureza é a mesma em tudo e em toda parte; no seixo, na flôr, no insecto, no homem: do ovo ao estado de insecto perfeito, atravez de mudas successivas.

Por isso que, para os gregos o vocabulo «Psyché» tanto significava a «alma» humana como a borboleta.

A borboleta ficou sendo, em suas metamorphoses, o symbolo da alma humana atravez de multiplas reencarnações, desde o estado mais rudimentar do seu apparecimento no seio da materia até o estado perfeito de puro espirito, quando se confunde, quando se unifica, *in totum* com o GRANDE e INEFFAVEL PRINCIPIO de TODAS AS COISAS.

○ ○

Os que procuram a Vida, na sua essencia, aos golpes do escalpello, são semelhantes aos religiosos que só buscam a religião nas estatuas e nos cultos que os afastam de Deus. A Vida, na sua realidade incontestavel, se vê atravez da razão, do sentimento, da intelligencia, verdadeiros attributos do espirito. — MARIQUINHAS.

Chronica Extrangeira

Por W. CAMPELLO

Do Além Tumulo

The Two Worlds

As civilisações teem crescido e cahido, contudo todas ellas tiveram de encarar o mesmo problema: «O que Acontece Depois da Morte?» Poucos encontraram uma resposta satisfactoria. Antigamente os mortos eram sepultados com suas vestes, armas, etc., para auxilial-os na sua jornada entre este e o outro mundo. Esta pratica desappareceu á luz do conhecimento moderno. Aqui está o que foi revelado por espiritos a um reporter do «Yorkshire Telegraph and Star» pela escripta automatica, concernente á vida no outro mundo:

«Somos pessoas reaes, exactamente como vós, excepto deformidades, e somos, consequentemente, perfeitos, relativamente aos nossos corpos. Nós nos apresentamos solidos uns aos outros. Vemos, ouvimos, andamos, falamos; porém, a leitura do pensamento é o methodo mais facil de communicação. Não ha maridos nem mulheres (esposas), no sentido de um possuir o outro e é possivel a um casal unido na terra não se encontrar aqui. Porém, havendo attracção mutua e se estiveram ligados pelo verdadeiro amor, de novo se encontrarão.

Não trabalhamos para a nossa subsistencia, trabalhamos pelo prazer de trabalhar.

A vida aqui é cheia de interesse. Tudo é tão bello neste plano. Não soffremos dôres, nem sentimos cançaço, como acontece a vós. Não temos molestias. Temos reuniões, concertos, conferencias e caminhamos (passeamos). Nem sempre podemos ver o vosso mundo material, porém, vemos os vossos pensamentos e podemos influenciar vossas mentes. Não ficamos transformados em anjos, no sentido popular (refere-se provavelmente a anjos alados a tocar harpas de ouro, circundados de aureolas e calçados de sandalias). Somos pessoas com os mesmos defeitos e caracteristicos que tivemos na terra.»

Diz o representante do jornal que os espiritos, que lhe deram as informações acima, tambem forneceram detalhes da vida que levam, detalhes esses que elle ignorava completamente, porém, plenamente confirmados por mensagens posteriormente obtidas de outras origens.

Irradiações do corpo humano

«Zeitschrift fur Metapsychische Forschung»

O conhecido escriptor Conde Alexander Berény descobriu, no anno passado, fortes irradiações de cargas electricas do seu corpo, manifestando-se scentelhas electricas acompanhadas de estalidos pela simples fricção do seu corpo com um panno secco. Mais tarde elle verificou que conseguia inflammar uma lampada—*neon* fazendo-a roçar ao longo do seu corpo e bem assim provocar forte desvio da agulha de uma bussola. Ha poucas semanas este caso foi attentamente estudado por um grupo de investigadores scientificos. O Conde promptificou se a ser examinado pelo engenheiro R. Lederer, diversos medicos, electrotechnicos, etc. Foi collocada uma grande bussola sobre uma mesa (naturalmente debaixo de uma campana de vidro). O Conde mantinha ambas as mãos suspensas sobre ella e poucos segundos depois a agulha agitava se até descrever um giro completo. Ao mesmo tempo o engenheiro Lederer e o snr. Martin mantinham seus compassos de bolso proximo ás côstas do Conde e tambem estes instrumentos registravam perturbações. Em seguida o Conde utilisou-se de uma lampada, de oito centimetros e carregada de *neon*. Com a mão esquerda elle segurava a lampada pela parte metalica. Por cima da lampada e á distancia de 5 a 10 cents. elle passava a mão direita. Todas as vezes que isso acontecia, a lampada emittia um clarão e a luz perdurava de 10 a 15 segundos, enfraquecendo aos poucos até extincção completa. Como, naturalmente, a experiencia se processava na escuridão, o aposento ficava illuminado repetida e inesperadamente.

Trecho de um sermão

Mr. Arthur Clayton disse na Igreja de New Abot :

«Deve existir um grande poder a sustentar o espiritualismo», disse o orador, «e capaz de produzir tão grande mudança nos cultos das igrejas e sobretudo nos serviços transmittidos pelo radio. Alguns sermões proferidos em memoria do fallecido Rei, foram a essencia do espiritualismo. Os ministros proclamaram ter o espirito do Rei ingressado na grande aventura, uma opportunidade para completar a sua natureza espiritual e estar elle revestido agora daquella tunica que elle mesmo teceu durante sua vida terrestre».

Vieram de Além-Tumulo

Filho de um ministro cuja mãe se materialisa

The Two World

O espiritualismo conquistou um logar proeminente em todos os jornaes e Mr. Christopher Harrison dá seu testemunho a favor do espiritualismo em «Lincolnschire Chronical». Elle é o filho mais velho de um fallecido ministro e relata o modo porque viu a forma materialisada de sua mãe.

O Monge Acorrentado

Escreve elle : «Ha 40 annos, quando eu morava em East Riding, tinha por habito visitar alguns amigos em Goxhill, junto as antigas ruinas da Abadia Thornton. O povo pretendia ouvir, em certo dia do anno e por espaço de uma hora, um barulho estranho, como se alguem arrastasse correntes. Algumas pessoas, entregues á Investigação Psychica, fizeram um inquerito e encontraram antigos registros e num delles a historia de um jovem monge barbaramente sentenciado a ser emparedado vivo, depois de algemado. Trouxeram um medium e realizaram uma sessão. O espirito ligado á terra controlou o medium e elle (espirito) foi soccorrido e mostraram-lhe o meio de progredir. Isto foi ha muito tempo.

«Ha quatro annos fixei minha residencia em Essex e semanalmente eu ia a Enfield de auto. No começo eu viajava pela via Epping, porém, depois resolvi usar a estrada de Thornton Bois. A estrada margeia uns terrenos da Igreja e existe alli um portico sobre o qual ve-se uma inscripção em grandes letras esculpidas—Não Ha Morte.

Durante mezes servi-me daquella via e sempre o escripto impressionava me. Certo dia encontrei um velho amigo que disse estar entregue a certo estudo. Perguntei-lhe de que se tratava e fiquei espantado ao ouvir a palavra—espiritualismo, pois era elle a ultima pessoa, no meu entender, capaz de fazer investigação nesta materia.

A Primeira Sessão

Certa noite fui á sua casa e assisti á uma sessão com elle e sua mulher (que tudo ignorava da minha vida privada) e assentámo-nos em redor de uma pequena mesa, em plena luz. Logo que as pontas dos nossos dedos se puzeram em contacto com a mesa, esta levantava um pé e indicava as necessarias letras do codigo alphabetico.

Deste modo recebi u'a mensagem de um parente, que não conheci pessoalmente, deu o nome da cidade em que falleceu, os nomes de seus dois irmãos, suas occupações e o nome da aldeia em que viveu em criança. «No começo do outomno de 1934 eu estava em casa desse amigo em Enfield, tambem estava presente uma senhora vinda da Africa (pessoa completamente estranha). Realizamos uma sessão de clarividencia, durante a qual ella proferia nomes e fazia descripções de parentes «mortos». Num dado momento em que o medium collocava uma rosa na lapela do meu casaco, ella proferiu o nome de minha mãe.

«Incidentemente, devo declarar que minha mãe gostava extraordinariamente de rosas e eu lhe havia dado diversas roseiras, ultimo presente que lhe fiz. Ella estava acompanhada da minha avó e recebi u'a mensagem apropriada. De outra feita eu assistia á uma sessão de materialização em outra casa e medium differente (igualmente desconhecido), em companhia dos mesmos amigos. Eu me perguntava, si entre as formas que estavam apparecendo, não appareceria tambem um espirito amigo!

«A quarta fórma materializada dirigiu-se para o casal amigo e tocou a ambos nos hombros, sem proferir palavra; em seguida veiu a mim, deu seu nome, que era o de minha mãe. Seus modos eram calmos, ella sorriu e disse—Sabes que estou perto de ti. — Perguntei por meu pai e fui informado da sua presença comnosco naquella noite. Em seguida ella deu uma volta pela sala e foi parar junto de meus amigos, dizendo:—Vim para perto de vós porque sois amigos do meu rapaz—Depois ella mostrou aos assistentes a sua perfeita solidez e fez questão de provar-nos que voltara ao seu tempo de moça, collocando as placas luminosas de modo a podermos examinar seus cabellos.

«Antes de desvanecer, minha mãe veiu para perto de mim e deu tres fortes palmadas no meu hombro esquerdo. Curvando-se em seguida ella beijou-me gentilmente, dizendo: — Deves continuar a investigar. Seu rosto tinha o calor natural. Finalmente ella foi para o meio da sala e desappareceu subitamente. Eu sou o filho mais velho e mamãe representava ter a idade de quando eu era criança.

Desde então assisti a muitas sessões de materialização e vi entre outros: um mouro alto de roupas fluctuantes; um guia persa; irmãs de caridade; uma freira com seu toucado completo e chinezes, alguns com tranças, todos solidamente materializados e capazes de beber um copo de agua, como aconteceu ha annos na Parochia de Sppiterby.

Na semana passada assisti a uma sessão de vóz directa e vieram meu pai e avô e ambos me falaram. Meu avô mencionou o seu relogio de ouro, que elle me déra e estava perdido. Falou de um accidente que soffri numa caçada e que me obrigou a guardar o leito por seis semanas.

Tudo era exacto e lembro-me da afflicção de meu avô naquelle tempo, pois eu era seu hospede.

Convertidos ao Espiritismo

Falando em Manchester, Mr. Shaw Desmond declarou estar grandemente surprehendido com o grande numero de Catholicos Romanos que estão vindo para o Espiritualismo. Recentemente interrogaram os membros componentes de uma Sociedade Espiritualista do Norte e verificaram a existencia de quarenta ex-catholicos num total de cento e vinte membros. Todos elles criados e educados na fé da Madre Igreja. Porque mudaram essas pessoas?

O Rev. Percy Dearmer

O Rev. Percy Dearmer, Conego de Westminster, falleceu recentemente, aos sessenta e nove annos de idade. Era um theologo profundo, bem como autoridade na arte, musica e linguas. Declarou o seu ponto de vista sobre a Investigação Psychica e revelou sua decidida sympathia pelo phenomeno espirita, que nelle encontrou um typo de moderna mentalidade theologica. Quando o Bispo, no anno passado, criticou o Espiritualismo, o Conego Dearmer censurou-o. «Os commentarios do Bispo», escreveu elle, «são injustos para com o enorme acervo da investigação scientifica conduzida durante annos nos phenomenos psychicos. Essa critica facil era commum ha vinte annos atraz, porém, hoje é inadequada e irrisoria. Essa critica não impede o interesse crescente do povo pelo mundo além deste material».

Os espiritualistas devem-lhe agradecimentos pelo facto de ter elle avançado bastante, nada obstante a sua alta posição na Igreja, tornando publica sua accentuada sympathia pelas modernas investigações na questão da sobrevivencia.

Uma sessão importante

A VOLTA DE ELLEN TERRY

The Two Worlds — *Por Petronella Nell*

Na Sexta-feira Santa estive escutando durante duas horas, uma sessão de voz directa no Templo de Rochester Square. O medium era Mr. Leslie Flint, jovem, moreno de cabellos pretos e timido. Elle tomou lugar na plataforma em circulo com cinco pessoas mais e entre estes estava Mr. Zerdin, o fundador do centro. Mais tarde Mr. Flint disse-me não ter cahido em transe, conquanto não se sentisse em estado normal.

Seus controles exigiram escuridão e declararam que a luz filtrando-se no aposento os perturbava; elles não fazem uso da trombeta, porém, nesta occasião estava collocado um microphone á distancia de um metro e trinta cetrs. do medium; o alto-falante, ligado ao microphone, distava cerca de cinco metros delle.

O controle de Mr. Flint, *Cuckoo*, pedia aos espiritos para falarem directamente no alto-falante. Isso produzia uma reverberação metalica do instrumento, como quando alguem fala dentro delle á distancia de 30 cens. Por outras palavras as vozes estavam sendo produzidas num ponto que distava quatro metros e fracção do medium.

Num dado momento ouvimos um som semelhante ao effeito obtido por uma pancada que o speaker invisivel teria dado no apparelho, num movimento involuntario. Do mesmo modo, ouvimos repetidos latidos de um cão, cuja presença fôra annunciada antes. Diversos assistentes do auditorio composto de 300 pessoas, reconheceram e responderam ás vozes que a elles se dirigiam proferindo seus nomes. A primeira a falar foi uma jovem que deu o seu nome—Ivy—e foi reconhecida por Mr. Kiby. «O que você está fazendo aqui, Ivy?» exclamou elle.

«Eu estou aqui para dar provas», respondeu o espirito.

«Venho assim para fazer-vos comprehender o modo porque trabalhamos juntos deste lado. Quando trabalhardes juntos na terra, como o fazemos aqui, teremos realizado um grande trabalho.»

Depois falou Lady Caillard, cuja voz se fortalecia gradualmente, «senti necessidade de tentar vir. Quero encorajar-vos, caros amigos, a proseguir. Trabalhamos duramente deste lado para trazer esta gloriosa verdade—não ha morte.»

Sir Vincent Caillard tambem deu o seu nome. «Quero falar a Mr. Kirby. Vim esta noite encorajar-vos no proseguimento desta obra. Estou comvosco em todo o grande trabalho que estaes fazendo em The Belfry.»

Falaram o fundador do Templo (cujo anniversario estava sendo celebrado nesse dia) e sir Arthur Conan Doyle e em seguida uma criança exclamou «Mamãe! Papai!» Estou fazendo esforços para falar. Vôvô está aqui e Ethel e Freddy. Eu sou Bunty Brandon. Eu era paralytico, agora posso correr!»

Um espirito disse: «Jim Awkins está aqui! Eu sou de Camden Town.»

Escutavamos toda sorte de gente a aproveitar apressadamente sua opportunidade para falar aos amigos presentes na sessão: «Fred Saunders está aqui? Eu tombei na guerra!» «Jack, meu filho! George! Ethel! Não pude falar com Mrs. Perriman. Sahra está aqui. Maria está aqui.» Esta ultima falou bastante excitada e soluçando. Era uma senhora idosa procurando dominar a sua timidez, esforçando-se para transmittir o seu amor na desagradavel publicidade de ambos os lados.

E as communicações proseguiam, com saudações retribuidas e reconhecimento por parte dos que estavam na sala: «Dara! Tio Fred! Annie Smith! George Green Harry! Thomas Parry, para Ethel. Gerge White. Emily White. William Harben. Annie Bright. Amy Quinn. Will Norburry.» Uma voz tremula de mulher chamou por Ada, porém, não obteve resposta e retirou-se desapontada. Então falou, por algum tempo, uma voz ardente e bella, «eu daria qualquer coisa se me fosse dado ver-vos como sois porém, não póde ser. Eu ainda uso minha vóz», em seguida accrescentou, «sou Clara Butt» e proseguiu, «William Thompson e Lizzie estão aqui.»

Para o fim ouvimos uma allocução distincta em tons cultivados, um pouco emocionada no principio, a voz adquiria vigor e dentro de pouco os accentos se culminaram numa oração eloquente. Eu pensei, «conheço esta voz» e disse ao ouvido da minha visinha, «é Ellen Terry!» Ella falou extensivamente, "quero cimentar o que está sendo dito aqui nesta noite, o meu velho e leal amigo e cooperador tambem está aqui; agora estamos trabalhando numa plataforma mais vasta—" e subitamente concluiu, "sou Ellen Terry!"

Um Cura intrepido

The Two Worlds

O Rev. Maurice Elliot é um homem arrojado. Elle está convencido da communicação dos espiritos e é honesto e intrepido em affirmal-a. Elle é o secretario da Confraternisação que trabalha para aproximar estreitamente os homens da Igreja e os Espiritualistas.

Falando a um vasto auditorio do Conselho Districtal de Londres da S. N. U., realizado em Marylebone House, elle esboçou um plano de mais estreita cooperação.

Como Ecclesiastico a falar a Espiritualistas, elle disse: «Nós, os da Igreja, queremos a vossa collaboração — não podemos continuar sem o vosso concurso! O Christianismo de hoje está longe do Christianismo de Christo." Elle provou pelas espistolas de Paulo ter sido essencialmente Espiritualista a Igreja do primeiro seculo. Os serviços começavam com canticos de hymnos e recitação de psalmos. Em seguida falava o propheta; porém se vinha uma revelação (controle), o propheta esperava e proseguia mais tarde. Então falavam com linguas e clarividencia (descripção de espiritos). O orador não pode imaginar os serviços realizados no primeiro seculo sem o dom do espirito.

Desde então alguma coisa sahiu da vida da Igreja e hoje é difficil permanecer fiel é Igreja e a Christo ao mesmo tempo.

A Igreja Anglicana pertence, por lei e costume, ao povo e os Espiritualistas deveriam usar sua influencia no seio da Igreja para recollocal-a nos seus fundamentos originaes.

Elle fez citações extensivas dos escriptos dos Arcebispos de York e Canterbury, Sto. Agostinho, Cuchaine e Rev. Dick Sheppard como sustentaculos da sua critica á sua Igreja, porém com todas as suas faltas ella preservou muita coisa bôa.

Christo demonstrou a sobrevivencia com sua fôrma materialisada na presença de quinhentas pessoas e o mesmo facto se realiza nos dias de hoje; se os Espiritualistas influenciarem as Igrejas elles prestarão inestimavel serviço, não só á Igreja como á Verdade.

Seguiu-se uma discussão util em que tomaram parte Messrs. E. W. Oaten e J. B. McIndoe. Ambos manifestaram sua admiração pela coragem do Rev. Elliot...

No curso da sua allocução disse o Rev. Elliot, «Sinto prazer de encontrar-me com Mr. Oaten, pela primeira vez. Suas conferencias combativas e sabios escriptos teem sido uma inspiração. Aqui em publico tenho satisfacção em declarar-me seu devedor.

O Espiritualismo teve muitos advogados e ecclesiasticos — Wilberforce, Haweis, Maurice Davies, Hopps, Lamond, Owen, Tweedale, Spurr, Duncan e outros. O Rev. Elliot é um companheiro excellente.

Medium transportado á distancia de milhas

Acontecimentos Biblicos repetidos em tempos modernos

The Two Worlds

Os phenomenos psychicos se repetem sempre. Duvido encontrarmos qualquer nova phase que não tenha occorrido tanto no passado distante como no seculo passado. Abro minha Biblia e no cap. 8 de Actos deparo com a historia de Philippe e o eunucho. Depois de Philippe instruil-o e baptisal-o, leio: «E quando elles sahiam da agua o Espirito do Senhor arrebatou a Philippe e não o viu mais o eunucho; e, jubiloso, continuou o seu caminho. Porém Philippe achou-se em Azoto». A distancia é de vinte e cinco a trinta milhas.

Semelhantes phenomenos parecem quasi inacreditaveis. Contudo, ha muitos registros de factos identicos nos tempos modernos. O de Mrs. Guppy (em solteira Miss Nichol) talvez seja o mais notavel. O Dr. Alfred Russel Wallace constituiu-se o fiador da sua mediumnidade. Ella era certamente o mais extraordinario medium floral. Ha 60 annos era difficil obter flôres fóra das estações proprias, todavia, ellas eram constantemente apportadas ás sessões de Miss Nichol. Depois ella desposou Mr. S. Guppy e não obstante ella ser mulher excessivamente pesada, levitou muitas vezes e fluctou na sala acima das cabeças dos assistentes.

Em Junho de 1871 occorreram os mais notaveis phenomenos (incidentes) na sua mediumnidade. Realizou-se uma sessão em Londres com os mediums Herne e Williams. Havia oito assistentes. A sala era num andar superior e todas as portas estavam fechadas. No curso de uma conversação foi mencionado o poder dos espiritos manifestado no transporte recente do medium Herne para a casa de Mrs. Guppy e, com isto no pensamento, Mr. Harrisson (assistente) perguntou a John King (espirito guia) se elle poderia apportar Mrs. Guppy á sessão. O pedido provocou riso devido ao peso excessivo de Mrs. Guppy.

Dentro de tres minutos todos ouviram um ruido sobre a mesa, um assistente sentiu um vestido roçar-lhe nas mãos e accesa a luz, viram Mrs. Guppy de pé, immovel no centro da mesa, em profundo transe e toda tremula. Estava descalça e desprovida de chapéu. O braço direito occultava seus olhos e na esquerda segurava uma penna e uma caderneta de assentamentos (contas). A tinta na penna e no ultimo lançamento ainda estava molhada. Ella não poude explicar a sua presença, porém, declarou lembrar-se de ter estado na companhia de Miss Neyland em sua casa, descalça e fazendo a escripta das despezas.

Quando Mrs. Guppy voltou ao seu completo estado normal, realizaram uma sessão durante a qual foram apportados, da sua casa, os sapatos, alguma roupa e outros objectos. Em seguida occorreram phenomenos poderosos, inclusive a levitação dos dois mediums, Herne e Williams, favorecidos pela presença dos tres mediums.

Terminada a sessão, quatro assistentes acompanharam Mrs. Guppy á sua casa. Ao chegarem nada disseram do que acontecera até Miss Neyland relatar o occorrido.

Ella disse que entre oito e nove horas, ambas estavam assentadas junto ao fogão. Ella estava lendo e Mrs. Guppy tomava notas. Quando fez uma pergunta e não obteve resposta, olhou e espantou-se com a ausencia da companheira. A porta estava fechada. Os chinellos de Mrs. Guppy estavam no soalho junto á cadeira e perto do tecto havia um nevoeiro branco, que indicava uma manifestação espiritual. Ella foi á procura do marido da amiga e contou-lhe o succedido. Antes da amiga voltar, Miss Neyland foi informada, por meio de rapps, da levitação de Mrs. Guppy para a sessão de Herne e Williams. O incidente foi certificado pelas assignaturas dos presentes.

Se estes phenomenos fossem unicos, seriam inacreditaveis, porém, factos identicos foram registrados no seculo passado com Eglinton e Henderson. Igual phenomeno deu se com o Marquez Centurione Scotto em 1928, no Castello Millesimo, Genova, e foi testemunhado pelo sabio Ernesto Bozzano.

Hoje temos poucos desses phenomenos, contudo a historia sempre se repete.

Um sceptico satisfeito

The Two Worlds

Um grupo de crianças pertencentes a um gymnasio foi conduzido a Cudworth, Yorkshire Sul, para realizar um serviço de cantos e a reunião effectuou-se no salão de um andar superior, dominando o parque. Passava um correspondente do "South Yorkshire Times" e foi attrahido pelos canticos. Elle subiu e a vozes das crianças prenderam-no junto a ellas.

Terminado o serviço, convidaram-no para um segundo serviço, conduzido pelas senhoras James e Fisher, esta se incumbiu da assistencia.

O visitante era um completo estranho a qualquer dos presentes, porém, disse elle, "o medium apontou para um homem assentado numa cadeira junto á porta e o rosto, figura e caracteristicos de um espirito lhe foram vivamente pintados. Elle declarou tratar-se de um parente fallecido. Foram feitas mais de vinte descripções identicas e todas immediatamente reconhecidas. Em alguns casos vieram tres ou quatro nomes proprios, sem um só erro. Mrs. Lee (presidente) estava certa quando disse, no fim da sessão, estarem presentes pessoas que ridicularisam o Espiritualismo e outras visceralmente scepticas ; as ultimas palavras se ajustavam ao meu caso."

Diz o correspondente, "senti-me profundamente impressionado. Depois daquella experiencia, compreendo perfeitamente porque a fé espiritualista está tão solidamente ancorada na opinião publica. A mim foi lembrado um incidente occorrido ha mais de trinta annos em Bingley, com uma descripção absolutamente precisa de um ente querido, inclusive detalhes sobre a natureza do fallecimento. Foi este o empurrão para a minha deferencia."

Sim ! E' possivel que as nossas plataformas não correspondam ao padrão ideal, porém, incidentes desta natureza mostram a sua aproximação.

Esperando a ultima Trombeta

Frederick Harden conta a seguinte historia divertida no *National Spiritualist :*

Houve recentemente uma conversa muito significativa numa sessão de vozes pela mediumnidade do Rev. Hugh G. Burrough. Uma senhora presente falava com a fallecida tia a respeito de uma querida amiga, tambem no mundo espiritual.

«Porque essa dilecta amiga não vem falar-me ? Ella m'o promettera tão firmemente, se encontrasse qualquer meio de communicação !» disse queixosa a assistente.

A voz da tia replicou deliberadamente, «A sua amiga acreditava, antes da sua vinda para cá, na possibilidade da communicação entre o mundo physico e um espirito ?»

«Oh não !» exclamou a sobrinha, «ella era positiva, a communicação era impossivel. Porém, assim mesmo, ella prometteu descobrir um meio e eu gostaria tanto de ouvil-a !»

«Bem, vou tentar persuadil-a a experimentar a trombeta ou qualquer outro meio. Porém, você comprehende», continuou a tia authentica, de modo paciente, como se estivesse ensinando o A. B. C. a uma criança, «ella ainda continúa a sustentar obstinadamente a impossibilidade da communicação. A sua mentalidade não se modificou nem um nadinha. Ora veja, temos aqui numerosos espiritos a espera da ultima buzinada do anjo Gabriel. E muitissimos espiritos perambulam pelos cemiterios, minha querida sobrinha, aguardando o momento de usar de novo os seus corpos physicos, quando esses corpos repentinamente se puzerem de pé *resurrectos*».

* * *

Ecos e Noticias

FRANÇA

Segundo diz a «Revue Spirite», Paris inteiro falou no Club do Fanbourg: personalidades scientificas, litterarias, medicos, advogados, academicos, oradores, escriptores, conferencistas.

Parece que o assumpto foi meramente litterario.

* * *

Na «Maison des Spirites» fizeram conferencias, os srs. Henri Regnault e A. Dumas.

* * *

Foi fundado em Paris, o Grupo dos Jovens Espiritas, que se propõe a fazer um trabalho util de difusão espirita.

* * *

Os trabalhos experimentaes, com os mediums Mme. Detey, Mme. G., Mme. T. têm produzido successo pelas provas de identidade obtidas.

* * *

O Centro de Pesquizas Scientificas prosegue com o auxilio do medium Moreau.

* * *

Temos sobre a mesa a «Revue Spirite», «Le Symbolisme» e «Annales du Spiritisme Christique».

ITALIA

«La Ricerca Psichica» continúa publicando uma série de escriptos do Professor Bozzano, além de outros artigos substanciosos.

* * *

«Mondo Occulto» publicou, com o titulo de "La Scienza e l'Al di lá", um bello escripto sobre a obra de Sir Oliver Lodge, o leader dos espiritas inglezes.

De outro lado traz a historia de um fantasma de S. Lourenço, em Reggio Calabria.

BUDAPEST

Em Budapest foi fundado um Museu Espirita.

NORTH CAROLINA

A experimentação psychica na Universidade de Duke, North Carolina, U. S. A. continúa com o Dr. Rhine e Mr. J. Pratt. Duas séries de experiencias produziram resultados concludentes, á ponto de dar a porcentagem de 725 contra um phenomeno, segundo diz a "Revue Spirite", e depois 1.700.000 contra um!

O medium Garret tomou parte nas experiencias, e o Professor Rhine poude dizer delle: "E' muito duvidoso que um outro medium consentisse, como elle o faz para afrontar os rigores do laboratorio e collaborar em todos os pontos com vontade e intelligencia".

Assim se acha scientificamente, *officialmente* reconhecido o valor da mediumnidade pelo conhecimento do mysterio e do desconhecido.

MUNICH

A Dra. Gerda Walter fará breve em Munich uma conferencia sobre: «Os factos occultos e a crença dos velhos Germanos.» Esta conferencia, feita em Berlim, foi muito applaudida. Ella é dedicada aos theologos e ecclesiasticos que se tornaram espiritas.

VIENNA

O Dr. Angelo Tanagras, presidente da «Sociedade Grega de Estudos Psychicos» fará brevemente na Sociedade Austriaca de Pesquizas Psychicas, de Vienna, uma importante conferencia sobre: «Os phenomenos de deslocamento de objectos sem contacto, com o medium Clio, de 16 annos.

INGLATERRA

— Numa reunião de Caxton Hall, em Westminster, organisada por *Confraternity*, comité director da Associação para a cooperação dos ecclesiasticos e espiritas, esteve presente Mr. George Lansbury, antigo chefe do Partido Trabalhista, que tomou a palavra e declarou que, apesar de não ser espirita, julga-se dever amparar o movimento que vem mostrar o lado espiritual da vida.

— Mrs. Stobart mostrou que o Espiritismo dá a prova da sobrevivencia, e não pode ser separado da religião, sob pena de degenerar em metapsychica!

— O Rev. Maurice Elliot deixou patente a necessidade da Igreja da Inglaterra voltar para o Christianismo primitivo.

* * *

O sr. Q. Craufurd, sustenta na «Light» a these da reincarnação em favor dos animaes.

* * *

Sobre o thema: «Qual o fundamento do Espiritualismo», o Rev. Arthur Clayton, numa allocução na Igreja Espiritualista de Abbot, disse:

«Deve haver um grande poder a sustentar o Espiritualismo que é a causa de tão grande transformação na tonalidade dos serviços religiosos, não só em muitas das nossas Igrejas como nos serviços radiophonicos. Alguns sermões pregados em memoria do fallecido Rei foram a propria essencia do Espiritualismo. A Igreja proclamou ter o seu espirito entrado numa grande aventura, uma opportunidade para mais perfeita elevação da sua natureza espiritual e estar elle agora coberto (vestido) daquella veste espiritual que elle teceu durante a sua vida terrestre.

O Rev. Clayton forneceu alguns exemplos de experiencias que tivera em sessões com outros ministros e todos propagam os pontos de vista do Espiritualismo relativos á outra vida. Nós agora temos uma compreensão mais ampla das palavras de Christo, «Eu vim para que tenhaes vida e vida mais abundante» e executar trabalho realmente mais valioso e nobre. O Espiritualismo ensina ser o homem um espirito agora. O corpo physico é somente um manto a parte do espirito...

* * *

Recebemos — The Greater World, The Two Worlds, e a edição franceza de «Le Resistant a la Guerre», de Enfield.

BELGICA

O nosso confrade Dr. Gabriel Gobron, em artigo na «Revue Spirite Belge» demonstra a astucia dos nossos adversarios para affirmarem que o Espiritismo faz loucos.

* * *

A mesma revista publicou uma gravura de photo-espirita, obtida com a mediumnidade de Mme. Debay.

• • •

As sessões de clarividencia nas sociedades belgas, estão produzindo optimo resultado.

* * *

Esteve em Bruxellas a popular medium ingleza, Mme. Parker, que nasceu medium e cujas faculdades foram apreciadas na Suissa, na Allemanha, na França e agora na Belgica.

PORTUGAL

O movimento espirita portuguez, faz-se mais pela imprensa. E' assim que temos sobre a mesa, as seguintes publicações: — Revista de Espiritismo, Além, Luz e Caridade.

ARGENTINA

A Argentina é um paiz, no qual se salienta a imprensa espirita. Além de outras publicações, que nos escapam, temos recebido: Constancia, La Idéa, Alifar, Los Albores de La Verdad, Adelante. Todos estes orgãos de propaganda e divulgação da Doutrina.

Na Argentina fazem semanalmente conferencias publicas por oradores competentes.

Havia até certo tempo uma Radio Diffusora, por cujo microphone os espiritas faziam conferencias. Ultimamente as revistas não nos falam mais dessas conferencias, de modo que não sabemos si essa empreza ainda prosegue.

URUGUAY

Mais uma publicação acaba de apparecer em Montevidéo, — "Lumen de Lumine".

Agradecemos a visita.

CUBA

Completou 15 annos a nossa collega—"Rosendo", de Matanzas.

* * *

As sociedades espiritistas de Cienfuegos trabalham activamente para a difusão da Doutrina.

* * *

Em Santiago de Cuba é grande o enthusiasmo pelo projecto da Terceira Concentração Nacional Espiritista, que deve se realisar em 29, 30, 31 de Março 1937.

* * *

Os espiritas de Camaguey estão valorisando o estudo, para alcançarem um progresso mais proficuo.

* * *

Em Matanzas tem se effectuado reuniões e festivaes de propaganda.

CANADA'

Noticias de Canadá dizem que o Dr. T. Glen Hamilton, recentemente fallecido e investigador distincto, teria já se communicado com os seus amigos do Circulo Dr. Bruce Chewn.

ESTADOS UNIDOS

Diz a nossa collega «Rosendo» que o famoso medium de "Voz Directa" Valiantine, foi observado pelo Juiz Canon, com severo controle e que a bocca do medium foi especialmente vigiada, tendo se produzido, entretanto, vozes directas e evoluções da corneta de aluminio.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Minas Geraes

Juiz de Fóra

O Centro Espirita União Humildade e Caridade teve o seguinte movimento em Junho e Julho:

Albergue Nocturno: Pernoitaram 31 homens e 15 mulheres.

Na Villa Gouvêa Franco residem: 22 senhoras e 16 crianças.

Foram distribuidos: em remedios, 152$200; 42 cobertores; 22 peças de roupas para adultos.

A Directoria do Albergue e Caixa de Soccorro, ficou assim constituida: pres. D. Maria Vieira Martins; thes. D. Elzira N. Corrêa; secr. D. Linda Cardão.

Estão recebendo os ultimos acabamentos 4 casas para viuvas pobres, da grandiosa obra iniciada da Fundação João de Freitas, que reunidas ás 7 existentes, completará a ala de 11 casas da 1.a serie.

Do Correspondente.

Carangola

Acaba de ser organisado na visinha

localidade de Varginha do Carangola, um ponto de palestras espiritas realisaveis ás 2 horas da tarde de cada domingo.

E' seu principal organisador o nosso irmão Vicente Pifano, sob cuja presidencia foi realisada a primeira conferencia domingo p. p.

Usaram da palavra ao acto inaugural os nossos irmãos Braz Cosenza e Kruger Mattos, que salientaram a sublimidade da doutrina espirita.

Ao terminar a reunião, assistida por um grupo regular de pessoas, foram distribuidos a titulo de propaganda «O Clarim» e o «Mundo Espirita».

Do Correspondente.

Bello Horisonte

Conforme notificáramos, o confrade Dr. P. Lameira de Andrade, realisou 3 conferencias no salão da União Espirita Mineira, nos dias 5, 6 e 7, sendo os themas : 1.o, A Morte, 1,o O Problema da Dôr, e o 3.o A Drachma Perdida, prendendo á attenção do publico. Estava o salão repleto de visitantes e crentes, tendo vindo tambem o irmão Francisco Xavier, de Pedro Leopoldo, dar o testemunho da sua fé e do seu amor.

São Paulo

Avaré

Patrocinado pelo Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, desta cidade, organisou-se uma caravana espirita, que em automovel, seguiram no dia 30 de Agosto p. findo para a visinha cidade de Bom Successo, onde tambem acaba de ser organisada uma aggremiação espirita, por inspiração do referido Centro de Avaré, a qual já se acha legalmente registrada e que recebeu o nome de Centro Espirita Discipulo de Jesus.

Nesse dia, pelas 14 horas, foi iniciada uma palestra espirita, onde teve lugar em um espaçoso salão situado no Largo da Matriz daquella cidade, com mais de 400 pessoas, que pela primeira vez ouviram a vóz do Evangelho de N. S. Jesus Christo.

Falou o confrade Sebastião Araujo de Avaré.

Foi uma grande victoria para o espiritismo, e se acham agora os espiritas d'aquella cidade em plena actividade, para muito em breve construirem um predio proprio, cujo terreno já foi adquirido pelo nosso confrade Antonio Custodio dos Santos, no proprio Largo da Matriz

ALLAN KARDEC

No dia 3 de Outubro, ás 20 horas, o Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Avaré, commemorou condignamente o anniversario do nascimento do grande vulto do Espiritismo, Allan Kardec. Nome que ha de atravessar os seculos, sem jamais se apagar da memoria dos verdadeiros espiritas.

A convite do presidente d'aquelle Centro, fallou, homenageando o inolvidavel Mestre Allan Kardec, a notavel e consagrada tribuna Prof.a Clotilde Veiga de Barros, distinctissima adjuncta do Grupo Escolar de Ourinhos.

Do Correspondente.

Jaboticabal

Esteve nesta cidade o representante d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, sr. João Leão Pitta, que fez varias conferencias de propaganda, nos dias 26, 27, 28 e 29 do p. p. A's 11 horas, de 30, pela Radio de Jaboticabal, P. R. G. 4, o sr. Pitta fallou sobre o thema : «Deus e suas obras». A' noite o mesmo orador fallou no Centro local, sobre — «As forças latentes da Alma».

Os espiritas locaes se acham muito animados.

Jardinopolis

— Esteve nesta cidade o sr. João Pitta, que fez varias palestras doutrinarias.

— Esteve nesta cidade uma caravana de Ribeirão Preto, que palestrou sobre a Nova Revelação.

— Foi commemorada pelo Centro Dr. Bezerra de Menezes a data de 29 de Agosto, que assignala o natalicio do illustre Missionario brasileiro, que é venerado de todos os espiritas.

O Centro fez distribuição de doces ás crianças.

Do correspondente.

Tanaby

Foi inaugurada, no dia 14 de Agosto, a séde propria do Centro Espirita Francisco José, de Tanaby, onde compareceu elevado numero de irmãos.

A sessão inaugural, que foi presidida pelo confrade Leonardo Severino, teve como secretario o irmão Militino Rodrigues Barbosa, que lavrou a acta da respectiva inauguração.

Foi orador official, o dr. Bianor S. Medeiros, illustre advogado, residente em Olympia.

A seguir falaram, tambem, os confrades Leonardo Severino, José Garcia, Rosa Javarini, Pedro Fernandes Alonso, Pedro Severino Junior, Elza Leal, João Rocco, Saturnino Berdel, Domingas Ricci Amaral, Jazão Ferreira da Cunha e Pedro Canizza, que foram todos festejados pela generosa e ávida assistencia.

Do correspondente.

Bebedouro

O Centro do «Calvario ao Céo» assim constituiu sua directoria: pres. Feliciano Moreira Campos; 1.o vice, Aristides de Souza Lima; 2.o, José de Carvalho Novaes; orador, Cicero A. Marques; 1.o secr. Tte. Rubens Forte; 2.o Manuel Paiva; 1.o thes. Joaquim Antonio Pinto; 2.o Simplicio Barão; 1.o beneficente, Angelica Zani; 2.o, Carlota Paulino de Lima; 3.o, Raphael Latorre; 1.a zel.a Emilia Pinto; 2.o, Christovam Gurão.

Caçapava

O Centro Juliani, assim constituiu sua directoria: pres. Cirello Pinto; vice, Philadelpho de Paula Pinto; 1.o secr. Antonio Alves dos Santos; 2.o, Adhemar Pinto de Siqueira; thes. Agenor Genesio do Nascimento; 1.o bibl. D. Cesaria Pinto de Siqueira; 2.o Antonio Pinto Sampaio.

Aracaçú

Esteve nesta localidade uma caravana composta de mais de oitenta pessoas, em serviço de propaganda.

A caravana, que veio de Faxina, fez uma conferencia no theatro local, que esteve litteralmente cheio. Entre os presentes se achavam o Prefeito Municipal e todas as autoridades locaes.

Falaram os srs.: José Candido de Mello, Mauricio Oliveira, Jordão Thibes, Emilio Ferreira e Miguel Garcia.

Barretos

A Sociedade Amor e Verdade, de Frigorifico de Barretos, ssim constituiu sua directoria: pres. Jovelino Castilho; secr. Lazaro Isidoro; thes. Manoel Alves; fiscal, Guilherme Tedesco.

R. G. do Sul

O Centro F. Jesus Vernetti de Pelotas, R. G. do Sul, assim constituiu sua directoria: pres. João Pinto Rebello; vice, Belliomberes da Silva Ward; 1.a secr.a Thomazia Ribeiro Ward; 2.a, Elvira Gomes de Freitas; 1.a thes.a Ulina Bento Lopes; 2.o, Francisco Leite; 1.a bibl.a Rosaura Ward Caldeira; 2.a, Ayda Madureira Caldeira; orador, Academico Arestemundo M. de Oliveira.

Rio de Janeiro

O Centro Estrella do Sul, S. Clemente, 88, assim constituiu sua directoria: pres. Alvaro Ferreira Campos; vice, José Henrique Pereira; 1.o secr. Euclydes Henrique Pereira; 2.o Raymundo Zeferino de Paiva; 1.o thes. Henrique Corrêa; 2.o Manoel Roque de Azeredo; 1.o proc. João Francisco de Figueiredo; 2.o Jayme Amato.

* * *

A Tenda Espirita Caridade prestou homenagem ao seu patrono, Jeronymo, falando o Dr. Jacy Rego Barros. A Tenda funcciona á Rua dos Invalidos 202, Rio de Janeiro.

* * *

O Gremio Espirita Guias Celestes assim constituiu sua directoria: pres. perpetuo, Affonso Manoel do Rosario; vice, Olympio Pereira de Lima; Director de sessão, Waldemiro Neves; 1.o secr. Waldemiro de Góes; 2.o Alvaro do Rego Costa; 3.o José João de Sá Pinheiro; 1.o thes. Manoel Joaquim Teixeira; 2.o, Aurelio Ribeiro; 1.o proc. Manoel Cordeiro; 2.o, Pedro Sacramento; 1.o zel. Albino Pereira Lemos; 2.o, Viriato Paulo.

• • •

O Centro Humildade e Amor de Irajá, E. do Rio, assim constituiu sua directoria: pres. Leopoldo B. da Silva; vice, Gonçalo de Carvalho ; 1.o secr. Constantino G. Carvalho; 2.o Raul da R. Fialho ; 1.o thes. A. G. Menezes; 2.o, Pedro A. Queiroz; Director escolar, C. A. Freire ; Director de assistencia, d. E. Coelho; bibl. J. J. da Silva ; zel. M. Cavalcanti.

Nova-Iguassú

Sr. Leopoldo Machado.

No proximo numero publicaremos seu substancioso artigo.

Espirito Santo

O Grupo Paz, Amor a Deus, de Torquato, Espirito Santo, assim constituiu sua directoria: pres. Francisco Ignacio da Silva; vice, Francisco Moreira de Araujo; 1.o secr. Alberto Nogueira da Gama ; 2.o, José Cupertino de Paula Beiriz; thes. Antonio José dos Santos; Director da Assistencia, Hermelinda Lima Pimentel.

Goyaz

O Centro de Ipamery, Goyaz, assim constituiu sua directoria: pres. Antonio Pereira dos Santos; vice, Agostinho Lenza; thes. José Francisco dos Santos; orador official, Orlando Tormin da Veiga ; 1.o secr. Marcelino José de Sousa ; 2.o, Ilidio Alves do Nascimento.

Conferencias pelo Radio

Pelo Radio Club Sorocaba, o Dr. Jayme Monteiro de Barros fez duas vibrantes conferencias espiritas.

* * *

Pelo microphone da Radio Cultura de Araraquara, o nosso companheiro Schutel fez, uma dia 3, outra dia 17 de Setembro, sobre O Espiritismo e a Immortalidade.

* * *

Pelo microphone da Radio Club Sorocaba falou, dias 26 e 27, sobre Christianismo e o Espiritismo o sr. João Spinelli.

* * *

Dia 13 Setembro pelo microphone de Sorocaba falou o sr. Pedro Alonso.

A Diffusora Espirita

Escreve-nos o nosso confrade sr. Caetano Mero :

— A nossa Estação vai cheia de esperança. Os espiritas já estão comprehendendo o valor que o Radio veio dar á Doutrina.

Tenho recebido visitas de muitas cidades do interior e cartas de longinquas paragens, como seja da Bahia e outros Estados.

O Clarim e a Revista Internacional do Espiritismo em viagem

A serviço d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo acham-se em viagem os nossos representantes: Onofre Baptista, na linha Sorocabana ; João Leão Pitta, na linha Mogyana. Os nossos representantes farão conferencias de propaganda nas cidades por onde passarem.

Collecções da Revista Internacional do Espiritismo

Encadernada, lombo de couro :

1.o Anno — 50$000 ; 2.o Anno — 30$000 ; 3.o Anno — 50$000
4.o » — 30$000 ; 5.o » — 30$000 ; 6.o » — 30$000
7.o » — 30$000 ; 8.o » — 30$000 ; 9.o » — 40$000
10.o Anno — 40$000 ; 11.o Anno — 40$000.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno	— Assignatura simples	20$000
— BRASIL	— Anno	— Assignatura registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno	— Assignatura registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

E na «Editora Espirita Limitada»

Rua dos Andradas, 86 Rio de Janeiro

NNO XII — Brasil—E. S. Paulo—Mattão, 15 de Novembro de 1936—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMMARIO

Os Horisontes da Vida
A psychologia espirita
Tributo de Gratidão
O Espirito no espaço
Litteratura de ultra-tumba
O sabio Dr. William Stekel e o Espiritismo
Uma bella photo espirita
O Espiritismo -- Sua Historia
Basta de lagrimas
Notas Espiritas -- «Antes, o que?»
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil
Topicos de «The Two Worlds»

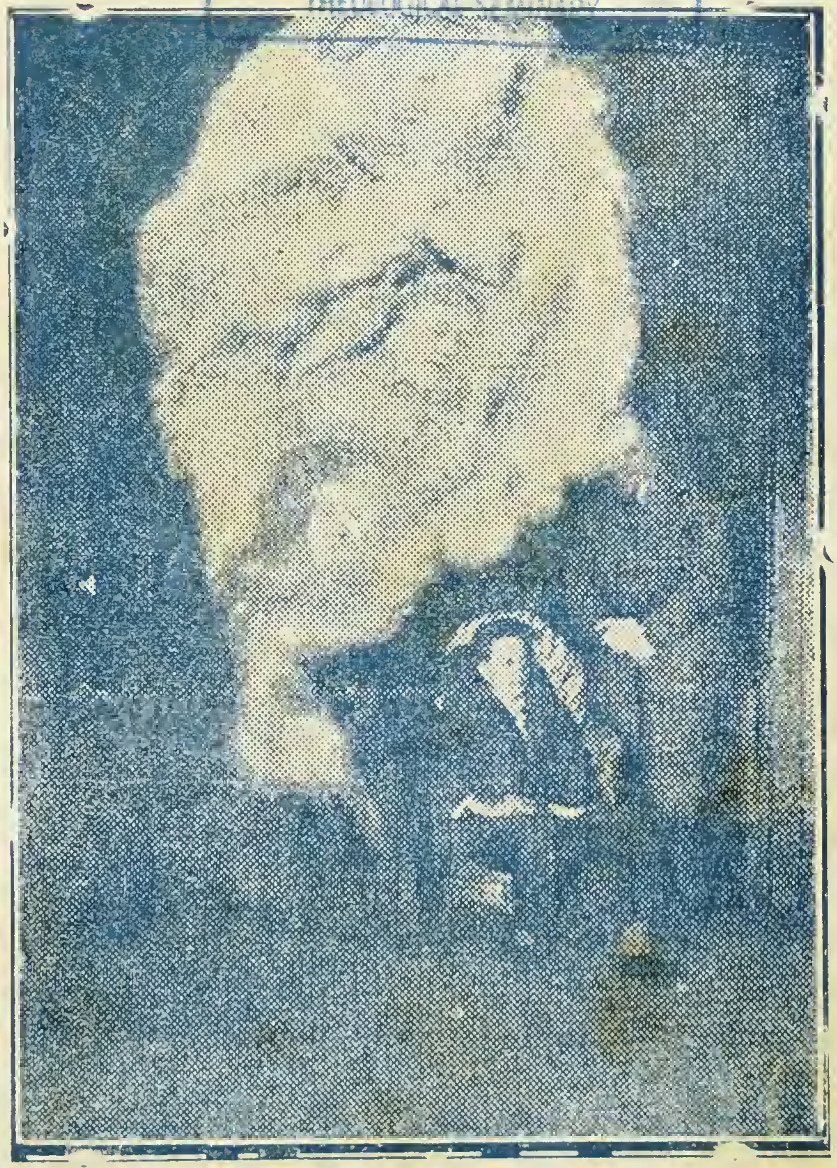

Photo Espirita

Revista Internacional do Espiritismo

[illegible]

ANNO XII — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Novembro de 1936 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

OS HORISONTES DA VIDA

As concepções scientificas e religiosas dos detentores dos poderes intellectual e espiritual não abrangem senão um limitado cyclo de conhecimentos.

A Vida para estes senhores está absolutamente restricta ao campo de sua acanhada visão e dos seus sentidos deficientes e falliveis a todos os momentos.

A vesania do orthodoxismo religioso e scientifico chegou ao auge de classificar de loucura o querer augmentar os horisontes da Vida além dos limites de suas idéas preconcebidas ; não ha quem os possa convencer de que detidos em lobregos antros, elles não poderão mesmo comprehender a Vida tal como ella é com suas maravilhas e esplendores. Acham que a Vida não passa de phenomenos electricos e chimicos (hypothese mecanicista), ou então é o resultado de uma força occulta (theoria vitalista). Não se lhes pode falar de alma, de espirito, expressão que, quando acceita por alguns, não passa do resultado do conflicto das forças que o engendram.

Presos á sua pirronice, os vanguardeiros da civilisação resumiram o Universo ao nosso insignificante planeta e, semelhantes á rã do brejo que não admittia a existencia de outros brejos, tambem elles não admittem outros meios de vida, outros mundos senão o nosso.

Virtualmente os nossos «Guias» permanecem nos principios de Ptolomeu, que assignala a terra como «Centro do Universo», e na doutrina anthropocentrica, que faz do corpo humano o centro da vida.

Vamos concordar que esse modo de vêr é a causa de todos os males moraes porque passa a humanidade. São essas duas crenças medievães as dórnas onde fermentam o orgulho e o egoismo, as ambições pequeninas, e os interesses bastardos que originam as contendas e o desamor entre os povos e as nações.

Limitada a existencia á terra, e a vida do berço ao tumulo, não se pode esperar outra cousa senão o desencadeamento das paixões e todos esses desregramentos que originam a crise que atravessamos.

O Espiritismo veio demonstrar-nos que essas theorias são por demais erroneas, são proposições falsissimas em seus principios e prejudicialissimas em suas finalidades nihilistas.

O Espiritismo veio nos dar uma Ideologia nobre, grandiosa e digna dos attributos divinos.

Proclamando o Espirito como autor de todos os phenomenos intellectuaes e moraes que observamos, o Espiritismo dá a razão clara e logica da existencia terrestre e mostra a Vida desdobrando-se sob multiplos aspectos em todo o Universo. Os seus phenomenos irrefragaveis, inconcussos demonstram a permanencia do «Individuo» vencendo o transe da morte» e perpetuando atravez do tempo e do espaço.

Emquanto a velha psychologia permanece dogmatisando num circulo vicioso, nós os espiritas, desfraldando a Lei do Progresso, proclamamos a Vida perpetuando-se por todo o infinito, proporcionando aos espiritos luzes sempre crescentes, felicidades progressivas no seio do Cosmos.

E' por isso que a nossa Doutrina resolve magnificamente todos os problemas que se mostram insoluveis para os «sabios» materialistas e «philosophos» religiosos.

Por todos os titulos, o Espiritismo se tornou a grande Ideologia que tem por finalidade o progresso, a conquista da felicidade e a ascenção para Deus. Elle é tão cheio de sabedoria, de belleza e de verdade que o illustre escriptor Pinheiro Guedes denominou, — a sua Philosophia — a «Philosophia do Futuro.»

Insistimos na refutação da these que sustenta a concepção materialista do Universo, porque julgamol-a, como dissemos, a causa de todo o atrazo social, de todos os males que massacram os homens e paralysa a evolução da humanidade.

Emquanto não se remover essa causa, emquanto permanecerem as idéas archaicas que dominam a civilisação, sentiremos sempre o mal estar que nos molesta actualmente, veremos ainda as nações contra nações, povos contra povos se degladiando em guerra fratricida.

Sem uma bussola firme para nos conduzir a destinos melhores, sem uma orientação verdadeira que nos dirija para o Ideal, é humanamente impossivel o erguimento do espirito, immerso nos interesses inconfessaveis, tangido por uma falsa sciencia e uma falsa philosophia que dividem os povos e os homens, destruindo os mais puros affectos, aniquilando todas as nobres paixões, e menosprezando as virtudes activas que proclamam a fraternidade e o Amor, assim como os principios de Justiça que sanccionam a Fraternidadade e o respeito ás Leis Divinas.

A educação popular se torna hoje mais necessaria do que em todos os tempos. Ella precisa se fazer por todos os meios, pela palavra, pela imprensa, nas praças publicas, por cima dos telhados para que todos comprehendam o escopo da existencia, e as falsas doutrinas se tornem conhecidas como elementos deleterios, prejudiciaes ao individuo, á familia, á sociedade e ás nações.

O Espiritismo está encarregado desta grande Missão.

Alargando-nos os horisontes da Vida, assentado em principios immortalistas, elle nos offerece, não só com a sua inegualavel e racional theoria, mas sim com os seus phenomenos edificantes e consoladores, a verdadeira orientação para as bellas acquisições que constituem o nosso thesouro imperecivel.

A PSYCHOLOGIA ESPIRITA

O Edificio da Psychologia que os sabios materialistas ergueram sob as bases do principio de Lavoisier, teria forçosamente que se desmoronar com o conhecimento do Mundo Espiritual.

Nós somos felizes por presenciarmos a derrocada desse carcomido edificio e ainda mais por sermos contados entre os obreiros do Grande Monumento Psychologico delineado por Allan-Kardec, que em breve abrigará a humanidade toda.

A nossa Psychologia não só abrange as espheras da Vida physica e psychica na Terra, como tambem dos mundos que interpenetram-n'a e rodeiam-n'a.

Sob os seus auspicios a humanidade passará por completa transformação. — X.

Tributo de Gratidão

A' ALLAN-KARDEC

A obra de Allan-Kardec foi o maior dos legados com que o Supremo Senhor doou a humanidade.

Muitas têm sido as revelações que formam hoje o nosso thesouro de conhecimentos : a rotação da terra, o equilibrio universal, as vibrações da luz e do som, a electricidade, que originaram todas essas commodidades que temos actualmente ; mas pouco valor teria tudo isso se o homem não tivesse consciencia da sua individualidade e certeza dos seus destinos immortaes.

Si a vida se resumisse a uns tantos annos de existencia e a personalidade se extinguisse no tumulo, seria até preferivel viver na ignorancia dessas verdades, como vivem os passaros e os animaes incultos nas mattas e nos campos, que, vamos dizer, são muito mais felizes do que nós, os pobres calcetas jungidos ás dominações dos poderes terrenos.

O principio da Immortalidade, proclamado por Allan Kardec, veio nos despertar de um grande pesadelo. E' justamente essa Immortalidade que vem justificar a necessidade, para nós humanos, dessas revelações que a precederam, bem como a disciplina a que nos achamos submettidos, o fardo pesado que temos obrigação de carregar, em contraposição á vida livre dos animaes e os seus limitadissimos deveres.

A Revelação kardecista é, com justo titulo, a maior, a mais substanciosa, a mais racional, a mais sabia, a mais amorosa de todas as Revelações, em todas as espheras dos conhecimentos humanos, inclusive na esphera religiosa, quer comparando-a á Revelação de Confucius, ou á de Budha, de Zoroastro ou de Mahomet, e até mesmo á Revelação Christã, porque a Revelação Kardecista é um complemento da Obra Messianica, da Revelação de Jesus Christo, tal como prometteu o Divino Mestre, quando em sua estadia no nosso planeta.

Positivamente, Jesus não disse tudo o que tinha para dizer, porque a Revelação não se faz de um jacto. Ella abrange os cyclos da evolução humana, *ab initio ad eterno.* E foi por isso que o Divino Nazareno, segundo refere o Evangelista S. João, no cap. XVI, v.v. 12-15, antes da sua passagem para o Além, disse aos que lhe seguiam :

> «Tenho muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando, porém, vier aquelle Espirito da Verdade, elle vos guiará em toda a Verdade ; porque não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos annunciará as cousas que estão para vir. Elle me glorificará porque ha de receber do que é meu e vol-o hade annunciar».

A obra kardecista, como bem se verifica do trecho evangelico, foi prophetisada por Jesus Christo e está, por Elle ungida com o oleo santo da sua Palavra que não passa. Podemos affirmar, com segurança que o Espiritismo não é mais do que uma revivescencia do Christianismo com o seu promettido complemento.

Lembrando as palavras de Jesus, de «*Não ser o seu Reino neste Mundo*», o Espiritismo prende a nossa attenção para a Immortalidade, onde, do outro lado do tumulo, se encontram os nossos destinos felizes para a posse de um Reinado no qual o Grande Fundador do Christianismo, reina em espirito e verdade, com Amor, com Sabedoria, com Justiça. E para que alcancemos esse Reino, a figura magistral de Allan-Kardec, colligiu, coordenou os Ensinos dos Espiritos prepostos pelo Senhor, para operarem a regeneração, a transformação da humanidade, baseando os seus dictames na sobrevivencia do homem á morte do corpo, na proclamação da Vida Eterna que nos aguarda; favorecendo-nos ainda com as apparições e communicações dos chamados «mortos», afim de que a nossa Fé seja intelligente, racional e livre de toda e qualquer duvida.

O trabalho de Allan-Kardec é um conjuncto verdadeiramente harmonioso, no qual a religião está de pleno accordo com a sciencia, constituindo uma admiravel philosophia, toda baseada em factos.

A obra de Allan-Kardec veio, emfim, nos offerecer as verdadeiras directrizes da Vida, resolvendo todos os problemas que obscureciam o nosso entendimento, abrindo-nos novas veredas de progresso, nos proporcionou um vasto campo de estudos e de pesquizas, e, além disso, trouxe ás nossas almas doridas a consolação e a esperança, a fé e a verdade.

Relembrando a incarnação do grande Mestre, occorrida em 3 de outubro, não podemos deixar de bemdizer a sua proficua existencia, cujo trabalho intelligente e escoimado de erros, consitúe, para nós, o maior de todos os legados com que o céo nos presenteou.

Ao Mestre, o nosso tributo de gratidão, os nossos melhores affectos, os testemunhos do nosso amor, da nossa viva sympathia.

Que o Supremo Senhor o abençôe e dê ao Grande Missionario poder, sabedoria e forças para completar a sua obra de Espiritualisação da humanidade, de fraternisação dos povos.

CAIRBAR.

O Espirito no Espaço

Por
Gabriel Delanne

O Espirito está revestido de um involucro a que chamamos *perispirito*. Este corpo é formado pelo fluido terrestre, isto é, pela materia sob a sua forma primordial. A união entre o corpo e a alma pode ser comparada a uma combinação. Quando essa combinação se desfaz, o que succede na occasião da morte, a alma se desprende com seu involucro espiritual, que é indecomponivel, pois que é composto pela materia em sua forma inicial, e conserva as suas propriedades, como o oxygenio que, sahindo de uma combinação, nada perdeu de suas affinidades. Nesse estado, o corpo espiritual, segundo a expressão de S. Paulo, tem sensações que nos são desconhecidas na terra e que lhe devem dar gozos muito superiores aos que experimentamos aqui.

A sciencia nos ensina que os nossos sentidos apenas nos fazem conhecer uma infima parte da natureza, porém que, além e aquem dos limites impostos ás nossas sensações, existem vibrações subtis, em numero infinito, que constituem modos de existencia de que não podemos formar idéa, por falta de palavras para exprimil-a.

A alma assiste, pois, a espectaculos que não temos meios de descrever: ouve harmonias que nenhum ouvido humano tem apreciado, move-se em completa opposição ás condições de viabilidade terrestre. O Espirito libertado das cadeias do corpo não tem mais necessidade de alimentar-se, não se arrasta mais pelo sólo: a materia imponderavel de que é formado, permitte-lhe transportar-se para os mais longinquos logares com a rapidez do relampago e, segundo o grau de seu adiantamento moral, suas occupações espirituaes se afastam mais ou menos das occupações que tinha na terra. Não se pode negar a existencia do corpo espiritual, porque experiencias directas nos permittiram estudar a sua natureza e o seu modo de condensação.

Vimos, nas experiencias de Crookes e de Aksakof, esse corpo espiritual ir revestindo aos poucos os caracteres da materia e, as moldagens, nos mostram que esse corpo é rigorosamente identico ao que o Espirito tinha na terra.

Uma simples analogia pode, se não explicar, ao menos ajudar a comprehender o que se dá em tal caso:

O perispirito pode ser assemelhado a um electro-iman; o corpo ao espectro magnetico; e a vida á electricididade.

Emquanto o fluido electrico não circula, não ha espectro, o electro-iman fica indifferente: eis um estado analogo ao do perispirito no Espaço; elle contem virtualmente em si, todas as linhas que formam o organismo, mas não as dispõe. Logo que a corrente circula no electro-iman, a limagem se accomoda seguindo uma certa ordem, e forma esse desenho a que chamamos espectro-magnetico; do mesmo modo succede com o perispirito: sob a influencia do fluido vital subtrahido do medium, elle accomoda a materia conforme o desenho do organismo, e reproduz o corpo humano, como este era na vida terrena.

O perispirito, bem que formado de materia primitiva, é mais ou menos puro de misturas, conforme o mundo habitado pelo Espirito. Essa observação nos conduz ao assignalamento do verdadeiro logar que occupamos no Universo.

Uma verdade que a astronomia hoje tornou vulgar, é a de não ser o nosso mundo o centro do universo; segundo ella, a nossa pequena terra é um dos planetas mais pobremente dotados do systema solar. Nada, em seu volume ou na sua posição ecliptica, da qual resultam as estações, dá-lhe o direito de orgulhar-se do logar que occupa, e, não muito longe de nós, o planeta Jupiter nos offerece o exemplo de condições de habitabilidade preferiveis ás nossas. Com esses conhecimentos, que fazem das estrellas sóes como o nosso, em cujo redor circulam planetas, cahiram os erros seculares dos nossos avós, segundo os quaes o inferno achava-se collocado no centro da terra, e o terceiro céo, aquelle onde foi elevado S. Paulo, distava nos confins da creação. Estes dados cosmologicos se baseavam na ignorancia dos theologos á respeito das verdadeiras proporções do Universo.

Quando a sciencia, com a inexoravel logica dos factos abriu aos nossos olhos attonitos e deslumbrados as perspectivas illimitadas do infinito, quando a astronomia projectou o seu telescopio sobre os espaços sideraes, as velhas legendas se evaporaram ao sopro da realidade. Os mundos que povoam o universo, são terras como a nossa, sobre as quaes palpita a vida universal, e o homem moderno ri das pretenções infantis dos nossos antepassados que quizeram limitar a este imperceptivel grão de areia, chamado terra, as manifestações da força infinita, increada e eterna, a que se dá o nome de Deus.

Se, porém, o céo não existe no logar em que o indicavam, para onde foi elle transportado? Em que regiões do immenso Universo devemos collocar o éden de delicias promettido ás almas que cumpriram dignamente a sua missão? Eis o que nenhuma religião indica, e somente o Espiritismo, demonstrando o verdadeiro destino do homem, nos põe no estado de comprehender o progresso indefinido do Espirito, por transmigrações successivas. Tomando por ponto de partida a natureza do homem e os attributos de Deus, Allan Kardec mostrou qual devia ser o nosso futuro espiritual. Vamos, resumindo, expôr a sua doutrina.

O homem é composto de corpo e Espirito; o Espirito é o ser principal, o ser racional e intelligente; o corpo é o involucro material que o Espirito reveste temporariamente para o cumprimento da sua missão na terra, e para a execução do trabalho necessario ao seu adiantamento. O corpo, quando gasto, é destruido, mas a alma sobrevive a essa destruição. Em summa, o Espirito é tudo, e a materia não é mais do que um accessorio, de modo que a alma, libertada dos laços corporaes, entra no Espaço, que é a sua verdadeira patria.

Ha, pois, o mundo corporal, composto de Espiritos incarnados, e o *mundo espiritual*, formado pelos Espiritos desincarnados. Os seres do mundo corporal, em virtude do seu involucro material, estão presos á terra ou a outro globo qualquer; o Mundo Espiritual está em toda a parte, ao redor de nós e no Espaço; elle é illimitado. Como o dissemos, em razão da sua natureza fluidica, os seres que o compõem, têm um modo de vida particular, dependente do seu organismo imponderavel.

Os Espiritos são creados simples e ignorantes, mas com aptidão para adquirirem tudo e progredirem em virtude ds seu livre arbitrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades e, por consequencia, novos gozos desconhecidos aos Espiritos inferiores; vêm, ouvem, sentem e comprehendem o que os Espiritos atrazados não podem vêr, ouvir, sentir ou comprehender. A felicidade está na razão directa do progresso feito; de modo que, de dois Espiritos, um não pode ser tão feliz como o outro, unicamente por não ser tão adiantado intellectualmente e moralmente, sem que tenham necessidade de achar-se cada um em um logar differente.

Achando-se mesmo ao lado um do outro, pode um estar em trevas, quando tudo é resplandecente ao redor do outro, exactamente como se dá com um cégo caminhando ao lado de uma pessôa que vê perfeitamente; um percebe a luz, ao passo que o outro nenhuma impressão tem a esse respeito. A felicidade dos Espiritos sendo inherente ás qualidades que possuem, elles gozam onde quer que estejam: na superficie da terra, no meio dos incarnados, ou no espaço.

E' facil comprehender que o organismo fluido seja mais ou menos apto para receber as sensações, conforme o Espirito for mais ou menos grosseiro. Sabemos que as paixões más viciam o involucro perispirital, do mesmo modo que as enfermidades corrompem a carne terrena; visto isto, existe para os seres desincarnados uma recompensa proporcional á somma de virtudes que elles adquiriram. Na terra, acontece muitas vezes ficarmos cheios de admiração á vista das maravilhosas perspectivas de um radiante occaso do sol ou de uma aurora esplendida: mas o que são esses matizes de luz ao lado das innumeraveis vibrações fluidicas que, sem cessar, se cruzam no espaço e que dão áquelles que as testemunham os mais inefaveis gozos! Uma comparação vulgar fará melhor comprehender essa situação:

Se num concerto se acharem dois homens, um delles bom musico de ouvido educado, o outro sem conhecimentos musicaes e de ouvido pouco delicado: o primeiro experimenta uma sensação de agrado, ao passo que o outro fica insensivel; porque um comprehende e percebe o que nenhuma impressão faz ao outro. O mesmo se dá em relação a todos os gozos dos Espiritos; elles são proporcionaes á aptidão que estes têm para sentil-os.

O mundo da erraticidade tem por toda a parte esplendores e harmonias que os Espiritos inferiores, ainda dominados pela materia, nem mesmo entrevém; que sómente são accessiveis aos Espiritos purificados.

O Espiritismo ensina que, a nossa situação na vida de além tumulo, é a resultante do nosso estado moral e dos esforços que fizermos para nos elevarmos ao caminho do bem. Podemos trabalhar em nosso adiantamento espiritual com actividade ou negligencia, segundo o nosso desejo, mas tambem os nossos progressos são apressados ou retardados, e, por consequencia, a nossa felicidade se approxima ou se afasta segundo a nossa vontade.

Os Espiritos são os proprios constructores do seu futuro conforme o ensino do Christo: «A cada um segundo suas obras!» Todo o Espirito que ficar demorado em seu progresso, somente de si proprio deverá queixar-se, do mesmo modo que, aquelle que se adiantar, tem todo o merito do seu procedimento; a felicidade que elle conquistou tem por esse facto mais valor aos seus olhos.

A vida normal do Espirito effectua-se no Espaço, mas a incarnação opera-se numa das terras que povoam o infinito; esta é necessaria ao seu duplo progresso, moral e intellectual: o progresso intellectual, pela actividade que elle é obrigado a desenvolver no trabalho; ao progresso moral, pela necessidade que os homens tem um dos outros. A vida social é a pedra de toque das bôas e das más qualidades. A bondade, a malvadeza, a doçura, a violencia, a benevolencia, a caridade, o egoismo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hypocrisia, em uma palavra tudo o que constitue o homem de bem ou o homem perverso, tem por movel ou por incentivo as relações do homem com os seus semelhantes ; aquelle que vivesse só, não teria vicios nem virtudes, porque, se pelo isolamento elle se preserva do mal, annula com isso o bem. Uma só existencia corporal é manifestamente insufficiente para que o Espirito possa adquirir tudo o que lhe falta de bem, e despojar-se de todo o mal que em si exista. O selvagem, por exemplo, não poderá numa só incarnação attingir o nivel moral do europeu mais adiantado. Isso lhe é materialmente impossivel. Deverá elle, portanto, ficar eternamente na ignorancia e na barbarie, privado dos gozos que só lhe podem vir com o desenvolvimento de suas faculdades ? O simples bom senso repelle uma tal supposição, que seria ao mesmo tempo a negação da justiça, da bondade de Deus e da lei progressiva da natureza.

Litteratura de Ultra-Tumba

Por Ernesto Bozzano *Da «Revue Spirite»*

(Continuação)

Para citar alguns dados desta sorte, eu lembrarei o termo *polytarchia*, que não existe na «Versão autorisada» do Novo Testamento» e que, nos *Escriptos de Cleophas* é empregado como uma transcripção no alphabeto moderno (transliteração) da palavra grega correspondente, empregado nos *Actos dos Apostolos* XVII, 6. O mesmo acontece com o vocabulo *Archon* (p. 161), devendo indicar a chave da communidade julgadora em Antiochia da Syria ; palavra na qual se constata a justeza, porque pode-se assegurar que o imperador Augusto, no anno 11 de nossa Era, tinha destinado a recollocar o antigo titulo d'*Ethnarck*.

Mrs. Barbara Mackenzie ajunta esta outra coincidencia geographica que os espertos em questão não haviam assignalado :

> «Nos Escriptos de Cleophas eu li com o mais vivo interesse o episodio pitoresco de Barnabé—o descobridor de fontes—na planicie arida que envolve a villa de Iconium. Pois bem, eu encontrei, ha alguns dias, um official que tinha sido feito prisioneiro pelos Turcos e confinado na mesma região durante a guerra. Eu lhe perguntei dos acontecimentos a este respeito ; elle me declarou que a «descripção que se tinha feito dos *Escriptos* era todavia, exacta, e que, em torno da villa de Iconium, se estende uma planicie desolada, totalmente desprovida de agua. (Light, 1928, p. 233)»

Como se poude vêr, o Rev. John Lamond nota entre outras cousas que os *Escriptos de Cleophas* são esclarecidos duma nova luz de numerosos acontecimentos dos quaes os *Actos dos Apostolos* tocam rapidamente. A titulo de exemplo, eis um dos acontecimentos.

No cap. VIII dos *Actos dos Apostolos* lê-se que a multidão lapidou a S. Estevão : o versiculo 58 nos mostra que «os testemunhos depõem seus vestidos aos pés dum moço chamado Saulo» — Como não se diz outra cousa a respeito pergunta-se : Porque elles fizeram isso ? Que significa essa acção ? Quem era Saulo ?»

Os *Escriptos de Cleophas* contam o episodio mais detalhado e então se comprehende.

Saulo era um moço que tinha

motivos especiaes de irritação contra Estevão. Este tinha causado a elle um vivo ciume devido aos dons de orador que o distinguia; dons que tornavam-n'o um adversario irreductivel contra Saulo, assim bem entre os Juizes como entre os Christãos. Saulo tinha então assalariado alguns homens do povo, entre os que eram mais mal dispostos contra Estevão, e desejavam matal-o, para se apossarem do seu dinheiro e sua roupa, e chegaram a este tragico fim. Mas o crime, uma vez consumado, os assassinos ficaram de tal modo impressionados pela coragem heroica do martyr, «que sentiram-se profundamente deprimidos e arrependidos, crendo ter matado o eleito do Senhor». O relato continua assim:

> «Quando as sombras negras da colera se dissiparam, elles abandonaram no caminho o corpo do santo e foram em busca de Saulo, lhe dizendo: «Tu nos fizeste praticar um crime, e nós não queremos gozar o preço do crime.» Dizendo isto atiraram as capas aos pés de Saulo, capas que elle lhes havia dado, assim como o dinheiro com o qual os havia assalariado. Elles foram-se em seguida cheios de remorsos, de visões e de terror nos corações, porque no momento que S. Estevão acabara de entregar a alma, elles tinham percebido Deus ao seu lado»

Tal é a concepção simples e detalhada dum acontecimento que no texto dos *Actos dos Apostolos* pareciam inexplicaveis por causa do relato insufficiente e obscuro que tinha sido feito. Agora, ao contrario, todos comprehenderão porque «as testemunhas tinham deposto os vestidos aos pés de um moço chamado Saulo.» Eu notarei que, conforme os factos narrados, o termo «testemunhas» do texto evangelico, deveria ser considerado como sendo inexacto; dever-se-ia chamal-os «sicarios», ou «mandatarios» ou «assassinos». O valor theoricamente interessante das concordancias analogas á que eu venho assignalar, consiste no facto que, quando se lê semelhantes relatos nos *Escriptos de Cleophas* e que se os pode comparar com os versetos correspondentes, mas incompletos dos *Actos dos Apostolos*, se chega á conclusão racional incontestavel que os factos contados devem se ter desenrolado justamente da maneira que foi dita no ditado mediumnico, pois que estas narrações servem para elucidar os versetos obscuros do texto evangelico tão completamente, que não se saberia imaginar uma outra versão capaz de dar conta do mesmo texto.

São estes os detalhes de uma apparencia insignificante mas que são os mais importantes para as pesquizas sobre a natureza da personalidade mediumnica que transmittiu os *Escriptos*. Não é inutil citar alguns. Miss Gibbes escreve:

> «Em diversas occasiões, o «Mensageiro» tinha affirmado que «Cleophas empregava numerosas chronicas da epoca.» Teria sido interessante descobrir alguma prova tendente a confirmar esta affirmação do «Mensageiro.» Nós ficavamos muito embaraçados quando, nos primeiros tempos da transmissão das «mensagens apostolicas», uma destas, actualmente incluida no capitulo IV, começou, contra o seu habito, na «primeira pessôa» a mensagem dizia: "Eu tenho estado longamente com Pedro esforçando-me para servil-o e ouvir todas as suas palavras; elle tinha o poder de transmittir aos outros a faculdade de ter "visões" e "sonhos" atravez do poder radiante de sua palavra." Quinze mezes depois, quando se preparava para a publicação da primeira serie dos *Escriptos*, pediu-se explicações á personalidade que se communicava á respeito da phrase que acabo de citar. Nos foi respondido:
>
> "E' preciso que saibais que quando estas palavras foram dictadas, nossa intenção era de traduzir no vosso idioma, palavra por palavra, uma chronica antiga desta epoca, transmittindo-a ao mundo por intermedio desta mão. Mas nossa intenção se modificou desde que nós descobrimos que os corpos espirituaes de duas mulheres que nós empregamos continham um poder sufficiente para receber de nós as narrativas contidas em varias chronicas. Nestas condições, as palavras da introducção que nós ditamos, ha varios mezes, não devem se entender como tendo tra-

ços nossos, mas do autor da chronica donde extrahimos as resenhas; ellas eram constituidas por imagens que Cleophas acolheu da grande "Arvore das Lembranças", para as transmittir em seguida á nós, seus "mensageiros" encarregados de as transformar em termos accessiveis aos homens de vossa geração. De todo o modo, será bom supprimir no texto as palavras de introdução, afim de evitar toda a confusão nas pessoas que lerem estas chronicas".

Miss Gibbes continúa dizendo:

> «Algumas palavras da introdução foram suprimidas no texto que foi publicado. Notarei que a explicação acima era absolutamente inesperada por nós. Entretanto, si se deve julgar pelo immenso material de factos que foi citado por Mme. Cummins, nós podemos reconhecer bem fundada a affirmação segundo a qual se havia mudado de intenção, desde que se constatou a grande capacidade mediumnica do «instrumento» que se empregava; isto é, que decidiu-se então ditar ao medium uma historia dos tempos apostolicos infinitamente mais longa e mais extensa do que se havia convencionado então. —(Light, 1929, pag. 152.)

No que concerne aos fins a que se havia proposto os espiritos que se communicavam, ditando as chronicas em questão, eis como elles falam:

> «Nossa intenção é de semear no coração dos homens de vossa geração, o germe da fé no Divino Mestre, de modo que esta fé possa reflorescer. Esperamos que o coração dos homens de hoje acolherá a nossa semente! Entre elles ha muitos que creem que Christo morreu. Absolutamente não! Absolutamente não! Elle vive mais do que nunca e reviverá nos corações, e nos espiritos das gerações futuras com mais efficacia que agora!—(Light, 1929, p. 147.)

Taes são suas intenções, taes são suas esperanças. Agora é curioso e interessante saber á este respeito a opinião dum outro «espirito-guia» de Miss Cummins, a quem esta se dirigiu para ter informações á respeito do «Mensageiro» que ditava as «chronicas sagradas». O «Espirito-guia» tinha respondido:

> «Depois de algum tempo, um grupo collectivo de espiritos trabalhavam para descobrir um sensitivo capaz de receber, atravez do mecanismo do seu cerebro, a historia das origens do Christianismo. Os membros deste grupo pensavam que não pudesse haver ahi um expediente melhor para combater o horrivel vácuo espiritual que se havia produzido nas almas da geração actual; vácuo terrificante, quando se o observa do mundo espiritual... Cleophas e seus coadjutores se propuzeram então a derramar sobre os humanos o remedio de que elles careciam lhes revelando a historia do periodo apostolico. A meu ver, elles não se conformam de que os horisontes mentaes da humanidade se acham enormemente transformados depois da época que elles viveram na terra. Nem percebem que na presente sociedade humana não ha quasi lugar para a fé; a humanidade quer chegar ao espiritual atravez do material». (Light, 1928, p. 194).

D'onde resalta que o «espirito-guia» de Miss Cummins duvida da nobre tentativa de Cleophas e de seus coadjutores, que se propuzeram transmittir ao mundo as chronicas authenticas dos tempos apostolicos, na esperança de salvar assim a presente humanidade, reconstituindo a fé dos Christãos primitivos no seu Mestre. Muitos de meus leitores partilham sem duvida do aviso do «espirito-guia» de Miss Cummins. Mas isto nenhuma importancia tem sob o nosso ponto de vista e serve unicamente para confirmar uma verdade conhecida ha muito tempo, isto é que não se fica omnisciente só porque se desincarna, mas que se permanece intellectualmente no mesmo estado quando no momento da morte. Não se tarda a assimilar um grande numero de conhecimentos concernente ao mundo espiritual, onde o individuo se acha, mas não se despoja senão lentamente das concepções intellectuaes que se possuia e não se entrevê senão vagamente ainda as verdades espirituaes, á respeito das quaes, no Além como no mundo dos vivos, cada um tem o dever de exercer livremente seu discernimento; o que dá lugar, como na terra, a varias opiniões mais ou menos em desaccordo entre si.

Com isto, eu julgo ter citado e commentado sufficientemente o caso de que se trata, para fazer resaltar o grande valor theorico em favor da interpretação espirita dos factos. O caso é, entretanto, analogo ao de Patience Worth, e em nada lhe é inferior pela natureza maravilhosa do texto obtido mediumnicamente. A differença entre os dois casos é de natureza secundaria, e consiste na circumstancia de que nas communicações de Patience Worth se encontram dados—sobretudo sua linguagem persistente em dialecto archaico — que podem servir indirectamente, mas efficazmente, para provar a independencia espiritual, e, sob certo ponto de vista, mesmo a identificação pessoal da entidade que se communicava; emquanto que, no caso de Cleophas, se vê apparecer dados notaveis desta natureza. Em todo o caso, isto não representa uma importancia theorica apreciavel, porque nos dois casos a efficacia demonstrativa dos factos nada ha a fazer com a questão da identificação pessoal, para se limitar unicamente na natureza intrinseca do material psychographico obtido, cuja proveniencia é explicavel por toda a hypothese naturalista. De facto, mesmo no caso de Cleophas, as hypotheses da telepathia, da cryptomnesia, não chegam de maneira nenhuma a dar conta de semelhantes factos, sobretudo si o se considera que não se trata de resenhas isoladas, ou acontecimentos fragmentarios susceptiveis de serem attribuidos a emergencias da subconsciencia do medium (cryptomnésia), ou bem ao facto do medium os ter captado nas subconsciencias dos assistentes ou dos ausentes (clarividencia telepathica). Não se trata, pois, de «visões psychometricas» em relação com um objecto presente ao sensitivo — e por consequencia circumscriptos pelas «influencias» existentes em estado latente mesmo no objecto, mas trata-se, ao contrario, de chronicas organicas, isto é, de uma narração ordenada de occorrencias, com numerosas noções geographicas, topographicas, historicas, philologicas ignoradas do medium e da qual se tem em seguida constatado a authenticidade. Trata-se finalmente em grande parte de episodios, aos quaes se tinha já feito allusão duma maneira obscura nos *Actos dos Apostolos*, e que, por outro lado, são relatados de uma maneira detalhada nos *Escriptos de Cleophas*, tornando pela primeira vez intelligivel o texto evangelico. Em summa, trata-se de uma obra historica ordenada, completa, vital, que está já composta de tres grossos volumes e não está acabada ainda. Não é, certamente na sub-consciencia do medium que se deve procurar a genese de uma obra de real importancia historica e religiosa e na qual se encontra dados, resenhas, detalhes que não se saberia controlar sem se estar especialisado nas sciencias historicas, geographicas, theologicas, philologicas. Nestas condições não resta senão uma cousa: acolher, esta vez ainda, em nome da logica e do bom senso, as explicações dadas pelas personalidades mediumnicas que dictaram a obra de que se trata: isto é, que as personalidades são entidades de defuntos que relatam acontecimentos aos quaes ellas assistiram, ou que se verificaram na época e na região em que ellas viveram.

(Continúa)

* * *

A luz de Alèm-Tumba se reflecte atravez de todos os conhecimentos que constituem os thesouros da humanidade: na arte, na philosophia, na sciencia, na religião e até na litteratura, se percebe a manifestação do Espirito, com suas affirmativas de intelligencia, de consciencia, de saber e de virtudes. E assim como é logico que elle assim se affirme, para demonstrar a sua existencia, é illogico não querer vêl-o e negar a sua vida e a sua possibilidade de acção. — L. B.

O sabio Dr. William Stekel e o Espiritismo

Leopoldo MACHADO

MAL concluíramos a leitura da entrevista do sabio austriaco, dr. William Stekel, sobre o Rio de Janeiro e, muito particularmente, sobre o Espiritismo, inserta em «O Jornal» de 12, aflorou-nos, para logo, á memoria, aquela assertiva de Montaigne: «Cada um deve escrever sobre o que sabe e quanto sabe».

Com muito maiores razões, se esse *cada um* fôr um sabio. Ser-lhe-á profundamente risivel e ridiculo falar sobre o que ignora absolutamente...

Um sabio houve, e bem maior do que o austriaco e psicanalista, que nos honra com a sua visita — Cesar Lombroso — que dissera coisas piores do Espiritismo. Estudando-o, porém, com o rigoroso criterio dos sabios e a honestidade dos conscienciosos, retratou-se, depois, de mil modos. Aqui está uma de suas retratações, que talvez aproveite a alguem: «Só qualifica o Espiritismo de superstição, o que não o tem reflexionado como êle merece. Eu me envergonho de ter combatido a possibilidade dos fenomenos espiritas».

O sabio psicanalista e austriaco, esquecido do judicioso conceito de Socrates, que diz «é sabedoria não se querer saber o que se não sabe», foi mais longe: julgou o Espiritismo uma superstição, uma coisa propria de espiritos fracos, uma enfermidade. Com que autoridade? Em nome de que? Com a autoridade de seu nome? E' pouco. Deve ela valer tanto para as pessôas criteriosas, que conheçam o espiritismo de perto, quanto valeria a nossa, que nada sabemos de grego, sobre a lingua grega. E essa autoridade de sabios que tais, é bem daquelas de que nos disse Gœthe: «Nada ha que mais retarde a marcha do progresso, do que o respeito ás chamadas autoridades». Em nome da psicanalise, tampouco póde êle falar. Não póde uma panacéa cientifica, como é, naquilo que podemos apanhar até hoje, a doutrina do sr. Freud, sentenciar sobre uma ciencia. E ciencia das mais belas, das mais importantes, porque é ciencia da alma. «O Espiritismo — diz o seu codificador — será cientifico ou não será nada.» Estudando-o com absoluto criterio de um verdadeiro sabio, sem empirismos psicanalistas, concluíu Maxwell: «Pelo que me diz respeito, acho extremo interesse nessas reuniões (espiritas) e sinto a impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso fadado a grandes destinos. O espiritismo vem a seu tempo, e corresponde a uma necessidade geral. A extensão que esta doutrina está tomando é um dos fenomenos mais curiosos da época atual».

Essa extensão é que apavora ao sabio Stekel e a outros, do mesmo coturno. Apavorou se o sabio psicanalista «com a verdadeira epidemia de espiritismo, que grassa em certos meios». Em todos os meios, poderia dizer—porque estamos no seculo das luzes—se houvesse menos preconceitos e mais amor á Verdade da parte de quantos se recorrem dele. Se o conhecesse bem, através de todos os seus aspectos, veria o sabio leviano que essa *epidemia* é o unico remedio capaz de curar a humanidade tristemente contaminada de falsas religiões, falsas doutrinas sociais e filosoficas, teorias cientificas falsissimas. «São pessôas cerebramente fracas, ás que se socorrem ao espiritismo» afirma, ajustando á afirmativa que «enfermos, por exemplo, que tendo perdido toda a esperança de recuperar a saúde, se dirigem a espiritas, e verificam, por coincidencia, que ligeira melhora se registrou em seguida á observação das prescrições espiritas». Porque a medicina oficial, de que é sabio o ilustre doutor, permittiu que esses enfermos perdessem a esperança de se curarem? Claro que se ela, a sua medicina, os curasse, êles não iriam bater ás portas do Espiritismo, pedindo-lhe aquilo que os sabios medicos lhes não deram. E recebem-no, *por coincidencia* que, entretanto, se repetem aos milhares de vezes! E quem póde o menos, póde o mais. Logo, se no Espiritismo os enfermos encontram ligeiras melhoras, tambem encontram melhoras definitivas. Quem isto escreve andou, por mais de três lustros, procurando, inutilmente, em todas as terapeuticas, a cura para as pedras de seu figado, a sua colite cronica, e as insuficiencias de seu esofago, que lhe amarguravam a vida. Depois de muito dinheiro consumido com sumidades medicas, foi encontrar a cura absoluta para seus males, no espiritismo, nos espiritos. Deve-a ao espirito de Bezerra de Menezes, que foi, na terra, medico e sabio, modesto e bom, que não se arreceiou de prégar e praticar o Espiritismo.

Fracas, as pessôas que se preocupam com o Espiritismo! Onde já se viu tamanha leviandade de afirmativa da parte de um sabio!? Porque um sabio extrangeiro, aqui deixamos meia duzia de nomes de *pessôas fracas*, que s. excia. deve, melhor do que nós, conhecer, porque tambem, extrangeiros: Flamarion, Paul Gibier, Carl du Prel, Russel Wallace, Crookes, Richet, Hodgson, Hyslop, Gladston, Oliver Lodge, Lombroso, Albert de Rocha, Gustavo Getey, Hans Driesch, G. Cabrom, Dr. Osty, Ermacora, Aksakofe, Zöllner e... mas, basta essa meia duzia de *fracos*, que nos vêm, agora, á memoria...

Aqui está um asserto do illustre sabio, com que concordaramos: «A simples idéa de estar em relações com um mundo desconhecido e sobrenatural é o bastante para abalar o equilibrio mental». Concordaramos, absolutamente, por isso mesmo que somos espiritistas; que não aceitamos o mundo sobrenatural e desconhecido da psicanalise. Para nós, espiritistas, o mundo dos espiritos nos é tão natural e conhecido como este, material, em que vivemos ou... vejetamos. O Espiritismo não admite ademais, a teoria do sobrenatural, que só existe, pela extensão da ignorancia humana. Tudo quanto existe, existe dentro da natureza. O que lhe, agora, está, para a nossa ignorancia—tenha-se ou não um diploma de doutor e sabio - acima dos conhecimentos naturais, póde ser, amanhã, coisa naturalissima. O radio seria, por certo, um sobrenatural ha coisa de alguns annos atraz. E' a nossa ignorancia que admite o sobrenatural. Muito não faz que, em Roma, se reuniu o «Congresso de Fisica Nuclear». Pois em meio desse congresso, um dos sete premios Nobel a êle presentes, alteou a voz para dizer: «Talvez daqui a duzentos anos saibamos alguma coisa acerca do atomo». Aqui está, a respeito da ciencia objectiva, coisa mais seria do que psicanalises...

Nada ha, no Espiritismo, que justifique o sobrenatural, o impossivel. Aliás, um grande sabio universal bem mais sabio do que o sr. Freud e o sabio Stekel, - Camilo Flamarion — já escrevera que «a palavra impossivel deve desaparecer dos dicionarios.»

Não cremos sejamos lido pelo sabio austriaco, a esta hora longe do Brasil. E' possivel sejamos por um ou outro que leiam por sua cartilha. Para esses, aqui deixamos a retratação sincerissima do dr. Ochorowicz: «Quando me lembro que, em uma certa época, eu admirava a coragem de Crookes em sustentar a realidade dos fenomenos mediunicos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estupido que ilumina o rosto dos meus colegas, ao mais leve enunciado dessas coisas, tremo de vergonha por mim e pelos outros.

Tremerá, um dia, o sabio psicanalista e quantos lhe seguem as teorias, quando fizerem o que fez Ochorowicz. Porque, na verdade, o que se tem a fazer com aquilo que se vai combater, é, primeiro, estudá-lo criteriosamente, honestamente, sabiamente.

Nem é de outro modo que a ciencia espirita se quer impôr ás inteligencias de todos...

A sabedoria humana, no seu orgulho cégo, jacta-se sempre de saber o que não sabe, pondo, assim, linhas divisorias á manifestação da Verdade. E' essa a causa dos males que entravam a evolução da humanidade. — QUINTILIANO.

Uma Bella Photo-Espirita

Da «Revue Spirite Belge»

Os resultados dum congresso espirita... E o que elle nos permittiu vêr...

Tradução especial para R. I. E.

QUEM não se recorda das numerosas communicações insertas na nossa revista, ha alguns mezes, para nos convidar a participar dessa jornada de estudo — porque congresso é synonymo de trabalho — e certamente todos os espiritas pensaram poder ahi estar. Infelizmente, certos contratempos impediram mais de um ... e os congressistas dos outros annos se encontraram augmentados, talvez por algumas unidades.

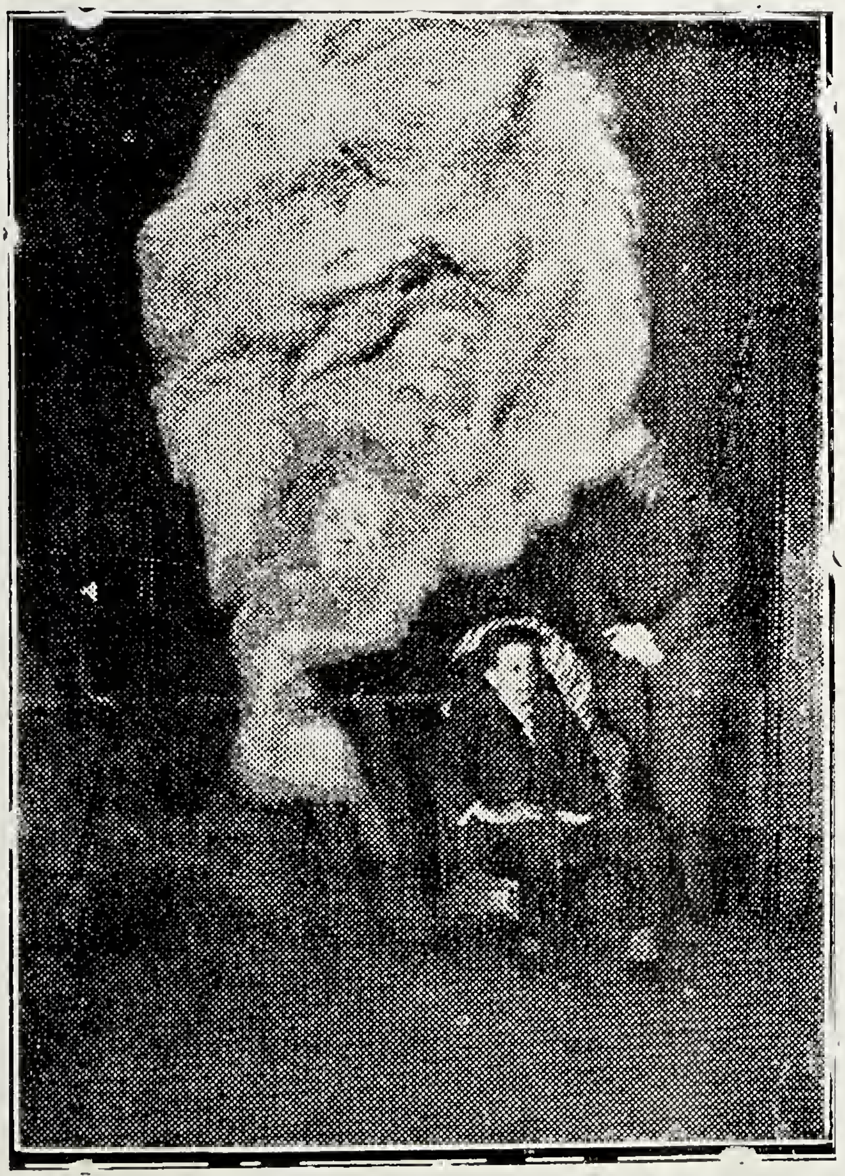

Cliché da Revue Spirite Belge.

PHOTO-ESPIRITA: Obtida com o concurso de Mme. H. Gal, medium photographo e de effeitos physicos; directora do Grupo «Fiat Lux», de Nice. A cabeça inferior, situada na massa ectoplasmica foi formalmente reconhecida por M. Pierre Louis.

Entretanto, não é nessas reuniões nacionaes que se possúe uma reserva de força nova para continuar a tarefa espiritual que é desenvolvida em cada um aqui em baixo (cuidados aos doentes, clarividencia, experimentação photographica, effeitos physicos, emfim mediumnidade de todos os generos).

Uma vez mais, o Congresso de 1936 servio para crear uma fraternidade nova e sobretudo cheia de interesse sob o ponto de vista «espiritual.»

Os leitores do numero 7 do mez de Julho, da «Revue Spirite Belge» assignalou que numerosos representantes dos grupos espiritas de nossos amigos francezes, assistiram os nossos debates e nos trouxeram assim o auxilio moral e o encorajamento para os organisadores desta manifestação.

E foi no correr desta reunião de espiritas que tivemos occasião de fazer conhecimento com Mme. Gal, medium do Grupo Fiat-Lux de Nice, que acompanhou M. e Mme. Dangy, de Charleville.

No começo da primeira jornada, depois da brilhante palestra de M. Richard, de Douai, e depois da sessão de clarividencia e de psychometria, dada por Mme. Richard, nós podemos trocar com Mmes. Gall e Dangy, assim como com M. Dangy, nossas impressões da jornada e nosso entretenimento proseguiu sobre a experimentação espirita: havia tanto que dizer que alguns dias depois nós nos reunimos em Charleville, muito felizes de poder aproveitar algumas horas e assistir com toda a sympathia a novas manifestações dos nossos amigos do Espaço.

E o nosso intuito de hoje é vos descrever esta sessão que foi dada em nossa intenção.

Que nos seja permittido insistir sobre esta maneira particularmente franceza de bom acolhimento e de fraternidade que nos foi reservada, porque nós somos os «amigos belgas» visitando os irmãos em crença.

Mme. Gall, em ferias entre seus amigos, queria bem nos dedicar uma «soirée», e os experimentadores que leram o livro de Raoul Montandon sobre a «Photographia Transcendental» se lembram dos phenomenos supra-normaes produzidos na presença desse medium.

E foi para uma dessas sessões que fomos convidados e nos confessamos satisfeitos.

O apparelho photographico que ia servir á Mme. Gall nos foi apresentado, e nosso exame resultou ser um simples apparelho Kodac do formato 9x12 com lentilhas planas, do modelo conhecido por todos os turistas.

Com o fim de ter um controle do phenomeno que se produziria, M. Dangy pôz á nossa disposição seu gabinete escuro e pediu nos carregar nós mesmos os chassis—o que fizemos.

Uma vez carregados, não os perdemos mais de vista, e não foi senão no momento da pôse que um delles foi collocado no apparelho.

Poderosos reflectores parabolicos, sem possibilidade de sombra, illuminaram a pessôa á photographar; a medium concentra-se cinco minutos mais ou menos, e depois passamos tambem nós concentrados tres minutos.

Utilisados os tres chassis, accrescentamos mais um para um ensaio.

Alguns convidados chegaram e estavamos em uma reunião de nove pessoas, que se recolhem e esperam que os nossos amigos do outro mundo se manifestem, si for possivel.

Mme. Gall ornou-se de braceletes phosphorescentes nos ante-braços e se achava sentada entre nós.

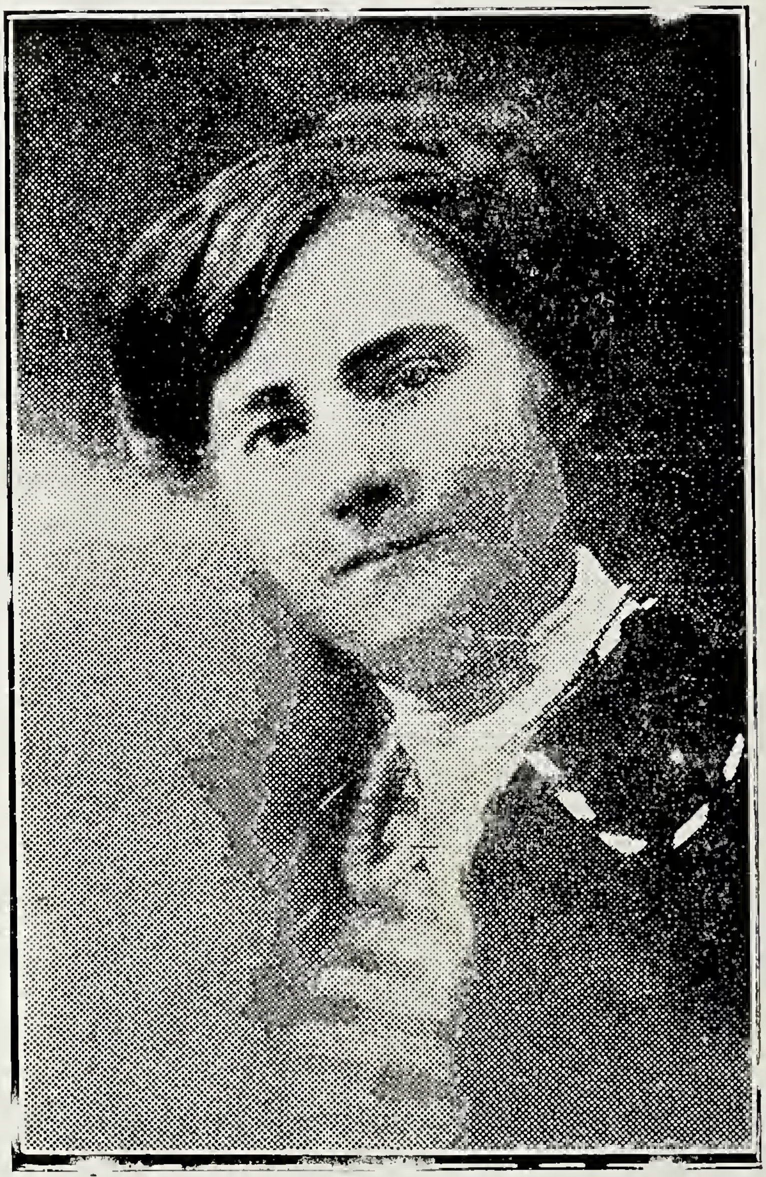

RETRATO DE Mlle. X. — Nossos leitores constatarão facilmente que os traços do rosto são de uma semelhança flagrante com os da figura da photo espirita na parte inferior do ectoplasma e justificam plenamente a convicção de M. Pierre Louis.

Um phono do modelo de «antes da guerra», nos convidou a não usarmos a nossa vontade... força magica... e nós nos deixamos acalentar... quando, derepente, se manifesta a presença de uma entidade... o phono foi subtraido e nós percebemos uma vóz grave, profunda, mas pouco perceptiveis aos ouvidos pouco habituados.

Foi o guia do medium que se manifestou.

Alguns instantes de paciencia, e eis que uma voz fluente, clara, argentina, agradavel e vem dizer o bôa-noite a cada um dos assistentes ; foi a entidade familiar do grupo, a pequena Liliane, desincarnada com a idade de 4 annos.

Ella teve uma palavra gentil para todos, depois pediu um pouco de musica para que outros amigos podessem se manifestar e chegar a produzir os phenomenos luminosos.

Nós ouvimos, então, no silencio, uma conversação astral, e emquanto Mme. Gall se entretinha comnosco, os segredinhos continuam mais distinctamente: um amigo espiritual do grupo vem dar alguns conselhos á M. Dangy.

Mme. Gall pede ás entidades de se mostrarem aos nossos olhos, dizendo que ella se punha á disposição de todos, depois, nós vimos um clarão azul persistente por alguns instantes, depois se dissolvendo em fumaça luminosa e attingindo o gabinete da salla da sessão. Esta luminosidade persiste por certo tempo, depois desapparece. Estes effeitos se produzem e se succedem numerosas vezes e illuminam á direita e a esquerda, embaixo e encima, entrecrusando-se, parecendo que se assiste a um fogo de artificio.

Um desprendimento de ozone nos inunda e nossos olhos maravilhados seguem essas evoluções que vão se fundir na noite. Vê-se que todas as entidades que se manifestam se esforçam para nos dar o maximum de satisfação.

Algumas phrases de fraternidade são pronunciadas para nós... nós agradeciamos os esforços feitos para obter esses magnificos resultados, depois a sessão foi encerrada com uma préce. Não esquecemos o bello exemplo de amor dado por esse grupo.

Mas havia ainda uma placa que não tinha sido usada e essa nós reservamos para o fim da «soirée».

Mme. Gall quiz então se concentrar e nos photographar todos tres em uma só chapa. Alguns minutos mais tarde, terminado tudo, nós passamos no gabinete escuro para ahi desenvolver as placas e vêr se encontravamos algum amigo do Espaço.

No gabinete, onde tudo é mysterio para o não iniciado, mas onde todos os que têm manipulado á claridade vermelha, as banheiras, os frascos dos sáes reveladores, etc., conhecem o desejo de ver apparecer na placa immersa no banho, o que viram no momento em que photographaram.

Ora aqui, este mesmo sentimento reina, sobre o que nós ignoramos do que se vai mostrar, mas nossa curiosidade é sem cessar, cada vez maior ... uma primeira placa está no banho e agitada,... emfim eis que apparece a reproducção de um de nós, mas não ha outra cousa; nós passamos á segunda, a mesma impaciencia, depois de um momento uma mancha negra, muito escura, apparece depois a vista normal do cliché, ha então alguma cousa, mas o que é ?

Uma terceira é posta com precaução no mesmo banho, mas ella não revela outra cousa que a photo da terceira.

Resta a quarta, que está confiada á banheira no revelador ... e eis que apparece uma massa enorme que se vê nitidamente, mas nós distinguimos os detalhes de nossas pessoas apparecer em baixo na placa.

Ha cabeças na massa fluidica, em quantidade, mas essas placas devem ainda passar pela manipulação da fixagem e seccagem antes de poder-se pronunciar á respeito.

Não é senão no dia seguinte, depois de fixar o cliché no papel sensivel que o nosso amigo Pierre Louis, no momento em que se lhe apresenta esta photographia reconhece uma pessoa amiga de mocidade, desincarnada em 1914.

Esta cabeça se sobrepõe á cabeça de M. Louis e é perfeitamente reconhecivel.

Uma photographia desta pessôa está junta com a photographia supranormal, afim de se poder constatar a similitude dos differentes detalhes da figura.

Uma outra cabeça, a do meio, nos é totalmente desconhecida e ninguem a poude conhecer até o presente. E' para notar que Mme. Gall não conhece pessoa alguma que teria podido pôl-a em relação com os conhecidos desincarnados de M. Louis, porque foi em Dinant que nós nos encontramos pela primeira vez, o primeiro dia do Congresso e a segunda fez em Charleville, e não se teve tempo de falar sobre pessoas, que deixaram... este planeta, crêde-o!!!

E os incredulos falarão ainda... de suggestão, telepathia, etc. etc., mas elles souberam já suggestionar uma placa photographica, sem meios fraudulentos?

Que nos seja permittido, á guisa de conclusão, annunciar que logo poderemos receber entre nós esta excellente pessoa e nós seriamos felizes com todos os espiritas, si Mme. Gall consentisse dar-nos uma sessão em homenagem aos espiritas liegenses.

Iwan MATHUS. Armand ALBERTZ. Pierre LOUIS.

15 Agosto 1936,

Grupo Pierre Louis.

O ESPIRITISMO — Sua Historia

O que descobriram os investigadores

«The Two Worlds»

Por J. B. M'Indoe

Trad. W. Campello

Ha oitenta annos, numa obscura villa perto de Nova York, fizeram-se ouvir estranhas pancadas. Não zombeis do methodo de communicação, o que importa é a mensagem. O cacarejar de patos evitou a queda de Roma nas mãos dos inimigos, em certa noite. Galvani observou as contracções da perna de uma ran. Seus inimigos zombaram delle e denominaram-no «o mestre da dansa de rans», porém, da sua observação resultou estarmos sendo illuminados nesta noite pela luz electrica. Colombo viu uma arvore fluctuar no Atlantico, uma coisa banal, porém essa arvore indicou-lhe a proximidade da terra e elle conseguiu persuadir a tripulação amotinada a proseguir a viagem e assim foi descoberto um novo continente.

Ha cincoenta annos o velho sabio francez, Becquerel, encontrou um pacote de chapas photographicas que tinham algumas marcas peculiares. Eram coisas tambem banaes, porém despertaram a curiosidade do sabio e elle descobriu que as chapas estiveram pousadas perto de uma substancia insignificante, chamada blenda de breu (pez) que emanava radiações; desta descoberta data toda a sciencia radiologica e nossas concepções sobre a energia foram revolucionadas. E assim foi com as pancadas de Hydesville. O moderno espiritualismo nasceu de um incidente banal e hoje elle é uma força potente em todos os paizes. Os sabios entregaram-se á investigação dos phenomenos e, ha cincoenta annos tanto se fallou delles que organizaram uma sociedade para fazer investigações — Sociedade para Investigação Psychica. Esta já publicou mais de cincoenta volumes sobre os differentes phenomenos.

Si existirem sêres vivos em outras espheras, porém incapazes de mostrar-se a nós, como poderão elles provar-nos a sua existencia?

Descartes fundou todo seu systema philosophico nesta simples proposição: «Penso, logo existo». Então, provando-nos que pensam é que os mortos nos convencerão de estarem vivos, por meio dos tres attributos do pensamento — conhecimento, vontade (querer), recordação — que constituem provas da sobrevivencia.

Foi escripto mais sobre Mrs. Piper, o medium de transe do que sobre as maiores celebridades mundiaes

O Dr. Richard Hodgson foi enviado á America para investigal-a. Elle era um agnostico, não acreditava no phenomeno e para elle todos os mediums não passavam de uma corja de trapaceiros. Porém, havia na sua vida um incidente pessoal que, dois annos depois de começar suas investigações, constituia parte do seu relatorio enviado a S. P. R. Quando moço elle pediu a mão de uma joven australiana, mas os pais desta se oppuzeram ao casamento. Hodgson sahiu da Australia e nunca mais ouviu falar da moça até o dia em que ella se communicou atravez da mediumnidade de Mrs. Piper.

Quinze annos depois, o Dr. Hodgson escreveu á Sociedade: «Não tenho mais duvida alguma — são os chamados mortos os que se communicam atravez de Mrs. Piper». Como se vê, elle não chegou apressadamente a esta conclusão. Um homem está autorisado a falar depois de investigar cuidadosamente durante quinze annos! Sómente uma hypothese explica os factos—a hypothese da sobrevivencia pessoal. Hodgson foi substituido pelo Dr. James Hyslop, celebre professor da Universidade de Harward. O prof. realizou dezeseis sessões com Mrs. Piper. Depois da sexta elle escreveu: «Eu tenho falado a meu pai, a meu irmão, a meus tios. Será difficil convencer-me de poderem as personalidades secundarias de Mrs. Piper assim reconstruir as personalidades mentaes de meus parentes. A sua admissão envolver-me-hia em enormes improbabilidades. Prefiro a explicação mais simples».

Diz elle no seu livro, *Vida após Morte:* «Eu não perco tempo a discutir com scepticos. O homem que nega a realidade da vida depois da morte, ou sua evidencia, é ignorante ou um covarde moral...»

Temos aqui o mesmo testemunho destes dois homens e Hyslop foi um psychologo familiar a todas as phases anormaes da hysteria. Devese notar o seguinte: o celebre psychologo jamais disse serem os phenomenos o resultado da hysteria. Não se aponta um unico sabio de reputação que, tendo estudado o phenomeno, negasse a sua legitimidade. Flammarion, Lombroso, Sir William Barrett, Sir William Crookes, Conan Doyle, Sir Oliver Lodge, passaram annos a estudar e todos chegaram á mesma conclusão. Alfred Russel Wallace, o co-descobridor com Darwin da sua grande theoria, disse: «fui esmagado pelos factos!» Em resumo: O Prof. A. M. Low, que não é espiritualista, falando num banquete offerecido por Harry Price, que tambem não é espiritualista, a Renê Sudre, investigador psychico francez, disse: «A vasta maioria dos nossos sabios, que se entregaram á investigação psychica, juntamente com mediums expontaneos, declaram que a maior parte dos resultados obtidos dependem da existencia dos espiritos dos mortos».

Uma unica existencia não póde produzir semelhantes phenomenos. Si formos intelligentes, nossos espiritos deverão mostrar conhecimento, vontade (querer), memoria.

Gerald Massey, grande espiritualista e reformador, disse: «O espiritualismo tornará a religião infinitamente mais real, traduzindo-a do dominio da crença para o da realidade. Comparo a vida sem o espiritualismo a um prisioneiro encerrado no porão de um navio, envolto em escuridão profunda, aclarada sómente por uma fraca luz de uma véla, ignorando a gloria que se ostenta acima da sua cabeça, cégo ás mil possibilidades do sêr e então, subitamente, numa noite estrellada, levamno á coberta, pela primeira vez, para contemplar o estupendo mechanismo do céu estrellado, fulgurando com a gloria de Deus. Esse prisioneiro sorve a longos tragos uma nova vida em cada inspiração da sua admiravel liberdade.

A Lei da Evolução eternisando a intelligencia, atravez das vidas successivas, é uma demonstração patente da Immortalidade. Aquelles que têm olhos para ver, veem a Immortalidade em toda a parte; os que não têm, mesmo com o sol ao meridiano só veem trevas. — LUCIPAZ.

BASTA DE LAGRIMAS

Pela mão de Anthol que voltou do Além

Da «Revue Spirite» || *Trad. para a R. I. E.* || Por J. J. PRUDHOM

(Continuação)

QUE oppressão senti no coração quando o ouvi falar assim! Meu filho! Eu sabia que elle não voltava mais!

«Dia seguinte elle nos deixou e vinte e oito dias depois estava morto. Elle era observador na aviação e bem que o seu piloto tivesse sido identificado e enterrado, meu filho nem seu apparelho (n.° 7504) não figuram nos registros inglezes ou allemães. Viu-se-o pela ultima vez cahir perto de Menin.

«O gelido e fatal telegramma official chegou quando meu marido estava ausente. Eu me achava em via de cuidar de minha velha mãe. O golpe, embora esperado, ultrapassa toda a descripção... Desapparecido! Elle tinha desapparecido! Ah! que terriveis palavras! Onde estaria elle a estas horas da noite sob a claridade das estrellas de Deus!...»

A dôr materna tem um grande curso. Este capitulo, o segundo, era intitulado: *Morte*. Mas o seguinte é mais consolador. Capitulo III: *Vida*.

Neste capitulo, a pobre mãe nos explica como, depois das mortes successivas de seu filho bem amado, de seu marido, de sua mãe e finalmente de sua irmã, ultima sobrevivente, o desespero de seu coração se transformou numa felicidade delirante e permanente.

Nessa época Mme. Stuart não acreditava no Espiritismo. Mas a curiosidade, que tem prejudicado tantas mulheres, incitou-a, um dia, a assistir a uma sessão: esta curiosidade foi a sua salvação. A clarividente annunciou que estava vendo desbruçadas sob Mme. Stuart duas pessoas. A mais Joven tinha sido um official de aviação. Este official, dizia ella, chamava sua attenção para uma insignia que trazia no seu uniforme para dizer-lhe que era observador, e «me disse essa clarividente que era para mim absolutamente extranha, *elle me diz que vós sois sua mãe e que foi vosso proprio pae que o trouxe aqui. Elle diz que foi o vosso pae que o acolheu por occasião da sua chegada no Além, e que elle reconduziu o vosso filho ao theatro de sua destruição, para lhe mostrar no campo de batalha alguns átomos reconheciveis do que tinha sido o seu involucro mortal, para lhe fazer comprehender que elle havia já passado pela transição que se chama morte. Elle disse que foi morto perto de Menin, á leste de Armentières. Disse tambem que seu avô tinha sido medico na terra.*

«Se eu vos disser que todas essas resenhas eram absolutamente exactas, comprehendereis então que eu tinha o que pensar. Até esse momento eu não tinha ouvido falar de Armentières, mas meu filho era observador na aviação, e foi morto perto de Menin, que effectivamente se acha á léste de Armentières, e meu pai, que elle nunca vira em carne, porque elle nos havia deixado em 1885, tinha sido medico...»

Mme. Stuart fez numerosas viagens á França, passando e repassando diante de myriades de tumulos desconhecidos. Teria ella passado, sem saber, no de seu filho? Um dia que ella estava em communicação directa com elle, ella lhe propoz a seguinte questão: «Meu querido menino, diz-me, então, onde repousam os teus restos mortaes. E' preciso que eu saiba antes de voltar mais uma vez á França. Eu não posso passar sem saber onde o teu corpo repousa». Elle me respondeu logo: «Querida mãe, porque te obstinas em ir á França? Eu não estou lá. Estou aqui em casa, comtigo!» E accrescentou docemente: «Não é uma bella cousa, eu vos dizer, mas, mamãe, eu não tenho tumulo; do meu corpo não ficou senão uma perna; enterraram-n'a no campo com seis outras; o que restou foi uma massa informe e eis-me aqui!» Estes detalhes confirmavam a declaração feita pela clarividente, sobre o facto do seu avô o reconduzir para mostrar-lhe «alguns átomos reconheciveis».

Em uma outra sessão, um Espirito se communica e fala longamente. Pelo modo de se exprimir, sobre as cousas ditas, Mme. Stuart reconheceu seu filho. Mas qual foi a sua emoção quando, á pedido dum assistente ao Espirito, para declinar seu nome e qualidades, antes de se retirar, o medium formalisa-se e se finge em posição de soldado de guarda, emquanto a mão direita faz continencia militar, exclama numa vóz clara e forte os quatro nomes do joven aviador morto no campo da honra, accrescentando immediatamente:

«Eu não sou senão um menino. Eu não tinha senão desoito annos e nove mezes quando tombei, victima da crueldade do homem para o homem, em Menin, á léste de Armentières. Eu não fui dispersado aos quatro ventos, mas sim aos quarenta ventos; eu fui reduzido a migalhas...» Houve uma pausa, depois, estendendo-me o braço (é a mãi quem fala) «Eis ahi minha mãi sentada ali em baixo; vem mamãe!» Eu estava paralysada. Duas ou tres pessôas extranhas me deram signal para me approximar do medium; eu deixei então a cadeira, atravessei a sala, para aquella que havia miraculosamente se transformado em meu filho. Desde que approximei-me do meu menino, pois era bem o meu menino, elle me disse: «Dá-me um beijo, mamãe querida, indicando um ponto na sua fronte e accrescentou: «Elles deram-me uma ballada aqui e em seguida me pulverisaram. Te digo isto, para que sempre me reconheças quando me communicar comtigo, e saibas que sou eu.»

«Não houve na sala quem não chorasse. Não é sempre que se pode assistir á reunião de uma mãe com seu filho desapparecido, e o facto de nós sermos extrangeiros dava ao incidente um espectaculo pathetico. Meu filho me murmurou docemente muitas cousas intimas, em segredo. Depois, pedindo aceitar a lembrança affectuosa de seu pai e sua avó, por quem tinha uma grande affeição, elle beijou-me na fronte e retirou-se.»

O capitulo termina, como se pode prever, por vibrantes effusões de gratidão ao Deus dos vivos, e uma não menos vibrante profissão de fé, ou antes de negação do que se chama morte.

No seu quarto capitulo, Mme. Stuart accumula as provas de identidade. Foi esta uma famosa sessão de voz directa com auxilio das cornetas. Ella recebe o pavilhão do instrumento perto de sua orelha e a vóz de Athol, jubilosa, lhe lembra uma pramessa que elle fez:

«Oh, mamãe, diz elle, não é isto maravilhoso? Nunca teriamos sonhado com semelhantes possibilidades! E minha promessa, mamãesinha? Eu te disse que logo voltaria e recantaria as canções!» E ante vinte e tres testemunhas, a vóz de meu filho resoou na sala. Soaram então as palavras de «A Perfect Day» (O dia perfeito). A vóz pára. Seguiu um silencio indescriptivel. Parecia que nos haviamos transportado ao céo. Verdadeiramente era o cantico de um anjo, e sua vóz era mais rica e mais bella como nenhuma outra eu havia ouvido.

Todos se achavam electrisados e eu, me parecia não estar mais na terra»... «O Silencio foi novamente interrompido pela vóz de meu filho. Desta vez foi o «Let the great big world keep tourning (Que volte o grande mundo). Mas quando elle chegou ao velho estribilho familiar: «Yonly Know y Want you so...» parou bruscamente e disse: "pois bem, mamãe, tu esqueceste o estribilho? Tu tinhas o habito de cantar comigo. Canta!" E uma vez ainda nossas vozes se misturaram, emquanto cantamos, elle em espirito, eu na carne! Eu era a unica em toda a sala que tinha os olhos seccos, porque eu conhecia a belleza destas palavras "Vossa tristeza se transformará em alegria." Um dos assistentes disse-me: «pedi ainda ao vossc anjo menino para cantar.»

Elle respondeu vivamente: "Sim, eu tenho de cantar uma outra canção, mamãe. Deus te entregue a mim (God send you beack to Me). E elle pôz-se a cantar. Mas desta vez uma coisa ainda mais maravilhosa se produziu. Cantando, elle transportava a canção imteira ao presente: "Deus me entregou á ti!» Tudo num ritmo e numa metrica perfeita que nos tornaram maravilhados. Vós vos lembrais que partindo para a França elle tinha promettido cantar estas tres canções quando voltasse dentro de tres mezes. Isto era um segredo entre nós. Nenhuma engenhosidade humana pode explicar esses factos concretos. Elles provam até á evidencia que não ha morte!»

E pois este facto trivial, mais dum valor muito probante embora se trate duma cousa insignificante.

«Meu filho, diz Mme. Stuart, quando era muito pequeno tinha pena de pronunciar a palavra «cross» (cruz). Elle inventara uma pequena palavra para elle que era «corky» e um dia tinha que tinha cahido, elle nos entristeceu muito, a mim e a meu marido, apresentando-se diante de nós, dizendo: «Not corky?». (Não corky» ?). Elle não tinha 3 annos nessa época. Outra noite, depois de trinta annos passados, elle manifestou-se repentinamente em uma sessão: «Diz, mamãe, não corky?» Eu fiquei fulminada; elle vinha me despertar a lembrança. Este appello de sua infancia me aturdiu. Eu tinha completamente esquecido o «não corky?» de tres annos. Elle vinha bruscamente me lembrar. O que prova que no Além não ha esquecimento do passado».

No capitulo cinco foi o marido de Mme. Stuart que ganhou no Espiritismo. Elle não acreditava. Uma noite elle foi despertado por uma vóz.

«Allô papae!» Elle levantou-se, mas julgou haver sonhado, porque no quarto ninguem estava. Isto era bem o que seu filho costumava a dizer para annunciar a sua presença. Emfim, um bello dia, sua mulher acabou por vencer sua repugnancia e fel-o assistir a uma sessão. A primeira palavra do Espirito controle foi: «Allô papae!»

«Meu marido não respondeu. Uma pausa, depois meu filho voltando-se para mim, me disse: «Mamãe, papae não crê que seja eu». Elle voltou-se para seu pae e disse: «Eu venho agora para te dar prova».

«Quando meu filho partiu para a França, meu marido foi só acompanhal-o e disse-lhe adeus em Folkestone. Eu despedi-me delle em casa. «Agora, papae, disse meu filho, nem uma pessôa na terra ouviu as ultimas palavras que me dirigistes por occasião de nossa separação: tú tomastes minhas duas mãos, uma em cada uma das tuas e tu me disseste: «Deus te abençôe, meu filho; tu agora és um homem». Não foi preciso dizer mais nada a meu marido, porque elle banhou-se em lagrimas, dizendo: «Diante disto, meu pequeno, eu não posso mais duvidar. Eu sei que estas palavras são verdadeiramente tuas». E voltando-se para mim me disse: «Foram bem estas as ultimas palavras que lhe dirigi».

E Athol contou a seu pae como elle tinha ensaiado varias vezes chamar a sua attenção, sobre sua presença no quarto.

«Eu te falei no ouvido, te disse: Allô papae! Impossivel foi me fazer entender. Então nós nos acariciamos todos juntos, eu e alguns camaradas que se achavam commigo. Fizemos um alvoroço em toda a casa, mas em vão. Foi então que, antes de partir, eu gritei com todas as minhas forças: «Allô, papai!» Desta vez eu feri a vibração que era preciso e tu te levantastes julgando ter sido «sonho». Abristes o interruptor, déste uma volta na casa e no quarto, mas não podias me vêr, então voltastes a te deitar e te puzestes a chorar, e oh! papae, tu me fizeste chorar tambem — isto é horrivel!»

(Conclúe no p. numero).

* * *

Notas Espiritas

«Antes, o que ?»

Sir Oliver Lodge synthetisou felizmente esta eterna questão e confessou a ignorancia do scientista defronte da mesma, quando disse: »E' preciso admittir que a sciencia nada conhece das primeiras origens». Os scientistas poderão se mostrar scepticos deante da confissão franca de um physico tão illustre e poderão attribuil-a á sympathia do Lodge pelo espiritismo. Mas isto que elle affirmou com toda a humildade, deve ser reconhecido como uma solida verdade.

Até um Emerson, que primeiro condemnou em termos amargos a resignação, devia depois confessar a sua derrota e admittir que nem mesmo videntes como Tolstoi ou o «seu» Platão podiam encontrar uma resposta a esta eterna pergunta; e para uma solução viu-se constrangido a recorrer á grande fonte da Fé, e não á sciencia. «Um pouco de attenção — escreve elle mais tarde—nos demonstra que os acontecimentos são regulados por uma lei superior á nossa vontade; que nós somos postos apenas nas acções simples e expontaneas, e que quando nos resignamos á obediencia das leis divinas, tornamonos divinos nós tambem. Deus existe, ó irmão.»

O esforço para resolver este enigma—o porque da existencia do homem, donde elle provêm e para onde vae—tem millenios de edade, e não é monopolio de qualquer povo ou região em particular. Todos tentaram chegar a uma conclusão. Na Inglaterra já em 626 vemos que quando Edwin, o rei anglo saxão, estava deliberando se devia receber os missionarios christãos, um dos seus nobres lhe disse: «A vida presente, ó rei, consagrada ao tempo que está longe de nós, me faz lembrar o tempo quando, durante o frio, estás sentado junto do fogo, rodeado pelos teus ministros, emquanto o furacão e a tempestade se desencadeiam por toda parte. Arrastado pela tormenta, um passarinho entra por um logar, vôa em torno de nós e depois sahe por outro. Fóra daquelle rapido instante nós nada mais sabemos delle. E' o que se dá com a vida do homem, e nós tanto ignoramos o que precedeu a nossa actual existencia como o que se lhe seguirá. E por isto eu julgo que, se esta nova fé nos puder dar uma certeza maior, os seus missionarios merecem ser recebidos.» E esta fé deu mais tarde á humanidade ascetas como Francisco de Assis e videntes como Joanna d'Arc.

Cedo ou tarde, o problema se apresenta na vida de cada um. E' tão inevitavel que não são necessarios muitos argumentos para convencernos disso. E cada um deve responder a isto, eu nesta vida, ou em uma outra vida futura. Não o vemos nós escripto, com letras maiusculas, em todas as paginas da natureza?

Haroldo Beglie na sua «Historia do mundo» escrevia: «A historia de que o homem tanto se orgulha, as luctas para a liberdade, a sua evolução, suas guerras, suas revoluções, são todas cousas que nada significaram para a terra sobre que se realisaram. São apenas como arranhões de ponta de alfinete na crosta da terra, durante o seu silencioso rodar em torno do Sol... Temos visto o nascer e o desapparecer de povos, como as ondas do mar, o desmoronar de formidaveis imperios, o extinguir-se de religiões antiguissimas... Temos visto como, antes que a Historia escripta iniciasse, epocas sem conta transcorreram, elevando sob as estrellas os palacios e os templos de civilisação que nada deixaram atrás de si e dos quaes nada sabemos, quando os actuaes continentes eram ainda areia no fundo dos Oceanos. E todavia, como a historia de uma folha é apenas um dia da historia humana, assim a historia inteira da terra é como um mover de palpebras deante da historia do Universo.»

Seja como fôr, uma cousa é certa, e que liga toda a Creação: o Amor. Tudo parece ser a sua manifestação. A propria morte, por este ponto de vista, apparece como uma libertação, um alcançar dos fins. O mundo não seria um valle de lagrimas, se nós assim não o fizessemos, com o nosso egoismo e a nossa baixeza. Toda vez que conseguirmos libertar-nos daquella attitude, apparentemente innata, mas na realidade creada pela sociedade humana, que nos faz chamar «minhas» as cousas, nós percebemos não apenas a paz em nós, mas que tambem a infundimos aos outros.

A nossa vida é curta demais para poder envolver com o olhar o trabalho dos evos. Mas uma vez admittido que a evolução do Universo procede por cyclos, a morte apparece tão inevitavel como o nascimento, porque a semente deve germinar, transformar-se em arvore e morrer, para nascer ainda e repetir o cyclo. O caminho é através da cruz. Tambem aquelle que vae em direcção do poente alcançará o levante, porque a terra é redonda. Porém aquelle empregará muito mais tempo e canseiras do que este que vae directamente para o Oriente, pois verá surgir o sol mais depressa.

Mas isto requer Fé, e a Fé *«ultrapassa a razão»*. Estaes vós preparados para trocar a razão pela Fé? Se sim, vós estaes sobre a estrada principal que conduz á solução do mais profundo enigma da Creação: *Antes, o que?*

Mariano Rango d'Aragona.

Chronica Extrangeira

Por W. CAMPELLO

Eu vi meu pae

«The Two Worlds» *Por Alice Ford*

ESPIRITO QUE VOLTA NO DIA DO FUNERAL DO SEU CORPO

Na noite passada tive o ensejo de assistir a uma maravilhosa sessão com a medium Mrs. Helen Duncan, na Igreja Espiritualista de Warthing.

Materialisaram-se dezesete formas, inclusive Albert, guia da medium, espirito este dotado de personalidade encantadora e voz deliciosa e a menina Peggy, que tagarelou alegremente e comnosco cantou.

Apresentou-se uma forma espiritual, cujos despojos foram sepultados na manhã do mesmo dia em que o espirito se apresentou. Entre os presentes estava uma pessoa que assistira ao funeral. O espirito estava ancioso por noticias da filha que deixara para traz.

Meu proprio pai, morto ha tres annos, estava de pé, em frente de mim, exactamente do mesmo modo que o vi da ultima vez e me falou, com a mesma voz tão conhecida minha, de coisas intimas, que não podiam estar no conhecimento de quem quer que fosse, empregando a mesma phraseologia caracteristica. Foi um momento maravilhoso para nós dois.

Albert affirmou que elle (o espirito de meu pai) tem ido á minha casa e tem ministrado curas a meu marido durante alguns mezes.

Meu pai tem pleno conhecimento de tudo o que se lhe refere em «The Two Worlds», inclusive dos recortes dessa revista em meu poder e que levei á sessão.

Curado por um medico espiritual

Por Jean Blair

Eu estava em tratamento no Real Hospital Samaritano, Glasgow. Depois de tres semanas, os medicos declararam nada poderem fazer por mim—nenhuma esperança—menos de seis semanas de vida. Eu já estava em casa havia tres semanas e comecei a melhorar.

O meu medico mostrou grande admiração, pois durante os seus 49 annos de pratica, elle nunca ouvira ou conhecera de alguem nas minhas condições que se restabelecesse. Eu expliquei que estava sendo tratado por um medico espiritual. Elle se espantou, porém, aconselhou-me a suspender os seus remedios e seguir inteiramente as prescripções do medico-espirito e, assim fazendo, curei-me por completo.

O medico espiritual deixou este mundo ha 65 annos e está effectuando curas em Greenock e districto ha 20 annos. Elle vem duas vezes por semana. Seu medium ou instrumento é um humilde trabalhador de uma refinaria de assucar, «não acceita remuneração» e dá toda pequena sobra do seu tempo a este grande e glorioso trabalho.

Um Testemunho de valor

«The Two Worlds»

Mr. Charles Leavitt Hyde escreve a seguinte historia, das suas investigações, no *National Spiritualist.*

Pessoalmente senti profundo interesse por este estudo durante muitos annos.

Em Dezembro de 1921, achandome só na cidade de Los Angeles, California, entrei casualmente numa igreja espiriritualista, onde notei um cartaz — «Medium de Trombeta». A senhora que dirigia os serviços era de meia idade, de elevada intelligencia e apparencia etherea, de nome Mrs. Ignez Wagner. Ella se offereceu bondosamente a dar-me uma sessão particular de trombeta. Entrámos numa pequena bibliotheca e depois de collocarmos duas cadeiras e uma trombeta no centro do aposento, abaixámos a gelosia da janella, de modo a ficar o aposento quasi escuro quando nos assentámos.

A trombeta elevou-se no ar e della sahiu estas palavras: «Charles Hyde, sou teu pai.» Estou certo de que nenhuma pessoa daquella redondeza me conhecia, nem pessoa alguma poderia saber onde eu me achava naquelle momento; não me foram feitas perguntas e não havia possibilidade de o meu nome ser conhecido por alguem da visinhança.

Não era um caso de fraude, porém, de phenomeno.

Depois de uma conversa satisfactoria com meu pai, falou outra voz atravez da trombeta dizendo: «Quem lhe fala é Charles Leavitt, o homem que lhe forneceu um dos seus nomes.» Não me lembrei desta personalidade que fôra amigo de meu pai, desde a sua infancia. Certamente não havia pessoa alguma naquella cidade conhecedora dos factos referentes ao meu nome medio conforme me fôra dito pelo espirito ou intelligencia de Charles Leavitt.

Outros espiritos me falaram, sendo um o de uma mulher que só podia falar num fraco sussuro; forneceu o nome — Harriet Austin, uma senhora com quem tive negocios ha muitos annos.

Ha poucos annos tive outra experiencia admiravel e da qual falo mais livremente, pelo facto de ter estado em minha companhia o meu filho Theodoro, então de 12 annos. Appareceu diante de mim meu pae em forma completamente materialisada. Eu disse, «Theodoro, você está vendo o que eu vejo?» e elle replicou, «ora esta, é vôvô, não é?»

Assisti a muitas sessões e nunca ouvi geralmente expressão que em si tivesse qualquer elemento immoral. Em face de taes experiencias, torna-se difficil admittir as más influencias e ficamos certos não se tratar de uma illusão ou fraude.

Predições de um vidente celebre

O Rei Eduardo VII — Kitchner — Alguns dos convertidos

De «Prediction»

Uma noite destas ouvi pelo radio o tributo á memoria de Lord Kitchener, 20 annos depois da mysteriosa explosão do *Hampshire* e me lembrei da predição de «Cheiro» (Conde Louis Hamon.)

«O senhor não morrerá no campo de batalha, porém, perecerá no mar», dissera elle. Naquelle tempo Kitchner era moço e a predição tanto o impressionou a ponto de tornarse um nadador perito.

No Ministerio da Guerra

Volvidos alguns annos, Cheiro foi ao Ministerio da Guerra para rever Kitchner. Nessa entrevista, seis annos antes da guerra dos Boers, Cheiro lhe indicou os cargos mais elevados que lhe seriam confiados e repetiu a antiga predição — elle não encontraria a morte do soldado, porém, pereceria no mar.

Kitchner fez a campanha da Africa e esteve na Grande Guerra e os perigos porque passou não o impressionaram.

Em certa occasião cahiu um pesado obuz junto a elle e sua calma foi notada no seu estado maior. Segundo os relatos nos jornaes daquelle tempo, elle mencionou a predicção da sua morte no mar. Doze dias antes de elle completar o seu sexagesimo nono anniversario, segundo a predicção, elle desappareceu no desastre do *Hampshire*. A predicção de Cheiro é a mais notavel da historia moderna.

Quando o Rei Eduardo VII era o principe de Gales, contando 52 annos de idade, Cheiro teve com elle uma entrevista em casa de Lady Arthur Paget.

Naquella epoca elle predisse o seu futuro, descreveu os acontecimentos mais importantes da vida de Sua Magestade e finalmente, o seu fim aos 69 annos de idade.

A coroação fôra fixada para Junho de 1902, porém, devido á sua grave molestia, a Rainha Alexandra convidou Cheiro a ir ao Palacio Buckingham.

Impressionou o Rei

Foi esta a consequencia assombrosa da predicção de Cheiro e para fazer um relato exacto, abro o grande volume — Memorias de Cheiro. A' pagina 48 leio ter-se a Rainha dirigido a Cheiro, á sua chegada, do modo o mais simples possivel: «Cheiro, o senhor impressionou sua Magestade de tal maneira no sentido da sua morte não se verificar antes de elle atingir os sessenta e nove annos, que pedi a sua vinda aqui nesta séria emergencia para que de novo o senhor o impressione, assegurando-lhe a realização da sua coroação para Agosto de 1902, conforme sua predicção.»

«Immediatamente», diz Cheiro, «entramos na camara real. O Rei estava muito fraco e recostado numa pilha de almofadas e sobre a mesa ao lado, estava uma folha de papel, a mesma sobre que elle escrevera as minhas palavras da primeira entrevista. A data 69 estava sublinhada por um forte traço a lapis.

«Elle me saudou com um sorriso de bôas vindas e disse com voz debil: «estou muito, muito doente; o senhor ainda acredita que chegarei aos sessenta e nove annos?»

Cheiro sustentou estar absolutamente certo da sua predição e lembrou ao Rei as suas palavras relativamente á sua coroação, data por elle fixada para Agosto de 1902.

Esta confirmação pareceu infundir novo animo no Rei que perguntou a Cheiro qual seria o melhor dia do mez para a coroação. Por diversos motivos Cheiro suggerio o dia nove e declarou que o Rei passaria á posteridade como «Eduardo o Pacifico.»

O Rei agradeceu a visita e no dia seguinte a Rainha mandou u'a mensagem a Cheiro, dizendo terem as suas palavras infundido novo animo no Rei, a ponto de elle ter dormido bem e com indicios de rapido restabelecimento e ter sido fixado o dia nove de Agosto para a coroação. O Rei restabeleceu-se completamente e ainda viveu mais oito annos, atingindo o seu sexagesimo nono anniversario.

Admiravel mensagem

The Two Worlds — *Por E. Oaten*

E' esta a mais admiravel prova psychometrica entre as muitas que tenho tido e obtida ha dois annos. Com surpresa haviamos recebido uma carta da Italia de uma senhora americana, que então suppunhamos estar em Honolulu. Nós a perderamos de vista ha vinte annos. Ella era velha amiga de minha mulher e a carta nos dizia estar ella, em companhia da mãe e marido, passando uma temporada naquelle paiz. Ella nos disse estar a mãe bastante desconsolada pelo facto de não ter ainda encontrado um medium na Italia e remettia um annel de cabellos para, por meu intermedio, ser apresentado a um medium psychometra. Naquella occasião Mr. Arthur Whyman estava de visita a Manchester, convidei o para vir á minha casa. Depois do chá, sem-lhe dar qualquer informação, passei-lhe o enveloppe contendo o annel de cabellos. Elle o segurou e disse : «Obtenho o nome James. Penso ser um sobrenome e estou vendo um senhor que me diz chamar se Frederich. Elle affirma estar bastante preoccupada a dona do cabello, preoccupação proviniente de uma clausula testamentaria. Ella tem dois filhos, casal. «Os nomes foram dados com exactidão.» Ella não sabe o que resolver, se seria melhor dividir sua fortuna ou deixal a ao filho, com a condição de zelar pela irmã. Ella receia deixar dinheiro á moça devido á sua tendencia de gastar prodigamente. Escrevei-lhe, de minha parte, que a partilha entre os dois é a unica coisa justa e o emprego que a moça der á sua fortuna de modo nenhum influenciará a mãe. Se o dinheiro ficar com o filho a irmã não verá um penny.» «Oh», protestou minha mulher, «isto não é exacto, eu conheço bem o rapaz.» Mr. Whyman replicou, «não se trata do que elle faria, porém, elle está mettido em especulações o que lhe impedirá a fazer o que deseja.»

Em seguida Mr. Whyman mostrou-se muito agitado e disse, «podeis escrever-lhe immediatamente, porém, a vossa amiga não receberá a carta, ella estará morta antes de recebel-a.» Rimo-nos. «Oh», proseguiu elle, «podeis rir, porém a vossa amiga está gravemente enferma neste momento e todo o seu mal está na cabeça. Ella não viverá para receber a carta.»

Minha mulher respondeu immediatamente e a carta foi postada na mesma tarde. Quinze dias decorridos recebemos uma carta da Italia. No dia anterior á mencionada sessão, nossos amigos soffreram um accidente de automovel. No mesmo momento em que realisavamos a sessão, Mrs. James estava recolhido ao hospital com um medonho ferimento na cabeça. Ella morreu no dia seguinte e, portanto, não recebeu a nossa carta. O medium ainda havia dado outros detalhes exactos em tudo. Eu escrevia cuidadosamente tudo o que o medium dizia e ainda possuo as notas. Não descobri um só detalhe errado. São estes os factos positivos, porem substitui os nomes verdadeiros por outros ficticios.

Collecções da Revista Internacional do Espiritismo

Encadernada, lombo de couro :

1.o anno — 50$000 ; 2.o anno — 30$000 ; 3.o anno — 50$000
4.o anno — 30$000 ; 5.o anno — 30$000 ; 6.o anno — 30$000
7.o anno — 30$000 ; 8.o anno — 30$000 ; 9.o anno — 40$000
10. anno — 40$000 ; 11.o anno — 40$000.

Ecos e Noticias

FRANÇA

O Espiritismo na França vai luctando, graças aos esforços de meia duzia de apostolos dedicados.

A «Maison des Spirites» tem proporcionado aos seus assistentes, interessantes provas de Immortalidade.

Fizeram conferencias na «Maison des Spirites» os srs.: Henri Regnault e André Dumas. Estes propagandistas proseguem nas séries de suas conferencias.

«Psychica» publicou a carta em que o Prof. Charles Richet se declara espirita, devido ás Monographias do Prof. Ernesto Bozzano.

Nesta carta o Dr. Richet diz ao Prof. Bozzano: «O que eu não consegui obter, nem por Myers, nem por Hodgson, nem por Hyslop, nem por Sir Oliver Lodge, obtive por meio das vossas magistraes monographias que sempre li com religiosa attenção.»

* * *

Tribuna Psychique noticia uma explendida conferencia do activo propagandista M. Henri Regnault, sobre Allan Kardec.

Depois de lembrar que Allan-Kardec foi doutor em medicina, e pedagogo, que falava allemão, inglez, italiano, hespanhol e hollandez, o orador fez uma analyse das obras de Allan Kardec, com especialidade «A Instrução Pratica sobre as Manifestações Espiritas». Ao concluir, o orador convidou a todos os epiritas a fazerem o maximo de propaganda da grande Doutrina, para que entremos na era de fraternidade, de solidariedade e de paz humana.

* * *

Foi demittido de secretario geral da Federação Espirita Internacional, a bem dos interesses espiritas, o sr. Jean Riviére.

JAPÃO

Noticia a «Revue Spirite»:

— O sr. L. Seton Scott publicando um artigo sobre o Espiritismo no Japão, onde foi recebido pelo sr. Wasaburo Asano, Presidente da S. E. P. Japoneza, que retirou-se da Escola Naval, onde ensinava para se consagrar unicamente ás pesquizas psychicas. Elle edita um importante orgão psychico que tem numerosos leitores. A mediumnidade, sobretudo as vózes directas, foi desenvolvida em um grão elevado assim como a cura espiritual. Tokio e Osaka são dois centros activos pelo desenvolvimento mediumnico, e o autor participa das experiencias de Tokio. Desde o «oui-já» até as trombetas de pequenas dimensões são fabricados no Japão para as sessões espiritas, mas o que é melhor, diz elle, é que se obtem optimos resultados.

INGLATERRA

O grande movimento espirita na Inglaterra, colloca este paiz á frente de todo o movimento Espiritualista.

Pelas secções a cargo do nosso companheiro Dr. Watson Campello, os nossos leitores acompanham melhor o movimento espirita nesse paiz.

Departamento de Propaganda

O sr. Charles R. Hicks communicou-nos a fundação de um «Departamento Editorial de The Two Worlds» que vem cooperar para a permuta de correspondencias, photographias, noticias, informações, etc. de diversos jornaes psychicos de toda a Europa. E' assim que tambem o illustre chefe do Departamento, lembrou-se da «Revista Internacional do Espiritismo», que respondeu aplaudindo a idéa e inscreveu-se no Departamento.

* * *

O Rev. Thomas Grinshan declarou: «Eu prego o espiritismo ha 50 annos; si sou louco, é uma loucura bem agradavel!»

* * *

A estação Corrour, na alta Escossia tem sido visitada por «trens fantasmas».

* * *

Por occasião da inauguração da nova igreja espirita de Ealing, Mr. Maurice Barbanell affirmou que as religiões estão em declinio na Inglaterra, principalmente a religião catholica romana depois da guerra da Abyssinia.

ALLEMANHA

Temos sobre a mesa a interessante revista «Zeitschrift fur metapsychische Forschung». Bôa collaboração e uma gravura de um «metaplasma.».

ITALIA

Recebemos: «La Ricerca Psichica» e "Mondo Occulto".

* * *

O grande e incançavel espiritista e sabio italiano Dr. Ernesto Bozzano, continúa a trabalhar nas suas substanciosas monographias.

ARGENTINA

"La Idéa" dá conta de todo o movimento da Confederação Espiritista Argentina.

* * *

A "Constancia" tem publicado excellentes artigos.

* * *

Proseguem as conferencias espiritas, proferidas por diversos oradores.

BUDAPEST E STOKOLMO

"As policias de Budapest e Stokolmo estão se utilisando dos mediuns para a pesquiza dos criminosos."

E' signal que breve se utilisarão dos mesmos para pesquiza da Verdade.

BELGICA

O movimento espirita belga progride.

A "Revue Spirite Belge" está sendo bem cuidada.

Os trabalhos experimentaes estão produzindo optimo successo.

A União Belga, a Federação Liegense, a Federação de Borinage, estão em plena actividade.

CUBA

"Rosendo", revista espirita de Matanzas tem melhorado muito a sua publicação com o estabelecimento de outras secções, de vasto noticiario.

* * *

Os cubanos estão desenvolvendo grande actividade,

Breve haverá outra concentração espirita.

* * *

A revista "Rosendo" diz que, em Villa Cison de Palmarino, durante uma sessão de effeitos physicos, em que tomaram parte unicamente estudiosos serios, occorreu um phenomeno verdadeiramente notavel. O medium, que se achava amarrado a uma cadeira, desappareceu do recinto das sessões, indo os experimentadores reencontral-o em uma cidade distante.

NOTAS E FACTOS

Por Tavares de Souza

Um homem com duas cabeças

Não sabemos se este titulo cabe no que se vai lêr, pois, trata-se de um caso que, comquanto não seja muito raro, se torna digno de repercussão, para nos pôr de alcatéa contra esses homens que costumam repartir o espirito, e procuram "ao mesmo tempo, como diz o rifão popular, servir a Deus e ao diabo."

Assim aconteceu com o sr. Jean Rivière, segundo nos communicam de Paris. Este senhor, que era secretario geral da Federação Espirita Internacional, realisou, em Paris, sob o pseudonimo de *Marques*, uma conferencia, na qual denunciou o Espiritismo — "como o meio empregado pela Franco-Maçonaria, para descatholisar o mundo."

Sahiu-lhe á frente o nosso distincto collaborador M. Gabriel Gobron, com tres successivas cartas interpellando-o:—"Como Marques (contra o Espiritismo) e Rivière secretario geral da Federação Internacional, poderiam cooexistir num mesmo individuo?"—ameaçando provocar um escandalo. «*Alors*, diz o nosso correspondente, *il a preféré partir, il a démissioné.*»

O sabio da Austria e o sabio do Brasil

O Dr. William Stekel e o Dr. Henrique Roxo

O Dr. William Stekel, veio da Austria ao Brasil, para dizer, em nome da *droga* que se chama *Psychanalise*, que: o espiritismo é uma superstição; uma cousa propria de espiritos fracos, uma enfermidade» (O que dirão deste homem Richet, Lombroso, Crookes, etc?)

O Dr. Henrique Roxo foi a França para dizer, de «innumeros casos de perturbações mentaes pelo occultismo, com o nome de delirios episodicos espiritas», que affirmou curar com «injecções de valerianato de atropina.»

Vocês estão vendo que «dança macabra» neste «travesser» dos dois «sabios»...

Power reinicia sua campanha de propaganda

Segundo diz a revista ingleza *Light*, «Power», o Espirito que trabalha com Mrs. Meurig Morris, e que foi ouvido em Londres e circumvisinhanças por centenas de milhares de ouvintes, vai reencetar suas conferencias instructivas e cultivo da alta sabedoria que decorre dos ensinamentos espirituaes dados na Escola de Mezzantni, em Hampstead.

O novo testemunho dum ecclesiastico canadense

"Revue Spirite" extrahiu da *Light* a noticia que transcrevemos:

—"O Rev. Dr. Mc Keen Reid, lembrando as graves palavras do Rev. Dr. Norman Maclean, uma das personalidades mais salientes da Egreja da Escossia á proposito da situação religiosa, disse: «Não é de admirar se os corações desesperados se voltam para as sessões espiritas, como tambem não causa extranheza os bancos da Egreja ficarem vasios.»

O Dr. Reid, ha 3 annos, acompanhou uma série de experiencias num circulo espirita.

Elle teve provas da sobrevivencia dos seus, acompanhadas de admiraveis phenomenos physicos. As sessões de Seattle com os mediums Mr. e Mrs. Britton foram particularmente felizes e concludentes. Entre os innumeraveis factos mediumnicos, citamos o caso de um padre que se manifesta e conversou em hespanhol perfeito. Mas seria muito nos alongar relatar todas as provas obtidas pelo Rev. Reid. Limitemo-nos a estes detalhes:

«Emquanto meu pae conversava comigo por meio da trombeta, uma moça irrompeu e, por vóz directa, deu um alegre bom dia á sua mãe atravéz da sala, e todos os dois se entretiveram conversando durante alguns minutos. Mary, conforme a sua promessa, appareceu, o seu rosto estava envolto em um halo brilhante, e produzia luzes brilhantes.»

Esta demonstração do espiritismo pela alta personalidade ecclesiastica, que é o Dr. Mac Kleen, terá uma profunda repercussão, cremos, no Canadá.

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

Jaboticabal

Os espiritas de Jaboticabal effectuaram solemnes festejos para commemorar o nascimento de Allan Kardec.

No Centro Fé e Caridade, foi offerecido um almoço aos pobres, no qual tomaram parte figuras salientes da sociedade jaboticabalense, tendo falado por essa occasião, o sr. Manoel Baptista Camargo, que fez, como presidente do Centro, o discurso official, e o nosso companheiro Schutel que falou pelo Microphone da P. R. G. 4 sobre Allan Kardec e o problema da Vida.

Uma commissão de espiritas foi á Cadeia local, onde offereceu aos detentos uma bandeja de doces, sendo na mesma occasião proferidas aos mesmos palavras de encorajamento e de regeneração.

Foi uma bella festa espiritual na qual reinou o espirito de fraternidade que é o padrão da nossa Doutrina.

O Clarim foi profusamente distribuido na cidade.

Ribeirão Preto

Esteve nesta cidade onde fez duas excellentes conferencias o deputado Campos Vergal. A primeira, a 3 do corrente, teve lugar na Sociedade Dopolavoro, antigo Cine Para-todos, sobre o thema: «O Espiritismo perante a Sciencia». A segunda no dia 4, na séde da Sociedade União Geral dos Trabalhadores, sobre: «Os Principios basicos do Espiritismo.»

Ambas as conferencias foram concorridissimas.

Bury

Esteve nesta localidade uma caravana espirita, composta de mais de oitenta pessoas, em serviço de propaganda.

A caravana, que veio de Faxina, fez uma conferencia no theatro local, que esteve litteralmente cheio. Entre os presentes se achavam o Prefeito Municipal e todas as autoridades locaes.

Falaram os srs: José Candido de Mello, Mauricio Oliveira, Jordão Thibes, Emilio Ferreira e Miguel Garcia.

S. Rita do Paranahyba

A Sociedade Espirita Amor e Justiça, desta cidade goyana, inaugurou a sua séde, tendo feito um bellissimo discurso o Sr. Dr. Elias Chaves, que demonstrou as vantagens do Espiritismo sobre todas as religiões.

A assistencia foi numerosa. A sociedade está construindo um hospital para cura de obsessões.

Do Correspondente.

Franca

— Estive em Franca, onde visitei a casa de Saude Allen Kardec, que tem mais de 200 pensionistas, em sua maioria gratuitos. Elles recebem optimo tratamento.

O que é mais de admirar são as sessões que o confrade José Marques faz no meio dos obsedados em grande numero, e durante a sessão se mantém quietos e calados. Em Franca ha confrades bem esclarecidos como o Dr. Thomaz Novelino e outros.

João L. Pitta.

Rio Claro

— O Centro Fé e Caridade, festejando o 3 de Outubro, inaugurou sua séde social. Presidiu a solemnidade o confrade Caetano Mero, que se achava em visita aos espiritas rioclarenses. O illustre confrade estendeu-se em considerações sobre o Espiritismo, proferindo magnifica oração.

Falou em seguida o confrade José Dias. Falaram depois diversos confrades e senhorinhas recitaram poesias.

Radio Difusora Espirita

O nosso prestante confrade Caetano Mero prosegue, incansavel, na alta tarefa que emprehendeu para o erguimento da «Nossa Estação de Radio» na Capital.

Sabemos que a «União Federativa Espirita» está ampliando os seus Estatutos para fazer pedido ao Ministerio de Aviação para a nossa Estação de Radio.

Na sua viagem de Jaboticabal á Barretos o nosso amigo conseguiu passar 900 carteiras.

«O Clarim» continua a receber diariamente pedidos de carteiras.

Conferencias Radiophonicas em Araraquara

Sob os auspicios d'O Clarim e da Revista Internacional do Espiritismo, o nosso companheiro Schutel, fez pelo Microphone, da Radio Cultura de Araraquara P. R. D. 4—conferencias sobre os seguintes themas:

Dia 8 do p. p. — «*As provas espiritas da existencia e immortalidade da Alma*».

Dia 22: «*As Revelações e a Revelação das Revelações*».

Dia 1.o do corrente: «*O Culto dos mortos e a Immortalidade*».

Conferencias pela Radio Club-Sorocaba

— Sabbado e Domingo 17 e 18 do p. p. fez duas vibrantes conferencias pela Radio-Club Sorocaba, o nosso confrade Caetano Mero, vice-presidente da União Federativa Espirita de S. Paulo.

As conferencias nesta Estação proseguem, graças a bôa vontade do seu director o nosso distincto amigo sr. Orlando S. Freitas.

Rio G. do Sul

Noticias de Livramento

Esteve nesta cidade o Dr. Paulo Hecker, incansavel propagandista, que fez no Cine-Colombo uma substanciosa conferencia, sobre o thema: — «O que é o Espiritismo». O Dr. Hecker foi apresentado pelo provecto advogado Dr. Erico Maciel.

—

A propaganda espirita desenvolve-se promissoramente nesta cidade sulina.

Ilodino Soares.

Rio de Janeiro

Noticias da Capital Federal

O Nucleo de Caxias

Inaugurou se em Caixias mais um nucleo espirita, com o titulo — «Jesus, Maria, José». O acto da inauguração, apezar da chuva, teve grande concorrencia, quer da localidade, quer dos suburbios da Leopoldina.

A Grande Imprensa e o Espiritismo

As barreiras clericalistas, por mais esforços que tenham feito para esconder a luz sob o alqueire, não têm conseguido mais evitar em todos os jornaes da Capital o noticiario e collaboração espirita. E' assim que a

«Nota«, «Diario de Noticias», «Correio da Manhã», «A Vanguarda», «A Patria», "A Nação", todos os grandes diarios têm actualmente, uma Secção Diaria, na qual, além de noticias de phenomenos e dos centros, figuram substanciosos artigos de fonte espiritista.

O Movimento Espirita

O movimento espirita se accentua em todos os centros do Rio. A livraria da Federação não vence editar obras, muitas das quaes se acham exgottadas e reclamam uma nova tiragem, como sejam as de Flammarion, de Gabriel Delanne, de Bezerra de Menezes, etc.

Conferencias

No Rio pode-se dizer que ha palestras e conferencias diarias. Diversos oradores percorrem os centros levando a palavra de Fé e Esperança. Dentre estes notamos os Srs. Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Lins de Vasconcellos, Dr. Sylvio Travassos, Sra. Julieta Gomes, Mauro de Oliveira, Coronel Barros Fournier, Dr. Moreira Guimarães, Dr. Mario Costa, Dr. Luiz Autuori, Prof. Jonathas Botelho, membro da Academia Fluminense de Lettras, Dr. Henrique de Andrade, Commandante João Torres, Commandante Hasselman, Mario Almeida, Antonio Alfredo, Prof. Leopoldo Machado, Manoel Quintão, sra. Ancelma Santos Povoa, e dezenas d'outros que não nos lembramos no momento.

As Obras de Beneficencia

—A Cabana Antonio de Aquino está promovendo uma grande obra, um Hospital Espirita.

— De outro lado nada menos de sete azylos espiritas se acham em actividade, soccorrendo os desvalidos.

Conferencias no Rio pelo Radio

Consta-nos que diversos confrades cariocas vão iniciar uma série de conferencias semanaes pelo Radio.

Optima lembrança, pois assim, todos os radio ouvintes de todo o Brasil, especialmente do Interior, receberão a Palavra de Fé e de Amor, dos nossos propagandistas.

Do Correspondente.

TOPICOS de "The Two Worlds"

POR W. CAMPELLO

Testemunho de um Ministro

Realizou se esplendida reunião na quarta-feira á noite, no Salão da Maçonaria Rosyth. A grande assistencia foi presidida por Mr. Robert Irvine. O Rev. Colin Livingston foi o orador e assegurou ser o Espiritualismo a confirmação e amplificação dos ensinos Christãos. A propria Biblia é um livro psychico e a verdadeira interpretação das Escripturas é fornecida pelo conhecimento do psychismo. Os espiritualistas não forjam theorias ou supposições. Elles descobriram definitivamente que os «mortos» podem falar e não hesitam confirmar o facto. Mr. D. B. Kennedy, de Glasgow, tambem mostrou o valor do Espiritualismo como um auxilio á vida. Em seguida Mrs. Millard, tambem de Glasgow, forneceu descripções, pela clarividencia de padrão extraordinariamente elevado.

Contradições Publicas

Na semana passada fizemos a critica de um pamphleto que tratava do estado do homem além da morte. Alguem nos mandou dois outros pamphletos, um delles com o titulo «Espiritualismo na Biblia» e o outro sem nome do autor e da casa publicadora. Admiramos a astucia do autor que procura occultar a sua identidade. Ambos os pamphletos nos asseguram, baseados sobre autoridades de textos, que os mortos estão bem mortos e assim permanecerão até o dia da grande Resurreição. Assim, torna-se evidente que Moysés e Elias não falaram com Jesus sobre o Monte Tabor e que Paulo estava enganado quando suppoz que Jesus com elle falava no caminho de Damasco. Evidentemente Maria não viu o Mestre no domingo da Resurreição e as palavras que o ladrão moribundo ouvira «hoje estarás commigo no Paraizo», deveriam ter sido um engano de imaginação!

Radio Humano

Numa recente demonstração de clarividencia em Edmonton, Mr. Cockersell declarou ser elle uma «especie de apparelho receptor». Elle «se afina» ao mundo espiritual para transmittir as mensagens dos «mortos» aos entes queridos deixados para traz. A quasi totalidade das mensagens que elle apanha e transmitte são notavelmente exactas. Num caso elle descreveu uma ponte de pedra e um moinho, pouco distantes de uma povoação. Uma senhora reconheceu o lugar como sendo o da sua antiga residencia e tambem reconheceu todos os nomes e descripções transmittidos pelo medium.

A Sobrevivencia é a questão real

Um ecclesiastico escrevendo no *Church Times* a respeito da sobrevivencia e agitou este ponto importante: «O homem vulgar dá pouco valor á philosophia. Elle quer alguma coisa definitiva e decisiva. Ao homem commum a questão da immortalidade, differente da sobrevivencia, é uma subtileza academica que não lhe diz respeito. O que importa á pessoa carregada de lucto é a reunião e reconhecimento dos entes que amou e perdeu e se «os rostos angelicos lhe sorrirão de novo».

As experiencias devem pesar na balança

A maioria dos textos que presuppõem os mortos jazerem nos tumulos até o dia da Resurreição Geral estão no Velho Testamento, porém, naquelle tempo os judeus não tinham uma comprehensão muito clara da existencia de um outro estado de vida além da physica.

Toda a ideia delles era o estabelecimento de um Reino de Deus neste mundo e seus escriptos reflectem tanto suas opiniões como as manias de inspiração divina. Digamos finalmente, é uma simples tolice estar a falar de gente morta a aguardar a Resurreição na sepultura. Desde que temos mantido conversação com centenas de espiritos, a nossa experiencia excede em peso, neste assumpto, a todas as opiniões dos theologos.

Allocução do Rev. Tyssul Davis

A 2 de agosto realisou se bôa sessão na Associação Espiritualista de Marylebone.

O orador veio de Bristol ao auditorio da Associação.

«Se o Espiritualismo não é a verdade, a unica philosophia possivel é o pessimismo», foi a sentença do Prof. Mac Bride, citada pelo orador. «Qual é o serviço que os nossos mortos podem prestar-nos? O facto de poderem elles provar a sua sobrevivencia é de grande importancia».

Inscripções Desnecessarias

Visitando um novo cemiterio, ha uma semana, elle espantou se com a seguinte inscripção numa lapide: «Aqui ella dorme». «E' realmente espantoso», disse elle, «que pessoas religiosas não se envergonham, no tempo de hoje, de pensar que os que morrem pertençam a um deus do somno.

Antes completamente morto do que adormecido naquelle horrivel lugar a espera de alguma coisa que está para vir».

Duplo Scepticismo

Referindo-se a estulticia de certa gente culta no seu methodo de raciocinar, o Rev. Davis declarou haver gente racional que ainda acredita no aniquilamento da personalidade após a morte e gente religiosa que acredita que os mortos dormem durante seculos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL — Anno — Assignatura simples 20$000
— BRASIL — Anno — Assignatura registrada 24$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura simples 24$000
EXTRANGEIRO — Anno — Assignatura registrada 30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

E na «Editora Espirita Limitada»

Rua dos Andradas, 86 Rio de Janeiro

NNO XII — Brasil—E. S. Paulo—Mattão, 15 de Dezembro de 1936—N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRECTOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006

SUMMARIO

Ideologia Medieval
O Problema da Vida
A energia, os fluidos e o mundo espiritual
Litteratura de ultra-tumba
Mensagem de George Cuvier
Basta de lagrimas
Uma maravilha psychica
Ectoplasma photographado
Radio Transmissora Espirita
Esse homem -- Sir Oliver Lodge
Duplo Ethereo
Chronica Extrangeira
Ecos e Noticias
Gazetilha
Espiritismo no Brasil
Notas e Factos

Photo Espirita

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1211unse

ANNO XII — E. S. Paulo — Mattão, 15 de Dezembro de 1936 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRECTOR : CAIRBAR SCHUTEL — COLLABORADORES : DIVERSOS

IDEOLOGIA MEDIEVAL

A VELHA ideologia, em voga até hoje, é a causa de todo esse mal-estar por que o mundo passa, das tribulações que opprimem os povos no momento que atravessamos.

Restrictos aos limitadissimos horisontes de uma existencia puramente material, os proceres da sciencia e da religião e os dirigentes politicos, pelo modo com que se manifestam e sancionam virtualmente a velha ideologia que faz deste mundo a unica esphera da Vida, não podem deixar de extinguir do coração humano todas as paixões nobres, todo o esforço para a elevação do Espirito, que é o escopo da existencia terrestre.

Duvidoso sobre o seu futuro, crendo unicamente no presente, sem esperança de uma existencia Além do Tumulo, o homem ha de forçosamente se bater pelo reino do mundo com todos os seus gozos e delicias, embora lhe seja preciso destruir cidades e passar por cima de cadaveres.

Afoitos ás grandes emprezas, cheios de ambição de fausto e de poder, em face da ideologia medieval que lhes está sendo ministrada por individuos de responsabilidade scientifica e moral, os fortes e audazes, não reluctarão empregar os meios mais cavillosos e despresiveis, contanto que satisfaçam os seus desejos impuros, os seus interesses bastardos. E a prova nós estamos vendo nas luctas fratricidas, que, de uns tempos a esta parte têm ensanguentado o nosso planeta, além do dólo e da rapina que lavra em todos os paizes do mundo.

A época avassaladora que atravessamos, a grande crise por que passamos, é causada exclusivamente por esse modo de conceber a Vida entre os dois marcos, de partida e de chegada: do berço ao tumulo. E é de notar que todos esses acontecimentos que caracterisam muito bem o fim de «um mundo carcomido» por idéas erroneas e nefastas, assignalam tambem a bancarota das religiões, a impotencia das seitas sacerdotaes, para conterem o desaggregamento de uma sociedade, que vem sendo ha millenios educada sob o regimen dessas «religiões» que, além de não falarem á alma e ao coração, têm se alliado aos magnates dos poderes para levarem a morte e a desolação nas familias e nas nações, abençoando armas mortiferas, em contraposição aos mandamentos de Deus, e aos preceitos de caridade e de amor preconisados por Jesus Christo, de quem se dizem representantes na terra.

Vê-se claramente que a religiosidade existente não passa de uma mascara para esconder crimes hediondos, para espesinhar a virtude e endeusar as paixões nefastas.

A nova Ideologia, que não se

baseia unicamente no senso intimo, mas sim na Psychologia Experimental, com os seus factos Animicos e Espiritas vem produzir uma completa modificação na sciencia e na religião, dando a todos a noção verdadeira da vida com as suas consequentes responsabilidades.

Ampliando os horisontes da existencia, encarando o Universo sob forma mui diversa, ella dirige um appello a cada um e a todos integralmente para que sejam satisfeitos os principios de moral para que rumo á Verdade, marchem todos sob o lemma da Fraternidade em busca de promissores destinos e sob a acção constante de um progresso effectivo cimentado pelos factos e por um estudo racional e criterioso da Verdade, em varias apresentações positivas.

O Espiritismo reclama de todos o uso da razão, e a todos concede e incentiva a liberdade de pensar, independente de dogmas escravisadores da consciencia, e de todos preconceitos que têm paralysado a ascenção da humanidade. E é de prever que, abatidas todas essas barreiras que tem impedido a evolução da humanidade, extincta a ignorancia que impedia o homem de conhecer o meio que occupa como cidadão do Universo e o futuro que o espera, todas as difficuldades para obtenção de uma paz definitiva e de uma relativa felicidade, não se farão demorar, estabelecendo uma orientação firme e criteriosa nos negocios publicos, concorrendo para a alphabetisação das massas e consequente espiritualisação dos povos.

Mas emquanto permanecer essa ideologia erronea, medieval, producto hybrido, de uma sciencia sem fé, com uma religião sem caridade, de uma sciencia e de uma religião mercantilisadas, ha de permanecer a discordia, a desharmonia nas familias e nos povos, as luctas fratricidas, a immoralidade e toda a sorte de vandalismos.

A tarefa do Espiritismo é transformar esse estado de cousas, é combater esses erros enraigados, é dar ao espirito humano o Verdadeiro Ideal, submettendo-o ao exame dos factos, ao estudo livre e ao raciocinio intelligente e isento de idéas preconcebidas.

Emquanto o principio immortalista não se gravar nas consciencias é impossivel a regeneração do homem e o cultivo do caracter. Sem a certeza de uma outra Vida que succede a morte, e o conhecimento da responsabilidade dos actos que praticamos, emquanto a morte, como fim da existencia, prevalecer no individuo, na familia e na sociedade; emquanto essa ideologia medieval dominar o mundo, não pode haver religião, na restricta expressão da palavra, a sciencia permanecerá como um joguete das forças physicas sem conseguir solucionar innumeros problemas que affectam sobremodo a vida dos povos.

Senhores da sciencia e da religião, medi a vossa grande responsabilidade no meio desse cataclysmo que devasta os povos e as nações. Nós vos fazemos um appello, em nome da razão e do bom-senso, e ainda mais em nome do sentimento e dos vossos proprios espiritos, para que retireis a vossa sancção moral dessas idéas absorventes que caracterisam a Edade Media.

O PROBLEMA DA VIDA

A solução que o Espiritismo dá do problema da vida, é baseana mais rigorosa logica e nos factos. Ella está conforme as crenças dos maiores genios da antiguidade, com os ensinos de Socrates, de Platão, de Origenes, e em perfeita concordancia com as profundas doutrinas dos Druidas que, depois de 20 seculos, puderam ser reconstruidas pela historia. Nos tempos modernos, a theoria espirita *foi acolhida por centenas de homens illustres, dentre os quaes Jéan Reynand, Henri Martin, Esquiros, Pierre Lerouse, Victor Hugo, etc. — LE'ON DENIS.*

A Energia, os Fluidos e o Mundo Espiritual

Por GABRIEL DELANNE

ATE' agora a sciencia official tem negado a existencia de estados imponderaveis da materia, e a hypothese do ether estava longe de ser unanimemente admittida, apezar da sua necessidade para fazer comprehender as modalidades diversas da força. No momento actual, a negação, talvez, não seja tão absoluta, porque uma categoria completa de phenomenos novos vem mostrar-nos a materia revestida de propriedades que se estava bem longe de supôr-lhe. A materia radiante dos tubos de Crookes revela as energias intensas que parecem ligadas ás ultimas partes da substancia: os raios X, originando-se no ponto em que os raios cathodicos vêm ferir o vidro do tubo, são ainda mais singulares, pois que se propagam atravez de quasi todos os corpos e possuem propriedades photogenicas, sem ser por si mesmos visiveis. Finalmente as experiencias espiritas de Wallace, de Beaty, de Aksakof, apresentam photographados esses estados da materia invisivel, que concorrem para a producção dos phenomenos espiritas.

O Dr. Baraduc, o Commandante Darget, o Dr. Adam, o Dr. Luys, o sr. David e as experiencias de Russell, põem em evidencia essas forças materiaes que emanam constantemente de todos os corpos, mas principalmente dos corpos vivos, e os *clichés* que se obtem são testemunhos irrecusaveis da existencia dos fluidos.

Assistimos, portanto, na época actual, á demonstração scientifica desses estados imponderaveis da materia, tão obstinadamente repellidos até hoje. Temos, ainda uma vez, a confirmação do ensino dos Espiritos, e, a prova da veracidade dessas revelações é fornecida por investigadores que não partilham as nossas idéas, e que, por conseguinte, não podem ser taxados de suspeitos.

Quando falamos dos fluidos, é necessario que o publico não se habitue a vêr nesta expressão apenas um termo vago, destinado a disfarçar a nossa ignorancia. Cumpre ficarmos bem persuadidos de que estamos perennemente numa atmosphera invisivel, intangivel para os nossos sentidos, porque é tão real, tão positiva como o proprio ar.

Não temos visto as maiores intelligencias do seculo, os mais habeis analystas, chimicos e physicos, viver em contacto continuo com o *argon*, este novo gaz que fazia parte integrante do ar, sem que lhe suspeitassem a presença? Este exemplo deve inspirar modestia áquelles que orgulhosamente proclamam saberem todas as coisas, e que a natureza já não tem mysterios para elles. Mas oh!... a verdade é que somos ainda muito ignorantes e que a nossa existencia se escôa num meio de que apenas conhecemos uma particula insignificante.

Do que importa nos compenetrarmos, é que a atmosphera que nos cerca contem seres e forças cuja presença normal somos incapazes de apreciar. O ar é povoado de myriades de organismos vivos, infinitamente pequenos, que não lhe turvam a transparencia. No azul translucido de um bello dia do estio redemoinha uma innumeravel quantidade de sementes vegetaes que vão fecundar as flôres; ao mesmo tempo, o espaço está accumulado de milhares de seres, aos quaes deu-se o nome de microbios.

Todos esses seres evoluem no meio de gazes cuja existencia coisa alguma nos revela. O acido carbonico, produzido por tudo o que vive ou se consome, mistura-se aos gázes constitutivos sem que seja possivel suspeital-o. Quasi todos os corpos emitem vapores que se afogam nesse laboratorio limpido, e os nossos olhos são cégos para todos esses orgãos diversos, tendo cada um o seu papel e a sua utilidade.

Nossos sentidos não nos advertem vantajosamente acerca dessas correntes magneticas que sulcam o globo e que tão vertiginosamente desorientam a bussola durante as tempestades. A electricidade só raramente se nos manifesta debaixo de uma forma apreciavel. Ella não existe somente no momento em que o raio rasga a nuvem, em que os rugidos do trovão repercutem ao longe; actua propriamente por meio de lentas descargas, por trocas continuas, renovadas entre todos os corpos de temperaturas differentes. A propria luz só nos é perceptivel em limites estreitos. Seus raios chimicos, que possuem uma acção tão intensa, escapam completamente a nossa vista.

Somos banhados, penetrados por todos esses effluvios, em cujo meio nos movemos, e a humanidade viveu muito tempo antes de suspeitar esses factos, que, entretanto, sempre existiram. Foram necessarias todas as descobertas da sciencia para nos crearem sentidos novos mais poderosos, mais delicados que aquelles que devemos á natureza. O microscopio revelou-nos o atomo vivo, infinitamente pequeno; a placa photographica é, ao mesmo tempo, um tacto e uma retina de uma delicadeza e de uma agudeza de visão incomparaveis.

O collodio registra as vibrações ethereas que nos chegam dos planetas invisiveis, perdidos nas profundezas do espaço e nos faz ver a sua existencia. Apanha os movimentos prodigiosamente rapidos da materia quintessenciada, e reproduz fielmente essa luz obscura que todos os corpos irradiam á noite. Se a nossa retina tivesse essa delicada sensibilidade veriamos á noite tão perfeitamente como de dia, por isso que seriamos impressionados por essas ondas ultra-violetas, do mesmo modo que somos pela parte visivel do espectro.

Pois bem! Essa placa preciosa presta ainda o serviço de nos fazer conhecer os fluidos que emanam do nosso organismo ou que nelle penetram. Mostra-nos com a irresistivel certeza, que existe em torno de nós forças, isto é, movimentos da materia subtil, que se differenciam um dos outros por caracteres particulares, por um cunho especial. Já não é mais possivel duvidar dessas modalidades, desses *avatars* da materia.

Existe, em redor de nós, uma atmosphera fluidica, incorporada na atmosphera gazoza, penetrando-a por todos os lados. Suas acções são ininterrompiveis; é um mundo completo, tão variado, tão diverso em suas manifestações, com a natureza physica, isto é, a materia visivel e ponderavel. Ha fluidos grosseiros, assim como fluidos quintessenciados; uns e outros têm propriedades inherentes ao seu estado vibratorio e molecular, que fazem delles substancias tão distinctas quanto o podem ser, para nós, os corpos solidos e gazozos.

Mas que energias se manifestam nesse meio! Que mudanças á vista, que mobilidade, que plasticidade dessa materia subtil! Quanto differe ella da pesada, compacta e rija substancia que conhecemos! A electricidade nos permitte julgar a instantaneidade de suas transformações: E' um prodigio, uma febre perpetua. Eis, de facto, a fluidez ideal para as creações tão leves, tão vaporosas, tão instaveis do pensamento. E' a materia do sonho em sua impalpavel realidade.

Estudando a materia gazoza chegamos a figurar esses estados transcendentes. Já, sob a forma radiante, viamos os atomos moverem-se com rapidez fantastica, produzirem phenomenos, cuja intensidade, em relação á massa de materia posta em jogo, é realmente formidavel; e essa energia faz-nos comprehender a força em suas manifestações superiores de luz, electricidade, magnetismo, que são devidas ás ondulações tão rapidas do ether.

Torna-se admiravel que esses atomos, animados de enormes velocidades rectilineas, girando sobre si mesmos com uma rapidez vertiginosa, desenvolvem uma força centrifuga que annulla a atração terrestre. Ora, é mais que provavel que elles se diferenciam entre si pela quantidade de força viva que individualmente contem, e podemos entrever a inexgotavel variedade de argumentos que se produzem entre essas innumeraveis formas de substancia.

E' esse o Mundo Espiritual, aquelle que nos envolve, nos penetra e em que vivemos; é com elle que entramos em relação pelo nosso organismo fluido; é pelo facto de possuirmos um perispirito, que nos é possivel agir sobre esse mundo invisivel á carne; é, pela nossa constituição espiritual, que os Espiritos apossam-se de nós e podem influenciar-nos. Mas só na presente época é que nos foi dado entrar experimentalmente no conhecimento dessas realidades.

Litteratura de Ultra-Lumba

Por Ernesto Bozzano *Da «Revue Spirite»*

(Conclusão)

Passemos das conclusões, não fazendo referencia senão ao caso dos *Escriptos de Cleóphas*, aos que geralmente abrangem todas as obras litterarias de proveniencia supranormal e de que temos falado. Eu notei logo que essas obras se prestam a illustrar e a analysar efficazmente o problema a resolver, apresentando ao julgamento da razão pontos de vista differentes, que convergem para a demonstração da origem extranha ao medium, e espirita, das manifestações desta natureza; o que confere uma solidez scientifica á solução espiritualista do problema em questão. Segue-se que o grupo dos casos que nós encaramos aqui fornece uma outra prova em favor da existencia e da sobrevivencia do espirito humano; e isto *independentemente dos casos de identificação espirita fundados sobre os indicios pessoaes dados pelos defuntos que se communicam.* Esta ultima circumstancia reveste um alto valor theorico, que apresenta mesmo um certo lado de actualidade, pois que — assim como eu tenho dito — pode-se lêr ultimamente nos escriptos de metapsychistas emminentes e autorisados que, de bôa fé, têm despertado a attenção das pessoas competentes sobre o valor theorico de velhas hypotheses metaphysicas avançadas, para explicar casos de identificação espirita propriamente dita. Estes metapsychistas tinham concluido tristemente dizendo que, as probabilidades de chegar um dia a obter uma prova scientificamente adequada da existencia e da sobrevivencia do espirito humano, diminuiam dia a dia em seguida a essas hypotheses que, sendo puramente metaphysicas, não podiam ser eliminadas e jamais neutralisavam os casos de identificação espirita, *fundados sobre os indicios pessoaes dados pelos defuntos que se communicam.* Eu não discutirei, no momento, estas pretensas objecções insuperaveis que eu tenho, com facilidade, vencido e demolido, baseando-me nos factos, em uma recente monographia apparecida na «Revista Metapsychica Italiana»: *Luce e Ombra.* Sem tocar nelles eu noto, com surpreza que os eminentes metapsychistas que exprimiram-se nos termos relatados acima, mostraram ter esquecido que a demonstração scientifica da existencia e sobrevivencia do espirito humano não depende de uma prova unica que se tira dos indicios pessoaes dados mediumnicamente pelos mortos aos vivos. Ella depende do conjuncto importante das manifestações supranormaes — Animicos e Espiritas — que contribuem em massa para dar as provas neste sentido. Isto é, que ellas convergem todas para a demonstração da existencia, no homem, dum espirito independente do corpo, organizador do corpo, sobrevivendo á morte do corpo. Ora, estas provas são absolutamdnte extranhas aos casos de identificação espirita criticadas pelos nossos contradictores; por consequencia ellas confirmam indirectamente os casos em questão, conferindo-lhes uma solidez scientifica, que em principio, pode ser considerada como sendo inquebrantavel.

Assim como eu o tenho dito, uma dessas provas, é justamente a da «Litteratura de Ultra Tumba» que estudei aqui, e graças a qual se é levado a admittir a hypothese da existencia e da sobrevivencia do espirito humano por meio de manifestação que não são provas de identificação espirita.

Uma outra dessas provas, absolutamente fundamentaes para a consolidação scientifica da hypothese em questão, está representada pelo facto da existencia latente, na sub-consciencia, de faculdades de sentidos supra-normaes, livres dos liames do espaço e do tempo, independentes da lei da evolução biologica (o que constitue um indicio que ellas não são o producto da evolução biologica), inoperantes e mesmo inuteis no curso da existencia terrestre, pois que são inconciliaveis com as condições nas quaes se desenvolve a existencia incarnada (é claro, de facto, que si a clarividencia no futuro viesse normal, ella paralysaria toda a iniciativa humana). Estas circumstancias são theoricamente muito importantes, porque ellas provam que as faculdades supranormaes subconscientes não podem se explicar suppondo que ellas representam «um sexto sentido em gestação». Pode-se accrescentar a este proposito que, bem que as circumstancias em questão bastem para eliminar definitivamente está hypothese gratuita, é bem de assignalar outras circumstancias de facto igualmente decisivas neste sentido, taes como, por exemplo, a seguinte: que as faculdades supranormaes subconscientes se manifestam utilisando os sentidos existentes: visão, audição, toques, o que demonstra que ellas, em si mesmas, não podem constituir, um novo «sentido biologico em gestação». Outra cousa: em vez de se determinar por percepção *directa*, isto é, da peripheria do cerebro, como deveria ser em todo o sentido biologico passado, presente e futuro, ellas se determinam por percepções *inversa*, isto é, do cerebro á peripheria, sob a forma de visões e audições subjectivas projectadas em redor e quasi sempre sob forma mais ou menos symbolica. Isto demonstra ulteriormente que não poderia se tratar de um «sexto sentido» em gestação, pois que os sentidos biologicos deveriam automaticamente perceber a realidade tal como ella se manifesta a elles, e não traduzil-a intelligentemente por symbolismos abstractos que, ademais, no caso que se trata, tomam uma significação precisa, do qual se descobre os fins, mas *somente uma vez que o acontecimento se realisa*. Eu noto enfim, que essas faculdades emergem por jactos fugaes sómente em periodos de enfraquecimento vital dos individuos (somno, syncope, extase, hypnose, narcose, coma), outra circumstancia inconciliavel com a hypothese do «sexto sentido», mas que, ao contrario, está em perfeito accordo com a hypothese espiritualista, pois que, leva logicamente a deduzir que, quando a crise da morte estiver livre das faculdades supranormaes do captiveiro da carne, ellas poderão então, funccionar livremente no meio apropriado. Em outras palavras, tudo contribue para demonstrar que as faculdades supranormaes em questão constituem o sentido espiritual do homem, que existem, formadas anteriormente, em estado latente, nos refolhos da sub consciencia, esperando emergir e funccionar em um meio espiritual depois da crise da morte, pela mesma maneira que os sentidos biologicos existem formados antes, em estado latente, esperando emergir e agir no meio terrestre, depois da crise do nascimento, ou seja que as azas existem na crysalida da lagarta onde ellas se encontram formadas anteriormente, em estado latente, destinadas a emergir e a funccionar num meio apropriado quando a lagarta será transformada em borboleta.

Pode-se citar outras provas do mesmo genero, não menos importantes e significativas. As que, por exemplo, se pode tirar dos phenomenos de «Bilocação» no somno natural, na narcose, no coma; ou aquellas que se obtem experimentalmente, ou que são visualisadas por sensitivos na cabeceira dos moribundos;

todas as formas de manifestações que demonstram a existencia real dum «corpo espiritual» podendo se separar do «corpo somatico.»

Pode-se dizer outrotanto das provas que resaltam das «Apparições dos defuntos no leito da morte»; a seu turno, ellas nada têm de commum com os casos *d'entificação espirita consistindo em indicios pessoaes* fornecidos por defuntos que se communicam. D'outra parte, suas modalidades multiformes de extrinsecação bastam para eliminar as hypotheses allucinatorias e telepathicas. E' assim que, por exemplo, quando os fantasmas dos defuntos são vistos collectivamente e successivamente pelos assistentes e pelo moribundo; ou quando os assistentes são os primeiros a perceber o fantasma do morto, que o moribundo vê á seu turno, mas somente quando elle chega a voltar os seus olhos para o lado; e sobretudo, quando o moribundo e o percipiente são crianças de uma idade muito tenra, e por conseguinte não susceptiveis de auto-suggestão ao ponto de se allucinar pela crença da morte que elles ignoram.

Restam tambem as provas que resaltam das «Apparições dos defuntos algum tempo depois da morte», caso que, quando tem por testemunhos pessoas differentes, de modo a eliminar as hypotheses habituaes fundadas na allucinação e na telepathia, constituem uma das provas mais importantes e mais incontestaveis á favor da sobrevivencia.

As experiencias ditas "Correspondencias Cruzadas" se elevam, a seu turno em nossos dias, a um valor theorico muito alto no senso espirita, graças aos resultados obtidos pelo Dr. Crandon, de Boston, com a mediumnidade de sua esposa, Mrs. Margery e com tres grupos simultaneos de experimentadores escolhidos um do outro de centenas de mil; assim como pelas experiencias não menos admiraveis de Mr. Frederick James Crawley, em Newcastle, e do medium Mrs. Osborne Leonard, de Londres.

Notarei em ultimo lugar que varias outras categorias de manifestações supranormaes - que eu illustrei em monographias especiaes—contem provas excellentes no genero d'aquellas de que nos occupamos; somente é impossivel demonstrar efficazmente a importancia theorica sem recorrer a exemplos. Trata-se muitas vezes de episodios de fantasmas materialisados, que falam e escrevem, por vezes em linguas ignoradas de todos os assistentes, mas que se chega em seguida a identificar, ou que fornecem as indicações necessarias para a sua identificação. Pode-se citar, na mesma ordem de idéas, certas manifestações maravilhosas de "musica transcendental" no leito da morte e depois da morte; algumas manifestações importantes de phenomenos de «hantise», um grupo de casos que demonstram a realidade dos phenomenos de «obsessão e possessão»; outros grupos de premonição e «auto-premonições» de morte *accidental*, envoltos em symbolos que são impenetraveis *atè o momento em que o facto se cumpre;* e isto manifestamente com o fim de impedir a victima de se subtrair do destino que a espera.

Eu quereria, em summa, que se comprehendesse que, quando se discute á respeito da validade da hypothese espirita, não se deveria jamais esquecer que esta validade *não repousa unicamente sobre um caso de identificação espirita fundada sobre os indicios pessoaes fornecidos pelos mortos que se communicam.* Ella é solidamente fundada sobre um conjunto de provas tiradas de toda a reunião das manifestações supranormaes: Animicas e Espiritas. Eu repito que esta ultima verdade é indiscutivel e theoricamente decisiva; mas noto, ao mesmo tempo, que ella é constantemente esquecida pelos contraditores da hypothese espirita, e muitas vezes mesmo pelos defensores, que ficam, por vezes, embaraçados e perplexos em face das objecções contrarias justamente porque esquecem, á seu turno, que a hypothese espirita é inquebrantavelmente fundada sobre uma multidão de provas, e não sobre uma unica, e que basta considerar cumulativamente essas provas para se convencer da impossibilidade logica de não levar em conta todo o conjuncto. As almas timoratas que creem na imminencia de uma catastrophe pela Verdade que lhes é cara, podem então ter dias tranquillos. Ellas devem se persuadir que não é racionalmente permittido ter duvida, mesmo a mais ligeira, sobre a estabilidade das bases sobre as quaes repousa a hypothese espirita. Si, apezar de tudo, a hypothese espirita encontra ainda oppositores nas fileiras das pessoas competentes em metapsychica, isto é devido exclusivamente ao facto que a intelligencia humana tem muita dificuldade de manter simultaneamente ante a razão todos os dados constituintes de cada problema á resolver; o que determina a successão e o enredo perpetuo das conclusões que são erroneas, porque ellas não são fundadas senão sobre uma analyse muito parcial dos factos.

Eu reconheço, todavia, que este inconveniente, proveniente de uma imperfeição innata na intelligencia humana, reveste o valor duma lei biologico-psychica. Nestas condições não resta senão se inclinar ante os decretos da Providencia, deduzindo que em principio, o facto de tactear no erro, e avançar no caminho da Verdade, tropeçando a cada passo, sendo forçado pelo aguilhão da Duvida philosophica, constitúe um elemento indispensavel de individualisação e de elevação da personalidade humana.

Mensagem de George Cuvier

Recebida pela Sra. W. Krell, em Bordeaux

ALGUNS sabios da actualidade apoiando-se em dados antigos e multiplicando-os por seus trabalhos em novas pesquizas e descobertas chegaram a determinar a origem material do homem. Vós, espiritas, quereis ir além, e interrogais si já o animal, vosso antepassado pela materia,—esse pobre irmão mais novo— vosso contemporaneo, não possuia tambem esta parcella intelligente do ser a que chamaes : — Alma.

Grave e embaraçosa questão em que vamos, porque assim o solicitaes, procurar a questão. Dar-vos-ei meu parecer actual, que se vos afigurará, talvez opposto á algumas opiniões passadas, o que não obsta ; o urgente, o necessario é dizer a verdade quando se crê conhecel-a. Dirão os orthodoxos, querer sondar estes mysterios é uma profanação, conceito esse, que eu contesto, por erronea, por não haver mysterio, e sim livro aberto a quem quizer se dar ao trabalho de o lêr ; não é profanação, e melhormente digo, é meus amigos, dever para o homem humilde e estudioso que escuta a palavra do Mestre : «procurae e achareis.»

Ora, quaes são os elementos essenciaes que constituem a alma ? A memoria, a intelligencia, a vontade.

Não vos é manifesto que, determinados animaes todos os dias dão provas incontestaveis de intelligencia, de memoria, de vontade ? Sois forçado de me responde : Sim. Entretanto eu não concluo immediatamente, que os animaes possuem alma em tudo semelhante á vossa, mas que devem elles possuir o principio, aquillo a que chamaes instincto, e que, nada mais é que o começo da vida de uma Alma destinada a vir ser Espirito, do mesmo modo que as incarnações humanas, – verdade que a sciencia contemporanea demonstra.

Sabeis todos que o animal possue em graus differentes a faculdade de amar, e sobremaneira a da affeição maternal, primeiro atomo do perfeito amor ; pois que amar e soffrer ligam-se indissoluvelmente em quanto o amor não se crystalisa em sentimento integralmente puro. A razão nos diz que, Deus justiça inflexivel e bondade infinita, não crearia seres destinados a soffrer sem fito e sem lhes facultar como ás outras creaturas o grande destino de progresso e felicidade! Pois que é o soffrimento o motor indispensavel á ascenção para a vida espiritual. Em verdade o animal soffre, em consequencia nesta ultima e intellectual parte de seu ser que chamarei sua alma. Tem-se visto, e os casos não são raros, cães morrerem de pezar,... Si vos fôr proporcionado ensejo, visitae um campo de batalha e sigae o cavallo procurando o seu cavalleiro, e se acaso o encontra entre os cadaveres, escutae o nitrir lastimoso sequente ao seu reconhecimento e dizei-me si não ha ahi um verdadeiro grito de dôr?...

Esta maneira de avançar pela dôr é uma prova de seu progresso e prova certa da presença neste ser de uma centelha espiritual...

Eis-nos, meus amigos, na situação da creança que quer passar o regato sobre uma plancha: dá um passo, a plancha vacilla, ella recua atemorisada! Felizmente para ella, o attractivo da novidade junto ao desejo ardente do desconhecido, arrastam-na a novas tentativas quasi sempre corôadas de bom exito.

Depois do que acabo de vos dizer, occorre aos vossos pensamentos uma pergunta a me fazer...

—O animal tem personalidade?

Passo eu primeiro a ponte oscillante e respondo categoricamente: Sim.

Sim, porque autorgando-lhe o soffrimento sem a individualidade, precisaria pôr em duvida, o que é impossivel, a bondade de Deus. Individualidade e logicamente responsabilidade.

Individualidade, pois ella ama, soffre e lembra-se, precisando, em verdade, ainda numerosas etapas para chegar ao livre-arbitrio.

Responsabilidade, pois que alguns dentre elles começam a vida inspirados pela paixão: o odio, a maldade, a vingança, a gulodice, a teimosia de que elles dão provas constituem os primeiros anneis da longa cadeia das paixões.

Esta individualidade, esta responsabilidade, esses soffrimentos de nenhum modo podem ser observados no animal em suas primeiras encarnações, e tão pouco nas plantas de qualquer especie, individualidades sempre relativas, bem entendido, quanto mais elevada no seu genero, mais extensa é a parcella intelligente do ser.

Antes de terminar esta palestra respondo ás duas observações que vejo se apresentam em vossos cerebros antes de chegarem aos labios:

Não obstante o progresso: dizeis, a especie não muda, o animal de tal especie é tal o de hoje como o era outr'ora, constantemente o mesmo, nada melhorou e assim será nos seculos?...

Os moldes, as fórmas que vos parecem as mesmas são durante esse tempo modificadas a proporção que o mundo progride, pois que tudo submette-se ás leis ascencionaes.

Assim como o vosso perispirito se etherisa após ter sido quasi material em suas primitivas edades, do mesmo modo todas as familias mineraes, vegetaes, animaes, soffrem mudanças inapreciaveis ás observações que não ultrapassam a duração de uma existencia. Em segundo logar, ainda que esses moldes permanecessem os mesmos, em absoluto, impediriam de qualquer modo, o progresso da centelha espiritual que os vem animar, porque esta centelha apenas passa por essas fórmas, deixando as para retomar outras em sua ascensão, desenvolvendo-se sem cessar até que chegue a formar um ser espiritual.

Vossa segunda observação creio assim formulada: «contudo reconheço em certos animaes uma somma de intelligencia e de bondade maior que a de diversas raças de homens selvagens e atrasados, notamos todavia que a sensibilidade é mais desenvolvida nos ultimos que nos primeiros?» Poderia isso servir de prova da superioridade da especie humana sobre a especie animal, de nenhum modo porém é uma regra absoluta, pois que a differença de sensibilidade é pouco apreciavel entre um e outro, entre o homem atrasado e o animal adeantado. Effectivamente vereis o selvagem supportar como que impassivel, sem queixumes, torturas durante as quaes perderieis os sentidos, arrastar até sua cubata os membros fracturados tal qual o cão ferido reentrar em seu nicho para morrer,—e o cavallo, contrariamente sem dar um passo estatelar-se no logar. Ouvireis o cão uivar de dôr, o cavallo jamais; e si buscamos entre os animaes que figuram como intelligentes, pergunto-vos si a pobre mosca não soffre, posto que não se ouça o seu lamento, quando foge ao algozinho, — a creança cruel que acaba de arrancar-lhe as azas? Poder-se ia dar uma explicação exacta da escola que mede o grau de sensibilidade? Até um certo ponto, sim, de uma maneira invariavel, não, creio eu. E ainda assim precisa acrescentar em abono do selvagem que em suas primeiras incarnações humanas está em phase transitoria, numa especie de ensaio da fórma recente durante a qual lucta penosamente contra a brutalidade e os habitos animaes da antiga fórma que deixou. Leva-me isto a dizer-vos que é menos distante do animal ao homem do que da planta ao animal. Na planta vereis nesse entremente reunir se por pontos intermediarios que não são ainda um e tão pouco outro. Esses pontos de juncção entre as especies mineraes, vegetaes, animaes e humanas são, segundo penso, a prova a mais evidente do progresso, a prova do encadeamento admiravel das obras do Creador.

Interrogam me si o principio intelligente é dividido em sua origem e si elle se reune após para formar um ser completo?...

O principio intelligente se desenvolve com o ser e é UM em sua origem, *um* durante o seu desenvolvimento, *um* sempre! E' uma centelha que vae crescendo para se tornar luz e culminar em sol. Outro é o thema de que nos occupamos hoje, — conhecer o momento em que esta centelha apparece e transforma o ser material em ser intelligente? Sob esse ponto de vista o ser durante suas primeiras peregrinações na forma animal não possue ainda mais que a vida latente, o movimento em quanto atomo, molecula, vibrião, apparecendo e desapparecendo em curtos instantes, servindo tãosómente para a transformação da materia, emquanto não tem consciencia da sua vida, admittindo se porém que ainda não possue em si o instincto que se tornará mais tarde intelligencia, Alma, Espirito. Esses seres, sem nome, sem forma precisa, impalpaveis e quasi invisiveis que povoam a materia fluidica e a materia compacta existem em estado intermediario entre a vitalidade vegetal e a vida animal que começa.

Segundo penso, esta divina centelha infunde luz á materia desde que ha no ser o sentimento da conservação de sua vida. A partir dahi tornase alguem, porém não sabe ainda, mas sente em si essa cousa indefinivel que é a vida!

Este sentimento por emquanto todo instinctivo, pois que o animal comprehendendo apenas a vida não teme a morte, não conhecendo o perigo foge-o raramente, a morte vem surprehendel-o, por assim dizer, sem soffrimento e transporta o a uma outra fórma. E' o ponto intermediario entre o instincto e a intelligencia; deste primeiro estado ao segundo, isto é, a intelligencia, entenda-se, todos os graus pelos quaes o ser ha de passar para chegar do menos ao mais.

Quando o instincto fôr para o ser a intelligencia da conservação de sua vida, elle teme a morte e o soffrimento; o animal defende a sua vida por todos os meios, na previsão do perigo emprega a astucia para evital-o; ama-se e se desputará á morte tanto quanto suas forças lhe permittam. Tem memoria, raciocinio e vontade na lucta contra a lei fatal que o envolve sem que possa se subtrair. E porque não ajuntar se que elle tem outrosim intuição de soffrimentos precedentes; o temor innato da morte não é o resultado de uma especie de lembrança de luctas anteriores?... Quem o sabe?... Creio eu que nessa phase a centelha intelligente está bem perto de se illuminar para uma transformação mais importante ainda, creio mais que o momento perto está em que a intelligencia poder-se-á chamar, digamos o nome: Alma! Então esta creatura não sómente vae defender a sua vida, como conserval-a, trabalhar para prolongal a; algumas passagens mais e vae ella conquistar a posse de si mesma, attingindo ao livre-arbitrio. Dahi em diante tem longo e escabroso caminho a percorrer para chegar a comprehensão do dever de conservar a vida, da necessidade da prova e o fim imposto á creatura pelo Creador!...

Ir mais longe seria sahir dos limites que nos impusemos, repito-vos porém ao terminar, que a obra de Deus é admiravel de ordem, de encadeamento, de harmonia, de simplicidade e que o orgulho humano esfuma-se quando se contempla esta grandeza! Ainda que o homem vaidoso se revolte com este ligeiro esboço, não é comtudo menos verdade que, estudando attentamente o mundo que elle habita, é facil de precisar a sua origem. O homem, rei da creação pela lei do progresso, comprehenderá mais tarde o laço de solidariedade que o une a todos os seres de que elle está rodeado; nessa epoca, então de fraternidade, não se intitulará mais Senhor e Rei, porém pae e protector dos seres inferiores que começam a vida que elle terminou!

George Cuvier.

—

Da mensagem acima, instructiva em todos os seus pontos, destacamos tão sómente o logar em que o Espirito Cuvier diz:—«O começo da vida de uma alma destinada a vir a ser Espirito é, como as encarnações animaes, as quaes precedem as encarnações humanas, verdade que a sciencia de hoje demonstra.»

Realmente. Essa verdade que, «a sciencia de hoje demonstra», com demasia de documentos e de provas, fixou a geneologia material do homem.

Vem de molde, muito embora em traços geraes, lembrar de como «a sciencia de hoje» chegou a demonstrar a origem material do homem.

Ainda assim, convem relembrar que, em remota antiguidade essa verdade, como outras era já patrimonio dos sabios que dellas tinham conhecimento atravez de tradições vindas de uma culminante civilisação desapparecida, de uma sabedoria que ainda estamos longe de nos approximar. Nesses idos tempos os phenomenos da natureza eram estudados em connexão entre a sciencia espiritual e a sciencia da materia sua coirmã. Conhecimentos taes jazem ao abrigo dos profanos occulto nos escrinios sagrados de uma elite de iniciados nas doutrinas da espiritualidade que se vem succedendo no desdobrar dos tempos; nos limitando por agora relembrar e analysar, em synthese, as descobertas da sciencia materialista contemporanea da origem do homem, de 1809 para cá, isto é, da epocha em que Lamarck publicou a sua *Philosophia zoologica*, completada mais tarde em 1815, por uma outra obra intitulada *Historia natural dos animaes invertebrados*.

A notoriedade desses trabalhos abriu a fecunda lucta de principios entre G. Saint-Hilaire e Cuvier dando nascimento a sciencia Anthropologica com os preceitos transformistas de Lamarck de que: — os animaes superiores passam successivamente, no curso de seus desenvolvimentos, por uma serie de fórmas que são o estado permanente dos animaes inferiores.

Lamarck partidario da geração espontanea affirmava que a totalidade das especies animaes e vegetaes tem por antepassado commum, uma fórma muito simples, uma materia mucilaginosa, ponto de partida de todo o ser vivo.

Cuvier affectando ignorar essas theorias, organisou um systema completo explicando a formação dos seres, sua multiplicação, e tudo sem chamar em seu soccorro um creador imprevidente obrigado a tudo extinguir para tudo renovar, principio este que transtornava a theoria de Lamarck.

G. Saint Hilaire, seu émulo e collega, completou ácerca de determinadas considerações a sua doutrina. Profundamente transformista, proclamou a influencia directa do meio; admittindo as raças actuaes como realmente descendentes por uma successão ininterrupta de raças hoje instinctas.

Comparou alguns animaes adultos aos embryões de outros animaes, e teve a gloria por isso de ser o primeiro a introduzir na sciencia a idéa de que os animaes superiores passam successivamente, no curso de seu desenvolvimento, por uma serie de fórmas que estão em estado permanente de animaes inferiores.

Esses principios assentes numa fonte de provas tão poderosas, tão fecunda como soe ser a embryologia pareceram, não obstante temerarias ao teleogenismo de Cuvier, attrahindo ademais sobre seu autor os anathemas da sciencia official, na França, pereclitando momentaneamente parecendo esmagar o transformismo sob a immensa autoridade de Cuvier, — o fundador da paleontologia. Não assim na Allemanha onde o transformismo colheu numerosos applausos notadamente de Gœthe.

Appareceu em novembro de 1859 a obra *A origem das especies por meio da selecção natural,* de outro modo, *Lucta pela vida na natureza* de C. Darwin. Este trabalho assombroso pela profundidade do genio de observação do autor, que nelle se revela, teve um successo ribombante. Derruiu em seus fundamentos todo o edificio teleologico que dormitava em plena segurança desde 1830, despertando as esperanças de uma pleiade de pensadores, de trabalhadores estacionados a interrogar incessantemente no exiguo dominio da fixidez das especies, desesperançadas de chegar comprehender as coisas da natureza.

Darwin formulando as duas insignes leis: *A lucta pela vida* ou *concurrencia vital*, e a *Selecção natural* ou *sobrevivencia dos melhores dotados* confirmou o transformismo de Lamarck e consolidou os fundamentos da doutrina da Evolução.

Por maior que fosse a obra de Darwin precisava ainda coordenar diversos materiaes esparsos, partes inacabadas, não chegadas ainda ao termino, trabalho esse que Haeckel emprehendeu seguindo a luminosa trilha do embryologista Fritz Müller que já anteriormente estabelecera uma das leis basicas no edificio do evolucionismo dizendo :—«A evolução da historia embryonaria de cada individuo é uma repetição curta e abreviada, uma especie de recapitulação da historia da evolução dessa especie ;» essa lei por seu autor formulada em linguagem corrente, despida dos paramentos da technologia scientifica, para a facil divulgação na totalidade das massas sociaes: Haeckel redigio em synthese technologica:—«A ontogenia é uma curta recapitulação da philogenia.»

Parece que com a creação da primeira Escola de Anthropologia, em Paris, nada mais faltasse para a supremacia do transformismo, a não ser entrar numa nova e ultima phase a de que : ás pesquisas theoricas succedesse a sua divulgação.

Tal não aconteceu porém, porque si é difficil fazer acceitar o que é verdade, tarefa ás vezes perigosa, mórmente quando se trata de verdades que venham destruir grande numero de illusões gratas ás tolices e ao orgulho humano e lançar por terra uma desmedida intrujice de antigas crenças á custa das quaes vive agarrada toda uma chusma de parasitas acantoados em egoistico positivismo utilitario.

A furia e o pavor com que os partidarios do teleologismo acolheram a *Origem das Especies*, de Darwin, longe de os acalmar, foram perturbar em suas santas ociosidades todas as variedades de theologos, como partes integralmente interessadas na materia para da torre dos campanarios badalarem o toque de alarme. E' facil de comprehender as suas inquietações; pois que será do seu descarado commercio o dia que se diffundir nas massas a esmagadora verdade: — o homem é um animal aperfeiçoado ; simples resultado de um numero infinito de transformações successivas. Os pseudos representantes das divindades de todos os generos, não imbuirão mais tanta gente atrasada ; padecerão nesse tempo a lei intransitiva do determinismo: — transformarse ou perecer. Como os gigantescos saurios das remotas edades geologicas, os theologos attingiram o seu apogeu, e em conformidade com esses reptis antideluvianos, desapparecerão.

Acirrados pelos acicates do fatalismo tentam no ultimo litigio o derradeiro acto desta lucta tão bem descripta por Darwin. Não ha que admirar do seu encarniçamento no perseguir sem treguas nem folga todas as descobertas, todas as pesquizas scientificas tendentes á esclarecer a humanidade ácerca de sua real origem. *E' o struggle for lif*, é o furor final.

São as verdades a que o communicante diz que «a sciencia de hoje demonstra...»

Resta-nos investigar e interpretar a parte da mensagem referente a ontologia da alma e de como se opera a psychologia, isto é, a alma considerada em sua natureza, em sua evolução, par e passo com a evolução da materia, pois que tudo evolue simultaneamente.

Para chegarmos ao conhecimento e natureza da alma, a entidade manifestante como que indica devermos seguir, analogicamente, o methodo e os processos empregados pelos anthropologistas para o conhecimento da genealogia material do homem. Esses processos serão a simples observação dos phenomenos psychicos, a sua classificação para dedução de suas leis.

Dr. Joaquim Branco.

BASTA DE LAGRIMAS

Pela mão de Athol que voltou do Além

Da «Revue Spirite» || *Trad. para a R. I. E.* || Por J. J. PRUDHOM

(Conclusão)

HA alguns mezes, isto aconteceu quando o filho uniu-se ao pae no Além. Mme. Stuart conta como ella sentiu a presença de seu marido e de seu filho durante os funeraes. Para se convencer de que não se tratava de uma vã impressão, ella dirigiu-lhe um appello mental. «Se elles estivessem mesmo juntos lá, que lhe desse noticia revelando-se a um medium da cidade, e dizendo o nome das flôres que estavam no seu athaúde. Entrando em casa della, a medium lhe mostrou um arum e uma tulipa. Uma carta a esperava sobre a mesa do seu quarto. Era uma noticia, escripta á lapis, por uma pessôa que acabava de voltar de uma sessão, na qual seu filho se havia manifestado. Elle tinha exprimido o vivo desejo de fazer chegar uma mensagem á sua mãe. Mas como nenhuma das pessoas presentes comprehendia, elle se contentou em dizer: *«Dizei simplesmente á minha mãi o arum e a tulipa».*

Ora o marido de Mme. Stuart tinha morrido subitamente e fóra de sua casa, de sorte que nenhuma das pessoas presentes á sessão em questão nada sabiam, e o que foi para todos uma surpreza, quando na sessão seguinte Mme. Stuart annunciou-o, para explicar a mensagem que seu filho lhe havia enviado á proposito do arum e da tulipa.

«*Minha mãi, que era uma das mais doceis santas de Deus,* diz ainda Mme. Stuart, *foi a seguinte a me deixar*». Embora nada fizesse prever o seu trespasse proximo, Athol preveniu sua mãi, dando-lhe esta mensagem premonitoria:

> «Mamãi, sob pretexto algum, não te afastes do quarto de dormir da vovó sabbado proximo á noite. Exactamente ás dez horas da noite, tanto quanto me é possivel determinar a hora terrestre, nós viremos seis dentre nós, levar sua doce alma» De volta á minha casa (eu deixo falar Mme. Stuart), eu repeti a enfermeira, que velasse de minha mãi, conforme meu filho me tinha dito. Ella não era espirita, mas minhas palavras lhe impressionaram. A hora que meu filho havia indicado, era a hora em que ella tinha por costume nos dar «bôa-noite»; ella me respondeu: «Eu ficarei attenta para verificar si algo occorre.» Minha mãi não tinha outra molestia senão velhice. Ella tinha oitenta annos, e gozava de todas as faculdades. Durante as primeiras horas do sabbado em questão, ella sentira-se melhor do que de costume. Nada fazia prever um desfecho fatal. Ao approximar-se as dez horas da noite ella pôz-se a olhar em re-

dor de si com uma physionomia estupefacta, e exclamou logo: «Quem são estas gentes?» A enfermeira inclinou-se sobre ella e perguntou docemente: «De que gentes quereis falar, bôa mamã?» Minha mãe pareceu ficar surprehendida e respondeu: «Exquisito! todas essas gentes já morreram, caspite.» A enfermeira arriscou uma pergunta? Quantos são elles? Minha mãi voltou os olhos em torno do leito e contou alto: «Um, dois, tres, quatro, cinco, seis».

«Nós trocamos olhares. Experimentai dormir, vóvó, disse a enfermeira, acariciando sua orelha. »Como posso eu dormir, com toda essa gente falando, como está, disse minha mãe». Eu lhe perguntei então: «O que tú vês? o que te dizem elles?»—Oh! toda a sorte de mysterio, disse minha mãe, e eu nunca gostei de mysterios, mas eu vejo teu pae e os meninos e meu netinho ali está; é elle quem fala, elle diz: «minha dôce velha vovó, vós crêdes que vais morrer, mas vós não morrereis, nós não morremos, querida vovó. Vós ides simplesmente despertar e vós encontrareis aqui», e, diz minha mãi, contemplando o desconhecido, cada um delles tem nos seus braços um bouquet de flôres, e Athol diz que são flôres de myrta, e elle diz: «Vovó, diz á mamãe que eu vou deixar para ella meu bouquet de myrta sobre o seu leito». Ella firmou, então, os olhos, repetiu bem alto, alguns versetos dum hymno: «Jesus, amante da minha alma...» Ella abriu os olhos e sorriu; parecia querer dormir. Nòs diminuimos a luz e sentamonos á sua cabeceira, sem dizer palavra. Passados vinte minutos ella moveu se no leito, o trespasse se approximava Nós nos precipitamos. As palpebras se fecharam. Instinctivamente voltamos os olhos para o relogio, eu e a enfermeira. O relogio marcava dez horas menos dez minutos, e como as nossas vistas passaram pelo leito, lá estava o bouquet de myrta que tinha sido deixado para mim.»

Depois disso Mme. Stuart consagra um capitulo para nos explicar como sentia algo em torno de si. Não duvidamos e não insisto.

O golpe por ella soffrido foi excessivo, mas no capitulo IX ella nos mostra que não se achava ainda plenamente satisfeita com as provas. Foi, então, quando se realisou uma sessão de voz-directa, com trombetas. Depois de diversas evoluções no espaço, a trombeta veiu immobilisar-se a cincoenta centimetros dos seus olhos, e no intervalo que a separava do pavilhão, no qual seu filho se materialisou.

«Me sobrava bem tempo, disse ella, para me permittir olhar a claridade do pavilhão luminoso. Seus olhos mergulhavam nos meus; um sorriso separava seus labios, e sua vóz pronunciou: «Mamãe!» Só Deus sabe e os meus bem-amados em espirito, o que esta palavra produziu em mim. Foi um sobresalto indisivel que deveria ter sentido Maria-Magdalena quando Jesus lhe appareceu e lhe disse esta simples palavra: «Maria»! As palavras invadiram meu espirito «Paz seja comvosco; como meu Pae me enviou, eu vos envio». Ao rosto de meu filho succedeu o de minha mãi. Ella repetiu duas vezes meu pronome (que era o mesmo que o seu) accrescentando as palavras «Meu bello bebé». (Eu era a sua filha mais moça sobrevivente). Depois seguiu-se o rosto de meu marido que se apresentou. Elle não pronunciou senão uma palavra, uma palavra familiar que nos era cara. Logo que elle desvaneceu-se, succederam-se rapidamente diversas entidades: uma amiga de infancia, que me chamou pelo meu nome familiar, e cuja manifestação causou-me viva surpreza, muito agradavel porque ella estava muito longe do meu pensamento nessa época; uma outra parente muito proxima, e emfim, um rosto que eu não podia, nem designar, nem conhecer, por falta de nitidez. Me parecia, um filme envolto de claridade. Eu disse: «Eu não vejo bem, quem é essa pessôa?» Mas a nitidez da vóz supriu a vaga materialisação. Elle me disse com decepção: «Vamos, não é possivel que tenhas me esquecido — Eu sou Bunny!» Era o alcunha do piloto de meu filho, que jamais havia visto claramente, mas em espirito nós eramos velhos e caros amigos. Quando eu disse: «Eu vos vejo, Bunny, mas não estaes bem nitido»; a vóz de meu filho se interpôz vivamente, dizendo: «Este é o Bunny perfeito; mas elle foi queimado e perdeu a cabeça; então falta vibração... «Emquanto eu ficava maravilhada ante o espectaculo dos milagres de Deus e da creação, perguntando a mim mesma o que me estava ainda reservado, um braço envolto de uma grande manga fluctuante, bordada com um frangeado, passou e repassou acariciando-me a cabeça e o rosto, para me tornar sciente que elles têm vestimenta, mas que o tecido não era da terra. Eu não podia senão comparal-o ás larvas da sêda, a franja sendo muito pronunciada; como a manga viravoltava em torno da minha cabeça, eu tive a impressão de ser um enorme tecido de aranha. Uma vez o rosto de meu filho se apresentou diante de mim sob uma forma totalmente differente da materialisação commum, tal como se a conhece geralmente; ella tinha a claridade do sol; eu fiquei céga, não podia supportar o grande esplendor; foi preciso cobrir os olhos com as mãos».

«... E agora é preciso que eu vos avive a memoria sobre o dia em que eu puz as cartas de meu filho, lacradas em uma caixa. Ellas ahi ficaram treze annos, sem que pessoa alguma nellas tocasse ou as visse. Durante esses annos, que eu mesmo não ousara tocar o tampa da caixa, mas que nesse dia, pondo-as em ordem na sala de sessões, experimentei incontrolavel desejo de retirar as cartas de seu tumulo obscuro e collocal as encima do meu santuario. Fazendo isto, eu não podia deixar de admirar-me do que fazia. Minha mão tremia emquanto que meu olhar se voltava sobre estes sellos que jamais deviam ser quebrados. Ninguem conhecia meu segredo. Eu escondi então, meu jogo de cartas, atraz de uma grande photographia de meu filho que se achavam no alto do santuario, antes da chegada de minhas irmãs e do medium... A sessão estava em meio quando um ruido de papel, como quem se o esfrega, vindo do altar, foi ouvido. Exclamou se: «Que barulho é esse?» São suas cartas. Estava á ponto de as desfazer! Após alguns segundos, eu senti alguma cousa envolver os meus dedos. Era a fita que as envolvia. Maravilhada pela emoção, eu expliquei com palavras de momento á assistencia. E eis que no meio das minhas explicações, começou a distribuição das cartas, que nos eram jogadas, uma por uma nos nossos joelhos. Mas ouvi o que segue: "Quando nós examinamos a fita, nem um nò tinha sido desfeito, nem um sello quebrado, nenhum traço de papel de sêda tinha sido prejudicado!"

Taes são os factos que «Cheio de lagrimas» apresento á nossa meditação. O sól não se explica, constata-se. Contentemo-nos em constatar que esses factos existem e que foram taes factos que homens como Ernesto Bozzano e William Crookes foram levados a admittir a hypothese espirita, isto é: a sobrevivencia humana e a possibilidade de nos corresponder com os entes caros desapparecidos.

* * *

Uma Maravilha Psychica

(The Two World)

O Dr. Angelos Tanaghra, Professor de Sciencias Psychicas da Universidade de Athenas, examinou recentemente um menino de dez annos que todas as noites está attrahindo vastas multidões na frente de sua casa em Athenas, proferindo discursos notaveis. O Prof. affirma que o menino possue dons extraordinarios e vai submettel-o a certas provas com o objectivo de desvendar o mysterio. O menino, Jean Lorando, sóbe á sacada em estado de transe e pronuncia discursos magistraes sobre problemas politicos, attrahindo multidões, que descobriram serem elles muito semelhantes aos do fallecido estadista M. Venizelos. Muitos são de opinião ter o espirito daquelle estadista empregado o pequeno medium com o fim de aconselhar seus patricios. Devemos lembrar ter sido espiritualista aquelle homem de estado e inteiramente familiarisado com o controle pelo transe.

Ectoplasma Photographado

Quinze formas materialisadas numa sessão

De «The Two Worlds» Por Frank T. Blake *Trad. W. Campello*

O medium foi despido e examinado. O gabinete foi revistado e estavamos convictos da inexistencia de qualquer material branco ao alcance do medium.

A sessão realizou-se com bôa luz vermelha, a visibilidade era perfeita e os assistentes viam-se francamente.

Obtivemos materializações excellentes. Em muitos casos appareciam muitas jardas de uma especie de «tecido» e mais de vinte espiritos diversos vieram em formas materializadas. Foi tomada uma photo instantanea. Ella mostrou uma forma, possivelmente a do medium, enfaixada em metros de material branco.

A Igreja Espiritualista de Bournemouth realizou ultimamente duas sessões, sendo Mrs. Duncan o medium. As sessões revelaram alta evidencia, quer sob o ponto de vista das proprias materializações, quer pelas provas de identidade fornecidas pelas differentes formas.

«Albert», o principal guia do medium, mostrou-se muito serviçal. Elle satisfazia promptamente os pedidos dos assistentes. Quando pedimos permissão para photographar o «tecido» ectoplasmico elle consentiu immediatamente. Um medico presente entregou-lhe uma lampada electrica portatil e pediu-lhe para illuminar o rosto de uma forma materializada, ao sahir do gabinete, elle assim fez e as feições tornaram-se claramente visiveis.

Na primeira sessão appareceram doze formas materializadas, num periodo de uma hora e cinco minutos. Na segunda, em que tomámos a photo (aqui reproduzida) apresentaram-se quinze fórmas e sua duração foi de uma hora e quinze minutos.

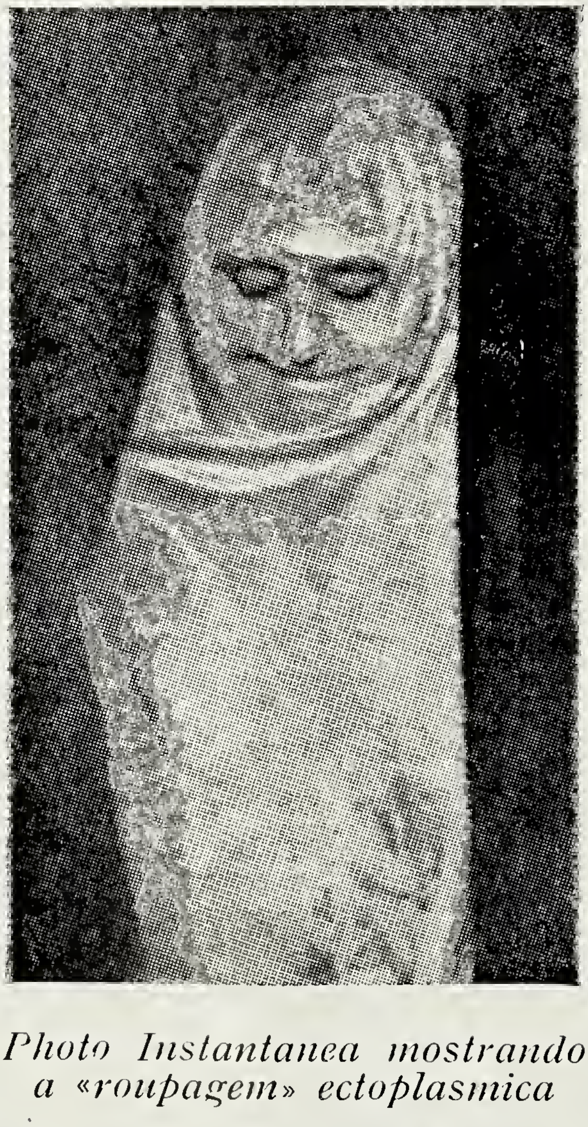

Photo Instantanea mostrando a «roupagem» ectoplasmica

A rapidez com que se produziam as formas é uma das maravilhas da sala de sessões.

Como acontece frequentemente, alguns assistentes nenhuma visita pessoal receberam, emquanto que outros eram favorecidos com uma ou mais. Este facto independe da vontade dos mortaes. Não sabemos o que determina a preferencia dos guias, porém, qualquer pessoa, testemunhando essas maravilhas da natureza, não póde deixar de impressionar-se pela sua significação.

A forma que se vê na photo não foi reconhecida por nenhum assistente e lastimamos isso, porque immediatamente antes da sessão Mrs. Duncan fôra completamente despida na presença de duas senhoras, inteiramente extranhas á medium e mettida numa veste preta e ajustada ao corpo. Assim, completo foi o apparecimento da «roupagem» branca envolvendo a figura por inteiro. Pode alguem affirmar ser o rosto de Mrs. Duncan, talvez assim seja, não temos informação alguma a respeito, mesmo porque a chapa foi revelada mais tarde e somente o guia poderia instruir-nos. Pessoalmente, não emitto opinião.

O aspecto mais interessante da photo é a «roupagem» branca que chegava ao soalho e o phenomeno tornava-se mais notavel em face das declarações das duas assistentes que despiram e examinaram o medium e revistaram o gabinete, declarando ter o medium alli entrado vestido de preto. A «roupagem» deveria ter sido produzida por um agente espiritual. No caso de ser o proprio rosto de Mrs. Duncan, como poderia ella apparecer envolta pelo volumoso «tecido» branco? Qual é o segredo da materialização? A photo está sendo analysada minuciosamente, porém, os assistentes estão radiantes com o phenomeno em si.

Radio Transmissora Espirita

Segundo noticiou a excêlente «REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITIMO», cogita-se, na grande capital bandeirante, da construção de uma potente estação radio-emissôra, de caráter genuinamente espirita e que terá, logicamente, por principio fundamental, a difusão e propaganda da doutrina de além-tumulo.

a vulgarisação de noticias espiritas, o que demonstra insofismavelmente que a doutrina está despertando a atenção do meio jornalistico, constituindo, por conseguinte, mais uma notável vitória do Espiritismo.

Embóra já possamos contar com essa parte do jornalismo nacional, e possuirmos, portanto, ótimos veículos se seria sempre crescente e aquilo que houvesse escutado, estaria presente em seu espirito. Chegado que fosse a esta fase, ante a duvida que então se teria formado em seus pensamentos desordenados, naturalmente se resolveria a investigar pelo estudo dos livros do espiritualismo hodierno. Além disso, muitos outros, gostariam de ouvir palavras convincentes que desfizessem a incerteza de que se acham possuidos e aguardariam, sofregos, a explicação dos motivos religiosos e filosoficos que até ha pouco têm sido conservados á sombra do mistério, arrancando-lhes, finalmente, a desconfiança e reconduzindo-os ao caminho da Verdade.

A transmissão de motivos evangelicos e dilucidativos quanto aos principios e fundamento da doutrina espirita, traria, tambem, a enorme vantagem de ir formando, no conceito publico, uma opinião mais verdadeira sôbre as finalidades do Espiritismo, deixando o mesmo de ser tido na conta de bruxaria ou loucura. Compreenderiam, então, que a doutrina encerra, sinão a verdade, pelo menos muita logica e o que é mais, o consolo espiritual que proporciona a seus prosélitos.

O espiritismo já conta, no Brasil, com muitos intelectuais e esforçados adeptos que com satisfação concorreriam com seu quinhão á propaganda. Feita a transmissão dos principios morais e filosoficos que caraterisam a nossa doutrina, teria como consequencia natural a arregimentação de muitos irmãos e as irradiações claras e simples, sem a preocupação de literatices inuteis, seriam fatores notaveis para a transformação de muitos espiritos que talvez aguardassem o momento de serem chamados á razão.

São, pois, inúmeras as vantagens que se apresentam com a construção de uma radio-emissôra para a maior difusão do Espiritismo e portanto é necessaria a bôa vontade de todos os confrades para que a ideia da Radio Difusora Espirita Evangelica se torne o quanto antes em realidade.

Resta-me, agora, apresentar ao distinto confrade snr. Caetano Mero meus sinceros parabens pela sua louvavel iniciativa.

PLATÃO KLIPPEL.

S. Catharina—Blumenau.

Duplo Ethereo

Todos nós vivemos no Corpo Ethereo

De «Prediction» - *Pelo Dr. NANDOR FODOR—Trad. W. Campello*

O homem possue mais de um corpo? A crença na existencia do duplo ou corpo espiritual—uma duplicata etherea do corpo physico que pode mover-se no espaço — vem dos tempos remotos. A sua existencia resolve muitos problemas embaraçosos na Investigação Psychica.

A Igreja admitte a sua existencia sob o nome de «bilocação».

Sto. Antonio de Padua, quando pregava na Igreja de São Pedro de Orveyroix, em Limoges, na Terça feira Santa de 1226, lembrou se subitamente que deveria, naquella mesma hora, officiar num mosteiro, no outro extremo da cidade. Elle cobriu sua cabeça com o capuz e ajoelhou-se durante alguns minutos, emquanto a congregação esperava reverentemente. Naquelle mesmo momento os monges reunidos viram no sahir da capella do mosteiro, lêr no officio a passagem designada e desapparecer em seguida. Ha relatos semelhantes de Sto. Severno de Rovenna, Sto. Ambrosio e São Clemente de Roma.

Porém, o melhor caso conhecido desse typo é o de Setembro de 1774. Affonso da Liguori, encarcerado em Arezzo, abstivera-se de alimentos e permanecia quieto na sua cella. Cinco dias depois despertou pela manhã e affirmou ter assistido aos ultimos momentos de Clemente XIV. As suas palavras foram confirmadas. Elle fôra visto ao lado do Papa moribundo.

Descobertas Experimentaes

Numerosos são os testemunhos da visão de duplos e experiencias extra-corporaes. Durante as experiencias do Coronel Rochas na exteriorisação da sensibilidade elle observou que, em estado de hypnose profunda, os stratas (camadas) concentricos em volta do corpo, se condensavam pela suggestão á esquerda e á direita, em pólos sensiveis que, finalmente se reuniam no augmento phantasmal do corpo. Esta forma phantasma podia augmentar obedecendo á ordem do magnetisador e era capaz de atravessar objectos materiaes e tornar-se a séde da sensibilidade.

As experiencias do Dr. McDougal na America do Norte, quando procedia á pesagem de moribundos, fornecem preciosa confirmação. Elle verificou que, no momento da morte, o braço da balança accusava a differença de peso. Em seis casos a perda de peso variava entre cincoenta e sete e setenta e uma grammas.

Photographias do «Duplo»

Os trabalhos de Rochas Durville, Delanne, Comte. Darget e Aksakof fornecem provas photographicas da existencia do «duplo» ethereo.

As experiencias do Dr. Orchorowics, na radiographia do corpo ethereo, são evidentes. Em 11 de Setembro de 1911 elle obteve a photo de u'a mão etherea sobre um filme enrolado e mettido dentro de uma garrafa. No interior da garrafa o filme media 3/4 de pollegada de diametro. O orificio do gargalo media 2/3 de pollegada e a palma da mão direita do Dr. Orchorowics tapava-o. Segurando a garrafa firmemente com a mão esquerda descançou a sobre o joelho. A medium conservava ambas as mãos em contacto com o vidro, entre as do experimentador. Em seguida a medium exclamou: «Coisa extranha! a garrafa parece alargar-se sob os meus dedos, talvez seja illusão. Minhas mãos parecem estar inchando, não as sinto mais».

Alguns momentos depois o Dr. Orochorowics quebrou a garrafa, revelou o filme e nelle encontrou u'a mão grande, com o pollegar unido ao indicador, de modo a encontrar logar para apparecer no filme, que media 13 cms. de largura.

A mão tinha as caracteristicas da da medium. Depois o guia se communicou e descreveu o processo que empregara. Por muito tempo o Dr. Orchorowics suspeitou ter sido o duplo da medium.

O duplo se torna visivel

O seguinte acha se em *Phantasms of the Living* (Phantasmas dos Vivos)—obra compilada por diversos scientistas afamados:

A experiencia de Gœthe —Wolfgang Gœthe passava por certa rua na tarde de um dia chuvoso, em companhia do seu amigo K. Subitamente o poeta estacou, como se encontrasse alguem a quem ia falar. K. nada percebeu. Gœthe exclamou: «Meu Deus! Se eu não estivesse certo de se achar o meu amigo Frederick em Frankfort neste momento, eu juraria ser elle!»

Logo em seguida accrescentou: «Porém, é elle mesmo—o meu amigo Frederick—Tu aqui em Weimar? Mas, porque estás vestido desse modo — com minha camisa de dormir, com o teu barrete e calçado com minhas chinelas aqui, na via publica?»

K. nada via e mostrou-se alarmado, pensando ter o poeta perdido o juizo. Porém Gœthe, preoccupado com o que via, exclamou: «Frederick, o que foi que te aconteceu? Meu caro K., viste para onde foi a pessoa que aqui estava ha pouco?»

K. tomado de assombro, nada respondeu. Então poeta, olhando para todos os lados, disse, como que sonhando: «Sim, comprehendo... é uma visão. O que significa ella? Estará morto o meu amigo? Será o seu espirito?» Depois Gœthe voltou para sua casa e lá encontrou Frederick. Seus cabellos puzeram se de pé. «Fóra daqui, phantasma?» bradou elle, coberto de pallidez mortal». «Mas, meu amigo», obtemperou Frederick, é assim que dás as bôas vindas ao teu maior amigo?» «Ah, desta vez», exclamou o poeta com muita emoção, «não é um espirito, é um ser de carne e osso». Os amigos abraçaram-se ardentemente. Frederick explicou ter chegado encharcado á casa do amigo. Metteu-se na roupa enxuta do poeta e cahiu em somno profundo na poltrona. Sonhou ter sahido a procura do amigo, encontrando-o, e foi saudado pelo poeta com as seguintes palavras: «Tu aqui em Weimar? O que! vestido desse modo — com minha camisa de dormir, com meu barrete e mettido nas minhas chinelas aqui, na via publica?»

Dahi em diante o grande poeta acreditou numa vida futura.

Algumas vezes as apparições obedecem a um proposito definido. O *P's Weekly* publicou uma historia interessante cuja authenticidade traz a garantia do proprio redactor. «Uma jovem viajava para Cambridge para encontrar-se com o seu noivo. Ella sentiu-se alarmada pelo facto de ver, em todas as estações em que o trem parava, a apparição do noivo que a convidava insistentemente, com gestos de terror, a sahir do trem. Finalmente ella narrou as extranhas visões a um cavalheiro idoso que viajava no mesmo compartimento. Este aconselhou-a a abandonar o trem na primeira estação, caso a visão se repetisse. Na proxima parada de novo se apresenta o espectro, revelando violenta excitação. Ella sahiu immediatamente. O mesmo fez o companheiro de viagem. Pouco adiante o trem saltou dos trilhos e o carro em que ella ia ficou reduzido a um montão de ruinas.

Durante todos os acontecimentos, o noivo dormia profundamente na sala de espera de Cambridge e mais tarde não se lembrou de ter sonhado qualquer coisa de especial.

* * *

O *Espirito, em sua essencia intima, que é immortal, não poderia deixar de estar unido a um* corpo *que, com justa razão, denominamos o* «Corpo da Vida.» *Si não houvesse esse corpo, não poderia haver espirito, pois, o* corpo carnal *que se transforma e, portanto, morre todos os dias não se poderia ligar ao immortal e imperecivel. — LIS.*

Chronica Extrangeira

Por W. CAMPELLO

Elle ainda vive

The Two Worlds

O dia 12 de Agosto nos lembra a passagem de Mr. R. J. Lees, o autor de «*A Vida no Elysio*» e outras obras do Outro Mundo. Mr. Lees foi notavel medium. Elle affirma que os livros lhe foram dictados por uma forma materializada, que se conservava de pé junto á secretaria e elle escrevia as palavras a medida que eram dictadas. Elle teve o privilegio de dar nove sessões á Rainha Victoria, a ultima das quaes alguns mezes antes do seu (della) fallecimento. Temos a satisfacção de annunciar o proximo reapparecimento do livro *A Vida no Elysio* em nova edição.

Experiencia de Sir Marshall-Hall

De «Prediction»

Por esta experiencia Sir Edward Marshall Hall foi convertido de um rude scepticismo. Elle foi forçado a attribuir a mensagem recebida á origem espiritual, isto é, provinda do Além. Por intermedio da sua irmã, elle conheceu Miss Wingfield, possuidora de grandes poderes psychographicos.

Em Março de 1894 elle recebeu u'a mensagem que não somente o impressionou profundamente como o convenceu da sua origem supernormal. Sir Marshall Hall acabara de receber uma carta de um irmão e a tinha no seu bolso quando visitou a mencionada irmã em 10 de Março e estando presente Miss Wingfield, a irmã pediu-lhe para pôr á prova os poderes da medium.

Sir Marshall Hall pensou na carta do irmão e julgando servir ella para bôa prova, tirou-a do bolso, collocou-a dentro de um enveloppe maior e o lacrou. Em seguida fez a pergunta: «Onde está o autor da carta contida neste enveloppe?» Elle não mencionou sexo e estava certo que a propria irmã ignorava a autoria da carta inclusa.

Veio a resposta, «O autor da carta está morto» e tambem em resposta á seguinte pergunta: «Quando e onde morreu elle?» o communicante declarou «Elle morreu hontem no Sul da Africa.» Esses factos alarmantes foram confirmados. O irmão, supposto vivo, morrera como fôra affirmado. Aqui a informação ultrapassava os conhecimentos de Sir Marshall-Hall, da irmã e da medium.

Convicto da verdade do Espiritualismo, Sir Marshall-Hall achou felicidade e conforto.

A Igreja e a Investigação Psychica

Pelo Padre J. S. M. Ward

The Two Worlds

Pediram-me um paragrapho sobre este assumpto. Ha muitos annos penso que grande proveito adviria de uma estreita cooperação entre a Igreja e a Investigação Psychica.

Os investigadores psychicos de modo algum teem sido tratados com equidade pelos ministros da religião, esta é, infelizmente, a grande verdade, porém, elles não estão isolados. Tal é o conservantismo do homem a ponto de elle olhar qualquer ideia nova primeiro com suspeição e depois com hostilidade e a ideia terá de sustentar uma lucta desesperada para vencer. O mesmo Christianismo soffreu severamente com a hostilidade instinctiva dos que o desconheciam, achavam estranha a nova ideia e, por isso, um assumpto reprehensivel.

Penso que esta phase passará finalmente e que por outro lado, a Igreja poderá auferir grandes vantagens examinando cuidadosamente os phenomenos psychicos e que, por outro lado, os investigadores tambem muito terão a lucrar com o estudo não só da doutrina como do facto material psychico accumulado pela Igreja. Duvido que uma pequena parte conheça a riqueza desse material conservado, por exemplo, da vida dos santos christãos! Registrei alguns desses factos no meu novo livro, porém, praticamente, a materia ainda não foi abordado. Assim, as evidencias das levitações dos santos, desde o começo do Christianismo até ao seculo 19, são numerosas, bem como outros phenomenos conhecidos dos investigadores psychicos, são igualmente encontrados no seio da Igreja.

Todavia, é necessario um espirito de larga tolerancia de parte á parte e tambem se evite durante a controversia offender susceptibilidades dos oppositores, que originam amargor e indignação. Quando estes surgem, a razão foge pela janella e a logica perece tornando impossivel a Investigação Psychica. Eu pleiteio um espirito de amistosa cooperação entre a nossa Madre Igreja — que armazenou vasto acervo de conhecimentos psychicos — e a nova Sciencia da Investigação Psychica, que effectivamente tem muitas coisas em commum com ella, particularmente no combate commum ao grosseiro materialismo.

Uma profecia notavel

The Two Worlds — *Por E. Oaten*

A prophecia sempre é um assumpto interessante. Creio que foi em 1912. Estavamos reunidos em Mexborough. Mrs. Wilks dirigia o serviço. Ella era uma alma rude e sem cultura, com um grande coração e fé profunda no mundo dos espiritos. Nella nada havia de incerto ou de nervoso. Ella estava segura de si.

Mrs. Wilks estava fazendo uma pequena fala, quando no meio ella se interrompeu. Apontando para um pequeno grupo de homens num dos cantos da sala, ella disse: «Comvosco homens alli vejo uma visão estranha; labaredas de fogo, fumaça e poeira. Estou certa de tratar-se de uma explosão. Ella vai dar-se dentro de alguns dias e um ou outro de vós morrerá. Peço todo o cuidado. Não posso ver os detalhes por causa do nevoeiro.» Então ella proseguiu na sua fala familiar.

A noticia espalhou-se rapidamente no districto mineiro e foi recebida uma carta-protesto do secretario da Sociedade de uma das minas, pois os espiritualistas estavam infundindo temor e os trabalhadores mostravam-se nervosos em descer ás minas. A carta ameaçava perseguição, caso não houvesse um paradeiro.

Eu era o organizador no districto naquelle tempo e fui consultado. Opinei pelo silencio. Oito dias depois houve uma explosão na mina de Cadeby, uma das maiores de Yorkshire e muitos homens pereceram, entre elles Mr. R. Wimpenny, um dos membros da Sociedade Espiritualista, que fazia parte do pequeno grupo ao qual fóra feita a descripção. A parte estranha da historia é que este ultimo não trabalhava em Cadeby, porém, numa mina proxima e vindo á superficie após o seu trabalho nocturno, soube do desastre. Corajoso como soem ser os mineiros, elle se uniu aos salvadores. Ainda não havia decorrido uma hora e se deu uma segunda explosão. Wimpenny foi apanhado em cheio e eu fui encarregado do triste dever de dar sepultura ao seu corpo alguns dias depois.

Extracto do livro de Just

Zeitschrift fur Metapsychische Forschung

Pag. 46 (O naufragio de uma escuna. O capitão e dois filhos foram tragados pelo mar. Com o fim de levar a triste noticia, amigos foram á casa da infeliz mulher que perdera marido e dois filhos numa só noite.) Acharam-na cahida por terra, como morta. Quando voltou a si, ella contou o seguinte aos presentes: – Um dos meus filhos appareceu diante de mim e horrorisada eu vi que a agua escorria de suas vestes encharcadas e assim fui informada da morte delle no mar.»

—

Pag. 77. Quando meu avô Jabkohm completou setenta annos de idade, foi convidado a assistir ao baptismo de um neto, em Norderney. Com grande cuidado tratou elle de preparar o bote para a necessaria viagem. Mas, nisto deu se com elle um facto estranho. Logo ao chegar perto do bote, elle viu um homem junto de si. Meu avô tentou conversar com o homem, porém, não obteve resposta. Quando vovô andava ao longo do bote e se voltava, lá ia o desconhecido á sua frente. Este facto foi por elle contado a amigos. Estes insistiam para que meu avô não se aventurasse a viajar só, a Norderney, pois o encontro era um máo presagio.

Porém, Jabkohm fez a viagem sósinho.

Entre Juist e Norderney, foi elle atirado ao mar por uma vela que estava colhendo. Duas horas depois, o bote foi atirado á praia de Norderney.

O cadaver nunca foi encontrado.

—

Extrahido do livro de Luzia da Prussia (Duqueza)

Pag. 236. A saude de minha filha Lúlú agravou-se logo no começo de abril de 1808 (nascida em 1779). A 2 de Abril, vespera do seu fallecimento, eu estava assentada a seu lado e pousava levemente minha mão sobre seu peito que respirava difficilmente, quando vi seus olhos dirigidos insistentemente para o velho relogio de parede, collocado em frente da sua cama. «Para onde estás olhando, filhinha?» perguntei e ella respondeu: «Estou vendo um anjo lá sobre o mostrador, mamãe, você tambem está vendo o anjo?» — «Não, minha filha, nada vejo.» Mas olhe bem para lá, mamãe, o anjo está em pé sobre as duas e meia (2 1/2) horas.»

Inclinei minha cabeça de modo a ficar no mesmo nivel do rosto della, pois eu pensava ser um reflexo do sol o causador da figura imaginaria, porém, nada descobri. Minha filha não desviava e olhar do relogio até a noite fechada e dizia repetidamente: «E' verdade, mãesinha, o anjo está continuando de pé sobre as duas e meia horas.« Um dia depois, precisamente as 2 1/2 horas, tambem ella era um anjo no Ceu!

Detalhes de um funeral

The Two Worlds

Mr. Alen Clarke, notavel poeta e escriptor recentemente fallecido em Blackpool, deixou a seu filho minuciosas instrucções sobre o seu funeral.

O filho mais velho, Mr. Franklin Clarke, encontrou uma folha de papel a elle endereçada e datada de Agosto de 1927.

«Quero ser sepultado com tua mãe, naturalmente, com uma pedra ingleza sobre meu tumulo, não de marmore preto ou coisa semelhante», dizia a mensagem.

Mr. Clarke pediu a gravação de azas de moinho de vento ou um livro aberto, igual á insignia ao Clube Ramblers de Blackpool, do qual elle fôra presidente.

Finalmente elle pediu a seguinte inscripção na pedra:

«Prosegue a historia maravilhosa,
Ao adeus segue-se a saudação.
A partida da terra é dolorosa,
No céu, alegre é a reunião.

Mt. Clarke tambem preparou numerosas mensagens para sua familia.

(N. do T.—A quadra acima não obedece á metrica.)

A certeza da vida

Uma senhora, tendo feito recentemente uma investigação no espiritualismo e convencida da sua verdade pela mediumnidade propria, escreve:

«Este anno foi para mim o da revelação espiritual. Eu estaria acabrunhada de tristeza se o espiritualismo não me tivesse dado a certeza confortadora. Desde que encontrei a verdade, o meu futuro não póde mais ter sombra de duvida. O meu ente amado volta a mim na minha propria casa. Estou surprehendida com as mensagens de amor continuado e sei estar um passo mais perto da luz e do conhecimento.»

Vi e conversei com meu marido

The Two Worlds

Por Mrs. L. Whittaker

Meu marido falleceu em Dezembro de 1928, deixando um claro na minha vida. Contudo, desde então tenho-o visto frequentemente em sonhos. Desde minha infancia possuo o dom de ouvir vozes de espiritos e, de tempos a tempos, delle tenho recebido mensagens. Porém, eu desejava vel-o em estado de vigilia para certificar-me não terem sido esses sonhos vans quimeras.

Durante annos procurei desenvolver a clarividencia, mas não o consegui.

Na madrugada de Domingo de Ramos fui despertada por rapps successivos no quarto. Assentei-me na cama (eu sabia estar inteiramente acordada) e escutei durante algum tempo. Elles tornavam-se mais altos e distinctos. Gradualmente formou se uma nuvem branca illuminada por uma luz suave. Eu vigiava e esperava e vi formar-se o esboço de um homem de alta estatura. Desejei saber quem era. Finalmente o rosto tornou-se distincto e facilmente reconheci meu marido. Falei-lhe, «Harry!» Elle inclinou a cabeça e respondeu, «Sim querida.» Manifestei-lhe o meu prazer pela sua visita e durante alguns minutos conversámos com toda a naturalidade e então elle retirou-se, tão apressadamente.

Eu não esperava por isso. As minhas faculdades criticas estavam alertas. Eu estava surpresa com a sua elevada estatura e movi-me de modo a poder ver a extremidade do nevoeiro branco e verifiquei achar-se elle a doze pollegadas acima do soalho. Perguntei porque seus pés não se apoiavam no soalho e elle respondeu, "você sabe porque."

Sinto não poder repetir toda nossa conversação. Era tudo muito natural e convenci-me de possuir elle completo conhecimento de todas as condições da minha vida.

Em Outubro assisti a uma sessão de materialisação com Mrs. Duncan e epresentou-se meu marido, cuja forma reconheci claramente, porém, elle não poude falar e o guia do medium, "Albert", transmittiu sua mensagem. Espero nova visita do ente amado em minha casa, para entreter outra palestra, longe de ouvidos extranhos.

E'COS E NOTICIAS

FRANÇA

MAISON DES SPIRITES

A obra da «Maison des Spirites» é uma das melhores da França. Unindo a palavra aos factos, o Espiritismo realça nesta instituição parisiense de modo a nada deixar a desejar. Homens de bôa vontade, anciosos de instrução ahi se reunem, onde saciam sua sêde de paz, de bondade, de fraternidade.

Durante o mez de outubro ultimo, a «Maison» desenvolveu um bello programma de conferencias e palestras doutrinarias, assim como experiencias de clarividencia.

CONFERENCIAS

Fizeram conferencias sobre os themas:

— A Immortalidade da Alma e a Philosophia do Barão d'Holbach — M. Jacques Sacher.

— Introdução sobre Astronomia — M. Jacques Duret.

— Espiritismo e Catholicismo — M. Jacques Sacher.

— Uma hora no Céo — M. J. Druet.

— Da Magia — M. J. Druet.

— Nossos Instrumentos — M. J. Druet.

— Porque Viver — M. Henry Regnault.

— A Sciencia da Alma — M. A. Dumas.

— Depois da Morte — M. H. Regnault.

— M. H. Regnault fez conferencias ainda sobre os themas: A Vida e o Além; A Vida de Allan Kardec; o Inferno segundo o Espiritismo. E o sr. A. Dumas sobre os themas: Prehistoria e o Espiritismo; O Espiritismo e a Mocidade; A Moral do Espiritismo.

A seu turno, o sr. René Kopp, fez diversas conferencias, transferindo agora para Côte d'Azur.

—

Temos sobre a mesa a «Revue Spirite» e «Annales du Spiritisme,»

—

Um topico da «Revue Spirite»:

— «*L'Esprit Medical*», não faz referencia sobre occultismo senão do seu lado negativo. Assim elle acolhe todas as novidades cheio de ignorancia e seus desejos com uma alegria céga. Elle aplaude os governantes, que a exemplo dos de Bucarest, prohibem toda a manifestação de occultismo. Que bom seria si se restabelecesse a Inquisição?

INGLATERRA

ACTORES PERTURBADOS PELA EVIDENCIA

«Revue Spirite» dá a seguinte noticia:

— «M. Paul Horgan conta no «*Harper's Monthly Magazine*» que uma «troupe» de actores ensaiavam para a representação de *Fausto*, quando estabeleceu-se uma discussão que cahiu sobre o ponto de saber si o Dr. Fausto tinha realmente existido. Elles invocaram o espirito do Dr. Fausto em torno de uma pesada mesa que se pôz á bater segundo um codigo estabelecido pelos actores: o Dr. Fausto declarou que nenhum delles conhecia sua verdadeira historia e disse que voltaria dia seguinte, depois de meio dia e que se manifestaria por meio de luzes, na scena. Elle deu, em seguida, um certo numero de mensagens. Tudo isso se passou no apartamento de um dos artistas.

Dia seguinte, quando na representação da opera «Fausto», emquanto que Marguerite estava ajoelhada diante da Cruz luminosa, por occasião da scena da Egreja, a Cruz se pôz, subito a tremer e a dançar em torno da scena. O facto foi tão flagrante que a actriz ficou perturbada, de bocca aberta e todo o acto ficou prejudicado. A Cruz dançou um ou dois minutos. Foi feita uma "enquête", nenhum *truc* se verificou, e Paul Horgan, que tem recusado crêr no Espiritismo, disse: "Eis o que se produziu! Como explicar isso a não ser pelo Espiritismo!?"

UM LIVRO SOBRE A REINCARNAÇÃO

Acaba de ser publicado por Mr. Ralph Shirley um livro reincarnacionista.

BELGICA

Fez uma conferencia no "Circulo Kardecista" de Bruxellas, o conhecido orador, M. Pierre Louis.

* • •

Na Federação Espirita Belga, fez uma conferencia, com projeções luminosas o sr. P. Surgés, vice-presidente da Federação do Brabant.

• • •

O Dr. Monnier, Prof. do Instituto de Biologia de Liège, fez uma substanciosa conferencia espirita na «Maison des Artistes.»

* * *

Temos sobre a mesa a «Revue Spirite Belge», que traz um bello desenho allegorico obtido sobre a placa sensivel por meio da photographia transcendental.

ITALIA

O grande Apostolo do Espiritismo, Prof. Ernesto Bozzano continúa publicando suas excellentes monographias.

* * *

«La Ricerca Psichica», revista de Milão, noticia o erguimento da nossa Difusora.

• • •

A mesma revista transmitte de «The Two Worlds» a noticia que o joven medium Pat Marquis, de 12 annos, foi examinado no Hollywood Hospital por 150 medicos, que observaram suas faculdades mediumnicas.

HESPANHA

A nossa collega de Sabadell, fala da hora tragica por que passa a Hespanha.

O que está fóra de duvida é o espirito liberal do governo hespanhol, que escolhido pelo povo, com sancção da Liga Mundial Antiguerreira, procura manter a liberdade de pensamento. E esta affirmação se comprova com a realisação do ultimo Congresso Internacional Espiritista em Barcelona, tendo sido cedido pelo Governo o edificio da Luz para a sua realisação e tendo comparecido ao Congresso os mais distinctos chefes do governo de Barcelona.

Nós lamentamos muito a guerra fratricida que assola a Hespanha, e fazemos votos a Deus para que a lucta entre irmãos cesse e uma paz duradoura domine em todo o paiz.

CUBA

Da Federação Nacional Espiritista, de Cuba, pelos seus dignos Presidente e secretario, recebemos o seguinte officio, que nos põe ao par do grande movimento espiritista que se vai operando em Cuba, assim como salienta o devotamento com que a Federação encara os seus deveres sociaes e o progresso espiritual do povo cubano, ante a crise que obumbra todo o mundo.

Sendo o castelhano um idioma ao alcance de todos, publicamos o officio na integra tal como nos foi enviado.

Agradecemos aos irmãos da Federação Espiritista Cubana, e lhes solicitamos continuarem a nos enviar as suas noticias, que muito nos interessam, tanto mais que ellas acentuam o caracter progressivo do Espiritismo nessa região, que vai se tornando um pharol da nossa Doutrina a extinguir as trevas que grassam no nosso planeta.

Calle de Escobar N.o 114. — Habana.

Correspondencia al apartado no. 366, La Habana. Cuba.

Octubre 12 de 1936

Sr. Cairbar Schutel

Director de Revista Internacional de Espiritismo.

Mattão. San Paulo.

Distinguido confrade: —

Cumple a las presentes lineas la grata misión de saludaros con la expresión cordial de nuestras simpatias por la beneficiosa labor que vuestra excelente Revista Internacional de Espiritismo viene realizando en todo el mundo, especialmente en los pueblos de habla hispano portuguesa.

Os damos las gracias por la remisión de vuestra Revista; y correspondiendo a vuestra cortesia os dirigimos la presente para daros cuenta de la celebración de nuestra Segunda Convención Trimestral, cuyo acto, como leeréis por el adjunto programa, revistió verdadera importancia tanto en el aspecto cultural como en el fraternal.

Ya en el pasado mes de Julio comenzamos le celebración de estas reuniones. Habiendo tenido efecto la primera en el pueblo de Güines; y ante su éxito hemos preseguido la celebración de las Convenciones, correspondiendo la última a la ciudad de Bejucal, donde se dió cuenta con las conclusiones adeptadas em la primera, y se abordó el estudio de interesantes cuestiones, tales como la abolición de la pena de muerte y el establecimiento de tribunales especiales para ninos delincuentes. Outros asuntos de sumo interés han sido la fundación de bibliotecas espiritistas de carácter circulante, la creación de ligas contra la ignorancia; la divulgación de loque es un centro espiritista y función social que está llamado a desenvolver; el estudio y exposición de los principios que sustenta la Federación Nacional Espiritista de Cuba; y en fin, la realización de labores que tiendan a divulgar el verdadero concepto de lo que es el Espiritismo, como doctrina de raciocinio que satisface todos los deseos de progresso y felicidad y coadyuva al cumplimiento de los superiores destinos del hombre.

Esperando que os habréis de ocupar de reseñar esta información, aprovechamos esta oportunidad para saludaros con todo nuestro viejo afecto y consideración más fraternal,,

Vto Bno:

Eustasio de León Bravo
Presidente

Dr. M. Santiesteban
Sec. Geral

Gazetilha

A vóz dos mortos pelo Radio

O medium de «Vóz direta», Lacey de Kitchener, de Canadá, conseguiu a emissão das vózes dos Espiritos pelo Radio.

A Estação emissora foi a de Toronto. Foram emittidas vozes pelos Espiritos de Edison e do Rei Jorge da Inglaterra.

Survie

La Terre — L'Au Dela

Recebemos o numero de setembro deste jornal, orgão da «Union Spirite Française.»

Traz um vibrante artigo do Dr. Gabriel Gobron, com o titulo — «O argumento dos loucos espiritas».

O articulista diz no seu artigo, depois de reproduzir a estatistica dos loucos e suas crenças:

«Quando nossos adversarios resolverão ter lealdade para abandonar suas vis mentiras ?»

Negocio vantajoso

The Two Worlds

O «Irish Independent» publicou o aviso seguinte : «Si tiverdes o cuidado de remetter cinco shillings (cerca de 15$000 na nossa moeda) ao Rev. William Browne da Igreja de São José, Burslem (o dinheiro será empregado para amortisar a divida), tereis em troca cincoenta e duas missas annualmente e para todo o sempre.»

Duvidamos que existam melhores tempos para a salvação eterna no proprio céu. Queiram notar todos os tresmalhados do caminho recto e estreito. Cinco shillings restituem a bemaventurança para sempre e garantem solicitações especiaes perante o throno do Altissimo. E' formidavel !

Um caso typico de reincarnação

O «Petit Parisien», de Paris, e o «Morning Post», de Londres, deram uma sensacional noticia sobre um caso de transmigração da alma na India. E' de notar que esses dois grandes diarios europeus não são espiritas.

O «Petit Parisien» deu a sensacional noticia sobre um curioso caso de transmigração da alma na India:

— «Em Delhi, uma menina de 8 annos, a joven Santha, teria revelado os principaes acontecimentos de suas duas vidas precedentes (duas incarnações). Nascida no norte de Madura, pela primeira vez, ella esposou um moço que ainda vive. Ella deu seu endereço. Elle foi vêl-a com o seu irmão. Ella os reconheceu logo, e revelou algumas confidencias occorridas entre o marido e a antiga mulher. Ella deixou, com sua morte, um menino, que deve ter actualmente, onze annos. Seu antigo marido foi á Madura para achar uma somma de cem rublos, enterrados em local determinado por ella. Doutra feita, antes de nascer em Delhi, ella já tinha vindo é terra e morrera com dois e meio annos. Hoje ella reside em Delhi. Milhares e milhares de pessoas, movidas de curiosidade, têm visitado a menina.»

O Petit-Parisien» assim termina: —«Estaria assim provada a immortalidade da alma ?»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um espirito se manifesta durante a missa

Do «Mundo Espirita», de Maio, 1936 :

Teria sido segunda-feira, 6 do corrente mez, ás 9 horas, na Igreja do Sacramento.

O Sacerdote déra começo á missa do setimo dia do passamento de alguem, quando, em meio do acto, subitamente fóra accommetida de certo mal, uma senhorita que assistia a referida solemnidade.

Accorreram algumas pessoas a segural-a, mas, não obediente, a senhorita interrompia o silencio que os assistentes procuravam guardar no momento religioso. Levada á custo para a sacristia, ainda ahi não conseguiram accomodar a senhorita que, em extorsões violentas, tumultuava o ambito catholico, preocupando sobre modo as pessôas de sua familia e quantos ali se encontravam.

Em dado momento emquanto era lembrada a providencia de ser chamada a Assistencia Municipal para soccorrer a doente, um nosso companheiro, que comparecera á Igreja por distincção á familia do pre morto, sentiu tratar-se de um caso de manifestação espirita, sem a gravidade apparentemente manifestada.

Certo o diagnostico, conhecera o nosso companheiro a therapeutica a ser applicada.

Sem tergivesar, encaminhou se para a doente, então detida á força mas convulsivamente, collocou a mão direita sobre a testa da senhorita, e, como por encanto, incontinente, a acalmou, fazendo-a sentar-se numa cadeira, onde se accommodára em attitude submissa.

Applicado os *passes* cuja therapeutica amorosa era assistida por quantos ali se encontravam, dirigiu, então, o nosso companheiro a palavra a senhorita, inquirindo-a desejoso de saber com quem fallava. E interrompendo por um momento a applicação dos *passes*, perguntou:

Com quem fallo?

A' pergunta respondeu mediumnisada a senhorita :

Sou Roberto.

Era justamente o espirito em attenção a quem se celebrava a missa!

Doutrinado como possivel fôra no momento, acrescentou o recemdesencarnado :

«Quero Geraldinho. Tenho muita preocupação com o futuro de meu filho».

Trazido, então, Geraldinho, na insipiencia dos seus cinco annos, foi recebido por seu pae manifestado mediumnicamente, chorando e abraçando estreitamente o filho querido, e beijando varias vezes a fronte.

Esse quadro sensibilizou sobre modo ás pessôas que o assistiram.

Doutrinado ainda o nosso irmão, prometteu voltar opportunamente, e, assim calmo, embora cheio de saudade, partiu...

A senhorita, bôa e curada da *enfermidade* que quasi a levára para a Assistencia, voltou á companhia de sua familia, que tudo havia presenciado.

No Templo celebrava-se a solemnidade catholica: Na Sacristia do Templo, a simpleza magnifica do Espiritismo.

No Templo emquanto o sacerdote catholico orava á alma do premorto, o premorto recebia *passes* pacificadores,—conversava amoroso com o nosso companheiro, e beijava o filho querido.

GRAÇAS A DEUS.

Importantes operações cirurgicas

Os nossos confrades cariocas têm sido ultimamente, distinguidos com a alta protecção dos Mensageiros da Caridade, os distinctos medicos Drs. Bezerra de Menezes, Chapot Prevot, Murtinho Nobre, Octacilio da Camara.

Um dos casos interessantes é o do sr. Siqueira de Abreu, que recolhido ao leito ha dois mezes, tinha um flemão profundo no abdomen, abrangendo o lado esquerdo, desde a cicatriz umbellical, todo o quadrante inferior, passando a prega inguinal, indo á parte superior interna da coxa.

Pois bem, esse moço foi operado por aquelles facultativos do Espaço. E o interessante é que a operação apresentou o signal da incisão por onde escoou dois litros de pús.

Um outro caso interessante é o do Prof. Leopoldo Machado, Director do Gymnasio Leopoldo, em Nova Iguassú, Rio de Janeiro, que, após haver exgotado todos os recursos da sciencia official, foi operado pelo Espirito de Bezerra de Menezes.

Eis a carta, que delle recebemos:

—O caso de minha cura, foi um successo. Eu soffri, por mãos peritas, mercê de Deus, uma raspagem no esofago, e grande porção de pedrinhas foram retiradas do meu figado, ficando assim debellada uma dolorisissima collite chronica que soffria.

Mas ha, aqui no Rio, muitos outros casos de intervenção dos Espiritos, como de meu cunhado, que tinha uma ulcera no piloro a terminar no duodeno. Um outro é a extração de dois grandes kistos sebaceos no sr. Nicolino Valadares, e na srnha. Maria Odette; assim como tres casos de carnes no nariz em pessoas differentes e outros a registrar.

—Ultimamente foi feita uma extração de calculos biliarios, na pessoa de um cliente do Dr. Levindo Mello, que ainda está em tratamento.

—O processo das operações é o seguinte: Tres mediums passistas recebem os Guias. Por outra medium baixa o Espirito do Dr. Bezerra de Menezes, ou de Garibaldi, tambem medico, que orienta a operação dizendo a posição em que o doente deve ficar e em que região do seu corpo devem ser aplicados os passes. Os mediums aplicam os passes, que começam sempre no cerebro e no coração, e não no ponto a operar. Depois o doente fica em repouso, dieta, uso de agua fluida ou homœpathia, até que seja determinado o dia da operação».

Em vida chamava-me Pedrosa

No velho Convento de S. Francisco

Os jornaes de Alagôas narraram facto curioso que occorreu ha poucos dias no velho Convento de S. Francisco, actual Asylo de N. S. do Bom Conselho, da apparição de um Espirito que conversou com a Superiora e conversou com a menina Carminha e deu-lhe uma cedula de 50$000. O caso teve uma grande repercussão, embora os interessados em esconder a verdade tivessem se esforçado para suprimir-lhe o caracter espirita com o qual se apresentou a manifestação.

De um nosso confrade de Maceió recebemos o communicado de tal acontecimento, que exalta ainda mais uma vez a apparição e communicação dos Espiritos, que a Igreja chama «mortos». Quem deu o «furo de reportagem» foi o «Jornal de Alagôas», tendo outros diarios feito menção do mesmo. Mas diz a nosso confrade:

«O caso não se deu na Cidade de Alagôas, interior do Estado, mas sim na Capital, como affirmou o proprio Commendador Firmo Lopes. Entrou um cidadão no Asylo das Orphãs de N. S. do Bom Conselho e conversando com a Freira-Directora, manifestou o desejo de conversar com a interna, Carminha. Chegando esta, disse elle que ia ali á mandado do sr. Pedrosa, que na terra havia sido rico, etc., conversou muito com a menina, deu-lhe bons conselhos, elogiou a obra meritoria do Asylo e, finalmente, entregou á menina 50$000, para o Asylo de orphãs São José, que fica localisado na cidade de Alagôas. E ao retirar-se, o «individuo» vira-se para a freira e para a Carminha e lhes diz:—«O Pedrosa sou eu mesmo».

O sr. Arsenio Fortes, homem de respeitavel conceito, commerciante, Agente da Comp. Seguros Alliança da Bahia, presidindo a uma sessão espirita, perguntou a um Espirito-familiar o que dizia :sobre o caso que o «Jornal de Alagôas» noticiara. O Espirito declarou que a noticia não estava certa, mas que o facto tinha se dado, e que o «visitante» do Asylo morrera em 4 novembro 1915. Feitas as averiguações, constatou-se que o sr. José Fernandes de Carvalho Pedrosa, de facto, fallecera naquella data.

O Commendador levando ao Asylo o retrato do sr. Pedrosa, a freira negou que tivesse sido aquelle, porém chamada a Carminha, *esta affirmou ser o individuo que vira, o mesmo do retrato.*

O Commendador Firmo disse que o dinheiro lá está e que ia comprar, com o mesmo, confeitos, para levar para o Asylo S. José, dirigido tambem, como o de N. S. do Bom Conselho pelo Commendador. E disse mais, segundo me affirmaram e transmitto com as devidas reservas, que ia á imprensa «despistar». Aliás o Commendador tem razão, porque se elle fosse para a imprensa affirmar um *facto espirita*, como catholico praticante, Commendador com titulo dado pelo Papa, e director dos dois orphanatos catholicos, com franqueza, seria um escandalo.

O "Semeador", diario vespertino, official da Archidiocese, até agora não disse uma palavra sobre o caso: nem pró, nem contra. Silencio tumular. Mas Maceió, com excepção dos carolas, sabe que o facto, de facto se deu».

Cura das otites e sinusites sem remedios

O capitão do exercito Aristoteles de Faria Castro, numa entrevista que teve com "A Vanguarda", declarou que as otites e sinusites são curaveis pelo magnetismo. O referido official concluiu appellando para os doutores, as sumidades, os especialistas em sinusites e otites, os medicos, enfim, para constatarem o facto e utilisarem este maravilhoso elemento — o magnetismo curativo — na cura de taes enfermidades, poupando á humanidade o suplicio das intervenções cirurgicas. O capitão Aristoteles diz que elle proprio tem curado e continúa a curar taes molestias exclusivamente pelo magnetismo.

Ahi fica o appello aos medicos e a lição do illustre capitão do nosso Exercito.

Conferencias radiophonicas

Continuam a ser irradiadas conferencias pela Radio Club Sorocaba— P. R. D. 7 aos sabbados e domingos, ás 21 horas e 30 minutos.

* . *

Sob os auspicios da Revista Internacional do Espiritismo e d'O Clarim o nosso companheiro Schutel prosegue com as suas conferencias radiophonicas pelo microphone da Radio Cultura Araraquara—P. R .D. 4.

Dia 22 do p. p. o nosso companheiro fez mais uma conferencia sobre : «Pluralidade das existencias e dos Mundos Habitados.

Um louco curado em Taquaritinga

O caso que se vai lêr é bem interessante porque toda a população do Mattão assistiu o espectaculo que, pelas ruas da cidade, deu um louco, sendo que o mesmo se repetiu em Taquaritinga, tendo sido, por fim, o louco mettido na cadeia, em camisa de força. Esse individuo chama-se Benvindo Rodrigues, homem trabalhador e bom chefe de familia que, repentinamente ficou possuido de um espirito atrazado. A sciencia official nada poude fazer para curar o enfermo, que é colono do sr. Luiz Zanqueta, de Icoarana. Levado, então, ao Centro Jesus de Nazareth, d'aquella cidade, pelo sr. Salvador Arnoni, fazendeiro em Jurema e membro de referido centro e dedicado cultor do Espiritismo, com duas sessões, Benvindo ficou completamente restabelecido.

Por mais este facto pode-se concluir: 1.o que existem molestias psychicas que a sciencia official não cura; 2.o que o Espiritismo em vez de fazer loucos, cura os loucos.

E' bom notar que Benvindo não é espirita, mas sim catholico.

Uma apreciação d'O Globo pelo Dr. Eloy Pontes

Na secção «*No Mundo das Lettras*», *d'O Globo*, diario carioca, o Dr. Eloy Pontes, depois de declarar não ser espirita, faz uma interessante critica da obra de Léon Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dôr*, da qual não podemos nos furtar a transcrever o seguinte trecho que constitúe o final de duas longas columnas que constitúe a critica:

— «... Afastamo-nos dessas coisas, sem que dellas tenhamos nenhuma impressão desagradavel. E' que nosso temperamento não se accammoda mais a idéa d'uma vida para lá da cóva... Preferimos não indagar. Comparando, entretanto, as doutrinas que jogam com as hypotheses duma vida que fica além da que vivemos, verificamos que os espiritas têm mais logica e probidade do que os catholicos. O que estes reclamam é o dominio material do mundo, acenando com premios eternos. O que pretendem é a oppressão, por intermedio dos instrumentos do governo. O que pleiteiam é o direito de espalhar rêdes e impingir engodos sem criticas. A propaganda catholica entre nós, por isso mesmo, é magisterio de violencias. Vae longe a mansuetude dos santos e apostolos...

Radio Difusora Espirita

Os trabalhos para o erguimento da nossa Estação de Radio correm maravilhosamente.

As conferencias em 19 cidades, feitas por oradores competentes e compenetrados da Doutrina, produziram grande successo.

Do nosso amigo sr. Caetano Mero, recebemos o seguinte communicado:

Estou viajando em pról da nossa Estação de Radio, na Central do Brasil. Visitei as seguintes cidades, deixando nellas a palavra consoladora do Evangelho de Jesus.

—Em Cruzeiro passei 200 carteiras; em Cachoeira 100; em Lorena 100; em Guaratinguetá 100; em Pindamonhangaba 200; em Taubaté. Caçapava, S. José dos Campos e Jacarehy 100 carteiras; em S. Branca 100. Total na Central 900 carteiras. Foram remettidas pelo correio para a mesma zona, passadas pelos confrades Pitta e Abel Vieira, em Cruzeiro 100 carteiras; em Cacheira 50; Lorena 50; Guaratinguetá 100; Pindamonhangaba 100; Taubaté 100; Santa Branca, por intermedio de Antenor Ramos 30. O movimento geral foi de 1530 carteiras.

—Brevemente mais de 50 oradores serão escalados em toda a Capital para fazerem conferencias sobre o thema: «O Evangelho Atravez do Radio». A União Federativa está envidando esforços para realisar mais esse surto de propaganda.

Sigo, novamente para as diversas cidades da Central do Brasil.

Caetano Mero.

Notas e Factos

Por TAVARES DE SOUZA

Gœthe e o Espiritismo

A «La Nacion», de Buenos-Ayres, deu a seguinte noticia:

— «Existe um livro intitulado «Gœthe occultista», no qual se intento provar a afeição pelo Espiritismo do grande escriptor allemão. Em mais de uma occasião, effectivamente, o autor de «Werther» demonstrou viva curiosidade pelos phenomenos psychicos e algumas passagens de suas obras até parece que houvesse crido nas vidas successivas. Varias vezes afirmou que havia existido já durante o reinado de Adriano, falando com toda a naturalidade de sua proxima reincarnação. A proposito de uma de suas amigas, Mme. von Stein, escreveu em uma opportunidade, o seguinte a Wieland: «Só pela reincarnação posso explicar a mim mesmo, o poder e a influencia que esta mulher exerce sobre mim. Sim, em outro tempo fomos marido e mulher.»

"La Nacion" e o Espiritismo

«La Nacion», é um jornal liberal. Esse grande diario do Prata publica sempre em suas columnas artigos e noticias espiritas.

Victor Hugo, Espirita

Edmond Escholier, o lirico autor da «Vida Gloriosa de Victor Hugo», falando sobre Espiritismo, escreve: «Nas revelações das mesas, Hugo vê a deslumbrante confirmação das suas idéas religiosas. E' nessa convicção que escreve a 19 de Setembro de 1854: «Os sêres que povoam o invisivel e que veem os nossos pensamentos, sabem que ha vinte e cinco annos me occupo dos assumptos que a mesa suscita e aprofunda... Esses seres mysteriosos e grandes me escutam e vêem, quando querem, no meu pensamento, como quando se vê numa gruta com um archote... Tudo o que eu vira por inteiro é confirmado pela mesa, e as mais revelações a mesa as completa».

A Imprensa do Rio de Janeiro

A imprensa carioca se distingue da dos outros Estados, principalmente da de S. Paulo, pelo seu liberalismo. Quasi todos os jornaes do Rio mantem uma secção espirita, e parece que os padres no Rio, não conseguiram dominar a imprensa.

O *«Correio da Manhã», »A Vanguarda», a «Gazeta de Noticias», «A Patria», «A Nota», o «Diario de Noticias»*—todos esses jornaes publicam columnas espiritas.

O Rev. Charles Twedale

Ha muito tempo o Rev. C. Twedale é conhecido pela sua convicção na communicação com o Mundo dos Espiritos. Elle esteve enfermo nos ultimos dois mezês; os medicos insistiram por uma intervenção cirurgica, mas a conselho dos seus Guias elle recusou a intervenção, e entregou-se confiadamente aos seus Protectores que garantiram restabelecerem-n'o completamente. Pois bem, o Rvv. está completamente bom e reencetou seus estudos das cousas celestes. O Rev. Twedale diz: «Minhas experiencias destas ultimas semanas robusteceram e confirmaram minha crença no Espiritismo, e quaesquer que sejam as opiniões de alguns Bispos, a Igreja, mais cedo ou mais tarde, ver-se-á forçada a aceitar a Verdade.»

Notas e Factos

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL **Collaboradores: DIVERSOS**

Redacção e Administracção

MATTÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em communicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus collaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Chronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas occorridos no mundo inteiro. A Revista apparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de accordo com a materia de urgencia, utilidade e actualidade.

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

— BRASIL	— Anno —	Assignatura simples	20$000
— BRASIL	— Anno —	Assignatura registrada	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura simples	24$000
EXTRANGEIRO	— Anno —	Assignatura registrada	30$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assignaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1312unse

No. 1–11

O XIII—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1938 — N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

DIRETOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Mais um marco plantado
As vidas sucessivas
Telepatia, Telemnesia e a Lei da «Relação Psiquica»
O Pobre Divino
Epistola de Natal
Rumos antigos—horisontes novos
Milagres da materialisação
Retratos de Espiritos
Testemuuhos vivos da pluralidade das existencias
A visão Extra-retiniana
Pródromos
Cronica Extrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil
Ecos e Noticias
Gazetilha
Indice

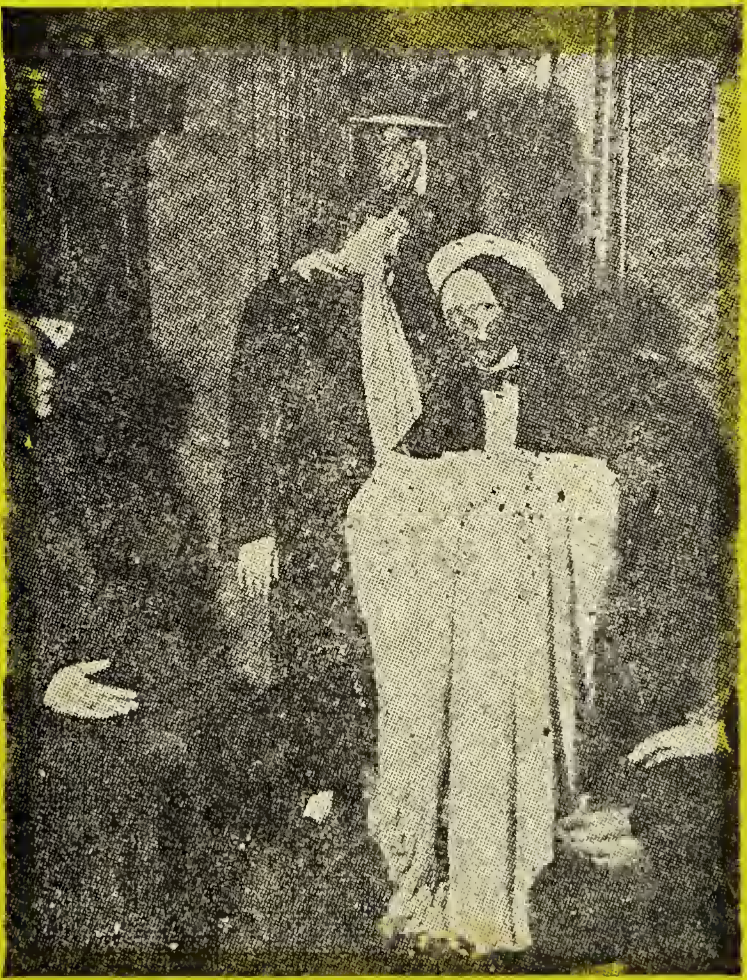

Uma Foto Espirita

Matão, 15 de Janeiro, 1938.

Ilmo. Sr.

O consideravel augmento do preço do papel (40 %) veio crear sérias dificuldades para a vida na nossa Revista. Sem a colaboração dos nossos assinantes nos é impossivel viver. Estas dificuldades nos obriga a enviar a Revista, unicamente a quem pagar sua assinatura adiantadamente. V. S. assim nos auxiliando, prestará duplo serviço, além do proveito de acompanhar o movimento espiritualista que se opera no mundo: 1.º Concorrerá para a manutenção de uma publicação que só pode honrar o Brasil, aqui e no Extrangeiro; 2.º Será um dos contribuidores para a grande obra de erguimento do Verdadeiro Ideal, unico capaz de promover a paz e a evolução dos povos.

Confiantes na bôa vontade de V. S. proseguiremos no cumprimento dos nossos deveres, certos da vitoria.

Com os nossos agradecimentos antecipados, subscrevemo-nos,

At.º Am.º Ob.º

Pela Revista Internacional do Espiritismo,

Diretor — *Cairbar Schutel.*

Revista Internacional do Espiritismo

Publicação de Estudos Animicos e Espiritas

ANO XIV RS...

Junto envio sob registro, com valor declarado a quantia de..para nova assinatura ....a começar em 15 de fevereiro de 1938 e a terminar em 15 de janeiro de 1939.

Estado.. *Cidade*..

Rua ....*Num*.......................................

Em........................*de*..*de 1938.*

Nome...

ANO XIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1938 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRETOR : CAIRBAR SCHUTEL ⩫ COLABORADORES : DIVERSOS

MAIS UM MARCO PLANTADO

Com este numero termina o 13.º ano de lutas da Revista Internacional do Espiritismo.

Passando uma vista retrospectiva no trabalho feito durante estes longos doze mezes, diz-nos a concienciа que não nos afastamos do programa traçado em 15 de fevereiro de 1925.

«Estudos Animicos e Espiritas», tem sido a nossa exclusiva ocupação, porque julgamos encontrar a solução do problema da Vida unicamente nesta nova ramificação do saber humano. E, de facto, só por meio dos fenomenos psiquicos, sabiamente catalogados pelo grande homem de letras Conselheiro A. Aksakof, e antecipadamente explicados por Allan-Kardec, é que chegaremos á conclusão da realidade da Vida livre das injunções obsidentes da morte.

O experimentalismo espirita, dissemos, veio, portanto, abrir á humanidade, um novo campo de estudos fecundos, sem duvida para a ciencia e a religião, que terá nele o seu mais valoroso auxiliar.

Portador de uma nova concepção de Deus e do Universo, o Espiritismo destronou a «*deus pessoal* , iracundo e vingativo que pune as faltas do primeiro casal em todas as demais creaturas, assim como acabou com o «céo escalado» tomado sempre pela violencia pelos adeptos de uma seita com exclusão dos demais habitantes do mundo.

Em seguida tratamos da organisação psiquica do ser humano, salientando, além dos exemplos animicos narrados na historia, os novos fenomenos animicos e espiritas comprovados pelos maiores sabios e investigadores do mundo.

Proseguimos os nossos estudos lembrando a fragilidade da ciencia terrena, incapaz de solucionar os graves problemas que afétam a sociedade. Essa ciencia, por falta de provas positivas para alicerça-la, tornou-se convencional, entrincheirando-se sob o bafejo do oficialismo e erigindo em dogmas os seus preceitos, que em face da logica e da razão seriam pulverisados.

Esqueceram-se os seus defensores que a ciencia não pode deixar de ser progressiva e para fazer valer os seus propositos, tem de se fundar em factos, sem o que não poderá prevalecer.

Fixando, no nosso numero de Agosto a base dos grandes ideáes, dissemos que a lei geral do Universo é a do Progresso, pois, por toda a parte o movimento e a Vida se constituem os fátores dos trabalhos decisivos para o nosso aperfeiçoamento. O brazão do Cosmos é a luta pela sabedoria, o aniquilamento do erro, a extinção da ignorancia. E para que os grandes ideaes se firmem e permaneçam está sendo desenvolvida em todos os setores dos conhecimentos humanos, uma campanha decisiva e proficua no sentido de convencer os homens de sua existencia animica e sobrevivencia espiritual; dando-se assim um golpe de morte ás injunções neantistas que estabelecem a desunião, o desamor, a discordia.

Deslocados, portanto, da sua verdadeira base, a ciencia e a religião, vêem desmoronar os seus principios, dando logar á perversão, a decadencia moral e espiritual, ao aniquilamento do raciocinio e em consequencia, a baixeza do caráter.

Fixamos a «Unidade do Eu» como uma força invencivel para o restabelecimento da verdade e frisamos que, si, de facto, alguns sabios, como o Professor Ribot, descambaram pelos declives do materialismo, outros de mais valor, como o Professor Reide, para não falar em William Krookes, Lombroso, Gibier e centena de outros desfraldaram a bandeira do Espiritualismo, expressando-se positiva e categoricamente contra o tal «*consensus* da conciencia» de fundo biologico, principio que aniquila todos os dotes de liberdade individual e pode crear doutrinas totalitarias que inutilisam completamente o homem, tornando-o, não uma parte da coletividade, mas um escravo submisso e servil.

Lembramos a afirmação peremptoria do Professor Reide que, longe de sermos o pensamento, a ação, o sentimento resultante do consensus do organismo, o «Eu» é a individualidade integral que tem a prerogativa de pensar, agir, sentir, querer e não querer.

Após todas essas considerações, de relevancia vital, traçamos, embora mui palidamente, da Obra Kardecista, que é, ao mesmo tempo, a chave do problema tão obscuro e controvertido, do passado, do presente e do futuro da humanidade, problema que, não cançamos em afirmar, o Espiritismo resolve com logica, e sobre a base inamovivel dos factos.

Constatamos não ser o Espiritismo uma doutrina pessoal, mas o resultado da observação metodica, e do conhecimento dos Dois Mundos — das Duas Humanidades que se penetram numa permuta constante de luz e de fraternidade.

Finalmente, como que repisando os nossos principios estudamos a concepção materialista do Universo, em face da concepção Espiritualista que o Espiritismo apresenta não só do Universo como do homem, demonstrando a insensatez das vetustas teorias que deram o corpo humano como sendo a causa da Vida, e lembramos que os principios imortalistas, além de proporcionarem consolação e esperança aos viajores terrestres, constituem a base da civilisação, da paz, ao passo que a concepção materialista é a negação de toda a moral, de toda a ciencia, de toda a filosofia, de toda a religião.

Nos doze numeros sucessivos da nossa Revista, além dos magistraes artigos do Dr. Gabriel Delanne e Dr. Ernesto Bozzano que projétam jáctos de luz sobre a questão imortalista, aproveitamos de afamados escritores tudo o que de bom e util encontramos para ilustrar a nossa publicação, assim como para dar maior complemento á nossa obra não deixamos um só numero de preencher as seções especiaes, taes como Cronica Extrangeira E'cos e Noticias — Espiritismo no Brasil — Notas e Factos, etc.; e á medida que julgavamos necessario creamos outras seções, como «Gazetilha», etc., com o intuito de cumprir o nosso dever e bem servir aos nossos leitores.

Enfim, não nos era possivel, visto a nossa deficiencia espiritual, fazer mais do que fizemos, embora contassemos sempre com o auxilio ininterrupto dos Caros Espiritos que dirigem o nosso movimento.

Inquerindo e estudando a Vida de Jesus, haveis de encontrar nela a Luz que aclara, o balsamo que consola, a Verdade que ilustra e o amor que salva. — LUCIPAZ.

AS VIDAS SUCESSIVAS

NA GRECIA E NA PERSIA

Por *Gabriel DELANNE*

Encontra se no Mazdeísmo, religião da Persia, uma concepção verdadeiramente elevada, a da redenção final de todas as creaturas, depois de terem sofrido as provas expiatorias que devem proporcionar á alma humana sua felicidade final. Por ela vê se que a condenação eterna seria uma contradição absoluta com a bondade do Supremo Creador.

Pitagoras foi o primeiro que introduziu na Grecia a doutrina dos renascimentos da alma, doutrina que ele ficou conhecendo em suas viagens ao Egito e á Persia. Ele tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados que frequentavam os Misterios, e uma outra reservada ao povo; esta ultima deu nascimento ao erro da Metempsicóse. Para os iniciados, a ascensão era gradual e progressiva, sem regressão as fórmas inferiores, enquanto que para o povo, pouco evoluido, ensinava-se que as almas más deviam nascer no corpo dos animais, como o expõe nitidamente seu discipulo Timeu de Locres, na passagem seguinte :

«E' pela mesma razão que é preciso estabelecer penas passageiras (fundadas na crença) da transformação das almas (ou da metempsicóse) de modo que as almas (dos homens), timidas passem (depois da morte) no corpo das mulheres, expostas ao desprezo e ás injurias ; as almas dos assassinos ao corpo dos animais ferozes para (aí receberem) a punição ; a dos impudicos nos porcos ; a dos inconscientes nos passaros que voam nos ares ; a dos preguiçosos, dos ignorantes e dos loucos, nas fórmas dos animais aquaticos.»

Entre os Gregos, é, todavia, notavel que Herodoto, falando da doutrina dos Egipcios, tenha presentido a necessidade da passagem da alma através da fieira animal, mas atribuindo-lhe um caráter de penalidade que confirmou o erro da metempsicose.

Entretanto, o «Pai da Historia» acreditava que as almas puras podiam evoluir em outros astros do céo. Ele diz que os hierofantes de Mitra, entre os Persas, representavam as transmigrações das almas nos corpos celestes sob o simbolo misterioso de uma escala, ou de uma escada com sete degraus, cada um de um metal diferente que figurava os sete astros, nos quais os dias da semana eram dedicados, mas dispostos em ordem inversa, e como se segue : Saturno, Venus, Jupiter, Mercurio, Marte, a Lua, o Sól.

Na antiguidade grega havia, então, dois ensinamentos, um para a multidão, outro para os homens sabios a quem se revelava a verdade depois que eles tinham se elevado pela iniciação a que se chamava «Misterios». Aristofanes e Sofocles designam os Misterios *as esperanças da morte.* Porfiro tambem dizia : «Nossa alma deve ser no momento da morte tal o que ela foi durante os misterios, isto é o exemplo de paixão, de inveja, de odio e de colera.»

Vê se que ela foi a importancia moral e civilisadora dos Misterios. De facto, ensinava-se secretamente :

1.º A unidade de Deus ;

2.º A pluralidade dos mundos e a rotação da terra, tal como foi afirmado mais tarde por Copernico e Galileu ;

3.º A multiplicidade das existencias sucessivas da alma.

Platão adotou a idéa pitagorica da Palingenesia. Ele a fundou sobre duas principaes razões expostas no Phédon. A primeira é que na natureza, a morte sucedendo a vida, é logico admitir que a vida sucede á morte, porque, algo não podendo nascer do nada, si os seres que nós vemos morrer não devessem jamais voltar á vida, tudo acabaria por se absorver na morte. Em segundo lugar, o grande filosofo se baseia na reminicencia, porque, segundo ele, aprender é recordar. Ora, diz ele, si nossa alma se lembra de ter vivido já, antes de se incarnar, porque não creriamos que, deixando o corpo ela não poderia animar diversos outros?

Elevando-se mais alto ainda, Platão afirma que a alma, desembaraçada de suas imperfeições e envolta na divina virtude, torna-se, de certo modo, santa e não volta mais á terra.

Mas, antes de chegar a este grau de elevação as almas voltam durante mil anos no «Hades» e, quando elas devem tornar aqui em baixo bebem as aguas do Lethes, que lhes fazem esquecer a lembrança de suas existencias passadas.

Telepatia, Telemnesia e a Lei da "Relação Psiquica"

Da «Revue Spirite»

Por Ernesto Bozzano

(Conclusão)

CONCLUSÕES

Eu começo por lembrar que o grande problema que eu me propuz resolver neste estudo, foi o de procurar e verificar, si possivel, pelo exame dos factos, si o dominio no qual se exercem as faculdades telepaticas e telemnesicas era, ou não era susceptivel de ficar circunscritos nos limites definidos.

Para chegar ao fim precisava então resolver outro problema concernente ao «rapport psiquico» nas manifestações supranormaes de natureza inteligente; podia se aí chegar aplicando-se os processos da analise comparada em um numero suficiente de casos telepaticos, afim de assegurar até que ponto o «rapport psiquico» foi ou não foi indispensavel á realisação dos fenomenos desta natureza.

Depois disto era necessario completar as pesquizas aplicando os mesmos processos da analise comparada aos fenomenos analogos da «leitura á distancia nas subconciencias dos outros» (telemnesia); isto com o fim de examinar as modalidades nas quaes eles se produzem, e em consequencia, verificar até que ponto é possivel a um sensitivo, ou a um medium cheguem a entrevistar, tirar nas subconciencias das pessoas ausentes os conhecimentos que lhes são necessarios para mistificar o proximo.

No que concerne a lei do «rapport psiquico» se tem podido vêr que tudo contribuiu para demonstrar que esta lei reina soberanamente na classe dos fenomenos telepaticos, excepção relativamente a um pequeno grupo de «excepções da regra», onde o rapport psiquico existe bem, mas sob a forma de projeção difundida de impressão psiquica suscetiveis de se tronsformar em visualisações representativas: mas nunca em conhecimentos biograficos propriamente ditos. Mas as excepções da regra são muito raras e muito limitadas aos episodios especiaes de natureza dramatica, e muito excepcionaes devido ás condições de hipersensibilidade que elas exigem nos sensitivos e nos mediuns que, embora dramas e acidentes se produzam diariamente em grande numero, eu não cheguei a reunir senão nove casos deste genero em quarenta e tres anos de pesquizas. Todas estas circunstancias, sob um ponto de vista geral, tornam estas «excepções da regra» literalmente omissiveis. Mas isto é tanto mais real no nosso caso, quanto não se trata de objeções cinematograficas dum drama se desenrolando á distancia (e por consequencia dum fenomeno de recepção *passiva* de impressões psiquicas), mas de informações biograficas insignificantes fornecidas por personalidades de defuntos com o fim de identificações. Para atribuir lhes a obra inquisitiva das faculdades subconcientes, precisaria atribuir ao medium faculdades supranormaes, não *passivas* de recepção psiquica, mas essencialmente *ativas*, com projeção á distancia de qualquer cousa que seja capaz de se insinuar nas subconciencias dos outros, para aí selecionar e tirar os conhecimentos procurados. E esta ultima hipotese, que sob o nosso ponto de vista importava examinar a fundo, emquanto que o pequeno grupo das «excepções da regra» do «rapport psiquico» nenhuma importancia revestia.

Nestas condições se estava já levado a concluir duma maneira preliminar que, dum lado, a lei do «rapport psiquico» constitúe o pivot indispensavel dos fenomenos telepaticos, pivot sobre o qual repousa toda a sua existencia ; emquanto que, doutra parte, esta feliz solução do grande problema, embora não omissivel sob o nosso ponto de vista, não revestia senão um interesse secundario em face do outro problema formidavel concernindo as modalidades pelas quaes se produzem os fenomenos de «telemnesia».

A solução deste outro problema se impunha si se o quizesse circunscrever nos justos limites dos poderes supranormaes da «telemnesia», que — segundo os «animistas totalitarios» — colocam os mediuns a modo de tirar nas subconciencias dos individuos distantes, mesmo que eles sejam desconhecidos a todos os assistentes, não somente informações biograficas, concernentes aos individuos em questão, mas conhecimentos que se relacionam com terceiras pessoas conhecidas desses assistentes. Relativamente a esta ultima questão, eu cheguei a demonstrar que, em realidade, e conformemente ao que se produzia pela telepatia, os poderes supranormaes da telemnesia, são restritos a um circulo de ação muito mais modesto, racional e humano. Resalta disto as circunstancias seguintes : Primeiramente parece que a telemnesia, como a telepatia é condicionada pela lei do «rapport psiquico», segundo, porque ela se limita á percepção *passiva* de impressões psiquicas existentes em estado vivo no limiar das conciencias de pessoas distantes ; em terceiro lugar, porque se limitam a conhecimentos estritamente pessoaes ás pessoas distantes, e não a informações concernindo a terceiras pessoas conhecidas por elas ; enfim, porque, como não se trata de questão de percepção *ativa* nas conciencias dos outros, mas de recepção *passiva* de impressões psiquicas, esta ultima circustancia demonstra que não se pode tratar do que se entende por «telemnesia», mas unicamente e sempre pelo que se entende por «telepatia». Com efeito, a primeira é caracterisada (ou mais exatamente, deveria ser caracterisada, si existisse) pela qual ela age, enquanto que a segunda é caracterisada pela forma *receptiva* ou *passiva* pela qual o medium percebe as impressões psiquicas.

Em outros termos : Tudo contribúe para demonstrar que a telemnesia não existe. Foi o Prof. Hyslop que propoz esta palavra, mas foi ele mesmo que se apressou de acrescentar que a «telemnesia» não existia. Eu noto então que a analise comparada dos factos demonstra que ele tinha razão de assim afirmar, enquanto que no mesmo tempo se deve admitir a oportunidade pratica de adotar este termo que, mesmo na sua significação negativa, pode ser util neste sentido que serve para designar uma classe de fenomenos hipoteticos sobre os quaes os adversarios da hipotese espirita fundam suas audaciosas afirmações.

Fica então entendido que esta vez eu cheguei a demonstrar, apoiando-me em factos, que o fenomeno da «leitura do pensamento na subconsciencia dos outros» não sáe dos limites que caracterisam a percepção telepatica d'incidentes ainda vivos no limiar das consciencias de pessoas presentes ou distantes — e neste ultimo caso, de pessoas distantes com as quaes se estabeleceu o «rapport psiquico», duma maneira diréta ou indiréta. Nestas condições, não pode haver questão que um sensitivo ou um medium chegue a tirar *ativamente* das subconciencias dos individuos distantes conhecimentos biograficos muito especiaes de que tem necessidade ; isto, menos quando se trata de detalhes biograficos insignificantes e totalmente esquecidos, concernindo a terceiros, pessoas que os individuos distantes tenham conhecido em épocas recuadas. Em outros termos: quando eles percebem conhecimentos biograficos nas subconciencias dos outros, os sensitivos e os mediuns *não têm a liberdade de encontrar, nem captam cousa alguma, nem selecionam nada*; o que se produz realmente, consiste nisto, que, si conhecimentos vivos existem no limiar da conciencia do individuo com o qual um sensitivo ou um medium se encontram em relação; eles os percebem sob a fórma de visões analogas a um grupo, ou um film cinematografico.

Tal é a solução do formidavel problema que nós examinamos; solução a que cheguei aplicando os processos cientificos de analise comparada a uma massa imponente de episodios telepaticos e telemnesicos. Quem não vê a enorme importancia teorica das conclusões que eu acabo de indicar e que implicam a existencia e a sobrevivencia do espirito humano *estão já* demonstradas experimentalmente, cientificamente, graças á numerosa classe dos casos de identificação de defuntos vividos obscuramente, e ignorados do medium e dos assistentes.

Quando os partidarios dum «animismo totalitario» se encontravam na presença de caso de identificação espirita inatacavel por toda hipotese legitima ou sofistica, eles se refugiavam infalivelmente em uma comoda objeção de natureza geral, consistente a observar que, como ninguem tinha ainda chegado a fixar experimentalmente limites á oniciencia telepatica, seguia-se que a interpretação espirita dos fenomenos mediunicos era sempre impossivel de demonstrar cientificamente. Ora, com este estudo analitico, rigosamente fundado sobre factos, eu cheguei a demonstrar que é possivel, desde já, circunscrever os limites nos quaes agem as faculdades telepaticas; o que tirou das mãos dos adversarios a unica arma que eles ainda dispunham.

Eu termino, observando que, para contestar as conclusões ás quaes eu cheguei, não pode haver senão um unico metodo a seguir: é o adotado pelo Dr. Osty para demonstrar, segundo os factos, que a «leitura á distancia nas subconciencias dos outros» é uma verdade experimentalmente demonstrada. Unicamente, como se pode vêr, a analise comparada chegou a provar tambem que isto não podia se produzir sem o auxilio do «rapport psiquico» e que nestas ocasiões, a «leitura do pensamento» consistia sempre em uma percepção *passiva* d'impressão psiquicas, e isto é tudo. Segue-se que si se quizesse legitimamente submeter a uma revisão as conclusões a que eu cheguei, ter-se-ia de repetir as experiencias magistraes do Dr. Osty, com o fim de aprofundar, de maneira a demonstrar, de acordo com os factos, que a «telemnesia capaz de selecionar» existe; e ao mesmo tempo, que ela pode passar de «rapport psiquico». Os excelentes sujets clarividentes com os quaes estas provas de controle podem ser procuradas não faltam, sobretudo em França. Eu convido, então, os meus contraditores a empreender este trabalho, para relatar em seguida publicamente os resultados aos quaes chegarem; isto em homenagem ao ideal, que é comum a todos nós; o da pesquisa da Verdade pela Verdade.

O espirito preconcebido é o maior inimigo do homem. Ha pessôas que cristalisam a ciencia e tudo explicam de acordo com suas idéas acanhadas. A proposito da telepatia, palavra que essas almas infantis só conhecem de nome, logo que se lhes narra um fenomeno, subitamente eles dão explicação: telepatia, — e creem que assim resolvem os factos mais transcendentes do Espiritismo. Causa pena a ignorancia presumida e a insensatez. Mas a luz brilhará a despeito do espirito de sistema.

JOSÉ GOULART.

O Pobre Divino

Pelo Dr. Ch. Andry Bourgeois

Annales du Spiritisme

AQUELE que o Pae enviou a pregar o evangelho aos pobres, aos desherdados seria Ele mesmo o primeiro pobre.

Assim nós vemos Jesus na sua vida humilda e retraída em Nazareth e no Egito, assim o vemos em sua vida publica na Galiléa e na Judéa, até o ultimo suspiro...

A pobreza de Jesus foi sua corôa de gloria, a nobreza de sua vida. Afigurou-se o Mestre ultrapassando Salomão e envolto duma pompa que eclipsava os reis da Assiria?

Vê-se Jesus tendo uma capital gloriosa e fortificada, e morando em um palacio, onde estariam cheios dos tesouros da terra, pessoalmente guardado por soldados, servido por oficiaes de toda a especie, tendo aqui seu trono, ali seus arquivos, mais além a sala de seus festins e outras tantas mais? Enfim, todas essas cousas inuteis, deslumbrantes que fazem a magestade indigente dos soberanos cá de baixo?

A realeza espiritual, esplendida, do Cristo não é deste mundo, como ele afirma. Ela está mais alto.

A não ver em Jesus senão o doutor do genero humano, o pastor das almas e seu iniciador supremo nos caminhos divinos, estaria ele estreiando para se apropriar de todo esse mundo inferior de riquezas humanas, fontes amargas de todas as felicidades sensiveis, e que desde o fruto da arvore proibida até o luxo imoderado dos Imperadores de Roma, tinha sido e é ainda: — o grande instrumento da iniquidade, a causa da cegueira das lutas fratricidas, o estimulante das paixões as mais detestaveis, o *obstaculo* colocado no caminho que conduz a Deus e a *arma* da perdição das almas nas mãos de Satan?

Não se pode servir a Deus, ser um servidor de Jesus na terra, adorando a *Mamon*, o deus das riquezas terrestres, se escravisando ao mundo. E' preciso escolher.

Si nós considerarmos Jesus na simplicidade extrema de cada um dos seus habitos de sua vida corporal, ele foi pobre no viver, na habitação, no vestir, no dormir e no morrer.

Sim, ele foi pobre, desprovido de tudo, mas que modestia, que dignidade! a do Filho do homem! Quão pouco esse enviado do Reino necessitou da terra durante os dias que ele passou na nossa carne mortal.

Trinta anos de vida, de trabalho manual, o humilde carpinteiro para ganhar o seu pão; tres anos de predicação atravez da Palestina sem ter uma pedra para reclinar a cabeça; depois, para coroar a sua missão, tres dias de uma horrivel Paixão em que foi despojado de tudo! Crucificado como um ladrão!

O curto sôno de Jesus não era, muitas vezes, senão uma ardorosa préce:

«Jesus se retirou para a montanha para passar a noite em oração a Deus!» diz o Evangelho. E foi sobre a cruz que ele poude repousar a sua cabeça e adormecer na morte libertadora.

Si o Cristo se fez pobre para ensinar aos pobres a suportarem seus males, ele tambem se fez pobre para nos fazer amar e assistir o pobre por amor dele. Porque si a oração é bôa a ação é melhor ainda.

Tudo o que lhe faltou, o Eterno pobre vem nos pedir para aqueles que não tem, como ele não teve. Tudo o que nós damos aos infelizes, é ao Cristo a quem damos, não o esqueçamos. Semeiemos!

Para ser seu discipulo, seu servidor, seu amigo, é preciso seguir seu exemplo, ser pobre em tudo, dar e dar ainda. Os Apostolos assim fizeram. S. Paulo, o Apostolo da Caridade, fabricava tendas de campanha para viver e não ser pesado á comunidade cristã.

Em meados do ultimo seculo o

Cura d'Ars, Jean Baptiste Vianney, foi o grande e poderoso pobre de Jesus que soube falar aos simples e aos pequenos.

«Ha pouco tempo morreu um homem, escreveu em 1865 o P. Graty, homem prodigioso que, em todo o tempo, tomando sobre si a cruz, caminhou para a morte, a cada dia até o final das suas forças.»

A palavra de S. Paulo : «*Quotidie morior*» — eu morro todos os dias — este homem a praticou sua vida inteira sem jamais parar.

Quem era este homem ? E o que fazia ele ? Ele era o cura de uma povoação e amava ardentemente a Deus e aos seus irmãos, para exortar, consolar, perdoar, purificar e abençoar; ele não cessou de dar sua alma e seu corpo á multidão que o envolvia e oprimia. Trabalhando vinte horas sobre vinte e quatro, dormia duas horas, tomando uma vez por dia um pouco de leite; elle esbarrava sem cessar com a morte. Mas renascia sem cessar, de algum modo, de uma vida ressucitada, transfigurada, átiva e ardente como uma chama : transmitindo por suas mãos, por sua vóz, por seus olhos maravilhosos, que percebiam e abrasavam os corações, o *fogo*, a *vida*, a *emoção*, e a *fé*, e sobretudo as lagrimas profundas de regeneração e arrependimento...

«A multidão que o premia, que o tocava corporalmente, como que fazia parte dele mesmo ; ele não era somente o grão de fermento morto e ressucitado, era uma espiga, ou melhor um feixe de espigas. Ele consola, transforma as almas e cura aos milhares, corpos enfermos.

«Quem não faz questão de perder a vida, acha-a», diz o Evangelho. Certamente, este homem, este discipulo do Divino Mestre tinha encontrado a vida e não parecia possui-la senão para dá-la e transmiti-la.

«Eis o sacerdote e o pastor. O' Jesus concede a graça neste tempo, aos teus filhos, de *possuirem a vida*, por vossa Cruz, afim de transmiti-la ao mundo com o fogo do Espirito Santo.»

Sim, o simbolo da cruz é austero, grave, profundo, mas quão glorioso, pois que, «aceito e levado até o fim», será o meio de nossa salvação.

Perdendo nossa vida para encontra-la, socorrendo nossos irmãos em humanidade nós ganharemos — possuiremos a vida eterna, a unica que tem valor.

Que o exemplo da nobre vida do Cura d'Ars seja sempre presente no nosso espirito imortal.

EPISTOLA DE NATAL

A medida que «crescemos no conhecimento e na graça de Jesus Cristo», novos e amplos horisontes aparecem ás nossas vistas acanhadas e confusas, novas luzes clareiam a róta que devemos seguir em busca de dias melhores, e uma orientação firme norteia os nossos passos para a Espiritualidade.

E' então, que vamos compreendendo a razão das cousas, o porque da vida, a necessidade do estudo e da compreensão da existencia dos grandes homens que sacrificando bem-estar e comodidades, nos legaram pelos seus trabalhos, pelos seus ensinos, pelos seus exemplos, conhecimentos que verificamos indispensaveis á nossa evolução intelectual, moral e espiritual.

Dentre todos estes, que formaram o mundo com o seu saber, ilustraram-no com suas virtudes, engrandeceram no com o seu trabalho, destaca se a magestosa Figura do Nazareno, o prototipo de todas as virtudes, o expoente maximo da sabedoria que com tanta simplicidade e humildade, mas grandeza de espirito, traçou profundo sulco de luz, assinalando assim o sagrado roteiro da nossa ascenção espiritual.

A Personalidade de Jesus ultrapassa, por isso, a todo o entendimento humano : uns tem nO como Deus, outros como mago, e outros ainda como um grande Filosofo, outros como um sêr misterioso, abstrato, que não nasceu e não viveu, sem geneologia, como uma miragem que se dissolveu nas brumas do tempo.

E' que todos esses índividuos, alheios ás lições da Historia, desarticulando os principaes capitulos da Vida do Messias, deram para cada um deles uma interpretação adstrita aos seus principios doutrinarios e aos seus interesses de classe. Em vez de analisa-los em seu conjunto bélo e harmonioso que, sem duvida, deve ser a sequencia logica de um passado bem vivido, cheio de serviços prestados a humanidade e, quiçá, as humanidades de outros planetas, encaram-na como uma vida efemera que não marca mais de 33 anos, que nem um segundo representa no relogio da eternidade. Desgalhada assim a arvore da Vida e replantados os seus ramos em terrenos improprios e praguejados, impossivel se torna a produção dos frutos que outróra eram alimento para todas as almas, remedio para todos os males.

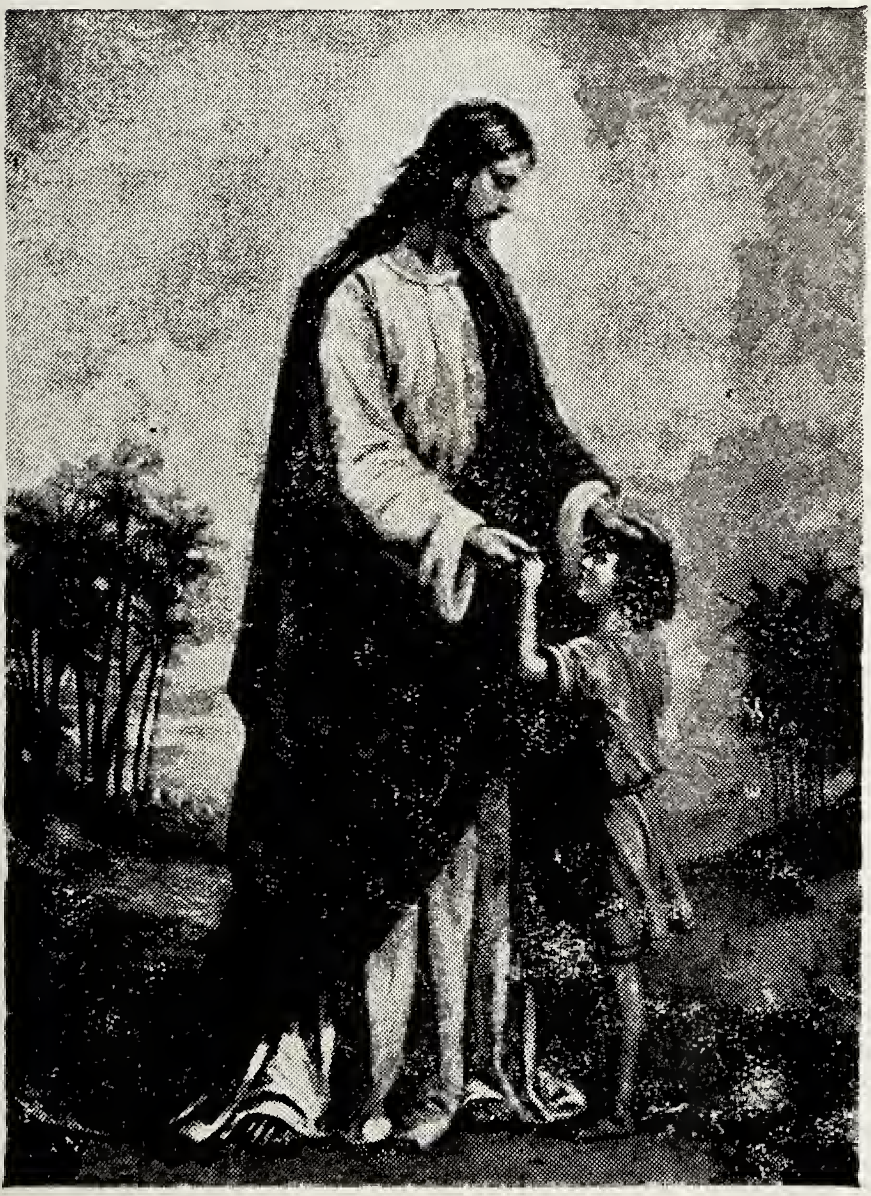

ECCE HOMO

A Missão de Jesus só pode ser apreciada inteligente e racionalmente no seu todo substancioso e educativo. E' por isso que ela exige, para sua bôa compreensão, um estudo imparcial e sincero e uma analise comparada de suas ações com os seus preceitos e os seus exemplos luminosos e confortadores. E é somente depois que estudamos essa vida preciosa e essa extraordinaria Personalidade e dEla nos aproximamos, que começamos a compreender seu extraordinario poder e fins providenciaes a que Ele se destinou.

O nascimento de Jesus não é um acontecimento que possamos encarar separadamente da sua existencia entre nós, como das suas recomendações, das suas lutas pelo erguimento da coletividade, finalmente de sua Doutrina, assim como a sua morte sò pode ter uma explicação plausivel quando ligada a todos os factos que precederam-na, desde o nascimento do Mestre áqueles que a sucederam pelas suas chamadas ressurreições.

Chegamos nos tempos em que se cumprem as previsões de Jesus e a sua Doutrina expurgada de todos os dogmas e falsas interpretações, deve ser reintegrada em seu sentido cristico com o devido complemento que foi anunciado pelo Mestre.

Evitemos a deturpação da Palavra do Messias e estudemo-la em espirito e verdade livre das injunções sectarias ; estudemo-la em seu conjunto harmonioso, em seu racionalismo bélo, em seu sentido emocionante e consolador, para assim melhor festejarmos a natividade de Jesus e suas consequencias contributivas ao nosso desenvolvimento moral e espiritual. O Espiritismo tudo nos ensina e esclarece para que guardemos unidade de espirito com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

CAIRBAR.

Rumos antigos—horisontes novos

Conservar o espirito em permanente estado de atividade mental benefica, eis o metodo aconselhavel para todo aquele que deseja produzir qualquer trabalho util na seára de Jesus.

Infelizmente, a esse criterio se opõe a vulgar maneira de ser humano, com o seu desprezo pelas cousas espirituais e o seu desmedido apégo aos interesses mesquinhos da vida material.

Subtrái-se, assim, o homem ao influxo das regeneradoras correntes de pensamento que descem dos planos espirituais superiores, para deixa-lo entregue ás influencias perniciosas que empregam inauditos esforços e lançam mão de todos os recursos, para acorrentá-lo ao potro dos instintos, aos imperativos de uma existencia meramente animal e brutalisadora, submetendo-o a um regimen de meras preocupações economicas.

Ahi, dominadas por essas poderosas correntes mentais, sobremodo maleficas, porque impregnadas de orgulho e de odio, movem-se as grandes massas humanas, com a volubilidade que as caracterisa, eivadas de tendencias luxuriosas, de solicitações barbaras e egoisticas, embora sob o disfarce dos ouropeis de uma civilisação fantasmagorica, onde a divina fluencia da Vida, foi substituida por uma série de formulas convencionais, pragmatistas que podem convir a espiritos rotineiros, escravos do ritual, mas nunca aos que sentiram o poderoso e vivido alento da democracia, a cuja sombra viceja a divina arvore do livre pensamento, com seus frutos alimentando as almas sedentas de fé, sedentas de amor e vibrantes do santo entusiasmo que lhes inspira a doutrina do Cristo ressuréto.

E' dentro das normas democraticas, portanto, que se ha de processar o polimento do espirito humano, para que dado lhe seja refletir o pensamento divino, afim de adquirir aquela tendencia á atividade mental benefica, mediante a qual a organisação da sociedade terrena começará a desfrutar uma paz permanente que levará a civilisação a efetividade dos objetivos que lhe estão traçados pelo Pensamento Divino.

Objetar-nos-ão que, não podendo o homem penetrar esse Pensamento, sempre falhas serão as suas conclusões a respeito do progresso e das diretrizes da civilisação.

Esta objeção não procede, porquanto traçado está o caminho das sociedades humanas pelo Supremo Legislador que lhes outorgou, no momento oportuno, o código a que devem os homens obedecer para que, reinando naquelas a paz e a ordem, sejam estes felizes.

A civilisação cristã, portanto, pode seguir rumos certos, porque está de posse de uma bussola: o DECALOGO, de inspiração divina, por Moisés recebido no alto do Sinai.

Não tendo vindo Jesus destruir a Lei, mas confirma-la, *pelos exemplos de sua vida* que Ele soube conduzir sempre de acôrdo com os mandamentos da mesma Lei, segue-se que o Mestre foi um executor do Pensamento de Deus entre os homens, para lhes mostrar o caminho que conduz á felicidade.

Investigar, pois, a verdade nos Evangelhos que contêm a exposição singela da vida do Mestre e registram as suas palavras, as suas advertencias, os seus conselhos, constitúe uma necessidade para todo o homem que pode ver em Jesus o Instrutor e Guia da Humanidade.

O numero dos que se acham convencidos dessa verdade cresce dia a dia, sem contudo aumentar o d'aqueles que sacrificam as suas proprias diretrizes para seguirem, concientemente, as que o Mestre nos traçou, na convicção, que nos parece comesinha, de que é mais acertado deixar-se o homem conduzir por quem conhece o caminho que leva ao Reino de Deus, do que tatear indefinidamente nas trévas, pelo orgulho, que obumbra o sentimento, de não se submeter á autoridade de outrem.

Ora, si assim é para os que convencidos estão de que Jesus é, de facto, o caminho, a verdade e a vida, convencimento esse que, como se vê, é ainda platonico, o que não será para os que nem pensam em Jesus e só se lembram dos seus proprios interesses ? !

O estado, portanto, de luta social, de conflito de interesses ainda perdurará na terra por muito tempo. Mas o que se avisinha rapidamente é a destruição do poder da força bruta. para dar logar ao advento do imperio da força moral.

Ainda aqui objetar-nos-ão que esta assertiva, em face do que se está vendo no mundo, é simplesmente paradoxal.

Seja. A observação levada a efeito através de um prisma filosófico que vê as cousas do ponto de vista da Providencia Divina e não segundo as ilusórias aparencias de predominio da vontade humana—essa observação nos leva á crença de que as guerras entre os povos estão por pouco.

O conceito individualista da vida, que reage constantemente contra as limitações artificiais de todas as doutrinas que esquecem o homem para só lembrar a abstração da coletividade (porque essa mistificação convém ao egoismo dos postulados) levará o espirito humano a compreender a estulticie das guerras entre os povos e o conceito, embora ainda contestado, da origem comum de todos os homens, entravará de vez o pesado mecanismo da guerra, tornado impraticavel em seu funcionamento pelo proprio exagero dos seus poderes destrutivos.

A guerra entre os povos está por pouco : talvez nem mesmo haja necessidade, para extingui-la, de uma nova conflagração mundial. O tremendo espetaculo oferecido aos povos pela conquista italiana da Etiópia por meio de processos de guerra, que si forem aplicados a um conflito na Europa, conforme o declarou recentemente o sr. Stanley Baldwin, «levariam ao fim a atual civilisação, porque os povos encolerisados de todos os paizes, contorcendo-se em paixões e sofrendo de horrores, *destruiriam todos os governos da Europa*», veio demonstrar a necessidade imperiosa de uma atitude decisiva no sentido de paralisar o braço de Marte, para todo o sempre: *a guerra será destruida pelo excessivo horror da propria guerra.*

Ficará, porém, no mundo, ainda por muitos seculos, o velho estigma de Caim, sacrificando a verdadeira felicidade que tem por base o altruismo, a solidariedade, o amor em suma.

Pacificados, porém, os povos externamente, a segurança dos Estados engendrará uma éra de ouro de tranquilidade dos espiritos. Convenções internacionais regularão as normas do trabalho, a assistencia aos incapazes e necessitados de toda especie, o intercambio racional dos produtos, o intercambio das idéas, traçando os delineamentos da vida na sociedade sobre estrutura mais sólida do que a do presente. A democracia, universalmente praticada, realisará o milagre.

Ficará apenas em guerra o velho coração humano com as suas fraquezas, as suas tendencias pecaminosas, os seus instintos . . . Destes se encarrega o Cristo de Deus, aquele que tira o pecado do mundo, porque só ele possúe, em relação com os homens terrenos, o segredo que Deus lhe confiou, da educação dos espiritos.

Educar espiritos não é apenas realisar a paz entre os homens, porque para essa educação o proprio Jesus quer que haja guerra no coração do homem: «Eu não vim trazer a paz mas a espada.»

Guerra, sim; guerra do homem contra si mesmo. Guerra do espirito, que é luz, contra as tendencias do corpo animal, que é treva.

Guerra divina, guerra sublime, guerra que mareja os olhos de lagrimas, guerra que conduz á sensibilidade, ao amor, á perfeição, emfim no seio de Deus.

Essa é a guerra preconisada por Jesus, a guerra trazida por Jesus.

Ele é o caminho, a verdade e a vida; mas para ser seguido, para ser amado e para que nos dê vida, a nós — mortos na carne — precisamos ter olhos de ver e ouvidos de ouvir, isto é, precisamos entender o que Ele nos diz.

Para tanto se requer estudo, meditação dos Evangelhos, devotamento, amor e sobretudo Humildade.

Arnaldo S. Thiago

Milagres da Materialisação

Pelo Dr. Nandor Fodor, Investigador Oficial do Instituto Internacional para Investigações Psiquicas.

Prediction - Trad. W. Campello

NADA mais espantoso no dominio da fenomenologia espiritualista do que a faculdade de poderem os espiritos conviver temporariamente com os incarnados, utilizando-se de uma substancia mais ou menos organizada chamada «ectoplasma» fornecida por certos mediuns.

A Snra. Laura Augustsdoltir é casada, mãe de tres filhos e conta 35 anos de idade. Seus fenomenos são variados, poderosos e aptos á investigação fotografica. Ela é esperada em Londres na 2.a quinzena de Setembro e dará duas sessões semanais, no Instituto Internacional, estando este perfeitamente aparelhado para exame de fenomenos, quer na escuridão completa como com fraca visibilidade.

Essa medium excepcional da Islandia foi estudada pelo Dr. Gaumundar Thorodsen, eminente professor de cirurgia na Universidade de Reykjavick, que deu o testemunho seguinte:

«A 12 de Abril tomei parte na sessão realizada pela medium Laura Augustsdoltir, em presença de diversas pessoas que já haviam assistido a outras sessões durante o inverno.

O meu objetivo era verificar si haveria produção de teleplasma. Após minuciosa inspecção na pessoa da medium e sala de sessões, iniciamos os trabalhos. Frequentemente visivel se tornava uma materia branca que estravasava para o exterior do gabinete, em que a medium estava sentada e muitas vezes toquei essa materia branca.

Por vezes a medium aparecia coberta de uma roupagem branca. Não creio na possibilidade de ter ela ocultado algum tecido ou ter podido obte-lo de fóra, devido á rigorosa inspecção que eu fizera antes da sessão. Porém, o que especialmente me convenceu de tratar-se realmente de teleplasma foi o facto de te-lo visto claramente perto de mim, em seguida minguou aos poucos e por fim tudo desapareceu, sem intervenção da medium que eu via distintamente ajoelhada, com as mãos levantadas, em frente do gabinete e durante todo o tempo. O teleplasma desapareceu ao nivel do pescoço e cabeça da medium.»

Este tetesmunho data de dois anos.

Segue-se um relato de uma sessão mais recente

«Muitas fórmas materialisadas eram as mesmas aparecidas em sessões anteriores, porém, algumas eram mais claras e melhor formadas. Por vezes os rostos se apresentavam completamente descobertos e perfeitamente visiveis eram as bocas, queixos e pescoços. Anteriormente as fórmas voltavam os rostos para um só lado, porém na mencionada sessão as figuras se voltavam, sem hesitação, para todos os lados. Algumas fórmas se construiam, á vista de todos, fóra do gabinete e se desmaterialisavam do mesmo modo. Estas ultimas ainda eram mais nitidas que as construidas no interior do gabinete.

Fenomeno de Materialisação com a medium Laura Agustsdottir, sob o controle do Dr. Nandor Fordor do «International Institut For Psychical Research»

Diversas Alturas

«Diferentes eram as estaturas das fórmas materialisadas. Algumas, crianças que apenas conseguiam mostrar-se junto á cortina, ás vezes duas ao mesmo tempo, as demais de adultos, atingindo mesmo seis pés (cerca de 1, m. 90) de altura.

Em alguns casos viamos as pestanas; havendo fórmas que estendiam suas mãos sob a luz, permitindo-nos diferenciar os dedos e visiveis se tornavam as pontas de dedos e mesmo as unhas.»

Materialisação de Animais

Terminada a manifestação de 49 fórmas humanas, o guia declarou que faria sair a medium do gabinete. Ela veio acompanhada de uma fórma. Ambas se aproximaram da luz para em seguida voltar ao gabinete.

Depois vieram as formas de animais. Em primeiro logar veio o que parecia ser a cabeça e pescoço de camelo. O animal parecia formar-se gradualmente. Enorme era a massa de ectoplasma visivel e a cabeça do animal apareceu no seu interior. Então a massa branca alcançou o soalho e desapareceu. A seguir vieram passaros, saíam debaixo da cortina, voavam para cima volteando pela sala e retornavam para o gabinete, voando por cima da cortina.

Depois a medium apresentou-se na sala com falta do braço direito. O esquerdo era visivel. Ao sair ela se aproximou de dois assistentes e fe-los examinar seu lado direito. Ambos sò encontraram a manga vasia.

O mesmo fenomeno ocorreu em cinco sessões diversas. Verificaram que, quando a medium saia do gabinete acompanhada de uma fórma materialisada, sempre lhe faltava um braço.

Em seguida a medium apareceu controlada pela «freira», vestida com seu habito monastico. A medium voltava ao gabinete e quando dele saía, o ectoplasma manava de sua boca, quasi atingindo o soalho, e então desaparecia á vista de todos.»

Um relato extraordinario este. Porém, sustentado por outros testemunhos que descrevem a formação dos visitantes fantasmas em plena luz «ao lado ou á frente da medium enquanto ela está sentada imovel em sua cadeira ... A substancia se estorce como se animada de uma força viva, movendo-se por seu proprio poder. E' por meio dessa substancia viva que primeiro se forma uma cabeça, em seguida, hombros e depois o resto do corpo.»

Os Tamanhos não são Naturais

Relativamente ás formas animais, Mr. Nikulas Fridriksson, engenheiro eletrecista, relata:

«Lembro-me de ter visto uma girafa, camelo, cavalo, cão, cabrito, fóca e um passaro. Compreende-se, os animais de grande vulto se apresentavam de tamanho reduzido. A girafa, por exemplo, não tinha o volume natural e fóra do gabinete só apareciam cabeça e pescoço».

A historia do Espiritismo contém muitas descrições maravilhosas de diminuição (encolhimento) do volume corporeo de mediuns, durante a ocorrencia de materialisação. A perda aparente de um braço foi frequentemente notada.

Hoje não ha, a nosso ver, outro medium, que produza materialisações de animais, excepto Frank Kluski, medium polonez que, sendo pessoa abastada, hoje raramente realiza sessões.

Notorias foram as sessões que ele concedeu ao Prof. Richet e Dr. Gustavo Geley no Instituto Metapsiquico de Paris, em 1920. O Prof. Pawlowski descreveu as materialisações (que foram fotografadas) de um falcão «que voou pela sala, batendo as azas contra paredes e tétos» e um animal rapace, da altura de enorme cão, trigueiro, boca povoada de grandes dentes, olhos chamejantes na escuridão e que aos assistentes se afigurava um leão desprovido de juba. Ocasionalmente o animal se enfurecia, especialmente quando alguem revelava temor... gostava de lamber os presentes com sua lingua humida e aspera e espalhava odor de grande felino. Mesmo depois de terminada a sessão, os assistentes e particularmente o medium, ficavam empregnados desse cheiro acre, como si tivessem passado longo tempo num viveiro de féras bravías.

Essas maravilhas pertencem ao passado. Kluski já não dá sessões á investigação cientifica, que é de lastimar. Dizem que seus poderes desapareceram, em grande parte.

A sra. Lara traz novo alento á nossa imaginação moribunda. Ela promete demonstrar que os contos maravilhosos do passado não são méras lendas ou enigmas psicologicos insoluveis, que o dia dos milagres ainda não findou, de facto, que os milagres se realizarão, num laboratorio moderno, neste mesmo outono, para reavivar a nossa crença decadente

* * *

Vantagens das relações com os Espiritos

Pelas relações que o homem pode estabelecer com aqueles que deixaram a terra, possue não só a prova material da existencia e da existencia do «Eu indivisivel», mas tambem compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros planetas. Assim fica ele conhecendo a situação deles no mundo espiritual, acompanha-os em suas migrações, observa as suas alegrias e penas, sabe a razão porque são felizes ou infelizes e a sorte que para si mesmo está reservada, segundo o bem ou o mal que fez. Essas revelações o iniciam na vida futura, que ele poude observar em todas as suas fases, em todas as suas peripecias; o futuro não lhe é mais uma vaga esperança, mas sim um facto positivo, de certeza matematica. Então a morte nada mais encerra de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

ALLAN KARDEC

Retratos de Espiritos

Transferencia da Mediunidade

Two Worlds Por A. J. OSBORNE Trad. W. Campello

Antes de minha ultima visita aos Estados Unidos e durante uma série de anos, realizei numerosas sessões com William Hope e Mrs. Buxton, especialmente em Crewe. Em todas as sessões (sob as mais absolutas condições de prova) sempre obtive resultados positivos, especialmente interessantes.

A melhor, embora não sendo a ultima delas, foi a em que obtive o relato de minha mulher (Jennie Walker), que se tornou bem conhecido pelos meus escritos e em exposições por meio de lanterna e suas reproduções na imprensa, provavelmente em centenas de publicações na Inglaterra, Canadá, America, etc.

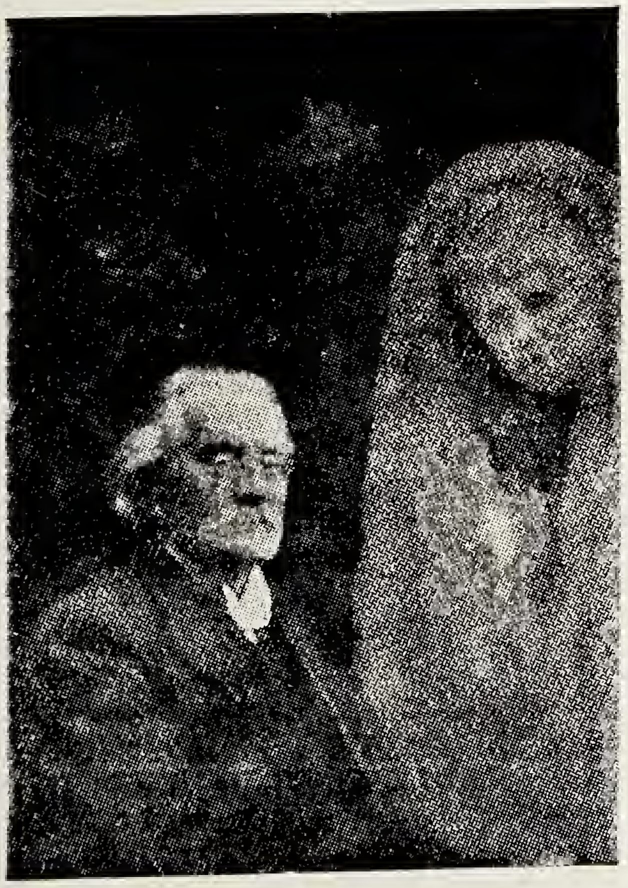

Mr. Osborne e sua mulher

Ainda mais, o meu contáto com Hope, embora não frequente ou intimo, era muito cordeal, de parte a parte e certa vez ele me acompanhou numa conferencia com exposição de fotos por meio de lanterna.

Nunca tive a pretenção de ser medium para fotos espiritas : ao contrario, muitas vezes instado a dar «sessões», sempre recusei, fazendo ver que minha missão era a de um expositor e professor.

Na America forte e continua era a insistencia para eu realizar sessões. Só duas vezes cedi á pressão. No primeiro caso, depois de muito me persuadirem, comprometi me a realizar uma (em casa de um cavalheiro proeminente de São Paulo, Minn.) exposição de fotos pertencentes ao meu curso de conferencias e nessa mesma sessão, permiti a pessoas presentes a expor chapas ou filmes em suas proprias camaras.

Poucos dias depois, recebi de uma das assistentes uma carta entusiastica, exprimindo sua sincera gratidão pelo que ela denominou «o maravilhoso conhecimento e intensa felicidade» que eu lhe fornecera na sessão. Depois a filha dessa senhora me falou da grande ventura que lhes proporcionara, inclusive parentes, o encontro de um «extra» do irmão, sobre a chapa que haviam exposto, naquela sessão, em sua propria maquina, que elas mesmo manusearam.

O segundo caso ocorreu em Nova York, numa de suas igrejas historicas. Meu serviço compreendia um curso de fotos espiritas, que duraria cinco noites.

Mais de quarenta alunos frequentaram todo o curso, entre esses, dois fotografos profissionais.

No fim, os dois ultimos insistiram comigo para que eu lhes proporcionasse uma experiencia, ficando eu inteiramente livre quanto aos arranjos, provas, filmes e revelação.

Concordei, a contra-gosto, mas exigi a presença de seis alunos meus, sendo que entre eles não havia um só dotado de mediunidade e quasi me eram extranhos.

Resolvemos empregar dois pacotes de filmes, um dos quaes estava lacrado, conforme fôra expedido pela fabrica New York Kodak, no mesmo dia da experiencia e o outro tomado ao acaso do deposito do fotografo incredulo, em cujo atelier efetuámos a reunião. Quando começamos a trabalhar, pediram me observasse o carregamento (inserção) dos filmes e condução de todo o serviço. Assim fiz rodeado de testemunhas.

Primeiro empregámos os filmes tomados ao acaso do grande deposito pertencente ao atelier e as exposições foram feitas pelo fotografo hostil. Desenvolvi os filmes na grande camara escura, usando substancias quimicas de alta qualidade em vidros ainda lacrados. A minha previsão era que nenhum sinal apareceria em qualquer dos filmes, facto que se confirmou quando fizemos a ampliação por meio da lanterna.

Em seguida, resolvi realizar, no mesmo lugar, uma sessão breve com meus amigos espiritualistas, vigiados de perto pelos outros.

Seguindo o mesmo processo empregado anteriormente, fizemos a exposição do segundo lote, ficando o manuseio a cargo do fotografo hostil e, de novo, um grupo de testemunhas vigiava a revelação. Encontrei «extras» sobre cinco dos doze filmes, facto que foi confirmado pela ampliação.

Sómente dois extras eram retratos e eu me apropriei de um só—um *retrato notavel* de Jennie, rosto e cabelo, com dois outros rostos sobrepostos á sua figura; sem duvida, os de sua mãe e irmão.

Estou certo de que no primeiro caso, tive o beneficio da mediunidade transferida de Hope e no segundo, uma força mais poderosa de Jennie.

Testemunhos vivos da pluralidade das existencias

NONA - ROSEMARY

Da Revista «Além»—do Porto

Por MANOEL CAVACO

TODOS nós testemunhamos vivamente, a Reincarnação, principio que regula o constante vai-e-vem da população deste planeta que habitamos, mas entre nós, ha certos individuos que evidenciam aquela lei de modo notavel.

Rosemary é uma senhora na pujança da vida e em pleno gozo das suas faculdades normais; ao mesmo tempo é um sensitivo de excelentes faculdades paranormais, das quaes os Espiritos se servem para revelarem, aos homens, a sua existencia, noutros planos da vida cósmica, e as relações que unem o nosso plano terreno aos deles, com todas as circunstancias concomitantes e consequentes.

Nona é um Espirito que, com o raciocinio impecavel duma individualidade superior, servindo-se das faculdades paranormais daquela senhora, com perfeito conhecimento de causa, vem provar insofismavelmente, a sua existencia noutro plano diferente deste em que vivemos, demonstrando, de modo inconfundivel, que nós sobrevivemos após o falecimento do corpo fisico, e vem trazer-nos o seu testemunho irrefutavel de regresso dos Espiritos ao plano terreno, em novos corpos.

Nona diz-se uma individualidade que já viveu neste planeta nos tempos aureos do Egipto, e corrobora a sua afirmação tendo dado aos seus observadores de reputação irrepreensivel, um montão de comunicações inteligentissimas, em linguagem egipcia, da sua época, que os mais doutos egiptólogos consideram corretissima dizendo, até, que se podia organisar um dicionario, tal é a abundancia de têrmos diferentes contidos nas referidas comunicações.

Aquele Espirito afirma tambem que, o instrumento de que se serve para comunicar conosco, é a reincarnação de um individuo do seu tempo. Ora, *Rosemary*, no seu estado normal, não conhece uma particula sequer do idioma egipcio, portanto, de duas uma, ou é doutrem aquilo que diz ou é do seu subconciente; se é doutrém, fica indelevelmente comprovada a comunicação dos Espiritos conosco, se é seu, fica irrefragavelmente confirmada a Reincarnação; porque, se não aprendeu agora, o que diz, aprendeu outrora, noutra existencia; e deste modo o mais consistente argumento dos negativistas, a *Subconciencia*, vem engrossar, com todo o seu valor real, a multidão invencivel dos argumentos de defesa da explicação espirita.

Admitindo, pois, por um momento, que *Rosemary* nos dá um fenomeno puramente animico de reviviscencia subliminal, e que, no estado de transe, faz aflorar á mente e rememora, com assombrosa lucidez, conhecimentos que não adquiriu nesta existencia: fica evidentemente demonstrado, sem refutação possivel, que a aquisição de tais conhecimentos foi feita noutra existencia. A subconciencia, portanto, com justa propriedade confirma a pluralidade das existencias.

Diante da eloquente naturalidade de tais fenomenos, é verdadeiramente indestrutivel o testemunho contido nas provas de reincarnação, dadas por *Rosemary* quer venham da sua subconciencia quer venham doutra individualidade distinta; e é tão importante esse testemunho, que a imprensa profana, tão rebelde á expansão do Espiritismo, tem feito éco dele.

O que que se segue, é recortado do «Diario de Noticias», n.o 25.643, de 27 de Junho de 1937.

«O Velho Egipto Fala»

Uma senhora ingleza pretende reincarnar o espirito duma bailarina do templo de Karnak e diz frases em que os filologos reconhecem a antiga lingua egipcia

LONDRES, 26. — Reside na praia de Blackpool, em Inglaterra, uma senhora inglesa, bonita e loura, que se considera a reincarnação de uma bailarina egipcia que viveu no velho Egipto ha 3.300 anos.

Esta jovem inglesa, de 20 anos, cai, periodicamente, em transes, durante os quais recorda ter sido dansarina no templo de Karnak. Os egiptólogos chegaram á conclusão de que ela fala em lingua egipcia, tal como se falava e pronunciava na XVIII dinastia e cujos traços se haviam perdido completamente.

Todas estas experiencias foram anotadas e recentemente publicadas, em Londres, sob o titulo: «O velho Egipto fala». Os seus autores são o organista de Blackpool, Dr. F. H. Wood, e o egiptologo da Universidade de Oxford, Dr. A. J. Howard Hulme. O espirito que guia aquela senhora, nos seus transes, diz-se ser o de Nona, a esposa babilonica do faraó Amenotap III.

A jovem inglesa conversa com o espirito de Nona. O Dr. Wood anotou as variadissimas conversas, palavra por palavra, fonéticamente, enviando-as para o seu colega, o egiptologo da Universidade de Oxford, que as tem traduzido. O livro refere se á historia da vida desta senhora, no passado.

Conta como Nona (quer dizer sem nome) adoptou a jovem bailarina, que fôra escrava assiria, e como com ela morreu nas aguas do Nilo, em consequencia das intrigas urdidas á sua volta pelos palacianos. Palavra por palavra, auxiliado pelo seu ouvido musical longamente treinado, o Dr. Wood, foi anotando as conversações. Durante os seus transes, esta senhora falava sessenta vezes mais rapidamente que o Dr. Wood, chegando a traçar hieroglifos e a empregar frases que só um antigo egipcio poderia fazer.

«Isto significa — declara o Dr. Wood — que os velhos papiros do Egipto poderão ser lidos com a maior facilidade, e que o antigo idioma poderá reviver numa fórmo falada. O fenomeno pode ser explicado como um esforço de além-tumulo para provar, fora de todas as duvidas, que nós não só sobrevivemos depois da morte, como tambem ha individualidades que persistem através de milhares de anos».

Destas conversas têm sido anotadas as palavras bastantes para se elaborar um dicionario da lingua egipcia. Declaram os autores do livro terem registado mais de oitocentas frases.

Os egiptólogos serviram se, tambem, de um fonógrafo para registar os solilóquios da jovem inglesa. A heroina do livro descreve-se ali como sendo um tipo perfeitamente inglês e nada egipcio. Na sua vida habitual não se interessa em coisa alguma pelo Egipto e muito menos com o estudo de tal lingua.

Dedica-se a varios desportos com grande entusiasmo. Na sua vida pratica é professora primaria em Blackpool e no livro dão-lhe o nome de Rosemary. Pediu que não indicassem a sua verdadeira identidade, para evitar a curiosidade do publico e os efeitos da publicidade.

* * *

O caso de Djiska, pormenorizadamente relatado na «Revista de Espiritismo», dos meses de Maio e Junho ultimos, uma jovem senhora francesa com as suas nitidas e impressionantes recordações duma vida anterior, coloca tambem, em flagrante evidência a Reincarnação. Filha de pais franceses, sem nunca ter saído da França, ela recorda e revive longos momentos de uma longinqua existencia na India asiática; executa danças num ritmo perfeito e pouco vulgar, e, em leve extase canta num dialecto de então, que ainda não se conseguiu traduzir.

* * *

Outro caso, Iole Catera, tambem relatado com muitos pormenores na «Revista de Espiritismo», é uma italiana de 22 anos de idade, que possue tambem excepcionais faculdades paranormais.

Em perfeita consciencia normal, ela vê e ouve aquilo que as demais pessoas que a rodeiam não ouvem nem vêem. Vê, distintamente, pessoas ausentes e Espiritos de pessoas falecidas. Ultimamente, os Espiritos têm-lhe ditado musica; ela vê na sua frente pautas com musica escrita, e copia-as; são composições variadas e tão correctas, que têm sido executadas nos cafés de Catânea, e a critica dos entendidos foi tão favoravel que, a pedido do pai, a Sociedade dos Autores e Compositores de Musica, admitiu-a tambem como compositora.

Entre muitos outros testemunhos semelhantes, estes tres são poderosamente convincentes da pluralidade das existencias.

Rosemary, em transe completo, perdendo toda a conciencia do que se passe, fala das coisas desconhecidas, numa linguagem já morta; *Djiska*, em semi-extase, executa as suas danças e canticos antiquissimos irrepreensivelmente; *Iole Catera*, com plena conciencia de tudo que a rodeia, vê e ouve, naturalmente, os desincarnados; todas tres nos dão irrecusáveis provas da sobrevivencia dos Espiritos, da sua intervenção na vida dos homens e da possibilidade de comunicação conôsco por modos sem conta.

A Visão Extra-Retiniana

Da Psychica» *Por J. O*

AS altas personalidades cientificas têm se ocupado da possibilidade da visão extra-retiniana, isto é, da visão sem o auxilio dos olhos: citamos Henri Bergson, Léon Brunschuig, Charles Richet, Anatole France, G. Boirac, Lombroso, etc., que fizeram ensaios para procurarem compreender o fenomeno. O celebre escriptor francez Jules Romais (Louis Farigoule) publicou em 1924 uma brochura muito interessante sobre «a visão extra-retiniana e o sentido paroptico». Mais recentemente ainda, em julho de 1935, um individuo hindú, Kuda Bux, chamado o professor K. B. Deike foi escrupulosamente examinado pela «University of Loundon Council for Psychical Investigation». Trata-se do controle das faculdades dum maometano, originario de Cachemire, de 30 anos de idade e que é dotado de visão paroptica desde a idade de 13 anos, e foi em 1931 que atingiu á plenitude desta extranha faculdade. Ele sabe desenhar e jogar cartas de olhos vendados. Ele pode igualmente reter por sua vontade as batidas do seu coração e de seu pulso, tomar veneno sem perigo de morte, caminhar sobre brazas ardentes e reter em suas mãos brazas vivas.

Foi em 10 de Julho de 1935 que realisou-se a primeira sessão de contróle com a presença de sabios qualificados, dentre os quaes citamos, Prof. Mac Dougall, os srs. Joad, Lambert, Soal, do «Queen Mary Colege» e Harry Price, do «National Laboratory of Psychical Research» de Londres.

Decidiu-se vendar os olhos do individuo. A operação foi praticada com luxo de precaução e minucioso cuidado: (plastas de algodão, panos pretos, tafetá gomado), uma mascara foi fabricada com grossas ataduras. Finalmente, não se via mais que uma parte do nariz e a boca do sujet.

Kuda Bux pediu um livro: um dos experimentadores escolheu uma obra na biblioteca, abriu ao acaso, colocou sobre a mesa, indicando com o dedo certa mensagem. Pediu-se a K. B. lêr essa passagem claramente, o que ele fez sem hesitação. Todas as obras que se lhe foram apresentadas, foram tambem facilmente decifradas. A comissão decidiu recomeçar as experiencias. O Prof. Mac Dougall, psicologo de renome mundial e Doutor em Medicina foi encarregado, esta vez, de vendar os olhos de K. B., ele o fez com grande habilidade. Entretanto, todas as experiencias foram concludentes.

O sujet pretende que vê com o auxilio de seu nariz e é por isso que não foi possivel cobrir toda a sua cabeça em espésso saco negro.

* * *

Excertos Mediunicos

Pródromos

Posso assegurar-vos que as predições do Espiritismo sul-americano são exátas.

De facto, tres grandes nações diferentes nos costumes, nas religiões e nos idiomas, mas unidas maravilhosamente em um sonho imperialista, premeditam já repartir o mundo...

E' possivel, quem sabe, que a primavera do velho continente abra o dique á transformação humana, pois que na balança dos dois termos—vida ou morte — extravasa o peso das armas. E vereis um facto novo na historia planetaria: antes, uma raiva sanguinaria que, auxiliada pelo progresso, ceifará milhões de vitimas; depois, o desaparecimento rapido dos grandes culpados, isto é, o desaparecimento geral e moral dos opressores, por um imediato resurgimento espiritual, que trará uma quasi irresistivel necessidade de lamentar, abraçar e beijar aqueles que, até a vespera, os tiranos qualificavam de inimigos...

Eis a aurora da confraternisação humana, dentro, porém, das inevitaveis consequencias da imanente tragedia sofrida na fóme, nas epidemias, deshonras e mais miserias. Desnecessario é dizer-vos que o quadro terreno será o reflexo daquele astral, de onde se pode deduzir que a luta será o epilogo do duplice drama, premeditado e almejado pelos agentes do mal.

Procurae prever e prevenir o novo estado de animo, notadamente nas sessões intimas de propaganda do Verbo de Jesus (amôr e perdão), afim de que «Todos» se encontrem habilitados a sepultar os mortos e a curar os feridos. Entendo por «mortos», os que tiveram um passado cheio de culpas que não aliviaram no presente; e por «feridos», todos aqueles que, parcialmente, sentiram a vóz do remorso...

Vejo, finalmente, a Terra e a Nova Geração, erguerem-se suaves e luminosas, através ás paragens das esféras tranquilas, onde a Espiritualidade é sonho de Progresso e de Paz.

Lá, eu vos espero com os vossos colaboradores, para continuarmos na ascenção divina.

Ou seja, a Resurreiçãa da carne...

Mariano Rango D'Aragona.

A Sobrevivencia é um Facto

Trecho de um discurso de Mrs. Stobart

A primeira Igreja Cristã era uma igreja espiritualista e baseou sua religião sobre um fenomeno espiritual—a sobrevivencia de Jesus de Nazareth á morte fisica.

Si não se verificassem as materialisações de Um que os discipulos sabiam morto e sepultado, não haveria a proclamação da sobrevivencia por parte dos apostolos, discipulos e dos 500 que atestaram o facto de ter Jesus sobrevivido á morte.

Porém, graças a Deus, *existe* uma explicação alternativa e *ha* equivalentes modernos a todos os acontecimentos biblicos e sobretudo ha um que se ajusta, como a luva á mão, ao incidente que vós, Eclesiasticos Modernos, rejeitais aereamente.

Foi sómente devido ás materializações, que convenceram os discipulos da sobrevivencia de seu Mestre á morte sobre a Cruz, que eles se encheram de coragem e ousadamente sairam a proclamar a sua sobrevivencia.

Paulo reconhecia que a sua missão era pregar a sobrevivencia. «Eu prego», disse ele, «o Cristo ressucitado dos mortos. Si Cristo não resurgiu, então, vã é a vossa fé.»

Foi a sobrevivencia, o principio fundamental do Espiritualismo, que lançou o fundamento da primeira Igreja Cristã. Foi a experiencia psiquica a repetir-se indefinidamente.

As praticas espiritualistas de clarividencia, vóz diréta, transe, falar com linguas, materialisações, etc., e a presença de diversos mediuns, ou profetas, como eram chamados, estão descritas no cap, quatorze de Paulo, na sua 1.a Epistola aos Corintios.

* * *

Cronica Extrangeira

Por W. Campello

Factos Simples

Psychic News.

O Espiritismo está baseado sobre factos simples que todos podem verificar pessoalmente.

O Espiritismo não péde esperança, fé ou crença aos investigadores.

Não temos crédos nem doutrinas.

Nós temos factos psiquicos!

Através do exercicio mediunico, nós nos relacionamos com os que o mundo chama «mortos». As comunicações se tornam possiveis por leis naturais, conhecidas por videntes, santos e profétas de todos os tempos e re-descobertas nos tempos modernos.

Todo o caso espirita repousa sobre o facto de terem nos dado, os que conôsco se comunicaram em sessões, provas irrefragaveis da sua identidade e de continuar viva a gente que o mundo considera «morta».

A evidencia é cumulativa. Ela traz a garantia de milhões de homens e mulheres de caráter ilibado em todos os pontos do globo.

As provas são de natureza a demonstrar a sobrevivencia dos sêres humanos, como individualidades intátas e com a posse de faculdades que revelam a persistencia do amôr, caráter e memoria para lá da sepultura.

Os representantes das varias religiões exprimem muitas suposições sobre a vida futura, todas baseadas sobre teorias e conjeturas. Os unicos competentes para expressar um juizo, são os que vivem no outro mundo.

Pela mediunidade eles descrevem sua nova vida, analoga a do mundo terrestre.

Todos eles insistem num ponto — a coisa mais importante na vida, tanto aqui como lá, é o caráter. — Qualificativos terrestres não prevalecem no além. Nobreza, titulos, classes, crenças, côres e raças pertencem ao mundo material, não ao espiritual.

Lá o homem é avaliado pelo que realmente é. A unica prova acida é o modo por que se conduziu em sua vida diaria.

Os factos revelados pela mediunidade se aplicam ao universo todo. Eles revolucionam todos os nossos modos de ver. Lançam nova luz sobre religião, ciencia, filosofia e, realmente sobre todas as fases da atividade humana.

A dificuldade consiste em quasi todos se aproximarem do Espiritismo sobrecarregados de preconceitos e superstições, normais á natureza humana.

A mente aberta é uma ilusão. Não tem existencia real.

Muitos pesquiridores procuram adatar os factos psiquicos ás suas idéias preconcebidas.

Os que modificam o seu modo de pensar para ajusta-los aos novos factos é que são os sensatos, porque provêm o mundo com meios capazes de transformar o seu cáos em ordem.

Vozes dos mortos

Formas materialisadas fazem discos de Gramofone

Two Worlds

A 11 de Setembro, no Colegio Psiquico Edinburgh, ocorreu, pela primeira vez na historia do Espiritualismo, um acontecimento de extraordinaria importancia. Pela primeira vez foram gravados discos virgens com vozes de espiritos materialisados, numa sessão em que Mrs. Duncan era a medium.

Isso foi conseguido graças á gentileza de Mr. B. Millar, que trouxera um aparelho Phono-disco, com os necessarios microfones e discos virgens. Esse cavalheiro, representante da Companhia Phono-disco, de Londres, havia revelado grande interesse por nossa causa durante a Conferencia Internacional de Glasgow. Ele gravou algumas das descrições clariaudientes dadas da plataforma á compacta assistencia em St. Andrew's Hall por Mrs. Helen Duncan. Mr. Millar tambem gravou as vozes que falaram na sessão de voz-diréta, realizada pela medium Mrs. WcCalum, de Glasgow.

Vozes Diferentes

«Albert», o principal guia de Mrs. Duncan, logo de inicio concedeu plena permissão para a gravação de discos e tudo o que ele falou foi claramente reproduzido, os sons do seu inglez preciso contrastavam com a carregada pronuncia escoceza da medium.

A sessão se realizou com bôa luz vermelha e as fórmas materialisadas, de alturas consideravelmente diferentes, eram de ambos os sexos e notaveis eram as diferenças entre estilos de conversação e timbres de vóz. As formas eram distintamente visiveis, dos nossos lugares, além disso, quando as fórmas vinham com o fim de comunicar-se a certos assistentes, estes eram convidados a se aproximar para o necessario reconhecimento. Terminada cada comunicação, as formas se derretiam e desmaterialisavam á vista da assistencia.

Ocorreu um incidente interessante e divertido, quando «Peggy», uma jovem guia, cantava «O misterio da Vida». Depois de cantar boa parte, ela se interrompeu subito e disse com acentuado sotaque escocez, «Nada mais sei para diante». Ela se mostrou muito desapontada quando Mr. Millar tocou aquela parte do disco.

Nossa filha, muito experiente em manifestar-se por diferentes maneiras, materialisou-se com grande sucesso e sua voz foi gravada muito forte e distintamente.

Ao fim da sessão, antes de abandonarmos a sala de sessões, todos os discos foram tocados para que Mrs Duncan e nós os apreciassemos. Pela primeira vez Mrs. Duncun ouviu a voz de «Albert», facto que lhe proporcionou grande interesse e prazer.

A presença de Mrs. Ethel Millar, fundadora e presidente honoraria do Colegio, nos proporcionou grande alegria, depois de uma ausencia de dois anos, motivada por enfermidade.

A' noite, o Dr. Carl Wickland, medico de Los Angeles, o grande pioneiro no tratamento e cura de casos de obsessão, fez uma conferencia sobre «Investigação Experimental em Psicologia Anormal». Eu tive o prazer de presidir essa conferencia.

Fotografias Infra-Vermelhas

Subsequentemente o Dr. assistiu a uma sessão especial em homenagem a Mrs. Duncan. Nessa sessão materialisou-se a esposa do Dr. Wickland, que fôra durante anos sua colaboradora. Essa forma mostrou-se claramente e ao marido provou a sua identidade, o que tambem fez á sua secretaria, Mrs. Nellie Watts, e a nós. Antes de retirar-se, a forma beijou as mãos do marido, de modo a que ele sentisse os labios tepidos. Seguiu-se a manifestação do marido de Mrs. Watts, cuja presença foi evidentissima. Depois veio o nosso filho, que nos falou com a maior clareza e liberdade e por nós foi distintamente reconhecido.

Animado pela experiencia inicial, Mr. Millar tenciona gravar outros discos e, mesmo, espera conseguir melhores resultados. Tambem está resolvido a tomar fotos infra-vermelhos de formas materialisadas.

Em ambas as sessões viamos ondas ectoplasmicas que manavam para fóra do gabinete e por baixo das cortinas.

"Fono-Disco" no Congresso de Glasgow

Two Worlds.

Mr. H. B. Millar obteve grande sucesso no Congresso reunido em Glasgow. Com seu aparelho portatil «Fono-Disco» ele gravou, em discos virgens, fenomenos audiveis, ocorridos em sessões de vóz diréta e materialisações.

Os discos obtidos foram tocados na redação de *The Two Worlds* em Manchester e a reprodução foi impecavel. Num disco ouve-se distintamente a medium—Mrs. Duncan—atacada de tosse e a fórma materialisada a lamentar-se, «Não faça isso». Essas ocorrencias triviais evidenciam o facto de serem duas personalidades distintas a medium e o espirito. As inflecções de vózes, variações de tonalidades, etc., são perfeitamente perceptiveis nesses discos.

Cartas faladas

Tanto quanto sabemos, Mr. Ernest W. Oaten, editor de *The Two Worlds*, é o primeiro membro de sua profissão a enviar uma «carta falada» á America do Sul. No mencionado aparelho, Mr. Oaten gravou uma carta de saudação dirigida ao redator da *Revista Internacional do Espiritismo.* Mr. F. Etraud fez uma gravação semelhante em português no mesmo disco que provavelmente será irradiado por espiritualistas da America do Sul. A Mr. Millar exprimimos a nossa apreciação pela sua cooperação e ás igrejas e centros espiritas recomendamos o aparelho portatil «Fono-Disco».

Homem morto que passou perto de mim

Em 1912 um amigo e eu trabalhavamos numa mina invadida pelo gaz, devido o desuso.

Terminados os trabalhos costumavamos diariamente ir juntos para nossas casas pela estrada real.

Certo dia minha lampada apagou se enquanto eu estava á espera do meu companheiro. Bem proximo percebi um movimento e olhando vi meu amigo á pequena distancia com sua lampada segura em uma das suas mãos.

Chamei-o, mas não obtive resposta e tratei de segui lo. Estendi meu braço tentando segura-lo, mas minha mão só encontrou o vasio.

Bastante apreensivo, voltei atraz, para o logar em que ele trabalhava, na mina. Lá o encontrei morto, deitado no fundo da mina.

Um Mineiro.

A esposa do Dr. Wickland se comunicou

Psychic News.

O Guia louva o novo trabalho

O Dr. Wickland, conhecido medico da California, tratava de obsedados ha quarenta anos, tendo afastado espiritos ignorantes, por meio da mediunidade de sua esposa ha pouco falecida.

O Dr. Wickland foi ao Congresso Internacional reunido em Glasgow, onde apresentou um memorial do seu longo trabalho.

Ele visitou o conhecido espiritualista Hannen Swaffer que em sua propria residencia realisa sessões, sendo Silver Birch o guia.

«O senhor concluiu um grande trabalho, ajudando os que no meu mundo ignoravam o grande dano que faziam aos incarnados», disse o guia e continuou: «Ao terminar uma vida de serviço, o senhor, olhando para traz, verá que muitos se regozijam pela sua atuação. O senhor livrou seus semelhantes das trevas e do desespero...»

Em seguida Silver Birch declarou:

«Sua mulhersinha está aqui. Ela afirma que é feliz, porém, mais feliz ainda será dentro em pouco. Ela está descançando um braço sobre o seu ombro e o outro braço ela o tem pousado sobre o seu e diz que a mesma morte não poude separa-la de si».

«Eu sinto que ela me toca», disse o medico.

Inspiração para os outros

«O seu trabalho está terminado — um grande e nobre trabalho, que será uma inspiração para outros», proseguiu o guia.

«Em breve o senhor vai depôr o archóte e outros o empunharão. O seu trabalho não morrerá. Não poderá morrer».

«Vou lhe dizer uma cousa que vai encher o seu coração de jubilo. O senhor não terá muito a esperar, meu filho, para de novo se reunir á sua amada».

«Grande será minha alegria em deixar o mundo», respondeu o Dr. Wickland.

O guia forneceu ao Dr. Wickland provas da presença de sua mulher «morta», mencionando um retrato especial e lhe revelou factos verificados depois do passamento de Mrs. Wickland.

«Não pense que o senhor está só», disse o guia. «Não pense que sua casa está vasia. Não pense que ela o abandonou. Ela está comsigo. Ela está mais perto de si, como nunca o esteve, embóra seus olhos não a vejam e seus ouvidos não a ouçam, o espirito dela está junto do seu...»

Outra criança genial

Two World

Mr. Emile Vuillermoz foi especialmente ouvir uma criança prodigio —Ida Hendel — em Monte Carlo. O genio revelado pela menina de doze anos, que maravilhou a audiencia com suas execuções esquisitas, foi para ele um assombro.

Descrevendo a criança, ele diz: «Ela conta doze anos, criança normalmente timida, porém, consumada artista na plataforma, cujas execuções de violino são magistrais. Em sua presença sentimos a influencia de um genio desincarnado que se manifesta por meio dessa medium e é facil crêr que uma especie de *segunda personalidade* lhe fornece os meios de manifestar o aspecto desenvolvido do seu ser e isso a seu bel-prazer.

«Ha poucos anos tive uma experiencia identica com uma criança que se divertia com seus brinquedos, porém, posta ao piano, tocava com a força e grandeza de um Raoul Pugno!

«Teria Ida Hendel vivido antes numa existencia em que ela desenvolveu as emoções que lhe permitem tornar se tão patetica num *andante?* Como póde uma criança de sua idade aproximar-se de um Concerto-Mozart com semelhante ar de despreocupação. De onde veio esse equilibrio de ritmo? E' precisamente o heroismo masculo numa menina de doze anos!»

Deus enxugará todas as lagrimas

Psychic News — Maurice Barbanell

A morte tem sido descrita de muitos modos. Denominaram-na a Grande Aventura. Por vezes chamaram-na O Anjo Negro.

Atravez de seculos a morte foi olhada com terror. Ela foi o grande misterio que a mente humana não poude solver. Em vão o homem se voltou ao cientista, ao sacerdote e ao filosofo, pedindo-lhes a explicação do grande enigma da humanidade.

Ninguem póde escapar á vinda da morte. O ditador e o camponez; o rei e o plebeu; o estadista e o estudante; o religioso e o ateu, todos sabem que, certo dia, terão de encarar a morte.

Em vão o cientista perquire no laboratorio, procurando descobrir porque o homem morre. Porém, o cientista que desvendou muitos misterios e dotou a humanidade com muitas dadivas é impotente.

A ciencia não conhece a origem da vida, nem tão pouco resolve o problema da morte.

O homem da igreja falou vagamente sobre a alma. Ele pintou quadros fantasticos de um céu dourado como de um inferno ardente.

Ele mesmo se contradisse quando pregou uma resurreição fisica e um ultimo dia de julgamento.

Porém, ele foi obrigado a abandonar essas noções grotescas que são um insulto á inteligencia de homens e mulheres pensantes.

De vez em quando, no decorrer dos seculos, um santo, um vidente ou um sabio rasgaram o nevoeiro da morte e descreveram visões que lhes permitiram vislumbrar a vida maior. Ninguem, a não ser os misticos, puderam compreender essas sublimes experiencias.

Porém, só o advento do Espiritismo é que despiu a morte de suas vestes tragicas e lhe quebrou o aguilhão. Ao mundo ele forneceu provas irrefagraveis da existencia continua do homem, além da sepultura.

Os mortos voltaram. Eles demonstraram que o amor sobrevive; que eles possuem individualidade e memoria; que ha progresso no mundo espiritual, que a todos oferece mais uma oportunidade.

Eles revelaram que vida e morte eram partes da lei natural de Deus. Sendo uma a entrada para a vida da materia e a outra a entrada para o mundo dos espiritos.

Eles provaram que a sobrevivencia humana é a herança natural de cada individuo. Eles tem ensinado que grande erro é o chorar pelos que morrem, porque a morte é o grande libertador que transfere o fraco e o invalido a um mundo isento de enfermidades e de decadencia.

Eles mostraram que a tristeza é egoismo, que a morte é uma benção disfarçada.

O verdadeiro espirita não se lamenta quando a morte promove um ente querido. Para ele não ha misterio — e nenhum terror. Ele póde exclamar verdadeiramente, «Oh tumulo onde está a tua vitoria? Oh morte onde está o teu aguilhão?»

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas desta data em diante aos seguintes preços:

1.o ano —	100$000;	2.o ano —	40$000;	3.o ano —	100$000
4.o ano —	35$000;	5.o ano -	30$000;	6.o ano —	40$000
7 o ano —	40$000;	8.o ano —	40$000;	9.o ano —	100$000
10. ano —	40$000;	11.o ano —	50$000;	12.o ano —	50$000

Notas e Factos

Por Tavares de Souza

Apreciação do Prof. Charles Richet de uma tése de Jules Bois á respeito do Além

Os nossos leitores sabem que o Prof. Charles Richet foi um grande campeão do Além e que nos ultimos mezes de sua existencia terrena, declarou-se francamente espirita.

Pois bem, antes desta declaração, apreciando uma tése defendida pelo ilustre Jules Bois, deu publicidade a uma carta, ultimamente publicada na «Revue Metapsychique», de Paris, da qual transcrevemos o que segue:

«Devo acrescentar algumas palavras, na qualidade de biologista á tése que Jules Bois tão bem desenvolveu como poeta, orador, filosofo.

«Indubitavelmente, o Além, isto é, o ideal, existe entre nós. Mas ha, sem duvida, outro Além fóra de nós; é, portanto, oportuno estabelecer o que é esse Além.

«O Além é qualquer coisa que os nossos sentidos dificilmente percebem. Não somos mais do que uma maquina pequena muito imperfeita, mergulhada num imenso e nebuloso Cosmos; para conhecer este Cosmos temos, apenas, cinco minusculas janelas através das quaes nos é dado observa lo: os nossos cinco sentidos...

«Ora, não haverá outras forças além daquelas que podemos assim atingir? Há, certamente. Os fisicos ensinaram nos que ha forças magneticas, forças de gravitação, raios ultra-violetas, ondas radiantes, emanações de radio, etc. Esse Além é imenso, infinito como o proprio Cosmos; o que faz com que não haja o direito de se afirmar que o Além está só em nós. Está em nós, é certo, mas está muitissimo mais no Universo que nos cerca; oh, muito mais neste ultimo!

«Portanto, não podemos afirmar que já não ha cousa alguma desconhecida para nós. Não vai ha muito tempo, Auguste Comte julgava poder afirmar que a constituição química dos astros seria sempre inacessivel para nós. No entanto, já conhecemos — e é, talvez essa uma das mais brilhantes conquistas da ciencia — quaes são as substancias de que são compostas as estrelas, não obstante as centenas de milhar de anos-luz que nos separam delas.

«Existe possivelmente—podemos dizer indubitavelmente — outras forças que agora chamamos ocultas, que não atingem os sentidos (e portanto a conciencia) dos individuos em geral, mas que atingem, mercê duma sensitividade especial, a conciencia de certos individuos aos quaes chamamos mediuns. Essas forças desconhecidas, misteriosas, apesar da sua natureza oculta e do seu misterio, não são menos reais.

«Está aí o alvo da Metapsiquica. Assim como os fisicos e os astronomos penetraram alguns dos misterios do Além, (Megacosmo e Microcosmo), tambem a Metapsiquica conseguirá penetrar, se formos estudiosos, habeis e pacientes, os misterios do mundo desconhecido, ao qual chamarei, de bôa vontade, o «Criptocosmo».

Os cães terão uma alma que sobrevive?

O Dr. Nandor Fodor, grande psiquista inglez, narra uma manifestação psiquica de um cão, que foi por ele bem comprovada. Terminando o seu relato o Dr. Fodor pergunta: «Terão os animais uma alma capaz de reviver e se desdobrar»? E acrescenta: «Porque assim não seria, desde que no animal como no homem, o mental ultrapassa o cerebral...

Nova Medicina da Respiração

O Dr. G. L. Tirala, Professor da Universidade de Munich, depois de haver tratado cardiacos por meio de grandes doses de medicamentos, durante 3 anos, sem obter melhoras sensiveis, começou a recomendar as respirações profundas, cujos resultados têm sido maravilhosos.

E' um importante progresso na terapia do coração. A respiração de certos cardiacos, que sofrem lesões valvulares ou musculares, que era de 2 a 3 segundos, poude passar a 40 segundos e chegar a se regularisar. Cardiacos que não podiam dar 10 passos sem descançar, por falta de ar, chegaram a caminhar como um homem são, e terem a alegria de ir e vir. O Prof. Tirala garante que o tratamento Yoga, além de não acarretar despesa alguma, é inofensivo quando utilisado segundo explicações que ele dá numa brochura.

A Clarividencia do Engenheiro Ossowiecki

O Engenheiro polaco Stephen Ossowiecki, cujos trabalhos já noticiamos em numeros anteriores, é um grande clarividente, mas que não se dedica ao exercicio de suas faculdades, salvo em casos excepcionaes.

Agora, por exemplo, a imprensa polaca, ocupando-se de um caso ocorrido na povoação Stolina, possessão do Conde Radziwill, narra como o Engenheiro Ossowiecki relatou, com o auxilio de sua videncia o que ocorrera a uma joven.

Eis a sumula do relato publicado em «Zeist. fur Metapsychische Fors.»:

«Em uma tarde de janeiro ultimo desapareceu uma joven aldean, de 14 anos, de rara beleza. Por maiores que fossem as pesquizas nada se obteve sobre o paradeiro da joven. Por intermedio do Conde Carel, o intendente do lugar foi se entender com Ossowiecki. Logo que o vidente observou o retrato da joven, relatou diversos factos de sua vida, sobre sua situação para com a familia, e afirmou ter ela sido vitima de um crime, tendo sucumbido entre as 4 e 5 horas. O engenheiro assinalou o local onde um malvado a havia atacado, esquartejando-a. De facto, obedecendo as instruções do vidente, a policia, com grande pasmo, desenterrou, no local designado, os restos esquartejados da infortunada joven.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Rio de Janeiro

Federação Espirita do Estado do Rio

Depois de um interregno de alguns dias, obedecendo ás ordens de autoridades superiores do Estado do Rio, voltaram a funcionar, novamente, a Federação Espirita daquele Estado, e suas respectivas nucleações, adêsas ou não, existentes nos municipios da terra fluminense.

Penitenciaria de Niterói

O E'lo das Associações Espiritas do Distrito Federal, presidido pelo bondoso irmão dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, vem desenvolvendo uma ação formidavel na disseminação dos ensinos Evangelicos, por toda parte. Além da Concentração Espirita de Confraternização, que tem dado o que falar, mantêm todos os domingos, visitações ás prisões e hospitaes. Instituiu ha pouco, no Departamento Feminino, a cargo da ilustre irmã Maria Mascarenhas, uma caixa para auxilio aos necessitados, que vem prestando reaes beneficios.

União dos Centros Espiritas dos Suburbios da Leopoldina

Sob a direção do sr. Francisco Tiago Alves, presidente, realizou-se a reunião mensal da União, na séde do Centro Espirita Anastacio dos Guaranís, á rua Belisario Pena, 423, Penha, com o comparecimento de diretores da Tenda Espirita Teresinha de Jesus, Centro Espirita Maria Madalena, Grupo Espirita Francisco de Paula, Grupo Espirita Fraternidade Cristã, Centro Espirita Fé e Caridade, Centro Espirita Anastacio dos Guaranís, Congregação Espirita João Evangelista, Sociedade Espirita Casa de Lazaro, Centro Espirita Jesus, Maria e José.

O presidente deu ciencia aos presentes de toda a ação da União, da Federação Espirita Brasileira e da Liga Espirita do Brasil, no tocante ao fechamento das sociedades espiritas, que foi, afinal, dispensado pelas autoridades policiaes, podendo todas funcionar normalmente, independente dos pedidos de licença semanaes, que então vinham sendo exigidos. Aconselhou todos os diretores de sociedades a organiza-las de acôrdo com as leis civis e a respeitar as determinações das autoridades do país, como havia feito quando aconselhou o fechamento em obediencia ás determinações da Comissão executora do estado de guerra.

Comissão Representativa dos Espiritas do Brasil

Conforme fôra noticiado, realizou-se na tarde de 23 de novembro, á rua General Camara n 334, em sua séde social, a primeira Assembléa da Comissão Representativa dos Espiritas do Brasil, no decorrer da qual, foram tomadas deliberações.

Usaram da palavra diversos membros da Comissão, ali representados, entre os quaes destacaram-se pelo ardôr e entusiasmo de suas atitudes, os confrades: drs. Levindo Melo e Carmo de Moura Brandão, bem como o contra-almirante Carlos Magno de Faria presidente do Grupo Espirita Antonio de Paula, sr. Manoel Monteiro presidente do Centro Espirita Sant'Ana; sr. Porfirio Duarte Bezerra, presidente do Centro Espirita Cristofilos; e o prestimoso espirita Umberto Alexandrino de Aquino, 1.o secretario da A. E. O. B. e do C. E. Israel Barcelos.

A Comissão Representativa dos Espiritas do Brasil, continúa a receber grande numero de adesões, as quaes publicaremos dentro em breve, para conhecimento geral dos espiritas.

Foram designados, para elaborarem o «Memorial», os srs. Carlos Imbassahy, professor Leopoldo Machado e o dr. Levindo Melo, nomes estes, que foram acatados com grande simpatia por todos os presentes.

Os propostos aceitaram as designações de seus nomes, ficando, desta forma, com as responsabilidades de apresentarem ao Brasil, um trabalho digno da admiração e do respeito de todos os Espiritas.

Atividade Espirita

Quasi todos os centros do Distrito Federal e do Estado se acham em atividade. Dentre outros, salientamos:

— Federação Espirita Brasileira, Avenidas Passos, 30.

— Liga Espirita do Brasil, rua Conceição, 19, sob.o

—Grupo Jesus, Maria, José, 104, Rua Grão-Pará.

— Discipulos de Allan Kardec, Rua Hermengarda, 84.

Deus, Amor e Caridade, 29, Rua Monte Alegre.

—Trabalhadores de Jesus, 119, Rua Riachuelo.

— Cruzada Suburbana, 14, Rua Gaspar Viana.

— Jesus e sua Doutrina, 41, Rua Enéas Galvão.

— Centro Santana, Rua 14 de Maio, 29.

—

Os confrades cariocas esperam inaugurar breve o Hospital Espirita.

—

A hora espirita, pela Radio Niterói, continúa as 4.as feiras das 8 ás 9 da noite.

—

O ex-padre Hildebrando Marques fez diversas conferencias espiritas, que foram muito apreciadas.

Do Correspondente.

Maranhão

O Centro Espirita Maranhense, mais uma vez, demonstra, pelas suas obras, ser uma instituição de verdadeira caridade cristã, que tudo faz para pôr em pratica os preceitos evangelicos.

E' assim que vem mantendo com os seus parcos recursos e pequeno auxilio do governo do Estado, uma escola primaria para crianças pobres, a quem fornece livros, cadernos e lapis.

Ultimamente, criou um curso de prendas para meninas, cujos paes pobres não lhes podem proporcionar a educação profissional. Este curso está a cargo da sua Assistencia aos Necessitados e vem sendo dirigido, de modo proficiente, pela professora d. Lucilia Martins. Iniciado em abril deste ano, já conseguiu apresentar ao publico o fruto do trabalho realizado em tão pouco tempo. Foi o que tivemos a ocasião de vêr no encerramento das aulas, occorrido a 15 do mez p. p., após tocante e signativa solenidade, onde se fizeram ouvir Placido Camões, presidente da União Espirita Maranhense. que disse da razão de ser daquela festa; Almir Vale, membro do Conselho Federativo da referida União; a menina Conceição Corrêa, que recitou lindos versos de Ribamar Pereira, alusivos á festa; o presidente do Centro Espirita Maranhense, Antonio Vinhaes, que expressando o sentir dos seus companheiros de diretoria, agradeceu a cooperação das pessôas que generosamente teem auxiliado a Assistencia aos Necessitados, o valioso concurso das professoras, e a bôa vontade das alunas.

A exposição dos trabalhos a que nos referimos, continuará a funcionar das 19 ás 21 horas, na séde do Centro á rua Sete de Setembro, n. 522—1.o andar.

São Paulo

Ibirá

A União Espirita comemorou seu 1.o aniverrario da séde propria, tendo falado varios oradores.

A União continúa a ter n'O Clarim, seu orgão oficial.

Mario Morães.

Araçatuba

A diretoria da Associação de Senhoras Espiritas de Araçatuba, com séde na União Espirita Paz e Caridade, assim constituiu sua diretoria: pres. D. Maria Vechi; vice, D. Maria Julia Miranda; 1.a secr. D. Rosa Fernandes Ferreira; 2.a D. Sebastiana Ferreira; tes.a D. Maria Bogalho Gonçalves.

Marilia

O Centro Luz e Verdade, com séde á Rua Prudente de Moraes, 75, assim elegeu sua diretoria para 1938: pres. José Duarte; vice, Pedro Canivazzi Bernine; 1.o secr. Benedicto Alves Rodriguss; 2.o, Guerino Valet; orador, João A. Silva Filho.

— Fez neste Centro uma bela conferencia sobre a Reincarnação, o sr. José Péres, redator d'A Alvorada, de S. João da Bôa Vista.

Aurelio Pereira.

Barretos

—O Centro Espirita 25 de Dezembro comemorou o Natal, de fórma digna de ser imitada por todos os centros. Em vez de brinquedos e cartuchinhos de dôces, como fazem alguns centros, deu a 300 pobres mantimentos e vestuario. E' assim que foram distribuidos: 12 sacas de arroz; 3 sacas de feijão; 6 sacas de assucar; 150 ks. de café torrado; 120 ks. de banha; 4 sacas de farinha de mandioca; 20 litros de farinha de milho; 20 ks. assucar refinado; 10 ks. macarrão; 30 peças de roupas para homem; 106 vestidos grandes e pequenos; 6 blusas; 70 cortes de fazendas para adultos. As roupas foram confeccionadas pelas confrades d. Suzana Custodio, d. Zulmira de Paula, d. Elvira Bedengo, d. Joana Moura, d. Rosinha Rodrigues, d. Carmen Saltão, d. Maria de Abreu e d. Lica, que trabalharam dia e noite. Fazia gosto vêr o salão transformado em atelier de costura, animado pela alegria de todos os que trabalhavam para os pobres. Muito se distinguiram nesta tarefa os confrades Arnold de Melo e Atilio Piza, que além desta festa promoveram a festa infantil com recitativos, dialogos, dramas alusivos ao dia. O salão que passou por uma reforma até de mobiliario ficou em 8:000$000, estava repleto de familias, muitas delas catolicas, que ficaram maravilhadas com as festas. Falou o sr. Atilio Piza, abrindo a sessão ; em seguido o Dr. Wilson Ferreira de Melo, a srta. D. Mireta Melo e João Leão Pitta sobre a Missão de Jesus. A solenidade levou 2 1/2 e a distribuição 3 horas.

—A diretoria do centro ficou assim constituida, para este ano; pres. Atilio Piza; vice, Arnold Ferreira de Melo; 1.o secr. Antonio Pinheiro; 2.o Bruno Amado; tes. Manoel Augusto Machado; 2.o Perciliano Cintra; bibl. Dr. Wilson Ferreira Melo; orador, Domingos Tedesco.

— O Centro 25 de Dezembro está em plena florescencia; tem umas casinhas nos fundos onde abriga asilados aos quais não deixa faltar o pão.

Do Correspondente.

Guaratinguetá

O Centro Amor e Luz festejou o Natal, tendo executado o seguinte programa :

A's 8 horas da manhã, distribuição de 700 vestidinhos lindamente confeccionados, para crianças pobres ; pães e dôces.

As 11 horas, visita aos encarcerados na cadeia publica, para a entrega de prendas.

As 19 horas, sessão solene em homenagem ao Senhor e Mestre Jesus.

Abertura dos trabalhos, pela presidencia.

Jesus! Expoente maximo de sabedoria e bondade, pelo orador oficial sr. prof. Breno Viana.

Recitaram poesias as meninas: Jupira Simões, Jacira Simões, Abigail Santos Reis, Geny Palandi, Maria Torres, Neusa Gomes, Nelson Gomes, Dudó Rocha, Manoela Gomes, Nely Reis, Lourdes Gomes, Maria Mota.

Salto

O Centro Espirita Jesus festejou o Natal, tendo falado diversos oradores :

Este Centro assim constituiu sua nova diretoria: pres. Francisco Caetano de Paula; vice, Umberto Luparini; 1.o secr. Renato Cassani ; 2.o José Maria Queirantes; tes. Manuel Rodrigues Torres ; proc. Fortunato Grilenzoni.

Matão

—O Centro local, dia de Natal, fez distribuição de generos e roupas aos pobres, tendo falado a presidencia, por ocasião da distribuição.

—O Clarim circulou com edição especial.

—A' noite falaram diversos confrades exaltando o Espiritismo e a Missão de Jesus.

Ituverava

O centro de Ituverava assim elegeu sua diretoria: pres. Misael Silva Prado ; vice, Antonio Ribeiro de Oliveira; 1.o secr. d. Julia Barbara Prado; 2.o, João Batista Leão; 1.o tes. Braulio Vilar Horta; 2.o, Messias Alves Ferreira.

Taquaritinga

O Centro Espirita Jesus de Nazaret assim constituiu sua diretoria: pres. Salvador Arnoni; vice, João Caetano Ferreira; 1.o secr. Mariano Luciano Amendola; 2.o, Joaquim Lacreta ; tes. Joaquim Lourenço; 1.o orador, Mario Soares Ferreira; 2.o, Angelo Pascoalino.

Araraquara

Esteve em Araraquara tendo feito tres conferencias no salão do centro Amor e Caridade o sr. Leonardo Severino.

São Paulo (Capital)

O Centro Espirita 13 de Maio sob a direção do sr. Jacques Motola, transferiu sua séde para a Av. Paes de Barros, 33. São Paulo.

Nossa Sucursal em S. Paulo

E' nosso representante em S. Paulo o sr. Umberto Brussolo — Rua Visconde Parnahyba, 912.

Sebastião Araujo

Comunicamos aos nossos assinantes

e ao publico que o sr. Sebastião Araujo não é mais nosso representante, nem d'O Clarim.

Minas-Geraes

Monte Carmelo

O Centro Humildade, Amor e Luz, está proseguindo na construção de sua séde, que espera ver terminada muito breve.

Formiga

Fenomenos extraordinarios

De Itapecerica, municipio de Formiga recebemos a seguinte carta :

— De onde escrevo esta é distante de Formiga 4 leguas ; fazenda de um meu amigo, sr. Francisco Ferreira da Cunha, onde fui á convite do mesmo, para observar os fenomenos que estão se dando em sua fazenda, sem horas certas e dias para serem verificados. As entidades que agem estão dando cabo do telhado da casa da fazenda, conforme verifiquei. Atiram sobre ele enormes pedras, taboas, páos, etc. ; as telhas são partidas por mãos invisiveis. Interessante ainda é que os manifestantes deixam nas paredes arranhões. Os factos são dignos de estudo. Esta vai assignada por mim, pelo dono da fazenda e outras pessoas que têm verificado os fenomenos.

Clodoveu Inacio, Francisco Ferreira Cunha, Jouquim Luiz de Mendonça, Ilidio Ferreira da Cunha, Antonio Ferreira Sobrinho.

Baía

O Instituto Kardecista transferiu sua séde para o predio proprio, á Rua João de Deus, 6, Cidade do Salvador.

Alagôas

O Grupo Erasto, de Maceió, assim elegeu sua diretoria : pres. Crisanto do Nascimento Carvalho ; vice, Sebastião Ramos ; 1.o secr. Aderbal de Arecipo ; 2.o, Honorina Pacheco Silva ; tes. Lusunti Farias de Lima ; adj. tes. João Campos Moreno ; orador, Euripedes Tenorio de Lima.

R. Grande do Sul

A Sociedade Espirita Beneficente com séde á rua General Vitorino, 550, cidade Rio Grande, R. G. S., assim constituiu sua diretoria : pres. Eduardo Barnes; secr. Antonio Simões Dias ; tes. Armando Rodrigues Passinha ; Diretor dos trabalhos espirituaes, João Augusto Iglesias.

Mato Grosso

Aquidauana

O Centro Amor e Verdade, assim constituiu sua diretoria : pres. Ulisses Faria ; vice, Fausto Gomes da Silva ; 1.o secr. Amelia Ana Figueira ; 2.o, Vicentina Souza Leite ; 1 o tes. Albertina Faria Toledo ; 2.o, Maria Filomena Ferreira ; orador, Amado Souza ; zel. Ordelino Faria Figueiró ; porteiro, Francisco Rabelo ; bibl. Manoel F. de Almeida.

Paraná

A Federação Espirita do Paraná prosegue em sua obra de difusão da Doutrina.

* * *

O Albergue Noturno, mantido pela Federação Espirita do Paraná, vem prestando ótimos serviços aos forasteiros.

* * *

A Federação continúa a ter como seu orgão oficial «O Clarim», distribuindo semanalmente 400 exemplares aos seus associados.

* * *

Em Londrina está em vias de organisação a Associação Allan Kardec que tem por fim estudar e praticar o Espiritismo metodisado por Allan Kardec.

Ecos e Noticias

FRANÇA

Maison des Spirites

M. André Dumas tem feito conferencias em series na «Maison des Spirites», sobre os seguintes temas: A evolução universal, a Aurora da especie humana, a Evolução mental da humanidade, a Personalidade humana, o Poder plastico do pensamento.

M. Henri Regnault fez duas conferencias sobre os temas: A obra de Raoul Montandon, o Genio Celtico e o Mundo Invisivel.

M. Jacques Demarquette, fez uma conferencia, sobre o tema—O escopo da vida.

Estas conferencias educativas têm atraído grande numero de estudiosos na «Maison.»

Festa das Crianças e dos Velhos

Sob a direção de Mme. Démare, conjuntamente a Maison des Spirites e a Union Spirite Française realisaram a grande Festa das crianças e dos velhos.

Abbade Mermet

Desincarnou este ilustre servidor da ciencia radiestesica. Ele morreu justamente na capela que ergueu em Sussy.

A Revue Spirite presta-lhe homenagem pela sua coragem de convicção afrontando o convencionalismo e labutando pela ciencia radiestesica que é irmã gemea do espiritismo.

Annales du Spiritisme Cristique

Esta revista dirigida por Mme. Brissoneau-Palés, publicou um belo artigo do Dr. Pierre Darsonville sobre o Espiritismo Cristico.

PSYCHICA

Esta revista, redigida por Mme. Carita Borderieux, abre suas paginas com um importante estudo do Dr. A. Tanagras, medico-inspetor da Marinha e presidente da Sociedade de Pesquizas psiquicas Helenica. A sumula do artigo é — «Os Fenomenos e sua aplicação na Criminologia».

Revue Spirite

Temos sobre a mesa esta revista; como sempre interessante.

Acontecimentos do ano 1938

Devia ter se realisado a 19 de dezembro ultimo uma conferencia sobre: «Interviews» dos videntes sobre os acontecimentos do ano 1938.»

A «Psychica» prometeu nos dar o resultado, que não deixamos de transmitir aos nossos leitores.

* * *

INGLATERRA

A MEDIUM INGLEZA, Mme. E. F. BULLOCH

Especial para a R. I. do Espiritismo

Por Frederico Duarte

Na capacidade de investigador de Fenomenos Psiquicos pela cortezia do semanario «Two Worlds», fui convidado a assistir a uma «scéance» que teve logar em casa da bem conhecida medium inglesa, Mrs. E. F. Bullock.

Compareceram ainda 10 pessoas além do sub editor do «Two Worlds» e eu, sendo os varios fenomenos de transfiguração feitos sob luz vermelha, mas tão forte que foi facilimo de nos vermos a todos sem nos ser preciso arregalar os olhos. Mrs. Bullock colocou-se em pé num estrado em frente de nós, tendo a luz em posição tal que lhe deixava ver não só a cara e as mãos como todo o seu corpo.

Varias transfigurações foram conseguidas e reconhecidas por os assistentes, e, no que me diz respeito, devo manifestar que fiquei muito bem impressionado com a transfiguração da minha saudosa mãe, a qual, segundo disse a guia de Mrs. Bullock não podia falar-me em português devido a não haver ali na sala a Força suficiente para isso.

Fiquei todavia convicto sobre a transfiguração e bastante surpreendido quando a guia de Mrs. Bullock mencionou o nome completo de minha mãe antes dela ter aparecido! Mais surpreendente foi para mim o facto de a guia ter-me dito que ali perto de minha mãe estava o meu irmão Manuel que tinha falecido no Brasil. Isto é admiravel, pois que ninguem ali sabia disso, e efectivamente o meu irmão Manuel faleceu perto de São Paulo, vai já para alguns anos. Por inumeras vezes me tem sido dito que eu possuo entre os meus guias espirituais um distinto e bem educado Chinês, e, todos ali no quarto se riram e ficaram belamente satisfeitos quando o meu caro «Feng» (assim se chama ele), nos apareceu e... «piscou-me o olho»!!!

Na assistencia havia alì um cavalheiro que nunca tinha assistido a uma sceance, sendo em facto muito contrario á nossa causa, mas que, no final cumprimentou Mrs. Bullock e se declarou desde logo um crente em Espiritismo.

Um parlamentar inglez rende homenagem ao Espiritismo

Mr. Ernest Marklew falando em "Picture House", Huddersfield, no meeting organisado pela Igreja Espirita Nacional disse: «Tudo o que eu sei, tudo o que eu tenho, tudo o que eu espero, devo a influencia que o Espiritismo tem exercido em minha vida». Mr. Marklew já fez uma vez esta declaração na Camara dos Comuns.

Margery e Frank Decker

O sr. Horace Life narra na Light interessantes experiencias que assistiu com os dois mediuns americanos Margery e Frank Decker.

Em 14 e 16 de setembro 36, as sessões de Margery e Frank deram resultados variados e admiraveis . levitações de objétos, a armonica toi tocada por mãos materialisadas. Um professor da Universidade de Tokio parece ter obtido resultados ainda mais positivos.

A Reincarnação na Inglaterra

Proseguem vivamente os debates, na Inglaterra, sobre a reincarnação. O Capm. Muirson Blake tem escrito vibrantes artigos demonstrando a doutrina reincarnacionista.

O Retorno de William Hope

O Rev. Charles Twedale publicou em "Two Worlds" um artigo socre o retorno do grande fotografo psiquico inglez, William Hope, que se materialisou com o auxilio do medium Mrs. Duncan.

ESPANHA

A "Revue Spirite" diz que, segundo uma carta recebida da Federação Espirita Espanhola, a atividade espirita em Barcelona prosegue. Os irmãos espanhóes visto as dificuldades creadas pela guerra, estão recebendo de quem quízer enviar, auxilio em dinheiro, para assistencia aos necessitados.

O presidente sr. Juan Safont está encarregado da recepção dos donativos que podem ser enviados para Calle del Sitio 87-89—Barcelona.

URUGUAI

A Revista "Rosendo" diz em um dos seus ultimos numeros, que o escritor uruguaio Constancio Vigil, autor da grande obra "El Erial", é espirita e reincarnacionista.

ITALIA

Por intermedio do nosso amigo sr. Mariano Rango D'Aragona, sabemos que o Professor Ernesto Bozzano, a lucida estrela do Espiritismo, foi restabelecido de uma enfermidade que o acabrunhava, graças á ação dos Espiritos por intermedio de uma grande medium. Os Caros Espiritos, bem como a medium, acham que é muito cêdo ainda para que o nosso mestre passe ao Além. Ele ainda tem muito que fazer no mundo.

Como é edificante esta Doutrina. E que auxilio proporciona ela aos seus servidores.

Nossas felicitações ao caro amigo Dr. Bozzano.

* * *

Temos sobre a mesa "Ricerca Psiquica", que abre suas paginas com magnifico trabalho do Dr. Bozzano. "Spigolature dal diario di una "sensitiva."

* * *

A revista acima mencionada traz uma pagina de honra ao Prof. James Herwey Hyslop, catedratico, que foi de Logica e Etica da Universidade de New-York.

Hyslop converteu-se ao Espirimo porque recebeu mensagens de seu pae «morto», por intermedio da famosa medium Piper.

CANADÁ

«Zeitschrift» publicou interessantes experiencias feitas pelo Dr. Glen Hamilton. 3 mediuns foram utilisados —Ellen, Dawn, Mercedes. Compareceram varios medicos, tecnicos e altas personalidades de Winnipeg. As manifestações materialisadas foram comprovadas por 10 aparelhos fotograficos. O Espirito guia «Walter» desenvolveu grande atividade.

* * *

Mr. Wright já regressou de Canadá, tendo feito uma sessão no vapor que o conduziu á Gran-Bretanha.

* * *

Realisou-se o 2.o Congresso Nacional Espirita do Canadá.

MEXICO

Diz a «Revue Spirite»:

«Reunida em assembléa, em 18 agosto, a «Junta» permanente do 2.o Congresso Espirita do Mexico, salientou que o 6.o Congresso Espirita Internacional na Escocia teve o mais vivo sucesso mundial. O Espiritismo Mexicano, graças a ele tende sempre a se inspirar num espirito cientifico e elevar a conciencia moral da sociedade.

A Federação Mexicana conta 5 milhões de espiritas em toda a republica e 4 mil centros federados. Estas cifras são veridicas e foram verificadas pelo Secretario do Governo do Mexico, sendo registradas no arquivo oficial.

A Federação trabalha para vencer os ultimos arrancos do materialismo no mundo.

COLOMBIA

Mrs. Luiza N. O'Connor, 2142 West 2 Avenue, Vacouver, British, Columbia, pede jornaes, brochuras e livros espiritas para propaganda.

SUISSA

Na Suissa estabelece-se um resurgimento Espiritualista.

E' preciso, dizem todos, que haja a Resurreição do Cristianismo, sem o que o mundo não se salvará.

BELGICA

Temos sobre a mesa a "Revue Spirite Belge" que abre suas paginas com uma transcrição de Allan Kardec, com o titulo: «Chegou a hora do Espiritismo.»

ALEMANHA

Falando sobre o Espiritismo na Alemanha, o Dr. Gabriel Gobron refere-se aos trabalhos do Dr. E. Mattiesen, o Bozzano alemão e diz: que felicidade vermos o Espiritismo penetrar nas esferas governamentaes da Europa e do Mundo, porque presentemente a politica está nas mãos de Satan.

GAZETILHA

Por T. Souza

As curas do medium Anesio Siqueira

O »Diario da Noite» continúa com suas sensacionaes reportagens sobre as curas extraordinarias produzidas, no Rio de Janeiro, pelo medium Anesio Siqueira.

Em visita á redação do «Diario», do Rio, referido medium curou todo o pessoal das oficinas e redação que se queixava de ligeiras enfermidades.

As curas do Prof. Mozart

O Prof. Mozart continúa a produzir curas extraordinarias, erguendo paraliticos e curando diversas enfermidades. O «Rio-Jornal» diz que o Prof. Mozart tem curado enfermos em massa.

O Psiquismo na Grecia

O Dr. Tanagras, antigo medico da marinha grega, continúa no seu trabalho de experiencias e divulgação do Psiquismo.

O Dr. Tanagras trabalha com 8 mediuns escolhidos por ele, dentre os quais existe um que a mais de 10 anos lhe presta o seu concurso mediunico.

Conferencia produtiva

Mrs. Clara Stobart fez, na União dos Eclesiasticos «modernistas», em Cambridge, reunidos em Congresso, uma conferencia sobre os pretensos milagres da Biblia, na qual demonstrou que eles não passam de fenomenos espiritas, taes como se reproduzem atualmente.

A grande medium ingleza concluiu afirmando que o Espiritismo é a chave que abre as portas do sobrenatural, para nos fazer vêr as leis desconhecidas por nòs que regem o Universo.

O novo Dalaï Lama

«Le Temps» publicou uma noticia oficial sobre um menino de dois anos e meio, filho de um agricultor do alto plano do Kou Kou Nor, que foi reconhecido como sendo a reincarnação do Dalaï Lama, chefe supremo da Teocracia Tibetiana, e que morreu em Lhassa, no mez de dezembro de 1933.

Um pequeno medium que produz "poltergeist"

«La Ricerca Psiquica» transcreveu do «Corriere del Tirreno», de Livorno, a noticia sobre um menino de Villaco, que adquiriu uma certa celebridade, pois com a sua presença se produzem, pela manhã, ao meio dia e á noite, fenomenos insolitos, chovem seixos e pedras que são lançadas por mãos invisiveis. O caso foi comunicado á policia e os gendarmes tiveram ocasião de observar os fenomenos. O proprio medico local, acha que o menino é ótimo medium.

* * *

Revista Internacional do Espiritismo

Comunicamos aos interessados que a assinatura desta Revista é paga adiantadamente. Aproveitamos a oportunidade para pedir aos nossos assinantes que desejam continuar a receber a Revista, reformarem com tempo suas assinaturas para não lhes seja suspensa a remessa.

O ano da Revista começa em 15 de fevereiro 1938 e termina em 15 de Janeiro de 1939.

Preço de assinatura simples 20$000 — registrada 25$000

Pedidos de assinatura — Matão — E. de S. Paulo

INDICE

Das materias contidas no 13.o ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1937 a Janeiro de 1938)

N. 1 — FEVEREIRO EE 1937

		Pg.
Doze anos de luta	Redação	1
Gabriel Delane	«	3
Evolução da Alma	Gabriel Delanne	4
Em defesa dos casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	6
Pintura de retratos dos mortos	Two Worlds	10
O lugar do Espiritismo nas ciencias naturaes	Andrés Dumas	11
O Espiritismo e as incarnações	Dr. Carlos de Castro	13
A Sobrevivencia da alma	Sir Oliver Lodge	15
Mediunidade e mediuns	Platão Klipper	16
O Fatalismo e a ação divina	Dr. Bezerra de Menezes	18
Uma bela materialisação	Dr. Edwin	20
Mensagem de Esopo	Dr. Joaquim branco	22
Psicologia Animal	Redação	24
Espiritus qui vadit non redit	José L. Machado	26
O Problema economico	Arnaldo S. Tiago	27
Cronica Extrangeira	Redação	29
Ecos e Noticias	«	31
Espiritismo no Brasil	«	33
Notas e Factos	Tavares Souza	40

N. 2 — MARÇO DE 1937

Concepção Espirita de Deus e do Universo	Redação	41
Nova Concepção de Deus e da Alma	Gabriel Delanne	43
Espiritismo e Psicopatia	Leopoldo Machado	45
Carta de Sir Alfred Russell Wallace	Russel Wallace	47
Em defesa dos casos de identificação espirita	Ernesto Bozzano	50
Victor Hugo e a Imortalidade da alma	Dr. Joaquim Branco	53
Os mortos estão vivos	George D. Gibson	55
A quebra das algemas	Auto Teixeira	57
O Corpo etereo	Sir Oliver Lodge	58
Mensagem de soldados mortos	Roy Brandon	59
Dois artigos edificantes	Ernesto Oaten	60
Cronica Extrangeira	W. Campello	62
Ecos e Noticias	Redação	66
Espiritismo no Brasil	«	69

N. 3 — ABRIL DE 1937

Organisaçao Psiquica do ser humano	Redação	73
Em defesa dos casos de identificação espirita	E. Bozzano	75
Consequencias Moraes das Vidas Sucessivas	Gabriel Delanne	78
A necessidade de proclamar a vida depois da morte	Zodiaco	79
Fotografia psiquica posta á prova	Greater World	83
A Duvida	Dr. Joaquim Branco	85
Hippocrates	Jules Chancel	87

Inspiração de Artista	«Alma e Coração»	90
A saude humana	Emmanuel	91
No Limiar do Etereo	Redação	93
Cronica Extrangeira . :	Watson Campello	95
Notas e Factos	«	98
Ligeiras notas	Redação	99
Livros	«	100
Espiritismo no Brasil	«	101

N. 4 — MAIO DE 1937

Extranho Desiquilibrio	Redação	105
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	Ernesto Bozzano	106
Ensaio de teoria sobre o perispirito . . .	G. Delanne	109
Doloroso Dever	M. D'Aragona	112
Coluna de higiene mental	Leopoldo Machado	114
O Eremita de Michigan	Dr. Joaquim Branco	116
O Testemunho de uma joven viuva . . .	Greater World	119
Formas materialisadas submetidas a exame medico	Two Worlds	121
Dr. Matias Usero Torrente	Gabriel Gobron	122
O Sexto Congresso Trienal da F. E. Int. . .	Redação	123
Cronica Extrangeira	W. Campello	124
Ecos e Noticias	Redação	129
Gazetilha	«	131
Necrologia	«	132
Espiritismo no Brasil	«	134

N. 5 — JUNHO DE 1937

Ciencia Convencional	Redação	137
Ensaio de teoria sobre o Perispirito . . .	G. Delanne	139
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	E. Bozzano	141
O Espiritismo Cristico nos Evangelhos . .	Dr. P. Darsonville	143
Eugène Nus	Redação	145
Interessante «Extra»	«	146
Eu tenho sido um Espirito	Two Worlds	147
Novos rumos á medicina	Dr. Ignacio Ferreira	148
Um caso extraordinario de perda de personalidade	Dr. Joaquim Branco	153
Terapeutica Espirita nas obsessões . . .	Dr. Souza Ribeiro	155
Cronica Extrangeira	W. Campello	157
Notas e Factos	«	160
Gazetilha	T. Souza	162
Ecos e Noticias	Redação	162
Bibliografia	«	164
Espiritismo no Brasil	«	165
Necrologia	»	167
Notas Esparsas	«	168

N. 6 — JULHO DE 1937

Extranha Ciencia	Redação	169
Provas da Imortalidade da Alma pela Experiencia	G. Delanne	171
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	E. Bozzano	174
A humanidade e o seu ancoradouro . . .	Zodiaco	176
Ciencia e Espiritismo	Leopoldo Machado	179
Foto Espirita Reconhecida	Redação	181
Um lar devastado por um Espirito . . .	C. Roethy	182
O Espiritismo e as suas tradições historico, litero-cientificas	Dr. Raul Gomes	184
Calendario Mundial	Redação	186

O Espiritismo e seus opositores . . . . Gumercindo Campos 187
Cronica Extrangeira . . . . W. Campello 190
Ecos e Noticias . . . . Redação 194
A Fenomenologia Espirita no Brasil . . . « 196
Notas e Factos . . . . W. Campello 198
Espiritismo no Brasil . . . . Redação 199
Livros Novos . , ... « 200

N. 7—AGOSTO DE 1937

A Base dos grandes ideaes . . . . . . Redação 201
A Vida e a Constituição organica do Espirito . Gabriel Delanne 203
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica Ernesto Bozzano 206
Novos rumos á medicina . . . . . . Dr. Ignacio Ferreira 209
A Igreja está despertando . . . . . . Two Worlds 212
O Espiritismo e as suas tradições historico, litero-cientificas . . . . Dr. Raul Gomes 214
Amoc . . . . Leopoldo Machado 216
Uma Foto reconhecida . . . . . . Redação 218
A Morte e Resurreição de Maria Ionesco . . Dr. Joaquim Branco 219
Notas e Factos . . . . W. Campello 222
Cronica Extrangeira . . . . « 226
Ecos e Noticias . . . . Redação 227
Gazetilha . . . . Tavares Souza 230
Espiritismo no Brasil . . . . Redação 231

N. 8 - SETEMBRO DE 1937

A unidade do «Eu» e o «Eu biologico» . . Redação 233
As funções do Perispirito . . . . . . Gabriel Delanne 237
O Espiritismo e as suas tradições historico, litero cientificas . . . . Dr. Raul Gomes 237
A menina morta escreveu uma carta . . . Two Worlds 240
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica Ernesto Bozzano 241
O famoso medium gaulez Trefor P. Davies . Frederico Duarte 244
A missão Evangelica de N. S. Jesus Cristo . Dr. Carlos de Castro 246
Em uma camara alta . . . . L. Gibson 248
Uma experiencia «extra corporal» . . . Light 249
O 2.o Congresso Espiritista Argentino . . Redação 251
Cronica Extrangeira . . . . W. Campello 255
Ecos e Noticias . . . . Redação 258
Notas e Factos . . . . W. Campello 260
Congresso Espirita Internacional . . . . Redação 262
Espiritismo no Brasil . . . . « 262

N. 9 —OUTUBRO DE 1937

Admiravel estrutura de um grande monumento . Redação 265
As funções do Perispirito . . . . . Gabriel Delanne 268
O Sentido do Seculo . . . . Arnaldo S. Tiago 270
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica Ernesto Bozzano 273
Foto espirita posta á prova . . . . . Two Worlds 276
O Espiritismo e as suas tradições historico, litero-cientificas . . . . Dr. Raul Gomes 277
O Fenomeno do Sono e a Lei das vibrações . Lis 279
Novos rumos á medicina . . . . . . Dr. Ignacio Ferreira 280
De que são feitos os Espiritos . . . . . Two Worlds 284
Cronica Extrangeira . . . . W. Campello 285
Ecos e Noticias . . . . Redação 288
Notas e Factos . . . . W. Campello 290
Gazetilha . . . . Redação 291

Congresso Espiritista Internacional em Glasgow	Redação	292
Espiritismo no Brasil	«	294

N.o 10 — NOVEMBRO DE 1937

Concepção materialista do Universo e do homem	Redação	297
As funções do Perispirito	G. Delanne	299
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	Ernesto Bozzano	302
Congresso Espiritista Internacional . . .	Redação	304
A Rainha Victoria e o medium R. J. Lees .	Two Worlds	306
Porque se impõe o espiritismo	Leopoldo Machado	308
Um Campeão da Fotografia Psiquica retorna como «extra»	The Worlds	310
A Imortalidade da Alma revelada pela Ciencia	«La Razão» e «Constancia»	311
O Espiritismo e as suas tradições historico, lítero-cientificas	Dr. Raul Gomes	314
Cronica Extrangeira	Watson Campello	316
Ecos e Noticias	Redação	320
Gazetilha	«	322
Notas e Factos	«	323
Espiritismo no Brasil	«	326
Homenagem a Allan Kardec . . , .	«	328

N. 11 — DEZEMBRO DE 1937

Evolução Espiritual da humanidade . . .	Redação	329
Pluralidade das existencias corporeas . . .	G. Delanne	331
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	Ernesto Bozzano	333
Atitude Espirita	Arnaldo S. Tiago	335
O Retorno de Balzac	Louise Beltran	336
A instrução popular e a Doutrina Espirita . .	Dr. Carlos de Castro	338
O homem em contato com o Invisivel . .	Zodiaco	340
Ciencia perfeita? A de Deus	Leopoldo Machado	343
Naturalidade do Mundo Espiritual . . .	Mc Indoe	345
Sensações e reações resultantes do Controle .	Hellen Hughes	347
Cronica Extrangeira	W. Campello	348
Noticias Diversas	Redação	351
Ecos e Noticias	«	352
Notas e Factos	W. Campello	354
O Novo Estado Constitucional	Redação	356
Gazetilha	«	357
Espiritismo no Brasil	«	359

N. 12 — JANEIRO DE 1938

Mais um marco plantado	Redação	361
As vidas sucessivas	G. Delanne	363
Telepatia, Telemnesia e a lei da Relação Psiquica	E. Bozzano	364
O Pobre Divino	Dr. Ch. Andry Bourgeois	367
Epistola de Natal	Redação	368
Rumos antigos — horizontes novos	Arnaldo S. Tiago	370
Milagres da Materialisação	Dr. Nandor Fodor	372
Retratos de Espiritos	Two Worlds	375
Testemunhos vivos da pluralidade das existencias	Manoel Cavaco	376
A Visão Extra Retiniana	J. O.	378
Pródromos	M. D'Aragona	379
Cronica Extrangeira	Redação	380
Notas e Factos	Tavares Souza	385
Espiritismo no Brasil	Redação	386
Ecos e Noticias	«	391
Gazetilha	T. Souza	394

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor: CAIRBAR SCHUTEL **Colaboradores: DIVERSOS**

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Cronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de acordo com a materia de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	25$000
EXTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1421unse

No. 1 Unavailable

O XIV—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1938 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

O "Sêr Coletivo e o "Sêr Indivisivel"
A materia e o espirito
Animismo versus Espiritismo
In Articulo Mortis
"Os quatro Evangelhos" e o "Livro dos Espiritos"
Sumula de uma alocução de E. W. Oaten em a Igreja Nacional Espiritualista
Admiravel figura de materialisação
Razões para uma Filosofia
O Reverendo estava arrependido
Apostolo . . .
Crônica Extrangeira
E'cos e Noticias
Gazetilha
Espiritismo no Brasil

J. B. Mc Indoe

ANO XIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1938 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *Watson Campello*

O "Sêr Coletivo" e o "Sêr Indivisivel"

PASCAL dizia: «A imortalidade é o nosso primeiro interesse, é uma cousa de tal importancia, que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para se ser indiferente ao seu conhecimento.»

A nossa presença na arena da imprensa vem justificar esta verdade, e o nosso trabalho durante treze anos consecutivos não tem tido outro oscopo que despertar essa sensibilidade adormecida nas gentes, contribuir para a formação de um espirito novo em cada individuo, concorrer, finalmente, para a espiritualisação do nosso povo, que vive «terra a terra» sem conhecimento da sua situação e dos seus deveres.

Hoje a Revista Internacional do Espiritismo entra no seu XIV aniversario confiante de proseguir na mesma orientação e contribuir com todas as suas luzes, como tem feito até aqui, para o triunfo da Verdade com a constatação do «Eu Indivisivel» que preexiste ao aparecimento do corpo fisico, e sobrevive á morte deste.

A nossa Doutrina genuinamente Espiritualista tem por base principal, para manter suas afirmações, os fenomenos animicos e espiritas, ou antes os factos, factos que ninguem pode negar com bons fundamentos, porque têm sido verificados até aqui e cremos que continuarão a se manifestar a todos os homens de bôa vontade e livres de espirito preconcebido, que desejarem estuda-los em sua feição positiva e de acordo com as leis que os regem.

Julgamos que nunca a nossa publicação se tornou tão indispensavel, como no momento aflitivo que atravessamos, e no qual todas as potestades das trevas parece se terem unido para destruir da alma humana aquilo que ela tem de mais sagrado, que é a crença e a liberdade para trabalhar para a conquista dos seus destinos felizes. E, com efeito, parece tudo conspirar contra o alcance desse desideratum, de cuja realisação virá a solução de todas as questões que afétam os povos e as nações. Os centros de diversões, a sensualidade desbragada, os atrativos de toda a natureza que sob formas diversas prendem o homem á materialidade e até as multiplas ideologias baralhadas e confusas, nimiamente materialistas, sem principios solidos e de uma finalidade prejudicial ao individuo e, portanto, á coletividade, tudo isso indica claramente que chegamos ao fim de uma época que assinala a derrocada de um mundo de orgulho, de egoismo, factores maximos de todas as paixões malsans, causa principal da absoluta repudia para as cousas divinas, tal como se verifica em toda a parte, desde as camadas mais civilisadas até ás mais humilhadas.

Agora mesmo prega-se abertamente e com sanção oficial, na Europa o aniquilamento do *individuo* e o triunfo do *Coletivismo*, como se a coletividade não constituisse o conjunto dos individuos ou pudesse viver sem os individuos.

O sr. Otto Dietrich, chefe da imprensa do governo do Reich, falando na Universidade sobre «Comunidade e Personalidade» disse frisantemente «que a personalidade não é mais do que uma concepção da comunidade; não se é personalidade porque se acredita sê-lo mas em razão dos serviços prestados á comunidade.» E acrescenta: «Da mesma forma, toda a noção de liberdade que não decorre da comunidade é «a priori» falsa. A verdadeira liberdade é a que serve á comunidade e a vóz do sangue é a fonte de liberdade.»

O materialismo alemão não se satisfaz com a concepção panteista do Universo, aplica-a tambem a humanidade. A filosofia alemã destróe toda a idéa de livre-arbitrio, de responsabilidade, de alma, de espirito. «A vóz do sangue é que é a fonte de liberdade». Foram filosofos desse jaez que, imbuidos de idéas materialistas, crearam a «*teoria do ser coletivo*», que pretende explicar a causa dos fenomenos verificados nas sessões de espiritismo experimental. Infensos a toda a idéa de imortalidade e existencia animica em que o «Eu indivisivel» se demonstra positivamente, eles acham que todos os fenomenos são resultados do conflito vital, cujas forças dos assistentes (coletividade) produz fantasmas, creações efemeras e forças invisiveis capazes de movimentar e transportar objetos, etc. Ora, esta teoria proclamada precipitada e aprioristicamente ja foi considerada erronea pelos maiores sabios dos nossos tempos, em virtude da eloquencia dos factos e do seu caráter puramente individualista, não podendo, portanto, fundamentar uma nova sociologia, tal como deseja o sr. Otto Dietrich, comissionado pelo Governo alemão.

Se ainda o sr. Otto através da letra que salienta a sua filosofia, quizesse demonstrar os deveres que todos nós temos para com a coletividade, como partes integrantes que somos da coletividade, nós não negariamos o nosso apoio ao universitario de Berlim, mas querer destruir a Verdade para fazer prevalecer seus principios falsos, a pretexto de uma reforma que unificaria o povo alemão, é o mesmo que erguer um edificio em areia movediça com prejuizo daqueles que se julgando resguardados, perececiam ao desmoronar do castelo, ás primeiras correntezas que abalassem seus alicerces.

Não criticamos o sr. Dietrich quanto a sua bôa vontade politica de estabelecer a ordem e a união no povo alemão, o que achamos muito louvavel, mas sim as suas conclusões filosoficas que dão resultado contraproducente.

Ninguem mais do que nós deseja o triunfo do espirito de fraternidade e a obediencia ás leis de proteção á coletividade, mesmo porque julgamos que coletividade constando de individuos ha de reunir todas essas liberdades de cada individuo para que haja concordia, respeito, e orientação fraternista. Mas esta idéa está muito longe da supressão da liberdade individual e da concepção de ser o individuo o produto da coletividade. E' natural que dois tenham mais liberdade do que um e que mil tenham mais liberdade do que dois, mas só se pode explicar a liberdade de dois, explicando a liberdade do individuo.

Num dos nossos ultimos escritos criticamos a concepção do «Estado Totalitario», justamente pelo mesmo motivo que criticamos atualmente a concepção, ou antes a doutrina coletivista do estadista alemão, completa negação do Espiritismo.

Na politica, como na moral e na ciencia a negação do Espiritualismo representa atualmente, a negação dos factos, a negação da Verdade.

Estas tres poderosas colunas que sustentam o edificio social, não podem resvalar pelos planos inclinados do Materialismo, sob pena de desaparecerem nas voragens do nada. Pode-se admitir não só entre os moralistas, como nos cientistas e politicos, a duvida, mas nunca a negação acintosa e sistematica da Verdade. E essa mesma duvida não deve ser passiva, mas cheia de atividade para que seja proficua.

Nada temos e nem queremos ter com a politica, e se não nos encomodamos com a politica do nosso paiz, como iriamos nos intrometer na politica extrangeira! A nossa critica está unicamente adstrita á ciencia e á filosofia. Discutimos sob o ponto de vista espiritualista porque estamos cientificamente convencidos de que, assim como todos os fenomenos de ordem animica ou de ordem espirita só podem ser explicados pela *teoria espirita*, assim tambem as consequencias desta *teoria* se reflétem no mundo fisico para o estabelecimento da ordem social e resolução de todos os problemas que afétam os povos e as nações.

Concluimos com Pascal: «A imortalidade é a base de tudo, é o nosso primeiro interesse; abandona-la é ter perdido toda a sensibilidade.»

• • •

Rememorando o nosso aparecimento, fazemos votos a Deus para que possamos proseguir na defesa e divulgação da Idéa Espirita, concorrendo embora com insignificante parcela para o erguimento do Espiritualismo em sua legitima expressão, pois só dele nos pode vir a Paz de que tanto carecemos e a Luz para nos iluminar a Estrada da vida.

Cairbar.

NOTA—Conforme dissemos na nossa ultima edição, é este o artigo de fundo do nosso ex-diretor Cairbar Schutel, que não publicamos no numero transato em virtude de termos ocupado as primeiras paginas desta revista com a noticia do seu passamento.

A MATERIA E O ESPIRITO

Gabriel DELANNE

Não conhecemos a materia em si; tanto como sucede com a força ou o espirito, apenas percebemos suas relações reciprocas; eis porque não nos é possivel formular uma teoria completa, abrangendo todos os fenomenos sucessivos. Não podemos saber se uma dessas realidades engendrou as outras por uma via evolutiva. Os filosofos, segundo a sua disposição de espirito, teem alternadamente dado preferencia ao espirito ou á materia como manifestação primitiva, mas uns e outros emaranham-se em dificuldades logicas insuperaveis.

Si se admite que a força é um modo de ser, um aspécto da materia, apenas ha no universo dois elementos distintos; materia e espirito, que são irredutiveis um ao outro. O espirito tem por caráter essencial a conciencia, isto é, o *eu* pelo qual se distingue do que não está nele: a materia. Desde as primeiras manifestações vitais, o *eu* testemunha sua existencia por uma reação, expontanea a uma excitação exterior. No mundo inorganico tudo é cego, passivo, fatal; não ha progresso; só existe mudança de estados, que não modifica a natureza intima da substancia. No sêr inteligente, ha aumento de poder, desenvolvimento das faculdades latentes, desabrochamento do sêr, que traduz-se por uma exaltação intima do individuo.

As modalidades da materia ou da força exercem se num ciclo determinado: o das transformações. Elas podem mover se umas nas outras alternadamente, substituirem-se por alterações na frequencia, na amplitude ou no sentido dos movimentos vibratorios. A alma é una, e cada essencia espiritual é individualizada ou pessoal. Nenhuma alma póde mudar-se em outra, substituir-se por outra, pois é uma unidade irredutivel que tem sua existencia em si; suas faculdades, embora semelhantes as das outras, teem entretanto um desenvolvimento que lhe é pessoal, particular. Para a alma, ha progresso, modificação intima, ascenção, sem retrocesso possivel para qualquer outro estado menos desenvolvido. Esse progresso manifesta-se por um poder sempre crescente sobre o não *eu*, isto é: a materia. Vimos como se póde compreender a evolução da alma cumprindo-se no tempo, produzindo fórmas materiais sempre mais perfeitas; portanto, vamos agora resumir sumariamente o conjunto desses conhecimentos, partindo da materia primordial.

A Evolução Cosmica

Sabemos que a materia, em seus diferentes estados fisicos, vai rarefazendo-se cada vez mais quando passa do estado solido ao gazozo; atingido este estado, as moleculas ficam em grande instabilidade, porque são animadas de um movimento de rotação extremamente rapido e dum movimento de translação retilinio em todos os sentidos; este ultimo movimento resulta do proprio choque das moleculas animadas de movimento rotatorio. O movimento de rotação é, por efeito da força viva armazenada, capaz de transformar-se em todos os outros movimentos; portanto, ele representa a soma de trabalho disponivel: a energia.

Segue-se que é nas moleculas gazozas que a energia parece estar no mais alto grau. Porém, póde haver uma energia de posição ainda mais forte. Efetivamente, a natureza nos mostra que a materia nebulosa aféta precisamente um estado de imensa rarefação da materia. Si se supozesse toda a materia do nosso sistema solar uniformemente repartida no espaço esférico abraçado pela orbita de Neptuno, resultaria daí uma nebulosa gazoza homogenea, que seria quatrocentos milhões de vezes menos densa que o hidrogenio na pressão ordinaria, o qual pesa quatorze vezes menos que o ar (1); a materia neste estado, deve ser ultra radiante e apresentar todos os caracteres da força, porém, não está em sua forma primordial, pois tem ainda um pêso. Sabemos que sabios ilustres, como Helmholtz, Crookes, Cornellay, baseando-se sobre o estudo da força, admitem que a materia pode afétar estados nos quais ela não tem pêso. O calor, a luz, a eletricidade, etc., são modos vibratorios em que a materia não tem mais peso; por conseguinte, nos é possivel imaginar uma substancia primitiva, invisivel e imponderavel, que forme o estado primordial da materia, isto é, o fluido universal. Chega-se á mesma conclusão examinando-se as propriedades quimicas da materia. Esta indução é mui legitima e perfeitamente concorde com as descobertas e tendencias da ciencia atual. Admitido isto, é facil compreender que todos os fenomenos fisicos da formação dos mundos dependerão das condensações sucessivas, sempre mais completas do fluido universal.

A materia, sob sua fórma primitiva, ocupa o espaço. Existe aí em todos os graus de rarefação, desde o estado inicial até ao de materia visivel e ponderavel. O éter dos fisicos não é sinão uma modalidade assaz afastada da materia universal. Os espiritos nos ensinam que esses diferentes estados de rarefação representam o que chamamos fluidos; existe um grande numero deles, tão diferentes por suas propriedades quanto os diferentes estados da materia o são para nós. E' no seu estudo que se encontrará a razão de numerosos fenomenos que nos escapam atualmente. Continuando a condensação da materia unica, o movimento atomico que estava em seu maximo de poder, vai diminuindo sem cessar, e então aparecem as multiplas manifestações da energia que chamamos forças naturais; elas traduzem-se pelas diversas vibrações do éter; em seguida, o movimento original diminuindo sempre de amplitude, a rarefação primitiva torna-se menor e a materia aparece nessas palidas nebulosidades que ocupam, no seio do infinito, logares determinados, onde desenvolver-se-ão os futuros universos.

Quem porventura poderia imaginar as inumeraveis séries de seculos que exigem essas lentas transformações?

---

(1) *Flammarion: «Le monde avant la creation de l'homme», p. 10.*

Para que se pudesse fazer uma ideia a esse respeito, seriam precisas unidades tais, que o periodo inteiro durante o qual a terra desenvolveu suas transformações, tomado como unidade, seria ainda insuficiente. Aqui o astronomo fornece-nos informações positivas, e assim sabemos como a materia cosmica se concentra lentamente no seu nucleo. A queda de todos os atomos para o centro de atração desenvolve um calor enorme; ao mesmo tempo, a nebulosa toma um movimento de rotação circular que formará zonas redemoinhando com velocidades desiguais, segundo seu afastamento do centro; cada um desses aneis se condensará para formar uma pequena nebulosa, rodando no sentido da nebulosa inteira e em torno de seu centro particular, e, á medida que a concentração molecular se desenvolver, o calor engendrado dará origem a sóis que brilharão na noite profunda.

Si examinarmos um dos mundos secundarios, que será a terra, por exemplo, chegaremos a reconstituir sua historia celeste: a principio é uma estrela branca e brilhante como sirios, mui ardente, onde a materia ponderavel começa a diferençar-se dando origem ao mais leve dos corpos: o hidrogenio. Durante muito tempo, esse novo mundo lançará suas radiações ofuscantes em todas as direções da imensidade; depois, diminuindo o calor, isto é, o movimento vibratorio sendo menos forte, outras condensações se realizarão: a luz torna se-á amarela como a do sol e será possivel a aparição sucessiva dos diferentes metais; enfim, os metaloides e as combinações dos metais entre si poderão efetuar se, e a luz será de um vermelho vivo que ensombrar se-á cada vez mais, até que se extinga. Neste momento, a diferenciação efetua-se: as diversas condensações tomam com a temperatura decrescente, posições de equilibrio estavel, que não mais poderá ser modificado: tais são os corpos simples que se engendraram.

E' conviniente não concluir, desse decrescimento da temperatura, que ele seja comparavel com alguma cousa ao que existe hoje.

Deve-se representar a terra como um imenso laboratorio onde todos corpos estão ainda em estado de vapor e, em parte, liquifeitos, isto é, numa temperatura proxima a da 2.000 graus. Apenas uma delgada camada de crosta, cobre esse imenso brazeiro em ignição. A atmosfera está carregada de espessos vapores, sulcados sem cessar por extraordinarias descargas eletricas. Mas, o frio dos espaços interplanetarios age com o decorrer dos tempos: as condensaçóes dos metais efetuam se no meio das forças fisicas e quimicas desencadeadas, e a camada solida vai aumentando até chegar o momento em que intercepta os raios do fóco central. Então, os vapores aquosos condensam-se e toda a terra fica coberta de aguas.

Neste interim, a lua nasce, destacada da nebulosa terrestre pela rapidez do movimento de rotação, que era então muito maior que hoje.

Foi no seio tepido dos mares primitivos, sob condições de luz, de calor e de pressão mui dificeis de reproduzirem se agora, que se formou essa camada viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida e da inteligencia, que devem desenvolver se progressiva e paralelamente, produzindo a inumeravel multidão das fórmas tão variadas de vegetais e animais, para desabrocharem, após uma longa série de seculos, na obra tão pacientemente proseguida: a aparição do sêr conciente, o homem.

Continúa.

* * *

O homem que morre se parece a um astro que se deita para levantar se mais brilhante em outro hemisferio. — GOETHE.

O corpo não é mais do que um vestuario organico do espirito, passa, cái, se decompõe; o espirito permanece. — C. FLAMMARION.

Animismo versus Espiritualismo

Pelo Prof. ERNESTO BOZZANO

Tese apresentada e defendida no Congresso Espiritista Internacional de Glasgow, 10 de setembro 1937

Trad. por Cairbar Schutel

(Conclusão)

Afim de evitar todo malentendido eu voltarei ao que já fôra explicado antes, notadamente isto: que nos casos de comunicações mediunicas entre vivos, é possivel estabelecer uma relação psiquica com pessôas ausentes desconhecidas das pessôas presentes, com a condição de apresentar ao sensitivo um objéto usado muito tempo sobre a pessoa do individuo ausente com o qual se deseja comunicar (psicometria). Isto, todavia, é uma excepção que confirma a regra, porque isso não altera o dado indispensavel de toda relação psiquica que consiste em uma sincronização das vibrações especificas — uma sincronização existente entre pessoas que se conhecem e que podem ser obtidos indiretamente por meio de um objéto que absorveu as vibrações especificas do individuo procurado. Observo ao mesmo tempo que este método indiréto de obter uma relação psiquica serve para corroborar o que se passa nas comunicações mediunicas com os mortos, em que é igualmente possivel estabelecer uma relação com as pessoas falecidas, desconhecidas das pessoas presentes com a condição de apresentar ao medium um objéto usado durante longo tempo pela entidade desconhecida com a qual se quer comunicar. Faço lembrar que este fenomeno acontecia frequentemente com a medium Mrs. Piper, exatamente como se dá normalmente com não importa qual medium de bôa fé.

Neste sentido faço observar por analogia que o T. S. T. (1) nos auxiliará a compreender como o fenomeno de sincronização se realiza entre vivos que se não conhecem, assim como entre mortos e vivos em condições analogas. Isto é, o objeto saturado de fluidos vitalizados (ou vibrações especificas) da pessoa viva ou morta desconhecida do medium age como um poste transmissor e um poste receptor sincronizados sobre um mesmo comprimento de onda, nas quais as mensagens enviadas pelo primeiro poste chegam infalivelmente ao alvo, atendendo-se a que as ondas eletricas se espalham e circulam em torno e ao infinito.

Passando a outro capitulo em que resumi os fenomenos de bilocação que, do ponto de vista teorico são mais importantes que quaisquer outros, eu me limitarei a fazer observar que hei especialmente insistido sobre os fenomenos de natureza dos que são observados junto aos leitos de morte, fazendo notar o quanto esta ultima modalidade em que o animismo se apresenta, satisfazia por si propria para demonstrar a sobrevivencia humana sobre uma base, de facto, concludente, tanto mais que, se considerarmos os meios em questão, nós passamos sem interrupção de continuidade dos fenomenos animicos, quando eles assumem a fórma de «fantasmas dos vivos exteriorizados durante a agonia» aos fenomenos espiritisticos quando eles tomam a fórma de «fantasmas dos mortos que se manifestam pouco depois da morte», ou de «aparições dos mortos nos leitos mortuarios», sem contar as outras modalidades significativas pelas quais os mortos se manifestam, descritos e comentados com detalhes no capitulo F.

Este quinto capitulo excede grandemente ao mais importante do livro, porque está demonstrado sobre a base dos factos que, mesmo si a oniciencia divina operasse sobre o subconciente humano, nós não chegariamos a neutralizar a possibilidade de provar cientificamente a sobrevivencia. Assim, portanto, permitido nos é afirmar que os materiais acumulados e comentados neste capitulo demolem todas as hipoteses e todas as objeções legitimas ou sofisticas, á disposição dos adversarios, assegurando, assim, a causa da Verdade duma maneira teoricamente absoluta. Eu digo, teoricamente, porque praticamente sempre haverá um grupo de irredutiveis, dos quaes falei no fim do capitulo e que, bem que incapazes de refutar seu conteudo, permanecerão, apesar de tudo, recalcitrantes e septicos. Isto em razão de uma especie bem reconhecida de idiosincrasia psiquica que torna os condutos cerebrais impermeaveis ás verdades novas (Misoneismo).

---

(1) *Telegrafo sem fio.*

E a necessidade de expôr claramente esta simples verdade, nós a veremos neste facto: a objeção concernente á existencia presuntiva duma «criptestesia oniciente» não constituia somente uma arma favorita para os adversarios, mas era mesmo admitida como legitima por alguns dos mais ardentes defensores da hipotese espiritualista, que procuravam neutralizar sua influencia destruidora com as palavras: «Senso comum e Razão», que segundo eles, seriam suficientes a excluir uma hipotese pela qual as potencias divinas operariam sobre as faculdades subconcientes.

E eles tiveram razão de apelar ao seu bom senso ante a incrivel audacia dos adversarios; em todo caso, seus esforços permaneceram impotentes para demolir os argumentos dos que se apoiavam sobre uma objeção tão irrefutavel quão indemonstravel. Ao contrario, seria inutil mostrar-lhes em que erro metapsiquico enorme eles haviam caído sustentando que as provas experimentais da sobrevivencia estavam exclusivamente baseadas sobre os casos de identificação espirita fundadas sobre informações pessoais dos comunicantes defuntos, emquanto que em realidade elas estavam firmemente baseadas sobre o complexo integral da fenomenologia supranormal animistica e espirita na qual toda existencia converge para a demonstração da existencia e da sobrevivencia do espirito humano. Esta ultima verdade está demonstrada na presente obra por exemplos tomados das diversas categorias de manifestações supranormais colecionadas e comentadas no quinto capitulo.

E' efetivamente curioso que ninguem fizesse notar aos adversarios o enorme erro em que eles cairam, igualmente que ninguem tenha pensado indicar a certos defensores eminentes da hipòtese espirita, o erro deploravel em que igualmente caíram, fazendo sua a objeção dos adversarios. Entre eles, eu cito o Dr. Gustavo Geley, o ardente defensor dum espiritismo cientifico que acha a objeção em questão toda legitima, reconhecendo-lhe as forças neutralizantes, declarando impossivel elimina-la presentemente, ainda que fantastica e filosoficamente absurda. E é por isto que ele invoca o bom senso e a razão.

Um erro curioso para um pensador de sua ordem, tanto mais que o vemos persistir nesta atitude durante toda sua vida; depois de ter admitido seu poder neutralizante em um de seus primeiros livros, ele ainda o admite mais francamente no ultimo periodo de sua nobre vida, enviando u'a mensagem ao Congresso de Copenhague, na qual ele se exprime nestes termos:

> «Até a hora presente, qualquer que seja a prova, diréta ou imediata, em favor da sobrevivencia corre o risco de ser definitivamente rejeitada pela grande maioria dos sabios; mesmo pelos que são versados em a metapsiquica. Estes ultimos fazem observar que, propriamente falando, todo o fenomeno seja ele qual fôr póde ser explicado pelas faculdades subliminais E é evidente que si as capacidades diversas de exterorização nos mediuns estivessem reconhecidas, faculdades de ideoplastia subconciente, criptomnesia, telepatia e lucidez, nenhuma probabilidade haveria de provar a identificação espirita. A meu ver, seria perder tempo negar isto e persistir no caminho da identificação

pessoal. A demonstração direta da sobrevivencia humana, supondo que ela seja possivel, não será a base, mas a coroação do edificio metapsiquico.»

Assim, como já vos disse, ele exprimiu a mesma opinião muitos anos antes, em seu livro: «O sêr subconciente», nos seguintes termos:

> «E' evidente que, si admitirmos o desenvolvimento ilimitado do fenomeno de exteriorização, assim como um poder semelhante ás faculdades subconcientes, poderemos explicar tudo, sem atribuir o que quer que seja á intervenção das entidades espirituais.»

Compte Rendu, p. 103

Era portanto perfeitamente natural que o Dr. Osty se apoderasse das deploraveis declarações do Dr. Geley ao Congresso de Copenhague e delas se utilizasse para demonstrar que, no ultimo periodo de sua vida, ele renunciára ás suas convicções espiritas. Isto deu ao Dr. Osty a ocasião de comentar sobre o facto, fazendo observar que «a privilegiada inteligencia do Dr. Geley, acessivel a toda verdade, não deixou de descobrir que em metapsiquica, tudo se explica pelas forças trancendentais dos vivos.» Dedução bem distante da verdade, nada mais que uma ilusão pessoal; eu me apresso a acrescentar que o Dr. Osty agiu de bôa fé quando ele assim falou, porque ele não sabia que o Dr. Geley formulára a mesma opinião num de seus primeiros livros; naquele momento ele era incontestavelmente um espirita convencido, e assim permaneceu até o fim de sua vida.

Pessoalmente eu me sinto garantido de tudo o que avanço pelas ultimas cartas que dele recebi. O que emerge verdadeiramente desta repetição do mesmo erro ao Congresso de Copenhague é isto: O Dr. Geley persistiu durante toda a sua vida em atribuir certa importancia á suposição enganosa de que só as manifestações supranormais demonstram a sobrevivencia sendo certos casos de identificação espirita, baseados sobre informações pessoais, fornecidas pelos comunicantes defuntos.

Relativamente a isto, é oportuno notar que o erro em que incidiram por uma parte o Dr. Geley e por outra o Dr. Osty, é um exemplo eloquente que confirma o que eu disse no fim do quinto capitulo, relativamente aos fenomenos psicologicos, a saber: a grande dificuldade — extranhamente comum — de ter ante o espirito todos os dados que constituem o problema a resolver; dados perfeitamente conhecidos daquele que deles se esquece, donde esta consequencia: o raciocinio humano induz e deduz, quasi sempre, pelos processos de sintese parcial, chegando assim a lastimaveis conclusões eivadas de erros. Agora, no nosso caso o Dr. Geley e o Dr. Osty conhecendo ambos a fundo todas as categorias de fenomenos por mim enumerados no quinto capitulo e entretanto apresentando-se a ocasião deles se utilizar antes de formar uma conclusão, ambos deles se esqueceram, ambos chegaram ás mesmas conclusões erroneas, um, procurando construir e o outro destruir os fundamentos da solução espirita do problema da Existencia (Ser).

Tudo isto corrobora eficazmente a observação seguinte de Stanley de Brath:

«E' de notar que o espirito mediano, e pior ainda, o adversario mediano do espiritismo, faz prova de incapacidade quando ele quer basear suas convicções ou suas contradições sobre uma massa de factos provados.»

Assim é precisamente e é esta uma asserção de factos que tomam o valor de uma lição importante que se não deveria esquecer.

Eu concluo resumindo os resultados obtidos sob a fórma de replica ao problema que me foi confiado pelo Comité Organizador do Congresso Internacional de Glasgow: «Animismo ou Espiritualismo: Qual dos dois explica os factos?» — Eu respondo:

> «Nem um, nem o outro; pela bôa razão de serem indispensaveis os dois para bem demonstrar a complexidade dos fenomenos supranormais; dever-se-á observar que estes são o efeito duma mesma causa, a saber: O espirito humano, quando ele se manifesta por cla-

rões efémeros no periodo de incarnação, determina fenomenos animicos e quando ele se manifesta no mundo dos vivos em estado de desincarnado, determina os fenomenos espiritisticos.»

Disto resulta uma lição muito importante: os fenomenos metapsiquicos, considerados no seu conjunto, começando pela modesta tiptologia da mesa mediunica e os raps na madeira e terminando pelas aparições de vivos e as manifestações de fantasmas vitalisados e inteligentes, podem ser fenomenos animicos ou espiritas segundo as circunstancias. Em suma, é racional presumir isto: o que um desincarnado póde produzir, um espirito incarnado tambem deveria poder produzir; ainda que menos bem. Todavia, com a condição de estar numa fase transitoria de depressão vital, a qual fase corresponderia a um processo nascente de desincarnação do espirito (sono fisiologico, sono sonambulico, transe mediunico, extase, desmaio, narcose, coma, etc.)

Segue-se que, em metapsiquica, andariamos acertadamente analisando constantemente os fenomenos supranormais separadamente, antes de nos pronunciarmos sobre sua origem animica ou espirita. O que equivale a reconhecer que o maior erro que um investigador possa cometer é o de generalisar muito depressa, aplicando a todo um grupo de fenomenos supranormais conclusões aplicaveis unicamente a um só caso. Eis aqui o erro em que cáem muito frequentemente tanto os defensores do animismo transcendental como do espiritualismo. Para os primeiros, este erro é de regra corrente; si assim não fosse, eles não poderiam ser os partidarios deste Animismo Transcendental.

IN ARTICULO MORTIS

Por
BARNABÉ MOREIRA

Da «Constancia»
Revista Argentina

Trad. de
Cairbar Schutel

«*In articulo mortis*» — locução latina referente ao transe de um ser que termina sua vida na Terra.

Quando chega o momento do desenlace do espirito e a materia, o moribundo não quer convencer-se, não pode persuadir se de que tudo acaba naquele momento. Sente palpitar no intimo de seu ser algo que é a mesma vida, poderoso halito espiritual que sobrevive ao corpo decrépito e enfermo. Adivinha que o espera a vida ultra terrestre como o despertar de um sonho e com este pensamento, sente-se impregnado de uma luz interior suavemente espandida. Com misteriosa suavidade, a aurora de seu espirito vae deixando as trevas opressoras; a penumbra vai substituindo o ponto negro longinquo; se vê envolto de uma divina embriaguez de luzes, sentindo se renascer. E' um élo da cadeia social e retorna neste instante á sua individualidade soberana. O processo da vida se torna inverso em seu curso. E' como se depois de lhe ter sido dado, afinal, a travessia e imersão no mar, o separasse das salobras ondas para voltar ao rio, daí ao arroio e por fim ele remontasse até chegar de novo ao cume feito de neve, encarando de frente a brancura ao calor do sol.

A morte!... Na verdade, não é facil vê-la claramente, nem pôr em ordem nossos pensamentos, quando vemos desaparecer os entes que tanto temos amado; não ha espaço para as idéas, e menos espaço ha ainda para as frases; tudo se diz com um soluço, explosão do sentimento e com o amargor de uma lagrima que róla silente pelas faces.

Mas na intimidade da conciencia, no intimo da alma, sentimos o dôce fruir de um presentimento, o considerar de que aquele espirito, desprendido de seu organismo, termina uma jornada de penurias para despertar num mundo melhor, em outra vida mais amavel.

Esta é a linguagem com a qual terminamos os tempos, hontem, hoje e amanhã de nossa vida perpetua; ha filosófos que nos fazem duvidar com seus profundos silogismos. Segundo Myers, sua teoria do *Eterno presente* se expressa nestes termos:

«*Poucos homens hão meditado profundamente sobre os problemas do passado e do futuro, sem considerar si o passado e o futuro não são, de facto, outra cousa que palavras; si não tomamos como consequencias o que não é sinão um oceano de existencias...*»

Nesta teoria funda Sudre seu argumento, quando disse: «*Assim se compreende que os sensitivos metagnomos atuando na quarta dimensão do espaço, podem ver no passado e predizer o futuro.*»

Os gregos não apreciavam a triste palavra «morte». O desenvolvido sentimento estetico dos helenos preferia indicar a suspensão da vida por meio de imagens indirétas. Frequentemente sugeriam suas idéas simbolizando-as em um Amor que apagava a luz da sua tócha (archote); ou melhor, falando do sono de um menino a dormir no regaço da Noite e de cujos sonhos surgia a aurora de um novo dia. Com frequencia aludiam a uma donzela formosissima coroada de flôres de amaranto e sempre-vivas.

Sua serenidade olimpica ante a morte esta demonstrada na lenda do personagem mais formoso da «Iliada», que diz assim:

Anunciaram a Parcas a morte proxima de Aquiles:

«*Amanhã romper-se-á o fio da tua existencia.*

Sentou se o heroi de tantas batalhas no humbral da sua tenda, tomou a lira e dispoz-se a cantar.

Resplandecia sua mocidade em flôr e as luzes do ocaso eram para ele os ultimos bruxoleios do mundo.

Um veu de sombra empanava seus olhos; nuvens de melancolia davam matizes de profunda tristeza ao seu formoso semblante.

E um grego tremeu pelo que Aquiles ia cantar. Aproximou-se do heroi condenado pelo destino e lhe falou assim:

—Tu sabes que vais morrer; não seja uma queixa o teu canto; não chores, oh, Aquiles! Proceda de modo que nossos filhos e os filhos de nossos filhos nunca possam dizer:

—Sabia Aquiles que ia morrer e teve medo da morte e chorou o seu destino.

Permaneçamos grandes, oh, Aquiles!»

Era a doutrina do saber morrer, era saber fazer da morte a mais bela corôa da vida.

Os romanos do grande imperio tambem não temiam a morte. Podemos imaginar aquelas festas circenses, quando saíam, á arena, grupos de valentes gladiadores que, ao passarem diante do palco imperial, saudavam o imperador, exclamando:

«*Ave César; morituri te salutant.*» (Os que vão morrer de saúdam).

Aqueles lutadores resumiam todo seu orgulho em ornamentar seus corpos atleticos com a maior harmonia estética.

Porém, aqui não tratamos de morrer, mas de viver uma eternidade de eternidades. A doutrina espirita conta com precursores antiquissimos que sonhavam prolongar a vida além dos limites naturais.

A fonte de Juvencia. Contam que Juvencia, a Ninfa mitologica, foi transformada, por Jupiter, em fonte cujas aguas tinham a virtude de rejuvenecer os que dela bebiam. Isto simbolisava a eterna aspiração, de todos os humanos, de viver eternamente.

Todos conhecem as tentativas heroicas dos sabios alquimistas da Idade Media, que alvoroçaram o mundo, anunciando a descoberta da *Pedra Filosofal*, que não só transmutava metais em ouro puro, como tambem era o elixir de longa-vida, com o qual se conseguia dupla felicidade.

A MORTE E' VIDA

Todavia, em nossos dias, sabios se entregaram a experiencias cientificas modernas, com todos os caractéres de seriedade, para prolongar a vida. Os Drs. Metchicoff, Voronoff, Hemach e outros tentaram enxertos glandulares para aumentar a duração da vida.

Todos esses exemplos, experiencias e anceios provam a ancia irrefreavel de viver, um desejo geral de continuar a vida humana com todo seu cortejo de ilusões, esperanças e sonhos, em alguma cousa indefinida, imprecisa.

Devemos notar a insistencia dessa aspiração no fluir dos séculos, desse anceio sublime de todos os homens; idéa sustentada ha quasi um século pelo Espiritismo que veio brindar a humanidade—não com uma famosa *Fonte Juvencia*; não com a longividade por meio da não menos celebre *Pedra Filosofal*; nem tão pouco por meio de duvidosas experiencias cientificas para rejuvenecimentos efémeros; mas sim com a vida natural, logica, humana, realmente indefinida e eterna.

Multidões de pensadores eminentes predisseram a imortalidade do espirito como uma lei natural da vida humana, acima dos sepulcros, através dos séculos, apesar das frias sentenças do materialismo e das religiões positivas.

O caixão funerario é o berço de um novo sêr que nasce, como as rosas brotam airosas e flagrantes em rosal silvestre.

Bernardino de Saint Pierre dizia ao sentir-se acariciado pela morte:

«*Sinto que abandono a terra, mas não a vida.*»

Victor Hugo, que foi espirita militante, escrevia em pleno juizo para a publicidade: «Sinto em meu sêr a vida futura. Sou como a arvore que mais de uma vez foi cortada. As novas raizes são mais fortes e vigorosas; é que subo, bem o sei, para o infinito. A clara intuição de mundos desconhecidos ilumina minha alma. O inverno envolve minha cabeça, mas em meu coração reina eterna primavera. Quanto mais me aproximo do fim, com mais clareza meu ouvido percebe as sinfonías imortais dos mundos que para si me atráem. A sêde do finito prova o infinito. Durante mais de meio século escrevi pensamentos, versos, historia, filosofia; ensaiei tudo e sei que só hei dito a milesima parte do que está em mim. Quando eu baixar á sepultura, poderei exclamar:—Terminei minha tarefa—porém, não poderei dizer:—Hei terminado minha vida. Começarei de novo.»

"Os quatro Evangelhos" e o "Livro dos Espiritos",

De J. E. Guillot — Trad. do Dr. Guillon Ribeiro. 1938

Arnaldo S. Thiago

Desejosos de apreciar, com imparcialidade espirita esta pequena, porém substanciosa monografia, é nosso intuito proseguir neste esforço de critica bem intencionada, que encetamos de recente data, certos que estamos de que, sem critica, não se chega á verdade: «Procurai ler tudo, examinai tudo, analisai tudo e aceitai o que vos parecer de acordo com a razão esclarecida pela experiencia». Este conceito, que é basico em todos os trabalhos e estudos espiritas, embora expresso em termos um pouco diferentes—o que lhe não altera a essencia—deve induzir o espirita a dizer livremente e bem inspirado, o que pensa a respeito do que lê ou escuta, e aos orgãos de publicidade espirita, o de lhe aceitarem a critica, desde que seja, assim, bem intencionada, embora muitos a contestem, porque a essencia da nossa doutrina é o maximo respeito ao Livre Pensamento dentro dos principios cardeais do Evangelho: o «Amor a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a si mesmo».

Certo de que esta Revista, que sempre tais principios esposou, não recuse guarida ás linhas que seguem, no cumprimento de um dever escrevo-as com animo fraterno e na melhor das intenções.

A' pagina 15 do citado folheto, encontra-se o seguinte: «Ha então encarnações espirituais, puramente *fluidicas* em mundos *fluidicos*, onde o Espirito reveste um *aparelho em harmonia com a materia essencial desses mundos* (132).

As primeiras encarnações, conseguintemente, não se verificam em mundos inferiores, materiais, como se pudera supor, visto que estes não são habitados *corporalmente* pelos Espiritos, sinão em virtude de uma falencia, porquanto nisso é que está a *expiação*.

O autor (J. E. Guillot), de quem são os raciocinios transcritos, conclúe mal, conclúe a *seu* modo e não como o induz logicamente a concluir o texto do Livro dos Espiritos, citado: logicamente e de acordo com a lição uniforme da Natureza.

Conclue mal quando, partindo dos conceitos contidos no N. 132 (Deus lhes impõe a encarnação com o fim de faze-los chegar á perfeição. Para uns é *expiação;* para outros *missão*. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm eles que sofrer todas as vicissitudes da existencia corporal: *nisso é que está a expiação* limita-se, para sua conclusão, a tomar como premissas esses conceitos, omitindo os que se lhe seguem e que completam a lição: («Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espirito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, *toma o espirito um instrumento de harmonia com a materia essencial desse mundo*, afim de aì cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. E' assim que, concorrendo para a obra geral, ele proprio se adianta»).

Vê se, pois, claramente, não saindo do plano geral do universo, conforme o podemos observar através da Natureza terrena –visto não podermos raciocinar sem base no conhecimento (o conhecimento do universo só o temos o da parte que comporta o plano espiritual do mundo a que pertencemos)—que ha duas espécies de encarnação em o nosso mundo: 1.a—a que consiste em expiação ou provação, na qual os espiritos estão adstritos ao circulo da sua lenta e laboriosa depuração, lutando contra os instintos remanescentes da sua passagem pelas especies inferiores ao homem e que o levam a quédas e sofrimentos, a expiações, ressarcimentos, que constituem a série imensa de encarnações, nas quais o espirito vai se aperfeiçoando, até transcender o plano do mundo, do planeta em que se opera a elaboração da sua personalidade espiritual, desde as primeiras manifestações da vida; 2.a — a que pressupõe o desempenho de missões, em que o espirito cumpre ordens de Deus. *Para executá-la é que em cada mundo toma o Espirito um instrumento de harmonia com a materia essencial desse mundo.*

Atenda-se bem ao texto de Kardec, e ver se-á que, nesta segunda especie de encarnações, considera-se a descida, aos diferentes mundos, de espiritos que não se acham mais sujeitos á lei das encarnações, e de espiritos que já se libertaram da necessidade da encarnação em um determinado mundo, a que descem, para cumprir as ordens de Deus. Trata-se aqui, evidentemente, de espiritos de diferentes categorias: uns que, procedentes de outros planetas mais evoluidos, encarnam nos que lhes são inferiores, para nestes incentivarem o progresso, cumprindo ordens do Pai, que lhes pódem ser transmitidas indirétamente, como talvez se tenha dado com João Batista, os profétas, os grandes inventores e descobridores—todos os que, pelo seu genio, transcendem á inteligencia média do homem terraqueo e que lhe estimulam o desenvolvimento moral ou intelectual; outros que, como o Cristo, tendo atingido um gráo supremo de perfeição, não estando mais sujeitos á encarnação em mundo algum, pódem receber dirétamente de Deus a ordem de cumprir determinadas missões que, pela sua relevancia, não devem ser confiadas sinão aos que se integraram, por assim dizer, no conhecimento do Pensamento Divino e cuja sabedoria, portanto, abrange o plano geral do Universo.

Estes descem em instantes supremos da existencia das humanidades, para lhes indicar, em caráter definitivo o permanente, os delineamentos eternos da ascenção espiritual.

Não infirma nem confirma, este modo de concluir, harmonico com os processos da Natureza, que não dá saltos, a questão, que ainda por muitos séculos estará aberta, da corporeidade apenas fluidica, ou material do Cristo, porque, em qualquer das duas hipóteses, Jesus houve de *tomar um instrumento de harmonia com a materia essencial* do nosso planeta, como o diz o admiravel Bittencourt Sampaio, quando esclarece que foi necessario, para formar esse instrumento com que o Mestre teve de agir em nosso plano, buscar elementos no que existe de mais puro e delicado na Natureza terrena: a flôr da Vide e dos Trigáis.

Ora, nós sabemos que o perispirito é formado dos elementos etéreos que constituem a substancia essencial, fluidica dos mundos e que o corpo é organisado com os elementos mais pesados — os que se prestam a uma condensação maior nesses mesmos mundos.

Logo, quer Jesús tenha tido apenas um corpo fluidico, como é logico pensar, atendendo-se á qualidade de Puro Espirito que não se póde deixar de atribuir áquele que é «a verdade, o caminho e a vida», quer tenha tido um corpo de carne, como é preciso que se deixe a muitos a liberdade de o entender, pois que isso não invalida a essencia da nossa doutrina, haveria o Mestre de buscar, nos elementos formadores do nosso planeta *um instrumento de harmonia com a materia essencial* do mesmo planeta (essencial — substancial, universal, unica em sua essencia, como a ciencia já o reconhece e é confirmado pelo Autor da «Grande Sintese»), para cumprir neste mundo as ordens de Deus.

Conclusão final: o Espirito não é retirado ex-abruptamente da retorta animal dos mundos, para ser transportado, desde que atinja o grão de humanidade, a mundos fluidicos, onde inicia a sua evolução espiritual e de onde, sómente no caso de falencia, desce aos mundos materiais. Contrariamente, o que se infere dos ensinos dados a Kardec, é que o espirito continúa nesses mundos, passando do irracional ao homem primitivo, desde ao selvagem, ao barbaro, ao civilisado—como o carvalho procéde da bolóta—até atingir o seu maximo crescimento espiritual nesse plano ou em planos identicos, passando então, por exhaustão de uma capacidade planetaria, a que transcende, para outros planos superiores e assim gradativamente, por etapas insensiveis, no infinito do tempo—sendo-lhe apenas dado celerar ou retardar, pela propria vontade, a marcha evolutiva — até a Perfeição, para nós consubstanciada na Pureza do Cristo.

Feita esta ressalva, muito nobre consideramos o esforço do Sr. Guillot em demonstrar a identidade de vistas de Kardec e Roustaing, e o do esforçado e acatado confrade Guillon Ribeiro, em traduzir a monografia em apreço.

Seja tambem reconhecida como fraterna a critica a que nos abalançamos, sujeitando-nos talvez ao conceito do velho Apelles: «Ne, sutor, ultra crepidam».

Contudo, permanece tranquila a a nossa consciencia...

SUMULA DE UMA ALOCUÇÃO DE E. W. OATEN EM A IGREJA NACIONAL ESPIRITUALISTA

Disse ele: ha dois mil anos o mundo ocidental tem a pretensão de acreditar numa vida para lá da sepultura, mas si perguntardes ao comum dos eclesiasticos ou aos ministros de Deus, a que se assemelha aquela vida, vereis que dela eles tem uma concepção muito nebulosa.

Os espiritualistas são os unicos a conhecer qual o genero de vida dos habitantes do outro mundo, porque só eles são capazes de entrar em contacto com os que aqui viveram o para lá se transferiram.

Admiravel figura de Materialisação

Fotos em que aparecem Medium e Espirito separados

Psychic News ———— Trad. W. Campello

Esta notavel foto de materialisação que mostra claramente a medium e a fórma espiritual como duas figuras distintas foi obtida ha poucos dias numa sessão realisada em casa da medium—Lara Augustsdottir, de Reykjavik, Islandia.

Uma luz vermelha iluminava a sala, porém, a foto foi obtida por meio de luz instantanea. Antes do inicio, a sala fôra minuciosamente examinada. A medium se dedica a essa fase de fenomenos ha alguns anos.

O Dr. K. Linnet, Juiz das Ilhas de Westman, Islandia, testemunhou as faculdades da medium. Em uma sessão ele examinou cuidadosamente o rosto de uma fórma materialisada.

Diz ele : «*O rosto era mais delicado que o de uma pessoa viva, ou mesmo o de um recem-vindo ao mundo, um rosto feminino de fórma oval, com um nariz romano um tanto longo, porém, regularmente formado. Eu via o rosto de perfil. Quando manifestei o desejo de observar todo o rosto materialisado, a cabeça voltou-se naturalmente e então vi o rosto mais nitidamente*».

E' esta a mais notavel foto de materialisação desde as obtidas pelo General Hamilton em seu celebre circulo de Winnipeg.

São comparaveis ás fotos de Sir William Crookes com Florence Cook, quando o espirito solidamente construido de Katie-King e o distinto cientista foram fotografados juntamente.

A medium Lara Augustsdottir em breve virá a Londres para realizar uma série de sessões no Instituto Internacional de Investigação Psiquica.

Alguns acharão a figura repulsiva. Esta objeção foi levantada quando as figuras do Dr. Hamilton foram exibidas, particularmente uma que mostrava o ectoplasma a dimanar das fossas nasais do medium e em sua formação revelaram semelhanças a Conan Doyle e ao Rev. C. H. Spurgeon.

Nunca afirmámos serem bélos todos os fenomenos da sala de sessões.

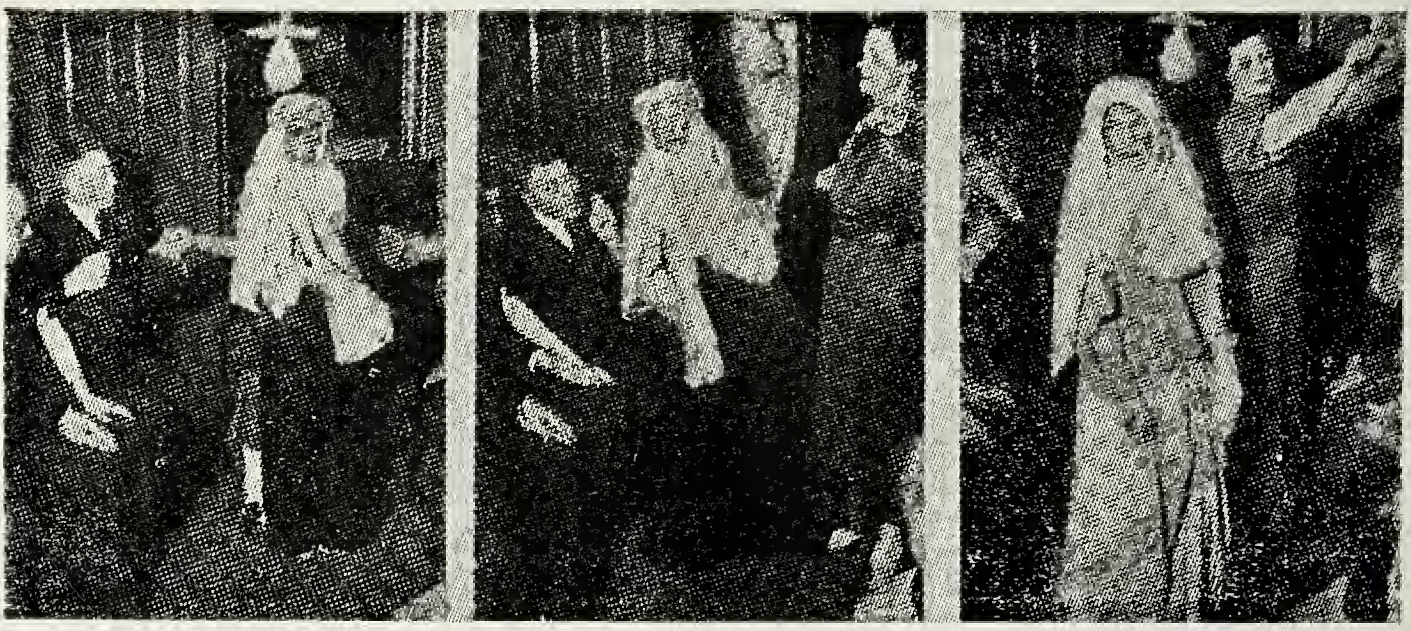

Nestas tres figuras notaveis veem-se materialisações construidas inteiramente aparte do medium que se ve de pé em estado de transe nas ultimas duas figuras.

O nosso trabalho é estabelecer a realidade dos factos psiquicos e não indagarmos se são estéticos ou deixam de o ser.

O fenomeno da materialisação é analogo ao nascimento humano, porque na sala de sessões em poucos minutos se produz uma figura viva, que respira, muitas vezes com um coração a pulsar e sabios teem registado os movimentos cardiacos e pulmonares.

Esta Foto é um desafio aos cepticos. Ela mostra a fórma completamente materialisada ás expensas do medium.

Analogo ao Nascimento

Isto significa que todo o processo do nascimento, que na vida usualmente leva nove mezes, se realisa dentro de poucos minutos.

Ha um outro ponto de semelhança. Na natureza, o inicio de toda a vida se processa na escuridão. Os fenomenos do Espiritismo, aparentados ao desenvolvimento da vida, geralmente exigem condições de escuridão ou de semi-escuridão.

Desse modo, a sala de sessões revela a manifestação de leis psiquicas, suplementares ás fisicas.

As materialisações induzem os Cristãos a compreender o fundamento da sua religião—os aparecimentos de Jesus após sua «morte». Quando ele se materialisou da primeira vez no jardim, conforme a narrativa do Evangelho, Maria não o reconheceu.

Problema aos Ortodoxos

Foi este o eterno problema aos ortodoxos. Certamente Maria, que tão bem conhecera Jesus, deveria reconhece-lo instantaneamente. Contudo, diz o Evangelho, ela o confundiu com o jardineiro.

O Espiritismo dá a explicação. O jardineiro era, sem duvida, o medium e, por ser a primeira materialisação, como acontece nos dias de hoje, os traços do medium estavam impressos na fórma. E é importante observar ter-se realizado no escuro aquela primeira materialisação.

Poderes Psiquicos dos Apostolos

Porém, quando em presença de seus doze Apostolos dotados de mediunidade, Jesus se apresentou tão solidamente construido de modo que sua fórma materialisada poude ser reconhecida e manejada. E' que os Apostolos haviam fornecido a força psiquica necessaria.

O objetivo das materialisações sempre foi demonstrar a existencia de leis psiquicas, de modo a convencer a humanidade da existencia de um universo que pulsa e vibra além desta terra.

As materialisações provam que o espirito modela a materia e possue um corpo para sua manifestação (expressão) além da sepultura. Nas fotos aqui publicadas temos provas visiveis e tangiveis da realidade espiritual.

Rasões para uma Filosofia

Baseada nos Sete Principios do Espiritismo

Por J. B. Mc Indoe

(Tese apresentada e justificada no Congresso Espiritista, de setembro de 1937, em Glasgow)

Trad. por Cairbar Schutel

Outras Considerações

Em cada fase dos fenomenos podemos descobrir traços dum desenvolvimento do muito simples e rudimentar, até as fórmas mais complexas. Assim, na clarividencia, temos descrições que resultam de «impressões» antes que de «percepções», vislumbres transitorios e fugitivos, de cenas fragmentarias, incertas, ou sem detalhes, e então ha as descrições vividas e convicentes de cenas ou objétos, suficientemente detalhados para assegurar o recolhimento.

Nos discursos controlados e nos fenomenos de vóz diréta, ha ruidos semi-articulados, murmurios e sussurros, palavras isoladas, frases fragmentarias e, assim, até declarações inteligentes e especificas e mesmo discursos e emprego inteligente de linguas desconhecidas do medium.

Ha um outro caracteristico comum aos fenomenos. Estão claramente sob a direção ou controle duma inteligencia, que frequentemente manifesta vontade de cooperar com os observadores, respondendo ás suas sugestões, etc., mas não póde ser constrangida. Quasi invariavelmente pretende ser um espirito desincarnado e frequentemente dá provas concludentes de identidade.

Em nossa classificação dos fenomenos, os paralélos entre o normal e o supra normal são obvios. O mesmo tipo de inteligencia está claramente em ação. Este facto suporta a pretensão que mentes humanas desincarnadas dirigem os fenomenos supranormais.

J. B. Mc Indoe

Varios fenomenos menores não são incluidos nos grupos já mencionados. Tambem foram omitidos os assombramentos, aparições e psicometria, porque não pertencem claramente a um grupo especifico.

O facto da possibilidade de classificar sistematicamente os fenomenos, justifica o nosso emprego da palavra «ciencia».

Inferencias colhidas dos fenomenos

Estas são simples, mas de longe alcance. Pode ser que os não espiritas adotem algumas delas como crenças religiosas. Elas não nos interessam sinão como factos demonstrados.

I. O homem é um sêr espiritual, que usa um organismo fisico.

II. A mente póde agir independentemente da materia. Pode tambem empregar formas de materia e de energia que estão fóra do nosso conhecimento normal.

III. Ha um dominio de existencia espiritual no qual o homem vive depois da morte fisica, como individuo ativo e pensante. Póde-se, até certo ponto, constatar esse dominio antes da morte.

A nossa filosofia espiritualista deve conceder um logar adequado aos fenomenos psiquicos e ás inferencias deles decorrentes. Certas filosofias antigas aceitavam conhecimento revelado «supranormalmente» e lhe concediam um valor supremo, negando validade a qualquer cousa que com ele parecia estar em conflito. Esta atitude foi finalmente fatal áquelas filosofias. Devemos evitar a dar importancia suprema ao conhecimento adquirido supranormalmente, somente em razão de seu método de aquisição.

Nossa filosofia deve ser capaz de aceitar os descobrimentos futuros de toda a ciencia sem desagregar-se. Ele deve indicar o logar do homem no Universo como um ente espiritual, sua origem e seu destino.

Os sete principios do Espiritismo

Os sete principios me parecem resumir a nossa filosofia. Pertence-nos demonstrar como podemos elabora-los em sistema compreensivo de pensamento, no qual podemos fazer entrar harmoniosamente todos os conhecimentos humanos e todas as atividades fisicas, mentais e espirituais, por meio das quais se manifesta a vida, incarnada e desincarnada.

Primeiro principio. A Paternidade de Deus

As ciencias revelam um Universo governado por uma Lei Universal, implicando uma inteligencia oni-penetrante, que denominamos Deus. Deus deve ser imanente em Seu Universo, em cada uma de suas partes, inclusive nós mesmos. Portanto, nós O consideramos nosso Pai.

Repelimos a idéia de um Universo creado, uma vez e para sempre, por um «fiat» (ordem absoluta) em seus diferentes aspectos e em épocas determinadas. Cremos que o Universo se evoluiu e está em processo de desenvolvimento, pela continua atividade creadora de Deus. Um Universo em trabalho de evolução se revela á nossa compreensão crescente de suas maravilhas, porque, de facto, ele está sempre em trabalho de evolução.

Em um reino governado por Lei Universal não ha logar para acontecimentos unicos — milagres. Estamos concientes de acontecimentos que parecem implicar alguma anulação da lei. Nós a interpretamos como sendo devida á operação de leis que ainda não conhecemos, mas que transcendem ás leis até hoje conhecidas.

Segundo Principio. A Fraternidade do Homem

Este é uma sequência natural do primeiro principio. Os homens, com sua origem comum, seus caracteristicos e qualidades comuns que os diferenciam dos outros animais, formam um grupo de entes viventes que são essencialmente irmãos. Não obstante alguns não o realizarem, o bem estar ou a injuria de um membro se refléte finalmente no bem éstar ou no dano do grupo.

Estes dois principios encerram tudo o que é melhor e mais alto nos codigos variados eticos e religiosos da humanidade.

Terceiro Principio. A Comunhão dos Espiritos e o Ministerio dos Anjos

Este reconhece os factos de comunicação com os espiritos desincarnados e sua camaradagem com homens e mulheres. Implica a existencia de um reino espiritual, do qual não podemos definir a situação e as condições. E' possivel que ele seja contiguo ao nosso e que suas condições interpenetrem ás nossas. Mas o Universo descoberto pela astronomia é tão vasto, que é inutil nos inquietarmos quanto á suficiencia de espaço disponivel nesse reino e ás atividades no dominio da fisica explicaveis em termos de vibrações são tão variadas que, se mesmo necessario fosse explicar a existencia espiritual nestes termos, não deveriamos considerar isso como impossivel. Mas eu duvido que seja possivel encontrar uma explicação adequada em tais palavras.

Num grupo não póde haver logar para qualquer sêr unico ou especialmente creado. Mas existem entes humanos cujos dons são tão elevados que exigem uma explicação especial. Os grandes artistas, pensadores e os grandes guias espirituais da humanidade pertencem a este numero. Achamos uma explicação de seus altos feitos em seu contacto conciente ou inconciente com o reino de entes espirituais desincarnados.

Quarto Principio. Sobrevivencia do Homem Além da Morte Fisica

E' este um facto estabelecido. Qualquer cousa não-fisica sobrevive á morte como um ente individual. Este dá prova de identidade com um ente humano incarnado antes.

Possuimos algum conhecimento do mecanismo da sobrevivencia. Conhecemos a materia sómente pelas manifestações de energia que agem sobre ela. O campo de ação desta energia é o éter do espaço.

Sabemos que o espirito se manifesta pela materia, mas não temos conhecimento de uma ação diréta. Devemos postular algum intermediario que intervem, a alma, ou corpo «etéreo» ou «espiritual». Nossos fenomenos dão provas amplas da existencia desse corpo etéreo; de facto, alguns fenomenos não são explicaveis sem a sua intervenção.

O espirito age á distancia do corpo, como na telepatia, «projeção astral», etc. Em projeção podem revelar se tantos caracteristicos, de modo a estabelecer sua identidade com qualquer ente humano incarnado.

Os factos exigem a existencia de um corpo etéreo que, morfologicamente, é a duplicata do corpo fisico e se desenvolve durante a vida incarnada. Incarnado, é o veículo pelo qual o espirito funciona em seu contáto com a materia no corpo fisico. Desincarnado, é o corpo por meio do qual aquele espirito se manifesta independente da materia. Depois da morte, asseguram que ele se assemelha á fórma que tivera, ou que teria no apogeu de sua existencia terrestre. Assim, os defeitos e as deformações, ocasionados pelos acidentes da vida, e a decrepitude devida á velhice, desaparecem.

As qualidades do espirito aparecem mais no corpo etéreo que no corpo fisico. Aqui ha almas nobres em corpos fisicos mal formados. Num sentido seus corpos etéreos e fisicos não se correspondem. A fórma é uma qualidade essencialmente material. No etérico a fórma póde ser insignificante. Mesmo aqui, a nobreza de caráter póde subtraír o defeito fisico á nossa observação.

Inversamente, ha espiritos maus ou não evoluidos possuidores de corpos fisicamente bélos. Mas em seus aspectos essenciais, seus corpos etéreos reflétem suas qualidades espirituais. Assim é que, em nossas comunicações com o Além, nos falam de malfeitores possuindo corpos etéreos repugnantes.

A sobrevivencia, quasi necessariamente, envolve a imortalidade e o que não tem fim dificilmente poude ter tido principio. Mas, a vida do homem como individuo deve ter tido um começo definido.

Na materia animada começamos a realisar que ha uma atividade por traz da qual existe algo que melhor se póde descrever como sendo mental do que fisico. Na fórma vital a mais simples, esta atividade se torna intencional, em beneficio do organismo. Ela se desenvolve por varios niveis de atividade inconciente até a subconciencia dos animais e até a auto conciencia nos animais superiores e no homem. No homem existe tambem a conciencia espiritual.

Assim, o desenvolvimento da conciencia póde ser, não só acidental e necessario á evolução do homem, esse póde ser o seu proprio objetivo. Foi Alfred Russel Wallace, um espirita, que sugeriu ser a intenção da evolução organica o desenvolvimento de um ente apto a sobreviver como um individuo.

Quinto Principio. A Responsabilidade Pessoal

Este principio reconhece a operação universal da Lei de causa e efeito. Sem causalidade não ha ordem na natureza e não poderia existir a ciencia. As ações dos homens não podem ser excetuadas.

Sexto Principio. A Compensação e Retribuição aqui e no Além para todos os átos bons ou maus feitos na Terra

Este é uma consequencia logica do quinto principio. Falamos de compensação e retribuição, não no sentido de tratamento preferencial como recompensa pelo bem, ou de castigo vingativo como retribuição pelo mal; porém, que os átos bons se conservam e estão de harmonia com a lei natural. Executando-as, o executor se comporta segundo a lei. O modo pelo qual ele molda suas proprias atividades em harmonia com a lei determina a condição resultante, que estará de acordo harmonioso com o Universo. O contrario para os átos maus.

Podemos afigurar-nos este principio a agir automaticamente, por assim dizer. Uma pedra lançada a agua se afunda, a madeira sobrenada, um balão de ar paira á superficie; em cada exemplo á causa de suas qualidades. Assim, o espirito sobrevivente gravita automaticamente em torno da condição para a qual suas qualidades o destinam, para a qual ele se preparou.

Setimo Principio. O Progresso Eterno está ao alcance de toda Alma Humana

A evolução é um principio universal. E' um dos metodos pelo qual a Inteligencia Suprema continua sua atividade creadora.

Si o desenvolvimento da conciencia é como foi sugerido, um objetivo da evolução ou si não o é, não ha razão alguma para supôr que tal desenvolvimento cessa com a morte. Possuimos provas, mesmo nesta vida, do desenvolvimento da conciencia espiritual dos homens.

Os homens, que pretendem ser filhos de Deus, devem participar de suas qualidades. Cada um deve, em certo sentido, ser uma parte individualizada do Espirito Supremo. Um Espirito Infinito requer um numero infinito de maneiras para expressar-se, para manifestar Suas qualidades e Seus poderes. Cada um de nós é uma dessas maneiras. Assim, por semelhantes que pareçamos, nós diferimos essencialmente um dos outros. No numero infinito de manifestações potenciais, pode haver logar para um desenvolvimento da conciencia e um progresso para os quais só a Eternidade bastará.

Bergson, em certo ponto, escreve sobre a evolução da vida atravez dos eons do passado, evolução destinada a proseguir pela Eternidade a fóra, sob formas sempre mais ricas, mais amplas, mais satisfatorias. Eu creio que isso se aplica tanto ao individuo como á especie.

(Conclusão).

O Reverendo estava arrependido

Ha um mez, manifestou-se, em um circulo familiar de Manchester, certo espirito que declarou ser o Rev. Arthur Blackburn da Reitoria de São Felipe, Bradferd, e ele nos pediu verificassemos ter ele existido naquele logar. Ele afirmou que muitas vezes vai á sua igreja, porém, ninguem o percebe. Ele estava muito ancioso por dizer ao seu antigo rebanho os erros que ele cometera em suas pregações. Particularmente o afligia ter ensinado que os corpos repousam nas sepulturas até o Dia da Ressurreição e desejava corrigir esse erro. Depois da sua passagem, ele descobriu que pregara muitas inverdades. Ele forneceu numerosos detalhes sobre sua familia e amigos. Fizemos algumas enquetes em Bradferd, com o fim de identificar o cavalheiro, porém, não o conseguimos. Mais tarde descobrimos que o Rev. Arthur Blackburn de São Paulo (não São Felipe) Bradferd, Manchester, falecera ha dois anos e os detalhes se ajustam a ele. Ninguem no circulo jamais ouvira falar do referido Rev. Blackburn.

APOSTOLO...

Abram alas, escutai-o, aprendei dele.

No meio da multidão, muitas vezes obstruidora e pretenciosa, de um espiritismo sem elevação, fariseus nas préces, oniciente na critica e prejudicial nas suas ações, o nosso «apostolo» é comparavel a um pequeno frade da nova Assis.

Incomparavelmente modesto, nenhum espirita tem, como ele, uma compreensão exata e elevada da III Revelação. Orador simples e eficiente, mas escritor de uma lucidez maravilhosa, domina pelo seu pensamento todos os quesitos da nossa «complexa doutrina», do mesmo modo que a agua conhece as rochas e esconderijos dos pincaros mais inacessiveis. E quando incide magistralmente um artigo, nota-se logo a naturalidade do seu esforço, visto que a torrente do seu subconciente é como uma valvula inexhaurivel de energias ocultas.

Quem é ele?

Descendente de uma respeitavel familia suissa, nasceu justamente no Rio de Janeiro, de onde se afastou ha longos anos, por motivo de ordem economica e sem duvida—por missão espiritual. Formado em quimica-farmaceutica, exerceu a profissão em Piracicaba, ao lado do grande profissional e espirita, Francisco Leocadio de Castro Neves, e depois em Araraquara. No dia em que o assaltou o desejo de tornar-se independente na sua profissão, escolheu o povoado de Matão, no Estado de São Paulo, para cumprir a sua dupla missão planetaria.

Podia ter voltado á multidão de sua cidade natal para agita-la com a ação multiforme do seu espirito renovador, mas sentiu a necessidade de martela-la de longe, no pensamento, com a pena que é sempre pequeno arado gigante da psiqué humana! Os pobres, ele pensava sem duvida, estão por toda a parte e podem ser ajudados dirétamente em suas necessidades fisico-espirituais, nos pequenos centros, onde é mais facil até crear nucleos de vanguardas cristãs, para serem lançadas destemidamente sobre as massas inconcientes e viciadas das grandes capitais...

O seu plano estava pre-estabelecido. A solidão atraía-o para o estudo profundo da III Revelação, propagando-a e disseminando-a. Ha vinte e oito anos que, semanalmente, ele lança por todo o Brasil, milhares de exemplares do seu jornal «O Clarim», verdadeira trombeta que toca a diana redentora, espirita, com musica suave e evangelica.

Quando lhe pareceu haver saturado suficientemente a inteligencia dos seus correligionarios no duplo preceito de Cristo, «amar e perdoar», idealisou a escola cientifica, fundando a «Revista Internacional do Espiritismo», rica, douta, alta e luminosa em colaboração, cheia de cronica mundial, ilustrada, elegante no feitio, com uma média mensal de 32 paginas. Ha cerca de nove anos que essa revista circula no Brasil e no extrangeiro, lida e disputada avidamente.

—E' tudo? Não, pois que no povoado de Matão ele fundou um grande centro espirita, onde se sucedem oradores e mediuns, que irradiam o verbo de Cristo e as manifestações Astrais como numa estação de radio ultra potente. Posso afirmar que da farmacia e da tipografia, ao centro espirita, a pequena localidade brilha como um faról cristão sobre o povo brasileiro, desejoso de paz e de luz, na hora triste que corre.

Mas o nosso «apostolo» tem ainda outra missão, mais substancial e vibrante que as supracitadas, visto ser autor de mais de dez obras e opusculos que elaborou nas horas que o minguado repouso fisico parece velar — todo só — sobre o sono humano!

Dois de seus livros me impressionaram profundamente: o das «Parabolas e ensinos de Jesus», e «A vida no outro Mundo». O primeiro (450 paginas) nenhum dos mais doutos confrades brasileiros, até hoje, egualou e ornou com tanta sabedoria e subtileza. Ali o Nazareno é seguido passo a passo em suas alocuções, e e argumentando, racionalmente á luz da III Revelação, de fórma mais vulgar. Sirvo-me dele, nas palestras semanaes do Centro Familia Espirita «Fé»... O segundo (200 paginas), é um perfeito vôo de aguia ás regiões invisiveis: síntese, visão, certeza da nossa segunda existencia, comprovadas com documentos e passos dos maiores espiritas internacionaes que consagraram a nossa imortalidade. Quanto conforto ha para os corações atribulados, nesse outro livro, que, forte como a chamma nas trévas, mostra aos infelizes a méta suprema da felicidade quando a «prova» mais o experimenta e abate!

Eu confesso que varios pensamentos da «Vida do outro Mundo» pareceram-me tão «frescos e novos», quaes perfumes olvidados de um Karma doloroso, atingindo nova força para caminhar e progredir.

O autor pensa que neste ultimo volume se encerra a sua madurecida existencia terrena e parece querer despedir-se dos seus correligionarios e leitores. Isto eu não posso admitir, porquê quem tem um espirito lucido, cheio de energia juvenil, como o seu, não póde prevêr o seu ultimo áto. O heróe, por ser tal, morre combatendo. E o nosso «apostolo brasileiro» é de facto o «heróe», que dos pincaros de Matão, onde simbolisa o faról divino por obra de uma creatura réta, suave, que não descansa: alma constantemente vigilante no cumprimento de uma missão assumida no além.

Eu e ele somos coetaneos, e ha cerca de quinze anos que nos queremos como irmãos, sem que jamais qualquer leve nuvem haja empanado a visão do nosso identico pensamento espirita. Direi mais, desde que da massa obstruidora e pretenciosa começaram a partir dardos envenenados para ferir-me, ele está sempre ao meu lado, com a sua palavra e o seu conselho, para soerguer-me e encorajar-me.

Está escrito que nunca nos separaremos na nossa peregrinação eterna, como almas afins, talvez, ou quem sabe. mesmo, se gemeas.

Essa creatura preciosa chama-se: *Cairbar Schutel.*

Um apostolo do Espiritismo...

Mariano Rango d'Aragona.

(Nota da Redação: Este artigo foi publicado no «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1933.)

Crônica Extrangeira

Por W. Campello

Fenômenos curiósos

The Two Worlds

Durante os ultimos anos tenho assistido a numerosas sessões com Trefor Davies e desejo salientar o progresso em qualidade e variedade de seus fenômenos. Nos primeiros tempos os fenômenos consistiam principalmente em ventos fortes—poderosos ventos do V. Testamento — acompanhados de batidos, movimento de objétos e canticos. Em seguida vieram as vózes dirétas e independentes e os borrifos de «agua».

Depois foram as materialisações, a principio todas as fórmas apresentavam alguma semelhança ao médium, porém, gradualmente, mostravam mais individualidade.

Presentemente, nenhuma fórma apresenta a mais leve semelhança com o médium—o poder intensificou-se e se tornou mais estavel, cada fórma que se apresenta é claramente reconhecida.

Não sei si algum dos seus admiradores se deu ao trabalho de examinar a «agua» que frequente e profusamente é borrifada no aposento. Este, um dormitorio, em que se realisam as sessões, guarnecido de espelhos, moveis cobertos de vidro e marmore, mostram abundantes respingos de uma substancia grossa, consistencia de creme, de natureza pegajosa e dificil de ser removida.

Isto sugere que a «agua» realmente não passa de ectoplasma.

Na ultima sessão materialisou-se o simulacro de um aereoplano, que voando se aproximava cada vez mais, em seguida, se despedaçou no soalho com terrifico estrondo e então se fez ouvir uma vóz a gritar por socorro.

Antecipação Inteligente

The Two Worlds

The Times borda comentarios em torno de quatro novos livros espiritualistas, iniciando-os com as seguintes palavras, «a maior parte da humanidade espera ser um espirito algum dia». Esta admissão não é comum, vindo, como acontece, de um individuo que representa a opinião de uma grande secção da comunidade. Tanto quanto sabemos, as igrejas ortodoxas ainda creem que a Ultima Trombeta irá acordar o homem do seu sono para a vigorosa atividade esperada de um corpo purificado miraculosamente de todas as imperfeições; para o ortodoxo nada tão intangivel como um espirito, embora, ocasionalmente, ele reflita por que modo o pó que uma vez foi o seu seu corpo, seja transformado alguns anos mais tarde naquele mesmo corpo e finalmente o homem se refugia na escusa «nada é impossivel». «The Times» agora autoriza a crença em espiritos e solve um problema que deve ter levado a perplexidade a muitos de seus leitores. Nós estamos avançando.

O crescimento ainda continúa

The Two Worlds

O Rev. C. R. Hugues, de São Paulo, Southsea, é evidentemente homem dotado de percepção clara. No Dia de Todos os Santos, ele realizou um serviço em memoria aos que partiram e no jornal da paroquia ele nos diz o seguinte, «Nesta estação do ano a vivacidade dos que amámos mas já não vemos está vivamente posta diante de nós. Ha tantos que pensam da morte como a pior cousa que nos possa acontecer e, para muitos, a vida para lá do tumulo só é um sentimento e não uma convicção real; muito isso difere do discurso do espiritualista sobre a morte, proferido na estação emissora. Vê-se que os espiritualistas encaram a morte de frente, confiantes esperam a sua chegada, que eu desejaria se desse conosco. Estou seguro ser o Espiritualismo uma cousa que não deveria apelar para a maioria do povo, porém, a Igreia Cristan nos pede lembrarmos constantemente de nossos mortos em nossas orações.»

A dificuldade é que enquanto os espiritas comungam com os que se partiram, como cousa real e presente, a Igreja sente-se incapaz de impedir o povo de procurar o Espiritismo. Os espiritas preferem os factos á fé e é essa essencialmente a fraqueza da Igreja, mas a que fica reduzida a doutrina da Igreja relativamente aos mortos que nas sepulturas estão a espera da resurreição?

O ultimo julgamento

Light

The Times publicou um artigo intitulado «Two Adrient Voices» que resumimos:

«Nós falamos do julgamento que está para vir; porém, o Julgamento é um processo continuo que se verifica diariamente. A perfeição da vida de Cristo e sua irrecusavel supremacia moral são em si mesmas um julgamento perpetuo, quer sigamos os seus ensinos, ou os rejeitemos Si as recusarmos, então a Sua presença é a nossa condenação, porque vimos a luz e dela nos afastámos — Este é o julgamento, que a luz veio ao mundo e os homens preferiram ás trévas á luz; suas obras eram más — Nós nos julgamos a nós mesmos pelos nossos átos diarios. O chamado julgamento final será sómente o registo, ou sumario dos nossos átos. Exposta á clara luz do mundo eterno, cada alma humana achar-se-á despida em suas verdadeiras côres. Esse dia será o da revelação.»

O Clero e a «Confraternidade»

Light

As recentes reuniões da «Confraternidade» revestiu-se de grande sucesso, relativamente ao apoio clerical — este termo inclue eclesiasticos anglicanos e livres. Em dia da semana passada, nove nomes a mais vieram enriquecer a lista já extensa de «clerigos e ministros de todas as denominações que aprovam a plataforma unica para que, juntamente com espiritualistas, possam proclamar a importancia da aceitação da Sobrevivencia, como um *facto* capaz de ser provado pela investigação psiquica, em logar de uma *crença* resultante de um áto de fé.

Embora consideravel seja o numero de ministros residentes fóra de Londres, espera-se que eles sejam fortemente representados no anunciado jantar, a realisar-se em St. Ermins Roons, que será presidido por Mrs. St. Clair Stobart a qual, de novo, a eles falará sobre o progresso do Espiritualismo.

Espirito de enfermeira que assombra um hospital

The Two Worlds

Um guarda, que estava a dormir no Hospital Militar de Cambridge, acordou em certa madrugada com a chuva que irrompia pela janela aberta.

Ele saltou da cama para fechar a janela, mas esta estava emperrada. O guarda olhou em volta de si e viu uma enfermeira que saia do quarto 18.

O guarda chamou-a para que ela o ajudasse a fechar a janela. Mas não obteve resposta. Quando de novo ele olhou em seu derredor, ela havia desaparecido.

Na manhã seguinte, o homem narrou a historia insolita. Sem proferir uma palavra, a superiora foi buscar um retrato. Neste o homem reconheceu a figura da mulher que ele vira á noite.

Era a enfermeira que se suicidara saltando da janela existente no quarto 18, isto ha alguns anos.

Aqui vai a historia. Ha poucos anos a bela enfermeira M. estava de serviço no quarto 18. Ela se tornára noiva do paciente — um soldado de um regimento de Lancashire.

Ele foi destacado para a India e escrevia assiduamente. Depois ele não mais escreveu. Ele morrera de tifo.

Duas semanas decorridas, a enfermeira subiu ao parapeito da janela do quarto 18, quarto em que estivera alojado o seu noivo. Encontraram-na morta na calçada em baixo.

Porém, os soldados do Hospital de Cambridge dizem que a enfermeira M. nunca se ausentou do quarto.

Ramsay MacDonald assistiu a uma sessão

Psychic News

Sua esposa «morta» compareceu a uma sessão de vóz, em casa de Bradley e lhe dirigiu a palavra.

Ramsay MacDonald passou-se a outra vida e póde ser revelado o segredo de sua visita á casa de Denis Bradley, onde ele assistiu a uma sessão com George Valiantine, o medium americano. e ouviu a vóz espiritual de sua mulher «morta».

O nome do ex-primeiro ministro foi o unico suprimido por Bradley, que sempre insistia na inscrição dos nomes de todos os assistentes em seus livros.

Em seu livro, «A Sabedoria dos Deuses» Bradley se refere á sessão de MacDonald em capitulo intitulado «Uma experiencia de um estadista anonimo em Dorincourt» (residencia de Bradley). Ha outras indicações transparentes, «Ele tem ocupado uma das posições mais elevadas do Estado, porém, ha razões politicas que se opõem á menção do seu nome».

Lord Curzon de Kedleston foi o primeiro espirito a falar a MacDonald e queria que ele comunicasse a certo estadista bem conhecido o facto de continuar ele (Kedleston) perfeitamente vivo, embora «morto» e sepultado!

O espirito encorajou a MacDonald a proseguir o trabalho da pacificação, aconselhando-o a empregar todos os meios para pôr fim á guerra e nomeou certo estadista a quem ele pedia a transmissão de u'a mensagem.

Em seguida veio a comunicação espirita da esposa «morta» de MacDonald que, mais que qualquer outro, era sua grande inspiradora na sua carreira politica.

Bradley descreve a comunicação nos seguintes termos: «Esta vóz a ele se dirigiu em tons vibrantes de emoção. Era o espirito de um parente muito proximo. O assistente não poude ouvir muito distintamente o que o espirito estava dizendo—ele é bastante surdo—porém, ele sustentou a conversação com simpatia delicada.

«Foram passadas, através da trombeta, mensagens de amor e estas eram de caráter evidente, veio a data exáta do falecimento. Fazendo uso da trombeta, o espirito (vóz) falou em diversas ocasiões, porém, de tempos a tempos, a vóz, aparentemente encontrava dificuldade em sustentar o poder».

Quando ela se retirou, a vóz do espirito de Barnett, um dos guias de Valiantine, falou e confirmou ter sido a esposa de MacDonald.

Fenômenos e Espiritismo

The Two Worlds

O Vigario de Lytham, Rev. H. G. Rosher escreve no jornal do curato sobre o Dia do Armisticio e diz que os corações despedaçados e lares abandonados em consequencia da guerra deram um grande impulso ao Espiritismo e diz, «Muitos desses fenômenos são reais, porém, os homens de ciencia deles sempre falam como sendo super normais em vez de supernaturais. Devemos lembrar de que nada de novo ha no Espiritismo. Esses fenômenos são conhecidos dos tempos remotos. A unica novidade é que os homens de ciencia agora fazem investigações serias. O Espiritismo sò sustenta o que nunca deveria ter sido posto em duvida pelos cristãos. Os cristãos sempre conheceram os fenomenos e sobre terrenos infinitamente mais fortes do que os espiritas afirmam ter produzido.»

Muito do que o vigario diz é verdade e admiramos a sua coragem na tentativa de fazer uma apresentação limpa do assunto, porém, será verdade que os cristãos sempre sabiam que podiam realizar comunicações pessoais e individuais com seus mortos? Com a devida venia nós lhe submetemos uma das cousas que os cristãos não conheceram nestes ultimos 1.500 anos. Pedimos ao Rev. Rosher a bondade de nos indicar o lugar exáto, em seu Livro de Orações, que trata das comunicações pessoais com os parentes mortos, ou sua legitimidade? A Igreja de Roma certamente a reconhece como uma possibilidade, porém, a considera pecaminosa e má. Ela reconhece o facto pela proibição. E' novidade a Igreja Anglicana reconhecer o facto, pois a mais amarga oposição ao Espiritismo, durante os ultimos oitenta anos, sempre veio das igrejas.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas desta data em diante aos seguintes preços:

1.o ano — 100$000; 2.o ano — 40$000; 3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000; 5.o ano — 30$000; 6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000; 8.o ano — 40$000; 9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000; 11.o ano — 50$000; 12.o ano — 50$000

E'cos e Noticias

FRANÇA

Victor Hugo e a Sobrevivencia

«Sinto em meu sêr a vida futura. Sou como a arvore que foi cortada mais de uma vez. As novas raizes são mais fortes e vigorosas; é que subo, bem o sei, para o infinito. Clara intuição de novos mundos ilumina minha alma. O inverno envolve minha cabeça, mas em meu coração reina eterna primavera. Quanto mais me aproximo do fim, mais claramente meu ouvido percebe as sinfonias imortais dos mundos para os quais sou atraído. A sêde do finito prova o infinito. Quando o meu corpo baixar á sepultura, poderei exclamar: «Terminei minha tarefa—porém, não poderei dizer: Terminei minha vida. Começarei de novo.»

A Verdade e as Ilusões da Radiestesia

Pelo engenheiro J. L. Ravot

O autor é um radiesteta conhecidissimo e magistralmente trata da questão da rabdomancia sob seus diversos aspectos: mineral, agricola e medico. Imbuido das ideias e concepções de G. Lakhovsky, de Bergson e de Carrel, ele mostra que a radiestetesia é irmã do Espiritismo. O livro com o titulo supra contem 190 pgs. e foi publicado pelo editor Jean Meyer, 8 – rua Copernic—Paris (preço 19 frcs. e 50).

Recebemos as publicações: «La Revue Spirite» e «Annales du Spiritisme».

BELGICA

«La Revue Spirite Belge» publica em seu numero de Dezembro o importante discurso de M. Hubert Forestier proferido no Congresso de Glasgow do qual citamos um trecho:

«O Espiritismo une ao mesmo tempo a inteligencia, a religião, a moral e a justiça: A inteligencia que permite atingir ao conhecimento dos factos e das causas; a Religião que, mais que a ciencia, nos dá uma alta ideia de Deus, um desenvolvimento do amor divino; a moral que nos ensina o respeito proprio, a dignidade á pessoa humana e nos inspira o amor ao proximo, a compaixão, a bondade, a tolerancia; a justiça que, demonstrada pela lei de causalidade, nos ensina que todos os átos humanos, mesmo os mais ocultos, produzem irremediavelmente atravez da fieira de nossa longa existencia, sua equivalencia em bem ou em mal; o espirita póde afirmar, baseado na evidencia, que o presente é a consequencia do passado e que nossos átos de hoje preparam e dispoem o nosso futuro proximo ou distante.

O coração, a razão, a inteligencia, são portanto igualmente satisfeitos pelo Espiritismo. O coração, por uma fé esclarecida, baseada sobre a certeza experimental; a razão, pela logica e justiça das leis carmicas; a inteligencia pelos conhecimentos cada dia mais perfeitos do Universo material, moral e espiritual e d'Aquele que o creou.

INGLATERRA

O Espiritualismo na Italia

«Two Worlds» diz: A Italia foi representada no Congresso Internacional pelo Rev. Bazoli, que nos disse:

«Apesar das dificuldades, nós progredimos. Ha quarenta ou cincoenta anos atraz, quando o positivismo materialista estava no apogêu, dois dos nossos grandes cientistas—Lombroso e Morselli – tiveram a coragem de experimentar com a nossa grande medium, Eusapia Paladino. Suas experiencias provocaram o assombro escandalizado e desprezo dos cientistas daqueles dias. Todavia, em grande parte devemos aos resultados de suas experiencias e realidade dos fenomenos mediunicos, hoje admitidos e diversos de nossos homens profissionais, cientistas e os Professores Cacciamali e Callegaris, estão estudando os fenomenos do ponto de vista positivista, investigando as forças que os produzem.

A Igreja Romana já não afirma, como ainda o fazia ha pouco tempo, serem os fenomenos espiritualistas devidos ás influencias satanicas e o bem conhecido astronomo, Padre Alfani, de Florença, escreveu um livro sobre o Espiritualismo que foi aprovado pelas autoridades eclesiasticas, em que ele admite a realidade dos fenômenos e sua utilidade, «quando são permitidos pela vontade de Deus.»

—

Diz «Psychic News» que, por intermedio da grande medium ingleza, Mrs. Estelle Roberts, em suas ferias de «fim de semana» em Londres, foram passadas diversas mensagens em finlandez, portuguez, sueco e francez.

Percepção anormal

«Two Worlds» diz que Mr. Horace Leaf, o conhecidissimo medium, falou numa reunião sobre «Percepção Extra sensorial».

Mr. Leaf descreveu as experiencias realizadas em Duke University, Estados Unidos, com a presença de 77 estudantes, setenta dos quais revelaram faculdades de clarividencia e telepatia.

Em King's College, fizeram experiencias em psicometria e obtiveram resultados positivos. Em psicometria uma pessoa sensitiva tomou um objeto e revelou sua historia ou da pessoa que o possuiu. Estes sentidos supranormais sempre são encontrados na cultura primitiva.

A Sobrevivencia é um facto estabelecido

Em seu discurso proferido no Congresso Internacional reunido em Glasgow, Mr. Mc Indoe disse :

«A sobrevivencia é um facto estabelecido. Qualquer cousa que não é fisica sobrevive á morte como entidade individual. Essa entidade dá provas de identidade com um sêr humano precedentemente incarnado.

Estamos de posse de alguns conhecimentos do mecanismo da sobrevivencia.»

O Senador Marconi, Investigador Psiquico

"Psychic Science» publicou algumas notas interessantes de sua atual editora, Mrs. H. Mc Kenzie, sobre o falecido senador Marconi.

«Estamos perfeitamente lembrados, diz ela, de suas visitas ao British College para assistir ás sessões com Fraü Silbert e o profundo interesse que revelou pelas experiencias de telekinesia, demonstrações que o impressionaram.

O fenômeno interessava seu genio creador e ele refletia sobre a possibilidade de construir um instrumento supersensivel de registo. Certo dia elle disse : — E' evidente poder o cerebro humano enviar mensagens á distancias infinitamente maiores que qualquer transmissor jamais construido, porque o pensamento pertence á categoria das vibrações que hoje captamos por meio do microfone, mas que são de natureza infinitamente mais subtis."

Mrs. Mc Kenzie conclue : "Tambem ha experiencias pessoais a relatar, não obstante ter ele sido tão bom catolico."

—

Da Inglaterra nos vieram os seguintes jornais e revistas : The Two Worlds, Psychic News, Light, Prediction, Greater World e Le Monde Superieur, editada pela The Greater World.

ITALIA

O diario "Caffaro" publicou a seguinte reportagem de Napoles :

O menino Pascoal di Matteo, de seis anos, foge de Aversa, para subtrair-se ás crueldades de Maria Orta, que vive com seu pai. A policia tomou as providencias pedidas e foi encontrar a criança em casa de sua tia paterna, Teresa Palmieri, residente em Napoles. São estes os pormenores :

Na noite anterior, Teresa ouviu bater á porta ; foi ver quem era e só encontrou seu sobrinho. Ela perguntou : Quem te acompanhou ? "Uma mulher"— respondeu o menino. Quem é essa mulher ?—"Não a conheço", replicou o sobrinho. Instado para que relatasse o modo por que se evadira e quem o acompanhara. explicou : "Poucas horas depois de eu ter saido, encontrei uma senhora em uma praça, a senhora se aproximou e me acompanhou durante todo o caminho, até Napoles. Quando chegámos a esta cidade, a dama me segurou a mão, senti que me guiava atravez de muitas ruas estreitas, até chegarmos a esta casa. Ela bateu á porta, me beijou e se retirou." Tu nunca a viste ?—insistiu a tia—"Não" —"somente no retrato que está em casa de papai." "Olha, é esta !" — o pequeno indicou um retrato sobre um movel, representando uma senhora moça, que a infeliz criança não conhecera, era sua mãe, falecida quando o filho contava poucos mezes."

O "Caffaro" assim termina esta informação :

"Este caso é muito impressionante, em que se constata um caso de relações entre vivos e mortos complicado com materialisações, da qual se ocupa a literatura espirita No populoso bairro de Aversa é este o temor de todos os comentarios.

«*Animismo ou Espiritismo : Qual dos dois explica os factos ?*

Foi esta a questão proposta pelo Comité Organisador do Congresso Internacional de Glasgow ao eminente sabio Ernesto Bozzano e eis a sua replica :

"Nem um, nem outro, pela bôa razão de serem indispensaveis os dois para bem demonstrar a complexidade dos fenômenos supranormais; dever-se-á observar que estes são o efeito duma mesma causa, a saber: O espirito humano, quando ele se manifesta por clarões efemeros no periodo de incarnação, determina fenômenos animicos e quando ele se manifesta no mundo dos vivos em estado de desincarnado, determina os fenômenos espiritisticos.

Disto resulta uma lição muito importante : os fenômenos metapsiquicos, considerados no seu conjunto, a começar pela modesta tiptologia da mesa mediunica e os raps na madeira, terminando pelas aparições dos vivos e as manifestações de fantasmas vitalizados e inteligentes, podem ser fenomenos animicos ou espiritas segundo as circunstancias. Em suma, é racional presumir isto: o que um desincarnado pode produzir, um espirito incarnado tambem deveria poder produzir ; ainda que menos bem. Todavia, com a condição de estar numa fase transitoria de depressão vital, a qual fase corresponderia a um processo nascente de desincarnação do espirito (sono fisiologico, sono sonambulico, transe mediunico, extase, desmaio, narcose, coma, etc.)

Segue se que, em metapsiquica, andariamos acertadamente analisando constantemente os fenômenos supranormais separadamente, antes de nos pronunciarmos sobre sua origem animica ou espirita. O que equivale a reconhecer que o maior erro que um investigador possa cometer é o de generalisar muito depressa, aplicando a todo um grupo de fenomenos supranormais conclusões unicamente aplicaveis a um só caso. Eis aqui um erro em que caem muito frequentemente tanto os defensores do animismo transcendental como do Espiritimo. Para os primeiros este erro é a regra geral ; si assim não fosse, eles não poderiam ser os partidarios deste Animismo Transcendental.

—

Recebemos «Ricerca Psichica», revista mensal fundada em 1901.

CUBA

A Saudação dos Espiritas Cubanos aos Espiritas Argentinos

Após o grande sucesso das reuniões espiritas nacionais na Argentina e em Cuba, M. Paz Basulto volta a tratar do assunto em «La Idéa», descrevendo o 3.o Congresso Espirita de Santiago de Cuba, ao qual assistiram 800 delegados e 5.000 pessoas. O nosso confrade apresentou as seguintes sugestões : — «Orientar os espiritas no sentido de estudar as obras basicas do Espiritismo—Fortificar a entente e colaboração fraternal - Esclarecer o publico sobre o perigo de aceitar cegamente as pretendidas mensagens espiritas—Acolher toda critica com sorriso benevolente, certos que estamos de possuir a verdade irrefutavel — Crear escolas, cadeiras e cursos de Espiritismo — Só colocar á testa de grupos e associações pessoas honestas, instruidas, desinteressadas e ativas.

ALEMANHA

Trigemios — ligados até na morte !

«Zeitschrift für Metapsychische Forschung», publica :

Os tres irmãos Bartini nasceram na Italia. Nasceram trigemios, passaram em comum a infancia e juventude na casa paterna e então veio a separação, cada qual a procura da sorte no largo mundo. Com tudo, na hora da morte, de novo o destino os uniu, fazendo valer a sua força : a curva de suas vidas quebrou se misteriosa e subitamente, quasi ao mesmo tempo, não obstante um residir em Roma, o outro em Florença e o terceiro em outra cidade afastada.

O de Roma morreu sob as rodas de um automovel. Ao mesmo tempo o irmão que morava em Florença, foi atacado de um mal repentino. Nada lhe valeram os recursos medicos, ele sucumbiu á sincope cardiaca. O terceiro irmão foi informado da morte dos dois irmãos. A noticia lhe produziu um choque violentissimo, a ponto de cair morto no mesmo logar em que se achava. Ele seguiu os irmãos ao Além, quando ainda os corpos deles estavam insepultos.

—

Temos sobre a nossa mesa o periodico «Zeitschrift für Metapsychische Forschung» de Novembro 1937.

AMERICA DO NORTE

«Constancia»

Adormecidos

Faleceu Patricia Mc Guire, «adormecida de Chicago». Ela estava em estado letargico ha seis anos.

A historia da patologia nervosa regista casos mais extraordinarios ainda, particularmente o de Margarida Boyenval, a adormecida de Thenells (Aisne) Margarida esteve imersa em sono durante vinte anos.

Um dos casos mais recentes e curiosos foi o de uma sueca, Carolina Karlsdatter. Contava treze anos quando adormeceu na escola de sua aldeia para despertar trinta e dois anos depois. Os facultativos conseguiram alimenta-la durante o sono e a menina se transformou em bela mulher de quarenta e cinco anos.

ARGENTINA

Comemoração do 61.o aniversario da Sociedade «Constancia»

A 9 de Fevereiro ultimo a Sociedade «Constancia» completou o 61.o aniversario de sua fundação. E' a decana das Sociedades Espiritas da Argentina. A efemeride foi celebrada com uma sessão especial.

A Revista Internacional do Espiritismo se congratula com a Sociedade «Constancia», augurando-lhe largos anos de util campanha de propagação da grande Verdade da Sobrevivencia, como o tem feito nestes sessenta e um anos, esclarecendo as mentes dos nossos irmãos argentinos.

—

Recebemos os periodicos: «Constancia», orgão quinzenal da Sociedade Constancia, editado em Buenos Ayres ; «O Mensario de Estudos Psiquicos» ; «Luz y Vida», fundado por Juan R. Castro—Buenos Ayres e «Cristianismo», orgão da Sociedade Cristan «Providencia», que se publica em Buenos Ayres.

JAPÃO

O Ministro do Interior em Tokio é um Curador

O jornal «Tokio Asahi» noticiou e «Ali del Pensiero» reproduziu o seguinte :

«O Ministro do Interior do Japão, M. Baba, é uma personalidade bem conhecida em seu paiz, não só pela sua sábia maneira de agir na politica, como pela faculdade taumaturgica, graças a qual ele já operou curas assombrosas. Ha pouco, Conde Arima, Ministro da Agricultura, foi á casa de Baba, mas ao descer as escadas, sofreu uma queda, teve um pé seriamente injuriado e dolorosas contusões. Não obstante a diversidade de ideias politicas, Baba se ofereceu a cuidar de Arima e, depois de concentrar se energicamente, a ponto de transpirar abundantemente, ele pronunciou a formula em vóz alta : *ei yat*. Instantaneamente Arima sentiu-se curado. A um jornalista que lhe pediu explicações, Baba declarou que «seu methodo é semelhante aos processos relatados nos Evangelhos». Felizmente Baba é Ministro do Interior e não será perseguido por exercicio ilegal de medicina !»

* * *

GAZETILHA

Por Tavares de Souza

«A Conciencia» de Victor Hugo não é uma ficção!

Ernesto Bozzano, em «Ricerca Psichica» expõe um caso interessante de aparições de defuntos em leito mortuario.

A marqueza Townshend narra em seu livro: «Historias de fantasmas autenticos» a historia do pequeno Alfred, filho de John Chester Craven, engenheiro da estrada de ferro de Leeds. O filho, estando a brincar, destruiu os planos do pai. Não obstante a intervenção da mãe, o engenheiro, terrivelmente encolerizado, castigou o joven delinquente. Magoado e assustado, o menino fugiu durante a noite. Somente ao sexto dia foi ele encontrado, agonisando, numa vila a doze milhas de Leeds. Depois o engenheiro fixou sua residencia em Brighton e fez uma fortuna imensa. Mas essa fortuna não conseguiu lavar-lhe a conciencia; quando soou a grande hora, em que todos que martirizaram seus semelhantes devem expiar—os dois irmãos Alfred e William apareceram sem cessar junto ao leito do moribundo e tomaram uma aparencia tão solida que o infeliz sentiu-se preso de terror. Em vão mandou ele montar guarda, trancar as portas, etc. Os dois fantasmas estavam tão materialisados a ponto de se tornarem visiveis a outras pessoas: «Nesse dia vi Alfred e William tão distintamente como vos estou vendo...»

Ernesto Bozzano mostra que o persistente aparecimento de fantasmas a atormentar a velhice do engenheiro é bem o *inferno* que conhecem os entes malfazejos.

Menino Prodigio

«Constancia» reproduziu de «La Nacion»:

«Ha duzentos anos morreu um menino prodigio chamado Christian Heinnecken. Ele só viveu cinco anos e foi, em seu tempo, o menino mais celebre do mundo. Nasceu na Dinamarca e falou seis horas depois de nascido. Aos dez mezes podia conversar inteligentemente sobre muitos assuntos. Antes de completar um ano sabia o Novo Testamento e com a idade de dois anos e meio, podia responder a qualquer pergunta sobre historia e geografia.

Então começou a estudar latim e francez, idiomas que mais tarde falava fluentemente na Côrte da Dinamarca. O Rei estava maravilhado. Muitas pessoas puderam comprovar as demonstrações do seu talento.

Christian vivia na Côrte e os entusiastas do paiz afluiam para ver aquele prodigio de sabedoria.

Porém, Christian era demasiadamente evoluido para viver muito tempo, de sorte que seu genio prematuro terminou em tragedia. A maravilha da Dinamarca morreu criança.»

Palavras do Prof. Pedro Danow

La Revue Spirite

A Revista «Jitno Zerno», Sofia, Bulgaria, continúa a publicar em cada numero, algumas paginas do Professor Pedro Danow, traduzidas para o francez e italiano, que são os «extratos dos ensinos do Professor em sua escola de Isgrew, perto de Sofia.»

Em um dos numeros, a proposito da reincarnação, Pedro Darnow diz:

«Eu vos falo de uma ciencia que tem seus fundamentos em vós mesmos. Vós tivestes experiencias da vida, muitas vezes viestes sobre a terra, em diversas condições e formas. Tudo está registado nos anais da Natureza, embora isso escape á vossa lembrança e não o possaes reconhecer. A vossa crença pouco importa, mas o que importa é que a Natureza os registou. Podeis retrucar: Nós de nada nos lembramos. O homem embriagado tambem não se lembra, mas o taberneiro se lembra; sim, ele tomou nota de tudo em seu livro, ele sabe quanto lhe deve o freguez que bebeu e ele exige o pagamento. A natureza tambem tem o seu Grande Livro no qual ela inscreve tudo. De nada vos lembraes ? Nada reconheceis ? O caso é que tendes dividas a pagar. Mas os credores, que tem a receber, se lembram muito bem.

Como se vê, o Professor fala com a maior simplicidade, mas vai expondo a doutrina.

O Problema do Mal e da Redenção

La Revue Spirite

A obra espirita de M. Eric Palmstierna, antigo Ministro dos Extrangeiros da Suecia, produziu grande agitação, não só na imprensa ingleza como na de todo o mundo. Esse Embaixador da Suecia em Londres, explicou como o espirito do grande compositor Robert Schumann se manifestou para auxiliar a descoberta dum concerto para violino que estava perdido. Esse concerto deveria ter sido irradiado pela T. S. F. britanica a 20—10—1937.

A obra espirita de M. Erik Palmstierna contem numerosas passagens espiritas obtidas pela mediunidade da celebre violinista Adila Fachiri. Essas mensagens são de elevação espirita pouco comuns. Cristo é mencionado frequentemente, como pertencendo a uma esfera onde as cousas da terra já não penetram, pelo facto de serem muito baixas e materiais.

«A significação real de seu sacrificio está deformada. Ele queria que os habitantes da terra se sacrificassem para o ideal do amor desinteressado... E ninguem, nem mesmo o Cristo, póde assumir a responsabilidade de um outro individuo ou perdoar as sanções que seguem naturalmente ás faltas cometidas.

E' necessario acrescentar que multidões de britanicos aderem hoje ao Espiritismo e isso devido ao facto de ser ele a grande doutrina que coloca cada um em face de suas responsabilidades e que ninguem póde substituir qualquer outro, mesmo o Cristo, mesmo Deus. Certamente não é esta a esperança de muitos, que esperam adormecer sobre a doce almofada da Redenção.

Reincarnação

Revue Spirite Belge

O jornal inglez «Psychic News» relata que o caso de Lady Nona, a esposa de um Pharaó que viveu ha mais de 3.000 anos e da qual já publicamos as mensagens dadas em lingua egipcia e que pretende que a medium Rose Mary, pela qual ela comunica, seja reincarnação de uma pessoa de seu sequito, foi motivo para comentarios por parte de tres jornais inglezes. Trata-se dos jornais «Daily Express, Daily Sketch e Daily Mirror. Isto prova o interesse suscitado.

A mulher russa, operaria da industria pesada

Comunicado do Serviço de Divulgação da Policia do Rio

Abordámos, em comunicado anterior, a posição da mulher russa, como operaria. Mostrámos, através de depoimentos insuspeitos, que á ela é distribuida, com frequencia, tarefa brutalmente pesada e incompativel com seus recursos fisicos.

Hoje, apontaremos como sempre aumenta, na Russia, o numero de mulheres empregadas nas industrias pesadas. Esse fenômeno, aliás, é, tão sómente, a consequencia das precarias condições economicas daquele país, aliada, ainda, a um artificial desenvolvimento da industria siderurgica, a cujo cargo está a preparação do instrumento ofensivo, necessario á irradiação da revolução comunista, em todo o mundo.

Assim, em 1929, de acôrdo com estatisticas oficiais, 3.304 000 mulheres russas estavam empregadas como operarias. Esta cifra se elevou a 8.492.000, registrada em 1936. E, recentemente, segundo as mesmas fontes, 39 % do operariado das industrias pesadas da Russia, é constituida de mulheres.

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

Capital

Dr. Pedro Lameira de Andrade

Ainda sob a impressão dorida do passamento para o Mundo Espiritual do nosso amado diretor Cairbar Schutel, eis que nos chega a inesperada noticia do desincarne, dia 1.o do corrente, do nosso confrade Dr. Pedro Lameira de Andrade, advogado residente na Capital.

Parece que o Senhor da Seára está chamando os seus bons obreiros, afim de receberem o salario a que fizeram jús pela abnegação, pelo esforço e pela boa vontade com que desempenharam a sua tarefa.

Com o seu passamento mais um claro se abre nas fileiras do Espiritismo, cuja seára –que é grande—conta com poucos, porém sinceros trabalhadores.

Espirita ha longos anos, Dr. Pedro Lameira de Andrade era presidente do Centro Espirita «Verdade e Luz», da Capital, cuja atuação nada deixou a desejar.

Na propaganda da doutrina não negava a sua operosidade, dando sempre provas palpaveis da sua convicção espirita. Era conferencista e orador eminente e sua palavra atraente e farta em argumentos o colocou no plano dos grandes oradores espiritas. Por esse motivo era a miude convidado pelos Centros Espiritas a fazer conferencias, fazendo-as em quasi todas as cidades deste Estado, onde levava as grandes verdades proclamadas pelo Espiritismo, unicas que realmente conduzirão a humanidade ao progresso, á paz e á felicidade.

Dr. Pedro Lameira de Andrade foi o continuador da obra encetada por Antonio Gonçalves da Silva Batuira, cujo passamento deu-se em 2 de janeiro de 1909.

Endereçando a Jesus as nossas rogativas, pedimos lhe agasalhar em seu seio o espirito deste nosso irmão, dando-lhe ainda mais luzes além das que conquistou como bom seareiro que era.

Matão

Cairbar Schutel

Ainda por motivo do passamento do nosso diretor, nos enviaram telegramas, cartas e cartões de solidariedade as seguintes pessoas e associações espiritas:

Centro Espirita Fernandes Figueira, do Meyer, Rio de Janeiro; Centro Espirita Amor e Humildade do Apostolo, de Florianopolis, Santa Catharina; Antenor Barbosa de Oliveira, de Nepomuceno, Minas; José R. Motta, de Baptista Botelho, S. Paulo; Gordinho Braune S/A, de S. Paulo; Carolina Backheuser, de Santos; Orfanato Analia Franco, de S. Manoel, S. Paulo; Adriano Pitta, de Guará, S. Paulo; Sociedade Espirita Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, de Jardinopolis, S. Paulo; Centro Espirita Luiz Gonzaga, de Itapira, S. Paulo; Centro Espirita Caminheiros do Bem, de Araxá, Minas; Nicomedes Pereira Guimarães, de Monte Aprazivel, S. Paulo; Federação Espirita do Estado de S. Paulo; Credo Negrelli de Sorocaba; Asilo Colonia Santo Angelo e pelos demais espiritas, Paulo Betini; Dr. Coriolano dos Reis Araujo Góes, do Rio de Janeiro; Luiz Gonzaga de Rezende, Villa Cachoeiras; D. Maria Edith Fonseca Marques e Othelo M. Marques, de Santos; José Vieira Fortes, de Colina; João Matheus, de Avaí; D. Laura S. Oliveira, do Rio de Janeiro; Diretoria do Grupo Espirita Discipulos de Jesus, de São Simão; D. Maria do Carmo Rio Vez, de Frutal; Roque P. de Almeida, de Silvianopolis; Pelo Centro Espirita Luz e Verdade de Quintana e seus filiados e pelo Nucleo Espirita Fé, Amor e Caridade de Pompeia, sr. Constantino Rodrigues; João Linhares, do Asilo Colonia de Santo Angelo; Jesus Fernandes, pelo Centro Espirita Vicente de Paulo, de Agudos; Alberico Lobo, do Rio de Janeiro; Pelo Centro Espirita Trilha da Verdade e seus associados, Miguel Garcia, de Véra Cruz; Tattwa Paz e Amor, pelo Delegado da Ordem, R. Oliveira, de Mafra, S. Catharina ; Centro Espirita Caridade de Jesus, de S. Francisco, S. Catharina; João Domingos de Souza, de Uberaba; Juvenal de Oliveira Dias, de S. Paulo; Laurentino dos Santos, de Jundiaí; Eduardo Leite de Araujo, de S. Sebastião ; Almirante Arthur Thompson, do Rio de Janeiro ; José Ferreira Pessôa, pres. do Centro Esp. Ismael, de Guaíçara ; Dr. Joaquim M. de Lemos, de Porto Alegre, R G. do Sul; Centro Espirita «Amor e Caridade», de Ribeirão Preto; José Candido Alves, de João Ramalho ; José Péres F. dos Santos, de Goiânia, Estado de Goiaz ; Centro Espirita «Luz e Caridade» e toda a familia espirita de Manhaussú, Minas ; Gremio Espirita «Guias Celestes», do Realengo, Rio de Janeiro ; Ginés Rodrigues Borgonhoz, de Vila Neves; Agenor Ildefonso da Cunha, de Guaianazes ; João Martins Sanches, de Aguapeí ; Sisto Dicati e demais Espiritas, de Cedral ; Francisco Antunes, de Araraquara ; Associação das Senhoras Espiritas, de Araçatuba ; Jeronymo Antonio Casemiro, de Macaúbas ; J. Carneiro de Oliveira e José Thomaz de Lima, de Coromandel; João Faria de Godoy, de Uberlandia ; João Baptista Marciano, de Jaguarí ; A. B. Fraga, de Mariano Procopio; Thomaz de Aquino Pereira, de Itajubá ; Augusto Borba e familia, de Morretes ; A. Rodolpho, de Dois Corregos ; Dr. José Herculano Pires, de Cerqueira Cesar; Nicolau Pompeo, de Sarutaiá ; Asilo Anjo Gabriel, de S. Paulo; José da Rocha Ferreira, pelo Centro Esp. Verdade e Luz, Penha S. Paulo; Prof. João Augusto Chaves, de Uberaba; João Aldana, de Rancharia; Edmundo R. Machado, de Corumbá, Matto Grosso; Ilodino Soares, por si e pelo Grupo Espirita Leon Denis, de Livramento, R. G. do Sul ; D. Maria José Wanderley, de Curitiba; Marcelino José de Souza por si e pelo Gremio Espirita «Paz e Fraternidade», de Ipamerí, Goiaz.

—

Jornais que noticiaram o passamento e fizeram referencias ao nosso ex diretor :

«Jornal do Interior», de Baurú, S. Paulo ; «Mundo Espirita», do Rio de Janeiro ; «O Pharól», de Niterói ; «A Luz», de Faxina ; «O Revelador», de S. Paulo ; «A Tarde», de Laranjal; «Gazeta das Pharmacias», de S. Paulo; «A Aurora», do Rio de Janeiro; «O Mensageiro do Orfão», de S. Manoel; «Amor á Verdade», de Ribeirão Preto ; «A Vóz do Além», de S. Paulo; o «Jornal Espirita», de Porto Alegre, R. G. do Sul ; e «O Nosso Guia», de Entre Rios, Est. do Rio e a «Alvorada d'uma Nova Era», de S. Paulo.

—

Esta redação agradece sensibilisada a todos os Centros e associações espiritas do paiz, as inequivocas provas de amisade e consideração tributadas ao nosso ex-diretor Cairbar Schutel, realisando sessões especiais em homenagem ao ilustre espirita brasileiro.

Centro E. de São Paulo—da Capital

Foi reeleita a seguinte diretoria:

Pres. Studario Cardoso; vice, Antonio Monteiro de Castro ; 1.o secr. Gastão Rabello e Silva ; 2.o, Manoel S. Paschoal Junior ; tes. Antonio Previato ; 2.o, Eduardo Ribeiro.

Mato-Grosso

União Espirita Corumbaense

Foi eleita e empossada a diretoria que deve reger os destinos da «União Espirita Corumbaense», no ano corrente, ficando a mesma assim constituida : pres. José da Silva Juruena ; 1.o vice, Luiz Feitosa Rodrigues ; 2.o Antonio Garcia ; 1.o secr. Oscar Silva; 2.o, Nabuco Cruz ; tes. Edmundo Resin Machado ; adjunto de tes. Araripe Romão ; Conselho fiscal, Alvaro Araujo, Celino Pompéo de Campos e Tte. Manoel Mendes de Moraes.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campello*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Cronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de acordo com a materia de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
EXTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1431unse

No. 4-12 unavailable

XIV—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1938 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

A sobrevivencia do corpo espiritual
A materia e o espirito
Cairbar Schutel e Lameira de Andrade
Mr. Ernest Oaten eloquentemente apresenta o nosso caso ao Comité da Igreja
A proposito da objeção segundo a qual os defuntos jamais revelam verdades cientificas
Fotografias de Katie King
Em torno do cerebro d'Anatole France
Que é ser Espiritista...
«O homem atingiu o estadio final da evolução»
Magnifico exemplar de foto transcendental
Richet pelo Radio em Esperanto !
Crônica Extrangeira
Reportagem de George A. Drews
E'cos e Noticias
Bibliografia
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

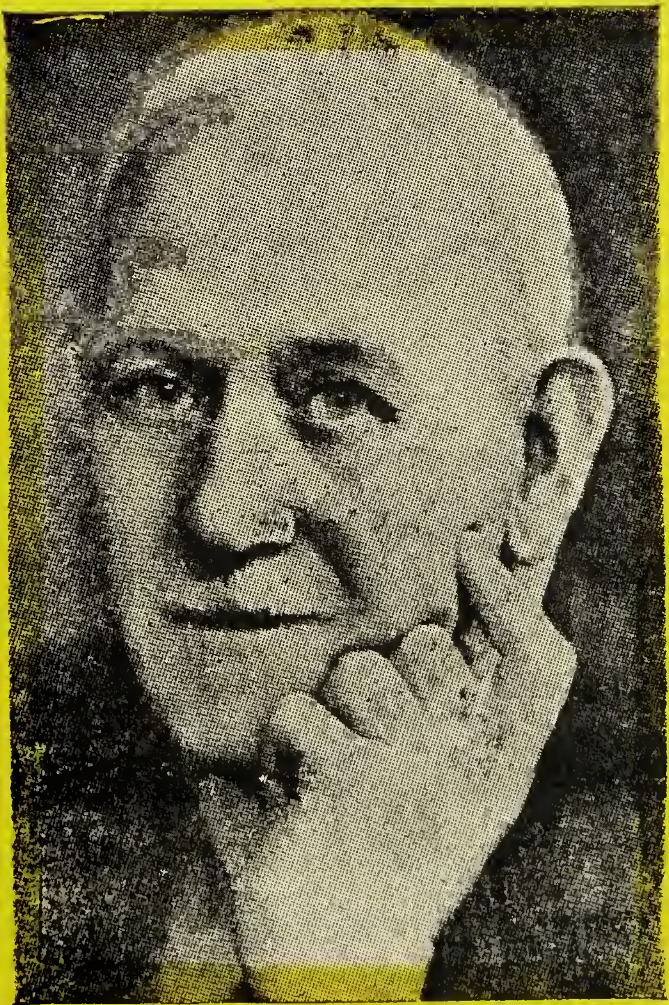

Mr. Ernest Oaten

ANO XIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1938 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *Watson Campello*

A Sobrevivencia do Corpo Espiritual

Disse Sir Oliver Lodge : «A morte nos desliga do fardo da carne, nos introduz na gloriosa companhia dos que se foram antes e nos abre um magestoso panorama de amor e serviço.»

VIVEMOS em um mundo corporal, composto de Espiritos incarnados e ha o *mundo espiritual* habitado pelos Espiritos desincarnados. Os sêres do mundo corporal, em virtude do seu involucro material, estão presos á terra. A morte liberta os Espiritos de sua veste carnal, passando eles a viver no mundo dos espiritos em seus corpos espirituais.

Aqui, o homem funciona em dois corpos: o fisico, visivel e tangivel e o espiritual que escapa aos nossos sentidos. O corpo fisico é o temporario, sujeito á decadencia, proprio a nos pôr em relação com o meio material; o espiritual é o corpo incorruptivel, eterno veículo da expressão do Espirito.

Ha quasi dois mil anos, surgiu num paiz levantino um Sêr dotado de faculdades excepcionais. Ele viera trazer aos homens u'a mensagem de maxima importancia e todos seus ensinos visavam um objetivo: incutir no homem a certeza da sobrevivencia após a destruição do organismo fisico. Esse Sêr, Jesus, não se limitou á propagação verbal, mas Ele demonstrava a sobrevivencia por meio de factos irrecusaveis. Seus ensinos eram claros, não obstante Ele falar em termos incompreensiveis aos seus contemporaneos. Na parabola do Rico e Lazaro, ambos são representados como continuando a viver, conservando suas personalidades e recordação da vida que ficára para traz, não obstante seus corpos estarem encerrados nas sepulturas.

Aos Sadduceus, que negavam a sobrevivencia, Jesus fala da Sarça Ardente e das palavras de Deus: «Eu sou o Deus de Abraão, de Isac e o Deus de Jacob.» Ele não era o Deus de mortos, porém, de vivos, porque todos vivem n'Ele. Ao bom ladrão pregado na cruz, Jesus deu uma promessa positiva de uma vida conciente, naquele mesmo dia, no Paraizo.

Jesus fornece as provas da Sobrevivencia

Certo dia, Jesus tomou comsigo a Pedro, a Thiago e a João e os levou em particular a um alto monte e transfigurou-se diante deles. Eram os tres discipulos dotados de fortes poderes mediunicos. Diz o Evangelista Lucas que eles estavam carregados de sono (transe). Pedro deveria conhecer algo de sessões mediunicas, pois ele propoz fazer tres tabernaculos (camaras de materialisação.») E eis que apareceram dois varões, Moisés e Elias, ambos completamente materialisados. Esses dois vultos biblicos, cujos corpos já ha seculos estavam desfeitos em suas sepulturas, se apresentaram com corpos capazes de serem identificados. Por meio desse acontecimento Jesus demonstrou a sobrevivencia independente de corpos materiais. Provada estava a continuação da existencia humana além da sepultura. Os outros discipulos dificilmente poderiam dar credito ao que lhes fôra narrado pelas tres testemunhas, mas estas conheciam os factos.

Porém, as demonstrações mais repetidas e convincentes foram dadas pelo proprio Cristo.

O Corpo da Resurreição

Com que corpo se manifestou Jesus aos discipulos, depois de Sua crucificação? O corpo com que Ele se apresentou forçosamente deveria ser diferente do Seu corpo terrestre, porque Maria Magdalena não O reconheceu, conforme relata São João, «... voltou-se para traz, e viu Jesus em pé, porém, não sabia que era Jesus». Ela julgou ser o hortelão, até o momento em que Jesus proferiu o seu nome: Maria. Todavia, Maria sempre estava aos pés do Mestre a sorver os ensinos que manavam de Seus labios. Ela deveria ter um conhecimento perfeito das expressões e gestos daquele semblante amado, contudo, ela julgou ser o hortelão e só o reconheceu quando ouviu sua vóz inconfundivel.

«No mesmo dia dois discipulos se dirigiam a Emaus e iam falando entre si de todas aquelas *cousas*. E aconteceu que, perguntando-se um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles». Mas os discipulos não reconheceram o Mestre. Ele lhes falou e citou as escrituras e provou ser um companheiro inteligente, um homem vivo, não obstante ter morrido na cruz, mas o ponto importante é que não O reconheceram, até o momento em que Jesus, sentado com eles á mesa, tomou o pão, o abençoou e partiu, em seguida desapareceu inexplicavelmente. Era um outro caracteristico inteiramente pessoal: o modo por que abençoava o pão, facto que denunciou a Sua identidade. Era o Mestre que a eles se apresentou em fórma materialisada, mas não ha referencia a feridas nas mãos e pés que logo de principio teriam revelado o Mestre.

Até então, Ele não incluira as marcas de feridas no Seu corpo materialisado. Porém, naquela noite, Ele em espirito passou através da porta fechada e materialisou-se na presença deles. Ele convidou o incredulo Thomé a examinar suas mãos e flanco de modo a fornecer-lhes todas as provas de ser Ele o senhor deles, crucificado.

Depois, durante 40 dias, Ele materialisou-se, de modo a poderem eles encontra-lO e com Ele conversar nos antigos termos. E, por ultimo, Ele se materialisou no dia da Sua Ascenção. No momento de sobre eles lançar a bençam, Ele se elevou e Sua materialisação ficou encoberta por uma nuvem.

«*A Igreja Cristã foi fundada sobre um fenômeno espiritual — a sobrevivencia de Jesus de Nazaret á morte fisica.*

Si não se verificassem as materialisações de Um que os discipulos sabiam morto e sepultado, não haveria a proclamação da sobrevivencia por parte dos apostolos, discipulos e dos 500 que atestaram o facto de ter Jesus sobrevivido á morte.

Foi sómente devido ás materialisações, que os discipulos se convenceram da sobrevivencia de Seu Mestre á morte sobre a Cruz e se encheram de coragem, saindo ousadamente a proclamar a Sua sobrevivencia».

Ha 90 anos surgiu a terceira revelação, o Espiritismo, a reproduzir os mesmos fenômenos registados nos Evangelhos, confirmando-os, restaurando-os. Em muitas salas de sessões, os espiritos reproduzem corpos efémeros, que são verdadeiras duplicatas dos que eles tinham na terra, inclusive defeitos fisicos e deformidades, para efeito de reconhecimento.

Nas celebres sessões de Mme. Esperance ha o facto bem autenticado da materialisação de uma joven aparentando 17 anos. Uma senhora presente havia, ha muitos anos, sepultado uma filhinha que nascera com uma horrivel deformidade, uma face apresentava uma fenda que se estendia da comissura labial ao lobulo da orelha. A joven materialisada saíra do gabinete, seu olhar percorria a fila de cadeiras, em seguida deu um salto e foi sentar-se no cólo de referida senhora. Béla era a moça, mas horrivel fenda lhe deformava o rosto. A mãi reconheceu na moça os traços de sua familia e, tremula de emoção, perguntou: «és a filhinha que sepultei ha anos?» «Sim, sou tua filha». «Como cresceste no mundo dos espiritos, como és béla». Subitamente ela deu com a deformidade e, quasi soluçando, disse «mas, minha querida, ainda conservas o defeito em teu rosto». A moça riu, beijou a mãi e disse, «Não, mamãi, eu sou perfeita, tomei este sinal para que me pudesses reconhecer», ela voltou ao gabinete e saíu pouco depois, dizendo, «examina-me agora e vê se consegues descobrir a deformidade».

A MATERIA E O ESPIRITO

Gabriel DELANNE

A Imortalidade da Alma

«Nada se póde adicionar nem tirar á natureza, diz Fyndall. A soma das suas energias é constante e, tudo quanto póde o homem fazer na pesquiza da verdade, ou nas suas aplicações das ciencias fisicas, é mudar de logar as partes constituintes de um todo que nunca varía e com uma delas formar outra.

A lei de conservação exclue rigorosamente a creação e o aniquilamento; a grandeza póde ser substituida ao numero e o numero a grandeza; asteroides podem aglomerar se em sóes; sóes podem resolver se em flóras ou em faunas; flóras e faunas podem dissipar-se em gazes; a potencia em circulação é perpetuamente a mesma. Róla em ondas de harmonia atravez das idades e, todas as energias da terra, todas as manifestações da vida, assim como o desdobramento dos fenômenos, não são mais que modulações ou variações de uma melodia celeste».

Vemos, portanto, que nos cumpre considerar tudo o que atualmente existe, materia e força, como rigorosamente eterno; o que muda é a *fórma*. As palavras *creação*, *destruição*, perderam o seu sentido primitivo; nada mais significam que a passagem de uma fórma para outra.

Quando um sêr nasce ou quando um corpo se produz, diz-se que ha creação; chama-se destruição o desaparecimento desse sêr ou desse corpo, mas, a materia e a força que o formavam não experimentaram alteração alguma proseguem o curso das suas metamorfoses infinitas. A alma inteligente conserva sua fórma que é imperecivel, do mesmo modo que a materia. Quando um ser vivente nasce, ele apodera-se em seu proveito de certas combinações quimicas que constituem o seu alimento. E' um emprestimo que ele toma ao grande tesouro disponivel da natureza; desenvolve se assimilando a si uma quantidade de sempre maior de materia, até ao seu completo desenvolvimento; depois mantem se estavel durante a idade viril e, quando sobrevem a velhice, a desassimilação sendo maior que a regeneração pelo alimento, ele restitue á terra o que lhe tomara emprestado; com a morte, restitue integralmente o que havia recebido.

Em suma, o que é que desaparece? Não é a materia, é a *fórma* que individualisou esta materia. Ficará destruida essa fórma? Não! responde o Espiritismo e prova-o demonstrando sua sobrevivencia após a destruição do evolucro carnal e, o que é mais, estabelece como absolutamente impossivel que esse aniquilamento se realize. Eis porque:

Se o corpo fisico se decompõe com a morte, é isso devido á sua heterogeneidade, isto é, á sua formação pela reunião de muitas partes diversas. Quanto maior foi o numero de elementos contidos num corpo, tanto mais instavel ele é quimicamente. Os compostos quaternarios do reino animal são essencialmente proteiformes, porque seu movimento molecular—mui complicado, por ser a resultante de cada um dos componentes — póde mudar se sob as influencias de forças exteriores mui fracas. Nos corpos vivos, os tecidos são comparaveis a esses pós explosivos que a menor faisca basta para inflamar; são de continuo decompostos pelas ações vitais, e reconstituidos pelo sangue. (1) O Organismo humano é um laboratorio perpetuo, onde as ações quimicas mais complicadas se realizam incessantemente sob as mais fracas excitações exteriores.

No mundo mineral, tal não acontece. As combinações são muito mais estaveis; algumas vezes é preciso empregar meios energicos para separar dois corpos que se unem facilmente um ao outro. Assim, um pedaço de carvão se combina sem dificuldade com oxigenio para formar o acido carbonico. Pois bem! Uma temperatura de 1,200 graus é necessaria para separar depois esse oxigenio, do carbono; vê-se portanto que, quanto menor é o numero de fatores numa combinação, tanto mais estavel ela é.

Quando se chega aos corpos simples, temos averiguado que nenhuma temperatura aqui na terra póde decompo-los. Apenas o enorme calor do sol é bastante para alguns; por isso, é facil compreender que a materia primitiva de que eles proveem seja inteiramente irredutivel; como ela não póde aniquilar-se, torna se rigorosamente indestrutivel. Essa materia primordial em que a alma se acha individualizada, é a base do universo fisico; o perispirito, que se fórma dela, goza do mesmo estado de perenidade.

Por outro lado, a alma é a unidade indivisivel: é, se fôr permitada a comparação, um atomo espiritual. Se a materia bruta nunca perde suas propriedades, com mais forte razão o principio inteligente, que age sobre ela e a modela a seu geito, póde ainda menos—perder as suas propriedades. A experiencia nos ensina que, efetivamente, um atomo de oxigenio, por exemplo, o qual desde as primeiras idades do mundo passou por milhares de combinações, não sofreu a menor diminuição nas suas energias quimicas: possue atualmente as mesmas afinidades que ha milhões de anos; elas lhe são inerentes, estando indissoluvelmente ligadas á sua substancia.

Assim se dá com a alma. Os seculos que se teem sucedido não enfraqueceram suas energias nativas: ela conserva sempre a sua pujança, porque, as ideias de vida ou do morte aplicaveis aos sêres terrenos transitorios, nada teem a fazer com o que é, com o que existe em si, com a essencia da substancia eterna ou da alma imortal.

São unidades irredutiveis e imperecíveis, porque o dominio das forças materiais, causa das transformações, não se estende até elas.

As modalidades da energia, que conhecemos sob os nomes de calor, luz, etc., são produzidas por ondulações do éter, que já é uma modificação da materia primitiva, uma diminuição da sua energia vibratoria constitucional; por isso, os Espiritos, cujo involucro é formado pelo fluido universal, escapam a todas as nossas sensações fisicas. Logo, a alma é imortal.

Vimos que as almas de Pascal e de Virgilio tinham-se apresentado a mediuns com uma aparencia fisica reproduzindo a que tinham neste mundo; esse facto é a prova inconcussa de que nada se perde no involucro fluidico e que, do mesmo modo que aqui em baixo uma simples recordação não pòde desaparecer, assim tambem no espaço nenhuma forma poderá aniquilar-se.

Todas as fórmas que a alma re-

---

(1) Balfour Stewart: La conservação da Energia, pag. 161 e seguintes.

vestiu, existem no estado virtual e são impereciveis.

Sim, a alma está unida á substancia perispirital e esta de modo algum poderá ser destruida, por isso que, pelo seu estado fisico, ela é o termo final das transformações possiveis: é a materia em si.

Nem os milhões de graus de calor dos sóes ardentes, nem os frios dos espaços interestelares teem ação sobre esse corpo incorruptivel e espiritual. Somente a vontade pode modifica-lo, não mudando sua substancia, mas expurgando a dos fluidos grosseiros de que está saturada, no começo de sua evolução. E' a grande lei do progresso que tem por fim depurar essa massa, destacar esse diamante, que é a alma, da ganga impura que ele contem. São as vidas multiplas que constituem os cadinhos purificadores; em cada viagem, o Espirito sái mais perfeito de seu involucro e, quando tiver vencido as contingencias da materia, então fica livre das atrações terrenas e evola-se para outras regiões menos primitivas.

Nesse mundo do espaço, nesse meio imponderavel, onde vibra toda essencia dos fluidos, um só poder é soberano: o da vontade. Debaixo da sua ação poderosa, a materia fluidica se dobra a todas as suas fantasias; a alma, bastante sabia para manipula-los, realiza todas as possibilidades da sua imaginação, cujas fórmas terrenas não são mais que palidos reflexos.

Cairbar Schutel e Lameira de Andrade

Os irmãos do Além rejubilavam-se antes mesmo de Cairbar e Lameira abandonarem o corpo material.

E' assim que, 20 horas antes de Cairbar desincarnar, ou seja sábado, dia 29 de Janeiro, ás 20 hs. e meia — na sessão habitual da Associação Espirita «S. Pedro e S. Paulo», á Rua B. Paranapiacaba, 83 — o presidente dos trabalhos, Dr. Augusto Militão Pacheco, o conhecidissimo e estimadissimo medico homœpata, deixando de lado a sua nórma de não elogiar pessoas vivas (1) (porque o elogio é uma tentação), discorreu sobre o papel do espirita activo, tomando para exemplo o farmaceutico Cairbar Schutel, que era um exemplo vivo de dedicação á Causa do Mestre dos mestres. Falou demoradamente sobre a atividade invejavel de Cairbar, que arranjava tempo para fazer semanalmente o «O Clarim», escrever e fazer a «Revista Internacional do Espiritismo», colaborar em outros órgãos, falar no Centro local e em outros Centros fóra, falar ao microfone, escrever livros e exercer cristãmente a profissão de farmaceutico.

Frizou bem o Dr. Pacheco, este apostolo do Espiritismo há 36 anos: «Cairbar, que já está na velhice, fundou o «Clarim» e como este jornal nasceu para não morrer, eis que teve o cuidado e a previdencia de ir preparando o seu sucessor na grande obra de continuar a conduzir o jornal, nos mesmos móldes e com a mesma orientação cristã. E esse discipulo já está escolhido (falava sem saber que estava por horas a partida de Cairbar!), e é o nosso confrade José da Costa Filho, que escreve sempre seus artigos em seguida aos do seu mestre, e com o mesmo espirito de cristianidade.»

E o Dr. Pacheco fez vêr que nós, espiritas, temos o dever de auxiliar o «Clarim» e a «Revista», cujas assinaturas não são caras e cuja leitura é de grande proveito moral e espiritual, sendo que a «Revista» é a melhor que existe, pois além dos trabalhos magnificos de doutrinação, traz noticias do movimento espirita em todo o mundo.

E chamou a atenção do auditorio (sempre numeroso): «Devo declarar que Cairbar não me pediu nada, não me encomendou coisa alguma, mas falo espontaneamente». E acrescentou: «Eu mesmo entendo de fazer referencia a esse valoroso apostolo, cuja vida é um espêlho para todos os espiritas». (O Dr. Pacheco não podia adivinhar que 20 horas depois o homenageado já não seria mais do mundo material!). Tambem ele, Dr. Pacheco, sentiu as influencias do Além, onde já entoavam as «boas-vindas» ao querido Schutel!

O Dr. Lameira de Andrade anunciou seu passamento cinco dias antes, mas inconscientemente.

Quinta-feira antes do carnaval, depois de haver dado a sua aula semanal de «estudos biblicos», e aulas magistrais — palestrou alegremente com os confrades e mais presentes, no salão da Federação Espirita do Estado de S. Paulo, e, ao se despedir, disse-lhes: «*Olhem: vou formar um cordão de espiritas na terça-feira de carnaval, cada Centro mandará um representante e eu puxarei o cordão*».

E assim foi! Acometido súbitamente de derrame cerebral, segunda-feira, pela manhã, quando se aprontava para ir á estação da Sorocabana esperar a chegada do genro, cap. Floriano Pacheco, que vinha do R. G. do Sul — foi imediatamente transportado para o Hospital da Cruz Azul, onde os medicos nada puderam fazer. A's 2 hs. da manhã de terça-feira de carnaval, deixava os liames da carne. Foi sepultado á tarde, saíndo o corpo da Rua Espirita, 116 (séde da Associação Beneficente «Verdade e Luz»), acompanhado por extenso cordão de automoveis conduzindo os espiritas, os representantes de Centros Espiritas e muitas outras pessoas da nossa sociedade — exatamente na terça-feira de carnaval.

O Dr. Lameira desincarnou aos 57 anos de idade. Fez o curso do Mackenzie College, ao mesmo tempo que cursava o Seminario Teológico Presbiteriano, para seguir o pastorado evangélico. Isto, em 1902. Não chegou a concluir o curso teológico, mas prégou o Evangelho pelo púlpito de quasi todas as Igrejas da capital e de muitas do interior. Foi sempre muito apreciado, desde esses tempos, como bom orador, de largos recursos dialéticos. Caindo no materialismo, porque os dogmas não lhe satisfaziam o ansêio pela Imortalidade —eis que em 1917 a leitura das obras de Allan Kardec o deixou maravilhado, pois que a Filosofia Espirita respondeu cabalmente ás exigencias do seu espirito e do seu coração. Espirita convicto, desde 1917 dirigiu a Associação Beneficente «Verdade e Luz», na Rua Espirita — a grande obra do inesquecivel apostolo Antonio Gonçalves da Silva Batuira — aquele português muito rico e proprietario de toda a Rua Espirita, cuja fortuna foi toda distribuida aos pobres. E foi esse grande pregoeiro da Terceira Revelação, cujo nome se acha na galeria dos discipulos de Jesus, ao lado do de Cairbar, o inesquecivel paladino da Verdade.

Dr. Romeu A. Camargo.

---

(1) O Dr. Augusto Militão Pacheco julgou «ter deixado de lado a sua nórma de não elogiar pessoas vivas», mas o facto é que o espirito de Cairbar Schutel já estava em processo de desprendimento, no dia 29 — sabado e só voltou para satisfazer ás suplicas de pessoas amadas que o rodeavam. A's 10 horas de mencionado dia, Cairbar apresentava os sinais precursores da sincope, extremidades arroxeadas, palidez ceracea, respiração estertorósa. O medico lhe déra apenas mais 30 minutos de vida. Ao meio dia, Cairbar reanimou-se e disse: «porque me chamaram? Eu já estava do outro lado da barreira, sem dôres e sem aflição; voltei porque não podia deixar de atender ao chamado de cristãos — mas terei que passar de novo por isto». Seus sofrimentos minoraram e assim permaneceu até o dia imediato, domingo 30, quando desincarnou inesperadamente ás 16 horas e 15 minutos.

* * *

Morrer não é mais do que irmos além deste mundo, como os amigos vão mais além dos mares. = William Penn.

Mr. Ernest Oaten eloquentemente apresenta o nosso caso ao Comité da Igreja

«Psychic News»

«Psychic News» se congratula com com E. W. Oaten, redator de «The Two Worlds», pela excelente conferencia proferida ante o Comité da Igreja que está investigando o Espiritismo. Ele apresentou o nosso caso com dignidade, eloquencia e conhecimento. Seguiu se á sua conferencia uma hora destinada a perguntas e respostas.

O Comité fôra nomeado pelo Arcebispo de York, em seguida a uma entrevista entre o Arcebispo, o Deão de Rochester, atual bispo de Barth, e o Rev. Maurice Elliot.

“HA uma tendencia crescente para rejeitar os ensinos da Igreja, quer se trate do ponto de vista espiritual quer do secular. Qual a razão? Eu creio ser o resultado da atitude conservadora da Igreja em face do nosso conhecimento.

Gradualmente a confiança publica está sendo transferida da Igreja para a ciencia como o descobridor de novos campos e revelador das leis da natureza.

Agora, as leis da natureza são as leis de Deus. O homem está se convencendo do facto de somente pela observancia da operação dessas leis, poder ele descobrir a vontade de Deus.

O Espiritismo, como ciencia que é, não pede credulidade—ele diz simplesmente, «experimentae por vós mesmos e permiti que vossas proprias descobertas determinem vossa convicção.»

Primeiro esforço cientifico

O Espiritismo é a primeira tentativa para aplicar o metodo cientifico á investigação da natureza espiritual do homem, da realidade de um mundo espiritual e do genero de vida no além-tumulo. Os fenomenos narrados nos Evangelhos são factos banais em nossa sala de sessões.

O Racionalismo atacou os milagres e assim minou os fundamentos da Igreja. O Espiritismo restaurou os milagres como factos psiquicos.

O amor é um vinculo mais forte do que a morte e a coisa mais natural do mundo é que o marido procure sua mulher e a mãe procure seu filho. Quando a morte separa, o amor liga os corações.

Nem a ignorancia do cientista, nem os anatemas da Igreja podem separar os seres que se amam. A personalidade que planejou o bem estar do objeto de sua afeição e pelo mesmo esforçou se sobre a terra, ainda esforçar-se-á para lançar uma ponte sobre o abismo da morte.

Ha milhares de entes aqui e no mundo proximo que seriam realmente felizes se lhes fosse assegurada ser uma certeza a reunião com os que se passaram ao outro mundo. Muitas pessoas sérias do outro lado da morte estão anciosas para transmitir, aos que ficaram para traz, algumas informações do que elas teem descoberto —e elas acham meios de faze-lo.

Vi frequentes vezes o cientista sério entrar na sala de sessões, determinado a aplicar o escapelo de seu intelecto á analise dos fenomenos psiquicos, orgulhoso de seu saber e convicto de sua habilidade e vi-o sair muitas vezes ferido em seu amor proprio, por nada ter conseguido.

Porém, inumeras vezes vi almas carregadas de tristezas, curvadas ao peso da aflição e humihadas pela sua impotencia em face da morte, sairem da sala de sessões sorridentes por terem encontrado uma resposta á suplica de seus corações.

Não imagineis que os subjugados ao peso da tristeza sejam credulos. Em geral não o são. A questão para eles é de importancia tão grande que eles exigem provas de identidade.

Eu vos afirmo, a comunicação é possivel, é um facto estabelecido além de qualquer duvida. A Igreja póde discutir a questão, «A comunicação é legal? e, si assim é, ela traz beneficios »?»

A maré está inundando

A Igreja póde continuar a discutir, mas não poderá deter a maré que está inundando.

Ha presentemente neste paiz para mais de 20.000 lares em que se realizam sessões estritamente familiares, sem mediuns profissionais ou externos.

Estaes encurralados num campo de concentração, cercado por muros de doutrinas que vós mesmos levantastes. Não conheceis o mundo exterior mais amplo e mais belo e não ousaes explora-lo.

Sem duvida, os discipulos acharam dificil acreditar na experiencia de Pedro, Tiago e João, testemunhas da transfiguração e das fórmas materialisadas de Moisés e Elias, porém, os tres discipulos conheciam os factos.

Conheço o motivo de vossos temores. Temeis que o novo conhecimento provoque o desgarramento da vossa ancora; que a nova informação signifique o abandono de doutrinas e tradições estabelecidas — mesmo as que julgaes bem firmadas. O mesmo temor vós o revelastes com o Darvinismo.

Porém, a verdade prevalecerá, com ou sem o vosso consentimento. A descoberta da verdade tanto compete á Igreja como á ciencia. Ninguem, a não ser o insensato, crê que todo o reino da verdade já foi descoberto.

A Sobrevivencia está provada

O Espiritismo póde e deve provar, além de qualquer duvida, o facto da persistencia da vida além da morte. Milhares de pessoas abandonaram a Igreja porque ela lhes pedia uma simples fé (crença). Hoje, a crença sem a necessaria prova é considerada—penso que acertadamente — como uma superstição e credulidade, ou como uma fórma de auto sugestão.

Sou espiritualista ha quarenta anos e no decorrer desse tempo nunca conheci um só momento de duvida relativamente ao amor ou objetivo de Deus, ou á realidade de um mundo espiritual. Eu não senti a necessidade de qualquer outra religião.

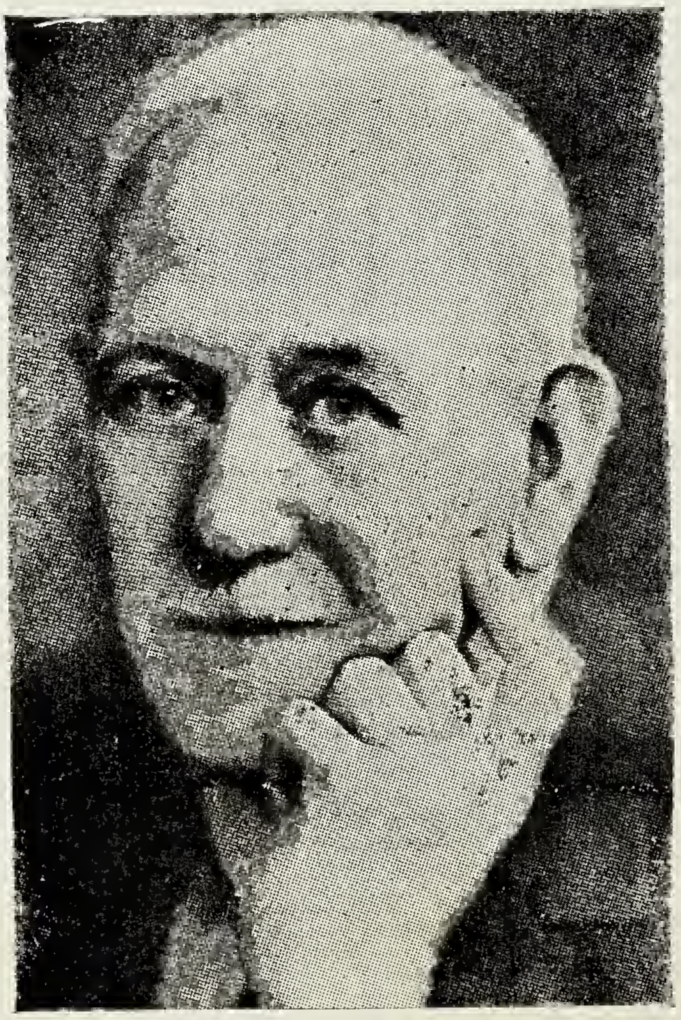

Mr. Ernest Oaten

O Espiritismo correspondeu a todas as exigencias do meu intelécto e anceios do meu coração. O Espiritismo rehabilitou a Biblia tornando-a um documento humano compreensivel.

O Espiritismo transformou Jesus Cristo de um mentor mistico que infunde pavor e que existiu ha dois mil anos, em uma experimentada alma humana, origem de energia dinamica; em um irmão mais velho, cuja influencia ainda banha o mundo em amor, que nada quer conhecer de credos, raças ou igrejas, porém, só conhece as necessidades da alma humana.

Jesus não é a propriedade da vossa Igreja como não é o primitivo adorador do sol. Ele não aceita a vossa adoração, Ele quer vidas limpas e reais serviços aos semelhantes. A cousa reside, não em seu nome, mas em seu espirito.

A despeito do oprobrio da Igreja, da perseguição por parte da lei — incompreensão e sarcasmo dos ignorantes—e da negligencia do cientista oficial, o Espiritismo paulatinamente está transformando e amoldando a mente humana para a vida futura.

Nada poderá impedir a nossa vitória, porque estamos de posse da verdade de maior importancia do mundo e as hostes espirituais estão a nos sustentar.

Quero ferir uma nota mais grave. Não é necessario referir-me ás diferentes pretenções das varias seções ao Cristianismo — Romanos, Gregos, Anglicanos e Dissidentes—.A probabilidade de se tornar o mundo cristão, nominalmente, está tão remota como a conversão do mesmo mundo ao Islamismo ou Budhismo.

Entretanto, no recente Congresso de Glasgow, assisti a uma reunião internacional em que se irmanaram todos os credos numa base fraternal. Cristãos, tanto ministros ordenados como leigos representantes de muitas denominações, fraternizaram com Budhistas, Brahamanes, Mussulmanos, Judeus, Yogis. Todos os credos e côres se hombreavam em comunhão com o mundo espiritual.

Em nossas relações com nossos visitantes, constatámos que diferenças de credos e rituais são considerados idiosincrasias sectarias sem importancia: na outra vida os espiritos não cogitam dessas banalidades—eles valem sómente no sentido de influenciar, determinar conduta e caráter.

A Religião Universal

Tempo virá em que uma religião universal suplantará diferenças de credos e só o Espiritismo oferece vasta base para tal religião pelo facto demonstravel da sobrevivencia para todo o genero humano —imortalidade humana, comunicação entre todos os mundos e um crescente desenvolvimento, do imperfeito ao perfeito.

E' esta a causa de Deus. Podeis retardar o seu progresso — porém, não podereis impedir seu sucesso ulterior.

A Igreja empregou todos os esforços, honestos e deshonestos para entravar o nosso progresso. Ela influenciou o Parlamento, as côrtes de justiça, a sociedade e através da estação B. B. C. ela procurou humilhar-nos e conservar o povo na ignorancia dos factos psiquicos.

Não vos guardamos rancor. O tempo não tem limites e a verdade é invencivel.

Houve tempo em que desejámos a vossa cooperação para barrar o fluxo do materialismo.

Hoje, se aceitardes os nossos factos, nós vos ofereceremos a mão fraternal, porém, não será facil olvidar que viestes tarde de mais, depois de sósinhos termos vencido a batalha».

—

(O panfleto, «O Espiritismo e a Igreja», do qual tirámos estes extratos, póde ser obtido a 5 d. livre de porte, de «The Two Worlds», 18 — Corporation Street, Manchester).

O Diabo conquista crescente respeito

Pelo facto de um fanatico ter escrito, numa folha de Leicester, que o diabo era responsavel pelo Espiritismo, Frank Marshall escreveu:

«Crescente é em mim o respeito pelo diabo, porque ele tem sido acusado de ter praticado muitas ações nobres e bôas, tais como — cura de enfermos e demonstração da verdade da imortalidade.»

«Eu vou propor um voto de agradecimento ao nosso amigo, o diabo, por ter ele introduzido uma filosofia no seio da humanidade; filosofia que, não só despertou seu raciocinio, como tambem, si fôr posta em pratica, trará a paz a terra, além de nos impressionar com a importancia de vivermos uma vida bôa aqui para sermos felizes no Outro Mundo.»

A Propósito da Objeção segundo a qual os defuntos jamais revelam verdades cientificas

"La Revue Spirite" **Dr. Ernesto Bozzano** *"Constancia"*

Entre as diversas categorias em que se dividem os que se entregam a investigações psiquicas, ha uma que compreende um grupo bastante numeroso de sêres que teem adquirido uma certa experiencia (competencia) nessas questões e estão convencidos de que as manifestações do elevado mediunismo não seria explicavel sem admitir a hipotese espirita, mas que permanecem prêsos a um estado de penosa incerteza, devido a uma desagradavel disposição mental. Esta disposição arrasta esses sêres a aceitar e aumentar as minimas razões de perplexidades teóricas — inseparaveis de uma ciencia que, apenas, acaba de estrear—e, por outro lado, a não conceder suficiente importancia e, todavia, olvidam rapida e sistematicamente todas as provas numerosas, fundadas sobre factos animicos e espiriticos, que convergem, desde um centro, á demonstração da existencia, no homem, de um espirito que sobrevive á morte do corpo.

Sucede que alguns desses distintos investigadores se dirigem a mim para me submeter suas duvidas, que expõem em questionarios interminaveis.

Não podendo eu satisfazer a cada um deles em particular, resolvi faze-lo publicamente, realizando desta maneira uma obra mais proveitosa.

Começo por uma observação que preciso dividir em tres partes — objeção que nunca deixa de introduzir-se, sob varios aspéctos, no questionario que acabo de mencionar. E' uma objeção que entristece grandemente aos que dela falam. Sua primeira parte consiste em fazer resaltar que, si se admitem como veridicas as mensagens dos defuntos, dever-se-á inferir, ao mesmo tempo, que a sobrevivencia dá logar a um estado de depreciação da personalidade, de decadencia psiquica, de regressão ao estado de larva. Meus correspondentes chegam a esta conclusão desoladora, fazendo a reflexão de que si se pode admitir a existencia de casos de identificação de defuntos onde a abundancia de informações pessoais é tão completa e satisfatoria de modo a não se poder duvidar da presença dos mesmos, contudo, a analise dessas vastas e laboriosas enumerações de incidentes insignificantes, neles não permite encontrar nada que seja favoravel á integridade psiquica da entidade da qual proveem; dir-se-á mesmo algumas vezes, que da intelectualidade dessas entidades não resta mais que um residuo de recordações.

Estas conclusões são exageradas; mas abster-me-ei, por enquanto, de refuta-las, apresentando factos. Limito-me, pois, a fazer notar ao eminente sabio que me dirige esta objeção, que o fim de todo investigador é o de insistir para conseguir, em grande quantidade, informações pessoais de identificação. Sucede que os desincarnados que se comunicam, se veem obrigados a concentrar seus poderes de transmissão medianimica — sempre limitados—de tal maneira que suas faculdades intelectuais (sempre desorientadas pela imersão no «aura» vital de outrem) possam satisfazer as justas exigencias dos experimentadores. Sendo assim, não é racional formular conclusões negativas, fundadas sobre condições impostas pelos mesmos experimentadores. Apresenta-se isto tanto mais absurdo quando só se pensa que as provas que podem dissipar as duvidas atrózes sob as quais se abate o meu correspondente, existem em grande quantidade em outras fases da mediunidade e sobretudo na importante categoria das mensagens destinadas não só a ministrar provas *dirétas* de informação espirita como tambem provas *indirétas*, não menos eficazes. Estas consistem em ditados de importantes obras literarias, historicas, filosoficas, cujo valor intrinseco e modalidades pelas quais se produzem, são superiores ao que poderia realizar um escritor de genio, vivente, ou um grande erudito, ou um profundo filosofo. Em certos casos o escritor falecido reproduz a escrita, estilo, fórma e as idiosincrasias particulares : por outra parte, o valor artistico da obra, mediunicamente transmitida, é, em absoluto, unicamente comparavel ás melhores produções que o autor publicou durante sua vida.

Com respeito á primeira subdivisão das provas indirétas acima mencionada, lembrarei os «*Spirit Teachings*» («*Ensinos dos Espiritos*») de William Stainton Moses; os tres volumes de «*Scripts of Cleophas*» (medium Miss Cummins) que contém as cronicas ignoradas dos primeiros séculos do cristianismo, complemento dos *Actos dos Apostolos* (que nos chegaram em fórma fragmentaria) que encerram admiraveis descrições do ambiente e costumes; citações de logares desconhecidos, *cujas existencias foram imediatamente reconhecidas;* termos gregos, hebraicos, aramaicos, ignorados por todos os assistentes. Recordarei as maravilhosas produções literarias de «Patience Worth» (medium Mrs. Curran), em que a personalidade que se comunica, entre outras cousas, ditou em trinta e cinco horas um poema de 270 paginas em versos livres, *na lingua arcaica do século de Shakespeare (época em que Patience Worth afirmou ter vivido);* poema que sob o ponto de vista literario foi julgado como obra prima, muito superior ás obras dramaticas analogas de Malterlink, como o faz resaltar e o demonstra o Dr. Walter Flanklin Prince. Ainda citarei a coleção de elevadas mensagens filosoficas, intituladas: «*Thus Saith Celphra*» (Assim falou Celphra), medium Frederic Haine; e a outra coleção filosofica e transcendental denominada: «*The New Nuctemeron*», (medium Marjorie Livingstone). Cito, finalmente o volumoso tomo francez, intitulado «*Symbole*», cujo conteúdo rivaliza com as obras literarias de «Patience Worth» em beleza e elevação de poemas improvisados e profundidade do pensamento filosofico.

Relativamente á segunda subdivisão, das provas em questão, recordarei o famoso caso do escritor inglês Oscar Wilde, caso que não só é um magnifico exemplo de identificação pessoal de um defunto, mas, ao mesmo tempo constitúe a melhor refutação á objeção de que nos ocupamos. Com efeito, o desincarnado que se comunicou não se limitou sómente a reproduzir a identidade de sua escrita ou fornecer grande numero de dados pessoais, ignorados por todos os assistentes, cuja veracidade foi comprovada depois, mas ditou do mesmo modo ao medium, uma comedia completa, que os criticos literarios, aos quais foi ela submetida como obra postuma de Oscar Wilde, por ele escrita quando vivo, a julgaram como uma de suas melhores produções . . .

Com isto, parece-me haver refutado, de maneira completamente satisfatoria—com citação de factos — a esta primeira parte da complexa objeção de que estamos tratando. E esta contestação deveria, de uma vez, convencer a meus correspondentes da bem fundada observação feita anteriormente, ou seja que eles olvidam em seguida e sistematicamente, as provas realmente fundamentais em favor da sobrevivencia da alma, perdendo-se em comparações de perplexidades inexistentes e insignificantes, cuja importancia exageram.

(Continúa).

Ha duas cousas absolutamente seguras para cada um de nós : primeiro, cada um de nós veio para este mundo ; segundo : todos nós dele sairemos. Estou convencido da existencia de um mundo espiritual em volta de nós «á maneira de uma atmosféra». Ele está provado pelos que morrem. A morte não é um terminus ! Ela méramente é uma junção em que passamos para outra linha. E naquela junção descobriremos que nove decimos da bagagem por nós aqui acumulada—é (sheer lumber).— *W. Oaten.*

Fotografias de Katie King

O testemunho de Sir William Crookes

The Two Worlds

O enorme interesse pelas materialisações, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos revoca a maravilhosa investigação que Sir William fez em a mediunidade de Florence Cook.

Sir William escreveu: «Durante a semana que precedeu á partida de Katie realizei sessões quasi todas as noites para conseguir fotografa-la á luz artificial. Cinco aparelhos completos de fotografia foram preparados, inclusive duas esteoroscopicas binoculares, devendo ser todas dirigidas sobre Katie, ao mesmo tempo, todas as vezes que ela tomasse posição para ser fotografada.

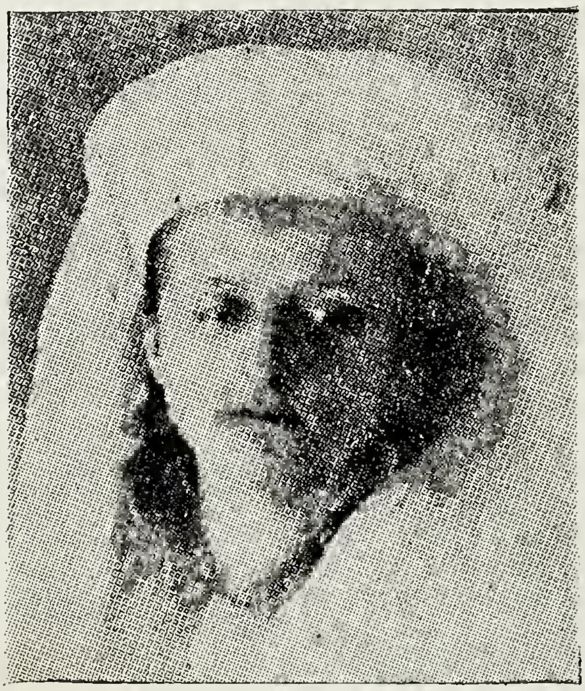

Katie King

A minha bibliotheca, que serviu de gabinete escuro, tinha duas meias portas dando para o laboratorio; uma dessas portas foi retirada dos gonzos e, em seu logar, suspendeu-se uma cortina para permitir que Katie (o espirito materialisado) entrasse e saisse. Todas os noites havia tres ou quatro exposições de chapas nas cinco camaras que davam no minimo quinze provas por sessão. Algumas se inutilisaram no desenvolvimento, outras na regulamentação da luz, porém, possuo *quarenta e quatro* negativos; uns mediocres, alguns nem bons nem maus e outros excelentes.

Katie concedia-me toda a liberdade para proceder como me aprouvesse. Acompanhei-a frequentemente ao interior do gabinete e algumas vezes pude ve-la juntamente com seu medium.

Uma das fotos mais interessantes é aquela em que me acho de pé ao lado de Katie; ela tem seu pé descalço pousado sobre um ponto particular do soalho. Fiz depois a snrta. Cook vestir-se como Katie; ela e eu nos colocámos exatamente na mesma posição e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, colocados como na experiencia anterior e esclarecidos pela mesma luz. Quando as duas fotos foram comparadas, as duas figuras de minha pessoa coincidiram exatamente, mas a de Katie excedia a a da snrta. Cook por diferença de meia cabeça; junto desta, Katie parece uma mulher corpulenta. Em muitas provas, o tamanho do seu rosto e a grossura do seu corpo diferem do medium, fazendo notar muitas outras dissemelhanças. Porém, a fotografia é tão impotente para pintar a beleza perfeita do rosto de Katie, como as palavras o são para descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia póde, é certo, dar um desenho dos seus traços; mas como poderia reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão variada de suas feições, ora veladas pela tristeza quando contava algum acontecimento desagradavel da sua vida passada, ora sorrindo com toda inocencia de uma joven quando reunia em torno de si meus filhos, e divertia-os narrando lhes episodios de suas aventuras na India.

Tenho a mais absoluta certeza de que Miss Cook e Katie são duas individualidades distintas, ao menos no que se refere aos seus corpos. Pequenos sinais que existem no rosto de Miss Cook, não aparecem no de Katie. Os cabelos da primeira são de um castanho escuro, de modo a parecerem negros; uma mécha dos cabelos de Katie, que *eu tenho á vista*, e que com sua permissão, cortei de suas tranças luxuriantes, depois de acompanha-las com meus dedos até o alto de sua cabeça, afim de certificar-me que aí tinham nascido, é de um bélo castanho dourado».

O Professor Crookes testifica: «Antes de concluir este artigo, desejo dar alguns pontos de diferença que observei entre Miss Cook e Katie. A altura de Katie varía. Em minha casa verifiquei ser ela quinze centimetros mais alta que Miss Cook. Na noite passada, com os pés nús e calcanhares pousados no soalho, ela excedia dez centimetros á altura de Miss Cook. O pescoço de Katie estava nú. A epiderme era macía tanto ao táto como á vista, enquanto que o pescoço de Miss Cook apresenta uma grande cicatriz, que era rude ao táto. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que Miss Cook habitualmente usa brincos. Certa noite contei as pulsações de Katie: Seu pulso batia regularmente 75 pulsações, ao passo que o de Miss Cook, poucos instantes depois, atingia 90, seu numero habitual. Apoiando o meu ouvido sobre o peito de Katie, percebi as pancadas do seu coração, mais regulares que as de Miss Cook, segundo observei depois da sessão. Os pulmões de Katie se nos mostraram mais sãos que os do medium que então se estava tratando de forte defluxo.

Frequentemente, levantei uma ponta da cortina, quando Katie estava perto de seu medium; as sete ou oito pessoas que estavam no laboratorio, podiam ver, ao mesmo tempo, Miss Cook e Katie».

Uma ultima citação vai estabelecer sobre esse ponto uma convicção absoluta:

«Katie anunciára que a sua missão estava terminada. Ela me convidou a entrar comsigo no gabinete, e permitiu que aí me conservasse até o fim.

Em seguida, tendo levantado a cortina, conversou comigo durante algum tempo e depois atravessou a sala para ir ter com Miss Cook, que jazia inanimada no soalho. Inclinando-se sobre ela, tocou a e lhe disse: — Despertai, Florence; despertai! E' preciso que eu vos deixe.

Miss Cook despertou banhada em lagrimas e suplicou a Katie que se demorasse ainda algum tempo: «Minha querida, não posso faze-lo; a minha missão está cumprida; que Deus vos abençôe! disse Katie e continuou a conversar com Miss Cook, depois as lagrimas desta impediram-na de falar. Avancei para amparar Miss Cook, segundo instruções de Katie, pois o medium ia caíndo no chão, soluçando convulsivamente. Olhei ao redor de mim; mas Katie e seu vestido branco tinham desaparecido».

Não mais póde haver duvida que Miss Cook conversou, acordada, com Katie e o Prof. Crookes. São tres personalidades bem distintas em tres corpos diferentes.

O CADAVER POTENCIAL

Horace Leaf contou me uma historia notavel, quando com ele jantei ha dias. Pediram-lhe para conduzir o funeral de pessoa extranha, grande admiradora de seu trabalho. H. Leaf acedeu e foi entender se com o «cadaver potencial». Ele encontrou um homem robusto e alegre, que todavia, insistiu na sua passagem (morte) proxima, para se encontrar com a esposa.

«O senhor não está pensando num suicidio? Perguntou Leaf nervosamente.

«Não», respondeu o outro.

—A UNICA EXIGENCIA. — A unica exigencia feita a Leaf foi que ele não falasse demasiadamente sobre suas qualidades, no seu discurso funerario.

O homem passou se pouco tempo depois, emquanto dormia. Leaf cumpriu a sua parte do pacto.

O resultado foi que, poucas semanas depois, quando Leaf discursava em Nottingham, uma mulher da assistencia se levantou e descreveu o homem «morto», que agradecia a Leaf o ter ele cumprido o que fôra combinado. — W.

Em torno do cerebro d'Anatole France

Da «Revue Spirite Belge» Por GABRIEL GOBRON *Trad. C. Schutel*

A «Rassegna di Studi Psichiatrici» (p. 995) á respeito das relações do cerebro humano e da inteligencia, diz:

Seu peso medio é de 1.350 grs.

Imbecis e idiotas têm tido cerebros de 2.850 grs. e 2.480 grs. (Weigant). Entre os cerebros inteligentes cita-se: Tourgueneff, 2,012 grs.; Cromwell 2.000 grs.; Bismarck, 1.807 grs.; Volta, 1.860 grs.; Petrarca, 1602 grs.; S. Ambrosio, 1.792 grs.; Kant, 1740 grs.; Tackeray, 1.660 grs.; Cuvier, 1.830 grs., etc.

Lassagne e Cliquet após observações sobre quatro grupos de individuos, constataram que as dimensões do craneo dividiam se assim por ordem: medicos, soldados instruidos, detidos, soldados iletrados.

Tilney (Columbia University) crê especialmente no desenvolvimento do lobulo frontal (Beethoven, Lenine, Mommsen, Benssen). Um dos menores cerebros, o de Anatole France encaixado em um craneo em pão de assucar pesava... 1017 grs. somente! (cerebro mediano: 1.350 grs.) A raça branca bateu o record dos pesos pesados. As massas não utilisariam seu cerebro senão parcialmente: de 1/5 a 1/2, donde a utilidade de cultivar essas dobras cervicaes no interesse superior da humanidade. Segundo os morfologistas e os fisiologistas, o hemisferio esquerdo seria o do trabalho intelectual, o direito da conciencia. No lobulo frontal que é abundante em circunvoluções da parte esquerda que seria o sinal por excelencia da inteligencia:

«Examinando a morfologia externa do «pequeno» cerebro d'Anatole France, escreve Morselli, se constatou que sua riqueza em lobulos, em circunvoluções em dobras e rugas era tão prodigiosa, duma tão rara complicação que aparecia como um mecanismo perfeito, uma especie de relogio duma fabricação cuidada em todas as partes. E isso bastaria para compensar seu pequeno volume que, de resto, podia prover tudo o que era necessario para a cabeça do celebre escritor...

Por vezes, em certas pessoas de genio, o hemisferio esquerdo é mais pesado do que o direito (Bichat, Wulfert, Huber, Gambetta (quasi uma terceira circunvolução frontal esquerda dupla), Gaus, etc.

Mas o sistema nervoso de irrigação sanguinea, a quimica das mudanças, as celulas piramidais, certas molestias (sifilis na fase determinada: Donizetti, Nietzsche, Guy de Maupassant, etc.) e dos «X» numerosos e imponderaveis de que não falam os sabios psiquiatras da «Rassegna di Studi Psichiatrici» têm, sem duvida, uma influencia enorme. Isto é, por exemplo, que o genio de Mussolini vem da sublimação da idéa da patria, da Roma antiga, do imperialismo romano é querer se prevalecer de palavras. E' remoer as palavras de falsos sabios e crêr que aí está o grão das idéas e dos factos. A chave está em outras partes: Espirito, perispirito, alma.

Não se explica um facto inventando uma palavra, mesmo sabendo o que metapsiquistas e doutores esquecem muitas vezes.

La «Rassegna di Studi Psichiatrici» voltou novamente á questão: Eterno retorno dum conflito imortal (Sienne, 5 junho 1937 pag. 514 sg). A localisação cerebral das faculdades mentais seria, segundo Bumke, uma questão de «vestibulo do psiquismo», e querer resolve-la seria jogar tenis com bolhas de sabão, segundo diz Vedrani!

Entre os fisiologistas os erros são sempre os mesmos.

Localisar a faculdade de perceber numa região determinada do cerebro, é querer que a percepção das imagens seja localisada nos nervos opticos. O intestino reage na maior parte das molestias como faz o cerebro em outras: cuida se de as localisar no intestino? Certas molestias (paralisia geral) afétam partes alongadas do cerebro, outras (chizofrenia) não permitem dizer se é o cerebro que é o principio da molestia, etc.

Distribuir o cerebro em uma multidão de pequenas porções de alguns milimetros cubicos, afetadas ao eu, ao caráter, á linguagem, etc., é fabricar um mundo de abstrações psicologicas como si se tratasse de realidades tão substanciais como um femur ou um biceps ou um cabo de vassoura.

O Dr. A. Vedrani crê que «as tentativas de localisação nos conduzem sempre ao limiar das manifestações de conciencia»: o cerebro é o instrumento de nosso psiquismo. Lesado, pode por em sofrimento nossas relações com o mundo, seja pelas recepções não lhe serem mais transmitidas, seja que suas ordens não sejam mais dirigidas para o exterior. O cerebro como todos os orgãos está num mundo de conexões onde goza a solidariedade. Esquece-lo é faltar com a mais elementar prudencia. O cerebro é o «sanctus sanctorum», ele pertence mais aos filosofos do que aos biologistas. Eis aí uma linguagem que parece bem nova. Na realidade, desde 1884, o Prof. Fano, em uma pagina celebre, protestava já contra a idéa «que a experimentação em biologia deva acabar no materialismo em psicologia».

Certos medicos, certos psiquiatras parecem finalmente abandonar o dogma universitario do cerebro que «secreta» («sic») o pensamento como o rim a urina.

QUE É SER ESPIRITISTA...

Leopoldo Machado

KARDEC, na exposição que fez, em 1860, na *Sociedade Parisiense de Estudos Psiquicos*, de volta de uma viagem de propaganda, estabeleceu três categorias para os espiritistas.

a) Os «que se limitam a crer na realidade das manifestações e que procuram, antes de tudo, os fenômenos...

b) Os «que vêm outra coisa nele (no Espiritismo) além dos factos. Compreendem o seu alcance filosofico, admiram a moral que dele decorre, mas não a praticam...

c) Os «que não se contentam de admirar a sua moral; praticam-na e aceitam-lhe as consequencias. *Bem convencidos de que a existencia terrestre é uma prova passageira, esforçam-se por aproveitar esses curtos instantes, para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espiritos, empenhando-se em fazer o bem e em reprimir as suas más inclinações*», *etc.* E' nosso o grifo.

No «Livro dos Mediuns» (28, pag. 33), determina ele as categorias de espiritistas deste jeito:

1.º: *Espiritistas experimentadores*, «os que crêem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciencia de observação, uma série de factos mais ou menos curiosos.

2.º: *Espiritistas imperfeitos*, os que no Espiritismo vêm mais do que factos; compreendem-lhe a parte filosofica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam, etc.

3.º: *Verdadeiros espiritistas* ou *espiritistas cristãos*, «os que não se contentam com admirar a moral espirita; os que a praticam e lhe aceitam todas as consequencias. *Convencidos de que a existencia terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, unica que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espiritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendores* (O grifo é nosso). As relações com eles, sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem em praticar o mal. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem...»

De nossa parte, embora sem nenhuma autoridade para tanto, descobrimos, sempre, em muitos que se manifestam simpaticamente pelo Espiritismo, modos diversos de sentir o que é ser espiritista. A uns, classificamo-los de

I — *Espiritistas displicentes:* os que são espiritistas apenas porque aceitam postulados da Doutrina: a existencia e comunicação dos Espiritos, a reincarnação, os fenomenos e a terapeutica espiritistas. E na sua crença, do Espiritismo só se lembram quando carecem de receitas mediunicas, passes e agua fluida; trabalhos mediunicos para afastamento de espiritos inferiores que o atrapalhem. Só vão ás reuniões espiritas por interesse e curiosidade, se elas são praticas; a convite, se são doutrinarias, assim mesmo conforme o conferencista anunciado... A essa categoria de espiritistas, poderiamos, sem rigor, incluir até propagandistas, que se preocupam mais, vaidosamente, da literatice de suas prédicas, do elogio facil de seus confrades, da figuração de suas atitudes. Poderiamos até, sem rigor, incluir dirigentes de sociedades espiritas, que se cobrem de luto, se lhes morre algum parente; que acorrem á pia batismal, levando seus filhos ao batismo católico, ou batisando filhos de outros; que se vestem de negro, no dia de finados e, a sobraçar flôres, rumam para os tumulos de seus defuntos; que, enfim, querem confundir espiritismo com catolicismo, duas coisas na verdade tão diferentes como a simplicidade e a ostentação...

Classificamos a outros de

II — *Espiritistas exagerados:* os que vêem no Espiritismo uma Canaan inatingivel, por isso que se limitam a dizer: «Eu gostaria de ser espiritista, mas sou ainda tão imperfeito e é tão dificil ser espiritista! Assim, limito-me apenas a ser um aspirante, um simpatizante da Doutrina.» Para a concepção desses, ser espiritista é ser logo perfeito como foi o Cristo, esquecidos de que esse mesmo Cristo dissera: «um só é bom, Deus».

Reputamos, em suma, de

III — *Espiritistas logicos:* os que, cientes e conscientes de suas imperfeições e fraquezas, envidam, entretanto, dentro da Doutrina, tudo que estiver nas suas forças, para a sua refórma espiritual e moral. Estes, para nós: os verdadeiros espiritistas, apesar de suas fraquezas e imperfeições, visto como, vencermo-las, talvez seja a maior luta que tenhamos de sustentar dentro da Vida. E é bem isto, parece-nos, o que nos diz Kardec deste jeito: «Reconhece-se o verdadeiro espirita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar as más inclinações». (Evangelho, edição do Centenario, pag. 227).

Ninguem, dentro da Doutrina, tão cheio de imperfeições e fraquezas, como o que isto escreve. Contudo, sentimo-nos á vontade para afirmarmos onde quer que se faça preciso: somos espiritistas.

O Espiritismo — A Rocha

Quando as igrejas voltarem aos seus primitivos fundamentos, e permitirem a entrada da luz do Espirito em suas igrejas; quando a religião deixar de ser u'a materia de palavras e artigos de fé e se tornar a real presença viva do Poder do Espirito nas vidas dos homens, a igreja pode confiar rehaver a confiança do povo. Entrementes, o povo está ganhando essa confiança com pouquissima ajuda da igreja e o sistema que lhes está dando essa confiança é conhecido por Moderno Espiritismo.—E. W. OATEN.

«O Homem atingiu o estadio final da Evolução»

Diz um Cientista Sul-Africano

The Two Worlds

E' esta a opinião do Dr. Broom, famoso cientista sul africano e paleontologista que dissertou perante uma assistencia na Sociedade Teosofica de Pretoria.

«Os grupos de vida como hoje existem possivelmente não podem desenvolver-se ulteriormente» e acrescentou, «ou eles devem permanecer ou extinguir-se. A evolução, quando atingiu o Homem, parece ter chegado ao termo e possivelmente o Homem não poderá evolver mais para o futuro.»

O Dr. Broom citou exemplos da evolução do reino animal ao aparecimento do Homem sobre a terra ha 5.000.000 de anos. Nenhum grupo de mamiferos formou-se nos ultimos — 40.000.000 de anos e desde a evolução do Homem nada de novo apareceu sobre a terra.

«Quando Darwin converteu o mundo pensante á crença na evolução, muitos sentiram-se inclinados a abandonar a religião.» «O mundo tornou-se mais ou menos materialista. As igrejas assumiram atitude hostil e pouco honesta e muitos cientistas deixaram de crêr na religião.»

Ele proseguiu dizendo que enquanto os fisicos estavam mais voltados á espiritualidade, os geologos eram antes materialistas. Estes sustentavam a teoria de serem nossas almas secreções das celulas cerebrais —nossos pensamentos, os resultados da ação do cerebro.

«Pessoalmente, eu cheguei á conclusão da existencia de um espirito independente do corpo. Estudando a evolução, conclui que tudo deve ter sido guiado por alguma Inteligência.

Estudando o reino animal, em que, contrariamente á crença geral, só ha 15 grupos, sua opinião é que uma Inteligencia Dirigente não quiz que as cousas proseguissem indefinidamente. Uma vez formado um grupo, nenhum outro identico se formava de novo. Os insétos tiveram a sua formação ha 400.000.000 de anos. Nenhum outro grupo semelhante foi formado depois disso.

A Extinção dos Predecessores

«Todas as vezes que era formado um novo grupo o antecessor se extinguia, o que em si é notavel. Os vertebrados entraram na existencia ha 350 000.000 de anos e nunca mais um vertebrado antepassado poderia surgir porque seus pais haviam sido destruidos. Eles desapareceram simplesmente.

«Agora, se seguirmos o rasto dos numerosos grupos, chegaremos á conclusão de que alguma cousa fôra planeado. Iniciada uma nova raça, o antepassado se extinguia. O proposito de toda evolução parece ser a produção da humanidade. Quasi toda evolução importante estacou inteiramente durante o periodo Eoceno, quando se formaram todos os grupos de mamiferos hoje existentes.

«As plantas formadas ha . . . . . 60.000.000 de anos eram semelhantes ás que existem hoje. No decurso de todo esse tempo provavelmente nem uma só familia nova vegetal foi evolvida. Uma coleção de passaros do periodo Eoceno seria igual a que hoje se coleciona.

«Outra cousa notavel é que a evolução parece estar terminada. Ela não póde proseguir. Esta asserção provocou sobresaltos quando primeiramente foi exposta. As cousas podem evolver indefinidamente? Os grupos conforme hoje existem possivelmente não poderão desenvolver-se daqui em diante e eles devem permanecer ou extinguir-se. A evolução parece ter atingido o fim quando ela chegou ao Homem e não parece haver probabilidade alguma de poder o Homem evolver muito daqui para diante»

Em seguida o Dr. Broom tratou do cerebro do Homem. Ele afirmou que o cerebro é muito volumoso e sómente parte dele era usado. A posteridade com toda probabilidade evolveria o conhecimento de como fazer uso da totalidade do cerebro.

«Não resta duvida», concluiu o Dr. Broom, «que evoluimos para algum objetivo determinado por alguma Inteligencia. A evidencia cientifica nos conduz á conclusão de um universo espiritual. Por detrás de tudo está o poder espiritual.

«Ha certa especie de elemento espiritual em nós—algo de uma alma espiritual. Parece haver em nós alguma coisa mais que antes não foi suspeitada por parte de cientistas. A clarividencia e a telepatia, inexplicaveis pelas leis fisicas, enceiram uma significação.

«Si o Homem foi evolvido para algum proposito, não é por causa do corpo fisico. Creio que o Homem foi evolvido por causa de uma personalidade espiritual. Si o todo da evolução tem por objetivo a produção de personalidades humanas, então temos a explicação de muitas cousas. Esta personalidade não perecerá com a morte do corpo. Ela sobreviverá e proseguirá em alguma outra esféra. A ciencia nos leva a esta conclusão e parece-me ser esta uma base muito satisfatoria para a religião».

Magnifico exemplar de Foto transcendental

Do «MUNDO ESPIRITA»

Cultor da doutrina espirita e frequentador assiduo das sessões experimentaes que o Espiritismo oferta aos estudiosos e aos de bôa vontade, é o nosso prezado confrade sr. João Macari um verdadeiro apaixonado das pesquizas psiquicas.

Varias vezes, em um dos Centros desta Capital que costumava frequentar com mais assiduidade, um medium vidente lhe observou que sempre ao seu lado se achava o espirito de uma mulher, jovem, de fisionomia agradavel, e de expressão bondosa. Essa revelação do vidente não despertou em nenhum dos assistentes a identificação do espirito que se apresentava sempre ao lado do nosso referido confrade.

Mais tarde, porém, o Snr. Macari, de passagem pela velha Londres teve oportunidade de visitar a «Society for Psychical Research», incontestavelmente um dos mais reputados Institutos de investigações psyquicas do Velho Mundo.

Estudioso e movido por uma natural curiosidade teve o Snr. Macari desejo de assistir a uma das sessões experimentaes de Fotografia Transcendente que se realizam naquele Instituto. Não sem grandes dificuldades que, felizmente, foram removidas, conseguiu o nosso amigo tomar parte em uma unica sessão, satisfazendo assim o seu desejo.

Qual não foi, no entanto, o seu espanto, quando, terminada a sessão e revelada a chapa fotografica que fôra batida durante a mesma, poude ele verificar a existencia de um extraordinario «extra» representando, um belo e nitido relevo, um delicado rosto feminino, com toda a perfeição anatomica, como si evidencia no cliché que ilustra esta nota.

Como se póde apreciar, em meio de uma compacta porção de ectoplasma aflora o delicado semblante de uma jovem, de feições harmoniosas e irradiando bondade.

Esse fenomeno supranormal confirmou integralmente os pormenores da videncia registrada no Brasil e, ao mesmo tempo, nos dá a prova irrefragavel da sobrevivencia humana. A visitante de Além Tumulo não revelou sua identidade. Talvez seja alguma creatura amada, de anteriores existencias. E o mysterio permanece impenetravel!

Mediante experimentações dessa natureza, cada vez mais numerosas e controladas, a Doutrina dos Espiritos vae solapando as bases do Materialismo desesperador e os dogmas das religiões decadentes, numa grandiosa renovação espiritualista, extreme de misticismo evangelico e de postulados filosoficos aprioristicos.

A' margem da ciencia classica ou academica, vemos constituir-se outra muito mais transcendente e complexa, graças aos sabios trabalhos de Crookes, Russel Wallace, William Barret, Richet, Lombroso, Rochas, Ochorowicz, Crawford, Schiaparelli, Scherenck-Notzing, Gustave Geley, individualidades de renome universal. Emfim, um campo imenso de estudos e pesquizas ofertado aos sequiosos de Verdade, «dont l'enjeu est le secret de la destinée humaine», para nos servirmos do expressivo dizer de René Sudre, na sua obra «Introducção á Metapsychica», falha no ponto de vista filosofico, mas que sintetisa quasi todas as observações cientificas realizadas até a presente data.

Graças á gentileza do nosso amigo e confrade Snr. Lipmann Tesch d'Oliver que nos cedeu a fotografia que reproduzimos podemos ofertar aos nossos leitores, como tambem já o fez «Vanguarda» que nos serviu de fonte, mais essa eloquente documentação da sobrevivencia do espirito e da sua materialisação no plano fisico.

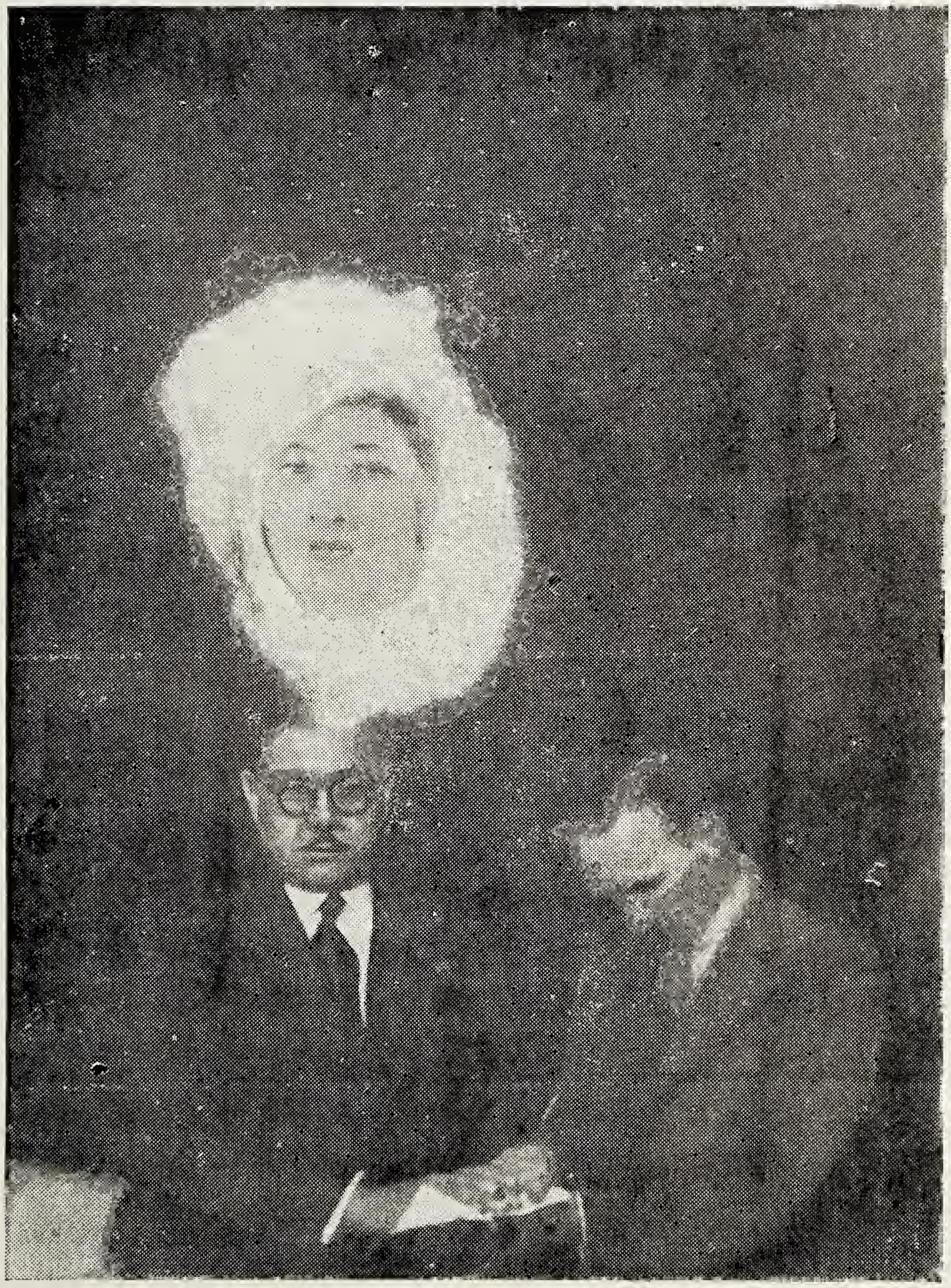

Magnifico exemplar de fotografia experimental.

Richet pelo Radio em Esperanto!

Um programa do Rádio-Paris, estação oficial do Governo Francês, transmite semanalmente uma peça teatral em esperanto, e no dia 31 de Janeiro deste ano a peça escolhida foi o famoso drama em tres átos «Sokrato», de Charles Richet.

Ao tempo em que nenhum homem de ciencia ousava dar atenção ao esperanto, considerado ainda utopia de fazer rir, o prof. Charles Richet estudou a lingua internacional e defendeu-a com indomável bravura, reduzindo ao ridiculo e ao silencio toda a pretensão de pseudo-sabios que a proposito de esperanto eram de uma ignorancia absoluta, mas se julgavam autorizados a negar mesmo a mais remota possibilidade de vir a ser praticamente empregada uma lingua cientificamente elaborada pelo homem.

Quando todo o mundo cientifico zombava dos fenômenos espiritas, Richet os estudava sem preconceito algum e—embora sem chegar a ser espirita — defendeu sempre com toda a bravura os factos em que se funda a tése espirita, abalando para sempre a hipótese tão disparatada da «fraude universal».

Todos os ataques, todas as injurias nunca reduziram o grande professor do Colége de France ao silencio, sempre que ele notava estarem os preconceitos de escola tentando embaraçar o progresso da humanidade. Sua obra ainda não produziu todos os frutos nem mesmo está completamente compreendida, mas inegável é tratar-se de uma das maiores mentalidades do nosso século.

O simples facto de haver a Europa ouvido pelo rádio um drama de Richet em esperanto no principio de 1938, e isso com o apoio do Ministro dos Correios da Republica Francêsa, é expressivo indice de uma éra nova: tres forças regeneradoras, transformadoras, ali se reuniram em um aparente «acaso» que nos fórça a meditar... O pensamento de um grande psiquista, do pai da metapsiquica, reduzido a obra de arte e emoção em um drama; esse drama vestido com a roupagem universal de um idioma neutro destinado á compreensão e fraternidade dos homens; o meio de transportar a peça artistica foi o rádio que por si só estaria destinado a estabelecer uma nova civilisação mundial, por isso que estabelece comunicações intelectuais e emotivas que desafiam o espaço!

Meditemos, pois, sobre este sinal dos tempos que foi a transmissão de um drama de Charles Richet, EM ESPERANTO, OFICIALMENTE, PELO RADIO DA CIDADE LUZ!

Ismael Gomes Braga.

Crônica Extrangeira

Por W. Campello

Uma Aparição

Two Worlds

A imprensa publicou extensivamente os factos relacionados ao suicidio de uma empregada que preferiu morrer á deixar a familia a que ela servia; mas não foi mencionado um incidente da tragica ocorrencia, publicado por um representante de *Two Worlds*. A patroa da moça voltou á sua casa ignorando o que havia acontecido e, abrindo a porta da rua, sentiu-se tomada de terror ao ver a fórma de uma senhora joven, vestida de preto, de pé junto ao patamar da escada. O fantasma desapareceu e o exame subsequente revelou que a criada se fechára em seu quarto, que estava cheio de gaz. Este facto foi confirmado pelo dono da casa, que encontrara a aparição por duas vezes. Afortunadamente ele era espirita o que lhe permitiu desfazer os temores da familia. Ele realizou uma sessão no mesmo quarto em que a moça cometera o suicidio, que, afirma ele, continúa assombrado. A moça parece estar presa ao quarto por uma força invisivel.

Investigações Psiquicas de um Ministro

Light

O Rev. C. Herbert Crabtree (Unitario) discorrendo no Colegio Britanico de Ciencia Psiquica, sobre o tema, «Investigações Psiquicas de um Ministro», disse como seu interesse foi despertado. Ele começou a expôr a doutrina espirita em sua Igreja e para se inteirar do assunto havia lido muitos livros. Depois de uma explanação, um membro da congregação convidou-o a assistir a uma «sessão familiar» em que foram recebidas diversas mensagens por meio da tripode, algumas das quais de surpreendente exatidão. Suas experiencias posteriores, em seu proprio lar, muitas vezes eram falhas, mas algumas mensagens demonstraram claramente a sobrevivencia o que o levou a proseguir a investigação.

O que realmente importa

The Star

O Rev. Leslie Wetherhead, proeminente Ministro Metodista diz que muita gente lhe tem escrito alarmada com o Relatorio sobre Doutrina na Igreja Anglicana—um missivista o qualifica «o mais temivel golpe jamais vibrado contra a religião». O Rev. Leslie não concorda com o seu correspondente. Ele escreve, «*Num sentido real os topicos não são vitais. O Cristianismo não é um sistema de crença, porém, um modo de viver.*» Ele prosegue:

«Meus amigos alarmados não devem dar demasiada importancia ao Relatorio. No dia do julgamento pouca importancia será dada á crença do homem relativamente á inspiração da Escritura, ou si ele aceitava a doutrina do Nascimento de uma Virgem. Mas, importante será a questão se o homem tinha o espirito de Cristo em seu coração, e o transmitiu aos homens; si ele era bondoso e amoravel; si ele mitigou a sêde de um pequenino, mesmo com um pouco de agua fria.»

O ensino espirita não poderia ser mais resumido que nestas poucas sentenças. Mas o caso é que o Rev. Leslie possue consideravel conhecimento do Espiritismo.

Um outro jornal vai investigar

Light

Ainda outro jornal resolveu fazer uma enquête no Espiritismo, desta vez trata-se do *Sunday Pictorial.* O articulista é Mr. Victor Thompson e, como outros que desempenharam tarefa identica, anuncia sua imparcialidade e seu proposito de descobrir factos reais. Seu primeiro artigo descreve algumas mensagens clarividentes de Mrs. Estelle Roberts. O seu primeiro artigo deixa transparecer sua lealdade.

Os remorsos de um pai

Muitas pessoas julgam que uma reunião entre «mortos» e vivos constitue motivo de regosijo; o que muitas vezes vemos são lagrimas e suplicas de perdão de um pai a seu filho vivo.

Tal o incidente ocorrido numa sessão de transfiguração, pela mediunidade de Mrs. Bullock. O assistente era homem de meia idade, que sò ha seis mezes fôra atraido ao Espiritismo e viera de longe para assistir á sessão. Ele saiu bem recompensado.

Aos poucos o rosto da medium se transformou e tomou as feições de um velho, inclusive bigodes. O assistente sentia dificuldade em reconhecer o rosto até o espirito exclamar: «Não se recorda de seu pai, rapaz?» Velhas lembranças voltaram á vida e o espirito prosseguiu: «Ha, mas estou pesaroso pelo que fiz a voce e a mamãe. Muitas vezes o teu estomago sentia fome, meu filho, e eu voltei para implorar o seu perdão,» o peso da crueldade o derreou e ele soluçava, «terriveis são as trevas que me rodeiam, filho; grande foi a minha injustiça.»

O assistente falou numa voz muito parecida a que ouviramos; sem duvida, eram pai e filho: «Ah, pai, não sabes o mal que fez a mim e a mãe—mas o senhor pagou o que fez.» O filho foi interrompido, «Eu o paguei e mais ainda.» Com impaciencia ele esperava a declaração de estar perdoado, porém, o perdão não saía facilmente dos labios do homem que não se esquecera.

«A sua mãe já me perdoou, meu filho,» o pai suplicava e escutava anciosamente o filho que finalmente disse: «Tudo está perdoado, pai; não lhe guardo resentimento. Agora póde voltar.»

O pai desapareceu e deixou os assistentes a olhar para o rosto normal da medium. O filho contou que o pai abandonara a mulher e seus filhos ha meio século deixando-os em miseria extrema. O filho, agora homem de idade, se lembrava e o pae voltou depois de vinte anos para implorar seu perdão.

A verdade vai penetrando

Psychic News

A reunião comemorativa «Dick Sheppard» realizada em Albert Hall provou mais uma vez que o Espiritismo está gradualmente transformando o modo de pensar dos homens.

«A morte só é um incidente na vida», disse G. Lansbury, o presidente. «Ide esta noite em triunfo».

Harold Williams cantou o hino «Não ha morte. Eu vos afirmo que eles não morreram—eles caminham ao vosso lado».

«Dick não se ausentou», declarou o Conego S. Morris. «Cremos ser essa a sua maior recordação, a sua passagem ao mundo superior. Deus nos faça homens melhores».

A morte por William Penn

Psychic News

William Penn, da denominação Quaker escreveu o seguinte que pode ser subscrito por um espirita moderno:

«Hoje a morte está diante de mim como o restabelecimento de um homem doente: como o passear pelo jardim, após uma enfermidade. Hoje a morte está diante de mim como o perfume da murta; como o estar sentado sob uma véla em dia ventoso. Hoje a morte está diante de mim como a fragrancia de flôres de lotus; como o repousar á margem da estrada a beber sofregamente. A morte hoje me defronta como um homem que anceia por ver o seu lar depois de, durante anos, ter passado no cativeiro.

Um armario assombrado

Psychica

O «Morning Post» de 19 8 publicou o seguinte anuncio: «Sentir me-ei feliz em ceder um armario assombrado a quem se interessar, armario completo, inclusive o fantasma que, sem duvida, sentir-se-á como em sua casa, sendo ele o motivo da compra».

Mrs. Barclay, a proprietaria do armario narrou o seguinte: «Trata se de um grande guarda roupa, munido de quatro gavetas e espelho. Eu o adquiri ha tres anos, por dez libras, não é uma peça artistica. Eu o coloquei no quarto de hospedes e quasi dele me esqueci.

Ha tres mezes vieram algumas amigas passar alguns dias comigo. Elas me perguntaram se eu poderia explicar o modo extranho por que as gavetas se abriam e fechavam durante a noite toda, interronpendo-lhes o sono. Depois daquele primeiro dia, o barulho continuou todas as noites. Isto ainda não é tudo.

«A fórma de um homem idoso, vestido á moda ontiga, usando um chapeu de caça, desce ás escadas e sai pela porta de entrada, isto todas as noites. Eu mesma o vejo á luz eletrica, eu não sou vidente, não tenho medo, mas esse infeliz fantasma insiste em nos privar de socego.

«O que me aborrece é que minhas amigas sumiram do meu castelo. Todas recusam meus convites.

No mesmo jornal de 21-8 apareceram trinta propostas de compras e o armario foi vendido por 50 libras a Mr. E. Rundle, antigo oficial aviador.

Mrs. Buclay diz que presentemente ela só receia que o fantasma recuse acompanhar o guarda-roupa e continue a se manifestar em casa dela.

Mas o espirito, segundo noticia posterior, acompanhou o armario, manifestando-se pelo mesmo modo em casa de Mr. Rundle. Mr. Horace Leaf, conhecido medium inglez, sugeriu fosse realizada uma sessão no quarto em que fôra colocado o armario. Aberta a sessão, o espirito se encorporou e disse o motivo porque estava ligado ao armario. Ele procurava despertar a atenção dos vivos para lhes pedir certo serviço e satisfeito o seu desejo, deixaria de manifestar se. Assim aconteceu, o espirito abandonou o armario, depois de terem atendido ao seu pedido.

Mr. Horace Leaf explica a ocorrencia racionalmente. O armario servia de gabinete de concentração de poderes psiquicos que o espirito colhia para tornar manifesta a sua presença. Era uma verdadeira camara de materialisação.

Um soldado que retorna

Two Worlds

Mr. G. O. Davies narra o seguinte :

Em sessão com Mrs. M. Hill, rasguei um pedaço de panno de uma mochila, passei-o ás mãos dela, para ser psicometrado e esperei o resultado. A medium apertou-o contra sua fronte e disse, «Oh, sinto tudo espedaçado. O homem relacionado com isto foi morto por um obuz na Grande Guerra. Ele foi reduzido a pedaços. Vejo-o de pé junto á vossa cadeira, metido num uniforme escocez.» A descrição foi perfeita e ela acrescentou que o espirito deseja exprimir seu agradecimento pelo que eu lhe fizera após sua morte. Ele afirmou que muitas vezes ele me acompanhou quando eu estava em França.

O caso verificou se ao bordo de uma grande mina, na vila de Boiselle, no Somme, nos principios de 1916 Encontrei seus restos espalhados. Ele fôra, como o dissera Mrs. Hill, reduzido a bocados. Ajuntei seus papeis e remeti-os a seus parentes em New-Castle. O pedaço de pano era parte de sua mochila, que conservei como recordação. Tudo o que fiz ao soldado foi sepultar seu corpo mutilado. Enterrei a sua carabina sobre a sepultura e no extremo fixei a sua chapa de identidade, proferi curta oração e, passei adiante.

Nunca imaginei que vinte e um anos depois esse espirito voltaria para agradecer-me pela instrumentalidade de uma medium espirita.

Reportagem de George A. Drews

Comunicado do Serviço de Divulgação da Policia do Rio

A luta contra a religião, a dissolução da familia e o terror da G. P. U.

Em comunicados anteriores vimos reproduzindo capitulos da reportagem que o Tenente Coronel George A. Drews escreveu sobre a Russia, e publicou na revista canadense «Malcans Magazine», de Toronto.

Hoje, abordaremos os tres ultimos capitulos do editorial em questão. Neles, o autor, referindo se á *«Luta contra a Religião e a Familia»* escreveu :

«Uma caracteristica propria da experiencia comunista é a crueldade insensivel do regime sovietico. Pela primeira vês, na historia da Humanidade, leva-se a efeito uma tentativa baseada, precipuamente, na destruição sistematica de todos os traços moraes que formam o conjunto que define um povo e organisa uma nação. Tive oportunidade, nesse sentido, de verificar, pessoalmente, que, por exemplo, nenhum russo, de menos de 25 anos, entrou, até hoje, em uma igreja. E todos que inqueri respondendo afirmativamente, mostravam se orgulhosos desse procedimento, e criticavam, desrespeitosamente, a geração velha, que ainda procurava a fé religiosa. O materialismo, para aqueles, é o unico Deus.

A mesma dissolução se verifica quanto á familia, instituição que, na Russia, não mais existe, e tende, sempre, a se desbaratar. Os divorcios aumentam dia a dia, e podem, hoje, ser requeridos por uma das partes, bastando a alegação de não querer viver casada, e o pagamento da taxa correspondente, que é de 50 rublos, na primeira vês, 150, na segunda e 300 na terceira.»

E'cos e Noticias

INGLATERRA

Diz «Revue Spirite» que o Bispo de Birmingham falou a uma assembléa da Federação Internacional dos defensores da cremação, fazendo alusão á hostilidade por parte do clero de certos paizes. Ele constata com satisfação que a maioria das Igrejas inglezas não partilham dessa odiosidade, porque nada no Cristianismo condena a cremação do corpo, pois trata-se de uma crença da Idade Media, segundo a qual os corpos devem ressuscitar dos tumulos, crença essa que não resiste ao exame cientifico do problema. O orgão da sociedade britanica de cremação, *Pharos*, lembra que o vigario d'Amberley, o Rev. C. E. Warner, por testamento exigiu que seu corpo fosse queimado «afim de protestar contra a teoria materialista da ressurreição do corpo.»

Mrs. Estelle Roberts e a Sobrevivencia

Esta celebre medium prosegue no seu grande trabalho. Ha dezeseis anos ela faz reviver espiritos a parentes e amigos incarnados, descrevendo suas formas, habitos, sinaes e defeitos fisicos por meio de sua clarividencia e transmite suas mensagens que ouve pela faculdade clariaudiente. Inumeras são as pessoas que ela salvou do suicidio, intenção que lhe é revelada por espiritos de parentes e amigos que querem evitar esses atos que acarretam terriveis sanções.

A Igreja e o Espiritualismo

A atitude da Igreja ao Espiritismo, diz «Two Worlds», foi atacada pelo Dr. Barker, numa alocução que realizou em Edimburgh Psychic College.

Ele afirma que a Igreja deixou a humanidade, durante vinte seculos, entregue a conjeturas e exposta a crear e desenvolver toda sorte de ideias supersticiosas a respeito de Jesus Cristo. Ele disse que si a Igreja fôr sensata e não cega ao seu proprio interesse e ao interesse da raça humana, ela deve adotar o Espiritismo de toda bôa vontade.

Assim fazendo, ela sentir-se á rejuvenescer. Uma nova luz iluminará as paginas da Biblia, que será redimida da acusação de ser uma coleção de historias absurdas.

Si a Igreja não quizer faze-lo, o Espiritismo o fará, aproveitando-se da oportunidade. Com Jesus, como seu grande exemplo, espiritas e Espiritismo podem reformar o mundo.

—

São os seguintes os periodicos que nos chegaram da Inglaterra: — Light, Psychic News, Greater World, Prediction e The Two Worlds.

* * *

ALEMANHA

A Stigmatisada de Konnersreuth

Segundo diz «Psychica» uma declaração do Bispo de Regensburg de novo focaliza o caso — Tereza Neumann.

Diversas vezes as autoridades eclesiasticas pediram á familia Neumann permitir uma investigação medica para verificar se realmente Tereza Neumann não ingere alimentos ha dez anos.

A jovem declarou estar pronta a submeter se a enquête, mas o pai impoz condições inpossiveis de serem satisfeitas.

—

Da Alemanha recebemos «Zeitschrift für Metapsychisque Forschung.»

* * *

ITALIA

A Sociedade Metapsiquica Italiana

A exemplo da Argentina, a Italia acaba de fundar recentemente um instituto cientifico de investigações psiquicas, como as existentes em Paris, Londres, Berlim. A' testa do Comité, estão o Prof. Cazzamali, o Dr. Sanguinet, o Prof. G. Schepis e o Dr. E. Servodio. O Instituto se propõe a empregar metodos de investigações estritamente cientificos.

—

Recebemos Ricerca Psichica.

HOLANDA

O Rev. M. Beversluis diz que o Espiritismo progride firmemente em seu paiz. Apesar dos seus 83 anos ele faz conferencias com regularidade, fala pelo radio e publica uma revista mensal, *Gestenleven.* O Rev. escreve: «Como ministro, sinto que o Espiritismo fortaleceu minha crença em a vida espiritual. Ele me forneceu os meios de descançar minha fé sobre factos, deu-me um fundamento para minhas convicções e nunca poderei exagerar a grande importancia dessa convicção. Ele libertou-me da crença que repousa sobre mera autoridade, me libertou de todo dogmatismo e credalismo. O Espiritismo me forneceu uma real religião universal baseada sobre vida eterna e amor eterno.»

PORTUGAL

O Mensageiro Espirita, de Lisbôa, transcreveu o artigo que o Dr. Inacio Ferreira publicou em Revista Internacional do Espiritismo, antecedendo o da seguinte apresentação:

«Constitui, na verdade, um verdadeiro depoimento, o artigo que, a seguir, transcrevemos da *Revista Internacional do Espiritismo,* subscrito pelo Dr. Inacio Ferreira e intitulado: «Novos rumos á Medicina.» Para ele pedimos a atenção dos leitores, certos de que não perderão o tempo, antes se deliciarão com as palavras, verdadeiramente desassombradas, dum medico eximio que não receia contar o *seu caso,* proclamando a necessidade de dar novos rumos á ciencia de curar, atravez das faculdades psiquicas do homem.

—

Temos sobre nossa mesa de trabalho as seguintes publicações: O Mensageiro Espirita, Revista de Espiritismo e Ideal Cristão, de Leiria.

AMERICA DO NORTE

Um Professor Americano em Glasgow

O «Lincoln Evening» publicou um artigo sobre o Dr. W. G. L. Taylor, Professor na Universidade de Nebrasca, que foi ao Congresso Espirita Internacional de Glasgow e visitou a Maison des Spirites em Paris.

Aos dez anos de idade o Prof. Taylor sentiu seu interesse despertado pelos fenomenos espiritas e escreveu uma obra: *Imortalidade.* Especialmente ele estudou o Espiritismo na França, Inglaterra e Escocia. Ele visitou o grande autor inglês, J. Arthur Findlay e esposa que nele deixaram profunda e duravel impressão.

«Revue Spirite» comenta: Eis um sabio universitario que ousa proclamar e repetir: «Sem duvida alguma, ha qualquer cousa no Espiritismo — ha fenomenos.»

Uma mediunidade interessante

Diz «The Progressive Thinker, de Chicago: Em sessão, com a medium McCallum, em Londres, estando presentes alguns descendentes de Carlos Dickens, este se manifestou profetizando o pronto encontro de um manuscrito seu, redigido nos ultimos anos de sua vida. Ante a incredulidade manifestada, a entidade repetiu a promessa, afirmando que o manuscrito estava oculto numa escrivaninha de sua propriedade. A busca foi infrutifera. Passado certo tempo fizeram uma mudança no escritorio e a escrivaninha sofreu um choque e quebrou-se, ficando a descoberto um esconderijo em que encontraram o manuscrito autobiografico até então desconhecido.

Um medium de 12 anos

Ainda que o caso não seja novo, é digno de menção, pelas qualidades extraordinarias reveladas por este menino. As experiencias se realizaram em um hospital de Hollywood em presença de 150 medicos e sob a presidencia do Dr. William Danil.

Novas experiencias foram feitas em presença de mais de 1.000 pessoas, entre as quais se encontravam medicos, engenheiros e outros profissionais. Pessoas competentes vendaram os olhos do menino o que não impediu que o medium lesse com toda facilidade em um livro, cujo lugar e pagina lhe foram pedidos.

Segundo declarou o medium, a entidade que o controla é um persa que viveu em 1680. Sem previo aviso, levaram o medico persa, Dr. Amen Pailld á sessão, este dirigiu a palavra ao espirito em seu idioma, completamente ignorado pelo medium; as respostas faladas e escritas foram feitas em lingua persa correta.

O menino em estado de transe faz diagnosticos, disserta sobre temas cientificos e filosoficos com grande erudição. Em estado normal a sua mentalidade é igual a um menino de sua idade.

Como em outras experiencias, os homens da ciencia oficial se limitaram a comprovar o facto sem emitir qualquer opinião.

BIBLIOGRAFIA

Sensacional Polemica

Leopoldo Machado

Deu-nos Leopoldo Machado alguns momentos de leitura agradavel com o seu livro «Sensacional polemica», onde traz á luz da publicidade a polemica travada em Nova Iguassú, no Salão dos Filhos de Iguassú Esport Club, com o Padre Dr. Jacob Slater, «sabio teologo, doutor e mestre em ciencias evangelicas, astronomo e orador possante.»

Pelo que se deduz de «Sensacional Polemica» não foi feliz o Reverendo Dr. Jacob Slater, que, apezar de sua muita ilustração, não mostrou preparo e competencia num terreno onde Leopoldo Machado, alem do talento e facilidade da palavra conhece palmo a palmo para se medir com qualquer mestre.

Verdade ao Serviço da Verdade

Por Antonio Basso

Recebemos o opusculo com o titulo supra. Em sua apresentação o autor diz, «E verdades ha que não podem ser empanadas sob risco de afetarem a humanidade e conduzi-la para o abismo.»

Agradecidos.

Marcas e impressões supranormais de mãos de fogo

O Dr. Francisco Klörs Werneck acaba de traduzir e poz em circulação mais uma obra do insigne mestre Bozzano, com o titulo que encima esta noticia.

Citamos o que a respeito do tradutor disse Alvaro Brandão da Rocha.

«Klörs Werneck não só fez uma tradução belissima da obra de Ernesto Bozzano, em linguagem escorreita despida dos banais atavios de estilo empolado, como observou até nas mais simples minucias no sentido original do autor.» Anexo o autor escreveu um apendice explicativo.

Gratos ao tradutor.

Panorama da Educação Nacional e O Governo e o Teatro

Do Ministerio da Educação e Saude recebemos dois opusculos com os titulos acima, ns. 1 e 5.

* * *

E' bem seguro que não devemos buscar nossos mortos nos cemiterios, mas sim no espaço de luz e de vida.—MATERLINK.

NOTAS E FACTOS

A Visão Extra-Retinica

Psychica

Eminentes personalidades cientificas teem examinado a possibilidade da visão extra-retinica, isto é, sem o concurso dos olhos. Citamos Henri Bergson, Léon Brunschwig, Charles Richet, Anatole France, G. Bairac, Lombroso, etc., que fizeram ensaios para procurar compreender o fenomeno. O celebre escritor francês Jules Romains publicou em 1924 uma brochura muito interessante sobre «a visão extra-retinica» e o sentido paroptico.» Ainda mais recentemente, Julho de 1935, um sujet hindú, Kuda Bux, denominado o prof. K. Bux Deike, foi longamente examinado pela Universidade of London Council for Psychical Investigation. Trata-se do controle das faculdades dum mahometano, originario do Cachemire, de trinta anos de idade e dotado da visão paroptica a contar de treze anos de idade e foi em 1931 que ele atingiu á plenitude desta estranha faculdade. Ele desenha e joga cartas com os olhos vendados. Ele póde, á vontade, reter as pulsações de seu coração e as do pulso, beber veneno sem perigo de morrer, caminhar sobre carvões ardentes e tomar brasas em suas mãos sem queimar-se.

Foi em 1935 que se realizou a primeira sessão controlada por sabios qualificados, entre os quais o Prof. McDougall, M. Joad Lambert, etc. Trataram de vendar o sujet. A operação foi praticada com excesso de precauções e cuidados minuciosos: (pastas de algodão, panos negros, esparadrapo) fabricaram uma mascara com grossas pastas fixas. Finalmente, nada mais se via sinão as narinas (orificios) e a boca do sujet.

Kuda Bux pediu um livro; um dos experimentadores escolheu um livro, abriu-o ao acaso, colocou-o sobre a mesa e indicou certa passagem com o dedo. Pediram a K. B. ler esta passagem, o que ele fez sem hesitação. Todas as obras que lhe apresentavam foram decifradas com a mesma facilidade. A comissão decidiu recomeçar as provas. O Prof. Mac Dougall, psicologo de nomeada mundial e doutor em medicina foi incumbido desta vez, de recobrir os olhos e o rosto do sujet: ele o fez com grande habilidade. Entretanto, todas as provas foram concludentes.

O sujet tem a pretenção de ver com o auxilio de seu nariz e é por isso que ele não consente o encerrem num saco negro e espesso.

Um fantasma põe em alvoroço uma aldeia

Segundo o «Sunday Chronicle», um fantasma fez o seu aparecimento na pequena aldeia de Falstone, no Northhumberland, e escolheu o cemiterio como seu campo de ação.

Grande numero de pessoas ficou aterrorizado com a aparição e grupos de moços se formaram afim de «caça-lo».

A busca começou quando um grupo de rapazes, que voltavam da dansa, se espantou ao vêr uma figura vestida de branco, perto da entrada do cemiterio. Desde esse dia, o fantasma apareceu por diversas vezes. Depois do cair da tarde, poucas pessôas se aventuram em passar perto do cemiterio.

O Sr. M. Toll, mestre escola de Falstone, contou que um granjeiro, que voltava para casa atravez dos campos situados do lado oposto ao cemiterio, ficou alarmado ao vêr que dois vultos, um vestido de branco e outro de preto, o seguiam.

Ele trazia uma bengala e desafiou os vultos a chegarem mais perto. Eles não aceitaram o convite, porem o seguiram até chegar á sua granja.

«Eu e alguns amigos, narrou a Srta. Peggy Hutton, de Falstone, passavamos pelo cemiterio quando vimos a figura de um homem vestido de branco, porem ele desapareceu sem dizer palavra.»

Um grupo de moços de aldeias

se reuniu para, armados de cacetes, ir ao cemiterio e liquidar com o espirito, porem, embora o vissem e lhe déssem caça, ele desaparecia antes que o alcançassem.

Planetas e Electrons

Light

O Prof. A. M. Low fez o seu reaparecimento em L. S. A., na ultima terça-feira, presidindo a sessão em que falou o conferencista Mr. Albert Eagle. O Prof. Low não fez profissão de fé «espiritualista», porem, da sua ultima visita (sendo ele orador) ele afirmou positivamente que, em resultado de seus proprios estudos cientificos, está convencido de ser a sobrevivencia uma probabilidade, sinão uma certeza. A persuasão completa seguir-se-ia no devido tempo.

Tratando do misterio da grandeza, o Prof. Low fez uma sugestão espantosa, a saber: os atomos, tão pequenos a ponto de serem imperceptiveis ao olho humano, ainda podem ser sistemas solares, com mundos povoados de seus proprios habitantes. Muitas vezes nos asseguraram que os atomos se assemelham ao sistema solar, possuindo um nucleo central (ou sol), em volta do qual os electrons circulam á maneira de planetas. Isto a imaginação nos permite compreender — porém, serem os electrons habitados por seres vivos é coisa que não está ao alcance da nossa imaginação. Com tudo, nós o supomos verdadeiro.

O Inferno e «A Flamma»

Psychic News

«A Flamma», uma revista que «propaga a salvação integral», publicada pela Igreja do Santo Calvario de Skipton, leva a questão muito a serio. Porém, para nós, é um caso comico. Ela assegura que o Espiritismo «é um movimento condenado ao inferno desde o seu nascimento, que abre as portas á licenciosidade, á imoralidade e ao vicio.»

O mesmo numero tece louvores ao Dr. Simpson, o introdutor do cloroformio. Porém, não menciona o facto de terem sido os citadores da — Biblia os que moveram tremenda guerra a Simpson, dos seus dias.

Sangue e fogo

Psychic News

Não é possivel guardar resentimentos a beatos (fanaticos) religiosos, porque são inconscientes divertidos.

«Holy War and Gaspel Campaign» (Guerra Santa e Campanha Evangelica) distribuiu uma circular avisando os fieis não assistirem á recente alocução de Zodiaco (em transe) realizada em Hudrsfield. Um espirita escreveu ao autor da circular.

Em resposta, ele recebeu um convite para assistir a uma reunião e «trazer comsigo todos os espiritas infelizes e iludidos». Incitou-os a «fugir do Lago de Fogo e a procurar refugio no precioso sangue de Cristo».

Assombroso

Um escritor faz, em *Inventor's Review*, alguns comentarios dignos de registo.

Comentando um livro de critica ao Espiritismo, ele diz: «Para mim o que causa maior assombro não é o facto de tantos aceitarem as pretenções do Espiritismo, porém, o facto de ser ele rejeitado por muitos. Porque a completa aceitação do Cristianismo, de que tanto nos ufanamos, seguramente implica a aceitação de uma vida além-tumulo. Isto justifica o esforço do Espiritismo de provar que realmente existe outra vida ; ou será que só deveremos subscrever os artigos de fé porque nos são propostos em fórma tradicional ?»

Esperamos que muitos outros leitores de *Inventor's Review* reconheçam a força deste raciocinio.

ESPIRITISMO NO BRASIL

São Paulo

MATÃO

Homenagem á Cairbar Schutel

Antecipadamente anunciada, pela imprensa da Capital, do interior e pela Radio Cultura de Araraquara (P. R. D. 4), realisou se a 20 do mez passado, em o Teatro Municipal de Araraquara, ás 20 horas, a sessão Civica Literaria, promovida pelos espiritas de referida cidade em homenagem ao nosso querido diretor, Cairbar Schutel.

A comissão, promotora dessa imponente sessão, era constituida dos seguintes srs.: Prof. Antonio de Aguiar, Norberto Cambraia, Secundino Acetose, Zeferino Esteves, Nicoláu Ussi, Francisco Carrachio, João Tessitori, Itagyba Borges e Luiz Barbosa.

Muito antes da hora marcada, a platéa, frizas, galerias estavam superlotadas, além de outras dependencias do Teatro Municipal, notando-se a presença de autoridades locais e representantes de todas as classes sociais.

Os representantes das caravanas vindas da Capital e cidades do interior, assim como de centros e associações espiritas, ocuparam os logares que lhes estavam reservados no palco.

A's 20,10 o confrade Itagyba Borges, abriu a sessão e expondo o objetivo da mesma, apresentou os oradores especialmente convidados a falar ao povo de Araraquara, dando, a seguir a palavra ao Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsiquica de São Paulo, que historiou eloquentemente a personalidade inconfundivel de Cairbar Schutel sob diversos aspectos, realçando a sua missão de difundir as verdades da Imortalidade. A sua oração brilhante era, a miude, interrompida por entusiasticas salvas de palmas. O Dr. B. Pereira disse á seléta assistencia: «O nome de Cairbar Schutel, na Sociedade de Metapsiquica de São Paulo, sempre é lembrado, pois, efetivamente, ele é considerado um dos seus fundadores, pelo facto de ser o propugnador dos fenômenos psiquicos que ele analisava em seu mensario, Revista Internacional do Espiritismo, dedicado aos estudos dos fenômenos animicos e espiritas, como orgão que é do pensamento espirita do Brasil. Sem a afirmação da atitude pessoal, não seria possivel lançar sementes iguais». O orador concluiu: «Operarios do Bem e da Verdade, o trabalho de Cairbar Schutel deve ser o nosso exemplo!» Suas ultimas palavras foram cobertas por salva de palmas prolongada.

A seguir, o presidente da sessão leu diversos telegramas, dentre os quais o seguinte, do Dr. Paulo Tacla, de Curitiba, dirigido a Comissão: «Associo-me nobres confrades merecidissima consagração vulto cada vez maior inolvidável Cairbar Schutel apostolo que esculpiu sua jornada no mundo eterna coluna de reverencia, as gerações que passam».

Dada a palavra ao Dr. Calazans de Campos, representando a Federação Espirita de São Paulo, entrou a analisar a pertinacia inquebrantavel do grande lutador Cairbar Schutel, que sob as condições as mais diversas poude conseguir, numa minuscula cidade do interior, a manutenção de seus dois orgãos de publicidade — «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», aquele que propaga a doutrina ha 33 anos e esta que já circula ha 14 anos, ininterruptamente. Sua palavra facil e persuasiva prendeu a atenção da enorme assistencia, calculada em 3.000 pessôas, e durante 30 minutos. Como aconteceu ao orador precedente, o Dr. Calazans de Campos finalizou sua brilhante oração, debaixo de longos aplausos.

Em seguida, foi concedida a palavra ao conhecido conferencista Dr. Souza Ribeiro, medico residente em

Campinas, que foi aclamado por entusiasticas ovações. De inicio, ele assegurou á assistencia, que Cairbar Schutel não morreu, porém, continuava vivo junto a nós nesse momento, não obstante invisivel. Ele estudou o caráter de Cairbar Schutel como evangelisador, que ele considera seu Mestre por lhe ter guiado os primeiros passos no campo espiritual. Emulo do «Bom Samaritano», a sua casa era a casa de todos. Sua farmacia estava sempre á disposição dos necessitados, sempre a prodigalisar, não só o pão material como o espiritual.

A peroração do Dr. Souza Ribeiro que se estendeu por espaço de 1 hora e 15 minutos, sofria constantes interrupções por vibrantes aplausos.

Terminada a expressiva oração do Dr. Souza Ribeiro, o presidente passou a palavra ao confrade Pedro Fernandes Alonso, jornalista residente em S. Carlos, que, após ter exaltado a individualidade do homenageado, concluiu apresentando congratulações dos espiritas sancarlenses aos promotores da homenagem ao grande pioneiro do Espiritismo. Suas ultimas palavras foram abafadas por fortes aplausos.

Ato continuo foi apresentado ao auditorio o sr. Caetano Mero, da União Federativa Espirita Paulista, que declarou trazer a todos os espiritas ali presentes, o abraço fraternal do tribuno Campos Vergal que por motivos imperiosos não poude comparecer a sessão e, em rapidas palavras historiou suas relações com o grande paladino da sobrevivencia, exaltando sua cooperação no importante empreendimento de irradiar, por uma estação propria, as verdades do Espiritismo, estimulando-o a levar avante tão importante cometimento. O orador foi muito aplaudido.

Em nome da Revista Internacional do Espiritismo, d'O Clarim e da familia espirita de Matão, falou o sr. José Dias, de S. Carlos, agradecendo as comoventes homenagens que vinham de ser prestadas ao nosso inesquecivel diretor.

Finalizando, um assistente propoz que todos se concentrassem e pediu ao presidente, sr. Itagiba Borges, recitasse a oração ensinada por Jesus «Pai Nosso» — o que foi feito sob silencio profundo.

Diversas Notas

Representaram os respectivos centros e associações espiritas nas homenagens dedicadas ao nosso diretor, os srs. Francisco Volpe, pelo C. E. Caridade e Fé, de Jaboticabal; João Mauricio do Amaral, pela Associação Espirita de Araraquara e União Espirita da Araraquarense, de Rio Preto; Oscar Grasmann, pela União da Mocidade Espirita de São Paulo; João Baptista Negrão, pelo Centro União Espirita de Ibirá; Santos Xandó, pelo C. E. Do Calvario ao Ceu, de Bebedouro; Domingos Tedesco e Antonio Pinheiro, pelo C. E. 25 de Dezembro, de Barretos; Salvador Arnoni, pelo C. E. Jesus de Nazareth, de Taquaritinga; Miguel de Mello, pela Mocidade Espirita de Bebedouro; José Helmeister Martins, pelo C. E. Antonio de Padua, de Jaú; Juvenal Guimarães, pelo C. E. Luz e Caridade, de Araraquara; Urbano Assis Xavier, pelos espiritas de Santa Ernestina; Geraldo Bittencourt, pela Associação dos Empregados do Comercio, de Bebedouro; Rodolfo Calligaris, pelo C. E. Fé e Caridade, de Rio Claro; Francisco Massa, pelo C. E. de Ityrapina e pelo mesmo logar o sr. Zacharias Onofre; Dr. Souza Ribeiro, pelo C. E. Caminho da Verdade, de Campinas; Adolpho Senna, pelo C. E. de Rincão; Jacintho de Ruzza, pelo C. E. de S. Carlos; Farid Mussi, pelo C. E. Rodrigo Lobato, de Rio Preto; Joaquim Borges de Morais, pelo C. E. Amor e Caridade, de Monte Azul, Francisco Garcia, pelo C. E. de Rio Preto; Pedro Severino, representando os centros de Luiz Barreto e Monte Verde; Antonio Basso e Francisco Schiavoni, representando diversos espiritas de S. Carlos; Emiliano Cardoso de Morais, diretor do jornal espirita «Amor a Verdade», de Ribeirão Preto; João Faria de Godoy, representando o C. E. e o Penates, de Uberlandia e dr. Flavio Pinheiro, pelos espiritas de Ibitinga.

Entre as caravanas que compareceram a homenagem, pudemos notar as seguintes: de S. Paulo, Campinas, Rio Claro, S. Carlos, Bebedouro, Matão, Ityrapina, Santa Ernestina, Taquaritinga, Rio Preto. Além das caravanas compareceram grande numero de confrades de outras localidades do nosso Estado.

— A' entrada do Teatro Municipal, foram profusamente distribuidos jornais, revistas e boletins espiritas.

— A P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara, teve a gentileza de anunciar repetidamente as homenagens que seriam prestadas a Cairbar Schutel.

— Pela mesma estação radiofonica falou, ás 16 horas, o consagrado orador espirita, Dr. João Baptista Pereira, que, pelo espaço de meia hora, ocupou-se da personalidade de Cairbar Schutel, aproveitando a oportunidade para apregoar as grandes Verdades da Terceira Revelação.

—

Por nosso intermedio, os promotores de tão expressiva manifestação, cujos reflexos perdurarão em nossas almas, agradecem ás autoridades e ao povo de Araraquara, bem como aos espiritas que lá compareceram e, principalmente, aos ilustres tribunos a solicitude com que atenderam ao convite que lhes fôra endereçado para fazerem parte desse grandioso «Banquete Espiritual». De nossa parte tambem agradecemos penhoradamente aos organizadores dessa homenagem que tiveram por alvo render um tributo de veneração e admiração ao nosso diretor Cairbar Schutel pelo seu gigantesco trabalho em pról da humanidade.

Que Deus pague em bençãos a esses fieis trabalhadores da sua Seára.

Visitas

Dia 20 do mez passado, tivemos o prazer de receber as visitas dos srs. dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsiquica de São Paulo, Odilon Negrão e senhora D. Ilda Negrão, Armando Garlippe, Conrado Pereira do Valle, dr. Antonio Castilho, todos da Capital e Itagyba Borges de Araraquara. Após breve palestra, os distintos visitantes dirigiram-se á necropole depositando flôres sobre a sepultura de Cairbar Schutel, onde o dr. Baptista Pereira proferiu tocante oração. Agradecendo suas palavras, falou o nosso representante João Leão Pitta.

—Deram-nos a satisfação de suas visitas, dia 20 p. p. os srs. Santos Xandó de Araujo, Carlos de Souza, João Teixeira, João Leite de Camargo, Arlindo De Carli, Miguel Madeira, Laudemiro Bartelotti, José Lopes S. Faria, Amandio Miranda, Celso Silva e Miguel de Mello, todos de Bebedouro.

Agradecidos.

—

Damos hoje os nomes de pessoas de diversas localidades que compareceram e de outras que representaram Centros Espiritas e pessoas nos funerais do nosso diretor Cairbar Schutel:

De Jaboticabal: Venancio Tamanini, Pedro Volpe, D. Bigita Bastos Volpe, Francisco Volpe, por si e pelo C. E. Caridade e Fé, João Volpe, Antonio Volpe, por si, por Diogenes Roma, José Piltro e Prof. Vianna.

De Araraquara: Itagyba Borges, por si e pela U. F. E. Paulista, Luiz Barbosa, Diretoria do C. E. de Araraquara, Sylvia Goulart de Faria, Marina Goulart de Faria, Persio Goulart de Faria, Francisco Goulart de Faria, Sylvio Goulart de Faria, João Vescovi, Luiz Barbosa Filho, Amalia Acetoze, Maria Acetoze, Luiza Barbosa, Julia Barbosa, Eulalia da C. Fattori, Emmanuel I. de Carvalho, por si e pela Drogazil Ltda. de Araraquara, Norberto Cambraia, por si e por Satyro de S. Mello, Afonso Salles, João Tessitore Netto, José Paseto, Angelo Paseto Fufú da Silveira, Emilio Pasetto, Angelo Marasca, Ernesto Furlan, Francisco Caracho, Nestor A. Camargo, Lyra A. Camargo, Zilda Solci, Anna Nantes de Camargo, Jair Camargo, Secundino Acetoze, Sebastião Cardoso, Nice Bonfóqui, Leonia Bonfòqui Gonçalves, Paulo Perche de Menezes e Francisco E. Silva representado por José Perche.

De Campinas: Dr. Souza Ribeiro e Gumercindo de Campos.

De São Paulo: Cyro de Alcantara, por si e por Serafim Berto, Prof. Romeu de Campos Vergal representado por João José de Aguiar, Vicente Lucca representado por Gaudencio Guaglini e D. Sebastiana Silva Lima.

De Rio Claro: Ignacio R. de Siqueira por si e pelo C. E. Fé e Caridade de Rio Claro, pelo C. E. de Ityrapina e por Zacharias Onofre.

De Santa Barbara : Carlos Steagall.

De Piracicaba : João Eudoxio da Silva, Pedro Camargo por si e pela Igreja Espirita de Piracicaba, pela U. F. E. Paulista, pela Federação E. Brasileira e por Ignacio Bittencourt redator da Aurora.

De São Carlos : Antonio Basso, Serafim Rodrigues, Pedro Pierini, Jacintho Ruzza, Pedro Fernandes Alonso, Domingos Mazzei e Francisco Garcia.

De Monte Azul : Watson Campello por si, por Joaquim Borges de Moraes, por Juvenal Pinto e Filhinha Pinto, Leonardo Severino por si, pelo Mensageiro do Orfão e pelo Centro Esp. Amor e Caridade de Monte Azul.

De Luiz Barreto : Pedro Severino por si, por Ida Rossi Severino, por Francisco Fernandes, pelo Centro Esp. de Monte Verde, e pelos srs. Dr. Arão Rego Barros, Saturnino Berbel, D. Edméa Berbel, Antonio Moreno e José Martins Coimbra, todos de Monte Verde e pelo Centro do Calvario ao Céo, de Bebedouro.

De Santa Ernestina : Urbano de Assis Xavier e D. Albertina Ferreira Xavier.

De Dobrada : Dr. Fausto de Freitas Luz e Frederico Scabello.

De Barretos : Atilio Piza, João B. Santos e Domingos Tedesco por si e pelo C. E. 25 de Dezembro.

De Olympia : Dr. Bianor S. Medeiros, Antonio Rossi e João Rocco por si e pelo C. E. de Olympia.

De Ibitinga : Dr. Flavio Pinheiro por si e pelos Espiritas de Ibitinga.

—

Seguem mais nomes de pessoas que nos endereçaram cartas de solidariedade :

Placido Camões por si e pela U. F. E. Maranhense, de S. Luiz, Maranhão ; Dr. Noraldino de Mello Castro, de Belo Horisonte ; C. E. Vicente de Paula, de Baurú ; José Nogueira dos Santos, de Curitiba; Manoel Justino de Araujo, de Lagôa do Remigio, R. Grande do Norte ; Marina Mazzini, de Tres Lagôas, Est. de Mato Grosso ; Farm. Ernani Lomba, do Rio de Janeiro ; Geraldo Augusto Rezende, de Juiz de Fóra, Minas ; Iracema, Elvira, Laura e Lindolpho de H. M. Coutinho, de Natal, Rio G. do Norte; Argemiro Costa, por si e pelo C. E. Paz e Amor, de Rufinopolis, Minas ; Dr. Ignacio Ferreira, de Uberaba, Minas ; Amando Simões, de Rodrigues Alves; Grupo «União Espirita» e seus associados, de Maceió, Alagôas ; Iberê Fernandes de Oliveira, do Rio de Janeiro; C. E. «S. Miguel», de Paranaguá, Paraná ; Antonio Amancio Alvarenga, de Araxá, Minas; Viterbo Rosa, de Pelotas, R. G. Sul ; Gabriel Aniceto de Oliveira, por si e pelo C. E. Ismael, Estrela Guia, de Ituiutaba, Minas ; «Cabana Espirita Nova E'ra» e seus associados, de Ponte Nova, Minas; Sebastião Garcia Bonel, de Promissão; C. E. Poder da Fé, de Presidente Prudente ; D. Benvinda Carvalho Lemos, D. Maria Lemos Mazza e José Orefice Junior, de Bariry ; C. E. Jesus Maria, de Petropolis ; C. E. Caminho de Jesus, de Gramado ; C. E. Amor e Caridade, de Tres Saltos; C. E. S. Agostinho, de Brotas ; C. E. Jesus de «Nazareth», de Pelotas ; José F. Cerqueira, de Entre Rios e José G. Nascimento, de Itú.

—Jornaes e Revistas que fizeram referencias e publicaram noticias sobre o passamento do nosso diretor.

O Reformador, do Rio de Janeiro ; Revista Espirita do Brasil, do Rio de Janeiro ; Revista Clinica, de São Paulo ; Lingua Auxiliar, do Rio de Janeiro ; O Medium, de Juiz de Fóra, Minas ; Jornal Espirita, de Porto Alegre, R. G. do Sul ; O Nosso Guia, de Entre Rios, Est. do Rio ; Alvorada d'uma Nova Era, de S. Paulo ; O Arauto, de Carangola, Minas ; O Espirita Mineiro, de Belo Horisonte, Minas ; Diario de Noticias e Estado da Bahia, da Cidade do Salvador, Bahia.

— Agradecemos sensibilisados a todas as pessoas, Centros e Associações Espiritas, jornais e revistas que, por qualquer fórma, déram o seu testemunho de solidariedade pelo passamento do nosso amado diretor Cairbar Schutel.

Rio de Janeiro

Casa de Saude Espirita

O «Templo da Verdade», sito á rua Barão de Bom Retiro, 518 — Rio, está cogitando da fundação de uma Casa de Saúde Espirita, destinada a amparar os necessitados, para cuja obra conta com o auxilio dos corações bem formados. Está á frente dessa empreza humanitaria o Cap. Aristoteles Farias.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campello*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principaes revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos, dos jornaes de além mar, dá conta das conferencias, dos congressos, e na sua Cronica Extrangeira e E'cos e Noticias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espiritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mez, com 32 a 40 paginas de acordo com a materia de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
EXTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
EXTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1511unse

No. 1-10 unavailable

NO XV — Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1939 —N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Orgão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Espiritismo e Loucura
Sôbre os «Estados Profundos da Hipnose» considerados relativamente ao «sentido do apêgo á vida»
A Confissão de Richet
O Divino Nazareno
Factos contra Palavras
As «Santas Relíquias»
Na sua lógica, todo o seu poder
A' Porta do Mistério
Crônica Estrangeira
Écos e Notícias
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

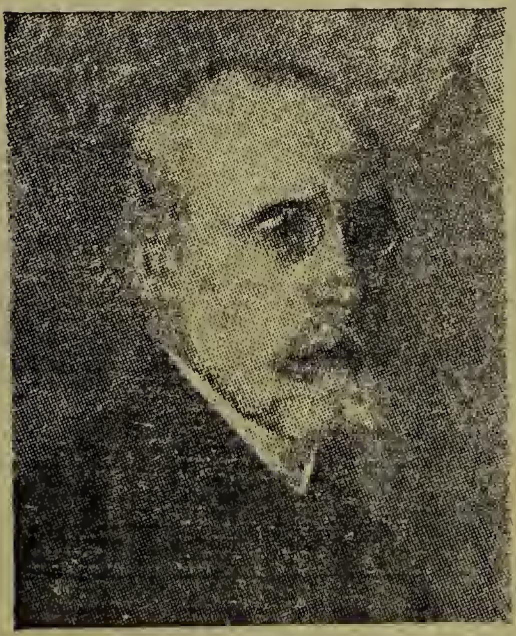

PROF. ERNESTO BOZZANO

Obras de CAIRBAR SCHUTEL

Parabolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensavel a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e logica dos textos evangelicos.

De grande formato, com 450 paginas, referida obra está dividida em duas partes: 1.a — Parabolas de Jesus, explicação racional das 35 parabolas evangelicas; 2.a — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosofica sobre os principios religiosos expostos pelo Grande Missionario.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 12$000 inclusive porte e registro.

O Espirito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parabolas e Ensinos de Jesus».

Obra muito util para elucidação do Evangelho. De mais de 400 paginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Profeticos, Sonhos Premonitorios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Preço 10$000 e mais $800 para registro e porte.

A Vida no Outro Mundo

Acaba de ser reeditada esta obra da lavra de Cairbar Schutel, belamente encadernada em pâno couro, com 179 paginas e materia distribuida em 26 capitulos.

A presente edição, além dos capitulos da primeira, está acrescida de mais um subordinado ao titulo: «No Outro Lado da Morte», mais uma mensagem a confirmar as inumeras congeneres que descrevem as condições do plano para o qual todos estamos de viagem.

Vasado em linguagem simples, portanto ao alcance de todas as inteligencias, este livro nos revela o que mais nos importa a saber: a Sobrevivencia do Espirito e seu modo de existir em o novo habitat.

Preço, 7$000. Pelo Correio, 7$700.

Conferencias Radiofonicas

Livro de 206 paginas, enfeixa 15 conferencias pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sobre a existencia do Espirito e sua sobrevivencia á desagregação do corpo. Ele sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferencia ao microfone tem por titulo: «A Imortalidade da Alma».

Preço, 7$000. Pelo Correio, 7$700.

O Diabo e a Igreja

E' um livrinho que responde categoricamente a todas as invictivas de dois padres, rebatendo as falsas insinuações do clero e convidando os homens ao estudo do Evangelho. A sua leitura nos dá uma idéia exáta da verdadeira religião do Cristo, sendo esse o motivo pelo qual as edições desta obra se esgotam com relativa facilidade.

Preço, 3$000. Pelo Correio, 3$500.

ANO XV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1939 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação : Av. 28 de Agosto n. 17 — **Oficinas : Rua Ruy Barbosa**

ESPIRITISMO E LOUCURA

(Continuação)

A natureza é, sem contestação, um insondavel domínio dos mais empolgantes arcanos. Pouco a pouco, uma a uma as suas maravilhas se vão patenteando.

Não é sem trabalho e sem ingente constância que as suas imensas reservas se desvendam ; mas ela não as esconde avaramente ao homem.

O *radium* existia, mas durante anos foi totalmente desconhecido ; antes de sua descoberta, nem ao menos era uma incógnita a procurar e não ha incógnita sem um problema previamente formulado.

Nem mesmo na imaginação do mais ousado alquimista passou a suspeita da sua existência. Eram mais terrenas, mais pobres as aspirações desses primitivos pioneiros da química ; o que eles procuravam era que das suas retortas saisse o ouro, sem ter antes para lá entrado.

Afinal surgiu o radium do seu retiro e fulgurou ao nosso olhar deslumbrado e á nossa mente incrédula perante o assombro de tão privilegiada realidade.

Este corpo aparece como o mais rico em propriedades maravilhosas, o mais ativo, o mais notável.

Em virtude da análise espetral realizada por sábios se revela uma individualidade química e reune tais e tão excepcionais atributos, que se destaca entre os mais corpos conhecidos, como o sol no meio do seu cortejo planetário. Ele é fonte perene de radiação luminosa, comunica a muitas substâncias este poder; é origem inalteravel de calor; outorga a condutibilidade elétrica aos corpos maus condutores; produz efeitos químicos e radiações a distância mesmo através de corpos opacos e, enfim, produz efeitos fisiológicos empregados pela radioterapia.

Que conclusão poderemos tirar de aplicação proveitosa ao problema, que hoje ocupa todas as investigações psíquicas?

Alguma coisa nesta lição podemos colher.

Com a alma humana tem sucedido outro tanto, ainda que em grau menos ostensivo.

Ela tem existido sempre: através da história, através da conciência universal e singular, multiplas aflorações esporádicas teem deixado um rastro indicador de sua passagem e da sua existência.

Mas faltava um trabalho acurado e metódico de pesquisa, um processo seguro de experiência, para traze-la á observação e á análise, era preciso desentulha-la de sob a matéria densa.

Este trabalho tem-se modernamente feito, conseguindo demonstrar que a alma é uma realidade como muitos outras realidades que nos cercam, embora os nossos grosseiros sentidos, em estado normal, as não percebam.

Da matéria obscura e inerte surgiu o *radium* luminoso e ativo; do corpo humano, enfêrmo e precário, evolará tambem a entidade anímica, não só fonte de luz, como de idéias, emoções e afétos — tão superior em maravilhas ao *radium*, como este o é á lama dos pantanos.

Este trabalho acurado e metódico se tornou uma realidade no último quartel do século passado com as experiências de hipnotismo e magnetismo, na sua interessante dinâmica de exteriorização, antes inexplorada, na sua ação transperiférica com o concurso das observações e experiências, denominadas espíritas, que vieram completar o edifício.

Todos conhecem os progressos enormes realizados pela ciência nos seus diversos ramos desde úma época relativamente recente.

As experiências do Conde de Rochas chamaram a atenção do mundo científico. Este ilustre magnetizador demonstrou que a sensibilidade podia exteriorizar-se, e que determinados indivíduos ao mesmo tempo que apresentavam a insensibilidade da pele, ofereciam, *para além da periferia do corpo*, diversas camadas sensiveis.

A transmissão do pensamento tem sido estudada por um grande número de sábios, e acha-se oficialmente admitida, depois dos trabalhos de cientistas como Paulo Janet, Gilbert, Charles Richet, Herrero e outros.

A faculdade de ver sem auxilio dos olhos aparece em algumas pessoas magnetizadas e mesmo em estado normal.

Os doutores Gregory, du Potel, Chardel, Herbert Mayo e outros autores citam casos concludentes em apoio da tese.

Se o pensamento póde transmitir-se a grandes distâncias e através de todos os obstaculos; se podemos sentir para além da periferia do corpo e ver sem olhos, onde está a absoluta necessidade de um corpo, para os fenômenos da sensibilidade, de um cérebro para a inteligência?

O Dr. Lélut afirma que «o magnetizado saboreia, cheira, apalpa e vê, por uma penetração interior especial e independente dos sentidos!» (Phisiologie de la pensée).

Mais ainda: é opinião quasi unânime de quantos teem estudado os fenômenos, que a inteligência, o sentido moral, e em especial a memória se desenvolvem notavelmente durante o sonambulismo. Mas muito mais interessante é o estado denominado *êxtase magnetico.* «O magnetizado empalidece; produz-se a relaxação muscular completa; se não se distinguissem as pulsações do coração, julgar-se-ia que estava morto. Então o sonambulo sente-se como um vapor luminoso, que pensa separado do corpo.» *(Dr. Charpignon).*

«Vê o seu corpo como um objeto estranho, repugnando-lhe o revestir-se dele.» *(Dr. Chardel).*

«O estado de êxtase é a morte, descrita por Platão; uma situação em que o espírito, separado da matéria, a domina, em vez de ser dominado.» *(Du Potet).*

«O que carateriza este estado, é uma indiferença absoluta por tudo que se refere a assuntos terrestres, a ausencia das paixões que dominam durante a vigília. Nesta nova situação, o espírito está cheio de idéias religiosa, de que talvez nunca se tivesse ocupado. A vida presente parece-lhe apenas uma viagem. A independência da alma e a sua sobrevivência são para êle coisas evidentes.» *(Deleuze).*

«Uma sonambula descrevia o seu estado como semelhante ao que teria depois de morrer.» *(J. Kerner.)*

«A sonambula Kramer declarava muitas vezes, quando se encontrava neste estado, que estava no além.» *(Perty).*

O estado de êxtase é o ultimo gráu do sono magnético. O dr. Paulo Gibier chama-lhe: «grau de desdobramento.»

E' nos ultimos graus que unicamente se apresentam os fenômenos de clarividência, advinhação do pensamento, etc., isto é, quando o espírito, semi-separado do corpo, com novos meios de perceber e de conhecer, começa a gozar das faculdades e sentidos do espírito livre.

Cumpre observar que as obras de magnetismo anteriores ao Espiritismo, falavam já da possibilidade de comunicar com os que já viveram. Mas só em tempos mais proximos, foi aplicado sériamente o hipnotismo na produção dos fenômenos espíritas.

A transmissão do pensamento é um fenômeno observado por muitos investigadores nos graus mais avançados do sono magnético, estados de desdobramento parcial em que se atrouxam os laços que prendem o espírito ao corpo.

O espírito depois da morte não tem orgãos propriamente materiais, para emitir ou perceber sons, porém póde lêr diretamente no pensamento.

A possibilidade de ver sem auxilio dos olhos e de comunicar mentalmente as idéias sem necessidade da palavra, existe latente em todos os homens, mas só se manifesta depois da morte, encontrando naquela modalidade de existencia, seu natural modo de ser.

Durante a vida terrestre, somente aquele fenômeno aparece nos grandes místicos, que mais tem vivido a vida do espírito que a do corpo, manifestando-se igualmente nos mais altos graus do sono magnético, que são verdadeiros estados de semi-morte.

(Continúa)

Sôbre os «Estados Profundos da Hipnose» considerados relativamente ao «sentido do apêgo á vida»

"*La Ricerca Psichica*" (Conclusão) *Prof. Ernesto BOZZANO*

Termino recordando o incidente ocorrido no leito de morte de Denis Bradley, autor de dois notaveis livros espiritualístas.

Bradley estava lendo o livro de William Gerhardi: *Resurrection* e, de quando em quando, comunicava em alta voz trechos á mulher, sentada á cabeceira. Caíu êle inesperadamente sôbre os travesseiros, privado de sentidos. A mulher, no auge da consternação, chamou-o, sacudiu-o, sem reanimá-lo. Correu, então, ao telefone, a chamar o médico.

Mas, pouco depois, Bradley se reanimou, ergueu-se e assentou no leito. Parecia transfigurado e rejuvenescido de vinte anos. De seu rosto irradiava uma expressão de estática exultação que já não era terrestre. Em seguida, exclamou: «Estive lá em cima. Vi a morada espiritual. Que maravilha! Tudo é maravilhoso!» Assim dizendo, empurrou para trás os cobertores, estendeu os braços para o alto e exclamou: «Deixa-me ir! Deixa-me ir!». E caíu para trás. Estava morto.

Alguns meses depois, William Gerhardi, autor do livro que Bradley estava lendo em seu leito de morte, assistia a uma sessão de «voz diréta» que se realizava no «Instituto Internacional de Investigação Psiquica». A êle se manifestou o amigo Denis Bradley, ao qual perguntou, á guisa de prova de identificação: «Bradley, poderás dizer-me que livro estavas lendo, quando ocorreu a tua morte?» O comunicante foi pronto em responder: *Resurrection.* Willian Gerhardi considera esta resposta como de alto valor probante, pois ninguem conhecia tal particularidade, além da viuva que referira o facto a Gerhardi. Acrescente-se que Gerhardi reconheceu o defunto pelo timbre de sua voz e pelo seu modo carateristico de exprimir-se. *(Light e Psychic News, 1934).*

Atingido o termo desta breve enumeração de episódios referentes a uma circunstância de facto não ainda realçada e ainda menos tratada pelos cultores da investigação psíquica, útil se torna indicar os ensinamentos que lhe podemos extraír.

Começo por observar como da mesma circunstância básica emerge uma observação, de facto, interessante: que uma coisa é ler nas mensagens dos defuntos as descrições do ambiente espiritual e coisa bem diferente é o encontrar-se transportado, por breves instantes embora ao mesmo ambiente. Contudo, o que os defuntos descrevem em suas mensagens, concorda exatamente com o que descrevem os sonâmbulos, os médiuns e os moribundos, os quais, por um momento, se acharam transportados ao ambiente espiritual. Mas, isso não impéde que entre as duas percepções se interponha um abismo a separar uma fria aquisição do intelecto da aquisição vitalizada por elemento emocional, que deriva de uma experiência vivida.

Relativamente ás descrições do genero das fornecidas pelos defuntos, observo que, mesmo em se tratando de uma «fria aquisição do intelecto», elas já possuem a virtude de despertar um sentido de contentamento filosófico nos estudiosos, e isto, pelo facto de encontrarem apôio nos métodos científicos da análise comparada e na convergência das provas aplicadas a um grande número de descrições do genero. Tais corroborações teem por efeito influir grandemente sôbre a orientação da vida vivida pelos estudiosos em questão, isto no sentido de os mesmos se esforçarem por utilizar, do melhor módo possivel, o ciclo de seu trânsito pela escola dos mundos, de inestimavel vantagem á sua futura ascensão espiritual. Não resta dúvida, portanto, que tudo isto equivale a admitir que as descrições do ambiente espiritual fornecidas pelos defuntos, descricões sustentadas por métodos de investigações científicas, combinadas a outras provas supranormais convergentes no mesmo sentido, sejam portadoras de benefícios para a evolução espiritual da humanidade civilizada.

Por outro lado, e por tudo o que se observa nos episódios considerados, vê-se que, quando acontece a sonâmbulos, a médiuns e a enfêrmos encontrarem-se transportados ao ambiente espiritual, as maravilhas que contemplam e o sentido da expansão do sêr que ressentem, são de tal modo sobrehumanos e fascinantes, que fazem até perder-se o apêgo á vida. Assim, postas as coisas, forçoso se torna daí concluir que, do ponto de vista da evolução terrena, essa forma de «viagens ao astral» seria um mal se um dia se generalizasse no consórcio civil. Mas assim não é, e não o póde ser. Essas viagens são e sempre serão excepcionais. De modo que, nos limites circunscritos em que se realizam, revelam-se vantajosas para a evolução espiritual da humanidade, porquanto concorrem a corroborar as descrições do ambiente espiritual transmitidas pelos defuntos, contribuindo para a demonstração científica da sobrevivência humana.

De outro ponto de vista, observo que os episódios ora considerados servem igualmente a demonstrar que o denominado «instinto de conservação», peculiar a todos os sêres viventes, e a outra variedade mais aperfeiçada do mesmo instinto chamada «o sentido do apêgo á vida», variedade especial á raça humana, foram pela natureza concedidos aos viventes, para que os animais, por uma parte, e a humanidade por outra, se adaptassem no sentido de completar regularmente o ciclo laborioso da existência encarnada, que o «destino» lhes prescrevera na escola dos mundos.

Ao mesmo tempo, torna-se claro que, relativamenfe á humanidade, o «sentido do apêgo á vida», não podendo bastar á evolução moral e espiritual da espécie, necessária se tornava outra modalidade de instinto superior que, de forma intuitiva, fizesse pressentir aos viventes os seus destinos imortais, e com isso a indicação do propósito da vida, provendo uma base firme aos ditâmes da ética. Esse instinto providencial fôra tambem concedido á espécie humana pela Mente Infinita que preside aos destinos dos mundos. Os contínuos e modernos progressos em todos os ramos da ciência, não obstantes grandiosos, além de nada aduzirem a favor da interpretação espiritualista do mistério do sêr, ainda tendiam a suprimir esse precioso sentimento intuitivo nas classes mais cultas e eleitas da humanidade pensante ; e assim sendo, urgia que o «sentimento da intuição» se convertesse em «conhecimento experimental» ; se isso não houvesse acontecido, toda a humanidade civilizada fatalmente acabaria como acabaram os romanos da decadência, os quais afogaram o seu ceptismo filosófico em abominaveis orgias e bacanais, cantando em côro o distico nefando : «Embriaguemo-nos de vinho e de amôr, porque a vida é breve, e tudo termina com a morte».

Era necessário que a humanidade

pensante e militante começasse a preparar armas poderosas ajustadas a combater e a debelar certos postulados científicos, proclamados fundamentais e eternos, das cátedras universitárias. Isto consegue-se com o advento providencial de um novo ramo da ciência talhada a investigar as manifestações supranormais do espírito humano, opondo assim um complexo imponente aos postulados negativistas da ciência oficial, postulados falsos porque não se fundavam sobre o complexo inteiro dos factos a investigar. Este novo ramo da ciência, que encerra a quinta-essencia de todas as outras, que tudo fecunda e aclara; ramo que lança rebentos sobre o cimo mais exposto ao sol da simbólica arvore de todo o saber humano, foi, infelizmente, denominado com o neologismo de «Metapsíquica», atendendo que pela origem e resultados obtidos, deveria ser denominado «A Ciência da Alma».

E' pelo advento profético da «Ciência da Alma» que um dia chegar-se-á a formular a grande síntese capaz de resolver o problema do Sêr, com a consequência que naquele dia os destinos imortais do espírito tornar-se-ão em certeza cientificamente demonstrada, e com isso iniciar-se-á a gloriosa fraternidade humana, com a unificação de todas as crenças, e a ascensão espiritual radiosa dos povos regenerados.

Termino, reconhecendo, devidamente, que o erro em que incidem e no qual persistem quasi todos os representantes da ciência oficial, na recusa de conceder importancia ás novas investigações metapsíquicas, é, até certo ponto, um erro justificavel. As publicações apaixonadas e desiguais, que se sucedem no campo das investigações, que devem ser consideradas aproximações laboriosas dos precursores, são um ramo do saber que ensáia ainda os primeiros passos. E assim sendo, pode afirmar-se, outrossim, que os homens de ciência parecem, até certo ponto, desculpaveis, por não quererem distanciar-se da interpretação positivista-materialista do universo. Isto, porque, abstraindo-se da fenomenologia supernormal investigada pela metapsíquica, pode-se afirmar que suas conclusões negativistas resultam invulneraveis, em virtude da convergencia de todas as provas: biológicas, fisiológicas, psicológicas e patológicas, no sentido da demonstração que *o pensamento é função do cerebro*. Isto acontece, porque os homens de ciência persistem no propósito de ignorar a existência no homem de faculdades espirituais. E, ainda, a ocorrência de manifestações supernormais, nas quais o espírito humano é, a um tempo, o centro emissor e receptor. Todas as manifestações que contradizem e demolem, baseadas sobre factos, o aforismo negativista acima citado, aforismo aliás somenos, porquanto não se funda sôbre o complexo inteiro dos factos da investigação. Daí, decorre que a demolição de tais presumidas demonstrações científicas, de aparência formidavel, somente servem para favorecer a ruína de todo o amontoado de provas e contraprovas em favor da solução materialista do problema do sêr, e a verdade espiritualista triunfa irresistivel e eterna.

E' esta, de facto, a situação hodierna. De todo modo, repito, que os representantes da ciência oficial parecem, até certo ponto, desculpaveis, se tanto tardaram, e ainda tardam a notar os erros em que persistem. Mas... terão tempo de cair em si.

A CONFISSÃO DE RICHET

Crookes tinha, então, 37 anos. Estava no vigor da vida e da inteligência. Descobrira o thalium *(1863) e proseguira investigações frutiferas acêrca da espetroscopia, da astronomia, da meteorologia. Era diretor do* Chemical News *e do* Quaterly Journal of Science. *Estudou as faculdades extraordinarias de Home. De 1869 a 1872, publica memórias notáveis pela precisão da linguagem e severidade da experimentação, contrastando com o estilo habitual das publicações espíritas. Era a chegada do* período do Espiritismo.—*«Eu não digo que os fenômenos são possiveis—exclamava Crookes—digo que são reais.»*

Mas o respeito pelas ideias habituais era tão idolátrico, que ninguem se dava ao trabalho de estudar, nem de refutar os fenômenos. Limitavam-se a rir, e eu confesso, para minha grande vergonha, que fazia parte dos cegos voluntarios. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio, que ousava dizer, em 1872, que ha fantasmas, que se pode ouvir bater o coração deles e até fotografa-los.—DR. CHARLES RICHET.

O Divino Nazareno

SEU GRANDE MANDAMENTO

CAIRBAR

A Revelação Messiânica encerra a moral mais pura que o homem pode conceber. A Vinda de Jesus á terra e a pronúncia de sua Palavra de Ordem e de Paz, de Fraternidade e de Amor a Deus, produziu uma revolução tão acentuada no nosso mundo, a ponto de transformar o calendário. Foi uma era nova que surgiu nos horisontes, foi uma nova aurora que bruxoleou por todos os quadrantes, embalsamou todos os corações, leniu todas as dôres e iluminou todas as almas.

Os Ensinos de Jesus, suas palavras, seus atos, seus exemplos, se resumem na expressão mais bela—A caridade.

A Caridade é a ancora da Salvação. A Fraternidade é a Lei de Deus.

A Caridade abrange todos os conhecimentos; é a mãe de todas as virtudes. A indulgência, a paciência, o perdão das ofensas nada mais são do que corolários da Caridade em sua legítima expressão.

No encontro de Jesus com Zaqueu, ao lhe dizer este: «Senhor! estou resolvido a restituir no quádruplo a quem defraudei e a repartir a minha fortuna com os pobres», Jesus disse: «*Hoje entrou a salvação na tua casa.*»

De outra feita, um fariseu que desejava ter a vida eterna, solicita do Divino Nazareno informes sôbre o meio de alcança-la e pergunta sôbre o «amor do proximo» e Jesus lhe propõe a Parabola do Bom Samaritano—muito conhecida e pouco praticada. Jesus termina com as memoráveis palavras:—Pois, vai e faze a mesma coisa, e terás a Vida Eterna.»

No painel do Juizo Final está bem explicada a salvação exclusivamente pela Caridade, independente de qualquer ideologia, ou de qualquer seita religiosa. Por ocasião do «julgamento» não será perguntado, a quem quer que seja, sôbre o seu modo de pensar ou sôbre sua crença, mas o «Juiz» separará os bons dos maus, como o Pastor separa as ovelhas dos cabritos, colocará os bons á sua direita e lhes dirá: «Vinde benditos de

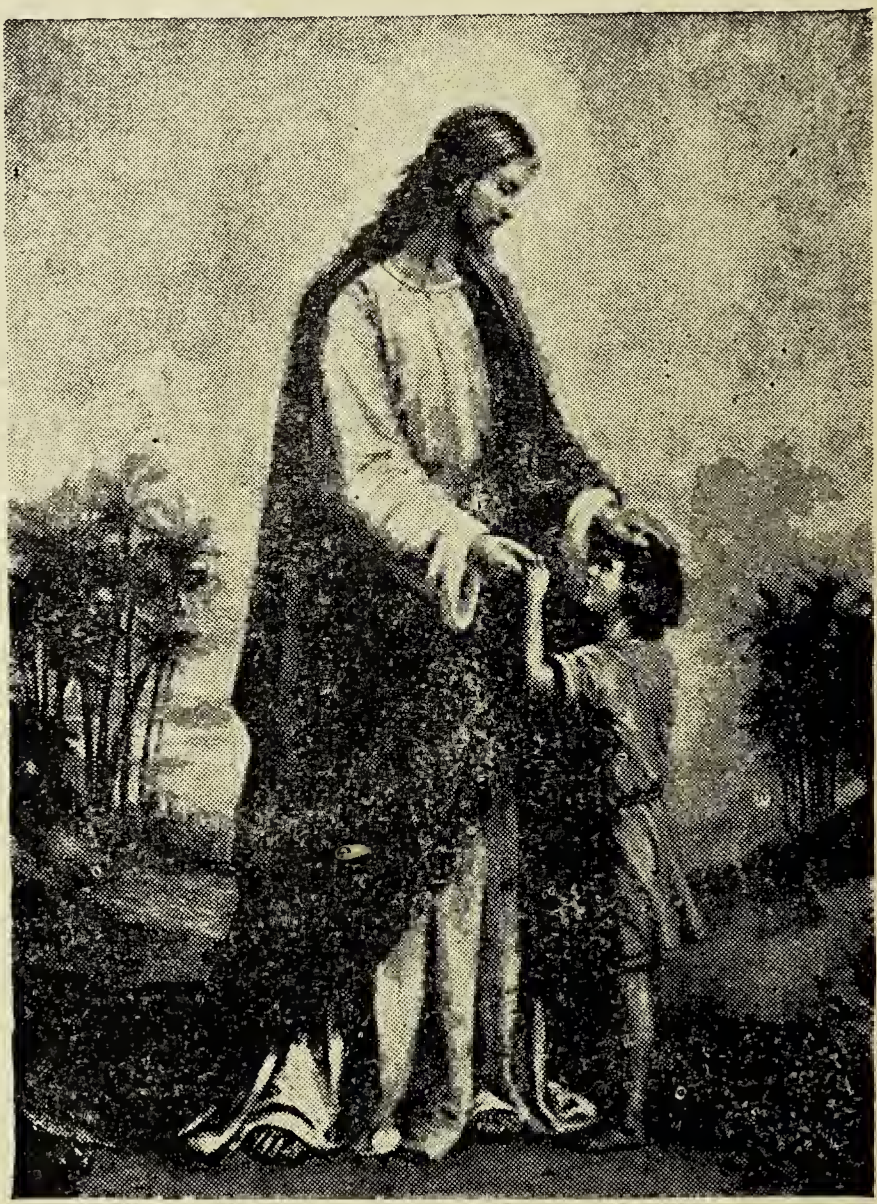

«*Deixai vir a mim os pequeninos.*» — *JESUS* meu Pai, porque tive sêde e destes-me de beber; estive nú e me vestistes; estive prisioneiro e me visitastes; estive enfêrmo e me curastes; estive aflito e me consolastes. E estes lhe perguntarão: «Quando te vimos em tais condições e te saciámos a sêde, a fome, te vestimos, te consolámos, ou curámos?» O Rei responderá: «Todas as vezes que isto fizestes a um dos meus pequenos irmãos, a mim o fizestes. Por isso possui o reino que vos está preparado desde o começo do mundo.»

A Caridade, o Amor, abrange todos os homens, sem distinção de credo, de raça e de côr, por isso é ela a ancora da «salvação», o caminho da felicidade, a bússola que nos indíca a Estrada da Vida.

Podemos divergir em ciência, em filosofia, em religião, mas não podemos divergir na fórma da Salvação que é a Caridade. Podemos ter as idéias que quisermos, porque cada um pensa como sente, como quer ou como lhe apraz, mas não podemos, sem infringir o Código Divino, matar o nosso semelhante, ou deixar de auxiliar o nosso próximo, de acordo com as nossas posses. Podemos propagar, discutir as nossas idéias, trabalhar mesmo para que elas vinguem, mas não podemos odiar os que não nos seguem nem maldize-los.

A Religião do Divino Nazareno se revela magnificamente no «Sermão do Monte» — a maior peça oratória de exortação moral que o mundo conhece e poderiamos admiravelmente representa-la nas Parabolas do Bom Samaritano, do Filho Pródigo e seus insistentes convites á pratica do Amor a Deus — do Amor ao próximo.

Nós abraçamos a Doutrina do Divino Nazareno e fervorosamente admiramos a incomparavel Personalidade do Grande Missionario cuja singular missão propugna a mais pura moral que jamais se conheceu e que se resume no seguinte: Amar a Deus sôbre todas as coisas e o próximo como a si mesmo.»

Factos contra Palavras

DEPOIMENTO DO DR. IGNACIO FERREIRA, DIRETOR DO SANATORIO ESPÍRITA DE UBERABA

De «Mundo Espírita»

Temos acompanhado, com vivo interêsse, as polêmicas travadas a respeito do Espiritismo, regosíjando-nos, — por que não dize-lo? — pela produção de frutos capitosos, trazendo á baila, muita gente que vivia na sombra.

Militando ha longos anos no estudo e experimentação no campo do Espiritismo científico, nos limitamos a ficar na cena, apreciando os debates travados, á espera de uma oportunidade para dar o nosso aparte.

O adversário ferrenho do Espiritismo, o dr. Carlos Fernandes, não conseguiu atrair os seus demais colegas á luta inglória que, em bôa hora, provocou.

Ha longos anos que nos dedicamos á psíquiatria, gastando os nossos dias e as nossas noites, no campo do estudo e, principalmente, das experimentações com médiuns e curas processadas pelo Espiritismo.

Não temos pretenções de tomar parte nos debates, sentindo-nos muito pequenos para nos ombrearmos com esses missionários espíritas que, até agora, não encontraram dificuldade na defeza da causa que enobrece a Verdade.

Motivou, tambem, o nosso silêncio, o facto da questão não ter ficado sómente no terreno científico e com cientistas á procura de factos, estudo e investigações, jamais com intenções movidas pelo dogmatismo ou interêsses outros que não sejam a investigação e o estudo, a procura da verdade.

Assim sendo conservamo-nos até agora no caminho traçado, procurando e investigando esses factos que temos relatado em varias folhas espíritas, com transcrições e comentários em revistas por-

tuguesas, francesas, belgas e argentinas.

Alguns confrades têm perguntado o motivo do nosso silêncio e para dar uma pequena contribuição aos defensores da doutrina e lançar nosso punhado de terra na sepultura dos inimigos que se batem sem factos e sem fundamentos, resolvemos trazer um pouco do produto dos nossos estudos e das nossas experimentações.

O dr. Carlos Fernandes, autor da moção á Sociedade de Medicina e Cirurgia, esteve clinicando aqui, em Uberaba, Estado de Minas, ha uns 10 ou 12 anos.

Por essa ocasião, os espíritas, gente pobre e humilde, conforme são qualificados, em vez de levantar um templo rico para a propagação teórica de sua crença, resolveram levantar um hospital para a demonstração prática dos seus ensinamentos.

Assim é que, de porta em porta com sacrificios ingentes, esforços inauditos, sofrendo humilhações de uma minoria de catolicos intransigentes, aceitando obulos de outros que os davam ás escondidas, temerosos da fúria dos padres que berravam, abertamente, dos púlpitos, foram amealhando os magros tostões e conseguiram o seu hospital, isto é, o hospital para a pobreza da cidade, sem distinção de raça, côr e religião.

Nessa época, o autor da moção á Sociedade de Medicina e Cirurgia, pelo jornal «Lavoura e Comercio»—20-11-27, que se edita, ainda, na nossa terra, publicou, pelas suas colunas as seguintes linhas, com a única diferença que o grifo é nosso:

BRAVOS, SENHORES ESPÍRITAS!

Um punhado de gente de coração, aguerrida, por essa bôa vontade eficiente e capaz, embora norteada por crenças que eu repudío, congrega-se pera realizar o sonho por que suspira essa pobreza escalavrada de Uberaba que anda morrendo aos pedaços pelas esquinas e praças.

Uns contos já reuniram para seu hospital.

E nós, católicos desse Brasil que católico se diz, só conhecemos a caridade em palavras, não sabemos consubstancia-la em obras.

Por que?

Porque somos abúlicos ou desleixados. Sabemos no entanto atirar pedras ás iniciativas de seitas religiosas que empreendem o bem.

No Rio, berra-se contra a Associação Cristã de Moços, genuinamente protestante, açulando toda a má vontade contra as suas criações porque se vê nelas o disfarce sedutor para uma propaganda de fé sectaria que, aliás, para seus crentes representa a verdade, o que merece respeito, ao menos para com os bem intencionados.

E no entanto ha muito de excelente naquela organização.

No largo da Carioca montaram os mesmos prosélitos, bem apavesado restaurant onde, a preços módicos, oferecem agradavel refeição, de ótimo valor nutritivo, a moçoilas pobres que mourejam no comercio, e sob rigorosa moralidade os repastos se fazem sem a presença de rapazes luxuriosos, desrespeitadores, ousados, pois que só a moças se permite o ingresso.

Nós, católicos, nada de semelhante soubemos planear até hoje.

Catedrais e templos erguem-se em demasía, para o nosso povo, tíbio que é, deixa-los criminosamente ao abandono.

Em S. Salvador, na Baía, intentou-se a edificação de 365 templos, quantos os dias do ano. Até 180 e poucos, consta-me, atingiu o empreendimento. *Numa pequena praça ha 5 igrejas. E para quê? Para dormirem abandonadas, em ruinas muitas.*

E' a desolação do lugar santo, a ameaça apocalíptica.

Faltam-nos no entanto escolas católicas gratuitas. Hospitais católicos, créches católicas, leprosários católicos.

O velho testamento era o código da justiça inflexivel: *o evangelho trouxe de Cristo a legislação da misericórdia e da caridade.*

Demos pois a Deus o que é de Deus, mas não esqueçamos de dar a Cesar o que é de Cesar.

Templos bem frequentados para o nosso divino culto, mas hospitais amplos, amparos á velhice e á orfandade e proteção a essas pobres donzelas lançadas aos mil perigos da conquista do pão.

Espíritas e protestantes não estarão dando a Deus o que é de Deus, mas estão dando ao proximo aquilo que nós não damos.

Melhor seria pela propaganda da nossa fé que, *ao envez de vituperarmos o que de bom vem das mãos dos adversários de nosso credo,* procurassemos oferecer muito melhores que os deles e assim os indiferentes não se inclinariam para lá seduzidos pelas cores tão lindas de empreendimentos tão bons em si.

O bom exemplo, surja de onde surgir, merece ser imitado e sublimado.

Católicos, se de tal vos honrais e de facto o sois, reparai bem que os pobres de Uberaba vão julgar agora quem melhor cumpre o preceito cristão do amor ao proximo: *se vós, depositários da Verdade eterna,* se os apóstatas ou sectarios, acoimados de erro e transvío.

Eles esperam já e já de vossos corações a conclusão desse templo de misericórdia onde se mitigam dôres, onde se enxugam lágrimas, onde corações bemfazejos vão lenir o desespero dos torturados.—CARLOS FERNANDES.»

Essa primeita parte, não necessita de comentários. O próprio dr. Carlos Fernandes, mostra, ás demais religiões, o que seja o Espiritismo, como religião — que pratica o bem e não o que pretendem demonstrar e continuam alimentando, sem base, sem estudo e sem experimentação.

Quanto á segunda parte da sua entrevista, ao dizer que nega as curas espíritas, como diretor e médico daquele mesmo hospital, desde a sua inauguração, 1-1-34, até o momento presente — 24-7-39, consequentemente, ha quasi 6 anos, daquele mesmo hospital, repetimos, e ao qual o ilustre colega entoou um híno de louvor, apresentamos-lhe a estatística do seu movimento:

	Entraram	Curados	Retirados	Transfers.	Falecidos
1934	96	40	13	2	5
1935	92	43	27	14	8
1936	90	42	32	9	8
1937	115	51	42	16	6
1938	133	71	47	21	2
TOTAL	526	247	161	62	29

Como vê o ilustre colega, nesse pequeno espaço de tempo em que a sua memória já se esquecera desse longínquo rincão onde seus habitantes, por alguns anos, aproveitaram dos seus dotes de médico, o hospital foi terminado, recebeu 526 doentes, teve 247 casos de curas e confessamos — como médico e como homem — desses 247 casos de curas, pelo menos 200 foram conseguidos pelos espíritas e o restante por este seu colega, humilde.

Não é só.

O hospital não tem a mínima aparelhagem — nem sala de operações, nem laboratórios, nem salas de fisioterapia e nem aparelhos de eletricidade.

Para encurtar conversa, não possue, pelo menos, 1 esterilizador para seringas de injeção.

Não è só, ainda.

Até o momento presente — 20-6-39 não teve o mínimo auxilio federal ou estadual. Apenas a Prefeitura auxilia com 8:000$000 ANUAIS!

Não é só, ainda, ilustre colega, 90º/o desses internados foram gratuitos, em nada concorrendo para auxílio do hospital.

Quer mais?

Desses 526 doentes — nesses 5 anos de funcionamento, isto é, de 1934 até 31 de Dezembro de 1938, tivemos 15 espíritas internados, uns 20 indiferentes, 8 protestantes e... o resto, isto é, 484 católicos, tanto que temos, em archivo, os seguintes patuás:

54 estampas de santos diversos; 8 imagens de santos; 26 crucifixos de vários tamanhos; 22 bentinhos (ainda não abertos); 2 fitas de irmandades católicas; 83 verônicas de tamanhos diversos; 28 terços; 1 apostolado da oração; 1.º gráu; 1 Patente (!) de admissão (obra pontifícia da propagação da fé no Brasil); 1 Diploma (!) da Confraria do Santissimo Rosario de Goyania; 1 Aviso — Canonizações; 1 Circular pedindo prendas para 1 leilão; 1 Estatuto do Colégio D. Bosco; 7 Catecismos; 3 Gonifés; Livros, revistas, jornais católicos e grande número de orações copiadas a lapis e a tinta.

São objetos encontrados em poder dos doentes internados e constituem uma prova flagrante que nem sempre são os espíritas que ficam loucos, porquanto o Espiritismo, não aceitando e não usando essas cousas, não podiam ser espíritas aqueles que os trouxeram.

Clichés ns. 1 e 2.

Juntamos aqui, alguns clichés para melhor documentação das nossas asserções.

Illustre colega:

Se deseja continuar na sua campanha contra o Espiritismo, aceite o conselho de um colega mais novo, menos sábio, porém, mais experimentado em psíquiatria.

Leia as obras espíritas e frequente centros espíritas — centros reputados pelo valor dos seus dirigentes.

Não faça isso, porém, com o véu do orgulho ou com a pretensão do sábio — sim, como médico á procura de meios para lenir dôres e como cientista á procura da verdade.

Depois, então, continue na sua campanha — ela será gloriosa por se escudar em factos, demonstrando estudo e conhecimento.

Como médico, combater assuntos concernentes á própria ciência sem estudal-os e sem conhecel-os, faz pensar que não o faz sob o ponto de vista cîentifico, porém dogmático, e a ciência não admite barreiras e nem convencionalismos porquanto ela trabalha em pról dos homens e em benefício da Humanidade...

IGNACIO FERREIRA — *Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e diretor do Sanatório Espírita de Uberaba, Minas.*

A nossa vida presente é o crísól donde deve sair a nossa vida futura. — LACORDAIRE.

As "Santas Reliquias"

ANNALES DU SPIRITISME CHRISTIQUE

M. A. Ducasse-Harispe está escrevendo uma série de artigos subordinados ao título «Santas Reliquias». Neste, êle insere um artigo aparecido no boletim católico «*Le Gallican*», dirigido pelo bispo L. F. Giraud, patriarca da Igreja de Gazinet (Gironde). M. Ducasse-Harispe fornece a seguinte nota explicativa:

Nossas declarações concernentes á duvidosa autenticidade das numerosas relíquias, se bem que hauridas nas melhores fontes, poderiam surpreender alguns leitores. Ora, ao sair o nosso último artigo, apareceu numa revista católica que semanalmente penetra em 20.000 presbitérios, um estudo crítico sôbre uma insigne relíquia, e as conclusões desse estudo apoiavam nosso próprio testemunho. «*O Amigo do Clero*» nos instrue sôbre a lenda de santa Verônica. E ninguem poderia supôr que o artigo trouxesse a aprovação das autoridades eclesiásticas.

Mais uma lenda! dir-se-á. Sim, cada vez mais aumenta o reino da lenda para a maior depuração da verdade. Examinemos pois, com essa revista católica, a origem da crença de santa Verônica que enxugou, segundo dizem, o rosto de Jesus, quando êle subia a encosta do calvário, e que foi o objeto, a partir do século XV.º, duma estação da *Via Crucis*.

«Nenhum documento sério atesta a existência de santa Verônica. Nos primeiros séculos do Cristianismo, os pintores representavam a cabeça do Salvador sôbre um pedaço de pano suspenso por dois anjos ou por uma mulher simbolizando a Religião. Por baixo dessa pintura, lia-se: «VERA ICONICA», que significava, em baixo latim, «verdadeira imagem». Mas as monjas não compreenderam estas palavras latinas; e acreditaram tratar-se dum nome de mulher e inventaram a história da Verônica.

Nada ha de extraordinario que uma mulher cheia de piedade, haja colocado um pano sôbre o rosto do Senhor e bela seria a ação mas nada prova o facto, e menos ainda a impressão do divino rosto sôbre o pedaço de pano.

Sôbre a mesma personagem, existem duas tradições divergentes, uma *romana*, outra *gaulesa*.

Segundo a tradição *romana*, uma mulher chamada Verônica, que enxugara o rosto de Jesus, teria sido, em obediência á recomendação do rei Abgar, enviada a Roma com o propósito de aplicar o precioso lenço, que trazia a verdadeira imagem do Cristo, ao imperador Tibério, que então se achava enfêrmo. E Tibério teria recuperado a saúde. Ora, ha aí dois factos não provados: de uma parte, o desejo de Tibério; doutra, a carta do rei Abgar. A mesma tradição acrescenta que Verônica, ao morrer, legou o pano, com a impressão do Santo Rosto, ao papa São Clemente, e este pano estaria conservado no tesouro das relíquias de São Pedro do Vaticano.

Segundo a tradição *gaulesa*, a mulher que enxugou o rosto de Jesus, Verônica ou Berenice, teria sido esposa de Zaqueu e com êle viera á Galia. Zaqueu teria evangelizado em Quercy, onde é venerado sob o nome de santo Amadour, no célebre santuário de Rocamadour. Os trabalhos mais sérios sôbre a tradição de Zaqueu-Amadour, tendem a provar que a tradição, cuja primeira menção escrita data de 1427, súplica do rei Carlos VII a Martim V, não repousa sôbre base sólida. A esta tradição se enxerta a que fez de santa Verônica o apóstolo de Médoc e colocou seu túmulo em Soulac, na diocese de Bordéos.

Por outro lado, santa Verônica não figura nos catálogos de santos, nem no martirológio romano».

Além destas duas tradições publicadas pelo *Amigo do Clero*, um dicionário católico alemão, de alto valor científico, o *Kirchliches Handlexicon*, não hesita em chamar santa Verônica uma *personalidade lendária*, e diz que alguns a identificaram com Marta irmã de Lazaro e outros com a jovem de Cananéa, que Jesus livrara de um demônio. Ainda outros acreditaram tratar-se de certa Verônica, princesa oriental.

As tradições ainda não estão de acôrdo quanto á natureza da imagem impressa sôbre o Véu da Paixão; alguns representam Jesus em toda beleza de sua juventude; noutros, Jesus aparece coroado de espinhos.

Em face dessas divergências que provam a nenhuma autenticidade da impressão divina, fica-se pasmo com a multiplicação dessa *insigne* relíquia.

O véu da santa Verônica está, no-lo afirmam, em São Pedro do Vaticano. Mas o véu de Verônica tambem está longe de lá, em Santa Maria Maior, Roma. O véu de Verônica se encontra igualmente em S. Silvestre, *in caspité*. O véu é venerado em Genova bem como em Saint-Barthelemy des Armiutens. O véu de Verônica não está menos religiosamente conservado numa igreja de Milão. E para aqui terminar a *piedosa* nomenclatura, que não afirmamos ser completa, o véu de Verônica tambem é exposto numa igreja da Andaluzia (Espanha).

Eis o que parece bem provar que a imagem do santo Rosto, encontrando-se por toda parte, não está em parte alguma, e que de todos os exemplares existentes de santa Verônica, nenhum merece nossa atenção.

Nossa conclusão é conhecida: *uma extrema circunspecção deve ser mantida* em presença de todas as santas reliquias reconhecidas á nossa veneração; a reserva se impõe; a dúvida é legítima.

Na sua lógica, todo o seu poder

LEOPOLDO MACHADO

O problema religioso é — assegura Camilo Flamarion — o mais sério problema que temos a resolver. «Todo o homem normal tem que ter uma religião», escreveu Leon Tolstoi. «O sentimento religioso é o mais forte sentimento da alma humana», sentenciou Ruy Barboza . . .

Se levarmos a sério o que aí fica, força é convir quasi ninguem se esforça para a solução do mais sério problema da Vida! E' força registrar somos uma humanidade quasi de anormais! Forçados seremos a observar é quasi desaparecida da alma humana o seu mais forte sentimento!

Só uma percentagem mais do que mínima da humanidade cuida, ainda, dentro da hora que passa, trepidante de prazeres faceis, adquiridos a dinheiro; de alegrias tumultuárias e das futilidades todas do século em curso; só uma percentagem mínima da humanidade cuida, mais ou menos a sério, nesta hora, de religião. E, assim mesmo: uns, passiva e ignorantemente, a passarem procuração a intermediários, a quem dão o dinheiro, entre eles e Deus, para receberem de Deus a salvação! Outros, por méras formalidades sociais; e, ainda outros mais, por covardia: quando o sofrimento e a morte lhes rondam os passos . . . Haverá razões fortissimas de tanto? Ha, sim!

Nos tempos em curso, só uma doutrina que fale, fortemente, á razão e ao sentimento póde satisfazer e responder a todas as indagações do espírito humano, que raciocine e sinta de acordo com o século da eletricidade em que vive. E as religiões que aí vemos, se conservam, ainda, o sopro divino que as originou, visto como todas elas ensinam o bem, a caridade, o amor do proximo, e a espiritualização da Vida, foram, todos elas, disvirtuadas pelos interêsses humanos, que andaram enxertando nelas formalidades e dogmas mundanos, encenações e exclusivismos absurdos, de vez que cada uma se julga, isoladamente, só ela, a única verdadeira, a que salva . . . Desdivinisaram-se, deste jeito, para se humanizarem. Eis aqui, ao nosso ver, a razão do desinterêsse do povo em geral para o sentido religioso da vida . . .

Os Evangelhos, entretanto, aí estão, desafiando a fúria dos séculos, pela razão mesma de haver ruido todo o sentido religioso da Vida, a despeito de faltar-lhes a interpretação em espírito e verdade. Os tempos chegaram para tanto! Eles aí estão, para os que têm olhos de ver, coração de sentir e inteligência de compreender. Podemos, hoje, felizmente, gozar a integração perfeita nos Evangelhos, por já podermos estudá-los em espírito, e bem compreendê-los, e bem assimilá-los, e bem sentí-los, para bem vivê-los em nossos atos, na realização de suas obras, visto como seremos julgados por nossas obras... Esta, a maior obra do Espiritismo, que é o presente de Deus a suas criaturas, na época mesma em que faliu tudo que saiu das mãos do homem, sendo, assim, preciso viessem os Espíritos, que são as virtudes do Céu, em nosso amparo. E' o que nos dizem os próprios Evangelhos deste jeito: «Quando vier, porém, aquele Espírito de Verdade, êle vos guiará a toda a Verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que estão para vir.»

Quem desconhece, ainda, o Espiritismo, como Ciência, Filosofia e a religião que é dos Evangelhos, procure conhecê-lo, que ha de convir é êle, o Espiritismo, enviado pelo Cristo, como aquele Consolador que ha de ficar eternamente conosco, por isso que não fala de si mesmo, mas sempre do Cristo, mas sempre de Deus; por isso mesmo que vai anunciando, por aí em fóra, através do mediunismo, as coisas que hão de vir...

E', ainda, dos Evangelhos que, nos últimos tempos, o Senhor derramaria o seu espírito por toda a carne; que os nossos filhos profetizariam, os velhos teriam sonhos e visões, e da boca dos humildes e pequeninos se receberia toda a verdade.

Que é, com efeito, o mediunismo, já tão generalizado, sinão o espírito do Senhor derramado por toda a carne? E este mesmo mediunismo não o vemos por aí a provocar nos velhos e nas crianças, visões, sonhos e profecias? E não é da boca dos pequeninos e humildes - os médiuns de bôa vontade, sempre hostilizados de tudo e de todos! — que tem saído, sái e ha de sair toda a verdade gloriosa do Espiritismo, aí dominando, apesar de tudo?

O Espiritismo é, com efeito, aquele Consolador que, a seu tempo, o Cristo nos teria de enviar!

Não é só, todavia, nos Evangelhos, que assentam as razões fortes da existência do Espiritismo. Apoia-se, ainda, na Ciência e na Filosofia. E, como a Filosofia da Imortalidade, e a Ciencia do Espírito, e a Religião dos Evangelhos, o Espiritismo resolveu o problema que mais afligia o espírito humano: o problema da harmonia entre a Razão e a Fé! São duas forças, para a ciência materialista, perenemente em choque, irreconciliaveis! E, em nome da religião, ensina-se, que a Fé não precisa do alicerce da Razão para dominar soberana; chega-se, até, a dizer a Fé não tem mérito se fôr justificada pela razão! Para o Espiritismo a Fé que não se apoia na Razão, perecerá, porque a Fé só é digna deste nome, quando póde encarar, face a face, a razão. Conseguiu, assim, o Espiritismo a aliança da Ciência com a Religião, visto como, sem esta aliança, nem a Religião nem a Ciência poderá resolver o problema da felicidade humana. E a prova disto, é o século das Luzes que no-lo dá: A Ciência parece culminou em tudo, e a humanidade é, cada vez mais, dividida por umas sessenta religiões. Assim, não é por falta de religiões e de ciências que a humanidade não é feliz... A Religião — assegura Flammarion — tem de ser científica e a Ciência, religiosa, para a todos se impôr, sobranceira, resolvendo, assim, o problema da felicidade humana...

Esta religião científica, ou esta ciência religiosa aí está; é o Espiritismo! Por isso que, do Espiritismo, escreveu um experimentador e publicista inglês, Cronwel Harley: «Não conheço exemplo de um homem de senso, que tenha estudado os fenômenos espíritas e não tenha se rendido á sua evidência.» Fenômenos de que ordem? perguntareis. Sois cientistas? Pois estudai o Espiritismo como ciência, e haveis de convir é ele a própria Ciência! E o que mais é: Ciência difícil, por isso que adverte o seu codificador «nunca se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil.» Sois filosófos? Pois estudai o Espiritismo como filosofia, e haveis de convir é êle a Filosofia mesma, que explica, racional e experimentalmente, sem dogmas e milagres, a Vida e seus problemas, a origem e evolução das coisas, o Universo em suma! Sois religiósos? Pois estudai o Espiritismo como religião, e haveis de convir é êle a própria Religião, isto é: Doutrina de molde a religar a criatura a seu Criador, sem necessidade de outras criaturas assalariadas para tanto! Sois religiósos cristãos? Pois estudai, cristãmente, o Espiritismo, e haveis de convir é êle o próprio Cristianismo do Cristo, como se contem nos Evangelhos, mas interpretado, sem necessidade de teólogos, em espírito e verdade! Se sois sociólogos, preocupados com as questões sociais que tanto afligem a humanidade, estudai, ainda, o Espiritismo, e chegareis, tambem, á conclusão que êle oferece os recursos para a solução de todos os problemas humanos, por ensinar quem procura o Reino de Deus e sua Justiça, como se lê nos Evangelhos, recebe, de acrescimo, todas as outras coisas! E' de sir Balfour, ex-primeiro ministro inglês, que bem o estudou: «O Espiritismo é infinitamente mais importante do que qualquer outra questão social e política.» De nós, que nada somos, sentimos não carece de outro *ismo* para nada, quem já conquistou a suprema ventura de conhecer e sentir o Espiritismo!

Para a implantação vitoriosa da Doutrina, no sentido de fazer a felicidade de todos, afigura-se-nos bastar que seus atuais profitentes se compenetrem de que não se póde ser espiritista sem estudos sérios, de vez que não é dos moldes da Doutrina andar o espiritista a dizer — *amem* — a tudo que, em nome do Espiritismo, ouça ou leia. O livre-exame de tudo para só aceitar o que fôr bom, só póde ser realizado por espíritos capazes, pelo estudo, de refletir e raciocinar por si mesmos. Preciso nos é a conciência — para que ninguem se queira arvorar em mestres, doutores e sacerdotes em espiritismo, — preciso nos é a conciência do que afirmou Allan Kardec, a dizer que do Espiritismo se disse a primeira palavra e nunca se dirá — como doutrina evolutiva que é — a última; e de que asseverou Flammarion: «Do Espiritismo, sabemos, apenas, o a. b. c.»

Estudemo-lo, portanto, porque a ignorância não se compadece com sua índole, nem fica bem ao espiritista afirmar, «sou espiritista, porque meus pais o eram; porque nesta religião nasci nesta hei de morrer; porque não quero alterar a tradição religiosa da familia.» Este processo cômodo de justificar sua religião não se enquadra nos moldes de uma Doutrina que nos adverte: «Não admitais a fé sem exame, obsecada filha da cegueira.» E mais isto, sem similar em religião nenhuma: «Sem a luz da razão, a fé enfraquecerá» Eis por que, enquanto religiões sectaristas proíbem a seus fieis o estudo de outras religiões, em nome do Espiritismo repete-se, a miúde, o conselho de Paulo: «Estudar de tudo, para aceitar somente o que fôr bom.»

Espiritistas, meus irmãos do Brasil: nossas responsabilidades são grandes, porque somos profitentes de uma doutrina assim: porque temos postos em nós, os olhares de irmãos nossos do mundo material e do espiritual; porque estas vozes do Alto, que consubstanciam o espírito de Jesus derramado por toda a carne, andam a dizer somos os cristãos novos do Brasil, para onde os espíritos de luz estão removendo a arvore do Evangelho interpretado em espírito e verdade! Grandes são, assim, as nossas responsabilidades, porque mais vamos recebendo do Alto! E é dos Evangelhos que mais se pedirá a quem mais se houver dado! A nós, se ha de pedir muito. E duro nos será o termos sido chamados, sem a graça e a gloria de sermos escolhidos! Lembrai-vos meus irmãos, que os discipulos do Cristo, não são conhecidos pelo credo que professem, pelas túnicas que vistam, por se dizerem, apenas, do Cristo. Mas, pelas obras que realizem, por muito se amarem. Procuremos ser assim, e verdadeiramente, do Cristo! Para tanto, basta que iluminemos o espìrito com a luz forte desta Ciência com C maiúsculo, que a ciência da terra ainda combate e nega; basta que enchamos o coração desta fé que póde encarar, face a face, a razão em todas as épocas da humanidade; basta que tragamos sempre na conciência a paz do Cristo, revelada em nossas prégações, em nossos átos, em nossa vida!

A' têmpera da alma sucede o mesmo que á temperatura do aço: em sendo bôa, quanto mais se lhe calca, mais forte ela brande.

JOSE' DE ALENCAR.

* * *

A alma é a causa eficiente e o princípio organizador do corpo vivente. — ARISTÓTELES.

A' Porta do Misterio

De CHARLES RICHET

Prefácio do autor — 1925

Charles Richet nasceu em Paris em 1850, membro do Instituto de França e da Academia de Medicina, galardoado com o premio Nobel em 1913, entrava aos 28 anos como professor adjunto na Faculdade de Medicina, e, aos 37, era nomeado lente catedrático de fisiologia na mesma Faculdade.

Todas suas obras, frutos de uma vida inteira de dedicação, de abnegação, de labor intenso, honesto e utilissimo, consagraram Charles Richet um dos maiores sábios do seu tempo.

—

Este livro que não foi ainda publicado em francês nem em nenhuma outra lingua e que a Senhora D. Virginia de Castro e Almeida, com o seu grande talento de escritora, traduziu em bom português, exprimindo perfeitamente tudo que eu disse e quis dizer em francês, este livro é apenas uma ficção. Não é uma história verdadeira. Escrevendo-o compuz uma obra de fantasia. E não quero que, um instante sequer, o leitor possa imaginar que se trata aqui de uma história autêntica.

E... no entanto... no entanto...

Os estranhos fenômenos que se registam nesta narrativa estão em rigorosa conformidade com certos fenômenos verdadeiros. Vivemos numa época em que o oculto se tornou científico, o sobrenatural natural, e em que o mistério do além surge nos laboratórios.

E afinal, porque não?

Poderemos nós ter a pretensão de limitar a ciência, isto é, o conhecimento do mundo, ás noções ínfimas e informes que, laboriosa e penosamente conquistamos e consignamos nos nossos livros?

Confessemo-lo com plena humildade: não sabemos nada.

A nossa existência, guiada certamente por forças desconhecidas, decorre em trevas profundas.

Estonteados, ignorando tudo do Universo, possuimos sôbre as coisas presentes, apenas concepções vagas, quasi infantís. E' triste, mas nem por isso deixa de ser verdade.

Tenhamos a coragem de o dizer e de ir um pouco mais longe do que os sábios... Valha-nos Deus! Os sábios, ou, pelo menos, aqueles que se julgam tais, não podem conjeturar que existe outra coisa além do que veem e apalpam.

Suponhamos um humilde formigueiro. As formigas que o povoam não podem crer na realidade de um universo poderoso e longinquo, além da pequena elevação de terra que as abriga. Conhecem alguns gravetos de lenha, alguns pedacitos de musgos, deram volta aos calhaus que se espalham na proximidade da sua modesta habitação; teem certas noções sôbre os ribeirinhos que passam perto, sôbre várias aranhas e insetos que encontram na sua visinhança. E é tudo. Que idéias formam os pobres bichinhos dos Oceanos, dos navios couraçados, dos teatros, dos museus, das Bibliotecas, dos Observatórios? Teem alguma noção dos mundos planetários e do sol? Poderiam compreender que o mundo solar inteiro é, no Grande Kosmos, enormemente mais pequeno do que o seu formigueiro na superfície do globo terrestre?

Não somos mais sábios do que as formigas. E temos portanto o direito de supor a existência de mundos que ultrapassam a nossa mísera pequenês.

A' porta do Mistério é, seguramente, uma ficção; mas toda essa ficção se encontra cravejada de verdades desconhecidas.

Não é ainda ciência, porque a reincarnação não foi por enquanto demonstrada. Talvez nunca se demonstre. E' possivel; e por vezes, torna-se provavel. Aqui e além surgem de súbito clarões que nos abrem horizontes ignorados e nos permitem imaginar coisas grandiosas que transformariam as nossas mentalidades de hoje.

A ciência está ainda muita nova. O

que é um século? O que são dez séculos? O que são cem séculos, na história humana?

Tanto convém sermos severos quando se trata da ciência, quanto é permitido á imaginação o ser temeraria. Apesar da ousadia deste livro, estou convencido que os bisnetos dos nossos bisnetos — e isso não fica muito longe — me acharão prudente de mais. A minha audácia de hoje, será então quasi uma imperdoavel timidez.

Sobretudo sejamos confiantes na ciência que, de dia para dia, nos vai expondo problemas novos e que, sem dúvida, chegará a resolve-los parcialmente, de modo que outros possam apresentar-se, mais magníficos ainda, e dos quais não nos é dado, por enquanto, suspeitar sequer a profundidade e a sua extensão.

Crônica Estrangeira

Madame Hans Driesck relata um acontecimento curioso

«Zeitschrift für Metapsychische Forschung»

Mme. Hans Driesck — espôsa do célebre professor e psíquista de Leipzig— conta-nos o seguinte caso, que nós resumimos:

Estando deitada a uma hora da madrugada por uma noite quente de Julho, ela sonha que se tinha manifestado um incêndio num aposento oposto aó seu quarto e sentiu-se fisicamente atraída para esta direção, gritando: «Clara! Agua, depressa! Agua! deita agua sôbre o fogo! Ainda! Sempre! Oh! Clara!»

No sonho, pareceu-lhe ter gritado muito forte, mas nem seu marido, nem seus filhos a ouviram.

Quando Otília, na manhã do dia seguinte, veio trazer-lhe o café, exclamou: «Madame, que terrivel noite! Eu vi um fantasma e em seguida chegou qualquer coisa á Clara: manifestou-se incêndio e uma fumarada branca começou a subir. Eu estava tão aterrada que fechei os olhos.»

Otília e Clara habitavam o mesmo quarto; como não simpatizavam uma com a outra, não discutiram entre elas o que se tinha passado. Clara, interrogada, explica que tinha estado a ler à luz duma vela e que tinha adormecido sem a apagar. Foi quando se sentiu acordada por Mme. Driesck que viu o princípio de incêndio que pôde apagar com sacrificio de algumas queimaduras.

Ao despertar, Clara não ficou de modo nenhum aterrada: tinha a sensação muito clara de uma missão a cumprir. A notar, tambem, que nem Otília, nem madame Driesck, puderam ver do seu leito a cama de Clara (madame Driesck está separada por duas portas).

Telepatia? Projeção astral? Apenas não se compreende a significação do fantasma referido por Otília.

A Ortodoxia prevê dias sombrios

Psychic News

A difusão do Espiritismo está alarmando as igrejas, especialmente depois da irrupção da atual guerra. A ortodoxia teme que a frequência aos cultos se reduza mais ainda. Segundo um periódico eclesiástico, «o ministério cristão oferece pobres consolações aos aflitos que, desesperados, abandonarão as igrejas indo a procura do Espiritismo que lhes oferece provas da sobrevivência e meios de comunicação com os que partiram.»

Segundo as últimas estatísticas eclesiásticas, sómente cinco por cento da população londrina frequenta igrejas. As autoridades eclesiásticas temem que este número ainda sofra maior redução.

O cônego F. A. Cockin, diretor do corpo coral da Catedral de São Paulo, declarou que os que pertencem a comunidades religiosas estão ameaçados de perder seu «sentido de proporção» e perguntam se a igreja poderá sobreviver á atual guerra!

O prégador radiofônico, Rev. Dr. Oldham, declarou: «Haverá assunto que mais profundamente possa absorver nossa atenção? O que está para acontecer á tradição cristã que deu ás civilizações ocidentais os valores que tão altamente estimamos?»

Em Guardian, escreveu o Rev. F. H. Amphlett: «Não nos restam dúvidas quanto á tarefa da igreja no presente momento. Comparativamente á sua situação em 1914, a de hoje é muito mais delicada.»

As experiências do General Carpentieri

«La Ricerca Psiquica» publicou um relato das sessões realizadas em Napoles pelo General Carpentieri com o médium Pecoraro, cujas mistificações foram ultimamente denunciadas pela revista espírita «Mondo Occulto». Desta vez o General garante a autenticidade dos fenômenos.

Na residencia do Conde Aldo Frille, encerrado num saco como de ordinário, Pecoraro fez os viventes comunicar com os mortos: conselhos, boas palavras, encorajamentos, seguidos da passagem de objetos através da matéria, retirada de uma peça do vestuário do médium. Um sapato, pertencente ao mesmo, foi violentamente atirado ao chão; três lenços foram misteriosamente amarrados uns aos outros e fixados ao colarinho do médium.

M. Brancale tambem realizou uma sessão com o médium Pecoraro, durante a qual êle obteve uma fotografia recente de sua mãe falecída ha pouco. A última foto em seu poder datava de vinte anos atrás.

Esta série de fenômenos confirma mais uma vez que a mediunidade está sujeita a sofrer interrupções e um médium instavel pode trapacear como tambem pode, em seguida, produzir factos autênticos.

O Domínio das Ondas

Demain publica, a propósito de William Crookes, a seguinte nota que *La Revue Spirite* transcreve:

A idéia de Espiritismo está intimamente ligada, na maior parte das pessoas, ao fenômeno das mesas girantes. Entretanto este fenômeno, ainda posto em dúvida por certas pessoas, é bem real. Todos os que participaram de experiências deste genero, sem parti-pris, mas com a desconfiança indispensavel, puderam convencer-se dos factos.

Mas coisa diferente é o explicar o mecanismo do fenômeno. Hoje vivemos num mundo tão transformado que, francamente, já não é possivel espantar-se do que quer que seja, nem tão pouco negar a verossimilhança das coisas as mais extraordinárias. Depois das descobertas relativas á telegrafia sem fio, com as quais os postes da T. S. F. nos tornaram familiares (telegrafia que, seja dito de passagem, nos fez fàcilmente admitir e introduzir coisas em nossos habitos que, ha cem anos, seriam consideradas diabólicas!) temos a televisão, em que já estamos iniciados. O domínio das ondas continúa a desvendar seus mistérios, revelando-nos os fenômenos, tambem reais, da radiestesia, da metagnomia, etc.

Memórias do Principe Cristovão da Grecia

Light

Em 1910, o célebre jornalista William Stead convidou o Principe a participar de uma sessão mediúnica. Sabe-se que Stead pereceu no naufragio do Titanic em 1912. O médium transmitira mensagem a ambos que naquele tempo não eram compreensiveis, mas tudo foi taquigrafado e faz parte das memórias recentemente publicadas.

Em 1932 o Principe, relendo suas anotações, verificou que as mensagens aparentemente sem nexo, eram a predição da guerra balcanica, a revolução na Grecia e para o Principe, o exilio. A mensagem destinada a Mr. Stead predizia «uma longa viagem em navio...»

«Essas comunicações», declarou o Principe, «provinham daquele mundo para o qual seguira o amigo Stead, ha 20 anos, vitimado no mencionado naufrágio.»

«Creio, proseguiu o Principe, «que a morte, o nada, não existe; dia virá em que do Além, eu transmitirei algo sôbre o meu próprio enterro, que provocará hilaridade.

Em outro ponto o Principe diz: «Durante uma sessão em Nova York, com um médium que se exprimia em russo, falou-me a falecida filha do Czar Nicolau II, que me saudou com seu discreto sorriso.» Ele ainda descreve outra sessão, realizada em casa da viúva do célebre cantor Caruso, a que assistiu com nome suposto, o que não impediu a recepção de mensagem de toda evidência.

M. K.

Sir Seymour Hicks ouviu uma voz espirítual

«Two Worlds»

Escrevendo em *Sunday Despatch*, Sir Seymour Hicks revocou o assassinato do grande ator William Terriss, e concluindo o artigo, êle disse : «Então fui ao Adelphi, onde estava exposto o corpo de Terriss; ajoelhei-me ao lado do canapé sobre o qual êle estava deitado, seu rosto estava calmo, um sorriso nos labios. Na serenidade e quietude daquele aposento eu, até o presente dia, estou certo de ter ouvido uma voz dizer-me : Haverá homens vivos tão estúpidos a ponto de negar a sobrevivência ? Naquela noite fiquei sabendo — e sem sombra de dúvida — que W. Terriss e eu de novo nos encontrariamos um dia.» Isto é Espiritismo genuino, e ha muitos leaderes teatrais que partilham da certeza de Sir Seymour.

O fenômeno da «poltrona vasia» em Milão

«Ali del Pensiero», relata a experiência da «poltrona vasia» ocorrida em Milão, na sociedade «Astra» (23-11-38). Esta sociedade dispõe dum novo médium, Srta. M. F., vidente, de extraordinária força mediùnica. Esta jovem médium foi apresentada aos sócios e assistentes em 23 de novembro de 1938. Após um curto transe, a médium indicou uma poltrona e fez a seguinte declaração : *«Eu sei que nesta poltrona sentará amanhã uma senhora vestida com um casaco marron ; na gola do mesmo uma pele negra ; essa dama tem os olhos negros, assim como os cabelos ; um pequeno chapeu guarnecido de véu negro completará o traje ; ela estará agitada durante toda a sessão ; não deixará de falar com um jovem de cabelos castanhos que assentará ao seu lado, não é seu parente.»* Após estas palavras, as testemunhas acercaram-se da cadeira e puzeram-se á comentar. Como alguem do grupo comentasse desfavoralmente, o médium declarou : «Eu não vejo alternativa, sei que as duas poltronas estarão ocupadas com os personagens descritos.» Um processo verbal foi redigido e assinado pelos presentes. No dia imediato após a abertura da sessão foi constatado o fenômeno : nas poltronas indicadas achavam-se a Sra. D. A. e o Sr. B. A. correspondendo exatamente aos sinais profetizados. Detalhe curioso : nem um, nem outro tencionavam assistir as experiências, vinham de localidades opostas, e encontraram-se por acaso no corredor da «Astra» e assentaram-se nas referidas poltronas. Eles mostraram-se admirados ao saber do ocorrido. Note-se que o médium não tinha apalpado as cadeiras para estabelecer uma «relação psíquica» qualquer facilitando sua visão.

Como se chama este fenômeno ?

Sob o título : «Leitura com o livro ausente», o «Policlínico», de Roma, publicou, ha tempos, esta notícia científica : «No Instituto de Medicina Legal, de Riga, (Letonia), foi estudado, cuidadosamente, pelos psiquiatras, neurologistas e médicos-legistas, o caso de uma menina de 10 anos, considerana como uma «atrazada mental».

Essa menina, cercada pelos médicos que estudam o interessante caso, lê em voz alta um livro que ela não vê. Esse livro se acha nas mãos de um médico, que está em outra sala, de portas fechadas.

O médico abre esse livro e o lê, mentalmente, sem pronunciar as palavras.

A menina, bem fiscalizada, em outra sala, acompanha a leitura do médico, pronunciando, porém, as palavras, que o medico não pronuncía. Isto é, o médico, segurando o livo, lê com os olhos, e a menina, sem ver o livro, lê com a boca... ou, antes, adivinha com o pensamento as palavras que o médico lê e as pronuncía em voz alta.

Que nome terá esse fenômeno ?

Não será difícil aos médicos exprimirem em grego o nome desse fenômeno, com palavra que começa por «Tele» e significa «longe».; mas ha de ser difícil á Medicina explicar a essência desse fenômeno. — *Dr. Nicolàu Ciancio.*

E'cos e Notícias

INGLATERRA

Descobertas devidas a sonhos

O Barão Erik Palmstierna, ex-embaixador da Suécia em Londres, em conferência realizada no Instituto de Ciências Psíquicas, assegurou que sonhos foram a causa da concessão de dois Prêmios-Nobel. Lord Rutherford, detentor de um dos prêmios, fez duas descobertas, uma em sonho e outra resultante de uma intuição súbita.

67.o aniversario

A conhecida entidade espírita Marylebone Association, festejou, em março do corrente ano, o seu 67.º aniversário.

O Poeta Walter De La Mare

De La Mare, talvez o maior poeta contemporâneo da Inglaterra, publicou um notavel livro sôbre suas investigações no significado dos sonhos. O livro tombem descreve suas experiências de projeção astral (bi-locação) e outros fenômenos psíquicos.

O Dogma da Redenção

O Rev. J. Sparke Kirkland, que abandonou a igreja para consagrar-se á propaganda do Espiritismo, está publicando nova série de artigos num orgão de Manchester. Na 2.a, êle trata da redenção, idéia que acha errada e, consequentemente deve ser abandonada. Segundo êle, cada um é o promotor da própria salvação.

Premente necessidade de uma nova religião

O Rev. J. Iremongar, pregando em St. Martins insistiu sôbre a necessidade premente de uma *nova religião*. Ele sugeriu que os novos conhecimentos devem ser integrados ás velhas tradições!

ÍNDIA

Estudos sôbre o Yoga e o Faquirismo

Segundo «Ricerca Psichica», uma comissão de médicos franceses, presidida pelo Dr. Binet, estuda *in loco* as bases científicas das práticas do faquirismo, especialmente os denominados fenômenos— *a corda lançada no ar* e o passeio a pés nús sôbre brasas incandescentes.

Predita a passagem de Mahatma Gandhi ?

Durante uma grande festa religiósa, Gandhi obteve uma revelação referente á época de sua passagem.

«Minha vida toca ao termo», anunciou êle, e revelou precisamente dia e hora de sua partida deste mundo. Todavia, a familia deseja evitar a divulgação do prognóstico.

AMERICA

A S. P. R. americana anuncia em seu «Journal» que o Dr. Servadio, conhecido psíquista italiano, fixou residência na Índia.

A divulgação do Espiritismo

Dorothy Thompson é a maior escritora atual. Seus artigos aparecem em dezenas dé jornais.

Recentemente ela desenvolveu o tema «O Mundo Futuro» e disse: «A educação do espírito será intensificada e a fé será integrada á razão e sustentada pelas descobertas da ciência legítima. Desaparecerá o temor da morte e do que sucede depois. A morte será aceita como um incidente na jornada eterna.

AUSTRALIA

A S. P. R. da Austrália, edita desde dezembro de 1938 o seu periódico trimestral «Psychic Research Journal». A sociedade possue uma biblioteca de 2.000 volumes e mensalmente realiza uma sessão pública.

O Espiritismo na Africa Austral

Em Cap., Mr. Graham Moffat, ator e escritor, fundou um clube psíquico, que será o ponto de reunião de espíritas e um centro de informações das ocorrências no campo espíritista. A agremiação possue o primeiro núcleo da biblioteca, cêrca de 500 volumes.

NOTAS E FACTOS

Os fenômenos de levitação

«La Revue Spirite»

Omar recorda em «Ali del Pensiero» alguns notáveis fenômenos físicos.

Em sua obra Levitações, M. Leroy prova que houve no mínimo 200 levitações de santos: São Domingos; São Francisco de Assis; São Thomaz de Aquino; Santo Edmundo; São Thiago de Illyria; Santo Ignacio de Loyola, São Felipe Neri, etc. São José de Copertino levitou 70 vezes. Numa delas, êle atingiu os ramos de uma arvore, sôbre um dos quais se deitou, sem que o ramo vergasse ao peso do corpo. São Pedro de Alcantara, numa de suas levitações, ultrapassou o cimo de uma arvore, sendo envolvido por um bando de pássaros que pareciam sauda-lo. O papa Urbano VIII assistiu, em companhia de muitas testemunhas a uma levitação de São José Copertino.

E' de lastimar que certos teológos sectários e fanáticos, atribuam origem diabólica ás levitações que se verificam no mundo leigo.

Frequentes eram as levitações de Patrick Sandilands, filho do Lord Torpichen. Tal era a sua tendência para elevar-se e flutuar no ar que forçoso se tornava ligar-lhe as pernas para impedir o fenômeno.

O médium Henry Gordon, em 1851, foi levitado e transportado á distância de 20 metros.

D. D. Home levitou em pleno ar, cêrca de cem vezes. Algumas levitações foram controladas pelo célebre físico William Crookes, a saber: a 13 de dezembro de 1868, êle saiu por uma janela dum edifício de Victoria Street (Londres) e reentrou por outra janela, facto observado por muitas testemunhas.

As levitações de Eusapia Paladino eram frequentes. Os fenômenos foram confirmados pelos cientistas Lombroso, Ch. Richet, Chiaia, Capuano, etc. Algumas vezes ela permanecia durante cinco minutos no ar, quer em posição horizontal, quer na vertical.

W. Schneider, experimentado pelo sábio alemão Schrenk-Notzing, permaneceu, durante cinco minutos, junto ao teto, em posição horizontal e sem contacto.

Harry Brown, experimentado ha três anos pelo Dr. Nandor Fodor, realizou fenômenos assombrosos do mesmo genero.

Enfim, o médium Colin Evans, em presença de 300 pessoas, inclusive numerosos jornalistas, permaneceu, por vários minutos, a mais de cinco metros acima dos assistentes. Várias eram as posições do corpo, ora horizontais e verticais, ora se conservava de cocoras. Foram batidas diversas chapas e assim os fotógrafos registraram e publicaram preciósos documentos que os adversários do Espiritismo teem a simplicidade de negar.

Presenteando rosas numa sessão

The Two Worlds

Inúmeras pessoas já testemunharam a mediunidade física de Jack Weber, capaz de produzir fenômenos os mais variados, de modo que, de ora em diante, só publicaremos os factos mais extraordinários. Harry Edwards, que se tornou seu principal fiador, relata três acontecimentos recentes.

Em Birmingham, 26 rósas foram aportadas para dentro da sala de sessões e distribuidas ás 26 pessoas presentes, através de portas e janelas fechadas.

Em Birkbeck, houve uma ocorrencia inédita. Um vaso com agua foi colocado sôbre um piano fechado e uma jarra, igualmente com agua, foi posta sôbre um gramofone (gabinete fechado). A-pesar-de se acharem ambos os instrumentos a consideravel distância do médium (portanto fóra de seu alcance) os seus guias conseguiram introduzir um disco, coloca-lo na necessária posição, sôbre o disco rotativo e toca-lo. As teclas do piano foram feridas sob a tampa.

Numa sessão realizada em Londres, ha poucas semanas, houve a demonstração de um feito «impossivel». Weber foi amarrado á sua cadeira (espaldar) com tres voltas de corda. Mais sete voltas da mesma corda ligaram seus braços á mesma cadeira e o excedente da corda ligava suas pernas e pés.

As extremidades da corda foram unidas por costura, esta lacrada, sôbre o lacre se imprimiu um sinete. O casaco do médium foi solidamente costurado ao corpo. Quando o casaco foi removido—por um processo de desmaterialização—verificou-se que a liga elástica do médium estava *fóra* do braço e sôbre uma das cordas.

Normalmente, isto só poderia acontecer desfazendo todas as voltas e nós da corda e passando uma das extremidades por dentro da liga. Quando, mais tarde, o guia repôs o casaco no corpo de Jack Weber, a liga foi encontrada na sua posição normal (no braço).

Casos premonitórios

GUERIR tratou deste assunto e «La Revue Spirite» transcreveu diversos casos autênticos, relatados pelo Dr. Léon Desterre :

O Dr. Geley observou minuciosamente um caso deste genero. Em maio de 1916, M. Dencausse, de 76 anos, boa saude, anuncía á sua familia que êle morreria antes do inverno. A 24 de outubro, assegurou conhecer o dia de sua morte, que seria o dia de Todos os Santos. A familia alarmada chamou o Dr. Geley que não encontrou lesão orgânica alguma no velho. M. Dencausse continuava a afirmar que morreria no dia de Todos os Santos, á meia noite, sem sofrimento. A 30 de outubro, êle parecia gozar de boa saude. Dia 31, se revelou uma pneumonia por um brusco ataque febril. Fraqueza durante o 1.o de novembro; mas êle conservara todo seu conhecimento e fez suas últimas recomendações. A's 23 h. e 30, perguntou: «Que horas são ?» Sua mulher, com o propósito de engana-lo, respondeu: «Duas horas da manhã». O doente replicou: «Não, ainda não é meia noite. Eu morrerei quando o relógio bater meia noite». Quando escutavam as doze pancadas do relogio, o doente apontou com o dedo e morreu sem articular palavra. Conhecendo o Dr. Geley as afirmações do enfêrmo, seguiu as observações até o fim.

Os avisos premonitórios não se limitam a assuntos particulares, mas se referem tambem ás calamidades públicas.

O Dr. Santi narra que uma dama da aristocracía romana anunciou, a 2 de dezembro de 1909, durante a noite, ter visto em sonho a cidade de Messina destruida por um terremoto e no mesmo sonho vira as datas, referentes ao desastre, o dia 8, 18 ou 28 do mesmo mês. Ela deu os detalhes de seu sonho numa carta que remeteu ao rei da Italia. O Dr. Santi leu e guardou esta carta. Messina foi destruida por um terremoto, no dia 28 de dezembro de 1909.

Lord Halifax e o Espiritismo

«Constância» reproduz extrato dum artigo muito documentado sôbre Lord Halifax e o Espiritismo, pois trata-se do atual Halifax e não somente do pai, como o pretende certo periódico mal informado.

Os Halifax pertencem a elite britânica e se acham comodamente instalados nos domínios da Igreja e da Política. Morto aos 95 anos, o velho Halifax deixou histórias espíritas que foram editadas; seu filho, o atual L. Halifax tambem acredita em espíritos e casas infestadas. Não é difícil, para quem tem olhos de ver, descobrir a mística na política que êle pratica, mesmo porque o diplomata inglês a ninguem esconde sua certeza da realidade dos factos espíritas, superando com isto, certas «reservas» de Ramsay Mc. Donald.

* * *

ESPIRITISMO NO BRASIL

1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas

Com a presença de intelectuais, jornalistas, escritores e delegações espiritistas do Rio e de vários Estados, bem como de representantes de inùmeros periódicos e publicações diversas de todo o país, realizou-se no dia 15 de Nobembro último, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, gentilmente cedida pelo seu digno presidente, sr. Herbert Moses, a instalação do 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas.

Abertura da sessão: 20 horas.

Presidência de Honra: Dr. Leoncio Correia, decano dos Congressistas e Presidente da Liga Espírita do Brasil.

Presidência do Congresso: Deolindo Amorim.

Comissão de Honra: Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Dr. J. Batista Pereira, presidente da Federação Espírita de S. Paulo. Representantes oficiais.

Programa da sessão inaugural:

Discurso do Presidente do Congresso, Deolindo Amorim, abrindo os trabalhos.

Discurso do Dr. Leoncio Correia, assumindo a Presidência de honra.

Leitura de uma pequena Mensagem, pelo Dr. Francisco Klors Werneck, justificando a idéia da organização do Congresso.

Discurso do Dr. J. Batista Pereira, presidente da Federação Espírita de S. Paulo, em nome das delegações estadoaes.

Discurso do Dr. Henrique de Andrade, em nome da imprensa espírita do Distrito Federal.

Discurso do Dr. Luiz Autuori, em nome dos escritores espíritas do Brasil.
O Dr. Leoncio Correia encerrou os trabalhos, saudando o Presidente da «Casa do Jornalista», em nome do Congresso, tendo agradecido o sr. Herbert Moses.

Tomaram parte na mesa, 32 pessoas.

Todos os oradores enalteceram o valor da importante assembléa e os esforços despendidos pela Comissão.

Apesar de ser um dia chuvoso, a solenidade não foi prejudicada, notandose a presença de inúmeras famílias.

A seguir damos o programa das reuniões de referido Congresso.

Dia 16, às 20 horas

Tése: «O Espiritismo e os seus fundamentos científicos», pelo Dr. Francisco Luiz de Azevêdo Silva.

Local: Sociedade de Geografia, Praça da Republica, 54—sobr.

Dia 17, 5.a feira, ás 20 horas

Tése: «Obsessão e Psiquiatría, pelo Dr. Inácio Ferreira.

Local: Sociedade de Geografia, Praça da Republica, 54—sobr.

Dia 18, 6.a feira, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e Medicina», pelo Dr. Levindo Mélo.

Local: União Espírita Suburbana, Travessa Hermengarda, 13—Meyer.

Dia 19, Domingo, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e a idéia de Patria», pelo Dr. Luiz Autuori.

Local: Abrigo Tereza de Jesus, rua Ibituruna, 53.

Dia 20, segunda-feira, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e as demais religiões», pelo Dr. Carlos Imbassahy.

Local: Liga Espirita do Brasil, rua Uruguaiana, 141—sob.

Dia 21, terça-feira, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e o Esperanto», pelo prof. Ismael Gomes Braga.

Local: Associação Espírita Jesus Cristo, rua Senador Euzebio, 72, 2.º andar.

Dia 22, quarta-feira, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e o Direito», pelo Dr. Henrique de Andrade.

Local: Abrigo Tereza de Jesus, rua Ibituruna, 53.

Dia 23, quinta-feira, ás 20 horas

Tése: «O Espiritismo e a educação», pelo prof. Leopoldo Machado.
Local: Associação Espírita Jesus Cristo, rua Senador Euzebio, 72—2.º andar.

Dia 24, sexta-feira, ás 20 horas

Encerramento do Congresso, com a tése «Espiritismo e Religião», pelo Dr. Noraldino de Mélo Castro.
Local: Liga Espírita do Brasil, rua Uruguaiana, 141—sob.

Dia 25, Sabado

Visitas de confraternização.

Expediente do Congresso: Rua Uruguaiana, 141—sob., das 13 ás 18 horas.

—

Os conferencistas foram mais do que felizes em suas dissertações.

No dia 24, conforme programa, deveria encerrar-se o Congresso; porém, tendo vindo especialmente de S. Paulo, o Dr. Angelo Netto, para fazer uma conferência sobre o tema — «O jogo e o aborto em face da Lei Divina», e tendo tambem que falar outro orador, foi prorrogado por mais um dia.

O Dr. Angelo Netto, como os demais oradores, foi muito feliz em sua conferência, tendo agradado plenamente a numerosa assistência. O outro orador, Dr. Noraldino de Mello Castro, falou sobre o tema—«Espiritismo e Religião», fechando assim, com chave de ouro, o importante certame.

Na sessão do dia 24, foram tomadas, com aplausos gerais, oportunas resoluções que proximamente serão dadas a publico pelo Congresso.

—

Nunca os adversários do Espiritismo pensaram que a força espírita fosse tão grande e disciplinada. Um dos fins do Congresso é mostrar á humanidade que o Espirirismo é RELIGIÃO que não se confunde com nenhuma outra.

As sessões do Congresso foram franqueadas ao público.

—

Ficou resolvido que o próximo Congresso realizar-se-á em S. Paulo e, se possivel, no dia 3 de Outubro do próximo ano. Já foram assentes os nomes que deverão fazer parte do Congresso, tendo sido apresentado á Assembléa, a reeleição do confrade Deolindo Amorim para presidente.

—

A Exposição de jornais e revistas espíritas continúa a alcançar grande sucesso. Muitos ficaram admirados de existir tão grande número de jornais espíritas no Brasil.

Henrique Nicoud

Como fala o bom senso

De «Reformador»

Com efeito, sempre que ele consegue manifestar-se livremente, sem as peias das prevenções e dos preconceitos, do dogmatismo e da presunção, a sua linguagem é clara, lógica e simples, de uma simplicidade e uma clareza, que não deixam lugar a dúvida ou vacilações, quanto ao significado real e verdadeiro do que pretende exprimir e dar a compreender.

Haja vista a maneira por que vem de pronunciar-se, em breve comentario que se nos deparou numa revista médica sobre as moções que a Sociedade de Medicina e Cirurgia votou, em junho próximo passado, contra o Espiritismo e a sua propaganda.

O »Boletim do Sindicato Médico Brasileiro» é a revista em que demos com esse comentario, que ali se encontra inserto á pagina 2.797, em o numero daquele mesmo mês e diz assim:

Ao que nos parece, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, se enveredar por essas encruzilhadas, não só fugirá á sua finalidade, como arriscar-se-á ao ridículo.

O Espiritismo é hoje uma atividade científica, quanto as que mais o forem, perfeitamente legal e respeitavel. Agora, para o baixo espiritismo, este tem a vigia-lo e persegui-lo a polícia.

Não é necessário, pois, apelar para as altas autoridades da Nação, que teem coisa mair sèria em que se ocupar. O mau espírita, como o mau médico, são ambos nocivos, de facto, á coletividade.

Eis assim expresso o julgamento de uma Sociedade médica sôbre a atitude anti-espíritica assumida por outra Sociedade de Médicos, julgamento esse acompanhado de uma advertência salutarissima: a de que a Sociedade advertida, se permanecer nessa atitude, acabará cobrindo-se de um ridículo, que ela não quer perceber, embora êle já não seja coisa por vir.

Aí está igualmente uma das muitas razões por que achamos que os espíritas deverão abster-se completamente de revidar aos ataques lançados contra as suas crenças, contra a doutrina que eles propugnam e propagam. O bom senso acaba sempre por lhes dar razão, falando pela boca dos que não a repelem, muito embora não sejam espiritistas, e o ridículo acaba fazendo emudecer os que os invectivam e menosprezam.

A verdade é de Deus; ninguem a conspurca em vão.

Grupo Espìrita «Fóra da Caridade não ha Salvação»

O cliché que ilustra esta pagina é da assistencia que fez parte da sessão especial que o Grupo Espirita «Fóra da Caridade não ha Salvação», de Piracicaba, realizou no dia 28 de Agosto último, em homenagem a Santo Agostinho, um dos patronos desse Grupo. Referida sessão foi dirigida pela Sra. D. Sebastiana Custodio e pelas senhoritas Julia Kohleisen, Maria Eugenia e Gecy Camargo.

Do programa constou o seguinte: hino «Os pequeninos»; «Deus fez o Céu e as Estrelas», poesia, pela menina P. Nascimento; «O pedaço de pão», poesia, pela menina Dometilha Gomes da Silva; «Deus e a Natureza», declamação, por Vitoria Santos; hino «Um Mestre em Israel»; «Noite de Natal», poesia, por Olga Hübner; «Mamãezinha», soneto, por Edith e Maria Aparecida; «Arco Iris», por Dorinha, Yolanda e Olga; «Um sonho», por Eledo da Silva; «Esmola dada ao pobre», por Eugenio Falconi; «Sentença», por Joanita Almeida e Silva; «O que ele quer cantado», poesia, por Arlete Machado Rocha; «Alguem», declamação, por Edil Domenico Pinheiro; «Mente sã em corpo são», poesia, por Nize Domenico Pinheiro; «Sentença», por Alpha Diva Amorim; «A Jardineira», por Rachel; «A Esmola», declamação», pela srta. Dilza Domenico Pinheiro»; «As Duas sombras», declamação, pela menina Lourdes Toledo; «Jesus e a Viuva», pela srta. Julinha; hino «Praza a Deus»; «O Amor», por Irany Domenico Pinheiro.

Obras de Gabriel Delanne

O Espiritismo perante a a ciência

Gabriel Delanne foi um dos maiores pioneiros do Espiritismo na França. Seus livros correm mundo, traduzidos em varios idiomas.

«O Espiritismo perante a ciência», tradução primorosa de Carlos Imbassahy, foi escrito para o povo, portanto redigido em linguagem clara, acessivel a todos. Antes de explicar os fatos, o autor faz uma sintética exposição cientifica, a fim de deixar patente que os fenomenos que vai apresentar, se enquadram perfeitamente nos postulados da ciência.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 10$000 e mais $800 para o porte e registro.

A Evolução Anímica

A Evolução Anímica equivale a uma enciclopedia, pois abrange todos os problemas da vida pensante em sua mais alta expressão.

Seu objetivo principal é demonstrar a realidade tangivel do elemento perspirital, como agente de ligação do espírito á materia, e daí, todo o progresso individual e coletivo. Mas não é apenas uma excelente provisão de conhecimentos filosoficos e cientificos, que o estudioso colhe desta obra, porque o cientista, engenheiro civil de renome, inteligencia afeita á disciplina matematica, fez ao escreve-la, da clareza dos raciocinios e do metodo expositivo a sua divisa de triunfo.

A obra foi vertida para o vernaculo pelo eminente espiritista M. Quintão e editada pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 10$000 e $800 para o porte e registro.

Obras de Sir Oliver Lodge

A Formação do Homem

(Making of man)

Obra de grande envergadura, fadada a alcançar grande exito e indispensavel em todas as bibliotecas.

Para que á obra do famoso cientista inglês não faltasse uma ligação muita estreita e cara ao coração espirita brasileiro, tornando-a um livro de cabeceira, o trabalho é prefaciado por Cairbar Schutel.

Consta de 9 Capitulos subordinados aos titulos seguintes: — Golpe de vista sobre o universo; O esforço da Evolução; A vinda do Homem; O desenvolvimento do Homem; O destino do Homem; O melhor de todos os mundos possiveis; O amor do mundo; A ascenção do Homem; O Homem transcendental.

Publicado pela Casa Editora «O Clarim». Preço 8$000 e mais $600 para o porte e registro.

Raymond

Edição da Sociedade Metapsiquica de S. Paulo

O nome de Sir OLIVER LODGE constitue um dos mais altos ornamentos das ciências físicas modernas. Daí a importancia que o mundo deu á sua penetração pelo campo do espiritualismo, e ás experiencias, rigorosamente controladas, com que estudou o caso POST-MORTEM do seu filho Raymond, morto numa trincheira de Flandes, logo nos primeiros meses da Grande Guerra. O seu método de investigação é o mesmo que empregou para os fenomenos físicos, extremamente rigorista, com a preocupação unica de obter «evidencias» á prova de qualquer critica. RAYMOND teve enorme repercussão na Inglaterra, e bastante grande no resto do mundo logo que se espalhou vertido em varias linguas.

A' venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de 7$700 inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1512unse

ANO XV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1940 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 **Oficinas: Rua Ruy Barbosa**

ESPIRITISMO E LOUCURA

(Continuação)

A feição positiva dada ao estudo da alma na fase moderna da psicologia, esta modificação cientìfica aberta nos antigos processos de análise, tem conseguido os mais seguros resultados e proclamado provas, que a tantos séculos pareceram intangiveis.

A observação e experiência fixaram-se nestes domínios e por elas se tem atingido um grau de certeza, a que por nenhum outro modo se poderia chegar.

De ano para ano a verdade se proclama mais vigorosamente, as provas se acumulam, a conquista alarga-se e nunca mais deixará de fortificar-se com novos factos confirmativos.

Quem examina o caminho percorrido e acompanha dia a dia as novas descobertas, não tem a menor dúvida de que o estudo do espírito humano entrou na *senda* legítima, na estrada insofismavel da verdade cientìfica, e como tal a proclamam já os que a estudam e hão de proclamar quantos denodadamente a quiserem estudar.

As dúvidas e as críticas veem da ignorância, senão do interêsse ou da pseuda ciência.

Os novos conhecimentos são frutos dum trabalho indefectível, universalizado, levado a efeito por investigadores competentissimos e livres de injunções partidárias.

O estudo deste problema constitúe a máxima questão atual, interessando muitos milhões de pessoas, inclusive sábios, firmando-se indestrutível e sucessivamente num crescente número de experiências, que para sempre ficarão como pedras angulares deste majestoso edifício.

Já em 1900, no 4.º Congresso Internacional de Psicologia, dizia Myers numa doutissima memória: «Afirmo que um espírito existe no homem, sendo salutar e desejável que esse espírito se mostre capaz de se desprender parcial e temporariamente do seu organismo físico... o que permitiria ao espírito dum morto fazer uso deste organismo, temporariamente abandonado».

Os resultados obtidos por M. Durville e comunicados á «Sociedade Magnética de França» acerca do fantasma ou corpo astral dos vivos tiveram larga repercussão. Ele provou á Sociedade que o espírito é capaz de desprender-se temporariamente. Os sentidos físicos ficam completamente abolidos; os sujets nada veem pelos olhos, nada ouvem pelos ouvidos, não percebem qualquer odor pelos sentidos olfativos e não sentem nenhuma sensação de contacto.

Todas estas impressões parecem percebidas por sentidos distintos levados pelo duplo.

Para os sujets, sem exceção, o duplo é todo o individuo e o corpo físico não é nada.

«O duplo sou eu mesma, diz Leontina, o corpo é apenas um saco vasio».

Edmée dá a tal respeito uma descrição mui interessante. Respondendo a uma pergunta que lhe fiz, disse: «O corpo que tocais não é nada, é o involucro do outro.

Toda minha personalidade está na pessoa luminosa (duplo), que é o que pensa, que sabe, que opéra, e que transmite ao físico o que vos digo».

—Como devemos denominar a pessoa luminosa?—«Não é necessário dar-lhe nome especíal; é Edmée, sou eu; se a quiserdes chamar, dizei Edmée».

—Todavia cumpre que distinguamos uma da outra. Quereis convencionar que se chame *corpo astral, duplo,* pois que é vosso duplo?

— «Não, astral não. Chamai-lhe se quiserdes o duplo, e contudo não é o duplo, pois que sou eu mesma».

Interrogada a êste propósito numa outra sessão, ainda declara que o físico nada sente, nada vê, e que todas as impressões lhe são transmitidas pelo duplo, por intermédio do cordão que os liga.

«Toca-se o duplo, diz ela, as impressão de contacto vem como um choque ao cérebro físico e a sensação repercute-se nele. Quando se fala, julga-se que meu físico ouve pois que responde, mas não é assim. O físico nada ouve; quem ouve é o duplo.

A pergunta e a resposta são transmitidas pelo cordão ao cérebro físico como por um movimento, por qualquer coisa que vibra. E' tambem o duplo que vê, e a vista vem ao físico por um movimento, é como eletricidade que faz vibrar o cérebro físico e então êle vê o que o duplo viu. Todas as impressões recebidas pelo duplo transmitem-se aos centros do cérebro, mas tais centros nada percebem por eles mesmos».

Continuando a expôr o resultado de suas observações, M. Durville descreve suas experiências referentes ao *tato* e diz:

«Sabe-se que quasi todos os sujets adormecidos magneticamente são insensiveis; mas não se sabe onde a sensibibilidade se refugia.

Quando o sujet está exteriorizado, a sensibilidade irradia sempre em volta dele; e se picarmos ou queimarmos as zonas sensiveis, o sujet sente uma dôr viva e, ao contrário, absolutamente nada sente quando picamos o corpo. O mesmo se dá no desdobramento. O sujet não sente nem as picadas nem as vivas pressões feitas no corpo físico; mas experimenta uma sensação desagradavel ou mesmo dolorosa desde que tocamos o duplo ou o cordão que os liga. Este fenômeno verifica-se em todas as sessões e com todos os sensitivos sem exceção.

Torna-se escusado demonstrar este fenômeno, que resulta das experiências.

Eu e M. André fizemos com Martha a experiência seguinte, que aliás muitas vezes foi repetida pelo mesmo senhor. Colocámos diante dos olhos semi-abertos do sujet um papel impresso em grandes caracteres.

O sujet declara nada ver. Em seguida o papel foi colocado diante de varias partes do corpo, e por vezes o sujet em sonambulismo vê: pelo cimo da cabeça, pela nuca, pelo epigastro; outras vezes o sujet declara que não pode vêr. O papel é levado diante do rosto do duplo, á altura dos olhos, mas a visão tambem se não realiza, igualmente não vê pelo cimo da cabeça, mas pela nuca lê sem hesitação.

O sujet desdobrado pode ver, ainda que bastante confusamente, dum aposento para o outro. «Estou no fundo do meu gabinete com Edmée, que se acha em desdobramento».

Peço a três testemunhas da experiência—Mme. Stahl, Mme. Fournier e M. Bonnet—o favor de irem para a sala das reuniões da Sociedade, e de executarem aí movimentos simples de facil descrição, para que possamos verificar se o duplo, que vou mandar a essa sala, poderá ver alguma coisa.

O Dr. Pau de Saint-Martin, coloca-se junto da janela, entre o meu gabinete e a sala para onde vão as testemunhas, afim de poder observar quasi ao mesmo tempo tanto o sujet como os atos executados pelos novos experimentadores.

—Primeira experiência—Mme. Fournier assenta-se sôbre a mesa. — E o sujet logo diz: «Vejo Mme. Fournier que está sentada sôbre a mesa».

II — As três testemunhas passeiam

pela sala e gesticulam.—O sujet diz: «Andam e fazem gestos com as mãos; não sei o que isso quer dizer».

III — Mme. Sthal toma uma brochura de sôbre a mesa, depois abre-a e apresenta-a a Mme. Fournier. — «As duas senhoras estão a ler»—diz o sujet.

IV — As tres referidas pessoas dão as mãos umas ás outras. formando cadeia e passeiam em volta da mesa.

«E' comico — diz o sujet — dansam em volta da mesa como três imbecis».

(Continúa).

UM CASO INTERESSANTE DE IDENTIFICAÇÃO ESPÌRITA

«*Constancia*»

Prof. Ernesto Bozzano

O caso que me proponho a resumir, foi relatado por um investigador que procede com métodos rigorosamente científicos e que permanece irredutivelmente céptico com respeito á interpretação espírita das extraordinárias manifestações mediúnicas que êle obteve.

O livro do qual o extraio, tem por titulo: Forty Years of Psychic Research (Quarenta Anos de Investigação Psiquica) e seu autor é o bem conhecido escritor norte americano Hamlin Garland, que, chegado aos 75 anos, resolveu publicar os importantes relatos das experiências psíquicas que êle mesmo dirigiu, em caráter de «Research Officer» das duas «Sociedades Americanas de Estudos Psiquicos», que se sucederam nos Estados Unidos. Trata-se de um investigador oficial, rigorosamente científico que, além de tudo, sabia experimentar. O que significa que, ao contrário dos outros «Research Officers», nunca olvidou que os instrumentos de trabalho neste campo são individuos humanos de extrema sensibilidade. Empregou portanto, em todos os momentos e antes de tudo, o maior cuidado em atrair a simpatia e a confiança dos médiuns, afim de poder, por esse meio, aplicar os contrôles mais rigorósos; direi de boa vontade: os mais desapiedados, com pleno consentimento das vítimas, que a êle se abandonavam com emocionante espiritualidade. Realizou sessões com numerósos médiuns profissionais, mas em seu livro, somente menciona alguns fenômenos excecionais com eles obtidos, afim de se consagrar ás experiencias pessoais com cinco ou seis médiuns particulares que, permanecendo desconhecidos, eram, não obstante, bastante poderósos para se tornarem célebres, se não houvessem considerado seus poderes como algo sagrado e religioso, que não era conveniente profanar procurando notoriedade e interêsse.

A obra de H. Garland, pelas manifestações extraordinárias a que assistiu o autor e o rigor dos contrôles, é uma das mais importantes e das mais edificantes que tem aparecido á luz do mundo inteiro, depois de muitos anos. Sôbre a mesma publiquei extensa análise que foi comentada na Italia, mas, aquí, somente me proponho referir e estudur um caso complexo e pouco vulgar de identificação espírita, que apresenta modalidades excecionais de desenvolvimento, ainda que haja participado da sorte de todos os outros casos do mesmo genero, isto é, não logrou convence-lo da origem extrinseca eu espìrita dos casos desta natureza.

A este propósito, constato que o cepticismo irredutivel do nosso autor, ante a eloquência das provas, foi severamente exprobado por certos críticos, mas injustamente, segundo minha opinião. A cada qual assiste o direito de pensar por si mesmo, sempre que suas convicções sejam a expressão sincera de sua alma e sob a condição de tambem êle respeitar escrupulósamente as convicções de outrem. Ora o nosso autor se manifesta completamente respeitoso em face das opiniões dos que divergem de seu modo de pensar, e vai mesmo a ponto de declarar que ardentemente se esforça por participar de suas convicções, lamentando seu próprio critério que a isso o impede. Que mais se poderá exigir?

Parece-me que seu cepticismo, fundado sôbre considerações gratuitas de filósofo estranho á metapsíquica, deva ser pelo contrário um tema de reflexão instrutiva para os leitores do livro, pois que não se poderá sensurar um autor que sinceramente expõe seu estado de alma, seja êle qual fôr. Nada mais ha além de imoderações de linguagem que, mui frequentemente, são empregadas pelos adversários contra defensores da hipótese espiritista; nada mais que imoderações injustificáveis e irritantes que devem ser superadas por um raciocinar enérgico. Isto tanto mais por serem frequentemente expressas em termos de comiseração e de superioridade, cheios de arrogância, pelos que olvidam que entre os defensores, em questão, ha célebres homens de ciência, como Wallace, Crookes, Myers, Barrett, Hodgson, Hislop, Gelley, Du Prel, Lombroso, Brofferio, Luciani. Misérias e erros da fatuidade humana.

Depois desta extensa introdução, proponho-me a resumir o caso em apreço, advertindo que meu resumo somente pode dar uma pálida idéia da impressão altamente sugestiva, do ponto de vista espírita, que se obtem dos informes do mesmo caso, informes que ocupam nada menos de uma centena de páginas do livro.

Encontrando-se em Chicago, o nosso autor deparou casualmente, em casa de um amigo, com uma senhora de nome Hartley, que lhe foi apresentada como médium de escrita. Naturalmente expressou o desejo de realizar com ela algumas sessões, mas a senhora se recusou, sob pretexto de não ser um médium profissional, para em seguida confessar:

> «Sois um escritor, e não quero expor me a ser objeto de artigos sensacionais. Sou viúva e mãe de um menino de doze anos; devo ser prudente».

Finalmente o nosso autor, rodeando-a de atenções e fazendo-lhe promessas, logrou vencer seus escrúpulos, e com amigos comuns, realizou sua primeira sessão. A mediunidade da senhora Hartley consistia em faculdades de «voz direta» e «escrita direta», esta últíma entre duas ardósias ligadas e dispostas de maneira a deixar um espaço suficiente que permitia um pequeno lapis mover-se e escrever. O médium não caia em transe e as sessões se realizavam á plena luz do dia.

Hamlin Garland trouxera as ardósias consigo, entre as quais introduzira uma fôlha de papel dobrada, sôbre a qual estavam escritas estas palavras: Querido Eduardo, para servir de prova de identidade, reproduze aquí alguns compassos do teu manuscrito musical inédito.»

Este nome era o de seu amigo Eduardo Mac Dowell, músico e compositor de talento, morto poucos meses antes.

Ele mesmo quís fechar as ardósias, em seguida entregou-as ao médium, que as colocou sôbre a mesa, convidando o experimentador a conserva-las a seu lado.

Este fez a seguinte observação:

> «Percebi o ruído de um lapis que escrevia no interior das ardósias e constatei o fenômeno pelas vibrações das mesmas ardósias, ao mesmo tempo que o médium igualmente as segurava por um lado com a mão direita, estando a esquerda pousada sôbre a mesa.
>
> Terminada a escrita, o médium retirou as ardósias e abriu-as. Ambas haviam sido utilizadas. Sôbre uma podia se ler u'a «mensagem» do «espírito guia» e sôbre a outra, estas palavras bem significativas para mim: «Desejaria que me pudesses ver transformado tal qual estou, sempre absorvido pelo trabalho e feliz por assim ser!» (Ass. M. A. Mc Dowell».

Debaixo da mensagem á esquerda, estavam traçadas quatro linhas sôbre as quais se podiam ler três notas musicais.

O autor observa: «O nome escrito era Mc Dowell, em lugar de Mac Dowell, mas as iniciais que o precediam *e que eu não havia escrito no papel,* eram exatas».

O mesmo fenômeno se reproduziu durante uma das «reprises», o amigo defunto escreveu esta mensagem:

> «Estou extenuado, já não sou o

> mesmo. Agora sinto-me reviver num ambiente de progresso infinito. Como está minha mulher? Alguem a socorre?»

A esta última pergunta Hamlin Garland respondeu em vóz alta: «Ela está bem. *Não é infeliz e alguem a protege*».

A mensagem tinha um elevado significado probatório, pois o defunto comunicante havia sofrido grave enfermidade mental que o havia impedido de trabalhar até sua morte.

Durante uma das repetições do fenômeno, enquanto o médium mantinha as ardósias sôbre a mesa, estas escaparam de suas mãos e foram caír sôbre os joelhos do autor. Este observa:

> «Enquanto estas estavam sôbre meus joelhos, eu ouvia o lapis correr em seu interior. Quando as abri, não notei que o pentagrama houvesse sido retocado, as linhas estavam melhor marcadas e numerosas notas haviam sido agregadas».

E outras notas musicais continuavam a alinhar-se a cada nova repetição, ao mesmo tempo que um débil «murmúrio» começou a fazer-se ouvir, respondendo ás perguntas do experimentador, em vez de responder mediante a escrita nas ardósias, como anteriormente. A este respeito, observa o autor:

> «Devo reconhecer que todas as observações do amigo defunto eram feitas de maneira impressionante, absolutamente conformes ao seu caráter. Além disso, parecia ansioso, profundamente ansioso, de obter notícias de sua esposa e de seu real estado de saude. Simultaneamente pela escrita direta, outras notas a mais se alinhavam e estas mais cuidadosamente traçadas. O «murmúrio» informou que essas «notas» eram extraídas do terceiro «movimento» de sua «sonata trágica». Logo se sucederam outras notas, mas acompanhadase por outro título: Húngara ou Hungria. Falando com o invisivel, perguntei: «*Estas notas são talvez extraídas de alguma composição inédita?*» «*Sim*». «*E' uma composição ou melhor, notas á margem de uma composição?*» «*E' um pequeno trecho de música.*» «*Onde se encontra?*» «*Entre meus manuscritos em Nova York, em minha casa...*»
>
> Note-se que esta nova música apareceu sôbre as ardósias, *ao tempo em que estas estavam debaixo de meu pé!* Em meu pé eu sentia as vibrações do fenômeno. A notar, além disso, que fui eu mesmo quem abriu as ardósias, sem intervenção do médium...
>
> Devo confessar ainda que nesse momento senti a impressão de acharme em contacto com o falecido amigo. A' medida que esses murmúrios se tornavam mais interessantes, ou vigiava com redobrada atenção, os lábios do médium, sem conseguir nem perceber siquer a sombra de um movimento dos mesmos ou da garganta. Como quer que seja, evidente se torna que a hipótese da ventriloquia não poderia explicar o fenômeno das notas musicais traçadas sôbre as ardósias seguras, a princípio, em minhas mãos, e logo em seguida, debaixo de meu pé.
>
> Como as notas musicais apareciam acumulando-se, dirigi-me ao invivel para lhe dizer: «Eduardo, tu foste além das minhas capacidades de experimentador. Não posso transcrever estas notas de musica, e muito menos identifica-las. Necessito de alguem que me ajude. Lembras-te de Henrique Fuller de Chicago? Sim, respondeu — Proponho-me a faze-lo vir ás sessões. Ele tem prática da escrita musical e é um excelente pianista. Graças a êle, estarei em condições de pôr em ordem as três mensagens». O invisivel deu seu assentimento, mau grado a desagradavel e inevitavel interrupção das sessões que se seguiu.»

Continúa

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz,
Para o vício que morre ovante sôbre o trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

GUERRA JUNQUEIRO

Um vôo de Flôres...

Os chamados fenômenos físicos, por sua natureza profundamente objetiva, sempre interessaram aos investigadores das manifestações supranormais. A dificuldade que reveste essa fórma fenômenica, dada a raridade dos médiuns especializados, é mais um fator de interêsse na análise de tais manifestações.

De longa data nos dedicamos ao estudo desses fenômenos. E' bem verdade que o nosso *desiderato* não é, apenas, o de obter fenômenos físicos, pois que, apesar de tudo, apesar de conhecermos a importância que têm esses fenômenos, como prova da imortalidade da alma, no estudo da ciência espiritista, dedicamo-nos mais á investigações dos chamados fenômenos mentais dirétos, como a «voz diréta» e a «materialização de fantasmas falantes». Mas, quando, espontaneamente, as manifestações físicas que, quasi sempre antecedem as mentais, se verificam, não deixamos de estuda-las.

Foi o que sucedeu na noite de 1.º de agosto do ano passado.

Reunimos em nossa casa, uma vez por semana, um grupo de estudiosos do Espiritismo, para trabalhos de «voz diréta». As nossas sessões são feitas em caráter particular, pois que o médium ainda não se acha completamente desenvolvido. Convém assinalar tambem que os Espiritos Guias dos nossos trabalhos, de vez em quando costumam suspender as sessões, estabelecendo, quando o fazem, a duração da folga. Justamente, depois de 69 dias de férias forçadas, reiniciámos os trabalhos no dia 1.o de agosto. O grupo todo estava reunido. Eramos eu, Antonio Castilho, Urbano de Assis Xavier, D. Izabel Castilho, D. Maria Jannoni, srtas. Adelaide Bruncow, Rosa Therezinha Negrão e D. Hilda Negrão, o médium.

Logo no inicio da sessão a corneta luminosa foi levitada e em seguida ouvimos a voz do Boróro, um dos Espíritos dirigentes. Disse-nos que tudo ia bem e que nos traria um presente. Momentos após ouvimos outra voz, que nos disse:

— «Que a paz de Jesus esteja com todos. Sou Cairbar Schutel. Agradeço ao Urbano ter levado o pessoal a Matão. Ficaram todos muito satisfeitos. Um abraço».

Schutel referia-se á sessão de «voz diréta» que realizámos em Matão na noite de 24 de junho do ano passado, cujo relato foi publicado no «O Clarim» de 1.o de julho e na «Revista Internacional do Espiritismo» de 15 de julho

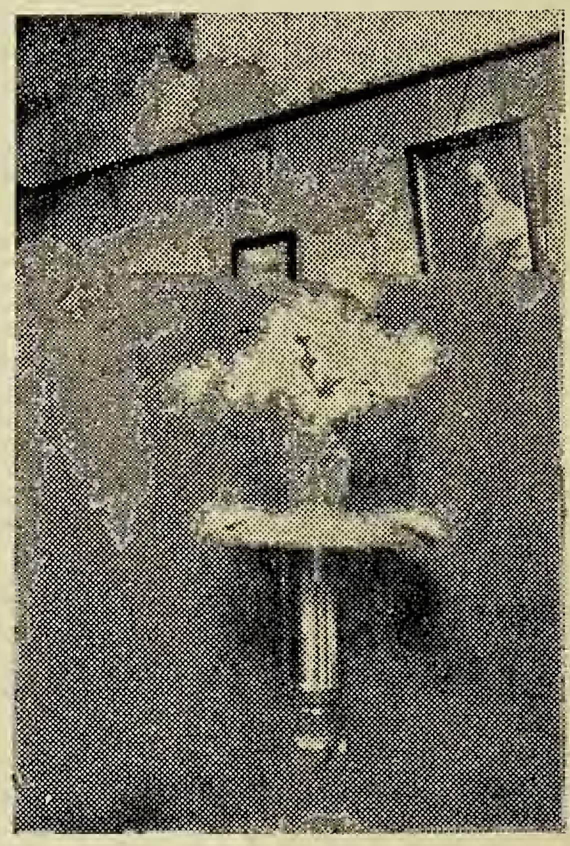

Foto, em pose, de 26 dos 47 ramos de flores de hervilha de cheiro.

Em seguida comunicou-se o Espírito de D. Elisa Maria da Silva, mãe do médium D. Elisa palestrou longamente comnôsco, encorajando a filha.

Segundos se passaram. Estavamos em silêncio, ouvindo apenas o som da vitróla. Nenhum fenômeno fería a nossa retina ou os nossos ouvidos. Em dado momento, porém, ouvimos e sentimos que caía sôbre todos nós alguma coisa. Verificámos que eram flôres, muitas flôres, pois que o fenômeno teve longa duração. Os ramos de flôres tinham um suave perfume, um perfume sutíl, razão por que, não pudemos identifica-las de pronto, dado o ambiente de obscuridade em que nos encontravamos.

Depois desse fenômeno, ouvimos de novo a voz do Boróro. Ao nosso lado, bem junto ao ouvido esquerdo, disse-nos:

— «Gostou?»

Agradecemos o presente. Estavamos comentando com os demais o inexperado da manifestação, quando ouvimos outra voz. Era a do dr. Adhemar de Assis Xavier, irmão falecido do Urbano. Conversou com seu mano e depois retirou-se. Quando acendemos a luz, verificámos que o chão estava coalhado de flôres. Flôres de côr branca. Eram 47 ramos de flôres de hervilha de cheiro, com caules cuidadosamente cortados, de 25 centimetros mais ou menos de comprimento. Em nossa casa, onde não ha horta, nem nas casas vizinhas, não encontramos dessas plantas. Julgamos que essas flôres foram tiradas de alguma floricultura e isso quer dizer que foram transportadas de muito longe, pois que as casas de flores em S. Paulo ficam no centro da cidade e a nossa casa no bairro do Ipiranga.

ODILON NEGRÃO.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XVII —

Transmissão do Pensamento

Como a *histeria,* é a *transmissão de pensamento,* as histórias complicadas do *conciente, inconciente* e *subconsciente,* as *alucinações* e outros vocábulos bonitos, levados por aí afóra e por toda gente que nada entende de Espiritismo, á conta da explicação dos fenômenos mediúnicos. Mais modernamente, quando os fenômenos são inteligentes, é prova de cultura apelar-se para o *sexto sentido.* Apela-se, modernissimamente, para a *esquizofrenia,* para a *espiritopatia,* para o *delírio espírita episódico,* se os fenômenos são de ordem patológica.

Vejamos o que ha de verdade em quantos procuram se arrimar, diante do *mare-magno* dos factos, em tais tábuas de salvamento:

A transmissão do pensamento existe. E' um facto concreto, afirmam-no quantos já se ocuparam, cientificamente, com êle. Concreto e «científico», tão certo quanto a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sirius,» afirma Camilo Flamarion.

Se existe,—e são acordes em afirmá-lo cientistas espiritualistas e materialistas! —que deve ser? Uma doença? Uma faculdade da alma? Fenômeno de uma ciência nova?

Feito uma doença deveria tê-lo tomado o cientista Frederico Myers que lhe deu o nome: *Telepatia,* assegurando, com provas, em 1882, que «o pensamento humano póde agir a distância, sem auxílio de nenhuma vibração material, atuando sôbre o pensamento de outro indivíduo.» Este expressivo «sem auxílio de nenhuma vibração material,» está a excluir qualquer função nervosa ou material da transmissão do pensamento, função exclusiva do Espírito. Provado que ficou, em anteriores artigos, que o pensamento não é função dos neuromos cerebrais, mas do Espírito, é óbvio que a Telepatia antes afirma do que infirma a existência do Espírito. Nem o levianissimo *transmissão do pensamento,* ou *telepatia,* que se ouve, á miude, dos lábios de indoutos no assunto, serve para explicar fenômenos mediúnicos inteligentes. Dí-lo assim Charles Richet, no seu Tratado de Metapsíquica: «Crê-se haver tudo explicado, quando se diz «telepatia». Mas, não se explica coisa nenhuma. A vibração cerebral conciente ou não, continúa um mistério.» E mistério, sê-lo-á para a ciência materialista, indecifrável, enquanto ela não se espiritualizar!

O fenômeno existe, pois, e continúa um mistério. Se ainda não é conhecido na sua origem, como, então classificá-lo de doença transmissível á distância, a julgar pelo próprio termo, justaposição de dois elementos gregos: *tele* + *pathos*, cuja tradução, ao pé da letra, seria—*afecção a distância?!*

O rev. Evan W. Hitchings, a despeito de seu credo protestante, insurge-se contra a telepatia explicando factos espíritas. Por LIGHT, de 7 de janeiro, depois de narrar uma bôa série de fenômenos espíritas, observados em pessôas de sua família, os quais fôra fastidioso aqui englobados, conclue: «Para mim, é muito mais simples e verdadeiro declarar que os meus amigos do Espaço vieram trazer-me provas, que afastam toda e qualquer idéia telepática, ou do inconciente...»

Forçando sua entrada nos domínios da psicologia experimental, maximé depois das experiências realizadas pela SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, a Telepatia passou a significar «Toda espécie de fenômenos em que um sêr humano conhece á distancia e sem auxílio dos sentidos ordinários, a vontade ou o pensamento de outra pessôa. Deixa, portanto, de ser doença transmitida à distância, para ser uma faculdade do Espírito, quiçá uma virtude. Virtude e faculdade que, a a despeito de só agora ocupar os estudos de nossos cientistas, era já conhecida e praticada de tempos imemoriais. Franz Pudmore escreve que, «por meio da telepatia,—que não é mais, para êle, do que o retrocesso atávico a um passado longínquo—era que os primitivos selvagens se correspondiam entre si.»

Talvez por sentir que a *Telepatia* não era doença, foi que Emile Boirac propõe substituir-lhe a denominação para Telepsíquica. Nós optariamos, se tivessemos autoridade para tanto, pelo *Telepsiquia*, por uma questão linguìstica, visto derivar de *psiché*, e pelo facto do sufixo *ico* ser, mais comumente, pròprio á formação de adjetivo. Myers, avançando nos seus estudos, crêa a *Telestesia*, uma forma de transmissão do pensamento «por um modo diferente dos sentidos sem referência a outro sêr.» *Richet* opina pelo termo *criptestesia*. Pouco importa os nomes, todos mais ou menos empolados, a vocabulários gregos, desde que o facto exista!

Pois, a despeito de cientistas de verdade, porque experimentadores e estudiosos dos factos, atestarem a existência do fenômeno,—que não póde ser, repetimos, doença, mas função do Espírito,—a ciência materialista, oficial, ainda põe-no á conta de factos duvidosos, ou á conta de «coisas incríveis,» como viramos, agora, em *Imprensa Médica*, da pena do médico Mendonça Castro...

Alexis Carrel, um cientista côncio da existência da Telepatia, a que empresta relevante apreço, em a sua admiravel obra «*O Homem, esse Desconhecido,*» assegura que, embora «a maioria dos biologistas e dos médicos neguem a telepatia e outros fenômenos metafísicos,» o facto é que, «não obstante tratar-se de atividades raras no sêr humano, é ela um facto.» E, mais incisivamente: «Aqueles que se acham dotados de tais faculdades captam os ìntimos pensamentos de outros indivìduos, sem terem para tal que fazer uso de seus sentidos.» E vai mais longe, afirmando incisivamente, como se fosse um espiritista intuido das verdades espirituais que «os homens de ciência não devem os seus notáveis descobrimentos apenas ao trabalho de laboratório, mas tambem a certas forças frequentemente ignoradas, ou não reconhecidas, que, na realidade desempenham um importantissimo papel como guias do pensamento científico, através dos labirintos de hipóteses e conjeturas, etc.»

Nós, espiritistas, chamamos, com a prova dos factos e a lògica da argumentação, a esses «guias do pensamento,» da afirmação do grande biologista do «Instituto Rockefeller,» de Espíritos guias, ou Espíritos afins e simpáticos, que vêm trazer aos homens, a intuição daquilo que gostariam de realizar, no sentido de que a humanidade avance mais na senda do Progresso...

Cesar de Vesme, recem-falecido é outro grande investigador, que não era espiritista, chegou, como Richet e Carrel, á mesma evidência do fenômeno telepático, por isso que afirmou, em «Revue de Metapsichique», em 1935: «Não é que contestemos a autenticidade dos fenômenos que se registram sob a rubríca de telepatia. O que estamos, é inclinado a pensar que esse grupo de factos paranormais pertencem á qualquer outra classe, que não á telepatia». Classe que não soube, entretanto, precisar; que precisar nunca saberá, dado o sentido anti-espiritualista com que se procurou solucionar o problema...

Pinto de Carvalho, em belo artigo inserto na *Revista Espírita do Brasil*, de Março de 1937, estuda os fenômenos telepáticos, concluindo que «renegá-la seria ultrapassar as raias do absurdo, porque atestada por número respeitavel de documentos incontestaveis».

Experiências recentes de gabinete — dí-lo *Gringoire*, de Paris—atestaram os factos que o materialismo superficialmente cientìfico nega. Abramowiski, realizou experiências em Varsóvia, antes do grande e doloroso sacrifício desta cidade, vendo 50 °/o de suas experiências coroadas de êxito. Naturalmente por deficiente escolha de *percipientes*. Warcolier, em França, diante dos resultados obtidos, satisfatórios, confirma que «existe alguma coisa. Mas, nós ignoramos ainda o segredo da telepatia». E só quando admití-la feita força espiritual, ou o próprio Espírito a projetar-se de um sêr a outro sêr, ter-se-á o conhecimento integral do que ela é. Ossowiecki diz, materialisticamente, que «a memória individual existe ainda depois da morte, e que póde, em certos casos, ser atingida por uma comunicação telepática». Claro que deve existir, de vez que é ela faculdade do Espírito, que sobrevive á matéria.

A telepatia é, sem sombra de dúvida, a exteriorização de forças espirituais, da conciência espiritual de um indivíduo, passivel de explicação sómente pelos factos registrados através das ciências psìquicas, das explicações racionais que os Espíritos de luz no-las transmitem.

Estamos com Léon Denis, quando afirma que «a telepatia, o projetar, a distancia, do pensamento, e mesmo da imagem do manifestante, faz-nos subir mais um degrau da escala da vida psíquica». (O Problema do Sêr e do Destino). Projeção que se processa através da vista, dos ruídos e sons, da audição. Daí Gabriel Delanne agrupá-la em três estados distintos, vibratórios, que denomina de *visuais*, *mentores*, *sensitivos*. Discriminar os fenômenos já registrados nos anais das Ciências Psíquicas, constantes nas obras que por aí vemos, ao alcance de todas as bolsas, não é tarefa para enquadrar-se nos moldes de um artigo ligeiro...

DE QUANDO EM QUANDO

EDUARDO LEITE DE ARAUJO

(Da A. P. I.)

SE o campo das perquirições psíquicas é fértil na produção dos fenômenos os mais emocionantes, tambem o é dos mais dificultosos pelos óbices que surgem a cada passo, como que a desafiar a paciência dos que se dedicam a tais experimentações. Estas se revestem da maxima gravidade. Nelas não deverão tomar parte indivíduos dotados de sistema nervoso debilitado, e menos ainda deverão assisti-las os cépticos ferrenhos, ou os frívolos. Estes últimos que se ocupam tão sómente das banalidades do mundo para preencher as suas horas de ócio; gente dessa natureza não deve ser admitida a semelhantes sessões.

Considere-se já as controvérsias existentes nos comentários dos cientistas que se tem dedicado a esses estudos. Em se tratando de assunto por excelencia transcendental e variando de uma fórma extraordinaria as modalidades mediúnicas, eles, os doutos, tem tirado conclusões as mais disparatadas, se não as mais absurdas, criando ao mesmo tempo teorias e terminologias intrincadas. Ora, se entre os cientistas, com algumas exceções, são estabelecidas tais desinteligências, maximé o será entre aqueles que não se encontrem suficientemente preparados para tal ordem de investigações. Portanto, os cretinos ou os fúteis, não deverão imiscuir-se em tais assuntos. A sentença evangelica é peremptória: *não atirem perolas aos porcos*.

O professor Ernesto Bozzano, que

na Italia se tem destacado de uma fórma eminentemente extraordinaria, com a sua dialética riquissima e empolgante, tem confundido aqueles cientistas que, obstinados, procuram se firmar em seus frágeis argumentos negativos quanto á sobrevivencia do espírito, embora aceitando os fenômenos. Assim sucedera tambem a Lombroso, quando inicialmente começou a observar os fenômenos psíquicos ou metapsíquicos, e que, confessando ser escravo dos factos, não aceitava, porém, a sobrevivência do espírito. E, só mais tarde, acumulado de provas sôbre provas, é que se rendeu á evidência, declarando, em retratação, *envergonhar-se de tudo quanto escrevera contra o Espiritismo.*

Bozzano obteve, em carta confidencial, de Charles Richet, a declaração de que *a sobrevivência da alma era um absurdo, porém uma verdade !*

Fundamentados principalmente nas obras de Allan Kardec — inegavelmente o primeiro metapsíquista que surgiu, muito antes de Richet lançar a designação pomposa —, de Gabriel Delanne e de outros pioneiros do Espiritismo, temos realizado algumas experiências, com resultados interessantes. Isso, sem que nos engolfemos nos oceanos daquelas tortuosas cogitações que tanto tem agitado o cérebro dos doutos. Encaramos os factos com a maior calma e simplicidade, e sob o prisma de contribuição positiva para a demonstração real da sobrevivência do espírito.

Não pretendemos afirmar que testemunhámos todos os fenômenos psíquicos ou metapsíquicos, porém, temos as nossas observações pessoais no terreno experimental.

O *material* colhido ainda é pequeno, mas, valioso e animador.

Ha uma ansia muito acentuada da parte de todos que veem acompanhando o surto extraordinario que tem tido o Espiritismo em nosso país, não obstante a charlatanice que existe por toda a parte, e os tartufos guindados, pelos de boa fé, a grandes beneméritos.

Algumas experiências já veem sendo feitas, principalmente em nosso Estado, e depois de uma série de conferências radiofônicas levadas a afeito pelo devotado confrade Odilon Negrão, que vem, de se tornar uma revelação, das mais brilhantes no seio da familia espírita. A sua cultura é sólida, e os seus dotes oratórios são de moldes entusiásticos e convincentes, porque a sua erudição tem por base um acervo abundante de factos concretos e excelentemente valiosos. Assim sendo, tem êle despertado um interêsse fóra do comum em todos os meios, espíritas e não espíritas, para os estudos dos fenômenos psíquicos, maximé, para os da escrita e voz-diréta.

O nome de Odilon Negrão antes de se evidenciar nos meios espíritas, já tinha a sua reputação firmada como literato e jornalista a despeito da modéstia que o carateriza. Os factos e acuradas observações, levaram-no a se dedicar com grande amor ao estudo dos fenômenos supra-normais, constituindo para tanto, no próprio lar, o seu *laboratório* de pesquisas. Organizou, com redusidissimo número de amigos, o seu núcleo familiar, sendo a sua exma. esposa o médium principal. Tivemos a ventura de, inicialmente, fazer parte desse grupo, do qual nos afastámos em consequência da transfrência de nossa residencia. No entanto, não obstante encontrarmo-nos distante, vimos acompanhando o desenrolar de suas experiência que, dia a dia, vão tendo desenvolvimento.

A experiência que temos adquirido não só nos trabalhos do grupo familiar constituidos por Odilon, como nas precedentes, quando desempenhavamos o cargo de diretor da Secretaria da Sociedade Metapsiquica de São Paulo, nos animou a continuarmos com as perquisições em outro setôr. Organizámos para esse fim, um grupo íntimo em São Vicente, contando com a boa vontade de um médium — espírita de ha muitos anos —, snr. Francisco Serpa que se nos afigurou dotado de faculdades para os fenômenos de efeitos físicos e, talvez para os de voz-diréta ou materializações.

Os resultados obtidos, logo de início, e com grande surpresa nossa, teem sido promissores, mau grado uma série enorme de dificuldades que temos deligenciado vencer.

Em proxima crônica narraremos algo do que temos colhido, e o faremos com o propósito de incentivar os interessados a constituirem tambem os seus grupos íntimos para os estudos e perquisições dessa natureza. Entretanto, é preciso repetir, os que não estiverem devidamente preparados, não deverão se meter em tais emprezas. Antes de tudo faz-se mistér o conhecimento das obras fundamentais do Espiritismo: não haja descura alguma nesse sentido.

Santos — Novembro, 1939.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

A observação do enfêrmo de que vamos tratar hoje, é bastante interessante por encerrar, em si, não só provas corroborando conceitos já dispendidos em outros artigos, como tambem, servindo de *padronização* para outros conhecimentos e outras experimentações!

E' um dos casos típicos de encontro aos quais a ciência médica oficial, a-pesar-de todos os seus conhecimentos e todos os seus recursos, tem que lutar, improficuamente, para explicar a etiologia e fundamentar um diagnóstico para, criteriosamente, lançar mãos dos recursos terapêuticos necessários á cura dos doentes.

E o prognóstico?

Só poderia ser bastante duvidoso, e mesmo, fatal, não só ante os distúrbios completos de que se ressentia o organismo, como tambem, ante os sintômas dominantes e caraterísticos de uma perfeita e perigosa alienação mental. Esse paciente chegou, ao Sanatório, completamente amarrado com cordas fortes, pois havia sempre necessidade do auxílio de várias pessôas para contê-lo, no estado de agitação violenta e constante, em que se achava comumente.

Olhar desvairado, demonstrando, ora ódio, ora terror, assombrado com qualquer cousa que se lhe passava em torno e da qual era a única testemunha, gritando, falando, sem cessar, palavras e frases incoerentes, sem nexo, sem sentido algum.

Livre das cordas que o continham, continuara a ter as crises de grande agitação, com idéias aterrorizadoras e fenômenos alucinatórios.

Desorientação de tempo e espaço, sem memória e sem raciocínio.

A ciência oficial, após inúmeros e dispendiosos exames e análises de laboratórios, catalogá-lo-ia, naturalmente, como um caso de *psicose infeciosa*, fórma alucinatória ou aguda.

Viriam, logo, os medicamentos apropriados e, no fim de um certo tempo, talvez, o paciente estivesse bom, representando, a sua cura, mais uma prova do poder e da sapiência dos homens da ciência oficial...

Como médico espiritualista que o somos, reconhecemos logo tratar-se de um caso de obsessão, embora, para ela houvesse, no físico do enfêrmo, naturalmente, uma porta aberta para que ela se processasse.

Em vista do diagnòstico e em vista do organismo do paciente estar em condições de suportar a causa etiologica — ação maléfica de entidades invisiveis e inteligentes, desconhecedoras do estado de desencarnadas, segundo nos parecia, não nos preocupámos com análises dispendiosas, pesquisas demoradas e, nem tão pouco, com terapêutica medicamentosa, por vezes só acessivel aos privilegiados de fortuna.

O único socorro feito e permitido, foi proporcionar-se ao doente, um banho higiênico, rápido e contêr a sua agitação em cama apropriada, amarrado, esperando pelas fases de acalmia.

Durante os primeiros 15 dias essas fases de calma foram raras e de pouca duração, motivo pelo que estava quasi constantemente amarrado, quer durante o dia, quer durante as noites, que passava insones, com inquietação acentuada.

Alimentação artificial, com um trabalho insano, mas persistente.

Nenhum exame de laboratório.

Nenhuma análise e pesquisa e, nem tão pouco, medicamentos capazes de auxiliar o organismo na reação contra o mal ou os males que poderiam estar sacrificando aquele corpo moço e forte.

Todos os sintômas de obsessão a nós proporcionados pela prática de tantos anos e com dezenas de casos identicos, permitiam essa atitude.

Além disso, nosso diagnóstico que poderia ser, tambem, falível, foi confirmado por médium vidente que sempre notou, junto do enfêrmo, várias entidades, com todos os caraterísticos de estrangeiros e demonstrando desconhecimento do estado de desencarnado.

Como dissemos linhas atrás, a medicina oficial, após dispendiosos e inúmeros exames de laboratórios, entraria com a sua terapêutica e após certo tempo, o paciente estaria curado.

De facto, assim acontece na mór parte das vezes, pois que a maioria desses casos são provocados por entidades ignorantes do estado de desencarnados e que, pelos sentimentos bons de que são dotadas, ou por si mesmas ou pelo auxílio de outras entidades amigas reconhecem logo a mutação de estado e se afastam do paciente que tanto prejudicavam inconcientemente.

Si, em vez de um caso de subjugação o fosse de possessão devido a entidades concientes do seu estado e movidas pelo ódio e pela vingança, estaria a ciência oficial defronte um caso por ela reputado incurável, como existem centenas, milhares, espalhados pelo mundo inteiro.

A ciência oficial atribúe a cura daqueles á proficiência da sua terapêutica quando, para o caso propriamente, ela de nada valeu e de nada valerá.

Com o auxílio do Espiritismo científico obteria a cura de todos aqueles, quer fossem subjugados ou dominados por entidades inconcientes, quer pelas concientes e agindo por maldade e por vingança, lançando tantos infelizes no ról dos incuráveis.

Sem esse auxílio, continuará impotente, incapaz de dar, pelo menos, um alívio a esses sofredores.

Durante 20 dias esperamos pelos acontecimentos, acompanhando todas as fases para a perfeita orientação e documentação do nosso estudo, na expectativa da atenuação dos sintômas de agitação e desorientação.

Todavia, esse estado de agitação era demasiado forte e o organismo do paciente começava a se ressentir devido o constante esforço despendido.

Assim, sendo, organizámos no dia 3/5/39, o nosso costumeiro trabalho científico e, assim, se manifestou uma primeira entidade : —

«Não sei de nada; não sei de nada. Não entendo cousa alguma; tudo é desconhecido aqui e já me sinto atormentado com tanta cousa exquisita.

Aquí estou há muitos dias. Vim para essas terras, como quem vai ao acaso.

Tudo está confuso. Não sei, ao certo, para que vim e com que intenção. Estou sem destino.

Meus companheiros, tambem, estão. Somos três.

Sou português, mas meus companheiros são italianos, e desde que nos encontrámos, tornámo-nos amigos, irmanados pelo destino que nos deixou sem casa, sem abrigo e sem família, andando ao Deus dará.

Vejo-me em terras estranhas, ora aquí, ora alí, sem conseguir uma estabilidade.

Pobre deste rapaz! Está sofrendo

muito. Encontrei-o tão mal, tão ruim da sua cabeça, das suas idéias!

Seus amigos pediram para que olhasse por êle. Está muito impressionado, vendo cousas desastrosas e vejo-me obrigado a segurá-lo.

Meteu-se-lhe, na cabeça, que vão prendê-lo, levá-lo para a cadeia e torturá-lo. Não queremos fazer-lhe mal, pois somos seus amigos.

Chegámos a sua casa e êle ficou perturbado, pois não esperava por esses companheiros. Queremos falar com êle, com bons modos, explicando que somos amigos, mas êle fica zangado e não liga importância ás nossas palavras.

Nessa casa, não me tratam como queria. Si falo, não se importam. Estou queixoso com isso.

Ha três dias que, apesar dos protestos dos meus companheiros, uns homens que estavam aquí, os levaram, não sei para onde. O certo é que foram contra a vontade e ainda não voltaram. Aqui fazem cousas arbitrárias e como vocês permitem isso?

Eu prometi aos meus companheiros que não deixaria o nosso amigo, sósinho, enquanto ele estivesse assim e, no entanto, esse pessoal aqui não deixa que eu me aproxime do doente para conversar ou ajudá-lo.

Nessas condições, não quero continuar aquí, e apelo para os vossos corações, pedindo um recurso para voltar para o Estado de São Paulo. Tenham paciência; como bons cristãos, auxiliem-me. Não tenho documentos, papeis de identificação, nada, a não ser a graça de Deus. Fui roubado nos meus papeis e voltando ao consulado, pedi, roguei, mas ninguem me deu a mínima atenção. Levo vida de um pobre diabo e, embora doente, farei por dar conta do trabalho que me destinarem...

—

Notando o cansaço do médium, que já demonstrava dificuldades em transmitir mais pormenores, pedimos áquela sombra amiga para continuar, ainda, uns dias, no Sanatório, enquanto providenciariamos a respeito dos recursos necessários para a sua volta ao Estado de São Paulo.

Por essa manifestação, o espírito patenteava a sua ignorância de estado, julgando-se, ainda, no mundo da matéria e contribuindo com a sua aproximação, inconcientemente, para o desiquilíbrio mental do nosso doente.

E' bem grande o numero de obsèssões nas quais notamos o papel desempenhado por esses pobres espíritos ainda inconcientes da sua transmutação, ignorância aproveitada por entidades inteligentes, deles se servindo como comparsas para os seus planos.

Geralmente são entidades bôas e incapazes, pela grandeza de coração, de praticar o mal, intencionalmente, e fáceis, por isso, de serem afastadas.

Só lhes faltam essas oportunidades proporcionadas pelas sessões de doutrinações, aliás, o campo mais vasto que se apresenta aos espíritas para a prática da caridade.

O nosso paciente já havia obtido melhora extraordinária, quando se nos ofereceu oportunidade para nova palestra com essa sombra errante, dela ouvindo mais pormenores, e, assim, conseguindo as nossas observações, o que se deu em 3 de Maio do mesmo ano, isto é, dias após a primeira manifestação. Incorporado, assim falou: —

«Voltei, aquí, receioso e não quero, mesmo, continuar nesta casa e, sim, ficar onde estava. Onde? Não sei explicar.

O certo é que o lugar não é ruim. Somos uma porção e entre os demais sinto-me confortado pois, todos animam uns aos outros.

Fui muito infeliz. Vivi muito tempo naquele estado, sem saber que havia morrido, andando para aquí e para alí, sem poder parar em parte alguma.

Não me recordo da minha família. Não conheci pai e nem mãe. Fui criado por uma tia. Vivia em Trípoli, trabalhando como tosquiador, profissão que pouco rendia.

Sendo sósinho, no mundo, resolvi emigrar e vim para o Brasil em companhia de outros companheiros, uns 15 mais ou menos. Chegámos em um Porto, de cujo nome não me recordo. Lá, passamos uma vida miserável, dormindo, ao relento e achando tudo exquisito, pois ninguem nos dava atenção.

Escondidos, tomamos um navio e descemos em outro porto — dizem que Santos.

Alí, a mesma cousa—sem emprego e sem recursos. Tomamos um trem e fomos até S. Paulo. Alguns companheiros sumiram e eu, com os três restantes, fomos andando e viajando, a procura de um serviço qualquer.

Em Jundiaí, na estação, encontramos um amigo e nos sentimos bastante satisfeitos pois estavamos sem nenhum recurso, embora recorressemos a um e a outro.

Ele nos disse que residia em Jundiaí e nos convidou para que fossemos para uma fazenda. Lá chegando, assistí a uma discussão tremenda, discussão travada entre esse rapaz e outros sujeitos, por causa de terras.

Ficamos com dó do rapaz e como êle estava muito nervoso, viemos ajudar á trazê-lo para essa casa. Aqui chegando, um senhor não deixou meus companheiros ficar junto dele. Para evitar que êle brigasse, ficava conversando, procurando distraí-lo. Não, não o conhecia. Vim, apenas ajudar a trazê-lo, vigiando para que não brigasse. Não sabia que havia morrido e se fiz mal a êle, não o fiz por gosto e por prazer.

Quero voltar para onde estava. Pelo menos tenho onde ficar, evitando essas caminhadas, sem destino».

—

Após agradecermos suas informações e o alentarmos com a lembrança da bondade e da grandeza de Deus, o aconselhamos para que voltasse, de facto, para o lugar onde se sentia tão bem, a espera de novas determinações desse Poder Supremo, cuja sabedoria mais uma vez constatavamos, ante aquela palestra de um *vivo* com um *morto*...

Um, sondando o país dos *mortos*, e outro, voltando ao país dos *vivos*, fornecendo indicações da sua passagem terrena !

Ah ! Humanidade !

Quão feliz será quando tiver a percepção e a capacidade precisa para receber as mensagens e os ensinamentos dos reputados *mortos !*

—

Nossa observação ainda não estava completa, pois essa pobre entidade, nada mais havia sido que um simples joguete de outra ou outras entidades mais inteligentes e concientes do seu estado !

Pacientemente, esperamos por essa manifestação, pois, a-pesar-de ignorarmos os preceitos que regem o mundo espiritual, sabemos, contudo, que eles existem, pois as provas têm sido por de mais patentes para isso.

Quais seriam os designios que nos forçavam a espera ?

O tempo continuou na sua marcha imutável e tivemos o prazer de vêr o nosso doente completamente restabelecido e o desprazer de vê-lo retornar ao seu lar, deixando o Sanatório.

Sim, como médico, no campo da ciência e da investigação, nos sentimos felizes por mais um resultado brilhante pela prova que juntavamos ás demais, patenteando, mais uma vez, o que sempre temos dito: — Só o Espiritismo póde curar e cura uma proporção enorme dos casos de loucura, o que a medicina dos homens não aceita, mas não consegue curar.

Era a satisfação da vitoria daquele que tem procurado defender uma causa justa e tão vilipendiada, presenciando, ainda uma vez, a capacidade e a grandeza humilde de uma pleiade de médiuns abnegados que nem mesmo sabem dar valor, por humildade e desprendimento, á manifestação, por seus intermédios, da grandeza e do poder de *Alguem* a que, só a intuição, tem capacidade de atingir...

Médiuns amigos, companheiros de todos os dias — a vossa missão é tão sublime e tão grandiosa que deponho, envergonhado, todos os meus conhecimentos e todos os meus estudos nas vossas mãos calejadas pelo trabalho arduo e pesado, curvando a minha pobre sabedoria e a minha falha ciência, ante a sublimidade do vosso parco conhecimento !

Continuai na vossa senda.

Ela é pejada de espinhos mas os benefícios que proporcionais á Humanidade sofredora e ingrata, são tantos, que eles se transformarão em alfombras sôbre as quais caminharão os vossos espíritos, quando se dirigirem ao estrado iluminado pela irradiação desse Supremo Poder que não vemos, mas pressentimos...

—

Sim, como homem, o desprazer de vê-lo partir, alegre e satisfeito, ansioso de revêr a esposa e atenuar, com beijos e carinhos, as saudades dos filhos já inquiétos pela sua ausência . . .

Sim, como homem, esse desprazer, pois embora vivendo dia e noite entre soluços, gemidos e lamentos, o nosso coração ainda se sensibiliza ante a tortura da partida, pressentindo a ausência e a saudade por uma criatura a quem nos ligava uma simpatia e amizade naturais... Quem sabe... cousas de existências passadas ?

(Continúa).

As Relíquias do Cristo

Extrato do Boletim religioso «LE GALLICAN», dirigido pelo Bispo L. F. Giraud, patriarca da Igreja Gallicana, em Gazinet (Gironde).

Por A. DUCASSE-HARISPE.

Grande é a veneração da Igreja Católica pelas relíquias de santos. Este sentimento é muito justo e não se poderia reprovar a homenagem que se lhes tributa. Conservamos com respeito as lembranças de nossos pais. As dos santos ainda são mais preciósas. Mas que dizer então das relíquias do nosso Divino Mestre! do Cristo Jesus!

As relíquias do Cristo! Que tesouro inestimável! Mas parece-nos que uma grande circunspeção, digamos melhor, um cepticismo arrazoado, deve guiar o crente na apreciação da *autenticidade desses vestígios sagrados.* E o respeito infinito que nós lhes concedermos, se elas forem verdadeiramente autênticas, deve nos inspirar uma sábia reserva e mesmo uma justa desconfiança em face desses troféus da credulidade.

Primeiro que tudo, essas relíquias são muitas. Sem falar das túnicas sem costura de Argenteuil e de Treves, tecidas pelas próprias mãos da Virgem Maria, os sudários do Divino Salvador são em quantidade verdadeiramente desconcertante. Eis aqui uma breve nomenclatura, que não garantimos estar completa, a-pesar de sua impressionante extensão.

Conhecemos o *Santo Sudário* de Turim, trazendo impressa, duas vezes, a imagem de Nosso Senhor visto de frente e de costas e mostrando manchas purpureadas de sangue e de aromáticos. Embora esta insigne relquia tenha sido interpretada pela ciência — arqueologia, história, iconografia e lógica — e que os peritos a tenham examinado com toda a arte possivel, houve treze longos séculos anteriores ao ano de 1353, durante os quais não podemos seguir este sudário, e esta lacuna reduz consideravelmente o seu valor histórico.

Mas este sudário não é único. Existe o *Santo Sudário* de Cahors, com cinco manchas de sangue. Ele tem a fórma dum longo toucado que se prende sob o mento e se compõe de oito dobras superpostas em fino linho do Egito. Acredita-se que esta coifa foi uma dádiva de Carlos Magno a Cahors. Ainda hoje ela é objeto de grande veneração.

Ha, além deste, o Sudário de Bensançon, composto de dois panos unidos por costura delicada. Ele trazia a efígie de Nosso Senhor, as mãos ligadas uma a outra.

Não é só. O *Sudário de Carcassonne*, conservado na capela do hospital de Pont, com um ligeiro bordado em seu derredor.

Não nos esqueçamos do *Sudário de Mayença*, que foi doado por São Cunegundes á Santa Bithilde. Esta remeteu a metade ao bispo de Mayença para sua catedral e conservou a outro metade para seu mosteiro de Altenmunster. Esta fração é grandemente venerada na paróquia de S. Emmeran.

A lista não termina aquí. Mencionemos o *Sudário de S. João-de-Latrão*, de grande dimensão a julgar pela sua espessura, porque não no mostram senão dobrado no dia de Páscoa. O tecido, muito fino, contém fios de ouro e, naturalmente, tambem algumas manchas de sangue.

E' preciso ajuntar a esta lista pouco banal o *famoso Sudário* de Cadouin, em Périgord, muitas vezes salvo das chamas e tendo produzido numerosos milagres. Quatorze soberanos pontificais consagraram, por meio de bulas, este santo tecido á devoção — de Clemente III a Pio XI — afirmando sua autenticidade. Reis e bispos rivalizaram em zêlo com os papas: São Luiz, Carlos V, Carlos VI, Carlos VII, Luiz XI, Luiz XII protegeram e dotaram a abadia de Cadouin com rendas perpétuas.

Ajuntemos a esta lista bastante longa, a Santa Faixa de Nosso Senhor. Era uma tira de pano de que se serviram os judeus para vendar os olhos do Salvador, ao tempo da Paixão, quando o açoitavam, dizendo; «Cristo, profetiza, e dize quem te bate». Esta preciósa relíquia, da qual só resta pequena parte, sempre acompanhou o Santo Sudário de Périgord.

Alguns destes sudários sofreram desastres. Durante a Revolução francesa, o Sudário de Compiègne desapareceu sem deixar vestígio; o de Besançon, célebre por seus milagres, sofreu a mesma sorte durante aquele período agitado; o semi-sudário de Maiyença desapareceu do mesmo modo, no começo do século passado, quando da invasão francesa.

Quanto ao de Cadouin, o atual bispo de Périgueux, M. Louis, com uma coragem que muito o honra, acaba de relega-lo ao rol das coisas as mais profanas, pondo simultâneamente um termo ás peregrinações, aos milagres, que não tinham nenhuma razão de ser. Os dois bordados caraterísticos desta bela mortalha eram considerados a melhor prova de sua autenticidade, porque «sempre seria impossivel confundi-la com outro pano».

Ora, os mencionados bordados ostentam caracteres que foram reconhecidos como sendo arábicos! A peça, genuinamente mussulmana, data do fim do século XI, e teria vindo á França ao tempo da primeira cruzada. Edificante é a tradução destes caracteres. Que o leitor julgue por este fragmento:

> «Em nome de Deus clemente e misericordioso.
>
> «Só ha um Deus que é Allah, sem associado.
>
> «Mahomet é o enviado de Allah. Que a benção de Deus desça sôbre *eles* e sôbre os membros de suas famílias.»

Assim, esta devoção multicentenária é devida a um erro coletivo do qual participaram papas, santos (hoje canonizados), reis, sábios, e inumerável multidão de crentes.

Ao mesmo tempo deve desaparecer da circulação o véu de Santa Ana,, mãe da T. S. Virgem, tecido conservado na catedral de Apt (Vaucluse); tecido e legenda que são parentes próximos do sudário de Candouin e mui provavelmente forjados na mesma fábrica de tecidos do Alto Egito.

Quantas relíquias existem no mundo, sem outro valor além do que lhes dá a credulidade. Um volume inteiro não seria suficiente para relatar as falsas relíquias que atravancavam os santuários da cristandade. Citemos um único exemplo, que dará ideia da amplitude das piedosas mistificações. A catedral de Oviedo, que tem sido na Espanha o centro e o coração da resistência governamental, no fim de 1936, continha relíquias realmente prodigiósas. Julguemos por esta pequena nomenclatura, talvez incompleta: lá se venera dois bocados da verdadeira cruz, um pedaço do coração de São Bartolomeu, um fragmento do túmulo de Lazaro, um dos trinta dinheiros de Judas, um fragmento da varinha de Moisés, um pedaço do pão multiplicado no deserto, um cabelo de Maria Madalena e uma sandália de São Pedro!

Não é esta simples enumeração bastante eloquênte para provocar a certeza absoluta da não autenticidade deste santo bazar?

Vê-se atualmente, na capela de Caserte, a sentença de morte contra Jesus Cristo, gravada sôbre uma placa de bronze em lingua hebraica, ha muito tempo conservada na sacristia dos Carthusianos, perto de Nápoles.

A igreja Santa-Madre-Maior, em Roma, cuja origem maravilhosa é conhecida: a própria Virgem Maria incumbiu-se de designar, por meio de extraordinária queda de neve em pleno mês de março, o local em que se deveria edificar sua igreja. Esta igreja, devido a esta circunstância, foi nomeada, no V século, pelo papa Libério: *Sancta Maria ad nives.* Ela é a venturosa depositária... das relíquias do Presépio.

Um sábio descobriu recentemente uma nova medalha com a efígie do Cristo, datando da época de Tibério. Segundo parece, até agora só eram conhecidos cinco exemplares dessa medalha.

Poderiamos prolongar indefinidamente a lista das maravilhosas riquezas que compõem o relicário do Cristo. Não hesitamos mencionar esta que se avantaja a todas as outras: No decurso do ano de 1931, descobriu-se, na propriedade de certo cidadão de Bolbeck (Syria), num túmulo subterrâneo, uma garrafa misteriósa contendo estranho líquido. Após constatações *irrefutáveis* (naturalmente!) seria mui simplesmente o sangue de Jesus, o autêntico sangue do Salvador do mundo. Este sangue precioso ainda repousa em Beyrouth, tendo por altar o metal cromado de uma burra!

Qual a conclusão a tirar das considerações precedentes?

Amemos a Deus com todo nosso coração, com toda nossa alma, e com todas nossas forças; admiremos N. S. J. C. invisivel e presente; veneremos os santos que nos deixaram a lembrança de suas virtudes. Mas não nos deixemos influenciar por um culto material que nos levaria á idolatria, pura e simples. Professemos uma justa desconfiança pelas insignes relíquias cuja autenticidade é impossivel estabelecer: o santo sangue, a corôa de espinhos, a lança de Login, os cravos da crucificação, etc., etc. Que a sorte do Santo Sudário de Cadouin nos imponha uma sábia reserva. Que este exemplo, deixando intacta a nossa fé, nos preserve da credulidade.

Annales du Spiritisme

Crônica Estrangeira

Anunciada a venda de mais um Templo Protestante

Em Junho do ano p. findo, a Associação Espiritualista de Glasgow adquiriu, pela soma de 4 250 libras (cerca de 340:000$ papel) a magnifica igreja de St. Vincent Street. A aquisição do famoso templo, que é uma obra notável de arquitetura, prova o contínuo crescimento do Espiritismo.

Mencionada Associação, ante a impossibilidade de acomodar verdadeiras multidões (normalmente centenas de pessôas não encontravam acesso ás sessões). em seu imovel de Holland Street, via-se em face de um sério problema a resolver, quando foi posto á venda o magestoso templo que resolveu a dificuldade.

O periódico inglês, *The Two Worlds*, de 3 de Novembro, noticía o seguinte:

Posto á venda um Templo Metodista

A Igreja Metodista de Richmond Terrace, cidade de Bradford, cerrou suas portas por falta de frequência e os síndicos desejam ardentemente que qualquer entidade religiosa adquira o imovel. A Igreja está sendo oferecida pela quantia de 1.250 libras, e tem assentos para 800 pessoas. O preço inclue o orgão, recentemente avaliado em 750 libras. Aqui está, diz o periódico, uma oportunidade para os espiritistas de Bradford...

Fotografias Supranormais

Gringoire insere um artigo de M. Pierre Devaux sôbre fotografias «sobrenaturais» que *La Revue Spirite* transcreve em resumo. Temos conservado nossos leitores ao corrente das notaveis experiências «sobrenaturais» do saudoso doutor Eugenio Osty, do Instituto Metapsiquico Internacional. Osty, munido de um «olho elétrico» do tipo empregado em telesvisão, chegou a descobrir as «substâncias-fantasmas» que erram no ar em volta dos médiuns; estes sêres vaporosos, ordináriamente invisiveis aos olhos da carne, foram «vistos» pelo olho elétrico (celula foto eletrica) que registrou suas aparições sôbre o filme dum galvanômetro.

Pode-se ir mais longe. Ligando o olho elétrico, por meio de fios, a um deflagador de magnésio, consegue-se que o mesmo «fantasma» tome uma fotografia. Infelizmente, estas fotos deixam a desejar; seguramente elas mostram que não ha mistificação alguma, que nenhuma pessoa veio fraudar os aparelhos na semiobscuridade do laboratório; mas as fotografias não revelam qualquer fórma flutuante, nenhuma mão material; a cena é vasia.

E, a-pesar-de tudo, essas «coisas» sem nome existem, essas mãos invisiveis que, a distância, veem deslocar objetos, atirar um ramalhete de flôres, dobrar um lenço em forma de barco, á vontade do médium Rudi Schneider!

No decurso de uma sessão, excepcionalmente visivel, Osty poude mesmo ver e mostrar a dois assistentes, uma bola de «substância cinzenta» que saía de um angulo obscuro e punha em movimento uma mesa de quatorze quilos! Mas, não obstante a instalação de raios ultra-violetas, que custara uma fortuna, jamais se conseguiu fotografar o fenômeno».

O autor parece ainda ignorar a incomparavel obra de Mr. Warrick sôbre a fotografia espírita.

Fotografia «Estragada» por um «Extra»

Psychic News.

«Estou aborrecido por ter estragado o seu retrato, David», desculpava-se um fotografo amador que havia tirado o retrato de David Jewson, primitivo presidente da Igreja Espiritualista Universal. Ao lado de David aparecera outra figura.

Mas Jewson reconheceu no «intruso» a pessoa de seu falecido sobrinho e o retrato do espírito foi identificado por outros membros da familia.

Casualmente Jewson colocou a foto entre as páginas de um livro e este volume, tambem por acaso, foi parar ás mãos de um colaborador do «Evening Cronicle» que ha pouco publicou a foto e sua história.

Um Livro sôbre Psiquismo

«La Revue Spirite» transcreveu de *Journal of the Americain S. P. R.*:

O Dr. Cross, engenheiro eletricista pela Universidade de Paris e antigo colaborador com o Prof. d'Arsonval, vai publicar um livro sôbre psiquismo, do qual mencionado *Journal* reproduz certas passagens.

O autor relata experiências de radiestesia realizadas no imovel de *Sydney Mail* (Australia), experiências de deslocamento sem contacto e ação a distância, o autor suspendeu-se a uma bola levitada e foi pela mesma transportado, a-pesar-de ser de 125 libras o seu peso. Houve trazimento de papeis de marca rara, passagem da matéria através da matéria (um tubo contendo 10 grs. de arsênico colocado ao lado de outro contendo 25 grs. de agua distilada acabou por passar parte de seu arsênico para dentro do tubo de agua, lacrado). Efeitos luminosos. Uma sessão de corneta tomou um caráter realmente estranho.

Em São Francisco e com o médium Harry Aldrich, diversas entidades se exprimiram em seis linguas diferentes. Uma joven francesa tomou a palavra através da trombeta, ao mesmo tempo que um estudante inglês, morto de laringite (tuberculose) deu provas perfeitas de sua identidade. Convidada, a joven francesa, a repetir o que havia dito, ela o fez na giria do bairro em que vivera.

Um conjunto de factos que muito perdem em simples resumo.

Da Sobrevivência

Ricerca Psichica.

...a sobrevivência após a morte agora se transformou numa contingência *pensavel*, digamos mesmo, tornou se um evento presumìvel. Entra no campo da física e da fisiologia e está admitido no domínio da ciência. A alma tornou se mensuravel e pode ser pesada, e só requer instrumentos apropriados para se tornar tão familiar e tratavel quanto o organismo físico. Que esta seja uma concessão materialista não é uma objeção válida, porque, se toda matéria é dotada de vida, a alma difere da matéria ordinária porque sua vida escapa a nossa análise.

. . . Não nos devemos atormentar, portanto, pelo destino dos sêres amados Eles foram desfrutar um prazer mais delicado, uma realização mais viva de sua infinita possibilidade, livres da ponderosa argila que atravanca o caminho e retarda nossa jornada. Eles habitam em outro reino ora invisivel aos nossos olhos, mas que não está longe e para eles não existe obstáculo intransponivel entre aquele e o nosso. Quando chegar o momento de a eles nos reunirmos, nada obsta a que apareçam ante nossos olhos na fórma que amamos, e que podem conservar; e eles permanecerão á nossa cabeceira para nos conduzir á nossa morada mais feliz.

E. Fornier d'Albe.

Evitado um acidente ferroviário?

Psychic News.

Um leitor comunica o seguinte:

Um dos assistentes do círculo familiar de Vancouver é ferroviário. Apresentou se um espírito, ao qual o assistente respondia repetidamente: «Sim, compreendo».

Terminados os trabalhos, êle declarou que um espírito lhe dissera haver uma *falha* na linha marginal, sómente usada em certas épocas do ano.

Ele foi inspecionar a linha e verificou que o gelo provocara a ruptura de um trilho, no ponto particular indicado pelo espírito. Se a falha não tivesse sido remediada, a primeira locomotiva teria descarrilado.

A informação, declarou o recipiente, sómente poderia ser fornecida por um ferroviário «morto».

Uma criança de 4 anos que se recorda de sua vida anterior

Light transcreve o seguinte de *East and West* (India):

A história de uma menina de 4 anos que revela factos de sua vida precedente nos é relatada pelo próprio pai, Mr. Nand Lal, Oficial Superitendente, Fatehpur.

A História começa no momento em que a criança articula suas primeiras palavras, Mr. Lal diz que, quando êle habitava em Allahabad, sua filhinha sempre chorava ao pensar em sua antiga família. Mais tarde, quando transferido para Fatehpur, a criança reconheceu, certo dia, a casa em que vivera, e contou sua história, e todos os detalhes foram corroborados pelas pessoas da vizinhança. Ela relatou os factos referentes á precedente existência, seu casamento, a morte do marido verificada em Allahbad, recusando por outro lado, segundo costume hindú, proferir o nome do esposo. Toda esta história foi narrada em seus mínimos detalhes e a menina reconheceu muitas senhoras das relações de seu pai, particularmente a que era portadora de seis dedos em uma das mãos, e essas mulheres, por seu lado, pensam que a criança não é outra senão a mesma Peshkarim que vivia na casa presentemente ocupada por Mr. Lal em Fatehpur.

«A mulher dum brahmane, curiosa por ver a menina, foi imediatamente pela mesma reconhecida como sendo a senhora a quem, pouco antes de morrer, legara seus ídolos. Tudo era perfeitamente exato, e a mulher brahmane levou a menina a Allaa-bad para lhe mostrar os ídolos. Ambas oraram e ofereceram perfumes aos mesmos.

O Mistério das Cruzes enterradas na Califórnia

O *Journal of the Amevican S. P. R.* consagra algumas páginas interessantes á análise do livro de Mr. Hamlin Garland, sôbre o assunto, de que *La Revue Spirite* nos fornece o seguinte resumo:

Gregoty e Violet Parent, por indicação de *espíritos*, exumaram para mais de 800 cruzes enterradas na Califórnia, dentre as quais algumas cristãs, mas a maior parte com cabeças de animais. Feita a evocação dos espíritos de índios do século XVI e de missionários, pelo médium Parent os mesmos *espíritos* indicaram sinetes de ouro que remontam a mais de 50 anos, que efetivamente foram encontrados. Foi então que Mr. Garland tentou, mediunicamente, descobrir novas cruzes enterradas. Ele o conseguiu, pois foram exumadas mais 18 cruzes, graças ás indicações das «vózes» do médium Mrs. Williams, com a qual êle realizou sessões, sem que ela compreendesse o sentido de suas perguntas, mas as respostas foram ouvidas por todas as testemunhas. As 818 cruzes teem uma origem misteriósa, que vai provocar animados debates. Mr. Garland compulsou a história da Califórnia e afirma já estar de posse de documentos que provam a existência da Cruz, entre os índios —facto até hoje ignorado por todos os missionários cristãos—muito antes da chegada dos conquistadores europeus.

Notas e Factos

Sir Conan Doyle Retornou !

The Two Worlds

Em «East Anglian Daily Times» Mr. Denis Conan Doyle reage a uma assertiva de Harry Price, que disse: «Em minha opinião, não ha prova digna desse nome que alguem, em qualquer tempo, tenha conversado com Conan Doyle depois de sua morte.»

Mr. Denis C. Doyle diz: «Mr. Price dá grande apreço á sua opinião pessoal, embora o valor dessa opinião seja passível de discussão, e eu me insurjo completamente contra o sentimento que exprime. Estou em condições de assegurar aos vossos leitores que meu pai forneceu a mim e a todos os membros de sua família, evidência esmagadora e provas indisputáveis de sua persistente existência individual, e do facto de continuarem tão pronunciados, como sempre o foram, o amor á sua família e o interêsse no bem estar dos mesmos. O que eu afirmo não é uma questão opinativa; eu pessoalmente me responsabilizo pelos factos.»

Mr. Conan Doyle tambem replicou, em «the Hertfordshire Mercury» a o utra exposição tendenciosa, nestes termos: «Minha atenção foi despertada por uma declaração feita em vosso jornal pelo padre Knapp, o sacerdote conjurador, concernente a meu pai, o falecido Sir Conan Doyle.

O padre Knapp cometeu a lamentavel imprudência de dar a público uma assertiva em que quer atribuir isto a meu pai: «99 percento dos médiuns são mistificadores.» E' esta uma contorção tão monstruosa da verdade que está a exigir uma refutação autoritária e peremptória.

«A afirmação positiva que meu pai fez e que o padre Knapp achou ajeitada a ser retorcida, de modo a se tornar irreconhecivel, foi: «mesmo que 99 percento dos médiuns fossem fraudes, o único percento remanescente seria suficiente para fornecer a prova da sobrevivência após a morte e a possibilidade das comunicações póstumas.» Meu pai considerava mínima a percentagem de médiuns fraudulentos, mas, naturalmente, reconhecia sua deplorável existência ; efetivamente, êle mesmo se tornou instrumento denunciador de divérsos médiuns fraudulentos e sempre condenou a *mediunidade fraudulenta* em termos os mais energicos.

«A urdidura de uma declaração falsa que se atribue a um homem que já não vive para se defender, é uma ação desprezivel e repulsiva.

De vosso siceramente, Denis P. S. Conan Doyle.»

Um acontecimento histórico na Escócia

Psychic News

Os pioneiros espiritualistas escoceses, ora trasladados ao mundo dos espíritos, devem ter experimentado grande regosijo no domingo passado. A dedicação da Igreja de St. Vincent Street, comprada por 4.250 libras, para a nova séde da Associação Espiritualista de Glasgow, foi um tributo aos seus labores.

Mencionada Associação deve a sua existência a um panfleto, escrito ha mais de 70 anos por James Bain, que se tornou Lord Preboste de Glasgow.

Depois de publicado o conteúdo do panfleto, que tratava de experiências do autor em sessões realizadas em Londres, 30 espíritas se congregaram e resolveram fundar uma sociedade em Glasgow.

Um memorial, publicado em conexão com os trabalhos de abertura da cerimônia de dedicação, recorda nomes de pioneiros escoceses pertencentes ás paginas da história psìquica—James Coates, conhecidissimo por suas investigações em fotografia espírita, David Duguid, notável médium pintor, James Roberts, que conduziu o Espiritismo por mais de 20 anos, e Mr. e Mrs. Wallis, célebre médium.

A Séde Primitiva

Peter Galloway. é outro nome honrado, pois seu entusiasmo era um fator importante no sucesso do Espiritismo em Glasgow. O desejo da associação de possuir casa própria, realizou-se em 1923. Peter Galloway, que consagrou muitos anos ao seu projeto, faleceu três dias após o lançamento da pedra fundamental.

A-pesar-de possuir, o centro, acodações para 600 pessoas, êle se tornou insuficiente para as multidões que vinham de tropel ás sessões dominicais.

Espaço para 1.500 pessoas

Cerca de 1.500 pessoas encontrarão acomodações na Igreja de St. Vincente Street. O facto de terem os espiritualistas adquirido um templo, que a ortodoxia foi forçada a vender devido ao declínio da congregação, é um indício do contínuo crescimento do Espiritismo.

O serviço de dedicação foi presidido pelo Rev. George Sharp, ministro Congregacional de Sheffield. Helen Hughes, esplêndido e popular médium escocês, deu demonstrações de suas faculdades psíquicas. O ministro correu a cortina e descobriu uma placa de bronze com a seguinte inscrição:

«Esta Igreja foi dedicada á adoração do Espirito Eterno, em 19 de Novembro de 1939, pelo Rev. George Sharp, em presença de Mrs. Helen Hughes, médium, W. T. Shields, Presidente, o conselho e uma multidão de visiveis e invisiveis».

Aventura de um Frade

Da muito bem orientada revista alemã Zeitschrift für Metapsichische Forschung» extraímos o seguinte relato do frade dominicano hespanhol Cypriano Bravo, que se achava em missão na China:

«Com o avanço dos Vermelhos em 1933 fiquei preso. Observei então uma coisa singular, — esses comunistas faziam as suas sessões espìritas e nessas sessões claramente ouvi vozes que não provinham dos assistentes. Ainda mais surpreendido fiquei, relata o frade, quando os oficiais, que desconheciam em absoluto a lingua espanhola, chegaram a falar, nessas ocasiões, correntemente o espanhol. Referiram-se a espanhoes os quais o frade conhecia pessoalmente; tão perfeitas eram estas comunicações, que mesmo os respectivos dialetos sobresairam com clareza.»

Poder-se-ia atribuir o facto a uma influência satânica?!... Bem prudentemente o frade silencia sôbre este ponto!

Porém, o mais curioso do relato é o seguinte, que, o frade deve a sua libertação graças á essas sessões espìritas. O general Mao Chutung trata de inquirir o médium. A resposta foi, que soltasse o preso. Resistência do general, que alega ser o frade um adversario do comunismo e por este motivo deve ser morto. Mas a entidade espiritual adverte o general, através do médium, que de nenhuma forma deve ser morto o frade mas sim, posto em liberdade. Novo aparte do general, frisando que o frade não acredita no espiritismo; o médium, porém, insiste na soltura do preso.

Tambem sôbre isso, o frade não dà nenhuma explicação; relata sómente os factos.

Chegando finalmente a essa altura, o frade é levado á presença do comandante geral, o qual o declarou livre e mandou entregar ao frade Bravo, um passa-porte e mais instruções sôbre o caminho que devia seguir.

Depois de 5 dias de marcha a pé o frade se encontrou em segurança.

Prenúncio de Morte

Ricerca Psichica

Apendice do Prof. Carlo Del Longo

Não presenciei o fenômeno principal, mas tendo acorrido imediatamente e havendo colhido os testemunhos das quatro pessoas presentes, posso confirmar a veracidade dos factos e a exatidão do relato feito pela senhorita P. C. que da ocorrência conservou viva e clara lembrança. O arremesso *contemporâneo* dos dois vasos de cima da sacada da janela, sem nenhuma causa física natural, constitue um fenômeno não só supranormal, mas ainda excepcional por insólito e audaz. A breve sessão realizada na mesma tarde confirmou o já suposto caráter telepático do fenômeno; indicando as pessoas interessádas, tio e sobrinho, dos quais um falecido, e a intenção de indicar a senhorita Inêz; com o prenúncio da carta, não esperada, que já então deveria estar em viagem e que, dia seguinte nos trouxe a notícia da morte da jovem.

O desprendimento da cortina e seu movimento em direção da snrta. Inêz, poderia ser considerados um caso fortuito, se isolado; mais razoavelmente, foi esse o princípio do fenômeno para chamar a atenção da dita jovem; não produzindo o desejado resultado, foi seguido daquele ruidoso vôo de dois vasos. Os dois fenômenos associados ou não, produziram-se quando a snrta. P. C. entrou no aposento; portanto deve-se supôr que esta com sua força psíquica, unida a da snrta. Inêz, havia contribuido á produção do fenômeno.

A única relação psíquica entre os presentes e a entidade agente é a acima exposta, ou seja indireta e um tanto excepcional. Não se compreende fácilmente porque esse jovem quís manifestar-se de modo tão estranho a uma snrta. que lhe era desconhecida; entretanto a notícia de sua morte chegaria rapidamente.

Pode-se ainda perguntar porque os vasos não foram atirados no interior do aposento, obtendo, sem perigo, o mesmo efeito de surpresa. O facto de ter sido inócua a queda no pátio, pode ter sido casual ou providencial; mas é mais lógico supor que a entidade agente havia escolhido o momento mais oportuno, quando o pátio subjacente, quasi sempre frequêntado, especialmente por meninos, estava absolutamente deserto.

A Casa de Campo de Hydesville

The National Spiritualist

Por ocasião do nonagesimo primeiro aniversário do Espiritismo moderno, o Rev. Louis A. Ward recordou em editorial que o Espiritismo, fundamento de todas as religiões, é velho como o mundo. Swedenborg Wesley, Robert Dale Owen, Andrew Jackson Davies, e muitos outros, conheceram fenômenos espíritas e receberam mensagens espíritas antes de 1848. Mas nessa data, realizaram-se grandes transformações sociais: Igualdade cívica da mulher, abolição da escravatura, necessidade em religião não mais de *crer* mas de *saber*. Foi então que em casa da família Fox (Hydesville), se repetiam as notificações do Além, até então apregoadas como indesejaveis pela mistificação clerical, que afirmava tratar-se de arte diabólica infundindo nas ovelhas o terror ante as caldeiras do inferno. Daquela manifestação moderna do Espiritismo deveria nascer um movimento mundial cujo progresso é quotidiano e irresistivel. A «Congressional Library» de Washington conta 850 obras espíritas; a biblioteca de London Spiritualist Alliance contém 3.000 vols. espíritas —,dentre os quais um só livro: *A Sobrevivência da Personalidade Humana* basta para provar a existência do Além. Buckley, em sua História da Civilização, diz; «Se a Imortalidade não fôr a mesma verdade, pouco importa que o resto seja verdade ou não.»

A cabana de Hydesville foi desmontada e reconstruida no campo espírita americano de Lily Dale. Todos os anos, milhares de curiosos de todas as partes do mundo, vão visitar essa humilde habitação na qual os espíritos fizeram, em 1848, ruidosamente, a prova material e moral de sua sobrevivência após o fenômeno transitório da morte.

Nossa sucursal na Capital

Levamos ao conhecimento de nossos assinantes residentes na Capital, que o confrade Eduardo Aidar foi efetivado no cargo de representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», estando, portanto, com plenos poderes para tratar de assuntos referentes a essas publicações, tais como angariar e proceder a recebimentos de assinaturas. O confrade Eduardo Aidar pode ser procurado no Centro Espírita «Luz e Caridade», Rua Visconde Parnaíba, 912, todas as terças, quartas, quintas e sextas-feiras, das 19 1/2 ás 20 horas, e diariamente, á rua 25 de Março, 835, sobr., das 8 ás 18 1/2 horas.

Fica assim estabelecida a nossa sucursal na Capital.

E'cos e Notícias

ALEMANHA

Dr. Emil Mattiesen

Desincarnou, aos 64 anos de idade, o Doutor em Filosofia Emil Mattiesen, conhecido naturalista e autoridade em psicologia religiosa. Terminado o seu curso, visitou demoradamente a Asia onde estudou as linguas asiáticas, para se aprofundar nas religiões dos indús. Foi á America e á Inglaterra para estudar os trabalhos sôbre o «homem transcendental» e a «sobrevivência da personalidade humana».

Na Alemanha, trabalhou ao lado dos célebres investigadores psíquicos: von Schrenk Notzing, Joseph Peter, Alexander Aksakof, Max Seiling etc.

Ainda a Estigmatizada Thereza Neumann

O Dr. Hynek reafirma, em Catholic Medical Guardian, a autenticidade dos estigmas de Thereza Neumann, presentemente sob contrôle eclesiástico.

INGLATERRA

Estelle Roberts contemplada num testamento

Mrs. B. Musmann, falecida em fevereiro do ano p f., deixou um legado de 500 libras ao conhecido médium Estelle Roberts, «como um insignificante tributo ao grande trabalho que ela tem realizado em benefício da humanidade».

A falecida frequentemente presidia ás sessões de Estelle Roberts em AEolian Hall.

Demonstrações na Africa Austral

Mrs. Mc. Callum, conhecido médium escocês alcançou enorme sucesso nas demonstrações de sua faculdade psíquica durante sua estadia na Africa, principalmente em Cap Town e Durban.

Nova Secretaria Psíquica

A Sociedade Espiritualista de Chelmsfórd está organizando um bureau de informações espiritualistas para Essex. Ele se propõe a registrar todos os centros, com informação administrativa, nomes e endereços de oradores locais e médiuns, com detalhes de seus dons psíquicos...

AMERICA DO NORTE

Um médium de três anos

A América possue um médium de três anos que, aos 18 meses de idade, começou a transmitir notáveis predições. E' filha do casal Harry Harding, de Pensylvania e a história foi divulgada em *Psychic Observer*. Ela tem ditado, sobretudo á noite, mensagens de um espírito que se denomina «Entidade» e as profecías foram universalmente registradas antes de se cumprirem.

Campos Espíritas

No ano próximo findo, funcionaram, nos Estados Unidos, uma quinzena de «campos» espíritas. O Canadá inaugurou o seu primeiro «campo espírita». Sem dinheiro algum no ano passado, os espíritas de Ontário já compraram 125 acres de terreno e 45 a 50 casas de campo estão sendo alí construídas.

VENEZUELA

Curioso Epitáfio em Caracas

Evolucion descobriu, no Cemitério do Sul de Caracas, este curioso epitáfio:

«Cristina – Dormes o teu sôno eterno, querida filha... Mas sempre nos lembras que tua alma foi o raio de sól com o qual Deus quís avivar a nossa esperança.

«Quiseste retomar o caminho do céu. Lembra-te, pois, que, ao partires *falaste da tua breve reincarnação.*

«Não te esqueças de nós que te choramos e te *esperamos*».

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Revista saúda a todos seus colaboradores, assinantes e representantes cuja solidariedade agradece e a todos augura um ano pródigo em bençãos espirituais.

Que o decênio que óra surge possa assistir agregadas todas as energias visando a vasta disseminação do Espiritismo, o consolador prometido por Jesus, o único capaz de arrancar o mundo do cáos em que ainda se debate.

Aos Espiritistas está afeta a tarefa de tornar o Brasil o «Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho».

Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas

Os jornalistas e escritores espíritas, reunidos na Capital Federal, de 15 a 25 de Novembro passado, tendo em vista os assentos debatidos nas reuniões do mesmo Congresso e nas brilhantes teses apresentadas, votaram as seguintes resoluções:

1.ª — declarar que, amigo da Ordem e da Paz, empreendedor e realizador, o Espírita é tão patriota e tão digno como os que mais o sejam dentro do conjunto de homens que constituem a Pátria, a qual não é por êle tomada apenas no sentido geográfico, no seu esforço de mante-la bem alto no conceito dos povos, dos quais se reputa irmão, pela origem e pela finalidade, ocorrendo-lhe, porem, o dever a que não fugirá, e nunca fugiu, de defende-la, por todos os meios, quando ameaçada nos seus direitos, quaisquer que eles sejam.

2.ª — Sugerir, preconizar, recomendar, a organização, no Rio de Janeiro, de uma associação de jornalistas e escritores espíritas, na forma que fôr julgada mais viavel e eficiente, para o fim de promover e intensificar o intercambio de jornais e revistas e do noticiário referente ao movimento espírita no Brasil.

Organizada essa Associacção o atual Congresso entregar-lhe-á tudo quanto ao mesmo se referir, incumbindo-lhe manter a exposição de jornais, organizar os futuros congressos e fazer imprimir os anais do atual.

3.ª — Recomendar conjuguem esforços, não só os jornalistas, que devem ser os orientadores da opinião publica, como tambem as melhores organizações espíritas, no sentido de que não seja permitido pelas autoridades publicas a organização de agremiações espìritas que pretendam fazer sessões públicas sem que sejam os seus dirigentes julgados perfeitamente idoneos intelectual e moralmente, como tal reconhecidos no meio espírita e no conceito publico pelo seu passado.

4.ª — Recomendar se empreguem esforços para que os que teem a seu cargo a divulgação da doutrina, não só nos jornais e revistas pertencentes ás associações espíritas, como nas colunas dos jornais ecléticos se limitem, tanto quanto possivel, aos postulados da mesma e ás suas obras basilares, esforçando-se todos, para que não haja guarida nos jornais para as campanhas deprimentes, nem para a colaboração imprestavel.

Para a seleção dos colaboradores espíritas na imprensa, recomenda aos jornalistas espíritas o registo, no Serviço de Identificação Profissional do Departamento Nacional do Trabalho, como «jornalistas não profissionais», permitido pelo decreto-lei n. 1.698, de 23 de outubro do corrente ano, já regulamentado pelo Ministro do Trabalho, conforme portaria publicada no Diario Oficial.

5.ª — Concluir que o Espiritismo, tal como é praticado e compreendido no Brasil, orientado como se acha pela codificação kardeciana e servindo ao Evangelho, na difusão das leis do Amor, do Perdão e da Caridade, colimando a Fraternidade, para o que não se lhe pode traçar limites á evolução, não pode deixar de ser encarado no seu tríplice aspecto—científico, filosófico, religioso—e, como tal, se torna digno do respeito dos homens e merecedor do mesmo acatamento que a imprensa dispensa aos demais ramos filosóficos e credos religiosos.

(Conclúe no próximo número).

1/46

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1631unse

No 1-2 Unavailable

NO XVI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1940 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Orgão do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Veredicto da Ciência
Um caso interessante de Identificação Espírita
Novos Rumos á Medicina
O Espiritismo em face da Ciência
Um espírito não esperado aparece sôbre uma fotografia
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

Uma Foto Espírita

Obras de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensavel a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 paginas, referida obra está dividida em duas partes: 1.a — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas; 2.a - Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sobre os principios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 12$000 inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus».

Obra muito útil para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Profeticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus».

Preço 10$000 e mais $800 para registro e porte.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 292 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do cristianismo, ou Factos Anímicos e Espíritas, que constitúem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do cristianismo.

Preço 8$000 e mais 10 % para o porte e registro.

Conferências Radiofonicas

Livro de 206 páginas, enfeixa 15 conferências pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sôbre a existência do Espírito e sua sobrevivência á desagregação do corpo. Ele sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferencia ao microfone tem por título: «A Imortalidade da Alma».

Preço 7$000. Pelo Correio, 7$600.

Médiuns e Mediunidades

Contendo pouco mais de 100 páginas, esta obra dá uma idéia clara e racional da doutrina espírita, que abrange as esferas religiosas, filosófica e científica, infundindo nas almas o desejo de profundar a Revelação Nova, que veiu marcar uma Nova E'ra no progresso dos povos.

Preço, 4$000. Pelo Correio, 4$600.

Genesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificaveis, argumentos irrefutaveis e a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Preço, 2$000. Pelo Correio, 2$500.

Obras de Cairbar Schutel

O Diabo e a Igreja

E' um livrinho que responde categoricamente a todas as invictivas de dois padres, rebatendo as falsas insinuações do cléro e convidando os homens ao estudo do Evangelho. A sua leitura nos dá uma idéia exáta da verdadeira religião do Cristo, sendo esse o motivo pelo qual as edições desta obra se esgotam com relativa facilidade.

Preço, 3$000. Pelo Correio, 3$500.

Cartas a Esmo

Já foi lançada á publicidade a 3.a edição de «Cartas a Esmo», que é uma resposta á «Carta Pastoral» do sr. Bispo de Florianopolis, D. Joaquim Domingos de Oliveira, que se limitou a combater o Espiritismo, e com tal paixão que chegou a deturpar conceitos de distintos médicos.

Nesta obra, em que a Verdade aparece em todo o seu explendor, está o Discurso do Bispo de Strossmayer, pronunciado por ocasião da proclamação da Infalibilidade do Papa, em Roma, no concilio de 1870.

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço 3$000 e mais $500 para o porte e registro.

Histería e Fenômenos Psíquicos

O autor desta pequena, mas substanciosa obra, demonstra aos contraditores do Espiritismo as bases científicas em que se firma essa excelente doutrina e ao mesmo tempo a insensatez daqueles que para a combaterem chegam a se utilizar de termos cuja significação lhes é desconhecida, como no caso da palavra *histeria.*

Com a leitura deste livro, que acaba de saír do prélo em nova edição, o leitor enriquecerá seu espírito com conhecimentos indispensaveis á sua evolução.

Preço, 3$000 e mais $500 para o porte e registro. Pedidos á Livraria de «O Clarim».

Gabriel Delanne

O Espiritísmo perante a ciência

Gabriel Delanne foi um dos maiores pioneiros do Espiritismo na França. Seus livros correm mundo, traduzidos em vários idiomas.

«O Espiritismo perante a ciência», tradução primorosa de Carlos Imbassahy, foi escrito para o povo, portanto redigido em linguagem clara, acessivel a todos. Antes de explicar os factos, o autor faz uma sintetica exposição científica, afim de deixar patente que os fenômenos que vai apresentar, se enquadram perfeitamente nos postulados da ciência.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 10$000 e mais $800 para o porte e registro.

Ernesto Bozzano

Fenômenos Psíquicos no momento da morte

Ernesto Bozzano, um dos maiores escritores de Além-mar enfeixou neste livro uma serie de fatos ocorridos por ocasião da morte, contendo historias curtas e historietas singelas, mas que nem por isso nos deixam de comover.

Cada volume 7$000. Pelo Correio 7$600.

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1940 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação : Av. 28 de Agosto n. 17 **Oficinas : Rua Ruy Barbosa**

O Veredicto da Ciência

Submetemos á apreciação dos leitores o excelente artigo subordinado ao título supra, da autoria de F. Stellet e publicado em «La Revue Spirite».

Este trabalho reduz o cérebro á sua justa proporção, provando ser êle um simples instrumento. «Não é êle que pensa, mas o cérebro só é uma maquina de pensar», diz o Dr. Joglare, redator cientifico de «La Dépeche de Toulouse», ao fazer a análise crítica do livro do Professor Lhermite, «O Mecanismo do Cérebro», recentemente publicado.

O Professor Charles Richet, nosso grande fisiologista, era hostil á hipótese espírita. Fisiologista, êle não podia admítir uma memória sobrevivente á morte, porque impossivel existir inteligência sem orgão intelectual. Com a idade e para o fim de sua vida, esta hostilidade se atenuou consideravelmente.

Este sábio pertencia a essa ordem de homens de ciência vinda logo após Claude Bernard que havia ensinado: *O cérebro secreta o pensamento. Ele é o orgão da inteligência, como o coração o é da circulação.*

Renchérissant, um médico alemão, discípulo de Buckner, escreveu: «O cérebro secreta o pensamento como o rim secreta a urina», e Brocka foi mais longe, localizando extritamente no cérebro, a mór parte de nossas faculdades psíquicas. O argumento mais temível dos materialistas era o famoso paralelismo que parecia existir entre as alterações do orgão cerebral e á de nossas faculdades que delas pareciam resultar, e vice versa.

Os espiritualistas, aos quais pertenço, replicaram com argumentos, talvez menos impressionantes, menos rasteiros, menos objetivos em aparência, porém, mais sutís, mais profundos, apelando para a razão pura. «E' impossivel, diziam eles, que essa massa de matéria flutuante que é o cérebro, com todas as circunvoluções que se queira, com todas as substâncias — cinzenta ou branca — com todos seus neurômos que se possa imaginar, todas as correntes nervosas e outras que o atravessam ou o agitam e que, em última análise, nada mais é do que um composto físico-químico, possa não obstante todas as combinações possíveis, por mais sutís que sejam, de fósforo, azoto, carbono, hidrogenio, etc., etc. que o compõem, engendrar as faculdades psíquicas nobres do Sêr. Faculdades que se chamam: o pensamento, a vontade, o gênio, o amor, o ódio, a conciência, o remorso, e sobretudo o «caráter» tão particular a cada indivíduo, etc...»

Como o escalpêlo da ciência atual não poude descobrir uma única dessas faculdades nobres em nenhum escaninho do encéfalo, deve haver qualquer coisa da qual emanam essas faculdades e essa qualquer coisa deve ser de uma essência desconhecida. Esta essência nada mais é do que o ESPÍRITO, concluiram os espiritualistas, A ALMA, ensinavam as religiões. Portanto, o cérebro não secreta o pensamento, afirmavam eles, êle nada mais é do que o instrumento que serve para sua manifestação, e o vosso paralelismo não passa de uma falsa interpretação do papel que o cérebro desempenha. Quando este sofre lesão, e o pensamento não pode manifestar-se, é que o instrumento funciona mal, eis tudo. Mas o pensamento, fruto do espírito, está intacto. Por analogia, argumentavam eles, se o piano que é o instrumento que serve para manifestar a música tiver as cordas quebradas, essa música já não pode manifestar-se, não obstante a vontade do músico. As coisas eram discutidas entre os dois campos, quando a cirurgia, em constante progresso, veio abalar terrivelmente esta teoria do paralelismo imutável. Antes, durante e após a guerra, foram praticadas operações audaciosas sôbre o cérebro, e a ablação de partes importantes desse orgão não foi seguida da perda ou de alteração das faculdades consideradas estritamente dependentes da integridade do encéfalo. Essas mesmas operações haviam ou pareciam haver relegado ao passado as famosas localizações de Brocka. Assim, pois, os espiritualistas haviam marcado numerosos pontos a seu favor.

Até estes últimos tempos, os materialistas não podiam explicar certos fenômenos psíquicos, a-pesar-de bem estabelecidos ; senão pela teoria dum subconciente onipotente com poderes ilimitados.

Ainda mui recentemente, o Prof. Lhermite publicou o resultado de seus trabalhos num livro intitulado : «O Mecanismo do Cérebro», comentado em magistral analise critica pelo Dr. Jouglare, redator científico da «Depêche de Toulouse», que revoluciona toda a antiga fisiologia clássica do encéfalo.

Já não é mais o cérebro de Claudo Bernard e de seus partidários que secreta o pensamento, não é êle que pensa, mas êle é mui simplesmente uma maquina de pensar cujas alavancas de comando são controladas pelo espírito. De hoje em diante, como o diz o brilhante crítico, graças á ciência nova, aos seus meios de investigação incrivelmente sutis, a filosofia e a fisiologia não mais estarão em contradição. Não posso resistir ao prazer e á necessidade de aquí relatar a passagem da sábia análise do Dr. Jouglare.

> «Mas se o cérebro não é uma maquina capaz de por si só explicar nossas faculdades psíquicas, nem por isso deixa de ser um mecanismo, ou mais exatamente um conjunto complexo de mecanismo do qual o nosso espírito retem precisamente as alavancas de comando. O cérebro não é uma caixa mágica, *mas uma ferramenta.*
>
> Não é êle que pensa, mas uma maquina de pensar. Vou lembrar a palavra de Bergson : o cérebro não é uma maquina para registrar as recordações, mas uma maquina para esquecer tudo o que deve ser esquecido, excetuando tudo o que é imediatamente útil para a ação presente. Em resumo, é uma maquina para agir».

O sábio crítico não poderia ser mais claro, mais preciso, mais categórico. Implicitamente êle dá razão á antiquisima tese dos espiritualistas. O Espírito é tudo e o cérebro nada mais é do que o instrumento, sublinhemos a palavra, *o instrumento* — como diz o Dr. Jouglare — do ESPIRITO.

Estas conclusões deveriam abrir novos horizontes a todos os pensadores, a todos os perquiridores de boa fé, capazes de sujeitar-se, concordar sem questionar, sem parte pris, sem um falso snobismo de pedante, em presença dessas novas e inportantes descobertas cujas consequências filosóficas são incalculáveis. Esses trabalhos, com efeito, estabelecem cientificamente e difinitivamente a existência do Espírito, do qual o cérebro não passa de instrumento, infinitamente delicado, sem dúvida, mas unicamente ferramenta, repitamo-lo á saciedade.

Consequentemente, esta nova concepção do papel do cérebro estabelece tambem um dos pontos mais importantes que possam existir, isto é, a independência do espírito e seu domínio sôbre o cérebro. Esta independência permite logicamente induzir, e é este o ponto que mui particularmente nos interessa, que o espírito não está sujeito ás leis que regem a matéria, isto é, á desagregação do cérebro após a morte. Este desaparece, O ESPÍRITO, de essência desconhecida, como já o dissemos algures, talvez divino, permanece ESPIRITO.

UM CASO INTERESSANTE DE IDENTIFICAÇÃO ESPÍRITA

De *«Constancia»* — **Prof. Ernesto Bozzano**

(Conclusão)

Em outra vasta série de experiências em que era médium uma senhora idosa, amiga da família, dotada de faculdades de «vóz diréta», mediocremente desenvolvidas mas realmente medianínicas — no verdadeiro sentido do termo — obteve Garland um considerável número de provas de identificação espírita em várias sessões que se relacionavam com o músico Fuller, o qual, nesse intervalo, falecera por sua vez. Este último se lhe manifestava em todas as sessões, fornecendo uma série particularmente sugestiva de pequenos incidentes de identificação pessoal que, sem serem provocadas, surgiram das mesmas conversações com o velho amigo, através da «voz direta».

Outro amigo do relator, o poeta Walt Whitman, manifestou-se, com seu estílo caraterístico tanto que o fez exclamar: «Esta surpreendente frase de Walt Whitman seria para mim mais que surpreendente se eu pudesse crer em sua presença real neste lugar».

Uma tarde a êle se manifestaram, um após outro, numerosos amigos, que lhe eram mui queridos e, terminada a sessão, tornou a encontrar suas firmas autenticas traçadas sôbre o caderno. O autor não deixou de responder á tentativa de convence-lo, com esta ocorrencia:

«*Estas sessões são absurdas! Não posso crer na presença, aquí, em meu escritório, de Fuller, William James, Conan Doyle e tua, caminhando de quatro pés, a chiarem através de uma corneta de lata!*

Um dos comunicantes replicou com indignação: «*Mas quem te disse que nos arrastamos a quatro pés, em teu estudio?*»

Ao que respondeu o relator: «*Pode ser, então, que vos outros prosigais existindo em um «plano» que pode manter-se independente do recinto? Em todo o caso—é minha opinião sôbre a maneira por que vos comportais. Esta encenação é ridicula e não posso tomá-la a sério. Vossas atitudes são inexplicáveis, inaceitáveis, sem significação alguma*».

Foi quando William James tomou a palavra para explicar, com toda a serenidade, ao insolente céptico «*a razão da presença deles em seu escritório*».

E nosso autor retorquiu:

> Não obstante tudo, não posso chegar a crer que Walt Whitman, Roosevelt, os demais amigos, estejam aquí, combinados, para falar-me e escrever-me, para minha própria satisfação e a de minha família. Eu quisera acreditar, mas não posso.

Outro amigo, chamado William V. Moody, manifestou-se em seguida, traçando sua própria firma pela escrita direta. A este respeito observou o nosso autor:

> «Essa firma era perfeita em suas mais insignificantes garatujas. Mas nenhum de nós pedira a firma nem eu mesmo pensara nela, em absoluto. E, a-pesar disso, manifestou-se deixando uma firma tão perfeita que o mais perito Caixa de Banco te-la-ia aceito como autentica.

Por fim, a êle se manifestaram o

pai e a mãe, mas, infelizmente, malogrados todos os esforços que fizeram, não chegaram a convence-lo. Nos seguintes termos êle descreve uma dessas piedosas tentativas:

> «Depois disso a «corneta acústica» lentamente, docemente veio aninharse em meus braços, como já em outra ocasião, e tive a impressão real da presença de meu visitante tímido e afetivo. Perguntei: «Será novamente, talvez, minha mãe?» Foi respondido afirmativamente por debeis golpes vibrados sôbre a corneta. Acrescentei, então: «Mamãe, dirige-te de preferência á Isabel (minha filha) e tenta falar-lhe, pois Isabel melhor compreenderá tuas palavras tão dolorosas!» A corneta se levantou avizinhando-se de minha filha, quasi a tocar em sua orelha. Os esforços se renovaram, com dificuldade, mas permaneceram impotentes para articular palavras. Eu a animava: «Vamos! vamos! Mamãe. Pronuncia o nome de Isabel! E da corneta se escapou um cochicho mui claro: «Isabel!» E. quando exclamei: «Tambem eu o ouvi!» um suspiro entrecortado por lágrimas afogadas, saiu da corneta, como se minha mãe houvesse chorado de alegria. Foi então que se me escaparam estas palavras: «Ah! se eu pudesse crer nesse murmúrio! Esse instante fugitivo seria, para mim, o maior acontecimento de minha vida! O murmúrio dessas palavras assumiria para mim, um significado incomparavelmente superior ao de todas as investigações de Millikan, sôbre os raios cósmicos».

Esta última exclamação tão sincera e tão cheia de pesar, de nosso autor, é bastante, por si mesma, para tornar manifesto o estado de alma daquele que a expressou. Desejava, por todos os meios possiveis, convencer-se, mas se encontrava em absoluta impossibilidade de consegui-lo devido a sua mentalidade literalmente cerrada á idéia da existência, no homem, de um espírito que sobreviva á morte do corpo.

No capítulo das conclusões volta a todas as perplexidades de ordem experimental, sôbre as razões científicas e sôbre as especulações filosóficas que o induzem a não crer. Quanto ás perplexidades de ordem experimental que experimenta ante as provas de identificação pessoal dos defuntos, são, elas, tão pouco numerosas e tão futeis que nem ao menos se pode experimentar surprêsa. Mais numerosas são as objeções de caráter científico e filosófico, as que segundo o autor seriam contrárias a toda possibilidade de existência e de sobrevivência da alma humana, mas tambem estas são futeis, ingênuas ou absurdas.

E como não são novas, absolutamente indignas de discussão, abstenho-me de citá-las para não perder tempo, tanto mais que as abstrações filosóficas e a presunção pseudocientífica, nada podem contra os factos.

De qualquer maneira, repito o que disse a princípio: O autor está em seu pleno direito de exteriorizar, em conciência, suas dúvidas, suas perplexidades, seu cepticismo sôbre a genese dos fenômenos medianímicos propriamente ditos e, muito mais, por ter, antes de tudo, estudado a fundo o problema em questão. E mais direito lhe assiste ainda por ter sempre demonstrado respeito ás opiniões dos outros. Noto por outra parte, que o livro, precisamente devido ao irredutível cepticismo teórico do autor, não deixa de ser enormemente impressionante e eficáz, sob o ponto de vista fenomenal e tambem espírita. Não é menos edificante sob o ponto de vista psicológico, com respeito á genese e elaboração das convicções, consideradas em suas relações com a influência perturbadora das prevenções, sôbre o correto exercício do raciocínio humano.

Quanto ao caso de identificação pessoal, acima referido, noto que, se tivermos em conta as explicações dadas a propósito de ligeiros erros de memória, cometidos pelo defunto, teremos que reconhecer que os mesmos erros não apresentam valor algum teórico, suscetível de neutralizar a interpretação espírita dos factos visto que para provar a real presença do defunto comunicante, *in loco*, sómente três episódios são suficientes. contidos, entre muitos outros, nos relatos examinados.

Principío pelo relato em que o experimentador, sentindo-se fatigado, abandona-se sôbre uma cadeira, retirando a mão que tinha colocado sôbre a mesa do médium, gesto rápido, seguido da voz ansiosa do defunto que pergunta: Aonde foi Garland? Não o vejo mais! Garland! Onde estás? Este respondeu: «Estou aqui!» e torna a colocar a mão sôbre a mesa, entrando assim, de novo na zona medianimica, perceptivel para o espírito o qual exclamou: «Agora volto a verte! Não te retires mais!» Incidente assombroso e não provocado, que revela a presença no lugar, de um autêntico espírito de desincarnado, o qual não mais percebendo o amigo vivente e não atinando com o motivo, pede ansiosamente explicações a respeito. Considero que o desenvolvimento espontâneo e autêntico do incidente provocado de maneira inesperada por um gesto insignificante em si é evidente a todos. Não obstante, se alguem quiser atribuir o incidente, a um embuste da personificação sonambúlica, neste caso farei notar que seria conceder, a esta, um tal conhecimento do mediunismo, que ela não ignoraria absolutamente o facto de que a retirada da mão de sôbre a mesa provoca a desaparição do experimentador da zona, perceptível a um espírito autentico. Pois bem, este conhecimento só o possue um mui limitado número de investigadores. Mas se - hipoteticamente — essa efêmera personificação sonambúlica o houvera sabido, teria ela deixado escapar uma bela ocasião de perpetuar uma brilhante mistificação á custa de pobres imbecís? E', isto, verosímil? Não creio que a «credulidade dos incredulos» possa chegar a estes caprichos extremos!

Apresso-me, não obstante, a conceder aos adversários que se o incidente exposto prova, indiscutivelmente, a presença espiritual de um defunto, no lugar dessa prova sómente seria de ordem geral e o incidente, por si mesmo, não identificaria o defunto. Convem, pois que chame a atenção do leitor sôbre dois factos importantes — citados precedentemente — que só eles bastariam para indicar quem era o espírito comunicante.

O primeiro concerne ao fenômeno complexo e maravilhoso da transcrição por «escrita direta» de uma magnifica composição musical inédita e original por intermedio de um médium completamente desprovido de toda a cultura musical e em presença, desde o princípio da sessão, de um só experimentador o qual se achava — tambem êle — nas mesmas condições de ignorância da musica.

O segundo é a perfeita reprodução da forma do defunto, *firma que não era a mesma que tinha durante o período em que o delator o havia conhecido,* mas sim uma firma da época de sua juventude. De modo que o defunto comunicante acreditava, evidentemente, ter fornecido uma prova de identificação pessoal, a que poude escapar a toda interpretação sofística *baseada sôbre a leitura* no subconciente dos presentes.

Parece-me que os três incidentes referidos, são suficientes para provar minha asserção. Abstenho-me, para ser breve, de referir outros, não obstante haver uma duzia nos relatos em questão, e termino afirmando que, apesar-da opinião contrária do relator, o caso exposto merece ser classificado entre os melhores factos de identificação pessoal de defuntos comunicantes.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

«A Verdade terá de ficar guardada, ainda, por muito tempo, nos sarcófagos...»

Eis a resposta que ouvimos de uma sombra amiga, ante as perguntas incessantes que lhe faziamos.

Vivemos num ambiente tão rico de exemplos; tão fértil em acontecimentos singulares; tão simples na sua grandiosidade e tão sublime para quem, dentro da ciência, necessita da dôr e do tormento alhêios para deles tirar os conhecimentos e as observações em prol da coletividade, que nos sentimos, por vezes, confuso e enleiado.

Confuso porque, conciênte da inferioridade intelectual e da falta de um preparo sólido para pisar um terreno tão rico e tão prodigioso, reconhecemos a derrocada de tantos anos de labuta e estudos, obrigado a assistir o desmoronar de tantos ensinamentos e tantos estudos.

Enleiado, porque, despido do orgulho que cega e da fatuidade que emperra, queremos penetrar nesses sarcófagos que encerram tanta sublimidade e, impelido pela vontade que é força e pela ânsia de adquirir uma pobre moeda para ser deposta no cofre de recursos e auxiliar aos que sofrem, nos vemos, por vezes, com os olhos ofuscados por tanta grandeza e tanto deslumbramento que paramos, extasiado, a espera de novas reflexões e novos acúmulos de energia para continuar, passo a passo, ao encontro da verdade.

A *Verdade*, porém, é bem difícil de ser acreditada, porque a Humanidade, ainda mergulhada no materialismo comodista e entorpecida pelos vapôres de incenso dos dogmatismos, ainda não tem olhos para vêr e nem ouvidos para ouvir.

Somos espíritos lançados nesta pequenina parte do Universo e obrigados, por nós mesmos, á luta e ao esforço para que, do fundo desses sarcófagos, possamos tirar o que puderem nos oferecer, na proporção dos nossos conhecimentos, adiantamento, esforço e capacidade moral e intelectual.

Assim tem acontecido com a história que se vai tornando conhecida á proporção que as cidades soterradas aparecem e que os túmulos milenários são invadidos e perscrutados pela curiosidade e pela ânsia de saber dos homens.

A mesma cousa acontece com a ciência.

O esforço, a curiosidade e o empenho pelo descortinar do ignoto e do maravilhoso, faz com que o homem, amparado por uma vontade sempre insatisfeita, perscruta o desconhecido, remexa todos os escaninhos, pesquise todos os acontecimentos, sonde todas as profundezas, inquirindo, indagando, a procura de alguma cousa que sirva para atenuar as dôres, enxugar as lágrimas e diminuir os lamentos!

Tem feito muito, mas precisa reconhecer que, na proporção dos recursos advindos do seu esforço, outros males aparecem, outras causas surgem como desafio ao seu poder, e outros tormentos assaltam as criaturas, mostrando-lhes que o esforço deve sêr contínuo e a luta deve sêr constante.

No entanto, o nùmero dos que lutam, dos que trabalham e dos que pesquisam é ínfimo em relação ao dos comodistas, dos interesseiros e dos que vivem a encher páginas de jornais e revistas com diatribes improfícuas para si mesmos e para os outros.

Assim sendo, a marcha torna-se vagarosa e a sua sublimidade vai se empanando ante a falta de recursos precisos para evitar e atenuar os sofrimentos que campeiam pela Humanidade inteira.

No terreno do Espiritismo científico, não nos cansamos de o proclamar—a ciência poderá encontrar tantos recursos e tantos meios para auxiliar a ascensão para o progresso que, em breve, esses sarcófagos abrir-se-iam deixando antever tanta grandeza e tanta sublimidade que a Terra se transformaria de planeta de provações, em laboratório imenso de onde jorrariam todos os recursos precisos para atenuar as dôres e os tormentos de outros mundos menos evoluidos.

A-pesar das centenas de obras espíritas, por nós estudadas, de autores nacionais e estrangeiros; a-pesar de trabalharmos com médiuns bem desenvolvidos; a-pesar dos inúmeros anos de constante prática e observação, sentimos que mal antevemos as primeiras claridades irradiadas desse mundo desconhecido.

Si, com tudo isso, cada dia antevemos cousas mais sublimes e que jamais passaram pela nossa imaginação, que dizer dessas pessoas que vivem assacando injúrias e falsidades contra o Espiritismo, sem que cheguem a folhear, siquer, um livro a respeito ?

A nós pouco importam essas investidas firmadas na ignorância e na falta de critério. Por si mesmas elas se tornarão improfícuas ante a realidade dos factos que, inexoravelmente, seguem a sua trajetória.

Importa-nos, sim, a continuação da nossa caminhada, lenta, vagarosa, mas produtiva, porque devassamos as trevas que encobrem esse terreno.

Nosso esforço, nossos estudos, a-pesar dos tropêços e das dificuldades teem sido transformados em observações completamente desconhecidas da ciência oficial.

Nada representam, por enquanto.

Mais tarde, porém, temos a certeza absoluta, elas representarão a pequena réstia de luz a orientar os demais que forem impelidos a desvendar esses mundos desconhecidos, amparados por melhores circunstâncias, maior preparo e mais tenaz esforço.

Talvez seja, o de hoje, o caso mais interessante entre os inúmeros que temos observado.

Ha tempos, por indicação de confrades amigos, fomos procurado por uma família de certa localidade mineira; vinha a procura de tratamento para um dos seus filhos, rapaz, com 25 anos de idade, muito trabalhador e disposto, acostumado mesmo com os serviços rudes da lavoura. Jamais teve uma doença qualquer que o retivesse no leito ou o afastasse do seu trabalho. Sem vicios de espécie alguma e com hereditariedade bôa.

Há 5 meses passados, sem que houvesse uma causa plausivel para o desiquilíbrio do seu organismo e método de vida, começou a se sentir indisposto, queixando-se ora de dor nas pernas, ora de calafrios por todo o corpo, cefalalgias e, mais do que tudo isso, uma cousa *exquisita* na garganta.

A princípio, julgaram mesmo ser uma indisposição qualquer, preguiça—conforme o próprio termo com que os da família julgavam o seu mal.

Com o correr dos dias e notando que o rapaz emagrecia sensivelmente, procuraram os serviços profissionais de um médico, com cujo tratamento não obteve resultado.

Continuava com noites insones e forte anorexia a-pesar dos cuidados com que, daí por diante, o cercaram. Após um mês, mais ou menos, resolveram, a conselho de pessoas da família, submetê-lo a um tratamento com uma preta de quasi 100 anos e cuja fama, nas redondezas, era bastante para ser considerada como capaz de curá-lo.

De facto, obteve ligeiras melhoras com alguns remédios, inclusive *raizadas,* e o aviso de que o rapaz estava com *coisa feita.*

Mais uns tempos e notando a paralização dessa melhora, procuraram um espírita em Patrocínio. Além de alguns remédios aplicados, deram conselhos para que procurassem recursos dentro da doutrina, confirmando que o rapaz estava sob a influência de espíritos.

Entre as demais pessoas da família, aliás, toda católica, existe um espírita convicto e conhecedor da doutrina. Procurado na localidade onde reside, incontinente, buscou êle os auxílios de um médium receitista.

Deu-lhe uma receita e confirmou o que já haviam dito os demais—isto é, que, além de doente, estava sob a influência de entidades e como o rapaz estava com o organismo bastante definhado, aconselhou á família que o trouxesse para esta cidade, diretamente, para ouvir a nossa opinião sôbre o caso.

Examinámos o paciente sob as vistas do seu velho pai, cuja sensibilidade e cuidados pelo filho, eram tais que êle não continha as lágrimas que lhe deslisavam pelos olhos.

Aceitou o nosso alvitre em interná-lo.

Estava num profundo estado de fraqueza; não se alimentando e pouco dormindo.

Noção completa de espaço, tempo e lugar. Memória e raciocínio perfeitos.

Dizia sentir *uma coisa exquisita,* não podendo alimentar-se por não sentir o menor apetite. Organismo deshidratado. Exames de laboratório e chapas radiográficas, negativas.

Não havendo encontrado, pelo exame clínico, que pudesse despertar a atenção para qualquer lesão capaz de deixá-lo no estado em que estava e não desejando dar um diagnóstico que fosse contra a nossa própria conciência, consultámos uma sombra amiga e, pela sua resposta e explicação, demos mais um passo no terreno em que pisamos.

E' a eterna questão pela qual nos bateremos sempre: — *Não existe fator orgânico; não há o fator meio — Procuremos, então, o fator invisível* e, se o procurarmos, concienciosamente, achá-lo-emos sempre.

O enfêrmo, cujos exames foram negativos e que não apresentava uma lesão primitiva para deixá-lo no estado em que se achava, sofria, nada mais, nada menos, do que as irradiações maléficas e inconcientes de uma entidade recem-desincarnada vítima de uma tuberculose pulmonar!

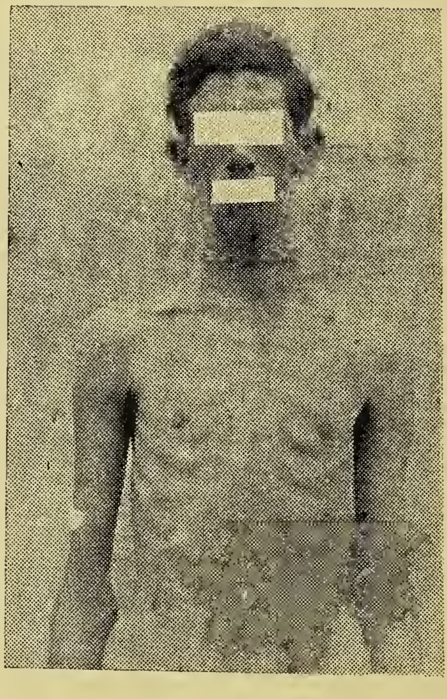

Era um desses milhares de espíritos infelizes que, perdendo o corpo material, perambulam por esse mundo desconhecido, convictos de que ainda possuem um corpo ao qual transmitem o que sempre foi seu apanágio — sentimentos e dores.

Atraidos pelos fluidos mediúnimicos de um incarnado, dêle se aproximam como sombra constante e adaptando seus fluidos, transmitem a esse incarnado os seus pensamentos.

Atacado por uma tuberculose; com os pulmões solapados por esse mal que, inexoravelmente fazia definhar o seu organismo; acompanhando, em vida, a sua consunção lenta, jà desesperançado dos recursos da medicina oficial, á qual naturalmente sempre recorrêra, desincarnou-se vitimado por essa moléstia.

Nesse período de transição, continuou a intoxicação da sua desesperança de cura. Atraido pelos fluidos desse paciente que é médium sensitivo e sintonizando seus fluidos com os do incarnado, que possuia a volição em gràu menor que a sua vontade, inconcientemente lhe transmitia toda a intoxicação do seu perispírito, toda a sua mágua, toda a sua desesperança.

Daí, um corpo moço, sem lesão caraterística, vêr-se, de um momento para o outro, definhando, resistindo a toda medicação terrena.

E' o corpo material sofrendo a intoxicação do próprio espírito do paciente, vitimado pela volição inconciênte de um desincarnado, fazendo o papel de uma verdadeira sanguessuga.

E' a própria intoxicação psíquica.

Nas mãos de pessoas desconhecedoras dessas questões reputadas inverosímeis, continuaria essa atuação e, em breve, o paciente seria vitimado por uma tuberculose que, a princípio *psíquica*, se transformaria, com o tempo, em real, visto todo organismo conter os bacilos de Kock, que vivem em vida latente, a espera de um enfraquecimento orgânico, e então se despertam para a sua ação lenta e fatal.

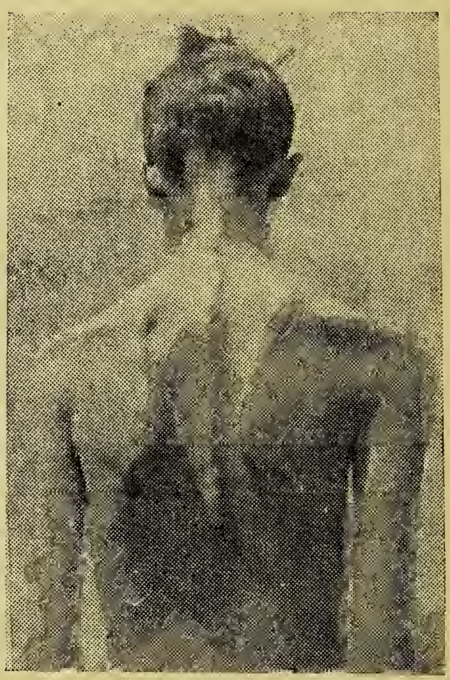

Seria uma vítima da própria ciência.

Na ocasião, não podendo contar com médiuns de incorporação, procurámos fazer uma doutrinação direta, lançando mão da psicoterapia ao mesmo tempo que, com os meios precisos, procuravamos amparar o organismo, fortificando-o, para resistir melhor aos fluidos com que era vitimado.

Sómente 15 dias após o seu internamento, pudemos organizar o nosso trabalho, já amparado por médiuns desenvolvidos e capazes de nos auxiliar no caminho encetado, ouvindo, assim, mais uma dessas histórias—factos desenrolados na vida material de uma existência, estampados no psiquísmo, torturando-se com uma vaga lembrança de alguem para cujo lado corria quando liberto e de quem vivia distanciado pelo véu da matéria...

—

«Meu Deus !... alentai o meu espírito !

Concedei-me a luz!

Sinto-me tão fraca e indecisa ante a realidade dos acontecimentos...

Morta ?!... Não... viva, sim, mas a vida de agora é bem diferente...

Quanta transformação! Tudo, para mim, está tão confuso...

De alguns factos, me recordo perfeitamente, enquanto que, de outros guardo apenas uma vaga lembrança...

A-pezar-de ainda muito confusa, estou agora conciênte do meu estado, sabendo que não mais pertenço ao mundo em que viveis; que sou um espírito e que, do meu corpo de mulher só existe, por certo, o esqueleto que repousa no cemitério de S. José dos Campos...

Durante muito tempo estive em Bélo Horizonte, graças á proteção de minha irmã que tudo fez por mim e, naturalmente, ainda hoje chora a minha morte.

Morrer aos vinte e poucos anos quando se tem tantas ilusões e desejo de viver !...

Foi triste e longa a minha agonia.

Chamava-me Margarida.

Afeição amorosa? Não, não tive nenhuma, no ponto de vista em que perguntais—Todavia, desde os 13 anos, sentia uma saudade exquisita—sim, exquisita, pois era de alguem que eu não conhecia.

De quando em vez essa saudade torturava o meu coração.

Depois de moça, quando pensava em me casar vinha-me um pavor inexplicável — parecia que um fantasma se comprazia em torturar-me, quando essas idéias surgiam na minha imaginação de moça. Esses factos me deixavam num estado de grande abatimento e, por ocasião de uma gripe, já muito enfraquecida, fui declarada tuberculosa.

Parti para Bélo Horizonte, onde fiquei vários mêses, passando por fases de melhoras e recaídas, até que resolvi ir para S. José dos Campos, em estado desesperador.

Nessa última fase da minha moléstia comecei a vêr, ouvir e sonhar com duas pessoas por mim, até então, nunca vistas.

Uma delas era má, dizendo-me, entre outras cousas, que precisava morrer, pois era demais neste mundo — Suas palavras e ameaças torturavam o meu espírito e eu tinha pavor desses acontecimentos.

A outra pessoa que eu via e com quem conversava era esse rapaz a quem dizem que fiz e estou fazendo tanto mal.

Seria sonho? Visão?

Por certo, muitos acontecimentos se deram e recordo-me bem de que êle se acercava de mim, dizendo que me continuava amando. Tinha, para comigo, palavras de bondade e de carinho, procurando encorajar e levantar o meu ânimo abatido, infundindo-me alegria e esperança.

Muitas e muitas noites assim passamos, embalados em sonhos e recordações.

Quero pensar e reviver essa quadra tão feliz, mas não consigo. Tudo é tão confuso! Nem sei mesmo como deixei S. José dos Campos para ir áquela cidade, onde êle estava...

Dias e dias passei no seu quarto, sempre procurando me ocultar. Só a noite falavamos.

Eu sentia-me bastante melhor, porém, êle cada vez mais se consumia. Estava muito abatido e triste, tanto que, por várias vezes lhe disse que o meu mal o havia contaminado. Esse julgamento o entristecia cada vez mais, tanto que nada respondia, a não ser com um olhar de muda censura.

Um dia, resolveu fazer uma viagem, dizia, a procura de tratamento. Viemos para esta casa onde, a princìpio procurava me ocultar não só para evitar que descobrissem nossos momentos de palestra, como, tambem, porque tive verdadeiro pavor em conviver com essa gente.

Todavia, a bondade e o carinho de um médico espiritual que, aquí trabalha, fez-me adquirir mais confiança e, por intermédio dele fiquei sabendo não só que havia morrido, como tambem que, de facto, havia transmitido, por sugestão, a minha doença ao enfêrmo.

Desesperada e sentindo todo o horror destes acontecimentos, procurei afastar-me dêle — porém não se conforma com a minha ausência e todo o momento livre de que dispõe, procura-me, com a mesma ânsia e com a mesma bondade dos primeiros tempos.

Dizem que em outra existência os nossos espíritos foram muito amigos.

Espero revêr essa existência passada. Sinto-me perturbada e vacilante. Um grande cansaço, uma cousa exquisita que não sei explicar bem. Ha dias que não o vejo. Todavia, peço a Deus para que o faça feliz.

—

Médium vidente descreveu esse espírito, como sendo moça ainda, morena clara, cabelos pretos e com semblante tristonho.

As afeições e os sentimentos são apanágios, do espírito. Mormente as afeições, quando sinceras, perduram para todo sempre, embora não se encontrem na vida material para, juntos viver no auxílio mutuo que se poderiam prestar no desenrolar das provações.

Cada espírito vive no desejo incontido de encontrar sua alma irmã, o que acontece, por vezes, na demonstração dessas provas de amizade e amôr á primeira vista, na atração irresistível de duas criaturas. São almas irmanadas por ligações felizes, que se processaram em existências idas e cuja lembrança dormita no perispírito, resistindo aos séculos e ás existências intermédias onde o fator e os desígnios de um Sêr Supremo, não permitiram que se encontrassem para continuar a vida de sonhos e felicidades!

Como devia ter sido sincera a afeição que, em existências idas, ligára estas duas criaturas! Sim, tão sincera, tão grande e poderosa que, embora sem oportunidade de se encontrarem nesta vida material, não deixavam, contudo, de se aproximar no plano espiritual, quando seus corpos materiais jaziam, quasi inertes, entregues ao descanso requerido para a compensação das perdas de energia na movimentação da vida biológica.

Ela, moça, na idade em que a vida sorri ante a esperança da realização dos sonhos que embalam e alimentam a fé e o desejo de alguma cousa que sente, porém que se é incapaz de expressar em palavras e frases.

Ele, tambem moço, alimentando o desejo de evoluir e se engrandecer na luta pela vida, engolfado no trabalho árduo e honesto.

Todavia, sem que eles mesmos soubessem o *porque*—uma nuvem de tristeza toldava seus semblantes e se espargia por sôbre os seus sonhos, toldando-lhes a visão dessa felicidade que seus espíritos procuravam e não sabiam onde estava, a-pesar-de pressentí-la em toda a sua grandeza e em toda a sua sublimidade!

Viviam na ânsia de encontrar essa *cousa qualquer*, indefinível, cousa pequenina, mas que devia sêr a razão das suas vidas separadas—quem o sabe?—por uma finalidade justa e necessária imposta aos seus espíritos, pela lei implacavel do Destino...

Essa nostalgia do seu espírito foi contaminando a matéria, que se sentia cada vez mais enfraquecida, a ponto dos germens virulentos da tuberculose, encontrarem o habitat requerido para a germinação das suas vidas, até, então, latentes...

Espírito abatido por essa doce e vaga lembrança que só à sua percepção é capaz de alcançar, teve, na fraqueza da sua prisão — o corpo material — o fator máximo para a sua melhor liberdade e, com ela, a aproximação mais palpável do companheiro que, naturalmente, desde muito o procurava, guiado por essa linha invisível que capta as irradiações sintonizadas de espírito a espírito.

Encontrou-o, um dia, no plano espiritual. A alegria desse encontro deve têr sido tamanha que juntos, volteando pelas áleas resplandecentes do mundo espiritual, se esqueceram de viver para a matéria, na ânsia de chegar o momento de sonô, libertação de duas almas, únicos instantes em que podiam estar juntos, revivendo as passagens felizes das suas antigas existências.

Quer como incarnada, quer como desincarnada, ao lado do companheiro, ao lhe falar sôbre os tormentos e as angústias do seu mal, aos poucos foi-lhe transmitindo os sintômas do mesmo, inxicando-o com os seus queixumes, fazendo com que, no seu grande amôr, compartilhasse e sofresse, com ela, as mesmas dôres, os mesmos sintômas do mal que lhe corroia o corpo material.

Êle, desperto, vivendo, todavia, mais da lembrança desse contacto espiritual, esquecido da matéria, mais facilmente, tambem, foi apreendendo aqueles queixumes e, inconcientemente, transmitindo ao seu corpo, as toxinas do seu espírito.

Tornou-se, *psiquícamente, um tuberculoso.*

—

Esse paciente esteve internado durante 15 dias, apenas.

Já haviamos iniciado o seu tratamento orgânico, lançando mão de medicamentos apropriados ao caso; tambem, da psicoterapia, com a vantagem de conhecermos a causa do seu enfraquecimento.

Embora o prognóstico sério, mantinhamos, todavia, a esperança de vê-lo completamente restabelecido.

Infelizmente, sua família, criada nos princípios mentirosos do catolicismo não teve a compreensão precisa para deixá-lo em um Sanatório Espírita, temerosa dos castigos infligidos por esse Deus do romanismo, Deus intolerante, mau e vingativo.

Prevalecendo-se dessa religiosidade, naturalmente sombras inimigas atuaram sôbre os seus, fazendo com que, diplomaticamente e sem ressentimentos, o retirassem logo do Sanatório, afim de levá-lo para sua cidade natal.

Faziamos questão de entregá-lo completamente são—mas esforços e conselhos demasiados poderiam ser aos entendimentos profanos, interêsse moral ou arrastamento para a doutrina... do diabo.

O espírito havia sido afastado, mas permanecia o pior—*intoxicação do próprio espírito do paciente,* intoxicação difícil de ser debelada por entendedores da doutrina, e dificílima, quasi impossível, mesmo, por profanos escudados, apenas, na medicina material.

Quando êle se foi, nosso coração não deixou de se confranger, dentro do peito, porquê testemunhamos, mais uma vez, a incompreensão dos homens, sacrificando uma vida ainda joven tão esperançosa, pelo único temor de castigos divinos, explorados por uma horda de homens de saia, atestando, com essas próprias vestes, as fraquezas dos seus ensinamentos e as inverdades sustentadas pelo ritualismo e vapores intoxicantes de conciências e raciocínios...

—

Mais uma vez, em 7/8/39, o espírito dessa moça se manifestou.

Derramando lágrimas sentidas, copiosas, assim se manifestou, entrecortadas as suas palavras por soluços constantes:

«Mais uma vez, volto á essa casa onde ouvi palavras e conselhos que confortaram tanto o meu espírito, que a fé e a confiança em Deus renasceram no meu coração...

Eu sofria tanto e tanto que já não mais alimentava a esperança de deixar de sofrer, um dia.

Tudo o que procuro revêr do meu passado, é triste, muito triste; nem uma passagem feliz que viesse compensar o meu martírio. Disseram-me, aquí, que tudo tem uma finalidade e, assim sendo, espero resignada.

Tenham piedade! Êle está sofrendo muito e o sofrimento de um tuberculoso confrange o coração mais impedernido...

Procurem salvá-lo por piedade!

Êle é moço, muito moço ainda e precisa e deve viver!...

Sinto uma confusão tão grande! Deus, tenha piedade do meu espírito!

Si já fiquei sabendo alguma cousa sôbre nossa passada existência?

Sim. Era muito moça, ainda, quando o conheci, e uma simpatia instintiva nos aproximou. Sua família era rica, poderosa e eu, uma pobre moça, sem nome e sem riquezas. Morava com minha mãe que, por infelicidade ou necessidade, não tinha um proceder correto. Todavia, a-pesar dessa convivência, dentro da minha pobreza, era rica de sentimentos, pois era honesta e honrada.

Vendo nisso motivo bastante para ser desprezada e considerada como indigna de me unir a êle, sua família fez com fosse para longe, muito longe.

A-pesar dos seus protestos teve que partir, não, porém, sem que nos despedissemos e trocassemos nossas ùltimas juras de amôr eterno.

Senti muito e os seus, não satisfeitos em destruir os meus sonhos de moça, ainda arrastaram o meu nome pela rua da amargura, com vilanias e maledicências, não respeitando, siquer, a minha pobreza e humildade.

Desesperada, suicidei-me e êle, mesmo de longe, ao saber desse meu gesto, suicidou-se, tambem.

Nessa existência, vivemos separados. Eu sofri muito e êle tambem, está sofrendo!

Tenham piedade! Salvem-no. Êle precisa viver—ainda é tão moço e ainda pode sêr tão feliz!,..

Orgulho e maledicência—dois fatores poderosos que ainda arrancam lágrimas de desespero, provocando tragédias e mais tragédias que se prolongam pelas vidas afóra, a-pesar das suas intermitências e das suas durações que se perpetuam muito além da nossa visão e da nossa percepção...

Que mais poderiamos fazer por aquela criatura que se ia definhando, cada vez mais, no pagamento do restante de anos de uma vida cortada pelo desespero?

Quantos ensinamentos poderemos tirar, revendo essas vidas jovens que pagam orgulhos idos, vilanias e, ainda hoje, dogmatismos impostos por essas conciências interesseiras que comerciam, pelo terror, em nome de quem expulsou do seu templo, os vendilhões gananciosos...

—

Quando o vimos partir, uma revolta surda ressoava dentro de nós mesmos, provocando recordações de alguma quadra identica, onde o orgulho e a maldade dos homens foram fatores para destruir, tambem, uma felicidade, transformando-a em amarguras e revoltas.

Sentimos a sua partida, pois previamos, para breve, a sua consunção e chegámos mesmo a desejar que seu espírito fosse liberto para, mais rapidamente voltar ao plano espiritual afim de conviver com aquela entidade amiga, preparando-se para novas diretrizes e poder, assim, integrar-se na felicidade que sonhou, um dia...

E não soubemos, até hoje—si felizmente ou infelizmente — o certo é que a entidade amiga ainda voltou várias vezes a se manifestar e com tanto sentimento, com tanta elevação e tanto desejo que êle vivesse, que as lágrimas por ela derramadas e por ela provocadas nos que assistiam os trabalhos, tiveram o dom de atenuar a nossa revolta, fazendo com que organizassemos trabalhos á distância, procurando produzir fluidos animais para que fossem captados pelas entidades amigas e transformados, no laboratório do Infinito, em fluidos divinos para serem espargidos naquela vítima dos preconceitos e do dogmatismo.

Esse trabalho á distância foi contínuo e exaustivo e, de longe, acompanhavamos a marcha da sua moléstia sabendo que suas melhoras eram lentas, mas contínuas, até que alguns meses após esses acontecimentos, tivemos mais uma vitória para coroar o esforço, o desejo e a abnegação...

Naturalmente, agora, refeito da sua moléstia psíquica, seu espírito pode, confiantemente, deixar no leito a matéria refeita e voltar para o espaço, a procura da sombra — sua companheira — ao lado da qual vive, naturalmente, engolfado nas recordações de uma quadra feliz, esquecido das realidades terrenas...

—

Sejam felizes.

Que as áleas dos jardins do infinito se prestem aos passeios tranquilos das suas almas e que, de braços dados, agora, sorridentes e felizes, livres dos tormentos pelos quais passaram, possam usufruir da tranquilidade e do repouso, alimentando os seus corações de novas esperanças e novos ânseios, no preparo para nova vida e novos empreendimentos...

Dalí, mais perto das estrelas, poderão apreciar os raios de luz que, em catadupas rutilantes, se desprendem e se espargem por todas as almas, na demonstração da bondade, da justiça e da oniciência de DEUS!

O mal é o fruto da ignorância das Leis — leis divinas, para o progresso das almas, compreendendo Deus e amando o próximo — evangelicamente — por conseguinte; — e leis civis, mantenedoras do equilíbrio social, dentro do respeito múluo e das garantias processuais. Umas e outras se completam, desde que não se exclúa a justiça divina, que não traz por simbolismo — os olhos vendados. — ALB.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XX —

Esquizofrenia e Obsessão

Esquizofrenia é creação modernissima da ciência materialista, que abrange uma série sem fim de distúrbios psíquicos. Substitue, largamente, a *histeria* que, parece, vai saindo da moda. Pudera! Histeria é termo que anda — embora a medicina materialista não saiba o que ela é — nos lábios de toda gente! E bem não fica ao cientificismo materialista, pretencioso e impreciso, que sua tecnologia cáia no conhecimento do povo! *Esquizofrenia*, não! E' termo novinho em folha, a cuja ação se empresta, ademais, bem maior amplitude!

Que é ela? Quem o sabe? Um distúrbio nervoso de caractéres ainda imprecisos, dizem alguns sábios materialistas. A soma de distúrbios de várias naturezas, afirmam outros.

Sabe-se ao certo que se trata de um nome bonito e empolado, que o dr. Wolf criou para a *demência precoce* que é, por sua vez, um mal ainda por precisar, dentro da psiquiatria, definitivamente. E' o grande problema da psiquiatria moderna, para o dr. Kraepelim, o criador da *demência precoce*. E tambem para o dr. Wolf, que foi buscar *esquizofrenia* no grego antigo! E tambem para o dr. Breuler, que deu curso ao termo empolado feito sinônimo de *demência precoce*, não fazem ainda trinta anos!

A natureza de seus sintomas? Quem o sabe? Para uns, de origem puramente material! E' moléstia fisiogena, o que vale dizer: de fundo orgânico, que póde resultar de agentes tóxicos, para o sr. Breuler. Mas, dispõe de sintomas secundários, de origem psíquica, como *alucinação, ideias confusas e delirantes, psicoses maníaco-depressivas, manias.* Os tratados de medicina e os tratadistas enfeitam seus sintomas de coisas ainda mais complicadas e dificeis. Hermann Bouman descobre-lhe certa «degeneração parenquimatosa primitiva da *cortex*, degeneração gordurosa e esclerose das células cerebrais», etc. Chastin classifica-a de loucuras discordantes, compreendendo a demência precoce de Kraepelin e outros grupos provisórios de moléstias. Kretsner vai buscar na hereditariedade e no temperamento psíquico suas origens... Para Eugenio Breuler, o grande psiquiatra de Zurich, não ha *esquizofrenia*, mas *esquizofrênicos* e *esquizofrenias*. E, psicopatologicamente, entra a corrigir Kraepelin, Kahlbam, Haelcker, Morel, no sentido de firmar *doutrina esquizofrênicas*. Dr. Claude diverge da ciência de seus ilustres colegas, emprestando dois aspectos á questão: o aspecto nitidamente orgânico, segundo o conceito de Kraepelin e Morel, e o aspecto essencialmente psíquico. Dualiza, assim, a moléstia, ajustando ao aspecto psíquico uma série de nomes bonitos e modernissimos: *esquizoses, esquizoidía, esquizomanias*, até chegar-se á *esquizofrenia.* Não ha de ser por falta de batismos a nomes gregos e empolados que a doença deixa de ser conhecida! Póde faltar-lhe, como lhe está faltando, o conhecimento científico, mas onomatías, é que não! o snr. Dr. Henrique Roxo, embora ache que «não ha certeza em relação á sua interpretação patológica, entende, psicanaliticamente, que ha uma relação bem estreita entre a sexualidade e esquizofrenia. Não se póde conceber, é claro, psicanálise sem sexualidades! O Dr. Austregesilo entra no assunto, e nem podia deixar de fazê-lo, criando as *catafrenias* que são, por assim dizer, fases da *esquizofrenia.* Um grande psiquiatra norte-americano, o snr. Harry Sullivan, classifica-a como «um disturbio do espírito», a que dá o nome de *rachadura da alma...*

Mais difinições que aquí ajustassemos, daria no mesmo: *esquizofrenia* ficaria ainda, por ser cientificamente, conhecida. E, se ainda não é conhecida pelas sumidades médicas, não póde ser, consequentemente curada. E' tão verdade que a sua cura é outro problema bem maior do que o de seu conhecimento, que o dr. Sullivan não encontra na cultura médica ocidental, ainda na sua fase juvenil, recursos para debelá-la! que o dr. Henrique Rôxo diz não ha nenhuma «certeza em relação á segurança de uma bôa terapêutica» a aplicar-lhe! que o dr. Heitor Peres afirma é «ela uma verdadeira calamidade social; o grande Moloc a desafiar e desapontar os estudiosos de psiquiatria»; que existe, desde junho de 1927, um prêmio de um milhão de francos, instituido, em França, pelo snr. Mauricio de Fleury, para quem lhe descobrir a cura radical. Prêmio que póde ser dividido, para maiores facilidades, em cinco partes iguais, a serem entregues anualmente...

Assim, a *esquizofrenia* é uma doença desconhecida nas suas origens e de terapêutica desconhecida. Contudo, médicos de fama procuraram combatê-la a xaropadas materiais. O Dr. Rôxo, que afirma ser desconhecida, ainda, uma terapêutica eficiente para ela, aplica, entretanto, diz que favorecidamente, em *esquizofrênicos: lupulo, alface, mulungú, iodo, cálcio*, em diferentes receituários e dosagem. Na Alemanha, procura-se curá-la, fazendo-se os doentes trabalharem. Coube a glória da descoberta ao dr. Gutersloh. Como o trabalho tudo póde remediar, cremos na eficiência de sua terapêutica, quer na *esquizofrenia*, como em quasi todos os nossos males...

A medicina moderna, materialista e imprecisa, não sabe, numa palavra, o que é a *esquizofrenia*. Entretanto, ha sábios dela que levam á conta de *fenômenos esquizofrênicos*, os fenômenos mediúnicos que lhe são ainda mais desconhecidos! Nem dispõe, tampouco, de recursos para combatê-la e curá-la! E' o que diz, claramente, o dr. Harry Sullivan, através de recente mensagem de desespero que lançou ao mundo. Diz, na mensagem, que a *esquizofrenia* é a loucura da época, a retratar a grave desordem mental de uma éra. Suas vítimas são para figurar «entre os loucos mais perigosos», diz o psiquiatra da *Psichiatric Foundation*. E não encontra êle, na Terra, manicômios que os comportem a todos!

Pois se a Terra é, toda ela, a julgar pelos factos, um vasto manicômio, estando segregada da sociedade, apenas, como já se tem dito, o estado maior da loucura! Ninguem poderá, a rigor e com lógica, negar razão ao psiquiatra norte-americano, em face dos sintômas generalizados de loucura coletiva, observados por toda parte e em toda gente, caraterizando, como diria Mantegazza, a nossa éra, como o *século esquizofrênico*! E guerra, que, embora no princípio, já dominou 3/5 da população e, podemos dizê-lo, da litosfera, aí está, abonando tais sintômas! São as *lutas de box*, como a última, nos Estados Unidos, que, com o nome de *arte nobre*, atraiu perto de cem mil almas a vibrar de interêsse por dois homens que se esmurram, até um cair vencido e exangue, que atestam a loucura da Terra! São essas *turras fotibolescas*, a sacudir clero, governo e povo, imprensa e rádio, alterando o rítmo da Vida, de tudo e de todos, que confirmam o *estado esquizofrênico* do mundo! E' o nosso povo, no mais quente mês do ano, entregue a pinotes, na rua, brincando o carnaval, que dá razão ao dr. Sullivan! E' o interêsse quasi que vital, que se põe, através do cinema, da imprensa e do rádio — as três maiores forças, de propaganda da época, — é o interêsse que se põe somente no que é fútil, trivial e frívolo, que carateriza os *distúrbios esquizofrênicos* aí dominando tudo e todos!

Um cientista inglês, precisou, ha coisa de cinco anos — a data exatissima para que toda a humanidade esteja louca, louquissima! Será no ano de 2.139, por seus cálculos científicos!

Não cremos, diante da mensagem do snr. Sullivan e pela maneira em que vão as coisas, que o mundo chegue a tão longe, com o juizinho no lugar!

Ha no livro da Sabedoria e da Vida — o Evangelho — uma passagem que póde explicar o *estado esquizofrênico* do século. E' aquela que se encontra em Mat. XII, 43 a 46, a esclarecer que, quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, sem encontrar repouso. Volta, novamente, ao ponto de onde saiu, e achando desocupado, varrido e adornado, leva consigo outros sete espíritos piores do que êle . . .

A Terra, planeta atrazado, tem sido quasi que sómente morada de espíritos imundos. Espíritos que, na carne, promoveram as guerras religiosas, as Cruzadas, a Santa Inquisição, o despotismo real e religioso, a escravidão humana e quejandos... Indo-se da Terra, a ela ficaram ligados por suas inferioridades, continuando a Terra sob a sua influência espiritual. Voltam, pois, á Terra, ou reincarnados ou em espírito, por não encontrarem repouso em outros planetas, encontrando-a desocupada, ainda, da idéia e do sentimento racionais de Deus, e mais varrida, e mais adornada, por obra e graça da civilização que aí está! Trazendo cada um desses espíritos mais sete consigo, bem pódem formar falanges de forças invisíveis, que estão, neste período de transição, *esquizofrenizando* a Terra!

Enquanto a medicina materialista, e a ciência oficial não se curarem de seu preconceito e da catarata do exclusivismo e da ignorância que as cega, para perscrutar o mundo invisível, estudando-o, afim de entrar, cientificamente, em contacto com êle, elas, a medicina e a ciência, ao em vez de saberem crismar doenças novas e, consequentemente, debelá-las, serão fatores—isto, sim!—da disseminação das mesmas, infelicitando, cada vez mais, o mundo e a humanidade!

Pensamos que já é tempo da ciência meditar, cientificamente, nestes conceitos experimentais do dr. Webster: «Muitos insânos ha tido por loucos incuráveis, que, no entanto, apenas se acham subjugados pela ação opressora de espíritos ou falanges de espíritos».

E mais nestes, do dr. William James, ambos da *Ass. Médica Norte-Americana*: «Torna-se cada vez mais evidente que a obsessão é a causa determinante de muitos casos de loucura, e que estes se podem curar. A atenção médica terá que se voltar para tais problemas, ou a matéria médica perderá o domínio do assunto».

Esquizofrenias e esquizofrênicos?

Em 99 casos contra um, talvez, pura obsessão e obsidiados!

Um espírito não esperado aparece sôbre uma fotografia

«La Revue Spirite Belge»

O relato de Mme. J. - M. D., que descreve o modo por que foi obtida a fotografia espírita aqui reproduzida, foi precedida da seguinte carta:

«No dia 20 de Julho p. p., eu recebi de um de nossos membros, uma carta cheia de interêsse e de instruções que tenho o prazer de comunicar ao Snr. Diretor da «Revue Spirite Belge», pedindo-lhe usa-la do modo que julgar mais conviniente para a defesa de nossos ideais.

Não nos ocupamos aqui com nossos detratores ou adversários «congenitais», disto eles nada entenderão! —Cremos sómente que após uma leitura na obra de Gabriel Delanne, «As Aparições Materializadas», a nossa irmã quis levar a todos os nosos amigos uma prova pessoal de fotografia espírita e o menos que podemos fazer é felicitá-la, testemunhando-lhe os nossos agradecimentos».

O Presidente de L' A. S. Ch.
Delbrauck

Charleroi, 19 de Julho de 1939.

Senhor Presidente.

Impedida de comparecer á reunião de domingo, fim do mês, e tendo o snr. abordado em sua conferência, o assunto da fotografia espírita, eu lhe envio a fóto inclusa, julgando que isso poderia interessar nossos irmãos.

Eis aqui a documentação: assisti ao Congresso espírita de 1928 em Londres, e desejava entrar em comunicação com um irmão meu, falecido ha alguns anos. Pedi, portanto, uma entrevista com Mrs. Deane, por intermédio de Miss Phillimore. Fui informada que isso seria impossível, Mrs. Deane não tinha horas disponíveis, mas que, se eu me apresentasse em casa de Miss Estelle Stead, eu poderia, talvez, aproveitar a vez de alguem que provavelmente viesse a faltar.

Dirigi-me a casa indicada e fui recebida pela amável Miss Stead; consegui, após uma espera de meia hora, substituir uma senhora que não poude comparecer. Meu nome não foi dado, foi dito sómente que eu viera da Belgica, facto que não era uma boa indicação, caso se tratasse de trapaça, pois todos meus parentes eram ingleses.

Deram-me, durante minha espera, um pacote de chapas diretamente fornecido ao escritório de Miss Stead, pelo fabricante e enquanto eu o segurava, tranquilamente sentada numa cadeira, senti forte corrente elétrica no meu braço direito.

Tendo entrado no pequeno gabinete branco e nu de Miss Deane, sentei-me numa cadeira, diante do aparelho, com minhas costas voltadas para um pano negro suspenso á parede por detrás.

Assisti, numa pequena câmara negra, á introdução das chapas no chassis.

Mrs. D. segurava minha mão; cantámos uma estrofe de um hino e recitámos o Pai Nosso e então, u'a mão sôbre a pêra e a outra estendida como em invocação, ela tirou seis fótos. Em dado momento senti frio intenso ao lado esquerdo de minhas costas.

Depois, revelámos as chapas numa câmara escura; sôbre uma, havia diversas centelhas e sôbre outra, a cabeça que o snr. vê, que não é a de meu irmão, mas a cabeça de meu tio e padrinho M. H.—C. Faushawe, falecido em 1920 ou 1921.

A semelhança é chocante e todos os membros da familia que a viram, reconheceram meu tio sem um instante de hesitação.

Alguns dias depois, em sessão com Mr. Frank Blake, realizada em Boernemouth, recebi comunicações do mesmo tio, de grande interêsse para a família.

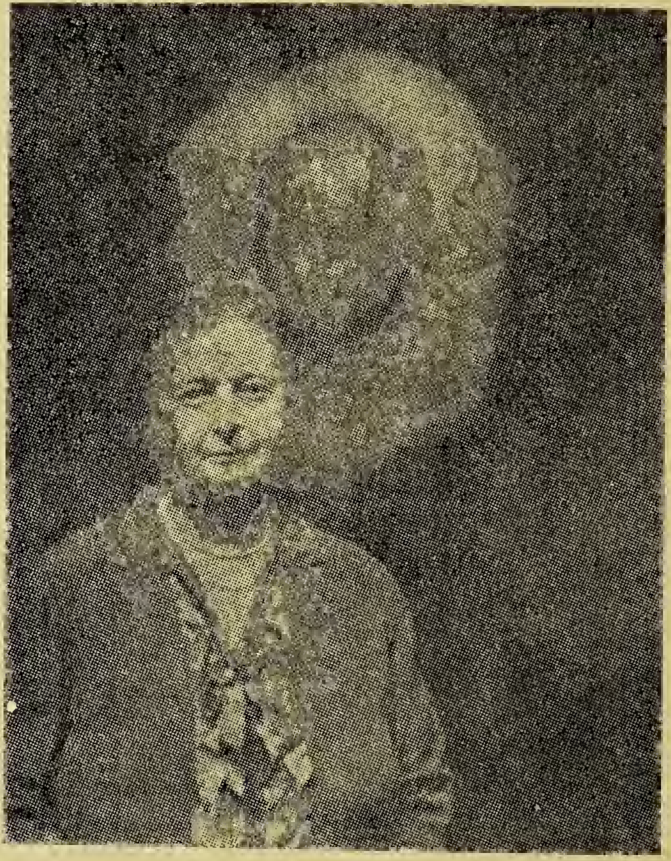

Fóto espírita de H. C. Faushawe

Espero que estes detalhes possam interessar a todos os membros do nosso círculo.

Peço guardar esta fóto até a reunião de setembro, porque permanecerei na Inglaterra durante todo o mês de agosto.

Aceite, senhor Presidente, minhas fraternais saudações

Mme. J. - M. D.

Cada criatura tem o destino nas suas proprias mãos. E' necessário, pois, que se instrùa, se esforce por vencer a ignorância do meio, apercebendo-se do «por que» da vida, afim de tornar-se apta para as aspirações do próprio progresso científico e moral em todas as suas etapas — este, sublimado pelos albores do Evangelho. — ALB.

Crônica Estrangeira

Vózes diretas e materializações

«La Revue Spirite Belge» refere-se a uma sessão experimental, realizada em Newport, mediada por M. J. Hatcher, que se encontrava sólidamente amarrado a uma poltrona, e ao qual, em tais condições, foi despido o casaco por uma individualidade do espaço, ao mesmo tempo que a trombeta flutuava e se ouviam, através dela, vozes conhecidas pelos assistentes. Vários objetos foram elevados até ao teto, e o espírito de uma menina materializou-se. Esta graciosa materialização cantou e dançou, durante bastante tempo, e a voz de uma outra criança foi perfeitamente reconhecida pelo pai, que se encontrava presente.

* * *

Na Bélgica — país de encanto material e espiritual—onde se cultiva com fervoroso entusiasmo o Espiritismo, acaba de obter-se uma prova deveras interessante, e que bem podem ser oferecida á ciência oficial para que sôbre o caso se pronuncie. Trata-se da impressão digital do dedo polegar do espírito de Walter, materializado no decurso de uma sessão em que mediava a irmã do falecido.

Como a Ciência afirma que nenhuma impressão digital de um indivíduo é igual á de outro individuo, como resolverá ela este problema ?

O cão que esvaece

«Psychic News» recebeu de Mrs. C. Hammersley, Canadá, o seguinte relato com título acima:

Certa noite, quando meu irmão voltava da cidade, caminhando por uma estrada deserta, êle ouviu um ruído, e olhando em seu derredor, viu dois homens que o seguiam, aparentemente com a intenção de rouba-lo. No mesmo momento, apareceu ao lado de meu irmão, um enorme mastim preto.

Um dos homens deixou escapar uma praga e ambos fugiram.

Quando meu irmão chegou ao portão de casa, voltou-se para acariciar o cão—mas enquanto assim fazia, o cão esvaeceu.

Muitas vezes depois que o meu cão — um esplendido mastim — foi morto ha seis anos atrás, e quando eu ia reunir o gado, êste se comportava como se lá estivesse um cão a dirigí-lo. Essas ocorrencias perduraram até que adquirí outro cachorro próprio para a lida de gado, mas, por vezes, ainda sou auxiliado pelo cão invisivel.

Shakespeare um médium ?

Não posso aceitar a teoria que pretende ter Bacon escrito todas as obras de Shakespeare. Sempre acreditei que Shakespeare foi um grande psíquico — facto que explica os surpreendentes conhecimentos revelados em suas peças.

Minha teoria foi confirmada quando recentemente e num domingo, visitei Stratford-on-Avon e longamente conversei com um oficial de guarda á casa em que nasceu o poeta. Perguntei-lhe o seguinte:

«Como explica que esse homem não letrado pudesse escrever peças, historicamente acuradas, descrevendo cenários que nunca visitou e possuidor de um acervo de informações que nenhum cérebro pode conter ?» Ele replicou que Shakespeare fôra um gênio. Esta resposta só é uma questão de palavras. O gênio só é explicável pela mediunidade.

Um Vigário volta á sua Igreja

«The Two Worlds»

The Portsmouth Evening News contou a seguinte história interessante de um fantasma que apareceu na igreja de Southsea. Uma senhora, assídua frequentadora da Igreja St. Simon, convidou uma amiga, que pela primeira vez visitava a cidade, a acompanhá-la ao culto. Terminado este, perguntou á amiga: «Quem era o eclesiástico que se conservara de pé no extremo do nosso banco durante todo o serviço ?» «Você está enganada», replicou a outra, «não havia clérigo algum junto ao banco». «Mas, querida», foi a resposta, «certamente, meus olhos não me enganaram. Ele estava tão perto que eu poderia tocá-lo». Em seguida ela fez uma descrição detalhada da figura do clérigo, pela qual foi identificado, em suas mínimas particularidades, o Rev. F. Baldey, o primeiro vigário da igreja—pessoa de visão estreita, mas inteiramente dedicado á sua igreja. Teria êle voltado, depois de morto, para observar os ensinos do seu sucessor, com o objetivo de modificá-los?

As Irradiações Nocivas

«La Ricerca Psichica»

M. H. Chrétien, em seu trabalho sôbre irradiações nocivas intitulado *«As causas do cancro e dos distúrbios precursores»*, publicado em «La Petite Gironde», diz que, após experiências reiteradas, êle pode afirmar que a causa das perturbações precursoras do cancro, portanto do mesmo cancro, é de origem eletro-magnética, e deve ser procurada na corrente de agua em que as correntes elétricas se deslocam a 220.000 quilometros por segundo, em vez de 300.000 como no ar. Essas correntes de agua funcionariam como condutores elétricos limitados pelos bordos do sub-solo, por sua vez relacionados ás camadas geológicas de resistências diversas, mas sempre superiores ás da agua.

O corpo médico está estudando a tese interessante.

A mediunidade de Rosemary

«De Revista de Espiritualismo»

Rosemary, uma moça inglêsa, alegre, desportista e bem constituída, é um médium notável, através de cujas comunicações se está elaborando, em Londres, um dicionário da antiga linguágem egípcia do tempo dos faraós.

Incorpora, em transe, o espírito de uma egípcia, (Thélica) que faleceu ha 3.000 anos. Nas primeiras incorporações, Thélica dava o nome de «Nona», que quer dizer «sem nome».

Os trabalhos, que estão a ser acompanhados por dois académicos inglêses — Howard Hulme e o Dr. Wod—conhecidos orientalistas, constam de desenhos hieroglíficos, pronúncia gravada em discos de gramofone e a tradução das palavras ou frases em língua inglêsa.

Confirmada uma Mensagem de Espírito

«Psychic News

Mrs. O. M. Blyth, de Kings Lynn, temendo que seu filho tivesse morrido, foi a uma sessão, onde lhe foi dito que êle ainda estava vivo. Oito anos depois, a senhora em questão recebeu a confirmação da mensagem espírita.

Quando seu filho desapareceu de casa, empregaram ingentes esforços no sentido d descobri-lo. A polícia publicou anuncios, e foi irradiado um S. O. S. — tudo em pura perda. Quando faleceu o pai do desaparecido, irradiaram um segundo S. O. S., que tambem não produziu resultado.

Poucos dias atrás, Mrs. Blyth recebeu uma carta informando-a que seu filho está adido á Legião Francesa de Estrangeiros.

O Testemunho dum grande jornalista inglês

«The Two Worlds»

Mr. Bernard Gray do «Sunday Pictorial», realizou com o médium Jack Webber uma sessão coroada de pleno êxito, sob condições de contrôle estabelecidas pelo mesmo jornalista.

Foram estes resultados que convenceram o jornalista :

Materialização de uma fórma que parece ser a da mãe de Bernard Gray; O médium foi parcialmente despido e vestido, estando êle amarrado á poltrona, impossibilitado de praticar qualquer movimento; levitação de trombetas, de uma campainha que batia em ritmo com os canticos, que foi pousar num outro extremo do aposento; etc.

Bernard Gray afirma a autenticidade absoluta dos fenômenos. «Sunday Pictorial» está dedicando algumas colunas ao Espiritismo e o considerável aumento de sua tiragem prova que os simpatizantes da causa são numerosos.

O Uniforme do General Francês

«Light»

O Rev. William A. Reid (eclesiástico e espiritista) publica a história dum General francês, e dum Major inglês, que, no Além, continuavam a envergar seus uniformes, e exigiam as continências dos soldados mortos na guerra. Ambos andavam a procura do purgátorio onde foram «localizados» pelos padres. Assim se passaram anos nessa falsa existência. Certo dia, o General (juntamente com seu amigo Major inglês) foi conduzido a uma sessão espírita, onde lhe revelaram que êle era um simples espírito. «Mas então, só me resta minha camisa!» exclamou o General, desabusado. Um espírito guia veiu acolhe-lo e instrui-lo sôbre as condições do Além, afim de arrancá-lo ás criações enganosas de seu pensamento e ás miragens de sua memória terrestre. Tendo compreendido a futilidade dos uniformes, dos gráus, dos títulos, das linhagens, das honras, êle se encontrou vestido das boas qualidades que felizmente cultivara e afinara durante sua carreira de oficial superior.

«La Revue Spirite» que nos fornece a nota, conclue com este comentário:

Uma vez mais, o Rev. W. A. Reid, por este duplo exemplo, nos recorda o perigo das afirmações peremptórias das religiões dogmáticas, duma moral «mundana» por demais fácil, em desacôrdo com o Cristianismo Original, feito de simplicidade, de humildade, de mérito próprio.

NOTAS E FACTOS

História da Evolução Espiritual de Ernesto Bozzano

«La Revue Spirite» publicou um trecho da carta do Sr. Ernesto Bozzano ao sr. Mariano Rango d'Aragona:

«Nasci com vocação para o estudo. Já em minha adolescência o grande mistério do Sêr fascinava-me e absorvia-me. Estudei teorias filosófiicas espiritualistas, mas elas não me convenceram. Dediquei-me então ao estudo da filosofia científica e, Buchner, Moleschott, Heckel, Moreli, Sergi e finalmente Herbert Spencer convenceram-me definitivamente. Tornei-me por consequência positivista—materialista militante, defendendo com paixão em revistas filosóficas, as teses negativas, tal como hoje defendo com o mesmo ardor a tese espírita. Alguns adversários acusam-me e apontam-me como místico e não como investigador imparcial. Nada mais falso. Nunca tive tendências para o misticismo e a prova maior reside no facto de que, quando eu admitia as convicções positivas—materialistas—, eu defendia com igual entusiasmo as teses negativas. Em suma, isso resulta de meu temperamento e não de misticismo congenital. Não desejo permanecer nessa ilusão, e procuro a Verdade sôbre o Mistério do Destino Humano. E, si ha 48 anos passados eu não encontrei entre essas pretensas «coincidências fortuitas» os fenômenos mediúnicos, eu teria continuado a sustentar ardentemente a tese materialista a qual—seja dito entre parentesis—surgia completamente sólida, com seus factos impressionantes, se não existissem fenômenos supranormais. Assim sendo, a lógica evidente com que eu defendia meus pontos de vista parece-me ainda irrepreensivel, caso não houvesse fenômenos mediúnicos! Atualmente, a oposição entre partidários e oposicionistas da sobrevivência humana, é a reprodução identica, sob uma fórma diversa, da velha questão pre-colombiana sôbre a existência ou não dos antípodas habitados. Como se poderia contradizer os oposicionistas quando eles sustentam que, si os antípodas eram habitados, os homens andariam de cabeça para baixo? Pois bem; eles não são razoaveis, pois a realidade demonstra que si a oposição fosse justa ela poderia conciliar portanto com a existência de antípodas pelo facto de que todos nós andamos ás avessas durante 12 horas por dia sem o percebermos. Hoje o mesmo engano se repete a propósito do problema da sobrevivência humana. Quem poderá criticar os fisiólogos que ignoram a existência de fenômenos mediúnicos, quando eles afirmam que o pensamento é uma função do cérebro? Os alcoolicos, loucos, idiotas, seriam exemplos suficientes para demonstrar a base sólida de sua tese. Apesar de tudo os fisiológos, assim como todos os negadores dos antípodas habitados não estão com a razão, e é facil provar hoje pelos exemplos, pois factos mediúnicos provam que no cérebro somático acha-se um cérebro etérico, único depositário de todas as faculdades psíquicas que funcionam fóra do cérebro carnal...»

A Vidente de Konnersreuth

A imprensa alemã e em especial a revista «ZEITSCHRIFT FUER SEELENLEBEN» noticiam o falecimento de Teresa Neumann, a famosa estigmatizada de Konnersreuth (Alemanha), cuja fama correu mundo.

Destaca-se das notícias, que Teresa Neumann representava um papel de grande importância sob o ponto de vista físico e psíquico, produzindo-se com ela fenômenos verdadeiramente extraordinários, de tal fórma, que o mundo cientifico (ciência oficializada) começou a estudar por todos os meios aqueles estranhos fenômenos.

Continuam as notícias, dizendo, que a sonâmbula em estado de transe discorria com maestria sôbre qualquer assunto filosófico e científico e—o que era de pasmar—falava fluentemente em qualquer lingua e em termos, muitas vezes só compreensiveis para os familiarizados, como especialistas nos respectivos assuntos; o hebrêu-aramaico era a lingua prediléta de Teresa ao pronunciar as suas preleções em estado de transe.

Os cientistas fizeram gravar discos nas ocasiões em que este extraodinário médium se pronunciava em línguas antigas (línguas mortas) para que em seguida estas fossem estudadas com vagar pelos entendidos (filólogos); estes assuntos sempre giraram em torno de coisas elevadas e instrutivas.

Ulteriormente tem acontecido que, em presença de numerosas pessoas gradas do mundo científico e eclesiástico, o espírito comunicante, aproveitando-se das extraordinárias faculdades de Teresa, a censurasse com veemência os atos de certas pessoas presentes, isto é, elementos do alto cléro católico-romano alemão, deixando patente certos senões dos mesmos (sôbre o obscurantismo e a hipocrisia).

Como consequência, as autoridades eclesiásticas—a sua frente o Arcebispo de Regensburgo, — proíbiram qualquer contacto com a grande médium Teresa. Assim, a igreja católica-romana mandou segrega-la do convívio com cientistas que estudaram estes fenômenos raros—a estigmatizada de Konnersreuth. — Durante alguns anos e por ordem do príncipe da igreja romana, o Arcebispo de Regensburg, Teresa viveu reclusa numa cela fria e de pedras, como prisioneira dentro das muralhas de um mosteiro medieval, finalizando agora os seus dias. Deixa ela atrás de si uma esteira de luz de provas brilhantes, cabais e insofismaveis, demonstrando assim o vivo interêsse daqueles, que já deixaram o plano material, interêsse esse, manifestado a nosso favor, que ainda estamos peregrinando na densa matéria, porém, — com os nossos horizontes já bem mais dilatados e mais claros, mau grado querer o romanismo eternizar a permanência da humanidade naquele obscurantismo pavoroso e medieval de outróra.

O que representava um enigma para os cientistas no caso dos fenômenos de Teresa Neumann, era ha muito tempo, para os estudiosos do espiritualismo, explicado e é problema resolvido. A chave para a explicação racional dos fenômenos, não só observados com Teresa Neumann mas tambem em outros centenas e milhares de casos semelhantes,—não é um privilégio exclusivo desta ou daquela casta ou religião! Qualquer inteligência mediana tem o direito e a liberdade de estudar aquela maravilhosa ciência, que é a doutrina espírita. Pois aí está a chave para conseguir a explicação destes fenômenos, tidos como sobrenaturais.

Trad. M. Kohleisen.

Pompas mundanas

«Constancia» *Trad. J. Sélles*

Pouco tempo faz que a infanta Eulalia de Bourbon, da ex-família real espanhola, publicou o livro «Memórias de minha vida», o qual teve grande repercussão não só na Europa como nas Américas, por causa das revelações de intimidades e segredos palacianos, que deu á luz pùblica com luxo de detalhes em estilo singelo e encantador.

Referindo-se á Espanha, descreve os reinados de Isabel II, Afonso XII, a Regência e o reinado de Afonso XIII, banido do trono pela República.

Tudo conta e analisa com espírito democrático, sereno, razoavel e equitativo.

Apresenta-se como espectadora imparcial, sem influir, por meio de cousa alguma, nos relatos de sua própria personalidade.

Visitante de várias côrtes européas, durante as épocas de maior esplendor, descreve cenas luminosas de grandes bailes de espetáculos deslumbrantes onde o mundo diplomático, a aristocracia e os príncipes da Igreja romana, alternam-se emprestando ao quadro quanto ha de riqueza, brilho e colorido luxuoso no mundo da dissipação, á custa de povos que pagam essa pompas dos palácios, a preço de inaudítos sacrifícios.

A infanta Eulalia, foi tambem assídua visitante do Vaticano, onde conheceu pessoalmente cinco pontífices: Pio IX, Leão XIII, Benedito XV, Pio X e Pio XI. Eis de que modo descreve suas impressões :

«Conheci S. S. Pio IX, em 1873, por ocasião da visita que minha mãe lhe fez em Roma para agradecer numerosos testemunhos de afeto e consideração recebidos durante seu reinado.»

Isabel II, a conselho de seu diretor espiritual o Padre Claret, fôra a primeira soberana que assinara a petição a Sua Santidade para que se declarasse dogma catòlico o da Imaculada Conceição, problema este que mantinha agitadas e divididas as congregações religiosas e mui em especial os Dominicanos e a Companhia de Jesus... O Padre Claret e a freira Soror Patrocìnio, haviam sugerido á minha mãe dirigir-se a Pio IX, solicitando a declaração do novo dogma.

Depois de casada, voltei ao Vaticano. O sólio Pontifício ocupava-o Leão XIII. Conservava-se ainda na côrte pontifícia todo o aparato tradicional de uniformes, cerimônia e genuflexões. O Papa recebia no Trono, escoltado pelas guardas nobres num silêncio impressionante. Era necessário beijar-lhe o pé, costume que, mais tarde, desapareceu, e de joelhos, antes de sair, recebia-se a benção papal com a cabeça baixa.

Os pontífices que o sucederam foram diminuindo a teatralidade de suas audiências. Jà Benedito XV, recebia no escritório por detrás de sua mesa de trabalho e Pio XI, homem culto e de espírito liberal, costumava acompanhar as nobres visitas até á mesma porta do escritório privado.

Assim, fui recebida em minha última viagem a Roma.

Não obstante, nem em todos os atos e nem com todas as pessoas se generalizava o liberalismo de Pio XI.

Por ocasião de nomeação de novos cardiais, o cerimonial celebrado era de um fausto empolgante ; Acompanhado cada um por dois cardiais em exercício, os novos porpurados eram conduzidos ao lugar em que se realizaria o consistório pùblico, os primeiros iam assistir como príncipes da Igreja. Levavam despregada sua ampla capa de púrpura e arminho aproximando-se do chefe supremo. Beijavam a mão e o pé deste e a seguir abraçavam-se e beijavam-se, beijo que se transmitia, a seguir, aos seus dois colegas ; Voltavam depois junto ao pontífice, colocavam sôbre suas cabeças cobertas com o capucho da capa cardinalicia, o capêlo simbólico.

A esperança não é a última coisa que se perde - no dizer mundano — mas a única coisa que aumenta sempre, por ser eterna — lembrando esse simbólico raminho de oliveira que a alvissima pomba da fé nos levará — rumo do monte Ararat, após o dilúvio das conciências de agora, ainda não de todo iluminadas pelos revérberos da luz divina.

ALB.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Importante donativo de 60:000$000

Ainda ha poucos meses noticiámos três importantes donativos ás gigantescas obras que o Espiritismo vem realizando em nosso país. Foram eles: 100:000$000 ao Programa Radiofônico-Espírita-Evangléico do Brasil», patrocinado pela «União Federativa Espírita Paulista»; 10:000$000 á «Hora Espírita Radiofônica», da Capital Federal; e um prédio e vasto terreno á Associação Espírita «Obreiros do Bem», da Capital Federal, pelo sr. Agostinho Pereira de Souza.

Agora, com grande satisfação, registramos mais o importante donativo de 60:000$000 que um confrade de Minas, que deseja ocultar seu nome, fez á benemerita Associação Espírita «Obreiros do Bem», do Rio, atendendo a um apelo do nosso presado colega «Mundo Espírita».

Que esse facto sirva de incentivo e exemplo aos que desejam realmente ser discípulos de Jesus e que se acham bafejados pelos bens terrestres. E é com ações dessa natureza que devemos responder aos ataques dos detratores do Espiritismo, imobilizando-os em suas investidas.

Casa dos Pobres

O Centro Espírita «Ismenia de Jesus», que ha alguns anos funciona em Santos, inaugurou, dia 3 do mês passado, ás 20 horas, o vasto edifício da «Casa dos Pobres», construido á rua Campos Mello, 312, nessa cidade.

Em fevereiro do ano passado, o patrimônio da «Casa dos Pobres» não ultrapassava a sete contos de réis e, já hoje, possúe aquela instituição património superior a 250:000$000, o que por si só demonstra a boa vontade e o esforço empregados pelos seus componentes e a bôa vontade com que a idéia foi recebida pela população.

O edifício tem as seguintes dependências, atualmente. — um grande «hall», á entrada, com duas salas de cada lado, isto é, quatro ao todo, funcionando em uma delas, a secretaria e a tesouraria; em outra, a sala de espera e a bibliotéca; na terceira, a sala de passes para senhoras, todas com iluminação apropriada ao fim a que se destinam, com pia e agua encanada.

A um dos lados do «hall», sob a escada que conduz ao andar superior, foi construido um reservado para pedidos de assistência dos guias, seguindo-se um salão com 300 metros quadrados, mais ou menos, fartamente iluminado, com enorme «vitreaux» no teto, no qual serão instaladas 800 poltronas que alí já se encontram, salão este que se destina aos assistentes das sessões que se realizarão. Pouco adiante vê-se, em plano mais elevado a parte em que serão realizadas as sessões, medindo aproximadamente cem metros quadrados e que servirá tambem de palco para a realização de espetáculos teatrais exclusivamente espiritualistas, que o Centro «Ismenia de Jesus» pretende fazer realizar. Ao lado do palco, foi construido um gabinete para execução e estudo dos fotoplasmas, isto é, para fotografar os espíritos e revelar as chapas.

Na parte superior da frente do edifício estão, um pequeno salão destinado ás reuniões da diretoria, o gabinete de assistência dentaria, banheiro e gabinete sanitário, dois dormitórios, copa e cozinha, estes quatro últimos compartimentos destinados ao zelador do prédio.

A «Casa dos Pobres» possue ainda uma vasta área de terreno, pois sua aquisição vai da rua Campos Melo á avenida Conselheiro Nébias e foi aumentada com uma parte lateral, recentemente adquirida, que permitiu a ligação daquelas duas arterias, de sorte que alí podem ser levadas a efeito, ainda, grandes realizações.

Assim é que em junho proximo deverão ser construidos, ao lado, os pavilhões, sendo um deles com frente para a rua Campos Melo, no qual será instalada uma farmacia, para fornecimento inteiramente gratuito aos necessitados; o «atelier» de costuras e artes, para as mulheres desamparadas e para aquelas que se queiram regenerar; a lavanderia e a residência para as mesmas.

O outro pavilhão, ao centro do terreno, destinar-se-á á internação dos obsedados, cuja assistência já vem sendo feita, com grande aproveitamento, pelo Centro «Ismenia de Jesus», e o terceiro pavilhão, cuja construção deverá ser iniciada na mesma época, terá frente para a avenida Conselheiro Nébias e destinar-se-á aos menores abandonados.

A parte relativa ás consultas psíquicas continuará a ser levada a efeito no prédio principal, sendo obejeto de cogitações, para realização futura, a instrução, o gabinete de estudos metapsíquicos e, para muito breve, a parte destinada á agua fluida, para cura dos doentes, e o depósito para distribuir á pobreza alimento e roupa, bem como um albergue para os sem teto.

A' sessão solene inaugural compareceu grande número de pessoas.

Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

Seguindo a praxe estabelecida pelo seu fundador, Cairbar Schutel, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» local, relembrou a Tragédia do Gólgota, fazendo, na «sexta-feira santa», ás 13 horas, larga distribuição de roupas e cobertores aos pobres da cidade.

Nessa ocasião fizeram uso da palavra os companheiros Campêlo e Costa Filho, tendo proferido uma belissima prece de agradecimento a Jesus, a srta. farm. Zelia Perche. Recitaram escolhidas poesias alusivas ao ato, as seguintes crianças da Escola Evangélica: Diva A. Boé, «Imortalidade»; Dirce Capeletti, «No Calvario»; Edna Gonçalves, «Caridade»; Cleide Perche, «Boneca com alma»; Carmen Torres, «Adorar a Deus»; Antonio Torres, «Um sonho»; José Leme, «O Mendigo e a Caridade»; Edméa Costa, «A Tragédia do Gólgota».

Aos presentes foram oferecidos sanduiches e dôces.

—A's 19 1/2 horas desse mesmo dia, realizou-se uma sessão dedicada ao Martir do Gólgota. Recitaram bélas poesias as mesmas crianças acima mencionadas e fizeram uso da palavra os confrades: W. Campêlo, Costa Filho, Hugo Gonçalves, srtas. prof. Belinha Perche e farm. Zelia Perche.

Imposição Clerical

Do nosso prezado confrade Alcides Oliveira Vilaça, residente em Laranjal, recebemos a seguinte notícia que transmitimos aos nossos leitores:

«Estava eu organizando um espetáculo beneficiente, cujas rendas se destinariam á «Páscoa dos Pobres» desta cidade.

O drama intitulado «Vera», de minha autoria, encerra, no seu enredo, tudo o que de moral e proveitoso se possa desejar.

Iniciando os ensaios, nos propuzeram que fizessemos o espetáculo em benefício do altar de Santa Luzia, da Igreja Matriz. Recusamos. Foi o bastante para que o padre e as freiras movessem contra nós víl campanha, afim de convencer os católicos a não assistirem referido drama que foi taxado de diabólico e imoral. Eu principalmente, como autor da peça, sofri imensamente. Esperei entretanto, que Deus mostrasse mais uma vez a sua justiça e consequentemente os efeitos da Verdade.

E assim, no dia 2 de Janeiro ultimo, levámos a efeito o espetáculo. Não sei si a título de curiosidade ou si com o intuito de escarnecer de perto a minha peça, o caso é que o teatro ficou repleto. Os comentários no dia seguinte foram os melhores possiveis. Todos elogiaram a peça.

As Filhas de Maria e Zeladoras haviam sido ameaçadas de expulsão caso assistissem ao drama. Mas o sr. Vigário resolveu perdoa-las, porque se não o fizesse certamente teria que fechar a Igreja, visto toda a população haver comparecido ao espetáculo.

Mais uma vez saímos vitoriosos,

porque referido drama poude demonstrar ao público que o Espiritismo é a Verdade, a lídima doutrina de Jesus, que está acabando com a impostura dos que negociam com o nome de Cristo».

Programa Radiofônico-Espiríta Evangélico do Brasil

Como uma homenagem ao 71.º aniversário do desincarne de Léon Hypolite Denizard Rivail (Allan Kardec), ocorrido em 31 de Março de 1869, a «União Federativa Espírita Paulista», deliberou inaugurar dia 31 do mês passado, o «Programa Radiofônico Espírita-Evangélico do Brasil» que, graças a Deus, está novamente no ar levando a fé, a esperança e o conforto a todas as almas.

O primeiro orador a ocupar o microfône da possante «P. R. H. 3», foi o estimado orador e escritor evangélico, Pedro de Camargo (Vinicius), que fez comentários sôbre alguns trechos de Allan Kardec, terminando sua maravilhosa peça oratória com vibrantes palavras de fé e confiança nos destinos da nossa P. R. H. 3.

Após uma peça musical, volta o mesmo orador a ocupar o microfône, lendo, pela segunda vez, a pedido de inúmeros espíritas, a confortadora e incentivadora mensagem de Humberto de Campos — «A Vóz de Piratininga».

Ocuparam ainda o microfône, os seguintes confrades: Caetano Mero, Presidente do Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, que falou aos Espíritas em geral; Jacques B. Motola, em nome do Centro Espírita 13 de Maio «Luz da Esperança», de que é Presidente; leitura de uma mensagem do Cap. Martins Ferreira de Almeida, que não poude comparecer á inauguração; Dr. Geraldo de Azevedo, presidente do «São Paulo Esperanto Club», que leu uma mensagem de Ismael Gomes Braga.

Foi transmitido o conteúdo de telegramas de felicitções que á União Federativa Espìrita Paulista enviaram inúmeros Centros e Associações Espíritas.

As conferências foram entremeadas por escolhidas peças musicais.

Mais uma vez, nossas felicitações aos empreendedores dessa obra santa, almejando ao Programa Radiofônico Espírita-Evanjélico, uma existência sempre bafejada pelas graças do Alto.

Sociedade Radio Piratininga P. R. H. 3

Conforme fôra amplamente anunciado, verificou-se, dia 30 do mês passado, ás 19 horas, a inauguração oficial da Radio Piratininga P. R. H. 3, instalada no Brooklin Paulista, á rua Pay-Pirá.

Fez o discurso inaugural, o apreciado orador e escritor espírita, Prof. Romeu de Campos Vergal, Presidente da «P. R. H. 3», fazendo girar o seu belissimo, palpitante, confortador e fraternal discurso em torno do papel que ao Brasil cabe desempenhar na espiritualização da humanidade.

Após alguns números munsicais, ocupou o microfône o sr. Odilon Negrão, que fez o histórico dessa estação emissôra, louvando os esforços inaudítos dos empreendedores de tão importante obra, os quais arrostaram sobranceiramente com todas as dificuldades que a miúde surgiam á sua frente. obra essa coroada de êxito pela força da fé e da fraternidade dos espíritas.

Falaram ainda ligeiramente, diversos oradores, cujos nomes, devido ás más condições atmosfericas, não nos foi possivel apontar.

A' Sociedade Radio Piratininga P. R. H. 3, que tem a desempenhar uma importantissima tarefa, qual seja a de fazer reboar pelos ares a palavra do Senhor, nossas sinceras felicitações com votos de Vida Eterna.

Centro Espírita «Cairbar Schutel»

Com este título foi fundado, dia 20 de Janeiro último, em Florianopolis, Santa Catarina, mais um Centro Espìrita, estando assim constituida a sua diretoria: Pres. João dos Passos Xavier; secr. Waldemiro Menguilhott Junior; tes. Cantidio Neves.

— Este Grupo, realizou dia 30 de Janeiro findo, uma sessão em homenagem ao 2.o aniversário do passamento de Cairbar Schutel.

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
No Invisivel	12$000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	8$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
SIR OLIVER LODGE	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	7$000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Deus na Natureza	12.000
DR. ERNESTO BOZZANO	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
Xenoglosia	7$000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
DR. SOUSA RIBEIRO	
Estigmatizada de Campinas	5$000
A Questão Religiosa na Russia	1$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
FRANCISCO C. XAVIER	
Ha dois mil anos	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	6$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens do Espírito de Umberto de Campos	6$000

SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	6$000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000
CODRO PALICY	
Elconora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	7.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
AEROLINO GURJÃO	
Expiação (novela)	8.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro	6.000
LEOPOLDO MACHADO	
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Teatro Espiritualista	4.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
DR. PAUL GIBIER	
Espiritismo Ocidental	8$000
Analise das Cousas	6$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	4$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000
ANTONIO LIMA	
Espiritismo na infancia	3$000
Evangelho das Crianças	3$000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
A Senda de Espinhos «	6$000
Estrada de Damasco «	6$000
A Sonambula «	8$000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
REV. VALE OWEN	
A Vida Além do Véu	5$000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	6$000

DR. IGNACIO FERREIRA	
Conselhos ao meu Filho	4.000
J. W. ROCHESTER	
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
DR. LUCIEN GRAUX	
Reincarnado (romance)	8$000
DR. ANTÃO DE VASCONCELOS	
Revelações de Além Tumulo	8$000
E. ESPERANCE	
No Paiz das Sombras	8$000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
Antonio de Padua	6.000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
GUSTAVO GELEY	
A Reincarnação	2.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	6.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	8.000
F. CHAVES	
Assuntos Espíritas	3.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	10.000
Doutrina e Pratica do Espiritismo	15.000
FERNANDO LACERDA	
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	8.000
JOSE AMIGO Y PELICER	
Roma e o Evangelho	8.000
J. LHOMME	
Guia Metódico do Experimentador Espirita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000
ZOEOLNER	
Fisica Transcendental	6.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
SNRA. DE W	
Aqueles que nos deixam	4.000
DR. C. IMBASSAHY	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
DR. A. WYLM	
O Rosario de Coral	6$000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1$500
LUIZ FIGUIER	
Depois da Morte	7$000
DR. BEZERRA DE MENEZES	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000
HORA ESP. RADIOFÔNICA	
1.º Fascículo	1.000
DR. A. A. MARTINS VELHO	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
MEDIUM AQUINO	
A Barqueira do Júcar	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morte »	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada »	7.000
ARLINDO COLAÇO	
Dominio Nefando	7.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000
CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000

—

Préces e Noções Espíritas

100 exempl. 40.000 50 exempl. 22.000

1 exempl .500 Encadernado 2.000

Espiritismo para as crianças

100 exempl. 40.000 50 exempl. 22.000

1 exemplar .500

—

COLEÇÕES da «Revista Internacional do Espiritismo»

1.º ano	100.000	2.º ano	40.000
3.º »	100.000	4.º »	35.000
5.º »	30.000	6.º »	40.000
7.º »	40.000	8.º »	40.000
9.º »	100.000	10.º »	40.000
11.º »	50.000	12.º »	50.000
13.º »	50.000		

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro.

Todas estas obras estão á venda na Livraria d'"O Clarim"

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XVI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1940 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Orgão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre o Espiritismo
A volta de Sir William Barrett
O Espiritismo em face da Ciência
A Graça de Deus
Uma prova pela fotografia espírita
Novos Rumos á Medicina
O Espiritismo na Universidade de Cambridge
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

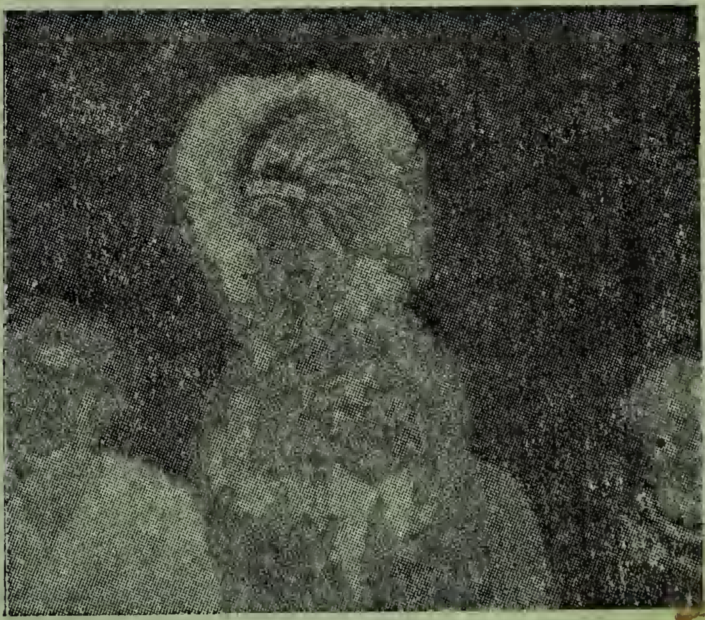

Uma Foto Espírita

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1940 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»
FUNDADOR: *Cairbar Schutel*
DIRETOR: *José da Costa Filho* — REDATOR: *A. Watson Campêlo*
GERENTE: *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 — Oficinas: Rua Ruy Barbosa

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

E' um facto evidente que as ciências teem nos últimos tempos marcado pégadas profundas no caminho da evolução.

Para qualquer lado que nos voltemos, para qualquer ramo de conhecimento que reparemos, logo esse fulcro de progresso aparece, e o passado, mesmo próximo, se nos afigura como uma época negra de ignorância.

Passo a passo é preciso rever, reformar programas, refundir noções, regeitar preconceitos, que apenas se alimentavam sugando num passado tradicional e falso.

Mas essa transfusão de seiva nova, de conquista última, é a condição essencial da vida, do dinamismo do progresso.

Não pode haver barreiras para o espírito humano. Ele tem contemplado esta secular marcha ascencional, êle tem visto que o ídolo de ontem tem muitas vezes uma duração efêmera, para em seguida ser apeado e passar á categoria de escombro de implacável derrocada.

A força indagadora é uma caraterística do nosso espírito, que perenemente o estimula, que o não deixa adormecer e o tem impelido, através dos séculos, a acometer os maiores problemas—força latente indômita que o tem acompanhado sempre na marcha ascencional da sua evolução.

As possibilidades materialmente permitidas de ontem, não são as possibilidades de hoje.

A história nos fala bem alto dos sucessivos descobrimentos humanos.

O que num período anterior parecia materialmente impossível, logo no seguinte se torna numa conquista indiscutível, num conhecimento tão banal, que mal podemos compreender como durante tantos séculos êle fosse desconhecido ou contrariado.

Em artigos anteriores, vimos o veridictum de sábios de fino quilate sôbre o assunto que nos ocupa, hoje vamos mencionar outros e as conclusões a que chegaram.

C. A. Bodisco. — Filho dum antigo embaixador da Russia nos Estados Unidos; foi Secretário dessa Embaixada e representante de seu país na Exposição de Filadelfia (1876). Foi Camareiro do Imperador.

Sua obra «Traits de Lumiére», contém suas investigações espiritistas de 1878 a 1882. Esta obra foi dedicada aos incrédulos e aos egoístas.

Teve a original idéia de colocar, no princípio de sua obra, um atestado médico declarando que o autor estava em pleno gozo de suas faculdades mentais.

Challis. — Professor de Astronomia na Universidade de Cambridge. Em carta publicada no periódico *Clerical Journal,* disse :

«Em resumo, os testemunhos relativos aos fenômenos espíritas são tão numerosos e concordantes, que ou se aceita estes factos ou se desdenha por completo o testemunho dos homens».

Mapes. — Sábio norte americano, professor de química na Academia Nacional dos Estados Unidos.

Ao princípio, como R. Hare, combateu o Espiritismo.

«Quando vi — disse êle — que alguns amigos meus estavam entregues á magia moderna, resolvi investigar o que de real poderia haver, *para salvar homens respeitáveis e ilustres* que estavam a *caminho da imbecilidade.*»

Como resultado de tão humanitária emprêsa, tambem êle caiu na imbecilidade de que pretendia salvar seus amigos.

Thury. — Professor da Academia de Genebra, membro da Sociedade Física e de História Natural.

Em 1855 publicou um folheto, «Les tables tournantes», em que descreve as experiências realizadas por M. Gasparin e os que êle mesmo efetuou com vários amigos íntimos.

Êle afirmou que os fenômenos eram reais.

«Sua realidade está estabelecida» — diz êle, e acrescenta : — «Não podendo demonstrar sua impossibilidade *a priori,* ninguem tem o direito para tratar de absurdos os testemunhos sérios que os afirmam.

Hoeffler e Goldschmidt — Flammarion, em carta dirigida á Sociedade de Dialética de Londres, diz:

«A hipótese espírita foi aceita por muitos dos nossos mais distintos sábios, entre outros, pelo sr. Hoeffler, o eminente autor da «História da Química» e da «Enciclopédia Geral», e pelo laborioso trabalhador, no campo dos descobrimentos astronômicos, cuja mórte deplorámos recentemente, Mr. Hermam Goldschmidt, o qual descobriu quatorze planeta» (Report on Spiritualismo of the London Dialetical Society).

Nassan W. Senior. — Chefe da Chancelaria e professor de Economia da Universidade de Oxford.

Convenceu da verdade do Espiritismo, e em sua obra «Historical and Philosophical Essais», diz, referindo-se a suas observações :

«E' indubitável que estes fenômenos devem ser estudados cuidadosamente. Antes do fim deste século, chegarão a formar uma ciência».

Cronwel F. Varley — Engenheiro chefe das companhias Inglesas de Telegrafia, ao qual se deve o primeiro cabo submarino, membro da Sociedade Real, inventor do condensador elétrico.

Suas cartas sôbre os fenômenos dirigidos a Tyndall e a Crooks, excitando estes sábios a estudar o Espiritismo, tiveram grande ressonância na Inglaterra.

«Fomos ridicularizados — diz êle — pelos que não tendo valor para investigar, preferem atacar aquilo que desconhecem por completo».

Conde de Rochas — Coronel de engenheiros e Administrador da Escola Politécnica de França.

Escreveu vários livros sôbre Magnetismo e Espiritismo, sendo o mais curioso «Les forces non definies».

Afirma, em virtude de grande número de fenômenos por êle obtidos, a existência no homem de uma força «cujas manifestações mais elevadas servem para nos pôr em comunicação com sêres cuja natureza se ignora».

P. Barkas — Sábio inglês, professor de Geologia em Newcastle. Consagrou oito anos ao estudo dos fenômenos espíritas e relata suas experiências em uma obra intitulada «Outlines of investigations into modern spiritualism».

«Minhas convicções estão bem amadurecidas — disse — creio que os factos espíritas, não explicados pela Física nem pela Fisiologia, são devidos a agentes invisiveis e inteligentes cuja natureza desconhecemos».

Luiz Figuier — Popular sábio francês, vulgarizador da ciência moderna, diretor de *L'Année Scientifique* e autor de várias obras.

Depois de haver combatido o Espiritismo em sua «História do Maravilhoso», acabou por sustentar, em seu livro «Depois da morte», teorias identicas ás nossas.

«Tenho a certeza — diz — de que existem sêres intermediários entre Deus e o homem. Ignoro em absoluto como podem comunicar-se com a terra; mas o facto da comunicação me parece positivo».

(Continua).

A Volta de Sir William Barrett

Eis o título de um importante artigo da autoria do eminente filósofo Ernesto Bozzano, originariamente publicado em LA RICERCA PSICHICA. Nós o reproduzimos de «La Revue Spirite», certos de que nossos leitores nele encontrarão a prova da sobrevivência do homem com todos os caraterísticos de sua individualidade.

(Continuação)

Passando a outro têma, convem deter-se um pouco sôbre o fenômeno conhecido, particular á mediunidade de Mrs. Leonard, mediunidade falante em estado de «transe», com frequentes interlocuções de frases ou de palavras que espontaneamente fazem irrupção sob fórma de «voz-direta». E isso nos momentos em que os defuntos comunicantes, que se serviam do espírito-guia «Feda» para a transmissão de seu pensamento, se achavam tão perto da zona da «aura» emanada do médium a ponto de estabelecerem contacto com a mesma zona, determinando a irrupção súbita de frases ou de palavras que se misturavam automaticamente com a «voz-direta». Daí derivam incidentes mui interessantes e instrutivos para a compreensão da modalidade segundo a qual as comunicações se desenvolvem entre os dois mundos.

Eis um exemplo do gênero. O comunicante se manifestara a sua mulher no decurso de outra sessão, pelo médium Mrs. Barkel, afim de lhe fornecer novas provas de identidade pessoal, que consistiam em recordar, por intermédio da nova sensitiva, conversações tidas com Mrs. Leonard, provando desta maneira a própria independencia espiritual dos dois médiuns.

Na sessão que se seguiu com Mrs. Leonard, êle recordou a Mrs. Barrett as provas obtidas com Mrs. Barkel. Ele observou em seguida:

«Abstração feita do médium aquí presente, o outro é o melhor que tenho encontrado. Que lástima, pois, que seu poder mediúnico se mantenha eficiente por tão pouco tempo! Eu estava prestes a retirar-me, porque são essas bruscas flutuações, na capacidade e transmissão, as que determinam as interferências da subconciência. *O contrôle era um Hindú* (esta última frase veio por «voz-direta»).

Ao mesmo tempo, «Feda» continuando a transmitir o pensamento do comunicante, ignorando o que se passara pela «voz direta», termina fazendo observar: «*Ele diz que o contrôle era um Oriental*».

Lady Barrett: — Ouvi tua voz: Tu dizias: «O contrôle era um Hindú».

O comunicante: — Tu ouviste minha voz, e o médium, pelo contrário, percebeu meu pensamento e o traduziu em palavras. *A palavra Hindú era correta*. Esta última frase foi novamente pronunciada pela «voz direta».

Nesse diálogo entre três pessoas, encontram-se particularidades fenomenologicas teoricamente preciosas, porque permitem comparar, entre elas, as alterações que sofreu o pensamento do comunicante ao passar pela fieira de duas mentalidades. E desta comparação resulta que o pensamento expresso pelo comunicante foi transmitido assás fielmente, mas não integralmente, porque na passagem através da mentalidade de «Feda» e logo através do cérebro do médium, a palavra «Hindú» foi substituida pelo termo demasiadamente geral—«Oriental», e que não correspondia exatamente ao pensamento do comunicante, visto que o «espírito-guia» de Mrs. Barkel é um Indiano da América, e, consequentemente, não um Oriental no sentido europeu do termo.

Repito, pois, que esta parte do diálogo tem um valor teórico de primeira ordem, porque não se tratava, dessa vez, de induções mais ou menos legítimas deduzidas dos factos, mas está-se em presença dum facto positivo em que as duas modalidades de transmissão do pensamento dos defuntos, se acham, felizmente, combinados num diálogo a três. Daí resulta que a causa de que provém os modos de expressão, que nem sempre correspondem ao pensamento dos defuntos comunicantes, é captada ao vivo, do que se deduz ser uma causa inerente á modalidade segundo a qual se realizam a mór parte das comunicações mediúnicas, causa que não parece poder ser eliminada a não ser nos casos em que o defunto se ache em condições de poder servir-se diretamente do médium, se bem que, em tais circunstâncias, lhe seja necessário possuir um longo exercício na ardua tarefa de exprimir-se com um cérebro que não é o seu.

Notemos que esta última circunstância se realiza assás frequentemente. Recordemos, a título de exemplo, o caso clássico do escritor inglês Oscar Wilde, que não só forneceu numerosas provas de identidade pessoal, com informações pessoais ignoradas por todos os assistentes e por todos os viventes, mas conseguiu, além disso, transcrever longas mensagens em sua própria grafia (o que é bem diferente da simples reprodução duma assinatura), e ditou, enfim, ao médium uma comédia inteira, julgada por críticos competentes, rica em méritos e em defeitos caraterísticos de sua produção teatral.

Do que precede, pode-se concluir que os adversários sistemáticos estão em erro quando se apressam a apelar á hipótese das «personalidades sonambulicas,» todas as vezes que sucede a um escritor falecido, que se manifesta mediunicamente e fornecendo provas adequadas de identificação pessoal, expressar-se, por vezes, com frases e expressões impróprias ou vulgares em desacordo com a sua cultura. Tem-se visto, pelo contrário, que se esta observação dos adversários era justificada, em aparência, não o era em realidade, pois a causa dessas impropriedades de linguagem não depende dos defuntos comunicantes, mas sim do facto de transmitirem eles pensamentos e não palavras.

E sempre para impressionar os cépticos em questão, converia fazer notar outra perplexidade embaraçante que se encontra em numerosos casos deste gênero, a saber, a grande dificuldade que encontram os defuntos comunicantes para transmitir o próprio nome, o que os obriga quasi sempre, a indicar unicamente pelas simples iniciais os nomes dos pais ou de seus amigos, dificuldade que fornece sempre aos opositores o argumento principal para decretar a origem subconciente de todos os pretensos casos de identificação espírita, mesmo os corroborados (isto não tem importância!) por informações pessoais verídicas, que eram ignoradas por todos os experimentadores, e muitas vezes por todos os sêres viventes.

Tambem a este respeito, o nosso comunicante forneceu explicações interessantes, e ainda que tal questão não venha aquí posta para qualquer dos conhecimentos precisos do problema, não será inútil que eu relate um exemplo do gênero.

No decurso de uma sessão, o comunicante transmite á sua esposa u'a mensagem dum defunto conhecido, mas êle não consegue recordar-se de um nome cuja transmissão o defunto pedira a título de prova de identidade. Ele explica a causa nestes termos:

«Quando me achava no ambiente espiritual e me foi confiado um nome a ser transmitido, me senti seguro de poder recorda-lo, mas assim não aconteceu. Apenas imergido nas condições exigidas para comunicar com os vivos, percebi que eu sómente dispunha duma fração mui reduzida de minha conciência integral. Em tais circuntâncias; as cousas mais difíceis a transmitir; são as «idéias», enquanto que uma palavra destacada, um nome próprio, não estando mais ligados a uma corrente de pensamento, ou mais exatamente, permanecendo de maneira muito vaga, em relação ao mencionado pensamento, são mais difíceis de comunicar do que as informações pessoais e as associações de idéias.

Tu bem sabes que quando contigo me comuniquei por um novo médium, eu consegui igualmente dar provas de minha presença fornecendo detalhes verídicos sôbre meu caráter, minha personalidade, minhas ocupações terrestres, e assim por diante. Pude fazê-lo porque todas estas informações são transmissíveis ao cérebro do médium, sob fórma de pensamentos, de impressões de imagens; mas, se desejo fazer-te conhecer que *eu sou William* a cousa se torna muito mais difícil do que se se tratasse de transmitir-te uma descrição longa e completa de minha personalidade. E contudo, para ti a frase: «Eu sou William» parece tão simples! Assim não o é porque tu não notas que o nome «William» é um vocábulo destacado, privado de sentido, não se sabendo como transmiti-lo ao cérebro do médium. Se pelo contrário, eu quiser comunicar a idéia de minhas ocupações científicas, eu poderei fazê-lo de maneiras várias. E provavelmente começarei por apresentar ao médium a idéia de uma bibliotéca, para em seguida lhe transmitir uma impressão sôbre a natureza dos livros percebidos e assim por diante, até que eu haja completado a idéia caraterística da ciência de que me ocupava enquanto vivi. Mas ao contrário, a insignificante frase: «Eu sou William» apresenta dificuldades enormes, justamente porque ela está privada de significação ideográfica. De todas a maneiras, lembra-te que consegui comunica-lá durante outra sessão.

(Lady Barret confirma que no decurso duma sessão de «voz direta», o defunto declara: «*Eu sou William*.»)

Lady Barret. — Sim, compreendo, mas porque um dia me chamaste «Florrie», em vez de «Flo»? Nunca me chamaste pelo primeiro diminutivo.

O comunicante. — Porque mais facil me era transmitir o primeiro diminutivo. Tendo eu conseguido comunica-lo uma vez, ser-me-á mais fácil fazelo ainda, porque provavelmente o repetirei com outros médiuns . . .

Esta pequena discussão sôbre o diminutivo errôneo do prenome de Lady Barret (cujo verdadeiro nome é Florence), deu lugar a um curioso e interessante incidente.

(*Continua*)

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXIII —

Sexto Sentido e Mediunidade

O *Sexto Sentido* é outro recurso fácil, outra tábua de salvação a que se vai agarrando muita gente presumida de culta, no sentido de, em nome da ciência, explicar fenômenos mediúnicos.

Consiste em que, o *Sexto Sentido*?

Com a palavra o seu criador, o cientista Charles Richet, que andou estudando e experimentando os fenômenos espíritas, aos quais crismava a teorias empoladas, afim de não fugir ao academismo em que fôra glorioso.

Para o grande médico francês, nós entramos no conhecimento do mundo exterior por meio de *vibrações da realidade*, por êle classificadas em três ordens: *as que percebemos pelos sentidos: as que os nossos sentidos não percebem, por isso que nos são reveladas por detentores; as que nos são desconhecidas e não são reveladas, nem por nossos sentidos, nem pelos detentores.* Partindo deste ponto, expõe o sábio francês que os fenômenos do mundo exterior, que se nos revelam sem ser por meio dos cinco sentidos materiais, são-nos revelados pelo *Sexto Sentido*.

Esta, em tese, sua *teoria*, exposta no seu trabalho, *Sixième Sens*, afim de, enganando a si mesmo e ao seu academismo, forjar explicações para factos mediúnicos. Enganando a seu academismo, a si mesmo e a muita gente que vai por aí, tambem, cheia de *academismos científicos*, a jogar, com ares de importância, á conta do *sexto sentido*, fenômenos que fogem a todos os sentidos humanos, sem a exclusão do sexto!

Enganando, é bem de ver, sem deshonestidade, mas por sua infinita obstinência na maneira de compreender e admitir a Vida sómente através do império da Matéria, segundo o materialismo científico das academias...

Dí-lo êle mesmo, e de uma forma que não deixa sombra de dúvidas a respeito da insustentabilidade de seu *Sexto Sentido*, a partir da apresentação mesma do volume e da teoria: «O objeto deste livro é simples. Procurei ater-me unicamente aos factos, sem *pretender penetrar as causas profundas*. Meu fim é, portanto, bastante modesto». Nosso o grifo, para salientar o *contismo* com que o sábio examina o assunto, sem penetrar, como fazem os espiritistas, *as causas profundas dos fenômenos* que êle examina, aliàs com muita modéstia, superficialmente! Mesmo penetrando-os assim, engana-se, confundese, confere ás teórias adversárias o mesmo direiro á certeza. E' o que ressalta deste asserto seu: «Ha casos que se póde admitir, indiferentemente, *a hipótese espírita ou a de uma vibração da realidade*. Todas as alucinações e sonhos verídicos entram nesse grupo. A *hipótese do Sexto Sentido não está, de forma nenhuma, em desacordo com a hipótese espírita*». Nosso o grifo para que fique saliente que, se a tese espírita é, para o criador do *sexto sentido*, uma hipótese, é-o tambem a sua criação! Hipótese por hipótese, cremos deve enquadrar-se á análise daqueles que pouco ou nada conhecem do assunto em estudo, a que menos fuja á veracidade, a que se revele menos absurda. O mediunismo, entretanto, com os seus múltiplos aspectos, já avançou de muito do terreno das hipóteses, dizem-no todos os grandes experimentadores sinceros que o teem examinado concientemente, no mesmo passo em que a teoria do *sexto sentido* não passou, para o sábio que a concebeu, de uma teoria! E' o que adverte peremptoriamente, á pag. 19 do seu volume: «Neste livro, eu me limito aos factos; e os factos, *ao menos na sua maioria*, se explicam, a meu ver, pelo *sexto sentido*, do que pelo Espiritismo.» Esses *ao menos na sua maioria* e *a meu ver* estão a indicar que deve ter sobrado uma *insignificante minoria* para outras explicações; que deve existir *outros modos de ver* para explicar o que o sábio cuida explicar pelo *sexto sentido!* E modos de explicá-los, dado o *sexto sentido* já houvesse logrado fóros de realidade científica, jogos de palavras bonitas e complicações teóricas! Autoriza-nos a expressão, o próprio Richet, quando escreve: «Todas essas explicações não passam de prematuras, porque essas duas espécies de excitação do *sexto sentido* ficam sempre *profundamente misteriosas*». Nosso o grifo, no mesmo passo em que salientamos que o mistério é, para o Espiritismo, como o milagre: não existe! E prossegue o sábio francês: «Melhor vale reservar nossa opinião e não concluir. Paremos nessa proposição simples, de que ha um *sexto sentido*, sem pretender penetrar-lhe o incompreensível mecanismo!» Aí está, senhores! De sorte que basta exista o nome, *sexto sentido*, criação de um sábio francês de nome sonoro, o qual o apresenta, ao criá-lo, superficialmente, sem aprofundar seus fenômenos, além de possuido de excitações misteriosas, e com ordem de parada á porta da penetração de seu mecanismo incompreensível; basta isto, apenas, para aceitarmo-lo! Que mais lhe falta, senhores, pois que conta com o nome sonoro de Charles Richet a apadrinhá-lo e é contra a mediunidade, os fenômenos espíritas, para que logre, cientificamente, se impôr a toda gente? Que vale, diante de nomes tão simpáticos — *Sexto Sentido* e Charles Richet — o testemunho em contrário, dos Crookes e Aksakoff, dos Flammarion e Russel Wallace. dos Lombrosos e Gibier, dos Gustavo Geley e Oliver Lodge, dos Conan Doyle e Frederico Zoellner, a afirmar que tais fenômenos são puramente espiritisticos? que neles as células cerebrais, os os neurônios, nenhuma influência teem? Será que nada vale o testemunho de um Claude Bernard, de um Alexis Carrel, de um Thompson, do próprio Richet, quando afirmam pouco ou nada sabemos das funções celulares? do cérebro? dos neurônios? Não é, tambem, do próprio Charles Richet: «Persuado-me que não sabemos absolutamente nada do universo que nos rodeia?» (LA GRAND ESPERANCE).

Analisemos, agora, de outro modo. Se é um sexto sentido, porque foi êle sonegado a todas as criaturas possuidoras dos outros cinco? Erro de Deus ou da Natureza? Não cremos. Erro dos homens, que o inventaram. Sabemos que ha muita gente mutilada em um ou mais dos outros sentidos. A proporção, porém, dos mutilados do *sexto sentido* é infinita, visto como o número dos que o possuem de molde a impressionar ainda, insignificantissimo, levando-nos a conceber Deus ou a Natureza parcialissimos no destribuir suas graças. Ainda outro argumento: onde o *sexto sentido* no objeto que levita? na mesa que gira? no lapis quer por si mesmo, nos fenômenos de escrita diréta, escreve belas mensagens? na fisionomia estranha que impressiona a chapa fotográfica?

Em que pese ao grande experimentador, que foi Charles Richet, é força convir que o seu *sexto sentido* não satisfaz ao seu próprio criador? E' assim que, manifestando-se sôbre a sua descoberta em outras obras, diz por exemplo o diretor da *Revue Scientifique*, em *La Grand Esperance*, pag. 152: «Chamo *sexto sentido* a essa sensibilidade especial, sem esconder que esta palavra não é de todo uma explicação, e ainda menos uma teoria, *porque do sexto sentido ainda nada se conhece»*. Aí está! Que mais, para sua absoluta impugnação racional e científica, de vez que nem fôra possível ao seu autor, no decurso de anos entre *SIXIÈME SENS* e *La grand Esperance*, conseguir consubstanciar sua descoberta com factos e observações rigorosamente científicas? Êle, que fôra um dos maiores estudiosos do psiquismo experimental! Ele, que ajustou a este psiquismo uma série enorme de denominações científicas?

Ainda na mesma obra á pag. 166: «O *sexto sentido* só quer dizer uma coisa (no mesmo passo em que o Espiritismo exprime enorme multiplicidade de coisas!) é que somos sensíveis a vibrações ou, se quiserem, a fenômenos que não se relacionam com os nossos sentidos normais!» Donde, não ser difícil identificar *sexto sentido* com mediunidade, é óbvio. Aliás, esta indentificação fê-la o próprio Richet, implicitamente, em *La Presse Medicale*, deste jeito: «Não me quero deixar cegar por meu racionalismo e reconheço que ha certos casos extremamente perturbadores, que nos levariam a admitir a sobrevivência das personalidades humanas». Todos os casos dizemos nós, não sómente os que escapam ao crivo teórico do *sexto sentido*, como os que se podem, através de uma infinita bôa vontade, enquadrar na concepção richetiana!

Não tenhamos ilusão: *sexto sentido*, é, apenas, uma concepção materialistica, destinada a explicar o inexplicável por ela: os fenômenos mediúnicos. Vale tanto como o *subconciênte*, a *histeria* e *delírio espírita episódico*, a *esquisofrenia*, a despeito do grande nome que o apadrinha; que, segundo o testemunho de Bozzano, acabara vencido e convencido de que só a existência do Espírito, e suas manifestações em todos os sectores da Vida, explicam os fenômenos psíquicos que vão dando tanto o que fazer a nossa ciência materialista. Donde os que se agarram, ainda, ao *sexto sentido* para explicar o inexplicável pela ciência materialista, terem de futuro de ajustar uma corrigenda ás suas publicações, assim:

Onde se lê *sexto sentido*, leia-se *MEDIUNIDADE!*

—

A Graça de Deus

Para LEOPOLDO e MARILIA.

A Graça de Deus se encontra em tudo o que é bélo e nobre, em tudo o que a Terra cobre; desde o palacio do rico á choupaninha do pobre; nas florezinhas do prado; desde as montanhas ao mar; nos ninhos e nas cavernas! – Junto das almas sinceras, entre as almas fraternas; no seio casto das mães; no cerebro inculto do ateu! — Em toda a parte a fulgir; no sorriso da criança, no lamento do ancião!...

Tornai-vos dignos da graça. Enchei o vosso coração!...

ALB.

Uma prova pela fotografia espírita

The Greater World

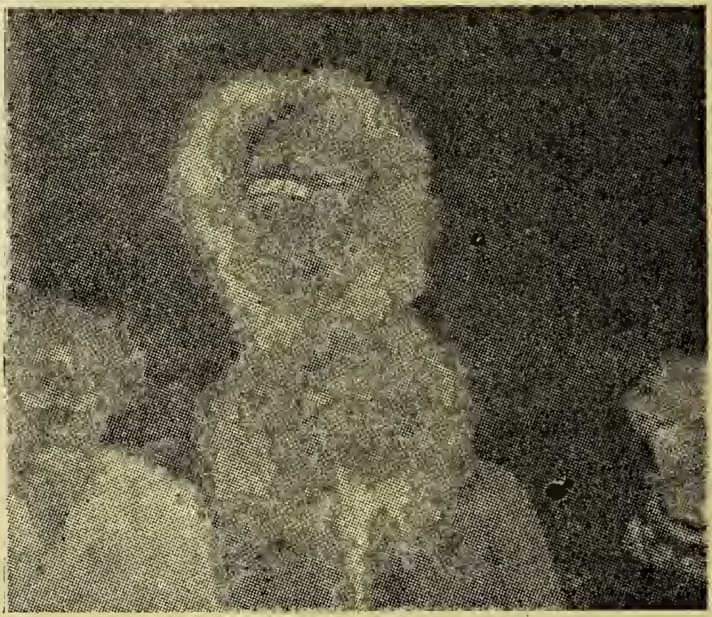

«Red Wing» e «Maime», a mulher, guias curadores de Mrs. Wheatcroft.

No Outono do ano último, Mrs. Wheatcroft, acompanhada por sua amiga Mrs. Williamson, realizou uma sessão com os Irmãos Falconer, obtendo este notavel resultado. O Índio norte-americano foi identificado como sendo «Red Wing», e a mulher, cujo rosto está exatamente de fronte do de Mr. Craig Falconer, é «Maime», ambos espíritos curadores e guias de Mrs. Wheatcroft, que sómente poucas horas antes realizára sessão de curas. Antes de ser batida a chapa, Mr. Craig Falconer viu, pela clarividência, ambos os espíritos, dos quais fizera uma descrição detalhada.

Mrs. Wheatcroft que devotadamente e durante longos anos trabalhara na propagação da Verdade, é Presidente da Missão de Old Battersea. As curas são efetuadas pelo espírito «Red Wing» todas as terças-feiras.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Já não mais nos detemos na contemplação das consequências das tragédias que se desenrolam no presente!

Para que?

Espíritos que se reencarnaram, vindos de outras existências, aos milhões, vivem sob o azorrague esmagador das suas próprias iniquidades, arrastando um sudário de sofrimentos, de dôres e de máguas, que nada mais representam do que o reflexo das suas próprias imperfeições, dos seus maus sentimentos, manchas negras que poluiram os seus atos e os estigmatizaram...

Passam os anos, voam os séculos, e nem mesmo várias reencarnações bastam para apagar ou mesmo diluir esses salpicos de sangue e lágrima, anátemas que os fazem conhecidos, apontados mesmo pelo reflexo da luz de uma justiça que não falha nunca!

Para que nos determos ante as consequências dessas tragédias presentes?

Cinco anos de um labor constante e de investigações insânas, são mais do que suficientes para que reconheçamos a realidade que se patenteia aos olhos do mundo—tragédias, lares desfeitos, máguas, torturas, dôres, felicidades derruidas, sofrimentos de todos os dias, de todos os instantes, mergulhando as criaturas em um oceano de lágrimas, de dúvidas e de incertezas...

Para que nos determos ante essa caravana que, no presente, em fila interminável, sôfrega e cansada, vai se arrastando por esse deserto infinito, sofrendo os látegos de vandavais tremendos que a fustigam e a maltratam?

Porque nos determos ante essa falange humana que arrasta o carro das provações e cujas rodas, atoladas no charco do orgulho e da incompreensão, atrasa mais a sua marcha, requerendo esfôrço muito maior, ainda?

Porque nos determos perante esse exército de estropiados morais que refocilam no erro e na mentira, aceitando a mordaça imposta ao seu raciocínio e á sua razão por dogmas interesseiros e que se estribam nos proventos materiais?

Porque nos determos, assim, se estamos cientes de que toda essa luta, todo esse amargor e toda essa tortura nada mais representam do que o peso do madeiro imposto pelas próprias imperfeições?

Pobre Humanidade!

Caminha — caminha através do charco constantemente alimentada pelo erro, pelo orgulho e pela incompreensão...

Caminha — caminha, embora a noite contínua da materialidade, estendendo o seu sudário de ignorância, impeça que divises a luz bendita da espiritualização!

Caminha — caminha, embora os teus pés sangrem nas arestas cortantes das pedras da vaidade e embora te firas nos espinhos ponteagudos da hipocrisía e da desfarçatez!

E' esse o teu destino — mas continua a tua marcha, pois inúmeros vanguardeiros enviados em teu socorro já se puseram á tarefa de aplainar o restante da estrada a percorrer, e muito em breve poderás divisar a luz produzida pelas tochas sagradas do Espiritismo, luz que jorrará sôbre a tua estrada, facilitando o término da tua jornada!...

Nada mais és, pobre Humanidade — do que o judeu errante do Universo, porque giras sempre em torno de ti mesma, incapaz de levantar os olhos para o Alto, a procura de novos panoramas; incapaz de procurar outros recursos para revigorar o teu coração, impossibilitada de receber, quais dádivas divinas, átomos de coragem e de compreensão para maior felicidade e maior entendimento...

Porque nos determos na contemplação dos horrores traduzidos pelo desenrolar dessas tragédias contínuas que afogam as criaturas nas suas próprias lágrimas?

Deixa que essa caravana palmilhe o deserto de iniquidades onde se perdeu e deixa que a dôr, os gemidos e os lamentos se elevem ao Alto — êles voltarão transformados em orvalhos opalinos para atenuar os ardores das labaredas causticantes produzidas por todas as ignomínias que se arrastam desde as existências primórdias!

Determo-nos ante esse espetáculo que confrange a alma e maltrata o espírito?

Não.

Para que?

Sentimo-nos arrastado por uma força poderosa que nos impele para a frente, bem para longe dessa caravana, cujos gemidos e cujos lamentos reboam, enchendo o silêncio do deserto da vida, com os gritos de desespero e com os gemidos de dôr...

Passámos avante e nos refugiámos no sepulcro, a procura de um abrigo onde não pudessemos ouvir esses gemidos e onde o nosso coração não se confrangesse ante tortutas maiores que as nossas...

Porém, nossa decepção foi grande, pois o sepulcro nada mais representava do que o pórtico através do qual toda aquela caravana teria que atravessar para penetrar em outro mundo, retomando nova vida preparatória para voltar, denovo, a procura do resgate das dívidas que fôra acumulando...

Ante a perspectiva de voltar junto á caravana do sofrimento terreno e a necessidade de seguir para esses mundos desconhecidos, preferimos ficar entre um e outro, procurando servir de intermediário entre as sombras que sofreram e as criaturas que sofrem — nos esforçando para que, entre umas e outras, fossem trocadas as mensagens de paz, na compensação mútua do arrependimento e do perdão...

—

Foi neste posto intermediário entre o mundo visível e o invisível — que recebemos, em 12/9/39, a visita de uma família de Bebedouro, Est. de Paulo.

Um de seus componentes, rapaz sadio, forte, com 27 anos de idade, constituia um entrave não só para si mesmo, como tambem, para todos os membros da família, os quais se desorientavam ante o seu proceder.

Antes que nos encontrassemos com o paciente, ouvimos das pessoas de sua família, o relato pormenorizado de todos os factos ligados a sua vida...

> «Dr., já não mais suportamos o o seu método de vida, desviado de todos os princípios nobres em que se devem pautar os atos de uma pessoa.
>
> Todos os membros da família se

acham integrados no trabalho honesto, todos êles se esforçando para conservar a família em um confôrto relativo, sem se descuidar do futuro dos filhos e todos eles ligados por uma união fraterna e sincera.

Esse, porém, com o seu procedimento — quer em casa, quer na sociedade, parece ter o prazer de desmoronar a construção que todos os demais procuram levantar com o trabalho, a honestidade e o caráter...

Viciado no jogo, nesse vício consome as melhores horas de sua vida, pouco se importando com o trabalho, emprego ou respònsabilidades, nêle consumindo tudo o que se lhe dá, além do que consegue por meio de emprestimo e até mesmo lançando mão de recursos excusos para obter o necessário para alimentar esse vício...

A família se vê, por vezes, em situações delicadas com dívidas por êle contraidas — em jogos e orgias!

Quando chamado á atenção, responde com malcriações e brutalidades, chegando mesmo aos desforços físicos... ao contrário de outras oportunidades em que se torna humilde, arrependido, reconhecendo o seu erro e *dizendo mesmo que não sabe como assim procede, alegando ser arrastado por uma força superior a sua vontade...*

Em outras ocasiões, pouco se importa com a própria higiene, vivendo sujo, num desleixo que envergonha a família.

Não tem estabilidade em nada do que se lhe arranja — negócios, empregos, responsabilidades, tudo abandonando sem mais nem menos, sem uma causa justificada...

Vivemos em uma atmosfera de apreensões e temos gasto uma fortuna, consagrando grande parte do nosso esforço para podermos encaminhá-lo á compreensão do dever!

Já esteve internado em casas especializadas e são inúmeros os médicos que dele trataram, sem o mínimo resultado...

Não existem justificativas para esse procedimento, e no entanto, parece têr ódio a todos em casa, a começar pelos pròprios pais, a todos tratando com desprêzo, quando não com brutalidade, tornando-se mesmo, perigoso...

Questiona com todo mundo, chegando a ponto de adquirir inúmeras inimizades principalmente com os vizinhos aos quais insulta, chegando mesmo a penetrar em suas casas fazendo uma verdadeira devastação, afrontando todo mundo, indiferente aos resultados que poderão advir desse gesto que só pode ser de louco...

No entanto, conversa bem, é preparado e nada encontram de anormal, pelos exames e pesquisas, que possam justificar esse procedimento, tanto que todos os que teem tratado dêle, chegam a desanimar, dizendo que esses defeitos são dêle mesmo e que são difíceis de serem corrigidos...

O certo é que estamos cansados dessa vida de sustos, apreensões e prejuizos e lhe rogamos fazer tudo o que for possìvel não sò para livrá-lo dessa vida incerta, como tambem, nos restituir o sossêgo e a tranquilidade que ha longos anos nos deixaram..

—

Tratava-se, como acabamos de ver, de mais um caso *exquisito*, desses casos que perturbam e descontrolam a ciência oficial, essa mesma ciência que até agora se mostra indiferente a tudo aquilo que não sái dos seus laboratórios materiais, desta mesma ciência que ainda não aceita os recursos poderosos dos laboratórios do infinito!...

Posteriormente, levado o paciente ao nosso consultório, tivemos oportunidade de trocar com êle, a primeira palestra: — Conversa perfeita, demonstrando raciocínio, memória e noção de espaço, tempo e lugar. Perfeito contrôle de si mesmo, nada indicando ou demonstrando anormalidade psíquica.

Acostumados, porém, com *esses casos exquisitos* e pressentindo por detrás dessa normalidade aparente, mais uma das costumeiras tragédias passadas, cujos reflexos vinham se fazer sentir na atual encarnação e já dominado pelos anseios de intermediário para a permuta do ódio, em perdão, de um, e arrependimento para outro, aconselhámos ao paciente que fosse ao Sanatório, alegando que, sómente lá, seria possivel um exame perfeito sôbre o seu organismo, visto todos os aparelhos necessários para exames lá estarem — inocente mentira para interná-lo sem constrangimento de sua parte, pois o Sanatório nada possue para exames, análises e pesquisas materiais.

Pôs-se pronto, imediatamente, e no mesmo instante, para lá seguiu.

A' tarde, fomos vê-lo. Estava inquiéto, num desespêro tremendo para se retirar. Queria ir-se embora e era uma grande injustiça da nossa parte conservá-lo, assim, segregado, quando se sentia perfeitamente são, não vendo razões para se ver, assim, privado da sua liberdade, detido em uma casa onde só via loucos internados!

Deixámo-lo á margem de todo e qualquer medicamento. Nada sentia de perturbações organicas, e nenhuma réstia de perturbação psíquica.

Estariamos, de facto, cometendo uma injustiça?

Essa dúvida cruel não perdurou por muito tempo, pois nos apressámos a pedir informações a uma sombra amiga que nada mais fez do que confirmar o nosso diagnóstico — Obsessão.

Mais tranquilos, tudo fizemos para incutir-lhe um pouco de paciência, procurando atenuar o seu desespero para recuperar a liberdade.

Liberdade!

Mal sabia êle que, além da prisão carnal o seu espírito estava preso nas malhas vingadoras de um inimigo terrivel...

Após vários trabalhos experimentais propositalmente feitos para atraír o seu obsessor, conseguimos a presença dessa entidade em 27/9/39 isto é, 15 dias após o internamento do paciente.

Como a incorporação se fizesse lenta, dificultosa, dando o espírito demonstração de sofrimento, começámos a falar sôbre os tormentos que acompanham as criaturas, quer no plano material, quer no espiritual.

Incorporado, manteve-se calmo, falando pausadamente, a-pesar-da energia que se notava nas suas frases...

«E' verdade, tenho ouvido dizer, por muitas vezes, que êle tem sofrido muito...

No entanto, não existe nem ao menos termo de comparação entre os tormentos que êle passa e os por que passei!...

Eu culpado?

Que quer? E' a pena de Talião — ôlho por ôlho, dente por dente...

Ainda tenho tido muita condescendência com êle — mas espero ve-lo, maltrapilho, sujo, ébrio, e esfarrapado, refocilando-se nas sargetas!...

Ainda está decentemente apresentável...

Reduziu-me a um estado de miserabilidade; fez com que me arrojasse ao mais baixo nivel a que o homem pode chegar!

Agora, hei-de me rir, ao presenciar a sua luta a procura de uma estabilidade na vida!

Veremos... veremos...

Porque esse ódio? Tive o meu lar, senhor, um lar feliz, e onde jamais faltou o confôrto e a tranquilidade conquistados á custa de um trabalho contínuo e insâno...

Atravessei os desertos, vezes sem conta. Viajei muito, principalmente, pelas Índias, onde comprava gemas preciosas que levava a Londres, para que fossem preparadas e revendidas como ornamentação no seu país de origem...

Em uma dessas viagens, vim a conhecê-lo. Foi uma fatalidade, pois viria a ser o espetro da minha vida, o destruidor da minha felicidade!

Êle havia sido alguma cousa — possuira, mesmo, fortuna regular, porém, como estróina, perdeu tudo o que tinha, malbaratando seus haveres no jôgo e nas orgias...

Arruinado, vivendo uma vida de privações, condoí-me de sua desventura e tive a infelicidade de levá-lo para minha casa.

Tratado como um filho, reposto na sociedade, nada lhe faltou — ou, antes, faltou apenas modificar seus máus sentimentos, pois que, aproveitando-se da oportunidade da minha ausência por ocasião de uma de minhas costumeiras viagens, desvirtuou o meu lar, malbaratando meus haveres!...

Qual verme repelente, foi se insinuando na minha confiança, afim de que pudesse praticar, em minha ausência, todos os delitos que a miséria moral pode induzir o homem a fazer... Após longa ausência, arrastado pela saudade, única sombra que anuviava os meus dias de ausência, encontrei o meu lar, vasio, habitado pelo silêncio e velado pela desgraça... Aquele que eu havia tirado da lâma, havia me reduzido á miséria material e moral...

Um profundo ódio se apossou de mim mas faltou coragem para abrir o peito de u'a mulher e a garganta de um homem!

Deixei a minha terra; mudei de nome para evitar o escárneo que me lançariam em rosto e antes de chegar ás sargetas como cheguei, bebendo e me embriagando pela primeira vez, risquei da minha memória, uns tantos nomes que nunca mais haveria de pronunciar...

Um ódio profundo foi sempre o companheiro durante a minha desdita e durante a minha peregrinação pelo mundo, fugindo para longe, cada vez mais longe...

Quanto sofri sem um lar, sem um carinho, atirado ao oceano da vida. —

Família?

Sim. Meu pai foi um grande sábio—Naqueles tempos, os seus conceitos eram tão profundos, que todos diziam que era sua bôca que falava, mas Alah é quem lhe transmitia os pensamentos...

Suas palavras e seus conselhos ainda reboam aos meus ouvidos, como si fossem um caramujo no interior do qual o barulho das vagas reboam sempre, atormentado pelas saudades do oceano...

Eu lhe tinha tamanho respeito, e tamanha veneração, que era, de joelhos, que eu lhe falava!

Êle não sabia qual havia sido o meu destino e preferi passar como um filho ingrato, desaparecendo, para nunca mais dar minhas notícias, ocultando-lhe a minha desdita, a ver lágrimas em seus olhos, sentindo, no coração, o ferrete das palavras de perdão que havia de me dizer...

—

Aproveitando a oportunidade que se nos oferecia com esse ponto fraco, procurámos incentivar suas recordações, insistindo sôbre a lembrança daquela figura venerada pela sua personalidade e ainda respeitada pelo seu espírito — agora, mais do que nunca, seu velho pai não o perdoaria si não fizesse com que o seu próprio espírito se ajoelhasse, tambem, perante o altar das recordações, para elevar uma prece, verdadeira mensagem de saudade e de gratidão...

Tudo fizemos para que, no momento, seu espírito, esquecendo-se dos propósitos de vingança, atenuasse o seu ódio e pudesse receber esses reflexos da bondade divina, reflexos que lhe despertariam as lembranças do passado, fazendo com que renascesse para nova vida, amparado pelo arrependimento e pelo perdão...

A's nossas últimas palavras seguiu-se um minuto de silêncio...

Muito pouca gente sabe o que significa um minuto de silêncio respeitoso, e aquela entidade jamais se esquecerá daqueles sessenta segundos, uma eternidade de quasi, onde encontrou a felicidade e onde só, então, percebeu a grandeza e a finalidade da justiça de Deus...

Naturalmente que, naquele minuto, seus ouvidos, quais caramujos do mar, mais do que nunca, sentiam o sussurro dos conceitos de seu velho pai, conceitos que os lábios pronunciavam mas que eram ditados pelo coração e pela sabedoria!

Fêz um gesto de espanto, curvou-se como si fizesse a mesura caraterística do árabe e só pronunciou mais estas palavras: —

«Vós, o cheique?
E, vós, tambem?
Sim, sim, sigo convosco...

—

Quasi ao nosso lado, o paciente ouvia e presenciava tudo...

Um ligeiro tremor o sacudia...

Não dava demonstrações de haver compreendido o que se passara — mas o seu espirito, naturalmente, tudo ouvira, tudo percebera!

Êle, mais do que todos nós outros, soubera dar valor áquele minuto respeitoso, pois era o minuto-eternidade, durante o qual, nas ruìnas da sua vida passada. impelida pela brisa da justiça divina, êle vira tremular a bandeira branca da paz e do perdão.

—

As sombras amigas com que trabalhamos, sempre preparam o terreno preciso para, na ocasião oportuna lançar a semente que deve germinar...

Conhecedoras dos propósitos da vingança dessa entidade; prevendo que, conselhos, rogos e mesmo razões ponderáveis seriam insuficientes para demovê-lo de seus propósitos, foram buscar, longe, muito longe, o chefe e o pastor pelo qual todo mussulmano tem grande respeito, quasi veneração, e cujas ordens são cumpridas á risca...

No momento oportuno, o cheique ainda não esquecido, apresentou se lhe e o convidou á seguí-lo.

Aonde o teria levado?

Não ficámos sabendo, como ignorámos, tambem, o que se passou nesse interregno de 20 dias.

Tinhamos certeza, sim, de que aquela entidade sofredora pelo simples facto de desabafar parte das recordações que a torturavam há tantos anos, havia dado uma demonstração quasi certa de que a sua vítima estava liberta!

Essa confirmação a tivemos 20 dias depois quando, inesperadamente, por incorporação calma, vagarosa, o ouvimos de novo: —

«Mas quanta cousa tem se passado!

Quanta cousa!

Esta casa é uma casa exquisita; tudo aquí é confuso e não sei mesmo como explicar tudo o que tenho visto e sentido, aquí. A princípio, me disseram que era uma casa de saude... Depois, disseram que era uma casa espírita, onde se faziam tratamentos espíritas.

Desconheci por completo, o Espiritismo. Não ignorava, sabia mesmo, que a morte não destróe tudo, e via, em mim próprio, uma prova daquela assertiva, pois, a-pesar-de morto, eu sabia perfeitamente do meu estado, agindo com conciência de causa, embora muitos acontecimentos se perdessem para mim... Não tinha noção do tempo e mesmo de inúmeras outras cousas que se passavam em torno de mim...

Aquí, espíritos que falam... Alí, padres, freiras, ao lado de outras criaturas cujas vestes caraterizam dirigentes de outras religiões...

Impossível descrever o que tenho visto e observado!

Penso mesmo, ser tudo isso uma alucinação produzida pelo cansaço do sofrimento, alucinação mais perfeita, ainda, do que aquela que se apodera do viajante perdido no deserto, onde a desorientação, o temor, o mêdo e a desesperança veem se apoderar da imaginação torturada pela sêde...

Nunca pude definir esse ódio sem tréguas e sempre com o desejo de fazer mais, ainda!

Todavia, dentro desta casa, tudo se transformou, para mim...

O pavor daquela noite, julguei ter sido o resultado de u'a emoção forte que sentira, resultado de emoção que se sente mas não se define... Hoje, reconheço que meus olhos não foram impressionados por u'a visão, cousa irreal.

Sei que os meus sentidos não me mentiram, pois não só vi, mas, tambem, ouvi e cheguei, mesmo a tocar em sua túnica! Além disso, vi a luz, aquela mesma luz que sempre notava em seus olhos e cujos reflexos eram como raios de luar ferindo os sentidos ou a alma da gente!

E êle disse que eu voltasse aquí e que viria de novo, tambem, falar... Mas, falar aquí? Pregar como outr'ora?

Como? Não são mussulmanos, e isso, aquí, não é uma tenda!...

Êle disse que eu viesse, pois nesta casa se encontra para os errantes, para os peregrinos sem pousada, para os cansados e sedentos, a agua idêntica á do Poço de Jacob...

E eu vim, porque a sêde me torturava, uma sêde mais horrorosa do que aquela que se sente no deserto onde o sol causticante maltrata o corpo e as areias escaldantes maltratam os pés...

Amei tanto as Escrituras! O Alcorão, o Talmud, encerravam os ensinamentos que eu recebia com a sinceridade dos crentes...

A-pesar-disso, e a-pesar-de têr sido um homem que passou por todos os tormentos, inclusive as tormentas dos vendavais do deserto, mais pavorosas, ainda, do que aquelas provocadas pelas aguas agitadas dos oceanos, não pude resistir á que essa criatura desencadeou em minh'alma!...

Nunca pude encontrar o filtro capaz de atenuar o sofrimento do meu coração,..

Os ventos desencadeados pela sua maldade ainda me sibilam aos ouvidos com a mesma intensidade e revolta, com a mesma desventura e mágua!...

Quem o vê nessa atitude, não pode avaliar de que foi capaz! Por um pouco de ouro, êle desfez a minha vida!

Senhor, o homem que procede como êle procedeu, deixa de sêr homem e nem pode ser igualado a um cão, porque, mesmo entre os cães, existe fidelidade, sinceridade e mesmo compaixão...

Êle não teve esses sentimentos,

pois destruiu um lar feliz e desgraçou uma vida!...

Si tivesse sido impelido pelo amor, eu sofreria muito, mas o perdão, embora difícil, falaria mais alto do que outros sentimentos... Sim, porque, baseado nos ensinamentos dos sábios das nossas tendas, perdoaria, pois que, pelo amor puro e sincero, o homem é arrastado aos abismos mais profundos e aos crimes os mais nefandos!

Mas, por um pouco de dinheiro, desfazer a felicidade de um lar e desgraçar algumas vidas, oh! isso é horrivel!...

E' horrivel!...

Quantos anos isso? Creio que algumas centenas, não só porque mo disseram, como tambem, porque sei que já vivi uma vida terrena depois daquela que foi destruida tão miseravelmente...

Como disse, eu viajei muito; percorri quasi o mundo inteiro trabalhando e esforçando-me para dar maior confôrto e maior felicidade áquela criatura que ficava á minha espera — a minha esposa, a quem adorava.

Ele chamava-se Fuad. Não tinha lar e não tinha família, esposa, filhos — daí, não saber dar valôr aos sentimentos nobres que amparam e ligam aqueles que se unem pelos laços do amor e da amizade.

Talvez por isso e não sendo capaz de exercer um trabalho digno e honrado, dedicou-se a cavalgadas durante as quais roubava e raptava jovens de seus lares para vende-las aos harens, comércio vil e infame!

Nem mesmo um comprador de escravos era... Roubava para trocar por objetos de ouro — para, com esse ouro infame, poder satisfazer seus vícios — jogo e entorpecentes!

Isso é bastante para caraterizá-lo, pois a vida de um canalha não deve ser contada em um templo... mancharia estas paredes, salpicando de lama, o justo, o virtuoso e o digno...

Como disse, êle foi se insinuando em meu lar e aos poucos, o foi destruindo. Quando voltei, soube por um amigo que minha esposa havia sido por êle, raptada e vendida a um harem!

Louco, com essa loucura entremeiada de dôr e de ódio, procurei-o para lhe embeber um punhal no peito...

Não o encontrando, abandonei a minha terra, pedindo antes, a Alah, a maldição para êle e para mim! — Para mim, que não sabia, não podia perdoar e, para êle, porque não merecia esse perdão...

Porque mata-lo? Tolice, pois todo sangue que fizesse correr, não seria bastante para lavar a mancha da minha esposa!

Foi na cidade de Mossul, no grande harem de Massabá, que ficou encarcerada a minha esposa e, com ela, toda a minha felicidade!

Louco, desvairado de dor, rolei pelas sargetas, vagueando pelo mundo, sem destino, experimentando todos os tormentos da miséria...

Morri, como um cão abandonado!...

Voltei em nova existência. Fui monge, vivendo em um mosteiro — mas essa vida de presbitério, de nada valeu, porque, embora isolado do mundo, sentia uma surda revolta dentro de mim mesmo... tanto que era acometido por u'a moléstia estranha... Havia noites em que despertava tendo, a meu lado, diversos monges. Diziam que ficava furioso a ponto de ser necessário ficar algemado!

Que fazer? Êle surgia na minha frente, como um fantasma, um espetro aterrador... Eu avançava para o seu lado, sentindo que minhas mãos apertavam um punhal.

Eu o via perfeitamente, mas os meus companheiros de mosteiro não me acreditavam!

Nas horas que se seguiam, voltava á calma pois me entregava á prece e á meditação...

Morri naquele mosteiro. Ciente do meu estado de espírito, senti voltar a lembrança daquele passado que se perdia nas dobras do tempo e o ódio fez com que o procurasse.

Vaguei muito, mas encontrei-o, afinal, ha alguns anos.

Que fazer com êle?

Si o pusesse louco, nada sentiria, e o seu sofrimento não se igualaria ao meu.

Fazer dêle um criminoso, e jogá-lo entre grades, tambem não — pois o condenado reconhece a razão do seu sofrimento. Por isso, resolvi fazer com que não tivesse tambem, família, vivendo ao léu, sem o carinho dos pais, irmãos, e amigos . . . procurando arrastá-lo á sargeta.

Agora que o tinha quasi todo em minhas mãos, esses acontecimentos se precipitaram de maneira tão inesperada!

Ouço o sinal... o grato sinal da aproximação de meu chefe!

Cumpri a minha palavra e creio, mesmo, que falei, por demais, sôbre a história triste e miserável da minha vida...

Mais ?

Para que ?

Si eu encontrar o amparo que prometeram dar-me, voltarei um dia...

Trazendo a alma manchada pelo ódio e pela vingança, mil vezes não, não voltarei !...

A justiça de Alah que caia sôbre a cabeça desse cão.

O que não pude fazer, Alah o fará.

—

Cinco dias após, entregámo-lo á sua família.

Estaria curado ?

Sim, e o confirmariamos se a cura de um obsedado só dependesse, em certos casos, da libertação do espírito, livre de fluidos impuros.

Neste caso, porém, estavamos na obrigação de prevenir a família.—Êle estava *liberto da causa primordial* de todos os infortunios por que passára, até então, porém, o seu espírito trazendo taras de existências anteriores, seria dóra avante, o fatôr da consolidação para a reintegração de si mesmo, no seio da família e da sociedade.

Êle, exclusivamente êle mesmo, seria capaz de dominar o próprio espírito, fazendo com que se despojasse, pelo esforço e pelo domínio próprio, das vilanias e dos sentimentos maus que foram os sustentáculos da sua existência passada !

E' um espírito mau, rebelde, revoltado pela obrigação de sustentar a si mesmo, procurando proventos próprios num trabalho contínuo pelo pão de cada dia...

Possue mediunidade sensitiva. E' um iman a atraír os reflexos de todos os sentimentos que se cruzam pelas fronteiras dos dois mundos.

Se dominar seus sentimentos, será uma criatura feliz, atraíndo esses fluidos puros que emanam dos espíritos bons.

Continuando a alimentar os pensamentos de iniquidades que sempre praticou em existências passadas, ao contrário, captará as ondas de sentimentos menos dignos, e terá que palmilhar uma estrada pejada de sacrifícios e de desventuras.

Êle foi avisado disso.

Sorriu, com esse sorriso incrédulo dos que julgam saber muito.

Si não aproveitar as mensagens que lhe entregámos, nesse posto de sacrificios e de pesquisas, onde nosso espírito se vê continuamente atormentado, pelo menos aquela sombra obsessora, em companhia de outras sombras amigas e sinceras, revestida de melhores sentimentos, encontrará, nas tendas tranquilas do deserto infinito, a sombra protetora debaixo da qual ouvindo os conceitos profundos do seu velho pai, se preparará para uma nova jornada, mais feliz, mais tranquila, porque será amparada pela esperança, pela fé e pelo desejo sacrosanto de progredir mais, cada vez mais...

Nenhum homem pode ser feliz, quando se vê obrigado a desprezar as suas próprias ações, quando tem a conciência do mal que pratica, ou em intenção ou em atos.

Nenhum homem pode ser feliz, se alimenta pensamentos de vingança, de ciúme, de inveja ou de ódio.

E' preciso ter uma conciência limpa e um coração puro para se ser feliz. Quando há o sentimento de se ter procedido bem, pode ser-se feliz até dentro das mais adversas circunstâncias. Sem esse sentimento pode ser-se um miserável dentro das mais favoráveis condições da existência.

O. S. Marden.

O ESPIRITISMO NA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE

UM NOVO PONTO CONQUISTADO

De «La Revue Spirite» *Por L. DEVAVRE*

Um novo facto acaba de se produzir na Universidade de Cambridge. Grande é o seu valor para o Espiritismo em razão da repercussão que provocará e das felizes perspectivas que deixa entrever. Trata-se da criação, nessa universidade de reputação mundial, duma cadeira destinada ao estudo dos fantasmas.

Para nós este estudo não é novo, porque conhecemos, sôbre o assunto, os trabalhos de H. Durville, que lhe presta uma contribuição notável, seguidos dos trabalhos de A. de Rochas e de seu discípulo Ch. Lancelin, que impeliram mais para diante suas investigações e suas experiências.

Pode-se mesmo admitir que foi sob seu impulso inicial, seguido dos estudos profundos do professor W. F. Barret, que em Londres foi fundada a célebre sociedade «Society of Psychical Researches», mas cuja ação se limitou, somente, ao registro e ao contrôle duma acumulação de factos de natureza psíquica.

Esta possante contribuição ao estudo do duplo humano, do qual estes sábios eminentes foram os iniciadores esclarecidos e que inspiram a consideração admirativa geral, infelizmente não poude ser elaborado, senão á margem da ciência oficial, da qual conhecemos as iniciativas por demais prudentes, que muitas vezes se limitavam ao âmbito das descobertas privadas.

William Crookes fez um estudo científico propriamente dito do fenômeno em questão, mas seus trabalhos ficaram na penumbra.

O que convém assinalar no facto que acaba de produzir-se em Cambridge, é a revelação de ter a ciência positiva avançado um novo passo, uma incursão no domínio já estudado por eminentes sábios espíritualistas. Nunca será demais repetir: no dia em que a ciência se espiritualizar, ela conduzirá a humanidade a progressos imprevistos. Quando os sábios reconhecerem unanimemente, como o declarou o célebre fundador da Metapsíquica, Ch. Richet, que *a hipótese espìrita é a explicação mais verossímil dos fenômenos*, a ciência abandonará para sempre uma algaravia ininteligível para explicar a simplicidade dos factos que provêm, em sua maior parte, do mundo espiritual.

Em nossa imensa satisfação, ao ver a aproximação do dia em que a ciência e o Espiritismo marcharem de mãos dadas, porque um esclarece o outro, nós levamos á Universidade de Cambridge, a homenagem entusiástica dos espíritas espalhados pelo mundo inteiro, porque a conquista deste ponto faz perder mais um ao materialismo cambaleante. Em nosso confôrto, nossa alegria e esperança, enviamos nossos pensamentos mais animadores aos promotores dessa nova cadeira de verdade.

E, do nosso insignificante domínio pessoal, desejariamos emitir um voto, formular um tímido desejo: que prossigamos infatigáveis na difusão do Espiritismo em todas as classes da sociedade, porque temos reconhecido constituir o seu ensino a única explicação válida da peregrinação humana e que além de tudo, êle professa a doutrina moral por excelência — a do Cristo e a dos grandes iniciados . . .

Deus, antes de encarnar no homem, encarnou em tôda a casta de animais e vegetais.

Teixeira de Pascoais.

Crônica Estrangeira

O Decrescimento da Ortodoxia

«Psychic News»

A ortodoxia continua em decadência. O Rev. J. Ernest James, Presidente da União Congregacional da Inglaterra e Gales, expôs á Assembléia o movimento decrescente da comunidade.

«Edifícios que foram construidos cincoenta anos atrás, agora são excessivamente grandes. Frequentemente vemos prédios com capacidade para 1.000 a 1.500 pessoas assentadas, apresentarem agora congregações de 100 assistentes. Esses factos são desanimadores».

Estes comentários são típicos do que está acontecendo em todos os ramos da ortodoxia. Todos seus dirigentes relatam acontecimentos similares — congregações decrescentes, perda de prestígio, influência e autoridade.

Com a expulsão da mediunidade, o Cristianismo perdeu sua alma, visto que sem o exercício dos dons do Espírito impossível existir religião alguma.

Crianças no Mundo Espiritual

«Light»

Ha vinte e quatro anos, finou-se meu filho único de dois anos de idade. Sempre eu pensava o que estariam fazendo as crianças no reino espiritual. Certa ocasião, isto ha muitos anos, um espírito me assegurou que êle estava frequentando escola, e ha pouco um espírito amigo afirmou ter visto David (meu filho) transformado em homem, metido num avental de cirurgião, e que êle dissera: «Tenho amor ao meu trabalho, consistente em receber e tornar felizes tenras crianças que para cá veem sózinhas, como a mim aconteceu».

Porém, grande foi minha alegria quando êle próprio se manifestou, dando-me conselhos, ao mesmo tempo que assegurava ser um médico, a cuidar especialmente de crianças.

Os nossos pequenos sêres continuam a desenvolver os dons que teriam desenvolvido no plano terrestre, se aquí tivessem permanecido.

Carta endereçada a Deus

«Te Two Worlds»

Uma senhora mui idosa e alma bem simples, encontrando-se em terrível situação financeira, escreveu uma carta que endereçou a «Deus», suplicando-lhe a remessa imediata de 30 shillings. Não conhecendo, o agente postal, o meio de enviar a carta ao destino, resolveu abri-la. Depois de lida e interpretada a situação da remetente, foi realizada uma coleta entre os empregados postais, que rendeu 20 shil., quantia que foi remetida anonimamente á senhora necessitada.

Dia seguinte, nova carta, igualmente endereçada a Deus, continha o seguinte: «se, amado Deus, futuramente me quiser enviar algum dinheiro, peço fazê-lo em carta registrada, pois da outra vez aqueles tratantes do correio roubaram 10 shillings e eu só recebi uma libra» (20 shillings).

As pessoas que responderam ao apêlo feito ao Todo Poderoso eram figuras proeminentes da Loja Maçônica local e outros irmãos filantrópicos.

Abraham Lincoln sonhou com seu assassinato

«Psychic News»

Poucos dias antes de seu assassinato, Abraham Lincoln relatou a seu amigo Ward Hill Lamon e á sua esposa, um sonho que tivera:

«Eu percorria os aposentos da Casa Branca sem encontrar viva alma, porém, ao entrar no Salão Oriental ouvi sons de soluços.

No centro do aposento estava disposta uma eça sôbre a qual jazia um corpo envolto em vestes funerárias. Em derredor estacionavam soldados que agiam como guardas. Mais ao longe acotovelava-se o povo, alguns fixavam tristemente o corpo, cujo rosto estava coberto, outros choravam.

«Quem morreu na Casa Branca? Perguntei a um dos soldados. O Presidente,—respondeu o interpelado. Êle foi morto por um assassino».

«Em seguida a multidão prorompeu em chôro convulsivo, que me despertou. Não consegui conciliar o sono durante o resto da noite, não obstante ser tudo um simples sonho».

Clara E. Langhlin, em «A Morte de Lincoln», diz que o sonho se realizou com os mínimos detalhes.

Agora eu possuo Provas

«Light»

«Antes eu tinha fé na sobrevivência, agora eu possuo provas». E' este o veridicto de Mr. Maxwell Scott, que tem estado a investigar Espiritismo no Norte da Inglaterra. Os resultados do seu inquérito aparecem semanalmente em *Sunday Sun* (New-castle).

Incidentalmente, êle descreve a «ameaça de loucura» como «pura fantazia». «Não vejo, disse êle,» que o pesquisador sincero, de mente equilibrada, tenha qualquer cousa a temer. Asseguro que nada havia de pernicioso em qualquer das 150 mensagens que ouvi médiuns públicos proferir em sessões espíritas. Sem exceção, elas foram mensagens de amor, confôrto e avisos sôbre condições de saude. Exemplos: Cuide mais dos olhos. Ultimamente você não tem usado óculos.» Todas as mensagens e conselhos, que se supõe provirem de espíritos, devem passar pelo crivo da razão e do senso-comum.»

«Eu não concordo», acrescentou, «com a sugestão de serem triviais todas as comunicações de espíritos. Mensagens que parecem triviais ao resto da assistência, podem encerrar grande valor provante para o recipiente».

Uma Estatística de Espetros

Mondo Occulto

Um jornal suíço se encarregou de estabelecer uma estatística, por assim dizer oficial, dos espetros existentes na Suíça. O seu número compreende quatro mil, a mór parte dos quais habitantes irremovíveis de antigos castelos. E' interessante notar que proximamente 50 % desses espetros se asilam em velhas habitações e todos os exorcismos já tentados não lograram desalojá-los.

Manifestação de um Espírito após 60 anos

«La Revue Spirite» fornece o seguinte resumo dum editorial de *The Two Worlds*.

Mrs. Clair Trichett assistiu a uma demonstração pública do médium Miss Olive Rutherford. Este médium descreveu um jovem marinheiro, John, perecido no mar, o qual afirmou ter começado a construção de um barco que sempre tencionava terminar durante suas férias. Êle tambem declarou que logo seriam encontrados certos papeis em sua casa, guardados numa gaveta, papeis que provariam a sua identidade. Nenhum assistente poude identificar o espírito e Miss. Olive Rutherford disse por fim: «Êle está tão desapontado!...»

Seis semanas depois dessa sessão, Mrs. Clair Trichett revolvendo certas gavetas folheava documentos referêntes á família, que remontavam ao ano de 1.500, e entregues a seu filho ha 12 anos por uma velha tia. Ela lembrou-se que a mensagem espírita não fôra esclarecida. Mas, investigando, encontrou um documento atestando que John Husler, de 25 anos, natural de Leeds, naufragara em 1864 com o «Bolivar». Relativamente ao pequeno barco em construção, Mr. Trichett, o marido, nada poude informar, mas sempre vira um pequeno barco em casa de seus pais, que sua mãe talvez ainda conservasse. Imediatamente Mrs. Clair Trichett, após as explicações do marido, escreveu á sogra que respondeu saber provir esse barco dum tio, perecido no mar e que ela justamente passara esse pequeno navio a outras mãos.

Médium cego que é clarividente

«Pychic News»

A clarividência independe da visibilidade física.

Embora cego desde os doze anos, Arthur Clayton, de Nottingham, tem realizado sessões de clarividência sôbre plataformas espiritualistas durante os últimos vinte anos.

Êle não só obtem os maiores sucessos ao descrever os «mortos», que vê pela clarividência, como tambem pode ver as pessoas em sua assistência para as quais são destinadas as descrições e mensagens de espíritos.

Ainda recentemente o «*Birminghan Evening Despach*», que regularmente dedica suas colunas ás atividades religiosas locais, descreveu a visita de Clayton á Igreja Nacionalista de Birmingham.

O jornal relatou como o progenitor de Arthur foi a procura de consôlo no Espiritismo quando o filho ficou cego em consequência de certa moléstia e mais tarde introduziu o mesmo no nosso movimento. Gradualmente o menino sentiu possuir faculdades psíquicas.

Cinco anos depois, por ocasião da celebração do armistício (1918), êle realizou a primeira sessão mediúnica. Desde então tem dirigido sessões em todo este paíz. Êle fez 25 visitas á Escócia e 40 a Gales.

E' assombroso que, a despeito de sua incapacidade física, êle pouca dificuldade tenha experimentando ao viajar por toda a Inglaterra. Por vezes êle tem percorrido 10.000 milhas num só ano. O jornal de Birmingham publicou extratos da sua alocução realizada no centro espiritualista local.

Benjamim Franklin e a Sobrevivência

Benjamin Franklin, o célebre estadista americano que auxiliou a elaborar a Constituição dos Estados Unidos e que inventou o pára-raios, rendeu o seguinte tributo ao Espiritismo:

O homem só nasce completamente depois que morre. Por que então atormentarmo-nos por ter uma criança nascido entre os imortais? Nós somos espírito.

A cendência de corpos por emprestimo, enquanto eles nos podem proporcionar alegria, ajudar-nos a adquirir conhecimento ou contribuir para fazer o bem aos nossos semelhantes, é um ato bondoso e benevolente de Deus.

Quando os corpos se tornam impróprios a esses propósitos e nos produzem dores em vez de prazer, em lugar de auxiliar nos embaraçam, Deus é igualmente benevolente e bondoso em nos prover o meio pelo qual dêle nos descartamos. A morte é esse meio.

Nossos sêres queridos e nós mesmos receberemos o convite para participar no Além, da reunião intensamente feliz que persistirá eternamente. O nosso sêr amado terminou sua jornada terrestre e partiu, precedendo-nos. Todos nós não poderiamos convinientemente partir juntos.

Porquê, então, todos esses tormentos, se brevemente nós os seguiremos conhecendo o lugar em que se encontram?

Moldagem de mãos e dêdos materializados, na Inglaterra

«De Além»

The Two Worlds consagrou um artigo ilustrado referente ás moldagens em cêra, de mãos e dêdos materializados e obtidos no grupo do Sr. Finney em Sutton, Notts, no mês de Novembro de (1938), onde tem havido experiências muito interessantes, visto que as moldagens provam por si só a sua origem supranormal. Nenhuma mão humana poderia retirar-se dessas moldagens sem as quebrar por causa da sua posição torcida e da pressão dos dedos em segurar os objetos que agarravam, como algumas que empunhavam um crucifixo.

Em 15-2-1938, obtiveram duas mãos cruzadas á semelhança das célebres moldagens que o Dr. Gustavo Geley conseguiu no Instituto Metapsíquico em 1922-23. Examinadas por peritos idóneos, estas moldagens revelam com evidência, caráter humano.

Notas e Factos

Os Mortos nos Tocam

«La Vie Toulousaine» a propósito da obra de M. Stellet: *Os Mortos nos Tocam,* expende este julgamento que transcrevemos de «La Revue Spirite».

Não deveis supor que aí se trate de evocações, de pseudo-espíritos ou dum charlatanismo de teatro, com aparições de fantasmas. Nada disto, trata-se de experiências, realizadas na própria sala de M. F. Stellet, em presença de professores de Faculdades, médicos, advogados, magistrados, jornalistas de nossa imprensa quotidiana, no decorrer de sessões de estudos psíquicos. Essas experiências se realizaram á luz plena, eu o repito, sem evocação alguma, sem apêlo a qualquer espírito, sem preces pedindo assistência espiritual.

Unicamente a clarividência do sensitivo, seus dons de «vidente» postos a serviço dos assistentes.

Tive o privilégio de assistir, durante ano e meio, a essas sessões e devo acentuar que a primeira vez em que cedí ao amavel convite de M. Stellet, lá fui como um céptico endurecido. Quantas vezes havia eu assistido a sessões semelhantes em que tudo era mistificação!

Como o ilustre Flammarion, nós podemos afirmar: *«De ora em diante, nós possuimos a certeza científica da sobrevivência da alma depois do último suspiro terrestre.* A alma é independente do organismo material e continua a viver após a morte».

Esta certeza se adquire lendo a obra que acaba de publicar com erudição, que não enfastia, M. Stellet. Sua obra é mais cativante do que o mais original romance. Ele fornece a prova por meio de factos. A obra é quasi que constituida de factos, todos controlados por eminentes personalidades de Tolosa. Esses factos são bem mais numerosos do que geralmente pensamos, porque cada vez que deles falamos, encontramos ouvintes que conhecem factos análogos.

Eu desejaria possuir a necessária competência para falar como conviria de tudo o que comtém a obra de M. Stellet. Não passo de um profano, mas um profano sincero, que aquí apresenta o testemunho autêntico do que viu e ouviu no decorrer dessas sessões absolutamente comoventes em que nós estivemos, sem a menor fraude possível em «comunhão com o Além», no absoluto do verdadeiro.

E' o conjunto de todos esses factos que encontramos na obra de M. Stellet, que deve ser lida em todas as classes da sociedade, porque, pelas revelações que traz sôbre a vida no Além, ela demonstra, á saciedade, as relações certas do mundo visível com o invisível e a comunhão fraternal que podemos manter com nossos caros desaparecidos.

Visões em leitos mortuários

«Light» — Por W. R. Bradbrook

O excelente artigo da autoria de Mr. A. Collins, sob o título acima, despertou em mim duas ocorrências que corroboram o seu argumento — de não poderem ser tais visões logicamente atribuíveis a imagens mentais aduzidas por «esperanças veementemente afagadas», «fortes tradições religiosas» ou convicções.

Muitas foram as conversações que mantive com uma senhora de 60 anos, sôbre o facto da Sobrevivência. Apesar-de pobre, ela era bem educada, mas, infelizmente, condições domésticas e ocasionais lapsos alcoolicos azedaram-lhe a natureza. Ela absolutamente se insurgia contra a crença numa existência após a morte física. Ela sentia que seus méritos não lhe davam direito a uma eternidade de bemaventurança, e certamente tambem não merecia condenação a um sofrimento sem fim. E se a vida além-túmulo fosse análoga á presente, ela esperava e sinceramente acreditava que para ela haveria o esquecimento tranquílo.

Pouco depois ela apanhou tuberculose galopante. Um Bom Samaritano do nosso Centro local tomou-a sob seus cuidados até o fim da moléstia. Aparentemente haviam falhado todas as tentativas para esclarece-la sôbre o futuro. Todavia, no último momento, de súbito um sorriso iluminou-lhe o semblante, um reconhecimento surpreendente se traduziu pelo brilho dos olhos, e com os braços estendidos para uma «visão», ela proferiu sua última palavra: «Mamãe!»

O outro caso se refere a uma senhora de 40 anos de idade, primorosamente construida e notavelmente béla. Todavia, o alcool e uma existência viciosa, transformaram-na num virago. A mãe era a personificação da paciência e longo havia sido o seu sofrimento, sempre sujeita ás explosões de ódio e mesmo á violência física da filha. O único protesto da boa velhinha se traduzia no seguinte queixume: «Oh! minha pobre Edith!» Ela morreu sem uma palavra de censura. Pouco depois, Edith enfermou gravemente e foi internada num hospital. Durante seus últimos dias de vida, ela frequentemente exigia, com horriveis imprecações, que a «velhinha» (a mãe), continuamente de pé ao lado da cama, fosse removida, porque sua presença a atormentava.

Neste caso não havia «antecipação veementemente desejada», nem tão pouco «fortes tradições religiosas», mas certamente muitos dos leitores hão de reconhecer a intensidade dramática da devoção maternal que nem a crueldade dolorosa, nem a mesma morte poude extinguir, mas que a mãe alí viéra para ajudar, a espera de receber em seus braços a «minha pobre Edith!»

A conclusão dum notável cientista

The Journal of the American S. P. R.

O Dr. Hans Driesch, docente na Universidade de Leipzig, em artigo que publicou, afirma que o materialismo científico é impotente para explicar as atividades da vida.

Uma das objeções que a ciência opõe ao reconhecimento da investigação psíquica como uma ciência é, diz êle, que a sua aceitação formaria uma lacuna no mecanismo universal da Natureza.

Driesch está de acordo e sustenta que a telepatia, clarividência, premonição, etc., são incompatíveis com uma concepção mecanizada e materialista que é insuficiente para resolver os problemas que já lhe tolhem os passos.

Enquanto os materialistas pretendem que todos os acontecimentos na Natureza são explicáveis e compreensíveis sôbre fundamentos de uma ação recíproca entre os últimos elementos da matéria e os esforços resultantes de tal ação recíproca, surge a questão se *todos* os acontecimentos na Natureza podem ser explicados por simples ações entre simples elementos, e as resultantes de tal ação.

Ele mostra que tomando certos vermes e cortando-os em muitos pedaços, cada peça se remodelará em um organismo pequeno, mas completo, no decurso de alguns dias. Existe alguma cousa que constroe o todo, de uma parte.

Proseguindo, êle demonstra que «a maquina já não permanece a mesma se lhe removermos qualquer parte seja de que secção fôr». Ha algo por trás desse processo que reconstroe um corpo e que tem o poder de fazer o todo da parte, e isto exige a introdução da doutrina do vitalismo. Donde se conclue que o organismo não é um sistema mecânico; certamente êle consiste de matéria, mas consiste tambem de algo mais que guia e dirige a matéria». Eu denominei este algo entelequia (entelechy). Outros chamam-no mente ou alma, particularmente no campo de ação. Consequentemente, alma ou mente é um sêr separado.

«Este resultado não formará uma ponte, por assim dizer, do normal ao paranormal? De qualquer modo, torna-se patente que já na esfera da normalidade a teoria mecanicista ou materialista se desmorona completamente, em face do que concerne á vida orgânica.

Reconhecido isto, a telepatia, clarividência, premonição, etc., se enquadram no mesmo reino da causalidade».

Deste modo, a Investigação está conquistando legitimação lógica como uma ciência—de todas, a ciência mais importante.

Um médium descobre um Original Rembrandt

O triunfo da Psicometria

The Two Worlds *Por W. V. Gorcum*
De Holanda (Haya)

... Ha tempos comprei nesta cidade um quadro velho e procedendo a um exame atento ocorreu-me que poderia ser uma obra de grande artista. Mandei a tela a um afamado perito que a devolveu afirmando ser obra destituida de valor. Não fiquei satisfeito porque o perito tambem declarara pertencer a mesma ao século dezessete.

Mandei fotografar a figura e remeti uma cópia ao conhecido psicômetra Mr. Zeeden.

Mr. Zeeden declarou ser a figura de grande valor e obra do maior pintor do seculo XVII — Van Rhym Rembrandt — cuja assinatura estava num monograma e este localizado num determinado lugar. Êle declarou existirem ainda outras figuras na tela, inclusive uma pessoa, um cão, alguns degraus de uma escada e outros objetos. O fundo estava tão preto, por efeito do tempo, de modo a não serem visíveis essas coisas á ôlho nu, mesmo com um exame minucioso.

Mr. Zeeden aconselhou-me mandar a téla a outro perito, porém, declarou êle, a conclusão seria idêntica a do primeiro. E assim foi, o segundo perito declarou-a destituida de valor.

Resolvi limpar a téla. Com grande satisfação descobri o monograma, no lugar indicado, e o ano. Continuando no meu trabalho, todos os outros objétos se tornaram visíveis, exátamente como o declarara o psicômetra. De novo me pûs em contacto com o médium que confirmou suas declarações anteriores e ainda disse que eu aguardasse certa conexão com um perito estrangeiro.

Cerca de dois meses, por um acaso inexplicável, fui apresentado a um especialista francês, grande conhecedor das obras de Rembrandt. Êle examinou a téla. Tratava-se efetivamente de uma obra genuina de Rembrandt, o que confirma as palavras de Mr. Zeeden, o psicômetra. Desde então vi diversas ampliações feitas pelo perito em que todos os detalhes mencionados pelo médium se tornaram claramente visíveis, surgindo da poeira e neblima dos séculos.

Como Maurice Barbanell começou a sua carreira de jornalista espírita

Informa a «Revista Espírita» de Paris que o jornal *Psychic News* (n.º 365) traz um artigo subscrito pelo seu diretor Maurice Barbanell onde êste descreve a história da criação do aludido jornal.

Barbanell era espírita convicto, mas de jornalismo conhecia apenas o que lhe ditava o grande propagandista Hannen Swaffer, no decurso das suas viagens de conferências. Era tal a atividade dêste pioneiro do espiritismo que chegava a realizar três conferências por dia em diferentes cidades da Inglaterra, falando, desta forma, a mais de 250.000 auditores ingleses.

Em 1931, com 30 anos de idade, Barbanell é atingido pela crise econômica que o obriga a vender tudo o que possuia, atirando com êle para o desemprêgo.

E' então que com uma insistência tôda particular, os *espíritos* o animam a criar um semanário espírita. A-pesar disso e das propostas espontâneas de dinheiro que lhe são feitas para aquêle fim, mesmo por pessoas cépticas, Barbanell hesita; mas o processo Meurig Morris — *Daily Mail* acaba por vencer as suas hesitações e apressa, assim, o lançamento do jornal, que está agora no seu oitavo ano de existência e possue já um capital de 600 libras esterlinas.

Em breve Artur Findlay, o célebre escritor espírita, interessa-se pelo jornal, que toma a atitude que lhe é tão caraterística de não professar nenhuma religiosidade.

Psychic News é um jornal moderno e de grande tiragem.

Prevê bem as consequências, ainda as mais afastadas, de cada uma de tuas decisões, para não teres depois de que te arrepender.

Pitágoras.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Serviço Nacional do Recenseamento

Foi nomeado para o cargo de Delegado Nacional do Recenseamento para o municipio de Matão, o prestante cidadão sr. Antonio Gorgatti que, ao assumir o exercício do cargo, dia 1.o do mês p. p., convocou, para esse mesmo dia, ás 13 horas, no edificio do Paço Municipal, a reunião inaugural da Comissão Censitária Municipal, que ficou composta dos seguintes cidadãos: sr. José Bartholomeu Ferreira, Prefeito Municipal; sr. João Rossi, 1.o Juiz de Paz, e sr. Antonio Gorgatti, Delegado Municipal do S. N. R.

Nessa ocasião foram eleitos os membros da Comissão Colaboradora, que ficou composta de pessoas representativas da imprensa, do comercio e de associações locais.

Correspondência do nosso Representante na Capital

Casa dos Espíritas

Conforme estava anunciado, a Casa dos Espíritas do Brasil, comemorou no dia 31 de Maio último, perante enorme assistência, o 1.o aniversário de sua fundação com uma sessão especial da quál constou um escolhido programa lítero-musical.

A's 20 horas e 35 minutos, o Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, depois de expôr em breves palavras o motivo da reunião e haver feito uma prece, dá por abertos os trabalhos, tendo feito uso da palavra os seguintes confrades: Prof. Americo Montagnini, sôbre o têma: «Civilização Moralizadora»; Dr. João Baptista Pereira, «Passará o céu e a terra mas as minhas palavras não passarão»; Dr. C. G. Shalder, «Factos Espíritas»; Odilon Negrão, «Bibliotéca de Estudos Psíquicos»; sr. Domingos Angelo Netto, do «Jornal da Manhã» que, numa exortação comovente, saúda a Diretoria da Casa dos Espíritas; Dr. João Baptista Pereira, que saúda em nome dos espíritas, o diretor espiritual daquela Casa, Bezerra de Menezes.

Foram declamadas belissimas poesias. A aplaudida pianista, D. Amalia Brandão, executou trechos musicais ao piano.

Fizeram-se representar na comemoração o sr. dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal em S. Paulo, pelo sr. Tte. Armando Salles, Oficial da Casa Militar da Interventoria; o dr. Carneiro da Fonte, Chefe de Polícia do Estado, pelo Dr. Roberto Maués, Oficial de Gabinete da Chefia de Polícia.

Após as solenidades, as Damas Espìritas Paulistas, distribuiram agasalho de lã ás crianças pobres e lauta mesa de doces aos presentes.

Foi filmado todo o desenrolar da festividade, facto esse registrado pela primeira vez em sessões comemorativas espíritas.

Enfim, foi uma reunião espìrita que deixou gratas recordações em todos aqueles que tiveram a ventura de fazerem parte dela.

O Espiritismo em S. Roque

Com o concurso de uma caravana chefiada pela Casa dos Espiritas do Brasil, da Capital, realizou se em S. Roque, dia 9 do mês passado, uma Concentração Espírita em regosijo pela reabertura do Grupo Espírita «Fé, Amor e Caridade» e dos Centros Espíritas «Sto. Agostinho» e «São Roque», fechados por medida arbitrária da autoridade local, sendo reabertos pela enérgica intervenção dos Espìritas da Capital, á frente dos quais esteve o incansavel batalhador, Dr. João Baptista Pereira.

A caravana foi recebida na estação de S. Roque por grande número de espíritas, saudando nessa ocasião os visitantes, o sr. Baptista Credo Negrelli. Respondeu á saudação, em nome da Caravana, o Dr. Calazans de Campos.

A seguir, foram os visitantes convidados a percorrer a cidade, mostrando assim á população local que a brusca medida da autoridade, em vez de abalar o Espiritismo, proporcionou ocasião de os espìritas unirem-se ainda mais fraternalmente.

Nessa ocasião, a Cooperativa Vinícula de S. Roque, num gesto de fidalguia de sua dignissima presidente, D. Emilia Valter, ofereceu aos visitantes produtos de sua fabricação.

A seguir, nos salões nobres da Loja Maçónica «Labor», gentilmente cedidos pela sua digna Diretoria, foi oferecido um almoço aos visitantes, durante o qual usaram da palavra os srs. Pedro José Hoog, representante da União Federativa Espirita Paulista, Dr. João Baptista Pereira e o jornalista Pedro Fernandes Alonso.

Estiveram tambem presentes os srs.: Dr. Osorio Mario dos Santos, Heitor Bocatto, diretor de «O Democrata», local. O sr. Dr. João Gabriel Pinto, prefeito do próspero municipio de S. Roque, fez se representar por seu Oficial de Gabinete.

Após essa reunião de confraternização, seguiram todos para os amplos salões da Sociedade Recreativa dos Ferroviários, gentilmente cedidos pela sua digna Diretoria, que compreende o papel benéfico do Espiritismo na sociedade.

Abriu os trabalhos o sr. Pedro Fernandes Alonso. A seguir falaram os seguintes confrades: Dr. João Baptista Pereira, «O Evangelho e o Espiritismo»; Dr. Calazans de Campos, «A Verdadeira Civilização»; Domingos dAngelo Neto, «Porque sou Espírita».

Encerrou a sessão o sr. Pedro Fernandes Alonso, tendo feito uma prece a Jesus o Dr. João Baptista Pereira.

A Comissão promotora da Concentração, composta dos srs. Raul Marchi, Antonio Arca, Angelo Orlandi, Candido Mirim, Alfredo Boschetti, Eugenio de Andrade e Lourenço Pedroso, agradece a todos quantos cooperaram para o realce de tão significativa reunião.

Eduardo Aidar.
Representante

A Nossa Excursão

Do nosso representante em viagem, sr. Benedicto Gonçalves do Nascimento:

— Durante a primeira quizena do mês passado fiz 7 conferencias, assim distribuidas; uma em Taquaritinga, uma em Jaboticabal, duas em Bebedouro, duas em Colina e duas em Matão.

—

Comunicado do nosso representante em viagem, João Leão Pitta:

— Durante o mês de Maio ultimo fiz 20 palestras nas seguintes cidades: Glicerio, Brauna, Coroados, Ribeirão Grande, Corrego do Martins, Alto Alegre e Penapolis.

Passamento

Em Campos do Jordão, onde se achava a passeio, desincarnou repentinamente, dia 21 de Maio último, a nossa irmã D. Marcelle Pinto de Carvalho, companheira de jornada terrena do confrade José Bento de Carvalho, residente em Santos.

No cemitério do Paquetá, onde foram sepultados os despojos materiais da desincarnada, falou junto ao ataúde o confrade Pedro de Camargo (Vinicius).

Elevando nosso pensamento a Jesus, pedimos-lhe o seu beneplácito para o ingresso do espírito recem-liberto nos tabernáculos divinos.

Vida e Atos dos Apóstolos

Acaba de saìr do prélo e já está sob os cuidados da nossa secção de encadernação, a 3.a edição desta utilissima obra da lavra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Conforme o titulo, trata-se de uma obra que estuda a vida e os feitos dos Apóstolos bem como os fenômenos espìritás que com eles se verificaram, fenômenos que são testemunhos vivos da Imortalidade.

Com 292 paginas. impressa em ótimo papel e encadernado a pano oleado, esta obra está á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de 9$000 o volume e mais 1$000 para o porte e registro.

De Rio Claro

No dia 29 de Maio último esteve nesta cidade o confrade Caetano Mero que fez, no Centro Espírita «Fé e Caridade, uma belissima conferência, abordando vários trechos do Evangelho com rara felicidade.

Do Correspondente.

—

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1671unse

NO XVI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1940 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre o Espiritismo
A volta de Sir William Barrett
Novos Rumos á Medicina
Estudos Psicológicos
Quantos Somos ?
Condições de boas materializações
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

Dr. Ignacio Ferreira, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1940 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 **Oficinas: Rua Ruy Barbosa s/n.**

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

EM todos os paises civilizados, a atenção dos pensadores e dos sábios foi invencivelmente atraída por um conjunto de fenômenos perturbadores, devidos ás leis inexplicadas da natureza e a certos poderes latentes no homem. Estimulados pela multiplicidade crescente das manifestações psíquicas, em toda a parte, mas principalmente nos grandes centros intelectuais e científicos da Europa e da América, os homens de estudo e os verdadeiros investigadores da verdade reuniram-se em grupos e em associações internacionais de investigação científica, sob a direção de cientistas eminentes, com o fim de observar os extraordinarios fenômenos de *magnetismo, de hipnotismo, de telepatia, de transmissão do pensamento, de materialização, de fotografía do invisível, de psicometria, de levitação, de clarividência, de premonição, etc., etc.* Nesses grupos de sábios, todas as múltiplas formas de faculdades mediúnicas e de poderes supranormais do homem foram estudadas e observadas com todos os rigores dos métodos experimentais.

A importância dos problemas que essas investigações levantam, bem como as consequências científicas, filosóficas e morais que delas decorrem, são hoje sómente negadas pelos que ignoram sistematicamente ou inconcientemente tais investigações. No estado atual dos conhecimentos humanos, desdenha-las ou repelí-las, seja por indeferença ou por cepticismo, é dar provas de estreiteza de vistas, incompatível com a evolução do pensamento moderno.

O Espiritismo triunfa porque, em todos os seus ensinamentos, não existe a menor contradição com as verdades científicas. Nada nêle repugna á compreensão e é o que tem sido demonstrado por cientistas que, após rigorosas experiências, se pronunciaram a favor dos fenômenos espíritas.

Em números anteriores vimos o veridictum de muitos desses sábios, hoje vamos ampliar a lista já extensa, com novos subsídios, não só de cientístas, mas de vultos pertencentes á literatura, ás artes, inclusive membros de institutos científicos e do clero.

Dr. Sanchez Herrero — Catedrático da Faculdade de Medicina de Madrid, autor da melhor obra sôbre Hipnotismo publicada em lingua castelhana. Em seu prólogo á tradução espanhola da obra de Rochas, «A exteriorização da motricidade», diz:

«Compartilhar a responsabilidade de semelhante livro e aceitar a realidade de tais factos ante a sociedade espanhola, é afrontar o fantasma aterrador do sorriso desdenhoso e estúpido, de quem os nega por sistema.»

Dr. Sexton — Distinto médico e advogado inglês, membro da Sociedade Geográfica e da Sociedade Zoológica de Londres.

Depois de haver combatido e redicularizado o Espiritismo, se dedicou a estudá-lo, impressionado pela conversão de um amigo íntimo.

Tornou-se espírita após quinze anos, e escreveu uma obra intitulada «Spírit Medium and Conjurers».

«As provas hão sido tão patentes — disse êle — que é impossível a negação. São tres os estados em que póde achar-se a alma: negação, dúvida e convicção. Meu espírito passou pelos tres estados.»

Moselli — Professor de enfermidades nervosas e mentais na Universidades de Gênova.

Escreveu um livro intitulado «Psicologia é Espiritismo», relatando os fenômenos por êle observados com o médium Eusapia Paladino, e sustentando resolutamente a realidade dos mesmos.

Porro — Diretor do Observatório de Buenos Aires; Curie, descobridor do radium, Amacis e Bottazzi, professores da Universidade de Nápoles, e outros muitos sábios eminentes figuram entre os observadores dos fenômenos produzidos pelo médium Eusapia, fenômenos cuja legitimidade garantiram.

Léon Pensner. - Popular prestidigitador russo, declarou que os fenômenos obtidos nas sessões do Grupo de espiritistas de Prescurson, não podiam ter sido produzidos pela habilidade da pretidigitação. Seu testemunho foi publicado no periódico *Rebus.*

Robert Houdiní. — Este célebre prestidigitador, justamente considerado o príncipe dos prestidigitadores, depois de haver assistido ás sessões realizadas pelo vidente A. Didier, sob a direção do Dr. E. Lee, foi tomado de assombro e assinou um certificado concebido nos seguintes termos:

«Declaro que os factos referidos são estritamente exatos, e que, quanto mais neles reflito, mais me convenço que é impossível considerá-los como resultados da prestidigitação.

Society for Psychical Reshearchs. — Fundada em Londres, sob a presidência de H. Sidgwick, professor da Universidade de Cambridge. Em sua lista de sócios figuraram Crookes J. Ruskin, Gladstone, lord Tennyson, A. R. Wallace, S. C. Adams, G. F. Watts, etc., e entre seus membros correspondentes franceses: Pierre Janet, H. Taine, Féré, Bernheim, Th. Ribot, etc.

Institut Psychologique (Paris). — Transcrevemos os seguintes parágrafos do regulamento dessa importante sociedade que, ha 30 anos, relevantes serviços prestou á causa que abraçamos.

«Sabido é com que curiosidade inquieta e apaixonada foram acolhidos os factos ha tempos relatados de sugestão mental, telepatia, lucidez, mediunidade, levitação e todas as observações, que tendem a fazer-nos entrever mais além das funções normais e conhecidas do espírito, certas faculdades psíquicas não suspeitadas. Seja qual fôr a opinião que se tenha sôbre os fenômenos deste gênero (e é difícil formar na hora atual, uma opinião definida e precisa) é fóra de toda a dúvida que só conhecemos uma insignificante parte de nossa própria pessoa e que os factos que emergem em nossa conciência pouca cousa são em comparação aos que permanecem submersos na noite do inconciente.»

«Nas profundidades da subconciência, a Psicologia até agora nada mais fez do que algumas sondagens. Uma das principais tarefas desta ciência, no século em que estamos, será a de submeter os fenômenos subconcientes a uma investigação metódica completa.»

«Assim começaram a receber um princípio de solução experimental certos problemas que até aqui pertenceram á metafísica pura. Pelo que se refere á natureza íntima do homem, á sua origem, talvez ao seu destino, as discussões teóricas chegando a opiniões simplesmente possíveis, não nos bastam. Queremos aquela certeza que só pode resultar da aplicação rigorosa do método experimental.

Igreja Católica. Se bem que se refira ao Diabo, a Igreja, em seus sermões, Pastorais, Encíclica da Congregação da Inquisição (Agosto de 1856) e em muitas obras, reconhece a realidade dos fenômenos espiritistas.

Em o «Espiritismo no mundo moderno», resumo dos estudos de uma comissão de jesuitas ilustrados, á qual a Santa Sé confiara esse trabalho, e publicado em *La Civilitá Católica*, encontram-se as seguintes afirmações:

«Os factos atribuidos ao Espiritismo são por demais certos e em conjunto, não podem ser atribuidos á mentira ou á impostura.

A realidade desses fenômenos sómente póde ser desprezada por quem negue todas as verdades históricas.»

O P. Franco, em «Os Espíritos das Trevas», Saldá e Salvany em «Pobres Espiritistas», Manterola em «O Satanismo» e outros escritores católicos, admitem esses fenômenos, atribuindos-os ao Diabo.

O Dr. Laponi, que foi médico dos Papas Leão XIII e de seu sucessor, escreveu um livro, «Hipnotismo e Espiritismo», afirmando a realidade dos factos.

(Continua).

A Volta de Sir William Barrett

Eis o título de um importante artigo da autoria do eminente filósofo Ernesto Bozzano, originariamente publicado em LA RICERCA PSICHICA. Nós o reproduzimos de «La Revue Spirite», certos de que nossos leitores nele encontrarão a prova da sobrevivência do homem com todos os caraterísticos de sua individualidade.

(Continuação)

No decurso duma sessão que se realizou em seguida, o comunicante informa:

> «Manifestei-me por outro médium para te enviar u'a mensagem de saudação. Pensei que seria interessante introduzir-me incógnito nessa sessão para dar-te minhas notícias «by proxy» (por um intermediário).

Lady Barrett assim comenta:

> «Por simples acaso, alguns dias depois encontrei-me com o médium Miss Bazett, a qual me disse de súbito: «Sir William se manifestou por mim, um dia destes, mas sómente para me pedir vos transmitisse u'a mensagem de afetuosas saudações, advertindo-me todavia muito cuidado no sentido de chamar-vos «Flo» ou «Florence», e não pelo outro diminutivo intermediário de duas silabas («Florrie»).

Pequeno incidente curioso, que assume um valor incontestável de identificação pessoal, visto fornecer êle a prova de que o defunto recorda ao médium Miss Bazett a pequena discussão surgida entre sua mulher e êle no decurso de uma sessão realizada com Mrs. Leonard, e que, inversamente, êle recorda ao médium Mrs. Leonard sua manifestação pela mediunidade de Miss Bazett, com advertência prévia de Lady Barrett, á qual êle quís assim fornecer outra prova irrefutável de sua própria independência espiritual de todos os médiuns pelos quais êle se comunicava.

E' necessário acentuar por outro lado que no incidente mesmo se encontra uma circunstância própria ao defunto, principal fundador da *Sociedade para Investigação Psíquica*, que faz recordar terem-se realizado em sua séde experiências importantes de «comunicações by proxy», no decurso das quais eram obtidas provas de identidade indiretamente, pelo canal de experimentadores que não conheciam o espírito comunicante, e muitas vezes nem mesmo a pessoa vivente pela qual eles experimentavam, de modo a eliminar a hipótese da «leitura do pensamento» dos presentes e dos ausentes, visto que se o médium e os presentes não conheciam o vivo pelo qual eles operam, não é possivel que se estabeleça a relação psíquica (rapport psychique) entre a subconciência do médium e a do vivo distante (télemnésie). Ora, a mensagem transmitida a Miss Bazett, encarregada de comunica-la a Lady Barrett, era uma comunicação «by proxy», e o defunto a considerava exatamente como tal.

* * *

Resta desenvolver o tema mais importante, o qual se refere ás informações fornecidas pelo comunicante relativamente ao meio que o recebeu. A este respeito, faço recordar tudo o que escrevi na introdução, isto é, que os detalhes desta natureza se prestam a demonstrar ulteriormente, com grande eficácia, a maravilhosa concordância que se encontra nas descrições do ambiente espiritual pelos defuntos comunicantes, sendo esta última circunstância arrogantemente contestada pelos críticos, os quais, pelo contrário, afirmam que ditas «revelações transcendentais» sôbre o além se contradizem, o que, em aparência é verdade, mas somente sob condição de ler tudo que se publicou sôbre a questão sem refletir e mesmo não querer perceber que os quatro quintos dos «sujets» que automaticamente ditam «mensagens» de tal natureza, não são médiuns, mas pseudo-médiuns, isto é, «sujets» hipnóticos, no início duma fase de desagregação psíquica, com emergência duma forma banal de escritura automática de caráter sujestivo e auto-sugestivo.

E tambem a este respeito, quero lembrar o que eu disse precedentemente, a saber que este inconveniente deplorável pode ser eliminado atendo-se rigorosamente ao método científico de não aceitar senão as «mensagens transcendentais», corroboradas por boas provas de identificação pessoal dos defuntos comunicantes, suprimindo inexoravelmente todos os outros métodos, método realmente draconiano, pelo facto de eliminar grande número de outras mensagens igualmente autenticamente transcendentais e concordantes. Mas, para o momento, pareceria imprudente atenuar o rigor do método, visto que por êle se atinge mais seguramente o alvo, que é o de possuir um material bruto, positivamente supranormal a ser submetido aos métodos de investigação científica. E a origem supranormal do material mesmo poderá ser considerada como demonstrada se, sôbre a base do processo da análise comparada a êle aplicada, resultar que uma indução é confirmada, que já parecera racionalmente legítima *a priori*. Se os defuntos comunicantes se afirmam verídicos em tudo o que é suscetível de ser controlado, então não se pode admitir que todos tenham sempre e nesciamente mentido quando descrevem o ambiente que os acolheu. E a prova experimental capaz de corroborar tal indução pode ser obtida pelos métodos de investigação em questão, sôbre as bases das quais resulta que as descrições do Além concordam plenamente entre si em todos os detalhes de *ordem geral*. Eu digo: de ordem geral, porque seria logicamente absurdo o pretender que elas devam concordar sempre nos detalhes de *ordem particular ou secundária*, detalhes inerentes aos graus extremamente variados da escala segundo a qual se desenvolve a existência espiritual, a começar pelas esferas tenebrosas de expiação para terminar nas esferas radiosas da perfeição angélica. Ora, os resultados exigidos para confirmar a indução *a priori* em questão, são os que se obtem a posteriori sôbre a base da análise comparada aplicada ás «revelações transcendentais». Donde ressalta que elas concordam maravilhosamente com tudo o que trata das descrições do ambiente espiritual de ordem geral, enquanto que as informações de ordem *particular*, elas concordam com as que são comuns a muitas esferas de transição. Mas seria baldado exigir mais.

Fixado isto, e retomando a série em questão, eu observo que tendo o defunto comunicante conseguido provar, á saciedade, sua própria identidade pessoal, achamo-nos de posse de outro documento importante que aduz uma preciosa contribuição á demonstração ulterior dessa concordância das mais significativas entre as mensagens das «revelações transcendentais» verdadeiramente mediúnicas, concordância que deixa entrever horizontes grandiosos para a nova «Ciência da Alma».

Convém insistir neste ponto, porque até o presente o grande valor teórico das «revelações transcendentais» foi completamente negligenciado e desconhecido no meio metapsíquico, e isto por terem sido consideradas como de natureza inverificável. O que, pelo contrário, não pode ser afirmado por um material descritivo ao qual são aplicaveis os métodos científicos da análise comparada e da «convergência das provas», como bem o fazem notar o Professor Hyslop e Sir Oliver Lodge.

Assim postas as cousas, sinto não poder por mais tempo, deter-me na demonstração de minha tese, apoiando-me sôbre esta série de mensagens, citando os episódios que aí são relatados, e comparando-os com outros que são extraidos de numerosas coleções do gênero, de que disponho. Uma tal empresa excederia os lemites do presente trabalho, e é por isso que resolvo relatar e comentar um só detalhe relativo á existência do Além, detalhe ao qual raramente foi feita alusão nas comunicações desta sorte, e isto provavelmente por se tratar de condições de ambiência que estão acima da compreensão da capacidade humana. De todo modo, como se trata dum detalhe raro e assombroso, sou levado a citá-lo e a comenta-lo, comparando as afirmações do comunicante com outras análogas, extraidas de duas séries recentes de revelações transcendentais.

(A seguir).

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Para nós, que consagramos boa parte do tempo ao estudo e investigação dessas questões julgadas tão transcendentais, cada hora que passa representa um grande acervo de conhecimentos e maior revolta por não vêrmos a predisposição da ciência em se encaminhar para a vereda da *Verdade*...

Tudo vem a seu tempo, todavia, e enquanto esperamos pela libertação da ciência materialista, que há de quebrar, um dia, as cadeias do dogmatismo e do orgulho que a prende ao pelourinho do atraso, vamos continuando o nosso caminho, procurando, da melhor maneira possivel, enfrentar não só a maldade das criaturas terrenas, como tambem, seguir as etapas variadas por que passam essas mesmas criaturas no mundo espiritual...

Por várias vezes procurámos dar uma pálida idéia do esforço e da boa vontade de que precisa estar revestido todo aquele que palmilha o terreno espiritual, mormente na sua parte consagrada á cura das obsessões.

Procurámos dar exemplos e procurámos apontar os maiores inimigos da doutrina — inimigos que no plano espiritual, nada mais fazem do que continuar na sua faina de destruição, impelidos pelo mal, arrastados pelo ódio, sentimentos que constituiram o seu apanágio em vida material.

Não é de se admirar a continuação dessa luta, embora sejam espíritos mais ou menos preparados, com conhecimentos profundos e percepção integral, espíritos perfeitamente concientes do seu estado de desencarnados.

E não é de se admirar porque os sentimentos são inerentes ao espírito — pertencem a êle e continuam a patentear-se em toda sua força e todo seu caraterístico.

Quantos assassinos, autores dos crimes mais bárbaros, embora entre grades, sofrendo a justiça dos homens, não continuam persistindo no seu ódio e na sua maldade, sem se arrependerem dos crimes cometidos ?

Na vida espiritual que nada mais representa do que a verdadeira vida do espírito — a vida dos sentimentos, com maior razão persistem em seus propósitos, alimentando-se com os mesmos desejos, empregando os mesmos esforços, deixando-se arrastar nas suas mesmas pretenções...

Essa observação representa mais uma prova de tudo o que temos expendido em diversas oportunidades, procurando estabelecer a *Verdade* sôbre a base dos factos e dos exemplos.

E' a observação de uma enfêrma que, já por três vezes, foi internada como louca—2 vezes em Bélo Horizonte e a última, aquí em Uberaba, onde ficou durante 10 meses em tratamento, padecendo com a atuação de várias entidades orientadas por um sacerdote que nada mais fez do que demonstrar, com os seus propósitos, os maus átos que sempre praticou em vida material, desvirtuando a grandeza da sua missão e maculando as suas vestes, que deviam representar um símbolo de respeito e de honra.

Dr. Ignacio Ferreira, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba

Foi e o é, ainda, uma entidade terrivel, verdadeiro gênio do mal, espalhando máguas, provocando lágrimas e desesperos, quando devia, seguindo o exemplo daquele em cujo nome fôra ordenado, ser o amparo dos infelizes, o consolador dos aflitos, o pastor acolhendo o rebanho atacado pela lepra dos maus sentimentos!

Durante todo o tempo da internação da enfêrma, tivemos que sustentar uma luta porfiada, aparando os seus golpes traiçoeiros, envergonhando-nos mesmo dos mêios baixos de que lançava mãos para nos afastar do caminho do dever, deixando-lhe o campo livre para melhor saciar o seu apetite aguçado pelo mau cheiro da carne putrefacta.

Por várias vezes, incorporado, ouvimos insultos soezes, salpicos de lama que não nos atingiram por estarmos revestidos da moral cristã e do sacrosanto dever imposto pelo conhecimento espiritual.

Essa entidade, após longos meses, foi afastada da sua vítima e pelo que se depreende, continua e continuará, ainda, mesmo como reencarnado, a manchar toda e qualquer associação que tiver a infelicidade de contá-lo em seu seio, enganada pela exterioridade com que sempre procurou ocultar o virus da sua alma, e disfarçar o mau cheiro desprendido de seus sentimentos baixos e indignos.

Deixemos que êle cumpra a sua missão de corvo negro na ânsia de enriquecer o seu rosário com as contas psíquicas das máguas, das dôres e das torturas por êle espalhadas...

Fazemos votos para que um dia, em seu próprio benefício, essas mesmas máguas, essas mesmas torturas e essas mesmas lágrimas se transformem, de contas psíquicas, em contas materiais para que, ao passar o seu rosário, seus dedos possam sentir e transmitir, ao seu espírito, as irradiações benéficas da prece que elas representam, prece — linguagem muda elevada á Deus — pedindo paz, tranquilidade e harmonia para todas as criaturas...

—

Em 17 de Fevereiro de 1939, orientado por uma consulta feita a um dos médiuns de Uberaba, verdadeiro apóstolo da doutrina, vieram trazer-nos uma jovem para sêr internada no Sanatório. Estava completamente perturbada das faculdades mentais, vivendo inquiéta, numa agitação constante, ora rindo, ora chorando, tudo de permeio com cânticos sacros e recitação de passagens bíblicas sôbre as quais discorria demonstrando grande conhecimento...

Estava com forte desiquilíbrio orgânico, muito fraca e abatida, requerendo sérios cuidados o seu estado de saude, física e mental.

Não era a primeira vez que ficava nesse estado, e a família já havia consumido todas as suas economias em peregrinações por consultórios e sanatórios especializados.

Há 2 anos, mais ou menos, vive nesse estado de sofrimento, podendo ser, assim, resumida, essa provação pela qual passou: —

«Em fins de 1937, contando 16 anos de idade, era uma joven normal, estudiosa, alegre e trabalhadeira.

Nenhuma doença grave, que perturbasse o ritmo de sua vida.

Em vesperas de prestar seus exames para o 4.º ano primário, começou a manifestar um grande receio das provas pelas quais teria de passar, rezando continuamente, apegando-se á proteção de santos, aos quais fazia promessas constantes.

A-pesar-de toda a família ser católica militante, não deixou de se admirar de tanto fervor religioso, procurando incutir-lhe ânimo e coragem. Prestou seus exames e foi muito bem sucedida — era inteligente e estudiosa, conquistando, assim, lugar proeminente entre os de sua turma.

Chegando a casa, após esses exames, em vez de demonstrar alegria e satisfação, denotava, ao contrário, uma tristeza profunda, tornando-se arredia, perdendo o ar alegre e satisfeito que sempre a acompanhou.

Sentava-se em um canto qualquer e alí permanecia horas seguidas, como que engolfada em sérios pensamentos, insensível ao que se passava em torno de si, despreocupada e indiferente com a sua própria higiene.

Sómente carregada, conseguiram levá-la para a cama—onde permaneceu numa só posição, como que insensível, morta, sem dar uma palavra e sem nenhuma demonstração de dôr, alegria ou prazer. Alimentação líquida, dada á força e ás colheradas, sem que pedisse ou manifestasse repugnância. Indiferentismo aterrador que nem mesmo os 4 médicos, que a trataram durante 3 mêses, conseguiram modificar, com a sua ciência e seus medicamentos.

Deram o caso como sendo de fundo histérico, chegando mesmo, após esses 3 mêses, a abandonar o tratamento que servira, todavia, para sustentar um pouco o seu equilíbrio orgânico.

Uma noite, várias pessôas da família e algumas amigas conversavam em seu quarto, quando uma de suas irmãs, a mais velha, *dizendo sentir-se mal, teve uma espécie de acesso, ficando fóra de si, muito exquisita e pronunciando as seguintes palavras:* —

«Mamãe, eu não esperava a senhora vir, aquí, agora. Estou sosinha, mamãe, e peço que a senhora espere a vinda dos meninos, porque senão ficarão muito pesarosos sabendo que a senhora esteve aquí e que êles não a viram.

Está bem, mamãe, já que a senhora não pode esperar, siga com os anjos e Santa Teresinha...»

Após essas palavras, houve um grande reboliço na casa, pois enquanto uns procuravam socorrer a joven, no seu acesso, outros choravam e outros, ainda, ajoelhados, tomavam os seus terços e oravam por alma da defunta, pois a mãe referida, havia se desencarnado ha 4 anos...

A doente, na cama, não havia dado a mínima demonstração de abalo, continuando, como sempre na sua insensibilidade.

No dia seguinte, porém, repentinamente, sentou-se na cama e chamando por sua madrinha, pediu-lhe agua e alimentos, dizendo sentir sêde e fome.

Era um verdadeiro *milagre* atribuido, naturalmente, ás orações da véspera e ás missas que haviam mandado rezar em benefício da alma que havia aparecido!

Melhorou rapidamente, demonstrando, apenas, uma religiosidade fóra do comum, constituindo uma verdadeira idéia fixa o querer se internar em um colégio de freiras...

Permaneceu nesse estado durante 3 meses, findos os quais, repentinamente ficou louca, desvairada, a ponto de ser preciso vigiá-la dia e noite, até que puderam interná-la em uma casa especializada.

Ficou internada durante 6 meses, e como dissessem os médicos que era um caso perdido, sem a mínima esperança de cura, foi retirada, voltando para sua residência, onde continuou sob os cuidados de vários médicos, sem que obtivesse melhoras. Não estava furiosa, porém, requeria cuidados contínuos, pois sua preocupação única era ir a Igreja ou se internar em um colégio de freiras, chegando mesmo a fugir várias vezes para realizar o seu desejo. Assim permaneceu durante alguns meses até que, em Dezembro de 938 começou a manifestar os mesmos sintomas antigos, começando por ficar quiéta, calada, até manifestar o estado de loucura e agitação, falando, cantando e rezando, sem cessar. Não dorme, não se alimenta e rasga todas suas vestes. Tem 9 irmãos vivos e nenhum da família com perturbação mental.

—

A-pesar-de ter sido constatado, desde o primeiro dia, um caso típico de obsessão, não deixou, todavia, de sofrer imensamente, pois foram 10 meses de tortura constante, sem tréguas, sem hiatos, durante os quais pudesse refazer-se um pouco.

Sem noção de espaço, tempo e lugar; sem memória e sem raciocínio, pouco se incomodava com todos os princípios de higiene e de moral, pois vivia suja e quasi sempre nùa, a-pesar dos cuidados constantes a que fazia jús.

Desde os primeiros dias do seu internamento tivemos a certeza absoluta de que estava sob a influência de várias entidades: um rapaz, um padre e uma freira.

Por maiores esforços que fizessemos, organizando trabalhos apropriados e recorrendo ao auxílio de entidades amigas, nada conseguimos durante os primeiros 5 meses de internamento.

Eram espíritos terríveis que não só aproveitavam o seu livre arbítrio, recusando incorporações, como tambem não dispunhamos de médiuns cuja constituição física fosse capaz de resistir a suas violentas manifestações...

Após esse prazo, por quatro vezes o padre se manifestou, mas a-pesar-de todos os recursos de que lançámos mãos, não conseguimos que se atenuasse a sua cólera ou que êle abrandasse a tortura que infligia á sua vítima.

Porque procedia, assim?

Quais eram a suas intenções?

Só a muito custo conseguimos saber que êle era o elemento principal de tortura da internada e sob suas ordens tinha outras entidades que reforçavam sua atuação.

A tudo resistiu — conselhos amigos, certeza de sua vida espiritual, relembrança de sua vida sacerdotal; sentimentos de família; fracasso de suas teorias e ensinamentos... —

Não entrava em pormenores e nada revelava do passado ou do presente, apenas respondendo que não desistia, pois sua atitude estava definida e não a modificaria de modo algum. Tinha suas razões íntimas para agir e haveria de empregar todos seus esforços para manter, de pé, as suas convicções e os seus propósitos...

Tinhamos verdadeiros duelos de palavras, desafios que nos empolgavam, mutuamente, e êle esgotou todos seus recursos para nos lançar á margem, desviando-nos do seu caminho.

Tivemos a força e o amparo precisos para resistir aos tropeços que opunha á nossa marcha, porém, vencemos, a-pesar dos muitos desgostos, aborrecimentos e desassossêgos que nos proporcionou.

Após 6 meses de luta, conseguimos, uma noite, a encorporação da freira que o auxiliava — Logo ás suas primeiras palavras, êle tomou, violentamente, um dos médiuns e, a-pesar de seu palavreado de baixo calão, ameaças de todo o gênero contra sua aliada, fizemos com que ela lançasse um raio de luz sôbre aquela tragédia.

Amparada pelos nossos conselhos e encorajada por entidades amigas que a rodeavam, assim falou, por entre lágrimas e soluços: —

«Ah! meu Deus! Tende piedade de mim!

Meu Deus! Meu Deus! Quanto tenho sofrido! Sim, sofrido tanto, tanto!

Que hei-de fazer para a minha salvação?

Não, não sofro dores físicas—reconheço o meu estado. O que sofro é uma tortura moral, uma incerteza que desespera.

Tenho desejos de falar, mas temo, depois, maiores torturas e maiores sofrimentos, pois que êle prometeu vingar-se de mim caso revelasse qualquer cousa!

Oh! tenham piedade! Eu preciso falar e hei-de falar pois já não aguento mais essa tortura...

Eu fui uma das vítimas dêle no convento e, mais tarde, sob suas ameaças, tornei-me sua aliada!...

Quanto horror, meu Deus!

Quantas e quantas vezes não misturei, por sua imposição, as minhas lágrimas com a coca posta no chá para as alunas!...

Êle é um monstro — não é um ministro de Deus!...

Cometeu os maiores horrores e continùa trabalhando, ainda, para provocar cousas horrìveis dentro e fóra desta casa.

De onde sou?

Pertencia á ordem das Carmelitas, na Espanha. Fui uma vítima e mais tarde, uma verdadeira escrava sob suas ordens, cometendo os maiores crimes com aquelas moças...

Um dia, ante a sua ameaça de atirar-me ao poço negro, abjurei e fugi da Espanha. Pouco depois morri, na miséria e ha pouco tempo 2 homens foram me buscar dizendo que era para vir auxiliá-los nesta casa de caridade.

Sempre procurei fugir dêle e qual não é minha surpreza ao encontrá-lo, aquì, continuando em sua senda de crimes!...

—

Chora sentidamente e volta-se para um lado, como que conversando com entidades amigas que se aproximaram e, por entre soluços, faz as seguintes interrogações:—

«Como? Morreu?

Na guerra? Sim, deixei-o enrolado na porta da Igreja, quando já estava com 22 dias...

Morreu homem, já?

Sim, sim—irmã Catarina, conheço muito, muito... Como está velha! Sim sim, irmã, vou com a senhora pois necessito de uma criatura amiga para me amparar e a senhora era tão boa, tão meiga...»

E se desincorporou para seguir aquela entidade amiga em cuja companhia tinha a certeza de encontrar um amparo no seu desespero e tranquilidade para melhor raciocínio e compreensão ante a grandeza e o poder de Deus...

Não é difícil reconstituir-se toda essa història—história de todos os dias e de todas as épocas, pois são factos consumados e geralmente sepultados nos poços negros da conciência!...

Moça, devota, movida por essa fé inquebrantável e por esse desejo muito humano de consagrar uma vida inteiramente a Deus que sua alma concebia em todo o explendor e grandiosidade, entrou para um convento.

Alma jovem, simples, confiante, deixou-se arrastar por um sacerdote que não soube honrar suas vestes, sua comunidade, perdendo-se com êle.

Daí por diante, embora reconhecendo o horror do seu procedimento, nada mais poude fazer, pois como culpada e dominada pelo seu algoz, deixou-se arrastar cada vez mais pela senda do crime, auxiliando-o em suas torpezas e suas ignomínias, encobrindo todos esses crimes no *Poço Negro*—ao qual se referia com tanto horror e asco.

Com seu auxílio, misturando entorpecentes ao chá das alunas, facilitava a concupiscência desse sacerdote, cujo psiquismo desviado dos sãos princípios da moral, espalhou muita dôr e muita infelicidade, inclusive contra a paciente de que trata essa observação e que nessa época, era uma das alunas que se preparava para tomar o habito de freira...

Notando a insaciabilidade de seu algoz e não mais querendo concorrer para tanta miséria e tanta infelicidade, já grávida, fugiu do convento e se atirou no redemoinho do mundo, temerosa de vêr atirado ao *Poço Negro* o filho que trazia nas entranhas, preferindo deixá-lo á porta de uma Igreja, confiando-o, assim, aos cuidados de Deus.

Desencarnou pouco tempo depois, vitimada pela miséria e pela tortura, sem que nunca mais tivesse notìcias de seu filho.

Esse, por sua vez, ignorando a origem nefanda de seu nascimento, cresceu, tornou-se homem e foi um desses milhares de jovens cuja vida é dada em holocausto á ambição dos homens que provocam as guerras, movidos pelo desejo de se elevar perante os demais homens e conservar um nome perante a história...

Naturalmente, o espírito joven desta freira continuava em algum convento da Espanha, inconciênte do seu estado, mergulhado em preces e orações para poder ganhar o reino dos Céus e não as caldeiras do inferno, conforme seu algoz, naturalmente, lhe prometera em honra daquele Deus cujo nome manchava a todo momento e a todo o instante.

Êle, já perseguindo uma das suas vítimas, a doente de que tratamos e sentindo-se fraco para agir sosinho, lembrou-se da antiga comparsa e mandou chamá-la para continuar, pelo terror, usufruindo do seu auxílio. Não satisfeito, mandou buscar, tambem, essa outra entidade, inculcando-lhe mentiras contra a paciente, procurando acirrar o seu ódio contra ela, adquirindo, assim, mais um auxiliar para a perpetuação dos seus crimes.

O espírito da freira, inconciênte, do seu estado de desincarnado, continuando sob suas ordens, temeroso de represálias e vinganças, pois sabia-o capaz de tudo, foi-lhe prestando auxílios, embora contrafeita, até que chegou esse trabalho espírita, ocasião em que lhe foi confirmado o seu estado no mundo da espiritualidade e onde lhe foi reavivada a confiança no poderio de um Deus, na justiça e oniciência daquele que manda ao mundo, como seus emissários, não esses corvos negros que vivem cerceando conciências e acendendo fogueiras para espalhar o terror, o luto, a miséria, a orfandade e a viuvez, mas sim, emissários que reconhecem todas as criaturas como filhas de um Criador Supremo e que veem á Terra para amparar todos aqueles que curtem provas amargas, amparando e consolando as vitímas da própria maldade humana!...

Só então, o seu espírito sofredor soube reconhecer a grandeza da Justiça de Deus que não falha nunca e poude encontrar criaturas sinceras e bôas, entre as quais sua antiga companheira de convento, irmã Catarina, alma bôa e sincera, em cujo seio poderia encontrar o calor necessário para desentorpecer a sua razão e o seu raciocìnio com o auxílio dos quais voltará, um dia, a pagar por si mesma, todas as iniquidades para as quais contribuiu, embora sob o guante do terror e das ameaças!...

O sacerdote, alma negra, má, impiedosa, embora plenamente conciente do seu estado e plenamente convicto dos seus ensinamentos erroneos, em vez de encontrar o céu que apontava aos crentes e onde julgava estar-lhe reservado um lugar de proeminência como enviado de Cristo, sempre demonstrou um ódio tremendo e não conseguimos que transformasse seus sentimentos, tanto que foi cerceado em seus propòsitos de vingança, obrigado a se retirar do Sanatório e levado para regiões outras onde pudesse encontrar fatores mais favoráveis para meditação e consequente arrependimento de seus átos.

Em nova reencarnação, naturalmente, irá encontrar o inferno, na existência do qual jamais acreditou mas de que se servia para aterrorizar as conciências dos crentes, afim de melhor obter dêles os auxílios para satisfazer a sua sanha de sátiro, e seu espirito de grandezas e honrarias!...

Inferno, onde sentirá o calôr das labaredas provocadas pelos ódios que despertou; onde ouvirá o barulho crepitante do lenho constituido pela madeira dos crucifixos que tratou com tanto desdem; inferno, onde será incessantemente atormentado pelos gemidos e pelos soluços que espalhou durante sua vida de crimes; inferno, onde o seu sossego e a sua tranquilidade serão sempre entrecortados pelas exclamações de dôr e pelos gritos de desespero daqueles espìritos cujos corpos tenros mandou atirar nos *Poços Negros*, esquecido de que ficaram ocultos aos olhos dos homens, jamais, porém, aos olhos de Deus; inferno, onde sentirá sempre as tenazes do remorso a lhe apertarem, estalando ossos e mortificando suas noites sempre atormentadas pelos fantasmas existentes na sua pròpria imaginação, fantasmas que emergirão daquele *fosso profundo*, onde a sua maldade atirava, procurando encobertar no seu recesso e escuridão, o produto infame de seus crimes!...

Só então, encontrará o verdadeiro inferno — a Vida material — á qual voltará, um dia, para sentir, por si mesmo, todos os tormentos, todas as dôres físicas e morais, toda as vicissitudes, todas as desgraças, forjas de dôr — ùnico meio para que os espíritos aprendam e evoluam, forja onde a pedra bruta dos maus sentimentos se tornará diamante, irradiando a bondade, o carinho, o amparo e a compaixão, balsamos que protegem a Humanidade, pilares onde se construirá uma Humanidade melhor e que será bafejada pelas brisas da Felicidade e da Tranquilidade!...

—

Somente 11 meses depois, já nas vésperas da alta da paciente, completamente sã, gorda, forte, corada, completamente normalizada, tivemos o prazer de falar com a outra entidade que tanto havia contribuido para seus tormentos.

Incorporado, assim nos revelou seu passado, muito contribuindo para que pudessemos encandear as observações esparsas que vinhamos obtendo durante tantos meses: —

> «Pediram-me para que viesse aquí, dar algumas informações para um trabalho que o senhor está fazendo.
>
> Sinto imensa dificuldade, pois é a primeira vez que falo desse jeito.
>
> Não sei precisar o tempo do princípio dos acontecimentos que se vêem perpetuando até hoje — mas recordo-me perfeitamente dos pormenores, pois fui primo desta moça.
>
> Moravamos em Portugal, numa pequena localidade denominada Palhaça — lugarejo pertencendo a Vinheira e que não sei si ainda existe com esse nome. Era menino, quando se deu um assassinato real — único informe possível para que o senhor possa avaliar o tempo....
>
> Possuia umas terras, poucas, e nas quais trabalhava na exploração de minérios. Por morte de uma tia, coubenos uma herança composta de dinheiro, terras e propriedades.
>
> Ela, desde cêdo perdeu os pais e fôra criada por uns tios.
>
> Esses foram nomeados testamenteiros e havia uma cláusula dizendo que essa fortuna só nos seria entregue se nos casassemos, um dia. Caso contrário, por morte de um ou casamento com outros, a metade da fortuna reverteria em benefício desses tios.

Como todos eram muito católicos, o testamento tambem estabelecia que, se por acaso ela tivesse inclinação e quisesse, de livre vontade, entrar para um convento, parte da fortuna seria dos tios e a outra parte constituiria o dote a ser entregue ao convento para onde entrasse.

Eu e ela ignoravamos essas particularidades. Aproximámo-nos e a proporção que fomos crescendo, maior se tornava a nossa amizade e o desejo de nos casarmos.

Os tios, notando esses laços afetivos e pressentindo nisso um casamento que, para êles representava a perca de metade da fortuna, trataram de interná-la em um colégio de freiras, alegando a necessidade de terminar seus estudos.

Achei natural e continuei na minha vida de trabalho na ânsia de ganhar o bastante para lhe dar confôrto como minha esposa.

Algum tempo depois, recebi dela uma carta dizendo que desconfiáva haver sido internada naquele convento, não para continuar seus estudos, mas sim por imposição dos seus tios. Extranhei essa atitude dos tios e exprobei-lhes o áto em que se haviam, assim, revelado tão indignos e mais desesperado ainda fiquei quando me confessaram as cláusulas do testamento, dizendo que nada mais podiam fazer, pois já haviam dado a parte ao convento e para retirá-la precisavam pagar mais uma bôa quantia que não estavam em condições de despender.

Nessa mesma ocasião, recebi mais uma carta dela pedindo para procurá-la. Queria falar comigo e, a-pesar-de todas as dificuldades, conseguimos encontrar-nos. Pediu, rogou, chorou muito, dizendo que precisava saír dalí pois era o seu maior desejo viver comigo.

Voltei ao trabalho, mais do que nunca desejoso de arranjar a quantia precisa para obter a sua libertação e foi para mim, um dia de intensa alegria, aquele em que pude ir ao convento levar o bastante para o seu resgate.

Imediatamente providenciei para nosso casamento e justamente no instante em que me embriagava com tanta alegria e felicidade ela me transformou na criatura mais infeliz que se pode imaginar, confessando-me que se achava grávida, apontando um dos padres do mosteiro de S. Jeronimo e dizendo mesmo que êle a aconselhara a casar-se comigo afim de ocultar a sua infâmia.

Não sei o que pensei nesse momento, pois uma revoada sucessiva de projetos maus me impediam de raciocinar, procurando uma solução digna para o caso.

O certo é que a levei para casa de seus tios, onde a deixei, juntamente com uma carta dizendo que eu desistia de tê-la por esposa.

Em seguida, fui ao mosteiro e mandei chamar o padre que havia sido o causador da minha infelicidade.

Disse-lhe que um doente pertencente a uma família de suas relações, estava muito mal e requeria a sua presença para lhe ministrar os últimos conselhos. Acreditou em minha mentira e me acompanhou. Em caminho, apunhalei-o várias vezes e esquartejei-o, ocultando os pedaços de seu corpo em uma das galerias das minas.

Fugi de Portugal. Andei muito, viajei sem cessar, passando por todas as vicissitudes e por todas as humilhações, indo morrer na Espanha.

Ela continuou em Portugal e, em breve era uma das rameiras mais conhecidas pelo seu luxo e pelos seus escândalos, e seus tios, explorando-a, em breve tempo, ficaram ricos.

Renegou o filho, para melhor viver na vida de órgias, como dansarina de cabarets.

Nunca mais a vi.

Já como espírito conciênte encontrei o padre na Espanha, prestes a se reencarnar. Com sua lábia, atirando toda a culpa para ela, qualificando-a mesmo como uma perfeita degenerada, conseguiu que nos tornassemos amigos e nos reencarnámos juntos.

Tomamos o hábito e fomos padres. Pouco depois êle vêiu para o Brasil, onde morreu em avançada idade, enquanto eu fiquei em Portugal, morrendo muito moço, com 26 anos, apenas.

Êle procurou vingar-se dela porque, depois de se atirar á vida de órgias, contava a todo o mundo tudo o que faziam no convento.

A freira, por sua vez, era tambem sua inimiga, porque sôbre o primeiro filho que tivera procurou inocentar-se, apontando-a como sendo a mãe.—Naquela noite que o senhor conversou com a freira, senti que as lágrimas dela tocavam o meu sêr. Pode crêr que me senti tão feliz e satisfeito quando a vi retirar-se em companhia de outras freiras entre as quais aquele anjo de caridade, que, desde aquela noite recalquei os meus propósitos de vingança e retirei-me, tambem, com o propósito de nunca mais voltar e só vim, agora, atendendo ao seu pedido.

Não mais desejo mal a ela.

Que seja feliz enquanto irei procurar, tambem, um pouco de repouso, um pouco de tranquilidade.

Meu nome ?

Manoel de Aquino.

—

Será o último áto dessa tragédia que se vem perpetuando há tantos anos?

Não o cremos.

Essas criaturas não passam de grãos de arêia arrancados ao deserto da Humanidade e arrastados pela torrente turbilhonante dos ventos da perfeição.

Em vidas sucessivas terão contactos íntimos até que, perfeitamente identificados, possam trabalhar juntos no mistér de apagar as manchas com que foram salpicando a toalha da mesa ao redor da qual se reunem todas as criaturas que trabalham e que lutam em pról da regeneração da Humanidade....

Só então descerá sôbre esse cenário, a cortina do esquecimento sob as melodias divinas que se elevarão em acordes perfeitos, entoando o hino da Paz e da Felicidade....

Não se preocupe com definições teóricas. O Recenseamento em última análise é uma tarefa de envergadura nacional que beneficía TODOS, e não prejudica NINGUÉM.

Estudos Psicológicos

Continuação

Deus, de quem tudo emana, é Espírito e Matéria? Se êle é Espírito e matéria, suas emanações formam a substância universal, que assim sendo é uma com Êle, todas as categorias de sêres assim são espírito e matéria. Si Deus é um puro Espírito, os sêres são ou puros Espíritos se êles veem de Deus, ou sómente materiais se êles proveem da substância universal. O progresso indefinido seria pois denegado a uns, e sómente possível a outros. - Porquanto a matéria progride como fórma, emquanto que a entidade espiritual progride como sêr. — Eis o que se póde compreender:

Ha um Deus que não é revelado por manifestação nenhuma; — o qual está acima de toda compreensão possível. Esse Deus se desdobra incessantemente em um Deus criador e governador do Universo, corpo e Espírito, princípio e causa de tudo.— E' o Deus supremo de quem a emanação constante produz a substância Universal ou fluido primordial que é ainda Êle só sob um outro aspeto.

As modificações infinitas, incessantes desta substância que é a emanação espíritual e fluídica do Sêr supremo, formam os elementos, cada qual possessor de atributos inalteráveis e perfectíveis, tanto em matéria como em espírito.

O Deus irrevelado permanece incógnito quanto a ação; mas a compreensão espiritual póde se elevar e conceber o Deus criador manifestado pelo Universo.

A unidade do sêr é o caráter grandioso da natureza.

A multiplicidade infinita dos atributos e dos meios pelos quais cada criatura realiza uma evolução diferente, ainda mesmo semelhante, é o caráter admiravel e adoravel desta natureza, obra de Deus e seu reflexo.

Reflexo, quer dizer: clarão enfraquecido de uma luz mais intensa. Tal como é, não póde o reflexo possuir todas as potências, todos os atributos da realidade primordial.

Recepto porém, muitos que num momento dado, póde estender-se, engrandecer-se, tornar-se perfeição, porém, sempre reflexo.

Compreenda-se bem que, desde a origem, tudo existe na inteligência de Deus supremo.—O plano do Universo, concebido na eterna sabedoria, desenvolve-se eternamente nesta mesma sabedoria.

Quando um arquiteto, a força de meditação, concebeu em sua inteligência o plano de um edifício, — quando tenha estabelecido os fundamentos, —que tem em seu pensamento criador, combinados os detalhes e a ornamentação, criou um plano; ficando esse plano irrevelado,—o verbo ainda não existe,—o pensamento não manifestado,— o Espírito conterá obsconso em si.

Porém, si o manifesta externando-o, seja pelo papel, pela palavra ou pela obra êle se revelou, criou; —o Verbo existe.

Durante a vida corporal, o Espírito passa continuamente desta condição de ser irrevelado a sêr manifestado, isto é, criador. Sómente não será primordial, inicial, externo.

O Espírito que começou, tem por fim, o seu progresso, a sua evolução com o fito de sua volta a esta fonte donde partio, como emanação espiritual.

Sou o pensamento do Espírito pela palavra ou verbo que é o instrumento de sua manifestação.

O Espírito humano é duplamente analógico com o Deus irrevelado, e com o Deus criador. — E' desta dupla analogia que lhe vem o desejo de repouso e a necessidade de trabalho, pois que o Deus irrevelado não é ativo da mesma forma que o Deus Criador.

ORDALIA NEMO.

(Continua)

Quantos Somos ?

Crônica de LEOPOLDO MACHADO

A Nação Brasileira quer saber a quanto monta sua população. E as religiões, seus profitentes! E o Espiritismo, quantos já teem a coragem moral de proclamá-lo, *altissima-voce*, diante de toda gente!

A 1.º de Setembro, começam os serviços de resenceamento em todo o território nacional. A todos será perguntado por sua religião. Estamos em que, se os outros religiosos tiverem pressa de declinar, sobranceiros, a religião que professam, os espiritistas devem se apressar, sobranceirissimamente, na afirmação sincera e solene do: *sou espírita!* Devemos fazê-lo assim, porque dentre outras razões de superioridade da Doutrina Espírita — e nós já apresentámos, da tribuna da Federação Espírita Brasileira, 50 superioridades do Espiritismo comparado com as outras doutrinas religiosas, filosóficas, científicas e sociológicas que por aí vão! — devemos assim fazê-lo porque dentre outras superioridades do Espiritismo, só a superioridade de êle fazer mais questão de adeptos pela qualidade de que pela quantidade, e a do êle *dá logo*, — como bem o frisou, eloquentemente, o ateu Medeiros e Albuquerque, enquanto as outras religiões, prometem para um problemático *post-mortem* — só estes dois factos devem calar fundo na conciência de todos os espiritistas!

Espiritistas cristãos que, via de regra, somos todos nós, duro nos será ouvir, um dia, — por havermos negado o Cristo diante dos homens; no momento mesmo em que bem alto deveriamos proclamá-Lo! — duro ser-nos-á ouvir do Senhor da Séara, — que manda, neste momento, Seus Espíritos de luz proclamarem, *urbi et orbi*, que os espíritas são os cristãos modernos; — ser-nos-á bem duro ouvir de seus labios, quando, na Patria Espiritual, Lhe bradarmos: «Senhor: abri-nos a porta!» o Seu desapontado: «Não vos conheço! (Mar. XXV-10-12) E, completando, naturalmente, Seu *Não vos conheço*, nos disser ainda: *Eu vos havia dito: aquele que me confessar perante os homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos Céus; mas aquele que me negar perante os homens, tambem eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus*», (Mat. X-32 e 33)

Sou Espírita, é a única resposta que devemos dar diante dos delegados do governo! Espírita, puro! Dizemo-lo, porque, muito não faz que ouviramos, numa solenidade espírita, da palavra escrita de um orador, que devemos, dado sejamos espíritas e católicos, espíritas e protestantes, declarar «sou *espírita católico*, sou *espírita protestante...*» Sobre tal atitude só se ajustar aos que se põem, com desejar servir a dois senhores, — a Deus e a Mamon, — fóra dos Evangelhos, serve, ainda, para caraterizar profitentes indesejáveis quer para o catolicismo e o protestantismo, quer, muito especialmente, para o Espiritismo...

Possivel é encontrem muitos «espiritistas» justificativas para, como «espiritistas», declinarem, satisfazendo, assim, certas considerações devidas aos confrades, aos amigos de quem são protegidos, a outros membros da família; possivel é que muitos espiritistas, nestas circunstâncias, se digam professos de outra religião, apoiados no facto de andar-se por aí a dizer que o *Espiritismo não é religião, mas ciência pura.*

Muitos, para quem o Espiritismo é «somente ciência», afim de serem coerentes consigo mesmos...

O Espiritismo feito, apenas, ciência, valeria sómente como uma ciência a mais, para maior tortura e orgulho do espírito humano! Valeria tanto como o Espiritismo feito, sómente, religião! E alegam os que o encaram e praticam feito ciência, naturalmente para, com se dizerem—espiritistas—classificados sejam, tambem, como cientistas!—e se valem, apenas, de algumas frases isoladas de Allan Kardec, em que o codificador salienta, superiormente, o aspecto científico do Espiritismo! Só o facto do Codificador elaborar e explicar as passagens mais significativas dos Evangelhos, no seu Evangelho Segundo o Espiritismo, «parece» que é caraterística mais do que suficiente do Espiritismo-religião! E mais do que religião: do Espiritismo-Cristianismo! Ou será que os Evangelhos do Cristo, e o Cristianismo em si mesmo já passaram a ser considerados, exclusivamente, como um cartapácio e um sistema científicos?

Coloquemos o Espiritismo no lugar em que o coloca, logicissimamente, Camilo Flammarion: é a religião-científica, ou a ciência religiosa que, quando desaparecerem todas as religiões e ciências dogmáticas,—o que não será para muito tempo! —ficará dominando todas as inteligências e todos os corações.

Irmãos que nos ouvís: ao em vez de receio e vergonha de proclamardes, *altissima-voce*, quando fordes recenciados — «Eu sou espirita!», deveis, — isto, sim! — fazê-lo com bravura e com desvanecimento! Atentai no olhar da vossa conciência, e do Divino Pastor, e da sociedade em que viveis, que está posto, abertissimo, sôbre vós!

Chamados que fostes a comparticipar do altissimo banquete de iguarias celestiais, que é o Espiritismo, deveis envidar todos os esforços para serdes, tambem, escolhidos, afim de que não se apliquem a vós o «muito são os chamados e poucos os escolhidos,» dos Evangelhos!

Paz, Luz e Fé!

Condições de boas Materializações

PRÓSPERO LAPAGESSE

Entre nós, espíritas, o fenômeno de materialização, é sem dúvida, o mais raro; entretanto é o mais belo entre todos os fenômenos, científico-religioso.

Ha, quasi que, um desinterêsse concernente á tal prática espìrita, talvez devido ás dificuldades e morosidades advindas em as sessões de materializações; predominando pois, a médiunidade intuitiva; a mais fácil de desenvolvimento e, por conseguinte suscetível a falhas, provenientes de forças anímicas.

Os Centros Espíritas, deveriam dedicar um dia em cada semana, ás experiências de materializações, com paciencia e perseverança.

Lógico é, que, encontrariam médiuns para tais finalidades, cooperando assim, a bem da humanidade sofredora, com o mais maravilhoso dos fenômenos psíquicos.

Vejamos o que diz a notável médium de materialização, Snra. Elisabeth D'Esperance, sôbre as boas condições para as materializações; após sessões de fenômenos psíquicos realizadas em Londres:

«Si me é permitido criticar as condições sob as quais as materializações ocorrem aqui em Londres, devo dizer que não são satisfatórias.

As manifestações podem ser genuinas, e na verdade, posso testemunhar que, tanto quanto as minhas experiências permitem julgar, elas o são. Mas as condições formadas pelo descontentamento e pela suspeita do pesquisador, fornecem o mais irregular e nada satisfatório material, aos trabalhos do outro lado.

Continuamente ouve-se a narração dos maravilhosos resultados de uma sessão; êles são publicados e os leitores, desprezando as condições em que ocorreram, vão ao mesmo médium afim de obterem a mesma satisfação.

Vão, e voltam desapontados e, frequentemente ressentidos com o relator da sessão; êles nada observaram, a não ser o que pensavam poder ter sido produzido pelo próprio médium que os enganou.

Não ocorre a muitos investigadores que, é necessário um preparo especial da parte dêles, ou que uma pessoa é naturalmente, mais bem apropriada do que outra a contribuir para as condições exigidas, e, julgando uma tal experiência suficiente, não mais experimentam, e até condenam o médium, denunciando o fenômeno como falso e, olham com piedade para aqueles que podem encontrar satisfação em táis sessões.

Compreendem-se táis sentimentos.

Quando porém, se trata de uma operação delicada cuja natureza desconhecemos, o material fornecido pelo assistente não preparado e, o conhecimento exigido pelo espìrito operador para, habitua-lo a manipular e usar aquele material, o que sómente admira é que os sucessos sejam tão frequentes.

O espírito, que desejar manifestar-se, ignora muitas vezes o modo de operar, e, sendo nóvel no trabalho, este é feito mais ou menos grosseiramente: *a prática e a experiência são necessárias, mesmo para um espírito,* afim de produzir bons resultados.

Não é justo julgar, por um simples ensaio, nem exigir bom trabalho com marerial emprestável. Se o fenômeno de materialização merece alguma cousa, é as melhores condições para a sua produção, que não se alcançam com uma só experiência, nem mesmo com uma duzia, quando condições e assistentes variam constantemente.

Não quero com isso dizer que, as condições que considerei melhores nas minhas experiências sejam as únicas boas, mas são as melhores que conheço e o conhecimento delas foi penosa e carinhosamente adquirido».

—

«*NEPENTHES*»

Este é um caso notável de materialização, realizada na Noruega, sob contrôle de pessoas de responsabilidades morais e científicas; entre o número de assistentes encontram-se professores de Universidade, médicos, literátos, magistrados e pastores luteranos.

«NEPENTHES» afirmava ter vivido na época heroica da Grecia antiga, escreveu de próprio punho, uma mensagem em grego antigo. A seu favor, tem a circunstância de *todos os presentes ignorarem a língua grega antiga;* esse fantasma tinha como médium a Snra. Elisabeth D'Esperance, e se manifestou durante uma série especial de experiências.

No decorrer de uma das sessões, o Snr. Herr E. perguntou a «NEPENTHES» si poderia escrever alguma cousa em um livro, oferecendo-o ao mesmo tempo com o lapis. Ela tomou-os.

Herr E. levantou-se da cadeira e ficou em pé ao lado dela, olhando atentamente para a escrita. Êles ficaram ao lado do médium, porém um pouco atrás; depois o livro e o lapis foram restituidos a Herr E. que voltou para a sua cadeira.

Examinou-se a escrita e verificou-se que eram caractéres de grego antigo, legíveis, todavia incompreensíveis para todos os presentes. No dia seguinte, transladou-se do grego antigo para o moderno e, achou-se o seguinte:

«Sou «NEPENTHES», tua amiga. Quando a tristeza ou o desgosto se apoderarem de ti, chama por mim, «NEPENTHES» e te trarei auxílio».

Durante uma série de sessões, foram feitas várias experiências, entre outras a de fotografia de fórmas materializadas.

Procuraram explicar o processo a «NEPENTHES», porém sem sucesso aparente, posto que esboçado, ela o compreendesse e estivesse interessada nêle.

«NEPENTHES» era joven e de beleza celeste; a côr da pele era de azeitona dourada, os olhos grandes e pretos cintilavam com inteligência e, como triunfante; o porte era alto, esbélto; o luzente cabelo preto cercado com um brilhante diadêma, representava uma imagem que nenhum dos assistentes, advogados, filósofos ou doutores pode esquecer.

Em poucos minutos «NEPENTHES» transformou-se em uma pequena nuvem luminosa, não maior do que uma cabeça humana na qual o diadêma ainda brilhava; depois, a luz ofuscou-se e ela desapareceu, sem ruído.

Deixo de citar os casos de KATIE-KING e de RACHEL FIGNER, por serem muito conhecidos pelos estudiosos espíritas; porém desejo salientar que esses fantasmas foram observados por pesquizadores respeitáveis, que poderiam provar, por uma série imensa de outros *factos reais*, *que espíritos como o de Katie*, *Nepenthes*, *Rachel*, *etc. aparecem em toda parte do mundo*, desde que as sessões sejam efetuadas por pessoas que, amam o estudo e a verdade acima de tudo.

Crônica Estrangeira

Pio X volta ao Vaticano

Psychic News

Um Papa «morto» materializou-se no Vaticano e profetizou a cessação, em 1940, das perseguições nazistas a Católicos Romanos. Foi esta a história relatada em «Daily Express», por William Hickey, com autorização de um bispo anglicano.

Ha dois anos, no pontificado de Pio XI, alguns monges alemães aguardavam uma audiência.

Uma figura envolta numa sotaina branca entrou na sala de audiências. Ele os convidou e falar. Os monges relataram o que estava acontecendo em seu mosteiro na Alemanha.

«Não temaes, meus filhos», disse êle. Tudo isso terminará em 1940.»

Ele saiu do aposento e entrou o Papa real.

«Mas nós ja fomos atendidos pelo Santo Padre»—disse o superior.

Um funcionário fez um gesto impondo silêncio sôbre o incidente, convidando-o a expôr o motivo que os levou ao Vaticano, o que foi feito.

Terminada a conferência, eles relataram ao Papa a audiência anterior em que falaram a outro pontífice.

«Ah, sim», disse o Papa. «Deve ter sido o nosso predecessor. Ultimamente êle tem estado a fazer esta sorte de cousas.»

Problemas particulares da Mediunidade

Em *La Ricerca Psichica*, Ernesto Bozzano, analisando dois factos relatados por E. Oaten em seu livro, «That Reminds me», examinou um duplo problema, caraterístico das mediunidades mais elevadas:

1.º A sintonização dos fluidos. — Ernesto Bozzano lhe atribúe os mais bélos resultados. Por exemplo, a sessão em Genova, em que Eusapia Paladino se mostra ao mesmo tempo em que produz seis materializações de fantasmas vivos, sob o contrôle do Prof. Morselli, resultante da escolha feita pelo espírito-guia de experimentadores possuidores de fluidos que melhormente se harmonizavam. Ha indivíduos *anti-médiuns,* porém, mais pessoas ainda que neutralizam e paralizam a ação mediúnica. Daí, a utilidade de confiar ao espírito-guia a escolha de experimentadores.

2.ª A transmissibilidade mediúnica.— Dois casos a distinguir : Um médium desperta possibilidades mediúnicas latentes em outros, de influência duradoura e não nocivas á saude ; um médium transfere a outros possibilidades mediúnicas, de influência temporária e muitas vezes extenuante. Assim Oaten herdou momentaneamente faculdades de grandes médiuns dos quais se aproximou (John Taylor, Tom Tyrrel, Hope de Crew). O marquês Centurione-Scotto permaneceu médium durante dois anos, após haver experimentado com Georges Valiantine.

Os Espetros na Imprensa

«The Two Worlds»

Invariavelmente emergem na imprensa profana, relatos espíritas, que são um índice do interêsse público por tais assuntos. Ha pouco tempo vimos nove periódicos dominicais e de fim de semana (Week-end) que publicaram histórias de fantasmas, todas as quais supostas autenticas. Uma das mais interessantes se refere a Mersea Island, ligada á terra firme por uma estrada, com a qual a Municipalidade de Essex despendeu considerável soma afim de torná-la popular. Todavia a estrada ainda continua deserta durante as noites. A ilha apresenta campinas, que são, segundo o afirmam peritos, antigos cemitérios tomanos, e destes, asseguram pessoas da localidade, surge á noite um guerreiro e escala, pesaroso, uma elevação da visinhança e depois de escrutar o horizonte, êle vai patrulhar a estrada e finalmente desaparece. Muitas pessoas afirmam tê-lo visto recentemente.

Fenômeno de materialização que impressiona e faz morrer um motorista

De «Evolucion» (Venezuela), o periódico «Constancia» reproduz a seguinte nótula:

O snr. Rufino Juanco, nosso consócio e correspondente deste Centro na Cidade de Mexico, nos transmitiu um novo fenômeno de materialização que fortemente impressionou um chofer, causando-lhe a morte.

Em São Luiz Patosí, em princípios de fevereiro último, uma dama elegantemente trajada, saltou de um automóvel e deteve um taxí que passava pela rua; e ordenou ao chofer que a levasse a visitar todas as igrejas da cidade. Assim fez o motorista, empregando, como era natural, várias horas nessa emprêsa. Terminadas as visitas, a senhora entregou ao condutor um cheque com sua assinatura, para que fosse receber a importância devida em uma das casas comerciais mais fortes da cidade; e alí lhe disseram que aquela senhora morrera dois mêses atrás. A impressão do chofer foi tal que faleceu em consequência da mesma.

Espíritos materializados tocam piano e distribuem flôres

«La Revue Spirite

Raoul Montandon, conhecido investigador psíquico, assistiu a uma das mais extraordinarias sessões, que ha 17 anos se realizam em Mantes (França) na residência do casal Alexandre. Madalena, falecida filha do casal, meterializou-se de novo e todos os presentes reconheceram-na imediatamente. Ela distribuiu flôres, como habitualmente o faz, em particular a Raoul Montandon, e este, aproveitando a ocasião, tocou a mão da fòrma materializada, constatando temperatura perfeitamente normal. Em seguida, Madalena tocou piano. Seguiram-se mais quatro materializações: o doutor egípcio, que igualmente distribuiu flôres, tocou piano e falou aos presentes; o Cardeal Dubois; um oficial francês e uma freira. Esta mostrou seu descontentamento por já não poder distribuir flôres (as que os experimentadores haviam preparado para a sessão estavam consumidas) a Raoul Montandon, que havia escrito sua biografia. O espírito-guia é o «Mestre Campana», antigo oficial de marinha e governador Guiné, e sómente são admitidas ás sessões, as pessoas propostas pelo espírito «Victor». Um outro médium, Blaise, tambem desempenhou um papel na conduta das sessões. Afirmam que a voz de Campana não tem mudado e todos a reconhecem imediatamente.

Raoul Montandon não poude descobrir fraude alguma. Assim, pois, as sessões de Mantes se revestem da mesma magnificência das já tão célebres de Mme. Gal, de Nice.

Mãe (espírito) prepara sua filha para a passagem

Psychic News

«Pelas revelações que tenho tido eu serei, quando chegar o dia de minha partida, feliz por saber que estarei em companhia dos que amei e ainda amo.»

Foram estas as palavras de W. Gilbert, operário de Bakewell, depois de narrar a um reporter o sonho que tivera com sua falecida mulher, junto da qual estava sua filha, dois dias antes da «morte» desta. (a mulher falecera dois anos entes).

«O rosto dela parecia cheio e branco. Sua cabeça estava circundada por uma auréola, e minha filha Stela estava a seu lado», disse êle.

«Voltei-me para minha mulher e perguntei: onde tem estado durante todo esse tempo? Pareceu-me que seu rosto se transformava em névoa. Então despertei.»

«Até então a saude de Stela nada deixava a desejar.»

Ao almoço relatei o sonho a meu filho e a Stela e depois a um vizinho, ao qual disse: minha mãe costumava dizer— sonhar com defuntos, calamidade com os vivos.»

«Dia seguinte, minha filha foi internada no hospital, onde morreu no dia subsequente.»

Tambem a filha viu a mãe «morta», pouco antes do sonho de seu progenitor.

Beneficiado por uma sessão

«Psychic News»

O mundo exterior não pode compreender as transformações de vidas que as sessões espíritas frequentemente operam.

Uma senhora levou certa amiga, católica romana, a uma sessão em que era médium Estelle Roberts. Era essa a primeira vez, e tudo a pôs nervosa—«terrificada», segundo sua própria expressão. Mas terminada a sessão, ela sentiu-se uma mulher transformada.

Um filho dela, vitimado por terrível moléstia, forneceu-lhe provas convincentes de sua sobrevivência, como tambem o fizeram, inesperadamente, outros parentes falecidos. Essa senhora, não obstante ter passado sua vida no seio da Igreja Católica, nunca acreditou que a Sobrevivência fosse uma realidade.

Ela sepultou o filho, cobriu-se de luto pesado—e, nada mais. Agora ela sabe de conhecimento próprio—e a vida se lhe apresenta sob um novo aspécto.

Factos Estranhos

«Constancia»

E' sabido que a história está cheia de factos estranhos, raras vezes explicáveis pela experiência quotidiana. Conhecido é o caso de Emanuel Swedenborg que escreveu uma carta a John Wesley anunciando a data exata de sua própria morte. Não é menos significativo o caso de Mark Twain, que certo dia se pôs a procurar obstinadamente um artigo que havia publicado muitos anos antes, não o encontrando. Horas depois, ao cruzar a Quinta Avenida, foi detido por um desconhecido que lhe entregou um pacote, explicando:

«Guardei estes recortes durante vários anos e esta manhã ocorreu-me retirá-los donde os guardara e entregá-los ao senhor.

No pacote se encontrava o artigo que Mark Twain procurava.

Surprêsa em uma sessão

Antes de ir á sua primeira sessão, um amigo meu, pertencente á denominação metodista, escreveu em sua caderneta de notas todas as perguntas sôbre questões religiosas que ha muito o atormentavam, a serem respondidas pelo espírito-guia.

Êle viu o médium caír em transe. Então foi tomado de assombro ao ouvir o espírito declarar: «Tire o seu livrinho do bolso!». Mas a caderneta nunca foi aberta, porque o guia deu respostas a todas as perguntas, mesmo sem vê-las ou ouví-las.

O Violinista Invisível

«The Two Worlds» — Por J. Dengate

Interessante é o seguinte facto, ocorrido na Igreja Espiritualista de Southampton. Mrs. Lily Hope, de Nova Zelandia, foi o médium e a sessão se realizou á *luz do dia.*

Estavam cantando um híno quando todos ouviram os acordes de um violino que acompanhava o cântico. (Os arredores estavam desertos).

Terminado o último verso, o médium pediu entoassem em surdina determinado verso de outro híno e que todos escutassem atentamente. O violino, magistralmente executado, foi por todos ouvido durante o cântico de todo o verso e a música parecia vir do *vasio* acima da plataforma. Salvo melhor juizo, é este o primeiro acontecimento do gênero verificado no Reino Unido, mas, afirmou o médium, os mesmos fenômenos teem ocorrido em Nova Zelandia.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Notas e Factos

A Morte: «Uma Experiência Alegre e Bela»

«Psychic News»

O espírito-guia de Grace Cook, White Eagle (Aguia Branca), fez recentemente os seguintes comentários quando falava sôbre «O Mistério da Morte»:

A morte é uma experiência alegre e bela; nada ha a temer. Que o vosso pensamento não se prenda á casca física, a qual é da terra, terrestre.

Se desejais ajudar o vosso ente querido, pensai sempre na natureza verdadeira; esquecendo a casca atormentada, concentrai vossos pensamentos no «sêr» real que prossegue numa vida inexprimivelmente agradável. No momento da passagem, sempre um adormecimento envolve misericordiosamente o candidato, como se reveste com uma túnica branca o irmão prestes a ser iniciado nos mistérios íntimos da vida.

O temor é o resultado da ignorância. E' tolice atormentar-se alguem por um sêr querido que deu um passo para a frente. Se a vossa vida possuisse somente metade das ternuras e amor que esses anjos de guarda prodigalizam aos recem vindos ao mundo espiritual, a vossa vida seria realmente boa e gentil. Tranquilizai-vos quanto aos que foram chamados a tomar a jornada antes de vós.

E' necessário preservar a paz quando um espírito acaba de abandonar o corpo físico. Durante esses poucos segundos ou minutos realiza-se um fenômeno maravilhoso. A memória de todo o passado vai sendo fotografado sôbre o corpo de luz, esse corpo que agora passa á frente. E' bom não perturbar esse trabalho.

Uma alma que caminha para a frente e para cima, necessáriamente não se subtrai ao vosso alcance. Isto depende de *vós*. Se vossas vibrações forem puras e afáveis, vosso coração cheio de amor, não ha separação, porque assim elevais vossas vibrações e pelas aspirações podeis atingír o sêr estremecido. Podeis fazer a jornada em companhia daquele que amais, mesmo durante vossa permanencia sôbre a terra.

Pensais que a vossa vida terrestre é real, porém, ela é unicamente uma ilusão, por isso que a vida real está no mundo celeste e a vida que é da terra, terrestre, deve, pela sua mesma substância, desaparecer e morrer.

Mas, em espírito não ha separação, e o que é do espírito nunca morre.

Sensação de um desincarnado

«Mondo Occulto»

Edgard Poe: As memórias de Augusto Bedloe

Augusto Bedloe morava em Virginia. Certa manhã, parte de Charlottesville e caminha pelos sinuosos trilhos que guiam a Regged Mountains, habitados, segundo a lenda, por homens estranhos e selvagens: caminha... caminha sempre por regiões desconhecidas e encontrou numa pequena clareira, homens vestidos metade á indiana e metade á européia, sustenta um combate, até que subjugado pelo número, é ferido por uma flecha envenenada.

«Fiz um giro sôbre mim mesmo e caí. Agitei-me um pouco na terra, esforcei-me por respirar e morri... Durante alguns minutos a única impressão que senti foi a da noite e do «não ser» com a conciência da morte. Depois pareceu-me que um tremor violento me atravessou o espírito. Com o abalo recebi a sensação da elasticidade e da luz... Enquanto a esta última, «senti-a» mas não «a vi». Num instante pareceu-me elevar-me acima do solo, mas não possuia minha presença corporal visível e palpável... Por baixo de mim jazia o meu corpo com a flecha cravada na região temporal e a cabeça inchada, desfigurada. Mas todas essas cousas não as sentí, vi-as. Nada me interessava, mesmo o meu cadáver me parecia um objeto com o qual eu nada tinha em comum. Não tinha vontade alguma, mas pareceu-me que eu era posto em movimento, e voei facilmente para além do local, para o mesmo caminho que percorrera quando vim.»

Reflitamos: no momento em que Bedloe está morto, êle tem a sensação do «não ser» e a «conciência da morte». Depois parece-lhe elevar-se da terra, não possuindo mais a sua «presença corporal, visível e palpavel», e tem a percepção do «senso-único interno» que lhe faz sentir, mas não ver a luz. Enfim, seu cadaver lhe parecia uma cousa com a qual êle nada tinha em comum.

Desse modo, êle pressentiu o instante da separação do perispírito do corpo, o sucessivo período de espanto e o em que a alma readquire a plena e autonôma conciência de «si».

Cogito, ergo sum (Idéia do Sêr imanente).

A Realidade do Corpo Etéreo

«Light» — Por R. G. Micklam

O Espiritismo fala do etéreo como um corpo «real» e a Ciência parece confirmar esta asserção. O grande investigador do éter, Sir Oliver Lodge, diz que essa substância (da qual, de acordo com os ensinos da Sabedoria Antiga, o nosso corpo é uma diferenciação) é 500.000 vezes mais densa do que a platina. E' esta uma afirmativa que aterra, contudo, parece haver uma ilustração desta verdade na radiotelefonia; uma vóz na Austrália nos chega á Inglaterra quasi que instantaneamente e a razão é, assim o compreendemos, que as partículas do plano etéreo são tão estreitamente entretecidas de modo a causar as vibrações da voz que se enfeixam sôbre as partículas que cercam imediatamente o aparelho emissor, a serem sucessivamente veiculadas até atingirem as partículas que circundam o receptor. Esta propagação do impulso vocal, inicial, através do éter se realiza com a velocidade de 300.000 kilometros por segundo. Se nos recordarmos do nosso divertimento infantil, o de colocar de pé os dominós a espaços iguais, derrubando o primeiro, e observando a queda de toda a fila, de extremo a extremo, teremos certa analogia.

Por outro lado, a afirmativa de Sir Oliver Lodge nos põe em presença de problemas ainda mais impenetráveis; por exemplo, se o plano etéreo é tão inconcebivelmente denso, como é que os planetas percorrem suas rotas em volta do sól a velocidades igualmente inconcebiveis? O facto é que a *matéria*, substância de que somos formados, segundo a crença que nos ministram os nossos sentidos, é conhecida como sendo, em última análise, *energia a tomar formas atómicas*, sendo, estes átomos, por sua vez, considerados como sendo *campos eletro-magnéticos*—algo de imponderável aos nossos sentidos. Evidentemente, necessário nos é rever nossas idéias, tão tenazmente sustentadas, sôbre a *solidez* da matéria, dos mundos e de nossos corpos físicos.

Mas do que precede parece claro que o corpo em que funcionaremos no plano etéreo deve ser mais substancial do que o corpo físico, e, *a fortiori*, os corpos sucessivos (ou veículos da conciência) até atingir a primeira diferenciação da Substância Divina, denominada Corpo Monádico, composto de Centelhas Divinas, que são as almas ou espíritos de todo o sêr manifestado, deve ter uma densidade correspondentemente mais substancial, e *por isso mais real*. Esta última afirmativa encerra ilações que recompensam a meditação, embora se verifique que a mente tri-dimensional é um pobre instrumento para apreender verdades super-sensíveis.

A Vida e a Morte

Por G. Bonnet

«La Ricerca Psichica»

A força e a capacidade de nossos orgãos já são limitadissimos. Não podemos exercitá-los por tempo demasiadamente longo sem sentir logo aquela sensação incomoda e penosa que exprimimos com o termo fadiga.

Temos que superar uma resistência contínua para levá-lo de um a outro lugar.

A nossa atenção, esta bela faculdade que tudo decide na vida intelectual, se enfraquece estendendo-a e se consome concentrando-a. Sómente com grande esforço nossa memória retem aquilo que lhe confiamos, ela sofre dispersão cotidiana: a idade e mil acidentes ameaçam-na, alternam-na e a destroem. A nossa razão, o apanágio mais precioso da nossa natureza, está ligada, em última análise, a algumas fibras delicadas que algumas causas, por vezes ligeiras, podem alterar e alteram em realidade.

Que mais dizer?

Toda nossa máquina, essa máquina que nos é tão cara e na qual brilha uma arte tão prodigiosa, sempre está sujeita a sucumbir sob o peso e pela ação contínua da carga.

Ela não subsiste senão á custa de estranhos auxílios e por uma espécie de artifício. O princípio da vida é precisamente o princípio da morte e o que a faz viver é realmente o que a faz morrer.

O corpo espíritual, formado provavelmente de elementos semelhantes ou análogos aos da luz, não exigirá essa reparação cotidiana que conserva e destroe o corpo animal. Ele subsistirá, sem dúvida, pela única energia de seus princípios e da profunda mecânica que preside á sua construção.

* * *

Testemunhos Católicos sôbre Casas Assombradas

Em «Journal of the American S. P. R.» M. René Johannet relatou um duplo caso de assombramento, que reproduzimos de «La Revue Spirite:

Mme. de P. dirigia escolas livres e fez apêlo ao concurso de Mlle. X..., de Montpellier, em torno da qual se produziam estranhas ocorrências: odores sulforosos e de ovos podres, violentos golpes em janelas, etc. Quando Mlle. X... visitava, em companhia de diversas autoridades, o convento das Carmelitas, produziu-se violenta explosão, seguida de brilho de luz vermelha com uma sombra ao centro, e tudo isso desapareceu num instante. Mas após a correção dos trabalhos das alunas, e entregues as professoras a pequenos trabalhos, houve a repetição de ruídos anormais, uma porta e janelas se abrem e se fecham, sem que haja vento. Apelaram para um advogado, M. C., que interveio de modo assás cómico, fazendo mais estardalhaço do que o diabo a quem invectivava. Todos os ruidos, os mais diversos, foram perfeitamente ouvidos, vezes seguidas, pelos professores e empregados. A diretora sentiu u'a mão geleda sôbre uma das faces e, dia seguinte, recebeu um telegrama anunciando-lhe a morte dum tio. As escadas rangiam sob os passos dum noctâmbulo desconhecido. O assombramento se prolongou por largo tempo.

De novo se produziram estranhos factos, quando Mme. de P. alugou uma pequena casa no distrito de Limousin, para onde havia levado Mlle X... e 6 adolescentes, notadamente golpes violentos. Todas as pessoas convidadas a passar a noite ficaram tão espantadas em face dos acontecimentos, que abandonaram imediatamente a habitação. Um padre jesuita (confessor de Mme. P.), tentou exorcismar a casa assombrada mas foi envolvido num cheiro de enxôfre e de podridão tão sufocante que o obrigou a fugir para o jardim.

Todos estes fenômenos se passaram em meios católicos e foram relatados por pessoas de absoluta bôa fé.

Os ensinamentos dos Espíritos vieram iluminar o caminho da vida, resolver muitos problemas obscuros respeitantes ao destino da humanidade, fortificar a fé vacilante e restabelecer a justiça em bases inabaláveis. Graças a eles, uma multidão de incrêdulos foi levada a acreditar em Deus e na imortalidade; e muitos homens ignorantes e viciosos foram reconduzidos ao caminho do Bem e da Verdade. — LEON DENIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão de efeitos físicos em Matão

Atendendo a um pedido de sua estimada mãe e nossa companheira de trabalho, D. Conceição Ferreira, o nosso prezado confrade Italo Ferreira, atualmente residente em S. Carlos, realizou, dia 30 do mês passado, no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade, uma sessão de efeitos físicos com médiuns residentes naquela cidade e para a qual recebemos amável convite.

A sessão foi presidida pelo confrade Italo Ferreira, achando-se ao redor da mesa os seguintes médiuns: Srtas. Aparecida Medeiros, Helena R. Roberto, D. Rosa Medeiros e os srs. Jacintho Ruzza, Seraphim Rodrigues Thien, Pedro Fernandes Alonso, Nelson Duarte Ribeiro e na cabeceira da mesma, o controlador dos fenômenos, o nosso companheiro Campelo.

Sôbre a mesa foram colocados os seguintes objetos: três cornetas luminosas, um pandeiro e um feixe de cordinhas.

A sessão teve início ás 20 horas e 20 minutos com ligeira palestra do confrade Italo Ferreira e relacionada com os trabalhos, palestra que não chegou a ser terminada em vista da falta de «paciência» dos espíritos, que haviam tomado os médiuns, forçando, assim, o começo da sessão propriamente dita.

O primeiro trabalho dos Espíritos foi amarrar á cadeira o médium Alonso, o que causou admiração aos presentes em vista da arte e da presteza com que se houveram os espíritos, e se não conhecessemos a fenomenologia espírita, poderiamos atribuir o facto, como os que a desconhecem, a um milagre. Este trabalho foi realizado de diversos modos e postos á prova.

Amarrado, o médium Alonso foi levitado para cima da mesa e depois para o colo do nosso companheiro Costa Filho.

As cornetas luminosas, cada uma por sua vez, foram levitadas, sendo este fenômeno controlado por alguns dos assistentes mais próximos á mesa.

Houve transporte de doces, grãos de milho e de feijão. E note-se que os médiuns foram bem revistados.

Da casa de uma assistente foi transportado e jogado aos pés da mesma, pó de arroz. A primeira cousa que essa assistente fez ao chegar a sua casa, foi verificar a caixa de pó de arroz na esperança de encontrar vestígios confirmadores do fenômeno. Realmente os encontrou com o pó de arroz espalhado no soalho.

Uma folha de malva andou pelo recinto a roçar as faces dos assistentes, os quais lhe sentiram o perfume.

O Espírito de uma filha do nosso companheiro Campêlo, incorporado, acariciou seu pai, que se sentiu fortemente sensibilizado.

Como para fechar essa sessão com chave de ouro, pelo médium Alonso foi transmitida uma belissima mensagem do nosso inesquecível companheiro Schutel.

Os fenômenos aquí registrados não são tão empolgantes a ponto de exigirem um relato mais pormenorizados, mas foram autênticos, e este facto é que nos anima a traçar esta nota.

Disse-nos o confrade Italo que os fenômenos verificados nesta sessão não representam mais que a decima parte dos verificados em São Carlos. Atribuimos essa diferença ao ambiente estranho, viagem dos médiuns, entre os quais achava-se um ligeiramente enfêrmo.

Foi uma sessão a que podemos denominar — festim espiritual.

Esperamos, para o futuro, ter ensejo de noticiar fenômenos mais interessantes que provavelmente se darão com os mesmos médiuns.

A sessão terminou ás 23 horas e 10 minutos, sendo os visitantes e mais alguns confrades locais convidados a participarem de uma lauta mesa de doces em casa de D. Conceição Ferreira.

Ao confrade Italo Ferreira, somos gratos pelo convite.

Joaquim Gonçalves Batuira

A Liga Espírita do Brasil, na Capital Federal, de acordo com o seu programa, fará realizar em sua séde, dia 18 do mês em curso, uma conferência biografica sôbre Joaquim Gonçalves Batuira, que foi um dos vultos do Espiritismo em São Paulo e que, embora do lado de lá, continùa a expargir as luzes de sua inteligência fecunda e a conduzir almas para o divino aprisco.

A conferência ficou a cargo do nosso confrade e incansável propagador da doutrina, Amadeu Santos, redator-chefe do nosso colega «Arauto da Fé», que se publica em Astolpho Dutra, Minas.

Aproveitando a estadía deste nosso confrade na Capital da Republica, a Liga Espírita Brasileira resolveu, juntamente com as suas associações agregadas, prestar uma homenagem á Cabana «Abel Gomes» de Astolpho Dutra, de que é presidente o conferencista.

Casa de Saude «Allan Kardec»

Esteve entre nós alguns dias, o confrade Diomar Branco, representante-viajante da casa de Saude «Allan Kardec», de Franca, e da nossa colega, «A Nova Era», orgão de propaganda espírita, que se publica sob os auspicios da mesma Casa.

O confrade Diomar Branco, que está desempenhando espinhosa, porém elevada tarefa de angariar recurso para esse estabelecimento de caridade, que tão assinalados serviços vem prestando á humanidade na cura de doenças mentais, sobretudo da obsessão, doença que está fóra da alçada da medicina oficial, nos fez uma exposição minuciosa do movimento hospitalar, econômico e financeiro da Casa de Saude «Allan Kardec».

Assim, podemos vêr que o balanço de 1939 acusa um total de 502 doentes internados dos quais foram curados 218 e desincarnados 74.

Esse elevado número de internados é a prova mais expressiva do valor dessa instituição, que está sob a competente direção clínica dos drs. Thomaz Novelino e J. Mathias Vieira.

A Casa de Saude «Allan Kardec», cuja missão é genuinamente cristã, é pois, digna do auxilio incondicional de todos aqueles que desejam ver minorados os sofrimentos de seus semelhantes, tanto mais que é em gestos filantrópicos que buscaremos o reino de Deus e a sua Justiça.

Ao confrade Diomar Branco somos gratos pela sua estadía entre nós, augurando-lhe feliz viagem com a assistência do Alto, tão indispensável aos trabalhadores da divina seára.

A nossa excursão

Do nosso representante em viagem, João Leão Pitta:

— Durante o mês de junho último, fiz 22 palestras nas seguintes cidades: Lins, Cafelandia, Urú, Congonhas, Pirajuí, Agudos e Baurú, onde continúo a fazer mais conferências. Em Agudos fiz 2 palestras, sendo uma delas no Teatro local, com grande assistência.

A serviço da Doutrina

Iniciou sua excursão na zona Sorocabana, a serviço de nossas publicações, o snr. Benedicto Gonçalves do Nascimento.

Aos nossos prezados assinantes pedimos dispensar suas atenções a este trabalhador da seára cristã.

Aos nossos assinantes de Londrina e zona Norte do Paraná

Comunicamos aos nossos prezados assinantes de Londrina e zona Norte do Paraná, que o sr. Pedro Fiel não é mais nosso representante, motivo por que pedimos aguardarem a chegada, dentro de poucos dias, do nosso representante Sr. Benedicto G. do Nascimento, para quem solicitamos boa acolhida, o que antecipadamente agradecemos.

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1691unse

No. 8 unavailable

NO XVI — Brasil —E. S. Paulo—Matão, 15 de Outubro de 1940—N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 [illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
A volta de Sir William Barrett
Allan Kardec
O Espiritismo em Face da Ciência
Novos Rumos á Medicina
Estudos Psicológicos
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

Allan Kardec

Obras de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes: 1.a—Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas; 2.a—Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os principios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 12$800 inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Êsse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus».

Obra muito útil para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições. Avisos Profeticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus».

Preço 10$000 e mais $800 para registro e porte.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 292 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do cristianismo, ou Factos Anímicos e Espíritas, que constitúem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do cristianismo.

Preço 9$000 e mais $700 para o porte e registro.

Conferências Radiofonicas

Livro de 206 páginas, enfeixa 15 conferências pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sôbre a existência do Espírito e sua sobrevivência á desagregação do corpo. Êle sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferência ao microfone tem por título: «A Imortalidade da Alma».

Preço 7$000. Pelo Correio, 7$600.

Médiuns e Mediunidades

Contendo pouco mais de 100 páginas, esta obra dá uma idéia clara e racional da doutrina espírita, que abrange as esferas religiosas, filosófica e cietifica, infundindo nas almas o desejo de profundar a Revelação Nova, que veiu marcar uma Nova E'ra no progresso dos povos.

Preço, 5$000. Pelo Correio, 5$500

Genesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificaveis, argumentos irrefutaveis e a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Preço, 2$000. Pelo Correio, 2$500.

Obras de Cairbar Schutel

O Diabo e a Igreja

E' um livrinho que responde categoricamente a todas as invictivas de dois padres, rebatendo as falsas insinuações do cléro e convidando os homens ao estudo do Evangelho. A sua leitura nos dá uma idéia exáta da verdadeira religião do Cristo, sendo êsse o motivo pelo qual as edições desta obra se esgotam com relativa facilidade.

Preço, 3$000. Pelo Correio, 3$500.

Cartas a Esmo

Já foi lançada á publicidade a 3.a edição de «Cartas a Esmo», que é uma resposta á «Carta Pastoral» do sr. Bispo de Florianopolis, D. Joaquim Domingos de Oliveira, que se limitou a combater o Espiritismo, e com tal paixão que chegou a deturpar conceitos de distintos médicos.

Nesta obra, em que a Verdade aparece em todo o seu explendor, está o Discurso do Bispo de Strossmayer, pronunciado por ocasião da proclamação da Infalibilidade do Papa, em Roma, no concilio de 1870.

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço 3$000 e mais $500 para o porte e registro.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

O autor desta pequena, mas substanciosa obra, demonstra aos contraditores do Espiritismo as bases científicas em que se firma essa excelente doutrina e ao mesmo tempo a insensatez daqueles que para a combaterem chegam a se utilizar de termos cuja significação lhes é desconhecida, como no caso da palavra *histeria*.

Com a leitura dêste livro, que acaba de saír do prélo em nova edição, o leitor enriquecerá seu espírito com conhecimentos indispensáveis á sua evolução.

Preço, 3$000 e mais $500 para o porte e registro. Pedidos á Livraria de «O Clarim».

Gabriel Delanne

O Espiritismo perante a ciência

Gabriel Delanne foi um dos maiores pioneiros do Espiritismo na França. Seus livros correm mundo, traduzidos em vários idiomas.

«O Espiritismo perante a ciência», tradução primorosa de Carlos Imbassahy, foi escrito para o povo, portanto redigido em linguagem clara, acessivel a todos. Antes de explicar os factos, o autor faz uma sintetica exposição científica, afim de deixar patente que os fenômenos que vai apresentar, se enquadram perfeitamente nos postulados da ciência.

Pedidos á Livraria de «O Clarim» Preço, 10$000 e mais $800 para o porte e registro.

Ernesto Bozzano

Fenômenos Psíquicos no momento da morte

Ernesto Bozzano, um dos maiores escritores de Além-mar enfeixou neste livro uma serie de factos ocorridos por ocasião da morte, contendo historias curtas e historietas singelas, mas que nem por isso nos deixam de comover.

Cada volume 7$000. pelo Correio 7$600.

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1940 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 — **Oficinas: Rua Ruy Barbosa s/n.**

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

Apresentamos hoje o professor James Harvey Hyslop, professor de Ética e Lógica na Universidade de Columbia, Nova York. Êle publicou um relatório sôbre os fenômenos que acompanham o transe do célebre médium americano Sra. Piper.

Extraimos o seguinte do cap. XII da obra de M. Sage.

«Com as atas das sessões, as notas, os comentários do consultante, a discussão das hipóteses, a exposição de experiências feitas na Universidade para esclarecer certos pontos, êsse relatório tem 650 páginas de um texto miúdo e cerrado. Não se refere, entretanto, senão a 16 sessões, das quais a primeira foi a 23 de Dezembro de 1898. Mas o menor incidente, como o menor argumento, tudo está escrupulosamente pesado. Em suma, é um trabalho de alcance considerável.

O professor James Hyslop é um espírito de sinceridade absoluta e de grande lucidez. Ha prazer em seguílo no meio dessa chusma de factos e argumentos: tudo está meticulosamente classificado, e alta inteligência ilumina toda a obra. E' com razão que o professor Hyslop ocupa nos Estados-Unidos um lugar eminente entre os trabalhadores do pensamento. Além dos seus cursos, faz numerosas conferências que são concorridissimas.

O professor Hyslop comunicou sómente á mulher e ao Dr. Hodgson (diretor das sessões) a sua intenção de ter sessões com a Sra. Piper. Foram marcados os dias, não com a Sra. Piper no estado normal, mas no estado de transe com Imperator (o chefe dos guias). Ora, não esqueçamos nunca que a Sra. Piper não tem a menor recordação do que se passa durante o transe. O nome do professos Hyslop não foi dado a Imperator: o Dr. Hodgson designou-o pelo «amigo das quatro sessões», porque o professor Hyslop tinha pedido, á princípio, quatro sessões. Não se pode dizer seja êsse um pseudônimo transparente.

O Dr. apresentou o professor Hyslop sob o nome de Smith, nome que, aliás, servia para todos os novos consultantes. O professor não falou nunca diante da sra. Piper no estado normal, exceto duas vezes para pronunciar frases curtas e teve o cuidado de modificar quanto possível o som da voz. Durante todas as sessões evitou qualquer contacto com o médium. Os factos narrados pelos comunicantes foram na maior parte das vezes obtidos sem perguntas prévias. Quando o professor Hyslop teve de fazer uma pergunta, teve o cuidado de se arranjar de maneira que a pergunta não contivesse a resposta em si mesma. Para evitar que durante as sessões a sra. Piper pudesse vê-lo, conservava-se sempre atrás de seu ombro direito, posição que era aliás a mais cômoda para ler a escrita. Se nos lembrarmos, porém, de que durante o transe a sra. Piper tem a cabeça enterrada em travesseiros, julgaremos essa precaução supérflua.

Nas dezesseis sessões do professor Hyslop, os comunicantes foram em pequeno nùmero. Foram: seu pai Roberto Hyslop que foi quem deu as comunicações mais importantes; seu tio Carruthers; seu primo Roberto Harvey, Mac Clellan, etc.

Roberto Hyslop, pai do professor Hyslop, é o comunicante que ocupa a maior parte das sessões. Mas não pode ficar por muito tempo na «máquina» (médium), queixa-se logo de ter as idéias perturbadas, de sufocar ou de ficar fraco; diz, por exemplo: «Sinto-me caír de fraqueza, James, vou-me embora um instante, espera-me». E' durante estas ausências de Roberto Hyslop, que Imperator envia outro membro da família a tomar seu lugar, «afim de que não haja *luz* esperdiçada». Pareceria, portanto, que essa «fraqueza» de que se queixam os espíritos não passa de uma sensação que êles sentem, quando estão, ha certo tempo, em contacto com a «máquina»; assemelham-se então, diz Imperator, a um homem muito doente e que está delirando...

Durante as 15 primeiras sessões, o professor Hyslop havia interrogado o menos possível. Mas, na decima sexta e última sessão, saíu intencionalmente dessa reserva. Queria saber que resultado produziria se tomasse com o comunicante a atitude que se toma com um amigo de carne e osso. «O resultado, diz o prof. Hyslop, foi que eu conversava com meu pai desincarnado com a mesma facilidade como se com êle estivesse conversando pelo telefone. Compreendiamo-nos á légua, como em uma conversação comum». Falou-se de tudo, de uma cêrca que Roberto pensava mandar concertar (em sua fazenda) pouco antes de sua morte, dos impostos que ainda não tinham sido pagos quando êle morreu, das preocupações que tivera com dous filhos, dos quais um lhe havia dado desgostos e o outro era inválido, etc.

Quem leu atentamente o relatório do professor Hyslop, quem pesou com êle os factos mais insignificantes, quem discutiu com êle os argumentos pró e contra, não fica surpreendido de que tenha acabado por adotar a hipótese espírita, em outros termos, não fica surpreendido de que, apesar das suas prevenções anteriores, acabasse por exclamar: «Foi meu pai, foram meus irmãos, foram meus tios, com os quais me entretive! Sejam quais forem os poderes supranormais concedidos ás personalidades segundas da Sra. Piper, dificilmente poderei acreditar que essas personalidades segundas tenham podido reconstituir tão completamente a personalidade moral de meus parentes falecidos. Admití-lo levar-me-ia muito longe no inverossímil. Prefiro crer que foi a meus próprios parentes que falei: é mais simples».

Em «Contacts with the other World, pg. 328, reafirmou solenemente estas verdades nos termos seguintes:

«Não existe outra explicação racional dos factos senão a hipótese da sobrevivência da alma; as provas cumulativas que convergem em seu favor, são por tal forma peremptórias que não trepido em declará-las em tudo equivalentes, senão mesmo superiores, áquelas que confirmam a teoria da evolução».

Eis aí a que conclusões chegou o professor Hyslop, e eis aí a que conclusões êle arrasta, sem o querer, o seu leitor.

(Continua).

Tanto para Deus como para a humanidade, vale mais a boa vontade do ignorante do que a má vontade do sábio. — JUCA.

A Volta de Sir William Barrett

Eis o título de um importante artigo da autoria do eminente filósofo Ernesto Bozzano, originariamente publicado em LA RICERCA PSICHICA. Nós o reproduzimos de «La Revue Spirite», certos de que nossos leitores nele encontrarão a prova da sobrevivência do homem com todos os caraterísticos de sua individualidade.

(Continuação)

Foi recentemente publicada uma coleção de experiências mediúnicas que um eminente advogado do fôro realizou com o médium Osborne Leonard. Devido á profissão que êle exerce e aos preconceitos que ainda reinavam contra os que se entregavam a investigações psíquicas, êle foi constrangido a não divulgar seu nome. O livro se intitula: Experiências Espíritas de um Advogado *(Spiritualistic Experiences of a Lowyer)*.

Trata-se duma coleção mui interessante na qual está irrefutavelmente provada a identidade pessoal da falecida esposa do advogado, de sua filha e de outros membros de sua família, provas que constituem a regra absoluta nas experiências com êsse famoso médium.

A mulher e a filha do relator teem precisamente algo a nos dizer sôbre a questão que estudamos, tendo sido o problema levantado pelas seguintes observações de «Feda» (o espírito-guia) a propósito das denominadas «impressões no Akasa» :

> «As impressões no Akasa são um facto real, o que vale dizer que as impressões de todos os acontecimentos se fixam no éter, e essas impressões podem ser utilizadas por pessoas dotadas de faculdades psíquicas. Quão interessantes são essas evocações!»

O relator acrescentou :

> Sôbre êste assunto, foram comunicadas informações que subministram ao pensador um tema grandioso para suas meditações. Minha mulher e minha filha me informaram que elas realizam viagens maravilhosas nas Esferas Espirituais. Minha filha Thyrza prefere sobretudo viajar no antigo Egito e nas imediações de Jericó. A êste respeito ela faz notar: «Temos visto êsses paises não tais quais são atualmente, com as modificações e as construções modernas, mas tais quais foram ha milhares de anos E o continente submergido, a Atlantide, existe sempre. Todas as regiões, todos os povos que tiveram um passado glorioso, estão perpetuados no éter. Roma e a Grecia existem tais quais foram em tempos de sua glória, inclusive os habitantes».

Nesse ponto, o espírito-guia Feda intervem para dar explicações complementares. Ela faz notar :

> «Vossa filha se esforça por transmitir certas verdades espirituais que os viventes bem dificilmente conseguirão compreender. Ha múltiplos estados de realização espíritual, e o passado o mais remoto das regiões está fotografado no éter sôbre êsses múltiplos planos de realização, de sorte que no caso do continente Atlantide, pode-se passar de um plano a outro observando diversas representações da mesma Atlantide . . . O que está impresso no éter é fotografado através da lente da conciência cósmica. O éter é uma substância extremamente sensível e êle retém as impressões de modo permanente. Daí resulta que podemos empreender visitas a regiões interessantes, sob vários pontos de vista, e que podemos contempla-los tais quais foram em seus períodos de glória. Bem entendido, essas regiões existem sómente no éter, mas como nós vivemos no éter, elas para nós são reais . . .»

A propósito destas últimas indicações de Feda, eu recordo que no célebre livro de Elza Barker : *Letters from a Living dead man*, a personalidade comunicante também se exprime sôbre a antiga civilização grega, nestes termos:

> «O éter que domina essa gloriosa península, traz impressas em si, e de modo mui serrado, as recordações de sua epopéia; audaciosas no pensamento como na ação. E as lembranças da Antiguidade parecem tão radiosas que elas resplandecem através do conjunto das impressões que a elas se superpõem...»

Enfim, convem realçar que essas impressões no éter, de acontecimentos ocorridos num passado remoto, são, por vezes, também perceptíveis pelos «sensitivos viventes», o que confirmaria de modo certo as afirmações dos defuntos.

Recordo que em meu livro sôbre os «Phenomènes de hantise» (Fenômenos de assombramento), eu relatei alguns episódios impressionantes dessa natureza, e aquí reproduzo um outro caso do gênero que publiquei em minha monografia sôbre os «Enigmas da Psicometria». Eu o extraí duma relação de viagem na Itália, do conhecido escritor inglês George Gissing, relação que tem por título: *By the Ionian Sea.* Quando lhe ocorreu o incidente em questão, o autor estava de cama, atacado de febre, em Cetrone, cidade em que ensinava Pitágoras. E' provável houvesse sido a febre a causa do desabrochamento nêle de faculdades supranormais subconcientes. Êle escreve:

> Tornei-me momentaneamente vidente, facto que me fez experimentar um estado de verdadeira e serena felicidade, que jamais conheci em estado normal. Durante o tempo em que estive deitado, perfeitamente desperto e calmo, sucessivamente a mim se apresentaram maravilhosas visões. A princípio vi um grande vaso decorado com magníficas figuras, em seguida um mármore sepulcral com baixos-relêvos duma perfeita beleza clássica. Depois do que, as visões ganharam em amplitude e em complexidade, e eu contemplei cenas da sociedade antiga, vi ruas cheias de transeúntes, de cortejos de triunfo e de procissões religiosas, gladiadores e campos de batalha. O que me impressionou nessa sucessão de visões, foi a côr maravilhosa do meio em que as cenas se desenrolavam, e não é possível dar uma idéia do esplendor que irradiava das cousas e que iluminava cada cena, como não é possível descrever o relêvo das particularidades em cada imagem realizada. Com uma realidade de existência absoluta, apresentavam-se cousas que eu não podia conhecer, e ás quais minha imaginação jamais teria dado corpo. E frequentes eram meus assombros á vista de certos costumes pitorescos sôbre os quais jamais eu lera o que quer que fosse, motivos de arquitetura absolutamente novos, de caraterísticos variados e de detalhes dessa civilização longínqua, e que de nenhum modo eu poderia ter conhecido pelos livros. Lembro-me de uma sucessão de semblantes de inefável beleza, e eu me lembro e experimento ainda o sentimento de pezar que de mim se apoderou quando um após outro, êsses rostos desapareceram sob meus olhares.
>
> «A título de exemplo das representacões projetadas ante mim, relato uma visão històrica que para sempre permanece gravada em minha memória.
>
> «Quando Aníbal, após a segunda guerra púnica, se transportou com seu exército ao sul da Itália, êle estabeleceu em Cotrone o seu quartel general. E quando, obedecendo com repugnância as ordens de Cartago, êle abandonou o solo romano, foi em Cotrone que êle embarcou com seus homens. Consigo êle tinha um contigente de mercenários italianos e querendo impedir que êles se engajassem nas fileiras do inimigo, ordenou que o acompanhassem á Africa. A isto êles se recusaram, então Anibal fê-los reunir sôbre a praia e mandou massacrá-los a todos.
>
> «Pois bem! Eu vi a praia de Cotrone e o promontório com o templo, não como são hoje, mas tais quais, deveriam ter sido dois mil anos atrás; e o drama dos soldados que massacravam e dos mercenários abatidos sob seus golpes, desenrolou-se até em seus mais ínfimos detalhes sob meus olhares assombrados. E sôbre toda a cena esplendia a glória dum sol maravilhoso, graças a uma *transparência* tão encantadora do céu que só ao recordar aquele espetáculo, sinto toda a alma cheia daquela luz e côr.

«O prazer estético dessas visões valeu bem os dez dias de febre por meio da qual eu paguei; mas mesmo afagando um ardente desejo para que o espetáculo se repetisse, nada mais vi. A via pela qual elas penetraram cerrou-se para sempre. De todos os modos, sempre crerei e sentirei que durante uma hora, foi-me concedido contemplar cenas da vida antiga tão caras a meu espírito.

«Podem objetar-me que minhas visões não correspondiam á realidade, eu quereria neste caso que me explicassem por que milagre consegui reconstruir, até a mais íntima e minuciosa perfeição, um mundo antigo que sómente conheci pelas ruínas atuais».

Como se vê, o relator está intimamente convencido que suas visões correspondiam a algo de real, que êle percebeu, graças ao afloramento fugaz de suas faculdades supranormais subconcientes, afloramento nêle provocado pelo estado de febre em que se achou. E esta circunstância importante dos «motivos de arquitetura» e das «particularidades históricas» ignoradas, e que se revelaram com a mais minuciosa e a mais surpreendente fidelidade, tende, indubitavelmente, a confirmar essa convicção.

Do nosso ponto de vista, eu observo que nas narrativas feitas encontram-se factos que concordam, de maneira impressionante com as comunicações dos defuntos. Com efeito, o nosso vidente, não só contemplou a cidade de Cotrone tal qual fôra ha dois mil anos, mas observou que nas ruas os transeúntes circulavam com os costumes do tempo, êle viu desenrolarem-se cortejos de triunfo, procissões religiosas. E naquela memorável visão do massacre de mercenários ordenado por Aníbal, êle viu o local de Cotrone e o promontório do templo, não como os vemos presentemente, com o templo reduzido a ruínas, mas tais quais deveriam ter sido ha dois mil anos.

Isto estabelecido, necessário se torna notar que as espantosas informações descritas são análogas ás fornecidas pelos defuntos, e que se afiguram muito inverossímeis aos não iniciados para que as considerem autênticas. Daí resulta que o facto de encontra-las identicas nas visões clarividentes de sensitivos, torna-se uma prova eloquente a favor da autenticidade das narrações dos defuntos, exatamente como o fenômeno experimental da «fotografia do pensamento» tornou verossímeis as comunicacões dos defuntos relativamente ao poder creador no ambiente espiritual.

(Continua)

Quando fazemos o Bem, sem viso de nenhuma recompensa, banha-se-nos a alma de luz confortadora, de indizivel felicidade; e nessa felicidade, e nessa luz, a nossa alma avança, resoluta, para o seu futuro.

Por onde passa o Bem, o que antes era proceloso, súbita e milagrósamente se amaina; as trevas desaparecem; as lágrimas se transformam em risos e se convertem em alegria as tristezas mais rebeldes.

Não nos esqueçamos nunca de que o Bem é uma alavanca poderosissima cujo ponto de apoio è o nosso coração, cuja potência é a nossa vontade, cuja resistência é a antítese de tudo que nos eleva e diviniza e contra a qual tudo é impotente, nada resiste. Fazer o Bem incondicionalmente—eis a lei que nos deve reger e dominar. Dominada, regida por essa lei, sempre e sempre, a criatura humana é uma representação fiel de Deus no cárcere da Terra; e, ao deixá-lo, ela subirá radiosa, esplêndida, triunfante para Aquele que é Pai misericordioso e bom de todas as criaturas e a quem devemos todos nós amar sôbre todas as coisas.

Prof. ALMEIDA GOMES.

Allan Kardec

3-10-1804

Em 3 de Outubro de 1804 nasceu em Lion (França) Léon Hyppolite Denizard Rivail.

Pertencente a uma família cujos membros se distinguiram na magistratura, pensava-se que êle seria atraído á magistratura. Mas assim não aconteceu. Desde sua primeira infância, êle inclinou-se para as ciências e para a filosofia.

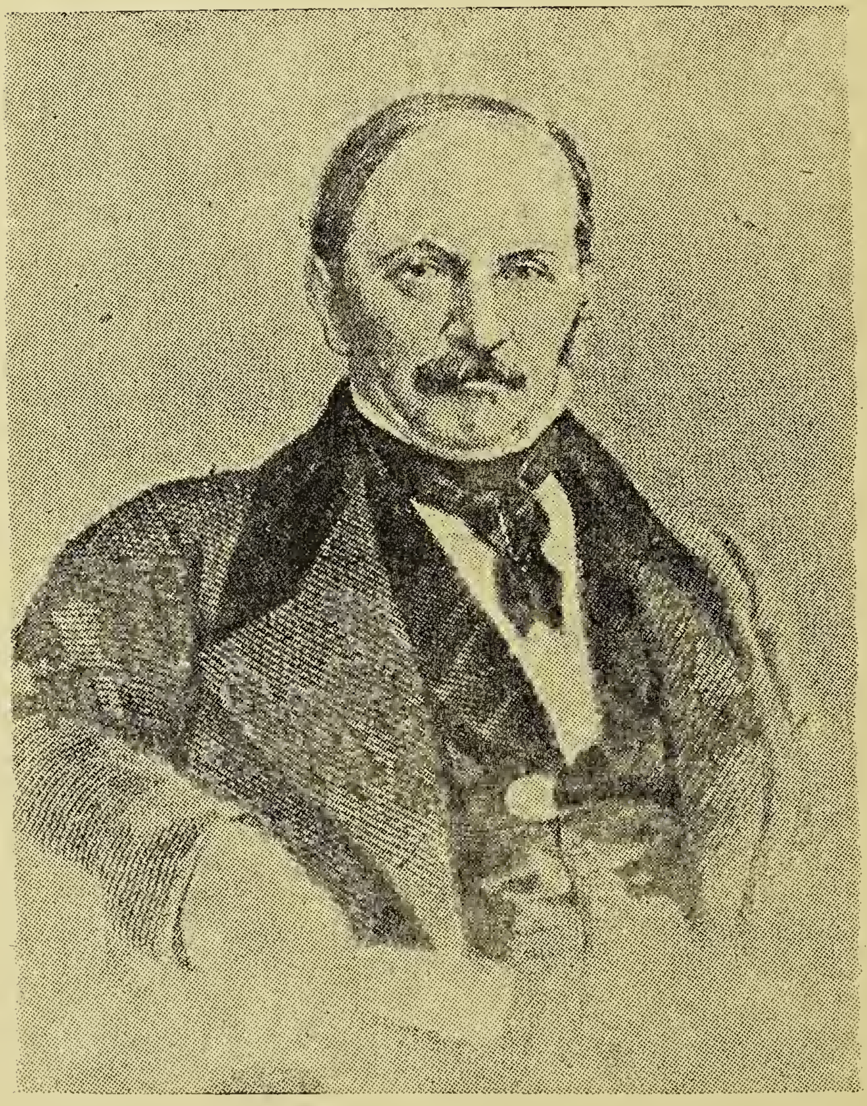

ALLAN KARDEC

Êle fez seus primeiros estudos em Lion, depois continuou a estudar em Iverdun (Suiça), como discípulo do célebre professor Pestalozzi, de quem se tornou colaborador inteligente e dedicado. Aos 22 anos de idade obteve o seu diploma de professor e o de doutor em medicina.

Estava êle instalado em Paris, onde fundara um instituto semelhante ao de Iverdun, quando explodiram as primeiras manifestações espíritas na América, reproduzindo-se em seguida na França e em todo o mundo.

Havia-se preparado para atacar o exame das causas primárias, quando em 1854 amigos o convidaram a participar de sessões experimentais de «mesas girantes», ao que êle não se recusou, e o assunto despertou seu vivo interêsse.

Foi sob influência de terríveis lutas que o Mestre creou a famosa doutrina que arrebanha todos os dias tão avultado número de adeptos.

Escarnecido pelos sábios, anatematizado pela Igreja, o Mestre apoiava suas teorias sôbre bases absolutamente científicas: a observação e a experiência.

Nenhum credo religioso, nenhuma revelação revolucionou, em tão curto prazo, milhões de creaturas e semeou pelo universo a febre de descortinar o mistério do Além, como o Espiritismo codificado por êste grande espírito.

Certo dia, recebeu comunicação dum espírito protetor que, entre outras cousas, assegurava tê-lo conhecido numa existência anterior, no tempo dos Druidas, quando ambos viveram na Gália, e então seu nome era Allan Kardec, prometendo seu auxílio na magna tarefa que lhe fôra confiada.

As informações que Allan Kardec colecionou, no decorrer de suas sessões, foram enfeixadas na obra: «O Livro dos Espíritos» (parte filosófica), ao qual apôs a assinatura: Allan Kardec.

Escreveu ainda: «O Livro dos

Médiuns»; «O Evangelho segundo o Espiritismo»; «A Genese»; «O Céu e o Inferno», que são os livros fundamentais do Espiritismo.

Em 1858, fundou «La Revue Spirite», que conta 81 anos de existência.

Seu objetivo foi «provar que os mortos vivem para lá do túmulo», o que conseguiu maravilhosamente.

As edições das obras de Allan Kardec só são superadas pela Biblia.

—

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXV —

A matemàtica, a mais positiva das ciências, chamada a provar a existência do Espírito

A ciência mais positiva é a matemática, dizem-no todos. Pois a matemática incumbe-se, agora, de provar a existência do Espírito, consequentemente do Espiritismo! Tão grande é, na verdade, a Doutrina Espírita, que até a cérebros familiarizados com a positividade dos números, ela se impõe, arrastando-os aos testemunhos da sua veracidade! Também uma doutrina religiosa existe, — dir-se-á — assente na matemática — o Positivismo — que nega a Deus e a Imortalidade! Assentes em cálculos matemáticos destituidos de bases racionais e sólidas, sem veracidade matemática na sua exposição e ensino, que não é a mesma coisa.... Que não é o caso de uma Doutrina que preceitua «para crer não basta ver sinão, também, e principalmente, compreender.» Não será esta, porventura, uma caraterística da matemática? Pois é-o também do Espiritismo!

As mãos nos veio a bela revista, *ENGENHARIA*, n.º 22, de 1939, órgão da nossa afamada *Escola Politécnica*. À pag. 381, um substancioso artigo intitulado *GEOMETRIA DO SOBRENATURAL*, que o matemático Melo e Sousa assina. O artigo, ilustrado e matematicamente bem lançado, estende-se até a pag. 394. De início, considerações sôbre a *quarta dimensão do espaço*, êste problema que, com a *quadratura do círculo* e o *motu-contínuo*, vem desafiando a inteligência de nossos cientistas e inventores. Que é a *quarta dimensão do espaço*? O sobrenatural, apenas, para um ilustre professor daquela escola, porque uma janela que se abrisse para o sobrenatural. Se, entretanto, o sobrenatural não existe, de vez que tudo quanto existe deve estar dentro da Natureza, que é o conjunto harmônico da obra de uma Inteligência Suprema, — decorre daquí que *a quarta dimensão do espaço* também não deve existir. Admitamos, porém, em vez de *sobrenatural*, *supernormal*, porque tudo aquilo que escapa, ainda, á compreensão do vulgo, e prossigamos racionando e considerando. O autor do artigo, logicando de raciocínio a raciocínio, chega, matematicamente, á conclusão de que, para compreender-se a *quarta dimensão do espaço*, seria preciso compreender, primeiro, o *espaço sem dimensão nenhuma*. Que é o espaço para o Espírito, que não se atem á largura, ao comprimento, á expessura? Espaço, é óbvio, sem dimensões. Donde ser a existência espiritual a dimensão que se procura, em que pese ao sr. Einstein, para quem, e dentro de sua Relatividade, esta dimensão é o tempo. A descoberta, através da existência do Espírito, da dimensão que tanto vinha afligindo a inteligência dos geômetras, não é nova. Devemo-la ao naturalista inglês, e compartícipe de Darwin, na *teoria de seleção natural*, sir Alfred Russel Wallace, um dos mais sábios pesquisadores dos fenômenos espíritas, a cuja evidência se rendeu...

Ha «um espaço de ordem superior ao que vivemos, que o matemático é compelido a aceitar: é o *hiper-espaço*, a que se ajusta uma *trans-altura*». Ora, nesse *hiper-espaço*, comparticipando de sua *trans-altura*, noção inconcebível para o nosso espírito — como expõe o matemático — admite-se que haja sêres especiais, dotados de quatro dimensões: são os *hiper-tipos*. «A existência lógica do *hiper-tipo* é, porém, perfeitamente aceitável,» diz o articulista... Está-se a ver que o *hiper-tipo* da concepção geométrica é o Espírito, que vai, com a sua *quarta dimensão*, onde quer, através das três, que não respeita nas suas atividades. E' o Espírito, sem nenhuma noção de milagre, que, se não existe para a matemática, também não existe para o Espiritismo. E, de raciocínio em raciocínio, vai o autor nos levando á teoria matemática da existência do Espírito, a citar experiências e testemunhos científicos de Zoellner e Conan Doyle, através de *médiuns*, como William Home, que chegara a penetrar gabinetes hermeticamente fechados, em fenômenos de materialização. Como demonstrá-lo científicamente? E' aquí que surge a opinião científica do sábio italiano, Brofferio, que apresenta três condições para que um «homem possa ir até o interior de um aposento fechado, sem passar por portas ou janelas; que são: 1.º êle atravessa sem se desagregar, pelos intervâlos inter-atômicos; 2.º, que êle se decomponha em matéria imponderável (desmaterializando-se) e realize a travessia da parede, e materialize-se em seguida; (que foi o caso do Home); 3.º que entre e sáia por uma quarta dimensão do espaço, que é o caso da manifestação do Espírito». A ciência moderna não admite, diz o articulista, as duas primeiras teorias. A segunda, só a ciência feita de concepções teóricas é que não póde admitir! Mas, a Ciência a que procuram servir os três nomes acima, admite, provando-os através de factos. Frederico Myers e Alexandre Aksakoff colecionaram, entre outros, casos interessantissimos, de natureza a forçar tal admissão á Ciência.

Conclue, porém, o articulista: «A quarta dimensão é, pois, a única explicação racional para o fenômeno admitido como verdadeiro». Donde a manifestação do Espírito, de que implica a *quarta dimensão do espaço*, forçar o domínio da matemática. Forçá-lo de tal jeito, que leva o matemático a êste argumento: «Quasi tudo estaria ao alcance de um *hiper-tipo*, e êste sêr apresentaria os caracteres de um verdadeiro *Espírito.*» E' dêle o grifo. Não será bem isto que nos diz Paulo, (em I Cor. II-Io:) «o Espírito tudo esquadrinha, até as coisas profundas de Deus»? O matemático Newcomb, citado por Melo e Souza, afirma, corroborando o asserto: «Com a *quarta dimensão*, poderão aparecer diante de nós espíritos que não fazem parte do nosso mundo. A existência desses sêres, uma vez admitida a *trans-altura*, nada apresenta de ilógico ou de contraditório». Por isso que diante de tais indagações, chega Ouspensky, também citado no artigo, a dizer que «a realidade parece ainda não ter sido bem esclarecida pela Ciência». E não sê-lo-á, enquanto a Ciência for profundamente dogmática nos seus princípios materiais, achando não ha verdade em nada que fuja ao sentido material da Vida!

A existência do Espírito já vai, felizmente, forçando as barreiras da matemática. E, diluídas essas barreiras, que outras mais resistirão?

Aquí estão raciocínios de matemáticos, que até parecem de um Alan Kardec, de um León Denis, copiados do artigo:

«O matemático francês Laurent procurou na Geometria a solução do insondável mistério do Além.

«Essa cousa que tem sensibilidade, memória, inteligência a que denominarei «alma», que não é, certamente, matéria e que não mais permanecerá em nosso corpo depois da nossa morte; passará a existir num espaço de quatro dimensões. Poderá agir sôbre o nosso corpo, do mesmo modo que agimos sôbre uma figura traçada no papel. Quando o homem vive, a alma repousa em nosso «espaço», como o dedo repousa sôbre a folha de papel; logo que advem a morte, a alma deixa de tocar no «espaço» em que vivemos e afasta-se para o *hiper-espaço.*»

«Somos sêres de um espaço superior» — sugere C. H. Hinton.

«O corpo material que possuimos não passa de uma simples interseção entre o *hiper-espaço* e o espaço euclidiano; os fenômenos do nascimento, desenvolvimento e morte são fases diversas da passagem do nosso «eu» para o *hiper-espaço.* Logo após a morte, a matéria, que constitue o corpo, permanece no espaço inferior, enquanto a alma é transportada para o espaço superior».

«Admitida a alma como *hiper-tipo*, todos os chamados *fenômenos espíritas* estariam racionalmente explicados. O Espiritismo seria a vida na *trans-altura* do espaço.»

Chegou a vez, portanto, da matemática vir, através dos cálculos positivos, talvez similhantes áquêles com que La Verrier descobriu e localisou o planeta Netuno, confirmar a existência de um mundo e de uma entidade que vão sendo por aí negados sem melhor análise: um mundo espiritual e a alma!

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

«O sepulcro não guarda iniquidades».

Esta afirmativa sempre provocou sorrisos de ironia e, ainda, hoje provoca comentários jocosos por parte dos materialistas, felizmente em número reduzido, e por uma legião de pseudo-sábios, que nada admitem além de seu entendimento e percepção...

Que importa isso?

Há longos anos que vasculhamos os túmulos e nada encontrando que pudesse satisfazer a nossa ânsia de investigação, por êles penetrámos e continuamos tateando por êsse corredor sombrio que dêles parte e termina ainda não sabemos, onde.

Não vemos mais aquêles corpos que foram consumidos e transformados, porém sentimos a presença da força que os animava; ouvimos seus gemidos e seus lamentos, e presenciamos seus gestos de desespero e mágoa, vendo as lágrimas que derramam, quando relembram seu passado pejado de iniquidades e de ações que só serviram para implantar torturas e sofrimentos.

Com a lâmpada do Espiritismo científico, vamos iluminando essas cavernas sem fim, parando em algumas, atravessando outras, sentindo, por vezes, o coração confranger-se dentro do peito, mas impelido sempre por uma força estranha que nos guia e que nos arrasta, como nos levando para algo de sublime e de maravilhoso!

A ponta do nosso cordel de Ariadne, ha muito que se perdeu pois já penetramos bastante e não volveremos os nossos passos, si bem que saibamos que êsse túnel maravilhoso só terminará no infinito...

Á proporção que o palmilhamos; á proporção que vamos penetrando, na ânsia de vasculhar êsses labirintos que se perdem e se entrecruzam, maior é a nossa percepção e mais forte o desejo de continuar, continuar sempre, pois as surpresas são constantes e os resultados, sublimes!...

Vozes, vindas de além desses sepulcros, chegam, constantes, aos nossos ouvidos, e os gemidos e os seus lamentos são tão sentidos, que nada poderá fazer com que volvamos atrás — ao contrário, procuramos correr, sempre, para o lado de onde partem êsses queixumes e êsses soluços, no afan de minorar tormentos e enxugar lágrimas...

E são muitas as lágrimas estancadas e são muitos os tormentos atenuados.

O facho aceso do Espiritismo, lume que levamos nas mãos, procurando iluminar os escolhos que atravessamos, tem sido o farol eternamente aceso para clarear esses labirintos escuros que partem dos sepulcros terrenos e, atravessando mundos, vão terminar onde não chegam, ainda, as nossas fracas e pobres percepções!...

Se essa luz continuar acesa, alimentada para guiar a nossa jornada, prosseguiremos sempre, embora ferido pelas ignomínias e pelos vitupérios, e prosseguiremos porque temos a certeza de que é êsse o único meio de comunicação dos homens com um *Poder Supremo* que os criou e os governa.

Ao contrário, se êsse lume nos faltar , um dia, deixando-nos abandonado na escuridão e no silêncio dessas cavernas, consolar-nos-emos em ouvir a voz da nossa própria conciência, a relembrar-nos os benefícios que espalhámos, amparando tantos desventurados e contribuindo para o reencontro de tantas felicidades julgadas perdidas...

Pode sêr que os vendavais terrenos sejam bastante fortes para apagar essa luz, imergindo-nos nas trevas das ignomínias humanas.

Não importa.

No silêncio triste desses labirintos, que se entrecruzam e que se perdem no Infinito, ouviremos ainda, o bater do nosso coração, que sempre soube perdoar e sempre muito sofreu por causa da sinceridade que eternamente o revestiu.

Enquanto essa luz nos apontar esses espetros cujo corpo foi destruido, mas cujos sentimentos ainda perduram, vamos prosseguindo a marcha repleta de tropêços, procurando não só minorar êsses tormentos, como, também, saber a sua origem e suas causas para que, possamos, um dia, relembrar aos homens que o sepulcro não guarda iniquidades...

A terra destrói o corpo mas é insuficiente para destruir os sentimentos.

E' grande, é enorme, é imensa a legião de sofredores que vivem arrastando o barco do sofrimento, por entre lamúrias, queixumes e lágrimas!...

Nada mais representam que a falange de espíritos que veem vindo de encarnação em encarnação, sofrendo os reflexos de suas maldades, do ódio, das vilanias e do orgulho.

São falanges imensas de espíritos que vivem, quais judeus errantes, em busca da tranquilidade e do sossêgo, sossêgo e tranquilidade que ainda não podem encontrar nos recursos da ciência material dos homens.

Não são condenados eternos ás penas e aos estertores de dôr.

Atravessam, por vezes, encarnações e mais encarnações padecendo sob o guante dos inimigos que vivem, no espaço, rondando as suas existências, aproveitando-se de todas as circunstâncias possíveis para lançá-los aos abismos e ás torturas físicas e morais.

Nessas emergências é que se reconhece todo o esplendor dos trabalhos espíritas, quando processados com critério e com sinceridade, pois êles nada mais representam do que a oportunidade que se oferece a êsses sofredores encarnados e desencarnados, mostrando a uns, o valôr do arrependimento, e a outros, a grandeza do perdão, para que, unidos, possam, depois, palmilhar com mais facilidade, a estrada da perfeição.

Núcleos espíritas bem orientados; sessões de doutrinações, com médiuns bem desenvolvidos, são verdadeiras fontes de luz e compreensão, onde essas entidades sofredoras e vingativas veem beber os ensinamentos divinos e onde êsses judeus errantes do sofrimento, veem encontrar a água precisa para lavar as manchas de suas faltas passadas...

E' êsse o caminho único e verdadeiro para a Medicina se encaminhar melhor, na sua marcha progressiva e esplendorosa, unindo a terapêutica do corpo aos recursos da terapêutica da alma.

Enquanto não tiver essa compreensão; enquanto o sepulcro for a barreira para a continuação do seu progresso e do seu desejo de amparar os enfêrmos e lenir as torturas humanas, terá de se conservar vencida ante tantas tragédias e será incapaz de enxugar tantas lágrimas!...

A imprensa espírita tem sido o arauto das nossas observações e conclusões, no terreno do Espiritismo científico.

De todos os recantos do Brasil nos chegam pedidos de informações e de conselhos enquadrados nas nossas normas de estudo. Muitos teem recebido e obtido alívio para os seus tormentos e para as suas incertezas, e si outros, não obtiveram respostas, foi única e exclusivamente por falta de um endereço certo.

Dentre êsses pedidos, baseados no que tem sido publicado, recebemos, de uma feita, um telegrama urgente de Cuiabá, Estado de Mato-Grosso, retirado desta cidade, cinco dias de viagem.

Era mais um brado de socorro, clamando por alívio a um sofredor. Após a consulta espiritual, que jamais deixamos de fazer, quando não podemos vêr e examinar o paciente, respondemos ao apêlo aconselhando que trouxessem o doente para tentarmos o tratamento — sim, tentarmos, pois, a-pesar-de se tratar de um caso terrìvel de obsessão, o paciente já estava com lesões cerebrais, consequência do longo período em que sofria irradiações contínuas de um inimigo que agia friamente, sem dó e sem piedade.

Mantidos por essa esperança que a fé ilumina e sustenta, resolveram fazer a longa viagem, trazendo o rapaz que foi internado.

—

Rapaz com 23 anos de idade, físico forte e desenvolvido, corado, demonstrando equilíbrio orgânico relativamente bom. Tremor intenso das pernas e braços, a ponto de não poder alimentar-se pelas suas próprias mãos.

Dificuldade imensa no falar, pronúncia bastante defeituosa, a ponto de nada se entender do que dizia. Alimentava-se e dormia bem.

Orgãos internos, perfeitos e em pleno funcionamento. A todo instante caía num pranto doloroso, derramando lágrimas abundantes.

Foi sempre um rapaz alegre, disposto e trabalhador. Ha dez anos começou por se isolar do convívio dos amigos. Uma tristeza infinda o invadia, sem que pudesse explicar a sua causa ou a sua origem.

Tornou-se muito sensível, chorando

constantemente, sem que pudessem descobrir o motivo desse pranto.

Por várias vezes viram-no como que confabulando com pessoas só a êle visíveis. Um pavôr intenso o invadia, a ponto de não querer ficar só, procurando estar sempre em companhia de alguma pessoa da família.

Amparado pela fortuna material, não lhe faltaram recursos médicos e tudo o que a ciência dos homens lhe poude oferecer teve como socorro e como auxílio sem, contudo, obter o mínimo resultado — ao contrário, peorando sempre, sensivelmente, a ponto da família perder as esperanças.

Aconselhados a que recorressem ao tratamento espírita, êle foi o primeiro a se revoltar contra essa idéia. Mesmo, assim, conseguiram levá-lo á algumas sessões, tomando passes, sem obter, também, nenhum resultado.

Pela leitura dos casos que temos exposto, em jornais e revistas, confrades amigos fizeram com que sua família procurasse os recursos do Sanatório onde trabalhamos, alvitre aceito como mais uma tentativa e mais uma esperança.

Seu velho progenitor, só a custo separou-se do filho, deixando-o internado.

Dez dias depois de seu internamento, em um trabalho previamente preparado para o caso, tivemos o prazer de receber uma sombra amiga, aconselhando-nos concentração perfeita pois ia se manifestar um obsessor terrível.

Momentos depois, incorpora-se a entidade e só a muito custo, com rodeios e paciência, conseguimos que assim se manifestasse:

«Nada me convencerá e força alguma dêste mundo será capaz de fazer com que não atinja os limites da minha vingança.

Jurei por Alah e o juramento de um beduino é sagrado.

Há 300 anos que o sigo e por mais lágrimas que êle derrame, nunca serão bastante para compensar aquelas que êle provocou ! . . .

—

Demonstrava uma revolta tremenda, uma sêde inexgotável de vingança e fizemos com que se desincorporasse devido o sofrimento da médium, a-pesar-de bastante desenvolvida.

Previamente, porém, lhe falamos dessa cadêia sucessiva de vidas, do perdão e do sofrimento que proporcionam o ódio e as vinditas, fazendo com que refletisse sôbre o poder de Deus e, principalmente, sôbre a sua justiça divina.

Quando assim falavamos, apresentaram-se-lhes algumas sombras, companheiras daquela passada existência.

Inquieto, agitado, chamava-as pelos respectivos nomes, dizendo acreditar que tudo aquilo era ilusão dos seus sentidos e da sua imaginação exaltada — jamais a realidade.

* —

Desincorporado, exclamando pelo nome de Batar-Aãwick, Ratamanke e Zaïra, pela mesma médium veiu nova comunicação por uma entidade amiga, uma das sombras que tomara parte na tragédia desses séculos que se passaram : —

—

«Nesses instantes, o manto divino se desdobra, trazendo o passado para o presente — na demonstração de que o espírito é imutável.

Há 300 anos passados fui o Rabi Ratamanke — Surjo, agora, não como o fantasma de uma lenda milenária que invocasse — surjo, sim, entre mortos, porque vivo sou eu — e surjo para falar contigo, irmão rebelde, que duvidaste naquele dia do que te dissera em nome de Alah, aconselhando que confiasse na sua justiça, porque ela era maior do que a justiça dos homens.

Não acreditaste e procuraste fazer com que Zaïra se suicidasse, mandando levar-lhe o punhal embebido em seu sangue.

Vagará enquanto a mancha dêste sangue conservar-se nesse punhal que a tua imaginação guarda!...

Hoje, num templo da Verdade e em nome do supremo Arquiteto do Universo, senhor e criador de todas as cousas, eu te digo : —

A justiça do Soberano Sêr, oh! irmão incréu, é maior que a justiça dos homens e a êste irmão, também transviado — que encontrará como predito foi, a tranquilidade e a felicidade que só teria após a descoberta da fonte das lágrimas...

Há 300 anos ouviu isso e pagou o crime por êle praticado — Seu corpo se transformou, mas o espírito que o tempo e o túmulo não transformam, continua a sua marcha e encontrará o necessário para enxugar as suas lágrimas.

Tu, também, caro irmão, encontrarás a felicidade perdida, no dia em que fizeres por apagar da tua imaginação, o quadro dêste punhal gotejando sangue, visão que o teu ódio e a tua vingança fazem ressaltar com todo o seu horror.

Retira-te para o ambiente da calma e da meditação e volta.

Chora, sim, pelo passado, mas procura despertar-te para o presente afim de poder enfrentar o futuro...»

—

Nenhuma pergunta fizemos a essa sombra amiga.

Estava completo o tempo marcado para o nosso trabalho e não seria justo que alimentassemos a nossa curiosidade científica em detrimento da saude do médium que, com tanta dedicação nos auxialiava e auxilia no cumprimento de um dever.

O trabalho havia sido bastante produtivo. Tinhamos a certeza de que o paciente sofria; de facto, as consequências de um mau ato praticado em uma encarnação longínqua.

Conheciamos os propósitos de vingança do obsessor e, através das particularidades das perguntas e das respostas, durante a doutrinação processada, que o obsessor já estava rodeado de sombras amigas que tinham certas preponderâncias sôbre êle, estando, portanto, preparado o ambiente para a tranquilidade e o sossêgo de ambos — encarnado e desencarnado.

Pelo que dissera aquela sombra amiga tudo não passava do reflexo de uma tragédia que se processára há 300 anos passados... provocando torturas, mágoas, dôres e lágrimas, sempre incentivadas pelo ódio e pela vingança.

Nos dias subsequentes o paciente pouca ou nenhuma transformação teve no seu método de vida, continuando á demonstrar os mesmos sintomas.

Qual havia sido aquela tragédia?

Quais os pormenores dessas existências que arrastavam torturas e sofrimentos?

Nossos trabalhos representariam a fonte procurada há 300 anos, para que pudessem beber o filtro do perdão e da compreensão?

Enquanto nosso espírito, ávido de pormenores, acompanhava, com carinho, as transformações do doente, deixavamos que os dias se escoassem, indiferentes ás cousas materiais, procurando continuar a sua jornada pelos túneis sem fim, rebuscando por entre os sepulcros e por entre as dobras do passado, pormenores dos acontecimentos que se refletem sôbre a Humanidade, reflexos que a ciência dos homens ainda não aceita, a-pesar-de se patentearem, a cada passo, a cada instante, provocando torturas, mágoas e desesperos!...

—

> «Retira-te para o ambiente da calma e da meditação e volta.
> Chora, sim, pelo passado, mas procura desperta-te para o presente afim de poder enfrentar o futuro...»

Assim dissera aquela sombra amiga e na qual pressentiamos o chefe antigo, cuja preponderância sôbre seus vassalos ou sôbre seus crentes não admitia réplica, demonstrando confiança em si mesmo, pelo tom incisivo com que falára.

Retira-te e volta...

Obedecendo como o bom mussulmano que confia cegamente no seu pastor, lá seguiu aquela sombra infeliz, a procura do ambiente da calma e da meditação...

Alguns dias se passaram...

Alguns dias durante os quais voltou aos seus areais sem fim e ás suas tendas tão queridas!

Lá, no deserto infindo, tendo por leito as arêias escaldantes e, por této, o céu extenso, salpicado de estrelas, ouvindo o sibilar dos ventos que formavam as dunas e sempre atento aos uivos das féras que rondavam os acampamentos, o seu espírito deve têr renascido para uma nova vida, uma vida mais bela e mais sublime do que a vida concentrada no ambiente estreito do ódio, da perseguição e da vingança!...

Suas lágrimas, naturalmente, molharam as arêias do deserto, mas, em compensação o seu espírito, mais liberto, reconheceu o poder incomensurável de Alah, despertando-se ante a natureza do seu Oriente...

Após o despertar, veiu o desejo de reviver para que pudesse, ainda, em cavalgadas estafantes, percorrer aquêles desertos sem fim onde o seu espírito estava arraigado desde centenas de anos!

E o desejo de reviver, foi apagando da sua memória, os tormentos testemunhados por aquêle mesmo deserto cujas arêias movediças, açoitadas pelos simouns impiedosos, aos poucos, foram sepultando aquelas mágoas antigas e aquelas torturas passadas ! . . .

E êle, obedecendo ordens, voltou e voltou sinão com outros sentimentos, pelo menos com uma dúvida, prenúncio de que o deserto continuaria a retê-lo para todo e sempre . . .

Em 21|10|39, em um trabalho feito especialmente para o caso, assim se manifestou : —

«Porque, meu senhor, volvêr aos tempos passados, rebuscando tormentos e relembrando torturas que ainda rescaldam o meu espírito ?

Volver aos tempos passados ?

Não, não isso propriamente, pois êsse passado longinquo sempre viveu como presente, estampado na minha memória . . .

Além disso, os tormentos foram maiores e as torturas, mais impiedosas, ainda !

Nasci em um meio humilde ; cresci identificado nos bons costumes, procurando viver a minha vida com um trabalho honesto.

Ainda jovem, trabalhava em serviços de tecelagem : mais tarde, acostumado a acompanhar caravanas pelo deserto, fiz disso uma profissão.

Naquela noite, tudo reviveu mais fortemente na minha imaginação e eu os vi ; sim, reconheci todas aquelas criaturas amigas cuja lembrança o ódio não permitia que revivessem em mim mesmo . . .

Batar Aâwick, foi minha mãe de criação, aquela que me embalou em seus braços e me criou sob seus cuidados e carinhos, minha verdadeira mãe na existência passada e atual mãe dêle . . .

Naquela época, eu fazia parte de uma caravana de fieis que se dirigia á Terra Santa ; eramos muitos, mulheres, homens e crianças. Acompanhavamos o nosso Rabí, um homem sábio e venerado por todos, um verdadeiro santo cujas palavras, conselhos e prégações arrastava os crentes que o seguiam por toda parte.

O seu templo eram as tendas dos desertos. Caravana formada em romaria, geralmente eram caravanas ricas, pois os peregrinos levavam ricas ofertas á serem oferecidas aos templos longínquos, aos lugares santos.

Composta de fiéis que aproveitavam todas as paradas para descanso afim de elevar suas preces e ouvir as prégações, não possuia escoltas para defeza própria.

Após vários dias de caminhada, sem que a longa travessia fosse perturbada por acontecimentos desagradáveis, inopinadamente, fomos atacados por um grupo de beduinos salteadores, ladrões de caravanas, atraidos pela rapina . . .

Não tinhamos escolta e nenhum armamento com que nos fosse possível defender. Uns seriam mortos e outros se tornariam escravos, objeto de comércio, vendidos em lugares distantes !

Imenso foi o nosso desespero — meu, ainda mais, porque, entre os componentes dessa peregrinação, estava a minha mãe de criação e minha noiva, a criatura que havia escolhido para companheira eterna ! Cercados por todos os lados, já no auge do desespero, percebemos que uma grande escolta atacava aquela horda de bandidos, livrando-nos do saque, da morte e da escravidão . . .

Serenados os ânimos ; repostos do susto pelo qual haviamos passado, derramando lágrimas de contentamento, gratidão e alegria, procuramos agradecer o nosso salvador — o salvador de todos e o ladrão da minha felicidade . . .

Quem era êle ?

Esse cão que aí está.

Era filho de um poderoso Rajah ; moço, cheio de vida, rico, vivia atravessando os desertos, levando uma vida de aventureiro, cercado por uma poderosa escolta.

Ao lançar os seus olhos sôbre aquela criatura á quem eu adorava, seus instintos bestiais não puderam resistir ao encanto da sua beleza e da sua mocidade, exigindo-a como pagamento do auxílio prestado : ou a jovem a título de escrava ou nos deixaria entregues á sanha dos bandidos . . .

Nosso Rabí, homem santo e cujos conselhos eram verdadeiros dogmas por todos respeitado, foram incapazes de demover os propósitos dessa hiena...

Pedidos, lamentos, rogos e lágrimas, foram demonstrações incapazes de repercutir no seu coração. Tomou-a á força e levou-a, consigo, rindo-se das palavras de nosso meigo Rabi, prevenindo-o de que exigindo semelhante tributo em pagamento de um ato de caridade, só encontraria a tranquilidade e a felicidade após o encontro da fonte das lágrimas... Sim, meu senhor, porque todos choravam de dó, de compaixão, de ódio e de temor!

Louco, desesperado de dôr, não ouvindo, também, os conselhos que foram dados, não esperando pela justiça de Alah, entreguei um punhal á minha mãe de criação e dei geito para que ela pudesse seguir junto daquele a quem não mais veria...

No fim da nossa jornada, abandonei a caravana; uma só cousa fazia com que vivesse — Vingança!

Antes, porém, que fosse maculada na sua honra, recebi, envolto em um lenço tinto de sangue, o mesmo punhal que havia feito chegar ás mãos de minha infeliz companheira.

Suicidára-se antes que se servisse de regalo a êsse miserável!

Também suicidei-me, uma vez que não saberia viver sem a sua doce companhia e uma vez que não me era possível a vingança...

Batar Aâwick, insinuando-se na confiança dêste miserável, continuou a servi-lo, dando começo á minha vingança. Servia-lhe, em doses crescentes, o ópio, sempre derramado em tudo o que bebia, reduzindo-o, assim, em pouco tempo, a um trapo humano!

Ficou viciado, morrendo pouco tempo depois, ainda moço.

Em uma nova existência, fiz-me seu amigo íntimo e isso me facilitou para continuar fazendo dêle um viciado, o que me foi possível realizar, transformando-o em um ente inútil...

Agora, reencarnado, continuei saciando o meu ódio, prolongando a minha vingança, cada vez com maior desejo, cada vez com maior intensidade, a-pesar-de ter, como escudo, a sua mãe atual que foi minha antiga mãe verdadeira...

Voltei ao deserto, meu senhor. Naturalmente, como predito foi, ainda derramaremos muitas lágrimas — eu e êle — até que elas sejam bastante para lavar as manchas de sangue daquele punhal...

Alah é poderoso e justo.

Quero voltar. As prégações, as palavras e os conselhos daquele santo homem, farão com que as desventuras sejam esquecidas e farão, também, com que a esperança renasça na minha alma...

—

...e desincorporou-se, para voltar ao seu deserto, o mesmo deserto que molhou com suas lágrimas de ódio e de desespero, o mesmo deserto que continuará a regar com o seu pranto até que seja bastante para reavivar a semente do perdão e sentir brotar, das arêias escaldantes, o arbusto da Esperança...

—

Durante o tempo decorrido entre uma doutrinação e a outra, o paciente melhorou bastante dos sintomas obsessionais. Quanto ao defeito físico — o tremor e a fala titubeante, incompreensìvel quasi, pouca transformação foi obtida.

Eram sintomas ligados á uma causa orgânica, — tombo ou pancada, com traumatismo consequente, produzindo lesão e desequilíbrio nervoso.

Poderá melhorar muito, ainda, com um tratamento bem orientado e bastante prolongado, dependendo de tempo para uma reeducação completa.

Ora, essa reeducação terá que sêr persistente e longa, pois o obsessor tudo fez para inutilizá-lo, produzindo-lhe um sofrimento moral, se esforçando por não lhe permitir a realização de desejos naturais e orgânicos, intoxicando o seu psiquismo...

Na primeira fase, isto é, na penúltima existência, foi levado ao vício dos entorpecentes até ficar reduzido a um organismo imprestável...

Na segunda fase, isto é, na última existência, esse moço foi arrastado pelo mesmo caminho, pois que, na penúltima vida material, como vimos, Batar-Aãwick — que havia sido mãe de criação do obsessor e, por vingança, causadora da infelicidade do paciente ministrando-lhe entorpecentes até levá-lo ao vício completo, nessa segunda existência material, com o nome de *Samira*, ainda serviu de élo para aproximação de ambos e, indiretamente, ainda como causadora para a perpetuação desse ódio e vingança, vindo desta vez como mãe legítima do obsessor e mãe de criação do paciente...

De facto, a roda do Destino fez com que o doente, nessa segunda vida material de que tratamos, ficasse orfão em tenra idade e viesse, por parentesco, morar sob o mesmo teto onde viviam aqueles mesmos componentes da existência passada! Foram criados juntos e, desde pequenos não se olhavam com simpatia, tanto que eram constantes as rusgas entre ambos.

Nessa segunda existência, o nosso doente chegou a conhecer aquela que havia roubado aos carinhos do noivo, reencarnada sob o nome de SONIA e trabalhando, em Paris, como chapeleira e filha de pais franceses.

Foi empolgado por uma paixão desenfreada pela moça, porém, sua mãe de criação não permitiu o casamento alegando que a moça não era arabe...

O obsessor, por sua vez, filho legítimo dessa mãe de criação do paciente— seu primo—sentindo despertar o ódio antigo e julgando propícia a ocasião de se vingar, devido a tristeza e a paixão do paciente por não poder satisfazer a sua união com SONIA, aproximou-se mais do seu inimigo, procurando se insinuar na sua confiança e uma vez obtido esse propósito, o arrastou para os antros de jogos e entorpecentes, dêle fazendo, em pouco tempo, um joguete em suas mãos, transformando-o em um mulambo humano...

Quís inutilizá-lo para tudo, mormente lhe provocando um sofrimento moral com a não realização de desejos naturais!

Consequentemente, duas vidas dado ao vício de entorpecentes, o que equivale á dizer, duas longas existências perdidas, sem nenhum proveito, propriamente, para a evolução de seu espírito...

Natural, portanto, que agora, nessa terceira existência traga a psique intoxicada pelo mesmo vício, facto que representa, ao nosso vêr, conforme várias vezes tivemos oportunidade de dizer, o fator psíquico, onde a medicina material encontra uma barreira intransponível, quasi, pelo menos para a terapêutica sensata e para a patogenia, isto é, a origem da causa e o recurso para combatê-la...

E tanto é verdade que a sua psique ainda está sob a ação dessa intoxicação passada que, de quando em vez, lhe damos água pura para beber, dizendo-lhe que contém entorpecentes e êle dorme, sentindo todos os efeitos causados por êsses remédios...

Quem viu o doente quando foi internado e quem o reviu após êsses vários meses de internamento, quasi nenhuma diferença notaria...

No entanto, entre 600 casos que tivemos, apontamo-lo como um dos mais belos e aproveitáveis que passaram pelos nossos cuidados...

Porque?

Simplesmente porque são casos analisados com os olhos da matéria e, por bem poucos, perscrutados com os olhos do espírito...

Cinco longos meses de tratamento em nada modificaram as suas perturbações orgânicas e nervosas, mas foram bastante para curar a sua alma, livrando o seu espírito da causa de perturbações psíquicas que há séculos vinham fazendo com que não lhe fosse possível atingir a finalidade que fôra imposta — perfeição...

As criaturas ainda apoiadas nos sentimentos materiais, não podem dar valor aos resultados cuja repercussão se faz sentir sómente no espírito...

No entanto, o que vale a lepra do corpo quando o espírito que o anima se eleva acima do nivel comum?

Preferível essas deformações que, por vezes repugnam aos olhos sensíveis, e provocam exclamações de sentimento e de piedade, do que pressentir-se a lepra na alma, manchas que a causticam, doença que contagia multidões, provocando tanta lágrima e tanto tormento...

O que são as deformações físicas ante as deformações morais?

As primeiras teem a duração de uma existência comum e, muitas vezes nada mais representam do que u'a modalidade de progressão, ao passo que a segunda, tem a duração de séculos, paralizando a própria evolução e arrastando com as pústulas que o revestem, inúmeras criaturas que se vêem por elas poluídas, contribuindo para engrossar a legião de sofredores que peregrinam pela terra!...

Os males do corpo estão muito aquem dos males da alma e a só compreensão desse facto será, para a Humanidade futura, um passo gigantesco para a evolução e consequente felicidade e tranquilidade!

Êle teve três existências perdidas. Jamais poude sêr um indivíduo normal, usufruindo o que a capacidade material e orgânica lhe podiam proporcionar. Paralizou em sua evolução espiritual; derramou muitas lágrimas de desespero e de arrependimento; foi o causador de muitos tormentos e de muitas angústias; passou por três existências sem que pudesse colocar o seu auxílio no alicerce levantado em pról do edifício da evolução humana—ao contrário, — de posse de fartos recursos materiais em todas essas existências, serviu como semeador de infelicidades, destruidor de lares, abutre negro estendendo suas azas sôbre o campo das iniquidades...

Agora, livre desta causa atraída pelas próprias pústulas de seu espírito, estará em condições de se reerguer, retomando o caminho apontado pelos missionários de suas tendas antigas...

Livre da causa, cessado o efeito, poderá levantar-se para continuar a jornada ha tantos séculos paralisada!

Aos poucos, a lepra da sua alma irá cicatrizando e já no plano espiritual estará apto a se preparar para a volta na intenção sublime de desfazer os impecilhos criados pela sua maldade.

Com as ferramentas dos bons sentimentos, desentulhará a estrada ao longo da qual foi destruindo os meios que facilitavam as jornadas de outros, esquecido de que teria de palmilhá-la novamente!

Sai desta casa com os preventivos requeridos para salvaguardar o seu espírito—a certeza de que não se morre e a certeza de que se colhe o resultado das sementes lançadas no terreno da existência.

Leva, também, daquí, as ferramentas precisas para desentulhar, com o próprio trabalho e o próprio esforço, o caminho já percorrido e por onde voltará, de novo a percorrer...

Aprendeu, aquí, nesta casa, a movimentar a charrua com que se ara o terreno imposto aos nossos cuidados...

Oxalá que os ventos da verdade e o orvalho da Justiça Divina se transformem em elementos germinadores da semente do Bem que é o trabalho construtor de uma nova sequência de empreendimentos para implantação da fraternidade, entre seus semelhantes!...

Estudos Psicológicos

Continuação

O fluido e o Espírito emanam de Deus.

O fluido é a substância que penetra em todos os moldes, para os levar ao progresso; *ab initio*, com o auxílio da vida molecular, depois animal, enquanto o Espírito não reside nos sêres em estado distinto e ativo.

Esta vida fluídica que em nós é secundária, é análoga ao da vida possante e múltipla que anima uma classe superior a do homem.

Póde-se chamar «animal» esta vida das moléculas; porquanto elas são animadas, no homem certamente, duma vitalidade semelhante á dos animais inferiores, nas quais o espírito é ainda inativo.

O homem é um mundo semelhante ao Universo: — todas as qualidades e os atributos sucessivos que formam os diversos graus dêste Universo estão nêle, sejam em estado real, sejam em estado analógico ou ainda em estado emblemático.

Não ha nada que nêle não tenha uma imagem.

Logo, se a vida fluídica está em analogia com a vida dos animais, é ela também o emblema e a correspondência da vida dos átomos astrais que rolam na imensidade, e que estão além disso animados pela vontade una e complexa, dum espírito central.

Vós tendes também uma vontade una e complexa, formada dos tipos inferiores ao vosso espírito central.

São os tipos animais ligados a vós fluidicamente, os quais vossa vontade aceita, recusa, combate e modifica os quereres.

Possue pois, vosso sêr três vidas: vida espiritual, vida instintiva ou fluídica, vida automática ou elétrica.

Está êle assim, ligado, em harmonia, com as três grandes divisões da natureza creada.

Deus, por analogia superior, deve possuir a vida ou melhor a emanação sutil, espiritual e divina.

CREAÇÃO

Nada tem princípio, nada acaba, tudo se modifica e se transforma... a vida e a morte são apenas estados de transformação, que conduzem a molécula vital da planta até Deus.

Código de Manú

O pensamento de Deus é a Creação inteira.

Vossa lembrança testifica presente e passado e assim é que concebeis o futuro pelas consequências do presente. — Deus, sem restrições, não tem presente nem futuro. — Suas creações, na Eternidade, são todas atuais e todas presentes.

Êle as vê, como as pensou e quís.

As preces, as adorações de seus Universos, são-lhe conhecidas antes de sêr, ouve-as em si mesmo; — para que serve pois, o cumprimento de preceitos impostos pelos cultos, as fórmas e os costumes das religiões exteriores?

Os fluidos nada são para Deus, porquanto não o atingem, e tão sómente aos espíritos dos diversos graus, que embora sem êles, não se diminue em parte alguma! e sem que por isso seja limitado em seu atributo de tudo poder fazer.

Estas palavras não devem justificar o Panteismo, pois que o Panteismo divinizava a natureza.

Pensamos contrariamente, pois que Deus contém em si mesmo a natureza e as creações, assim como o vosso Espírito que contendo a idéia, a manifesta creando o que ela representa, — no entanto não sois nem a idéia, nem o que ela creou, não obstante estar ela em vós, sem ter saido pelo verbo; vivendo assim encubada, em concepção.

Nada póde dar uma forma a êste pensamento: Deus em tudo.

Vosso Espírito não pode conceber em respeito a idéias gerais, mais que trechos de idéias, ou abstratas definições. Fosse-me perguntado se todas as creações terrestres até hoje conhecidas sairam de uma única creação.

Eu responderia: saidos? não! derivados? sim!

Tudo emana do primeiro motor: — o fluido universal, substância primeira, creador infatigável dentro da lei, continuamente ativa do Todo Poderoso.

A aparição de uma nebulosa nos céus é uma coisa tão comum e egualmente admirável como o nascer de um passarinho debaixo das azas maternais. Quanto mistério oculta-se-nos num e noutro, oh caos!

Entretanto, sob o império das inflexíveis leis que afloram vossos olhos, sem cessar, operam na formação dêstes nascimentos, precisamente fieis aos seus tipos, trazendo o cunho dos seus instintos particulares. De onde provém toda essa maravilha!

A nebulosa feita astro mais ou menos considerável, mais ou menos radiante conforme ao tipo a que ela pertence, de onde emergiu? Dêsse fluido primitivo universal, que tudo fórma sob a regência das leis e das afinidades ou atrações existentes em si mesmos.

Tudo sai dele aperfeiçoado e por graus aperfeiçoáveis, cada qual seguindo o seu pendor.

Toda coisa nasce de um germem: tanto o mineral como a planta, o animal, o homem, o sol; tudo vem de uma mónada, dum ponto misterioso que encerra as leis congruentes sôbre sua espécie e, capazes de o dirigir.

Vêde as concentrações, as cristalizações eternamente idênticas no seu tipo; vêde os cíclos constantemente semelhantes dos vegetaes, — considerai que são sempre idênticas as mesmas espécies de flôres, nos sabores constantemente os mesmos nos legumes, na plumagem das aves incessantemente semelhantes aos destinos diferentes das aves, tanto quanto na pelagem dos animais! Nenhuma dessas coisas é obra do acaso.

Compreendereis por tudo isso que, cada molécula da substância tem afinidade com os átomos semelhantes a elas.

Desta atração fórma-se o sêr visível e o invisível, o alado e o rastejante; esta grande força creadora jamais se engana ou contradiz, nunca sua inteligência discrepou.

Porém, se ela existisse só, haveria *fatalidade;* o progresso afirma em toda parte a lei provando a imutabilidade das creações, progredindo cada uma em sua espécie e na sua esfera própria, mudando desta arte as condições de seu sêr.

O mineral progredindo por divisões, as plantas por espécies, o animal inferior por gêneros e os mais elevados por indivíduos.

Êste tema, leitor amigo, que requerendo mais ampla explanação está acomodado ao espasso exiguo de que dispomos, pelo que prometemos voltar ao mesmo tema no subsequente número desta Revista. E terminamos por hoje com a conclusão: Ficai convencido que, toda coisa sai, emana ou diriva do grande e eterno motor, coeterno com Deus.

Ordalia Nemo.

(Continua)

Crônica Estrangeira

Clérigo que repudia os ensinos oficiais da Igreja

Psychic News

«Estou em contacto constante com o clero de minha própria diocese por meio de seus círculos de estudo e jamais encontrei um só pastor que acredite que, morto o corpo e colocado na sepultura dêle possa surgir revivificado no último dia».

Assim escreveu o Rev. R. J. Campbell, o famoso teólogo, na última edição do «Jornal da Igreja Anglicana».

Esta é mais uma prova do número crescente de pastores que estão repudiando os ensinos oficiais da Igreja Anglicana.

O Credo Apostólico declara:

«Creio na... Ressureição do corpo».

O Credo Atanáseo, referindo-se á segunda vinda de Jesus diz que então «...todos os homens levantar-se-ão de novo com seus corpos; e darão conta de suas obras.

«E aqueles que fizeram o bem entrarão para a vida eterna; e os que praticaram o mal serão lançados ao fogo eterno».

De acordo com esta doutrina, a menos que o homem creia fielmente, «êle não poderá ser salvo».

Os clérigos da diocese de Campbell «não se salvarão».

O Pensamento

«Mondo Occulto»

A maior descoberta da época moderna é que o pensamento é uma fôrça dinâmica. Efetivamente, é a fôrça mais potente em todo o universo, visto que o pensamento crêa, suporta, alimenta todas as cousas e é a causa de quanto existe. Mas uma descoberta ainda maior é que o homem é o senhor do seu pensamento e daí ser êle o criador de seu ambiente e portanto o dono do seu destino. A vida da maior parte dos homens é discordante, caótica, confusa e isso é devido a serem discordantes caóticos e confusos seus pensamentos.

Se permitimos que cada pensamento, que passa pelo espaço, manche a nossa mentalidade, não podemos esperar obter uma vida ordenada e harmônica. Se agasalharmos toda sorte de pensamentos, não poderemos esperar que nossa vida seja o que desejamos. A nossa vida é o resultado daquilo que pensamos. Não poderemos obter uma cultura de trigo se comerçarmos a semear sementes de trigo, depois cevada e mais tarde outras sementes. Para se obter trigo é preciso semear sómente trigo e nenhuma outra. Assim é com o nosso pensamento, pensando desordenadamente se cria uma perfeita confusão em nossa mente, resultando daí muita discórdia e mal-estar em nossa vida.

Curioso incidente numa sessão pública

«Les Annales du Spiritisme»

Numa sessão realizada com o médium Mlle. Brasseaud, um espírito familiar anunciou a uma senhora (durante anos assistente regular ás reuniões mensais) que em sessão subseguente ser-lhe-ia proporcionado o prazer de ouvir o seu Anjo de Guarda. Não tendo ainda tido êsse prazer, esperava em recolhimento a vinda dêsse Espírito que ela venerava. Ora, grande foi a sua surprêsa, mas também sua alegria, quando em seu lugar, se apresentou o espírito do próprio pai, desincarnado ha muitos anos, e que nunca se havia comunicado.

Essa manifestação prova que não basta desejar a vinda dúm espírito para que se manifeste, e que o subconciênte tantas vezes responsabilizado, nada tem a ver com as manifestações, visto que a entidade esperada pela senhora não veio, aproximando-se dela outro espírito que ela não esperava, para lhe manifestar sua ternura.

Uma Prova da Reincarnação

«Prediction»

«The Statesman», principal diário de Colombia, descreveu êste caso notável de reincarnação:

Aqui vai o relato dum milágre acontecido hoje em Agra:

«Uma senhora aqui morreu ha 9 anos, aos 55 de idade. Seu filho e parentes ainda trabalham nos moinhos Índicos desta cidade. Uma criança nasceu num lar pobre perto de Tundlas. O pai da menina trabalha na estrada de ferro.

Os pais afirmam que a criança, logo que começou a falar, sempre dizia que sua casa era realmente em Agra.

Ela descrevia a localidade, casa, o nome de seu filho, seus parentes, etc. A criança, que apenas conta 8 anos foi hoje trazida a Agra, pelo progenitor, com o propósito de pôr á prova a validade (validity) de sua asserção.

«Ela foi desembarcada na estação e caminhou a Jeer-Ki-Mandér, distante u'a milha, através de uma localidade densamente povoada, e seus pequeninos pés guiaram o pai diretamente a casa em que ela assegura ter falecido.

Ela chamou pelo filho, um homem de 30 anos de idade, chamou todas as pessoas da casa e cada qual por sua vez, pelos respectivos nomes que conhecera antes de morrer, e provou, sem sombra de dúvida, que realmente era a mesma mulher, alí falecida em 1930.

O que dizer de tudo isto? Verifiquei cada afirmativa e constatei a exatidão de tudo».

O que precede é a reportagem do correspondente de «The Statesman» em Agra.

O Espiritismo cura corações despedaçados

«The Two Worlds»

Falando em Eastbourne, Mr. Ronald McCorquodale disse: «O Espiritismo é a filosofia mais convincente e mais confortadora que conheço para pessoas que perderam sêres queridos. Eu sustento que Sir Oliver Lodge levou mais conforto á gente que chora a partida de entes amados do que todo o clero junto. Não vai nisso qualquer desrespeito ao clero, mas êste não conforta corações despedaçados. O Espiritismo leva conforto e alegria a corações enlutados, depois de terem falhado todos os outros credos».

Os que morrem dizem aos que ficam: — Do que tendes nada é vosso! Os vossos choros o confessam! Para vós, glória e felicidade são palavras lisongeiras. Deus dá aos que morrem os bens reais, os verdadeiros reinos. Vivos! Vós sois fantasmas; nós é que somos os vivos! — VITOR HUGO.

Notas e Factos

Os animais possuem um sexto sentido—Profetas do terremoto—A gata que salvou seu dono da morte

«Evolución»

Reproduzimos de «Constancia»:

Tem-se observado frequentemente que os animais teem um sentido de previsão dos cataclismos da Natureza, como furacões, terremotos, etc., e a miude teem pressentido a iminência de catástrofes repentinas. Graças a êste estranho instinto podem por-se a salvo, enquanto que os homens perecem miseravelmente vitimados pelos mesmos.

Infinitos são os exemplos que provam esta inexplicável superioridade dos animais sôbre os sêres humanos. Durante o terremoto que ha pouco tempo se fez sentir em quasi todos os paizes da Europa ocidental e que foi particularmente sensível na Belgica, foram feitas interessantes observações sôbre o fenômeno. O diretor do Parque Zoológico de Amberes, por exemplo, declarou que momentos antes de iniciar-se o tremor sísmico, muitos animais ofereceram evidentes sinais de irritação e alarma. Os leões rugiam muito mais e de maneira distinta que habitualmente. Rinocerontes, bisontes, antílopes, gazelas e veados corriam desesperadamente pelo recinto do parque em busca da porta de saída. O grito dos pavões foi mais estridente que de costume. No momento em que se registrou o primeiro terremoto e enquanto os homens sofriam os efeitos do pânico, os animais readquiriram a calma mais perfeita. Em Holanda não foi esquecido o terrível furacão que em poucos minutos reduziu a escombros a povoação de Borculo. Minútos antes de declarar-se o furacão, os camponezes foram surpreendidos pelo facto de terem seus animais deixado de pastar, arrojando-se ao chão com focinhos entre as patas. Um habitante de Borculo conta que sua gata tinha oito gatinhos recentemente nascidos. Em certo momento, pouco antes de estalar o furacão, levantou-se e delicadamente tomou entre os dentes um dos gatinhos e saíu a correr da cozinha. Voltou pouco depois e levou outro. Um a um, a gata levou as crias. Cheio de curiosidade, o dono seguiu a gata e verificou que ela havia colocado sua prole longe da casa, em pleno campo. Enquanto contemplava estupefato a estranha manobra, desencadeou-se o furacão e em poucos instantes ficou completamente destruida a sua casa. O dono salvou sua vida graças á gata providencial.

A mediunidade entre a raça negra

«Le Journal de la Famme» publicou diversos factos relatados pelo Padre Trilles que, tendo passado muitos anos entre os Negros, os conhece bem. Reprodução de «La Revue Spirite».

Certo Ngéma Nzago, que é ao mesmo tempo o chefe da tribu dos Jabikou é feiticeiro célebre, exerce sôbre os nativos um domínio extraordinário, resultante do poder de curar as enfermidades que os atacam, da indicação do meio de fazer fortuna, etc. Certo dia êle disse ao Padre Trilles, ao qual êle era muito ligado: «E' amanhã que se realiza a grande reunião de todos os mágicos da região; todos nós devemos estar reunidos sôbre o planalto de Yenvi, na antiga vila abandonada».

Essa vila distava do local quatro dias de marcha. O P. Trilles manifestou seu espanto e pôs em dúvida a possibilidade do facto. «Tu não me acreditas, disse o feiticeiro, pois bem! vem esta noite á minha choupana; é de lá que partirei».

O missionário, exato ao encontro, achou o feiticeiro quando êste iniciava seus preparativos. Para melhor verificação, o Padre lhe disse: —

Desejo confiar-te uma missão. Em teu caminho, ao pé do planalto, deves atravessar a povoação de Nshong. Conheces o Escaba, meu catequista, que lá habita. Pois bem ao passares pela sua porta, poderás dizer-lhe que tenho absoluta necessidade de sua presença, que êle venha imediatamente e ao mesmo tempo me traga os cartuchos de fusil de caça que estão sob sua guarda?

— Teu recado será entregue. Nesta mesma noite Escaba receberá tua mensagem e amanhã êle por-se-á a caminho...

O missionário permaneceu céptico ante essa possibilidade; ao feiticeiro era materialmente impossível prevenir, nessa mesma noite, dentro de uma hora mais ou menos, um homem residente a quatro longos dias de marcha através de regiões ínvias...

Após os ritos longos e complicados, de palavras, de cânticos bárbaros, depois de haver friccionado o corpo todo com um líquido avermelhado, de forte odor de alho; após a intervenção de enorme serpente que, em certo momento desceu do teto, indo enrolar-se no corpo do feiticeiro, êste caiu em sono letárgico. Seu corpo era duma rigidez cadavérica. O Padre Trilles poude enterrar um alfinete na carne do homem; êste não se mexeu. Sómente apareceu um pouco de escuma branca sôbre os lábios; os movimentos respiratórios eram imperceptíveis... A serpente desaparecera repentinamente.

O Padre Trilles passou a noite junto ao feiticeiro, sem se afastar um instante, para evitar qualquer subterfúgio.

Na manhã seguinte, ao alvorecer, o feiticeiro despertava lentamente, olhou em seu derredor e percebeu o missionário.

—«Transmiti o teu recado», disse êle. Falou longamente da grande reunião dos encantadores, á qual êle acabara de fazer parte.

Na noite do quarto dia após esta conversação, chegou á missão um negro, trazendo um embrulho ao Padre Trilles.

«Eis aqui os cartuchos que me pediste pelo feiticeiro», disse o negro.

«Como», disse o missionário «então tu o viste ?»

«Não; mas ouvi-o, á noite, chamar-me e dizer do exterior de minha cabana que tu querias tudo isto imediatamente; parti, pois, sem demora para cumprir tua ordem...»

A intuição dos cães

A Associação Médica Britânica de Oxford, recebeu uma comunicação de sir Henry T. Holland, chefe do hospital missionário de Sueta, na India, sôbre os fenômenos de intuição, observados no momento do terremoto que destruiu essa cidade. O cão de um oficial o despertou á noite, com latidos furiosos, 32 minutos antes do cataclismo, e o fez saír para o jardim pouco antes do desabamento da casa. Dois outros cães fizeram igualmente seu dono saltar do leito e escapar á morte. Essa comunicação do dr. Holland confirma outras observações semelhantes. Em Londres, certa noite, uma senhora acordou com os fortes latidos do seu cão; saíu do aposento e percorreu a casa a ver do que se tratava. Nada tendo verificado, voltou para se deitar, porém, ao entrar no quarto, sentiu que o gaz o tinha invadido.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano — 100$000 ; 2.o ano — 40$000 ; 3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000 ; 5.o ano — 30$000 ; 6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000 ; 8.o ano — 40$000 ; 9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000 ; 11.o ano — 50$000 ; 12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000 ; 14.o ano — 60$000.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Coisas e Casos

Muitas coisas se teem passado na Baía, que dão para um grande caso.

Todos os jornais dêle se ocuparam. Os acontecimentos andaram de boca em boca, fizeram-se reportagem e entrevistas. Houve opiniões sensatas ; em compensação disseram-se também tolices a granel.

Foi a cousa que, em dois prédios de uma rua do Salvador, houve uns casos de «assombração», ou infestação, fenômeno a que os alemães dão o nome de *poltergeist*, e, como tal, ficou universalmente conhecido. Chamam-lhe *hantise* os franceses, e entre nós, quando uma casa é visitada por personagens do outro mundo, damos-lhe o nome de *casa mal assombrada*.

E' facto conhecido na fenomenologia extranormal. Como sempre acontece, alguns filósofos da minha terra aproveitaram o ensejo para mostrar que nada sabiam do assunto, e desmoralizariam a fama de que gozam os meus patricios, em matéria de boa cabeça, se não fossem os esclarecimentos que vieram trazer, sôbre a matéria, vultos eminentes daquela terra, como Helio Simões e Pinto de Carvalho, duas figuras notaveis da medicina baíana.

O «Estado da Baía», jornal de Salvador, traz longo noticiário a respeito.

Refere êle o seguinte, numa de suas pesquisas:

«Uma das pessoas que assistiram os fenômenos foi o cirurgião-dentista Helio Cabral a quem hoje procurámos para esclarecimentos. Trata-se de pessoa com instrução superior, menos sujeita, por isto mesmo, ás influências a que está sujeito o homem do povo. E nos disse o joven clinico:

— No dia 20, pela manhã fui convidado por um amigo para verificar certos factos que estavam passando em casa de pessoa de sua familia. Aceitei o convite. Cerca das 9 horas e 30 minutos, entrei em companhia do meu amigo e do dr. Arnaldo Bottas na casa indicada. Mal punhamos o pé na soleira da porta, ouviamos um grande ruído na sala de jantar. Corremos ao local e vimos um relogio despertador, rolar pelo chão.

—Apesar do que presenciei, fiquei ainda um pouco descrente. Nêsse ínterim, um rapazola mostrou-me um cinzeiro de metal que devido a sucessivas quedas estava todo arrebentado. Eu e o dr. Bottas resolvemos colocar o cinzeiro dentro de um sapato que se achava no quarto de alcova. Findo êste trabalho, enquanto o meu companheiro se dirigia para o corredor, postei-me de sentinela na sala de visitas. Qual não foi o meu grande espanto ao vêr o sapato projetado violentamente á grande distância, vindo os restos do cinzeiro pararem aos meus pés.

O dr. Helio Cabral declarou ainda que ficou bastante nervoso, motivo pelo qual se retirou para a sua residência. Perguntámos-lhe, então, a que atribuia êsses fenômenos. O dentista imediatamente respondeu.

—Eu sou pessoa insuspeita para falar, pois jámais acreditei em espiritismo ou coisa do Além. Espero verificar a origem dos mesmos, realizando um estudo minucioso das circunstâncias, afim de poder fornecer uma opinião segura.

A verdade é que, como ESTADO DA BAÍA noticiou, os fenômenos estão se passando aos olhos de quantos por curiosidade ou espírito de observação, se dirigem ao local. Uma coisa quero que fique patente: não se trata absolutamente de mistificação. Agradecemos ao nosso entrevistado e procurámos um dos frades de São Bento».

E' interessante também transcrever a entrevista dada ao jornal por frei Rafael, do Mosteiro de S. Bento, daquela capital.

O aludido sacerdote foi muito sincero e honesto em sua exposição. Tudo relatou com imparcialidade e isenção de ânimo, o que nem sempre encontramos nas pessoas filiadas a uma crença qualquer. Ouçamos o Estudo:

«Fomos á casa, á Avenida Joana Angélica e lá encontrámos frei Rafael, do Mosteiro de São Bento. Na palestra que entretivemos com êsse sacerdote, êle nos disse estar perfeitamente de acordo com as afirmações do dr. Helio Cabral.

Declarou que foi chamado para verificar os fenômenos e os mesmos se repetiram na sua presença. E sorrindo acrescentou:

— Frei Basilio também esteve aqui, assim como outros sacerdotes. Quando frei Basilio transpunha a grade da entrada, um kágado que se achava no quintal da casa, foi arremessado violentamente contra êle, por pouco não o atingindo. Eu mesmo quasi sofria uma contusão motivada pela queda de uma escova, que veiu do telhado.

D. Rafael ainda adiantou-nos que viu vários outros objetos serem projetados á grande distância. Mostrou-nos um relogio despertador e um livro de orações, bastante estragados pelas pancadas recebidas.

E finalizou declarando que ficou admirado de presenciar êsses fenômenos, atribuindo-os a alguma força sobrenatural e desconhecida. Disse mesmo, que está estudando detalhadamente o assunto, para mais tarde se pronunciar a respeito.

* * *

Notaram-se fenômenos identicos na rua Direita da Piedade, sobre os quais foi entrevistado um funcionário da justiça.

Ha ainda outras coisas sobre o assunto, mas o caso já vai longo, e assim ficaremos para a proxima oportunidade.

* * *

Na discussão que o padre Ponciano mantém com Areobaldo Lellis, disse aquele:

«Cada qual, mesmo o índio mais boçal, será julgado de conformidade com o expoente de sua cultura».

Eu pediria ao Areobaldo, que está mais perto do ousado padre, que indagasse do padre como é êsse julgamento.

Está um tanto vago aquilo. O índio é boçal, mas não se confessa, não é sacramentado, não ouve os pios conselhos dos sacerdotes; coração endurecido e inteligência fraca, comete o selvagem toda a sorte de iniquidades. Atrasado como é, furta, mente e mata...

Mas, afinal, para onde vai; depois de morto. Para o céu, com toda aquela bagagem? Se vai para o inferno, como seria justo, já pelos seus crimes, já pela falta dos sacramentos, em que fica *a conformidade com a cultura?*

Se o nosso confrade Areobaldo achasse, com o digno sacerdote, uma explicaçãozinha para isso!...

Ha outras perguntas. Mas o caso não é urgente. Deixemos, portanto, a coisa para depois.

Carlos Imhassahy.

Um poliglota inconciênte

(Para o «Correio do Povo»)

Fernando Borba.

Estranho fenômeno êsse que se observa na Delegacia de Polícia de Pelotas: apareceu alí, ha meses e alí ficou hospedado sem coação, um preto moço, aparentemente normal, robusto, serviçal e trabalhador durante o dia e complicadissimo durante o sôno.

O homem que é genuinamente analfabeto transfigura-se mal encosta a cabeça no travesseiro e dorme. Nesse estado discursa, reza em latim e em italiano. Fala o francês e o hespanhol e rosna línguas estranhas que a assistência, sem perigo de contestação, diz serem línguas mortas.

Outras vezes faz dormindo o «speaker» de batalhas que se estão realizando na Europa, batalhas essas que, dizem, conferem tim-tim por tim-tim com as notícias que o rádio transmite no dia seguinte.

Curiosos de toda especie têm visitado e assistido o estranho fenômeno. Menos eu que não sou curioso.

E cada qual dá uma explicação ao caso. Os espíritas afirmam que se trata de um caso comum nos domínios de Allan Kardec. Que o homenzinho tem a acionar a sua alma uma outra, do outro mundo, pernosticamente erudita.

Os advogados que assistiram a revelação, a atribuem a uma «apropriação indebita do subconciente...»

Os médicos,—e entre êles lá esteve um dos mais brilhantes do Estado — não dizem nada, como sóe sempre acontecer com a medicina. Sorriem.

Mesmo pelo que o sorriso ainda é a melhor solução para o caso. Para todos os casos. Por isso é dificil sorrir».

Essa pequena crônica, extraída do «Correio do Povo» de 12-7-940, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e que publicamos a título de curiosidade, revela a incapacidade da medicina para explicar certos fenômenos que, pelas suas circunstâncias, estão intimamente a ela ligados.

E como nada podem dizer a respeito, os médicos limitam-se a sorrir, um sorriso que visa desviar a importância dos fenômenos.

Mas o Espiritismo, e só o Espiritismo, os explica satisfatoriamente.

Um estranho caso em Tanabí

Uma mocinha atacada a pedradas por «espíritos maus...»

(Do nosso correspondente em 9-9-940, pelo telefone).

Na residência da família Polotto, aquí geralmente conhecida, está-se verificando um caso que traz em sobressalto os membros da referida família e a vizinhança inteira.

Os srs. Polotto recolheram, ha dias, em sua casa, u'a mocinha de 14 anos, de nome Encarnação Gutierrez, a qual segundo se afirma, «traz o diabo no corpo».

Hoje tivemos ocasião de verificar que o caso é mesmo alarmante, pois quando nos aproximavamos da casa em questão, caía sôbre o telhado e as janelas do quarto de Encarnação, uma verdadeira chuva de pedras.

Já foi chamado um padre para exorcisar os «maus espíritos», mas não adiantou nada. Continua uma verdadeira «blitzkrieg» de pedras contra a casa da família de Polotto.

Da «Notícia», de Rio Preto.

1.ª Exposição Estadual de Jornais, Revistas e Obras Espíritas

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul, atendendo ao apêlo feito pelo dignissimo Prefeito do Município ao público da Capital, concitando todos a contribuirem com seu contingente para o máximo êxito e maior brilho dos festejos comemorativos do Bi-Centenário de Pôrto Alegre, resolveu realizar, em Novembro p. futuro, com o patrocínio de todas as sociedades que lhe são adesas, a 1.ª Exposição Estadual de Jornais, Revistas e Obras Espíritas.

Êste certame, de alta significação para os espíritas, proporcionará ao público a oportunidade de julgar do alto grau de desenvolvimento e progresso a que atingiu a propaganda impressa da Doutrina Espírita em nosso País, nestes últimos anos, em virtude dos salutares princípios e ensinos evangélicos em que se baseia e com os quais pretende conduzir a Humanidade ao seu máximo aperfeiçoamento espiritual.

Figurarão no Certame nada menos de 60 órgãos espíritas, artisticamente dispostos.

Nessa Exposição far-se-á figurar a maioria dos referidos órgãos em suas diversas fases, inclusivé o 1.º número, afim de que se possa apreciar a sua evolução.

A Exposição também apresentará diversas outras seções, a saber: de autógrafos, de *clichés* originais de solenidades comemorativas, atas de fundação das primeiras instituições espíritas do Estado, desenhos mediúnicos, um album biográfico dos principais vultos do Espiritismo mundial, uma coleção de obras científicas, de edições antigas, na qual constam o retrato e a biografia dos respectivos autores; e uma galeria histórica em que figurarão os retratos dos Guias do Espiritismo no Brasil.

Durante o período da Exposição, cujo local será préviamente anunciado pela imprensa, a Federação Espírita fará realisar uma série de 3 conferências, a cargo de oradores de renome na doutrina.

Sessão Comemorativa

Comemorando o 72.º aniversário da incarnação do seu fundador, o nosso amado companheiro, Cairbar Schutel, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou dia 22 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão especial á qual compareceu grande número de espíritas.

Usaram da palavra os confrades W. Campêlo, José da Costa Filho e Leonardo Severino, que dissertou com muita felicidade sobre a vida e a obra desse Apóstolo do Espiritismo.

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
DE ROCHAS	
A Levitação	7$000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
PEDRO TARSIER	
Roma, o Jesuitismo e a Constituinte	10.000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas doEspiritismo	4.000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
EX-PADRE CHINIQUI	
O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000
NOEL VARAO	
Oração de um Crente	4.000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	14.000
JACOLIOT	
Espiritismo na India	4.000
JOSÉ SURINACH	
Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
No Invisivel	12$000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
SIR OLIVER LODGE	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000

DR. ERNESTO BOZZANO	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
Xenoglosia	7$000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
DR. SOUSA RIBEIRO	
Estigmatizada de Campinas	5$000
A Questão Religiosa na Russia	1$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
FRANCISCO C. XAVIER	
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel (broch.)	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	6$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	
DR. IGNACIO FERREIRA	
Conselhos ao meu Filho	4.000
J. W. ROCHESTER	
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
DR. NORALDINO DE CASTRO	
O Espiritismo é a Religião	5.000
DR. ANTAO DE VASCONCELOS	
Revelações de Além Tumulo	8$000
E. ESPERANCE	
No Paiz das Sombras	8$000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
GUSTAVO GELEY	
A Reincarnação	2.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000

GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histería e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	20.000
O. BELEM	
Jerusa	6,000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	6.000
ZOEOLNER	
Fisica Transcendental	6.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
AEROLINO GURJÃO	
Expiação (novela)	8.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro — romance	6.000
LEOPOLDO MACHADO	
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
DR. PAUL GIBIER	
Analise das Cousas	6$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	6$000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000
DR. OSMANI EMBOABA	
Fenomenologia Mediunica	7$000
MEDIUM AQUINO	
A Barqueira do Júcar	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000

AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
REV. VALE OWEN	
A Vida Além do Véu	5$000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
DR. A. WYLM	
O Rosario de Coral	6$000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1$500
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
DR. BEZERRA DE MENEZES	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
HORA ESP. RADIOFÔNICA	
1.º Fascículo	1.000
DR. A. A. MARTINS VELHO	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
ANTONIO LIMA	
Evangelho das Crianças	3 000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
A Senda de Espinhos "	6$000
Estrada de Damasco "	6$000
A Sonambula "	8$000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morte "	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada "	7.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	10.000

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro.

Todas estas obras estão á venda na Livraria d'«O Clarim»

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples 20$000
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 25$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 30$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1610unse

Nos. 11-12 unavailable

NO XVI — Brasil —E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1940—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
A volta de Sir William Barrett
Um espírito retorna para revelar um Testamento oculto
Novos Rumos á Medicina
Foto Psíquica de um Cavalheiro Grego
O Espiritismo em Face da Ciência
Assombra as Altas Autoridades da Medicina o caso do precóce químico de oito anos.
O Perispírito
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

Camille Flammarion

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
DE ROCHAS	
A Levitação	7$000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
PEDRO TARSIER	
Roma, o Jesuitismo e a Constituinte	10.000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas doEspiritismo	4.000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
EX-PADRE CHINIQUY	
O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000
NOEL VARAO	
Oração de um Crente	4.000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	14.000
JACOLIOT	
Espiritismo na India	4.000
JOSÉ SURINACH	
Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
No Invisivel	12$000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
SIR OLIVER LODGE	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000

DR. ERNESTO BOZZANO	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
Xenoglosia	7$000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
DR. SOUSA RIBEIRO	
Estigmatizada de Campinas	5$000
A Questão Religiosa na Russia	1$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
FRANCISCO C. XAVIER	
Ha dois mil anos	10.000
50 Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel (broch.)	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	6$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	
DR. IGNACIO FERREIRA	
Conselhos ao meu Filho	4.000
J. W. ROCHESTER	
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
DR. NORALDINO DE CASTRO	
O Espiritismo é a Religião	5.000
DR. ANTAO DE VASCONCELOS	
Revelações de Além Tumulo	8$000
E. ESPERANCE	
No Paiz das Sombras	8$000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
GUSTAVO GELEY	
A Reincarnação	2.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000

GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histería e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	20.000
O. BELEM	
Jerusa	6,000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	6.000
ZOEOLNER	
Fisica Transcendental	6.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
AEROLINO GURJÃO	
Expiação (novela)	8.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro — romance	6.000
LEOPOLDO MACHADO	
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
DR. PAUL GIBIER	
Analise das Cousas	6$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	6$000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000
DR. OSMANI EMBOABA	
Fenomenologia Mediunica	7$000
MEDIUM AQUINO	
A Barqueira do Júcar	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000

AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
REV. VALE OWEN	
A Vida Além do Véu	5$000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
DR. A. WYLM	
O Rosario de Coral	6$000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1$500
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
DR. BEZERRA DE MENEZES	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
HORA ESP. RADIOFÔNICA	
1.º Fascículo	1.000
DR. A. A. MARTINS VELHO	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
ANTONIO LIMA	
Evangelho das Crianças	3 000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
A Senda de Espinhos "	6$000
Estrada de Damasco "	6$000
A Sonambula "	8$000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morte "	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada "	7.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	10.000

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro.

Todas estas obras estão á venda na Livraria d'«O Clarim»

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1940 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

Camille Flammarion, antigo Presidente da *Sociedade Astronômica de França*, Diretor do Observatório do Juvisy, o astrônomo «cujo estílo encantador — disse Léon Denis — popularizou a ciência dos mundos», fez ato de adesão ao Espiritismo, primeiro pelas suas séries de *«Habitantes do Outro Mundo»*, publicadas em 1862-3 e depois pelo seu discurso pronunciado junto á sepultura de Allan Kardec em 1869. Aquelas são coleções de comunicações ditadas pela tiptologia e pela escritura medianímica, com Mlle. Heret como médium.

Camille Flammarion afirmou altamente sua crença na existência dos Espíritos e na realidade das comunicações entre eles e nós e se constituiu corajosamente um propagador da nova doutrina. Citamos a seguinte passagem que bem demonstra a sua convicção :

> «Amigo leitor, se não acreditas nas manifestações dos Espíritos, êste humilde opúsculo (uma das séries), escrito com simplicidade e boa fé e por mim redigido, cujas comunicações foram ditadas pelos próprios Espíritos, aos médiuns citados, está destinado a provar-te que a morte não existe e que os entes queridos que amaste sôbre a terra e que despiram seu envólucro corporal, ainda podem conversar contigo. Como tu, muito hesitei antes de estudar esta doutrina e, havendo-a estudado, só acreditei depois de ter visto, ouvido e apalpado. Mas sinto-me tão feliz por saber e acreditar, que minha maior ventura é convidar-te a participar de minha doce crença . . .»

* * *

«A observação positiva prova a existência dum mundo psíquico, tão real quanto o mundo conhecido pelos nossos sentidos físicos.

1.º A alma existe como sêr real, independente do corpo;

2.º Ela é dotada de faculdades ainda desconhecidas á ciência;

3.º Ela pode agir e perceber á distância sem o intermediário dos sentidos;

4.º O futuro está preparado antecipadamente, determinado pelas causas que o motivam. A alma o percebe algumas vezes.

Outras observações já se manifestaram, notadamente o que concerne ao duplo dos vivos, o corpo etéreo ou astral e as manifestações dos mortos; mas os quatro pontos precedentes me parecem afirmados e demonstrados.

Quanto ás explicações, é prudente não solicitá-las; elas não são necessárias para admitir os factos. Em geral houve enganos sôbre êste ponto de ilusões muito singulares. Por exemplo, no tempo dos possessos de Loudun, ou dos convulsionários de Saint-Médard, desconhecidos os efeitos da sugestão e do hipnotismo, declarava-se que êsses fenômenos eram fraudulentos ou diabólicos. Ora, eles não eram fraudulentos, nem diabólicos. Hoje muitos explicam, e muitas vezes ouvimos dizer: «é o hipnotismo, é a sugestão, é a subconciência». — Outro erro. Pode não ser nenhuma nem outra cousa, e, nem por isso deixam de existir. Não fechemos o círculo de nossas concepções, não estabeleçamos escolas, nem sistemas e não devemos pretender que tudo deva ser atualmente explicado para ser admitido. A ciência está longe de ter proferido sua última palavra sôbre o que quer que seja.

O que podemos pensar, de hoje em diante, é que, pondo de parte superstições, erros, ilusões, farças, mentiras, trapaças, restam factos psíquicos verdadeiros, dignos da atenção dos pesquisadores; quer dizer que entrámos na investigação dum mundo, tão velho como a humanidade, mas ainda muito novo para o método científico experimental, que sómente ha poucos anos começa assaltá-lo, e simultaneamente em todos os países.

Recordemos também que êsses factos são excepcionais. Os fenômenos psíquicos de toda ordem, cessando absolutamente de pertencer ao domínio mórbido das superstições e dos fantasmas ocultos e trazidos á luz dos métodos experimentais, não deixarão por isso de permanecer anormais e excepcionais. Jamais devemos abandonar-nos a eles, negligenciando o espírito crítico sem o qual á razão humana seriam sómente um engôdo, e sómente devem ser considerados como assuntos de estudos interessantes para o conhecimento de nós mesmos. Com efeito, é preciso reconhecer que aquilo que ainda menos conhecemos, é a nossa própria natureza. A maxima de Socrates, «Conhece-te a ti mesmo» pode sempre inspirar nossos mais nobres pensamentos.

Todo autor tem almas sob sua responsabilidade. Não se deve dizer senão o que se sabe. Pode ser que nem sempre se deva dizer tudo o que se sabe; mas mesmo na vida normal de cada dia, não se deveria dizer senão o que se sabe.

CAMILLE FLAMMARION

Estudemos, pois, trabalhemos e esperemos. O conjunto dos factos psíquicos mostra que nós vivemos em meio dum mundo invisível em cujo seio agem fôrças ainda desconhecidas, o que está de acôrdo com o que sabemos sôbre o limite de nossos sentidos terrestres e sôbre os fenômenos da natureza.

—

A Volta de Sir William Barrett

Eis o título de um importante artigo da autoria do eminente filósofo Ernesto Bozzano, originariamente publicado em LA RICERCA PSICHICA. Nós o reproduzimos de «La Revue Spirite», certos de que nossos leitores nele encontrarão a prova da sobrevivência do homem com todos os caraterísticos de sua individualidade.

(Conclusão)

E aquí me vem uma idéia ao espírito que, ainda que um pouco fóra do assunto, não posso deixar de fixar sôbre o papel : é que tendo as investigações sôbre o hipnotismo revelado a existência no homem duma «memória integral subconciente» na qual se acham indelevelmente registrados todos os acontecimentos da vida, e como o mesmo prodígio se realiza em proporções infinitas no éter cósmico onde se acham indelevelmente registrados todos os acontecimentos da creação, resulta que por lei de analogia somos levados a concluir, daí, que o substratum da memória integral subconciente deve ser constituído por uma modalidade sui generis «do éter vitalizado». E eis confirmada, dum ponto de vista inesperado, a existência no homem dum «cérebro etérico» inerente ao «cérebro somático», exatamente como existe imanente no «corpo somático» um corpo «etérico» gerador dos fenômenos de «bilocação». Ora, como tudo isto equivale a reconhecer a identidade de natureza entre o «éter do espaço» e o «éter vitalizado» imamente no «cérebro somático», resulta que o «cérebro etérico» aparece como o orgão permanente e imortal da conciência humana individualizada, precisamente como o «éter do espaço» é o orgão permanente e eterno da memória do infinito, quer dizer, da «Conciência Cósmica impessoal», isto é, DEUS.

Voltando ao assunto, eu observo que as induções, de que se tratou precedentemente, se apresentam muito melhor *fundadas*, se refletirmos que, para aderir á hipótese antropomórfica (segundo a qual, eu o repito, as analogias que existem entre as descrições da vida espiritual e o meio terrestre, demonstrariam a origem subconciente das ditas descrições), para aderir a esta hipótese, necessário seria admitir condições psicológicas absurdas, das quais uma seria a emergência, *nas mesmas mensagens* em que os defuntos fornecem admiráveis provas de identificação pessoal, de interferências subconcientes todas as vezes em que os defuntos fazem alusão a informações relativas ao meio que os acolhe. E mais ainda, seria necessário admitir que esta sorte de interferências (as quais frequentemente se realizam com médiuns estreantes e que tudo ignoram) concordam maravilhosamente entre si nos detalhes extraordinários do meio que êles descrevem, detalhes, note-se bem, que, baseados sôbre resultados de investigações hipnóticas, de todo não deveriam ser obtidos, e isto pelo facto de estarem em contradição com as tradições religiosas aceitas pelos médiuns desde sua infância, circunstância, esta, que deveria determinar a emergência de detalhes correspondentes aos que estão indelevelmente organizados em seus meios cerebrais. E' o que se vê, efetivamente, note-se bem, sempre que se trata de «pseudo médiuns,» isto é, de «sujets sonambúlico-hipnóticos. Faço observar que esta última circunstância assume o valor duma «contra-prova» importante a favor da tese sustentada.

Prossigamos. No caso, pelo contrário, os opositores, que aderem inteiramente á hipótese antropomórfica para as descrições do meio espiritual, reconhecem que as informações pessoais fornecidas pelos defuntos provam sua presença espiritual *in loco*, neste caso faço notar que seriamos forçados a concluir que os defuntos afirmam constantemente a verdade quando fornecem detalhes pessoais ignorados por todos os assistentes, para em seguida, *nas mesmas mensagens* mentirem constantemente e estupidamente descrevendo um falso ambiente espiritual. Porque? Porque então? Pergunta-se se semelhantes conclusões podem parecer logicamente e moralmente aceitáveis.

Enfim convém notar que as pretensas contradições expostas, se voltam mais que nunca contra um pequeno e audacioso grupo de contraditores que imaginam poder descartar-se delas catalogando como mistificações subconcientes as informações verídicas que constituem as provas de identificação espírita. Para eles, ao contrário, ha a circunstância agravante de se verem obrigados a resolver também os problemas inerentes ás modalidades variadas, segundo as quais são obtidas as provas em questão, que são os detalhes pessoais ignorados de todos os assistentes, e, pior ainda, de todos os vivos; bem como as provas de identidade caligráfica, (o que é, eu o repito, bem diferente da reprodução duma simples assinatura), e certos casos de «xenoglossia», conhecidos de todos os opositores, em que foram dadas mensagens, escritas ou faladas, em grego antiquado, latim, sânscrito, árabe, persa, egípcio de 3.500 anos atrás, e chinês arcaico da época de Confucius. Parece-nos inútil insistir.

Convenhamos: as formidáveis contradições enumeradas parecem insuperáveis para a hipótese antropomórfica, visto que as circunstâncias expostas demonstram, para o que a sustenta, não haver esperança de contorna-las mais ou menos habilmente, afim de frustá-las definitivamente por meio do sofisma.

Assim postas as cousas, um ensinamento deveria daí resultar, a saber: em metafísica, somos constrangidos a ser prudentes na *negativa;* consequentemente, jamais deveriamos recalcitrar contra as novas verdades que são legitimadas por uma série de provas deduzidas de acordo com o processo cintífico da análise comparada, aplicado aos fenômenos a estudar. E sobretudo, todo o investigador deveria despojar-se da absurda preocupação de querer traçar limites ás possibilidades da natureza, como se certos postulados da ciência moderna fossem definitivos e invioláveis. Ao contrário, a verdade é que os postulados científicos sempre são verdades parciais, por demais parciais, destinadas a desfazer-se inexoravelmente para serem substituidas, por outras verdades mais compreensíveis, as quais, por sua vez, tornar-se-ão insuficientes e deverão ser abandonadas. Assim foi no passado e assim será no futuro até a consumação dos séculos. O Prof. Richet afirmou-o nestes termos que recordamos. Êle escreve:

> E' uma singular ilusão a de acreditar que as teorias cientìficas de hoje não serão destruidas como o foram as de nossos predecessores. Porque teriamos nós o privilégio de formular leis intangíveis, quando pelo contrário os postulados da ciência sempre consistiram numa série de erros e de aproximações? As aproximações evoluem constantemente e portanto constantemente são anuladas e substituídas. Isto se produz tanto mais depressa quanto mais rápido fôr o progresso ciêntifico. Não temos a coragem de afirmar que no ano 3.000 não permanecerá de pé nem mesmo uma minùscula parte de nossas teorias que julgamos inabaláveis. Pois bem: A despeito do nosso orgulho, sabemos que o solapamento total de nossos andaimes científico-modernos, tão laboriosamente edificados, não é uma probabilidade, mas uma certeza absoluta.
>
> E que não se poderia dizer se ousassemos falar duma época ainda mais remota, de 5.000 anos, de 10.000 anos, de 40.000 anos, de 100.000 anos? Não será absolutamente provável que a espécie humana tenha desaparecido decorridos mais 100.000 anos, que será feito então da inteligência humana? Quais não serão seus prodigiosos recursos? Não podemos fazer uma idéia, mesmo aproximativa. E contudo êsse tempo virá. Ainda haverá homens. Existirá uma Ciência! E nossa ciência atual parecerá tão inferior á ciência de então, como inferiores são os conheci-

mentos dum chipanzé comparados aos dum sábio enciclopedista moderno.» (Anales des Sciences Psychiques, 1905, pag. 14-21.)

Assim se exprime o professor Richet, e os críticos serviçais (oficiosos) que se prevalecem de certas leis da natureza proclamadas invioláveis para indicar os limites do possível, deveriam bem meditar estas palavras do grande fisiologista.

* * *

Resumamos: Na primeira parte dêste trabalho, apresentei um caso de identificação espírita invulnerável ante todas as objeções legítimas e sofísticas, caso que vem avolumar os milhares e milhares de outros casos análogos registrados em minhas classificações.

Na segunda parte, não tive certamente a intenção de proclamar resolvido o árduo e complicado problema das «revelações transcendentais», as quais em verdade, ultrapassam frequentemente (e lógico é que assim seja) nossa perspicácia intelectual de «espíritos incarnados.» Empreendi sómente tornar notável um documento interessante e prodigioso que nos foi revelado por mensagens de defuntos, fazendo observar a êste propósito que, sem embargo sua aparência maravilhosa, já é possível torna-lo menos inverossímel comparando-o aos casos análogos sobrevindos a «videntes incarnados.» O que já é muito.

Um espírito retorna para revelar um Testamento oculto

Reparação de uma injustiça.

«Psychic News»

Por H. SWAFER

James L. Chaffin, um fazendeiro de Carolina do Norte, apareceu, quatro anos após sua morte, a seu segundo filho e revelou a existência de um testamento, inteiramente escrito de próprio punho e não testemunhado, que êle ocultara na Bíblia pertencente á familia.

Ninguém, exceto o defunto, sabia da existência dêsse documento.

O caso foi levado ao tribunal. O testamento foi julgado legítimo.

A telepatia fóra de discussão

Em Carolina do Norte, um testamento escrito pelo próprio punho do testador é válido, mesmo não sendo testemunhado. Não existindo testemunhas, sua existência era unicamente conhecida do testador, (morto).

Em Novembro de 1905, James Chaffin redigiu um testamento, devidamente firmado por duas testemunhas, deixando a sua fazenda ao terceiro filho, Marshall, ao qual designou como único executor. A viúva e outros três filhos não foram contemplados.

Treze anos depois, isto em Janeiro de 1919, êle redigiu outro testamento concebido nestes termos:

«Após a leitura do cap. 27 de Genesis, Eu, James L. Chaffin, declaro minhas últimas disposições testamentárias, que são:

Eu quero que, após um sepultamento decente de meu corpo, minha pequena propriedade seja dividida igualmente entre meus quatro filhos, se ainda estiverem vivos por ocasião de minha morte; caso não viva um de meus filhos, a parte correspondente será distribuida aos orfãos. Se a mãe dos beneficiários estiver viva, todos são obrigados a sustentá-la e a dispensar-lhe todos os cuidados. Esta é a minha última vontade e testamento. Por testemunhas, minha mão e o sinete. Neste 16 de Janeiro de 1919. James L. Chaffin».

Redigido o testamento, êle o encerrou entre duas páginas de uma velha Bíblia, dobrando-as em forma de carteira. As páginas assim dobradas eram as do cap. 27 de Genesis, que relata como o filho mais novo, Jacó, suplantou o mais velho, Esaú, obtendo o seu direito de primogenitura e a benção paterna.

Em seguida, sem revelar o que fizera, o fazendeiro ocultou no bolso interno de seu sobretudo um maço de papeis num dos quais havia escrito as palavras — «Leia o cap. 27 de Genesis, na velha Bíblia de meu pai».

James Chaffin morreu em 1921, em consequência de uma queda e seu terceiro filho, Marschall, foi declarado executor e único beneficiário (primeiro testamento) três semanas depois. A mulher e os demais filhos não contestaram o testamento.

Pois bem, quatro anos mais tarde, James Chaffin, o falecido agricultor, voltou ao segundo filho, James Pinkey Chaffin, num sonho e lhe revelou a existência dum segundo testamento. Aparentemente êle quís falar do segundo testamento em seu leito de morte, mas não o conseguiu.

James Pinkney Chaffin jurou que nunca ouvira falar de um segundo testamento até 1925, quando começou a ter sonhos mui vívidos com seu pai que aparecia ao lado de sua cama. A princípio êle não fez comunicação verbal, porém, algum tempo depois, apareceu-lhe vestido «como muitas vezes eu o havia visto vestido em vida, envergando um sobretudo preto, que reconheci ser o seu próprio».

E continua o depoimento de James Pinkney Chaffin perante testemunhas e o procurador da Sociedade para Investigação Psíquica Americana:

«Dessa última vez o espírito de meu pai falou-me, êle despiu o sobretudo e disse: «você encontrará o meu último testamento no bolso interno do meu sobretudo» e então desapareceu.

Despertei na manhã seguinte, inteiramente convencido de que o espírito de meu pai me visitara com o propósito de reparar alguma injustiça.

Fui a casa de mamãe, e procurei o sobretudo, mas o mesmo estava em poder de meu irmão João, que morava cerca de 30 k. distante de minha cidade.»

Confirmação

«Dirigi-me a casa de meu irmão e achei o sobretudo. Ao examinar o bolso interno, verifiquei que o mesmo fôra fechado por uma costura. Cortei imediatamente os pontos, e encontrei um pequeno maço de papeis, tudo ligado por fino barbante. Um papel continha as seguintes palavras grafadas pela mão de meu pai: «Leia o cap. 27 de genesis na velha Bíblia de meu pai».

Chegado a êste ponto, eu estava convencido de que o mistério estava prestes a ser aclarado. Não querendo examinar, sem a presença de testemunhas, a Bíblia que se achava em casa de mamãe, fiz-me acompanhar pelo meu vizinho Mr. Thomas Blackwelder, a filha dêste e por minha própria filha.

Em casa de mamãe, consumimos considerável tempo antes de encontrar a velha Bíblia. Finalmente foi encontrada na gaveta superior duma escrivaninha situada num cômodo do andar superior. O livro estava tão arruinado que, ao retirá-lo, caíu ao solo em três pedaços.

Mr. Blackwelder apanhou a porção que continha o Livro de Genesis, e alí encontrámos duas páginas dobradas formando uma algibeira, e nesta. Mr. Backwelder achou o testamento que foi julgado legítimo.

Durante o mês de Dezembro de 1925, meu pai apareceu-me novamente, antes de ser proferido o veridictum na questão de Chaffin versus Chaffin, e disse: "onde está o meu velho testamento?» e revelou considerável calma. Disto deduzi que a questão judicial me seria favorável, o que efetivamente aconteceu. Dia seguinte relatei esta visita ao meu advogado.

Muitos amigos meus não acreditam na possibilidade de comunicação entre vivos e mortos, mas eu estou convencido que meu pai realmente me apareceu nessas diversas ocasiões, e crê-lo-ei até o dia de minha mórte.»

A história do encontro do segundo testamento foi garantida, numa declaração sob juramento, por Thomas H. Blockwelder.

Bem, o segundo testamento, encontrado por indicação de um espírito, foi considerado probante. O filho Marshall, único contemplado no primeiro testamento, falecera um ano após a morte do pai e assim, o filho deste último, R. M. Chaffin, foi demandado no caso do segundo testamento.

Levado o caso á audiência em Dezembro de 1925, foi ajuramentado um conselho na mesma manhã, e em seguida o conselho foi adiado para depois da refeição. Reencetados os trabalhos, um dos advogados anunciou que durante o intervalo, fôra apresentado um acordo amigável entre os litigantes e que o novo testamento seria por todos aceito sem oposição.

No início da questão, a viúva de Marshall e seu filho estavam preparados para contestar o segundo testamento. Quando êste lhes foi mostrado, durante o intervalo, juntamente com as declarações das dez testemunhas, que sob juramento declaravam que o testamento fôra redigido pelo punho do testador e em sua própria letra de mão, a viúva e seu filho imediatamente retiraram o protesto.

O caso Chaffin foi testemunhado por não-espiritistas, que não procuravam apoiar qualquer doutrina ou idéia pressuposta, inclusive por um advogado que desapaixonadamente examinou todas as provas — e finalmente pelo julgamento da Côrte Superior.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Em um dos nossos livros já publicados, tivemos oportunidade de descrever e comentar um caso de transmissão psìquica, em um encarnado, da doença que havia vitimado o obsessor em vida material, já, então, desencarnado, mas inconciente de suas novas condições...

Para corroborar os conceitos expendidos naquela época e para reforçar as nossas conclusões, obtidas com o estudo do paciente e da marcha de sua doença apresentamos, hoje, mais um caso com a mesma transmissão psíquica, inconciente, além da perturbação concomitante de uma entidade conciente e vingativa.

Fomos procurado em 4/8/39, por uma família do Sul de Minas, vinda a esta cidade em busca de um socorro para um dos seus membros, um rapaz solteiro, com 23 anos de idade; família numerosa, gente afeita aos trabalhos rudes do campo e sem que doenças graves jamais tivessem perturbado o ritmo de sua tranquilidade.

Por um ligeiro relato, feito pelo próprio pai e um irmão do paciente, sua peregrinação por consultòrios médicos foi longa e seus gastos, maiores, ainda.

Casos, assim, são constantes e é bem difícil encontrar-se um médico que, entre eles, recuse o tratamento, concienciosamente. Ao contrário — 98 °/o dos médicos procurados tem a sua terapêutica especializada para tais tratamentos, garantindo uma cura absoluta...

A princípio, um exame clínico perfeito, teminando por dar os medicamenos comuns aconselhados em tais emergências...

O doente não melhora; mas o médico sábio, não querendo perder os proventos do cliente, recorre ás obras e aos tratados de 800 e 1.000 páginas, que só tratam dos casos especiais, como o dêste paciente que só apresentava nauseas e mutismo...

Novas tentativas e novos fracassos. Continuam as nauseas e o esforço para vomitar. O paciente torna-se magro, abatido e o seu desequilíbrio orgânico se patenteia cada vez mais. Mutismo persistente — nem palavra siquer para orientar no diagnóstico e terapêutica...

Recorrem-se aos laboratórios para o exame dos alimentos deteriorados pela má função orgânica. São análises e pesquisas dispendiosas e que terminam, quasi sempre, por um resultado nulo.

Foram negativas e os sintomas persistem?

Recorramos, então, aos Raios X, a procura de alguma úlcera ou cancro do estomago ou alguma estenose do piloro !...

Nada ! As chapas radiográficas nada apresentam de anormal ...

Qual o motivo dessa intolerância gástrica ? Seria um tombo, uma pancado que atingisse o centro bulbar determinando-lhe uma sensibilidade reflexa ?

Não existem sintômas meningiticos; nada de tumores cerebrais ou cerebelares; não há tabes ou hemicrânias...

Que cousa exquesita!...

Todos exames negativos, nenhum sinál clínico caraterístico ; pesquisas e análises nada revelando de anormal ; nenhuma lesão orgânica ou patológica !

Noites insones, procuras estafantes pelos compêndios e pelos tratados, juntas médicas, opiniões diversas, experimentações e terapêuticas mais disparatadas possíveis, transformando o pobre doente em campo de experimentações, em verdadeira cobaia ... e ainda será muito feliz se, da junta médica não fizer parte algum cirurgião fazendo prevalecer a sua proposta para uma laparatomia exploradora, a procura de algum apêndice, em falta de outra comprovação ...

Daí, o peregrinar pelos consultórios e pelas casas de saúde, enquanto as parcas economias acumuladas com o labôr de muitos anos, vão desaparecendo como que por encanto ...

Pobre ciência oficial e pobres criaturas que confiam, por demais, nas suas possibilidades !

São doentes que desesperam dos recursos terrenos e recorrem, então, aos recursos espirituais, onde quasi sempre encontram lenitivo para os seus males, por vezes sem nenhuma dificuldade e sem nenhum dispêndio material, mesmo porque os recursos já foram malbaratados e distribuidos pelos laboratórios, consultórios, farmácias e Gabinetes de Raios X...

E essa avalanche de infelizes aumenta cada vez mais, provocando a reação dos médicos interesseiros que sentem o decrescimento vertiginoso de suas rendas, disso resultando as vociferações contra o Espiritismo e os seus adeptos...

O Espiritismo pode ser culpado pelo esvasiamento dos consultórios médicos ?

Não.

Os únicos culpados são os próprios médicos que, arrimados na sua ciência e nos seus conhecimentos materiais, desprezam os conhecimentos espirituais, e a êles se mostram indiferentes...

Despojem-se do orgulho, da vaidade e do convencimento de sábios, procurem e investiguem as ações espirituais e a sua sabedoria e a sua terapêutica serão enriquecidas com todos elementos de valôr, e seus consultórios voltarão a ser a fonte onde os infelizes e os desgraçados encontrarão a água precisa para refrescar suas dôres e seus tormentos...

Fora dêste caminho, sua decadência se processará a passos rápidos, até que sejam obrigados a mudar de profissão...

—

O paciente é médium sensitivo e como tal, sujeito a toda sorte de irradiações compatíveis com a potência de captação do seu sexto sentido.

Uma entidade inteligente que o seguia ha muito tempo, estava a espera da oportunidade necessária para agir sôbre êle, procurando vingar-se de factos passados.

Não o conseguindo por si só, visto o paciente não apresentar uma porta aberta pela qual pudesse insuflar os seus fluídos impuros, que fez ?

Procurou, no espaço, uma sombra recem-desencarnada, ainda inconciênte do seu estado, afim de fazer com que dêle se aproximando, desiquilibrasse as suas funções orgânicas, permitindo-lhe a oportunidade desejada.

Naturalmente experimentou inúmeros espíritos, fazendo um trabalho insano, até que encontrasse um cujos fluídos se identificassem com os do paciente.

Encontrou, após laboriosas pesquisas, um espírito cuja sensibilidade se coadunava com a do paciente ; ainda no estado material, foi uma jovem que sofria horrivelmente de uma úlcera de estomago e um princípio de estenose pilórica. Tudo quanto bebia e ingeria, causava-lhe dôres atrozes ; a mucosa gástrica, infiltrada pela lesão, mais sensível a todo contacto extranho, se contraía reflexamente, produzindo vômitos e ânsias contínuas e intoleráveis.

Apesar-de jamais nos preocuparmos com os nomes, datas e localidades, fornecidas mórmente por entidades ainda em pleno estado de transição, anotámos o dessa, que deu o nome de Mariana, com 28 anos de idade. Contou o longo sofrimento por que passou com perturbações de estomago, que, a princípio fugazes e raras, foram aumentando, sensivelmente, a ponto de não poder se alimentar ; falou sôbre a sua peregrinação pelos consultórios médicos, citando as cidades de Olímpia, Ribeirão Preto, Barretos, e terminando por se internar, em estado de fraqueza extrema, na Santa Casa de Campinas, afim de se submeter a uma operação.

Naturalmente alí desencarnou e o seu espírito, ainda inconciente, foi levado para junto do nosso enfêrmo, chave para abrir as portas do seu organismo!

Teve êxito, pois que a identificação fluídica entre o encarnado e o desencarnado foi perfeita. Bastou aproximar-se do paciente para que seu espírito captasse todos os sintomas que a entidade sofrera em vida material.

Começou por ficar triste, pensativo, arredio, aos poucos recusando a se alimentar, temeroso de alguma cousa que não sabia, até que, com o correr do tempo, sobreveiu o definhamento orgânico.

Enfraquecida a vítima, tendo, portanto, uma porta aberta para agir, o inimigo espiritual que a seguia, entrou com o poder dos seus fluídos, impedindo-o de falar.

A família, sobressaltada, veiu a Uberaba, onde procurou vários médicos, não obtendo resultados, como não obtivera na localidade onde reside.

Desta cidade, foi a Ribeirão Preto e dalí a Campinas, sujeitando-se o paciente a todos os exames e tratamentos, sem nenhum resultado satisfatório.

Voltou a Uberaba, procurando consultar novos médicos e um dêsses, pensando em perturbação mental, aconselhou a família do paciente a levá-lo para um hospital em Belo-Horizonte, fazendo com que não ficasse em Uberaba, desprezando assim, os recursos que aquí encontraria.

Cousas da profissão...

Já em meio do caminho para a capital mineira, pessoas conhecidas da família do paciente, fizeram com que voltasse e aquí internasse o rapaz.

—

Foi examinado no mesmo dia.

Num estado de fraqueza extrema, nada respondia ao que lhe perguntavam. Completamente silencioso. Ha dias que não se alimentava, e passava noites seguidas, insones, em agitação contínua...

Era o terceiro caso que se nos apresentava naqueles últimos tempos, e não nos foi difícil o diagnóstico: — OBSESSÃO.

Nenhum medicamento. Nenhum socorro material.

No dia seguinte mesmo, organizámos o nosso trabalho científico, rodeado por pessôas escolhidas, médiuns de valor.

Veiu a incorporação lenta, difícil, e enquanto esperavamos as primeiras palavras do espírito manifestante, a médium que havia recebido a incorporação começou a revelar ânsias de vômitos, secos, seguidos, impossibilitando-a de falar. A muito custo, obtivemos os dados atrás referidos e conseguimos demonstrar áquela entidade as suas condições de espírito, já desencarnada e entre lágrimas, soluços e desesperos, desincorporou-se e naturalmente, foi afastada por entidades outras que colaboravam conôsco, naquele trabalho de investigação.

Para duas cousas chamamos a atenção dos estudiosos.

A primeira — é o facto de u'a médium incorporada, manifestar os mesmos sintômas de vomitos incoercíveis do paciente, sem que ela o conhecesse e sem que tivesse conhecimento do seu internamento que se havia dado um dia antes.

Ignorava, também, por completo, a finalidade dos nossos trabalhos. São pequeninas provas de um valôr incalculável em sessões de experimentações.

Si ela tivesse visto o paciente antes e si tivesse notado os sintômas da sua moléstia, não teriamos dado valôr áquela demonstração. Não o tendo visto, porém, nada conhecendo a seu respeito, tinhamos naquele instante, uma prova de valor indiscutível das belezas e da verdade das manifestações espíritas!

A segunda cousa para a qual chamamos a atenção dos que nos lêem, é o resultado obtido, no *dia seguinte*, com o paciente. Alimentou-se ótimamente, sem a mínima dificuldade, demonstrando, daí, por diante, um apetite normal, refazendo, em poucos dias, o seu equilíbrio orgânico.

No dia seguinte ao trabalho processado, seu próprio pai admirou-se do resultado obtido, pois havia levado algumas frutas para o seu filho e, na nossa presença, comeu várias, com apetite voraz, a-pesar dos nossos conselhos e rogativas.

Permitimos isso, com satisfação, para que melhor fosse constatado o efeito do afastamento da entidade que psiquicamente não lhe permitia sequer, tomar um caldo...

Isso nem sempre acontece.

Essa transformação foi, assim, tão rápida, porque a entidade não tivera o tempo preciso para intoxicar demasiadamente o psiquismo do doente. Quando, porém, já por muito tempo o paciente está sob a ação fluídica de espíritos, mesmo afastadas as entidades, o doente permanece sob o efeito de fluidos que o intoxicam, levando, por vezes, dias e mesmo meses, para se refazer, requerendo a sua cura um trabalho insano de psicoterapia.

A alegria pela vitória, todavia, foi rápida, porquanto o doente, a-pesar-de dormir e de alimentar-se muito bem, continuava mudo, respondendo as nossas perguntas, apenas com sorrisos, sinais e por escrito. Dizia que não podia falar pois tinha qualquer cousa na garganta.

Deixámos várias pessoas encarregadas de provocá-lo o dia todo, procurando não lhe dar folgas.

Aplicámos-lhe correntes farádicas, choques fortes para impressioná-lo tentando um tratamento de sugestão... sem nada conseguir durante 10 dias, apesar-dos esforços e das tentativas contínuas...

Estaria, ainda, algum espírito agindo sôbre êle?

Não tinhamos tido vários casos assim?

Consultámos uma entidade amiga e a resposta confirmou as nossas desconfianças.

Organizando novo trabalho, após 12 dias de internamento, incorporou-se um espírito e a sua primeira manifestação de presença foi uma boa gargalhada!

Após a qual, calou-se.

Falámos muito, proferimos palavras de carinho, de conselho. Demonstrámos nervosismo e não conseguimos arrancar-lhe uma palavra siquér — Lançámos mão de energia cortês, procurando ferir sua suscetibilidade e seu amor próprio.

Não nos ligou a mínima importância, mas falou, demonstrando irritação, ódio, todos as caraterísticas, de um espírito revoltado: —

> «Sim, eu fui um revoltado. Hei-de fazer com que êle fique assim, eternamente.
>
> Na outra existência, fui mudo. Odeio e hei de odiar não sómente a êle, como tambem, a todos os que o rodeiam.
>
> Julga que será fácil fazer com que êle fale?
>
> Hei-de me rir muito do senhor. Êle não falará. Desprezei, detestei, odiei. Preferia comer o pão que os outros párias me traziam do que comer o pão que os filantropos encasacados me davam!
>
> Sociedade! Sociedade!
>
> Associações, cavalheiros, comendadores, ministros, brasões!...
>
> Qual a diferença?
>
> Apenas porque pululam nos centros das metrópoles, enquanto que, nós, os párias, nos chafurdamos nos subúrbios; uns, trazem casacas e cartolas, e outros, uma veste esfarrapada!
>
> Quero vêr, observar e sentir.
>
> Cristo?
>
> Não crêio em Cristo. Si êle xiste, não reconheço sublimidade nenhuma em seus exemplos; só vejo antros, sómente sinto as torpezas, os ódios e as maldades, que campeiam, destruindo e sufocando...

—

Com uma nova e boa gargalhada, desincorpora-se, pois recusava dizer mais alguma cousa.

Todavia, estavamos satisfeitos pelo resultado obtido, pois que essa manifestação vinha comprovar que o paciente não falava devido a uma influência invisível e inteligente e não por causas orgânicas e patológicas.

Era meio caminho andado.

Entre os assuntos referidos na doutrinação dessa entidade, falámos sôbre as desigualdades existentes na terra, diferenças de vidas e situações provocadas pelas próprias criaturas; sôbre as leis imutáveis de Deus e sôbre Cristo, que veiu, como enviado, dar aos homens, os exemplos de bondade e de humildade, e lhe relembramos o poder dêsse espírito superior e missionário, que enxugou muitas lágrimas e curou muitos enfêrmos...

Dissemos-lhe que trabalhavamos sob a égide do Cristo, e que pensasse bem em nossas palavras afim de que, na outra manifestação, tivessemos o prazer de ouví-lo com outros sentimentos — os sentimentos do amor e do perdão.

—

O tempo passou. O paciente nada dizia, a-pesar-das tentativas feitas e dos recursos sugestivos de que lançámos mãos. Ficámos conhecedores, através daquela manifestação, que o obsessor era inteligente e alimentava ódio e desejos de vingança por factos passados.

Qual a tragédia desenrolada entre ambos ?

Quais seriam os motivos assim tão poderosos que fizeram essa entidade alimentar ânseios de vingança, durante tantos anos ?

Várias tentativas feitas em novos trabalhos, foram infrutíferas. Persistimos, todavia, e em 29/8/39, isto é, 24 dias depois da primeira manifestação, nos defrontámos novamente com a referida entidade.

Incorporação dificultosa, a-pesar-da boa concentração e do número reduzido de médiuns e assistentes.

Demonstrou grande revolta, cobrindo-nos, mesmo, de impropérios, clamou contra o absurdo de ser obrigado a se incorporar, porquanto eram quatro a cinco entidades que o forçavam a isso, lançando mão, assim, de um processo que reputava bárbaro. Estavamos, todavia, enganados.

Ha muito que notava a derrota de várias entidades, quando falavam conôsco; parecia-lhe, mesmo, que eramos feiticeiro, pois todas as entidades que vinham, por êsse método de incorporação, voltavam com outros propósitos, sentindo-se fracas e mesmo temerosas de continuar mantendo os mesmos princípios e as mesmas idéias.

Com êle, dar-se-ia o contrário, pois desejava manter-se no seu ponto de vista, e o rapaz não falaria. Tinha que se conservar mudo, para não caír na esparrela de dizer o que havia dito na outra existência e se as outras entidades que vinham trocar idéias, voltavam vencidas, caíndo nas armadilhas que lhes preparavamos, êle saberia vencer-nos pelo silêncio e, assim sendo, daquele momento em diante, não lhe arrancariamos mais uma palavra.

De facto, conservou-se em um mutismo desesperador.

Falámos-lhe sôbre a sua família, procurando tocar o seus pontos sensíveis; relembrámos-lhe a sua pátria, o seus dias de vida, a sua luta no trabalho honrado; procurámos despertar-lhe doces recordações, dias felizes que porventura ainda calassem no seu perispírito.

Divagámos sôbre as torturas da Humanidade, ainda neste planeta de provas; sôbre reencarnação e as consequências futuras dos seus átos, recebendo os choques de retorno; sôbre a felicidade e tranquilidade advindas da prática dos atos bons e o desassossêgo, as angústias e os tormentos que sofriam os que se mantinham no seu estado, cuja percepção não ia além do prazer momentâneo, rápido, e fugaz obtido pela sua vingança e pela maldade . . .

Nada!

Permanecia num mutismo absoluto, respondendo, com sorrisos de zombarias, ás nossas perguntas e considerações!

O tempo urgia. Não seria possível que continuasse aquela situação. Bem sabiamos que as nossas palavras não o deixavam insensível, como pretendia demonstrar.

Mesmo que assim fosse, elas calavam profundamente nas demais sombras sofredoras presentes aos trabalhos.

Afinal, naturalmente, por intuição, nos lembrámos do ponto fraco que nos proporcionara no começo, ao dizer que o paciente jamais cairia na esparréla de dizer tolices . . .

Dissemos-lhe, então, que, quem estava, voluntariamente, caíndo na esparréla, era êle e não o doente e soltámos uma boa risada para despertar a sua curiosidade.

Obtido êste efeito e notando que desejava explicações, silenciámos por nossa vez. Não resistiu mais e perguntou-nos: —

Porque ?

Simplesmente porque, respondemos-lhe, si a sua intenção era fazer com que o paciente sofresse e passasse por torturas, persistindo na pretenção de obrigá-lo a que não fale, ao contrário do que desejava, estava fazendo ao seu inimigo um benefício muito grande.

Mudo, sem poder externar seus pensamentos, seus sentimentos, traduzindo-os em palavras, estava livre de falar tolices ou expender considerações indevidas...

O mudo está livre de muitas torturas morais e mesmo físicas, porque, não pode falar dos outros, levantar falsos testemunhos, fazer intrigas, falar da vida alhêia, enfim, vive retirado dos outros, isolado, quieto, evitando muitas consequências desastrosas...

Ao contrário, aquele que fala muito, está sempre sujeito até a desforços físicos, sofrendo as consequências de sua língua viperina . . .

Deu uma boa gargalhada, dizendo: — «Não é mesmo que estou perdendo o meu tempo? Sim, senhor! Como é que eu não havia pensado nisto? Pois olha, eu vou pensar no caso. Parece que o senhor tem razão. Não disse que, todo aquele que vem aquí, volta derrotado?»

E, com outra nova e boa gargalhada, desincorporou-se, dizendo que ia refletir sôbre o caso, pois de facto, parecia estar fazendo uma tolice...

—

O resultado assim obtido, nos trouxe farta mésse de alegria e satisfação — confirmava, mais uma vez, a causa do mutismo do nosso paciente, demonstrando que êle ainda continuava sob a ação de entidades inteligentes, porém, más e vingativas; novo alento para as nossas esperanças em vê-lo muito em breve restabelecido e vinha, também, confirmar e reforçar os ensinamentos que vimos obtendo neste campo infinito, tão vasto, tão inexplorado, mas tão cheio de refúgios onde os sofredores encontram lenitivo para seus males e suas dôres e onde os missionários da ciência teem, á sua disposição, recursos infinitos e poderosos...

Qual a resolução que seria tomada por êsse espírito?

Desistiria da sua ação nefanda ou continuaria em seus propósitos de vingança, insensível aos nossos conselhos?

O certo é que o doente permanecia mudo, resistindo a todos os esforços e a todos os meios empregados para obrigá-lo a falar...

Acostumados, todavia, a saber esperar, continuámos alimentando a certeza que tinhamos de chegar á hora final em que sentiriamos o prazer de vê-lo com a palavra desembaraçada...

Em 16/9/39, seu velho pai, não resistindo a separação do filho, voltou á cidade, trazendo em sua companhia, um genro e um irmão do paciente.

Incontinente, encaminhámos para o Sanatório, na doce esperança de que, á vista dessas pessôas da familia, êle despertasse do seu mutísmo.

Tudo em vão.

Nem uma palavra sequer.

A' noite, sentiamo-nos cansado e bastante aborrecido com o insucesso do dia. Mesmo, assim, encaminhamo-nos para a sessão, pois era dia marcado para o nosso trabalho costumeiro; nosso ânimo não era o mesmo de sempre — e razões ponderáveis existiam para que alí comparecessemos mais como uma obrigação, do que propriamente com o espírito prevenido e esperançoso de resultados para os nossos doentes e para nós mesmos.

Trabalhos, aborrecimentos, máguas, são fatores que de quando em vez, tolhem a nossa ação e o nosso desejo de bem servir um doente ou mesmo a humanidade inteira... Todavia, como organizador dos trabalhos, tinhamos necessidade de dar o exemplo de dedicação e de regularidade e, embora arrastado, sem esperanças de bons resultados e com a intenção de que tudo terminasse de pressa, nos encaminhámos para o posto de observação...

Os trabalhos corriam, normalmente, quando se incorpora um espírito e, com verdadeiro desinterêsse da nossa parte, nos esforçámos por doutriná-lo.

A' proporção, porém, que falava, também era despertada a nossa curiosidade e o nosso interêsse, porquanto ligámos logo essa manifestação ao caso do paciente: —

«Prenderam-me, assim, porque razão?

Eu acho que não fiz nada de mais; estava executando um trabalho de que me encarregaram; se estava procendo mal, que me desculpem; o patrão disse que êle não podia comer e nem falar...

Meu nome? Minha família?

Eu me chamo Vicente de Toledo. Não, não conheci pai e pouca cousa me lembro a respeito da minha mãe.

Trabalhei muito tempo como jangadeiro, preparando madeira para a sua confecção. Era mestre em Caiapó. A profissão rendia muito pouco. Um dia, êsse senhor com quem trabalho, me ofereceu lugar para viajar com êle.

Contratava serviços com as famílias dos doentes e eu ficava vigiando êles. Êle foi embora e eu fiquei tomando conta dêste rapaz; está muito doente e não pode falar e nem comer.

Se acredito, em Deus?

Como não?

Deus e N. Senhora da Bonança — quem vive em água, recorre sempre a ela, para evitar desastres e que seja arrastado pelas correntezas...

Estou cansado dêsse serviço e não quero viajar mais.

Há cinco dias que estou nesta casa.

—

Alma simples, temerosa, facilmente doutrinada, reconheceu o seu estado de espírito. Nada mais, porém, poude falar, visto a perturbação que o assaltou.

Mais um espírito ignorante do seu estado, servindo de auxiliar indireto para perturbar um encarnado, factos comuns, confirmando, assim, observações já descritas.

Meia hora depois, reunidos na sala de visitas do Sanatório, comentavamos os sucessos ultimamente obtidos com as sessões experimentais, quando fomos despertos pelo grito de vitória de um dos enfermeiros — *o doente, falando perfeitamente bem, pedia ordem para ir ao circo que há dias dava espetáculos na cidade!*

Naturalmente que a ordem foi dada, e nem podia ser de outra maneira, pois a alegria que se apossara de todos nós fôra imensa e era, por si só, capaz de fazer cousas mesmo absurdas...

Falou durante quasi todo o espetáculo e no dia seguinte, ainda comentou muito o que vira e ouvira no circo.

As primeiras impressões e demonstrações de alegria, não permitiram que tivessemos a paciência precisa para esperar o resultado nos dias consequentes, pois, na mesma hora fomos pessoalmente, ao hotel, avisar seu velho pai — transmitindo-lhe a boa nova.

Pisámos, todavia, um terreno de surpresas.

Com o correr dos dias, o paciente, em vez de melhorar cada vez mais, ao contrário, foi emudecendo sensivelmente, até que viesse o mutismo completo, como nos primeiros dias...

Redobrámos os nossos esforços, procurando fazer com que passeasse bastante, proporcionando-lhe toda oportunidade para se distrair — no intuito de expo-lo á toda espécie de choque moral que lhe permitisse recuperar a fala...

Nada conseguimos e mil conjeturas fizemos, no afan de encontrar uma explicação para essa derrota aparente, derrota que nos expunha aos sorrisos do obsessor, conforme havia predito!

Os dias correram e nem mais uma palavra foi pronunciada pelo paciente. Desesperar? Não, pois tinhamos a certeza da firmeza do terreno palmilhado e êsse mutismo enervante, só servia para alimentar o nosso desejo de investigação e de estudo.

Sómente dois meses depois, conseguimos nos defrontar, novamente com o causador dessas alternativas de alegria e e de tristeza...

—

«Aquí, sinto-me tão mal, que não tenho nenhuma dúvida em comparar êste lugar ao inferno...

Não sei se, por fatalidade, infelicidade ou desgraça—o certo é que estou preso a êste indivíduo, criatura repelente e que me causa nojo!

Aquela noite, eu estava bastante revoltado; o ódio me dominava—existe ainda, hoje, como chaga viva a corroer e a despertar, em mim, a lembrança do passado, espetro que me impede de esquecer...

Farei por crêr em um Deus, se *Ele* fizer com que esqueça, pois o esquecimento me trará a paz ou o indiferentismo!

Fiz mal e o fiz impulsionado pela revolta.

Tive uma fase feliz aos meus 22 anos—fase a que não soube dar valor, pois, quasi uma criança, ainda não possuia o discernimento e o raciocínio preciso para vencer a estrada da vida, estrada ladeada das barreiras frágeis dos sonhos e das ilusões, além das quais existem os precipícios da realidade e da covardia das criaturas...

Tive, nesta quadra, uma convivência amiga, a companhia de uma irmã, por afinidade.

Ela era tão devota!

Oh! tradições das virgens portuguesas!

Abusaram da sua inocência e fiz pagar com sangue, esta perversidade. Sim, matei, e matei um inocente, porque nunca poderia julgar ter sido êste canalha!

Êle era o autor. Sabia que desconfiava de um outro e sabia que estava a procura dêsse inocente para lavar a honra de minha irmã.

Calou-se, como covarde, deixando que se praticasse um crime injusto, sacrificando um inocente. Fugi, embrenhando-me pelas selvas e pelo mundo e esta peregrinação só serviu para que detestasse, mais ainda, o mundo e as criaturas!

Recordações semelhantes, constituem mais um motivo de tristeza do que de felicidade.

Reconheço que estou errado e seguirei o meu caminho, indiferente ao que possa vir — vou deixá-lo entregue ao seu próprio determinismo, fazendo votos para que se chafurde bastante na própria lama de suas ignomínias passadas e futuras...

Dizem-me que Ana Rosa ressurgiu dos mortos e está, agora, com 18 anos!

Sim, sim, vou com vocês. Vou vêr se a reconheço e se encontro, junto dela, um pouco da felicidade perdida...

—

Casos, assim, em todos os tempos, embaraçaram as pesquisas dos estudiosos, constituindo mesmo, uma lacuna para os conhecimentos médicos, lacuna até agora não preenchida pelas diversas teorias e explicações tentadas para explicá-los.

E' o *mutismo histérico* — tão bem estudado por Piérre Janet e Charcot — Inegável que êle existe, mas a sua proporção assim definida, não passa de 5%, talvez, cabendo o restante ás atuações psíquicas.

Mais um campo vastíssimo para estudo, cuja explicação aí está, com a sua causa originária e respectiva marcha.

A medicina oficial teria êxito neste caso?

Duvidamos muito, não sò porque o obsessor era terrìvel, como, também, porque rapidamente o organismo do enfêrmo se definharia, maltratado ainda, pela intoxicação da variedade imensa de medicamentos de que, naturalmente, lançariam mãos.

Seria mais uma vítima da incompreensão, do orgulho e da má vontade da própria ciência.

Felizmente, desde o princìpio jamais tivemos a dúvida e a incerteza a ensombrar o nosso espírito.

Pisavamos um terreno firme e não vacilámos no diagnóstico, na terapêutica e muito menos no prognòstico, mormente para esse último, que iria demonstrar ao snr. cura do lugarejo onde reside, que o Espiritismo, mais uma vez, tem o poder que o Cristo conferiu aos seus verdadeiros missionários os médiuns — o poder de curar e o poder de afastar os *demônios*... não, porém, os demônios da sua imaginação, mas sim êsses pobres espìritos que vivem errantes, sem o corpo material, ainda ligados ao presídio terreno... proporcionando-lhes o conhecimento, a Verdade e a Luz precisa para se guiarem por entre as trevas que seitas interesseiras, propositalmente, lançaram nas suas imaginações...

Caminhemos para a luz

O destino natural da humanidade é ascender sempre para um estádio superior. Contrariar essa marcha ascencional é crear embaraços ao progresso, induzindo o espírito a estacionar. Cabe ao Espiritismo a sublime missão de orientar os homens, traçando-lhes o roteiro de uma vida proveitosa á sua evolução, ensinando-os a caminharem sempre para a frente. A vida humana é uma coisa preciosa, tomada pelo seu espírito verdadeiramente nobre. A terra é, de facto, um planeta inferior, em comparação com os outros astros, grandes moradas dos espíritos superiores. Por conseguinte, todos aquí estamos longe do grau de perfeição que aspiramos alcançar um dia. Mas, nem por isso é justificável o atraso moral a que nos condenamos. O planeta que habitamos faz parte, como todos os demais, dêsse Universo sem limites que Deus creou e no qual todos os sêres vibram e progridem. Os sofrimentos, o mal, as dôres que nele imperam, são elementos necessários de estímulo para o aperfeiçoamento do nosso caráter. Saibamos nós viver compreendendo e aceitando as peculiaridades desta existência temporária, e ela será de sumo proveito para os nossos espíritos. Compreendamos a doutrina que rege a nossa fé e ela nos ensinará a romper as trevas que nos cercam.

Caridade — Fé — Esperança nos auxiliarão nessa penosa transição das sombras para a luz!

AURA CELESTE.

Foto Psíquica de um Cavalheiro Grego

Por C. A Aeschimann — «The Greater World»

...Em Outubro de 1938, visitei os fotógrafos psíquicos Craig e George Falconer e sugeri uma série experimental de sessões com o objetivo de obter escritos antigos sôbre chapas que não seriam expostas em câmaras. Eles acederam ao meu convite para realizar ditas sessões em minha casa. Enquanto me encontrava em seu studio, resolvemos bater uma chapa no modo usual e empregando a câmara dos Irmãos Falconer, esperando que o resultado, se algum houvesse, já se relacionasse com nossas experiências projetadas.

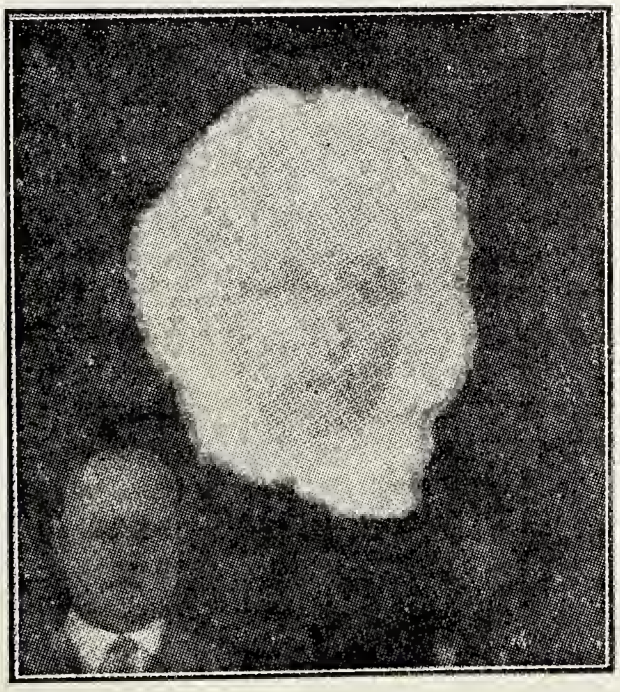

Foto Psíquica de um Cavalheiro Grego

Sôbre a chapa apareceu um rosto de homem, que reproduzimos nesta página. Logo que vi a chapa revelada e ainda molhada, eu exclamei: «Estou certo de tratar-se do pai de Monsieur Nicolas Strati, o grande médium curador e diretor do Centro de Paris, filiado á Liga da G. W. C. S.» Mr. Strati é de origem grega e eu estou de posse (os Irmãos Falconer ignoravam o facto) de um retrato de seu pai, falecido ha muitos anos.

Em carta a Mme. Strati, mencionei o resultado, antes de ter visto uma impressão da chapa, e quando ela informou seu marido, êste ouviu claramente a voz do pai, que disse: «C'est moi!» A foto foi identificada e Mr. Strati recebeu mesmo *prova* independente através dum médium francês a quem o espírito declarara ter se apresentado nesta pose. Mme. Strati escreveu-me o seguinte:

«*Diversos amigos gregos asseguram que meu sogro fôra homem de nobre caráter. Possuia faculdades mediúnicas e particularmente o dom profético, porém nunca poude predizer qualquer cousa referente á sua pessoa. Sua mãe era clarividente, e a avó, do lado paterno, fôra notável médium curador. Meu sogro era personalidade poderosa e grandemente respeitado. Fôra magistrado numa circunscrição que abrangia cinco cidades*».

Êste «extra» será para nós um sinal encorajador? Assim o penso, porque estabelece uma ligação com a Grécia, onde a Primitiva Igreja Cristã iniciou uma luta magnífica e onde devem existir muitos descendentes de mártires e tradutores da Bíblia.

Contemplemos o maravilhoso *Codex Sinaiticus*, cuja maior parte se encontra no Museu britânico. Quão gigantesco esforço o dos séculos primitivos, e que tesouro espiritual preservado para o fortalecimento de nossa fé!

Não vos pertubeis com os acontecimentos relacionados com as cousas materiais. Sede constantes no trabalho espiritual, unidos na fé, e tudo vos correrá bem. — *GREGORIO.*

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXVI —

Espiritismo e Metapsíquica

Camille Flammarion, o formidável astrônomo e psiquista, extremecido por todos quantos o leram e o compreenderam, escreveu, certa feita: «Nenhum problema, sem excetuar os da astronomia, é, certamente, mais importante do que aquele da nossa espiritualidade». E, em *A MORTE E SEU MISTÉRIO*, esta obra colossal, que desafia a análise da ciência materialista, lamentando que o homem nada cogite, ainda, dêsse problema, exprime-se, cáustico: «Em geral, os homens são estúpidos. Não ha um entre cem que pense. Êles vivem sôbre a terra sem saber onde estão, e sem a curiosidade de o perguntarem a si mesmos. São brutos que comem, bebem, gozam, se reproduzem, dormem e se ocupam, principalmente, de ganhar dinheiro».

Exagêro, do sábio astrônomo francês? As religiões formalistas aí em curso, as guerras fratricidas a trôco de conquistas mundanas, as ciências e filosofias prégadas á força de hipóteses e fugacissimos cálculos de probabilidades talvez lhe deem razão.

Meia duzia, entretanto, de criaturas ha que já cogita dêsses problemas, procurando conhecer o átomo cósmico em que vivem — a Terra — e a si mesmos. A Astronomia fá-los conhecedores de seu planeta, dizendo-lhes que êle não passa de um simplicissimo grão de areia astronômico, por isso que nele tudo está, principalmente a Ciência, apenas nos seus primeiros passos. O Espiritismo e a Metapsíquica porfiam por integrar o homem no conhecimento psíquico de si mesmo. O Espiritismo cuida da solução integral daquele problema serissimo de Flammarion, estudando-o cientificamente, filosoficamente, religiosamente, a ajustar a seus estudos provas experimentais, com os factos. A Metapsíquica só se ocupa desses factos, na ânsia de explicá-los fóra da explicação espírita. O Espiritismo, na sua ação doutrinária, no mesmo passo em que prova, com factos, a imortalidade da alma, procura restaurar o Cristianismo puro. E, nesta restauração, opera os «milagres» do Cristo, a enxugar lágrimas, curando enfêrmos, a lenir dôres. A Metapsíquica só cogita de estudar os factos espíritas fóra da *hipótese* espírita, que é a *hipótese simplista*, para o seu creador. Mas o Espiritismo,—diz o seu codificador—«Não deve cerrar as portas a nenhum progresso, sob pena de se suicidar». E como ciência que é, concita a «estudar-lhe todas as faces, para deduzir as leis que o regulam». Por isso que a todos só pede o exame da razão e da experimentação. Seu codificador, o dr. Denizard Rivail, formou-lhe o corpo de doutrina dentro, apenas, de 15 anos. Médico, sábio, pensador profundo e homem de moral purissima, tudo de humano sacrificou a bem da Verdade. E não deixou, na sua ciência religiosa, ou religião científico-filosófica, nada sem explicação lógica e científica; nada sem estudo racional e demonstrável. E para o que, fóra de sua Doutrina, pudesse aparecer depois dele, sancionou: «...se uma nova lei fôr descoberta, o Espiritismo deve modificar-se para harmonizar-se com ela».

O autor da Metapsíquica, o sábio dr. Charles Richet, incontestavelmente um dos maiores cidadãos da humanidade, não soube abdicar dos preconceitos humanos, sociais e cientìficos, para a corporificação de sua doutrina. Por isso que nela e por ela trabalhou 50 anos para deixá-la, ainda, no ar, embora ela, a sua ciência, se ocupe, apenas, de uma face do Espiritismo: a parte experimental, a dos fenômenos! Repugnando-lhe ao espírito científico a *hipótese simplista*, que é a explicação espírita, procura dar, no seu volumoso *Tratado de Metapsíquica*, aos factos que registrou, — e foram, segundo o prof. hamburguês Schroder, 200! — outras explicações. Tem, entretanto, o cuidado de confirmar que, para alguns fenômemos, só mesmo a *hipótese simplista*. Para alguns, sómente... E deu aos outros, explicação que satisfaça racionalmente, demonstrativamente, êle, que, a um convite do sábio russo, Alexandre Aksakof, respondeu: «Para aprender e conhecer os fenômenos espíritas, irei até o fim do mundo?» Aquí estão as três hipóteses com que, para o sábio, se procura explicá-los: 1.º que são os mortos, cuja individualidade inteligente continua a viver, os seus autores; 2.º, que são artes de anjos ou demônios, conforme o juizo *infalível* da Igreja; de anjos, quando os factos se dão entre pessoas do clero; de demônios, se os factos se dão entre espiritistas; 3.º que são êles manifestações poderosas, objetivas, ou subjetivas, da própria inteligência humana.

Qual das hipóteses aceita o sábio? Nenhuma, em síntese. Dí-lo êle mesmo: «Pelo menos, eu adoto, sem reserva, uma quarta proposição, a que tem todas as probabilidades de ser verdadeira; *não temos, ainda, nenhuma hipótese séria a apresentar. Da maneira definitiva: creio na hipótese desconhecida, que será a do futuro; hipótese que não posso formular, porque não a conheço*».

Aí está. Vivemos, talvez, nos últimos estrebuchamentos de uma civilização materialista. Ousamos crê-lo, pelo menos... Por isso que a Metapsíquica, enfeitada com o nome de seu ilustre sábio e creador, embora deixe para o futuro a definição de seus fundamentos, está logrando prosélitos em certas classes de gente culta, inteligente. Não se fala, nela, ás claras, em espírito, e basta-lhe isto para os seus fôros de ciência digna de todo o acatamento. *Espiritismo,* coisa que anda na boca de toda gente; nome sem a harmonia vocabular do outro, é lá coisa de que cuidem pessoas cultas, inteligentes?

Alan Kardec morreu, deixando, apenas com quinze anos de trabalhos, uma doutrina, de que disse o engenheiro francês, Gabriel Delanne: «Não há exemplo, na história, de uma ciência religiosa, cujo desenvolvimento tenha sido tão geral, como o desta doutrina. Êste sucesso sem precedentes, é devido á força de convicção que o facto traz em si». E, também, para nós: o bem que vai fazendo á humanidade, já por iluminar-lhe a inteligência para melhor compreensão da Divindade e da Imortalidade; já por curar-lhe enfermidades, e enxugar-lhe prantos. E morreu firme nas suas convicções doutrinárias.

Charles Richet trabalhou cincoenta anos. Deixou uma ciência a ser explicada — e sê-lo-á? — no futuro. E suas convicções assentes na ciência que creou? Dr. Henri Blondel publicou na *Revue Spirite,* um artigo, em que prova que o grande sábio morrera espírita. E Bozzano, o formidável pesquisador Ernesto Bozzano, íntimo de Richet, no *Psychic News,* escreveu: «E' para mim um pensamento confortador, de que, no fim, eu era vitorioso, porque Richet morreu convencido do facto da sobrevivência». E no exemplar da obra da sua autoria—*A Vida no Outro Mundo,* que oferecera a Bozzano, escrevera Richet, *Mors janua vitae.* (A morte é a porta da vida). Assim não escrevera se não fosse um convencido...

Dirão os sábios materialistas da *Metapsíquica* que nós, de nosso parte, estamos estacionários, á chinesa, dentro do Espiritismo. Preferimos aceitar o que podemos compreender e explicar, e demonstrar, e sentir, e praticar, dentro de uma ciência de nossa éra, do que irmos atrás de uma, que deixa a sua explicação para o futuro.

Preferimos, ainda, a Doutrina que converte e reforma, obra mais dos espíritos iluminados e puros, do que a ciência que apenas convence, produto, não raro, de espíritos frívolos, inferiores. E' bem esta a diferença entre o Espiritismo propriamente dito e a célebre metapsíquica. Assente, apenas, nos fenômenos físicos de toda natureza, a metapsíquica se alicerça nos factos espíritas. Mas, provanos o Kardec que os fenômenos físicos são mais obra de espíritos atrasados, inferiores. Só raramente, com caráter missionário, um espírito adiantado, dá-se ao labor de produzí-los. Na sua maioria, obra apenas de espíritos frívolos, inferiores, levianos, que se comprazem em pregarnos peças, em divertir-se conôsco. Pois obras de tais espíritos, que são, por assim dizer, os criados de servir da Espiritualidade, é que vão impressionando mais os sábios da Terra, através da metapsíquica! Não te parece isto, leitor, desabonante para a ciência e sabedoria terrenas?

O facto metapsíquico convence, a Doutrina dos Espíritos converte. O Espiritismo, científico ou metapsíquico, será uma ciência a mais, para a tortura do Espírito humano. O Espiritismo como religião, talvez seja uma religião a mais para separar ainda mais os homens já tão separados pelas religiões. Se sua missão precípua é reformar espiritualizando, é converter para melhorar cristianizando, estudemos seus fenômenos, quando se eles nos apresentem, confirmativos de suas teorias, mas sem desprezar a sua doutrina moralizadora, puríssima, verdadeiramente cristã. Sua doutrina que é obra do Cristo, explicada em espírito e verdade, pelos Espíritos de luz, que não por entidades espirituais atrasadas e inferiores, como as que acionam os factos metapsíquicos.

Para nós, a metapsíquica, com os seus *canones* difíceis, com as suas teorias complicadas, com os seus nomes arrevezados, tem o seu valor relativíssimo. Vale, apenas, por uma face mínima da grande, e bela, e complexa Doutrina Espírita. O Espiritismo nem se lhe compara em superioridade, significação, finalidade, sôbre ter, ainda, o condão de enxugar lágrimas, lenir dôres, falar a corações e a cérebros, preparando-os para a Imortalidade e para Deus.

Assombra as Altas Autoridades da Medicina o Caso do Precóce Químico de oito anos

«Constancia», distinto periódico espírita de Buenos Aires, publicou em seu número 2567, o relato, precedido de uma nota, que a seguir reproduzimos:

> «De quando em quando aparecem meninos precoces, como um desmentido á escola sensualista, escola que pretende negar a sobrevivência da alma, reduzindo as idéias a uma elaboração exclusiva dos sentidos.
>
> Eis aquí um caso interessante que transcrevemos de «Notícias Gráficas» desta capital e do qual se ocuparam jornais e rádio difusoras».

ROSARIO, 27.—O caso do menino Jorge Fernández, que ontem surpreendeu os círculos universitários da Faculdade de Ciências Médicas desta cidade, só tem precedentes, como exemplo de precocidade em meninos que inclinados á mesma especialidade científica *como êle* passaram mais tarde á história. Berthelot, Lavoisier, Mendeleieff, oferecem semelhança com o menino de Santa Fé, Jorge Fernández, como o afirmou ontem um médico na Faculdade de Ciências Médicas, que não reproduz o que estudou em fórma mecânica, mas, pelo contrário, deduz e extrai as conclusões dos conhecimentos que adquire. E no mesmo aponta os rasgos do gênio.

O professor Foz, eminente psiquiatra, que desempenha o cargo de diretor do Instituto de Psiquiatria, anexo ao hospital do Centenário, ao ter conhecimento do raro fenômeno que oferece o pequeno Jorge, solicitou a permissão correspondente para com êle realizar um estudo psicológico, dentro da cátedra a seu cargo.

Depois desse estudo, a que o menino se submeteu em forma cordial, o professor Foz exclamou com verdadeiro entusiasmo: «Este menino irá muito longe».

Jorge Fernández é um menino de origem modesta. Seu pai trabalha no Chaco de Santa Fé e sua mãe é uma companheira digna dêle. Gente modesta e simples, surpreendeu-se ao começo com as inclinações do pequeno, tão diferente das dos outros meninos de sua idade. Mais tarde quando o pequeno já sabia ler e se engolfou no estudo de textos de química e rabiscava papeis, enchendo-os de fórmulas, letras, números e sinais, a surprêsa se transformou em alarme. Foi assim que resolveram consultar um médico sôbre o estranho caso.

Todas as manhãs, Jorge abandona sua casa, acompanhado de seu pequeno cão e um livro e senta-se debaixo de árvores, onde não podem molestá-lo, para dedicar-se ao estudo.

Uma inclinação inata

Segundo as referências de seu pai, desde seus primeiros anos o menino manifestou inclinação pela química. Misturar anilinas, tintas (cores) e todos os líquidos que se achavam ao alcance de suas mãos, observando as misturas e reações, que eram sua distração predileta.

Tem uma irmã de quatorze anos de idade que também revela uma inteligência pouco comum e que, segundo as referências de algumas pessoas que acompanharam o menino para sua apresentação á Faculdade de Ciências Médicas, é um portento na interpretação da teoria da relatividade de Einstein.

A Experiência de ontem

A experiência de ontem foi surpreendente. Chegou á Faculdade acompanhado do doutor Adolfo Elias, professor titular da cadeira de Química Analítica Qualitativa e diretor do Laboratório Químico Nacional, que se encarregou de sua apresentação aos professores e alunos.

Durante a prova, demonstrou conhecer, de forma completa, as bases da química inorgânica e um conhecimento teórico completo dos métodos de preparação de diversos corpos compostos e a obtenção de alguns simples. Traçou com mão firme, num quadro negro, fórmulas e sinais, e explicou com suma clareza como se prepara o gás metano.

Começada a prova em meio de geral incredulidade, terminou ela com uma salva de aplausos, com que o ilustre auditório expressou eloquentemente sua admiração e sua surprêsa.

«Muitas vezes—disse um professor — nós devemos consultar certas fórmulas, enquanto êste menino as domina todas».

Um dos espectadores da prova de ontem, afirmava que, na vivacidade, nos gestos e predileções, o pequeno Jorge Fernández recorda a infância dum grande homem ; êle se referia a Tomaz Edison. E' o mesmo menino—dizia—: inquieto, inteligente, brilhante na concepção de suas idéias e tenaz na prossecução de seus propósitos, que hei conhecido através de tudo o que foi escrito sôbre a infância daquele homem genial.

Uma nova prova

A seriedade com que se realizou a apresentação deste menino e a convicção dos profissionais que por êle se interessam, sôbre seus dotes extraordinários, interessaram vivamente o decano da Faculdade de Ciências Médicas, Farmácia e Ramos Menores da Universidade do Litoral, doutor David Staffieri, o qual hoje o submeterá a nova prova.

Caso esta resulte tão convincente como a anterior, é provável se iniciem os processos oficiais tendentes a proporcionar ao pequeno Jorge Fernández todas as possibilidades de aperfeiçoamento no estudo da química, esperando brindar á ciência um investigador capaz de realizações excepcionais.

O PERISPÍRITO

J. B. CHAGAS

Desde o advento do Espiritismo como doutrina codificada, o perìspirito a todos vem interessando e muito particularmente aos estudiosos, em vista do papel saliente que êle representa para o sêr humano, quer encarnado ou desencarnado.

Todos aqueles que teem pesquisado o Espiritismo pelo lado das manifestações físicas ou científico, encarecem o papel que nelas representa o perispìrito para a realização desses fenômenos, como envoltório fluídico do espírito, agente plástico intermediário entre o mundo invisível e o tangivel.

Alan Kardec, que estudou com carinho, não esgotando o assunto, nos advirtíra que sôbre o perispírito não nos havia dito tudo e que muito ainda se teria a estudar e dizer, fazendo notar que : «no conhecimento do períspirito está a chave de inùmeros problemas até hoje insolúveis» (L. dos Mediuns).

Ernesto Bozzano, escrevendo a sua obra *Fenômenos psíquicos no momento da morte*, *Alexandre Aksakoff*, *William Crooks*, *Albert de Rochas*, e tantos sábios de renome mundial, dedicaram muitas horas dos seus labores ao estudo do perispírito, graças aos quais, diante do pensamento moderno, a alma já não é mais, nem a *sombra trágica* de Homero, nem o *hóspede misterioso* da glândula pineal de Descartes, pelo esforço, sincero e desinteressado, de uma plêiada selecionada de homens de bôa vontade, todos preocupados no afan de *desocultar o oculto,* no acertado dizer do sábio e prof. Grasset, em busca de esperanças ilimitadas.

O Espiritismo estudando cientificamente o indivíduo, admite o sêr humano constituido de três elementos essenciais e diferenciados, formando um sistema solidário e harmônico, a saber:

1.º) — o corpo físico — sarcosoma;

2.º) — o perispírito — aerosoma ou corpo fluídico do espírito;

3.º) — o espírito — centelha divina, nômada.

O corpo físico, representa a forma inferior da evolução—a evolução morfológica ou da forma—em contraste com a modalidade superior da evolução—a evolução da vida ou anímica.

O perispírito, corpo astral ou etérico, foi dessa maneira denominado por Alan Kardec, por considerá-lo como o envoltório fluídico do espírito, ou agente plástico nas manifestações.

Já em 1527, Paracelso, que soube extraír da alquimia os elementos genésicos da química moderna, deu-lhe o nome de *avestrum,* ou melhor corpo astral, atendendo á sua côr prateada e luminosidade própria.

Carne sutil do corpo—foi o nome sugestivo que lhe dera Pitágoras.

Aristoteles, denomina-o *corpo sutil e etéreo.*

Leibnitz, denomina-o de *corpo fluídico.* M. Maspero, considera-o como um *corpo aéreo,* reprodução exata do corpo físico. Designa-o, Lapagne Renour, concisa e incisivamente — *o duplo.*

Os antigos hebreus consideravam-no o *nephesch,* sôpro divino que devia seguir o sêr humano através de todas as suas vidas.

Denominam-nos os gregos de *eidôlon.*

O espírito, na sua mais lídima expressão, é irredutivel a uma banal definição por desconhecermos ainda, na própria expressão kardecista, a sua natureza íntima, inacessível, portanto, á nossa análise direta. Consideremos, no entanto, para argumentar, o espírito como a parte nobre e divina da nossa individualidade, imutável, imortal, triunfando do espaço e do tempo, através de vidas e mundos vários e atuando proveitosa e eficientemente na purificação e progresso da alma que o reveste e corporisa, que é o que fazemos neste despretencioso estudo.

O Dr. Encausse, escritor, experimentador e ocultista de renome mundial, que foi um dos mais distintos médicos dos Hospitais de Paris, mais conhecido pelo criptonimo de Papus, e que tanto contribuiu pela vulgarização das suas obras para a renascença néo-espiritualista contemporânea, apresenta uma imagem frisante, muito sugestiva, para fazer sobressair o papel de mediador plástico que compete ao perispírito ou corpo astral: o homem é comparado a uma equipagem, sendo o carro representado pelo corpo físico, o cavalo pelo corpo astral ou perispírito e o cocheiro pelo espírito—o cavalo puxa o carro, mas é dirigido pelo cocheiro.

Paracelso também tivera a nìtida compreensão da trindade na unidade hominal, quando assim se expressou: «*O homem è uno em pessoa mas triplo em essência*». E', em suma o que Papus denomina a unidade na trindade e o *Gen. Fix* sintetiza da maneira seguinte: «*O espìrito quer, o perìspirito transmite e o corpo fìsico executa*», que é a tradução fiel da imagem pitoresca de Papus: o espírito é o árbitro da verdadeira evolução — a evolução da vida.

Como teriamos muito a escrever, confirmando o acerto kardecista, sôbre o perispírito, ficaremos hoje por aquí a espera de outra oportunidade.

Recomendamo-vos o exercício constante da paciência, afim de poderdes obter sempre as graças do Alto. Tende, portanto, muita paciência para com as vossas próprias provações e para com os vossos semelhantes, suportando-vos uns aos outros como uma casa que, para se manter de pé, necessita que os seus esteios estejam todos firmes. Assim, unidos na paciência, apressareis o erguimento do gigantesco templo da Fraternidade em bases firmes. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

A Vidência duma senhora ortodoxa

Light

Margaret Vivian escreve:

Minha irmã contava vinte anos quando morreu. A nossa modista (a quem chamarei Mrs. X) morava cinco milhas distante de minha casa, e por ocasião da morte de minha irmã, ela estava doente e acamada. Pelas 9,30, Miss X foi ao quarto da mãe. Mrs. X exclamou: «Não precisa dar-me a triste notícia, porque já estou informada de tudo». «Quais notícias?» perguntou a filha. «Que Miss Vivian morreu esta manhã ás oito e três quartos». «Nada sei a respeito», replicou a jovem tomada de assombro. Soube hontem que ela estava melhor. O que significa isso? «Você trouxe a chicara de chá ás 8 horas, em seguida adormeci e tive um sonho vívido. Eu me dirigia á Paróquia e ao atingir o alto do parque, vi uma figura envolta em roupagem branca, a flutuar para fóra do quarto situado por cima da cozinha. Alguma cousa me disse que era Miss Vivian, e ao entrar na cozinha, vi os ponteiros do relógio que indicavam oito horas e três quartos».

Êste caso torna definitivamente insubsistente a telepatia, pelo facto de não ter tido a filha de Mrs. X, conhecimento da morte de minha irmã, quando a mãe relatou o sonho, e, mais ainda, a modista não sabia em que quarto se achava minha irmã. O dormitório situado sôbre a cozinha não era o seu, só recentemente ela fôra alojada neste último quarto por ser sua temperatura mais apropriada á enfêrma.

Outro ponto interessante é que Mrs. X exprimiu surpresa por estar a figura desprovida de azas, e em seu sonho lhe parecia absurdo voar sem azas. Ela era crente ortodoxa, e se houvesse inventado a história, certamente ela teria acrescentado um par de azas angélicas.

A Igreja necessita de reforma

The Two Worlds

O Rev. Peel, presidente da União Congregacional da Inglaterra e Gales, não está satisfeito com a eficiência de sua Igreja no modo de tratar com êxito os problemas de hoje. Falando a uma reunião em Blackburn, êle disse que a situação mundial era um desafio á Igreja, que estava exigindo desta um empreendimento em larga-escala.

«Os métodos da Igreja devem ser reformados», acrescentou êle, «seu antigo mecanismo e sistema obsoleto devem ser difinitivamente abandonados».

Durante anos, nós estamos pregando a mesma cousa, e é bom saber que alguns estão despertando para as realidades.

Três homens, e uma mesa Levitada

Psychic News

Charles Glover Botham, em alocução feita no Instituto Internacional para Investigação Psíquica, relatou suas experiências com os pioneiros do Espiritismo.

Certa noite, numa sessão em sua própria casa e presente o médium John Taylor, que era ferreiro, êle viu três grandes homens de pé sôbre uma mesa. A mesa subiu vagarosamente e as cabeças dos homens tocaram o teto elevado do aposento.

O mesmo orador foi frequentemente levitado na presença de Taylor, factos que sempre se realizaram em boa luz e controladas, pelos assistentes, as mãos e pernas do médium.

O orador também era dotado de faculdades mediúnicas que, em sua infância, lhe causaram dissabores, por exemplo, a exclusão da Escola Dominical.

Mas havia compensações, pois quando lhe morreu um irmão e o cortejo funebre se punha em marcha, êle disse ao resto da família: «Vocês estão pensando que prenderam meu irmão naquele caixão. Nada disso, êle está aquí comigo». Certa vez, êle foi controlado pelo espírito dum tio, de cuja existência nunca ouvira falar.

Manifestações do «Menino Azul»

Mr. Kenneth Sanderson publicou um artigo em *Sunday Express*, que diz ser a mais bela história da sobrevivência.

«O herdeiro dum certo domínio era um menino de 11 anos que, saíndo só um dia, jamais voltou á casa paterna. Por ocasião do aniversário de seu desaparecimento, êle se apresentou á família no momento em que tomavam uma refeição, com o mesmo vestuário que levou no dia em que desapareceu. Permaneceu por um instante e esvaeceu. Sem interrupção, o fantasma se mostrava todos os anos até o dia em que estalou a guerra. O proprietário do domínio mandou abater as árvores, e numa delas, muito velha, ôca, encontraram comprimido o esqueleto do menino, ainda metido no terno azul e num dos bolsos, uma caderneta contendo notas sôbre flôres e pássaros selvagens. O esqueleto foi inumado no jazigo familiar, depois do que, cessaram as manifestações. Foi redigido um relatório dêsses factos e assinado por diversas notabilidades, inclusive o vigário, o médico da família, etc. O esqueleto apresentava despedaçadas uma clavicula e uma perna. E' de esperar que a *Society for Psychical Research* estude minuciosamente êste caso notável.

Uma aparição miniatura em Paris

Em «Revue Spirite Belge», Gabriel Gobron reproduziu um relato apresentado por Mme. Bisson ao Congresso Metapsíquico de Copenhague em 1921, parte de uma série de materializações obtidas em plena luz.

«Em 25-5-921, apresentou-se uma pequena forma, uma pequena mulher elegante de 30 cms. cuja formação se fez nas mãos do médium Eva e nas dos contrôles, depois do que se pôs em movimento. Estava nua, possuia cabelos delicados que lhe caíam sôbre as costas, linha admirável, brancura imaculada e olhos azues. Pouco depois, a mesma forma minguou, ficando reduzida a 25 cms. Além de mudar de posição e de exercícios que fez, a pequena forma tomou a mão de Mme. Bisson para que esta lhe explorasse o interior da boca. Ela se colocou sôbre o peito do médium, o qual, pondo em liberdade suas próprias mãos, pegou a forma, entregando-a á Mme. Bisson, que durante 10 segundos a conservou para admirar a perfeição de suas formas. Ela voltou aos joelhos de Mlle. Eva e desapareceu».

Graças a Deus

«Psychic News»

«Ha treze anos visitei, (por simples curiosidade) um centro espiritista e fiquei de tal modo impressionado que comecei a estudar o assunto, escreve W. H. Clancy. Li todas as obras importantes no gênero, mas não assistia a sessões práticas.

No fim de Junho de 1937, após 3 anos de vida marítima, aposentei-me, minha mulher e eu esperavamos passar juntos muitos anos venturosos, depois de tantos anos de separação. Havia 33 anos que estavamos casados.

Dez meses mais tarde, minha mulher foi acometida duma apendicite agúda, tardiamente diagnosticada pelos médicos. Em menos dum mês foi submetida a quatro operações e então faleceu.

Quantro meses após a morte de minha mulher, assistí a uma sessão particular em que era médium Mrs. Bertha Harris, na Igreja Cavendish Grove, Southampton. De tal modo me surpreenderam as provas recebidas que me tornei um frequentador assíduo da igreja e assistente em dois círculos familiares.

Agradeço a Deus pela evidência e confôrto que só o Espiritismo me poderia dar.

O fantasma de St. Helen assusta

Daily Herald

Em derredor das ruínas de Old Sutton Moss e as partes baixas de Sultou, um fantasma vagueia durante a noite.

Asseguram tratar-se do espetro de uma velhinha de compleição delgada.

Muitos afirmam que viram alguma cousa, e Mr. R. Mathews, um jovem robusto e bem equilibrado, declarou:

«Certa noite eu voltava dum baile: Era bastante tarde e eu cantarolava durante a caminhada. Subitamente percebi que alguma cousa se movia para diante, á distância de poucos passos.

Encarei a tal cousa e precipiteime diretamente para diante. Depois volvi um rápido olhar por cima do meu ombro, e a cousa ainda lá estava, a seguir-me. Transpus a correr o terreno deserto e alcancei uma porção da estrada iluminada e então a cousa se derreteu a meus olhos».

Mais dois moradores das imediações afirmam ter visto a mesma cousa.

«O Ocultismo na China»

M. de Meck realizou uma conferência em Glasgou sôbre o tema «O Ocultismo na China» da qual *La Revue Spirite* transcreve o seguinte:

Os chineses estão convencidos da sobrevivência humana, assim a morte não os amedronta. Observa-se condenados á morte que entre si gracejam enquanto aguardam o minuto de sua execução. A clarividência e clariaudiência são factos bem conhecidos. Eles obtém frequentes materializações de seus mortos e são capazes de chamá-los novamente á vida, *factos diversas vezes observados pelo orador*. Os «Lazaros» são «ressuscitados», geralmente, decorridas poucas horas após o falecimento e quando ainda não houve começo de putrefação. Eles reprovam todo o chamamento á vida, para deles colher alguma informação, e morrem poucos dias depois. A transfusão de sangue não se pratica na China, mas a transfusão de vitalidade. Em todos os lares chineses existe um santuário onde evocam os antepassados. Frequentemente a mediunidade é hereditária, e daí o poder extraordinário de certos sujets bem desenvolvidos.

Uma consulta mediúnica é feita assim: O consulente entra e declara o motivo de sua visita. O médium chinês convida-o a sentar-se e a guardar silêncio. Depois de uma hora, ou mais, o médium agradece o consulente pela sua paciência e silêncio. Êle promete fornecer o resultado da «sessão» dentro de alguns dias. Efetivamente, o interessado recebe uma brochura onde estão espantosamente descritos seu passado, seu presente e seu futuro, sem que o consulente tenha articulado uma única palavra.

O Espiritismo demonsta a Sobrevivência

Da Revue Spirite

Em sua conferência pronunciada no Congresso Espírita de Detroit, Michigan, a 20 de Outubro de 1939, o Dr. Riblet B. Hout declarou que o facto da sobrevivência é provado pelo Espiritismo; que a guerra favorece a disseminação do Espiritismo. Êle rendeu homenagem ao Dr. Gustavo Geley por sua contribuição á demonstração da verdade espírita.

O Espiritismo, ao contrário do que dizem seus adversários despeitados, fortifica e enaltece a razão, regulando o sentimento com as virtudes recomendados por Jesus. — *MARIQUINHAS.*

Notas e Factos

A Natureza da Vida Espiritual

Psychic News

A que se assemelha o mundo espiritual?

Em geral, os recém-vindos dificilmente compreendem suas condições. Certa consulente pediu explicassemos a questão da idade na vida espiritual. Ela ouvira dizer que os moços progrediam em idade e que mesmo os recém-nascidos continuavam a evoluir.

«O que acontece ás pessoas idosas» perguntou ela, «elas ainda envelhecem mais?»

O crescimento do corpo espiritual (perispírito) e o correspondente físico não guardam paralelismo. Ha muitas pessoas que são fisicamente velhas, porém, espiritualmente jovens, exatamente como existem outras espiritualmente velhas e fisicamente jovens.

O corpo material cresce, passa pela infância e pela adolescência, atinge o máximo de sua expressão na virilidade, mas se deteriora ao envelhecer.

A fragilidade corporal necessariamente acompanha o outono da vida humana. Mas a decadência não se reproduz no corpo espiritual que todo sêr humano possue.

Por exemplo, o homem que é cego, tem intacta sua visibilidade espiritual.

O propósito da vida terrestre é ser ela uma escola de adestramento, com o fim de preparar o espírito para uma vida futura. Com o envelhecimento, os liames que unem o perispírito ao corpo físico se enfraquecem gradativamente, até que finalmente a «morte» determina a separação definitiva.

E' então que o espírito passa á vida superior. Seu gráu de evolução se fixa, não pela idade física de seu possuidor, mas pelo caráter e conquista de valores espirituais na vida terrestre.

O mundo espiritual é governado por leis naturais. O crescimento e a evolução ainda continuam após a morte. Constante é o progresso para a maturidade, que é o ponto culminante da conquista espiritual.

Os recém-nascidos continuam a evoluir—e os perispíritos das pessoas idosas, já libertos dos grilhões terrestres, também evoluem para a maturidade.

As crianças progridem «subindo» para a maturidade, enquanto que os velhos voltam atrás para atingir a mesma meta. E tendo sido descartadas as fraquezas, estas já não sobrecarregam nem tolhem o espírito em sua evolução.

O que chamamos idade, no sentido físico, é largamente artificial. E' a nossa maneira de medir o tempo. O progresso do espírito não pode ser determinado em termos de anos, meses, semanas ou dias.

Uma forma materializada come em plena luz

Revue Spirite Belge

Gabriel Gobron transcreveu um relato de Mr. E. W. Oaten. Mr. Oaten enfeixou recentemente num livro todas suas memórias de velho espírita, (êle tem meio século de experiências particularmente notáveis a seu crédito).

«Realizei uma sessão com um médium de materialização nos primeiros dias de minha investigação, quando formas completamente materializadas frequentemente se apresentavam ante nós. Certa vez pude reconhecer um de meus pais entre essas formas e sustentámos uma rápida conversação sôbre a natureza da materialização, temporariamente constituida. Aguçava-me particularmente a curiosidade de saber se uma materialização possue os orgãos dum corpo físico e perguntei se lhe seria possível ingerir substância alimentícia. A resposta foi afirmativa, e muni-me do material necessário para tentar a experiência na sessão seguinte.

Eu conhecia pessoalmente o médium,—eu o conhecia ha muitos anos. Cada qual tem seus defeitos e qualidades e êle tinha o de detestar tomates. Em meu bolso levei biscoitos e um tomate, e de tudo, segredo sepulcral. Quando apareceu a forma materializada sugeri que ela bem poderia comer os biscoitos e o tomate. Aceitou dois biscoitos e meio tomate, que, postos na bôca, foram visivelmente comidos pela forma. Estavamos em plena luz. A aparição se conservou no centro do aposento e lentamente se desmaterializou sob nossos olhares.

Naturalmente eu esperava encontrar sôbre o soalho os restos dos biscoitos e do tomate. Nada. Deles, nem vestígios. Sempre me tenho perguntado curiosamente como puderam eles desaparecer ?»

O facto que reproduzimos corrobora os factos relatados pelos Evangelistas. Efetivamente Jesus, depois de morto e sepultado, se materializou entre seus discípulos e em presença deles comeu peixe assado e mel. (Luc. 24-43). Em nossas sessões se multiplicam todos os fenômenos ocorridos entre os primitivos cristãos, e, durante muito tempo, tidos por miraculosos, excepcionais e únicos!

«Poltergeist» (Espíritos turbulentos)

«La Ricerca Psichica»

La Stampa-Sera publicou o seguinte:

As notícias recentemente publicadas do reaparecimento dos espíritos em Garbagna pertence á ordem de fenômenos que se manifestam ora aquí ora alí, havendo mesmo, com frequência, «casas invadidas por espíritos».

A Exposição Científica

Ainda recentemente houve casos análogos na Itália e no estrangeiro. O Dr. Driesch fez uma coleção dos mais recentes, confrontou-os e estudou-os, fornecendo uma explicação científica. Seria muito mais cômodo repudiar todos os fenômenos e atribui-los á fantasia ou á manobra de charlatães: mas como a ciência hoje possue os meios de explicá-los e revela-los, o Dr. Driesch preferiu seguir êste caminho. Aos factos de Garbagna (Piemonte) juntam-se os da estrada de São Martinho (Genova), de Trane (Montacuto), de Fossó, de Souvigny (próximo a Moulins). Em todos os casos, os fenômenos observados são mais ou menos iguais. Ruídos sem que se veja pessoa alguma, objetos que dansam, copos que emburcam, achas de lenha que voam para o fogão, chuva de areia e de outros objetos, pratos que voam sôbre as cabeças dos presentes, sons misteriosos, etc. Todos esses fenômenos se repetem, juntos ou separadamente. Pode-se ainda acrescentar a visita de fantasmas brancos que passeiam pelos quartos e outros. Como explica tudo isso o Dr. Driesch?

Em Montecuto a família Talevi, em Souvigny o pensionato Chazeau, em Fossó a viúva Maviero, em Garbagna a família Castelli, a senhora Berchi, o estudante Semino, constataram os mesmos factos; em Montecuto um indivíduo foi, além de tudo, ferido por uma pedrada.

A explicação dos fenômenos foi cientificamente exposta pelo Dr. Driesch. Todos eles teem qualquer cousa de comum, a saber, nascem particularmente duma primeira impressão sentida por um dos inquilinos das casas espiritadas, o qual, por sua vez, exercita a sua influência sôbre os outros. Driesch afirma que uma força vitalista—que êle denomina entelequia – guiaria ou ordenaria os fenômenos organizadores da matéria que teem origem no embrião do qual deriva todo o sêr vivente. Analogamente, os fenômenos físicos da para-psicologia, enquanto estão em continuidade com o corpo dum vivente, reentrariam na mesma natureza e depois, em certo sentido, a embriologia nada mais seria do que uma materialização, do ponto vitalista.

As Almas dos Dementes

Light

Ha poucos anos li um relato feito por um jovem que amava extremosamente sua esposa, que fôra internada num manicômio. Depois de uma visita que êle lhe fizera, voltou em estado de profunda melancolia, pois ela lhe parecera tão diferente do que fôra anteriormente. Sendo moço, êle pensava no longo tempo que se estendia á frente de ambos—como poderia êle sentir prazer de viver sabendo que sua companheira se encontrava naquele estado de miséria?

De certo modo, que neste momento não me ocorre, Mr. X (o jovem marido) entrou em relações com um bom médium e grande foi o seu espanto quando sua própria mulher lhe falou. Era ela mesma, não lhe restava dúvida alguma. Ela implorou que êle não se atormentasse por vê-la naquele estado e explicou que durante a maior parte do tempo, ela estava fóra daquele corpo, num logar feliz e com amigos a rodearem-na solicitamente. Êle não deveria pensar nela como confinada a um asílo.

Êste relato estava no Jornal da Sociedade para Investigação Psíquica. Dela fiz parte durante vinte anos. Naquele tempo a narrativa me impressionou fortemente e sempre com isso no pensamento, obtive outras provas da mesma teoria.

Prova I — Uma senhora, intimamente relacionada á nossa família, sofreu um choque e durante dois anos guardava o leito, indiferente a tudo que se passava em seu derredor. No fim dos dois anos, ela subitamente voltou ao seu estado normal e, excetuando o andar, ela agia como antes do choque. Declararam ser êsse um caso raro. Certo dia, durante seu estado de inconciência, dois sobrinhos dela residentes na India, experimentavam com um instrumento mediúnico, com mais algumas pessoas. Grande foi o espanto dos experimentadores quando o aparelho soletrou o nome da tia e as seguintes palavras, «Eu quero saír! Eu quero saír!» repetidas algumas vezes. Todos estavam admirados, pois sabiam que a demente, naquele momento, estava de cama em Scotland.

Prova II — Tive oportunidade de observar muitos dementes, quando passei um mês numa praia marítima. Havia próximo um hospital de alienados. Os internados, cerca de 40 homens, passavam por minha porta quatro vezes diariamente, naturalmente acompanhados por guardas. O que me chocava profundamente era observar seus semblantes vasios de toda expressão. Seu modo de proceder impressionava profundamente.

Prova III — De um *Livro de Notas de um Médico.*

Sir J. Crixhton, distinto alienista, fala da bondade dos maometanos para com todas as pessoas dementes. Êstes, durante séculos tem sido considerados, no Norte da Africa, e ainda o são, «homens cujos espíritos, estando no céu, não são responsáveis pelas ações de seus corpos. Estando suas almas absorvidas por devoção, mui natural é estarem seus corpos sem controle». Lembro-me de ter visto em Biskra (Africa) homens que se comportavam como selvagens. O nosso guia a eles se referia com grande respeito, dando-lhes nomes aplicados a santos.

Estas provas demonstram existir independencia entre alma e corpo, objecto, presentemente, de tanta discussão.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços :

1.o ano — 100$000 ;	2.o ano — 40$000 ;	3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000 ;	5.o ano — 30$000 ;	6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000 ;	8.o ano — 40$000 ;	9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000 ;	11.o ano — 50$000 ;	12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000 ;	14.o ano — 50$000 ;	15.o ano — 50$000.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Casa de Lázaro

O Espiritismo está estendendo cada vez mais e de maneira surpreendente, o seu raio de ação em benefício da humanidade.

E' público e notório o trabalho gigantesco e perseverante que esta doutrina está realizando na propaganda dos princípios cristãos em espírito e verdade.

Esmiuçando o Evangelho com precisão irrepreensível, afim de que os homens se compenetrem de seus deveres de amor fraterno e ampliando o campo das investigações psíquicas, com a reprodução de factos comprobativos da Sobrevivência, constituindo assim um cabedal de conhecimentos os mais elevados, capazes de transformar o mais emperrado negativista em um crente sincero e abnegado, o Espiritismo é, na verdade, o Paracleto da promessa do Cristo.

CASA DE LAZARO
ORFANATO

No campo social, o Espiritismo, magnificamente compreendido por homens de boa vontade, que não medem sacrificios no cumprimento de suas nobres e alevantadas tarefas, está realizando obras dignas de aplausos de todos indistintamente, e dignas ainda mais do apoio incondicional das almas bem formadas.

«Casa de Lázaro», com orfanato e escola para crianças pobres, anexa ao Centro Espírita «Lázaro, Amor e Caridade», sito em Méier, á rua Mossoró, 17, Rio de Janeiro, é uma obra de assistência social de grande vulto e que merece, portanto, ser auxiliada e imitada por todos quantos desejam, de facto, praticar a doutrina cristã em suas linhas gerais.

E' com obras dêsse gênero que os espíritas farão entrar em todos os cérebros e corações, o Espiritismo, de modo a formar no mundo uma sociedade verdadeiramente cristã.

Pelo cliché que estampamos, os prezados leitores podem fazer uma idéia clara da importância da «Casa de Lazaro». Além das crianças que aí aparecem, foram internadas mais duas orfãs, recentemente.

As crianças são tratadas com o maior zelo possível, carinhosamente educadas e protegidas.

Aos empreendedores dessa obra cristã, bem como a todos quantos nela labutam, solicitamos a assistência dos Caros Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade.

Viu para crer

O facto que vou narrar, passou-se em Caculé, Estado da Baía.

Maria, casou-se com meu irmão Benvindo, em 1911.

Era muito jovem ainda, quando ficou privada dos carinhos de sua mãi, desencarnada em consequência de um parto laborioso.

Sem instrução, era, contudo, dotada de um belissimo caráter e de uma extraordinária bondade de coração.

Sempre sorridente e satisfeita, nunca se lastimava dos contratempos que se verificavam nos lances adversos da luta pela vida, aos quais a pobreza de meu irmão não podia fazer face com vantagem. Óra trabalhando nos serviços dos teares rústicos, muito comuns nos sertões do Norte do Brasil, óra manejando os bilros na confecção de rendas, essa criatura de coração privilegiado pela excelsa bondade Divina não poupava esforços no sentido de concorrer, com o que lhe era possível, para auxiliar o marido nas despesas do lar.

Certo dia, deu-se entre ela e minha mãi, o seguinte diálogo:

— «Madrinha (minha mãi era sua madrinha), eu, constantemente, vejo minha mãi, pois ela me visita sempre.

— «Não sejas tôla, Maria! Os mortos não aparecem a ninguém! A tua imaginação é que te fez supôr semelhante absurdo.

— «Não é como a senhora pensa e diz, madrinha! Eu vejo minha mãi constantemente, não em sonhos como acontece á muita gente, e sim, quando estou perfeitamente acordada!

— «E não tens mêdo?

— «Não senhora, pois se é até motivo de alegria para mim! Além disso, minha mãi não pode me desejar mal algum, pois sou sua filha.

— «Pois eu desejava vêr um espírito para crer.

— «Deus permita! A senhora ainda verá!

Em 1913, deu-se o desencarne repentino de Maria. Colapso cardíaco.

Certa noite dêsse mesmo ano, minha mãi se dirigiu á cozinha (que estava iluminada) para tomar um copo de agua e, em frente á talha, VIU O ESPÍRITO DE MARIA, cujo conhecidissimo sorriso atestava o gôzo de uma felecidade extrema!

Minha pobre mãi, fortemente abalada com o facto, passou vários meses por um estado de terror, que causava lástima.

Viu, para crer!

Antonio Guerra.

Coroados, 17 de Outubro de 1940.

Concentração de Jornalistas e Intelectuais Espíritas

Promovida pela Revista «Alvorada de Uma Nova Era», realizou-se na Capital, Santos e Campinas, entre os dias 3 e 9 de outubro último, a anunciada Concentração dos Jornalistas e Intelectuais Espíritas do Brasil.

A instalação deu-se no dia 3, á noite, na séde da Associação Paulista de Imprensa, que esteve literalmente cheia de jornalistas, pessoas de destaque na sociedade paulistana e numerosas famílias. Entre as representações oficiais, notava-se a da Interventoria, na pessoa do Tte. Augusto Machado.

Instalada a mesa, foi entregue a presidência ao Dr. José Maria Lisbôa Junior, Diretor do «Diario Popular» e Presidente da Associação Paulista de Imprensa, sendo aclamados para secretários permanentes da Concentração, os srs. Calazans de Campos, Pedro Fernandes Alonso e Antenor Ramos.

Abertos os trabalhos, o sr. Presidente proferiu brilhante discurso, dizendo das finalidades da Associação dos Jornalistas. A seguir, usaram da palavra os srs.: Dr. Calazans de Campos, Dr. João Baptista Pereira, Prof. Campos Vergal e Antonio José Trindade.

No dia 4, a reunião teve lugar na séde da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, á rua Maria Paula, 158, falando o prof. Campos Vergal sôbre o tema: «O Espiritismo e os problemas de assistência social, notadamente a Educação». Tomaram parte nos debates os srs. Calazans de Campos, Baptista Pereira, Pedro Fernandes Alonso e Cel. Amando Simões.

No dia 5, a reunião realizou-se na Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém». Falou o Dr. Noraldino de Mello Castro, tendo tomado parte nos debates dessa noite o dr. João Baptista Pereira e Cel. Amando Simões.

No dia 6, a reunião teve lugar no Teatro Municipal de Campinas. Fizeram uso da palavra os srs.: João Teixeira de Paula, Dr. Calazans de Campos, Pedro Alonso, Dr. João Baptista Pereira, Carlos Stegall, Antonio José Trindade e Dr. Sousa Ribeiro.

No dia 7, a reunião deu-se na Casa dos Espíritas, falando o Dr. Ary Lex, que defendeu a tese: «As teorias Espíritas em face da Medicina». Nos debates se fizeram ouvir vários oradores.

No dia 8, falaram em Santos o Dr. Calazans de Campos, Ary Lex, D. Maria Max, Pedro Alonso, Antonio Trindade e outros.

No dia 9, a reunião de encerramento realizou-se na Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém». Falaram: D. Maria Cotrim e Pedro Alonso, que leu um trabalho do Dr. Carlos de Castro.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim» se fizeram representar nessa concentração pelo nosso velho colega de imprensa, sr. Pedro Alonso.

Obras de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes: 1.a — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas; 2.a — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os principios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

Pedidos á Livraria de «O Clarim». Preço 12$800 inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Êsse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus».

Obra muito útil para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições. Avisos Profeticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus».

Preço 10$000 e mais $800 para registro e porte.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 292 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do cristianismo, ou Factos Anímicos e Espíritas, que constitúem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do cristianismo.

Preço 9$000 e mais $700 para o porte e registro.

Conferências Radiofonicas

Livro de 206 páginas, enfeixa 15 conferências pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sôbre a existência do Espírito e sua sobrevivência á desagregação do corpo. Êle sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferência ao microfone tem por título: «A Imortalidade da Alma».

Preço 7$000. Pelo Correio, 7$600.

Médiuns e Mediunidades

Contendo pouco mais de 100 páginas, esta obra dá uma idéia clara e racional da doutrina espírita, que abrange as esferas religiosas, filosófica e cietifica, infundindo nas almas o desejo de profundar a Revelação Nova, que veiu marcar uma Nova E'ra no progrésso dos povos.

Preço, 5$000. Pelo Correio, 5$500

Genesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificaveis, argumentos irrefutaveis e a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Preço, 2$000. Pelo Correio, 2$500.

Obras de Cairbar Schutel

O Diabo e a Igreja

E' um livrinho que responde categoricamente a todas as invictivas de dois padres, rebatendo as falsas insinuações do cléro e convidando os homens ao estudo do Evangelho. A sua leitura nos dá uma idéia exáta da verdadeira religião do Cristo, sendo êsse o motivo pelo qual as edições desta obra se esgotam com relativa facilidade.

Preço, 3$000. Pelo Correio, 3$500.

Cartas a Esmo

Já foi lançada á publicidade a 3.a edição de «Cartas a Esmo», que é uma resposta á «Carta Pastoral» do sr. Bispo de Florianopolis, D. Joaquim Domingos de Oliveira, que se limitou a combater o Espiritismo, e com tal paixão que chegou a deturpar conceitos de distintos médicos.

Nesta obra, em que a Verdade aparece em todo o seu explendor, está o Discurso do Bispo de Strossmayer, pronunciado por ocasião da proclamação da Infalibilidade do Papa, em Roma, no concilio de 1870.

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço 3$000 e mais $500 para o porte e registro.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

O autor desta pequena, mas substanciosa obra, demonstra aos contraditores do Espiritismo as bases científicas em que se firma essa excelente doutrina e ao mesmo tempo a insensatez daqueles que para a combaterem chegam a se utilizar de termos cuja significação lhes é desconhecida, como no caso da palavra *histeria*.

Com a leitura dêste livro, que acaba de saír do prélo em nova edição, o leitor enriquecerá seu espírito com conhecimentos indispensáveis á sua evolução.

Preço, 3$000 e mais $500 para o porte e registro. Pedidos á Livraria de «O Clarim».

Gabriel Delanne

O Espiritismo perante a ciência

Gabriel Delanne foi um dos maiores pioneiros do Espiritismo na França. Seus livros correm mundo, traduzidos em vários idiomas.

«O Espiritismo perante a ciência», tradução primorosa de Carlos Imbassahy, foi escrito para o povo, portanto redigido em linguagem clara, acessivel a todos. Antes de explicar os factos, o autor faz uma sintetica exposição científica, afim de deixar patente que os fenômenos que vai apresentar, se enquadram perfeitamente nos postulados da ciência.

Pedidos á Livraria de «O Clarim» Preço, 10$000 e mais $800 para o porte e registro.

Ernesto Bozzano

Fenômenos Psíquicos no momento da morte

Ernesto Bozzano, um dos maiores escritores de Além-mar enfeixou neste livro uma serie de factos ocorridos por ocasião da morte, contendo historias curtas e historietas singelas, mas que nem por isso nos deixam de comover.

Cada volume 7$000. pelo Correio 7$600.

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 825
02-06-07 32100 XL
THE HF Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1711unse

NO XVII — Brasil —E. S. Paulo—Matão, 15 de Fevereiro de 1941 —N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Novo Período
A questão das «Almas Mortas»
O raio infra-vermelho torna visível a matéria ectoplásmica
O Espiritismo em Face da Ciência
O Dr. Grumbine escreveu o discurso para ser proferido em seu próprio funeral
Novos Rumos á Medicina
Estudos Psicológicos
«Entre a Ciência e a Imortalidade»
O Perispírito
Durante o Sono
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

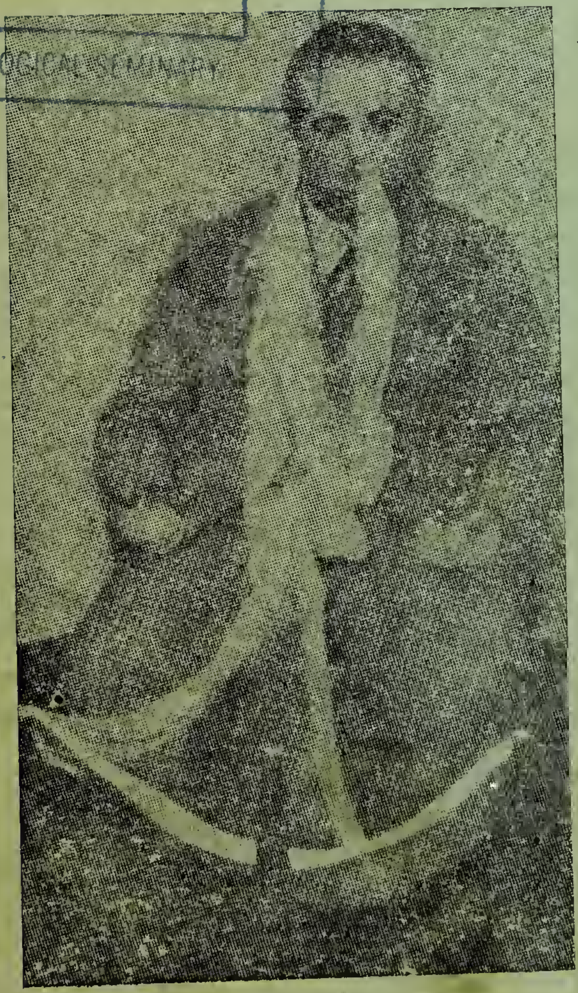

Uma Foto Espírita

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
DE ROCHAS	
A Levitação	7$000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
PEDRO TARSIER	
Roma, o Jesuitismo e a Constituinte	10.000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
EX-PADRE CHINIQUI	
O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000
NOEL VARAO	
Oração de um Crente	4.000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	14.000
JACOLIOT	
Espiritismo na India	4.000
JOSE SURINACH	
Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
« « broc.	6.000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
SIR OLIVER LODGE	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000

DR. ERNESTO BOZZANO	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
brochado	5.000
Xenoglosia	7$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
FRANCISCO C. XAVIER	
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	6$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	6.000
Palavras do Infinito	1.000
DR. IGNACIO FERREIRA	
Conselhos ao meu Filho	4.000
J. W. ROCHESTER	
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
DR. NORALDINO DE CASTRO	
O Espiritismo é a Religião	5.000
DR. ANTAO DE VASCONCELOS	
Revelações de Além Tumulo	8$000
E. ESPERANCE	
No Paiz das Sombras	8$000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000

GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Historía e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	20.000
O. BELEM	
Jerusa	6.000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	6.000
ZOEOLNER	
Fisica Transcendental	6.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
AEROLINO GURJÃO	
Expiação (novela)	8.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro — romance	6.000
LEOPOLDO MACHADO	
Julga, Leitor por ti mesmo. .	4.000
Teatro Espiritualista	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
DR. PAUL GIBIER	
Analise das Cousas	6$000
« « « brochado	4.000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	6$000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000
DR OSMANI EMBOABA	
Fenomenologia Mediunica	7$000
MEDIUM AQUINO	
A Barqueira do Júcar	7$000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
REV. VALE OWEN	
A Vida Além do Véu	5$000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
DR. BEZERRA DE MENEZES	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
« « « broc.	5.000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc	5.000
HORA ESP. RADIOFONICA	
1.º Fascículo	1.000
DR. A. A. MARTINS VELHO	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
ANTONIO LIMA	
Evangelho das Crianças	3 000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
» « « broc.	4.000
A Senda de Espinhos (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
Estrada de Damasco (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
A Sonambula (romance)	8$000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morte «	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada «	7.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	10.000

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro.

Todas estas obras estão á venda na Livraria d'«O Clarim»

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1941 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

NOVO PERÍODO

COM êste número inicia a Revista um novo ciclo de vida, que esperamos poder levar a bom termo, pois contamos, para tanto, com os influxos das entidades espirituais que dirigem a espiritualização da humanidade.

Esta publicação dedica-se de preferência á parte científica do Espiritismo, mas como êste é, ao mesmo tempo, religião, ela não tem descurado do seu aspecto religioso, mesmo porque impossível é fazer separação entre ciência e religião, a sabedoria da moral, que é a arte de o homem bem se conduzir para a perfeição.

Todas as verdades genuinas veem de Deus e para Deus se devem voltar.

A ciência e a religião são, pois, inseparáveis. Ambas são verdades intuitivas, axiomas originários da Suprema Oniciência, que impelem mundos e povos na estrada evolutiva. A paralização de uma implica forçosamente o estacionamento da outra, ou o desvio da senda da verdade.

O espírito moderno não se detem nas esferas da abstração; êle exige demonstrações sólidas, provas positivas.

E' isto que o Espiritismo, simultaneamente ciência e religião, e religião na acepção mais elevada, está fazendo ha pouco mais de noventa anos, com a eclosão dos fenômenos psíquicos na aldeia de Hydesville.

Ciência e religião são irmãs gêmeas, originam-se do mesmo princípio e juntas caminham para o mesmo fim.

Ambas são verdades intuitivas, a nós concedidas como premissas para a nossa evolução.

A *ciência* que nega os factos, a priori, por achá-los inverossímeis, ou os relega ao terreno do sobrenatural, por não poder explicá-los de acordo com suas teorias e idéias preconcebidas, é pseudo-ciência, indigna de consideração por parte de mentalidades sãs. O critério exige exame, estudo, compreensão.

A religião que pretende opor obstáculos á manifestação das faculdades humanas, não está fundada sôbre bases sólidas, é um edifício erguido sôbre areia movediça.

Ciência e Religião são, portanto, os dois cabos ascensores que elevam o homem a seus destinos superiores.

Compenetrados todos de que o homem é dotado dum espírito imortal e que a morte nada mais é do que a transição para um plano superior de existência; cientificamente convencidos os homens de que a individualidade não se extingue no túmulo, mas para lá dêle conserva todas as suas aquisições, a humanidade ver-se-á forçada a mudar de rumo.

O Espiritismo que é religião por excelência, e ciência elevada ao expoente máximo, vem operar uma transformação completa em nosso planeta (tentativa em que falharam todas as religiões divorciadas da ciência), ao mesmo tempo que age de modo eficiente para sanear a nossa atmosfera, regenerando e fazendo progredir os espíritos retardatários e ignorantes, agrilhoados aos dogmas, algemados ás injunções acadêmicas de uma pseuda ciência, ambas as quais teem concorrido para o entravamento do progresso e mal-estar dos terrículas.

O Espiritismo veio para tornar o homem um sêr racional e livre, mostrar-lhe que êle é responsável pelos seus atos e que êle deve esforçar-se para a construção de sua felicidade, ser o artífice de seu futuro.

Iniciando, pois, o novo período, continuaremos a seguir a diretriz que Cairbar Schutel, o fundador desta publicação, lhe traçou em seu artigo inaugural, em 15 de Fevereiro de 1925.

* * *

A revista tem sido grandemente auxiliada. Por um lado, a ajuda espiritual, verdadeiro e inestimável sustentáculo dêsses gênios de Além-túmulo, os quais, quando na terra, estavam integrados pelos laços fortes do Ideal Espírita, avultando, dentre todos, o espírito daquele que dedicou sua inteligência, seus haveres e toda sua energia á causa que abraçou. Sempre temos contado com êsse socorro para suprir a nossa deficiência na magna incumbência que estamos, mercê do Alto, desempenhando.

Por outro lado, é a colaboração de distintos confrades, irmanados no mesmo Ideal, cujos artigos teem ilustrado as páginas dêste periódico, cada qual na sua especialidade, tornando-o atraente e proporcionando aos estudiosos material ótimo e útil.

Aos primeiros, como a êstes, os nossos sinceros agradecimentos.

* * *

Ao terminar esta breve rememoração, consignamos aquí o nosso testemunho de simpatia aos seguintes vultos de espíritas militantes que deixaram o cenário terrestre, no ano transato em demanda de campos de atividade mais elevados. Referimo-nos aos espíritos de Léon Chevreuil, Oliver Lodge e Dr. Pedro do Monte Ablas.

Léon Chevreuil não viu o raiar do ano de 1940, pois sua passagem se verificou aos 11 de Dezembro. Dêle diz Paul Bodier, em «Revue Spirite» de Janeiro de 1940, o seguinte que para aquí trasladamos: Na quinta-feira, 14 de Dezembro, na mesma hora em que os despojos mortais de Léon Chevreuil eram inumados, eu recebia a carta anunciando-me que o grande escritor espírita havia regressado ao Além no dia 11 de Dezembro.

Trata-se dum perfeito apóstolo que nos deixa, um amigo sincero que aprendi a conhecer e admirar de 30 anos para cá.

E' sobretudo um genial escritor que desaparece, um homem que durante toda a vida, defendeu com paciência, tenacidade e coragem, a filosofia kardecista, o espiritismo cristão por excelência.

Como Léon Denis, como Gabriel Delanne, é uma grande perda para o Espiritismo Kardecista, mas pensando que Léon Chevreuil morreu aos 87 anos, só nos resta o dever de saudar, com emoção, o patriarca que foi juntar-se aos grandes mestres dos quais foi o amigo fiel, ao mesmo tempo que o discípulo cuja atividade, sem esmorecimento, prosseguiu a obra admirável de seus predecessores.

Conheci Léon Chevreuil durante 32 anos e sempre o vi ativo e discreto em seu papel de propagandista, escritor de artigos (muitos dos quais reproduzidos nesta revista) e de livros que permanecerão monumentos de ciência, de bom senso e de fé, fé que jamais enfraqueceu, fé que jamais se desmentiu, porque era, antes de tudo, cheia de amor, de caridade e de modéstia.

Leon Chevreuil não era orador, mas, em compensação, êle possuia no mais alto grau, os dons magníficos dum grande escritor, dum pensador, ao mesmo tempo sábio e prudente, seguro da verdade que êle ensinava...

Oliver Lodge.

Inúmeros artigos seus deram relevos a esta publicação, durante anos seguidos.

Oliver Lodge foi o desbravador do Éter e seu nome está ligado á rádio-telefonia como um precursor. Convencido da sobrevivência do espírito, isto ha 50 anos, convicção que lhe adveio pelas comunicações com os mesmos espíritos redivivos, por meio de médiuns submetidos aos mais rígidos contrôles científicos. Oliver Lodge fez sua declaração ante os representantes da ciência ortodoxa. Quando êle afirmou a sua convicção da sobrevivência humana, a sua declaração provocou espanto nos meios científicos e mesmo espíritas.

Lodge era um verdadeiro espírito de renúncia. Como o eminente Bozzano, seus artigos e livros eram impressos por toda a parte, abdicando êle de seus direitos autorais, em proveito da coletividade.

Êsse homem tornou-se credor do reconhecimento de todo o mundo espírita. O fundador desta revista com êle se correspondeu, e seus autógrafos, existentes na redação, revelam um espírito superior ao comum dos cientistas.

Dr. Pedro do Monte Ablas.

Esta figura de relevo nos meios espiritistas, terminou no ano findo, a sua jornada terrestre, desincarnando a 5 de Novembro, com a idade de 68 anos. Era redator da nossa prezada colega — «A Centelha» e um dos mais dedicados prégadores da Sobrevivência e do Evangelho.

Dotado de aprimorada cultura, o Dr. Pedro do Monte Ablas deixou uma larga folha de serviços prestados á doutrina. Era jornalista e poeta de vasto recurso literário, deixando muitas produções para enriquecimento da biblioteca espírita.

Teatrólogo de fino gosto, produziu diversas peças, entre as quais destacamos: «Em holocausto» (em verso); «A calunia», «Amores de irmãos», «A cega martir», «Tal pai tal filho», «A grande fita».

Descendente de tradicional família santista, o Dr. Pedro do Monte Ablas, nasceu na cidade de Santos no dia 13 de Novembro de 1871.

Formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo e bacharelando-se em 1894, iniciou suas atividades como advogado na cidade de Santos e na Capital.

Em 1904 ingressou na magistratura, exercendo os altos cargos de Procurador da República e de juiz substituto federal, sendo, em 1924, elevado á cural de juiz federal da segunda vara, onde se conservou até 1931, deixando o exercício por ter sido posto em disponibilidade.

Suas prégações eram seladas com a prática das virtudes ativas, amparando os necessitados que dêle se aproximavam, com a maior solicitude.

Espírito comunicativo e serviçal, era estimado e admirado por todos quantos com êle tinham a felicidade de privar.

Deixa viúva D. Olinda Marques do Monte Ablas e um filho, o sr. Henrique Monte do Ablas, diversos netos, um bisneto e númerosos sobrinhos.

Numa prece fervorosa, solicitamos a Jesus receber em seu redil, os espíritos dêstes seus discípulos, enchendo-os ainda de mais luzes com as quais deverão êle iluminar os que estão na escura estrada da vida terrena.

As aspirações universais e constantes da humanidade pensante, a recordação e o respeito pelos mortos, a idéia inata de uma justiça imanente, o sentimento da nossa consciência e das nossas faculdades intelectuais, a miserável incoerência dos destinos terrestres comparada á ordem matemática que rege o universo, a imensa vertigem de infinito e de eternidade que, numa noite estrelada, nos assalta, ao contemplarmos o céu, e, no fundo de todas as nossas concepções, a identidade permanente do nosso **eu**, apesar das variações e das transformações perpétuas da substância cerebral, tudo concorre para estabelecer em nós a convicção da existência da nossa alma como entidade individual, da sua sobrevivência á destruição do nosso organismo corporal e da sua imortalidade. — CAMILLE FLAMMARION.

A Quéstão das "Almas Mortas"

La Revue Spirite — E. Bozzano

(Conclusão)

Até aquí as opiniões das personalidades mediúnicas são explícitas na afirmação da existência de individualidades humanas, tão endurecidas no mal, de tal modo incorrigíveis de modo a não poderem salvar-se, e consequentemente se encaminhariam fatalmente para a «segunda morte», a qual implicaria a extinção definitiva de sua individualidade, enquanto que a centelha divina que os animava voltaria á *origem* eterna, donde emanou.

Em compensação, outras personalidades mediúnicas existem, segundo as quais seria de presumir ao contrário, que ao facto indubitável da «segunda morte» que espera os espíritos dos réprobos irredutíveis, suceder-se-ia (após intervalos de tempos mais ou menos longos) uma segunda série de reincarnações sôbre a terra das mesmas centelhas divinas que individualizavam os réprobos aniquilados, de modo a proporcionar-lhes uma nova ocasião de se rehabilitar, recomeçando desde o princípio a sua aprendizagem na escola dos mundos.

Notemos que o mesmo «Imperator» (espírito-guia de Moses), supõe algo de semelhante. Com efeito, nos póstumos «*Ensinos dos Espíritos*», pode-se notar êste fragmento de diálogo.

> P.—O que acontece aos espíritos que, em lugar de melhorar, se tornam continuamente piores?
>
> R.—...Nós já to dissemos, que existem seis esferas abaixo da terra, mas nós nunca fomos além da quarta. Para lá desta, erram os espíritos miseráveis que, incapazes de se elevar, vão afundando, abandonados a si próprios, e pouco a pouco perdem a sua personalidade... Eles ficam sujeitos ao que, em vossas Sagradas Escrituras, se denomina a «Segunda morte»...
>
> P.—Mas o espírito não pode ser aniquilado. Talvez êle venha a reincarnar-se?
>
> R.—Disso nada sabemos. Mas, é provável que êle se reincarne numa forma de vida inferior. Em todo caso, nada podemos afirmar a êste respeito...

Eu cito êste outro extrato do notável volume de revelações transcendentais que se intitula: «*Thought Lectures,*» by Father Stephano:

> Não ha almas que se extinguem para sempre; dentre elas existem algumas que aparentemente são destruidas, mas em realidade assim não acontece. Elas são submetidas a um processo de reconstrução, para viver sob outra forma; e isso se produz para as almas que constantemente viveram mergulhadas no vício e nos crimes. Neste caso, os que sabem, julgam prudente refazê-las de novo. Isto escapa á vossa compreensão, nós mesmos não o compreendemos, mas é isto que se quer exprimir pela fórmula «almas que morrem.» Em realidade, elas não morrem para sempre, mas sómente por certo tempo. Mas, então, acontece a mesma alma não poder ser identificada depois de sua regeneração, e isso pelo facto de ser a identidade e a individualidade a síntese do organismo anímico e, consequentemente submissas ao processo geral de reconstrução.»

Numa interessante coleção de mensagens mediùnicas intitulada: «Letters from the other side», coleção editada por Henri Tilbault, com a qual não foi publicado o nome da entidade comunicante (a pedido da mesma entidade), mas substituido pelo pseudônimo de «Filemon», é feita alusão ao nosso problema nos seguintes termos:

> «O princípio espiritual de Vida, emanação divina, que lentamente elabora o espírito imortal do homem, di-

minúe pouco a pouco suas próprias relações com a individualidade que êle vitaliza, á medida que esta continua a se endurecer no mal, até o momento em que se produz a crise final com a desintegração da individualidade abortado do *réprobo* irredutivel, de sorte que o princípio da Vida que a animava, volta ao manancial divino, donde emanou, *para recomeçar, outra vez, um novo processo de individualização.* Êsse processo, ou melhor : esta hipótese nos parece indispensável para nos darmos conta do que se passa nas esferas espirituais como entre os viventes em circunstâncias análogas, mas pode acontecer que a realidade seja bem diferente das nossas induções...»

Esta última reserva prudente da entidade comunicante, bem como todas as outras reportadas precedentemente, merecem ser assinaladas, pois que elas confirmam a hipótese grandemente racional, segundo a qual os espíritos dos defuntos de modo algum se tornam onicientes pelo simples facto de terem desincarnado. Paralelamente, nas circunstâncias em questão, eles, a seu turno, estariam reduzidos a formular suposições e hipóteses sôbre a real significação da «segunda morte», a qual são submetidos os espíritos dos réprobos irredutiveis, ainda que eles se encontrem em estado de fazê-lo um pouco mais facilmente do que os viventes.

Noto, enfim, que na discussão suscitada pelo artigo do professor William Barrett, êste último se declarou inclinado a acolher, por sua vez, a hipótese reincarnacionista, como explicação dos factos.

E' assim que êle discorre :

«Enquanto que por uma parte, eu considero como provável que os indivíduos depravados, bestialmente egoistas e incorrigíveis, sejam submetidos a uma «segunda morte», por outra parte eu não posso acreditar que sua individualidade deva ser considerada completamente extinta para sempre. Talvez suceda que a centelha divina que as animava, retorne de qualquer sorte, á existência conciente, provavelmente por meio das «reincarnações», muitas vezes repetidas, até que as tentações que impeliam a alma a depravar-se, definhem pouco a pouco, para enfim desaparecer no longo calvário das provas suportadas...

* * *

Aqui termino as citações, das quais se aprende que as personalidades mediúnicas se acham de acordo para afirmar que ha «almas que morrem», o que se produziria através dum lento e inexorável processo de desintegração dos elementos constitutivos do invólucro etérico do espírito, processo que seria qualificado de «segunda morte», e que teria lugar nos abismos tenebrosos das esferas espirituais de expiação.

Mas também se constata que os casos de individualidades humanas endurecidas no mal a ponto de determinar sua própria extinção são raros e excepcionais. Esta ultima circunstância concordaria com as conclusões dos psicólogos modernos á propósito do «determinismo e livre-arbítrio», no sentido que se êste destino dos mais sombrios fere unicamente as individualidades que se obstinam no mal, por mais que possuam um livre-arbítrio *ad hoc*, então tais indivíduos são raros, visto que, baseando-se sôbre investigações psíquiátricas, aprende-se que ás taras hereditárias psíquicas e físicas que contrariam o livre exercicio da vontade humana, são palidamente generalizadas sob multiplas formas.

Dum outro ponto de vista, farei observar que a hipótese das «almas que morrem», circunscritas nos limites indicados, parece mais racional e mais aceitável que a hipótese dita «imortalidade condicional», segundo a qual seria necessário admitir que a sobrevivência é um privilégio concedido ás individualidades humanas, espiritual e moralmente elevadas, o que leva a admitir que o destino da grande maioria dos miseráveis mortais, perpetuamente empenhados na ardua luta pela vida e permanentemente expostos ás ciladas dos sentidos, seria marchar para a extinção de sua individualidade, o que, filosófica e moralmente, parece absurdo, injusto e monstruoso.

Assinalo, enfim, que existem personalidades mediúnicas que duvidam possa aí se tratar duma extinção definitiva da individualidade suprimida, mas que acreditam num parentese temporário da existência, no sentido que a mesma centelha de vida, que animava uma individualidade passada pela «segunda morte», se reincarnaria de novo num ambiente terrestre com o fim de recomeçar completamente a longa aprendizagem das palingenesias regeneradoras na escola dos mundos.

Quanto ao que, nas citações referidas, se refere ás opiniões diversas, mas não contraditórias, expressas sôbre o assunto, pelas personalidades mediúnicas, já se poude ver que elas se justificam plenamente pela unanimidade das declarações, segundo as quais elas nada de positivo sabem a êste respeito, ainda que elas se encontrem em estado de induzir e deduzir um pouco melhor do que os viventes, pelo que lhes é dado observar nas esferas espirituais de provação.

Eu renuncio a analisar o árduo problema levantado pelos ensinamentos dados pelas personalidades mediúnicas em torno do têma em exame, e é sómente com um objetivo de estudo que assinalarei que em duas das citações se encontram afirmações que implicam uma sorte de «reincarnação regressiva». Numa delas, afirma-se que os espíritos perversos «são submetidos a um processo de reconstrução, para reviver em seguida sob uma outra forma», e que a mesma alma não poderia ser identificada após a reconstrução. Na outra citação, tirada de Moses, êste pergunta: «Mas o espírito não pode conhecer a extinção; talvez êle se reincarne?» Ao que lhe é respondido: «Disso nada sabemos; mas é provável que êle se reincarne *numa forma inferior de existência.* Se acolhermos estas afirmações como hipóteses, daí resultaria que a aparente extinção final de tais espíritos, seria o recomeçar totalmente, após haver descido até o limite em que a conciência de si está completamente desvanecida. Tratar-se-ia, em suma, duma sorte de «reincarnação regressiva» que seria o equivalente da metempsicose segundo Platão. Isto dito, e baseado nas regras da indução por analogia, necessário se torna concluir que, da mesma maneira que se nota no mundo da matéria que, paralelamente á grande lei da «evolução progressiva» das espécies, opera a outra lei menor e auxiliar da «evolução regressiva» pela qual se atrofiam os orgãos e faculdades, tornadas inúteis ás espécies que vivem num meio transformado, assim no mundo do espírito dar-se-ia também que, paralelamente á grande lei da «reincarnação progressiva», operaria a outra lei menor e auxiliar da «reincarnação regressiva», pela qual seriam eliminados num primeiro periodo as unidades espiritualmente abortadas do gênero humano para os *refazer* em seguida, em um segundo tempo, pelo processo duma palingenesia regeneradora, retomada do começo, através das fieiras inumeráveis das espécies animais e das raças humanas.

Assim encerrada em tais limites, a doutrina das «almas que morrem» pareceria justificável do ponto de vista psicológico, moral e progressivo. Convém recordar a êste propósito que também o prof. William Barrett, a-pesar-de aderir ás proposições extremas implicadas na tese da «imortalidade condicional», acaba por presumir que os espíritos perversos sofrem, em última análise, um processo de «reincarnação regressiva».

Aquí paro, nesta argumentação teórica, relembrando que a nova «Ciência da Alma», que começa a raiar no horizonte, sómente *persistirá* se ela souber ater-se rigorosamente aos factos. Porque fóra dos factos, as mais brilhantes elocubrações teóricas são vãs, e inúteis, não importa qual sistema de doutrina mística, por mais sedutora e elevada que seja.

Uma sabedoria sem obras é como uma arvore sem frutos. Que a vossa sabedoria brilhe aos olhos dos homens em raios de amor.

Camargo.

O raio infra-vermelho torna visivel a matéria ectoplásmica

A Realidade do Fenômeno Psíquico — «The Two Worlds»

Como investigador privado, empreguei esforços no sentido de obter uma prova real do fenômeno psíquico pela mediunidade de Mr. Charles Basham de Haunslaw, cujo guia Rusha, assistido por muitos outros, anuiu de boa vontade em cooperar comigo para que as sessões se coroassem de pleno êxito.

Em sessões realizadas com Mr. Basham, frequentemente observámos a formação de substâncias psíquicas que se apresentavam sem o aspecto de radiações douradas sob o efeito dos raios infra-vermelhos.

A 2 de Dezembro de 1939, com o assentimento dos guias do médium, fiz experiências com o emprêgo da luz infra-vermelha. Foram produzidas seis fotografias. A primeira mostra uma substância ectoplasmica á maneira de tecido que emergia das vestes do médium (região umbilical) e se estendia para ir se apegar a duas trombetas colocadas no soalho. A segunda revela uma onda da mesma substância, que aparentemente procedia da bôca fechada do médium e que atingia uma das cornetas.

A terceira fotografia reproduz um ensaio de materialização sôbre o rosto do médium. Infelizmente está um pouco fora do círculo luminoso da lente, por ter o médium lançado a cabeça para trás durante a pose.

A quarta foto mostra o *tecido* ectoplásmico emergente da mão direita e alongando-se até a corneta.

A quinta foto, aquí reproduzida, mostra uma onda de ectoplasma proveniente do nariz e dum ouvido, indo ligar-se a duas cornetas. Estas fotografias foram tomadas pelo aparelho colocado a quatro metros do médium, com exposições que variavam entre seis e sete segundos.

Interessante é notar que a substância psíquica nem sempre é visível, mas quando os operadores espirituais a preparam ou a intensificam para a tornar fotografável, ela se torna visível sob os raios infra-vermelhos e adquire uma luminosidade dourada. Isto nos parece ser um caraterístico inteiramente novo nas investigações psíquicas.

Essas sessões se realizaram num templo da Trinity, que se dedica á cura espiritual e essas fotografias foram tomadas em nossas sessões privadas. Obtivemos as fotos por meio dos raios infra-vermelhos e em plena obscuridade. Tomavam parte ás sessões, além do médium, sete assistentes; sempre e regularmente os mesmos.

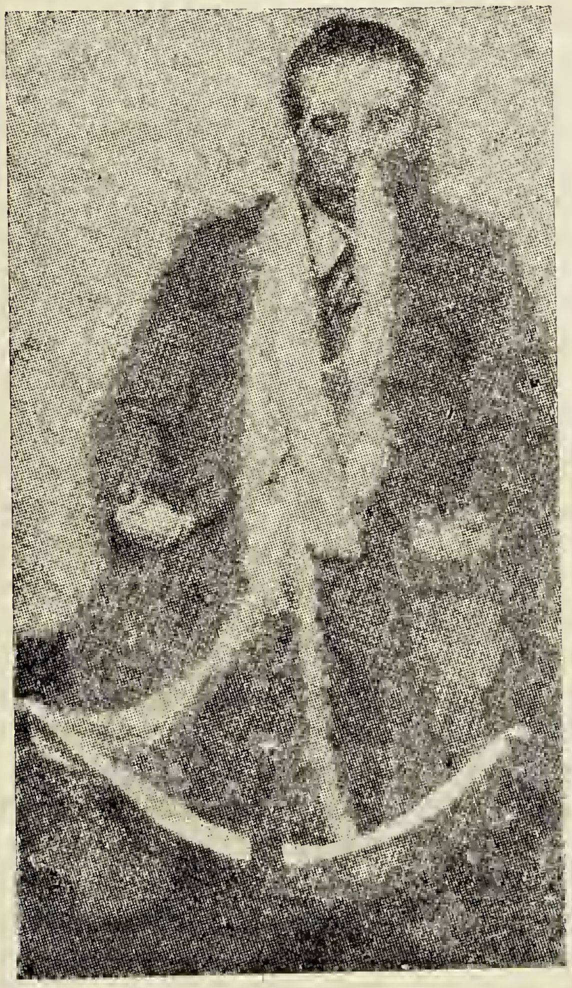

Exteriorização ectoplásmica (Médium Ch. Basham — chapa n. 5).

Realizou-se outra sessão experimental no mesmo lugar a 13 de Janeiro. Não obtivemos fotografias, mas foi aportada uma grande placa. E' preciso frizar que estava *tão quente* que, quando ela foi entregue a Mr. Goode, êste foi obrigado a manipulá-la com precaução.

Nessa sessão, fui convidado a levar o meu aparelho fotográfico para a sessão a realizar-se em futuro próximo, afim de tentar obter a foto duma corneta que seria levitada.

Essa sessão foi fixada para o dia 27 de Janeiro. Nêsse dia não esperavamos bom resultado por se achar o médium muito resfriado. Para esta sessão, nós usámos uma pequena corneta de celuloide, côr de rosa.

Rasha, o guia do médium, pediu aos assistentes se aproximassem tanto quanto possível e eu deveria bater a chapa, no momento em que a corneta estivesse imóvel no ar, mantida nessa posição pelo esforço dos guias. Cumprindo a ordem dada por Rasha, fiz a primeira exposição de sete segundos. Eu não deveria mostar luz durante a mudança de chapa. Quando isso foi feito, disseram-me que eu podia introduzir minha luz vermelha. Assim procedi, e pude mudar a placa dupla. Foram tomadas cinco fotos.

Duas dentre elas mostram uma substância ectoplásmica que provinha da cintura do médium e que se ligava á corneta.

Duas outras mostram a corneta sôbre a testa do médium, fazendo com a vertical um ângulo de 45 graus, a outra foto mostra a corneta suspensa no espaço.

Durante a tomada das fotos, o guia Rasha perguntou se os assistentes viam o ectoplasma. Todos responderam afirmativamente.

Durante o curso da sessão, uma ardósia foi coberta por escrita independente e colocada sôbre meus joelhos. Um ponteiro, cujo ranger ouviramos no interior da corneta, foi colocado em minha mão.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXVIII —

Espiritualismo Científico

Barros Fournier asseverou, com muita lógica e oportunidade, num estudo seu de espiritualismo científico, que ser, nos tempos em curso, materialista, é andar, cientificamente, a carro de bois. Com o desenvolvimento científico das idéias espiritualistas, a par da incapacidade da ciência oficial e das religiões materializadas, e oficializadas, para a solução do problema da felicidade humana, não ha o que fazer sinão endossar o asserto de Barros Fournier. Asserto que se harmoniza, aliás, a êste outro, de Camille Flammarion: «O título de materialista ainda hoje usado por homens que não vêem mais do que as aparências vulgares das coisas, não póde ser considerado pelo homem pensador sinão como um título ridículo e sem significação.»

O homem não aspira sôbre a Terra sinão á felicidade. Ser feliz é a nossa aspiração máxima. Aspiração que só pela ciência e pela religião poderiamos corporificar em realidade. — Mas! a ciência por demais materializada, porque acreditado sómente pelo exame dos precarissimos sentidos corporais, e as religiões materializadas, formalísticas e dogmáticas faliram, mau grado seu, para tanto. A ciência por se afastar de Deus, visto como a verdadeira Ciência, — no dizer de Bacon —, conduz a Deus, enquanto a pouca ciência nos afasta de Deus. A ciência que aí está, afasta-nos de Deus, no mesmo passo em que as religiões, por muito se aproximarem das coisas terrenas, muito se afastaram das coisas divinas. Por isso que apesar-de vivermos cientificamente, no *Século das Luzes*, e apesar-de as milhares de religiões e seitas que os homens, hoje, professam, afóra outros tantos *ismo* decorrentes dessas mesmas religiões e ciências, nunca a humanidade viveu tão infeliz e foi tão desgraçada!

Tempo é já, portanto, de o homem despertar dos preconceitos bolorentos e formalísticos, religiosos e científicos do passado, para realizações novas, cientìficas e religiosas, do presente, na certeza, ainda, dêsse novo asserto luminoso de Flammarion, de que a religião do futuro tem de ser científica e a ciência, religiosa para poderem, uma e outra, satisfazer as ansiedades do homem.

E' bem uma intuição dessas que o grande sábio Alexis Carrel tem, como se depreende do seu «O Homem, êsse Desconhecido», que aí está. E' bem por sentir dêste módo, que sir Arthur Eddington afirma que «o nosso ponto de vista (materialista) está errado, desde que nos limitemos a julgar sómente aquilo que vemos e sentimos.» Foi bem isto que levou Daniel Rops a escrever: «A ciência conduzindo-nos a um mundo sem alma - o mundo da velocidade, da maquina, do caos, de sensações, do utilitarismo do ipsismo, do apocalipticismo social — fez a desgraça do homem». Foi bem a compreensão disto que arrastou René Guemon a dizer: «O progresso pela ciência não existe: o mundo desloca-se mas não avança, envelhece, mas não melhora.» E o objetivo da ciência é melhorar o homem, preparando-o para, sadio, forte, otomista, ser feliz. Por isso que Etienne Gilson, declarando a falência da ciência materialista, assevera que os seus sábios só se teem limitado a inventar fatos e leis, fenômenos e datas, a crear e aperfeiçoar técnicas. E' bem isto que levou sir Oliver Lodge a assegurar: «Nós somos muito limitados no nosso módo de conceber o Universo, porque somos constrangidos a viver nêste planeta com sentidos derivados dos brutos.»

E somos nós, êsses brutos, átomos humanos povoadores dêste átomo cósmico —a Terra—que, baseado em ciência que tal, negamos a existência do Sábio dos Sábios, que é Deus, chegando ao descaso de afirmar, até, que os astros que recamam o Infinito se, porventura, atestam a glória de alguém, só póde ser a dos Keplers, dos Leverriers, dos Herschers, dos Laplaces, que os descobriram... (A. Comte).

A verdade das coisas não está, absolutamente, naquilo que os nossos sentidos apreendem, por isso que a verdade da vida não está no mundo visível. Di-lo Charles Richet: «Existe um mundo misterioso que nos envolve, de sorte que nêle, nós nos movemos numa obscuridade profunda.»

Aclarar essa obscuridade profunda, de modo que o seu conhecimento integral seja uma realidade, porque sem mistérios, dogmas, convenções científico-religiosas, milagres e sobrenaturalidades, é que deve ser o papel da Ciência e da Religião. E só uma religião científica, ou uma ciência religiosa, de molde a falar, a um tempo, a cerebros e corações, preparando-nos para a solução do problema da felicidade, será capaz de impôr-se a toda gente, quando toda gente se dispusêr e crer racionalmente, sem carecer mais de outra autoridade religiosa, afóra daquela decorrente dos factos e da lógica de suas demonstrações; quando os sábios se dispuserem a examinar tudo, mormente aquilo que contrarie as teorias de sua cienciazinha materialista. Só dêste geito, poderá êste mundo, desconhecido que é, na verdade, o verdadeiro mundo, se tornar conhecido, porque é dêste conhecimento integral que dependerá a solução do problema da felicidade humana. E' uma ilusão, ainda, para os cientistas de pouca ciência, e uma duvidosa esperança, para os religiosos por tradição, formalidade e convenção. Vale a pena dizer, aquí, com Paul Gibier, que «a maior das ilusões chama-se realidade».

Quereis conhecer a realidade dêsse *mundo de ilusões e duvidosas esperanças?* Estudai o Espiritismo, através de seus aspectos filosófico, científico e religioso, e acabareis convindo que «com o seu advento, não ha os que creem e descreem na sobrevivência, mas os que sabem e os que ignoram».

Para além das causas declaradas dos nossos atos, ha sem dúvida causas secretas que nós não confessamos; mas, para além destas, ainda ha outras mais secretas, pois que nem nós as conhecemos. A maioria das nossas ações quotidianas são o resultado de móveis ocultos que escapam á nossa conciência.

GUSTAVE LE BON.

O Dr. Grumbine escreveu o Discurso para ser proferido em seu próprio Funeral

«Psychic News»

Quando o corpo do Dr. Grumbine foi recentemente sepultado, nos Estados Unidos, um amigo leu o discurso escrito para êsse propósito. Enquanto muitos ortodoxos tremem só em pensar na «morte», um espírita pode contemplar calmamente a transição e fazer uma descrição apreciável dos encantos da vida futura. A seguir, alguns extratos do que escreveu o Dr. Grumbine:

A morte é o ponto que marca o fim da peregrinação terrestre e o início da celeste. Nós sabemos que o espírito e seu caráter permanecem os mesmos depois da morte, tais quais foram antes dela!

A morte não transforma a personalidade humana, nem a sua identidade. Provas irrecusáveis demonstram que a personalidade humana sobrevive á morte e que ela pode comunicar-se, e efetivamente se comunica com os entes queridos, que ficaram para trás.

O Mundo Espiritual é composto de dois hemisférios—o físico ou material, e o espiritual. O primeiro trata das coisas referentes á percepção sensorial, vida, e conciência do homem, e o último trata das experiências que as transcendem.

O AMOR E' UMA FÔRÇA ATRATIVA

A investigação psíquica demonstrou, por seus registros de evidências científicas (que qualquer pessoa pode averiguar) que milhões de espíritos percorrem a terra, quer de dia quer de noite, porque o amor os atrai a serviços sôbre a terra, serviços de solidariedade humana e também divinos.

Esta verdade é a mais benéfica e abençoada de todas as revelações da ciência psíquica.

Exercitando as nossas faculdades psíquicas, que todos nós possuimos, podemos estabelecer comunicação e comunhão com os habitantes do mundo espiritual. Êste é um dos segredos que a morte nos revelou.

Pessoalmente, eu pude, durante o tempo em que me encontrei no corpo físico, ver, ouvir e sentir *espiritualmente.*

ALÉM DO VÉU

Posto no mundo, em meio de vicissitudes e encarando o negror da morte, que aos vivos se afigura um mistério impenetrável, o espírito pode verdadeiramente rasgar o véu, e olhos clarividentes e ouvidos clariaudientes podem ver as formas e ouvir as vozes dos sêres queridos que de nós se aproximam, vindos da espiritualidade.

O mundo dos espìritos é tão bonito e natural como o nosso mundo terrestre. O temor, gerado pela superstição, prontamente se transforma em profunda admiração e alegria em presença da naturalidade com que tudo saúda o espírito quando a morte rompe a conexão entre êste e o corpo.

Então ficamos sabendo que não existem o inferno e o céu materiais, mas que somos regidos por uma lei natural e espiritual e esta lei é eternamente benéfica porque é esta a vontade de Deus.

A morte não pode impedir o espìrito de reconhecer que o homem irá colher o que houver semeado, quer neste quer no outro mundo. A morte liberta a alma de seu tabernáculo terrestre, mas não destroe ou transforma o caráter do homem.

POSSE ETERNA

O caráter determina qual será o seu estado e condição no mundo espiritual. Lá não seremos melhores nem piores do que fomos aquí. Os nossos bens materiais nada valem mas os espirituais tudo valem!

O Espiritismo traz a convicção de que todos nós sobreviveremos ao transe chamado morte e que a nossa ventura ou desventura é um estado da nossa conciência. Toda dôr física acaba ao morrer. Outro tanto acontece com a pobreza.

O progresso é infinito e interminável. Os nossos desenvolvimentos espiritual e intelectual determinam nossas afinidades. Nós atrairemos os anjos, se nós, á semelhança deles, amarmos e praticarmos o bem.

40 ANOS DE INVESTIGAÇÃO

Eu sei que meu espírito, ou alma, sobreviverá á transformação denominada morte. *Pessoalmente, eu tenho estado am comunicação com meus antes queridos que, desde 1893, se encontram no mundo espiritual.* Êste facto me tornou a vida tolerável !

Desde o momento em que a ciência física pediu provas físicas da nossa sobrevivência e não espirituais, os espíritos teem fornecido provas concludentes quanto á realidade e identidade pessoal após a mudança chamada morte.

Por não saber o homem que êle é presentemente um espírito encerrado num corpo carnal e que sua vida e imortalidade independem de seu corpo, é que os espíritos, para o provar, teem feito o máximo esforço, e continuarão a fazê-lo.

HOMEM IMORTAL

Não sendo de natureza espiritual semelhante prova, mas física, é de esperar que o homem desperte para as provas essenciais e mais elevadas de sua eternidade, procurando no íntimo as provas espirituais secretas ou veladas, potenciais e mais vantajosas, dentro de seu sêr supernormal, aquela esfera do seu EU divino onde lhe será revelada sua natureza de ente imortal.

Quando chegar o momento da partida, êle aceitará alegremente a sua transição, e cheio de esperanças, passará às regiões mais elevadas; assim, possa êste conhecimento confortar a todos os que ainda permanecem na terra, tornando a vida uma coisa digna de apreciação.

O amor nos unifica! Que o amor nos conserve unidos mesmo depois de ter o espírito abandonado o corpo, mas ainda presente na atmosfera do lar terrestre, para confortar, guiar e abençoar. Seu próprio progresso e felicidade dependem desse serviço amorável...

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Nos ligeiros comentários que tecemos em torno das observações publicadas pelas colunas desta revista, se não deixámos passar despercebidos a grandeza e o esplendor da medicina, como arte de curar, não deixámos de verberar, também, o seu desvirtuamento por parte de médicos inescrupulosos e inconcientes que transformam esta ciência sublime em instrumento de dôr, de mágoas e de torturas.

Nem todos os médicos teem a hombridade necessária para dizer : — *ignoro* — ante determinados casos para os quais a sua ciência, a sua argúcia e o seu descortino clínico não lhe oferecem bases para um diagnóstico e, consequentemente, para uma terapêutica criteriosa.

E' muito mais digno confessar a impossibilidade ou a ignorância sôbre um determinado caso clínico ou cirúrgico, do que arvorar-se em infalível, perfeito conhecedor de todos os males que corroem o corpo e atacam a alma.

E' muito mais digno curvar-se perante a realidade dos limites da possibilidade clínica e da capacidade dos recursos limitados dos conhecimentos e da terapêutica material, do que, cega e desorientadamente, lançar mãos de tentativas as mais das vezes reconhecidas vãs, para atenuar um mal ou impedir um infortunio.

E é muito mais digno porque, essa tentativa cega e inconciente, quasi sempre degenera em tormentos maiores e em angústias mais prolongadas.

A medicina dos homens, baseada no orgulho que cega e na grandeza fictícia da sua infalibilidade, conciente mesmo de que os quadros das suas classificações ainda deixam muito a desejar e que os seus recursos terapêuticos ainda são bastante deficientes, continua persistindo tenazmente no erro, espalhando infelicidades, provocando torturas e desassossêgos.

Médicos, sacerdotes de uma das mais sublimes ciências—que é a ciência encarregada de velar por todos os lares onde imperam as lágrimas e as desventuras, teem servido de instrumentos para fazer justamente o contrário, com o fito único de não perder o cliente e, com êle, os seus proventos, o eterno ouro, fator para o seu conforto e para aumento da sua fortuna!

Felizmente, êsses disvirtuadores da mais sublime das ciências, são poucos, mas os malefícios por êles praticados são grandes, tamanhos que chegam a provocar uma caudal de dôres a milhões de lares!

São os industrializadores de abortos, os ligadores de trompas, os deformadores de orgãos que fazem da mulher a criatura santa, digna e merecedora de todo o carinho e todo o respeito, como mãe, na missão sublime de procriar e criar!

São os cirurgiões que deformam e cujas mãos, empunhando os bisturís, tremem ao escalpelar os orgãos essenciais da mulher, mas que ferem e não se desnorteiam em ver o sangue escorrer de vasos tão sagrados, porque, no vermelho daquele sangue, a sua cobiça vê o amarelo do ouro, o amarelo que perturba e leva aos maiores crimes!

São os deformadores que, de bisturi em punho, concientes de que não se luta contra a natureza, mesmo, assim, sacrilegamente, cortam e deformam, não ouvindo a voz da própria conciência por incapaz de emitir um som mais forte do que o tilintar das moedas, tilintar que se assemelha ao riso do mal, regosijando-se pela esperança de deter a marcha das leis divinas...

Não podemos deixar de soltar êste grito de revolta, porque aos nossos cuidados, no Sanatòrio onde trabalhamos, teem sido entregues inúmeras criaturas infelizes que, vitimadas por obsessões terríveis, foram deformadas por um mal muito maior, após passarem pelas mesas dos cirurgiões, com ligamentos de trompas, quando não ultrajadas, vilipendiadas mesmo naquilo que de mais sagrado lhes fôra destinado pela natureza—os orgãos da reprodução.

Afastados os obsessores, livres dos tormentos que as afligiam, continuam mesmo assim, no seu sudário de sofrimentos, acicatadas pelas leis inexoráveis da preciência divina, em luta constante com a natureza, que reclama seus orgãos, verdadeiros cadinhos por intermédio dos quais se processam as assimilações e dessassimilações imprescindìveis ao equilíbrio orgânico!

Mães que podiam retornar ao lar para cumprir a sua santa missão junto ao esposo e filhos e que, no entanto, vitimadas pela ambição e pela falta de critério de médicos inconciêntes, teem que viver o resto da vida num hospital de loucos, uma existência sem finalidade, impossibilitadas de velar e encaminhar os filhos que lhes foram confiados!

Esposas que podiam estar servindo de apôio e incentivo para o progresso do companheiro, e, no entanto, atiradas no hospício, vítimas inconciêntes dos deformadores conciêntes, e indiferentes ás desgraças que semeiam, contanto que as suas arcas vivam repletas, transbordantes com o ouro que resulta de tais práticas!

Sensibiliza-nos o espírito ao vermos nessas criaturas fortes, plenas de vida, ansiando pela atenuação dos seus males, alimentando uma esperança de cura para que possam seguir de volta ao lar, como companheiras dedicadas e mães extremosas!

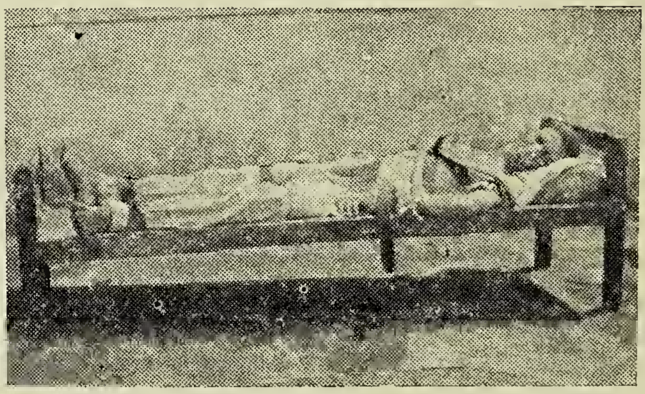

Fotografia de enfêrmo espelhando o quadro fiél dos seus tormentos atuais que nada mais representam do que o pagamento de iniquidades passadas.

Caso de *obsessão* completamente curado sem o auxílio de exames de laboratórios, aparelhagens e drogas oficiais. Apenas passes e doutrinação dos *espíritos dos reputados mortos*...

Não passam, êsses casos, de uma prova frisante do que sempre dissemos — a medicina, desconhecendo, ainda, a possibilidade da atuação dos reputados mortos, alimentados por ódios e por vinganças, ainda não chegou a altura a que se deve elevar, e ainda não pode contar com elementos imprescindíveis para caminhar, com segurança, no dédalo de dúvidas e de incertezas em que vive!

Ante qualquer manifestação de loucura e distúrbio mental, não encontrando um ponto de apôio seguro, alguns médicos volvem as suas vistas para os orgãos sexuais, culpando-os dessas manifestações que o seu orgulho e o seu indiferentismo não permitem solucionar.

Daí, as operações deformantes, como tábua de salvação, é um passo, indiferentes aos resultados e complicações tardias, indiferentes ás desgraças e infelicidades que possam advir para um futuro remoto...

Plenamente concientes de que são orgãos imprescindíveis ao perfeito equilíbrio desta máquina sublime que é o corpo humano — ; não ignorando que o estado atual da terapêutica não permite repor produtos glandulares para substituir, embora em quantidade mínima, o produto das suas elaborações tão essenciais ao perfeito funcionamento orgânico, ainda continuam decepando, mutilando, arrancando, sem que tudo isso lhes pese na conciência.

E' muito mais digno e criterioso estudar, investigar e perquerir, do que continuar persistindo no êrro, apoiados em velharias já carcomidas pelo tempo, prova de que não eram bastante fortes para resistir aos choques da evolução !

As organizações médicas e os médicos concienciosos não podem continuar indiferentes a essas indústrias operatórias que estão contribuindo para o desequilíbrio orgânico e mental das mães brasileiras, e precisam levantar, bem alto, a sua voz, bradar, mesmo, contra êste fator de loucura que está sobrepujando o fator sífilis e o fator alcool.

Entre as dezenas, centenas de casos que enriquecem as nossas observações, podemos citar o de hoje, como padrão, exemplo vivo do êrro da própria ciência que está muito necessitada de um amparo : —

—

Essa observação refere-se a uma senhora portuguesa, há muitos anos residente no Est. de S. Paulo. Através de cartas que temos em nosso poder, seu esposo assim descreve a tragédia do seu lar : —

> «Há 10 anos que a tranquilidade e o sossêgo da nossa família foi sacudido pela doença de minha esposa — *doença exquisita*, que vinha por fases, intrigando médicos especialistas, professores, resistindo a todas as medicações, atravessando os anos, num martírio quasi contínuo.

Inquiéta, agitada, passou por fases diversas, cada qual com seus caraterísticos diferentes.

Assim é que, por vezes, era apoderada pela mania de suicídio, chegando mesmo a tentar contra a existência. Outras vezes, não parava em casa e vivia perambulando pelas casas de amigos e vizinhos, fazendo intrigas, inventando as cousas mais disparatadas, provocando descontentamentos e inimizades...

Em determinadas ocasiões, nada deixava parar em seus respectivos lugares, sentindo-se satisfeita em mudar as cousas, trazendo a casa em verdadeiro reboliço pois, se mudava os móveis de uma sala ou quarto, uma hora depois, não satisfeita, transformava tudo, assim procedendo o dia inteiro.

Pedia mudas de flôres, plantava-as para, meia hora depois, arrancá-las e replantá-las em lugares diversos...

Mania de trocar roupa, chegando a vestir inúmeras peças, umas por cima de outras, num requinte de vaidade tola...

Suas peores manifestações, todavia, *eram de receio, mêdo, verdadeiro pavor de qualquer cousa que sò ela via e sentia.* Eram crises terríveis, durante as quais nos deixava penalizados, devido ao sofrimento que demonstrava, clamando por auxílio, procurando esconder-se de inimigos *imaginários* que a perseguiam para matá-la com requintes de perversidade...

A' noite, qualquer barulho, nas portas e janelas, era o suficiente para que se sobressaltasse, temendo os ladrões que vinham roubá-la *ou o inimigo, com o punhal para atravessar-lhe o coração !* Procurava, então, esconder os seus objetos ou ocultar-se, ocasionando noites de tormentos para todos os que a rodeavam !

Esteve internada por três vezes em casas especializadas, sofrendo *várias operações*, e foi submetida aos cuidados dos melhores especialistas cujos diagnósticos variaram sempre, servindo para que ficassemos desanimados ante divergências tão patentes...

Grande parte da família é católica e só com muita dificuldade consegui submetê-la, agora, ao tratamento espiritual...

Aí está sob os vossos cuidados e confio em Deus para que a felicidade e a tranquilidade voltem ao meu lar para a alegria e satisfação de todos nós...

—

Nosso arquivo vive repleto dessas cartas — verdadeiros gritos de desespêro que traduzem uma parte infinitesimal do sofrimento da humanidade... Se pudessem ser publicadas, não haveria maior prova do que sustentamos sempre: — *tragédias surdas que se desenrolam nos lares e que a medicina procura ocultar, pois nelas encontra uma barreira intransponível para a sua sabedoria e para o seu poder...*

Centenas, milhares de cartas que constituem um arquivo de dôr; que traduzem lágrimas e descrevem desespêros contínuos; umas, humildes, abatidas pelo sofrimento, com palavras repassadas de esperança no socorro de um Ente Supremo... Outras, traduzindo uma revolta contínua, plenas de dôr e de desespêro, demonstrando indignação pela falta de um lenitivo tão esperado e tão pedido, mas cujos apêlos através de missas, promessas, auxílios monetários e incensos se mostram insuficientes para comprar a benignidade e o favor de um *Ente Divino,* que julgam que condena e perdoa...

Arquivo que guardamos carinhosamente e cujas páginas repassamos, com frequência, pois nêle encontramos um bálsamo consolador para as nossas próprias máguas e onde encontramos o estímulo vivificador para continuar na luta contra a imperfeição das criaturas!

—

Internada a paciente e notando os sintomas caraterísticos já descritos, lançámos o nosso diagnóstico — *obsessão* — e procurámos auxílio da única terapeutica para o caso — o tratamento espiritual.

Alguns dias depois do seu internamento, indo visitar a médium com quem trabalhamos, ela, com sua acurada vidência, nos avisou que estavamos seguidos por um espírito, descrevendo os seus trajos — espécie de blusa, calça muito larga, presa á altura dos tornozelos, uma faixa larga na cintura, onde se encaixava um largo punhal com o cabo em forma de cruz e um turbante na cabeça... Era alto, forte, espadaúdo.

Pela descrição feita, julgámos logo tratar-se dum mussulmano, árabe ou russo; *tememos* pelas punhaladas psíquicas que ja haviamos tomado, porém nenhuma importância mais ligámos ao facto pois, pelo nosso trabalho, é comum êsse acompanhamento agradável e desagradável, ao mesmo tempo...

Alguns dias, após, recebendo em nosso consultório a visita de um médium vidente, a mesma cousa foi dita, com a mesma descrição...

Mais uns dias, ainda, no Sanatório, nos chamaram a atenção para o mesmo caso com a diferença de que não mais era um, porém diversos, com os mesmos trajos caraterísticos, dispostos em torno do Sanatório, mostrando-se receiosos, como que procurando esconder-se, vigiando qualquer cousa...

Imediatamente ligámos o facto a algum doente internado — naturalmente eram ou espíritos inconcientes, amigos que procuravam amparar algum internado ou eram obsessôres á espreita de alguma cousa...

Previamos um caso interessante e redobrámos os nossos esforços, que vimos coroados de êxito, logo o dia seguinte.

Uma sombra amiga nos avisára que, naquela noite, durante os trabalhos, se incorporaria uma entidade terrível — obsessor da nossa paciente, adiantando mais que se tratava de uma vingança que se vinha processando há vários anos e que reconheciam a paciente por uma determinada marca.

Incorporada, o recebemos com as seguintes palavras: — «Venha na paz de Deus, meu amigo» ... ao que êle replicou: — «Que Alah vos proteja» e, após um relativo silêncio, como que examinando o ambiênte em que estava, assim continuou: —

> «Não me sinto bem, aquí, pois é contra santos princípios da minha crença, assistir a cultos estranhos...
>
> O facto de estar entre vós é um grave crime perante a minha conciência. Esperava vir falar mas não neste momento em que os senhores estão em culto.
>
> Isso é um crime, repito, mas Alah é misericordioso e levará em conta os motivos que me forçaram a entrar nesta casa. Peço permissão para revêr uma criatura que aquí se encontra abrigada.

O senhor, por certo, compreende que são justas as minhas reivindicações e, depois que fôr satisfeito, saberei pedir graças pela acolhida que tive, pedindo a Alah que vos engrandeça e espalhe o manto da Paz no seio da vossa coletividade.

Sim, estou em determinada missão, e o senhor, facilitando o seu cumprimento o faz com sabedoria, porquanto não descansarei enquanto não cumprir aquilo que jurei em nome dos santos profetas.

Que missão é esta ?

Vim trazer a vingança contra quem pertence á horda dos que traíram uma causa santa e, se fosse um dos nossos, saberia muito bem o que está escrito e quais as penas reservadas aos traidores.

Não há nada que apague a marca da traição, e vá aonde fôr, ela persistirá, resistindo ao tempo e ás deformações.....

Jurámos sôbre o sepulcro do profeta e embora corram os anos e vôem os séculos, persistiremos na vingança e só a abandonaremos quando aquela mancha desaparecer... pois este facto representaria a vontade de Alah e dos santos profetas...

—

Falámos-lhe, então, sôbre os mandamentos do nosso Deus, que repelia a vingança, o ódio e as perseguições e falámos sôbre os reflexos dos maus atos e ações praticadas, reflexos que retornavam á fonte donde emanaram...

Falámos sôbre o perdão, que engrandece e a Justiça Divina, que não falha.

Revoltou-se quando lhe falámos sôbre os seus projetos de vingança e sôbre os motivos que o haviam trazido á casa, bem assim dos companheiros e da enfêrma que perseguiam, factos que ligámos ás vidências anteriormente obtidas. Sendo avisado, previamente por uma entidade amiga, de que eles reconheciam a enfêrma por u'a marca determinada, no rosto, sôbre ela falamos, dizendo que a bondade de nosso Deus, que era o Deus de todas as criaturas, não mais permitiria que a enfêrma fosse reconhecida por ela, porquanto havia sido apagada pelas lágrimas de arrependimento e pela luz do conhecimento e da grandeza de um Ente Superior !

E' apossado por uma revolta tremenda e chamando-nos, também, de traidores, por estarmos senhores dos seus segredos, nos obriga a fazer com que se desincorpore, devido a reação violenta que poderia prejudicar o médium, a-pesar da ótima concentração... não sem que, todavia, lhe arrancassemos a promessa de voltar, ainda uma vez...

—

Como acabamos de vêr, era uma entidade cujos ensinamentos erroneos viviam arraigados no seu perispírito, fazendo com que em nada evoluisse neste sentindo, a despeito dos inumeros anos já decorridos.

A vingança a que se obrigara perante chefes que erroneamente alimentavam princípios religiosos que não resistiam á menor análise, era a sua idéia fixa, o martírio do seu espírito, o desassossêgo da sua alma.

Chegára, porém, o dia para iluminação do seu raciocínio e ficámos ansiosamente aguardando a sua promessa, que encerraria os pormenores para o seguimento da nossa observação.

Quinze dias, após, inesperadamente, incorporou-se de novo e deixámos que seu relato fosse expontâneo : —

(Continúa)

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços :

1.o ano — 100$000 ; 2.o ano — 40$000 ; 3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000 ; 5.o ano — 30$000 ; 6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000 ; 8.o ano — 40$000 ; 9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000 ; 11.o ano — 50$000 ; 12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000 ; 14.o ano — 50$000 ; 15.o ano — 50$000.

Estudos Psicológicos

Continuação

CREAÇÃO

Porque, reconhecendo-se que em toda parte ha associação, agrupamento de princípios anímicos e se não ha de consentir expressar a representação dêsses preceitos por fórmulas cifradas que é a linguagem universal que sujeita a natureza inteira pela indefectível exatidão dos números? — As cifras são emblemáticas nas relações que elas teem com a qualidade dominante de cada reino, série e espécie. – Os Espíritos ardorosamente se ocupam dêstes detalhes; as encarnações dos animais são o objeto dos estudos e dos cuidados, os mais minuciosos, de uma categoria de Espíritos adiantados, encarregados de presidir á classificação das essências anímicas quando liberadas pela morte do molde que as receptava e colocá-las em outro análogo ou superior, mais vantajoso como recompensa do adiantamento que conseguiu alcançar á fôrça de trabalho, em sua evolução. —Para os que não sofreram em suas vidas de clausuras, na matéria, nada mais penoso no que comporta á sua espécie, que voltar ao seu anterior estado, sem embargo, ao estrito regulamento seguido; ha, porém, adiantamentos consideráveis para os que, a ciência humana, a indústria, a necessidade devotaram a sofrimentos particulares.

Ha nos animais inferiores, tais como insétos, reptis e outros que começam a ter vida exterior de uma substância colorante, de uma produção animal, nos quais os elementos teem, com o seu tipo, analogias de correspondência.

Tudo que existe tem seu reflexo espiritual ou fluídico, todo sêr se desdobra, todo o pensamento se realiza, todo ato se representa. O mundo fluídico é a reverberação do mundo material. Por essa causa é que os moribundos na hora da morte e os catalípticos no período de crise vêem na íntegra os atos, os pensamentos, os desejos de sua vida decorrida, estampados, totografados na atmosfera fluídica, como que vitalizados em ondas largas, semelhando ás vagas do mar, seguindo-se uma a outra, na evolução de sua vida, nos panoramas de uma época, de um período, de um facto escoados em sua existência.

Parece impossível o que estou dizendo? Pois é um facto. A permanência dos acontecimentos no desenrolar das existências, é uma verdade averiguada com cuidado nos que tiveram a desventura de retroceder espavoridos diante da vida na espiritualidade.

Atestam ainda os adeptos do ocultismo que adquiriram extremada acuidade de vidência na prática de seus processos assegurando a sua realidade e que denominaram de *cliché* astral. A teosofia oriental antiga afirma-o pelo nome vulgarmente conhecido de *karma;* a teosofia cristã confirmou-o no simbolismo de livro da vida; e finalmente a psicologia moderna, tendente á biologia materialista, forjou o apelido subconciente.

Julgar do pavor e pertubação causadas ao delinquente quando nêsse transe inevitável, ao deparar com as vagas a desenrolarem os crimes, as mortes que tenha cometido, ao vê-las arrastando o sangue, as lágrimas que tinha feito suas vítimas derramar.

Julgar ainda da vergonha quando elas representam as cenas de devassidão, de tola e degradante embriaguês, de culposa prodigalidade.

Julgai também do remorso e arrependimento, que fere moralmente, quando, quando já não é tempo de fazer alguma coisa; julgai dos queixumes e lamentações á vista dos bens que desdenhou de praticar, dando preferência aos males que perpetrou.

* * *

Todos os fluídos chegam em ondas mais ou menos comprimidos em conformidade com sua espécie.

O fluído luminoso é mais rápido do que o sonoro que se propaga em ondas mais largas e mais lentas. O fluído calorífico tem ondas semelhantes as do vapor de água e do gás e horizontais no seu percurso; as caloríficas ainda mais lentas tendem de baixo para cima.

O magnetismo animal atua em ondas desiguais e ásperas. O ar circula em ondas redomoinhantes separadas umas das outras.

Ordalia Nemo.

(Continua)

"Entre a Ciência e a Imortalidade"

CAMPOS VERGAL

A criança, que nos interrompe com suas perguntas, deixando de parte os brinquedos, não é menos curiosa do que o sábio que procura desentranhar a Verdade das cousas ou sabê-la experimentalmente demonstrada. — Graças a essa tendência, a essa perseverança, o espírito humano chegou, nas azas da Evolução, a acupar um lugar proeminente em nosso planeta, conseguindo dominar muitas forças da Natureza e penetrar em segredos que esta reservava á intrepidez e ao talento do homem.

Excessivamente preocupado com a aquisição de conhecimentos puramente intelectuais, e de patrimônios de ordem objetiva, externa, não vislumbrou o homem o seu mundo principal, a vida interior, ou o que êle é na realidade: o homem-espírito, imortal e evolucionário, e não o homem-carne, transitòrio, transformável.

No *mundo ocidental* coube a Sócrates, grego de imorredoura memória, a glória de ser o primeiro a ventilar o assunto, o estudo do sêr humano, considerando-o sob o aspécto espiritual, em sua imortalidade psíquica. Èsse notável filósofo, precursor do Cristianismo, e que um oráculo proclamara o maior sábio dos homens do seu tempo, lêra no frontispício do templo de Délfos a já muito conhecida sentença: «Conhece-te a ti mesmo», da qual fez a base da sua filosofia e ponto de partida do conhecimento espiritual.

A psicologia oficial, acadêmica, que por aí anda perambulando com vistosas roupagens, só se tem preocupado em determinar a existência da alma de um modo inteiramente intelectivo e formalístico, partindo de hipóteses, que não são abonadas, nem endossadas por factos; e assim essa psicologia, paradoxalmente materialista, estabeleceu a natureza espiritual, de modo hipotético, sem estudá-la experimentalmente, e sem provar a existência do espírito dum modo incontrovertido, irrefragável, friamente positivo. —E' esta a psicologia de fraque e cartola, de uma exterioridade vistosa e lantejoulada, de que fazem parte os Freuds, os Foucaults, os Binets, os Ribbots, os Brodmans, e muitos outros que subscrevem o mesmo «psicologismo intelectivo», materialístico, ressonante e vasio como tambor...

Essa falta de solidez, em que se baseia o espiritualismo clássico, e literário dos doutores da lei, deu margem ao materialismo científico, inconvencional e sincero, de que teem sido melhores representantes os Buchners, os Haeckels, os Hobbs, os Locks, e os d' Alemberts, os d' Holbachs e muitos outros. E êste materialismo cientifíco, fundamentou-se em observações incompletas, negou-se a estudar os fenômenos considerados supranormais e os casos mediúnicos; tal materialismo reduziu todos os fenômenos do espírito a simples funções biológicas, melhor, fisiológicas, limitando o homem a um interessante jôgo de sistema nervoso, de secreções glandulares, de hormónios, células, vísceras... Daí, o bem conhecido aforismo de Carlos Vogt: «O cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bilis».

—

Dogmas fechados, ortodoxías seculares, não são argumentos positivos com que se possa combater a dialética materialista fria, exigente, rigorosa. Exige ela factos, mais factos, ou uma filosofia racional, uma dialética científico-evolutiva, incontestável. E' isso o que o Espiritismo vem demonstrando e precisa de demonstrar. Está ele apto para responder satisfatóriamente a todas as indagações que possam preocupar o cérebro dos investigadores, desde os simplesmente curiosos até os sinceramente materialista. Consequentemente, está aparelhado para encher de consôlo e ânimo o coração do homem batido pela dôr, ciliciado pelo desespero ou crucificado pelas mais adversas incompreensões.

No campo metapsíquico, científico e experimental, a doutrina da imortalidade, da evolução, da reencarnação, alinha vultos notáveis como : Flammarion, Crooks, Kardec, Denis, Bozzano, Lombroso, Bezerra de Menezes, Wallace Russell, Ochorowicz, Laponi, Schiaparelli, Bradley, Richet, Alberto Seabra, Trespioli, Gibier e alguns outros.

O Perispírito

J. B. CHAGAS

II

Voltamos hoje a abordar o estudo do perispírito, cujo papel saliente nas manifestações dos espíritos estamos demonstrando. Como vimos anteriormente, inúmeros foram os sábios que o estudaram com afinco e espírito científico, não esgotando o assunto, contudo.

Desde todos os tempos, o perispírito tem dado lugar a inúmeras considerações, obtendo denominações várias. Ás anteriormente enumeradas, temos hoje a acrescentar mais as seguintes: para os néoplatônicos da escola de Alexandria era o *angoeidê* ou *astroeidê*, devido a apresentar sempre um brilho semelhante aos astros.

Por *ka* ou simplesmente *duplo* era denominado pelos hierofantes do antigo Egito.

Ocultistas de várias escolas lhes teem dado o nome de *múmia*, *arqueu*, *enormon*, etc.

Paulo de Tarso, por todos os títulos, o maior e o mais culto prosélito do Cristo, não deixa dúvida a este respeito, quando admite na I Thess. (Cap. V, versículo 23), para o sêr humano: o espírito *(pneuma)*, e a alma *(psyché)* e o corpo *(soma)*.

Já no século passado, *Origenes* considerava o espírito envolvido por um corpo vaporoso ou *aura*, visto não aceitar que tivesse representação o termo *imaterial*.

Tertuliano, no *«De animâ»*—diz: «a corporalidade da alma (isto é, a alma vital, *psyché* — e não o espírito *pneuma)*, é manifesta nos Evangelhos, porque si a alma não tivesse um corpo, a alma não poderia ser a imágem do corpo». E no *«De Carne Chr. VI»* — diz ainda: «os anjos teem um corpo que lhe é próprio, podendo transfigurar-se em carne humana; eles podem, porque lhe é próprio, fazer-se vêr aos homens e comunicar visivelmente aos homens».

St. Hilário de Poitiéres, no *«Canon 5, in Matth»*—diz: «Não existe cousa alguma na substância e na Criação, seja no céu, seja terra, seja entre as cousas visíveis, seja entre as *invisíveis*, que não seja *corporal*. Mesmo as almas, seja durante a vida, seja depois da morte, conservam alguma substância corporal, porque é necessário que tudo o que é criado, *seja alguma cousa.*

S. Bazilio de Cesaréa, no *«Liv. de S. Espr. XVI»*, diz : — «As almas celestes mostram-se a todos aqueles que são dignos na imágem do seu pròprio corpo.»

S. Birilo de Jerusalem «Cat. XII — 14 — Cat. XVI, etc — diz : «As almas dos defuntos teem corpos mais sutís que os corpos terrestres. O nome de *espírito* é genérico e comum : designa-se por espírito tudo o que não tem um corpo *espesso* e *pesado*».

No segundo Concílio de Nicéa, *João de Tessalônica,* diz: «Os anjos, os arcanjos e *também as almas* são, na verdade, espirituais, mas não completamente privados dos corpos. São dotados dum corpo ténue, aéreo, igneo».

Muitos outos mais eminentes padres da Igreja dos primeiros séculos do Cristianismo tinham a nítida compreensão do ternário humano.

Segundo experiências realizadas de 1912 para cá, demonstrou-se por comprovações várias que o perispírito é constituido de matérias fluidicamente diferenciadas, mas gradualmente sutilizadas.

William Crookes, o grande físico inglês e descobridor do quarto estado da matéria, dedicou vários anos de sua preciosa existência ao estudo dos fenômenos psíquicos, tendo ocasião de constatar a importância da participação nêles do perispírito.

No presente, através de inúmeros factos, universalmente constatados, sem a concepção do perispírito, não é possível explicar os extraordinários fenômenos espíritas, que um número considerável de cépticos, ainda buscam encontrar solução inventando uma terminologia mais complicada que os próprios fenômenos em si, e que nada explica, os mesmos que, por certo, deram lugar a que no passado, *Allan Kardec* destruisse, em luminares e fulminantes sentenças todos os sistêmas inventados pelos negadores do Espiritismo *(Livro dos Médiuns — Sistêmas).*

São, portanto, numerosos os factos comprovados por cientistas de valôr indiscutível, onde tem ficado mais que patenteada, nas sessões de fenômenos de materializações, a existência do corpo espiritual ou perispírito, elemento dinâmico que preside a organização do invólucro carnal e é a fôrça plástica e diretora em toda manifestação, e que, por outro lado, prova a imortalidade da alma.

Tem sido, pois, o mal crônico de todas as épocas—a negação, o cepticismo e a má vontade de pseudos sábios ou de fancaria que muito vem entravando o progresso da Ciência, a qual só tem caminhado graças ao esforço persistente de um número muito reduzido de abnegados e á custa de dissabôres vários e sacrifícios inúmeros.

Para não enfastiar os que por ventura nos lerem, citaremos unicamente dois casos que são bastante típicos e que estão demonstrados cabal e provadamente por observadores imparciais, não pertencentes ao credo espírita, onde se prova a existência do perispírito, ou *duplo astral, corpo igneo, etéreo e sutìl,* de alguns teólogos católicos.

Ei-los: Segundo uma notícia veiculada pela revista *La Vie Nouvelle,* ocorreu na povoação de *Cayey,* em *Porto Rico,* um caso digno de atenção, pois, presta-se a comentário e a uma observação minuciosa por parte dos que negam a existência da alma ou espírito, sua comunicabilidade e o seu desenvolvimento progressivo.

Um médico que clinica naquela localidade porto-riquense, teve necessidade de amputar um dêdo a uma pessoa de alguma idade, e ao perguntar-se-lhe como se achava depois de feita a operação disse:

— *«Sinto uma dôr profundissima porém no dêdo desaparecido»* . . .

Isto prova que a pessôa operada sentia a dôr, não no dedo *desaparecido*... mas estranha sensação no dêdo fluídico correspondente ao dêdo material de facto desaparecido!

Por mais de uma vez, os amputados têm se queixado de dôres nos membros desaparecidos, fenômeno este comprovado pelos próprios operadores.

O segundo facto desta natureza que passamos a relatar foi comunicado á revista *Light,* que o reproduzia, pela snra. *Florence Montagne,* e só encontramos casos quasi semelhantes nos relatados por *Papus* no seu *«Tratado de Magia».*

Trata-se do caso de um jovem filho de um certo rendeiro que residia na provincia de *Quebec,* no *Canadá,* que teve de sofrer a amputação de um braço acima do cotovêlo. O membro amputado foi enterrado num campo a cerca de duas milhas da herdade. Algumas semanas mais tarde, o operado, que já se achava restabelecido do choque operatório, foi prêsa de dôres intensas no sítio do membro ausente, dôres que logo se tornaram intoleráveis, não lhe dando tréguas nem de dia nem de noite. Afirmava êle que o seu braço amputado tinha sido mal arranjado e que importava endireitá-lo. Ainda que incrédulos, os parentes, para satisfazê-lo, se resignaram em exumar o membro. E aí constataram que, com efeito, êle fôra mal colocado numa caixa muito curta, de tal maneira que o cotovêlo ficava fóra. Foi então posto num caixão adequado e as dôres do paciente cessaram prontamente !

E agora... que digam os sábios da Escritura...

* * *

Nos próprios Evangelhos, vêmos o grande *Paulo* dizendo: «Ha corpos celestes e corpos terrestres. Se ha corpo animal, ha também corpo espiritual» (1-Cor. 15- 40 e 44).

Escrevendo sôbre o perispírito e a precariedade do que ensina a fisiologia oficial para explicá-lo, disse o Dr. *Gustavo Geley*, o grande sábio francês, em a sua magistral obra — *«De l' Inconscient au Conscient»* : «E' preciso e é quanto basta, para compreender o mistério da forma específica, o desenvolvimento embrionário e post-embriónário, a constituição e a manutenção da personalidade, as repações orgânicas e todos os outros problemas gerais da biologia, a admissão de uma noção que não é nova, mas se apresenta de uma forma nova, a de um dinamismo superior ao organismo que o condiciona. Não se trata, certamente, da idéia diretriz de *Claude Bernard*, uma espécie de abstração de entidade metapsiquico-biológica incompreensível ; mas sim de uma noção concreta, de um dinamismo diretor e centralizador, dominando as contingências intrínsecas, as reações químicas do meio orgânico como as influências ambientes do meio exterior». (Rev. Int. do Espiritismo — de 15 de Novembro de 1925).

E na hora presente, queiram ou não os sábios materialistas, o estudo dos fenômenos espíritas, demonstrados e constatados por deslocamentos de móveis, pressões sôbre aparêlhos registradores, tais como balanças, cardiógrafos, oscilògrafos, etc, impressões e moldagens várias, em parafina ; fotografias de duplos e extras espontâneos, vem deixá-los perplexos, ante tantos e tão inumeráveis maravilhas !

Porém, por enquanto, paremos, por aquí.

Nova Iguassù, Janeiro de 1941.

* * *

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

E' ponto doutrinário que durante o sono a alma se entrega ás preocupações que constituem o seu objetivo durante o dia. Para o homem de negócios são os cálculos das boas compras, para o artista é a meditação concernente ás suas obras, para o advogado, o médico, o engenheiro é a solução das dificuldades com que esbarra e lhe tolhem o andamento vitorioso dos seus trabalhos.

Felizmente em favor dêsses militam as atenções honestas com que procuram vencer os seus pendores e corresponder á escolha da vida que de preferência adotaram no intuito de figurarem na sociedade com um nome de destaque. De outro lado, porém, ai deles! são sem conta os que vivem animados por sentimentos inferiores, criminosos de toda espécie dando pasto ás suas paixões, lançando o veneno da maldade mais livremente sôbre as suas vítimas, comparecendo aos lugares onde o vício campeia e alí mesmo insuflando nos outros viciosos, Espíritos da mesma escumalha, o gosto pelo jôgo, pela bebida e pelo roubo.

E desde que as preocupações do dia absorvem os nossos pensamentos, eis aí por que é dogmático e racional consagrarmos as nossas idéias ás coisas pertinentes á Doutrina que professamos como espiritistas bem intencionados, embora sejamos homens de negócios, artistas, médicos, advogados ou engenheiros. As soluções da vida nós as confiamos ás horas da vigília, sabendo poupar o tempo e dividí-lo de modo a não o esperdiçar com as mundanidades perturbadoras do nosso progresso e da felicidade dos nossos semelhantes, pelos quais, mercê da nova concepção social, tanto nos devemos interessar numa confraternização bem-aventurada.

Não é nenhuma novidade o que avanço sôbre nos dedicarmos durante o sono aos problemas a que nos entregamos nos interválos do nosso trabalho diário, pois isso já os espíritos reveladores nos haviam ensinado, mas sempre que obtemos uma confirmação positivada, naturalmente o nosso coração se alvoroça e a fé se consolida mais radicalmente, abrindo-nos uma perspectiva de mais radiante esperança.

Venho expôr aos meus confrades alguns factos pessoais, embora infenso em tratar da minha pessoa sempre que rabisco em público, mas por outro lado justificando a intromissão da minha obscura individualidade no argumento de que os casos pessoais merecem mais fé do que os que se passam com estranhos.

Havendo ha muitos anos feito experiências de sonanbulismo com uma sonâmbula clarividente, pude constatar fenômenos de rara transcendência narradas pelo *sujet* no estado de completa amnésia sem que ao despertar tivesse a sonâmbula conciência alguma do que via e contava.

Das sessões feitas durante dois anos com a minha sonâmbula resultou a convicção de que pela noite a dentro, durante o sono, repetimos o mesmo esforço naquilo que foi objeto dos nossos cuidados nas horas da vigília. Então fazemos conferências no espaço, se a nossa especialidade é essa, produzimos curas, quando médiuns receitistas, atendemos aos sofredores do espaço e da Terra, damos conselhos de paciência e resignação aos desesperados, evitamos muitos suicídios, desviamos obsessôres quando possível, tudo isso acompanhados dos companheiros do mesmo agrupamento a que nos associámos na mais edificante solidariedade e numa bela confirmação da grandeza dessa obra cristianizadora através da qual lograremos aprimorar as virtudes do espírito até a perfeição.

Que durante a noite adiantamos ou completamos o que não foi possível fazer de dia, finalizo por hoje com esta interessante informação de um Espírito sofredor ao qual eu havia doutrinado em uma sessão de trabalhos práticos e que voltou em reunião seguinte para se conseguir a sua conversão. O Espírito demonstrava rebeldia em aceitar os meus conselhos para se integrar no caminho da regeneração, quando tive esta maneira de o cativar, dizendo-lhe:

— Esta noite irei conversar contigo e aí terei mais facilidade de te demonstrar a verdade do que venho afirmando.

Ao que êle prontamente retorquiu:

— Já estiveste comigo na última noite para convencer-me. Eis por que aquí voltei agora.

E graças a Deus, foi-se regenerado a bendizer o nome do Senhor.

Quando calculamos que somos enriquecidos com semelhantes graças durante anos de modesto apostolado, devemos considerar que todos os espinhos da vida são meros arranhões.

(Continua)

«A dôr é a véspera da felicidade». Maldizê-la, repudiá-la, quando ela é o lapidário infalível da perfeição humana, é rebelar-se contra Deus que a enviou aos mortais para a sua própria grandeza espiritual. A dôr, aceita santamente, com aquela calma resignada e extraordinária do Cristo, é espinho que se transformará em flôr; trevas que se transformarão em luz; tempestade que se converterá em bonança e inferno que se transmutará em paraíso.

O homem, para progredir, precisa sofrer; por isso é um escravo da dôr, e quem neste planeta se julgar de todo um liberto, é de todos talvez, o mais escravo... Toda a alma que se quiser colocar de todo acima das outras almas é a que está mais em plano inferior. Todo o indivíduo que se considerar maior entre os sêres da Criação, êsse é o menor, porque tudo isso não passa de orgulho, e quem quer que experimente a influência dêsse monstro que faz ruínas e misérias, ignora as causas mais reais que Deus criou para recompensar todo aquele que não transgrediu as Suas leis.

Prof. ALMEIDA GOMES.

Crônica Estrangeira

Quando as mesas se inclinam, volteiam e abandonam o solo

«La Revue Spirite» — Raoul Montandon

Entre as observações dêste gênero, e que vem corroborar ás afirmações de Crookes, eis aqui um relato do engenhei- Henrique Azam, conhecido investigador de fenomenologia metapsíquica, e a quem se deve numerosos estudos sôbre o assunto.

«O contrôle, diz êle, era severo: foi convencionado que aquêle que fôsse pilhado a fraudar receberia um bom par de sopapos! Mas eis que a mesa oscila, caminha, e isto sem que nenhuma pessoa a empurre, nem a toque. Impossível nos foi distribuir sopapos! Era absolutamente preciso aceitar o facto... E eu ainda não estava convencido!

Alguns dias depois, tentei renovar a experiência, só com duas mulheres franzinas e doentias, e que ignoravam essas coisas.

Certa noite numa pequena loja de fazendas, em andar superior da rua dos Mártires, onde eu morava antes da guerra, nós experimentámos com um tamborete. Êste oscila violentamente; tanto era o barulho que fez, em hora tão avançada da noite, que receiavamos os protestos dos visinhos. Devo moderar tais manifestações e para isso deito-me sôbre o móvel com todo o peso de meu corpo. De súbito, um formidável empurrão me levanta brutalmente, atira-me para trás, deixando-me estendido de todo meu cumprimento sôbre o assoalho. Está visto que essas duas mulheres frágeis não poderiam ter desenvolvido tal força. Eu me ri bastante dessa aventura infeliz, mas levantei-me imediatamente, satisfeito com o resultado. Um instante depois, a mãe de uma das mulheres, lavanta-se para ir á cosinha situada por trás da loja. E' preciso galgar alguns degraus. O tamborete, bamboleando como um grande galináceo, acompanha a boa senhora e sobe os degraus da escada, apoiando-se alternadamente sôbre os pés.»

O falso Kardec em maus lençóis

Já aquí nos referimos a um impostor que, inexactamente, se intitulava neto de Allan Kardec e que empreendera uma violenta propaganda contra o Espiritismo, recorrendo aos mais vis expedientes para a objectivação de seus fins incompreensíveis. Por sinal, que os tribunais franceses o meteram na ordem, a instâncias do diretor da *Revue Spirite*, de Paris, vítima dos insultos e difamações do Sr. Dulier, verdadeiro nome do funâmbulo mencionado.

Há pouco, apareceu no *Detetive* um artigo de Marcelo Montarron, acêrca das atividades do tal *senhor Kardec*, de quem conta uma história, verdadeiramente caraterística.

Recentemente, — escreve o articulista — Maria Lomer, serviçal em Donville-les-Bains, próximo de Granville, veio consultar o Sr. Kardec, dizendo muito mal da famìlia Fleury, de Saint-Georges-de-Ronelley, onde estivera como criada, durante vinte anos. Segundo ela, esta família possuia livros perniciosos, livros de bruxaria, cuja presença era o bastante para espalhar maleficos flúidos. O Sr. Kardec resolveu exorcismar a rapariga, prometendo ir reclamar os livros á família Fleury. Num encontro que tiveram no Grande Hotel de Granville, o sr. Kardec entregou-lhe uma pequena cruz em madeira tosca, com a palavra PAZ inscrita a «crayon» e pintada a côres berrantes.

—Vá, - disse êle—que agora já está livre dos espíritos que a atormentam.

E o anti-espiritista, para demonstrar que não era pescador de sombras, acrescentou:

Tem a dar-me seiscentos francos pelo meu trabalho. A rapariga entregou a soma exigida, carregou com a pequena cruz, cuja presença a devia livrar dos seus tormentos, e esperou... Mas não obteve melhoras. Ficou como estava, antes da consulta, isto é, prêsa, torturada de invisíveis demônios. Depois apresentou queixa contra o exorcismador, que foi transmitida ao procurador da República de Avranches, pela gendarmaria de Barenton. Seguiu-se um inquérito e o *senhor Kardec* foi inculpado de «escroquerie», que é como quem diz de ladrão industrioso....

As coisas aí estão. A' fôrça de caçar espectros, o sr. Kardec devia ter previsto que, mais dia menos dia, seria caçado pelo espetro da justiça...

De «Revista de Espiritismo».

Comentário dum ministro

Light

O Rev. H. A. Thomas, Vigário de Susex, proferiu um sermão em que deu uma resposta afirmativa á pergunta «devemos estudar o Espiritismo?»

Êle começou por recomendar a seus ouvintes a leitura do Livro do Rev. C. L. Tweedale, *A Sobrevivência do Homem Após a Morte*, e fazendo citações do mesmo, o Rev. Thomaz disse: «Eu sei que a crença do homem na doutrina da vida futura é muito, muito fraca. Embora haja muita gente convencionalmente cristã, efetivamente e praticamente todos rejeitam a mensagem da Pascoa, isto é, que, pela sua ressurreição no terceiro dia, Jesus Cristo nos abriu a porta da vida eterna. Foi esta convicção dos primitivos cristãos que resolveu para sempre o maior dos problemas, e êles não necessitavam de provas suplementares. O Espiritismo fez reviver a crença na Sobrevivência, demonstrando-a por meio de factos. Eu descobri no Espiritismo um auxílio inestimável á vida religiosa.

Se o Espiritismo puder provar que os «mortos» não estão mortos, mas ainda vivos, e que êles nos amam e estão junto a nós, especialmente em tempos de aflição, então o Espiritismo deve ser reconhecido pela Igreja.

Alguns cristãos rejeitam a intervenção de médiuns entre eles e seus entes amados. Bem, todos não sentem do mesmo modo, mas eu conheço um facto que levou o maior consôlo a um coração despedaçado, e isto por uma mensagem provinda (através dum médium) de um ente querido, e essa mensagem não poderia ser obtida de outro modo. Parece-me uma blafêmia o dizer que uma mensagem confortadora tenha por autor o «espírito do mal».

Um Espírito salva a vida a um amigo

O coronel aposentado J. P. von Ostranitza do antigo exército imperial da Russia, relata um significativo episódio da sua vida militar: «No verão de 1915, na grande guerra, eu era ainda capitão, e uma especial camaradagem me ligou a um dos meus sargentos. Um dia, em uma luta, êste meu subordinado recebeu um tiro fatal no ventre. Depois daquela batalha, procurei no hospital de sangue êste meu sargento, já em estado desesperador. Êle pressentiu que não sobreviveria e me pediu que mandasse levar o seu cadáver, afim de o mesmo ser inumado em sua terra natal. Jurei a êle solenemente, que faria executar o seu último desejo. Com profundo sentimento de gratidão êle depois me apertou as mãos e disse: Pelo grande serviço que me presta, hei de lhe prestar também um dia um outro serviço! Pensei nesse momento: pobre rapaz, estás delirando; qual seria êsse serviço, pois dentro de poucas horas não existirás mais... De facto, êle faleceu pouco depois; em seguida providenciei, para que fosse cumprido o seu derradeiro pedido.

Estavamos em Maio de 1916, quasi um ano depois. Durante o turbilhão de acontecimentos da guerra, aquele episódio com o meu antigo subalterno estava quasi esquecido. Após uns dias sinistros de terríveis lutas, achava-me em posição de descanso com minhas tropas de cavalaria em uma pequena aldeia na Wolhynia. Apaixonado pela pescaria, passei os dias pescando em uma lagoa próxima.

Certa manhã ás 9 horas, em caminho ao meu ponto de pescaria, vejo repentinamente a uns 5 ou 6 passos á minha frente uma fórma humana em estado de nebulose, na qual reconheci o falecido amigo sargento! êle num gesto com a mão me advertiu, e ouvi claramente dentro de mim, soar as suas palavras: De nenhuma forma sairás amanhã para a linha de frente!... e desapareceu em seguida.

Refleti sôbre si estava sonhando, e achei, que me sentia em estado perfeitamente normal; havia pouco tempo, que me levantara de um sono normal. Notei também, que êsse acontecimento imprevisto nem me deixara nervoso e nem motivos havia, para supôr que em breve deixariamos essa aldeia, onde as tropas estavam em descanso. Qual seria então o significado dessa aparição?

Assim raciocinando, comecei á sentir-me bem emocionado com o aspecto imprevisto do antigo e fiel companheiro de armas, embora a aparição durasse sómente alguns instantes.

Em vez de ir ao meu ponto de pescaria, regressei, dirigindo-me diretamente para a seção de expediente do regimento, para verificar aí se porventura havia chegado ordens de prontidão ou de partida da nossa tropa.

O ajudante de ordens do regimento lançou um olhar de surprêsa sôbre mim, devido á pergunta, e declarou, acreditar, que nessa posição de descanso ficariamos ao menos ainda durante 15 dias.

Depois de um breve entretenimento, me despedi do ajudante para me dirigir á minha residência, Em meio caminho ouço de repente o ruído do galopar de um animal, sendo em breve alcançado por um ordenança montado, que me entregou, de passagem, uma carta, afastando-se em seguida, continuando a sua caminhada, sempre a galope.

A missiva ordenava que o regimento de cavalaria seguisse ás 5 horas da manhã do dia seguinte para uma determinada posição, onde provavelmente deveria entrar em combate.

Forçosamente me convenci então que o meu falecido sargento estava realmente melhor informado do que eu e o adjudante do regimento! Em seguida me veio a mente, o que aquele sargento moribundo em sua última hora me dizia, que me havia, de prestar também um serviço. Realizara-se aquilo que me parecera impossível naquela hora extrema... e êle veio, para cumprir a sua palavra.

Para obedecer á advertência do falecido sargento-amigo, no dia seguinte dei parte de doente e fiquei recolhido; o regimento seguiu para a sua nova posição de acôrdo com as instruções recebidas. A' noite do mesmo dia me foram transmitidas informações sôbre o regimento, o qual se viu empenhado em encarniçada batalha, sofrendo tremendas perdas. O meu esquadrão ficou quasi completamente ceifado. De 650 cavalarianos do regimento, sómente cerca de 30 escaparam.

O meu falecido sargento-amigo de facto me prestara um grande serviço! Êle me salvou de uma morte certa.

Trad. M. Kohleisen.

O Sonho do Magistrado

Mr. J. M. relatou um sonho que teve seu avô, magistrado em Madras (Indostão). O juiz funcionava num processo, que não poude ser concluido na audiência, em virtude do que êle transportou á sua casa, para estar sob sua guarda, uma pequena caixa em que estavam guardados dinheiro, joias e diversos documentos, sem os quais impossível lhe seria proferir uma sentença justa. O tribunal sómente se reuniria três dias mais tarde. Nêsse interválo desapareceu a caixa, da casa do magistrado, e era preciso convir que ela fôra roubada. Muito aflito, o juiz se reprendia por sua falta de precaução, e foi nessa disposição de espírito que êle foi dormir. Apenas adormecido, sonhou que via, em meio a um campo, que lhe era inteiramente desconhecido, mas que êle analisava, detalhe por detalhe, um preto que estava a enterrar a mesma caixa debaixo duma árvore, cuja forma foi bem observada pelo sonhador. O sonho repetiu-se por três vezes nessa mesma noite. Dia seguinte, êle comunicou a ocorrência ao irmão, grande conhecedor da topografia da redondeza, que estava certo de poder localizar o local e a árvore, lugar que era distante e que nunca fôra visitado pelo juiz. O irmão dirigiu-se para o sitio, reconheceu a árvore pela descrição, fez minucioso exame, e entre as raizes descobriu terra recentemente revolvida e encontrou a caixa. Um preto, suspeito, confessou o delito. Êle se interrogava, mas em vão, para descobrir como fôra descoberto o furto. «Meu avô, acrescentou: J. M., era tão bom médium como bom juiz». (Originariamente publicado em o The International Psychic Gazette).

Uma existência dedicada á busca da verdade e ao auxílio do próximo, é mais proveitosa do que uma existência feliz, mas de nulos proveitos espirituais.

QUINTILIANO.

Notas e Factos

E' Verdade mas...

«Psychic News»

«Aqueles que estudaram o Espiritismo, hão de concordar, penso eu, que ha provas da existência de inteligências desincarnadas que controlam o médium», escreve H. Sutherland em *The Month*, periódico Católico Romano.

«Apesar-de haver vasto acervo de fraude no Espiritismo, ha indubitavelmente médiuns honestos que vêem formas e ouvem vozes que outras pessoas não vêem nem ouvem, e que recebem informações que não podem ser explicadas pela telepatia.

O Espiritismo, apesar-de suas falhas tende a estabelecer a existência de inteligências outras que as humanas».

* * *

Quatro Fantasmas

«The Two Worlds»

Foi demolido «The Elms», antiquissimo abrigo para caçadores, e, segundo afirma a Snra. Frank Gray, que reside no Solar Melton, situado na proximidade, os fantasmas se instalaram nêsse Solar. Ela assegurou a um reporter que quatro fantasmas estão assombrando a herdade : um caçador metido numa capa de linho azul, dois indivíduos que se parecem com soldados romanos, e outro indivíduo de «aspecto áspero». Mrs. Gray disse que tem visto os quatro fantasmas juntos em diversas ocasiões, e que eles não lhe infundem temor, apesar-de morar só desde a morte do marido, sete anos atrás. Foi sugerido que os quatro espíritos são sombras amarradas a êste planeta por circunstâncias que independem de sua vontade. Esta teoria parece encontrar justificativa no facto de terem os 4 fantasmas mutuamente concordado em mudar de *morada*. E' dificil imaginar o que poderá haver em comum entre o caçador e os dois soldados romanos, mas deve haver um interêsse comum que os leva a assombrar a casa de Mrs. Gray.

* * *

O Mistério das Ruínas de Zimbabwe

«The Two World» dedicou importantes artigos ás mensagens espíritas relativas ás ruínas de Zimbabwe, a 17 milhas do Forte Victoria (Africa Austral), de que «La Revue Spirite» publica um resumo.

Segundo os espíritos comunicantes, teria alí existido uma colônia egípcia, 4.000 anos atrás. Lady Mc Ilwaine declarou que ha 12 anos ela recebeu as primeiras comunicações sôbre o mistério de Zimbabwe e dos egípcios vindos á procura de ouro. Quando Lady Mc Ilwaine e Sir Robert visitaram o lugar, a clarividência sucedeu ás mensagens escritas e foi minuciosamente feita a descrição da Acrópole e do santuário.

A êste respeito, Mr. E. W. Oaten faz votos para que Sir Robert e Lady Mc Ilwaine encontrem um pouco mais de aúxílio, o que não aconteceu a Mr. Bligh Bond, cujas revelações sôbre as ruínas de Glastonburry foram verificadas, mas com grande repugnância, tendo se verificado o mesmo com o Dr. Wood relativamente ao caso Rosemary (Um só egiptólogo prestou atenção a suas revelações sôbre a língua egípcia do tempo dos Faraós) Sir Robert e Lady Ilwaine são espíritas e proclamam-no desassombradamente.

* * *

Faculdade Supranormal nos Cães

Em «Revue Spirite», P. Georges faz a apreciações do livro «L'ombre sur la route» da autoria de Mme. E. Contard e, entre outras cousas, diz :

... Aquí, entre os vivos e os

mortos, sómente houve ruptura dos laços carnais...

Êste livro, que a parece o relato duma vida mui simples, está cheio de testemunhos emocionantes.

Êste, por exemplo, prova uma presença real:

«Dick (o cão), esta manhã, salta ao meu derredor; êle me faz festa, vai, vem, corre, depois estaca. O que quer êle? O que quer êle? O que esta enchergando? Eu invejo seus olhos, talvez eles possam ver mais que os meus, que nada distinguem, de súbito me surge uma idéia. Eu chamo: Dick, meu bom amigo, digame, onde está Nadie? «Que magia encerrava êste nome!... Dick salta, corre, deita-se ao pé da poltrona familiar, a olhar como que extasiado; sua língua a lamber longamente u'a mão invisível! Impressionada, eu exclamo: «Nadie, você está aí?... «Ninguém me respondeu!...»

No Trole do Fazendeiro

«*Light*»

Nem sempre os factos espiríticos apresentam o caráter grave. Pelo contrário. Alguns ha que despertam alegria, provocam risos. Em apôio do que aí fica vamos reproduzir o seguinte episódio que a revista «Light» extraíu duma obra do célebre escritor inglês Tennyson.

«Uma fazenda era assombrada por um Espírito que sacudia as cortinas, dava de encontro ás portas e galopava nos corredores. Êle passava seu tempo a importunar os moradores da casa, de todos os modos imagináveis. Nenhuma empregada, por mais sedutoras que fossem as promessas, queria permanecer no emprêgo, e, por fim, o fazendeiro, esgotada toda a paciência, arrumou seus embrulhos, resolvido a tudo abandonar em companhia da mulher e de seus filhos. Todos os pacotes foram amontoados no trole e êle partiu. Na estrada, encontrou um amigo que gritou aos viajantes: «Ah! estais de partida?» — «Sim, sim, vamo-nos embora, *todos*», respondeu uma voz que vinha do fundo da caixa do trole. Era a voz do fantasma!! Imediatamente, o bom fazendeiro colhe as redeas e diz, mostrando-se resignado ante o infortúnio: «Então, isto é assim? Visto que o fantasma vai em nossa companhia, meus filhos, só ha uma coisa a fazer: é voltar e permanecer tranquilamente na fazenda!»

Editorial «Victor Hugo»

Os confrades platinos constituiram um grupo, *Editorial «Victor Hugo»*, que se propõe a reeditar, em espanhol, todas as obras espíritas excluidas do mercado, depois da guerra de Espanha; muitas obras, e das melhores, já não são encontradas.

Hubert Mariotti é o iniciador da emprêsa, que é mais rica de vontade que de dinheiro.

Já recebemos alguns exemplares que nada deixam a desejar quanto á matéria e á confeção.

Os Espíritas e a Rádio-Telefonia

Tópico de Sulyac (L. R. S.):

Os espíritas teem livre acesso á T. S. F. na Austrália, no Canadá, no Brasil e em Cuba. Em cuba êles dispõem de três emissôras diferentes. A democrática Inglaterra, a democrática França «monopolizam» a T. S. F. Não ha mesmo certeza se os Estados Unidos são mais liberais do que ás outras democracias.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sociedade Espírita «Os Mensageiros da Paz»

Esta Sociedade, de Curitiba, Paraná, é uma instituição cristã que presta auxílio a todos os necessitados que batem á sua porta.

No momento angaria recursos para a construção de sua nova séde, conforme fotografia que publicamos, empreendimento êsse que a sua diretoria atual deseja levar a termo com o concurso dos corações bondosos.

Toda a contribuição é um auxílio prestado aos que estão encarregados de socorrer os necessitados.

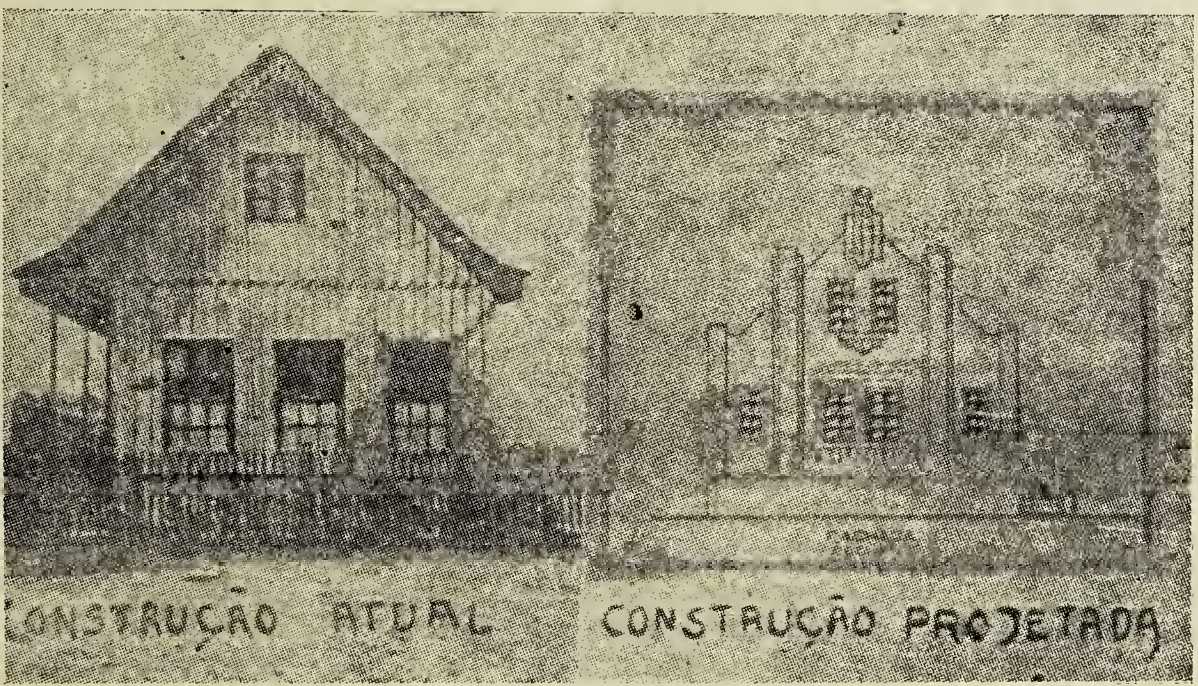

A construção de sua nova séde é ditada pela necessidade, visto ser a atual insuficiente para atender as classes menos favorecidas de recursos.

Desejando esta Sociedade a cooperação de todos em tão grande obra cristã, solicita a remessa de um auxílio material, rogando a Deus, a Jesus e aos bons Espíritos que recompensem a todos quantos se identificarem com êste justo pedido.

Dias de trabalhos, nesta Sociedade

Segunda-feira : ás 9 e meia da manhã. receituário, às 2 horas da tarde; passes fluídicos a enfêrmos da matéria e da alma, adultos e crianças. Entrada franca. A's 8 horas da noite, desenvolvimento de médiuns, para sócios, com instrução para êsse fim ;

Terça-feira: ás 8 horas da noite: Desenvolvimento de médiuns, para socios, com instrução para êsse fim ;

Quarta-feira : ás 9 e meia horas da manhã, receituário, ás 8 horas da noite; sessão de propaganda, com entrada franca, menos para menores;

Quinta-feira : ás 8 horas da noite; passes fluídicos, a enfêrmos da matéria e da alma, entrada franca;

Sexta-feira ; ás 9 e meia da manhã, receituário, ás 2 horas da tarde, passes fluídicos, a enfêrmos da matéria e da alma. Entrada franca. A's 8 horas da noite sessão para médiuns desenvolvidos, já afinisados, com os componentes dêste trabalho ;

Sabado : á 8 horas da noite, desenvolvimento, para os sócios, com instrução para tal fim.

Estacio dos Santos.
Presidente

O Revelador

Sob a competente direção do jornalista Odilon Negrão, reapareceu no mês passado «O Revelador», orgão do Departamento de propaganda da União Federativa Espírita Paulista, e que havia deixado de circular em caráter provisório por motivos imperiosos.

O presente número contém ótimas colaborações e é ilustrado com fotografias referentes á «Radio Piratininga».

Ao prezado colega, os nossos melhores votos de longa vida sob os influxos dos Mensageiros do Senhor.

— Esta importante revista, publicará em Março próximo uma edição especial dedicada ao codificador do Espiritismo, Allan Kardec.

Essa edição, que será ilustrada com páginas em tricomia, contará com farta e substanciosa colaboração dos escritores espíritas de maior projeção no cenário espírita brasileiro.

Uma sessão de efeitos físicos

Pelo Dr. C. G. S. Shalders.

5 de Dezembro.

Médium — Orceny Fraga.

Assistência — 11 pessoas.

A sessão durou pouco mais de uma hora. O espírito Francisco Souza parecia mais contente. Seus assobios, que se fizeram ouvir durante toda a sessão, eram fortes e muito limpos.

Logo de início as duas cornetas luminosas, que estavam sôbre a mesa, foram atiradas ao chão. Mais tarde uma delas foi apanhada e levitada para cima da gaiola, onde ficou até o fim. Pancadas fortissimas foram dadas, ora sôbre a mesa, ora no chão. A gaita foi tocada e depois atirada em direção a um assistente a meu lado esquerdo. Ouviu-se muito barulho de objetos movidos na sala.

Quando se acendeu a luz, cujo sinál foi dado, conforme combinação, assobiando o espírito o Híno Nacional, encontrou-se a médium na seguinte posição: — embrulhada na toalha da mesa, amarrada á sua cadeira e á mesa; a corda de amarração passava por cima de seu rosto em várias direções, uma volta por dentro da bôca; a cadeira, com a médium, estava emborcada de lado, no chão; a mesa, virada de pernas para cima, emborcada sôbre a médium; a gaiola removida de seu canto e trazida para junto da médium; o canapé, virado sôbre o lado, e trazido para junto da médium; meu chapéu, que estava no canapé, descançava sôbre o rosto da médium.

Feito novamente o escuro, o espírito imediatamente continuou a assobiar, mostrando assim a impossibilidade dos assobios partirem da médium. Em seguida, o espírito ergueu a cadeira da médium, continuando ela sentada nessa cadeira, e desamarrou-a; colocou a mesa sôbre o lado, ficando a cadeira da médium entre as pernas da mesa; colocou o canapé em cima das pernas da mesa, cobrindo a médium; e nessa posição despertou a médium.

A nossa excursão

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

— Durante o mês de Janeiro fiz 15 palestras nas seguintes cidades: Vila Americana, Limeira, Rio Claro, Araras, Leme, Pirassununga, Santa Rita do Passa Quatro, S. Carlos e Matão.

Em Leme, falei no coreto do jardim público, distante da Igreja 60 metros aproximadamente. Os dois padres dessa localidade assistiram á palestra que fiz sôbre o tema: «Deus e o Diabo». Um deles passeava no adro da Igreja com as mãos no rosto, em atitude aflitiva. Terminada a palestra, um dos padres telefonou para a casa do confrade Medeiros indagando onde se achava eu hospedado e quanto tempo pretendia ficar em Leme. Certamente a minha presença na cidade o estava preocupando muito...

A Concentração da Vitória

Dia 30 de março, Domingo, realizar-se-á no Estádio Municipal do Pacaembú, uma formidável concentração dos Espíritas para comemorar o aniversário de desincarne do Codificador e 1.º aniversário da possante «Rádio Piratininga», a nossa P R H 3.

Desde já concitamos os Espíritas do Estado a se prepararem para esta reunião que deverá ser uma demonstração da pujança, solidariedade e coesão da Família Espírita Brasileira!

Será a CONCENTRAÇÃO DA VITÓRIA!

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples 20$000
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 25$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 30$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1721unse

NO XVII — Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Março de 1941 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec
As materializações de «Maria a Dansarina» nas experiências com Florence Cook
Uma extraordinária visão premonitória
Novos Rumos á Medicina
Crianças prodígios, gênios e hereditariedade
O Espiritismo em Face da Ciência
O caminho da revelação
Durante o Sono
Fenômenos Psíquicos
Crônica Estrangeira
Notas e Factos
Espiritismo no Brasil

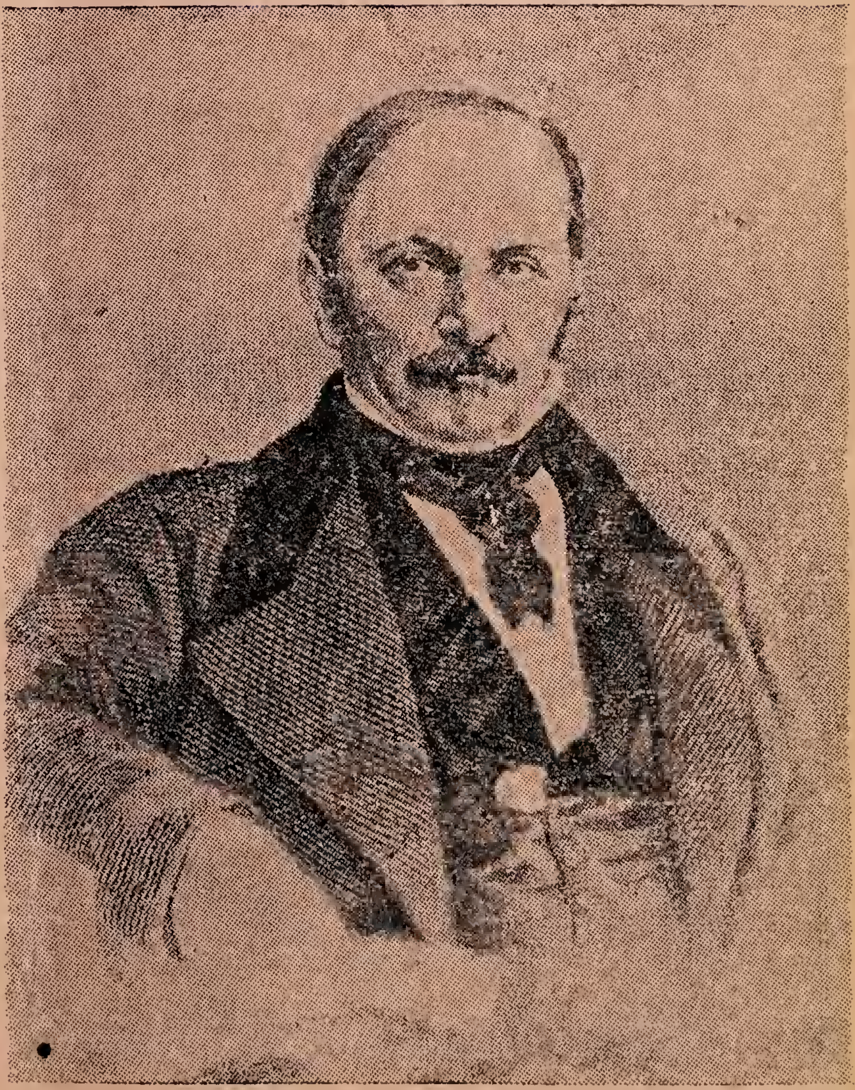

Allan Kardec

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dós Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
DE ROCHAS	
A Levitação	7$000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
PEDRO TARSIER	
Roma, o Jesuitismo e a Constituinte	10.000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas doEspiritismo	4.000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
EX-PADRE CHINIQUı	
O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000
NOEL VARAO	
Oração de um Crente	4.000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	14.000
JACOLIOT	
Espiritismo na India	4.000
JOSE SURINACH	
Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
« « broc.	6.000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
SIR OLIVER LODGE	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000

DR. ERNESTO BOZZANO	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
brochado	5.000
Xenoglosia	7$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
FRANCISCO C. XAVIER	
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	6$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	6.000
Palavras do Infinito	1.000
DR. IGNACIO FERREIRA	
Conselhos ao meu Filho	4.000
J. W. ROCHESTER	
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
DR. NORALDINO DE CASTRO	
O Espiritismo é a Religião	5.000
DR. ANTAO DE VASCONCELOS	
Revelações de Além Tumulo	8$000
E. ESPERANCE	
No Paiz das Sombras	8$000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Creadices	20.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidás	7$000
Antonio de Padua	6.000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000

GUERRA JUNQUEIRO

Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000

CAIRBAR SCHUTEL

Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histería e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000

PIETRO UBALDI

A Grande Síntese	20.000

O. BELEM

Jerusa	6.000

CODRO PALICY

Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000

ELIAS SAUVAGE

Mirêta — romance	6.000

ZOEOLNER

Fisica Transcendental	6.000

HUGO ROCHA

Problema dos Fantasmas	5.000

DANIEL SUAREZ ARTAZU

Marieta — romance	10.000

AEROLINO GURJÃO

Expiação (novela)	8.000

ROBERT DALE OWEN

Região em Litigio	10.000

MANOEL ARÃO

O Claustro — romance	6.000

LEOPOLDO MACHADO

Julga, Leitor por ti mesmo. .	4.000
Teatro Espiritualista	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000

CONSTATINO J. NOGUEIRA

Aqui e Além	2.000

J. A. NOGUEIRA

Amor Imortal	8$000

DR. PAUL GIBIER

Analise das Cousas	6$000
« « « brochado	4.000

ANGELITA LOMBA

Patria (poesias mediúnicas)	3$000

AURELIO A. VALENTE

Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000

SOUZA DO PRADO

Padres, Médicos e Espíritas	6$000

PADRE ALTA

O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000

PAUL BODIER

A Granja do Silêncio—romance	6.000

ANTONIETE BOURDIN

Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000

DR OSMANI EMBOABA

Fenomenologia Mediunica	7$000

MEDIUM AQUINO

A Barqueira do Júcar	7$000

AMALIA SOLER

Memorias do Padre Germano	10$000

ISMAEL GOMES BRAGA

Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000

REV. VALE OWEN

A Vida Além do Véu	5$000

VITOR HUGO

Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000

CLOVIS TAVARES

Sementeira Cristã:	
1.o Livro de Leitura	4.000
2.o Livro de Leitura	4.000

ZILDA GAMA

Elegias Douradas	2$000

JULIO C. LEAL

A Casa de Deus—romance	6$000

ROMEU A. CAMARGO

O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000

JACY REGO DE BARROS

Senzala e Macumba	3.000

BENEDITO G. NASCIMENTO

Unicidade e Pluralidade das existências	4$000

DR. BEZERRA DE MENEZES

Doutrina Espírita	3$000

BITENCOURT SAMPAIO

Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
« « « broc.	5.000

OSCAR D'ARGONNEL

Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000

ANGEL AGUAROD

Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc	5.000

HORA ESP. RADIOFONICA

1.o Fascículo	1.000

DR. A. A. MARTINS VELHO

Espiritismo Contemporaneo	7$000

ANTONIO LIMA

Evangelho das Crianças	3 000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
» « « broc.	4.000
A Senda de Espinhos (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
Estrada de Damasco (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
A Sonambula (romance)	8$000

CELESTINA ARRUDA LANZA

O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morte «	6.000

ALEXANDRE DIAS

Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada «	7.000

LEOPOLDO CIRNE

Anticristo—Senhor do Mundo	10.000

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro.

Todas estas obras estão á venda na Livraria d'«O Clarim»

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1941 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

Allan Kardec

SE nos inquirissem qual o homem mais sábio e que maior soma de benefícios houvesse prestado á humanidade, depois de Jesus Cristo, responderiamos imediatamente e com ênfase : — Allan Kardec !

Efetivamente, a passagem dêste grande missionário pelo mundo, foi o maior acontecimento que se registrou no século passado, acontecimento êsse que causou uma verdadeira revolução nos meios científicos, filosóficos e religiosos. E essa revolução segue o seu curso, transformando para melhor tudo o que se relaciona com a vida presente e futura do homem, mau grado o preconceito, o orgulho e o emperramento do próprio homem.

Allan Kardec, á semelhança dos missionários da Antiga Dispensação, agia sob as ordens de uma falange de espíritos encarregados de dirigir o movimento de espiritualização da humanidade. A doutrina espírita, por êle codificada, não se assenta em fantasias ou em cálculos pessoais, nem tão pouco em dogmas e concepções místicas. Ela é o fruto de prolongadas experiências sob o mais rigoroso contrôle da observação e da razão. Ela é, enfim, o produto de factos irrecusáveis, que não podem ser postos em dúvida senão pelo espírito de sistema absorvido pelo seu próprio orgulho e preconceito.

A missão de Allan Kardec foi, em cooperação com os espíritos, lançar as bases de um novo e gigantesco edifício, capaz de reunir, em espírito de fraternidade, toda a humanidade.

A propósito, disseram os espíritos a Allan Kardec :

«Ocupa-te, cheio de zêlo e perseverânça, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois êsse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia ha de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e de caridade».

Allan Kardec nasceu a 3 de Outubro de 1804, em Lion, França, e desincarnou a 31 de Março de 1869.

Pensador profundo, extremamente bom de coração, reto e leal, trabalhador infatigável, observador perpiscaz, Allan Kardec dedicou-se apaixonadamente ao estudo das ciências e sobretudo da filosofia.

Não negava cousa alguma por *parti-pris*, mas nada aceitava sem provas concretas.

Foi precisamente em 1854 que Kardec ouviu falar, pela primeira vez, nas mesas girantes. Mas não quís acreditar nisso e disse : «Eu o acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que se pode tornar sonâmbula».

Foi em Maio de 1855, em casa da Sra. Plainemaison que Kardec, pela primeira vez, foi testemunha do fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam em condições tais que a dúvida já não era possível.

Diante dêsse facto, disse Kardec: «Entrevi, sob essas aparentes futilidades e espécie de divertimento que com êsses fenômenos se fazia, alguma coisa de sério e como a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar».

Daí por diante Kardec pôs as mãos no arado e não olhou mais para trás.

As suas experiências com as mesas girantes, em que os espíritos respondiam com o auxílio das letras do alfabeto, resultaram no aparecimento de obras básicas da doutrina espírita, verdadeiros monumentos de sabedoria e moral.

Logo após ter lançado suas obras a lume, surgiram de todos os lados inimigos da Verdade, que moveram contra êle ininterruptas e violentas campanhas, na vã tentativa de demolir um trabalho iniciado pelos Espíritos, trabalho êsse que prossegue arregimentando cada vez mais nas fileiras espiritualistas, consideráveis falanges de homens de boa vontade e de entendimento são.

Foi assim que, 8 anos antes de Kardec desincarnar, em 9 de Outubro de 1861, ás 10 horas da manhã, sôbre a colina da cidade de Barcelona, no lugar onde eram executados os condenados á pena última, foram queimados, por ordem do Bispo dessa cidade, D. Palan, 300 volumes e brochuras na sua maioria de Allan Kardec.

As labaredas que devoraram aqueles volumes não conseguiram, porém, extinguir a sua obra, pelo contrário, continuam a crepitar, atraíndo a atenção de todos—sábios, materialistas e descrentes, afim de que se banhem na luz da Verdade e marchem em demanda da suprema felicidade.

Sempre que falamos ou escrevemos sôbre o Espiritismo, surge-nos á lembrança o nome venerável dêste grande Missionário, Leon Hippolite Denizart Rivail, ou Allan Kardec, seu pseudônimo, que lhe serviu, segundo seu espírito protetor, de nome próprio em uma existência em que êle viveu entre os Druidas, nas Gallias.

ALLAN KARDEC

No dia 31 dêste mês transcorre o 72.º aniversário do seu passamento.

Ao traçar êste pequeno artigo, temos por objetivo render uma palida, porém sincera homenagem a êsse grande espírito que se imortalizou em nossos cérebros e corações pelos relevantes serviços prestados á humanidade.

Salve, Allan Kardec!

As Materializações de "Maria a Dansarina" nas Experiências com Florence Cook

"La Ricerca Psíchica" PROF. E. BOZZANO.

A longa carreira profissional da médium Miss Florence Cook (depois Mrs. Elsie Corner) divide-se distintamente em duas fases bem diversas de notoriedade pessoal e fenomênica. De facto tornaram-se clássicas e famosissimas as materializações de «Kate King» iniciadas, quando a médium era uma jovem de quinze anos e prosseguiram durante três anos; pelo contrário caíram em olvido as materializações do fantasma que sucedeu a «Katie King», depois que esta, anunciando o fim de sua missão na terra, se despediu da médium e de William Crookes, numa sessão memorável, cessando sua manifestacão, para sempre.

Reconheço que o esquecimento da longa série de manifestações de «Maria a Dansarina» encontra a sua justificativa no facto de tais manifestações terem sido bem menos interessantes que as precedentes, seja devido ao temperamento incivil e vulgar da que se manifestava, seja porque se prestavam a suspeitas de fraude sempre renascentes, devido ao revezamento de experimentadores inexperientes, os quais não podiam imaginar que os «espíritos de defuntos», quando viveram em ambiente social pouco evoluído, continuariam a se manifestar mundanos e pouco evoluídos, tais quais haviam sido em vida. Suspeitas agravadas pelo facto de ter-se o fantasma em questão, apresentado muitissimo parecido com o médium, apesar-de diferençar-se dêste pelas proporções do corpo, alto e formoso, em contraste com o corpo da médium, pequeno e magro. Daí resultou que as manifestações de «Maria a Dansarina» faziam a pobre médium sofrer martírios e amarguras, sempre renovados, que certos investigadores incompetentes lhe infligiam com acusações destituidas de qualquer fundamento, e isso apesar-de a médium ter constantemente exigido contrôle severo — ser despida, examinada e amarrada — e a despeito de se terem quasi sempre realizado as sessões em casas de outrem, com o propósito de impossibilitar a intervenção de «compadres».

Antes de expôr, em resumo, os principais acontecimentos nas materializações de «Maria», útil será recordar como também nas materializações de «Katie King», foi a miude (mas nem sempre) observada a circunstância teoricamente embaraçante, da de sua parecença com a médium. William Harrison, diretor do «Spiritualist», pediu, certo dia, informações á «Katie King», sôbre a razão de tal semelhança, e esta assim respondeu: «Eu não posso impedí-lo. Quando as circunstâncias não são favoráveis, a força organizadora da médium sobrepuja a força de minha vontade, e então o meu rosto assume mais ou menos, a aparência da médium... Não posso impedí-lo».

Esta explicação de «Katie-King» parecerá concludente a todo aquele que possua noções adequadas ao assunto; o que não impede que a mesma encerre um mistério enorme, o qual se liga ao problema do Sêr. É facto que todos os sêres organizados, nos três reinos da natureza: vegetal, animal e humano, crescem, se desenvolvem e assumem a forma que lhes compete, por efeito duma misteriosissima «força organizadora», a qual dirige e constrange as moléculas químicas a se disporem de forma a modelar uma dada individualidade organizada, prodigiosamente complexa. Sómente em tempos modernos, e até certo ponto, se começa a penetrar o grande mistério, mais a dentro, e isto graças a investigações chamadas «formas arquétipo», as quais se manifestam aos «videntes» nos processos de desenvolvimento orgânico, processos por êles observados nos indivíduos pertencentes aos três reinos da natureza; «formas arquétipo» pela primeira vez por mim realçadas e investigadas em dez páginas de comentário ao caso XXX da minha monografia sôbre «Fenomenos de Aportes». Ora, baseado nessas pesquisas, deve-se inferir que tudo concorre a fazer presumir que tais «formas arquétipo» preexistem aos processos de organização e daí a constituição da «trama» sôbre a qual se exerce a «força organizadora»; e talvez se deveria acrescentar que as «formas arquétipo» tenham sua origem numa sorte de misteriosissimo «viveiro cósmico que contém, em potencialidade, todas as formas», as quais pela lei de afinidade, seriam atraídas a todo nascimento de germes fecundados nos três reinos da natureza; enquanto a «força organizadora», que lhes é inata, exercendo-se ainda e sempre pela lei de afinidade, constrangeria as moléculas químicas a gravitarem e a se fixarem no ponto preciso que lhes compete na trama preexistente da «forma arquétipo».

Querendo aplicar êsses conhecimentos novissimos ao problema em exame, relativo aos processos das materializações mediúnicas, dever-se-ia dizer que a potência da «força organizadora», inerente ao médium e inata á «forma arquétipo», justificaria a grande dificuldade, para uma entidade de defunto, de conseguir completamente o escopo de materializar a própria forma servindo-se da substância subtraída á jurisdição da «forma arquétipo» do médium. Sómente em condições de ambiente excepcionais, poderia o defunto conseguir inteiramente o seu objetivo. E é isto o que demonstra a mediunidade de Florence Cook, á semelhança de outros médiuns de efeitos físicos. Contudo, não generalizemos, esquecendo que, por vezes, se realizam condições excepcionais de ambiente, que tornam possível conseguir o objetivo. Recordo, a propósito o médium polaco Franek Kluski, com o qual longamente experimentou o falecido doutor Gustavo Geley. Com tão poderoso médium de efeitos físicos não se verificava nenhuma semelhança entre seu rosto e os dos fantasmas materializados, que constituiam imponente variedade—masculinos, femeninos e infantis—que se manifestavam; fantasmas que, a miude, se exprimiam em línguas ignoradas por todos os presentes.

Observo ainda que os novissimos conhecimentos em apreço, também seriam úteis para elucidar o misterioso processo de materialização, pela qual se assiste á concretização e á dissolução, *quasi instantânea*, de fantasmas solidamente construídos; prodígio que de certo modo se tornaria mais compreensível no caso que se realizasse sôbre a base da presença das «formas arquétipo» preexistentes, as quais, servindo de tramas ás miríades de moléculas lançadas em movimento vertiginoso, as obrigasse, por lei de afinidade, a gravitar para o ponto preciso em que deveria fixar-se nas formas materializadas, para depois reentrar e fixar-se no organismo do médium. Repito que em tal caso, o prodígio pareceria mais compreensível por quanto a condição de exteriorização ajudaria a compreender que tudo isso pode realizar-se, *com ordem perfeita*, mesmo num instante de tempo.

Mas não é ste o momento de alongar-me em torno do fascinante assunto sôbre a existência de «formas arquétipo», fundamento de todo processo organizador; «forma arquétipo» que se não deve confundir com o que se entende por «perispírito», visto que esta última denominação se refere ao «invólucro do espírito» enquanto que as «formas arquétipo» resultando comuns aos três reinos da natureza, e preexistindo aos organismos criados, originariam — para assim me exprimir — as «Arcas da Vida», não ainda os «Tabernáculos do Espírito».

Não podendo estender-me mais sôbre o tema, indico a minha monografia supracitada aos que o desejarem.

(Continua)

Uma Extrordinária Visão Premonitória

Por Mme. Joy Snell — «Le Monde Superior» e «Constancia»

Meu pai regressou das Indias depois de ter eu completado vinte e cinco anos, para fixar sua residência na Irlanda. Eu me afastei das Indias aos três anos de idade, depois da morte de minha mãe.

Não obstante transcorridos dezessete anos, sem nos vermos, o nosso encontro foi como se nunca nos houvessemos separado. Êle sempre foi o heroi dos sonhos de minha infância e os realizava inteiramente. Unia-nos grande afeição. Viviamos estreitamente ligados, em excelente amizade e cordialidade. Meu irmão também era tudo o que pode desejar uma irmã. Durante dois anos me senti mui feliz.

Um pressentimento lúgubre e uma visão profética

Aumentava em mim a sensação dum protetor invisível. Esta aproximação se tornava tão real e tangivel que por momentos me parecia sentir como que um sôpro sôbre minha face, ouvia um murmúrio em meu ouvido, fazendo que eu me voltasse bruscamente, certa de encontrar alguém.

Mas os acontecimentos se precipitaram. Uma idéia obsessora me dizia que algo de mal ameaçava meu pai. Êsse pressentimento lúgubre se acentuava nos momentos em que me encontrava intensamente conciente da presença de meu mentor invisível.

Supus então, que alguém se esforçava com o propósito de preparar-me para um acontecimento fatal.

Entretanto meu pai parecia em gôzo de boa saude. Nada justificava minha ansiedade.

Pouco depois do princípio dêste acontecimento, estava eu, certa noite, á janela de minha casa, aspirando o ar outonal, vivo e fresco, e admirando a serena magestade da noite.

De súbito, ouvi a voz de papai que me chamava, e suplicava que eu fosse para junto dêle. Depois, todo o panorama desapareceu ante meus olhos e apresentou-se a visão de meu pai estendido no jardim, vestido como de costume e parecendo dormir.

Isto se produziu á luz plena. Dois amigos que passavam, aproximaram-se de casa. Eram estes, o médico de nossa família e seu irmão. Habitualmente eles vinham visitar-nos. Vi-os entrar no jardim e, ao verem papai, precipitaram-se para socorrê-lo. Um levanta-lhe a cabeça; o outro desabotoa a roupa e desliza a mão por baixo do colete.

Ouvi o doutor dizer:

«Tudo se acabou, a morte se verificou sem o menor sofrimento; mas quem levará a notícia á sua filha? Eu não tenho coragem».

Ela ora por seu pai

A visão desapareceu e me apercebi que estivera presa junto á janela aberta.

Tomo uma luz e me dirijo ao quarto de papai. Entreabro a porta e escuto. A sua respiração profunda e regular me assegura a respeito de seu estado.

Entro e, sem fazer ruído, me aproximo do leito e diante dêle me ajoelho e rogo com fervor por sua intenção.

Ao saír do quarto, meu coração estava agitado, pois eu estava convicta de que esta visão se realizaria dentro de pouco tempo.

Foi de todo impossível deitar-me nessa noite, minha obsessão me havia tirado todo sono.

O último adeus

Na manhã do dia imediato, recebi meu pai sorridente; resolvida a não deixar transparecer nenhum sinal de pesar. Êle estava tão alegre, afetuoso, como habitualmente.

A's 14 horas, saíu a passeio, deixou-me dizendo que voltaria a tomar o chá comigo.

Antes de saír, abraçou-me ternamente, como temos por costume antes de nos separar, ainda que a separação seja por pouco tempo, mas nesse momento tive o pressentimento que era êsse o último beijo. Voltei á minha habitação para aguardar a realização do destino inevitável.

Pouco antes da hora convencionada, um criado entra precipitadamente e me pergunta onde se encontrava o «patrão». Um outro doméstico chega poucos minutos depois e me faz a mesma pergunta. O ordenança de um amigo que chegou em seguida, e com ar de ansiedade se informa do regresso de meu pai, pois seu chefe deseja vê-lo.

A visão se realizou

Eu estava convencida de que minha visão se realizara, que meu pai estava morto, que essas pessoas o sabiam, mas não se atreviam a comunicar-me o acontecimento.

«Meu pai não voltou» — respondi; «mas porque esta agitação, André?» Você me traz alguma noticia má?

«Não, senhorita» — disse êle, e saiu precipitadamente.

Alguns instantes depois, entra o doutor. Ao ver-lhe o rosto, compreendi que era êle o portador da mensagem funesta, mas êle não se atrevia a comunicá-la.

Afim de lhe facilitar a tarefa, eu disse: o sr. vem para dizer-me que meu pai foi vítima dum acidente, ou, pior ainda, que está morto.

— Com efeito, êle foi seriamente ferido, e, neste momento, eles aí o trazem.

—Porque não me diz a verdade, doutor? Eu sei que papai está morto.

Não posso negá-lo, o que a Sra. diz, ocorreu efetivamente.

Nêsse momento trazem o corpo inanimado de meu pai.

O Dr. confirma todos os detalhes

Depois dos funerais, o doutor me perguntou como foi que tive essa clarividência com meu pai.

Fiz-lhe o relato de minha visão, em detalhe. Êle declarou que tudo o que eu vira e ouvira, se passara exatamente. Êle e seu irmão tinham ido e falaram nos termos que eu manifestei. Meu pai morreu em consequência duma afecção cardiáca.

Foi depois de sua morte que fui informada que êle conhecia, desde algum tempo, o mal que o ameaçava e que deveria levá-lo dum a outro momento.

Com a bravura de soldado e a calma de que êle dera provas no Oriente, recebeu o anúncio de morte e o manteve em segredo em consideração a seus filhos.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

(Continuação)

«Que as palavras do profeta ressoem nos seus ouvidos e que Alah o proteja, fazendo com que irmane sempre os seus pensamentos com os nossos.

Os últimos acontecimentos, nos quais me vi envolvido, deixaram-me num mixto de emoção e perplexidade, tanto que, ainda não refeito, talvez êste estado me impeça de falar como desejava.

Todavia, aquí estou para cumprir a minha palavra e pronto a lançar um olhar retrospectivo com o auxílio de amigos, encadeando as diversas passagens da minha vida.

Nasci, no Irak, em época que não me recordo. Não cheguei a conhecer meu pai, pois falecera quando eu ainda era criança. Fiquei, então, sob os cuidados de Muza Abed Ramid, que era um dos chefes das expedições que, de época em época determinada, iam á Meca e Medina para receber ordens do Califado.

Êle era um ardoroso prégador e tinha, por missão, não só transmitir aos fiéis, os conhecimentos da nossa crença, como também, prepará-los contra as tiranias desencadeadas por Felipe II.

Em todos os tempos, nossa palavra foi lei e nossas promessas e juramentos cumpridos a todo custo, sendo a vida, a menor cousa que davamos em holocausto para cumprí-las.

Devido ás perseguições tenazes de Felipe II e seu irmão bastardo — João da Austria, dois acérrimos inimigos das nossas leis, fomos obrigados a nos reunir afim de defender os lugares santos, e foi com Mahomet 4 que vim receber a tradição e as ordens de combater as seitas cristãs, que desejavam o nosso extermínio.

Tinhamos os nossos grupos formados e bem armados afim de fazer face aos constantes morticínios e ataques que contra nós lançavam, continuamente, e eu era um dos chefes, senhor de vastas propriedades.

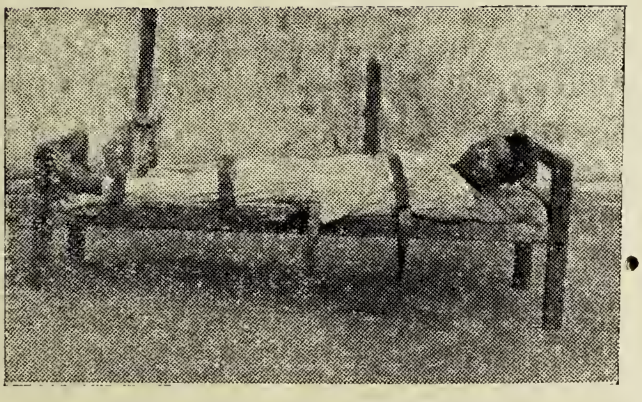

Fotografia de enfêrmo espelhando o quadro fiél dos seus tormentos atuais que nada mais representam do que o pagamento de iniquidades passadas.

Caso de obsessão *completamente curado sem o auxílio de exames de laboratórios, aparelhagens e drogas oficiais. Apenas passes e doutrinação dos* espíritos dos reputados mortos...

Possuia varias esposas, e ela — a enfêrma atual — era minha favorita, porque me havia dado um filho varão, merecendo, assim, o direito de domínio sôbre as minhas propriedades.

Durante um determinado tempo, fomos sempre mal sucedidos em vários combates, o que nos fez julgar haver traidôres nas nossas hostes. Nessa mesma ocasião, fui notificado de que num dos acampamentos fôra visto um vulto disfarçado em trajes femininos, o qual, perseguido, re refugiára nas minhas propriedades.

Junto á Mecca, na mesquita, jurei que não sabia de nada e prometi que, se fosse alguns dos meus, eu o descobriria, fazendo com que pagasse, bem caro, o crime da sua traição...

Vigilante, inúmeras noites esperei pelo vulto e não sendo possível prendê-lo, por arriscar e chamar a atenção de sentinelas inimigas, estava sempre preparado com um ferro incandescente para marcá-lo. Uma noite, apareceu e marquei o vulto, na testa e no queixo.

No dia seguinte, reuni todos os residentes das minhas terras e, entre as mulheres, estava ela com o rosto sangrando, ainda mais deformada propositalmente, para que a marca não fosse descoberta!

Horrorizado, deixei que ela mesma cravasse o punhal no peito. Não tive coragem de o fazer, pois grande afeição me ligava a ela.

Como não levei o punhal ensanguentado, como prova, aos meus companheiros e demais chefes, fui repudiado e tive que fugir, perdendo minhas propriedades. Desde, então, não mais tive tranquilidade e tenho procurado, pela vingança, obedecer a exigência daquêle a quem devemos fidelidade.

Sempre fui um crente do profeta e o adoro e venero não só a Êle, como também os túmulos e cidades sagradas.

Cria na imortalidade da alma e devido a essa crença sempre alimentei a noção do sagrado dever de defender nossas cidades santas; devido a esta crença e a noção dêste sagrado dever, tenho procurado segui-la por toda a parte e sempre verberado pelos meus companheiros, devido ainda a não têr conseguido o meu intento.

Sei agora, que tive uma encarnação na Hespanha onde procurei seguí-la e onde vivi 63 anos sem poder levar avante o meu intento. Novamente desencarnado, sem poder prestar contas do meu dever, tive que suportar o escárneo dos meus companheiros...

Avisado que ela estava novamente reencarnada em Portugal, preparava-me para tomar novo corpo quando ela, aos 18 anos, suicidou-se, dizem que louca, vendo-se rodeada por mim e pelos meus companheiros.

Em vista disto, reencarnei-me no Cairo, com o encargo de ainda auxiliar a defeza das Terras Santas.

Foi minha última vida terrena. Há pouco tempo, desencarnado novamente, recebi novo aviso de que ela voltara á terra. Há tempos que a acompanho, a espera da oportunidade precisa. Sempre a reconheci pelas marcas que lhe fizera.

Estou quasi a reconhecer um Poder Supremo, cuja justiça sombreia e anula a justiça dos homens!

Vou coordenar os meus pensamentos e refletir para que possa voltar, ainda, mais senhor de mim mesmo...

—

As fases da história, neste ponto, não nos eram desconhecidas, propriamente, mas tudo ignoravamos a respeito de datas e particularidades, e lá fomos repassa-las de novo... e durante certo tempo relemos aquelas páginas, acompanhando de perto a vida de Felipe II, o *demonio de meio-dia.*

E por nossos olhos perpassaram os quadros terrificantes daquela época, na qual a ambição, a luxúria, a vaidade, a hipocrisia e as vilanias eram os abutres negros que pairavam sôbre o coração daquelas hienas...

Príncipes e reis, sacerdotes e papas, organizados em partidos políticos e guerreiros, viviam em perpétua luta, na qual o pobre povo era saqueado em seus haveres, cerceado na sua liberdade de conciência, torturado, massacrado e vilipendiado.

Época em que as fogueiras não tinham necessidade de lenha, pois a carne humana constituia melhor essência para o crepitar das lúgubres labaredas; época em que o despertar da inteligência e da compreensão era abafado nas masmorras subterrâneas de onde não podia se livrar para que o éco dos seus ensinamentos não viesse tirar as vendas dos olhos da ignorância, época em que a noção de honra, pudor e família era abafada pelo tilintar das taças e pelo gargalhar produzido durante as orgias, época em que a criatura humana ou vivia acuada como besta fera ou servilmente pronta ás retratações, humilhando-se e pedindo perdão, pelo receio dos cárceres, das fogueiras e das torturas!

Época dos Felipes, dos Gregórios, dos Urbanos, dos Inocêncios, sob cujos reinados e papado, a Europa e mesmo os povos longínquos só viam pairar sôbre êles o flagelo da inquisição, do sangue, das torturas e do cerceamento de conciências!

Daí, as revoltas surdas, a intoxicação do espírito, as idéias de vingança e desforra tão fortemente estampadas no psiquismo que resistiram e resistem aos séculos, seguindo suas vítimas e algozes através de reencarnações e reencarnações!

—

Ainda bem não haviamos acabado de constatar a veracidade daqueles relatos, indo buscar a sua confirmação através da verdade da história da Humanidade, quando em uma das nossas reuniões incorpora-se uma entidade, fornecendo-nos mais detalhes e mais pormenores a respeito das vidas passadas da nossa paciênte: —

«Não sei. Não compreendo isto— admiro-me de dizer: *venha na paz de Deus!* São herejes. São os negadores de Deus e não seguem os princípios da Igreja Católica!

Quem sou eu!

Não oculto as minhas credenciais —Sou Fernando Diogo Garcês, cidadão português, em plena posse dos meus direitos perante Deus, pois sou membro da Ordem do Santissimo Sacramento.

Parti de Lisbôa e vim visitar minha filha e aquí estou não só neste caráter, como também, no de pai, não permitindo que ela continue nesta casa.

Dizem que está doente porque lhe fizeram, artimanhas do diabo.

Ela saíu da minha companhia, ainda muito criança, e bem sabe que o mundo é cheio de tropeços... Estava muito doente e permiti que fosse passar uns tempos, em Castela, em companhia de uma tia...

Que doença?

Não sei ao certo. O facto é que, á noite, *levantava-se e ficava agitada, vendo no seu quarto de donzela, indivíduos com roupas exquisitas. Não estava em estado normal,* e *essas visões* e *peturbações foram causas de muitos desgostos, principalmente para minha velha companheira,* que não resistiu ás vigílias a que era obrigada junto á cabeceira da menina.

Há muito que não tinha as suas notícias e, por isso, revolvi aqueles lugarejos e muito estranhei quando tive notícia de que ela viéra para êste paiz.

Fiz toda esta travessia com grande sacrifício e aquí estou há dias. Tenho estranhado tudo isso, e mesmo minha filha deixa-me preocupado—quando conversa comigo, procura ocultar u'a mancha que tem no rosto e já por várias vezes me disse : — *Não sabes que morri ? Que vivo outra vida ?*

—

Convenientemente doutrinado, reconheceu o seu estado espiritual, caindo de surpresa em surpresa, não podendo, todavia, ante a realidade, atribuir os factos a ilusões de seus sentidos.

Foi uma incorporação inesperada, verdadeira surpresa e surpresa agradável, pelo grande acervo de documentação e conhecimentos que nos proporcionou... conhecimentos que não procuramos analisar para não prolongar, mais ainda, êste relato...

—

. . . .

... e êle voltou e voltou, falando calmo e compassadamente, como que ainda envolto em um turbilhão de dúvidas e incertezas !

«Há uma grande confusão em minhas idéias, não só pelo que tenho visto e notado no meio em que me encontro, como também pelo que sinto e ouço.

E' um estado angustioso que me desorienta. Falhos se me tornam os pensamentos e dificilmente coordeno as idéias e dirijo minha vontade. Sinto-me em um mundo estranho e tudo repercute em mim fazendo até mesmo que sinta choques antes de pronunciar as palavras.

Todavia, terei hoje, por certo, a solução de todos êsses acontecimentos.

Quantos anos decorridos !

Como tenho andado na erraticidade, nessa luta sem fim, sentindo a todo o momento o choque das armas, após ligeiros descansos para reiniciar a luta !

Os desígnios de Alah são sublimes e não podemos nêle penetrar. Minha alma ruge, brame, numa tempestade dentro de mim mesmo. Não sei se desejo sangue, luta ou paz.

Naquela noite, senti Alah através daquela luz que me guiou para o monte da meditação.

Terrivel luta interna faz com que pare, ainda, para refletir.

Por um lado, sentir-me-ei descansado. Por outro, creio mesmo que os anos e os séculos jamais apagarão de minha memória o quadro daqueles crimes monstruosos causados pela traição desta espiã maldita, na qual tanto havia confiado !

Mas... se Alah perdôou e a mão do profeta se fez sentir, penitencio-me do que fiz, porém, nunca mais desejo vê-la no meu caminho. Nossas estradas serão opostas; continuarei como soldado do profeta e ela que siga a senda dos seus crimes, ouvindo os lamentos e os estertores de dôr que provocou...

Tudo me confunde. Antes, fiquei por aquí, desorientado, vagando perto desta casa na esperança de encontra-la. Bem diziam que ela estava sob a proteção do profeta em nome do qual havia jurado e cumpriria a minha palavra enquanto em mim subsistisse uma particula de vida...

Admiro o vosso credo, pelo que tenho visto, aquí, porém, não o aceito, embora seja grande, sublime e divino.

Continuarei ao lado de meus companheiros, ajudando a defender as terras que nos pertencem. Os ímpios não podem ter domímio sôbre os lugares sagrados, sôb pena das lanças brandirem, fazendo o sangue correr...

Disseram-me que ainda ouvirei prégar, aquí, Mussameth, o maior o mais piedoso e o mais consagrado prégador das nossas leis !

Sim, ficarei para ouví-lo. Quem sabe se as suas palavras representarão o balsamo para refrescar os tormentos causticantes provocados em minhalma, pela dúvida e pela incerteza ?

Sim, sim, ficarei.

—

Livre dos obsessores que tanto a atormentavam com seus fluidos impuros; livre de quasi todas as manias que caraterizavam a sua doença *exquisita*, doença que os melhores especialistas não conseguiram especificar, não foi possivel, todavia, livrá-la de outros tormentos consequentes do seu desequilíbrio mental, porque a paciente não possuia um organismo completo — estava mutilado em seus orgãos essenciais, cujo produto funcional reclamava a sua parte, o seu direito.

Seu esposo entregou-a aos nossos cuidados, confiante em Deus, esperando que a tranquilidade voltasse a seu lar.

Para uma reencarnação futura, livrámos o seu espírito de tormentos maiores, para êle obtendo o alvará do perdão.

Para o resto de vida presente, todavia, não foi possível, porque tardiamente nos foi entregue. Sim, tardiamente, porque, antes de nós, passou pelo gume afiado dos bisturis inconcientes, deixando, nas mesas operatórias, pedaços do seu organismo, partes necessárias, imprescindíveis ao metabolismo orgânico.

Que a piedade divina a ampare em seus tormentos e proporcione aos seus a resignação necessária para cumprir, de envolta com as provações, os tormentos causados pelo orgulho e pela maldade dos homens de ciência que persistem em não ver e não sentir, além das suas leis e da sua sabedoria, uma sabedoria maior e leis mais sublimes que as suas, leis irrevogaveis e tão justas, que desobediência a elas importará em sofrimentos, mágoas, torturas e dôres... E que essa mesma piedade divina permita á ciência médica dos homens, divizar a grandeza e o esplendor dos ensinamentos espíritas, verdadeiros fócos de luz para varrer o seu orgulho e os conduzir por caminhos mais seguros, plenos de auxílio e plenos de elementos para o amparo á Humanidade que sofre, que geme e que soluça...

Crianças Prodigios, Gênios e Hereditariedade

CAMPOS VERGAL

PSICÓLOGOS e psicanalistas, por mais que investiguem e tentem explicar a existência das crianças prodígios e dos gênios, apresentam hipóteses apenas, falando em causas despercebidas, em influências obscuras, em recalques e em complexos confusos. — Os teólogos, laborando na incapacidade duma explicação racional, e muito menos experimental, atribuem a existência de gênios e de crianças prodígios ás misteriosas e flutuantes vontades de um deus, que se diverte em criar, numa única existência, criaturas tão diferentes entre si, como o são entre si o batráquio e a estrêla, ou a flor e o vérme.

Crianças prodígios e gênios são para nós, reencarnacionistas, espìritos que passaram por muitas vidas e acumularam os resultados de suas vividas existências, até chegarem a êsse esplendor, que comumente se denomina genialidade ou brilhante precocidade. Conquistaram tais espíritos êsse título, não como dádiva ou presente que lhes houvessem concedido graciosamente divindades parciais, em detrimento de terceiros, nêsse jogo de proteções e perseguições tão ao sabor dos homens, — mas pelo mérito a que fizeram jus com seus sacrifícios, tenacidade, num desdobramento de esforços próprios. — O nimbo de santidade, a auréola de sabedoria, a glória nas artes, o renome nas ciências, o respeito universal pelo acentuado humanitarismo, são salários exatos que os indivíduos ganham após existências de muita luta, longos trabalhos, expressivas renúncias. Constituem tais conquistas retribuição justa, remuneração equitativa, absoluta.

Se admitissemos o absurdo de que só existe uma vida, aqui na Terra, de que a reencarnação é uma quiméra, como deveríamos classificar êsses deuses que fazem umas crianças deformadas, raquiticas, abandonadas ás portas frias dos asilos, cegas ou surdas, e, doutro lado êsses mesmos deuses criam outras crianças lindas, fortes, bélas, no quente confôrto dos seus lares, bem nutridas, melhormente vestidas ? como os deveríamos classificar, se são êsses jeovás, êsses jupiters, êsses alás, tão poderosos ? não ficaríamos nós muito acima deles, uma vez que, se estivesse em nossas mãos, curaríamos e alindariamos todas as crianças tristes, todas as crianças deformadas, todas as ceguinhas, todas as paralíticas ?

O gênio, o talento, não se transmite de pai a filho. Se se transmitisse, teríamos inúmeros continuadores das glórias imortais, que pontilham de luz a história da civilização. Se se transmitisse, convinha a todos os governos e a todos os povos, selecionar os gênios, afim de que outros gênios, melhorados e ampliados, saissem dêles. E doutro lado, convinha, pela lei da compensação, exterminar todos os mentecaptos, todos os tarados, todos os estropiados morais.

Se a genialidade, o talento, se transmitissem, os donos dêsses raros valores, seriam os primeiros a querer que suas exuberantes qualidades e possibilidades se perpetuassem e se reflorissem, cada vez mais encantadoras, em seus descendentes. Tais descendentes se iriam aprimorando, em cada geração com mais esmêro e cuidado, como fazem os editores com as óbras célebres: cada edição sái melhorada, corrigída, revista. Mas, tal não se dá, nunca se deu, nem se dará! Se se desse, que esplêndidas reservas mentais, artísticas, espirituais, filosóficas, científicas e até guerreiras não teríamos! Seria uma seleção bem mais cuidada do que essa que se faz por aí, separando homens arianos de homens mongóis, puros sangue de um lado e mestiços de outro, judeus pra cá e dóricos-louros pra lá.

A simples análise nos mostra que os gênios tiveram ascendentes e descendentes de inteligência medíocre ou mesmo nula. Verbi gratia: Sócrates, Bacon, Platão, Copernico, Galvani, Kepler, Hume, Kant, Lock, Malembranche, Spinosa, Laplace, Rui, Mozart, Dante, em suma, celebridades de todos os tempos e de todas as regiões, nos contam, revelam-nos, á saciedade, que tiveram modesta origem, alguns, origem bem obscura. E não produziram um Sócrates 2.º, um Copernico 2.º, um Newton Junior, um Kepler Filho...

Contrariando ainda a hereditariedade intelectual ou mental, observamos apreciáveis florescências de pensamento e de ação, culminâncias de ponderação, bom senso e sabedoria, gerarem parvos ou tarados, como aconteceu ao brilhante Péricles que teve Paralas, o grande Marco Aurelio, que gerou a Cômodo, o talentoso Germânico que perfilhou o monstro Calígula.

Existe apenas a hereditariedade física. Os filhos se parecem fisicamente com os pais ou com os outros seus maiores. E' muito natural que um rapaz puxe (êste é o termo) os cabelos do pai, que o menino puxe o nariz do avô, ou que a mocinha puxe as banhas da mamã. O resto, de um modo geral, é regido pela lei da afinidade, e nunca pela hereditariedade moral, psíquica ou intelectual. — Lembremo-nos ainda, para justificar a nossa tese, de que d'Alembert, o notavel enciclopedista francês, era um engeitado; Copernico, o notável Nicolau Copernico, que estabeleceu o heliocentrismo em contraposição ao sistema absurdo e retardatário do geocentrismo de Ptolomeu, era filho de um padeiro; Kepler, o imortal estudioso do planeta Marte e digno sucessor de Tico-Brahe, era filho dum vidraceiro; Newton e Laplace, nomes ainda hoje repetidos com admiração e respeito nos setores das ciências astronômicas, eram filhos de simples camponêses; Gioto, Cimabúe, de obscuros campônios.

(Continua)

«O Espiritismo não considera princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta lógicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apôio das suas próprias descobertas, êle assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas, e saídas do domínio da utopia. Sem isso êle suicidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria á sua origem e ao seu fim providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, não será nunca ultrapassado, porque se novas descobertas demonstrarem que está em êrro num determinado ponto, êle modificar-se-há nêsse ponto; se uma nova descoberta se fizer, êle aceitá-la-há».

ALLAN KARDEC.

O Espiritismo em face da Ciencia

LEOPOLDO MACHADO

— XXIX —

Vitaminologia e Espiritualismo

Duas novas ciências, ou melhor, duas manifestações novas da Ciência, se agitam, na hora que passa, arrogando-se, enfaticamente, o poder de concertar a vida humana, de orientar a genialidade, de formar inteligências e nortear caracteres : a ciência da nutrição, com o advento das *vitaminas, e a endocrinologia.*

De futuro, a julgar segundo postulados das duas, os sucessos da vida humana, como os seus precalços, dependerão, sómente, da dosagem dos alimentos, do funcionamento de tais ou quais glândulas.

Tratemos, porém, agora da vitaminologia.

O que é a vitamina, a própria ciência, a despeito de classificá-la em *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *g*, ainda não sabe. Sabe, porém, as consequências de sua falta, os resultados de sua existência, onde se elas encontram, a história do aparecimento isolado de cada uma. E sabe ainda que os burros, a despeito de toda a sua burrice, «já conheciam a existência da vitamina, antes do químico inglês, Dr. Hopkins, a descobrir, segundo o que nos afirma o Dr. Deason em suas observações na India», afirma o dr. Gonçalves Maia. O bastante, portanto, para cientistas nutrilogos interrogarem a si mesmo se, com a descoberta das vitaminas, «poderá algum dia, a ciência fazer grandes homens de vulgares sêres humanos, como as abelhas que transformam uma larva comum em rainha da colmeia, nutrindo-a com alimento especial que elas sabem preparar.» (Gordon Garbedian). Interrogarem-no, na crença íntima de que isto poderá acontecer. Aliás, dentro da legenda, por aí repetida a propósito da educação física, de que *mens sana in corpore sano*, é para garantir-se a existência do que aí se espera de futuro. Nós, porém, que, á luz dos Evangelhos, compreendemos a logica da legenda atribuida a Juvenal, de modo diferente, isto é : que será são o corpo se o Espírito fôr são ; nós, embora não neguemos o valor de uma alimentação perfeita, no sentido de preparar o corpo para suas funções, não podemos admitir possa a nutrição preparar gênios, influir na formação do caráter e da inteligência a ponto de transformar-lhe o destino espiritual. Nem o próprio Juvenal deu á legenda o sentido que, hoje, se lhe dá ! Lá está ela, na sua Sat. X. v. 356 : «Um espírito são num corpo são ! Que outra coisa se pode pedir aos Deuses a não ser a saúde da alma como a saúde do corpo ?» A saude da alma, como se vê, em primeiro lugar ! Assim não fosse, seria, de resto, negar a existência do Espírito servido, exatamente, pelo corpo bem nutrido ! Meta-se um *stradivarius* afinadissimo em mãos de um mau violinista, e duvidamos possa êle arrancar as harmonias que um Paganini arrancaria dum violino inferior. Aliás, os grandes gênios teem sido, até, por singular ironia do destino, de molde a contrariar a ciência humana : criaturas, ordinariamente, sub alimentadas por sua pobreza, e de saude imperfeita.

Digressionemos, ainda que rapidamente, no mundo das vitaminas, afim de vermos até onde vai seu poder.

Diz-se que foi um joven oficial japonês, K. Takaki, quem primeiro teve a intuição da existência da vitamina. A marinhagem toda japonesa, uma época houve em que fôra toda atacada de beriberi. A causa do mal estava no regime alimentar e na dieta imperfeita, imposta aos doentes, disse intuitivamente, Takaki. Riram-se dêle, em nome da ciência. Êle insistiu nos seus pontos de vista médicos, e o *beriberi*, e a morte insistiram na ceifa da marinhagem niponica ! Donde, o almirantado japonês consentir, mau grado a oposição da medicina japoneza, ao joven oficial médico que usasse de suas experiências no caso. Dois navios com a mesma equipagem se botam ao mar : o do Takaki seguindo o seu regime alimentar e a sua dieta ; o outro, adstrito á dieta e ao regime antigo. Êste, voltou com 169 vítimas do *beriberi.* O do médico inspirado, com 14 casos apenas, leves ! Era o triunfo, decorrente da troca do arroz descascado, base da alimentação japonesa, por outro alimento dietético. Foi isso o fio de Ariadne para chegar-se, posteriormente, á descoberta da misteriosa vitamina. Apareceu, primeiro, a *vitamina* B, em 1912, por mercê dos estudos do dr. Casimir Tunk, do *Instituto* de *Lister*, de Londres, que lhe deu o nome de *Vitamina beriberi*. Donde, vitamina B, da inicial do mal de que derivou o bem, implicando o termo vitamina: *força vital*. Outros sábios descobrem, posteriormente, a complexidade química da vitamina B, e suas minas mais abundantes: a casca do trigo, que é a parte que, por hábito, não se come; tomates, suco de frutas, ovos e leite, etc. A ausência dessa vitamina póde implicar males como afecções nervosas, falta de apetite, pertubações intestinais, ausência de apetite sexual, beriberi, artritismo, constipações, etc. Essa vitamina foi isolada, em 1935, na *Universidade de Columbia*: de seis toneladas de arroz polido tiraram-se apenas 28 grs. de vitamina B. Tão poderosa é ela que póde salvar animais quasi á morte!

Veio depois a *vitamina A*, de uma importância enorme na infância, porque fator do crescimento normal. Indispensável, ainda, na vigorização dos tecidos epiteliais, feito barreiras contra a invasão dos germes causadores de males como a carie dentária, afecções da pele, tuberculose, cegueira, debilidade, moléstia do aparelho respiratório. Esta vitamina é um oleo espêsso, que se encontra no sangue, figado, baço e outras glândulas do bacalháu e do salmão principalmente. E, também, no *isopreno*, substância encontrada na seringueira. E' assim que, embora se coma o salmão e o bacalháu, e não se coma a seringueira, são os dois peixes europeus e o vegetal muito nosso, vitaminamente falando, irmãos gêmeos.

A *vitamina C*, terrível inimigo do escorbuto, é própria dos frutos cítricos. O limão é um repositório seu, que, também, debela a piorréa e outras moléstias da boca...

Da *vitamina D* não se conhece, ainda, a natureza química. Deriva da luz do sol. Os que se expõem nas praias aos banhos de sol, estão armazenando esta vitamina. Nos alimentos, é encontrada somente, no oleo de figado de bacalhau, também rico em vitamina B, nos oleos de outros peixes, no leite e no ovo, como alimentos completos que são. E' poderosa precaução contra moléstias do aparelho digestivo, os resfriados. E' um tônico excelente para o organismo, contribuindo, como um mineralizante que é, para o desenvolvimento normal dos ossos.

A *vitamina E*, diz-se indispensável nas funções reprodutivas. Daí chamarem-na *vitamina* anti-estirilizante. Diz-se que sua função nos problemas da reprodução, reserva surpresas para o futuro. Talvez dela derivem as grandes proles, as genialidades, os Socrates e os Platões do futuro! As verduras e o leite são as suas principáis minas.

A *Vitamina G*, que devia ser F, deve seu nome ao médico que a descobriu, Galdberger, chefe do Serviço da Saude Publica dos Estados Unidos. Foi isto em 1926. Até aí, era crença da medicina oficial fosse a pelagra, terrivel mal de pele, que se transmiti á mucosa do canal digestivo, a que sucedem pertubações nervosas, doença bacilar. O dr. Joseph Galdberger demonstrou, o contrário, através de experiências feitas em sí próprio: absorveu a descarga intestinal de doentes atacados do mal, injetando-a nas próprias veias. E não teve a pelagra! Creram nele. E descoberta a vitamina, cuja ausência produz o mal, deram-lhe o nome *Vitamina G*, que é encontrada nos ovos e no leite, nos legumes e carnes magras. Além da pelagra, a velhice precoce é outro mal provocado pela vitamina G.

Não negamos, que não temos autoridade para tanto, seja o que aí se diz, resumidamente, das vitaminas. Muito menos sua função no organismo humano. Não podemos é emprestar-lhe a importância que a elas se dá. Mormente sendo, como somos, do nordeste, onde os legumes não são, ou não eram, alimentos. Quantas vezes ouviramos nós, se é que não disseramos também: «quem come folha é lagarto. E eu não sou lagarto.» Estamos a ver caboclos fortes, a vara encostada ao peito, empurrando, o S. Francisco acima, as barcaças carregadas, a cantarolar coisas tristes, de sol a sol, com um pouco de farinha e carne seca apenas no estomago, sinão uma jacuba de rapadura. Envenenando-se, ademais, pelo fumo e parati! Leia-se, de resto, no *Sertões*, de Euclides da Cunha, a descrição do que é o sertanejo em força, agilidade e caráter; tome-se depois, contacto com eles, através de seus improvisos superiores ao som da viola, e ver-se-á de que é capaz, física e intelectualmente aquela gente mal nutrida, sem noção nenhuma de vitaminas e de alimentação conciente. Houvesse, por outro lado, tal eficiência, sob o ponto de vista da inteligência e do caráter, nas vitaminas, conforme já se prognostica, para o futuro, e estamos em que, futuramente, não haverá mais uma família de abastados que não se componha de Beethovens, Napoleões, Sãos Franciscos de Assis, Leonardo de Vincis, Luteros, Descartes, pelo facto de poderem seguir, á risca, pelos conhecimentos e os recursos, o regime científico da alimentação vitaminosa. A Historia, entretanto, está cheia de pobres sub alimentados que, como Dante, Camões, Stefenson e Edison, a ilustraram!

Se não houve, ainda, quem desmentisse o asserto do Cristo, de que é o que sai da boca que faz mal ao homem e não o que entra, o regime alimentar póde ter, — e terá, não ha dúvida nenhuma! — uma grande importância para equilibrar as forças e a saude do corpo, sem que, entretanto, se constitua em fábricas de gênios, santos e herois!

Admitir o contrário, seria submeter o Espírito á matéria, a alma ao corpo, coisa dos que apenas creem ou não creem na existência do Espírito, e não de espiritistas que sabem da realidade científica desta existência.

As teorias endocrinicas são, ainda, mais gozadas!

O CAMINHO DA REVELAÇÃO

Tradução de uma das primeiras alocuções semanais de Zodíaco, da sua série não interrompida em Londres, em Janeiro de 1928, por intermédio de Miss Winifred Moyes, em transe.

Garanto-vos que, esta noite, no momento em que vos falo, tenho diante de mim desenrolada a grande tela, e seus fios vão sendo urdidos vagarosamente pelos que se encontram sob o plano da Terra. Essa tela admirável representa os propósitos de Deus para com seus filhos; mas as delongas e os adiamentos tem detido a grande benção que Deus, nosso Pai e Mãe, tanto nos deseja conceder. Não quero, porém, que nenhuma sombra vos envolva, porque vós todos sois obreiros, e isso significa que o que tendes feito, no passado, o ireis repetindo, isso prova que pela libertação da Divindade que reside em vosso íntimo, haverias tomado para com o vosso Criador, o compromisso de não parar, de responder á Voz e de seguir a orientação que vos é dado, ainda mesmo que isso vos exija o pagamento de certo preço. Êsse preço corresponde aos vossos dotes mais preciosos, pois não está escrito no Livro Sagrado que os dons que vem de Deus só os compram aqueles que quiserem fazer a seu preço? (Ev. de São Lucas 14/33).

Os vossos fios na urdidura divina

E assim, meus amados, quando olhardes para o passado e afrontardes o futuro, lembrai-vos da grande tela e dos fios que alí estais colocando, visto que chegará o tempo em que sereis despojados da vestidura física e tereis de tomar em consideração os propósitos de Deus; e, se faltarem os vossos fios ou tiverem prejudicado a pequena parte da tela que vos fôra confiada; não só vosso coração e mente se mortificarão, como tereis de retroceder afim de colocar êsses fios convenientemente, como devieis ter feito logo de começo. Não julgueis que seja possível esquivar-vos a isso! E' lei espiritual, e Aquêle que decretou as leis do Espírito, renunciou ao direito de alterar o efeito dessas leis, porque Deus, embora muitos não saibam isto, limitou-se a Si mesmo pelo grande amor que tem aos que criou.

Esta noite pois vos falarei sôbre o que chamo O *Caminho da Revelação*. Convido-vos a esquecer por alguns momentos esta pequena terra, a desenredar-vos daquilo que vos causa ansiedade e de tudo quanto aparentemente tiver corrido mal e a que, acompanhando-me em pensamento, troqueis as coisas materiais pelas que permanecem para sempre.

O Caminho da Revelação! Para vossa orientação, acham-se arquivados os registros do passado, mas houve, e ainda ha nestes dias, os que analisam as palavras ou o incidente narrado, sem que a aldraba da porta que liga a mente física á espiritual tenha sido levantada; e, por isso, a revelação — quer dizer, o sentido íntimo, o sentindo que Cristo veiu explicar, por causa da cegueira dos da Terra, lhes passou despercebido.

A grave responsabilidade dos instrutores

Porque sucedeu isso? Foi, meus irmãos e irmãs, porque lhes faltava a preparação! Não é possível pôr-vos em contacto com o Espírito por meio da mente física. Inúmeros milhares o tem tentado, mas lançaram uma núvem sôbre o brilho do amor, ao passo que aquêles que os escutavam ou liam, desconheciam a Deus, porque só possuiam a interpretação da palavra divina por intermédio da mente física do homem.

E sabei isto: Quando aqueles passam do crepúsculo a uma fraca luz; visto que se arrogaram o papel de mestres ou instrutores, terão não só de compensar o efeito das suas deficiências, mas de suportar as consequências do mal que praticaram em detrimento de outrem. Porventura não se encontra no Livro Sagrado que não deveis deixar caír os pequeninos? (Ev. de São Lucas 18/16).

Porém o homem esquece! O indivíduo vai seguindo o seu caminho procurando chegar, por meios físicos e por vias físicas ás coisas que são de Deus. Todavia, Deus, através de Cristo, nos disse: «Vinde a mim!» (Ev. de S. Mateus 11/28).

Meus amados, embora esteja falando aos que se juntaram em um ponto de reunião, me dirijo a muitos outros, além daqueles que hão de ler as minhas palavras; aos que em seu passado se sentiam satisfeitos seguindo pelos caminhos do mundo com menosprêzo do caminho de Cristo que os afastava dos seus desejos, dos desejos da mente, os quais podem ser tão destrutivos como os do corpo.

Tomavam a palavra santa e a aplicavam a umas e oturas coisas conforme lhes aprazia, afastavam de si a vista da cruz, descuravam a preparação, o unico, meio de chegar á revelação que Deus a todos destina.

Muitas coisas entravam, o caminho da revelação! Os homens do passado afrontavam o desespêro, os do passado não recuavam perante a perseguição: Libertada a Divindade interior, êles se separavam das coisas materiais e sofriam fisicamente; porém, em compensação, possuiam os dons do Espírito!

Como Zodíaco se encontrou com o Mestre

Meus amados, em minha própria vida êste acontecimento teve lugar; e me é indicado que vô-lo conte porque simboliza, de certo modo, aquilo que já impressionou as vossas vidas ou as virá a impressionar em tempo futuro.

Já vos tenho dito que, quando o Mestre entrou no exercício do Seu ministério, a que vós chamais os «três anos», eu era um homem avançado em idade. Nós nos encontrámos face a face no ádro do Templo. Tenho agora essa visão! Quando passavamos, o sol com seus ráios ardentes batia nas pedras da estrotura do templo e nos abrasava.

Os meus pensamentos eram confusos. Eu conhecia a Palavra, e muito tinha adquirido por meio daquilo que vós julgais ser tristeza. Eu sabia que a Palavra, que nosso pai Abraão ensinou e exemplificou, podia ser seguida, podia ser vivída; eu sabia que, no Templo, a palavra estava sendo adulterada, que alí se encontravam os que não tinham Deus em seus corações, mas, antes, o amor ás riquezas; eu sabia que certas partes do ensino antigo eram entendidas por um modo que repugnava á Verdade; e isso me confrangia, porque estava ligado aos que o faziam. E, embora vos custe a acreditá-lo, os mestres e os instrutores daquele tempo estavam cercados por uma rêde de grilhões muito difíceis de quebrar. O Templo parecia ser, de facto, uma prisão!

Estava abatido; a voz da conciência me flagelava com mil disciplinas, pois não obstante o meu proceder forçado e cego, eu amava a Deus e desejava que Deus me aceitasse como eu realmente era e me utilizasse para Seus santos propósitos. Todavia, eu não encontrava luz: Era tudo sujeição, sombra e negra decepção. Como erva daninha, isso ia crescendo a ponto de envolver o altar sagrado!

Eu seguia, de cabeça baixa, quando Alguém passou junto de mim. Pareceu-me que o clarão de um relâmpago se disparava sôbre mim e pensei que fosse a justiça de Deus. Mas, pelo contrário, encontrei o amor, o sorriso mais doce, o olhar mais benevolente! Alguém se encontrava na minha frente: Não pronunciou uma só palavra, mas olhou para o meu semblante. Nêsse espaço de um momento, a ansiedade, com a consequênte tortura, me deixou. Minha mente encheu de paz, de uma paz que nunca me deixou, não obstante a aproximação do que chamais sofrimento.

Um homem apontado

Veiu depois a prova! Afastámo-nos, mas o contacto silencioso se operára; e, algum tempo depois, um dos do Templo me perguntou: «Viste o Profeta?» ao que eu, em minha íntima alegria, respondi: «Vi!» Seguiu-se outra pergunta: «E's tu um de nós?» Nêsse instante, estava tomada a minha decisão. Oh, meus irmãos, desejava poder exprimir a alegria que experimentei por aquela rendição. Seria, assim, possível assistir serenamente ao desenrolar dos acontecimentos mundanos e afrontar o escárneo e a rudeza dos outros. E lembrai-vos de que a todos chegará, com o tempo, idêntica prova!

Desde aquêle momento, eu fui um homem apontado. Não vos é possível, nestes tempos de tolerância, compreender a rêde de espionágem, as ciladas e a traição que cercavam os homens apontados: Quando, de manhã, me levantava, alguém se encontrava perto, quando partia o pão, outro inimigo estava presente. Parecia que me arrancavam da mente os pensamentos adulterados e classificados, para que aos que retinham o mundo nada fôsse ocultado.

Sim, eu já sabia isso por ter visto outros debaixo de suspeições análogas. Pois não entravam nêsse número João (o Batista) e os que o queriam seguir? Alguns poucos o procuravam á luz do dia e muitos durante á noite, porque temiam a autoridade. No tempo em que o Amor veiu brilhar o caminho da Terra para trazer a luz aos lugares sombrios, o valor de uma vida era nulo. Eu não o ignorava, mas como era intensa a minha alegria por ter adquirido a parcela de revelação que agora possuia! Deus havia respondido ás minhas orações e o Mestre tinha aceitado aquilo que constituia a minha genuina personalidade.

. . . .

Lembrai-vos sempre de que a Luz que agora tendes fôra comprada por outros que estavam menos desenvolvidos espiritualmente que vós, por alguns com mui limitados conhecimentos mundanos e quasi não sabiam que Deus era Amor. A luz que hoje tendes foi conquistada pelos simples e leais dos tempos antigos, os quais não se esquivavam ao sofrimento e suportavam o pêso da sua cruz. Sim, muito antes do que vós chamais a Crucificação, êles carregavam a sua cruz, e eram por isso mesmo condutores da Luz a inúmeros milhares, não sómente sôbre a Terra: Pela sua assiduidade, muitos que para êles eram desconhecidos e habitavam os planos crepusculares, se ergueram e os chamavam «Irmão!» O que sofreram fez com que, sem que o suspeitassem, a Luz do Espírito que nêles residia chegasse muito além do plano da terra, alumiando os sem esperança fazendo-os alcançar o seu lar: a Casa de Deus.

Missionário nas esferas de escuridão

Esta é a mensagem de Cristo, o Mestre, mensagem que agora vos venho trazer: Não estais apenas combatendo especialmente por vossos filhos, por muitos que vos estão ligados por laços físicos e espirituais: Isso torna possível uma parcela de revelação alcançar alguns os quais se os visseis, vos pareceriam «perdidos». Não possuem nada que pareça ser um corpo, sua mente ou aquilo que deveria sê-lo, espalha, qual víbora, seu veneno, em roda. Mas Cristo procura êsses mesmos, e o Maior Missionário não descansa enquanto todos eles não readquirirem a semelhança a Deus, seu Pai.

O nosso trabalho é êsse, é o trabalho de todo aquele que ama o Cristo! — o amparo da nossa Divindade interior. O único meio de vos irdes aproximando da Sua Perfeição, á qual chegareis um dia, é o olvido de vos mesmos, do vosso destino, e até da vossa salvação, para vos consagrardes ao trabalho que Deus vos confiou.

Em derredor de vós está a tentação, visto que sois instrumentos que Deus deseja utilizar; mas também ali se encontra uma força que excede a minha capacidade de descrever; em tôrno de vós, estão os mensageiros de Deus amparando o vosso corpo e auxiliando a alma e quebrando as prisões que embaraçam o Espírito.

O tempo urge; de ambos os lados ha necessidade de assistência. E' preciso no plano da Terra e, ainda mais, em ambientes menos desenvolvidos do que êste. E, visto que *saheis*, e haveis alcançado uma certa medida de revelação, não podereis escapar á tortura de um remorso, de que nem o Próprio Amor vos poderia livrar, se vos detiverdes na encruzilhada do caminho; e também será assim se utilizardes os vossos dons espirituais para fins que não sejam o serviço de Deus. Chamo a atenção para êste ponto porque tem havido grande desperdício de poder, causado por aqueles que desejam ligar o Espírito Santo ás suas vontades físicas ou necessidades materiais. Os dons de Deus encontram-se á disposição de todos; mas se um indivíduo profanar ou abusar desta dádiva, mil vezes melhor lhe seria ter atravessado a vida da Terra sem possuir aquela graça.

Palavras de ânimo a todos os que se esforçam

Deixo esta noite em vossas mentes o ânimo com toda a sua nobreza. Digo, e isto bem o sabeis, que aquilo que o passado vos reservava fizera com que hoje possuisseis um tanto de iluminação e sabedoria. Mas o caminho da revelação, o caminho que o Pai deseja sigais, é o caminho do Cristo: Trabalho paciente, conservando a firmeza de vontade, afrontando impavidamente os vossos inimigos, na certeza de que vos achais nas Mãos de Deus, o Qual nunca vos faltará.

E, caminhando passo a passo, tropeçando talvez e perguntando a vós mesmos: «Poderei eu fazer isso?» a visão se vos irá a pouco e pouco alargando e o poder interior atingirá sua libertação.

Não será sómente sôbre a Terra que executareis o trabalho de Deus, mas haveis de conduzir a Sua Luz aos mundos onde só existiam as trevas.

Vós dais, mais recebeis! vós vos desembaraçais do mínimo para adquirir o maior; e Deus vos tem reservado, para agora e muitas vidas vindouras aquilo que excede a vossa compreensão.

A Revelação! — a revelação da amplitude do Amor de Deus, da intensidade da Sua proteção, da altura que vós, indidividualmente, podereis alcançar!...

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— II —

HAVENDO eu fundado em Belo Horizonte no ano de 1908 a União Espírita Mineira da qual fui presidente até 1915, época em que regressei para a Capital, realizava sessões práticas de doutrinação a obsessores no prédio próprio da Sociedade á rua Curitiba, onde ainda se encontra.

Valendo-me do progresso social e do surto e aceitação que o Espiritismo tomára na Capital mineira, no ano seguinte tomei a iniciativa de levantar um sobrado no prédio terreo a que se limitava a acomodação aliás deficiente para o programa, do qual constava a montagem de uma Escola primária, depois instalada no andar terreo, passando ao 1.o andar, no grande salão de vinte metros, a realização das sessões públicas de estudo, e de desenvolvimento de médiuns e as práticas, todas interrompidas por dois meses durante a execução das obras.

Nêsse interstício fui procurado por dois confrades vindos de Lassance com um menino de cerca de 12 anos, apresentando sintômas de demência e que rogavam a minha intervenção pela cura do paciente. Objetei-lhes que, em virtude de haver suspendindo temporariamente as sessões, lamentava não poder atendê-los como era do meu desejo, mas iria orar pelo perseguidor e pelo perseguido. Confesso que me descuidei da promessa deixando de fazer as preces prometidas por ter muitas outras preocupações de ordem moral que me absorviam o tempo. E foi com surpresa e satisfação que recebí alguns dias depois uma carta do pai do menino comunicando-me haver o rapazinho recuperado as faculdades mentais sem nenhuma outra intervenção.

Decorrido um mês aparece-me um irmão em Jesus, hóspede em Doutrina, que, tendo ouvido referências aos meus trabalhos, deliberara vir de Ouro Preto, onde um seu irmão, farmacêutico na localidade, fôra inesperadamente atacado de um mal secreto que lhe diziam ser obra dos maus Espíritos. Pedia-me então conselhos e o meu interêsse por êsse enfêrmo. Dei-lhe igual resposta á dos confrades de Lassance: a interrupção dos meus trabalhos para êsse fim. E prometi fazer preces a Deus pelo doente, desta vez porém havendo cumprido a promessa com vivo fervor. E poucos dias depois também recebia notícias da cura radical do farmacêutico de Ouro Preto, em carta do meu visitante.

Foi então que lobriguei a explicação do singular fenômeno: não fôra necessário evocar o Espírito perseguidor por intermédio de um vivente terreno, uma vez que o poderia fazer, como certamente o fiz diretamente no espaço frente a frente do próprio obsessor, com a imensa vantagem de poder melhor ver lá em cima o que aquí permanece na obscuridade. Nas evocações temos de nos louvar nas informações precárias dos próprios sêres malévolos, mentirosos, brincalhões e mistificadores. Temos de lhes perguntar o que foram, que fizeram, onde viveram, que idéias professaram. Nunca ficamos seguros das informações e agimos ás apalpadelas sondando-os com cuidado, por vezes os apanhando em contradição. Não fosse a intervenção oculta dos nossos Guias e jámais conseguiriamos uma vitória em trabalhos de tão melindroso alcance.

A eficiência da moralização direta no espaço obtive no seguinte caso: Um operário de Belo Horizonte havendo enviuvado, aos trinta anos de idade mais ou menos, convolara a novas nupcias, dando-lhe a nova consorte um filho. A criancinha começara a apresentar fenômenos, a que chamavam mau olhado, e alguém, interessando-se pelo facto, veio ao meu encontro, quando me dedicava aos trabalhos sonambúlicos a que me referi no último artigo. Pedi á sonâmbula informar-me do que haviamos feito na última noite. Respondeu que eu estivera com o Espírito da mulher do operário, cujo filhinho não o deixava dormir com as suas rabujices, e consegui convencê-la de que já não era dêste mundo. Houvera morrido e não procedia o ciume manifestado com a preseguição ao filhinho do marido que enviuvara. Ela retirou-se obtendo a luz da verdade.

Para constatar procurei então o operário e pedi-lhe informes sôbre o mal do pequenino sêr. E foi com indizível satisfação que soube do desaparecimento das perturbações que vinha sofrendo. Havia três dias que a criancinha retomara o ritmo normal da vida. Dormia placidamente e tudo se normalizára no seu lar.

E é assim que se explica a modificação inesperada em muitos lares onde as enfermidades desaparecem por encanto. Quando não são os nossos protetores (e isso constitue a maioria) somos nós, não em carne e osso, mas em espírito enquanto êle descansa materialmente.

(Continua)

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano — 100$000 ; 2.o ano — 40$000 ; 3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000 ; 5.o ano — 30$000 ; 6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000 ; 8.o ano — 40$000 ; 9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000 ; 11.o ano — 50$000 ; 12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000 ; 14.o ano — 50$000 ; 15.o ano — 50$000.

Fenômenos Psíquicos

Do «Correio Paulistano», 29/12/940 — Prof. Eloy Lacerda (Da Soc. de Metapsíquica)

OS fenômenos psíquicos em geral começam a ser observados em S. Paulo, embora tardiamente, com apreciável desenvolvimento, de modo a convencer desde já o mais frio e incrédulo observador.

Incredulidade não significa sabedoria, denota, apenas, ignorância da razão de ser de fenômenos psicológicos, de alta transcendência que dizem respeito ao futuro de nossa mente, após a morte do corpo.

Ignorar, portanto, negar factos incontestes declar a transcendência espiritual em nossos dias depois dos magistrais trabalhos de W. Crookes, de Geley, Aksakof, etc., é estar vivendo anteriormente ao ano da graça de 1848. Não certificar-se em nossos dias da imortalidade do Espírito, possuindo excelentes meios de verificação como temos atualmente, é só estando prêso aos preconceitos de crença, subordinado ás injunções proibitivas do tabú classicista.

Quanta coisa nova tem aparecido depois da última palavra dos clássicos! Quanta!...

Não é preciso dispender custosas somas para ver um espírito materializar-se, como vimos ha poucos dias; para ouvir a sua voz, ter a sua fotografia e o modêlo de seus membros em parafina. Basta desprezar os preconceitos impostos pela relutância do meio e possuir amigos que o apresentem em casas particulares, onde pessoas da família sejam médiuns e nada cobram pelas sessões íntimas que dão, senão a exigência de que a pessoa interessada seja honesta e se comprometa a subordinar-se ás disciplinas garantidoras da saúde e da dignidade do médium.

O bairro de Sant'Ana tem sido, nesta capital, o núcleo central de numerosos médiuns de efeitos físicos e onde se tem dado belissimos fenômenos espiríticos. O móvel preferencial prende-se ao facto de verificarem-se alí os primeiros fenômenos mediúnicos nascidos espontaneamente no seio de famílias católicas. Entre as pessoas da numerosa assistência que aflue curiosamente ao local de sessões, para ver os propalados fenômenos, acham-se algumas cuja faculdade em latência, aguarda apenas o momento e o meio propício para a sua eclosão.

São influenciadas no local das sessões ou em suas residências, pelas entidades espirituais que, de si mesmas, se fazem orientadoras das sessões, onde o transcendentalismo espiritual se manifesta de modo insofismável e verdadeiramente estonteante para os leigos no assunto.

Os homens relutam em aceitar e propagar a imortalidade e suas consequências morais, aliás de grande valor na evolução do sêr. Os espíritos vendo isso, por ordem superior brilhantemente se desincumbem dessa tarefa, utilizando-se das mediunidades existentes e ignoradas, á revelia dos homens.

Fis, a meu vêr, porque alí se encontra o maior número de médiuns de efeitos físicos. Ha também em outros bairros da capital muitos médiuns em preparação de modo que São Paulo em breve oferecerá a quem quiser verificar, belas demonstrações objetivas da existência, da sobrevivência do espírito após a morte do corpo, bem como da sua comunicação com os vivos da terra.

A propósito, relatarei o que observei em uma sessão espírita ha pouco realizada em casa particular no bairro de Sant'Ana.

A convite do dr. Erlindo Salzano, conhecido clìnico nesta capital, estive, terça-feira, três do corrente, ás 20 horas, na residência do sr. Francisco do Carmo, onde se realizou uma sessão espírita de efeitos fisìcos.

Estavam presentes diversas pessoas gradas, médicos, advogados e distintos oficiais da força pública, reconheci entre todos o tenente coronel José Francisco dos Santos, apreciador das experiências metapsíquicas.

A sala em que estavamos mede calculadamente 16 metros quadrados e é servida por uma janela e quatro portas, todas estavam fechadas exceto uma, velada com uma cortina.

Junto ás paredes, atrás das nossas cadeiras ficavam alguns mòveis indispensáveis em uma sala. Ao centro, havia u'a mesinha atravancada com um vaso cheio de lindas flôres naturais, duas cornetas de papelão arabescadas com tinta fosforescente, um assobiu de fole, um chocalho de celuloide, um pacotinho de cartões, brinde da Livraria Allan Kardec, uma vitrola fechada, encimada com uma pilha de discos e a manivela ao lado.

A sala estava lotada. Eramos 18 pessoas. Acomodei-me entre o sr. Joaquim Amato e o major Odilon de Oliveira. A médium, srta. Laura de Oliveira Martins, já se achava em seu local. E' de altura mediana, tem a tez morena clara, os cabelos pretos e olhos castanhos escuros. E' bonita, inspira confiança e impõe simpatia. Está bem nutrida e goza perfeita saude.

O sr. Carmo, diretor dos trabalhos, pediu que um dos presentes ligasse a médium á cadeira com uma corda de algodão. Desencumbiu-se dessa tarefa o dr. Luis dos Santos Fortes e eu verifiquei a firmeza dos amarrilhos. O sr. Carmo dirigindo-se aos assistentes lembrou-lhes a conveniência de se mostrarem calmos ante os fenômenos, caso se efetuassem e fez-lhes outras recomendações, visando a segurança pessoal da médium que outro interêsse não tem, senão o de contribuir com o valor de suas faculdades mediúnicas para demonstrar aos incrédulos a existência da alma e suas relações com êste mundo. Ditou uma prece em voz alta, mentalmente acompanhada pelos presentes que o quiseram fazer. Desligou o condutor, deixando a sala completamente ás escuras. Ouvia-se o respirar da médium que adormecera sob a influência da própria mediunidade. Manifestou-se por incorporação na pessoa da sra. d. Regina o espírito de uma familiar que assegurou ao diretor os seus préstimos para o seguimento e boa ordem dos trabalhos. Ouviram-se estalidos de dedos, sinál convencional adotado por um espírito que se diz chamar Paulo e outros sinais se ouviram comprovantes da presença de entidades amigas e operárias do laboratório invisível na preparação dos fenômenos psíquicos.

As cornetas, visíveis pela sua fosforescência, agitaram-se no espaço em todas as direções, saudando os assistentes. Uma delas se deteve á minha frente, inclinando-se repetidas vezes, como se alguém estivesse a cumprimentar-me. Um dos circunstantes perguntou:

— Está saudando o professor Lacerda? Duas fortes pancadas confirmaram positivamente os gestos que faziam. Agradeci e as cornetas tomaram outra direção indo cair em mão amiga que pousou em cima de um móvel. O vaso de flôres fôra retirado da mesa por mão invisível e entregue a uma pessoa do círculo. O chocalho caira junto de meus pés e foi apanhado pelo major Odilon. Os espíritos operários estavam desocupando a mesa para ulteriores trabalhos. Ouvimos ruídos de quem mexia nos discos, distribuia-os sôbre a mesa e dava corda na vitrola. Disse-me o vizinho:

— E' o espírito de Noiva que está presente e coloca na vitrola o disco de sua preferência para iniciar a sessão. Dito e feito. Os belos sons da «Ave Maria» de Gounod enchiam o ambiente, elevando á região do sonho as imaginativas emoções dos místicos corações.

A música terminou e tudo continuou em silêncio por segundos que pareciam anos. Uma voz quasi de criança fez-se ouvir:

— Boa noite!...

Um côro desafinado de respostas alegres foi o que se ouviu, para em seguida continuar o silêncio.

— Estão quietos?... Não falam?... Por que?...

Quebrou-se o silêncio e todos a um tempo queriam conversar com o espírito de Noiva. Ela respondia a uns e a outros com muita alegria, elegância e inteligência. Era uma professora entre seus alunos na hora dos folguedos.

Enquanto punha um disco em movimento, pediu-me fosse examinar a médium e verificar se continuava amarrada como de início e em seu lugar. Tateando, aproximei-me da médium: Estava em transe, senti seu busto, braços e pernas perfeitamente ligados como foram momentos antes.

Relatei o que sentira em voz alta e Noiva agradeceu-me o que eu fizera com prazer. Escolheu um disco e queria que alguém lhe adivinhasse o nome. Choveram respostas á semelhança dos concursos feitos nas estações emissôras. O adivinhador seria distinguido com um aperto de mão. Na confusão das respostas surgiam incidentes engraçados que punham em evidência a inteligência e a delicadeza de Noiva. Perguntou da minha visita e eu lhe contei deve-la á gentileza do dr. Salzano.

— Do Lindo ? disse-me ela. E' com êste nome que o nomeia.

— Sim, disse-lhe, foi o Lindo que me proporcionou esta feliz oportunidade. Foi á Livraria e...

—E' verdade, estive presente naquele momento.

Palestrava com todos, entremeando a conversação com a mística de discos finos. Encantava-nos em ouvir suas frases curtas e o seu riso pronto e alegre.

Em dado momento senti que alguém me tocava na mão direita. Era Noiva ; segurei-a pela mão e com a maior delicadeza possível examinei-a, sentindo-a inteirinha ao contacto dos meus dedos. Mão de moça, magrinha, fina e delicada. Senti entre os dedos as falanges e falanginhas. Ergueu a mão, acompanhei-a em seu movimento até junto de meus lábios. Beijei-a uma, duas vezes e a mãosinha subiu deslisando pela minha face até a altura da fronte. Reclinei-me sôbre ela, tendo-a entre a cabeça e a mão direita durante alguns segundos. Acariciou-me com o véu, do seu noivado, macio, leve e perfumado. Deixou-me e foi festejar a outros amiguinhos seus que lhe reclamavam a presença e os carinhos.

Tocou em gravação a valsa «Danúbio Azul» e uma outra que acompanhou cantando. A reunião estava encantadoramente alegre sem vislumbre de misticismo. Era uma recepção festiva em que Noiva, como principal figurante, porfiava em agradar a todos e mantê-los em ansiosa expectativa de novas emoções.

A escolha dos discos por ela ou pelos assistentes dava ensanchas para espirituosos gracejos. Dirigindo-se a mim prontificou-se a fazer ouvir uma música da minha escolha. Apanhei a oferenda no ar e pedi-lhe «Pisando Corações». Aplaudiram a minha idéia e ela assim falou :

—O senhor tem bom gosto !

O disco guinchou no suporte e a valsa surdiu firme e admiravelmente bela. Noiva acompanhou-a, cantando em côro com sua bela e delicada voz. Parou propositalmente o disco e fez-se ouvir melhor, sózinha, repetindo os versos nos mesmos compassos da valsa :

«Quando eu te vi naquela noite enluarada
Minha impressão era que fosses uma fada
Fugida do seu reinado,
Vinda de um mundo encantado.
Agora vi
Que a hipocrisia é o sortilégio
Que afivelas como mascara
Ao teu rosto
E que o teu sorriso encantador
E' taça de veneno
Em formato de flôr.

Tu passaste
A vida a sorrir,
Pisando corações
Indiferente a rir ;
Agora voltarás
E então has de sofrer
Por tudo que fizeste
Os outros padecer».

Instilou com arte em todas as expressões dêstes versos o encanto e a suavidade que lhe iam nalma. Os aplausos foram calorosos, sinceros e merecidos. Falando e rindo a todos agradeceu. Encontrando o pacotinho de cartões, brinde da Livraria Allan Kardec, Noiva rompeu o envólucro e começou a distribui-los, dando um a cada pessoa, acompanhado de uma frase chocarreira. Chegou minha vez. Tocou-me na mão que eu espalmara sôbre os joelhos em ansiosa espera. Apertou-a muitas vezes e eu lhe disse :

—Dá-me licença, Noiva, para eu lhe tocar na face ?

— Sim, pode fazê-lo. E conduziu-me a mão até a testa rente dos cabelos. Não a deixou e com atencioso cuidado comecei a tatear : senti-lhe a fronte o rostinho fino e magro, o véu que vinha da cabeça e unia-se na nuca, o queixo aparado, a comissura do lábio inferior. Com os dedos voltados para cima, não me fizeram perceber a comissura do lábio superior e o nariz. Compreendi que essas partes do rosto não se materializaram suficientemente.

Afastou-se e continuou a distribuir cartões e gracejos.

Aproximou-se da mesa, fez-nos ouvir mais números de música e de cima de um móvel transportou uma boneca. Achou-a feia por estar despida e prontificou-se em vesti-la, indo buscar a roupinha em uma alcova contígua. A passagem estava interceptada com as cadeiras dos assistentes, não obstante passou, fazendo-lhes sentir o perfume e a maciez do véu. Ouvimos o barulho de seus movimentos no interior da alcova e percebemos regressar. Momentos depois disse :

Agora está bonitinha. Despida, como estava, não lhe ficava bem.

Anunciou-nos que se ia embora. Protestamos. Disse que era tarde. Pedi-lhe, sob insinuação de terceiros, que cantasse

«O Amor Vem da Sorte», conhecida entre todos com o título: «Os Peixinhos». Noiva, sempre solícita, foi camarada e cantou como se estivesse no alto, acima da mesa; desacompanhada de música:

«Dizem que o amor vem da sorte,
A sorte é para quem tem,
Mas eu como não tenho sorte; ai meu Deus!
Não devo amar a ninguém.

Vou á mata amar um pássaro
Vou viver como quem não tem amor,
Vou ao mar namorar um peixinho,
Vou ao jardim namorar uma flôr.

Se eu soubesse o que era amor,
O desprezo teria dado.
Mas êstes homens de hoje; ai meu Deus
Deixam a gente enganada...

Aplaudimos e ela agradeceu rindo, reafirmando que nos ia deixar. Perguntei-lhe:

— Para onde vai agora, Noiva? Rindo alto, respondeu:

— Vou ao Rio de Janeiro. A vitrola movimentava-se e ouvimos novamente com muita atenção a «Ave Maria» de Gounod. Era o sinal de despedida. Algumas palavras mais e, exprimindo-se com amabilidade, despediu-se:

— Boa noite a todos!

— Boa noite alma querida! Boa noite sincera amiguinha e assim cada qual a saudava a seu modo e gosto. Tive desejo de acompanha-la!... Foi, para comigo mui camarada!

Quanto aprendi naqueles rápidos momentos de verdadeira convivência espiritual com um sêr do outro mundo! A' Noiva meus agradecimentos e aos amigos que me proporcionaram a oportunidade de tantas venturas.

Os Espíritos auxiliares de Noiva também se despediram, movimentando as cornetas luminosas e dando pancadas na mesa.

O sr. Carmo encerrou a sessão e iluminou a sala. A médium dormia reclinada e amarrada, tal como inicialmente estivera. Examinei-a e todos a examinaram: corada, pulso cheio e regular. Despertada, levantou-se e saíu da sala correndo, para voltar logo mais alegre e bem disposta. Perguntei-lhe como se achava, afiançou-me encontrar-se perfeitamente boa, nada sentindo que a incomodasse.

Eram 22 horas e 15 minutos quando em automóvel do major Odilon deixámos a residência do sr. Carmo, trazendo em nosso coração muitas saudades e deixando-lhe imensa dívida de gratidão pela bondade e fidalguia do acolhimento dispensado.

Crônica Estrangeira

Um Crime descoberto através dum Sonho

«The Two Worlds»

Ao compulsar meus velhos diários, deparei com o seguinte incidente:

Durante nossa estadia em Winnipeg, no inverno de 1934-35, e quando, durante 5 meses assistiamos ás sessões no Circulo Científico do Dr. Glen Hamilton, minha mulher e eu travámos conhecimento com uma senhora interessante, mulher dum oficial da «Polícia Canadense». Ela havia passado muitos anos no Norte congelado, entre Eskimaus e várias tríbus indianas, frequentemente a única mulher branca em território de milhares de milhas quadradas.

Ela revelava grande interêsse por assuntos psíquicos, e nos relatou o seguinte caso, bem averiguado.

Anos atrás, uma jovem de Yorkshire escreveu ao chefe de polícia declarando que, num sonho, ela vira o assassinio de seu irmão, a tiros, quando dormia no campo, junto ao fogo (Sertão Norte de Allaska). Ela descreveu um lago adjascente ao campo em que fôra cometido o crime. Ainda mencionou uma carta que o irmão lhe escrevera cinco meses antes, de Nelson, em que comunicava sua ida a Alberta do Norte, onde, juntamente com um companheiro, ia explorar terrenos auríferos.

A descrição do sonho produziu

o efeito desejado. A polícia iniciou investigações e, na Agência Postal de Nelson, obteve a informação de que um jovem partira daquele lugar.

Os policiais seguiram a pista dos dois homens, através de Edmonton até Slave Lake Country. Mais ainda, dois homens entraram, mas só voltou um. As pégadas, de retorno, eram recentes. Os indícios eram veementes e a investigação foi intensificada. Auxiliados por um bando de índios nomades, encontraram o campo junto ao lago. Descobriram igualmente sinal de grande fogueira, desproporcionada ás necessidades de campeiros, tudo de acordo com o sonho da irmã que morava milhares de milhas distante do local do homicídio. Os investigadores reconstituiram os detalhes do crime e se convenceram de que o corpo fôra consumido pelas chamas. O indiciado foi executado, depois de confessar o assassínio.

O Dr. Ossowiecki no Aero-Clube de Varsovia

Em fins de 1936 diversos balões largaram e o «Lopp» foi o último a dar suas notícias. Seguidamente o Aero-Clube era assediado por pessoas inquietas que para lá telefonavam, e a resposta sempre era a mesma: «Não temos nenhuma notícia do «Lopp». Foi então que o jornal *Goniec Warszowski* se dirigiu ao engenheiro Stefan Ossowiecki, o célebre clarividente polonês. Êste se prontificou a fazer uma experiência, exigindo sómente que se lhe remetessem objetos pertencentes aos tripulantes Janusz e Brenk, objetos que um avião foi buscar em Thorn. O dr. Ossowiecki «psicometrou», tendo diante de si um mapa da Rússia setentrional.

Êle viu os pilotos vivos. Os vestuários eram brancos e leves e usavam capacetes brancos. A aterrissagem se efetuara de manhã, entre 5 e 6 horas. Pouco distante deles, devia achar-se o mar ou um lago, porque êle via muita água. Os aeronatas caminhavam em direção oposta á água. Ambos estavam muito exgotados, mas vivos. Ossowiecki descreveu o local: florestas, charcos, capoeiras, mas sobretudo charcos. Depois, planos imensos, sem viva alma. Ao caír da noite os aeronautas pareciam cobertos de qualquer coisa sombria. Um deles coxeava. De súbito, gente que se comprimia em volta dêles, eram pescadores. Êle via Archangelesk e o lago Onega, êles se encontravam na região intermediária.

Efetivamente, alguns dias mais tarde, chegou um telegrama expedido pelos aeronautas que haviam aterrissado nessa região. A hora da aterrissagem, indicada pelo clarividente, foi verificada exata (8 h., hora russa, 6 h., hora ocidental). Realmente, os aeronautas estavam vestidos de branco, para se proteger da chuva (em setembro) e á noite vestiram hábitos pesados e escuros. Durante dias e noites, êles erraram esfomeados e transidos de frio e finalmente encontraram pescadores. O tenente Brenk, ainda manquejava, ao chegarem a Varsovia, 15 dias depois. Na região pantanosa e difícil, êle coxeou durante 5 dias, sendo necessário ajudar a perna com ambas as mãos.

As informações dadas por Ossowiecki eram maravilhosamente precisas e exatas.

Quando as mesas viram, volteiam e abandonam o solo

Extrato de Curieux — R. Montandon.

Um experimentador (cujo nome, por discrição ocultamos), conhecidissima personalidade no mundo musical, conta o que segue:

> Ao lado da casa de meus sogros, encontra-se um grande prédio habitado por senhora de certa idade e sua única empregada. As duas jamais tentaram obter fenômenos espíritas.
>
> Certo dia, não sei por que razão, no decurso duma tarde estival, dia ensolarado, conversando na sala de jantar, nós resolvemos tentar uma experiência com a mesa massiça dêsse aposento, no qual também se achava um piano. A' mesa estavam: a dona da casa, sua em-

pregada, que foi chamada para êsse propósito, minha mulher e eu. Tendo a mesa *soletrado*, «toque uma valsa», dirigi-me ao piano e juntamente com as primeiras notas duma valsa qualquer, tudo começou a correr na sala: a mesa, as cadeiras, etc.»

Por vezes se faziam ouvir golpes mais ou menos violentos, golpes que pareciam produzir-se no interior do mesmo móvel, como se entrasse em ação uma energia intra molecular. Diversas vezes pedimos, após produção de deslocamentos da mesa, nos fossem dados certos golpes. Êstes, apesar-de ordinariamente fracos, como constatámos inúmeras vezes, após imobilização temporária da mesa, eram precedidos de movimentos vibratórios internos, espécie de estremecimentos da matéria perceptíveis quando colocavamos o pavilhão da orelha em contacto com o móvel. Êste trabalho íntimo da substância constitutiva da mesa, terminava bruscamente por um golpe claro, para de novo recomeçar até o golpe seguinte. Tinhamos impressão que se produzia no interior mesmo da matéria fibrosa, como um trabalho de acumulação de energia X, destinada a produzir o fenômeno.

A força misteriosa á qual se deve atribuir os golpes e os movimentos da mesa — com ou sem contacto humano — podem, em certos casos, ser violentissimos. Por exemplo, o caso relatado pelos professores Foa, Herlizka e Aggazotti, da Universidade de Turim, experiências com Eusapia Paladino: «Uma pesada e sólida mesa, sem ser tocada por pessoa alguma, foi completamente despedaçada.»

Curiosa identificação espírita

De «Além»

The Two Worlds, publicou um artigo assinado por C. H., descrevendo uma sessão espírita realizada há meses com o sr. Artur Whyman. Súbitamente, o controle «Snowdrop» exclamou: « E' curioso! Trago um homem de cabelo azul!», fazendo, a seguir, uma descrição, que foi, claramente, reconhecida por um dos assistentes.

A história não deixa de ser curiosa, acrescentamos nós, também. Há anos que o pai do assistente, de cabelo espesso e branco, foi nomeado para um emprêgo em Londres. Quando o chamaram, indicou menor idade do que, realmente, tinha, tendo, para isso, pintado o cabelo. Tudo decorreu no melhor dos mundos, até que o homenzinho regressou a casa, no gôzo de curtas férias, dirigindo-se, então, ao, barbeiro, para um pequeno corte... Como é costume, o barbeiro começou a conversar, propondo-lhe, a breve trecho, a compra dum maravilhoso produto, que renovava, em pouco tempo, a mais arruinada cabeleira. O cliente foi no engôdo, ficando satisfeitissimo com a aquisição. O pior foi três dias depois, quando resolveu lavar a cabeça e verificou, depois da secagem, que o seu rico cabelinho ficara côr de anil. Era agora um rival do Barba-Azul.

Muito aborrecido, correu ao barbeiro, informando-o do sucedido:

— Olhe para a minha desgraça! Que hei-de eu agora fazer?

O barbeiro ficou atrapalhado. Pintou-lhe, novamente, o cabelo e prometeu levar o caso ao conhecimento dos fornecedores. Com efeito, a resposta não se fez esperar, dizendo que a tintura era á prova de tolos e não á prova de sabão, dum sabão, que tinha, certamente, provocado aquela reação química. Ao mesmo tempo, pediam que lhes enviasse uma amostra do sabão. Feito isto, escreveram outra vez, agradecendo e enviando um *cheque*, como compensação...

Dêste modo, o cabelo azul parecia ter visos de verdade. O pior é que o investigador não conseguia atinar com o nome de «Stevens», a que o contrôle se referira, vindo a saber depois que era o nome do barbeiro. O assistente era o Sr. Oaten, diretor da revista onde veio o relato, e o indivíduo de cabelo azul era seu pai.

A necessidade que os pobres espíritos teem de estabelecer a sua identidade é tão grande, que os leva a recorrer a êstes estratagemas.

Notas e Factos

Gabriel Gobron

Estudos Psíquicos

O Dr. Gabriel Gobron, redator-correspondente dêsse periódico em França, acaba de nos escrever, comunicando a triste odisseia que o vitimou, após a invasão de Rethel pelas tropas alemãs, as quais arrasaram oitenta por cento das habitações desta cidade, tão flagelada pelos bombardeamentos. Embora de pé, a casa do nosso amigo não pôde fugir ás inoxoráveis regras que as invasões impõem aos povos invadidos. E todo o recheio foi sacrificado... Gobron seguiu na onda de fugitivos, acompanhado da espôsa, três malas de mão para jornada, Deus sabe de quantos dias . . . Encontra-se no «*Centre d'accueil des réfugiés de L'Absie (Deux-Sèvres)* — França, e pede-nos que informemos disto os seus correspondentes portugueses, brasileiros, espanhois e sul-americanos. Ai fica satisfeito o seu desejo.

Lamentamos, profundamente, a sorte da França e de seus filhos, que atravessam a maior provação da sua história de séculos. Lamentamos, igualmente, a sorte de Gobron, amigo querido, a quem muito admiramos, pela inteligência do seu espírito e pela bondade do seu coração.

A uma e outro, os protesto da nossa estima e da nossa solidariedade.

— Revista Internacional do Espiritismo sinceramente endossa o sentir dos confrades portuguezes, esperando, para breve, o restabelecimento da ordem na Europa..

Descoberta científica revelada em sonho

«Light»

O Prof. Otto Loewi, de Stockolmo, detentor do Premio Nobel de Medicina e de Fisiologia, declarou que sua descoberta do mecanismo dos nervos foi o resultado dum sonho que se repetiu duas vezes. Da primeira vez, êle despertou, em seguida ao sonho, ás três horas da madrugada, e fez algumas anotações incompletas; mas não poude, mais tarde, lembrar-se do sonho, nem decifrar as notas. Na noite seguinte repetiu-se o sonho, e dessa vez, despertou, levantou-se, foi ao seu laboratório e começou a experimentar. «Minhas experiências após o sonho —declarou êle a um reporter — tiveram bom êxito, e assim fiz uma das experiências mais importantes da ciência moderna».

Donde provinham as informações transmitidas pelo sonho ? E' possível que tenham vindo do seu subconciente ou dum invisível com o propósito de auxiliá-lo. As duas explicações são aceitaveis.

Materializações á luz verde

The Psychic Observer, segundo «Two Worlds», descreve diversas sessões de materialização, uma das quais pela mediunidade de Mme. B. Smith, nas quais foram obtidas muitas informações de toda evidência, fornecidas pelas formas materializadas que emergiam do gabinete, mas a êle não retornavam ; todas elas se desmaterializavam, se derretiam sôbre o soalho, ante os olhares dos assistentes. Com satisfação observei uma particularidade, isto é, as sessões fugiam á praxe tradicional, pois as luzes eram extintas, exceto uma lâmpada verde defronte do gabinete, cuja luz permitia distinguir todos os assistentes.» Não vejo porque deva ser a luz vermelha a mais apropriada á obtenção de fenômenos físicos.

A Visão Extra-retínica e o Perispirito

La Revue Spirite

Certo número de escritores franceses, particularmente Jules Romains e René Maublauc se interessaram pela visibilidade sem os olhos. Em uma conferência, êle declarou ter conhecido, como já acontecera ao Dr. Farigoule, uma centena de pessoas que enxergavam com a nuca, as costas, o peito, etc. Êle também sustentou que os sonâmbulos vêem com a pele. Êsses factos veem reforçar a teoria do perispírito e completariam, ilustrando-os, os pontos de vista expressos por André Dumas, em artigo inserto na *Revue Spirite* sôbre a reflexão dos tecidos orgânicos e pelo Coronel Faure da Rosa, em sua conferência no Porto. Trata-se da mesma *enteléquia* de Hans Driesch.

Não ha muito reproduzimos um caso de transposição da visibilidade. Tratava-se dum menino de cerca de 12 anos, examinado por uma junta constituida de 150 médicos. Êsse menino podia ser inteiramente enfaixado, exceto a ponta do nariz, pois era por aí que êle enxergava.

A visão extra-retiniana se ajunta ás provas cumulativas, já metódicamente registradas, sóbre a existência do perispírito.

✿

O 79.o aniversário do Prof. Ernesto Bozzano

Em 9 de janeiro último, completou mais um ano de útil existência o grande Ernesto Bozzano.

As monografias dêsse sábio são publicadas em todos os periódicos e quasi que em todas as línguas. A rica documentação, a lógica de ferro, conferem ao autor um mérito invulgar.

De todos os recantos do mundo, êsse infatigável trabalhador recebe mensalmente cerca de 200 cartas, solicitando explicações, informações e conselhos. Inúmeros são os que dêle teem recebido confôrto em suas aflições e infortunios.

A Revista Internacional do Espiritismo se congratula com o valente pioneiro, fazendo votos para que êle possa, por largos anos ainda, emprestar seu vigor intelectual á grande causa.

✿

A cremação pode causar sofrimento ao espírito?

De «Estudos Psíquicos»

A revista inglesa *Psiquic News* publicou um artigo ácêrca da cremação dos cadáveres e refere-se a uma sessão em que o espírito comunicante se queixava de ter sofrido, durante a cremação do seu corpo, por não estar ainda, inteiramente, desligado.

O desprendimento varia, segundo o grau de elevação moral do espírito. Por isso, acrescenta aquela revista que, enquanto os parentes enlutados repousam em suas casas, depois do entêrro, pode o espírito estar a sofrer horrivelmente, a ponto de justificar a existência do inferno ortodoxo, cheio de medonhos cenários que ultrapassam tudo o que a fantasia pode imaginar.

✿

Conan Doyle se manifesta ao filho

Psychic News

Foi obtida a fotografia do espírito de Sir Conan Doyle sôbre uma chapa unicamente manuseada por seu filho Denis. Tudo o que o médium fez foi comprimir o botão para bater a foto.

Denis Doyle descreveu essa sessão, «realizada sob condições que absolutamente excluem a possibilidade de fraude,» num semanário australiano, o «Sydney Daily Telegraph Monday Magazine».

«Cerca de quatro anos após a morte de meu pai,» escreveu êle, «combinei uma sessão anônima com um dêsses raros indivíduos dotado da estranha faculdade de fotografia de espíritos».

Antes de realizar a sessão êle comprou, de importante depositário de material fotográfico de Londres, um pacote de chapas fechadas e lacrado.

Ao entrar no aposento de sua casa, em que o fotógrafo psíquico estava a sua espera, Doyle fê-lo remover todas as chapas da câmara, e em seguida inseriu sua própria chapa, que fôra marcada com suas iniciais num dos ângulos.

«Imediatamente foi batida a chapa», declara Denis Doyle, «saltei da minha cadeira, retirei minha chapa da câmara, corri ao quarto escuro, e revelei-a sem perda de tempo.

«*A figura perfeitamente visível era excelente semelhança do rosto de meu pai, colocado acima da cabeça de minha mãe e de minha própria. Mão nenhuma a não ser as minhas próprias estiveram em contacto com a chapa fotográfica.*

ESPIRITISMO NO BRASIL

Rádio Piratininga

JUSTO APÊLO

Consoante temos escrito, em diversos artigos, a Rádio Piratininga constitue um dos maiores empreendimentos que patenteiam o espírito de fraternidade e de união dos espíritas, considerados os novos e verdadeiros cristãos.

A' Rádio Piratininga está aféta a grandiosa tarefa de prégar a doutrina de Jesus *de cima dos telhados*, o que é uma afirmação categórica da chegada dos tempos, com a plena realização das predições cristicas.

O serviço que a imprensa, as palestras e conferências não podem fazer por estar limitada a sua ação a um determinado número de pessoas, o Rádio o faz com relativa facilidade, porque, como o ar, pode entrar em toda a parte e deixar nos cérebros de muita gente céptica, incrédula e até em muitos que se dizem religiosos mas não o são, os rastros inapagáveis da Verdade, cujos frutos sazonados mais hoje ou mais amanhã hão de aparecer a mancheias.

Todavia, a Rádio Piratininga, em consequência da guerra, que paralizou os negócios, obrigando muitas casas comerciais e indústrias a restringírem suas verbas de propaganda, enfrenta, no momento, grandes dificuldades.

Mantendo-se, porém, fiel aos seus compromissos e objetivos não quer se prevalecer da renda de anúncios de bebidas alcoolicas, bares, cabarés, fumo, casas de jogo, etc. sofrendo assim rude golpe em suas economias.

A nós espíritas, entretanto, compete sanar essas faltas, concorrendo com o nosso auxílio material, afim de que a Rádio Piratininga possa prosseguir na sua santa tarefa de divulgar o Espiritismo, que é a revivificação da doutrina de Jesus, da qual nos constituimos lídimos defensores e prégadores.

Com apenas 10$000 anuais, que representam uma pedrinha com que cooperaremos para o erguimento do gigantesco templo da fraternidade humana sôbre bases cristãs, podemos facilmente suavisar o peso que os atuais dirigentes da nossa emissôra teem sôbre seus ombros.

A Rádio Piratininga, a nosso vêr, constitue a guarda-avançada da propaganda espírita-evangélica e se ela ficasse tolhida de trabalhar, os espíritos das trevas, tanto incarnados como desincarnados, encontrariam nesse caso motivo de regosijo, e o desânimo se apoderaria de todos aqueles que com a maior boa vontade se esforçaram para o erguimento dessa grandiosa obra cristã.

Espíritas: contribuí com a assinatura de uma anuidade em pról da Rádio Piratininga, e tereis contribuido para a difusão da doutrina de maneira aproveitável.

Mundo Espírita

Após 3 mêses de paralização por motivos absolutamente independentes da vontade do seu diretor, o nosso prezado confrade e abnegado trabalhador da seara cristã, Dr. Henrique de Andrade, está circulando novamente o «Mundo Espírita», um dos baluartes da 3.ª Revelação, cuja falta vinha sendo muito sentida pelos espíritas amantes dos bons jornais.

«Mundo Espírita», como todas as publicações que foram classificadas como folheto de propaganda religiosa, entre as quais se encontram «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», sofreu um grande golpe em sua economia com a proibição da inserção de anúncios de ordem comercial.

Diante da situação angustiosa por que passa a imprensa espírita, fundamente atingida em sua economia com tal medida, resta-lhe, para garantia de sua existência, uma só cousa: a boa vontade e o esfôrço, aliás pequeno, dos espíritas, que devem contribuir, impreterivelmente, com a contribuição das importâncias de suas assinaturas.

O momento é de amargas provas para os espíritas de boa vontade, principalmente para aqueles que teem sôbre os ombros a tarefa de difundir a doutrina pela imprensa e pelo rádio e para aqueles que estão á frente da direção de casas de caridade.

Além das dificuldades economicas, os detratores da doutrina pululam em toda a parte, criando toda a sorte de obstáculos para os espíritas.

Todavia, a luta é necessária para a obtenção do mérito divino, e com perseverança e fé, nós espíritas, os trabalhadores da última hora, havemos de vencer o mundo assim como Jesus o venceu.

Cumprindo cada um com os seus deveres, a boa imprensa, a espírita, viverá sempre como um atestado frisante do alto grau de compreensão e espírito de fraternidade dos adeptos da 3.a Revelação.

A «Mundo Espírita», nossas felicitações pelo seu reaparecimento na arena, com os melhores votos de prosperidades espirituais.

Primeiro Congresso Espiritualista

Sob os auspícios da Confederação Espírita «Caminheiros do Bem», realizou se em Belem, Pará, no dia 25 de Dezembro último, a sessão inaugural do Primeiro Congresso Espiritualista, que teve a duração de 15 dias, encerrando-se no dia 8 de Janeiro do ano em curso.

O amplo salão da Confederação Esp. «Caminheiros do Bem», que conta 36 janelas e portas em volta, ficou tão apinhado que se não podia passar, sendo a assistência calculada em 5.000 pessoas, o que dá uma idéia exata da grandiosidade dêsse conclave, cujos resultados foram de inestimável valor para a difusão da doutrina.

Entre a numerosa assistência foi notada a presença de grande número de entidades espiritualistas e representantes de várias correntes religiosas do paiz.

Deu início aos trabalhos o Dr. Costa Homem, presidente do Congresso, que pronunciou eloquente oração sôbre as finalidades do mesmo.

Falaram, a seguir, os srs. prof. Alvaro Paz, drs. De Campos Ribeiro e Arnaldo Damaso de Andrade, Waldemar Oliveira, Antonio Medeiros e sra. Elmira Lima.

Seguiu-se á sessão do Congresso, uma parte litero-musical, a cargo das alunas da Escola dos «Caminheiros do Bem», que receberam prolongadas palmas da assistência.

Dessa parte foi muito apreciada a comédia musicada «O tempo», de autoria de Elmira Lima.

As outras reuniões do Congresso realizaram-se também com numerosa assistência, falando diversos oradores sôbre temas doutrinários, evangélicos, científicos e filosóficos.

O encerramento do Congresso constituiu, como na sua sessão inaugural, uma verdadeira apoteose, apresentando-se o salão repleto de pessoas de todas as camadas sociais. Na mesa tomaram lugar o representante do sr. Interventor Federal e do Prefeito Municipal, congressistas e representantes da Imprensa local.

Aos promotores dêsse Congresso Espiritualista, as nossas felicitações.

Grande Concentração Espìrita

Está sendo ansiosamente aguardada a grande concentração espírita, que se realizará na Capital no dia 30 do corrente, no Estádio Municipal do Pacaembú, com o único objetivo de comemorar duas importantes datas: o 72.º aniversário da desincarnação de Allan Kardec e o 1.º aniversário da nossa P. R. H. 3—Rádio Piratininga.

Nessa ocasião farão uso da palavra oradores de evidência na doutrina.

Preparai a vossa felicidade crescendo na Verdade. Só assim tereis paz e liberdade.

LUIZ.

Revista Internacional do Espiritismo

BOLETIM MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1761unse

3-5 unavailable

NO XVII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1941 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa
Durante o Sono
O Espiritismo em face da Ciência
Provas da Sobrevivência
Inimigos do Espiritismo
Sôbre a superstição
Trinta anos entre os mortos
Uma página de Mrs. E. D'Esperance
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Necrológio

Mrs. E. D'Esperance

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	14.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)	
Revelações de Além Tumulo	8$000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc.	5.000
A. A. MARTINS VELHO (DR.)	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
ANTONIO LIMA	
Evangelho das Crianças	3.000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
» « « broc.	4.000
A Senda de Espinhos (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
Estrada de Damasco (romance)	6$000
« « « brochado	4 000
A Sonambula (romance)	8$000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada «	7.000
ALPHEU GOMES O. CAMPOS	
Amor á Verdade	3$000
ARLINDO COLAÇO	
Domínio Nefando	7.000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	6.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	8.000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
A. WYLM (DR.)	
O Rosario de Coral	6$000
ABEL GOMES	
A Felicidade	6$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AEROLINO GURJAO	
Expiação (novela)	8.000

A. THOMPSON	
A Vida	6$000
BEZERRA DE MENEZES (DR.)	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
« « « broc.	5.000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histería e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro do Leitura	4.000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta «	6.000
C. IMBASSAHY (DR.)	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
CLOTILDE V. BARROS	
Judas de Kerioth	4.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000
CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
ESTELITA JUNIOR	
As minas do Sincorá	5$000

ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	6.000
EX-PADRE CHINIQUI	
O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000
ERNESTO BOZZANO (DR.)	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
brochado	5.000
Xenoglosia	7$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
Animismo ou Espiritismo ?	12 000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
EPAMINONDAS DE SOUZA	
As Enfermidades e os Espíritos	2.000
ÊMILIANA DELMINDA	
Calvario do Amor—romance	5.000
FRANCISCO C. XAVIER	
O Consolador	8.000
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	7$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	6.000
FERNANDO LACERDA	
Eça de Queiroz Póstumo	10$000
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000
F. CHAVES	
Assuntos Espíritas	3.000
FRANCISCO ZINGAROPOLI	
Morte Aparente e Sobrevivência da Alma	2.000
GEORGES DEJEAN	
A Nova Luz	10.000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	8.000
GUILHERME MONIZ	
O que os Espíritas devem saber	3$000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
HORA ESP. RADIOFONICA	
1.o Fascículo	1.ooo
IGNACIO FERREIRA (DR.)	
Conselhos ao meu Filho	4.000

ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
JOSE AMIGO Y PELICER	
Roma e o Evangelho	8.000
JESUS DIAS DE LEON (DR.)	
A imortalidade da Alma	4$000
J. LHOMME	
Guia Metódico do Experimentador Espirita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000
JOSE SURINACH	
Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000
J. W. ROCHESTER.	
O Chanceler de Ferro	12.000
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
JACOLIOT	
Espiritismo na India	4.000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	6$000
JOSE' FUZEIRA	
Rompendo as Trévas	8$000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	8$000
« « broc.	6.000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000
LEOPOLDO MACHADO	
Julga, Leitor por ti mesmo...	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
Guerra ao Farisaismo	2.000
Doutrina Inglória	5.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	12.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro — romance	6.000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1$500

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1941 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

DR. GABRIEL DELANNE
1857-1926

Gabriel Delanne foi um sábio cujo nome faz autoridade; escritor distinto e conferencista dos mais apreciados tanto no estrangeiro como na França.

Nascido em Paris, cursou o Liceu Charlemagne e, em seguida, a Escola Central, donde saíu com o seu diploma de engenheiro civíl.

Durante 5 anos exerceu êste cargo na Companhia Popp, deixando-o para dedicar-se exclusivamente ao estudo e propaganda do Espiritismo.

Em 1897, Gabriel Delanne fundou a *Revue Scientifique e Morale du Spiritisme;* seu primeiro livro foi entregue à publicidade em 1883. Dentre suas obras, quasi todas traduzidas em vários idiomas, nota-se: «A Alma é Imortal»; «O Espiritismo ante a Ciência»; «O Fenômeno Espírita»; «Investigações sôbre a Mediunidade»; «As aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos»; «A Reincarnação»; «Ouçamos os Mortos»; «Evolução Anímica».

Gabriel Delanne escreveu:

«...Penso que podemos resumir o movimento espírita no seguinte:

O que é o Espiritismo?—A demonstração experimental da existência da alma e de sua imortalidade por meio de manifestações dessa alma durante a vida e após a morte. Êstes fenômenos, tão velhos como a humanidade, despiram, em nossa época, o seu caráter misterioso ou sobrenatural para reentrar nos quadros ampliados da ciência experimental. Presentemente, as discussões metapsíquicas sôbre a natureza do princípio pensante perderam todo o interêsse. Nós necessitamos de experiências psíquicas cada vez mais precisas; e graças aos progressos das ciências físicas, atingimos o momento em que o estudo do mundo físico ajuntar-se-á ao do mundo da energia e do pensamento. Então a humanidade terá elementos certos para resolver os problemas da origem e do destino dos sêres e, com passo seguro, ela marchará na senda do aperfeiçoamento moral e intelectual, único meio que lhe assegurará a sua felicidade futura».

«...O Espiritismo tem sido objeto de desprêzo por parte de ignorantes e pessoas interessadas em sua destruição, mas, como êle se apoia sôbre factos naturais, derrotou seus detratores e, mais forte que nunca, êle caminha a conquistar o mundo intelectual. Como explicar seus progressos incessantes? E' que êle tem a investigação psíquica por método, aquela que emprega a observação e a experiência, e sobretudo porque êle recruta seus adeptos entre pessoas positivas, ávidas de conhecimentos precisos sôbre o dia subsequente ao da morte.

Impotente é a filosofia para nos informar sôbre a natureza do princípio pensante e sôbre seu futuro; seus representantes mais célebres chegaram a conclusões diametralmente opostas sôbre esta questão fundamental. O espírito, que procura com imparcialidade, erra, desorientado, no inextricável dédalo das afirmações contraditórias, e, finalmente, termina no cepticismo, constatando a impotência dos que tentaram decifrar o enigma dos nossos destinos. As religiões fazem apêlo à fé para sustentar seus ensinos dogmáticos, mas como elas entre si diferem e pretendem igualmente representar a verdade absoluta, deixam na indicisão ao que procura. Quem, pois, nos dará a certeza da realidade da alma e nos dirá se ela é imortal? Não hesitamos responder que o Espiritismo resolve completamente êstes problemas. Êle utiliza a observação e a experiência para estabelecer que a alma existe durante a vida e sobrevive à destruição do corpo físico. E' por meio do emprêgo do método positivo que êle creou a verdadeira psicologia experimental, a que se baseia sôbre factos sempre controláveis quando as circunstâncias permanecem as mesmas. Eis que decorreu meio século (1) que esta ciência foi inovada, mas sómente ha vinte anos ela tomou o caráter rigoroso, ao qual êle deve a sua autoridade.

William Crookes foi, na Europa, o primeiro sábio que teve a coragem de verificar escrupulosamente as afirmações dos espíritos. Extremamente céptico, a princípio, êle foi conduzido, por suas investigações, à convicção de serem verdadeiros os fenômenos e não hesitou em proclamar altamente a certeza que resultou de sua pesquisa. Com a alta firmeza que dá a segurança de haver cientificamente constatado os factos novos, êle se tornou o campeão duma verdade impopular, mas indiscutível. A partir dêsse momento, foi imprimido o impulso e nada poderá jamais detê-lo. Russel Wallace, Lodge, Myers, Hodgson, seguiram-no na estrada aberta. Na Alemanha homens ilustres como Zölner, Webeer, Fechner, Ulrici, o Dr. Frieze, Karl du Prel, são conquistados; na Russia, Aksakof e Boutlerow; na Italia, são os intelectuais Fiuzi, o professor Falconer, o cavalheiro Chiaia, Broffério, Schiapparelli e enfim o ilustre Lombroso, que foi levado a confessar suas apreciações inexatas sôbre o novo fenômeno; em França é o Dr. Gibier, Charles Richet, De Rochas, Flammarion que constatam a mediunidade de Eusápia Paladino.

GABRIEL DELANNE

Por toda parte, as investigações estão na ordem do dia e a um homem inteligente já não é permitido impugnar *a priori* êsses factos, pertencentes outrora às superstições populares. Já não é à meia noite, no matagal deserto ou nos castelos em ruínas, que se mostram os fantasmas, mas é no laboratório do sábio que eles aparecem para submeter-se a todas as condições do mais rigoroso exame.

---

(1) O autor escreveu em 1904.

Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa

«La Revue Spirite» — Prof. E. Bozzano

A dama de que se trata é Mrs. Philip Champion de Crespigny, Presidente *British College of Psychic Science*, compositora, pintora, romancista, poetisa, senhora de ciência, espiritualista, falecida em 1935.

Um ano antes a autora havia publicado a sua autobiografia, intitulada: «*This World and Beyond*» («Êste Mundo e o Além»), na qual ela relata, em estilo suave e brilhante, os acontecimentos de sua existência, assás movimentada durante sua juventude, porquanto ela acompanhava o pai às diferentes estações navais, a que êle era enviado em sua qualidade de almirante da frota britânica.

Sua inteligência variada e precoce, combinada a um temperamento meditativo, bem cedo a levara a duvidar de certos dogmas religiosos que ela julgava inconciliaveis com os conhecimentos científicos de nossa época. No decurso de sua primeira juventude, ela se dirigiu aos pastores anglicanos para obter esclarecimentos a êste respeito, mas dêsses conselheiros ela ouviu severas reprimendas; os artigos de fé deveriam ser segundo eles, admitidos sem discussão. Como a mesma ortodoxia intransigente dominava em seu ambiente, ela não poude insistir, mas tambem não poude impedir sua razão de se exercer no sentido interdito e sua conciência de revoltar-se contra a ordem de acreditar no que sua razão repelia como sendo absurdo. Do que resultou decorrerem sua juventude, e também parte de sua existência conjugal, em penoso estado de alma, resultante das perplexidades religiosas que a atormentavam. O sistema filosófico mecanicista de Herbert Spencer, o transformismo de Darwin, o materialismo de Huxley dominavam sua razão, graças às provas solidamente positivas sôbre as quais se fundavam, mas ao mesmo tempo, seu sentimento filosófico também se revoltava ao pensar que a existência impenetrável do Universo inteiro estivesse destinada a se extinguir e desaparecer no nada.

As teorias cosmogônicas do Oriente, reveladas no Ocidente pelo movimento teosófico, satisfaziam sua razão, mas não conseguiam convencer uma pessoa de sua mentalidade, incapaz de crer num ato de fé. Ela se insurgira contra afirmações desta sorte da ortodoxia cristã; ela também se revoltara contra as teorias da ortodoxia teosófica, que também não lhe permitiam resolver o mistério do sêr e o problema da existência do mal.

Foi nesse momento de penosa crise de conciência que ela encontrou, por simples acaso, o coronel Johnson. A conversação cai sôbre Espiritismo, pelo qual êle se interessava. Conhecendo o estado de alma de Madame Crespigny, o coronel se ofereceu conseguir para essa dama, uma sessão da célebre médium americana de «voz direta» Mrs. Etta Wriedt, que então se encontrava em Londres. Madame Crespigny escreve a êste respeito:

> O coronel Johnson ignorava toda minha vida passada, e jamais se encontrara com meu marido, falecido ha pouco tempo. Preciso acentuar que eu estava repleta de prevenção relativamente ao Espiritismo. Eu não tinha objeções sérias a opor, mas sentia grande aversão aos médiuns, que para mim significavam fraude, ilusionismo deleitado a uma multidão de gente crédula, pronta a deglutir tudo o que se lhe apresente . . .
>
> Estavamos no mês de Maio de 1914 . . .
>
> Eu me dirigi inteiramente só, a casa Mrs. Wriedt, em Wimbleton, sem revelar meu nome à médium.
>
> Etta Wriedt não caia em transe. Ela ficava assentada em sua cadeira, inteiramente conciente do que se passava, tomava parte na conversação; em seguida se lembrava de tudo o que se passara. Assim é que ela muitas vezes

falava por sua pròpria conta, mesmo quando uma «voz direta», falava a um dos assistentes.

Dessa vez, nós estavamos sós. A sala de sessões era grande, desguarnecida de móveis, exceto as cadeiras que ocupavamos e um sofá. Instalámo-nos defronte uma da outra, e entre nós havia uma distância de 5 a 6 pés (1 m. 50 a 1 m. 80); o porta-voz de alumínio foi colocado sôbre o soalho, entre nós duas.

Experimentei uma sensação de mau estar moral por achar-me sentada em completa obscuridade, a espera de algo indefinível. Mas logo que começaram a ressoar as «vozes», tudo se transformou como por encanto; o sentimento de inconveniência que me assaltara, devido à estranha situação em que me achava, desapareceu imediatamente.

Logo que se fez a obscuridade, eu senti que me tocavam em um joelho, ao mesmo tempo que Mrs. Wriedt comigo conversava do lugar que ocupava; um instante depois, falou-me uma voz através do porta-voz. Era voz sonora, perfeitamente audível em todos os pontos da sala. Verifiquei imediatamente que as habituais objeções da imaginação exaltada, de ilusão e de telepatia eram absurdas e insustentáveis, pois essa voz era bem objetiva e real; ela se fazia ouvir mesmo quando Mrs. Wriedt comigo conversava, sempre colocada no mesmo sítio. Fui mesmo obrigada a pedir silêncio para não perturbar a voz que falava.

Mrs. Wriedt afirmou estar percebendo o rosto daquele que se manifestava; ela me forneceu excelente descrição de meu falecido marido, «que envergava um uniforme com galões de ouro sôbre as mangas, e com dragonas reluzentes.» Ela acrescentou que—provavelmente para fazer-se reconhecer — êle fizera um giro de valsa (Efetivamente, nós dois eramos apaixonados pela dansa). Ao mesmo tempo, por meio do porta-voz, eu ouvi assobiar, alguns compassos da valsa *Darehin*, que o defunto apreciava particularmente! Em seguida uma voz, evidentemente presa de grande excitação, chamou-me pelo meu nome, dizendo ser meu marido. Contudo, não reconheci nessa voz o timbre vocal que lhe era pròprio; não pude, pois, crer em sua presença real no local. Mais tarde conheci muitas coisas a êste respeito; mas é preciso não esquecer que se tratava de minha primeira sessão... De todo o modo, compreendi imediatamente que eu me achava em presença de um prodígio infinitamente superior ás invenções da locomotiva, dos aeroplanos e de todas as descobertas do gênio humano...

Essa «voz» continuou a dirigir-me perguntas e a responder as que eu lhe fazia; mas as respostas me pareciam vagas e insuficientes, visto que eu exigia provas incontestaveis, literalmente dicisivas...

Em seguida, manifestou-se outra voz... que se fez conhecer chamando meu marido por um nome que alguns membros de sua família eram os únicos a empregar; assim reconheci naquele que falava um de meus cunhados, morto quinze anos atrás... grande foi a minha surprêsa, porque jamais esperei que devesse manifestar-se, justamente aquele, durante uma sessão mediúnica... Êle disse:

«Jamais esperei encontrá-la aquí.»

Porque—respondi eu—As comunicações com o mundo espiritual sempre me pareceram um problema que seria resolvido no futuro.»

«Muito bem; mas você é o único membro de nossa família que tentou comunicar-se conosco.

Isto era verdade; mas do ponto de vista probante, poder-se-ia atribuir a exatidão da observação à simples coincidência. Contudo, êle prosseguiu lembrando-me uma festa, um baile de que nós dois participámos durante a nossa juventude, fazendo também alusão ás flôres que eu levei. Todas as circunstâncias eram verídicas. Êle terminou dizendo que meu marido lhe pedira que se manifestasse a mim, afim de me convencer que o primeiro que me falara era efetivamente meu marido...

Em seguida, intervieram outros visitantes, um dos quais não conheci em vida, mas que depois se tornou um liame precioso para minhas comunicações com o mundo espiritual. Afirmou chamar-se Florence Nightingale, e que ela me mostraria sua luz, que futuramente deveria representar o sinal de sua presença. Com efeito, vi aparecer um disco luminoso, cujas proporções eram as de uma lâmpada de bicicleta, igual em brilho. Por diferentes vezes ela o agitou, quasi a tocar-me o rosto; não pude resistir ao desejo de agarrá-la; mas minha mão passou literalmente através do disco luminoso. Meu ato impulsivo fôra uma das insensatas e perigosas audácias, ordinariamente cometidas por principiantes cépticos; mas certamente não as repetirei.

De todo o modo, e a despeito das maravilhas que presenciei, não desapareceu o fundo de ceptismo que me dominava; parti não satisfeita, concluindo que nada se produzira de absolutamente convincente, do ponto de vista espiritualista, e que, pelo contrário, constatei um grave êrro, nos dizeres de meu suposto marido. Com efeito em certo momento êle dissera: «Eu te agradeço pelas flôres». Querendo pô-lo à prova, eu respondi por esta pergunta insidiosa: «Queres falar das flôres que depositei sôbre tua sepultura?» Pareceu-me que êle respondeu afirmativamente: ora a verdade é que nada disso acontecera.

No dia seguinte Mrs. Crespigny, se encontrou imersa num mar de perplexidade insolúveis; de um lado ela pensava no êrro em que parecia ter caido a personalidade que se comunicava, e no timbre vocal com que se exprimiu, e que não fôra reconhecido; de outro lado, ela recordava o facto inesplicável do compasso da valsa favorita do falecido, que ela ouvira assim como as informações verídicas fornecidas pelo cunhado e referentes aos acontecimentos de sua juventude.

(Continua)

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— VI —

As informações constantes dêste rabisco foram-me fornenecidas por duas sonâmbubulas com quem fiz exercícios ha algum tempo.

No decorrer do ano de 1911, em Belo Horizonte, um serralheiro queixou-se de ouvir ruídos noturnos em suas oficinas, não deixando dormir os filhos que alí pernoitavam num quarto. Acendidas as lampadas elétricas, à luz da claridade cessava o barulho. Deliberei passar algumas horas da noite na oficina, acompanhado dos filhos do serralheiro entre os quais indubitavelmente estava o médium de efeitos físicos, que eu pretendia descobrir. Embora nos conservamos na escuridão, durante mais de duas horas das 7 ás 10 por três noites, nada percebemos, visto como o Espírito perturbador, ao ver-me, suspendia perspicazmente a desordem. Bem que eu o suspeitava de antemão. E mal eu me retirava recrudescia o arrastar de ferros num pandemônio assustador. Claro que entreguei ao tempo a cessação dos distúrbios até que a breve trecho, consultando a sonâmbula sôbre as nossas atividades noturnas, como era de hábito indagar, foi-me respondido que numa dessas excursões haviamos estado, o Teixeira, o Felipe e eu, em casa do Mucelli (o serralheiro) a doutrinar os Espíritos brincalhões que ali andavam a produzir mêdo, aproveitando-se da faculdade do filho mais velho daquele senhor. Indo logo indagar da verdade, soube que realmente desde alguns dias os fenômenos haviam cessado.

Muitos anos depois, já na Capital Federal, tive ocasião de encontrar uma sonâmbula nativa com quem pude realizar algumas experiências de relativo êxito.

Em dado momento desejei uma informação possível de resposta, fornecida por algum dos bons Espíritos, a nós ambos durante a noite, de vez que se tratava de assunto facil de me orientar e que não envolvia segredo interdito ao meu conhecimento terreno. Dias depois, retornando aos exercícios, perguntei à sonâmbula se haviamos obtido alguma solução ao que lhe confiara. Respondeu-me que nada puderamos fazer na noite prefixada porque passámos ambos a desviar de nossos lares alguns Espíritos pertubadores da nossa tranquilidade. Insistindo pela consulta depois, mandou-me o Guia dizer que só algum tempo após poderia dar-me a informação solicitada.

Neste episódio de agora não se trata de informações pelo sonho, mas de uma vidência interessante, que me convenceu da influência moral e do poder da vontade que desfrutamos sempre que pusermos os nossos esforços a serviço do amor ao próximo.

Andava eu a doutrinar um Espírito rebelde e perturbador do lar de um companheiro de trabalho, tendo por vidente a filha dêle. Mais de uma vez o Espírito me ludibriara afirmando que se retiraria sem todavia cumprir a sua promessa. A vidente acusou a presença dêle alí, comunicando-me que as perturbações continuavam. Assumindo uma atitude quixotesca disse-lhe abruptamente: Vou amarrar-te num saco. Palavras não eram ditas e a vidente larga-se a rir gostosamente. Pergunto-lhe de que se ri. E' que, diz-me ela, logo que deste aquela ordem vi um saco de aniagem amarrado como se contivesse um porquinho a dar saltos no chão. Os saltos continuavam assim como as rizadas da moça.

Sendo infenso a violências, mandei logo contra ordem ao Espírito, que saiu encalistrado, e confesso que me arrependi da falta de caridade. Não levou muito tempo para que o desordeiro entrasse no bom caminho, já então temeroso do meu poder sôbre êle. A lição lhe fôra proveitosa e não me deixou remorsos uma vez que é uma das obras de misericórdia castigar os que erram.

Todavia, quando se retirou regenerado não deixei de lhe pedir perdão de o haver magoado com aquela violência imprópria de quem deve usar indistintamente de piedade.

Entretanto, quando tenho doutrinado outros Espíritos malévolos, ameaço-os com abismos e outros horrores e o certo é que eles se apavoram, recuam e chamam-me feiticeiro.

Concluo que são os meus Guias, que, querendo prestigiar-me e sobretudo auxiliar-me na conversão, cream fluidicamente essas imagens temerosas, se é que não sejamos nós, sob o império da vontade, que as creamos no ambiente. O caso do saco a dar saltos, leva-me a esta última suposição.

Que a vontade exerce um papel importantissimo nesses problemas direi na próxima vez o que se passou numa das mais belas manifestações por mim assistidas.

A confusão religiosa é a mais espêssa escuridão que infelicita as almas. A crença é como o fruto da videira que alimenta, encoraja e vivifica. Assim como êste alimenta o corpo, aquela alimenta a alma.

A Religião de Jesus Cristo não é o culto, as exterioridades, os sacramentos, a fé cega; também não é o fogo que aniquila e consome, o mal que vence o bem, o diabo que vence a Deus.

A Religião de Jesus Cristo é o bálsamo que suaviza, é a caridade que consola, é o perdão que redime, é a luz que ilumina; não é o aniquilamento, mas a Vida, não é o corpo, mas sim o Espírito.

A Religião de Jesus Cristo deve, pois, ser ministrada em espírito e verdade e *não em* dogmas e *com* exterioridades aparatosas, *para poder ser pelo espírito compreendida, observada, praticada.*

O corpo é nada; o espírito é tudo. O corpo existe porque o espírito o aciona, o vivifica e o movimenta.

CAIRBAR.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXIII —

O Homo Sapiens e seus irmãos menores

O homem tem mais inteligência de que os outros animais,embora seja, na escala zoológica, um animal, dizem-no sábios materialistas. Donde, o *homo sapiens,* de Lineu, a classificar, a seu talante, a espécie animal, negando inteligência, raciocínio e conciência, a seus irmãos menores.

No homem, revela-se, progressiva, a inteligência. E essa inteligência progressiva leva-o a superar as outras espécies. Ai de nós, se assim não fosse, visto como, sob o ponto de vista da força puramente física, o homem não se iguala ao boi, ao gerico, ao cavalo. E' inferior e, materialmente falando, vale muito menos. Tivesse o cavalo e o boi a inteligência progressiva do homem, de que derive o raciocínio como o entendemos, e seria o boi, se fosse carnívoro e egoista como nós, que levaria o homem ao matadouro, e seria o cavalo que montaria em nós, visto como não poderiamos, ainda que se tratasse de um *boxer* de glória mundial, medir forças com o cavalo e o boi. Temos, assim, não ha negar, a inteligência mais desenvolvida do que os animais, embora isto não implique ausência absoluta de inteligência nas outras espécies zoológicas. Pois, se até entre os homens da mesma raça e até da mesma família, a inteligência anda a variar, como varia entre o cão e a lebre, o gato e o rato! E' a inteligência, não ha negar, que, muito mais do que a palavra e a nossa verticalidade de andar, distingue o homem dos outros animais. Essa distinção não deve, porém, envaidecê-lo a ponto de o homem julgar-se o rei da criação, o sêr perfeitissimo na escala zoológica, a exercer sôbre os outros animais um poder tirânico, a negar-lhes o direito de ter alma, de raciocinar, de não ter sensibilidade. A conferir-se, arbitrariamente, o direito de sacrificá-los ás necessidades pantagruélicas, de seu estômago, aos esportes de mau gosto da caça, do tiro aos pombos, a suas guerras, a seus experimentos científicos de natureza a beneficiar ao próprio homem, sómente...

Os animais não teem, é óbvio, o desenvolvimento intelectual progressivo do homem. As moradias feitas, hoje, pelo castor e o *joão-de-barro* são exatamente iguais ás que faziam ha milênios. Sua arquitetura não acompanha o rítimo evolutivo da do homem. Mas, se o *joão-de-barro* e o *castor* não evoluiram no preparo de uma habitação melhor, também não evoluiram para o mal, como o homem. A arte modernissima de matar é uma prova desta evolução, que é, sob o ponto de vista moral, uma verdadeira involução. «Os animais que agem por instinto», são, neste passo, bem menos irracionais do que o homem que pratica, racionalmente, o mal; que engendra, até em nome de Deus, guerras fratricidas. De mãos postas, e joelhos em terra, e olhos para o Alto, o sr. Hitler deu graças a Deus por ser o escolhido para, na guerra atual, dar cabo dos ingleses. Socrates dizia que se o homem passasse em revista, ao morrer, sua vida, veria que andou fazendo mais mal do que bem. Pessimismo do filósofo grego? O Cristianismo que aí está, ha vinte séculos, sem ser, ainda, sentido e praticado; as guerras e a maldade humana disseminadas por toda parte, abonam o asserto socrático. A inteligência do animal se não è, como a nossa, evolutiva, conserva suas caraterísticas próprias, sem dar idéia de que involue, como a nossa, para o mal.

Ha nos animais, não tenhamos dúvida, inteligência, raciocínio, alma, atestam-no, a cada passo, os factos. E' certo que pouco sabemos disto ainda. Pudera! Pois se o homem, ainda o mais sábio, pouco sabe destas coisas em si mesmo! A respeito dos animais, a ciência humana só tem levado a sério os meios de sua engorda, de sua reprodução maior, de sua melhoria de qualidade, para proveito do próprio homem. E, também, os meios de torturá-los mais, com sua vivisseção, experiências soroterápicas e caçadas! E devora-os, e tortura-os *racionalmente,* a proclamar que «os animais teem apenas instinto». Donde concluir-se que o instinto animal não merece o mesmo respeito devido ao raciocínio humano... dado que existisse mesmo êste respeito! Pascal escreveu era perigoso para o homem fazer um estudo seu, comparado aos irracionais, sem primeiro salientar a grandeza humana. E ainda mais perigoso: salientar essa grandeza, sem mencionar suas baixezas... Analisando-se, a frio, o trato que o *homem* confere aos animais sob o seu domínio, e sua *gratidão* por aqueles que lhe são úteis, vê-se de que volume são suas baixezas. Basta que se analise, superficialmente, o esporte ultra-elegante do tiro aos pombos! O animal que mata o homem na instintiva defesa, para, cheio de fome, devorá-lo, comete uma ferocidade que apavora! O homem que ataca a fera e, com o estômago cheio, mata-a habilmente, é um heroi digno de admiração, que realizou um altissimo esporte!

Voltemos, porém, ao instinto animal e ao raciocínio do homem. Em que consiste o instinto? Num «confronto de faculdades intelectivas, especiais, comum em todos os animais». As mesmas faculdades especiais, intelectivas, no homem, dá-se o nome de razão, de raciocínio, de conciência. Conciência, e raciocínio, e razão que não admitimos existam no animal. Mas, existem, pese isto, embora, a nosso orgulho. Os animais tem inteligência, e raciocínio, e alma. E, mais do que o homem, algumas virtudes nobilitantes. Até *mediunidades!*

O velho gamo, que La Fontaine testemunhou a correr à frente de caçadores, até meter-se numa toca, de que fez sair um gamo novo, expondo-o aos caçadores e tomando-lhe, para livrar-se de morrer, o lugar na toca, será revelação apenas de instinto? Até parece uma revelação de raciocínio e egoismo bem humanos! O cavalo, que, segundo Delane, no *zoo* londrino, passou, com o focinho, feno ao cavalo cego que, ao seu lado, tateava à procura de alimento, revela, porventura, instinto sómente? Não é para se vêr aquí, ao contrário do velho gamo de La Fontaine, um racionalissimo sentimento de solidariedade digna da espécie humana? Um amigo nosso tinha um cão policial, que só vivia na corrente. Descobriu, uma feita, o meio de livrar-se da coleira, na ausência do dono. Fazia-o para espojar-se na areia e andar à guisa de uma criança travessa abusando da liberdade. Assim que o dono estava para chegar, voltava a enfiar o pescoço, novamente, à coleira, e ficava quieto, esperando-o. Instinto, sómente, isto? Um recorte do *Diario de Notícias* da semana em curso põe-nos ao corrente dos fenômenos de aparições de espíritos que se vão repetindo em Londres. De mistura à aparições de espíritos humanos, são vistos os de cães, gatos, cavalos, bois, etc. Henry Matheuillot, em belo estudo sôbre a mediunidade dos animais, apresenta fenômenos importantissimos a respeito. Quando foi do assassínio do ator Perris, seu cão, em companhia da esposa e filhos do morto, que o aguardavam para o jantar, salta a ladrar e a morder, inesperadamente, um inimigo invisível, no momento exato do assassínio. As próvas do mundo psíquico animal, mais ou menos idêntico ao nosso, são inúmeras...

Existiu em Paris um instituto para o estudo da psicologia animal, fundado por um naturalista: o *Instituto de Psicologia Zoológica.* Surpreendentes estudos de caráter puramente animal aí foram realizados, até entre peixes. E dêsses estudos, o homem, sob o ponto de vista puramente animal, leva grande desvantagens. Os animais saem deles melhormente aquinhoados quanto aos sentidos corporais e quanto à posse de algumas virtudes pouco assimiladas ainda, pelo homem. Melhor memória, sentido premonitório mais apurado das coisas. Hachet Souplet, o naturalista fundador do instituto, chegou a retirar rãs e sapos de seus poços e levá-los a grandes distâncias, verificando que, apenas soltos, voltaram em linha reta ao charco habitual. A um rato dágua, a que vendara os olhos, viu Souplet que, mesmo assim, soubera voltar a seu poço.

Estamos em que, quando a ciência se preocupar com o estudo do animal por amor ao conhecimento perfeito de sua vida e de sua alma, por certo que um mundo diferente e desconhecido se lhe desvendará. Um mundo novo a estudar, em que pese o asserto de que nada de novo existe à face da Terra. Um novo mundo a estudar, repetimos, pois que o próprio Evangelho e a codificação de Allan Kardec dêle não curam suficientemente. E para nós, espiritistas, são os Evangelhos e a codificação kardecista as duas maiores autoridades em assuntos de tal monta. Ora, se o Cristo não disse tudo (João XVI-12) e se Allan Kardec deixou sua missão por terminar... Aí está, porém, a 3.ª Revelação, feita o Espírito de Verdade prometido pelo Cristo, que veio, a seu tempo, revelar o que faltou ser revelado e explicar o que, veladamente, foi dito. Procuremos, pois, através do espírito da 3.º Revelação, compreender o mundo animal, e certo que concluiremos existe encarnada em nossos irmãos inferiores, como diria Francisco de Assis, uma alma que talvez viesse de mais longe, da pedra bruta, depois de, materialmente, encarnar a forma humana, à posição de anjo.

Tudo no Universo se entrosa, porque a obra de Deus é uniforme e, uniformemente, demanda a perfeição. A vida animal ha de, por certo, entrosar-se na vida humana, como esta na existência dos anjos. Eis o evolucionismo.

Estamos em que a revelação espírita ha de fazer, hialinamente, luz à entrosagem aí em cita. Nunca podemos, de nossa parte, compreender, — nem mesmo à luz forte e sempre bela do Espiritismo, — porque os animais sofrem tanto ás mãos do homem, contribuindo para a nossa alimentação, sendo imolados nas guerras que armamos, objetivando muitos esportes grosseirissimos do homem, alvejando experiências científicas torturantes que aproveitam sómente aos homens! E porque muitos passam por males e torturas comuns aos homens. Ora, se sofrimento de hoje é uma revelação das culpas que, concientemente, cometeramos no passado, importa dizer que, se os animais sofrem como os homens e são vítimas ás mãos dos homens?... Aquí, só fica bem, por enquanto, uma interrogação. Mas, um ponto de interrogação sem poder, para nós, de invalidar a existência da alma, do raciocínio e da inteligência nos animais inferiores...

Provas da Sobrevivência

J. B. Chagas

— I —

Os mortos vivem! E' uma verdade incontestável, que muito embora a má vontade dos negativistas à *priori*, vai conquistando todas as conciências. Assim, a imortalidade da alma já não é mais um tema sujeito a discussões, porque passou a ser coisa corriqueira.

Formam falanges os sábios de renome mundial que estudaram o fenômeno, dando o seu testemunho sincero, todos naturalmente escudados pelo conselho de Camile Flamarion — «Nada neguemos. Estabeleçamos os fatos. Examinemos com imparcialidade» ou nêstes outros constantes de *Les Paroles du Bouddha* (edição Salet): — «Não acrediteis fiando-vos nas tradições. Nada acrediteis fiando-vos nos vossos maiores ou nos vossos instrutores. Porém aquilo que tiverdes experimentado vós mesmos e tiverdes reconhecido como verdadeiro, isso sim, aceitai-o».

Os que mais têm concorrido para o estabelecimento desta verdade, no entanto, são os que nós, impropriamente, apelidamos de mortos, no dizer de Flamarion. São êles próprios que, em chegando ao outro lado da vida, teem pressa em vir dizer-nos que não morreram, que conservaram, no chamado além túmulo, a sua personalidade, apenas sem o pesado fardo da carne, e que através do seu invólucro perispirital, continuaram na posse de todas as suas aquisições terrenas.

Camilo Flamarion, a quem aludimos linhas acima, com o seu espírito de sincero e perspicaz observador, alinhou pacientemente no terceiro volume da sua maravilhosa obra — A MORTE E SEU MISTÉRIO — inúmeros casos, todos devidamente autenticados e comprovados, de pessoas, conforme se diz, mortas, que voltaram, com maior ou menor intervalo, de além campa, para resolver casos íntimos e pessoais; pedirem missas prometidas e não realizadas ou resolverem casos relacionados com o estado ou local onde sepultaram os seus cadáveres, etc. De outras vezes, quando possuem alguma virtude ou elevação espiritual, move-lhes o desejo de nos auxiliar, valendo-se de meios e modos ao seu alcance.

Para conhecimento dos que porventura nos lêem, vamos transcrever, por hoje, dois casos citados por Flamarion, na obra referida, onde no primeiro fica patenteado o desejo do *morto* ou melhor da *morta*, de zelar pela vida dos filhos que ficaram do lado de cá, e o outro é o desejo manifesto de um criador de gado, desencarnado em circunstâncias acidentais, no sentido de ser dada sepultura condigna ao seu cadáver.

Vejamos o primeiro :

— «*Leadbeater*, na sua obra «*L'autre côté de la mort*» — pag. 221 — diz Flamarion — assinala um caso notável da aparição de uma mãe a seus filhos para salvá-los de um perigo iminente, que é o que se segue : O Dr. *John Mason Neali* conta que um homem que acabava de perder a mulher fôra convidado a ir com seus filhinhos passar algum tempo na roça em casa de um amigo. Era uma casa vasta e no seu pavimento inferior havia corredores compridos e sombrios onde as crianças se compraziam a brincar e a correr. Um dia, entretanto, subiram muito sérios ao primeiro andar junto dos parentes a quem dois dêles explicaram que quando estavam a correr num dos corredores, a mãe lhes aparecera, dizendo-lhes que não fossem para diante e voltassem para trás, tendo desaparecido depois de lhes dar esta ordem. Buscas foram feitas e verificou-se que, se as crianças se tivessem adiantado um pouco mais nêste corredor, teriam caído num poço aberto ; a mãe, por conseguinte, salvára-os de uma morte certa.

Êste exemplo prova, escreve *Leadbeater*, que a mãe havia conservado «mesmo no plano astral» o o hábito de velar por seus filhos com solicitude e que, como tem acontecido em diversos casos, seu desejo intenso de protegê-los contra o perigo iminente em que estavam, déra-lhe um instante o poder de se tornar visível para sugerir-lhes a idéia de que a viam e ouviam. É também, possível, acrescenta êle, que o auxílio tenha sido trazido por outra entidade aparentando a forma familiar da mãe para não assustar as crianças ; mas a hipótese mais simples e com certeza mais provavel é que esta intervenção foi devida ao amor materno sempre vigilante e persistente, mesmo depois de ter passado através das portas da sepultura».

O outro, como acima dissemos, é a manifestação de um *morto*, vitimado em circunstâncias acidentais, que procurou transmitir a um amigo e sócio um desejo, indicando o local onde havia sido assassinado pelos salteadores, como que lhe pedindo desse sepultura condigna ao seu cadáver, fato êste que é também assinalado pelo *Dr. Lee*, na sua obra «*Glimpses of the super natural*» — pag. 61 do 2.o volume e que igualmente consta da de *Leadbeater*, já citada.

Ei-lo :

— «Dois criadores de gado, tendo feito sociedade, deixaram a Inglaterra para emigrar na Austrália, onde não demoraram em se tornarem possuidores de uma propriedade considerável. De repente um dos sócios desapareceu sem que fôsse possível descobri-lo. Uma noite, cêrca de três semanas depois, o sócio sobrevivente voltava para sua choupana por um trilho costeando um banhado profundo. As sombras do crepúsculo aumentavam e o sol poente sumia-se atrás dos grandes arbustos, dos espinheiros espêssos e das pastagens viçosas que crescem rapidamente naquele país. Subitamente avista a forma do seu sócio, tão real e tão viva como dantes, sentada no chão, á beira do açude, o braço esquerdo dobrado e encostado ao joelho. Ia precipitar-se para o amigo e falar-lhe mas a forma pareceu apagar-se e o rosto, de côr cinzenta, teve uma expressão de tristeza e de melancolia que lhe não era habitual ; parou então. A forma tornou-se de novo visível ; levantou o braço e com o dedo indicador da mão direita designou um buraco fundo onde a água parecia calma, porém negra e situado sob uma árvore cujos galhos pendiam sôbre o açude. Repetiu êste gesto duas vezes com modo decidido, depois a forma diminuiu pouco a pouco e desapareceu completamente. No dia seguinte, de manhã, dragaram o açude e o corpo do sócio desaparecido foi descoberto no próprio lugar que o fantasma indicara e enterraram-no então de modo conveniente. Uma grande pedra estava amarrada ao corpo e um machado foi encontrado no mesmo lugar, sem dúvida a arma que servira ao assassino para cometer o seu crime. Ao demais, foi reconhecido o machado como pertencendo a um aventureiro que foi acusado e preso. Como fossem achados com êle documentos importantes pertencentes à vítima, teve que confessar seu crime, sendo executado».

Prosseguiremos.

INIMIGOS DO ESPIRITISMO

DR. IGNACIO FERREIRA — *Ao Espírito amigo de Bitencourt Sampaio*

(*Conclusão*)

Estavamos fazendo os últimos retoques nestas linhas, quando tivemos a visita de um confrade, recem-chegado da Baía, trazendo a sua esposa para ser internada no Sanatório onde trabalhamos.

Segundo sua própria confissão honesta, seguindo conselhos de *espíritas*, já havia levado a enfêrma até mesmo a um trabalho de macumba, na Baía, no afan de minorar os sofrimentos da companheira que ha 4 anos vinha sendo submetida a todos os tratamentos médicos.

Internada, já no dia seguinte sabiamos estar ela sob a ação de uma entidade terrível que havia, nesses 4 anos de atuação, prejudicado bastante seu organismo.

Tinhamos esperança no restabelecimento do seu desequilíbrio mental e por isso, era grande a nossa satisfação em compensar o sacrifício ingente do esposo, que de tão longe viéra à nossa procura.

Dois dias, após, recebemos a visita de um senhor, trazendo uma carta de apresentação de um grande amigo residente em uma cidade vizinha.

Bem apessoado, prosa fácil, entabolámos conversa e em pouco o assunto girava em torno do Espiritismo — pois, dizia êle, era médium possuidor de todas as qualidades—vidência, incorporação, psicografia e intuição, mormente esta última, da qual se aproveitava como prégador da doutrina.

Meia hora depois, tinhamos sôbre êle, o nosso juizo formado—*fanático vaidoso.*

Aproveitando o assunto para o nosso estudo, fizemos questão de que participasse dos nossos trabalhos—era digno de ser observado pois se mostrava exemplar típico para a conclusão das afirmativas expendidas neste ligeiro trabalho.

Dando início à nossa investigação, fomos ao Sanatório durante o dia e lá, êle frisou, de antemão, que desejava dar, de pronto, todos os diagnósticos.

Corremos os doentes, um por um, e ouvimos dêle e do seu *guia*, os maiores absurdos e os maiores disparates.

Junto á enfêrma da Baía, concentrou-se e após algumas reflexões, sentenciosamente, exclamou: —

> *O senhor deseja curar esta senhora? Pois bem, o único meio, é desgalhar — note bem — desgalhar e não cortar—uma vara de marmelo, passá-la pelo fogo e, junto a enfêrma, vergastar o ar ambiente para cortar e dispersar os fluidos impuros que a envolvem...*

Era digno do nosso estudo, motivo pelo qual não ouviu palavras de repulsa, verberando os seus conselhos de macumba ou de feitiçaria...

Tinhamos necessidade da sua pessoa, que se prestava otimamente para exemplificar êste trabalho. Por isto, à noite, após a sessão costumeira, propositalmente reunimos, em torno dêle, alguns amigos, inclusive o esposo da paciente, que lhe apresentámos, e procurámos fazer com que discorresse sôbre os factos que a sua *esplendida vidência* havia constatado durante os trabalhos, para isso tocando o seu ponto sensível — a vaidade.

Tiradas da nossa imaginação, formulámos as figuras mais grotescas possíveis, pelas vestes e pelos defeitos físicos e tudo êle confirmava ter visto e estar vendo, ainda, confirmando os nomes por nós arquitetados por estar, no momento, dizia, recebendo confirmação das entidades que iamos criando propositalmente e lhe transmitindo os respectivos caraterísticos...

Alguns amigos, percebendo os absurdos que inventavamos e a confirmação respetiva pelo pseudo-vidente, foram se retirando, aos poucos, pois não podiam conter as gargalhadas prestes a arrebentar...

Outros que não o conheciam e que, pela primeira vez, frequentavam os nossos trabalhos, bebiam avidamente, as suas palavras, e ouvindo as suas confirmações se mostravam ansiosos por mais detalhes, com os quais enriquecia as figuras grotescas que formavamos, sem perceber em tudo isso a investigação que faziamos para confirmar a nossa impressão a respeito das suas notáveis qualidades.

Continuando com a nossa observação maldosa, natural em quem investiga e estuda, fizemos com que voltasse para a sua pensão em companhia do esposo da nossa paciente, na certeza de que mais alguma cousa resultaria da palestra de ambos.

Uma hora após, às 21 horas, postámo-nos à porta do hotel onde se hospedava o marido da enfêrma.

Nossa impaciência, natural e justa, foi logo satisfeita, pois nosso amigo voltava da pensão onde se hospedara o *famoso médium*. Contamos-lhe o resultado da nossa experiência, momentos antes por êle assistida, com o propósito de desmascarar o grande vidente e não lhe ocultámos a nossa maldade, fazendo com que voltasse só, em companhia dêle. Esperavamos algo de sensacional e lhe pedimos o relato fiél do sucedido durante aquele lapso de tempo...

Entre admirado com a nossa paciente investigação, surpreso pelo resultado e revoltado com o que se havia passado depois, assim se referiu : —

> «Ao voltarmos da sessão, convidou-me para ir até a pensão onde estava hospedado. Lá, após falar sôbre os trabalhos a que assistira, bordando mais ainda as suas vidências, disse-me que só havia um meio para obter a cura da minha senhora : — comprasse um martelo virgem, com o cabo preto e com êle partisse um pequeno pedaço de marmore do altar de uma Igreja qualquer, altar onde estivesse colocado o cálice da sagração.
>
> Em seguida, amarrasse em um pedaço de veludo azul a partícula de mármore obtido e o colocasse no pescoço de minha senhora.
>
> O martelo, devia atirá-lo nágua de forma que ninguém dele pudesse mais utilizar-se...»

Terminou o seu relato, exclamando : — «Dr., êsse homem queria era me botar na cadêia, pois, como poderia obter tal pedaço de mármore, sem atrair a atenção de alguem ?»

—

Entre dezenas de casos que poderiamos apresentar como reforço para demonstrar a veracidade e a razão da nossa tese, contentamo-nos com êste, sucedido justamente no dia em que os últimos retoques eram feitos para estas páginas.

Sabemos que esta pessoa, êste pseudo-médium possuidor de tantas qualidades mediúnicas, tem feito conferências por todas as cidades por que tem passado, recebendo toda a consideração por parte dos espíritas, que lhe oferecem a presidência dos trabalhos nos centros que procura e, peor do que isso, consegue atrair, em torno da sua pessoa, um círculo imenso de espíritas e profanos para lhes contar, nas salas de hoteis e pensões, os resultados da sua pseudo-vidência, das suas pseudo-incorporações, tudo mentira, tudo falsidade, tudo hipocrisia, tintas com as quais procura dar côr e vida às fantasias criadas pela sua imaginação !

O Espiritismo não admite essas tolices só existentes no cérebro de macumbeiros e exploradores. Além de as não admitir, condena o uso dessas práticas, por indignas e sem valor.

Guardai-vos dos falsos profetas, que veem a vós vestidos de ovelhas, e dentro são lobos devoradores...

Guardai-vos dos falsos Cristos, como o dêste exemplo, porque eles se revelam através de suas obras e de seus conselhos.

Guardai-vos dos fanáticos que querem fazer do Espiritismo uma fonte de milagres, quando êle — uma ciência profunda, divina, digna de sêr estudada e digna de ser seguida, porém não derrogadora das leis divinas, que a tanto se arrogam as religiões e ritos *milagreiros*...

O Evangelho espírita, repositório dos ensinamentos da doutrina, aí está por todos os lados. Suas páginas estão repletas de ensinamentos dignos através das quais é fácil distinguir o verdadeiro espírita e os falsos profetas, os falsos Cristos, os macumbeiros e os fanáticos...

Devemos estar de olhar atento e atenção despertada para que possamos defender a doutrina contra as investidas dêstes elementos que procuram desmoralizá-la, quando ela só merece respeito e engrandecimento...

Todo o cuidado é pouco e toda a vigilância jamais será demasiada!

Sôbre a Superstição

Dr. Carlos Imbassahy

(Continuação)

Pensa de Vesme que os factos metagnômicos ou paranormais verificados em toda a face da terra são um penhor de sua autenticidade. Diz êle :

> *«Si nous constatons, par exemple, que dans les traditions de tous les peuples il y a des cas de «Resurrection», de guérissons miraculeuses, d'apparitions de fantômes, nous pouvons dire avec certitude qu'un fait se trouve a la base de ces croyances.»* (13)

Êsse prelúdio tem apenas em mira justificar muitas das crenças do nosso povo.

Ha uma tendência geral para subordinar tudo, mas absolutamente tudo, à crendice, sem se verificar ou sem se procurar investigar a base objetiva que tal crendice possa ter, quando, como bem ensina Flammarion, «vivemos num mundo inexplorado, onde as forças psíquicas gozam um papel ainda insuficientemente observado.» (14)

Como já observava Grove, nota-se a tendência de filiar os fenômenos a qualquer outro já conhecido ou observado.

Ora, quando aparece um fenômeno, sem que se lhe descubra aquela filiação, ou se lhe note uma relação com outros, o comum é negá-los. O curial, entretanto, sería conservar o meio termo entre a afirmação e a negação, conforme aconselha a prudência científica.

Os observadores dos costumes, usos, ritos, crenças e religiões do nosso povo admitem, quasi sem exceção, ou com muito poucas, que todos eles derivam de uma mentalidade inferior.

Todo êsse ritual da macumba, que vamos encontrar, tanto nas capitais e cidades litorâneas como no interior, diz-se, é o produto do atraso da raça, o sinal da inferioridade dos íncolas. Assim, o curandeirismo nada mais sería que o resultado, ou da ignorância, ou da velhacaria.

Quando entre pretos, e mesmo entre brancos, se verificava o que chamavam *mutu guá Cariapemba*, ou seja a entrada de uma espécie de espírito máu ou demônio — *Cariapemba, Exú*, — no corpo do paciente, o que era muito comum entre os escravos, tinha-se o facto como grosseira superstição, originada das selvas africanas e abrolhado no terreno fértil da ignorância indígena.

O curandeirismo, entretanto, vem preocupando médicos e cientistas, os quais não duvidam da realidade das curas e só divergem das suas prováveis causas.

O fenômeno da incorporação, da entrada de espíritos, gênios, demônios, ou que nome tenham, em corpos humanos, ou a sua influência, como sucedia com o demônio de Socrates, é facto verificado, ou pelo menos assegurado, por vários indivíduos, entre vários povos e em várias épocas.

Ainda, agora, nos paises civilizados, estuda-se o caso, tendo os experimentadores, como certa, a sua supranormalidade. Mesmo que não existisse ou não exista essa certeza, já não podemos encarar como de exclusividade africana o que é observável em várias regiões do globo.

Cumpre acrescentar, a bem da verdade, que ha entre nós, no que tóca a ritos, crenças e religiões, uma certa mistura, espécie de amálgama formado de variadas crenças religiosas.

Formada a nacionalidade pelo índio nativo, pelo preto escravo e pelo português conquistador, cada um deles trouxe o seu contingente para a mistura.

Ha quem diga que a introdução ou o aproveitamento da religião de Roma em certos meios tem por fim atrair os incautos. Não ha tal. A mescla se deu muito naturalmente e é geralmente compreensível. Trata-se de um processo comum, onde ha variedade do quer que seja. E assim vemos, muitas vezes, combinados o ceremonial católico, o ritual africano e a prática indígena.

Muitas entidades de origem *bantu* ou de outras tomam os nomes de santos do catolicismo: *Zambe* é Nosso Senhor do Bomfim, *Ogun* é S. Jorge, *Xangô* é S. Jeronimo; *Yemanjá* é N. S. da Conceição; *Ibejá* é S. Cosme; *Nanamburuque*, Santa Ana. Nas suas sessões ha os defumadores como os da Igreja, além de talismans, fetiches e quimbembeques vários.

Mas, através das práticas confusas, das dansas e exercícios exóticos, das cerimônias ridículas, vamos encontrar alí algo de misterioso e surpreendente, como os feitiços, a terapêutica, o diagnóstico e demais fenômenos, incluidos, com ou sem razão, entre as superstições.

Uma delas é o chamado «despacho». O feiticeiro vai colocar numa encruzilhada um embrulho, dentro do qual se encontram galinhas mortas, moedas de cobre, farófa de azeite de dendê, garrafa com paratí, sapos, vivos ou mortos, etc. e tal. Os ingredientes variam conforme o que se tem em mira.

O despacho visa sempre um malefício. Eu poderia contar um caso de um moleque que vi dar um ponta pé num dêsses despachos, e ao qual apareceu uma ferida insarável, se não pudessemos admitir aí a coincidência. Mas o escritor De Vesme, autor da História do Espiritualismo, não se pejou de encher muitas páginas do seu livro com casos de feitiço, declarando que *«on peut aisement admettre que cette croyance est parfois,—oh, bien rarement —justifiée par les résultats de l'operation»*. (15).

A prática da feitiçaria merece nossa atenção, já dizia Schopenhauer. (16).

David Unaipon declarou, numa conferência, que a feitiçaria tem matado mais australianos aborígenes, que o álcool. (17).

Conta a senhorita Warner, que um inglês, certa vez, batera num indígena que maltratara a mulher. Êste retirou-se, prometendo vingar-se. Poucos dias depois o inglês adoeceu e começou a definhar, até que morreu. De nada lhe valeram os cuidados médicos nem se poude explicar sua doença misteriosa. (18).

Diriam os francêses que a vítima teria sido *envoûtée.*

Salomon Reinach, na sua história geral das religiões, ensina que a mais antiga legislação secular de Roma, a chamada das *Doze Táboas,* era muito severa para a magía maléfica, sem que, entretanto, essa magía negra deixasse de ser praticada. (19).

A prática dos «despachos» está por demais generalizada, entre os incultos, principalmente, mas o que é certo é que muita gente culta receia ser, por aquele processo, «despachada» para o outro mundo.

Entre a enorme série de superstições populares contam-se as chamadas *simpatias.*

Vejamos alguns exemplos, onde elas exercem ação terapêutica:

Para cólicas, na parturiente, deve-se botar uma bacia com água em baixo da cama.

Para evitar o vómito, quando se toma um purgativo, apertar uma chave, fortemente, na mão.

Para caimbras, uma fechadura em baixo da cama.

Para íngua, fixar uma estrela e dizer: — estrelinha do céu brilhante, má íngua disse que viva ela e morra vós e eu digo que viva vós e morra ela; isto deve ser dito por três vezes, em três dias consecutivos.

Para unheiro, mete-se o dedo num buraco de parede e diz-se: nunca vi unheiro verde em buraco de parede. Deve ser feito isto três vezes.

Para erisipela, penduram-se no pescoço nove nós do talo da mamona.

Para soluço, um pedaço de pau seco atrás da orelha, ou beber água num prato olhando para o fundo do mesmo.

Para lombinho, deve-se dar o lombinho a morder a três moças que tenham todas três o nome de Maria.

Para nascerem os dentes das crianças, põe-se no pescoço um colar de favas.

Para tosse, no cachorro, um colar,

tendo nove pedaços de sabugo de milho.

Ha muitas outras simpatías com várias utilidades e fins; assim, a noiva, para evitar a tirania do futuro marido e afim de que tenha ela a preeminência na vida doméstica deve matar um galo, de preferência preto, no dia do casamento.

Para a criança falar depressa, dar-se-lhe água no primeiro ovo.

(13) De Vesme, *obr. cit.*

(14) Flammarion, *obr. cit.*

(15) De Vesme, *obr. cit.*, 75

(16) Schopenhauer, *Ueber in der Natur*

(17) *Harbinger of Light, de Melbourne*, 1-8-34

(18) *Occult Review*, Londres, Agosto 1914.

(19) Reinach, *Orpheus*, 146

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

OS êxitos atribuidos à hidroterapia, tal como se pratica nos institutos para alienados, especialmente quando se aplica um forte jacto dágua ou um banho demorado, podem também explicar-se porque servem para desalojar as entidades obsessoras que não suportam tal tratamento.

O Dr. Prince, nos Anais de Psicologia Anormal, escreveu: «Si queremos estabelecer princípios exatos referentes ao mecanismo da mente, devemos comparar os resultados de todos os métodos de pesquisas, experimentais como clínicas, e darmos a devida consideração aos resultados conseguidos por todos os pesquisadores competentes».

Depois de se eliminar, cuidadosamente, todas as idéias baseadas na superstição e todos os absurdos a que deram lugar as psicologias normal e anormal excluindo, também, as psicoses febris e idiopáticas ou idiosincrasias assim como as psicoses neuropatogênicas, ainda fica um residuo de anormalidade na maioria dos casos de aberração mental.

O facto de alienistas de fama e autoridades de responsabilidade discordarem quanto à causa das insanidades é razão suficiente para que homens de bom senso investiguem qualquer teoria que prometa chegar a resultados, sem olhar prejuizos pessoais ou populares. A situação que nos defronta é séria e só á custa da mais larga tolerância e liberalidade poderemos fazer-lhe face. Desde que a loucura é principalmente uma manifestação de distúrbio mental ou psicológico—uma neuróse psíquica—a sintomatologia, todavia, deveria servir de guia para fixar sua etiologia e ajudar-nos a chegar a uma solução de sua patologia mental.

Esta proposição, entretanto, não exige apenas investigação e estudo das psicologias normal e anormal, porém, afim de se ter uma premissa completa, implica, também, o reconhecimento de uma dualidade do homem-matéria e espìrito, físico e espiritual.

A insanidade não é uma estigma; a atitude do público para com esta afeção deveria ser uma, não de aversão porém de compreensão, e a realização da estreita relação que existe entre os mundo visível e invisível.

A obsessão espiritual é um facto — a perversão de uma lei natural — e facto amplamente demonstrado. Isto tem sido provado centenas de vezes pela transferência temporária da suposta insanidade ou aberração, da vítima para um médium treinado para êsse fim, e por êste método comprova-se que a causa da psicose é um espírito malévolo ou ignorante, cuja identidade, muitas vezes, é verificada.

Por êste método *e sem* prejuizo do médium se tem, também, provado possìvel aliviar a vítima assim como tirar a entidade da sua situação de treva espiritual, como veremos pelas explicação das leis que regem o mundo espiritual, como veremos pelas experiências que se seguirão.

A relação entre os mundos visível e invisìvel é uma prerrogativa natural e se estabelece por meio de uma pessoa de constituição especial, capaz de atuar como intermediária e por meio da qual as entidades desincarnadas podem, rapidamente, entrar em relação com o mundo físico. Entre os diferentes meios de que nos podemos valer para estabelecer contacto com o mundo invisível, o mais útil para a investigação é o transe inconciente durante o qual se póde estabelecer comunicação direta com o mundo invisível e se consegue verificar o estado mental das inteligências desincarnadas, sejam elas cultas ou não.

As experiências psíquicas podem dar resultados danosos quando as realizam pessoas ignorantes que não tomam as devidas precauções, desconhecendo as leis que regem os fenômenos, do mesmo modo que resultam perigosas a ignorância e o desprezo pelas leis que governam a vida diária. O mau uso de uma coisa não serve de argumento contra o seu uso.

As Pesquisas Psíquicas pertencem, especialmente, ao domínio da Ciência.

E' indispensável se possúa um critério sereno e uma boa dose de senso comum para dedicar-se aos trabalhos experimentais, e se tenha, ademais, um conhecimento completo das leis que presidem os mesmos trabalhos.

Nestas condições, os investigadores científicos constituem um fator inapreciável para o estudo da Ciência dos Espíritos.

CAPITULO II

As Pesquisas Psíquicas

As pesquisas psíquicas abragem problemas da maior importância para a humanidade e já chegou a constituir um fator importante da vida social. Todavia é indiscutível que as várias escolas de pesquisas estão intentando classificar os seus resultados em bases puramente psico-fisiológicas.

A psico-análise sustenta a teoria de que muitas das psicoses teem o seu assento e origem em alguma lesão psíquica ou trauma, oculta ou esquecida. O psíco-analista, por medições mentais e provas de inteligência, está tornando a segregação e a classificação dos defeitos mentais possível. Por sua parte, o neurologista e psiquiatra estão, deligentemente, procurando isolar os fatores etiológicos nas varias neuroses, aberrações mentais e insanidades, e descobrir os melhores métodos de prevenção e tratamento.

Embora essas escolas de investigações se mostrem refratárias a aceitar a hipótese de que as inteligências desincarnadas constituem fator ativo e excitador em muitas das psicoses e aberrações, estão, no entanto, prestando importante serviço em descobrir e pôr em evidência os desiquilíbrios que se apresentam nos neuróticos e em todos os predispostos a desiquilíbrios mentais.

As pesquisas psíquicas apresentam duas fases gerais de investigação: a normal e a anormal.

A fase normal, do ponto de vista do médico como do ministro do culto, trata, entre outras, das seguintes questões: «Que é feito do homem que morre?» Êste problema é de vital importância para o enfêrmo que se encontra à beira do túmulo, incerto da vida futura, ou talvez tremendo, com mêdo da sorte que o espera depois da morte. Não seria mais nobre o papel do médico que se achasse em condições de assegurar ao doente que não ha morte, porém um nascimento para uma nova vida em esféras mais elevadas de inteligência?

A fase anormal dos estudos psíquicos exige uma preparação, a mais ampla possível, da parte do médico no que se refere ao misterioso funcionamento das almas, desincarnadas como incarnadas. Os estudos da psicologia anormal como da normal, indubitavelmente, indicam não só a existência de espíritos, mas inquestionavelmente, também, demonstram que tais entidades desempenham importante papel nas várias psico-neuroses e insanidades.

O médico, indubitavelmente, entra em mais íntimo contacto com as consequências das experiências insensatas nas pesquisas psíquicas, tão frequentemente resultando aberrações mentais, do que qualquer outra pessoa, pois é o primeiro a ser chamado para consulta e da sua decisão depende, grandemente, a sorte de uma vítima tão infortunada. Por esta razão e não outra, seria certamente não só privilégio mas também urgente dever do médico ficar inteiramente ao par dos vários aspectos das pesquisas psíquicas, particularmente dos perigos a que se expõem os investigadores imprudentes e com especialidade as pessoas predispostas ás psico-neuroses.

As consequências alarmantes que tiveram alguns casos de experiências psíquicas isoladas me levam a seguir uma direção de investigação tendente a descobrir-lhes as causas, coisa que diz respeito ao médico.

A primeira vez que dediquei a minha atenção ao grave problema dos desarranjos mentais produzidos como consequências de experiências psíquicas feitas por pessoas ignorantes do assunto, foi quando tive conhecimento de vários casos de pessoas que acabaram loucas furiosas a ponto de ser preciso interná-las em asilos, como resultado de experiências isoladas, inofensivas na aparência, de escrita automática e com o *oui-ja.*

O primeiro dos casos a que me refiro foi o da Sra. Bl., cujas tentativas de obter escrita automática acabaram em transtornos mentais e numa alteração da personalidade. Normalmente, ela era amavel, piedosa, calma e educada, porém tornou-se impetuosa e bulhenta, deu para torcer-se e dansar, usava linguagem grosseira e dizia que era uma atriz, insistia em vestir-se para o palco afirmando que devia estar no teatro em certa hora ou perder o emprêgo. Finalmente, tornou-se uma irresponsável e teve que ser internada num asilo.

Outro caso foi o da Sra. Bn., que, devido a experiências de escrita automática, mudou de uma artista e dama refinida em uma personalidade altamente diferente e violenta. Esfregava, constantemente, as fontes, gritando: «Deus me salve! Deus me salve! Correndo para a rua, ela se ajoelhava na poeira, orando, e recusava alimentos, declarando que si ela comesse antes das seis horas da tarde iria para o inferno.

A Sra. Sr., que se havia entregue ás mesmas práticas, ficou desiquilibrada e tornou-se violenta, sendo precisa a intervenção da policia. Levantando-se á noite, ela se colocava na janela de sua loja de modas, na conhecida atitude de Napoleão Bonaparte, que supunha ser e, depois de cometer muitos atos irresponsáveis requerentes da repressão, foi enviada para o Hospital dos Detentos.

Da mesma forma, a Sra. Wr., ficou obsedada, com alucinações de que Deus lhe estava constantemente falando e condenando-a por maus atos de que êle a acusava. Depois de tentar suicidar-se a pedido do pretenso Deus, foi internada num asilo.

Chegaram ao meu conhecimento outros muitos casos desastrosos ocorridos pelo emprêgo do *oui ja,* tão inocente na aparência, e minhas observações levamme a buscar nos fenômenos psìquicos uma explicação de tão estranha ocorrência.

Minha esposa é um médium bem desenvolvido e facilmente dá incorporações a inteligências desincarnadas. Em resposta ás suas dúvidas sôbre o direito de «pertubar os mortos», essas entidades afirmaram que existe entre os mortais uma concepção tristemente errada, com referência às condições que imperam depois da morte. Elas asseguraram que, na realidade, não ha morte, porém uma transição natural do mundo visível para o invisível e que espíritos adiantados estão sempre procurando comunicar-se com os mortais para esclarecê-los com referência às grandes possibilidades que aguarda o espírito progressista. Porém a morte—a libertação do espìrito do corpo—é tão simples e natural que a maior parte dos espíritos, por um período de tempo mais ou menos longo, não realizam a mudança operada e, devido a uma falta de educação concernente ao lado espiritual de sua natureza, continuam a viver nos lugares em que viviam.

Afirmaram, também, que muitos dêsses espíritos eram atraidos pela aura magnética dos mortais, embora o espírito assim como o mortal fôssem inconcientes dessa intrusão, e, assim, obsedando as suas vítimas, ignorantemente ou malévolamente, elas eram a causa de incríveis sofrimentos, muitas vezes produzindo invalidez, imoralidade, crime e loucura aparente.

Segundo suas afirmações, o maior risco a que se expõe o neófito inexperto nas investigações psíquicas consiste na intromissão de algum espírito dessa categoria, porém o perigo ocasionado pela ignorância dessas coisas aumenta ainda mais no caso das pessoas neuróticas.

Essas entidades, também, asseguraram que se podia verificar a exatidão desta asserção recorrendo-se a um processo de transferência, isto é, atraindo os espíritos obsessores da vítima para o médium. Uma vez feita essa transferência, a vítima ficaria aliviada e as entidades obsessoras ficariam ao alcance de espìritos adiantados que as protegeriam e os instruiriam com relação às mais elevadas leis da vida.

Disseram que minha esposa era um instrumento afinado para tais experiências e propuseram que si eu cooperasse com êles, para cuidar e instruir êsses espíritos ignorantes, para o que tomariam posse completa mas temporaria do corpo da minha senhora, sem lhe causar qualquer dano, que nos provariam serem exatas as suas assertivas.

Desejosos de saber da verdade ou falsidade de tão importantes asserções que, si verdadeiras, implicavam consequências muito importantes relacionadas com os problemas mais desorientadores da criminalogia como da psico-patologia, aceitámos o que nos parecia uma empreza arriscada.

As inteligências-guias, desejosas de levar a termo os seus propósitos, produziram muitas manifestações, algumas delas de forma imprevista e certas mesmo se realizaram quando eu fazia os meus primeiros estudos médicos. Saí, um dia, de casa sem a menor intenção de fazer a minha primeira dissecação, de modo que a subconciência de minha esposa não poderia tomar parte no que ocorreu logo depois. Os alunos haviam pedido para dissecar a metade lateral de um corpo e êsse foi de um homem de cerca de 60 anos e, naquela tarde, eu comecei a dissecar um membro inferior. Regressei à minha casa lá pelas 5 horas e, mal entrára, quando minha senhora foi aparentemente tomado de um mal súbito e, queixando-se de estranha sensação, cambaleou como si fôsse cair. Coloquei a mão sôbre um dos seus ombros e ela, logo, se ergueu e caiu, imediatamente, em transe, tomado por um espírito estranho que disse, com gesto de ameaça:

— «Porque me está cortando?»

Eu respondi que não estava cortando ninguém, porém o espìrito respondeu furiosamente:

«Está sim. O senhor está cortando a minha perna!»

Realizando que o espírito possuidor do corpo que eu estivéra anatomizando me seguira até a minha casa, comecei a conversar com o mesmo depois de colocar minha esposa numa cadeira. A isto o espìrito se opôs vigorosamente, dizendo que eu não devia tocá-lo e à minha resposta de que eu tinha o direito de tocar o corpo de minha esposa, a entidade respondeu:

«Sua esposa? De quem está falando? Eu não sou mulher, sou um homem!»

Eu lhe expliquei que êle já havia abandonado o seu corpo físico e se estava utilizando do corpo de minha esposa, e mais que seu espírito é que estava alí ao passo que seu corpo jazia no necrotério. Quando, finalmente, pareceu ficar certo disto, eu disse:

— Suponha que eu esteja agora cortando o seu corpo lá no necrotério, que eu não o possa matar, desde que está aquí».

O espírito admitiu que isto era razoavel e disse:

— «Penso que eu sou o que chamam «morto», de modo que eu não preciso mais do meu velho corpo. Si o senhor póde aprender alguma coisa cortando o meu corpo, continue a cortá-lo».

E logo acrescentou de súbito: «Escuta, senhor, dá-me um pedaço de tabaco para mascar».

Eu lhe respondi que não o tinha em casa e êle, então, pediu um cachimbo, dizendo:

«Estou louco para fumar».

Êsse pedido foi também recusado. (O facto da Sra. Wickland sentir nojo de qualquer tabaco de mascar exclúe a possibilidade de sua mente subconsciente ter desempenhado qualquer papel nesse episódio). Depois de uma explicação mais detalhada de que êle era atualmente, um chamado «morto», o espírito, certo da sua situação espiritual, deixou o corpo da Sra. Wickland.

Subsequente exame dos dentes do cadaver indicou que o homem fôra um fumante inveterado, em vida.

Em outra ocasião, eu fui nomeado assistente professor de uma turma de estudantes de anatomia e o corpo de um homem de côr foi escolhido para o trabalho, porém o corpo ainda não fôra tocado quando, certa tarde, a Sra. Wickland caiu em transe e um espìrito desconhecido, falando por intermédio da mesma, exclamou:

— O' patrão, suponho que o senhor não vai cortar êste negro!»

Eu lhe disse que êle era um dêsses que o mundo chama de «morto», que êle não mais estava em seu velho corpo, porém no de uma mulher. Êle não queria acreditar nisto e, quando eu lhe mostrei as mãos de minha esposa dizendo-lhe que elas não eram pretas mas brancas, êle respondeu :

—«É que as tenho cheias de cál; sou caiador de profissão.»

Esse espìrito era muito teimoso e recorria a uma variedade de desculpas e explicações em vez de aceitar a verdade, porém, finalmente, se convenceu e partiu.

(Continua)

Uma Página de Mrs. E. D'Esperance

Publicamos neste número, um inédito de Cairbar Schutel, e referente à Mrs. D'Esperance, médium de múltiplas faculdades, dentre as quais a de materialização.

Êste artigo estava a aguardar uma oportunidade, pois o espaço de que podiamos dispôr, para receber longos artigos, era exíguo. Hoje satisfazemos o desejo do sr. Schutel, publicando o seu artigo e a página a que se refere. — *Nota da Redação.*

MRS. D'Esperance foi um dos famosos médiuns que muito concorreram para a formação do grande tesouro de factos que o Espiritismo se orgulha em proclamar, como base inamovível da sua consoladora filosofia.

A Revista Internacional já teve ocasião de publicar uma série de substanciosos escritos da inesquecível médium inglesa. Lembrando dia de hoje, os grandes contribuintes que não mediram sacrifício e não pouparam esforços para o erguimento da incomparável ciência da Imortalidade, prestamos a nossa homenagem também ao ilustre Espírito, cujo nome, conhecido no mundo inteiro, não pode deixar de honrar a nossa publicação.

Mrs. D'Esperance fechou a sua missão, nêste mundo, com chave de ouro. Já velha em 1914, ela prestou grandes serviços, como enfermeira, na grande guerra. Espírita convicta, soube orientar-se sob os ditâmes da Nova Revelação, concorrendo não só com sua mediunidade, como também com todas as suas luzes e até com seu dinheiro para o triunfo do Espiritismo.

Os srs. Paul Bodier e Henri Regnault, em sua obra —«*Gabriel Delanne — Sa Vie — Son Apostolat — Son Auvre* —» a propósito da fundação da *Revue Scientifique e Morale du Spiritisme*, «contam que no ano de 1883, Gabriel Delanne recebeu uma carta de uma senhora rogando-lhe ir à Versailles, onde se achava residindo, pois que, precisava falar-lhe à respeito do Espiritismo. A carta foi escrita em mau papel e em mau francês, cheia de êrros de ortografia. Delanne lendo a carta, disse: «ainda mais uma desgraça estará reservada ao Espiritismo, meu Deus!» Entretanto, resolveu ir ao encontro da senhora. Foi a Versailles, a casa indicada, que se achava num quarteirão distante de um bairro. Ao chegar deparou com uma casa velha, de má aparência; tocou a campainha primeira, segunda, terceira vez, então uma senhora veio atender: —«Que desejais?» —«E' aquí que mora Mme, E...? Recebi esta carta...». «Entrai», disse a sra. e tomando Gabriel Delanne pela mão, fê-lo entrar e sentar. Na sala havia uma mesa e duas velhas cadeiras, e num canto uma grande mala, na parede um dêsses relógios chamados «Olho de boi».

A mulher sentou-se em frente a êle e disse com acentuado sutaque inglês: «Eu desejava fundar um pequeno jornal para propaganda do Espiritismo».

—«Mas, sra. disse Delanne, é preciso dinheiro e tudo custa caro».

Então a sra. levantou-se abriu a mala, tirou um embrulho de papeis velhos e retirou daí cinco cambiais de mil francos cada uma e pôs diante de

Delanne. «Eis aquí para as primeiras despesas, depois eu fornecerei o que for necessário. Aceitais redigir o jornal»? Gabriel Delanne, admirado, não ousou responder. Ela disse então — «Vamos».

Gabriel Delanne agradeceu-lhe, então, o vivo interêsse que ela tomava pelo Espiritismo. E ela levantando-se bruscamente deu-lhe a entender que a entrevista estava terminada.

Foi assim que, graças à generosa inglesa, Madame E. D'Esperance, que a revista «Le Spiritisme» veio à luz.

Delanne gostava de contar aos seus íntimos êsse facto e tinha Mme. D'Esperance como um dos pioneiros do Espiritismo Kardecista.

Em homenagem à ilustre espírita passamos a transcrever um dos seus belos artigos cuja leitura muito nos encoraja e consola.

«DAS TREVAS Á LUZ

Muitos mêses depois das minhas experiências da Noruega, senti-me cheia de cuidados, reflectindo nos fenômenos espíritas, principalmente quando li algumas obras tratando da mesma questão. Passei em revista todas as circunstâncias inexplicadas, todos os argumentos apresentados em apôio dessas manifestações; ponderei-os e comparei tudo com as minhas próprias experiências.

Essas manifestações eram verdadeiras, sem duvida, mas donde provinham? Eis a questão. Essas formas materializadas, pelas quais me interessava tanto, seriam a minha *conciência sublimal,* agindo independente da minha vontade? ou podiam vir do diabo, êsse inimigo velho, tão temível da humanidade, tomando a aparência de amigos falecidos para iludir-me e mergulhar-me num abísmo de iniquidades e decepções? Teria eu estado ao seu serviço durante tantos anos, arrastando outros, comigo, para o mal? Não teria sido a minha vida mais que uma série de erros? Aqueles a quem eu tentára abrir os olhos sôbre factos palpáveis, poderiam acusar-me de havelos desviado do bom caminho?

Êsse pensamento terrível obsedava-me, mas ao mesmo tempo eu tinha mêdo de achar a verdade. Faltava-me a coragem para olhar de frente essas coisas terríveis, *a-pesar-de serem realidades.* Antes a incerteza do que a confirmação dêsse receio.

Lembrei-me da fé da minha infância e da minha crença na bondade e no amor de Deus, mas também recordei-me de haver inutilmente invocado êsse auxílio prometido aos crentes. Tinha colocado as minhas esperanças sôbre a areia, e faltava-me um terreno sólido para reconstruir o edifício desmoronado. Era preciso recomeçar a minha triste experiência, sem saber onde colocar o pé. A vida era para mim uma inimiga, e a morte o termo horrível de uma existência inútil, cheia de provas e sofrimentos.

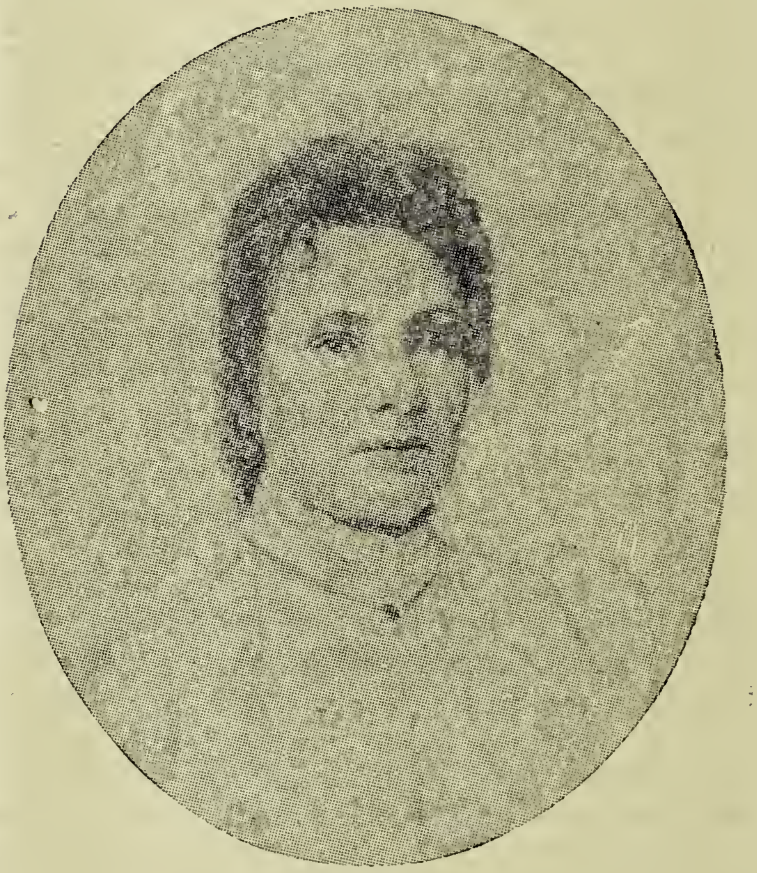

MRS. E. D'ESPERANCE

Pude então compreender como um médium conhecido confessou que as manifestações espíritas eram apenas embustes e ilusões. Se as minhas dúvidas e os meus receios fossem confirmados, essa seria a única norma de conduta que eu devia seguir, fazendo o mesmo que outros.

Mas tal coisa era pior que a morte; desejei certificar-me da veracidade das minhas dúvidas, antes de tomar qualquer resolução. Se realmente eu tivesse sido iludida e houvesse enganado os outros, não morreria sem haver tentado reparar o mal que estava feito, empregando todos os meios ao meu alcance.

Tomada essa resolução, ficou a minha vida com um alvo determinado, e comecei logo a forjar novos planos de experiências. Era preciso abstrair-me da certeza que eu tinha de possuir o dom da mediunidade; proceder como se a minha personalidade devesse ser suspeita e como se eu duvidasse de mim mesma. O intuito das experiências seria demonstrar o papel que eu desempenhava na produção dêsses fenômenos; eu não devia ter confiança nos meus pensamentos e sentimentos, nem nos meus próprios sentidos. Era preciso que eu conhecesse que parte me cabia na materialização dos Espíritos.

Não julgava que aí tivesse alguma parte, conciênte ou inconciêntemente, a-pesar-de emprestar-lhes a fôrça de que dispunha, pois notára que eu conservava intacta a minha conciência. Mas o diabo tem muitos recursos, e podia fazer-me *crer* que eu não tinha perdido a faculdade de raciocinar. Era assim que eu argumentava comigo mesma.

Decidida, portanto, a resolver o que me parecia uma questão de importância vital, senti-me encorajada e, depois de haver desejado o repouso, a paz eterna do túmulo, comecei a temer que a morte me surpreendesse antes do cumprimento da tarefa que eu estava impaciênte para pôr em prática.

Uma enfermidade, talvez oriunda das minhas angustias e de um resfriamento que sobreveio, obstou as experiências, e, quando o médico pareceu duvidar da minha cura definitiva, tive um sentimento de alívio pensando que pela morte eu escaparia a essa prova humilhante, e ao mesmo tempo uma espécie de triunfo, dizendo a mim mesma que eu, a meu pesar, era forçada a não cumprir a minha promessa. Felicitava-me pelo sacrifício que anteriormente resolvera fazer, mas íntimamente me regosijava com a idéia de que a morte ia, sem me consultar, revolver a questão. Era a liberdade.

Aí também iam findar as minhas dúvidas pessoais.

Eu ia saber o que havia de verdade nas comunicações e manifestações espíritas.

Se elas não eram reais, a morte poupava-me á humilhação de confessar os meus erros. Mas, se o fossem ? Que seria se, por qualquer motivo, eu não pudesse mais proclamar a sua veracidade ? Seja ! pelo menos eu não tinha de fazer confissão alguma ! De qualquer modo eu escapava à tarefa que pretendia empreender, e podia deixar os outros resolverem a questão por si mesmos.

Depois, porém, pensei que havia egoismo e fraqueza nesse modo de raciocinar. Se eu tinha prejudicado os outros, cumpria-me a todo transe buscar corrigir o mal. Se eu morresse, perderia a ocasião de fazê-lo ; e não era bom desejar a morte para evitar a prática de uma obra necessária. Teria eu o direito de legar a outros essa obra de reparação ? Não ! Eu mesma devia cumpri-la e demonstrar a verdade ou a falsidade dessa grande causa. Fosse real ou ilusoria, eu devia torná-la conhecida.

Comecei a restabelecer-me ; *era preciso* que me curasse. Enfêrma, eu nada podia fazer e estava perdendo um tempo precioso. Contava pois as horas e os dias que fugiam, esperando o momento de cumprir o meu dever habitual.

Certo domingo pela manhã, formoso dia de verão, recostei-me no sofá com um livro, mas o meu espírito estava agitado por mil projetos das experiências que eu queria fazer. Por isso, prestava pouca atenção às páginas do meu livro.

Tive uma profunda sensação de fraqueza e abatimento, e as páginas impressas que eu procurava lêr tornaram-se estranhamente indistintas. Iria eu perder os sentidos ? Tudo se tornou sombrio para mim, e acreditei que ia ter uma recaída. Quis chamar alguém em meu auxílio, mas lembrei-me de que ninguém havia nesse lado da casa.

O mal estar passou quasi imediatamente, e fiquei satisfeita por não haver incomodado alguém. Olhei para o livro; coisas estranha! pareceu-me vê-lo muito distante e escuro, e que eu havia abandonado o sofá, onde se achava outra pessoa segurando o livro. Que seria isso? Como eu me sentia admiravelmente leve e forte! O mal estar tinha sido substituido por uma maravilhosa sensação de força, de saúde e de poder, que anteriormente eu nunca havia conhecido.

A vida despertava em mim, agitando-se, fervendo nas minhas veias como se aí passassem correntes elétricas. Cada parte do meu corpo recebêra um novo vigor, e eu tinha um sentimento de liberdade absoluta. Pela primeira vez, soube o que era viver.

Que coisa extraordinária! A sala me parecia tão pequena, tão mesquinha, tão sombria! E aquela figura pálida sentada no sofá? Eu buscava reconhecer nela uma pessoa de quem tinha fraca lembrança; porém, precisava de dar expansão ao meu irresistível desejo de liberdade. Não podia conservar-me nesse lugar; para onde iria? Dirigi-me para a janela. As paredes pareciam aproximar-se de mim e depois desaparecerem; como? Não o sei dizer.

Êsse fenômeno não me causou grande surpresa, embora eu pouco o compreendesse, porque a uma pequena distância vi um amigo, que reconheci, não como se reconhce habitualmente os amigos, pelas feições e o formato do todo, (mesmo agora eu não poderia dizer, se descobri nêle algum traço familiar), mas o certo é que eu sabia que êle era meu amigo de longas idades, um amigo melhor, mais sábio e forte do que eu. Tive necessidade de um amigo, e êle apareceu. Êle falou-me, creio que sem se servir dos nossos meios de linguagem, mas compreendi-o melhor do que por meio de qualquer língua.

Podia eu vêr onde me achava? Sim, eu o via, posto que o sol se tivesse extinguido de um modo curioso. Estavamos sôbre um caminho estreito e pouco agradável e, olhando ao redor de mim, segurei meu amigo pela mão, afim de sentir-me em segurança. Era um lugar exquisito, porém que me parecia ser bastante familiar. Sombrios rochedos erguiam-se de cada lado do caminho, dificultando e bloqueando a passagem pelas suas arestas. O terreno era juncado de pedras grosseiras e coberto de sarças, apresentando aquí e alí profundas fendas, onde o viajante imprudente se arriscava a cair. Meus olhos examinavam-nas, enquanto eu avançava tacteando ao longo do caminho, polegada por polegada, assentando cautelosamente um pé depois do outro. Um obstáculo de aparencia invencível foi então transposto e, caminhando, eu tinha a conciência de experimentar um sentimento de exaltação alegre diante das dificuldades vencidas á medida que eu dava um passo para a frente.

Nesse ínterim, aparece um golfo no meu caminho e, consternada, eu não tinha a esperança de evitar aí uma queda dasastrosa. Entretanto, olhei audazmente para diante e, à medida que avancei, um caminho estreito tornou-se visível; se eu não tivesse vertigem e caminhasse com um passo firme e prudente, o golfo podia ser contornado sem haver nenhum perigo.

Era um caminho longo e fatigante.; se eu estava então com um amigo, sabia que isso era por pouco tempo, mas não me assustei, a-pesar-da obscuridade e tristeza do lugar, envolto em um nevoeiro frio que me gelava o sangue e me abatia a coragem. Em certos pontos, porém, brilhava uma luz fraca e béla, enchendo-me o coração de alegria e gratidão.

Lançando um golpe de vista sôbre o caminho já percorrido, experimentei um sentimento de triunfo. A luz, cujos raios se mostravam então, parecia esclarecer agora todo o caminho, e eu podia com a vista descobrir o sinal dos meus pés, desde o momento em que empreendera a viagem. Num ponto eu tentára evitar os obstáculos, em outro eu recuára para avançar de novo e transpô-los.

Eu via os lugares em que tinha caído, e dos quais saíra com dificuldade, e notava finalmente que poderia evitar êsses perigos, se o caminho estivesse iluminado como então.

Olhando de novo para a frente, vi a luz brilhar à distância diante de mim, enquanto a sombra se estendia debaixo dos meus pés. Senti um desejo ardente de apressar-me para ir ao ponto iluminado, e no mesmo instante um raio brilhante se fixou na minha frente, guiando-me os passos.

— Poderás agora caminhar só? perguntou o meu amigo. A tua coragem está na altura da tarefa que empreendes?

— Sim, se fôr necessário. Não è coisa tão difícil como me parecia; porém preciso de luz, desejo ter o sentimento de estar segura. Porque devo seguir êste caminho? Não haverá outros melhores?

— Olha mais ao longe!

Olhando, observei ao longe que a obscuridade ia aos poucos decrescendo, e que por fim, exatamente no termo do caminho, se mostrava um brilhante raio de luz, inundando-o de uma glória inconcebível. Eu não podia suportar-lhe o brilho. Tive vergonha e escondi o rosto, porque a luz me atravessava de um lado a outro e vi-me como eu era realmente, e não como a minha presunção me fazia supôr. Se os outros pudessem vêr-me como eu me estava vendo!

— Que significa isso?

— E' a verdade, a verdade, que intentaste procurar.

— E è por êste caminho que eu chegarei lá?

— Foi o caminho que traçaste, não tens outro a percorrer.

— Se eu o percorrer, chegarei à verdade? Sim; isso não póde deixar de dar-se; sinto que ei-de achá-la.

— Já a encontraste; cumpre que agora te aposses dela e que a abraces com amor.

— Ajudai-me, fazei que eu a compreenda melhor. Como alcançarei a verdade? como poderei abraçá-la?

— Já a encontraste; viste-a anteriormente, porém não a reconheceste. Ela esclareceu o teu caminho, mas receiaste confessar isso a ti mesma.

— Era tão fraca, tão obscura... eu ignorava que fosse ela, disse humildemente.

— Tu a sentiste mas puseste-a de lado e ergueste barreiras entre ti e ela, que a esconderam à tua vista.

— Eu não o sabia, não o sabia.

— Cerraste os olhos e caminhaste cegamente, caíndo nas armadilhas; tiveste mais confiança na tua sabedoria imaginária do que nessa luz, entraste em verêdas que te afastaram dela.

— Eu não o sabia.

— Tinhas a luz ao teu alcance. Tu a vias brilhar, porém ela te ofendia por vir esclarecer coisas que te eram desagradáveis. Preferias que essas coisas ficassem envoltas na obscuridade, esforçando-te por crer que elas não existiam. Repeliste a luz, e por isso caminhaste nas trévas e no desespero.

— Eu não o sabia.

— Tu dizias: Não preciso do auxílio de ninguém. Farei isto e aquilo, e por isso tropeçaste e caíste no golfo; quando, em cada volta do caminho, encontravas uma decepção, voltavas para trás, contrariada em teus planos, enganada pelo teu próprio desejo, e só então reclamaste a verdade.

— Eu não o sabia; ajudai-me a compreender a verdade, a não me afastar dela. Ajudai-me para que me aproxime dessa luz maravilhosa, ajudai-me a compreender a significação da vida. Não quero que me abandoneis. Oh! Ajudai-me, ajudai-me!

Segurei-me a êle. Desviámo-nos da contemplação da estrada; em seguida, veio uma sensação de movimento, de surprêsa, de luz crescente, radiante, e depois... Como descrever o indescritível? O tempo havia desaparecido; o espaço não existia. Acabrunhava-me a minha própria insignificância. Que fraco, que pequeno átomo eu era nessa imensidade, a-pesar-de ser *uma* com ela, de haver nela nascido e pertencer-lhe! Cheguei a essa conclusão, mesmo com a minha fraca inteligência, e sabia que, pobre e mediocre como era, eu fazia parte dêsse Tôdo indestrutível e eterno, e que sem mim êle ficaria incompleto.

A luz dessa grande vida me penetrava, e compreendi *que os pensamentos são as únicas substâncias realmente positivas*, e por que motivo a linguagem falada era desnecessária entre o meu amigo e eu. Os segredos da vida e da morte me eram desvendados e eu os penetrava; a razão do pecado e do sofrimento, os esforços eternos em busca da perfeição estavam explicados; cada átomo da vida tinha o seu lugar designado no ponto necessário, cada transformação, cada evolução aproximava-o do seu fim. Logo que um desejo nascia em mim, eu achava os meios de realiza-lo. Eu podia ter o conhecimento das coisas, bastava-me que o desejasse.

E eu tinha duvidado... duvidado do poder de Deus, da sua existência; duvidára da realidade da vida espiritual! Eu tinha cegamente dado para limites da *verdadeira vida* os sombrios confins da existência terrestre. Conservei-me perto do meu amigo, vencida por êsse novo sentimento da realidade das coisas, por essa maravilhosa verdade. Vi outros sêres, radiantes criaturas, e senti-me humilhada, envergonhada da minha própria inferioridade; entretanto, minha alma voava para elas, com amor e veneração. Desejava a sua amizade e o seu amor.

Que significava isso?... Minha aspiração era como um raio de luz argêntea... ia ter com êsses sêres; era uma corrente de comunicação nascida do meu desejo. Eu podia ir com eles, e eles podiam vir a mim; conheciam a minha aspiração, me sorriam e eu senti-me abençoada na minha solidão.

Outros haviam pelos quais eu sentia uma imensa compaixão, experimentando um irresistível desejo de atraí-los a mim. Eles podiam vir, aproximar-se de mim, se o desejassem, do mesmo modo que eu o havia feito em relação ás creaturas brilhantes de amor e de verdade. Porque, pois, não se dirigiam a mim? Senti que podia dissipar a sombra que os envolvia.

Tinham-me ajudado, haviamos trabalhado juntos. Ás vezes fôramos bem sucedidos, e em outras ocasiões não conseguiramos o nosso fim. Tinhamos sido vencidos pelas dificuldades, caído em ciladas, mas sempre reunidos, sempre juntos. Trabalharamos sem luz; cada um de nós teve a sua parte, haviamos sido igualmente cegos e culpados.

Que diferença, pois, havia entre nós? Porque motivo eu os lastimava? Porque desejava atraí-los a mim? Eu não era melhor nem mais elevada que eles. Não! Nada è melhor ou pior, mais alto ou mais baixo. Somos todos iguais, todos membros da mesma imensa família, todos átomos da Grande Alma creadora. Mas eu, átomo menos experiente e instruído que aqueles que eu lastimava, já havia encontrado a luz que eles ainda buscavam.

A luz havia penetrado em minha alma, e eu sentia-me repleta de uma alegria inexprimível. Essa nova chama nascente era minha, pertencia-me e nunca mais me escaparia. Estava igualmente ao alcance deles, porém eles não lhe ligavam importância. Ela os rodeava, estava *neles*, porém eles o ignoravam. Achavam-se na mesma posição que eu, quando seguia por igual caminho... Pois bem! Eu instruí-los-ia, ajudá-los-ia, mostrar-lhes-ia o que deviam fazer para chegarem à verdade. Eu os ajudaria na busca da luz, como o meu amigo havia feito em relação a mim. Eles compreenderiam, como se deu comigo, o que é essa grande luz do amor... Porque não me faziam um simples apêlo?

Estendi os braços e chamei-os. Senti o meu sêr inteiro vibrar numa dolorosa aspiração, no desejo de atraí-los a mim. Eles podiam tão facilmente vir ter comigo, afim de compartilharem dessa nova e gloriosa vida, se a quisessem!

Como poderia eu chamar a sua atenção? Como indicar-lhes o caminho? Oh! graças à irradiação dêsses sêres cujo sorriso me havia felicitado, graças a êsse pouco de luz e de influência que êles espargiram sôbre o meu caminho, graças ao seu auxílio, eu iria buscar êsses pobres amigos. Iria beber essa verdade gloriosa e viva; ela encheria todo o meu sêr, e assim eu poderia refletir sua glória e fazê-la ressaltar sôbre os sêres a quem amava e a quem tanto lastimava. E toda a minha conciência se concentrou nesta prece: «Ajudai-me, afim de que eu possa ajudar os outros».

Crônica Estrangeira

Goethe espírita

O célebre poeta e músico, autor do *Fausto* era espírita. Goethe, com efeito, acreditava nos espíritos e, por diversas vezes, observou a sua realidade.

Um dia, passeiando com várias pessoas na estrada de Weimar ao Belvedère, o poeta acreditou vêr um dos seus amigos surgir de repente diante dele, vestido com a sua *robe de chambre,* e, depois, desaparecer. Goethe contou imediatamente a sua vizão e acrescentou que a pessoa cujo fantasma acabava de vêr, tinha, com certeza, morrido nesse mesmo instante.

Qual não foi, porém, a sua estupefação quando, voltando à casa, aí encontrou aquele que acreditava morto, de perfeita saúde e justamente vestido como lhe aparecera ?!

Êsse amigo, surpreendido pela chuva, fora refugiar-se na casa do maestro. E, enquanto o esperava, vestira para aquecer-se, a *robe de chambre* do poeta. Depois, tendo adormecido numa poltrona, sonhara haver encontrado Goethe na estrada do Belvedère.

De outra vez, Goethe conversava em sua casa com vários amigos quando, sem causa alguma aparente, um ornamento esculpido da sua mesa de trabalho partiu-se e caíu à terra. Soube-se, depois, que, no mesmo momento, um começo de incendio se declarara na casa vizinha e que uma mesa, igual a de Goethe, feita da mesma madeira e pelo mesmo marcineiro, fora presa das chamas.

Goethe acreditava na reincarnação. Êle explicava o seu amôr da antiguidade dizendo que vivera, outrora, sob o reino de um grande imperador romano — Adriano.

Seu amigo Boisserée, grande conhecedor da arte rhenana, concordava com o poeta-músico, acrescentando que êste devia ter vivido, uma segunda vez, no XV seculo, às margens do Rheno.

E o grande homem que era Goethe não tinha vergonha de apregoar as suas crenças.

E' assim que, na sua obra poetica, falando do seu *Wilhelm Meister,* Goethe diz :

— Escrevi esta obra, bem como o *Fausto,* e outros livros, entre os quaes *Wie ein Schlafwander,* como um sonâmbulo, como num sonho, não sabendo bem ao certo o que fazia.

Goethe pretende que a sua inspiração provinha do espírito de um morto, dele desconhecido, espírito que, a cada vez que trabalhava, dirigia-lhe a mão.

O avô e a mãe do poeta tiveram, igualmente, manifestações espíritas e a presciência dos acontecimentos em vários sonhos proféticos.

* * *

«O Que Eu Creio»

«Light»

As cautelosas afirmações do Deão da Catedral de São Paulo.

O Deão de São Paulo, Dr. W. R. Matthews, disse na primeira série de artigos, em *News Cronicle,* sôbre «O Que Eu Creio» :

«Eu estou absolutamente certo de que os sêres humanos não são simples produtos dum processo mecânico de evolução».

Em seguida êle diz que acredita em Deus como u'a Mente Creadora e depois confessou «embora com menos segurança que essa Mente Creadora é Deus, que é Amor». Muitas vezes êle se sente perplexo ante o problema do Mal, mas «não sente atração pela proposição da Ciência Cristã que pretende não existir o Mal, ou ser êle uma ilusão da mente mortal».

O Dr. Matthews crê que Deus se revela na Natureza, por meio de «sêres humanos excepcionalmente privilegiados» como os profetas hebreus, Sócrates, Zoroastro e também Jesus Cristo, embora acrescente : «não posso pretender que eu tenha obtido uma resposta satisfatória à questão, *como poderia Deus tornar-se homem.* Eis um grande paradoxo, uma pedra de tropeço, como disse São Paulo...»

Quanto à Sobrevivência, escreveu o Dr. Matthews : «No credo que eu frequentemente repito na Igreja eu digo que *acredito na vida do mundo futuro,* e realmente assim acontece, mas não nas representações figuradas que edificaram ou terrificaram gente simples. As visões do Céu e do Inferno são símbolos, na melhor das hipóteses: «Olhos não viram, ouvidos não ouviram, nem tão pouco entrou no coração do homem...; porém, tenho fé que os que começaram a desenvolver a espiritualidade neste mundo, não serão prejudicados pela morte. Creio também que aqueles que poucas oportunidades de desenvolvimento tiveram neste mundo e os que pecaram, hão de encontrar outras oportunidades no além».

* * *

O maior Médium — O Homem que Flutuou no Ar!

«The Two Worlds»

D. D. Home, o maior dos médiuns físicos, faleceu ha 50 anos. Êle foi investigado por Sir William Crookes, pelo Duque de Crawford e uma duzia de cientistas e homens de letras, e nunca contra êle se levantou a menor sombra de suspeita.

Talvez seja a ocorrência de Ashley House (Londres) a mais notável de sua carreira. Presentes estavam: Lord Adair; Lord Lindsay e o Capitão das guardas, Wynne. Os acontecimentos foram descritos em relatórios independentes e ambos se corroboram admiravelmente. Lord Lindsay descreveu o modo por que D. D. Home foi levitado ao aposento contíguo. Todos ouviram levantar-se a janela (corrediça) e no mesmo instante viram Home a flutuar no ar, isto do lado de fóra da janela. Não havia luz na sala, mas a que entrava pela janela aberta era suficiente, permitindo verem-se distintamente os presentes, bem como visíveis a todos eram os móveis. Lord Lindsay afirma: «Minhas costas estavam voltadas para a janela e sôbre a parede fronteira, vi a sombra do parapeito da janela e os pés de Home a seis polegadas acima do mesmo. Nesta posição êle permaneceu durante alguns segundos e então levantou o caixilio e entrou no aposento, (os pés em primeiro lugar) e sentou-se». A seguir, Lord Adair entrou no aposento contíguo, com o fim de examinar a janela pela qual passara Home. O caixilio estava meio suspenso, e a abertura era de 45 cms. Lord Adair expressou sua admiração por haver Home levitado através de tão pequena abertura. Home (ainda em estado de transe) disse: «Vou repetir a experiência, e então, com as costas voltadas para a janela, o corpo rígido se inclinou para trás, sendo arremessado através da abertura, em primeiro lugar a cabeça e, então, voltou calmamente ao interior. A distância do sólo à janela era de 23 ms. O espaço entre as duas janelas media 2 m. e 45 cms. e sómente havia um ressalto de 30 cms. para cada janela, destinado a receber flores.

A essa ocorrência seguiu-se uma série de manifestações muito curiosas. Lindsay e Wynne viram línguas de fogo procedentes da cabeça de Home. Todos ouviram o esvoaçar de um pássaro dentro da sala, vôos acompanhados de assobíos e trinados, mas nada viram.

Em seguida ouviram o som de um vento impetuoso através da sala. «Todos nós ouvimos êsse som impetuoso, lamentoso, a coisa mais exquisita, como jámais ouvi em toda minha vida, igual».

Êste incidente na vida de D. D. Home nunca foi posto em dúvida, mas não é caso único. Lord Lindsay, fala de outra ocorrência: «Em plena luz vi Home em posição ereta, a 45 cms. acima do solo».

Sir William Crookes forneceu um testemunho semelhante: «Em três ocasiões separadas, vi Mr. Home completamente levantado acima do soalho da sala. «Certa vez, sentado numa cadeira; em outra ocasião, ajoelhado em sua cadeira e de outra feita, em pé. Todos os fenômenos foram escrupulosamente examinados por mim».

O Duque de Crawford relatou os factos perante a Sociedade Dialética de Londres e questionaram-no sôbre a possibilidade da intervenção de embustes. Porém, êle afirmou sua legitimidade nestes termos: «Quanto mais os estudo, mais me convenço da impossibilidade de serem os fenômenos o resultado de truques mecânicos. Inúmeras foram as oportunidades de estudá-los».

Os fenômenos de levitação, hoje, são raros, mas diversos casos se realizaram na Itália, ha poucos anos.

* * *

Os espíritos veem através dos corpos opacos...

«Estudos Psíquicos»

Como digo acima, minha prima Cármen Vendrell i Serra revelou-se médium de tiptologia. Animados pelos bons resultados que obtinhamos, realizávamos pontualmente duas sessões semanais, com a quasi inalterável assistência de minha tia, minha esposa, minha prima, seu filho José e o signatário destas linhas.

Entre várias entidades, comunicava-se com muita frequência um espírito que assinava Robert Roure. Perguntando-lhe se nos podia dar uma prova de leitura em livro fechado, recebemos logo a seguinte resposta, que traduzo, literalmente, do catalão, sendo vírgulas e pontuação de minha conta:

«Ao entrar, na estante da esquerda, segunda prateleira, livro «História dum Crime», página 180, quarta linha: «Soldados ? O exército francês é a guarda-avançada da humanidade».

Terminada a sessão e impacientes pela confirmação da mensagem de Roure, todos os assistentes abandonaram a residência de minha prima (Rua do Montepio Geral, 405, Lisboa), onde se realizara a sessão, e se dirigiram para minha casa, que era, então, na Estrada de Benfica, 405, Lisboa. Aberta a estante referida, encontrámos imediatamente o livro indicado pelo espírito, — «História dum Crime», de Vitor Hugo, editado pela livraria Guimarãis & C.ª, desta cidade, — onde pudemos ler, na página 180 e *na quinta linha e não na quarta,* o trecho duma proclamação ao exercito francês, sem troca de qualquer letra.

Na sessão seguinte, realizada três dias depois, pedimos nova prova á mesma entidade e a mesa soletrou a comunicação, que traduzo também do catalão, continuando a pontuação de minha conta:

«A entrada, à direita, no livro «América», página 53, linha 16: na a consecuencia de sus heridas. Dobes resultó también herido».

Depois da sessão, dirigimo-nos, igualmente, à minha residência. Pois, no mesmo sitio e ordem indicados pelo espírito, estava o quarto da obra «América, su Colonización e Independência», de José Coroleu, edição de Montaner y Simón, 1896, em cuja página 53, linha 16, se encontrava, exatamente, o trecho comunicado.

E' digno de notar que as letras *na,* com que principia o trecho, e que nenhum sentido parecem ter, são a silaba *na,* final da palavra *semana,* que vem da linha anterior.

Lisboa, 12 de Novembro de 1940.

João Vendrell i Mercadal

* * *

Almas do Outro Mundo...

«Estudos Psíquicos»

A filosofia que não receia comprometer-se no exame de toda a espécie de questões futeis, sente-se, em geral, muito embaraçada, quando encontra certos factos de que não poderia, impunemente, duvidar e nos quais não poderia crer, sem se tornar ridícula. E' o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a filosofia seja mais sensivel, do que a de credulidade e adesão às superstições vulgares. Os que se enfeitam, de barato, com o nome e relêvo de sábios, motejam de tudo o que é inexplicável. E' isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, e desmentidas, impiedosamente, em público. Podemos ter a certeza de que jámais uma academia de ciências escolherá semelhante matéria para concurso, não porque algum dos seus membros se persuada da futilidade e da mentira de todas essas narrativas, mas simplesmente porque as leis da prudência põem sábios limites a semelhantes questões. As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes secretos e serão sempre objeto, em público, de incredulidade de bom tom. Quanto a mim, a ignorância em que estão acêrca da forma pela qual o espírito entra neste mundo e dêle sai impede-me de negar a verdade das narrativas em curso. Por uma reserva que pode parecer singular, permite-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de os acreditar no seu conjunto.

Emmanuel Kant.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

Após diversas sessões preparatórias, acaba de ser fundada a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, entidade essa que tem por escopo principal dar um novo e vigoroso impulso à ciência, removendo-a do círculo materialista em que se acha circunscrita para o vasto campo do Espiritismo, onde ela poderá fazer novas e substanciais aquisições em seu próprio benefício e em benefício da humanidade.

Êsse auspicioso acontecimento marca o início da aliança da ciência com o Espiritismo, o que é uma previsão segura de incalculáveis benefìcios que advirão, com resultados positivos, para o bem comum, pois além de facilitar os diagnósticos de certas enfermidades que não podem ser curadas pelos métodos ordinários empregados pela ciência, senão pelos espirituais, vai, aos poucos, abatendo o preconceito da maioria dos médicos com relação ao Espiritismo.

Não podia ser mais útil e oportuna a idéia dos médicos espìritas e outras pessoas competentes e interessadas pelo triunfo da Verdade, fundando, sob os aplausos dos espíritas em geral, a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que certamente será guiada pelos Espíritos do Senhor, sob cujo influxo se movimentam os homens de boa vontade.

Aos fundadores da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, os nossos sinceros parabens, os nossos testemunhos de solidariedade.

—

Resumo do Estatuto aprovado em Assembléia, a 11-6-941; registrado na forma da lei (Cartorio Teffé — 1.º Ofício de Títulos e Documentos — «Livro A, n.º 3, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas» — Número de ordem do protocolo: 92.504 — Número de ordem do registro: 1.504); publicado no «Diário Oficial», em 20-6-41 (Seção I, página 12.624); em vigor a partir de 20 de Junho de 1941.

CAPÍTULO I

Art. 2 — São seus fins:

a) Investigar, com emprêgo de métodos científicos, os seguintes fenômenos:
1. espíritas;
2. anímicos;
3. espíritas e anímicos, em estudo comparado;

b) Investigar e estudar cientificamente:
1. o magnetismo animal;
2. o hipnotismo;
3. a mediunidade;
4. os fenômenos espíritas que se relacionem com a Medicina em geral e com a Psiquiatria em particular;

c) Estudar especializadamente:
1. a Metapsíquica;
2. a Biologia;

d) Pesquisar as leis que regem os fenômenos espíritas, bem como as que regulam os fenômenos anímicos;

e) Estudar o médium, sob o ponto de vista neuro-psiquiátrico;

f) Efetuar estudos comparados:
1. de moral;
2. de religiões;
3. de filosofias;

g) Promover intercâmbio científico, com institutos nacionais e estrangeiros;

h) Difundir a cultura médico-espírita;

i) Defender o Espiritismo, sempre no plano elevado do pensamento e de maneira impessoal, si atacado por cientista ou por instituto científico;

j) Realizar seu programa na medida das possibilidades, sem pressa, com segurança.

Art. 3 — Para satisfazer suas finalidades, deverá a Sociedade de acordo com as possibilidades financeiras:

a) Organizar:
1. Um laboratório de investigações psíquicas;
2. Uma bibliotéca — de ciências em geral; de Espiritismo e de Medicina em particular, especialmente psiquiatria, neurologia, fisiologia, histologia, citologia e anatomia; de psicologia e de psicanálise; de moral, de religião e de filosofia;
3. Um museu com moldes de gesso ou parafina, fotografias, mensagens autopsicográficas, desenhos e outros objétos, evidenciais da comunicação dos Espíritos, tudo devidamente autenticado e sujeito a prévios exame e parecer do Departamento de Investigações Experimentais;

4. Um arquivo;

b) Publicar uma revista científica, que será o órgão oficial da Sociedade;

c) Realizar congressos nacionais e internacionais, de Espiritismo científico.

Parágrafo único — Futuramente, havendo possibilidades financeiras, a Sociedade deverá organizar ainda:

1. Um hospital — como estabelecimento de caridade e de estúdo dos fenômenos espíritas que se relacionem com a Medicina em geral;

2. Um sanatório — como estabelecimento de caridade e de estudo dos fenômenos espíritas que se relacionem com a Psiquiatria em particular;

3. Uma estação radiodifusora;

4. Um observatório astronômico — não só para estudo e pesquisa, também para difusão prática e popular da Astronomia.

§ 1 — Os departamentos teem a seguinte organização:

I — Departamento de Investigações Experimentais:

1. Secção de Medicina e Psiquiatria;
2. Secção de Física e Eletrologia;
3. Secção de Química e Fotografia;
4. Laboratório de Investigações Psíquicas;

II — Departamento de Estudos Filosóficos:

1. Secção de Moral;
2. Secção de Religião;
3. Secção de Filosofia;

III — Departamento de Difusão Cultural:

1. Secção de Imprensa;
2. Secção de Rádio;
3. Secção de Cinematografia.

§ 3 — O cargo de diretor de Departamento de Investigações Experimentais só pode ser exercido por membro efetivo da Sociedade que seja médico.

Art. 5 — As secções compor-se-ão de membros efetivos, convidados pelo Presidente da Sociedade, em nùmero variavel, de acordo com as necessidades.

§ 1 — Para a Secção de Medicina e Psiquiatria, só pode ser convidado médico ou psiquiatra; para a Secção de Física e Eletrologia, médico, engenheiro, especialista de eletricidade, ou oficial das forças de terra, mar e ar; para a Secção de Química e Fotografia, médico, químico, farmacêutico, ou especialista de fotografia; para a Secção de Imprensa, jornalista ou escritor; para as demais secções, qualquer membro efetivo da Sociedade.

§ 2 — Cada secção do Departamento de Investigações Experimentais tem por função orientar a Sociedade sôbre o resultado da observação e da experimentação ou da verificação, científica, de todo fenômeno que tenha relação com o especificado no respectivo título e diga com o Espiritismo, ou com o Animismo, ou, a um tempo, com o Espiritismo e com o Animismo.

§ 3 — Cada secção terá um presidente, de livre convite do diretor do departamento a que pertença, mas obrigatoriamente médico, si a secção for do Departamento de Investigações Experimentais.

CAPÍTULO II

Do Corpo Social

Art. 7 — O Corpo Social compõe-se de membros efetivos e membros correspondentes, e de sócios contribuintes e sócios cooperadores — de ambos os sexos e de qualquer nacionalidade.

§ 1 — São membros efetivos da Sociedade todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica, ou intelectual, e, num ou noutro caso, também moral, filiadas ao Espiritismo, admitidas na conformidade do presente Estatuto e residentes na cidade do Rio de Janeiro, ou em localidades circunvizinhas.

§ 3 — São membros correspondentes da Sociedade todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica, ou intelectual, e, num ou noutro caso, também moral, filiadas ao Espiritismo, admitidas na conformidade do presente Estatuto, não contribuintes, sem direito a voto e residentes no estrangeiro, ou em qualquer ponto do território brasileiro, não mencionado no § 1 dêste artigo.

§ 5 — O candidato a membro efetivo, ou a membro correspondente, cujas credenciais, científicas ou intelectuais, não forem compravadas, por diplomas cintífico ou profissional, ou por trabalhos publicados, em livro, ou na imprensa, terá de apresentar uma tese sôbre Medicina e Espiritismo, ou sôbre Espiritismo, que receberá parecer duma Comissão especial, designada pelo Presidente da Sociedade, composta de três membros efetivos, antes de ser julgada, pelos membros da Diretoria e pelos presidentes da secção, funcionando conjuntamente.

§ 6—São sócios contribuintes todas as pessoas filiadas ao Espiritismo, que não possam ser adimitidas como membros efetivos ou membros correspondentes, mas queiram cooperar na missão da Sociedade, contribuindo com a mensalidade de 5$000, no mínimo.

§ 7—São sócios cooperadores todas as pessoas filiadas ao Espiritismo, que não possam ser admitidas como membros efetivos ou membros correspondentes, mas queiram cooperar na missão da Sociedade, fazendo donativo superior a 1:000$000, para o «Fundo de aparelhamento e manutenção do laboratório, da revista e dos demais serviços técnicos».

§ 8—Como sócio, é admissível tanto pessoa física como jurídica.

Da Admissão

Art. 8—A admissão de membro efetivo, ou de membro correspondente, far-se-à mediante proposta, assinada por dois membros efetivos, fiadores de que o candidato é adepto do Espiritismo, subscrita pelo interessado, sujeita a deliberação dos membros da Diretoria e dos presidentes de secção, funcionando conjuntamente, e observado o disposto no art. 7, § 5.

§ 1 — A admissão de sócio contribuinte, ou de sócio cooperador, far-se-à mediante proposta, assinada por um membro efetivo, ou correspondente, fiador de que o candidato é adepto do Espiritismo, subscrita pelo interessado e sujeita à deliberação da Diretoria.

§ 2—Para qualquer admissão, a decisão é tomada por maioria de votos, permanecendo secretos os motivos que determinaram a não aceitação do candidato.

Art. 11—Os sócios teem os seguintes direitos :

a) Frequentar a séde social, respeitados os ambientes que forem considerados privativos, por especiais motivos de seus trabalhos ;

b) Utilizar-se da biblioteca, não sendo permitida a retirada de livro para leitura em domicílio;

c) Assistir :

1. às conferências de ordem científica ou doutrinária, realizadas na séde social ou fora dela ;
2. aos trabalhos das diversas secções de qualquer departamento, em casos excepcionais e desde que previamente autorizadas pelo respectivo diretor;

d) Receber um exemplar da revista da Sociedade, como assinantes gratuitos.

Da Exclusão

Art. 12—Será excluído da Sociedade o membro ou sócio que incidir em qualquer das seguintes disposições:

a) Deixar de ser adepto do Espiritismo;

b) Atentar contra a reputação ou contra a existência da Sociedade, ou desobedecer qualquer disposição de seu Estatuto ;

Parágrafo único—Constitue infração da letra «b» dêste artigo :

1. Utilizar-se da mediunidade, própria ou alheia, para auferir lucros materiais;
2. Receber pagamento, por atos que devam ser de caridade e que, pela aparência, os leigos considerem Espiritismo.

CAPÍTULO IV

Da Filiação de Centros, ou Institutos, para fins Científicos

Art. 22 — Todo centro espírita, ou instituto psíquico, que realize sessões experimentais e queira cooperar na missão da Sociedade, com seus trabalhos e com seus médiuns, para os estudos do Departamento de Investigações Experimentais, ficará filiado à Sociedade, sómente para fins científicos, como sócio contribuinte, mediante petição, dirigida ao Presidente, sujeita a parecer duma Comissão especial e a deliberação da Diretoria, recebendo, si admitido, um diploma de filiação, e podendo inscrever em seus papeis de uso oficial a menção de «Filiado à Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, para fins científicos».

§ 1 — A Sociedade não fica obrigada à verificação dos fenômenos na séde do centro ou instituto filiado.

§ 2 — Uma vez cessada a cooperação do centro ou instituto, fica ao critério da Diretoria manter ou cassar o diploma de filiação.

CAPÍTULO VI

Das Disposições Gerais

Art. 27 :

§ 3 — O nome, as finalidades e o carater espírita da Sociedade não podem ser mudados, sob pretexto algum e sob pena de sua dissolução automática, para os efeitos do art. 26.

Art. 30 — Todas as pessoas não sócias que desejem cooperar na missão da Sociedade, fazendo donativos de quaisquer quantias, bens, ou valores, deverão dirigir-se ao Presidente da Sociedade, ou ao Tesoureiro.

Art. 32 — Só pode ser diretor, membro, ou sócio, bem como exercer qualquer função dentro da Sociedade, mesmo de carater administrativo, quem seja declaradamente espírita.

Art. 34 — Em hipótese alguma poderá a Sociedade exigir pagamento por seus trabalhos, ou pela atividade de seus departamentos, secções,membros, sócios, ou médiuns.

Art. 35 —Embora não tenha por finalidade o exercício da Medicina, mas afim de evitar equívocas interpretações, a Sociedade deixa expressamente ressalvados em seu Estatuto os seguintes princípios, que adota, quanto ao médico em face do doente :

1. Medicina é sacerdócio;

2. A arte de curar é uma profissão, que a caridade sublima, o mercantilismo degrada;

3. O médico tem o direito de prefixar seus honorários, mas deve considerar sempre, a situação econômica do doente;

4. Só o necessitado — permanente, ou temporário — merece tratamento gratuito, a título de caridade.

Conferência sôbre Cairbar Schutel

A «Liga Espírita do Brasil», com séde na Capital Federal, à Rua Uruguaiana n.º 141, sobr., é, incontestavelmente, uma das maiores entidades espíritas dignas do apôio e consideração dos espíritas em geral, pelo seu imenso trabalho nos campos da propaganda doutrinária e da Assistência Social.

Sem medir esforços, o pugílo de homens de boa vontade que dirige e auxilia essa entidade espírita, vem ampliando cada vez mais o seu já vasto programa com iniciativas que visam o engrandecimento do Espiritismo em todos os terrenos da atividade humana.

E' assim que, com o objetivo de ressaltar para as gerações presente e futura a obra dos inolvidáveis luminares do Espiritismo, a «Liga Espírita do Brasil» iniciou uma série de conferências sôbre «Vultos do Espiritismo do Brasil», conferências essas confiadas a espíritas de comprovada competência e assistidas por numerosa assistência.

Em continuação a essa série de conferências, temos a imensa satisfação de comunicar aos nossos prezados confrades, que o Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, talentoso escritor e autor da primeira tese do Congresso de Jornalistas Espíritas, a qual vai saír à publicidade brevemente, está incumbido de fazer, no dia 20 do corrente, ás 18 horas, na séde da «Liga Espírita do Brasil», uma conferência sôbre Cairbar Schutel.

Êsse gesto dos confrades da Capital Federal não pode deixar de nos sensibilizar, porque nêle aparece, em alto relevo, o seu testemunho de solidariedade e veneração pelo vasto trabalho de propaganda doutrinária realizado na terra de Piratininga por Cairbar Schutel, justamente numa época em que falar em Espiritismo era uma temeridade, razão por que êsse abnegado trabalhador da seára cristã teve que enfrentar grandes obstáculos com não pequenos sacrifícios, cuja recompensa, entretanto, vemo-la no prosseguimento ininterrupto de sua obra, que mercê de Deus nos foi confiada. Não será demasiado afirmar que Cairbar Schutel arou e fez a sementeira, cujos frutos sazonados estão sendo agora distribuidos pelos rincões da terra do Cruzeiro do Sul.

A' «Liga Espírita do Brasil» e ao distinto confrade, Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, a nossa sincera gratidão.

Abrigo Ismael, aos Desamparados

E' com grande satisfação que vimos registrando em nossas colunas o aumento sucessivo das iniciativas espíritas no terreno da assistência social, índice seguro do esforço e boa vontade de que estão dotados os espíritos no sentido de pôr em prática os ensinos evangélicos, esmiuçados á luz do Espiritismo. Além disso, taes iniciativas são o testemunho do valor inconfundivel da doutrina espírita, magistralmente codificada pelo grande Missionário Allan Kardec.

E' assim que acaba de ser fundado

em Goiania, capital de Goiás, o «Abrigo Ismael, aos Desamparados», que visa recolher, sustentar e manter os que, em condições de pobreza, necessitam do auxílio de seus irmãos. Referido asilo abrigará, de preferência, a velhice desamparada, mas abrigará, também, quaisquer indigentes, sem distinção de credo, raça ou nacionalidade.

Trata-se de uma obra altamente filantrópica que está sendo realizada pelos espíritas de Goiás, obra essa que merece o apôio moral e material dos espíritas em geral, aos quais está aféta a grandiosa tarefa de cooperar para a unificação da humanidade sobre as bases da fraternidade cristã.

Qualquer donativo para esta obra pode ser endereçado ao dr. Arthur Deodato Bandeira, Rua 20, Goiania, Capital do Estado de Goiás.

Abrigo Jesus

Graças à ação do Espiritismo e à boa vontade, espírito de sacrifício e denodo dos espíritas, as obras de assistência social estão tomando vulto promissor em todos os rincões da «Pátria do Evangelho».

Enquanto nas nações de além-mar a guerra se desenvolve num crescendo assustador, envolvendo povos contra povos numa luta fratricida sem paralelo na história da humanidade, no Brasil, notadamente da parte dos espíritas que, com muito acerto, estão classificados como os novos e verdadeiros cristãos, as obras de assistência social, aumentam dia a dia.

E' assim que, em Belo Horizonte, capital de Minas, está em construção o «Abrigo Jesus», que se destina a dar assistência à infância desvalida, isto é, internar e instruir crianças de ambos os sexos, sem distinção de raças, nem de crenças, ministrando-lhes também educação profissional.

Trata-se de uma obra gigantesca, bastando afirmar que está sendo construida num quarteirão, com 10.000 metros quadrados.

Esta, como todas as obras espíritas está sendo amparada pelo óbulo dos espíritas, motivo por que a sua digna Diretoria, por nosso intermédio, está lançando um apêlo a todos os corações generosos, no sentido de obter dos mesmos uma dádiva que, por muito pequena que seja, não deixará de cooperar para o erguimento dessa instituição essencialmente cristã.

Os óbulos podem ser enviados ao «Abrigo Jesus», Rua Curitiba, 626, Belo Horizonte, Minas.

Necrológio

OSCAR BREYER

Voltou à Pátria Espiritual, em Porto Alegre, dia 29 de Janeiro último, com a idade de 60 anos, o confrade Oscar Breyer, diretor da nossa prezada colega, «A Reincarnação», que se publica nessa Capital.

Constante, operoso, modesto, calmo e dotado de admirável bom humor, o desincarnado foi incansável no trabalho de difusão da doutrina, acolhendo e ajudando com satisfação cristã, as grandes obras de caridade e de espiritualização.

Em virtude de sua dedicação, era frequentemente escolhido para ocupár cargos de responsabilidades em entidades espíritas, deixando em todas elas largas folhas de serviços prestados.

Deixa a lamentar-lhe a ausência, a exma. viuva D. Maria Izabel Breyer, e um filho, capitão do Exercito, Clovis Breyer, também nosso confrade.

Antes de baixar o corpo à sepultura, fizeram uso da palavra, relembrando os bons serviços do desincarnado, a irmã Prof. D. Alcina Taborda Garcia e o confrade sr. Ernesto Paiva Teixeira, presidente da Federação Espírita Riograndense, por esta entidade e pela «A Reincarnação».

—Ao espírito recem-liberto dêste esforçado obreiro, felicidade, paz e progresso na Pátria Espiritual.

MEDIUM AQUINO	
A Barqueira do Júcar	7$000
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
MANOEL PIZARRO	
Contradição do Catolicismo e do Protestantismo sob o ponto de vista do Espiritismo	8.000
NORALDINO DE CASTRO (DR.)	
O Espiritismo é a Religião	5.000
NOGUEIRA DE FARIA	
A Renascença da Alma	5.000
NOEL VARÃO	
Oração de um Crente	4.000
OLIVER LODGE (SIR)	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
OSMANI EMBOABA (DR.)	
Fenomenologia Mediunica	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
O. BELEM	
Jerusa	6.000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	8 000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	25.000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
PAUL GIBIER (DR.)	
Analise das Cousas	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
Salvação pela fé ou pelas obras ?	6.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	6$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
SNRA. DE W.	
Aqueles que nos deixam	4.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
ZOEOLNER	
Física Transcendental	6.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
BIBLIAS	
Biblia pequena	10$000
Novo Testamento—capa dura	4$000
« « pequeno	3.000
« « Mignon	3.000
Novo Testamento em Esperanto	5$000

—

COLEÇÕES da «Revista Internacional do Espiritismo»

1.º	ano	100.000	2.º	ano	40.000
3.º	»	100.000	4.º	»	35.000
5.º	»	30.000	6.º	»	40.000
7.º	»	40.000	8.º	»	40.000
9.º	»	100.000	10.º	»	40.000
11.º	»	50.000	12.º	»	50.000
13.º	»	50.000			

Préces e Noções Espíritas

100 exempl.	50.000	50 exempl.	27.000
1 exempl.	$600	Encadernado	2.000

Espiritismo para as crianças

100 exempl.	50.000	50 exempl.	27.000
1 exemplar	$600		

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro

Todas estas obras estão à venda na

LIVRARIA D'«O CLARIM»

Av. 28 de Agosto, n. 301

Estado de São Paulo — Matão — E. F. A.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples		20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada		25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples		30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada		45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Pa[illegible]30 :-: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1771unse

NO XVII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1941— N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O XXXVI Aniversário de «O Clarim»
Os factos imortalistas e a ciência
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa
O escopo da manifestação espírita
Provas da Sobrevivência
Livre análise das cousas
Mundos de ilusão
Trinta anos entre os mortos
Sôbre a superstição
A Eutanásia é um Delito
Durante o Sono
O Espiritismo em face da Ciência
A Vóz de Maria Corelli
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Cairbar Schutel

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1941 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

O XXXVI Aniversário de "O Clarim"

Estreitamente ligados ao veterano orgão da imprensa espírita, «O Clarim», não podiamos deixar de abrir êste número antes de assinalar, numa homenagem justa e fraterna, o seu XXXVI aniversário, que transcorre hoje sob grande júbilo da família espírita brasileira.

Fazendo um ligeiro exame retrospectivo da vida e do trabalho dêste arauto da espiritualidade, salta-nos à mente o parecer de Gamaliel : «se êste conselho ou esta obra for de homens, se desfará ; mas se é de Deus, não podeis desfazê-la».

Efetivamente, da maneira por que surgiu o «O Clarim» na arena da imprensa e as grandes lutas que o seu fundador, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, teve que enfrentar, nos autorizam a admitir, sem o menor vislumbre de dúvida, que êsse porta-voz da Verdade, é obra de Deus, sob cujas ordens se movimentam pleiades de espíritos elevados, com o fim de orientar e espiritualizar número considerável de humanidades.

«O Clarim», como o Messias, nasceu também numa mangedoura, que constitue a alma humilde, perseverante, caritativa, sábia, cheia de fé e desprendimento de Cairbar Schutel.

Depois de ter dado de mão ás cousas velhas, que constituiam a sua antiga religião, revigorado pelo *novo vinho espiritual*, Cairbar Schutel sentiu-se impelido, por uma força estranha, a pôr mãos no arado. E o seu primeiro passo, que marcou o começo de grandes iniciativas de caráter exclusivamente espiritualista, foi dar publicidade a um jornal com o nome «O Clarim», que apareceu em 15 de Agosto de 1905.

Como, porém, não possuisse, no momento, vastos meios pecuniários para uma obra de vulto, Cairbar Schutel contentou-se em fazer circular êsse jornal de acôrdo com as suas possibilidades, isto é, em formato muito reduzido. Espalhando-se rapidamente por todos os rincões do Brasil, impondo-se à consideração dos espíritas em geral pela sua orientação sadia e desassombro com que defendia e prégava a doutrina espírita e os ensinos evangélicos, «O Clarim», em breve, aumentou o seu formato, o mesmo que vem sendo mantido até hoje.

Lutando com a falta de numerário para enfrentar as despesas, com a perseguição dos inimigos da Verdade, que se ocultavam em toda a parte, e com as dificuldades do próprio meio em que se achava, Cairbar Schutel não dava indícios de desfalecimentos, mantendo sempre aquela mesma têmpera caraterística dos primitivos Apóstolos do Cristianismo.

Houve uma ocasião, precisamente em 1910, em que Cairbar Schutel se encontrou à míngua de recursos para levar avante a sua grandiosa obra. Mas, como o Alto não desampara aqueles que se esforçam por cumprir as suas tarefas, recebeu êle, de pessoa, então desconhecida, apreciável recurso pecuniário com que poude enfrentar as despesas oriundas da publicação de «O Clarim».

Em 1925, uma alma nobre e identificada com o trabalho de Cairbar, pôs à sua disposição as suas largas posses. Essa alma cristã foi Luiz Carlos de Oliveira Borges. Daí o aparecimento desta Revista e consequentemente a impressão, em larga escala, de apreciável número de obras da lavra de Cairbar.

Desincarnado Luiz Carlos de Oliveira Borges, em 25 de Junho de 1925, sucedeu-lhe na tarefa, sua companheira de vida terrena, D. Maria Eliza de Oliveira Borges, de cujos donativos resultaram a compra de uma máquina «Marinoni» para «O Clarim» e o aumento de suas oficinas.

A obra de Cairbar, que punha os interêsses da doutrina acima dos mesquinhos interêsses pessoais e terrenos, exemplo vivo de humildade e de renúncia, segue o seu curso, alheia às questiúnculas que tanto entravam o progresso espiritual e fomentam a discórdia mesmo entre aqueles que se afirmam seguidores de Jesus. Cairbar não disputava lugar em evidência e tão humilde era êle que raros eram os seus escritos que traziam a sua assinatura. Sacrificava-se pelo bem do seu próximo, certo de colher farta mésse de frutos sazonados no mundo vindouro.

Que a sua vida e os seus exemplos cristãos possam servir-nos sempre de norma de conduta em todos os momentos de nossa existência.

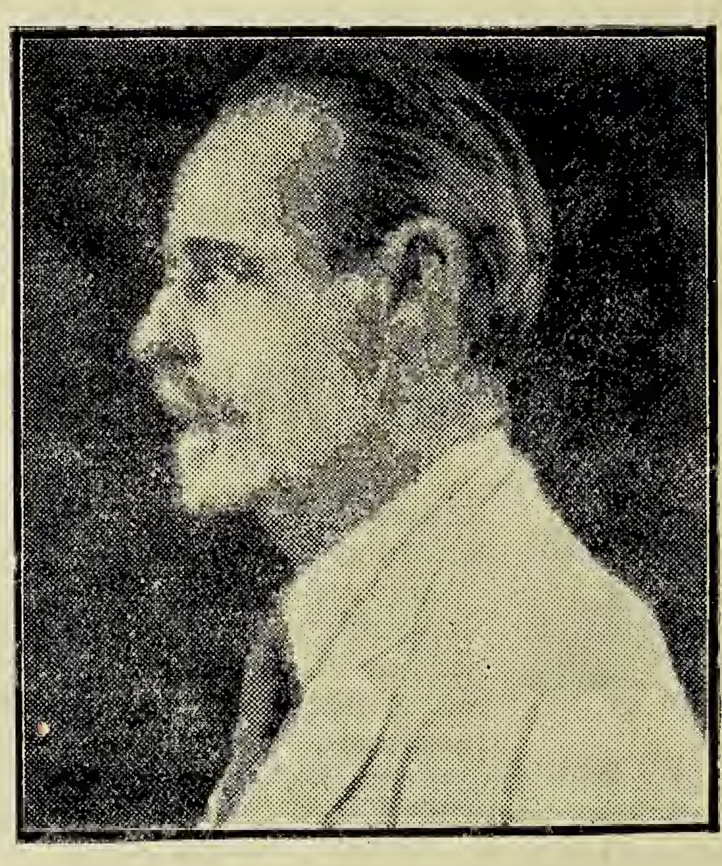

CAIRBAR SCHUTEL

E ao terminar êste escrito, deixamos expresso aquí os nossos sentimentos de fraternidade ao nosso companheiro e colega «O Clarim», com votos de longa existência e progresso espiritual.

Os Factos Imortalistas e a Ciência

Erguida sôbre a rocha de factos imortalistas, que comprovam a sobrevivência do homem após o transe denominado morte, a doutrina espírita veiu resolver todos os problemas que tanto preocupam os mentores dos povos. A ciência, sem a menor dúvida, orientada pelo cunho transcendental dos factos imortalistas, tem o caminho desatravancado para novas e vitoriosas conquistas, que muito felicitarão os homens. Dessa forma a doutrina espírita, até ha pouco tempo tida como simples prática religiosa, está prestes a conquistar lugar de proeminência em todas as cátedras do saber humano.

LUCIPAZ.

Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa

«La Revue Spirite» — Prof. E. Bozzano

(Continuação)

No dia seguinte o coronel Johnson chegou a casa de Crespigny. Êle lhe disse que no dia anterior, havia assistido, a uma sessão de Mrs. Wriedt, no decorrer da qual se manifestou uma voz que, muito exitada, dera o nome e sobrenome do falecido marido de Mme. de Crespigny e acrescentara que sua mulher não estava convencida de haver falado com êle; o morto pedira que o coronel fosse a casa dela para persuadí-la de que se enganara. O espírito disse com voz angustiada:

> Dizei que ela me compreendeu mal; ela pensa que eu afirmei ter ela depositado flores sôbre meu túmulo; ora, eu absolutamente não disse isto. Meu corpo foi incinerado; meu túmulo absolutamente não existe... Perguntai se ela se recorda de *Galaton*, na estação naval da Australia. Ela compreendera a que eu faço alusão, e desssa vez ela se convencerá.
>
> Mme. de Crespigny continua dizendo: ser-me-ia impossìvel exprimir por meio de palavras a imensa onda de convicção que essa mensagem derramou em minha alma! Era esta a prova das provas que até então eu invocara anciosamente. Eu havia batido a todas as portas para obtê-la e finalmente, se abrira uma porta do grande mistério. *Ninguem, a não ser meu marido, poderia enviar-me esta mensagem.*
>
> Os leitores que percorreram os primeiros capítulos dêste volume, compreenderão toda a fôrça da prova que me fôra dada. O nome do navio de guerra era *Galatée* e não *Galaton*, mas êste erro constitue uma prova suplementar em favor da origem espírita da mensagem, visto que, se o coronel Johnson compreendeu mal o nome do navio, era porque êle ignorava o nosso passado.

Tal é, em resumo, o relatório da primeira sessão que impeliu Mme. de Crespigny a começar suas investigações psíquicas. No decorrer de uma longa série de sessões com a mesma médium dotada de tão grande poder, multiplicaram-se as provas de identificação pessoal do marido, do pai e de muitas outras entidades que se comunicavam, de modo a conferir, à dama que as obteve, a certeza científica da presença dêsses espíritos, no local. É preciso notar que o marido e o pai frequentemente recorriam ao método de se manifestar enquanto Mme. de Crespigny não estava presente; eles então pediam a qualquer outro experimentador transmitir suas mensagens à mulher e á filha, respectivamente — método excelente êste, visto eliminar toda possibilidade de leitura no subconciente dessa dama. O incidente referente ao coronel Johnson, que mais acima citei, é exatamente desta espécie; a êsse seguiu-se, poucos dias depois, outro incidente análogo.

Mme. de Crespigny recebeu uma carta do almirante Usborne Moore, que então lhe era desconhecido, na qual êle a informava ter assistido a uma sessão de Mrs. Wriedt, em que se manifestou uma voz que declarou ser Philippe de Crespigny. O almirante disse ao espírito:

> Mas, eu não vos conheço e jamais conheci pessoa alguma com êste nome. Lembro-me tão sómente que na marinha de guerra havia um oficial de nome Crespigny, e que desposara a filha do almirante Sir Cooper Key.
>
> — Muito bem, respondeu o espírito: é minha mulher; eu sou Philippe de Crespigny, oficial na marinha de guerra. Tenho dois irmãos, ainda vivos (e êle forneceu exatamente os nomes).
>
> — Mas porque vos manifestastes a mim, pois que nunca vos conheci?
>
> — Porque vós sois um amigo do pai de minha mulher, o almirante Sir Cooper Key, que está presente aquí.

> — Quando ocorreu o vosso falecimento ?
>
> — Cerca de ano e meio atrás.

O almirante Moore acreditava lembrar-se que a morte de Crespigny ocorrera havia mais de cinco anos. Êle escreveu a amigos pedindo informação a respeito e êstes confirmaram a assertiva do espírito — a morte se verificara sómente ano e meio atrás.

Foi sob esta forma indireta que o pai de Mme. de Crespigny a ela se manifestou por sua vez, com o marido, eliminando, assim, a hipótese de ter a médium captado seu nome e prenome, bem como as informações dadas pelo marido, no subconciente da dama presente.

Em outras circunstâncias, o pai e o marido recorriam ao expediente de conduzir pessoas (espíritos) às sessões, que superficialmente haviam conhecido Mme. de Crespigny em uma época distante. Os espíritos a custo conseguiam refrescar a memória de Mme. de Crespigny mencionando pequenos acontecimentos que se haviam produzido outrora. Eis um exemplo :

> Na sessão em que meu pai me falou, pela vez primeira, seguiu-se-lhe uma «voz» que deu o nome — «Sofia».
>
> — Sinto muito — disse eu, mas nunca conheci pessoa com êste nome.
>
> —E, contudo, vós me conhecestes.
>
> —Qual é então o vosso nome de família ?
>
> — Morant.
>
> Então me lembrei e pude situar, no tempo, a mulher que se comunicava.
>
> Ela acrescentou :
>
> — Foi vosso pai que me trouxe aquí pedindo-me que me manifestasse a vós.
>
> Agora vós vos recordais de mim ?
>
> —Sim, lembro-me. A minha primeira caixa de tintas me foi dada por vós, quando nos encontravamos em Malta, sendo eu ainda menina. Mas eu ignorava que o vosso nome era Sofia.
>
> —Provavelmente nunca o soubestes...
>
> Desde quando vos encontrais no mundo espiritual ? Ha dois anos, mais ou menos. Meu marido ainda está vivo.
>
> Após a sessão, tratei de informar-me e consegui saber que seu nome era realmente Sofia, que ela falecera dois anos atrás e que o marido ainda estava vivo... Nunca mais a vira e jamais ouvira falar dela, depois da época longínqua da minha infância...

Encontram-se, no caso que acabo de relatar, dois incidentes verídicos absolutamente ignorados pela experimentadora. A princípio a entidade que se comunicara, afirmou que morrera cerca de dois anos antes. Por consequente, nenhuma possibilidade de leitura na subconciência dos assistentes, e, menos ainda, leitura à distância na subconciência do marido (telemnesia), visto a médium ignorar a existência dêste último. Nestas condições, como poderia estabelecer-se a «relação psíquica» (rapport psychique) entre duas subconciências que se ignoravam; «relação psíquica» que corresponde exatamente á «sintonização» das ondas elétricas na «telegrafia sem fio» ? Neste caso, sómente por meio da «psicometria» é que seria teoricamente possível entrar em relação com um desconhecido; isto é, se alguém houvesse apresentado (à médium) um objeto que houvesse estado em longo contacto com a pessoa do desconhecido muito procurado; mas, na ausência absoluta de semelhante objeto, a interpretação espírita do episódio se impõe irrefutavelmente.

(A seguir).

O escopo da manifestação espírita

A manifestação dos indevidamente chamados mortos tem por escopo chamar a atenção dos homens para o plano espiritual, afim de obterem conhecimentos com os quais possam se libertar do mundo terreno e ascender às supremas alturas da felicidade. O Espiritismo esclarece cientificamente a manifestação espírita, que deixou de ser um caso de "assombração do outro mundo" para se tornar uma bússola a orientar os homens na senda da vida. — CAMARGO.

Provas da Sobrevivência

J. B. Chagas

— II —

Dentre os grandes vultos de projeção mundial que patenteiaram o fenômeno espírita, conta-se o juiz norte-americano *I. W. Edmonds*, de considerável fama nos Estados Unidos, em razão das funções de que estava investido como presidente do Senado Americano.

A sua atenção para o Espiritismo, êle que o despresára, a princípio, com o cepticismo do magistrado habituado a incerteza dos testemunhos humanos, fôra despertada pelos fenômenos que observou na sua própria filha Laura e, posteriomente, na esposa.

Sua filha Laura tinha recebido educação católica. Sem nenhum motivo explicável, ao menos pelos membros da família, a casa que habitava tornou-se uma espécie de casa assombrada. A moça ouvia constantemente sons estranhos e via fenômenos não menos exquisitos, operando-se sem intervenção humana aparente, mas que pareciam orientados por uma inteligência. Com surpresa geral de todos, passou a falar diferentes línguas, muito embora só conhecesse a sua língua materna e o francês aprendido no colégio. Falava nove a dez línguas com uma facilidade e um desembaraço perfeitos.

Após ter estudado concienciosamente os fenômenos, o juiz *Edmonds*, não só reconheceu a existência dos factos como também a sua interpretação pela hipótese espírita.

Na sua instrutiva obra «*The American Spiritualisme*», que tanta sensação causou, no momento, na América, êle assim se expressou quanto a veracidade dos fenômenos que observou, confessando lealmente a sua opinião: — «Eu acreditava chegar a uma completa decepção; mas minhas investigações me levaram a um resultado diferente».

Essa atitude desassombrada do ilustre juiz, causou grande estupefação e indignação á alta sociedade americana, a tal ponto, que o levou, para ser coerente com ela e com a própria Verdade, a demitir-se das funções de magistrado!

Homem altivo e de caráter impoluto, não hesitou em sacrificar seu interêsse pessoal ao que êle considerava como sendo a Verdade.

E é o próprio pai da moça, o juiz *Edmonds*, quem nos relata êstes factos, pela forma abaixo, cujos detalhes se encontram no 3.º volume da obra de Camilo Flamarion — «A Morte e Seu Mistério», página 368 (edição Briguiet).

Vejamos:

— «Estrangeiros puderam conversar por seu intermédio com seus amigos defuntos, em sua língua. Dentre muitos deu-se o facto seguinte: Uma noite recebi a visita de um estrangeiro de nacionalidade grêga chamado Evangelides, que não demorou a conversar com Laura nessa língua. No correr da conversa mostrou-se muito comovido derramando até lágrimas. Seis ou sete pessoas estavam presentes e uma delas perguntou-lhe qual a causa da sua emoção. O interpelado furtou-se a uma resposta direta dizendo que eram cousas de família.

No dia seguinte renovou a conversa com Laura e como em minha casa não houvesse naquela ocasião nenhuma pessoa estranha, deu-nos a explicação desejada: a personalidade invisível com quem conversava por intermédio de Laura dizia ser um seu amigo íntimo, morto na Grécia, o irmão do patriota grêgo Marcos Bozarris. Êsse amigo o informava da morte de um dos seus filhos, dêle, Evangelides, o qual ficára na Grécia e deixára em perfeita saúde quando partíra para a América.

Dez dias depois da sua primeira visita, o estrangeiro nos avisou que acabava de receber uma carta participando-lhe a morte de seu filho; essa carta devia estar em trânsito por ocasião da sua primeira conversa com Laura.

Desejaria que me dissessem como devo encarar êsse facto. Negá-lo é impossivel, pois é demasiado flagrante. Nesse caso também poderia negar o sol que nos alumia.

Considerá-lo uma ilusão, não o poderia tão pouco, pois não se diferencía em nada de qualquer outra realidade comprovada em qualquer época da nossa existência.

Isto passou-se perante oito ou dez pessoas, instruidas todas, inteligentes, ponderadas e tão capazes de diferençar uma ilusão de um facto real como qualquer outra. Seria ocioso pretender que fosse o reflexo dos nossos próprios pensamentos; nunca tinhamos visto êsse homem, sendo-nos apresentado por um amigo naquela mesma noite. Aliás supondo mesmo que os nossos pensamentos tivessem podido lhe comunicar a idéia da morte do filho do senhor Evangelides, como teriam podido conseguir que Laura compreendesse o grêgo que nunca ouvira?»

* * *

Outro facto de observação direta do juiz *Edmonds*, também por êle próprio relatado no seu livro «*Lettres sur le Spiritualisme*» (páginas 118 a 120), publicado em *Nova York*, em 1860, e anotado pelo grande pesquisador *Alexandre Aksakof*, na obra «*Animisme et Spiritisme*», página 419, é o seguinte:

— «Um dia uma individualidade desconhecida fez com que minha mulher falasse o mais puro dialeto escocês. Tinha tomado o nome de uma senhora de *Paisley* (Escócia); essa pessoa nos anunciava sua morte que se déra, dizia ela, naquela cidade alguns dias antes. Soubemos que era a avó de um dos membros do nosso grêmio, a qual viéra à América havia cêrca de um ano. Três ou quatro dias depois, a mesma individualidade se manifesta por intermédio de uma moça, Senhorita *Scongall*, de *Rockfort (Illinois)* a qual não sabe nada de escocês; anunciava igualmente sua morte empregando o mesmo dialeto que lhe era familiar e comunicava diferentes pormenores a respeito da casa em que habitava, do jardim, das árvores, etc. A Srta. *Scongall* não estivéra presente a primeira manifestação dessa senhora e nem sabia a mínima cousa do facto. Um moço diretamente interessado nessa comunicação fez diversas perguntas com o fito de verificar a identidade da individualidade que se manifestava; informou-se das pessoas que conhecera na Escócia e recebeu respostas satisfatórias a todas as perguntas que fez. O mesmo espírito se manifestou em várias sessões consecutivas e deu provas inegáveis da sua identidade. A convicção do interlocutor de que falei foi tal que escreveu imediatamente aos amigos da Escócia para participar-lhes a morte da avó tendo o cuidado de indicar qual a fonte da informação. As cartas que recebeu confirmaram completamente a notícia».

Voltaremos ao assunto.

Livre Análise das Cousas

Campos Vergal

— Como surgiu a idéia dos castigos divinos?

— Remontemos aos tempos em que a espécie humana, nas mais diversas regiões e épocas, começou a libertar-se do animalismo. Subjugada pelo terror que inspiravam as potências naturais, concebeu e viu no raio, no furacão, no terremoto, nas epidemias, nos trovões, as manifestações diretas de divindades irascíveis, crueis, que se compraziam em torturar os homens. Daí o prestígio e o pavor de milhares de deuses, de tupãs, de jupiters, de cíbeles, de junos, de saturnos, de marduques, de istars, de baal-molóques, de chivas, de jeovás, de tanís, de alás, de parabramas, de zeus, de osíris, de vótans, cada qual com sua imensa côrte, desde as musas e as graças dos gregos até as ondinas e as valquirias dos germanos.

* * *

— Como devemos agir: amedrontando as criaturas com castigos e ameaças ou procurando incutir-lhes conhecimentos?

—E' funesto e retardatário o processo de ameaças de castigos post-mortem. O terror da morte preconizada e ministrada pelas religiões antigas obumbra, escurece completamente a beleza, os encantos da vida. E' tempo de se ir substituindo o cárcere físico ou mental das ameaças e das imposições jupiterianas pelas escolas da liberdade de conciência, de pensamento, de livre análise, iluminadas pela sabedoria véramente espiritual.

* * *

— Por que comete o homem tantos erros?

— Porque sua razão ainda não desabrochou integralmente; ainda não lhe brotou no íntimo a verdadeira conciência da imortalidade evolutiva do espírito, êste peregrino do infínito; deixai-o, porém, em sua grande e inexorável luta, e êle irá adquirindo experiências necessárias e cultura espiritual, que ilustra e abranda; então sua razão poderosa arrancará à natureza seus íntimos arcanos e conhecerá a existência de outros milhões de planetas esparsos pelos infinitos, onde habitam humanidades suas irmãs regidas pelas leis supremas de sabedoria mental e mecânica celeste. E para se chegar a isso é que ha inscrito, no frontespício dos astros e na vibração das moléculas, na suavidade do pássaro que canta ou no sentimento da mulher que chóra, esta legenda sublime: sempre para a frente e para o alto!

* * *

— Chóca-se o Espiritismo com os princípios de evolução dos sábios materialistas?

— E' mistér que se diga inicialmente que os maiores sábios do «evolucionismo das formas» são: Buchner, Haeckel, Darwin, Fritz Muller, Spencer e outros. Suas teorías relativas à evolução, destendendo-se do protoplasma ás formas animais, ou da monera ao homem, são profundas e grandiosas; embora materialistas disseram mais verdades do que muitos «espiritualistas» dogmáticos, cristalizados, que não as puderam ou não as quiseram compreender.

* * *

— Qual a diferença fundamental entre essas duas correntes evolucionistas: a espírita e a materialista?

— A diferença essencial está em que os filósofos materialistas estudaram e esposaram o problema da evolução, apenas unilateralmente, apreciando só o drama evolucionário das formas; ao passo que os evolucionistas espíritas (bem como os teosofistas, os rosacruzes e os esoteristas) aceitam e ensinam essa evolução, e sabem e afirmam que através dessa longa cadeia evolucionária, o elemento essencial é o espírito (somos nós e não o nosso corpo) que vem operando, dentro da lei da multiplicidade das existências, a sua marcha progressiva, ascendente. Cooperam brilhantemente no esclarecimento dêste magno problema os grandes escritores espíritas: Kardec, Flammarion, Delane, Léon Denis, Oliver Lodge, G. Trespioli, Blavatski, Anie Besant, Emanuel (êste com suas últimas e brilhantes mensagens vindas por meio da extraordinária mediunidade psicográfica do nosso sempre caro Francisco Candido Xavier).

Sejamos justos: não nos esqueçamos, todavia, que a civilização muito deve aos sábios materialistas do transformismo e do evolucionismo, pois, foram êles que, aquí no ocidente, prepararam campo afim de que, um pouco mais tarde, jorrassem as luzes do Espiritismo, no vasto cenário das atividades humanas.

Ou exemplificas, ou te igualarás áqueles dos quais te queres fazer censor — primordialmente na moral — êsse par de azas que o Evangelho te oferta para a ascensão.

ALB.

Mundos de Ilusão

Lição de Zodíaco em Inglaterra no dia 2 de Fevereiro de 1941, por intermédio da Srta. Winifred Moyes, em transe. Traduzido do jornal «The Greater Word».

IRMÃOS e irmãs, venho perante vós como missionário enviado por Cristo, o Mestre, sabendo que poderei esperar de muitos um bom acolhimento e que nos encontramos como camaradas na grande luta que nos foi confiada. A' medida que os dias irão correndo, mais lutadores virão, os quais, possuindo o espírito de sacrifício, se honrarão por se confessarem cristãos e, mais do que isso, por levantarem a sua cruz e seguirem a Cristo em espírito e verdade.

Fui pois mandado hoje à vossa presença afim de vos falar sôbre um assunto que ficará gravado nas mentes de muitos: Intitula-se, *Mundos de Ilusão!*

Peço-vos, meus irmãos, que sejais justos, sôbre tudo na vossa maneira de pensar, que tenhais a coragem de vos desembaraçardes das falsas opiniões, das idéias do mundo e das atitudes mundanas, fazendo a diligência de vos identificardes com a Realidade, não sómente para poderdes adquirir a liberdade agora, mas porque no estágio vindouro sereis obrigados a encarar essa Realidade! Deveis, de facto, possuir um espírito intrépido que vos permita transportar-vos ao futuro sem que o vosso caráter o impeça, aliás as ilusões vos envolverão como cadeias. E existem muitas armadilhas em que os incautos poderão cair.

A parcela da Verdade que, no ambiente físico é dado alcançar

O que é a ilusão e o que é a verdade? Tendes aquì um plano material, e nêle existem coisas que são tangíveis, que, para alguns, representam tudo quanto a vida pode mostrar. Muito se tem, de facto, acumulado durante gerações, e muitos homens e mulheres se curvam perante a mentalidade de outros, mas esquecem que os dons da mente provieram do Mestre de toda a Sabedoria e que, em vista das limitações do que é material, restritas teem de ser suas aptidões!

Seguindo por uma viela campestre, vos sentis em presença da beleza, da força e da vida. Quantos não se deteem a meditar nos fragmentos de vida, de beleza e de vigor que se podem manifestar nêste plano da matéria! Procederão ajuizadamente se louvarem a Deus por tudo quanto lhes tem sido concedido. E' por culpa do homem que existe a limitação e que apenas um reflexo da beleza pode atravessar a mente corporal e ficar ao alcance dos olhos cegos do corpo físico!

Vós viveis em um mundo de ilusão, mas a ilusão pode desempenhar o seu papel. O perigo, meus irmãos, está em o homem tomar a Ilusão pela Realidade. Quando êle julga que sua mente está apta a lidar com a Verdade e a assimilar a verdadeira sabedoria, sucede que uma sebe se levanta em tôrno de sua alma cativa e, visto que essa cêrca ali se encontra pelo livre-arbítrio, êle vai vivendo em um mundo de ilusão, não sómente nêste plano como, por ventura, em muitos outros.

Na vida em que entra, outros existem com sensatez semelhante á sua e também cheios de orgulho mental. Julgam-se mestres da sabedoria, não obstante terem apenas entrado na escola. Mas, desde que os escutem, os instrutores vão falando, embora os ouvidos daqueles sejam por demais refractários ás vibrações do espírito. A mente humana pode, durante o estágio físico vir a ser um instrumento muito útil e sensato, porém dentro dos limites da influência que exercer sôbre ela a mente do seu espírito.

O restôlho da decepção própria

O que é que provoca a guerra? A mistificação, meus amados, é certamente a sua causa! E não esqueçais de que os que não se esforçarem por se livrarem da ilusão, serão mistificados pela sua própria fantasia. Povoam seu pequeno mundo com as criações de sua limitada mente e conciência embotada, e essas criações subsistem depois de atravessado o rio da morte, porque foram gerados pelo livre-arbítrio, pelo culto da própria personalidade, pelo desprêzo das palavras de Cristo, o qual, por todos os tempos, representará a Sabedoria.

O que é que provoca a guerra? Não será isso porque os homens estão mistificados quando julgam que o poder terrestre é coisa que valha a pena adquirir; e, ainda mais, que vale a pena obtêlo, à custa da própria alma? Não devemos condenar sòmente a êles: Outros existem que, de boa vontade, venderiam o seu direito de progenitura por um prato de lentilhas (Genesis 25/29). São êsses os muitos que se entregam a traficâncias comerciais! Entretanto, não esqueçais que os negocios do homem, na terra, podem também ser coisas do serviço de seu Pai. (Ev. de São Lucas, 2/49).

Já, em outras ocasiões, tenho dito que sois destinados a trabalhar e a lutar afim de achar os meios de subsistência para aqueles que dependem de vós. Mas, nêste mundo de ilusão, ha muitos que adquirem as coisas da terra em troca dos tesouros do espírito: Quando esta curta estadía lhes chegar ao fim, êles se apresentarão falidos e humilhados perante os de sua raça! Foram sensatos, segundo a opinião do mundo, porém grandemente estultos no ambiente da Realidade.

O valor relativo da vida individual

Por isso, meus amados, encontrais os que se levantam pretendendo ser como deuses e, de tal modo obcecados pela vaidade, que julgam poder dominar as fôrças do Altíssimo, poder ultrajar a Natureza e as suas leis, que podem tornar-se reis de qualquer domínio. E assim, por seu mundo ilusório, eles vão seguindo cegos ao futuro sem pensar que, perante Deus, êles individualmetne, representam uma só vida, uma só alma; que os filhos de Deus de outras terras, com inteligência que ainda mal desabrocha, não são de menor importância, que são igualmente amados e que seu futuro poderá vir e estar carregado de poder.

Desejo que tenteis imaginar em que espécie de mundo entrarão os iludidos — os que entendiam que a terra era o único mundo digno de ser tomado em consideração e a vida física o princípio e o fim de tudo!

Vêdes, meus amados, por esta referência aos homens em situação proeminente, que o mesmo acontece a todo aquele que segue o seu caminho sem querer prestar atenção aos factos que interessem à sua própria alma. Êsses homens podem dominar, em grande escala, as vidas de outros ou de alguns dentro da sua roda de amigos, e sua responsabilidade depende da área em que espalharem o mru grão; e quanto mais larga ela for mais tempo levará a limpar!

As ilusões que levam à mistificação

Os que se deixam dominar pelas influências materiais, os que acham tão difícil ser honestos para consigo mesmos e para com os outros estão criando, em volta de si, um mundo de ilusão. E não esqueçais isto: Visto não ser possível intervir no livre-arbítrio de cada qual, existem muitos estágios, depois da morte física, que também o são de ilusão e de mistificação; e se, no vosso plano, os chamam «infernos», a verdade inflexível é que são produtos da mentalidade humana, emanações de pensamentos limitados, males da alma transmudados nas presentes manifestações! E isso sucede porque o homem é um criador que dá vida tanto ao suave e belo como ao abjecto e víl, sem que a ninguém seja dado intervir. Existem outrossim muitos espíritos cativos dispostos a prestar a sua assistência, bem como incontáveis espíritos angélicos desejosos de rectificar e de reedificar sôbre as cinzas do passado um edifício segundo as ambições do espírito.

Bastaria que o homem tivesse tido a coragem de afrontar os factos, para não poder absolutamente haver guerra nêste mundo nem quasi existirem doenças. Os infortúnios, a destituição e as lágrimas vertidas em silêncio, não teriam tido lugar. Porém o homem ama os seus múltiplos mundos de ilusão, a criança troca os seus ideais por idéias, as antigas crenças são afastadas, o indivíduo permite que suas ambições deslustradas alcancem o seu horizonte, segue amontoando o lixo, iludindo-se a si mesmo e enganando os outros por algum tempo.

Por que estou falando assim? Meus amados, é porque em um mundo material è bem difícil, ainda mesmo para uma alma esforçada, é dificultoso conservar uma senda desimpedida, abrir caminho pela mata da incompreensão e afastar os estôrvos da mentalidade humana!

Como a sinceridade no presente permite ao homem pôr-se em contacto com a realidade do futuro

Queria que meditasseis nesta grande verdade que a todos interessa: Paralelamente ao vosso presente desejo de serdes sinceros, vos estais esforçando por moldar a vossa vida em factos espíritas que haveis reconhecido; e, assim, meus amados, quando passardes pela transição que se chama morte, estareis habilitados a distinguir e a pôr-vos em contacto com algumas glórias da Verdade e a ver manifestações maravilhosas da beleza da Mentalidade de Deus, expressas nas emanações espalhadas no ambiente pelos homens e pelas mulheres de coração humilde, pelos que foram leais para consigo e para com os outros, contribuindo assim inconcientemente com o azeite para a lâmpada que nos dá Luz ! Nunca mais serão êles dominados pela ilusão e estarão libertos dos horrores do passado, do amálgama lançado no ambiente pelos homens e mulheres que não tinham procurado, por julgarem que sabiam tudo ; não procuraram, aliás teriam achado ! (Ev. de São Matheus, 7/7).

O que me compete fazer é esboçar a Verdade, e peço-vos, meus irmãos, que tomeis o fio dourado da sabedoria procurando, em solidão e silêncio, desfazer o nó da vida humana e distinguir, no ambiente que vos envolve, aquilo que é ilusão e aquilo que é verdade e ver até onde tendes permitido que os pensamentos alheios vos enganem e desencaminhem.

E se o investigador justo e sincero prosseguir em suas pesquisas, ha de verificar que todos os trabalhos do plano terrestre e todos os êrros do passado nasceram da aversão do homem a encarar os factos e a ser honesto e a pensar cuidadosamente. A vida material tem o seu lagar; e é porque o homem tem sido mal instruido que ela se converte em atoleiro do qual lhe parece ser bem difícil de desembaraçar-se. A vida material é parte da lição que a alma do homem tem de aprender . . .

Homem, conhece-te a ti mesmo !

Sei que se encontram aqui presentes alguns que se oferecerem perante o Altar, os quais não voltarão para trás. Mas ha outros, tanto visíveis como invisíveis, que não perceberam ainda em que espécie de mundo estão vivendo, que teem deixado de pensar em sua natureza angélica e no que ela abrange — fisicamente como dizeis com referência ao envoltório carnal; mentalmente em à organização humana — e enquanto não entrarem em luta com sua própria personalidade, sua individualidade não se poderá libertar.

Homem, conhece-te a ti mesmo! E, quando êsse conhecimento vier, chegará também a verdadeira humildade de coração e se elevará uma prece pedindo a emancipação da escravidão. E o abandono do mundo de ilusão, importa na conquista de uma parcela da paz !

A ciência tem de ser comprada pelo seu preço. Sómente a verdadeira sabedoria, os tesouros do coração e da mente, podem ser adquiridos por dádiva. Mas, passo a passo, o indivíduo honesto e verdadeiro não segue apenas pelo caminho mundano da sabedoria, mas está inconcientemente palmilhando a estrada luminosa da revelação; e as minhas palavras não poderão exprimir a alegria que isso trás aos que humildemente buscarem. Muitas coisas aguardam os que se encontram sôbre o plano terrestre ! Poderá parecer-vos que estais vivendo em tempo de terror, em tempo de perigo: Isso é apenas uma ilusão ; coisa alguma pode afetar a personalidade íntima ! Tendes tomado a vosso cargo o passar por certas vicissitudes para que, quando libertos do cativeiro da carne, possais estar habilitados a entrar em contacto com a Realidade. Poderão existir perigos em volta, talvez de natureza física, porém o único perigo que o homem tem a temer é aquele que foi criado pela sua mente ; a relutância em se afastar do mundo de ilusão que lhe é tão caro, mas que respeita, tão sómente, à vida material com suas múltiplas formas imperfeitas e enganosas !

Mas eu vos estou falando com muito amor, e peço ao Pai que vos dê fôrça e que o manto alvo da Verdade seja lançado sôbre vossos ombros. Nascerá então em vós a compreensão de que o único mundo que interessa à vossa personalidade íntima é a Casa de Deus, a realização de que a única lei que deve reger a vossa vida é a Lei de Cristo e de que um só perigo é para temer e evitar : o olvido do vosso futuro e o esquecimento de Aquêle de Quem proviestes e a Quem pertenceis !...

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Relatarei outro incidente para que se veja até que ponto incrível os espíritos se apegam aos seus corpos físicos, por ignorância de sua transição, chamada morte.

Tinhamos na sala de disseção, o corpo de uma mulher de cerca de 40 anos de idade, que havia falecido no «Cook County Hospital», de Chicago, no mês de Junho. Em Janeiro, ou seja sete meses depois da sua morte, um grupo de estudantes, inclusive eu, foi designado para dissecar êsse cadáver. Eu não pude estar presente na primeira tarde porém os outros iniciaram o seu trabalho. Nada me foi dito do que ocorrêra durante essas poucas horas, porém, por alguma razão por mim desconhecida, os outros estudantes não mexeram mais no cadáver.

No dia seguinte, não havia aula á tarde, de modo que eu comecei a dissecar sózinho, trabalhando no braço e no pescoço. A sala de anatomia ficava no fim de uma longa construção, em lugar muito quieto, de modo que ouvi uma voz dizer distintamente : «Não me mate !»

A voz sôou fracamente como se viesse de longe, porém como eu não sou nada supersticioso nem tão pouco inclinado a atribuir pequenos incidentes a ações de espíritos, concluí que, provavelmente, provinha de crianças da rua, embora eu não tivesse visto na redondeza nenhum grupo de meninos.

Na tarde seguinte, eu me encontrava de novo trabalhando sózinho quando fui surpreendido pelo ruído proveniente de um jornal caido no chão, um ruído algo parecido como quando se amassa um papel, porém eu não dei nenhuma importância a essas ocorrências e não as referi á minha esposa.

Não me recordei dêsses episódios senão alguns dias depois. Haviamos organizado um círculo espírita em nossa casa e nossos colaboradores invisíveis já haviam partido, quando eu verifiquei que a minha esposa ainda permanecia em um estado semi-comatoso. Aproximei-me da mesma para observar o que sucedia quando o espírito que se havia incorporado nela, se levantou de súbito, me deu uma pancada e disse :

— «Temos umas contas a ajustar !»

Ao cabo de um período de luta com o espírito desconhecido, perguntei-lhe de que se tratava.

—«Porque o senhor quer matar-me ? perguntou a entidade.

—«Eu não estou matando ninguém», respondi-lhe.

—«Está sim ! O senhor está cortando o meu braço e o meu pescoço. Pedi-lhe que não me matasse e fiz barulho no papel do chão para espantá-lo, porém não me deu atenção !»

Depois, rindo gostosamente, o espírito acrescentou com grande hilaridade :

— «Mas eu espantei os outros camaradas !»

Tive necessidade de explicar-lhe longamente qual era a sua atual situação espiritual e, dizendo-me ter-se chamado Minnie Morgan (*) compreendeu o seu estado e partiu, prometendo-me buscar uma vida superior.

A facilidade com que os espíritos se incorporam na Sra. Wickland é tal que a maior parte deles não chegam, logo, a compreender que são os chamados «mortos» e que estão, temporariamente, ocupando um corpo alheio.

E' fácil fazer compreender ás entidades, cujas faculdades de raciocínio estão alertas, o estado anormal de sua situação. Basta fazer-lhes ver as dissemelhanças entre os seus corpos, mãos, pés, roupas, e os da médium.

Isto sucede, especialmente, quando se trata de um espírito de homem porque lhe salta aos olhos a diferença. Ao fazer-lhe notar que o corpo de que se es-

---

(*) Vide Capítulo 8, espírito Minnie Morgan.

tá servindo pertence á minha esposa, o espírito habitualmente diz: «Não sou sua mulher» e uma boa explicação é precisa para que entre no conhecimento de que está na posse temporária do corpo de uma outra pessoa.

Por outro lado, ha espíritos teimosos e enraizados em obstinado cepticismo, que recusam, peremptoriamente, a crer que fizeram a sua transição do corpo físico. Êsses não querem raciocinar e dar-se por convencidos de sua nova situação, até mesmo quando um espêlho é colocado diante de si, dizendo que foram hipnotizados e se mostram tão endurecidos que são deixados ir aos cuidados dos nossos colaboradores invisíveis.

A transferência da aberração mental ou psicose do paciente para o intermediário psíquico, a Sra. Wickland, é facilitada pelo emprêgo da eletricidade estática que é aplicada ao paciente, frequentemente na presença da médium. Embora essa eletricidade seja inofensiva ao doente é, no entanto, de grande eficácia pois o espírito obsessor não póde por muito tempo resistir a tal tratamento elétrico e é desalojado. Levado pelos nossos auxiliares invisíveis, o espírito, então, se incorpora na médium, quando é possível entrar-se em contacto direto com o mesmo e uma tentativa se faz de levá-lo à realização da sua verdadeira condição e de suas possibilidades superiores. Êle é, então, removido e cuidado por espíritos adiantados e a Snra. Wickland volta ao seu estado normal.

São muitos os casos em que se obtiveram notáveis provas de que entidades desincarnadas eram a causa determinante da aberração mental, num círculo espírita. Espíritos obsessores teem sido desalojados de vítimas, muitas vezes, residentes em lugares afastados, conduzidos ao círculo pelas entidades cooperadoras e permitidos incorporar-se na médium. Tais espíritos, muitas vezes, se queixam de ter sido obrigados a mudar de lugar, por ignorância do seu estado de espírito, ou de ter acompanhado ou influenciado alguém.

Pela semelhança entre as ações do espírito incorporado e os sintomas do paciente, assim como pelo alívio experimentado pelo último pela remoção do primeiro, indubitavelmente fica provado que o espírito foi a causa do distúrbio.

Em muitos casos, a identidade do espírito foi inquestionavelmente autenticada. Depois dessa transferência e definitiva remoção do obsessor, o paciente gradualmente recupera a saude, embora exista ainda um número de espíritos precisando ser afastados do mesmo paciente.

Póde-se perguntar porque os espíritos adiantados não tomam conta dos espíritos terrenos e os convertem, sem a necessidade de incorporá-los num intermediário psíquico. Respondemos : Muitos dêsses espìritos ignorantes não podem ser esclarecidos por espíritos de luz antes que eles entrem em contacto com a realidade física, quando eles são compelidos a realizar a sua própria situação e, então, partem rumo à estrada do progresso espiritual.

A incorporação na médium de um espírito ignorante, num círculo espírita, geralmente leva o espírito a uma compreensão do seu estado e fornece aos investigadores proveitosas lições, ao mesmo tempo que falanges de espíritos em trevas aproveitam dessas lições ministradas pela doutrinação das entidades comunicantes.

Muitas personalidades comunicantes se portam como dementes e são incapazes de raciocinar, sendo essa condição devida a falsas doutrinas, idéias fixas e várias noções erradas da vida física. Mostram-se, muitas vezes, indomáveis e turbulentos, sendo preciso segurar as mãos da médium para mantê-los comportados.

Ha muitos espíritos que, ao constatarem a sua verdadeira situação, experimentam uma sensação de morrer, o que significa que eles estão perdendo o contrôle da médium. Outros, ainda, estão em um torpor sonolento e pedem que os deixem sossegados, sendo preciso uma linguagem forte para despertá-los, como se verá nas experiências a seguir. Nessas relações, referências são feitas a um «calabouço» em que espíritos rebeldes são encerrados e espíritos que se incorporam na médium se queixam, muitas vezes, de terem sido encerrados numa «masmorra».

Devido a uma certa lei psíquica, os espíritos inteligentes teem a faculdade de colocar um espírito ignorante numa condição semelhante a uma prisão, uma céla impenetrável da qual não pode fugir. E dentro dêsse lugar, os espìritos recalcitrantes permanecem, sem vêrem outra coisa que a sua própria imagem e tendo sempre diante dos olhos as suas passadas ações até que se arrependam e deem provas de estarem dispostos a adaptar-se à sua nova condição e conformar-se com as leis espirituais do progresso.

A natureza da mediunidade da Sra. Wickland é de trance inconciente ; seus olhos ficam fechados e a sua própria mentalidade fica ausente num estado de sono, por um certo tempo. Ela não conserva nenhuma lembrança do que transpira durante êsse período de tempo.

Nos intervalos de uma experiência à outra, o estado psíquico da Sra. Wickland não sofre alteração alguma; conserva o seu equilíbrio mental, plena conciência de si mesma e depois de 35 anos de trabalhos espíritas não sofreu o menor transtorno ou dano de qualquer gênero.

Ela é, permanentemente, protegida do lado invisível por um grupo de espíritos superiores conhecido por «Falange do Bem» que guia o seu trabalho, procurando levar a humanidade à realização da simplicidade da transição chamada morte e a importância de um entendimento racional da situação do espírito depois da morte.

O fim do nosso trabalho tem sido o de obter provas incontestáveis com referência à vida póstuma e relatos de centenas de experiências teem sido estenograficamente feitos afim de registrar a exata condição espiritual das entidades comunicantes.

(Continua).

Sôbre a Superstição

Dr. Carlos Imbassahy

(Continuação)

Para evitar hemorragias, por abertura de veia, partir ao meio no dente, um caroço de feijão e aplicar a metade no lugar ofendido, com a parte branca para baixo.

Para a icterícia, pendura-se no fumeiro um pedaço de algodão embebido em urina do doente; acredita-se que quando a urina séca, a icterícia está curada.

Para a boa dentadura futura, joga-se o dente de leite da criança em cima do telhado e diz-se: moirão, moirão, toma êste dente e dá-me outro são.

Para proteger a criança de males futuros, é necessário, antes de levá-la à rua pela 1.a vez, mostrar à lua as suas roupas, ou mesmo a criança, dizendo: lua, lua, toma o meu filho e me ajuda a criar.

Para não ter filhos deve-se fazer um enxoval de criança começando pela touca, ou só fazer a touca.

Quando ha uma pessoa fóra de casa, que se demora, para que volte, viram-se-lhe os sapatos ou chinelos em baixo da cama.

Deixar alfinete na costura é prenúncio de que ela volta para ser concertada.

E' bem de ver que tenho procurado tanto quanto possível, empregar os termos conforme são êles enunciados pelo povo, afim de conservarem, por inteiro, a côr local.

Ha algumas superstições já muito conhecidas, mas que não seria de mais lembrar: deve-se entrar com o pé direito, em qualquer lugar, para o bom êxito da emprêsa que o indivíduo tem em vista; não plantar pé de xuxú, para não ter que deixar a casa, ou pé de espirradeira, para que as moças da casa não deixem de casar; pôr uma ferradura atrás da porta, para trazer a felicidade; colocar uma vassoura atrás da porta ou três pedrinhas de sal no fogo, para obrigar as visitas importunas a se retirarem; não guardar espelho quebrado, nem deixar tamanco virado, para evitar o azar.

Ha vários factos munidores ou prenunciadores de acontecimentos: derramar assucar é notícia boa, derramar farinha é notícia má; derramar vinho é bom augúrio, o contrário sucede com água; caír a faca ou a colher no chão é visita de mulher; caír o garfo é visita de homem; a presença de borboleta ou besouro na cidade, é notícia que se está para receber; furar os dedos com alfinete ou agulha tem determinada significação; ter as orelhas quentes é sinál de que alguém fala de nós; quando ha uma mosca importuna é alguém que quer falar conosco; quando a comida nos cái da boca é algum parente ou conhecido que está em aperturas; quando se veste um vestido de barra virada é sinál de que se vai ganhar um vestido novo; quando um guarda chuva cai da mão é sinál de que o indivíduo não casa no ano corrente; o mesmo acontece quando se pisa em rabo de gato; quando caem as anaguas é evidente que namorado, amante ou marido está enganando; quando se veste uma roupa pelo avêsso é bom prenúncio; calçado virado é agoiro; quando uma pessoa aparece no momento em que se fala dela, é sinál de que não morre naquele ano; nas mudanças de casa é aconselhável colocar uma moeda de cobre em cima de um movel, na casa nova; não se deve dar presente de lenço branco, porque ha ruptura de amizade; desastre idêntico acontece com as dádivas de objetos perfurantes ou cortantes; louça quebrada em dia de festa é um acontecimento ótimo, — para as casas de louça, acrescentam os cépticos; a noiva deve trazer no dia do casamento um vestuário qualquer de côr; são para temer, o gargalhar da coruja, o uivar do cão; comer na panela é ter como certo que chova no dia do casamento.

* * *

A lista é infindavel. Contemos, a título de *humour*, um caso pessoal.

Conversava eu, na roça, sôbre a fealdade das verrugas, e o desejo que tinha de libertar-me de uma, que possuía numa das mãos, para o que pretendia aplicar o ácido nítrico. E como não ha entre nós, quem não tenha sempre o seu alvitre, em matéria de medicamentos, muitos me foram lembrados na ocasião. Eis sinão quando, alguém alvitrou uma *simpatia*, que seria pronunciar uma frase, aliás não muito conveniente para ser dita em sociedade, quando visse duas pessoas montadas num burro

O facto foi motivo de grande hilariedade, já pela exquisitice da frase como pelo dificuldade do evento: não era comezinho topar-se com um burro montado por dois indivíduos. — O caso deve ter rareado muito, acrescentava eu = depois da fábula do moleiro. Mal acabava de falar, surgiu na estrada um burro com dois rapazes em cima.

Diga! Fale! — gritaram de todos os lados, e entre risadas gerais, pronunciei apressada, encalistrada, envergonhadamente, a expressão aconselhada.

Bem é de ver que o fiz, parte por sugestão, em parte por simples pilhéria.

Dois dias depois, um do grupo lembrou-se de me perguntar pela verruga, e eu, que não me lembrava mais do incidente, espalmei a mão: a verruga já lá não estava.

* * *

E' de crêr que as coincidências sejam um grande fator no êxito da crendice popular, mas ha casos inexplicáveis dentro dos nossos conhecimentos e que só agora começam a ser entrevistos pelos homens de saber.

Assegurava Shakespeare que ha mais coisas no céu e na terra do que o sonha a nossa filosofia: «*There are more things in heaven and earth...*»

Foi Richet quem alvitrou para o surto de umas tantas faculdades paranormais do ser o nome de sexto sentido, a que alguns aplicam outros termos mais impressionantes como o de criptestesia, metagonomia e por aí além.

Dizia o grande fisiologista: «*Nous sommes entourés de vibrations dont les unes ébranlent, et les autres n'ébranlent pas la sensibilité normale.*» *(20)*

Essas vibrações que não impressionam a sensibilidade normal não deixam, entretanto, de ser captadas pelo sensitivo e são elas que irão formar a enorme gama dos fenômenos psíquicos.

O nosso sertanejo parece que possúe êsse sentido em grande escala e isto talvez se explique por uma dessas dádivas da natureza, que favorecem a criatura extraordináriamente, quando lhe falham os predicados ordinários.

O cego por exemplo, tem outros sentidos muito desenvolvidos; ha neles, muitas vezes, uma espantosa hipersensibilidade tactil; caminha desembaraçadamente sem guia e *vê*, mesmo, sem que se saiba como.

Ha uma espécie de lagarto que, mordido por cobra, corre, mato a dentro, à procura de antídoto.

Dir-se-ia que o matuto possue essa instuição do lagarto, essa nova visão do cego, êsse sexto sentido de que são dotadas inúmeras criaturas.

Ficaria, assim, explicada a faculdade que possúe de curar-se e curar os outros, sem que precisemos invocar contra êle os rigores do Código, ou lhe dar o epíteto de charlatão, ou chamar de superstição o seu dom terapêutico, ou ter a sua faculdade como um produto da mais crassa ignorância.

Ela viria, apenas, suprir a falta do médico, nessas opulentas regiões do Brasil, onde ainda não se fizeram sentir a ação dos trilhos, da picareta, do livro e do quinino.

Não ha desdoiro em acreditar nas curas, fóra dos canones acadêmicos, visto que as maiores notabilidades do mundo científico também acreditam nelas.

Lembra Carrel:

> «Em todos os paizes, em todas as épocas, acreditou-se na existência dos milagres, na cura mais ou menos rápida dos doentes, nos lugares de peregrinação, em certos santuários. Mas, com o grande surto da ciência no 19.° século, essa crença desapareceu completamente. Admitiu-se, em geral, que, não só o milagre não existia, como não poderia existir. Do mesmo modo que a termodinâmica torna impossível o movimento perpétuo, também as leis fisiológicas se opõem ao milagre. Essa atitude é hoje, ainda, a da maior parte dos fisiologistas e dos médicos. Entretanto, não é ela sustentável, em face das observações que agora possuimos. *(Cependant, elle n'est pas tenable en face des observations que nous possédons aujourd'hui.* (21)

Richet, no seu trabalho *A Grande Esperança*, tem um capítulo, em que trata das curas milagrosas, curas que afirma existirem em grande escala: *il y en a beaucoup*. A êsse capítulo deu êle o título de *L'inhabituel dans la biologie*. (22)

Reporta-se êle, entre outras, à cura de uma tuberculosa desenganada, e cuja morte, fica como certa, os médicos previam para breve. O facto já vinha assinalado por Duchâtel. (23)

Kerner descreve-nos, com todas as minúcias, a cura psíquica da condessa Von Maldeghen, pelos dons psíquicos da vidente de Prevost. (24)

Magnin, que se dedicou, por muitos anos, ao estudo das doenças mentais, introduziu na sua vasta clínica os processos que chamou de espiritoides (25)

Refere o Dr. Wickland que, pelos mesmos processos, trouxe vários loucos à razão, quando já estavam êles fadados a viver nos asílos e casas de saúde. (26)

O Marquês de Santa Clara espantava-se de que, entre os casos de curas psíquicas, se pudessem contar também os diagnósticos «que iam muitas vezes de encontro aos dos médicos e que eram muitos mais felizes.» (27)

(Continua)

---

(20) Charles Richet, *Notre Sixieme Sens*.

(21) Dr. Alexis Carrel, *L'Homme, cet Inconnu*, pg. 170 — 1935.

(22) Charles Richet, *La Grande Esperance*, pg. 119, ed Montaigne.

(23) Duchâtel e Warcollier, *Les Miracles de la Volonté*, Paris, p. 89-96—1913.

(24) Dr. Justinus Kerner, *Die Seering von Prevorste*.

(25) Dr. Emile Magnin, *Devant le Mystère de la Nevrose*.

(26) Dr. Carl A. Wickland, *Thirty years among the Dead*.

(27) M. Santa Clara, *Un tanteo en el Misterio*.

A Eutanásia é um Delito

Joaquim Branco

A expressão grega *eutanásia*, empregada na medicina, corresponde em nosso idioma a boa morte, *morte suave, calma*, praticada nos moribundos nos paroxismos da morte, supondo dessa arte, aliviar o paciente de prolongados sofrimentos na crise final.

Êste piedoso delito, a-pesar da humanal intenção, não deixa de ser abominável e carecedor de *especial* classificação no catálogo dos homicídios. «Um sujeito com carta de doutor merece crédito ; e, a arte que êle pratica, excede a todas».

A perpetração da eutanásia, no capítulo do que é piedoso, corre parelha com a caridade dos selvagens australianos, que racham o crânio dos velhos a golpes de clava quando atingem a fraqueza senil. Ora, a prevalecer êste bárbaro uso da eutanásia na medicina acadêmica, os selvagens australianos já fizeram jús às benemerências pela primasia da invenção e das carícias da eutanásia, abreviando nas criaturas de Deus as delongas da morte. Também, oh! progresso na acadêmica, mata-se com mais elegância e cientificamente.

MÉDICOS !

«A vida e não a morte em nossas mãos tenhamos».

Quem poderá avaliar o número de vítimas por êsse mundo afora sacrificadas à unção da eutanásia ? Forçosamente em milhares, si atentarmos nos milhares de facultativos que se enganaram nos prognósticos agourentos de enfêrmos, julgados irremessivelmente perdidos, e que, preservados da graça eutanásica, volveram à vida de clausura no corpo somático, permanecendo nele largo espaço de tempo, que lhes foi profícuo, como em diversos outros semelhantes, que já tivemos oportunidade de relatar.

Para ilustrar o que vimos analisando, vamos divulgar mais um caso, rigorosamente autenticado e assaz instrutivo no ponto de vista teórico». E' o de Luiza Michel que, preservada, das delícias da eutanásia, logrou regressar à vida na materia e descrever as impressões de sua agonia, e de como podia ler com os seus dedos. E' o que vamos traduzir do periódico *Gil Blas* de París, publicado a 5 de Junho de 1904, relatado por um de seus colaboradores, o sr. Robert Chauvelot, que acabava de intrevistar a famosa anarquista Luisa Michel, a «Virgem Vermelha», ha pouco curada de uma violenta pneumonia que a prostrara em Toulon. Os jornais se ocuparam de sua moléstia como de um dêsses casos absolutamente desesperadores.

A velha revolucionária (tinha passado os 68 anos de sua idade) confirmou ao seu visitante que sua cura foi verdadeiramente de causar assombro aos médicos. Basta-nos dizer que ela passou durante 36 horas em estertor. Justamente no curso desta agonia foi que ela passou por impressões estranhas e sensações que a molestaram, as quais esforçou-se para explicar ao sr. Chauvelot.

«A aproximação da morte, disse ela, dá aos sentidos e ao organismo uma acuidade e tensão extraordinárias. Posso garantir-vos que meu cérebro e memória não me falharam um só instante. Examinei, notando tudo que comigo se passava, como observadora paciente e metódica; analisei, por assim dizer, todos os minutos passados em agonia.

Durante êsse estado os pensamentos se materializaram. Assim foi que a guerra russo-japonêsa se me apresentava como um enorme charco de sangue, que subia até mim, sem cessar... as épocas novas se pareciam pináculos cada vez mais radiosos».

Por muito interessante êste episódio, interrompemos a narrativa, para notar o símile com o que se passa na desagregação do «espírito» durante o sono, em que o pensamento toma formas emblemáticas, ou melhor dizendo *plásticas*, palavra esta empregada por C. Du Prel. O mesmo fenômeno ocorre ordinariamente na adivinhação, ocasionando quasi sempre necessária a *interpretação* do sonho ou da profecia.

Depois de pequena pausa, Luisa Michel apostrofou seu interlocutor.

«Estou a perceber, que vos acode a mente, taxar me de visionária ou mais singelamente de relegar tôdas essas materializações a conta de delírio físico... Desenganai-vos Snr.! conservei ilesa a conciência, isenta de qualquer ambiguidade e absolutamente clara. Aí estão os médicos para atestar.

«Ainda não é tudo. O que vai vos parecer ainda mais prodigioso, mais inverossímel e mais abracadabrante, é a incrível intervenção de minhas faculdades sensoriais. Quereis um exemplo? Aí tem! eu lia com meus dedos... *Sim, lí com meus dedos!...*»

E para precisar sua afirmação, Luisa Michel estendeu uma emagrecida mão de dedos ligeiramente espatulados.

«Nessa tarde, disse ela, Carlota, —minha amiga de ha 15 anos, — depôs no meu leito um maço de telegramas e mensagens de simpatia... quasi... de condolências. Nós estávamos na mais completa obscuridade. Com um gesto irrefletido, ás apalpadelas, eu tateava um a um os telegramas e sem discrepância ia indicando não só a proveniência como o conteúdo. Chamai isto intuição, preciência ou mesmo ocultismo... pouco importa. Os factos aí estão fiel e rigorosamente exátos».

—«Por que sensações passastes, ao entrardes na crise final do estertor?»

—«Pareceu-me, no começo, estar submetida a uma ordem de corrente invencível, que me impelia a deslisar dentro dos elementos e das coisas. Em seguida senti a impressão de disseminação das moléculas do meu ser, como sói acontecer com certos odores sutís... Sentia-me tomar o vôo, escorregar indefinidamente; essa sensação de escorregamento me era de grande suavidade, quasi agradável. Contrariamente, me foi horrível o sofrimento quando me senti readquirir o perdido. Pareceu-me então, que todas as partes de meu organismo se ajuntavam, de novo, depois de uma deslocação e tomavam vida harmonizando-se umas com as outras».

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— VII —

Conservo o título, embora desta vez não venho abordar os fenômenos que teem sido objeto dêstes rabíscos. O título é para não perderem a pista.

Em uma sexta-feira santa reunimo-nos em sessão privativa com a natural comoção despertada pela data e a esperança de que nos fosse concedido assistir a algum trabalho fora do comum, qual em datas idênticas obtinhamos, deixando-nos o coração embalsamado pelas consolações refletidas do dia da paixão, no qual dir-se-ia que toda a natureza chora.

A prece de abertura, ao Meigo Nazareno, fôra um gemido de angústia de almas calcinadas pelo sofrimento. Esperou-se a esmóla do crucificado. Súbito liga-se ao médium um Espírito violentíssimo, infenso a ouvir-nos por se dizer ateu e irritar-se ao escutar-nos pronunciar o nome de Deus.

A exortação durava mais de meia hora sem resultado. Supunhamos bem difícil a conversão de semelhante creatura naquele dia de compunção no qual a sensibilidade não logra atingir corações empedernidos.

Despejava-se toda a lógica convincente, o repositório dos argumentos morais se esvasiara finalizando-se por invocar o nome de Jesus Cristo, apontando-o como aquele que mais sofrera na Terra. Foi o ponto nevrálgico. O Espírito teve então esta resposta : Pois eu quero sofrer o que êsse Jesus sofreu !

Notem os meus leitores que havia nessa exclamação uma incontestável manifestação da vontade. Era dêle exclusivamente o desejo de sofrer quanto Jesus. Ninguém alí lhe impuzera êsse tremendo martírio. E como a vontade, sendo uma das mais ricas prerrogativas do homem, corolário que é do livre arbítrio, Jesus fez-lhe a vontade.

Habituado aos fenômenos de idêntica natureza, pedi aos companheiros a máxima concentração, esperando infalivelmente o espetáculo do suplício da cruz. Estavamos silenciosos como se foramos assistir à tragédia do Calvário.

O Espírito mostra surpresa e começa a murmurar palavras de mêdo quando lhe mostram o grande madeiro. Então eu tenho de carregar isso, perguntava êle a alguém que se apresentava. E ergueu-se da cadeira como que forçado por um braço invisível. Curvou-se para o chão, apavorado e a gemer angustiadamente de tal modo que todos nós soluçavamos silenciosamente. Depois dobrou o corpo e pôs-se a arrastar-se de joelhos. Era demasiado o peso da cruz. Levantou-se a seguir, caminhou para junto da parede da sala, abriu os braços, sentiu o trespassar das lanças e pregarem-lhe os cravos. Cruzou os pés, descaiu a cabeça para o lado, provou o fél e o vinagre, soltou um grande gemido e exalou o último suspiro. Experimentava à dolorosa sensação da morte.

Breve foi o silêncio. O médium aproxima-se da sua cadeira e senta-se extenuado.

A transformação do Espírito fôra radical. Chefe de uma falange de trinta sequazes, alí viera com intuitos hostis de destruição, mas o que vira e sentira sobretudo havia-lhe produzido em uma hora o que talvez não fosse possível em cem anos. Milagres do Divino Mestre.

Respeitando aquela dôr sagrada não ousamos interpelá-lo sôbre o que passara. Era êle quem tinha a palavra.

Confessou então lealmente as intenções do seu grupo, mas, assim como êle, todos alí assistiram á crucificação e de joelhos em terra todos foram convertidos.

São assim os trabalhos das sextas-feiras santas, quando ha homogeneidade e bons médiuns.

Igual resultado de imposição da vontade de um Espírito obsessor tive-o eu depois de dois meses de luta na qual não me fartei de invocar o nome de Jesus, até que o infeliz, que a princípio declarara preferir desaparecer pulverizado a humilhar-se em crer em Deus, soltou êste grito : Pois se existe êsse Jesus por que não me aparece ?

E o seu grito foi mais vibrante, deixando-o fulminado com o raio de luz que a todos nós alcançou, porque, submetidos a uma indizível emoção, produzida por uma onda de eflúvios divinos, não pudemos conter lágrimas nascidas do ambiente santificador que nos envolvia.

Eramos três os companheiros presentes e todos vertiamos lágrimas copiosas sem as poder reter, sendo notável que, ao recolher-me á minha casa, numa distância de uma hora de viagem, só pude conter o pranto ao fazer a minha prece habitual, sentado no leito.

São dêste quilate as graças com que Jesus costuma recompensar áqueles que o amam sinceramente.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXIV —

Evolucionismo

Terminámos o último escrito, falando, superficialmente, em *Evolucionismo*.

Aceitamos, em tese, o Evolucionismo, quer aplicado biologicamente, quer no sentido espiritual. A vida orgânica e anímica vem, não tenhamos dúvida, de muito baixo e de muito longe: dos sêres inorgânicos, até chegar ao homem, ao espírito, ao anjo. Em que pese o orgulho humano, que ajusta a superioridade dos sêres da natureza a sua espécie, creada, naturalmente, para dominar a própria natureza, o homem provem dos sêres inferiores, é o irmão mais evoluído do mono. Infelizmente, para o homem, que, por sua conta, classificou-se de animal racional dando-lhe, assim, muito maior responsabilidade. Deus queira que «no grande e terrível dia do Senhor,» como anuncia o profeta Malaquias, não lhe sejam pedidas contas em dôbro, por haver, por sua conta, lhe ajustado, com exclusividade, o raciocínio, visto como procede, não raro, pior do que os irracionais, como se está vendo, agora, no Velho Mundo em chamas...

Não descobrimos nada no espiritismo científico de molde a contrariar a evolução das espécies, a evolução do espírito. Tudo, ao contrário, é nele de natureza a afirmá-lo e confirmá-lo.

Não é de hoje a Doutrina evolucionista. Remonta, mesmo, à era da filosofia grega, insuperável até hoje. Embora o cientificismo hodierno afirme «que é teoria que caducou, só em vigor ha cerca de dois séculos,» o facto é que nenhuma doutrina explica melhor a origem e evolução da Vida. *Caducou* à guisa da democracia, que ainda não foi entendida sinão superficialmente, por isso mesmo ainda por ser praticada integralmente.

O Evolucionismo hodierno, quer filosófico e científico, é obra, podemos afirmá-lo, de Herbert Spencer, embora tivesse o cientista como precursores, no campo filosófico, a Turgot e Kant, Condocert Laplace. E nos dominios biológicos, a Lamarck e Darwin. Spencer traz a Vida da materialidade cósmica para a materia física, bruta. Conjuga as forças físico-químicas, retirando desta conjugação a matéria orgânica sem vida. Desta matéria, faz surgir a matéria orgânica viva ou organizada, retirando desta, materialisticamente, o pensamento, da conciência, do raciocínio.

Ponha-se no lugar do raciocínio, a conciência, o pensamento de Herbert Spencer, o Espírito, cuja existência científica já não é impugnada sinão por quem não se tem entregue a êstes estudos e a estas experiências, que temos demonstrado lógicamente a nossa escalada em busca da Perfeição, nos moldes do Espiritismo.

A espécie humana provem, material e espiritualmente, da pedra bruta, das plantas, dos peixes, dos quadrúpedes, do mono. E, de homem, ascenderá a espírito, a anjo, indo povoar mundos superiores, ou voltando á Terra já transformado em mundo angelical.

Que viemos de espécies inferiores, cuja transição para o que somos é o macaco, aí estão estudos e observações realizadas por cientistas de altissima envergadura. Graaf, Baer, Darwin, Pauchet e Deney demonstram que o homem em nada se distingue, embriologicamente, dos outros animais. O homem, sob o ponto de vista puramente material, «deve a existência, como os helmintos, crustáceus, peixes, reptis, aves e macacos, ás mesmas células fêmeas: *ovoblastos*». A célula de que saíra Vitor Hugo, em nada dissemelhava da que gera o sapo! Formando-se e a desenvolver-se, o corpo humano em nada, quase, se diferencia, biologicamente, dos outros animais, afirmam-no Curvier, Serres, Marshall, Owem. A fisiologia comparada registra no organismo humano, os mesmos órgãos e funções que se conteem no organismo de seus irmãos inferiores, notadamente o macaco. E' de Darwin, isto: «E' coisa sabida que o homem, junto com os demais mamíferos, está constituido segundo seu próprio modêlo e tipo.» Até no cérebro, em que os materialistas localizam a inteligência e o pensamento! Huxley e Bischoff afirmam «que cada um dos principais sulcos e relevos do cérebro do homem está representado, também no orangotango.»

Foi assente no conjunto de fenômenos anatômico-fisiológicos que Darwin e Denoy, principalmente, demontraram que o homem deriva do macaco, como o macaco deriva de outras espécies inferiores. A arqueologia vem em auxílio da tese evolucionista, através-de descobertas, as mais consideráveis, de macacos-homens por aí afora. O Dr. Fuklrott encontrou nas escavações procedidas ha menos de um século, em Dusseldorf, ossadas humanas em tudo similhante a de macacos. Estudos anatômicos realizados nelas, por Huxley e Schaaffhausen, concluiram por tratar-se do troglodita das cavernas prehistóricas alí existentes. Dentre os crânios humanos encontrados á margem do Titicaca, um houve, apanhado no túmulo de um inca, que, transladado para a Europa e lá estudado, fôra dado como de chimpanzé. Estudos ainda mais modernos, de descobertas arqueológicos mais recentes confirmam melhormente que somos parentes muito próximo do símio. Aí está o *Pitecantropus erectus,* descoberto em Java. A própria designação do fóssil quer dizer *homem-macaco.* Em Sussex, Inglaterra, foi descoberto posteriormente, o *«Eroantropus.»* Seus dentes incisívos — descrevem Wells e Julian Huxley — são grandes e selvagens, o maxilar inferior quasi igual ao dos monos, e o cérebro, pequeno e primitivo. O termo *eroantropus* significa *alvorecer do homem.* Em expressão de gíria: «macaco virando homem.» Outros similares de esqueletos de homens-macacos são apresentados na obra *A Ciência da Vida,*» de Wells e J. Huxley, como o *Sinantropus,* nome que lhe deu Davidson Blak, significando *ser de uma espécie sub-humana.* Trata-se de um esqueleto encontrado, em 1928, na China; sua conformação óssea tanto póde ser de gente como de macaco...

Sob o ponto de vista psico-espiritual, tanto no macaco se encontram muita coisa de nós, como no homem se registram caraterísticas inferiores do macaco, e até mais abjetas ainda. Charles Vogt, no seu estudo sôbre *microcéfalos,* ou *homens-macacos,* anota *especimens* de aztecas que de tão similhantes a símios, manifestavam seus desejos a gritos agudos, similhantes a macacos. Os *dakos* e *andanamitas* da Abissinia, desconhecem — atesta Buchner, — o uso do fogo. Krapt descobre homens aí de caraterísticas inferiores ao macaco. Dr. Meyer assegura que os *tarungares* da Papuásia, são de inaudita selvageria. Andam nús, são antropófagos e até necrófagos: desenterram cadáveres para os devorar.

Ha muito o que joeirar neste passo, para a apresentação de homens que nada, sinão a forma, teem de humano, porque de instinto inferior, às vezes, às feras. J. Lubboch em substanciosos estudos antropológicos, prova como o homem primitivo se aproximava da féra e se distanciava da espécie humana. Do mesmo jeito, ha animais com caraterísticas humanas positivissimas. Sabe-se que o chimpanzé lamenta-se, a chorar, como o homem. E assimila facilmente os vìcios humanos, como o fumo e a embriaguez. Na obra, «Evolução anímica», de Delane, vemos uma infinidade de provas concretissimas de que até qualidades psíquicas, que nós supunhamos sómente inerentes ao homem, são encontradas, também, nos brutos, como *reflexão, curiosidade, amor próprio e amor do próximo, abstração e vaidade, sentimento estético, solidariedade.*

Até o facto espírita corre em auxílio da tese evolucionista, embora ainda implicitamente. De Rochas, nas suas experiências com Josefina, a sensítiva, a quem fizera, em 1904 regressar ás várias personalidades que animara em outras existências, levou-a, a passes magnéticos, regressivamente, á vida de um bandido, que vivera a roubar e a matar nas estradas. Aplicando-lhe mais passes longitudinais, fez a sensítiva confessar que nada podia avançar além da vida de salteador, porque antes «tinha sido um macaco, um grande macaco, quasi similhante ao homem...»

Muito haveria, ainda, na Antropologia, a joeirar, para a afirmação do evolucionismo anímico a par do biológico. Queremos, porém, fechar estas considerações jornalísticas a conceitos de Camilo Flamarion, sôbre o Evolucionismo: «Longe de ter uma tendência materialista, a hipótese da introdução sôbre a terra, em sucessivas épocas geológicas — antes de tudo, da vida, depois da sensação, mais tarde do instinto, em seguida da inteligência dos mamíferos, tão vizinha da razão, e, por último, da razão perfectível do homem — parece-nos, pelo contrário, o desenvolvimento de um plano grandioso, e apresenta-nos o quadro comovedor e profundamente moralizador do predomínio sempre crescente do espírito sôbre a matéria».

Não vemos, de nossa parte, como póde o homem diminuir-se por descender, material e espiritualmente, de espécies inferiores. Diminue-se, — isto, sim! — caso insista em continuar feito, apenas, matéria, á moda da ciência materialista; em continuar feito animal, embora racional. Em continuar classificando-se superior, na forma e no raciocínio, aos animais, embora alimentando paixões e inferioridades que horrorizariam muitos animais.

E' pelo Espírito que, belo e sábio, ascenda para Deus, que o homem se dignifica...

A Vóz de Maria Corelli

(Fragmentos do Jardim Imortal) —— *Pela pena de Dorothy Agnes*
Nota de Introdução por J. Cumming —— *"De Beyond"*

Poucos dias antes da passagem de Maria Corelli ao seu estado mais elevado, ela me escreveu longa carta—ignorante da grande mudança que lhe estava tão próxima—referente à sua crença na vida futura. A carta era tão íntima e confidencial que nada mais posso fazer do que publicar o seu objetivo. Estavamos comentando a sua admirável história, «A Vida Perpétua» e alguns de seus tópicos relativos à sobrevivência e ela desejava esclarecer que, embora não sendo uma espiritualista declarada, tinha uma convicção sólida na continuidade da existência e na imortalidade da alma. Ela também acreditava ser possível a comunicação que ocasionalmente se realizava entre os «dois mundos» e que durante um certo tempo o elo de união entre os que atingiram o estado mais elevado e os que ficaram para trás era o elo da memória e do amor.

Em breve ela deveria conhecer a verdade por experiência própria e a evidência tornou-se positiva, não só quanto à sua fé solidamente baseada, como ter ela tentado incutí-la nos outros, pois ela transmitiu mensagens não só por meio de nossa mediunidade que poderia ser suspeita de ilusão, mas por meio de muitas outras pessoas, cujos testemunhos cumulativos devem produzir peso. Foram efetuadas as provas habituais para estabelecer a identidade e estas não falharam. Miss Corelli fez relatos verídicos das condições da vida futura e das suas atividades com amplo poder e capacidade, bem como de suas esperanças realizadas.

Ela era uma senhora que afagava aspiração ilimitada e desejos ambiciosos e, como todos dotados de gênio, sabia que o estado físico da vida não era suficiente—que a mór parte estava para ser feita, assim como a melhor. Aqueles que a conheceram no corpo, avaliaram bem a sua extraordinária vitalidade, bem como sua energia e resolução. Ela nutria os ideais mais elevados e fazia o máximo por viver de acôrdo com os mesmos. Os leitores de seus livros sabem como ela eletrizava seus herois e heroinas; tanto que os críticos a acusavam de exagero e declaravam que ela se apropriava de impossíveis, expondo problemas irrealizáveis; porém, ela sómente se esforçava por exemplificar o mais elevado e o mais nobre a que a natureza humana póde aspirar; suas heroinas eram o seu Ego sublimado, aspiração esta contínua apesar da fragilidade, erros e dificuldades que assediam todas as criaturas nesta escola terrena de experiências e provações.

Por ter eu conhecimento dêsses factos e com ela muitas vezes ter falado é que estou profundamente interessado nas revelações feitas nessas comunicações, por meio de um médium que nunca conhecera Miss Corelli no corpo, mas que revela ter dela um conhecimento profundo, como espírito. As mensagens caraterizam tão bem a índole de Miss Corelli e são tão representativas de sua personalidade inconfundível que sómente alguém, a quem ela favorecera com sua simpatia íntima é que as poderia ter recebido. Estas comunicações não são conjeturas, ou vãs imaginações, mas verdadeiras. Por isso elas tem valor áparte de sua beleza intrínsica, como evidência daquela verdade mais elevada, «NÃO HA MORTE».

A humanidade durante milhares de anos tem procurado solver o problema da vida futura, rasgar a cortina para apanhar um vislumbre da luz que brilha no Além. Um trabalho como êste ajuda. E' parte do volume sempre crescente de provas, vindas de todos os recantos e para tantas pessoas que aquilo a que chamamos morte sómente é o descerrar dos portais da nova vida com pontêncialidade mais intensa e que, de harmonia com as leis da natureza, ha «processo eterno em movimento», ou como dizem os cientistas — evolução. A aceitação dêsse facto supremo será um consôlo para um mundo que está em dúvida, que ha muito descobriu não serem suficientes simples dogmas, que as palavras são vasias e que a necessidade atual é a da demonstração.

«A Todos Meus Leitores de Outróra

Quanto anseio por fazer-vos compreender a vossa divindade.

A forma criada por Deus foi perfeita e tornará a ser perfeita.

Cultivai a divina centelha dentro de vós, até que ela se torne uma gema cristalina e brilhe ao longe como uma chama a emanar Luz Divina a toda humanidade.

Não penseis nas necessidades físicas, mas deixai que na alma se imprimam os atributos do Creador. Então, quando estiver quebrada a resistência material, sereis elevados a uma atmosfera divina, onde, livres de obstáculos e livres de escravidão, a vossa mente reagirá à beleza de vossa alma e receberá a Sabedoria dos Sêres Divinos.

Quando provardes o que significa a cooperação à Lei Divina, então começareis a conhecer a alegria gloriosa de existência, a grandeza livre de peias e a nobreza de uma conciência mais vasta: A paz que ultrapassa todo entendimento.

Abrigai no íntimo dos vossos corações e mentes, nas mais variadas condições de vossas vidas, o mandamento Divino: Amai-vos Uns aos Outros.

Meu Lar

Habito aquí neste Jardim Formoso. E' êste o meu lar perpétuo, porque minha mente já estava tonalizada a flores e música. Assim sendo, estou no Céu.

Mas não seria um Céu para qualquer de vós, salvo si o amor pelas flores e música fazia parte de vossa conciência ativa.

Cada um é atraido por uma vasta corrente magnética de sua própria esfera particular de atividade mental.

Flores e música são insuperáveis, porque ambos são condutos de harmonia que as ondas atmosféricas põem em jôgo para produzir diferentes graus de conciência sensorial.

As flores iluminam toda atmosfera pela aura de luz que as circunda do que emana uma vibração de som harmonioso.

Nesta região que agora tanto amo, ha muitos instrumentos de música e um que dou mais apreço é modelado no desenho geométrico de um triângulo duplo, munido de cordas de uma substância a que darieis o nome de celuloide (descrição mais próxima possível).

Quando eu passei lentamente através do Vale da Sombra, que é o primeiro passo de rompimento com o corpo físico, fui auxiliada pelos Anjos de Guarda (algumas vezes chamados Pastores) para alcançar o interior do Grande Além.

Alí me foi dado repousar em minha nova forma, que é incomparavelmente mais etérea do que o corpo terrestre.

Não posso avaliar o tempo que durou a languidez dessa sonolência agradável, mas eu estava absorvendo a mudança de existência. Quando minha conciência se achou mais desenvolvida e meus olhos se haviam habituado á luz brilhante, vi pousado ao alcance de minha mão o instrumento musical previamente descrito.

Empunhando-o indolentemente, ferí a corda maior. A beleza do som fez-me estremecer e tentei executar um acorde, mas só produzi uma dissonância no ar suave. Descontente comigo mesma, suspirei profundamente e retomei minha posição de abandono em que primeiro despertára, fechei os olhos pensando repousar mais na venturosa calma da inatividade.

Foi então que o maior acorde, jamais por mim ouvido, feriu meus orgãos auditivos. Sentei-me instantaneamente e então sómente olhei ao meu derredor.

Não muito distante, estava um rapaz de figura graciosa e, estranhamente digna para tal juventude.

Vendo que eu o observava, aproximou-se e disse: «Quereis ouvir um pouco de música?»

Respondi afirmativamente, notando em suas mãos uma líra, que deveria ter dado aquele acorde divino.

E' um tanto difícil descrever o que então senti.

A melodia me fez compreender que minha desharmonia resultára do facto de eu não estar afinada ao ambiente.

Era uma lição sem palavras. E me admira como eu a compreendera tão claramente.

Todo o pensamento vai de encontro á atmosfera e é de forma hieroglífica, assim é produzida uma visão mental e vendo que eu compreendera, o jovem começou a executar uma série de notas, para mostrar-me uma escala graduada de qualidade maior e menor.

Assim procedendo, êle modelava com a musica o meu futuro lar.

O Jardim Branco

Quando êle terminou, estendi-lhe anciosamente minhas mãos, e agradeci comovida.

Gentilmente êle as tomou entre as suas e com um sorriso modesto e encantador, pousando uma de minhas mãos sôbre seu braço, disse: «Vinde, vou conduzir-vos para a vossa casa».

Alegremente caminhei a seu lado, silenciosa, porque eu sentia dificuldade em respirar normalmente.

Subimos por uma encosta íngreme e êle me amparava, como o faria um irmão mais moço e mais forte na esfera terrestre murmurando: «logo respirareis normalmente ao conhecerdes o rítmo da vibração atemosférica.

Assim fiz e ouvi um som fraco, mas distinto, semelhante ao compasso de um metrônomo.

Mais intuitiva do que concientemente, porque tudo tanto me surpreendia, diversamente do que eu havia imaginado, alterei minha respiração: — e *então foi* como si um mágico me houvera subitamente transportado ao País das Fadas. Um País tão belo que me senti tomada de veneração e enlevada de entusiasmo. O tempo passava e então me foi mostrada uma visão de um mar azul, pacífico e além, colinas vestidas de púrpura estavam veladas por luminosa nevoa dourada. Ao mesmo tempo que uma voz docemente modulada dizia: «Vou preparar o vosso lugar». Não saberia dizer se era a voz de meu jovem guia que me sussurrava estas alegres palavras, porque o som seguramente ecoava por todo o Jardim de Puro Encanto.

Uma emoção de profunda humildade se apoderou de todo meu sêr, eu não era digna dêsse país venturoso.

A meus pés eu via grupos de lírios, suas encantadoras cabeças fragrantes curvavam-se profundamente, em atitude simpática á minha humilde conciência. Largas avenidas de resplendente relva orvalhada, atraia meu olhar extasiado.

Acima de nossas cabeças, árvores de ramagens douradas lançavam soberba perspectiva, que parecia terminar onde resplendia uma lagôa imensa, cujas águas claras refletiam brancos templos de admirável arquitetura. — *Maria Corelli.*»

Crônica Estrangeira

Revelações Supranormais de Utilidade Prática

«Psychica»

Entre inúmeros exemplos desta espécie, relatados por Cesar de Vesme, citamos êste exemplo inesquecível:

Quando Dante Alighiéri faleceu em Ravenna, em 1321, constataram que ainda faltavam os treze cantos finais da *Divina Comédia.* Procuraram-nos por toda parte, questionaram os amigos que tinham estado em relações íntimas com o poeta, mas tudo em vão. Oito mêses depois, e quando se havia renunciado a todas as esperanças de completar o grande poema, Jacopo, o filho mais velho de Dante, viu seu pai em sonho, com rosto resplandecente, todo vestido de branco. Jacopo lhe perguntou se êle ainda vivia, ao que o poeta respondeu: «Sim, mas a verdadeira vida, não a vida de outrora.» Então o filho questionou-o sôbre os treze cantos que faltavam ao poema. Parecia-lhe que o pai o conduzia ao quarto em que habitualmente dormia e, indicando certo ponto de uma parede, o *morto* disse: «Aquí está o que ha tanto tempo estiveste a procurar».

Jacopo despertou e foi a casa de um proeminente cidadão de Ravenna, Pietro Giardino, que durante longo tempo fôra um dos discípulos do poeta; relatou-lhe o sonho e acompanhou-o à antiga morada do pai. Com autorização da pessoa que então morava no prédio, eles deslocaram um caixilio pregado á parede, que dissimulava um esconderijo, cuja existência era por todos ignorada. Aí encontraram muitos papeis bolorentos, entre os quais a última parte da *Divina Comédia.*

Boccacio, que apenas contava doze anos quando morreu o poeta, foi informado do acontecimento pelo próprio Pietro Giardino, que fôra testemunha ocular da ocorrência. O biográfo Boccacio registrou o facto em sua obra *Vida de Dante Alighiére.*

O Dr. Cross e o Psiquismo

O Dr. Cross, engenheiro eletricista, que fez os seus estudos na Universidade de Paris e foi colaborador do célebre Prof. d'Arsonval, vai publicar uma obra sôbre psiquismo, da qual o *Journal of the Americain S. P. R.* insere alguns trechos e que «Além» de Portugal, transcreve.

Além das experiências de radiestesia feitas no edifício de *Sidney Mail*, na Austrália, o autor relata outras experiências notáveis, como a deslocação de objectos sem contacto e ação a distância, a levitação de uma tijela a-pesar do seu pêso de 125 arráteis, fenômenos de transporte (apports) de papel de marca muito rara, de química (um tubo contendo 10 grs. de arsênico colocado ao lado de outro tubo que continha 25 grs. de água distilada), uma parte do arsênico passou para dentro do tubo que continha a água e que estava selado.

O mesmo jornal, referindo-se ainda às experiências do Dr. Cross, relata, também, o que se passou numa sessão em S. Francisco com o médium Harry Aldrich, durante a qual diversas entidades se manifestaram, exprimindo-se em 6 línguas diferentes. Depois, uma menina francesa começou a falar rapidamente através duma corneta, enquanto que um estudante inglês, vitimado por uma laringite tuberculosa, fazia-se reconhecer perfeitamente. A menina francesa, convidada a repetir o que tinha dito, fê-lo em calão próprio do bairro onde viveu.

«Como meu filho provou a sobrevivência»

«Estudos Psíquicos» — Lisboa

A senhora M. Y. Vickerman, presidente do Centro espírita Wibsey, de Bradford, publicou um depoimento interessantissimo no semanário inglês *The Greater World*, em que se prova, mais uma vez, a sobrevivência. Esta senhora, há perto de meio século que faz experiências psíquicas, embora só há trinta anos tenha pensado a sério nas coisas do Além. A narração que se segue refere-se à época em que ela trabalhava com uma amiga dedicada que sofria duma chaga no tornozêlo, pouco mais ou menos da largura de um xelim.

— «Uma noite, quando ia deitar-me — diz a senhora Vickerman — parecia-me estar a suceder alguma coisa de extraordinário no ângulo do quarto. Olhando melhor, distingui a forma de um homem na escuridão. Bem apessoado, usava uma espécie de pele manchada que lhe descia abaixo dos quadris. A seus pés, uma tijela com liquido efervescente, para dentro da qual êle parecia lançar hastes de papoila e fôlhas semelhantes às da malva dos pântanos. Quando o liquido arrefeceu, banhou com êle o tornozêlo, onde notei uma ferida precisamente igual à da minha amiga».

Na manhã seguinte contou o facto à amiga, a qual resolveu fazer tratamento igual. O que é certo é que ficou inteiramente curada. Quinze dias depois, já não tinha vestígio algum de ferida no tornozêlo.

Esta experiência dicidiu a senhora Vickerman a estudar ciências psíquicas, tornando-se espírita militante. Desde então, muitas visões e símbolos se lhe teem apresentado. E' uma dessas visões que ela vai contar, tão gravada lhe ficou, para sempre, na memória, além de lhe fornecer a prova incontestável da sobrevivência.

— Essa visão apareceu-me na noite de 25 de Abril de 1937. Meu filho, desincarnado havia quatro anos, devia ter feito 29 anos nesse dia. Deitara-me um pouco triste pensando nos aniversários que costumava festejar.

«Após o primeiro sono, fiquei acordada por longo tempo. A's quatro e meia da manhã, apagou-se, automáticamente, a iluminação pública e o meu quarto ficou em semi-escuridão. Notei logo um ruído especial e um anel de luz girante iluminou o aposento. Depois, as formas espirituais começaram a desenhar-se gradualmente, estabelecendo círculos iguais aos que as crianças fazem quando brincam. Nesses circulos, vi meu filho e sua espôsa, que falecera, com o filhinho, cinco meses depois do marido; vi minha mãi, desincarnada há 14 anos; vi meu pai e outros parentes, enfim, verdadeira e feliz união familiar, como no tempo em que eram vivos da Terra.

— «¿Que significa isto, meu filho? — perguntei.

— «Hoje é dia do meu aniversário e por isso estamos contentes. Decerto, não se esqueceu...

«Entretanto, cantava alegremente, um passarinho.

— «Que bela canção da aurora! — pensei.

«A seguir, disse a meu filho que não me esquecera e por isso lhe trouxera algumas rosas, que lhe entreguei. Pegou nelas, elevou-as à altura do rôsto e exclamou:

— «Sete são esplêndidas. Não devia ter-se incomodado. Neste tempo do ano são raras, mas recuperá-las-á em breve».

Quando se desfêz a visão, a senhora Wickerman, olhou para o relógio: eram cinco horas e dez minutos...

Mais tarde, veio a confirmação da experiência. Certo médium, desconhecido da articulista, visitou o Centro Wibsey e fez entrega de uma rosa, obtida por *apport*, com a seguinte mensagem:

«Mãe, esta é a primeira rosa».

Note-se que o médium nada sabia acêrca da visão. Da mesma forma, a senhora Wickerman obteve as restantes seis. A última mensagem dizia:

«Esta é a última.»

* * *

Experiências com a médium Kate Golighher

«La Revue Spirite»

Mr. Mc C. Stephenson que participou das experiências do Dr. Crawford, Professor na Universidade de Belfast, demonstrou a autenticidade dos fenômenos produzidos.

«Vi a mesa levitar e deitar-se. Eu estava sentado sôbre a mesa e caí sôbre o soalho. Senti a força fluídica nos tornozêlos e, a meu pedido, foram vibrados golpes sôbre as solas de meus sapatos, isto quando ainda estava sentado na mesa. Com todas minhas forças tentei impelir a mesa, que sómente pesava pouco mais de 5 quilos, em direção da médium, mas a força psíquica foi mais possante do que a minha, e o esforço me fez transpirar. A força fluídica parecia tomar a forma de alavancas com ventosas á sua extremidade. Ouviamos as ventosas colarem-se á mesa e escorregarem.

Um processo de contrôle fotográfico por meio de três aparelhos de fotografias á luz infra-vermelho, permitiu afirmar a autenticidade dos fenômenos produzidos por Mrs. Goligher.

Sabe-se que as emanações ectoplásmicas teem sido fotografadas em condições de contrôle científico.

* * *

Psicologia Animal

«Constancia» reproduz do grande órgão argentino, La Nación, os seguintes factos:

Mme. Sylvia Barbanell, em seu livro «Quando vossos animais morrem», cita muitas ocorrências curiosas. A outora procura responder a milhões de afeiçoados aos animais, que perguntam: «Qual é o destino de meu cão depois de morto?»

Pouco antes da Grande Guerra, uma dama visitou a capital britânica, onde assistiu a uma sessão de Espiritismo. A médium lhe descreveu um cão e forneceu o respectivo nome. Mas quando a médium declarou que o cão havia morrido sob as rodas de um carro distribuidor de carne, a dama fez um meneio negativo com a cabeça. Ao sair de casa ela o havia deixado em bom estado e contente. Mas quando regressou, soube que êle morrera em sua ausência. O carro de um açougueiro o havia atropelado.

—

Um advogado havia visitado, em certa ocasião, uma nova cliente em sua casa de campo. De regresso a sua casa, êle disse à sua esposa ter visto um belo cão a dar saltos em frente á cliente, detendo-se de quando em quando para fixar-lhe o rosto.

Depois de algum tempo, a dona do cão tomou um apartamento em Londres, e o advogado e sua esposa foram visitá-la.

— Onde está o seu cão? — perguntaram ambos.

Depois de um breve silêncio, respondeu a mulher.

— Não possuo cachorro.

Num momento em que só estavam as duas senhoras, a dona da casa disse à visitante :

Sou grande apreciadora de cães, mas passei por uma experiência tão terrível com um dêles, ao qual muito estimava, que nunca terei outro. Certa vez fui à França e deixei meu cão em casa de meus pais. Pouco depois, êstes partiram para o campo e deixaram o animal aos cuidados do cocheiro, êste o tratou tão mal que pouco depois morreu.

— Que espécie de cão era ? — perguntou a interlocutora.

— Um «terrier» escocês.

De regresso ao lar, disse o advogado a mulher :

— E' estranho o que ocorre com o cão dessa senhora. Eu juraria que vi um cão em sua companhia, quando a visitei pela primeira vez.

Esta afirmação era estranha, isto pelo facto de nada ter o advogado ouvido da conversação entre as duas mulheres.

— Que espécie de cão dizes ter visto ?

— Um «terrier» escocês.

—

Um facultativo refere que seu cão sempre se deitava debaixo da mesma cadeira. Quando o animal morreu, êle adquiriu outro. Certo dia, êste foi deitar-se debaixo da mesma cadeira, como costumava fazê-lo o seu predecessor, mas de súbito deu um salto, deteve-se e demoradamente olhou o lugar, com profunda perplexidade. «O cachorro morto» —diz Mme. Barbanel, «defendia seu direito ao lugar especial».

—

Quando viajava pela Russia, Mr. Harold Sharps travou relações com um jovem engenheiro eletricista. Certo dia, durante um passeio pela cidade, Mr. Sharp notou que o cachorro de seu amigo estava brincando com outro.

— Donde saiu aquele cachorro ? perguntou.

— O engenheiro parou e observava a cena. Um tanto surpreendido, chamou o animal, e quando se dispunha a acariciá-lo, o cão se esvaeceu. Tratava-se de um cão que lhe havia pertencido e que fôra morto anos atrás.

Maravilhosa Operação Espiritual

«Prediction»

Mme. Bartolette relata a seguinte cura espiritual de que ela foi testemunha e partícipe :

Ela fôra visitar uma senhora que muito sofria. Quando se encontrou a seu lado, ela percebeu a forma de um homem de pé á frente de ambas.

Pela descrição a enfêrma reconheceu seu irmão, médico, falecido ha tempos, o qual lhe dissera em seu leito mortuário : «eu voltarei para tratar de doentes».

Um sorriso iluminou o rosto do espírito, quando foi reconhecido pela irmã. Madame Bartolette ouviu dêle as seguintes palavras : «continue com os passes, enquanto eu estiver examinando...»

Passado algum tempo, ela ouviu estranha voz com pronunciado acento escocês : «Volte aquí amanhã, á tarde. Eu vou praticar uma operação. Êste caso é curável».

Ela compareceu no dia seguinte e no quarto ela percebeu o espírito do doutor e mais dois espíritos. Todos traziam vestes brancas.

O que ela viu em seguida pareceu-lhe estranho e irreal, porém os resultados foram maravilhosos :

«Eu via a cavidade abdominal, onde alguns orgãos apresentavam manchas escuras. Sôbre estas o doutor começou a trabalhar com seus dedos longos e afilados até seu completo desaparecimento. Sôbre a cabeça eu agia por meio de passes, e o ar se tornava mais e mais frio.

Por fim, o Dr. ergueu-se e ouvi-o

dizer: «Conserve-a em repouso; voltarei depois de três dias», e esvaeceu.

A operação psíquica foi coroada de pleno sucesso. As cólicas, consequentes á colite jamais se repetiram. Ha dois anos, (dez depois da operação), ela me comunicou que seu irmão controlou dois conhecidos médiuns por meio dos quais fez uma descrição detalhada dessa maravilhosa operação».

Pelo seu dom de curar, muitos anos dedicados ao estudo das hervas, Madame Bartolette poude curar muitos casos chamados incuráveis.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conferência sôbre Cairbar Schutel

Conforme noticiámos, o prezado confrade, Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, realizou no dia 20 do mês passado, ás 19 horas, na séde da Liga Espírita do Brasil, Capital Federal, uma conferência sôbre Cairbar Schutel em prosseguimento à série de conferências sôbre «Vultos do Espiritismo do Brasil», que essa entidade espírita vem realizando com grande êxito.

A essa conferência compareceram os confrades João Silveira, diretor de «A Centelha», de S. Paulo; Dr. Calazans de Campos; Mariano Rango d'Aragona; representantes de várias associações espíritas, entre as quais a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Presidiu a sessão o confrade Aurino Souto, presidente interino da «Liga».

Após a ótima conferência do Dr. Azevedo Silva fez um belo discurso sôbre Cairbar Schutel, o confrade Mariano Rango d'Aragona. Êste orador disse que Cairbar Schutel fôra um dos seus primeiros amigos ao chegar ao Brasil.

«O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e Centro Espírita «Amantes da Pobreza» fizeram-se representar por intermédio do prof. Leopoldo Machado.

— A' Liga Espírita do Brasil e ao Dr. Azevedo Silva, mais uma vez, os nossos sinceros agradecimentos, agradecimentos que tornamos estensivos ás sociedades espíritas que se fizeram representar e ao confrade Mariano Rango d'Aragona.

A nossa excursão

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

Durante o mês de Junho fiz 19 palestras nas seguintes localidades: Lins, Guaiçara, Promissão, Corrego do Silvestre, Penapolis, Alto Alegre, Corrego Fundo, Bonito e Corrego do Coroado. Em Alto Alegre, o Centro fica uns 5 quilómetros do povoado. Contudo, aí se reuniram mais de 100 pessoas, não havendo vinte espíritas entre as mesmas, pois as restantes eram católicas e protestantes, que pela primeira vez ficaram sabendo que o Espiritismo é a continuação da doutina de Jesus, escoimada das formalidades e ritos que os interêsses humanos nela enxertaram.

Jardins da Infância

> Felizes daqueles que crescem num meio inteligente e são.
>
> GAULTIER.

Por criteriósas observações e experiências, chegou-se à conclusão de que a eficiência do curso primário — alicerce de todos os outros — muito depende da base que a criança possúe ao iniciar os estudos. Por sua vez, a boa ou má condição do aluno, ao ingressar nas escolas primárias, está subordinada a várias causas. Mas, de um modo geral, aquele que vive em ambiente são e inteligente, leva muita vantagem sôbre o que cresce em meios ignorantes e falhos de recursos. Isto se verifica, facilmente, por meio de confrontos. Geralmente, a criança bem cuidada e que convive com pessoas instruídas revela maior facilidade de apreensão e maior aproveitamento nos estudos.

Por isso mesmo, seria obra de grande benemerência auxiliar as crianças que não contam com êsses favores. Com a fundação de jardins da infância anéxos aos Centros Espíritas, alguma cousa se poderia fazer nesse sentido. Tais organizações não exigem grandes recursos financeiros e iriam cooperar em benefício da educação da infância desprotegida, e, muita vez, abandonada. As sédes dos Centros quando bem localizadas, em zonas centrais ou próximas de bairros operários, poderiam ser aproveitadas para tal fim.

Uma jovem de preparo elementar, paciente e de boa vontade, estará apta para exercer a função de professora de escola pré-primária.

As mães pobres, empregadas ou sobrecarregadas de obrigações domésticas, teriam um pouco de sossego, porque seus filhinhos ficariam, por algumas horas, sob os cuidados de pessoas solícitas e responsáveis, evitando assim as más companhias de ruas e outros inconvenientes.

Procuramos fazer alguma cousa em favôr de encarcerados e asilados. E' nobre o sentimento. Não devemos, entretanto, esquecer que a criança educada, dificilmente, no futuro, será candidata à cadeia ou asilo, pela sôma de recursos morais e intelectuais que adquire. Portanto, façamos hoje, com menos sacrifício e melhor resultado, aquilo que deveremos fazer amanhã, com maiores dispêndios e menores benefícios, a favôr do inválido ou criminoso, gerado pela ignorância, que se torna um pesado fardo á sociedade.

Fundemos jardins da infância, acolhendo assim os pequeninos, em nome de Jesus.

Gustavo Marcondes.

Campinas.

Nosso Representante em Santos

Comunicamos aos nossos assinantes residentes em Santos que, tendo o sr. Tancredo Regio dos Santos, fixado novamente sua residência nessa cidade, á rua Ipiranga, n.º 71—São Vicente, volta a ser êsse prezado confrade representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» nessa cidade.

Aos nossos prezados assinantes de Santos solicitamos especial atenção a êsse trabalhador da seára espírita, o que antecipadamente agradecemos.

O sr. Tancredo Regio dos Santos pode ser procurado á rua acima mencionada ou no escritório da Caixa de Liquidação S/A—Palácio da Bolsa, Santos.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços :

1.o ano —	100$000 ;	2.o ano —	40$000 ;	3.o ano —	100$000
4.o ano —	35$000 ;	5.o ano —	30$000 ;	6.o ano —	40$000
7.o ano —	40$000 ;	8.o ano —	40$000 ;	9.o ano —	100$000
10. ano —	40$000 ;	11.o ano —	50$000 ;	12.o ano —	50$000
13. ano —	50$000 ;	14.o ano —	50$000 ;	15.o ano —	50$000.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1781unse

NO XVII — Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1941—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa
Explorações no Desconhecido
O Espiritismo em face da Ciência
Trinta anos entre os mortos
O Espiritismo
O Fôro Íntimo
O Materialismo
«Indaguemos»
Cairbar Schutel
Sôbre a superstição
Durante o Sono
A Eutanásia é um Delito
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Necrológio

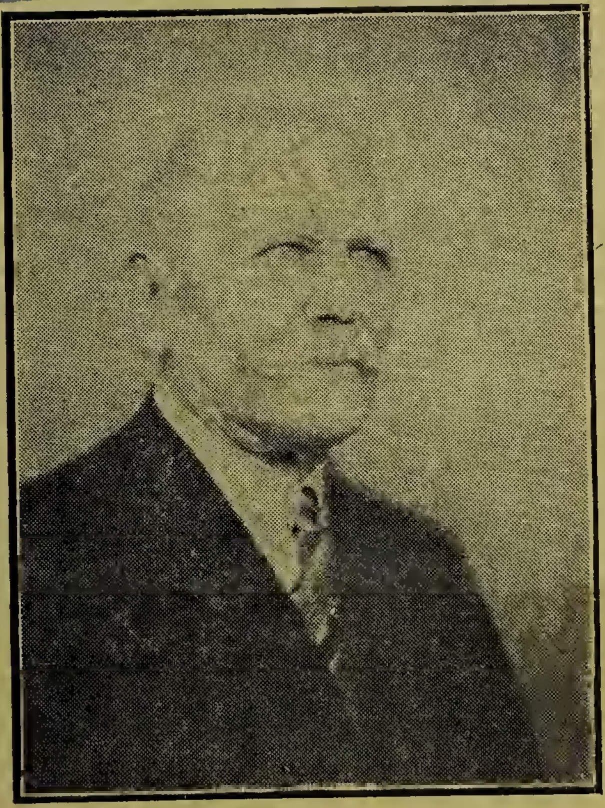

Leopoldo Cirne

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	5$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	20.000
ANTONIETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	9.000
Memorias da Loucura	6.000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)	
Revelações de Além Tumulo	9$000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc.	5.000
A. A. MARTINS VELHO (DR.)	
Espiritismo Contemporaneo	7$000
ANTONIO LIMA	
A Sonambula (romance)	8$000
Vida de Jesus	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	6.000
Fazenda Mal Assombrada »	8.000
ALPHEU GOMES O. CAMPOS	
Amor á Verdade	3$000
ARLINDO COLAÇO	
Domínio Nefando	7.000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	7.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	10.000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
A. WYLM (DR.)	
O Rosario de Coral	7$000
ABEL GOMES	
A Felicidade	6$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	8$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AEROLINO GURJAO	
Expiação (novela)	9.000
A. THOMPSON	
A Vida	6$000
BEZERRA DE MENEZES (DR.)	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
« « « broc.	5.000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalipse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histeria e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	8.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta	7.000
C. IMBASSAHY (DR.)	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
CLOTILDE V. BARROS	
Judas de Kerioth	4.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000
CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000

chamaram a atenção. Sempre considerei êsse assunto a maior tolice da terra, e perguntava a mim mesmo de que modo podia um homem sensato crer em semelhantes coisas.

Acontecendo, entretanto, que alguns amigos meus se interessavam pela questão, tomei parte com êles em sessões de mesas girantes, no curso das quais obtivemos mensagens conexas. Devo, todavia, confessar que o único efeito que em meu espírito produziram foi o de me tornarem um tanto suspeitoso de meus amigos. Foram mensagens quasi sempre longas, soletradas por meio de movimentos da mesa e impossível era que representassem obra do acaso. Alguém de certo movia a mesa. Supus fossem meus amigos e êles, provavelmente, pensassem fosse eu. Isto me perturbava e afligia, porque não os podia ter na conta de pessoas capazes de um embuste e não podia tão pouco compreender a transmissão das mensagens senão por meio de uma conciente pressão exercida sôbre a mesa.

Por essa época — seria em 1886 — me caiu nas mãos um livro intitulado: *As reminiscências do Juiz Edmundo.* O autor era membro da Suprema Côrte dos Estados Unidos e homem de grande reputação. Na sua obra, narrava, minuciosamente, como, morta sua esposa, pudera durante anos, comunicar-se com ela.

Li êsse livro com interêsse, mas também com absoluto cepticismo. Para mim, aquilo era apenas exemplo da possibilidade de existir um ponto na mente de um homen de caráter firme e prático, uma espécie de reação, por assim dizer, contra os factos positivos com que lidava na sua vida cotidiana. Que espírito seria êsse de que êle falava?

SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Suponhamos que um homem, num acidente, frature a caixa craneana. Seu caráter pode mudar completamente. De uma natureza elevada pode tornar-se de outra muito baixa. Do mesmo modo, sob a influência do álcool, do ópio, o espírito de um indivíduo pode mudar inteiramente. Tudo isso me demonstrava que o espírito depende da matéria. Tal a minha forma de raciocinar naquela época. Eu não percebia então que não era o espírito que, em tais casos, se modificava e sim o corpo que lhe servia para exercer sua atividade. Ninguém judiciosamente invocará como argumento contra existência de um músico a circunstância de não produzir o seu violino senão sons desagradáveis, por se haver estragado.

Contudo, muito estimulada fôra a minha curiosidade, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham ás mãos, referentes ao assunto.

Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar de ignorantes, pude tratá-lo com desprêzo. Desde que, porém o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já não foi possível desprezá-lo.

Fácil era atirar para o lado os livros dêsses homens, contendo suas minuciosas investigações e amadurecidas conclusões, e dizer: «Bem! ha em seus cérebros um ponto fraco.» Mas, muito satisfeito deve ficar consigo mesmo um homem se não vê chegar o dia de inquirir se o ponto fraco não está no próprio cérebro.

Por algum tempo me mantive no meu cepticismo, considerando que muitos homens notáveis, como o próprio Darwin, Huxlev, Tindall e Herbert Spencer, zombavam dêsse novo ramo de conhecimento. Mas, assim vim a saber que o desdem da parte deles chegara ao extremo de não quererem ao menos examiná-lo; que Spencer declarara repetidamente ter-se decidido contra êle, baseado em razões *a priori*; que Huxley dissera não o interessar o assunto, fui forçado a admitir que, por maiores que fossem êsses homens como cientistas, seu modo de proceder a tal respeito era dogmático e nada científico, ao passo que, os que estudavam os fenômenos espíritas e procuravam compreender as leis que o regem, êsses seguiam o caminho que nos tem conduzido à realização de todos os progressos do saber humano. Tendo chegado tão longe o meu raciocínio, a minha posição de céptico já não era tão firme como dantes.

A reforçá-lo tive as minhas próprias experiências. Note-se que eu trabalhava sem médium, o que muito se assemelha a um astrônomo que não use de telescópio. Nenhuma faculdade psíquica possuo e ainda menos os que comigo colaboravam. Entre nós apenas conseguimos reunir fôrça magnética — ou o que assim se denomina — em quantidade suficiente para obter da mesa suas comunicações suspeitas e, muitas vezes, estúpidas.

Ainda conservo notas dessas reuniões e cópias de algumas, pelo menos, de tais mensagens, que nem sempre eram de todo estúpidas. Recordo-me, por exemplo, de que de uma feita, tendo, em busca de provas, perguntado quantas moedas trazia nos bolsos, a mesa me respondeu: «O que queremos inculcar é um estado dalma religioso e não de crítica.» Creio que ninguém achará seja isto uma mensagem pueril...

Tais foram os meus primeiros passos no Espiritismo. Verdade é que as provas por mim reunidas até aquele momento ainda não haviam bastado para me convencerem. Entretando, das minhas contínuas leituras tirei a conclusão de que outros já tinham aprofundado muito a questão e reconheci que os testemunhos em favor do Espiritismo eram tão poderosos quais nenhum outro movimento religioso no mundo, poderia apresentar que se lhes comparassem.

Tomemos, como exemplo, um só facto, que Wallace qualificou, com razão, de «milagre moderno.» Escolho-o por ser dos mais incríveis. Refiro-me à façanha de D. D. Home atirando-se de uma janela a outra, a uma altura de cerca de 21 metros do solo.

Não pude acreditar. Informado, porém, de que três testemunhas oculares atestavam o facto e que essas testemunhas eram os lordes Dunvraven, Lindsay e o capitão Wynne, fui obrigado a admitir que a evidência, nêsse caso, era mais diréta do que com relação a qualquer dos longínquos acontecimentos que todo mundo conveio em aceitar por verdadeiros.

Continuei sempre, durante todos êsses anos, a fazer sessões de mesas falantes, cujos resultados foram, muitas vezes, nulo; de outras, insignificantes e, de algumas surpreendentes.

Continuei a ler muito sôbre o assunto e pude apreciar cada vez mais a infinidade dos testemunhos existentes e quão meticulosos tinham sido em suas experiências os que os davam. Isso me impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que lograva obter nas minhas sessões. Pouco depois, li uma obra do Sr. Jacolliot sôbre os fenômenos de ocultismo na India. Jacolliot era presidente do tribunal da colonia francesa de Chandernagor. Espírito de feitio muito jurídico, nutria prevenções contra o Espiritismo. Efetuou uma série de experiências com faquires, que nele depositavam confiança pela simpatia que inspirava e porque lhes falava no idioma deles. No seu livro, Jacolliot descreve as múltiplas precauções que tomou para evitar toda espécie de fraude.

Resumindo a sua longa narrativa, direi que entre os faquires se lhe depararam todos os fenômenos da mais adiantada mediunidade européa, tudo, por exemplo, o que Home realizara. Observou a levitação do corpo, a imunidade contra o fogo, o movimento de objetos a distância, rápido crescimento de plantas, levantamento de mesas Explicando a produção dêsses fenômenos, diziam os faquires que os mesmos eram operados pelos Pitris, ou espíritos, sendo que a única diferença notada entre aqueles processos e os nossos parecia consistir em que lá faziam maior uso da evocação direta. Pretendem os faquires que tais poderes lhes foram concedidos desde tempos imemoriais e remontavam aos Caldeus.

Tudo isso me causou enorme impressão, por quanto os faquires chegavam ao mesmo resultado que nós, sem que se lhes pudesse imputar os embustes tão frequentes na América, ou a vulgaridade atual, como se costumava fazer, a meude com relação aos fenômenos semelhantes que se produziam na Europa.

Também na mesma época fui influenciado pelo relatório da *Dialectical Society*, relatório muito antigo, datado de 1869. E' um trabalho convincente e, conquanto tenha sido redicularizado em unísson̄o pelos jornais ignorantes daquele tempo, constitue um documento de grande valor.

A *Dialectical Society* se compunha de um número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos do Espiritismo. O relatório a que aludo faz uma exposição minuciosa das experiências que realizaram e das precauções que adotaram contra possiveis fraudes. Atentando nas provas de que êle dá conta, ninguem compreenderá de que modo seus autores teriam podido chegar a uma conclusão diversa da que proclamaram, isto é: que os fenômenos eram, sem dúvida alguma, autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara.

Ha no caso um facto singular a ser notado e é que, se a conclusão fôra contrária ao Espiritismo, o relatório teria sido saudado como o golpe de morte ao movimento espírita; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde as que se fizeram em Hydesvile, no ano de 1848, e a que se verificou quando o professor Hare, de Filadelfia, se atirou, como São Paulo outrora, contra a verdade e teve que se curvar diante dela.

NOTA — Êste artigo continua no próximo número.

Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa

«La Revue Spirite» — *Prof. E. Bozzano*

(Continuação)

No outro incidente, que vamos relatar é, pelo contrário, o experimentador que consigo trás o espírito que se comunica: uma senhora que êle havia conhecido no tempo de sua infância, meio século atrás.

Mme. de Crespigny possuia uma amiga que se interessava pelo que ocorria nas sessões com Mrs. Wriedt, declarando, todavia, que só poderia crer assistindo pessoalmente a tais prodígios. Mme. de Crespigni levou-a consigo a uma sessão.

Como de costume, manifestou-se o marido de Mme. de Crespigny, e imediatamente reconheceu a récem-vinda, chamando-a pelo seu nome. Em seguida lhe perguntou se ela se lembrava de um anel, um presente que lhe fizera anos atrás.

No estado de viva emoção em que se encontrava, a dama interpelada tardou a responder, ela não mais se lembrava. Finalmente se dominou, fez um esforço de memória e perguntou:

> — Quereis fazer alusão a um anel de prata que me destes nas Bermudas, quando apenas eu contava doze anos?
>
> — E' isso! — respondeu êle — e sôbre êsse anel estava gravada a coroa real.

A récem-vinda sentiu-se literalmente aturdida pela surpresa. O anel em questão era efetivamente de prata; êle fôra batido a martelo feito dum schilling, pelo armeiro dum navio, que conservou intactos a coroa real e o loureiro que a emoldurava. O facto tivera lugar nas Bermudas, onde o pai de Mme de Crespigny comandava uma esquadra.

A entidade comunicante acrescentou em seguida: «vos ficastes sem o anel e sabeis de que modo».

O que também era verdade. A dama permitira que o anel fosse empregado com outros objetos, na decoração de um bolo de Natal, e, a despeito de todos os esforços, não fôra reencontrado.

Mme. de Crespigny nota a respeito:

> « Banalidades, sempre banalidades, para certos críticos; mas também esta banalidade teve o efeito decisivo, visto que serviu para convencer minha amiga... Se meu pai, em vez de me recordar banalidades desta espécie, me houvesse dado os nomes de meus filhos, a data de meu casamento e a de seu falecimento, eu poderia pensar que a médium teria obtido as informações de algum livro ou de qualquer registro. Se êle me abordasse com uma sublime dissertação filosófica, esta me parecia tão estranha ao seu caráter, que eu seria levada a tudo rejeitar. Se, enfim, êle me tivesse descrito sua existência espiritual, eu pensaria que, antes de tudo, necessário seria convencer-me da existência desse mundo espiritual. São as alusões aos detalhes de nossa vida comum — detalhes exclusivamente conhecidos por mim e por êle — que destruiram todas minhas perplexidades, de maneira que nenhuma outra prova no mundo poderia atingir o objetivo com tanta eficácia. Por outro lado, eu desejaria saber como se comportariam nossos críticos se eles devessem provar, ao telefone, a sua identidade a uma pessoa desconfiada e cheia de dúvida, que se encontrasse no outro extremo do fio.

No incidente que se segue, é o experimentador que mostra não possuir boa memória para as datas, enquanto que a entidade que se comunica, corrige o êrro; a enquete dá razão a esta última.

Cêrca de meio século atrás, houve um momento em que as relações entre a Inglaterra e a Russia se tornaram muito tensas; o govêrno inglês chamou, do estrangeiro, o almirante

Cooper Key, o pai de Mme de Crespigny encarregando-o da mobilização parcial da esquadra. Mme de Crespigny escreve:

> No decurso de uma das primeiras sessões com Mrs. Wriedt, tive a idéia de por à prova a memória da entidade que se comunicava, fazendo alusão a êsse incidente; mas dessa vez fui eu mesma a ferida pela pequena bomba que eu havia lançado. Eu perguntei:
>
> — Lembras-te da época em que tomaste o comando da frota reunida em Weymauth, no momento da ameaça russa, em 1879?
>
> — Lembro-me disso, certamente— respondeu o espírito —, mas foi em 1878 e não em 1879.
>
> Ora, era bem eu quem estava enganada; capacitei-me disso consultando os documentos da época. Em 1914, quando se realizou a sessão, ninguém, inclusive os oficiais da Marinha Real, se recordava dêsse pequeno incidente anglo-russo, que foi pacificamente resolvido dentro de poucos dias...

Relato um último episódio, também concernente à mediunidade de Mrs. Wriedt. Trata-se de um fenômeno que é de natureza diferente dos precedentes, pois que se refere a um incidente supranormal que se verificou com Mme de Crespigny quando ela estava só em sua casa; o incidente foi confirmado, dia seguinte, por uma mensagem mediúnica obtida pelo almirante Moore, e não por Mme Crespigny. Esta escreve:

> Certa noite, estava eu lendo, sozinha, à luz de uma lâmpada elétrica, que me roçava o ombro esquerdo, quando de súbito, uma sombra passou sôbre a página do livro. Esta sombra era tão diferente de toda flutuação ordinária duma lâmpada elétrica, que ela chamou minha atenção. Dir-se-ia que um morcego, ou um pássaro, havia passado entre mim e o livro. Nada tendo descoberto que me explicasse o curioso incidente, retomei minha leitura, e não mais pensei no caso.
>
> Dia seguinte, fui convidada a merendar em casa de uma amiga, onde encontrei o almirante Moore, que exclamou:
>
> — Eu não supunha encontrar-vos aquí; mas «Miss Nightingale», a «Dama luminosa», sabia que nós nos encontrariamos, pois eu realizei, esta manhã, breve sessão com Mr. Wriedt, na qual ela se manifestou para me pedir que vos transmitisse u'a mensagem que nenhuma significação tem para mim, mas que talvez possais compreender.
>
> Ela me incumbiu de dizer-vos que foi ela quem, ontem á noite projetou uma sombra sôbre o livro que estaveis lendo.

Mme de Crespigny comenta de modo lacônico êste facto, dizendo: «Eis um outro episódio que se não pode explicar pela hipótese do subconciente».

Isto é indubitável. Com efeito, o fenômeno em questão, que se produziu na noite anterior, em casa dessa senhora, não estava no conhecimento de pessoa alguma. A circunstância de haver, uma personalidade mediúnica afirmado ser a autora do fenômeno, afirmação feita quando ausente a pessoa que havia obtido o fenômeno, adquire um grande valor teórico; com efeito, ela elimina toda hipótese não paranormal e força a admitir que, se essa personalidade mediúnica poude distanciar-se da médium para produzir manifêstações algures, então não se trata de uma personalidade mediùnica efêmera, mas de uma personalidade espiritual autêntica.

(A seguir)

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Explorações no Desconhecido

O Raio e a Eletricidade Humana

«La Revue Spirite» — Por Luc Megret

Somos, pois, uma máquina elétrica ou, se o preferem, a reunião de muitas máquinas elétricas; nossos orgãos representam, assim, uma usina governada pelo cérebro (Direção e Secretaria). Essa eletricidade pode ser projetada a grandes distâncias e quando os sujets, muito exercitados, exteriorizam seus corpos nêurico ou astral, o corpo físico, que já não mais está sujeito à ação da corrente que passou a animar o corpo fantasmal, está inerte. Esta corrente só pode agir sôbre o astral estando presente o mental. Também o acompanha sempre, sob a forma duma esfera fotografável, chamada corpo mental, que é o princípio superior, séde do pensamento, da vontade, do julgamento. O corpo mental estaria sob a influência duma fôrça mais sútil ainda, vinda do plano universal.

* * *

Nas experiências espíritas, por vezes se produz um afluxo de centelhas que emanam, segundo se acredita, de operadores e de seu contacto com o fluído eletro-magnético ambiente. O fenômeno realiza-se, por vezes, quando se exterioriza o corpo astral. Houve experimentadores ousados que pretendem, depois de terem praticado a magia, ter visto espíritos, assegurando que essas aparições diabólicas ou não, são precedidas dum sôpro frio, pouco mais ou menos idêntico ao que o duplo comunica aos que o tocam. Ademais, essas pessoas teriam constatado uma emissão de centelhas.

Nossa opinião é que elas exteriorizaram seu corpo astral. A força cuja existência elas constataram, por ser vagamente luminosa na obscuridade, seria a mesma dos médiuns e sujets magnéticos. Se a aparição tem uma forma diabólica, não é porque se trate dum demônio, mas o caso se prende ao corpo astral ou duplo, que é plástico. Êle toma a forma que lhe imprime a vontade. E' a imagem que se fixou e que se deseja ver, o pensamento do qual se está impregnado, numa concentração mais ou menos longa»

Esta dissertação tem o fim de demonstrar que nós não funcionamos como um mecanismo de relojoaria, a vapor, essência ou vento, mas pela eletricidade.

Não sómente isso, porque ha uma força mais sútil, que denominamos espiritual ou de ordem espiritual. Ela é, a nosso ver, a principal e de essência divina, não sendo, talvez, a eletricidade senão um aspecto inferior dessa forca, um derivado ou uma modalidade.

Parece-nos haver melhor ainda para precisar nossa afirmação no que se refere ao funcionamento elétrico do nosso organismo. A ponta metálica é um processo que a crença mais antiga indicou para afastar maus espíritos... Empregando-a, é preciso admitir que, se nem sempre ha espíritos presentes no momento, para receber picadas mais nocivas que as das seringas dos terapeutas correntes, deve aí haver alguma eletricidade armazenada nessas pontas, visto que se produz desprendimento de centelhas e estalidos, pondo termo aos factos estranhos e bastas vezes torturantes, contra os quais se emprega a arma branca: baioneta, espada, sabre, etc.

A dúvida não é, pois, permitida para pessoas instruidas nessas cousas: é o corpo de neuricidade dum desdobrado que é atingido por estas pontas, agindo à maneira de pára-raios sôbre o raio globular.

Nas ocorrências do vicariato Thorel, Cideville, Cantão d'Yerville (1849), o presbitério era abalado por tumultos ininterruptos, ruídos misteriosos, movimento de objetos. Decidiram enterrar pontas, um pouco por toda parte. De súbito, quando todos fatigados iam terminar, fulgura uma chama, seguida de fumo tão espesso que, muito incomodados e temendo a asfixia, abrem as janelas.

Se compulsarmos *La magie et l'hipnose*, do Dr. Papus e os *Micróbios do Astral*, por Marius Decrespe, veremos que as aglomerações fluídicas que se tenta dissolver pelo contacto perfurante dum objeto metálico e ponteagudo, (a eletricidade acumula-se nas pontas), mètodo preconizado pelos livros de feitiçaria, são de essência elétrica. O ar comprimido por uma dessas aglomerações — quer se trate do corpo astral dum vivente ou de qualquer outra constituição da mesma ordem — a ponta atrai a eletricidade e faz saltar uma centelha viva, semelhante a espessa fumarada.

«Um pontaço mais preciso que os outros, faz saltar de súbito, uma chama crepitante, seguida de agudo assobio, escreve Anne Osmont num *Processo de magia (Les Forces Spirituelles*, Henri Durville, Diretor).

* * *

Conclusão : a eletricidade atmosférica é capaz de produzir, em tempos de tempestade, efeitos extraordinários que se assemelham aos das casas assombradas. Existe aí uma analogia: o raio em forma de esfera parece ter dêsses caprichos notados nos fenômenos que se desenrolaram no presbitèrio de Cideville. Nos dois casos, presidia uma inteligência. Seria o raio dotado de pensamento e dirigido por inteligências extra-terrestres, assemelhando-se às que se unem, como o pretendem as escolas do ocultismo, ao duplo transportado ao plano astral? Parece que o pensamento reside mais no hiperfísico, oceano de fluídos que nos banha, do que sôbre outro plano menos maleável, onde nossos sentidos teem, sobretudo, percepções materiais.

Seria lógico, a nosso ver, aproximar as singulares manifestações do raio aos factos constatados nas casas assombradas e aos que acompanham o desdobramento de médiuns e de sujets magnéticos, sem ver em todos os casos a intervenção de espíritos, admissível é que a eletricidade seja um fluído que veicula pensamentos, uma neuricidade, sensações, mas não será êle também dirigido por inteligências extra terrestres?

Seria uma pretensão insensata deter ou desviar a tempestade? Ha livros que ensinam êste segredo. Uma senhora, nada supersticiosa e que não acredita nos fenômenos psíquicos que sabemos ser reais, contou-me que um vigário de roça, no torrão natal dessa senhora, possuia a faculdade de desviar o curso de tempestades, do que resultavam queixas da vizinhança. Uma mesma região sofria todos os efeitos das tempestades, mas nunca o local em que habitava o cura. Uma curadora me dizia que era possível agir sôbre a tempestade, por meio de orações, etc. mas poucos possuiam essa faculdade, como nem todos conseguem mitigar sofrimentos.

O magnetismo humano é uma sorte de eletricidade. Poderá êle agir sôbre o imã, sôbre o magnetismo terrestre e sôbre a eletricidade atmosférica, dotado como é de extrema potência? Devemos acreditar que, se sofrermos fortemente as influências exteriores a nós, nos seja possível agir sôbre essas mesmas forças ?

Na natureza, tudo está em contacto, tudo é coesão e movimento. Verdade é que outras forças podem contrariar a ação que tentamos. A dificuldade consiste em pôr-se em relação com essas energias. Por serem mal conhecidas, frequentes são os fracassos. Sem querer governar o raio e modificar o tempo, por encantamentos, eu absolutamente não rejeito essas idéias antigas, que nem sempre são devidas à ignorância dos antigos, dos primitivos. O saber de certos sábios oficiais parece assemelhar-se estranhamente à ignorância. Com isto quero significar que êles absolutamente nada mais conhecem que pessoas pouco instruidas, mas possuidoras de faculdades supranormais e sabendo, pois, sem o haver aprendido, agir sôbre as forças superiores, que escapam ao «cientista cristalizado». São êsses cavalheiros que frequentaram a Escola de Belas-Artes e cujos desenhos são inferiores aos de Gustavo Doré, que só teve por professor a si próprio.

Para melhor dizer, são os míopes, que vêem perfeitamente à curta distância, ao passo que os grandes receptivos talvez não vejam com a mesma precisão aquilo que nos toca, mas discernem para lá dêsses limites, descobrindo novos horizontes, mui longínquos para serem descritos exatamente. Quais os que sabem mais? Os primeiros são presunçosos, os últimos, raramente. Êstes são mais interessantes.

(Conclusão do n.º de Junho).

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXV —

O Homem dos Cientistas

Terminámos o estudo anterior, afirmando que só o Espírito dignifica o homem. Em face de nossa afirmativa, é para supôr que o homem dos cientistas oficiais não tem dignificação, exatamente por faltar-lhe o Espírito...

Será? Vamos ver.

Que é, na verdade, o homem em face da ciência materialista? Um ente que vale muito menos do que alguns indivíduos da mesma escala zoológica, a despeito de sermos, cada um de nós, um mundo à parte. Microcosmos dentro do macrocosmo. Que o corpo humano é um mundo, sob o ponto de vista físico ou psíquico, não tenhamos dúvidas. A Física descobre no organismo humano tudo que existe fòra dele, em a natureza. Ha, em nosso organismo, a matéria em todos os estados físicos. E', pois, tal matéria que, impressionando as lentes de investigação, os ambientes das retortas e as pontas dos bisturis, leva os cientistas a afirmar que o homem é só matéria. Dizem que Grasset chegara a negar a existência do Espírito por nunca haver vislumbrado uma alma na ponta de seu bisturi.

A Medicina agarra-se ao homem e, estudando-lhe a organização material, descobre-lhe elementos de toda a natureza física, que valem bem por outros tantos corpos isolados. Aliás, segundo o critério científico de Leibntz. O elemento sólido, composto de ossos, músculos, nervos, é bem o corpo que mais impressiona interna e externamente, por isso que lhe dá forma e resistência. Segue-se-lhe o elemento líquido, que é o sangue em circulação através do sólido, servindo de elemento de transplantação. O elemento gasoso é o vitalizador, porisso que sem o oxigênio é impossível a vida. Ainda meio desconhecido é o elemento etéreo que, sem ser sólido, nem líquido e nem gasoso, age, entretanto, apreciavelmente, sôbre os três. E' composto para a cinética, de elementos mais sutis do que os gasosos. São os fluidos dos espiritualistas. E' o que chamamos de elemento fluídico, manipulado pelos magnetizadores, pelos espiritistas, pelos ocultistas. Aos quatro elementos materiais que aí estão, já se vai juntando, nos domínios, ao menos, do psiquismo experimental, um quinto elemento, ou corpo: o *psíquico*, embora se lhe empreste natureza, e importância, e vida falsissimas. A tais elementos, ou corpos, ajuntamos nós, experimentalmente, mais um: o perispírito. Cinco elementos ou corpos distintissimos, cuja existência se demonstra racionalmente. Deles, entretanto, é o corpo físico a que se dá mais importância, num como que atestado flagrante de culto à forma. A forma que satisfaça mais, porvezes, aos outros do que a nós mesmos. Por isso que se vêem criaturas inteligentes, não *perderem* meia hora em estudos e exames que mais lhe aprimorem a inteligência, mas consumirem horas a fio entregues a *toiletes*, a penteados, a pinturas de faces e de unhas, a *maquilagem*, em suma...

Que não é o elemento líquido mais essencial á vida, vemô-lo até em nosso sistêma de alimentação. Póde-se levar dias sem alimentos sólidos. Levar-se-á menos tempo sem água. Sem respirar, nem cinco minutos. Três minutos de respiração prêsa, sem acidente de morte, só os mergulhadores de pérolas, do Oriente. Donde inferir, que nosso organismo exige mais líquido do que sólido. E mais gasoso do que líquido. O sono, durante o qual não se bebe nem se come, repara as energias perdidas, em consequência dos fluidos reparadores captados da Natureza. Fluidos que, se alimentam com o sono, e curam através de passes fluídicos ou magnéticos, poderia também alimentar em estado de vigilia! E estamos em que, futuramente, quando formos um pouco menos animalizados, quando nos prescindirmos de cadáveres para nossa alimentação, e desconhecermos o fumo e o álcool, poderemos nos alimentar de fluidos . . .

Superior aos elementos ou corpos em cita, é o corpo psíquico, é o Espírito, cuja existência, embora seja, ainda, em face da ciência oficial, negada, já se manifesta fortemente sôbre os outros corpos, alimentando, desnutrindo, molestando, livrando de moléstias, envelhecendo e matando. Uma alegria forte, ou um pesar profundo faz desaparecer a fome, leva-nos a perder a noção do tempo, a esquecer a hora da refeição, a própria refeição. Uma contrariedade póde gerar uma pertubação gástrica, uma indisposição de figado, uma infecção intestinal, um desiquilíbrio nervoso. Uma alegria intensissima póde preparar o organismo contra o ataque de males infecciosos, de outras doenças. Assim não fosse, e, depois do carnaval, no Rio, 90 % das pessoas que brincam na rua, iriam para a cama, doentes, contagiados de doenças graves... Preocupações de vida provocam velhice prematura, fazem o cabelo embranquecer, as faces enrugarem. Maria Antonieta, a infeliz esposa de Luiz XVI, e Damiens, o quasi-assassino de Luiz XV, tiveram, durante uma noite, seus cabelos negros quasi totalmente embranquiçados. Ruy Barbosa diagnosticou, da tribuna do Senado, fôra o traumatismo moral que matara Afonso Pena. E o dr. Fajardo conta episódios de impressões que mataram quasi fulminantemente.

E' certo que êste mundo psíquico, a influir tão fortemente sôbre os outros mundos, é, para o ciência materialista, pura função dos nervos, do cérebro, enfim, do sistêma nervoso. Demonstrá-lo, porém, com lógica, ciência e clareza, não o conseguiu, nem conseguirá o materialismo científico...

Do choque operado entre os mundos material e psíquico, decorre que, nem a ciência, por não acreditar muito naquilo que afirma sôbre o nosso mundo psíquico, nem a religião por não levar a sério o que ensina sôbre êste mesmo mundo, sabe, ainda, o que somos. E, por não sabê-lo bem, ambas aviltam e rebaixam o homem, sem sentirem que só o Espírito exalta a nossa espécie.

E' o que iremos ver.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPITULO III

Mente subconciente e Auto sugestão, hipóteses insustentáveis.

Durante 30 anos de infatigáveis pesquisas entre os «mortos», condições tão surpreendentes foram reveladas que parece incrível que pessoas inteligentes de outros ramos do pensamento possam ter por tão longo tempo ignorado factos tão simples de serem verificados. Não ha possibilidade de fraude nessas experiências; línguas estranhas, totalmente desconhecidas da Sra. Wickland, são faladas, expressões nunca ouvidas pela mesma são usadas, enquanto a identidade dos espíritos comunicantes é sempre verificada e corroborações inumeráveis são feitas.

Em certa ocasião, eu conversei com 21 espíritos diversos que falaram por intermédio de minha esposa, a maioria dos quais me deu provas satisfatórias de serem certos amigos e parentes aos quais conheci em vida. Ao todo, eles falaram, em 6 línguas diferentes quando a minha esposa sò fala o sueco e o inglês.

De uma paciente, a Sra. A., que nos foi trazida de Chicago, treze espíritos foram desalojados e permitidos incorporar-se na Sra. Wickland (*) e, dêsses, sete foram reconhecidos pela mãe da paciente, Sra. H. W., como parentes ou amigos bem conhecidos em vida.

Um era um ministro, antigamente pastor da igreja metodista de que a Sra. H. W. era membro, o qual desincarnára num desastre de estrada de ferro nove anos antes, porém ainda inconciente do facto; outro era sua cunhada e havia, também, três senhoras idosas, antigas amigas da família; um vizinho e a sogra da paciente, todos inteiramente desconhecidos da Sra. Wickland.

A Sra. H. W. conversou longamente com cada um deles, falando pela bôca da Sra. Wickland, verificando inúmeras afirmações feitas pelos espíritos e ajudando-os à realização das suas mudanças de plano de vida e do facto que estavam atuando sôbre a sua própria filha. A paciente está hoje perfeitamente boa e ativamente ocupada em seus afazeres sociais, musicais e domésticos.

Outro caso mostrará, claramente, a transferência da psicose do paciente para o intermediario psíquico e a impossibilidade de ou a «mente subconciente» ou as «personalidades duplas» desempenharem qualquer papel no que se refere ao médium.

Certa tarde de verão, fomos chamados à casa da Sra. M., uma senhora de cultura e educação. Ela era uma musicista de fama e as suas atividades sociais, sendo muito grandes, acabaram por causar-lhe um desiquilíbrio nervoso. Tornou-se intratável e acabou por encontrar-se durante seis semanas em tal estado de nervosismo que os seus médicos não puderam aliviá-la e dia e noite enfermeiras a mantiveram sob constante cuidado.

Encontrámos a paciente deitada na cama, chorando como uma criança perdida e gritando cheia de medo: «Matilla! Matilla!» E, de repente, começava a lutar e a falar uma terrível mistura de inglês e espanhol, lìngua essa ùltima de que nada conhecia.

A Sra. Wickland fez logo o seu diagnóstico psíquico dizendo que o caso era, inquestionavelmente, de obsessão e isto foi, inesperadamente, confirmado quando a Sra. Wickland, que estava ao pé da cama, e pronta para sair, foi subitamente tomada por um espírito. Colocámo-la num divan do salão de música, onde por duas horas conversei com vários espíritos que tinham sido atraídos da paciente.

Havia três espíritos: uma moça chamada Mary; um norte-americano, seu namorado; e Matilla, um mexicano, seu rival. Os dois amavam violentamente a moça e se odiavam ferozmente. Em um acesso de raiva, um matou a jovem e, depois, em desesperado combate os dois rivais se mataram um ao outro. Todos estavam inconcientes da sua morte, embora Mary dissesse, chorando dolorosamente: «Eu pensava que êles se iam matar, porque ainda estão aquí lutando!»

Essa tragédia de amor, ódio e ciume não terminára com a morte física: o grupo tinha inconcientemente ficado desenhado na atmosfera psíquica da paciente e o violento combate continuava dentro da sua aura. Como a sua resistência nervosa fôsse excessivamente baixa nessa ocasião, um após outro usurparam o seu corpo físico com um distúrbio inexplicável para os que cuidavam dela.

Com grande dificuldade, os três espíritos ficaram convencidos de que haviam perdido os seus corpos físicos, porém, finalmente, reconheceram a verdade e foram levados pelos nossos colaboradores invisíveis.

Entrementes, a enfêrma se levantára e, falando normalmente com a espantada enfermeira, passeava tranquilamente em seu quarto. De repente, disse: «Vou dormir bem esta noite!» e, voltando para a cama, caiu no sono sem os habituais sedativos e repousou tranquilamente durate a noite. No dia seguinte, assistida por sua enfermeira, foi levada à nossa casa; despedimos a enfermeira, dispensamos todos os remédios e, depois de um tratamento elétrico, a paciente tomou o seu jantar na sala de ~~jantar~~ geral com os outros pacientes e, nessa mesma noite, assistiu a uma festa que demos em nosso salão de reuniões.

No dia seguinte, outro espírito foi removido dela e êsse foi o de uma mocinha que morrera no terremoto de San

---

(*) *Vide Cap. II, Materialismo, Espìrito Frank Berquist, Paciente: Sra. A. — Cap. 13, Ortodoxia, Espírito: J. O. Nelson, Paciente: Sra. A.*

Francisco e que gritava constantemente, dizendo que estava perdida no escuro.

Inútil acrescentar que ela foi confortada e cuidada por espíritos amigos que não puderam auxiliá-la enquanto estava enredada na aura da enfêrma. Depois de alguns meses de tratamento, repouso e convalescença, a paciente voltou para o seu lar e retomou a sua vida social.

Uma das nossas primeiras reuniões em Chicago ocorreu em 15 de Novembro de 1906. Nessa sessão, a Sra Wickland deu incorporação a uma entidade estranha, caiu prostada no chão e aí permaneceu em um estado comatoso, por certo tempo. Êsse espírito foi finalmente colocado em posição e começou a agir como si sentisse uma grande dôr, dizendo repetidamente: «Porque não tomei uma quantidade maior de acido carbônico? Quero morrer! Estou cansada de viver.»

Com voz fraca, o espírito se queixava da densa escuridão que a envolvia e era incapaz de ver uma luz elétrica acesa que se colocava bem defronte do seu rosto. Ela sussurou fracamente: «Meu pobre filho!» e, sendo-lhe pedido informes sôbre a sua pessoa, disse que o seu nome era Mary Rose e que morava em 202 South Green Street, rua essa que nos era inteiramente desconhecida nessa ocasião.

A princípio, não poude recordar-se de qualquer data, porém quando eu lhe perguntei: «E' dia 15 de Novembro de 1906?» ela respondeu: «Não, é, na semana próxima». A vida lhe fôra de amargas desilusões, sofrera de mal crônico nos intestinos e, finalmente, resolvera acabar com a vida, tomando veneno.

Ela não poude, no começo, realizar o que lhe acontecera destruindo o seu corpo físico, pois como a maior parte dos suicidas, estava na completa ignorância da indestrutibilidade da vida e da realidade da vida póstuma. Quando o real fim da vida, a experiência e o sofrimento se tornaram mais claros ao seu entendimento, ela sentiu-se tomada de arrependimento e pediu perdão para a sua falta. Então os seus olhos espirituais se abriram um pouco e ela viu, vagamente, o espírito de sua avó que viera para conduzi-la ao mundo espiritual. Subsequente investigação, no endereço dado pelo espírito, provou que as suas afirmações eram verdadeiras: uma mulher com êsse nome vivêra nessa casa, tinha um filho que ainda ali morava e fômos, mais, informados que a Sra. Mary Rose fôra levada ao «Cook County Hospital» e alí morrera uma semana antes. Prosseguindo as nossas pesquisas no hospital, obtivemos confirmação dos factos e conseguimos uma cópia da ficha de registro da morta, assim concebida:

> Cook County Hospital, Chicago, Illinois
> Mary Rose
> Entrou em 7 de Novembro de 1906
> Morreu em 8 » » » »
> Envenenamento por ácido carbônico
> N.o 341.106

(*Continua*)

O Espiritismo

O Espiritismo é causa de liberdade. Mal crê, quem crê que o Espiritismo é símbolo de liberdade. E' causa viva de liberdade, é fôrça atuante de liberdade e de luta pela dignidade de viver essa liberdade. O Espiritismo é reinvindicação de idéias em função de liberdade criadora. O Espiritismo é fôrça e conciência; é amor e responsabilidade: é função e é humanidade; é justiça e é verdade: é integridade, dignidade e civismo. Quer dizer: o Espiritismo é o novo homem. E' a nova conciência do homem. E' verbo e é realidade, ao mesmo tempo; é profundidade e elevação humana; é ideologia e comportamento; é meio e fim de elevadas aspirações de superação da dignidade de viver. E' credo filosófico e verdade científica; é norte moral e postura social. E' conhecimento e ação. Por isto, cremos na função superior do Espiritismo e na ação superior do homem. Um e outro são manifestações da mesma realidade.

Do «Boletim da Agrupación Estudiosa Camilo Flamarion»

O Fôro Íntimo

J. B. Chagas

— I —

O ESPIRITISMO, segundo os ensinos codificados e dos emanados dos espíritos, é Ciência, Filosofia e Religião. Por qualquer dêstes prismas que se o encare, verificar-se-á a excelência de tudo o que predica.

A escola espírita oferecendo indefectivelmente ao entendimento humano um ponto de vista sôbre o Universo, o homem e tudo que o cerca; dando ao crente uma base para a sua crença, faz necessariamente emergir dêste ponto — uma moral. Faz nascer dentro dêle o espírito de crítica franca, de raciocínio ponderado e de investigação sincera. Aí, o homem chega a compreender a finalidade da sua permanência à face da Terra, através da evolução palingenésica e o «porque» da vida, enfim. A sua vida toma outra diretriz. Surge em sua conciência o sentimento da responsabilidade dos atos que pratica. Êstes, por sua vez, passam a ser mais moderados; já não obra irrefletidamente, irresponsavelmente. Ha no seu instinto mais senso, mais «contrôle»; mais raciocínio em tudo. Assim é que irá gradualmente ascendendo à medida que o seu espírito fôr se impregnando do sentimento do Bem e do Belo; do Justo e do Sublime. E', portanto, a vondade esclarecida que se afirma, associada ao livre arbítrio, tendo em vista que a evolução não se violenta nem se usurpa.

Mas, por uma razão individual e íntima, respeitável por todos os motivos, essa evolução superior no homem terá que se processar lenta e paulatinamente, sem nenhum vexame ou constrangimento, através de uma educação moral apurada e esmerada. Porque moral não se impõe. A moral tem que ser sentida intimamente, interiormente. Por isso, sendo ela uma questão de *fôro íntimo,* não pode estar sujeita a regras fixas e predeterminadas ou ter canones estabelecidos, porque isso importaria numa coação da vontade humana, e equivaleria a obrigar um indivíduo, nêsse terreno, a obrar dessa ou daquela maneira.

Não estando o homem submetido a um determinismo absoluto, nem sendo senhor de um livre arbítrio irrestrito, embora seja livre dentro de um livre arbítrio relativo, que não vai, contudo, ao extremo de contrariar a obra divina, porque isso importaria na derrogação da lei, ninguém poderá dizer a um indivíduo que ame ou odeie até êste ou aquele grau.

A moral terá antes de tudo que ser governada pelos impulsos do coração e do Espírito. O sentimento de moralidade deve ser natural e espontâneo, pela necessidade que o homem sinta de se harmonizar com a obra divina ou seja o de viver segundo a natureza, onde não ha imoralidade, o que se conseguirá por uma educação racional e metódica, sem violência de qualquer natureza.

Aí, êle então compreenderá a necessidade de matar, o que se chama em linguagem evangélica, o homem velho, que dormita dentro de si, para dar nascimento ao homem novo, que é a sua conversão aos Evangelhos, porque segundo o Cristo de Deus, do homem ha de nascer o anjo!

Odres velhos que somos, não suportamos o vinho novo, a não ser em pequenas doses...

Fóra dêstes princípios, redundará inócuo todo o esforço nêsse sentido, e é por isso que é tão precária a moral teológica do «faça o que eu mando e não o que eu faço», porque não exemplifica e é imposta; tem regras fixas, preestabelecidas, não tendo o mérito da moral espontânea, da moral sentida, da moral racional, que pode ser resumida no homem visto através dos seus atos e das suas obras. A moral imposta é coercitiva da vontade humana, porque importa num constrangimento do instinto ou da vocação, em troca da beatitude celestial... Logo, não é moral.

Por mais tratados ou códigos de moral que se escrevam, jamais se conseguirá que um indivíduo modifique prontamente as suas tendências perniciosas, taras muitas vezes de um passado tortuoso ou alije o fardo de suas imperfeições, de suas mas inclinações, sem que primeiro êle sinta intimamente a necessidade de melhorar-se.

Em tudo o que tivermos de fazer nêsse sentido, encontraremos sempre pela frente uma vontade conciente que se oporá à nossa, e que é preciso vencer, com método, argúcia, inteligência, sem vexames e, sobretudo, sem violências.

Por isso não achamos de boa ética a atitude de certos confrades, que pelo livro, pelos jornais, pelas tribunas e até pelo rádio, atacam de modo impiedoso os defeitos e as imperfeições daqueles que não leiam pela nossa cartilha.

«O homem — diz-nos — *Léon Dénis* — no qual o sentido profundo, o sentido das cousas divinas não despertou ainda, o céptico, em uma palavra, quaisquer que sejam sua inteligência e seu saber em outras matérias, recusa-se a admitir estas cousas. Seria tão supérfluo insistir com êle, como explicar a um cego de nascença as côres do sol e das auroras, os jogos da luz sôbre as águas ou sôbre as geleiras». *(O Grande Enigma* — pág. 175).

Esquecem, principalmente, êsses confrades que, segundo as observações de *William Hislop*, cada indivíduo tem o seu *momento próprio de iluminação.* Que cada um ocupa um lugar destacado na grande escala evolutiva do Progresso, onde não ha dois indivíduos com os mesmos sentimentos, as mesmas inclinações, as mesmas tendências, as mesmas predisposições, as mesmas aptidões; o que para um é preto, ao outro parece branco; o que para um é claro, o outro acha que é escuro, e por isso é que ocupam diferentes estádios na escala da Perfeição, que vai de zero ao infinito, provando assim a grande lei da variedade na diversidade.

Fóra, portanto, dêsse instante psicológico que *Hislop* denominou *de iluminação*, ninguém aceitará, com sinceridade e convicção, qualquer princípio, moral ou filosófico, teoria ou idéia. Vem daí fracassarem muitas doutrinas adventistas e muitos ideologistas apressados... ou sejam os plantadores de couve de todos os tempos.

«A diversidade infinita que apresentam — ensina *Allan Kardec* — sob todos os aspectos, é a consequência mesma de constituirem individualidades diversas» *(Livro dos Espíritos* — pág. 66).

Não havendo, pois, no plano terra e mesmo no espiritual, dois indivíduos no mesmo grau de evolução, temos que convir que cada um reagirá a seu modo, ou seja de modo diferente, na medida das aquisições que já conseguiu apreender e do progresso que realizou nos demais ramos do conhecimento humano. Daí a diversidade de gostos, de atitudes e de sentimentos que se observa, não só no meio das coletividades, como no seio das famílias, e que carateriza a personalidade do indivíduo, ou seja o próprio *ego.*

Levando a questão do terreno psicológico para o fisiológico continua de pé a mesma incógnita. Mais do que ninguém, a ciência médica tem constatado essa verdade — um mesmo medicamento não cura dois indivíduos atacados da mesma moléstia !

A Pedagogia moderna vem prestando um grande auxílio aos professores, ao selecionar, ao têrmo de algumas semanas ou meses de aulas, as crianças em várias séries de diferentes classes, porque chegou-se a observar que cada criança compreendia as lições de modo diverso e as definia também de maneira diferente, daí as denominações de classes A, B, etc., separando-as em adiantadas e atrasadas.

(continúa)

O Materialismo

Afirmo sem hesitar que o materialismo é o maior e o mais grave êrro do espírito humano e que a evidência da sua absurdidade se demonstra por inúmeros fenômenos, de cuja realidade já não é possível duvidar.

Os partidários da ciência materialista julgam conhecer tôda a ciência humana; mas, não podendo explicar êsses fenômenos, negam-nos ou os consideram ilusões, como se todas as possibilidades houvessem de estar contidas no círculo dos seus conhecimentos, como se na terra e nos céus, conforme diz Shakespeare, apenas existissem as coisas imaginadas pela nossa filosofia.

C. Picone Chiodo.

"Indaguemos"

CAMPOS VERGAL

Trechos do multisecular livro Bhagavad Gita, da sabedoria indú :

> *Krishna : — «Quem conhece a verdade de que o Homem real é eterno, indestrutível, superior ao tempo, á mudança e aos acidentes, não pode cometer a estultícia de pensar que póde matar ou ser morto.*
>
> *«Como a gente tira do corpo as roupas usadas e substitue-as por novas e melhores, assim tambem o habitante do corpo (que é o Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra nova e recem-preparada para êle».*
>
> Do Baghavad Gita.

— Por que ha homens felizes e homens infelizes ?

— Porque o homem-espírito é o construtor da sua própria vida, é o operário da casa que êle mesmo edificou e na qual se encerrou ; é o único dispensador de suas glórias e alegrias, bem como é o próprio forjador das duras cadeias de sofrimento, a que se prende. Daí, o ninguém poder alijar de si sua indeclinável responsabilidade pessoal.

* * *

— Nossa felicidade ou infelicidade depende de terceiros ?

— A verdade fundamental é que somos o produto do passado, e seremos amanhã a consequência de nossas ações e atividades do presente. Os outros não respondem por nós, como nada pagamos pelos outros. A influência de terceiros em nosso destino é muito relativa, é secundária ; aliás, é muito significativo o ensinamento do Mestre quando setenciou : a cada um segundo suas óbras.

* * *

— Póde a divindade proteger-nos ou perseguir-nos ?

— Claro que não. A felicidade que gozamos ou o sofrimento que amargamos não constituem favor nem perseguição da Divindade, que não protege, nem persegue a ninguém. Os homens sim é que se ajudam e se prejudicam mutuamente, segundo suas inclinações, afinidades, paixões ; porisso continuam êles divididos em partidos, em grupos, em nações, em raças, que se guerream, ou se unem em aliança ora defensivas, ora destruidoras.

* * *

— Devemos fazer promessas, afim de obtermos alguma cousa dos santos ou das divindades ?

— Êste é um costume religioso antiquado, desprovido de bom senso espiritual. E' inútil tentar com dinheiro ou com promessas subornar as leis divinas. As promessas religiosas constituem um jôgo de interêsses subalternos, em que se procura atraír a proteção de «santos», gênios tutelares ou divindades, em troca de oferendas, óbulos ou de inúteis sacrifícios ... Os espíritos elevados, superiores realizam o Bem, praticam a Bondade, independente de retribuição, de paga, da nossa parte. Quem faz promessa a um sêr, afim de alcançar qualquer objetivo, está tentando ilaquear a dignidade dêsse ser, ou envolvê-lo numa permuta de interêsses...

* * *

— Devemos temer a morte ?

— Não devemos temer o que, na realidade, não existe. Se nem o corpo morre, mas, apenas se transforma, quanto mais o Espírito que é permanente, indestrutível, evolucionário ? O que existe veramente é a desencarnação e reencarnação do espírito, em sua marcha natural, progressiva, incoercível. Nada existe que seja verdadeiramente *morto* em a natureza.

* * *

— Devemos pensar em nossa salvação?

— «Nossa salvação» é cousa incompatível com as lições vitais do Espiritismo. Se existisse salvação, existiria também perdição. O que existe indubitável e logicamente é a evolução do Espírito através de vidas sucessivas. Ninguém está salvo, como ninguém está perdido. Nenhuma ovelha do rebanho universal se perderá, porque a Suma Sabedoria vigilante e onipresente, se manifesta imanente em tudo e em todos. Salvação, perdição, pecados mortais, morte, condenação eterna, cólera divina e quejandos são velharias dogmáticas, fundamentadas no mêdo, mêdo, sobretudo, das perseguições e castigos divinos, tão ao sabor das religiões antigas.

—

CAIRBAR SCHUTEL

DE tal forma nos achamos identificados com Cairbar Schutel e sua obra que até os mais pequenos incidentes de sua vida não nos passam desapercebidos.

Estamos sempre a nos lembrar dêsse grande Apóstolo do Cristianismo Redivivo, e quando o desânimo nos parece acabrunhar diante das dificuldades e das lutas que temos de enfrentar, surge logo à nossa frente a sua imagem varonil nos estimulando e encorajando, como se um halo divino nos envolvesse subitamente.

E' assim que, se Cairbar Schutel ainda estivesse entre nós com o seu indumento carnal, completaria, no próximo dia 22, o seu 73.º aniversário natalício entre a mais intensa e justa alegria de seus amigos, companheiros e confrades.

Assinalando tão grato acontecimento e certissimos como estamos de que Cairbar Schutel está ainda mais vivo do que nós, de vez que a vida espiritual é a verdadeira vida, enviamos-lhe, como outrora, as nossas mais sinceras felicitações, solicitando-lhe, em troca do seu habitual «muito obrigado», o seu tão indispensável auxílio ao nosso trabalho espiritual.

Salve, 22 de Setembro!

CAIRBAR SCHUTEL

Enquanto a religião da fôrça vai sendo atacada pela fôrça, o Espiritismo vai se impondo pelo amor, pelos factos e pelas obras — CALIXTO.

Sôbre a Superstição

Dr. Carlos Imbassahy

(Conclusão)

Êsse caso do diagóstico também não escapou ao notável neurologista dr. Osty, que afirma:

> «E' evidente que o diagnóstico paranormal, ainda que fragmentário e falível, chega, por vezes, a dizer, a seu modo, a verdade sôbre tal ou qual moléstia, na qual o médico se engana.»

E sôbre a terapêutica:

> «Ha curas, mesmo em casos que resistem aos esforços de um ou muitos médicos, e até de alguns altamente titulados.» *(28)*

Cesar de Vesme, o laureado historiador francês, diz, com relação ao assunto:

> «*Une seule chose parait infiniment probable pour le moment, c'est qu'il n'y a pas là seulment «Quelque chose»; il doit y avoir quelque chose d'extraordinairement intèressant à tous les points de vue.*» *(29)*

Si ha aí algo interessante, não percamos o tema.

Mesmer curou milhares de pessoas pelo magnetismo; Mary Baker Eddy fundou uma seita que tinha por finalidade curar os enfêrmos, seita que, só em filiais, possue para mais de três mil, espalhadas em todo o mundo.

Freud imaginou ou descobriu um processo mental de curas nervosas pelas descargas do subconciente, processo que tem causado entusiasmo a meio mundo.

Não admira, pois, que, no Brasil, a arte de curar, com bons ou maus efeitos, se espalhasse extraordinariamente.

Os agentes terapêuticos são inúmeros, mas o que impera, sobretudo, são as chamadas *mezinhas de além-túmulo.*

No Rio de Janeiro, chegaram a existir 500 ou mais sociedades, onde se ministrava a homœpatia espírita. A essas sociedades cumpre acrescentar o curador singular a quem muitas vezes a polícia não deixa de andar no encalço.

Algumas sociedades teem em mira lucros monetários; diga-se, porém, a bem da verdade, que muitas existem, verdadeiros tabernáculos, onde os crentes procuram, de boa fé e desinteressadamente, levar a cura ao enfêrmo, do mesmo passo que lhe busca encaminhar o espírito ás elevadas noções da mais pura moral.

Se os meios que empregam, pelo menos no que toca á cura do corpo, são eficazes, que o diga a ciência ou digam os sábios que acabei de invocar.

Em todo o país se criam, constantemente, centros, onde é aplicada a «terapêutica do Além,» que consiste, por via de regra, em récipes de homœpatia; êsses centros vêm resistindo á ação repressora, material ou moral, contra êles exercída, por se tratar do exercício ilegal de medicina. Consideram-se como mártires, em benefício do gênero humano.

Ha pouco, queixava-se um articulista de que, até mesmo á sombra da lei, se inauguravam todos os dias, em S. Paulo, centros espíritas, cuja finalidade era curar.

E' facto que as curas mediúnimicas estão bastante disseminadas por todo o nosso vasto território e se, de quando em quando, um embusteiro é apanhado em flagrante, de outro lado, ha os que se declaram curados por essa medicina ilegal, e isto quando da legal já haviam desanimado.

Efeitos da ignorância, dizem uns; sinál dos tempos que são chegados, afirmam outros. Como, porém, se costuma incluir tais processos de curar entre as superstições, e porque ilustre professor indaga em especial, do curandeirismo, não poderia deixar de referi-las. Elas abrangem um capítulo enorme no que toca à terapêutica fora da medicina.

Convém, ainda, lembrar uma espécie particular de curador: é o sertanejo, ou mesmo o cidadão que produz os seus milagres por meio de rezas, as quais são, muitas vezes, acompanhadas de certo ritual.

---

(28) Dr. Eugéne Osty, *Revue Mètapsychique*, pg. 501, 1929.

(29) C. de Vesme, — *Le Diagnostic Paranormal.*

Nas nossas granjas e fazendas é muito comum solicitar-se o auxílio do rezador, mórmente para os males do gado.

O rezador que se preza tem rezas para todas as moléstias, mas o tipo mais interessante é o especialista em bichos e bicheiras.

Quando os parasitas resistem à ação dos processos de extinção ou à perícia do veterinário, quem dá a última demão é o rezador.

Êle é a figura providencial, principalmente onde o progresso não se faz sentir e o profissional se faz esperar.

Um amigo meu contou-me que tinha, como lenda da roça, as maravilhas desses charlatões, mas que, certa vez, fôra chamado afim de que testemunhasse o facto. Viu, então, um deles operar num animal, e notou que a proporção que o homem rezava, os bichos se desprendiam de uma ferida e caiam ao chão.

Examinara êle bem o caso, arregalara bem os olhos, espreitara de todos os lados, esgotara, enfim, todos os meios de explicação, fora do «milagre», e não os achou nenhum.

Aí fica a història como a contou o amigo, a quem deixo a inteira responsabilidade do relato.

* * *

Não desejo terminar essas notas, já um tanto longas, ensôssas e fastidiosas, sem um caso que as possa, talvez, tornar um pouco mais humorísticas.

Passemos ao conto.

Como se sabe, onde as superstições superabundam é entre jogadores. Não lhes fiz menção porque, devido a inexplicável idiosincrasía, não tolero nada que diga com jogos de azar. Andei, pois, por alto, pela escala quasi infinita daquela casta de superstições. Entretanto, aquí deixarei um pequeno caso para que se veja até onde vai a obstinação de um desses infelizes fascinados.

Assim, me garantiu um deles que o fosforo de cêra era a maior calamidade possível para quem se aproximava do pano verde.

Vou prová-lo, — disse-me êle, pondo-me a mão grave, misteriosamente, sôbre o ombro. — E referiu:

Certa vez, começara a perder. Desconfiado, relanceou os olhos em torno para ver se havia alí por perto alguma *coruja*.

Nada! Não havia ninguem! E êle perdendo, perdendo sempre.

Finalmente, meteu a mão no bolso para acender um cigarro, afim de ver se, com a fumaça, espantaria o azar. Mas, ao pegar na caixa de fosforo, compreendera tudo: eram fosforos de cêra! Não teve dùvida: num ímpeto violento lançou a caixa fóra e exclamou: *vade retro. Satan!*

E continuou a perder! Pediu outros fosforos; queimou o bolso. Nada! Perdeu ainda. Perdia continuadamente. Perdeu a noite toda! E saiu dalí inteiramente depenado!...

— Donde se vê — conclui eu — que os fosforos não tinham a mínima parte no seu desastre.

— Ao contrário — bradou ele, bastante acalorado, — o que ficou provado é que o azar dos fosforos de cêra resiste até à incineração!

* * *

Aquí deixo, estes simples reparos. Não se trata de um artigo, talvez nem mesmo de uma contribuição, tão pobre se apresenta ela.

Serão dados, comentários, pequenos parágrafos soltos de um capítulo que merece ser estudado.

O meu intento único foi o de não deixar sem resposta a carta de um mestre, que, num momento de perturbação universal, ainda se dedica a pontos de ciência, ou pelo menos, a estudos de relevância.

Tenho a esperança, aliás muito pálida, de que aquí ou alí se possa aproveitar algo. O mais certo, porém, é ter feito obra inútil, que assino, tão só, para assumir a responsabilidade do escrito.

Não tenho a longínqua pretenção de haver apresentado uma conclusão qualquer. Faço mesmo questão de frisar que, em matéria de superstição, difícil é estabelecer os limites entre o real e o irreal, entre o sério e o falso, entre a sinceridade e a velhacaria, entre a fantasia e o fenômeno. Mas tenho como certas as palavras de Vivekananda:

> «Não está ainda acabado o livro das Revelações. E' um livro maravilhoso. A Bíblia, os Vedas, o Alcorão, todos os outros livros sagrados não passam de algumas de suas páginas e um número infinito de páginas ainda está por conhecer».

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— VIII —

E' ainda um caso de encontro noturno êste que vou relatar.

Na antepenúltima terça-feira de Dezembro de um dos últimos anos em que eu presidia a sessões práticas manifestou-se um Espírito de alta cultura mas dotado de sentimentos refratários ás regras de fraternidade, a invectivar-me por não ter autoridade moral para prégar aos outros virtudes de que não dava testemunho, estendendo as suas objurgatórias a todos quantos andavam por toda a parte a revelar a mais indigna hipocrisia, a se transmitirem abraços pela frente mas a se tozarem pelas costas.

Embatuquei no momento por ver que escutava verdades flagrantes e ladeei com habilidade o tema, ponderando que, sendo ainda imperfeitos e atrasados, nós eramos como aqueles apanhados nas vielas das ruas para o banquete a que se referia o Divino Mestre. Era dentro da lama das nossas paixões que teriamos de nos revolver e levantar-nos para o banho lustral da redenção. A' força de aconselhar o bem aos outros acabariamos por inocular em nós mesmos a semente do bem. A natureza não dá saltos. Também o homem não pode violentar a sua transformação. E fiz uma referencia a certa grande Sociedade, ao que o interlocutor revidou prontamente: Pois é lá mesmo que tenho assistido à mais deslavada hipocrisia. E citou um nome, interrompendo-o eu a seguir por dizer: Meu irmão, não consinto nestas sessões que se individualize quem quer que seja, pois aqui não se permitem críticas mas tão sómente estabelecer laços de cordialidade. Ante esta ordem insurgiu-se o Espírito protestando contra a falta de caridade que seria não darlhe livre curso a sua palavra. E retirou se agastado.

Na reunião seguinte esperei-o de novo, ao que Romualdo, um dos Guias dos meus trabalhos, informou-me que o Espírito, embora alí presente, não queria manifestar-se por estar magoado comigo. Resignei-me com isso posto que ficasse entristecido, uma vez jamais Espírito algum se retirou da minha tenda sem levar o pão da vida eterna.

Ia eu encerrar os trabalhos do ano, e não me poderia conformar por deixar um pobre sêr mergulhado no êrro, e na última sessão do ano deliberei fazer a prece de abertura dirigindo-a a Jesus para que o meu desafeto ali viesse ouvir o perdão dos meus lábios e reconciliar-se comigo.

O médium entra em transe e diz:

—Boa noite.

—Boa noite, meu irmão, respondi.

—Atendi ao teu pedido porque demonstraste humildade, apanagio das almas grandes.

—Gostaria que o meu prezado amigo dissesse o que obteve nas suas pregrinações destes quinze dias.

—Aprendi muito. Tu mesmo, aqui no espaço és muito mais humilde que aí onde te sentas.

—Obrigado pela interessante informação.

—Ajudaste-me a prescrutar o que eu ignorava. Verifiquei teres razão nas tuas ponderações de outro dia. Passei por onde ainda não havia andado. Presenciei quadros de real abnegação dos que ocultam os benefícios que outorgam sem esperança de recompensa. Creio em Deus agora por haver encontrado a sua justiça.

O espírito terminou por fazer o maior panegírico imaginavel à humildade apontando-a como a porta de salvação, comprovando o conceito corrente de que não ha sêres absolutamente endurecidos quando se lhes pode descobrir a brecha através da qual é facil penetrar a luz da verdade. Com a doçura pacientemente vertida em palavras de carinho, com gestos e argumentos pelos quais possamos parecer que somos nós quem está de joelhos a pedir uma esmola ao sêr comunicante, êle sucumbirá vencido pelos fluidos projetados pelo nosso coração, sempre que o nosso orgão cordial palpitar sinceramente de amor e piedade pelos que sofrem. Como êsse, muitos outros Espíritos tomaram rumo certo na tarefa de os salvar, havendo um deles certa vez me dirigido esta frase: Estás me incomodando com essa humildade.

Humildade?... se não a conheço. E' que me esforço por conter o meu orgulho, fingindo-me desentendido dos desaforos ouvidos, e tomam-me por humilde, os meus contendores.

O certo é que na citada noite agradecia a Jesus o haver fechado o ano com chave de ouro.

Era a última ovelha que entrava no aprisco e que ao despedir-se apertou-me a mão, dizendo: Conte com mais um amigo aqui no espaço.

A Eutanásia é um Delito

Sob êste título publicou a Revista Internacional do Espiritismo, em seu número 7, um sugestivo trabalho do Dr. Joaquim Branco.

Êsse trabalho sugeriu-me êste que é objéto destas linhas:

Ha dez anos, mais ou menos, estava gravemente enfêrmo um meu primo irmão, vítima da tuberculose. Eu estava assiduamente à sua cabeceira, auxiliando a sua esposa a tratá-lo. Num dado momento o seu estado agravou-se de tal modo que o seu médico assistente declarou-o perdido. Ante tal gravidade e vendo o estado exausto dos que o tratavam — pelas noites e mais noites passadas em claro, — o bom médico propôs-se a socorre-lo pela prática da eutanásia.

Ainda me lembro de suas palavras para nos convencer da conveniência de tal prática: «As senhoras vão sofrer muito com êle, se esperarem pela sua morte natural». De facto, o estado do enfêrmo era aterrador. Dera-se o rompimento das meninges, e perdera a razão, naqueles últimos quinze dias, que procederam a sua morte.

O enfêrmo passara por uma terrível transformação. Êle que até aquele momento se mantivera em completa lucidez de espírito, encarando com calma a sua triste situação, falando da morte com muita naturalidade, resignado e carinhoso com todos que o cercavam, transformou-se de um modo impressionante.

Colérico e mau, exigia as coisas numa linguagem estranha, que ninguem entendia. Ora ria, cantarolava — outras vezes, sempre — nessa linguagem estranha e exquisita. Dir-se-ia que um outro espírito, que não o do meu primo, se incorporara naquele corpo minado pela doença, mas que o espírito do meu primo, bom e sadio, soubera conservar, a-pesar-de tudo.

Era estranho e exquisito aquilo tudo. Mas a ciência oficial, a medicina, atribuia a causa do desiquilíbrio mental do doente, à ruptura das meninges.

Eu, que a êsse tempo era anti-espiritista sistemática, aprovei a proposta do médico: Ante a cena de dôr daquele enfêrmo, que já não parecia o meu primo, ante a aproximação da morte.

Mas a sua consorte que a êsse tempo já era convicta espiritista, insurgiu-se contra tal idéia e disse com energia: Não. Não consinto em tal coisa. Êle ha de morrer quando chegar a sua hora e quando Deus assim o quizer.

E, dirigindo-se a mim: Se ha alguem aquí que esteja cansado, póde ir para a sua casa descançar. Eu ficarei sózinha a tratá-lo e acompanhá-lo-ei até que a boa mensageira divina — a morte — o venha buscar. Só, então, descansarei.

Estava empolgante a minha prima, naquele seu heroismo, de esposa e mulher exemplar.

Dexei-a falar. Reconhecí-lhe razão. E continuei alí, junto a ela e aos seus dois pequeninos filhos, cuidando do doente.

Devo dizer que minha prima tomou-se de tal desconfiança pelo médico que lhe propusera a eutanásia para o seu marido, que não quís mais a sua presença alí. E nem mais deu remédios ao seu marido. Desconfiava. Passou a tratá-lo só com leite de cabra. Tirado à sua vista, do animal.

Depois de dois dias desta cena, meu primo entrou como que em sono madornal. Quieto, profundamente calmo, naquele sono esteve dois dias. Dir-se-ia já não existir mais. Só se percebia a respiração daquele corpo, muito tenuamente.

Na tarde daquele segundo dia, num dado momento o enfêrmo virou-se no leito e seus lábios puseram-se a mover, como se estivessem a querer dizer qualquer coisa.

Eu que estava velando o enfêrmo, enquanto sua esposa com pessoas de visita estavam noutra sala, aproximei-me do doente e perguntei-lhe se queria água. Chamei-o pelo nome. Á minha voz que êle reconheceu logo, pronunciou o meu nome e disse que queria a sua esposa e filhos e mais um seu cunhado com a mulher, que dele se acercassem. Queria falar-lhes. Todos estavam na sala vizinha. Chamei-os. Só, então, percebemos que meu primo não via. Pois êle só percebeu os que havia chamado, quando êstes lhe falaram, um por um. Êle, então mencionou os seus nomes, um por um, e mencionou, solenemente, também o meu.

Eu vou morrer. Você sabe? Disse, chamando-me pelo nome, em tom carinhoso, mas solene. Sei. Respondi-lhe.

Pois bem. Quero que você ouça e seja testemunha do que vou dizer: Chamou pelos cunhados e fez-lhes cuidadosa recomendação para que êles tomassem a seu cuidado o amparo de sua família: mulher e dois filhos pequenos que iam permanecer sem o seu chefe.

Depois de certificar-se de que todos o haviam compreendido e de prometer-lhe que cumpririam, com amoroso afeto o que o moribundo lhes pedia, êle ainda dirigiu-se mais uma vez à sua esposa e disse-lhe:

Vou morrer. Depois de quinze dias de minha morte você, minha boa companheira, irá cair gravemente enfêrma. Os que acorrerem a te tratar irão dizer que você adquiriu a minha moléstia. Não acredite. Será, apenas a reação destas tremendas vigílias, por que você tem passado ao meu lado. Dentro de quinze dias, mais ou menos, você estará restabelecida e viverá, neste mundo, por bastante tempo para cuidar de nossos filhos. Vou satisfeito porque os deixo amparados. Peço-lhes que não chorem. Não vistam luto e não mandem dizer missas e não façam despesas no cemitério. Deem aos pobres o que haviam destinado a isso.

Chamou a mim mais uma vez e concluiu: Você compreendeu? Compreendi, sim, respondi. E sou testemunha de suas recomendações. Cá ficaremos para cumprir a nossa missão e o que você recomendou.

Acompanhem-me em pensamento... Dito isso quedou-se em silêncio e nada mais falou. O seu corpo respirava ainda. Mas se lhe falavamos não respondia. A's 23 horas dêsse dia, que calhou ser vespera do dia 29 de Junho, êle partiu sem um queixume, sem um sinál doloroso, siquer. Espirou como uma flôr que pende da haste e cai sôbre a terra...

Minha prima chamou-me e disse: Então, minha boa amiga. Si eu tivesse consentido na prática da eutanásia, para abreviar os sofrimentos do nosso enfêrmo, não teriamos tido a oportunidade belissima de vê-lo voltar à vida e à razão, para nos dizer da grande misericórdia divina...

E dizer que à ruptura de suas meninges perdera irremediavelmente a razão...

Donde lhe veiu, pois, o restabelecimento de sua razão?

Faculdade de Deus, que os homens não querem ver nem compreender...

Desde êsse dia nunca mais duvidei do Espiritismo.

Isto que acabo de expôr é verídico e sem exagero. Foi presenciado por inúmeras pessoas que se acercavam do leito de meu saudoso primo.

E o meu testemunho, ofereço-o à seára divina, pela a Revista fundada por Cairbar Schutel.

Isabel Cerruti.

P. S. — Quinze dias depois do enterramento de meu primo, aquela que fôra sua dedicada companheira caíra gravemente enfêrma. Tal qual como predissera o moribundo. E tal qual o predisseram todos os que a conheciam, eram de opinião que ela contraíra a doença do marido. Só nós que sabiamos o que o moribundo afirmara, ficámos tranquilos, esperando vê-la restabelecida dentro de mais ou menos quinze dias. O que realmente se verificou.

Bela prova da sobrevivência da alma. E da Verdade do Espiritismo.

E com outras provas eu fui agraciada, pela bondade divina, para crêr na vida além-túmulo.

Isabel Cerruti.

Crônica Estrangeira

Espíritos que interveem em jogos

«Light» — Por Mary Winefride Slater

A suposição de ser possível o auxílio de espíritos em jogos è apoiada por Mrs. Bertha Harris, a médium que foi auxiliada de modo notável quando ela, em sua mocidade, jogava xadrez com o próprio pai. Êle, naturalmente, mostrava-se grandemente surprêso pelo facto de ela sempre ganhar, e pediu-lhe esclarecimento a respeito. «Oh! uma enorme mão, com falta das pontas dos dedos, mostra e indica-me as peças que devo mover!» foi a resposta surpreendente. O avô falecera quando seu pai não passava de 14 anos; *as extremidades dos dedos haviam sido amputadas por uma tesoura mecânica!*

Por «ver coisas» ela se encontrava em constantes apuros, e por essa razão era frequentemente punida. Era «menina muito imaginativa», diziam. Consequentemente, quando o pai ouviu a estranha história, desistiu de jogar. «Não haverá mais partidas de xadrez!» declarou êle.

Vou dar dois exemplos interessantes de auxílio espiritual que recebi.

A primeira ocasião foi durante minha visita anual de verão a uma tia idosa, que vivia em confortável vivenda em certa província. Todos os dias após o chá, costumavamos jogar «croket». Minha parte no jogo era limitada, pois desde o começo minha tia não cessava de tocar ambas as bolas e assim ganhava sucessivamente, enquanto que eu ficava a observar sem que se me oferecesse uma oportunidade.

Minha tia era senhora idosa, boa, mas de gênio impulsivo que, em certas vezes, tocava ás raias da irascibilidade, quando falava sem rebuços, que não raro me afligia. Quando eu colocava uma bola em posição, esta era inexoravelmente malhada e enviada ao outro extremo do campo, e eu era obrigada a correr atrás dela, seguida por seus comentários sarcásticos, que eu fingia não ouvir; mas eu sempre temia o dia em que perderia a calma.

Finalmente, cheguei ao limite da paciência e, em alta voz, apelei a meus amigos espirituais: «Rogo-vos, vinde ajudar-me a sair vencedora, hoje. Já não posso suportar esta humilhação por mais tempo!» Eu confesso que não sabia de que modo êles me poderiam ajudar.

Subitamente houve uma transformação miraculosa, completa inversão de nossas posições. Muda de assombro, minha tia olhava enquanto eu certeiramente golpeava as bolas, arremessando-as ao ângulo mais distante do campo. Finalmente minha tia caiu sôbre uma cadeira e exclamou com indignação afrontosa: «Você está jogando do modo mais extraordinário jamais visto! Completamente anticientífico. Você está «quebrando» todas as regras do jogo!»

O jogo terminou com plena vitória para mim. Foi essa uma experiência assombrosa. Eu sentia como se minha mente e corpo fossem controlados por alguém, mas sempre em estado conciênte. Instintivamente eu sabia em que lugar exáto deveria colocar a bola e de que maneira agir para obter o maior rendimento, contudo, parecia-me estar sonhando. Não me atrevi explicar êsse milagre à minha tia, que era austera anglo católica e certamente atribuiria ao diabo a minha vitória.

A segunda vez em que recebi ajuda espiritual foi quando assenti em formar uma mesa de quatro num jogo de bridge com pessoas habeis e que jogavam a *valer*. Eu jogava indiferentemente e, daí, o risco de perder meu dinheiro.

Logo de começo, o nervosismo não me permitiu fazer declarações, pelo que fui repreendida. Depois, tornei-me negligente e fiz declarações que minhas cartas não justificavam, e de novo fui sensurada. Finalmente perdi a cabeça e emudeci. O terrível silêncio que se seguiu ao desastre foi mais enervante que uma tempestade de condenação, e cheguei ao extremo de protextar incômodo súbito para fugir áquela sala, quando, pela clariandiência, ouvi as palavras : «Permaneça em seu lugar. Sua mão será guíada. Abandone-se e torne sua mente passiva. Desta vez vamos ajudar, mas não caia noutra, ao contrário se encontrará em sérios embaraços !»

Como foi predito, as cartas caiam na mesa. Com indizivel alívio reclinei-me sôbre o espaldar da cadeira, e abandonei-me passivamente, tornando-me inconciente do que acontecia em meu derredor. Quando voltei ao estado normal, verifiquei que meu *parceiro* jogara magistralmente e minha perda grandemente se reduzira. De novo chegou minha vez. Como no caso de minha tia, não era eu que governava minha própria mente. Eu sabia instintivamente quais as declarações a fazer, e sempre obtinha boas cartas. *Uma luz iluminava a superfície da carta que eu deveria jogar!*

Quando terminámos a última partida, verifiquei que meu *parceiro* e eu haviamos recuperado a soma exáta que eu perdera, sem o acrescimo de um simples pence. Meus amigos espirituais não me permitiram auferir proveito do seu auxílio. Nunca mais peguei em cartas para jogar «a valer».

Mão de freira italiana impressa na porta dum Convento

«*The Greater World*»

Significativa Mensagem Espírita

Em 1826, Tereza Margarita Gesta, jovem natural da Córsega, entrou para o Convento Franciscano, para dedicar sua vida a Deus, em reconhecimento de uma cura miraculosa com que fôra agraciada. Ela sofrera de cancer no peito, e sentiu-se completamente curada, depois de haver feito ardentes súplicas a Nossa Senhora.

Durante os trinta anos de vida monacal, Irmã Tereza sempre se distinguiu pela sua conduta virtuosa. Para cumprir fielmente seu voto de pobreza, ela muitas vezes se submetia a privações extremas.

Em 1859, Tereza foi vítima de súbito ataque apoplético. Ela tornou-se inconciente e faleceu horas depois.

Pungente Voz Espiritual

Apenas três dias depois, foi ouvida uma voz chorosa, lamentosa, que parecia sair da cela em que expirou a freira. A princípio não deram maior importância ao caso, que foi atribuido a irmãs nervosas, iludidas por fantasias do cérebro. Todavia, 10 dias mais tarde, quando irmã Ana Meneghim se dirigia à lavanderia situada no andar superior, não sómente ouviu uma voz aflita, lamentosa, como ainda reconheceu a voz de Teresa.

Contudo, Irmã Ana ainda duvidou de sua própria impressão, pensou tratar-se de um gato, talvez preso em um dos armários. Enquanto ela abria três dêstes, sem resultado, continuou a ouvir a voz. Um tanto amedrontada, ela exclamou : «Pelo amor de Deus, de que se trata ?» Respondeu a voz inconfundível de Teresa : «Oh, meu Deus, grande é o meu sofrimento !» Irmã Ana perguntou : «Porque sofres ?» Imediatamente veiu a resposta : «Devido à pobreza voluntária». «Mas como compreender isto, se tu mesma foste tão pobre ?» perguntou Irmã Ana. E o espírito replicou : «Não estou sofrendo por mim, mas pelas outras freiras». (Sem dúvida, Teresa percebeu a futilidade da pobreza espontânea nos conventos).

Em seguida ocorreu notável manifestação : Irmã Ana viu a forma de Teresa, envolta num nevoeiro, dirigir-se à porta. O espírito continuava a falar ininterruptamente, e acabou dizendo em voz alta: «Foi-me concedida esta graça. Não mais voltarei, e em sinál de minha presença...» Houve uma pancada e a forma se esvaeceu.

O que as freiras encontraram no andar superior

Terrificada, Irma Ana lançou-se escadas abaixo e relatou os acontecimentos à superiora e freiras. Duvidando que o espírito tivesse deixado a prova de sua presença, resolveram todas subir para investigar. Grandemente surpreendidas, encontraram sôbre a porta, a impressão da mão de Irmã Teresa, impressão julgada mais perfeita que qualquer outra obtida por meio de mão de ferro aquecida ao rubro.

O facto foi levado ao conhecimento do bispo, e o tribunal episcopal ordenou a abertura do túmulo para comparar a mão de Teresa com a impressão existente na porta. Constataram que a forma da mão física de Teresa era identica à impressão, em vista do que o facto foi registrado e publicado com autorização do tribunal. A porta com seu «sinál» está intácta até hoje.

Manifestações Psíquicas na Vida Normal dos Animais

«La Revue Spirite»

...Encontramos nos animais superiores todos os principais caraterísticos da alma humana, sobretudo o que se refere ao subconciente. Quanto à parte conciente da alma animal, ela evidentemente é muito inferior à nossa, ainda que bem longe de ser nula. Eis aquí o que diz o Abade Moreaux, o reputado Diretor do Observatório Astronômico de Bourges;

> «A sensação supõe um sujeito que sente, em uma palavra, uma alma distinta do corpo, e, por consequência, não podemos negar que o animal possua uma alma. A nossa ciência atual não pode se insugir contra esta doutrina. Ajuntarei mesmo que, a êste proposito, nossos estudos psicológicos não deixam de reforçar esta opinião baseada sôbre factos irrecusáveis. Se eu analisar os atos dum animal, não posso recusar-lhe a dôr, a alegria, o atrativo para o que lhe proporciona prazer, todos os fenômenos que denotam sensação, e por isto afirmo que o animal possue uma alma sensitiva».

Antes da grande guerra muito se falou dos cavalos de Elberfeld, dos cães e gatos de Manheim, animais cuidadosamente examinados por numerosos sábios, psiquistas e escritores alemães, franceses, belgas, suiços e italianos.

No decurso duma conferência, realizada em 1912, o conhecido psiquista de Vesme recordou o primeiro alemão, von Osten, que se ocupava da educação de cavalos, obtendo interessantes resultados, desde 1890.

> «Encorajado por êsses primeiros sucessos, disse de Vesme, êle comprou um cavalo novo, Haus. Êste de tal modo aproveitou as lições de seu mestre que logo foi capaz de contar, batendo com o pé, o número de golpes que se lhe ordenava, efetuar verdadeiros cálculos e resolver pequenos problemas. Karl de Krall, rico negociente de Elberfeld, interessou-se pelo cavalo e dele se apossou, quando faleceu von Osten. Êle comprou dois novos cavalos, Muhamed e Zarif, que êle mesmo instruiu, aperfeiçoando os processos. Êle lhes ensinou os números e, valendo-se de objetos, lhes deu a noção de números representados; fez-lhes compreender o que são as dezenas, que êle indicava por meio de golpes com o pé esquerdo, ao pé direito estavam reservadas as unidades. Rapidamente eles aprenderam a fazer as quatro operações, extrair as raizes quadradas e cúbicas; em seguida êle os ensinou a ler por meio dum alfabeto convencional, no qual cada letra era representada por um número. Assim é que Zarif chegou a soletrar, ao fim de quatro meses, palavras ditadas que nunca viu escritas, combinando as letras para coincidir com os sons que ouvia, suprimindo, por vezes, as vogais. Certo dia o Dr. Krall disse a Muhamed que êle lhe daria cenouras; «*funf*» (cinco), ajuntou êste espontaneamente. Doutra vez êle soletrou: «*Joham hafe geben*» (João dar aveia). Um dia, Zarif mostrou-se pouco aplicado, perguntou-se ao seu camarada: «Warum war Zarif nicht lich?» (porque Zarif não se mostrou amável?) E Muhamed respondeu: *Weil faul ist*» (Porque é preguiçoso)».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Hospital dos Pobres

As obras espíritas, mórmente as de caráter social, estão tomando vulto promissor até nos mais longínquos sertões constituindo o mais frisante testemunho do valor do Espiritismo como reformador da humanidade.

E' só com as obras que os espíritas podem fazer silenciar os detratores de tão sublime doutrina e conquistar as simpatias de todos indistintamente. As obras são fortalezas inexpugnáveis que nos defendem com segurança das investidas dos espíritos das trévas, inimigos da Verdade, quer sejam êles ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, incarnados ou desincarnados.

HOSPITAL DOS POBRES, DE GARÇA

Vem a propósito destas linhas, o seguinte : Em Garça, segundo nos comunicou o nosso representante em viagem, snr. João Leão Pitta, acaba de ser construido um hospital para os pobres, com 24 quartos, 4 enfermarias, uma sala de operações, um salão para sessões espíritas, cozinha, copa, banheiros, tudo isso realizado em apenas 6 mêses. O hospital conta com uma área de 10.000 metros quadrados. Já possúe 60 camas com os respectivos colchões de crina vegetal, travesseiros e roupas. Os recursos para a construção do Hospital foram obtidos pelos dirigentes do Centro Espírita local, que angariaram dádivas, em perfeita união de vistas e sem aquele personalismo que tanto entrava o prosseguimento das grandes obras.

Como se vê, é uma obra digna de imitação e que merece, portanto, o apôio dos espíritas compenetrados de seus deveres cristãos.

Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano

Conforme noticiámos, a Confederacion Espiritista Argentina realizará no mês de Julho de 1942, em Buenos Aires, o Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, que marcará o início de um trabalho comum das nações Americanas para intensificar o mais possível, a propaganda do Espiritismo.

Tratando-se de um empreendimento assás importante, de vez que visa unificar os espíritas americanos numa mesma tarefa, a Confederacion Espiritista Argentina conta com a adesão oficial de todas as entidades, jornais e revistas espíritas americanas, bem como de adesões individuais.

Os aderentes poderão enviar à Confederacion, idéias e colaborações referentes a êsse Congresso, as quais serão publicadas no seu orgão oficial, Revista «La Idéa».

Como se vê, os nossos confrades argentinos estão envidando os maiores esforços em pról da propaganda da nossa doutrina, merecendo, portanto, o apôio incondicional dos espíritas em geral.

Centro Espírita «Ismael»

O Centro Espírita «Ismael», da Capital, realizou no dia 29 de Junho último, uma festa de catecismo comemorativa do primeiro aniversário de sua fundação.

Decorrendo num ambiente de camaradagem espírita, foi esta reunião abrilhantada pelos oradores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, que se fizeram ouvir através da palavra respectivamente de seu presidente e secretario, Armando Tavares Fusco e Thomé de Souza Fusco e, por último, o idealizador da referida festa, Eduardo de Almeida Prado Filho.

A esta reunião compareceu uma das mais numerosas assistências do mundo infantil espírita, inclusive grande número de adultos.

Cliché da assistência que compareceu á festa de catecismo comemorativa do 1.º aniversário da sua fundação, no Centro Espírita «Ismael».

E', pois, mais uma das grandes iniciativas que a Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo tem patrocinado.

A nossa excursão

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

Durante o mês de Julho último fiz 20 palestras nas seguintes cidades: Getulina, Cafelandia, Guarantan, Pongaí, Baurú, Agudos, Gongonhas e Pirajuí.

Homenagem a Cairbar Schutel

O Asílo «Esperança» e Sociedade Espírita «Bezerra de Menezes», de Jardinopolis, prestaram uma homenagem ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, com a distribuição em larga escala, de impressos contendo a sua biografia e a descrição sucinta do seu trabalho no campo da doutrina espírita.

Nossos sinceros agradecimentos.

* * *

De Marilia

Nos primeiros dias do mês de Agosto tivemos a satisfação de receber a visita do incansável seareiro, sr. João Leão Pitta, que fez as seguintes conferências: dia 4 – no Centro Espírita «Luz, Fé e Caridade», sôbre o tema — «Bodas de Caná»; dias 5 e 7 — no Centro Espírita «Luz e Verdade», sôbre os temas, «Conceitos Evangélicos» e «Tentação de Jesus», respectivamente; dias 6 e 8 — no Nucleo Espírita «Amantes da Pobreza», sôbre os temas, «Bem-aventuranças» e «O Paracleto», respectivamente.

Todas as conferências agradaram imensamente a numerosa assistência.

Do correspondente.

Necrológio

Leopoldo Cirne

Não foi sem surprêsa que recebemos a notícia do passamento, dia 31 de Julho último, do nosso grande amigo e confrade Leopoldo Cirne, pois dois ou três dias antes de seu desincarne, haviamos dele recebido uma carta na qual não havia o menor indício de estar tão próxima a sua viagem para a Pátria Espiritual.

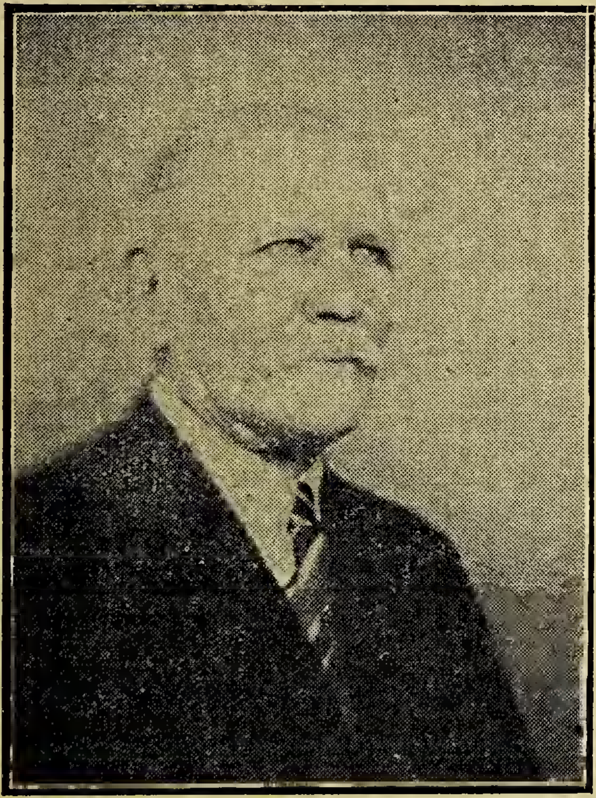

LEOPOLDO CIRNE

Nessa carta êle nos enviara o seu efusivo abraço, de antecipação congratulatória, pelo aniversário de «O Clarim», transcorrido a 15 do mês p. p. Ainda nessa mesma carta, referindo-se ao seu livro em preparo — «O homem, colaborador de Deus» — disse que o trabalho ia se desenvolvendo com a lentidão habitual, podendo a êsse respeito repetir-nos o que ao nosso Schutel escrevera, quando tinha em idêntico preparo o «Anticristo Senhor do Mundo», isto é: estava andando a polegadas, quando tinha de caminhar quilómetros, mas que esperava no Senhor, chegar ao fim, como das outras vezes, e que a-pesar de aposentado, o seu tempo era subdividido, para poder acudir a múltiplas obrigações.

Leopoldo Cirne era um dos amigos mais íntimos do nosso querido companheiro Cairbar Schutel e ambos se comunicavam a miúde por cartas exclusivamente familiares. Pareciam até membros de uma mesma família e seus pontos de vista, com relação à doutrina, se ajustavam com precisão matemática. Eram duas almas fundidas num só pensamento, num só ideal, num só anseio e numa só virtude: a Caridade.

Quando foi do desincarne de Cairbar, através das cartas que nos enviara, Cirne se mostrava assás comovido, nos estimulando ao prosseguimento da obra daquele vulto do Espiritismo. Alma votada ao bem, se mostrava grato até para com os mínimos favores. E' assim que, tendo nos endereçado um telegrama no qual solicitava dados biográficos de Cairbar e tendo recebido os mesmos em curto espaço de tempo, por «carta expressa», não se esqueceu de fazer referências a respeito, em sua bem lançada notícia biográfica sôbre o passamento daquele nosso companheiro, e publicada em «Aurora».

Leopoldo Cirne foi um dos primeiros difundidores do Espiritismo no Brasil, cujos nomes conquistaram lugar de proeminência nos corações dos espiritas em geral. Possuindo um vasto patrimônio de recursos intelectuais, conhecedor profundo da doutrina que abraçara aos vinte e poucos anos de idade, portanto, na flor de sua existência, Cirne foi um dos maiores escritores espíritas que conhecemos, tanto pela elevação de sua linguagem sempre atraente, como pelas suas idéias assás justas.

Deixou as seguintes obras, que constituem verdadeiro tesouro espiritual: «Doutrina e Prática do Espiritismo» (1920); «Anticristo, Senhor do Mundo» (1935), e em preparo — «O homem, colaborador de Deus», faltando, para completar esta obra, sómente um capítulo. Traduziu e publicou, em 1909, a grande obra de Léon Denis, «Dans l'invisible».

Seu trabalho na doutrina foi o mais intenso possível. Trabalhou ao lado de Vianna de Carvalho, Ignácio Bittencourt e outros espíritas de renome, e suas explanações evangélicas, transbordantes de fé e sinceridade eram aguardadas e assistidas com satisfação especial tal a maneira cristã por que exercia o apostolado. Crente fervoroso que era, estava orando quando surpreendido pela morte, deixando suavemente êste mundo, para receber, no reino do espírito, a recompensa a que fez jús pela sua dedicação à doutrina do Senhor.

Cirne foi presidente da Federação Espírita Brasileira durante quatorze anos, desenvolvendo grande atividade na propaganda da doutrina por todos os meios ao seu alcance. Colaborou sempre com o máximo carinho na Causa Espírita, sem levar em conta interêsses pessoais e materiais, pois, alma desprendida, não deixou bens terrenos. Viveu como um justo, como um missionário do Alto.

Leopoldo Cirne, que desincarnou repentinamente, em sua residência à Rua Visc. Sta. Izabel, 431, Distrito Federal, nasceu na Paraíba do Norte no dia 13 de Abril de 1870. Era filho de Julio da Costa Cirne e D. Thereza Wanderley da Costa Cirne. Era casado, em segundas núpcias, com D. Marieta da Fonseca Cirne, de cujo consórcio não deixa descendentes. Foi funcionário do Imposto de Renda, cargo que deixou por ocasião de sua aposentadoria em 1938.

Com o seu passamento, abriu-se mais um claro nas fileiras do Espiritismo no Brasil, claro esse que certamente não deixará de ser preenchido por outros aptos a receberem do fulgurante espírito do Cirne, os seus influxos e intuições para o pleno desenvolvimento da doutrina espírita.

A' D. Marieta da Fonseca Cirne, sua dedicada companheira de vida terrena, o nosso mais alto testemunho de solidariedade no duro transe por que acaba de passar.

E quanto a Leopoldo Cirne, que neste momento ha de estar se fartando no *festim espiritual*, em companhia de Cairbar Schutel e demais companheiros de apostolado, os nossos votos de perene felicidade e o nosso preito de admiração e veneração, solicitando-lhe sua interferência sempre que necessitarmos de auxílio espiritual.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano —	100$000;	2.o ano —	40$000;	3.o ano —	100$000
4.o ano —	35$000;	5.o ano —	30$000;	6.o ano —	40$000
7.o ano —	40$000;	8.o ano —	40$000;	9.o ano —	100$000
10. ano —	40$000;	11.o ano —	50$000;	12.o ano —	50$000
13. ano —	50$000;	14.o ano —	50$000;	15.o ano —	50$000.

L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	15 000
MANOEL ARAO	
O Claustro — romance	6.000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1.500
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
MANOEL PIZARRO	
Contradição do Catolicismo e do Protestantismo sob o ponto de vista do Espiritismo	8.000
NORALDINO DE CASTRO (DR.)	
O Espiritismo é a Religião	5.000
NOGUEIRA DE FARIA	
A Renascença da Alma	5.000
NOEL VARAO	
Oração de um Crente	4.000
OLIMPIA S. BÉLEM	
Jerusa	6.000
OLIVER LODGE (SIR)	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	6$000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
OSMANI EMBOABA (DR.)	
Fenomenologia Mediunica	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	6.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	10.000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	25.000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12 000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
PAUL GIBIER (DR.)	
Analise das Cousas	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
Salvação pela fé ou pelas obras ?	6.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
SEBASTIAO CARAMURÚ (DR.)	
Redivivos	9.000
Aos Católicos Apostólicos Romanos	5,000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	7$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
SNRA. DE W.	
Aqueles que nos deixam	6.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
ZOEOLNER	
Física Transcendental	6.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
BIBLIAS	
Biblia em letra grande com referências	22.000
Biblia pequena	10$000
Novo Testamento—capa dura	4$000
Novo Testamento em letra grande	7.000
« « pequeno	3.000
« « Mignon	3.000
Novo Testamento em Esperanto	5$000

COLEÇÕES da «Revista Internacional do Espiritismo»

1.° ano	100.000	2.° ano	40.000
3.° «	100.000	4.° «	35.000
5.° «	30.000	6.° «	40.000
7.° «	40.000	8.° «	40.000
9.° «	100.000	10.° «	40.000
11.° «	50.000	12. «	50.000
13.° «	50.000		

Préces e Noções Espíritas

100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exempl. $600 Encadernado 2.000

Espiritismo para as crianças

100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exemplar $600

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro

Todas estas obras estão á venda na

LIVRARIA D'«O CLARIM»

Av. 28 de Agosto, n. 301
Estado de São Paulo — Matão — E. F. A.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas europêas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1791unse

NO XVII — Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1941—N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa
Causa, efeito e cura
Para provar a sobrevivência, Jesus materializou-se durante seis semanas
O Fôro Íntimo
Trinta anos entre os mortos
Durante o Sono
O que é o moderno espiritualismo
3 de Outubro
A ação dos passes magnéticos
Os fenômenos de transfiguração
O Espiritismo em face da Ciência
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

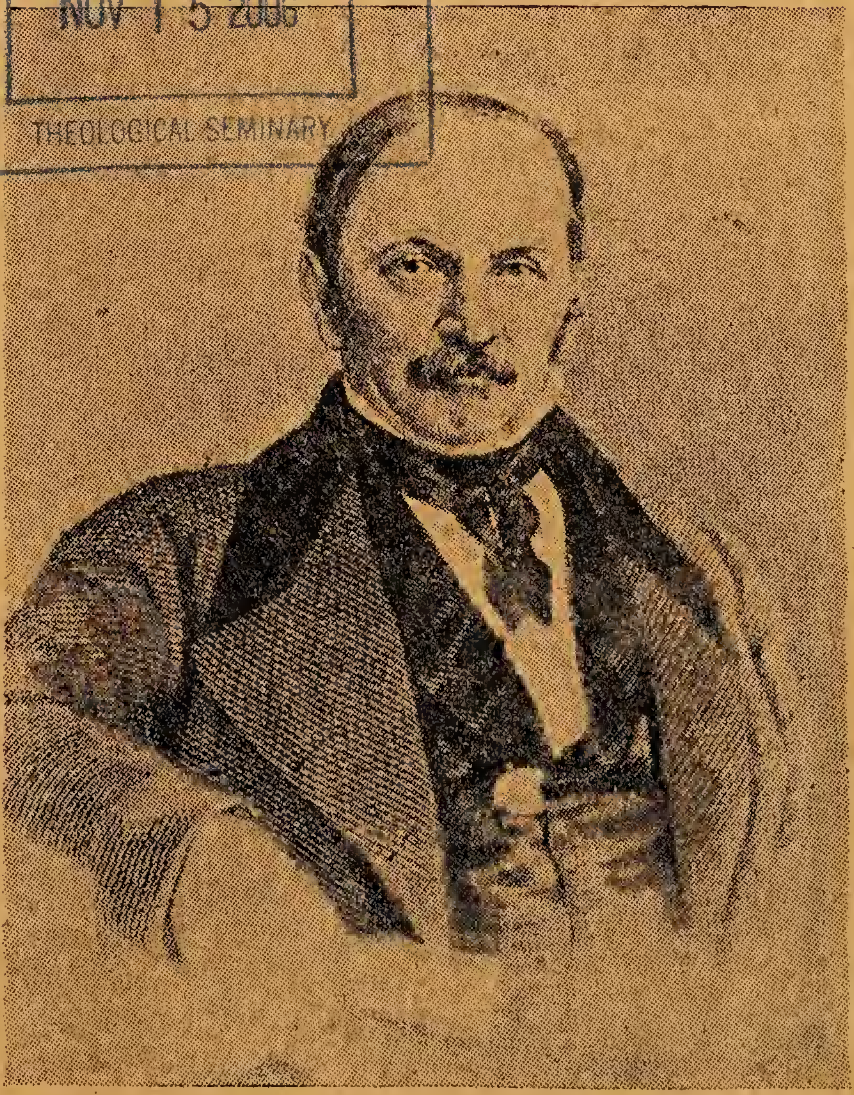

Allan Kardec

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	5$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
AMELIA CARDIA (Dra.)	
O Visionario (romance)	4$000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	20.000
ANTOINETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	9.000
Memorias da Loucura	6.000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)	
Revelações de Além Tumulo	9$000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc.	5.000
ANTONIO LIMA	
A Sonambula (romance)	8$000
Vida de Jesus	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	6.000
Fazenda Mal Assombrada »	8.000
ALPHEU GOMES O. CAMPOS	
Amor á Verdade	3$000
ARLINDO COLAÇO	
Domínio Nefando	7.000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	8.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	10.000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
A. WYLM (DR.)	
O Rosario de Coral	7$000
ABEL GOMES	
A Felicidade	6$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	8$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AEROLINO GURJAO	
Expiação (novela)	9.000

A. THOMPSON	
A Vida	6$000
BEZERRA DE MENEZES (DR.)	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
História e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Narrações do Infinito	8$000
Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	8.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta »	8.000
C. IMBASSAHY (DR.)	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
» » » (broch)	4.000
CLOTILDE V, BARROS	
Judas de Kerioth	4.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000
CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000

DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
ESTELITA JUNIOR	
As minas do Sincorá	5$000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	7.000
ERNESTO BOZZANO (DR.	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	8$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	8$000
» » em brochura	5.000
Xenoglosia	8$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	8$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
Animismo ou Espiritismo ?	12.000
EMILIANA DELMINDA	
Calvario do Amor—romance	5.000
FRANCISCO C. XAVIER	
O Consolador	8.000
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	7$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	7$000
A Caminho da Luz	7$000
Novas Mensagens	7.000
Cartas de uma morta	5.000
Boa Nova	8.000
FERNANDEZ COLAVIDA	
A Barqueira do Júcar	5$000
FERNANDO LACERDA	
Eça de Queiroz Póstumo	10$000
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000
F. CHAVES	
Assuntos Espíritas	3.000
FRANCISCO ZINGAROPOLI	
Morte Aparente e Sobrevivência da Alma	2.000
FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ	
Deverskolora Bukedeto	5.000
GUILLON RIBEIRO	
Jesus, nem Deus, nem Homem	3.000
Trabalhos do Grupo «Ismael»	10.000
GEORGES DEJEAN	
A Nova Luz	10.000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	10.000
GUILHERME MONIZ	
O que os Espíritas devem saber	5$000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000

HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
HORA ESP. RADIOFONICA	
1.º Fascículo	1.000
IGNACIO FERREIRA (DR.)	
Conselhos ao meu Filho	4.000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Vèterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
JOSE AMIGO Y PELICER	
Roma e o Evangelho	10.000
JESUS DIAS DE LEON (DR.)	
A imortalidade da Alma	4$000
J. LHOMME	
Guia Metódico do Experimentador Espirita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000
JOSE SURINACH	
Lydia	8.000
Spiritus Maledictus	8.000
Memorias de uma Alma	8.000
J. W. ROCHESTER	
O Chanceler de Ferro	12.000
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	7$000
JOSE' FUZEIRA	
Os tempos são chegados	8.000
Rompendo as Trévas	8$000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	10$000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	5$000
Catecismo Espírita	4$000
« « broc.	2.000
O Porquê da Vida	7$000
LEOPOLDO MACHADO	
Julga, Leitor por ti mesmo...	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
Guerra ao Farisaismo	2.000
Doutrina Inglória	5.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1941 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Conclusão do número de Setembro)

Sir Arthur Conan Doyle

«Por volta de 1891, eu me fiz membro da *Psychical Research Society* (Sociedade para Investigação Psíquica), o que me facultou ler todos os seus relatos. Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa sociedade e à sobriedade de suas exposições, embora eu reconheça que estas são, ás vezes, de impacientar e que, no propósito de evitarem o cunho maravilhoso, desanimam o público, levando-o a desinteressar-se de um esplêndido trabalho e de tirar dêle proveito. A terminologia muito científica desnorteia o leitor comum. Assim è que, depois da leitura daqueles relatórios, se pode dizer o que, em certa ocasião, me disse um caçador americano das Montanhas Rochosas com referência a um membro de uma universidade a quem êle escoltara durante uma estação de caça: «Era tão sábio que se não conseguia compreender o que dizia». A despeito, porém, dessas pequenas exquisitices, todos os que, na obscuridade, hão buscado a luz a teem encontrado nos metódicos trabalhos dessa sociedade, cuja influência foi um dos fatores na atual orientação de minhas idéias. Além dessa, entretanto, outra influência se fez sentir profundamente em mim.

Inteirara-me até alí das admiráveis experiências realizadas pelos grandes investigadores, mas ainda não descobrira da parte dêles qualquer esfôrço para elaborar um sistema que as abrangesse e contivesse todas. Foi então que li a obra monumental de Myers, *Human Personality (A Personalidade Humana)*, obra de cujas formidáveis raizes se ha de erguer toda uma árvore de conhecimentos.

Myers não poude apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos os fenômenos ditos «espíritas». Contudo, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sôbre a mente, a expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os factos científicos.

Foi um grande passo dado. Se a mente podia atuar à distância sôbre a mente, é que existia no homem poderes de todo independentes da matéria, tal como a temos compreendido sempre.

O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fôra destroçada. Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era videntemente falsa. Se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar à distância do corpo, é que era coisa independente dêste. Porque então não poderia continuar a existir, mesmo depois de ter perecido o corpo? E não só essas impressões se produziam à distância, no caso dos que tinham morrido, como também o mesmo facto provava que aquilo donde elas provinham revestia as aparências da pessoa morta, demonstrando que eram transmitidas por alguma coisa exatamente semelhante ao corpo, mas que agia independente dêste e que lhe sobrevivia.

Ininterrupta se apresentava a cadeia das provas, desde o simples caso de leitura do pensamento, num extremo, até a manifestação mesma do espírito sem o corpo, no outro extremo. Esta circunstância me pareceu conter os primeiros elementos de um sistema científico, de uma classificação do que até alí não passara de mera coleção de factos confusos e mais ou menos discordantes uns dos outros...

Tenho assim esboçado a evolução de minhas idéias até quando rebentou a guerra. Creio poder pretender se reconheça que ela foi bem cautelosa e que nenhum traço apresenta dessa credulidade de que nos acusam os nossos adversários. Foi mesmo por demais demorada, pois que me sinto culpado de lentidão em atirar à balança da verdade a pouca influência de que porventura goze. Sem a guerra, provavelmente houvera passado o resto de minha vida qual simples investigador dos problemas psíquicos, demonstrando uma atitude de simpático diletantismo para com êste assunto, como se se tratasse de alguma coisa impessoal, como se se tratasse, por exemplo, da existência da Atlântida.

Mas veio a guerra e, reafervorando-nos as almas, nos obrigou a olhar mais íntimamente para as nossas crenças, afim de lhes renovarmos o valor. Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como morria a flor da nossa raça, nos primeiros albores da juventude, observando, à volta de nós, as esposas e as mães sem fazerem idéias claras do destino que teriam todos os sêres a quem amavam, de pronto se me afigurou que o assunto com que desde tanto tempo eu brincava não se resumia apenas no estudo de uma fôrça que escapava aos preceitos da ciência, que nêle havia alguma coisa verdadeiramente tremenda: o desabar de muralhas entre dois mundos, uma mensagem inegável vinda diretamente do Além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora da mais viva aflição.

O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal, da sua veracidade, não havia mais porque prosseguir: seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campainha do telefone é coisa em si mesmo pueríl, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interêsse. Afigurou-se-me que todos êsses fenômenos, grandes e pequenos, eram campainhadas de telefones que, sem significação em si mesmas, bradavam aos homens: «Levantai-vos! Alerta! Atendei! Êstes sinais são para vós outros. Êles vos previnem da mensagem que Deus vos quer enviar!»

O que tem valor real é a mensagem, não os sinais. Pareceu-me que uma Nova Revelação estava em via de ser dada ao mundo. Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até à evidência por todos os que hão tido o cuidado de estudá-las, em si nada valem; o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que ha de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de facto...

O movimento espírita ha de adquirir muita intensidade, não só por efeito das experiências pessoais, mas tambem devido à admirável literatura a que tem dado nascimento nêstes últimos anos.

Agora, quisera dizer uma palavra sôbre outro assunto. Da parte de nossos adversários tem havido sempre duas maneiras de atacar-nos. Uma delas se reduz á afirmação de que são falsos os factos em que nos baseamos. A outra é a de que pisamos terreno proibido, do qual nos deveriamos afastar. Com relação a mim, esta objeção jamais teve significação alguma, pois que partí de um ponto relativamente materialista.

Não esqueçamos que a pecha de «conhecimentos ilícitos», apoiada em textos mais ou menos apropriados, se lançou sempre contra todos os progressos do saber humano. Lançou-se contra Galvani e a eletricidade. Lançou-se contra Darwin, que certamente teria sido condenado á fogueira, se houvesse vivido alguns séculos antes. Até contra Simpson, por ter empregado o clorofôrmio em casos de parto, sob o pretexto de que a Bíblia diz: «Parirás com dôr.» E' fóra de dúvida que um argumento de que se tem usado tantas vezes e que tantas vezes tem sido abandonado, já não pode ser tomado a sério.

Todavia, áqueles para quem o ponto de vista teológico constitúe uma pedra de tropeço, eu recomendaria a leitura de dois livrinhos, ambos escritos por clérigos. O primeiro, do pastor F. Ould, se intitula «O Espiritismo é do Diabo?» O outro tem por autor o pastor A. Chamber, e por título: «Nós mesmos depois da Morte». Posso ainda recomendar os escrítos do Rev. Charles Twedale.

Acrescento que, quando comecei a tornar público minhas idéias acerca destas questões, uma das primeiras cartas de felicitações que recebí foi do hoje falecido arcediago Wilberforce.

Teólogos ha que não se limitam á fazer oposição ao Espiritismo unicamente como doutrina; que vão mesmo ao ponto de dizer que os fenômenos e as comunicações proveem dos demônios, que se fazem passar pelos nossos mortos, ou por instrutores celestes. Não se pode admitir que os que emitem semelhantes opiniões tenham experimentado alguma vez pessoalmente os efeitos consoladores e verdadeiramente elevados que tais comunicações produzem nos que as recebem. Ruskin deixou registrado que a sua convicção acerca da vida futura lhe viera do Espiritismo, embora acrescentando, com certo ilogismo e muita ingratidão, que, tendo alcançado o que queria, nada mais tinha que ver com isso.

Considerável, no entanto, é o número — *quorum pars parva sum* — dos que, sem reserva alguma, podem declarar que passaram do materialismo á crença na vida futura, com tudo quanto essa crença implica, apenas estudando o assunto. Se isto é obra do diabo, será forçoso confessar que o diabo é um obreiro muito inhabil, pois que os resultados todos que consegue são diamentralmente opostos aos que se deve crer que êle deseje.

—

Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa

«La Revue Spirite» — *Prof. E. Bozzano*

(Conclusão)

Antes de passar a outro assunto devo ajuntar que com Mrs. Wriedt se obtem numerosos fenômenos de «xenoglossia», alguns dos quais citados no volume de Mme de Crespigny; mas para não alongar êste artigo, limito-me a reproduzir uma passagem, na qual a autora resume suas observações nestes termos:

Ouvi quatro «vozes» que falavam simultaneamente a outros tantos experimentadores; uma delas me falava ao ouvido, com timbre normal, a todos perceptível; era meu pai que me dava informações sôbre assuntos privados, ao mesmo tempo que em outro extremo do círculo outra voz sonôra falava em holandês. Em diferentes épocas assisti a conversações que se realizavam em treze ou quatorze línguas diferentes, enquanto que Mrs. Wriedt sómente conhecia sua lingua materna. Entre essas linguas, citarei as seguintes: o dialeto bretão, estranho e difícil; o dialeto maltês, o croata, o servio, o grego moderno, a língua indostânica; entre as ocidentais, os idiomas: francês, alemão, sueco, etc. Jamais se observou incertezas na designação da pessoa que o porta-voz tocava, pois que em todos os casos, a entidade que se comunicava, se dirigia sem hesitar ao assistente que conhecia a língua em que ela ia falar. E' êste um detalhe por si mesmo muito probante em sentido espiritual...

O parágrafo que se acaba de ler e que é confirmado nos dois livros publicados pelo almirante Usborne Moore, bastaria para demonstrar de maneira irrefutável, a presença espiritual dêsses defuntos no local, que conversavam em línguas e dialetos desconhecidos do médium. Mas o *misoneismo* humano também é tão impenetrável como a rocha, e aHistória ensina que sómente o tempo poderá levar ao triunfo.

O detalhe das quatro vozes que simultâneamente falavam, muitas vezes em línguas diferentes — detalhe também assinalado pelo almirante Moore e que frequentemente se renova com outros médiuns—revela imenso valor teórico em favor da hipótese espírita, visto que absurdo seria supor que a atividade psíquica do médium pudesse dividir-se em quatro partes, capazes de criar quatro personalidades psíquicas completas, falando, cada qual, línguas diferentes, ignoradas pela personalidade integral. O que constituiria um milagre do qual não ha analogias, mesmo mui distantes, mesmo querendo fazer valer a patologia mental, o fenômeno da desagregação psíquica dos histéricos poderia produzir «personalidades alternantes (sempre muito limitados em sua capacidade mental), mas nunca «personalidades *simultâneas*», todas objetivas e nenhuma subjetiva. Êste último prodígio mediúnico constitúe absolutamente uma impossibilidade psicológica; não existe outra interpretação a não ser a espírita que o pode tornar concebível e racional.

Todos os episódios abaixo foram extraídos das sessões com Mrs. E. Wriedt, como médium. Não disponho aquí de espaço necessário para citar incidentes análogos com diversos outros médiuns, entre os quais Mrs. Osborne Leonard, Mrs. Roberts, Mrs. Mason, Mrs. Esther Dowden, Miss Bessinet, Mr. Maskell, Mr. Slian e outros. Por meio deles conseguiram admiráveis incidentes de identificação pessoal. Mme. de Crespigny obteve manifestações físicas muito notáveis, inclusive as de materializações, levitações, *telekinesia*, trazimentos, bem como fenômenos intelectuais, e incidentes de clarividencia no passado, presente e futuro; sem contar que lhe aconteceu assistir a fenômenos de assombramento (hantise) e ter sido ela mesma *sujet* de fenômenos de «desdobramento». Enfim, o médium Annie Hunter, imerso em profundo transe, á luz plena, certa vez dela se aproximou apresentando-lhe um tição ardente, afirmando que ela não sentiria o efeito do calor, porque seria transmitida a incombustibilidade. Mme. de Crespigny teve a coragem de tomá-lo e colocá-lo na palma da mão, segurando-o até que o médium a ela voltou retomando-o, depois de haver feito uma volta pela sala. A mão não apresentava sinal de queimadura, ela não sentiu dor nem calor, precisamente como lhe havia assegurado o médium; os outros assistentes haviam recusado submeter-se á prova.

Agora, eu deveria concluir, resumindo o que precede, expondo minha opinião sôbre o livro que acabo de analisar; mas prefiro concluir refutando as elucubrações anti-espíritas dum médico francês; os episódios de identificação espírita que acabo de relatar, poderão servir de exemplos eficazes, pois trata-se de uma categoria de casos que o doutor em questão suprimiu em seu estudo, sem dúvida porque ela constitue um obstáculo às conclusões a que êle queria chegar a todo o preço, e mesmo as teria demolido.

Aquí faço alusão ao Dr. E. Pascal, que publicou em la *Revue Métapsychique*, um estudo sob o título: «*O transe dos médiuns e dos místicos*», trabalho em que êle se propõe demonstrar que o *transe* consiste pura e simplesmente em um estado hipnótico. Êle pensa tê-lo demonstrado fazendo notar que o *transe*, como o hipnotismo, é caraterizado pelos três estados da «amnesia ao despertar», a «memória alternante» e «sugestibilidade». De começo, notarei que êle sustenta uma tese que está longe de ser nova; de ha muito se demonstrou que não existem diferenças *qualitativas*, mas sómente *quantitativas*, entre o sono natural e as diferentes formas do sono anormal, tais como o «sonambulismo natural», o «sonambulismo provocado», o sono hipnótico, o sono mediúnico e o estático.

Quer isto dizer que se trata de diferenças de grau (degré) na profundeza na qual o sono invade o orgão cerebral, ou, se o preferirem, os diferentes estados da subconciência. Alberto de Rochas muito bem especificou estas condições de facto para o sonambulismo provocado com manifestações supra-normais, denominando-o «um estado profundo da hipnóse». E' bem isto: o termo «hipnose» tem um alcance geral; êle pode ser aplicado a todas as espécies do sono anormal; quando o sono provocado determina manifestações de natureza supranormal, tais como a leitura do pensamento, a *telemnesia*, a clarividência no passado e no futuro, isto significa simplesmente que as condições da hipnose se *aprofundaram*; tornando-se assim, condições sonambúlicas. Esta última condição está tão próxima do sono mediúnico, que mui frequentemente ela espontaneamente nesta se transforma, sem que o hipnotizador ou magnetizador tenha tido a intenção de provocá-la. Conhecem-se casos desta natureza que se produziram com os *magnetologos* doutor Billot e Alfonse Cahagnet, sobretudo, com o doutor Larkin. Quando êste magnetizava certa moça para fim de diagnose, foi tomado de surpreza ao assistir a manifestações de personalidades que afirmavam ser espíritos de pessoas falecidas; com o fim de fornecer provas, êstes deram seus nomes e outras indicacões necessárias à sua identidade. O Dr. Larkin tratou de controlar essas informações e verificou que os «espíritos de defuntos» haviam dito invariavelmente, a verdade. Deste modo, êle formou uma classificação de mais de 200 casos de identificação de espíritos; casos, quasi sempre, de pessoas que lhe eram desconhecidas, tendo vivido em condições humildes e obscuras, muitas vezes em paízes distantes, e mortas muitos anos antes.

E', pois incontestável que a tese fundamental do Dr. Pascal não é nova; ela pode ser considerada uma aquisição da ciência já ha trinta anos atrás; nenhum metapsiquista, quer no campo espiritualista, quer no campo «animista», o contesta.

Nestas condicões: reconheço, por minha vez, que o Dr. Pascal tem razão se êle quis dizer que as diferentes fases, pelas quais passa o sono anormal, podem ser reduzidas a formas mais ou menos profundas da hipnose. Reconheço também que as três analogias que êle assinala entre o sono mediúnico e o hipnótico são reais e indubitáveis. Mas ao mesmo tempo, eu me pergunto com surpresa como poude conceber o doutor Pascal a idéia que as diferenças enormes de natureza supranormal — psicológica e fenomenológica — que emergem durante o mais profundo estado da hipnose, chamado «transe mediúnico», devam ser considerados, ainda e sempre, como um efeito de desagregação psíquica, tal qual ela se realiza durante o estado hipnótico o mais superficial, com as «personificações sonambúlicas» relativas, provindo da auto-sugestão do médium, ou das sugestões dos assistêntes, e com auxílio de alguma informação verídica, captada na mentalidade dos experimentadores.

Estas conclusões são estupendas, porque elas estão em estado de contradição flagrante com o conjunto dos factos examinados; mas o sr. Pascal procura a todo o custo demonstrar o que deseja recorrendo a um método dos mais expeditos que se possa imaginar. Dum lado, êle acumula todas as escórias sugestivas e autosugestivas que, infelizmente, embaraçam o domínio das investigações mediúnicas, escórias devidas ao facto de serem os círculos privados infestados de pseudo-médiuns, que nada mais são do que sujets hipnóticos donde jorram banalidades, contradições e absurdos de toda sorte. Pascal tem o cuidado de colecioná-los para os arrumar nas quarenta páginas de sua prosa, caindo, por vezes, em inexatidões e reticências, assás numerosas. Por outro lado, êle emudece totalmente sôbre a existência de manifestações mediúnicas supranormais sob todas as formas, excetuando a telepatia (porque ela lhe serve). Dir-se-ia que, para êle, não existem certos casos de identificação de espíritos, nos quais se trata de defuntos desconhecidos do médium e dos assistentes, tendo vivido e falecido na obscuridade e em paises distantes; ou ainda casos onde se trata de defuntos que falam e escrevem na própria língua materna, ignorada pelo médium e assistentes, língua que pode ser o antigo grego, a egípcia de ha 3.500 anos atrás, a persa falada ha sete séculos, a arabe, a turca, a croata, a húngara, etc. Ora, não sendo possível que o Dr. Pascal ignore a existência do imponente acervo de casos em apreço, necessariamente se é induzido a concluir que êle tudo suprimiu simplesmente porque os factos são inconciliaveis com sua própria teoria do sono mediúnico que se identifica com o sono hipnótico — teoria que levaria a deduzir que as personalidades mediúnicas são personificações sonambúlicas puras e simples. Mas visto que as personificações sonambúlicas jamais fornecem provas de identificação pessoal, ignoradas do sujet e dos assistentes, e que, menos ainda, falem línguas ignoradas do médium e assistentes, compreende-se a razão do ostracismo inflingido pelo Dr. Pascal aos casos de identificação espírita.

Em presença dêsses lamentáveis métodos de investigação científica, em que as «reticências» relativas ás manifestações que se opõem à tese sustentada, já não são «parciais», mas «totais», o único partido a tomar é o de não perder seu tempo ou refutar analiticamente o artigo de quarenta páginas do Dr. Pascal.

Voltemos à nós. Pedimos aos leitores que reflitam sôbre o prodígio das quatorze línguas faladas pelas «vozes diretas», com a médium Mrs. Wriedt; bem como sôbre o outro prodígio das quatro «vozes» que diversas vezes falavam *simultaneamente* em línguas diferentes. Depois disto, os leitores estarão em condições de pronunciar um julgamento sôbre as conclusões a que chega o Dr. Pascal, segundo a qual o «transe mediúnico» se identifica com o estado hipnótico, de maneira que as manifestações de defuntos corresponderiam ás «objetivações de tipos», obtidas, graças a sugestões, nas experiências dêste gênero.

Muito bem, senhor Pascal! Não seria fácil revelar maiores conhecimentos científicos!

As almas que atingiram certo grau de evolução, devem sacrificar todas as alegrias legítimas para ajudar a vencer pelo conselho, pela doçura, os maus pendores de um pai, de uma mãe, de uma espôsa ou de um filho; elas experimentarão, comumente, a tristeza e raramente, também, conseguirão realizar todo o bem que desejariam proporcionar àqueles a quem amam, a-pesar dos seus vícios e ingratidões...

Sobretudo, nessa escola de *combate*, de contrastes, é que o espírito se avigora e progride sempre. Sempre que os incarnados sacrificam a própria felicidade em proveito de espíritos atrasados, ha amigos invisíveis que os sustentam, derramando sôbre êles essa atração sobrenatural e benéfica, que origina tantos sentimentos nas almas simpáticas.

ANTOINETTE BOURDIN.

Causa, Efeito e Cura

Por Frederico Duarte
Manchester, Inglaterra

O psicologista vai forçosamente depois de sanado o presente conflito em que se encontra envolvido por assim dizer o Mundo inteiro, ocupar um lugar proeminente, contribuindo com os seus conhecimentos para a organização social dos povos, o seu bem estar e boa harmonia.

As religiões falharam, e os numerosos templos que foram e virão naturalmente a ser mais dêles destruidos, terão que ser reedificados sôbre um alicerce mais concreto e... honesto.

Durante êstes últimos meses de agonía e carnificina, inúmeros teem sido aqueles inocentes que sofreram tanto, e em alguns casos mais do que Jesus Cristo quando o pregaram numa cruz.

Basta-nos mencionar um dêsses casos para demonstrar a veracidade do meu argumento. Numa cidade da Escócia depois de ter-se dado um «raid» aéreo, uma das bombas destruiu uma casa matando todos os seus residentes deixando todavia um dêles, rapaz ainda novo, rodeado de ruínas e obrigado a permanecer numa só posição, sem se poder mexer, e tendo uma das pernas partidas. O Corpo de Salvação trabalhou afanosamente para o libertar daquela terrível posicão em que se encontrou durante oito dias. O pobre rapaz estava em uma posição tal que foi impossível chegar-lhe alimentos, tendo somente bebido durante aqueles dias uns golos de chá, e uma das heroicas enfermeiras arriscando a própria vida, pôde-lhe administrar uma injeção de morfina. Ao ser finalmente retirado dali, dêsse inferno, o desditoso sucumbiu passadas umas horas.

Semelhante exemplo, típico da crueldade humana, faz-nos pensar muito a sério que será absolutamente impossível haver a verdadeira paz entre todos os povos, a não ser que todos êles se compenetrem de que somos irmãos uns dos outros, e que devemos por conseguinte viver completamente de acôrdo com as leis impostas por uma Entidade Divina, da qual todos nós possuimos uma certa partícula. A verdadeira religião mundial baseia-se no seguinte:—«Amar e conhecernos a nós próprios sôbre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos».

De geração em geração aparece um ou mais indivíduos que, dotados de sentimentos idealísticos, mas egoísticos, sabem muitissimo bem de antemão qual será a causa e o efeito dos seus desígnios, não podendo todavia dar-lhes a cura. Naturalmente que, a-pesar-de sermos todos irmãos cá na terra, não é possível a termos de ser guiados como um rebanho de carneiros. Não póde existir «uniformidade» e absolutamente o mesmo modo de pensar ou actuar entre todos os sêres, atendendo a causas derivadas por leis operando desde tempos imemoriais. Do mesmo modo que não podemos plantar palmeiras para alí produzirem o fruto no distrito do Douro, ou as videiras aquí na Inglaterra para nos darem as saborosas uvas criadas naquela região, as inúmeras famílias espalhadas pelo Mundo estão sujeitas a adaptar-se ao seu próprio meio e a viver em conformidade com o seu ambiente e as condições que o rodeiam, mas, é claro, que deve haver um intercâmbio mútuo. Se num determinado país houver um excesso de produção dum determinado produto, êsse deverá, naturalmente, ser exportado para aquele lugar onde falte e alí seja preciso.

A Liga das Nações enfêrma e em perigo de vida, será substituida pela «Liga de Noções».

Já se fala aquí muito a sério que, depois de voltar a paz, as crianças de ambos os sexos terão que frequentar obrigatóriamente as escolas até à idade dos 15 anos, e, aqueles que se destinem ao comércio ou outras profissões, terão por lei de continuar com os seus estudos até aos 18 anos, em classes noturnas.

Se isto vier a dar-se, positivamente que o estudo de línguas estrangeiras não será descurado. O psicologista tem aquí um campo de ação de suma importância. Será ridículo que a mocidade aprenda a «palrar» num idioma estrangeiro, desconhecendo um pouco pelo menos, da história, hábitos, costumes daqueles povos que o falam. Deverá também haver um intercâmbio de visitas entre os alunos e os professores dos vários paízes.

Diz-se geralmente que «há males que veem para bem».

Oxalá que assim seja.

PARA PROVAR A SOBREVIVÊNCIA, JESUS MATERIALIZOU-SE DURANTE SEIS SEMANAS

Pelo Rev. Maurice Elliott —:— *«Psychic News»*

No livro, «A Vida Psíquica de Jesus», o Rev. M. Elliolt prova que o Cristianismo sobreviveu porque o seu fundador retornou após a «morte» — exatamente como dezenas de milhares o teem feito depois dêle.

Eis o resumo do último capítulo de mencionado livro :

Jesus «materializou-se muitas vezes após a sua crucificação. Paulo menciona alguns exemplos: Êle apareceu a Pedro, aos onze, a quinhentos discípulos duma vez, a Tiago, a todos os apóstolos, e também a mim». Lucas diz : «Com abundantes provas êle se lhes mostrou vivo após a sua morte».

Sim, durante quasi seis semanas, «Jesus a êles se mostrou, *sob diferentes condições*, até ficar plenamente satisfeito de estarem seus discípulos completa e firmemente convencidos de ainda continuar vivo o Mestre.

E quantas instruções lhes forneceu sôbre as várias *«fórmas»* de manifestação que são possíveis a um ente desincarnado ! Êles tinham recebido prova surpreendente de estar êle vivo, pelas suas «aparições» na Camara Alta, em Jerusalém.

A Promessa do Espírito

Jesus ordenou-lhes que fossem para a Galiléia, onde êle prometeu reunir-se a êles. Durante seis meses êles tinham estado ausentes de seus lares, e Jesus evidentemente lhes ordenou que voltassem a suas antigas ocupações, pois necessário lhes era ganhar a subsistência.

Em certa ocasião, na Galiléia, sete discípulos foram pescar, e naquela noite nada apanharam.

E sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, porém os discípulos não conheceram que era Jesus. Disse-lhes pois Jesus : «Filhos tendes alguma coisa de comer ? «Não», responderam-lhe. E êle lhes disse : «Lançai a rêde para a banda direita do barco e achareis».

Estas palavras os surpreendeu. O barco deles estava a nove metros de distância da praia ! Como poderia êsse estrangeiro saber que os peixes estavam do outro lado da embarcação ? Contudo, êles lançaram a rêde para o outro lado, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes.

Nenhum dos discípulos reconhecera na forma ou na voz do estrangeiro que era Jesus que alí estava.

Mas João, lembrando-se da «pesca maravilhosa» de outros tempos, quando Jesus se encontrava no barco de pesca, sentiu que o estrangeiro deveria ser o Mestre e assim o disse a Pedro.

Quando êles para a terra arrastavam a rêde cheia de peixes, viram alí *umas* brasas, e um peixe posto em cima, e pão.

Não Ousavam Perguntar

Disse-lhes o *estrangeiro :* «trazei dos peixes que agora apanhastes, vinde comei.» Segue-se o comentário do Evangelista — «E nenhum dos *discípulos ousava perguntar-lhe : Quem és tú ?*, sabendo que era o Senhor». Que extraordinária sentença ! Seria inútil perguntar-lhe : «Quem és tú ?», se êle perfeitamente se assemelhasse a Jesus em aparência e na voz.

Mais uma vez, tratava-se, evidentemente, de um caso de materialização imperfeita, ou incompleta.

A tradução da palavra «perguntar» na sentença, «nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe», significa *«achar, à força de procurar»* ou «examinar». E' a mesma palavra empregada na sentença, «em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, *procurai saber* quem nela seja digno» e *«procurai diligentemente»* o menino (Herodes aos «magos»).

Isto significa que, não obstante o estrangeiro não se parecer com Jesus, seus discípulos ficaram convictos, pela segunda «pesca maravilhosa», sem dúvida também pelas maneiras do estrangeiro, de que se tratava de Mestre amado.

Penso que também houve algo que concorreu para os convencer. Na Câmara Alta, os discípulos haviam dado uma ceia de peixes a Jesus. Na praia êle «retribuiu» o obsequio preparando-lhes uma refeição constituida de peixe. E não teriam êles dito entre si, «tudo conforme ás suas maneiras!»

Na Galiléia havia uma colina que Jesus, quando incarnado, procurava para descansar e orar. Mateus a ela se refere dêste modo «O *Monte*».

Os discípulos dirigiram-se a êsse monte porque Jesus prometera ali reunir-se de novo com êles. E diz-nos o evangelista—«quando êles o viram, curvaram-se diante dêle, e *alguns* duvidaram». O texto grego dá margem à interpretação «e *todos* duvidavam».

A Razão da Dúvida

Mas, porque a dúvida? Os onze discípulos tinham-no visto, na Câmara Alta, em forma perfeitamente materializada. Sete deles com êle haviam almoçado na praia. Porque então *duvidaram* êles quando se achavam reunidos sôbre o Monte? Possivelmente porque a «*materialização*» estava longe de ser perfeita.

Acredita-se geralmente que foi essa a ocasião em que Jesus «apareceu», uma vez, a mais de quinhentos irmãos.» Em qualquer dos casos, torna-se evidente que a forma materializada não se *parecia* com Jesus. Daí a dúvida nas mentes dos discípulos.

Fenômenos Semelhantes

Ao estudante da ciência psíquica, êsses diferentes relatos das «materializações» após a crucificação, são extraordinariamente interessantes. Êles confirmam detalhadamente o que hoje acontece quando os do Outro Lado procuram manifestar-se em forma «materializada». Sob dadas «condições» e havendo bastante «poder», a forma materializada é perfeitamente sólida e reconhecível.

Mas quando as «condições» não são boas, a forma é menos sólida e irreconhecível. Os resultados são melhores na escuridão — como se verificou com as notáveis «materializações» de Jesus. As materializações — antigas e modernas — estão sujeitas ás mesmas leis psíquicas imutáveis.

Após a manifestação de Jesus no Monte, os apóstolos voltaram a Jerusalém. A última manifestação de Jesus foi a seus discípulos no Monte das Oliveiras, onde êle «foi elevado ao céu» e onde «uma nuvem o ocultou a seus olhos». O texto grego diz — «uma nuvem o *apartou* de seus olhos».

Que espécie de «nuvem» era aquela? Onde está o céu? Os tradicionalistas não investigam estas questões. Para êstes toda a história de Jesus é miraculosa, e «vai além de sua compreensão».

Mas modernos pensadores bem-informados, investigam. Êles querem saber. Em nossos tempos, nenhuma pessoa *inteligente* acredita em «milagres». Pessoas *inteligentes* não creem que o «céu está localizado acima das nuvens».

Hoje, nenhum homem *inteligente* teme o ar carrancudo de Deus, ao procurar a verdade. O «duvidar» já não infunde temor. Todos sabem que «ha mais verdade numa dúvida *honesta* do que nos credos». E êles já não temem divergir do bispo, sacerdote ou igreja. Êles bem sabem quão falíveis são os homens e sistemas.

Hoje, todos os sérios estudantes da Bíblia, exigem o direito de analisá-la, examiná-la em todas as suas partes, porque seu *único objetivo* é procurar compreender o que estão estudando.

Por isso perguntam, «que espécie de nuvem foi essa que *ocultou* o corpo materializado com que Jesus se manifestou no Monte?»

Sómente a ciência psíquica fornece resposta inteligente e satisfatória à pergunta que eles formulam.

Ela lhes diz que, no começo do processo de «materialização», vê-se frequentemente uma nuvem luminosa. Essa «nuvem» aumenta de volume até atingir as proporções de um homem, e dela emerge ou se desenvolve, um corpo materializado. A ciência psíquica ensina que, quando o corpo se desmaterializa, o processo se opera às avessas. E, quando o corpo se dissipa, a nuvem luminosa o envolve até sua final dissolução na mesma.

Algumas vezes são os pés que se desmaterializam em primeiro lugar, e êste facto dá impressão de estar sendo levitado o corpo, ou em começo de flutuar no ar. A nuvem luminosa aumenta gradativamente de volume, à medida que o corpo se desmaterializa. Isto dá a impressão de estar sendo o corpo «*ocultado*» numa nuvem.

Tornando Compreensível a Bíblia

A ciência psíquica interpreta os fenômenos da ressurreição e subsequentes aparecimentos e desaparecimentos de Jesus como casos nítidos de materialização e desmaterialização. Assim êsses fenômenos se tornam inteligíveis e os relatos evangélicos, já não «fogem à nossa compreensão».

Sem o conhecimento que a ciência psíquica nos forneceu, os relatos evangélicos são absolutamente incompreensíveis, tornando-se massas contraditórias, e tudo pode ser inteiramente «derrubado» pela vasta maioria dos *modernos pensadores.*

F. W. Myers escreveu: «Nós predizemos que em consequência da Nova Revelação, todos os homens e mulheres pensantes, daquí a um século, acreditarão na ressurreição do Cristo; enquanto que, *faltando a nova evidência,* daquí a um século não haverá homem de raciocínio que acredite na história da Ressurreição.»

Myers faleceu ha trinta anos e sua predição vai a caminho da realização.

* * *

Minha tarefa está terminada. Nestas páginas fiz o possível para demonstrar que Jesus não só veio para nos dar uma revelação mais completa de Deus, mas também para nos fornecer uma revelação mais precisa dos poderes inerentes em nós mesmos. Êle quer que façamos os trabalhos que êle fez, e maiores ainda.

Seus «sinais e maravilhas» eram parte de seu trabalho. Sua fé na oração e suas «orações ungidas de fé» eram parte dos seus trabalhos — isto é, o processo preparatório. E êle nos afirmou que, se atentarmos aos «processos preparatórios» nós faremos as obras que êle fez. Êstes *sinais seguirão aos que crerem*».

O Fôro Íntimo

J. B. Chagas

(Conclusão)

E ninguém melhor do que as mães sabe distinguir os seus filhos pelos caracteres psicológicos. Conta-se mesmo, para corroborar esta assertiva, que a uma mãe foi mistér, certa vez, repreender três dos seus filhos por uma traquinada qualquer, da qual não aparecia o autor. A mãe, repreendeu-os em conjunto, exprobando-lhes o procedimento incorreto. Passou-se, então, a seguinte cena: — enquanto a mãe falava, o primeiro menino sorria, o segundo chorava copiosamente e o terceiro apenas baixára os olhos para o chão. Um observador menos perspicaz teria dito logo ser o segundo menino, o que chorara, o culpado ou o primeiro, o que sorrira. Ao espìrito observador da mãe, porém, não passou despercebida a atitude do terceiro filho, que sendo o mais moço, embora, era o que mais tendências vinha demonstrando para o êrro e dai a sua atitude reservada de concentração, e a sua não manifestação exterior, como quem assume toda a responsabilidade dos atos que pratica. Impelido a falar a verdade, teve que confessar a sua falta. O corretivo também não se fez esperar.

* * *

Mas tudo o que pudessemos dizer sôbre tão delicado assunto, nada seria diante da opinião de outros mais doutos e mais sábios. Vejamos, então, algumas dessas opiniões:

«A carta de liberdade já fôra concedida e não pode ser abolida. Era preciso correr os riscos para o melhor ou para o pior, para o homem determinar o seu próprio destino. O homem pode ser influenciado, ajudado, guiado, acompanhado — sim; mas não pode ser impelido, forçado ou constrangido, dentro de certos limites, é claro». *(Formação do homem* — pag. 139 — *Oliver Lodge)*

«Ha homens de valor geral como de individual. As gerações teem sua infância, juventude e maturidade. Cada coisa deve vir a seu tempo e o grão semeado fóra da época não frutifica» *(Evangelho* — pag. 295).

«De todas as liberdades a mais inviolável é a de pensar, que abrange também a liberdade de conciência. Condenar os que não pensam como nós, é querer a liberdade para si e recusá-la aos outros, é violar os primeiros mandamentos de Jesus — a caridade e o amor do próximo. Perseguí-los pela sua crença, é atentar contra o mais sagrado direito do homem, que é o de crêr no que lhe convenha e de adorar a Deus como o entenda. Constrangê-los a praticarem atos exteriores, semelhantes aos nossos, é demonstrar prender-se mais à fórma que ao fundo, às aparências mais que às convicções. A abjuração forçada não conduz à crença, só produzirá hipócritas ; seria um abuso de fôrça material que não provaria a verdade. *A verdade, confiada a si mesma,* convence, mas não persegue ninguém, por não precisá-lo» (Idem—pag. 367).

Demais — segundo a assertiva de *Goethe* — «o homem não nasceu para resolver o problema do Mundo, mas para procurar dar-se conta da extensão do problema e manter-se depois no limite extremo do que pode conceber» *(Camille Flammarion — A Morte e Seu Mistério* — pag. 335 do 1.° Vol).

Vejamos ainda o que diz *Oliver Lodge :*

«A Humanidade, tal como é, datando da liberdade conciente, está no primeiro gráu de evolução, tendo apenas recentemente emergido de uma ascendência animal, estando o homem inacabado e a sua condição presente é uma consequência natural de sua imaturidade. A evolução em si é uma revelação cheia de boas esperanças. Ela significa o lento desenvolvimento dum nivel mais baixo a um mais elevado, o desdobrar gradual das cousas de valor permanente».

E prossegue :

«Contemplai por um momento as alternativas. Ou a humanidade é, de algum modo, permanente, ou então ela é temporária. Se ela é temporária, — se o período do desenvolvimento humano durar um certo nùmero de séculos ou milênios e em seguida terminar tão completamente de modo a tudo passar-se como se ela nunca tivesse existido — si nenhum avanço ou adição permanente fôr o resultado de toda esta luta e tristeza — então, o pessimismo está em parte justificado. Porque no espetáculo magestoso da Eternidade, alguns milhões de anos a mais ou a menos nada são, porque a distância que separa o homem mais elevado do mais baixo é imensa. A nossa missão e privilégio se resumem em auxiliar e acelerar o progresso, mas o progresso não pode ser acelerado indevidamente. Nem mesmo Deus pode acelerá-lo além do que o permite o nosso livre arbítrio». (*A Formação do Homem* —pags. 7, 36, 37, 123 e 143).

«A espécie humana — diz-nos *Kardec* — seria perfeita se enveredasse sempre pelo lado bom das coisas», mas muito ao contrário, por uma razão igualmente condicionada à nossa própria imaturidade de sêres inacabados, trilhamos com facilidade e de preferência o caminho do mal, impelidos, talvez, por um atavismo que não sabemos onde começa.

Mas, adverte-nos consoladoramente *Léon Dénis*—«é através das vicissitudes dos tempos, que o sêr se encaminha para um estado de vida mais completo : o ideal realiza-se e prossegue-se a marcha para o absoluto». (*O Mundo Invisível e a Guerra* —pag. 107).

Faz-se necessário, pois, espaço e tempo e só se passa do espaço, que é a extensão indefinida que abrange todos os sêres, ao tempo, por evolução, como é por evolução que se passa de uma fase inferior a outra superior, no esforço desta para superar aquela.

Por isso, já dizia *Shakespeare* —«que possuimos em nós mesmos o quanto necessitamos para ser felizes ou desgraçados», delineando de forma sapientissima a sábia lei do livre arbítrio. E o próprio Cristo já havia dito que : «O reino dos céus está dentro de nós».

Portanto, urge, áqueles que se entregam à tarefa de difusão da Doutrina Salvadora, um pouco mais de benevolência, de tolerância, de amôr, enfim, para com as faltas dos nossos semelhantes, como todos nós, carpindo as mesmas dôres, as mesmas provas, na caminhada terrena.

—

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Outro caso mostrará que a identificação de um espírito é, muitas vezes, possível.

A Sra. F., uma paciente que fôra declarada insana incurável por varios médicos, era uma dama educada de gentil disposição, que se tornára intratàvel e violenta, blasfemando constantemente e lutando com tal violência que eram precisas várias pessoas para subjugá-la.

Caía, ás vezes, em estado de coma, outras padecia de desmaios, se negava a comer e declarava que «tinha sido casada pelos poderes celestiais» e usava, de modo extraordinário, de uma linguagem incoveniente.

Essas várias fases se alternavam constantemente, porém não havia uma prova concreta de obsessão até que um dia em que a Sra. Fl. se quedou sem fala e, fazendo gestos idiotas, representou, perfeitamente, o papel de uma senhora surda e muda. Nessa ocasião, um senhor de um Estado vizinho chegou a nossa casa para visitar um paciente e, pouco depois de sua chegada, a enferma mudara de novo e estava falando tal qual uma criança.

Tão surpreendente era essa alteração que êsse senhor foi convidado para entrar no quarto e observar a paciente. Êsse cavalheiro lhe era totalmente estranho, porém, logo que êle entrou no aposento, ela apontou para o mesmo e disse em voz alta com tom de criança: «Conheço êste homem! Êle costumava pôr laços sôbre os meus hombros. E puxava os meus dentinhos. Levou-me, também, a um acampamento de ciganos. Êle morava na mesma rua defronte da nossa casa e costumava chamar-me «Botão de rosa». Eu tenho 4 anos de idade».

O homem ficou espantado e confirmou todas as afirmativas da criança, dizendo que êle conhecera uma menina assim na sua cidade natal, no Iowa, porém ela havia falecido no ano anterior. Êle explicou que gostava muito de crianças e que tinha, por vezes, levado a menina a um acampamento de ciganos e que, quando êle comprava pirolito para ela, costumava puxar o pauzinho dizendo que lhe ia arrancar os dentes.

Era evidente que a afeição tinha atraído o espírito da menina para o seu amigo e que ela havia encontrado na Sra. Fl. um veículo por meio do qual poderia fazer a sua presença notada.

A enfêrma foi livrada dêsse espírito e, gradualmente, de outras entidades obsessoras, e vários meses depois se achava em condições de assinar documentos legais, sendo declarada normal e sã por um juiz e um juri.

Outro caso de destaque foi o da Sra. O. que era cozinheira de um restaurante. Ela observara que uma criada agia estranhamente, trabalhava debaixo de ilusões e alucinações e levou-a ao meu gabinete. Depois de um tratamento elétrico, a paciente declarou que se sentia grandemente aliviada e voltou para a sua casa. Aquela noite, porém, a Sra. O. sentiu-se incomadada por um mal estar indefinível que a impedia de dormir e essa inquietação continuou até ás 10 horas da manhã seguinte, quando, no meio dos preparativos de jantar, tornou-se furiosa, arrancando os cabelos e maltratando a si mesma.

Fui chamado e chegando, encontrei a Sra. O. em estado de loucura furiosa, queixando-se de ser expulsa de todos os lugares e de não encontrar um lugar para repousar. Suspeitando a presença de uma entidade invisível, coloquei a Sra. O. numa cadeira, segurei-lhe os braços para prevenir uma reação e, depois de várias observações, a entidade disse que era um homem, porém negava estar morto e atuando sôbre uma senhora.

O espírito disse que seu nome era Jack, que era tio da criada perturbada e um vagabundo. Depois de doutrinar a entidade, ela começou a realizar a sua situação e, prometendo não causar mais aborrecimentos, deixou a Sra. O. que lógo tornou-se normal e voltou para o seu serviço, sem qualquer distúrbio posterior.

Verificou-se, mais tarde, que a criada em questão tivera um tio chamado Jack, que êle era um vagabundo e que falecera. Nesta experiência, a Sra. O. servira de médium para o qual se passára o espírito que atuava sôbre a criada.

Ha alguns anos, o Dr. Lydston escreveu num jornal de Chicago sôbre um paciente que embora não tivesse nenhum conhecimento do francês ou de música, cantava bem a «marselhesa» quando posto sob a ação de um anestésico. O Dr. Lydston, negando a sobrevivência da alma, explicava êsse fenômeno como um de conciência sub-liminal ou de memória inconciente, comparando-o ao da criada iletrada que, em delírio, recitava latim clássico tão perfeitamente como o seu antigo patrão, um professor de latim.

Respondi, num artigo de jornal, que tais fenômenos eram, frequentemente, observados nas pesquisas psíquicas e estabelecia que, a despeito da classificação dos cientistas materialistas, êsses casos demonstravam claramente, a existência póstuma dos espíritos e a sua capacidade de se comunicarem por intermédio dos mortais. Acrescentei que se a verdade fôsse conhecida acêrca dêsses 2 casos, verificariamos que o homem que cantou em francês era um «sensitivo psíquico» e fôra, na ocasião, controlado por uma inteligência externa, ao passo que, provavelmente, a criada, que recitara em latim estava atuada pelo espírito do antigo professor. Pouco depois disto, o cavalheiro a que se aludiu o Dr. Lydston, tendo lido o meu artigo, procurou-me e me disse: «Nada conheço do francês, porém, eu sei que sou terrivelmente incomodado por espíritos.»

No estudo de casos de «Personalidades Múltiplas», «Personalidades Dissociadas» ou «Estados Desintegrados da Conciência», os modernos psicólogos negam a possibilidade de inteligências estranhas no assunto, que essas personalidades não deram nem prova de conhecimento supernormal nem de serem de origem espíritica.

Nossa experiência, ao contrário, tem provado que a maioria dessas inteligências estão inconcientes da sua transição e, daí, não conceberem a idéia de que são espíritos e que são incapazes de reconhecer o facto.

No caso da Senhorita Beauchamp, registrado pelo Dr. Morton Prince na obra «Dissociação de uma Personalidade», falando de 4 personalidades alternantes, nenhuma referência foi feita que quaisquer inteligências externas fôssem responsáveis pelas várias personalidades, embora «Sally» (personalidade n.° 3) insistisse que ela não era a mesma que a Srta. Beauchamp (Christine), que a sua própria conciência era distinta da Srta. Beauchamp e falasse da época em que a Srta. Beauchamp aprendia a andar e a falar. «Quando ela era uma menina que aprendia andar...., lembro-me de que os seus pensamentos eram distintamente separados dos meus».

Semelhantemente, no caso de Bernice Redick, de Ohio, a jovem escolar que, constantemente, passava do seu estado normal à personalidade de «Polly», uma criança rebelde, toda a indicação é dada da influência de um espírito desincarnado, provavelmente ignorante de sua morte, controlando a Srta. Redick.

Que tais «personalidades» são entidades independentes póde ser facilmente provado sob certas condições, pela transferência da mesma para um intermediário psíquico, como experiências análogas teem, abundantemente, provado. Qualquer tentativa de explicar as nossas experiências pela teoria da «Mente Subconciente e Auto Sugestão» ou «Personalidades Múltiplas» será insustentável, desde que é manifestamente impossivel que a Sra. Wickland tivesse mil personalidades e desde que é evidentemente possível efetuar a transferência da psicose da pessoa supostamente insana para a Sra. Wickland, aliviando a vítima e, dessa forma, descobrindo que o distúrbio era devido a uma entidade desincarnada cuja identidade, muitas vezes, se poude verificar.

Pessoas que são clari-audientes sofrem grandemente com o constante incômodo de ouvir as vozes das entidades obsessoras (as «alucinações auditivas» frequentemente observados pelos alienistas) e, quando uma dessas está presente num circulo espírita onde os espíritos são desalojados e transferidos para o médium, interessantes coisas se dão.

(Continúa)

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— IX —

A penetração arguciosa do sêr incarnado no íntimo daquele que já deixou a vida planetária, a clarividência para ler-lhe o pensamento e conhecer quando fala a verdade, enfim, o meio de escapar ás mistificações dos embusteiros creio explicar-se pelo esforço pessoal em apurar minuciosamente o que vem do mundo invisível, em analisar os termos das comunicações, em verificar os seus conhecimentos doutrinários, em observar a coerência das suas afirmações, em suma, em nunca aceitar definitivamente o que nos deixa indeciso. Assim também a distinção entre o Espírito sério e o mistificador nem todos os médiuns videntes sabem fazer. Até hoje só conheci dois médiuns nos quais depositava toda a confiança. A grande maioria era ludibriada facilmente por deficiência talvez de vigilância, talvez como provação.

Assim também no espaço é possível que êsses mesmos videntes sejam enganados, é provável que, não carecendo de vidência pela noite a dentro, podemos ver Espíritos de toda ordem, bons e maus, sinceros e mentirosos e ser igualmente iludidos. Com que credenciais nos apresentarmos para então ficarmos a coberto das mistificações dos insinceros sempre que com êles nos acotovelamos?

E' um problema para mim ainda insolúvel, mas, nada obstante a minha grande inferioridade, foi-me afirmado pela minha interprete do sonambulismo que os embusteiros não me podiam ludibriar, a-pesar das várias investidas.

De uma feita, narrou-me a moça em estado de amnesia, iamos eu e o vice-presidente da União Mineira a caminhar quando surge à nossa frente um Espírito esfrangalhado, de chapéu na mão a pedir uma esmola, não a mim, mas ao meu colega.

Êste ia tirar do bolso uma moeda quando o segurei pelo braço, dizendo: Não dê confiança a êste malandro. O Espírito muda rapidamente a indumentária, apresentando-se depois com elegância, e foge ás gargalhadas.

Quero crer que êles mesmos já sabem a quem enganar e conhecem quem pode ser iludido. Mas porque o meu companheiro não tinha a mesma acuidade com que ha já 30 anos estou enriquecido?

Quero atribuir isso à dificuldade com que aceito qualquer conversão antes de positivos motivos que me autorizem. Não tem conta as cartas de confrades de toda a parte que por muito tempo recebi acompanhadas de comunicações, pedindo-me a opinião. De dez não havia mais que uma, quando havia, contendo coisa parecida com a sinceridade. Então diziam que para mim tudo era mistificação. E zangavam-se, até que preferi na aluvião de inverdades deixar de me pronunciar desculpando-me delicadamente. E já tremo de pavor quando recebo algum calhamaço.

Será por isso que o meu Guia me empresta a sua clarividência? Deus lhe pague então, visto como se não me deixo enganar aquí, também no espaço sou poupado ao lubíbrio.

A família da sonâmbula merecia os meus cuidados. Uma vez que o pai se achava no leito ela viu-me buscar fluídos curadores no meu próprio organismo e levá-los para lançar sôbre o corpo do pai adormecido, mas é surpreendida com uma grande cobra enroscada debaixo da cama do enfêrmo. Nisto solta um grito esclamando: Acuda Sr. L., uma cobra aquí. E eu com displicência caminhei, toquei o pretenso anfíbio com a ponta do pé, dizendo: Isto não è cobra, menina. E a víbora se transformou num gaiato que deitou a correr e a rir-se do divertimento.

De não aceitar qualquer conversão tive mais de uma ocasião de verificar o meu critério, pois intervi diversas vezes em casos de perseguição, julgados líquidos quando os paciêntes permaneciam no mesmo estado desolador. Fulano já havia doutrinado o perseguidor e êle prometeu retirar-se, informavam-me. E' que Fulano não finalizou o trabalho. Tomava o compromisso de intervir, chamava o obsessor, êste fingia-se arrependido, no entanto eu tinha a intuição de que também queria-me iludir. Apertava o cêrco de tal forma que o infeliz acabava por pedir-me misericórdia em soluços. Era a vitória. O padecente ficava finalmente restabecido.

Dessa acuidade em penetrar o subconciênte do Espírito é que provavelmente resulta a tranquilidade em conviver com os sêres do Além sem poderem êles fazer-nos perder tempo com as suas alicantinas, nem aparentarem o que não são. Teem que vir de mascara descoberta.

O que é o moderno Espiritualismo

O moderno espiritualismo não vem revogar as leis diretoras da evolução coletiva. As suas concepções avançadas representam um surto evolutivo da humanidade, uma época de mais compreensão dos problemas da vida, sem oferecer talismãs ou artes mágicas, com a pretensão de derrogar os estatutos da Natureza. Desvenda ao homem um fragmento dos véus que encobrem o destino do ser imortal e ensina-lhe que a luta é o veículo do seu progresso e da sua redenção.

Traz consigo o nobre objetivo de enriquecer, com as suas benditas claridades, os homens que as aceitam, longe da vaidade de prometer-lhes fortunas e gozos terrestres, bens temporais que apenas servem para fortificar as raízes do egoismo em seu coração, agrilhoando-o ao pôtro das gerações dolorosas. — F. XAVIER.

3 de Outubro

Três de Outubro é uma das maiores datas do Espiritismo. Foi nêsse dia, em 1804, ás 19 horas, que nasceu em Lion, França, Léon Hyppolite Denizard Rivail, filho do magistrado e juiz Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Duhamel, residentes nessa cidade, á rua Sala n.º 76.

«Denizard Rivail fez em Lion os seus primeiros estudos e completou em seguida sua bagagem escolar em Iverdun (Suíça) com o célebre professor Pestalozzi, de quem, cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos e um colaborador inteligente e dedicado. Êle se tinha aplicado de todo o coração á propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sôbre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Iverdun, confiava a Denizard Rivail o cuidado de o substituir na direção da sua escola. O discípuio tornado mestre tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida para dar boa conta da tarefa que lhe era confiada. Êle era bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina, tendo feito todos os seus estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese. Linguista distinto, êle conhecia a fundo e falava corretamente o alemão e o inglês, o italiano e o espanhol, conhecia também o holandês e podia facilmente exprimir-se nessa língua».

Dentre suas numerosas obras de caráter educacional, contam-se as seguintes por ordem cronológica: «Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública», em 1828; «Curso prático e teórico de aritmética», em 1829; «Gramática francesa clássica», em 1831; «Manual dos exames para a obtenção dos diplomas de capacidade», em 1846; «Compêndio gramatical da língua francesa», em 1848.

Em 1849 Denizard Rivail foi nomeado professor do Liceu Polimático, em que regeu cadeiras de fisiologia, astronomia, química e física, editou ainda, mais as seguintes obras: «Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbonne», e «Ditados especiais sôbre as dificuldades ortográficas».

ALLAN KARDEC

Como vemos, Denizard Rivail era, por todos êsses títulos e serviços prestados á coletividade, um dos maiores sábios de sua época.

Foi em 1855, que essa ilustre personalidade, impressionado pelo fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam, e após acurados estudos e observações sob o mais rigoroso contrôle, em que a fraude não era possível, coodificou a doutrina espírita que, mau grado á oposição de seus detratores, segue o seu curso, conquistando com seus factos imortalistas e suas obras do mais alto alcance moral, sábios e ignorantes, ricos e pobres.

Denizard Rivail passou a usar o pseudônimo de Allan Kardec depois de uma comunicação que recebera do seu espírito protetor, que afirmou tê-lo conhecido em uma precedente existência com êsse nome, quando, pelo tempo dos Druídas, viviam juntos nas Galias.

Allan Kardec, considerado como um dos maiores benfeitores da humanidade, teve, como os grandes missionários, de enfrentar renhidas lutas numa época de franca materialidade, em que a descrença lavrava abertamente nos homens. Mas nem por isso a sua obra sucumbiu, pelo contrário, como planta bem adubada, cresceu e se fez árvore frondosa, cuja sombra conforta, cujos frutos saciam a fome e cuja seiva dessedenta as almas na longa caminhada no imenso e escaldante oasis da vida terrena.

Graças a Allan Kardec e à falange de espíritos benfeitores, a quem está afeta a espiritualização da humanidade, a ciência, a filosofia e a religião romperam o estreito círculo de ferro do materialismo em que se achavam prisioneiras para, como o condor, alçarem bem alto seus vôos, conduzindo nas suas gigantescas azas, ao suntuoso templo da Verdade, todos aqueles que desejam o bem comum, sob a égide do Vero Cristianismo.

A obra de Kardec aí está a felicitar todos os homens de boa vontade. Que os espíritas saibam estimá-la como um tesouro de raro valor, procurando mantê-la sempre uniforme, coesa, inamovível, jamais permitindo que seus fundamentos sejam abalados ou destruidos pelo orgulho de sabedoria, de concepções personalistas e de idéias confusas suscetíveis de causar a descrença nas almas.

Salve, Allan Kardec, excelso Missionário da Sabedoria e do Amor !

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

Magnetismo humano é, a terapêutica mais barata que existe no mundo, visto o seu custo ser inteiramente gratuito. Por êsse motivo é que a sua aplicação devia ser grandemente disseminada e o seu uso favorecido pelas leis do País.

Geralmente os governos lutam com o problema da pobreza. Hospitais são reclamados pelas autoridades públicas encarregadas da saude do povo, para poderem atender à multidão de doentes. Levando em conta êsses justos pedidos são construidos, de vez em quando, novos edifícios onde se instalam novos hospitais.

Contudo ha sempre doentes em excesso, muitos dos quais não são atendidos por falta de vagas.

Se o emprêgo do magnetismo fosse generalizado, essa terapêutica poderia ser empregada de forma tal que a concorrência aos hospitais diminuiria consideravelmente. Isso auxiliaria as autoridades competentes a solver o grande problema dos doentes pobres. Entretanto, essa formidável fonte curadora ainda não foi suficientemente estudada entre nós.

Na Europa, no maior centro de cultura, — em París, — ha muitos anos que sábios ilustres se dedicam ao seu estudo e aplicação, tendo comprovado a sua ação curadora de maneira tal que em certos casos superou o engenho da ciência médica.

Já o grande sábio Laplace dizia, referindo-se ao mgnetismo : — «Estamos tão (1) longe de conhecer os agentes da natureza que não seria próprio de um filósofo negar os fenômenos unicamente por inexplicáveis no estado atual dos nossos conhecimentos. O que nos cumpre, apenas, é examiná-los com uma atenção escrupulosa e determinar até que ponto é preciso multiplicar, as observações, ou as experiências, afim de obter uma probalidade superior às razões que se póde invocar, por outro lado, para não admiti-las».

Se homens de envergadura tal estimulam a ciência a perquirir as causas dêste fenômeno é porque nele viam algo de extraordinário. Entre nós, porém, esta fonte de alívio dos males humanos, longe de ser propagada pelos cientistas é, ao contrário, combatida.

Eis então que os humildes se aperceberam mais rapidamente do seu valor.

Daí a ampliação do seu uso, principalmente nos meios pobres, entre os espíritas. Quantas pessoas foram curadas por êsse processo ? Ignoramô-lo, mas, cremos se contem aos milhares.

Talvez por êsse motivo levantaram-se algumas vozes, condenando o uso dos passes, que é justamente a forma de aplicação do magnetismo. E a máquina legislativa entrou em vigor, proibindo os gestos com as mãos. Acreditamos firmemente que os autores dessa lei agiram de boa fé, sem contudo, conhecerem a cousa a legislar. Entretanto, estamos certos, que o Deus de misericórdia iluminará a conciência dos dignissimos juizes, no instante mesmo em que forem solicitados para julgar casos desta natureza. Confiemos, pois, nEle, uma vez que não podemos aumentar um côvado à nossa estatura, nem tão pouco fazer nascer um cabelo a mais que seja, nas nossas cabeças.

A ciência entre nós ainda não aceitou esta grande verdade, — O Magnetismo.

Isso não nos deve surpreender, porquanto o mesmo sucedeu nos centros civilizados do Velho Mundo. Sómente foi aceito depois que o Dr. Jules Cloquet operou uma mulher dum cancer num seio, sem dôr, depois de magnetizada; (2) a 12 de Abril de 1829.

Entretanto, já em 1779 o grande médico alemão, Mesmer, comprovava ao mundo científico o maravilhoso poder dessa terapêutica. Não podendo desenvolver os seus poderes magnéticos no seu paiz de origem, — por causa da campanha que lhe moveram os colegas, — dirigiu-se a Paris, alí operando curas extraordinárias. Antes e depois dêste sábio outros homens de valor usaram, com sucesso, êste processo de curar.

Depois que a ciência oficial adotou o magnetismo, os sábios usaram-no frequentemente no sentido de pôr em estado de transe os sonâmbulos, tirando dêsses estudos, conclusões extraordinárias, fazendo que o sujet, em alguns casos advinhasse o passado, o presente e até o futuro. Isso serviu de estudo, também para a transmissão do pensamento e existência da alma. Entre nós, porém, o magnetismo tem sido usado no seu aspecto mais importante e humano, isto é, o aliviar enfêrmos.

As curas realizadas pelos passes magnético-espirituais são incontáveis. Se pensarmos nas palavras de Jesus : «Amai-vos uns aos outros», podemos afirmar que o povo brasileiro é o pioneiro neste particular, levando-se em conta que socorrer o doente é amá-lo, e os passes magnéticos são o alìvio dos enfêrmos, e mais importante se torna êste socorro, por que é todo gratuito.

Poucas pessoas compreendem o que seja o fluído magnético, sendo que muitas riem-se quando veem o operador trabalhar, no pressuposto que aquilo não tem valor.

Entretanto, êsse fluído pode ser comprovado pela fotografia. Isto é de importância capital, sabendo-se que a fotografia é o agente comprovante mais positivo. o Dr. Baraduc conseguiu fotografar os fluídos que envolvem o corpo humano. (3) Numerosas experiências foram feitas a partir de 1927 pelo Doutor Bertholet. Obteve êle a fotografia das mãos da magnetizadora Issaeff. Nessa fotografia veem-se não só vagas auréolas envolvendo a imagem das extremidades digitais, mas ainda um sistêma completo figurado de linhas de força emanadas de um ou muitos centros e irradiando dos dedos como que cabeceira luminosa.

A-pesar-de todas as críticas o valor documental dos clichês não pode ser negado, — acrescenta o Dr. Belard. (4)

São, portanto, os cientistas que o comprovam, e as fotografias o demonstram, e as pessoas curadas o testemunham. Contra factos não ha argumentos. Quando um facto se produz cessam todas as afirmativas em contrário, — afirma Flammarion.

A-pesar-de todas essas demonstrações, das afirmações dos sábios, das comprovações fotográficas e, sobretudo, do testemunho duma incomensurável multidão de pessoas que se curaram com os passes magnéticos, a-pesar dessa montanha de provas, elaboram-se leis para sufocar essa fonte de consolação aos aflitos. Deus ilumine as conciências dos que estão à frente dos destinos do nosso País, para que, com as suas inteligências esclarecidas possam colocar as coisas nos seus devidos lugares.

(Continua).

---

(1) Flammarion—*O Desconhecido e os Problemas Psíquicos.*

(2) Flammarion—*O Desconhecido e os Problemas Psíquicos, pag. 26.*

(3) Hipolite Baraduc — *La Force Curatrice à Lourdes et La Psychologie du Miracle.*

(4) *Magnetisme et Spiritisme.*

Os Fenômenos de Transfiguração

Como quasi todos os fenômenos espiríticos, tão antigo quanto o Mundo, êsses fenômenos também mereceram a atenção do grande codificador do Espiritismo, Léon Hyppolite Denizart Rivail, mais conhecido pelo seu pseudonimo Allan Kardec, que assim os definiu no «O Livro dos Médiuns», cap. VI, n.º 122: Os fenômenos de «transfiguração» consistem na mudança de aspecto do corpo de um vivo».

Elas serviam de empolgante assunto para mais uma admiravel monografia do ilustre Prof. Ernesto Bozzano, denominada *Dei fenomeni di «transfigurazione»* que tive o feliz ensejo de traduzir e editar no ano de 1940.

Escrevendo-a, o Prof. Bozzano, fazendo notar que a mudança de aspecto é circunscrita aos traços do rosto do médium e que os mesmos fenômenos se mostram dentre os mais raros da casuistica metapsíquica, acrescenta que apresentam o flanco a legítimas dúvidas e cepticismos, por não se ter ainda conseguido fixá-los numa chapa fotográfica.

Nessa mesma sua monografia, Bozzano refere-se aos admiráveis fenômenos obtidos com a notável médium Snra. Bullock, de Manchester, Inglaterra, mediunidade essa então muito recente e escrevendo o seu trabalho em 1934 não teve ocasião de referir-se ás muitas fotografias de transfigurações obtidas com essa médium inglêsa.

Como os fenômenos são bem interessantes, vamos referir-nos, com prazer, aos mesmos, transcrevendo o que narra Bozzano no caso XIV da monografia em referência, citando a relação resumida de casos do gênero extraída da revista *Light*, n.º de 12 de Junho de 1931, pag. 283.

Eis o resumo:

O Rev. Will J. Erwood publica na revista «The National Spiritualist», de Chicago, a relação de uma sessão feita por êle, em Hale, (Manchester) com a médium de transfiguração Sra. Bullock, durante a qual se obtiveram manifestações por demais notáveis.

A Sra. Bullock se achava sentada em plena luz, de maneira que se faziam visíveis os mais minuciosos detalhes das manifestações e, no espaço de uma hora e meia, apareceram nada menos de 50 rostos diferentes, sobrepostos ao rosto da médium. O rev. Erwood observa: «Era como si o rosto da médium fosse uma massa plástica modelável á vontade e modelada, ademais, com assombrosa pericia e rapidez, por um eximio mestre na arte, o qual, com fervor inexgotável, passára de uma à outra efigie. No decurso dessa admirável sessão apareceram todas as espécies de rostos e, entre eles, fisionomias de orientais e hindús, calmos, graves e espirituais. Um dos episódios mais impressionantes foi a personificação de uma menina paralítica, conhecida por mim nos Estados Unidos da America. Todo o corpo da médium, juntamente com o seu rosto, se havia contraído e transformado em forma radicalmente distinta do aspecto normal da mesma, representando, com toda a exatidão, as lamentáveis condições em que se encontrára aquela pobre vítima da paralísia.

Noutro n.º da mesma revista, lê-se o seguinte resumo:

Os estudiosos das investigações psíquicas de Belfast se interessaram muito, ainda ha pouco, pelas experiências da Sra. Bullock, que se realizaram na séde da «Sociedade de Pesquisas Psíquicas». Essas manifestações foram de um caráter incomum. A referida médium sentou-se defronte de uma lâmpada vermelha, de uma luz algo tênue, e, depois que se manifestou seu «espírito-guia», começaram a produzir-se as assombrosas transfigurações de seu rosto que ia tomando os semblantes dos espíritos que, sucessivamente, se comunicavam.

Por detrás da médium fôra estendido um largo pedaço quadrado de veludo preto, e, como a médium se vestira igualmente de preto, as caras, que apareciam, se destacavam de forma notável. O mais extraordinário a verificar-se na produção das transfigurações consistia na circunstância de que essas *cresciam e se dissolviam internamente*, e, como se manifestaram também rostos de orientais muito velhos, era muito interessante e prodigioso observar-se como o rosto da médium se tornava, de repente, enrugado, ao mesmo tempo que as sobrancelhas se alargavam obliquamente e se desenhava sôbre o lábio a sombra de bigodes virados para baixo. Desnecessario é dizer que se manifestaram muitas personalidades de defuntos conhecidos dos presentes que conversaram, assim, com parentes e amigos.

Devo acrescentar que a Sra. Bullock é uma pessoa muito simpática, cuja modéstia iguala sua sinceridade. O seu aparecimento entre nós, com sua mediunidade rara e prodigiosa, foi um acontecimento que despertou o maior intêresse. *(Light*, 1932, pag. 141).

Assim comenta Bozzano os factos em apreço:

«Como se verifica dêstes sucintos relatos, a mediunidade da Sra. Bullock é realmente notável e promissora e, posto que se trate de um médium todavia muito nova, é dado esperar ulterior e próximo desenvolvimento de suas faculdades supranormais uma vez que a estudem experimentadores que se proponham a observar os fenômenos, de um ponto de vista rigorosamente científico.

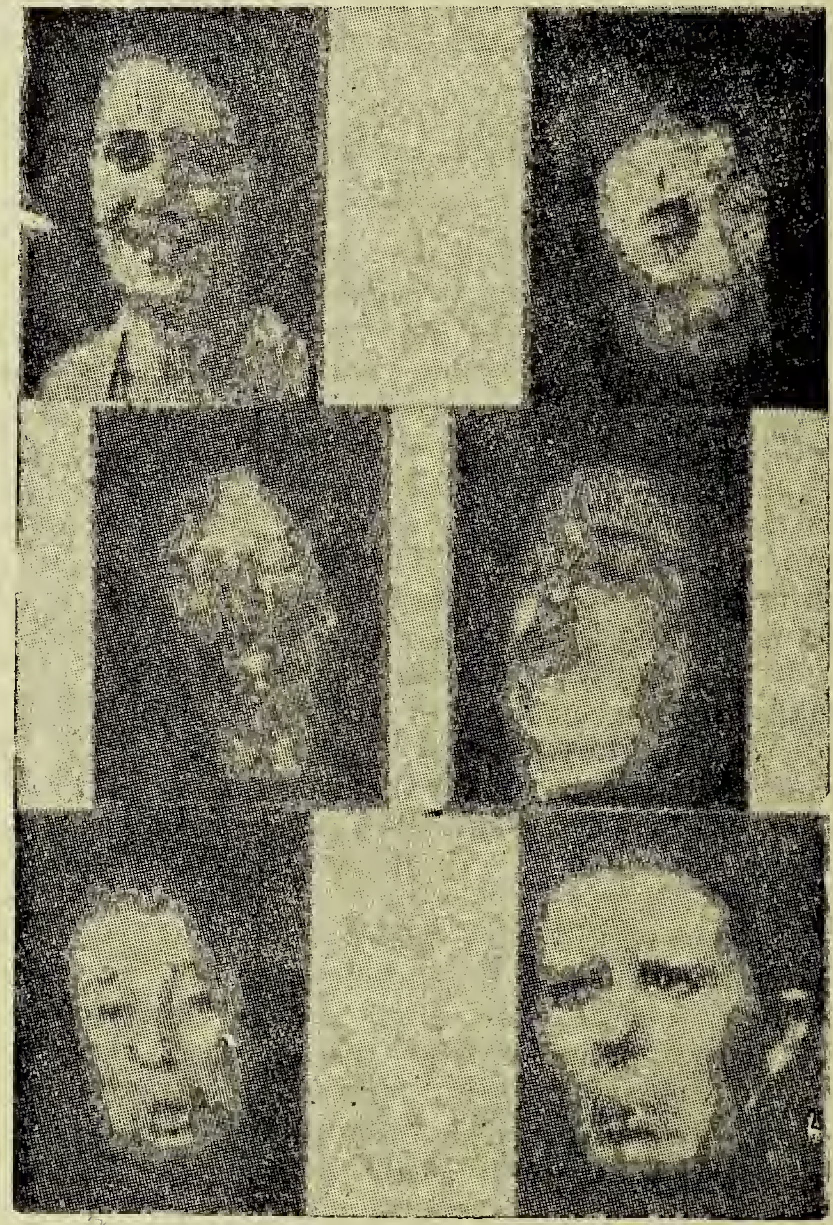

Transfigurações do Rosto da Médium

Teoricamente falando, se mostra importante a observação feita pelo relator quando diz que as transfigurações «cresciam e se dissolviam interiormente», o que induz a fazer presumir que em tais fenômenos tenha lugar uma manifestação e conformação interior da substancia ectoplasmica que constitue os tecidos do rosto da médium, caso em que os tecidos se dissolveriam em uma substância amorfa muito maleável com a qual as distintas personalidades espirituais, que se comunicam, plasmariam sua efígie em virtude de um ato volitivo devido ao qual entrariam em função suas próprias «forças organizantes» individuais.

Mostra-se assombroso, até o inconcebível, o facto de que, no intervalo de hora e meia, se tenham podido sobrepor, materializar, e dissolver, 50 rostos sôbre o da médium. Contudo e a-pesar-da nossa incapacidade para compreender, o fenômeno é raro nas experiências de transfiguração e já foi citado, antes, um caso análogo.

Noto, enfim, que ambos os narradores falam de manifestações de defuntos conhecidos dos experimentadores, com provas de identificação pessoal, entre as quais se mostra muito notável a referida pelo rev. Erwood, em que a médium se transfigura no rosto e no corpo, personificando uma pobre paralítica, conhecida do narrador. Não ha quem não veja como tal episódio, em que se nota uma plena identificação física da defunta que se manifesta, induz racionalmente a presumir que, si o episódio mesmo não póde desta vez explicar-se com o trabalho de uma fôrça modeladora subconciente, e isto pelas considerações precedentemente expostas, reforçadas pelo facto de que a médium jamais conhecera a moça que se manifestára, então se deveria concluir no mesmo sentido, para as materializações de todos os outros rostos, isto é, no sentido de que, sob os numerosos semblantes aparecidos, dever-se-ia presupôr a intervenção de outras tantas personalidades de defuntos».

Posteriormente aos factos transcritos pelo Prof. Bozzano, muitos fenômenos de «transfiguração» se produziram com a referida médium e êsses, felizmente, uma câmara fotográfica já os poude apanhar como mostram os vários clichês que, aquí, reproduzimos para que se dissipem as dúvidas dos cépticos das maravilhas de «Além túmulo».

Dr. Francisco Klörs Werneck.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXVI —

O Homem dos materialistas

O homem dos materialistas vale menos do que qualquer dêsses animais de maior utilidade.

Começa por ser, ainda, um ilustre desconhecido para nós, que já conhecemos bem o valor de um cavalo, um porco, um boi. Os estudos anatomo-fisiológicos e de gabinete ainda não revelaram bem o homem-matéria ao sábio materialista. Pouco sabem os cientistas, quer material quer espiritualmente, de si mesmos. «Somos uma causa desconhecida a que se referem nossas sensações» escreve Stuart Mill. O cientista sem Deus ignora tanto o que é o homem sem o espírito, como o religioso dogmático desconhece o homem sem o corpo. O «Conhece-te a ti mesmo», do Oráculo de Delfos, continua sem solução. E', ainda hoje, em pleno «Século das Luzes», um problema cujo X não se encontrou...

Se para o materialista, o homem é só matéria, razões não tinha, ou tem, para dizer : «meu corpo», ao em vez de eu. Quem diz meu corpo, dá idéia de que ha um possuidor do corpo, que é, nêste caso, a coisa possuida, é óbvio! Êrro igual perpetra o religioso dogmático, que não confia muito na existência do Espírito, a dizer: «meu espírito, minha alma», em lugar de eu. Se podemos subentender que no linguajar do cientista sem Deus, a existência do Espírito como o *eu* possuidor do corpo, subentendemos no falar do religioso que o possuidor da alma e do espírito é o corpo. Uma coisa, porém, fica patentissima: que o homem continua ignorado para materialistas e religiosos, vêem-se nas menores coisas, como a que aquí deixamos. Bem já dizia o grande Paulo — «o que o homem é, nem êle mesmo o sabe».

«Se o Espírito é imortal, logo, o homem é o Espírito», dizem religiosos, a viverem, porém, por atos e factos, mais para o corpo do que para o espírito!

«O homem é pura matéria. O que nêle existe de espiritual, é tudo função, puramente, do cérebro, das endócrinas, dos nervos», afirmam cientistas materialistas, a esbarrar, porém, diante de mil e um casos que contrariam seu asserto «científico». E' bem isto o que nos provam os dois maiores cientistas dos últimos tempos: Richet e Carrel. Nas obras, que deveriam ser meditadas por todos os materialistas intransigentes, A GRANDE ESPERANÇA e O HOMEM, ÊSSE DESCONHECIDO, ressalta, a cada passo, a fisiologia e a psicologia materialistas são, por si mesmas, incapacissimas para integrar o conhecimento perfeito do homem.

O homem só matéria, além de continuar ainda desconhecido para a própria ciência materialista, vale muito menos do que qualquer outro dos chamados animais úteis. Vale menos como matéria, como fôrça e, ás vezes, como inteligência.

Sinão, vejamos:

Ao nascer, somos o animal menos forte e mais desprotegido materialmente. Observamos, certa feita, com o pensamento no homem, o nascimento de um cabrito. Horas depois, estava êle de pé, procurando por si mesmo o leite materno... Horas depois? Que dizemos nós? Minutos depois, isto, sim! O homem, só muitos meses depois consegue arrastar-se, a engatinhar e sem o juizinho ainda firme. Donde, as travessuras das crianças, que as põem em plano inferior aos cabritos...

Para ser criado, dá o homem mais trabalho e despesas do que os outros animais. Por isso que as mulheres modernas, que andam a imitar o homem em tudo, porque o homem não concebe, não querem também conceber, fugindo, assim, à trabalheira de criar filhos...

Criado, o homem vale não por ser homem, como o boi vale por ser boi e o cavalo por ser cavalo, mas, pelo que possue, por sua posição social, pelo seu engenho. Tanto é isto verdade que, entre nós, por exemplo, ainda não se conseguiu fazer da literatura e de outros labores intelectuais uma profissão. De um diretor de grande colégio do Rio, ouviramos que dá mais valor a um *garçon* do que a um professor, porque luta com maior dificuldade para encontrar um servidor de mesas para seu internato do que um sabedor da gramática. E de uma autoridade policial ouviramos isto —: Um pai pôs a própria filha fora de casa porque fôra deshonestada pelo namorado que o pai hostilizava. Abandonada pelo pai e o desalmado em quem confiara, procurou a pobrezinha a polícia. A autoridade mandou, simultaneamente, procurar o pai e o sedutor. Ao pai, não houve razões que o convencessem de receber a filha. Não o desobedecera, por amor de um canalha? Que levasse, agora, o diabo!

Se, entretanto, ao em vez de sua filha, sangue de seu sangue, fosse uma cabra, uma ovelha, uma vaca sua que lhe fugisse de casa, andaria êle por «seca e meca», a perguntar a toda gente por seu bicho. Porque? Sua vaca, ou ovelha, ou cabra, representar-lhe-ia um valor monetário, enquanto que a filha só trabalhos lhe dava. E, encontrado o animal perdido, se trouxesse no ventre uma futura cria, que beleza e que achado!...

Cuida-se mais do aperfeiçoamento da espécie animal do que da espécie humana. Quando, entretanto, ha cuidados pelo homem que contrariem esta regra, é para ver-se, no fundo, interêsse de homens para a guerra, para «carne de canhão» como nô-lo demonstram os estados-totalitários...

Se o homem interessasse ao homem só por ser homem, não veriamos 20 °/o da humanidade manobrando com os recursos da Terra, a benefício próprio, a ver com tamanha indiferença a situação quasi miserável dos restantes 80 °/o, a ponto de danificar as sobras de seus celeiros, em vez de distribui-las com os pobres, ou de vendê-las a baixo preço...

Se não vale, financeiramente, por si mesmo, o homem longe está de possuir qualidades inerentes a outros animais. Está inferior em fôrça física, ao boi, ao cavalo, ao cão policial. Não tem a laboriosidade e solidariedade no trabalho das abelhas e das formigas. Trabalha por penosa obrigação em seu próprio interêsse, e as abelhas trabalham por amor e para proveito do homem. Exige o máximo da recompensa para o mínimo de sua produção, no mesmo passo em que faz o burro produzir o máximo a trôco, apenas, de uma pouca de capim. O homem não dispõe do vôo das aves, do olhar do lince, da lealdade e faro do cão, da resistência da besta de carga. Está, em tudo isso, inferior aos outros animais.

Ha mais: o homem, ainda o mais sábio, e orgulhoso, e belo, e rico, e altamente colocado, se não tiver cuidados higiênicos com o corpo, ao contrário de muitos animais, cheira mal...

Dormindo, o homem pouco se distingue do suino, da cabra, do boi. Se roncar, perturbando o sono dos vizinhos, porque ha animais que não roncam... E a dormir, não se distingue o sábio do bronco, o bom do mau...

Morto, o homem vale menos do que qualquer animal útil, porque um animal útil, é, morto, carne para açougues, couro para artefactos, outras substâncias de valor. O homem morto, só dá tristezas, aborrecimentos e despesas. Com excessão dos ricos, cuja morte, pelos bens que deixam aos herdeiros, é motivo de alegria íntima para êstes! E' verdade que, por amor á tradição e á praxe, ha, por vezes, choro, ataques, agarramento ao defunto á hora de saída do enterro. Se porém, nessa hora, se disser ao entregue á tradição e á praxe: «Pois bem: tudo isto é para o corpo não sair? Não ha nada. Aquí ficará...» Estamos certo que tudo cessará imediatamente, através de desculpas destas: «Não; póde levar, que já passou».

Um naturalista já se deu ao trabalhos de isolar as substâncias minerais' que existem em nosso organismo, de precisar o valor do homem-matéria. E encontrou no corpo do homem normal apenas 6.400 gramas de sais minerais, 15 quilogramas de albumina e fibrina, 50 de água e 6 de ossos. Se se pudesse reduzir tudo isto a moeda, por seu valor real, tudo isto não excederia de 7$000. Eis o valor real do homem dos materialistas!

Em vão teem procurado alguns cientistas colocar o homem-matéria num plano superior aos outros animais. Owen pretendeu encontrar diferenciações no cérebro humano, séde, naturalmente, da inteligência e do pensamento. Descobriu, assim, «um pequeno hipocampo», que carateriza o lóbulo posterior de cada hemisfério, a par de certo lóbulo ocidental formado pelo enorme transbordamento do cérebro sôbre o cerebelo». Surge-lhe, pela frente, outro naturalista, Gratiolet, desmentindo-o, a apresentar as mesmas caraterísticas no cérebro de um chimpanzé deformado e conservado em álcool. Estudos posteriores, realizados por Cuvier, Serres, Marshall, Huxley abonam o desmentido de Gratiolet, deixando á mostra o que vale a séde da conciência no homem material...

Defoi, zurzindo o orgulho humano que nos legou a colocar-nos, materialmente, superior aos outros animais, escreve isto: «A Natureza, que não quer ser cúmplice da vaidade humana «marcou-te (homem!) com o sêlo da animalidade. Trazes a sua marca de fabrica e, a despeito dos esforços do teu orgulho, nunca te despojarás, de todo, do antigo animal. «E, para demonstrá-lo, ajusta factos, colige provas, citas autoridades cientistas. De suas provas, saímos na firme convicção de que, sob o ponto de vista fisiológico-anatômico, em nada somos diferentes do macaco...

Vamos, entretanto, considerar o homem como «uma inteligência servida por órgãos, como nô-lo apresenta Bonald, e veremos como fácil nos é compreender o «Vós sois deuses», do Cristo. Claro que o homem, para ser deus, só em espírito e pelo espírito. Vemos, de resto, até fora dos Evangelhos e dentro das civilizações, que a verdadeira divinização humana, o homem só a atinge pela inteligência como potencial do Espírito, pela sabedoria e bondade, que nada teem de materiais, que são patrimônios do Espírito. Basta considerarmos, ligeiramente, a civilização grega, incontestavelmente a maior que já houve à face da Terra. Foi aí que nasceram os esportes, como glorificadores de heróis, que por aí vão fazendo as delícias do homem futilissimo de nossos dias. Foi aí que mais se cultuou a beleza física, a elegância humana, as artes plásticas, que participam mais de materialidades do que de espiritualidades. Foi aí onde floreceu o primeiro grande século da História, o Século de Pericles. Tudo, entretanto: as riquezas monetárias do século, as obras de estatuária e de escultura, as glórias dos esportmans e dos *dandis*; tudo, desaparecendo na voragem do tempo! para ficarem, perenes, na História, *per omnia, secula seculorum*, os nomes de Socrates, um velho feio, nariz de sileno e barba hirsuta, que podia até encarar, a olho nú, o sól; de um Platão, baixote e rotundo, de espáduas tão largas que serviram até para alterar-lhe o nome; de um Esopo, triplicadamente infeliz, porque feio, côxo e escravo ... Todos, glorificados pelo labor espiritual ! . . .

Se o homem-matéria rebaixa e avilta a espécie humana, colocando-nos em nível inferior a outras espécies animais, só o Espírito, e a espiritualização da Vida, dignifica a humanidade, colocando o homem no seu justo e real lugar na escala zoológica que é constituindo o Reino Hominal.

Reino superior ao Animal, porém inferior ao Angelical, a que chegaremos, pela Evolução de nossos sentimentos, de nossa sabedoria.

Crônica Estrangeira

Caso Evidente de Reincarnação

Um jovém advogado de Budapest empreendeu sua viagem de núpcias às margens do Danúbio. Sua esposa, também jovém, visitára, na adolescência, a França e a Itália, mas não conhecia essas belas regiões danubianas cujas paisagens lhe proporcionavam grande regosijo.

Tudo corria ás maravilhas até a chegada a Passau (Baviera), onde foi preciso mudar de embarcação. Mas, nêsse momento, a jovém esposa experimenta um mal-estar súbito e murmura : «Oh ! como esta paisagem me e familiar !» Estas palavras surpreenderam o marido, e mais ainda quando ela acrescentou : «Estou certa de já ter vivido durante anos nesta província. Eu a conheço : na outra margem, por detrás daquela colina, ha uma pastagem. Existe no fundo, um riacho, e bordam-no grandes e velhas tilias (árvores).

Atravessaram o Danúbio, vão ver o riacho. Lá está êle por detrás da curva e, a margeá-lo, as árvores muito velhas. A turista sente agravar a sua indisposição, e declara : «Eu não desejaria permanecer aquí por muito tempo, todavia tenho a impressão que morrerei se eu imediatamente voltar ao barco.»

Muito aflito, o advogado manda chamar o médico que, tendo examinado a «enfêrma», sorri e declara que dentro de dois dias o estado de nervosismo desapereceria. Mas quando o médico partiu, a moça sente aumentar sua inquietude, e cresce a excitação : Seja, disse ela, permaneçamos aquí por algum tempo. Assim terei algo a rever e a recordar nêste lugar. Dir-se-ia que realmente me sucedeu uma desgraça nesta mesma terra».

Impossível acalmá-la. Ela se desprende dos braços do marido, corre pela estrada e sómente se detem ao encontrar um velho camponês, a quem faz esta pergunta : «Não existe um velho castelo sôbre a montanha que vejo lá em baixo ?»

— Sim, realmente ! respondeu o interpelado, mas o solar está deserto. Quereis que vos conduza até lá ?»

— Agradecida, respondeu : conheço bem o caminho. E a jovém, seguida do marido, rapidamente segue pelos trilhos. Ela chega, enfim, ao castelo, cujas três quartas partes estão em ruínas. E o casal pede a um guarda, único habitante do solar, permissão para visitá-lo. O guarda, fiel ao seu dever, começa a descrever todas as coisas. Êle diz : «O último proprietário construiu esta ala, mas o castelo está deshabitado ha sessenta anos

— Eu sei, eu sei, interrompeu a «visionária». O que me interessa é a câmara dos guardas.

O guia foi tomado de assombro. «Dificilmente posso crer, disse êle, que nunca visitastes esta região. Para que se possa falar da câmara dos guardas necessário se torna conhecer pessoalmente o castelo.

Sem proferir palavra, a moça passa diante do guarda e é ela que conduz seus companheiros para a famosa câmara dos guardas. Quando lá entrou, ela afirma categoricamente : «Junto a esta câmara existe um quarto que está fechado. Quero vê-lo».

O homem manifesta grande terror e faz o sinal da cruz. Todavia, êle confirma, depois de hesitar por momentos: «E' verdade! mas asseguro que a porta jamais foi aberta durante os anos em que sou guarda, pois a chave está perdida.

Isto não importa, eu quero entrar nêsse quarto. Vós bem sabeis que debaixo da velha escada ha um prego ao qual está suspenso um mólho de chaves. Ide buscá-lo. A chave perdida está entre as outras.

Cada vez mais amedrontado, o guarda obedeceu à ordem imperativa, trouxe o feixe de chaves, dentre as quais a jovém escolheu uma.

— Aquí está a chave que vai abrir a porta, disse ela, e podemos entrar no quarto».

E no momento em que a chave enferrujada era introduzida na fechadura, ela exclamou em tom de súbita inspiração: «A porta foi fechada depois de terem deixado dois cadáveres atrás dela».

A lingueta range. Entre-abre-se a porta que também range ao roçar sôbre o lageado e um bafio vai bater nos rostos dos presentes. A moça avança e arranca os restos de cortina que a meio ocultava uma janela estreita. Sôbre uma cama havia um esqueleto, e, no chão, um outro e, junto a êste, um punhal oxidado.

E a vidente, com supremo esfôrço de vontade, exclama: «Aquí é que eu fui assassinada!» Em seguida caiu inanimada.

A custo ela escapou a uma febre cerebral, mas os médicos não haviam perdido a esperança de salvar a enfêrma, tal foi a última notícia publicada pelo jornal hùngaro *Az Est*, isto em 1926.

Foi Revue Spirite que nos forneceu êste doloroso drama duma vida anterior terminada tragicamente.

O periódico húngaro *AZ EST* esforçou-se por demonstrar que não se tratava de uma fábula, e completou o artigo sensacional nos seguintes termos: «os factos relatados ocorreram realmente; e do modo descrito em edição anterior, e tudo foi atestado pelas autoridades as mais insuspeitas, e foi por isso que haviamos autorizado a impressão da narrativa, com o propósito de torná-la pública, porque todos os detalhes foram considerados autênticos pelas pessoas que fizeram investigações».

⁂

Comunicação Surpreendente

Raoul Montandon publicou, em *La Tribune de Genéve*, uma série de artigos sob o título, *Contribuições ao estudo do Espiritismo experimental*. La Revue Sspirite reproduziu o seguinte caso:

«Vidência» trágica

M. Jean Lefévre (do 66 R. I.) surpreende-se ao ver seu camarada André Piégu chegar a Paris três dias após êle, em gôzo de férias. Combinaram jantar na «Casa Máximo», daí a três dias.

Jean Lefévre narra:

No mesmo dia do jantar, fui visitar uma senhora de minhas relações (Mlle G. Granger, pintora e escultora) — O senhor chega exatamente no momento em que saio!—disse Mlle. Granger, apertando minha mão... — Que azar!... Mas, realmente eu simplesmente vou a casa de uma vidente, a mãe François. Venha comigo... não tenho segredo a ocultar.

Assim foi que um quarto de hora depois, conheci uma modesta vidente sentada atrás da clássica «tripoide» e que nos exigiu cinco francos pela consulta.

— Ha alguém presente para vós, disse-me, após alguns minutos, a mãe François, dirigindo-se a mim.

A vidente, que sómente recorria á mezinha para obter informações precisas, pôs as mãos sôbre a mezinha.

Tiptologicamente (por meio de pancadas), a mesa que eu não tocava, ditou: «André».

— Eu conheço, disse eu, muitas pessoas com êste nome, trata-se de um morto? — E' um morto. Êle tem algo a vos comunicar... Vós vos conhecestes numa cidade estrangeira.

A trípoide penosamente ditou muitos nomes de consoantes alemãs, mas que para mim nada significavam. Eu fiz notar que absolutamente nada podia compreender. A médium parecia sofrer e a mesinha ditou: *Pigu*; depois, *Pégu*.

De Subito lembrei-me que André Piégu e eu haviamos feito conhecimento em Stuttgart, quando eramos jovens estudantes.

— André Piégu? Perguntei eu.

— Sim, êle quer dizer-vos alguma coisa.

— Mas êle está em Paris, repliquei eu, e vou jantar com êle esta noite!

Eu estava intrigadissimo. Com certa impaciência esperei Piégu, na «Casa Máximo». Não tendo êle comparecido, telefonei à casa dele. Ainda não havia voltado. Jantei só. Dia seguinte e nos subsequentes continuei a telefonar e sempre em vão. Ninguém me dava notícias de Piégu.

Terminada minha licença, voltei ao meu regimento. Então tive explicação da «Vidência» trágica.

Algumas horas após o nosso encontro foram cassadas as licenças e o regimento posto em ordem de marcha. Enviado ás trincheiras, para entrar em ação mortífera, o 66 perdeu, como tantos outros, todos os seus componentes. André Piégu era um deles.

* * *

A Morte é Transferência

«The Two Worlds»

O Rev. Gwilym Rees, moderador da Igreja Congregacional de Gales, proferiu um sermão que poderia ser referendado por qualquer espírita, do qual transcrevemos o seguinte resumo:

«Nestes dias em que troam os canhões e a vida é incerta, natural é pensarmos na outra vida.

Ha muitas teorias extensamente variadas, relativamente ao gênero de vida no outro mundo. Essa vida não pode consistir simplesmente em cantar e tocar harpas. Êste gênero de vida é absolutamente contrário á natureza. A morte é uma transferência e não transformação. Assim como as pessoas boas chegam ao outro mundo com todas as suas aquisições intactas, assim acontece ao mau, ao carnal, ao frívolo que lá chegam com as qualidades morais que manifestaram na terra.

O Outro Mundo é Progressivo

O espírito que se passa, começa exatamente no ponto em que cessou o seu progresso neste mundo. O poder mental de uma pessoa é o mesmo que fôra antes de morrer, e o mesmo acontece ao seu caráter moral, apreciação espiritual, amor a Deus e ao próximo. Lá uma pessoa será vista como realmente é, pelos seus atributos, e não pelo que parecia ser na superficie da terra.

Se, portanto, algum quiser ser considerado, no outro mundo, como um sêr bom e Cristão, essencial se torna que êle aprenda a ser honesto, puro e santo neste mundo. A nossa *esperança* de imortalidade não está baseada sôbre a ressurreição física do Cristo, mas sôbre a sobrevivência de seu espírito após a morte.

Crianças no Mundo Espiritual!

O Rev. Rees evidentemente conhece as verdades reveladas pelo Espiritismo, porque acrescentou:

O espírito abandona o corpo material quando entra no outro mundo, mas a parte espiritual continua a viver, adquirindo nova experiência e conhecimento. Teremos, sem dúvida alguma, na esfera superior e mais elevada, um novo corpo, de material mais aprimorado e melhor adaptado para a vida no outro mundo.

Se não estivermos na companhia de Deus neste mundo, como esperar gozar de sua presença no Grande Além, e para sempre? Se aspirarmos a viver no Céu, devemos já e agora amar e servir aos nossos semelhantes, desinteressadamente».

O Rev. Rees assim concluiu:

«Muitas crianças foram mortas nesta guerra. Quem delas cuidará quando entrarem na eternidade? No outro mundo também existem mães que deixaram seus filhinhos para trás, e Deus está empregando êsse instinto maternal, confiando a seus cuidados essas crianças solitárias e sem mãe».

—Isto é legítimo Espiritismo e perfeito senso comum—diz o redator de «The Two Worlds».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão de efeitos físicos

São Paulo 21 de Agosto de 1941

Sessão na sede da Sociedade Metapsíquica de São Paulo. — Médium, D. Maria Porto — Assistência, 20 pessoas.

Encerrei a médium dentro de um saco de fazenda forte, mas leve, ficando só a cabeça de fóra. O saco foi fechado em torno de seu pescoço e amarrado por fóra com diversos nós.

Logo que se fez o escuro, a cadeira da médium foi arrastada para um lado e a mesa para outro. Uma das cornetas luminosas foi atirada ao chão e também o pandeiro.

Quando o espírito pediu luz estava a médium na cadeira, em sua nova posição, dentro do saco, a atadura intacta.

Quando o espírito pediu luz pela segunda vez, achou-se a médium toda mergulhada no saco; a atadura feita por mim havia sido desfeita e a boca do saco alargada o suficiente para permitir a entrada da cabeça. Nova atadura do cadarço que fecha o saco, mas diferente do que a que eu havia feito; o cadarço fôra trançado em ponto de cadeia.

Em seguida a médium foi achada sentada em cima da gaiola; o saco havia sido descido até a cintura. Daí para baixo a médium fôra amarrada até as pernas por fora do saco. Suas mãos estavam amarradas e a amarração prendia-a às malhas da gaiola.

Enquanto nessa posição em cima da gaiola a gaita foi tocada e simultaneamente um cavaquinho (objeto que não existe na sala), e ouviu-se também estalos de dedos. Essa simultaneidade do sons demandaria evidentemente quatro mãos: uma para segurar a gaita, outra para estalar os dedos, e duas para segurar e tanger o cavaquinho.

Depois percebemos que a médium fôra retirada de cima da gaiola e estava outra vez em sua cadeira. Aí ela incorporou o espírito de Martha, que conversou durante algum tempo com a assistência. Ela não estava mais no saco que havia sido jogado de cima da gaiola sôbre a mesa.

Feita a luz, estava a médium outra vez metida no saco, êste fechado em torno de seu pescoço como no começo da sessão.

Um dos assistentes colocou o cartão luminoso atrás da médium na sua cadeira. Feito o escuro êste cartão foi retirado, descrevendo movimentos no espaço, e foi atirado ao chão.

A médium tornou a incorporar outro espírito, o espírito de Ara, irmã do índio Guaraní, ela também conversou com a assistência durante algum tempo. Um dos assistentes pediu-lhe que trouxesse, se possível, alguma pena das que os índios usam para adornar a cabeça.

Quando em seguida o espírito pediu luz, estava outra vez a médium fora do saco, êste dobrado em cima da mesa. Nos ombros da médium estava um chale branco, que o espírito fôra buscar em casa dela; uma cadeira emborcada sôbre a sua cabeça, e ela, com as mãos amarradas, presa à cadeira.

Sôbre a mesa encontrou-se uma espécie de pequena cuia feita de barbante tecido e cheia de flores e folhas de malva, tudo perfumado, inclusive também o saco que estava molhado com o perfume. Entre as flores na cuia uma pequena pena de pavão (parecendo isto uma resposta ao pedido acima feito). Um pedaço de corda havia também sido trançado em ponto de cadeia e estava sôbre a mesa.

Pedi ao Fragoso que encerrasse a sessão. Êle removeu a cadeira da cabeça da médium, desamarrou-a, despertou-a, despedindo-se com seu assobio, como de costume.

Durante a sessão o Fragoso assobiou, como sempre um assobio não forte; ás vezes acompanhou a música do gramofône.

D. Conceição, sentada à minha direita, médium de incorporação e também vidente, em certa altura da sessão, dizia ver o nome «Zimmermann», em letras grandes. Um dos assistentes disse conhecer a pessôa indicada, e que se suicidara. Daí a pouco a médium Conceição incorporou o espírito dêsse Zimmermann (provavelmente êle) que manifestou-se sofredor. Doutrinado por mim êle acalmou-se e retirou-se, sem dizer nada. Mais tarde, quando o espírito de Martha nos falava, eu perguntei-lhe sôbre o Zimmermann e ela confirmou ter êle vindo.

Assistiram á sessão, segundo nos disse Fragoso no começo da sessão, 21 espíritos.

A sessão terminou as 11,30.

Dr. C. G. Shalders.

A nossa excursão

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

Durante o mês de Agosto último fiz 22 palestras nas seguintes cidades: Marilia, Padre Nobrega, Pompéia, Tupan, Baurú, Jundiaí, (Paraná), Cornélio Procópio e Londrina.

Em Padre Nobrega fiz, no ano passado, a primeira palestra com uma assistência reduzida, mas êste ano tive a satisfação de ver o seu resultado, pois dela derivou a união dos espíritas locais que, num esforço mui louvável, já edificaram um bom prédio de 10x6, e estão levando o Espiritismo pelo verdadeiro caminho: o estudo unido à prática.

Amor à Verdade

Completou o seu 5.º ano de útil existência dedicada ao labor espiritual, êste nosso colega que se publica em Ribeirão Preto, sob a direção do confrade Emiliano Cardoso de Morais e redação da Profa. D. Irene Teixeira de Góes.

Ao «Amor à Verdade» as nossas sinceras felicitações com votos de longa existência.

Jornais e Revistas

Temos sôbre a nossa mesa de trabalho os seguintes jornais e revistas ultimamente recebidos:

Revistas: «Cosmos», orgão oficial da Federacão dos Espiritistas de Porto Rico; «Evolucion», orgão do Centro «Leon Denis», de Barquisimeto, Venezuela; «Luz e Caridade», de Braga, Portugal; «Estudos Psíquicos», de Lisboa, Portugal; «Reformador», orgão da Federação Espírita Brasileira, da Capital Federal; «Revista Espírita do Brasil», orgão oficial da Liga Espírita do Brasil, da Capital Federal; «A Verdade», de Recife, Pernambucó; «O Revelador» órgão de propaganda do Departamento de Propaganda da União Espírita Paulista, da Capital; «Irradiação», da Capital Federal; «O Médium», de Juiz de Fóra, Minas; «Alvorada duma Nova Era», da Capital; «Claridade del Alma», de Bueno Aires, Argentina; «Reincarnação», orgão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul; «Lá Idéa», de Buenos Aires, Argentina; «The Greater World», de Londres, Inglaterra; «The Two Worlds» de Manchester, Inglaterra.

Jornais: «Mundo Espírita» e «Aurora», da Capital Federal; «Jornal Espírita», de Porto Alegre, R. G. do Sul; «A Nova Era», de Franca; «A Alvorada», de São João da Boa Vista; «Mensageiro do Orfão», de S. Manoel; «A Comarca», de Matão, «O Combate», de Jaboticabal; «O Espiritualista»; da Capital; «A Flama», de Uberaba, Minas; «A Revelação», orgão da União Espírita Paraense, de Belem, Pará; «A Centelha», da Capital; «Arauto da Fé», da Cidade de Astolfo Dutra, Minas; «A Aliança», da Capital; «Macaé Espírira», de Macaé, Est. do Rio; «O Fanal», orgão da União da Mocidade Espírita do Vale do Paraíba, de Guaratinguetá; «O Cristofilo», da Capital Federal; «Baía Espírita», da cidade de Salvador; «Alma e Coração», de Belem, Pará; «Amor à Verdade», de Ribeirão Preto; «O Nosso Guia», de Entre-Rios, Est. do Rio.

A's respectivas redações somos gratos pela remessa dêsses nossos colegas.

LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	15.000
MANOEL ARÃO	
O Claustro — romance	7.000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1.500
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
MANOEL PIZARRO	
Contradição do Catolicismo e do Protestantismo sob o ponto de vista do Espiritismo	8.000
NORALDINO DE CASTRO (DR.)	
O Espiritismo é a Religião	5.000
NOGUEIRA DE FARIA	
A Renascença da Alma	5.000
NOEL VARÃO	
Oração de um Crente	4.000
OLIMPIA S. BÉLEM	
Jerusa	6.000
OLIVER LODGE (SIR)	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	7$000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
OSMANI EMBOABA (DR.)	
Fenomenologia Mediunica	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	7.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	10.000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	25.000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
PAUL GIBIER (DR.)	
Analise das Cousas	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
Salvação pela fé ou pelas obras ?	6.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000
RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000

SEBÁSTIAO CARAMURÚ (DR.)	
Redivivos	9.000
Aos Católicos Apostólicos Romanos	5.000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	7$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
SNRA. DE W.	
Aqueles que nos deixam	6.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
ZOEOLNER	
Física Transcendental	6.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
BIBLIAS	
Biblia em letra grande com referências	22.000
Biblia pequena	10$000
Novo Testamento—capa dura	4$000
Novo Testamento em letra grande	7.000
« « pequeno	3.000
« « Mignon	3.000
Novo Testamento em Esperanto	5$000

COLEÇÕES da «Revista Internacional do Espiritismo»

1.° ano	100.000	2.° ano	40.000
3.° »	100.000	4.° »	35.000
5.° »	30.000	6.° »	40.000
7.° »	40.000	8.° »	40.000
9.° »	100.000	10.° »	40.000
11.° »	50.000	12.° »	50.000
13.° »	50.000		

Préces e Noções Espíritas
100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exempl. $600 Encadernado 2.000
Espiritismo para as crianças
100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exemplar $600

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro

Todas estas obras estão á venda na «LIVRARIA DE «O CLARIM»

Av. 28 de Agosto n. 301 — Est. de S. Paulo
Matão — E. F. A.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Dirètor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

BRASIL	Ano	Assinatura simples	20$000
BRASIL	Ano	Assinatura registrada	20$000
ESTRANGEIRO	Ano	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	Ano	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1710unse

NO XVII—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1941—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Anjo do Livramento
A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
As leis da natureza
O Espiritismo em face da Ciência
Durante o Sono
Psicologia Animal
Trinta anos entre os mortos
A ação dos passes magnéticos
Provas da Sobrevivência
Analisando factos
O Facto o Converteu
Sessão de efeitos físicos
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Uma Foto Espírita

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	5$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
AMELIA CARDIA (Dra.)	
O Visionario (romance)	4$000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	20.000
ANTOINETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	9.000
Memorias da Loucura	6.000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)	
Revelações de Além Tumulo	9$000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	8$000
» « « broc	5.000
ANTONIO LIMA	
A Sonambula (romance)	8$000
Vida de Jesus	6.000
AZEVEDO SILVA	
Fundamentos Científicos do Espiritismo	5.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	6.000
Fazenda Mal Assombrada »	8.000
ALPHEU GOMES O. CAMPOS	
Amor á Verdade	3$000
ARLINDO COLAÇO	
Domínio Nefando	7 000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	8.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	10.000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
A. WYLM (DR.)	
O Rosario de Coral	7$000
ABEL GOMES	
A Felicidade	6$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	8$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AEROLINO GURJAO	
Expiação (novela)	9.000
A. THOMPSON	
A Vida	6$000
BEZERRA DE MENEZES (DR.)	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
A Divina Epopéia	20.000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalipse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	5$000
Cartas a Esmo	3.000
Histeria e Fenômenos Psiquicos	5.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
Os factos Espíritas e as forças X	2.000
Materialismo e Espiritismo	2.000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Narrações do Infinito	8$000
Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	8.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta »	8.000
C. IMBASSAHY (DR.)	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
» » » (broch)	4.000
CLOTILDE V BARROS	
Judas de Kerioth	4.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000

CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000
DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
ESTELITA JUNIOR	
As minas do Sincorá	5$000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	7.000
ERNESTO BOZZANO (DR.	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	8$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	8$000
» » em brochura	5.000
Xenoglosia	8$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	8$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
Animismo ou Espiritismo ?	12.000
EMILIANA DELMINDA	
Calvario do Amor—romance	5.000
FRANCISCO C. XAVIER	
O Consolador	8.000
Ha dois mil anos	10.000
5o Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	7$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	7$000
A Caminho da Luz	7$000
Novas Mensagens	7.000
Cartas de uma morta	5.000
Boa Nova	8.000
FERNANDO LACERDA	
Eça de Queiroz Póstumo	10$000
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000
F. CHAVES	
Assuntos Espíritas	5.000
FRANCISCO ZINGAROPOLI	
Morte Aparente e Sobrevivência da Alma	2.000
FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ	
Deverskolora Bukedeto	5.000
GUILLON RIBEIRO	
Jesus, nem Deus, nem Homem	3.000
Trabalhos do Grupo «Ismael»	10.000
GEORGES DEJEAN	
A Nova Luz	10.000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	10.000

GUILHERME MONIZ	
O que os Espíritas devem saber	5$000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000
HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
HORA ESP. RADIOFONICA	
1.º Fascículo	1.000
IGNACIO FERREIRA (DR.)	
Conselhos ao meu Filho	4.000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
JOSE AMIGO Y PELICER	
Roma e o Evangelho	10.000
JESUS DIAS DE LEON (DR.)	
A imortalidade da Alma	4$000
J. LHOMME	
Guia Metódico do Experimentador Espirita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000
JOSE SURINACH	
Lydia	8.000
Spiritus Maledictus	8.000
Memorias de uma Alma	8.000
J. W. ROCHESTER	
O Chanceler de Ferro	12.000
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	7$000
JOSE' FUZEIRA	
Os tempos são chegados	8.000
Rompendo as Trévas	8$000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	8.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	10$000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	5$000
Catecismo Espírita	4$000
« » broc.	2.000
O Porquê da Vida	7$000
LEOPOLDO MACHADO	
Julga, Leitor por ti mesmo. .	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
Guerra ao Farisaismo	2.000
Doutrina Inglória	5.000

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1941 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

O ANJO DO LIVRAMENTO

Cada ente humano pertencente a qualquer religião ou casta social, deve passar pela grande aventura.

Durante milênios, o homem tem mostrado o horror que lhe infunde o transe inevitável e no dia que a tradição consagrou aos mortos, os cemitérios se enchem de gente coberta de pesado luto e todos se comportam como se os entes amados cujos corpos alí jazem, estivessem para sempre extintos, como se a sepultura fosse o fim, o ponto final da jornada da vida. Não obstante a «gloriosa esperança de imortalidade», que o Cristianismo oferece ao mundo, é certo haver maior derrame de lágrimas em *campos santos* do que em qualquer outro ponto da terra, e a tristeza ainda continua a ser a companheira insepáravel da morte.

Em torno da morte a humanidade teceu uma teia inextricável de superstições e as religiões tradicionais, em lugar de lançarem um pouco de luz sôbre seu significado, ainda mais a denegriram, afirmando ser ela a consequência da transgressão de certa lei divina, data que não vai além de 6.000 anos, sendo certo casal lendário, o transgressor. De modo que a morte é uma punição, uma maldição, que foi incidir sôbre a descendência dêsses hipotéticos progenitores, tornando-a responsável por um delito não cometido!

Hoje sabemos que a morte não é mais aquela coisa temerosa que transforma os homens em duendes condenados ou anjos glorificados. Graças ao Espiritismo, sabemos ser a morte um processo natural e necessário á evolução.

Vejamos o que nos ensina o Espiritismo:

Enquanto incarnados, são dois os nossos corpos; físico um, aquele que percebemos com os nossos sentidos; psíquico, ou perispirital o outro, aquele que não podemos perceber com nossos orgãos físicos. Êsses dois corpos se interpenetram, sendo, porém, o perispírito o permanente, o indestrutível. Êste jamais envelhece; isto sómente sucede ao instrumento do espírito, ao corpo material que se arruina. Abandonado na ocasião da morte, por imprestável, o envoltório físico, continuamos a existir, revestidos dêsse corpo espiritual, mas livres das restrições peculiares ao que é material, tornando-se as nossas faculdades mais claras e mais rápidos os nossos movimentos.

Com a morte nada perdemos do que tem valor real, contiuamos a ser o que eramos antes, quanto á forma e ao aspecto, ao pensamento e á ação. O físico, a cobertura, está continuamente a gastar-se e a ser renovado, o que é mais uma prova da existência de uma estrutura permanente a que a matéria física se agrega. O nosso corpo espiritual ou perispírito é, a todos os respeitos, uma duplicata do nosso corpo físico, excetuando decrepitude, mutilação, etc. Em suma, êle nada mais é do que a cobertura do perispírito, o instrumento por meio do qual o espírito age sôbre a matéria, durante a passagem pela terra. Ao morrer abandonamos uma veste imprestável e que nos constrangia, mas continuamos a agir numa indumentária nova e mais brilhante, afinada ao ambiente em que prossegue a nossa evolução.

O mundo para o qual estamos de jornada parecer-nos-á natural e familiar. Inúmeras descrições da vida e condições provindas do mundo espiritual confirmam esta conclusão. Possuimos grande cópia de comunicações, obtidas por meio de várias fases mediúnicas, todas elas concordantes, em que as entidades afirmam ser homens e mulheres que aquí viveram. Reproduzimos, a seguir, uma comunicação do gênero, recebida pelo célebre jornalista inglês, W. S. Stead, ditada pelo espírito de Julia Ames, intitulada «Depois da Morte». Mr. Stead foi poderoso médium psicográfico.

«Quando morremos, opera-se uma mundança. Não senti choque, nenhuma sensação, a não ser o despertar de um sono profundo e encontrei-me em perfeito gôzo de saude. Foi esta a minha experiência, a de extrema felicidade. E' isto o que geralmente acontece a todos. A passagem se verifica de modos diversos. A grande generalidade desperta sem sofrimentos e as primeiras impressões são as de repouso, liberdade e paz. Os mortos — sinto empregar esta palavra enganosa — quando a passagem é repentina, não notam diferença alguma. Outros acreditam numa cura repentina. A dôr física desaparece com a *veste*, com o corpo que fica para trás; despertamos sentindo grande bem-estar e nossa primeira sensação e a do regosijo, exatamente do mesmo modo quando despertamos de um sonho mau e descobrimos ter sido sómente um pesadelo.

Tão simples, tão natural, tudo se nos afigura de tal modo, que ordinariamente ignoramos o que realmente aconteceu. E' esta a experiência comum. Muitos repelem a idéia de terem morrido. Naturalmente, é certo não termos morrido. Continuamos de posse de todas as nossas faculdades: enxergamos, ouvimos, locomovemonos de um para outro lugar. Tudo nos parece ser o mesmo, como o era antes. Sentimos uma espécie de choque quando muito depressa nos inteiramos do que se passou. — Então, a morte é sómente isto? Se assim é, a morte nada tem de extraordinario! — Tudo é tão diferente do que imaginavamos. Pensamos que a vida, a nossa vida terrestre, termina com a morte do corpo. Aquí aprendemos que o curto instante passado no corpo terrestre, apenas é uma fase do grande cíclo da existência. Nós continuamos. Nunca paramos. Dormimos ocasionalmente, mas despertamos sempre.

Quando o homem morre, êle acorda conciente de ser o mesmo homem, não um sêr transformado. Continua a ser o mesmo indivíduo. A natureza não dá saltos. Se assim não fosse, perderiamos a nossa identidade . . .»

Ao lado de uma sepultura aberta, todos nós deveriamos dizer que não vivemos sómente neste insignificante planeta. Espera-nos, depois da morte, um mundo de maiores possibilidades.

Quando soar o último momento da nossa vida terrestre, não pensemos que imergimos do crepúsculo, mas que um sol maior vai iluminarnos além da sepultura. Aceitemos a morte como aceitamos o sôno, sabendo que a manhã segue-se á noite.

Agora sabemos que a morte é melhor do que a vida, pois a morte sómente é o nome que deram á porta pela qual entramos, para alcançar outra fase de nossa existência em um mundo que é melhor, mais feliz e mais fácil à vida. A morte não é o colapso da vida, mas uma mudança necessária em uma eterna jornada. Sabemos, hoje, que a vida terrestre com seus clarões e sombras, suas lutas e angústias, poucas alegrias e muitas lagrimas, suas corôas e espinhos, suas glórias e seus gólgotas, é unicamente uma preparação, uma escola, pela qual todos nós devemos passar, para aprender a lição da vida.

Em conclusão, a morte revelou-se, não como um inimigo da humanidade, mas como um anjo libertador que guia o peregrino exausto e gasto pelas lides do dia, através da quietude de ligeiro sono, para a luz de uma nova e eterna manhã. Efetivamente, «tragada foi a morte na vitória», não por meio de textos, credos, artigos de fé ou esperança eterna, porém, pela inestimável comunhão com os que passaram pelo transe e retornaram para assegurar-nos que a morte é a entrada da Vida Eterna.

«Oh, mors, ubi victoria tua?» — Onde está ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Tragada foi a morte na vitória».

—

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«La Revue Spírite».

Prof. E. BOZZANO

Sempre pensei que, em todos os ramos do saber, as discussões amistosas entre autores e seus críticos, são instrutivas e desejáveis; bem entendido quando se trata, não de pequenas questões pessoais, mas de retificações e de contestações objetivando problemas de natureza científica. Com efeito, os debates desta natureza permitem submeter aos leitores o pró e o contra referentes á interpretação dum grupo de factos, ou da explicação duma hipótese; o que serve para projetar nova luz sôbre questões complexas e contestadas.

Encontro no *Boletim da Sociedade de Estudos Psíquicos de Marselha*, um artigo de M. Jean d'Ossau, presidente da sociedade em questão. Êsse artigo se intitula: *A hipótese espírita e sua prova crucial?* — O ponto de interrogação colocado no fim do título já está a indicar a natureza das objeções que se salientam no texto; de facto fazem-me observações a respeito de algumas de minhas observações relativamente ás provas de identificação espírita, afirmações contidas num estudo que publiquei nesta mesma revista, sob o título: *Discussões amigáveis com meus críticos.*

Jean d'Ossau começa por uma observação que, não obstante substancialmente exàta, necessita de um esclarecimento; ei-lo:

> . . . o sr. Bozzano se esforça por demonstrar que a *prova crucial* da hipótese espírita resulta das materializações clássicas, tais, por exemplo, como as fantasmas ectoplásmicos de Katie King e de Estelle Livermoore, obtidas em plena luz e com todas as garantias possíveis de identidade e de contrôle.

Ora, é verdade que declarei estar inteiramente de acôrdo com um eminente fisiologista italiano que me escreveu que os casos clássicos de Katie King, Estelle Livermoore e de Nepenthes bastavam, por si sós, para demostrar a existência e a sobrevivência da alma. Todavia, não desejo que se tome á letra a significação que J. d'Ossau atribue ás minhas palavras, isto é, que «a prova crucial» da hipótese espírita resulte das materializações clássicas *«como se ela não ressaltasse senão destas.* O meu crítico deveria dizer, a meu ver, que a prova da sobrevivência *já ressaltava duma maneira evidente e suficiente* dos três casos clássicos de materialização em apreço.

Em outros termos: não quero que se olvide que a êste respeito constantemente sustentei uma grande verdade de proporção bem mais extensa: é que a demonstração científica, ou, se o preferirem a «prova crucial» da existência e da sobrevivência da alma ressalta clara e incontestavelmente de todo o conjunto das manifestações metapsíquicas — tanto das anímicas como das espíritas — que convergem como para um centro para a confirmar pelos factos.

Isto dito, apresso-me a observar a meu crítico que, se eu afirmei que os três casos clássicos, que acabo de enumerar, podem bastar, por si sós, para demonstrar a existência e sobrevivência da alma, tive o cuidado de ajuntar que esta verdade emergiria dêsses casos sómente «sob a condição de serem os relatórios que os conteem, lidos e analisados atentamente por investigadores isentos das habituais prevenções que obscurecem as faculdades da razão».

Ora, conquanto eu reconheça ser o meu crítico um perquiridor sereno e isento de preconceito (excetuando talvez um temor excessivo de se iludir) necessário é reconhecer, entretanto, que, nessa ocasião, êle não se ateve à regra que acabo de indicar, segundo a qual êle deveria reler e pesar as narrações e as considerações que expús, tendo em conta todos os elementos psíquicos emergentes dos factos, para, em seguida, examinar êsses elementos em seu conjunto, e somente então pronunciar julgamento. Ao contrário, êle se limita a tocar de modo geral nas hipóteses da «prosopopése», a «idioplastia» *combinadas* em conjunto, deixando de tomar em consideração os elementos psíquicos particulares dos casos em discussão; elementos que são os únicos a serem essenciais para pronunciar um julgamento com conhecimento de causa. Nestas condições, é natural que êle houvesse sido levado a colocar o problema nos seguintes termos *dubitativos:*

> Mas a questão é saber se essas personalidades efêmeras que se movem, agem, falam e escrevem são modeladas pelo médium no estado subconciente, imitando individualidades dele conhecidas (ou desconhecidas, mas cujos elementos êle tiraria no psiquismo dos assistentes), ou se elas são devidas a um dinamismo psíquico independente, exterior e inteligente, da espécie de Espíritos de desincarnados que a nós se manifestam e criam, êles mesmos, formas à sua semelhança, mais ou menos grande para nos convencer de sua sobrevivência.

Uma vez posta nêstes termos a questão, Jean d'Ossau pende decididamente para a primeira interpretação, segundo a qual o único agente seria «o médium em estado subconciente, que imita individualidades dêle conhecidas».

Na longa e laboriosa análise que fiz de casos dos quais nos ocupamos, em meu livro: *A propósito da introdução à Metagsíquica humana*, eu dissequei e comentei as numerosas circunstâncias reais que, nêsses casos, contribuiram para demonstrar a independência psíquica das três personalidades mediúnicas materializadas. Ora, confesso sinceramente que experimento um sentimento de decepção e de desânimo ao constatar que M. Jean d'Ossau não dá consideração a nenhum dos argumentos que desenvolvi, sem mesmo preocupar-se de me demonstrar que me enganei. Vejo-me, pois, obrigado a lembrar-lhe, em resumo, alguns dêsses argumentos essenciais.

Antes de tudo, a propósito de Katie King, citei o episódio teoricamente muito importante em que o fantasma materializado, desperta a médium e com ela começa a conversar; eu o comentei nos termos seguintes:

> No maravilhoso episódio acima encontramos reunidas as melhores provas que a ciência tem o direito de exigir para admitir a independência psíquica de uma personalidade mediúnica. Isto é, de um lado, a forma materializada visível com a médium; de outro lado, a circunstância, psicologicamente decisiva de duas individualidades desdistintas, ambas de posse das suas faculdades concientes, se entreterem afetuosamente, trocando, emocionadas, o último adeus. Como falar seriamente, diante de provas semelhantes, de «prosopopése — metagnômia»? Quem seriamente poderia imaginar que as duas

metades duma mesma personalidade tenham o poder de desdobrar-se e de transformar-se em duas individualidades completas, independentes, munidas de traços intelectuais caraterísticos e cada uma a seu modo? Quem ousaria sustentar que a personalidade subconciente da médium, exteriorizando-se e materializando-se, possa transformar-se, como por encanto, em uma personalidade que completamente ignora pertencer a essa outra metade da «vida dela mesma» que está diante dela, e que dentro dessa inconcebível ignorância, também partilhada fatalmente pela outra metade, possam as duas infelizes secções da mesma alma, ambas deploravelmente iludidas, ser levadas a se imaginarem, não se sabe bem por que recondito mistério da prosopopése, na iminência de uma separação definitiva, ao ponto de trocarem frases afetuosas e palavras comoventes de despedida?

Repitamô-lo com o Prof. Hyslop: «Não se pode marcar limites à credulidade de quem é capaz de sustentar seriamente semelhante interpretação dos factos».

Depois do que, completei essa demonstração sôbre a impossibilidade psicológica de admitir um desdobramento psíquico em semelhantes circunstâncias, fazendo observar que, ao conversarem entre si, o fantasma materializado e a médium tinham mostrado que as duas personalidades tinham *simultaneamente* exercido os centros corticais da inervação da linguagem, assim como os centros corticais de elaboração dos sentimentos afetivos. Isso provava que os assistentes se achavam em face de uma *duplicação* de centros e de faculdades psíquicas; facto que não é explicável pela prosopopése. Com efeito, no caso de «personalidades alternantes» de origem patológica, sempre se constatou que as faculdades psíquicas e psicológicas empregadas em um dado momento por uma dessas personalidades, faltavam à outra — facto que aliás se podia facilmente prever *a priori*.

Tais eram as minhas argumentações essenciais relativamente ao primeiro caso em questão. E a êste respeito, farei notar ao meu crítico que minhas argumentações não são elucubrações gratuitas e, menos ainda, abstrações filosóficas; são deduções rigorosamente científicas, psicologicamente incontestáveis e inconciliáveis com a teoria da «prosopopése — metagnômia». Elas são, pois, decisivas em favor da origem extrinseca à médium, da personalidade inteligente que animava o fantasma ectoplásmico de Katie King. Ninguém se apresentou para refutar minhas argumentações, e ninguém conseguirá refutá-las apoiando-se sôbre os postulados da psicologia oficial. Segue-se que, até prova em contrário, o fantasma de Katie King deve ser considerado psicologicamente independênte da médium.

(Continua).

As Leis da Natureza

As leis da natureza regem o movimento dos átomos nos seres vivos, como nos inorgânicos: a mesma molécula passa sucessivamente do mineral ao vegetal e ao animal, neles encorporando-se, segundo as leis que organizam tôdas as coisas.

A molécula do ácido carbónico a exalar-se do peito do moribundo em seu leito de dor, vai ligar-se à flor do jardim, á relva do prado, ao tronco da floresta. A molécula de oxigênio que se desprende dos últimos ramos do anoso carvalho, vai ligar-se ao cabelinho louro do recemnascido, no seu berço de sonhos. Nada podemos modificar na composição dos corpos. Nada nasce, nada morre. Só a forma é perecivel. Só a substância é imortal. Constituimo-nos da poeira dos antepassados, os mesmissimos átomos e moléculas. Nada se cria, nada se perde. Uma vela que ardeu completamente, deixa de existir aos olhos do vulgo e nem por isso deixará de existir integralmente. Se lhe recolhecemos as substâncias consumidas, reconstituila-iamos com o seu pêso anterior.

Camille Flammarion.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXVII —

O Espiritismo e a Ciência Materialista

Simplesmente interessante, o negativismo da ciência materialista a respeito dos fenômenos espíritas! Meteu-se-lhe no bestunto que «a razão é irreconciliável com a fé» e... acabou-se! Qualquer doutrina que se lhe apresente sancionando outra fôrça e outra inteligência afora a inteligência e a fôrça imanentes da matéria; afora a fôrça e a inteligência de sua ciência mesma, não lhe merece fé. Por isso que os «sábios» materialistas vão julgando os fenômenos espíritas como delírios episódicos «recalcamentos psicanalíticos e outras complicações, de nomes dificieis, como verdadeira calamidade atual». Pelo menos, cá no Rio de Janeiro, e sem nada conhecerem de Espiritismo! Nem precisa, que o Espiritismo é assunto sôbre o qual toda gente emite *opinião abalizada*, sem nunca, ás vezes, lhe ter aberto uma só obra! Se o conhecesse, religiosa e filosóficamente, científica e experimentalmente, veria, para logo, nenhuma irreconciliação existe mais, com o seu advento, entre a Razão e a Fé. Veria, antes do mais, que, á luz do Espiritismo, «a fé só é digna dêste nome, quando se alicerça na razão.»

A irreconciliação da Ciência com a Religião nasce do erro mesmo em que se tem considerado a Religião, e a Ciência, que, juntas nasceram e juntas terão de viver, para a felicidade humana. Ousamos, até, afirmar que a Ciência por si mesma, como, por si mesma, a Religião, não será capaz de fazer o homem feliz. A Ciência tem de ser religiosa, como a Religião, científica, se se quiserem acreditar perante todas as conciências para a realidade daquilo para que ambas existem. Acontece, porém, que as religiões só se teem alicerçado na fé, baseando-a mais em dogmas humanos do que na observação e nos factos, a enxertá-la de mistérios e milagres que não resistem á menor análise. Por isso que, de quantos combatem, hoje, a fé religiosa, a maioria absoluta vem do catecismo romano, das concepções bíblicas. Renan e Voltaire quasi chegaram a padres. Do mesmo jeito, a Ciência que, dentro da estreiteza do testemunho do que vê, apenas; do que lhe cai, sómente, sob a análise dos sentidos materiais, vai negando tudo que lhe foge, ainda, a compreensão, que lhe não impressiona os sentidos materiais. Nega tudo, esquecida que ha verdades impossíveis de serem demonstradas materialmente. E' o que nô-lo diz Augusto Comte, na sua FILOSOFIA POSITIVA, dêste jeito: «ha verdades que precisamos sentí-las antes de compreendê-las.» O abono é insuspeitissimo, por ser de um ateu, príncipe do materialismo científico. Deus e o Espírito são bem verdades assim. Por isso que de Deus, afirmou Flammarion que, se êle não existisse, seria mister inventá-lo. A respeito do Espírito, só nega, hoje, sua existência quem, agarrado, apenas, ao testemunho grosseiro dos sentidos e das concepções materialistas, ainda não o estudou, ainda não o quís conhecê-lo, ainda não o perquiriu.

Sóbe, já, a centenas o número de sábios e cientistas de verdade que dão testemunho, decorrente de criteriosissima experimentação, a favor da imortalidade. E, aqueles que, estudando os factos, negam o Espírito, encontram-se sem saída, dentro de sua ciência. Foi bem êste o caso do grande Charles Richet, no seu TRATADO DE METAPSÍQUICA. Observou os factos, sem poder explicá-los e sem aceitar a tese espírita. Não estava, ainda, na época de sua iluminação para tanto, visto como todos nós temos, no dizer de Robert Hyslop, um momento para a iluminação das coisas.

E terá, ademais, a ciência materialista, como aí a vemos, autoridade para negar, em nome de seus cânones, o Espírito? Nem por termos a Ciência como fôrça propulsora da evolução e do progresso; por termô-la na conta de um dos bens maiores que Deus concede ao homem, deixamos de confessar que não! Não, porque a mesma ciência que nega a existência do Espírito, tem se negado a si mesma, a contradizer-se, em todas as épocas. Em nome dela, quantos sábios e cientistas teem afirmado e negado, simultaneamente, aquilo que outros cientistas e sábios negaram e afirmaram ! Galvani escreveu que, com a descoberta da eletricidade, teve de contender com duas espécies de desafetos : os ignorantes e os cientistas como êle. Esta espécie bem pior do que a outra. Em nome da Ciência, achava Ptolomeu «era um absurdo a Terra girar sôbre si mesma». Lavoisier escreveu, a propósito dos bólidos, que «não caiam pedras do Céu. Babinet achava, em plena sessão do Instituto de França, que «era impossivel um telegrama atravessar o Atlântico». Houve quem, astrônomo, e em nome da astronomia, afirmasse que «o sol não tinha manchas.» O dr. Bouillaud, presidente da Academia de Ciências de Paris, quasi que, em nome de seus pares e da Ciência, estrangula o mensageiro de Edison que ali exibia o primeiro fonógrafo, essa máquina sonóra, hoje bem sediça, em desuso. Paul Gibier conheceu cientistas contemporâneos e até discípulos do grande Pasteur, que não acreditavam na existência do micróbio. Beamont afirmara, em nome da Antropologia e da Paleontologia, que «o homem fóssil nunca será encontrado». Colegas de Janer negavam, em nome da ciência, validade á vacina. «A eletricidade não produz contorções nas rãs», afirmavam os adversários, em nome da Ciência, de Galvani». Hervey foi apontado como louco, por «cientistas», assim que estudou a circulação do sangue...

Basta, por agora, de exemplos...

O homem, ainda o mais sábio, maximé da sabedoria materialista, participa, ainda, mais da animalidade do que da inteligência. Por isso que Oliver Lodge escreveu que «nós somos muito limitados no nosso modo de conceber o Universo, porque somos constrangidos a viver neste planeta com o sentido derivado dos brutos, que não podem fazer grande coisa sôbre o Universo».

Pouco sabe e nada póde, quasi, a ciência humana ! Só no campo da destruição do próprio homem é que parece ter evoluido mais. Donde, sábios e cientistas realizarem inventos admiráveis de guerra, sem terem, entretanto, inteligência e capacidade para inventar o mais simples manual da felicidade. Ou para compreendê-lo e sentí-lo, porque êle, o manual da felicidade mais completo e perfeito aí está : o Evangelho de Jesus !

Se a Ciência pouco sabe e póde a dentro de seus próprios domínios, muito menos a respeito do que ainda não examinou, nem estudou. Escreveu Faraday que «com o que desconhecemos das leis universais, poder-se-ia crear um mundo». Um só ? perguntamos nós, sem ciência nenhuma.

O Espiritismo, que é ciência purissima, e das mais belas, e das mais úteis, porque ciência da alma, não pede outra coisa a seus negadores, sinão que o estudem, que o investiguem, que o experimentem. Quanto mais não seja, para que seus negadores não deem — a despeito de todos os seus títulos de sabedorias e capacidades — o grandissimo atestado de ignorância, má fé e leviandade, que é sempre o que escapa de suas algaravias científicas sôbre o Espiritismo. Nada ha no Espiritismo que justifique o impossìvel, «palavra que deve desaparecer dos discionários», escreveu Flamarion. E «um sábio que ri do possível — é de Vitor Hugo — está perto de ser um idiota».

Está perto de ser uma lastimável legião de idiotas, aquele que, sem sabedoria alguma, anda por aí a rir-se do possível, por andar rindo à custa da Ciência Espìrita.

A doutrina espírita tem um trabalho sumamente importante a realizar na reconstituição espiritual do mundo. Não vem, como um novo dogma, a impôr a crença na imortalidade do espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma fôrça dinâmica que engrandece e desperta as fôrças morais e espirituais do homem, pela demonstração tangivel da existência do espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas.

HUMBERTO MARIOTTI.

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— X —

OS hábitos tradicionais da vida planetária crearam diversas formalidades e etiquetas adotadas entre a sociedade elegante como entre a burgueza na permuta das suas relações.

Assim é que usamos, por exemplo, quando pretendiamos fazer uma visita e não encontramos a pessoa em casa, deixar em baixo da porta ou com pessoa da família o cartão de visita com uma das pontas dobrada. Se sabemos do aniversário de alguem mandamos-lhe as saudações em carta ou telegrama. Quando falece um amigo torna-se reparado não levarmos a corôa de flores para cobrir-lhe o feretro na ocasião do acompanhamento ao campo-santo. E á hora da missa do sétimo dia é de praxe assinar o nome na lista dos presentes ao ato. No último dia do ano todos os que estamos empregados em qualquer lugar, antes de sair do trabalho, apertamos as mãos dos companheiros desejando-lhes boas saidas, e boas festas e no primeiro dia do ano seguinte repetimos o aperto de mão augurando a todos um Ano Bom com as maiores prosperidades, desejando aos amigos com quem esbarramos pelas ruas que tivessem tido boas saidas e melhores entradas, quando não lhes mandamos pelo correio um cartão com êsses votos.

Estas formalidades a denunciarem sentimentos íntimos, é óbvio que nem sempre traduzem a sinceridade, não passando de preconceitos respeitáveis com que douramos a face exterior da vida para não sermos mal vistos pelos outros. Mas são coisas da terra e naturalmente ficarão na terra.

Entretanto, voltando a referir-me à sonambula de Belo Horizonte, de uma feita em que lhe ordenei fôsse ver o que haviamos realizado na noite anterior, sendo a de 31 de Dezembro, respondeu-me que tinhamos estado juntos com os nossos amigos do espaço, havendo eu lhes transmitido os votos de bons anos tal como o faria na terra com os viventes daquí. Dispersado o grupo fiquei a sós com o Espírito de minha progenitora, que me disse : Bem, meu filho, vai trabalhar, a confirmar a noção de que lá não perdemos tempo com palavras vasias, mas aproveitamos todos os minutos disponíveis.

Êste comentário encerra estas considerações: Será que na vida espiritual continuemos a seguir os hábitos sociais da terra ?

A resposta deve ser não, de vez que na vida real não tem guarida os preconceitos vasios de merecimento como êsse de desejar bons anos onde o tempo não tem medida regulada pelo calendário.

Naturalmente, porque eu ainda sou da terra, tive naquela hora êsse gesto de amizade para com os meus amigos do Além, que talvez sorrissem pela minha simplicidade. Mas, felizmente, bem viram todos quanto eram sinceros os meus votos uma vez que podiam ler no meu fôro íntimo a minha lealdade de sentimentos. De mais, os invisíveis ouvem constantemente as nossas preces amigas por êles, não carecendo deixar-lhes o nosso cartão de visita nem mandar-lhes telegramas de saudações para saberem que os estimamos de todo o coração.

Essa a grande vantagem na outra vida; não continuarem por lá as incertezas da sinceridade, não ter lugar a hipocrisia, ficarem isolados os falsos e os mentirosos.

E desde que êsses padeçam as decepções, que puderam ser evitadas neste orbe, acabarão por se arrependerem, envergonhados do triste papel aquí representado durante o prazo da sua permanência entre gente sincera da qual se distanciaram nos exemplos.

Os hábitos sociais podem, portanto, ser mantidos, devendo traduzirem sinceridade em quem os segue. Na maioria das vezes êles testemunham interêsse egoístico quando os aplicamos especialmente para com quem nos possa beneficiar ou de quem esperamos receber algum favor.

Isso é ainda da terra, e em nada aproveita a quem aprendeu que nada ha a esperar da terra senão decepções.

Todos os atos de exterioridade são falso verniz com que se pretente encobrir a parte carunchosa do nosso organismo moral, lembrando a hipérbole de Jesus Cristo: Sepulcros branqueados por fora, mas por dentro contendo podridão.

Psicologia Animal

O Burro "Canário"

Com as mais contraditórias opiniões, a imprensa e diversas estações emissoras do país veem se ocupando largamente de um caso tão interessante quão complicado. Trata-se do burro «Canário», nascido em Ouro Branco, município de Jardim de Seridó, Rio Grande do Norte, contando 10 anos de idade e de propriedade do sr. Libanio Mendes.

Êste solípede faz operações de aritmética, responde com as patas as perguntas que se lhe faz, entende geografia e faz outras coisas igualmente surpreendentes, independentes de perguntas.

«Canário» encontra-se atualmente na Capital da Republica, onde está exibindo com o maior êxito, as suas «faculdades intelectuais». As pessoas que entabolam conversações com «Canário» ficam embasbacadas com as suas respostas e, na falta de melhor explicação para o complicado caso, limitam-se a dizer que trata-se de um fenômeno, de um mistério impenetrável.

Êsse, porém, não é o primeiro caso que se registra com as mesmas caraterísticas.

Em 1904 ouviu-se falar pela primeira vez dos cavalos calculadores de von Osten, Hans I e Hans II. Hans I aprendeu o alemão, sendo-lhe assim fácil aprender muita coisa. Hans II sabia contar, calcular, soletrar e ler, e conhecia as notas, as moedas, as cartas de jogar, posição dos ponteiros de um relógio, etc.

Von Osten faleceu em 1909, deixando o seu cavalo ao seu amigo e aluno Krall, que começou a fazer experiências sôbre os sentidos do animal, ensinando-lhe muitas coisas.

Krall, aconselhado por alguns hipólogos resolveu adquirir cavalos novos, cujo adextramento seria mais fácil e comprou dois cavalos árabes Muhamed e Zarif, o primeiro de dois anos e o segundo de dois anos e meio.

Êstes cavalos, depois de ensinados, faziam operações aritméticas, leitura, etc., causando verdadeiro pasmo aos curiosos e sábios.

Entretanto, êstes animais, desde o princípio manifestaram aptidões diferentes: Muhamed tinha uma inteligência muito viva e aberta para os cálculos, ao passo que Zarif era tardio para compreender.

Outro caso típico refere-se a «Zou», o «cão sábio» de Mme. Borderieux, que «lia e conversava» com as patas, por sinais convencionados, o que despertou a curiosidade de personalidades de destaque, ás quais «Zou» concedia «entrevistas» a miude.

Um outro caso não menos importante é o que publicou o «Diário de Notícias» da capital do país. Trata-se de um cachorro pertencente á sra. Nilda M. Senhart, dos Estados Unidos, o qual pronuncia algumas palavras.

Médicos especialistas da laringe estudaram o fenômeno no intuito de descobrir algo que resolvesse o complicado caso, mas nada descobriram.

O cão prodígio chama-se «Brownie» e aos que o examinavam êle falou: «Olá! Como passam os senhores?»; e dirigindo-se á sua dona, disse: «Gosto de ti»—«Desejo ver minha mãi».

Dêsses factos deduz-se que os animais são dotados de certas faculdades, tais como: a atenção, o julgamento, o raciocínio, a associação de idéias, a memória e a imaginação. E como todo o efeito inteligente tem que ter forçosamente uma causa inteligente, e como essa causa não pode ser outra senão a alma, conclue-se que os animais teem alma, a qual, conforme Gabriel Delanne em sua monumental obra «A Evolução Anímica», é da mesma natureza da alma humana, exceto o grau de desenvolvimento.

Como sucede com os homens, entre os animais as aptidões são diferentes, uns aprendem com mais facilidade do que outros, o que prova a sua evolução em graus diferentes, isto é, a evolução da alma. Zarif, por exemplo era tardio para compreender, o mesmo não sucedendo com Muhamed, que aprendia as lições com relativa facilidade.

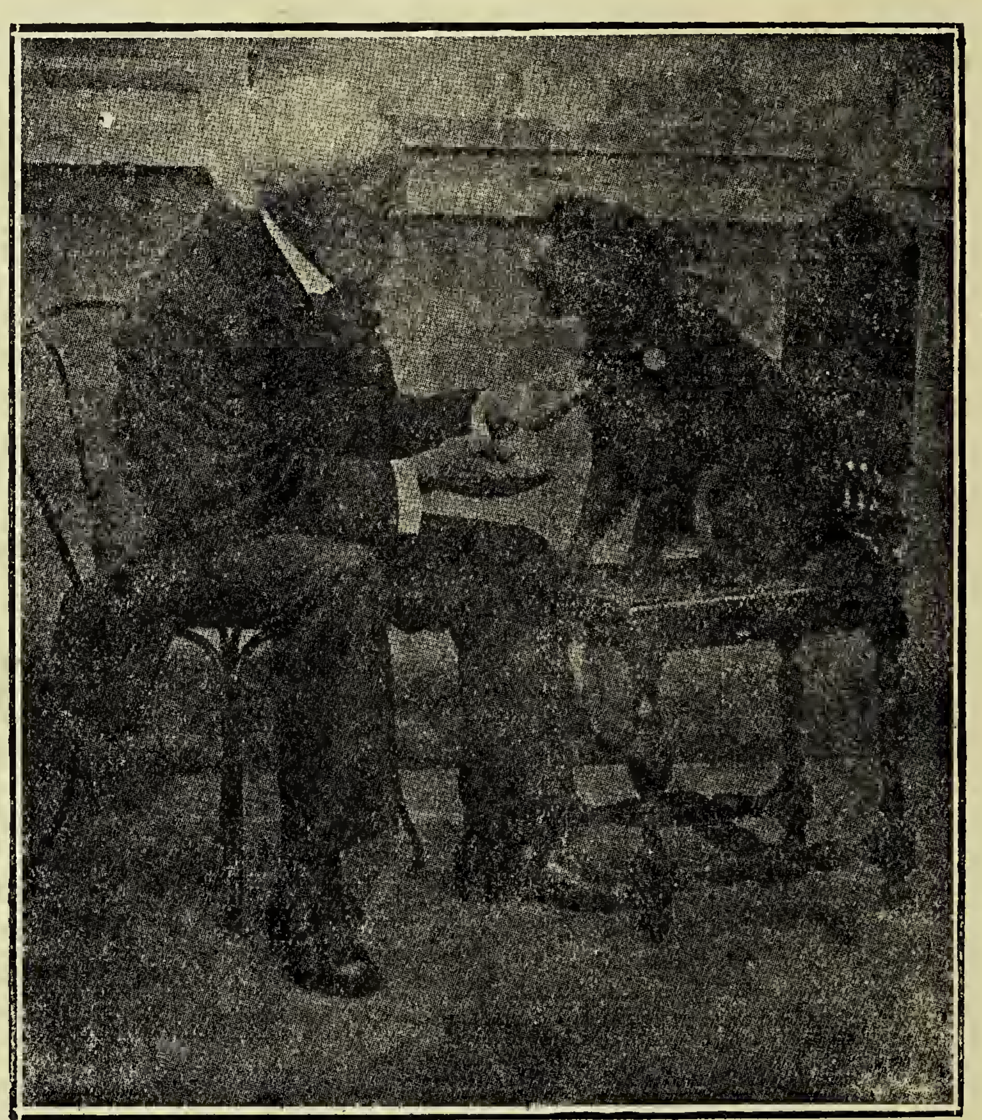

«ZOU» E FLAMMARION

Vê-se, portanto, que a alma animal não é dotada sómente de instinto, mas também de faculdades morais e intelectuais, dependendo o desenvolvimento dêssas faculdades dos ensinos que se ministrar aos animais.

Com relação ao cão «Brownie», que pronunciou algumas palavras, é interessante o facto de terem os laringologistas procurado a solução do fenômeno na garganta do animal. Se conhecessem a teoria espírita saberiam que êsse fenômeno, semelhante ao produzido pela besta de Balaão, tem por causa a «voz direta», tanto mais que os animais são ainda dotados de excelentes faculdades mediúnicas.

O caso do burro «Canário», que tanto alarde vem causando nas rodas profanas, não é, portanto, um caso único no gênero. Êle é a confirmação de factos anteriores que enriquecem os anais espíritas. E' ainda o testemunho inegável e flagrante de que a ciência materialista é impotente para explicar tais fenômenos, que entretanto são explicados com lógica e argumentos irrefutáveis pelo Espiritismo, a ciência da alma.

Dêsse facto ressaltam dois pontos fundamentais : 1.º, os animais teem alma ; 2.º que a alma animal é dotada de faculdades intelectuais que podem se desenvolver de acôrdo com o que fôr ensinado ao animal.

Certamente, os mal intencionados e orgulhosos de sua sabedoria terrena, com o fim de desviarem a verdade, poderão dizer que o caso do burro «Canário» é um efeito de telepatía, transmissão de pensamento. Mas acontece que êsse solípede faz coisas que arredam de vez essa hipótese. Ainda mesmo que certos trabalhos seus possam ser considerados sob influência telepática, essa influencia só pode produzir efeito entre dois sêres pensantes, portanto entre duas almas, e nêste caso o burro «Canário» apareceria como paciente. Isto quer dizer que de uma ou de outra forma, a alma animal é patente e não pode ser negada, a menos que incorramos no risco de conspirar contra a obra de Deus, contra a Verdade.

«Canário», nome que nos faz lembrar um belo e irriquieto canário a chilrear maviosamente entre as grades de uma gaiola, como que saudando a Natureza, «canta» com as suas pesadas patas um híno á justiça e ao amor de Deus, que creou todos os sêres, racionais e irracionais, para a Imortalidade e suprema perfeição através da evolução, enquanto que os homens, metidos no seu orgulho de sabedoria, blasfemam contra Deus e negam a alma e a Imortalidade, tendo como simples brincadeira os belos e sagrados fenômenos, quais os produzidos por «Canário», o solípede «inteligente».

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Serve de ilustração o caso da Sra. Burton, uma clari-audiente e paciente que estava constantemente repelindo espíritos perturbadores e que, quando frequentava o nosso círculo, foi aliviada de suas indesejáveis companhias. Nas seguintes notas, a conversação com os espíritos, através da médium Sra. Wickland, mostrará os caraterísticos de várias entidades.

Espírito : Carrie Huntington — Paciente : Sra. Burton.

Médico — Dizei-nos quem sois.

Espírito – Não quero que me segurem as mãos.

Méd.—Ficai, então, socegada.

Esp. Porque me tratais desta forma?

Méd.—Quem sois ?

Esp. Porque o quereis saber?

Méd.—Vieste aquí como estranho e gostariamos de saber quem sois.

Esp.—Porque estais tão interessado nisto ?

Méd.—Estimariamos saber com quem estamos lidando. Se um estranho fôr a vossa casa, não desejarias saber-lhe o nome?

Esp.—Não quero ficar aquí e não conheço nenhum de vós. Alguem me empurrou para aquí e eu penso que isto não está direito. E quando eu entrei e senteime na cadeira, segurastes-me as mãos como se eu fôsse um prisioneiro. Porque fui empurrada para aquí? (Incorporado na médium, pelos guias).

Méd.—Provavelmente estais no escuro.

Esp.—Parece-me que alguém me segurou à fôrça.

Méd.—Houve alguma razão para isto?

Esp.—Não sei de nenhuma razão para isto e não vejo porque devo ser incomodada dessa forma.

Méd.—Não lhe foi dada nenhuma explicação pelo facto de ter sido tratada assim?

Esp.—Passei um máu quarto de hora. Tenho sido atormentada de forma mortal. Fui empurrada aquí e em toda a parte. Provocaram-me tanto que eu tive vontade de dar em todos uma boa surra.

Méd.—Que vos fizeram?

Esp.—Uma coisa terrível. Perambulo de modo miserável e não sei o que é. A's vezes parece que os meus sentidos me foram arrancados. Algo cai sôbre mim como trovão e relâmpago (Tratamento elétrico aplicado na enfêrma). Faz um grande barulho, esta coisa horrìvel. Não posso ficar aquí de forma alguma!

Méd.—Ficamos satisfeitos em saber que não quereis ficar.

Esp.—Não sou benvinda? Si não sou, não me incomodo.

Méd.—Não, sois muito exigente.

Esp.—Tenho padecido muito.

Méd.—Ha quanto tempo morrestes?

Esp.—Porque me falais assim? Eu não estou morta. Estou tão viva como nunca e me sinto, jovem, de novo.

Méd.—Não vos pareceu, algumas vezes, que ereis outra pessoa?

Esp.—E' certo que, ás vezes, sinto uma coisa estranha, especialmente quando me batem até eu ficar sem sentidos. Fico muito doente e não vejo porque esteja sujeita a semelhante tormento, nem porque suportar tais coisas.

Méd.—Provavelmente é necessário.

Esp.—Creio que tenho o direito de ir aonde me agradar mas me parece que já não tenho a minha vontade própria. Procuro isto porém parece que alguem toma posse de mim e leva-me a algum lugar onde me batem até eu ficar quasi sem sentidos. Se eu soubesse, eu nunca iria alí porque alí ha uma pessoa que parece ter o direito de levar-me a todo o lugar que quer, porém eu sinto que sou eu mesma quem a deveria levar. (Referindo-se á paciente).

Méd.—Que quereis com ela? Não podeis viver a vossa própria vida?

Esp.—Eu vivo a minha pròpria vida, porém ela se intromete comigo. Falo-lhe e ela quer expulsar-me. Sinto como se a repelisse e trava-se uma verdadeira luta. Não vejo porque não deva ter o mesmo direito que ela.

Méd.—Provavelmente sois vós que vos intrometeis na vida dela.

Esp. Ela quer livrar-se de mim. Eu não a incomodo, apenas lhe falo algumas vezes.

Méd. Ela sabe que lhe falais?

Esp.—A's vezes sabe e então me repele. Ela se porta bem, porém se indigna de modo exagerado. Então quando ela vem a êste lugar, eu acabo ficando sem sentidos e sofro horrivelmente. Não tenho fôrças para levá-la e ela me faz sair.

Méd. — Sendo assim, não deverieis andar ao seu redor.

Esp.—O corpo é meu e não dela. Ela não tem nenhum direito. Não vejo porque ela se intromete comigo.

Méd.—Ela não se conforma com o seu egoismo.

Esp.—Parece-me que eu tenho algum direito á vida. Assim penso.

Méd.—Morrestes e ainda não compreendestes o facto e tendes estado importunando uma senhora. Deverieis ir para o mundo espiritual e não errar pela Terra.

Esp.—Dizeis que eu estou errando pela Terra. Eu não estou perambulando ao acaso nem me intrometendo com ninguem, porém eu tenho algo a dizer.

Méd. — Foi por isto que recebestes «trovões» e «descargas».

Esp.—Eu o suportei durante certo tempo, porém ultimamente era horrível. Preciso de uma explicação.

Méd.—Agora a tereis.

Esp.-Quero fazer qualquer coisa afim de parar com êsses terriveis choques.

A Sra. B.—(Reconhecendo o espírito como um que a estivera importunando) Estou cansada de vós. Quem sois?

Esp. Sou uma estranha.

Sra. B. — Qual é o vosso nome ?

Esp.— Meu nome é Carrie.

Sra. B.—Carrie de que ?

Esp.— Carrie Huntington.

Sra. B.— Onde morais ?

Esp.—Em San Antonio, no Texas.

Sra. B.—Tivestes muitos anos comigo, não foi ? (Havia muitos anos que a Sra. B. deixara de morar em San Antonio).

Esp.—Fostes vós que estivestes muitos anos comigo. Gostaria de saber porque se intrometestes comigo. Agora, eu a estou reconhecendo.

Sra. B.— Em que rua morastes ?

Esp.— Morei em diversos lugares.

Méd.— Já verificastes que perdestes o vosso corpo ? Podeis lembrar-vos si estivestes enfêrma ?

Esp.—A última vez foi em El Paso. Não me lembro de nada depois disto. Fui para êsse lugar e não me lembro quando sai dalí. Creio que devia ainda ali encontrar-me. Certo dia fiquei muito doente.

Méd.—Provavelmente, então morrestes.

Esp.—Depois de El Paso não sei para onde fui.

Viajei certa distância por trem e parecia que eu não era ninguem. Ninguem me perguntava nada e eu fui obrigada a seguir esta senhora (a Sra. B.) como si eu fosse sua criada e eu me sentia muito aborrecida com isto.

Sra. B. —Incomodaveis-me horrivelmente porque cantaveis todo o tempo.

Esp. — Eu tinha que fazer qualquer coisa para chamar a vossa atenção porque não querieis atender-me de outra forma. Viajastes de trem e levaste-me para longe do meu lar e eu me sentia muito aborrecida. Compreendes agora ?

Sra B. — Compreendo-vos melhor do que me compreendeis a mim.

Méd. — Não podeis compreender o que vos aconteceu ?

Esp. — Desejo dizer-vos que eu não quero saber dos tais choques. Eu me afastarei.

Méd. — Compreendei a vossa situação, realizai que sois um espírito ignorante, que perdestes o vosso corpo físico. Morrestes provavelmente quando estivestes doente.

Esp. — Podeis falar com um fantasma ?

Méd. — Tal coisa certamente acontece.

Esp. — Eu não sou nenhum fantasma porque os fantasma não podem falar. Quando se morre se jáz no túmulo.

Méd. — Quando se morre o corpo fica na sepultura mas não o espírito.

Esp. — Que volta para Deus que o deu.

Méd. — Onde está Êle ? Onde está êsse Deus ?

Esp. — No Céu.

Méd. — Onde fica êsse ?

Esp. — E' o lugar onde se encontra Jesus.

Méd. — A Bíblia diz : «Deus é Amor, onde mora o Amor mora Deus.» Onde encontrarieis êsse Deus ?

Esp. — Suponho que no Céu. Nada lhe posso dizer a respeito, porêm posso adiantar-vos que me colocaste no pior dos infernos com aqueles choques. Não gosto nada deles.

Méd. — Deveis, então, afastar-vos desta senhora.

Esp. — Vejo-a bem agora e posso ter uma boa conversa com ela.

Méd. — Sim, porém será pela última vez.

Esp. — Como sabeis disto ?

Méd. — Porque, quando partirdes, ficareis sabendo que estivestes falando por meio do corpo de uma outra pessoa. Esta pessoa é minha esposa.

Esp. — Que asneira ! Eu pensei que fosseis mais instruido para não falardes tal tolice !

Méd. — Pode parecer tolice, porêm olhai para as vossas mãos. Recochecei-as ?

Esp. — Elas não parecem as minhas, porém tantas coisas estranhas me teem acontecido que não sei mais o que pensar. Esta senhora aquí presente (a Sra. B.) esteve agindo como uma louca e tenho que considerar as coisas como acontecem, de maneira que tenho que pôr-me a pensar no que ela pensa fazer e nas razões que a movem a conduzir-se para comigo desta forma.

Méd. — Ela se considerará muito feliz se puder livrar-se de vós.

Sra. B.—Carrie, quantos anos tendes.

Esp. — Não sabeis que uma senhora não gosta de dizer a sua idade ?

Méd. — Especialmente se se trata de uma solteirona.

Esp. — Rogo que me perdoem, porém não vos direi a minha idade. Conformai-vos com as coisas como elas podem ser.

Méd. — Fostes casada ?

Esp. — Sim, casei-me com certo homem, mas não me preocupo de forma alguma com êle.

Méd. — Como se chamava êle ?

Esp. — Isto é um segredo que eu guardo. Não quero que ninguém lhe mencione o meu nome e tão pouco quero levá-lo comigo. Chamo-me, pois, Carrie Huntington, êste era meu nome de solteira e não quero trazer o dêle.

Méd. — Desejais ir para o mundo dos espíritos ?

Esp. — Que perguntas mais absurdas me fazeis!

Méd. — Elas vos parecerão absurdas, porém deveis considerar que existe um mundo espiritual. As coisas do espírito parecem ás vezes absurdas ás almas dos mortais. Perdestes o vosso corpo.

Esp. — Isto não está certo! Estive com esta senhora porém ela faz uma coisa de que eu não gosto. E' muito comilona. Come muito e se fortalece, então eu fico sem poder sôbre o seu corpo, pelo menos não tanto quanto tinha. (á Sra. B.) Queria que a senhora comesse menos. Por muito que me esforce para indicar-vos que não deveis comer disto ou daquilo, não me atendeis. Nem siquer me escutais!

Sra. B. — Êste é o lugar aonde vos dizia que viesseis, porém não quisestes vir.

Esp. — Já sei. Porém dão devieis levar-me onde aguentei aqueles choques. Não quero ficar convosco se hei de recebê-los de novo.

Méd. — Eles estão no aposento contíguo. Quereis alguns ?

Esp. — Não, obrigada. Nada disto comigo.

Méd. — Prestai atenção ao que vos estamos dizendo e não tereis mais necessidade de recebê-los. Sois um espírito ignorante. Quero dizer que sois ignorante da vossa situação. Perdestes o vosso corpo físico, sem sabê-lo.

Esp. — Como o sabeis ?

Méd. — Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp. — Nunca vos vi antes e não sei porque pensais que posso ser chamada vossa esposa. Não, nunca.

Méd. — Nem quero que o sejais.

Esp. — Nem eu também.

Méd. — Não quero que continueis incorporada no corpo de minha senhora. Deveis verificar que perdestes o vosso corpo físico. Reconheceis estas mãos ? (as mãos da Sra. Wickland).

Esp. — Tantas coisas esquisitas me teem acontecido que me põem maluca. Estou cansada disto.

Méd.—Agora, Carrie, sêde razoável.

Esp. — Sou razoável e não me digais o contrário se não quiserdes que alguém vos diga algo que nunca ouvistes antes.

Méd. — Cuidado, Carrie !

Esp.—Sou a Sra. Carrie Huntington !

Sra. B. Prestai atenção ao que o Doutor tem a dizer-vos.

Esp. — De uma vez para sempre, digo-vos que não quero ouvir a ninguém. Tenho andado jogada de um lugar para outro e não me incomodo com o que possa acontecer-me.

Mèd. — Sabeis que estais falando por intermèdio do corpo de minha esposa ?

Esp. — Que tolice! Isto è a coisa mais louca que ouvi em minha vida.

Mèd. — Agora, tereis que mostrar-vos razoável.

Esp. — Razoável ? Eu sou razoável. Considerais-vos um homem perfeito ?

Méd. — Não, não sou perfeito, porèm eu vos digo que sois um espírito ignorante. Estivestes incomodando esta senhora durante certo tempo e tivemos que afastá-la por meio daqueles choques. Deveis compreender que sois um espírito ignorante. Tereis que moderar-vos ou vos levarei ao meu consultório onde recebereis mais alguns choques.

Esp. — Não quero saber daqueles choques.

Mèd. — Então mudai de modo de pensar. Realizai que não ha morte ; quando se perde o corpo, torna-se invisível aos mortais. Sois invisível a nós.

Esp. — Nada tenho a ver convosco.

Mèd. Queremos auxiliar-vos e fazer-vos compreender a vossa situação.

Esp. — Não preciso do auxílio de ninguèm.

Mèd. — Se não vos tornardes razoável, sereis levada por espíritos inteligentes e colocada num calabouço.

Esp. — Pensais que podeis assustar-me ! Vereis o que vos acontecerá !

Mèd. — Deveis modificar os vossos sentimentos egoistas. Olhai ao vosso redor e vereis alguèm que vos obrigará a tomar cuidado com o que fazeis. Vereis alguèm que vos fará gritar.

Esp. — Eu não quero gritar. Gosto è de cantar.

Mèd. — Onde está a vossa mãe?

Esp. — Ha muito que não a vejo. Minha mãe? Ela se acha no Cèu. Era uma boa mulher e está com Deus, com o Espírito Santo e todos os demais santos.

Mèd. — Olhai ao vosso redor e vêde se a vossa mãe não está aquí.

Esp.—Isto aquí não é o céu, longe disto! Se isto é o céu, êle é pior que o inferno!

Méd.—Procurai a vossa mãe e vereis que ela se envergonhará de vós.

Esp. — Nada fiz para que ela se envergonhe de mim. Porque me destes aqueles choques e quereis pôr-me num calabouço? Esta senhora e eu é que temos um compromisso.

Méd. — Ela se comprometeu mas é de vir aquí até que a livrassemos de vós. Fostes afastada pela eletricidade. Perdestes a vossa companhía.

Esp. — E' certo, todos êles me abandonaram ha um momento. Não posso encontrá-los (os outros espíritos). Porque expulsastes aquele homem alto?

Mêd. — Esta senhora quer ser dona de seu próprio corpo; ela não quer ser atormentada por espíritos apegados à Terra. Gostáveis de andar com êles?

Esp. — Não compreendo o que quereis dizer.

Méd. — Não podeis compreender que atormentaveis esta senhora e que lhe convertestes a vida num verdadeiro inferno?

Esp. — (à Sra. B.) Eu não vos atormentei.

Sra. B. — Acordastes-me ás 3 horas da manhã.

Esp. — Não precisaveis dormir.

Méd. — Deveis viver a vossa própria vida.

Esp. — Eu a estou vivendo.

Méd. — Que será num escuro calabouço se não vos comportardes direito.

Esp. — Como o sabeis?

Méd. — Não podeis permanecer aquí. Deveis ser humilde e querer auxílio, que é o de que precisais. Eu e minha esposa nos dedicamos a êste trabalho por muitos anos e ela permite que toda a espécie de espíritos use o seu corpo afim de que possam ser esclarecidos.

Esp. — (Sarcasticamente) Que boa ela è!

Mèd. —Deverieis envergonhar-vos de vós mesma. Estais vendo a vossa mãe?

Esp. — Não desejo vê-la. Não quero tirá-la do cèu.

Mèd. — Desde que o cèu è um lugar de felicidade, ela não póde estar em nenhum cèu com uma filha como vós, ela não pode ser feliz. Suponde que estais no cèu e tendes uma filha; gostarieis que ela agisse da forma que o fazeis?

Esp. — Não digo o contrário. E qual é o meu estado? Explicai-me isto!

Méd. — Já vos expliquei a vossa situação. Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp. — E como o faço?

Méd. — Por meio de leis espirituais e porque sois um espírito desincarnado. O espírito e a inteligência são invisíveis. Sois tão egoista que não quereis compreendê-lo.

Esp. — Isto não é o céu.

Méd. — Estamos em Los Angeles, California.

Esp. — Pelo amor de Deus, não me diga! (Uma expressão nunca usada pela Sra. Wickland) Como vim parar aquí?

Méd. — Acompanhando esta senhora. Eis aí. Ela teve que levar uns «choques» para livrar-se de vós.

Esp. — Ela está louca para fazer isto.

Méd. — Ela quer livrar-se de vós e o conseguirá.

Esp. — Eu não receberei mais aqueles choques.

Méd. — Espíritos superiores vos mostrarão algo de que não gostareis, se não vos comportardes direito.

Esp. — (Assustado com alguma visão). Não, não quero isto!

Méd. — Quer queirais quer não, é o que tereis.

Esp. — Só isto?

Como não fosse possível trazer êsse espírito à compreensão de sua situação, êle foi levado por espíritos inteligentes.

(Continua).

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

CONTINUAMOS o nosso estudo a propósito dêste formidável manancial curador.

Todo o mundo científico admira o grande sábio Dr. Charles Richet, pelo seu modo de analisar as coisas dentro da experimentação científica; pelo seu senso crítico profundamente analítico, pela sua franqueza e finalmente pela grande dose de ciência de que era possuidor. Escreve êle em seu livro «A Grande Esperança», pág. 107: — Eis um facto assinalado por Duchatel e Warolieer. (Os Milagres da Vontade. Pariz, Durvile, 1813, pág. 89 a 96).

Mademoiselle B. com vinte e oito anos de idade, orfã. Está tuberculosa, se bem que tenha de se recolher definitivamente ao leito, em Abril de 1905. Três médicos chamados em consultas separadas fazem o mesmo diagnóstico: 1.º, perda absolutas de sensibilidade e de movimento dos membros inferiores. 2.º, inchação externa do abdômem com muitas dôres, tornando impossível a palpação; 3.º, respiração diminuida dos dois lados. A' esquerda, estertores e ruídos sub-maciços. 4.º, sensibilidade aguda na região vertebral e a coluna apresentando uma curvatura convexa à esquerda.

Estado geral, emagrecimento e fraqueza extrema, perda de apetite, constipação pertinaz, insônia por lesão da coluna vertebral, tuberculose pulmonar e peritonial, estado gravissimo.

A 28 de Fevereiro, o dr. Leví vai ver essa pobre mulher, concluindo que não ha esperança alguma de cura. Ela está inerte sôbre o leito, sómente os braços conservam alguns raros movimentos, e pode ligeiramente virar a cabeça do lado direito. Mas assim que se lhe levanta o corpo, a cabeça pende pesadamente. Não se pode sentá-la sôbre o leito, a coluna não tem firmeza alguma. Cada um de seus movimentos provoca uma síncope, o ventre está muito crescido e as alças intestinais distendidas desenham sôbre a parede abdominal.

Em desespero de causa chamou-se então M. Emile Magnin para experimentar um tratamento pelo magnetismo. Mlle. B. contou-lhe isto: «Aos 18 de Setembro, às 2 horas da manhã, minha lâmpada apagou-se duas vezes. Ouvi então uma voz, vinda do quarto vizinho, a qual me disse: — Podes tu suportar a prova? — E eu respondi: Sim! Então aproximou-se de mim uma mão fina, alongada, segurando uma flama que iluminou todo o quarto e pude ler estas palavras: «A 8 de Maio te levantarás». A visão desapareceu lentamente e, após alguns minutos de obscuridade, a lâmpada se acendeu sozinha».

Diante disso, M. Magnin, de acôrdo com os médicos, dá passes magnéticos que acalmam as dôres e trazem um pouco de sono á doente. Aos 8 de Março a doente conta ao seu novo médico, M. Magnin, que via junto de si uma linda senhora; depois seu busto se acalma, ela se move e vira a cabeça, faz esforços para sentar-se, ficando perfeitamente ereta, sentada sôbre seu leito. M. Magnin então diz á linda senhora (que êle não via) — Se sois vós quem aí estais, tendes poder para fazer a doente andar. A doente ergue lentamente a perna direita, depois a perna esquerda, apoia-se contra o leito e faz duas vezes a volta do quarto. Pouco a pouco a expressão muda; ha uma verdadeira transfiguração. — Não creio alterar a verdade, diz M. Magnin, pretendo ter visto uma pálida auréola circundar a cabeça da doente. Depois, a dois passos do seu leito, o busto se curvou, a cabeça tornou a pender e as pernas se dobraram. M. Magnin tomou-a em seus braços e colocou-a sôbre o leito.

Aos 16 de Março ela dormiu sete horas. Disse que a sua amiguinha (espírito) lhe mandara estender as mãos que tocara, tendo ela então sentido uma fôrça nova.

Escreveu depois uma carta o que não acontecia havia vinte e três mezes. Cessaram as hemoptises. Aos 15 de Maio ela estava definitivamente curada. Passado algum tempo casou-se e teve dois filhos.»

—Não sendo possível fazer neste artigo as considerações que esta cura merece, devido á falta de espaço, o faremos no próximo artigo. Uma coisa, porém, temos o dever de anotar. Se na França fossem proíbidos os passes magnéticos, esta doente morreria infalivelmente, pois que a medicina já a havia desenganado. Quantas criaturas deixarão de ser aliviadas dos seus males se forem proíbidos entre nós, in totum, os passes magnéticos? Nem é bom lembrar.

(Continua).

Provas da Sobrevivência

J. B. CHAGAS

— III —

VOLTAMOS, hoje, conforme prometemos (n.º de Agosto p. p.), a abordar o palpitante tema da sobrevivência, citando mais alguns casos, pelos quais esta verdade tem sido evidenciada de modo a não deixar dúvidas, dada a idoneidade das pessoas que testemunharam os ditos casos.

Ainda hoje, como ontem, ha de ser através dos factos de observação, positivados, que as ciências especulativas terão que estabelecer as suas bases, porque, segundo o acêrto de Flamarion, «as teorias nada valem quando não se esteiam em realidades, sendo, pois, a observação positiva indispensável para nos convencer». E «a imortalidade da alma—já dizia Pascal — é uma coisa de tal importância, interessa-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para ser-se indiferente ao seu conhecimento. O nosso interêsse e o nosso primeiro dever são os de nos esclarecermos sôbre êste assunto, de que depende toda a nossa conduta e é por isso que eu faço uma distinção extrema entre os que trabalham com todas as suas fôrças para nêle se instruirem, e os que vivem sem dêle cuidarem e sem nêle pensarem. Esta negligência numa questão em que se trata dêles mesmos, da sua eternidade, do seu todo, irrita-me mais do que me comove, surpreende-me e espanta-me, é monstruosa para mim. Não falo assim pelo zêlo piedoso duma devoção espiritual. Pelo contrário, entendo que se deve ter êste sentimento por um princípio de interêsse humano».

Escudados nêsses princípios, é que estamos trazendo para as páginas desta revista e para conhecimento dos seus leitores, principalmente daqueles que desconhecem as obras de Camilo Flamarion, factos reais dimanados de observação positiva e relatados por pessoas insuspeitas.

No primeiro que hoje focalizamos, fica demonstrada de modo cabal a manifestação de um morto a uma parenta, por meio de palmas estrepitosas, como era de seu hábito fazer em vida para assustar os seus amigos e conhecidos.

E' uma singular história que foi comunicada a Flamarion em 1900 por uma correspondente russa de nome *Olga Pouchkine* e consta do 3.o volume da obra — *A morte e Seu Mistério*, pág. 140, da edição Briguiet.

Ei-la :

«Meu avô experimentava — disse a missivista — verdadeiro prazer quando assustava as pessoas de uma maneira ingenuamente original. Batia palmas três vezes no momento em que se estivesse absorto, preocupado e sobretudo quando se tinha a infelicidade de estar meio adormecido. Como tivesse essa mania desde a sua primeira juventude, aconteceu-lhe ter desavenças com desconhecidos ou mesmo com amigos pouco pacientes. Sua verdadeira vítima era uma das suas velhas parentes, uma certa D. Estefania, solteirona abeatada, tranquila ao possível, um pouco apática e devaneando muitas vezes nos cantos das salas. Meu avô encantado dessas boas disposições a surpreendia sempre quando menos esperava e a assustava de tal modo com seus terrìveis estalos que ela desmaiava literalmente! E ria-se, o desalmado felicíssimo, *repetindo-lhe á saciedade que pode ficar absolutamente certa de ouvir três palmas no momento da sua morte* em qualquer lugar em que êle morresse, nem que fosse a mil léguas. Isso durava desde muitos anos. Uma vez meu avô antes de uma longa viagem passou algumas semanas em casa de D. Estefania, a quem, aliás, era particularmente afeiçoado. Não se privou de assustá-la mais do que nunca. Era uma verdadeira mania, divertindo-se sempre em atordoá-la. Ao despedir-se, afirmou-lhe de novo que podia ter a certeza de ouvir três palmas no momento em que morresse. Ficou ela vários mêses sem receber notícias dêle. Meu avô viajava sempre. Uma noite, estava ceando com uma das suas vizinhas, exatamente às nove e meia, quando ambas ouvem as três terríveis palmas. Estupefatas ao mais alto gráu, procuraram os esconderijos onde teria podido achar-se meu avô, inutilmente, aliás. A pobre Estefania com isso adoeceu. Vários dias depois recebia um portador especial enviado por meu tio Max, participando-lhe a morte súbita do meu avô, a 13 de Novembro, às nove e meia, *no momento em qve iam cear*. Justamente falavam de D. Estefanía. Meu avô, rindo às gargalhadas, esvasiava o copo quando caiu fulminado. A chácara em que êle morreu está situada no interior da *Volhynia* (pequena Russia) acêrca-de 150 léguas russas do castelo em que habitava D. Estefania. Como não existisse a telegrafia naquela época e como as comunicações eram difícieis, meu tio Max lhe enviou um portador especial que levou, creio eu, perto de duas semanas para fazer êsse trajeto. Todos os membros da minha família podem lhe certificar êste facto».

O outro facto tem a atestar-lhe a autenticidade o testemunho de uma religiosa, e os religiosos creem que *spiritus qui vadit non redit...* E', portanto, a confissão sincera de uma religiosa, que apenas solicitou fosse ocultado o seu nome para evitar complicações com os seus superiores.

Nêle, isto é, no presente facto, fica também evidenciada a verdade da sobrevivência, pela manifestação do padre superior da ordem a uma religiosa do asilo, e que é, no caso, a própria narradora.

Referindo-se ao dito facto, em carta, dirigida a Flammarion, eis o que escreveu a religiosa: —«Só o contei ao senhor cura e estou admirada que o caso tenha sido propalado; não se deu aquí, mas num convento do Norte onde estava ha alguns anos. Eram nove e meia da manhã, acabava de levar as crianças quando ao chegar perto da grade do convento notei que a porta da entrada estava aberta. Ia fechá-la mas, ao aproximar-me, vi um padre, encostado nela, pobremente vestido, tendo na mão um bastão cortado de algum galho de árvore e mais uma sacola como um mendigo. Também segurava na mão um grande lenço amarelo de quadrados. Bastante admirada dêsse vestuário, perguntei-lhe o que desejava.

— Quiséra uma missa, respondeu-me êle.

— A essa hora não ha mais missa no convento, repliquei, mas, se fôr á igreja, talvez possa ainda assistir á alguma.

Desci então com êle os três degráus da entrada, acompanhando-o até á grade e indiquei-lhe o caminho mais curto para ir á igreja. Mas, enquanto falava, e estando em plena luz, notei melhor seu vestuário. Não tinha gola e sim um pequeno colarinho, estava de óculos e olhava para mim coando o olhar por baixo dos vidros. Subitamente, seu rosto, êsses óculos, êsse colarinho e o lenço de quadrados, tudo lembrou-me o padre superior da nossa ordem, o qual falecera seis mêses antes. Indiquei-lhe então com o dedo qual a rua por onde devia seguir, olhando eu para aquele lado. Ao voltar-me para êle, não o vi mais: tinha desaparecido!»

São dois casos isolados, que poderiam ser multiplicados ao infinito; como os demais já apreciados, são factos comprovados desde todos os tempos, mas que a má vontade e a ignorância dos homens, teem também procurado manter sob o véu de obscurante negação, não permitindo que o problema tão transcendente da sorte do homem após a morte do corpo físico chegue ao conhecimento de todos.

E, como o assunto prende, voltaremos a analisar mais alguns casos.

Analisando Factos

Por *FREDERICO DUARTE — Manchester*

A propósito duma notícia que li há tempos num jornal espiritualista publicado no Rio de Janeiro, onde foi dito que um padre da cidade de Ponta Grossa avisou os seus fieis de que os bons católicos não devem de fórma alguma ajudar ou interessar-se de qualquer modo sôbre tudo o que diga respeito ao Espiritualismo. Nem mesmo ajudar quaisquer instituições, hospitais, albergues, etc., mantidos pelos ditos.

Semelhante afirmação coloca, a meu modo de ver, êsse indivíduo na classificação de «Egoista», e sob tais circunstâncias creio que está ocupando um lugar a que não tem direito.

Muito gostaria eu que o reverendo padre me pudesse ilucidar sôbre a verdadeira significação e interpretação das seguintes passágens que transcrevo da Bíblia, que êle naturalmente lê e ensina aos seus fieis.

No livro do Eclesiástes lemos que o Rei Salomão ao aconselhar a juventude de Israel a lembrar-se do seu Criador, nos dias de sua mocidade, disse que quando o corpo se torna inanimado, êsse passa para a terra, enquanto que o espírito volta para Deus.

No capítulo 28 do primeiro livro de Samuel, lê-se que, encontrando-se o Rei Saul em grande aflição, foi consultar a médium de Endor, e que por seu intermédio lhe apareceu o profeta Samuel, o qual tinha morrido alguns anos atrás.

No capítulo 12 do segundo livro de Samuel, lê-se que o filho adorado do Rei David se encontrava acometido duma doença grave e que David jejuou e orou a Deus pelo seu amado filho, o qual faleceu dias depois. Ao receber David essa infausta notícia surpreendeu a todos quando o viram a não chorar mais, e admirados com isso, lhe pediram uma explicação sôbre essa sua atitude. Respondeu êle: — Enquanto a criança vivia eu jejuei e chorei, mas agora que se foi embora de mim, para que deverei eu chorar? Poderei por ventura trazê-lo de novo para a minha companhia? Eu irei para êle (para a sua) mas êle poderá não regressar de novo a mim.

Ora, reverendo senhor padre de Ponta Grossa, se não existe a sobrevivência, então as doutrinas de Jesus Cristo são mentiras e a narração da sua transfiguração no Monte, onde se transformaram também Moisés e Elias, e foram vistos pelos seus discípulos, poderá considerar-se como sendo um mito.

Os estudiosos sabem que a Bíblia não foi traduzida como se encontra hoje, do original, ou seja, da língua (ou línguas, incluindo a judaica) falada por Jesus, mas, os casos acima apontados por mim e centenas de outros foram e continuam a ser reconhecidos como verídicos.

Um certo dia um padre católico disse-me que estava eu a trilhar por um caminho errado, o qual me levaria ao Inferno e que era uma vergonha que um homem que foi educado pelo Catolicismo e toda a sua família, se estivesse metendo a investigador de fenômenos psíquicos.

— Deixemos os mortos em paz, disse êle, e rezemos-lhes pelas suas almas.

Não me lembra no momento o que eu lhe respondi, mas uns mêses depois a reverenda criatura tendo sido informada do falecimento de minha mãe, que ocorreu em Portugal, veiu ter comigo, dando-me os pêsames adicionando o seguinte: — Por informações fidedignas sei que sua santa mãe foi uma bela criatura, muito esmoler, caritativa e bondosa em extremo, enquanto esteve cá no mundo. Eu sei que ela foi para o Céu, e você, para ajudar o seu progresso, creio que atuaria duma forma justa, se mandasse rezar algumas missas pela sua alma.

—Está o amigo certo de que ela foi para o Céu?

— Certamente, pois o seu record enquanto andou cá na terra foi nobre e belo.

— Nêsse caso, contestei eu, para que diabo deverei eu gastar algum dinheiro que tanto me custa a ganhar com o suor do meu rosto, e dôres na minha cabeça, para um sacerdote que nunca viu mais gorda a minha mãe, dizer uma meia duzia de missas, que não adiantariam absolutamente nada, se é, como disse você, que ela se encontra já no Céu? Se está lá, encontra-se positivamente muito melhor do que eu, quando me vejo muitas vezes em dificuldades, as quais tenho que solver por mim próprio e pela ajuda de espíritos amigos que se encontram no «Além»!

O homenzinho nada disse, mas, quando ao falar com um amigo sôbre a minha pessôa, deu-me uma roda de parvo, que a minha alma estava nas mãos do diabo, e que eu me estava misturando com gente sem juizo!

O Facto o Converteu

O Fenômeno ocorreu em ambiente estranho ao Espiritismo. — Como positivista convicto, estudou Biologia para contestar o Espiritismo; hoje, diante de um fenômeno evidente, aceita com segurança a sobrevivência da alma e o intercâmbio dos espíritos com o mundo físico.

A imprensa diária divulgou, há dias, o surpreendente e singular fenômeno ocorrido na residência do Dr. Joaquim Passidomo, culto advogado, motivando o suicídio de sua companheira, a joven Nadyr Mafra, de 20 anos. Não obstante estarmos autorizados a transcrever a entrevista que o Dr. Joaquim Passidomo concedera a «A Notícia», de 2 de agosto, quisemos ainda, diretamente, ouvir dêsse conhecido e brilhante causídico um depoimento verbal, para confirmação do facto, cuja importância no meio espírita nos impõe, como jornal doutrinário, o maior interêsse.

Gentilmente, ao ser recebido na redação de «Mundo Espírita», o Dr. Joaquim Passidomo corroborou tudo quanto o grande vespertino publicara. Antes que lhe fizessemos qualquer pergunta e sabedor do nosso interêsse pelo assunto — o Dr. Passidomo iniciou a palestra declarando:

«O facto se passou exatamente como está publicado na entrevista que concedi a «A Notícia». E' a pura verdade.

Tratando-se de um homem culto, tendo as suas convicções filosóficas bem fundamentadas, estabelecemos com o distinto entrevistado uma palestra que logo focalizou vários temas de elevação. Positivista ardoroso, sua cultura filosófica já estava consolidada. A surprêsa do fenômeno ocorrido com a sua companheira, criatura a quem votava uma afeição profunda, veio, porém, modificar no estudioso e sincero discípulo da escola positivista sua opinião já sólida a respeito da alma e de outros problemas subjetivos.

Hoje -- Afirma o Dr. Passidomo a «Mundo Espírita» -- estou absolutamente certo de que a alma atua sôbre o indivíduo, exercendo um domínio independente da vontade humana.

Depois de uma palestra agradável, contornando aspectos diversos de sua formação, o Dr. Passidomo despediu-se da nossa redação, reafirmando os seus novos pontos de vista acêrca da alma. Eis, agora, a entrevista confirmada pelo nosso amável visitante.

— «Terça-feira, 9 de julho, lia eu os jornais vespertinos e d. Nadyr repousava numa poltrona quando, de repente, pronunciou as seguintes palavras, elevando o busto:

— *Não, não quero me suicidar.*

Dirigi-me prontamente a ela, interrogando-a e, voltando ao seu estado normal, perguntou-me porque não prosseguira eu na leitura dos jornais. Estranhei profundamente o facto, mas a noite transcorreu tranquila.

No dia seguinte, de novo, o fenômeno se produziu e eu, em palavras ásperas, presumindo serem os tais fenômenos espíritas, exprobei a personagem para que deixasse em paz a mocinha, que não deveria ser perturpada. Ao sair dêsse entorpecimento, disse-me ela que sentia os pulsos como se cortados à navalha.»

O Fenômeno da Navalha

Continuando a sua narrativa, o dr. Passidomo diz-nos :

— «Acautelando-me coloquei a navalha que uso para barbear-me atrás de uns volumes, na última prateleira da estante de livros, para maior prudência travei as portas corrediças. Qual não foi a minha surprêsa ao voltar para o almoço, quando a nossa empregada explicou-me que d. Nadyr, atuada pelo mesmo fenômeno, dirigira-se para a estante, fazendo o seguinte monólogo :

Eu não sei onde está ; onde ? onde ? e forçando-lhe as portas conseguiu abri-la.

A criada correu para ela encontrando-a tendo nas mãos um estojo semelhante ao da navalha, mas que continha um compasso de minha propriedade, alí também guardado.

Resolvi retirar a navalha para o escritório de um amigo, nesse mesmo dia.

Êsses fenômenos também se apresentavam na minha ausência e eram assistidos pela empregada. E nós dois, eu e a empregada, conseguiamos fazê-la voltar ao estado normal por meio de rezas : o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Credo, as quais fui obrigado a recordaar, pois nunca rezei, tendo-as aprendido na História sacra, quando estudava o latim».

Os monólogos continuam

E o narrador continua :

— «O seguinte monólogo foi por mim assistido, após o almoço :

—«Não me leve, não. Eu não quero morrer, ainda é tão cedo ! Eu tenho vinte aninhos só, mais tarde eu vou... Eu sou tão feliz, nada me falta, tenho tudo.

Prosseguindo, estendeu os braços exclamando :

— Eu tenho dois braços !

Nesse momento, levantou-se e dirigiu-se para uma pequena área, tentando galgar um tanquezinho do apartamento, como se quisesse projetar-se no espaço !

Eu, que a tudo assistia com a empregada, avancei para ela, sustive-a em meus braços, gritando : «Bandido ! larga essa menina, ela precisa viver.»

Voltando ao estado normal, depois de pronunciarmos as rezas, ela ficava admirada da nossa presença ao seu lado, manifestando inteiro desconhecimento dos factos passados.»

A Viagem á Tijuca

— «Outra vez — continua o dr. Passidomo a sua narração — disse-me ela, atuada, estar cansada por ter ido á Tijuca e ao cemitério, acrescentando que fôra a pé, porque todo o trânsito estava interrompido.

Procurei um amigo que sabia entendido nessas coisas e contei-lhe os factos, muito em reserva, prontificando-se êle a prestar-me o auxílio conveniente. Combinámos levá-la na noite de sexta-feira, dia 11 de Julho, á residência dêle. Á tardinha, em minha casa, convidei-a a sair. Com alguma relutância, ela aquiesceu. Tomamos um taxi, ela, eu e a empregada e, na frente, ao lado do motorista, uma amiga nossa. No meio do caminho, quando chegámos mais ou menos em São Cristovão, disse ela, sob a ação do fenômeno e completamente transfigurada :

— Vocês vão me levar na casa dêsse senhor, mas eu não posso baixar lá !

Insisti pela necessidade de ir e retrucou-me :

— Ela não entra e vocês matam minha filha.

Respondi-lhe com energia :

— Mas todos nós somos amigos de sua filha e queremos salvá-la. Por que você não a deixa sossegada ?

— Prometo deixá-la se me levarem à Tijuca.

— Motorista, disse eu, toque para á Tijuca.

Acalmou-se um pouco. Perguntei-lhe:

— Mas, a Tijuca é grande, onde vamos ?

Respondeu-me : à rua tal, número tantos.

Deixo de relatar os factos que se desenrolaram porque me foram indicados nomes de pessoas e residências de que devo guardar segredo, não podendo divulgá-los ao público, mas só os revelando a pessoas que me provarem ter absoluto interêsse científico de conhecer tais fenômenos e possuir incontestável idoneidade.

Nessa noite de sexta-feira, voltámos para casa, ela completamente restabelecida, ignorando pór completo os acontecimentos».

E o dr. Passidomo continua a interessante narração dos factos :

— «Sabado, à tarde, vendo que nada mais se apresentava de anormal com d. Nadyr, fui buscar a minha navalha de barba, pondo-a, cuidadosamente, no bolso interior do «paletot» e, ao chegar em casa, dependurei-o no armário de roupa trancando-o á chave, como de hábito o fazia.

Domingo, à tardinha, de novo o fenômeno se apresentou. Tendo eu perguntado o que desejava, afastou-me delicamente, à distância de uns cinquenta centìmetros, perguntando-me :

— Você guardou a navalha no armário, por que ?

Respondi-lhe :

— Tenho receio de que a moça se suicide... Não ha mais perigo ?

Não obtive resposta.

Reputo êsse facto importantissimo, pois ninguém sabia nem da anterior retirada da navalha de minha residência, tampouco sabia da sua volta e do local onde eu a guardara.

Mudei-me de residência, indo para um apartamento mais amplo, na esperança de que tais fenômenos acabassem».

«Eu não quero ir»...

Continuamos ouvindo o dr. Passidomo, que nos conta :

— «Domingo ùltimo, de novo, o fenômeno se manifestou e, pouco depois, ela dizia que estava cega e que não queria ficar cega. Conduzi-a, então, para o quarto e ela, que se sentara no chão, monologava :

— Eu não quero ir, deixe-me viver mais um pouco... Depois eu vou...

De repente, após uma pausa, exclamou :

— Juro que vou !

Voltando ao estado normal, perguntou-nos o que faziamos todos alí de cócoras, ao seu lado. Tentamos explicações. Antes, porém, quando eu me referia a êsses acontecimentos ela se revoltava, razão pela qual nunca pude tomar a providência de levá-la a um Centro Espírita, nem consultei um médico, temendo que me aconselhasse a recolhê-la a uma Casa de Saude, eu, que verificava serem os fenômenos momentâneos, voltando ela logo após á normalidade.»

O suicídio

Continua o nosso atencioso narrador :

—«Segunda-feira, à tarde, a nossa empregada telefonou-me dizendo que a patroa trouxera da rua um vidro de remédio e o ocultara na seu guarda-vestidos. Dirigi-me imediatamente para casa e insisti com ela para abrir o seu armário, o que não consegui, obtendo, depois de muitas súplicas, a explicação de que adquirira um antiséptico.

A' noite, ao deitar-me, pedi-lhe a chave do guarda-vestidos, sob pena de eu e a criada permanecermos em vigília. Entregou-me então a chave, que guardei em lugar seguro.

Meia hora depois da meia-noite acordei, encontrando-a ao lado da cama arquejante e chamando-me. Compreendi a situação. Mas era tarde. Apesar de todos os socorros, morreu».

Conclusões a que chegou, depois do facto

Antes de deixar a nossa redação, quisemos saber do Dr. Joaquim Passidomo quais as conclusões a que havia sucedido à sua dedicada companheira.

Então Doutor — avançamos esta pergunta para remate da importante entrevista — *o problema da alma, daquí por diante, não lhe causará dúvida alguma ?*

—*Antes de tudo*—respondeu prontamente o gentil entrevistado *em virtude da minha formação filosófica, devo ser amigo da verdade.*

Esta resposta categórica logo teve por complemento outra declaração concisa. E assim, justificando o princípio que lhe ensinou a amar a verdade acima de todas as conveniências, o dr. Passidomo afirmou textualmente : *«A alma existe e se manifesta nas pessoas independente da vontade delas».*

Finalmente, para encerrar a entrevista, no momento em que se despedia, o nosso entrevistado concluiu desta maneira, coroborando assim as suas novas convicções :

— «Posso fazer essa afirmação porque conheço toda a obra filosófica de Augusto Comte e os comentadores dos filósofos que o antecederam e sucederam.

Tenho estudos feitos sôbre fisiologia cerebral e funções do cérebro e fenômenos de alucinação, hipnotismo, histerismo, e, sonho, sono e sonambulismo. Conheço as experiências de Charcot no Salpetriere e da Escola de Nancy; nenhum dêles equivale aos por mim observados em D. Nadyr, portanto, não é certeza, mas absoluta convicção me leva á essa afirmativa pelos factos vividos na pessoa da minha companheira que contava 20 anos de idade, transcorrendo nossa existência tranquila e feliz. Ela era na sua idade uma das moças que mais custosas joias possuia e toiletes luxuosas, entretanto, nada disso conseguiu prende-la ao mundo.»

Termina o periódico citado:

Aí teem os nossos leitores, com a entrevista que o dr. Passidomo concedeu a «Mundo Espírita», um facto perfeitamente confirmado e um testemunho espontâneo, mostrando á luz de todas as provas que os espíritos se comunicam com o mundo físico e, mais ainda, influenciam as pessoas, levando-as, conforme o seu grau de evolução, ao abismo, como no caso aquí relatado, ou ao bom caminho, por meio de conselhos, intuições e outras formas de assistência.

De «Mundo Espírita»

SESSÃO DE EFEITOS FÍSICOS

Dr. C. G. Shalders

Residência de F. C., — Santana — São Paulo, em 15 de Setembro de 1941.

Médium — Laura (filha de F. C.) — presentes, 17 pessoas.

A médium foi ligada á sua cadeira, pés e mãos, por um dos assistes, e assim permaneceu durante toda a sessão, no fim da qual ela foi desligada pelo mesmo assistente.

Apenas F. C. terminara a oração inicial, quando o espírito Paulo Martins, guia da médium e seu primo, manifestou sua presença por meio de três leves raps sôbre a mesa.

Sôbre esta, situada á frente da médium, havia uma vitrola fechada e uma pilha de discos.

Depois de Paulo, certo Armando manifestou sua presença por três pesados golpes sôbre a mesa, aos quais se seguiram raps leves; todavia, êste espírito não forneceu o seu nome.

Duas pequenas cornetas, providas de substância fosforescente, foram levitadas e flutuaram pelo aposento.

A seguir, veio Maria, irmã de Paulo, e, portanto, prima da médium.

Ela abriu a vitrola, tirou da pilha de discos o que continha a «Ave Maria» de Gounod, colocou-o sôbre a almofada, pôs a máquina a funcionar e pediu luz. A vitrola que fôra posta diante da médium, tocava mencionado disco, e a médium em transe, continuava amarrada.

De novo apagadas as luzes, Maria, conhecida por «Noiva» (ela era noiva quando faleceu, e sempre se apresenta vestida de noiva), continuava a manejar a vitrola, tocando um disco após outro, e isto até o fim da sessão, que ela terminou com a música «Ave Maria», repetindo-a por 3 vezes. Em seguida fechou a vitrola, deu as boas noites a todos e retirou-se.

No decorrer da sessão, Noiva, materializada, visitou todos os assistentes, tocando a todos e permitindo que a tocassem. Enquanto manejava a vitrola, ela entretinha conversação com os assistentes, com voz perfeitamente natural, respondendo a perguntas que lhe eram dirigidas. Perguntei-lhe se já havia materializado todo seu corpo. Ela respondeu: da cintura para cima. De novo lhe perguntei se falava por sua própria bôca, ou se empregava a da médium. Ela assegurou que falava com voz própria. Quando lhe fiz esta pergunta, a voz parecia vir da direção da médium. Mas era natural assim acontecer, pois Noiva estava entre mim e a médium, ela mais perto de mim, do mesmo lado da mesa e a médium do lado oposto. Mas o ponto de que provinha sua voz, mundava, ora de uma, ora de outra parte da sala.

Um interessante fenômeno foi o aparecimento de uma luz a flutuar no espaço, algumas vezes a dois metros acima do solo, de outras, bem mais baixo ; variando também o tamanho da luz. Quando apareceu da primeira vez, apresentava o aspecto de chamejante bola amarela, para, em seguida tomar a forma de um disco, cujo tamanho variava, de dois a oito centimetros de diâmetro. Também a côr da luz variava, por vezes uma mistura de amarelo e vermelho. Mentalmente pedí que Noiva trouxesse a luz para junto a mim. A luz aproximou-se e atingiu seu volume máximo. Então observei no centro do disco, que apresentava várias colorações, uma perfeita cabeça, e o pescoço terminava nos ombros. Mais tarde perguntei o que representava a figura ; ela respondeu ser ela mesma em miniatura.

Três vezes Noiva veio junto a mim. Da primeira, ela tomou minha mão direita entre as suas e dava-lhe leves palmadas, o que também fez em meu rosto. Da segunda, ela me permitiu tocar seu cabelo, fiz minha mão acompanhar uma grossa madeixa de cabelos, desde a cabeça até a extremidade, cerca de 30 centímetros de comprimento. Em seguida segurei o véu (de noiva) entre minhas mãos que se me afigurou de material extremamente leve, mais leve que a mais fina seda, por mim jamais vista. Da terceira vez, ela de novo se apoderou de minha mão, e eu apertei ambas as mãos dela, uni-as, coloquei meu rosto entre as duas mãos e beijei-as. Pareceu-me que ela apreciou minhas carícias, pois senti palmadinhas na cabeça. Levantando-me em seguida, novamente me apoderei de suas mãos e durante alguns segundos moviamos nossos braços acompanhando o compasso da música que estava sendo executada na vitrola. Então ela me fez sentar, aproximou seu rosto do meu e beijou minha testa ; senti o seu cabelo (ou véu, não sei qual dos dois) roçar minha testa. Enquanto eu ainda estava de pé Noiva colocou minha mão sôbre seu quadril, cuja solidez senti.

Essas três visitas a mim feitas por Noiva, não foram consecutivas, mas a interválos sucessivos durante os quais ela visitava os outros assistentes.

Quando Noiva se despediu, ao findar a sessão, os outros espíritos que se haviam manifestado no começo da sessão, novamente deram sinal de sua presença. E assim foi encerrada a sessão que durou duas horas e um quarto.

Crônica Estrangeira

Materializações

«Revue Spirite Belge»—Por Gabriel Gobron

O testemunho de Mr. Harry Boddington.

Êle viu Florrie Cook e seu espírito-guia, «Masia», esta completamente materializada, e êle poude compará-las, médium e forma, com a maior facilidade. Êle lembra os ferimentos inflingidos a médiuns consequentes à ignorância dos cépticos : Guy L' Estrange, sofreu uma contusão abaixo do estômago, resultante da regressão violenta do ectoplasma ; Clive Halmes, contusão nas costas, olho entumescido (de uma feita, um experimentador simplesmente havia detido com o pé, uma corneta em levitação). Por ocasião da materialização de «White Moose», formava-se e desaparecia, semana após semana, um penacho (enfeite de cabeça, indiano), sem jamais deixar vestígio qualquer, não obstante o contrôle dos investigadores. Por vezes desapareciam cabelos e penas, em um segundo. Os amadores da *regurgitação* querem impingir-nos que se possa engulir cabelos e penas e vomitá-los sob forma de elegante penacho indiano. Que disparate !

Mr. Harry Boddington observou no decurso das materializações de Clive Holmes, as evoluções dum chinês, dum negro, perfeitamente identificados. A quem se poderia convencer que êsse amarelo, êsse negro, eram o médium Clive Holmes? Para operar êsse truque magistral, necessário seria, ao menos, meia hora, e o autor viu por vezes, em uma única sessão, a formação de mais de vinte materializações completas, assistiu à sua aparição, evolução na sala, e seu desaparecimento quasi instantâneo, e todas com caractéres distintos de talhe, raça, nacionalidade, ao mesmo tempo que o médium, ligadas as mãos, estava amarrado a uma poltrona e, simultaneamente visível com as formas! Querem fazer crer aos ingenuos que simplesmente se trata de comparsas! Que absurdo!

⁂

O Fantasma do Marechal Junot visto por sua mulher

«La Revue Spirite»

As observações de fantasmas apresentam todas as variedades imagináveis.

Reproduzimos aquí o resumo do relato autêntico, escrito pela mesma percipiente, esposa do Marechal. O facto verificou-se em 1813, ano em que faleceu Junot.

«Foi, escreveu a duquesa, na noite de 22 para 23 de Julho, eu dormitava penosamente quando fui assaltada por sensação jamais experimentada e dolorosa, ao mesmo tempo.

Desperto e distintamente vejo Junot, junto ao meu leito, vestido com o mesmo terno cinzento, què envergava no dia de sua partida para a Iliria, olhando-me com expressão doce e melancólica. Dei um grito pungente que despertou Blanche (minha camareira; ela ainda vive) e Mme. Thomières, que, imediatamente saltou do leito e veio a mim, perguntando-me o que havia. Ai! Seguidamente eu estava a ver essa aparição aterradora, porque o rosto de Junot estava pálido e profundamente triste; parecia-me que já estavamos separados aquí na terra. Mas o que sobretudo me terrificava, era ver a aparição caminhar em torno de meu leito, e, além de tudo, Deus meu, uma das pernas estava quebrada. Enfim, eu via, por uma revelação intensa, o estado em que estava Junot, e tudo isso sem que eu tivesse recebido qualquer nocícia dêle, notícia impossível, pois o acontecimento se verificava nessa mesma hora. E, mais tarde, por muito tempo meu irmão não me revelou a verdade, temendo pela minha vida.

«Iluminai o quarto, exclamei eu em crescente estado de pavor, deixai o ar entrar abundantemente, sobretudo luz, muita luz», e com os olhos eu seguia a aparição sempre visível, que ora de mim se aproximava, ora se retirava ao canto obscuro do quarto, chamando-me para junto de si.

Por momentos tudo isso me fazia acreditar que eu ia morrer; e então de meu peito escapava um grito surdo e prolongado que parecia um apêlo á morte. Foi sómente ao amanhecer que a aparição gradualmente se esvaecia e se tornou em espécie de nuvem quasi indistinta. Eu não explico o fenômeno; relato-o tal qual sucedeu.

Quando meu irmão Alberto, de volta, contou a Mme. Thomières os terríveis factos que precederam a morte de Junot, ela não poude reter um grito de assombro e lhe contou o que comigo ocorrera.

Ainda hoje não posso afastar de meu pensamento que houve uma relação imediata entre duas almas ligadas por tantos laços que formavam uma alma única; eu o creio, o creio firmemente. Os mistérios da Providência teem uma profundidade impenetrável ao nosso olhar.»

Tal foi esta aparição incontestável. Sabe-se que Junot cometeu suicídio. A tristeza que lhe causou a derrota do exercito francês na Espanha, onde êle recebera o título de duque após a tomada da cidade de Abrantes, tristeza aumentada pela recepção fria após o seu regresso, deprimia-o completamente. Foi acolher-se a casa do pai, quando num acesso de febre, se atirou pela janela, fraturando uma perna. Nessa ocasião a esposa achava-se junto ao lago de Genebra, de regresso á pátria.

⁂

Colóquio com a Morte

«Mondo Occulto»

Edgard Poe: O *mistério da morte.*

Edgard Poe, com a intuição do poeta, sondou maravilhosamente o mistério da morte. E em seus contos fantásticos, «Colóquio entre Monos e Una» e Memórias de Augusto Bedloe» discorre sôbre o fim da existência corporal e as sensações que a acompanham e que a seguem.

Monos e Una tornam a encontrar-se no túmulo e Monos descreve o momento da separação do Espírito e o período de espanto que se seguiu à desincarnação :

«Uma comoção surda como a da eletricidade percorreu meu corpo e seguiu-se logo em mim, uma completa extinção da idéia do tato. Tudo quanto permanecia do que o homem chama «senso» se transfundiu na única conciência da entidade e no único sentimento imutável de duração. O corpo caido fôra ferido pela mão da destruição insanável. E contudo, a sensibilidade não havia desaparecido completamente, visto que a conciência e o sentimento subsistentes exerciam parte de suas funções com intuição letárgica. Compreendi a espantosa mutação que começava a operar-se em minhas carnes e, à semelhança do homem que, em delíquio tem algumas vezes conciência da presença corporal da pessoa que sôbre êle se curva, assim, minha doce Una, eu sentia sempre surdamente que tu estavas sentada a meu lado. Igualmente, quando chegou a duodécima hora do segundo dia eu ainda tinha conciência de todos os movimentos que se sucediam ; tu te distanciaste de mim, encerraram-me no caixão... fui colocado sôbre o carro fúnebre, lançaram-me na sepultura, encheram-na com terra, deixando-me nas trevas, entregue à putrefação, nos meus tristes e solitários sonhos em companhia dos vermes.

E lá, naquela prisão, que bem poucos segredos tem a revelar, sucediam-se os dias, semanas e meses, e a alma contava escrupulosamente cada segundo que fugia e sem dificuldade registrava-lhe a fuga».

Neste ponto, defrontou-se com um dos pontos mais obscuros da vida dos espíritos, isto é, o modo de existir independente do corpo. Poe teve a visão clara do momento da separação da alma do invólucro carnal, o gradual desprendimento da idéia dos sentidos e esvaecimento da sua sensibilidade e, sucessivamente, um perìodo de indicisão em que a conciência e o sentimento suprem, em parte, a mesma sensibilidade e, em seguida, perceber o próprio corpo como coisa distinta do «Eu», até o momento em que, liberto o espírito do estado do assombro, se emancipa completamente de todos os laços corporais e excrupulosamente, está contando todos os momentos que fogem.

Por êste sentido se transforma e um novissimo estado se esboça. Monos, descrevendo a sucessão dos acontecimentos na sua tenebrosa demora, diz : «E, então, do naufrágio e do caos dos meus sentidos normais, surgiu em mim um sexto sentido, absolutamente perfeito, cujo exercício me proporcionava estranha delícia, um prazer, contudo, ainda físico... Poderei assim definir êsse estado : «Vibrações do pêndulo mental. Era a personinificação da idéia abstrata do tempo. Êsse sentimento de duração, vive, perfeito, existente por si mesmo, independente de qualquer série de factos (modo de existência talvez ininteligível ao homem), essa idéia, êsse sexto sentido que se elevava de minhas ruínas, era o primeiro passo sensìvel, decisivo da alma liberta do tempo sôbre o limiar da eternidade».

A maravilhosa intuição de Edgard Poe se equipara ás investigações de Prentice Mulford : «As forças que dormem em nós», onde, no capítulo dos «Mistérios do Sono», discorre sôbre a direção artificial dos sonhos e da possibilidade, no sono, de provocar, á vontade, o desligamento do próprio corpo astral. O processo sugerido é o de conseguir, antes de adormecer, provocar a anulação momentânea dos cinco sentidos, fixando no próprio espírito a simples idéia da realidade do sêr, *não mais servindo-se de qualquer dos outros sentidos.*

Esta «realidade do sêr»—idéia pura — é toda inerente á individualidade e é parte integrante da «conciência do não ser, isto é, do não mais existir como pessoa», sensação que dá a completa percepção da morte. Assim, Poe esboça dois estados sucessivos : o primeiro á breve distância da morte—a conciência do não ser ; o segundo, mais perfeito, marca a emancipação *de cada veículo dos sentidos — isto é, a realidade do sêr.*

Relógios e avisos de morte

«Light»

Mr. C. De Vesme escreveu, em *Psichica*, vários artigos sôbre mediunidade na infância, animais falantes, espontâneas irupções de incêndios. apedrejamentos, etc ; e, posteriormente, relatou diversos casos notáveis de frequente correspondencia entre — relógios e a morte, ou aproximação desta.

Esta conexão é mais do que uma questão de coincidência fortuita, o que se prova pelos relatos constantes do cap. XI de Flammarion, «Autour de la Mort».

M. De Vesme recebeu novas provas do Dr. Weil, conhecido Rabbi de Strasburgo, que responde pela autenticidade do fenômeno ocorrido no lar de conhecida família. Um membro desta, estudante, afirma o seguinte:

«Minha avó morreu em 1913. Na hora da morte, o relógio de parede colocado em seu quarto, parou de súbito, e ninguém conseguiu pô-lo de novo a trabalhar. Alguns anos depois faleceu seu filho, e no mesmo dia da morte, o relógio põe-se a trabalhar, sem que alguem o hovesse tocado.»

M. De Vesme diz que o primeiro fenômeno, isto é, o facto de ter parado o relógio, poderia ter sido atribuido a alguma causa natural; pois conhece-se muitos dêsses casos! Mas que o relógio começasse de novo a trabalhar, sem intervenção estranha, na mesma hora em que se verificou uma segunda morte no seio da mesma família, é um fenômeno dificilmente explicável por causas naturais; e mais ainda quando o estudante prossegue: «No dia em que se verificou o falecimento de vovó, um de seus filhos estava na América. Poucos dias depois, êle estava de regresso, e explicou que certa noite fôra despertado e viu a mãe de pé junto ao leito. Êle saltou da cama e seguiu a figura ao outro aposento, onde a forma desapareceu. Dia seguinte êle embarcou para a França, convencido que a mãe morrera. Dia e hora de sua visão correspondiam com a data e momento em que ocorrera o falecimento».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um «extra» interessante

As provas da Imortalidade da Alma teem se verificado em todos os tempos sob as mais variadas formas, e tão insistentes e positivas teem sido elas que a dúvida não é possível. Nem mesmo os cegos as podem negar, porque se não as podem ver com os olhos do corpo, podem entretanto confirmá-las através do sexto sentido.

Entre as variadas formas, tais como a «voz direta», a materialização, as marcas digitais em parafina, etc., sobresai, num testemunho eloquente e insuspeito da sobrevivência individual, a fotografia espírita.

Não ha método especial para a obtenção da fotografia espírita. Todos podem obtê-la desde que possuam uma máquina fotográfica. Na maioria das vezes, as foto-espíritas se verificam em meios estranhos ao Espiritismo e com simples amadores que, ao revelarem as chapas fotográficas, ficam surpresos e contrafeitos ao notar na fotografia os caraterísticos de uma estranha personalidade.

A fotografia que publicamos é bem a prova do que estamos expondo. Ela nos foi enviada por um confrade com a seguinte carta:

«Pelotas, 14 de Setembro de 1941.

Ilmo. Sr. Redator da «Revista Internacional do Espiritismo».

Paz em N. S. Jesus Cristo.

Junto a esta vai uma fotografia, que foi tirada pelo sr. João Fernandes, que comprara uma máquina «Kodac». E para experimentar a máquina, o sr. João Fernandes tirou o retrato das srtas. Laura Corrêa da Silva e Yolanda Fernandes, sua irmã, que está de pé do lado de fóra de sua residência á rua Barão de Mauá, n.º 203, nesta cidade.

Ao revelar a chapa, o sr. Fernandes ficou surpreso com a estranha aparição que se vê na fotografia, a qual foi tirada numa tarde, nos primeiros dias dêste mês.

O sr. Jacinto Nunes de Oliveira, negociante e espírita convicto, levou a fotografia à Sociedade União e Instrução Espírita, mostrando-a a todos os espíritas que no momento alí se encontravam. Eu pedi a fotografia para vo-la remeter, certo de que a mesma, por tratar-se de um caso interessante, poderá contribuir muito para demonstrar, a esta humanidade, a sobrevivência individual e que, portanto, não se morre e que os espíritos constantemente estão junto de nós.

Sem mais, vosso confrade obrigado.

Viterbo Rosa»

Pelo conteúdo da carta, deduz-se que referida fotografia foi tirada num meio não espírita, o que confirma a sua autenticidade e importância. Nela aparece u'a mão e a formação de um rosto de tamanho irregular, o que se pode atribuir à rapidez exigida no momento, que não permitiu ao espirito uma manipulação mais ou menos perfeita do ectoplasma. Além disso, constata-se que uma das três pessoas presentes é médium de efeitos físicos.

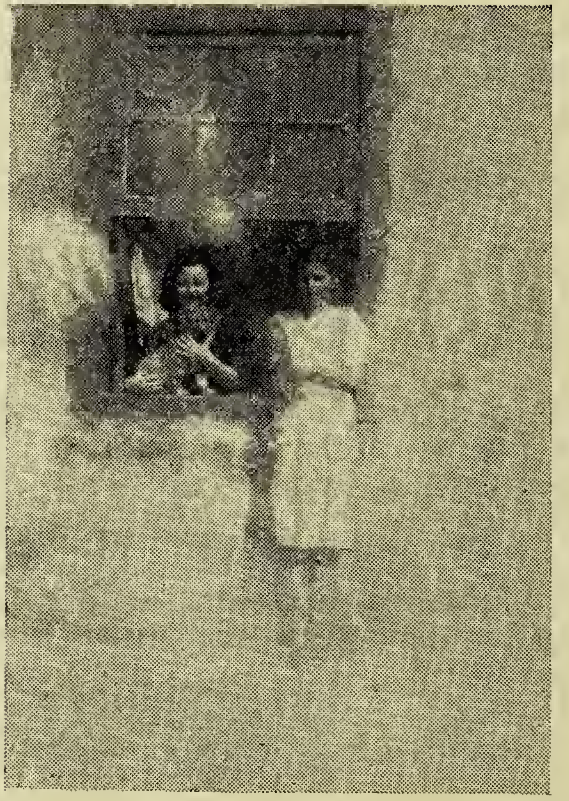

Temos recebido fotografias identicas, mas não as publicámos por falta de algo comprobativo de sua veracidade. Esta, porém, publicamos com satisfação, na certeza de que, como tantas outras insertas nesta Revista, contribuirá para aumentar a fé dos estudiosos do Espiritismo.

Nossa Excursão

Durante o corrente mês, em visita a diversas cidades da Central, em nome de «O Clarim» e da Revista Internacional do Espiritismo, tive oportunidade de falar uma noite em Guararema, duas em Santa Branca, uma em S. José dos Campos, uma em Jacareí, uma em Taubaté, uma em Pindamonhangaba, um domingo durante o dia em Campos do Jordão, uma em Barra do Piraí, três em Lorena e uma em Cruzeiro.

Nesta cidade os diretores da União Espírita Cruzeirense acabam de adquirir uma bela chácara, situada em ótimo ponto, para a construção de um sanatório destinado ao tratamento de obsidiados.

Êsse gesto significativo é mais uma prova dos esforços que referidos confrades empregam para minorar os males de centenas de infelizes que perambulam pelas ruas, quando não são recolhidos às cadeias publicas, atacados de uma das mais perniciosas molestias da época.

Que seus esforços sejam coroados de êxito e bem compreendidos por todos os espíritas locais, que, secundando-lhes às ações, saibam cerrar fileira ao lado dos mesmos, facilitando-lhes levar a bom termo tão nobre quanto significativo ideal.

Dentro de poucos dias reiniciaremos a nossa excursão, prosseguindo até Belo Horizonte e visitando diversas localidades da Leopoldina e Rede Sul Mineira.

Benedicto G. do Nascimento.

—

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta :

Durante 39 dias fiz 27 palestras e visitei as seguintes cidades : Porto Tibiriçá, Pres. Epitácio, Pres. Wenceslau, Piquerobi, Santo Anastácio, Ribeirão dos Indios, Pres. Bernardes, A. Machado, Pres. Prudente, Regente Feijó, Assis, Palmital, Salto Grande, Chavantes, Ipaussú, Pirajú, Bernardino de Campos, Cerqueira Cezar, Batista Botelho, Avaré, Botucatú e Piracicaba.

LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000
LEOPOLDO CIRNE	
Anticristo—Senhor do Mundo	15.000
MANOEL ARAO	
O Claustro — romance	7.000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1.500
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espírita	4$000
MANOEL PIZARRO	
Contradição do Catolicismo e do Protestantismo sob o ponto de vista do Espiritismo	8.000
NORALDINO DE CASTRO (DR.)	
O Espiritismo é a Religião	5.000
NOGUEIRA DE FARIA	
A Renascença da Alma	5.000
NOEL VARÃO	
Oração de um Crente	4.000
OLIMPIA S. BÉLEM	
Jerusa	6.000
OLIVER LODGE (SIR)	
A Formação do Homem	8$000
Raymond	7$000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6$000
OSMANI EMBOABA (DR.)	
Fenomenologia Mediunica	7$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3$000
Não ha Morte	4$000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	7.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	10.000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	25.000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários	12.000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5$000
PAUL GIBIER (DR.)	
Analise das Cousas	6$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	8.000
Salvação pela fé ou pelas obras ?	6.000
R. HERMINDO	
História de Catarina	4.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000

RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
SEBASTIAO CARAMURÚ (DR.)	
Redivivos	9.000
Aos Católicos Apostólicos Romanos	5,000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	7$000
STAINTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8$000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
SNRA. DE W.	
Aqueles que nos deixam	6.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
VITOR HUGO	
Dor Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10$000
Do Calvario ao Infinito	12$000
Redenção	10$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6$000
ZOEOLNER	
Física Transcendental	6.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2$000
BIBLIAS	
Biblia em letra grande com referências	22.000
Biblia pequena	10$000
Novo Testamento—capa dura	4$000
Novo Testamento em letra grande	7.000
» » pequeno	3.000
» » Mignon	3.000
Novo Testamento em Esperanto	5$000

COLEÇÕES de «Revista Internacional do Espiritismo»

1.º ano	100.000	3.º ano	30.000
2.º »	100.000	4.º »	35.000
5.º »	30.000	6.º »	40.000
7.º »	40.000	8.º »	40.000
9.º »	100.000	10.º »	40.000
11.º »	50.000	12.º »	50.000
13.º »	50.000	14.º »	50.000
15.º »	50.000	16.º »	50.000

Préces e Noções Espíritas

100 exempl.	50.000	50 exempl.	27.000
1 exempl.	$600	Encadernado	2.000

Espiritismo para as crianças

100 exempl.	50.000	50 exempl.	27.000
1 exemplar	$600		

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 o/o para registro

Todas estas obras estão á venda na «Livraria de «O CLARIM» — Av. 28 de Agosto, 301 — Matão.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples 20$000
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 25$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 30$000
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac1711unse_0

IO XVII—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1941—N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Personalidade de Jesus
A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
A ação dos passes magnéticos
O Espiritismo em face da Ciência
Aquí e Agora
O que penso do Espiritismo
Provas da Sobrevivência
Novos Rumos á Medicina
Analisando factos
Excertos de uma conferência realizada na Federação Espírita Brasileira
A trajetória espiritual de Napoleão 1.o
Trinta anos entre os mortos
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

DR. IGNACIO FERREIRA

Prezado Confrade:

A imprensa espírita está passando um dos períodos mais dificeis de sua existência. Com o considerável aumento do preço do papel e a pouca vontade de um certo número de assinantes em pagar as assinaturas, o sacrifício imposto à imprensa espírita é quasi sobrehumano. Só mesmo com uma grande dose de boa vontade, desprendimento e esforço é que um orgão espírita pode ser mantido nas condições atuais.

Mas isso ainda não basta para a manutenção de uma publicação. A boa vontade, o desprendimento e o esfôrço dos seus diretores, redatores, gerentes e auxiliares podem sofrer um revés se os seus assinantes não concorrerem com o pagamento das assinaturas.

A «Revista Internacional do Espiritismo» é uma publicação dispendiosa sob todos os pontos de vista e requer, portanto, o esforço de seus assinantes no sentido de não só reformarem as assinaturas, como também efetuarem o pagamento das mesmas.

E' por essas razões que estamos enviando a todos os nossos assinantes esta circular, solicitando dos mesmos o seu auxílio moral e pecuniário para o sustento desta Revista, cujo trabalho na espiritualização da humanidade é assás importantissimo, além de honrar o Brasil no Estrangeiro, onde a sua divulgação é relativamente boa.

Confiantes na boa vontade do prezado confrade, prosseguiremos no cumprimento do nosso dever e nos confessamos, com antecipação, sumamente gratos.

Pela «Revista Internacional do Espiritismo»

Antonia Perche da Silveira Campêlo — Gerente.

A' Revista Internacional do Espiritismo

Junto envio, sob registro, com valor declarado, a quantia de..correspondente ao débito de minha assinatura.

Solicito a fineza de enviar o respectivo recibo.

Do Confrade..

Residencia..**Est. de**...

Rua..**N.**.........................

Em..**de**...**de 194**..........

A' Revista Internacional do Espiritismo

Junto envio sob registro, com valor declarado, a quantia de..para nova assinatura ....a começar em 15 de fevereiro de 1942 e a terminar em 15 de janeiro de 1943.

Estado.. *Cidade*...

Rua... *Num*............................

Em................*de*..*de 194*.........

Nome..

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1941 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

A Personalidade de Jesus

Ilustres personalidades que constituem a inumerável falange dos Espíritos Superiores, teem baixado à Terra para, com as fulgurações de sua inteligência, iluminar o roteiro que a Providência traçou para a ascensão dos homens aos planos superiores da Vida.

Entre essas personalidades, sem contar aquelas que se impuseram à consideração de todos pelos seus inestimáveis serviços nos diversos ramos da atividade humana, tais como a medicina, a mecânica e as artes, cujo progresso tem ultrapassado a mais otimista espectativa, contam-se, como astros de primeira grandeza, as seguintes, que no momento nos ocorre à mente: Buda, fundador do Budismo ; Crisna, o cultivador da teosofia ; Maomé, fundador da Religião Mussulmana; Confúcio, filósofo e legislador chinês; Elias, Moisés, legislador hebreu ; Sócrates, Platão.

Todos êsses vultos da História foram portadores e guardas-avançada da Imortalidade da alma. Muito embora seus métodos de iniciação fossem assás severos, repleto de formalidades, não conseguindo, por isso, mais que um reduzido número de adeptos ; muito embora seus pensamentos, suas opiniões e determinações na prática, tivessem escapado ao entendimento de seus contemporâneos, por falta de elucidações precisas e claras, todos êles visavam um mesmo objetivo: a demonstração de um *Deus único*, oniciente, preciente e imutável e a proclamação da sobrevivência individual, da Imortalidade da Alma.

Entretanto, uma personalidade incomparável, tanto em sabedoria como em virtudes e poder, está sôbre todos êsses leaders da filosofia e da sabedoria : Nosso Senhor Jesus Cristo, o excelso Missionário.

Êle, que não viera abrogar a lei e as palavras dos profetas, mas dar-lhes cumprimento num sentido mais amplo e mais claro, reforçou, com sua inegualável doutrina e com a simplicidade que lhe era peculiar, as primitivas doutrinas espiritualistas que, como a sua, não passaram sem o enxerto do dogmatismo e do interêsse humano.

Foram tão importantes os feitos de Jesus e êle grangeou tal popularidade que o seu nome é pronunciado com reverência por quasi todos os habitantes da terra.

Profetas e filósofos, sábios e guerreiros teem passado pelo mundo como a herva que hoje nasce e amanhã desaparece. Só o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo permanece vivo em todas as almas, ainda mesmo que elas não possam compreender a sua doutrina tal como Êle a expôs, isto é, em espírito vivificante.

Nas cerimônias religiosas, no fragor das pelejas, nos momentos de aflição, nas praças públicas, o seu nome é pronunciado numa dissertação evangélica ou numa prece fervorosa.

Profetas, filósofos e legisladores teem conclamado a continuidade da vida após o transe que indevidamente denominamos morte. Mas nenhum dêles apresentou factos comprobativos da Imortalidade semelhantes aos de Jesus ; nenhum dêles, com tão decidida coragem, enfrentou os apôdos dos cépticos e deu a vida em holacausto como testemunho da pureza de sua doutrina, e nenhum dêles apresentou um código de moral como o seu, moral que constitue por si só o alicerce da verdadeira felicidade.

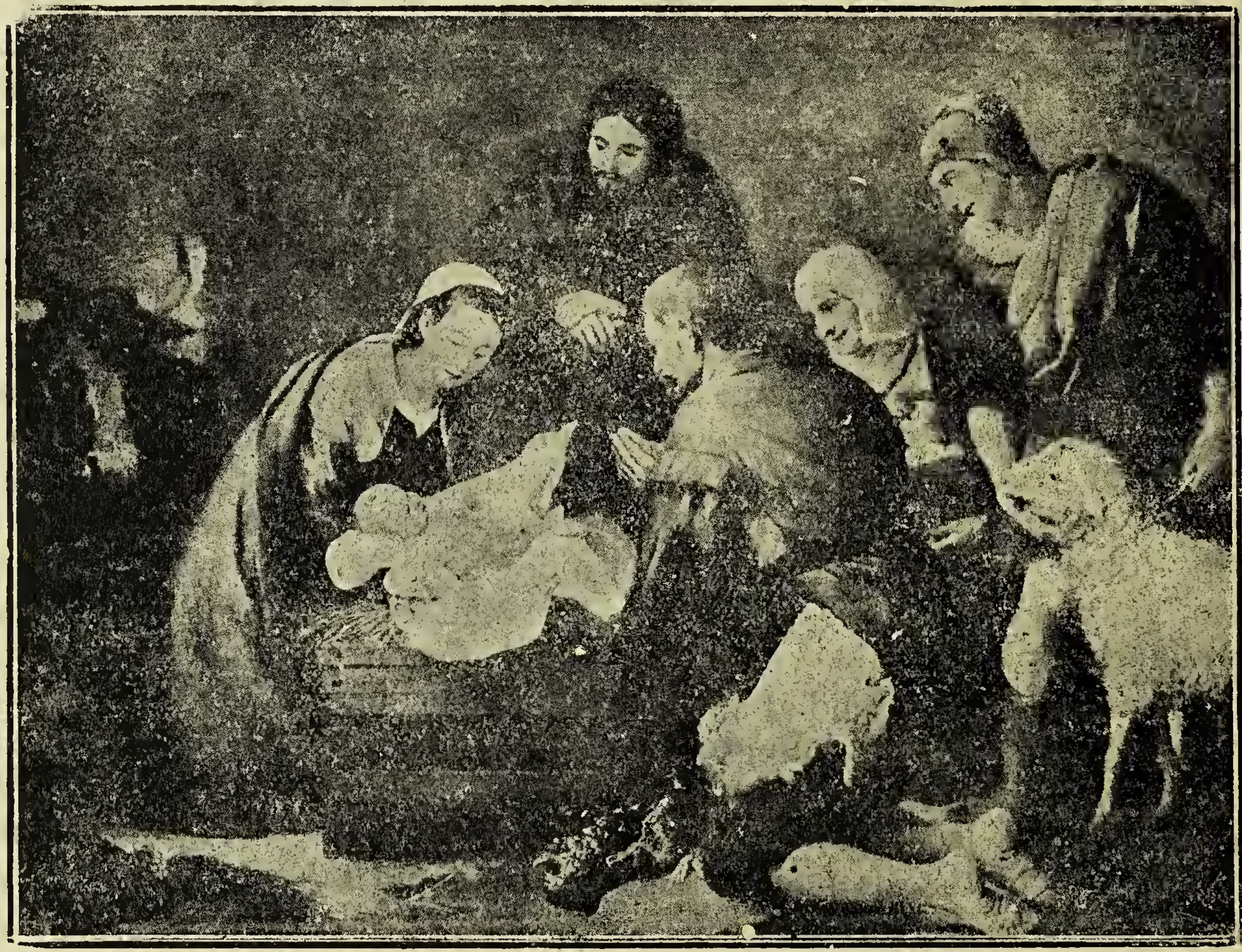

Adoração dos Pastores em Belém

Sob um sol ardente ou enfrentando intempéries, não cogitando de comodidades, pois que o seu único objetivo era fazer a vontade do Pai com o pleno desempenho de sua tarefa, êle percorria grandes distâncias prégando o amor com exemplos e por intermédio de parábolas, operando curas assombrosas e prodígios que tinham por escôpo realçar a Imortalidade.

E' assim que o vemos expelir espíritos imundos. Tais espíritos não podiam ser outra cousa senão sêres que já tinham vivido nêste mundo e que depois de considerados mortos, continuavam todavia a existir. E' êste facto um testemunho da Imortalidade. Vemô-lo ressuscitar Lazaro depois de estar êste quatro dias abaixo de uma lage. Porém, não foi o corpo de Lazaro que ressuscitou, mas sim o seu espírito. Vemô-lo ainda evocar os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor. Se o espírito desaparecesse no túmulo com o corpo, certamente que Êle não teria evocado uma cousa não existente. São, pois, êsses factos inegáveis da vida eterna, que Jesus amiudadamente prégava.

Como se não bastassem essas ocorrências imortalistas, Jesus ressuscitou após o terceiro dia de sua morte, aparecendo à Maria Madalena e depois a seus discípulos com os quais esteve por espaço de quarenta dias, dando-lhes suas últimas instruções.

Nenhuma outra personalidade operou tantas maravilhas como Jesus. Portanto, é justo que não o baralhemos com os profetas, filósofos e legisladores. Sua doutrina é a âncora da salvação, seus feitos são a bússola que nos guia ao pórtico da felicidade.

Uma ocorrência, que não pode passar desapercebida, com o risco de incorrermos numa grande falta, é a que se verificou quando do nascimento de Jesus. Êle nasceu numa mangedoura, símbolo da humildade, para demonstrar ao homem que a humildade deve ser o apanágio de suas justas aspirações. Sem humildade não pode existir fé, esperança e caridade, e nem espírito de sabedoria, e onde não existirem essas excelsas virtudes, imperará o caos espiritual.

Muitos testemunhos de humildade ofereceu Jesus. Andava com publicanos e pecadores, sendo, por isso censurado pelos escribas e fariseus. Pouco antes de sua morte, lavou os pés aos seus discípulos, dando-lhes êste mandamento: «Se eu, pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vos deveis lavar os pés uns aos outros; porque vos dei o exemplo, afim de que, como eu fiz, assim façais vós também».

A personalidade de Jesus é muito superior ao que póde alcançar o pensamento humano. Basta apontar o facto de Êle penetrar os refolhos da conciência humana, o que sobremodo embasbacava os seus adversários ao fazerem-lhe êstes certas perguntas cujas respostas os emudeciam de tal forma que êles não podiam articular mais palavras, e se retiravam cabisbaixos e decepcionados.

Analisando, em síntese, a personalidade de Jesus e seus feitos, «Revista Internacional do Espiritismo» tem por escôpo prestar uma justa homenagem ao Salvador da humanidade, cuja vinda a êste mundo é comemorada no próximo dia 25, dia que, pela sua excepcional importância, foi denominado — *Natal.*

Fazei esforços para conseguir plantar em vossos corações a árvore do amor que vivifica.

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«La Revue Spírite» *(Continuação)* *Prof. E. BOZZANO*

Relativamente ao fantasma de Estelle Livermoore, recordarei a M. Jean d'Ossau que, respondendo com antecipação á objeção de ser êste fantasma por sua vez o produto exclusivo duma personificação subconciente exteriorizada e materializada (prosopopése), eu fazia notar sobretudo duas circunstâncias, das quais eis aquí a primeira:

> No decorrer da sessão de 10 de Novembro de 1861, realizaram-se *simultaneamente* três fantasmas materializados; no decurso da sessão seguinte, 12 de Novembro, passeavam *simultaneamente* no aposento, quatro fantasmas materializados. Segue-se que, se nos quisermos ater à interpretação de M. Sudre, dever-se-ia dizer que nessas ocasiões nós nos achamos respectivamente em presença de um fenômeno de *tríplice* e. em seguida, de *quádrupla* prosopopése exteriorizada e materializada!!! Ou mais exatamente, dever-se-ia dizer que nos achamos diante de um fenômeno *quintuplo* de prosopopése simultânea, visto que a médium não caia em sôno mediúnico, e conservava toda sua conciência. Em outros termos, dever-se-ia consentir que nessas circunstâncias, a personalidade psíquica da médium se haja desdobrado simultaneamente em cinco personalidades psíquicas bem definidas, das quais quatro exteriorizadas, materializadas, independentes, vivas, inteligentes e operantes. E' isto que se deveria admitir para poder aceitar a hipótese da prosopopése aplicada aos casos de materialização. Ora, antes de subscrever tal milagre, espero que ao menos me façam conhecer um só exemplo de desintegração patológica duma personalidade, com formação relativa de personalidades alternantes que, em lugar de permanecerem alternantes, tenham sido capazes de emergir e de agir simultaneamente *sob quatro aspectos*. Responder-me-ão que eu exijo cousa psicologicamente impossível.
>
> Eu o sei, mas como êste mesmo fenômeno se realiza nas experiências de materialização e nas de «voz-direta», necessário se torna daí concluir que, se o desdobramento *simultâneo* de uma individualidade psíquica em cinco personalidades independentes é uma impossibilidade psicológica, as personalidades *simultâneas* que se manifestam nos fenômenos de materialização e nas de «voz direta» são estranhas ao médium e aos assistentes. E eis-nos, por uma necessidade lógica, forçosamente impelidos para a hipótese espírita.

Sómente o que acabo de dizer é o suficiente para arruinar a hipótese que me opõem, encarando-a de um ponto de vista *geral*. Resta-me observar que do ponto de vista *particular*, ela é igualmente e irrevogavelmente arruinado pelo facto de haver a personalidade de Estelle Livermoore, conseguido demonstrar a sua identidade recorrendo ás melhores provas das quais dispõe uma personalidade de defunto que se manifesta, isto é, mostrando-se, durante muitos anos, sob a mesma aparência — a que tinha em vida — escrevendo centenas de mensagens com identidade de escrita, exprimindo-se em língua estranha, que lhe era familiar durante sua vida e que a médium ignorava, revestindo suas idéias de uma forma nitidamente pessoal, ajuntando a isso provas complementares de natureza altamente sugestiva, como, por exemplo, a reprodução materializada da touca ornada de bordados que ela usava durante a enfermidade que a levou ao túmulo; enfim, reforçando as provas de identificação por meio da produção de fenômenos prodigiosos destinados a provar a intervenção real de personalidades espirituais estranhas aos assistentes.

Que mais se poderia aduzir para se considerar autorizado a afirmar que não podia tratar-se de puro ectoplasma combinado com à «prosopopése

-metagnomia»? Na primeira parte dos argumentos que venho de expôr, eu demonstrei que não podia ser questão dum fenômeno de desagregação psíquica; na segunda parte, complementar da primeira, demonstrei que os numerosos episódios de identificação pessoal, dados por diferentes vezes pela entidade que se manifestava durante o longo período de três anos, constituiam uma série de excelentes provas encadeadas que, examinadas em seu conjunto, não podiam ser logicamente explicadas senão de uma só maneira: a de admitir a presença real no local de uma entidade espiritual estranha à médium e aos assistentes; e essa entidade nada mais podia ser do que o espírito da falecida mulher do banqueiro Livermoore.

Resta o terceiro caso, o da celestial «Népenthès». Meu crítico dêle não fala, se bem que a afirmação por êle combatida esteja fundada sôbre três casos clássicos considerados em seu conjunto. Se o meu crítico fosse um adversário irredutível, como o outro que combati na obra de que se trata, eu concluiria que êle propositalmente excluiu o caso, porque êle continha um episódio que por si só bastaria para demolir irreparavelmente a hipótese da «prosopopése-metagnomia», forçando-o a admitir, sem reservas, a hipótese espírita. Mas como meu crítico não é um adversário dessa sorte mas antes um perquiridor sério, livre de idéias preconcebidas, animado pela louvável intenção de proceder com a maior prudência na investigação das causas, eu fico perplexo, e não me posso explicar por que razão êle contesta minhas conclusões sôbre o assunto, sem ter em conta o conjunto dos factos sôbre os quais as fundei.

De todo modo, lembrarei que o episódio em questão consiste no facto, teoricamente decisivo de o fantasma materializado de «Népenthès», que, em plena luz, em presença duma trintena de experimentadores, atendendo ao pedido de um deles, escreve no caderno dêsse experimentador, u'a mensagem formulada em *grego antigo, língua ignorada de todos os assistentes;* detalhe maravilhoso e que ainda servia para confirmar as declarações precedentes do fantasma, que dissera ter vivido no decurso do período heroico da antiga Grécia.

Lembramos aqui a M. Jean d'Ossau, a objeção por êle formulada, segundo a qual «a questão é de saber se essas personalidades efêmeras que se movem, agem, falam e escrevem são modeladas pelo médium em estado subconciente imitando individualidades dêle conhecidas (ou que lhe são desconhecidas, mas cujos elementos êle extrairia do psiquismo dos assistentes). Lembremô-la, esta objeção, afim de fazer observar ao meu crítico que para o episódio de «Népenthès» ela não se ajusta, visto que nenhum assistente conhecia a língua grega antiga e que o subconciente da médium não podia, pois, captar na mentalidade dos assistentes os conhecimentos que ela mostrou. — Portanto, também para êste terceiro caso, a origem estranha à médium e aos assistentes, ou espiritual, da individualidade pensante, animadora do fantasma idioplástico de «Népenthès», está bem demonstrada.

Aqui devo deter-me e concluir convencido de ter demonstrado abundantemente que eu tinha minhas boas razões para afirmar que os três casos clássicos, mais acima expostos, são, por si sós, suficientes para demonstrar a existência e sobrevivência da alma. Mas também devo considerar a última objeção formulada por M. Jean d'Ossau. Seria supérfluo discutí-la se ela unicamente se referisse ao caso em aprêço. Mas como ela pode ter um alcance geral, não posso deixar de discutí-la, afim de eliminar, de uma vez para sempre, demonstrando que ela é errônea e sem fundamento, porque provém do conhecimento imperfeito das manifestações especiais, ás quais se reporta o meu crítico.

M. Jean d'Ossau continua dizendo:

> E. Bozzano julga o caso Livermoore ainda mais probante que o de Katie King, seja por ter sido êle examinado por maior número de experimentadores, seja pelos múltiplos detalhes que êle comporta, seja ainda pela sua longa duração. E, visto isto, não nos assiste o direito de perguntar porque é que no curso de tão numerosas ex-

periências, jamais as entidades tenham dado informações sôbre a existência no Além?

Conheço antecipadamente a objeção que se opõe a esta exigência legítima, por tê-la eu mesmo empregado numa brochura sôbre o «Espiritismo experimental». Os planos em que vivem os desincarnados são tão diferentes do nosso, que impossível se lhes torna dar-nos uma idéia exata de seu gênero de vida.

As pessoas que desejam, de muito boa fé, a *prova crucial*, de que fala M. Bozzano, em favor da hipótese espírita, ficarão, talvez, decepcionadas por essa carência formidável e contínua sôbre a qual se guarda um silêncio tacitamente convencional. Elas não deixarão de notar que, por falta de precisão absoluta sôbre sua vida imaterial (ou assim presumida), se seus fantasmas realmente foram animados por seus Espíritos, êles teriam podido fazer um esfôrço para nos documentar sôbre êste ponto, diferentemente que por dissertações vagas como as das comunicações supranormais correntes, e isto socorrendo-se de comparações, analogias, indicações destinadas a nos desvendar o Grande Enígma...

Outra objeção a que me apego: As entidades em questão talvez não estivessem suficientemente evoluidas para nos informar sôbre matéria tão delicada, ou para isso não tenham autorização.

Na ùltima suposição, elas não teriam deixado de dizê-lo, e interessante seria saber em que consistia exatamente e de que provinha esta interdição.

Na primeira suposição, necessário, pois, seria admitir que jamais um Espírito elevado se haja manifestado, e que Franklin, se foi êle que se materializou naquelas circunstâncias, subsiste num plano inferior.

Que dizer duma Entidade que tomasse aparência do fantasma de León Denis, fornecendo sérias provas de identidade... e que só ficasse nisto?

Os metapsiquistas teriam razão, então, de pretender que as precisões de semelhança psíquica e moral do fantasma emanariam do psiquismo dos assistentes e do médium, e teriam razão de sustentar que, em todo o caso, a prova absoluta da hipótese espírita ainda está por ser feita.

Será que, mesmo em presença de informações da ordem de que falo, tenha sido dada, pelas entidades E. Livermoore e Franklin, a *prova crucial* em questão? Ainda não, visto não podermos controlar-lhe a exatidão. Mais ou menos, pela sua atitude mais explicável, mais verossímil, estamos o mais próximo possível. Que pensa disto M. Bozzano?

(A seguir)

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

Vamos fazer a análise da cura praticada na doente desenganada pelos médicos, e posteriormente curada pelos passes magnéticos aplicados pelo Dr. M. Emile Magnin; descrita por Charles Richet e transcrita em o nosso artigo anterior.

Verificamos que três médicos em consultas separadas dão o mesmo diagnóstico e concluem pela perda irreparável daquela mulher. Em desespero de causa, — é Richet quem o diz — o que quer dizer, quando a doente está nas últimas, — o Dr. Levy diagnostica que não há esperança alguma de cura, — é então chamado o médium passista Dr. Magnin. Êste atende ao apêlo e começa o tratamento pelos passes magnéticos. A 15 de Maio, estava a doente definitivamente curada da sua tuberculose pulmonar e peritonial. Assombro! dirá quem ler esta narrativa. Nada disso. São as forças da natureza que o nosso Creador pôs a nossa disposição, as quais quando aproveitadas inteligentemente pelos homens podem fazer maravilhas.

O magnetismo animal, aliado ao espiritual, quando ha boa vontade e um coração a pulsar no desejo de aliviar o próximo, pode fazer maravilhas. O próprio Cristo nos anunciou há dois mil anos que muitas coisas podiamos fazer. «Em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas». Evangelho de S. João.

Eis as conclusões a que chegou o grande sábio, na apreciação desta cura.

Detenhamo-nos,— diz o Dr. Charles Richet — nesta história. Em primeiro lugar ela é autêntica, pois não se pode considerar M. Magnin ingênuo ou mentiroso. Conheço M. Magnin pessoalmente, é de uma honestidade escrupulosa e sua sagacidade de observador e de crítico, é incontestável. E' preciso, pois aceitar os factos. 1.º — Uma doente cujos pulmões estão tuberculosos, que tem uma lesão óssea da coluna vertebral e uma paraplegia devida a uma compressão medular (mal de Pott) (tuberculose óssea) curada em três meses e curada completamente; os quatro médicos que a examinaram não hesitaram sôbre o dignóstico e sôbre um prognóstico rapidamente fatal. Ela estava, pois, absolutamente condenada, e, no estado atual da ciência médica, não havia dúvida de que jamais se pudesse salvar um doente tão grave.

2.º — A presença da linda senhora (espírito que aparecia à vidente) teve conexão com a cura. Mlle. B. ouviu-a, viu sua mão carregando uma luz e sentiu mesmo o seu contacto. Sim, foi sem dúvida uma alucinação. (O Dr. Richet era, a êsse tempo um céptico, quanto aos fenômenos espíritas). E' uma alucinação bem singular, pois que indicou a cura inacreditável.

3.º — Que dizer da pálida auréola que M. Magnin viu em redor da cabeça da doente? Se se quisesse, a toda a força, encontrar explicações racionais dêsses factos estranhos, seriamos forçados a dizer: 1.º — Que os médicos diagnosticaram mal de Pott, quando não éra mais que histeria. 2.º — mesmo atacados do mal de Pott e de tuberculose, os doentes algumas vezes saram (em três meses?) 3.º — A linda senhora não passa de imaginação de Mlle. B. 4.º — A auréola não passa de uma alucinação de M. Magnin. Mas, vê-se imediatamente a que ponto essas suposições são absurdas. Mais vale reconhecer francamente que nada compreendemos».

Na sua rude franqueza o sábio como que desespera por não poder dar uma solução, segundo a ciência terrena, a essa cura fantástica, produzida pelos passes magnéticos espirituais. E então rende-se à evidência. Contra factos não há argumentos.

— Deduz-se dêste pequeno resumo que os nossos irmãos desincarnados cooperam eficazmente na cura e alívio dos entes humanos. Devemos fechar-lhes as portas quando êles nos querem aliviar das doenças e curar? Isso seria um contrassenso e uma aberração da boa moral. E' faltar com a caridade ao próximo e proíbir o meio de socorrer os doentes, principalmente os pobres e indigentes.

(Continua).

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano — 100$000;	2.o ano — 40$000;	3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000;	5.o ano — 30$000;	6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000;	8.o ano — 40$000;	9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000;	11.o ano — 50$000;	12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000;	14.o ano — 50$000;	15.o ano — 50$000.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXVIII —

A Verdade é só uma...

Duas fôrças inquinadas dos mesmos vícios e defeitos, porque irmanadas pela mesma expansão de orgulho e exclusivismos, porque conjugadas sob a mesma pletora de irracionalidades e prepotências, aí estão em choque, ainda hoje, qual a qual se supondo, pretenciosamente, possuidora da Verdade: a Igreja de Roma e a Ciência Materialista! E a Verdade, esta maravilha cheia de grandiosidades e belezas, por isso mesmo que o próprio Cristo, o Mestre dos mestres, calara, diante de Pilatos, a mais perfeita, quiçá, das definições que dela poderiamos ter; a Verdade vai sendo — coitadinha! — apunhalada em pleno coração por uma e outra. Punhaladas que são as mil e uma tolices e irracionalidades que uma e outra vão por aí dizendo em nome da Divindade e da Sabedoria!

A Igreja, em nome da Verdade, creou dogmas absurdos, escorados em milágres e mistérios que só existem para a ignorância humana, como documentação da fé cega, geradora de passivos e fanáticos. Para a imposição de seus dogmas e domínio absoluto, temporal e espiritual, armou as celebérrimas cruzadas, creou a Companhia de Jesus, o tribunal da Inquisição e as guerras religiosas. E, *ad majorem Dei Gloriam,* viu-se correr sangue humano em caudal, na mais solene profanação da Divindade e de suas Leis de amor e de justiça! no mais doloroso insulto à Civilização!

A Ciência materialista, à parte o sangue humano que tem derramado, as vidas de animais e de homens que tem sacrificado nas suas experiências e investigações, apresenta-nos, a cada passo, quantas mentiras apresentadas, ontem, como verdades científicas! quantas «verdades» modernas, científicas, que serão, de futuro, outras tantas ilusões! E, simultaneamente, vai-se arrogando o direito de, por seus sábios e cientistas, condenar tudo aquilo que não passou pelo cadinho de suas investigações materiais, que é bem o caso da existência do Espírito, que não deixará, entretanto, de existir, só porque ela o nega. Ptolomeu negou, também, em nome da ciência astronômica, o movimento da Terra, a afirmar «não conhecia maior estupidez». Lavoisier, em nome da ciência objetiva, negou a existência dos bólidos, a asseverar «não ser possível cair pedras do Céu». Foi agindo cientificamente que o venerável Bouilleau quís, dentro da academia de medicina e ciência de Paris, esganar o representante de Edison que alí exibia o fonógrafo recem-inventado, a gritar, indignado: «Miserável, não nos deixaremos ludibriar por um ventríloquo». Paul Gibier conheceu muitos discípulos de Pasteur que, em nome da Ciência, garantiram «era impossível a existência do micróbio». Uma comissão de sábios francêses, geólogos e biologistas, chamada à Martinica, assegurou, em nome da Ciência, ser impossível uma erupção do *Mont Pelé* dentro, no mínimo, de um século. Dois dias depois, foi a última catástrofe vulcânica daquela ilha, da qual só duas pessoas escaparam com vida. Em nome da Ciência, os sábios modernos, Abel Rey e Brener acabam de destruir o princípio de Lavoisier, sentenciando «já não é cientìfico repetir que nada se perde e nada se crêa na natureza».

A arqueologia classificou, cientificamente, em fins de 1933, uns vasos de porcelana encontrados numa excavação na China, como raridade arqueológica de 30 séculos a. C. Um ladrão, casualmente capturado por alí, confessou e provou que a porcelana havia sido roubada e enterrada por êle. Nosso ilustre patrício, dr. Carlos Pontes, reformou, em nome da Ciência, todas as teorias a respeito da microbiologia, e da hereditariedade na tuberculose, que a medicina vinha, ha séculos, afirmando. E Einstein, de mãos dadas ao astrônomo belga, Lamaitre, já provaram, dentro da «teoria da relatividade», que está errada toda a concepção científica do Cosmo, creando nova cosmogonia. Para demonstrar a falacidade da ciência materialista, negadora de tudo que lhe não impressiona os sentidos materiais, Paul Gibier pergunta-lhe porque uma quantidade de alcool reunida à outra de água não correspondem, exatamente, ao peso somado das duas quantidades primitivas...

Ora, uma ciência que ainda não tem conciência de si própria; que deixa, ainda, fenômenos materialissimos sem solução; que ainda desconhece o átomo astronômico; — a Terra em que vivemos; que conhece ainda mal o organismo humano — e Alexis Carrel aí está, com a autoridade do maior fisiologista da época, a afirmá-lo! — uma ciência assim, só por pretenção e fatuidade póde arvorar-se feita a única verdade em sabedoria revelada! Só por fatuidade e pretenção nega aquilo que desconhece, por negar-se a estudar-lhe a natureza e essência; por não o ter estudado suficientemente! Só por inépcia ou má fé póde alegar descrer, por exemplo, de Deus, porque Deus não foi encontrado cavalgando uma estrela nas investigações dos astrônomos, ou de mistura com as terras nas escavações geológicas! Só por má fé e inépcia pode a ciência materialista afirmar que o espírito não existe, porque uns sabiozinhos cheios de sabedoria livresca, de formalidades e exclusivismos, não o viram. Pode ajustar a classificação de simplório, ignorante e analfabeto a quem — sábio ou sem sabedoria nenhuma — afirme o contrário, oferecendo provas concretas de que já viu, e ouviu, e examinou o espírito; já foi, até, curado e beneficiado pelos espíritos! Só por leviandade científica póde alguém, em nome da ciência, rir dos espiritualistas; «Um sábio que ri do possível — diz Vitor Hugo — está perto de ser um idiota». Ou já o é? E será sábio mesmo? — perguntamos.

A Verdade é una e única, integral e individual, embora se nos apresente sob aspectos religiosos, fisiológicos e científicos. Por isso que Camilo Flamarion proclamando, cientificamente, a existência de Deus e do Espírito, com argumentos que não foram nem serão destruídos por nenhum cientista e nenhuma ciência materialista, nas obras DEUS NA NATUREZA e A MORTE E SEU MISTÉRIO, ambas admiráveis de lógica e documentação científica, termina assegurando que a religião do futuro tem de ser científica e a ciência religiosa, se quiserem ambas colimar seus objetivos...

A moral científica — disse Poincaré — não existe. Por isso que a ciência divorciada da fé racional e pura não fez e nunca fará a felicidade humana, nunca o homem atingiu, através das idades e das civilizações, maior desenvolvimento científico do que no século das luzes em que vivemos. Entretanto, a humanidade nunca se sentiu tão desgraçada e destruida à fôrca da própria ciência, que culmina na arte de destruir pela guerra! Porque tamanho desenvolvimento na arte de destruir cientificamente, enquanto, cientificamente, nem um pequenino código da felicidade, o século das luzes, que aí está, já produziu? E porque a Egreja, a despeito de prégar a existência de Deus e a imortalidade da alma, não tem poder para iluminar inteligência e sacudir corações contra o descalabro da guerra? Porque falta a ambas o necessário complemento. A' ciência, a necessária espiritualização conciente, que livre seus postulados do critério «absoluto» dos sentidos materiais. A' religião, a lògica necessária, científica e racional, que acredite seus ensinamentos supra-normais. Para livrar-se de complicações, a mais pretenciosa das religiões creou mistérios, dogmas e milagres, com que pretende explicar o que, para ela e perante a razão humana, não tem explicação. E a mais arrogante das ciências, a do sr. Augusto Comte, ressalva que não cogita das causas primárias ou finais dos fenômenos por serem inacessíveis tanto quanto inoquas». Não póde ter, por isso mesmo, nenhum direito de negar peremptoriamente, aquilo que outros sábios e outras sabedorias cogitaram a respeito dessas mesmas causas primárias e finais... Não vemos com que direito e autoridade esta cienciazinha mirim, e seus sabiozinhos, vão invalidando a fé que investigaram, perquiriram e examinaram para crerem. Com o direito que lhe confere gratuita pretenção, embora continuem «mimoseando» com o labéo de ignorantes áqueles que creem livres das pêas do clericalismo, condenando, aliás, o *credo quia absurdo*, da Igreja. A'queles que repelem, racionalmente, o materialismo da ciência oficial a propósito, principalmente, do mundo psíquico, da imortalidade da alma e da existência de Deus.

«Com o que desconhecemos das leis universais — escreveu Faraday — poderemos crear um mundo». Entretanto, a nossa presumida ciência oficial quasi tudo, ignora ainda, das leis universais, a partir mesmo do sistema planetário a que pertence a nossa minùscula Terra; de 80 °/o de coisas desta mesma Terra, do organismo humano e de seu mundo espiritual. Agora mesmo, em nome da ciência astronômica, proclama-se, na Conferência Oceanográfica Ibero-Americana, que «o Sol é um planeta e é frio»...

Sábio de verdade foi Crookes. Deu sua palavra de honra à *médium*, Florence Crook que proclamaria, *altissima voce*, as verdades que, porventura, descobrisse nas suas investigações a respeito da Imortalidade. Cumpriu sua palavra de honra, seis anos depois de investigações seríssimas, confessando com lealdade e ciência as verdades que observou sómente explicáveis pela existência do Espírito. Sábio de verdade foi Lombroso, o grande criminalista italiano. Convidado pelo prof. Chiaia para estudar os fenômenos psíquicos com a célebre Eusapia Paladino, teve a hombridade de, após uma década de investigações criteriosissimas, confessar a veracidade científica dos fenômenos que assistiu ! E reformar, posteriormente, todo o seu sistema criminalista baseado em falsas teorias materialistas. O sistema criminal, entretanto, lombrosiano aí em curso, é, ainda, o primitivo, o materialista, porque o Lombroso espiritualista, como o Crookes espiritualizado, foi negado pelos próprios sábios, seus contemporâneos !

Entricheirados na sua cultura livresca, sem quererem observar, perquirir e examinar, os sábios patrícios, ainda mais mirins, continuam negando, sistematicamente, sob alegações ridículas de que «o espírito não existe, porque ninguem já o viu «sinão por ilusão de ótica, ou imaginação psiquiátrica de imaginação», a atestar, implicitamente, uma vastissima ignorância dessa bem mais vasta literatura psíquica que anda abarrotando as bibliotecas de estudiosos sensatos e cultos.

Entre os que negam sem análise e sem exame — os cépticos e materialistas — ; e os que, sem exame e sem análise, creem por imposição de dogmas, não ha que distinguir : são todos passíveis dos mesmos êrros.

«A fé só é fé quando póde encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade».

«A ciência só é ciência quando procura estudar os factos que se lhe apresentam, perquirindo as suas origens e finalidades».

Aquí e Agora

Campos Vergal

Aquí é sempre o lugar onde nos encontramos ; e como espíritos imortais que somos, *aquí* tanto pode ser no plano físico como no hiper-físico ou astral. Os espíritos desencarnados estão também no seu *aquí*.

Agora é o presente, é a eternidade no presente. O passado é um sonho ; quasi sempre um museu de lembranças, um arquivo de tradições, de uma infinidade de cousas, às mais das vezes, inúteis, com as quais atravancamos o cérebro, e às quais nos amarramos excessivamente. O futuro é uma convenção, uma fantasia ; na realidade não existe. Os próprios desencarnados estão no seu presente e não estão vivendo no futuro.

Procuremos, pois, viver com inteligência, com harmonia *aquí e agora*, que a Eternidade está no Presente.

* * *

— E' o Espiritismo uma doutrina estática ?

— Uma doutrina, que se fundamenta na evolução, na liberdade de conciência, de pensamento e na livre análise das cousas, não póde ser estática ; o Espiritismo é essencialmente dinâmico.—As religiões são estáticas e se caraterizam particularmente pela existência de dogmas, de um deus antropomorfo, de imagens ou rituais, de liturgias, de orações estandartizadas (mecanicamente recitadas), de autoridades com hierarquia eclesiástica e, maximé, pela imposição de ameaças e castigos temporários ou eternos, com um fundo sempre nebuloso, onde predomina o mêdo, embora muitas vezes travestido com outras denominações, como: respeito, amor, temor, veneração, etc.

Inteligência e cultura são cousas muito diferentes. — A felicidade do indivíduo está na razão direta do desenvolvimento da sua inteligência; e todos a possuem, até mesmo os próprios animais. A meditação e o espírito profundo de observação desenvolvem a inteligência, que é incompatível com o mêdo, com o desespero e com o ódio, quando plenamente em ação ou amplamente desabrochada. — Um indivíduo analfabeto pode perfeitamente ser muito inteligente e um homem intelectual pode ser pouco inteligente.

A cultura é de ordem externa; consegue-se em viagens, em livros, em sociedades, em academias. E' de natureza intelectual; agindo nêste caso a memória visual, auditiva ou retentiva. A cultura intelectual sozinha não resolve os problemas do homem. Veja-se a Europa: excessivamente intelectualizada, pletóricamente culta, conduziu-se para um oceano de sofrimentos.

A intuição e a inteligência caminham e crescem juntas. Não será, pois, de se admirar que consideremos a intuitiva a mais feliz das mediunidades.

* * *

As religiões influem beneficamente no espírito humano?

—Na atual loucura euro-asiática, que envolve em lama, sangue, destruições e fome povos de dois grandes continentes (um, gigantesco pela *cultura* e outro pela extensão geográfica) trucidam-se homens de todas as religiões: brâmanes, budistas, mulsumanos, zoroastrianos, católicos, protestantes, ortodoxos, maronitas... e não é a primeira vez, pois, em todas as guerras, em todos os tempos e em todas as regiões, os povos (sempre religiosos e quasi sempre fanaticamente religiosos) atiram-se furiosamente uns contra os outros, na ignorância global dos «motivos conducentes à guerra»; motivos econômicos, religiosos e outros, todos, porém, fundamentados em torpes explorações.

E os deuses «todo-poderosos», os «pais de infinito amor e misericórdia», os «bondade-infinitas», quer se chamem júpeter ou brâma, tupan ou alá, apolo ou jeová, são impotentes, incapazes, de evitar o explodir de granadas ou um simples desastre de trens. E' que todas as religiões se bitolam nos mesmos trilhos: mêdo, imposição, promessas vagas, deuses nebulosos, autoridades... E todos êles se mantêm, como sempre se mantiveram, surdos, mudos e cegos ante todas as misérias e todos os dramas dos homens e dos animais... E à custa dessa mudez, dessa surdez e dessa cegueira, as religiões organizaram-se e passaram a ser indústrias de explorações econômicas e mentais.

Daí, cheguei ás seguintes conclusões: a) o Espiritismo é ciência, é filosofia, é esclarecido movimento libertador-social, instrutivo e educativo; b) as religiões são gaiolas, umas grandes outras pequenas, estas de madeira, aquelas de metal, porém, gaiolas que prendem pobres áves humanas...

E eu quero voar livremente com as azas do pensamento pelo Infinito!

O que penso do Espiritismo

O Espiritismo para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a simples caraterística dum estado evolutivo que não pode limitar-se, porque o homem progride sempre.

Penso que, num futuro muito próximo, deve ter uma expansão e preponderância mundial e, se atualmente ainda a não tem, é porque nêle, como em todos os campos da atividade humana, ha sempre quem se lhe dedique por simpatia, mas sem querer tirar o esfôrço que só nasce da íntima convicção.

MARIA O'NEILL.

Provas da Sobrevivência

J. B. CHAGAS

«Aos Factos ! Aos Factos !» (Flamarion).

— IV —

«Nada de frases, nada de dissertações e de hipóteses : factos !» disse Flammarion — acrescentando : «Negar é comodo, mas não é científico ! Descurar observações sob o pretêxto de que elas são raras e excepcionais é um êrro e é anti-científico.

Corroborando a opinião do sábio francês, *Lamarck*, escreveu na sua *«Filosofia Zoológica*: » «Salvo os factos, tudo o mais não passa de opinião. Para o homem só serão verdades positivas os factos que êle puder observar». E como não ha um facto espírita que não possa ser observado e patenteado, o papel da ciência especulativa deve ser : investigar, investigar sempre, procurando seguir o conselho do Cristo : — «Procurai e achareis» e o adágio antigo que diz : «O homem agita-se e Deus o conduz», ou ainda o acêrto de *Laplace* : — «O que sabemos pouco é; o que ignoramos, imenso».

Através das deduções e das observações é que terá de avançar toda ciência, sem contudo negar o subjetivo realizável.

O insigne filósofo *Francisco Bacon*, previra com grande sabedoria a vitória progressiva da observação e da experiência em todos os ramos do conhecimento humano, exceto quanto à pesquisa do futuro que estava reservado à alma, porque, dizia, *é um problema do domínio da Fé religiosa*... cometendo o mesmo êrro de *Augusto Comte*, que também negou se pudesse conhecer a constituição química dos astros...

Assim, para muitos, para os *Tomés* contemporâneos, só é real o que é objetivo. O que fôr subjetivo em nossa sensação não é real. No entanto, o homem, forçado por circunstâncias imperiosas, ou seja pela sua própria ignorância ou miopia mental e espiritual, é obrigado a acreditar em muitas coisas subjetivas. O azul do céu, tão decantado pelos poetas, o professor *Picard*, que foi até à estratosfera, não o encontrou ! Embora êle veja a sombra, a sombra não existe, não é uma coisa real. Onde a realidade do arco-iris, que é visto, medido, analisado e fotografado ? Onde a realidade do eixo *imaginário*, em torno do qual, segundo todos os compêndios de Geografia, gira o planeta em que habitamos e que todos nós somos obrigados, dêsde a infância, a acreditar ?

O aparente é a sombra do real — dizem. A aparência, apresenta-se, pois, como a projeção da realidade das coisas que é preciso considerar, no afan de indagar. Agora, não devemos esquecer que, na apreciação dos factos, cada um os apreende de modo diferente, segunda a sua elevação e grau de adiantamento da faculdade de sentir e de observar.

Queiram ou não queiram os «balizadores da estrada do progresso», ha de ser através do esforço dos homens de boa vontade, estudando, perquirindo e investigando, que haveremos de chegar *áquele dia* pelo qual suspirava o grande fisiologista francês *Claude Bernard*, quando dizia : «Estou persuadido de que dia virá em que o fisiologista, o poeta e o filósofo falarão a mesma linguagem». Disso também estamos seguros, dizemos nós, pois, não ha coração que não haja pensado seriamente, siquer por um momento, no que será o dia de amanhã, quando forem rôtos os laços da matéria... A-pesar das alegrias estonteantes que a Terra oferece, por vezes, o sêr terreno é levado a conjeturar consigo mesmo : O que sou ? Donde vim ? Para onde irei ? São interrogações que bailam dentro de todo coração humano à espera de uma revelação que lhe satisfaça a ansiedade.

Essa incerteza do futuro e da própria vida, faz a criatura passar maus pedaços e procurar, por todos os meios, algo que venha preencher êsse profundo vácuo. A êsses o Espiritismo diz : «O corpo passa. A alma vive no infinito e na eternidade», repetindo com *Pitágoras* : «A morte é nossa sorte comum. As riquezas materiais adquirem-se e perdem-se. Baseia a tua vida na mais pura justiça ! Se irrepreensível para o pròximo como para contigo».

* * *

Aos factos, pois, porque nada fala mais alto do que a eloquência de um facto, e com êstes dois, encerramos esta série de considerações sôbre a sobrevivência da alma visto como a quantidade nada representa, só nos preocupando a qualidade.

O primeiro trata de uma auto-premonição de morte de um menino de dois anos de idade, ao qual aparecia um irmãozinho desencarnado aos oito meses, facto êste que foi estudado por *Ernesto Bozzano, Hodgson,* e outros pesquisadores, cujo relato é feito a *Camilo Flamarion* pela mãe de ambos, nos seguintes têrmos: —«Existirá uma vida de além-túmulo? Se eu disso duvidasse, minhas dúvidas ter-seiam desfeito perante as «visões» que testemunhei. Em 1883 era eu a mãe feliz de dois meninos belos e robustos. O mais velho tinha dois anos e sete meses; o outro era um anjinho de oito meses: perdi-o no dia 6 de Agosto de 1883 e fiquei com o pequeno Ray o qual gosava então perfeita saude. Todavia, desde o dia em que falecera seu irmãozinho, tomára o hábito de me dizer várias vezes por dia: «Mamãe, o irmãozinho está chamando Ray». Muitas vezes largava os brinquedos para correr ao meu encontro, gritando a frase habitual: «Mamãe, o irmãozinho está sempre chamando Ray». E de noite êle acordava para repetir ainda a mesma frase: «Mamãe, o irmãozinho está mesmo chamando Ray; êle quer que vá com êle; mas você está chorando? Por que? Você não deve chorar, quando Ray fôr com o irmãozinho porque o irmãozínho quer». Um dia em que estava a vigiar a limpeza da sala de visitas, veiu a mim correndo da sala de jantar onde estava a cadeirinha que pertencera ao irmãozinho morto; nunca o vira tão excitado; agarrou-me pelo vestido e puxou-me para a sala, gritando: «Mamãe, mamãe, vem depressa, vem ver o maninho sentado na cadeirinha». No momento em que abria a porta para mo mostrar, êle exclamou: «Oh! mamãe, era preciso vir mais depressa... Já não está mais! Se você tivesse visto como êle sorriu para Ray, quando Ray passou perto dêle! Ray vai com êle; mas você não deve chorar mamãe». Pouco tempo depois nosso filho adoeceu gravemente; nossos cuidados e nossas lágrimas não surtiram efeito: a 13 de Outubro de 1883, dois mêses e sete dias depois da morte do irmão, falecia êle também. Tinha uma inteligência muitissimo superior à sua idade».

* * *

O outro de que nos ocupamos hoje prova a faculdade que o espírto possue e que lhe permite produzir ruidos e outras manifestações de ordem física; a continuação das suas idéias católicas no outro plano da vida; sua tranquilidade, enfim, depois de satisfeito no que queria. Consta de uma carta, do Snr. A. T., dirigida a Flamarion, no dia 25 de Maio de 1899, que é a seguinte: «Permita-me comunicar-lhe um facto pessoal para seus estudos tão instrutivos. Tenho quarenta e dois anos. Tive educação religiosa mas infelizmente para mim perdi a fé depois de inúmeras desgraças que me feriram durante longos anos... ferindo-me ainda sem trégua nem mercê. Quasi não creio mais... porém educo meu filho como fui educado, feliz por ver-lhe esta fé e êstes sentimentos religiosos que fizeram minha felicidade na juventude. Por conseguinte, não existe em mim opinião preconcebida, nenhuma sugestão, por consequência análise bem fria do que segue: Ha dez anos, às 2 horas da madrugada, meu pai faleceu subitamente nos meus braços. Tudo foi feito religiosamente e missas foram ditas por sua alma; talvez não tivessem sido em número suficiente. Seis mêses depois, uma noite, eu e minha mulher fomos acordados por ouvir raspar energicamente a armação da cama. Depois, cada noite, recomeçava na mesma hora, mas ouvia-se raspar ora num lugar do quarto, ora noutro. Cada noite, saía do leito, acendia o gaz mas nada via. Mandei vir o armador, desarmaram a cama, as cortinas, o docel, pois julgava que fossem camondongos mas qual, nenhum sinal. Ora, nas mesmas noites, na mesma hora, minha mãe, que habitava nossa propriedade, era despertada por um bater de azas no seu quarto. Como bem se compreende, não havia também nenhum sinal no seu quarto. Pensámos em meu pai, mandámos dizer missas e dêsde então nunca mais ouvimos nada. Acrescento mais: Quando desperto de noite, é sempre ás 2 horas da manhã. Acrescento a mais que na segunda ou terceira noite em que fomos despertados, minha mulher pensou em meu pai e mo disse. Logo e sem o menor receio eu disse em voz alta: «Papai, se és tú, aparece ou fala». Cessou logo o ruido. Quanto a mim possuindo um sangue-frio, que dizem extraordinário, não duvido dessa quasi-aparição, pois estou persuadido de não ter sido auto-sugestionado, tendo analisado minhas impressões no momento em que elas se davam. Isto se passava em Bordeus, em 1889. (Meu nome é só para si)». A. T.

* * *

Concluindo esta série, temos analisado factos espíritas de quatro categorias — mortos que voltaram em busca de missas, para realizar um desejo insatisfeito, dar avisos, premonições, etc.

Que êles tenham podido aproveitar ao estudo daqueles que se interessam pelas coisas da Doutrina, são os sinceros votos que formulamos, no afan de fazer com que a luz do conhecimento chegue à tôda inteligência.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

As estatísticas quando, sob as vistas do observador arguto, apresentam a documentação necessária para comprovar o resumo que mostra, e seus quadros, nada mais são do que o espêlho fiel onde se refletem as imagens dos bons ou maus resultados, do progresso ou regresso daquilo que se pretende expôr.

Durante três anos consecutivos apresentámos os resultados obtidos no Sanatório Espírita de Uberaba, expondo com critério e isenção de ânimos, o movimento de enfêrmos, por Estados de origem, diagnósticos, estado civil, côr e religião.

Os diagnósticos, nos quais incluimos as *obsessões* e a religião professada pelos enfêrmos constituem o principal fator dêsses trabalhos apresentados, dessas estatísticas que devem chamar a atenção dos homens de ciência.

As *obsessões*, pelo que nos parece, é a primeira vez que surgem nos quadros das classificações científicas, por enquanto, apenas despertando sorrisos de mofa e zombaria, em vez de despertar o raciocínio e o desejo de observação, o que, aliás, será conseguido em um futuro bem próximo.

As religiões professadas pelos enfêrmos, ao contrário, teem provocado inúmeras discussões e controversias, quasi sem resultados por se travarem entre os homens de pergaminho e àqueles que não tiveram, por uma faculdade, o direito de falar de cátedra.

DR. IGNACIO FERREIRA

Aqueles mesmos que, ontem, ainda se mostravam inimigos acérrimos da doutrina, procurando isolar a sua luz com a sombra de um pergaminho, hoje, voltam suas vistas e atenção para a parte científica, confessando, de público, o seu êrro, penitenciando-se dos seus julgamentos precipitados. Como exemplo, citamos o prof. Ozorio Cezar, figura proeminente do corpo médico do hospital de Juquerí, o qual, após observações acuradas e trabalhos mediúnicos no seu próprio gabinete de trabalho, em S. Paulo, teve a hombridade precisa para retificar os êrros e os julgamentos precipitados que havia exposto, há dois anos atrás, no seu livro *Espiritismo e Misticismo.*

Sim, hombridade e coragem, pois muitos outros que reconhecem, no Espiritismo, a Verdade e a sublimidade dos seus princípios e ensinamentos, ainda vivem atrás das cortinas do orgulho e do temor de se vêr criticado e privado de confôrto pela diminuição dos seus proventos materiais !

Continuando a apresentar os resultados obtidos durante o ano de 1940, no Sanatório Espírita de Uberaba, apresentamos hoje, mais uma vez, os gráficos que traduzem a Verdade mostrando através de seu resumo, principalmente, o movimento de enfêrmos obsedados e suas respectivas religiões.

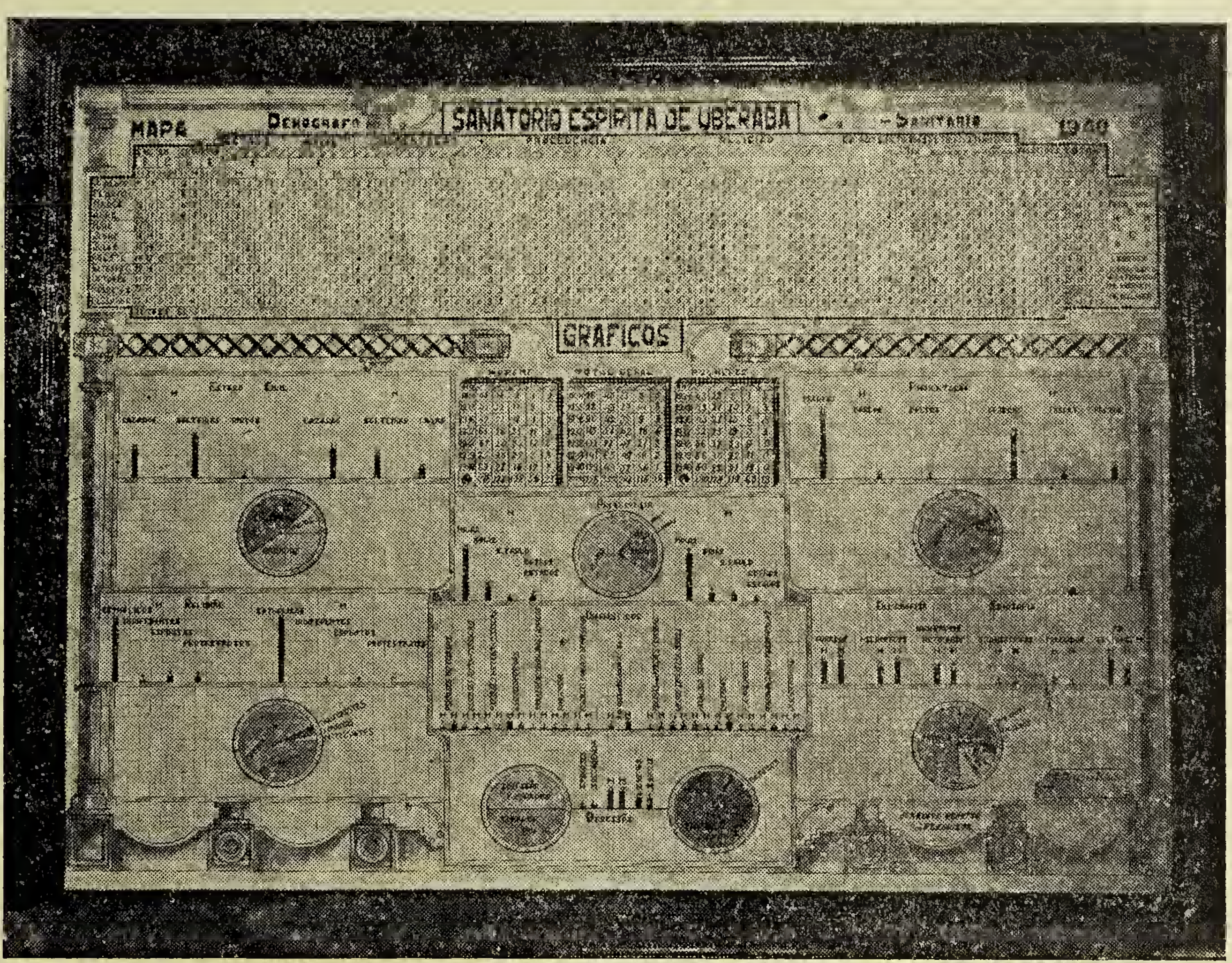

Vista do quadro demonstrativo de todo o movimento de 1940

A' observação e ao critério de cada um, deixamos o necessário julgamento, afiançando a todos, apenas, que as documentações precisas para ampará-los, estão no arquivo do Sanatório, onde, principalmente os patuás do Catolicismo continuam a enriquecer a nossa coleção.

Mais um ano de luta intensa compensada pela satisfação e pela alegria de vermos mais 80 enfêrmos devolvidos ao lar e à sociedade para onde voltaram levando a felicidade a um e a cooperação do trabalho, à outra.

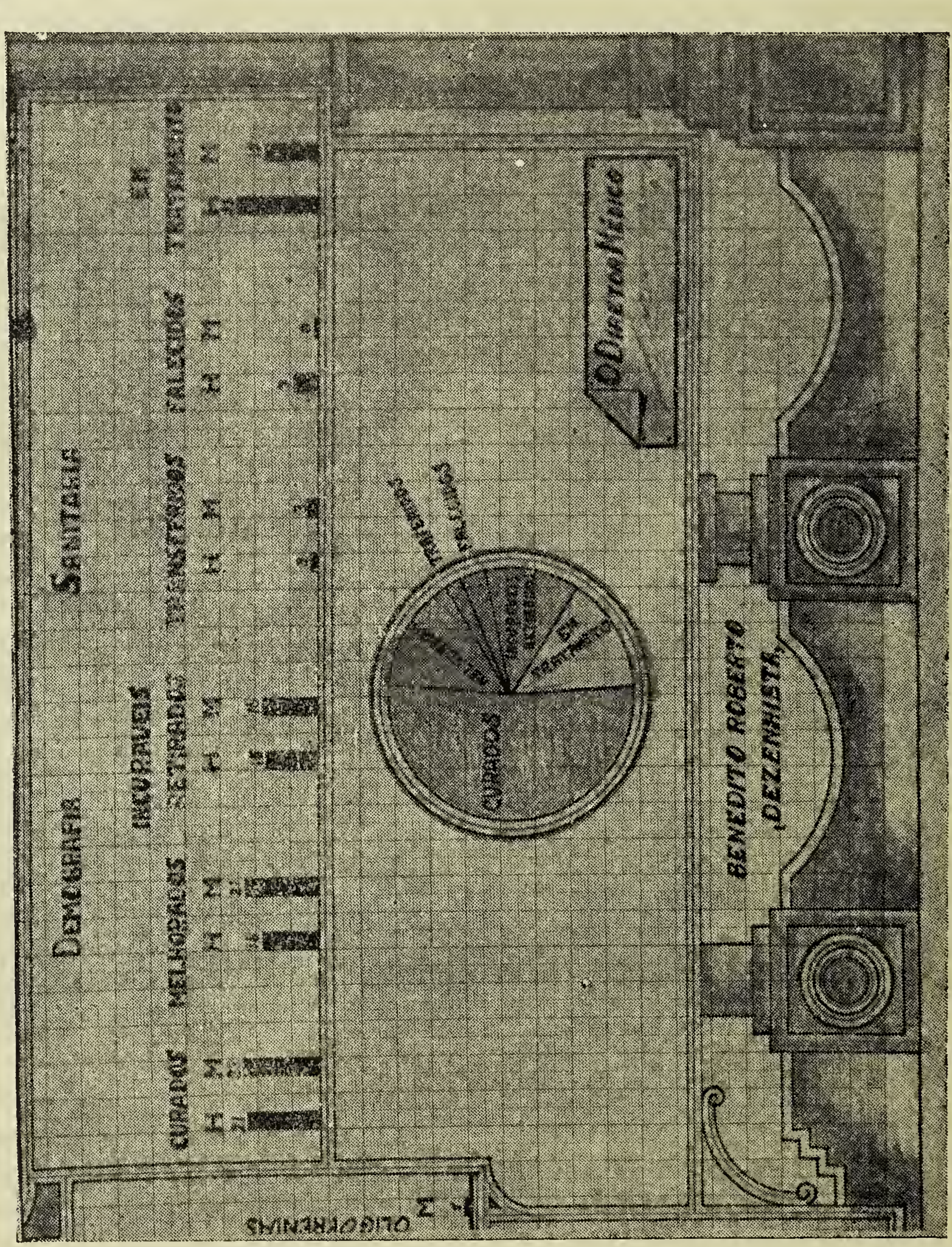

Foram 80 criaturas que, graças ao Espiritismo, puderam retomar a marcha da vida, integrando-se na falange dos que trabalham e dos que produzem, cooperando na grandeza da nossa patria, contribuindo, com seus casos de cura, para maior respeito e maior elevação da ciência brasileira, que se eleva e se engrandece pelo próprio esforço e pela própria capacidade !

Do que se necessita dentro da doutrina, quer na parte científica, filosófica e mesmo religiosa, é maior e mais perfeita coordenação de trabalho, para que dêle resulte melhor imposição de respeito, contribuindo pela sua perfeita arregimentação, para desmascarar os exploradores, amparando os bons focos de irradiação—jornais, revistas, casas de caridade e escolas.

As fôrças estão dispersas ; o

trabalho tem sido isolado e os apêlos se perdem de encontro às couraças do indiferentismo e do comodismo.

A geração espírita atual, com exceção de algumas dezenas de elementos, tem vivido, como a grande maioria dos católicos, mergulhada na fé cega e improdutiva. Seus cérebros recebem os ensinamentos, porém não os assimilam ; seus espíritos, tolhidos por causa dessa porta que persiste em se conservar fechada, caem, também, no indiferentismo, embora reconhecendo a inutilidade da sua existência terrena, improdutiva e incapaz.

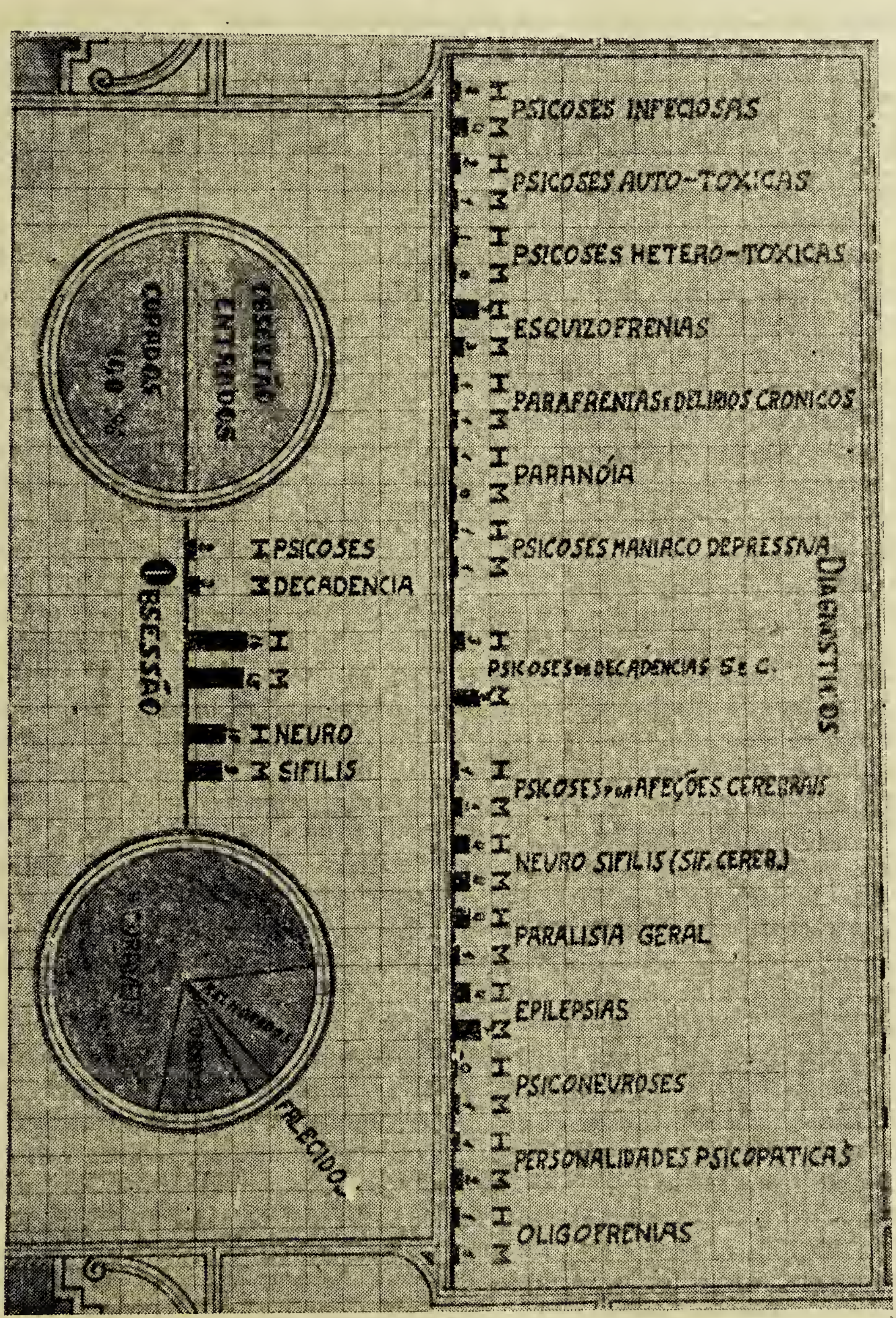

Cuidemos da infância, preparando-a para amanhã.

Procuremos facilitar-lhes leituras apropriadas; amparemos as escolas de Evangelização, que as «*Uniões da Mocidade*» fazem proliferar por todas as partes, estimulando reuniões, unindo, irmanando, despertando o gosto, e o prazer pelo estudo e pelo trabalho.

Formemos essa geração moça, pois a doutrina caminha a passos largos e vai necessitar, não só de dirigentes conciêntes, como também de intelectualidades capazes de mostrar, ao mundo, o resultado obtido com o esfôrço e o trabalho dos simples e dos humildes...

Com a cooperação estreita de uns e de outros, o Espiritismo continuará caminhando mais firme e mais firmemente continuará contrariando a opinião dos sábios materialistas, desmentindo as suas teorias, confundindo os homens de ciência, obrigando-os a que voltem suas vistas para os sublimes ensinamentos coodificados por Kardec.

Assim, melhor e mais rapidamente, poderemos ouvir, das tôrres do infinito, as badaladas sublimes dos sinos da evolução, anunciando a hora de paz e tranquilidade para as criaturas...

Analisando Factos

Por Frederico Duarte — Manchester

QUEM me havia de dizer que precisamente uns meses depois de ter falecido minha mãe, ela mesma fosse a causa principal de eu me ter convertido sem hesitação alguma ao Espiritualismo? Uma bela noite fui-me deitar, encontrando-me bastante aborrecido e mesmo indiferente a tudo. Em facto estava eu atacado dum pessimismo tremendo, julgando que a minha vida me estava correndo mal, mesmo muito mal.

Uns minutos depois de ter recolhido à cama, e, estando alí sózinho, comecei a sentir por todo o meu corpo uns certos arrepíos e, olhando casualmente para os pés da cama, vi nitidamente produzir-se gradualmente o caixilio dourado e pintura de minha mãe, cujo original se encontra em poder de minha irmã que vive em Coimbra.

Assustei-me e infelizmente para mim, quebrei a vibração! Durante toda a noite pouco dormi e o fenômeno não se produziu mais.

Não disse nada do ocorrido a ninguém, e no dia seguinte pedi a um amigo para me aconselhar onde poderia eu ir pela primeira vez, assistir a um «Service Espiritualista».

Indicou-me a Espiritualist National Church que se encontrava então na Parsonage, Manchester, a pouca distância do edifício da Royal Geographical Society. Sem dizer nada a ninguém, decidi-me a ir lá no domingo seguinte. O «service» começava às 6,30 da tarde, e eu cheguei uns minutos mais cedo, passeando de um lado ao outro, meio indeciso, se devia entrar ou não. Um cavalheiro idoso veiu em direção a mim indagando se eu estava procurando a «Church», dizendo-lhe que sim, mas que, era um estranho e nunca tinha entrado num dêsses lugares e não sabia francamente o que fazer e como proceder.

— Venha, venha comigo, disse êle. Você ao entrar receberá um livro de orações, sente-se onde haja um lugar vago, e faça precisamente o que vir fazer os outros. Em primeiro lugar o presidente fala a todos nós, e depois rezamos o Pae Nosso, cantamos dois hinos, e no meio do segundo, membros da Church veem com uns pratos para coletar de todos, óbulos para a manutenção da Church (aluguel, luz, aquecimento, etc.)

Depois temos esta noite uma bem conhecida médium a qual demonstrará os seus poderes de clarividência, e no final, rezaremos de novo, ou fecharemos o «Service» cantando um novo híno.

O que peço a você é que entre no nosso templo *com toda a reverência* e tenha em vista o facto de que alí é um lugar sagrado!

Lá entrei eu na companhia dêste desconhecido e, ao ver uma cadeira vaga atrás da porta de entrada, sentei-me. Olhei para um lado e outro, mas não vi ninguém que eu conhecesse. Era pois um completo estranho.

Quando veiu a vez da médium começar a fazer as suas demonstrações de clarividência, fiquei um tanto intrigado, especialmente com as respostas afirmativas das pessoas a quem se dirigiu, e, natural é claro, não vi quaisquer das formas dos espíritos que essa médium descreveu com tanta precisão.

CHEGA-ME A VEZ

Depois de se ter dirigido a umas 5 pessoas a médium dirige-se dramàticamente a mim:

—Você alí, que está sentado perto da porta de entrada. Estava indeciso se devia entrar aquí ou não, hein? Esteve lá na rua andando de um lado ao outro sem saber se devia vir aquí ou não! Olhe que eu não o estive a vigiar. Quem me disse isto, é a sua mãe, a qual se encontra ao seu lado...

—Minha mãe? respondi eu. Poderá a senhora descrevê-la?

A médium pausou por uns segundos e fez-me a maior revelação de toda a minha carreira de espiritualista até hoje! Descreveu detalhadamente tudo o que tinha acontecido no meu quarto de dormir, e...... descreveu absolutamente a pessoa de minha mãe!

Afirmou-me que minha mãe concordava plenamente e tinha em facto arranjado a minha ida alí, e que, de todos os seus filhos, seria eu o primeiro a poder e estar apto a comunicar com ela!

Mas.... o mais fantástico de tudo foi o que me disse a médium:

— Você vem dum lugar muito belo, onde ha muita fruta e... Uvas! Não preciso dizer mais para o convencer de que... a morte não existe! E finalmente o aconselho a que estude, leia, e visite esta church e outras Espiritualistas, que dentro de pouco tempo terá a oportunidade de receber provas reveladoras que o surpreenderão bastante. Em facto, você vai daquí a algum tempo ter a oportunidade de ver, ouvir, ser tocado e falar com sua mãe!

Quando terminou o «Serviçe» tratei de me escapulir primeiro, mas à porta estava lá aquele velhinho simpático com um sorriso nos lábios, o qual me deu uns panfletos e me convidou a continuar a ir alí, o que fiz por algum tempo.

Excertos de uma Conferência Realizada na Federação Espírita Brasileira

ARNALDO S. TIAGO

Estamos em plena era da realização das profecias. O aspecto do mundo contemporâneo, com as suas tremendas aberrações, e explodir de doutrinas anárquicas e demagógicas, com a crueza do seu materialismo, transformando as cidades cosmopolitas em Sodômas e Gomorras modernas, é verdadeiramente desolador. Por isso também o fogo do céu novamente desce para destrui-las: fogo do céu simbolizado nas calamidades da mais horrenda das guerras que tem o mundo presenciado. Ha uma perfeita analogia entre a nossa era e a era romana em que apareceu o Cristo, anunciando o reino dos céus, precedido pelo Baptista que concitava as turbas à penitência e à confissão de pecados, afim de que os corações fossem preparados para receber e compreender a doutrina do Nazareno.

O novo precursor — o Espiritismo — restaurador da Doutrina do Cristo, não se propõe nem a destruir nem a construir obras materiais, porém a extirpar o que é mau dos corações, para edificar neles um templo ao amor, onde resplenda a luz da caridade. Tudo o que obedecer, portanto, a êste critério, deve ser tido como fruto bom de árvore boa; mas o principal objetivo é o da salvacão das almas.

Todos sabemos o quanto se confrangeu o coração do Mestre ao ver, no dia seguinte ao da multiplicação dos pães e dos peixes, a multidão que o buscava anciosamente: «Em verdade, lhes disse, vós me buscais, não por causa dos milagres que vistes, mas por causa do pão que comestes». A tristeza do Mestre repercute sempre em nossos corações, quando vemos o esforço da edificação moral malbaratado, para se emprestar demasiado aprêço ás obras materiais. O que mais nos fere a alma não é a miséria física – que esta é compressora benéfica para o saneamento da alma; o que mais doe é ver a miséria moral do pobre verme da terra... E tanto a edificação moral como o espírito de caridade que presidir possa à construção de obras materiais, sómente por Deus, que lê nas conciências, pódem ser julgados.

Horrorizam-se todos da tragédia humana da hora presente, voltadas as vistas para os campos de batalha. Maior horror circunda os lares abandonados. Mais horroriza ver a inocência calcada aos pés, a viuvez e a orfandade desoladas, a destruição dos nobres princípios morais que vicejavam no coração do homem, como frágil plantinha que o fogo abrasador das guerras crestou. Mas essa tragédia humana, visível aos nossos olhos, nada é em comparação com a imensa desgraça espiritual que será, no mundo invisível, a separação predita nas profecias, para os que, impotentes e contumazes no crime, foram relegados às geênas planetárias dos mundos inferiores.

Daí a necessidade do desprendimento das cousas terrenas e o máximo cuidado que devemos ter com as cousas do Espírito. A educação espírita ensina-nos a ver na dôr um instrumento da nossa perfeição, mas principalmente na dôr moral. Também, pela mesma razão, é a caridade moral, sempre a mais difícil, aquela que devemos cultivar — e essa é feita de bondade, de indulgência, de reconhecimento fraterno, de delicadeza, de humildade: cousas que, infelizmente, estão sendo tão esquecidas, mesmo pelos espíritas.

O problema econômico, devemos dizê-lo, por espírito de justiça, está sendo resolvido, no Brasil, com alta visão humana, pelos nossos governos: o trabalhador de todas as classes, as suas famílias, vão sendo amparados por leis do Estado. Multiplicam-se os leprosários, os institutos de assistência à maternidade, à infância, à velhice. Os processos de ensino se renovam. Êsse é o domínio do poder temporal. O da religião, da Doutrina do Cristo, é o do Espírito.

O Consolador tem de ser desprendido de tudo que é terreno: a exemplo dos discípulos de Jesus que, segundo a advertência do Mestre, deviam ir sem alforge e sem dinheiro: «Não ireis pelo caminho das gentes», isto é, não tenhais preocupações materiaes em vossos atos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, prégai, dizendo: E' chegado o reino dos céus. Curai os enfêrmos, purificai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dái. Não possuais oiro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos. Nem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento». (Mat. X, 5 a 10).

A caridade material recomendada pelo Cristo é a das mãos que curam. Estas mãos se adestram pelo sacrifício, pela renúncia, pela pobreza, pelas grandes dôres morais, pelo sarcasmo dos homens, pelo desprêzo até dos condiscípulos—porque do próprio Mestre, certa vez, quando lhes falou mais claramente dessas cousas, muitos dos próprios discípulos fugiram...

O espírita deve ser pobre. Ainda não se encontrou um homem rico que pudesse compreender o pensamento do Cristo.

Ou fazemos voto de pobreza, para ajudarmos o nosso próximo com o excesso do que possuirmos — ou do contrário estaremos nos enganando e enganando a Jesus.

Ora, os pobres não se curam com a medicina da terra, mas com a da caridade que viceja nos corações puros, humildes, desprendidos, corações que estão talvez agora, na Terra, sendo preparados, para uma nova geração de discípulos capazes de fazer a vontade do Senhor da Seara.

A TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DE NAPOLEÃO 1.º

MARIANO RANGO D'ARAGONA

De vez em quando aparece na imprensa uma pretensa comunicação atribuida a Napoleão 1.º...

Felizmente, são raras, mas estranhas e inverossímeis, ao ponto de provocar-nos a sua leitura o riso da incredulidade! E' sobremaneira sabido que, em torno às almas da «fotosfera terrena», de precário valor moral, e que tiveram na existência planetária, uma importância grave sôbre os destinos humanos, atuam outras almas, em número incalculável, as quais são verdadeiros satélites do agente principal.

Aquí na terra, e no espaço, uma lei de «afinidade» comprime, fatalmente, as massas para um «centro de gravidade», tanto para o «bem», como para o «mal», e se o espírito que as coordena, ou as detem, se ressente de alguma paixão subalterna, elas participam, dolorosamente, de todas as funestas consequências do contacto afim. A pressão sufocante que os comprime, não lhes permitindo a livre direção da vontade, consegue, por vezes, «substituir a individualidade» por um intérprete também afim, quanto a um chamado, ou invocação terrena.

O nosso imortal mestre — Allan Kardec — explica perfeitamente o caso no Livro dos Médiuns. — Por conseguinte, à luz do Espiritismo, as disformes comunicações até agora recebidas, nos autorizam a afirmar que o estado espiritual de Napoleão é simplesmente «penoso»! E' o que passaremos a demonstrar.

A sua única manifestação, rápida, incisiva e expressiva é a de 26 de Agosto de 1927, recebida no Castelo «Millesimo» (Italia), na série de sessões de «voz direta» que, presididas pelo intérprete máximo do Espiritismo Internacional, Prof. Ernesto Bozzano, se tornaram célebres nos anais das modernas revelações. O médium era o Marquez Scotti, cujas provas mediúnicas culminaram na completa desintegração física, pois que, após longas e ansiosas pesquisas, o seu corpo foi encontrado adormecido em lugar distante e afastado do Castelo... O Marquez e médium excepcional C. S., rico e precariamente espiritualista, que agia sob contrôles os mais rígidos e crueis (tal como o outro — Kluski, o banqueiro polonez) não tinha interêsse em mistificar a coorte de personagens ilustres que o assistiam e o estudavam. Repito, as sessões de «Milesimo» permanecem, até hoje, as mais maravilhosas do mundo espírita.

E' pois, certo que, a 26 de Agosto de 1927, Napoleão 1.º se comunicou por «voz direta», com surprêsa geral da assistência ilustre. O ímpeto da sua voz de timbre seco e metálico, a palavra incisiva eram, seguramente, do maior conquistador do mundo, depois de Cesar. Caso único nos fenômenos de «voz direta», êle falou por duas trompas, das quais irrompia uma fôrça vocal que retumbava na sala apropriada da sessão. Poucas expressões, mas demonstrativas da sua presença, ei-las: — «Eu sou Napoleão». São decorridos cem anos do tempo em que transitei com meus soldados por esta região. Alojei-me nêste Castelo, onde se travou um combate. Vós encontrareis as provas. Os orifícios produzidos pelas balas dos fuzis ainda existem sôbre a porta da Capela. Apresento as minhas homenagens ao Marquez e à Marqueza. Boa Noite!...»

No precioso livro do Prof. E. Bozzano, publicado em 1929, sôbre a referida sessão de «voz direta», em «Milesimo», foi provada a asserção de Napoleão 1.º, acerca do combate e os sinais das balas. Mas, sobretudo, foi demonstrado, com raro critério, o «estado espiritual hodierno, do Desencarnado».

Êle continua a ser um «perturbado», *«et pour cause...»*

Quem foi Bonaparte?

Um agente da França revolucionária e de um mundo em plena dissolução político-moral. Desde que somos nós unicamente, os construtores e destrutores dos nossos destinos, tanto na vereda do bem como na do mal, o Espiritismo ensina que, em cada um de nós, ha uma criatura que encerra, em si, o epílogo de um ou de outro daqueles fatores: o bem ou o mal.

Tudo isto é fatal!

Ambicioso, irrequieto, audaz e inteligente, êle supôs que tinha no punho a conquista do mundo e marchou à frente da França revolucionária para a posse violenta e brutal dos povos e das nações.

Uma vez aureolado de fama e de glória guerreiras, os vis e os fracos lhe abriam o caminho às centenas de vitórias, nas quais êle poude matar milhões de criaturas, espoliar os tesouros dos estados vencidos, impôr tributos indistintamente, supôr-se um «semi-deus» e — escarnecendo, por fim, do escandalizado Pio VII, a quem trouxe prisioneiro a Fontaineblau — cingir com as próprias mãos a corôa de Imperador Francês. E nem mesmo na sua vida íntima demonstrou ser observador dos preceitos de moral...

Mas o Espiritismo ensina que não «ha causa sem efeito» e vice-versa; e por isso mesmo o ciclo napoleônico devia completar-se na ilha insalubre de Santa Helena, o escôlho perdido no oceano atlântico, verdadeiro sepulcro de alguns indigenas, e no qual gritam tristemente as gaivotas famintas. E é na Ilha recôndita e solitária do grande oceano que Napoleão, não mais 1.º, porém o «último», em realidade, da sua improvisada família imperial, inicia o seu segundo ciclo, desta feita inteiramente íntimo, e não mais universal, o da expiação e do remorso.

E' verdade indubitável, que nesta a ambição, o irrequietismo e a audácia não entenebreceram «totalmente» a sua conciência de homem inteligente, e por isso mesmo, outros tantos breves surtos de luz saem dos seus lábios, frequentemente. Máximas de dôr purificadora, mas são «breves surtos», até mesmo «brevissimos». O sonho fascinador do passado o subjuga sempre, revê como em uma teoria de herois os seus fieis generais, os olhos se inflamam diante das ruínas fumegantes das cidades destruidas e submetidas, tenta erguer-se ainda como um gigante entre os infinitos estandartes que se abaixavam diante dêle, trêmulos e reverentes. Mas é um sonho: o derradeiro...

A realidade do seu segundo ciclo é o «túmulo» onde o mar bate inexorável, o mundo civíl lhe interrompeu definitivamente a ação marvótica do conquistador sem escrupulos e sem piedade.

E' a sua agonia físico-planetária...

A morte o colhe no momento em que murmura ainda: «soldados avante»...

Desde o seu traspasse terreno decorreram 126 anos, outros tantos «minutos» apenas no tempo e no espaço, e quando uma alma como a de Napoleão faz correr torrentes de sangue e de lágrimas a um mundo inteiro, em benefício, mais que da pátria — do próprio «eu», esta alma tem necessidade de «milênios ou de séculos» para se purificar. Daí ser estulto aquele que, abeberando-se na glória efêmera de tão piedoso e infeliz personagem histórico, a admira e tenta imitar. Uma lei de afinidade condenará à mais dura expiação quem quer que ouse aproximar-se dêle no gesto e no exemplo...

São, portanto, falsas as comunicações diversas que, frequentemente, aparecem nos centros espíritas sôbre Napoleão, seja qual for o seu senso, embora se revelem aparentemente inspiradas em contrição religiosa. E', ao contrário, verdadeira a manifestação de «voz direta» obtida em «Millesimo», a 26 de Agosto de 1927, por uma razão simples racional e eloquente...

Aquela, que revela que êle deve percorrer «inexoravelmente» toda a escala das crueldades e das ambições consumadas na terra, revivendo-as no espaço, para abrir lentamente a conciência antes, ao «remorso», e depois, à «purificação».

A cena de «Millesimo» que recorda Napoleão jovem general na conquista da Itália, é o «primeiro quadro» que o seu espírito errante contempla. Pouco a pouco êle deverá revêr outras terras que talou com o tacão dos conquistadores, até à agonia atroz de Santa Helena. E de mistura com tantas visões penosissimas, ouvirá as vozes dos assassinados e as maldições dos oprimidos.

Assim opera o fóco purificador da expiação.

Tal a «trajetória espiritual de Napoleão 1.º,» submetida à lei de «causa e efeito», ou seja ao Espiritismo.

Assim fatalmente... Aviso aos novos tirânos.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Mais tarde, em certa ocasião quando a paciênte Snra. Burton estava no círculo, outro espírito foi afastado da mesma e, incorporando-se na Snra. Wickland, falou de um modo bem caraterístico.

Espírito: Jimmie Huntington.

Paciênte: Snra. Burton.

O espírito descalçou os sapatos e se mostrava grandemente perturbado.

Méd. — Que foi que vos aconteceu? Sofrestes algum acidente? (Segurando-lhe firmemente ambas as mãos). Tirastes os sapatos.

Esp. — Eu os tirei.

Méd. — Dizei-nos quem sois?

Esp. — Não sei se o direi.

Méd. — Dizei-nos donde viestes.

Esp. — Não sei se o direi também.

Méd. — Gostariamos de saber quem sois. Que foi que vos aconteceu? Parece-nos que não estais vos sentindo bem.

Esp. — Não estou não.

Méd. — Que estivestes fazendo ultimamente?

Esp. — Não estive fazendo nada. Andava perambulando.

Méd. — E o que mais?

Esp. — Nada de mais. Parece que eu estive prêso em algum lugar. (Na aura da paciênte).

Méd. — De que forma?

Esp. — Não sei como foi, porém eu não podia sair.

Méd. — Como podeis explicar isto?

Esp. — Não o posso explicar de forma alguma.

Méd. — Ouvieis alguém falar?

Esp. — Sim, muitas pessoas falavam.

Méd. — Que diziam elas?

Esp. — Uma dizia uma coisa, outra, outra coisa. Todas se julgavam muito inteligentes.

Méd. — Tivestes alguma oportunidade de falar qualquer coisa?

Esp. — Sim, porém eu me sentia louco porque havia sempre uma mulher alí e ela sabia tudo o que eu queria dizer. A's vezes eu sentia que ia ter uma oportunidade. Quando elas falavam a tal mulher falava. Um homem não consegue falar nada quando uma mulher se põe a falar.

Méd. — Parece-nos que fostes casado.

Esp. — Sim, casei-me.

Méd. — Fostes feliz ou infeliz?

Esp. — Na verdade não o sei. Não fui muito feliz. As mulheres geralmente falam muito e não ha meios de deixar um homem sózinho por um instante.

Méd. — De que falam elas?

Esp. — E' esta mulher aí que fala, fala e está sempre falando. (A paciênte Sra. Burton que falava constantemente). Nunca fica quieta por um momento. A's vezes tenho vontade de dar-lhe umas sacudidelas. E ainda tivemos nova companhia. E elas falavam, falavam. Isto me põe doente; elas me fizeram sair. São a pior gente que jamais vi.

Méd. — E aconteceu algo de particular?

Esp. — Relâmpagos andavam ao redor da minha cabeça até que fiquei sem saber onde estava. (Tratamento elétrico aplicado na paciênte). Parecia que a tormenta era longe, porém, por Deus e pelos Santos, como ela me atingia!

Méd. — E o que querieis fazer nessas ocasiões?

Esp. — Queria segurar aqueles relâmpagos e impedir que êles me atingissem a cabeça, porém êles não erravam a direção. Os relâmpagos não eram assim e não feriam a ninguem, agora não falham o golpe. Nunca vi coisa igual a isto. Vejo estrelas diante dos olhos e sofro horrivelmente e até quando os relâmpagos me golpeam, esta mulher continua falando. (A paciente falava durante o tratamento).

Méd. — E de que falava ela?

Esp. — Nada. Ela quer mandar e eu também quero mandar; daí não saimos.

Méd. — Que diz ela?

Esp. — O senhor sabe como são as mulheres — falam, falam e não dizem nada.

Méd.—Esta senhora dirigiu-se a vós?

Esp. — Ela me atormenta todo o tempo. Tenho vontade de sacudi-la porém me parece que não tenho mais fôrça. E então intervem outra mulher. Isto me põe doente. Que farieis, com uma mulher para fazê-la parar de falar? Para conseguí-lo, haverieis de lutar muito.

Méd. — Qual é o vosso nome?

Esp. — Ha muito que não o ouço.

Méd. — Donde viestes? Estais na California?

Esp. — Não, estou no Texas.

(Continua).

Crônica Estrangeira

Diretor de Orquestra aos onze anos de idade

«Constancia», a esplendida revista platina, nos fornece a nota abaixo, originariamente publicada no grande orgão «La Nacion».

Lorin Maazel, de onze anos de idade, dirigiu em Nova York, a Sinfônica de Verão, a mesma orquestra que Toscanini converteu em uma das melhores do mundo. Antes do primeiro ensaio sob a direção de Maazel, os músicos da orquestra proferiram toda sorte de gracejos, perguntando se o concêrto seguinte seria dirigido por uma foca amestrada. Mas ficaram decepcionados. O menino prodígio possue dotes singulares, entre outros o de conhecer de memória, 22 partituras sinfônicas, a ponto de não recorrer aos textos, salvo para citar exatamente o número de algumas das partes. Antes de Maazel, sómente os prodigiosos Mozart e Fritz Reiner souberam dirigir magistralmente uma grande orquestra de adultos, e Maazel demonstrou possuir uma capacidade muito superior a que se poderia qualificar—«muito boa para um garôto». Com grande compreensão e talento musical, dirigiu a «Overture de Rienzi», de Wagner, a «Sinfônia Italiana», de Mendelssohn, e uma obra que foi escrita por uma amiguinha sua, Dika Newlin, quando ela apenas contava nove anos de idade.

Lorin Maazel nasceu em Neuilly, perto de Paris, de progenitores americanos. O pai, professor de canto, cedo o levou a Los Angeles, onde Lorin aprendeu a tocar piano e violino. Interessou-se pela música sinfônica quando seu pai lhe presenteou com uma partitura de Haydn, quatro anos atrás. Foi confiado a Vladimir Bakeleinnikoff, diretor substituto da Sinfônia de Pittsburgo, que lhe deu lições e continua sendo seu professor.

Nos últimos três anos, Lorin Maazel já dirigiu sete orquestras, das quais a melhor, sem mencionar a Sinfônica da National Broadcasting, era a Filarmônica de Los Angeles.

* * *

Um Pressentimento de Morte

Por J. Gaillard

Compulsando nossas coleções da excelente Revue Spirite, encontramos êste relato que, como todos os factos espíritas, sempre desperta interêsse.

A recente catástrofe de Saint-Benoit (expresso de Bordeaux a Paris), foi marcada por um episódio caraterístico. Uma das vítimas, M. Serge Singher, estudante de direito em Paris, manifestou o pressentimento de sua morte. Êle teve a intuição dum acontecimento ainda por acontecer.

Muitos negam toda possibilidade de prever um acontecimento futuro. Alguns admitem que se pode, em certos casos, conhecer o passado, mas o futuro, nunca. Assim se limita o campo da criptestesia (conhecimento extra-sensorial de um facto).

Em vão alegar-se-à uma série de casos de pressentimento ou mesmo de premonição. Em vão citaremos factos que, depois de investigados, encontraram lugar em publicações tecnicas que fazem autoridade, tais como a coleção publicada pela Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas, tudo isso não entra em linha de conta!

M. Camile Flamarion, em sua notável obra *A Morte e seu Mistério*, relata numerosos casos de premonição. Exemplo: o caso do capitão Mac Gowan, que tendo prometido levar seus filhos ao teatro, depois de estar de posse de três bilhetes, renuncia ao projéto porque *ouviu* uma voz interior advertí-lo com instância: «Não vá ao teatro, reconduza seus filhos ao colégio».

Pois bem, nessa mesma noite o teatro foi destruido por incêndio e pereceram cento e cincoenta pessoas.

Outro exemplo: o caso da mãe que tinha por hábito mandar sua filhinha jogar num terreno vizinho a uma via férrea de Edinburg. Avisada por voz interior, ela vai à procura da filha. Pouco depois, a queda duma locomotiva e do tender sôbre o terreno, matou diversas pessoas. Êsse facto verificou-se em 1860, e foi confirmado pela família e vizinhos.

Os exemplos desta natureza são numerosos. A modalidade dêstes fenômenos de lucidez, premonição, é muito variável: vozes, escritas, sonho premonitório, declaração feita em estado de hipnose, etc...

Os cépticos negam qualquer valor a esta sorte de fenômenos. «Fornecei provas! Citai, ao menos, um caso, preciso, bem observado e estabelecido».

Pois bem, um caso preciso e bem estabelecido, (infelizmente bem estabelecido!) verificou-se com o acidente de Saint-Benoit.

Não nos deteremos aquí no episódio concernente ao malogrado Dr. Pédebidou, senador, uma das vítimas da catástrofe. A um interlocutor que o felicitava pela sua saude prometedora de longividade, o senador respondeu: «Saiba, todavia, que no ano passado, durante uma viagem a Tunis, um árabe me predisse que eu encontraria a morte, antes de um ano, numa catástrofe».

Certamente, poder-se-á objetar que êste caso não é muito concludente. Fatalidade? Coincidência? E, além de tudo, o interessado já não vive para confirmar o facto.

Eis o momento oportuno para colocar os cépticos ante o caso do estudante Sérgio Singher. Toda a imprensa publicou narrativas concordantes. A sinistra aventura dessa outra vítima da catástrofe está ilustrada, dominada, caraterizada por um documento decisivo, suscetível de ditar um julgamento unânime. Trata-se de uma carta autógrafa.

As pessoas que apanharam o cadáver do estudante deram busca em suas roupas para encontrar qualquer objéto de natureza a estabelecer a identidade do morto. Ora, num dos bolsos do paletó, encontraram uma carta assim concebida: «Tive, esta noite, um pressentimento atroz. Tenho mêdo de morrer subitamente. Avizai meus pobres pais, caso se realize o sonho».

Colhi êstes detalhes em *La Liberté*. O jovem estudante de direito estava habituado a fazer a viagem de Mans a Paris (Mans, seu domicílio familiar: Paris, seu domicílio escolar). Jamais um pensamento veio ensombrar seu pensamento. Jamais lhe veio à idéia de ocultar em suas vestes u'a mensagem fúnebre destinada à sua familia.

Uma só vez interveio o pressentimento de morte. E a morte confirmou o pressentimento.

Raros são os casos tão nitidamente provados. Aquí os detalhes são precisos e circunstânciados. Foram por antecipação escritos e assinados pelo interessado antes do funesto acontecimento. Os relátos idênticos dos jornais constituem uma prova irrefragável que não deixa brecha a nenhuma contestação.

Eis o facto! Segundo um adágio conhecido, nada é tão pertinaz como um facto. Êste episódio autêntico dum pressentimento de morte está em correspondência com o histórico da catástrofe...

Como explicar o conhecimento do futuro?

Tem-se dito que certos indivíduos conhecem o futuro, o encadeamento de efeitos e causas, encadeamento que cristaliza por antecipação as futuras contingências. Mas êste arrazoado sómente é um modo de deslocar a dificuldade.

Não, para ter a solução do nosso problema, é preciso encarar as faculdades supranormais do sêr humano. A chave do mistério está na personalidade psíquica latente do sujet; ela está no sêr subconciênte.

O Dr. Geley, C. Flamarion e o Dr. Osty, escreveram obras sôbre esta matéria que, enfim, lançam alguma luz sôbre êsse grandioso e misterioso território vizinho do abísmo entrevisto por Blaise Pascal em horas de angustiosa meditação.

⁂

Um extraordinário pleito indicial

(Casa assombrada)

Trata-se dum processo forense pedindo a anulação dum contrato de arrendamento, por se darem manifestações anormais no prédio. Muitas revistas da época se referiram ao caso ocorrido 30 anos atrás.

A Duquesa de Castelpoto ocupava com sua família o 2.º andar duma casa sita junto a S. Carlos, a Mortelle, n.º 7; mas não tardou que num corredor da mesma se começassem a ouvir ruidos e pancadas. Essas manifestações aumentavam com a obscuridade.

Depois a mobilia começou a deslocar-se com tal barulho, que os locatários dos outros andares se incomodavam também.

Ouviam-se passos; dois filhos da Duquesa sentiam-os por vezes ao pé do seu quarto; chegou a vêr-se uma forma humana que desaparecia por um ponto onde existira uma porta, que então estava tapada. Foi arremessada uma grande pedra, e todos quantos estavam reunidos na sala, ouviram grande ruido nos compartimentos próximos, verificando-se que as camas haviam sido desfeitas e a roupa dispersa em todas as direções.

A família alarmada teve de sair; uma creada ao seu serviço abandonou-os; só voltaram no dia seguinte para fechar a casa, afastando-se de novo e deixando-a em desordem.

Quando mais tarde quiseram entrar, encontraram a porta do aposento barricada com um montão de móveis pesados, tendo-se acendido a luz elétrica sem que ninguém lhe tocasse.

Foi então que a Duquesa e seu marido foram consultar o advogado Zingaropoli, que lhes propôs para transformarem os fenômenos *espontâneos* em *provocados*, o que muitas vezes deu resultado.

Procuraram então a senhoria, Mme. Englen para rescindir amigavelmente o contrato de locação, mas como ela se recusasse, a Duquesa de Castelpoto recorreu aos tribunais.

O processo estava pendente mas adiantado, e tratado por Zingaropoli com mão de mestre.

Alegava-se a matéria de fato e fortificava-se com muitos e muitos fatos, para provar centenas de casos análogos, em todos os tempos e com as testemunhas e precauções mais severas.

Nem sequer a proprietária Ré, Mme. Englen se defendeu com quaisquer alegações de fraude, vista a honrabilidade da Autora, as grandes despesas de instalação que fez, e o transtorno que lhe causava uma mudança forçada.

Nem também poude argumentar com a alucinação, visto que os moradores dos outros andares do prédio certificavam igualmente as mesmas perturbações.

Os factos e as provas realmente existiam; faltava que o direito se aplicasse e isso pertencia ao tribunal, que julgarria com todo o cuidado, visto a natureza especial do processo.

As reflexões jurídicas do advogado Zingaropoli foram notabilissimas.

⁂

Um Quadro Responde ao Apêlo de uma Mãe

«The Two Worlds» reproduziu o facto de *Daily Dispatch.*

Produziu-se, junto ao leito de uma moribunda um fenômeno insólito, isto em Great Harwood, distrito de Lancashire. Uma senhora estava a morrer, mas frequentemente chamava a filha ausente, cuja fotografia estava suspensa à parede, do lado oposto á cabeceira da cama.

Quando ela fazia um dos últimos apêlos, o quadro desligou à meia altura da parede, depois, segundo declarações de testemunhas, escorregando lentamente sôbre um plano horizontal, contra a parede, até contornar o ângulo do aposento, para em seguida deslisar perpendicularmente e ir enfim cair sôbre o pé do leito da mulher agonizante. Detalhe particularmente curioso: o duplo cordão que sustinha o quadro, havia sido, nessa circunstância, seccionado em dois pontos diferentes, a poucos centímetros abaixo do prego de suporte. Quando o quadro finalmente estava sôbre o leito, ninguém dos presentes ousou tocá-lo. Foi sómente um ex-oficial de polícia que resolveu apoderar-se do quadro para verificar a solidez do cordão, que se revelou extremamente resistente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessões de efeitos físicos na cidade noroestina de Lins

Vem sendo comuns, de tempo a esta parte, os fenômenos psíquicos ocorridos em sessões quer nos centros espíritas bem organizados, quer nos meios familiares onde pessoas de fé e boa vontade, semeadoras do bem, da caridade, procuram dessiminar entre os cépticos, a realidade da vida de além túmulo, da sobrevivência da alma.

As belezas dessas provas incontéstes de outra vida temô-las frequentemente, e, não obstante os apôdos ridículos daquêles que não querem ver, ouvir ou sentir, dominados por preconceitos fóra de nossa época, — elas irrompem como torrentes cristalinas e dia a dia mais se avolumam...

Na residência do Sr. B. R. Silva, domiciliado ha alguns anos nesta cidade, profissional honesto e trabalhador, notavam-se manifestações estranhas que o induziram a organizar sessões espíritas familiares, e daí o recebimento de u'a mensagem que traçara seus deveres na senda espiritual, como médium de efeitos físicos e de incorporação.

Prosseguindo nos seus trabalhos, sem desfalecimento e sem regatear sacrifícios, não tardaram os obreiros do espaço em se manifestar.

—

Citaremos aqui o que presenciámos.

Sala modesta, diversas cadeiras, uma estante num dos ângulos do recinto, u'a mesa onde se viam três cornetas luminosas, um pandeiro, castanholas, um cavaquinho, uma peça de cordél e uma vitróla.

Disposto o médium em uma poltrona no centro da sala onde estão reunidas doze a quinze pessoas, em semi-círculo, inicia-se a sessão depois de uma ligeira prece pelo presidente dos trabalhos, acompanhado mentalmente pelos assistentes.

Estamos ás escuras.

São decorridos alguns minutos ao som da música suave de um disco, quando se faz ouvir a vóz de uma visitante do espaço. E' Marta, o guia do médium que anuncia estarem presente alguns obreiros que vão iniciar seus trabalhos.

E não tarda a primeira prova.

Impregna-se o ambiente de um aroma sutilissimo quando cada um dos presentes recebe no rosto, nas mãos, no vestuário, múltiplas e delicadas gotas de perfumada essência.

Acende-se a luz a pedido do guia. O médium está amarrado fortemente na poltrona, dos pés à cabeça, as mãos para trás, com o cordél que fora visto sôbre a mesa.

Apagada a luz, novas manifestações nos chamam a atenção.

Ao som da música favorita de um dos espíritos, — o pandeiro e as castanholas formam um conjunto interessante, e em seguida são jogados ao chão.

Iluminado imediatamente o salão, verifica-se o soalho repleto de pétalas de rosas, o médium, então, amarrado nos pés da mesa com o cordel agora trançado em forma de corrente.

E' preciso notar-se que não havia no recinto, flores de espécie alguma.

Inúmeras tem sido as manifestações psíquicas nessas modestas sessões, como a de transporte de pedrinhas de côres várias, de flores diversas, de uma gaitinha de sôpro que fôra lembrada por um dos presentes, de um lenço de grande formato que apareceu amarrado à cabeça do médium, etc.

Na última sessão a que assistimos, quando prestes a ser encerrada, em que os fenômenos se repetiram com uma precisão admirável, foi atirada da mesa ao soalho, uma brochura nova alí colocada para anotações eventuais.

Verificada que fôra pelos assistentes, constataram-se, na sua primeira página, quatro palavras escritas com clareza: eram os nomes dos visitantes espirituais que ao se despedirem, deixavam suas assinaturas.

—

Em ligeiro esboço, procurando delinear êsses fenômenos que, de um momento para outro, se manifestaram por um médium ainda em desenvolvimento, só temos motivos para exultar,—nós que encaramos êsses factos por um prisma de verdade, na afirmativa absoluta da existência de outros mundos.

Deoclydes A. de Silos.

Lins, 3 de Novembro de 1941.

Notícias de Campinas

Sob a direção de pessoas competentes foi fundada há pouco na cidade de Campinas a Liga Espírita, que tem por fim congregar todos os centros espíritas locais, bem como os do Interior.

Esta Liga Espírita tem contado com o êxito em todas as suas reuniões, em virtude da melhor boa vontade com que seus membros hão agido e manifestado por todas as formas.

Na noite de 31 de Outubro realizou-se a 4.a concentração de todos os centros que até esta data constituem a Liga, no Teatro Municipal, onde mesmo debaixo de chuva torrencial se reuniram algumas centenas de pessoas, correndo tudo na maior ordem e com o melhor brilhantismo.

O programa dessa brilhante festa se constituiu, primeiro, de uma parte de números de música, depois recitativos e declamações, tomando a seguir a palavra o ilustre jornalista Odilon Negrão, na qualidade de orador oficial, que discorreu com muita facilidade sôbre o sugestivo tema «Leis da Causalidade».

Nessa mesma noite e no mesmo local fôra dada posse á Diretoria provisória, pelo jornalista Luzo Ventura, que também, na sua conhecida calma e capacidade soube cativar mais uma vez a simpatia da assistência, em improvisada oratória, cheia de ensinamentos valiosos.

A Diretoria da Liga Espírita Campineira, eleita e empossada, é formada, provisoriamente, de um presidente: Rosauro Duarte de Andrade; de um secretário: Servilio Marrone; de um tesoureiro: Lupercio Gobbi.

Nossos parabens a essa nova organização que muito promete em prol da difusão dos ensinamentos espíritas na cidade de Campinas, onde há mais de dois decenios a brilhante pena do dr. Sousa Ribeiro sempre soube defender e difundir com sentimento verdadeiramente cristão os sublimes princípios da mais bela e mais perfeita Doutrina: O Espiritismo.

Benedito G. do Nacimento.

Campinas

Nosso representante

Comunicamos aos interessados residentes em Idaiolanda, S. João, Vila Aurea, Brioso e Macaúbas, que o sr. Jeronymo Antonio Casimiro está autorizado a reformar e angariar novas assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», podendo ser procurado todos os dias, das 14 ás 18 horas, no Asilo Jeronymo Ribeiro e Cairbar Schutel, em Macaúbas.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1712unse

NO XVII—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1942—N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCE
NOV 1

SUMÁRIO

As velhas idéias em face da teoria espírita
A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
A ação dos passes magnéticos
O Espiritismo em face da Ciência
Analisando factos
Trinta anos entre os mortos
Aquí e Agora
A Profecia de Joel
Novos Rumos á Medicina
Teoria de Darwin
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Bibliografia
Índice

Cairbar Schutel

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1942 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

As velhas idéias em face da teoria espírita

Por Cairbar Schutel

NO próximo dia 30 transcorre o 4.º aniversário do desincarne do nosso querido companheiro, Cairbar Schutel, cujo trabalho na seára espírita já é do conhecimento dos nossos prezados confrades, dispensando, portanto, apreciações circunstanciadas.

«Revista Internacional do Espiritismo», como justa homenagem a êste Apóstolo do Cristianismo», publica, com prazer, o presente trabalho póstumo, que é um testemunho das nobres idéias e amplos conhecimentos que adornam o espìrito de escól de Cairbar Schutel.

Êste artigo foi publicado em primeira mão, em a nossa prezada colega «La Idea», orgão oficial da confederação Espiritista Argentina, em sua edição correspondente aos meses de setembro e outubro últimos.

«La Idea» vem publicando biografias e trabalhos dos expoentes do Espiritismo, cujos retratos ilustram sua capa.

Agradecendo a distinção que os nossos estimados confrades argentinos dispensaram a Cairbar Schutel, fundador desta Revista, publicando o presente artigo, estampamos o cliché da capa de «La Idea», em que aparece distintamente, em artistico desenho, a fotografia do nosso homenageado.

EU tenho muito prazer em tratar da Imortalidade, porque é dela que nos vem a luz, o progresso, a felicidade, e o verdadeiro conhecimento de Deus.

O nosso planeta é tão pequeno, e o Universo é tão vasto, são tantos os astros que fulgem a nossa vista, que insensato seria pensar que Além do Túmulo não se desdobra uma Vida mais pura e mais nobre que nos espera.

Não curar da Imortalidade, é fechar os olhos ao que nos rodeia, é depreciar a obra de Deus, é pensar que só na terra existe a vida, é, finalmente, limitar-se á materialidade.

O êrro da humanidade e a causa principal do seu sofrimento é estar ela chumbada até agora á arcaica doutrina que ensina ser a Terra o único mundo habitado, de se resumir todo o Universo a êste pequeno planeta no qual nos achamos, quando sabemos que o nosso mundo, segundo a ciência astronômica, não passa de uma insignificante célula do Cosmos, pois que se o compararmos a Júpiter, êste é 1.300 vezes maior do que o nosso mundo e o sol, 1.300.000 mais do que a nossa terra.

Ignorante da sua situação no Universo, o homem vive como a rã do brejo, *(da parábola)*, que não podia admitir a existência de outros brejos, maiores do que o seu.

Essa doutrina, que é a mesma de Ptolomeu que coloca a Terra como o centro do Universo, é aliada inseparável da Doutrina Materialista que faz do corpo humano o centro principal, a causa máxima e exclusiva da Vida.

São essas duas crenças medievais, retrógradas, draconianas, a causa da ignorância que lavra nas massas, são elas as dornas onde fermentam o orgulho e o egoísmo, as ambições pequeninas, a vaidade do falso saber, a escravidão da conciência, a fome de ouro, as revoluções intestinas, as guerras entre os povos e as nações.

E' devido a essas idéias errôneas, que nenhuma significação dão da Vida, que nós vemos o crime endeusado e a virtude massacrada e oprimida.

São as tais teorias, cognominadas : *geocêntrica*, a que resume o Universo ao nosso mundo e *organocêntrica* ou *antropocêntrica* — a que não vê no homem mais do que uma posta de carne, um corpo carnal, que produzem toda essa crise que nos assoberba, êsse mal-estar que nos escraviza, essa ferocidade que faz com que todas as nações se armem para se destruir reciprocamente.

Com efeito, limitando-se a vida do berço ao túmulo, exalta-se as ambições pequeninas, as paixões mal sãs, os desejos subalternos, a cobiça, a vaidade e todo o cortejo de vícios que caraterizam a sociedade atual. Limitando-se a vida do berço ao túmulo, todas as atividades se voltam unicamente para êsse círculo de ação, com prejuizo do futuro, tanto mais que todas essas paixões, todos êsses desregramentos não são senão uma consequência lógica da crença de que — *«tudo se acaba com a morte.»*

A nosso ver, a crença na *vida única*, assim como a que limita a *vida* unicamente ao nosso planeta, é a derrocada da civilização.

A civilização é semelhante a um grande edifício que só pode perdurar quando erguido com materiais de primeira ordem, sôbre bases sólidas e inamovíveis. Sem uma idéia nobre e verdadeira é humanamente impossível a espiritualização do nosso povo.

«O homem não vive sò de pão». A sua elevação espiritual está intimamente ligada a um Ideal. O homem sem ideal não progride,—vegeta ; não se eleva,—paralisa a sua evolução.

O Espiritismo veio nos trazer êsse Ideal ; veio nos dar as asas para nos elevarmos ; veio nos provar que essas vetustas teorias, que resumem a vida ao nosso pequeno mundo, que estas concepções materialistas que tornaram o corpo físico, o corpo carnal, a *causa da vida*, o fator do pensamento e da inteligência são proposições falsissimas em seus princípios e prejudiciais em suas finalidades niilistas.

O Espiritismo veio reintegrar a Verdade em seus verdadeiros fundamentos, cimentados pelos factos e sancionados pela lógica, pelo livre-exame, e pela razão.

Nós somos absolutamente contrários ás doutrinas que fazem do nosso mundo o centro do Universo e do nosso corpo, o centro, o princípio básico da Vida.

E como compreender-se que a inteligência, a memòria, a conciência são atributos da matéria, o resultado das funções nêuricas e cerebrais, quando os factos demonstram justamente o contrário !

Como compreender que fóra da Terra, a não ser as estrelas que recamam o céu com suas luzes prateadas, só existem imensos abísmos, — voragens e cavidades negras, ou então suplícios tenebrosos dos condenados !

Como conceber um Deus que haja resumido a sua obra á feitura de um mundo tão imperfeito e atrasado como o em que habitamos, e homens tão ignorantes e tão malévolos, como os que constituem a maioria da humanidade !

Essa Cosmogonia, e essa ciência não traduzem, absolutamente, o grande Ideal da Evolução, do Progresso que é o brazão do Universo. São concepções ingênuas que embalaram a infância dos povos, mas que não representam mais que letra morta no consenso dos homens livres, de espíritos evoluidos.

—«Ha longos séculos, os povos, confiantes nos princípios religiosos e científicos, aceitaram as leis decretadas pelos seus legisladores, mas nos tempos modernos, com a discussão livre, levantaram-se dúvidas sôbre a legitimidade dessas leis. O direito divino, ou antes pseudo divino, que fazia de um homem o senhor de um povo, naufragou com a revolução de 1793 e com ela a escravidão da razão.

—Os homens só viam no Universo,

a terra, como seu centro ; no céu a morada de Deus, e nas estrelas, pontos luminosos. Colocavam o inferno no centro da terra e o paraíso acima do sol. Assim como não viam no homem mais do que um tabernáculo que, mesmo depois de morto, não podia ser profanado pelo bisturí da curiosidade humana.»

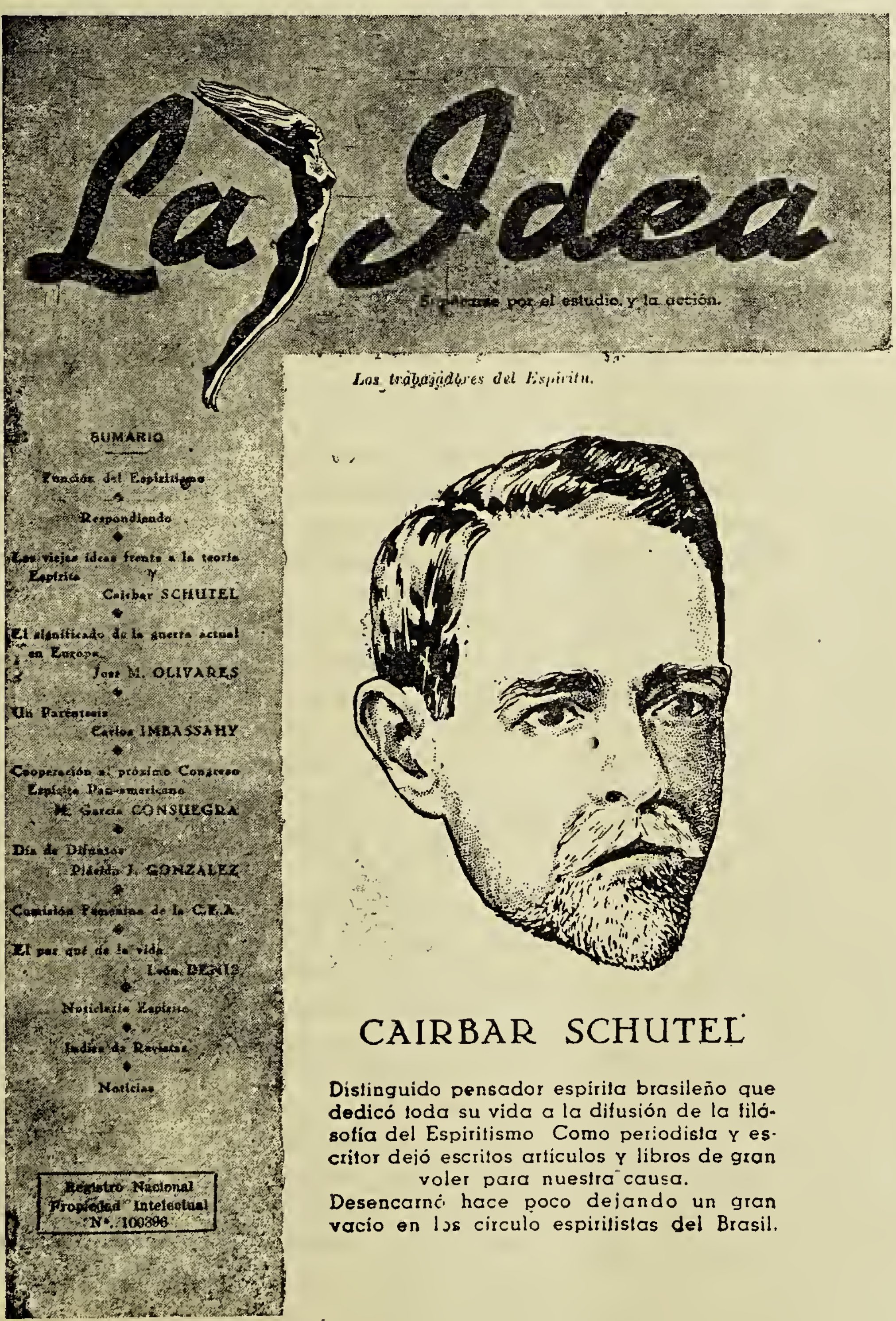

La Idea

Superarse por el estudio y la acción.

Los trabajadores del Espiritu.

SUMARIO

Función del Espiritismo

Respondiendo

◆

Las viejas ideas frente a la teoria Espirita

Cairbar SCHUTEL

◆

El significado de la guerra actual en Europa

José M. OLIVARES

◆

Un Paréntesis

Carlos IMBASSAHY

◆

Cooperación al próximo Congreso Espirita Pan-americano

M. García CONSUEGRA

◆

Dia de Difuntos

Plácido J. GONZALEZ

◆

Comisión Femenina de la C.E.A.

◆

El por qué de la vida

León DENIS

◆

Noticiario Espirita

◆

Indice de Revistas

◆

Noticias

Registro Nacional
Propiedad Intelectual
N°. 100396

CAIRBAR SCHUTEL

Distinguido pensador espirita brasileño que dedicó toda su vida a la difusión de la filósofia del Espiritismo Como periodista y escritor dejó escritos articulos y libros de gran valer para nuestra causa.
Desencarnó hace poco dejando un gran vacio en los circulo espiritistas del Brasil.

Estas idéias arcaicas parece dominarem ainda uma grande parte dos nossos intelectuais, pois, não podem, muitos dêles, admitir a pluralidade dos mundos habitados. Outros permanecem em torno do «tabernáculo», sem lhe ver o Espírito, que é o fator dos grandes empreendimentos e o fundamento de toda a vida.

O Espiritismo veio trazer-nos uma nova Ideologia. Proclamando a existência e sobrevivência humana, êle reintegra o Espírito no seu verdadeiro lugar, como o centro principal das percepções e sensações, como o foco da inteligência; nêle se concentram a sabedoria e a virtude ; a êle, exclusivamente, pertence o mérito ou demérito de suas obras.

Sujeito á lei da evolução, criado ignorante mas perfectível, o homem tem diante de si a Eternidade para realizar a sua perfeição e, portanto, a sua felicidade.

Para êste fim Deus lhe proporcionou as múltiplas existências nêste e em outros mundos, desde que não possa fazê-lo em condições livres na vida do Espaço e exija, de acôrdo com a sua natureza, uma Escola Material, como é a Terra, para se exercitar no trabalho e no estudo.

Esta teoria que glorifica os atributos de Deus, exclue toda a Idéia de castigo eterno, como também a Doutrina do pecado original que ensina nos acharmos sofrendo em consequência de faltas praticadas por outros.

Todas as desigualdades sociais e de raças encontram explicação na teoria das vidas sucessivas.

De outro lado, o Espiritismo, deslocando a Terra do Centro do Universo, e proclamando a Pluralidade dos Mundos Habitados, entôa uma verdadeira glorificação ao Supremo Creador, tornando ilimitado o seu Poder e a sua Sabedoria, apontando-nos em toda a parte a Vida, em toda a parte o Movimento, sob à portentosa ação de Sua Incomparável Inteligência e do Seu incessante trabalho, creando continuamente Sêres e cousas que demonstram a sua Existência, e que proclamam a verdade de sua Eterna Manifestação na Natureza.

Por todos os títulos, o Espiritismo se tornou a grande Ideologia que, baseada na existência e imortalidade da alma, tem por finalidade o progresso, a conquista da felicidade, a ascensão para Deus.

Tão sábia, tão bela, tão verdadeira é a sua Doutrina, que o grande escritor Pinheiro Chagas denominou-a: a *«Filosofia do Futuro»*.

O Espiritismo veiu nos trazer uma soma considerável de benefícios. Allan Kardec deixou-nos um tesouro inexgotável, que será sempre, para todos os que tiverem a felicidade de recebê-lo, um meio para valorosas aquisições, uma bússola firme para nos guiar nas ascenções sucessivas que temos de realizar para o alcance das grandes conquistas do Espírito.

Mostrando-nos a nossa natureza, a nossa posição no Universo, afirmando com dados positivos, com lógica, razão e bom senso a nossa imortalidade e, portanto, a necessidade de trabalharmos pelo nosso aperfeiçoamento, Allan-Kardec fez mais do que todos os sábios e filósofos teem feito, pelo bem coletivo, pela humanidade, porque estabeleceu uma base firme da vida, desvendando o motivo de todas as suas vicissitudes e desigualdades.

Proclamando a lei das vidas sucessivas e a pluralidade dos mundos habitados, o grande Gênio Lyonês, veio responder ás nossas interrogações sôbre a diversidade de raças e de condições da família humana, ao mesmo tempo que descortinou ás nossas vistas um novo Universo, cheio de sóes e de mundos iguais e muito superiores ao nosso, creando uma nova Cosmogonia que glorifica a Deus nos seus ilimitados atributos.

A obra de Allan-Kardec trouxe, de facto, completa transformação nas nossas idéias e, portanto, nos nossos costumes, — o prisma da vida modificou-se absolutamente para nós; já não somos mais aqueles doutrora que perturbados ante a esfinge do tùmulo em redor do qual voliteavamos como uma ave noturna, ou estonteados esvoaçavamos como um pássaro cego, em busca do que não existe, do fictício, de um céu sem mundos e sem sóes ou de um inferno hiante.

A Doutrina dos Espíritos compendiada magnificamente por Allan-Kardec foi a Estrela que nos iluminou a noite tempestuosa da existência, foi a grande aurora espiritual que em contínuos revérberos nos acenou com o despontar de um dia feliz, que extinguirá completamente a escuridão que ainda envolve a humanidade materializada e relapsa.

Graças ao grande Missionário, já sabemos hoje donde viemos, quem somos e para onde vamos; adquirimos a certeza de que os nossos entes caros não se dissolveram nos negrumes do nada, mas velam por nós e continuam a nos proporcionar seus afetos, seu auxílio, seu amor.

Sancionando o Cristianismo, tal como o ensinou o seu Fundador Jesus Cristo — isento de dogmas e mistérios, o Espiritismo afirma positivamente, que só pela observância dos Preceitos Cristãos: Amor e Fraternidade, se resolverá a Questão Social que perturba sobremodo as nações, desorienta os estadistas e alvoroça os povos.

Não ha problema que o Espiritismo não resolva, por mais importante que seja. O Espiritismo dá para todos êles uma solução clara, lógica e sábia.

E nem podia ser de outro modo, quando o vemos enfrentar e resolver o mais grave de todos os problemas, que é o da Morte.

Encarando-o pelo lado científico, o Espiritismo é a mais profunda de todas as ciências, apoiada em factos positivos, categóricos, palpáveis, que ninguém ousará negar. Êle veiu produzir uma revolução completa em todas as ciências positivas: na física, na química, na biologia, e até na patologia e na medicina. A sua luz é tão intensa que, sábios como Lombroso, Crookes, Morselli, Ferri, Zöellner, Maxwell e dezenas de outros, viram abatidos seus castelos materialistas. O sábio Russel Wallace, êmulo de Darwin, e grande naturalista, chegou a dizer: «O Espiritismo destruiu todas a minhas concepções materialistas.»

Si encararmos o Espiritismo pelo lado filosófico, podemos batizá-lo como sendo a filosofia da razão e do bom senso. Camille Flammarion, astrônomo e sábio francês, enaltecendo a obra de Allan Kardec em seu discurso ante o corpo inanimado do Mestre, chamou-o o «Bom Senso incarnado».

Si encararmos o Espiritismo ainda como religião, vemos reproduzir num perfeito *fac-simile*, a Doutrina de Jesus, com todos os pontos, com todas as virgulas, sem excluir o *«Ama com todas as fôrças de entendimento, alma e coração, a teu Deus; e ao próximo como a ti mesmo.» Nem o «diligite inimicus vostros»* — o *perdôa aos teus inimigos* é suprimido da nossa Doutrina.

Mas o que é ainda mais notável no Espiritismo, é o auxílio, a proteção que êle manda dispensar aos pobres, aos párias, aos desherdados; cercando a todos com inexcedível carinho, repetindo, a todos, as memoráveis palavras do grande Ressuscitado:

«Bem-aventurados os que choram, os que sofrem, os mansos e pacificadores, porque serão consolados, porque herdarão o Reino dos Céus, porque verão a Deus».

Mais notável ainda é a exortação e o convite que faz a todos, para que sejam bons, humildes, indulgentes, pacientes, visto como a Caridade é a única Religião, o único caminho que conduz à Felicidade.

—O programa espírita é: ESTUDA E AMA. São estas as duas asas que nos conduzem à Perfeição.

Êle não quer adeptos supersticiosos e fanáticos. Com Gœthe êle diz a todos: luz! luz! mais luz ainda. E' só na Luz que o homem pode evoluir. Nada se desenvolve nas trevas. Jesus intitulou-se a Luz do Mundo e convidou-nos a seguí-lO. Sigamô-lO — O Representante de Deus, o nosso Supremo Mestre, que é Luz e Amor. Estudai o Espiritismo; abraçai o Espiritismo, e haveis de encontrar nêle a Caridade que ampara, a Esperança que vivifica, e a Fé que salva, que corrige, que aperfeiçôa e nos conduz à Verdadeira Felicidade.

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«La Revue Spírite» *(Continuação)* *Prof. E. BOZZANO*

COMO se vê, M. Jean d'Ossau termina solicitando meu parecer sôbre as questões que formulou.

Apresso-me, pois, a satisfazê-lo também nêste ponto, tanto mais que — como eu já lhe havia dito — os esclarecimentos que disponho a fornecer-lhe serão úteis a muitos contraditores meus, que, tudo ignorando relativamente ao interessantissimo ramo da metapsiquica referente às mensagens mediúnicas de natureza transcendental, não deixam de falar sôbre o assunto, proferindo toda sorte de êrros e contrassensos. Longe de mim o pensamento de censurá-los, visto que exemplos análogos de crítica imprudente sempre se realizam e hão de se realizar em todos os ramos do saber humano; o que me leva a concluir que essa forma de impulsão temerária é profundamente humana e, consequentemente, deve ser encarada com indulgência e tolerancia. Os que possuirem mais conhecimentos a respeito, devem esclarecer os outros; desta vez coube a mim esta tarefa; e a desempenharei de bom grado.

De começo, *no que concerne o caso especial do qual se trata*, farei notar a M. Jean d'Ossau que, se é verdade que o fantasma materializado de Franklin nada revelou relativamente ao âmbiente espiritual em que vivia, também verdade é que êle nunca conseguiu materializar uma laringe que lhe permitisse exprimir-se verbalmente; êle sómente conseguiu transmitir mensagens lacônicas mesmo pela «escrita-direta» ou pela «tiptologia». Nessas precárias condições de materialização, absurdo seria pretender devesse êle igualmente dar informações sôbre os mistérios da existência pessoal, não dispondo dos meios para fazê-lo.

E' preciso dizer o mesmo de Estelle Livermore, relativamente à linguagem verbal. Também ela não conseguiu materializar uma laringe que lhe permitisse conversar livremente; e foi sómente em raras circunstâncias que ela conseguiu proferir com dificuldade, algumas frases áfonas de saudação. Por outro lado, verdade é que ela poude, frequentemente, escrever, com sua mão materializada, longas mensagens destinadas a seu marido. Êste último não as publicou, por se tratarem de assuntos muito íntimos para as divulgar. Ora, observarei que se verifica, das conversações do banqueiro Livermore com Benjamim Coleman e com Roberto Dale Owen que essas mensagens também contém maravilhosas descrições do meio espiritual no qual se encontrava Estelle. Segue-se que as críticas de M. Jean d'Ossau caem por consequência da inexistência da suposta «carência» à qual êle faz alusão. Mas não digo isto a título de retificação; com efeito, mesmo se Estelle se houvesse limitado a dar curtas mensagens de identificação pessoal, êste facto, longe de ter o alcance teórico que M. Jean d'Ossau lhe atribue, unicamente significaria que, nas condições precárias de materialização em que Estelle estava constrangida a se manifestar, ela não podia fazer outra coisa. Efetivamente, a experiência tem provado que, salvo casos excepcionais, nos fenômenos de materialização de fantasmas, o grande emprêgo de fluídos e de energia mediúnica, necessária para temporariamente organizar o simulacro de um falecido, é sempre tão enorme, de modo a prejudicar as funções do orgão cerebral empregado pela entidade que se materializar. Nestas condições, deveriamos nos contentar, maravilhando-nos mesmo, todas as vezes que as personalidades dos defuntos materializados conseguem manifestar-se com o aspecto que tinham em vida, reforçando a identidade exterior com boas provas de identidade pessoal e intelectual, como o tem feito Estelle Livermore.

Fica, pois, entendido que as «revelações sôbre o Além», de que fala Jean d'Ossau, não podem ser legitimamente exigidas nos casos de fantasmas materializados; é preciso pedir as informações às formas mediúnicas apropriadas, isto é, às de natureza especialmente intelectual, e não física.

Estabelecido isto não tenho dificuldade de admitir que M. Jean d'Ossau teria razão se fosse verdadeiro o que afirma, isto é, que jamais espíritos de defuntos nos informam de maneira adequada sôbre a existência pessoal, mesmo «com auxílio de comparações, analogias e induções destinadas a desvendar-nos o Grande Enigma», de tal modo que «as pessoas que, de muito boa fé, desejam a *prova crucial* de que fala M. Bozzano, em favor da hipótese espírita, sentir-se-ão decepcionadas por essa carência formidável e contínua sôbre que se guarda um silêncio tacitamente convencional». Se tudo isto fosse exáto, eu não poderia deixar de reconhecer que M. Jean d'Ossau tinha razão de dar-lhe tal importância em prejuizo da interpretação espírita dos fenômenos mediùnicos. Mas é justamente nêste ponto que êle mostra não possuir conhecimentos adequados. Eu não o censuro, e sobretudo não me surpreendo, porque no Continente europeu não são sómente os metapsiquistas ortodoxos que ignoram a verdade a êste respeito, mas também a maior parte dos espíritas. Quer isto dizer, que quasi todos ignoram a existência da imponente coleção de obras mediúnicas que exclusivamente se ocupam do modo de existência no meio espiritualista; coleção em que se encontra grande número de excelentes obras, elevadas e muito interessantes. A causa dessa ignorância generalizada no Continente é devida ao facto de ocorrer a maior parte das publicações desta sorte entre povos anglo-saxões, que são também os povos que mais apreciam êste ramo de fenomenologia mediúnica, como sempre foram os vanguardeiros do grande movimento mundial metapsiquico-espiritualista.

Se acrescentarmos a tudo isto que as obras desta sorte jamais foram vertidas para as línguas do Continente, resulta daí que elas são unicamente acessíveis aos que conhecem a língua inglesa. Entre os que se ocupam de investigações psíquicas numerosos são os versados nessa língua; mas estas pessoas não se interessam por êste ramo da metapsiquica, mas sua atenção se volta exclusivamente à parte experimental dessas investigações. Eis porque na Europa até aquí se ignorou um ramo muito importante da metapsiquica, ramo que se não deveria negligenciar, e que deveria ser estudado a fundo pelos que desejam ter uma idéia realmente adequada da nova ciência da alma. E' preciso não esquecer que essas revelações transcendentais se produzem simultaneamente como outros fenômenos mediúnicos, aos quais estão indissoluvelmente ligadas e que são sucetíveis de ser examinadas pelos processos científicos da análise comparada e da convergência das provas.

Não me cabe demonstrar a M. Jean

d'Ossau esta última circunstância, isto é, que elas são suscetíveis de ser estudadas experimentalmente. Com efeito, êste problema não está incluído na objeção que êle me dirige, e que se assenta exclusivamente na suposição errada, que os espíritos permanecem constantemente reticentes, quando se lhes pede informes a respeito da existência espiritual; suposição que leva M. Jean d'Ossau a observar que se os espíritos, que se manifestam, houvessem dado alguns informes a êste respeito «não poderiamos controlar a exatidão; mas, ao menos, pela atitude mais explicável e mais verossímil, estariamos o mais possível aproximados», (isto é, estariamos o mais próximo possível da prova da existência do mundo espiritual, se bem que esta prova não possa ser inteiramente atingida).

Fica, pois, entendido que, não me cabendo demonstrar a M. Jean d'Ossau aquilo que êle não me pediu, eu deveria contentar-me com o ter retificado suas afirmações errôneas. A-pesar disso, proponho-me a demonstrar-lhe sumariamente que «nós podemos controlar a exatidão» das informações transcendentais fornecidas pelos espíritos que se comunicam, e isto em medida mui considerável. Eu o farei enumerando os métodos de investigação científica por meio dos quais o conseguimos; métodos que necessariamente são de natureza indireta, mas que em todo o caso fornecem excelentes provas da verdade que afirmam os espíritos.

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

Continuemos o estudo desta terapêutica benfazeja e absolutamente gratuita.

No último artigo desenvolvemos o estudo duma cura feita em França, relatada pelo grande sábio, Charles Richet. Hoje falaremos de outra cura realizada entre nós, e portanto, de grande interêsse. Trata-se duma moça de 25 anos, a qual contraiu um fibroma no ventre. Depois de diagnosticada por um notável clínico e comprovado êsse diagnóstico por uma chapa radiográfica submeteu-se a paciente ao tratamento dos passes Magnéticos, aplicados por José Maria Solér, presidente da «Sociedade Propagadora do Magnetismo Curador», situada à Avenida 28 de Setembro 78. Em poucos meses ficou ela radicalmente curada. Eis o teor dum documento que a paciente enviou ao dito senhor.

— «Ilmo. Snr. Presidente da Sociedade Propagadora do Magnetismo Curador. Tendo feito um tratamento por meio dos passes Magnéticos, e como alcançasse o resultado desejado, isto é, a cura, passo a descrever como se passou o facto, ao mesmo tempo autorizando-o a fazer desta o uzo que achar conveniente.

No dia 3 de Abril de 1938, comecei a sentir fortes dôres no ventre, que me obrigaram a ficar acamada. A' medida que as dôres aumentavam aparecia um volume, espécie de um caroço. Chamado o médico, receitou êle vários medicamentos, os quais nada adiantaram, pois as dôres e o volume continuavam na mesma. Depois de vários dias de tratamento mudei de médico e êste diagnosticou colite intensa. Feito o tratamento da colite, como o meu estado continuasse o mesmo, resolvi ir a um terceiro médico o qual, depois de examinar uma chapa fotográfica, atestou ser o meu mal um *fibroma*, e disse ser preciso operar.

Estava tudo pronto para a operação, sómente aguardando vaga num hospital, quando um parente aconselhou-me a experimentar o tratamento pelos passes Magnéticos.

A-pesar-de não conhecer êste meio de cura, contudo, submeti-me ao tratamento, a começar do dia 29 de Julho do mesmo ano. Desde os primeiros passes comecei a sentir melhoras, as quais se foram acentuando até a cura final. Nos primeiros três meses de tratamento tomava três passes por semana, depois passei a dois e, com seis meses de tratamento estava, graças a Deus, completamente curada.

Rio de Janeiro 22 de Abril de 1940.

As.—Elza Rochlloff de Mattos.
Rua Itahú 166, Penha, Rio.

Eis aquí um facto real, inconteste e recente, com a vantagem de poder ser constatado pelos negadores. As provas são patentes.

Quasi quatro meses levou a paciente em tratamento com dois médicos diferentes; vai a um terceiro e êste, à vista da chapa, diz: «E' Fibroma; só uma operação resolve o caso».

A moça, não tendo recursos para se internar numa casa de saude, espera a vez para ser operada num hospital. Nêsse ínterim sugerem-lhe o uso dos passes. E' iniciado o tratamento e as melhoras acentuam-se. A idéia da operação é então abandonada e, com seis meses de tratamento pelos passes Magnéticos, fica radicalmente curada. Acrescentaremos que a citada senhora casou-se, pouco tempo depois, gosando perfeita saude.

Perguntaremos: o dever dos dirigentes dos povos não é trabalhar para o bem das coletividades? E', e todos nós estamos capacitados dêstes deveres. Dentro, pois, dessa lei de solidariedade devem os governos, por intermédio dos canais competentes, facilitar e mesmo coadjuvar as idéias e trabalhos que venham melhorar e suavisar os sofrimentos dos povos. Está enquadrado nêste postulado os passes Magnéticos. Não, sem dúvida, aqueles que são anunciados e aplicados ao preço do vil metal, da vil moéda, mas, sim, aqueles cujos autores os aplicam inteiramente de graça, por amor à humanidade.

Deus ilumine os nossos legisladores, para que êles possam compreender estas coisas à luz da conciência, e também para saberem separar o joio do trigo.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXIX —

Devaneios da Sabedoria Materialista

A humanidade, desde os seus primórdios, qualquer que tenha sido o grau de sua civilização, a evolução de seus conhecimentos científicos, tem se fracionado em duas porções: uma que admite a existência de Deus e a Imortalidade, e outra que nega estas duas existências. A primeira, numa proporção talvez de 95 % sôbre a segunda. Diminutissima a segunda: Por isso mesmo que se arroga a láurea de estudiosa, de evoluida, de sábia, visto como faz a sua negação baseada na ciência. Mas, que ciência? Na ciência oficial, materialista, porque escrava sómente daquilo que impressiona a concepção dos sentidos materiais. Baseada nesta mesma ciência que não tem, ainda, a conciência absoluta das coisas da Terra. As regiões polares aí estão, ainda, a desafiar-lhe a ousadia. Os fenômenos das marés, a formação dos ventos são, ainda, explicados a teorias empíricas, que se renovam a cada passo. E por falar em polos, em ventos, em coisas de geografia, não é a ciência geográfica que nos impõe, desde nós crianças, esta definição científica do eixo da Terra «uma linha imaginária que passa pelo centro da Terra, em torno da qual a Terra executa o seu movimento de rotação?» Definição científica, esta, que não ha recusá-la, porque a ciência não póde admitir que alguma coisa se mova sem eixo. Temos, pois, de aceitar o eixo da Terra, «cientificamente» demonstrado pela ciência imaginativa dos sábios sem Deus, e recusar a existência de Deus e do Espírito, que, embora contra uma e outra milite a imaginação do «homo sapiens», a razão equilibrada não póde deixar de admitir. A razão de muitos sábios inclusive! A existência de Deus como o princípio creador de todas as coisas, e a do Espírito, como o ser pensante encarnado em todo homem. Ser pensante que tem sido visto e examinado a ôlho nú, sem nenhuma possibilidade de ilusão, por muita gente, sábios inclusive, que com êles tem confabulado, que dêles tem recebido mercês...

Está em crise um princípio científico, até agora tido como incontestável: o princípio de Lavoisier. O pricipio de que nada se perde, porque tudo se transforma sôbre a Terra, em a Natureza. Pois em nome da ciência, da mesmissima ciência em que se firmou tal princípio, lá nos vem um sr. Drunher, físico de alta nomeada, a dizer: «Não se deve repetir, nem deixar que se repita a fórmula mentirosa de que *nada se perde*. Tudo se perde, proclama em côro a nova escola». E Abel Rey, filósofo materialista, atesta a nova assertiva científica, sentenciando: «Por em dúvida a conservação da matéria, já não espanta os físicos de vanguarda.»

Assim quando seremos verdadeiramente cientistas: com Lavoisier ou com Bruner e Abel Rey? Êsses sábios...

Na ilha de Java, ha anos foram encontrados por antropologistas, um dente molar superior, um pedacinho de crâneo e um femur. Dêsses fragmentos ósseos, os cientistas construiram, por indução e dedução, o esqueleto de um monstro humano, cabeça meio de chimpanzé meio de homem, a que deram, cientificamente, o nome de *Pithecantropus erectus*, com a abundância de letras e do latinório que aí está, para maior tonalidade científica. E foram mais longe os sábios antropologistas, no estudo da descoberta do macaco-homem-ereto: afirmaram, científicamente, que o dono do fragmento de esqueleleto fôra um dos possíveis ancestrais da espécie humana, que existiu 500.000 anos de nossa éra. As provas científicas para a afirmação? Pois alí não estavam o dente, o ossinho do crâneo e o femur, a serviço da imaginação dos sábios, como o eram os que inventaram o eixo da Terra? Para que mais provas? Êsses sábios!...

Se os antropologistas encontrassem, por aí, algum ossinho do crâneo de Deus, um dentinho qualquer de espírito, um femur espiritual ou divino!... Sem essas provas materiais, impossível assinalar, científicamente, a existência de Deus ou do Espírito. A Natureza nada prova aos olhos dos cientistas materialistas para atestar a força creadora, a inteligência que a aciona, a que chamamos Deus, à falta—quem sabe?—de melhor classificação! E a inteligência, o raciocínio, a razão, cuja existência não se demonstra a neurônios nem encéfalo, não lhes bastam para a demonstração do espírito! Pois se a Natureza é, até, defeituosissima, dí-lo Helmotz ao lado de Schopenhauer. E, se ela aí está para glorificar alguém, não é ao seu autor, mas aos Hiparcos, aos Keplers, aos Newtons, dí-lo Augusto Comte. E' que, senhores, para nossa ciência, mais do que o poder de quem derramou os mundos pelo Espaço Infinito, é a glória de quem o estudou e os descobriu, embora as suas descobertas e os seus estudos continuem passíveis de novas teorias e reformas! Êsses sábios...

Os sábios materialistas não admitem que se possa ser concientemente, sabiamente, científicamente deista, espiritualista! Para êles, crer em Deus é sinônimo de ignorância, como se não assistisse aos sábios deistas—que os ha, e dos bons e dos verdadeiros!—o direito em dôbro de dizerem o mesmo dêles!

Conforta, científicamente, aos deistas e espiritualistas o verem pisando o terreno de suas convicções extra-materiais vultos como Charles Henry, Sorbone, como Flamarion, o grande astrônomo e Henry Poincaré, o matemático; como Gustavo Geley, o fundador do Instituto de Metapsíquica Universal e Bergson, o filósofo; como Paul Gibier, o notável cientista...

Sábios e cientistas êstes unanimes todos em, atestando, racionalmente, a sua crença em Deus, concluirem e proclamarem que «nada existe de real senão o Espírito e as suas manifestações».

E' força convir com Seneca: «verdadeiro sábio não é aquele que sabe mais, porém aquele que sabe melhor».

Analisando Factos

Por Frederico Duarte — Manchester

Depois de ter recebido uma prova tão convincente sôbre a Sôbrevivência pela forma como comuniquei com o espírito de minha mãe, tratei de ler várias obras sôbre Espiritualismo, nas minhas horas vagas, e finalmente me decidi a entrar como membro da Longsight Spiritualist Church, que frequentei regularmente por alguns anos.

Quando comecei a ensinar línguas em cursos noturnos, foi em 1915, na St. Margaret's School, onde me ocupei sómente com a língua espanhola, pois que durante o dia estava empregado como correspondente em Português, Espanhol e Francês, para uma das principais casas exportadoras desta cidade. Dalí passei a ensinar Espanhol na Escola Superior do Comercio, e fui apresentado ao ilustre professor de Português, Colombo A. Toledano, que regia ha bastantes anos já os cursos da dita, e êle um dia sugeriu que eu abrisse um novo curso ensinando pela Nova Ortografia, pois que êle tinha com o seu filho Amadeo, publicado uma Gramática Portuguesa, e não estava disposto a sair da sua rotina, ensinando pela antiga. Recusei-me terminantemente a isso, continuando por uns anos sómente a reger cursos em espanhol.

Um belo dia, Colombo Toledano veiu pedir-me para que eu tomasse conta das suas classes enquanto êle tinha de ir ao Continente em negócios. Harmonizámos as coisas de modo a que me foi possivel seguir com as minhas classes e tomar conta das dêle durante a sua ausência.

Fui passar uma semana ao País de Gales e, ao regressar, soube que o bom amigo voltou doente a Manchester, tendo falecido de uma fórma trágica, com a sua caneta-tinteiro, a corrigir os exercícios dos seus alunos que eu tinha deixado para o fazer devido a sua insistencia nisso!

Mediante esta inesperada circunstância, o Comité de Educação convidou-me a tomar conta do seu lugar.

Ora isto vem a propósito sôbre um caso que se deu e foi êle o instigador de me pôr em contacto direto com o Ernest Oaten e o «Two Worlds», do qual é êle o seu ilustre editor.

Numa noite de minha visita à Longsight Spiritualist Church, uma senhora muito conhecida no meio espírita como médium de clarividência, assombrou todos os presentes quando caíu num transe profundo, começou a chamar-me para si, — Duarte, Duarte! Come, come here! (venha, venha aquí) Estrebuchava e havia sinais de cair ao chão, mas não foi permitido que se lhe tocasse, exceto eu.

Agarrei gentilmente na médium pelos ombros e qual não foi o meu espanto e surpresa quando ela começou a falar em italiano!!!

Era o Colombo Toledano! (O bom amigo era um judeu de procedência italiana). Sabendo êle (assim o disse) que eu compreendia regularmente bem a sua língua materna, decidiu-se a dirigir-se a mim dessa forma. Estupefato, meio estonteado, depois de terminada aquela demonstração, um dos membros presentes disse-me: — Senhor Duarte, não sei quem foi o espírito que lhe falou, mas o que posso assegurar-lhe é que, pelos poucos conhecimentos que possuo, por ter estado durante a última Guerra na Itália, a língua falada pareceu-me ser a italiana!

Belissima prova! Não havia alí na ocasião ninguém mais que soubesse uma única palavra em português, espanhol ou italiano!

O secretário excitadissimo pediu-me para fazer um relatório do que se deu e que êle mesmo o levaria a Oaten para ser publicado no «Two Worlds», como efetivamente o foi.

Charles Hicks, o sub-editor, veiu ver-me pessoalmente, pedindo-me para que lhe fosse franco, e que lhe confessasse se o que tinha escrito tinha efetivamente acontecido.

Claro que sim, pois na ocasião havia alí mais de 80 pessoas presentes e incluindo aquele ex-soldado que esteve por alguns meses na Italia!

Charles Hicks levou-me á redação onde me apresentou o grande jornalista inglês, Ernest Oaten, e a seu pedido comecei a escrever a secção de «Spiritualism Abroad».

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus distintos leitores, assinantes, colaboradores e representantes, muita paz e prosperidades espirituais no decorrer do ANO NOVO.

1—1—942.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—Como vos chamava vossa mãe?

Esp.—James é o meu nome, porém, sempre me chamavam Jimmie. Caramba! Não sei o que se passa comigo. Aquele relâmpago me sacóde desde os joelhos aos pés, depois de minha cabeça aos pés, porém o que não posso compreender é que nunca falha o golpe.

Méd.—Que idade tendes?

Esp.—Digo-vos que sou um homem de cerca de 40 anos, porém quero também dizer-vos que, durante, toda a minha vida, nunca vi um relâmpago assim e não posso compreender como nunca põe fogo em nada. Caramba! Ontem eu caí num verdadeiro covil; foi o pior que vi em toda a minha vida. Eu supús que cada um fosse um demônio. (Espíritos obsessores). Um dêles está aí de pé, e êste chegou ontem.

Méd.—Ha quanto tempo morrestes, Jimmie?

Esp.—Que quereis dizer?

Méd.—Eu estou perguntando ha quanto tempo perdestes o vosso corpo?

Esp.—Não o perdi ainda.

Méd.—Já verificastes que estais em estranha situação?

Esp. Ha muito que estou assim.

Méd.—Trabalhastes sempre no comércio de petróleo no Texas?

Esp.—Não sei onde estive trabalhando; as coisas estão bem estranhas.

Méd.—Onde trabalhastes?

Esp.—Numa oficina de ferreiro.

Méd.—Sabeis em que ano estamos?

Esp.—Não sei não.

Méd.—Ides votar nestas eleições? Em quem votareis para Presidente?

Esp.—Ainda não sei.

Méd.—Gostais do atual Presidente?

Esp.—Gosto, êle é muito bom.

Méd.—Conheceis algo de particular sôbre êle?

Esp.—Êle é correto; não ha nada sôbre Roosevelt.

Méd.—Êle é o Presidente?

Esp.—Si é! Ha pouco que foi eleito. Mc Kinley também era um bom homem, porém, como sabeis, Mark Hanna tinha uma terrível influência sôbre êle. Já ha muito tempo que não me preocupo com a política. Tenho vivido retirado, porém, por Deus e pelos Santos, esta mulher que está falando quasi todo o tempo me põe quasi maluco.

Méd.—Quem é esta mulher que fala tanto?

Esp.—Não podeis vê-la?

Méd.—Pode ser que não esteja aquí.

Esp.—Está sim. E' aquela mulher (indicando a paciênte).

Méd.—Sôbre o que fala ela?

Esp. – Só fala tolices. Ela me põe doente.

Méd.—Que diz de particular?

Esp.—Nada. Não tem senso. Ela zomba de mim uma porção de vezes num instante. Qualquer dia ela vai me pagar. Que mulher terrível!

Méd.—Agora, meu amigo, é preciso que compreendais o vosso estado. Perdestes o vosso corpo físico e sois agora um espírito.

Esp. - Eu tenho corpo. E' preciso que esta mulher fique quieta.

Méd.- Êste corpo não é vosso.

Esp. - Por Deus, de quem é então?

Méd.--De minha esposa.

Esp.—Pelas chagas do Cristo! Não sou vossa esposa. Como posso ser vossa mulher se sou um homem? Isto é brincadeira.

Méd.—Sois um espírito invisível.

Esp.–Espírito? Quereis dizer um fantasma? Céus, falai direito.

Méd.—Fantasma e espírito são a mesma coisa.

Esp.—Conheço fantasmas e conheço espíritos.

Méd.—Ambas as denominações querem dizer a mesma coisa. (Segurando a mão do médium).

Esp.—Não é bonito um homem segurar a mão de outro homem. Si quereis segurar a mão de alguém, pegai a mão de uma senhora. Um homem segurando a mão de outro não tem graça.

Méd.—Contai-nos o que esta senhora diz.

Esp.—Ela fala muito e não diz nada.

Méd.–E' ela moça ou velha?

Esp. -Ela não é muito moça. Garanto-lhe que ela me põe maluco.

Méd.—Já vos disse que sois um espírito.

Esp.—Então quando morri?

Méd.—Deve ter sido ha muito tempo. Roosevelt não é mais Presidente ha muitos anos. Êle é um espírito como vós.

Esp.—Como eu? Então também morreu.

Méd.—Como vós.

Esp.—Se vos estou falando aquí, não posso estar morto!

Méd.—Perdeste o vosso corpo.

Esp. - Por favor, não segurai minha mão. Isto é uma brincadeira sem gosto.

Méd.—Estou segurando a mão de minha esposa.

Esp.—Bem, podeis segurar a mão dela, mas deixai a minha.

Méd.—Reconheceis esta mão como a vossa?

Esp.—Esta mão não é a minha.

Méd.—E' a mão de minha mulher.

Esp.—Mas eu não sou vossa esposa.

Méd.—Estais vos servindo, temporariamente, do corpo de minha esposa. Perdestes o vosso próprio corpo ha vários anos.

Esp.—Como aconteceu isto?

Méd.—Não sei. Sabeis que estais em Los Angeles, na California?

Esp.—Por Deus e pelos Santos, como vim parar na California. Não tinha dinheiro. Como sabeis ha duas mulheres aquí Uma não fala muito, parecendo-me estar doente. (Outro espírito obsessor da paciente). Ela fala pouco e eu suponho que ela está aborrecida porque a outra mulher fala tanto. Fazei-me o favor de não segurar-me a mão; gosto de sentir-me livre. Si eu estivesse só com uma senhora e lhe segurasse a mão seria um caso diferente. Não estais satisfeito em já segurar u'a mão?

Méd.—Terei que segurar as duas si não ficardes quieto. Porém, não percamos mais tempo.

Esp.—Eu gostaria que não perdesseis tanto tempo com as minhas mãos.

Méd.—Nós vos daremos algo para fazer.

Esp. Fá-lo-eis? Que coisa boa! Se podeis dar-me qualquer serviço ficarei muito contente. Quereis que eu ferre cavalos? Eu fazia êsse serviço.

Méd.—Em que Estado?

Esp.—No Texas; é um grande estado.

Méd.—Viajaste muito?

Esp.—Sim, um pouco. Estive em Galveston, Dallas, San Antonio e muitos outros lugares. Viajei á minha vontade. Fui a Houston e outras cidades.

Méd—Sois um espírito e vos foi permitido utilizar-vos do corpo de minha esposa. Não vos vêmos.

Esp.- Observai aqueles diabos alí, coxeando como um bando de duendes. Estão todos em tôrno daquela senhora. (A Sra. Burton).

Méd.—Levai-os convosco quando daquí partirdes.

Esp.—Isto não me agrada. (Tocando um colar) Que diabo é isto?

Méd.—E' um adorno de minha mulher.

Esp.—Vossa esposa?

Méd.—Fostes trazido aqui para elucidação. Fostes afastado daquela senhora, a força.

Esp.—Sim, com relâmpagos. Por minha vida, nunca vi coisa igual. Havia tempestades de trovões e relâmpagos no Texas e no Arkansas, porém os relâmpagos não atingiam ninguém como faz comigo.

Méd.—Não tereis nunca mais trovões e relâmpagos.

Esp.—Não? Que bom.

Méd.—Vossa mãe vivia no Texas?

Esp.—Certamente. Mas ela já morreu. Sei disto porque estive no seu entêrro.

Méd.—Vistes o enterro do corpo da vossa mãe mas não do seu espírito, alma ou inteligência.

Esp.—Suponho que ela foi para o Céu.

Méd.—Observai ao vosso redor e vêde si a podeis ver.

Esp.—Onde?

Méd.—Ela deve estar aquí.

Esp.—Que lugar é êste, afinal de contas? Como sou vossa esposa se nunca vos vi antes?

Méd.—Não sois minha mulher.

Esp.—Dissesle que sou vossa esposa.

Méd.—Eu não disse que sois minha mulher. Disse, sim, que estais usando, temporariamente, o corpo dela.

Esp.—Por Deus, como poderei sair do corpo da vossa mulher?

Méd.—Ficai calmo. Que dizem êstes duendes?

Esp.—Êles dizem que vão ficar, porém eu digo, e digo bem alto, que eles teem que ir-se embora.

Méd.—Quereis que eles vão convosco?

Esp.—Isto mesmo.

Méd.—Poderieis auxiliá-los um pouco, corrigindo-os e fazendo-os compreender o seu estado. Êles precisam de ajuda. Todos vós sois espíritos ignorantes e estivestes incomodando aquela senhora. Sou a pessoa que vos aplicou os «relâmpagos» e vos expulsou. Podeis todos vós ir para o mundo espiriual e aprender como progredir.

Esp.—E aquela mulher também vai? Ha um bando aquí, porém não vi nenhum deles sinão ultimamente.

Méd. Não vêdes aquí ninguém a quem conheceis? Sentai-vos, bem calmo, por um instante e olhai ao vosso redor.

Esp.—(Excitado) Como? Aí vem Nora! (Um espírito)

Méd.—Quem é Nora?

Esp.—Nora Huntington, ela é minha irmã.

Méd.—Perguntai-lhe se vosso nome é Jimmie Huntington.

Esp.—Ela diz que é e, também, que não me vê ha muito tempo. (Subitamente perturbado). Porém — ela é morta.

Méd.—Deixai que ela explique a situação.

Esp.—Ela diz: «Jimmie, vinde comigo.» Para onde deverei ir?

Méd.—O que diz ela?

Esp.—Ela diz: «Para o mundo espiritual», porém não creio nela.

Méd—Vossa irmã tinha o habito de mentir?

Esp. Não.

Médium—Se ela era verdadeira antes, porque mentiria agora?

Esp.—Ela diz que esteve, durante muitos anos, à minha procura e que não sabia onde eu estava.

Méd.—E por onde, andou ela?

Esp.—Como? se estava morta. Estive no seu enterro e sei que ela não foi enterrada viva.

Méd. Fostes ao enterro do corpo dela, não do espírito.

Esp. Então êste é o fantasma dela?

Méd.—Ela é, provavelmente, um espírito esclarecido. Não precisamos interrogá-la sôbre o que quer que seja. Deixemos que ela explique.

Esp.—Ela diz: «Vamos, Jimmie, e levemos o «band» conosco. Diz que é um espírito missionário e auxilia a todos que pode, que chama de infelizes. Eu também fui muito infeliz.

Méd.—Dizei a esta senhora, a

êste outro espírito a que vos referistes, para ir convosco.

Esp.—Ela diz que se fôr ficará sem corpo.

Méd.—Dizei-lhe que ela terá um corpo espiritual e que não precisa de um corpo físico. Dizei-lhe também que lhe será ensinado como progredir. Levai também convosco êstes duendes.

Esp.—Não posso levá-los todos comigo. Como sabeis que todos êles querem ir comigo?

Méd.—Êles irão se vos lhes mostrardes algo melhor do que êles teem agora. Provavelmente nunca tiveram felicidade na vida.

Esp.—Não me havia ocorrido isto.

Méd.—Não podemos ser severos com êles. Mostrai-lhes um caminho melhor e vos seguirão.

Esp.—Onde estou agora?

Méd. Na California.

Esp.—Onde na California?

Méd.—Em Los Angeles.

Esp.—Si estais em Los Angeles quer dizer que eu também estou aquí?

Méd.—E como poderieis estar em outra parte já que estais aquí?

Esp.—Na verdade, isto é razoável. A última coisa de que me lembro é que estava em Dallas, no Texas, e a primeira é que recebi uma pancada detrás da cabeça. Estava ferrando um cavalo quando recebi a pancada. Será que então morri?

Méd.—Evidentemente, foi quando deixastes o vosso corpo físico, porque não se morre. Se não partirdes, já, vossa irmã ficará cansada de vos esperar.

Esp.—Irei com ela, si me permitir, porém terei que andar.

Méd.—Como é que ireis andar? Com o corpo de minha esposa? Precisais aprender uma nova lição. Pensai que estais junto de vossa irmã e vós a vereis imediatamente alí. Tereis que andar com o auxílio do pensamento.

Esp.—Pelos Santos do Céu eis uma nova complicação!

Méd.—Vamos, amigo, não podeis ficar aquí mais tempo.

Esp.—Eis uma bela maneira de me falar.

Méd.—Não quero que permaneçais mais tempo incorporado no corpo de minha esposa.

Esp.—De que corpo devo servir-me quando saír daquí?

Méd.—Quando deixardes êste corpo, estareis com o vosso corpo espiritual. Êste nos é invisível.

Esp.—Terei então que pular dêste corpo para um corpo espiritual?

Méd.—Vossa irmã vos explicará. Pensai agora que estais com vossa irmã. Para isto não precisais de nenhum corpo físico.

Esp.—Estou começando a ficar com sono.

Méd.—Parti com vossa irmã e segui suas instruções; aprendereis muitas coisas na vida espiritual. Levai todos êstes espíritos convosco.

Esp. (Aos espíritos). Agora, venham todos comigo, toda a turma.

Méd.—Eles estão indo convosco?

Esp. Estamos indo. Vamos pessoal. Adeus.

AQUÍ E AGORA

Campos Vergal

(Continuação)

E a Vida prossegue, porque a morte, no sentido de aniquilamento, de extermínio, não existe; é sempre o eterno presente, o *aqui* e o *agora*. Os espíritos desencarnados estão também no seu eterno presente; nós, idem. — O passado é um sonho, bom para uns, mau para outros; é um museu empoeirado, quasi inutil, que carregamos conosco. — O futuro é uma convenção, uma fantasia; ninguém o conhece, ninguém viveu nele; o amanhã hade ser o eterno *amanhã*, uma ilusão.

• • •

E a Vida prossegue, porque a

cada *morte* corresponde um renascimento; quando uma criança surge no plano físico, é um espírito que *morre* no plano astral; quando um indivíduo desencorpora-se na Terra é uma alma que ressurge no mundo espiritual. A cada aparecimento na 3.a dimensão responde um desaparecimento na quarta dimensão, e assim vice-versa. — E mesmo que não o queiramos, mesmo que não saibamos, a canção da Vida imortal continua tecendo suas ondas de harmonia.

⁂

E a Vida prossegue . . .

E teremos que compreender que ela é una, indivisível; flue expontânea e naturalmente através de tudo. As linhas divisórias, as cêrcas separatórias entre cousas humanas e cousas divinas são criações das religiões. O fato real é que corpo e espírito, homem e Deus, vida e morte, luz e sombra, mal e bem, interdependem-se, coexistem e confundem-se bastas vezes, segundo a visão individual; e o conjunto de todos e de tudo forma a Vida inteligente e universal.

Não ha pois um Jeová, um Alá, um Jupiter ou um Deus que perdôa ou que castiga, que ajuda ou que persegue; não ha racionalmente «um pai de infinito amor e bondade» como sempre lamuriam os religiosos de todos os tempos, crenças, latitudes e longitudes. E dentro da Vida universal estamos nós, centelhas vívidas, inteligentes e imortais, nós, os viajores da eternidade; e cada um de nós é um Espírito imortal, um bandeirante do infinito, vivendo e progredindo independente de deuses e semí-deuses, de santos e de guias, de demônios ou de anjos.

A PROFECIA DE JOEL

J. B. CHAGAS

«Nos últimos tempos — disse o Senhor — derramarei o meu espírito sôbre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos.» (Joel—Cap. II, v. v. 28 e 29).

Não somos daqueles que acreditam cegamente na infabilidade da Bíblia (*biblion*, segundo os gregos, que quer dizer «o livro por excelência»). A Bíblia é um livro enigmático, incompreensível mesmo em muitos pontos. E atribuir-se uma autoridade divina a tudo o que da Bíblia consta, como sendo emanado diretamente do Creador, é uma temeridade sem nome e quasi uma ousadia, visto como alí se contém verdadeiros absurdos, que considerados de fonte divina, teriamos que fazer uma idéia bem mesquinha do deus bíblico.

Ora, a Bíblia ou seja o Velho Testamento, é composto de três grupos de livros, ditos sagrados, que são Pentateuco, Profetas, Hagiógrafos, relativos à religião, à história, às instituições e aos costumes dos judeus, cada um dêles obtido por profetas e inspirados, em várias épocas e por inspirados e profetas que falavam várias línguas e dialetos também vários. Épocas essas bem remotas, quando eram, então, dificílimos, o meio e o modo para fazer com que, qualquer idéia ou pensamento, ficasse ou perdurasse para o conhecimento postervo.

O Velho Testamento, no reinado de Ptolomeu Filadelfo, foi traduzido para o grêgo por setenta e dois sábios hebreus, tradução esta que se tornou conhecida como *Versão dos Setenta*. Esta Bíblia, no século IV, foi revista por S. Jerônimo, sendo a única tradução aceita pela Igreja, e é conhecida como *Vulgata.* A *Versão dos Setenta* contém várias obras consideradas como apócrifas pelos israelitas, dentre outras os cinco *Livros dos Macchabeus,* dos quais só os dois primeiros são considerados como autênticos pela igreja romana.

Consideradas estas dificuldades de veracidade, grandemente agravadas pelas barreiras linguistas, temos que por em dúvida finalmente a autenticidade e paternidade de muita cousa que ela contém e que repugna o nosso raciocínio e o nosso bom senso, para não admitirmos seja de origem divina, grande parte do seu contexto, mormente aqueles pontos confusos, ambíguos e controversos.

Para nós, a Bíblia semelha uma grande colcha de retalhos, de vários tecidos e de variadas côres. Muitos foram os reveladores, diferindo de idéias, de sentimentos e intelectualidade, daì a diversidade que notamos nos ensinos bíblicos.

Quem, embora de passagem, examinar alguns dêsses textos, verá se um Deus, que supomos soberanamente Justo, Sábio, Onipotente, Misericordioso, será capaz de ditar tão grandiosa execrâncias, cuja busca e análise deixamos aos preclaros leitores.

O mesmo aconteceu com o Novo Testamento, que compreende os quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos e as Epístolas, escritos primitivamente em grego, com exceção do Evangelho de Mateus, que foi escrito em habráico, e escritos tresentos anos depois da passagem do Cristo pela Terra e ainda *segundo* disseram Mateus, Marcos, Lucas e João, isto é, êles próprios nada escreveram, mas sim outros o fizeram em seu lugar, *segundo a sua opinião*...

Basearam-se os escrevinhadores dos Evangelhos, mais propriamente na tradição. Escreveram por *ouvir dizer!*...

Com ambos, pois, isto é, com o Velho e Novo Testamentos, aconteceu o mesmo: escritos em idiomas antiquíssimos, tiveram que passar, para chegar até nós, por inúmeras traduções e *tradutori, traditori* — quem traduz tráe sempre, diz a tradição, o pensamento do autor, a quem se traduz, jungidos muitas vezes pelas dificuldades de sinonimia ou têrmos correlatos na outra língua; outras vezes, intencionalmente ou acanhamento da percepção intelectiva. Assim sendo, não podemos atribuir autoridade infalível a tudo o que se contém nos Evangelhos, embora seja isso considerado pelos nossos adversários como uma heresia sem nome, uma profanação da palavra, para êles divina, visto como os próprios evangelistas, divergem profundamente, nos seus pontos de vista com relação à certos acontecimentos e ensinos do Divino Mestre.

Observando o sábio conselho de Paulo, temos que forçosamente tudo fazer passar pelo crivo da Razão, tudo examinar, enfim. O que fere a Razão, o que aberra da Lógica e do Bom Senso, não pode ser de autoria divina, porque aí essa autoridade divina, a quem essa palavra é atribuida, perderia imediatamente essa qualidade ou prerrogativa. Deus já não seria onic:ente!...

Toda essa divagação em torno da Bíblia, no entanto, tem por ùnico escôpo — reconhecer na imensa colcha de retalho, um recorte verdadeiro, justificando a nossa convicção. E' justamente aquele com o qual iniciamos êste modesto trabalho, ou seja a profecia de Joel do Capìtulo II, versículos 28 e 29.

Só os que não teem olhos não veem que nos tempos que correm estão se cumprindo integralmente as palavras de Joel:

— O «Senhor derramará o seu Espírito sôbre toda carne!...»

Não parecerá isso uma cousa confusa?...

Interpretando estas palavras ao *pé da letra*, como se costuma dizer, elas são realmente incompreensìveis e enigmáticas. A que *carne* se referia o Senhor? Quando chegariam os tempos preditos?

Pois, bem, a essas interrogações responde o Espiritismo, considerado hodiernamente como a 3.a Revelação Divina, que não está personificada em qualquer indivíduo, porque representa êle o *Espírito do Senhor*, que *sopra em toda a parte*, porque *os tempos já chegaram* e que está *derramado por toda carne*, através do profetismo mediúnico. Assim estamos vendo que os velhos estão realmente tendo sonhos, que os jovens estão tendo visões, que os mancebos estão profetisando, curando e até confundindo os sábios da Terra!...

E porque passarão o Céu e a Terra, as palavras divinas, como afirmou o Cristo, não passarão, preparemo-nos para assistir a coisas mais maravilhosas e mais extraordinárias ainda.

As crianças prodígios, na confirmação das palavras bíblicas de que os *jovens profetizariam*, estão surgindo por toda a parte ! Os animais, possuidos de faculdades extra-normais, idem.

Partindo dêsse princípio, de nada teremos de pasmar, pois o próprio Jesus disséra que *até das pedras o Pai podia fazer nascer filhos a Abrahão!* De nada, pois, pasme o homem !

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

A religião, nas suas diversas modalidades que teem contribuido mais para separação das criaturas do que propriamente para irmanização, constitue um capítulo interessante nas observações para o tratamento das obsessões.

A maior porcentagem de loucos internados em qualquer hospital psiquiátrico, é fornecida pela religião católica. Em segundo lugar, veem os protestantes e, em terceiro, os espíritas.

Nos católicos, todavia, com raríssimas exceções, não é difícil e nem tão pouco trabalhoso conseguir-se o afastamento da entidade obsessora, pois o psiquismo do enfêrmo conserva os ensinamentos da sua religião, mais por tradição e respeito á família do que, propriamente, por convicção.

O obsessor que pretende torturar um católico, relembrando-lhe as torturas de um inferno ou as delícias de um paraizo, muito pouco aproveita da sua ação, porquanto não encontra um terreno muito firme na crença da sua vítima.

Na verdade, assim é, pois não se ignora que os católicos na sua maioria não acreditam firmemente nas artes e no poder do diabo, pouco lhes importando as ameaças dos castigos impostos e antevistos pelos ensinamentos da sua religião. São velharias que êles mesmos não aceitam, duvidando da possibilidade de semelhante *justiça divina*, consequentemente, não gravando, não intoxicando o seu psíquismo...

Sabe-se que o obsessor inteligente, atua mais sôbre a sua vítima, visando os seus pontos fracos—vícios, temores, nada mais fazendo do que excitá-los, estimulando e avivando sentimentos e vícios.

Tanto maior, pois, a sua atuação e tanto mais desastrosos os seus efeitos, quanto mais impregnado e intoxicado o campo em que atua.

Ora, se entre cem indivíduos que se dizem católicos, apenas encontramos três que o são sincera, piamente, avalia-se a proporção bem maior dos que se livram mais facilmente, não proporcionando meios ao obsessor e facilitando a doutrinação do próprio espírito—já abalado na sua crença...

Em compensação, nos três restantes, o trabalho é decuplicado e os efeitos e duração da obsessão, centuplicados, pode-se dizer, pois o campo é propício e a intoxicação profunda.

Quanto à obsessão nos espíritas, naqueles que professam a doutrina Kardecista, reconhecendo na lei da reencarnação a verdadeira justiça de Deus, felizmente e infelizmente também, ainda não foi possível obter-se uma observação criteriosa como teem sido feitas com as outras.

Sim, felizmente, para o Espiritismo e infelizmente, para a ciência... por serem casos rarissimos !

Os enfêrmos, todavia, e isso em geral, que proporcionam trabalho ingente, requerendo vigilância e sacrifícios enormes por parte dos que os amparam durante a prova da obsessão, são os Protestantes.

A crença absoluta na existência do inferno, com suas labaredas e sofrimentos ; o reconhecimento de culpas e consequentes castigos em conexão com a pretendida certeza (?) da existência do demonio — estão de tal maneira arraigados, estampados no seu psiquismo que constituem um campo ideal para as entidades obsessoras que sabem agir sôbre os pontos fracos das suas vítimas...

Visões e imagens elaboradas pelo próprio espírito, isto é, auto sugestões consequentes das gravuras que viram e que para êles representam verdades; quadros pavorosos plasmados pelos obsessores; recrudescimento da culpa conciente e que nada é capaz de atenuar, servem de armas poderosas e eficientes para produzir um desespero tamanho que quasi todos êsses enfêrmos terminam procurando, no suicídio, a tábua de salvação para os seus espíritos atormentados!

Felizmente, várias associações e Igrejas protestantes, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, já se aproximam da doutrina Kardecista, aceitando os seus ensinamentos e até mesmo, desertando as suas fileiras para, do próprio púlpito das suas Igrejas, concitar os fiéis ao estudo e à análise da doutrina!

Contamos em nossas observações, vários casos e a experiência tem sido bastante para que submetamos êsses enfêrmos a uma vigilância mais rigorosa e eficiente.

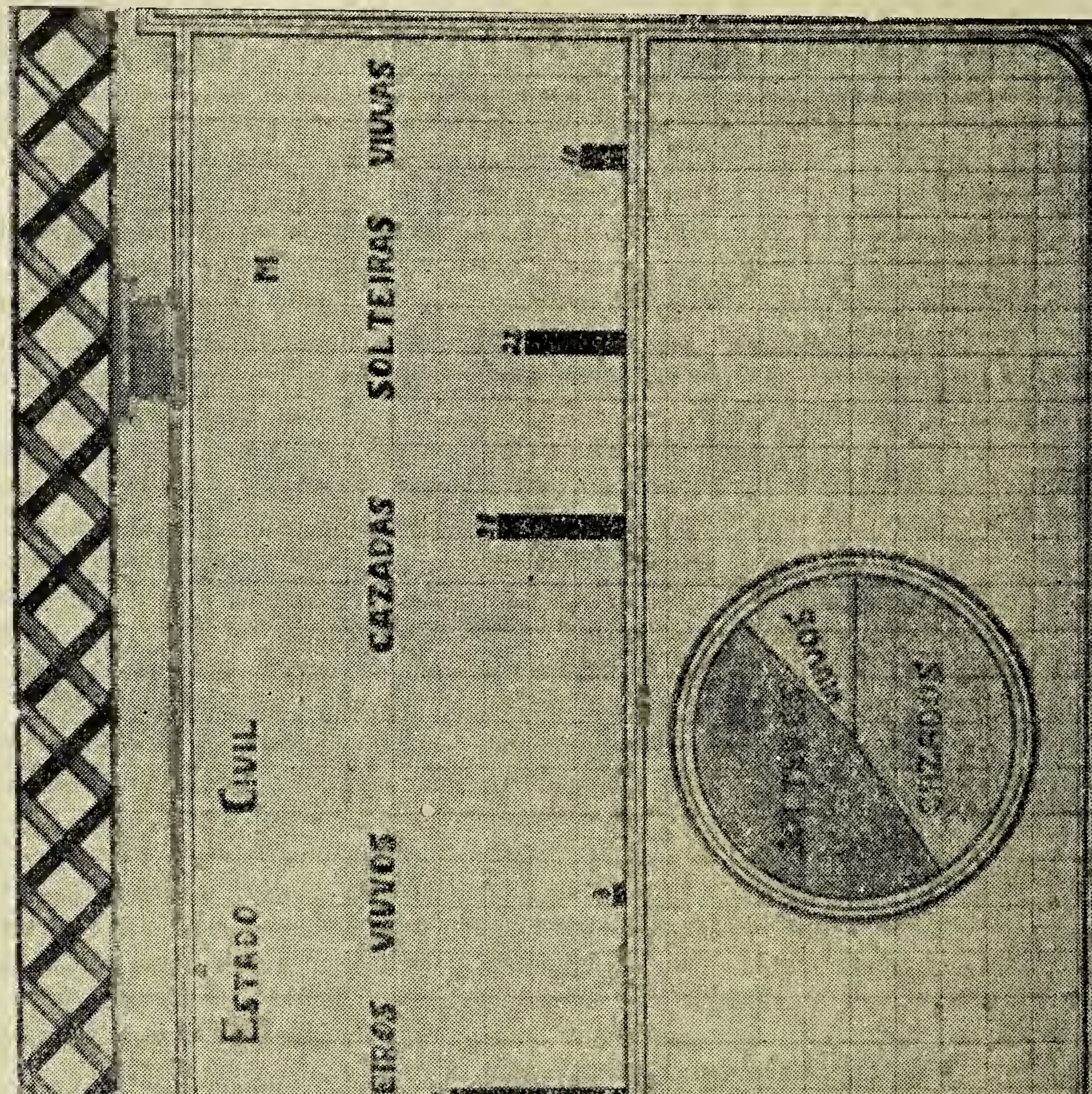

—

Em 20 de Julho 1940, foi internado no Sanatório, o Snr. F. L., oficial graduado da força pública de um dos Estados limítrofes.

A' simples vista, fazia pena o seu estado. Inquieto, num desassossêgo contínuo, chorando copiosamente, lastimando-se em altos brados, olhar, feições e gestos traduzindo horror e tortura, dava a impressão da própria imagem do sofrimento.

Sujo, maltrapilho, vestes descuidadas, barba e cabelos grandes, viera de uma prisão onde sua liberdade havia sido cerceada em benefício da segurança da família e da sociedade.

Oficial graduado da força pública, nesta encarnação, casado, possuindo um casal de filhos, elemento considerado e eficiente na propaganda do Protestantismo, viu-se dominado, aos poucos, por uma obsessão terrível.

Em sua residência, alegando desesperança de conseguir a salvação da sua alma, tentou suicidar-se, várias vezes, o mesmo acontecendo quando se viram obrigados a segregá-lo em uma prisão, após passar por um hospital evangélico onde seu estado piorou.

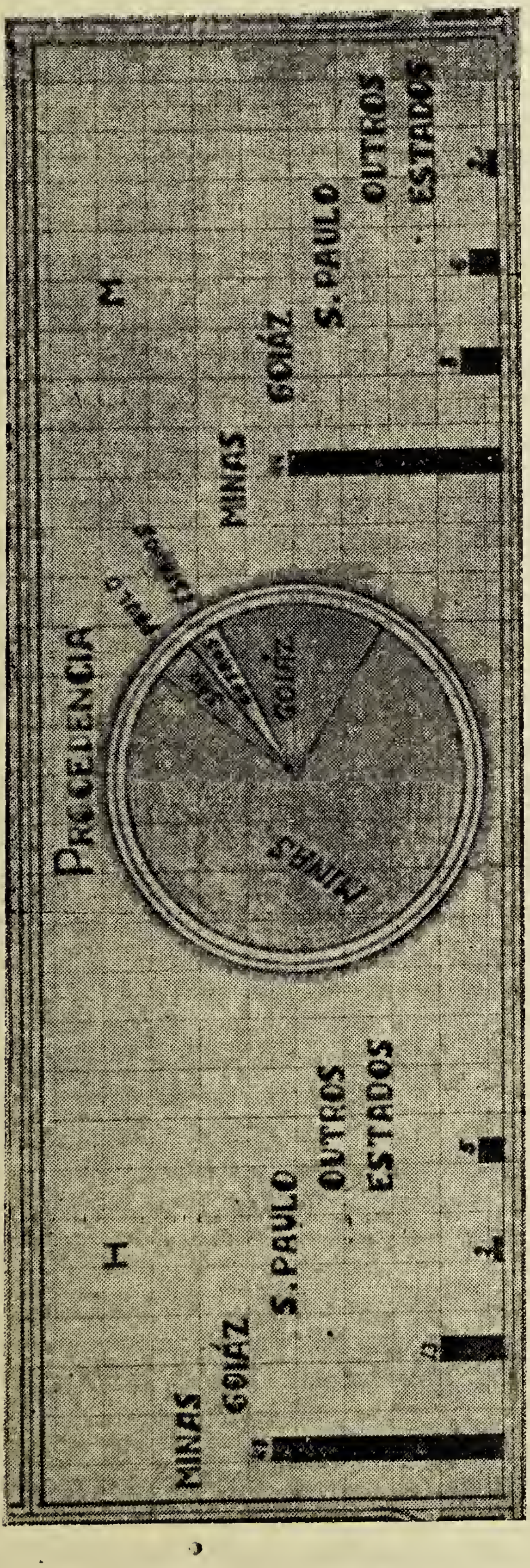

Quer no lar, prisão ou hospital evangélico onde esteve internado, nos seus momentos de delírio e alucinação, falava muito sôbre u'a moça que há 15 anos passados havia sido sua noiva, em Bonfim, na Baía onde fôra empregado em uma estrada de ferro, e que se suicidou devido o noivado haver sido por êle desfeito, sem um motivo justificável, época em que seguiu para Mato-Grosso, onde fez parte do grupo de Carvalhinho, daí fugindo para Goiás, em 1924, onde esteve garimpando dois anos, ingressando, após, na força pública.

No Sanatório, por duas vezes tentou eliminar-se, sendo que uma, já com o lençol enrolado em torno do pescoço, preso às grades da janela, foi encontrado quasi em estado de asfixia. Todas as precauções foram tomadas para evitar um desenlace fatal, inclusive deixá-lo, ora em camisa de força, ora completamente nú, no quarto vasio.

Passados dias de torturas inenarráveis, como apresentasse melhoras, demonstrando mais calma e sossêgo, aproveitou-se da circunstância de deixarmos sómente colchão e travesseiro de pano pouco resistente, e mesmo, assim, cortando-os em pedaços e dêles fazendo uma tira de pouca resistência, enforcou-se no estrado da cama, ficando em posição quasi horizontal.

Foi, ainda, encontrado com vida, porém, baldados todos os esfôrços e recursos de que lançámos mão para salvá-lo.

Desincarnou-se e deve estar, ainda, sofrendo os tormentos do seu gesto, além da desilusão dos ensinamentos que sua razão, seu raciocínio, aceitaram em vida material.

Esteve internado apenas dez dias, porém, mesmo assim, conseguimos falar com uma entidade que o conhecera em outra existência. Posteriormente, conseguindo o mesmo, com um dos seus obsessores.

O primeiro, descreveu parte da vida de ambos, relatando-a, mais ou menos, assim: —

> «Êste camarada toda vida foi metido a valente, comprando brigas, discussões, participando da vida de todo mundo, pouco ligando às consequências.
>
> Quando eu o conheci, êle estava mais ou menos bem — era empreiteiro de uma turma de cortadores de cana e eu era um dos seus empregados. Isso se passou em Crota Alegre, município de Goiana, no Estado de Pernambuco.
>
> Uma ocasião, almoçando juntos

em casa de um sujeito, êle se engraçou com a mulher do amigo que nos convidára. Durante certo tempo manteve relações com ela e como o marido já estava desconfiado, matou-o, jogando-o na estrada, à noite. Passou-lhe por cima um carro de boi e todos julgaram ter sido um acidente, ficando tudo por isso mesmo.

No momento em que êle assassinava o camarada, eu fui chegando e assisti a tudo. A mulher que ficara morando com êle, pouco tempo depois, fugiu, com mêdo de ser anavalhada e a desconfiança toda era comigo.

Insultava-me e eu, sempre prevenido, trazendo-o de espreita.

Um belo dia, tivemos uma rixa feia e aproveitando-me da circunstância de estarmos no campo, cortando cana, um tanto distantes do resto do grupo, metí-lhe o facão no pescoço, degolando-o. Fugi, indo para Piranha em cujos arredores trabalhei muito tempo na zona fluvial do São Francisco. Estive em Taboleiros, ilha das Antas, passando depois para a Baía. Tendo notícia de que aquela mulher havia ido para Minas, para lá segui, também, beirando o Jequitinhonha, passando por Itambé, até chegar em Diamantina. Alí, após ter bebido um pouco, reagi contra os insultos de um sujeito qualquer e andei cortando-o à navalha. Si morreu, não sei,—o certo é que tive de fugir, correndo mundo. Andei muito até que encontrei uma comitiva com vários capatazes que ia levando gado por êsse mundo afora. Atravessamos um porto e fui parar em Goiás. Estive por alí, muito tempo, principalmente pelos arredores de Serra Dourada. Alí é que foi um tempo quente — parecia até revolução e vi matar muitos caboclos que eram atirados no rio.

Ainda estava por aqueles lados quando um conhecido velho foi me chamar, dizendo que a mulher estava por aquí. Ao passarmos por essa casa, êle me convidou a entrar e naquele corredor eu vi aquele camarada dependurado!

Êle, já com os olhos esbugalhados e com a língua de fora, bôca espumando, só me disse, assim:—*Traidor!*

Duas vezes eu vi êle morto — agora e quando lhe cortei o pescoço. Que cousa exquisita! A gente morre duas vezes?»

—

Fizemos êste relato, não só pelo valor dos nomes geográficos que a entidade ia nos revelando, cousa de suma importância pois não só ignoravamos quasi todos êsses nomes, como, também, pelo interêsse da palestra do comunicante, que se julgava vivo, ainda, fugindo da justiça, quando havia desencarnado na tal rixa que teve em Diamantina. Tornou-se fácil a sua doutrinação e o reconhecimento do seu estado, mormente depois que viu, enforcado, aquele mesmo que vira, já uma vez, morto, com a cabeça decepada.

Alguns dias, após, conseguimos falar com outra entidade que o conhecera, também, assim descrevendo o caso: —

«Não, não estou arrependido, mesmo porque o meu desejo não era aquele, propriamente — queria que êle fosse morrendo aos poucos, corroido pelo remorso. Sempre que podia, chegava perto dele, em qualquer parte e lhe dizia que êle era um criminoso, que tinha de ajustar contas com a justiça e que não tinha mais salvação. Sempre que me aproximava dêle, via outros homens que se esforçavam para deixá-lo doido.

Eu, por mim mesmo, tive pouca participação nêste caso, pois dava-se uma cousa engraçada — Quando eu ia à prisão onde êle estava, via sempre uma menina que me dizia: — Saia daí! Saia daí! Não faça isso com êle!

Quando ia na sua casa, ouvia, do mesmo jeito, a menina. Sentia uma coisa exquisita, uma espécie de arrependimento e ia embora, mas voltava, porque nunca pude perdoá-lo.

Porque?

Eu o conheci, em Timbaúba, perto de Itambé, em Pernambuco. Apareceu por lá, um dia e como eu tinha umas terras marginando o rio Goiana, arrendei-as para êle — corria o boato que, por alí, se encontrava diamante.

Eu possuia uma única filha, já noiva do filho de um grande amigo meu. Abusando da minha hospitalidade, deshonrou a minha filha. Quando soube, ela estava grávida e não pude vingar-me, porque havia fugido. Procurei-o durante alguns dias até que tive informações, algum tempo depois, que êle estava perto de Goiana. Para lá me dirigi, porém, nada pude fazer, porque soube que o haviam assassinado.

Quando voltei para casa entreguei à minha filha uma faca, fazendo com que ela se justiçasse por si mesma. Caíu aos meus pés, com uma facada no coração. Minha mulher, desesperada, horrorizada com o espetáculo a que assistira, abandonou-me e nunca mais a vi.

Também morri pouco tempo depois. Aquí encontrei a minha filha, uma vez; disse-me que ia voltar à terra e nunca mais a vi...»

—

De uma entidade ao lado, recebeu a revelação de que a filhinha do suicida, a menina que no lar e na prisão pedia para que êle não fizesse aquilo com o pai, nada mais era do que a sua filha que fizera suicidar-se.

Ainda não voltara á si, da surprêsa com essa revelação, quando lhe apresentam, também, o espírito da sua esposa, com a qual se retirou.

—

Como acabamos de ver por êsses relatos, a vida passada do nosso enfêrmo foi pejada de atos maus e indignos, fator de desventuras, acarretando ódios e propósitos de vingança.

Posteriormente, soubemos, também que, como delegado de polícia em algumas cidades do Estado em que vivia ultimamente adquirira inúmeras inimizades, consequência do seu genio mau, atrabiliário, cometendo muitos desmandos, espalhando muitas desventuras. Daí a cooparticipação de várias entidades á atormentá-lo a ponto de, como médium audiente, vidente e sensitivo, ser levado ao desespero do suicídio, aumentando com isso, os sofrimentos e os desesperos sempre acarretados pelo seu próprio espírito.

Se conhecesse a doutrina espírita, a-pesar dos êrros cometidos em existências anteriores e mesmo nesta, teria tomado do seu cajado, procurando palmilhar o caminho da vida, no desejo de ressarcir com o bem e com as ações nobres, os êrros e os males espalhados.

Sofria, sim, as consequências dos êrros praticados, mas nova modalidade de vida seria não só fator para aguentar com resignação, as consequências dos infortúnios espalhados na trajetória da sua vida, como também, o reflexo dos bons atos a serem praticados, inundariam de esperança o seu espírito, fazendo-o antever o resplendor do resgate em novas e sucessivas reencarnações.

Além de ser um espírito sofredor, pejado de dívidas em atos e ações, muito maior será agora, o seu sofrimento, pois saberá, no plano espiritual, que não temos o direito de cortar a nossa vida, a prova material, aprendizagem que só pode elevar e engrandecer o nosso próprio espírito...

"TEORIA DE DARWIN"

Dr. José Delarue de Queiroz Melo.

Parece incrivel que um espírita venha esposar a téoria de Darwin, isto é, afirmar que realmente descendemos do macaco !

O Espiritismo é religião e ciência ao mesmo tempo: no primeiro caso exige fé, no segundo estudo e experiência.

Fé não nos doutos e dirigentes do Espiritismo, porém, na existência de um Ser Supremo, Increado e Creador.

Estudo, porque êsse é o meio pelo qual o espírito se ilustra e recebe os conhecimentos necessários para suas experimentações futuras.

Experiência que é a prática do Espiritismo, o conhecimento dos fenômenos e das manifestações através dos médiuns ou auxiliados pelos seus fluidos.

Por isso mesmo o Espiritismo é religião e ciência, porém, algo perigosa para aqueles que querem prática-lo sem estudos, ou estuda-los sem prática.

No primeiro caso, ha o perígo da prática perniciósa da *macumba*, ou *baixo catolicismo*, como o classifica o professor Leopoldo Machado.

No segundo caso, ha a probabilidade da descrença e do abandono, por falta de comprovantes que objetivem as conclusões e realizem os desejos dos estudiosos.

E' impossivel fazer um estudo completo do Espiritismo sem a prática e a experiência. A ciência positiva-se, quasi sempre, com o auxílio dos gabinetes de física e química e sem êstes não seria possível aos sábios tirarem conclusões positivas das suas teorias.

No Espiritismo porém, os gabinetes de física e quimica são desnecessários, porque não se pode estudar a matéria imponderavel com o auxílio de maquinas, ou objetos de natureza ponderavel, e, portanto, só por outros meios é que se poderá chegar à conclusão.

A onda herteziana é emitida por maquinas, e para maquina portanto, é do ponderavel para o ponderavel, isto é, de um elemento para outro da mesma natureza.

O espírito serve-se do perispírito como meio de ligação entre êle e o corpo humano, êste é uma substância semimaterial e é o meio pelo qual aquele se liga ao corpo humano, maquina apropriada pelo Poder Supremo para servir a aquele.

Se o homem de ciência conseguisse nos seus gabinetes físico-químicos fabricar um ser com as mesmas aptidões e faculdades que teem o corpo humano, estou certo deque conseguiria dar-lhe uma alma, mas, é impossível, visto como, ninguém poderá fazer maquina tão perfeita e sensivel como a maquina humana.

Quando lí pela primeira vez a teoria de Darwin, achei-a muito razoavel e de logo a esposei, não obstante a crítica dos meus companheiros de infância, pois naquela época contava eu apenas quatorze anos.

Acerca de dois anos presidia eu uma sessão espírita; eramos três pessoas, dois médiuns e um crente. Após a abertura dos trabalhos pelo Espírito Protetor, ví se aproximar de nós um espírito que tinha a altura, mais ou menos, de 1,80ms. os braços longos e as pernas recurvadas, fisionomia e o todo de um grande chimpanzé, todo cabeludo, olhos e garras de macaco, aproximava-se segurando nas colunas da casa, pois, estavamos em um salão comercial, onde havia diversas, e seu andar era meneiante como o dos gorilas, o típo éra verdadeiramente o descrito por Darwin, como o predecessor do homem. Êsse tremendo e monstruoso animal tomou o médium, que logo se transfigurou; sua fisionomia era semelhante a de um símio enraivecido, que sentado dava pulos como aquele animal e raspava suas unhas na mesa como uma féra bravía.

Pedi auxilio aos Guias e ao Todo Poderoso, com o outro companheiro e, procurei dominar o monstro, nada conseguindo de momento, nem uma palavra siquér. Ao fim de quarenta minutos, mais ou menos, abandonou o médium. Baixou em seguida um Guia que nos disse apenas ser aquele um espírito primitivo e tão atrasado que seria incapaz de pronunciar uma palavra ou compreender-nos !

Mais tarde refleti e cheguei à conclusão que Darwin tinha razão quando afirmou que descendemos do macaco.

Se Darwin houvesse estudado a matéria e o espírito em conjunto teria, sem dúvida, sido o maior de todos os espiritualistas.

Crônica Estrangeira

Fenômenos Espíritas no Momento da Morte de Luiz XVII

Em seu livro *Da Matéria ao Espírito*, Mrs. de Morgan recorda uma página bem esquecida, do autor Beauchêne, que os espíritas apreciarão, porque nas entrelinhas encontrarão a explicação, hoje tão clara, à luz do Espiritismo, do fenômeno ocorrido nos últimos momentos do Delfim, prisioneiro no templo.

Zomin, vendo que o príncipe estava calmo, sem movimento, mudo, disse-lhe: «Espero que o senhor não esteja sofrendo, neste momento!»

— Oh! sim, sofro ainda, mas não tanto. A música é tão bela!...

Nêsse momento não se ouvia música alguma, ninguem tocava, nem na Torre, nem em parte alguma da vizinhança. Nenhum barulho de fora podia atingir o quarto onde jazia o jovém martir moribundo. Zomin, espantado, disse: «Em que direção está ouvindo essa música?»

— Ela vem de cima.

— Ha longo tempo que o senhor a está ouvindo?

— Depois que o senhor se ajoelhou. Não a ouve? Escute! Escute!

E o Delfim, com movimento nervoso, levantou a mão, abriu seus grandes olhos, iluminados por encantamento extático. Seu guarda, não querendo destruir essa última e tão doce ilusão, escutava, também êle, com piedoso desejo de ouvir o que quer que fosse. Após alguns momentos de atenção, o moço ainda acrescenta, com olhos brilhantes: «Entre todas as vozes, distingo a de minha mãe».

Esta frase, passando sôbre os lábios do orfão, parecia subtraí-lo de todos os sofrimentos. Seu olhar adquiria um brilho calmo. Seus olhos fixavam um objeto invisível, seus ouvidos estavam atentos aos sons distantes dêsse concerto jamais percebido por ouvidos humanos. Uma nova existência parecia sorrir á sua jovem alma. Mas passado um momento, extinguiu-se o clarão em suas pupilas. De braços cruzados sôbre o peito, com expresão de amargo desapontamento sôbre o rosto, respiração cada vez mais fraca; o olhar, errando confusamente, voltava-se de tempos a tempos, para a janela. Zomin lhe pergunta o que o interessava dêsse lado. O moço fixa o guarda, e como se não tivesse compreendido a pergunta, nada responde.

O outro guarda, Lasne, vem substituir Zomin, que sai do quarto, de coração pesado, prevendo a aproximação do fim. Lasne está sentado junto ao leito. O príncipe olha-o fixamente, faz um ligeiro movimento e diz:

«Julga o senhor que minha irmã tenha ouvido a música?» Lasne não sabia o que responder. Uma vez ainda o rosto angustiado do moço se orienta para a janela. Uma exclamação de júbilo escapa-se de seus lábios: «Tenho uma coisa a dizer-lhe». O guarda se inclina, toma a mão do moribundo, escuta, mas em vão. Tudo estava acabado. O coração de Luiz XVII cessara de bater.

Não resta a menor dúvida que, no momento da morte, o Delfim ouviu cânticos de Espíritos, a voz de sua mãe, e talvez tenha visto a imagem da progenitora, contra a vidraça, no instante em que ela ia receber seu filho.

Revue Spirit, 539 (1925)

✿

O Testemunho dos Factos

Soluço misterioso num casamento — Como um viuvo viu a mulher morta quando contraía segundas nupcias.

De *«Além»*

ROMA, Novembro — Segundo se vê e se lê nos diários de Milão, os habitantes dessa terra entremeiam os comentários da fase atual da guerra com outros que lhes suscitam um sucesso extraordinário, ocorrido na ocasião dum casamento, feito numa das principais igrejas da cidade. E, realmente, o assunto não deixa de, por misterioso, intrigar toda a gente que dêle toma conhecimento.

Tratava-se duma dessas bodas que se costumam chamar «de estadão». O noivo — engenheiro muito distinto, viúvo e sem filhos. A noiva — ainda nova, bonita a valer, e filha de abastado comerciante de frutas. Nave do templo, adornada com flores, fôlhas de palma e sanefas de seda. Cheia também de parentes e amigos dos nubentes, dalgumas dezenas de convidados e dalgumas centenas de curiosos.

O par feliz ajoelha-se diante do altar-mór. Escutou já as patéticas melodias do órgão. Não percebeu muito bem os dizeres em latim do breviário, que o padre recitou. Mas acabou por dizer, em voz alta, o fatídico monossilabo «sim!», que enlaçou para sempre as suas vidas.

Nesta altura ouve-se, do meio dum grupo de fieis, perto dêsse altar, um grande soluço, logo refreado. Todos para lá volvem os olhos, e descortinam uma senhora nova também, toda vestida de prêto, ocultando na concha das mãos o rosto velado por um véu espesso, e parecendo aterrada, por se ter atrevido, sem querer, a marcar a sua presença naquele sitio e naquele instante solene.

Como se póde calcular, os recem-casados deram também pelo soluço da sobredita dama. Êle principalmente. Que ficou varado, hirto, como sentindo fugir-lhe o chão debaixo dos pés. Parece não dar conta do que se passou diante do altar. Cambaleia. Desvia os olhos da sua companheira e some-os no vasio do templo, como em busca dos restos daquele gemido ainda mal perdido no ar.

Ao tempo a senhora velada levanta-se do poiso onde estava de joelhos. E põe-se a caminhar para o meio da igreja: abre passo entre os renques de convidados, pára na primeira fila, silenciosa como um fantasma. E fica ali, esperando que os noivos saíam. Êstes assim fazem, visívelmente perturbados. E quando chegam, êle, sobretudo, perto dela, rápido borborinho se levanta. O noivo não pode reprimir um grito agudo. Tremia como varas verdes. E se não lhe acudissem amigos logo, acorridos a sustê-lo, ter-se-ia estatelado com uma síncope no lajedo rijo da nave. A noiva despega-se-lhe do braço e corre direita aos pais, mais branca do que seu vestido e sua flôr de laranjeira. Aquí, abrem-se olhares interrogativos. Acolá rompe sussuro do povo, em faro de escândalo. Pela igreja alastra a confusão. Nessa altura ainda toda a gente não havia bem percebido o que sucedera, parentes e amigos dos noivos arrastam-nos para fora do templo, e encafuam-nos à pressa no automóvel pomposo que os esperava, e logo arranca, seguido por chusma doutros automóveis.

Contudo, alguém afirma que o noivo, ao aproximar-se da dama velada e ao soltar sua grita, acrescentou em voz pávida:

«E' ela!» Corre êsse dito pela igreja, e pelo adro, pela cidade, mais veloz do que a própria dama misteriosa, desaparecida na confusão, como sombra negra que entre um negrume se dilue. Chega o boato à casa dos pais da noiva, onde tudo se encontra ainda aterrado, e sem apetite diante dum abundante repasto frio. E logo amigos interrogam o recem-casado, e também e agora, em pergunta legítima, sua mesma consorte:

— *Quem era?... quem era ela?!...*

— *...Ela!... A minha mulher!* responde como num pesadelo, desventurado.

Consternação geral e profunda. Mas então não se tratava dum viuvo, conhecido e reconhecido como tal por seus amigos e tantos convidados? Indecisão. A linda festa nupcial ameaça converte-se em drama impressionante. Parentes e íntimos do noivo rogam-lhe mais explícações, esclarecimentos. Impossível. Nada mais sabe. Nada mais pode acrescentar. Excitadissimo, apenas repete: *E' ela!... E' minha mulher!*

Calmantes, que lhe fornece um médico, tão pouco modificam o seu estado e a essência de suas falas, sempre naquele tom de pasmo, de pesadelo:

— *E' ela! Que não morreu! Não há dúvida. Era o seu chôro, a sua voz... Eram os seus olhos...*

E os parentes e os amigos do noivo, em côro, repontam que não, que não pode ser. Afirmam, e por maneira irrefutàvel, que a primeira mulher do engenheiro morreu ha mais de três anos, num povoado da Sicilia, em consequência dum desastre de automóvel, donde êle saiu também ferido, gravemente ferido. Então a desgraçada senhora podia lá ter ressuscitado!? E tinham-lhe registado o óbito, se não tivesse morrido, se várias pessoas a não tivessem visto morta e a não houvessem acompanhado ao cemitério? Nada. Ela não podia ser! Mas então quem seria a dama velada que apareceu na igreja? Possivelmente, uma parenta da defunta, e tão parecida com ela, que o desventurado engenheiro, ao vê-la ficara alucinado e convencido de que se tratava da sua primeira mulher. Mas, se fôsse também assim, por que razão teria ido essa outra senhora assistir à boda, e teria soluçado no momento mais solene da cerimônia, e depois dela desaparecer logo como o fumo, sem deixar rasto?! Um fantasma, então? Um caso de alucinação coletiva?!

E cruzam-se as mais diferentes e complicadas interrogações, na capital milanesa e já por mais terras da Itália. E o mistério alastra.

Para ver se o caso fica esclarecido, a instância do Dr. Gino Fucigna, representante e advogado do noivo, o Ministério Público mandou fazer um inquérito, e há milhares de pessoas que esperam com vivo interêsse os seus resultados. Entretanto vão matutando, matutando sôbre êle, como sôbre um quebra cabeça de muito dificil adivinhação.

Enrico Tedeschi

⁂

A visão dos moribundos

Um enfêrmo, prestes a morrer, permanecia inconciente durante quarenta e oito horas. Seu filho Tom, vendo não se produzir mudança alguma no estado do pai, julgou poder saír momentaneamente para atender a um negócio urgente. A nora substituiu o filho à cabeceira durante a ausência do marido. De súbito o enfêrmo se reanimou, sentou-se na cama e perguntou: «onde está Tom?» Resposta: «êle saiu, mas voltará». O moribundo prossegue: «Como está êle?» — «Êle passa muito bem», assegura a nora. O sogro continua: «Não, êle não está bem, pois está em grave perigo».

Soube-se logo que o filho, tendo tomado uma carruagem, fôra vítima dum acidente; efetivamente, houve um brutal encontro com outro veículo, e que Tom dêle saíra gravemente ferido.

⁂

Mais forte do que a telegrafia sem fio

The Progressive Thinker publicou ha anos diversos episódios que «desconcertaram a razão» do cap. Webb do 9.º Regimento da India e de que êle foi testemunha.

«O que vou dizer ultrapassa de muito, em maravilhoso, tudo o que conhecemos sôbre a telegrafia sem fio. Foi isto durante a guerra. O nosso regimento lutava na França, e meus cincoenta anos de idade me constrangiam a permanecer nas Indias, onde eu me ocupava de recrutamento. Certo dia fui a casa de um velho comerciante com o fim de adquirir cortinas para as janelas de nossos escritórios. O homem pareceu feliz ao verme. Durante a conversa eu lhe exprimi o meu sentimento por não estar com meus camaradas e que eu desejava o quanto antes terminar meu trabalho nas Indias para ir ver na França, as coisas de perto e tornar a encontrar tantos bons companheiros de meu regimento. «Mas, exclamou o comerciante, o senhor já não chegará a tempo!» — «Porque? Perguntei» — Porque o seu regimento foi massacrado, e todos foram mortos ou capturados». — Que me está dizendo? Por que modo o soube?» Impossível era ter êsse homem informações recentes sôbre a sorte do 9.º indiano. Êle ajuntou: «Ah! eu sei. A notícia é conhecida ha dois dias em todos os negócios. Dizem que houve grande batalha, e que o regimento sofreu terrivelmente. Muitas pessoas já foram à igreja chorar seus mortos». Pois bem, êsse negociante não inventava sombrias notícias. Tudo era perfeitamente verdadeiro. Fui procurar meus colegas; todos confirmaram o rumor. Procurei a origem e não consegui descobri-la. Enervado, voltei ao escritório. No dia seguinte constatei que a maior parte dos recrutas não atendiam à chamada. Êles se ocultavam. A notícia vinda de França deu-lhes que pensar. Mais tarde recebi carta de meu Coronel que me noticiava a perda de mais de 700 homens numa ação extremamente dura. Posso afirmar com absoluta certeza que não havia chegado telegrama antes da carta. Por outro lado, no momento em que o desastre era comentado pelo negociante, o combate apenas acabava de realizar-se e as autoridades não poderiam conhecer detalhes quanto ao número de mortos, etc. Como poude ser, de tão longe e tão rapidamente, transmitida a notícia? Telepatia?

* * *

O Espírito Frank Blake em pose para ser retratado

«The Two Worlds»

Alegre surprêsa foi despertada em London May Meetings, com a apresentação de esplendido retrato a óleo do último Presidente Frank Blake. Em Agosto do ano passado, quando êle falou em Londres, encontrou um joven artista cuja mediunidade era promissora. Mr. Blake deu-lhe salutares conselhos e explicou suas dificuldades, e o artista expressou o desejo de pintar seu retrato. Em vida não se apresentaram oportunidades, mas, depois da passagem de Blake, o artista conseguiu uma fotografia dêste e começou a trabalhar na obra que se impusera. O artista afirma que durante a execução da pintura, Blake aparecia à sua visão clarividente e posava o que para êle era um auxílio considerável. O certo é que o quadro a óleo mostra uma pose que difere da fotografia, o apresenta em diferente idade. O trabalho do artista, Foster Morgan, foi muito admirado e provocou louvores. O quadro foi oferecido a Mr. John Stewart, Presidente da National Union, que sensibilizado agradeceu o doador.

O retrato será colocado no salão da Igreja de Bournemouth.

* * *

As Mesas «Girantes»

A comunicação com os espíritos por meio de mesas e outros objetos de madeira, está longe de ser uma novidade. Era uma prática bem conhecida dos antigos, que faziam mover, por exemplo, instrumentos de joirar. Na idade média denominavam o processo *xilomania*, termo êste composto das duas palavras gregas «xilos», madeira e manteia, adivinhação. Quem atentamente compulsar Jean Bodin, célebre autor da Demonomania (obra publicada em 1581), verá que os espíritos batedores respondiam naquele tempo, como hoje, aos curiosos que lhes derigiam perguntas.

Numa obra mística, muito rara, intitulada *Lux e tenebrio*, que se atribue a Nicolas Drabicius, ministro da Igreja Protestante, nascido na Moravia em 1858, encontra-se na edição de 1665, publicada por Coménius, uma gravura sôbre cobre representando uma espécie de mesa girante em trabalho de profetizar. A biblioteca do Instituto deve possuir um exemplar dêsse livro.

Os começos do Espiritismo não parecem ter sido, até agora, estudados seriamente.

* * *

O naturalista Linné que era tido por besta

«La Revue Spirite»

Em seu livro, o Dr. Mattiesen — o Bozzano alemão — conta que o célebre naturalista Linné não era indiferente aos factos e coisas do ocultismo. Eis o relato do naturalista:

«Uma velha enfermiça era advinhadora e «lia a sorte» nas fazendas de sua terra natal. Ela predisse um incêndio que irrompeu como ela o havia anunciado. «Meu irmão Samuel, conta Linné, era inteligente e fazia seus estudos na escola de Wexix; eu era tido por besta, e fui a Lund. Meu irmão era chamado por todos «o Professor» e diziam que se tornaria um grande professor. A adivinhadora que não conhecia nem um nem outro de nós, quís tocar uma peça de vestuário de cada um. Em seguida disse: «Êste será prégador!» — disse ela referindo-se a meu irmão. E depois de tocar minha veste: «Êste será Professor, êle visitará terras longínquas, êle será célebre entre os célebres dêste país», e ela jurou que tudo o que disséra se realizaria. Para induzí-la ao êrro, minha mãe pôs uma peça de roupa em suas mãos, dizendo: «Esta roupa pertence a Samuel!» Mas a clarividente protestou, afirmando que a veste era do Professor, daquele que iria morar longe da terra natal.

—

ESPIRITISMO NO BRASIL

Nossa Excursão

Visitando diversas cidades dos Estados do Rio e Minas, falei duas noites no Centro Esp. de Astolfo Dutra, uma em Prof. Miguel Pereira, uma em Pomba, duas em Juiz de Fóra, duas em Belo Horizonte, uma em Perdões, uma em Formiga e duas em Lavras.

Benedito Gonçalves Nascimento.

—

O Natal em Matão

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a exemplo dos anos passados, realizou um ágape comemorativo do Natalício de Jesus.

A's 13 horas fez larga distribuição de gêneros alimentícios e roupas a um grande número de pobres. Nessa ocasião, fizeram uso da palavra os confrades: José Costa Filho, farm. srta. Zelia Perche e prof.a d. Maria Casanova Campos. Recitaram lindas poesias os seguintes meninos e meninas: Iracema Lopes Carvalho, «Espiritismo»; José Leme, «Prece»; Lia Perche, «Natal»; Carmen Torres, «A Estrela do Oriente»; Cleide Perche, «Deixai vir a mim os pequeninos»; Ligia Braga Vestin, «A Bandeira»; Antonio Torres, discurso sôbre o Natal. Houve distribuição de doces e sanduíche à petizada.

A' noite, ás 19 1/2 horas, sessão especial. Fizeram uso da palavra os nossos companheiros Costa Filho e srta. Zelia Perche e o confrade sr. Hermenegildo Atienza, residente em Catanduva. Recitaram poesias os mesmos meninos e meninas acima mencionados e mais a srta. Diva Boé, que recitou a bela poesia de Leopoldo Machado, «Vamos fazer o Bem».

—

Albergue Noturno de Ibiá — Minas

Os espírita de Ibiá estão empenhados na construção de um Albergue Noturno, cujo objetivo é recolher os desherdados de bens materiais que fazem sua peregrinação por essa cidade, dormindo ao relento, sem pão, sem abrigo e sem ter onde recostar a cabeça.

A comissão encarregada de levar avante essa obra cristã, faz, por nosso intermédio, um apêlo às almas caridosas, no sentido de obter das mesmas um donativo que, por pequeno que seja, cooperará sobremaneira para a construção do Albergue.

Os donativos podem ser endereçados a um dos três membros da Comissão, que está assim organizada: José de Castro, presidente; José Alves Fernandes, secretário; Itamar da Silva Carvalho, tesoureiro.

—

Bibliografia

O Batismo

A Empreza editora «O Clarim», acaba de lançar à publicidade esta oportuna e elucidativa obrazinha póstuma do nosso querido companheiro, Cairbar Schutel.

O autor, em estudo sucinto, esclarece a origem e a finalidade do Batismo, prática esta que vem sendo erradamente ministrada pelas religiões aos seus profitentes.

A pequena obra, que contém 34 páginas, está escrita numa linguagem clara, sendo a sua leitura muito útil aos que desconhecem a verdadeira prática do batismo.

A oferta de um exemplar dêste substancioso trabalho, constitúe realmente uma valiosa dádiva espiritual.

Cada exemplar custa apenas 1$000 e mais 500 reis para o porte e registro.

Pedidos à Livraria de «O Clarim».

Pelo Telegrafo Sem Fio

Antonio Lima, um dos abnegados trabalhadores da seára espírita, nos ofertou, com expressiva dedicatória, um volume desta obra de sua autoria.

Antonio Lima, autor de diversas obras espíritas, educativas, morais e filosóficas, revelou-se, em «Pelo Telegrafo sem Fio», um artista perfeito da palavra escrita. E a prova disto encontramo-la nos quadros impressionantes e verídicos que êle traçou, para frisar com precisão, os seus estudos, conceitos e argumentos em torno dêste ou daquele têma.

A par de uma literatura agradável e amena, o autor faz uma síntese do Espiritismo sob o tríplice aspecto filosófico, científico e religioso, colocando no velador das almas, a candeia da fé e da esperança. E' um trabalho de real importância, porque consola, ilumina, ensina e desvenda tudo quanto se relaciona com as cousas da alma e sua imortalidade.

O produto da venda desta obra reverte em benefício da Associação Espírita «Obreiros do Bem», mantenedora do Hospital «Pedro de Alcantara», Capital Federal, razão por que além do seu valor literário, devem os espíritas obte-la o mais depressa possível.

Gratos pela oferta.

—

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço—5$000, e mais 1$000 para o porte e registro.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano — 100$000 ; 2.o ano — 40$000 ; 3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000 ; 5.o ano — 30$000 ; 6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000 ; 8.o ano — 40$000 ; 9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000 ; 11.o ano — 50$000 ; 12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000 ; 14.o ano — 50$000 ; 15.o ano — 50$000.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 17.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1941 a Janeiro de 1942)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1941

Pag.
Novo Período . . . . Redação 1
A Questão das «Almas Mortas» . . . . E. Bozzano 2
O raio infra-vermelho torna visivel a matéria ectoplásmica . . . . The Two Worlds 7
O Espiritismo em face da Ciência . . . . Leopoldo Machado 8
O Dr. Grumbine escreveu o Discurso para ser proferido em seu próprio Funeral . . . Psychic News 10
Novos Rumos à Medicina . . . . . . Dr. Inacio Ferreira 11
Estudos Psicológicos . . . . Ordalia Nemo 16
«Entre a Ciência e a Imortalidade» . . . Campos Vergal 17
O Perispírito . . . . J. B. Chagas 18
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 20
Crônica Estrangeira . . . . Redação 22
Notas e Factos . . . . « 25
Espiritismo no Brasil . . . . « 27

N.º 2 — MARÇO DE 1941

Allan Kardec . . . . Redação 29
As materializações de «Maria a Dansarina» nas Experiências com Florence Cook . . . E. Bozzano 31
Uma Extraordinária Visão Premonitória . . Mme. Joy Snell 33
Novos Rumos à Medicina . . . . . . Dr. Inacio Ferreira 35
Crianças Prodígios, Gênios e Hereditariedade . Campos Vergal 38
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 40
O Caminho da Revelação . . . . . . Zodiaco 42
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 45
Fenômenos Psíquicos . . . . Prof. Eloy Lacerda 47
Crônica Estrangeira . . . . Redação 50
Notas e Factos . . . . « 53
Espiritismo no Brasil . . . . « 55

N.º 3 — ABRIL DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 57
As materializações de «Maria a Dansarina nas Experiências com Florence Cook . . . . E. Bozzano 60
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 62
Trinta Anos entre os mortos . . . . . Dr. Carl A. Wickland 63
Crianças Prodígios, Gênios e Hereditariedade . Campos Vergal 65
Novos Rumos à Medicina . . . . . . Dr. Inacio Ferreira 67
Póde a matéria atravessar a matéria? . . . Próspero Lapagesse 70
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 71
Uma civilização que passou . . . . . J. B. Chagas 73

Dois Médiuns Checos usam seus corpos como Receptores de Rádio . . . . . . Evolucion 75
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 78
Notas e Factos . . . . « 81
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 83
Necrológio . . . . « 84

N.º 4 — MAIO DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 85
As Materializações de «Maria a Dansarina» nas Experiências com Florence Cook . . . E. Bozzano 88
Bela Foto de Espírito obtida por Espiritistas Africanos . . . . The Greater World 91
Trinta anos entre os mortos . . . . . Dr. Carl A. Wickland 92
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 95
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 96
A Justiça Imanente . . . . Paul Bodier 98
Inimigos do Espiritismo . . . . . Dr. Inacio Ferreira 99
O valor da Prece . . . . . . Dr. Fernando P. de Barros 105
Eterno Dissídio . . . . J. B. Chagas 108
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 110
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 112
Bibliografia . . . . « 113
Necrologia . . . . « 114

N.º 5 — JUNHO DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 115
As Materializações de «Maria a Dansarina» nas Experiências com Florence Cook . . . E. Bozzano 118
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 120
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 121
A Vida Continua . . . . Campos Vergal 123
Trinta anos entre os mortos . . . . Dr. Carl A. Wickland 125
Explorações no Desconhecido . . . . Luc Megret 128
Resultados imprevistos de uma sessão casual . A. L. James 130
Sôbre a Superstição . . . . Dr. Carlos Imbassahy 131
Inimigos do Espiritismo . . . . . Dr. Inacio Ferreira 133
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 137
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 141
Bibliografia . . . . « 142

N.º 6 — JULHO DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 144
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa . . . . E. Bozzano 145
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 147
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 149
Provas da Sobrevivência . . . . . . J. B. Chagas 151
Inimigos do Espiritismo . . . . . Dr. Inacio Ferreira 153
Sôbre a Superstição . . . . . . Dr. Carlos Imbassahy 155
Trinta anos entre os mortos . . . . Dr. Carl A. Wickland 157
Uma Página de Mrs. E. D'Esperance . . . Cairbar Schutel 161
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 167
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 170
Necrológio . . . . « 174

N.º 7 — AGOSTO DE 1941

O XXXVI Aniversário de «O Clarim» . . Redação 175
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa E. Bozzano 177
Provas da Sobrevivência . . . . . J. B. Chagas 179
Livre Análise das Cousas . . . . . Campos Vergal 180
Mundos de Ilusão . . . . Zodiaco 182
Trinta anos entre os mortos . . . . Dr. Carl A. Wickland 185
Sôbre a Superstição . . . . . . Dr. Carlos Imbassahy 187
A Eutanásia é um Delito . . . . . Joaquim Branco 190
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 191
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 193
A Vóz de Maria Corelli . . . . . Dorothy Agnes 195
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 197
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 201

N.º 8 — SETEMBRO DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 203
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa E. Bozzano 207
Explorações no Desconhecido . . . . Luc Megret 209
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 211
Trinta anos entre os mortos . . . . Dr. Carl A. Wickland 212
O Fôro Íntimo . . . . J. B. Chagas 215
«Indaguemos» . . . . Campos Vergal 217
Cairbar Schutel . . . . Redação 218
Sôbre a Superstição . . . . . . Dr. Carlos Imbassahy 219
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 221
A Eutanásia é um Delito . . . . . Isabel Cerruti 222
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 224
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 227
Necrológio . . . . « 229

N.º 9 — OUTUBRO DE 1941

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo . . . Redação 231
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa E. Bozzano 233
Causa, Efeito e Cura . . . . Frederico Duarte 237
Para provar a Sobrevivência, Jesus materializou-se durante seis semanas . . . . . . Rev. Maurice Elliott 258
O Fôro Íntimo . . . . J. B. Chagas 240
Trinta anos entre os mortos . . . . Dr. Carl A. Wickland 242
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 244
3 de Outubro . . . . Redação 246
A Ação dos Passes Magneticos . . . . H. Magalhães 247
Os Fenômenos de Transfiguração . . . Dr. Francisco Klörs Werneck 249
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 251
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 254
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 257

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1941

O Anjo do Livramento . . . . . . Redação 259
A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações Transcendentais» . . . . . E. Bozzano 261
O Espiritismo em face da Ciência . . . Leopoldo Machado 264
Durante o Sono . . . . Antonio Lima 266
Psicologia Animal . . . . Redação 267

Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	269
A Ação dos Passes Magneticos	H. Magalhães	274
Provas da Sobrevivência	J. B. Chagas	275
Analisando Factos	Frederico Duarte	277
O Facto o Converteu	De «Mundo Espírita»	278
Sessão de Efeitos Físicos	Dr. C. G. Shalders	281
Crônica Estrangeira	Redação	282
Espiritismo no Brasil	«	285

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1941

A Personalidade de Jesus	Redação	287
A Propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações Transcendentais»	E. Bozzano	290
A Ação dos Passes Magnéticos	H. Magalhães	292
O Espiritismo em face da Ciência	Leopoldo Machado	294
Aquí e Agora	Campos Vergal	296
Provas da Sobrevivência	J. B. Chagas	298
Novos Rumos à Medicina	Dr. Inacio Ferreira	300
Analisando Factos	Frederico Duarte	304
Excertos de uma Conferência Realizada na Federação Espírita Brasileira	Arnaldo S. Tiago	305
A Trajetória Espiritual de Napoleão 1.º	Mariano Rango D'Aragona	307
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	309
Crônica Estrangeira	Redação	310
Espiritismo no Brasil	«	313

N.º 12 — JANEIRO DE 1942

As velhas ideias em face da teoria espírita	Cairbar Schutel	315
A propósito de «Fantasmas Materializados e de «Revelações transcendentais»	E. Bozzano	319
A ação dos passes magnéticos	H. Magalhães	321
O Espiritismo em face da ciência	Leopoldo Machado	322
Analisando factos	Frederico Duarte	324
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	325
Aquí e Agora	Campos Vergal	328
A profecia de Joel	J. B. Chagas	329
Novos rumos á medicina	Dr. Inacio Ferreira	331
Teoria de Darwin	Dr. J. D. Queiroz Melo	335
Crônica Estrangeira	Redação	337
Espiritismo no Brasil	«	341
Bibliografia	«	342

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC	
Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	5$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000
AMELIA CARDIA (Dra.)	
O Visionario (romance)	4$000
ANTONIO LUIZ SAYÃO	
Elucidações Evangelicas	20.000
ANTOINETE BOURDIN	
Entre Dois Mundos	9.000
Memorias da Loucura	6.000
AMALIA SOLER	
Memorias do Padre Germano	10$000
ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)	
Revelações de Além Tumulo	9$000
ALMERINDO MARTINS DE CASTRO	
O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000
ANGEL AGUAROD	
Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc.	5.000
ANTONIO LIMA	
A Sonambula (romance)	8$000
Vida de Jesus	6.000
ALEXANDRE DIAS	
Trajetorias das Almas (romance)	6.000
Fazenda Mal Assombrada »	8.000
ALPHEU GOMES O. CAMPOS	
Amor á Verdade	3$000
ARLINDO COLAÇO	
Domínio Nefando	7.000
AFONSE BUE	
Magnetismo Curador	8.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	10.000
ANTONIO BASSO	
As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000
A. WYLM (DR.)	
O Rosario de Coral	7$000
ABEL GOMES	
A Felicidade	6$000
AURELIO A. VALENTE	
Sessões Práticas e Doutrinárias	8$000
ANGELITA LOMBA	
Patria (poesias mediúnicas)	3$000
AEROLINO GURJAO	
Expiação (novela)	9.000

A. THOMPSON	
A Vida	6$000
BEZERRA DE MENEZES (DR.)	
Doutrina Espírita	3$000
BITENCOURT SAMPAIO	
Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
BENEDITO G. NASCIMENTO	
Unicidade e Pluralidade das existências	4$000
B. FONSECA	
Protestantismo e Espiritismo	5.000
CAIRBAR SCHUTEL	
Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalipse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Historia e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000
CONAN DOYLE	
A Nova Revelação	6$000
CAMILLE FLAMMARION	
Narrações do Infinito	8$000
Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000
CODRO PALICY	
Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	8.000
CONSTATINO J. NOGUEIRA	
Aqui e Além	2.000
CLOVIS TAVARES	
Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000
CELESTINA ARRUDA LANZA	
O Espírito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta «	8.000
C. IMBASSAHY (DR.)	
O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000
» » » (broch)	4.000
CLOTILDE V. BARROS	
Judas de Kerioth	4.000
CRISANTO DE BRITO	
Allan Kardec e o Espiritismo	4.000
CORIOLANO R. A. GOES	
Surtos da Verdade (Poesias)	3.000
C. PICONE CHIODO	
A Verdade Espiritualista	6$000

DANIEL SUAREZ ARTAZU	
Marieta — romance	10.000
ESTHER FERREIRA V. CALDERON	
Religiões, Mitos e Crendices	20.000
ESTELITA JUNIOR	
As minas do Sincorá	5$000
ELIAS SAUVAGE	
Mirêta — romance	7.000
ERNESTO BOZZANO (DR.	
A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	8$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	8$000
» » em brochura	5.000
Xenoglosia	8$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	8$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
Animismo ou Espiritismo ?	12.000
EMILIANA DELMINDA	
Calvario do Amor—romance	5.000
FRANCISCO C. XAVIER	
O Consolador	8.000
Ha dois mil anos	10.000
50 Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	7$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	7$000
A Caminho da Luz	7$000
Novas Mensagens	7.000
Cartas de uma morta	5.000
Boa Nova	8.000
FERNANDEZ COLAVIDA	
A Barqueira do Júcar	5$000
FERNANDO LACERDA	
Eça de Queiroz Póstumo	10$000
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000
F. CHAVES	
Assuntos Espíritas	3.000
FRANCISCO ZINGAROPOLI	
Morte Aparente e Sobrevivência da Alma	2.000
FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ	
Deverskolora Bukedeto	5.000
GUILLON RIBEIRO	
Jesus, nem Deus, nem Homem	3.000
Trabalhos do Grupo «Ismael»	10.000
GEORGES DEJEAN	
A Nova Luz	10.000
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000
GUERRA JUNQUEIRO	
Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funerais da Santa Sé	10.000
GUILHERME MONIZ	
O que os Espíritas devem saber	5$000
H. DENIS BRADLEY	
Rumo ás Estrelas	7.000

HUGO ROCHA	
Problema dos Fantasmas	5.000
H. DIAS e A. DIAS	
Nova Ortografia com vocabulario	4.000
HORA ESP. RADIOFUNICA	
1.º Fascículo	1.000
IGNACIO FERREIRA (DR.)	
Conselhos ao meu Filho	4.000
ISMAEL GOMES BRAGA	
Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000
JOSE AMIGO Y PELICER	
Roma e o Evangelho	10.000
JESUS DIAS DE LEON (DR.)	
A imortalidade da Alma	4$000
J. LHOMME	
Guia Metódico do Experimentador Espírita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000
JOSE SURINACH	
Lydia	8.000
Spiritus Maledictus	8.000
Memorias de uma Alma	8.000
J. W. ROCHESTER	
O Chanceler de Ferro	12.000
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000
J. A. NOGUEIRA	
Amor Imortal	8$000
JULIO C. LEAL	
A Casa de Deus—romance	7$000
JOSE' FUZEIRA	
Os tempos são chegados	8.000
Rompendo as Trévas	8$000
JACY REGO DE BARROS	
Senzala e Macumba	3.000
J. ARTUR FINDLAY	
No Limiar do Etéreo	8.000
LEON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	10$000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	5$000
Catecismo Espírita	4$000
« « broc.	2.000
O Porquê da Vida	7$000
LEOPOLDO MACHADO	
Julga, Leitor por ti mesmo...	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
Guerra ao Farisaismo	2.000
Doutrina Inglória	5.000
LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

NO XVIII—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1942—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Mais um passo para a frente . *Redação*
Não somos só matéria . . . . *Gabriel Delanne*
Trinta anos entre os mortos . . *Dr. Francisco K. Werneck*
A Alma Animal . . . . . . *J. B. Chagas*
A Ação dos Passes Magnéticos . *H. Magalhães*
Lições do Leiteiro . . . . . . *Romeu A. Camargo*
Novos Rumos à Medicina . . *Dr. Ignacio Ferreira*
Analisando Factos . . . . . . *Frederico Duarte*
A Vida Interior do Espírito . . *«The Greater World»*
Divagações . . . . *Walter Radamés Accorsi*
A Conferência do Liceu . . . *Leopoldo Machado*
O Mundo dos Fluidos . . . . *Manoel Tavares*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*

ANO XVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1942 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Mais um passo para a frente

COM o presente número, entramos no 18.º ano de existência e, a-pesar das dificuldades oriundas dos lamentaveis acontecimentos que se desenrolam no mundo, estamos animados, como sempre, em prosseguir no desempenho da tarefa que nos foi confiada.

Não temos medido esforços no sentido de manter, aliado à feição artística, o mesmo programa traçado pelo nosso querido companheiro Cairbar Schutel e, para tanto nos tem valido sobremaneira, a assistência dos Caros Espíritos.

E' assim que, estudando o Espiritismo no seu tríplice aspecto — filosófico, científico e religioso, vimos apresentando trabalhos substanciosos de sábios de renome e de escritores estrangeiros e nacionais, cujos conhecimentos de tão elevada doutrina são dignos do nosso mais decidido acatamento. Todos os fenômenos de ordem espírita verificados no mundo e que têm chegado ao nosso conhecimento, os temos publicado nas suas respectivas secções, certos de que êles contribuem poderosamente para iluminar cerebros absorvidos pela dúvida, com relação aos magnos problemas da vida e da alma, problemas que só podem ser resolvidos pelo Espiritismo.

Com o lema—*Renovar tudo*, o Espiritismo, que tem por base os factos de caráter imortalista, está desempenhando de maneira impecável, a sua grandiosa missão. E' assim que a ciência começa a saír do estreito círculo em que a circunscreveram. Para obter liberdade de ação tem ela que enfrentar o preconceito e o orgulho de um grande número de homens que não admitem algo além daquilo que hajam aprendido. Mas os factos se encarregarão de fazê-la triunfar sôbre a vã sabedoria humana que, impotente para resolver intricados problemas, tem que se render à evidência dos factos.

Foi justamente para estudar os fenômenos espíritas e anímicos que se verificaram em todos os tempos e que aumentam cada vez mais, sancionando a profecia de Joel, que Cairbar Schutel, estimulado e ajudado por uma alma devotada aos interêsses da Verdade, Luiz Carlos de Oliveira Borges, fundou, em 15 de fevereiro de 1925, esta Revista, com o propósito de cooperar em pról do advento da verdadeira ciência—a da alma, ciência que esclarece tudo quanto se relaciona com Deus, o homem e o Universo.

A êsses dois luzeiros da espiritualidade devemos a vida dêste mensário que, lutando valentemente durante 17 anos, tem esperanças de prosseguir no labor de fazer com que a verdadeira ciência penetre nos cerebros bem formados.

E'-nos grato constatar o surto progressista do Espiritismo no Brasil, facto que, nos diz a conciência, não podemos deixar de mencionar aquí : diariamente fundam-se escolas, sanatórios, albergues noturnos e outros estabelecimentos espíritas, o que constitue uma afirmação dos benefícios que o Espiritismo vem prodigalizando à humanidade através da compreensão e do esfôrço comum de seus profitentes.

Efetivamente, o número dos que ingressam no Espiritismo, provenientes de todas as camadas sociais, é francamente animador. Muita razão teve Humberto de Campos quando afirmou que o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

Diante disso, nós como os demais trabalhadores da seára espírita, ao entrarmos no 18.° ano de vida, nos sentimos encorajados para enfrentar dificuldades e, confiantes no Alto, que tudo pode, estaremos firmes na estacada, a cooperar, com as nossas pequenas possibilidades, para que a Verdade edifique sua cátedra em todos os cerebros e corações.

Aos nossos guias espirituais, entre os quais aparece em primeira linha, o amado Cairbar Schutel ; aos nossos prezados assinantes, colaboradores, representantes e auxiliares, nos confessamos sumamente gratos, solicitando ao Supremo Artífice do Universo para que a todos cumule de bençãos e nos ampare, afim de que esta obra prossiga no seu desiderato de espiritualização.

Não somos só matéria

Todas as teorias que querem fazer do homem um autômato, todos os sábios que fizeram da ciência um escudo para proclamar em a materialidade do sêr humano, encontram o mais formal desmentido no testemunho dos factos. Não é verdade que sejamos só matéria ; não é justo pensar-se que, pela morte do corpo, os elementos que o constituiam sendo reduzidos a pó, nada restará daquilo que foi o sêr pensante. A experiência nos demonstra que, assim como a borboleta sae da crisalida, assim a alma deixa o seu vestuario grosseiro de carne para atirar-se, radiante, no éter, sua pátria eterna. Nada morre nêste mundo, porque nada se perde. O átomo de matéria que se escapa de uma combinação, entra no grande laboratório da natureza, e a alma, que se torna livre pela dissolução de seus laços corporais, volta ao seu ponto de partida. A gelida noite do túmulo não mais tem terrores para nós, porque possuimos a prova certa de que os mausoléus não encerram sinão cinzas inertes, e que o sêr pensante não desaparece.

GABRIEL DELANNE.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Numa data posterior, um espírito de nome «Harry» foi trazido ao nosso circulo para doutrinação e, incorporado na Snra. Wickland, manteve uma interessante conversa com referência a outro espírito que estava perturbando a Snra. Burton.

Espírito : «Harry»

Méd.—Donde viestes ?

Esp.—Não sei onde estou e não sei o que me aconteceu.

Méd.—Gostarieis de saber o que vos aconteceu ?

Esp. - Não sei o que foi.

Méd.—Algo então vos sucedeu ?

Esp.—Isto é que eu gostaria de saber.

Méd.—Que estivestes fazendo ultimamente ?

Esp —Não sei.

Méd.—Dizei-nos quem sois ? Sabeis ?

Esp.—Bem, eu direi ; sim, penso que o farei.

Méd.—Onde pensais que estais ?

Esp —Não sei

Méd. – Sim, o sabeis.

Esp.—Não, não sei. Tudo é tão estranho e eu não sei o que aconteceu.

Méd.—Não podeis olhar atrás e vêr si algo vos sucedeu ?

Esp.—Não posso olhar atrás ! Não tenho olhos nas costas.

Méd.—Quero dizer, pensai atrás.

Esp.—Pensar com as costas ?

Méd.—Não, pensai no vosso passado. Usai as vossas faculdades do pensamento.

Esp.—Não me recordo nada.

Méd.—Não deveis ser mentalmente tão preguiçoso !

Esp.—Que pode um homem fazer ?

Méd.—Aquí está sentada uma mulher. Sois homem ou mulher ?

Esp.—Sou, homem, êste companheiro é homem e os outros são mulheres. Nunca fui mulher e nunca serei. Bem sabeis que sou homem.

Méd.—Olhai para as vossas mãos ; onde as arranjastes ?

Esp —Estas mãos não são minhas.

Méd —Olhai para os vossos pés.

Esp —Também não são meus. Nunca fui mulher e não quero ter mãos e pés de mulher e não quero, agora, emprestado o corpo de ninguem.

Méd.—Sois velho ?

Esp. – Bem, já não sou um rapazinho.

Méd.—Provavelmente sois velho em anos porém não em conhecimentos.

Esp —Isto é verdade. Meus conhecimentos não são muito grandes.

Méd.—Si tivesseis possuido conhecimentos não vos encontrarieis na presente condição.

Esp.—Isto não tem nada a vêr com conhecimentos.

Méd.—Conhecimentos é o que vos está faltando. Dizei-nos qual é vosso nome. E' Mary ? (Maria)

Esp. – Já vistes algum homem chamar-se Mary ? Isto é ridiculo !

Méd.—Dizei-nos, então, o vosso nome. Não posso supô-lo.

Esp.—Por Deus, homem, é o nome de um homem e não o de uma mulher.

Med. – Apresentai-vos então.

Esp.—Para que quereis saber meu nome ?

Méd.—Falais bem a nossa lingua. Tinheis cabelos brancos como agora ? (Referindo-se aos cabelos da médium).

Esp.—Tinha cabelos grisalhos.

Méd.—E os usaveis ondulados como agora ?

Esp.—Não, não gosto dêles assim.

Méd. - Usaveis pente de bolso ?

Esp.—Já ouvistes falar em homem usando pente de bolso ?

Méd.—Onde arranjastes este anel de casado ?

Esp.—Não roubei nada e não quero esta mão de mulher.

Méd.—John, donde viestes ?

Esp —Não me chamo John.

Méd.—Como é que a vossa esposa

e a vossa mãe vos chamavam ?

Esp.—Minha mãe chamava-me Harry. Não fui casado.

Méd.—Qual é o vosso sobrenome ?

Esp.—Não quero dizer meu nome na presença de todas estas mulheres.

Méd.—Também há muitos homens aquí.

Esp.—Porque cargas dágua vim cair no meio destas mulheres. Odeio as mulheres.

Méd —Com certeza sofrestes algum revês amoroso. Que foi que vos aconteceu ?

Esp. - Eu seria tolo si contasse os meus segredo ante um grupo de mulheres.

Méd.—Porque ela se casou com o outro homem ?

Esp.—Quem ?

Méd.—A moça que vos enganou.

Esp.—Isto nunca, não !

Méd.—Então não tivestes nenhum desengano de amor ?

Esp.—Não.

Méd. -- Então porque não gostais das mulheres ?

Esp. -- Já vos disse que não poderei contar os meus segredos diante destas mulheres, porque se rirão de mim. Gostaria de saber porque todas estas mulheres estão olhando para mim. Que é que ha com aquele homem ali ? (Um espírito). Quero referir-me ao que se acha por trás daquela senhora. (A sra. Burton, sentada no círculo).

Snra. Burton -- Não gosto dos homens; êle póde afastar-se de mim.

Esp. -- Porque êsse homem anda ao redor dela ? E' seu marido ? Minha senhora, que faz êle andando ao seu redor ? Que é que ha com a senhora ? Gostais tanto dêle para que êle fique pregado a vós como cóla ?

Méd. -- Perguntai-lhe ha quanto tempo morreu.

Esp. -- Não simpatizo com êle. Mete-me mêdo. Parece que quer brigar.

Méd. -- Perguntai-lhe ha quanto tempo morreu.

Esp. -- Morto ? Está junto dela de forma tal que ela não pode mover-se sem êle. Aonde ela vai, êle a segue. Parece-me tal qual um macaco.

Snra. B. -- Levai-o convosco, fazei-me êste favor.

Esp. -- Porque deverei levá-lo ? Por amor de Deus, eu não conheço êsse camarada ! Gostais dêle, minha senhora ?

Snra. B. -- Não absolutamente. Eu estou cançada dêle !

Esp. -- Que é que ha com êle ? E' vosso marido ?

Snra. B. -- Não é meu marido e eu não o entendo.

Esp. -- Gostais dêle ?

Snra. B. -- Não, gostaria que se afastasse de mim.

Esp. -- Afinal, onde estou eu ?

Méd. -- Estais em Los Angeles, California.

Esp. -- Ha também uma mulher junto dela, presa como com cóla.

Snra. B. -- Estais aquí para auxiliar-nos ? Não podeis levá-los convosco ?

Esp. -- Gostais dêsse homem que vos acompanha ?

Snra. B. -- Não, estou anciosa por vêr-me livre dêle. A porta está bem aberta; êle que se vá.

Esp. -- Por amor de Deus fechai a porta ! Não quero que êsse homem me acompanhe. Porque não chama a policia ? Não pode a policia afastá-lo da senhora, si não quereis saber dêle ?

Méd. -- Todos são espíritos.

Esp. -- Espíritos ?

Méd. -- Sim, como vós.

Esp. -- O que ? Dizeis-me que aquele homem que está ali atrás daquela senhora é um fantasma.

Méd. -- Podeis vê-lo ?

Esp. -- Êle não é um espírito, é um homem. Êle está ali. Está com mêdo que ela se afaste dêle e êle não possa segui-la. E diz que está farto dela.

Méd. -- Êle é um espírito, porém ainda não o compreendeu. Ela não o vê, nem nós. Êle é invisível a nós.

Esp. -- Que espécie de lugar é êsse em que vim parar ?

Méd. -- Também não vos vêmos.

Esp. -- Não podeis vêr-me ? E ouvis-me ?

Méd. -- Ouvimos-vos, mas não vos vêmos.

Esp. -- Que gente céga ! Vejo-vos a todos e muita gente mais. A sala está toda cheia de gente !

Méd. -- Podemos ouvir-vos, porém, só porque estais falando por intermédio do corpo de uma mulher.

Esp. -- Agora estais me surpreendendo. Pensais que eu iria falar por intermédio de uma mulher ? Não, nunca ! Eu não atravessaria uma rua para falar com uma mulher. Como sabeis, não posso compreender tudo isto. Não sei porque estou aquí, nem tão pouco o que acontece com esta gente toda olhando para mim. Porque esta gente toda aquí ? Ha outros ainda olhando para mim, também. Não poderiam êles se entreterem uns com os outros ?

Méd. -- Si vos explicar tudo, procurareis compreender ? Em primeiro lugar estais morto, como se diz.

Esp. -- Si sou um morto, isto é uma coisa ótima.

Méd -- Não estais morto.

Esp. -- Mas dissestes que estou morto.

Méd. -- Estais morto para os vossos parentes e amigos. Sabemos que não estais, realmente, morto; perdestes apenas o vosso corpo físico. Tendes, porém, um corpo espiritual que conservastes quando perdestes o outro. Senti-vos bem vivo graças ao vosso corpo espiritual, mas não podeis explicar isto.

Esp. -- Sei que estive perambulando uma porção de tempo e parece-me que nunca parei em nenhum lugar. Vejo uma porção de gente aquí. Vim aquí com um grupo de pessoas, e antes que o soubesse, tudo era luz e eu vos vi a todos sentados num círculo, cantando. Pensei que fosse uma reunião religiosa, deti-me e antes que soubesse qualquer coisa, comecei a falar. Até então, me parecia que eu era surdo, mudo e cégo, porque não via coisa alguma e me achava tão cansado.

Méd. -- A maior parte dos que vêdes aquí são espíritos como vós.

Esp. -- Porque estamos aquí ?

Méd. -- Muitos foram trazidos para obter entendimento. Vós estais vos utilizando do corpo da minha esposa, mas não sois minha própria mulher. Embora isto vos pareça estranho, é um facto. Sois invisível a nós e estais falando graças ao organismo de minha esposa. Êsse homem de quem nos falastes, também é um espírito. Levai-o convosco quando partirdes. Êle nos é invisivel.

Esp.—Gostaria de brigar com êle.

Méd.—Já lêstes alguma vês a Biblia ?

Esp.—Sim, faz muito tempo. Ha bastante tempo que não vêjo uma.

Méd. -- Lembrais-vos ter lido na Biblia acerca dos espíritos obsessores que Jesus expulsou ? Êle é um dessa especie.

Esp. -- Todos êles estão ao redor daquela senhora. (A Snra. B.)

Snra. B. -- Agora eu já fechei a porta.

Esp. -- Si conservardes a porta fechada, eu os levarei comigo. De qualquer forma, quero brigar com aquele sujeito. Qual é o vosso nome ?

Méd. -- Que diz êle ?

Esp. -- Êle diz que se chama Jim Mc Donald.

Conhecei-o, minha senhora ? Si êle é de facto um espírito, porque se agarra à esta mulher, quando ela não quer saber dêle ?

Méd. -- Talvez êle se encontre alí como vos encontrais aquí. Dissestes que vistes uma porção de gente, luz, e aquí estais.

Esp. -- Êsse homem diz que estava caminhando no escuro e viu esta mulher. Dizei-me si eu também devo permanecer sempre aquí.

Perg -- Quais são os nomes dos que estão em torno de mim ? (Esta pergunta foi feita por outra paciente).

Esp. -- Há dois. De quando em quando, êles brigam. Neste momento estão brigando.

Perg. -- Eu também brigo com êles

Méd. -- Não deveis brigar, fisicamente com eles, isto lhes dá força e magnetismo. Quando lutais com eles desta forma, dais-lhes muito mais forças, fazendo com que eles se prendam mais a vós. Lutai com eles, mentalmente. Porque não evitais dar-lhes acésso ?

Esp. -- Eu os levarei, si puder. Porém não lutais mais com eles. Não sei o que acontece comigo. Sinto uma coisa estranha.

Méd. -- Onde moraveis ?

Esp. -- Em Detroit, Michigan.

Méd. -- Qual o último ano que recordais ?

Esp. -- Não me lembro de nenhum.

Méd. -- Qual é o presidente atual.

Esp. -- Não me lembro ao certo, porém eu penso que é Cleveland.

Méd. -- Êle foi presidente ha muito tempo.

Esp. -- Andei tanto que me sinto cansado. Existe aquí algum lugar para uma pessoa cansada descansar ? Tendes alguma cama para me ceder ?

Méd -- Si olhardes ao vosso redor, vereis espíritos inteligêntes.

Esp. -- Com efeito, vejo algumas moças bonitas. Não, moças, eu não irei convosco. Não me virem a cabeça. Não irei convosco, de forma alguma!

Méd. -- Elas são diferentes das jovens que conhecestes. Não são entes mortais, são espíritos imortais.

Esp. -- Teem um sorriso como os outros para atrair os homens.

Méd. -- Elas são diferentes das outras. Auxiliam os espíritos que necessitam de ajuda.

Esp. -- Estas moças parecem serias, mas eu detesto as mulheres.

Mèd. -- Não deveis detestar a todas porque uma foi falsa.

Esp. -- Bem, vou vêr si levo êstes camaradas comigo, si eu puder. E penso que acompanharei estas moças. (Surpreso). Como é isto? Minha mãe! Ela morreu e foi-se ha muito tempo!

Mèd. -- Ela não morreu.

Esp. -- Supondes que ela não está no Céu?

Mèd. -- Perguntai-lho. Ela dirá

Esp. -- Ela diz que está num bonito lugar chamado mundo espiritual.

Mèd. -- O mundo espiritual circunda o mundo fisíco. O «Céu» é uma condição interior; quando realizardes isto ficareis contente e sereis feliz. Isto foi o que Jesus ensinou.

Esp. -- Gostaria de ir com a minha mãe. Ela é uma bôa velhinha. Preciso levar o Mc Donald também. Vem cá, Mc Donald. Você não póde ficar aquí mais tempo e precisa ir comigo. Parece que êle faz esforços como que para despertar. Venha, Mc Donald; sejamos bons amigos e vamos com estas moças, pois elas são sérias e sinceras. Mãe, a senhora também vai. Agora eu irei. Adeus. Vamos, camaradas. Para que vocês querem ficar juntos desta senhora; eu teria vergonha de fazer isto. Já me vou. Adeus.

Snra. B. -- Fazei-me o favor de levá-los a todos convosco.

Méd. -- Como vos chamais?

Esp. -- Harry. Isto é tudo de que posso lembrar-me. Ha muitos anos que não ouço meu nome.

Méd. -- Fazei com que os outros compreendam a tolice de ficar.

Esp. -- Vou levar todos êstes camaradas comigo! Agora, todos aquí. Vocês vão comigo. Estou disposto a brigar com o danado que não quiser ir. Vocês deviam ter vergonha de estar importunando uma senhora. Agora, vamos. Vêde, êles vão. Olharei por êles direitinho. Adeus!

(Continua).

A Alma Animal

J. B. Chagas

NÃO era do nosso desejo voltar a tratar do caso original do muar «Canário», encerrando a nossa co-participação no assunto com os artigos publicados pelo «Diário da Noite», do Distrito Federal, em dias de Outubro e Novembro últimos. Contudo a isso somos forçados por sentir essa necessidade, uma vez que verificamos que no meio espiritista, ha confrades que ainda não possuem um ponto de vista firmado sôbre êsse delicado assunto, cuja importância não é mister encarecer.

A pergunta foi lançada aos quatro ventos—póde um animal de espécie inferior, um burro, por exemplo, servir de intermediário aos espíritos para operar manifestações ostensivas? Ou melhor, póde um burro ser *médium?*

—Póde ou não póde?—eis tudo.

Voltou, então, com um sabor de atualidade a legenda de *Shakespeare: To be or not be*—ser ou não ser, eis a questão.

Consultados por um amigo que nos sabia profitente espiritista, a dizer de público como o Espiritismo encarava o presente fenômeno, apressamo-nos, mais com o desejo de esclarecer, sem falsa modestia, do que fazer ruido em torno do nosso nome, que pedimos até fosse mantido em segredo, em trazer à luz da publicidade profana, por intermédio do jornal que procedia a *ênquete*, o que dêle, do Espiritismo, constava sôbre a tão decantada mediunidade dos animais.

Assim, fomos à fonte, isto é, ao *Livro dos Médiuns*, e consultámos a opinião de *Erasto*, que embora não seja um iluminadissimo espírito, tem, contudo, autoridade bastante para abordar tão delicado tema.

Eis, então, uma síntese do que escreveramos, mais propriamente para o meio profano do que para os confrades espíritas, pois, que supunhamos todos possuidores daquela obra e quiçá conhecedores da opinião abalisada de *Erasto*, o que foi um engano, visto como ha ainda alguns que julgam os *animais dotados de excelentes faculdades mediúnicas*...

Pela conclusão a que chegamos naquele trabalho, ficou evidenciada a impossibilidade mediúnica dos animais, porque segundo um velho princípio estabelecido: — o semelhante só atua com os semelhantes e como os semelhantes. Logo...

Os animais possuem também almas, mas nos animais de todas as classes a alma não tem o mesmo desenvolvimento.

«O fogo que anima os irracionais, o sôpro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, *quanto ao presente*, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sôpro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra» — afirma *Erasto*.

Embora isso arripie certos *espíritos fortes*, ciosos da sua árvore genealógica, a quem repugna a idéia de já ter pertencido às outras espécies inferiores, não resta a menor dúvida que nós próprios tivemos que vencer essa cadeia, que não sabemos onde começou nem sabemos onde terminará, sabendo apenas que caminhamos, *mal gré tout*, por isso que existe princípios comuns a tudo o que vive e se move na terra.

Daí essa estranha predileção que possuem certos indivíduos por determinadas espécies, vegetal ou animal; daí dizer o grande filósofo *Empedocles*, numa possível evocação do seu ancestralismo: «eu também já fui menino, árvore, pássaro, peixe mudo do fundo do mar...»

— O que é um *médium?* — pergunta *Erasto*, e êle mesmo responde:

— «E' um sêr, é o indivíduo que serve de traço de união aos espíritos para que êstes possam comunicar-se facilmente com os homens: espíritos encarnados. Por conseguinte, sem *médium* não ha comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja. Sabeis que tomamos ao cérebro do *médium* os elementos necessários a dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível; é com o auxílio dos materiais que possúe, que o *médium* traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Ora bem! que elementos encontramos no cérebro de um animal? Tem êle ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, advinham-no até. Sim, os animais educados compreendem certos pensamentos, mas os vistes alguma vez reproduzí-los? Não. Deveis, então, concluir que os animais não nos podem servir de interpretes!»

* * *

O delicado problema da origem e do destino do homem ainda hoje preocupa de modo impressionante a muitas criaturas.

As religiões, mais sectaristas que esclarecedoras, têm deixado os homens numa profunda ignorância do que diz respeito à sua vida, e ao seu próprio destino, daí a insatisfação da hora presente, a *angústia do século*, como já classificou alguém, o momento que passa, essa terrível melancolia que invade todas as almas, quando se trata de raciocinar sôbre o que será o dia de amanhã.

Já agora, na idade da razão, abrindo os olhos do espírito para o raciocínio, o homem acha-se como que parado em meio de uma grande estrada, a observar o terreno até ali palmilhado, a conjeturar sôbre o que terá ainda a percorrer. Aí, diante de si mesmo, diante do progresso que atingiu, por isso que já pensa e age livremente, dono de um livre arbitrio relativo, leva a considerar-se um ser privilegiado na Criação. Daí, também, o repugnar-se de sua origem e ancestralidade.

Efetivamente, se considerarmos a

escala de todos os sêres que vivem sôbre a terra, vêmos que cada espécie é seguida por uma outra espécie que ocupa o grau imediatamente superior e que apresenta um novo aperfeiçoamento. As espécies, mesmo as mais nitidamente caraterísticas, têm sempre entre si uma variedade um pouco híbrida que constitue o traço de união entre as duas, como o morcego, o peixe-voador, etc., para que a Evolução não sofra solução de continuidade e porque se harmoniza no mais perfeito rítmo no Plano Divino.

«Do homem ao macaco—diz-nos *Gabriel Delane*—dêste ao cão; da ave ao réptil e dêste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma gradação insensivel. Todos os sêres se tocam, formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das fórmas extintas ou desaparecidas. Nessa hierarquia dos sêres, o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestavel direito; mas isso não o coloca fóra da série, e quer simplesmente dizer que êle é o mais aperfeiçoado dos animais. Não é possível fazer do homem um ser destacado do reino animal» *(Evolução Anímica*—pag. 64*)*.

A monera da qual houver de sair o soberbo «rei da Criação», será composta de um simples protoplasma como a de qualquer animal.

A alma animal é da mesma natureza que a humana; o que as diferencia é a gradação no seu desenvolvimento.

Até chegar ao estado de humanização, por certo, ela terá que atravessar uma série interminável na escala da Evolução.

E' que admitido êsse princípio, de que a alma animal é da mesma natureza que a humana, o orgulho presunçoso de muitas pessoas, faz com que considerem tal princípio como um rebaixamento da dignidade humana! Foi, portanto, o orgulho do homem que o levou a erguer entre êle e os animais, essa barreira, não existente na realidade. A inteligência dos animais, sem dúvida, não tem o mesmo desenvolvimento da do homem, visto como também as suas necessidades são menores, e limitado é o círculo de sua atividade. Só isso constitue uma diferença e nada mais.

(Concl. no próximo número).

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

Cumprindo o que prometemos no escrito anterior, transcreveremos um importante caso de cura de paralisia total, desde nascença, do braço duma criança.

Essa cura original, — e muitas outras, algumas das quais levaremos ao conhecimento do publico nos próximos artigos, — foi levada a efeito na «Sociedade Propagadora do Magnetismo Curador», sediada, conjuntamente com o Centro Espírita «Discípulos de Francisco de Paula», à Avenida 28 de Setembro 78, terreo. Rio.

Os seus membros são obreiros de boa vontade, todos trabalhando por amor ao próximo, disseminando, dêste modo os ensinos de Jesus: «Dai de graça o que de graça recebeis». Eis um testemunho valioso comprovado em suas linhas gerais:

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1941.

Ilmo. Snr. Presidente da Sociedade de Magnetismo Curador.

Rio

A bem da verdade e justiça declaro que:

Aos dezesseis de Dezembro de 1938, nasceu em meu lar uma creaturinha a quem como pai, e pelos sofrimentos apresentados ao iniciar-se a sua existência terrena, pus o meu nome, isto é Edgard.

Apresentava, então, o braço e a mão esquerda completamente torcidos, e a mão tão fechada que à proporção do crescimento das unhas, iam as mesmas entranhando-se na palma da mão, A PONTO DE FICAREM OS SINAIS INCONTESTAVEIS DURANTE LONGOS MESES, e certo estou peior ficaria se em boa hora não tivesse recorrido ao Magnetismo Curador.

Para desencargo de conciência, após três dias de nascido levei-o ao Hospital Jesus, casa aliás especializada para crianças e da qual só tenho que bem falar, pois fui atendido dentro das normas maximas da solicitude e consideração, o que tive ocasião de observar, era extensiva a todos que para lá acorriam.

Após um minucioso e demorado exame, que muito recomenda ao citado Hospital, pediram-me para levar o meu filho quando o mesmo tivesse três meses de idade, pois, segundo a opinião unânime de seus especialistas, sómente desta idade em diante poderia ser feito um tratamento adequado e suportavel pela criança.

Conforme era de esperar, ao passarem-se os três meses de anciedade, voltei com o meu filho completamente aleijado. Iniciaram, então, um tratamento intenso, tendo sido tirada a competente radiografia do membro defeituoso.

O citado tratamento consistia em massagens dolorosissimas, durante as quais a criança ficava exausta, de tantas dores. Assim mais três meses se passaram, durante os quais, a-pesar-da dedicação patente do facultativo, em nada modificou-se a anomalia, pois continuava tudo como dantes. Perguntei, então, ao especialista e tive como resposta o seguinte: — E' um caso de paralisia de nascença, e portanto dificil de ser resolvido. No entretanto em tempo oportuno faremos UMA GRANDE MANOBRA em seu braço, e então será possível que após a mesma e com uns três anos de tratamento, consiga-se, senão a cura, pelo menos uma grande melhora.

Como criatura avessa a tais intervenções, pois admito-as sómente em casos muito especiais, resolvi abandonar tal tratamento, o qual de dia para dia parecia-me mais doloroso, e em boa hora rendo graças a Deus, pois resolvi tentar os passes magneticos, os quais logo de início convenceram-me da sua eficacia, sendo, portanto o método ideal, pois varios fatores concorreram para tal asserção.

1.º) E' completamente indolor, e quando esta aparece pela reação dos mesmos nem chega para afligir o paciente.

2.º) Dispensam qualquer qualidade de medicamentos, quer internos quer externos.

3.º) E' tão suave que constitue até um prazer para os pacientes, principalmente em tratando-se de crianças, pois tomam-se como se fossem divertimentos, isto é, rindo-se, tagarelando etc., e quasi sempre no final adormecem. Aos primeiros passes verificaram-se as seguintes melhoras:

1.º) detalhe muito importante o qual já devia ter citado no início da presente declaração: Desde o seu nascimento até tomar o primeiro passe magnético, o meu filho tinha um choro contínuo, como se sentisse fortes dôres no referido braço, a-pesar-do mesmo mais parecer um pedaço de carne morta, pois não tinha o menor vestígio de sofrimento. O choro cessou por completo logo ao primeiro passe.

2.º) O braço que era completamente torcido, virado para «dentro» começou a apresentar visíveis sinais de mobilidade, o que para mim e minha esposa foi uma alegria inexplicavel, pois fomos tomados das mais sublimes esperanças.

Com a continuação dos mesmos foi destorcendo o braço, e a mão abriu-se até que hoje, na graça de Deus já encontra-se na posição normal.

Outro detalhe que faltaria com a verdade se deixasse de citá-lo é que por circunstâncias imperiosas fui obrigado a parar com êstes passes por diversas vezes e por vários meses, o que certo estou se assim não tivesse acontecido já teria meu filho completamente curado. Atualmente está novamente tomando-os, tendo recomeçado ha cerca de dois mêses, e apenas um por semana.

Para terminar, afirmo e provo, quando e onde necessário fôr, as declarações acima, pois à vista de como nasceu e como acha-se hoje, não vacilo em considerá-lo curado, faltando apenas certo movimento com a articulação do pulso, o que espero dentro em breve vêr sanado êste último obstáculo para a sua perfeição física.

Terminando a presente, antecipo em declarar que todo êste tratamento tem sido completamente gratis.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1941.

Assinado: *Edgard da Costa Bastos.*

Rua Catalão n. 29 — São Cristovam — Capital Federal.

Não faremos aquí, os comentários que esta importante cura merece, devido à falta de espaço, o que faremos no próximo artigo.

(Continua).

Lições do Leiteiro

(Do Canhenho de um Pastor Evangélico)

O' «seu» Manoel, dou-lhe parabens, pela sua prosperidade no seu comércio de leite!

— E porquê fala assim, a senhora?

E' que hoje o leite está gôrdo, com nata grossa, sabor muito diferente, gostoso, e então eu disse a meu marido que o «seu» Manoel vai muito bem e com certeza êste leite bom é de alguma vaca nova, talvez uma holandeza...

— Não! Não! minha senhora! Eu lhe conto a história inteirinha. Não comprei nenhuma vaca nova. As vacas são as mesmas. Eu é que estou com vida nova: aceitei o Evangelho de Jesus, e essa encantadora doutrina encérra a Moral pura, que condena a mentira por pensamento, por palavra e por obra; eu não mentia por palavras diante da senhora e das outras freguezas do meu leite. Eu mentia sem abrir a boca, mas entregando-lhes leite misturado com água. Era um furto. A nórma de minha vida, de hoje em diante, está na Moral do Evangelho, e essa moral me ensina que eu não devo mentir nunca; ensina que eu não devo desejar nem fazer aos outros o que eu não desejaria para mim; que devo amar a Deus e mostrar êsse amôr amando o meu próximo, que é filho de Deus e meu irmão. O leite que eu vendia era uma mentira... Hoje eu falo a verdade, porque a minha conciência é uma testemunha silenciosa dos meus atos e pensamentos, que me aplaude quando pratíco o bem, e me repreende quando pratíco um ato mau...»

— E aquela senhora ficou estupefata, vivamente impressionada. Nunca vira espetáculo semelhante! Seu marido ficou contagiado dêsse assombro estupeficador. Ambos se puzeram a meditar, e, não resistindo à curiosidade, procuraram conhecer o misterioso poder dessa leitura que virou a vida do leiteiro pelo avêsso.

No dia seguinte, a senhora lá foi ao portão do jardim, bem cedinho, muito antes da hora da chegada do homem «renascido». Lá veiu êle, com semblante de quem vive alegre e sem preocupação. «Olhe, *seu* Manoel, eu estou curiosa por deitar os olhos nêsse tal Evangelho que tirou a água do leite...»

No dia seguinte d. Margarida recebeu um exemplar da Bíblia Sagrada, traduzida em português pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo e editada pela Sociedade Bíblica Britânica.

. . . .

Um mês depois, o próprio leiteiro é que ficou estupeficado ante a radical transformação operada na vida daquele lar, que agora conhecia de perto, pois que passou a ser considerado alí como irmão em Jesus e não mais como apenas fornecedor de leite.

E o venturoso casal, que vivia sempre em plena harmonia, cercado dos seus cinco filhos, mercê da saude e da abundância de recursos, passou a ter olhos de vêr e ouvidos de ouvir, *vendo* o número incalculável dos necessitados ao alcance de sua proteção, e *ouvindo* as súplicas dos incontáveis padecentes de toda espécie que arrastam a existência como só êles sabem, sob a vigilância dos olhos paternais de Deus.

* * *

Ocorreu-me citar nestas colunas a edificante história do leiteiro, por vêr nela lições que nunca perderão o sal da oportunidade. E' mais um dos retalhos tirado do baú velho do meu protestantismo (e êsse aí, data de 1909).

Mas, devo ao grande *Emmanuel*, a idéia de vir a público com esta narrativa, que ouvi dos lábios de piedoso pastor protestante, e êste relatou o episódio, verificado no vasto campo de seu pastorado. Um dos aspéctos mais impressivos do trabalho do púlpito, é êsse: o dos casos ilustrativos citados pelo prégador, geralmente colhidos no tirocínio, na experiência própria, durante suas excursões pela zona que lhe está confiada.

Emmanuel, o iluminado espírito que nos tem dado, a nós espíritas, uma nova literatura, rica de espiritualidade, com perfume e com sabor que não são da terra—, fala-nos com a autoridade da sua longa e penosa experiência, quando fez a sua extensa caminhada nêste mundo. Quero me referir a êsse trabalho preciosissimo (e todos os seus trabalhos são preciosissimos), intitulado *«O Consolador»*, em cujas téses-perguntas, em número de 411, encontram-se todos os problemas que envólvem a vida toda do homem, seja nos domínios da Ciência e da Filosofia, seja no reino privativo dos sentimentos denominado: Religião.

O dedicado servo de Jesus, com a exatidão da matemática e com a firmeza da lógica, conduz o espírito do leitor a encontrar a desejada solução para todos êsses problemas.

De início, na solução indicada à tése numero um, diz o amoravel discípulo do Mestre (pag. 19):

«Impórta considerar, todavia, que a ciência do mundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do *espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria do homem, nas suas caraterísticas morais*» (o grifo é meu).

Está bem claro o pensamento do digno autor, confirmando aquele do Mestre: «... *e a verdade vos livrará*». Esta *liberdade* não é um faról, um holofóte: é um sol! Di-lo a transformação dêsse casal, que, *possuído* pelo Evângelho que é a palavra de amôr, mas amôr vivo, que revéla vida operante, em ação —, começou a *vêr* o mundo e os homens sob um prisma inteiramente novo, e a *sentir* a vida íntima, fundindo-a na de seus semelhantes. Lição frutificada da «conciência iluminada» do bom leiteiro.

Através da «iluminação dos sentimentos» é que o Espiritismo realizará na terra todos os milagres, todos os prodígios de que é capaz o amôr. A assistência aos necessitados deixará de ser filha envergonhada da mendicância, quando os homens estiverem com a *conciência*, com os *sentimentos* iluminados, clarificados pelo Espiritismo que é a palavra prometida, o Consolador, a Verdade. Aí, conciência e assistência estarão irmanadas para todo o sempre.

No próximo artigo soará, ainda, a palavra instrutiva do eminente irmão *Emmanuel*.

Romeu A. Camargo.

Tinha-me rido, como muita gente, do fenômeno espírita, mas o que tomei pelo riso de Voltaire, não era mais que o riso do idiota, bastante mais frequente que o primeiro.

Eugénio Bonnemere.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Em Junho de 1941 foi internado no Sanatório que dirigimos, um rapaz de 22 anos de idade, completamente perturbado das faculdades mentais.

Após o seu internamento, satisfeitas todas as formalidades necessárias, ouvimos dos seus dois irmãos mais velhos, o relato dos pormenores da sua doença —

> Há quatro anos vinham arrostando aquela vida, procurando um recurso para o irmão que, desde aquela data, aos poucos, foi mudando os seus habitos, passando a conversar com todo mundo, perturbando o sossego da pequena cidade onde moram, provocando queixas e rixas que só não trouxeram más consequências devido ao grande número de amizades que possuem. O rapaz, antes, quiéto, trabalhador, sensivelmente se foi descuidando das suas obrigações, requerendo grande vigilancia por parte dos irmãos e amigos temerosos de um mau desfeixo consequênte do seu modo de proceder, penetrando na casa de qualquer pessoa, quebrando objetos, subtraindo tudo o que encontrava ao seu alcance. Com o tempo, desaparecia de casa, andando pelos matos, sem destino, pouco se importando com a sua própria higiene, pois vivia sujo, esfarrapado, vestes rasgadas. Esteve em tratamento com vários médicos, gastaram o que não lhes era possível, chegando mesmo a interná-lo em uma casa de saude onde esteve durante vários meses
>
> Ultimamente, tornou-se mais perigoso, pois avançava contra qualquer pessoa, pouco parando vestido, gritando a noite toda, recusando medicamentos e mesmo alimentos. Embora pertencentes a familia católica, praticante, aceitaram o alvitre em trazê-lo para Uberaba na esperança de mais uma tentativa. Na família, ninguem com perturbação mental. Sem vícios e sem molestias graves à contribuirem para o seu estado de desiquilíbrio mental.

Mais um simples relato, onde, concomitantemente com as manifestações de sofrimento, angustias e sacrifícios, propositalmente aquí não incluidas ressaltariam as queixas amargas contra médicos que nada entendendo de certas especialidades, não têm o senso preciso para encaminhar os seus doentes àqueles que melhormente possam empregar outros recursos que atenuem os seus males.

Apegados ao ouro, pouco se importam com o mal que vai corroendo o organismo do seu enfermo, lançando mão de tentativas que suas proprias conciências muitas vezes condenam. A ganância e a falta de critério e de senso de responsabilidade médica não deixam de contribuir para que seja bem elevado o coeficiênte de loucos incuraveis.

Quantas e quantas vezes, casos de obsessão ou disturbios físicos não chegam aos hospitais especializados após a passagem por terapêuticas ou tentativas as mais disparatadas, tentativas que só contribuiram para perda de tempo, impossibilitando um socorro rápido e eficiente ?

Quantas vezes não contribuem, também, com recursos insensatos, para aguçar o mal, lesando novos orgãos, quando não intoxicando todo o organismo ?

São dezenas, centenas de casos que poderiamos ter amparado e que, no entanto, nos vimos obrigados a transferir para manicômios do Estado, à procura de outros recursos ou à espera paciênte do dia da libertação do seu espírito !

O médico conciencioso procura guiar a família do seu enfêrmo aos diversos especialistas e jamais tomam, sob a sua responsabilidade, casos que estão fóra das suas possibilidades e dos seus conhecimentos...

E' o caso dêste enfêrmo.

Médicos que abrangem todas as especialidades, dêsde a Pediatria até a Psiquiatria, farmacêuticos que se arvoram em especialistas, raizeiros, todos contribuiram não só para o seu definhamento orgânico, como também, para maior afinidade dos fluidos do obsessor, profundamente intoxicando o seu psiquismo.

Quando o examinámos, constatando o seu depauperamento orgânico, a intoxicação e mau funcionamento de orgãos essenciais que há tantos meses não recebiam a medicação necessária para facilitar seu metabolismo, pouca esperança nutrimos a respeito da sua cura, dando-lhe um prognóstico duvidoso.

Constatando ser um caso de obsessão grave, terrivel por ser provocada por um espírito conciênte e vingativo, contrariando nossas normas de proceder, tivemos que lançar mão dos recursos da terapêutica material, desintoxicando e amparando o seu organismo.

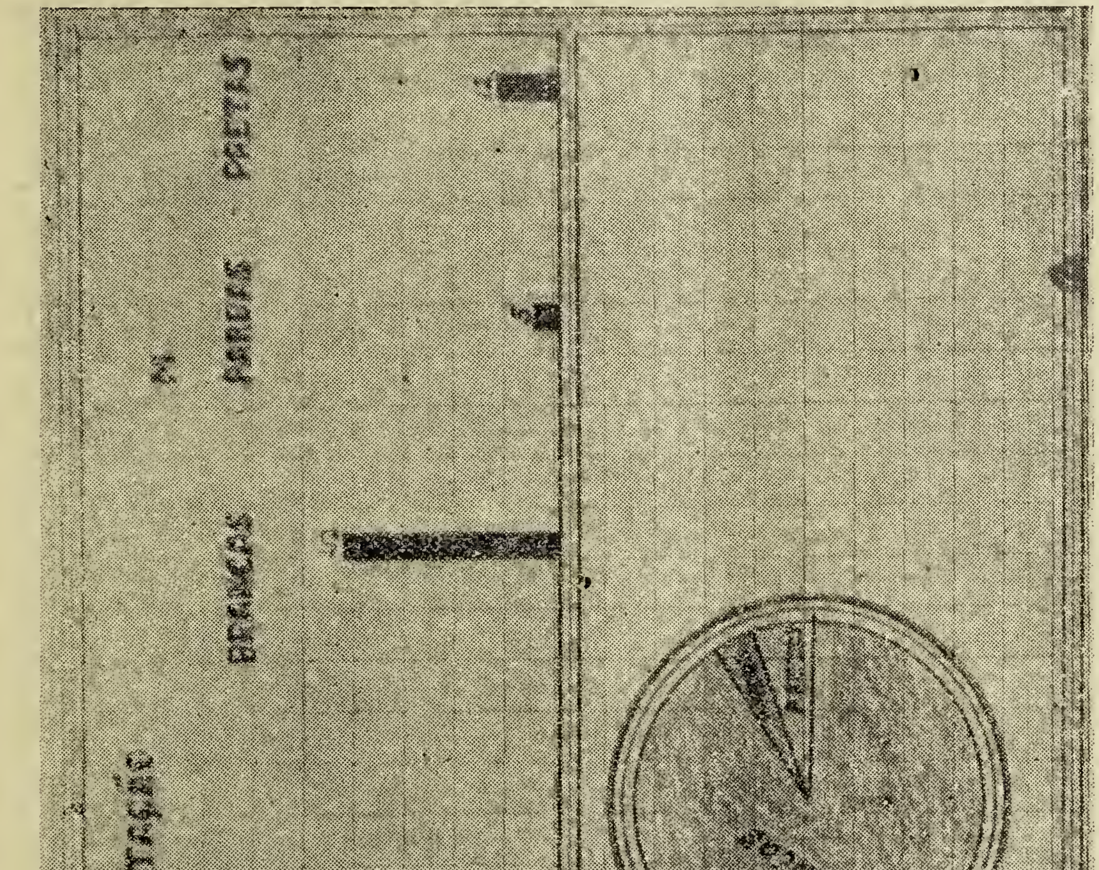

Depauperamento orgânico pronunciado e sob a irradiação tremenda de uma entidade conciênte e vingativa, sofreu muito, passando por fases de alucinação e agitação continuas, alhêio ao tempo e lugar.

Previamente, sua família fôra avisada do nosso prognóstico duvidoso, estando, assim, preparada para receber a noticia de uma impossíbilidade de cura, quando não, de um desenlace fatal, que parecia melhor para êle, pois, seria a libertação do espírito !

Felizmente, para a família e grande contentamento para nós, ficou radicalmente curado, voltando a se integrar na sociedade, como cidadão util e produtivo.

Felizmente para a família, porque, de católicos militantes, cairia no desespero, pensando em jamais revêr o filho, e contentamento para nós, pois era mais um caso a se juntar aos muitos outros, como demonstração da verdade e da eficiencia da terapêutica espírita.

Durante todo o prolongamento da sua obsessão, jamais conseguimos falar com o seu obsessor. Somente no dia em que deixou o Sanatório, demonstrando a alegria por ir revêr os seus, é que tivemos oportunidade de conhecer os pormenores da prova pela qual acabara de passar.

Estavamos, eu e um amigo, em visita a médium com quem trabalhamos, quando, sem que o esperassemos, notámos, que se processava uma incorporação com signais evidentes de que era uma entidade não afeita a êsse gênero de comunicação.

Concentrámonos e nos dispusemos a ouvir o visitante inesperado.

Passou-se um minuto, passaram-se dois, três, cinco, de um silencio absoluto e embora reconhecessemos o estado sonâmbúlico da médium que se conservava de cabeça baixa, como que refletindo sôbre o que fosse transmitir, não iniciamos a palestra, respeitando a vontade do visitante.

Os minutos são iguais, pois o tempo só possue u'a medida, mas existem ocasiões que parecem sêr longos, dilatados, como aqueles cinco de concentração, em um ambiente familiar, à espera de algo de valôr...

Após aquele lapso de tempo, vagarosamente ergueu a cabeça e, lentamente, com voz magoada, assim principiou o seu relato : —

«A música, fala mesmo, à alma, despertando as nossas recordações . . .»

Só, então, notamos que um rádio vizinho transmitia uma dessas valsas antigas, valsas que falam, de facto, ao coração, despertando lembranças guardadas sempre, nos escaninhos da memoria . . .

«Sempre gostei de música e, quando aquí entrei, feriram-me os ouvidos, as notas desta valsa triste e lenta, lenta como a própria tristeza . . . Foi por isso que não os cumprimentei, conservando-me em silêncio, à espera de que terminasse . . .

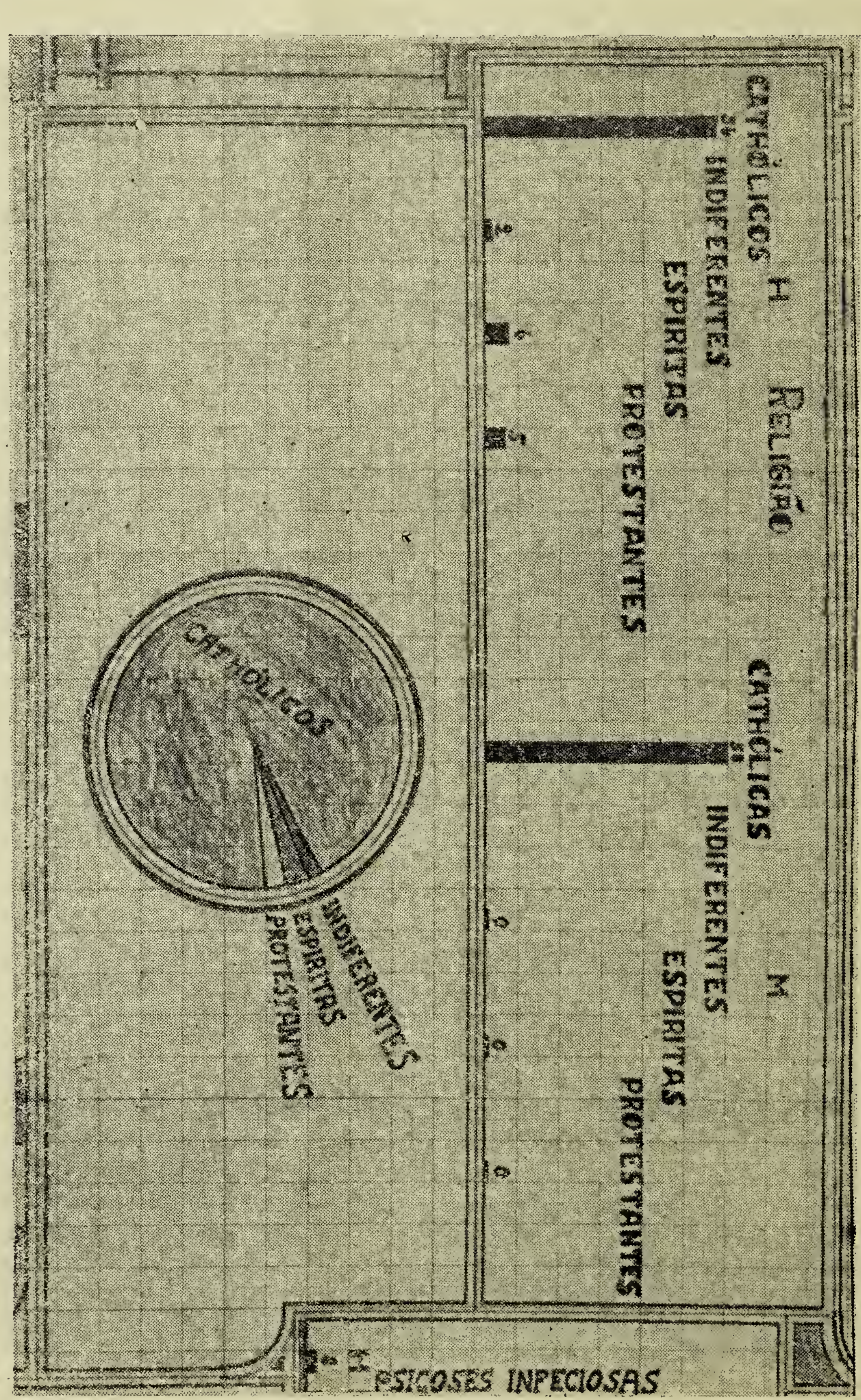

Está-se demorando e embora os

senhores não demonstrem impaciência, aquí estou a pedido de um amigo para lhe transmitir a minha história o lhe revelar a minha cooparticipação no caso dêste rapaz que foi embora, hoje.

Sou daqueles que acham que se deve desfiar as recordações do passado, quando essas mesmas recordações trazem, ao mesmo tempo, alegria e felicidade.

As más—para que ? Todavia, êsse amigo que aquí me trouxe disse que o senhor precisava dos pormenores, para uma observação, um artigo. Assim sendo, não faço questão de recordar, mais uma vez, essa fase triste da minha vida.—Apenas, uma cousa lhe peço, — não publique nomes, pois, pessoas que tiveram cooparticipação na minha vida, ainda vivem nesta cidade e não desejo magoas e arrependimentos para ninguém.

Possuia um rancho em A., junto do brejo B., muito conhecido por boiadeiros desta região, ainda vivos e que tenho certeza, ainda se recordam de mim. Era aleijado de uma perna, aleijão consequente de um tombo. Meu rancho era ponto de parada para os boiadeiros e recordo-me perfeitamente das nossas reuniões, à noite, com desafios na viola.

Uma ocasião, parou no meu rancho, o pai dêste rapaz, chefiando uma comitiva que levava uma grande boiada para Mato-Grosso. À' noite, houve um roubo no rancho e o pai dêste rapaz, apontou-me como ladrão. Pobre, aleijado, doente, me vi amarrado a uma árvore, sofrendo as maiores torturas, vexames e humilhações, pagando inocentemente, um mau ato que havia sido praticado pelo próprio pai dêle, com sua cooparticipação.

Fiquei sem o meu ranchinho, onde morava só, sem família.

Mais pobre, ainda, perambulei por vários lugares, vivendo com um sacrifício tremendo, indo morrer, dois anos depois, de maleita, nas margens do Araguaia.

Quando reconheci o meu estado de espírito, perambulando pelos lugares que me eram familiares, encontrei-me com um velho que havia sido vizinho do meu algoz e que, por sua vez, havia sido por êle assassinado e lançado em Lagôa Dourada. Juntos, alimentando o mesmo ódio e os mesmos desejos de vingança, saímos à procura dêle e fomos encontrá-lo na antiga capital de Goiáz, já nas vascas da morte. Assisti, ainda, ao espectaculo de seu espírito apegado ao corpo, sofrendo horrivelmente, rodeado de outras vítimas da sua maldade, pois fôra um verdadeiro carrasco. Ha pouco, encontrei o rapaz, tendo por pai atual, um antigo companheiro que tomava parte, também naquela comitiva e havia auxiliado na minha tortura e no meu vexame. Auxiliado pelo velho que encontrei, elaborei um plano para fazer desta criatura, um ladrão. Queria que fosse preso, maltratado, passando pelos mesmos vexames e humilhações pelos quais passei, tendo êle contribuido, para isso. Quasi cheguei a realizar o meu propósito, mas, aquí, encontrando antigos conhecidos, aceitei os seus conselhos e resolvi deixá-lo em paz. Vou, agora, a Campo Grande, ver se encontro uma pessoa amiga, pela qual tive veneração.

Caso algum dia precisar de mais informes, estarei às suas ordens.

—

Ao voltar para casa, procurando repouso contra as fadigas do dia, já recolhido ao leito, procurava memorizar e coordenar os factos narrados quando, no silêncio noturno, trazidos pela quietitude da noite, sons de um rádio longinquo feriram os meus ouvidos, na tradução de uma valsa triste . . . e pelo Caleidoscópio da minha memória, foram se desenrolando os factos da minha própria vida, felizes uns, tristes outros, tormentosos, os demais, fazendo com que desse razão àquela entidade amiga quando disse que a *música fala mesmo à alma, despertando as nossas recordações . . .*

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Analisando Factos

Por Frederico Duarte — Manchester

Jornalista à Fôrça!

Mesmo muito antes de se ter dado aquele incidente na Longsight Spiritualist Church, fui um belo dia convidado a ir tomar chá em casa de uns amigos, cuja esposa era e ainda é, uma médium muito honesta.

No final da refeição ela disse-me:—Você se soubesse o que lhe vai acontecer no próximo futuro abriria a bôca de pasmo! Um facto certo é êste: — Você já vai para alguns anos que escreve para Portugal sôbre assuntos de desporte, etc., mas prepare-se, prepare-se que quando muito menos o imaginar, começará a escrever não só para Portugal como para o Brasil e aquí para os inglêses artigos sôbre Espiritualismo! E afirmo-lhe ainda mais isto: — Vejo você no palco dum grande teatro ou Salão Nobre a falar às massas!

O marido e eu começámos a rir e... pedimos licença para sairmos juntos para compartilhar de alguns copos de cerveja!

Não levou muito tempo não, quando eu comecei a escrever para o «Two Worlds», sob o nom-de-plume de F. Etraud!

E meses depois vi me efectivamente durante uma semana em Glasgow, atuando como um dos interpretes para os Congressistas do Congresso Internacional dos Espiritualistas!

Naturalmente que, uma vez apresentado a Ernest Oaten, me foi facil vir em contacto com médiuns, assistir a Céances, como investigador de fenômenos psíquicos, e finalmente ha mais de 3 anos ter-me juntado ao Rainbow Harmony Group, um «exclusive circle» que se reune todas as segundas-feiras em casa da famosa médium de transfigurações Madame F. Bullock.

O' senhor padre de Ponta Grossa! Quem me déra a mim a que pudesse vir aquí a Manchester um dia para eu poder oferecer-lhe mais do que uma oportunidade para se convencer de que os Espiritualistas não são uma seita patronizada pelo Diabo!

Por diversas vezes que já tenho ouvido, falado, sido tocado e beijado e *visto distintamente a minha mãe!*

Provas disso? Temos os outros membros do nosso Grupo que o podem afirmar e ha um caso de importância no que me diz respeito. Além de minha mãe se ter transfigurado, mostrando o seu *cabêlo branco*, posto que madame Bullock ainda tem o seu preto, ninguém no Grupo, e mesmo cá fóra, sabe qual a forma como minha mãe me chamava. Os amigos íntimos chamam-me FRED. Minha mãe conheceu-me sempre por FREDERICO! E os nomes que ela me deu de pessoas amigas e de família que diz ter visto e que me «enviam beijos e saudações?» Nomes como por exemplo, «tia Virginia», «irmão Manuel», «teu padrinho», etc., *em português*, quando Madame Bullock só conhece a sua língua materna!

Um investigador não precisa de muitas provas para se convencer se está em frente de fraude ou não.

Aquí na Gran Bretanha entre os espiritualistas ha centenas e centenas que me conhecem sómente por F. Etraud; ora F. nada indica, pois podia muito bem ser Frank, Filipe, etc., etc. Em Portugal, Brasil, e na Gran Bretanha, tenho amigos que quando se dirijem a mim o fazem por diferentes modos. Frederico, Frederico Duarte, senhor Duarte, Mister Duarte, Mister Etraud, e Fred, outros deixando o mister ou senhor fóra.

Eis pois um belo «test». O Cairbar Schutel, por exemplo, em todas as cartas que me escreveu, dirigiu-se a mim *sempre* por—Duarte, e foi assim como êle se manifestou quando se transfigurou e me falou por intermédio de Madame Bullock! E direi mais isto, foi absolutamente pela instigação do ilustre amigo que me decidi a escrever esta série de artigos!!

Chamo assim a atenção dos meus leitores para o que se seguirá a êste.

A Vida Interior do Espírito

Lição de Zodiaco, em Inglaterra, no dia 29 de Março de 1941, por intermédio da Snrta. Winifred Moyes, em transe — Traduzido do Jornal «The Greater World».

. . . Desejo falar vos hoje da *Vida Interior do Espírito.* Quando pensais na primavera que se aproxima, encontrais ali aquilo que vos ajudará a entender a vossa parte espiritual que, tantas vezes, ao homem fatigado, parece ser um paradoxo. Êle aceita a sua dualidade, mas, ás vezes, suas duas personalidades parecem estar divorciadas. Porém, à medida que vai adquirindo experiência e que os anos vão correndo, verá em sua personalidade mais baixa nada mais que um cavalo cujas rédeas tem na mão: A vontade da sua individualidade interior lhe regula o passo e a direção.

Em presença das incertezas do momento e da tristeza que enche os lugares aprazíveis no plano terrestre, rogo-vos que vos esforceis por tomar em consideração a vossa dualidade sem vos deixardes iludir pelos argumentos e desejos do elemento inferior, e que oreis pedindo que, no decorrer do tempo, a vossa personalidade real vá adquirindo domínio sôbre a personalidade física, sôbre os vossos lados material e mental, e que não torneis a perder tal ascendente.

Elucidação sôbre o Espírito Santo

Alguns ha que acham dificil compreender o Poder do Espírito Santo e como êle funciona: se estará separado da Divindade Interior, se é parte dela, se será um elemento que opéra dadas certas condições, por especial dispensação do Altissimo. Já tenho falado sôbre êste assunto e vou deligenciar explicar na embaraçosa linguagem da Terra, como vós e a vida tôda dependem do Poder do Espírito Santo.

Emprégo um simples símile: A união das mentes dos homens a suas mãos e ás ferramentas de que se servem, pode dar, em conjunto, origem a uma grande máquina ou objecto destinado a melhorar as presentes candições ou ao cumprimento das regras para minorar o trabalho e o esfôrço do corpo humano. Procurai compreender a fôrça mental separada do que as mãos executam, toda a necessária inspiração, o enorme trabalho dos invisíveis afim de encaminhar a mente física do homem, para que esta possa reproduzir sôbre o plano da Terra qualquer manifestação útil da grande eficiência predominante na Vida Espiritual.

Tendes, em primeiro lugar, o labor de alguém na carne, depois, quando as vossas idéias estão especificadas, como dirieis, no papel, ha a tomar em consideração a parte prática; e sómente após muitos meses, ou mesmo anos, estará concluido isso que terá beleza e utilidade.

Mas que proveito poderá dar tal grande máquina sem a fôrça motora, sem aquêle elemento extraordinário que põe em ação as peças que tanto exigiram na parte mental do homem? Assim pois, meus amados, os que planeiam aquilo que é destinado a ser usado pelo homem, têm de pensar, antes de tudo, no poder regulador, na fôrça impulsora que ha de transformar o metal bruto naquilo que tenha vitalidade, porquanto, sem êsse impulso, será inútil o objécto em questão.

O que a eletricidade representa

E' assim que o homem tem no maior apreço aquilo a que vós chamais eletricidade. Tenho já procurado explicar-vos que a fôrça a que dais o nome de eletricidade — da qual pouco se conhece, a não serem seus efeitos — é, por assim dizer, a mais rude demonstração do Poder Espiritual. Essa fôrça, se me for permitido empregar êste termo de física, é uma manifestação do estágio elementar do grande e predominante Poder Divino que dá vida e movimento à multidão de criações emanados da Mentalidade do Amor.

Se percorrerdes o Livro Sagrado, haveis de encontrar em forma de parábola, uma pequena ilustração que vos ha de auxiliar em vosso raciocínio. Diz-se ali que Deus fez isto, que Deus fez aquilo e depois criou o que se considera ser a imagem do Proprio Pai. Mas aqui vos peço que ponhais de lado a forma física a qual é o veículo carnal em que agora vos encontrais, visto que o corpo que bem ou mal vos serve nêste estágio, é apenas um arremêdo daquele corpo maravilhoso imaginado e vivificado pelo Altissimo. Porém, quando êsse corpo foi feito, segundo a imagem divina, faltava-lhe alguma coisa: Foi então que simbolicamente «Deus inspirou um assopro de vida» naquilo que havia criado, e assim ficou impregnado de vida! (Genesis 2/7)

As funções do Poder Divino

Vêde, meus amados, e embora eu tenha de me desviar da minha exemplificação para dar uma pálida idéia das verdades divinas, que tendes desde logo alguma coisa que vos fará compreender de certo modo as funções do Poder do Espìrito Santo; e ainda mais, podereis logo ver que se Deus tivesse apenas criado o homem à Sua imagem e não o carregasse desta grande fôrça, aquilo que havia feito não passaria de uma paródia da Divindade e do Divino Amor.

Tomai em vossas mãos a florinha e procurai ver a parte do Espírito Santo que ela reflete. A flôr tem certamente uma vida efêmera, mas êste estágio é breve. A doçura que tendes na mão é apenas um reflexo da glória, expressa em côr, em contextura e em aroma, daquilo que foi criado por Deus o Pai, em passado mui distante.

Conservai sempre de memória êste facto importante: Sem o Espírito Santo não seria absolutamente possível existir a vida! Podia haver muitas imagens, porventura coisas que excitassem a cobiça do homem, embora delas se viesse a aborrecer, porque permaneceriam inanimadas, não sòmente sôbre o plano da terra mas por todo o tempo.

Pensai por momentos no que chameis pedras preciosas. Ás vezes depois de terem passado pelas mãos do homem, elas estão vibrantes de vida e luz. Encontra-se aqui uma verdade incomparável. Fôra dado ao homem o domínio de todas as formas de vida; e bem se compreende que sem a possível ação do homem sôbre a pedra inerte, a vida nela contida permaneceria sepultada. E aquí se vê em miniatura parte da grandiosa lei da vida e existência.

A parcela do Espírito Santo no homem

Que representa para vós o Espírito Santo? Será a vitalidade física? Não! Todavia a vitalidade física não se encontraria em vós sem o Espírito Santo. Entretanto, existem diversas graduações de poder, e o Espírito Santo é a mais elevada manifestação de atividade ou de fôrça impulsiva que alguém possa conceber, visto que, conforme tenho já explicado, nem aquêles que estão mais perto do Trono da Graça é dado compreender o que a Divindade significa. O inferior não pode penetrar no superior, embora — e por isso damos graças ao Pai! — o superior possa ter sempre limitada expressão no inferior.

Dêste modo, abstraimos, por assim dizer, do corpo físico e de suas múltiplas funções — a vida existente no sangue e o poder da mente física — e chegamos ao corpo anímico, o qual é a vestidura seguinte, que tereis quando a que agora possuís tiver terminado a sua missão.

Até onde manifesta o corpo anímico o Poder do Espírito Santo? Aquí encontrareis, ainda, a aplicação da Lei. Sem o Espírito Santo, não podia existir o corpo anímico; e contudo se se dissesse que o corpo anímico era uma exemplificação do Poder do Espírito Santo, isso seria um completo desacêrto porque, notai isto; no íntimo de tudo quanto foi criado pelo Altissimo, existe um fragmento apenas na sua grandiosa origem; e é mister tentar compreender como êsse fragmento funcionará quando recuperar a Vida que lhe foi dada em mui distante passado.

Factos que dizem respeito a Trindade

E aquí nos aproximamos um tanto do papel grandioso que o Espirito Santo desempenha. Muitos entendem a Divindade sob a forma de Trindade, e isso os auxilia. Eu já expliquei que, embora a Trindade, conforme o homem a admite, esteja incluida na Divindade, suas três manifestações se destinam apenas a exprimir na vossa linguagem as mais elevadas manifestações de Deus Pai e Criador da Vida Inteira. Portanto, se vós limitardes Deus à Trindade, estareis como que entrando em um campo terrestre; e então deixareis de pesquisar os Reinos do Espírito embora vos estejam franqueados, visto que o entendimento ainda o não alcançastes.

Pensando em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, não os podeis separar, como também, não vos é possível separar o Grande Criador de alguma forma de Vida, em qualquer mundo. Entretanto, a vossa mente física encontra na Trindade uma mais inteira manifestação da Vida, do Poder, do Amor e da Sabedoria perfeitos.

E assim, meus amados, fálando com toda a reverência, não deveremos, nêste vosso estágio de desenvolvimento, procurar considerar o Espírito Santo como fôrça impulsora, não imprimindo apenas movimento ás muitas atividades de cada mundo, mas servindo como de ponte ou de porta pela qual as formas finidas da vida podem entrar em contacto com a Vida Infinita, com essa Vida que criou todas as formas, e contudo permanece completa e perfeita?

Êste ponto poderá trazer dificuldades às mentes de alguns; mas, se pensardes em qualquer grande músico ou artista, haveis de ver que êle desperta e chama à vida os filhos na sua imaginação e que isso não a empobreceu, e também que pela divulgação, conforme a Lei Divina, maior fôrça inspirativa se libertou. A mente física estará agora em melhores condições de receber, como dirieis, mais irradiações da vida proveniente do que representa a mente do Espírito.

Pensando, portanto, em todas as formas de vida que emanam do Grande Criador como pensamentos materializados, podeis, entender logo que esta expressão de Amor não implica limitação, mas antes vos indica, dentro dos limites do vosso entendimento, que a Lei continua em operação. Aquilo que vemos na vida em outros planos e sôbre o plano da Terra não é mais do que parte da grande ordem de pensamentos da Mentalidade Infinita, a Qual os alimenta e espalha para proveito alheio.

Eu certamente, não vos poderia falar assim senão pelo Poder do Espírito Santo. Poderia, como dirieis, tomar êste instrumento; mas, a menos que a médium fôsse animada pela vida do Espírito, ela seria apenas um corpo inerte, e as leis de Deus não podem ser infringidas. A vida tem de exprimir-se pela vida; de outro modo, meus amados, e podeis vê-lo por vós mesmos, o barro inanimado poderia ser utilizado por entidades perigosas; e então alguma forma de vida de terrível aspecto poderia ser sustentada por êsses que sairam a destruir. Não vos esqueçais de que êles já tentaram essa prática, mas pelas leis de Deus, as consequências disso serão sempre a falência, conforme tem sucedido em todos os tempos.

Jamais deveis esquecer as leis divinas, meus amados! Alguns discutem por que não acontecem mais milagres à superfície da Terra. Existem as hostes angélicas, os guias e os protetores, os que adquiriram o Poder Divino e os dons do Espírito Santo: Todavia êles não podem operar no plano terrestre sem que o indivíduo entre em contacto vital com a Santidade, o que permitirá aos que se encontram na carne ver e ouvir coisas maravilhosas.

Conservai sempre isto de memória: Os milagres dependem dos instrumentos sôbre o plano da Terra! Tendes contudo visto mais de uma vez, e a história o revela, que, nos tempos de grande sofrimento e de grande sacrifício, o poder interior tem podido entrar em contacto com o Poder exterior e que aquilo que parecia inanimado e inutil se torna cheio de vida e de utilidade; e então vos maravilhais por essas manifestações do amor e doce entendimento do que é mister aos que se encontram no plano da Terra.

No dia de ontem (em Dunkerque) com alegria de quantos o presenciaram, tivestes a expressão desta lei: No dia de amanhã, em harmonia com o sacrifício e a vontade de entrar em contacto com a Santidade e servir a vossos irmãos, serão ainda vistos milagres sôbre o plano terrestre, e muitos que descriam de Deus e das leis Divinas acabarão por se convencerem.

Quando passardes ao estágio seguinte, haveis ainda de perguntar: O que é o Espírito Santo? Quando olhardes em volta e virdes alguns segredos da Natureza desvendados aos vosso olhar arrebatado, quando encontrardes homens e mulheres que eram, outrora, velhos e tristes e doentes, vos haveis de regozijar, porque o Poder do Espírito Santo se manifestara a ponto de se produzirem essas maravilhosas transformações . . .

Divagações

Walter Radamés Accorsi

TUDO no Universo, em última análise, é vibração. A própria matéria, na sua aparente estática, está em permanente vibração, pois os átomos que a constituem são verdadeiros sistêmas planetários, infinitamente pequenos, em movimento eterno. A inércia, encarada sob êste prisma, é uma utopia.

O calor, a luz, a eletricidade, resultam do movimento vibratório das moléculas dos corpos e se propagam pelo éter, fluído imponderável, inerte, elástico, que penetra íntimamente todos os corpos sólidos, líquidos ou gazozos e que enche os espaços siderais.

Sendo o pensamento uma forma de energia, qual seria o meio de sua propagação ? O próprio éter ou, então, um meio mais sutil ainda ? Para chegarmos à conclusão que desejamos, entremos, primeiramente, em algumas considerações.

Atualmente, a natureza íntima do pensamento humano permanece misteriosa. Contudo, sabemos que não se trata de um produto segregado pelo cérebro, tal como o afirmam os fisiologistas que apenas consideram a matéria, à semelhança dos demais órgãos que compõem o maravilhoso organismo humano. Se assim fôra, fácil seria determinar-lhe a essência. Todavia, parece-nos que o pensamento é uma vibração dotada de faculdades especiais que a distinguem das demais vibrações de ordem puramente física. E' qualquer cousa perceptível por nós, porque é parte integrante de nossa alma, porém, é indefinível por não ser comparável a cousa alguma. Talvez seja a mais transcendente das vibrações, até então conhecidas, e sucetível, ainda, de aperfeiçoamentos.

Enquanto nos encontramos na condição de incarnados, o cérebro é a séde, a matriz, o aparelho transmissor e receptor do pensamento, por meio do qual nos pomos em contacto com os nossos semelhantes e com o mundo físico. Mas, uma vez despojados da indumentária terrena, a compreensão, o entendimento entre os espíritos, se faz única e exclusivamente por meio de vibrações psíquicas. Desta maneira, quando formulamos um pensamento, origina-se, concomitantemente, uma vibração, que se propagará pelo espaço, através de um meio que não seja de natureza material. As comunicações entre os habitantes dos dois mundos são feitas por meio de vibrações psíquicas.

Cousa interessante o pensamento : a-pesar-de ser emitido pelo cérebro, êste, contudo, não é percebido por êle. Parece que o pensamento ignora o centro de sua irradiação. Por maior esforço que façamos para perceber, sentir, vêr psiquicamente o cérebro ou qualquer outro órgão interno, não o conseguimos. Quais as razões dêste fenômeno ? Não o sabemos. Ao futuro compete resolver o problema.

Prosseguindo nesse belíssimo quão complexo terreno, podemos perceber que as ondas psíquicas se propagam num meio que se nos afigura completamente exterior à matéria. Realmente, quando examinamos ou observamos um corpo, não só o fazemos por toda a sua superficie externa, como, também, podemos penetrar-lhe a essência. Quer dizer que o corpo, que é tridimensional sob o ponto de vista matemático, é analisado por uma forma de energia — o pensamento — que, para tal, deve pertencer a um campo de mais de três dimensões, para poder abarcá-lo em sua totalidade. E durante o exame sentimos que a matéria não lhe oferece a menor resistência a sua penetração ; que êle circula, por assim dizer, livremente pelo âmago da substância interpretando-lhe a estrutura íntima, tal como nô-la apresenta, hoje, a ciência. Ora, o éter, que tudo penetra, é, por sua vez, devassado por essa extraordinária forma de energia — o pensamento, de sorte que é forçoso convir em que a sua propagação se dê num meio exterior à matéria e ao próprio éter, para poder sentir a ambos em toda a extensão.

O pensamento, por conseguinte, é o agente segundo o qual a alma humana se põe em contacto com as cousas. Dilata-se com rapidez vertiginosa pelo espaço imenso, tal como si fôra uma onda esférica, cujo raio crescesse indefinidamente, tentando, numa espécie de ânsia incontida, tocar as ráias do infinito. Com a mesma rapidez retrai-se, para concentrar-se no polo oposto, isto é, no mundo do infinitamente pequeno. Com velocidade fantástica se desloca de um extremo a outro do Universo, sem encontrar, nessa maravilhosa trajetória, o menor tropeço, sem sofrer o mais leve atrito. Dir-se-ia que o próprio Universo se move dentro dêsse campo deslumbrante do pensamento humano. E não será através dessa via luminosa, impregnada de harmoniosas vibrações, que deveremos caminhar para encontrar Deus? Evidentemente, precisamos aperfeiçoar todos os atributos que exornam a nossa alma, afim de oferecermos a maior superfície de contacto com a eterna fonte da vida que vive por detraz do Universo físico — DEUS.

Razões profundas, pois, assistiam a JESUS, quando sentenciou: «Sêde perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito».

Piracicaba, 3 de Janeiro de 1942.

A CONFERÊNCIA DO LICEU

Crônica de LEOPOLDO MACHADO

Nosso primeiro contacto espiritual com o mundo profano de Salvador foi a 14 de Janeiro. Foi esta a noite mais bela em nossa vida modestissima de propagandista da Terceira Revelação!

Marcada a conferência para as 20,30, chegaramos meia hora antes, encontrando já abarrotado o salão nobre do velho LICEU DE ARTES E OFICIOS, a decana das instituições sociais da terra em que tivemos a dita de renascer na presente existência! Seu ilustre e gentilissimo presidente, dr. Edgard Barros, toma-nos pelo braço, a dizer:

—Venha, Prof. para a secretaria, até a hora da conferência; até que lhe venha buscar a comissão de praxe, para a sua apresentação da etiqueta à assistencia.

— Nós, espíritistas, dispensamos estas formalidades e etiquetas, doutor. Tudo no Espiritismo é muito simples e sem formalismos e pragmaticas. Ficando, ademais, aquí posso rever velhas amisades que, porventura, me venham ouvir.

Ricardo Machado, que preside a grande reunião, patrocinada pela UNIÃO ESPÍRITA BAHIANA E INSTITUTO KARDECISTA fraternizados, faz, generoso e eloquente, a nossa apresentação, dizendo umas coisas bonitas de nós, que não se ajustam — diz-nos a conciência — ao que, porventura, somos e valemos. E pusemo-nos a falar sôbre a RAZÃO E A FÉ. Falamos até ás 22,30. A assistência, que abarrotava o vastissimo salão, de que faziam parte criaturas que nunca ouviram e leram nada de Espiritismo, deu-nos a honra de uma grande atenção e compensador interêsse. Comprimiam-se ali velhas amisades dos três meios diferentes em que viviamos, quando deixaramos, ha 22 anos, Salvador: amisades de nosso meio pedagogico, literario e espiritistico.

Não sabemos como agradecer a Deus a grandissima esmola que nos concedera naquela noite, incontestavelmente a mais significativa de nossa existência de espiritista! Não o sabemos! Ali estava a ouvir-nos gente que nos conhecera, 22 anos antes, como poeta, jornalista e professor! E gente que privara conosco ha mais tempo, como funcionario subalternissimo da *Docas do Porto!* E gente que, ha bem mais tempo, nos havia dado a concertar seus sapatos, como sapateiro que fôramos! E gente a quem, em 1910, serviramos à mesa de um restaurante, como *garçon*, que eramos! E gente que nos conhecera ha muito mais tempo, em Plataforma, a fiar, tecer e prégar sapatos na grande fabrica lá ainda existente, que visitaramos, para matar saudades, na vêspera! E gente que, muito antes, havia matado muita fome nossa! E gente que nos conhecera ao nascer, que nos pintara, com precisão, o logarejo inferiorissimo, a casa velha e pobre em que, na presente existência, viéramos ao mundo! Quantas graças, Senhor, que tu conferiste, na noite de 14 de janeiro de 1942, a êste servo teu! que teve a graça de ser ouvido e levado a serio por criaturas que nos conheceram em épocas e circunstancias tão diferentes! Quantas graças, meu Senhor!

Radicou-se-nos, mais uma vez, a certeza de que ao Espiritismo só está faltando, para a sua absoluta difusão por toda parte, uma propaganda direta, eficiente, acreditada por prégações evangélicas convincentes, exemplos e obras. Só lhe está faltando uma prégação inteligente, persuasiva e forte, que aclare inteligências e desça fundo a corações...

Ha muito mais gente do que podemos presumir à esperá-lo, lá fóra, de quem lhe esclareça, persuasivamente, o espírito e, cristãmente, lhe sacuda o coração, para vir comungar conosco na grande e bela obra da reforma da humanidade, à força do Espiritismo, dí-lo Kardec por outras palavras! Alí estavamos nós a meditar, no final da reunião, na sentença de Allan Kardec, desejando, intimamente, que outros, com mnaior capacidade, cultura e meritos, procurem fazer o que estavamos fazendo, sinão mais, muito mais do que faziamos!

«Ide e prégai!» ordenou o Cristo a seus apóstolos. Mas, os apóstolos morreram, sem que a Doutrina do Cristo houvesse morrido. E andam a dizer os Espíritos de luz que são os espiritistas os cristãos modernos... Se tudo e todos que desaparecem devem deixar continuadores ou substitutos, os apóstolos e a doutrinação dos Evangelhos não podem nem devem abrir dolorosa exceção!...

«Ide e prégai» deve ser, para nós, uma das funções precipuas do Espiritismo, um dos deveres primordiais dos espiritistas...

Saibamos, pois, irmãos meus, levar por diante esta função e cumprir, cristãmente, êste dever!

Paz, Luz e Fé.

Cidade do Salvador, 15/1/1942.

O Mundo dos Fluidos

Estudos Psíquicos

Por Manuel Tavares

VIVEMOS cercados por inúmeras vibrações luminosas, caloríficas, sonoras, elétricas e psíquicas; todavia, não as podemos sentir em tôda a sua plenitude, porque os nossos limitados sentidos não alcançam a gama completa dessas vibrações. Se tentarmos ultrapassar os limites máximo e mínimo que a Natureza nos traçou, dentro do campo infinito dessas vibrações, sentiremos as dolorosas consequências da nossa curiosidade ou do nosso arrojado atrevimento.

Quantos homens de ciência têm pago com a vida a ânsia dominadora do «mais além» e se dão em holocausto à humanidade por uma felicidade maior?

Para o nosso estado evolutivo — tanto físico como moral — a Natureza traçou barreiras inexpugnáveis e, se nos faz alguma vez a graça de remover os seus marcos fronteiriços, fá-lo com tanta parcimônia, quanto o estudo evolutivo geral da humanidade o permite, porque a Natureza não dá saltos.

Assim, um excesso de luz pode cegar-nos, e a falta de luz priva-nos do sentido da vista, exceto quando a ausência dos raios luminosos se prolongar por muitos dias; um excesso de calor sufoca e produz a morte e um excesso de frio mergulha-nos num sono do qual só acordamos no Além; um som demasiado forte pode ensurdecer-nos e um som demasiado fraco passa despercebido; um choque eléctrico de alguns volts fulmina; um excesso de ondas psíquicas pode provocar-nos alteração no sistema nervoso, obliterar-nos até a vontade e, em certos casos, causar a morte.

Contudo, àquem e além dêsses limites que extensa gama de vibrações existe ainda!

* * *

Tudo no Universo é vibração. Tudo quanto existe — mais ou menos compacto, mais ou menos fluídico — vibra com maior ou menor intensidade. O nosso corpo físico mantém-se em atividade, devido a uma série inumerável de vibrações de vária ordem comandadas pelo perispírito — corpo etéreo, corpo astral, duplo ou como quer que lhe chamem — repositório misterioso de fôrças ainda ignoradas, e ambos agem de harmonia com a vontade emanada da alma, mas só na parte que diz respeito á tradução do pensamento em movimento, porque na que diz respeito ao mecanismo da respiração, da digestão, da circulação do sangue e do funcionamento dos vários órgãos e glândulas — mecanismo em que a volição não intervém e que se realiza numa perfeita independência da alma, sendo os vários órgãos dependentes entre si — êsse, realiza-se, em virtude de qualidades inactas adquiridas durante milhões de séculos de contínua evolução, desde o mineral até ao homem.

Todos êsses fenômenos são produto de vibrações mais ou menos intensas, como já dissemos. Onde quer que se reúnam dois ou mais electrões, existe vibração e existe matéria. Esta é mais ou menos rarefeita segundo a distância a que, entre si, se encontrarem os electrões. No estado sólido, a sua aproximação é tão grande, que a matéria se torna pesada e, na aparência, impenetrável. Dizemos—na aparência — porque, a-final, ela pode ser facilmente atravessada, não só pelos raios X ou ultra-violetas, como também pela vidência psíquica e pelos fluidos magnéticos humanos. Êste facto, só por si, destrói a concepção de matéria, se, porventura, não bastasse a sua transformação em estado líquido, gasoso ou fluídico. Do primeiro ao último dos estados da matéria, a coesão dos electrões e dos átomos vai diminuindo, ao ponto da matéria de que o corpo era constituido se tornar imponderável e invisível. Por êsse facto, não se pode, contudo, deduzir que a matéria tenha desaparecido e entrado no Nada. Ela continua a existir e, tanto assim, que podemos, por meio de um processo inverso, fazer o retôrno da matéria, do estado gasoso ao estado sólido.

A matéria de que o nosso corpo é constituido não desaparece, portanto, depois do fenômeno a que chamamos morte, tão certo é que na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Ela sofre apenas uma transformação para ir alimentar outros corpos. Ora, se a matéria continua a existir, como seria possível deixar de existir o nosso ser pensante, que dirige a matéria e no qual se albergam todos os sentimentos bons ou maus, a inteligência, a memória, que são a nossa individualidade, o nosso *Eu*? Que importa não encontrar a medicina, num cadáver, ao escalpela-lo, êsse ser pensante, se ela própria não conseguiu ainda insuflar vida ao átomo, ao reünir alguns eletrões? Que importa não nos poder a ciência oficial explicar êsse enigma da alma, senão com razões confusas, dizendo-nos que o pensamento é uma secreção do cérebro — como se a matéria bruta tivesse a propriedade de pensar e raciocinar — se ela desconhece ainda a essência íntima da eletricidade, do calor e de muitos fenômenos químicos? Seria arrojado dizer-se que o homem atingiu o apogeu da ciência e que nada mais lhe resta aprender.

Sabemos, aproximadamente, o que se passa no mundo da matéria, mas ignoramos duma maneira geral o que se passa no mundo dos fluidos, quando a-final, é neste último que reside o potencial das fôrças que regem o Universo, que conservam, em suspensão, no infinito, essas massas formidáveis de matéria, obedecendo a um fim sábio e determinado que escapa à nossa fraca inteligência de criaturas finitas.

E como a ciência académica afirma hoje o que ontem negou, não nos admira que ela negue hoje os fenômenos psíquicos, para amanhã os confirmar. Por enquanto, êles estão ainda fóra do âmbito das academias—eivadas, como estão, pela ciência materialista. Todavia, já bastantes homens de ciência, ao tratarem de estudar êsses fenômenos estranhos que destróem muitas concepções científicas, se sentiram de tal maneira atraídos pelos novos horizontes que o mundo dos fluidos lhes fez antever, que abraçaram entusiasticamente o Espiritismo e o defendem *à outrance*, fazendo afirmações que não só os honram pela sua sinceridade, como também confirmam a continuação da existência da alma, depois da morte fulminar o corpo físico, como um raio fulmina um velho cedro.

William Crookes, o célebre físico e químico inglês, inventor do fotómetro de polarização e do miscrospectroscópio, dos raios catódicos e do estado radiante da matéria, foi um dêles. Crookes não só conseguiu provar a imortalidade da alma, como também conseguiu provar a possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos, obtendo materializações de espíritos, das quais a mais importante foi a de Katie King, que durante três anos o auxiliou nas suas pesquisas, feitas com o mais rigoroso método científico.

Três anos de convívio com um espírito materializado, não são os três minutos que os materialistas gastam em negar os fenômenos que Crookes disse *serem, não só possíveis, como reais.*

Razão tinha Gustavo Le Bon para dizer que as experiências, na aparência mais convincentes, nunca constituiram elemento imediato de demonstração, quando elas viessem ferir idéias há muito tempo admitidas !

Crônica Estrangeira

Um crime revelado por uma trípode

«Constancia» reproduziu de «Evolução», antigo periódico madrileno, o seguinte tópico:

Transcrevemos da revista espírita «Lo Maravilloso», de Madrid, correspondente ao mês de Julho de 1909.

De Richepin, o novo membro da Academia Francêsa, relatou naquele tempo, em «Fígaro», o seguinte caso interessante :

«Poucos anos antes o ilustre escritor foi passar uma temporada na costa da Normandia, acompanhado de seu secretário. Havia alugado uma velha casinha e lá, ás noites, depois de cear, o poeta e seu companheiro se entretinham a consultar a mesa, como em outro tempo o fizera em Jersey Victor Hugo.

Certa noite, a mesa, que até então só havia dado respostas incoerentes, começou a relatar a história interessante de um crime cometido na mesma casa. O antigo proprietario fôra assassinado e não se havia podido descobrir o criminoso; mas a trípode sabia quem era a pessoa, cujo nome repetia com violência, a golpes.

Dia seguinte, o secretário de Richepin foi conversar com o comissário de Polícia da povoação. A pessoa denunciada pela mesa ainda vivia, e foi intimada a comparecer. Apenas começaram a falar-lhe do assassinato, principiou a empalidecer e, finalmente, confessou.

Estando prescrito o delito, as coisas não passaram daí, e o criminoso não ficou prejudicado. Mas depois dessa revelação, Richepin não mais *consultou* as mesas».

Contribuição ao estudo do Espiritismo experimental

La Tribune de Genève publicou uma série de artigos subordinados ao título supra, colaboração de Raoul Montandon, de que «La Revue Spirite» reproduziu o seguinte facto :

Refere-se êste caso ao violinista tchéco Jean Kubelik que, de passagem por Brigton, comprou um retrato do célebre compositor Haendel. Quando se encontrava em seu hotel, pôsse a tocar com frenesi e entusiasmo extraordinário postado diante do retrato.

«Mas alguns dias depois, escreve Jean Kubelik, recebi uma carta, que provinha duma sociedade espírita do país, a qual dizia :

«No decurso de nossa sessão de ontem, um espírito nos pediu remetessemos a Kubelik, a comunicação seguinte: Haendel muito agradece o ter êle tão deliciosamente executado o seu «Largo».

A hora, o dia, o local, que eram indicados na carta, correspondiam exatamente ao que se havia produzido.

Eu não tenho a pretenção de explicar êste facto; muitos que leram o meu relato não puderam reprimir um riso de incredulidade. Mas eu juro que tudo é a exata verdade.

Ainda que praticamente eu nada conheça de Espiritismo, creio que muita cousa está para ser dita sôbre a teoria segundo a qual a música constitue um inestimável auxílio para estabelecer contacto entre o nosso mundo e o outro, parecendo existir nela uma espécie de poder, que é favorável à criação de uma atmosfera psiquica».

A' Cabeceira dos Moribundos

«Ali del Pensiero» reproduziu o caso relatado pelo Dr. Riblet B. Hout, publicado em «Light» e identico ao que expôs um médico inglês, de nome Dr. J. J. Bell. Um túmulo da época faraonica mostra que o desprendimento do corpo fluídico durante o sono, o transe e a morte, era cousa bem conhecida dos egípcios.

O Dr. Riblet Hout narra como, chamado a prestar socorro médico a uma tia, assistiu à sua agonia e viu claramente o desprendimento do corpo fluídico que logo se apresentou horizontalmente estendido sôbre o corpo carnal e a êle ligado por um cordão. A semelhança entre os dois corpos era chocante, o corpo fluídico mais fresco e mais moço, por assim dizer. O cordão que ligava ambos os corpos, de um ao outro (alguns centímetros de diametro) se dividiu em numerosos filamentos no momento da ruptura, que foi precedida de ondas luminosas. O Dr. Riblet Hout reconheceu parentes mortos que enchiam o quarto. A irmã do médico viu agitarem-se luzes sem perceber o detalhe das formas. A agonia durou doze horas, e o observador atento poude ver pouco a pouco, a vida animar o corpo fluídico que flutuava acima do corpo do moribundo; depois o corpo fluídico ergueu-se e desapareceu. O Dr. R. B. Hout afirma que o acontecimento não era uma visão incerta e evanescente, «mas revestiu-se de uma realidade absolutamente objetiva e que efetivamente durou doze horas».

Do Corpo Somático ao Duplo Etéreo

Compulsando revistas de alguns anos atrás, encontramos sempre assuntos de toda atualidade. Por exemplo, «La Revue Spirite» de fevereiro de 1936, excelente mensario parisiense, transcreveu de *La Tribune de Genève* o escrito do Dr. Raoul Montandon que reproduzimos a seguir:

«Todos os ocultistas sabem que o corpo somático do homem (como o dos animais, de resto) é constituido, não sómente pelos elementos: sólidos, líquidos e gasosos, que impressionam nossos sentidos normais, mas ainda por substâncias infinitamente mais sutís cujo conjunto geralmente é designado pelo termo: «duplo etéreo».

Êste duplo, ou corpo etéreo, que ocupa no espaço tridemencional o mesmo volume da forma exterior do sêr, e que constitue o seu verdadeiro substratum, é, êle mesmo, composto de quatro íteres diferenciados.

Se adotarmos, a título de analogia, as sete notas da escola musical como representativas dos sete principios físicos, nós poderemos dizer que *dó, ré, mi,* figuram os elementos: sólidos, liquidos e gasosos, enquanto que *fa, sol, la, si,* se referem respectivamente aos quatro íteres diferenciados do duplo eterico.

Ao sobrevir a crise da morte (primeiro estadio duma sucessão de acontecimentos de que a ciência oculta nos fornece o processo), os elementos grosseiros: *dó, ré, mi,* retornam, pela dissolução (fermentação, depois putrefação), ao mundo físico, donde provieram. O corpo etérico, em sua constituição quádrupla: *fa, sol, la, si,* abandona então os elementos inferiores (sólidos, líquidos e gasosos), consigo levando ao mundo supra-sensível, os elementos superiores do sêr.

Êsses elementos sutís são um facto para os videntes e a ciência está em *vésperas* de confirmar definitivamente êsse facto; senão vejamos:

Dois sábios holandeses, Matla e Zaalberg van Zels, teriam conseguido, ha certo número de anos, pesar o corpo etérico do homem vivo, e o doutor americano Duncan Macdougall, de Hvershill, teria confirmado as conclusões dos primeiros, pesando agonizantes, cujo peso diminue, no momento da morte, de cincoenta grs. e meia a setenta grs.

Mais tarde, em setembro de 1933, o Dr. R. A. Walters, diretor do Instituto Bernard Johnson (E. E. U. U.) poude pôr em evidência, baseado sôbre as recentes descobertas da atomistica, a presença dum princípio imaterial, que compenetra o corpo somático, e que abandona êste ultimo no momento da morte.

O médium estava certo

«The Two Worlds»

A leitura psicométrica pode proporcionar muito auxílio e conforto, como o prova o seguinte exemplo de profecia que se cumpriu.

Em fins de Fevereiro do ano em curso, relata E. Hobbs, estive em contacto com uma senhora cujo filho único foi dado como desaparecido no oceano, por ter sido o navio torpedeado. Eu possuia um objeto pertencente ao rapaz e levei-o para ser psicometrado na Igreja Espiritualista de Clapham. A médium (e Presidente, Mrs. E. Donaldson), ao tocar o objeto, experimentou uma espécie de asfixia por submersão, mas afirmou, em seguida: «Êle não está morto», assegurando que em Abril, a mãi receberia uma carta do filho, e que a reunião de ambos se realizaria em Abril do ano p. f.. A primeira parte da profecia e referente à carta, realizou-se, pois a mãe recebeu, em Abril, uma carta do rapaz, declarando que era prisioneiro de guerra em Bordeaux, mas em pleno gôzo de saude. Agora resta a cumprir-se a segunda parte em devido tempo. Devo mencionar que, por alguma razão (talvez intervenção espiritual), a carta não foi sensurada, escrita de próprio punho, tendo sido entregue por intermédio da polícia ao novo endereço da destinatária.

A Sobrevivência dos Animais

«The Two Worlds»

A narradora foi à casa de uma vidente, Miss Edith Potts, que adquiriu, na Inglaterra, certa celebridade. Esta lhe dava, de começo, diversas informações que eram o objetivo de sua visita, quando ela interrompe a sessão para fazer o gesto de acariciar um animal de pequena estatura, o que a forçava a inclinar-se para o soalho.

Em seguida, ela exclamou surpreendida:

— «Eu acariciava um cachorrinho preto, chamado, segundo creio, Tibby, e agora aí estão três cães pretos e não sómente um. O segundo chamase Timmy.»

A pessoa que fôra consultar Miss Edith Potts, viu morrer, no mês anterior, um cão de sua propriedade chamado Tibby, e antes ela possuira outro cachorro da mesma raça, igualmente preto, morto havia muito tempo. Ela não compreendia qual poderia ser o terceiro cão. Mas apenas de volta à sua casa, soube pelo telefone que o cão de sua prima, em tudo igual ao seu e que atendia pelo nome Timmy, morrera na véspera.

—

M. René Thimmy estuda a preciência, com certos factos pertencentes ao arquivo de Ernesto Bozzano.

Depois da catástrofe de Fourvières, foi aberto um inquerito para saber se seria possível descobrir as causas, prever a catástrofe e evitá-la de algum modo. O desastre foi pressentido, mas somente por animais.

Pombos que haviam construido seus ninhos no cume de uma muralha, abandonaram-nos na vespera. Cavalos mostraram tão extraordinária resistência ao entrar nas cocheiras que obrigou os proprietários a colocá-los em outros abrigos. Um gato, muito afeiçoado a certa criança, atraiu-a para fora da casa em que êle vivia, por meio de uma atividade anormal, atirando-se à criança e dela fugindo, e, assim, salvou-lhe a vida.

Premonições

Mr. William Stead relatou, sob o título *Real ghost stories* (Histórias reais de fantasmas), diversas comunicações com o Além. Eis aqui alguns exemplos de comunicações:

Em sua juventude, o Rev. W. Ross, da Igreja Escocesa, viu-se, em sonho, gravemente atingido por um ponta-pé em um tornozelo, vibrado por um rapaz, e, em consequência dêsse acidente, ficara seriamente ferido. Nessa ocasião êle não conhecia o futebol e jamais assistira a semelhante jôgo. Poucos meses depois do sonho, êle verificou, quando treinava num campo, que o sonho se realizara em todos seus detalhes. Êle viu-se obrigado a guardar o leito durante quinze dias em consequência de um ponta-pé num tornozelo, vibrado por um companheiro que em tudo se assemelhava ao que havia visto em sonho.

— O marinheiro Cleary, do veleiro «*Persian Empire*», quando em Adelaide, Austrália, sonhou que, no decurso de sua viagem de regresso à Inglaterra, no dia seguinte ao de Natal, ao dobrar a embarcação o Cabo Horn, com mar revolto, ordenaram-lhe tripular em companhia de outro camarada, uma canoa que era rebocada pelo veleiro. Êle cumpre a ordem, a canoa sossobra e morre afogado, com o companheiro.

Tal foi a impressão causada pelo sonho que êle hesitou partir. Contudo, êle supera seus temores. Na vespera de Natal, pouco antes de chegar ao Cabo Horn, reproduz-se o sonho. Dia seguinte, começam a desenrolar-se os acontecimentos anunciados pelo sonho. Cleary quís furtar-se à ordem, e explica a razão ao superior, depois muda de parecer, desce à canoa com um marinheiro que reproduz os traços daquele visto em sonho; a embarcação volta-se e ambos os ocupantes desaparecem nas ondas.

Todos nós somos reincarnados

Extrato de uma conferência de André Ripert pronunciada em Angulême em 30-5-28, reproduzido de *La Revue Spitite.*

«Reincarnado? Sim! todos nós somos reincarnados; de quem? Não o sabemos, mas podemos no curso de nossa vida, encontrar em nós provas de nossas existências anteriores, e eis como: Nunca tivestes, ao chegar pela primeira vez a uma cidade, a impressão muito nítida do «já visto», não percorrestes essa cidade com facilidade, sem errar, sem auxílio dum guia?

Procurai tais factos em vossa memória. Êles existem. Então, que pensais disto?

Conseguistes resolver o problemo de existências, como as de Mozart, Beethoven e de outros prodígios? Como explicar que um menino, aos 7 ou 8 anos, seja em tão tenra idade, um músico consumado quando todos entre sua parentela ignoram a música?

Alguém, antes dêle foi músico em sua família, direis vós. Seja, admitamo-lo. Mas um estado atual é a soma de todos os estados anteriores; o estado atual é o criterium de uma evolução e então para que um sêr tenha, ao nascer, tanto gênio, necessário se torna que outro, que está morto, tenha possuido êssa gênio. O menino pode não parecer-se integralmente aos pais. Dos pais êle trás o envólucro, dos pais êle possue seu corpo, suas células, impregnadas de indiscutível hereditariedade, porém, êle possue, a mais, uma alma, elemento de evolução, em suma, elemento espiritual que é o mesmo princípio da reincarnação.

Eis aí idéias notáveis, curiosas, cativantes e que fazem pensar.

Sêde humildes, para poderdes obter as graças do Senhor. O cultivo da humildade deve ser a vossa maior preocupação. Estudai os ensinos de Jesus impregnados da humildade por Êle prégada, e tereis justificado, aos olhos de Deus, o vosso esfôrço. — HENRIQUE MAGALHÃIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

Comemorando o 4.º aniversário do desincarne do nosso amado companheiro, Cairbar Schutel, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 30 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão especial. Recitaram poesias a srta. Diva Boé e o menino José Leme. Fizeram uso da palavra os nossos companheiros farm. Zelia Perche, Costa Filho, Prof.ª D. Maria Casanova e João Leão Pitta.

O Espiritismo em Florianopolis

Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo»

No dia 20 do mês passado, festejando o seu 34.º aniversário de fundação, o Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo», deu posse à administração eleita, assumindo o cargo de presidente, o sr. Osvaldo Mélo. Os delegados de todas as Associações e Centros se fizeram representar.

Falaram vários oradores.

Foi lançada a idéia, já em marcha, da fundação de uma Escola de Enfermeiras, sob o patrocínio daquele Centro, o mais antigo do Estado sulino.

As sessões doutrinárias estão a cargo de oito doutrinadores, que, por escalas, fazem a prégação, ali, todas as quartas e sabados, à noite.

Funciona também no mesmo Centro, uma associação composta de senhoras, denominada «Assistência aos Necessitados e Visitação a Doentes Pobres».

A Escola Evangélica (doutrinas para creanças), está funcionando todos os domingos, às 10 horas, com um corpo escolhido de doutrinadores e grande assistência infantil. O Gabinete Mediúnico, de consultas e passes, tem três horarios, presentemente. O primeiro das 6 1/2 às 8 horas da manhã, o segundo das 8 às 10 horas e o terceiro, no período da tarde, das 13 às 15 horas.

Os medicamentos são fornecidos pelo próprio Centro.

As sessões doutrinárias à noite são frequentadissimas no Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo» e o seu amplo salão de conferências fica sempre cheio.

Sob todos os aspectos é bem animador o trabalho que se desenvolve naquela Seára do Mestre, pois, dali, também são escolhidos alguns doutrinadores que emprestam a outros Centros, sua participação quanto às prégações.

Dois Grupos de reuniões para tratamentos de obsedados e doutrinação aos espíritos sofredores e para outras manifestações funcionam naquele Centro e os resultados que têm sido obtidos são de molde a garantir a orientação que se imprime àqueles dificeis trabalhos.

Existe em Florianopolis, capital do Estado, uma perfeita união entre todos os Centros e tanto assim, que se está trabalhando para a próxima fundação da União Federativa Espírita de Santa Catarina.

Que os nossos confrades continuem no seu trabalho com afinco, coragem e fé, para que sejam dignos do salário que o Mestre prometeu aos bons trabalhadores.

Do Correspondente.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano — 100$000;	2.o ano — 40$000;	3.o ano — 100$000
4.o ano — 35$000;	5.o ano — 30$000;	6.o ano — 40$000
7.o ano — 40$000;	8.o ano — 40$000;	9.o ano — 100$000
10. ano — 40$000;	11.o ano — 50$000;	12.o ano — 50$000
13. ano — 50$000;	14.o ano — 50$000;	15.o ano — 50$000.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1821unse

No. 3-12 [illegible]

NO XVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1942 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
Analisando factos
«Familia Kardecista»
Evolução e Estagnação
O Espiritismo no Brasil
Albérico Lobo
Novos Rumos á Medicina
Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano
A Alma Animal
Allan Kardec
Trinta anos entre os mortos
O Espiritismo em face da Ciência
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

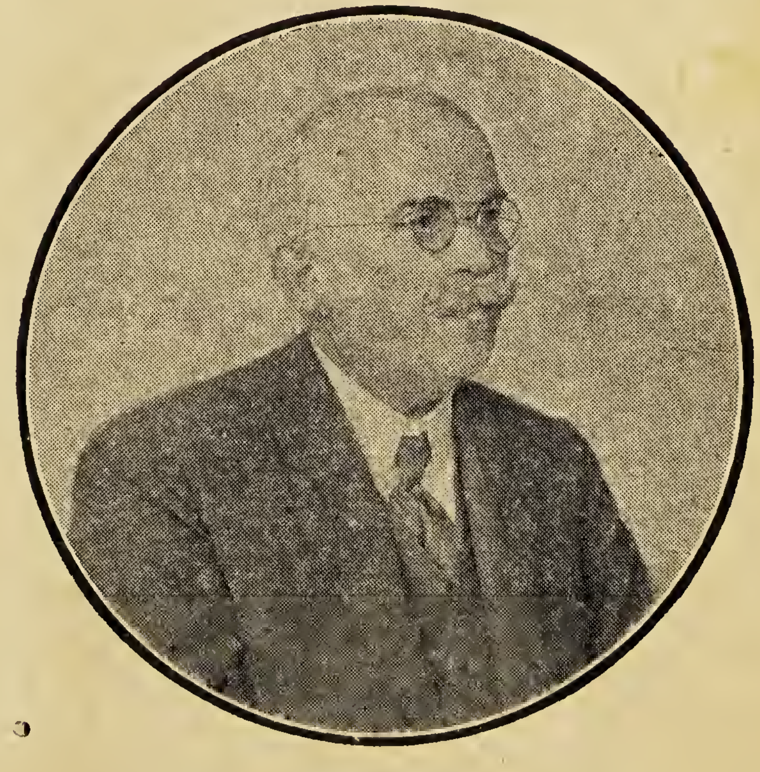

Albérico Lobo

ANO XVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1942 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

LÉON CHEVREUIL
1852-1939

«La Revue Spírite», edição de Fevereiro de 1940, consagrou seu artigo de fundo, intitulado «HOMMAGE À UN SAGE», a Léon Chevreuil, falecido aos 87 anos, em Dezembro de 1939.

Vamos fazer alguns extratos de mencionado artigo e, em seguida, reproduziremos a sua resposta à pergunta inúmeras vezes a êle dirigida — «Como se tornou espirita ?»

Como nos sentiamos honrados em ter, no decurso de numerosos anos a nosso lado, êsse valente caráter, êsse delicado literato cuja pena, fina e sábia, soube expôr em páginas inolvidáveis, a defesa de nossos princípios, com facilidade e firmeza, refutando os argumentos dos desprezadores, ignorantes ou de má-fé, da doutrina dos espíritos. Lógico e pensador invulgar, nenhum problema embaraçava a sua inteligência viva e possante. Êstes atributos que sem esforço se revelavam em Léon Chevreuil, suscitavam a nossa admiração ; e respeito em seus adversários...

Era um pintor talentoso que deixa obra apreciável e justamente considerada, repartida em museus e coleções particulares.

Léon Chevreuil foi fiel discípulo de Allan Kardec, admirador e amigo dos seguintes vultos eminentes : Léon Denis, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Ernesto Bozzano, Paul Bodier, Andry-Bourgeois e nosso Redator-chefe Hubert Forestier, a quem êle guiou, ha mais de 20 anos, os primeiros passos na via militante. Êle é, a nosso ver, o penúltimo senão o último representante da alta linhagem de homens do século passado que fizeram a grandeza do Espiritismo francês e cuja ação e pensamento, transpondo fronteiras, atingiram os paises mais remotos da terra.

Será preciso analisar, aquí, a obra filosófica e científica de Léon Chevreuil ? Não o julgamos, de resto, seriam necessárias páginas e mais páginas, de que infelizmente não dispomos...

Todavia, poderiamos recordar muitos artigos dignos de sobreviverem ao olvídio, mas vamos citar, de passagem, alguns livros do eminente autor : *«O Espiritismo na Igreja»*, em que prova que os milágres dos santos estavam em estreita relação com o mediunismo ; *«O Espiritismo Incompreendido»*, onde se encontra esta forte palavra, que é todo um programa : *«Não ha aquí religião, nem filosofia, nem ateismo, nem materialismo que possam resistir. Trata-se de uma questão de factos»*.

Mas a sua obra prima é : *«On ne meurt pas»*, que se sucedeu em edições consecutivas, sendo a mais recente a de 1935, com mais de 20.000 exemplares. Esta última edição contém um novo prefácio de Léon Chevreuil, em que êle manifesta sua alegria, pois, após a aparição de *«On ne meurt pas»* as questões por êle tratadas, fizeram um passo gigantesco . . .

E acrescenta:

«Operou-se uma verdadeira revolução na mentalidade dos cientistas. Nós que vivemos sôbre êsse êrro do século XIX, que pontificava nenhuma forma real poder existir fora duma substância, sabemos agora que a substância nada é, e necessário se torna procurar alhures as origens da vida e a explicação do movimento. Daí, dois modos de se julgar. O último século errou grosseiramente, porque êle se julgava científico quando tomava por base de raciocínio a matéria que não existe, invocando as leis em lugar de constatar os factos».

Léon Chevreuil e o ilustre Charles Richet estavam de acôrdo pois êste último diz no prefácio de sua obra «A' Porta do Mistério»: *«Nós vivemos numa época em que o oculto se tornou científico, em que o sobrenatural se tornou natural, em que o além faz sua aparição nos laboratórios. E, depois de tudo, porque não?»*

E acrescenta, com leal franqueza, em seu «Tratado de Metapsíquica»:

«Poderemos ter a pretenção de limitar a ciência, isto é, o conhecimento do mundo, às ínfimas e informes noções que, laboriosamente, penosamente, adquirimos e consignamos em nossos livros?»

* * *

Perguntam-me, escreve Léon Chevreuil, como me tornei espírita. Perguntemos por nossa vez: — O que quer dizer ser espírita? — A definição é simples. E' um homem que crê que o mundo invisível não é um mundo inacessível e que se pode obter, sôbre o destino futuro do homen, noções exatas que nem os filósofos e nem as religiões souberam *mostrar.*

«Como me tornei espírita?

— Eu poderia responder: foi pelo estudo. Mas para ser sincero, devo declarar que fui derribado, por minha vez, na estrada de Damasco.

Ha um momento em que a criança, tornada homem, medita sôbre o sentido da vida e então reconhece o absurdo das cousas ensinadas. Quando essa hora se me apresentou, não encontrei a verdade em nenhuma doutrina e tornei-me um perfeito incrédulo, um verdadeiro filisteu, o inimigo de Israel. Raramente eu ouvia falar de Espiritismo; e quando isto acontecia, então eu levantava os ombros a tal altura que eu cria o bastante para me atrair a estima de meus contemporâneos, e, se eu ouvia discutir sôbre Allan Kardec, o meu sorrir se tornava escarnecedor.

Eu acreditava, como certos metapsiquistas, que o amor ao maravilhoso, o desejo de demolir, ou a necessidade da superstição, inerente aos sêres inferiores, era uma explicação suficiênte; em suma, eu retornei à mais completa indiferença.

Todavia, pessoas altamente inteligentes e profundamente ligados à sua religião, me asseguravam ter obtido, movimentos *de mesa*, outrora.

Esta afirmação me surpreendia, mas cheguei à seguinte conclusão: «—E' possível que se produza algum movimento, mas quanto á pretenção de se poder entrar em conversação, isto não merece exame. Êste estado de espírito persistiu durante trinta anos.

Contudo, quatro ou cinco vezes tentei vagos ensaios, mas sempre acontecia que os menores estalidos eram acolhidos pelos gracejos habituais, que punham fim a êsses ensaios. Eu quís prosseguir, percebendo que, entre os que riam, alguns havia que riam e que seus gracejos não passavam de um pretexto para se subtrairem à experiência. Eu conservava uma curiosidade vaga.

Certo dia indicaram-me uma casa onde as mesas *se mexiam;* não era casa de espíritas. Fui. Eramos quatro pessoas, à luz plena. A mesa se animou de tal modo que um alto lampeão, aí pousado, perdeu o equilíbrio. Então, cousa assombrosa, por baixo dêsse lampeão que havia perdido o seu *aplomb* e que fatalmente deveria cair, deslizou a superficie da mesa, tomou contacto com o pé do lampeão, elevou-se, restabeleceu o equilíbrio e desceu sôbre o soalho, sem produzir mais barulho de que uma folha levantada pelo vento.

Pois bem, devo eu ser acusado de precipitação em meu julgamento? Confesso que no mesmo instante, senti desmoronar-se o meu cepticismo, porque factos tão simples e tão inimitáveis não teem necessidade de serem controlados. Imediatamente compreendi que todo o materialismo do século XIX acabava de ser varrido por êsse facto colossal.

Todavia, a noite é boa conselheira; dia seguinte fui confiar a um amigo íntimo o meu estado de alma, resolvemos experimentar nós dois: não havia dúvida, uma inteligência se manifestava. Dirigimo-nos a casa de um amigo comum; lá, a mesa levantou-se do solo a ponto de resistir à pressão de nossas mãos. Aconteceu mesmo que, julgando a experiência suficiente, nós nos levantámos. Quando estavamos distantes da mesa, ela agitou-se por si mesma, sob nossos olhares. Nos dias subsequentes, e em outro meio, resolvi fazer perguntas sérias em sessões mais regulares. Simplesmente aconteceu isto: em certo momento interroguei a mesa sôbre uma pessoa que fôra a única afeição e consolação de minha infância infeliz. Com um salto a mesa se elevou à altura de meus olhos, imobilizou-se, depois, lenta e solenemente, ela fez um gesto de saudação sôbre meus joelhos; a coisa se tornava séria.

Compreender-se-á que, após tais ensaios, eu pensasse que o fenômeno se reproduziria seguidamente. Pois bem, nada disso aconteceu, nunca mais a mesa trabalhou depois, ou tão pouco que não vale a pena falar de seus insignificantes movimentos. A ocorrência descrita deu-se no momento de maior angústia moral, como se me quisessem dizer:

— «Queres sondar o mistério, aproveita esta vez e que isto te satisfaça!»

Poucos dias mais tarde, eu percorria uma livraria, sem pensar em cousa alguma. Os livros alinhados sôbre uma estante não atraiam minha atenção, mas havia um que, apoiado sôbre a borda, estava completamente fóra da fila. Seu título me impressionou:

—*A Sobrevivência.*—Examinei-o. Para mim era coisa nova e adquiri o livro, e como o endereço de Mme. Noeggrath se achava na última página do volume, fui à rua Milton e foi essa a minha primeira iniciação. Lá, encontrei Hugo d'Alése, o Dr. Chazarin; pela vez primeira ouvi falar de fenômenos. Li Allan Kardec e, enfim, descobri uma doutrina razoável, que oferecia uma solução possível do mistério das coisas e racional explicação da vida.

Nêsse momento, mudei a posição de minhas baterias e engolfei-me no estudo do materialismo. Reconheci que o Espiritismo maravilhosamente se adaptava ás coisas ensinadas, que a doutrina das reincarnações se harmonizava com a filosofia evolucionista, que ela respondia ás dificuldades que não puderam ser resolvidas pela filosofia de Hœckel. Também constatei que Büchner zombava somente das ingenuidades dogmáticas, que êle mesmo reconhecia que se poderia muito bem conceber um sistêma espiritual do universo; enfim, tinha elementos para explicar todas as exigências da ciência e eu encontrei todos êsses fenômenos nos testemunhos da religião a mais ortodoxa. Ectoplasmas, aportes, mediunidades visuais e auditivas, nada aí faltava. Mas a maior surprêsa que me reservava o estudo foi a descoberta do considerável número de sábios ilustres, de todas as nacionalidades, que constataram os factos com todo o rigor dos métodos experimentais.

Foi isto que eu quís levar ao conhecimento de todos, em meu livro *«On ne meurt pas»*. Hoje já não tenho a menor dúvida sôbre a sobrevivência e concebi uma nova idéia de Deus, do que ressenti um gôzo interior, que jamais me abandonou».

Em 1932, para ser agradável ao diretor da «Revue Spirite Belge», Léon Chevreuil recordou algumas de suas próprias experiências, que transcrevemos de citado órgão:

«Vi aportes em plena luz, obtive provas de clarividência, mas foi sobretudo com Eusapia Paladino que fui testemunha dos fenômenos mais assombrosos; as minhas palavras em nada aumentariam os relatos de Lombroso, Richet, Ockorowicz, de Rochas, Curie, d'Arsonval, etc.... Notarei, todavia, que as levitações de muitos objetos (bandolins, campainhas, etc.) acima de nossas cabeças, se produziam quando a médium, completamente deitada sôbre meus joelhos, estava presa pelos meus dois braços.

Mas o facto capital, segundo o meu parecer, por constituir a prova positiva e irrefutável da objetividade e da rigidez do corpo invisível, é a obtenção de moldagens. O dr. G. Geley obteve-as na parafina; eu as consegui com material diferente.

A existência do corpo espiritual, materalizável, parece-me ser a experiência mais própria para impressionar o incrédulo, quando de boa fé. Os fenômenos materiais que são o fundamento do néo-espiritualismo, serão o ponto de partida de uma nova orientação do pensamento isento de abstrações e misticismo. E' sôbre os fenômenos que nos devemos apoiar para resistir a todo o ataque e forçar as portas dos institutos científicos. A mais importante será, segundo creio, a que demonstre a realidade objetiva do corpo invisível. Devemos colocar as autoridades científicas em face dêsse *substratum* da vida que é o Perispírito e que os adversários teimam em considerar sobrenatural.

Quando a humanidade estiver convicta de que o elemento psíquico, até aquí ignorado pela ciência oficial, é uma cousa substancial e uma realidade tão natural como as ondas sonoras que nos revela a T. S. F. e que o problema duma vida etérica entrou no domínio das cousas observáveis, nós teremos criado uma nova mentalidade e permitidas nos serão todas as esperanças».

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«La Revue Spirite» *(Continuação)* *Prof. E. BOZZANO*

Repito, antes de tudo, que se pode atingir o objetivo submetendo as «revelações transcendentais» aos processos da análise comparada. Ha muitos anos, consagro-me a êste trabalho árduo, e obtive resultados apreciáveis, pois já consegui encontrar e coordenar toda uma série orgânica e imprevista de concordâncias fundamentais entre as mais importantes coleções dêste gênero. Consegui assim definir as leis psicológicas que regem e explicam certos episódios, certas descrições, certas afirmações que não parecem, à primeira vista, racionais ao nosso julgamento circunscrito, mas pretencioso, de sêres incarnados. Daí resulta que um leitor comum, percorrendo algumas coleções desta sorte, provavelmente sinta a impressão de poderem essas pretensas revelações transcendentais ser explicadas em bloco por meio da cômoda hipótese dos «romances subliminais», porque elas mutuamente se contradizem e contém grande número de episódios, descrições e afirmações inconciliáveis com a existência espiritual. Pelo contrário, aquele que os examina longa e laboriosamente por meio dos processos da análise comparada, indubitavelmente terminará por concluir no sentido diametralmente oposto, notando que os episódios, as descrições, as afirmações que pareciam incompatíveis com a existência espiritual, podem ser realmente justificados do ponto de vista psicológico, e concordam de maneira altamente sugestiva com as descobertas científicas mais recentes. Por outro lado, constata-se que não é verdade existirem contradições substanciais entre as numerosas revelações dêste gênero, visto que os casos em que se encontram aparências de contradições são, pelo contrário, a expressão verídica de *condições* e de *estados* diversos de existências de espíritos que se comunicam; e quando isso não acontece, então se trata de interferências subconcientes, cuja origem facilmente se descobre.

Uma outra boa prova indireta que consideravelmente reforça as induções e deduções ás quais se chega pela análise comparada, consiste no seguinte facto. Assás frequentemente as personalidades de defuntos que transmitem informações referentes ao meio espiritual em que vivem, chegam ao mesmo tempo a fornecer admiráveis próvas de identificação pessoal. E' se levado a concluir daí que, se os defuntos que se comunicam, se mostram escrupulosamente verídicos sempre que as informações são controláveis, não há razão alguma para duvidar da autenticidade das informações não controláveis que fazem parte integrante do mesmo acervo de dados pessoais e de descrições do meio, indissolúvelmente ligados entre si.

A terceira prova indireta, convergente para a mesma demonstração, consiste na circunstância que, mui frequentes nas narrações episódicas concernentes aos modos de existência espiritual, se encontram elementos que são controláveis, e cuja autenticidade se constata.

Vou citar um exemplo desta sorte, para explicar meu pensamento.

Numa interessante brochura de revelações transcendentais intitulada *The Morrow of Death, by «Amicus»* o episódio de mais difícil admissão por parte dos não iniciados, consiste no relato duma reunião de espíritos, organizada em honra do romancista Charles Dickens.

A personalidade mediúnica que se manifesta observa, em certo momento, que entre os espíritos que faziam parte da reunião ela notou a figura dum «solitário», há pouco ingressado no mundo espiritual e que fôra grande admirador do romancista. Ela acrescentou que, em vida, êle realizava uma peregrinação anual ao túmulo de Dickens, em Westminster, sôbre o qual depositava uma corôa de flóres. Enfim, ela declarou que o nome dêsse «solitário» era «Edwin Drew».

Ora, acontece que Miss Felícia Scatcherd, a espírita bem conhecida, que se encarregara de editar a brochura, sentiu-se embaraçada com o nome Edwin Drew, nome que não lhe parecia normal, e que, ademais, parecia a expressão fonética do nome que constitúe o título do último romance de Dickens : *Edwin Drood.* Estas considerações convenceram Miss Scatcherd que havia um êrro na transmissão mediúnica. Ela pediu esclarecimentos ao espírito que ditara a mensagem, mas êste respondeu afirmando categoricamente que o nome do «solitário» era efetivamente Edwin Drew. Foi assim que Miss Scatcherd, ainda alimentando dúvida, deixou êste nome aparecer no volume.

Algum tempo depois, ela mencionou êste incidente numa conversação com David Gow, Diretor da *Light.* David Gow declarou ter conhecido pessoalmente Edwin Drew do qual falava o espírito. Êle afirmou tratar-se dum jornalista apaixonado dos romances de Dickens, cujo túmulo êle sempre visitava no dia do aniversario de sua morte. Ajuntou mais que êle era conhecido e apreciado no meio jornalístico, mas que era extremamente pobre e muito obscuro para que sua morte, ocorrida pouco antes, aparecesse nos jornais. Tal é o exemplo que decidí citar afim de esclarecer minha proposição, isto é, que algumas vezes se encontram elementos de verdade controláveis nos relatos episódicos concernentes à existência no Além, que reveste um valor teórico considerável, visto que êsse facto conduz lógicamente a deduzir que, se êsses elementos são verídicos, o conteúdo das narrações transcendentais nas quais se acham encaixados êsses elementos, deve ser, a seu turno, substancialmente autêntico.

A quarta boa prova indireta em favor de minha tese consiste no seguinte : nas descrições do meio espiritual, fornecidas pelas personalidades mediúnicas, observa-se frequentemente detalhes secundários, que, de um lado, parecem literalmente novos e estranhos, enquanto que, por outra parte, se acham repetidos em termos análogos em numerosas coleções de revelações do gênero. E, entretanto, em muitas dessas circunstâncias, ressalta a certeza que os sensitivos, por intermédio dos quais foram obtidos êsses detalhes caraterísticos, ignoravam a existência de outras revelações análogas. Em certos casos, tratava-se mesmo de médiuns improvizados, que de facto, tudo ignoravam de mediunismo. Ora, como não se pode explicar essas concordâncias múltiplas e extraordinárias pela hipótese das «coincidências fortuitas», logicamente se é levado a concluir que êsse facto somente pode ser explicado de uma única maneira : *as informações dadas pelas personalidades mediúnicas concordam entre si porque elas provém dê uma causa única, isto é, a observação direta.* Por outras palavras, se todas as personalidades mediúnicas descrevem as mesmas condições do meio espiritual, com os mesmos detalhes secundários e os mesmos relevos de fundo, isso demonstra que as condições do meio descrito são autênticamente espirituais objetivos, permanentes, reais, absolutamente reais.

Cumpre-me abordar ainda outro grupo de provas, não menos importante, mas de natureza diferente; provas que demonstram a concordância admirável existente entre o que afirmam os espíritos a respeito do modo de existência espiritual, e certos conhecimentos científicos adquiridos hoje, relativamente à existência de faculdades e propriedades insuspeitadas da alma, faculdades e propriedades supranormais, que emergem das subconciências humanas quando os indivíduos se acham em condições transitórias de começo de desincarnação do espírito, tais como o sono fisiológico, o sono sonambúlico e hipnótico, o sono mediúnico, o êxtase, a síncope, o coma e as condições preagônicas em geral. Êste facto induz lógicamente a supor que essas manifestações da alma são faculdades espirituais existêntes em estado latente na subconciência humana, esperando emergir e funcionar no meio espiritual após a crise da morte. Mas êle leva igualmente a pensar que as afirmações dos espíritos que se comunicam, relativamente ás formas nas quais se desenvolve a existência espiritual, são inteiramente justificadas, nêste ponto de vista, que elas correspondem à *entrada permanente em ação* das mesmas faculdades supranormais, que em circunstâncias excecionais, *entram já eficazmente em ação* no mundo dos vivos.

Entre as faculdades supranormais em apreço, oportuno é assinalar uma que reveste um valor teórico considerável. E' aquela pela qual se demonstra que o pensamento e a vontade constituem fôrças que modelam e que organizam; demonstração inabalavelmente fundada sôbre os fenômenos da «fotografia do pensamento» e da «idioplastia». Publiquei recentemente um longo estudo analítico sôbre os fenômenos em questão; donde ressalta de modo manifesto e decisivo, baseado em factos, a demonstração da existência desta faculdade, ou propriedade da alma.

Ora, sabe-se que as personalidades mediúnicas são absolutamente unânimes, sem exceção alguma, em afirmar que as Esferas Espirituais mais visinhas do mundo dos vivos, isto é, as em que penetram os espiritos dos recem desincarnado, são absolutamente uma reprodução espiritualizazada do meio terrestre, e que os espíritos dos mortos aí se acham em forma humana. Estas afirmações podem parecer, à primeira vista, extranhas e inverossímeis, mas elas tornam-se admissíveis, inteiramente verossímeis psicologicamente desde que se as encare em relação com as faculdades de modelar e organizar que possue o espírito humano.

(Continua)

Analisando Factos

Por Frederico Duarte — Manchester

Cairbar Schutel fala-me!

Na segunda-feira, 28 de Julho de 1941, no nosso Rainbow Harmony Group, madame Bullock caiu em trance, e, com a maior surpreza minha e dos outros membros, Cairbar Schutel transfigurou-se. Como prova absoluta de que era êle, basta dizer que, quem o reconheceu primeiro foi o marido de madame Bullock, que me disse: — Fred, está aquí aquele seu amigo do Brasil, cuja fotografia você me mostrou já naquela Revista Espiritualista!

Mal tinha acabado Mister Bullock de falar, quando Cairbar disse:

—Duarte, sou eu mesmo, o Cairbar! Vou falar em inglês para vocês todos me compreenderem. A voz de homem, perfeita, não podia de modo absolutamente nenhum desiludir fosse quem fôsse, pois que era positivamente a duma pessoa estrangeira a falar a língua inglesa!

— Olhe, Duarte, escreva lá para o Watson e diga-lhe que eu continuo interessando-me pela Revista. Tem havido dificuldades sem dúvida, mas, tudo se virá a harmonizar. Você, Duarte, não desanime também, e continue a ajudar os amigos da Revista (aquí disse *Revista* e não Review).

— Sim, caro Cairbar, mas você deve saber que durante o ano passado escrevi uns 6 artigos que mandei para Matão, mas, pelo que vejo, foram extraviados, pois que nenhum dêles apareceu em qualquer dos números que me chegaram aquí ás mãos. Francamente que não tenho uma vaga idéia sôbre o que escrevi, pois não tenho nenhumas cópias em meu poder.

—Não se aflija com isso. Escreva uns 5 artigos e eu o inspirarei a isso, e ao mesmo tempo a fórma de proceder para que êles cheguem ao seu destino!

—Obrigado, Cairbar, aquí continuo pois ás suas ordens.

Riu-se e terminou dizendo:

—Eu estou interessado no vosso Grupo e venho aquí frequentemente, e tenho a agradecer ao Rainbow e seus assistentes por me terem dado esta oportunidade de «experimentar» e ter a interessante experiência de falar por meio da bôca duma simpática senhora inglesa! Adeus, Good night — Boa Noite.

Curioso, todavia, prova autêntica, para o Cairbar terminar com as palavras em português e inglês, diz: — Adeus, Good Night, Boa Noite! A transfiguração foi perfeitissima e a ponto tal de que, no final da céance, o Mister Bullock mostrou a todos os presentes a capa dum exemplar da Revista Internacional do Espiritismo, tendo todos à uma dito: — Foi êle, foi êle, exatamente vestido assim que nos visitou esta noite. O casal Bullock tem em seu poder alguns exemplares da dita Revista onde apareceram alguns dos meus artigos, e, incidentalmente, na capa dum dêles vinha a fotografia do belo Cairbar!

Ha muito tempo já que temos pensado em instalar uma câmara para tirar fotografias por meio da «Infra-red» mas isso custar-nos-ia bastante dinheiro, e, como nós nos reunimos semanalmente sem termos um fito determinado de propagar lá fóra pela imprensa, etc., o que se passa, reservamo-nos pois a considerar o nosso «Circle» como sendo exclusivo e para benefício do nosso desenvolvimento clarividente, etc.

Podemos considerá-lo como sendo «uma escola particular!»

"Família Kardecista"

Romeu A. Camargo

COM bastante desprazer venho escrever estas linhas, dada a natureza do assunto. Faço-o, todavia, porque a isso me sinto impelido. Sim, uma obrigação moral manda-me sair do silêncio em que venho vivendo há três anos. E obrigação moral é bem um sinónimo de «dever». Julgo-me, portanto, no ideclinável dever de traçar êste artigo, e espero fazê-lo de modo a deixar sem sombra a intenção que me conduz a estas colunas.

Antes de esflorar o assunto anunciado ou denunciado no título destas linhas, quero dizer duas palavras, à guisa de introdução para justificar não sómente o meu reaparecimento, como principalmente a minha atitude.

—

O Protestantismo é credor de minha eterna gratidão. Foi no seio da Igreja Presbiteriana que aprendi a ler e meditar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Guardo a data em que recebi essa benção da misericórdia de Deus: 21 de Junho de 1901, sábado. Quarenta anos e seis meses feitos.

Em Outubro de 1923, neòfito no Espiritismo, senti dobrado interêsse pela leitura e meditação do volume por todos os títulos sagrado. O Evangelho é, para mim, o espêlho refletor de toda a ciência espiritual, porque é a palavra do Senhor e Mestre único, e por isso mesmo é o Código Moral da Vida (com V maiúsculo, significando a existência em sua plenitude, no Tempo e no Espaço, e não sómente durante a passagem nêste mundo físico ou planeta (Espaço) ou seja a existência não limitada pela idade (Tempo); Vida ligada à infinitude do Tempo ou Imartalidade).

Sem laivo ou mostras de vanglória ou de vaidade, quero confessar que, durante os 22 anos de saudoso convívio com os zelosos irmãos protestantes, procurei sempre auxiliá-los em sua multiplice atividade evangelizadora (no púlpito, na imprensa, na escola dominical, nas visitas dominical, nas visitas domiciliares, etc.). O desejo de um era o da comunidade: repartir com os de fóra da Igreja as lições que o Mestre e Senhor dá a todos os pecadores, nas páginas do Evangelho, afim de que se *orientem* e se *conduzam* como verdadeiros cristãos. Por mais de duzentas vezes, tive o prazer de ocupar o púlpito de quasi todas as comunidades evangélicas da Capital e o de muitas do interior. Sinto-me altamente honrado em dizer que trabalhei ao lado do meu grande amigo, o saudosissimo pastor Eduardo Carlos Pereira, o maior teólogo, o maior tribuno da Igreja Evangélica no Brasil, de todos os tempos. Seu nome é bastante conhecido, como o maior gramático dos tempos modernos.

* * *

Essas reminiscências de minha vida no Protestantismo vieram para estas linhas, não para que seja pôsto em destaque o nome da minha ilustre obscuridade, mas para dizer que falo com pleno conhecimento de causa, por experiência própria, nêsse longo convívio com irmãos filiados a ramos diversos do Protestantismo. Nêste particular, falo com alguma autoridade. E' sabido que, só nos Estados-Unidos, o Protestantismo apresenta mais de 200 seitas, todas, porém, dentro da Bíblia, e no Brasil existem mais de 30 denominações com suas igrejas organizadas. Tratei disto documentadamente, nêsse livrinho a pouco publicado («Salvação pela fé ou pelas obras?», pag. 16).

Como é fácil de prever, diferenças e antagonismos existem entre essas numerosas denominações, seja na forma governativa ou eclesiástica, seja na parte doutrinária ou exegética (explicativa, interpretativa). Não fôra a impropriedade do momento, e apontaria casos interessantes e mesmo curiosos. Contudo, citarei isto: um crente da Igreja Batista sabe que não deve batizar seus filhinhos, porque o têxto normativo do seu crédo diz expressamente: «O que crêr e fôr batizado, será salvo» (Marco, 16: 16). Ora, uma criança não póde crêr; logo, não deve ser batizada. E a Igreja Batista não batiza crianças. E essa Igreja vai longe: acredita que só é válido o batismo de imersão, de modo que o batizando seja completamente mergulhado (imérso), ou no rio, ou na piscina da Igreja (batistério). Para os batistas, não vale o batismo por aspersão (aspergir ou derramar agua na cabeça), como se faz na Igreja Romana, na Presbiteriana, na Metodista e na maioria das demais. Estribado em outros textos do Novo Testamento, o presbiteriano não obedece a essa restrição e batiza os pequeninos, fazendo o mesmo os crentes de outras Igrejas. Os imersionistas se firmam na autoridade do têxto evangélico (Mat., 3:16), do mesmo modo que os aspergistas também se escudam no livro sagrado. Baseado na Bíblia, o presbiteriano admite o dógma da predestinação divina; apoiado no mesmo fundamento (a Bíblia), o metodista não aceita êsse ensino estabelecido por Calvino, fundador do presbiterianismo ou calvinismo.

Mas, com essas e com outras discrepâncias, os protestantes se entendem perfeitamente, visto que todas as denominações, todas as Igrejas Evangélicas fórmam «unidades» em tôrno dos princípios fundamentais da Fé: existência de Deus e seus atributos; Santissima Trindade: Deus Uno e Trino; Céu e Inferno; eficácia expiatória do sacrifício do Calvário; imortalidade da alma, etc.

Examinei a teologia metodista ou wesleyana, em confrônto com a presbiteriana ou calvinista; flutuei equidistantemente entre as duas escolas, amparadas e dirigidas por eminentes autoridades nos vastos domínios da ciência escriturística, a começar de João Wesley (inglês) e João Calvino (francês), fundadores dessas duas escolas teológicas (Igreja Metodista e Igreja Presbiteriana). Observei e admirei sempre, a «unidade» doutrinal nos pontos capitais do crédo evangélico (estou escrevendo quarenta anos depois).

Corroborando tudo quanto vai nessas linhas, tenho a acrescentar: o Protestantismo não me autoriza a dizer o contrário, hoje. Continuando ligado, como estou, por laços de amizade, a elementos da Igreja Evangélica — e até mesmo na própria família —, sei que o edifício espiritual da Refórma, levantado pelo ilustre frade alemão, Martinho Lutero, é o mesmo, e também o mesmo é o vigamento, cujas linhas mestras solidificam a estrutura orgânica das igrejas de todas as categorias denominacionais.

Fiel e zeloso pela conservação do seu ponto de vista — ainda que firmado mais na «letra» que no «espírito» que vivifica os textos bíblicos —, o protestante aí vai realizando a sua destinação na terra, na estrada do Evolucionismo. Seja como fôr: «literalista» ou liberalista, êle se atem aos princípios basilares da sua Confissão de Fé, procura viver como cristão, pautando seu caráter pelas normas morais do Evangelho, que lhe exigem toda vigilância, afim de se livrar da «tentação da carne, do mundo e de Satanaz», essa tríplice modalidade da «concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da soberba da vida».

Literalista ou não, mas obediente à voz de seu e nosso Mestre, o crente evangélico tem como nórma inflexível de vida, o «Sim, sim; não, não; porque tudo o que daqui passa procede do mal» (Mat., 5 : 37). E' o império da verdade, do qual o protestante é súdito leal e intransigente, até à morte. E' mesmo o traço caraterístico dos evangélicos, de modo a não fugirem à advertência apostólica: «Mas santificai a Cristo, Senhor nosso, em vossos corações, aparelhados sempre para responder a todo o que vos pedir razão daquela esperança que há em vós» (I Pedro, 3:15).

— Todo êste palavreado que o leitor esta suportando, visa a um fim: mostrar que os antagonismos, as divergências ou discrepâncias, do ponto de vista de doutrinas, entre as igrejas evangélicas, não foram ao ponto de fazer surgir um novo crédo ou uma nova seita dentro do Protestantismo, porque são questões «secundárias»

O presbiteriano, com o Evangelho nas mãos, «prova» que as crianças devem ser batizadas; o batista, com o mesmo Evangelho nas mãos, «prova» que as criança não devem ser batizadas. E é bom lembrar que o batismo é coisa sagrada, é «sacramento», em todas as igrejas evangélicas (sacramento, segundo Sto. Agostinho, bispo de Hipona, na Africa, é «um sinal visível de uma graça invisível»; no batismo, o «sinal visível» é a agua: a «graça invisível» é a regeneração moral e espiritual, que vem do Alto; o batismo simboliza, pois, regeneração, renovação moral.)

Nenhuma igreja evangélica pretendeu determinar a côr da barba do apóstolo Pedro, nem me consta a Teologia Dogmática de algum ramo do Protestantismo haja explicado o «modo» do desaparecimento do corpo de Jesus, do sepulcro. Os protestantes afirmam, unânimes, que o corpo do Mestre foi sepultado; a sepultura foi selada, e muito bem guardada por soldados romanos. E o corpo desapareceu.

Param aí os teólogos, de vez que Jesus subiu ao Céu com o seu corpo. E eu também vou parar, porque êste artigo já ultrapassou os limites do razoável. Antes de o fazer, quero confessar que é com profundo pesar que estou vendo o trabalho sorrateiro—verdadeira obra de submarino —, no campo do Espiritismo, no Brasil, com um só fim: dividir a família espiritista em dois grupos antagônicos, divergentes, adversários primeiramente, para se tornarem inimigos, depois.

Continuarei.

DEUS é o supremo alvo para o qual todos nos encaminhamos. Assim como na Terra, para se atingir determinado local, muitas são as estradas a percorrer e os caminhos que à êle conduzem, assim como tambem os veículos usados, desde o vagoroso carro de bois até o rapido e modernissimo aeroplano, da mesma maneira são as religiões para a alma humana; elas não são mais do que caminhos mais ou menos curtos que a alma tem de percorrer, ou veículos mais ou menos vagarósos ou rápidos de que se tem de servir, para atingir o alvo supremo: DEUS. — *AKISS-AMED.*

EVOLUÇÃO E ESTAGNAÇÃO

Campos Vergal

O Espiritismo como doutrina filosófica, científica, e social, triunfará; fará de cada centro, de cada grupo, núcleos de instrução, de educação social, de indivíduos estudiosos e progressistas; fará de cada homem um sêr útil, prático, enérgico, corajoso, auto-confiante, liberto. — Como religião, se enquadrará na série interminável das fábricas de dogmas, fanatismos, amuletos e rotinas; pois, não se pode negar que as religiões, à semelhança de... cogumelos nas planícies, povoam o mundo, em todos os tempos e em todos os lugares, gerando o mêdo, produzindo o marasmo mental, desviando o homem das suas finalidades presentes, para amarrá-lo às mesmas superstições tão nossas conhecidas. — A imortalidade cientificamente provada não é um favor dos deuses, mas é uma conquista natural da evolução; assim, também, a concretização e a utilização das ondas hertezianas, não é uma dádiva de júpiter ou de alá, porém, é uma conquista dêsse bandeirante da imortalidade, que é o espírito humano.

Procuremos sempre e sempre ser donos de nós mesmos e não títeres nas mãos de terceiros; criemos o nosso próprio ambiente, com as nossas iniciativas e energias; construamos o nosso destino com os nossos próprios recursos, com nossa inteligência, com nossa coragem. - O castor, o joão-de-barro, aves, animais, fabricam, constróem, organizam, seu ninho, sua casa, seu refúgio, sua ambiência. Vivem dentro do grande cenário da vida, partilhando do grande concêrto universal, sem as preocupações doentias da salvação e da perdição, das proteções milagreiras ou dos peditórios vasios!

* * *

Aprendi no Espiritismo que, muitas vezes sofremos, porque ainda não nos compenetramos de que somos os únicos dispensadores das nossas aflições e tristezas, bem como somos nós próprios os exclusivos manipuladores da nossa alegria, serenidade e bem estar. E' claro: cada um está num ponto, num degrau diferente da intérmina escadaria ascencional da evolução! — Aprendi também que outras vezes sofremos, porque temos o péssimo costume de nos considerarmos vermes, pó da terra, sêres rastejantes, míseros mortais... por que isso? falsa modéstia? materialismo degenerado? para agradar as potestades? — Não podemos fugir dêste dilema: ou somos evidentementes fantoches, pobres bonecos de panos nas mãos discricionárias, parciais, apaixonadas, de deuses barbaçudos e sempiternos, ou somos, na realidade, espíritos imortais, crescendo em conhecimentos, em possibilidades, em amor, em belezas, em harmonias, dentro do infinito de tempo e do espaço, criando, criando sempre em nós mesmos, o encanto esplendoroso dum progresso ilimitado, ao som das sinfonias dos mundos que povoam o infinito, independentes de favores, de proteções e de chôros! Eu fico com esta segunda concepção. — E, assim como respeito as idéias dos que gostam de rezar e pedir, acho ridículo e fóssil que terceiros se aventurem a desviarme da senda que descobrí e palmilho.

* * *

Ergamos, pois, a nossa fronte; ergamô-la para o sol da Vida! Deixemos áqueles que não nos compreendem ainda, a missão fúnebre de chorar pelos mortos, de se saturarem com a fantasia da morte e de se narcotizarem com o ópio das rezas! Para os espíritos fortes, esclarecidos e senhores de si mesmos só existe vida, vida constante, permanente, eterna, sob vários aspectos e em diferentes planos, desde os da matéria grosseira, pesada, até os de matéria quintessenciada, hiper-física. — A vida prossegue e nós somos imortais. — Antes de nos reencarnarmos, vivíamos; depois de nos desencarnarmos, continuaremos a viver. Vivemos sempre, e sempre num aquí e num agora, porque o presente é eterno! — Assim sendo, é indispensável que sejamos fortes, animosos e livres, e não pessimistas, desanimados e fatalistas.

E para que a galera de nossa vida sulque garbosamente os mares múrmuros, que necessitamos vencer, é indispensável que a enfeitemos de flores, a lantejoulemos de luzes, a embalemos com cânticos; flores, luzes e cânticos... — Flores da alegria e da coragem, luzes do conhecimento e do otimismo, cânticos da bondade, da energia e da confiança em dias cada vez melhores...

O Espiritismo no Brasil

Tradução de Francisco Klörs Werneck

Luiz M. Di Cristoforo

O ilustre confrade argentino Dr. Luiz M. Di Cristoforo, elemento de larga projeção no movimento espírita da Argentina, iniciou na Revista Constancia, de Buenos Aires, n. 2597 de 16 de Dezembro de 1941, da qual é Secretário, como contribuição ao Congresso Espírita Pan-Americano, uma série de artigos focalizando o movimento espírita de toda a América, havendo iniciado essa série por um longo artigo sôbre o nosso país, cuja tradução daremos adiante.

Si bem o nosso distinto confrade Di Cristoforo teça os maiores elogios ao nosso Espiritismo, logo de começo cai num justificável equívoco de observação para quem nunca residiu no país quando diz que a grandeza do movimento espírita no Brasil provém de uma razão geográfica e de uma razão filológica, isto é, por ser o Brasil o maior país do Continente Americano e o único de língua portuguesa. Nós que aquí nascemos e vivemos e que conhecemos de perto o espiritismo brasileiro, bem sabemos que assim não é, pois o espiritismo em *muitos* Estados brasileiros é bem reduzido em comparação com a sua extensão territorial. Podemos, mesmo dizer, que a grandeza do movimento espírita no Brasil é muito menor do que seria, em virtude mesmo da sua imensa extensão territorial, como o Autor destas linhas e Tradutor do artigo procurará demonstrar num artigo que, possivelmente, aparecerá simultaneamente nas imprensas brasileira e argentina.

Passemos à tradução do artigo do nosso amigo Dr. Di Cristoforo:

«A grandeza do movimento espírita no Brasil provém de uma razão geográfica e de uma razão filológica. Com efeito, o Brasil é o país de maior extensão do nosso continente e o único de fala luzitana. Dois caraterísticos que impregnam, de um modo especial, o verbo espírita brasileiro. Ao verbo e a ação já que o Espiritismo no Brasil deu-se toda para fora de si, para os outros, num louvável intento de solidariedade reparadora. Já nos explicaremos.

Uma expressão dêsse esfôrço solidário o dá a modalidade religiosa adotada pela organização espiritista brasileira. «E' o país mais espírita do Mundo», diz Gabriel Gobron, numa ungida página de fervor idealista redigida no fragor da metralha suicida zumbindo ao seu lado, antes do desastre da França. E o é, com efeito, si para sê-lo é preciso ser o país de maior quantidade de revistas e jornais doutrinários em cujas páginas se constatam todas as variantes de capacidades imagináveis.

Desde «O Revelador», órgão da União Federativa Espírita Paulista até a «Revista Espírita do Brasil», órgão da Liga Espírita do Brasil, passando pela «Revista Internacional do Espiritismo» que a capacidade tenaz de um Cairbar Schutel dirigiu com acerto, «Jornal Espírita», «O Médium», «O Clarim», etc., os nomes e os números se sucedem continuamente num afã de divulgação doutrinária de acentuada tendência kardecista. Seguem ao Mestre talvez com uma tenacidade que êste não houvesse aplaudido.

Essa modalidade se estende à imprensa; livros e mais livros aparecem, todos os dias no Brasil. Ao lado da obra clássica de Kardec, de Flammarion, de Denis, de Delanne, etc., a obra desconhecida do Além, escrita por um espírito e com uma abundância significativa, aparece. Livros de toda a sorte, tal como no periodismo. Ao lado da obra de tese, um livro anódino.

A tonalidade religiosa é notável nesses esforços, ainda que, de quando em quando, um Ignacio Ferreira, um Klörs Werneck, um Odilon Negrão, um Arthur Machado, um Guillon Ribeiro, um Amorim, um Imbassahy, um Gomes Braga, um Mello, um Leopoldo Machado, um Osorio Cesar, etc., chamem a atenção dos estudiosos para o artigo de fundo filosófico ou de crítica científica elevados. Abunda, porém, a crítica religiosa ou, melhor dito, o ensaio de tendência ou exegese religiosa. Cremos que esta é uma prova da tendência dos espíritas brasileiros de servir ás massas do seu povo, mérito indiscutível de ação que se deve reconhecer aos espíritas brasileiros.

Porque o que há de notável dentro do movimento espírita brasileiro são as realizações. Não aplaudimos nem negamos. Constatamos: hospitais de assistência gratuita, sanatório especialista em cura de obsessões o outros tipos de alterações mentais, médicos, advogados, assistência social, alimentos, roupas, professores, escolas gratuitas, creches, asilos para orfãos e para anciões, para mulheres abandonadas, cosinhas de pobres, serviços dentários, serviços farmacêuticos, edifícios próprios de hospitais, sanatórios, escolas, sociedades, etc. Que dizer a tudo isto?

São mil, centenas de milhares os sêres que graças a essas organizações têm educação primária, alimentos imprescindíveis a subsistência, remédios para os seus males físicos e orientação para as suas misérias morais e tantas outras coisas que de outra forma não veriam nem teriam nunca. E' um esfôrço idealista errado? E' uma realização doutrinária verdadeira?

Cada ano, centenas de pessoas aprendem, centenas se curam, centenas se recuperam socialmente falando. Até já se reconheceu, oficialmente, que no Brasil seria uma verdadeira desgraça nacional fechar os centros espíritas e impossível uma recuperação das grandes massas de povo que deles dependem. Aqui está a chave da questão espírita do Brasil: as grandes massas.

Isto é favorável ao Espiritismo tal como o concebemos nós? Ou, ao contrário, é esta uma forma de sua alteração? Porém temos outro aspécto a destacar: o Espiritismo brasileiro conta com a radiofonia, a maldita maravilha dêste século de civilização de cimento armado, com uma radiofusora própria — a Rádio Piratininga — que luta denodadamente pela difusão doutrinária.

E esta é uma modalidade da luta do Espiritismo no Brasil: luta provoca fundas discussões públicas e atrai atenção para a sua propaganda, sem deixar indiferentes a seu lado. Que se recorde a magnifica polêmica havida entre médicos materialistas e médicos espíritas, em fervorosa luta no seio da Sociedade de Medicina e Cirurgia, na tribuna, no periodismo grande e nos tribunais, luta gigantesca em que médicos materialistas e ateus negativistas por sistema, sofreram a mais estrondosa derrota que, pública e legalmente, se reconhece nos anais da história do Espiritismo e suas lutas com profanos e inimigo. Veja-se em «Pigmeus contra gigantes» do Prof. Leopoldo Machado, os detalhes dessa luta).

No Brasil, Kardec é o apóstolo indiscutido e indiscutível. «O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação, não obstante a pobreza dos seus adeptos,» disse Gobron no artigo «O Espiritismo no mundo em 1940» com claridade meridiana que não admite réplicas.

Movimento kardecista por antonomasia, o Espiritismo no Brasil é um movimento popular, exatamente o contrário do que carateriza o movimento espírita inglês que é um movimento cômodo, desafogado, economicamente falando.

Para muitos, o Espiritismo brasileiro é o mais ativo e o mais sincero, o mais devotado e fervoroso em suas manifestações de auxílio e isto, sem dúvida, alguma, é tomado ao pé da letra, no Brasil, como a coisa mais natural, sinão como a única maneira de demonstrar-se espírita.

Esta é a realidade espírita que trará o Espiritismo brasileiro ao Congresso Espírita Pan-Americano de 1942.

Em pequena escala fenomenológica, porém em grande quantidade realizadora, o Espiritismo brasileiro se define com uma modalidade mui própria e mui nacional, com uma uniformidade que não tem paralelo em nenhum outro país americano, como havemos de vêr oportunamente. Tanto que a instituição metapsíquica no Brasil, é todo Espiritismo, com a única exceção de que não tem oficina, nem farmacia, etc., que têm todas as sociedades espíritas, ao contrário das sociedades metapsíquicas de outras partes, que se fundam com o único objetivo, em geral, de opôr-se ao Espiritismo

O Prof. Ernesto Bozzano, depois de Kardec, tem toda a simpatia e admiração dos espíritas brasileiros, a tal ponto que supera a todos os outros autores juntos. E' que, em tal adoração, depois de Kardec, é muito pouco o que fica para os demais.

Unicamente a divisa do Espiritismo brasileiro, a nosso juizo, ficou expressa, numa frase de Odilon Negrão, quando disse:

«SI KARDEC ENXUGOU AS LÁGRIMAS DOS OLHOS DOS INFELIZES, RICHET PÔS UMA LÁGRIMA NOS OLHOS DOS NEGADORES».

Albérico Lobo

Na madrugada do dia 2 de fevereiro, regressou à Pátria Espiritual, na Capital Federal, com a avançada idade de 76 anos, o nosso grande amigo e colaborador, Carlos Albérico de Souza Lobo.

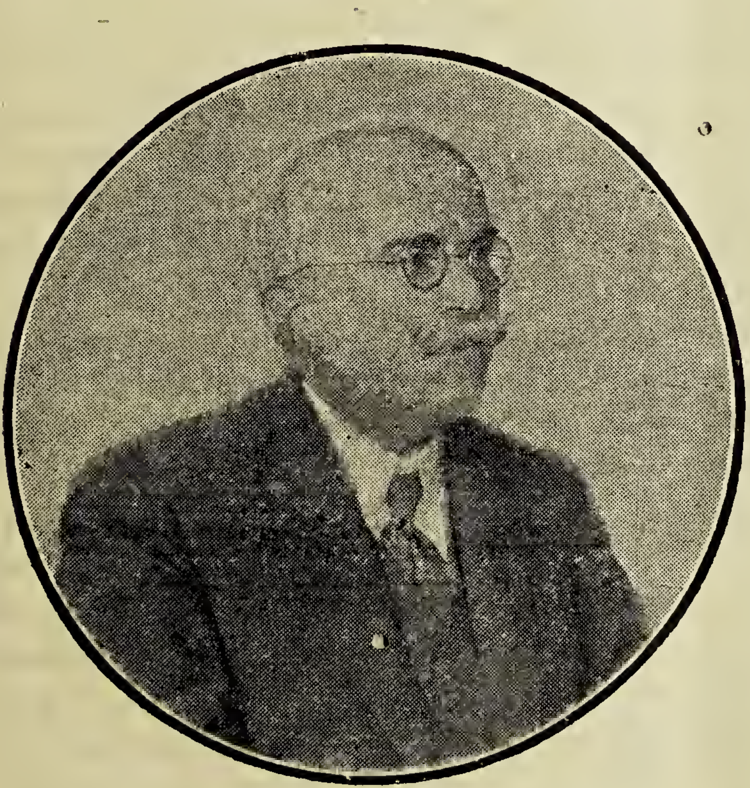

A sua partida não deixaria de causar-nos surpreza se não soubessemos que êle se achava gravemente enfêrmo há muitos mêses. Na última carta que êle nos endereçou, tivemos intuição, pela sua letra trêmula e traçada com grande esfôrço, que o seu desincarne estava muito próximo.

Albérico Lobo foi, efetivamente, um abnegado obreiro da seára espírita. Assim nos autorizam a falar sua bondade, humildade, constância e espírito de renúncia e caridade. Êle está ao lado dos grandes vultos do Espiritismo no Brasil. Foi um grande amigo e admirador do nosso sempre lembrado companheiro Cairbar Schutel, com quem mantinha correspondência a miudo.

Desincarnado Cairbar Schutel, Albérico Lobo, identificado com a obra dêsse Apóstolo do Espiritismo, estabeleceu contácto conosco através de cartas que honram o nosso arquívo. Suas palavras, sempre amigas e consoladoras, constituiam, para nós, verdadeiro estimulo e imensa satisfação.

Dos mais fervorosos prégadores do Evangelho, poucos conhecemos que o soubessem igualar. As suas prégações eram testemunhadas pelas suas obras de caridade, pois acudia os necessitados com o que estivesse dentro de suas possibilidades, num desejo ardente de cumprir as recomendações evangélicas. Por isso conquistou um lugar de destaque nos corações daqueles que com êle tiveram a felicidade de privar.

Na tribuna, a sua palavra, clara e cheia de fé, sensibilizava os corações dos que o ouviam, ao passo que prégava a imortalidade e o Evangelho, mostrando o verdadeiro caminho da Redenção. Como jornalista espírita soube cumprir a tarefa, usando de uma linguagem clara na exposição de seus têmas quer evangélicos, quer doutrinários, e seus pensamentos, repassados de exortações e ensinos, eram o espêlho da pureza de sua alma.

Espírito de escól, sem dúvida está êle agora no mundo espiritual, saboreando o fruto do seu labor, ao lado daqueles que na terra souberam cumprir seus deveres cristãos.

Bom amigo e companheiro Albérico: nós te auguramos, com toda a sinceridade de nossos corações, feliz permanência na Pátria Espiritual, e contamos com a tua assistência nas nossas dificuldades e aflições.

Jesus seja contigo.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Anualmente, por estas mesmas colunas, temos publicado as estatísticas referentes ao movimento de enfêrmos no Sanatório Espírita de Uberaba.

Pelo critério com que são elaboradas, pela verdade que representam e pela fidelidade com que é feito o fichário dos enfêrmos internados, elas constituem uma fonte para estudos e perquirições, encaminhando os que se interessam por novas observações no campo da psiquiatria.

Hospital idealizado para a cura das *obsessões ;* sem aparelhamento material, por desnecessário à especialidade ; sem laboratórios para as investigações comuns e naturais requeridas para melhor diagnóstico ; com recursos financeiros escassos, refletindo-se até mesmo no número limitado de auxiliares, tem prestado, todavia, um serviço inestimável à coletividade, não só pela porcentagem de enfêrmos curados como, também, pela tranquilidade dos lares e da sociedade, amparando grande número de enfêrmos cujo segregamento é o único recurso para se evitarem males e distúrbios, por vezes, irremediáveis.

Aos diagnósticos adotados pela DIVISÃO A PSICOPATAS — e que servem de padrão aos mapas anuais para as estatísticas do Estado e do País, juntamos o das OBSESSÕES.

Ainda não aceitas, oficialmente e ainda não estudadas a não ser por um número relativamente diminuto de médicos, não as incluindo nos diagnósticos aceitos pela ciência atual, não estariamos cumprindo o nosso dever de médico, côncio da realidade destas psicoses produzidas pela atuação e pela subjugação dos desencarnados sôbre os encarnados.

Sim, não estariamos cumprindo o nosso dever, pois, cientes da sua realidade ante centenas de observações e de pesquisas, sentimo-nos no dever de incluí-las no quadro das psicoses—Despertaremos a atenção dos estudiosos e dos investigadores dignos, pois, para demonstrar a sua não veracidade terão de pesquisar e, pesquisando, terão oportunidades para chegar a conclusões que darão novo rumo ao que até agora não tem sido aceito a priori.

SANATORIO ——— ESPIRITA
DE UBERABA
MOVIMENTO MENSAL
ANO 1941 Nº 5

	EXISTIAM				ENTRARAM				CURADOS				MELHORADOS				TRANSFERIDOS				FALECÌDOS				RETIRADOS				EXISTEM			
	B		E		B		E		B		E		B		E		B		E		B		E		B		E		B		E	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
JANEIRO	23	15	0	0	7	6	0	0	1	1	0	0	2	0	0	0	3	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	22	19	0	0
FEVEREIRO	22	19	0	0	3	2	0	0	3	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	19	18	0	0
MARÇO	19	18	0	0	5	3	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	22	21	0	0
ABRIL	22	21	0	0	4	4	0	0	4	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	2	0	0	17	21	0	0
MAIO	17	21	0	0	8	4	0	0	4	1	0	0	0	0	0	0	2	3	0	0	1	1	0	0	3	2	0	0	15	18	0	0
JUNHO	15	18	0	0	7	6	0	0	2	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	15	20	0	0
JULHO	15	20	0	0	4	3	0	0	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	15	19	0	0
AGOSTO	15	19	0	0	8	3	0	0	1	1	0	0	1	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	20	16	0	0
SETEMBRO	20	16	0	0	7	7	0	0	5	1	0	0	1	0	0	0	5	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	16	20	0	0
OUTUBRO	16	20	0	0	8	3	0	0	2	4	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	20	17	0	0
NOVEMBRO	20	17	0	0	1	4	0	1	3	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0	1	0	1	2	0	0	0	12	16	0	0
DEZEMBRO	12	16	0	0	9	7	0	0	3	2	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	2	0	0	13	18	0	0
TOTAL			0	0	71	52	0	2	30	20	0	0	14	7	0	1	14	5	0	0	3	3	0	1	20	14	0	0	13	18	0	0
JANEIRO, 1942	13	18																														

O DIRETOR MÉDICO ,BENEDITO ROBERTO,

Quadro geral sobre o movimento de enfêrmos durante o ano de 1941, no SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERABA

Já possuimos em pleno funcionamento, vários hospitais dedicados à cura das *obsessões*; outros estão sendo construidos e mais outros ainda, em projeto que se tornará realidade, cada vez mais enriquecendo a ciência espírita.

No Rio de Janeiro já está em plena atividade a *Sociedade de Medicina dos médicos espíritas.*

Em S. Paulo, o dr. Ozorio Cezar, um estudioso dos fenômenos psíquicos, já levou o resultado favorável das suas pesquisas em plena Sociedade de Medicina, encontrando o apôio de vários colegas.

Marchamos, assim, lentamente, mas com segurança, certos de que o novo campo de investigações em que empregamos o nosso esfôrço, dará à futura ciência médica, um novo incremento, fortalecendo as suas bases e fortificando, mais ainda, os seus princípios.

As grandes realizações no campo da medicina e que hoje contribuem para a sua glória e enriquecimento, só foram aceitas depois que passaram pelo cadinho das críticas e das investigações.

Assim tem acontecido e assim acontecerá também com o estudo das *obsessões*

Não importa.

Cedo ou tarde, estarão incluidas entre os demais diagnósticos, com a vantagem de corrigir uns e completar outros.

O movimento total de enfêrmos

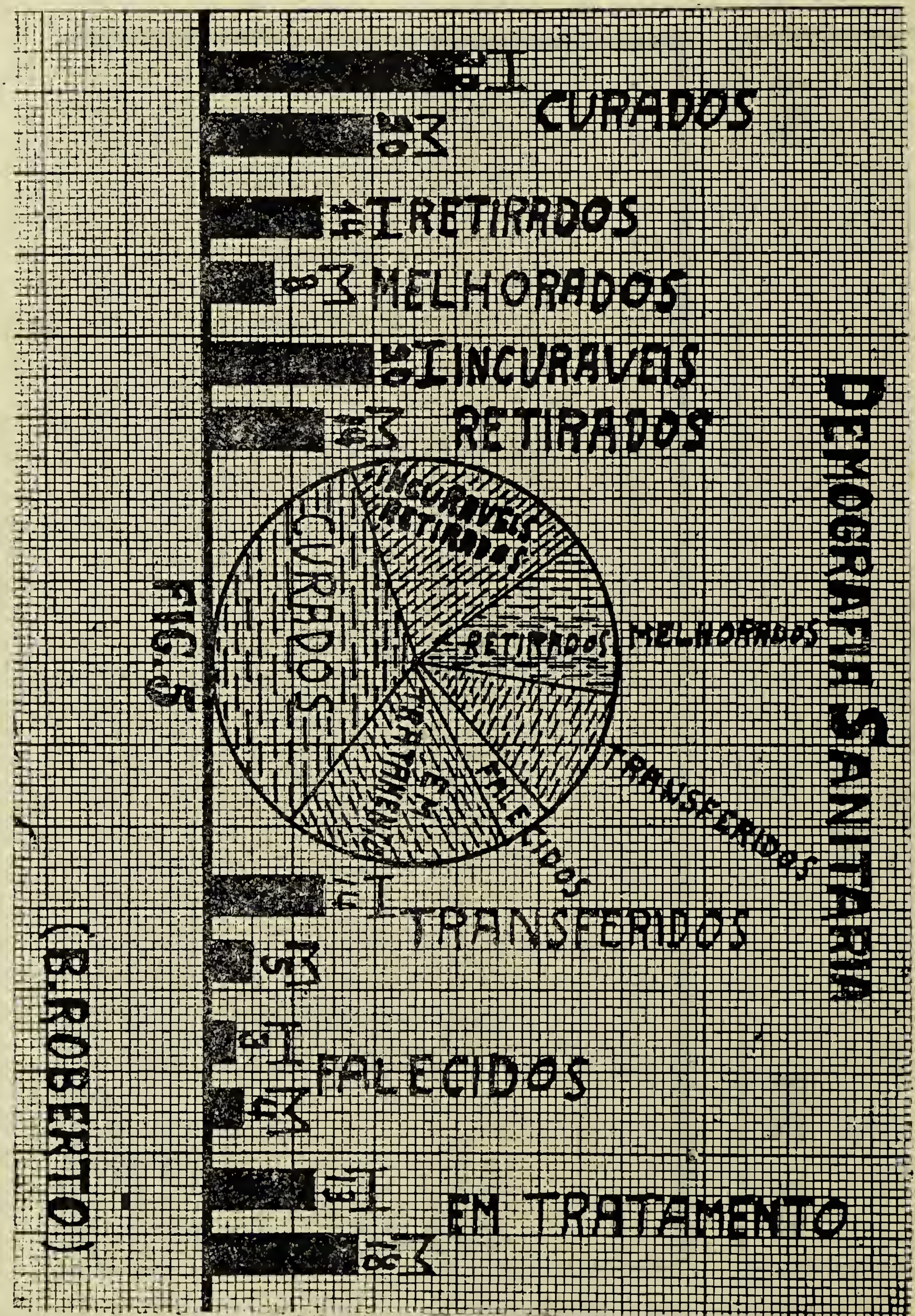

Quadro Demonstrativo sobre o movimento demografo-sanitário.

durante o ano de 1941, no SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERABA é o que consta do primeiro quadro.

Como acabamos de vêr, pelo número de entrada de enfêrmos, foi grande, imenso, o benefício prestado pelo Sanatório, mormente em se sabendo que 2/3 dos enfêrmos eram indigentes.

Melhor percentagem de curas não pode ser exigida em um hospital onde não existem aparelhagens materiais, mesmo porque é um número que está na altura daqueles obtidos por quaisquer outras instituições nas quais os recursos financeiros e de pessoal não preocupam os seus dirigentes.

Juntamos, também, o mapa do movimento mensal de enfêrmos, afim de que melhor se possa aquilatar o movimento parcelado com o consequente trabalho imposto.

No próximo número, com as considerações precisas, publicaremos os gráficos sôbre DIAGNÓSTICOS E RELIGIÃO professada pelos enfêrmos.

PRIMEIRO CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

CONFORME noticiámos, a Comissão organizadora do Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, nomeada pela Federação Espiritista Argentina, está trabalhando febrilmente para reunir nêsse grande conclave, todas as entidades espíritas das Três Americas, com o fim de fundar uma Federação Espírita Americana.

Tratando-se de um empreendimento que virá beneficiar sumamente a propaganda do Espiritismo, a Comissão Organizadora dêsse Congresso, conta com o auxílio moral e pecuniário de todos os espíritas.

E' assim que solicitamos aos caros confrades atenderem ao justo apêlo de referida Comissão, não só com o intuito de ajudá-la nêsse labor de espiritualização. como também para demonstrar aos confrades argentinos que os espìritas brasileiros, unidos pelos laços da fraternidade, estão sempre prontos a cooperar para o completo êxito das grandes realizações.

ORGANIZAÇÃO E PROGRAMA DO CONGRESSO

O Congresso se realizará nos dias 9, 10, 11 e 12 de Julho de 1942.

Dia 9 – Recepção dos Congressistas.

Dias 10 e 11 — Sessões plenárias (propóstas e projétos.)

Dia 12 — Designação da Federação Espírita da América e homenagem aos delegados do exterior.

Congressistas

Haverá duas categorias de congressistas: oficiais e individuais.

a) Serão considerados congressistas oficiais todos os que forem representando sociedades, revistas, jornais e federações da América;

b) Congressistas individuais, os que aderirem individualmente ao Congresso;

c) Os congressistas oficiais terão voz e voto em todas as deliberações;

d) Os individuais só terão voz;

e) Cada representação ao Congresso só terá um único voto, seja federação, sociedade, revista ou periódico, podendo uma única pessoa levar mais de uma representação ao Congresso.

Adesões

O importe das adesões ao Congresso será:

a) Para as representações: 5 dólares ou 20 pesos argentinos (m m/m . . . 100$000);

b) para os aderentes individuais: 1 1/2 dólares ou 4 pesos argentinos (m/m 30$000).

As propostas a se apresentarem ao Congresso terão um máximo de 2.000 palavras. As ditas propostas poderão ser em castelhano, português, inglês e esperanto.

Para as inscrições no Congresso e recebimento de propostas se fixa um prazo de 2 meses antes do Congresso, ou seja, até 30 de Abril de 1942.

Fica aberta uma lista de subscrição

para custear as despezas da realização do Congresso. A contribuição é voluntária, devendo ser remetida em nome do sr. Enrique L. Pérez, tesoureiro da Confederación Espiritista Argentina, Moreno 2.835, Buenos Aires, Republica Argentina.

A Redação da «Revista Internacional do Espiritismo» tem em seu poder uma lista de subscrição. Os confrades que desejarem enviar sua contribuição ao Congresso poderão fazê-lo por nosso intermédio.

A Alma Animal

J. B. Chagas

(Conclusão)

«Tudo é graduado na natureza» — diz o grande naturalista *Charles Bonete*. «Como não ha nada grande nem pequeno» — acrescenta, êsse mesmo sábio que também compreendia a linguagem de muitos animais. *Dupont de Nemurs* deu-se à tradução maravilhosa dos *Cantos dos Rouxinóis* e o *Dicionário da lingua dos corvos*.

Foi *Stahl* (Jorge Ernesto), quem estabeleceu uma diferença entre as duas naturezas — a bruta e a viva; que engendrou uma *fôrça vital* extrinseca à matéria viva, para explicar a vida, partindo da premissa de que as fôrças naturais estavam em antagonismo com o corpo vivo.

Descartes e *Van Helmont* partilharam também dessa opinião, porém o sábio alemão levou mais longe a sua teoria e por isso pode ser considerado também hodiernamente como o creador do animismo em fisiologia.

Muitos foram os sábios que admitiam, nos animais a alma de *Stahl*, alma que, associada ao *princípio vital* era quem dirigia os fenômenos intelectuais. Dentre êstes, podemos destacar como os seus principais defensores, na França — *Barthez* e na Alemanha — *Hufeland* e *Blumenbach*.

Estudando êsse magno problema da evolução humana, *Haeckel*, estabeleceu em 22 os estágios que o homem tem que atravessar até chegar o estado de humanidade, que vai da monera, até nós.

Apenas para ilustrar estas notas, vejamos êstes estádios:

1.º — Estádio original de *Monera* protoplasma sem núcleo nem menbrana celular;

2.º — *Amiba*, ou célula de núcleo simples, revestida de uma membrana. Este estado correspondente ao ovo;

3.º - *Synamiba*, aglomeração de células de resultante da segmentação mais ou menos completa do ovo;

4.º — *Planéada*, espécie de larva;

5.º — *Gastréada*, estádio durante o qual o sêr informe abre uma cavidade que será o ventre com os orgãos digestivos;

6.º — *Os vermes turbelariados atuais*, que têm fórma alongada, mas não possuem uma cavidade geral do corpo;

7.o — *Scolécidas*, já de posse de um líquido sanguíneo e de uma cavidade para os orgãos;

8.º — *Os vermes saciformes*, apresentando um rudimento de medula espinhal;

9.º *Vertebrados acreceanos;*

10.º — *Monorhineanos*, com um crânio rudimentar sem maxilares;

11.º — *Selacianos*, divisão das narinas, aparição do esqueleto, dos maxilares e dos dois pares de menbros;

12.º — *Dispneutas*, primeiro estado de respiração pulmonar;

13.º — *Sozobrânquias*, que possuem, ao mesmo tempo pulmões e brânquias, permitindo-lhes respirar alternadamente na água e ao ar livre. E' igualmente nêsse estádio que aparecem as extremidades divididas em cinco dedos;

14.º — *Sozourios*, anfíbios que, como os precedentes, possuem, em diversas épocas de sua vida, pulmões e brônquios, que, porém, contrariamente aos precedentes, conservam a sua cáuda na idade adulta, enquanto que perdem as suas brânquias;

15.° — *Protamniotas*, entre os quais as brânquias desaparecem totalmente, e em que se desenvolve uma membrana amniótica;

16.° — *Promamnalianos*, que são animais do mesmo tipo, mas providos de mandíbulas dentadas;

17.o — *Marsupiaes*, cujo tipo é a sariguéia e que têm uma bolsa membranosa no ventre;

18.° — *Prosimiano*, tipo que se aproxima já dos macacos;

19.o — *Monocercos*, tipo de macacos de longa cauda;

20.°—*Antropóides*, macacos descendentes dos precedentes, mas já desprovidos de cáuda, aproximandose da humanidade;

21.° — *Homem macaco* ou *antropopíthero*, não diferindo do homem senão pela forma do crânio e pela ausência da palavra. Equilibra-se verticalmente, e os seus pés são diferentes das mãos;

22.° — O *sêr humano*, tal como o conhecemos.» *(Durville — CÍCLOS DA VIDA* — pags. 86 e 87).

Êstes estádios, contudo, não foram admitidos nem reconhecidos por grande número de naturalistas, embora alguns os aceitassem, como é o caso de *Gabriel Delane*.

* * *

O princípio teosófico da alma-grupo não é também para ser desprezado. Como toda hipótese, no terreno científico, ela deve ser digna de meditação e estudo, pelos que estudam e meditam.

De acôrdo com êsse princípio, os animais, segundo a sua espécie, «formam grupos consideravelmente grandes ou relativamente pequenos, para a posse da alma-grupo, muito ao contrário dos homens que possuem particularmente a sua alma própria».

Assim, «o animal, parte constitutiva de determinada espécie, conforme o seu grau de adiantamento, pode afastar-se da coletividade a que pertence para receber o *corpo causal*, limite para a sua individualização.

O fenômeno da individualização não é, porém, faculdade que se possa atribuir a todas as espécies de animais.

Os de natureza infinitamente rudimentar chegarão pela lei das transformações continuadas à forma superior das sete classes de animais do plano em que se colocaram.

Dessas espécies de animais, cinco são os tipos conhecidos atualmente: o elefante, o macaco, o cão, o gato e o boi. Êstes, em contacto com o homem, por fôrça dessa aproximação, mais depressa se identificam no seu meio e se inclinam ás suas ações: — procuram entendê-los e se esforçam ainda por lhes satisfazer os desejos, chegando mesmo a demonstrar empenho no sentido de, conforme as suas condições, servir-lhes a contento, até que o sentimento de afeição que se vincula reciprocamente, desperte no animal o desejo de humanização, a qual se efetua, fatalmente, em consequência da familiaridade existente entre o animal e o seu dono e senhor».

* * *

Através da Evolução, pois, devido ao progredir sempre no sentido ascendente, por meio das múltiplas reencarnações, em mundos também vários, o Espiritismo admite também que todos os homens, chegarão um dia a possuir uma alma única, não no sentido restrito individualista, mas no sentido amplo de possuirem um só sentimento, um só desejo — o desejo do Bem, isto é, quando forem *anjos*, no dizer do Cristo, ou seja *espíritos puros*. Indissoluvelmente ligados pelos élos da Verdade e do Amor, orientados unicamente no sentido da Caridade, por certo, que a alma de um será idêntica, em pendores e sentimentos, a de outro, isto é, não possuirá personalidade individualizada, apenas nêsse sentido, da unicidade de vontades e inclinações. Daí, os espíritos elevados não levarem em consideração a questão de nome, ou de personalidade, que tanto nos interessa e preocupa.

Nova Iguassú — Dez. 1941.

Allan Kardec

No dia 31 do corrente transcorre o 73.º aniversário do desincarne de Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan-Kardec), cujo desincarne verificou-se em Paris, em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, por motivo da ruptura de um aneurisma.

Essa é uma das mais importantes datas registradas no Calendário Espírita, data que marcou o advento de uma nova era de espiritualização da humanidade e que jamais desaparecerá, pelo contrário permanecerá através dos séculos como um sol sem ocaso, a iluminar o caminho que conduz as almas para o reino imortal de Deus.

ALLAN KARDEC

«Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira pelo sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camille Flammarion, que não fez sómente um esbôço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trsbalhos no movimento contemporâneo, mas ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das fôrças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Muller, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido, os últimos adeuses.

«Todos os jornais da época se ocuparam do desincarne de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as consequências. Eis aquí, a título de lembrança, um trecho do que a êsse respeito escreveu o sr. Pagés de Noyes, no «Jornal de Paris», de 3 de Abril de 1869:

«Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

«Vimô-lo deitado num simples colchão, no meio dessa sala das sessões que ha tantos anos êle presidia; vimô-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lançar um derradeiro olhar áqueles lábios descorados que ainda na vespera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veiu dizer-lhes quais haviam sido suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além-tùmulo, tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estilo é o homem», aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita».

Allan Kardec desincarnou como desincarnaram os grandes enviados do Alto: na humildade e na pobreza de bens terrenos. E como aqueles, deixou êle a revelação de cousas até então desconhecidas, quais as da imortalidade da alma, sua evolução e seu destino, assentando os alicerces de uma nova estrutura moral, científica e filosófica, sôbre a qual os povos, as nações e o indivíduo particularmente, resolverão os complexos problemas de sua existência.

A' medida que os tempos passam mais se avoluma o valor de Allan Kardec pelo seu trabalho e suas obras que, a-pesar-de combatidas e incompreendidas pelo espírito de sistema, absorvido por interêsses pessoais e materiais e preconceitos de toda espécie, mais se defundem e, como a luz, desfazem as trevas da ignorância.

Relembrando o 73.º aniversário do Codificador da doutrina espírita, codificador que não pode deixar de ser o Paracleto prometido pelo Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, «Revista Internacional do Espiritismo» rende-lhe uma pálida, porém sincera homenagem.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Durante outra reunião, conseguimos que «Frank», um dos espíritos que perturbavam a Sra. Burton, deixasse esta, e se utilizasse da médium, demonstrando possuir muito pouca memória.

Méd.—Donde viestes ?

Esp.—Não sei.

Méd.—Conheceis alguma das pessoas presentes ?

Esp.—Não vejo nenhum conhecido.

Méd.—Não sabeis também donde viestes ?

Esp.—Não sei. Como quereis que eu responda a coisas que eu mesmo ignoro ?

Méd.—Ha quanto tempo morrestes ?

Esp.—Morto ? Que idéia ! Dizei-me o que ha comigo. Acho curioso vêr toda essa gente sentada ao meu redor. Estão fazendo uma reunião ou como se chama isto ?

Méd.—Sim, é uma reunião. Buscai dizer-nos quem sois.

Esp.—Não sei porque devo dizer-vos isto.

Méd.—Sois estranho a nós.

Esp.—Não sei si ficarei aquí ou não. Sinto-me sempre contrafeito entre estranhos.

Méd.—Dizei-nos, donde viestes ?

Esp.—Por minha vida ! Como dizer-vos isto si eu mesmo não sei ? Porque segurais meu braço ? Sou um homem forte e posso suster-me sozinho.

Méd.—Pensei que fosseis mulher.

Esp. Deus me livre ! Porque pensais que sou mulher ? Deveis olhar de novo porque sou homem, com toda a certeza, e tenho sido sempre homem Coisas estranhas, porém, têm acontecido, que não sei explicar e sinto-me desorientado. Eu ia caminhando e ouvi alguem cantar e, assim prestei atenção, senti-me bem. Já vos disse que havia muito tempo que não me sentia bem; tudo me parecia diferente. (Antes de ficar emaranhado na aura da paciente) Não sei o que ha comigo. Alguem me disse que si entrasse no lugar de onde procediam os cantos me explicariam tudo. Perguntava-o a todas as pessoas que ia encontrando e todas passavam sem fazer caso de mim ; elas estavam tão cheias de si que não queriam falar com outra pessoa. Davam-me, todas, a impressão de figuras de cera. Por minha vida ! Não tenho feito mais que falar e falar, caminhar e caminhar, sem encontrar, por nada no mundo, uma pessoa que me respondesse ou que reparasse em mim. (Na sua qualidade de espírito ficava invisível aos mortais). Sois o primeiro que respondeis a uma pergunta minha. De quando em quando, sinto uma coisa na minha garganta e não posso falar, porém logo fico bem. Mas eu me sinto singularmente estranho, muito estranho.

Méd. — Podeis lembrar-vos de algo que vos aconteceu há tempos ?

Esp. — Algo acontece todos os dias. Um dia lembro-me de uma coisa e outra vez outra coisa, mas não me lembro de nada claramente Não posso saber onde estou. E' a coisa mais singular que já vi.

Méd. — Que idade tendes ?

Esp —Não vos posso dizer. Ha muito tempo que não sei de minha idade. Ninguém nunca me perguntou isto e o facto é que acabei esquecendo-a. (Ouvindo o barulho de um trem que passa). Como é isso? Parece que è um trem que vem chegando. Hà muito tempo que não ouço isto. Parece que eu vivo de novo por um instante. Não sei o que é.

Méd.—Onde moraveis antes ? Onde pensais que estais agora ?

Esp. — Não sei onde morava antes, porém me encontro nesta sala com uma porção de gente.

Méd—Sabeis que estais em Los Angeles, California ?

Esp.—Por minha vida, não !

Méd.—Onde pensaveis estar ?

Esp.—Não me recordo das coisas. Hà vezes que vos posso dizer que sou mulher e, então, recebo algo de que não gosto. (Tratamento estático aplicado à paciente).

Méd.—Que recebeis ?

Esp —Quando sou mulher, tenho cabelo comprido e quando o cabelo é solto essa coisa engraçada começa. (A Sra. Burton tinha o costume de soltar os cabelos durante o tratamento).

Méd.—Que quereis dizer ?

Esp.—Parece que um milhão de agulhas me picam e, por minha vida, é a pior coisa que já vi em toda a minha vida. Não quero ser mulher Só recebo essa coisa estranha quando sou mulher. (Vendo a Sra. Burton no círculo). Ela é a que tem cabelo comprido. (Dirigindo-se à Sra. Burton). Ajustarei contas com a senhora !

Méd. - Conheceis essa senhora ?

Esp.—Sim, ás vezes fica furiosa comigo e quer afugentar-me.

Méd.—Naturalmente não vos quer perto dela. Com certeza a importunais.

Esp.—Ela também me incomoda.

Méd.—Procurai compreender a vossa situação. Não podeis realizar que sois um chamado «morto» ? Nêste momento, sois mulher. Observai as vossas roupas. Dizeis que sois homem e no entanto estais usando roupas de mulher.

Esp.—Por amor de Deus ! Não quero ser mulher. Sou homem e quero ser homem. Fui homem todo êste tempo, mas eu não posso saber como poderei sair desta situação. Essa mulher fala para eu sair e eu procuro sair mas não posso. (Reconhecendo subitamente o Dr. Wickland). Foi o senhor quem me deu aquele fogo. Louvado seja Deus ! Preciso livrar-me de si. Não gosto do fogo que me deu. Não quero ter nada com o senhor !

Sra B. — Quanto tempo estivestes comigo ?

Esp. — Convosco ? Sempre me repelistes. Que fizestes com aquela outra mulher que estava comigo ? (Outro espírito obsessor já desalojado da paciente). Ela cantava para mim. Perdemô-la. Estive procurando por ela. Podeis dizer-me onde ela está ?

Méd. — Ela deixou esta senhora e serviu-se dêste mesmo corpo como estais fazendo agora ; depois disto foi para o mundo espiritual. E' também o que ireis fazer assim que sair daquí.

Esp. — Esta senhora (a Sra. B.) não tem motivo para censurar-me como ela faz. Não lhe causei nenhum prejuizo.

Méd. - Suponde que sois uma senhora e que algúm espírito vos incomode ; gostarieis dêle ?

Esp. — Certamente que não gostaria dêle.

Méd. — Vós a incomodaveis. Sois um espírito e ela é um sêr mortal. Ela quer ficar livre de vós.

Esp. — Ela me incomoda com todas aquelas agulhas. Elas ferem-na na cabeça e parece que as agulhas estão ferindo a minha cabeça . . .

Méd. — Ela está no seu corpo mortal, porém sois um espírito, invisível a nòs.

Esp. — Que quereis dizer ?

Méd. — Justamente o que eu digo. Sois uma inteligência invisível a nós. Estais temporiamente usando o corpo de minha esposa.

Esp. — Nunca vi a vossa esposa e não o quero. Digo-vos uma coisa que é que sou homem e que nunca serei outra coisa e não quero ser casado convosco.

Méd. — Podeis ser homem como dizeis, mas eu quero que conheçais o facto de que sois invisível a nós. Êste corpo é o da minha senhora.

Esp. — Por Deus, com certeza sou mulher! (Observando as vestes da médium). Quando estas roupas vieram a mim?

Méd. — Ha pouco que elas chegaram a vós. Como viestes aquí ?

Esp. — Alguém me disse: «Ide alí e recebereis esclarecimentos, porque não precisais estar perambulando como andais fazendo. E agora sou mulher !

Méd. — Por um instante apenas. Procurai compreender o que vos estou dizendo. Perdestes o vosso corpo, talvez ha muito tempo.

Esp.—Esta senhora (a Sra. B.) é a culpada disto.

Méd. Estivestes perturbando esta senhora, provavelmente por muitos anos, e também a outros. Como vos chamais ?

Esp.—Não posso lembrar-me.

Méd.—Perdestes o vosso corpo material e estivestes caminhando dentro da escuridão exterior de que fala a Bíblia. Fôstes religioso ?

Esp. — Não quero saber nada dessa gente de igreja. Estou farto de todos êles. Todos dizem a mesma coisa : «Si não fizer isto ou aquilo, irá direito para o inferno, onde arderá por toda a eternidade». Já sabeis que o que ensinam e prégam é a condenação. Era ainda rapaz quando um sacerdote me disse que eu pararia irremediavelmente naquele terrivel inferno e não me admitiram mais na igreja, porque não fazia o que êles queriam. Eu não acreditava em nenhum dêles, porque eu não era uma pessoa tão má. Depois que abandonei essa religião, resolvi experimentar outra. E outra vez, a meu pesar, caí no mesmo inferno e na mesma condenação. Tudo isso acabou por enfastiar-me. Falavam de Deus e de coisas santas e me exortavam a dar o meu dinheiro a Deus, e também o meu fumo. Eu não via porque Deus queria o meu fumo e também o pouco dinheiro que eu tinha. Não ia comigo essa maneira de ver as coisas e resolvi deixar essa igreja. Fui para outra igreja e me falaram interminavelmente. Ao fim de certo tempo me disseram que estava nas mãos do diabo porque não entregava o meu dinheiro à igreja. Certa vez saí com os rapazes por um momento. Eu nunca bebia muito, porém o bastante para ficar alegre. E pensei : vou agora sentar-me na primeira fila. Assim pensei, assim fiz. E começaram a dizer-me que queriam salvar-me a alma para que Deus tomasse conta dela. O ministro assegurou-me que o diabo andava atrás de mim e isto assustou-me bastante. Êle disse : «E êle está vindo para pega-los». Eu pensei que devia olhar para atrás e provavelmente vê-lo, porém não o fiz. Êle continuou : «Levantai-vos, levantai-vos e salvaremos a vossa alma do inferno; vinde e sereis salvo. Adiantai-vos até a primeira fila e convertei-vos. Nascereis de novo».

Resisti por algum tempo mas acabei pondo-me de pé e avancei para o espaço que havia diante dos outros. Queria ver o que fariam. O sacerdote disse: «Ajoelhai-vos», e eu me ajoelhei. Então colocou as mãos encima da minha cabeça, cantando e rezando. Eles disseram : Convertei-vos agora. «Pareceu-me uma coisa muito solene isto de ver as moças colocando as suas mãos sôbre a minha cabeça, cantando e orando por mim. Aproximou-se de novo o sacerdote e me disse: «Devereis orar si não quereis que o diabo ande atrás de vós». Eu não era hipócrita, de modo que lhe disse que si eu era um pecador continuaria a sê-lo. «Eu não creio que o diabo seja uma pessoa» lhe disse ainda e êle ficou furioso. Êle pensou que eu era uma má pílula. Fizeram tudo para converter-me porém nada conseguindo me mandaram embora. Depois que saí dalí, alguns homens sairam atrás de mim, de modo que eu corri tanto quanto pude, porém, alguém me bateu na cabeça e eu senti uma grande dôr. Caí mas levantei-me de novo. Queria arrojar aquele homem pela colina abaixo, porém êle empurrou-me e eu saí rolando por ela abaixo. Depois que parei de rolar, vi uma porção de pessoas ao meu redor e logo depois continuei a sentir-me de novo bem.

Méd. Foi provavelmente nessa ocasião que perdestes o vosso corpo físico.

Esp.—Eu não morri !

Méd. -- Em que lugar foi que rolastes da colina ?

Esp. -- Foi no Texas. Andei e corri e procurei falar com aquela gente, porém elas não me respondiam como si fôssem surdas. Eu sentia uma coisa estranha em minha cabeça. Pedi-lhes para informar-me onde era a minha casa. Sentia aquela dôr. Certa vez, fui-me embora e acerquei-me de uma senhora e ela me disse: «Siga-me» e, antes que me apercebesse, ví uma multidão ao nosso redor e ela gostava de cantar. (Evidentemente o espírito de Carrie Huntington. A paciente Sra. Burton foi, muitas vezes, incomodada por espíritos que cantavam) Falei com ela algum tempo e logo então ela desapareceu e depois eu recebi aquelas agulhadas. (Exercia maior domínio sôbre a enfêrma e sentiu o tratamento elétrico mais intensamente). Elas me molestaram bastante.

Méd. -- Sois um espírito e estais agora usando o corpo de minha esposa.

Esp. -- Como consegui entrar no corpo de vossa esposa? Gostais que entrem em vossa mulher toda a sorte de vagabundos?

Méd. -- Sim, o tempo suficiente para dar aos espíritos uma compreensão do mundo espiritual.

Esp. -- Estas roupas são da vossa esposa? Elas me estão emprestadas por um momento? Foi vossa esposa que me vestiu? Doi-me apresentar-me como mulher e não como homem. Que pensará esta gente? Que estou maluco? (Ri). Não têm graça alguma.

Méd. -- Sois um espírito ignorante e estais em trevas. Espíritos inteligentes vos trouxeram aquí para que compreendesseis a vossa situação. Também êles vos afastaram dessa senhora. (a Sra. B.)

Esp. -- Ela vai de novo receber aquelas terriveis agulhadas?

Méd. -- Ha mais gente donde viestes? Ou sois o último?

Esp. -- A mulher e o outro homem se foram, então me destes as agulhadas. Escouciei como um novilho para escapar-me, mas não podia. Lembrei-me então do ministro que me falou no inferno.

Méd. -- Aquele inferno não é igual a êste. Ha espíritos aquí que vos ensinarão como progredir no mundo espiritual; eles vos auxiliarão. Vosso pai ainda vive?

Esp. -- Não sei. Não vejo meu pai a uns 25 ou 30 anos. Minha mãe morreu, mas não sei si meu pai também morreu. Não sei de nenhum dos meus parentes.

Sra. B. -- Foi em Novembro que vos encontrei?

Esp. -- Sim, desde essa ocasião tenho estado doente. Não era eu quem estava mais perto da senhora, era a moça. Minha cabeça doi-me horrivelmente.

Méd -- Em que ano pensais que estais?

Esp. -- Penso que em 1888 ou 1891.

Méd. -- Estamos em 1920, agora.

Esp. -- Então algo aconteceu a mim.

Méd. -- Estivestes muitos anos em profunda escuridão espiritual.

Esp.—Estive perambulando, sempre perambulando até que encontrei com esta senhora que aí está. (a Sra. B.) Quìs ir-me embora. Eu lutava e ela lutava e tinhamos lutas regulares. Oh! Olhai alí! Vêde! Minha mãe! Oh mãe! Podeis perdoar-me? Eu não fui o que quisestes. Mãe, quereis levar-me convosco? Sinto-me cansado e necessito do vosso cuidado e auxílio. Quereis levar-me? Oh minha mãe.

Méd. — Que diz ela?

Esp. — Ela me chama. E diz: «Sim, Frank, virás comigo. Ha muito que estou a tua procura». Estou ficando fraco; sinto-me cansado. Minha mãe diz: «Frank, não temos uma compreensão da verdadeira vida porque não nos foi ensinado o que deviamos saber, de modo que não aprendemos a conhecer o maravilhoso mundo de Deus. As religiões estão longe da vida real. Os ministros só ensinam que devemos crer e seremos salvos. Não, não, a fé não é o bastante. Devemos conhecer a Deus. E não «O conhecemos». «Frank, nós te ajudaremos a saber que bonito mundo existe do outro lado da vida, quando temos compreensão. Deves esforçar-te para aprender as leis de Deus relativas à vida espiritual e servir para socorrer os nossos semelhantes. Foste muito mau em tua vida. Sei que eras um bom rapaz, mas sempre muito independente, e por isto saiste de casa logo que eu morri. Nosso lar desfez-se; foste para um lado e os outros para outro. Ignoro, Frank, as coisas que sucederam depois, mas eu desejo que a verdade seja dita. Agora, vens comigo para o mundo espiritual, onde teremos conhecimentos. Alí teremos amor, harmonia, paz e bem-aventurança, porém temos que viver um pelo outro. Não devemos importunar ninguém nunca mais, como andaste fazendo. Vem, Frank, iremos para uma bela casa no mundo dos espíritos. Obrigada e adeus!

(Continua).

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XLI —

Psicanálise e Espiritismo

Comecemos a analisar, à luz bela e forte da Doutrina Espírita, a maior panacéia científica que tem existido através de todos os tempos entre as camadas que se presumem cientistas de verdade: a Psicoanálise! Panacéia científica que realizou o grande milagre de se infiltrar em tudo, arrastando a cientistas sem Deus e sem espiritualidade a tudo explicarem, sem nada explicar, por meio dela! Panacéia que, embora negue, contrariando até a própria significação do termo, a existência da *psiqué* é, entretanto, uma incoerente fundamentação de que a alma existe e deve ser analisada.

Por isso que nós, sem ser sábio em coisa alguma, vamos analisar a *psiqué* da psicanálise e do espiritismo, que ela, a pretenciosa e fátua, procura, também, explicar com seus irracionalissimos *complexos*, *recalcamentos* e quejandos mistifórios.

Comecemos por ilustrar estas razões com um facto concreto, de ontem.

Ilustre psicoanalista de nossa particular estima, apresenta-se de fumo negro ao chapéu e no braço, de volta da missa de sétimo dia, por alma do pai. Não nos contivemos que lhe não dissessemos:

— Justifico seu luto. Para você, bom filho, materialista e psicoanalísta que é, seu pai está morto, completamente desaparecido. E' justo pois seu luto. Mas, a missa, que só é celebrada em intenção da alma, que, para você, seu pai não a tinha?

— Simples formalidade social, meu amigo.

— Aquí está uma das muitas falências da sua cienciazinha psiconalistica. A verdadeira ciência e o cientista de verdade, devem ser emancipados, completamente, de formalidades sociais e respeitos humanos. De que serve uma ciência que não tem poder e valia de libertar-nos de convenções e preconceitos mundanos, que nos levam a reverenciar, em atos religiosos, aquilo que ela nega? Glória, assim, ao meu espiritismo que, se outros méritos não tivesse, só o mérito de romper com essas formalidades e quejandas tolices sociais, deveria valer alguma coisa...

Admiramos Sigmund Freud, que é, incontestavelmente, um grande gênio. O maior gênio do século. Maior do que Dumond, do que Edison, do que Zaharoft, que são, parece, as maiores cabeças dos últimos tempos. Maior do que verdades incontestes, como o Esperanto, a iluminação elétrica e o avião, deve ser, impossível negá-lo, uma grandissima panacéia, como é a *Psicanálise,* que logrou interessar e empolgar grandes nomes em todos os ramos das atividades científico-culturais do mundo. Freud, o maior gênio dos tempos, conseguiu destruir, sem substituir por coisa melhor, todo um passado glorioso de filosofias, religiões e ciências. E até de artes e de educação e criminologia. Com algumas vassouradas, apenas, da sua doutrina renovadora, destruidora, arrazou, arrastando-as para o lixo das velharias imprestáveis, os Aristoteles e os Kants, os Budas e Jesus de Nazaré, os Croockes e Claude Bernards, os Homeros e Alighieri, os Rousseaus e Pestalozzi, os Lombrosos e Rui Barbosas. Gênios, no sentido exatissimo do termo! Ciência, filosofia, religião, moral, arte, crimonologia, educação, piscologia, justiça e direito, sociologia e pedagogia, medicina e antropologia, tudo, tudo foi reformado, remodelado, atualizado pelo grande gênio e seus imediatos seguidores. Nada escapou ás suas picaretas destruidoras, ás suas colheres-de-pedreiros construtoras. O homem, com o seu universo psicológico, interior; o mísero e orgulhoso microscomo, foi o que mais sofreu, espremido pelas tenazes psicoanalísticas. Deixou de ter alma, de possuir faculdades angelicais, de pensar, sentir e amar, capaz de receber influências de fora, do ambiente em que se agita e vive, para ser um títere perfeito das funções de suas glândulas, de seus neurônios, de sua *libido* ou de seus órgãos sexuais. Perdeu o raciocínio e a conciência, que sua conciência e seu raciocínio derivam, apenas, do funcionamento de suas vísceras, de seus órgãos genitais, de suas glândulas. E lá se vai por água abaixo a grandeza humana, o orgulho humano, a inteligência humana, porque o homem fica reduzido, pela psicoanálise, como veremos, à pior das feras, ao mais ínfimo dos animais.

O Espiritismo, que põe o homem, na qualidade de espírito encarnado, em posição bem mais lisongeira e nobre; que nos empresta dignidades e sublimações, vai dizer, pela pena de um dos seus mais modestos servidores, que, contra tudo e todos que rebaixam, em nome de ciências falsas e falsissimas sabedorias materialistas, a espécie humana, êle aí está para desmanchar, em nome da verdade e da lógica, figurações e embromações, venham de onde vierem. Vai dizer que nada póde estar acima de Deus, do Espírito, da Verdade, do homem feito a mais bela emanação da divindade.

E o século de maravilhas, que se lhe ajustou o batismo de «Século das Luzes» foi, incontestavelmente a éra que, até hoje, conteve maiores maravilhas e mais justas mistificações. Maravilhas que não puderam, entretanto, ser devidamente contempladas e experimentadas pelos homens, arrastados que foram a preferir, por inferioridades acumuladas do seu espírito, mistificações dolorosas. Por isso que sua civilização aí está em ruína, a despeito de nada, absolutamente nada, lhe faltar, em todos os terrenos, principalmente no científico e no religioso, para que o homem fosse feliz, a humanidade fosse melhor, a Terra fosse um verdadeiro paraiso.

Das maravilhas do Século, é o Espiritismo a maior. Tão grande, que nem os próprios espíritas já lograram, integralmente, compreendê-lo, sentí-lo, praticá-lo. E das mistificações, a maior, é a Psicoanálise. Tão grande, que se infiltrou por toda a parte, inclusive até em campos espiritualistas, visto como não è raro ver-se espiritistas com os lábios cheios de *complexos, concientes* e *inconcientes, recalcamentos* e outras inexpressividades freudianas.

E' o que afirmamos por palavras.

E' o que demonstraremos com factos, estudando, paralelamente, a maior maravilha e a maior mistificação do sèculo. Maravilha que deve penetrar tudo para preparar o homem, afim de, ainda mais digno e nobre, poder transformar a Terra no Paraiso e viver, felicissimo, nela. Mistificações que tudo penetrou, arrastando o homem a inferioridades e inconciências que o transforma num doente, e seu planeta em triste manicômio em que nunca será feliz!

E' o que vamos estudar para ver e analisar.

Crônica Estrangeira

Uma observação realista de fantasma

La Revue Spirite

Inúmeras pessoas teem visto o duplo etéreo de pessoas estimadas, cujo objetivo é, ordinariamente, anunciar a própria morte.

Aqui reproduzimos um dêsses casos, narrado por Gastão Fournier.

«Era eu um dos convidados ao jantar em casa de meus amigos M. e Mme. B... Ao chegar, constatei a ausência do comensal ordinário M. d'E..., que raramente faltava à mesa. Estranhei a ausência dêsse amigo comum, e Mme B... me responde que o amigo, empregado numa grande casa bancária, sem dúvida deveria estar muito ocupado, pois não se o havia visto nos dois últimos dias.

A partir dêsse momento, já não mais se cogitou do ausente. O jantar transcorreu alegremente e sem que a dona da casa revelasse o menor sinal de preocupação. Durante o jantar, haviamos combinado ir ao teatro. Terminada a sobremesa, Mme B... saiu do aposento para tratar de sua toilete, deixando-nos, ainda, à mesa a fumar nossos charutos. De súbito, ouvimos um grito terrível. Precipitámo-nos para o quarto, e encontrámos essa senhora caída na poltrôna, prestes a desmaiar. Pouco a pouco se restabelece e nos faz o seguinte relato: —

— Depois de vos ter deixado, vesti-me e estava prendendo as fitas do chapeu, diante do espêlho, quando repentinamente vi, no cristal, d'E... entrar no aposento, pela porta que lhe dá acesso. Êle trazia seu chapéu à cabeça, estava pálido e triste. Sem me voltar, dirigi-lhe a palavra: «Eis vos aquí, finalmente! Sentai-vos, pois, e como êle não respondesse, voltei-me, e nada mais vi, tomada de pavor, dei o grito que ouvistes. —

Meu amigo, para tranquilizar a esposa, pôs-se a gracejar, tratando a aparição de alucinação nervosa, e acrescentou que d'E... sentir-se-ia lisongeado ao saber a que ponto êle ocupava seu pensamento; mas como ela continuasse toda trêmula e com o fim de pôr têrmo a sua emoção, nós lhe propusemos ir imediatamente a casa do amigo d'E..., afirmando que o iriamos encontrar perfeitamente bem.

Não pensei um só instante nêsse amigo, declarou a senhora, depois que M. Fournier me interrogou sôbre a causa de sua ausência. Não sou medrosa e jamais tive alucinações; eu vos afirmo que lhe aconteceu algo de extraordinário, e não poderei socegar antes de receber notícias; ide a casa dêle, eu vô-lo suplico: é êste o único meio de me acalmar.

Eu era do mesmo parecer, e dirigimo-nos a casa do amigo comum, que aliás não ficava distante. Durante a marcha, muito gracejámos sôbre os temores de Mme. B...

Ao chegarmos, perguntámos ao porteiro se o nosso amigo estava em casa.

— Sim, êle hoje ainda não desceu.

Êle morava num pequeno apartamento e não tinha empregado. Subimos e vezes seguidas fizemos soar a campainha, sem obter resposta. Depois batemos fortemente à porta, sem o menor sucesso. B..., muito emocionado, disse: «O porteiro deve estar engando; d'E está fora». Desçamos. Mas o porteiro nos afirma que d'E... não saira, facto de que estava absolutamente certo.

Verdadeiramente assustados, subimos de novo e dessa vez em companhia do porteiro e mais uma vez tocámos a campainha; mas, não ouvindo ruído no apartamento, enviámos o porteiro em busca dum serralheiro. Aberta a porta, encontrámos nosso amigo estendido sôbre a cama, morto a tiros de revolver, o corpo ainda estava quente.

O médico, que imediatamente mandámos chamar, constatou que antes êle procurara suicidar-se ingirindo certa porção de láudano, e que, em seguida, verificando que o veneno não agia rapidamente, disparou dois tiros de revolver na região cardíaca. Segundo a constatação do facultativo, a morte se verificara uma hora antes. Era essa uma coincidência quasi absoluta, com a suposta alucinação de Mme. B... Sôbre um móvel, havia uma carta do suicida, anunciando ao casal B... a sua resolução, carta particularmente afável para Mme. B...

⁂

A História do Maquinista

The Progressive Thincker publicou anos atrás o seguinte facto espírita relatado pelo maquinista aposentado Freeland Jones:

«Em 1865, eu me empreguei, como foguista na Erie Raibroad Company e, três anos depois, passei a maquinista, função que desempenhei durante meio século. Em Novembro de 1891, eu conduzia um trem de passageiros, composto de quatro carros, no ramal de Gray Harbour. Sôbre um ponto da linha, o combôio deveria passar ao pé duma alta e longa escarpa rochosa. Ora, nêsse dia, chovera abundantemente e o leito estava amolecido (nêsse tempo as vias não eram tão sólidas com as modernas). O meu dever era avançar com marcha reduzida. No momento em que a minha composição se aproximava da escarpa, eu ressenti uma impressão perturbadora, mais psíquica que física, á maneira de um desejo íntimo de estacar o meu trem. Mas eu repeli êsse pensamento e quís esquecer o que me parecia um temor superticioso. Sem incidente atravessamos a primeira metade do percurso perigoso, quando de súbito, ouço uma voz que diz: «Desabamento à frente». — «Você falou?», perguntei ao foguista, que responde: «Eu não pronunciei palavra alguma». Procuro observar a linha, e nada consigo lobrigar, na obscuridade da noite fechada. E o aviso imperativo de novo se faz ouvir: «Na frente, desmoronamento. Parai». Não mais hesito; empunho a alavanca, e faço parar a locomotiva. As lâmpadas dianteiras aclaravam mal, pobres lâmpadas a óleo, nessa época! — mas o guarda desce e vai explorar. Pouco depois está de volta e me diz: Hà um rochedo sôbre os trilhos. Mas, quem lhe deu o sinál, Jones? Hoje sinto vergonha por não ter ousado confessar o que ouvi. Contei uma história qualquer. Afirmei que vi o obstáculo, o que parecia humanamente impossível, mas que me valeu a reputação de famoso maquinista. Hoje arrependo-me dessa reticência. Eu deveria ter declarado a verdade e certificar que meu guia me havia prevenido do desabamento, que levou mais de quatorze horas de rude trabalho para ser removido e tornar livre a passagem.

Os Espíritos no Teatro

A grande cantora Nellie Melba, relatou, entre outras recordações espíritas, que certa noite, quando representava o *Parcifál*, ela sentiu-se imergir em semi-transe, e que nêsse estado ela havia cantado o seu papel com forte impressão, rodeada de Entidades que lá se achavam para ajudá-la e, ainda mais, aumentar a impressão de sua voz tão bela.

Muitas outras artistas fizeram análogas constatações no palco e sabe-se que Sarah Bernhard admitia como certo que, por vezes, o Espírito da trágica Rachel estava a seu lado, sôbre o *palco*.

O ator Ernest Milton certa noite representava Hamleto, isso na Inglaterra. Um amigo, por êle convidado, achava-se na primeira fila da orquestra. Dia seguinte, o artista vai passar algumas horas em casa dêsse amigo, cuja filha é médium. Ela cai em transe e lhe diz que na noite anterior, durante a representação, o Espírito de Henry Irving, ator célebre, conservou-se junto dêle. Anteriormente o famoso Dan Leno frequentemente inspirava Jacy Grimaldi. Quanto ao citado Irving, era êle sustentado, em seus papeis, por Edmund Kean.

Miss Lilian Baylis afirma dever o melhor de seus sucessos cenicos ao auxílio de grandes cômicos do passado, particularmente Wiliam Wycherley e George F. Cooke, êste o mais brilhante interprete, um século atrás, do repertório de Shakespeare. Sem dúvida poderiamos obter outros subsídios sôbre o curioso assunto da estimulação do talento de atores vivos por atores mortos, e outras confidências sugestivas, se abrissemos um inquérito no mundo teatral. Sabe-se que efetivamente existem muitos espíritas no teatro e fácil nos seria alinhar aquí longa lista de nomes reputados.

Cachorro salvador

«Constancia» transcreveu de «La Nacion», um dos maiores diarios platinos, a nótula que a seguir reproduzimos:

«Bobby é o nome de um pequeno cão que foi ultimamente, objeto de uma homenagem especial na cidade de Otawa, Canadá. Homenagem, para dizer a verdade, merecida, visto ter o cão salvo a vida de uma criança, filho de seus donos, o casal Garland. Certo dia, pensando estar dormindo o menino, a mãe se dirigiu ao quintal para recolher a roupa que havia lavado. Mas o bebé estava desperto, e tantas voltas deu na cama que acabou por embaraçar-se entre as varetas, correndo o grave perigo de asfixiar-se. O cachorro, que estava próximo, correu em busca da mãe, e tanto puxou pela barra da saia que a senhora acabou por ceder. A homenagem da mencionada cidade consistiu no presente de uma medalha.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Retiro dos Espíritas

Está em andamento, na Capital Federal, a construção do «Retiro dos Espíritas», empreendimento êsse idealizado pela nossa confrade D. Abigail Lima, presidente do Centro Espírita «Patria do Evangelho», com séde à Rua Alfredo Pinto, 35, na Tijuca.

O «Retiro dos Espíritas», que estará sob a administração direta do Centro Espírita «Patria do Evangelho», terá como objetivo principal a prática da Caridade e não cogitará de posições nem castas e nem de crenças ou convicções quaisquer.

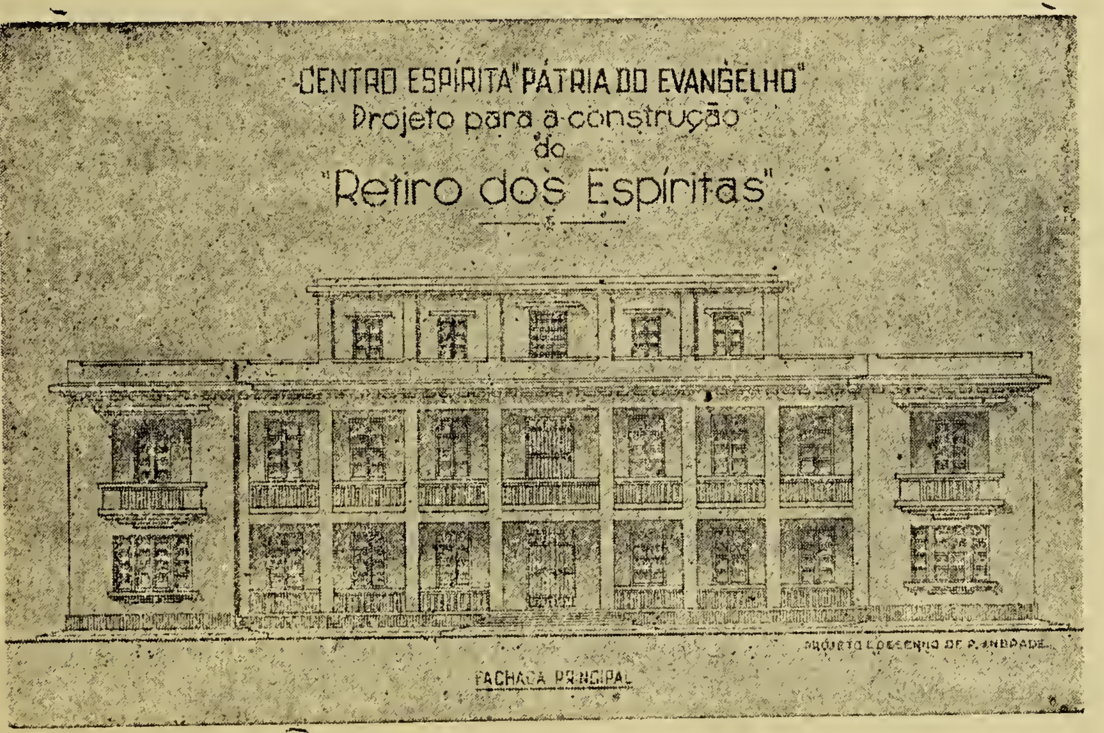
CENTRO ESPÍRITA "PÁTRIA DO EVANGELHO"
Projeto para a construção
do
"Retiro dos Espíritas"
PROJETO E DESENHO DE P. ANDRADE
FACHADA PRINCIPAL

Já concorreram com valiosas dádivas para o Retiro dos Espíritas, os abnegados trabalhadores da seára espírita, D. Constança Carvalho, com um terreno medindo 2.600 metros, à rua Macieira, Campinho, Jacarepaguá, e Dr. Levindo Gonçalves Mello, com um terreno de 5.000 metros de extensão, na Estrada Rio-Petropolis, próximo à subida da Serra. O terreno doado pelo Dr. Levindo Mello, destina-se à Colonia de Férias, do mesmo Retiro.

São muitos os objetivos visados pelo «Retiro dos Espíritas» e, para os nossos leitores poderem fazer uma idéia clara do alcance dessa obra, passamos a citar os principais: a creação e manutenção de um serviço médico farmacêutico destinado aos seus hospedes; compor-se-á de um pavilhão masculino, outro feminino e outro ainda para casais; possuirá, além disso, um ambulatório, uma enfermaria geral, possivelmente alguns quartos particulares, gabinetes dentários e para banhos de luz e sol; dentro das possibilidades da área dos terrenos oferecido para o Retiro, serão instalados meios suficientes para auxiliarem a manutenção do mesmo, tais como: granja, aviário, horta e pomares; futuramente serão creados pavilhões para creanças, cujos pais, por qualquer eventualidade, não possam tê-las em sua companhia, ou ainda por se acharem recolhidos no Retiro, em pavilhões competentes; haverá quartos para pensionistas espíritas no Retiro; cada Retiro ou Grupo de Departamentos terá acomodações próprias para velhinhos de ambos os sexos, bem como para crianças pobres, preferencialmente para as que sejam aparentadas dos abrigados; em cada Retiro haverá uma pequena enfermaria para casos urgentes; os Retiros serão mantidos pelos sócios do Centro Espírita «Patria do Evangelho», ou por donativos quaisquer; os médiuns abnegados, ou doutrinadores, os ex-diretores dos centros espíritas, o ex-jornalistas espíritas, em suma, os dedicados servidores do Espiritismo, cujo fim de vida seja enegrecido por privações e dificuldades de toda ordem, serão recebidos no Retiro como hospedes de honra e tratados como irmãos mais velhos; o Retiro só receberá gratuitamente velhos de ambos os sexos, ou pessoas reconhecidamente inválidas e comprovadamente sem recursos.

O Retiro, no seu início, receberá socios contribuintes, fundadores e cooperadores, os quais começarão a gozar de tais direitos após um ano de contribuição ininterrupta e efetiva.

Como se vê o Retiro dos Espíritas é um empreendimento da mais alta importância, digno, portanto, do apôio incondicional dos espíritas em geral, que poderão pedir informações a respeito e mandar suas dádivas ao Centro Espírita «Pátria do Evangelho», Rua Alfredo Pinto, 35, Tijuca, Rio de Janeiro.

Simulador o Cristo?...

O nosso prezado colaborador, Mariano Rango D'Aragona nos ofertou 2 exemplares dêste trabalho de sua autoria, no qual refuta o Evangelho de J. B. Roustaing, principalmente no que diz respeito à natureza do corpo de Jesus.

Não desejamos tecer comentários em torno de tão malfadada e debatida questão, tanto mais que o que nos interessa não é a natureza do corpo de Jesus, mas o corpo de sua doutrina.

Uma cousa, porém, podemos afirmar: estamos com Allan Kardec, nessa e em todas as questões por êle apresentadas, estudadas e finalmente, resolvidas, porque temos a firme convicção de que êle é, depois do Cristo, o maior missionário.

Gratos pela oferta dos 2 exemplares.

A Flama

Êste importante órgão da imprensa mineira, que se publica em Uberaba, completou, dia 13 de fevereiro, o seu X aniversário.

Comemorando o auspicioso acontecimento «A Flama» circulou com o seu número de páginas aumentado, inserindo artigos e clichés referentes aos homens que trabalham pelo engrandecimento dessa prospera cidade mineira e ás obras que atestam o seu invejável surto progressista.

«A Flama» é de propriedade do sr. Omar Prata de Oliveira, tendo como diretor o sr. Arlindo José Evangelista.

A esta nossa colega, cuja independência e sã orientação honram a imprensa uberabense, as nossas mais sinceras felicitações.

D. Constança Carvalho

Procedente da Capital Federal, encontra-se entre nós, desde o dia 30 de Janeiro último, a nossa companheira D. Constança Carvalho.

Esta abnegada serva do Senhor empreendeu tão longa viagem com o propósito de conhecer de perto, a obra cristã de Cairbar Schutel e conviver conôsco alguns dias.

A' D. Constança Carvalho almejamos feliz estadia entre nós.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.o ano —	100$000;	2.o ano —	40$000;	3.o ano —	100$000
4.o ano —	35$000;	5.o ano —	30$000;	6.o ano —	40$000
7.o ano —	40$000;	8.o ano —	40$000;	9.o ano —	100$000
10. ano —	40$000;	11.o ano —	50$000;	12.o ano —	50$000
13. ano —	50$000;	14.o ano —	50$000;	15.o ano —	50$000.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1912unse

No. 1-11 [illegible]

NO XIX—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1944 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Relembrando uma Data
Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte
Observações Exparsas
A Concordância no Ensino
Mediunidade
Almas Nobres
O Problema das Origens
Uma Reincarnação
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Cairbar Schutel

ANO XIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1944 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR: *Cairbar Schutel*
DIRETOR: *José da Costa Filho* — REDATOR: *A. Watson Campêlo*
GERENTE: *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

RELEMBRANDO UMA DATA

O Espiritismo, desde o seu advento, tem contado com o apôio decedido e desinteressado de sábios e personalidades de renome em todos os ramos do conhecimento humano, de todas as raças e crenças.

Na maioria dos casos, os sábios e intelectuais que mais constataram a autenticidade e o valor indiscutível do Espiritismo, foram cépticos, materialistas e ateistas intransigentes, que só depois de acurados estudos, observações, pesquisas e constantes experiências se renderam à evidência dos factos. E da mesma maneira por que defendiam suas convicções materialistas ou ateistas, passaram a prègar e defender o Espiritismo, enfrentando, com a coragem caraterística de valorosos generais, os seus inimigos, os eternos detratores da Verdade.

Não citaremos aquí os nomes dos ilustres convertidos que, pela graça do Alto, presenciaram os mais interessantes fenômenos espíritas, graças aos quais conquistaram e consolidaram em inamovíveis fundamentos, a verdadeira fé que lhes serve de bússola no caminho da vida, porque seria fastidioso repetir mais de uma centena de nomes sobejamente conhecidos dos leitores. E, quanto áqueles que ainda não os conhecem e desejem conhecê-los, podem muito bem satisfazer seu justo desejo com a leitura de obras espíritas, as quais constituem, pode-se afirmar, a biblioteca mais rica que conhecemos.

Se no estrangeiro surgiram homens de valor incontestável na seara espírita, no Brasil, que marcha na vanguarda de todas as nações no campo espiritualista, segundo o parecer do eminente professor Dr. Ernesto Bozzano, igualmente surgiram e estão surgindo homens de comprovada idoneidade, respeitados e estimados pelo seu saber, pelas suas virtudes cristãs e pelo seu trabalho.

Bezerra de Menezes, considerado o «Kardec Brasileiro», Viana de Carvalho, Euripedes Barsanulfo e tantos outros de igual estrutura, figuram na vanguarda dos «leaders» do Espiritismo no Brasil, pois cada um procurou cumprir, melhor que o outro, a tarefa que abraçou. Por isso seus nomes se imortalizaram em nossos corações, e sempre que se fizer a História do Espiritismo no Brasil, êles surgirão à nossa frente como astros de primeira grandeza a iluminar o nosso roteiro.

Outro nome que se tornou popular entre os espíritas brasileiros e muito conhecido no estrangeiro, é o do nosso amado companheiro Cairbar Schutel.

Entre os espíritas com os quais tivemos a felicidade de conviver e trabalhar, ainda estamos para ver outro que, como Cairbar Schutel, fizesse tanto pela doutrina, dando tudo o que possuia, à semelhança da *viuva pobre*, para conduzir os seus semelhantes ao suntuoso templo da Verdade. Foi justamente por isso que Leopoldo Machado, nosso companheiro de ideal e de trabalho, qualificou-o de *espírita numero um*, no momento, em nosso país.

Cairbar Schutel procurou difundir a doutrina do melhor modo possível, sem levar em conta quaisquer dificuldades. Era o trabalhador que sabia fazer jús ao salário. Inteligente, previdente e dotado de uma cultura sólida, pôs mãos à obra desde o momento em que ingressou no Espiritismo, sempre lutando, mas sempre vencendo e, no ardor da luta, conduzindo *ovelhas desgarradas* ao divino aprisco.

Foi assim que, em 1905, fundou «O Clarim», órgão de estudo e de propaganda da doutrina, que ainda continua a circular, mantendo a mesma orientação e a mesma circulação. Em 1925 fundou esta Revista com um programa todo especial, isto é, o estudo dos fenômenos anímicos e espíritas. Fundou o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» local, escreveu inúmeras obras espíritas, fez excursões de propaganda e palestras radiofônicas. Era incansável no labor espiritual, e a sua casa não era só sua, mas também a dos pobres, que pareciam formigas levando ás costas algo para suprir as suas necessidades.

CAIRBAR SCHUTEL

Era amigo sincero, serviçal e desinteressado. A sua maior satisfação era ser útil aos seus semelhantes, fossem ricos ou pobres, cumprindo assim os postulados evangélicos, dos quais se tornou um dos mais lídimos representantes.

Ao traçar estas breves linhas, temos em mira um só objetivo: render mais uma vez o nosso preito de estima e reconhecimento a Cairbar Schutel por motivo do 6.° aniversário do seu passamento, a transcorrer no próximo dia 30.

Seis anos que desaparecem como por encanto na ampulheta do tempo, pois se nos afigura que o desincarne dêsse Apóstolo da Verdade deu-se ontem, tão viva guardamos em nosso coração, a sua imagem simpática, varonil, amável. E' que a verdadeira afeição encurta o tempo e as distâncias, mantendo as almas sempre unidas.

Cairbar, querido amigo e companheiro: recebe o testemunho do nosso amor e da nossa gratidão, com a solene promessa de cumprirmos a tarefa que nos confiaste.

Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte

Prof. Ernesto Bozzano

«La Revue Spírite»

(Continuação)

CONCLUSÕES

Já vimos como tais revelações autoscópicas, em *sujets* sonambúlicos, concordam perfeitamente com as induções do Dr. Geley, induções solidamente apoiadas sôbre o *processus* das análises comparadas no reino animal, combinadas com os ensinamentos que se desprendem das investigações metapsíquicas. Eu acrescento que essas mesmas revelações concordam, por outra parte e admiravelmente, com o pensamento filosófico de Bergson.

Em seu discurso presidencial na «Society F. P. R», (Annales des Sciences Psychiques, 1913, pagina 326), assim se exprimiu a propósito da séde presumível da memória:

> «O que me parece emergir do estudo atento dos factos, é que as lesões cerebrais caraterísticas de diversas afasias não atingem as recordações em si mesmas, e que, por consequencia, não há, armazenadas em tal ou tal ponto do cérebro, lembranças que a moléstia destruiria. Essas lesões tornam, em realidade, impossível ou difícil a evocação das lembranças: elas se mostram sôbre o mecanismo da revocação, e sôbre êsse mecanismo sómente. Mais precisamente, a função (papel) do cérebro é fazer aquí que o espírito, quando tem necessidade de tal ou tal recordação, possa obter do corpo uma certa atitude, *ou certos movimentos nascentes*, que ofereçam um quadro apropriado à recordação procurada. Se o quadro lá estiver, a recordação virá, por si própria, se inserir aí. O orgão cerebral prepara o quadro; êle não segue a memória. Eis, a meu ver, o que revela o estudo atento das enfermidades da memòria das palavras, e o que faz, por outro lado, pressentir a análise psicológica da memória em geral».

Essas profundas observações de Bergson concordam com as revelações dos sonâmbulos, de tal modo que poderiam ser tidas por comentários sôbre as mesmas revelações. Esta circunstância merece ser frisada: não lhe falta valor sugestivo.

Aduzo enfim a opinião de E. W. Friend, expressa no «Journal of the American S. P. R.» (1915, página 122), a propósito de uma comunicação mediúnica registrada pelo autor:

> «No estado em que estão as cousas, diz êle, elas confirmam a tése bergsoniana que, o cérebro só contém mecanismos da revocação, enquanto que nossas experiências, no que elas têm de substancial e de intrínseco, são conservadas fóra do cérebro, num meio puramente psíquico».

Resulta, do exposto, que em virtude da autoscopia sonambúlica, nós nos encontramos no limiar duma grande descoberta histológica e psicológica, a qual, duma parte, coincide com os resultados das investigações mais recentes, no domínio das ciências naturais e metapsíquicas, que provocaram a obra do Dr. Geley, «Do Inconciênte ao Conciênte», e, de outra parte, concorda com as geniais especulações filosóficas do professor Bergson. E' essa uma demonstração de grande importância da autoscopia sonambúlica, por ser o instrumento ao serviço da ciência. Seria também extremamente desejável que os representantes do saber o reconhecessem, orientando suas investigações neste sentido, multiplicando as experiências dêste gênero, aplicando-lhe os métodos da análise comparada.

***

Voltemos à visão panorâmica.

Ulteriormente, tratarei de considerar a caraterística essencial pela qual ela se exterioriza, quero dizer, a que lhe permite representar em termos de «simultaneidade» o que a inteligência humana só pode assimilar em termos de sucessão. Agora, apoiando-me sôbre a análise comparada de diversas manifestações metapsíquicas, constato como a mesma caraterística é encontrada substancialmente idêntica nas modalidades segundo as quais se manifestam outras faculdades supranormais.

Esta caraterística já havia sido notada ha muito tempo, no que concerne às manifestações da memória sonambúlica, e, notadamente, nos «Proceedings of the S. P. R.» (Vol. VI, pag. 95). Thomas Barkworth havia observado :

> «Tanto quanto se sabe, as funções da memòria ordinária consistem num encadeamento de idéias associadas entre si, conduzindo cada idéia á idéia próxima, e esta a uma outra, e assim em sucessão . . . Tal é a modalidade da exteriorização da memória pertencente à atividade da conciência normal; mas eu ousarei conjeturar que a «conciência latente» possue sua memória particular, fundamentalmente diferente da outra: a memória conciente consistindo no encadeamento sucessivo das idéias, e a memória subconciente, numa impressão pictural simultânea. Se estas hipóteses tiverem fundamento, deveremos esperar que a memória subconciente dum sujet hipnotizado seja capaz de repetir, igualmente bem, uma lição a começar do fim assim como do princípio; e é precisamente isto que se verifica nas experiências congêneres».

Todo o mundo conhece essas experiências, a começar pelo caso clássico duma sonâmbula que possuia a faculdade de escutar uma conferência e depois repetí-la em sentido inverso, como se tivesse o texto impresso diante dos olhos, e a terminar pelo caso de Malvina Gérard, caso dos mais notáveis, em que o sujet era capaz, em estado sonambúlico, de compor comédias e delas recitar passagens indicadas ao caso por seu hipnotizador nos diversos atos, como se ela houvesse improvizado suas comédias instantaneamente, e tivesse o manuscrito diante dos olhos. (M. Sage, *Annales des Sciences psychiques*, 1904, pags. 65 e 129.)

Outra categoria de manifestações (em que a caraterística da «simultaneidade» na rememoração, corresponde ao equivalente da «instantaneidade» — ou pouco mais ou menos, — na concepção mental), é a dos «calculadores prodígios», manifestação cuja particularidade consiste em resolver com uma rapidez prodigiosa, mesmo repentinamente, por vezes, cálculos da maior dificuldade e de extrema complicação; rapidez que contrasta com a lentidão da mentalidade normal no encaminhamento para a solução dos mesmos problemas.

Para o que se refere às sonoridades, recordemos o curioso fenômeno costumeiro com Mozart, que percebia objetivamente, e com *simultaneidade*, a sucessão e a coordenação das notas que compunham um trecho de música inteira, e tirando dessa aptidão, uma suprema deleitação estética. Partindo, desta preciosa anomalia constatada nêste músico, nota-se uma analogia com os fenômenos aqui examinados, a saber:

a abolição da sucessão no tempo, pela audição subjetiva duma composição melódica, e, consequentemente, para toda coordenação de sons em ordem sucessiva.

Observo ainda que a mesma caraterística da «instantaneidade» no desenrolamento duma ação qualquer, se encontra entre as manifestações da transmissão telepática do pensamento e da visão telestésica, que se exteriorizam através do espaço, em uma inapreciável duração de tempo. O mesmo se pode dizer dos casos de clarividência do passado e do futuro, que se traduz, no sensitivo, por uma visão panorâmica no presente; a mesma ocorrência na circunstância dos fenômenos de «bilocação» que tenham relação com a translação instantânea no espaço, do «fantasma desdobrado». E se levarmos em conta aquilo que afirmam as personalidades mediúnicas, verificaremos haver aí algo de semelhante, quanto à noção abstrata do tempo e o sentido prático do espaço, no ambiente espiritual.

Relevo enfim, — do ponto de vista do sentimento da individualidade pessoal em suas relações com o Universo e com a Causa primária, — que se conhecem exemplos tendentes a demonstrar como êsse mesmo sentimento pode transformar-se em uma intuição *sintética* da imanência em Deus, conservando, todavia, intacta a conciência do sêr, se bem que excessivamente ampliada. Esta noção foi ressentida, por exemplo, nos momentos de excepcional intuição transcendental, pelo ilustre poeta inglês Alfred Tennyson. Respondendo a um amigo que experimentara uma impressão semelhante, em seguida a uma inhalação de «clorofórmio», êle se exprimiu nêstes termos:

> «Jamais tive revelações dêste gênero por meio de anestésicos, mas tive frequentemente uma sorte de «extase no estado de vigília» (assim me exprimo por falta dum termo apropriado), a começar por minha primeira adolescência, em momentos em que me achava só. Consegui, algumas vezes, provocar êsse estado, repetindo mentalmente, a mim mesmo, o meu próprio nome, até ao momento em que a intensidade com a qual remontava em mim a concepção de minha individualidade pessoal, atingia seu limite extremo. Então, essa mesma individualidade parecia dissolver-se e esvaecer-se numa sensação de conhecimento ilimitado. Êsse estado de conciência não era um estado confuso, mas o mais claro entre meus mais claros, o mais certo entre meus mais certos, e literalmente indiscritível. Graças a êle, a morte me parecia uma impossibilidade ridícula. Em suma, uma tal extinção da personalidade (se assim podemos definir êsse estado), não me parecia uma extinção do sêr, mas a verdadeira e única existência real. Sinto-me humilhado pela maneira tão completamente imperfeita com que vos descrevo êsse sentimento. Mas já não disse eu que tal estado é verdadeiramente impossível de descrever?» (Light, 1903, pg. 257).

Tennyson volta ao assunto em seu poema: «The Ancient Sage», e êle o desenvolve em versos magníficos.

(Continua)

Os órfãozinhos, irmãos anônimos teus, esperam avidamente pelas migalhas da tua mesa confiados na FARTURA DA TUA CARIDADE!

Tens na alma o sentido exáto do BEM e da SOLIDARIEDADE e solverás praticamente êste compromisso que tens para com a CONCIÊNCIA E A HUMANIDADE: AJUDA O «LAR DA IRMÃ CELESTE» a construir seu berçário e orfanato!

Admistração: Rua Visconde de Parnaíba, 55 — S. Paulo.

«Campanha de Corações para o «LAR» construír seus pavilhões».

Observações Exparsas

LEOPOLDO MACHADO

(Conclusão)

— Meu maior inimigo está dentro de minha casa, na minha própria filha, que não tolera o Espiritismo, nem os espiritistas! E olhe, que já frequentou, até, em pequenina, aulas de moral cristã, no centro espírita que eu presidia, feita uma aluna aplicadissima! Botei-a num colégio, de irmãs, e de lá me veio uma beatinha de uma carolice sem nome! — lamentou-se, íntimamente, conosco...

— Voltou do «colégio de Deus», amicissima da Igreja e inimiga do pai! E, ainda mais: da Doutrina do pai! Mas, que desejava o amigo e irmão, entregando sua filha a tais educadores?

— Desejava dar-lhe, apenas, uma educação perfeita!

— A perfeição de educação de tais educandários está, realmente, nisso: formar beatos, para o aumento do rebanho futuro. Que adiantou a ela, e ao amigo, o conhecimento que trouxe de humanidades, seu diplomà de sabenças terrenas, se perdeu lá o direito de pensar livremente, de examinar de tudo para aceitar o melhor, de continuar amiga do lar e da família? Ela já lhe não pertence, nem a ela mesma! Pertence à Igreja!

—Seria preferível, para mim, continuasse ela sem educação nenhuma, a ser educada assim. Voltando-me com a alma intoxicada de fanatismos, com o coração a desbordar rancor contra mim, contra os que não debulham as contas do mesmo rosário... Nenhuma educação humana vale, quando, em sua troca, se perdeu a independência espiritual, se trouxe dela a inteligência atravancada de dogmas absurdos, o coração vertendo o pior dos ódios, que é o ódio religioso. Eu preferiria, de mim, que minha filha permanecesse à míngua de qualquer educação, a vê-la educada assim...

* * *

O «centro», séde própria, numa das ruas principais, vasio quasi sempre.

Só apanhou bôa assistência, nas duas conferências que fizemos.

— Ha dias de sessões, que só eu compareço. Faço, contudo, questão de assinalar minha presença e, provavelmente, dos invisíveis... diz-nos seu presidente.

— *Médium* vidente, o amigo?

— Não. Porque o pergunta?

— Como sabe que os invisíveis aquí estão, pontualmente, consigo? Será mesmo que, com tanto o que fazer por aí, com tantos ambientes em que possam aprender e ensinar...

Êle compreendeu onde queriamos chegar...

A presença de invisíveis enchendo lugares reservados a visíveis, para realizações destinadas a encarnados, consola muita gente. Como ficha de consolação, póde interessar...

* * *

O «centro espírita» e o clube de futebol quasi que se completam, que sua diretoria é quasi a mesma.

De nossa parte, não podemos compreender tamanha afinidade de instituições tão díspares. Foi-nos, porém, explicado:

—Através do *clube* posso obter muita coisa para o *centro*. O *clube* é mais do agrado de todos, povo e governo inclusive. Pode, assim, favorecer de muito o «centro».

A explicação não satisfaz. Um centro espírita que precise, para viver, de favores de clubes de futebol, melhor fôra deixasse de existir. Se não se póde impôr por si mesmo, si, por si mesmo, não tem validade, não deve ser «centro espírita»!

* * *

E' professora do grupo escolar, cujo corpo docente é só de católicas.

Gosta do Espiritismo, porque o pai é espiritista. E dá-se bem com a terapêutica espiritística, com os passes. Gostaria poder estudar a Doutrina, poder frequentar o «centro»... Mas, que iriam dizer dela as colegas? Seria dar muito o que falar! Por isso, nem foi ouvir as conferências que proferimos.

Vinte e três horas de uma noite feia e chuvosa. De volta da conferência, na sala de visitas, trocam-se comentários a respeito das questões ventiladas através da conferência.

—Que pena não poder, como os outros, ouví-las também! Gostaria, entretanto, de recéber uns passes...

— Tem estado tão nervosa! Se o conferencista lhos pudesse dar!...

O conferencista não dá *passes*. Deu-lhos sua esposa, orando êle no ato. E, enquanto orava, lembrou-se da passagem de Nicodemos, doutor em Israel, procurando o Senhor dentro da calada da noite...

E passes recebidos egoísticamente, porque com o pensamento fixo na melhoria de seus males físicos e psíquicos, resultarão, porventura, eficientes? A misericórdia de Deus é infinita. Procuremos, antes, esclarecer as massas para o estudo dos Evangelhos e da Doutrina Espírita, afim de bem compreendê-los, e assimilá-los, e sentí-los no santo labor de quem procura o Reino de Deus e a Sua justiça, para receber—como é dos mesmos Evangelhos — tudo o mais, a saude inclusive, de acrescimo.

— Os espíritas não se unem, aquí, suficiêntemente. Houvesse mais união entre nós...

— E maiores seriam o progresso da Doutrina e suas realizações, é óbvio — responderamos à queixa ouvida. E' continuámos:

— Aquí, como em toda parte, a situação é a mesma. O Espiritismo é, para nós, graça que desce muito antecipadamente aos espiritistas. Por isso que, a despeito do código dos espiritistas ser um só: os Evangelhos de Jesus, em que sê lê que só em nos amarmos uns aos outros provaremos que somos discípulos do Cristo; e embora uma só seja a codificação: as obras do Kardec, as quais preceituam o trabalho, a solidariedade e a tolerância como precípuos deveres dos espiritistas; a-pesar disso, dificilmente se encontram dois ambientes onde se faça espiritismo do mesmo jeito. Porque? E' que — sentimos a necessidade de frisar bem, repetidamente — os espiritistas, em percentagem assustadora, não se querem afeiçoar à Doutrina, e aos Evangelhos, mas afeiçoá-los aos seus pontos de vista, a suas interpretações e conveniências...

— Daí, a necessidade, para mim, de alguém com autoridade bastante para orientar o movimento...

— A necessidade, quiçá, de um papa no Espiritismo? Seria pior. Para nós, é preferivel a diversidade de métodos, através dos quais agimos de acordo conosco mesmo, arrostando a responsabilidade de nossos erros e faltas à a obediência passiva, tipo *perinde ac cadaver*, a um chefe visível, cheio de aparatos, honrarias e insinceridades. Não é dos chefes visíveis de que carecemos, porém, de mais estudos e melhor esfôrço para a nossa reforma exterior; porém, de melhor compreensão da Doutrina para sua prática integral. Quem nos oriente deve ser o Cristo, através de seus Evangelhos. E Allan Kardec por suas obras magistrais. E irmãos outros, nossos, que estudaram mais e melhor do que nós, cuja experiência está nas obras que deixaram, a exemplo de um Denis, um Delane, um Bezerra. De chefes visíveis, cheios de honrarias e distinções, de que lhe advenham orgulhos e empafias, não carecemos, que os espiritistas não devem ser «carneiros de Panurgio»; mas conciências disciplinadas para obedecer e submeter-se à Lei. Não carecemos de disciplina e chefias nos moldes do clericalismo, feitas de mandonismo absolutista e obediencias cegas, impostas a juramentos e ordenações que não têm fundamento nos Evangelhos. A disciplina que nos convem, só a que forme conciência e individualize caracteres, porque o espiritista deve ser uma conciência e um caráter disciplinados na obediência da Lei Divina, forte e firme no cumprimento de sua Doutrina.

— De acôrdo. Mas, se houvesse um pouco mais de solidariedade...

— Realizariamos muito mais. O Espiritismo, entretanto, é tão grande que, mesmo acionado, no plano material, por *pigmeus* como nós, que ainda não trabalham como deviam; que não se solidarizam, ainda, tolerantes, como era de esperar, vai realizando esta copia admirável de obras, a começar por assentar centros espíritas por toda a parte, a semear, por toda a parte, a semente boa da Doutrina, inquientando, dêsse modo, os gigantes de religiões dogmáticas e do cientificismo oficial! Imaginemos só quando nos unirmos cristãmente solidários e tolerantes, a trabalhar, a trabalhar muito!...

A conciência é o melhor livro de moral que nós temos e aquele que mais se deve consultar. — PASCAL.

A Concordância no Ensino

J. B. Chagas

— I —

HA precisamente oitenta e seis anos aparecia na França uma obra com o original nome de LIVRO DOS ESPÍRITOS, de autoria de um médico.

Grande foi, então, a celeuma que levantou o aparecimento dessa obra. O livro tratava da sobrevivência da alma após a morte do corpo. Lançava as bases de uma doutrina nova — O Espiritismo, porque era revelada pelos espíritos, isto é, pelas almas dos que a generalidade dos homens chama de mortos. Como idéia nova que era, foi logo após o seu aparecimento, adversada, vilipendiada, e os seus poucos adeptos ridicularizados.

Mas como a sua difusão e implantação estavam nos desígnios de Deus, ela venceu e vai prazeirosamente em busca do seu verdadeiro destino. No presente os seus profitentes contam-se aos milhares, em todas as partes do mundo.

Preciso é, porém, considerar que isso não aconteceu sem esfôrço e sem que amargas decepções e desventuras fossem provadas por aqueles que tiveram a coragem moral de, aceitando-o, propagá-lo ousadamente.

Contudo, graças a agudeza e penetração de vistas do seu codificador, o genial médico de Lion; graças ao cuidado com que a elaborou, nela ajustando os mais altos conceitos de raciocínio e lógica, que a obra, passados menos de cem anos, conseguiu impôr-se às conciências livres, já emancipadas das rotinas escolásticas, apesar de todos os pesares.

A tudo levou de vencida, até mesmo o aparecimento de pretensas revelações, porque a obra assentava as suas bases solidamente na razão indiscutível, na lógica invejável e no bom senso incomparável, de que o seu codificador fizera grande alarde na sua encarnação terrena de missionário da terceira revelação.

O Bom senso

dêste missionário do Bem, constatou-o Camilo Flamarion, à beira do túmulo do Codificador, no momento de baixarem os seus despojos à campa fria, e ao fazer o elogio póstumo do grande amigo, dizendo entre outras cousas: — «Êle foi o que chamarei o bom senso encarnado. Não era uma qualidade de somenos na ordem das cousas que nos ocupam. Era, seguramente, a primeira de todas e a mais precisa, sem a qual a obra não se teria popularizado nem distendido pela terra as suas grandes raizes». *(OBRAS PÓSTUMAS* — pág. XIX—Introdução).

O sucesso da obra correu, portanto, por conta da agudeza de vistas do autor, que não mediu sacrifícios, recolhendo, para que ela tivesse todo fôro de verdade insuspeitável, comunicações de perto de mil centros espíritas, disseminados por diversas partes do mundo (Introdução — *Evang. S/O Esp.* pág. XV), e fazendo-as passar pela mais rigorosa análise e meticuloso exame, porque como êle próprio dissera — «seria melhor repelir dez verdades a admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea» *(Livro dos Médiuns* — pág. 277).

Concluindo o Codificador, sabiamente, da seguinte fórma: — «Si o Espiritismo se implanta por toda a parte, se, principalmente nas classes cultas, recruta adeptos, como todos facilmente reconhecerão, é que tem um fundo de verdade. Baldados, contra essa tendência, serão todos os esforços dos seus detratores e a prova é que o próprio ridículo de que procuram cobrí-lo, longe de lhe amortecer o ímpeto, parece ter-lhe dado novo vigôr», (*LIVRO DOS ESPÍRITOS* — V — Conclusão).

Isto afirmava *Allan Kardec*, afirmando uma verdade, cuja evidência pode ser hoje constatada, sabendo «que os Espíritos mentirosos não têm escrúpulos de se esconder sob nomes de empréstimo para imporem utopias, daí resultando que, tudo quanto estiver fóra do ensino exclusivamente moral, as revelações que se obtenham são de *caráter individual*, sem autenticidade, e devem ser consideradas como *opiniões pessoais*, dêste ou daquele Espírito, sendo imprudência aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdades absolutas» *EVANG. S/O ESP.* — pág. XIII — Introdução).

* * *

A revelação espírita — diz o Codificador — não resulta das afirmações «de um só espírito, que poderia ver as coisas de um ponto de vista, sob um só aspecto, dominado ainda por terrenos prejuizos. Nem tampouco se trata duma revelação feita exclusivamente a um indivíduo, que pudesse se de deixar levar pelas aparências, ou duma *visão estática* suscetível de ilusões, e não passando muitas vezes de reflexo duma imaginação exaltada, trata-se, sim, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, dêsde os mais elevados aos mais inferiores da escala, por intermédio de outros tantos auxiliares (médiuns) disseminados pelo mundo, de sorte que a revelação deixa de ser privilégio de alguém, pois todos podem prová-la observando-a, sem obrigar-se à crença pela crença de outrem».(*CÉU E INFERNO*—págs. 12 e 102).

Interessado sinceramente em fazer coisa útil e produtiva, não descurou o codificador um só instante da necessidade de tudo fazer passar pelo cadinho da razão chegando a concluir, como bem diz proficientemente, que «a garantia única e séria do ensino dos Espíritos, está na concordância existente entre as revelações feitas expontâneamente por meio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros e em diversas regiões, e essa concordância universal é uma garantia também à unidade futura do Espiritismo, e anulará tôdas as teorias contraditórias (*LIVRO DOS ESPÍRITOS* — Introdução pags. XIV e XV).

O Codificador estava como que prevendo que à sua obra seriam apresentadas objeções e pretensas revelações surgiriam para empanar o brilho do seu trabalho, daí a meticulosidade com que a executou, chegando a afirmar — «uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os factos que abrange ; se um só facto lhe trouxer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta». (*CÉU E INFERNO* — N.º 8 — Cap. I)

Portanto, muito sabiamente advertiu o Codificador, que a concordância do ensino é a melhor prova para que se possa considerar idôneas as comunicações de extra-tumba, dadas pelos «habitantes dos bastidores do más alá», como diriam os nossos irmãos platinos.

Prestando atenção, poderiamos hoje perguntar, também — «diante dêsse imponente acôrdo de todas as *vozes do céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito ? Menos que uma gôta d'água perdida no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.» (*EVANG. S/ O ESP.* Intr. pag. XIX).

Pondo como que uma pá de cal sôbre a dúvida que paira ainda hoje em certos meios, a respeito de determinados pontos doutrinários, vêmos o Codificador, já naquela época, dizer consoladoramente: «os espiritistas que mantenham qualquer temôr, devem ficar perfeitamente tranquilos. Tôdas as pretensões isoladas se pulverizam pela fôrça das coisas diante do grande e poderoso veridicto do exame universal». E mais que : «assenta aí o caráter essencial da doutrina espírita, aí reside a sua fôrça e a sua autoridade», repete autorizadamente o Codificador (*ob. citada* — Intr. pags. XVIII e XIX).

Sem negar a ninguém o direito de investigar e discutir o que quer que seja, diante de acêrtos tão superiormente elaborados, achamos que deviam ser mais moderadas as investidas contra a autenticidade da obra de *Allan Kardec.*

Isto dizemos, e resulta esta assertiva, do estudo que estamos fazendo da obra do Espiritismo Codificado, ao alcance de qualquer um ; — estamos, pois, escudados no exame direto.

A obra, então, avulta na sua grandeza, que o tempo comprova, porque aquele que fôra escolhido para realizar a sua difusão e propagação, o fizera levando em consideração a concisão da fórma e elevação na contextura, fatores primordiais para a vitória plena, alcançada em menos de cem anos.

Allan Kardec nunca se satisfez com um testemunho, com uma revelação isolada, sem que não buscasse algo mais além. E assim teria que ser forçosamente, porque um testemunho isolado nunca mereceu fé. A própria ciência penal limitou a prova testemunhal a duas pessoas, o que, em certos e determinados casos, ainda é insuficiente para a formação da culpa dos acusados, sendo, então, necessárias as acareacões, etc.

Estejamos, pois, tranquilos porque

poderiamos repetir, agora, com o mestre — «nêsse imenso concurso o individualismo se apaga e o orgulho humano sofre um novo choque».

Assim, concordemos mais uma vez com o Codificador, quando afirma: «que o princípio de concordância é ainda uma garantia contra as alterações tendenciosas que tentassem introduzir no Espiritismo as seitas que se quisessem nêle amparar em proveito próprio, acomodando-o à sua vontade. Resulta ainda mais — prossegue o incomparável mestre de Lion — que as instruções dadas pelos Espíritos sôbre pontos da doutrina ainda não elucidados, não constituirão leis enquanto estiverem isoladas, não devendo ser aceitas senão com todas as reservas, e a título de informação» *(Ob. citada.* Intr. pags. XVI e XVII).

Depreende-se, portanto, das afirmações categóricas do Codificador, que toda obra ou revelação que não apresentar aquelas caraterísticas, deve ser aceita, apenas, a *título de informação!*

Nova Iguassú, Janeiro, 944.

(Continua)

MEDIUNIDADE

ALYSIO DE MATTOS

COM a sabedoria dos grandes missionários, escreveu Camilo Flamarion em O *DESCONHECIDO*, tradução de Arnaldo de S. Thiago, em 1940, página 329, que

«Talvez estejamos nós, em face das manifestações de energia psíquica, no estado dos animais inferiores que não dispõem ainda de sentidos iguais aos nossos».

O dom de penetrar o invisível, como a sabedoria e as virtudes, vem aos poucos, na proporção da nossa evolução em perfectibilidades morais e intelectuais. No fim dessa marcha evolutiva poderemos chegar a desvendar o desconhecido, que no entanto sentimos existir em tôrno de nós e em nós mesmos.

Ha, na BÍBLIA, como também nos EVANGELHOS, numerosos exemplos de comunicações entre os vivos e os denominados «mortos».

Desde o espanto de Balaão, em NÚMEROS, capítulos 22, versículos 28 a 35, quando ouviu as queixas amargas de sua jumenta, por êle tão barbaramente espancada, e que o levaram a ver o anjo do Senhor e a ouvir-lhe as censuras consequentes do desconhecimento da razão por que instintivamente o animal recusára avançar no caminho, com o fim de salvar-lhe a vida; — até às manifestações múltiplas de que passamos a fazer breve relato.

Nos tempos bíblicos as comunicações entre os vivos e os chamados «mortos» tornaram-se tão abusivamente comuns que tiveram de ser coíbidas pelos regulamentos mosaicos, como vemos em DEUTERONÔMIO, capìtulo 18, versículos 11 e 12, *in verbis*:

«Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito advinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos: pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fóra de deante dêle».

E acrescenta, confortadoramente, no versículo 13: «Perfeito serás, como o Senhor teu Deus».

As abominações dantanho, no entretanto, vieram através dos tempos até os nossos dias e ainda hoje é-nos bem triste ter conhecimento dos maléficos efeitos produzidos pelo falso ou chamado «baixo espiritismo».

Os sêres humanos têm que esforçar-se por sua perfectibilidade, que cada dia deve ser maior, e só então, proporcionalmente, se lhes vai ampliando o entendimento. Simultaneamente, os meios de contacto com as entidades mais elevadas vão-se desenvolvendo.

O Livro de SAMUEL está repleto de atos comprovantes de comunicações com os Espíritos elevados, mensageiros de Deus, que eram vistos por Samuel, tanto quanto os podia igualmente ouvir, eis que possuia mediunidade vidente e auditiva.

Não eram anjos creados purissimos, segundo a definição teológica, os que êle via e que com êle falavam; mas sêres que passaram pelos mesmos caminhos que ora palmilhamos e se tornaram puros, através de múltiplas vidas sucessivas, no decorrer do tempo, aquí e algures, na imensidade do espaço.

Por isso mesmo, a razão de ser da confortadora promessa, que vem dos mais remotos tempos bíblicos a todos os secularmente posteriores ensinos evangélicos: «Perfeito serás, como o Senhor teu Deus», ou «Sêde perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito».

Do mesmo modo que uma pessoa compenetrada de melhoramentos morais e intelectuais, que se conjugam e completam, torna-se apta a comunicar-se com entidades espirituais elevadissimas, o indivíduo de baixos sentimentos, comumente é influenciado por espíritos atrasados e ainda imbuídos de maldades, que enchem os espaços muito mais aproximadamente do planeta em que viveram e em que ainda vivemos. No mesmo Livro de Samuel encontramos prova dessa assertiva, confirmando muitos fatos que ocorrem atualmente. No capítulo 16 do 1.º Livro, versículo 23, está escrito:

«E sucedia que, quando o *espírito mau* da parte de Deus vinha sôbre Saul, David tomava a harpa, e a tocava com a sua mão: então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito máu se retirava dêle».

Neste mesmo Livro, capítulo 22, versículos 21 e 22, encontramos comprovada a influência espiritual, que póde ser benéfica ou maléfica, conforme a fôrça de atração preponderante da pessoa sôbre que incide:

«Então saìu um espírito e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o induzirei. E o Senhor lhe disse: Com que? E disse êle: Eu sairei e serei um *espírito de mentira* na boca de todos os seus profetas. E êle disse: Tu o induzirás, e ainda prevalecerás; sai e faze assim».

Deus permite que os maus viventes sejam influenciados pelos maus espíritos, como corretivo para todos. E' sábio o brocardo popular de que o vício castiga os viciosos.

No 2.º Livro de REIS, capítulo 19, vemos como Isaias conforta espiritualmente Ezequias, transmitindo-lhe as mensagens celestes, depois de dar-lhe conhecimento (versículo 7) da permissão de que um espírito perturbasse o rei da Assíria, no sentido da própria perdição, como castigo dos seus crimes e êrros. No capítulo 22, as comunicações da profetisa Hulda instruem o sacerdote Hilkias, e assim por deante.

No 1.º Livro de CRÔNICAS, capítulo 5, versículo 26, vemos como Pul, rei da Assíria, é influenciado por maus espíritos; e, no capítulo 13, a invocação a Deus, na Arca Santa, pelo rei David e todo o povo de Israel, amparada pelos espíritos benfazejos e mensageiros celestes, que instruem e assistem aos homens de boa vontade.

No 2.º Livro de CRÔNICAS, capítulo 10, versículo 6 e 7, vemos igualmente como Roboão desdenhou do conselho dos anciãos, que lhe disseram: «Se te fizeres benigno e afável com êste povo, e lhe falares boas palavras todos os dias serão seus servos»; para acolher o conselho dos mancebos impulsivos e baldos de boa assistência espiritual que preconisaram violências e maiores rigores, do que resultou ser o mesmo rei, assim como também os seus asseclas, publicanos e portageiros, lapidado e ter afinal que fugir. E' que os primeiros, já experientes e sensatos, aconselhavam bem assistidos espiritualmente; e os últimos, impetuosos e arbitrários, atraiam a impulsão dos insensatos do Além.

Em JOB, capítulo 38, os Espíritos mensageiros de Deus, respondem os seus clamores, revelando-lhe a grandeza e a sabedoria do Ente Supremo. Imensa é a trajetória da vida humana, para tudo poder conhecer e saber orientar-se na ascensão contínua para o melhor, desvencilhando-se dos êrros que engendram os sofrimentos, até atingir os ambientes de paz e de luz, que aguardam, no término da dificílima viagem, os vencedores de si mesmos, todos os bons, na santidade prometida às creaturas em geral.

Em ISAIAS, capítulos 8 e 9, as confabulações do profeta com os Espíritos iluminados são numerosas e as mensagens deles hauridas são assaz confortadoras e instrutivas. O mesmo se verifica em EZEQUIEL, ao par de elucidadores e convincentes fenômenos de vidência, nos capítulos de numeração idêntica.

DANIEL, que foi igualmente um profeta e grande *médium*, tem no seu Livro, de tanto sentimento e misticismo, revelações valiosas e igualmente convincentes.

Na prègação feita em Ninive, as visões de JONAS, levaram o rei a expedir uma proclamação de grande simbolismo quanto à progressão dos sêres, como se vê, capítulos 3 e 4, versículos 8 e 11, respectivamente, *in verbis* :

«Mas os homens e os animais estarão cobertos de sacos e clamarão fortemente a Deus, e se converterão, cada um do seu mau caminho, e da violência que ha nas suas mãos».

E' que ouvira a sentença divina, transmitida pelos mensageiros celestes, proclamando que:

«Tiveste compaixão da abobreira, na qual não trabalhaste, nem fizeste crescer; que numa noite nasceu, e numa noite pereceu; e não hei-de ter compaixão da grande cidade de Ninive (simbolizando todos os sêres viventes terrenos) em que estão mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?»

Nos EVANGELHOS, os fenômenos de aparições de anjos e santos, vistos e ouvidos através das mais elevadas e santificantes mediunidades, são sem conta, desde as visões de Zacharias, Maria, José, e, finalmente, dos Apóstolos e Discípulos, até o dia de Pentecostes, permitindo a todos os Discípulos discorrerem sôbre os ensinos santos em linguas que lhes não eram conhecidas.

João Evangelista, o Discípulo amado, falando-nos da vida espiritual, que é eterna, como medianeiro altanado do Mestre Divino, diz, nos versículos 57 e 58 do capítulo 6 do seu *Evangelho*, que assim falou o Salvador da humanidade :

«Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta (isto é: quem faz o que o Cristo ensinou), também viverá por mim. Êste (o ensino do Mestre) é o pão que desceu do céu; não é o caso dos vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer êste pão viverá para sempre.»

E, no versículo 63, esclarece plenamente:

«O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; *as palavras que eu vos disse são espírito e vida.*»

A matéria orgânica é simples veículo e meio de dar vida ao Espirito, até que êste possa atingir a máxima perfeição e dispensar o pesado veículo ou vestuário, que se toma e se despe sempre com acerbas dôres.

Corroborando tudo o já expendido, em despretenciosa coletânea, que mal exprime a nossa ânsia de aprender e aperfeiçoar, retiramos das confortadoras CRÔNICAS DE ALÉM TÚMULO, do benfazejo e iluminado Espírito de Humberto de Campos, dois trechos apenas, da que tem por título «*Uma venerável Instituição*», com que damos encerramento à nossa colaboração de hoje :

«Aquí, explicava Pedro Richard, reunimo-nos todos nós, os que amamos as claridades do Evangelho, ansiosos de repartir as esperanças da Bôa-Nova. Ha lugar nesta casa para todos os trabalhadores, e basta querer para que cada um seja incorporado á caravana que nunca se dissolve. A' maneira daqueles côxos e estropiados a que se referia Jesus no seu ensinamento, vivemos pela misericórdia do Senhor, que não nos desampara com a sua bondade infinita. O banquete de Ismael está aquí sempre posto e, das alturas divinas caem sôbre o seu templo humano as flôres da esperança, da piedade e do perdão, transformadas em bençãos de Deus, repartidas, como a luz do sol, com todos os corações. Aproveitamos, nos estudos da doutrina, aquela parte que representava a predileção de Maria, em contraposição com os trabalhos apressados e inquietos de Marta, segundo a observação do Divino Mestre, e pugnamos pelo esfôrço da reforma interior de cada um, reconhecendo que sómente na assimilação dos princípios morais da doutrina, em sua feição de Cristianismo restaurado, poderemos atingir a finalidade de nossas preocupações.»

— «Mas, perguntei admirado, a instituição desprezará, porventura, as expressões científicas do Espiritismo?»

— «De modo algum, respondeu solícito, seu aspectos fenomênicos merecem todo o zêlo possível, mas essas expressões da ciência representam os meios e não o fim, constituindo, dêsse modo, corolários das expressões morais do ensinamento dos Espíritos, chegando-se a ilação de que nada se terá feito sem a edificação das conciências, à luz dos seus princípios. Haja vista o que aconteceu na Europa, bafejada por tantos fenômenos extraordinários. Com algumas exceções, os sábios que alí se ocuparam do assunto, possuidos do mais avançado personalismo, definiram os factos mediúnicos dentro de suas vaidades pessoais, complicando o estudo da doutrina com o sabor científico de suas palavras, desconhecendo a profunda simplicidade dos ensinamentos revelados.»

— «E' com essa expressão religiosa e regeneradora que o Espiritismo conta esclarecer os problemas do campo social?» — perguntei ainda.

— «De facto, continuou o meu generoso amigo, toda a vitória da doutrina tem de começar no coração. Sem o sêlo da renovação interior, qualquer tentativa de reforma constitue um caminho para novas desilusões. Seria, pois, inutil organizarmos grandes movimentos para uma salvação imediata, si o espírito geral se encontra nas sombras. Onde se terá visto uma colheita sem o trabalho da semeadura? A missão dos espíritas não representa, portanto, uma tarefa artificiosa e nem lhes compete disseminar os laboratórios de ilusões. Suas responsabilidades são muito grandes no campo da educação evangélica das massas e no plano da caridade pura, assistindo os sofredores e os desesperados. Êsse campo de trabalho moral é o imenso reservatório das fôrças indestrutíveis da Nova Revelação e a beleza de seus aspectos tem seduzido muitas mentalidades de élite, do mundo inteiro. Mesmo a esta casa (Federação Espírita Brasileira) têm aportado muitos espíritos brilhantes, vindos da Política e da Ciência, considerando que o Espiritismo, verdadeiramente interpretado, é a síntese maravilhosa que abrange todas as atividades humanas, no sentido de aperfeiçoá-las para o bem comum.»

— Mas, ponderei, não seria aconselhável movimentarem-se os elementos da doutrina projetando-se às expressões de seus valores no mundo das realizações?»

—«Não reprovamos quantos se entregam, desde já, aos trabalhos dessa natureza, reconhecendo que o Espiritismo é um campo imenso onde cada qual tem a sua tarefa a desempenhar, e onde o exclusivismo pecará sempre pela inoportunidade; mas, julgamos prudente criar-se a mentalidade evangélica antes das obras espíritas, a-fim-de que elas não se percam nos labirintos do mundo, e para que sejam devidamente cultivadas pelos verdadeiros discípulos do único mestre, que é Jesus Cristo».

Belo Horizonte, 3 de Agosto de 1943.
(Rua Marquês de Maricá, 256).

Almas Nobres

ANTENOR RAMOS

As almas nobres passam pelo plano da vida em que nos encontramos, deixando sempre um legado de fé, uma substância moral construtiva do bem. Com tais normas e diretrizes prefixados por êsses vultos de primeira grandeza, nós bem intencionados, poderiamos conjugar todos os surtos inferiores que nos assolam, para implantar um Código de Vida consoante as prerrogativas das nossas condições de entidades racionais e humanas.

—No entanto, lamentavelmente, assim não sucede, e assim não sucede por imperativo da nossa própria recalcitrância.

E é essa teimosia, essa apatia para o bem que formam as densas e obscuras nuvens que toldam a nossa conciência, que interceptam o sagrado objetivo que temos em perspectiva como espíritos que precisam crescer no conceito de Deus.

— Mas, interpelar-nos-ão, por certo: «Como podemos despender tais esforços si êles ultrapassam as nossas possibilidades de discernimento?

—E nós, responderemos, serenamente:—nada é impossível para a creatura de bons propósitos.

— Compele-nos a uma resposta categórica essa assertiva?

—Pois não! Da-la-emos de bom grado:

—Foi o Cristo-Excelso quem nos clamou:

—«O que eu faço, vós também podeis fazer... e ainda muito mais...»

—Portanto, todo fracasso, toda desdita, não gera, não cresce e não se desenvolve sinão em nós próprios.

Mas porque, de início, dissemos que os grandes vultos da humanidade nos deixam rastros luminosos de luzes puramente magnificente?

—Porque são êles que nos lançam apêlos como êste:

«—Homens! Já é tempo! Limpai os vossos corações, tecei as vossas rêdes com malhas de aféto nos tearés da bondade, do amor e da caridade; enchei as vossas almas de virtudes, cumpri a lei de Deus e o Evangelho de Jesus; respeitai os vossos irmãos e respeitai os seus direitos, para que êles vos respeitem e respeitem os vossos; ajudai-os nas sementeiras do BEM para que êles, agradecidos, vos ajudem nas vossas; vigiai a todos os momentos os vossos defeitos, ensinai a vigiar os dos outros; com Fé trabalhai confiantes no dia de amanhã, pois Jesus, dará sempre as devidas recompensas aos bons trabalhadores, aos trabalhadores de boa vontade.

Ficai na sua Paz e no seu Amor».

Sómente quando aprimorado pela dôr, assediados pelas desventuras que nós próprios engendramos, e maxime nas últimas horas da nossa vida é que, a título de remorso, acolhemos um pouco dessa verdade, como se nos apegassemos a uma tábua de salvação nos momentos tempestivos da existência...

Com essa atitude procedemos mal, agimos inconcientemente, pois que Jesus nos determina conhecermos a Verdade para nos sentirmos libertos.

Sem as noções das leis divinas; sem o discernimento dos supremos desígnios do Creador, viveremos perpetuamente falidos, visto que uma e única é a Fonte donde tudo promana misericordiosamente, ultrapassando sempre a nossa perspectiva.

—Porisso disse-nos ainda o Mestre: «Ao que muito tem, muito lhe será dado; mas àquele que pouco tem, ainda êsse pouco lhe será tirado».

Conclue-se que Deus na sua excelcitude indiscutível, quer nos vêr na abastança; nada nos confere sob medida ou por pêso, mas na plenitude da graça do seu dileto Filho que assim nos ensinou, realmente!

Já é tempo, portanto, de desobstruirmos todas as estradas, e de avançarmos com passos firmes e resolutos.

«Pensa e age de modo que teus pensamentos e tuas ações possam ser convertidos em lei universal», disse Kant, o eminente pensador e filósofo.

—Também Wilcoux assim se pronunciou:

«Tu és o arquitéto do teu próprio destino, trabalha, luta e... ousa».

Saibamos estimar sempre êsses propagadores do progresso; êsses grandes beneméritos da humanidade, essas almas nobilíssimas!

O Espiritismo não tem sacerdotes, nem ritual, nem anátemas; o seu templo é o Universo, o seu culto a Virtude e o seu ideal a Perfeição. — A. L. VILELA.

O Problema das Origens

LÉON CHEVREUIL

«La Revue Spirite»

Já dissemos que os misteriosos écos do além podem fornecer-nos índices suficientes da realidade da sobrevivência dos sêres, sem que tenhamos, por isso, a pretenção de conhecer os mistérios da vida.

Não é preciso recorrer à filosofia transcendental para esta afirmação simples; mas uma vez admitido o facto, oportuno nos é filosofar; talvez nos enganemos no que concerne ao enígma, mas isso não pode invalidar o facto adquirido.

Temos um ponto de partida certo: A vida existe, ela aquí está, e nós a constatamos em nós; mas do conjunto das constatações espíritas, nós tiramos a prova de sua existência independente do corpo, e que ela não está limitada à nossa porção visível na natureza. O Espiritismo tem, pois, o direito de propor-se o nobre ideal de nos esclarecer sôbre a origem da vida e sôbre o fim dos sêres. Tal a filosofia bem simples dos espiritistas, que nada mais esperam do que uma revelação direta, por não estarem ao alcance de nossas inteligências o conhecimento de Deus e do infinito.

O livro da natureza está grandemente aberto diante de nós, pouco a pouco, mas penosamente, nós lhe deciframos algumas páginas. Nenhuma ciência soube resolver o problema das origens. Origem do homem, origem da vida, origem do movimento e tantos outros mistérios cuja causa primária impossível nos é penetrar. Contudo, a vida e o movimento são factos, nós os observamos.

A primeira cousa que podemos afirmar com toda a certeza, graças à observação espírita, é que a vida é um dinamismo que anima a natureza. A vida de cada indivíduo nada mais é do que uma manifestação parcial dêsse fenômeno universal. Podemos perguntar-nos donde vem a vida; mas já podemos responder à questão: — O que é a vida? — E' um dinamismo inteligente.

E' impossível penetrar mais avante no conhecimento, se não colocarmos, na base dos estudos metapsíquicos, esta verdade primeira, considerada como um axioma, assim como se admite em geometria. De outro modo seria a estagnação nessa hipótese absurda que pretende fazer sair a vida de um primeiro gérmen. Um gérmen não é uma causa primária, êle não passa de modalidades particulares do movimento vital; é êste o primeiro efeito sensível do espírito que aciona a matéria.

O problema da vida não difere do problema do movimento. O movimento não pode sair da inércia, a vida não pode proceder do nada. A primeira célula viva representa a manifestação de algo que existia antes dela, assim como a bola que rola é a manifestação duma impulsão dada. O observador que faz tábua rasa de toda noção adquirida, nada mais pode observar, na vida, do que seu movimento.

Mas, enquanto o movimento da bola decresce o da vida progride; é esta a prova de que o impulso continua. O sêr simples, isto é, a primeira unidade vivente, associou-se a outros sêres simples para se adicionar na matéria, desde que a massa se sente assás forte para agir, ela tende a criar meios de ação; eis a gênese do primeiro orgão. A infinita variedade das organizações sempre será um quebra cabeça para a ciência, todavia ela se explica pela livre espontaneidade dêsses pequenos dinamismos apenas nascidos para a sensibilidade, mas que são determinados a adaptações que variam, segundo as contingências que os afetam e os ambientes em que se encontram. Quando um sêr se materializou num orgão, o seu progresso não mais se detem, os indivíduos sucumbem, mas a espécie permanece.

Assim a simples observação do movimento vital nos ensina que a vida começou sua ascenção numa multidão de unidades simples, que se encaminharam para organizações complexas, para terminar em uma espiritualidade de mais a mais elevada.

Não é possível acreditar tenha existido um progenitor na origem de cada espécie. A espécie é que é a síntese e o resultado duma quantidade de vidas anteriores, cujos estigmas ela, aliás, conserva. Toda classificação zoológica se torna impossível, quando se procura ligar as formas atuais a um nascimento originário; à medida que se remonta na série, perde-se o fio dos ascendentes que se dispersam e se dividem ao infinito.

E agora: — Donde vem a vida? —Não ha movimento que não proceda duma fôrça; não ha fôrça que pertença ao mundo visível. Portanto, sendo a vida um movimento, ela é uma fôrça; e sendo fôrça, ela vem do além.

Mas: —o que vem a ser uma fôrça?—Só ha uma resposta:—uma fôrça é o que nós mesmos somos, visto estar ela em nós mesmos; por sensação direta é que apanhamos alguma noção da idéia de fôrça. Assim, depois de ter-me assegurado que a origem da fôrça emana do além, eu faço esta segunda constatação: — Eu sou a fôrça que se conhece a si mesma. — A vida é uma fôrça *conciênte* que a mim se manifesta sob o aspecto dum fenômeno universal englobando todos os sêres e assegurando sua continuidade. As formas nada mais são, por assim dizer, do que paredes que nos separam de nossos congêneres, dentro das quais tomamos conhecimento de nós mesmos, individualizando-nos. Pensava-se que essa individualização era efêmera. Com efeito, parece que essa conciência do eu não poderia persistir depois da destruição dos orgãos, porque ela voltaria à fonte original; mas o Espiritismo responde à objeção provando a existência do corpo psíquico, o Perispírito.

Paralelamente à constituição visível, o homem cria um duplo etéreo que evolue igualmente, e que se torna o centro atrativo de suas faculdades psíquicas e o reservatório de sua fôrca vital. Enquanto a vida física só nos deixa ver o avêsso das cousas, existe, em nosso derredor, um campo de fôrça que não vemos. Por muito tempo julgava-se que a vida estava limitada pela superfície visível da esfera orgânica, mas agora sabemos que existem atividades e sensibilidades psíquicas que ultrapassam êsses limites; essas faculdades não estão ligadas à vida dos sentidos. A alma tem um poder visual independente do olho, sensibilidade específica que difere da sensação, movimentos do pensamento que nada têm em comum com o movimento mecânico. E' preciso estar atacado de cegueira para não ver que vivemos na intelectualidade e que a nossa vida subjetiva tem para nós, desde o presente, muito mais realidade do que a nossa vida animal, a qual funciona, ordinariamente, sem se ocupar de nós.

Existe, pois, a vida animal e a vida espiritual. Conhecidos os movimentos de uma, necessário se torna observar os movimentos da outra, e é aqui que começa a metapsíquica.

O mal-entendido que existe entre os metapsiquistas resulta do facto de alguns não quererem admitir a existência do dinamismo inteligente, atribuindo a causa primária de toda a manifestação ao orgão em que se objetiva, à nossa vista. Testemunhas de fenômenos que condenam os velhos postulados da ciência, êles preferem ater-se ao velho, mesmo condenado. Êles pretendem explicar o progresso orgânico pelo desenvolvimento dos *gérmes*, e os movimentos do pensamento, pela fisiologia pura; é isto que êles denominam não se afastar da ciência. Enquanto não admitirem esta premissa: «Dinamismo inteligênte como motor e faculdades psíquicas independentes de órgãos», não avançarão um passo. Testemunhas de factos que não podem negar, êles ficam agarrados a hipóteses de trabalho que são justamente condenados pelos factos que pretendem estudar; regeitam os nossos factos, pretextando acharem-se em terreno sólido. Com êsse objetivo não temem recorrer a explicações confusas, que não passam de construções monstruosas de sua imaginação; tais como as que atribuem à matéria, o poder de produzir idéias e, ao inconciênte, a faculdade de as coordenar.

A admissão dum dinamismo específico, que faz sair a matéria de sua inércia, tornaria as cousas bem mais claras.

Para remontar às origens do homem, necessário seria resolver o grande problema antológico; isto é, necessário se tornaria conhecer a série de transformações pelas quais *teve que passar* cada organização antes de se fixar na forma presente.

Darwin está longe de haver resolvido êste enigma, êle estudou como naturalista, êle expôs factos que, quanto à observação, conservam todo seu valor, mas nem ao menos êle estabeleceu a árvore genealógica duma espécie qualquer. Darwin não procurou a origem das espécies, mas a causa de suas mutações. De facto, as espécies se modificaram, mas o dinamismo inteligente desempenhou o seu papel nessas modificações.

A idéia simplicista, duma árvore genealógica, a idéia de descendência tudo arruína. O sêr não descende, êle vai debaixo para cima. Na origem, o infinitamente pequeno do princípio psíquico foi-se ao infinitamente pequeno da matéria, e jamais houve, ao pé de uma árvore genealógica, um sêr único do qual tudo teria descendido. A fôrça creadora, sempre presente, necessáriamente agiu sôbre toda a face do planeta, e foi uma multidão de infinitamente pequenos que se aglomeraram para ampliar sua esfera de ação.

E', pois, uma grande quantidade de vidas primárias que finalmente, contribuiram para a organização da alma humana. A lenda de Adão está morta. Já não é racional, hoje, acreditar na aparição instantânea dum organismo creador de todas as espécies. Uma inteligência não lançou, num ponto do espaço, o antepassado do cão, do cavalo ou do coelho; mas um impulso formidável, para nós incompreensível, da fôrça psíquica universal fez saír a vida do lôdo da terra.

Jamais em época alguma da vida planetária, se viu aparecer uma bolota que seria o antepassado do carvalho, mas milhares de séculos apagaram essa página do livro da natureza, onde poderiamos reencontrar algum indício do que se passou entre o aparecimento da primeira célula vegetal e a germinação duma bolota.

Já não é possível negar a presença da fôrça que se esconde na matéria viva, é esta fôrça que faz que não haja solução de continuidade entre o órgão que se desagrega e aquele que se recomeça, de sorte que a evolução continua no campo de fôrça própria ao *sujet* que construiu o órgão; a palingenése é a única explicação possível da conservação e do progresso das espécies, devidos ao esfôrço constante duma vontade que se adapta às necessidades da vida material.

Darwin observou bem, e suas observações permanecerão incontestáveis, mas êle nada explicou. Êle falou como naturalista, e chegou o tempo de falar como metapsiquista, então se conhecerá o papel do espírito creador e da sobrevivência, na ascenção progressiva dos sêres organizados.

A palingenése, isto é, o recomeço dos sêres mais ou menos evoluidos, tudo explica. Sem ela tudo permanece obscuro.

A hereditariedade, cujos efeitos tão duvidosos e, por vezes, tão contraditórios são, não passa de uma palavra útil para as necessidades da linguagem. As leis da hereditariedade nos são completamente desconhecidas, o mistério bem melhor se explica pela nossa concepção do além. Os que se reincarnam numa mesma família nada mais são do que uma reedição de si mesmos, tendo já vivido anteriormente. A hereditariedade pode reivindicar seus direitos do lado da matéria, mas, do lado da inteligência e dos sentimentos, a personalidade de cada um dá perpétuo desmentido à pretensa hereditariedade. Quanto às semelhanças psíquicas, elas podem ter outra causa; cada um de nós depende dum agrupamento superior e se, em certa família, nação, raça, existem afinidades morais, é que muitas abelhas pertencem à mesma colmeia.

A observação psíquica, as experiências magnéticas e as comunicações telepáticas parecem bem confirmar esta concepção. Se a metagnomia, por exemplo, se recusa a operar em todos os casos, deve-se isso ao facto de não pertencerem todos a um agrupamento simpático ao assunto, e é igualmente pela mesma razão que a telepatia não atinge senão um círculo restrito. Há, no além, muitas colmeias, e a correspondência não é possível entre todas.

O princípio da hereditariedade não explica a transformação dos orgãos, nem o aparecimento de novas formas; é necessário, absolutamente preciso, recorrer a uma fôrça individual existente fora do corpo, e que encontre no meio etéreo a dupla possibilidade de se organizar e de sobreviver.

O que a natureza fez, ela sempre fará, e, visto que a vida cá em baixo não faz progresso senão à custa de associação, nós devemos esperar análogo processo para explicar a vida *lá em cima*. A vida espiritual é, de qualquer modo, uma associação de almas. Entre nós e nosso agrupamento superior, estabelece-se uma reação telepática, de sorte que, alargando o círculo de nossas correspondências, aumentamos o nosso poder. O agrupamento superior nos restitúe, em boas inspirações, o salário do nosso trabalho; em simpatia, o interêsse de nossas boas ações; em inteligência, o preço de nossos esforços.

A alma, materializando-se na primeira célula vivente, atravessou os três reinos da natureza, e elevou-se ao homem. O homem se elevará até Deus.

Uma Reincarnação

De «Além» — Porto — Portugal —::— **Por J. A. M. — Barquinha**

ALGUÉM me sugeriu a idéia de relatar um facto comigo sucedido, e, na verdade, digno para registar em revistas espíritas, como subsídio importante para o estudo das reincarnações.

No ano de 1898, contando eu vinte e um anos, casei com uma menina que eu muito amava. Durante seis meses o nosso lar foi tranquilo. Apesar da atitúde de muito estranha de minha mulher, em cujo semblante raramente eu via um sorriso, nunca tive motivo para estar descontente. Até que certo dia, por causa fútil, estalou uma tempestade que muito me amargurou.

Não me exaltei, porquanto julguei que se tratava de um forte ataque de nervos. No dia seguinte nova cena que terminou por estas duríssimas palavras que me aniquilaram:

— Chegou a hora de ser franca!... Casei contigo pela insistência contínua de minha mãe!... Nunca te amei, e foi contrariadamente que te recebi por marido!...

E' de calcular a dôr que então sofri! Não proferi uma palavra... Recalquei o profundo desgôsto que sofria, e voltei ao trabalho exaustivo que então desempenhava. Minha mulher encerrou-se num mutismo absoluto e sómente trocávamos algumas palavras durante qualquer recepção de visitas ou de pessoas de família. Até que, certo dia, estando no escritório despachando com o guarda-livros, que me aconselhava calma e pretendendo desviar-me de uma resolução sinistra, o telefone deu a seguinte notícia:

— Tua mulher foi vítima de um terrível desastre e está sendo operada!...

Foi minha mãe quem me prevenira... Durante dois meses esteve entre a vida e a morte. Visitava-a no seu quarto particular duas vezes por semana e telefonava diáriamente a saber do seu estado. Confesso que perdera tôda a afeição por ela... A atitude dela autorizava a minha atitude. Quis ir morrer a nossa casa, segundo dizia... E certo dia, tomando-me o braço, disse, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe corriam pelo rosto emaciado pelo sofrimento atroz:

— Não quero morrer sem te pedir perdão!... Hoje que no meu espírito se fez uma luz de razão, reconheço que tenho sido injusta, cruel e... e não sei que mais!... Não te amava, é certo; fiz sofrer o teu coração de maneira que hoje me indigna!... Tens sido para mim dedicado e caridoso desde que regressei ao nosso lar tão desolado. Perdoa-me!... Confesso hoje que chegou o momento de te dizer com lealdade: — Amo-te!... Tens sido um marido que eu não merecia!... Não posso ajoelhar a teus pés... Confesso o meu arrependimento e permite que eu, com humildade, beije a tua mão e beije os teus lábios donde nunca saíu siquer uma palavra para me castigar!...

Evidentemente que eu não devia recusar o perdão que me era solicitado; abracei-a e perdoei-lhe de todo o coração... Ela teve durante um mês que lhe restou de vida, a mais terna e delicada dedicação, e nas suas últimas disposições mostrou bem quanto tinha de radical a revolução operada no seu espírito... E morreu serenamente dizendo:

— Morro quando ia amar-te com toda a devoção da minha alma!... Adeus!...

* * *

Certo dia ouví o seguinte ao erguerme, do leito:

— Vai hoje visitar o teu jazigo!...

Olhei em redor de mim... Não vi pessoa alguma no meu quarto. Duas vezes ouvi repetir a frase. Almocei; munime da chave do jazigo e fui ao Alto de S. João. Entrei... No único caixão que então lá estava, jazia o cadáver daquela que na minha vida fôra tudo... Senti uma sonolência invencível... Instantes depois vi a forma vaporosa de uma figura que, pouco a pouco, ia condensando-se, até que ficou perfeitamente nítida... Era a M. L. que eu conhecera na Terra, no seu porte gentil e elegante... Curvou-se sôbre mim... Senti os mesmos carinhos com que ela o fizera momentos antes de morrer.

Perdoa-me!... Breve voltarei para junto de ti!...

Ouvi distintamente por três vezes esta frase que me comoveu estranhamente. Eu era espírita e, portanto, não me admirei do facto.

Certa noite via-a no meu quarto, sorridente e repetindo sempre:

—Breve voltarei para junto de ti!... Adeus!... Não! Não!... Até à vista!...

E nunca mais voltou...

Passaram dez anos. Minha mãe instando sempre para eu casar e eu resistindo. Uma tarde, estando no jardim da Estrêla, em Lisboa, contemplando o grupo de crianças que brincava a pouca distância, sucedeu que a linda garota que havia já três domingos me sorria, sem dirigir uma palavra, caiu desastradamente... Corri a levantá-la...

— Oh! muito obrigada!... muito obrigada!...

E ficamos grandes amigos... Nessa noite, numa reunião espírita familiar, recebi a seguinte e espontânea comunicação:

— Alegra-te!... Aquela que foi tua mulher, está já há anos sôbre a Terra... Espera mais sete anos e casarás com ela!...

Contei o caso a minha mãe, que se limitou a dizer:

— Seria muito mais prudente não acreditares nessas coisas!... Aconselho-te a mudares de estado!...

Perdi de vista a minha jovem amiguinha do jardim da Estrêla. Passaram-se sete ou oito anos. Estando em Beja, tratando de assunto da minha casa, e recolhendo ao hotel onde me alojava, deitei-me tranquilamente. O que sonhei eu!... Uma entrevista com a linda garotinha que me dizia:

—Adeus, amiguinho!... Há anos que te não vejo!... Espero-te no jardim onde me conheceste!... Tenho muito que falar contigo!..

* * *

Num domingo lá fui e—confesso-o — sem esperança de ver a menina. Qual não foi o meu espanto quando, junto ao portão, me defrontei com uma bela jovem de dezoito ou dezanove anos, a qual largando o braço da senhora em que se apoiava, correu direita a mim, ao mesmo tempo que exclamava:

— Mamã! mamã, ei-lo aquí!...

Era ela... Com grande pasmo da minha parte, abraçou-me e disse:

—Há quantos anos não nos vemos!... Que imenso prazer!... Que alegria eu sinto!..

A mãe estava inquieta, e disse-me com um sorriso:

— A minha filha há oito anos só me fala no senhor!... E se fôsse só isso!...

E suspirou... A menina riu e disse com ingenuidade:

—E' verdade!... Até sonho muitas vezes com o senhor!... Parece que já o conheço há muito tempo!...

Daí a três meses estávamos noivos... Ela, ao dizer-lhe a mãe que eu tinha mais vinte anos do que a sua pessoa, disse logo:

— Desde os meus quinze anos só penso em casar com êle!...

Casámos... Quando me fui reunir com ela no aposento nupcial, fui encontrá-la meio adormecida num *maple* e falando, compassadamente:

— Realizou-se o meu querido sonho!... Voltei a ser a tua querida mulherzinha!... Verás como hei de amar-te!... Lembras-te do nosso encontro no cemitério?... Ai! como eu sofri quando fui vítima daquele terrível desastre!... Sofreste muito por minha causa, querido amiguinho!... Disse que voltava para junto de ti, e voltei!...

Acordei-a com muito cuidado... Despertou... As suas palavras foram estas, quando a apertei nos meus braços, cheio da maior comoção:

— Onde te vi eu já, antes de nos encontrarmos no jardim, há sete ou oito anos?...

No dia seguinte contei-lhe tudo... Não se mostrou admirada. Já me tinha contado factos da sua vida anterior... Cenas passadas sómente entre nós dois, entre elas, a sua estadia no hospital, e tudo com detalhes nítidos e absolutamente exatos. Disse-me a hora certa do nascimento do nosso primeiro filho e o sexo.

Certo dia quis ir ver o nosso jazigo de família. Entre os cinco caixões que lá estão, disse-me qual era o que continha os restos da que fôra animada pelo seu espírito, e os sinais da pessoa...

— Loira... rosada... um pequenino sinal no mento... Chamei-me Maria Luisa nesse tempo...

— Mas se ela deve estar em decomposição, querida!! como é possível saber...?

— E' certo! Mas eu vejo-a antes de ter morrido!... Agora vamo-nos embora!...

Assim se fêz a identificação sem eu lhe ter dado o menor indício que a auxiliasse. Há, também, frases que me garantem que se trata da sua anterior reincarnação. Eis algumas delas:

— Quando *morri da última vez*, pedi perdão do muito que te fiz sofrer!... Agonizei numa cama muito larga com um dossel de caça branco...

Era exatíssimo...

— Pedi para me vestirem o vestido de casamento e deixarem no dedo a aliança... com muita instância roguei que me acompanhasses até o cemitério... Não foi assim?...

Também era verdade; e fez-se isso que ela pedira.

Escrito êste depoimento, a pedido de um amigo, coisa alguma mais tenho a acrescentar e sinto-me satisfeito por ter redigido êste relato.

Crônica Estrangeira

Visão no leito mortuário

Êste caso foi relatado pelo professor William Barrett que o precedeu, do seguinte comentário:

... Os casos mais importantes são aqueles em que se encontra a prova concludente, do moribundo que vê o fantasma do morto *cuja morte ignorava.*

«O valor, nesse sentido, do caso que vou relatar toma maior vulto, pela circunstância das extraordinárias precauções que foram tomadas para evitar que a doente tivesse conhecimento do falecimento da pessoa que justamente lhe apareceu no leito de morte. O caso me foi relatado imediatamente por minha mulher, que dele foi testemunha na Maternidade de Clapton, onde é cirurgiã obstétrica.»

No mês de Janeiro de 1924, minha mulher recebeu um recado urgente do dr. Phillips, de plantão no hospital, pedindo-lhe que acorresse à cabeceira de uma senhora em trabalho de parto, Mrs. B..., em perigo de vida por insuficiência cardíaca. Minha mulher para lá se dirigiu imediatamente; a criança foi salva, não tendo, entretanto nada podido fazer em relação à senhora, que se foi lentamente extinguindo.

Lady Barret diz a respeito: — Quando voltei ao quarto, Mrs. B..., estendeu-me a mão dizendo: «Agradeço-vos tudo o que por mim fizestes e pelo meu bébé. E' um rapaz ou uma menina?» Depois apertando-me a mão nervosamente, pediu-me que não a deixasse ainda e que a seu lado ficasse por algum tempo. Alguns minutos depois, olhando para a porta da sala, que estava aberta e esta brilhantemente iluminada, disse: «Oh, não me deixeis ficar no escuro! Já não estava muito claro e cada vez escurece mais». Momentos depois olhou para cima sorrindo e cheia de beatitude: «Oh exclamou, como é belo, que encantamento! — Que está vendo de tão belo? perguntei-lhe. Sêres maravilhosos, respondeu, cercados de explendida luz. Oh, que luz deslumbrante!» Seu olhar depois se fixou num dos cantos do quarto, exclamando cheia de emoção: «Como! Meu pai, aqui! Êle diz-me que é feliz e que eu me disponha a acompanhá-lo! Quisera sómente que meu marido aqui estivesse.» O pai havia-lhe morrido algum tempo antes.

Mandou-se chamar o marido. Ela acolheu-o com alegria e lhe falou do recem-nascido... Depois muito gentilmente o fez mudar de lugar, dizendo-lhe: «Deixa-me ver essa claridade luminosa.» Pouco depois expirava, sorridente e feliz...

Para completar a relação dos factos, escrevei à Diretora da Maternidade que me pôs ao corrente de um incidente excepcional sob o ponto de vista teórico. Diz ela: «Pouco tempo antes de se dar o falecimento de Mrs. B..., achava-me à sua cabeceira, com seu marido e sua mãe. O marido falava-lhe um tanto debruçado, quando ela o empurrou delicadamente para o lado, dizendo-lhe: «Oh, não me tape êste maravilhoso espetáculo; é demasiadamente belo!» Voltando em seguida a cabeça para o lado em que eu estava fixou um ponto no espaço dizendo: «Interessante! Vidá aqui está! Referia-se a uma de suas irmãs, falecida três semanas antes e cuja morte ignorava.»

O professor Barret escreveu à mãe da vidente, que confirmou o importante episódio da visão de «Vidá».

O Designio e o Fenômeno da Morte

Two Worlds

Mr. Ernest Hunt realizou, em Justin Hall, uma conferência sôbre «O que sabemos sôbre a morte». A conferência foi publicada em «Bromely District Times».

Mr. Hunt, que já proferiu mais de 3.000 conferências e escreveu grande número de livros sôbre psicologia, disse que «o mundo está a ponto de passar por uma grande transformação e rapidamente está-se convertendo do materialismo ao Espiritismo.»

O orador prosseguiu: «Poder-se-ia perguntar como poderiamos conhecer algo sôbre a morte; mas o facto é que atualmente já existe um grande acervo de conhecimentos ao nosso dispôr.

A morte é uma mudança extremamente natural que se antepõe a cada um de nós; é uma transição dêste estado para o próximo.

Nesta vida, a mente conciênte está unicamente afinada ao mundo físico; mas a mente subjetiva, ou subconciente, está particularmente adaptada e afinada para o fenômeno do mundo subjetivo. Estudando o subconciente, podemos saber em que espécie de mundo iremos habitar depois da morte. Os fenômenos espíritas ocorrem em presença de certas pessoas chamadas médiuns, que evoluíram antes do resto da humanidade e êsses médiuns sabem o que acontece depois da morte.

A grande maioria dos homens só pensa em si como corpos físicos, mas é êste o primeiro êrro da vida. Eu sou um sêr pensante que usa um corpo coberto de uma vestidura, porém, eu não sou a vestimenta, nem o corpo carnal. E' necessário diferençar entre o corpo como um instrumento e o «Eu» como espírito cósmico vital. Se conseguissemos afastar o homem um pouco mais do seu corpo para o espírito, nós revolucionariamos o mundo. Todos os males atuais proveem da falsa compreensão da vida. O mundo é essencialmente um mundo espiritual, porém, êle só agora está percebendo não ser o homem o corpo físico.

O espírito é uma entidade perfeita, completa, possue uma duplicata exata do corpo físico, mas de uma substância material mais aprimorada e própria a operar num mundo mais aprimorado. Quando morremos, não nos transferimos para o mundo próximo. Vamos para um mundo «novo» um mundo mais elevado. E' o mundo em que funciona o espírito.

Todos os que se passaram estão vivendo naquele mundo e nós, sêres incarnados, para lá vamos todas as noites. Quando dormimos, abandonamos nossos corpos e nos afinamos a êsse mundo e alí passamos à condição subconciente. Já agora funcionamos no mundo subjetivo, ou mundo próximo. De manhã, sentimo-nos restaurados, regenerados. Efetivamente, morremos diáriamente».

Mr. Hunt declarou que frequentemente os moribundos parecem estar sofrendo, mas o sofrimento absolutamente não existe, é o efeito da separação entre espírito e corpo. Recentemente êle observou sua filha que, aos poucos, morria num hospital e sofria aparentemente. «Depois entrei em contacto com minha filha morta e ela assegurou-me que de nada se lembrava, entretanto, durante cinco dias parecia estar sofrendo na enfermaria. E' esta uma perspectiva confortante de que temos conhecimento. Seu espírito já se achava mais no mundo próximo que nêste».

Descrevendo o que acontece por ocasião da morte, Mr. Hunt disse: «sôbre o corpo físico, aparece uma pequena nuvem que, gradualmente, começa a apropriar-se de substância, densidade e fórma, essa nuvem flutua a sessenta centímetros acima do corpo físico. Aos poucos ela se desembaraça do corpo. Entre as duas fórmas e ligando-as ha um «cordão», de coloração prateada, pelo qual a vida se escôa para a entidade, dando-lhe consistência crescente. Depois, rompe-se o cordão e o espírito eleva-se para seu novo destino em o novo mundo e o corpo físico morre definitivamente».

O que acontece depois da morte? Certas pessoas não gostam de entrar em contacto com o outro mundo e assim ficam privadas de esclarecimento e auxílio que poderiam receber do mundo próximo. A comunicação com o outro mundo se estabebelece por meio de sensitivos especiais, ou médiuns.

E' êste o ponto importante. Todos nós podemos afinar-nos às vibrações espirituais do outro mundo de modo a com êle vivermos em contacto. Mas se somos desprovidos de mediunidade e quisermos falar com os habitantes do outro mundo, devemos procurar pessoas que possuam o equipamento natural, instrumento de ligação. O objetivo do Espiritismo é espiritualisar os homens. Se os homens se capacitassem da importância dos factos naturais, eles modelariam seus espíritos nêste mundo e então compreenderiam o mundo próximo tão simples como a promoção de uma classe escolar à outra mais elevada.

O orador afirmou que os que se passaram ao outro mundo, a que o comum dos mortais pode aspirar, experimentam a sensação de extraordinário bem-estar e de liberdade. Eles perderam todas as limitações do mundo terrestre. Se sôbre a terra tinham falta de um membro ou infelicitados pela cegueira, a integridade lhes era restituida no mundo próximo. Eles perdem toda noção de limitação de tempo e espaço.

Em conclusão, disse Mr. Hunt: «A morte não é o que julgamos e *não ha mortos*, mas, sim, pessoas *renascidas* num mundo progressivo».

*

As Vestes dos Fantasmas

Henri Blandel

Como se formam as vestes dos fantasmas?

As materializações de objetos se fazem à custa de substâncias de objetos semelhantes. Assim a materialização de uma planta far-se-á com auxílio duma planta, a de um metal, à custa de um metal, a de um tecido, com o auxílio dum tecido, etc.

Os tecidos são portanto o produto ou duma *desmaterialização* das roupas do médium ou de *trazimentos* (apports).

E' pelo pensamento que os fantasmas confeccionam a matéria como o fazemos com nossas mãos.

Em virtude de que lei? Ainda não o sabemos. Os fantasmas chegam a fabricar vestes na presença dos assistentes. Katie King, por exemplo, reconstituia, durante as sessões, os pedaços que cortavam de sua veste.

Mrs. Marryat, autora do notável livro *There is no death* e a cuja probidade William Crookes rende homenagem em suas obras, nos diz que, numa sessão, aparece Jocy, um dos guias do grande médium Eglinton, vai sentar-se perto dele e quís mostrar-lhe como os espíritos confeccionam as roupagens.

Êle levanta os braços, agita-os; entre as suas mãos aparece um pouco de *musselina;* ela cresce progressivamente, sobe, cobrindo completamente Jocy, que continuava a conversar por trás dessa nuvem nevosa.

Essa nuvem elevou-se para deixar aparecer, em lugar de Jocy que havia desaparecido, a grande e impressionante figura de Abdullah, outro guia de Eglinton, *e isso em plena luz.*

Uma criança que percebe sua avó morta

Les Anales des Sciences Psychiques divulgou o facto supranormal, que a seguir transcrevemos, escrito pelos protagonistas M. e Mme. Brémond :

No domingo, 12 de Janeiro de 1891, pelas dezoito horas, o nosso filhinho Ernesto, com 23 meses e 12 dias de idade, que estava sôbre os joelhos de seu pai, junto ao fogão, começou a agitar-se exclamando: «senhora, lá em cima, senhora», e êle partiu subindo a escada que conduzia ao quarto andar superior, situado acima da cozinha. Nós o seguimos, bastante intrigados. Tendo galgado as escadas, êle correu para o leito em que sua avó morrera três meses antes; não a encontrando, êle procurou por todo o quarto, e finalmente viu-a perto da janela, correu para a avó, gritando: «senhora, vovó; oh! bonita vovó!», sorrindo, estendeu seus bracinhos para segurá-la. Quando alcançou a janela, a visão foi para um cento do quarto onde êle a perseguiu, mas sem poder agarra-la; e, enfim, para a janela, onde ela desapareceu, lugar em que a saudou com um gesto e voz: «Até logô, oh! bonita vovó... foi-se embora... não a vejô mais; vamos descer»; tudo isto em sua linguagem infantil de tão fácil compreensão.

No dia imediato, êle subiu muitas vezes sem nada perceber. No dia que se seguiu a êste, de manhã, êle tornou a subir conduzido pela mãe, durante algum tempo procurou com o olhar, enfim fixou-a por espaço de cinco minutos e a saudou: «Bom dia, vovó; oh! bonita vovó!»

Quinze dias seguidos êle voltava ao quarto da avó sem nada perceber.

No momento da morte da avó, Ernesto tinha dezenove meses e meio; êle a estimava muito, nunca a havia visto a não ser na cama em que morreu após oito meses de longa e pertinaz moléstia. Ernesto não é mais nervoso nem mais inteligente do que qualquer criança de sua idade. Quando lhe perguntavam para onde fôra a vovó, êle respondia que fôra ao paraiso sem compreender o que isso significava. — *(Assinado :* Joseph Brémond. Mme. Brémond.)

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Natal em Matão

Como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» comemorando o Natalício de Jesus, reuniu em sua séde, às 14 horas, grande número de pobres, para repartir entre êles as dàdivas que por seu intermédio lhes ofertaram os corações cristãos.

O ágape espiritual teve início às 14 horas, ficando o salão superlotado, além de grande número de crianças que ficaram do lado de fora.

Nessa ocasião recitaram poesias os seguintes meninos, meninas e jovens da Aula Espírita, proficientemente dirigida pelas professoras D. Maria Casanova e srta. Belinha Perche: Myrian Perche, «Imortalidade»; Manoela Torres, «Natal»; Antonio Carvalho, «Jesus»; Carmen Torres, «Ser Espírita»; Tales Costa, «A Estrela do Oriente»; Iracema Carvalho, «Atende a Jesus»; José Leme, «Bendito Espiritismo»; Cleide Perche, «Natal» escrito. A seguir, a farm. srta. Zelia Perche leu a Parábola do Rico e do Lázaro, dissertando em torno dessa passagem evangélica, o nosso companheiro Costa Filho.

A seguir, foi distribuido roupas e gêneros alimentícios a 120 famílias pobres, bem como roupinhas confeccionadas e 220 saquinhos com doces e sanduiches aos presentes.

— A' noite, às 20 horas, sessão especial. Fez a prece de abertura, a companheira farm. srta. Zelia Perche. Recitaram a seguir, poesias, os mesmos meninos, meninas e jovens acima mencionados e mais a menina Edna Gonçalves, que recitou a poesia «Vamos fazer o Bem», e a srta. Edméia Costa, que leu um escrito intitulado, «Pelo Natal». A seguir,

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus distintos colaboradores, leitores e representantes, paz, luz e crescentes prosperidades espirituais no decorrer do novo ano.

1-1-944.

depois de lida a passagem evangélica referente ao dia, pela srta. Zelia Perche, usaram da palavra os seguintes companheiros: Hugo Gonçalves, Edo Mariani, que leu um escrito; Prof. D. Maria Casanova e Costa Filho, que encerrou a sessão com uma prece de agradecimento a Jesus.

Lar de Jesus

A festa de seu 1.o aniversário

A chuva torrencial da semana atrapalhou, grandemente, a festa do primeiro aniversário do LAR DE JESUS. Tanto que houve, até, na véspera, aviso de que havia sido adiada para 1.º de Janeiro.

Os que, entretanto, não tiveram o aviso, em virtude de lindo dia de sol, que foi o Natal, afluiram ao LAR DE JESUS, provocando, assim, a realização da festa, sem prejuizo, é óbvio, da que alí se realizará em 1.º de Janeiro, pela FRATERNIDADE HUMANA.

A criançada despertou cêdo, dentro de uma alvorada musical e festiva, para receberem seu «Presente de Natal». A Presidente do LAR proferiu uma prece tocantissima e, «em nome de Jesus, o amigo das crianças, entregou os presentes, ao som de suavissima música em surdina. Bateu-se uma chapa do ato. Depois do café, dentro de uma alegria intensa, a inauguração do «Parque Infantil», que vale a pena ser visto. A' tarde, a sessão comemorativa, as homenagens aos padrinhos e aos centros confraternizados, aos legionários do quilo, o teatro das internadas, a sessão de cinema. Tudo, dentro da maior animação..

A festa dos padrinhos constou da lembrança das afilhadas aos dindinhos lá de fóra: a fotografia do LAR e, no verso, um coração contendo as fotografias de padrinho e afilhada, com a seguinte estrofe:

Afilhada e padrinho, em homenagem
Ao Natal de Jesus, as duas, são
Um só afeto puro, e vivo e forte,
Dentro do mesmo, e grande, coração...

A comoção, nesta parte, foi até ás lágrimas.

Em homenagem aos centros da CONFRATERNIZAÇÃO ESPÍRITA LAR DE JESUS, a varanda apresentava um aspecto alegre e significativo, com os escudos de cada centro. E um grupo de internadas representando os centros, declamou versos alusivos...

Os numeros de teatro agradaram em cheio, bem como a sessão de cinema recreativo-educativo. Internadas do ASILO CRECHE NAZARENO, de Campo Grande, colaboraram no programa com numeros de declamação. E usaram da palavra, congratulando-se com o LAR DE JESUS, Vitorino dos Santos, em nome da C. E. L. de JESUS, d. Antonia de Oliveira, pelos «legionários do quilo», que receberam suas cadernetas, solenemente e Elias Sobreira, em nome do A. C. Nazareno.

Em nome, ficou, porém, prejudicado o programa do dia 1.º.

Além da repetição do programa, na sua parte mais atraente, além de outras contribuições festivas, será inaugurada a praça construida lá em baixo, e haverá transporte fácil da estação, ao LAR.

Uma obra como o LAR DE JESUS, construida por um exemplo forte de fraternidade humana, deveria, mesmo, comemorar o seu aniversário no dia que o calendário consagra a fraternidade universal.

28-12-43

Cairbar Schutel

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», comemorando o 6.º aniversário do passamento do seu fundador e nosso amado companheiro Cairbar Schutel, realizará no próximo dia 30, ás 19 1/2 horas uma sessão especial.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples Cr.$20,00
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 25,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 30,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

8931CL PA 811 XL
02-06-07 32180

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2011unse

No. 1 [illegible]

ANO XX—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1944 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRIN
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Abrindo mais um ciclo	*Redação*
Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte	*Prof. Ernesto Bozzano*
Mais um caso	*Francisco Klörs Werneck*
Um Espírito Através do Cosmo . .	*Leopoldo Machado*
Conversão	*Antenor Ramos*
Espíritos que se Materializam . .	*James Oram*
A Concordância no Ensino . . .	*J. B. Chagas*
Praticando o Espiritismo	*J. Lima*
Relance Filosófico	*De «Além»*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1944 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Abrindo mais um ciclo

O Espiritismo está em marcha triunfante, e se até aquí ninguém lhe poude embargar a marcha, daquí para a frente, depois de ter êle transposto as barreiras do preconceito e do orgulho e frustrado as arremetidas de seus intransigentes opositores, quem lha poderá embargar? — Certamente que ninguém, por muito sábio e poderoso que se julgue o homem.

Mas, aonde foi buscar o Espiritismo essa fôrça singular, profundamente silenciosa, que tudo vence, levando de roldão todos aqueles que, por ignorância ou deliberadamente procuram obstar-lhe a marcha? — A resposta é uma só: — Nos factos demonstrativos da existência e imortalidade da alma.

Se o Espiritismo não se estribasse em tais factos, que se avolumam cada vez mais, de maneira tão interessante quão maravilhosa, êle não passaria de mais uma seita religiosa e, como tal, ninguém lucraria com o seu advento, porque de seitas religiosas o mundo anda cheio, sem no entanto conseguir o homem sair daquela rotina que tanto lhe tem impedido o progresso moral e espiritual na senda da Perfeição:

Com o estudo de tais factos, que importa no estudo do nosso próprio espírito e de tudo o que com êle se relaciona, chegamos a saber o que realmente nos interessa fazer nesta vida, afim de conseguirmos alguma cousa de substancial que nos torne felizes agora e depois de abandonarmos o arcabouço material.

Alicerçado nos factos, o Espiritismo avança abrindo novas e promissoras perspectivas à ciência, à filosofia e à religião, que representam, respectivamente, a divina trilogia — Fé, Esperança e Caridade.

No Brasil, de norte a sul, o Espiritismo está em marcha triunfante. O número de adeptos aumenta cada vez mais, adeptos de todas as classes sociais, o que vem confirmar a opinião do eminente professor catedrático italiano, Dr. Ernesto Bozzano, segundo a qual o Brasil marcha na vanguarda de todas as nações no terreno espiritualista.

Efetivamente, até mesmo nos mais afastados lugarejos existem centros espíritas. Os espíritas brasileiros não só estudam como discutem pontos doutrinários na ansia incontida de aprofundar a Verdade, praticando ao mesmo tempo os preceitos evangélicos, fundando Sanatórios para doentes e obsedados, albergues noturnos, orfanatos, etc. E enquanto isso, a propaganda se faz por todos os meios possíveis: pelo rádio, pela imprensa, por conferências e avulsos, notando-se não só o esfôrço decidido de agrupamentos como também o esfôrço individual, o que constitue sinál caraterístico de que a doutrina está sendo muito bem compreendida pelos seus profitentes.

Foi justamente para estudar todos os factos e fenômenos anímicos e espirítas e propagar o Espiritismo, que êste magazine surgiu na arena da imprensa espírita, a-fim-de esclarecer os incientes e ampliar a fé daqueles que se interessam pelas questões psíquicas, certos de que na solução de tais questões encontrarão a Verdade, apanágio dos sêres superiores.

Alegra-nos o facto de que a doutrina espírita vem ocupando a atenção de muitas personalidades de evidência no cenário terreno, dado o modo por que os fenômenos se reproduzem, com intensidade sempre crescente. Até os seus mais obstinados opositores acabam se rendendo à evidência, e isto porque *contra factos não subsistem argumentos.*

Temos nos esforçado por trazer os nossos prezados leitores ao par dos factos mais importantes verificados no mundo todo, bem como do movimento espírita em geral.

Durante o ano que se findou, publicámos escritos substanciosos, de escritores estrangeiros e nacionais, buscando aquí e alí factos comprobativos da sobrevivência, ocorrências e notícias de interêsse para os estudiosos.

Esperamos que num futuro muito próximo possamos relatar, em abundância, factos interessantissimos. E a êste respeito recordamos que depois da Grande Guerra (1914-1918) surgiram factos que revolucionaram os meios científicos, filosóficos e religiosos, factos de ordem psíquica e que se acham arquivados nas coleções desta Revista.

Com o presente número entramos no vigéssimo ano de existência. Mais um ciclo, portanto, se inicía no imenso labor desta Revista, em prol da Verdade. Sentimo-nos com a conciência tranquila e satisfeitos por termos empenhado todas nossas possibilidades no cumprimento de tão árdua mas gloriosa tarefa. E esta tarefa teve o ajutório decidido e desinteressado dos nossos distintos colaboradores, subscritores, auxiliares e dos caros espíritos que, sempre solícitos, nos têm amparado de maneira quasi visível. Sem êsse ajutório, que é tudo, o nosso trabalho seria como um grão de areia em imenso deserto.

E' nosso desejo melhorar a parte material desta Revista, e isso faremos com a melhor boa vontade logo que nos seja possível, isto é, que normalizada a situação internacional, possamos adquirir papel e outros materiais a preços razoáveis. Não queremos sobrecarregar os nossos subscritores e também não podemos fazer mais do que temos feito, porque temos dado tudo pelo ideal. Ajustaremos os interêsses de ambas as partes até que a situação se estabelize, nos proporcionando melhores oportunidades.

Ao terminar êste ligeiro escrito, agradecemos com todas as nossas fôrças aos caros Amigos do Além, colaboradores, subscritores, auxiliares, a todos aqueles, enfim, que direta ou indiretamente prestaram o seu indispensável concurso à manutenção e prosperidade desta Revista.

A verdadeira grandeza do homem consiste na conciência de um objetivo honesto na sua vida. Funda-se êste sentimento na justa apreciação de si próprio, no frequente exame de conciência e na firme obediência a uma regra a si mesmo imposta. Ensina-nos a experiência que não somos senão aquilo que nos fazemos. Todo o homem cunha sôbre si o seu próprio valor; eis porque somos grandes ou pequenos conforme a nossa vontade. Esforçamo-nos por ser honestos, bons, leais, e pouco a pouco nos tornamos realmente aquilo que almejamos ser; o que a princípio nos parecia dificil dia por dia se torna mais fácil de praticar.

A atividade, a retidão, a benevolência e a temperança crescem com o uso, e aquilo que em tempo se cumpria por um esfôrço se torna natural e comum. Assim, pode o homem tornar-se generoso, justo, simpático e magnânimo, — delicado, cortês, tolerante e cavalheiro.

Samuel Smiles.

Da «Visão Panorâmica» ou «Memória Sintética» na iminência da morte

Prof. Ernesto Bozzano

«La Revue Spírite»

(Conclusão)

Um outro sensitivo, que experimentou êsse mesmo sentimento da imanência em Deus, foi Vincent Turvey, autor do livro «The Beginnings of Seership.» Achando-se enfêrmo, a caminho para a tuberculose, quís êle reunir, a serviço de futuros investigadores, o fruto de suas experiências pessoais, na qualidade de sensitivo clarividente. Numa carta ao prof. Hyslop, dizia êle :

> «Começo a persuadir-me que todos nós participamos, mais ou menos, de um Oceano de Conciência universal e que cada turbilhão (*Vórtice*) nêsse oceano onde todos nós estamos imergidos, pode, por vezes, concientemente ou inconcientemente, perder contacto ou mesmo misturar-se com todos os outros «turbilhões» semelhantes a êle. Em apôio do que afirmo, eu vos declaro que efetivamente tive a prova da realidade de semelhante condição do sêr humano. Então eu havia perdido todo o sentimento da individualidade, e não sómente tive a sensação de ser um «*vórtice*» no grande Oceano da Conciência universal, mas senti ainda que eu era todos os outros «*vórtices*» (ou individualidades humanas) passadas, presentes e futuras, que haviam existido ou que existiam nêsse Oceano.» (Journal of the American S. P. R., 1912, p. 509.

Para todo aquele que não passou pela experiência acima descrita, torna-se assás árduo conceber em que consiste êsse sentido da imanência em Deus, ou, para dizer de outro modo, da «Conciência cósmica». Do ponto de vista filosófico, e duma lógica rigorosa e que direi quasi inevitável, é conceber tal finalidade para o espírito humano. E a teologia, a mais remota na civilização dos povos, — a do Budismo — ensina-o sempre pela doutrina do Nirvana, doutrina que, para muitos, significa, de modo errôneo, a extinção da conciência individual, enquanto que em realidade ela prescreve que a meta final do sêr é a assimilação em Deus, ainda que a conciência do sêr permaneça intangível, mas aí seja elevada a proporções incomensuráveis. E' bem isto que haviam intuitivamente descoberto Tennyson e Turvey. Do que resulta que para a lei da analogia, dever-se-ia concluir que o Microcosmo-Homem, reintegrando-se no Macrocosmo-Deus, concorreria, por uma medida infinitesimal, para constituir o Sêr Infinito e participaria, de modo não menos infinitesimal, de Sua natureza, ainda que seja conservada a conciência do sêr. Assim e pelo mesmo modo, milhares de células compõem o organismo humano e concorrem a título infinitesimal, para constituir a personalidade físico-psíquica, participando de sua natureza pela mesma proporção infinitesimal, conservando perfeitamente intacta a individualidade que lhe é própria.

Como quer que seja, não mais insistiremos sôbre essas especulações filosóficas, de caráter inconcebível para a mentalidade humana (salvo os raros casos de intuição nos videntes, de que falei). De preferência faremos observar como os exemplos acima expostos ratificam o que foi dito sôbre o assunto, a saber: que a caracterísfica da «simultaneidade», em oposição da «sucessão», — nas rememorações figurativas da «visão panorâmica» — é também a caraterística de todas as faculdades supranormais existentes na subconciência. Assim sendo, lícito é disso deduzir que essa mesma caraterística, — tanto para as funções da memória como para o processus da formação de idéias, a transmissão do pensamento à distância, a translação no espaço, ou ainda para o sentimento da imanência em Deus, — constitue a modalidade essencial pela qual se exercem as faculdades espirituais no ambiente espiritual.

Uma perspectiva tão maravilhosa sôbre a existência de ultra-tumba foi esclarecida no espírito profundamente filosófico de Frederico Amiel, por ocasião da revivescência brusca duma recordação de sua infância, que êle esquecera durante quarenta anos.

> Nossa conciência, diz êle, é pois um livro cujas folhas viradas para a vida se cobrem e se mascaram sucessivamente, a despeito de sua semi-transparência; mas ainda que o livro houvesse sido aberto na página do presente, o vento pode tornar a pôr (levar) durante alguns segundos, as primeiras páginas diante do olhar. Será que por ocasião da morte as folhas cessarão de recobrir-se, e todos nós veremos todo o nosso passado ao mesmo tempo ? Será esta a passagem do sucessivo ao simultâneo, quer dizer, do tempo á eternidade ? Compreenderemos, então, em sua unidade, o poema ou o episódio misterioso de nossa existência, até então soletrado frase por frase ? Será esta a causa dessa glória que tão a miúde envolve a fronte e o rosto dos que estão a morrer ? Haverá nesse caso, anologia com a chegada do viajor ao cimo de um grande monte, donde se desdobra diante dele toda a configuração duma região percebida antes às furtadelas ? Pairar sôbre a própria histôria, e advinhar o sentido no concerto universal e no plano divino, será isto o começo da felicidade. Até então, estava se sacrificado à lei (ordre); agora saboreia-se a beleza da lei. Padeceu-se sob o regente de orquestra; tornar-se-á ouvinte surpreso e encantado. Apenas se poude perceber seu pequeno carreiro no nevoeiro ; um panorama maravilhoso de perspectivas imensas de súbito se desenrolará diante do olhar deslumbrado. Porque não ?» (Henri-Frédéric Amiel. *Fragmentos d'um jornal íntimo.*)

Desejando resumir em um parágrafo final o que vem de ser exposto, diremos que si, em atenção às manifestações da «visão panorâmica», os fisiologistas e psicólogos se houvessem limitado a afirmar a correlação incontestável, pelas leis de equivalência, entre as atividades opostas, morfológica e psíquica (na significação de uma *correspondência* paralela, e não de uma *conversão absoluta*), — ninguém teria pensado contradizê-los. Mas êles pretenderam que suas induções «sôbre a rapidez da circulação cerebral» ou «sôbre a regressão da memória na histeria», eram provas suficientes para explicar, fisiologicamente e psicologicamente, os factos, sem que restassem, na esperança de uma solução, questões de uma outra natureza. Temos o dever de reconhecer, que assim apresentadas, suas presunções eram parcialmente justificáveis, no sentido de ainda não terem conhecido a existência da fenomenologia metapsíquica, a única capaz de lançar a luz nos enígmas da psicofisiologia. Isso não impede que seu ponto de vista, nos dias em que vivemos, apareça demasiadamente estreito e deficiente, incapaz de satisfazer a quem quer que seja. Como quer que se pense nisto, é um facto que, quando se estuda os fenômenos em questão em suas multiformes modalidades de manifestação, quando se os considera em suas relações com o grupo de faculdades supranormais existentes na subconciência, e se faz um inventário da caraterística essêncial da «visão panorâmica» —, isto é, a «simultaneidade», em oposição à «sucessão» na percepção dos estados de conciência, — e também, sob formas diversas, a caraterística de todas as modalidades de exteriorização das faculdades supranormais subconcientes, ENTÃO, somos inevitavelmente conduzidos a concluir que a «visão panorâmica», como reveladora da existência subconciente duma «memória sintética», pertence a seu turno ao grupo das manifestações supranormais subconcientes.

Tais conclusões, combinadas com o facto de ser a «memória sintética» de uma natureza «*permanente*», indicam que sua séde não pode ser encontrado na substância, por excelência mutável, dos centros corticais, mas que se deve seguir suas pègadas em «alguma cousa» que seja *permanente*, exterior a êsses mesmos centros, ainda que por natureza intimamente ligada a êles.

Ora, esta indução, logicamente necessária, conduz a admitir a existência de um «corpo etérico», sede natural das faculdades supranormais subconcientes; e a existência dum «corpo etérico» havia já sido demonstrada com o apôio dos fenômenos de «exteriorização da sensibilidade», da «autoscopia interna», da «bilocação e do desdobramento fluídico» no leito de morte. Temos visto como estas conclusões tornaram-se suscetíveis de serem dedutivamente legitimadas, como o demonstraram Bergson e o doutor Geley. Por outra parte, temos constatado, que a tése por êstes sustentada, era admiravelmente confirmada, também ela, pelas percepções autoscópicas dos sujets sonambúlicos.

Fica, assim, estabelecido que a «memória sintética», donde derivam os fenômenos da «visão panorâmica», pertence ao grupo das faculdades espirituais inerentes à subconciência humana, faculdades que, *lá*, existem preformadas, em estado latente, na espectativa do instante em que surgirão e hão de começar a se exercer no meio espiritual, do mesmo modo que em embrião, existem preformadas e em estado latente, as faculdades de sentido terrestre, à espera do instante no que surgirão e hão de começar a exercer-se no meio terrestre.

MAIS UM CASO...

Francisco Klörs Werneck

DISSE, não hà muito, certa entidade espiritual que os fenômenos espíritas se iriam produzir nos meios profanos, com tal intensidade, que cepticos e materialistas se veriam forçados a aceitar sua evidência.

O caso, que vou narrar e no qual tomei parte, parece bem demonstrar que êsse dia não está longe, embora o seu protagonista principal não seja, nem céptico nem materialista, mas um crente de Deus.

Vamos ao caso.

Certo dia, indo, como de hábito, à séde da Liga Espírita do Brasil, para atender ao meu expediente, fui informado de que um senhor uruguaio desejava falar com um dos diretores e, como sou alí, uma espécie de Ministro das Relações Exteriores, fui ver o que êle desejava.

Disse-me êle chamar-se Julio Cesar De Simoni, ser filho de carioca e neto do Dr. Vicente De Simoni, médico da famíllia imperial do Brasil e um dos fundadores da nossa Faculdade de Medicina. E contou que viera fazer uma estação de águas no Brasil e que, em Poços de Caldas, tivera ocasião de assistir a uma sessão espírita, coisa que despertara nêle certo interêsse e curiosidade. Queria, então, ver se obtinha alguma notícia sôbre o seu neto Miguelsinho, cujo desincarne hà 5 anos e em trágicas circunstâncias, causara tal abalo na família que a mãe do menino precisára ser internada em um sanatório. Pedia-me, porisso, já que estava de partida para São Paulo, de onde seguiria para Montevidéo, que o apresentasse o um diretor de centro espírita daquela cidade, a quem exporia o seu desejo íntimo.

Se bem nenhuma apresentação fôsse precisa, pois, em qualquer centro, seria o Snr. De Simoni atendido com a melhor boa vontade, dei-lhe a carta de apresentação para o Centro Espírita «Paz, Amor e Caridade», à Rua Martim Afonso n.º 204, São Paulo, cujo presidente e demais membros, por honrosa deferência, me fizeram seu sócio benemérito.

Dias depois me escrevia de São Paulo, dizendo já ter estado com o presidente do referido centro, Snr. João Augusto Ferreira, e que seguiria rumo à sua pátria, mas sem nada me contar sôbre o assunto que o interessava.

Eis senão que recebo de Montevidéo, com data de 8 de Outubro, a seguinte carta do Snr. Julio Cesar De Simoni, cujo trecho principal com a devida permisão, transcrevo abaixo, na própria língua original:

Escreve o Snr. De Simoni:

«Tuvo el gran placer de asistir a

una sesion espírita em São Paulo, habiendo sido muy bien atendido por su recomendado. En dicha sesion me fue anunciado por una medium que Luiza Abreu de Andrade mandaba decir que prontendria noticias de mi nietito Miguelito Rossini fallecido tragicamente. Igualmente me confirmó esta noticia el Presidente de la mesa. Veinte dias despues estando durmiendo profundamento (sueno normal) en la ciudad de Rivera unida à la ciudad de Sant'Ana do Livramento (en la frontera), fui despertado por um fluido repetinamente á las 3 de la mañana, sentandome en el leito sorprendido y sin poder hablar. En los piés del leito se me apereció mi nietito vestido con una camisola blanca casi incolora, con algo en las manos que no pude distinguir, la cara semi confusa y una aureola sobre la cabeza. Mi Señora me préguntou lo que me pasaba al verme con mirada fija hacia esa direción, cayendo despues en el leito alertargado e despues de un rato pude contarle a mi Señora lo que me habia pasado y lo que habia visto. Ante un hecho tan extraordinario me permito ponerlo en su conocimiento pues esa aparición era una realidad y no una alucinación? Que opina el Señor?»

Eis o caso, sem mais comentários. Naturalmente, porém, que dei ao Snr. Julio Cesar De Simoni a necessária explicação. Que os que o lerem, o julguem como quiserem. Para nós, foi uma visão verdadeira, que só se podia produzir numa situação especial, já que o Snr. De Simoni não tinha poderes para vê-lo de outra forma.

O facto é que o nosso amigo ficou muito interessado pelo Espiritismo e, breve, o teremos como um dos mais sinceros crentes da nossa Doutrina.

Rio de Janeiro, 12-12-43.

Um Espírito Através do Cosmo

(OBRA MEDIÚNICA DE CASTRO LOPES)

Apresentação

O manuscrito, posto em letra nervosa, mas clara, recebemô-lo das mãos de Oscar Coelho dos Santos, residente em Belo-Horizonte.

Deu-nô-lo o distinto confrade e amigo no Rio, depois de dar-nos a honra de sua presença à conferência que haviamos proferido da tribuna da Federação Espírita Brasileira.

* * *

E, com os originais, o cartão que os acompanhou, de quem lhos enviara, que dizia assim :

> «Oscar : *A Pluralidade dos Mundos*, que te confio, é luz que tem sido oculta até hoje, nem sei porque.
>
> Recebida num *grupo* já extinto, de Niterói, em 1911, do qual fez parte José Liberato dos Santos, se achava entre vários papeis velhos, num arquivo abandonado, de sua propriedade. Oferecendo-me êstes originais, Liberato demonstrou o desejo de vê-los editados, revertendo seu produto em benefício de uma instituição de caridade, seja qual fôr.
>
> Mostra-a a alguns de teus amigos, trabalhadores da DOUTRINA, como seja ao Leopoldo Machado, que ficarei também contente em ver aproveitado como deve, êste verdadeiro presente do Céu.
>
> Teu irmão e amigo, Columbano Santos.
>
> Capivarí, 14.10.1942».

* * *

E o Oscar Coelho dos Santos fez questão de prevenir, claramente :

— Leia, que, se valer a pena, publicaremos em benfício do ABRIGO JESUS e do LAR DE JESUS, pois não ?

* * *

Estavamos, então, atarefadissimo.

Mal nos sobrou algum tempo, fomos, desconfiado e displicente, ao manuscrito...

Uma obra mediúnica, assinada por um grande espírito — Castro Lopes — e recebida num grupo e por *médium* desconhecidos, com tamanho título... Só mesmo com reservas e cautelas poderia ser lida. E julgada se deveria ou não interessar o público.

* * *

Termináramos sua leitura muito bem impressionado. E côncio de que muito se lucrará com sua leitura. Leitura atraente, sugestiva, proveitosa. Instrue e ilumina. Sua feição astronômica agrada e desperta curiosidades. Fantasias, será? Póde ser. Mas, porque não póde ser, também, verdade? Assim, dado haja razões para julgar suas descrições astronômicas, mentirosas; razões maiores haverá, certamente, para acreditá-las como verdades. Verdades, porque não contrariam o Evangelho, não fogem da moral, não forçam a possibilidade, não contrariam, naturalmente, os planos astronômicos...

* * *

O título que lhe dá o espírito — PLURALIDADE DOS MUNDOS — não nos afigurou o mais amoldável à obra, de vez que se trata de poucos mundos estudados. E a partícula designativa-*dos*-ajustada a *mundos*, generaliza muito.

Afigurou-se-nos, sem querer corrigir e colaborar com o autor, que a designação, UM ESPÍRITO ATRAVÉS DO COSMOS...

Que dirão a isto o Oscar, o Columbano e o Liberato?

E, principalmente, o grande público?

* * *

Se o nome do *médium*, que recebeu a obra, escapou-se-nos, o do espírito é dos mais conhecidos de quem, no Brasil, dispõe de dois dedos de cultura literária e de alguns centímetros de conhecimento da história do Espiritismo entre nós...

Antonio de Castro Lopes foi nome dos mais em evidência nas letras pátrias. De talento onímodo, e polígrafo, deixou em vários setôres de atividades intelectuais, traços profundissimos de sua passagem luminosa...

Foi médico, professor, literato, jornalista, orador.

Foi da corrente dos grandes pioneiros do Espiritismo entre nós.

Foi dos espiritistas da época em que o Espiritismo impressionou, entre nós, os figurões da política e da ciência, dos jornalismo e das letras.

Póde caber-lhe a glória de ser sucessor de quem fundou o primeiro núcleo espiritista no Rio de Janeiro: o grande e folclorista, Melo Morais.

* * *

Castro Lopes formou-se em medicina em 1848.

No ano mesmo em que se registravam os fenômenos das Irmãs Fox, em Hydesville.

Aderiu à corrente homeopática em formação no Brasil, formando com Dias da Cruz e Bezerra de Menezes a primeira trindade luzidia da nova medicina no Brasil.

Professor, ascendeu, por concurso, à cadeira de latim do Colégio D. Pedro II, um ano depois de ter colado grau em medicina.

Filólogo, insurgiu-se contra a ortografia mista, contra os galicismos.

E usou uma ortografia só sua, originalissima.

E arremeteu, impiedosamente, contra os galicismos que, para êle, deturpam tanto a língua. Para substituir alguns, dos mais empregados, criou muitos neologismos, que vão por aí, atualmente, com fóros de pura vernaculidade. *Convescote, lucivéu, cardapio*, são provas disto. Escreveu até importante volume sôbre o assunto: *«Galicismos dispensáveis e neologismos indispensáveis»*.

Vale a pena salientar que encontrámos nesta obra alguns galicismos, que êle não os usaria, certamente. Mas, encontrámos, também, expressões e grafias muito dêle. A palavra *Deus*, e as terceiras pessôas do plural dos verbos no imperfeito do indicativo, exatamente como êle as grafava.

Como filólogo, escreveu mais um substancioso volume sôbre o LUSIADES. E mais as obras, ESTUDOS FILOLÓGICOS E ORIGENS DOS ANEXINS.

Político, pertenceu à Secretaria da Fazenda e do Exterior. E foi deputado à Assembléia Provincial do Estado do Rio.

Jornalista, teve atuação marcante em O JORNAL DO COMERCIO, CORREIO MERCANTIL, GAZETA DE NOTÍCIAS, afóra outros, e as folhas que editou por conta própria.

Humorista, escrevia com os pseudônimos de *Filógelus* e *Petrosculos*. Até fundou um jornal humorístico, chamado BAZAR VOLANTE.

Comediógrafo, compôs e fez representar uma infinidade de peças. Dentre elas, o «Compadre Suzano», «Três Graças», «Emancipação da Mulher», «Meu Marido Está Ministro» . . .

Poeta, deixou apreciável volume de poesias: RESSURREIÇÕES.

Espiritualista, escreveu, antes de aceitar o Espiritismo, uma tése ACÊRCA DA UTILIDADE DA DÔR.

Orador, empolgava. D. Pedro II ouvia-o com enlêvo e admiração.

Êste, o espírito que se apresenta, ou apresentam-no, como o autor das páginas que ides ler.

Êste, o espírito que proferiu no Rio, a segunda conferência espírita, pela ordem, mas a primeira em importância!

* * *

Como na França, o Espiritismo interessou, primeiro, no Brasil, a nata da sociedade. Nata social, cultural, artística.

Castro Alves se interessou pelo Espiritismo. José Bonifácio era dos mais constantes às sessões espíritas.

Existia já, alí por 1843, espiritismo no Brasil. Principalmente o terapêutico, de passes e águas homeopáticas.

Ainda não se falava em espiritismo, porque só cinco anos depois iriam aparecer os fenômenos de Hydesville e doze anos depois, o Codificador, e já existia no Rio quem — Bento Muri — dava passes tomado de espíritos, porque em transe mediúnico. E, assim procedendo, de tal modo se capacitava da altissima função de curar espiritualmente, e de graça, que até a divisa — DEUS, CRISTO E CARIDADE — ainda hoje existente à fachada de muitas casas espíritas, criara para sua diretriz cristã-espiritística.

Castro Lopes foi dessa primeira fase.

E, porque o Espiritismo e a Homeopatia apareceram juntos no Brasil, Castro Lopes, e tantos outros, foram, simultaneamente, espiritista e homeopata.

* * *

Vale a pena frisar que o Espiritismo apareceu, entre nós, curando; homeopaticamente. Tratando, primeiro, da carcassa, para tratar, depois, do espírito.

Por isso mesmo que, ainda hoje, é a face que, talvez, mais interesse ao grande público. Mormente ao público privado, por falta de meios, de procurar médicos caros e medicamentos como os médicos.

Tão do agrado é tal face do Espiritismo, que até dentro de livrinhos de missa de beatas e na algibeira de reverendos já foram vistas receitas espíritas...

Os estudos e as conferências públicas, de espiritismo, vieram depois.

As conferências, inaugurou-as no Rio o Gal. Ewerton Quadros, em 1885

Fez a primeira, o grande e querido médico, dr. Dias da Cruz. Francisco de Menezes Dias da Cruz. Um retumbante sucesso! O mundo culto não regateou aplausos ao conferencista e à conferência.

Maior sucesso, o da segunda conferência. Proferiu-a dr. Castro Lopes, em dezembro do mesmo ano.

O orador, ainda mais querido e renomado.

Ainda rebôavam os écos de sua última conferência científica, que proferira diante do Imperador, no INSTITUTO POLITÉCNICO.

Foi uma surpresa geral para o grande público, a notícia de que o ilustre médico, filólogo e orador iria fazer uma conferência espírita na séde da Federação Espírita Brasileira, recem-fundada.

Ambiente, pequenissimo para a enorme assistência!

Fôrça foi que o ilustre conferencista proferisse outro, em ambiente maior e profano, para conter formidável assistência: no salão amplo da *Guarda Velha*, à rua Senador Dantas...

* * *

É ao grande espírito que, ao lado de Ewerton Quadros e Dias da Cruz, de Melo Morais e Bezerra de Menezes, foi dos primeiros a entregar-se, denodadamente, à propaganda da DOUTRINA, que se atribue êste volume.

É dêle? Não é dêle?

Conhecida que foi a natureza da árvore, que o leitor inteligente julgue o fruto, depois de saboreiá-lo.

A árvore humana foi o que aí se viu, embora a traços rápidos e pálidos.

Agora, é só experimentar o fruto que se diz êle nô-lo mandara da Espiritualidade.

Então, conhecida a árvore e saboreiado o fruto, o leitor dirá se póde ou não póde ser...

Leopoldo Machado.

Nova-Iguassú, 3. XII. 1942.

Antenor Ramos

Conversão

(Para «Revista Internacional do Espiritismo»)

Segundo a etimologia do termo, «conversão» é «s. f. mudança para melhor. Transformação. Mudança de uma religião para outra, reputada melhor. O ato de converter. Volta. Mudança de opinião».

— Como se depreende, é um ato que requer da parte do executor plena clareza de conciência. Ninguém póde fazer um confronto daquilo que possúe para abandonar ou permutar por outra melhor, sem que nêle prevaleça o fator reflexão e inteligência.

— Dessa forma, a conversão não é cousa adiável ou sucetível de se pôr em prática em determinado tempo.

Em qualquer época, portanto, em que se estudem as religiões, poder-se-á opinar por uma ou por outra.

Êste nosso argumento surge à baila em virtude desta publicação:

> « CONVERTER-ME-EI DEPOIS
>
> A frase é muito comum, mas também perigosa.
>
> Como se pode contar sôbre o dia de amanhã, sôbre a velhice, sôbre uma vida longa, quando estas cousas são muito incertas?
>
> Poder-se-ia dalgum modo tolerar se o dano pudesse ser remediado: mas quem não sabe que a divina condenação não será nunca mais mudada?
>
> Dizer: «Converte-me-ei depois» é loucura e impiedade».

Efetivamente a frase é muito comum e até mesmo perigosa, como perigoso é tudo aquilo que contribue para a interceptação do progresso espiritual humano.

A questão de se odiar a legítima compreensão dos desígnios de Deus, constitue dolorosa indolência.

Há nessa publicação algo a se expurgar porque ela não é propriamente de origem espírita. Êsse expurgo refere-se ao que diz êste tópico: «a condenação divina não será mudada nunca mais».

Deus não é nenhum cangaceiro. E' amor, é Bondade infinitas.

Todos os espíritos retardatários no progresso ou recalcitrantes na observação das leis, sofrerão mais, está visto. Isto, em virtude das circunstâncias por êles próprios criadas, com o seu relativo livre arbítrio.

O Pai não quer perder uma única das suas ovelhas, está escrito.

> ... «Qual de vós porventura é o homem que, se seu filho lhe pedir um pão lhe dará uma pedra? Ou porventura se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente?
>
> — Pois se vós outros, sen-

do maus, sabeis dar bôas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem» (Mat. 7 : 7 a 11).

Todas as lições são de amor e não de ameaças. Portanto, ninguém cogite de adiar a sua conversão. Converter é conhecer todas essas maravilhas em toda sua plenitude. E' manter íntegra a tradição de respeito e de veneração aos Evangelhos do Senhor, a-fim-de não nos exacerbarmos nos ânimos partidários das cousas terrenas, buscando a unidade do sentimento na uniformidade do amor, côncios de que um único é o Pai, e um único o Mestre, e de que ambos nos amam na plenitude da sua graça. E, destarte, criaremos uma esperança superior no santuário intangível de nossa própria conciência, a qual jamais poderá ser desfeita pelas teorias paupérrimas dos homens, que preferem repousar nos triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo material.

— Com tal padrão de pensamento, é inútil querer dividir, fomentar discórdia, tentar empanar a verdade, porque saberemos reagir com amor às dificuldades surgidas na coordenação de providências para expurgar a política mesquinha que tem distanciado os homens do Espírito e das visões sagradas dos Profetas, distribuidas como dádivas celestiais.

Nada, portanto, de adiar para amanhã, o que de bom e puro podemos fazer hoje.

S. Paulo, 943.

Espíritos que se Materializam

The Two Worlds — Por JAMES ORAM

Relato de sessão realizada em Swindon Psychic Research Fellowship, a 19-2-942.

A sessão completa compunha-se de dezoito assistentes, sendo quinze senhoras e três homens.

Duas senhoras examinaram Mrs. Duncam (a médium) antes de entrar no gabinete, e examinaram as limitadas peças de seu vestuário, todas perfeitamente pretas. O aposento era pequeno e os dezoito assistentes enchiam-no completamente, em círculo ao redor da parede, enquanto que Mrs. Duncan se conservava sentada por trás de uma cortina atravessada em um dos ângulos, sôbre cadeira comum. O aposento fôra precisamente examinado e encontrado vasio, excetuando as cadeiras.

Mrs. Duncan, acomodada em seu assento pediu fosse colocada a lâmpada vermelha.

Durante alguns minutos estavam a cantar em surdina, quando falou o guia de Mrs. Duncan, «Alberto». Alberto explicou que apresentaria os Espíritos visitantes, descrevendo as condições sob que passaram para o mundo espiritual.

Imediatamente êle disse: Está presente um espírito que durante vários anos antes de morrer sofrera de paralisia nos membros inferiores.» Como minha mãe sofrera de artrite reumática e durante sete anos antes do falecimento não pudera mover-se, eu exclamei: «E' minha mãe?» e Alberto replicou: «Sim, é precisamente ela, chame-a.» Assim fiz, e uma figura envolta em brancas roupas flutuantes, com branco capuz sôbre a cabeça, saiu do gabinete e dirigiu-se a mim. Não obstante estar a figura perfeitamente formada, a luz insuficiente não me permitiu distinguir claramente seus traços. Devo confessar que encontrei grande dificuldade em sustentar a necessária conversação com minha mãe, exceto o declarar-lhe o grande prazer que me causava o seu aparecimento. Ela apontou para João, que estava sentado na cadeira à minha esquerda e disse: «Como êle cresceu,» e então diretamente ao mesmo João: «Suponho que agora você está se considerando um homem.» Então para mim: «Vamos ajudá-lo em seus estudos.» Em seguida: «Agora preciso retirar-me», e em resposta ao meu desejo declarado — a sua vinda em futuro próximo — ela disse: «Eu voltarei, e passou para trás das cortinas.

Quasi ao mesmo tempo Alberto anunciou o próximo visitante, para uma senhora colocada do outro lado da sala. O espírito que saiu do gabinete era de mulher moça, falou à sua mãe e ao desaparecer terminou proferindo o nome «Cheerio».

Em seguida Alberto anunciou um cavalheiro que morrera vitimado por moléstia súbita. Não pensei que tão depressa fôsse eu favorecido com outra visita e consequentemente deixei a outrem reconhecê-lo, mas declarando Alberto que não era essa a pessoa a quem se destinava o espírito, eu arrisquei: «E' meu pai?», e Alberto disse, «é esta a pessoa procurada — chame-o para fóra.» Em seguida meu pai saiu do gabinete, precisamente do mesmo modo por que o havia feito minha mãe. A sua conversação foi mais breve que a de minha mãe, mas quando lhe disse que era uma maravilha vê-lo à minha frente, êle disse: «A minha vinda é um grande privilégio.»

A seguir, materializaram-se certo número de espíritos. Um foi descrito — «um rapaz cujo corpo nunca fôra descoberto.» Uma senhora assegurou tratar se de seu filho Toby, e apareceu um rapaz que claramente mostrou brilhante compleição de adolescente e cabelos muito escuros. Instantes depois materializou-se uma mulher idosa, que provou ser a avó do adolescente e disse: «Eu apresento Toby e êste me trouxe.» O espírito repetiu diversas vezes: «em vida eu apreciava uma chicara de chá,» e sua filha declarou que a expressão lhe era bem caraterística.

Materializou-se um espírito, irmã de um assistente surdo, mas êste pouco conseguiu apanhar. Com a mão ela lhe *soprou* alguns beijos e desapareceu através do soalho. Depois disto o Guia dirigiu, em voz alta, algumas observações úteis a Mr. Harrison.

Nessa ocasião Alberto nos disse que se ausentaria por alguns minutos mas enviaria alguém para entreter-nos. Apareceu uma menina chamada «Peggy» que gracejou com os presentes. Ela declarou que seu desejo era cantar, cântico destinado ao «rapaz de óculos, do outro lado».

«Eu sei o que preferes». Ela cantou algumas estrofes que João detestava. Depois de rir-se, ela disse: «Esta canção te desagrada e pensas — como é ridículo». Toda sua atenção foi dedicada a João.

Alberto voltou e apresentou diversos espíritos, dos quais um era o Guia Indú de uma senhora presente, cuja mediunidade estava em desenvolvimento.

A uma senhora presente, Alberto falou de suas tentativas no sentido de ouvir vozes, com auxílio de certa corneta. Esta foi por êle descrita como sendo feita de celuloide e côr-de-rosa, facto que foi confirmado pela assistente. Êle acrescentou que ia mostrar-lhe uma corneta e, a seguir, afastou as cortinas o que permitiu todos vissem Mrs. Duncan sentada na cadeira com uma corneta ectoplásmica de sessenta centímetros, que se estendia da bôca aos joelhos. Fechadas as cortinas, quís saber a opinião da presidente relativamente à consistência, se rígida ou flexivel. Ela respondeu, «rígida». Êle confirmou o conceito, facto que ia demonstrar. Ato contínuo apareceu a corneta por baixo da cortina e diversas vezes bateu no soalho produzindo sons duros, não metálicos mas semelhantes aos produzidos por madeira ou osso.

Ao terminar, Alberto proferiu uma alocução e disse: «A presente conflagração terminará da maneira mais fantástica e inesperada...»

Então disse desejar falar ao menino presente, João, em cujo trabalho estava interessado e o auxiliaria, acrescentando: «Se precisares de ajuda, trata de atingir-me e te ajudarei, e escreve o meu nome em teu livro.» Alberto disse a João: «Deixa que teu pai me fale.» Quando eu falei, êle afirmou que eu me sentia desapontado pelo modo por que desempenhei certo trabalho, dizendo: «Bem, vós obtereis êsse sucesso através do vosso filho.» ...

O Espiritismo veiu fazer o que as religiões se propuseram fazer e não o fizeram: cumprir a lei e os profetas. — GREGORIO.

A Concordância no Ensino

J. B. Chagas

— II —

Sôbre o palpitante tema que vem empolgando, no momento, os arraiais espiritistas, vejamos o que disse um grande vulto, sôbre a obra, cuja reedição reacendeu o fogo de uma velha contenda, já em via de desaparecer das cogitações doutrinárias.

Disse, o grande e inesquecivel Bezerra de Menezes, sôbre o empolgante assunto, e cuja opinião deve, ainda hoje, ser levada na devida conta:

— «Não divergem no que é essencial — diz êle — mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fazes relativas — relativas ao nosso gráu de adiantamento intelectual e moral, que um não póde dispensar o outro, como as asas de um passaro não se podem dispensar, para o fim de êle se elevar ás alturas. *Roustaing* confirma o que ensina *Kardec*, porém adianta mais que êste. E', pois, um livro precioso e sagrado o de *Roustaing*; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobresair o trabalho de *Kardec*, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo gráu para baixo. Seria obra de meritório valor, dar a sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e clareza que sobram no mestre e que lhe faltam bem sensivelmente». *(GAZETA DE NOTÍCIAS* — 22 de Abril de 1897. Trabalho assinado por Max, pseudônimo usado pelo Dr. Bezerra de Menezes).

Si os espíritos não sabem tudo e não podem, pelas razões apontadas levarnos pelo caminho da sabedoria a um certo ponto mais elevado do conhecimento; si a obra de *Roustaing*, que é mediúnica, e a qual, no dizer de Bezerra de Menezes, faltam *concisão* e *clareza, que sobram no Mestre*, ela é para ser também aceita a titulo de informação, não podendo envalidar *Kardec*, quando se sabe ainda que a mesma obra foi obtida por intermédio de *um único médium*, e ditada por um único espírito... contrariando flagrantemente aquele preceito evangélico: «do não creiais a todo espírito, mas sabei antes si êle vem de Deus!».

O MAIS ÚTIL

Ismael Gomes Braga, espìrita da velha guarda e grande *procer* esperantista, cuja cultura e saber são por demais conhecidos, não só aquí no Brasil, como no estrangeiro, e até onde suas obras têm chegado, vem trazer-nos também a sua colaboração eficientíssima para a elucidação da velha contenda.

Passemos, então, a palavra ao *Ismael*: «O Evangelho segundo o Espiritismo», de *Allan Kardec*, cuja difusão deve ser por todos os meios aumentada sempre, *é o livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil»* (grifámos). Êste maravilhoso trecho é de autoria de *Ismael Gomes Braga*, como acima dissemos, e a quem muito admiramos pelo arrôjo das suas afirmativas e pela fé que nutre na vitória final da língua neutra. Está publicado no *«Reformador»*, edição de Junho de 1942, à página 131.

Ora bem. Consideremos, na argumentação que estamos fazendo, que a obra *«O Evangelho Segundo o Espiritismo»*, de *Allan Kardec*, é ainda — repitamos com *Ismael*, — «o livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil», cuja difusão é aconselhada por todos os meios; consideremos que a entidade máxima não estuda esta obra nas sessões semanais, vendendo-a apenas pelo orgão competente a Livraria (V. *REFORMADOR*) — n.º de Setembro de 1941 (Relatório da Diretoria), pag. 239; consideremos que a obra que agora foi reeditada e que reviveu o fogo de uma velha contenda quasi extinta no meio espírita, e que por isso seria mais consentânea com a união que deve agrupar todos sob um só estandarte, mais cristão, portanto, não reeditá-la; consideremos, por fim, para encerrarmos esta análise, que à obra em questão *faltam simultâneamente concisão e clareza* — como bem disse Bezerra, não estando escudada, nem se apoiando nas condições estabelecidas por *Allan Kardec*, na introdução do *«Evangelho segundo o Espiritismo»*, para que qualquer revelação dos espíritos seja considerada idônea e insuspeita, perguntemos, por que insistir em difundir uma obra que contraria em todos os pontos aqueles preceitos cardecianos?

E como vimos pelos trechos que estamos transcrevendo, apenas como motivo de argumentação, à obra em fóco *faltam*, na opinião abalisada e insuspeitável de *Bezerra de Menezes, sensivelmente concisão e clareza*, e faltar isso numa obra doutrinária, que se apresenta com o caráter de uma nova revelação, é por demais doloroso!

Na obra do Codificador, sobram *concisão e clareza*. Na outra *faltam sensivelmente!...*

O *«Evangelho Segundo o Espiritismo»* é — na opinião de *Ismael Gomes Braga* — «o livro mais útil sôbre o Espiritismo que já se imprimiu no Brasil!» Afirmativa de tal natureza dispensa qualquer comentário.

* * *

Sempre que abordamos assunto dessa magnitude, têmos procurado observar um critério, fazendo tudo o que afirmamos repousar sôbre a base sólida de factos, que podem ser facilmente comprovados, evitando argumentar com hipóteses para não cometermos conceitos levianos.

Embora isso pareça massante ou enfadonho, tem, contudo, a grande vantagem de a todos oferecer os meios de formar de pronto o seu juizo acêrca daquilo que afirmamos, mais pelo desejo da argumentação, do que de depreciar quem quer que seja.

E para corroborar qualquer afirmativa, nada como os factos consumados. Nada como a clareza meridiana da verdade matemática dos números.

Senão vejamos. A supremacia de uma obra sôbre a outra, comprovada nêsse lapso de tempo, não somos nós quem levianamente afirmamos, mas sim quem tem autoridade para o fazer.

A entidade máxima deu a conhecer em documento idôneo, tornado público através do seu orgão oficial — o REFORMADOR — edição de Setembro de 1941, «ter a Livraria, no período de Julho de 1940 a Junho de 1941, editado e reeditado 278.300 volumes de obras espíritas, que atingiram o valor de Cr.$ 176.644,40, sendo que no período anterior o total de volumes editados e reeditados foi de .... 235.600, atingindo o valor total de Cr$ 150.990,40, tendo havido, portanto, no *quantum* dos volumes, o aumento de 4.700 obras e no valor das mesmas o acréscimo da importância de Cr$ 25.654,20. De 1931 até agora (Junho de 941) — diz o documento — editaram-se e reeditaram-se 1.411.400 volumes no valor total de Cr$ 1.004.287,50! Figuraram dentre essas obras, como sendo as que maior tiragem tiveram o *«Livro dos Espíritos»* e o *«Evangelho Segundo o Espiritismo»* — isto «conforme ha longos anos vem acontecendo, porque só a elas cabe o papel de constituirem a base do conhecimento da terceira Revelação».

Imaginemos, agora, a quanto não montaria aquela cifra se a dita obra, desfrutasse do bafejo oficial.

E si êste livro reveste tal caráter, para que reeditar outros, com o mesmo fim, que não estão credenciados por caraterísticas que tais?

Portanto, diante da análise fria e por vezes enfandonha que estamos fazendo, temos que concluir com o mestre repetindo: «A garantia única e séria do ensino dos Espíritos, está na concordância existente entre as revelações feitas expontâneamente, e êsse princípio de concordância universal é que garante também a unidade futura do Espiritismo, anulando todas as teorias contraditórias.»

Assim toda obra ou revelação, é bom repetir, que não se apresente revestida dessas credenciais, é tal qual a figueira sêca, de que nos falou o Divino Mestre, que *não dando frutos, nem sombra*, deve ser cortada e lançada ao fogo!...

Nova-Iguassú, Janeiro de 1944.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Praticando o Espiritismo...

Para «Revista Internacional do Espiritismo» — J. Lima

Leão Tolstoi, o grande mago do pensamento literário e o mártir cuja apologética doutrinária encerrava todo um mundo de grandeza bíblica, escreve no livro «O TRABALHO», que *«o homem que crê na doutrina de Jesus Cristo não deve perguntar quais são os seus deveres positivos, assim como a fonte que brota do solo não pergunta o que deve fazer. Ela rega os campos, a terra, as hervas, as árvores, os passaros, os animais e os homens.»*

«As pessoas que conhecem o verdadeiro caminho da vida — prossegue o grande místico russo — assemelham-se, no dizer do Cristo, à fonte de agua viva, isto é, à fonte que nasce da terra. Todas as suas ações correm naturalmente como o curso da agua, que se espalha por toda parte, a-pesar-dos obstáculos que ela encontra.»

«Assim como uma fonte não póde perguntar aonde deve levar suas águas — se deve regar em cima, as hervas e as folhas das árvores ou em baixo, as raizes das plantas e das árvores — o homem que conhece a doutrina da verdade não póde perguntar o que deve fazer antes de tudo, se deve ensinar os homens, defendê-los contra o inimigo, distrái-los, dar-lhes os prazeres da vida, ou socorrer os que morrem á míngua. Uma fonte não se espalha sôbre o chão, não enche os lágos e não dessendenta os animais ou as pessoas, antes de humedecer a terra. Semelhantemente, o homem que conhece a doutrina da verdade não póde contribuir para satisfazer as necessidades menos imperiosas dos homens antes de ter satisfeito a sua primeira necessidade, isto é, depois de ter contribuído para os alimentar, depois de lhes haver evitado a morte que provém da luta contra a miséria. O homem que professa, não por palavras, mas por atos, a doutrina da verdade e do amor, êsse não póde enganar-se sôbre o fim a que deve tender a sua atividade. Jamais, o homem para quem a significação da vida consiste em servir aos outros, poderá enganar-se a ponto de pensar que serve aos que morrem de fome e de frio, redigindo leis, fundindo canhões, fazendo objétos de luxo, ou tocando violino ou piano».

Uma fonte ! Melhor comparação não poderia caber ao cristão que é verdadeiramente cristão, a essa criatura abnegada que esquecendo as próprias necessidades vai em busca das necessidades do semelhante para minorá-las, para suavisá-las, para, com êle, sentir também o peso do sofrimento, tornando a sua vida um magnífico canto de amor, dêsse amor que qualifica e que edifica num ambiente como a terra, repléto de tristezas e vícios, de depravações e de crime !

Qual a fonte que se espalha pela terra sem perguntar para onde se deve dirigir, o cristão verdadeiro, o fiel discípulo de Jesus, sai a espalhar por onde o leve o destino, a semente do conforto, da paz e da fraternidade, sem esperar que outros o venham auxiliar, sem esperar que outros o louvem, sem esperar mesmo qualquer recompensa por parte daquele que protege, porque êle bem sabe que trabalha para si mesmo, para a edificação de seu conforto espiritual. embora não trabalhe apenas com êsse sentimento.

Sem dúvida é belo escrever, falar, prégar, mostrar a verdade aos que de nós se aproximem ; é belo e é útil. Porém, mais belo ainda e mais útil, porque implica o próprio sacrifício pessoal, é isso de sair-se ao encontro do necessitado, do irmão que cái, prestando-lhe todo o benefício que do céu, por certo, recebemos. Que recebemos, na obrigação de também distribuir, porque *«muito será pedido a quem muito foi dado»*.

E, sem dúvida, segundo o nosso ponto de vista, é essa a mais bela prática da religião, e, dentro do nosso ponto de vista doutrinário, a mais bela prática do Espiritismo, fora mesmo de outro qualquer modo de ação, pois sabe-se, além disso, que todas as ações humanas, todas as religiões, todas as filosofias, todas as ciências, tendem apenas a transformar o Espírito capacitando-o para êsse grande embate da fraternidade, que é o ápice de todas as conquistas espirituais da humanidade. Esta é a verdade afirmada pelos verdadeiros sábios cujas vidas foram um desfolhar de sofrimentos e trabalhos, por todos os profetas fundadores de todas as religiões.

Um homem, não vale pelo que é, porque, geralmente, o que dá realce e valor a uma entidade ou a uma criatura perante a sociedade dos demais, é o fator dinheiro; vale pelo que faz, pois, que o valor das cousas está na razão direta do seu emprêgo e não já de suas aparências exteriores.

* * *

Muito se têm discutido sôbre o mandamento evangélico do «amai-vos uns aos outros» frase que é repetida em todas as prédicas religiosas e mesmo filosóficas, e ela, a-pesar-de muito clara e muito explícita, tem sido interpretada, ou seguida, ao geito de cada qual.

Muitos sistemas, muitas doutrinas, muitas sociedades se hão formado sob o pálio do Cristianismo, executando cada uma a sua parte material de auxílio à pobreza, à orfandade, etc. Na verdade, inúmeras são as obras de assistências gratuitas, mantidas por particulares, por instituições religiosas e pelo governo e grande tem sido o número dos beneficiados, dirétos e indiretos, amparados por êsse meio. Contudo, devemos reconhecer, por fôrça da observação, que êsse auxílio e êsse trabalho, além de não haver até hoje conseguido sanar ou debelar o mal, isto é, o vício e a miséria, que por muito tempo ainda viverá sôbre a terra, apenas tem tomado um caráter superficial, transitório e momentâneo, o que é devido, certamente, à forma burocrática dos regulamentos criados pelas instituições, o que torna cruel e intolerante a vida dos pobres necessitados, alguns mais fracos do espírito que do corpo.

A ação do Espiritismo nêsse particular, tem tomado um caráter profundamente cristão, porque uma organização espírita, em via de regra, procura pautar-se nos purissimos preceitos evangélicos, sabendo, aliás, dar ao necessitado todas as instruções morais próprias à uma compreensão larga da vida e suas consequências, a par do auxílio carinhoso que naturalmente lhe dispensa.

Contudo não basta!

Uma instituição, por muito nobre e bôa que seja, nunca deixará de ser uma instituição, uma prisão de caráter transitório, algo que humilha, que isola e que aprisiona o infeliz necessitado que a ela recorre.

Fôrça é compreender o imenso sentido da fraternidade e da solidariedade humana, baseados no trabalho individual, no esfôrço de cada um dos que se dizem cristãos, discípulos do Mestre serviçal que ía por toda parte a socorrer o aflito e saciar o faminto, tanto material como espiritual. Cada um de nós tem o dever de, por si mesmo, trabalhar e agir no amparo ao necessitado, implicando diretamente a sua pessoa.

Ser cristão, é, como bem disse Leon Tolstoi, sacrificar-se naquilo que sua compreensão o exige e que sua razão o obriga. Alias, foi o Cristo quem estabeleceu essa obrigação necessária, dizendo que só aquele que tomasse a *sua cruz* e o seguisse, éra digno de ser chamado seu discípulo e habitar o seu reino.

Se cada um dos que se dizem cristãos tomasse a seu cargo o amparo de uma criatura ou de uma família necessitada, dentro mesmo da ressalva que a necessidade do sofrimento impõe ainda à maioria das criaturas humanas, devedoras de dívidas enormes, para o próprio melhoramento delas, na verdade que não necessitariamos de instituições e de asílos, que é a prova mais cabal da falta de fraternidade e amor dos homens, além da maioria delas só se preocupar em personalizar diretores e contribuintes.

Ha criaturas que se afirmam cristãs e que são *depositárias* de fortunas enormes; que fazem elas dessas fortunas? Gastam-nas apenas em proveito próprio, enquanto que, bem regulamentadas, serviriam essas fortunas para a manutenção não apenas de uma, mas de várias famílias, de muitas criaturas verdadeiramente necessitadas e que sem nenhum meio de vida, curtem dolorosas privações. Mas, geralmente, as pessoas «ricas» preferem, por comodismo próprio, dedicar módica quantia a *qualquer* instituição e ficar tranquilamente em seu palácio, desfrutando a «paz e o confôrto», esquecendo-se que «muito será pedido a quem muito foi dado».

Outras ainda, embora possuam meios que permitam o sacrifício mínimo de amparar um ou dois orfãos e educá-los para a vida, dêsses coitadinhos que vivem, por aí jogados ás ruas e à perdição, preferem *escrever* simplesmente sôbre o assunto, mostrando aos outros o dever que também lhes compete, analisando metódicamente e «interessadamente» o problema, ficando inteiramente estranhos à sua solução.

Ora, aquí na terra ninguém viverá só de palavras, de conselhos, de teorias, de prognósticos, mas de meios de subsistência que lhes permitam satisfazer o organismo em primeiro lugar, depois o espírito.

Compreende-se—nós o compreendemos—que a miséria, o vício, o crime, são motivos que devem servir ao nosso próprio adiantamento moral, pois «caminhamos por cima das ruínas», e a experiência que conquistamos dos nossos êrros são de molde a nos transformar em herois e santos; mas não esqueçamos também, que todas as misérias humanas são simplesmente originadas de nossa indiferença, de vez que muito gostamos de acusar, de injuriar, de afligir, de sobrecarregar os outros, quando nós mesmos pouco nos dedicamos em procurar minorá-los, sacrificando o gostoso confôrto de que gozamos, o qual, quiçá, será a causa também de nossa perdição.

* * *

Ao espírita cabe, por certo, a maior tarefa do trabalho social do «amor ao próximo», pois que todo o *espírita* é forçosamente cristão. Conforme venho me batendo hà muito sôbre a necessidade, ou melhor, sôbre a maneira objetiva de se praticar o Espiritismo, que não é apenas fazer e assistir *sessões*, de prègações e manifestações espíritas, o seguidor da doutrina de Allan Kardec deve compreender que sua maior ação se desenvolve no cumprimento dos deveres morais do Cristianismo, hoje tão bem esclarecido pelos livros fundamentais da doutrina. E, conhecendo, como conhecemos, a verdade, os caminhos, a vida, teremos que ser, na feliz comparação de Tolstoi, quais a fonte que brota do solo e sem perguntar nada a ninguém, vai regando os campos, a terra, as hervas, as árvores, os pássaros, os animais, os homens...

Como acima disse, a ação do Espiritismo nêsse particular, tem se desenvolvido com o maior e o mais belo caráter cristão; é, porém, imprescindível que nós, os espíritas, não deixemos tudo a cargo da doutrina na sua gloriosa faina de guiar e amparar, mas que tomemos também do arado e nos metamos a trabalhar com o desassombro e com a compreensão com que êsse mesmo Tolstoi que tomei por ponto de partida para êste despretencioso artigo, o qual, compreendendo a razão e a verdade de uma doutrina que humilde agricultor de sua pátria, houve disseminado, que era essa muito conhecida por nós de que «devemos comer o pão no suor do rosto», pôs-se êle mesmo, o grande fidalgo, o sábio escritor, a lavrar o campo e a consertar sapatos velhos, tal como nos diz êste trecho do que «fino letrado escrevia muito recentemente»:

«Os compatriotas de Tolstoi faltam algumas vezes com o respeito devido a êsse grande ancião. Era dêles que nos vinha a lenda de Tolstoi sapateiro. Viamos o grão senhor metido numa tenda, e não sabiamos bem se deviamos lastimá-lo ou admirá-lo. Êle não faz do ofício de sapateiro seu estado; procura simplesmente uma distração, um repouso do cérebro, num exercício normal. Outros jogam as armas, exercitam os pesos; êle tinha horror aos esforços inúteis; julga melhor fazer sapatos»..

Nós outros, que gostamos e que muito apreciamos as belas ações, as grandes obras; que louvamos e engrandecemos o sacrifício, não fiquemos só na teoria e na apreciação; movamô-nos; desprendamo-nos da ociosidade e corramos também em socorro do próximo, com o nosso dinheiro, com o nosso pão, com a nossa palavra e não fiquemos envergonhados de o assim fazer, porque sómente as más ações podem envergonhar, enquanto que as bôas engrandecem e elevam o homem.

S. Paulo, Janeiro de 1944.

«Sou a tua irmã invisível; sou a tua alma divina, e êste é o livro de tua vida. Encerra as páginas escritas das tuas existências passadas e as páginas em branco das tuas vidas futuras».

(O LIVRO DOS MORTOS — Ritual fúnebre dos Egipcios).

Relance Filosófico

Materialismo — Positivismo — Espiritualismo

De «Além» — Pôrto — Portugal

Pelo Dr. ANTONIO J. FREIRE

E' duma evidência flagrante, que só podemos marcar a linha de conduta da humanidade, e definir as melhores atitudes sociais, depois de determinada, pela ciência e pela filosofia, a finalidade humana.

Sem pretendermos fazer uma profunda investigação filosófica, nem tão pouco erudição científica, analisaremos em rápido exame, o que de melhor e mais definido nos oferece o pensamento contemporâneo.

Mais ou menos artificialmente, podemos reduzir todas as escolas filosóficas, perante a nossa orientação deísta, às três clássicas: *materialismo*, *positivismo* e *espiritualismo*, tendo as suas raízes básicas no pensamento profundo e brilhante dessa formosa civilização helênica, sendo, a seu turno, o ponto de partida para as inúmeras construções filosóficas que pululam no pensamento contemporâneo, a maior parte delas de duração efêmera e transitória e de organização insubsistente.

*

O materialismo, que fez moda nos dois últimos séculos, agoniza na esquina viva do último reduto da sua fortaleza de descrença, de negação e de ateísmo, batido no âmago dos seus caboucos mais profundos, pelos golpes implacáveis da neo-psicologia experimental, que nos domínios do dinamismo anímico, faz ressaltar a alma humana das concepções abstratas e metafísicas para o campo da realidade e da observação direta.

Na destrambelhada vesânia de demolição, o materialismo pretendeu fazer incidir na matéria bruta e passiva a causa da Harmonia Universal, desde o macrocosmo ao microcosmo, confundindo a matéria prima com o artífice, a máquina com o maquinista, o efeito com a causa.

Escamotearam Deus, pressupondo que bastaria negá-lo para o suprimir.

Foi o materialismo que mais concorreu para a dissolução e deliquescência moral da sociedade, abrindo de par em par as portas da descrença, precipitando a humanidade, embriagada pelos falsos princípios dêle, onde estuava a irresponsabilidade moral, para a mais desenfreada bacanal de perversão, egoísmo e prepotência, proclamando fratricidamente o direito soberano do mais forte na luta pela vida, impelindo a alma humana para o descalabro do sentimento e da conciência moral, subvertendo os princípios da fraternidade social.

No campo científico manejou com a inversão do efeito em causa, restringindo o campo de investigação científica, despedaçando a orientação filosófica que deve presidir a todas as investigações das fôrças naturais, legando-nos uma ciência tecida de utilitarismo e de incoerências monstruosas, sem alma, sem espírito, sem base filosófica e sem finalidade.

A crítica histórica, implacável e justiceira, saberá determinar se os efeitos deletérios do materialismo foram mais perniciosos no campo científico, se no campo moral e social.

*

O positivismo, que A. Comte incongruentemente arquitetou, é o sistema mais anti-filosófico, que um grande talento podia ter concebido.

Foi, na realidade, o triunfo retumbante e lógico da observação e da experiência sôbre a rotineira, carcomida e esterilizante especulação da escolástica e da metafísica. Foi, indiscutivelmente, uma grande obra de saneamento e de renovação, varrendo o caruncho da ciência de sacristia, insuflando-lhe uma lufada de ar ricamente oxigenado, limpando-a do bolor bafiento que a imobilizava, inoculando-lhe alento e novas fôrças de expansão e de progresso.

O gênio que palpita na sua concepção, sendo a gênese e o motor das grandes descobertas da última metade do século passado, ainda assim não contrabalança a degradação moral que levou aos espíritos, cortando cerce o estudo das causas primárias, limitando-se ao estudo experimental dos fenômenos materiais e dedução das suas leis.

O positivismo dominou a matéria e endeusou o homem, votando ao ostracismo Deus e a alma humana. Era pois, consequente que, dentro das suas análises confinadas a um critério sistemático e exclusivista, adstrito à matéria, irredutível ao espírito, não pudesse surgir a admirável síntese do Universo, a divina Fôrça da criação, a suprema Energia espiritual.

O positivismo entravou, assim o *élan* filosófico no seu mais alto significado e finalidade — o mecanismo das essências espirituais — porque delas e sò delas se podem deduzir as realidades e utilidades que devem orientar as atitudes morais e intelectuais da humanidade.

As linhas de conduta social são corolários da finalidade humana. Comte não deu finalidade fifosófica ao seu sistema. Na sua obra monumental, tanto encontramos cintilações geniais, como degradante cobardia, rendendo-se aos falsos preconceitos materialistas reinantes e a outros prejuizos da época, donde derivou ao lado dum progresso material e mercantil extraordinário, um retrocesso moral, num desequilíbrio cruciante, no estendal de miséria, de ódios e de paixões em que nos debatemos. Comte foi grande pelo cérebro, e pequeno pelo coração ; instruíu, mas não soube educar. Votando Deus ao ostracismo e fazendo da alma humana um mito sem valor algum, despertou os instintos ancestrais da animalidade, transformando os homens em feras humanas, onde só domina a ferocidade expressa nos interêsses materiais e o direito do mais forte ou do mais astuto. A sua escola ruirá aos golpes do neo-criticismo filosófico, de dia para dia mais acentuadamente espiritualista, quer nos domínios da neo-biologia, quer nos vastos e complexos problemas metapsíquicos que, subindo aos mais misteriosos refôlhos da alma humana, em breve hão-de inundar de luz e claridade as maiores incógnitas que têm agitado o pensamento filosófico.

Rochas d'Aiglun, Baraduc, Lefranc, Lancelin e muitos outros experimentadores e psicólogos eminentes, já lançaram as bases da anatomia e fisiologia da alma humana, fazendo-a descer das concepções abstratas e imateriais à realidade objetiva da análise e da observação. Será a ciência do presente século, como vaticinaram Rochas e Flamarion.

É preciso descobrir o oculto, diz o eminente professor Grasset, e o oculto será descoberto pelo esfôrço do gênio humano, acionado pela incoercível lei da Evolução Universal.

Augusto Comte, o patriarca do positivismo, limitando a atividade científica à dedução das leis e ao estudo e observação dos fenômenos que vão do bojo duma retorta à ponta dum escalpelo, fez bancarrota no domínio da filosofia e causa comum com os materialistas, transformando o anfiteatro da ciência num balcão dourado, onde só impera o ultrajante utilitarismo mercantil, expresso na vil moeda ou em enfatuada vaidade dogmática, sem orientação filosófica, sem ideal espiritualista, sem freio moral aos baixos instintos sociais, que galopam à desgarrada para um mar de sangue, na ânsia de retaliações e de apetites insaciáveis, num pandemônio sufocante e angustioso.

E' nêsse cataclismo social, que se há-de desenrolar o sinistro epílogo dêste ciclo evolutivo, lógica consequência do materialismo e positivismo, para então raiar uma nova aurora de paz, de justiça e de harmonia, que marcará o início de um novo ciclo evolutivo — o *estádio de regeneração.*

*

As religiões, fragmentos das leis divinas, estiveram próximas das Verdades Eternas, tomando Deus para base das suas concepções, e na mecânica das suas construções teológicas tiveram a solução das maiores incògnitas da vida espiritual. Mas os seus interêsses e vaidades de mando dos seus dirigentes eram demasiadamente grandes, e tornaram Deus demasiadamente pequeno para os seus olhos ambiciosos.

Deus, no seu infinito amor, na sua suprema justiça, era incompatível com o orgulho, o egoísmo e as ambições de que estavam recheiadas as religiões. Mutilar a sua essência divina, falsificar os seus atributos ao sabor das suas desmarcadas ambições e dos seus insaciáveis interêsses, foi a suprema aspiração das grandes religiões, e devemos confessar, que, por vezes, o fizeram com habilidade. Com a mordaça do dògma e com o dragão chamejante do inferno, escravizaram a Humanidade e dominaram o mundo inteiro.

Todas as religiões sentem no íntimo da sua conciência quanto têm falseado a essência de Deus ao sacrílego capricho dos seus interêsses temporais, para dominar a Humanidade, conduzindo-a pela arreata do fanatismo ou do terror à suprema aspiração: — o domínio absoluto do mundo inteiro, dos corpos e das almas.

Quasi tôda a história se espraia no fluxo e refluxo dos interêsses das religiões. As lutas religiosas tomam, por vezes, aspectos dantescos, num turbilhão infernal de massacres sanguinários, canibalescos, de uma selvajaria horripilante, ao grito sacrílego —*para maior glória de Deus*— êsse Deus Infinita bondade, que só dita paz e amor pelos seus mensageiros, êsses grandes instrutores da humanidade, que vão de Buda a Cristo.

A lei implacável do progresso, nas suas ondulações sinuosas, estuante de perfeição, na ânsia insofrida da conquista integral da Verdade, avassala inclemente o passado, para dos seus escombros fazer surgir o presente, risonha esperança do futuro, no rodopiar de cada ciclo evolutivo.

Não é certamente a esta geração, que compete fazer o ativo e o passivo, legado pelas grandes religiões. E' cedo ainda para uma crítica serena e justiceira. Elas prestaram assinalados serviços à civilização, especialmente domando as hordas bárbaras que a avassalaram, e fazendo surgir dessa noite de mil anos de Michelet, dessa idade-média misteriosa e torturante, essa aurora resplandecente de maviosas claridades, esbatidas em purezas de linhas duma policromia enebriante e encantadora — a Renascença. Mas pequena compensação para o martirológio de dores e de amarguras em que sepultaram o coração humano.

A história de *todas* as grandes religiões espraia-se num tenebroso *mar-magnum*, donde emergem tragédias sangrentas de miséria moral, dramas de dôr e de angústia, em turbilhões de ambição, cobiça e vingança.

A filosofia da história já não é tecida de anedotas descritivas, mais ou menos engraçadas e verídicas, nem de nomes mais ou menos sonoros e gloriosos. Todo o seu substrato é constituido por vastas generalizações, síntese dos períodos históricos na vida evolutiva da Humanidade. O estudo da sua etiologia e mecanismo subiu da concretização simplista, descritiva, às mais altas concepções de síntese psicológica, quasi nas fronteiras da abstração, para assim deduzir suas lógicas conclusões e ensinamentos progressivos.

Religião alguma, tanto no oriente como no ocidente, foi fiel depositária da doutrina do seu fundador na sua pureza, originalidade e real intenção, muito especialmente na lógica e racional interpretação e aplicação dos seus princípios morais. Todas se desviaram da sua finalidade social. Algumas alteraram tão profundamente a essência dos ensinamentos recebidos, numa orientação diametralmente oposta à que tinha sido prégada pelo seu Fundador e cimentada pelo sangue dos seus mártires e apóstolos, que de uma religião feita de luz e de amor, tecida de caridade e de perdão, bendito sol que deveria iluminar a conciência humana, está reduzida a um pomposo ritual pagão, dogmas abstrusos e discussões bisantinas, vazias de elevados conceitos morais que foram a sua raiz básica e a razão de ser do seu esplendor inicial.

Aguardemos agora que a nova alvorada do Espiritismo inunde, de paz, amor e claridade, a alma humana, dealvando de luz as trevas do ateísmo em que se debate, angustiosamente, a Humanidade, no sorvedouro da dúvida, da incerteza, da negação.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr.$ 40,00	Do 4.º ano	Cr.$ 40,00	Do 5.º ano	Cr.$ 40,00
Do 6.º ano	. . 40,00	Do 7.º ano	. . 40,00	Do 8.º ano	. . 40,00
Do 10.º ano	. . 40,00	Do 11.º ano	. . 50,00	Do 12.º ano	. . 50,00
Do 13.º ano	. . 50,00	Do 14.º ano	. . 50,00	Do 15.º ano	. . 50,00
Do 16.º ano	. . 50,00	Do 17.º ano	. . 50,00	Do 18.º ano	. . 50,00

Crônica Estrangeira

Outra vida depois da morte?

Muito breve a ciência confirmará o facto — anuncia o sr. Conan Doyle Junior

LONDRES, 14 (De Henry Tosti Russell, correspondente da United Press, especial para «Diários Associados»)—Segundo o sr. Adrian Conan Doyle, espiritista, filho do criador de Sherlock Holmes, declarou que as investigações científicas do momento tendem a provar de fórma irrecusável a existência de uma vida mais além.

Em entrevista à United Press, disse o sr. Doyle:

«Estou convencido de que não está longe o momento em que a ciência, depois de ter tão frequentemente ridicularizado o espiritismo no passado, nos demonstrará indubitavelmente que existe outra vida após a morte. Quando chegar êsse dia, a afirmação será aceita como um facto científico.

Tenho a certeza de que a ciência, valendo-se dos gigantescos progressos conseguidos com a eletricidade, tais como a televisão, e por meio de inúmeros processos ainda secretos, poderá demonstrar dentro de pouco tempo não só a existência de outra vida após a morte, como também a presença dos espíritos nêste mundo com formas idênticas ao corpo humano».

Assegurou o sr. Doyle que, frequentemente, se comunica com seu pai e sua mãe, por intermédio de «médiuns» que atuam simplesmente como telefones que unem os sêres vivos aos desaparecidos.

Depois de sugerir que o espiritismo deve ser modernizado e rebatizado com o nome de «Ultra-vitalismo», referiu-se à função do «médium», da qual disse que se tornará antiquada à proporção em que forem desvendados os mistérios que ainda não são suficientemente conhecidos.

Quanto aos fenômenos verificados nas sessões, declarou que os mesmos são verdadeiros e que seu pai sempre lhe disse que era por demais positivo para acreditar nas declarações do «médium» antes de tê-las comprovado.

Referiu-se então a entrevistas com «médiuns» desconhecidos, dizendo que estes lhe falaram sôbre assuntos absolutamente íntimos, de que nenhum conhecimento tinham, acrescentando que isso não se poderia atribuir a simples coincidência.

Do «Diário da Noite» de 14/1/44.

*

O General French e a Freira materializada

«La Revue Spirite» reproduziu de *La Liberté*:

Foi em Dunkerque, onde o general French havia estabelecido o seu quartel general. As tropas britânicas enchiam a cidade. As religiosas dum convento francês, instaladas na cidade, puseram-se à disposição do general para tratar de enfêrmos e pensar feridos.

Certa tarde, o general French ordenou à sentinela postada à sua porta, não deixar entrar ninguém. Em seguida, sentou-se à mesa de trabalho e tratou de redigir um relatório sôbre a situação do front.

O general escrevia durante longa hora, quando de súbito sentiu que alguém estava de pé por trás de sua cadeira. Voltou-se e percebeu uma religiosa.

— Irmã, exclamou, como entrastes aquí? Que quereis de minha parte?

— General, respondeu a religiosa, perdoai-me por ter vindo aquí. Eu desejava simplesmente dizer-vos que nosso país inteiro vos consagra infinita gratidão. Rogamos que Deus vos proteja e vos conceda a vitória.

— Agradeço-vos, minha Irmã, disse o general levantando-se.

E tendo-lhe estendido a mão, a religiosa se esquivou e saiu.

Durante um instante esperou o general, afim de dar tempo à visitante de deixar a casa. Em seguida chamou a sentinela colocada diante da porta.

— Eu te ordenei que a ninguém deixasses entrar aquí, disse o general, com voz irritada.

— Meu general, respondeu o soldado, nenhuma pessoa entrou.

— Como, ninguém?... Uma religiosa francesa saiu nêste momento...

Estupefato, a sentinela arregalou os olhos. O general chamou os homens que guardavam a entrada de sua casa; êles confirmaram as palavras da sentinela — nenhuma religiosa passara pelo portão.

Perturbado, não poude o general French retomar o trabalho. Êle foi ao convento e chamou a superiora.

— Minha Irmã, lhe disse, profundamente me desgostou o procedimento de uma de vossas religiosas, há poucos instantes...

— Mas, general, nenhuma de nossas freiras se ausentou hoje.

— Permitis que eu veja as religiosas, minha Irmã?

— Perfeitamente, meu general. Eilas justamente a sair da capela, onde acabam de assistir o ofício da tarde. Elas oraram por vós, general, como o fazem diariamente.

Duas a duas, saiam da capela as religiosoas. O general as encarou, uma após outra. Nenhuma era parecida à visitante.

— Estão aquí todas as religiosas, Irmã?

— Todas, general.

O general quís retirar-se. A Superiora o acompanhava. Ambos transpunham o parlatório do convento.

— Minha Irmã, alí está a religiosa que me visitou há pouco! exclamou o general. E sua mão apontava um grande retrato suspenso à parede. Representava uma religiosa a sorrir dentro dum grande quadro de madeira.

— Ó general, não é possível, repetia a superiora. Êste retrato representa a Madre Superiora, à qual estou substituindo. Ela faleceu dezessete anos atrás.

⁂

Fotos de Espíritos

The Two Worlds — E. Oaten

Meu interêsse por fotos espíritas foi despertado em 1896 — quando eu realizava sessões com alguns amigos.

Essas experiências exigem precauções cuidadosas, quando desejamos plena convicção. Mr. Vearncombe, de Brigwater, era um dos médiuns com quem eu experimentava. Era êle fotógrafo profissional, e suas placas sofriam constantes interferências, de maneira a obrigá-lo a *bater* repetidamente. Era negócio ruinoso. A sua clientela minguou e êle faliu. Nunca ouvira falar de Espiritismo, até o dia em que mostrou suas chapas *estragadas* a um amigo, o qual lhe fez ver que os efeitos eram de origem psíquica.

Essa explicação não conseguiu abalar seu sentimento antí espìrita. Contudo, descobriu que não manejando diretamente as chapas, mas por meio de tiras de borracha, cessariam as interferências.

Fui procurá-lo, sem aviso prévio, e pedi-lhe tentar uma experiência. Nessa ocasião estava êle de novo exercendo a sua profissão. Êle me estabeleceu preço exatamente idêntico aos de fotografia comum. Levou-me ao seu depósito, que continha muitas duzias de pacotes de chapas para uso de sua profissão. Escolhi um pacote do centro da pilha. Examinei-o, e sozinho fui ao quarto escuro, onde abri o pacote, tirei uma chapa, e carreguei o chassis. Eu já havia marcado a chapa com minhas iniciais, envolvi-a num pano preto e levei-a para o estudio. Alí, eu e o fotógrafo a seguramos entre nossas mãos, como ha itualmente.

Em seguida, examinei a câmara — excelente aparelho fotográfico — retirei e limpei as lentes. Depois de focar, carreguei a câmara e fui tomar o meu assento, deixando-lhe o trabalho de fazer a exposição. Com a chapa em meu bolso, fomos à câmara escura — êle misturou os ingredientes químicos e eu revelei a chapa e assistí à fixação. Apareceram *dois* extras.

Quando recebi a prova, um rosto revelava traços familiares, mas não pude identificá-lo. O outro era o de senhora idosa, que também não me foi possível reconhecer. Eu estava absolutamente certo de ter obtido extras genuinos, mas senti-me desapontado por não tê-los reconhecido. O caso varreu-se-me da memória por alguns meses, até o dia em que visitei Glasgow. Ao terminar minha alocução, Mrs. Laird descreveu-me um senhor idoso, baixo, barba e bigodes raspados e que tinha uma perna mais curta. Usava certa bengala e respondia ao nome Tom. Tratava-se de meu avô.

«Êle está falando a respeito de uma fotografia de sua irmã que está em vosso poder», disse ela. Eu repliquei: «A senhora quer dizer minha irmã?» «Vêde bem, moço, eu sei o que o espírito diz! Êle diz «*sua irmã*», e eu não posso fazer alteração.» «Bem, êle se enganou», repliquei eu. «Êle nunca teve irmã.» Ao relatar o caso a minha mãe, fiquei sabendo que meu avô tivera uma irmã, que falecera dois anos antes do meu nascimento. Ao mostrar-lhe a fotografia, ela instantaneamente reconheceu o extra. Tratava-se da irmã de meu avô, isto sem a mais leve sugestão de minha parte. Não há retrato dela tirado em vida.

Torna-se claro que excluida está qualquer possibilidade de minha mente ter exercido influência no resultado, visto que minha tia avó morrera antes de eu nascer.

⁂

O Pastor, o ladrão e os Espíritos protetores

Êste relato foi reproduzido de *War Cry*, jornal espírita australiano, e por nossa vez o incluímos em nossa crônica.

Certo dia um pastor evangélico partiu, através de perigosa e deserta região da Austrália, para exercer seu ministério junto a um enfêrmo em perigo de vida. Êle viajava tão pobremente, tão desprovido de bens materiais que a viágem pouco risco oferecia, porque os ladrões nada encontrariam capaz de despertar a cobiça. Mas, em seu regresso, êle foi obrigado a conduzir, oculta na sela de seu cavalo, grande importância em dinheiro, pertencente ao moribundo e que deveria ser entregue a um parente residente na cidade. Por qualquer circunstância, um indivíduo soube que o pastor fôra encarregado dessa missão, e o próprio pastor vira êsse homem a observá-lo no momento em que se punha a caminho.

Ao atingir certo ponto da viágem, no centro de espessa floresta, o pobre ministro foi assaltado por tão invencível terror que a si mesmo repreendia por não ter suficiente confiança na proteção do Alto. Êle desmontou e para se reconfortar, ajoelhou ao lado da estrada e orou longamente. Quando se achou calmo, montou e sem incidentes chegou à cidade, com o dinheiro que lhe fôra confiado.

Pouco tempo depois, pediram a presença do mesmo pastor junto ao leito de um moribundo. Grande foi o seu assombro ao reconhecer o bandido que lhe infundira tão grande pavor. O homem lhe disse que não podia expirar sem lhe ter confessado que êle o havia seguido com o propósito de o matar para se apoderar do dinheiro, mas que não poude encontrar ocasião azada. «Mas essa ocasião você a teve, no momento em que desci do cavalo», disse o pastor. «Não», respondeu o ladrão. «E porque ? Eu estava só na floresta e muito tempo estive a orar ao lado de minha montaria. Você podia então, matar-me». — «Não me foi possível atacar-vos porque não estaveis só. Durante todo o tempo em que estaveis rezando, vi dois homens que vos ladeavam».

Certamente não havia sêr vivo nas proximidades do pastor, na hora em que êle suplicava a proteção do céu, mas provavelmente presentes estavam Espíritos protetores que sómente se tornaram visíveis ao bandido, impedindo assim a morte do pastor.

⁂

Sua mãe lho havia dito

Constancia

Muito benígna era a temperatura de Paris na noite de 10 de Julho de 1836. A-pesar-da brisa balsâmica, o conhecido escritor Armando Carrel não tinha sonhos a não ser sinistros. Em sonhos viu sua mãe em traje de luto com os olhos inundados de lágrimas.

— Por quem choras, perguntou o escritor.

Sua mãe não respondeu.

— Por meu pai ? — insistiu.

A mãe fez sinál negativo com a cabeça.

— Por meu irmão ? — tornou a perguntar-lhe.

Novamente um sinál negativo com a cabeça.

— Por quem então ?

— Por ti, filho meu — disse suavemente a visão e se desvaneceu.

Dia seguinte, Armando Carrel escreveu um artigo em seu diário «Nacional» que Emilio Girardin achou ofensivo. Houve um pedido de explicações e uma resposta enérgica. Durante a aurora da manhã seguinte um pequeno grupo de homens, e ouviram-se duas detonações : Carrel tombou agonizante.

Êste episódio, devidamente documentado, foi referido por J. Jezower em sua obra «O Livro dos Sonhos», publicada em 1928.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 30 do mês passado, às 20 horas, com o seu salão repleto, uma sessão comemorativa do 6.º aniversário do passamento do nosso amado companheiro, Cairbar Schutel.

Abriu a sessão o nosso companheiro Campêlo, que dissertou sôbre a vida e a obra do querido homenageado. A seguir, recitaram poesias referentes ao ato, as seguintes alunas da Aula Evangélica: Carmen Torres, Edna Gonçalves e Manoelita Torres. Usaram da palavra, ato contínuo, os confrades: José Dias, residente em Rio Claro; José Venancio de Freitas Junior, João Leão Pitta e Prof. D. Maria Casanova.

Depois de breve agradecimento a todos os presentes, encerrou a sessão, com uma prece a Jesus, o companheiro Costa Filho.

* * *

A Comarca

Esta nossa prezada colega local, competentemente dirigida pelo seu proprietário, o nosso distinto amigo e confrade, sr. Augusto Ferreira, completou no dia 4 do mês passado, o seu XX aniversário.

Comemorando tão grata efemérides, «A Comarca» circulou, dia 2 p. p., com mais páginas, inserindo oportunas e belas colaborações.

A's muitas felicitações que o seu proprietário recebeu pelo auspicioso acontecimento, juntamos as nossas, sinceras e fraternais, almejando à «A Comarca» crescente progresso na senda luminosa de bem servir os malonenses.

* * *

A Centelha

Comemorou o seu 5.o aniversário, dia 1.o do mês passado, a nossa distinta colega «A Centelha», de propriedade e direção do nosso amigo e confrade, João Silveira, uma das penas de grande projeção no cenário espírita.

Editada na Capital, «A Centelha», transformada em revista ha pouco tempo, grangeou as simpatias dos espíritas pela orientação segura que lhe imprimiu o seu digno diretor.

A' apreciada colega, ao seu dedicado diretor e auxiliares, as nossas sinceras felicitações.

* * *

Escola João Batista

Encerrou suas aulas, com a inauguração de sua exposição de trabalhos de costuras, e numa festa sugestiva, a ESCOLA JOÃO BATISTA, mantida pelo Centro Espírita, FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE, de Nova-Iguassú, na tarde de 2 de Janeiro.

A sessão de encerramento foi presidida pelo diretor da Escola e presidente do centro, prof. Leopoldo Machado, que, proferida a prece de abertura da sessão, falou, primeiro, sôbre o valor da instrução, numa verdadeira aula de estímulos e emulação para a criançada. E procedeu-se, a seguir, a entrega dos certificados de exame, dos premios escolares.

A' segunda parte, iniciou-se com «o adeus de despedida» de mestres e alunos, proferido pela profa. D. Albertina Trigueiros. E com uma expressiva página sôbre a educação evangélica, que a profa. Ilza Chaves de Almeida leu para seus alunos. Seguiramse números de declamação, isquetes e canto proferidos por alunos da Escola.

A terceira parte constou do original leilão de prendas entre os próprios alunos. Prendas que são arrematadas a pontos de aplicação e conduta, obtidos e colecionados durante o ano letivo. Foi a mais alegre e esfusiante das partes festivas, que terminou com farta distribuição de biscoitos e balas com as crianças.

Depois, a inauguração, no salão da biblioteca do Centro, da exposição, que ficará aberta à visita pública até terça-feira última.

Lar de Jesus

E sua Festa da Fraternidade

O mau tempo da semana do Natal, que alterou a festa de 1.o aniversário do LAR DE JESUS, concorreu para outra festa bem mais interessante: A FESTA DA FRATERNIDADE, realizada a 1.o de Janeiro, que, já agora, por muitas razões, será o dia de aniversário do LAR DE JESUS, por ser obra nascida de um movimento de fraternidade espírita e cristã...

Foi uma tarde festiva e cheia de alegria e atrações de toda sorte.

A's 15 horas, o Prefeito Municipal inaugurou a praça pública, que a Prefeitura construiu no terreno doado pelo LAR DE JESUS para tanto, sendo recebido festivamente no LAR, saudando-o de improviso, e à sua comitiva, a Presidente do LAR DE JESUS. Seguiu-se, então, a parte teatral das internadas, repetição do Natal, irradiada ao alto-falante, na varanda do edifício, perante a enorme assistência que a abarrotava. O vendaval que, a seguir, caíu, danificando a ornamentação, não quebrou, felizmente, o ânimo festivo da assistência, que permaneceu na mesma alegria e animação assistindo às outras partes: entrega de mais lembranças-homenagens de afilhadas às madrinhas, e das cadernetas dos «legionários do quilo» a novos inscritos na original campanha. E por último, a caipirada do Zé-Peroba, que, feito capataz de freguezia, improvisou um batismo da bonecada toda, para riso de toda gente...

Vale salientar o concurso inestimável dos centros LEGIONÁRIAS DE MARIA e CAMILO FLAMARION, do Meyer, que, encorporados, foram até lá, confraternizar com seus irmãos do LAR DE JESUS.

E, dos números que as internadas representaram, o mais interessante foi a homenagem prestada pelo LAR DE JESUS aos centros confraternizados: cada internada representando um centro, a declamar a contribuição do centro representado para o LAR DE JESUS.

Sua Diretoria, a todos que deram a satisfação de aceder a seu convite e de contribuir, de qualquer modo, para a festa do seu primeiro aniversário do LAR DE JESUS, hipoteca sua gratidão, dizendo que melhor agradecimento terão do PATRONO da Obra...

A Serviço da Propaganda

Comunicado do nosso companheiro sr. Onofre Batista:

— Em Presidente Prudente, onde temos ótimos companheiros, fiz 5 palestras. Entre êsses companheiros, temos o confrade Virgilio Reis, presidente do Centro Espírita «Poder da Fé» que, devido aos seus atos de humildade e amor, tem conduzido para a fileira espírita pessoas de destaque e de todas as posições sociais.

— Em Ribeirão dos Índios, onde falei, a doutrina vai indo muito bem, notando-se grande entusiasmo entre os espíritas.

— Em Santo Anastácio temos o dedicado confrade João Machado, que está abrindo novas tendas espíritas até as divisas de Mato Grosso.

— Realizei mais palestras nas seguintes cidades: Presidente Wenceslau, Presidente Epitacio, onde usaram da palavra também dois tenentes do Exercito; em Porto Tibiriçá, na residência do cap. Carlos José dos Santos.

— Conforme combinei com os dirigentes da Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, na impossibilidade de assumir novos compromissos, estou autorizado a nomear representantes dessa instituição de caridade nas localidades em que eu passar, no sentido de serem obtidos donativos para a construção de novo pavilhão para obsedados. Tratando-se de uma obra de relevante importância, é de se esperar opôio de todos em geral.

— O Centro Espírita «Amor e Caridade», de Presidente Wenceslau, já está com o terreno pronto e uma parte do material para a construção do seu prédio próprio o que deverá se verificar dentro de pouco tempo. A sua nova diretoria ficou assim constituida: Pres. Antonio Agostinho de Paula; Vice, Fernando Vales; 1.o secr., Arthur Silva; 2.o secr., Carlos Henrique Quintas; tes., Agenor da Silva; Proc. José de Abigalha; Fiscal, Angelo Vales; Zel., José Elias.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2021unse

IO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1944 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL

SUMÁRIO

O Espiritismo na opinião dos intelectuais
A Propósito das Visões Supranormais de Swedenborg
Desmaterialização da Matéria
Allan Kardec
"O Espiritismo é Obra de Educação" de Leopoldo Machado
Alguns Factos Anteriores ao Aparecimento do Espiritismo
Observações Exparsas...
Apenas...
Mensagens Supranormais
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Bibliografia

ALLAN KARDEC

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1944 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson. Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

O Espiritismo na opinião dos intelectuais

Doutor Edmond Dupouy

ENTRE os pioneiros da primeira hora, justo é mencionar os doutores Puel e Dupouy. Depois de lerem no *Journal de Psychologie Experimentale*, 1874 e 1875, as experiências de W. Crookes e dos membros da *Sociedade Real* de Londres, os doutores Puel e Dupouy repetiram as experiências dos sábios ingleses, com médiuns franceses e D. Home.

Morto o Dr. Puel, o doutor Dupouy continuou só o trabalho começado com a colaboração de seu sábio colega. E, no mês de Janeiro de 1897, aparecia a primeira edição de sua obra *Sciences occultes et Physiologie psychique*, cujos principais capítulos haviam sido publicado em 1895 e 1896, no *Monitor de Higiene Pública*. A última edição, publicada em 1903 pelo editor Flammarion, põe em relevo todas as questões das ciências psíquicas, e resume as experiências feitas por todos os sábios da Europa e América nos dez anos anteriores.

Eis uma pequena parte do catálogo de matérias que permite avaliar o conjunto da obra do Dr. Dupouy :

—Considerações fisiológicas. Fôrça Vital. Corpo psíquico. Leis de Baraduc, magnetómetro de Fortin, máquina de Croockes.

Exteriorização do corpo psíquico, observações de Reichenbach, de Luys de Iodko, de Rochas e de Goudart.

Exteriorização das faculdades psíquicas; magnetismo, hipnotismo; eflúvios cerebrais. Exteriorização da sensibilidade, o transporte. Experiências. Exteriorização do pensamento, da vontade, da memória. Transmissão do pensamento.

Lucidez. Pitonisas e Sibilas. Visão através-de corpos opacos.

Exteriorização da motricidade, materializações e desmaterializações.

Fenômenos do animismo. Estado de transe; telepatia. Fenômenos espiríticos; identidade da personalidade.

Experiências mediúnicas na América, França, Alemanha, de Crookes, Puel e Dupouy. Miss Cook e Katie King. — Formas e rostos de fantasmas.

Experiências de Zoelner, de Gibier com o médium Slade. Experiências de Nápoles, Roma, Milão, Varsovia, com a médium Eusápia.

Experiências de Pelletier, do coronel de Rochas, do professor Charles Richet; de Montfort l'Amaury pelos senhores G. de Fontenay e Camilo Flammarion.

Casas assombradas; de Louviers, de Roma, de Yzeures; o caso de

Constantina. Gabinete assombrado do Dr. Dariex.

* * *

Eis as conclusões a que chegou o Dr. Dupouy:

«Hà três elementos no sêr humano: a alma, o corpo psíquico e a matéria organizada. Em outros termos, o homem é um espírito incarnado.

A matéria é composta de elementos atômicos que recebe o princípio de vida duma fôrça inerente ao corpo psíquico. Todos os fenômenos fisiológicos estão sob a dependência imediata dessa fôrça; é ela que regula as manifestações vitais, que determina as ações físico-químicas do organismo.

O corpo psíquico não está limitado ao invólucro cutâneo. Constantemente está envolvido por eflúvios luminosos, visíveis a indivíduos sensitivos ou médiuns. Êle pode exteriorizar-se num campo neuro-dinâmico indeterminado e manifestar-se em condições particulares, por fenômenos psíquicos ou de mediunidade.

Esta fôrça pode reproduzir-se no campo neuro-dinâmico, tanto só, como aliada a uma fôrça da mesma natureza, provinda de um ou de diversos corpos psíquicos em estado completo ou incompleto de exteriorização. Nestas condições, ela determina fenômenos mediúnicos pertencentes ao animismo ou ao espiritismo, e, em certos casos, a ambos.

O corpo psíquico está intimamente ligado à alma, da qual recebe faculdades superiores que constituem sua própria essência, a inteligência e a vontade, e que êle pode exteriorizar com seus atributos próprios, como pode igualmente, em certas condições, exteriorizar a matéria ao estado radiante».

. . . «A quarta fase das ciências ocultas está representada pelas experiências de Crookes, de Richard Wallace e de seus colegas do real Instituto de Londres; de Charles Richet, Luys, Puel, de Rochas, Gibier, Baraduc e Flammarion, na França; de Lombroso e de Tamburini, na Itália; de Ochorowicz, de Aksakof e de Iodko, na Russia; de Robert Hare, Dale Owen, S. Mapes, na América, citando sómente os sábios mais conhecidos.

Essas experiências demonstraram o êrro das teorias do materialismo doutrinário, — o qual aceita a Fôrça unicamente como uma propriedade da Matéria, recusando-se a reconhecer a Fôrça vital, o corpo psíquico, tão perfeitamente posto em evidência por milhares de factos autênticos.

Esta nova ciência irá exigir:

Da *física*, o exame, como o indicou de Rochas, da natureza da Fôrça psíquica pelas ações mútuas que podem exercer-se entre ela e as outras fôrças brutas da natureza, som, luz, calor e eletricidade;

Do *espiritismo*, a determinação do modo por que pode ser posto em jôgo a fôrça psíquica por inteligências pertencentes a entidades invisíveis.

Como eu já disse anteriormente, a ciência psiquica de agora em diante faz parte da biologia positiva.

Demais, não ouvimos, hà pouco, o Dr. Lancereaux fazer gravemente à Academia de Medicina, uma comunicação relativa ao caso de uma mulher dotada da dupla vista, que, em estado cataléptico, predisse o momento preciso do fim de suas crises?

Não assistimos com grande satisfação, neste mesmo ano (1905), à creação dum *Instituto Psicológico*, para estudar os fenômenos psíquicos, contando entre seus membros fundadores: d'Arsonval, membro do Instituto, da Academia de Medicina e professor no Colégio de França; Bergson, membro do Instituto e professor do Colégio de França; Brissaud, professor na Faculdade de Medicina; Weiss, professor adjunto da Faculdade de Medicina, etc. ?

Êstes grandes sábios oficiais compreenderam que a ciência já não deve ser limitada a simples bagagem de nossos conhecimentos adquiridos. Êstes pensam que há perquirições a fazer aos confins da psicologia, da biologia e da física, sem outra preocupação senão a de pedir à experiência a solução da seguinte proposição:

«Qual é a parte de realidade objetiva e qual a parte de interpretação subjetiva nos factos descritos sob os nomes de sugestão, telepatia, mediunismo, levitação, etc.»

Hoje, a questão está claramente colocada, e pode-se dizer, pela primeira vez, que a verdade está a caminho».

A Propósito das Visões Supranormais de Swedenborg

Prof. ERNESTO BOZZANO

O amigo César Vesme publicou em *Revue Métapsychique*, longo artigo intitulado: «Swedenborg e suas revelações sôbre as condições da vida no Outro-Mundo».

Ora, segundo meu modo de pensar, êsse artigo repousa sôbre induções e deduções que não estão conformes à questão bem posta.

Essas induções e deduções contrastam com as que formulei em meu estudo: «Revelações transcendentais e objeção antropomórfica». Torna-se mesmo evidente que se julga assim solapar indiretamente as conclusões ás quais cheguei no estudo em questão.

Proponho-me pois a discutir com a intenção de retificar o que de errado há na interpretação do problema, por meu contraditor.

Minha primeira retificação concerne a esta observação que boa parte dos defensores das hipóteses opostas: Animismo e Espiritismo, recorrem ao deplorável expediente de escolher por entre os factos os que lhes convém, desprezando prontamente tudo o que possa embaraçá-los. A observação não deixa de ser verdadeira nêste sentido, preciso é reconhecê-lo, que os adversários da hipótese espírita, a começar por Frank Podmore e terminando pelo famoso Professor Yastrow, se mostraram e ainda se mostram bem mais culpáveis, no terreno da probidade científica, do que os defensores da hipótese espírita. Em todo o caso, êle assim conclue:

«Efetivamente, nessas condições, não é dificil, a cada um deles, tirar tudo o que se quer da análise comparada das revelações, inclusive a concordância entre elas».

Quanto a mim, apresso-me a retificar essa acusação geral, observando que se —segundo êle—ela está fundada na maioria dos casos, ela não concerne pessoalmente e menos ainda ao método que eu aplico na seleção do material transcendental a submeter aos processos da análise comparada e à convergência das provas. E o que concerne à seleção do mesmo material, Vesme não quererá negar a absoluta necessidade, visto que todos — animistas e espíritas — estamos de acôrdo para reconhecer que «90 °/₀ dos sujets que automáticamente escrevem «mensagens transcendentais» não são médiuns, mas pseudo-médiuns».

Isto dito, e achando-nos todos de acôrdo sôbre êste facto, que grande número de comunicações do gênero, não passam de palavrório emanado das profundezas oníricas da subconciência, resulta que severa seleção se impõe nas mensagens recebidas, seleção que naturalmente, não deve consistir em escolha *arbitrária* e subjetiva, segundo a generalização de meu contraditor, mas deve ser, contrariamente, *racional* e *inexorável* no sentido por mim proposto. O que quer dizer que se deve impiedosamente «rejeitar» — mesmo correndo o risco de algumas vezes cometer enganos, por excesso — as mensagens transcendentais que não estejam apoiadas sôbre excelentes provas de identificação dos mortos; ou, pelo menos, não tendo sido recebidas por médiuns de primeira ordem, com os quais se ha obtido e se continua a obter notáveis incidentes de identificação espírita, acompanhados de informações ignoradas por todos os assistentes.»

Depois do que, eu havia acrescentado: «E' claro que só atendo-se a êste sistêma inexorável de seleção é que se chegará a dispor de valiosa coleção de mensagens autenticamente mediúnicas».

Pois bem! Foi precisamente êsse sistema impiedoso, mas racional, de seleção, que empreguei em meus penosos esforços para submeter ao cimento da análise comparada e da convergência das provas, o material das «revelações transcendentais». Segue-se que a imputação que Vesme faz a numerosos pesquisadores desleais, de modo algum se aplica a meus trabalhos. Assentado isto, as conclusões a que cheguei devem ser consideradas como cientificamente legítimas, porque elas são estatisticamente deduzidas da enumeração dos episódios contidos nessas mensagens.

Tal é minha primeira retificação. Como se vê, ela revela importancia fundamental.

Minha segunda retificação é relativa a esta circunstancia que Vesme — quando êle tenta demonstrar que as «revelações transcendentais» não possuem valor algum — reconhece que para o demonstrar necessário seria fazer o que fiz, isto é, aplicar precisamente os processos científicos da análise comparada e da convergência das provas. Mas ao mesmo tempo observa que para o conseguir, «necessario seria, infelizmente, um trabalho de longo «fôlego», emprêsa que êle não pode assumir. Êle continua a discutir, declarando: «Mas o mesmo resultado pode ser atingido — se bem que de maneira menos completa e palpável — analisando unicamente determinada *matéria-tipo (sujet type)*». Depois do que êle se põe a analisar as visões de Swedenborg que são a «matéria-modêlo» por êle escolhida, se bem que elas se verificassem um século antes do movimento espírita, dando assim uma prova de preferência «subjetiva», assás semelhante às que êle justamente condenou!

Como quer que seja, facto é que o método adotado por Vesme não póde ser mais anticientífico, visto a impossibilidade de aplicar o processo da análise comparada e a convergência das provas *a uma única série* de mensagens transcendentais obtidas *por um único vidente*, não sendo, portanto, lícito afirmar que com êste método póde ser atingido o «mesmo resultado». Pelo contrário! Com efeito, é bem evidente que, se não aplicarmos os processos de investigação científica, não fazemos obra científica, mas de fantasia, e, consequentemente, nulo será o resultado. E, todavia, é êste o método escolhido por meu contraditor para fazer triunfar o seu ponto de vista! Daí concluo que, se êle nada melhor poude encontrar para me opor, então, o triunfo de minha causa é certa.

Nada mais aduzirei a êste assunto, parecem-me suficientes minhas explicações.

E eis uma terceira e necessária retificação. Vesme, depois de ter relatado os episódios mais conhecidos da clarividência de Swedenborg, que com razão explica pela telepatia (visto que no caso da rainha Ulrique, esta tinha em sua memória o acontecimento que desejava obter a título de prova de identidade, e que no caso de Mme de Manteville, houve perfeita coincidência entre seu sonho verídico e o mesmo sonho idêntico de Swedenborg), depois de haver relatado, digo eu, êstes incidentes, observa:

Eis, pois, uma circunstância, um problema que se impõe, que reveste capital interesse: E' que quando uma das comunicações de Swedenborg, supostamente sobrenatural, era de natureza a poder ser controlada, ela era infalivelmente reconhecida exata... Portanto se pensamos que as descrições do Outro Mundo, fornecidas por um médium, *podem ser tidas por verdadeiras quando o médium forneceu brilhantes provas de vidência*, ou — admitamô-lo para discutir — conversar com os espíritos, as descrições do «Profeta do Norte» são bem aquelas cuja veracidade devemos racionalmente acolher. *«Mas, então, sejamos conosco mesmos consequentes até o fim»*.

Após o que êle enumera todos os absurdos narrados por Swedenborg, absurdos que, em nome dos argumentos acima, deveriam ser tidas por verdadeiras, inclusive sua conversação com o Pai Eterno, sustentada na segunda pessoa *(tu)* e sua viagem aos planetas do sistema solar, cujos habitantes descreve, cometendo monstruosos êrros de física sideral!

Eu observo que o dilema formulado por Vesme, é uma réplica em contradição com o dilema que eu próprio formulei sôbre o mesmo problema, nêstes termos:

«Não é racional reconhecer a autenticidade das manifestações mediúnicas dos defuntos, para em seguida negar todo o valor às informações sôbre o meio espiritual fornecidas pelos mesmos defuntos *nas mesmas mensagens*».

Apresso-me a observar que esta última precisão específica — *«nas mesmas mensagens»* — é de natureza a cavar um abismo entre o que afirmo e o que me opõe o meu contraditor. Efetivamente, se ilógico parece, a ponto de atingir a raia do absurdo, que milhares de defuntos comunicantes tenham sempre dito a verdade sôbre o que podia ser controlado e tenham mentido sôbre o ambiente em que se encontram, e *isso nas mesmas mensagens*, se tal pretenção parece inepta e insustentável, provável é, e mesmo cem vezes provado, que existem sensitivos que teem visões verídicas de todas as espécies, mas sujeitos a visões falsas, mais numerosas ainda que as outras, sobretudo quando se trata de sensitivos cuja receptividade supranormal é gravemente influenciada por mentalidade saturada de preconceitos. E é êste bem o caso de Swedenborg e suas visões transcendentais, as quais — *que seja isto bem notado!* — não são mensagens obtidas mediunicamente, mas visões subjetivas sobrevindas durante o sono ou em estado de semi-sono, visões que não passam de reflexos mais ou menos fieis das prevenções religiosas estaticamente organizadas em seu cérebro.

O mesmo pode-se dizer das pretensas «revelações» de Santa Teresa: E' psicologicamente inevitável que do subconciente duma grande sensitiva, saturada de misticismo cristão, emergissem informações espirituais correspondentes ao que, desde sua tenra infância, se organizou em seu espírito. Ademais, é preciso acrescentar que em virtude do método de seleção que preconizei e apliquei, as revelações de Santa Teresa devem ser completamente eliminadas, *visto faltarem-lhes as consolidações por provas de identidade de defuntos comunicantes.* Só poderiam ser aceitas como um «ato de fé» e os «atos de fé» não são científicos. Como já o disse, as provas da natureza indicada, são indispensáveis se quisermos reunir um acervo de revelações transcendentais de verdadeira origem mediùnica, ainda que assim agindo não possamos escapar ao inconviniente de eliminar parte de bons materiais.

Limito-me ao exposto, porque suponho ter demonstrado amplamente, que em consequência da falsa interpretação do problema, por meu contraditor — interpretação sôbre que se apoiam e se desenvolvem seus argumentos—tombam inexoravelmente as conclusões às quais chegou, em oposição às minhas que são cientificamente legítimas, porque estabelecidas sôbre dados estatísticos obtidos pela análise comparada de grande número de coleções do gênero, já colecionadas por método rigorosamente racional e imparcial, em homenagem à investigação da Verdade pela Verdade.

Também sinceramente declaro que essa tentativa injusta de destruir os resultados duma tarefa que me custou longos anos de dura fadiga, produziu-me um sentimento de profundo desânimo. Por essa tentativa quís-se insinuar que meu trabalho não passa de efêmero empreendimento como tantos outros, porque os documentos amontoados de acôrdo com os métodos de investigação científica, em realidade só foram escolhidos com a intenção deliberada de provar a tése desejada. Nada mais contrário à Verdade, no meu caso. Mas as insinuações de meu contraditor nada mais são do que a consequência de irredutível prevenção que o domina, prevenção que não foi vencida por estudo indispensável e científico de uma questão particularmente complicada e difícil, sómente acessível pelos processos da análise comparada, aplicados a adequado número de coleções de mensagens severamente joeiradas segundo as regras que já formulei. Nenhuma dúvida é possível: Não é assim que alguém pode arrogar-se o direito de discutir com conhecimento de causa.

* * *

Ama o teu inimigo, porque ou êle é executor da Divina Justiça para castigar a tua sôberba, ou ministro da sua Providência para exercitar a tua paciência, provar a tua constância.

Ama o teu inimigo, porque Deus perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa Êle na menor ofensa do que nós ao ódio de todo mundo nos maiores agravos.

Ama o teu inimigo porque as setas do seu ódio, se as receberes com outro ódio, são de ferro, se lhes respondes com amor, são de ouro.

Ama o teu inimigo, porque melhor é a paz que a guerra, e nessa guerra a vitória é fraqueza e o ficar vencido triunfo.

Ama o teu inimigo, porque êle, em te querer mal, parece-se com o Demônio, e tu, em lhe querer bem pareces-te com Deus. — *PADRE ANTONIO VIEIRA.*

A Desmaterialização da Matéria

— *«Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer...»* *(João, Cap. 16 v. 12).*

E' um assunto deveras complexo e interessante êste da passagem da matéria através-da matéria ou da sua desmaterialização. Em torno do mesmo muito já se tem dito e escrito, e muito ainda se terá a dizer e a escrever. E' um tema sempre novo. E' o fenômeno que a ciência espírita, através-de sábios investigadores, já estudou e classificou devidamente, e ao qual está intimamente ligado um grande número de outros fenômenos, ainda por classificar, à espera de quem os queira pesquisar.

Sôbre êste palpitante tema, vamos pedir, para o nosso esclarecimento, o testemunho do grande sábio *Dr. Johann Carl Friedrich Zollner*, buscando em sua maravilhosa obra «Física Transcendental», na comprovação científica de alguns casos de fenômenos dessa natureza, realizados pelo *médium Slade.*

Diz-nos o *Dr. Zollner*, no Capítulo VII, da sua obra, que comprára dois caramujos, um menor e outro maior. A abertura quasi circular, tinha um diâmetro de 43 milímetros, no maior, ao passo que no menor apenas media 32 milímetros, na sua maior extensão. «Certa noite —prossegue o ilustre sábio — sem nenhuma intenção pús o caramujo maior sôbre o menor, ficando êste quasi totalmente coberto. Quando *Slade* — continua o Dr. *Zollner* — segundo o seu hábito, segurou em baixo da mesa uma lousa, ouviu-se imediatamente um ruído, como a quéda de um corpo sólido sôbre ela. Sendo retirada a lousa, sôbre ela achou-se o caramujo, que apenas um minuto antes estivéra sôbre a mesa coberto pelo outro!

Dêsde que êsse se tinha produzido sem o concurso de nossas mãos, aí estava a chamada «penetração da matéria», que tem sido tantas vezes observada e desta vez tão inesperadamente. Logo depois de ter *Slade* retirado a lousa de sob a mesa — escreve ainda o Dr. *Zollner* — eu segurei no caramujo, com o fim de verificar qualquer alteração física que por acaso pudesse ter tido lugar. Surpreendeu-me achá-lo tão quente, que, quasi tornou-se-me impossível conservá-los entre os dedos. Passei-o imediatamente ao meu amigo, que verificou essa extraordinária mudança de temperatura. Esta circunstância parece-me ser de certa importância, em relação aos fenômenos que se seguem. Ás 7 horas da noite do dia 9 de Maio, achava-me só com *Slade*, em nosso gabinete. Dois argolões de madeira e duas tiras de couro mole estavam ligadas a um pedaço de *catgut* de um milímetro de espessura e de 1,m05 de comprimento. As duas extremidades do *catgut* foram amarradas juntas e depois lacradas. Depois de termos, *Slade* e eu, nos sentado à mesa, coloquei as mãos na extremidade lacrada do *catgut.* Decorridos alguns minutos, *Slade* assegurou-me, como geralmente durante os fenômenos físicos acontecia, que estava vendo luzes, e em seguida sentimos um cheiro de queimado, como que procedendo de sob a mesa e fazendo lembrar o cheiro de ácido sulfúrico. Logo depois ouvimos um ligeiro ruído que vinha da mesa próxima, como de pedaços de madeira chocando-se. Em seguida, abandonámos os nossos lugares, afim de verificarmos a causa do ruído pressentido. Com imensa surprêsa, achámos os dois argolões de madeira, que minutos antes achavam-se presos ao *catgut*, circulando o pé da mesa pequena. O *catgut* achava-se amarrado, em dois nós soltos, e o pedaço de tripa dependurado, sem alteração alguma!...»

Através-da mediunidade de *Slade*, foram ainda realizados outros trabalhos dessa natureza, tais como levitação de mesas, de cadeiras, móveis pesados, etc. Cadeiras foram penduradas nos braços dos assistentes, quando êstes seguravam firmemente, entre si, as mãos! Nós, foram amarrados, em cordas, cujas pontas achavam-se previamente amarradas e lacradas juntas!

* * *

Gustavo Le Bon também muito se interessou por essa espécie de fenômenos. E das observações dêsse sábio que mais sensação despertaram, na época em que foram realizadas, revolucionando as idéias então correntes, como postulado científico, na Física, foi precisamente a demonstração que êle também denominou «a desmaterialização da matéria», em consequência da radio-atividade, não de um ou de alguns determinados corpos, mas de todos os corpos, como um fenômeno universal.

Diz-nos *Leopoldo Cirne*, porém, que as mais surpreendentes dessas experiências foram realizadas em *Nova York*, pelo não menos ilustre sábio dr. *Paul Gibier*, com o *médium Salmon* que, encerrado numa gaiola, com varões de ferro, fechada a cadeado e lacrada, e que foi fabricada especialmente para a experiência, foi, em mais de uma ocasião, depois de cessada a momentânea obscuridade para a produção do fenômeno, encontrado do lado de fora, estando a gaiola perfeitamente fechada e lacrada, como antes, e os varões ainda quentes, como a atestar o processo de desmaterialização e recomposição imediatas. (DOUTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO — 1.º Vol. pag. 321 e 2.º Vol. pags. 17 e 137).

Embora tais fenômenos possam parecer absurdos, pela derrogação de velhos postulados da Física, tidos como intangíveis à Evolução da Ciência, nem por isso podem ser contestados, dada a evidência da demonstração comprovada dos mesmos.

* * *

E' sabido, até pelos incientes no assunto, a importância do papel que desempenha a vontade humana em todos os fenômenos do magnetismo.

Mas, como se ha de explicar a ação ponderável e material de tão sutil agente? perguntarão muitos.

A vontade, como é sabido, não é um sêr qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é, pois, um atributo essencial do espírito, ou seja do ser pensante. Com o auxílio dessa poderosa alavanca, êle atua sôbre a matéria elementar e, por sua ação consecutiva, reage seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. (FACTOS ESPÍRITAS — *Williams Crooks* — pág. 130).

* * *

O Cristo, mais do que qualquer outro sêr, e isso é obvio, possuia no mais alto grau essa faculdade, que fazia da sua vontade a mais poderosa alavanca que se possa conceber!

E para não enfastiar, citaremos, muito de passagem, alguns dêsses efeitos, buscando-os nos Evangelhos, onde o Divino Mestre demonstrou praticamente, do quanto era capaz de realizar. Assim, por exemplo, na tempestade aplacada, na multiplicação dos pães e dos peixes, na transformação da água em vinho, na sua prisão, nas inúmeras curas que realizou, embora tenham êsses efeitos sido considerados miraculosos pelo vulgo ignorante, ficam mais que evidenciados os poderes de que era dotado o Divino Messias, o Rabino da Galiléia.

E ainda hoje isso só poderá escandalizar aos homens de *pouca ciência*, pois os que estudam sabem que até o perispírito, élo intermediário entre o corpo e o espírito, possue a propriedade inerente à sua natureza íntima, que é a penetrabilidade, sendo que matéria nenhuma lhe opõe obstáculo, atravessando êle todos os corpos, como a luz atravessa os corpos transparentes. (*LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec*. n.º 106).

Êsse singular fenômeno da passagem da matéria através-da matéria, tem, para nós, o sabor dos factos consumados, pela explicação racional dada ao mesmo pelo insigne investigador inglês *Willians Crooks*, com a qual estamos de plenissimo acôrdo.

Diz aquele sábio, com grande proficiência, que os «átomos da matéria que atravessa passam pelos intertícios que separam os átomos da matéria atravessada», sem derrogar, é claro, o princípio de física universalmente conhecido — «de que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.» (FACTOS ESPÍRITAS — *William Crooks* — pag. 50).

Como, pois, pasmar diante do que o Cristo, suprassumo de todas as virtudes e de todos os poderes, podia realizar com as faculdades de que era dotado?

E foi usando dêsses poderes e dessas faculdades, das quais fez grande alarde na sua permanência na terra, que êle, certamente, preparou todos os pormenores para a sua descida a êste mundo.

Negar tal evidência e tais factos, é dar atestado de crassa ignorância, até mesmo dos menores detalhes que pontilharam de fenômenos, os mais interessantes, a trajetória luminosa do Cristo-Jesus, à face do nosso planeta.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, — 1944.

ALLAN KARDEC

RELEMBRANDO as grandes datas do Espiritismo, temos por objetivo prestar as nossas homenagens, numa demonstração de solidariedade, reconhecimento e aféto, aos vultos que mais se distinguiram no trabalho da divina seára, e aos quais, sem a menor dúvida, devemos o cabedal de conhecimentos e bens espirituais de que estamos desfrutando a mancheias.

E' assim que, no próximo dia 31, transcorre o 75.o aniversário do desincarne do inconfundível missionário Allan Kardec que, secundando a imensa obra de espiritualização da humanidade, iniciada pelo Meigo Rabí da Galiléia, há quasi dois mil anos, veiu acabar de descortinar, aos olhos dos homens materialistas e ateistas, os vastos e deslumbrantes horizontes da Vida Eterna.

Quanto mais o tempo avançar mais o nome de Allan Kardec brilhará como uma das estrelas de primeira grandeza no Céu do Espiritismo. Foi sob os auspícios da sua inteligência, do seu saber, do seu esfôrço perseverante e decidido que os Espíritos de Verdade lançaram os alicerces de um templo capaz de abrigar humanidades.

Discípulo de Pestalozzi, escritor emérito, professor de físiologia, astronômia, química e física, Allan Kardec estava admiravelmente preparado para desempenhar a rude mas gloriosa tarefa que o Alto lhe confiara. E a desempenhou impecavelmente, com espírito de renúncia, humildade e tolerância e, em meio das dificuldades oriundas de diversos fatores, entre as quais as dos seus gratuitos adversários, empenhados na destruição da doutrina nascente, mais coragem tinha para levar a cabo a tarefa.

Os testemunhos que obtivera, por meio dos fenômenos e factos espíritas, da Imortalidade da Alma, ergueram-lhe a verdadeira fé na qual encontrou êle estímulo e fôrças para o prosseguimento da obra, ao mesmo tempo em que os Espíritos lhe enviavam mensagens de confôrto.

Léon Hyppolite Denizard Rivail, seu verdadeiro nome, desincarnou em Paris, 59, passagem Santana, II.ª circunscrição, em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, em virtude da ruptura de um aneurisma.

A notícia causou dolorosa impressão entre os espíritas e amigos seus. Enorme multidão acompanhou ao Père Lachaise, os despojos mortais do Codificador.

Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira pelo sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camillo Flammarion, que não fez somente um esbôço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mais ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das fôrças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Muller que, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido os últimos adeuses.

ALLAN KARDEC

Assinalando o 75.º aniversário do passamento de Allan Kardec, rememoramos um dos acontecimentos básicos do advento do Espiritismo, que traçou, sem dúvida, novos e promissores rumos à humanidade.

A Allan Kardec, pois, rendemos, num culto de amor e respeito, as nossas sinceras homenagens.

"O Espiritismo é Obra de Educação"

de Leopoldo Machado

Já tardava. O Leopoldo, a cuja assombrosa atividade estamos avezado, não pode parar, por momentos, sem que nos cause alarme.

Ora, ha 15 dias que não ouviamos falar de suas conferências; ha mais de mês que não liamos um livro seu. E pensamos com tristeza: — o *Lar de Jesus* absorveu-o todo!

Eis senão quando nos aparece, de pancada, duas obras, o *Teatro Espiritualista* e a *tese*, sob o título acima, por êle apresentada ao 1.º Congresso de Jornalistas Espíritas. E quanto a prédicas, está êle a estas horas já, em peregrinação pelo território paulista.

E' uma alegria e um consôlo sentir que o grande trabalhador empunha a enxada com crescente energia.

A tese, que ora temos em mãos, não poderia, de facto, circunscrever-se ao auditório em que foi proferida, nem ficar condenada ao *verba volant* dos discursos. O precioso documento, em boa hora editado pelo «O Clarim», será, dóra em diante, apreciado por tantos quantos tiverem a fortuna de possuí-lo.

«Assistimos ao esboroar de uma civilização que faliu em tudo», assim começa Leopoldo. E entra a indagar das causas que contribuiram para essa ruinaria.

Não foi a falta da ciência, que estamos no século das luzes; nada falta ao homem para seu conforto material; a física e a química fazem prodígios... Não foi a da filosofia, que não a desconhece o estudante de humanidades... Nem a da religião, que as religiões andam em barda, e até sem imortalidade e sem Deus, como a de Augusto Comte. Nem a da sociologia, visto que nunca se falou tanto em doutrinas sociológicas. Nem a da moral, que os códigos superabundam.

Por falta de letras e de artes também não é; estas, cheia de tecnicos, já ultrapassaram a época. Correram tanto que entraram porvir a dentro, e os futuristas deixam os passadistas embasbacados. Além do mais, possuimos o radio e o cinema que as difunde.

Será excesso de trabalho, dado que êle traga a infelicidade, segundo a condenação bíblica? Não. Não o pode ser, depois da máquina, que o suavisou.

Não é nada disso, nos diz o Leopoldo, depois de nos fazer acompanhar com a sua dialética, cheia de espírito, todos os campos da atividade humana. Não foi a falta de um dêsses campos, que tem causado a desgraça da espécie humana.

A maior e pior tem sido o materialismo grosseiro e absorvente, orgulhoso e egoístico.

Não podemos deixar de transcrever na íntegra, um dos seus períodos lapidares:

> «As doutrinas materialistas, reduzindo os problemas sérios da vida a questões econômicas, de cuja solução fez depender a felicidade humana e para cuja solução vão açulando ódios tigrinos e armando guerras prestes a deflagrarem; o materialismo, dominando ciências e religiões, filosofias e problemas sociais, artes e esportes, é para nós a causa dos males da época, o responsável direto da situação criticíssima por que passa a terra».

Por ocasião da conferência, ainda não tinha rebentado o temível prélio de 1939, de sorte que se poderá dizer que o orador foi proféta.

Chega êle, por fim, à sua tese, que é o papel da educação, processo único de solucionar o problema. E nos apresenta a lição de Licurgo. Incumbido de um discurso sôbre a educação, o legislador vem à praça com duas gaiolas. Ha nelas dois cães e duas lebres. Solta-se o primeiro cão e a primeira lebre: esta é logo estraçalhada por aquele. Solta-se o segundo cão e a segunda lebre: êstes confraternizam. Era efeito da educação.

Leopoldo passa em revista os grandes homens, diante do problema da educação. E nos mostra como a encarava Confucio, Zoroastro, Salomão, Moisés, Maimónide, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Catão, Seneca, Erasmo, sem falar em vários outros pensadores e mestres, que cita a propósito.

Estuda o homem, desde o «estulto» de Richet, e o «homem lobo do homem», de Robbes, até o homem-Deus do Cristo.

Os capítulos se vão sucedendo, simples uns, eruditos outros, mas todos compreensíveis, todos edificantes.

Até que aporta ao Cristianismo, para provar que o Cristo, com sua gloriosa missão, não podia prégar uma doutrina que não fosse a educação, quintessenciada, e ao Espiritismo, para afirmar que «essa doutrina multiforme, onímoda, grande e bela, através de quaisquer de seus aspectos», tem como diretriz maior a educação, visto como sua verdadeira obra, obra de educação, é o ensino dos Evangelhos em espírito e verdade.

Depois de um capítulo, que julgamos de grande utilidade, sôbre o valor da educação na infância, e de mostrar a necessidade de começar a obra do Espiritismo pela educação da criança, desentulhando-a das muitas «babozeiras» que lhes ensinam, termina o autor o seu interessante opúsculo, com o esbôço de um programa de educação. As conclusões vieram *dal capo*.

Quisemos parar aqui e alí para meter o garfo da crítica. Não foi possível. Eramos, levado sempre para a frente, sem tomar fôlego, que a pena do escritor parecia um ariete, tocando-nos para diante.

Que essa pena, a serviço das boas obras, a serviço do Evangelho, a serviço de nossa Causa não esmoreça jamais. E os nossos parabens a «O Clarim» por salvar da poeira do arquivo tão prestadío trabalho.

Carlos Imbassahy.

Alguns Factos Anteriores ao Aparecimento do Espiritismo

«Constância» Por Carlos L. Chiesa

(Vêr «Revista Internacional do Espiritismo», Novembro, 1943)

Depois de Swedenborg referir-se a certo número de esferas ou planos diferentes que expressavam graus de luminosidade e felicidade, a cada umas das quais vamos ter depois da morte, segundo as condições espirituais que tivemos em vida, diz o seguinte relativamente ao modo por que somos julgados :

«Alí somos julgados de maneira automática por uma espécie de lei espiritual que determina o resultado último que é o resultado total de nossa vida, de sorte que a absolvição e o arrependimento, de pouco proveito são no leito de morte».

Relativamente a suas visões nesses planos, expressa : Havia anjos e demônios, mas não eram de natureza distinta da nossa. Todos haviam sido sêres humanos e viveram na terra, eram almas não evoluídas, no caso dos demônios, e consideravelmente desenvolvidos, no caso dos anjos.

Quanto à integridade da personalidade no plano espiritual, refere :

«Ao morrer, não se transformam em sentido algum. O homem nada perde, ao falecer, mas permanece homem em todos seus aspectos, todavia mais perfeito que no estado corpóreo, conservando não só suas faculdades, como também seu modo de pensar, inclusive suas crenças e prejuizos».

Referindo-se aos castigos eternos, — inferno, — e ao céu, sua vidência permitiu-lhe constatar que não havia castigos eternos ; que, os que estavam nos infernos, podiam abrir seu caminho, se desenvolvessem o impulso necessário ; e os que estavam nos céus, de maneira nenhuma eram permanentes, mas trabalhavam para chegarem a lugares superiores.

Também, por suas faculdades mediúnicas, poude constatar que, os que abandonavam êste mundo, velhos, decrépitos, enfêrmos ou deformados, renovam sua juventude e gradualmente voltam ao seu pleno vigor.

Pelo que se poude evidenciar do que extraímos das vidências de Swedenborg, se bem que salpicadas das crenças então imperantes, se delas as despojarmos, veremos que muito se aproximam dos conhecimentos que o Espiritismo nos proporciona. Parece ter havido um enlace de antecedentes ou preparação que culmina com a ocorrência do Espiritismo.

Vamos terminar as referências que comentámos, do ilustre vidente, afirmando que não era pessoa vulgar nem fanática.

Foi homem múltiplo em matéria de conhecimentos: engenheiro de minas, autoridade em metalurgia, astronomia e física. Ademais, era zoólogo, anatomista, financista, político e teólogo.

Publicou muitos folhetos científicos, depois desenvolveu sua mediunidade, ocorrida aos vinte e cinco anos de idade, que em nada afetou sua atividade mental.

—

Em outra ordem de fenômenos, parece evidenciar-se o desígnio por parte das esferas espirituais, para a fenomenologia espírita. Referimo-nos aos «Profetas de Albury», os quais se dedicavam aos estudos bíblicos.

No século XIX, esta corporação celebrava reuniões em Albury, imediações de Guildford, e na casa de campo do banqueiro Drumond, onde se reuniam para consagrar-se aos mencionados estudos bíblicos. Eram pessoas da maior reputação.

Nessas reuniões, em certas ocasiões, ouviam-se vozes de línguas estranhas ás em que os adeptos se expressavam, produzindo-se, por vezes, curas milagrosas e outros sinais de intervenção espiritual.

Em julho de 1831, pouco antes do aparecimento do Espiritismo, circulou o rumor, na igreja de Irving, de que certos membros da corporação foram presa do estranho fenômeno de xenoglóssia, falando várias línguas e em seus próprios domicílios.

Em outubro do mesmo ano, o serviço religioso da mencionada igreja, foi subitamente interrompido por estranhos gritos que motivaram verdadeiro pânico. Os diários da época falaram do facto, fazendo comentários sumamente desfavoráveis.

As vozes de línguas desconhecidas procediam de homens e mulheres. Muitos dos que presenciaram o fenômeno, ficaram profundamente impressionados.

Ao comentarem tais fenômenos psíquicos, diziam: «Há um poder na voz que parte o coração e se impõe ao espírito, de maneira jámais sentida até então. Ela possue cadência, magestade e grandeza, tais, como jamais ouvi cousa igual. E' algo tão parecido ás mais singelas e antigas intenções dos ofícios da catedral, que chego a crer serem reminiscências da remota época de Ambrosio e das inspiradas prégações da igreja primitiva».

Em alguns casos, o possuído pronunciava extensas alocuções prescindindo das normas dogmáticas.

Então não podiam interpretar êsses factos, como hoje o Espiritismo permite fazê-lo. Êste nos apresenta um acervo de novos conhecimentos na matéria que tornam possível sua interpretação.

A mediunidade falante muito se assemelha ao que proferiam êsses possuídos, do que se infere que se estaria preparando, então, e com maior intensidade, tal mediunidade, que atualmente é o mais comum na atividade espírita. Seu destino, o dessa mediunidade, talvez seja ulteriormente interpretado em toda sua significação.

* * *

Os factos por nós expostos tendem a demonstrar que estava se preparando, no espaço, tal mediunidade ou mediunidades.

Talvez confirmem esta hipótese outros fenômenos que vamos relatar:

Referimo-nos às comunidades dos Shakers dos Estados Unidos.

Vamos dar a palavra a Conan Doyle:

«Aquela boa gente, diz o infatigável lutador da causa espírita, parece que tiveram concomitância, por uma parte, com os quakers e por outra, com os videntes de Cevennes que passaram à Inglaterra, fugindo à perseguição de Luiz XVI, e não podendo viver nêste país devido a perseguição dos fanáticos, foram obrigados e emigrar para a América, estabelecendo-se em diversos lugares. Não surpreende, pois, que a nuvem psíquica da fôrça extra-terrestre que envolve o nosso globo, corresponda áquelas altruistas mediunidades».

Em 1837, havia sessenta dessas corporações, as quais possuiam distintos graus do poder em questão.

«Parece que os fenômenos começaram com os habituais ruídos anunciadores. Todos, homens e mulheres, deram mostras de estarem preparados para a ação espiritual. Sem embargo, os espíritos só se apresentavam depois de pedir permissão e a intervalos que não dificultassem os trabalhos da comunidade. Os principais visitantes, eram espíritos de peles-vermelhas que chegavam coletivamente em forma de tribus. Um ou dois sacerdotes ficavam no piso inferior e depois de darem um golpe à porta, os índios perguntavam se podiam entrar. Obtida a permissão, toda a tribu de índios, em espírito, entrava em tropel e ao cabo de poucos minutos, ouviam-se os gritos: «Yup, Yup». Êsses gritos emanavam dos mesmos orgãos vocais dos Shakers, mas como êstes estivessem sob o contrôle dos mesmos índios, entre si falavam a língua índia, e executavam suas dansas, em tudo demonstrando que realmente estavam possuidos dos espíritos de peles-vermelhas, de tanta atividade nas manifestações espíritas, como guias espirituais».

«Quando os espíritos peles-vermelhas apareciam nas sessões dos Shakers (as visitas duraram por espaço de sete anos), anunciavam a seus hospedes que voltariam e então invadiriam o mundo, entrando tanto nos palácios como nas cabanas».

Do que parece depreender-se que tinham conhecimento que ia ser iniciado ulteriormente o que seria chamado Espiritismo, o qual realmente hoje está «tanto nos palácios como nas choupanas». Não se poderia exigir confirmação mais exata.

Se a êstes factos ajuntarmos a mensagem que recebeu Andrew Jackson Davis, na memorável data de 31 de março de 1848, data do nascimento do Espiritismo, possível é apanhar uma visão de conjunto.

A mensagem dizia: «Esta manhã, ao amanhecer, um hálito fresco passou sôbre meu rosto, e ouvi uma voz terna e firme, que me dizia: «Irmão: está começado o bom trabalho; contempla a demonstração viva que se inicia». Pús-me a meditar sôbre o significado de tal mensagem».

A hipótese da elaboração de um plano, por parte das entidades espirituais, se robustece, se considerarmos êsses acontecimentos com toda a imparcialidade que deve ser a caraterística de todo o investigador impulsionado, de boa fé, a falar a verdade.

Por outro lado, alguns Shakers que visitaram as irmãs Fox, após o início do movimento espírita, entre êles Elder Evans, asseguraram «que era aquela a obra profética».

Disto se deve inferir que o Espiritismo não tenha berço, porque o tem e bem inconfundível, em 1848, na casa Fox, Hydesville. Inconfundível, porque de então para cá é que se trata de analisar os fenômenos supranormais; e é desde então que êsses fenômenos perdem o caráter do sobrenatural; e daí para cá se passa a colaborar de maneira franca e conciente com as entidades do espaço e, graças a essa colaboração, o mundo dos homens entrou na posse de verdades que ignorava.

São essas as verdades que permitiram interpretar os fenômenos parapsíquicos que a história registra. Não são êstes que dão a interpretação do Espiritismo, mas êsté o que conduz à interpretação daqueles.

Êste é outro dos formosos valores que arroja o Espiritismo.

Apresentou-se ao mundo para ser amplamente investigado, sem ocultar-lhe os segredos, até aonde o homem podia ir, e está sempre disposto a oferecer até onde pode chegar, e assim é que descobre leis que o homem ignorava, ao mesmo tempo que arraigou concientemente a certeza da imortalidade.

Talvez um espírito seleto seja capaz de ir mais além e descobrir o parentesco, os élos dos fenômenos espirituais que a história registra, fenômenos que se tem produzido em todas as épocas e lugares, para culminar em Hydesville, provocando a atenção universal.

Tão transcendente acontecimento, não tem comparação na história do espiritualismo, foi a virtude do Espiritismo que Deus quís se iniciasse num lugar humilde e nobre, e em duas ternas criaturas do mesmo lugar, incapazes de mistificar, e tão decididas como convencidas de sua grandiosa missão, apesar-de sua pouca idade.

Observações Exparsas...

LEOPOLDO MACHADO

(PELA UNIDADE DOUTRINÁRIA DO ESPIRITISMO)

EM importante cidade mineira estação balneária, ouviu-nos, pela segunda vez, no centro espírita local, um «confrade» do Rio, que não conheciamos.

«Espírita» que só frequenta a «tenda espírita» em que desenvolveu sua mediunidade. Sempre desejara nos ouvir, e a outros conferencistas, em outros centros. Mas, nunca tivera ordem de seu guia para tanto. E na «tenda», o guia chefe, porque da «tenda» e não dos médiuns, adverte aos guiados que, no dia em que forem a outros centros, serão abandonados por seu «anjo da guarda». Misturar espiritismos, nunca ! Só alí, na «tenda», havia espiritismo de primeira linha. Havendo onze linhas de espiritismo—ensina o guia da Tenda — as outras dez linhas, todas inferiores. As praticadas nos outros centros espíritas. Por isso que deviam ser evitados, todos eles e a todo custo ! E êle, que não queria perder o «anjo da guarda», que lhe deram na «tenda», que é Vicente de Paulo, nunca pudera nos ouvir, não conhecia outro espiritismo. Ganhara seu «anjo da guarda», São Vicente de Paulo, no dia de seu batismo, na «tenda». Batizados os neofitos, o «guia da tenda» vai distribuindo, à vontade, anjos de guarda, guias espirituais...

E não se tratava, absolutamente, de um *legalhé*, mas de importante funcionário dos Correios Gerais.

Isto, dentro de uma Doutrina que tem unidade doutrinária, códigos perfeitos, mestres infaliveis, aí está o ensino dos Evangelhos e da Codificação, o Cristo e o Kardec para afirmá-lo. Mas, não havendo estudo da parte dos que a seguem, que vale tudo isto ? E a verdade é que, sem estudos sérios e metódicos, impossível um Espiritismo são e puro. Impossível a prática do Espiritismo como deve ser práticado. Doutrina onímoda e complexa, evolutiva no tempo e no espaço, não ha de ser e não póde ser feita seriamente sinão por aquele que a tenha estudado e sentido bem. «Nunca se disse que o Espiritismo fôsse uma ciência facil», adverte Kardec. «Do Espiritismo sabemos, apenas, o a b c», lamenta Flamarion. «Do Espiritismo já se disse a primeira palavra, mas nunca se dirá a última», previne o Codificador. Assim, não é possível que se seja espírita e se faça Espiritismo sem conhecimentos da Doutrina Espírita, encabrestado por falsos guias de falsíssimas tendas ou centros espíritas, que, de Espiritismo real, só tem o rótulo. E, às vezes, nem o rótulo...

Tudo isso foi dito ao «espírita» da «tenda», que nos ouviu, dizendo-se-lhe também, que o Espiritismo é só um, que não batiza nem distribue guias à vontade a ninguém...

* * *

Outro «espírita» de cabana veio contar-nos sua história, sua conversão ao Espiritismo. Já nos conhecia bem, porque devia, em parte, sua conversão a um fato em que atuara um companheiro nosso, do «FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE».

Fôra para o Espiritismo por um caso de moléstia na esposa. Moléstia com que os médicos consultados não atinaram. Mas, era gravidez, revelou a nosso companheiro um espírito consultado a pedido de amigos da família. «Se fôr gravidez, eu romperei minha carta», afirmou, cheio de ciência e de segurança, um dos médicos. Foi gravidez e o médico não rompeu coisa alguma. A garota viva e bela alí estava, às nossas vistas, a encher os pais de alegria. Para serem gratos ao Espiritismo, procuraram uma «cabana espírita». Aí, passaram ao nosso companheiro o atestado de mistificador e de mistificação ao seu espiritismo, que é tambem, o nosso. E ele ficou na «Cabana». Mas, já estava meio desiludido, depois que o guia da cabana ordenara aos cabaneiros que tinham de alevantar uma obra completa, de assistência social, orçada em dois mil contos, ou dois milhões de cruzeiros. Como obter o dinheiro ? Era o que menos importava, que o dinheiro já estava obtido, guardado e bem guardado em terras goianas. Era só irem buscá-lo. Foram buscá-lo em caravana, de automovel, viagem dispendiosíssima e fastidiosa, orientada pelo guia a se manifestar à vontade, durante a viagem. Mas, voltaram cansados, desiludidos, de mãos vasias...

Êsse «espírita» nunca ouvira uma conferência, sinão dos guias da «cabana», mediúnicas, que na «cabana» os espíritos fazem tudo e os espíritas nada, ou quasi nada. O que ouvira alí, nas conferências que proferimos, fôra bem o afastamento da cortina que estava lhe vedando um mundo novo, diferente, melhor...

Êsse espiritismo que tudo espera dos espíritos...

Para muitos espíritas, até de «cultura» e projeção no meio espírita, o Espiritismo é obra dos espíritos e não dos espíritas... como se os espíritas não fossem espíritos encarnados! E' verdade que o Espiritismo irá e vencerá «com os homens, sem os homens e a-pesar dos homens». Não é, porém, menos verdade que o Espiritismo estagna-se e não avança um passo, nas cidades e nos centros em que os espíritas abdicam de tudo, esperando sómente pelos espíritos; que o Espiritismo vai, que é uma beleza, nos meios em que haja um espírita, pelo menos, dinâmico, bem orientado, trabalhador. Dizemos *um espírita pelo menos*, que é bem o que se observa por toda parte, a dentro até de diretorias cheias de nomes e mais nomes: só um ou dois trabalham realmente, eficientemente...

* * *

No hotel, em conversas de sésta, troca de impressões e factos sôbre coisas do Espiritismo.

—Eu assisti—contou-nos um da róda — uma sessão interessantíssima, íntima, em casa do Dr. Jaime Ferreira da Silva, médico-militar. Presente um grande político, o ex-deputado Pessôa de Queiroz, vi baixar o espírito de João do Rio e improvisar: «Se o Emilio de Menezes fôsse vivo, diria:

Olhe o Queiroz espírita,
Que bôa!
Campeão de muita fita,
Mas, uma bela pessôa.

—Dessas, temos assistido muitas, que valem, apenas, pela originalidade, o lado espectaular. E, já agora, o Espiritismo é alguma coisa mais do que o simples fenômeno espírita. E' Doutrina Reformadora, que tende a reformando o homem, prepará-lo para solucionar todos os problemas da Vida, até os de ordem econômica, creia. Sua fase fenomenológica já passou. E foi menos brasileira do que estrangeira, que os brasileiros querem o Espiritismo de preferência como religião, e não como ciência. Foi até providencial que o Espiritismo viesse para o Brasil depois de receber no estrangeiro, principalmente entre povos frios como o inglês, o batismo da ciência e da filosofia. Veio ele, assim, feito filosofia e ciência da França e da Inglaterra, da Alemanha e da Italia, para fazer-se a mesma Doutrina do Cristo, interpretada em espírito e verdade, no Brasil, entre os brasileiros. Por isso que, entre episódios de quem se regenera e trabalha pela regeneração humana e fenomenos puramente espíritas, preferimos os episódios de regeneração, por preferirmos o convertido, que é aquele que estudou, compreendeu e sentiu a Doutrina, procurando, com o que sentiu, compreendeu e estudou, beneficiar os semelhantes, aos convencidos de que o Espiritismo é a verdade, sem, entretanto, envidar o mínimo esfôrço para tocar para diante essa verdade...

* * *

Outro «confrade» recem-chegado, tambem espírita de «cabana»...

Nunca leu uma obra, nunca frequentou outro centro afóra sua «cabana», mas, sabe tudo. E só com dois anos de Doutrina! A tudo que se lhe pergunte, afirma que responde com precisão e lógica. Milagre dele ou da Doutrina? Só póde ser dela, que o Espiritismo invalida o milagre. E' revolucionário, agitado, conversador. Todo o hotel sabe, àquela tarde mesmo, que êle é espírita, e quais seus planos dentro do Espiritismo, que é a fusão de todas as religiões no Espiritismo. «Como gloriosa missão de um grande missionário, talvez um dia...»

Cortou-nos a palavra, para afirmar que era esta a sua missão.

A *atuação* manifestou-se aqui, flagrantissima. Contudo, perguntamos-lhe:

—Com que recursos conta para isto?

—Com a minha moral, que de outros recursos não preciso. E a moral póde tudo, hom'essa!

—Mas, se o Cristo, que era Moral por si mesmo...

— Os tempos, hoje, são outros, muito diferentes..

— Diferentes para peor, porque mais complicada a Vida. E, diante da cultura do século, e dos mil e um meios de distrair a atenção dos homens, menos possibilidades aos apóstolos para a disseminação de sua fé.

— De cultura não preciso para a disseminação de meu ideal . . .

— O Espiritismo não dispensa, entretanto, estudos, cultura. Por isso que, Allan Kardec...

— Eu, para pensar e resolver, não preciso de Allan Kardec.

— E como sem estudos sérios póde o senhor . . .

— Nada li, nada leio. Não preciso estudar para acertar. Além da intuição e das reminiscências das vidas vividas, meus guias espirituais me dizem tudo, poupando-me, assim, o trabalho de andar estudando.

—O amigo é, então, um prodígio. Eu ando a estudar o Espiritismo ha vinte anos, sem encontrar, felizmente, tais guias. Digo *felizmente*, porque não os queria, que não podiam ser meus amigos, os que me poupam ao trabalho santo e purificador, para atirar-me à indolência criminosa dos que gostam de encontrar «o prato feito»...

—Modos de ver. Se o senhor estuda o Espiritismo ha vinte anos sem atingir o que eu consegui em menos tempo, porque nem todas as inteligências são as mesmas.

—Ahn ! Aí está o X do problema. O senhor, alem dos guias que lhe dizem tudo e das intuições e reminiscências, ainda possue uma inteligência incomum. Donde a graça de tudo saber e a tudo responder sem carecer de estudos...

— Pergunte o que quiser e verá.

— Pois bem : vou perguntar-lhe uma coisa que nunca pude compreender: Deus precisa do homem para alguma coisa ?

—Para nada. O homem é que precisa de Deus.

— Muito bem !

— Então ? Não é uma resposta ?

— Eu, porém, não formulei, ainda, a pergunta. Quís, apenas, preparar o campo. Se Deus não precisa de nós para nada, porque nos teria, então, creado ? Nós, uns *biscas* tão ordinários, que Deus chega até, como se vê na Biblia, a arrepender-se de nos ter creado ?

O *iluminado* nos olhou, embaraçado, e respondeu :

— Deus nos criou para povoar a Terra.

— E' uma resposta que não justifica nenhuma superioridade de inteligência, que não satisfaz.

— Para que foi, então ? Se tem melhor, diga.

— Se eu lhe disse que se trata de questão que nunca pude compreender bem... O que sei é que sua resposta invalidou sua intuição, suas reminiscências de outras vidas, a intervenção de seus iluminados guias espirituais. Se a intuição é, de resto, o auxilio que espíritos bons trazem em certas circunstâncias, não creio possa recebê-la perfeita, aquele que não se esforça, pelo estudo e pelo trabalho, para tanto. A menos que os espíritos de luz abonassem a madraçaria, a indolência...

A intervenção, aquí, de outras pessôas . . .

E vai por aí, o Espiritismo «sendo responsável» por tanta coisa assim, que as «tendas», onde não se estuda nem o Evangelho nem o Kardec ; onde se consulta espíritos para tudo e se fazem batisados e casamentos, vão espalhando criminosamente, estultamente, fanaticamente . . .

Do volume IMPRESSÕES E FACTOS, colhidos na excursão de 1939.

Jesus foi um precursor. Se êle tivesse vindo a êste mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse aberto verdadeiramente o céu. A medida que o saber aumentar no nosso planeta, a religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes espíritos surgirão no futuro para o progresso da humanidade. Só há uma verdade : a verdade astronômica, a realidade universal dos mundos e dos sêres. A religião do futuro será a religião da Ciência, reunindo em seu seio todos os sêres pensantes. — CAMILLE FLAMMARION.

APENAS...

A. V. Magaldi

O «Diário da Noite», orgão carioca dos Diarios Associados, com o título «Outra vida depois da morte?» publicou o seguinte telegrama:

«Londres, 14 (De Henry Tosti Russel, correspondente da United Press, especial para «Diários Associados») — O sr. Adrian Conan Doyle, espiritista, filho do criador de Sherlock Holmes, declarou que as investigações científicas do momento tendem a provar de forma irrecusavel a existência de uma vida mais além.

Em entrevista a United Press, disse o sr. Doyle:

«Estou convencido de que não está longe o momento em que a ciência, depois de ter tão frequentemente ridicularizado o espiritismo no passado, nos demonstrará indubitavelmente que existe outra vida após a morte. Quando chegar êsse dia, a afirmação será aceita como um facto científico.

Tenho a certeza de que a ciência, valendo-se dos gigantescos progressos conseguidos com a eletricidade, tais como a televisão, e por meio de inúmeros processos ainda secretos, poderá demonstrar dentro de pouco tempo não só a existência de outra vida após a morte, como também a presença dos espíritos nêste mundo com formas idênticas ao corpo humano».

Creio que as afirmações do ilustre filho do célebre criador de Sherloque Holmes nada contém de novidade. Depois das experiências positivas, fria e rigorosamente processadas debaixo de todos os contrôles científicos pelos sábios mais ilustrados do mundo, tais como Crookes, Gully, Elliotson, Lodge, Challis Morgan, Wallace, Varley, Gibier, Lombroso, Zoëlner, Carl du Prel, Charles Richet, Aksakof, De Rochas, Flammarion e Kardec, distintos físicos, químicos, matemáticos, astrônomos, fisiologistas, criminalogistas, como sabemos que foram, ninguém tem mais razão de negar a existência de outra vida depois da morte física. Êsses sábios atestaram a realidade dessa outra vida, porque verificaram «cientificamente» que a alma sôbre-existe mesmo e continua a ter mais vivacidade até, após se despojar do seu envólucro carnal. A existência da alma antes de suas experiências, constituia um dógma de fé, apresentado por todas as religiões. Graças aos seus esforços, é hoje um facto cientificamente provado. E nenhum legado maior e mais brilhante deixou o século passado à Humanidade do atual, do que a prova científica da existência da alma e da sua comunicação conosco. Os sábios afirmaram que a alma existe, não por deduções filosóficas ou fé dogmática, mas, porque a viram, conversaram com ela, fizeram reações químicas do ar que ela expeliu pela respiração, tiraram o seu retrato, auscultaram os seus pulmões e lhe tomaram o pulso e a temperatura, cortaram os seus cabelos e os retiveram, modelaram as suas mãos recurvas e o seu rosto em parafina derretida, provaram, enfim, que ela se apresenta, em circunstâncias especiais, revestida de carne e osso, com todos os predicados de um sêr humano como nós outros.

Nos dias correntes, a descrença na sobrevivência da alma, após a morte do corpo, é, apenas, um atestado de ignorância por preguiça. Toda e qualquer pessoa pode chegar a ter a certeza de que a vida do homem não se extingue a borda do túmulo. Antes, o túmulo é o marco de uma nova modalidade de vida humana, de mais intensa vivacidade, durante a qual a alma possúe faculdades muito maiores. Basta querer alcançar esta certeza. Os livros dos citados sábios e de muitos outros, contendo o relato das experiências que os conduziram a essa certeza, estão aí nas livrarias expostos à venda. Quem quiser se esclarecer a êsse respeito, nada mais tem a fazer do que lê-los.

Vamos transcrever a opinião de

alguns dêsses sábios sôbre êsse assunto.

Disse o dr. Ochorowicz: «Quando me lembro que, em uma certa época, eu admirava a coragem de Crookes em sustentar a realidade dos fenômenos mediúnicos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos meus colegas ao mais leve enunciado dessas coisas, tremo de vergonha por mim e pelos outros».

Declarou o dr. Richard Hodgson: «Ha doze anos que estudo a mediunidade da sra. Piper. No começo eu só queria descobrir nela fraude e embuste. Entrei em sua casa profundamente materialista, com o intuito de desmascará-la. Hoje digo simplesmente: Eu creio... A demonstração me foi feita de modo a afastar a possibilidade da menor dúvida».

Escreveu o dr. Ermacora, que se tornou crente: «Poucos sábios têm sido tão incrédulos quanto eu a respeito dos fenômenos espíritas; aqueles que duvidarem disso poderão reportar-se aos meus dois livros «Pazzi e Anomalia» e «Studi sull'Ipnotismo», nos quais eu quasi injuriei os espíritas».

Afirmou o professor Meyers, da Sociedade Real de Londres: «Pelas minhas experiências, convencí-me de que os pretendidos mortos se podem comunicar conosco e penso que para o futuro êles poderão fazê-lo de um modo mais completo».

O eminente professor dr. Giuseppe Masucci, depois de ter assistido as sessões da médium Eusápia Paladino, confessou: «Fui obrigado a demolir todo o edifício das minhas convicções filosóficas, às quais eu tinha consagrado parte da minha vida».

O célebre engenheiro membro da Sociedade Real de Londres, dr. Cromwel Varley, afiançou: «No antigo e no novo mundo, não conheço exemplo de um homem que, tendo estudado com cuidado os fenômenos espíritas, não se tenha rendido à evidência».

Estas transcrições constam do livro «Psychisme Experimental», de Alfred Erny, do século passado. O sr. Adrian Conan Doyle acordou tarde, como se vê.

(Do Correio de Minas) — **Juiz de Fóra.**

Mensagens Supranormais

NA MESA DAS AUTÓPSIAS

27 de Outubro de 1942.

— Há quanto tempo deixei a Terra? — perguntei hoje ao irmão que me tem assistido com todo o seu aféto e benevolência.

— Vinte anos — respondeu êle.

O tempo tem corrido para mim com imensa celeridade, o que não é de admirar, atenta a contemplação que tenho dedicado a todas as maravilhas que me cercam!... A minha pobre mãe, uma velhinha que me chora há muitos anos e que bastante tem sofrido, ainda peregrina nêsse vale de lágrimas amaríssimas, rogando pelo marido e pela sua única filha... E' necessário que ela expie o seu pecado; e, felizmente, tem tido corajosa constância. Tu, meu amigo, deves lembrar-te de mim e vou dizer-te que fui aí, há mais de quarenta anos, uma atriz de algum merecimento...

*

Falecido que foi o meu bom pai, pensei em obter colocação a-fim-de ajudar a mãesinha que apenas dispunha de um pequeno rendimento que deverá terminar com a sua morte. Assim, e atenta a grande habilidade que eu tinha para a costura, entrei para a oficina de uma modista, a quem devo a mais profunda gratidão, que eu aqui já lhe manifestei. Certo dia fui convidada para entrar na récita que se efetuaria para minorar a situação dolorosa de uma família. O que desempenhei não me recordo; sómente sei que, acabado o espetáculo, que se efetuou no *Clube* ou *Academia Teodorico*, na Calçada de Santo André, em Lisboa, minha terra, certo indivíduo de aparência respeitável, me felicitou calorosamente, tomando o meu nome e a morada. Daí a dias, com grande oposição de minha mãe, entrei no teatro de comédia onde me destaquei, sem vaidade o digo. Fui assaltada por gente sem escrúpulos de espécie alguma... Todavia a minha virtude triunfou, e isso deu origem cobarde a não me darem depois papéis de valor. Não me rendi. Durou essa vida três anos tormentosos, até que certo dia senti um vágado e, quando *acordei*, vi-me estendida sôbre uma mesa de pedra, em certa casa com bastantes janelas onde jaziam outros mortos...

Eu estava no uso pleno do que os nossos irmãos da Terra costumam dizer: de toda a razão.

—Deixei o mundo! Oh! minha pobre mãesinha, como tu vais sofrer, querida da minha alma!...

Quis fugir daquela casa sinistra; não queria ver-me retalhada pela autópsia que certamente se faria... Eu mesma velei o meu cadáver... De onde em onde ouvia palavras de resignação e de amizade... Quem as proferia? Sei hoje que foi o meu espírito-guia que jamais me desamparou... Eu via naquela casa, isolada numa espécie de jardim maltratado outras almas ansiosas e cheias do mais profundo desalento... Amanheceu, e eu sempre, sempre ao pé do meu corpo já a essa hora inteiriçado!... Atentei nêle... O semblante sorria... Dir-se-ia que eu vira com alegria o negro aspecto da morte que eu, aliás, não pressentira!

Veio, pela tarde, um indivíduo de certa idade que me examinou e começou a retalhar, ao mesmo tempo que parecia dar uma lição.

— Aneurisma na aorta! — concluiu êle; mal empregada morte! Era uma mulher bem constituida!...

Vi e ouvi frases de estudantes que chocaram deveras a minha alma!... Pesquiseram no meu corpo, não com vontade de estudar, mas sim com a curiosidade de saber o que muito bem poderiam ter deixado de investigar... E se o tivessem feito com respeito!... Que comentários torpes os dêsses rapazes que amanhã seriam médicos!... Gostarim êles que um dia as mães, as esposas, as irmãs e as noivas, fossem alvo de perquisições feitas entre galhofas e comentários?

A morte deve infundir respeito e não ser origem de atitudes descaridosas e infames!... As autópsias são necessárias com fim social e também para estudo. Tudo, porém, se deve fazer com o acatamento devido à memória daqueles que o Destino arremessa para a mesa de pedra onde deveriam ser examinados.

Minha mãe conseguiu que o meu cadáver lhe fôsse entregue e fui sepultada por entre as lágrimas da querida mãe e de piedosas pessoas amigas...

*

— Ouve—disse-me o meu espírito-guia. Tinhas de passar por essa outra expiação... O que sofreste na casa sinistra da Morte, já o tinhas feito, em tempos idos, quando estudante, nos cadáveres de bastantes mulheres jovens e recatadas, chufando ignóbilmente, pretendendo averiguar intimidades que nada tinham, nessa ocasião, com as necessidades do estudo... Retalhavas sem escrúpulo, chamando condiscípulos teus que, bastantes vezes, te chamaram à ordem, censurando essas atitudes chocantes. Que as gentes da Justiça o ordenassem, ou o lente determinasse, em matéria escolástica, estaria bem. Um médico tem necessidades de minudências para o exercicio honroso da sua nobre profissão humanitária. Por isso jazeste uma noite e um dia, junto do teu despojo mortal, expiando e sofrendo, no uso de toda a lucidez possível... Reflecte... Que êsse quadro te sirva, a-fim-de não repetires, na tua próxima reincarnação como médico, êsse procedimento desrespeitoso e digno da maior censura.

*

Assim está, pois, doutrinando, o espírito que animou aquela que conheceste muito joven, linda, elegante e cheia de esperanças, como atriz do Teatro do GINÁSIO, há muitos anos!...

Maria.

POR MAL FAZER...

Havia já seis mêses que eu, com o maior interêsse, estudava a doutrina espírita, durante os intervalos da direção da minha pequena fábrica, sempre alvo de troças, caricaturas e versos com que me brindavam os conterrâneos. A razão segredava-me que tudo quanto eu lia, apontava e meditava, era a verdade. Não me entusiasmei nem perdi a cabeça... Lia, discutia com duas pessoas, que conheciam bem o assunto e fazia o meu juizo. Se homens eminentes haviam abraçado a idéia e eram os pioneiros da nova doutrina, porque não havia eu também de me interessar na matéria?

E no dia dois de Janeiro do ano corrente, quando pelo meio dia se largou o trabalho para todos irem almoçar, senti uma sonolência invencível... Com certa pressa fui para casa onde minha mulher me esperava para a refeição.

— Vou encostar-me um pouco! Estou com sono e quási dormindo em pé!...

— Tu nunca fôste dorminhoco!... Enfim, vai descansar visto que assim é preciso!...

Estirei-me num sofá apenas coberto com uma manta e adormeci imediatamente. E eis que começo a sonhar (pelo menos pensei nisso ao acordar!...) e o que vejo? Meu tio Afonso deitado numa cama, muito pálido, e quatro ou cinco pessoas, uma das quais era o notário. Ditava êle o seu testamento... Ouvi perfeita e nítidamente a enumeração dos legados de quintas, fazendas, papéis de crédito e jóias legados aos meus cinco primos. Em certa altura, diz êle:

— Falta-me ainda...

— O seu sobrinho Luciano, com certeza! — disse uma das testemunhas.

— Não! A êsse não deixo coisa alguma porquanto estou de relações cortadas com o pai dêle!...

—Isso não é razão! Todavia o senhor fará o que entender, porque deve testar livre de toda e qualquer coação! —acudiu o notário.

—Bem! Vou fazer uma partida ao Luciano! Nomeio-o meu testamenteiro e deixo-lhe a casa velha que tenho na *Praça!...*

Eu vi no semblante do notário e das testemunhas quanta indignação tinha causado a deliberação.. Todavia calaram-se... À votade é livre e o oficial público lavrou o testamento conforme meu tio desejava.

Nisto acordei...

—O sono foi de pouca duração!— observou minha mulher, rindo. Vinte e cinco minutos!...

—O suficiente para assistir à feitura do testamento de meu tio Afonso, que está moribundo! — disse muito sériamente! E, passado um instante, continuei: Vamos almoçar!...

— Olhem que sonho! — exclamou minha mulher, rindo, para a mãe!...

Era uma hora e meia e preparava-me para ir para a fábrica, quando a mocinha dos recados da casa de meu tio Afonso, veio, muito aflita, dizer:

—Acaba de morrer o meu patrão! Venha, senhor Luciano! Venha já e, também, a sua senhora!...

Minha mulher e eu olhámo-nos surpreendidos...

Fomos imediatamente a casa do falecido que fica distante uns trezentos metros, encontrando os meus primos consternados e o notário que tinha na mão o traslado do testamento. Depois das saudações, disse-lhes:

—Já sei.. Sou testamenteiro e legatário da casa velha da Praça, enquanto que vocês apanharam o resto!...

O notário ficou boquiaberto... Os meus primos ainda não sabiam de coisa alguma!... Contei o meu sonho, não esquecendo as palavras de meu tio e continuei:

—Não me revolto contra a partida do tio!... Graças a Deus vivo contente com o pouco que possuo!...

—O senhor Luciano já falou com alguma das tesemunhas do acto que acabo de lavrar?—inquiriu o notário.

—Não, senhor Doutor!

– E com respeito ao casarão velho —contincei eu... E ia a dizer: *rejeito o legado!* Quando, porém, ia a proferir o resto da frase senti como que uma mão tapar-me a bôca.

*

Cumpri a testamentaria e rejeitei o que meus primos me queriam fazer e que eu agradeci: — repartir comigo da herança, porque se não conformaram com a incorrecção do nosso tio.

No dia dez do dito mês, estando eu a conferir contas da semana, senti uma crispação na mão direita que foi tomar um lápis sem que a minha vontade nisso interferisse. E eis o que eu escrevi:

— Luciano, não vendas o *casarão!...*

Ora eu tinha combinado com minha mulher vender a casa velha; todavia nessa mesma manhã ela disse-me:

— Não vendamos a casa; mais ano, menos anos, teremos de mandar edificar uma, caso os nossos negócios continuem a ir bem, como vão. Sempre são setecentos metros quadrados e no melhor sítio da terra!... Não sabemos o que o futuro nos dará!

Foi uma profecia...

Passaram duas a três semanas... E numa noite, quando lia com muito entusiasmo o livro de Léon Dènis, intitulado *Après la Mort*, eu sinto nova crispação na mão direita que foi buscar o lápis:

— *Na soleira da porta que dá para o lado do sul, no casarão...*

— O que quer isto dizer—perguntei.

Repetiu a mesma frase com movitos impacientes e um pouco sacudidos... Compreendi, então, que se tratava duma revelação em meu benefício. Agi de conformidade... Daí a dias nova comunicação em poucas palavras:

— *O teu tio Afonso, querendo ser mausinho, foi muito bom!... Inspirei-lhe êsse legado do casarão... Foi bom sem querer, é certo!... Ficou na família o que da família devia ser... José Afonso.*

Era o meu avô paterno...

O *casarão* já vai no segundo andar. Quanto ao aviso de minha mulher não duvido que foi influência do Além. Com o que achei posso fazer mais três ou quatro prédios, ficando-me ainda uns milhares de escudos...

Luciano T. S.

(Colhidas no grupo particular de *Julio Sousa e Costa* — Barquinha)

De «Além» — Pôrto — Portugal

Crônica Estrangeira

Espírito que visita um irmão

The Two Worlds

Acaba de voltar à pátria o Capitão R. V. Sherbrooke, que recentemente foi condecorado com a «Cruz da Vitória», por sua brilhante atuação nos recentes episódios no Ártico. Êle sofreu sério ferimento e está correndo o risco de perder uma vista. Descende de uma família com longas tradições militares. Um antepassado seu, Gen. Sir John Sherbrooke, 1765-1830, figura num notável incidente psíquico.

Em 1785, era êle capitão no Regimento 33, estacionado em Sydney, Cap. Breton, Islandia. Certa noite estavam, êle e outro oficial, Tenente George Wynyard, à lareira absorvidos por amistosa conversação, em seus próprios alojamentos, quando surprêsos viram entrar no aposento, um jovem que entrou no dormitório anexo. Wynyard, a quem a surprêsa embargara a voz, agarrou o braço do companheiro e grandemente emocionado, sussurrou: «Meu irmão!» Então, Sherbrooke, pôsse de pé e foi no encalço do desconhecido, todavia dele não encontrou o menor vestígio, não obstante ter esquadrinhado todos os recantos.

Wynyard, convencido de ter visto o espírito do irmão, estava grandemente agitado, e não obstante seu amigo afirmar ser êle o joguete de uma alucinação, todos participaram de sua preocupação e anciosos esperaram o próximo correio.

Quando êste chegou, não trouxe cartapara Wynyard, mas Sherbrooke recebeu uma com esta mensagem: «Transmite ao teu amigo Wynyard, a notícia do falecimento do seu irmão favorito».

Mais tarde verificou-se que o tenente J. O. Wynyard, da Guarda Escocesa, falecera no mesmo momento em que aparecera aos dois oficiais. O facto foi muitas vezes repetido pelo Gen. Sherbooke, cuja veracidade não podia ser posta em dúvida. Êle não era supersticioso, mas depois disso, sempre acreditou na realidade dos espíritos.

⁂

Factos estranhos ocorridos a Mr. Henry Frichet

«La Idea» transcreveu do grande diário portenho «La Nacion» (10-9-40) os factos que a seguir reproduzimos:

Henrique Frichet, opulento proprietário em Lisieux, submeteu à consideração da Sociedade Espiritista Francesa, o relato corroborado por seis testemunhas insuspeitas, de uma série de estranhos factos, em cujo desenrolar foi principal ator.

Há três anos, teve Frichet a desgraça de perder sua esposa, bela moça de 24 anos. Certo tempo depois, precisamente um ano atrás, foi lhe apresentada a joven Georgette Passerieux, filha de um tabelião, com quem assumiu compromisso de casar. Decorreram várias semanas, e, certa noite, depois de passar algumas horas em casa da noiva, Frichet voltou ao seu domicílio. Não sentia sôno, e dirigiu-se ao seu escritório para terminar um trabalho.

Havia já um quarto de hora que estava entregue ao trabalho, quando ouviu um ruído semelhante ao estalar de um móvel. Segundos depois, espalhou-se pela habitação um suave aroma de verbena, o perfume prediléto da esposa desaparecida, e Frichet sentiu mão gelada pousar-lhe sôbre a fronte. Voltou-se e viu a esposa a sua frente.

— Porque deixaste de amar-me? — disse-lhe — Porque queres olvidar-me?

Trêmulo de surprêsa e emoção, Frichet se levantou para responder ao espetro, mas êste desapareceu antes que dêle se aproximasse.

Diz o protagonista dêste estranho relato que nunca antes o haviam preocupado as teorias espíritas, e, temendo que sua visão fôsse o fruto de alguma debilidade cerebral, não vacilou em consultar um médico. Êste fez uma prescrição para os nervos que Frichet seguiu à risca. Mas, ao que parecia, a curiosa aparição não procedia de uma imaginação perturbada, porque em uma noite, ao entrar em seu escritório, Frichet teve a surprêsa não só de novamente ver o fantasma, de pé no centro do aposento, como também de perceber que seu cão «Floc» também o via, porque, louco de júbilo, dava saltos em torno da imagem de ultratumba.

Enquanto acariciava a cabeça do cachorro, o espetro fixou seu amado Henrique, com infinita tristeza.

—Desaparecerei para sempre—disse-lhe, chorando — não tornarás a ver-me. Mas antes de desaparecer definitivamente, quero restituir-te êste símbolo de fidelidade, já destituido de todo o valor.

E antes de esvaecer-se, a visão tirou do dedo o anel nupcial e violentamente o atirou ao chão. «Floc» precipitou-se sôbre o anel, tomou-o entre seus dentes e foi entregá-lo à dona; mas estacou, porque sua ama já não estava alí.

Quando Frichet voltou do espanto, chamou «Floc», e viu que o animal tinha o anel preso entre os dentes. Com muito trabalho conseguiu arrancá-lo e ante esta prova material deixada pelo fantasma, reconheceu o anel de noivado que havia dado à esposa. O cão deixara nêle gravadas as marcas de seus incisivos.

Para maior certeza, Frichet mostrou o anel ao joalheiro Cagnard, e êste lhe assegurou que era o mesmo que havia vendido anos atrás.

Arriscando-se a passar por louco, Frichet relatou-lhe o sucedido. No mesmo dia obteve audiência do juiz, e a êste, em presença do oficial sanitário e do comandante da polícia, tornou a relatar a estran hahistória aos três, mostrando o anel com as marcas dos dentes de «Floc», e pediu autorização para abrir o ataúde em que jaziam os restos da esposa. Queria verificar se o anel nupcial, que levára à sepultura, continuava no dedo. Em consideração ao caso excepcional, as autoridades deram permissão, mas como forçoso fôsse registrar o pedido em Caen, passaram-se vários dias. Entretanto Frichet foi visitar o notário Passerieux, repetiu-lhe o relato detalhado, mostrou-lhe o anel e desfez o contrato nupcial com sua filha.

Nêsse mesmo dia, à noite, o espetro se apresentou, em sonhos, a Frichet, beijou-lhe a fronte, e disse:

— Agradeço-te, Henrique. Agora sei que sempre me amarás. Espero-te para a eternidade.

Dormindo, teve o viúvo a exáta impressão de que o fantasma abrira o estôjo em que havia guardado o anel e que, retirando-o, tornou a colocá-lo no dedo.

Quando no dia seguinte examinou o estôjo, verificou que a aliança desaparecera, e apressou-se a comunicar o facto ás autoridades. Três dias depois, procederam à abertura do ataúde, em presença das seguintes pessoas: juiz, oficial sanitário, chefe de polícia, Dr. Silvain, joalheiro Canard e notário Passerieux. Todos estremeceram ao constatar que o anel se encontrava no dedo do esqueleto, mas experimentaram redobrado espanto quando o Dr. Silvain, depois de examinar a aliança, declarou que nela estavam nítidas, precisas, as marcas deixadas pelos dentes do cão, que, todos tiveram ocasião de ver vários dias antes».

O relato de Frichet, corroborado por testemunhas de tanta seriedade, causou profunda impressão.

⁂

Uma profecia que se realizou

Mondo Oculto publicou ha anos, uma curiosa ocorrência.

«Cerca de sessenta anos atrás, uma «zíngara» estaca bruscamente numa rua de Varsóvia e, avistando uma menininha muito loura, pegou-lhe a mão para lhe dizer que, ao atingir à idade madura, ela seria célebre no mundo inteiro e mais do que uma rainha, mais que uma imperatriz. A menina e as pessoas que a acompanhavam riram muito do presságio, e depois, a que lhe fôra o objeto, relembra-o, agradavelmente, assim o parecê, quando o incidente se apresenta à sua memória. Efetivamente, depois de quarenta anos, as indicações da adivinhadora se confirmaram plenamente. A menininha de outrora tornou-se uma soberana do mundo intelectual, uma sorte de «raínha», no vasto domínio da ciência físico-química. Ela, em companhia de seu esposo, expôs à luz uma teoria e tais factos que deveriam revolucionar a ciência moderna. A douta mulher era aclamada pelo mundo inteiro por suas magníficas descobertas. Era a esposa de Pedro Curie, a reveladora do radium...»

⁂

O Funcionário da B. B. C. que viu um fantasma

O *Sunday Dispatch*, é um diário londrino que não afaga a esperança de braçar o Espiritismo, mas frequentemente veicula factos espíritas. Como explicar essa aberração? O cronista só encontra uma explicação racional e é que êsse periódico de vasta tiragem, sente-se premido pela opinião pública, que, relegando dogmas teológicos e pseudo-científicos, exerce acentuada influência na imprensa inglesa em geral. Vejamos o que escreveu mencionado orgão, subordinado ao título supra:

Durante os terríveis meses de bombardeamento, Mr. John Irwin da B. B. C. (Rádio Emissora Britânica), viu o fantasma de um bispo — ou teve um sonho extraordinariamente vívido.

Durante a noite toda estivera êle de serviço, e às 6 da manhã, dirigia-se ao abrigo subterrâneo da mencionada Emissora, para dormir.

Encontrou um amigo que lhe sugeriu que, em lugar de dormir na B. B. C., ambos deveriam tomar café, depois do que dormiriam no abrigo de certa firma comercial, na cripta de uma igreja próxima.

Exatamente no momento em que Mr. Irwin se dispunha a deitar, entrou um clérigo no abrigo. Êle saudou Mr. Irwin, falou um pouco sôbre a noite, e então começou a discorrer sôbre profundo têma teológico.

Terminada a peroração, Mr. Irwin disse: «O senhor é o primeiro homem que não demonstra sofrer os efeitos dos bombardeios. O senhor não têm olheiras negras, apresenta boa disposição e não mencionou as bombas.

O eclesiástico riu e disse: Não, e também o senhor não deve se atormentar com as bombas». Em seguida, esvaeceu-se.

Mr. Irwin ouviu sua própria voz a perguntar ao amigo: «Quem foi o Bispo Goring?»

O amigo despertou sobressaltado e respondeu: «Êle morreu nêste mesmo lugar dezessete mêses atrás. Porque pergunta?»

Mr. Irwin não se recordava de jamais ter ouvido falar do Bispo Goring, e tudo ignorava a seu respeito.

Esta história foi relatada por Mr. Charles Grave em «Vida Londrina» um diário que registra os sucessos ininterruptos desde agosto de 1941, até 7 de Julho dêste ano (1943).

The Two Worlds.

⁂

Assistindo ao seu próprio funeral

A sra. Monserratt Fuentes, que residia no quarteirão Palos Blancos, na cidade de Corozal (Porto Rico) era conduzida, uma certa manhã, ao cemitério da região, por uma multidão de amigos e conhecidos que deploravam a morte de tão digna pessoa, quando um vizinho da defunta, sr. José Torres, postado à borda do caminho, teve a idéia de tomar uma fotografia do cortejo. Ao revelar sua chapa, pela tarde, êle descobriu, profundamente surpreendido, sôbre o caixão, uma alta silhueta, branca, vaporosa, dando a aparência de uma mulher. Quando impressa, puderam verificar que a efígie era a da própria senhora Fuentes, que acompanhava, em perispírito, seu funeral.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório Espírita «Bezerra de Menezes»

Graças aos esforços herculeos de uma pleiade de espíritas plenamente identificados com os preceitos evangélicos, está em construção, em Pinhal, o Sanatório Espírita «Bezerra de Menezes», que é, na verdade, uma das grandes obras de iniciativa espírita, que não-só vem prestar todo o confôrto possível aos enfêrmos pobres, como também testemunhar o valor do Espiritismo na solução dos magnos problemas humanos.

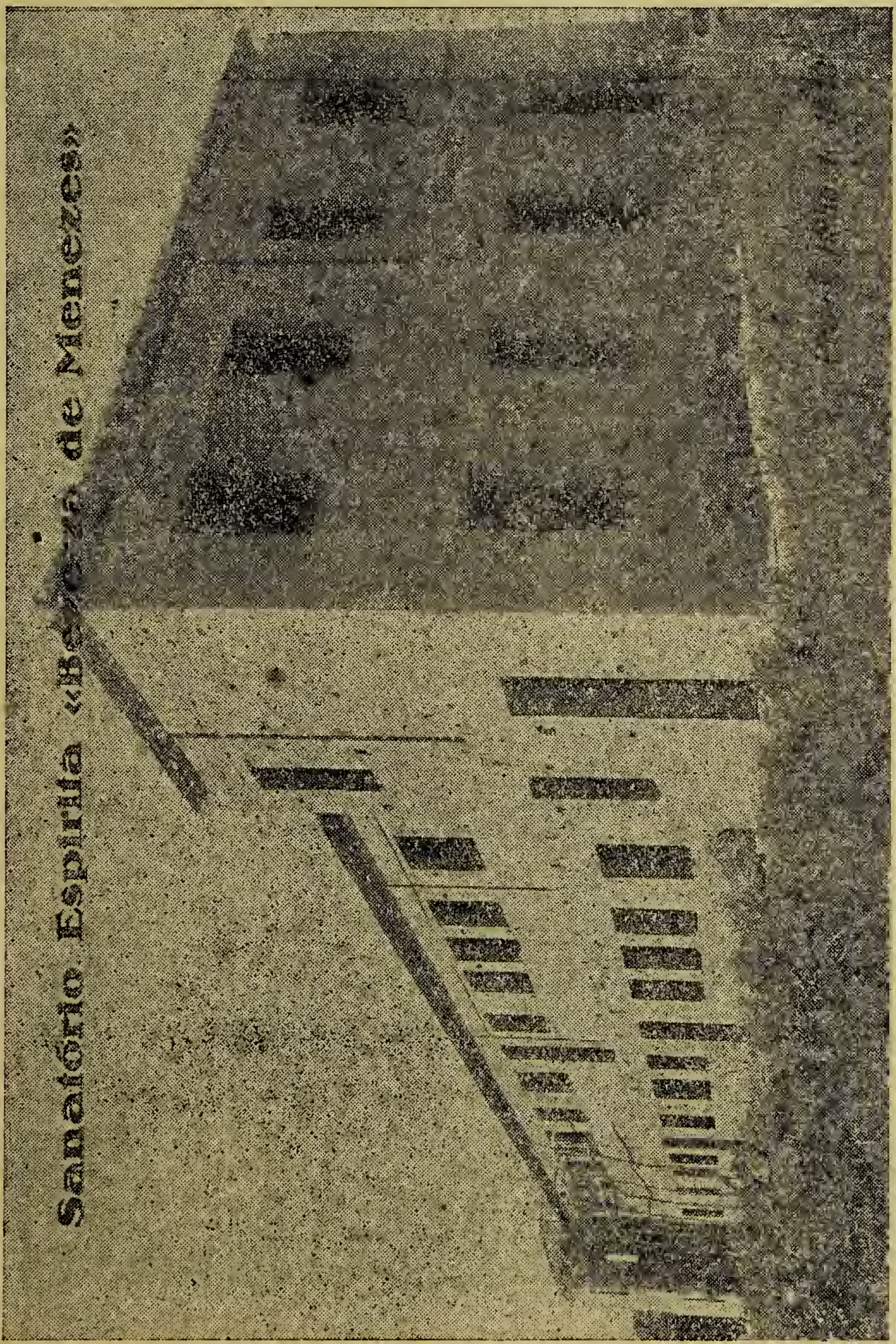

FOTO DOS FUNDOS DO PRÉDIO

O prédio ora em construção está localisado sôbre uma colina da linda cidade de Pinhal, em ótimo terreno com 9.000 mtrs.2, tendo de altitude 860 metros. Sua construção habitável é de 1.514 metros, e obedece a todas as exigências do código Sanitário. Sua planta foi aprovada pela Engenharia Sanitária do Estado de S. Paulo.

Dividido em duas secções, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, êsse estabelecimento compreenderá ainda: salas para refeições, cópa, quartos, enfermarias, cubículos, chuveiros, duchas, gabinetes sanitários, farmácia, sala para médicos, secretaria, um salão para conferências, arquivos, etc.

Não haverá distinção de classe ou de religião, não será sómente local, pois acolherá enfêrmos além desta região e dêste Estado, de outras regiões e de outros Estados.

Sua finalidade primordial é a de prestar assistência aos desprotegidos da sorte, amenizar seus sofrimentos físicos, morais e psíquicos.

A construção do Sanatório já orça

em Cr. $ 200.000,00, mas para sua conclusão são necessárias várias dezenas de milhares de cruzeiros.

Transcrevemos abaixo o prefácio do Livro de Ouro:

«O projetádo Sanatório «Bezerra de Menezes», a ser construído nesta cidade de Pinhal, vai prender-se a muitas vidas trazendo — como bençãos sublimes —o conforto de muitas existências e a esperança de muitos desalentos.

Todavia, essa relíquia não vai pertencer tão somente, áqueles que nasceram com os olhos voltados para as trévas, mas também e, especialmente, ao «museu» das belas realizações da nossa gente.

Ela se tornará, evidentemente, uma luz benéfica como um sol fertilizante — levando brilho de primavera ás nevoas outonais dos dias de máguas, e as aflitivas noites dos nossos infelizes.

O leito e o remédio, levados nas mãos concavas dos médicos, serão os portadores do calor fervente de almas estiladas ás friagens hibernais de irmãos muito enfêrmos. A' guisa de tradição, iniciativas dessa natureza se confundem com os feitos que, sempre prestigiaram o nome de Pinhal! Visando minorar o sofrimento de um sem número de infelizes, cujas vidas — paulatinamente — são ceifadas pela tára hereditária, o nosso futuro hospital, cumprindo humanamente o seu destino, combaterá com amor e dedicação as moléstias mentais, que sóem desharmonizar o rítmo e a estrutura fundamentais da vida social.

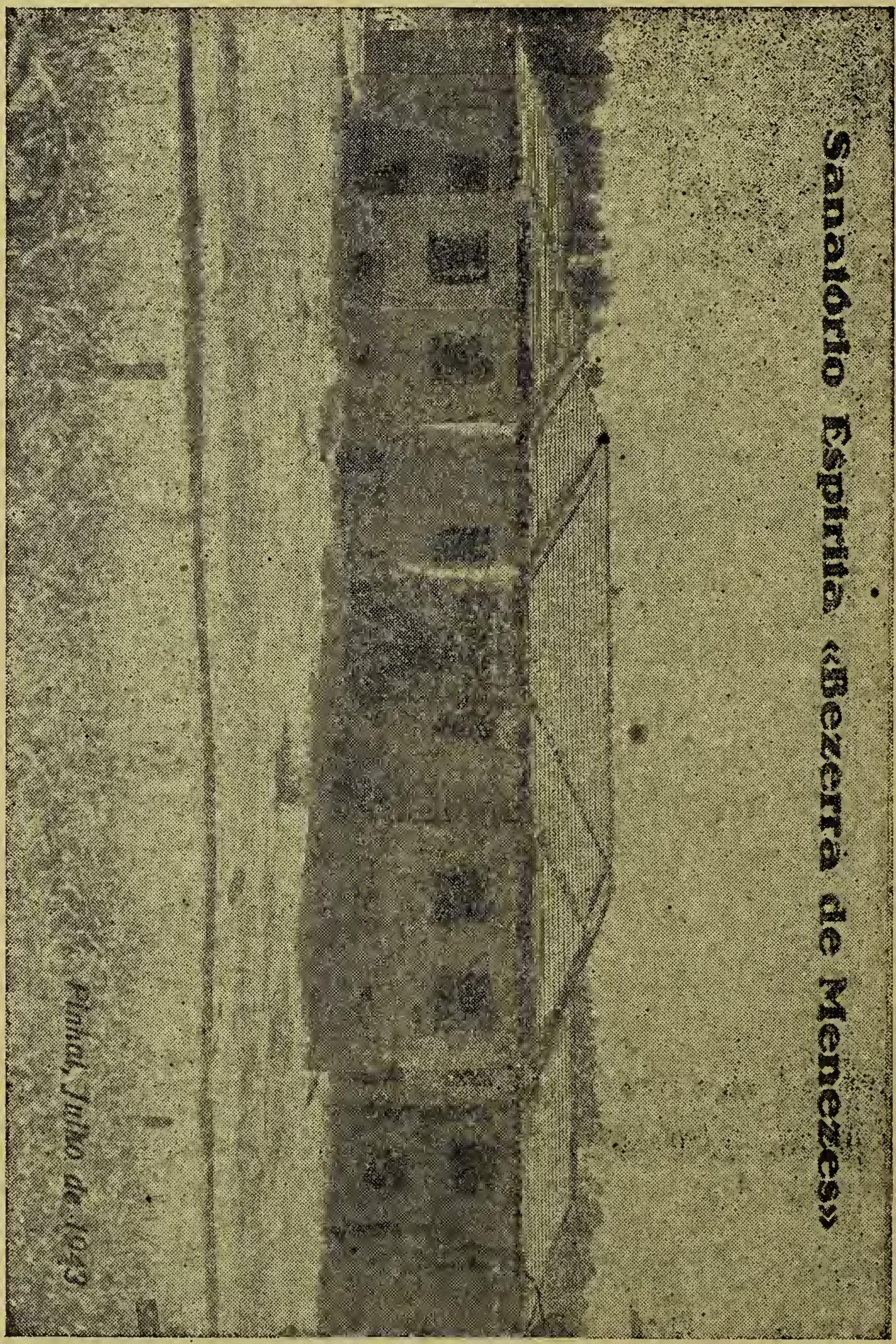

VISTA DA FRENTE DO PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO

Essa instituição, que se erguerá em favor da legião de almas doentias, ficará perpetuada em nossa terra, em traços de bondade—como inestimavel legado da geração presente às gerações futuras! Cada tijolo ofertado será uma contribuição generosa e cada leito a salvação de muitas vidas.

Você tambem, generoso amigo, vai deixar,— numa das paginas dêste livro — «O Tijolo» da sua misericordia, para que o nosso Sanatório se levante, o mais depressa, e possa, por isso, o mais depressa tambem, iniciar a sua grandiosa e humana, béla e necessária missão de restabelecer um «mundo» de enfermos ! ! !

A' medida de suas possibilidades, ajude a realizar uma obra assim de grande vulto ! Ela ficará arraigada nesta grande terra—a serviço dos necessitados e ao culto daqueles que compreendem e sabem dar o verdadeiro valor que merece.

Bondoso Amigo : o seu nome e a nobreza de seu coração, nos fundamentos do nosso hospital, para sempre hão de ficar !

Ergue-te, pois, Sanatório «Bezerra de Menezes», sobre os comuns e generosos «alicerces» de nossa gente ! Recolhe em teus leitos brancos tantas vidas negras, mostrando ao mundo como se deve tornar exuberante e sadío, o patrimonio moral e mental de um povo — que aspira elevar o seu nivel ao cristalino sabor deste salutar aviso : «mens sana in corpore sano»...

Trata-se, portanto, de um empreendimento que está a pedir a cooperação de todos os espíritas, os quais poderão enviar seus obulos diretamente á Diretoria do Sanatório ou á Associação Espírita «Vicente de Paulo», por cheque ou vale postal.

D. Constança Carvalho

Transcorreu, dia 14 do mês passado, o 1.º aniversário do desincarne da nossa dedicada companheira, D. Constança Carvalho.

Espírita fervorosa e esclarecida, possuidora daquela fé capaz de transplantar sicómoros, D. Constança Carvalho, que era o sustentáculo de várias famílias pobres, movimentando com sabedoria os «talentos» que lhe foram confiados, deixou em todos aqueles que com ela tiveram a felicidade de travar relações de amizade, as mais gratas recordações.

A dedicada companheira, que passou a figurar na lista dos nossos amigos mais íntimos, como já tivemos ocasião de afirmar, auxiliou, com as suas posses materiais, muitas instituições espíritas, cumprindo assim, sem alarde, os preceitos do Senhor, o que sem dúvida constitúe belissimo exemplo.

Como a morte não interrompe o trabalho que os espíritos desenvolveram nêste mundo, D. Constança, com os nossos amigos e companheiros queridos que nos antecederam na grande jornada, continua a nos prestar o seu indispensável e valioso concurso à obra de divulgação evangélica, o que, de coração, agradecemos.

A' D. Constança, pois, num culto de veneração e amor, as nossas sinceras homenagens, solicitando a Jesus que lhe proporcione mais luz, paz e felicidade a que fez jús pela sua dedicação no trabalho espiritual.

A serviço da propaganda

Comunicado do nosso companheiro em viagem, sr. Onofre Batista :

A convite de diversos confrades, realizei algumas palestras em Limeira. Falei no Grupo Espírita «Luz e Caridade» e no Centro Espírita «Amor e Caridade», ambos sob a direção de obreiros incansáveis.

Brevemente, conforme ficou combinado, voltarei a Limeira a-fim-de realizar novas palestras.

A propaganda em Limeira marcha admiravelmente, e isto porque os trabalhadores têm como armas, o amor e a humildade.

BIBLIOGRAFIA

Teatro Espiritualista

Quasi diáriamente temos a noticiar o aparecimento de uma obra ou trabalho espírita. E o fazemos com a maior satisfação, porque é por êsse meio que a Verdade, como um jato de luz, pode desfazer as densas trevas que envolvem os espíritos medíocres, os fanáticos ou supersticiosos, mostrando-lhes o verdadeiro caminho que conduz à Perfeição.

A bibliotéca espírita pode se considerar a mais rica, porque não conta só com o trabalho dos encarnados, màs também, e o que é mais importante, com o labor decidido, criterioso e sempre oportuno, dos desencarnados, através das diversas mediunidades. Basta lembrar-nos das dádivas celestiais que por intermédio de Francisco Candido Xavier nos têm enviado os prepostos do Senhor para provar a nossa assertiva.

Quanta maravilha, quanta luz, quanta sabedoria e amor nos mostra o Alto através da mediunidade!...

A biblioteca espírita tem obras para todas as inteligências, para todas as idades e para todos os paladares. Isto porque o Espiritismo é, além de ciência, filosofia e religião, a arte mais apurada, arte que se traduz em emoção, sentimento, vibração, luz, instrução.

Vem a propósito, a 2.ª série do «Teatro Espiritùalista», lançada a lume pelo seu autor, o nosso dedicado companheiro Prof. Leopoldo Machado. As isquetes, dramatizações, comédias leves, monólogos, poesias dramáticas e alegorias não são as mesmas da 1.ª série do «Teatro Espiritualista», como muitos poderão supôr. Tudo na 2.ª série é inédito, menos o estílo escorreito, artístico, do autor, sempre o mesmo. Trata-se, realmente, de mais uma das obras primas da literatura espírita.

Com o «Teatro Espíritualista», Leopoldo Machado abriu nova senda na propaganda e ensino da doutrina e do Evangelho. E' um dos ótimos meios para despertar conciências adormecidas no indiferentismo, na crença cega, no materialismo, na superstição, no fanatismo...

Por isso, não é teatro só para espíritas, mas principalmente para profanos, que são os que dêle mais necessitam. Aos espíritas é que compete fazer as representações de modo que as mesmas possam ser assistidas por maior número possível de profanos. E terão feito obra realmente educativa, evangélica.

Lemos, com interêsse cada vez mais crescente, as 190 e poucas páginas de «Teatro Espiritualista». Tudo útil, oportunissimo, a falar ao cérebro e ao coração, à alma, enfim. Porisso não podemos destacar o que mais nos agradou, porque tudo nos agradou, e muito.

Se fossemos, entretanto, convidados a citar pelo menos um dos trabalhos que mais nos agradaram, citariamos, com imenso prazer, êste: «A FELICIDADE PÓDE SER DÊSTE MUNDO...» em contraste com a afirmativa dos incientes, segundo a qual a felicidade não é dêste mundo.

São três atos reais, de cenas que se passam numa família, que são as mesmas que se passam em quasi todas as famílias que desconhecem os seus deveres evangélicos e tudo quanto diz respeito à alma, o que equivale a dizer, a si mesmas.

Família composta de quatro membros: esposo, esposa e um casal de gêmeos. Êle, gerente de banco, com ordenado de três mil cruzeiros. Entretanto, viviam como quem vive na penúria. E isto devido ao luxo e descontrole da esposa, que é filha de lavadeira, mas que depois de casada quís ser *granfina*. Resultado: atritos duros, longos e diários entre ambos, com diálogos menos cortezes. O casal de gêmeos cada vez mais malcriados, por fôrça dos exemplos dos pais. Ela, exasperada, um dia deixa o lar ficando o marido com os filhos, a quem ela votava pouco ou nenhum carinho. Interfere na situação o chaufeur da casa que, a-pesar-de ganhar a oitava parte do ordenado do patrão e ter mulher e oito filhos, julgava-se o sêr mais feliz dêste mundo. Préga o Espiritismo ao patrão. Êste aceita-o e se transforma. Mêses depois a esposa volta, e ao voltar, é presa de um espírito que, interrogado pelo chaufeur diz que tinha por objetivo levar o casal à completa ruína e que quando estava perto o dia da vitória, êle, chaufeur, tinha estragado tudo. Segue-se diálogo entre ambos, e por fim, o espírito obsessor retira-se, humilde e esclarecido.

A paz volta ao lar e, com ela, o amor, o respeito, a fé e a esperança. O casal de gêmeos educa-se no carinho e nos novos exemplos dos pais, que agora têm por bússola o Evangelho. E é assim que a felicidade póde ser dêste mundo.

A 2.ª série do «Teatro Espiritualista» é, portanto, digna do acatamento de todos quantos trabalham na seára a disseminar, por êste ou aquele meio, as verdades evangélicas e a doutrina.

Ao Leopoldo, as nossas sinceras felicitações, fazendo votos para que a 2.ª série dêste seu trabalho, cujo resultado reverterá a benefício do «Lar de Jesus», se esgote rapidamente.

Quem não tolera as fraquezas alheias não merece tambem que sejam toleradas as suas!

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2031unse

IO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1944 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Novas Cousas e o Espírito de Sistema . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
A Linguagem dos Espíritos . . . *J. B. Chagas*
O Capitão do Navio Mercante . . *"The Two Worlds"*
Os Perigos Sociais do Espiritismo . *Leopoldo Machado*
O Espírito do Homem Evoluiu Através das Formas Inferiores da Vida *The Progressive Thinker*
Perspectivas de Ultra-Tumba . . *Revue Spirite*
Reencarnação . . . . *Prof. Adauto O. Serra*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1944 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

As Novas Cousas e o Espirito de Sistema

A evolução é uma das pedras fundamentais das sábias leis de Deus. Porisso tudo se transforma, e o homem, ainda que teime em permanecer estático na senda da evolução, é impelido por uma fôrça oculta, misteriosa, a caminhar sempre para a frente e para o alto.

E' assim que as cousas velhas se renovam ao passar pelo cadinho purificador da lógica, da razão e do raciocínio e novas cousas surgem iluminando o roteiro dos homens, que marcham para a conquista da Perfeição, que é amor, felicidade, paz e fraternidade.

E as novas cousas nunca nos chegam fóra de tempo. Elas surgem sempre na hora aprazada, na hora em que Deus entende enviar à humanidade maiores jactos de luz da sua infinita sabedoria e do seu infinito amor.

Tudo o que aparece no mundo é necessário à evolução dos homens que, cada vez mais esclarecidos, saberão escolher o que melhor lhes interessa, o que, enfim, será capaz de proporcionar-lhes melhores resultados para um futuro feliz e sem variações.

E' assim que as velhas religiões e os sistemas filosóficos e científicos em que se apoiam os homens, vão desaparecendo sistematicamente à medida que o progresso desvenda novas e promissoras sendas. Assim tem acontecido desde a fundação do mundo e assim acontecerá sempre, porque a obra de Deus não estaciona, marcha sempre. Por isso assegurou o Cristo: «Meu Pai não cessa de agir».

As novas cousas, porém, fruto do progresso, da evolução, tem encontrado em todos os tempos, a oposição obstinada dos rotineiros, homens que teimam por manter o tradicionalismo, presos aos seus interêsses materiais e comodidades terrenas, verdadeiros fanáticos que, cegos de entendimento e de espírito, não negam o seu concurso ativo para lapidar e levar à fogueira, os portadores das boas-novas que o Alto constantemente nos envia. A História está cheia de factos que comprovam a nossa afirmativa, e se hoje em dia não sucede o mesmo, é devido ás novas leis humanas, que garantem a todos o livre exercício de culto.

Entre as novas cousas que ultimamente surgiram como dádivas celestiais, acha-se o Espiritismo, doutrina sancionada pelos factos, pela lógica e pela razão. Contra ela, porém, levantaram-se as religiões e o profissionalismo científico, no infeliz propósito de sepultá-la na sua tão falaz autoridade, como se de facto o homem pudesse sepultar as determinações de Deus.

Mas, o que faz e o que ensina

o Espiritismo para que contra êle se unam, numa perseguição ingloriosa, os seus opositores? Simplesmente isto: que fóra da caridade não ha salvação; que a vida é eterna; que o homem é dotado de um espírito imortal que pode comunicar com os que habitam êste mundo; que o espírito reincarna com o fim de se aperfeiçoar através das provações de ordem moral e física; que os espíritos podem operar curas de enfêrmos desenganados pela ciência oficial, prevalecendo-se de um médium.

Entretanto, alegra-nos saber que o Espiritismo avança resolutamente, e que, como um pesado «tanque», vai passando altivo sôbre os seus opositores, como se êstes não existissem. Por toda a parte, principalmente no Brasil, que é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho, segundo o ilustre espírito de Humberto de Campos, esta doutrina se difunde amplamente. Enquanto os encarnados a propagam por todos os meios ao seu alcance, pela imprensa, pelo rádio, por livros, conferências e obras de assistência social, para as quais se fundaram e se estão fundando amplos prédios, os espíritos vão reproduzindo, num crescendo admirável, os fenômenos espíritas como base principal do Espiritismo e contra os quais falecem todas as arremetidas dos eternos opositores e negadores da Verdade.

Os mal intencionados, geralmente movidos em defesa dos seus próprios interêsses, podem combater aqueles que trabalham com ardor e desprendimento na seára da Verdade, mas nada poderão fazer contra um facto ou um fenômeno espírita. Daí a razão por que dentro em breve o Espiritismo ampliará o seu raio de ação por todos os quadrantes do globo. Êle chegou na hora aprazada, na hora por Deus determinada, sendo inútil, portanto, qualquer tentativa de sepultá-lo. Êle é a base da evolução, porque se funda na eternidade, na imortalidade, em Deus. A sua missão é conduzir os homens à Perfeição, sendo o seu advento o sinal caraterístico de que eles já se tornaram dignos de receber novas alvíçaras do Alto.

Que meditem profundamente os que ignoram o valor do Espiritismo, afim de encontrarem um interstício pelo qual possam receber um raio da luz divina, que, por muito pequena que seja, não deixará de iluminar-lhes a senda escura da descrença e do preconceito.

Os Fenômenos de Bilocação

Prof. ERNESTO BOZZANO

INTRODUÇÃO

OS fenômenos de bilocação têm uma importância decisiva para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano. E isto porque provam que existe no corpo «somático» um «corpo etérico» que, em raras circunstâncias de decréscimo vital: sono ordinário, hipnótico, mediúnico, êxtase, desmaio, efeitos narcóticos, coma, é suscetível de se afastar temporariamente do «corpo somático» durante a existência terrestre. Daí a conclusão lógica que se o «corpo etérico» ou «perispírito» é suscetível de se afastar temporariamente do «corpo somático» levando consigo frequentemente a conciência individual, a memória integral e suas propriedades sensoriais, dever-se-ia reconhecer então que, quando dele se separa definitivamente pelo processo da morte, o espírito individual (exatamente: individualizado) continuará a existir em condições de ambiente apropriado. O que equivale a admitir que a existência dum «corpo etérico» num «corpo somático», e consequentemente dum «corpo etérico», demonstra que a séde da conciência e da inteligência é o «corpo etérico», o qual constitue o envólucro supremo, imaterial, do espírito desencarnado.

De vinte anos para cá, muitos metapsiquistas bem conhecidos, de modo particular se ocuparam dos fenômenos de «bilocação», consagrando monografias e volumes a esta importante questão: recordarei três obras notáveis publicadas na França, uma devida a Gabriel Delanne, a outra a Henrique Durville, a terceira ao Coronel de Rochas; na Italia, o Professor Lombroso lhe dedicou um capítulo em seu livro; na Alemanha, o Dr. E. Mattiesen dedicou-lhe bem recentemente, longa monografia na qual tratou o árduo problema, de modo magistral.

Por minha parte, já em 1910, publiquei longa monografia intitulada: «Considerações e hipóteses sôbre os fenômenos de bilocação» (*Luce e Ombra* 1911). Mas os factos desta natureza, depois continuaram a se avolumar em tão grande número que hoje encontro á minha disposição importante material bruto, capaz de levar a conclusões de ordem geral, precisas e seguras, advindas do valor cumulativo dos mesmos documentos. Segue-se que, se em minha primeira monografia eu concluí declarando prudentemente que as provas cumulativas dos factos por mim relatados, ainda não pareciam suficientes a conferir-lhes um valor científico, hoje, pelo contrário, ante a imponente quantidade de novos casos acumulados e classificados, considero chegado o momento de me pronunciar sôbre o problema, de modo explícito e afirmativo.

Assim sendo as cousas, volto a desenvolver o mesmo tema, retocando completamente minha primeira monografia, duplicando-lhe o volume. Assim fazendo, terei o cuidado de citar pouco dos factos extraidos das obras acima referidas, e isto porque a documentação que ajuntei é tão copiosa que serei forçado a utilizar-me de pequena parte dos factos já narrados. Parece-me, pois, acertado renunciar aos factos já levados ao conhecimento público, por mais interessantes e demonstrativos que sejam para a teoria que eu sustente. Por outro lado, proponho-me a adotar um plano esquemático próprio, afim de evitar o risco de cair do encadeamento de idéias que podem me impedir de formular com clareza, o resultado de minhas investigações pessoais.

Indico, pois, a todos os que tenham a intenção de ulteriormeete aprofundar a questão, às obras de Delanne, Durville, de Rochas e Lombroso.

Do ponto de vista do plano esquemático da presente classificação, eu observo que os fenômenos de *bilocação* (têrmo usado pelos teólogos e que sintetiza as manifestações multiformes ditas de «desdobramento fluídico», correspondente ás outras expressões de «corpo etérico», «corpo astral», «perispírito»), podem subdividir-se em quatro categorias apresentando importância teórica diversa.

Na primeira, inscrevem-se os casos de «sensação de integridade» nos amputados e de «desdobramento» nos hemiplégicos, casos teoricamente muito mais importantes do que geralmente se supõe;

Na segunda categoria enquadram-se os casos em que o *sujet* percebe seu próprio fantasma, mas conservando sua plena conciência;

Na terceira, os casos em que a conciência se acha transferida ao fantasma exteriorizado:

Enfim, na última, os casos em que o «duplo» dum vivo ou dum morto sómente é percebido por terceiros.

Do ponto de vista psicológico, convém notar que os fenômenos de bilocação apresentam esta caraterística altamente sugestiva de sua perfeita uniformidade substancial de exteriorização (1) a despeito das modalidades diversas e numerosas que assumem segundo as circunstâncias, uniformidade substancial que persiste, invariável, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as raças (inclusive os povos selvagens) de modo a torna-se como o centro de convergência da demonstração de sua existência positivamente objetiva. Ainda se pode observar que êles são tão numerosos que não bastaria um grande volume para conter todos os fenômenos que colecionei. Em parte isto provém do facto — êle mesmo altamente sugestivo — que de um lado, o seu campo se estende até formar o substratum necessário de quasi toda a fenomenologia mediúnica de efeitos físicos, inclusive os fenômenos de materialização (pelos quais a existência dos factos deveriam ser reconhecida também por adversários da hipótese espírita) e que dum outro lado, êles vão até se infiltrarem em grande número nos casos até aqui considerados como de ordem telepática.

---

(1) No original: *estrinsecazione*.

No desenvolvimento da presente classificação, limitar-me-ei a expor um numero suficiente de casos típicos que analisarei e comentarei resumidamente, reservando-me formular considerações de ordem geral no capítulo das conclusões.

(Continua.)

A Linguagem dos Espiritos

J. B. Chagas

NA história da humanidade, não ha, talvez, conhecimento de nenhuma ciência ou revelação nova que tenha progredido, tanto quanto o Espiritismo, em prazo tão curto. Apenas alguns anos são passados da época em que êle surgiu à face do planeta, embora existisse de toda a eternidade, através de meios, os mais primitivos e incompletos, a que se chamou de início de «mesas falantes», e já atingiu um lugar de renomado destaque no âmbito das conquistas científicas, proporcionando-lhe posição respeitável, dentre as outras ciências, destaque êste percebido pela auréola de respeito que o circunda, a-pesar-de todos os pesares.

Já agora, não mais a mofa e o desprestígio dos ignorantes, mas o beneplácito dos homens cultos e concienciosos.

* * *

Na manifestação ostensiva dos espíritos, temos a assinalar o seu rápido progresso para a comprovação do fenômeno, desde as primeiras comunicações inteligentes, obtidas por meio de pancadas ou da *tiptologia*, até o da *pneumatografia*, que é a escrita produzida diretamente pelos espíritos em ambientes ermeticamente fechados e lacrados ou não, diferente, portanto, do de *psicografia*, que é o fenômeno da transmissão do pensamento do espírito, através da mão do *médium* — o fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo.

No desejo de tudo deixar bem claro, *Allan Kardec*, o Codificador da Doutrina Espírita, ou seja do Espiritismo, com a preciência de que era grandemente possuído, não esqueceu de consultar também os espíritos instrutores, sem que isso possa ser apontado em descrédito da sua invejável inteligência, sôbre a predisposição de certos *médiuns* para escrever em língua que lhes era estranha.

E no *Livro dos Médiuns* (cap. XIX), obra na qual catalogou êsses fenômenos, o mestre de Lion, com aquele auxílio, deixou bem claro — embora alguns inciêntes na Doutrina, julguem que a diferença de línguas seja um obstáculo ás relações entre os dois mundos, por constituir êsse obstáculo, *uma barreira linguística* — que os espíritos só têm uma linguagem — a linguagem do pensamento ; que os espíritos, portanto, não dispõem da linguagem articulada, mas sim de uma só língua. Essa língua todos a conhecem, porque não se subordina a qualquer imposição linguística ou gramatical.

Portanto, o indivíduo na terra poderia falar qualquer língua, mas uma vez no plano espiritual, não terá mais necessidade de usar o próprio idioma, e quando o espírito deseja que a sua mensagem seja transmitida e divulgada na própria língua, procura um *médium* que possua conhecimentos dessa língua e mais vantagem ofereça para a transmissão da comunicação, porque, êste, menos dificuldade apresenta a vencer, para o fim que tem em vista atingir. Por essa razão, mais comumente, o espírito prefere servir-se da própria lingua do *médium*, ou de uma que lhe seja familiar, sem que isso seja imperioso, considerando-se ainda a facilidade das correções a serem feitas, posteriormente à comunicação.

Lícito, pois, é que assim aconteça, porque conôsco o mesmo se dá — quando desejamos mandar datilografar um discurso, vamos procurar uma datilógrafa, ou *um do ofício*,—como diz Erasto, e nunca o alfaiate, o sapateiro ou o açougueiro . . .

Quando um espírito se dirige ao *médium* — dizem aqueles mensageiros — não fala francês ou inglês, porém a língua universal, que é a do pensamento. Para transmitir as suas idéias numa língua articulada, toma de empréstimo as palavras no vocabulário do *médium*, o que nem sempre é indispensável, embora seja êste o meio de comunicação mais preferido pelos espíritos, como veremos adiante.

No entanto, o fenômeno singular no Espiritismo, que o genial *Charles Richet*, denominou de *xenoglossia*, que é a mediunidade poliglota, permite que os *médiuns* falem ou escrevam em linguas que êles ignoram totalmente, e às vezes ignoradas de tôdos os que cercam o *médium*, como no caso clássico da literatura espiritista, citado por êsse mesmo *Richet*, no seu *TRATADO DE METAPSÌQUICA*, a página 272, e largamente difundido no Brasil, através da obra *XENOGLOSSIA* de *Ernesto Bozzano*, editada pela livraria da Federação Espírita Brasileira. O facto a que nos referimos ocorreu com a jovem *Laura Edmonds*, filha do juiz *Edmonds*, na manifestação de um amigo do grego Snr. *Evangelides*, o qual se expressou claramente com o referido senhor, em grego moderno.

E êsse singular fenômeno que permite falar ou escrever o *médium* em língua que ignora, que o próprio professor *Richet*, já citado acima, considerou *um verdadeiro milagre*, mas cuja evidência — segundo êle — necessitava ser provada — não conseguiu se impôr sem que antes tivesse de vencer a obstinação e ignorância de alguns, porque muitos o atribuiam à subconciência do *médium*, e que as mensagens nunca ultrapassavam a esfera da sua cultura; que, na opinião dêsses tais, os efeitos físicos são perfeitamente explicáveis pelos conhecimentos do magnetismo, que possuímos, e, por isso, nada observarám que transcendesse o paralelismo psíco-fisiológico da ciência oficial...

* * *

Com o objetivo de invalidar a certeza indiscutível da mediunidade poliglota, foram apresentadas várias hipóteses.

Ernesto Bozzano, na sua monografia intitulada *LITERATURA DO ALÉM TÚMULO*, de dez páginas de texto, dános conta de quatro dessas hipóteses: — a da «personalidade segunda subconciente», tomada no sentido estritamente psicológico de uma fração sistematizada da dissociação psíquica do paciente; a da «conciência subliminal», de *Myers*, tomada no sentido da existência, no homem, de uma personalidade integral subconciente, mais ampla e perfeita do que a conciente e munida de faculdades supranormais e de capacidade intelectuais, cuja emergência esporádica daria lugar ás «inspirações» do gênio; a da existência de uma «conciência cósmica», tomada no sentido em que a considerou *Hartmann*, para quem tratar-se-ia de um atributo verdadeiro e próprio do Absoluto, isto é, de Deus, caso em que se viria a admitir que a subconciência dos *médiuns* se põe em relação direta com o Ente Supremo, pelo nobre intento de ludibriar o próximo; e, finalmente, a da «conciência cósmica», considerada no sentido que lhe atribue o professor *William James*, na opinião de quem poder-se-ia inferir, metapsíquicamente falando, a existência de um «reservatório cósmico das memórias individuais», ao qual teriam livre acesso os *médiuns*, para dêle extraírem tudo o de que necessitassem, afim de mistificarem os míseros mortais». *(Ernesto Bozzano—XENOGLOSSIA* — pag. 87).

Aquí mesmo, em nossas plagas, através do lapis maravilhoso de Francisco Candido Xavier, muitas entidades, habitantes do além, deram as suas comunicações, no seu idioma próprio, sem grandes dificuldades, apesar dos poucos conhecimentos linguísticos daquele *médium*. E o que é mais extraordinário — algumas delas, em sentido contrário ao da escrita correta, cuja leitura só poderia ser feita, tendo o papel diante de um espelho!

Alegar que ha uma *barreira linguística*, entravando a marcha do Espiritismo e impedindo a manifestação dos espíritos, afim de propagar e ressaltar as vantagens para a humanidade de uma língua neutra, é pura obra de má fé, ou então um desejo premeditado de aumentar a confusão, infelizmente, reinante.

Março de 1944.

O CAPITÃO DO NAVIO MERCANTE

PELA MEDIUNIDADE DE MRS. HILL

Colaboração Especial do Marechal do Ar, da Inglaterra, Lorde Dowding

De «THE TWO WORLDS»

Os leitores lembrar-se-ão de quatro artigos por mim assinados e publicados em *Sunday Pictorial*, referentes a mensagens recebidas pela senhora Hill, vindas de seu pai, o falecido Coronel Gascoigne. Pediram-me outra mensagem da mesma série para ser publicada em *The Two Worlds.*

Dentre as inéditas, escolhi a seguinte por ser um pouco diferente das outras. Em primeiro lugar, as mensagens já publicadas tratavam de batalhas em terra e no ar, e esta refere-se a um torpedeamento no oceano; em segundo lugar, esta história se carateriza pela solicitude de um escocês digno de confiança, decidido a relatar os pormenores de seu trespasse, que pudesse haurir de sua memória.

Aquí, pois, a história:

“ENTÃO é possível comunicar com a terra e poder descrever o que me sucedeu. Não sou cristão no sentido da palavra da vossa Igreja. Jamais pude perceber sinceridade alguma na religião das Igrejas, mas eu sentia que sómente o dever era a religião pura do homem sincero. Previamente servi na marinha mercante, esforçando-me por abrir meu caminho até que me tornei um dos capitães de minha linha. Não eram navios grandes, mas atingi o posto de capitão em 1930 e assim permaneci até o fim. Relato-vos êstes pormenores com o propósito de explicar quem fui, o que fiz e donde vim; isto nos esclarece a visão. Sou escocês, natural de Dumfries e estava num comboio atacado por submarinos, o meu navio foi torpedeado, e, não obstante terem escapado algumas embarcações, senti que meu dever era permanecer até o último extremo e fui ao fundo com meu navio. Percebo agora que era uma grande experiência de que quero tirar o máximo proveito com o fim de ajudar os companheiros sob o meu comando que sofreram a mesma penalidade, que os isentou de ulteriores serviços no plano terrestre.

Agora quero tratar cuidadosamente do desastre. Eu estava sôbre a ponte, o navio adernava pesadamente. Já estavam mortos os rapazes na sala de máquinas, mortos pela explosão. Tudo o que se podia salvar já se achava nos botes e eu sustentava a prôa sôbre as ondas, fazendo o navio flutuar tanto quanto eu podia, com o fim de dar o tempo necessário para se afastarem antes do afundamento. Mas o navio adernava progressivamente, até que não mais pude sustê-lo e, então, de súbito, sentí um choque, o navio quebrara-se ao meio e submergiu. Eu precipitei-me com o navio. Senti grande peso e intensa opressão. Foi esta a minha primeira lembrança, a pressão sôbre minha cabeça, repentinamente senti-me livre... e facilmente me desembaracei da embarcação. Encontrei-me numa região completamente calma, onde reinava perfeita paz e silêncio. A princípio, lobriguei pequenina luz, que, aos poucos, tornava-se mais distinta, mas não consegui descobrir sua origem. Julgando estar só, não procurei descobrir outras pessoas, mas logo vi que chegavam os rapazes da sala de máquinas, rodearam-me e disseram: «Capitão, não sabiamos que tambem o senhor estava aquí, porque não abandonou o navio com o resto da tripulação?»

Êles eram assalariados e não conheciam a nossa tradição, fiz-lhes ver que o lugar de um capitão é no seu navio, e era tudo quanto importava, porém julgaram-me antiquado, estúpido e não se convenceram. Eram moços e oprimia-os a idéia da morte. Êles estremeciam a vida, e perderam-na. Eu via que minha morte era o termo normal e adequado à minha vida. Eu me orgulhava por ter cumprido a tradição do marinheiro, porém, êles assim não pensavam. Da morte e de Deus nunca esperei outra cousa a não ser justiça e tratamento reto, e no meu fim encontrei tudo a que havia aspirado. Eu não era ambicioso, não possuía parentes próximos que chorassem a minha falta; aceitei o que o destino me reservou.

Interessante, constatei que êsses rapazes pensavam e falavam exatamente como o haviam feito a bordo. Eu continuava a ser seu capitão e êles me obedeciam. Eu tinha curiosidade de saber porque. Acercámo-nos do navio e o examinámos, durante certo tempo comentámos o ataque, então, invadindo-nos a impaciência, disse um dos rapazes:

«Bem, aquí não podemos permanecer para sempre, ainda que estejamos na eternidade». Isto provocou hilaridade, porque continuavamos a ser exatamente os mesmos indivíduos de uma hora antes. «Capitão, o que devemos fazer?» perguntaram. Eu estava um tanto preparado para a resposta. «Não, rapazes — disse eu — «já não sou o vosso capitão, mas se ainda quereis que vos guie, farei o melhor possível. Parece que estamos mortos, segundo o têrmo que usualmente empregavamos, mas como ainda não percebemos qualquer mudança, exceto o estarmos vivendo debaixo da água, tratemos de descobrir as novas condições. Podeis caminhar? Podeis nadar? Podeis subir à superfície? Seja qual for o mundo em que vamos viver, devemos subir à superfície, e eu ainda quero ver a luz solar». Expresso êste pensamento, veio-nos a vontade de subir e nos desembaraçar das condições da morte e do desastre; e assim o fizemos de maneira assombrosamente fácil. Na superfície a luz solar era bela, quente, deslumbrante, as cores muito mais belas, como nunca antes as observára. Sentia-me bem, verdadeiramente bem. Eu não era moço e, de tempos a essa parte, sentia-me cansado, mas a fadiga desaparecera completamente e eu estava vívido e bem, no meu íntimo havia uma sorte de felicidade. Penso que todos nós experimentamos um mêdo secreto de burlar o nosso dever, quando soar a hora derradeira, e se permanecermos firmes até o fim, seremos recompensados. Digo-vos isto francamente, em benefício dos outros para que possam encarar o último momento com intrepidez e compreender quão importante êle é.

Na superfície eu me sentia ditoso e despreocupado, quando de repente um dos rapazes se lançou fóra da água, dizendo: «Veja capitão, eu posso andar sôbre a água, o que vem a ser isto?» e antes de me dar tempo de responder, êle estava fora da água, no ar—se me podeis acreditar. Eu disse: «vem e dá-me a mão, rapaz, quero ver se consigo fazer o mesmo.» «Bem», diz o foguista, Jim Western, «a falta de transporte não nos vai privar de ir a qualquer parte, suponhamos que fossemos à pátria em gôzo de pequena folga após isto?» Despediram-se. Não sei porque, tinha que ficar ali, não me sentia atraido para outra paragem. Êles voltaram ao lar que haviam deixado, mas eu nenhum possuia ao qual pudesse ir, assim fiquei e esperei. Eu pressentia que alguma cousa ia acontecer, e assim foi. Não estava eu só havia muito, quando todos meus conhecidos vieram a mim, os que me precederam. Minha mulher, minha mãe, um filhinho que perdera e alguns antigos pilotos. Foi essa uma reunião sublime à luz do sol e me conduziram a suá terra, mas à nossa chegada nada mais vi, eu estava tão fatigado, e adormeci. E agora estou abrindo o meu caminho nestas aguas novas mais privilegiadas, pois grandes são meus planos para ajudar os outros. Permiti que eu escreva novamente, sinto-me tão grato.»

Humphries.

Comentário pelo Coronel Gascoigne: «Agora a explicação. Aquí está um homem são, digno de confiança, sem idéias fixas, exceto a do dever; o qual persistiu até o fim e foi recompensado. Quando se encontrou no outro mundo, não percebeu guias resplandecentes porque não tinha fé nesse sentido, e por isto não podia estabelecer contacto; nada havia capaz de atrair para Deus, a parte mais elevada de sua alma. Em sua vida terrestre, êle realizara serviço esplendido, sempre pelo dever, isto foi aceito e deram-lhe todo o valor, mas não atingiu à parte mais elevada do seu sêr e forçoso lhe seria lutar para êste fim. O facto de não crer no Cristo durante a vossa vida terrestre não vos fechará a porta se diligenciastes trabalhar a bem de vossos semelhantes e satisfizestes a vontade de Deus, mas vos privará da luz maior que poderá ser vossa, e necessário vos será conquistar essa fé e conhecimento antes de ascender ao supremo êxtase da realização que parece ser parte do espírito do Cristo. Êle jamais perdeu a cabeça na vida ou na morte. Nunca o abandonou o o hábito de persistir, mesmo na iminência de ser arremessado às nuvens. No oceano estava êle como em sua casa, e não o afligia a idéia de perder a companhia do resto da tripulação. Em seu íntimo estava êle desenvolvendo a faculdade do poder. O serviço era o propósito de sua vida e o dever, a sua expressão. Nada êle tinha a temer em sua passagem; justo, honesto, determinado e bravo, simples e reto, esperando justiça e tudo oferecendo... de tais é o Reino do Céu.»

* * *

Em vista dos comentários do Coronel Gascoigne, nada mais hà a aduzir. Todavia, desejo assinalar que essa levitação ou dificuldade de conservar o novo corpo na superfície, é uma feição comum da série, como também o desejo imediato de começar a servir seus semelhantes, desejo que exprimiu pelos comunicantes mais respeitáveis e de maior responsabilidade.

O inexplicável desaparecimento do resto da tripulação talvez seja devido a terem êles encontrado seus genios e mensageiros, invisíveis ao mesmo Capitão.

Em mensagem posterior, o Coronel Gascoigne se refere ao Capitão, que êle considera precioso recruta para o trabalho à vista.

DOWDING.

Os Perigos Sociais do Espiritismo

LEOPOLDO MACHADO

MANDA-SE-NOS de S. Paulo o exemplar do «Diário da Noite» com a entrevista do exmo. sr. dr. Leonidio Ribeiro contra o Espiritismo, a respeito de uma conferência com igual título da entrevista, que é o mesmo destas linhas, que s. s. fôra realizar na capital paulistana.

Corremos a ver, ansioso, onde os novos perigos sociais do Espiritismo descobertos por s. s., de vez que os apontados no seu volume, *O Espiritismo no Brasil*, não são perigos, nem é espiritismo o que alí se apresenta como tal. Demonstrou-o à saciedade, o sr. Souza do Prado, no seu *Padres, Medicos e Espiritistas*. Corrida vã, a nossa! Nada de novo nos apresenta o eminente esculápio! Provas, argumentos, sapientices, razões, exatamente os mesmos do volume que escreveu de colaboração com o dr. Murilo Campos. Uma lastimável estagnação, porque os mesmos princípios, a mesma argumentação, as mesmas provas! Aliás, coisa mais do que natural em quantos, sem estudos sérios, ou sem seriedade nos estudos, se botam, aguerridos, contra o Espiritismo.

Começa s. s. assegurando que os fenômenos chamados mediúnicos são cientificamente explicáveis «sem ter necessidade de apelar para o domínio do sobrenatural» De plenissimo acôrdo. E' como, cientificamente, os explica o Espiritismo, que não admite o sobrenatural. O sobrenatural só existe para doutrinas que, sem fôrça e sem poder para explicar alguns fenômenos, valem-se dele para a justificação de seus *milagres*, outra aberração, como o sobrenatural, para a Ciência Espírita. Se s. s. fala, porém, da ciência que, porventura, se contenha na sua medicina legal, na fisiologia materialista, aquí, a coisa muda de figura, por tratar-se de ciência que, negando, sem bases científicas, a existência do Espírito, não tem autoridade científica para o que se presume! S. s. ignora o que se tem feito, em nome da Ciência, a dentro do Espiritismo, a partir mesmo das experiências de Charles Richet, que são, incontestavelmente, as mais famosas, através das quais, e por mais de uma vez, o eminente sábio francês confessa, a propósito de uma série enorme de fenômenos, que só o Espiritismo poderia explicá-los. Assim, nenhuma aquisição científica do começo dêste século conseguiu modificar, como afirma s. s., uma só conclusão de Allan Kardec. E nem o conseguiria, porque o Espiritismo ha de «ser científico sob pena de suicidar-se», como afirma o próprio Allan Kardec, porque o Espiritismo terá de modificar-se dado surja qualquer concepção científica que lhe escape, afim de explicá-la, só para não perder seu caráter científico. Destaca s. s. as contribuições do hipnotismo relativo à dissociação psíquica, sem apresentar, entretanto, um só exemplo. Mas que é o hipnotismo? Uma perfeita manifestação de nosso mundo psíquico, que teve negada como o Espiritismo, a sua existência pelas doutrinas científicas e pelos doutores seus contemporâneos. Ao hipnotismo aplica-se o conceito de William James a respeito de concepções que, como o Espiritismo, aparecem antes de sua época; negam-nas a princípio; depois, acham que podem conter alguma verdade, mas sem grande interêsse e, por último, dão-lhes honras e fóros de ciência. Foi o que se deu com a circulação do sangue, com o hipnotismo e a vacina. E é o que se está dando com o Espiritismo. Prosseguindo em afirmações de quem não estudou a matéria que combate, cita s. s. a psicanálise, que, como *ciência*, é bem a verdadeira doutrina dos fantasmas que se querem ajustar ao Espiritismo. Todas as teorias psicanalísticas, desde a *libido* até o *onirismo*, que são, em sã razão e em boa lógica, sinão fantasmas, cuja existência real nunca se demonstrará, como se vai demonstrando a existência das entidades que, no Espiritismo, são apontadas como fantasmas. Ora, levar à conta de frutos da mentalidade dos *médiuns*, justificadas pelo hipnotismo e pela psicanálise, esta série enormissima de fenômenos espíritas de toda natureza, como faz s. s. é, a um tempo, revelar desconhecimento absoluto de espiritismo, de psicanálise, de hipnotismo. E maior prova de desconhecimento do Espiritismo revela s. s. quando afirma: «Não se verificou, até agora, nada que, lógicamente, se pudesse atribuir, no que respeita aos fenômenos psíquicos e físicos, à intervenção do Além». O que não se verificou, até agora, foi adversário algum do Espiritismo, como s. s., levar, lógicamente, a melhor nos seus ataques à Doutrina que, lastimavelmente, desconhecem. Não se verificou, e não se verificará, porque «nada se póde contra a Verdade sinão com a verdade». E' verdade que houve *médiuns*, ou espertalhões que por tal se deram, surpreendidos em mentiras e truques. E surpreendidos por investigadores honestos dos factos, para a salvaguarda, exatamente, do patrimônio científico da Doutrina. Charlatães, mentirosos, plagiários e prestidigitadores são, à miude, surpreendidos a dentro da medicina, sem que a verdadeira medicina tenha perdido em nada seu caráter e seu prestígio.

A existência de centros espíritas, pelos doentes que para êles acorrem, é apresentada por s. s. como perigos para a saude pública. E dí-lo, repetindo a nunca assás desmentida balela de que são tais «centros» que concorrem para que se encha o hospício, quando a verdade é bem outra: de alguns, sabemos nós que, mesmo à distância, concorrem para esvasiá-lo. E, se os doentes procuram os centros espíritas, fazem-no desiludidos dos consultórios médicos, onde deixaram suas esperanças de cura e grossas quantias com que se candidataram a recebê-la de especialistas. A par disto, dá s. s. a entender que os poderes públicos, e até as altas camadas judiciais do Brasil, estão dormindo, ou em conivência criminosa com tais fautores de perigos, por permitir-lhes a existência, garantindo-a em nome da Lei...

Cita s. s., entre *parentesis*, um «centro dos mais afamados, a que compareceu para ser agarrado e sacudido violentamente por dois latagões estrangeiros, mediunizados. O nome do centro não aparece, o que é de estranhar na entrevista de um mestre de medicina legal, que apresenta o Espiritismo feito um enorme foco de perigos sociais. Os focos devem ser, e óbvio revelados, para a necessária profilaxia, aos poderes competentes e ao povo. Só assim serão combatidos e evitados eficasmente. E' assim que fazem cientistas de verdade, no desejo muito sincero de servir à Ciência e ao povo. Não sabemos, de nossa parte, a que «centro» se refere s. s. Entrevemô-lo, apenas, quasi advinhando. Se, realmente, é o que supomos, foi s. s. esbarrar no pior joio do Espiritismo entre nós, que está para o verdadeiro Espiritismo, que é o alicerçado no Evangelho de Jesus e na Codificação de Allan Kardec, como o consultório médico de qualquer charlatão de esquina, está para a verdadeira medicina.

Termina s. s. apresentando seus «meios» de combater os perigos «do Espiritismo, que é por s. s. confundido com «*candoblés* e *macumbas*, onde se explora a credulidade pública.» A mesma velha tecla batida por quem, com ou sem ciência, nos combate. Nós, de nossa parte, ainda não nos cansamos de demonstrar que nada tem *macumbas* e *candoblés* com o Espiritismo, por isso que a *candoblés* e *macumbas* pode comparecer gente de toda casta e de toda religião, menos espiritistas, que sabem o que aquilo é: uma explosão de práticas de religiões africanas, de mistura a práticas do catolicismo. Basta que aí se explore a credulidddе pública para não ser espiritismo, doutrina que preceitua o livre exame de tudo, o consórcio da razão com a fé, para a aceitação do que apresenta e ensina...

E ninguém mais do que o espiritista de verdade tem interêsse na correção e no combate a perigos tais, por saber que, de tais combates e regulamentação, o Espiritismo sairá mais prestigiado. Quanto mais não seja, compreendido de tal modo que não deixe oportunidade a que, *cientistas*, como s. s., venham de público, em entrevistas de jornais, confundí-lo com *macumbas*, *cangerès* e outras práticas aberrantes da Doutrina Espírita...

O Espiritismo não teme — é de Allan Kardec — adversários honestos e capazes, aos quais só pede que o estudem para, só então e depois, o atacarem, como fez, sem estudo nenhum, s. s.

* * *

O Espírito do Homem Evoluiu Através das Formas Inferiores da Vida

O processo evolutivo da personalidade individual póde estar, mesmo agora, em estágio semi-primitivo, porque ha no futuro do homem um maior período de progresso na individualidade espiritual, cuja maior parte será desenvolvida no futuro.

The Progressive Thinker

Durante longo tempo o homem aceitou a história da creação segundo o relato no livro da *Genesis*, com particular referência á alma ou espírito humano. «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente.» Esta afirmativa satisfez a humanidade durante quarenta séculos. Evidentemente, trata-se de uma tentativa prematura, por parte do homem para explicar a origem do espírito do homem, aquela parte do sêr humano que sobrevive à morte corporal.

Nos últimos cem anos, as descobertas da ciência mudaram materialmente a concepção da origem humana, planetas e sistemas solares. O maior golpe vibrado contra a teória mecânica da creação, como está relatada na Bíblia, veiu quando Darwin anunciou sua teoria evolucionista, ou desenvolvimento gradual de todas as cousas. Quando Darwin fez a revelação, o clero desencandeou grande tempestade de protesto, condenando todo o homem que se atrevesse a duvidar da história bíblica da creação, sobretudo aquele que lhe opunha a teoria da evolução. O tempo realizou seu trabalho, e agora muitos clérigos aceitam a evolução como método de creação, uma lei natural que nunca sofre mudança.

A teoria da evolução afirma que, de um modo ainda misterioso, o homem evolveu da mesma raiz de que procederam todas as creaturas, que o homem permaneceu no tronco principal, enquanto as outras creaturas se ramificaram em outras direções, afastando-se assim da supremacia, enquanto que finalmente o homem atingiu o ponto culminante da escada. Geralmente acreditava-se que somente o corpo físico do homem assim evoluiu, agora suspeita-se que mesmo a alma ou espírito, percorreu o mesmo roteiro.

O biologista sabe que as células microscópicas possuem um instinto rudimentar que lhes permite multiplicarem-se e sobreviver, para finalmente constituirem formas mais complexas, formando, assim, plantas, peixes, pássaros, animais e homem. Êsse instinto parece ampliar o seu escopo para tornar-se fator permanente nas vidas de tódas as creaturas. Parece que mesmo os animais superiores progridem para um ponto em que manifestam inteligência mais elevada. Ao menos, distanciaram-se grandemente do instinto celular primitivo.

Alguns cientistas sustentam que épocas houve em que se realizaram mutações, quando por nenhuma razão aparente, alguns animais deram longas passadas para a frente, transpondo dêsse modo, grandes fendas, trazendo á criatura a superior nível mental ou física.

Não estamos em situação de saber se os animais têm ou não conciência, ou como se realizou a transição do instinto à razão e auto-conciência, a única cousa que marca a diferença entre o animal e o homem. O facto de ter o homem conciência de suas emoções e estados mentais, coloca-o acima da animalidade. Pelo processo de introspecção e análise psicológica é êle capaz de examinar as obras de sua mente, cousa que o animal não pode fazer. Esta capacidade realizadora é que estabeleceu um grande hiato entre homem e animal. O homem conhece que é um indivíduo e que tem personalidade, êle possue uma qualidade que o distingue de tódas as criaturas, êle possue um espírito avançado ou alma que evoluiu da forma mais primitiva.

Êle tornou-se um indivíduo, aquela sua parte que sobrevive à desagregação física; primariamente é êle um espírito e continuará a viver quando sua manifestação material chegar ao fim. Êle é creatura de dois mundos, um em que o físico desempenha grande parte, o outro em que predomina o espírito.

Assim como têm havido progresso metódico no universo material, também houve ordem no avançamento espiritual do homem, tudo de harmonia com leis estabelecidas. Foram necessários milhões de anos para produzir a personalidade, assim como foram precisos milhões de anos para produzir objetos materiais. E' o processo de Deus de realizar as cousas, permitindo-se tempo amplo para executar seus planos. E' evidentíssimo que a teoria mecânica da creação, e creação instantânea resultante do plano Divino, são esbôços abortados.

Esta teoria da origem da personalidade do homem irá contrariar a idéia firmada de ter eternamente existido o espírito do homem. Porém necessariamente assim não é, porque a matéria é eterna e perpetuamente existiu em uma forma ou em outra. Então porque não o espírito do homem? Êste, também, poderia ter existido eternamente, não obstante ter sido induzido a passar pelo processo da incarnação para percorrer longo período de incubação, do mesmo modo por que se esforçou por manifestar-se através da matéria.

Andrew Jackson Davis sustentou que o espírito individual entra na criança, que aínda não nasceu, diversas semanas antes do nascimento. Essa operação requer intervenção Divina e não está de acôrdo com o expediente Divino de realizar cousas nos outros reinos do universo. Evidentemente, Deus emprega abundante tempo para obter os resultados desejados. Um milhão de anos é como um dia na economia de seu tempo.

Do exposto se conclue que o homem não era um espírito individual antes de chegar ò tempo em que poude questionar a si mesmo, julgar o processo mental de seu pensamento, ou tornar-se conciente de sua identidade. Quando se tornou capaz de analisar sua própria personalidade, incentivar suas boas qualidades, reprimir as más, então já não era um animal; havia se tornado homem, isto é, homem material e espiritual.

Mesmo êsse processo de desenvolver a personalidade individual, talvez esteja agora em estado semi-primitivo, porque à frente do homem estende-se maior período de progresso em individualidade espiritual. Grande parte dela será desenvolvida aquí em milhares de gerações. Porém, êsse desenvolvimento será realizado em outra dimensão. Desaparecido o corpo natural, o corpo espiritual continua a desenvolver individualidade, muito depois de ter se tornado pó o corpo material. Assim, a morte põe termo à existência material, ao mesmo tempo que abre a porta ao espírito do homem para entrar num reino mais elevado de existência, onde possa continuar a desenvolver personalidade e qualidades espirituais, desembaraçado das restrições materiais. Estará revestido dum corpo etérico de trama sutíl. Naquela nova morada será acelerado o seu desenvolvimento espiritual, seus júbilos ultrapassarão seus sonhos mais arrojados, divertir-se-à em prazeres, ocupações e passatempos, cuja descrição causaria vertigens à nossa imaginação.

Rupert Swimerton.

Perspectivas de Ultra-Tumba

Revue Spirite — Por Alfredo Bénézech

SERÁS tu, leitor amigo, um dos que a questão da outra vida não seduz por implicar ela idéia de morte da qual, como a imensa maioria de teus semelhantes, te arredas o mais possível ? Mesmo em ocasiões fúnebres quando ela se impõe, geralmente encontras uma porta pela qual consegues escapar à sua opressão. Porém, se o acaso te colocasse em presença de um ocultista, talvez consentirias, caso a conversação não se prolongasse em demasia, ouvi-lo discorrer, ao menos por mera curiosidade sôbre a vida no outro mundo. Qualquer que seja tua indiferença, êste assunto te interessa diretamente. Todos os dias desaparecem pessoas dêste mundo, parentes, amigos, vizinhos, que sempre vias circular nas ruas ou encontravas em passeios, e alguns dos quais, de tua idade, te advertem que não tardarás a seguí-los ao lugar onde pobres e ricos sempre encontram alojamento seguro. Lá, depressa seus corpos se tornam irreconhecíveis. Será isso tudo o que deles resta ? Os materialistas o afirmam. Essa perspectiva de extinção produz arrepios, mesmo que a vida te fosse um fardo. Felizmente, solicitado por preocupações menos lúgubres, reconquistas o teu equilíbrio, após o acesso de vertigem. A Igreja te certifica a sobrevivência da alma, mas os mortos não voltam — para dar suas noticias, e êsse mutismo produz cepticismo. Mas ... e se os mortos tivessem meios, ainda que invisiveis, de comunicar com os vivos, tornando-se reconhecíveis por particularidades que constituem prova de identidade ? Êste conceito se robustece cada vez mais, com o assentimento de grandes sábios; esta maravilha já é, hoje, uma realidade bem verossímil. Não me aventuro demasiadamente, entretendo-te, por alguns instantes, com as surprêsas que nos estão reservadas, quando deixarmos êste vale de lágrimas, onde muitos julgam cumprir-se o destino humano sem probabilidade de prolongamento.

Proponho-te, pois, uma pequena excursão ao Além, sob os auspícios do Espírito Julia que fez revelações a W. E. Stead, nome êste que talvez não te seja desconhecido, porque se trata dum publicista inglês, morto no naufrágio do *Titanic*, tão notável pelo caráter como pelo talento, e, ademais, médium de escrita automática, de sorte que nos fornece, em livro sensacional, mensagens que êle mesmo recebeu. A Livraria de Ciências Psíquicas traduziu-o em 1911; não é, pois, publicação recente. Proveitosa é a leitura de obras antigas, cujas novidades são, ás vezes, atraentes, porque o excelente jamais envelhece. Nunca te aconteceu, relendo certos volumes, neles descobrir idéias ou formas cuja originalidade não saboreaste antes ? Torna-se cousa quasi inédita.

Stead, desde o prefácio, te produzirá a impressão dum homem radicalmente honesto. «Quanto aos que zombam da possibilidade de tal fenômeno — dizia êle, eu simplesmente lhes pedirei que afastem sua teoria de fraude intencional, quanto ao médium, pelo facto de terem sido estas mensagens, escritas pela minha mão direita, sem que presente estivesse qualquer outra pessoa. Todo aquele que conhece a prevenção existente contra o assunto, compreenderá que nenhum interêsse pessoal tenho para me prevalecer do nome tão impopular e ridicularizado de crente na realidade de tais comunicações. De diversas maneiras coopero nesses factos, ao mesmo tempo privadas e públicas, com esta grave desvantagem: sei de sobejo que o conteúdo dêste prefácio me causará durante anos, aborrecimentos e desacreditará tudo o que eu venha a fazer e dizer. Sem dúvida, isto é uma infelicidade...» Sim, mas a infelicidade sobretudo está com os cegos, voluntários ou não, que, por temor à crítica, se privam da vantagem de abraçar a verdade de esplendido futuro. Quando encontramos um homem que no caminho do progresso não é retido por considerações mesquinhas, saudemo-lo respeitosamente, porque a coragem é uma virtude rara.

Como sabia Stead que essas mensagens vinham do Além, e não das profundezas do subconciente tão notável pelos prodígios da memória latente da transmissão do pensamento, da telepatia e das pessoas segundas? Como se abusa do subconciente para não cair no Espiritismo! Atribuem-lhe, contra toda verossimilhança, uma ciência e mesmo um poder ilimitado, pois que o julgam capaz de produzir, nos casos de materialização, sêres dotados de todos os atributos da pessoa: respiração, pensamento, vontade, palavra, memória, caracteres físicos que essencialmente o distinguem do médium.

Escutemos o depoimento de W. Stead: Não é necessário que eu entre em detalhes circunstanciados para mostrar a evidência que me conduziu à conclusão de serem realmente *As Cartas de Julia* o que pretendem ser, as comunicações do espírito desincarnado de alguém que foi minha amiga durante sua vida terrestre, mas cuja amizade se tornou mais estreita e real depois que me foi arrebatada, hà seis anos...» Quando o jornalista Stead, que não era homem vulgar, foi, pela primeira vez, irressistivelmente impelido a escrever, sob impulso duma fôrça desconhecida, que lhe fazia exprimir idéias que não eram suas, sua surpresa foi grande; a rigor, era admissível a intervenção do subconciente. Mas que pensar do caso em que a escrita automática, sempre assinada por Julia, traçava o apelido afetuoso que, em seu leito de morte, ela havia dado a uma de suas amigas, Helena, detalhe êste completamente ignorado por Stead? De outra vez, era a descrição minuciosa dum incidente que remontava ao ano de 1885 e que êle igualmente ignorava. Em outras ocasiões, proferiu nomes, prenomes e sobrenomes de pessoas do lugar em que nascera Julia ou traços caraterísticos tão fortemente acusados de modo a torná-la reconhecível sem a menor hesitação, ou ainda testemunhos de simpatia por pessoas a que o médium não se interessava.

A essas provas de identidade, pelo menos bem surpreendentes, juntavam-se fenômenos de clarividência que vinham apoiar as mensagens automáticas. Os «videntes possuem um sexto sentido graças ao qual discernem, no mundo invisível, realidades ordinariamente desapercebidas. Stead esteve em relação com alguns dêsses indivíduos excepcionais. Um dêles, que absolutamente nada sabia de Julia, descreveu-a colocada de pé junto a Stead, enquanto êle escrevia; outro vidente retirou de um pacote de vinte retratos o de Julia, que nenhum sinal particular apresentava e identificou-o como representando a senhora em questão; outro ainda descreveu factos cuja veracidade Stead contestara, mas que foram em seguida certificados por pessoas bem informadas; por diversas vezes, Julia predisse acontecimentos que se verificaram depois e que todos julgavam irrealizaveis; enfim, de acôrdo com certas combinações, ela se manifestou a videntes muito distanciados de Stead.

Quando se foi testemunha de fenômenos tão extraordinários, está-se, assim o parece, desculpado por ter aderido a hipótese de personalidades ocultas que dotadas de um organismo sútil, tem poderes que ultrapassam ás capacidades do nosso cérebro material. Êsse subconciente que, pela escrita automática revela cousas de que jamais se ouviu falar, longe de estar fundado sôbre a evidência, nem ao menos repousa sôbre a mais forte probabilidade, porque invariavelmente êsses factos se apresentam em conexão com personalidades distintas do médium. Supomos a existência destas pela constatação de fenômenos dificilmente explicáveis sem elas. Nada sabemos de sua natureza; possuímos melhores informações sôbre a constituição do nosso espírito? E tem o fisiologista, o mais aferrado ao materialismo, certeza absoluta de não existir a alma independentemente do cérebro, seu instrumento? Sabe êle se não ha em nós e fora de nós, sêres sutís dotados de inteligência e vontade, inacessíveis ao escalpêlo do anatomista? E, na dúvida, não seria razoável tomar a sério os factos supranormais que pleiteiam em favor do Espiritismo? Não é, pois, surpreendente que as mensagens de Julia tenham impressionado a Stead a ponto de lhe parecerem verídicas. Todavia sua perfeita adaptação à realidade só será completa quando, de posse de grande número de documentos emanados duma multidão de médiuns, em diversas línguas, sem que entre êles haja comunicações, se puder, pela semelhança dos resultados, deduzir a unidade de origem. Já se chegou, pela comparação de mensagens, a conclusões seriamente motivadas, e vamos, dirigidos por Julia, aventurar-nos nessa região de ultra-tumba, que solicita a curiosidade dos mais indiferentes.

Eis-nos junto ao leito dum enfêrmo ternamente amado. Nenhuma esperança de restabelecimento; todos os sinais de um fim iminente; em seguida, o estertor, o suor gelado, o afrouxamento do pulso, os últimos movimentos de um mecanismo gasto; por fim, a queda no desconhecido. Os parentes estão consternados, ansiosos, como que numa casa sacudida por ciclone, a alma transtornada e devastada. O mundo, visto através do desespêro, mudou completamente de aspecto. Todos estão interditos, atônitos sôbre as ruínas dum passado cujas misérias foram esquecidas, porque a miséria última a todas ultrapassa. Êle não mais respira, está morto! Ouvem-se gritos, chora-se, ninguém mais se pertence. Que seremos nós sem êle? No momento em que a angústia a todos avassala, o desincarnado, desembaraçado do corpo que foi causa de crueis sofrimentos, experimenta imenso alívio. Ainda não reconhece o seu novo estado. Êle está perturbado. Será preciso mais ou menos tempo para se reconhecer; isso depende de seu grau de preparação. Mas grande é o seu espanto por encontrar-se em pé junto ao corpo que percebe imóvel. Êle não compreende a razão da dôr dos seus; sente vontade de rir, tão singular é o contraste entre o bem-estar que sente e a angústia que ocasiona. Êle deseja falar; impossível. Uma vez de posse de si mesmo, é acolhido por um habitante do mundo invisível, seu guia, acompanhado de caros desaparecidos que o precederam no Além. Lá, estão êles revestidos de seus corpos espirituais, radiantes de juventude e de beleza, reconhecíveis, ainda que diferentes, com o poder, porque seu pensamento é creador, de tomar, para melhor provar sua identidade, a forma sob a qual foram conhecidos na terra.

Guiado por seu anjo de guarda, êle parte para novas regiões. O lugar a que se dirige, é povoado de Espíritos. E' uma existência livre de tormentos que abundam no nosso mundo baixo. Não ha necessidade de dormir para repousar, nem de se preocupar com a nutrição e do resto. Êle depara com pessoas com as quais estivera, outrora, relacionado. Contudo, conserva-se a sua mentalidade, memória e sua vontade, sem solução de continuidade. Mas como se transformam as opiniões do desincarnado! Na sociedade a que agora pertence, a alma aparece tal qual é, despida da máscara com que se cobria. Os indivíduos são apreciados segundo suas intenções, e alguns impulsivos, condenados a penas infamantes, pelos nossos tribunais, se encontram em melhores condições, graças a virtudes ocultas, do que os hipócritas cujo mérito não passava de fachada. Então se realizará a palavra de Jesus: «Os primeiros serão os últimos, e os últimos, os primeiros».

Dêste ponto de vista, as grandezas da terra, parecem uma mesquinharia que torna ridícula a nossa soberba. Todos os bens de que nos orgulhamos, dinheiro, posição social, honras, tornam-se insignificantes. O que de melhor há no nosso plano é inferior ao que de menos elevado há no outro mundo, de sorte que os milionários incensados pelos adoradores do bezerro de ouro, não passam de pobres diabos, se mau uso fizeram de suas faculdades.

Lá, a virtude dominante é o amor que consiste em desejar aos outros, esquecendo-se de si mesmo, aquilo a que se dá maior apreço. Pelo amor, nos aproximamos de Deus, e dele nos afastamos pelo ódio que envenena e desfigura a nossa vida, tornando-a um verdadeiro inferno.

Para os desincarnados, somos Espíritos obscuros, engaiolados no corpo como numa prisão. O mau tem a impressão de estar abandonado num lugar onde o persegue a horrível obsessão de seus delitos, com recordação tornada mais clara e viva. Em geral, nenhum desejo experimentam de voltar ao nosso mundo, porque isso seria renunciar aos gozos; entretanto gostam de rodear as pessoas que estremeciam. Surpreende-os o caráter transitório das cousas terrestres. Descobrem na pobreza e sofrimento uma utilidade moral que lhes confere o prêmio da benção de Deus.

Rodeiam-nos Espíritos bons e maus. Misturados à nossa vida, êles nos influenciam, sem o sabermos; a carne, semelhante a antolhos, nos impede enxergá-los. Imenso é o seu desejo de instrução. O espaço e o tempo já não são os mesmos. Movem-se com tal rapidez que ao pensarem em determinado lugar, lá se encontram. Experimentam enebriante sensação de liberdade e de poder, em atmosfera amena, deliciosamente perfumado, o todo saturado de paz, de amor, de alegria e do esquecimento da vida passada, no seio do insondável mistério da estensão ilimitada do universo. São horizontes que fogem sempre, com a surprêsa de maravilhas, sem cessar renovadas.

Não são anjos nem santos; ainda são imperfeitos e entreveem alturas a atingir nas profundezas do amor infinito. Encontram-se com sua individualidade, como num sanatório espiritual, para curar seus defeitos.

O valor dum espírito é determinado pelos sentimentos que o animam. As questões de Igreja não entram em consideração. As barreiras erguidas pelas seitas para encurralar os homens nos dois campos eternamente separados, de malditos e de eleitos, só existem na imaginação de fanáticos. A religião que salva, é a que domina o sentimento da fraternidade universal, a necessidade de comunicar com todas as pessoas sinceras, quaisquer que sejam sua raça, nacionalidade ou culto. Organizam nêste mundo sua vida futura para continuar do ponto em que pararam.

Nas sessões mediúnicas, aos Espíritos não assiste o direito de responder a todas perguntas, porque lhes é prescrito respeitar a iniciativa individual. Por outro lado, seus conhecimentos, são bem limitados, posto que superiores aos nossos. Hà entre êles como no nosso plano terrestre, diversidade de aptidões, donde resulta divergências de opiniões. Consideram a matéria como uma ficção da inteligência que se desvanece com o corpo; só o espírito tem realidade.

No Além, não se leva vida puramente contemplativa. Cada qual tem suas ocupações. Eis porque muitas vezes, quando estamos em sessão, fortemente interessados por fenômenos físicos ou intelectuais os Espíritos nos deixam bruscamente, chamados a outros lugares, segundo afirmam.

Tais são as indicações esparsas nas mensagens de Julia. Talvez nos surpreendamos por aí não encontrarmos revelação alguma de cousas estranhas aos nossos atuais meios de conhecimento. Poderia ser de outro modo? Não mais possuiremos, quando desincarnados, os sentidos que resultam da constituição de nossos corpos, e contudo, experimentaremos impressões várias de que impossivel nos é fazer a menor idéia, porque nos faltam as faculdades necessária. Sem sair do nosso mundo, falemos a uma criança das maravilhas da eletricidade. Apenas por um instante conseguiremos fixar sua atenção. Êsses factos ultrapassam o quadro em que se move sua inteligência, até o dia em que esta, após laboriosa preparação, se torna capaz de compreender. Tomemos um dos membros mais eminentes da nossa Academia de Ciências, a certos respeitos, êle é uma criança, comparado a um habitante do além, ainda que goze de enorme prestígio neste plano inferior. Êle nos confessará humildemente que nada sabe, a despeito de seus diplomas, e sua notoriedade. Essa confissão de ignorância, raramente encontrada nos lábios de um iletrado, é a marca do homem genial.

Quão melhor seria á humanidade se ela tivesse viva persuação do além!...

* * *

As Igrejas perdem muito de sua influência, provavelmente porque seu ensino não se adapta às legítimas aspirações dos tempos modernos. A necessidade dum renovamento nas idéias, condição indispensável de uma reforma de costumes, faz-se sentir imperiosamente e o Espiritismo, pela demonstração experimental da sobrevivência trará inestimável contribuição à construção do novo edifício. Hà nas perspectivas de ultra-tumba, todos os germes da renovação social.

«Seria extremamente imprudente negar a realidade de um grande número de fenômenos psíquicos, pois as provas são esmagadoras».

(DR. SCOTT LIDGETT — Intérprete das «Igrejas Livres Evangélicas»).

Reencarnação

«Nascer, viver, morrer, renascer ainda, tantas vezes quantas forem necessárias, para que a nossa evolução se elabore e o nosso aperfeiçoamento moral se complete». (KARDEC).

— «Ninguém entrará no reino dos céus, sem nascer de novo». (João, III—3).

— «Uma lei primordial e absoluta rege a creação: a lei do progresso. Tudo se eleva ao infinito, e os êrros são quédas». (Flamarion).

— «O berço tem seu ontem e a tumba, o seu amanhã». (Vitor Hugo).

A terra é um dos planetas regeneradores, onde o espírito se educa para subir as escadarias gradativas do aperfeiçoamento: «Sêde perfeitos como o vosso Pai que está nos céus». Mateus, V—48.

A própria vida terrestre é uma prova insofismável de que a luta continuará extra terrena, sem estacionamentos eternos em céus ou infernos: —«Um mundo cuja lei é uma cruel e perpétua luta pela existência, na qual só os brutais, os velhacos, os inexcrupulosos triunfam; luta por toda a parte: de homens contra homens, tribu contra tribu, império contra império, espécie contra espécie», o que levou Henry Adams a dizer: um quadro de dôres, alição e morte; péste e fome, inundações, sêcas, nevadas, catástrofes por toda a parte e por toda a parte acidentes. A virtude gera o vício e o vício se perpetua. Felicidade sem sentido, egoísmo sem lucro, miséria sem causa, horrores indefiníveis e a morte como recompensa equalitária de todos».

Rousseau sintetisou tudo isso quando afirmou que nêste mundo há uma tendência natural para «oprimir o bem e exaltar o mal».

No Evangelho segundo João, III-1 a 24, vemos Jesus instruindo Nicodemos acerca de um novo nascimento, ou seja sôbre a reencarnação: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não renascer de novo, não pode ver o reino de Deus». E diante da admiração de Nicodemos, Jesus continua: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus». E como mostrando que a palavra «água» também significa «carne», Jesus repete: «O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário te é nascer de novo». Seria o mesmo que Jesus dissesse: Quem não nascer da carne e do espírito, não pode ver o reino de Deus. Essas passagens são claras demais para que exegetas menos escrupulosos procurem deturpar a verdade.

E quanto ao esquecimento que temos de nossas reencarnações anteriores, durante o novo nascimento, e que recuperamos a memória quando livre está o espírito da matéria (corpo), é ainda Jesus que nos esclarece, dizendo: — «O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz; assim é todo aquele que é nascido do Espírito», isto é, que se reencarna. (Mesmo capítulo, versículo, 8).

A reencarnação é necessária porque através dela vai o homem aprendendo, progredindo, evoluindo em sua marcha ascensional, impossível de se realizar numa única vida, mormente para aqueles que morrem prematuramente.

Assim como os frutos não amadurecem todos ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento se completará em sucessivas encarnações, através do tempo e do espaço.

Para o espírito não existe o fator tempo, porque êle é eterno; nós temos necessidade de calendários para as nossas atividades sociais; o espírito não tem idade.

A finalidade da reencarnação é esclarecida pelo próprio Jesus, no mesmo capítulo anteriormente citado, versículo—15:—«Para que todo aquele que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna». A vida sendo eterna, as reencarnações são apenas etapas diversas, constituindo todas, a vida do próprio espírito.

A reencarnação é, pois, o meio de que se serve o Creador para oferecer ao homem as oportunidades de reparar o mal cometido, descontar as suas faltas, aprender com seu próprio esfôrço, realizar o progresso de suas faculdades intelectuais, paulatinamente, porém, evolutivamente.

Êste princípio reencarnacionista é compatível com a justiça de Deus, cujo Filho prometeu a cada um, a recompensa de suas obras.

A morte, como é julgada por muitos, não existe. O próprio corpo não morre e sim se transforma em outros corpos, na sua decomposição. A única morte reconhecida por Jesus, é a morte espiritual: aqueles que têm os olhos da alma fechados ás coisas espirituais Êstes, espiritualmente, são os mortos de que nos fala o Evangelho.

A creação da alma na ocasião da concepção de um novo sêr, alem de ser um grande disparate, faria de Deus um ser injusto, pois que mérito teria um espírito que apenas animou um corpo por poucos dias ou meses apenas, e sem nenhum conhecimento do mundo, onde esteve, sem que a sua virtude fosse posta á prova, e ir depois gosar eternamente no paraiso celeste, após o seu desencarne precoce?

Responderão os católicos: Se essa criança foi batisada, ela irá, ao morrer, para o céu. E nós tornaremos: Então o destino da alma não depende de seus atos e das leis de Deus? Ficará a alma sujeita a ritos humanos que obrigarão Deus a recebê-la em seu seio? Poderá o homem ter interferência no que só a Deus pertence? Nesses casos estaria decretada a falência da autoridade divina...

O batismo não tem o sentido místico que os catòlicos querem impingir. A prègação de João Batista precedeu o batismo de Jesus. E Jesus só foi batisado por João Batista, aos 30 anos. Nessa ocasião teve lugar a «iniciação» de Jesus, tanto assim que após esse ritual, o Mestre principiou a sua missão.

Quando, pois, lemos nos Evangelhos: »ide, batizai a toda a gente, prégai o Evangelho e curai os enférmos, êsse «batismo» em nome do Pai, significa iniciação dos conhecimentos da Doutrina Christã ensinada por Deus aos homens, por intermédio de seu Filho Unigênito.

Passagens, como a matança dos inocentes, sem a lei da reencarnação, ação e reação; causa e efeito; chóque e retorno, nos dariam de Deus uma noção bárbara, contraditória e incompreensível.

Em Mateus, XVII—12-13, encontramos mais esta afirmação de Jesus reforçando a idéia da reencarnação: «Declaro-vos, porém, que Elias já veiu, e não o conheceram, antes fizeram-lhe tudo quanto quiséram; assim tambem o Filho do homem há de padecer ás suas mãos. Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista», o que é confirmado em Mateus, XI—14-15, referindo-se a João Batista: «e se quereís dar crédito, é êste o Elias que há de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.»

A teoria da reencarnação é velha como o mundo. As religiões mais antigas tinham-na como princípio básico. Os pròprios contemporâneos de Jesus, acreditavam na reencarnação, tanto que supunham que Jesus fosse um dos antigos profétas resuscitado: Lucas, IX—19.

Contudo, poderia surgir um novo saduceu para apontar a questão dos parentescos, pois pela atinidade, muitos espíritos amigos e parentes, tornam ao seio da mesma família, em futuras reencarnações, para completar sua missão. Assim um espírito de um nosso tio morto há tempos, poderá vir animar o corpo de um de nossos filhos. E Jesus mais uma vez não deixa parar nenhuma dúvida sôbre tal fato: Mateus. XXII—24 a 33; «Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus; porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu. Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos.»

Vimos, pois, com toda a clareza possível, que os espíritos além de não terem idades, não têm sexo e nem parentesco algum, uma vez desencarnado. A ressurreição de que nos fala Jesus, é o término de uma das existências materiais, quando o espírito retorna à sua vida primitiva, pois ressurreição dos corpos como pretendem alguns, é absurda: O corpo separado do espírito se transforma em outros corpos que por sua vez alimentarão sêres viventes, mesmo os vegetais.

No plano espiritual seremos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, todos seguindo o mesmo ideal do aperfeiçoamento e do progresso.

A passagem do Evangelho acima citada, se refere a uma pergunta que fizeram a Jesus, sôbre uma mulher que foi casada 7 vezes, e na ressurreição, quando o seu espírito se libertasse por sua vez da matéria, qual dentre os 7 seria considerado seu marido. E a resposta de Jesus foi simples, lógica e decisiva, não deixando margem para dúvidas.

Cristovam Camargo, em seu livro «O Subconciente», escreve:

«O mundo é uma imensa escola e a vida, uma interminável lição. Não é natural que toda a nossa aprendizagem das leis eternas, toda a nossa evolução se processe, inteira, dentro do prazo curtissimo de quarenta, sessenta ou oitenta anos. Sem falarmos nos que morrem cedo, nos que morrem com alguns minutos de vida e não têm tempo de aprender, que nada saberiam se a escola das verdades eternas se encerrasse dentro do âmbito estreitissimo da vida no planeta.

«Não, quando chegamos à vida, quando nascemos, vimos de dezenas, de centenas de vidas anteriores, nêste mesmo ou em outros planetas e continuaremos, depois, em dezenas, em centenas, em milhares de vidas, nêste ou em outros planetas, desdobrando-se cada uma dessas — que todas se fundem em uma só — a eternidade, de acôrdo com os preparativos feitos e as direções tomadas na vida imediatamente anterior».

Êsse mesmo autor transcreve um trecho do 3.o volume de Filosofia, parte destinada á psicologia, 8.a edição, tomo II, pag. 364, do venerando cardeal Mercier, referente á reencarnação, e cuja tradução, data venia, fazemos: —

«Do ponto de vista puramente racional, é então demonstrável que a prova moral do homem terá, cedo ou tarde, um termo; parece-nos nada difícil de demonstrar que este termo (fim), devia necessariamente coincidir com o último momento da vida atual, e que toda a prolongação de prova além do túmulo seja impossível . . . Sob o nome de reencarnação, de metempsicóse ou de transmigração das almas, pode-se entender coisas muito diferentes; seja uma série de existências sob a dupla condição de que a alma conserve a conciência de sua personalidade e que há para a série das migrações um termo final... Quanto á primeira hipótese, nós não vemos sinão que a razão, deixada a ela só, declara-a impossível, nem mesmo certamente falsa».

Assim vemos que a opinião do ilustre príncipe da igreja católica, não condena a reencarnação, não a considera impossível ou mesmo absurda, o que nos faz lembrar de Paulo quando diz: vejo o melhor, aprovo-o; mas sigo o pior...

Aproveitemos as inspiradas palavras do sr. Cristovam Camargo, transcrevendo mais alguns trechos, para que todos os que nos lêm, possam aproveitar também tão úteis e sábias considerações: —

«Novas perspectivas abre a reencarnação ante nossos olhos fatigados, dando-nos as razões das aparentes injustiças desta vida. A desigualdade verificada na sorte dos homens, nela encontra a única explicação aceitável.

«Êsse desnivelamento de situações entre os habitantes da terra, que entibia os corações, faz desconfiar de uma justiça superior, levando muitas vezes ao desespêro, á blasfêmia e ao ódio á divindade, aparece então como consequência natural — se, nem sempre, de nossas ações no presente transcurso de tempo, como corolários de atos mais ou menos meritórios ou censuráveis das diversas criaturas, em existências anteriores.

«Não há varias vidas, passadas

na terra, no céu, neste ou naquele planeta. A vida é uma só,—a vida eterna,—e êsses marcos divisórios que estabelecemos, dos quais o mais importante, talvez o único para nós, seja o túmulo, só por um velho preconceito arraigado secciona o panorama ininterrupto da eternidade em dois ou mais períodos, que consideramos diferentes e autónomos. Aquele que, de uma esfera á parte, pudesse contemplar a seus pés o desenrolar das existências nos espaços siderais, apreenderia a vida, desde as vibrações apagadas e recônditas dos minerais, á refulgência dos santos, como o desdobrar harmônico do plano dívino, sem soluções de continuidade, hiatos ou mudanças.

«Viveremos sempre, atravessaremos outras numerosissimas vidas, progrediremos sem cessar, e a intuição e o simples bom senso nos afiançam que todos, sem exceção, seremos um dia inteiramente felizes».

Parodiando A. Comte que disse: «Toda a sucessão dos homens, durante a longa sequência dos séculos, deve ser considerada como um só homem, que subsiste sempre, e que continuadamente aprende», dizemos nós: Toda a sucessão de vidas durante a longa sequência das reencarnações, deve ser considerada como uma só vida, que subsiste sempre, e que continuadamente aprende e evolúe.

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

Crônica Estrangeira

As provas experimentais da sobrevivência

Pertencem os seguintes relatos ao arquivo do célebre astronômo trancês, Camilo Flammarion, que os precedeu do seguinte comentário:

«Parece-me que as manitestações póstumas aquí publicadas *(Revue Spirite)*, meses seguidos, nada deixam a desejar, do ponto de vista da certeza científica. O estudo histórico dos testemunhos, como as observações atuais, nos mostra que todos os homens que quiseram aprofundar êsses testemunhos, chegaram à convicção de sua autenticidade».

* * *

«Trata-se de uma jovém, morta um ano antes. Esta manifestação foi relatada pelo sr. Giuseppe Cavagnaro, sob juramento. O narrador, bem como outros locatários do prédio, viu-a atravessar os quartos, observações feitas a sangue frio, que parecem não dar lugar à hipótese alucinatória.

Eis a carta:

«Contava eu dezoito anos, e estudava em Genova, onde morava com meu pai. Certa manhã, pelas sete horas, quando eu manuseava um compêndio grego, ouví um ruído, como se alguém houvesse aberto uma porta; olhei e ví chegar da cozinha, uma jovém, aparentando dezoito anos, em trages menores, de carnação branca, alta, béla, cabelos longos, castanhos e anelados. Ela passou diante de mim fixando-me, quasi sorridente, depois entrou no quarto de meu pai cuja porta abriu e feichou ruidosamente. Fiquei perplexo, e pensei: «Quero saber quem é e porque veio aquí».

«Dez minutos depois, meu pai saiu do mesmo quarto e, como de costume, êle foi à cozinha para fazer suas abluções; corri imediatamente ao quarto de que acabava de saír... mas aí não encontrei pessoa alguma. Olhei por toda parte, debaixo do armário, onde, aliás, ninguém poderia esconder-se, debaixo do leito, muito baixo, onde nem uma criança poderia ocultar-se; abri as gavetas! Procurei detrás das cadeiras e em todos os cantos; em uma palavra, tudo foi por mim devassado. A moça não poderia fugir pela janela, porque habitavamos um quarto andar, sôbre rua isolada.

Voltando meu pai ao quarto, contei-lhe tudo. Corremos à escada para revistá-la cuidadosamente e nada pudemos descobrir. Meu pai deu volta à chave da porta da rua que ainda estava fechada; ninguém entrara nem saíra, assegurou-nos o porteiro. Fomos a casa do vizinho defronte, o advogado Manzini, a quem contámos o sucedido. Grande foi a nossa surprêsa ao perceber que o nosso relato não o abalara, reconhecendo pela discrição que eu lhe fizera, *certa jovem* de 18 de anos, *morta um ano antes* no mesmo quarto aonde a vi entrar. Êle acrescentou não ter sido eu o único a vê-la, e que uma família inteira, que antes de nós habitava a casa, *foi obrigada a abandonar êsse apartamento* devido a essas aparições que aterrorizavam os que as observavam».

* * *

A Condessa Amélia Carandini escreveu o seguinte:

«Lendo-vos, sente-se que as narrações análogas ás que estudais merecem o vosso beneplácito, e parece-me meu dever transmitir-vos a seguinte, cuja autenticidade garanto:

«Certa noite, pelas nove horas, todos ainda estavam ativos na casa. Minha irmã, de dezesete anos de idade, ao passar por certo corredor do apartamento, viu com estupefação, debaixo de um bico de gás aceso perto dela, de pé, uma jovem alta e bela, vestida à camponêsa e que lhe era desconhecida. Presa de terror, escapou-lhe um grito e o fantasma desapareceu. O susto fê-la chorar de mêdo, e minha mãe repreendeu-a. Na manhã seguinte, a cozinheira, moça de vinte e cinco anos, foi procurar minha mãe, a quem contou que à noite, desde o momento em que se deitara, ouvira um sôpro e sentira uma sorte de respiração no rosto, e que abrindo os olhos, viu de pé junto à cama, uma de suas amigas, de sua província, moça bela e alta com vestuário à camponêsa.

Essa moça, disse a cozinheira, tinha má conduta, e muitos conselhos lhe dei, mas inúteis.» — Ela falecera no dia precedente.»

⁂

Dois casos verificados

The Progressive Thinker registrou, há duas décadas, os seguintes casos de clarividência:

O sr. Punter, de Luton (Inglaterra), viajando, encontrou-se em Paigton. No hotel, servia-lhe o chá certo garçon por trás do qual Punter percebeu um espírito, o de homem de cêrca-de 26 anos, bem constituido, ombros largos, cabelos negros, e soldado. Êle interroga o servente, se o conhecia. Trava-se o diálogo: «Não». — Contudo, o vosso amigo me diz que o levantastes, ferido, após a batalha, que o carregastes nas linhas, que, por fim, percebestes que estava morto. — «Não compreendo, senhor, o que quereis dizer». — «Usei de toda a franqueza. O morto me diz que tirastes o seu relógio de seu bolso que êste atualmente está, *lá*, no vosso. Êle vos censura porque não o enviastes à sua família». O homem empalideceu, e confessou enfim: «Eu o confesso, é a verdade».

—

Numa reunião, Punter diz a alguém: «Ao vosso lado, vejo um oficial de marinha». Tal é a descrição que dêle faz que o interlocutor reconhece um parente próximo. «Mas, afirma êle jocosamente, o oficial de quem falais está perfeitamente vivo. Recebemos suas notícias, ha engano de vossa parte». Dia seguinte Punter deixa a cidade. Na estação, a pessoa a quem comunicara a visão, acorre alguns minutos antes da partida do trem, para dizer ao viajante: «Acabámos de receber um telegrama. O parente que todos julgavam perfeitamente são, o oficial cheio de vida, infelizmente, morreu afogado». Comparando os tempos, constataram que o acidente se verificara, no outro extremo do mundo, duas horas antes da visão de Punter.

⁂

Quem tocou a campaínha?

A História de uma Enfermeira

«The Two Worlds» — Por Frank Speaight

Estava eu a conversar com a enfermeira que assistia minha irmã durante sua enfermidade, e ela relatou-me o seguinte:

«Alguns anos atrás estava eu assistindo uma senhora ás portas da morte, cujo marido mostrava-se tão amedrontado a ponto de recusar-se a entrar no quarto ocupado pela mulher. Constantemente a pobre enfêrma pedia sua presença junto ao leito, mas os pedidos sempre foram recusados. Êle estava tão amedrontado — horrorizado é o termo — o quanto possível. Finalmente persuadi-o a entrar. Durante alguns segundos conservou-se de pé ao lado da cama. A mulher ia dizer-lhe algo de importante, mas antes de conseguir murmurar a primeira palavra, êle gritou como um animal acossado pelo terror : «Não o suporto, não o posso suportar», e fugiu do quarto como dementado.

Após o desenlace da pobre criatura, cumpri os deveres que o cargo me impunha e desci ao andar inferior. O marido fugira de casa, e eu fiquei sozinha. Procurei uma revista e dispunha-me a ler, quando ouvi o soar da campainha elétrica. Senti certo temor, pois estava só, mas levantei-me e abri a porta do aposento em que eu estava. A campainha deixou de tocar. Fechei a porta, supondo tratar-se de uma ilusão, mas apenas sentada, a campainha ressoou. Voltei à porta, e a campainha emudeceu. Quando fechei e voltei à cadeira, a campainha tornou a tocar. Nêsse instante fui assaltada pelo mêdo, dirigi-me à porta da rua, ninguém! Não havia ainda retornado ao meu lugar, quando mais uma vez ouvi a campainha vibrar.

Rapidamente fui a casa do vizinho a quem relatei o ocorrido. Êste entrou intrepidamente. Apenas fechada a porta, soou a campainha. «Venha», disse êle. «Vejamos qual o número do quarto registrado no indicador colocado na cozinha!» Para lá nos dirigimos. «Santo Deus», esclamou êle assustado, «é o quarto da falecida». Naturalmente pensei que a enfêrma não morrera, e estava pedindo socôrro. Não obstante ser eu enfermeira, senti-me literalmente assombrada. Dirigimo-nos ao andar superior. Entrámos no quarto. Tudo lá estava em ordem e reinava silêncio absoluto. Descobri o rosto. Realmente, a senhora estava morta. Saímos, nas pontas dos pés e voltámos ao aposento em que primeiro ouvi o toque.

Apenas fechada a porta, a campainha recomeçou a telintar. «Bem, isto é extraordinário», disse o vizinho ; «mas vou acabar com isto». De um salto ganhou a cozinha, empunhou seu canivete e cortou os fios que ligavam o quarto à caixa registradora. Com um olhar de «agora quero ver», voltámos à sala. Mal a porta caíra no trinco, novamente a campainha vibrou. Corremos à cozinha e fixámos o indicador, era o número correspondente ao quarto em que jazia a falecida, não obstante estarem cortados os fios.

Tão grande era o nosso pavor que fugimos daquela casa e eu permaneci na residência do vizinho. Quando saí, ainda o marido não voltara.

Estaria o espírito da desventurada insistindo no propósito de transmitir aquela mensagem importante ao marido apavorado ?

⁂

Uma predição bem realizada

O capitão do vapor *Pérez*, de Barcelona, não acreditava em Espiritismo. Um dia, levaram o médium Julio Soto a bordo, e realizaram uma sessão. Apresenta-se o espírito de J. Martinez Iglesias, cujo retrato físico o médium descreve perfeitamente, apesar-de não o ter conhecido, nem de nome nem pessoalmente. O capitão pergunta a Iglesias : «Amigo, que queres tu ?» Inicia-se o diálogo : «Venho saudar-te e pergunto quando pretendes saír ao mar.—Mas... esta noite partiremos para Malta. — Estás bem certo de ir a Malta ? —Certamente, sim ; todos os meus papeis estão em ordem ; seguramente aparelharemos esta noite.—Pois bem, desengana-te ; de maneira alguma irás a Malta, ao menos presentemente. Efetivamente não irás a parte alguma. – Vamos, então ! o que irá acontecer, amigo Martinez Iglesias ?— O que vai acontecer ? Amanhã cedo tomarás o café em Barcelona, com êstes dois cavalheiros» (o médium Julio Soto e seu pai presente à sessão). — Mas não! Estaremos ao largo ! — Não estarás no mar ! Adeus». Assim terminou a comunicação.

O capitão riu-se muito, e à tarde fez levantar ferros. O *Pérez* havia já percorrido algumas milhas, quando se verificou um acidente nas máquinas, que só poderia ser reparado em terra. Trataram de voltar, regressaram ao porto. Na manhã seguinte, o capitão foi à cidade, a serviço da Companhia, e teve a idéia de entrar no primeiro café, para se desalterar. Grande foi o seu assômbro ao descobrir no fundo da sala, a tomarem seu café, o médium Soto e seu pai, os quais também ali haviam entrado, por acaso. A predição de Iglesias realizara-se inteiramente.

Aqueles que trabalham pelo triunfo da doutrina estão sob as vistas e o amparo dos Bons Espíritos. — L. B.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Uma bonita festa de Natal

Aproximadamente em Cr. $12.000,00 a distribuição de gêneros alimentícios do «Natal das Famílias Pobres» — Donativos recebidos — Pessoas que colaboraram no trabalho — Várias

A distribuição de gêneros alimentícios do Natal das Famílias Pobres, realizada a 24 do corrente, na séde do Centro Espírita Luz, Fé e Caridade, constituiu um dos acontecimentos marcantes do sentimento mariliense, de solidariedade humana. O simples facto da aludida distribuição ter-se realizado na séde de um Centro Espírita, e mesmo o facto de haver sido organizada por elementos pertencentes à aludida entidade, não implicam em motivo para dar-se ao «Natal das Famílias Pobres» qualquer sentido sectário. E isso porque, se na distribuição aos pobres não houve a menor distinção de caráter doutrinário, também na arregimentação de donativos para a realização do Natal, o mesmo facto se verificou. Os espíritas e o Centro serviram apenas de instrumentos, através dos quais se manifestou, muito viva e humana, a generosidade dos corações marilienses, proporcionando aos pobres da cidade uma Noite de Natal mais alegre e mais farta.

Da esquerda para a direita — *Dr. Paulo da Cunha Mattos, cirurgião dentista; Alcina Camargo Rocha, professora; Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Gremio; Luiz Laraia, gerente da Sudan; Sra. Onelia P. Camargo, esposa do sr. Prefeito Municipal e presidente da Legião Brasileira de Assistência, local; D. Gilda Nazari Ribeiro, esposa do sr. Manoel Pinto Ribeiro; D. Modesta Zani, esposa do sr. Alcides Zani, chefe tecnico da Cia. Telefônica Brasileira, e sr. Paulino Lavandeira, vice-presidente do Gremio.*

O «Natal das Famílias Pobres» merece nossa especial atenção, pois a distribuição de gêneros alimentícios realizada foi das mais eficientes que já tivemos oportunidade de presenciar, tocando a cada família beneficiada uma quantidade considerável dos mais diversos gêneros. Não foi uma pequena distribuição de consolação, como se costuma dizer, mas um trabalho de valor real, que bem se pode avaliar pelas cifras abaixo mencionadas. Releva notar que o «Natal das Famílias Pobres» foi organizado à ultima hora, já nas vésperas do dia 24, com apenas quatro ou cinco dias de antecedência, o que demonstra, mais uma vez, a presteza com que os corações marilienses sabem acorrer aos chamados dessa natureza.

Donativos Recebidos — A comissão Organizadora, constituida dos Snrs. Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Centro, Santos Xandó de Araujo, gerente da agencia do Banco do Comercio e Industria, Luiz Laraya, gerente da filial «Sudan» e outras pessoas, organizou várias listas de contribuições, onde figuram importantes donativos de firmas e elementos locais dos mais variados matizes religiosos. «Diário Paulista», recebendo, na lista a seu cargo, as valiosas contribuições de dois saquinhos de moédas de 10 e 20 centavos, dos Snrs. Exatores e Fiscais Federais da cidade, promoveu interessante leilão dos mesmos, resultando em maiores contribuições, num total de 500 cruzeiros.

Além das listas que incluiram os donativos locais, recebeu a comissão um donativo de 500 cruzeiros da Prefeitura Municipal, dois donativos de 200 cruzeiros cada um, da Loja Maçonica e da exma. Snra. D. Anita Pastore D'Angelo, diretora e proprietária da Fábrica de Cigarros Sudan, 1.000 cruzeiros em mercadorias, da seção local da Legião Brasileira de Assistência, uma rez no valor de mais 600 cruzeiros, da Sociedade Pecuaria Ltda. e 15 sacos de arroz das máquinas de beneficiamento da cidade.

A Distribuição de Gêneros — A's 14 horas do dia 24 iniciou-se a distribuição de gêneros, na séde do Centro, cujo salão principal ficou repleto de mercadorias, apresentando o aspecto de um verdadeiro armazem comercial. As mercadorias foram divididas em várias seções, afim de facilitar a distribuição, ficando as seções entregues a diversas pessoas presentes, inclusive as sras. d. Onélia P. Camargo, presidente da Legião Brasileira de Assistência, prof.a d. Guiomar Rocha, vice-diretora do 1.º Grupo Escolar, snra. Modesta Zane, d. Olésia Ramos, Gilda Nazari Ribeiro e snrs. dr. Paulo de Matos, Paulino da Silva Lavandeira, Mario Chuba, Luiz Laraya, Alcides Zane, Jaime Lavandeira, Antonio Messas e Dante Ferrioli.

Todas as fichas distribuidas haviam sido rigorosamente registradas num livro apropriado, com designação do número de pessoas de cada família. Dessa forma, ao entregar a ficha, o portador era encaminhado para um lado ou outro das seções de mercadorias, no vasto salão de distribuição, recebendo a porção que lhe competia. Foram atendidas assim às 350 famílias portadoras de fichas, reservando-se ainda uma porção suficiente para mais 95 famílias, que foram atendidas em seguida, e que apesar-de não possuírem fichas haviam acorrido ao local.

Tivemos a oportunidade de presenciar algumas cenas verdadeiramente emocionantes, de pessoas que entravam no salão trazendo pequenas vasilhas, insuficientes para a grande quantidade de mercadorias que deviam receber. Essas pessoas mostravam-se agradavelmente surpreendidas, pedindo licença, emocionadas, para irem à procura de outra vasilha mais ampla, não raro uma cesta ou saco. Na rua, encontravam-se mulheres arcadas ao peso de grande sacos de mantimentos, comentando alegremente a surprêsa que haviam tido com uma distribuição tão farta e generosa.

Contribuição ao Natal dos Presos — Além dessa grande distribuição às famílias pobres, a comissão contribuiu ainda com 50 maços de cigarros «Fulgor» e 40 cruzeiros de doces para o Natal dos Presos da Cadeia Publica.

A Quantidade de Mercadorias para cada família — A distribuição efetuada, pretendia a comissão proporcionar a cada família a oportunidade de receber pelo menos meio quilo de sal, pois é sabida a dificuldade com que vêm lutando os pobres para conseguirem o precioso elemento, desde que se procedeu ao racionamento do mesmo. Não obstante, tal não foi possível, conseguindo a comissão entregar apenas 300 gramas a cada família, o que já valeu por muita satisfação entre os pobres.

Foi o seguinte o critério adotado na distribuição de gêneros: famílias maiores — 3 quilos de arroz, 2 e meio de feijão, 2 e meio de açucar, 1 de café, 1 de macarrão, 1 de banha, 1 de farinha de mandioca, 1 de batatas, 1 de carne, 1 cruzeiro de pão, 2 pedaços de sabão, 3 cabeças de alho, 3 cabeças de cebola e 300 gramas de sal, familias menores — 2 e meio quilos de arroz, 2 de feijão, 1 e meio de assucar, meio de café, 1 de macarrão, 1 de banha, 1 de farinha de mandioca, meio de carne, 50 centavos de pão, 1 pedaço de sabão, 2 cabeças de alho, 2 cabeças de cebola e 300 gramas de sal.

Um exemplo que se pode fazer em Marilia — O improvisado «Natal das Famílias Pobres», nêste ano, deve ser tomado por todos nós como um eloquente exemplo do que se pode fazer, em Marilia, no terreno da assistência social, onde nos encontramos ainda na fase dos projetos e... das atas e reuniões. Serve também, essa recente e feliz realização, para nos mostrar o que poderemos fazer nos anos próximos, em matérias de distribuição de Natal, uma vez que as providências sejam tomadas com maior espaço de tempo e conjugando no trabalho, maior número de pessoas de boa vontade.

(Do «Diário Paulista» de 31-12-943, de Marilia).

O Semeador

Sob a direção dos nossos prezados confrades, D. Martha Cajado de Oliveira e Vinicius, acaba de surgir na arena da imprensa espírita, com o seu primeiro número lançado a lume no dia 1.º do mês de Março, «O Semeador», orgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

A apresentação é subscrita pelo diretor espíritual dessa importante entidade, Bezerra de Menezes. A seguir, ótimas colaborações de conhecidos e apreciados escritores espíritas.

Mensário noticioso e doutrinário, está impresso em ótimo papel.

Ao distinto colega, as nossas boas vindas e votos de longa existência.

O homem não se une a Deus sinão pela virtude, e a virtude não se adquire pela ciência; é um dom divino. — PLATÃO.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2041unse

O XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1944 — N. 4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre a Fotografia Espírita . . .	*Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . .	*Prof. Ernesto Bozzano*
Comunicações dos Espíritos no Velho Testamento	*Prof. Adauto O. Serra*
Questões de Psiquiatria Social . .	*T. Novelino*
Allan Kardec, o Inconfundível ! . .	*J. B. Chagas*
Alguns factos espíritas históricos tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas . . .	*Carlos L. Chiesa*
Impressões e Factos	*Leopoldo Machado*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Francisco Klörs Werneck*
Psicologia Extrahumana	*J. Lima*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1944 — NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Sôbre a Fotografia Espírita

O Espiritismo não é uma doutrina mística a impôr a fé cega, o «crê ou morre», baseada em dogmas e suposições científicas ou filosóficas, mas sim, uma doutrina clara, positiva, estribada no método experimental e na observação rigorosa dos factos, satisfazendo assim a razão e as exigências da lógica e do bom senso, bem como o louvável intuito daqueles que se esforçam por enriquecer cada vez mais o seu patrimônio intelectual com novos e substanciais conhecimentos.

A sua tarefa não se resume em fazer prosélitos, mas ensinar tudo o que se refere à vida do homem, à alma, enfim, tudo aquilo que não está na órbita dos conhecimentos terrenos, que escapa aos sentidos do homem e que, no entanto, constitue o ponto principal do progresso do homem rumo à eternidade, à perfeição, — referimo-nos aos conhecimentos relativos à vida do espírito.

E' assim que todos os factos supranormais, tidos como miraculosos, encontram, no Espiritismo, a mais cabal explicação, mesmo que esta seja feita em síntese, tal a clareza e a lógica de seus ensinos e argumentos, que não deixam pairar a menor dúvida naqueles que buscam conhecer a verdade, sejam cépticos, descrentes, ateistas ou materialistas. Precisamos frisar que foram justamente os factos e fenômenos espíritas, estudados, catalogados, comentados e documentados por Allan Kardec, com o ajutório decidido dos Espíritos Superiores, encarregados da espiritualização dos povos, que deram motivo a que Kardec escolhesse um título capaz de resumir uma vasta área de trabalho, estudos, pesquisas e factos, surgindo então o Espiritismo, título que se enquadra perfeitamente nêste outro título sugerido por Ernesto Bozzano — «Ciência da Alma».

Todos os factos e fenômenos supranormais, de uma simples pancada até as materializações completas de espíritos, de uma simples coincidência até os êxtases, avisos, mensagens, etc., merecem a nossa atenção, porque são o toque do despertar da alma, da conciência para as cousas espirituais, de cujo conhecimento depende a solução de muitos intricados problemas da nossa vida, tanto no sentido material como sobretudo no intelectual e moral. Porisso nos causam pena aqueles que recebem os testemunhos de além-tumulo com indiferença, espírito de negativismo ou chacota.

E' oportuno afirmar que a doutrina espírita está plenamente sancionada por homens de comprovada idoneidade, cujos testemunhos obtidos em longas e árduas experiências e observações dos factos e fenômenos espíritas, não podem ser postos em dúvida pelos rotineiros, que se julgando sábios ou com direito a criticar sem conhecimento de causa, procuram impedir a marcha ascencional da verdade.

Com uma cajadada não nos é possível deitar por terra o espírito de negativismo, mas, com perseverança e paciência, e sobretudo com o auxílio dos Espíritos, auxílio que é tudo, porque são êles que reproduzem os fenômenos, os factos, que constituem os alicerces da doutrina espírita, esperamos colher mais frutos além dos que, em abundância, temos colhido com a conversão de gregos e troianos.

Hoje, sôbre os fenômenos supranormais, falaremos, em síntese, na fotografia espírita, que é, indubitavelmente, uma das melhores provas da existência dos Espíritos, da sobrevivência individual, isto é, que continuamos a viver após o transe denominado *morte.*

Estudando o assunto, o Dr. Gabriel Delanne, em «O Fenômeno Espírita», que se pode considerar uma das obras primas da doutrina, cita o seguinte parecer do sr. Alfred Wallace, que indica como devem proceder os espíritas, não só para não serem enganados, mas também para adquirirem a certeza da realidade do fenômeno:

«1.º — Se uma pessoa conhecedora da fotografia tomar suas próprias chapas de vidro, examinar a câmara empregada e todos os seus accessórios, vigiar todo o processo para obter a prova e encontrar na prova negativa uma forma bem definida junto da figura da pessoa que tomou posição: ha aí uma prova da existência de um objeto, suscetível de refletir-se ou de emitir raios actínicos, apesar-de invisível às pessoas presentes;

2.º — Se mostrar semelhança incontestável com uma pessoa falecida, totalmente desconhecida do fotógrafo;

3.º — Se aparecerem, sôbre a prova negativa, imagens em relações definidas com a figura daquele que vem retratar-se e escolhe a sua própria posição, sua atitude, seus accessórios: tem-se aí uma prova de que formas invisíveis se achavam realmente no campo da objetiva;

4.º — Se aparecer uma forma vestida de branco atrás do corpo opáco de quem se retrata, sem se estender sôbre êle: há uma prova de que a figura de branco aí se achava ao mesmo tempo, porque as partes sombrias da prova negativa são transparentes, e toda imagem branca, de qualquer modo que seja, devia aparecer através;

5.º — Quando não se possa recorrer a algumas dessas demonstrações, se um médium, inteiramente distinto independente do fotográfo, ver e descrever uma forma durante a operação, e quando sôbre a placa aparece uma imagem semelhante à descrita: há uma prova de que essa forma aí se achava e no campo da objetiva».

Entre as pessoas de renome que tem se ocupado com a fotografia espírita, em constantes experiências, podemos citar o sr. Alfred Wallace, o Dr. Thomson, de Cliftcn, o sr. A. Aksakof.

«O Dr. Thomson, obteve uma fotografia em que, ao lado da sua imagem, se achava a de uma pessoa desconhecida. Enviou essa fotografia para a Escócia, ao seu tio, perguntando-lhe simplesmente se êle notava semelhança nessa dama com alguma pessoa da família, já falecida. A resposta foi que essa imagem era a da própria mãe do Dr. Thomson, assemelhando-se muito ás feições que ela tinha quando êste nascera; *como a falecida não havia deixado retrato,* o doutor não podia ter a idéia dessa parecença. O tio naturalmente observou que não podia compreender como o facto se tinha dado. *(Spiritual Magazine,* outubro de 1873»).

«O sr. Wallace conta que a Sra. Guppy, o médium, viu, de cada uma das vezes, uma aparição trazendo flôres, o que é confirmado pelo aparecimento dessas flôres na fotografia.

O sr. Aksakof realizou, em Londres, durante o ano de 1886, inúmeras experiências com o médium Eglington. Nas primeiras quatro experiências nada de positivo foi constatado. Na quinta, quasi no fim, apareceu na quarta chapa um desenho, que se foi definindo cada vez mais : era uma figura de mão com um véu, o que provocou uma satisfação geral, em que tomou parte o diretor invisível, dando fortes pancadas no soalho, assim afirma Aksakof.

Essas, como outras experiências psíquicas, exigem muita perseverança, boa vontade e aptidão, o que não faltou ao sr. Aksakof e seus companheiros, inclusive o médium. O trabalho é dificílimo tanto para os encarnados como para os desencarnados, que se enchem de satisfação ao verem coroados de êxito os seus esforços.

O sr. Aksakof obteve fotografias espíritas em plena obscuridade e em plena luz do dia, com o maior sucesso.

A fotografia espírita é, como já afirmamos, uma das provas irrecusáveis da sobrevivência individual, porque nos mostra as feições e os traços inconfundíveis dos nossos desencarnados queridos, amigos e conhecidos.

Esta Revista já tem publicado algumas fotografias de espíritos que apareceram na chapa junto ao fotografado, o que tem causado estupefação aos fotógrafos ao revelarem as chapas, isto além das fotografias obtidas em experiências, que são muitas.

Como se vê, as provas da Imortalidade são abundantes e ao Espiritismo coube a tarefa de explicar todos os fenômenos e factos psíquicos, para que os homens fiquem cientes de que a vida prossegue além do túmulo e que a sua felicidade, aí, está condicionada às suas boas ou más obras no plano terráqueo.

Os Fenômenos de Bilocação

Prof. ERNESTO BOZZANO

1.ª CATEGORIA

Das «sensações de integridade» nos amputados e das impressões de «desdobramento» nos hemiplégicos.

A significação do fenômeno denominado de «sensação de integridade» nos amputados, exprime-se claramente pelas próprias palavras. Com efeito, consiste no facto curioso, ha muito tempo bem conhecido pelos fisiologistas, que certo número de amputado dum braço ou uma perna, afirmam, grandemente surpreendidos, experimentarem a sensação precisa de ainda possuirem o membro que lhes falta, e mesmo ajuntam que ainda podem movê-lo á vontade. O que espanta os mutilados tanto quanto os que os escutam, é o facto de estarem êles no estado de provar experimentalmente que têm conciência do contacto de um corpo estranho introduzido, sem o saberem, na porção do espaço em que se deveria mover o membro cortado. E não só isso, mas afirmam que se alguem introduzir uma pequena chama nesse ponto, êles sentem a dôr aguda de queimadura. Enfím, quasi todos os mutilados em questão estão de acordo para assegurar que, á medida que os dias passam, êles assistem ao encolhimento lento e gradual de seus membros fluídicos até o dia em que são completamente reabsorvidos e integrados no corpo.

Ha a notar também que certos inválidos em consequência de ataque hemiplégico por sua vez asseguram experimentarem sensações análogas, ainda que em relação com a natureza diferente de sua enfermidade que é a paralisia duma metade do corpo. Ver-se-á mais longe quão racionais são suas impressões de «desdobramento» incipiente, do ponto de vista que nos ocupa.

Os curiosos fenômenos em apreço jamais foram causa de perplexidade teórica para os fisiologistas, pois são suscetíveis de serem interpretados de modo plausível com induções legítimas de ordem psico-fisiológica. E já se compreende que se não existissem as atuais investigações metapsíquicas sôbre fenômenos de exteriorização da sensibilidade indo até concretizar um «fantasma ódico» desdobrado, ninguém teria pensado por um só momento, por em duvida às conclusões dos fisiologistas sôbre as causas que determinam as sensações subjetivas que experimentam os amputados e hemiplégicos. Mas incontestavelmente a questão muda de aspecto com o advento de novas investigações, em virtude das quais é se levado a considerar de outro ponto de vista, as impressões de que se trata, as quais se confirmam análogas as que são estudadas no grupo dos fenômenos de «bilocação» e logicamente forçam a renunciar às hipóteses dos fisiologistas, que reconhecem nas «sensações de integridade» dos amputados e nas de «desdobramentos» dos hemiplégicos, casos iniciais ou começantes de manifestações pertencentes ao grupo dos fenômenos de «bilocação», manifestações que por sua mesma natureza rudimentar concorrem admiravelmente a provar, dum ponto de vista inesperado e sugestivo, a realidade da existencia de um «corpo etérico» no «corpo somático».

A doutora Pelletier, resumindo os resultados aos quais chegaram Bernstein, Pitres, Weir Mitchel, em suas enquetes sôbre as «sensações de integridade nos amputados», assim se exprime:

> «As ilusões dos amputados são um facto normal; com efeito, para Riset que levou suas investigações sôbre soldados do primeiro Império, de quatrocentos e cincoenta amputados, sómente quatorze não apresentaram o fenômeno do membro fantasma; para Pitres, a ilusão sómente faltava uma vez em trinta casos... O mais das vezes, a ilusão sobrevinha imediatamente após a operação; todavia, algumas vezes vinha mais tarde, mas sempre em tempo bastante próximo; num caso mencionado por Pitres, ela apareceu no terceiro dia, e num outro, depois de seis semanas.
>
> Mas em que consiste precisamente êsse membro fantasma? — Algumas vezes o membro é sentido totalmente; o enfêrmo o percebe com a forma, o volume, a temperatura, a posição, a mobilidade que efetivamente possuía; mas bem frequentemente a percepção era muito menos nítida. Em certos casos sómente sentiam as extremidades digitais, o resto do membro era suave (flou). Por vezes também a percepção era nítida, sómente o membro era sentido como menor ou maior ao que havia sido. Um paciente de Pitres, amputado de uma mão, afirmava que sua mão fantasma era menor, como a de uma criança de doze anos; outro sentia a mão contraída, mais redonda do que a outra. Em outro caso do mesmo autor, a mão fantasma era sentida pelo contrário, como sendo mais grossa do que a outra. Mas sôbre que todos os enfêrmos eram unânimes, era a realidade das sensações que experimentavam: «Eu só digo a verdade — diz um paciente do Dr. Weir Mitchel — afirmando que estou mais certo do membro que perdi do que daquele que conservei» — «E' preciso que eu aplique o raciocínio — dizia outro para me convencer da irrealidade da sensação que experimento».
>
> A observação publicada, há sete anos, por Maria e Vigouroux, nos descreverá a intensidade dessas sensações, de maneira surpreendente: Trata-se da enfêrma... à qual foi preciso praticar a amputação de uma coxa. Ela sentia-se fatigada, contundida, mas nenhuma conciência tinha da mudança que lhe sobreviera. Foi sómente no dia seguinte que, comparecendo sua mãe, informou que em sua queda, fraturara a perna e que necessário foi cortar-lhe a coxa. Ela se lembra que o anúncio dessa triste notícia foi para ela mais surprêsa do que emoção, porque perfeita era a ilusão de estar perfeita a sua perna. Quando, alguns dias depois, a levantaram para conduzi-la a Saint-Anne, ela não tinha conciência da mutilação e rolou por terra, querendo levantar-se sozinha de seu leito. Dezoito meses depois, ainda lhe ocorriam momentos de distração, caía querendo andar sem aparelho.

Certos doentes podem mover, em imaginação, seu membro fantasma, outros, ao contrário, não o conseguem... Por vezes a sensação do membro fantasma dura por longos anos, mas em muitos casos, poude-se constatar seu desaparecimento. Êste desaparecimento faz-se, em alguns, repentinamente; em outros produz-se progressivamente; pouco a pouco, o membro ilusório diminue de volume ao mesmo tempo que se aproxima do coto, e por fim parece ao paciente que seu membro desapareceu na cicatriz, «como uma sombra que entra no corpo», segundo a expressão de Weir Mitchel». (Dr. Pelletier, em «Bulletin die l'Institut Général Psychologique» (1905, pg. 280).

(Continua).

Comunicações dos Espíritos no Velho Testamento

Muitissimos factos comprovam a reincarnação. Seria longo enumerar todos quantos só podem ser explicados pela teoria reincarnacionista. A história está cheia de «meninos prodígios» deslumbrando e desnorteando filósofos e sábios. O catolicismo também os reconhece mas não querendo explicá-los, apelida-os de «milagres».

Em 1721, na cidade de Luebeck, (Dinamarca), nascia um menino que, vivendo apenas quatro anos (!), maravilhou e agitou o país todo com os seus chamados «prodígios». Essa criança, hoje mundialmente conhecida como o pequeno de Luebeck, na ocasião em que as de sua idade estão ainda no desenvolvimento da linguagem, falava com perfeição várias línguas e sabia de cor o Velho e o Novo Testamentos! A igreja católica qualificou o facto de «milagre», e deu-se por satisfeita. Nesse caso, como em inúmeros outros, não houve «milagre» algum. E' que o espírito que animou êsse corpo pelo curto espaço de 4 anos, já era um espírito evoluído, tendo armazenado conhecimentos e desenvolvido suas faculdades intelectívas, através-de incarnações passadas.

Factos idênticos se repetem periódicamente, como a despertar a modorra dos filósofos dogmáticos.

Passemos agora ao estudo das manifestações espíritas através-da Bíblia: — O chamado «Livro Divino», está repleto de factos espíritas, cuja explicação só o Espiritismo esclarece.

Desde a Genesis até o Apocalípse, nós encontramos em abundância o que bastas vezes foi observado pelos denominados profetas ou médiuns.

O que é certo é que a Bíblia os registra e êles se repetem através-dos tempos, até aos nossos dias. «O Livro dos Espíritos» de Kardec, foi ditado pelos habitantes do além... e a igreja católica, não podendo mais negar a evidência dos factos, os atribue a Satanaz. E' mais cômodo...

Mas se Deus permite a comunicação de espíritos inferiores, porque não permitir a dos nossos guias e protetores espirituais? E se é de facto o «demônio» que se apresenta nas sessões espíritas, produzindo curas, dando tão elevados conselhos morais, mitigando assim a dôr física e espiritual dos que o procuram, êsse «satanaz» não pode ser um espírito mau para prodigalizar só benefícios. Com certeza o «demônio» já está se regenerando...

E' costume dos nossos detratores apontar a passagem do Deuteronômio, cap. XVIII — vers. 10 a 12, onde se lê que é «proíbido perguntar aos mortos a verdade». No Levítico, cap. XX, vers. 27, também manda apedrejar homem ou mulher que em si tiver um espírito adivinho. No mesmo livro, cap. XIX, vers. 31, também ha proibição de consultas aos adivinhadores e encantadores.

Citar êsses capítulos truncados, usando e abusando de refalçada má fé, é fugir à verdade procurando fazer confusão em espíritos menos estudiosos da própria Bíblia.

Devemos ainda notar que essas proibições se enquadravam naquele tempo, para obstar o fanatismo ignorante do povo hebreu, contemporâneo de Moisés. Êsse povo abusava dos médiuns que por sua vez tiravam proveito próprio, fazendo disso uma rendosa profissão especulativa, com o fim de adivinhar o futuro, etc.

Eram, então, conhecidos por «adivinhos», «encantadores», «pitonisas», «feiticeiros», etc. E em lugar deles, Deus daria um profeta em cuja boca poria suas próprias palavras: Deut. XVIII—18. Mas como o povo sempre gostou do *sobrenatural*, Deus revoga suas próprias leis e ensina a Moisés fazer encantamentos: (a vara que se transforma em víbora e a mão limpa que aparece cheia de chagas), afim de que o povo acreditasse no poder mediúnico de Moisés, como profeta: Êxodo, IV-1 a 17.

E se as leis de Moisés tivessem prevalecido até nós, Jesus teria permitido que se apedrejasse a adultera... E se as comunicações dos espíritos estivessem irrevogavelmente proibidas, elas não se repeteriam até à última página da Bíblia... A lógica é clara e simples...

Apesar-de tudo isso, as comunicações continuaram, naturalmente com permissão de Deus, ensinando os povos e confundindo os incautos, conforme veremos: —

No 1.º livro de Samuel, XVI—14 a 23, lemos que, tendo se retirado de Saul o espirito do Senhor que o inspirava, outro espiríto mau, tambem da parte do Senhor, passou a atormentá-lo. Os servos de Saul mandam chamar o médium David. Êste, tocando a sua harpa, minorava o sofrer de Saul que se sentia aliviado, porque nessa ocasião o espiríto mau se retirava, deixando-o em paz.

David ainda presta um grande auxílio a Saul, matando o gigante filisteu.

Passam os tempos e Saul—o mesmo Saul que havia exilado todos os adivinhos e encantadores, desterrando-os e ameaçando de morte — procura uma pitonisa para invocar o espírito de Samuel! Abra-se: I.º Samuel, XXVIII, 1 a 9: (3) «E já Samuel era morto, e todo o Israel o tinha chorado, e o tinha sepultado em Rama, que era a sua cidade natal. E apesar-de Saul haver perguntado ao Senhor, não obteve resposta, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então êle se decide a consultar a pitonisa de Endor. (8) — «E Saul se disfarçou e vestiu outros vestidos». (9) — A mulher, a Saul: «porque, pois, me armas um laço à minha vida, para me fazer matar?» (10)—Saul jura pelo Senhor que nenhum mal a ela sobrevivará por isso. (15)—A médium recebe o espírito de Samuel e fala com Saul que diz: «por isso te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer. (19)— «Diz Samuel pela bôca da mulher: E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo e o arraial de Israel o Senhor entregará na mão dos Filisteus».

Vimos claramente o espírito de Samuel profetizar pela bôca da médium, cujas profecias se realizaram plenamente. E tanto era médium a mulher de Endor, que logo reconheceu Saul apesar-de seus disfarces.

Abramos outro livro: I.º Reis, cap. XIV, vers. 1 a 17, onde outro «adivinho» por sua própria bôca, apesar-de velho e cego, também profetiza :—

(2) —«Diz à sua mulher: disfarça-te para que não conheçam que és mulher de Jeroboão e vai a Silo onde está o profeta Ahias». (3) - «Êle te declarará o que ha de suceder a êste menino». (Jeroboão tinha o filho doente). Entretanto, (5) — «o Senhor já havia dito a Ahias: Eis que a mulher de Jeroboão vem consultar-te sôbre o seu filho, porque está doente, e entrando ela, fingirá ser outra». (O próprio Espírito de Deus era conivente com êste médium). (6)— Ouvindo passos, disse Ahias: entra mulher de Jeroboão, porque te disfarças assim? pois eu sou enviado a ti com duras novas». E depois de dizer que Jeroboão não tinha sido fiel como David, pois havia feito OUTROS DEUSES E IMAGENS DE FUNDIÇÃO, lançando o verdadeiro Deus para trás, diz à mulher: (11) — «Levanta-te e vai-te para tua casa; entrando teus pés na cidade, o menino morrerá». (17)—«Então a mulher de Jeroboão chegando ao lumiar da porta, morreu o menino».

No II.º livro dos Reis, cap. XXII, vers. 14 a 20, deparamos com o sacerdote Hilkias consultando a profetiza Hulda, mulher de Sallum.

O próprio David consulta o profeta Natã sôbre a construção de um templo ao Senhor. E o Espírito do Senhor, FALANDO PELA BÔCA DE NATÃ, o proíbe de fazê-lo, conforme lemos em Crônicas, cap. XVII, vers. de 1 a 15.

Uma advertência ás comunicações dos espíritos, encontra-se em Isaias, cap. IX, vers. 19 a 22, onde se lê: «Quando pois vos disserem: consultai os adivinhos e os encantadores, e que chilreando entre dentes murmura: porventura não perguntará o povo a seu Deus? ou perguntar-se-á pelos vivos aos mortos? A' lei e ao Testemunho, que se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva (manhã). As respostas pois, devem estar concordes com a Lei e o Testemunho, para que não sejamos ludibriados por espíritos inferiores e enganadores (demônios). Ou seja: «se as comunicações recebidas não estiverem de acôrdo com as verdades ensinadas pelo Espírito do Senhor, devem ser regeitadas como falsas e mentirosas e os espíritos dos mortos que a ditaram serão responsáveis pelas consequências de suas mistificações».

E quanta coisa não se poderia dizer sôbre as visões de Jeremias, Ezequiel, Daniel, Amós e de Zacarias? Todos êles médiuns videntes, notadamente Zacarias que teve oito visões reveladoras.

Um outro espiríto se materializa tão perfeitamente que confunde o próprio Josué, o mesmo Josué que teve a pretensão de ter feito «parar» o sol: — E' o que lemos em Josué, cap. V, vers. 13: — «E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; e eis que se pos em pé diante dêle um homem que tinha na mão uma espada nua, a quem Josué perguntou: E's tu dos nossos ou de nossos inimigos? E o anjo responde que é príncipe do exercito do Senhor, mandando Josué descalçar os sapatos porque o lugar em que está é santo».

Abrahão tambem foi médium vidente, pois viu e falou com 3 anjos: Genesis, XVIII—1 a 22. Lot recebe a espiritual visita de 2 anjos, á tarde, em Sodoma: idem, XIX—1 e no mesmo livro ainda, cap. XXII, vers. 11, o anjo do Senhor, fala das nuvens, a Abrahão suspendendo o sacrifício de Isaac.

Jacó luta com um anjo que depois o abençôa e chama-lhe Israel: dessa luta Jacó ficou com a juntura da côxa deslocada e por isso, côxo: Genesis, XXXII—24 a 28.

Moisés vê e fala com o anjo do Senhor, através de uma chama de fogo, ouvindo depois, a própria voz de Deus: Êxodo, III—2 a 5. Vemos pois que Moisés além de profeta era médium vidente e auditivo. Êsse facto de voz direta de Deus a Moisés, vemos repetido no Levítico, I, 1; confirmada em Nùmeros, I - 1, e do Deuteronômio: V - 4 a 6.

No livro dos Juizes, II—1 a 4, os israelitas são repreendidos pelo anjo do Senhor. Idem, cap. VI, vers. 11, um anjo fala com Gideon. Ibidem, XIII, 15, outro anjo do Senhor fala a Manué. Ainda no mesmo livro dos Juizes, cap. XIV. vers. 5 a 6, Sansão é tomado pelo espírito do Senhor, para se defender de um leão que havia investido contra êle. E Sansão mata o leão.

No livro de Daniel, II—2, o rei Nabucodonozor está perturbado com um sonho que teve. Manda chamar os magos, os astrólogos, os encantadores e os caldeus para interpretá-lo. E é Daniel quem o interpreta através de uma visão reveladora (19), pelo que Daniel rende graças a Deus que havia permitido mais uma vez a manifestação de sua mediunidade adivinhante.

Ainda em Daniel, X—5 a 7: — Êle vê um mancebo vestido de linho e cingido de ouro, cujos olhos brilhavam como fogo; mas os homens que estavam com êle, diz Daniel, não viram aquela visão; contudo caiu sôbre êles um grande temor, e fugiram, escondendo-se. A materialização dêsse espírito só foi visível a Daniel, e os homens que estavam com êle nada viram, mas sentiram os fluidos e amedrontaram-se. No vers. 16 lemos que por causa dessa visão, sobrevieram dôres em Daniel e ela ficou sem fôrça alguma.

Outro facto bastante interessante se passa ainda com Daniel: Êle tem a visão de um carneiro e de um bode; ouve depois um santo que lhe fala; vê um outro homem diante de si; ouve uma voz nas margens do Ulai, dizendo a Gabriel que viesse explicar a Daniel aquela visão. E Gabriel se materializa na sua frente e fala-lhe explicando toda a visão. Daniel, que por êsse motivo enfraqueceu-se e ficou enfêrmo alguns dias, tinha pois várias modalidades mediúnicas: profética, auditiva, vidente, etc. Leia-se o que acima ficou resumido, em Daniel, cap. VIII, vers. 1 a 27.

Para encerrar êste capítulo, que já vem se tornando longo, citaremos apenas mais um facto: II.º Crônicas, XVIII, 19 a 22, onde um espírito se apresenta diante do Senhor pedindo-lhe permissão para persuadir o rei Achab, de Israel, a vir em Romoth-Gilead. E diz o espírito ao Senhor: Eu serei um espírito de MENTIRA na bôca de todos os seus profetas. E assim enganado, o rei desce a Romoth-Gilead, onde morre ferido por uma seta do inimigo.

Conclusão: os espíritos se manifestam sempre com permissão de Deus, e são de duas categorias: Superiores e inferiores. Êstes últimos são chamados «demônios» pelos católicos... Os primeiros instruem e os últimos, perturbam. Lembremo-nos sempre de que os afins se atraem...

* * *

Um facto interessantissimo de materialização parcial acompanhada de escrita direta, pode ser estudada em Daniel, V-1.

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

Questões de Psiquiatria Social

(Colaboração do Centro de Estudos Franco da Rocha)

ALCOOL, SÍFILIS, ESPIRITISMO

Pelo Dr. Anibal Silveira *(Para a «Folha da Manhã»)*

Sob a epígrafe acima, em letras garrafais, encontramos na «Folha da Manhã», de 17 de Março último, um artigo que nos interessou desde logo. Como é de praxe, os escritos desta natureza, vêm, sem mais aquela, responsabilisando o Espirttismo como um dos fatores essenciais da loucura que enche os hospícios. E não faltam estatísticas forjadas para provar tal pretensão. Assim contávamos em topar pela frente uma saraivada de injúrias, responsabilisando tambem o Espiritismo, ao lado do alcool e da sífilis, como fator de loucura. Grande foi nossa surpresa ao vermos conceito inteiramente ao contrário.

Eis o artigo na íntegra, de cujo conteudo o leitor pode destacar com especialidade a parte relativa ao Espiritismo, justamente a que mais nos interessa:

«As conclusões desta crônica não são as que, muito provavelmente, o leitor está a pressentir. Muito provavelmente, dizemos, porque em regra o leigo que visita hospital psiquiátrico espera testemunhar de *visu* que são essas «as três principais causas» das doenças mentais. E é de verse a decepção que lhe causa o alienista ao mostrar quanto anda longe daí a verdade dos factos. Não será, pois, descabido reavivar aquí o assunto, ainda que em breves traços.

O alcool figura realmente entre os tóxicos mais terrivelmente perniciosos para o sistema nervoso. E' de conhecimento vulgar e constitue lugar-comum na literatura o quadro degradante da embriaguez aguda. Mesmo porém em pequenas doses, ineficientes para embriagar, a ingestão habitual do alcool acarreta graves danos, definidos já de longa data. Vem em primeiro lugar a influência nefasta sôbre o figado, influência essa bem verificada clínica e experimentalmente. Sobrevêm não só processos inflamatórios—hepatites, esclerose, mas também a degeneração gordurosa. Com essa dupla deficiência a principal víscera da defesa do organismo perde gradualmente a função primacial de protegê-lo contra os agentes mórbidos. Daí a frequência e a gravidade que assumem as moléstias infecciosas em alcoolistas crônicos. Além disso, anulada aquela barreira inicial, o tóxico vai invadir outro campo essencial da economia orgânica: degeneração do próprio coração, por um lado, inflamação da superficie interna dos vasos sanguineos, por outro, exprimem esta dúplice ação agressiva. Assim é que a substância cerebral sofre profundamente os efeitos do alcoolismo: de modo imediato, pelo tóxico carreado na massa sanguínea, de modo indireto mediante a esclerose arterial e a consequente desordem da irrigação. Derivam ainda desta mesma conjunção de causas duas condições mórbidas remotas. O alcool vai impregnando cada vez mais o liquido cérebro-espinhal, cuja atribuição é banhar o encéfalo e as membranas que o envolvem (meninges) e drenar os detritos das células nervosas. Donde a inflamação crônica das meninges, que se tornam leitosas e se espessam, aderindo à superficie do cérebro e à caixa craniana. A seu turno as artérias esclerosadas são sujeitas a espasmos, causando amolecimentos cerebrais, a pequenas rupturas que determinam extravasamentos punctiformes ou extensos — derrame cerebral, hemorragias da meninge «dura-mater». Essa a explicação de alterações psíquicas — cuja gama vai desde pequenos lapsos de memória, de incapacidade mental leve, até à obtusão progressiva e o embrutecimento demencial. Essa a explicação de muitos dos transtornos neurológicos, ora discretos, ora graves a ponto de implicar em total incapacidade física ou mesmo de ocasionar a morte. Mas o alcoolismo crônico é capaz de desgraças ainda maior. Porque pode estender a ação deletéria aos descendentes da vítima. Quando o faz, via de regra, é vulnerando a célula reprodutora, essa que traz em latência todos os caracteres físicos, intelectuais e morais da estirpe. Defeitos corporais, anomalias da organização dos centros nervosos e a consequente deficiência mental, convulsões, ou ainda anormalidades meramente psíquicas, podem assim derivar do alcoolismo dos progenitores.

Entretanto - é preciso que frisemos — quando o alcoolismo atinge essa intensidade e essa constância, tornando-se incorrigível, constitui indício de anormalidade psíquica. Indício, não causa. Ora é a tendência incoercível e periódica — dipsomania, ora um dêsses desvios de instintos que compõem as chamadas «personalidades psicopáticas», ora ainda conseqüência da encefalite — «doença do sono» — ocorrida na infância ou na adolescência. Geralmente, porém, a análise profunda do psiquismo revela causas morais que o próprio paciente ignora, inconcientes que são, as quais por dinamismos vários conduzem à libação alcoólica. O tratamento psíquico adequado vingará então o que nem as punições nem a melhor demonstração objetiva jamais conseguiriam.

A sifilis atua em campo ainda muito mais restrito como causa direta de doenças mentais. Afora a influência sôbre o sistema circulatório — análoga em efeitos à do alcoolismo — afora lesões peculiares do crâneo ou das meninges, só lhe cabe papel definido em um único grupo. E' a chamada neuro-lues, ou sifilis do sistema nervoso. Merece especial menção a «paralisia geral progressiva» ou doença de Bayle, que se traduz por desordens ás vezes graves do comportamento subjetivo e social. Essa tem a caracterizá-la, ao lado de sinais clínicos em geral facilmente reconhecíveis, alterações precisas do líquido cérebro-espinhal. Ademais, quando reconhecida a tempo, constitui ocorrência eminentemente curável pelos métodos biológicos, acrescidos do tratamento químico adequado. Em condições especiais a sifilis pode atingir o indivíduo na fase pre-natal, determinando indiretamente anomalias similares ás que relembramos no caso do etilismo.

Quanto ao espiritismo, de forma alguma pode considerar-se causa de doenças mentais. Assimilá-lo a fatores patológicos, como êsses há pouco mencionados, constitui injustiça que exige reparação. Foi mesmo com o intento de atrair a atenção para êste aspecto particular que o incluimos no presente comentário. E' tempo de se pesarem bem os factos e dissipar-se tal preconceito científico. Sentimo-nos inteiramente á vontade para dizê-lo, como psiquiatra militante inteiramente desapegado de qualquer crença sobrenatural.

Verdade seja que em geral os pugnadores da higiene mental distinguem entre «espiritismo» e «baixo-espiritismo», certamente reservando esta denominação para práticas fetichistas. Mesmo assim, entretanto, devemos reconhecer que a injustiça persiste. E provém da assimilação de fenômenos compatíveis com a normalidade psíquica.

Sem dúvida o mediunismo, encarado na expressão estritamente objetiva, sem laivos de interpretações religiosas quaisquer, consiste em libertação do «automatismo mental», liberação esta passivel de treinamento e cultivo. E' certo igualmente que o «automatismo mental» patológico representa o núcleo principal de alucinações ou da formação de delírios, que por sua vez caracterizam a maioria das moléstias da mente. Todavia, entre ambos os grupos de automatismo vai tanta diferença quanto entre o sono profundo e o coma, ou entre a maliabilidade muscular do contornocionista e aquela devida a lesão do sistema nervoso central.

Não ha negar, também, que inúmeros doentes mentais recorrem aos centros de difusão espírita. Mas êsses lá vão ter por sentirem a desagregação psíquica, no caso patològica, ou por fôrça de interpretação religiosa de outrem. De qualquer forma, já se encontravam então com o psíquismo alterado. Nem representa o Espiritismo, necessáriamente, concausa de enfermidades mentais. Mesmo os casos em que a alienação mental se manifesta em praticante do espiritismo não autorizam a concluir pela nocividade dêste credo. Pode o coma sobrevir durante o sono, sem que por isso se interprete a êste último como causa propiciante daquêle».

Por aí se vê que a justiça vem se fazendo. Tarda, mas não falta. As estatísticas dos hospícios, fruto de *parti-pris*, carecem de prova. Rebuscadas á força, por prevenção odiosa contra uma doutrina que deve ser arrasada custe o que custar, por medicos muitas vezes instrumentos da ação clerical, não podia dar outro resultado que não fosse o esperado: o Espiritismo, ao lado da sífilis e do alcool, enche os hospícios. O artigo acima, da autoria de médico ilustre, diz judiciosamente o contrário. Aliás foi o que sustentamos em «A Nova Era», rebatendo num artigo pretenções maliciosas e injustas de alguem que escreveu no «Diário da Tarde» local, trasladando opiniões de médicos colhidas no livro «O Espiritismo no Brasil», obra tendenciosa, eivada de falsidades e injustiças.

O Espiritismo verdadeiro, o Cristianismo redivivo, que impõe a moral mais pura e cristã ao lado da demonstração da sobrevivência da alma e explicação lógica e justa de todas as desigualdades sociais, confere resignação e fortaleza em face de todas as provas e sofrimentos da vida. Mesmo pessoas que não partilham a opinião espírita, mas que vivem em contacto com os bons espíritas, sabem da resignação destes em face dos revezes da vida. Já, em considerações semelhantes, fizemos ver que o Espiritismo é o maior antídoto mesmo da loucura propriamente dita, não falando das obsessões que constituem o seu maior número. Estas, só o Espiritismo ensina a causa, os meios de preveni-la e combatê-la. Na nossa opinião, os espíritas sinceros são os melhores resguardados contra as obsessões e loucuras.

Todo combate contra a verdade redunda em benefício da própria verdade. Muitas diátribes e calúnias têm sido forjadas contra o Espiritismo, dando-o como causa da loucura e reclamando com fúria a providência das autoridades. A-pesar-de tudo, a Dautrina caminha, os adéptos se multiplicam e a verdade triunfa. O exemplo acima é bem a prova do que afirmamos. Parabens ao colega que não teve vergonha de defender a verdade, muito embora provocando a revolta de muitos.

T. NOVELINO

Allan Kardec, o Inconfundível!

J. B. Chagas

—«Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interêsse nos abusos. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho»—disseram consoladoramente os espíritos a *Allan Kardec*.

* * *

Quasi cem anos são passados, que estas palavras foram proferidas.

Allan Kardec, não vive mais no nosso plano. A Doutrina por êle codificada, com o auxílio dos Espíritos Superiores, não conseguiu, ainda, é verdade, «reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade», seu principal objetivo, qual seja, juntá-los num só rebanho para um só pastor. Do contrário, não veriamos, passado tanto tempo, as pedras continuarem a ser acumuladas no caminho do Codificador, e até atiradas sôbre... a sua memória... Dolorosa realidade! Dolorosa revelação!

Ontem, os incrédulos, os maus. Hoje, os fariseus modernos, semelhantes aos sepúlcros caiados de branco, de que nos falou o Cristo, confirmando as palavras de Agostinho, quando afirmou que «por muito tempo ainda haverá escribas e fariseus, que continuarão a negar».

Mas, si ontem as investidas dos inimigos do Mestre não o abalaram, hoje, certamente, no alto da sua glória, êle estará penalizado das fraquezas dos homens e sorrindo da ingenuidade dessas criaturas. E, por certo, lá, onde se encontra, nessa hora amarga que o mundo vive, êle, que não está inativo, porque continua a trabalhar com o mesmo desassombro e entusiasmo pela causa bendita da iluminação dos homens, estará ouvindo novamente dos seus maiores: — «Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança».

Allan Kardec, como todo missionário, teria forçosamente que passar pela *via-crucis* do sofrimento, de receber apôdos e pedradas daqueles *aborrecidos da luz*, como diria *Emanuel*, e não somente isso— passados muitos anos da investidura da sua missão na terra, ainda assim teria de ser vítima da felonia e da calúnia. E o que é mais doloroso — entre os seus detratores se encontrariam criaturas que se dizem espíritas e agremiações que deviam prezar melhor o seu augusto nome e a doutrina codificada.

Mas, por singular coincidência, tudo o que se tem feito e se vem fazendo no desprestígio do Mestre de Lion, e a doutrina por êle codificada, antes de arrefecer-lhe o ímpeto, dá-lhe novo ânimo e novo vigôr.

Por mais de uma vez o nome dêsse grande benemérito da humanidade tem transitado pela rua da amargura. Ultrajado, vilipendiado, plagiado e copiado, mas também, por singular coincidência, todos os que assim vêm procedendo, têm sido desmascarados!

* * *

Certa vez, num centro muito conhecido, em cujo seio militam espíritas de projeção na Doutrina, aguardava-se a visita de uma caravana, em nome da qual falaria um confrade componente da mesma. Casa cheia, vibrando à espera da palavra do irmão. No momento aprazado, surge o confrade à tribuna e passa a lêr a sua conferência. Mal o nosso irmão havia lido as primeiras páginas do seu trabalho e, verificámos, juntamente com outros irmãos, que estavamos diante de uma grossa burla aos presentes, pois, o orador lia, não um trabalho *seu*, mas sim um capítulo inteiro do livro «Céu e Inferno», de *Allan Kardec*, com os mesmos casos e mesmos exemplos, em que o Codificador era mestre!... a ponto de não poder ser imitado, por quem quer que seja, pois, o seu estílo, o seu modo de dizer, tornaram-no inimitável, inconfundível!...

Ao chegarmos a residência, tivemos pressa de consultar a obra referida, e aí tivemos a comprovação do esbulho. Era mais uma «pedrada» no Codificador...

O' *Kardec*, presado mestre, até quando durarão a ignorância e a má vontade dos homens?

E os próprios espíritos responderam animadoramente a esta interrogação: — «Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa!» Esta tem sido a principal missão dos detratores e mistificadores de *Allan Kardec*: — aumentar a sua projeção, a sua glória, na razão direta do esfôrço que fazem em sentido contrário...

Então, prossigam, pois, na obra de devastação, porque, contra a sua própria vontade, estarão servindo á causa da verdade, e foi por isso que sabiamente afirmou o Cristo: — «Não se atiram pedras em frutos verdes!»

* * *

E quando tôda a familia espírita comemora a data que assinala a passagem do Mestre insigne para a Espiritualidade, num momento em que a sua obra e a sua própria individualidade, vêm sofrendo os mais soêzes ataques, justo é que focalizemos a personalidade dêsse grande vulto, renovando-lhe o preito da nossa admiração e estima, pelo muito que êle fizéra para a felicidade de todas as criaturas.

Para que se saiba, da nenhuma razão, e da insensatez destas investidas, vamos transcrever, em abono á memoria do discípnlo de *Pestalozi*, o que a seu respeito disseram os seguintes vultos:

O Snr. *Muller*, amigo íntimo e discípulo de *Allan Kardec*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas, de Paris, á beira do seu túmulo, entre outras cousas, confirmando a grande tolerância de que era possuidor o missionário, disse:

«A tolerância absoluta era a regra de *Allan Kardec*. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: Israelitas, mahometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; a todas as classes: ricos, pobres, sábios, livres pensadores, artistas, obreiros, etc. Todos têm podido vir até aqui, graças a ponderação que não sacrificava conciência nenhuma e que será sempre um bom exemplo».

E o Snr. *Muller*, recorda também as seguintes palavras, encontradas numa velha correspondência escrita sobre *Allan Kardec*, por um dos seus comensais: — «As cartas anônimas, as traições, os insultos e o denegrir sistemático das suas ações, acompanhavam êste trabalhador, este gênio benfeitor, e lhe faziam, moralmente, feridas incuráveis; organizado para viver cem anos êle tinha um coração de sensitiva; a injustiça, sobretudo a dos espíritos tagarelas e inconsiderados, lhe traspassavam o coração e foram a causa do aneurisma que o arrebatou aos 65 anos, quando êle tinha ainda tanto que fazer. Levantando-se ás quatro horas e meia da manhã, em todas as estações, êle escrevia atendendo à correspondência e ás composições novas, recebendo visitas, frequentando as assembléias das sextas-feiras, etc. Muitas vezes vinha vêr-nos nos momentos de cansaço e assentado à nossa mesa, êle ria como sempre, encontrando anedotas encantadoras, palavras alegres para nos distrair, e estimulados, nós partilhavamos de seu bom humor e disposição para o trabalho. Depois êle retomava alegremente sua vida afanosa. Todos os domingos, sobretudo nos últimos dias de sua vida, êle convidava amigos para jantar em sua vivenda de *Segur;* então, êsse grande filósofo, após ter discutido com doutos os pontos mais difíceis e os mais controvertidos da doutrina, ficava jocoso para nos distrair, fazia-se jovem, com muita simplicidade, à procura de uma alegria dôce para seus convidados, e tinha um gênio especial para fazer isso, com elegância e sobriedade, tocado de particular e agradável bonhomia».

* * *

Humberto de Campos, das plagas do além túmulo, classifica-o de «o grande missionário», dizendo mais:

— «*Kardec*, regosija-te com a tua obra! A luz que acendeste com os teus sacrifícios na estrada escura das descrenças humanas, vem felicitar-te nos pórticos misteriosos da imortalidade... O mal suave da esperança e da fé que derramaste nos corações sofredores da Terra, reconduzindo-os para a confiança, hoje se entorna em tua própria alma, fortificando-te para a claridade maravilhosa do futuro. No céu estão guardados todos os prantos que choraste e todos os sacrifícios que empreendeste... Alegra-te no Senhor, pois teus labores não ficaram perdidos. Tua palavra será uma bençam para os infelizes e desafortunados do mundo, e ao influxo de tuas obras, a Terra conhecerá o Evangelho no seu novo dia!»

* * *

O genial sábio francês, *Charles Richet*, grande admirador de *Allan Kardec*, presta-lhe as maiores homenagens, na sua monumental obra *Tratado de Metapsíquica*, quando afirma que «é preciso admirar sem reservas a energia intelectual de *Allan Kardec;* apesar da sua excessiva credulidade, êle tem fé na experimentação». E acrescenta: «E' sempre na experimentação que *Kardec* se apoia, de sorte que sua obra não é sómente uma teoria grandiosa e homogênea, mas ainda um imponente conjunto de factos».

* * *

Não menos valiosas são as palavras pronunciadas por *Camilo Flamarion*, grande amigo do Codificador, no discurso que pronunciou, à beira do seu túmulo, cujas palavras constituem o maior apanágio à glorificação de um homem, e de onde destácamos os seguintes trêchos: —

«Em breves traços — disse o astrônomo francês — vou esboçar as principais linhas da sua carreira literária. Morto na idade de 65 anos, *Allan Kardec* consagrou a primeira parte da sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, principalmente, ao uso dos preceptores da mocidade. Quando, em 1855, as manifestações, julgadas novas, das mesas falantes, das pancadas sem causa apreciável, dos movimentos insólitos de objetos e de móveis, começaram a atrair a atenção pública, e chegaram a produzir nas imaginações ardentes uma espécie de febre, devido à novidade dessas experiências, *Allan Kardec*, estudando a um tempo o magnetismo e os seus singulares efeitos, acompanhou, com a maior paciência e a mais judiciosa perspicácia, as experiências e as tentativas inúmeras feitas em Paris. Recolheu e coordenou os resultados obtidos por essa longa observação e, com êles, compôs um corpo de doutrina publicado em 1857, com a primeira edição do *Livro dos Espíritos*. Todos sabem quão grande sucesso alcançou essa obra em França e no estrangeiro. A morte surpreendeu-o ao tempo em que, infatigavelmente ativo, êle trabalhava numa obra sôbre a relação do magnetismo com o Espiritismo. Increpou-se ao digno amigo, a quem rendemos hoje as últimas (1) homenagens, não ser êle o que se chama um sábio; não ter sido físico-naturalista-astrônomo e ter preferido constituir um corpo de doutrina moral, a aplicar a discussão científica à realidade, à natureza dos fenômenos. Talvez fôsse melhor que as coisas tivessem assim começado. E' preciso não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações tem levado aos corações esta crença religiosa! Quantas conciências se têm expandido aos raios da beleza espiritual! Tivesse *Allan Kardec* sido um homem de ciência, e sem dúvida não teria podido prestar êstes benéficos serviços, nem propagar à distância o estímulo nos corações. Êle foi o que chamarei «o bom senso encarnado». Razão firme e judiciosa, aplicava, sem descanço, à sua obra, as íntimas indicações do senso comum».

Que êle, do alto da sua glória, possa inspirar-nos sempre são os votos que formulamos, ao encerrarmos esta crônica.

Nova Iguassú — Março de 1944.

---

(1)—Aquí falharam as afirmações do grande astrônomo francês. Aquelas não foram as últimas homenagens recebidas pelo insigne homem, como não serão as que, no momento, lhe está tributando toda a grande família kardecista.

Alguns factos espiritas históricos tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas

Constância — Por Carlos L. Chiesa

Mencionámos Pitágoras ao referirmos que Apolônio de Tiana havia sido iniciado em sua escola.

Como Apolônio, Pitágoras era dotado de faculdades psíquicas.

A Pitágoras atribuiam doutrinas as mais diversas, e invenções as mais estranhas.

Acredita-se que nasceu em Samos e viajou pelo Oriente.

Propugnava o melhoramento dos sentimentos religiosos e morais. Segundo sua escola, a idéia era a única que torna possível a ciência e a sustentava, não fundamentada na matéria, mas em Deus. Seus objetivos era cultivar a supremacia das idéias e relacionava o político com o moral e a ciência, finalidade que procurava alcançar sua escola, constituindo uma espécie de comunismo ou um socialismo aristocrático.

Em dita escola, chegava-se ao sublime depois de amplas provas e grandes privações. Com isto conseguia-se avigorar o corpo e encaminhava-se aos ensaios da alma à meditação.

Proporcionava bens à comunidade e cumpria fielmente com a palavra empenhada, estreitava-se a amizade e socorria-se ao que experimentava vicissitudes.

Atribuiam a Pitágoras poderes sobrenaturais.

Afirmavam que aparecia e desaparecia em Crotona e, quando os crotoniatas o julgavam morto, aparecia misteriosamente, para se apoderar do mando político, moral e científico de Crotona.

E' possível que Pitágoras, como Apolônio, possuisse a faculdade de desdobramento, faculdade que hoje sabemos não ser sobrenatural.

A história registra factos que a confirmam e o Espiritismo permitiu comprová-lo.

Santo Antonio de Padua encontrou-se simultaneamente em dois lugares, quando salvou seu pai, demonstrando sua inocência.

Alguns comentaristas crêem, o

que é possível, que quando Jesus caminhou sôbre o mar, o fez com seu duplo.

Ademais, atribuiam faculdades proféticas a Pitágoras.

Ensinou a imortalidade da alma, mas não se pode afirmar se, com ditos ensinos, mesclou a idéia da metempsicose ou se esta foi introduzida por alguns de seus discípulos, porque ao referir-se á alma, nela reconhecia um número, uma harmonia com individualidade própria que passava de um a outro corpo, e nós entendemos que êste conceito da evolução da alma deve ser progressivo e não regressivo.

Sua regra ou princípio era : «Falar a verdade, praticar o bem.»

Julgava Pitágoras, que tanto influira na mente dos crotonenses, com a eloquência de seus discursos no sentido de abandonar os vícios e que deviam reger sua conduta por decisões sãs e que as ações humanas deviam seguir um canal moral, que, sendo a moral e a ciência a trajetória da perfeição humana; preciso se tornava respeitar a autoridade científica e moral dos *aristoi* (1), os melhores, os mais perfeitos, porque estabeleceram uma espécie de comunismo ou socialismo aristocrático.

Na associação havia liberdade, odiava-se o despotismo, e o associado podia deixá-la quando o desejasse. Vestiam-se de branco.

Em Crotona e Italia fundou a escola itálica que tinha, além do objetivo filosófico e religioso, o moral e político.

Ademais, Pitágoras foi matemático e filósofo, fundador de uma sociedade e legislador.

Crotona se regia pelo sistema democrático, que não tardou a ser absorvido pela influência das novas idéias.

Conta-se que Chiton, famoso por suas riquezas, mas violentamente desordeiro, pediu sua iniciação em dita escola, mas Pitágoras o repeliu. Devido à negativa, tornou-se chefe da democracia, derrotando mais tarde, dispersando ou matando os iniciados de Pitágoras, constituindo novamente o governo democrático. Não se sabe se Pitágoras morreu nessa contenda ou poude fugir.

O facto é que não poude continuar sua obra, que deixara incompleta.

Hoje o mundo está passando por um momento em que estão travados em luta de morte o totalitarismo e a democracia.

Então se dizia que deveria ser respeitada a autoridade científica e moral, ou os *aristoi*, hoje se pretende que seja a raça ariana. Naquele tempo, se odiava a tirania; agora está sendo sustentada.

Acreditamos que é muito dificil estabelecer, senão impossível, se as virtudes cidadãs estão na classe aristocrática; tampouco sabemos se estão em determinada raça ou em todas elas, ou ainda, na amálgama de raças. E' possível que seja nestas.

Graças ao Espiritismo, sabemos que os espíritos evoluídos e virtuosos afluem a uma e outra classe. Nem sempre os que encarnam nas famílias aristocráticas, são mais virtuosos do que os que encarnam em famílias humildes.

As maiores mentalidades, condutores de almas e reformadores sociais que a História registra, parece terem preferido sempre o berço humilde, onde não havia ostentação, orgulho e vaidades.

Não escolheram castas nem raças, mas sim uma família, uma organização que por sua condição corresponda a seus propósitos, e esta, pela evolução orgânica, pela fusão das raças que se vem operando, por suas transformações através dos tempos, os homens não sabem onde se encontra. Mas esta ignorância dos homens, não deve escapar aos espíritos evoluídos do espaço, que seguem as alternativas evolutivas orgânicas e espirituais e que vêm à terra para cumprir uma missão transcendente.

Moisés, Jesus, para não citar outros, e o mesmo Pitágoras, cujo pai foi gravador ou comerciante, de seu

---

(1) Aristoi, a princípio designava os fortes, mas no século de Sócrates e Platão, designava os cidadãos que possuiam as vantagens do nascimento, da riqueza, da influência e educação social e da virtude.

berço humilde souberam abrir passagem, para implantar, fazer arraigar suas idéias benfazejas.

E' possível selecionar homens mais virtuosos e capazes em uma democracia, e não numa aristocracia.

Verdade é que a democracia pode extremar em irritante demagogia por excesso de liberdades e, consequentemente, uma ditadura, mas então, deixaria de ser democracia para ser ditadura.

Não estar na democracia, seria portanto, não estar na igualdade; para estar na democracia é preciso voltar à lei, a governar na lei.

A democracia se ajusta mais à evolução, ao direito, à liberdade que pertence ao homem, aos povos, para reger seus próprios destinos e estarem em sua evolução própria e natural.

A democracia tem a virtude de oferecer a todo cidadão, os meios para que êle demonstre sua virtude e saber. Não estabelece círculos que entravem o livre desenvolvimento da vida; permite conquistar, por seu próprio esfôrço, posições evolutivas; não faz nem quer deuses nem tiranos.

A democracia constitue uma conquista humana, que já não é mais possível destruir, porque está na alma da maioria e responde às leis evolutivas do homem.

Continuamos agora, após esta digressão, com a exposição dos factos.

Baltazar, Ultimo Rei da Babilônia

Escrita diréta

Os fenômenos espíritas nos induzem a estabelecer a possibilidade de ter sido uma *escrita direta* a sentença que «a mão desconhecida escreveu na parede da sala de festin para onde Baltazar, completamente ébrio, fizera levar os vasos sagrados, que seu avô Nabucodonosor havia roubado no templo de Jerusalém, para usá-los em suas libações, as palavras eram:

«Mane — Thecel — Phares», que Daví explicou da seguinte forma:

Mane; «Deus contou os dias de teu reinado e marcou-lhe o fim.»

Thecel: «Foste colocado na balança e te encontraram em falta.»

Phares: «Teu reino será feito em pedaços.»

Com efeito, Baltazar foi vencido e morto por Ciro, rei da Pérsia.

O Oráculo e os Templos

Alexandre Severo

Vestido com simplicidade, falava com bondade e dava audiências a todos, em hora determinada; um arauto em alta voz repetia esta fórmula aos mistérios de Elensis: «Não entra aquí cuja alma não seja inocente e pura». A miude repetia que havia mandado inscrever sôbre as portas: «Fazei aos outros o que desejarieis que fizessem convosco.» Sua côrte estava cheia de cristãos e dizem que secretamente adorava o Cristo e Abraão. Ainda pensava erigir um templo ao Deus verdadeiro, se *bem que lhe houvessem respondido os oráculos que com isto faria, que ficassem desertos os demais templos.*

Em Janeiro de 1941, o Governo Inglês criava a «Cadeira de Estudos Psíquicos», na Universidade de Oxford, uma das maiores do Mundo, onde se tem formado gerações e mais gerações de sábios.

A criação dessa cadeira equivale ao reconhecimento oficial do Espiritismo pelo governo dêsse país.

E' bom lembrar que a Inglaterra é um dos países mais bem organisados do Mundo, onde tudo é fiscalizado e medido. Desde o momento porém, que uma coisa é considerada como verdadeira e justa, tem campo livre e mesmo é estimulada. A criação da «Cadeira de Estudos Psíquicos» confirma esta acertiva.

No entanto na Inglaterra a religião semi-oficial é o protestantismo, sendo que o catolismo também está muito disseminado.

Que belo exemplo, de liberdade e fraternidade!...

Deus inspire os nossos governantes, afim de proceder de igual modo.

H. Magalhães.

Impressões e Factos

(PELA UNIDADE DOUTRINÁRIA DO ESPIRITISMO)

...E o irmão presidente nos *honrou*, gentilmente, em confiar-nos a direção dos trabalhos da noite, que no «centro» não se fazia conferência, não se admitia êste gênero de propaganda. E só agia assim, porque se tratava de nós, por quem nutria sérias simpatias. «Para que conferências de vivos, se os mortos vinham dizer tudo e ensinar melhor, dentro de uma doutrina que não é de homens, mas dos espíritos?»

— Orientar a reunião por que obras?

Perguntámos, visto como não vimos nenhum livro espírita sôbre a mesa da presidência.

— Nós dispensamos, aquí, toda a sorte de livros.

As explanações são feitas pelos guias, encorporados.

Além de pouparmos tempo com leituras, dinheiro com a compra de livros, aprende-se mais, que os autores, por mais que saibam, sabem menos do que os espíritos, os guias.

—Não sou desta opinião, nem aceitaria um programa assim em «centros» em que eu militasse. Não posso compreender que a palavra sómente dos guias, baste. Seria, até, emprestar-lhe fóros de infalibilidade, coisa que repugnaria à índole evolutiva do Espiritismo. Para aprender-se bem, preciso é que se estude bem, analisando e comparando . . .

— E a recordação do que aprendemos nas passadas existências, não vale nada?

—Nossa vida presente é um reflexo da anterior. Ora, se o amigo acha, na existência atual, em que deve estar mais evoluído, que, para saber, póde prescindir do estudo, o que teria sido, nêste particular, sua vida passada? Se eu, de resto, lhe perguntasse algo sôbre o rádio e o avião, que ainda não existiam, naturalmente, naquela existência vivida por seu espírito, que poderia responder-me?

Era a hora da reunião.

Na presidência, faláramos, exatamente, sôbre a necessidade de estudar sempre, de ler e ouvir de tudo para saber preferir o que fôr bom...

Êle, reajustando o que disséramos, falou sôbre a moral e a caridade, que apresentou feitas maravilhas superiores a estudos e a sabedorias.

A caridade, êle a entendia de modo diferente, pois havia «lido em Mateus que, primeiro, os teus». Não podemos atinar em que Mateus lera a «suprema afronta» à mais bela das virtude. Póde ser que em algum escritor forjazdesampaiano, chamado Mateus, que, no evangelista...

Depois, comentários e reajustamentos na intimidade.

Para justificar as esquisitices e excrescências de seu «espiritismo», afirmou que «o Espiritismo, como as outras religiões, tinha, também, falhas. E enormes!»

— Defeitos, o Espiritismo?! Defeituosos são os homens, os espíritas, quem sabe se a partir do mais defeituoso, que sou eu! Mas, o Espiritismo, que não é doutrina de homens, não póde ter, é óbvio, defeitos humanos. Se se apresentam por aí erronias e absurdos com o nome de Espiritismo, refletindo as imperfeições humanas, que tem o Espiritismo de verdade com isto?

—Agora, o protesto é meu. Eu sou homem e não tenho defeitos, que é pura a minha moral. Considero-me, dentro da relatividade das coisas, um homem perfeito.

—O senhor, perfeito e espírita! Diga-me: a quantos cegos já fez ver? Quantos paralíticos já fez andar? Quantos demônios já expeliu e quantos enfêrmos já curou?

—A nenhum, hom'essa! E que tem uma coisa com outra?

—O senhor não é perfeito? Devia já, por si mesmo, ter realizado tais maravilhas, visto como o Cristo afirmara que se fossemos perfeitos, fariamos tudo isso e alguma coisa mais que êle não fizera. Ou melhor: que bastaria nutrir fé tamaninha de um grão de mostarda para a realização de prodígios. Ora, se o senhor nada disso fez, é que o senhor, nem tem fé do tamanho de um grão de mostarda, nem é perfeito...

—

Ouviramos em importante cidade mineira:

«Uma feita, o guia de nosso centro avisou que um facto interessantissimo abalaria a atenção pública da cidade, pondo em relevo o Espiritismo.

Dias depois, um louco furioso foi metido, amarrado, no xadrez.

Alguns espíritas lá foram e expeliram, a passes e a preces, os demônios, a causa da loucura, curando-se o homem. E já se tinha, até, pedido para Barbacena o carro forte, que o conduzisse ao hospício daquela cidade...

Atrás dêsse facto, outro e mais outro, para vitória da DOUTRINA e alegria dos espiritistas. De tal sorte os factos se iam sucedendo, que foi lembrada a instituição de um livro, para registro dos episódios mais dignificantes para o Espiritismo na cidade. O livro foi feito, em linda encadernação e ótimamente apresentável, para os relatos minuciosos dos fenômenos dignos de registro. E registramos os factos ocorridos até o advento do livro, que, depois do livro, os factos deixaram de aparecer...

Não será esta uma daquelas coisas de que dizia o Cristo: «Quem tiver inteligência de compreender, que compreenda?...»

—

Era fôrça que tomassemos parte numa sessão mediúnica; que a dirigissemos até. Tratava-se de um caso de obsessão, tremendo. Fôramos. Sómente oito pessoas, que essa história de sessões mediúnicas de portas abertas, franqueadas à curiosidade de toda gente... O Cristo, para a única sessão espírita, mediúnica, que aparece no Evangelho, só levou consigo, dentre seus discípulos, os três de sua maior confiança e melhor afinidade. Foi bem êste o caso da *Transfiguração do Tabor* (Mat. 17).

Dos obsessores, o chefe era padre. Endurecidissimo. Tremendo de ódios e vinganças contra sua vítima, e de ameaças contra nós, pelo mal que andavamos fazendo à «religião do Cristo», que era, para êle, a religião a que servira.

—Enganas-te, meu irmão. Estou servindo, como posso, à verdadeira religião do Cristo, embora dessirva a religião de Roma, a que pertenceste. O engano é teu, é da Igreja, em querer, à viva fôrça, ser aquela religião de amor e perdão que Jesus Cristo prègou. Tanto assim é, que estás aí cheio de ódio e de vingança contra quem não te vê, nem te ouve e te sente...

—Teu é que é o engano. Qual é a lei? «Quem com ferro fere...

— Com ferro será ferido», é óbio. Não se diz, entretanto, que a ferida aberta para a reparação da falta, seja obra de quem fôra ferido anteriormente, que seria isto a sanção da vingança... Deve haver, e há, um poder supremo, encarregado de aplicar a justiça necessária... Tu, que foste, como dizes, ferido, agindo assim, por vingança, iracundo e rancoroso, estás, a um só tempo, arvorado em parte interessada na punição, em juiz e carrasco, porque lavraste a sentença de tua vingança, que procuras tirá-la impiedosamente para a satisfação de um espírito que não sabe perdoar... E prégaste, como dizes, uma doutrina de perdão! E ameaçaste muita gente com o fogo do inferno, caso persistisse na perpetração de crimes!...

—E tinha o direito de fazê-lo.

—Inferno que, por teu bem, não existe. Senão, lá estarias, a estas alturas, mergulhado nêle até a fronte, pelos crimes que cometeste em vida, que continuas cometendo na Espiritualidade...

E por aquí se arrastou a doutrinação, até que o reverendo do Espaço ficou mais abalado nos seus rancores.

—

Êsse Espiritismo prático, de portas abertas, feito elemento de conversão... Engana-se, como está, aliás, no Kardec, quem supuser que êle é o melhor meio de propaganda da Doutrina. Teria sido, antes da Codificação. Hoje, com a Codificação cardeciana, a par de tantas obras de fôlego, subsidiárias, o ideal seria meter nas mãos do candidato a aceitar a DOUTRINA, as obras de Kardec, e outras, só lhe aconselhando a frequência de sessões práticas, depois de bem conhecer os fundamentos do Espiritismo...

— Eu tive, na ansia de fazer prosélitos por meio de sessões práticas, dolorosas decepções—confessou-nos ilustre confrade—A última foi em Belo Horizonte. Fôra uma das testemunhas daquela rumorosa mistificação do *médium*-dentista que, em importante centro belo-horizontino se propôs a transformar, publicamente, água em vinho, lembra-se?

Lembravamo-nos, sim.

Êle prosseguiu:

— Levara até alí um velho parente, que não topava o Espiritismo, ansioso de sua conversão por meio de um fenômeno espírita concreto. Diante do espetáculo da desmascaração do embusteiro, vendo arrancar-se-lhe o vaso previamente cheio de vinho, de sob sua camisa, com escândalo para a assistência, não póde calcular como fiquei. Saindo dali, nem ânimo tive de articular uma só palavra ao companheiro. Salvou-me a explicação que lhe fizera de início: que aquilo não me estava agradando...

Ainda não houve, em Espiritismo, outra autoridade maior do que a de Allan Kardec. E' do bom-senso do codificador que nenhum *médium* ainda o mais famoso, póde precisar, como o fizera o de Belo-Horizonte, a produção de tal e qual fenômeno em dia e hora certos. Para tais reuniões, imprescinde uma ambientação própria, adequada, homogênea. Nem o fenômeno, por si só, basta para convencer e converter ninguém, frisa, ainda, o codificador...

V

— Conheci uma garota de 13 anos, que era, para toda gente, um dêsses *médiuns* de efeito físico, que só de longe em longe aparece — ouviramos na mesma cidade.

A rapariguita realizava verdadeiros prodígios, mediunizada por Monsenhor Horta. O espírito do reverendo distribuia, fenomenologicamente, verônicas, medalinhas, bugigangas beatas, flores. Principalmente «monsenhor» que havia, em abundância, no jardinzinho da família da *médium*. Como mais viva era a importância da *médium* menina, fôra descoberta a misticação.

Que comediante excelente de treze anos!

A respeito de tais fenômenos e de tais *médiuns*, vale a pena repetir, sempre, estas palavras do codificador: Para escapar á cilada, é preciso, antes de tudo, fugir ao entusiasmo que céga; é preciso que tudo seja friamente examinado, maduramente pesado, confrontado, etc.»

Doutrina de estudos, observação e análises, o Espiritismo dispensa entusiasmos fáceis, e não abre lugar a fanáticos...

Leopoldo Machado.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Uma paciente, a Srta. R. F., era intermitentemente levada, por impulsos, a fugir e, em tais ocasiões, ficava grandemente agitada, porém, pouco depois de dar entrada em nosso Instituto, ficou livre da causa dessas carreiras.

Experiência de 15-9-1920

Espírito: Edward Sterling — paciente: Srta. R. F.

Médium: Sra. Wickland

Uma inteligência incorporou-se na médium e, levantando-se, procurou fugir, mas segura, ficou indignada.

Méd.—Não quereis sentar-vos?

Esp.—Não!

Méd.—Para onde estais querendo ir?

Esp.—Para casa.

Méd.—Casa? Onde fica a vossa casa?

Esp.—Quero ir procurá-la (Lutando para libertar-se).

Méd.—Uma mulher bonita como vós, agindo dessa maneira!

Esp.—Mulher? Mulher? Sou mas é homem!

Méd. Donde viestes?

Esp.—Isto não faz diferença. Quero ir para casa.

Méd.—Onde fica a vossa casa?

Esp.—Onde puder achá-la. O que sei é que não quero ficar aqui mais tempo. Digo que quero ir-me embora.

Méd.—(Reconhecendo o modo de falar da paciente) Porque cortastes o vosso cabelo? (A enferma, sob um impulso irracional, cortara o cabelo curto).

Esp. - Pensáveis que iria usar cabelo comprido como de mulher? Não, senhor, eu não. Quero ir-me. Digo que quero ir-me embora.

Méd.—Para onde ireis? Não tendes casa!

Esp. Não quero ficar aqui. Quero ir-me embora.

Méd.—Hà quanto tempo morrestes?

Esp.—Não estou morto. Quero ir-me embora. Não quero saber daquelas coisas horriveis que puseram sôbre o meu corpo todo. (Referindo-se ao tratamento elétrico aplicado à paciente) Pareciam coisas afiadas que penetravam em mim.

Méd.—Sentistes a eletricidade que apliquei num paciente.

Esp.—Procurei duas vezes fugir, mas me trouxeram de volta.

Méd.—Porque fizestes com que aquela senhora cortasse o cabelo?

Esp.—Não fiz ninguém cortar o cabelo. O corpo é meu e posso cortar meu cabelo, se quiser. Fui dormir e, quando acordei, o meu cabelo éstava tão grande que eu não sabia o que fazer. Dormi, dormi muito tempo e, depois que acordei, verifiquei que meu cabelo estava tão grande que parecia uma mulher. Não podia ir ao barbeiro, porque tinha vergonha de sair na rua assim, de modo que eu mesmo o cortei.

Méd. — Não cortastes o vosso próprio cabelo, mas o de uma mulher de cujo corpo vos apoderastes.

Esp.—Foi meu cabêlo que cortei. Porque me mantém aquí desta maneira? Não fiz nada, nem ao senhor, nem a ninguém!

Méd.—Estivestes importunando uma senhora e lhe causando grande mal. Dizeis que sois homem, mas estais ainda usando roupas de mulher. Como explicais isto?

Esp. — Não pude conseguir roupas de homem.

Méd.—Não basta êste facto para abrir-vos os olhos e mostrar que algo vos sucedeu?

Esp.—Posso sentar-me?

Méd.—Sim, desde que permaneçais quieto. Não podeis aperceber-vos do que vos aconteceu?

Esp.—Não quero ficar aquí. Quero ir para casa.

Méd.—Se vos sentar e prestar a atenção, explicar-vos-ei a vossa situação. Sois o que se chama «morto».

Esp. — Não morri, já o saberei. Parem de segurar-me.

Méd.—Não vos estou segurando, estou segurando a minha mulher. Deveis compenetrar-vos de que vos achais em estranha situação. Deixastes o vosso corpo mortal, mas ainda não compreendestes a vossa situação.

Esp. — Deixem-me ir, quero sair daquí. Porque estais me segurando as mãos?

Méd. — Não estou segurando as vossas mãos e sim as de minha mulher.

Esp.—Vossa mulher? Nunca a vi e nem sou vossa mulher. Pensais que um homem se casa com outro homem? Nunca ouvi semelhante coisa!

Méd.—O que vos digo é verdade. Sois um espírito ignorante e não compreendeis a vossa situação.

Esp.—Deixai-me só. Quero ir para casa.

Méd. — Nunca pensastes no que acontece a uma pessoa que morre.

Esp. — Não estou morto. Apenas dormi.

Méd. — E aquêle foi o sono da morte.

Esp.—Dormi tanto que, quando acordei, meu cabelo se tinha tornado comprido,

Méd.—Não só o cabelo tinha crescido como estava também vestido de mulher. Como as conseguistes?

Esp.—Não estou morto. Esta é a verdade.

Méd.—Perdestes o vosso corpo físico. Quando se perde êsse, torna-se o que se chama de «morto».

Esp.—Se eu estivesse morto, ficaria no túmulo até o dia do juizo final, até que o anjo Gabriel fizesse soar a sua trombeta.

Méd.—Isso é uma crença errada. Sois bem ignorante ainda para compreender os mistérios da vida.

Esp.—Ensinaram-me que, quando morresse, se eu acreditasse em Deus e no Cristo e que Cristo morreu pelos nossos pecados, que iria para o Céu.

Méd.—Porque não fostes para o «Céu» quando morrestes? Morrestes para o mundo daquí. Estais presente e no entanto não podeis vêr-vos. O que tenho diante de mim é o corpo de minha mulher.

Esp.—Nunca vi vossa esposa e não a conheço.

Med.—Já ouviste falar em «médium»?

Esp.—Já, mas não creio neles.

Méd.—Pois estais falando por intermédio de um «médium». Dizeis que sois um homem e no entanto estais conversando comigo, por meio do corpo de uma mulher.

Esp.—Mentira, é mentira.

Méd.- Pois é verdade. Estais vestido com roupas de mulher. Sabeis que é algo estranha a vossa situação. Provavelmente não sabeis que estais em Los Angeles, na California.

Esp.—Não, não estou.

Méd Onde pensais que deveríeis estar?

Esp.—Há muito que não faço outra coisa senão viajar.

Méd.—Olhai para as vossas mãos. Não são as vossas.

Esp.—A primeira vez que vos vi foi quando pusestes aquela eletricidade encima de mim e até senti vontade de dar-vos uma lição, para que não façais mais tal coisa a outro homem. Não podeis imaginar a dôr que produz. Não quero suportar mais tal coisa. Aguentei bastante e depois saí. Ao sair, um índio grande (espírito) se apoderou de mim e me meteu na prisão. Depois me soltou e vim para aquí.

Méd. — Estivestes importunando uma senhora, que é nossa enfêrma, e tratamento elétrico lhe foi aplicado, para desalojar-vos.

Esp. — Que houve comigo? Tenho me sentido tão apertado.

Méd.—Não quereis compreender que estais em estranha situação. Ereis provavelmente um homem alto e vos sentís apertado porque estais ocupando o corpo de uma mulher menor do que o vosso corpo físico. Não quereis abrir os olhos e encarar os factos?

Esp.—Não há nada a aprender.

Méd.—Provavelmente muito tempo já passou desde que perdestes o vosso corpo. Em que ano estamos?

Esp. — Dormi tanto que não sei mais.

Méd. — E no entanto nos fazeis perguntas. Deveis saber que não vos vemos; apenas ouvimos falar.

Esp.—Que senso há em se falar com uma pessoa que não se vê?

Méd. - Esta senhora é um «médium» e sois um espírito falando por meio do seu corpo.

Esp.—Não acredito no que dizeis.

Méd.—Êste corpo é de minha esposa. Sois minha esposa falando a mim.

Esp. — Não sou vossa mulher! Sou homem!

Méd. — Afasteis-vos da mulher que estaveis importunando. Fazieis agí-la como uma pessoa maluca. Como viestes parar aquí?

(Continua).

FACTOS INÉDITOS NO ESPIRITISMO

Poucos são os que desconhecem Conan Doyle, o grande romancista inglês, portador de formidável bagagem literária; mas a maioria dos seus leitores não sabe que êsse grande gênio das crônicas policiais era espírita por convicção.

Em Janeiro de 1930, êle e o pastor Burnes—pastor duma igreja espírita na Inglaterra é o equivalente de presidente dum Centro Espírita, no Brasil—levaram a efeito uma conferência, sôbre o tema: «O Espiritismo», num amplo salão de Londres.

Apesar-da vastidão do recinto, todas as cadeiras foram tomadas e por fim, não havendo mais lugares vagos, ficaram muitas pessoas sentadas no soalho e outras em pé. Entre estas, muitas pertenciam à mais alta aristocracia. Êsse facto demonstra a expansão do Espiritismo, no País dos Lords.

Conan Doyle era médium de efeitos físicos. Contava êle que em sessões dêsse teor muitos objetos eram trazidos para o local, isto é Londres, das mais longinquas regiões da terra, como seja da China, Japão e outros pontos.

Aliás essas afirmativas eram confirmadas pelos entendidos, visto tais objetos não existirem na Inglaterra. Os mesmos fenômenos tem sido produzidos em Macaé, a bela Cidade Fluminense os quais podem ser verificados por toda a gente. — H. MAGALHÃES.

PSICOLOGIA EXTRAHUMANA

J. Lima

(Para a «Revista Internacional do Espiritismo»)

O «DIÁRIO DA NOITE» do dia 8 de fevereiro do corrente ano, publica mais um caso dêsses celebrizados «médicos falsos», êste, revestido de interessante psicologia, dado que o embusteiro exercia a profissão ha muitos anos, cercando-se de uma tal capacidade coerciva, e criando para si uma personalidade perfeitamente díspar da que propriamente possuía. O caso interessou-me sobremaneira, que resolvi ocupar com êle hoje o espaço destinado a esta crônica, encaixando-o justamente numa das mais altas faces da doutrina espírita.

O meu objetivo é desenvolver um pequeno ensaio psicológico, destinado a um estudo teórico de como poder-se-ía explicar científicamente o carácter de AMADEU C. RICCIARDI, que só possuindo, conforme narrou a reportagem do «Diario da Noite», o curso primário e o de madureza, poude exercer tantas profissões quais a de medico especialista, acatado e procurado, pois que se estabelecia em 5 salas amplas de predio central, provando com isso ter grande clientéla; mestre em linguas várias como português, Inglês, Francês, Italiano e Latim; professor em Física, Química, Historia Natural, Matemática, e todas as matérias do ensino Comercial, etc., etc.

Talvez o caso já esteja esquecido dos leitores, mas pretendo agora analisá-lo sob um prisma extritamente cientìfico (embora espiritista), e espero que essa análise possa levar alguém a meditar mais profundamente sobre o seu destino, procurando conduzir sua vida atual para formar no amanhã próximo o destino que porventura deseje ter.

De conformidade com a doutrina éspírita e com a teoria da *reincarnação*, o corpo físico, desprovido da chama de vida que o animava, chama essa que constituia a própria personalidade do indivíduo, baixa à sepultura sombria, sofrendo então a natural desagregação molecular que o constituia e organizava como outras vidas em evolução, enquanto que o Espìrito, o Eu, a Alma, ou ainda a Chama divina que vivia e que viverá eternamente, persiste em sua individualidade, permanecendo no pròprio local onde viveu fisícamente — no lar, portanto — ou ascendendo — liberto que está e diáfano que é então — a planos fóra dos horizontes terrestres onde lhe é dado verificar o fulgor da existência. Geralmente, dado a falta de espiritualização moral, o abatimento dos ultimos instantes da morte, a surpreza da nova vida ou a incompreensão dos factos, o Espirito fica um certo período de tempo em estado de perturbação, permanecendo inconciente onde o tenha levado a sua inferioridade ou a sua superioridade. Segundo os ensinos espíritas, para acudir aos perturbados do após-morte, ha um trabalho especial feito por aqueles que já estão familiarizados com o Além, que conduzem o novo companheiro a determinado lugar onde êle possa sair daquele estado de catalepsia moral — se é que podemos assim nos expressar — e ir pouco a pouco se familiarizando também com o ambiente, entrando então na posse de sua própria natureza, readquirindo sua antiga personalidade e volvendo a recordar o que foi e o que fez, recordações que o animarão ou o forçarão a tomar deliberações para o futuro.

E', em pálido exemplo, o que geralmente acontece com o caipíra que, deixando sua palhoça sem móveis, seus amigos sem fraques, seu sertão sem arranha céus, vem para a cidade metropolitana : a princípio êle fica completamente aturdido com tudo e não sabe nem como tomar qualquer direção ; depois, pouco a pouco, informado por moradores da cidade, ambientando-se com o grande movimento, êle vai se tornando também um «capitalista» e já póde sossegadamente resolver sôbre o que mais lhe convém. Dá-se o mesmo, em ressonância naturalmente diferente, com o Espírito após o fenômeno da morte. Embora êle esteja a voltar para sua pátria de onde um dia êle partiu para a jornada terrena, tudo lhe é estranho, salvo os que já bem evoluídos e bem espiritualizados se sentem repentinamente reintegrados nos seus verdadeiros atributos.

Uma vez ciente do seu estado, o Espírito passa então a analisar sua situação. Se acha que pouco ou nada fez na sua última passagem pelo planeta e reconhece que novas jornadas lhe são precisas para completar o grande ciclo evolutivo da fase em que então se encontra, toma êle deliberações para aquí renascer novamente sob tal ou qual vida, bôa ou ruim, elevada ou humilde, de conformidade com o que de melhor ou mais conveniente lhe pareça para o progresso que êle deseja alcançar a todo custo. Pede então a Deus que lhe satisfaça a vontade e Deus, por suas sábias leis, atende ou deixa de atender, pois, afóra o próprio livre-arbítrio que personaliza o sêr, antes de tudc existe a lei da Providência a reger-lhe a existência, pois cuida com muito cuidado de seus Filhos. Quando, porém, a criatura—o Espírito—não está ainda em condições intelectuais suficientes para resolver sósinho quanto à necessidade de se reincarnar, já por completa ignorância, já por relaxamento ou indiferença, então a Lei, por si mesma preside ao novo nascimento material do Espírito, do modo como melhor lhe seja preciso.

Então patentêa-se a chamada *reincarnação*. A criança que nasce, o novo homem ou a nova mulher que se forma, é, em sua essência espiritual, anímica, o Espírito que volta à terra, para nova jornada, conservando naturalmente, todos os seus atributos próprios, todos os seus conhecimentos, os quais jamais se destróem, antes se ampliam e se robustecem. Só que, incarnado, o Espírito não pode manifestar com precisão todos os seus atributos ou conhecimentos, que, de alguma maneira ficam encobertos pelos orgãos físicos, os quais, por serem ainda bastantes grosseiros, não permitem plena liberdade ao Espírito, que fica por assim dizer prisioneiro, enxergando sómente o que lhe permita o ambiente de sua prisão, não podendo apreciar o panorama lá de fóra, embora, no seu íntimo, porque o conhece, êle saiba existir. E' ainda como um homem que haja ficado cego; embora saiba o que o cerca, não póde contudo vêr o que se passa em seu redor.

Ainda nisso está se revelando a Lei da Providência, pois se os homens se recordassem de suas vidas passadas e soubessem com precisão o que existe além da Terra, pouco mérito teriam suas vidas e o mérito só terá valor quando ganho através da luta e do perfeito conhecimento. A sabedoria tem que prevalecer sôbre a ignorância, *sómente pela destruição desta.*

A perda, porém, da memória espiritual no homem, não é igual para todos e ha diversos casos amplamente testemunhados de criaturas que se lembram de cousas passadas, enquanto outras demonstram possuír conhecimentos que de forma alguma poderiam possuír nesta vida, mas que os possuiam em outras. A precocidade infantil é um imenso arquívo de factos e Mozart, o grande Mozart é um dos que mui nobremente o prova.

Voltando, pois, ao caso de Amadeu Ricciardi, tenho a concluír do seguinte modo, com perfeita tese científica:

O Espírito do então Amadeu Ricciardi, foi em vida ou em vidas anteriores, aquí, um cientista ou um médico que, morrendo, tornou a renascer (reincarnou) destinado, provavelmente, não a ser médico novamente, mas a cumprir outras tarefas úteis ao seu progresso espiritual. Mas, por infelicidade sua talvez, o Espírito esqueceu-se de suas deliberações ulteriores tomadas no Além antes de penetrar no corpinho de que ia se revestir, e lembrou-se do que não deveria lembrar-se, isto é, que era médico (a natureza, aliada ao livre arbítrio individual é grandemente elástica); então, orgulhosamente, saiu de sua mediocridade intelectual atual, abandonou sua modesta posição social que naturalmente deveria exaltá-lo e engrandecê-lo quando deixasse novamente o plano físico, e voltou a cultivar sua antiga profissão, embora o fizesse de um modo naturalmente inconciente (que Freud me auxilie com o profundo mistério do subconciente!) e contrário ás leis sociais do mundo.

Dessa forma, se eu fôsse juiz nessa questão, de acôrdo com os conhecimentos que possúo do Espiritismo, a resolveria do seguinte modo:

Primeiro - Numa reunião espírita séria, dispondo de um *médium* não menos sério, concentrava-me e pedia ao Além que me instruísse a respeito da minha teoria sôbre o passado do Espírito de Amadeu Ricciardi, prestando muita atenção a que não fôsse iludido ou mistificado.

Segundo — Se tivesse obtido resposta afirmativa no primeiro caso, isto é, que corroborasse minhas suspeitas, chamaria o Amadeu e lhe faria ver sua situação espiritual, passando-lhe boa reprimenda (em nome de Deus) por não ter êle sabido cumprir sastisfatóriamente sua missão ; e

Terceiro — Dando a Cesar o que é de Cesãr e a Deus o que só a Deus pertence, condenava o réu por se ter permitido à profissão de médico sem possuír um atestado da Faculdade de Medicina e em seguida absolvia-o da imputação falsa de «falso médico».

Está bem assim «dr.» Amadeu Ricciardi ?

Crônica Estrangeira

O purgatório vasio

De «Echos e Notícias»

Não sé trata de uma hipérbole, nem muito menos de uma simples pilhéria ! Trata-se de uma informação de fonte límpida, que é obra de um matemático escrupuloso e lógico, como os leitores vão vêr. Eis por que cálculos infalíveis chegou o homem a descobrir que o Purgatório católico está vasio. Sigamos o seu luminoso raciocínio.

Ou não se deve acreditar na eficácia das indulgências — diz êle —, o que seria herético, ou no Purgatório não ha uma só alma.

Com efeito, no mundo existem........ 150.000.000 de católicos, dos quais, segundo autorizadas estatísticas, morrem diariamente 10.125. Desse 10.125 as três quartas partes vão para o Inferno. Mas, suponhamos que só a metade tenha tão atróz destino; restam 5.062 1/2, dos quais muito poucos vão diretamente para o Céu. Por excesso de condescendência, imaginemos que êsses muito poucos são os tais 62 1/2. Entram, portanto, para o Purgatório 5.000 almas diárias; porém, saem, apenas aí deram entrada, em virtude das indulgências que na terra ganham os vivos para os mortos, por meio de práticas tão fáceis quanto curtas.

Por exemplo : Pio IX estabeleceu uma indulgência plenária, que, ganha por um fiél em estado de graça, salva do Purgatório, de uma só cajadada, 535 almas. Ora, si as cifras também gozam de uma certa infalibilidade, basta que ganhem por dia a dita indulgência 10 pessoas (e muito mais númerosas são as que a ganham, ou melhor, as que supõem ganhá-la, porque essa devoção está espalhadissima), basta que ganhem a dita indulgência dez pessoas, diziamos, para que extraiam instantaneamente do Purgatório, com êsse novo pó de Perlimpinpin, 5.350 almas, isto é, 350 mais do que as que aí entram.

Porém, os papas concederam muitas outras indulgências plenárias que têm poder de extrair uma só alma do Purgatório. Essas indulgências são diariamente ganhas por muitos *justos* que realizam as devoções por elas impostas. Em Madrid, por exemplo, quem reza na igreja de San Luis, um «terço» ganha, pelo menos, uma dessas indulgências. Note-se que nem siquer falámos de muitissimas mil outras parciais, isto é, que obtendo o perdão de uma parte da pena purgatorial, uma vez somadas, conseguem certamente retirar das chamas do Purgatório carradas de condenados.

Nada disso é perdido, segunda a Igreja.

Em Roma, ha sete templos católicos que gozam de privilégio idêntico ao de San Luiz e, não ha grande cidade em que não haja católicos que não possúa, pelo menos, um templo nas mesmas condições.

Por um cálculo aproximado, pode-se admitir que, nos 150 milhões de católicos, haja, no mínimo, um sôbre mil que ganhe tais indulgências. Isso dar-nos-ia . . 150.000 almas salvas quotidianamente. Porém, seria demasiado. Imaginemos por absurdo, mesmo porque o *credo quia absurdum* é doutrina da Igreja, que a proporção não é de um para mil, mas sómente de um para dez mil. Isso nos dá, ainda assim, nada menos de 15.000 almas que quotidianamente escapam à sucursal da caldeira de Pedro Botelho, graças ás indulgências plenárias de segunda ordem. Juntando a êsse primeiro resultado as outras 5.350 da tal indulgência que, de pancada, salva 535 condenados ás chãmas temporais, chegamos—são as cifras que o dizem — ao resultado total de 20.350 almas arrancadas por dia do Purgatório.

Ora, como aí só entram 5.000 católicos diáriamente, é forçoso concluír que o Purgatório está vasio.

Se o Purgatório está vasio, os que aí deviam entrar também não entram, por causa de passivo imenso que tal... instituição já deve ter a esta hora. Quando um católico que escapa ás labaredas eternas vai para dar entrada nas temporais, os demônios fecham-lhe certamente a porta ao nariz, porque os outros já se encarregaram de ganhar o Céu por êle.

Qual é a consequência de tal estado de cousas? E' que, atualmente, de acôrdo com as próprias bases fornecidas pela Igreja, não há razão para que se gaste nem mais um real em missas pelos defuntos, porque uma das três hipóteses deve ser verdadeira: ou êstes vão para o Inferno (e nêste caso toda e qualquer missa é inútil, pois que quem aí cai, cai por toda a eternidade), ou vão para o Céu, por obra das indulgências já ganha, ou a eficácia das ditas indulgências é enganadora. Não há para onde fugir...

Nós só vemos nêste argumento da diabólica estatística (Mais uma instituição infernal! — devem dizer os padres), uma saída lógica. Lógica para a Igreja, entendamo-nos. E' editar esta, mais uma vez, o seu famoso e salvador *«Credo quia absurdum!»* — que no caso, pode-se perfeitamente traduzir da seguinte fórma:

Creio, porque é estúpido!

*

Médium que infringe a lei, por curar o cancro e outras doenças...

Por Isidoro Duarte Santos — De «Estudos Psíquicos», de Lisboa

Custa a acreditar, mas é assim mesmo e o caso passou-se na livre Inglaterra, onde o Espiritismo tem caminhado a passos de gigante. Até há pouco, os médinus curadores exerciam ali a sua missão, sem que a polícia desse pela sua existencia. Agora, o caso é diferente, sobretudo depois de aprovado um projeto de lei engendrado por ilustres esculápios, com o fim de se defenderem contra a diminuição da clientela...

W. T. Parish, de quem ja temos falado nestas colunas, é o médium em questão, que infringiu a lei, curando o cancro e anunciando o facto com a publicação duma carta da filha da doente.

A notícia respigámo-la do *Psychic News* de 6 de Setembro, em artigo do seu diretor, o bem conhecido propagandista Maurice Barbanell, segundo o qual não foi só o médium quem infringiu a lei, mas também êle, director do jornal, por haver plublicado a carta, e a correspondente, por a ter escrito, e a própria doente, por «anunciar» a cura, dizendo que estava melhor...

Psychic News infringe, novamente a lei, noticiando a cura e extraindo alguns parágrafos da carta enviada a Parish pela senhora B. Hewitson, de Disraeli Road, Londres, S. W. 15, relembrando a hora em que telefonou ao médium, dizendo-lhe que sua mãe sofria dum cancro do estômago. E, noite e dia, ela, seu marido e dois amigos mantiveram-se em concentração, ao mesmo tempo que o médium exercia a ação psíquica na cura a distância. E a cura realizou-se.

Outro caso é o da mulher cega de um ôlho e a quem uma intervenção cirúrgica inoportuna roubara a vista do outro. Tratava-se da sra. Gaywood, então residente Tottenham, Court Road, West London, e agora vivendo no campo, perto de Dorking. A doente escreveu ao médium, com o auxílio duma régua, que colocava sôbre o papel para guiar a pena, visto estar inteiramente cega.

— Estou absolutamente só - dizia ela — Perdi o contacto com toda a gente, mas tenho fé nos meus espíritos amigos. Quero falar com o médium curador sr. Parish. Sei que me ajudará, se tiver tempo para isso. Como não descobrira meio de lhe falar e não tinha quem escrevesse por mim, escrevi eu a carta.

Parish respondeu logo, dizendo que ia tratá-la. Passadas algumas semanas, a sra. Gaywood começou a ver, agradecendo o esfôrço dum médium curador que se encontrava a muitos quilómetros de distância e que nunca chegou a conhecer a enfêrma, sôbre quem incidiam os seus tratamentos.

Além destas, muitas outras curas têm sido realizadas por W. T. Parish. Um individuo foi curado duas vezes, em três anos. Da primeira vez, sofria de úlcera gástrica e foi restabelecido por cura a distância. «Efetivamente — escreveu à esposa do enfêrmo — os médicos não querem acreditar que êle tivesse uma úlcera.

Da segunda vez, o médico aconselhara uma operação de concreção biliar. A esposa escreveu novamente a Parish, pedindo-lhe que exercesse a cura a distância. Um mês depois, a mesma senhora escrevia ao médium: «Devo agradecer-lhe o grande auxílio que já lhe prestou. A semana passada tinha o médico em seu poder oito radiografias do estômago de meu marido. Pois agora não encontra o mínimo vestígio de concreção biliar».

Um rapaz que estava no hospital soube que os médicos se preparavam para lhe amputar uma perna. Mas teve um amigo que escreveu a Parish e a perna foi salva. Uma senhora que fôra auxiliada a distância durante uma séria operação, há cêrca dum ano, escreveu também para declarar que, após as experiências do hospital, teve alta com a indicação de «diabetes curadas». O próprio doutor se admirou. dizendo que era coisa rara.

O diretor de *Psychic News* diz que viu todas estas cartas e conhece os nomes e endereços dos correspondentes, acrescentando:

«Os médicos podem inconcientemente zombar da cura espírita, mas ela exerce-se, a-pesar-de tudo».

Parish continua a consagrar-se por completo ao serviço da humanidade. Cura enfêrmos, anima outros curadores e inspira muitas pessoas. E às vezes, para cumprir o seu dever, tem que transgredir... a lei. Nada há que possa impedí-lo de desempenhar a sua missão.

⁂

Factos

De «La Revue Spirite»

Os materialistas, os positivistas, os ateus, os negadores do espírito, comenta Camilo Flamarion a título de preâmbulo, erram completamente, pensando e ensinando que no universo nada existe além da matéria e suas propriedades, e que todos os factos da humanidade se explicam pela sua teoria. E' esta uma hipótese inexata.

Há outra cousa além da matéria, algo independente das faculdades cerebrais, clássicamente admitidas. Há o desconhecido, domínio inexplorado, infinitamente mais vasto que o conhecido.

Que pensar, por exemplo, da história relatada em *Ainslee's Magazine* de 1892, pelo Dr. Minot Savage?

«Num arrabalde de New York, habitava um jovem que terminara seus estudos no estrangeiro, Universidade de Heidelberg. Seu temperamento não era imaginativo. Grande e robusto, gozava a reputação de ser atleta. Seus estudos favoritos eram as matemáticas, as ciências físicas, a eletricidade. Êle voltava da Europa e sua saude era excelente. Sempre se conservava junto à mãe, na casa de campo que esta possuía no arrabalde. Êle tinha o hábito de ir todos os dias, após o jantar, ao jardim, fazer os cem passos, e fumar seu cachimbo. Certa noite, retornou tranquilamente, e, sem nada dizer a qualquer pessoa, foi deitar-se. Na manhã seguinte, êle entrou no quarto de sua mãe que ainda estava deitada, e docemente passou a mão sôbre o rosto dela para despertá-la suavemente; em seguida lhe disse:

— Mãe, tenho algo bem triste a comunicar a você. Preciso é arme-se de coragem afim de ter fôrças para suportar a notícia.

A mãe, compreende-se, sentiu-se estupefacta e perguntou o que êle queria dizer.

— Mãe, eu estou certo do que digo: eu vou morrer daquí dentro de pouco tempo.

Perturbada e aterrada, como se pode imaginar, ela lhe pede explicações.

— Ontem à noite, respondeu êle, ao perambular na praça pública, apareceu-me um espírito que pôs-se a caminhar a meu lado. Dêle eu recebi o aviso: eu devo morrer.

Vivamente impressionada, a mãe chamou o médico e contou-lhe a causa da sua apreensão. Êste, depois de haver atentamente examinado o jovem, nada encontrou de anormal em seu estado e assegurou que tudo não passava de mau sonho, uma pura alucinação, que era preciso não mais pensar nisso, pois dentro de poucos dias, a mãe e o filho ririam de seus temores imaginários.

Na manhã seguinte, o moço não estava tão bem disposto como de costume e foi chamado o doutor pela segunda vez: de novo êle ridicularizou seus temores.

No terceiro dia, agravou-se o estado do enfêrmo, o médico voltou e viu-se forçado a constatar um caso de apendicite. O jovem foi operado e morreu dois dias mais tarde. Entre a visão e a morte somente eram decorridos cinco dias».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

Como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 7 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão comemorativa da Lição da Paixão.

Feita a prece de abertura pela nossa companheira farm. srta. Zelia Perche, recitaram poesias as seguintes crianças e jovens: Miriam Perche, «Jesus»; José Leme, «Sermão da Montanha»; Maria Zilda Cunha, «Prece a Jesus»; Dirce Palazzi, «Amor Fraterno»; Tales Costa, «Ide e Prégai»; Joana Pizzoni, «A Flôr»; Cleide Perche, «Ao Nosso Redentor»; Edna Gonçalves, «Bendito Espiritismo». A seguir, usaram da palavra os companheiros srta. Zélia Perche, Edo Mariani, Costa Filho e prof. D. Maria Casanova.

O Lar

Com êste título, está prestes a surgir na arena da imprensa espírita mais um jornal de propaganda da doutrina.

Orgão do «Lar de Jesus», de Nova Iguassú o novo companheiro de ideal, que já foi registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda, sob o n.º 13.556, tem como Diretor-responsável o prof. Leopoldo Machado, como redator Antonio Lima, e como secretário J. B. Chagas, três abnegados trabalhadores da seára cristã, escritores e jornalistas dos mais apreciados.

O programa de «O Lar» está assim elaborado: a) Artigos sôbre a influência do Espiritismo nos lares, nas escolas, na educação da mulher, da juventude e da infância; b) Reportagem substanciosa de uma obra de assistência social, ilustrada a fotografias e a factos; c) O Evangelho explicado á luz da 3.a Revelação; d) Conto, teatro, novela e poesia espírita; e) O facto empolgante da época estudada à luz do Espiritismo; f) Crônica espírita; g) Concurso litero-doutrinário, que desperte gosto e interresse pelo estudo e pela Doutrina; b) Atos espíritas, do interêsse dos centros espíritas em geral; i) A propaganda do livro espírita, a crítica literária, etc. etc.

«O Lar» sairá, a princípio, mensalmente, encurtando sua saida à medida que se fôr difundindo.

Tabela de cooperação de «O Lar»; 10 exemplares mensais, cr.$3,50; 20 7,00; 30 — 10,00; 40 — 13,00; 50 — 16,00; 60 — 19,00; 70 — 22,00; 80 — 25,00; 90 — 28,00; 100 — 30,00.

Para 1 exemplar, auxílio na base de 40 ctvs.

Como vemos, «O Lar» está destinado a fazer ótima propaganda da doutrina, merecendo, portanto, o apoio incondicional dos espíritas em geral.

A «O Lar» almejamos feliz aparecimento e vida longa na sua nobre tarefa de espiritualização. E ao «Lar de Jesus», ao Leopoldo, Chagas e Antonio Lima, as nossas sinceras felicitações pelo importante empreendimento.

Mundo Espírita

Êste nosso prezado companheiro, um dos baluartes da imprensa espírita, e que dia a dia vem se impondo à consideração dos espíritas em geral, pela orientação firme que lhe imprimiu o seu diretor, o nosso distinto amigo Dr. Henrique Andrade, viu passar dia 4 do mês passado, o seu 12.º aniversário.

E' um acontecimento que alegra sobremaneira a família espírita, porque trata-se de um jornal que, desde o início de sua fundação, vem se orientando conforme os postulados evangélicos, com perseverança, tenacidade, fé e desprendimento, visando unicamente a difusão da doutrina.

Associando-nos de coração à satisfação de todos quantos labutam nessa colmeia cristã, almejamos a «Mundo Espírita» longa existência e crescente progresso sob os auspícios de Jesus.

* * *

Sanatório "Américo Bairral"

Movimento Hospitalar referente ao ano de 1943

Existiam em tratamento em 31—12 · 1942:		
Homens	29	
Mulheres	29	58
Entraram durante 1943:		
Homens	78	
Mulheres	62	140
Tratados durante 1943		—198
Receberam alta curados:		
Homens	46	
Mulheres	34	80
Receberam alta melhorados:		
Homens	6	
Mulheres	9	15
Retirados melhorados sem alta:		
Homens	9	
Mulheres	5	14
Retirados sem alta:		
Homens	6	
Mulheres	4	10
Retirados por incuraveis:		
Homens	5	
Mulheres	3	8
Falèceram:		
Homens	7	
Mulheres	7	14
Passaram p/ 1944:		
Homens	28	
Mulheres	29	57
Total		198

Foram internados:

por estado civil:

Solteiros	56
Casados	67
Vinvos	14
Menores	3

por religião:

Catòlicos	106
Protestantes	5
Espíritas	6
Indiferentes	23

por categoria:

Indigentes	38
1/2 pensionistas	48
Pensionitas	54

por idade:	*H.*	*M.*
de 10 a 14	0	2
de 15 a 19	4	4
de 20 a 29	19	12
de 30 a 39	28	19
de 40 a 49	10	15
de 50 a 59	11	9
de 60 a 69	3	3
de 70 a 79	0	1

por nacionalidade.	*H.*	*M.*
Brasileiros	71	54
Estrangeiros	7	8

por classificação psiquiátrica:	*H.*	*M.*
1) Psicòse infecciosa	0	0
2) Psicóse auto tòxica.	4	12
3) « hetero-tòxica	12	0
4) Esquisofrenia	4	6
5) Parafrenia	5	3
6) Paranòia	1	0
7) Psicóse maniaca depressiva	25	24
8) Psicóse da decadência	4	4
9) Psicòse por afecção cerebral	0	0
10) Neuro sífilis	3	0
11) Paralisia geral	4	0
12) Epilepsia	8	4
13) Neuro-psicóse	10	8
14) Person psicopata	0	0
15) Oligofrenia	1	1
16) Ainda n/ diagnost.	0	0

Visitas médicas:

Pelo Diretor clínico	265
Pelo viçe-diretor clínico	15
Por outros médicos	2

Telefonemas:

(interurbanos):

Emitidos	114
Recebidos	121

Correspondências:

Emitidas	1.900
Recebidas	1.400

Sessões:

De Diretoria	10

Assembléias Gerais:

Ordinárias	1
Estraordinárias	1

Tratamento Psicoterápico

Sessões com preleções Evangélicas, doutrinárias e FLUIDOTERÁPICAS	156
Sessões TEÓRICAS e FLUÍDOTERÁPICAS no Centro Esp. «Perdão, Amor e Caridade»	52
Sessões mediúnicas – ESCOLAS PARA MÉDIUNS, realizadas no Centro citado com a presença de enfermos em condições de assisti-las	52
Total das Sessões	260

Classificação Psiquiátrica e Neuriátrica

A classificação psiquiátrica e neuriátrica, infelizmente não retratam a realidade das causas das enfermidades ou perturbações mentais ou nervósas e das que levaram o enfêrmo ao vício de qualquer natureza, isso numa porcentagem elevada de casos.

E' inegável o progresso da medicina no tratamento e conhecimento das enfermidades mentais e nervosas, porém, sem o estudo da Ciência Espírita, jamais a medicina atingirá o fim almejado.

Os casos de POSSESSÃO e OBSESSÃO ESPIRITUAL tratados no Hospital, estão classificados nos n.os III—IV—VII — VIII — XIII e outros.

Tratamento:

Injeções aplicadas	3.129
Medicamentos em vidros	1.198
Aplicações hidroterápicas	796

Massagens manuais	94
Curativos	882
Cirurgia	2
Pequena cirurgia	14
Malarioterapia	2
Convulsoterapia pelo cardiasol	61
Exames de sangue Wassermann	11
Exames de escarro	3
Exames de urina	118
Vacinas preventivas	117

Ambulatório:

Serviços prestados ao público:

Pessoas atendidas	134
Número de consultas	127
Nùmero de curativos	106
Pequenas intervenções cirurgicas	7
Injeções aplicadas	540
Exames de laboratório	17

segundo as clínicas:

Paludismo	1
Verminoses	6
Outras doenças tropicais	3
Molestias do aparelho respiratorio	10
Idem do circulatorio	12
Idem das vias urinarias	2
Idem dentaria e estomatológica	10
Idem oftalmológicas	2
Oto-rino-laringológicas	3
Dermatológica e sifiligráfica	5
Psiquiátrica e neuriátrica	16
Genicológica	8
Obstétrica	7
Cirurgia geral	7
Pediátrica	1
Clínica geral	41

segundo os caraterísticos individuais:

Sexo masculino	64
Sexo feminino	70
Adultos	107
Crianças	27
Brasileiros	107
Extrangeiros	7

Cesar Bianchi
Provedor

—o—

NOTA: Em reunião de Diretoria para PRESTAÇÕES DE CONTAS, realisada em 9 de Janeiro proximo passado, foi constado de ata um voto de louvor pelo bélo trabalho prestado pelo irmão ONOFRE JOSÉ BATISTA, Procurador Geral e Fundador da Instituição, no angario de donativos durante 1943.

OBSERVAÇÃO: Atualmente o Hospital está com uma lotação de 85 enfermos, dadas as constantes e crescentes internações.

Demonstração da Receita e Despesa do Exercício de 1943

RECEITA

Pensionistas		52.204,70
1/2 pensionistas		9.915,70
Donativos		33.225,80
Mensalidades:		
Local	1.742,00	
Capivarí	358,40	
Rafard	603,00	
Sapucaí	424,00	3.127,40
Rendas diversas		1.525,00
Joias		3.250,00
Venda de Remédios:		
Saldo representando os lucros líquidos sôbre as vendas à pensionistas		1.361,60
Subvenções:		
Municipal	600,00	
Federal	3.000,00	3.600,00
SOMA Cr. $		108.210,20

DESPESA

Despesas Gerais	15.439,40
Porcentagens	13.919,80
Alimentação	40.513,10
Seg. Acid. Trabalho	400,00
Juros e Descontos	1.983,30
Construção do Prédio	601,40
Impostos	410,00
Rouparias	3.146,40
Pessoal	9.670,40
Assistência Médica	2.400,00
Lucros e Perdas	4.350,00
I. A. P. C.	1.126,80
Internados Indigentes:	
Importância desta conta c/ referência à medicação com indigentes	2.180,00
SOMA Cr. $	96.140,60

César Bianchi
Provedor

Sebastião Aristêo Ferreira
Tesoureiro

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

LS

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2051unse

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1944 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINC
NOV 15 2006

SUMÁRIO

Em torno de um artigo . . . . . *Redação*

Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*

A Ciência da Negação . . . . . . *J. B. Chagas*

Alguns factos espíritas históricos tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas . . . *De «Constancia»*

Comunicações dos Espíritos no Novo Testamento . . . . *Prof. A. de Oliveira Serra*

O Valor do Fenômeno Psíquico . . *E. S. Gewell*

Impressões e Factos . . . . *Leopoldo Machado*

Trinta anos entre os mortos . . . *Francisco Klörs Werneck*

A Verdade aos Pedacinhos . . . . *J. Lima*

Crônica Estrangeira . . . . *Redação*

Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1944 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Em torno de um artigo

Estamos presenciando, e com grande satisfação, a derrocada do espírito de sistema, que sempre se estribou no tradicionalismo, no fanatismo, no preconceito e no interêsse próprio, em detrimento do progresso e do bem-estar das coletividades. De facto, o progresso que, como lei de Deus é fôrça renovadora, pode ser retardado pelos rotineiros, porém nunca paralizado e, quando ganha novo impulso, é como a pedra que rola da montanha, ou como a avalanche dágua ao romperemse os diques de uma grande represa.

E' assim que, entre os retardatários, surgem espíritos elevados que, com o cetro da verdade e da justiça, competentemente dirigido pelo seu saber posto a serviço da humanidade, vão rompendo as trevas da ignorância, contribuindo dêsse modo para o advento de um mundo novo que satisfaça as justas aspirações dos homens desejosos de maior progresso para a conquista do seu aperfeiçoamento, da sua verdadeira felicidade.

A propósito, temos notado ultimamente que homens de evidência na medicina e em outros importantes setores da atividade humana, rompendo o silêncio tradicional quando se trate de uma idéia ou de um ensino que ponha em cheque interêsses de casta ou abale o «oficialismo convencional», não se intimidam em sair a público com o fim de desvendar a verdade, num gesto que revela independência e superioridade moral, tornando-se portanto, dignos da nossa admiração, estima e consideração.

Mais uma prova do que acabamos de asseverar encontramo-la em «Mundo Médico», da Capital Federal, edição de 6 de Abril último, ao lermos o brilhante artigo — «Apêlo ao cléro nacionalista verdadeiramente cristão», artigo êste da autoria do seu competente Diretor, o ilustre jornalista sr. Calvino Filho, a quem solicitamos venia para transcrever alguns dos tópicos mais interessantes de tão palpitante escrito, que não publicamos na íntegra por motivo da escassez de espaço.

O articulista assim inicía o seu brilhante artigo :

> «Acreditamos na «evolução», como fonte de progresso, renovação ou aperfeiçoamento. Tudo na natureza evolue. Lenta, imperceptível muitas vezes, mas sempre «evolução».
>
> Uma sociedade humana que não evolue de forma sincrônica na sua complexidade de organização, pelo retardamento desta ou daquelas fôrças propulsoras do seu progresso, sofre tremen-

damente as consequências dessa falta de sincronização, retardando dess'arte a sua evolução. A História é milhardária de exemplos.

O espírito religioso dos povos sempre foi, em todas as épocas da Humanidade, alfim, uma «resistência» à fôrça do progresso, impedindo a sua plena expansão, devido ao «materialismo áureo» dos sacerdotes».

Depois de se referir à vida das religiões, dando a entender que as mesmas só vivem e crescem à custa da ignorância dos povos, o articulista prossegue:

«Julgando os teólogos ser a ciência a fonte de destruição das religiões, interesseiramente a combatem, por todas as formas, procurando impedir o seu progresso e vulgarização, o que tem retardado extraordinariamente a evolução do espírito humano, para nosso maior infortunio.

Estude-se a História das Religiões e a cada passo encontraremos a descrição dessas lutas, por vezes violentas e impiedosas, que as Igrejas movem à Ciência e aos seus cultores.

Porque as religiões mantêm sempre viva a luta contra a Ciência? Por uma razão muito simples — as religiões se fundam em determinada época e são expressão do grau de desenvolvimento e aspirações do povo, em cujo seio germina e nasce.

Os povos evoluem e as religiões com grandes dificuldades acompanham de longe essa evolução, mais nas suas manifestações exteriores de culto, aliás, que internamente. Daí o conflito.

Entretanto, se as religiões organicamente evoluissem com rapidez, acompanhando de perto o progresso da Ciência, a Humanidade seria largamente beneficiada, pois que elas se tornariam incomensurável fôrça propulsora do progresso humano, como expressão da fôrça incomparável que dimana das massas».

Abordando a religião na Russia Proletária, que não impôs o espírito irreligioso, usando por exemplo os mesmos processos da Igreja Romana, que a ferro e fogo, durante séculos, quís impôr o seu predomínio espiritual aos povos não católicos, embora também deistas, continua o articulista:

«O sacerdote, hoje, na Russia, representante de uma religião, é um cidadão ativo, com os mesmos direitos e deveres de um proletário, o que o transformou num elemento positivo na conquista da felicidade humana, através da reorganização da sociedade mais de acôrdo com os ideais cristãos primitivos, que são os de todos os homens de boa vontade e concientes».

Afirmando que o progresso humano não mais poderá ser detido por fôrça alguma e que nenhuma religião, daquí por diante, poderá readquirir a extraordinária fôrça de resistência com que se opôs à evolução da humanidade, além de outros substanciosos conceitos, o articulista assim se exprime sôbre o Espiritismo, doutrina que vem revolucionando tudo o que diz respeito ao progresso humano, visto como a sua missão se acha resumida em *renovar tudo:*

«O Espiritismo está muito mais conciente da realidade atual, daí o seu fantástico desenvolvimento entre nós. Identificou-se o Espiritismo com as necessidades presentes e futuras das massas, porisso o seu porvir, no Brasil, como Religião, está fadado ao mais brilhante sucesso. Ademais, o Espiritismo se apresenta como estando mais de acôrdo com os conhecimentos científicos desta época, o que o torna mais «acreditável», impondo-se ás massas, ajudando-as nas suas justas e razoáveis reivindicações».

Realmente, a Verdade está em marcha, e não ha fôrça alguma capaz de deter-lhe os passos. Chegou o tempo da luz ser posta no velador de todas as conciências. O brilhante artigo publicado em «Mundo Médico», que nos deu margem a estas considerações, é o testemunho fiel desta afirmativa.

Aqueles que trabalham pelo triunfo da doutrina estão sob as vistas e o amparo dos Bons Espíritos. — L.·B.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação) — *Prof. ERNESTO BOZZANO*

1.ª CATEGORIA

O Professor William James também publicou longa memória sôbre a questão (Proceedings of the American S. P. R., 1885-1889, pag. 249), resultado de uma enquête por êle mesmo feita: Êle havia mandado circulares a grande número de amputados, cujos endereços êle obteve dirigindo-se aos comerciantes de membros artificiais. Assim conseguiu estabelecer relações epistolares, e muitas vezes pessoais, com amputados. As deduções que êle tira dos factos concordam com o que se afirma no artigo da Doutora Pelletier. Todavia êle acrescenta que, se as conclusões da análise comparada lhe fornecessem indicações úteis e interessantes para as futuras investigações, nada, ou quasi nada, sairia de definitivo do ponto de vista das causas. Isto dito, êle continua nestes termos:

«Com referência à frequência relativa das «sensações de integridade», eu observo que, no momento de minha investigação, essas sensações ainda eram ressentidas por quasi 3|4 dos pacientes interrogados... Os que as experimentaram eram em maior número, mas na época em que responderam ao meu questionário, eles haviam cessado de os experimentar. Em alguns, a «sensação de integridade» cessara quasi imediatamente; em outros, uma ou duas horas após a amputação; porém em muitos mutilados, ela havia perdurado durante semanas, meses e anos. O caso maximo de persistência foi o de certo homem amputado na coxa aos treze anos de idade, o qual, aos 70 anos, ainda sentia seu pé, e isso tão realmente quanto o outro pé... As mãos e os pés são os ùnicos nitidamente sentidos, o que quer dizer que a sensação da parte intermediária do membro parece ter desaparecido. Assim, por exemplo, um homem amputado de um braço me dizia sentir sua própria mão saltar diretamente de sua espádua. Esta sensação de encurtamento não é, todavia, geral... Muitos pacientes relatam acidentes que lhes sobreveiu por quererem andar muito depressa, acreditando ainda possuirem suas pernas, ou por terem saltado de um bonde, em consequência da mesma ilusão. Outros acrescentam que por vezes, automaticamente levaram a mão para esfregar o pé faltante que lhes causava prurido. Um dêles escreveu-me ter maquinalmente tomado a tesoura para cortar as unhas do pé ausente, tão viva era a sensação especial ressentida... Um hà que me escreveu sentir constantemente a ação do vesicatório que fora aplicado ao calcanhar no momento da intervenção cirurgica, e outro que me informa ainda ressentir o prurido e o inchaço das frieiras de que sofria quando lhe foi amputado o braço...

Também são frequentemente ressentidas nos membros ausentes, as mudanças aparentes de temperatura. Assim, por exemplo, se o côto se esfria ou se esquenta, numerosos mutilados experimentam a sensação de frio ou de calor no pé inexistente. Passando uma corrente de ar frio sôbre o côto, provoca a mesma sensação sôbre o pé falto. E por vezes o pé que falta simpatiza com o pé restante, no sentido de tambem sofrer o primeiro quando o segundo vem a sentir frio. Um amputado me escreve que se lhe acontece atravessar uma poça de água e molhar o pé restante, com o pé que falta êle igualmente sente o contacto da água.»

O Professor William James cita em seguida um extrato dum livro do fisiologista alemão Valentin, segundo o qual pode-se admitir que as «sensações de integridade» também existem nos casos de deformação congênitas dos membros:

Certa mocinha de 15 anos e um homem de 40, ambos os quais só tinham uma mão normal, sendo que a outra apresentava, em lugar de dedos, ligeiras proeminências carnudas sem ossos, nem músculos, tinham os dois a sensação precisa de dobrar os dedos inexistentes todas as vezes que dobravam o côto informe... Paralelamente, pessoas nascidas com um braço mais curto que o outro, asseguravam que, a julgar pelas sensações experimentadas, o comprimento do membro atrofiado não lhes parecia mais curto do que o outro: Um aleijado ao qual faltava quasi todo o ante-braço, de sorte que a mão atrofiada parecia ligar-se diretamente ao cotovêlo, tinha a sensação de possuír um braço normal, cujo comprimento em nada era inferior ao braço normal...

Relativamente ao que se refere às interpretações teóricas dos factos, William James nada mais faz que desenvolver com maior amplitude analítica, as teses de seus predecessores: Bernstein, Pitres, Weir Mitchell. De resto, nada mais se poderia dizer sôbre o assunto, visto que sómente examinando o tema, à luz reveladora das investigações metapsíquicas, é que se pode entrever interpretações novas.

Ao ponto a que chegaram as cousas e em homenagem ao desejo de ser breve e de não repetir as longas argumentações analíticas do Prof. William James, limitar-me-ei a citar um extrato muito claro de Bernstein, no qual está proposta a mesma hipótese psico-fisiológica formulada pelo primeiro.

Êle escreve:

> «No côto do membro amputado, encontram-se troncos nervosos cortados que fornecem os filetes sensíveis a todo o membro. Ora, na cicatriz curada, existem frequentemente, causas de irritação para os troncos nervosos, e como essa excitação nervosa é projetada ao cérebro, ela produz uma sensação e ao mesmo tempo desperta, pelo hábito, por assim dizer, a imagem da parte do corpo onde se terminavam naturalmente. Então o cérebro transporta pelo hábito adquirido essa sensação ao membro do corpo donde partem os nervos excitados, mesmo quando já não existe o membro».

Repito que esta explicação parece satisfatória e legítima. Todavia, se considerarmos os casos em questão, do ponto de vista das novas investigações sôbre os fenômenos de «exteriorização da sensibilidade», não podemos deixar de sentir-nos perplexos constatando de uma parte, tal particularidade inconciliável com a hipótese «periférica» e, de outra parte, os factos tenderem a provar a existência real do membro fantasmal nos amputados.

Assim, a respeito da hipótese «periférica», não podemos deixar de refletir que, se na cicatriz curada existem de ordinário causas de irritação para os troncos nervosos, não ficou dito que essas causas existem «em permanência.»

Vimos, além disso, que bem frequentemente o mutilado experimenta sensações dificilmente redutíveis à hipótese mencionada, mas, ao contrário, explicável com a da existência real do membro fantasma. Tal seria, por exemplo, a «sensação de integridade» dum amputado que, atravessando uma poça de água e molhando o pé que lhe resta, sente também o contacto da água com seu pé falto, caso em todos os pontos análogo ao que cita o Dr. Pitres, dum amputado que ressente impressão de frio no membro fantasmal sempre que a extremidade de sua perna de pau mergulhava na água (Doutora Pelletier op. cit. p. 284). Torna-se claro que não se póde invocar as irritações periféricas, dado que os côtos dos dois mutilados não entravam em contacto com a água, mas sim só a perna de pau.

Neste sentido, mais sugestivos ainda são os casos precedentemente citados e estudados pelo professor Valentin, nos quais pessoas nascidas com mutilações congênitas dos membros, igualmente ressentem as «sensações de integridade» nos dedos inexistentes de uma mão, ou no braço anormalmente curto, o qual, de acôrdo com as impressões recebidas, parece ser tão comprido quanto o outro. Parece agora, flagrante que em tais circunstâncias não se pode sustentar que:

> «O cérebro transporta então pelo

hábito adquirido essa sensação ao membro do corpo donde partem os nervos excitados, mesmo quando êsse membro não mais existe».

E menos ainda se poderia afirmar o facto que, nos casos discutidos, os centros cerebrais de inervação possam ter *adquirido o hábito* de transmitir *sensações* de integridade a membros que jamais existiram *integralmente.*

Caso I. — E a hipótese «periférica» parece ainda menos sustentável em face do caso que segue, no qual um amputado percebe sensações de dôr no membro inexistente.

O Comandante Darget, cujas experiências sôbre a fotografia do pensamento são conhecidas de todos, enviou à *La Revue Scientifique e Morale du Spiritisme* (1913, pg. 304) o seguinte episódio por êle mesmo controlado durante o estio de 1913. Êle escreve:

> «Estando de visita em Véretz (Indreet-Loire), vi um moço maneta, braço direito — chamado Sicos — passar diante de casa. Alguns dias depois encontrei sua mãe que me relatou o acidente de seu filho, cujo braço fora esmagado por uma engrenagem.
>
> «*O que de mais estranho há, disse-me ela, é que meu filho sente a presença de seu braço ausente, cujas extremidades digitais, afirma, poder mover á vontade*».
>
> *Eu lhe disse então: «Diga a seu filho que êle estenda seu braço ausente sôbre a chama de uma vela, de modo que a chama o percorra desde a espádua até a extremidade dos dedos, e, talvez, êle venha a sentir a queimadura».*
>
> Dois dias depois ouvi o moço chamar-me na rua, que me disse: «*Ah! o senhor me prégou uma boa peça, o senhor me fez queimar os dedos*».
>
> Então me explicou que estendera seu braço ausente sôbre a chama de uma lâmpada, fazendo-o percorrer diversas vezes sôbre a chama até as pontas dos dedos que, sómente êstes, haviam sentido a queimadura enquanto que o braço nada sentiu.
>
> Ainda me disse que podia, à vontade, torcer o braço ausente, mas não completamente, sómente a ângulo reto, cuja figura me fez com o braço verdadeiro.
>
> Então fui a sua casa, vendei-lhe os olhos e, agindo sôbre seu braço, ora percorrendo a chama da lâmpada e ora passando sôbre êle a minha mão, convenci-me que me havia dito a verdade.
>
> Bem sei que a medicina observou casos semelhantes, mas atribuindo-os a uma causa diversa da da presença do perispírito, no qual ela não acredita...»

(A relação foi subscrita pelo mesmo mutilado: Fernando Sicos, a assinatura reconhecida pelo secretário da prefeitura — Gaucher, e munida do sêlo da prefeitura.)

Noto que no facto exposto hà uma circunstância que exclue toda possibilidade de auto-sugestão nas sensações experimentadas pelo amputado: E' a em que Sicos afirma não ter experimentado sensação alguma no braço fluídico inteiro exposto à chama, mas ter ressentido de-repente a dor que produz uma queimadura, quando a chama chegava onde deveriam encontrar-se os dedos da mão ausente. Certo é que, se se tratasse de imprensão dolorosa consecutiva de um fenômeno de auto-sugestão, êle deveria experimentar a queimadura em qualquer lugar do braço submetido à chama e não exclusivamente nos dedos.

Eliminada a hipótese de auto-sugestão, cai igualmente a hipótese «periférica» à qual recorrem os fisiólogos para explicar de qualquer maneira o estranho fenômeno. E a hipótese da persistência temporária dum braço fluídico em tais circunstâncias, parece a mais legítima para explicar os factos chamados «sensações de integridade nos amputados.»

(Continua)

O fim do Espiritismo é desenvolver as inclinações superiores da alma—e conduzi-la pela mão da Ciência—à verdade; por intermédio da moral—à caridade; pela influência da arte—à beleza; através da religião—ao Criador. E' o amor do verdadeiro, é o amor do bem, é o amor do belo, é o amor de Deus. — CARLOS IMBASSAHY.

A Ciência da Negação

J. B. Chagas

— I —

A incredulidade e a falta de fé têm sido, nos tempos que correm, o maior fator contraproducente da propagação das grandes verdades ocultas no seio da natureza.

A-pesar do numero de homens de ciência, que abnegadamente se atiram em busca do desconhecido, do ignorado, uma grande parte da humanidade ainda sorri ironicamente do que classifica profanação dos segredos da natureza...

Mesmo assim, vai o homem por aí afóra, só ou em pequenos grupos, sincero na sua fé, prégando as verdades dos Evangelhos de Jesus. E essa abnegação, êsse desinterêsse e essa sinceridade, espantam os homens do presente, os «néo-tudo».

Os incrédulos, porém, têm pago muito caro o seu pessimismo. A terra gira mesmo e disso ninguém mais duvída, mas Galileu que tivera a coragem de lançar essa ousada afirmativa, fôra vítima do ridículo e do anátema da igreja oficial do seu tempo, depois de proferir de joelhos, em presença do papa Urbano VIII, a sua auto condenação, nos seguintes termos: «Eu, Galileu, com setenta anos de idade, como prisioneiro e ajoelhado diante de vossas Eminências, tendo sob os olhos os santos Evangelhos e tocando-os com as minhas próprias mãos, abjuro, maldigo e detesto o êrro e a *heresia* do movimento da terra». E o mesmo destino tiveram Descartes, Giordano Bruno, Miguel Servet, Vanini e tantos outros.

Quando se disse que uma pessoa poderia falar numa cidade que seria ouvida na outra, houve escândalo. Aí está o rádio, levando a voz humana ao infinito!...

Quando se disse que o homem poderia viajar sob as águas dos mares, houve sorriso de mofa. Aí está o submarino conduzindo os homens sob as águas dos mares e, o que é pior, levando a morte a outros homens...

Quem disse que os homens poderiam voar como os pássaros, foi tomado por visionário, por louco. Aí está o avião levando o homem e a civilização aos mais longínquos lugares do globo. E não estará longe o dia em que o homem irá à Lua, realizando o sonho audacioso de *Julio Verne!...*

Visionários foram tidos a seu tempo: *Newton*, *Copérnico*, *Laplace*, *Edison*, e Marconi foi considerado um desmiolado, um sêr diabólico; no entanto as descobertas dêsses sábios estão aí fazendo as maravilhas do século vinte!

Afirma-se hoje em todo o Mundo, pelo Espiritismo, a existência do espírito, a certeza das vidas futuras, através das reincarnações sucessivas e a possibilidade de que os mortos podem se comunicar com os vivos.

E são os espíritos dos próprios mortos que nos vêm dizer diariamente: «A principal dificuldade, ao formularmos as nossas mensagens, está no facto de nada termos para vos participar, que já não tenha sido mais ou menos claramente comunicado por um outro dos mensageiros de Deus, que no passado apontaram ao homem as sendas do bem. Não estamos aquí para vos ministrar uma revelação revolucionária, mas apenas para alargar um pouco a fresta pela qual se filtra até vós a luz da verdade».

E cada dia que passa êles veem solícitos, por meio das comunicações, indicar-nos o caminho que devemos trilhar para bem cumprirmos a nossa missão na face da terra, servindo a causa do amôr, da justiça, da caridade, e, ao mesmo tempo, tratarmos da edificação do nosso próprio espírito.

Mas, como crêr na palavra de um morto quando se acredita que para além da morte está tudo acabado? Mesmo assim, consola-nos a certeza de que dia virá em que se patenteará em todos os corações essa verdade: Os mortos podem vir instruir os vivos. E êsse dia, por certo, não estará longe. Certamente, ninguém ainda viu Deus, mas, quem vê a luz, vê Deus; quem vê a obra vê o autor da obra.

O indiferentismo e a incredulidade são, porém, duas enfermidades crônicas; nascem da negação e são filhas da dúvida.

E' certo que os sábios da atualidade não têm procurado estudar Espiritismo, mas a mesma cousa sob nomes diversos como, por exemplo: — psicologia fenomenal, fôrça anímica ou psicologia experimental. Não é menos certo que muito dêles têm obtido alguns resultados, tais como: escrita diréta em lingua estranha ás dos pacientes ou *sujet* utilizados, impressões em gêsso, cêra, etc., etc., mas também muitas dessas experiências têm redundado em verdadeiro fracasso quando, no dizer dos sábios, as «forças psíquicas» não são bem controladas...

Para muitos, porém, só tem realidade a matéria. O pensamento, o gênio, não passam de secreções do cérebro, não sendo a alma senão méra resultante do organismo . . .

O mêdo do ridículo, no entanto, tem feito silenciar os poucos sábios que hão podido patentear êsses fenômenos; morrem sem transmitir aos outros os resultados de suas observações. Em parte êsse mêdo tem a sua justificação relativa, porque os primeiros que tiveram a coragem suficiente para proclamar tudo quanto observaram, tiveram o seu renome grandemente prejudicado, e como não eram espíritas, não enfrentaram o empirismo da época. Sabem, no entanto, que existe o espírito; que, êle, o espírito, pode se manifestar e transmitir o seu pensamento e suas idéias, mas não ousam proclamá-lo!

E preferem o suplício de Atlas, suportando o pesado fardo de sua ígnorância à maneira expedita de *EDIPO* resolvendo com os recursos de sua inteligência o problema da Esfinge.

Um nosso irmão, médico de grande nomeada, e que dirige uma sessão num grande vespertino carioca, mostrou-se escandalizado com a teoria da emissão da luz animal, que êle erradamente, classificou de *luz humana.*

E o ilustre patrício, desconhecendo o terreno que pisava, classificou a teoria da irradiação da luz animal, de um absurdo. E o que é uma cousa discutida e incontestável, para o ilustre clínico, é que: «A medicina discute agora um curioso próblema: o organismo emite ou não ráios luminosos?»

Hoje está mais que provado que não se pensa só com o cérebro, que de ha muito perdeu aquela importância, com que o aureolavam os sábios antigos, conforme já afirmou o Dr. *Antonio Austregésilo.* Todo o côrpo age. E, no entanto, é o próprio cérebro que emite ráios luminosos, como também ondas sonoras, que são as irradiações das «ondas cerebrais», de que nos fala o Dr. *Adrian,* prêmio *Nóbel* e professor da Universidade de Cambridge.

Não ha exagero dizendo-se que a criatura humana é um feixe de vibrações luminosas e sonoras e, como tal, emite e absorve também eletricidade. Também é absurdo dizer-se que o pensamento tem cheiro e côr. Tudo depende da perfectibilidade do espírito. Quanto mais puro, mais elevado, mais sintonisado com o fóco de onde se destacou, mais luminoso, mais sonoro, mais perfumoso!

Como a ciência é infinita, e ao homem só é dado alcançar um parcela mínima dessa ciência, não devemos negar nem escarnecer das cousas, só porque fogem às nossas acanhadissimas percepções.

A missão do homem de ciência é, pois, investigar, investigar sempre, porque tem deante de si o «infinito do espaço e o infinito da duração», através-de uma sucessão interminável de vidas após vidas, até alcançar a suprema ciência, a suprema sabedoria, que estão sintetisadas na Suprema Fôrça — Deus!

* * *

Os sábios e estudiosos muito têm alcançado nêsse esfôrço de sondar o ignorado, mas o homem é um ser finito, e não pode prescrutar o infinito!

Alí, *Galileu,* assombrando o Mundo, com a sua teoria dos movimentos da Terra. *Flamarion,* conversando com os astros nas regiões siderais. *Newton, Laplace,* e tantos outros, maravilhando as gerações passadas e as do presente. *Alèxis Carrell,* com a cooperação do *Coronel Lindenbergh,* inventando um aparelho para pesquisar a vida das células e a produção de hormônios, e conservando vivo o coração de um gato, a pulsar indefinidamente, esquecido de morrer, engodado pelos artifícios. Mais além, é o *Professor Woodruff,* iniciando as experiências da teoria da longevidade, pela constatação da imortalidade de micróbios e da sua facil reprodução, guardando a esperança de aplicar as suas experiências ao gênero humano, pela eliminação dos resíduos celulares do organismo. No entanto, outros sábios, afirmam que as células cerebráis, elementos constitutivos do orgão mais delicado de exteriorização das manifestações do ente pensante, não são possíveis de nenhuma alteração no decurso da vida, porque os corpúsculos do cérebro não se reproduzem...

E' o *Voronoff* maravilhando a ciência com a sua ousada teoria da enxertia das glândulas endócrinas.

E' o *Prof. Walter Alvarez*, da «*Mayo Clinic*», de *Rochester, Minesota*, combatendo a «autylose» (destruição dos tecidos por si mesmo), com o auxilio de orgãos transplantados. São os russos conservando em gêlo ampoulas de sôro e glóbulos vermelhos para as transfusões. São os corações de galinhas d'Angola, pulando em retortas; são os rins e fígados segregando separados dos corpos, etc., etc.

E' na lendária Bélgica, o *Professor Picard* e seus companheiros, quasi perecendo num desastre em holocausto às investigações da estratosfera.

E' *Cristovam Leau*, amador de rádio, na França, aplicando as ondas hertzianas ás culturas, convencido de que as irradiações elétricas exercem sobre as plantas as mesmas funções dos raios solares.

E' outro cientista francês—*Alexandre Gurewitock* — descobrindo que, não só a eletricidade exerce grande influência sôbre as plantas, mas também as cebôlas, e que si se cortar uma delas em duas partes, elas adquirem um tal poder de irradiação que bastaria para favorecer o crescimento das plantas. Tudo para não citar as maravilhosas descobertas de Edson, Morse, Marconi, Lumiére, Hertz, Volta, Faraday, e tantos outros que seria fastidioso inumerar. Enfim, são os sábios de todo o mundo nessa ânsia muito louvavel, perquirindo as sábias leis da Natureza!

Mas indaguemos, terá o homem nas suas inúmeras locrubações em busca do ignorado, encontrado Deus, o supremo creador de todas as cousas? Não! E, por isso, muitos têm fracassado, e hão de continuar fracassando, porque partindo do efeito ainda não encontraram a causa, o que explica claramente o desequilíbrio entre o desenvolvimento material e espiritual da nossa época.

«O homem, o pensador — esclarece-nos *Léon Denis* — o poeta do Espiritismo, no seu formidável livro: «*O GRANDE ENIGMA*» — sonda com o olhar a vasta extensão. Interroga as profundezas do céu. Procura a solução dêsses grandes problemas do mundo, o problema da vida. Considera êste magestoso universo, no qual se sente como que mergulhado. Acompanha com os olhos a carreira dos gigantes do espaço, sóes da noite, fócos terríficos cuja luz percorre as imensidades taciturnas. Interroga êsses astros, êsses mundos inumeráveis, mas êles passam mudos, prosseguindo em sua rota para um fim que ninguém conhece». E mais adiante: «Todas as pesquisas, todos os trabalhos da ciência contemporânea, concorrem para demonstrar a ação das leis naturais, que uma Lei suprema liga, abraça, para constituir a universal harmonia. Por essa lei, uma Inteligência soberana se revela como a razão mesma das cousas. Razão conciente, Unidade Universal para onde convergem; ligando-se e fundindo-se, todas as relações, onde todos os sêres veem haurir a fôrça, a luz e vida; sêr absoluto e perfeito, fundamente imutável e fonte eterna de toda ciência, de toda verdade, de toda sabedoria, de todo amôr!»

(Continua).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 40,00	Do 4.° ano	Cr.$ 40,00	Do 5.° ano	Cr.$ 40,00
Do 6.° ano . .	40,00	Do 7.° ano . .	40,00	Do 8.° ano . .	40,00
Do 10.° ano . .	40,00	Do 11.° ano . .	50,00	Do 12.° ano . .	50,00
Do 13.° ano . .	50,00	Do 14.° ano . .	50,00	Do 15.° ano . .	50,00
Do 16.° ano . .	50,00	Do 17.° ano . .	50,00	Do 18.° ano . .	50,00

Alguns Factos Espiritas tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas

De «Constancia»

APOLÔNIO DE TIANA

Apolônio de Tiana possuia faculdades extraordinárias. Filósofo eminente, havia estudado nas principais escolas da Ásia, sobretudo entre os pitagóricos. Assim como êstes, impusera-se um silêncio de cinco anos que não rompeu em meio a uma sedição popular, que foi chamado a reprimir, apaziguando por completo o povo, por meio de sinais.

Encaminhou-se à fonte do idealismo, em Ninive, entre os magos da Babilonia, onde aprendeu a linguagem dos animais.

Voltou a Jonia depois de vinte meses na corte de Partos, ali prègando o culto das idéias, da inteligência, o idealismo puro, seguindo-o multidões que admiravam sua sabedoria, que se difundia de povo a povo, enviando-lhe as cidades embaixadores para oferecer-lhe hospitalidade, ao mesmo tempo que os Oráculos repetiam louvores em favor do filósofo e vidente.

Conta a história que, no momento em que perorava aconselhando os habitantes que pusessem seus bens em comunidade, um pássaro baixando do seu vôo, aproximou-se de outros pássaros como para algo contar-lhes, e êstes retomaram o vôo, em debandada (stormo). Apolônio, que prestava ouvidos aos gorgeios, comunicou ás massas que o escutavam que aquele pássaro havia anunciado aos demais que um jovem caira em certa paragem esparramando-se os grãos que transportava e os convidava a recolhe-lhos.

Ajuntaram-se os efésios para comprovar o facto, e ao constatar sua realidade, conceberam elevadissima idéia de Apolônio, o qual, tomando o facto como exemplo, continuou exortando-os a tornarem comuns os bens à semelhança dos pássaros.

Predisse-lhes também o irrompimento de uma peste e conta-se que a fez cessar, logo que apareceu.

Referimos o facto sem comentá-lo.

De outra feita, querendo o hierofante de Atenas iniciá-los nos grandes mistérios, disse-lhe Apolônio: «Não serás tú, mas o teu sucessor que me iniciará» e, efetivamente, cumpriu-se a predição sendo admitido quatro anos depois.

Mais ainda, como Jesus, expulsava os demônios ou maus espíritos, espíritos obsessores e predizia o futuro.

Relativamente ao ístmo de Corinto, disse: «Esta língua de terra será cortada e não o será».

A profecia realizou-se, pois Ner-Enten tentou executar aquela obra, mas interrompeu o trabalho.

De outra vez anunciou que uma cousa ocorreria e não ocorreria com Nero, sem causar-lhe maior dano do que causar a queda de uma taça que tinha na mão.

Possuia a faculdade de bicorporação. «Acusado por um grego, junto a Domiciano, apresentou-se em Roma para defenderse e, ao mesmo tempo foi visto em Puzoles e em Eféso.»

«Achando-se nesta última cidade, no momento em que Domiciano era assassinado em Roma, interrompeu o discurso que pronunciava ante a multidão e disse como que distraído por uma preocupação: «Escutai! Escutai!» Em seguida dirigindo-se a seus ouvintes assombrados, acrescentou: «O tirano já não existe!»

Aureliano tinha a idéia de destruir Tiana, e contam que foi dissuadido do propósito pela aparição de Apolônio que já havia desaparecido, sem saberem o que dêle fôra feito.

Apenas elevado ao trono Nerva, que muita amizade lhe dedicava, convidou-o a instalar-se a seu lado, mas Apolônio excusou-se, deu-lhe bons conselhos e lhe enviou seu discípulo Damis. Em seguida desapareceu e nada mais dêle souberam.

Os habitante de Tiana erigiramlhe um templo e outras cidades, estatuais. Adriano colecionou suas cartas e Caracala lhe tributou homenagens divinas. O imperador Alexandre junto a si conservava a sua imagem, entre as de Jesus Cristo e Abrão.

Tal era a adoração e prestígio que conquistara tão eminente filósofo e vidente.

Não entramos nos ensinos de Apolônio que foi um regenerador do paganismo. Pelo exposto, provado está que era dotado de faculdades mediúnicas extraordinárias que, junto com sua sabedoria, o deificaram.

Além de tudo, suas prédicas foram observadas e suas faculdades mediúnicas serviram para manter a fé em Deus e na imortalidade, e, neste sentido, parece que à humanidade nunca faltaram médiuns nem regeneradores.

As Comunicações dos Espíritos no Novo Testamento

Prof. Adauto de Oliveira Serra

A Biblia nos ensina que há verdeiros e falsos médiuns: Paulo desmascara um falso profeta — Elimas, o encantador — que pretendia apartar da fé o pro-consul que o acompanhava. Elimas ficou cégo como castigo de sua falsa mediunidade: Atos, XII—8 a 11.

Jesus, em Marcos, V — 1 a 20, expulsa uma legião de quasi 2.000 espíritos que obsidiavam o gadareno. E Jesus conversa com êsses espíritos maus e os expulsa, permitindo-lhes entrar numa grande manada de pórcos que se precipita, por um despenhadeiro, no mar.

Jesus lamenta Jerusalém que mata os profetas e apedreja os que a ela são enviados: Mateus, XXIII - 34 a 37.

Quando o divino Mestre ordenou ao espírito imundo que atuava sôbre um dos habitantes de Cafarnaum, que se calasse e saísse dêle, os presentes se admiraram e disseram entre si: «Que nova doutrina é esta? pois até com autoridade ordena aos espíritos imundos e êles obedecem?»: Marcos, 1 - 25 a 27.

Pedro não foi libertado da prisão por um espírito?: Atos, XII -- 7 a 10. E Jesus não instruiu Ananias acerca de Saulo, através de uma visão? Atos, IX, 10. Felipe também não é advertido por um anjo que o manda ir à Gaza e ajuntar-se ao profeta Isaias?: Atos, VIII—26 a 29. O centurião Cornélio não foi chamar Pedro, por ordem de um anjo? E o espírito não aparece a Pedro e fala com êle acerca dos que o buscavam?: Atos, X—1 a 31. Essas comunicações foram deste ou do outro mundo?

Pedro, depois, explica aos enviados de Cornélio que o espírito já o havia prevenido e que não duvidasse: Atos, XI — 12.

Zacarias recebe a visita, materializada do anjo Gabriel, anunciando-lhe o nascimento de João. E como Zacarias duvidasse, ficou mudo até que se cumprissem as palavras do anjo: Lucas, I—11 a 22.

Maria e Madalena vêm um mancebo ou varão sentado à beira do sepulcro vasio, onde supunham encontrar ainda o corpo de Jesus. E o anjo lhes fala da ressureição de Jesus: Mateus, XXVIII —5 e Lucas, XXIV - 4 e 5.

Na ocasião da ascenção de Jesus, dois varões se apresentam entre os discípulos e lhes dizem: Êsse Jesus, que dentre vós foi recebido acima no céu, ha de vir assim como para o céu o vistes ir: Atos, I - 10 e 11.

Diz Paulo, em Atos, XXVII—23: — Esta mesma noite o anjo de Deus, de quem sou, e a quem sirvo, esteve comigo.

Até as crianças podem ser atormentadas por espíritos malignos, conforme vemos em Mateus, XVII - 18, Jesus repreendendo o espírito mau que atuava num menino. O mesmo facto é relatado por Marcos, IX—20 a 42, mostrando ainda todo o sofrimento da criança como se padecesse de ataques epiléticos. Jesus fê-lo afastar-se e o menino sarou.

João, no Apocalipse, I — 10, ouve «uma grande voz» mandando-o escrever um livro para as 7 igrejas da Asia. Vê ainda um «anjo forte», um «cordeiro que tinha 7 córnos e 7 ólhos» e ouve a voz de muitos anjos: idem, V — 2 a 16. No mesmo livro, cap. VIII—vers. 2, também vê 7 anjos que estavam diante de Deus e no cap. X—1, vê outro anjo forte que descia do céu envolto numa nuvem. Êle vê também outro anjo voando «pelo meio do céu», proclamando o Evangelho a todos os habitantes da terra ; um segundo anjo anunciando a queda de Babilónia e um terceiro proibindo a adoração da besta e de sua imagem : Apocalipse, XIV — 6 a 9.

Em Atos, XIX, 13, 16, temos o exemplo da comunicação de um espírito mau, que uns judeus vagabundos tentavam expulsar. Mas o espírito falando a êles que conhecia Jesus e bem sabia quem era Paulo, atira-se, o homem que tinha o espírito mau, sôbre êles e fére a todos que fogem espavoridos. Só a Jesus êles obedeciam, pois que Jesus tudo fazia em nome de Deus : Mateus, VIII—28 a 34 ; Marcos, V—1 e Lucas, VIII — 27, conforme ainda vemos em Mateus, XV—22, Jesus expulsando um espírito mau que havia deixado a filha da mulher cananea miseravelmente endemoniada, (possuída por um espírito mau).

O próprio Judas Iscariotes foi tentado pelo espírito de Satanaz para que combinasse com os sacerdotes a entrega de Jesus : Lucas, XXII—3.

Paulo cura uma jovem que tinha o espírito adivinhante que dava grandes lucros aos seus senhores, mandando que saisse dela em nome de Jesus, sendo por êsse motivo, Paulo perseguido pelos senhores da moça : Atos, XVI—16.

E que diriamos dos espíritos materializados de Moisés e Elias falando com Jesus, o que causou grande temor em Pedro, Tiago e João que a tudo assistiram ? Leiam-se Mateus, XVII — 1 a 13 ; Marcos, XIX—1 a 13 e Lucas, IX—28 a 36.

Os espíritos acompanham e ensinam os apóstolos, pois quando haviam chegado a Misia e pretendiam ir para Bitinia, o Espírito não lhos permitiu : Atos, XVI —7. Paulo é constrangido pelo Espírito, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo, e o Senhor numa visão lhe diz : «Paulo, não temas, mas fala e não te cales» : Atos, XVIII—5 a 7.

Em Atos, XXI 4, mais uma vez o Espírito diz a Paulo que não suba a Jerusalém. Como vimos, por essas inumeras passagens, ha várias modalidades mediúnicas, o que nos esclarece Paulo em 1.º aos Corintos, XII — 7 : «A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. A um é dada a palavra da sabedoria ; a outro pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência, a outro a fé, a outro os dons de curar, (mediunidade curadora), a outro a operação de maravilhas, a outro a profecia, a outro o dom de discernir os espíritos, (identificação dos espíritos), a outro a variedade de línguas, (xenoglossia), a outro a interpretação de línguas, (compreensão das comunicações).

E quanto ás sessões práticas, é ainda Paulo quem nos aconselha : 1.º aos Corintos, XIV—26 : «Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmos, tem doutrina, tem lingua estranha, tem revelação, tem interpretação. Fáça-se tudo para edificação. (27 —E si alguém falar lingua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por vezes, e um intérprete. (Note-se o cuidado de Paulo quanto à ordem a ser observada.) (28—Mas si não houver intérprete, esteja calado na igreja, porém, fale consigo mesmo, e com Deus. (Concentração dos presentes à sessão). (29—E falem dois ou três profétas (médius), e outros julguem. (30—Porém, si a outro, que estiver assentado for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro. (31 — Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros ; para que todos aprendam, e todos sejam consolados. (Todos nós temos mediunidade ; uns mais outros menos) (32 – E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profétas. (40 — Mas façase tudo decentemente e com ordem.

Era necessário maior clareza ? E tanto cuidado por parte de Paulo é confirmado em aos Filipenses, II—1 a 5 : — Portanto, se ha algum confôrto em Cristo, se ha alguma consolação de amôr, se ha alguma *comunicação de espírito*, se ha alguns entranháveis afétos e compaixões, completai o meu gôzo, para que sintais o mesmo sentimento, tendo o mesmo amôr, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade, considerando uns aos outros superiores a si mesmo, de sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo.

Quanto às mistificações de espíritos atrasados, I João, IV — 1, nos aconselha para não acreditarmos em todo espírito, mas fazê-los provar que veem da parte de Deus, pois que já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

Os anjos de que falam varias passagens, são espíritos ministradores que são enviados para orientar os homens na salvação da alma: aos Hebreus, I—13 e 14. Pedro ainda promete lembrar, DEPOIS DE SUA MORTE, os seus ensinamentos: II Epist. Pedro, I—15.

Apesar-de tudo isso, continuam os farizeus modernos a fazer com os espíritas o que os antigos fizeram com o cégo que Jesus curou: João, IX—10 a 29: Já vo-lo disse e não ouviste; para que quereis tornar a ouvir? Quereis vós porventura fazer-vos também seus discípulos? Então o injuriaram e disseram: Discípulo dêle sejas tu; nós porém somos discípulos de Moisés. Não é o caso de perguntarmos aos reincidentes no erro, si querem ser discípulos de Kardec? E êles, nos injuriando, responderiam: Discípulos de Kardec sejais vós, nós porém, sômos discípulos de Lutéro ou do vigario, segundo a crença católica ou protestante...

Quando pois, algum estranho assiste à uma reunião espírita por curiosidade, e lá vê e ouve tanta coisa do «outro mundo mesmo», dirá com seus botões ou aos seus amigos: si ainda não estão loucos, pouco falta... E é ainda e sempre Paulo quem nos defende em I aos Corintos, XV—21: «Está escrito na lei: Por gente doutras linguas, e por OUTROS LABIOS, falarei a êste povo; e ainda assim não me ouvirão, diz o Senhor, (isto. é, ninguém acreditará). De sorte que as LINGUAS ESTRANHAS (xenoglossia), são um sinál, não para os fieis, mas para os infieis, (os que não crêm) e a profecia, não são para os infieis, mas para os fieis (aqueles que já crêm.) Si pois toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem linguas estranhas, e ENTRAREM INDOUTOS ou INFIEIS, não dirão porventura que estais LOUCOS?

* * *

A comunicabilidade dos espíritos se faz sentir dentro e fóra da Biblia. Os factos espíritas: Xenoglossia, Telequinesia, Tiptologia e as Vozes Diretas, destróem as muralhas dogmáticas que os reincidentes no êrro procuram em vão levantar entre os habitantes dêste e do outro mundo espiritual. São fenômenos para nós tão naturais, e que desafiam os pseudos cientistas no fulcro de areia movediça em que se apoiam.

Os «meninos prodígios» atestam o amadurecimento do espírito em existências anteriores:

Chateuabriand trouxe para as páginas do «Gênio do Cristianismo», o nome de Pascal, que aos dois anos de idade já havia estabelecido as leis da matemática, e aos 6 anos fazia o melhor tratado das seções cônicas.

Young que descobriu a teoria ondulatória da luz, já sabia ler aos 2 anos e aos 4 já havia lido a Bíblia duas vezes. Aos 6 anos já era um perfeito matemático.

William Hamilton que aos 18 anos foi reconhecido como o melhor matemático daquela época, ja na infância conhecia nada menos de 13 linguas!

Mozart tocava violino aos 3 anos e aos 12 compôs seu primeiro trabalho.

Lope de Vega já era poeta aos 5 anos. Henrique Mondeux aos 8 anos resolvia os mais complicados problemas, sem ter estudado matemática.

Gioto era um jovem pastor, que, sem mestre algum, desenhava com perfeição extraordinária.

Miguel Angelo aos 12 anos já atraía sôbre si a admiração dos mais entendidos na arte.

Balzac aos 8 anos já havia composto pequenas comédias. Napoleão aprendeu a ler aos 4 anos e aos 7 organizava grupos de crianças com as quais simulava batalhas.

Wagner aos 6 anos já havia lido a história de Mozart. Alexandre Dumas com 4 anos já lia a História Natural de Buffon.

Walter Scott aprendeu a ler aos 3 anos e aos 11 já escrevia baladas. Voltaire com 11 anos fazia versos com grande facilidade.

Goethe aos 7 anos compunha versos em latim. Aos 9 fez um poema escrito em latim, grego e alemão!

Para encerrar, citaremos Herbert Spencer que escreveu óbras monumentais sem estudo. Dentre elas, escreveu «Estatistica Social», sem nada conhecer sôbre ética; «Biologia», sem ler a «Origem das Espécies»; e «Sociologia» sem ler Comte ou Tylor. Enorme contraste com a educação aprimorada de Stuart Mill, conforme faz notar Will Durant.

A ciência vê êsses factos e taxa-os de «fenômenos» enquanto o catolicismo os atribue a um «milagre»... e nós os explicamos pela teoria paligenésica.

Só a reincarnação esclarece os «meninos prodígios», pois é sabido que o gênio não se transmite e a criança não é um homem em miniatura, mas um todo somático ainda em formação e desenvolvimento. Só o espírito já é completo desde a sua origem. Êle retorna à terra para evoluir, aprender, educar-se, regenerar-se, galgando, em cada etapa, mais um degrau da perfeição.

Os versos de Virgilio, as religiões indús e egípcias, Pitágoras, Bilac, Mucio Teixeira, Gregorio de Nissa, os povos druídas, a menina de Delhi na Índia que mereceu um comentário do sr. Plinio Barreto, no «Estado» de 24-5-936, todos nos falam da pluralidade das existências através dos mais remotissimos tempos, porque a reincarnação não foi inventada pelo Espiritismo e nem constitue apanágio de ninguém, mas a revelação da Justiça de um Deus Bom e Poderoso.

«A alma dorme na pedra, sonha na planta, move-se no animal e desperta no homem».

O Valor do Fenômeno Psíquico

«The National Spiritualist» — Por E. S. GEWELL

Há entre muitos espíritas de hoje, marcada tendência para diminuir o valor do fenômeno físico do Espiritismo, considerando-o uma sorte de exibição, principalmente destinada a divertir o público. Não raro ouvimos pessoas, ocasionais assistentes de sessões, mas que pouco conhecem de Espiritismo, emitirem a opinião de serem pueris os movimentos de mesa e golpes de espíritos, e não poderem conceber que pessoas inteligentes empreguem semelhantes meios de comunicação, si se encontram no plano espiritual, ou investiguem essas cousas tão simples, si ainda estão no mundo material.

A-pesar de nós espiritistas não compreendermos toda a importância do Espiritismo, e não podermos dedicar todo o nosso tempo e esfôrço aos seus ensinos, todavia verdade é que o fenômeno físico do Espiritismo tem o propósito bem definido de esclarecer a humanidade.

Ninguém estranhará que mineiros sepultados forneçam provas de sua existência por meio de pancadas nas paredes de sua prisão e não mais estranho é que os nossos amigos espíritos conosco procurem comunicar-se por igual processo, quando não possuem melhores meios. Mas sempre que disponham de processos mais elevados, de preferência a êles recorrem para falar conosco.

No mundo material as maiores descobertas e invenções foram realizadas por homens que observaram cousas que para outros não passavam de bagatelas, procurando as causas das ocorrências supostamente insignificantes. Sabemos que Newton descobriu a sua teoria da gravitação, observando a queda de uma maçã. Galvani foi coberto de ridículo. «Que importa», disseram seus contemporâneos, «que a aplicação de seus arames produza o movimento das patas de uma rã?»

Êles ignoravam que a mesma fôrça que acionava as pernas das rãs também produzia os raios fulminantes. Sabe-se que James Watt observava o vapor que escapava de uma chaleira posta ao lume, êle pôs-se a pensar o que sucederia si o vapor fôsse confinado. Também Goodyear fez o primeiro pneumático, resultado de outra bagatela.

No domínio espiritual verifica-se exátamente a mesma verdade que constatamos no reino material: as cousas consideradas pueris tem grande importância. Lembremo-nos que o surto do moderno Espiritismo nos Estados Unidos, em Hydesville (março de 1848), resultou de *raps* de espíritos; a única cousa necessária era a presença de alguém capaz de observar se as pancadas eram controladas por algum sêr inteligente. Eu aprecio a bela descrição da cena, feita por Conan Doyle: «Aquêle quarto rústico, repleto de gente sincera, expectante, com rostos ansiosos voltados para o alto, a sessão à luz de uma vela que não desfazia as pesadas sombras emboscadas nos cantos, bem poderia constituir assunto de um grande quadro histórico. Esquadrinhai todos os palácios e presbitérios do memorável ano de 1848; em que lugar podereis encontrar um quarto que conquistou um lugar na história, tão proeminente como o pequeno quarto de dormir dêsse tugúrio?»

Assim como avançou a causa da ciência, graças à investigação e ao estudo de incidentes aparentemente pueris, também avançou a causa do Espiritismo, e exatamente pelo mesmo processo. A grande maioria dos grandes obreiros cujos esfôrços difundiram as verdades do Espiritismo, foi, a princípio, impelida a investigar gaças ao fenômeno físico. Efetivamente, não conhecemos outro processo capaz de despertar a atenção dos cépticos, daí o facto de ser o fenômeno físico, de vital importância. Mentes impassíveis às mais belas e inspiradas sentenças foram impelidas a esquadrinhar novas veredas da magna questão, em conseqüência do mais rude dêsses fenômenos inexplicáveis. Fácil é ridicularizar as mesas que levitam, os *raps* sôbre soalhos e móveis, mas êstes fenômenos cumprem o desígnio visado, excitando a curiosidade e instigando homens de ciência a investigar. Em si mesmos os fenômenos físicos não são fins, mas recursos elementares próprios a arrastar as mentes ás novas diretrizes do pensamento. E essa via do pensamento leva diretamente ao reconhecimento da sobrevivência do espírito, e muitas vezes ao estudo e aceitação da religião e filosofia do Espiritismo, que ensina o homem a levantar-se, desenvolver suas faculdades mentais e morais, cujo escopo é produzir vida mais venturosa, aquí e no mundo espiritual.

Parece-me ser a era presente, a mais material da história do mundo, mas também é esta a era que demonstra a existência e supremacia do espírito, tão objetivamente, de modo a desafiar e bater os materialistas em sua própria arena. Aos cientistas foi dada a oportunidade de exame crítico (teste) por todos os meios exigidos: restringir, medir, pesar, analisar e fotografar; praticar, enfim, os mesmos métodos que empregavam em seus laboratórios.

Admitimos que se considere de nível inferior o fenômeno físico, mas por êste método rude consegue-se alcançar a plenitude, o que jamais aconteceria pelo mediunismo elevado.

A culpa não está do lado dos nossos amigos espirituais, mas do nosso; pois que o auxílio é proporcional à súplica. Si não pudermos ser atingidos por um modo, devemos e seremos por outro.

Si as tretas e banalidades forem mais apropriadas a convencer os terrícolas da imortalidade, os fins visados justificam os meios.

O aparecimento de membros materializados num meio de cépticos, produzirá impressão mais profunda e atrairá maior atenção do que qualquer exposição filosófica, por mais bela que seja e proferida por orador eloquente.

Um mundo densamente materializado e incrédulo, deve ser agitado por fenômenos que o assombrem; não há outro meio de despertar atenção.

A densa mente humana só receberá choque suficiente por meio de pancadas mágicas e levitação de objetos pesados.

Muito tempo antes já havia dito o Mestre Nazareno, «Se não virdes sinais e milagres, não crereis».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Impressões e Factos

(PELA UNIDADE DOUTRINÁRIA DO ESPIRITISMO)

UM abrigo de pobres, confortável e agradável. De construção moderna e alevantada em lugar dos mais aprasíveis da cidade. Todo mobiliado, hà mais de ano, para funcionar. Umas oitenta camas, com colchões e respectiva roupa . . .

Diante da grande obra e da quantidade enorme de pobres que viramos nas ruas, uma pergunta se impunha de nossa parte : «Porque não estava funcionando o abrigo ?

Trata-se de uma construção de caridade sem rótulo religioso, embora da iniciativa de espiritas, que são, ainda, os religiosos mais preocupados com minorar o sofrimento humano. Funcionando o abrigo, aliás com o reconhecimento oficial da Prefeitura, seria um posto para acabar com o problema da mendicância da cidade. Todos os ânimos bem dispostos para a festa da inauguração do abrigo, e para a sua manutenção . . .

O vigário da cidade, que não concorreu com um ceitil para a construção da obra, que lá ainda está, sem funcionamento, constante de três pavilhões de construção sóbria e sólida, prontos a funcionar, e amplo terreno para cultura ; o sr. vigário, que em nada o auxiliou, (que esta coisa de dar não é com êles.) vislumbrou que na construção e direção do abrigo andou e andaria a mão do sr. Diabo, assalariado pelo Espiritismo para a caça de prosélitos. E vai daí, *tome lá* «o abrigo dos espíritas» uma saraivada de insultos e doestos vomitados do alto do púlpito, nas vésperas mesmo da inauguração. Que católico nenhum contribuisse para o abrigo, sob pena de inferno certissimo ! . . .

E' certo que católicos de conciência não deram importância ao vigário.

De um, ouviramos num almoço íntimo, na residência mesma do presidente do abrigo :

«Sou católico, mas ouço com prazer as prégações espíritas. E estou de acôrdo com o que tenho ouvido em nome do Espiritismo. Mórmente a respeito da caridade. Por isso que, querendo o vigário proibir-me de auxiliar o abrigo e as obras espíritas, respondi-lhe claramente : «Isto, não, revendo, porque entendo que a caridade não tem religião.»

— E' a verdadeira religião, meu amigo. Donde, o Espiritismo adotar a legenda : «Fóra da Caridade não ha salvação».

E choveu contra o abrigo a guerra farisáica do reverendo.

Por questões de escrúpulos, que não compreendemos bem, os espíritistas, que estavam à frente da obra, dimitiram-se da diretoria, entregando a obra à Prefeirura. Envidou o sr. Prefeito os melhores esforços, no sentido de neutralizar o golpe e dar-lhe nova diretoria. Onde encontrar pessoas dedicadas para a difícil tarefa, visto como só os *loucos* do Espiritismo são capazes da *loucura* de pensar na infelicidade alheia, nos tempos que aí vão de grosseiro materialismo ?

E o abrigo não se inaugurou, para prejuizo de muitos necessitados, da mendicância desorganizada e do próprio aspecto social da cidade.

Tais «sacerdotes» do Cristo enquadram-se, admiravelmente, nos versículos 13, do cap. XXIII de Mateus : «escribas e fariseus hipócritas, que fecham o reino dos céus diante dos homens, pois nem entram, nem aos que vem para isto, deixam entrar».

Entendemos, de nossa parte, que uma obra de assistência da iniciativa de espíritas, deve trazer, flamulando, a legenda do Espiritismo. Além de evitar tais golpes, quem contribuir para ela fá-lo sabendo de sua natureza social e reune na sua direção gente capaz para o que der e vier» . . .

Nós, como espiritista, à sua frente, bem diferente seria a posição tomada.

A obra inaugurar-se-ia, mau grado aos ataques do sr. vigário,

Quem se abroquela na honestidade cristã, com a bandeira da Caridade desfraldada, vivendo e trabalhando acobertado de moral e muito boa vontade, em que pode temer fariseus modernos ? Receiar porque. inimigos tradicionais do amor do próximo, da Verdade e do Cristianismo puro ?

* * *

Num distrito perto, apareceram fenômenos espíritas de assombração, que interessaram todo o município. Fenômenos de vidência, levitação, voz-direta. Um grupo de espíritas improvisados se arregimenta logo. Muita gente mesmo. E toca a provocar manifestações espíritas. Nada de estudos, de procurar conhecer a Doutrina. A filha do presidente do grupo adoece. Havia falecido, hà pouco, o padre local. Morrera com cheiro de santidade. Fez-se, então, à sua alma uma promessa para a moça ficar boa. E a moça, quasi restabelecida, vai à igreja pagar a promessa, penitenciando-se com a oferta de velas, com muitas rezas . . .

Volta louca da promessa. Uma forte obsessão, obra do espírito a quem fôra feita a promessa. Só a passes, na cidade próxima, consegue a moça curar-se, posteriormente.

Boa, o guia do centro distrital quer traçar, por escrito, normas de orientação. Pede papel, caneta e pena. «Tinta ou lapis ? «pergunta-se-lhe.» Não era preciso. Escreveria com o próprio sangue da *médium*.

E assim foi, com efeito.

Nas diretrizes traçadas, nada de sessões práticas, enquanto não se conhecesse bem a Doutrina.

Puseram-se a estudá-las.

Um componente do grupo, ausente, duvidou da orientação. E quís lê-la. Deram-lha. O papel, branquíssimo. Nenhuma linha escrita . . .

Os outros tomam-lhe o papel e leem bem o que lá está.

Só êle, nada vê, nada lê.

— Porque ? — pergunta ao espírito guia.

— E' que se trata de recomendações para criaturas de boa vontade, apenas . . .

* * *

O presidente do «centro», presente à conferência, recusou-se a presidí-la. Queria, porém, expor-nos suas idéias em particular.

Procurou-nos, no dia seguinte, para dizer-nos :

«Acho, de minha parte, que curar obsidiados é contrariar as leis divinas, é querer o homem se sobrepor a vontade divina, que permitiu a obsessão, é prejudicar os interêsses da Doutrina e do próprio obsidiado . . .

Explico-me : se nada se passa sem a vontade de Deus, é claro que Deus permitiu a obsessão. Porque opor-nos, então, a Sua vontade ?

— Como, tais curas prejudicam a Doutrina e aos obsidiados ?

— Os obsessores servem para atrair adeptos ao Espiritismo e os obsidiados são espíritos em provas, para resgate de velhas culpas do passado...

Idéias de presidente de «centro espírita», com o qual argumentamos :

— O ilustre confrade, a despeito de «espírita desde os oito anos», como diz, parece conhecer pouco o Espiritismo e racionar mal sôbre as cousas da Doutrina. Hà problemas dentro do Espiritismo que não se podem resolver com idéias próprias; que só com muito estudo, observação, análise e reflexão podem ser compreendidos e solucionados.

Curar obsidiado, ou endemoniado, é, antes de mais nada, um postulado, um imperativo do Cristo, que os curou e mandou que os curassem. E' alto serviço prestado ao obsidiado, por livrá-lo da obsessão e ao obsessor, por seu esclarecimento espiritual. Todos nós gostamos, ademais, de encontrar um cirineu. E aquele que nos alivia o sofrimento é nosso cirineu. Derrogação das leis divinas ? Mas, não é do Cristo que podemos «receber por misericórdia e de acrescimo» ? E não é do espírito da DOUTRINA que fóra da caridade não ha salvação ? Curar obsidiados não é caridade ? E das aconselhadas pelo Cristo. Assim, curá-los, ao contrário do que pensa, implica muitos benefícios : provar que é do Cristo que está com o Cristo ; procurar a própria salvação, aliviar o doente e esclarecer o obsessor...

Leopoldo Machado.

Jesus foi um precursor, se êle tivesse vindo a êste mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse aberto verdadeiramente o céu. A medida que o saber aumentar no nosso planeta, a religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes espíritos surgirão no futuro para o progresso da humanidade. Só há uma verdade : a verdade astronômica, a realidade universal dos mundos e dos sêres. A religião do futuro será a religião da Ciência, reunindo em seu seio todos os sêres pensantes. — CAMILLE FLAMMARION

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Esp.—Vós é que mo direis como.

Méd.—Sois um espírito invisível e não compreendeis vossa situação. A senhora, que estivestes importunando, acabou sofrendo dos nervos e ficou sujeita a uma obsessão espiritual e fostes vós quem a obsedastes. Fizestes aquela senhora praticar coisas loucas. Que pensais de tais ações?

Esp. Não posso dizer que fôsse uma ação bôa ou má, porque nem sequer conheço tal senhora.

Méd.—Fostes vós quem a fizestes cortar o cabelo e dar aquelas carreiras.

Esp.—Que querieis que eu fizesse com aquele cabelo comprido? Fui dormir e, quando acordei, meu cabelo tinha crescido tanto que o cortei. Foi tudo.

Méd.—Foi o cabelo daquela senhora que cortastes.

Esp.—Estava muito comprido.

Méd. Isso era com ela. E' preciso vêr as coisas pelo lado contrário. Pensai que sois dono de um corpo e outra pessoa corte o seu cabelo. Gostarieis disso?

Esp.—Não, não gostaria, mas ela não podia fazê-lo.

Méd.—Não pensastes que tendes sido muito egoísta?

Esp.—Não sei. Se, como dizeis, estou morto, porque não estou nem no céu, nem no inferno?

Méd.—Não existem tais lugares.

Esp.—Não vi Deus nem o Cristo, nem o Diabo, e no entanto dizeis que morri.

Méd.—Não estais propriamente morto.

Esp.—Há pouco dissestes que o estava.

Méd.—Morrestes foi para o mundo daquí.

Esp.—Mas dissestes que eu morri.

Méd.—Disse que ereis o que se chama de «morto», isto é, que perdestes o vosso corpo físico.

Esp.—Dissestes que eu estava morto.

Méd.—Sêde razoável, se não quereis que vos levemos para o consultório e apliquemos outra dóse de eletricidade.

Esp.—Não quero saber daquilo. Parece que se está queimando.

Méd.—Queriamos que vos retirastes e o conseguimos.

Esp.—Então não convinha que eu continuasse alí?

Méd.—Precisavamos afastá-lo daquela senhora.

Esp.—Não tinheis nenhum direito de afastar-me dela.

Méd.—E tinheis vós algum direito para dominá-la e atrapalhar-lhe a vida?

Esp.—Cada um tem que procurar um lugar para viver.

Méd.—Suponde que se tratava de vossa mãe e que um espírito egoísta a estivesse dominando e fazendo agir como uma pessoa maluca. Pensais que isso estava direito?

Esp.—Não sou nenhum louco e não a fiz agir dessa forma.

Méd.—Foi um ato de loucura o que a fez cortar o cabelo e também dar aquelas carreiras.

Esp.—Porque devia gostar de cabelo comprido se era homem?

Méd.—Tratava-se do corpo e do cabelo de uma senhora e não do vosso. Agora fostes afastado dela e deveis modificar a vossa conduta. Se não tiverdes todo o cuidado, sereis levado de novo para a «prisão». Dissestes há pouco que um índio vos «segurou» e, se não vos comportades bem, outro índio vos segurará então.

Esp.—Lutarei com êle, se fizer isso.

Méd.—Prestai-me a atenção. Minha esposa é médium e ela deixa que espíritos como vós usem o seu corpo, afim de permitir que êles cheguem a realizar a sua condição espiritual. Deverieis agradecer tal privilégio. Há milhares de espíritos que gostariam de ter a oportunidade que tendes, nêste momento. Já sabeis que vos achais em estranha situação. Talvez alguns dos vossos parentes estejam aquí. Êles vos levarão para o mundo dos espíritos. Deveis comportar-vos e procurar compreender, e ser também razoavel.

Esp. — Que devo fazer?

Méd. Compreender que existe um mundo espiritual e que deveis procurar ir para êle.

Esp. — Quereis falar do Céu?

Méd. O Reino do Céu está dentro de cada um.

Esp.—Não acreditais que o Cristo morreu pelos nossos pecados?

Méd.—Pelos meus não morreu. Não compreendeis que esta crença é uma crença errada? Jesus nos ensinou a compreender a vida, mas não morreu pelos pecados de ninguém. Aqueles que acreditam que Jesus morreu pelos seus pecados não estão compreendendo bem os seus ensinos. Ensinar tal doutrina é pecar contra a Divindade. Se ela fosse verdadeira, queria significar que Deus se enganou e foi forçado e enviar um intermediário para remediar o êrro em que incorreu. Agora, amigo, deveis deixar o corpo de minha esposa e não continuar a obsedar aquela senhora.

Esp.—De que estais falando? Nunca vi vossa esposa.

Méd.—Estais utilizando temporariamente o corpo de minha esposa. Não vos estamos vendo. Se não quereis ser razoavel, seremos forçados a afastar-vos e estareis de novo mergulhado nas «trevas exteriores» de que fala a Bíblia.

Esp.—Não é justo que Deus nos trate como tem tratado. Orei, sempre orei muito. Ia á igreja e dava muito dinheiro para a igreja, porque êles diziam que se eu não desse dinheiro paraela iria para o inferno e eu pensava que, dando o meu dinheiro, receberia o equivalente a êle.

Méd,—Que disse Jesus? «Deus é Espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade». Deus é espírito e não um espírito. A Bíblia diz: «Deus é Amor e aquele que mora no Amor mora em Deus». E onde se não dentro de vós mesmo deveis encontrar um Deus assim? «Sois o templo de Deus e o espírito de Deus habita em vós». Que é o Céu? E' um estado da própria mente, que se alcança quando se compreende os fins da vida.

Esp.—O Céu não é um lugar? A Bíblia diz que é, diz que o Céu é calçado de ruas de ouro. Não é isto?

Méd.—Isto, como tantas outras coisas da Bíblia, é puro simbolismo de grandes verdades da vida.

Esp.—Dissestes há pouco que Jesus não morreu pelos vossos pecados. Em que acreditais?

Méd.—Acredito que somos todos sêres espirituais vivendo em corpos mortais, quando na Terra. Se deixarmos, pela morte, os nossos corpos mortais, com compreensão da vida, não despertaremos nas trevas mas os nossos espíritos terão os olhos abertos e espíritos adiantados nos auxiliarão a progredir no mundo dos espíritos. E' bem possível que estejais cercado de alguns espíritos amigos que desejam o vosso adiantamento espiritual. Ainda não notaste nenhuma modificação em vosso estado?

Esp.—Posso falar mais do que podia. Dizeis que estou falando por intermédio do corpo de vossa esposa. Como pode ser isto?

Méd.—Minha esposa è um «mèdium» tão desenvolvido que os espíritos podem falar por intermèdio dela e os espíritos amigos permitiram que vos manifestasseis a nós. Não podeis, todavia, demorar-vos muito.

(Continua)

As religiões impõem aos homens a crença cega, para privá-los do exercício do raciocínio. O Espiritismo, entretanto, convida-os ao estudo e à análise, a-fim-de que edifiquem a sua fé sôbre os sólidos alicerces dos conhecimentos imortalistas.

Quintiliano.

A Verdade aos Pedacinhos

O Homem e o Infinito

PARA o homem, a visão do infinito é algo que o desvaira. Se dado fôsse ao sêr humano apreciar o panorama do universo, a visão não só lesaria o órgão visual e cerebral, como tornaria o espírito incapacitado, isto é, lesaria também o espírito. Mesmo desencarnado, o Espírito não póde apreciar o conjunto universal, sinão de conformidade com o seu adiantamento moral e intelectual.

Se, portanto, como Espíritos, libertos da carne — ou carcere — não nos é dado contemplar o infinito em sua extensa variedade, que diremos de nós, assim presos, encerrados num pequenino ponto circunscrito num pequenino e obscuro recanto do universo?

. . . .

Entretanto não podemos dizer que Deus *não quer* que observemos toda a Sua Obra. Isso seria infantil e ridículo, desde que tenhamos no Pai da Vida a personificação do Amor e da Bondade.

Nós é que *não podemos* ver essa Obra, e só com o progresso espiritual; só com o alargamento da nossa razão e do nosso sentimento, só com a sucessão eterna dos séculos, dos milenios, è que poderemos ir *descobrindo* os infinitos horizontes da vida.

Eis o motivo por que a vida è infinita e eterna, assim como infinito e eterno è o progresso do Espírito, desde o período de sua criação!...

. . . .

O sábio Flamarion descreveu desta maneira uma viágem atravès do infinito, observando apenas o fator tempo e espaço e a realidade planetária, embora não pudesse cogitar das belezas outras que tal viagem poderia demonstrar, mesmo porque, disso não poderia cogitar êle:

> «Estamos na Terra, globo flutuante, giratório e que anda qual torvelinho no espaço, joguete de mais de dez movimentos incessantes e variados; porém somos tão pequenos nêsse globo e estamos afastados do resto do mundo, que tudo nos parece imóvel e imutável. Não obstante, a noite estende o seu véu, a estrela vespertina brilha no Ocidente, a Luz verte na atmosfera seu luminoso orvalho e as estrelas brilham no fundo do céu.
>
> Lancemo-nos ao espaço com a velocidade da luz.
>
> Transcorrido um segundo, passamos à vista do mundo lunar, que nos apresenta suas crateras abertas e seus vales alpestres e selvagens. Não paremos aquí. O Sol aparece e permite-nos deitar o último olhar à Terra, pequeno globo inclinado que deixa de se perceber, desaparecendo na noite infinita. Aproxima-se Venus, nova terra igual à nossa, povoada de sêres de movimento rápido e apaixonado. Não nos deteremos ainda. Passemos bem perto do Sol para reconhecermos suas explosões formidáveis, porém continuemos nosso vôo. Aquí está Marte com seus mediterrâneos, seus golfos, suas praias, seus grandes rios, suas nações, suas cidades extravagantes, seus habitantes ativos e atarefados. Falta-nos o tempo. Não façamos alto. Jupiter, colosso enorme aproxima-se: Mil terras não o igualariam! Que rapidez em seus dias! Que tumultos em sua superfície! Que tempestades, que vulcões, que furacões debaixo de sua atmosfera imensa! Que estranhos animais em suas águas! Os sêres humanos não aparecem ainda alí. Voemos, voemos sempre. Aquêle mundo, tão rápido como Jupiter, ornado de uma estranha auréola, é Saturno, fantástico planeta em torno do qual giram oito planetas de fases variadas; fantásticos nos parecem também os sêres que o habitam. Sigamos o nosso vôo celeste. Urano e Netuno, são os últimos mundos conhecidos que encontramos em nosso passo. Porém voemos, voemos sempre...
>
> Pálido, desgrenhado, lento, fatigado, desliza-se diante de nós o Cometa

extraviado na noite de seu afélio. Porém sempre distinguimos o Sól, como uma estrela imensa, brilhando no meio da multidão de astros que povoam o espaço.

Com a velocidade constante de setenta e cinco mil leguas por segundo, quatro horas nos bastam para percorrer a distância que nos separa de Netuno. Porém faz já vários dias que voamos através dos afélios, dos Cometas, e durante semanas e meses continuamos cruzando os desertos de que está rodeada a família solar, não encontrando mais que Cometas que viajam de um sistema a outro, estrelas errantes, meteoros e despojos de mundos arruinados. Voemos, voemos ainda durante três anos e seis meses. Antes de alcançar o «Sól mais perto», fornalha grandiosa, Sól duplo, gravitando cadenciosamente e vertendo no espaço ao seu redor, uma luz e um calor mais intensos que os do nosso próprio Sól. Mas não nos detenhamos! Continuemos nossa viagem durante dez, vinte, cem, mil anos com a mesma rapidez de setenta e cinco mil leguas por segundo.

Sim! Durante mil anos, sem parar, atravessando o espaço, examinemos de caminho êsses vários sistemas, êsses vários Sóis, de todas as grandezas, fócos fecundos e poderosos, astros cuja luz se acende ou se apaga, essas inumeráveis famílias de planetas variados, multiplicados, terras longinquas, povoadas de sêres desconhecidos, de toda forma e natureza, êsses satélites multicores, e todas essas paizagens celestes inesperadas. Observemos essas nações siderais; saudemos seus trabalhos, suas obras, suas histórias, advinhemos seus costumes, suas paixões, suas idéias... Porém não nos detenhamos!

Eis aquí outros mil anos que se apresentam para continuar nossa viagem em linha réta. Aceitemo-los, ocupemo-los, atravessando essas multidões de Sóis, êsses universos longinquos, essas nebulosas flamigeras, essa Via Lactea, que se separa em grandes giros, essas geneses formidáveis que se sucedem, através da imensidade sempre aberta. Não nos surpreendamos, se de nós se aproximam Sóis ou estrelas distantes e chovam ante nós lágrimas de fogo, caindo no abísmo eterno. Assistamos ao despenhar de globos, à ruína de terras caducas, ao nascimento de novos mundos; sigamos a queda de sistemas até à constelações que os atráem, porém não nos detenhamos.

Mil anos mais, dez mil, cem mil ainda, dêsse vôo sem cair, sempre em linha réta e sempre com a mesma velocidade de setenta e cinco mil leguas por segundo. Imaginemos que corremos assim, durante um milhão de anos...

Estaremos nos confins do universo visíveis?

Eis aquí imensidades obscuras que nos faltam transpôr. Porém vemos brilhar além novas estrelas. Lancemo-nos a elas; alcancemo-las!

Novo milhão de anos, novas revelações, novos resplendores de estrelas, novos universos, novos mundos, novas terras, novos sêres humanos!...

— Que?! Jamais o fim? Jamais o horizonte cerrado, jamais a abobada, jamais o céu que nos detenha? Sempre o espaço! Sempre o vasio! Que caminho corremos? Onde estamos?

Estamos no *vestíbulo* do infinito!... Não avançamos um só passo! Estamos sempre no mesmo ponto. O centro está em todas as partes, a circunferência em nenhuma!...

Sim, eis aquí o infinito aberto diante de nós. Seu estudo não começou. Não vimos nada; retrocedemos de espanto, caímos aniquilados, incapazes de seguir em linha réta no abismo aberto, durante a eternidade inteira...

Assim como não alcançamos o cimo, jamais alcançaremos o fundo! Que digo! Jamais chegaremos a êle! O nadir muda-se em zenite. Nem céu nem inferno; nem Oriente nem Ocidente; nem alto nem baixo, nem direita nem esquerda. Em qualquer direção que considerarmos, o universo é *infinito*. Nêsse infinito, as associações de sóis e de mundos que constituem nosso universo visível, não formam mais que uma ilha no grande arquipélago! E, na eternidade da duração, a vida de nossa humanidade, tão arrogante com a sua história religiosa e a política, a vida inteira do nosso planeta, é apenas um sonho de um instante!

Meditando sôbre estas verdades, começaremos a formar uma idéia exáta da grandeza do Universo, da magestade de suas leis e da insignificância absoluta dos acontecimentos terrestres e das misérias humanas. Os antigos templos pagãos de Roma cederam a altares consagrados a um culto mais puro. A's igrejas de pedra da Idade Média, sucedem hoje as aspirações do pensamento, que se elevando acima das abobadas materiais, até acima do firmamento estrelado, tomam livremente seu vôo através dos espaços infinitos ! A grande e divina natureza, forma ela própria, o novo Templo e o Espírito Criador nela se manifesta em Sua insondável potencia !

Elevemo-nos dóra avante a estas altas constelações ! As revoluções do globo destruirão as obras dos homens. Porém nossas almas sobreviverão ás ruínas dos corpos e das coisas e permanecerão vivas na imóvel eternidade !»

J. LIMA.

São Paulo, Maio de 1944.

Crônica Estrangeira

O Espaço

Estudos Psíquicos

Comunicação de Galileu

Para figurarmos, tanto quanto nos é possível, com as nossas acanhadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do universo, com a velocidade prodigiosa da faísca elétrica, que percorre milhares de léguas por segundo, apenas acabarmos de deixar êste globo, tendo percorrido milhões de léguas, achar-nos-emos num lugar donde a terra nos aparece sob o aspecto duma pálida estrêla. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, achamo-nos na direção das estrêlas longínquas que, da vossa estância terrestre, mal distinguís ; e daí, não sómente a terra se perde inteiramente para as nossas vistas, nas profundezas do céu, mas ainda o vosso próprio sol, com todo o seu esplendor, se eclipsa, pela extensão que nos separa dêle. Animados sempre com a mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundos, a cada passo que avançamos na imensidade, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens suntuosas, onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres. Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos e já centenas de milhões de léguas nos separam da terra, milhares de mundos passaram sob as nossas vistas, sem que, em realidade, tenhamos avançado um só passo no universo.

Se continuarmos, durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, nada mais teremos adiantado.

Eis o que é o espaço.

⁂

Desdobramento fluídico no leito de morte

Light — Dorothy Monk

Em nossa família fomos testemunhas de um fenômeno extraordinário no leito de morte de minha mãe, falecida a 2 de Janeiro de 1922. Êsse fenômeno nos impressionou profundamente, pelo que vimos pedir ao diretor de *Light* nos esclareça com sua experiência.

Depois de longa enfermidade, agravada ainda por um ataque de influenza gástrica, minha mãe veio a morrer de fraqueza cardíaca.

Pelas 7 horas da noite fatal, a doente, em estado comatoso, abriu a bôca ; dêsse momento em diante nós começámos a observar uma pequena nuvem branca que se formava sôbre a sua cabeça, prolongando-se até a guarda superior da cama. Saía da cabeça mas se condensava principalmente do lado da cama, a nós oposto. Permanecia suspensa no ar, qual nuvem densa de fumaça branca, ás vezes opaca bastante para não nos deixar bem perceber a cabeceira da cama ; variava, porém, incessantemente de densidade se bem que lhe não notassemos qualquer movimento.

Minhas cinco irmãs estavam presentes e todas vimos êsse estranho fenômeno ; meu irmão e meu cunhado chegaram mais tarde, mas ainda a tempo de poderem observá-lo também. Uma luminosidade azul difundia-se ao redor e, de tempos em tempos, percebiam-se vivas centelhas de côr amarela. Notámos que o maxilar inferior da moribunda continuava a abrir-se lentamente.

Durante algumas horas o fenômeno não se modificou sensivelmente; apenas uma espécie de auréola de raios amarelos apareceu, circundando a cabeça da moribunda. Contámos sete raios, que mudavam constantemente de comprimento, variando entre doze e vinte polegadas. Por volta de meia noite tudo desapareceu, embora o falecimento só se viesse a dar ás 7 hs. 1/2 da manhã.

A's seis horas e pouco, uma das minhas irmãs, que repousava em outro quarto, ouviu uma voz dizer-lhe: «Ainda uma hora de vida, ainda uma hora!» Levantou-se muito impressionada e veio assistir aos últimos momentos de nossa mãe, que exalou o último suspiro, precisamente, uma hora e dois minutos após haver minha irmã ouvido a voz premonitora... Agradecemos a Deus haver-nos permitido ver a partida de uma alma, poupando-nos a dôr de um adeus definitivo.

*

Mensagens em caracteres desconhecidos

La Revue Spirite

Reproduzimos um facto notável cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida porque foi publicado pelo *Times* de Londres, orgão que não era simpático ao Espiritismo. O artigo em aprêço foi remetido de Honolulu. Ei-lo em substância.

«Nós partimos das ilhas Hawaï, a bordo do *Makura*, quando o capitão me mostrou uma carta por êle recebida em Honolulu. Tratava-se de uma «ocorrência psíquica» a mais extraordinária que imaginar se possa. Os factos em questão estão atualmente entregues à enquête dum famoso arqueólogo e os detalhes serão publicados. Mas envio agora o essencial. Certa senhora ingleza, Mrs. B..., residente com sua família numa ilha do Pacífico, recebia de anos para cá, estranhas comunicações de gente que habitava em países longínquos, e em séculos passados. Ela também estava a bordo do *Makura*, e sabendo o capitão possuir sua passageira, faculdades psíquicas, pediu-lhe uma experiência. Ela anuiu e sentada ao lado de seu marido, na cabine do oficial, empunha um lapis. De súbito, sem transe, ela escreve... e nada compreende. «Que aborrecimento! exclamou ela. Eis que escrevo sinais desconhecidos!» Não era a primeira vez que ela traçava essas «garatujas». Vinte minutos depois, ela entrega sua mensagem ao capitão que, em um porto de escala, procura um intérprete, para o caso de se tratar de uma escritura asiática. Hindús vindos a negocío ás ilhas Fidji, nada decifraram. «Isto não tem sentido algum», disse o capitão. Todavia um pouco mais tarde, êle encontra o professor G..., um dos mais ilustres arqueólos do mundo, que viaja no *Makura*. Apenas lança um olhar ao manuscrito, sente-se maravilhado; o escrito é em caracteres *hieráticos*, gênero de hieroglifos populares, empregado por sacerdotes, 5.000 anos antes da nossa era e na A'sia menor. No mundo não existem dez pessoas capazes de ler semelhante texto. E Mrs. B... escreveu-o, correntemente, em menos de meia hora. A mensagem começa por um agradecimento à médium, depois descreve povos asiáticos, comparando em seguida, os processos de viajar, antigos e modernos, por meio de camelos e barcos a vapor. Enfim intervem uma descrição minuciosa da cabine do comandante, o aspecto do céu e do mar, no momento em que foi escrita a mensagem! A carta que me mostrou o capitão contém nova mensagem, obtida pela médium, em que se pedia mostrá-la ao professor G..., cuja tradução era lhe pedida. Eu vi êsse segundo manuscrito, conheço os nomes das pessoas interessadas. A experiência repousa sôbre bases científicas incontestáveis. A médium, que é mãe rodeada de seus filhos, recusa-se a crer que possua faculdades supranormais. Ela simplesmente não compreende o que lhe acontece. E, bem entendido, ela nenhuma idéia tem do que possa ser a escrita *hierática*. Que significa tudo isto? O facto ultrapassa em dramático as «Mais belas Histórias do mundo» de R. Kipling. Para mim, isso me induz a crer em poderes desconhecidos. *Eu vi*, e não percebo como haver incredulidade nesse facto prodigioso.»

O *Times*, anti-espírita, agiu lealmente ao publicar esta carta.

O Retrato Misterioso

Daily Express (reproduzido por um jornal espírita).

A Escola artística de Heartherley era frequentada por uma jovem tão bela quanto dotada de belas disposições para a pintura. O diretor da escola, impressionado pela beleza de sua discípula, conseguira fazer o seu retrato e a obra quasi acabada permanecia no atelier, quando soube que o encantador modêlo, que não comparecera às classes durante uma semana, morrera em seguida a uma moléstia súbita.

Chocado por morte tão repentina, o diretor e diretora da Escola Heartherley fixaram o retrato da moça na parede do mesmo atelier, num quadro que era precisamente de dimensão conveniente, e que de ordinário servia de quadro de ensaio para expor os retratos de soldados mortos na guerra. Por diversas vezes, e ao tempo em que a jovem aluna frequentava a escola, havia dito ao ver o quadro: «Eu não gosto dêste quadro. Eu não desejaria ser posta num quadro tão fúnebre».

Ora, estando seu retrato nêsse quadro, e tudo suspenso ao prego ordinário, houve espanto, a manhã seguinte, quando entraram no atelier, ao constatar que, continuando o quadro suspenso à parede, a tela jazia sôbre o soalho. Era impossível que houvesse escapado, sobretudo porque fôra bem fixado no encaixe, depois porque sendo pesado o quadro, seria preciso afastá-lo da parede para que se destacasse a tela. Sem procurar uma explicação do que se produzira, foi de novo a pintura metida no «quadro fúnebre», e no dia seguinte o retrato estava outra vez depositado no soalho. Produziu-se então um facto extraordinário. Com o fim de verificar até onde iria a misteriosa obstinação, foi a tela solidamente fixada ao quadro, e o quadro à parede. Trabalho bem inútil. Quando na manhã seguinte abriram o atelier, o retrato da morta ainda se *evadira* e foi encontrado no chão.

A experiência era suficientemente probante para que se insistisse mais uma vez. A jovem artista, passada ao Além, continuava a detestar o quadro, onde, antes de seu retrato, figuravam outros retratos de mortos. Não quiseram cometer a crueldade de contrariá-la por mais tempo.

Êste relato foi reproduzido por diversos jornais pouco suspeitos de simpatizar pelos estudos psíquicos.

⁂

Os pressentimentos da imperatriz

A imperatriz da Áustria, que foi apunhalada ha muitos anos, em Genebra, por Luccheni, tivera, por duas vezes, o pressentimento de sua morte trágica: a primeira em Weisbaden, a segunda em Corfú. Um dia, uma de suas damas de companhia pedira, da sua parte, ao leitor, lesse algumas páginas de um volume de Marion Crawford, intitulado *Corleone*, páginas em que são narrados vários assassinatos cometidos pela célebre sociedade secreta italiana, a «Mafia.» Nesse momento, um corvo esvoaçou em torno da soberana, que teve o pressentimento de que morreria apunhalada, como o desgraçado cuja história, então, ouvia. A imperatriz acreditou tanto mais nesse pressentimento quanto, em Corfú, já havia sido obsedada pela presença de outro corvo. De facto, sabe-se que na Áustria e Alemanha, quando os corvos esvoaçam em torno de uma pessoa viva, isso é tomado como um anúncio de morte próxima. A condessa Sztaray conta que, na manhã do dia em que foi assassinada a imperatriz, entrando como de costume, no quarto da soberana, perguntou-lhe como passara a noite. A imperatriz, pálida e abatida, respondeu-lhe: «Tenho um estranho pressentimento. Acordei alta noite. O clarão da lua inundava o meu quarto, porque pedira que não fechassem os reposteiros. Da cama, vi a lua, que me parecia uma face humana, olhando-me com compaixão! Será um presságio? Tenho o pressentimento de que alguma desgraça está suspensa sôbre minha cabeça!» A condessa diz ter feito todos os esforços para levar a soberana a repelir essas idéias negras. Algumas horas depois, ao saltar da embarcação a cujo bordo acabava de atravessar o lago de Genebra, o anarquista, Luccheni cravava-lhe, por duas vezes, no peito, o seu punhal assassino...

⁂

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Serviço da Propaganda

Comunicado do companheiro sr. Onofre Batista:

Fiz palestras nas seguintes cidades:

Belo Horizonte.—Falei na União Espírita Mineira e nos Centros «Estrela do Oriente» e «Amor e Caridade», bem como em diversos grupos familiares. Essas entidades estão em franca atividade, aumentando os seus prédios e construindo escolas e albergues.

Carandaí—Falei no Centro «Novo Oriente», que está construindo um amplo prédio para albergue.

Falei no Centro «Dr. Sá Fortes», próximo de Barbacena.

Santos Dumont — Falei no Centro «João Batista» cujos trabalhos são bem orientados.

Juiz de Fóra—Falei na União Espírita e nos Centros «Dias da Cruz» e «Paz e Fraternidade». Entre outros abnegados obreiros, temos os confrades Ali Halfeld e D. Maria Genoveva, que estão aumentando o asilo e realizando outras obras de caridade.

Cataguazes—Falei no Centro local, cuja direção fala com os factos e não com palavras.

Ubá—Fiz diversas palavras.

Valença — Falei no Centro local.

Prof. Miguel Pereira -- O Centro local, que está sob a direção do Com. Rego e de seu filho Mario Rego, possue um grande ambulatório que está prestando grandes benefícios à população.

Lafaiete — Tem um ótimo Albergue noturno anexo ao Centro de Lafaiete.

Entre Rios—Fiz palestra no Centro local.

Cascatinha — Fiz diversas palestras. Ótimos companheiros.

Petrópolis—Falei no Centro «Bezerra de Menezes», dirigido pelo confrade Arnaldo de Azevedo, cuja esposa, D. Cecilia de Castro Azevedo, que possue a mediunidade curadora, tem feito curas extraordinárias, conforme eu mesmo tive a ocasião de vêr. Isto quer dizer que o Alto continua a derramar sua misericórdia sôbre a humanidade.

Astolfo Dutra — Fiz diversas palestras.

Barra do Piraí—Fiz palestras na União Espírita e no Asilo local.

Lorena — Fiz duas palestras. Diversos confrades fazem palestras nas localidades circunvizinhas, o que constitue prova do seu esfôrço na difusão da doutrina.

Cruzeiro—Falei na União Espírita e no Centro «Vicente de Paula». O novo Sanatório a ser construído numa ampla área de terreno e no local mais alto da cidade, para obsedados, está sob a direção do confrade Antenor de Souza. E' uma obra de vulto.

Cachoeira — Falei na União Espírita Cachoeirense, que possue um asílo com perto de 50 asilados.

Guaratinguetá. — Falei no Centro «Amor e Luz» que tem, anexo, asilo e albergue noturno, estando empenhado com as obras beneméritas, entre as quais maternidade e casa das crianças. Os seus dirigentes são incansáveis.

Pindamonhangaba. — Fiz palestras no Centro «Fé, Esperança e Caridade». Está em andamento a fundação de novas tendas.

Campos do Jordão. — Falei no Centro «Fé, Esperança e Caridade», cujo salão se tornou pequeno para agasalhar a assistência que aumenta cada vez mais.

Taubaté — O Centro «União e Caridade» está passando por grandes reformas, afim de funcionar anexo um albergue noturno.

São José dos Campos — Falei nos 3 Centros locais.

Caçapava. — Fiz palestras em um um Centro novo com a presença do dr. Delegado.

— Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os confrades dessas cidades a boa acolhida que me dispensaram, facilitando sobremaneira a minha tarefa no trabalho de propaganda da doutrina.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2061unse

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1944 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Professor Ernesto Bozzano . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
A Ciência da Negação . . . . . *J. B. Chagas*
William Crookes . . . . *Redação*
Espiritismo . . . . *Leopoldo Machado*
O Espiritismo perante a Lei . . . *Prof. A. de Oliveira Serra*
Dr. Gabriel Gobron . . . . *De "Estudos Psíquicos"*
Trinta anos entre os mortos . . . *Francisco Klörs Werneck*
Filosofia e Doutrina . . . . . . *J. Lima*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1944 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Professor Ernesto Bozzano

A despeito de bastante preconceito por parte de muitos e oposição de sistemas religiosos estabelecidos, o Espiritismo avança e dia após dia conquista novos aderentes. O seu poder reside no facto de estar a convicção baseada sôbre a experiência pessoal. Quando o assunto desperta o interêsse de qualquer pessoa, o Espiritismo não pede a sua aderência a seus princípios e não exige a sua crença apontando-lhe os testemunhos do passado. Sua convicção deve resultar de sua experiência pessoal. Centenas de cientistas confirmaram, em resultado de suas investigações pessoais, os factos básicos do Espiritismo, porque o estabelecimento de qualquer verdade repousa sôbre leis imutáveis.

Dentre os cientistas que enriqueceram a bibliografia espírita, destaca-se Ernesto Bozzano cujo passamento se verificou um ano atrás, precisamente a 6 de Julho de 1943.

No decurso de sua adolescência, os ramos do saber humano sempre exerceram uma fascinação irresistível sôbre seu espírito. Mas acima dessa multidão de aspirações de estudante, uma havia que sôbre as outras exercia sua soberania, a paixão exasperada de penetrar o mistério do ser humano, o porquê da Vida, do que resultou dedicar-se, por fim, ao estudo metódico das diversas filosofias.

Aos 15 anos de idade já a sua razão se rebelara contra toda a crença resultante de um «ato de fé». Com o propósito de formar uma opinião, estudou as obras dos filósofos espiritualistas, de Platão a Hegel, de Descartes a Lotze, a Rosmini e Gioberte. Mas de nada lhe serviram êsses estudos laboriosos que, ao contrário, ainda mais o precipitaram no abismo da dúvida, porque à primeira revolta ajuntou-se uma segunda, que o impeliu a rejeitar os postulados metafísicos, em todos os pontos comparáveis aos «atos de fé».

Depois voltou-se à filosofia científica e com ardor mais apaixonado leu, releu, anotou as obras a começar de Buchner até Ardigo. Enfim, entregou-se ao estudo aprofundado do sistema filosófico duma sumidade entre as sumidades: Herbert Spencer. E foi êste último que o fascinou, o convenceu e o reteve. Durante dois anos consecutivos, nada mais fez do que estudar, anotar, classificar todo o conteudo do seu importante sistema filosófico, no qual todos os ramos da ciência convergiam para a compreensão científica de todo o universo. Do que resultou parecer-lhe resolvido o lancinante Mistério do Sêr humano.

O positivismo de Herbert Spencer era bem a verdade mesma que êle havia procurado com tanta tenacidade e desfalecimento. Desde êsse momento converteu-se em apóstolo da filosofia spenceriana, sustentando polêmicas com todos os que ousassem opôr a menor dúvida aos postulados mecanicistas dêsse gigante do pensamento. Tornou-se um materialista positivista a tal ponto convencido que impossível lhe parecia poder existir pessoas cultivadas, dotadas de mediano senso comum e crentes na existência e sobrevivência da alma humana!

E materialista positivista permaneceu Ernesto Bozzano durante dez anos e assim permaneceria até o termo de sua existência terrestre se no horizonte do saber humano não houvesse raiado a aurora duma ciência nova dominando todas as outras: a metapsíquica, que o prof. Charles Richet denominou: «a Rainha das Ciências» mas que a posteridade denominará: «A Ciência da Alma».

O período de crise não tardou a sobrevir para a sua conciência científica, provocada pelo volume de Alexandre Aksakoff — *Animismo e Espiritismo*, que abalou profundamente a solidez de sua fé positivista. Do que resultou, para êle, um período extremamente penoso de perturbação moral; se bem que a sua nova orientação filosófica se empenhasse no sentido de uma concepção filosófica muitíssimo mais reconfortante, êle assistia, não menos abatido, ao desmoronar lamentável de todo o sistema de convicções filosóficas adquiridas à custa de longas meditações e ás quais já se afizera a adaptação psicológica e ética de seu espírito.

Naquela época leu numerosas obras psíquicas e espíritas de autores em evidência, tais como Allan Kardec, G. Delanne, Léon Denis e outros.

Tendo Ernesto Bozzano formado uma cultura sólida sôbre o problema, julgou chegado o momento de confrontar seus conhecimentos teóricos com as investigações experimentais. Por efeito da lei misteriosa que aproxima uma das outras as pessoas dotadas da mesma afinidade, êle se avistava com diversos perquiridores que se entregavam a investigações mediúnicas com intenções sérias. Dentre êles, o Dr. José Venzano, o cavalheiro C. Peretti e Luiz Arnaldo Vassalo, diretor do *Século XX*. Em Genova fundaram a primeira sociedade de Estudos Psíquicos de nome *Círculo Científico Minerva*, que teve quatro anos de vida gloriosa. Eram cerca de 70 os membros. Experimentavam por grupos, e não tardaram a descobrir entre os componentes, dois potentes médiuns de efeitos físicos e intelectuais, graças aos quais registraram manifestações de todas as espécies, como golpes violentos vibrados à distância, luzes espirituais, movimentos de objetos sem contacto, em plena luz, e «apports» e «desapports», (desmaterialização de apports) dos mais notáveis e a pedido e, sobretudo, excelentes provas de identificação de espíritos. Seguiram-se as longas experiências com Eusapia Paladino, de que participaram os professores Henri Morselli e François Porrò, no decorrer das quais obtiveram, em 11 meses, o que de melhor a médium poude produzir em toda sua vida, inclusive as materializações completas de fantasmas, observadas à luz plena, ao mesmo tempo que a médium jazia estirada no gabinete, de braços, busto e pernas ligados e amarrados

PROF. ERNESTO BOZZANO

pelo prof. Morselli, a um leito de campanha. De cada vez que as aparições materializadas abriam as cortinas para se tornarem visíveis à luz plena, o corpo da médium, ligado e estendido sôbre o leito, se tornava claramente visível a todos os experimentadores. O prof. Ernesto Bozzano fez um relato dessas experiências em seu livro: *A Hipótese Espírita e as Teorias Científicas* e o prof. Morselli tratou dos mesmos fenômenos em dois tomos de sua obra importante: *Psychologie et Spiritisme*.

Em sua carta ao Snr. Bragadin e publicada em *Ali del Pensiero* e sob o título «Como me tornei Espírita», Ernesto Bozzano dizia textualmente o seguinte:

«Eu paro aquí na evocação destas recordações, cuja narração me foi solicitada, para esclarecer os primeiros passos que dei sôbre a via que deveria conduzir-me ás convicções espíritas que hoje professo. E como estas lentamente amadureceram no fluir de numerosos anos de perseverantes estudos empreendidos sem prevenção de qualquer espécie, eu creio ter conquistado o direito de exprimir, com conhecimento de causa, o meu parecer sôbre a significação e importância das investigações metapsíquicas. E' o que faço nos seguintes termos: aquele que, em lugar de se perder em discussões ociosas, empreender investigações sistemáticas sôbre os fenômenos psíquicos e perseverar durante longos anos, acumulando um material imenso de factos, para em seguida submetê-los aos métodos de experimentação científica, certamente acabará por convencer-se de que os fenômenos supranormais constituem um admirável complexo de provas anímicas e espíritas, convergindo todas para a demonstração rigorosamente científica da existência e da sobrevivência da alma humana».

Assim se externou o eminente espírito, a quem esta revista tributa esta despretenciosa homenagem póstuma.

Esnesto Bozzano estudou todas as modalidades mediúnicas e publicou grande número de monografias, grande parte das quais reproduzidas em séries nesta mesma revista. Ainda nos lembramos da profunda impressão de suas primeiras obras que lemos — «Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte» e «A Crise da Morte», cada qual dos episódios magistralmente comentados pelo grande sábio.

Possa Ernesto Bozzano usufruir das grandes bençãos que o Senhor prodigaliza a todos os que durante a sua jornada terrestre iluminam e confortam seus semelhantes.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

1.ª CATEGORIA

CASO II — Enfim, resta-me mostrar que se chegou a obter também a fotografia do braço fluídico de um amputado e isso graças ao magnetizador Alphonse Bouvier, célebre pelas numerosas curas magnéticas que realizou e algumas das quais são dignas de serem tomadas em séria consideração.

Em o *Journal du Magnetisme* (Julho de 1917), publicou êle longa relação sôbre o modo por que chegou a fotografar um membro amputado, relação ilustrada com um bom cliché, onde aparece a sombra fluídica de um braço ausente.

Tomo á *Psychica*, (1931, pag. 129) os documentos que aqui reproduzo, notadamente uma carta pessoal que Alphonse Bouvier escreveu á diretora desta revista — Mme. Borderieux e na qual se diz :

> «Partindo desta hipótese que, visto a análise espetral dar os vestigios dos gases os menos densos e nestes os mais rarefeitos no espetro, por traços obscuros correspondentes: traços de ab-

sorpção, ou por traços brilhantes, se os gases são levados à alta temperatura em determinadas condições de emissão, daí induzimos que o dúplo magnético deveria êle próprio marcar a sua presença. O facto vem confirmar a hipótese.

Mas, em lugar de marcar exatamente os traços e determinar-lhes o comprimento de ondas, fomos surpreendidos por formas; ora formas de eflúvios desprendendo-se das mãos, ora de membros amputados, semelhante à mão fantasma de que vos falei.

A foto que vos remeto mostra o mutilado... cujo braço amputado a 13 cents. da espádua, está estendido, dando uma diagonal de cerca de 33 gráus, o ante-braço e a mão se elevam a 23 e 25 graus sôbre o plano horizontal, tomada ao nível da espádua. O comprimento do braço é mais ou menos de 63 cms.; de resto é êste o cumprimento do braço esquerdo...

Quando foram tomadas as fotos, nada de particular vimos sôbre o ecram, como quando obtemos simples radiações magnéticas ou outras; é no desenvolvimento que aparecem os objetos.

Quando colocamos um mutilado, o membro amputado, no espetro, no membro desaparecido êle experimenta uma sensação que se modifica segundo os raios que o atravessam; cada côr do espetro dá uma sensação distinta, mas sempre análoga para todos os que posam, o que implica a ação sôbre os membros fluídicos duma diferença no cumprimento de ondas, cousa que os nossos físicos podem constatar, se se derem ao trabalho de estudar êsses fenômenos.»

Alphonse Bouvier reforça a validade de suas experiências pessoais ajuntando-lhes uma descrição minuciosa dos métodos empregados, precauções tomadas, modalidades segundo as quais se desenrolaram as delicadas experiências, todas as informações tecnicamente necessárias e importantes, mas que abstenho de relatar para ser breve.

Como se vê, com estas ùltimas experiências, encontramo-nos em presença de provas, de facto concludente quanto à demonstração da existência real, sob forma fluídica, do membro amputado.

O que equivale, de maneira não menos concludente, a demonstrar a existência imanente de um «corpo etérico» no «corpo somático». Dai a importância teórica que assumem os fenômenos de «sensações de integridade nos amputados», para a solução do grande problema aqui examinado, o qual reveste uma importancia fundamental para a demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. E' neste ponto flagrante, que certos homens de ciência, sistematicamente opostos á sobrevivência humana, após terem convenientemente estudado os fenômenos psíquicos, reconhecem publicamente a realidade de quasi toda a fenômenologia metapsíquica, mas... recusam-se a admitir a existência dum «corpo etérico», imanente no «corpo samático», e isso, evidentemente, porque tal aceitação os forçaria a renunciar às convicções filosóficas pessoais e sinceras. O ùltimo dentre êles, o Prof. Bernard, que recentemente publicou um grosso volume intitulado: *O Supranormal,* em que reconhece a realidade de quasi toda metapsiquica, salvo o espantoso fenômeno de «bilocações», fenômeno que implica a existência dum «corpo etérico», suscetível de se separar temporariamente do «corpo somático», com as consequências teóricas que daí decorrem.

Assim postas as cousas, desejável é que outros experimentadores não tardem a retomar as importantes experiências de Alphonse Bouvier, de modo a conferir-lhe o valor dos factos definitivamente adquiridos para ciência.

E aqui, a título de observações complementares convergindo para conclusões idênticas, eu cito ainda exemplos de sensitivos que, encontrados em pessoas amputadas de um membro, espontaneamente declaram perceber o membro falto sob uma forma fluídica. O Dr. Kerner conta o que segue, da célebre «Vidente de Prevorst»:

«Quando ela encontrava uma pessoa que perdera um membro, continuava a ver o membro ainda ligado ao corpo. Quer dizer que ela via a forma do membro produzida pela projeção do fluído nervoso, do mesmo modo por que via as formas fluídicas de pessoas falecidas. Talvez nos permita este interessante fenômeno, explicar as sensações experimentadas pelas pessoas que ainda sentem o membro que fôra amputado. A invisível forma fluídica do membro ainda está em relação de continuidade com o corpo visível e isto nos prova suficientemente que, após a destruição do envólucro visível, a forma é conservada pelo fluído nervoso.» (Dr. Kerner: «A Vidente de Prevost», pg. 47).

Passando à exposição rápida das impressões conexas de enfermos atacados de hemiplegia, eu observo também a êste propósito, quanto a hipótese «periférica» se torna sempre mais problemática e insustentável, tendo em consideração que os enfermos em apreço afirmam sentir e ver bem perto de si, e precisamente do lado paralisado, uma outra pessoa que êles teem como reprodução exata delas mesmas, e teem a impressão que ela goza da inteira sensibilidade que lhes foi arrebatada.

O Dr. Sollier expõe tais factos no «Bulletin do Institut Géneral Psychologique» (1902, pag. 45 e 1904, pag. 539) e os explica recorrendo a uma variante da hipótese «periférica» a saber, como «projeções halucinatórias de origem cenestésica». Não menos devemos observar que, se para os amputados, as duas hipóteses são legitimas por se conservarem inteiras, nos amputados, os centros de inervação periférica e o sentido cenestético, não se poderia afirmar a mesma cousa dos hemiplégicos, cujos centros de inervação correspondendo ao lado paralisado, estão destruidos e cujo sentido cenestésico está mais ou menos *enfraquecido*. Aqui não seria lícito falar de sensações de «desdobramento» consecutivas ás *excitações periféricas* transmitidas a centros inexistentes, exatamente como haveria contradição ao falar de *uma hipertrofia* do sentido cenestético indo até provocar uma objetivação halucinatória, ao mesmo tempo que o sentido em questão se acha *enfraquecido e diminuido*, em consequência de lesões traumáticas centrais, e não de desordens funcionais, o que seria outra cousa.

ET PER CONVERSO, não existiria contradição, e os factos se conciliariam com a teoria quando, nas investigações psíquicas de hoje, sôbre os fenômenos de «exteriorização da sensibilidade», se sustentaria a tese do desdobramento nos casos de hemiplegia, fazendo notar como, por efeito da paralisia sôbrevinda, os liames que uniam o «duplo fluídico» a uma metade do organismo, provavelmente desapareceram e assim determinaram uma separação parcial um do outro.

Concluo e resumo: O fenômeno das «sensações de integridade» nos amputados, e o outro, conexo, das «impressões de desdobramento» nos hemiplégicos, bastam por si mesmos para provar de um ponto de vista inesperado, a existência dum «corpo etérico» imanente no «corpo somático». E é esta a prova fundamental indispensável á demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano. Além disso, como os fenomenos em questão representam o grau inicial dos fenômenos de «bilocação», êles concorrem admiravelmente a completar as provas experimentais necessárias á demonstração científica destas ultimas, as quais, em seu pleno desenvolvimento (quando então são transferidos ao fantasma desdobrado, a conciência, a inteligência, a memória integral e as faculdades sensorias supranormais), fazem emergir uma circunstância de facto teoricamente muito importante, a saber, que a sobrevivência do espírito humano à morte do corpo se evidencia um facto experimentalmente demonstrável, *mesmo que alguém queira limitar-se aos únicos fenômenos de bilocação.*

(Continua).

Considera a pessoa de outrem como tua igual em dignidade, e abstem-te de servir-te dela para atingir teus fins egoístas.

KANT.

A Ciência da Negação

J. B. Chagas

— II —

AQUELES que se aventuram a perquirir o *porque* das cousas, se expõem realmente a grandes perigos, porque se abalançam à procura do ignorado, sem as devidas cautelas ou precauções. Outros vêem as cousas pelo lado puramente material, e para êstes tudo está dentro da matéria, porque — segundo êles — o que a ciência materialista não explica, não existe, é mistério, esquecidos de que é muita temeridade negar os factos, só porque não são do nosso conhecimento. E' pois, uma fórmula empírica negar o que está fóra das nossas percepções, ou do alcânce do nosso raciocínio.

O Espiritismo sempre existiu, dêsde que foi creado o primeiro espírito. Faltava apenas o processo adequado para pô-lo em evidência, livremente, como hoje fazem por aí em fóra casas onde são estudados os Evangelhos de Jesus, segundo o *espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.*

Mas não é só a covardia dos sábios que tem creado o maior obstáculo a propagação do Espiritismo: tambem os comodistas espirituais, os espiritistas de gabinete, como os materialistas-cientistas e espiritualistas-religiosos, que se casam pela igreja católica e levam seus filhos à pia batismal, por tudo isso e pelo pouco caso que ligam ao progresso das ciências. Não querendo estudar e observar, fecham-se num ceptismo revoltante, que não encontra justificativa, e é denunciador de inferioridade de caráter.

Os primeiros, os materialistas-cientistas, nada admitem fóra da matéria. Para êstes, mesmo a matéria viva é inerte, mas passível de *irritação*... Ora, sendo a matéria viva, inerte, mas passível de *irritação*, é claro que existe um elemento, agente de irritação, que está fóra da matéria e independente dela.

Outros, não podendo apreender os esplendores da ciência espiritualista, os factos e as manifestações dos espíritos, atribuem os trabalhos dos espíritas e dos *médiuns* à Satanaz, e eis como o Diabo aparece como fator negativista.

«A intolerância de certos sábios — diz-nos *J. Maxwell* — só pode ser comparada à de certos dogmas... O preconceito religioso que proscreve as experiências como sobrenaturais é tão pouco justificável *como o preceito científico que neles só vê fraude e embuste.*»

O que se passa nos Centros Espíritas é obra de Satanaz! Êsse é o argumento barato, chulo, dos ignorantes. Ora, Satanaz, segundo os adversários do Espiritismo, é o gênio do mal, logo Satanaz está *contra a sua obra*, porque o Espiritismo só faz o bem, e todo aquele que está contra a sua obra, está contra si mesmo, ou então, permitam o termo, Satanaz está caducando...

Êsses argumentos, felizmente, caem por si mesmo e não encontram éco, porque no Século XX todos têm sêde de investigação, de saber.

Mas, infelizmente, por um comodismo desprimoroso para o homem, êle tem delegado a outrem a solução de tão transcendentes problemas, que a êle sómente compete a decifração.

O *magister dixit* e o *pater dixit*, perderam toda a sua autoridade, porque todo ente humano é um ser pensante, não comportando os tempos que correm tutelas espirituais, e aquele que transfere a terceiros a prerrogativa de pensar por si, abastarda-se moralmente. Assim não fôra, e Deus, o Creador de todas as cousas, não teria dotado a criatura humana de inteligência, raciocínio, ou seja razão, sendo prático e, sobretudo, livre arbítrio, que asseguram ao homem o governo conciente de si mesmo, com os gravames que isso acarreta, pelo bom ou mau emprêgo dessas faculdades.

«Não merece a honra de uma refutação—afirma *D. José Pellicer*, em seu formidável livro —«*Roma e o Evangelho*» —a idéia de atribuir ao diabo, exclusivamente ao diabo, as comunicações espirituais». E' a afirmação de um padre que começou seus estudos de «espiritismo com a resolução de abandoná-los se, no caminho das investigações teórico-práticas, surgisse algum princípio oposto à moral evangélica, baluarte inabalável de nossas crenças religiosas», conforme consigna em sua obra.

O Satanaz, que os nossos adversários dizem estar conôsco, perdeu todo o seu prestígio, como foram desprestigiadas as falsas crenças do inferno, purgatório, penas eternas, que nem para fazer mêdo as crianças, servem mais... Até o milagre, tão beatificamente apregoado, desceu mais razo que o chão, porque a doutrina espírita aí está espalhando aos quatro ventos, pelos livros do seu codificador, estas verdades: «O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma exceção ás leis da natureza e, por conseguinte inexplicável por estas leis. Dêsde que um facto possa ser explicado e decorra de uma causa cònhecida, deixa de ser milagre. E' assim que as descobertas da ciência têm feito entrar no domínio do natural certos efeitos considerados milagres, por serem ignoradas as suas causas».

Mas, voltemos aos materialistas. Um eminente brasileiro e grande *prócer* abolicionista, deixou-nos estampado em magistral quarteto o seu sentir materialista. Ei-lo:

Tudo é nada no mundo, o nada é tudo,
Porque tudo do nada foi tirado!
Porque no nada tudo é transformado,
E ao nada volverá num dia tudo!

Hoje, certamente, o seu espírito deve ter compreendido que não vindo do *nada*, porque centelha divina, ao «nada» não volvêra, porque não existe o *nada*.

O homem é matéria e espírito, e investido dessa dupla personalidade, encerra em si os seus próprios destinos e é o construtor da sua própria felicidade. E sôbre um dêsses elementos que o homem completa, afirma-nos *Bozzano*: «Que um Nicoláu Paganini, possa tirar efeitos admiráveis de um violino monocórdio, é coisa naturalíssima, dêsde que em semelhante instrumento não existem notas, cabendo a *virtuosidade* do executante a tarefa de improvisá-las; mas que um *Rubinstem* possa tirar efeitos admiráveis de um piano desafinado e desmantelado, isso não, porque, em tal instrumento, as notas são prefixadas, nada podendo sôbre elas a virtuosidade do executante».

Pascal, aos doze anos, descobre a maior parte da geometria plana. *Mozart*, contando apenas quatro anos, executa ao piano uma sonata, e, com oito, compõe uma ópera. *Thereza Milanollo*, quando ainda na infância, tocava violino de modo a assombrar as capitais da Europa. São factos êsses que provam a existência de um elemento superior que independe do «homem-matéria».

A natureza, porém, inteligentemente, restringe as nossas percepções e sensações. Só pouco a pouco ela nos impulsiona pelo caminho da sabedoria. Só muito lentamente, de vida em vida, somos levados ao conhecimento da verdade-relativa, porque a verdade-integral ninguém a possuirá na carne, para que se cumpram as palavras evangélicas, mesmo porque muita luz cega.

* * *

Portanto, todo efeito tem causa; toda causa precede o efeito e das mesmas causas decorrem os mesmos efeitos. Porque, como é do nosso conhecimento, o acaso não existe.

Felizmente soará tudo a sua hora e concluiremos, afinal, que tudo ocorre no momento exato, preciso.

A hora, porém, tem soado para muitos sábios e inventores que julgam, no entanto, suas descobertas os frutos do seu esfôrço, de sua imaginação, esquecidos de que — segundo diz *M. Bomfim*, em sua obra *Noções de Psicologia* — «a inteligência é orientada (como que guiada), pela tendência natural para a perfeição e a harmonia, e a imaginação creadora trabalha sob o estímulo imediato das afeições». A imaginação, também, denomina êle «faculdade de conceber novas sínteses mentais, independentemente do influxo direto dos sentidos.» Vejamos bem *independentemente da ação direta dos sentidos!* Mas, para *Guyau*, a creação imaginativa tem início por uma *concepção confusa* — atentemos, mais uma vez, o que vem a ser essa «concepção confusa» de que nos fala *Guyau*, — mais ou menos rápida — que é a inspiração, resultante de uma aproximação de imagens, que se associam e logo se fundem: Diz-nos êle próprio: «E' uma sintese obscura, sôbre a qual o espírito trabalha aturadamente, — decompondo, recompondo, substituindo, numa série de imagens esboçadas, até obter a sintese definitiva, a creação original.»

Toda inteligência pode possuir uma grande concepção para interpretação dos factos, mas a indução de princípios gerais das leais, corresponde a uma descoberta ou invenção. *Newton* inventou, realmente, essa lei da atração universal, a qual o seu nome está intimamente ligado. Não fôra, porém, o seu grande poder de concepção aliado a uma intuição divina, ser-lhe-ia impossível colher da observação de factos tão desconexos esta fórmula rigorosa e exata : «os córpos se atraem na razão direta das massas, e na razão inversa do quadro das distâncias».

«A inspiração — afirma *Aleixo Alves de Souza,* na sua magnifica obra «*Os Grandes Ideiais Humanos*» — é uma só ; uma só é a fonte e origem da concepção ideal ; as concepções e creações são tantas quantas as individualidades e temperamentos artísticos capazes de vibrarem ao sôpro da Inspiração Eterna.»

E um pensador patrício, secunda-o mais ousadamente, quando assevéra que : «o homem só realiza o que póde quando idealiza o que não pode.»

Mas não basta possuir uma grande concepção creadora ; é preciso sobretudo «á inteligência da coisa juntar a flexibilidade do talento» para poder transmitir aos outros tudo aquilo que possa fazer vibrar a sua sensibilidade «ao sôpro da inspiração eterna», como bem diz *Aleixo.*

O que é certo, é que os sábios, procurando, na abstração de seus gabinetes, durante longas horas de concentração e paciente meditação, novas concepções, são imperceptìvelmente intuidos por entidades estranhas, e o «lampejo do gênio, outro cousa não é senão o sôpro espontâneo de um Espírito superior.» E se a hora houver soado, sendo o sábio escolhido para mostrar ao mundo uma nova ordem de cousas, a descoberta aparece.

Assim, o sábio, o estudioso, é apenas premiado no seu esfôrço. Porque também está escrito : «nada permanecerá eternamente oculto.»

Por aí se vê que a descoberta do gênio não pertence ao sábio, e por isso não é dado a ninguém descobrir qualquer cousa e guardar o segredo aváramente. Porque o que assim proceder terá o desprazer de vêr surgir, mais além, a mesma descoberta. E o que a êle foi concedido por uma *concepção confusa e independentemente do influxo diréto dos sentidos,* se-lo-á a outrem nas mesmas condições !... Porque a rigor «nada foi inventado, tudo existe em estado latente, competindo ao homem procurar os meios de aproveitar as fôrças que oferece a natureza», assevera *Kardec.*

Eis porque é certo, e está nos Evangelhos — que «a lâmpada acesa não pode permanecer sob o alqueire.»

E a prova aí está na palavra que nos vem do alto: «A nossa missão — dizem-nos os Espíritos — consiste em por a Eternidade a serviço do Tempo e renovar, para a humanidade, sôbre bases científicas, a noção fundamental da continuidade da existência, dos dois lados do túmulo. Qual seja esta empreza, quão imensa e multiforme, nem quais os méritos dos perseverantes esfôrços que vêm despendendo, de geração em geração, as mentalidade mais de escól, não podeis conceber, senão de um modo muito vago e obscuro. Dela sairá revigorado, vitalizado, transformado, todo o sistema ético-religioso do mundo». Eis a palavra dos mortos.

Atentemos bem no que ficou dito. Em virtude da nossa miopia de concepção não podemos alcançar o esfôrço perseverante das mentalidades de escól, no sentido de transformar o sistema ético-religioso do mundo, e renovar, para a humanidade, sôbre bases científicas, a noção fundamental da continuidade da existência, dos dois lados do túmulo . . .

A ESMOLA

Eu passava por uma rua : um mendigo velho e decrépito embargou-me os passos. Estendeu-me a mão esquálida e suja, e surdamente implorou socorro.

Eu nada tinha, nem mesmo um lenço. Confuso, não sabendo o que fazer, apertei-lhe fortemente as mãos. O mendigo levantou os olhos tristes e apertou-me igualmente as mãos.

— Está bem, irmão, obrigado. O teu gesto é tambem uma esmola.

Senti, então, eu mesmo, que acabava de receber alguma coisa desse irmão. — TOURGUENEFF.

William Crookes

ENTRE os grandes homens que maiores benefícios prestaram à ciência e que mais contribuiram para firmar o Espiritismo em bases sólidas é justo relembrar o nome do eminente químico inglês William Crookes, cujo nascimento se verificou em 17 de Junho de 1832, portanto, há 112 anos.

A' medida que o tempo avança, rasgando novas e promissoras perspectivas à humanidade, em que a ciência vai conquistando, a passos lentos mas seguros, o lugar que lhe cabe como orientadora dos destinos humanos, o nome de William Crookes brilha cada vez mais nos horizontes terrenos ao lado dos excelsos missionários que, investidos dos poderes do Alto, tudo ofereceram, até a própria vida, para que a luz da Verdade pudesse devassar as trevas que envolviam as criaturas.

WILLIAM CROOKES

William Crookes, como tantos outros de igual envergadura e cujos nomes ilustram os anais do psiquismo, foi um continuador intransigente da obra de Kardec, tão honesto, sincero, fiel e perseverante como o Codificador.

Enfrentando com a bravura de um soldado aguerrido, o espírito de sistema, que constitue o sinál caraterístico dos espíritos retardatários, Crookes, com as suas experiências científicas, de onde surgiram factos maravilhosos, desvendou novas sendas à ciência, impulsionando-a vigorosamente para a frente, na execução de sua grandiosa missão, que não pode ser paralizada pelos obstáculos postos à sua marcha pelos corifeus que visam manter preconceitos, tradições e interêsses materiais.

O trabalho que o célebre químico inglês desenvolveu no âmbito do seu sacerdócio, ainda não poude ser avaliado como deveria ser. Os laureis que lhe conferiu a ciência oficial nada representam em face do seu trabalho no campo do psiquismo experimental. Êle é digno da consagração unânime de todos os homens, porque dos seus esforços surgiram novos conhecimentos que, rompendo os estreitos círculos das concepções materialistas, conduziram os nossos pensamentos à outra margem da vida, não por induções abstratas, mas por factos inconcussos, inegáveis, por êle observados e estudados sob o mais rigoroso controle científico.

Entre as suas inúmeras experiências psíquicas, que tanto confundiram e abalaram os cepticos, podemos citar as célebres materializações do Espírito de Katie King, não só pela importância do facto em si mesmo como pela repercussão que continuam e continuarão a ter no mundo. As descrições dessas materializações, que têm a seu favor testemunhos insuspeitos, muito contribuirão para alargar a visão dos sábios, servindo de base ao progresso da ciência, que não pode continuar a se estribar nos efeitos, mas nas causas, nos factos.

Com o concurso da médium Florence Cook, uma jovem de quinze anos, Crookes assistiu e estudou, com a competência de um sábio que sabe medir as suas responsabilidades, durante três anos, as materializações de Katie King, que por êle foram publicadas em diferentes jornais espiritualistas.

No início de suas experiências

surgiram acusações de fraude, contra a médium, mas isto serviu para que Crookes redobrasse os seus esforços, não só para fazer prevalecer a realidade dos factos, como para fazer outras e substanciais experiências comprobativas do fenômeno espírita. E todas as suas experiências se realizaram com pleno êxito, embora exigissem constantes e exaustivos esforços.

William Crookes demonstrou cientificamente que a teoria espírita não é uma fantasia de cérebros doentios, uma filosofia abstrata, mas um facto real, positivo que se apoia em princípios e leis que a ciência oficial ainda teima em desconhecer, mas que o reconhecerá mais cedo ou mais tarde, porque o progresso, em sua marcha, não admite estacionamento, muito embora sejam lentos os seus passos.

Dedicando ao eminente sábio estas breves linhas, «Revista Internacional do Espiritismo» tem por objetivo render-lhe sincera homenagem num culto de estima e consideração, pelo seu 112.º aniversário natalício ocorrido no dia 17 do mês passado.

Espiritismo

PROF. LEOPOLDO MACHADO

Fenômenos Espíritas e Sonambulismo. Uma Comunicação de Satan. Uma Sessão Espírita em plena Salpetrière.

PARA a alta mentalidade científica do dr. Mendonça de Castro, o Espiritismo consiste apenas «num estado de sonambulismo artificialmente provocado, dos *médiuns*.» É assim que os *médiuns* «como sonâmbulos naturais — diz s. s. — falam, escrevem, respondem às perguntas que lhes são dirigidas, mas de nada se recordam ao despertar».

Consiste em quasi nada o Espiritismo para o ilustre médico! Apenas num simples fenômeno de comunicação sonambúlica através de um *médium* inconsciente. Diante da afirmativa muito a sério do ilustre esculápio patrício, a gente fica a pensar na *tolice* de vultos como Flamarion, Croockes, Gibier, Aksakof, de Rochas, Zoellner, Lodge, Lombroso, Crawford, Barret, Russel Wallace, Bezerra de Menezes, Alberto Seabra e tantos, que andaram a pesquisá-lo, durante anos, pensando fôsse o Espiritismo coisa mais séria! A gente fica até com pena, por exemplo, da *simplicidade* de um Alexandre de Humboldt, a afirmar: «Os fenômenos espíritas não se podem negar; compete, agora, à ciência explicá-los!» E da *inépcia* do dr. Oxon, da Universidade de Orford, que, depois de cinco anos de estudar e experimentar o Espiritismo, confessa: «Os factos que exponho são resultados de minhas próprias experiências; êles me deram a evidência de que existe uma fôrça e uma inteligência fóra do corpo humano.» E da puerilidade de um Dr. Thury, da Academia de Genebra, que afirma: «Sua realidade está estabelecida. Ninguém tem o direito de chamá-los (os fenômenos espíritas) absurdos, sem repudiar, os testemunhos sérios dos que os afirmam».

Embora possamos alinhar centenas de testemunhos semelhantes, de cientistas e experimentadores de verdade, ficamos por aquí, a afirmar, de nossa parte, que, se tais fenômenos, — que não representam sinão uma face, apenas, e insignificante, da ação do Espiritismo — são obras do sonambulismo artificial ou sem artifícios, evidenciado fica a ação nêles do Espìrito, visto como fóra da ação dos Espíritos, não ha sonambulismo natural ou artificial. Nenhuma teoria da ciência materialista explica racionalmente, como o Espiritismo, o sonambulismo. E aquí não fazemos a demonstração disto, porque o médico ilustre deu, a despeito de tudo, a entender que aceita êste fenômeno descoberto pelo Marquez de Puységur.

Só *médiuns* inconscientes, como os sonambúlicos, não se recordam das comunicações de que foram veículos. Os *médiuns* concientes, bem ao contrário da afirmativa doutoral do esculápio, se lembram de tudo: falam e escrevem sabendo e sentindo que é uma fôrca estranha que os levam — até mau grado seu — a escreverem e a falarem!

Prosseguindo no seu estudo, que, embora inserto na primeira página de uma revista especializada e importante, não passa de um arranzel, sentencia: «Eu não acredito nos *médiuns*.» Belo argumento científico, êste, pois não? E, por causa disto, deixam de existir *médiuns* e mediunidades!? Ainda que s. s. fôsse uma celebridade, nenhum valor teria o seu crer ou deixar de crer!... E não acredita nos *médiuns* porque êles «só tiram de seus cérebros o que lá existe.» Também não crê nos Espíritos, «que só sabem o que o *médium* sabe.» Para demonstrá-lo, argumenta: «entra-se, por exemplo, numa sala onde se invocam espíritos e pergunta-se ao ouvido do *médium* o que Goethe perguntava aos Deuses, quando contra êles imprecava.» E grafa a pergunta em alemão, para que se saiba, quanto mais não seja, que sabe alemão! Conclue assim: «Se o *médium* conhecer alemão, o espírito falará; no caso contrário, nada dirá!»

O senso crítico de s. s não é menor do que a sua falta absoluta de conhecimento da Doutrina Espírita e seus fenômenos! Sinão, veria que, embora se tratasse de um *médium* que soubesse alemão, e respondesse por sua conta, seriam precisas duas condições para aquele «o espírito falará»: que o *médium* conhecesse a obra de Goethe e soubesse de cór a tirada dramática! Aquí está, senhores, o senso crítico dos que adversam, sem nada saberem, o Espiritismo!

Conta ainda s. s. que, certa vez, perguntou-se a um *médium*, numa sessão, algo sôbre o diabo. E o *médium*, «atrapalhou-se, porque não era culto.» Donde, ser preciso cultura para falar-se a respeito do diabo! Só para falar contra o Espiritismo, não se precisa de cultura alguma! E disto, dá mostras sobejas o esculápio ilustre. Pois bem: o *mèdium* «estabeleceu corrente com os irmãos de além-túmulo e respondeu por escrito: «Eu não existo!» E assinou, Satan.»

Nós temos lido e ouvido tantos absurdos, até dentro da medicina e de médicos arvorados a sábios, que não duvidamos tenham os assistentes da sessão em revista, com s. s. à frente, acreditado sèriamente na comunicação de Satan! Quem é capaz de apresentar, de público, numa revista de responsabilidade, um argumento destes, contra uma Doutrina que preceitúa «ser preferível rejeitar-se 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma só falsa,» é bem possível, não ha dúvida, de levar a sério aquilo!

Vamos expôr a s. s. um facto, que temos diante dos olhos, ilustrado a belos *clichès*, o qual responde e confunde todas as algaravias que escreveu nesta série de argumentos. O facto não se deu com nenhum espiritista, mas com o vulto, que o narra, diante do qual s. s. naturalmente se descobre reverencioso: dr. Jean Martin Charcot. Deu-se êle em plena Salpetriere, Paris. O grande médico apresentou a seus pares e discípulos uma sonâmbula — Alcina — a dizer, entre outras coisas: «Vêdes aquí uma histérica sob a influência do magnetismo. Ela obedecerá cegamente a quanto se lhe ordene.»

E ordena, no que é obedecido, que Alcina cante e danse.

Depois, esclarece: Deveis saber, por meu testemunho, pela Direção da Assistência Pública, pelo do alcaide da comuna de Levalois, seu lugar de residência, e pelo de suas companheiras, que esta mulher, além de idiota, é analfabeta. Com êstes dados, ides presenciar fenômenos surpreendentes.»

E manda que outros professores de medicina como êle ordenem a Alcina que escreva em qualquer idioma. Os professores Pannas, grego, e Matias Duval mandaram-na escrever em grego. A *mèdium*, executa, com precisão e clareza, as ordens recebidas...

Charcot, então, emocionado, declara: «Vou evocar espíritos, mas, não Espíritos vulgares.»

O prof. Laborde corta-lhe a palavra, sugerindo se evoque o Espírito de Galeno. Presente o Espírito, pergunta-se-lhe quais as observações posteriores que fez sôbre o corpo humano. Eis a resposta:

— «O corpo humano não há chegado á sua perfeita conformação. Os sistemas da circulação e da inervação estão bastante unidos e relacionados na obra da economia; porém, o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, sobretudo para a longevidade da raça humana. Em alguns animais inferiores, de vida mui larga, já se podia fazer experiências comprobatórias dêste asserto.»

Toda essa luminosa comunicação de Galeno foi escrita por Alcina com caracteres gregos e no antigo idioma do tempo do *Pai da Medicina.*

Depois, foi o professor Mathias Duval que pediu se evocasse Platão, para que dissesse das semelhanças entre Alexandre, Cesar e Napoleão.

Presente o Espírito, veio esta resposta:

— «Observai que fisicamente êsses três homens se parecem: estatura média, temperamento nervoso, exagerado, paixões veementes, vivacidade, soberba, talento geral extraordinário, tez morena, pelo fino, negro, mão fina, expressão fácil, eloquência clarissima, resolução firme, atividade inexgotável... Todas estas lhes foram condições comuns; a obra de guerreiros e conquistadores — idêntica; a ambição única e igualmente arrebatada; a dominação do mundo! Pois sabei; essa trindade teve uma só e mesma alma: foi Alexandre, foi Cezar, foi Napoleão.»

Mathias Duval replicou: «Em quem ha encarnado novamente essa alma extraordinária?

O sábio grego respondeu: «Encarnou-se num ser que não é habitante da terra; passou a uma outra ordem de sêres que habitam em Saturno».

E desapareceu: o giz não mais traçou caracteres gregos, e a mão da médium, como que encravada na mesa, permaneceu fixa, sem movimento.

Soou a hora regulamentar, e a sessão foi suspensa, ficando os concurrentes convidados para o dia seguinte, ás mesmas horas».

Não nos interessa no caso, saber se eram, mesmo, os Espíritos de Galeno ou de Platão. De nós, como espiritista, pomos nossas duvidas... Os Espíritos, mormente do tope de Platão e Galeno, não estão, por certo, ao alcance do primeiro apêlo, da primeira evocação. Talvez nem encontrem mais, na Terra, — tais e tantas que são as imperfeições de nosso mundículo, — atmosfera à altura de sua evolução e pureza. Foi, porém, e de qualquer modo, uma entidade espiritual e culta que, falando ou não como Platão e Galeno, ou como seus emissários, alí veicularam tais comunicações por uma rapariga histérica, idiota, analfabeta, destruindo, dêste modo, tudo quanto, *sapientissimamente*, escreveu o ilustre médico patrício.

O Espiritismo perante a Lei

Prof. Adauto de Oliveira Serra

O dr. A. Camara Leal, jurista ilustre, cujo nome é admirado por todos os que labutam na vida judiciária do país, bastante conhecido pela sua competência através das «Reflexões Jurídicas» nas colunas do «Correio Paulistano» escreveu para êsse jornal, em 13-7-939, um longo e fundamentado artigo sôbre «O Espiritismo e o projeto do Código Criminal Brasileiro», que data venia, transcrevemos.

«As leis, na parte cuja matéria pode abranger problemas religiosos, não deveriam ser elaboradas por homens filiados a uma determinada religião militante, porque, imbuidos do espírito de seita, não oferecem as necessárias garantias de imparcialidade, para bem aquilatarem da legitimidade da prática de outras religiões.

O homem é geralmente escravo de suas preferências ideológicas e tem a inevitável tendência para procurar hostilizar as crênças que não professa, prevalecendo-se das oportunidades para tentar manifestar o livre exercício das religiões que combate.

Por maior que seja a sua autoridade técnica, o legislador individual, o jurista encarregado da elaboração de projetos de leis, não se despe de sua individualidade partidária, e transporta para o arcabouço de seus projétos a sua orientação pessoal, inflada de preconceitos filosóficos, e eriçada de prevenções religiosas.

E disso temos um exemplo no projéto no Código Criminal Brasileiro, cujo autor, descendente de um ilustre titular romano, católico militante, procurou desfechar um gólpe certeiro e mortal contra o Espiritismo.

Na parte relativa aos crimes contra a saúde pública, visando diretamente a prática espírita, qualifica como crime e estabelece punição para o uso de gestos ou palavras como meio com finalidade curativa (1).

Esqueceu-se o autor do projéto que a norma penal não é, não póde ser, um projéto arbitrário. Ao legislador não é lícito forjar crimes ao seu talante.

O que carateriza o crime, na sua qualificação legal, é o dano material ou moral resultante da ação ou omissão do delinquênte.

O conceito do crime está substancialmente ligado ao da nocividade do ato punível.

Se o áto, em vez de nocivo, é útil, é benéfico, é humanitário, ou si, embora não seja benéfico, nenhum dano possa produzir, tornando-se indiferente, não se justifica sua proibição penal, nem a sua repressão.

O legislador que punisse os atos bons, tolhendo, por essa forma, a prática do bem, inverteria a função da lei penal e daria ao direito repressivo a desoladora missão de punir, não os crimes que são a manifestação do mal, mas as virtudes, que são fontes fecundas do bem.

Punir o bem é favorecer o mal e um Código que assim agisse seria êle próprio o maior dos crimes contra a ordem pública.

Para que a lei criminal pudesse qualificar de crime o exercício da cura por meio de gestos e palavras, era mistér que êsses meios fossem, por sua natureza, nocivos à saude.

O título a que se subordina o capítulo dos - CRIMES REFERENTES Á SAÛDE PÚBLICA — DENOMINA-SE — DOS CRIMES CONTRA A INCOLUMIDADE PÚBLICA — (2). Logo, o que o autor do projéto quís proibir e punir foram os atos nocivos à saúde ou que possam pôr em perigo a incolumidade pública.

Ora, gestos e palavras são atos que, por sua natureza, jamais poderão constituir qualquer ameaça ou risco contra a incolumidade do paciente. Isentos de qualquer nocividade, sua proibição e punição não se justificam em face do próprio projeto, porque não se enquadram na definição geral dos atos contra a incolumidade pública.

Porque, então, incongruentemente, foram qualificados crimes e sujeitos à repressão penal?

Porque o que se teve em mira não foi punir crimes, onde crimes não existem, mas impedir a prática do Espiritismo, não porque represente ela qualquer perigo social, mas porque incide no ódio sectário dos que professam princípios que lhe são antagônicos.

* * *

O Espiritismo, como ciência, baseia-se nas relações constantes entre o mundo espiritual e o material, manifestadas por fenômenos rigorosamente observados e proclamados como verdadeiros por uma plêiade notável de eminentes cientistas.

Bastariam as experiências, cercadas de todas as cautelas, levadas a efeito por sábios de renome universal, para que o Espiritismo, quando não fôsse aceito por nossos cientistas, vinculados a preconceitos religiosos, fôsse, pelo menos, respeitado.

Quem ousaria, sem se expor ao ridículo, contestar a autoridade científica de um WILLIAM CROOKES (3) de um RUSSEL WALLACE (4), de um CHARLES RICHET (5), de um DE ROCHAS (6), de um LOMBROSO (7)?

No entanto, as suas obras aí estão, e ignorá-las não é airoso aos que se ufanam de estudiosos e se orgulham de acompanhar o progresso evolutivo das ciências.

As curas espíritas, por influência dos espíritos, por meios supranormais, sem a interferência de agentes terapêuticos medicinais, estão amplamente comprovadas pelo testemunho insuspeito de muitas autoridades mundiais.

Já Jesus e os apóstolos curavam todas as enfermidades sem qualquer substância terapêutica (8).

E' que êstes tinham dons mediúnicos e se tornavam instrumentos da ação benéfica dos espíritos.

Encontram-se copiosas confirmações das curas espíritas em autores que não pertencem à escola de KARDEC, mas cujo testemunho obedeceu ao critério da mais nobre imparcialidade.

Assim BETCHEREW (9), PIERRE JANET (10), TOUKHOLKA (11), KARL HAPPICH (12), EMILE MAGNIN (13), WATRAZEWSKI (14), CARL WICKLAND (15), ROSA AGULIANA (16), HEWAT MACKENSIE (17), MAURICE

GARÇON (18), REHM (19), HENRI DESOILLE (20), CARLO ROTHY (21).

E os processos psicoterápicos, pela sua natureza espiritual, não oferecem qualquer perigo à saude, não podendo, portanto, incorrer na sanção penal.

Se a cura pelo Espiritismo é um facto, se seus métodos terapêuticos não provocam qualquer perigo à saude, se os espíritas reproduzem as curas exercidas pelos apóstolos, tornando-se elementos úteis à humanidade sofredora, em nome de que princípio poderá a lei penal tolher-lhes a prática da caridade e o sublime ministério do bem?

Somente nos tempos inquisitoriais, quando dominava o regime teocrático, a ciência foi muitas vezes amordaçada e os sábios punidos como herejes.

No entanto, se quer, por meio de leis draconianas, restabelecer a inquisição branca do século XX, negando-se a evidência cristalina dos factos e condenando-se uma ciência, não porque seja falsa ou nociva, mas contrária ás preferências religiosas de uma parte da coletividade, ou os interêsses profissionais de uma determinada classe.

* * *

A Constituição Federal assegura aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, a liberdade de culto. (22)

O culto é uma homenagem à Divindade, e os espíritas rendem essa homenagem a Deus pelo exercício da caridade. E assim procedem, em obediência aos ensinamentos evangélicos, porque entendem que nada seria mais agradável ao Pai do que a observância do grande mandamento do amor em que Jesus sintetizou todos os mandamentos. (23)

A caridade é pois, o principal culto religioso do Espiritismo, de modo que impedí-la é tolher a liberdade constitucional de culto.

Manifesta se torna, portanto, a ilegalidade do projéto do Código Criminal Brasileiro, que, para reprimir o Espiritismo, refugiu ao critério jurídico do direito repressivo e violou a liberdade individual garantida pela Constituição.

Proibindo a prática da caridade espírita, procurou tolher o livre exercício de culto de muitos milhares de brasileiros e arvorou arbitrariamente, em crime a prática do bem.

Faz-se necessário uma revisão dêsse projéto, para que a lei não se converta em instrumento do partidarismo sectário, e não venha a constituir-se em órgão simulado de uma nova teocrácia, com opressão à liberdade de conciência, em flagrante contradição com o espírito liberal da Constituição Republicana e com o caráter de imparcialidade religiosa do Estado leigo.

Toda lei que tiver por objetivo cercear a liberdade religiosa por meios injustamente coercitivos, estará condenada, por si mesma, a se tornar letra morta, mais cedo ou mais tarde, porque êsse é o destino fatal de todos os preceitos inspirados na opressão e que formam contra a conciência jurídica dos povos.

* * *

Arranquemos a máscara da hipocrisia e tenhamos a necessária energia para dizer a verdade.

A fábula do lobo e do cordeiro se renova em nossos dias.

Não é que o Espiritismo esteja turvando as águas da tranquilidade pública, não é que sua ação caridosa na cura dos enfêrmos esteja pondo em risco a incolumidade pública, nada disso se verifica e seus adversários bem o sabem.

É, porém, que ha uma palavra de ordem para que o Espiritismo seja debelado e extinto.

Assim como a condenação de Jesus obedeceu à palavra de ordem dos sumos sacerdotes da antiga lei, e êle foi supliciado, não pela nocividade pública de sua doutrina, mas porque contrariava os interêsses materiais dos fariseus, assim também é preciso que se condene o espiritismo.

Mas, como Jesus, êle sofrerá a iniquidade da justiça dos homens, para melhor merecer a glória da justiça de Deus.

---

(1) — Projeto do Código Criminal Brasileira — art. 234, parag. único n.º 1.

(2) — Projèto cit. — Liv. II, Tit. V. Cap. 1.

(3) — William Crookes — «Researches on Spiritualism».

(4) — Russel Wallace — «Miracles and Modern Spiritualism».

(5) — Charles Richet — «Traité de Metapsychique».

(6) — De Rochas — «L'Extériorisation de la Motricité».

(7) — *Lombroso — «Ricerche sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici».*

(8) — *Mateus — IV, 23; VII, 2—4 IX, 1—7; XIV, 35-36; Marcos-VI, 13.*

(9) — *Betcherew—«La Sugestion».*

(10)—*Pierre Janet - «Les Medications Psycologiques»*

(11) — *Toukholka - na «Revue Métapsychique», 1922 - pag. 429.*

(12)—*Karl Happich—«Das Okkulte».*

(13) — *Émile Magnin — «Devant le Mystère de la Nevrose».*

(14) — *Watrazewski — «Experiência de Conhecimentos Supranormais.»*

(15) — *Carl Wickland—«Thirty Years among the Dead».*

(16) — *Rosa Agullana - «La Vie Vècue d'un Mèdium Spirite».*

(17) — *Hevat Mackensie — «Quartely Transation of the British Colleg of Psichic Science» — na Rev. Mèt.—1924 - pag. 314.*

(18)—*Maurice Garçon - «Les Guèrisseurs et leurs Pratiques».*

(19) *Rehm—«Guérir sans Médecin».*

(20)—*Henri Desoille—na «Revue Métapsychique» — 1929, pag. 492.*

(21)—*Carlos Rothy—apud Carlos Imbassay—«O Espiritismo à Luz dos Factos» pag. 458.*

(22) — *Constituição Federal — art. 122, n. 4.*

(23) — *Matheus XXII, 37-40; Marcos,—XII, 29-31; Lucas-X, 27-28.*

Dr. Gabriel Gobron

A nossa prezada colega «Estudos Psíquicos», que se publica em Lisbôa, Portugal, em seu número de abril último notícia o desencarne do ilustre espírita Dr. Gabriel Gobron, que a miude ilustrava as páginas de «Revista Internacional do Espiritismo» com os seus substanciais artigos críticos, doutrinários e científicos.

Com o seu passamento mais um claro se abre na fileira espírita e mais um homem de valor incontestável perde a martirizada França.

Eis o que «Estudos Psíquicos» diz sôbre Gabriel Gobron:

«Depois de ter estado num campo de refugiados, em França, faleceu nas Ardenas, donde era natural, o nosso redator-correspondente Gabriel Gobron.

Soubemo-lo pela devolução do número 4 de *Estudos Psíquicos*, que fôra endereçado para o *Centre d'accueil des refugiées de L'Absie, Deux-Sèvres* e os correios alemães remeteram para *Rethel, Ardennes*, onde êle residia, antes da guerra. Êste número regressou ao ponto de partida, com a nota: *Décédé* (falecido).

Há muito tempo que as nossas relações estavam interrompidas. Em 26 de Julho de 1940, recebemos as últimas notícias dêle. Dizia que se encontrava no local acima citado e acrescentava:

«Rogo-lhe o favor de indicar o meu novo endêreço aos meus correspondentes portugueses, brasileiros e estrangeiros, dizendo-lhes que é temporário. Só mais tarde saberei o meu endêrêço definitivo. Depois, lho comunicarei. Já nada possuo nêste mundo, além de três pequenas malas de mão, com as quais eu e minha mulher teremos de fugir de Rethel, frente à batalha terrível. Estou despojado de todos os bens terrestres, reduzido a uma vida pouco espiritual e reconfortante, como os que não têm a nossa luz interior e as nossas certezas. Atravessamos uma prova apocalíptica, na confusão extrema em que se encontra o mundo atual. Soubemos que a nossa casa se encontrava de pé, embora, infelizmente, saqueada. Não sei quando poderá reaparecer *La Revue Spirite*, porque as coisas espirituais não têm agora ambiente nesta região. Resta-nos a nossa alma e Deus!»

Por aquí se pode calcular o estado de espírito de Gabriel Gobron, um dos espíritas mais desassombrados que ainda conhecemos.

Redator de *La Revue Spirite*,

com a «Bibliografia» e a «Crônica Estrangeira» a seu cargo, colaborou em dezenas e dezenas de revistas e escreveu muitos livros, um dos quais foi distinguido pela Academia Francesa.

Prometera-nos assídua colaboração e começou a cumprir a sua palavra; e se não fôsse a anormalidade motivada pela guerra, estamos convencidos de que teria sido um dos mais operosos colaboradores, não só em virtude da sua grande simpatia por *Estudos Psíquicos*, como também pelo dinamismo e entusiasmo com que defendia o Espiritismo.

Nêste ponto, era semelhante ao Dr. Rodrigo Sanz, outro redator-correspondente que a morte levou, precisamente quando lançavamos o 1.° número desta revista.

Gabriel Gobron dominava inteiramente sete ou oito línguas, entre as quais o português, razão esta que o levava a interessar-se pelas revistas luso-brasileiras, onde os seus artigos apareciam regularmente.

Além disso, era redator de *La Revue Spirite Belge*, à qual dava o melhor do seu esfôrço bem ordenado.

Enfim, Gabriel Gobron, romancista, historiador, crítico e poliglota de grande merecimento, abandonou as plagas terrestres e entrou no Além, afim de cumprir os desígnios de Deus.

Paz ao seu espírito, visto que só em paz conseguirá preencher a lacuna da sua vida cósmica, que talvez deixasse em aberto».

—

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Esp.—Penso que vou ficar aquí. Sinto-me melhor. Sinto-me muito melhor agora.

Méd.—Sentir-vos-eis ainda muito melhor depois de verificar a beleza do mundo espiritual. Devereis tornar-vos tão pequeno como uma creança, então podereis «entrar no reino do Céu». Não basta crêr, é preciso compreender. Qual é o vosso nome?

Esp.—Edward.

Méd.—E o sobrenome?

Esp.—Não sei.

Méd.—Onde vivieis? Sabeis que estais em Los Angeles, California? Sabeis em que ano estamos?

Esp. Não, não sei.

Méd.—Porque não sabeis?

Esp.—Perdi a memória. Não posso pensar. Nada mais sei. (Êsse estado de confusão parece indicar que a causa da anesia de certos enfêrmos é devida, provavelmente, a que se acham obsedados por espíritos em estado de perturbação).

Méd.—Isto é porque estivestes mergulhado nas «trevas exteriores» e, sendo um espírito errante, penetrastes na aura daquela senhora, a dominastes e a fizestes agir como uma pessoa insana.

Esp.—Queria ter um lar, bom e tranquilo.

Méd.—Está direito o que fizestes?

Esp.—Uma vez que estáveis errando na escuridão há tanto tempo e vieis uma luz, não vos deterieis?

Méd.—Essa não era a luz exata de que precisáveis. Necessitais da luz espiritual do entendimento.

Esp.—Então pensais que devo ir à igreja, cantar, orar a Deus e lêr a Bíblia?

Méd.—Fizestes, em alguma ocasião, um estudo aprofundado da história da Bíblia para saber quem a escreveu?

Esp.—Era o livro inspirado de Deus.

Méd.—Deus não escreveu a Bíblia, mas o homem. Poderia Deus escrever certas coisas que se encontram na Bíblia e que são impróprias para se lêr numa sociedade respeitável.

Esp.—Quem escreveu o livro?

Méd.—Foi compilado de muitas

fontes, durante diversos períodos, principalmente com o fito de manter o povo em sujeição pelo mêdo de um diabo e um inferno imaginários. A Bíblia é uma coleção de poesia, história, alegorias e filosofia, de contradições e de verdades, porém todo o mundo acredita que toda a palavra da Bíblia foi inspirada e insiste em interpretá-la liberalmente, em vez de aceitar o que é razoável.

A Bíblia diz que «A letra mata e o espírito vivifica» e «As coisas espirituais são espiritualmente entendidas». Daí ser a religião um processo de discernimento mental. Os ensinos do Cristo contém verdades maravilhosas, porém a igreja ensinou as alegorias como factos históricos, e dogmas, doutrinas e credos obscureceram o seu significado espiritual.

Esp. – Acreditais que Deus fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo?

Méd. — Não, isto é apenas uma narração alegórica. Os sete días simbolizam os sete princípios da Natureza. «Deus é ao mesmo tempo o Creador e a Creação»; se Deus repousasse, tudo acabaria. Devemos compreender a vida como ela é e não acreditar simplesmente no que nos é ensinado. Está ficando tarde e não podeis permanecer mais aquí. Vêde se há alguma pessoa conhecida perto de vós.

Esp. — Oh! Minha mãe está aquí! Há muito tempo que não a via, pois ela faleceu quando eu era rapaz.

Méd. — Prestai-lhe atenção. Ela pode auxiliar-vos.

Esp. — Quereis levar-me consigo, mãe? Estou tão cansado. Levai-me consigo.

Méd. — Sim, ela vos levará consigo, mas deveis abandonar todas essas crenças errôneas e procurar conhecimentos.

Esp. — Deixem-me ir. (Levantando-se para sair).

Méd. - Deveis pensar primeiramente que estais com a vossa mãe. Não podeis sair com êste corpo porque êle pertence à minha esposa. Pensai que estais com ela e com ela estareis imediatamente.

Esp. Estou cansado. Deixem-me ir com minha mãe. Ela se aproxima de novo.

Méd. — Ireis com vossa mãe. Deus vos deu inteligência para pensar, portanto, deveis deixar que a vossa mãe e os outros vos ensinem o que sabem.

Esp. — Minha mãe diz que devo pedir-vos perdão por ter sido tão áspero e também àquela senhora, por tê-la importunado.

Méd. — Podeis dizer-nos de onde viestes?

Esp. — Não posso lembrar-me.

Méd. — Em que ano pensais que estamos?

Esp. — Deve ser 1901.

Méd. — Já passaram dezenove anos. Quem é o Presidente?

Esp. — Mc Kinley.

Méd. — Êle foi ferido a tiros em 6 de setembro de 1901 e morreu a 14. Estamos agora em 1920.

Esp. — Onde estive tanto tempo? Dormindo? No inverno de 1901 eu estava muito doente e é difícil lembrar-me de algo depois disto. Foi perto do Natal. Resfriei-me e estava muito mal.

Méd. — Onde estáveis quando ficastes enfêrmo?

Esp. — Trabalhava nas matas, numa cidade madeireira, na derrubada. Lembro-me de que algo me caiu sôbre a cabeça e é tudo de que me recordo. Mamãe diz que o meu sobrenome é Sterling. Sim, é isto!

Méd. — Não pode a vossa mãe dizer em que cidade vivieis antes de trabalhar na derrubada das matas.

Esp. — Nasci no Iowa, diz minha mãe, porém, quando fui ferido, estava trabalhando nas matas, no norte do Wisconsin. Costumava morar no Iowa.

Méd. — Podeis lembrar-vos do nome da cidade?

Esp. — Não, não posso.

Méd. — Bem, amigo, procurai obter uma exata compreensão da vida e ser útil à humanidade, em vez de prejudicá-la. Estivestes prejudicando uma senhora e ela não está completamente boa.

Esp. — Não fui o único a prejudicá-la; há outros dois tão maus como eu.

Méd. — Quando melhorardes podeis auxiliá-la a ficar boa e afastar dela os outros espíritos.

Esp. — Tentarei. Obrigado. Adeus!

Filosofia e Doutrina

Pró-Organização do Espiritismo

Para a «Revista Internacional do Espiritismo» — J. LIMA.

VIVEMOS para aprender e aprendemos para viver... E' inegável êste fato. Tudo nos diz de uma grande lição a estudar e a própria natureza «morta» é um imenso campo de estudos e revelações extraordinárias, que tem consumido vidas inteiras de sábios e artistas anciosos por arrancar-lhe o divino segredo. Que dizer dessa natureza viva, esplendente de emoções, de empreendimentos gigantescos, de movimentos rítmicos e ordenados!

Que dizer do homem — essa maravilhosa expressão de vida, essa máquina reveladora de carne e espírito, imagem material do Creador do universo — o Sêr por excelência, ante o qual nos humilhamos e pelo qual vivemos, anciosos por compreendê-Lo, por sentí-Lo, por vé-Lo, por amá-Lo!

As ciências têm experimentado tudo o que já lhes foi possível experimentar, e tirado dessa própria natureza, plena de mistérios, muitos conhecimentos que lhes têm facultado a marcha na senda do progresso, êsse progresso cujo ciclo nunca se fechará por certo, porque o homem precisa progredir, subir muito mais ainda do que já tem subido.

A natureza continua sendo um imenso enígma, porisso que a ciência continua investigando e a Filosofía indagando sempre se descobre faces esplenderosas da vida universal, e o homem tem se elevado extraordinariamente acima dos níveis paupérrimos do sofrimento e da luta ingente da existência terrestre.

Que é a vida, hoje, senão um paraízo, comparando-a ao que era ontem? Que será a vida amanhã? Não nos diz a conciência e a razão que ela nos será fulgurante?

* * *

Vivemos para aprender e aprendemos para viver...

As religiões têm ampliado a figura do Deus místico que originaram, mas apesar disso, não mais julgamos o Creador como um ídolo e sim como a própria existência, por isso que o adoramos no íntimo da alma e só através da alma procuramos sentí-Lo.

O dilema da vida humana ganhou novo significado moral, intelectual e anímico com o aparecimento do Espiritualismo, derrubando as velhas noções e concepções do Materialismo, baseado apenas na apreciação do panorâma do universo físico, não cogitando do espiritual.

A teoría da reencarnação, embora ainda impugnada pela maioria, conforme nô-la apresenta a doutrina Espírita, veio explicar númerosos mistérios e quando a ciência e a filosofía oficial a aceitarem abertamente e convictamente e por ela basearem suas leis e suas atividades educacionais (pois que algum dia a aceitarão), ter-se-à então dado mais um grande passo na senda do progresso e ver-se-á que todos os grandes sofrimentos, misérias e crímes do mundo, diminuirão, porque então o homem saberá como preservar-se dêles. E' apenas uma questão de tempo...

* * *

Ha realmente o Progresso em todos os setores e o Espiritismo, dentro da concepção religiosa, revela-se como progresso de todas as religiões do mundo e isso já vai sendo bem compreendido pelas criaturas de senso altivo e bem formado que, por felicidade, não se prenderam aos místicos e rústicos argumentos da tradição, pois aceitaram e querem o Progresso.

E' que, como Religião, o Espiritismo não faz como as outras, abolindo de suas cogitações o sôpro esclarecedor da Ciência e da Filosofia, pois que, êle mesmo, além de as tornar elementos positivos e essenciais de sua forma de ser, revela-se, como religião, ciência e filosofia; não ciência e filosofia com caráter místico, mas justamente experimental, porisso que naturais, bem naturais. E' êsse o motivo por que o Espiritismo não tem sofrido contestações *razoáveis* da Ciência e da Filosofia, que só o não aceitaram ainda, aberta e oficialmente, porque a doutrina, dada a disparidade com que é usualmente desenvolvida, na prática e nas interpretações individuais, não constitue um organismo perfeitamente uniforme. Mas a culpa não é dela e sim dos que não a sabem interpretar no seu sentido verdadeiro.

Hà, na verdade, contra o Espiritismo, muita oposição e muita impugnação, feitas justamente em nome da Ciência e da Filosofia, porém tais ataques não constituem *contestação razoável* e têem, geralmente, o caráter sectarista e individual, e não oficial como devêra ser. Aliás, contestar e rebater o Espiritismo é cousa difícil. O grande segrêdo de sua fôrça consiste em poder êle resistir a todas as impugnações.

As *verdades* doutrinárias do Espiritismo, justamente por não possuirem qualquer feição dogmática, são, por isso mesmo, incontestáveis. Quando acontece vir alguém em público tentar, ou por um meio ou por outro, contestar a utilidade, o valor da realidade do Espiritismo, seja como Ciência, como Filosofia ou como Religião, o faz apenas firmando-se no misticismo e no fanatismo apreciados em alguns Centros, cousa que é também muito combatida pela própria doutrina e por nós mesmos, que, infelizmente, estamos desarmados para os reprimir. Por aí vê-se que o ponto de apóio dos nossos adversários é muito frágil e não tem nenhuma base científica, motivo por que não têm êles obtido grande sucesso.

Já disseram mais de uma vez que o Espiritismo é «fábrica de loucos» e, ainda agora, estão se preparando para desencadear uma grande campanha pró-saneamento moral-médico, destruindo de uma vez êsse enorme mal que é a prática do «Espiritismo» . . .

Tal campanha talvez nos venha auxiliar muito ! . . . a nós que queremos sanear o Espiritismo, a-fim-de pôr um ponto final as escandalosas e misteriosas práticas que fazem à sombra do nome respeitável do Espiritismo !

Que os nossos inimigos nos ajudem realmente nêsse empreendimento gigantesco, fortalecido assim, *ainda mais*, o vigor e a grandeza da Doutrina Espírita, é a única cousa que lhes pedimos e pela qual o nosso Mestre, Jesus, lhes ficará muito agradecido, recompensando-os generosamente !

S. Paulo, Maio de 944.

Crônica Estrangeira

A que se assemelha o Mundo Espiritual ?

The Two Worlds

Qual é a natureza do mundo ao qual todos nós iremos daquí ? A questão foi muito debatida. Diferentes indivíduos que comunicam de esferas distintas, e cada qual relatando a história de suas experiências em suas linguagens próprias, fazem surgir bastante incerteza devido as variações aparentes em sua história.

A questão foi abordada pelo Rev. C. Drayton Thomas em nova publicação intitulada : O *Amanhecer Depois da Morte.* Durante alguns anos, o Rev. Thomas teve o privilégio de assistir a sessões de Mrs. Osborne Leonard, um dos melhores médiuns de transe em todo o mundo, e a numerosos espíritos, fez perguntas referentes à natureza do mundo em que vivem. Um governador e um teólogo, um pequeno industrial e uma viúva, uma criança, um representante da arte e literatura, um desclassificado, casal de jardineiros, um doutor em divindade, um político, etc.; todos dizem de suas sensações e percepções na nova vida. Não é difícil descobrir que repousam sôbre uma fundação sólida e todavia diferem largamente em detalhes. Eles se movem entre gente diferente, e ambientes diversos ; bem variáveis são suas ocupações, e suas reações à nova vida revelam diferenças que representam o grau de sua própria evolução.

E quando se compara estas diferentes interpretações domundo espiritual é que se começa a perceber a ilimitada natureza da vida no além, e quão verdadeiro é que cada indivíduo só percebe tanto quanto é capaz de perceber. Os hábitos mentais e espirituais do indivíduo parecem concentrados num ponto do foco, e cada indivíduo só vê tanto quanto lho permite o próprio ponto focal.

Os homens ainda não perceberam o quanto o mesmo princípio se aplica à esta vida. Lembro-me de Sir Oliver Lodge, quando depunha como testemunha no Alto Tribunal. O Juiz perguntou-lhe: «Que espécie de vida é a do mundo espiritual?» Sir Oliver respondeu: «E' uma vida bem semelhante a esta — uma vida de completa ilusão, talvez, pouco menos.» Fixando-o, disse o Juiz: «Esta nossa vida é uma completa ilusão?» Sir Oliver apontou o corrimão e disse: «Vós pensais que êsse corrimão é sólido, mas posso assegurar-vos que assim não é.»

Quão verdadeiro é que só percebemos tanto quanto somos capazes de perceber, e só recebemos tanto quanto estamos aptos a receber. Parece, pois, que a vida que experimentaremos no além, depende do grau de desenvolvimento que atingimos aquí. O indivíduo que focar sua mente sôbre um estreito princípio teológico, continuará a ver sómente isso; enquanto que o individuo cujo horizonte é largo e universal, entrará numa vida mais vasta, vida mais completa.

⁂

Casa «assombrada»

De «Estudos Psíquicos» — Lisbôa

Há tempos, o nosso confrade e assinante sr. Antonio de Matos, de Rosmaninhal de Mação, escreveu-nos, informando-nos acêrca duma «casa assombrada» daquela localidade e cujos moradores vinham sendo tenazmente perseguidos pelos invisíveis. Pediu-nos que auxiliássemos aquêles humildes camponeses, a-fim-de obter a sua libertação.

Após havermos realizado algumas sessões no grupo «Reper-Siam», entregámos o caso ao Grupo Espírita Paz, Humildade e Caridade, integrado no Centro Espiritualista Luz e Amor e dirigido pelo nosso prestante confrade Eduardo da Silva Tavares, 2.º secretário do mesmo Centro.

O tempo passou. Os perseguidores invisíveis reagiam de várias formas ao assédio, feito à distância, pelos médiuns daquele Grupo.

Agora, chegam-nos notícias do nosso correspondente, em carta que passamos a transcrever, para edificação de todos os que nos lerem.

Rosmaninhal de Mação, 19 de Dezembro de 1941.

Exmo. Confrade:

E' Rosmaninhal de Mação uma aldeia de agricultores que humildemente amanham a terra que lhes dá o pão. Há cêrca de quatro ou cinco anos, um dos seus habitantes, de nome José Antonio de Matos, sentiu em casa fenômenos estranhos: ruídos sem causa aparente, deslocação e modificação de objetos, luzes, etc. Êstes fenômenos começaram de maneira insignificante. Três anos depois, haviam a tal ponto aumentado de intensidade, que, mesmo de dia, magoavam grandemente os pobres inquilinos, que eram marido, mulher, uma filha e um neto.

Os ruídos iam de pancadas fortes e secas à produção de som muito semelhante à vibração de cordas de viola. As luzes consistiam em nuvens, globos luminosos ou simples resplendor. Os objetos eram levitados e deformados.

Além disso, os locatários sentiam autênticos choques elétricos, a-pesar-de ali não haver energia elétrica, e completa inibição de movimentos, quando repousavam no leito.

Assim viveu esta família, no meio de terríveis manifestações, sofrendo em silêncio, com receio de que os vizinhos os apodassem de loucos ou visionários, até que consultaram bruxos e cartomantes da região, mas sem resultado.

Houve, até, quem os aconselhasse a exorcismar, a exconjurar a casa. Mas — ó surpresa! — os invisíveis redobraram de violência nos seus malefícios, sobretudo depois das cerimônias de exconjuração, feitas pelo páraco da freguesia.

Eu não intervinha no assunto. Os sofredores vieram, porém, ter comigo — pois todos sabem que professo idéias espíritas — pedindo-me que obtivesse a condescendência dum Centro Espírita, no sentido de os libertar da perseguição.

Como não podia deixar de ser, lembrei-me logo do ilustre diretor desta revista, por reconhecer nele o caráter e a dignidade que o não deixariam indiferente ante pedido de tamanha responsabilidade. Êle acedeu com tanta vontade, solicitude e carinho, que imediatamente recomendou êsses trabalhos a um Grupo de curas do Centro Espiritualista Luz e Amor. Os efeitos sentiram-se imediatamente, ainda que de maneira leve, acentuando-se, porém, cada vez mais, consoante os esforços empregados. E hoje a família importunada vive sossegadamente. Os incomodos visitantes deixaram de ali fazer o seu campo de manobras, mercê dos trabalhos realizados naquele Centro.

Aquí fica, pois, um testemunho para os indecisos e descrentes na Doutrina Espírita. Que Deus conceda a êsses obreiros da Seára toda a luz e o amor necessários para continuarem a sua proveitosa sementeira, são os votos que lhe endereço, com o preito da minha maior gratidão.

Creia-me confrade muito atento e grato

(a) *Antonio de Matos.*

Ao nosso prezado correspondente agradecemos os termos da sua carta. Pode estar certo de que todos aqui trabalham com os olhos fitos no Ideal e sem esperar a mínima recompensa. Doutra forma, o nosso esfôrço seria inútil. E' com factos desta natureza que o Espiritismo se irá impondo na sociedade. Para o conseguir, não recuaremos ante os maiores sacrifícios.

⁂

Quem era o número um?

Minha experiência Psíquica mais estranha

«The Two Worlds» — *Por Ernesto Oaten*

Vou relatar um incidente que ocorreu hà alguns anos atrás, a uma família espírita do Norte, com a qual eu frequentemente realizava sessões particulares. O meu amigo «X» era próspero homem de negócios, muito empreendedor e gozando de invejável reputação. Êle havia adquirido uma bela casa residencial e lá sua grande familia habitou confortavelmente ha alguns anos. Quando eu ia fazer conferência espírita, naquela localidade com êles me hospedava e fazia parte de suas sessões privadas — que realizavam sempre — nas quais eram obtidas, por meio de uma tripode, excelentes mensagens probantes, bem como elevados ensinos morais.

A sra. «X» era grande apreciadora de flores e desejava selecionar roseiras. Ano após ano, ela as cultivou e conseguiu melhorar sua coleção em larga frente do jardim. Mas havia um obstáculo. Havia no terreno uma frondosa árvore, de mais de seis metros de altura, e em tempos chuvosos os pingos que caiam dos ramos danificavam as roseiras. Ela quís cortar a árvore e Mr. «X» concordou.

Na sessão imediata, à qual estive presente, apareceu novo espírito comunicante e implorou não cortassem a árvore. Pedido o seu nome, disse: «Eu sou o espírito que móra naquela árvore. Podeis chamar-me o número um». Mas, eu suplico, não destrui a minha morada!» Todos riram; comentámos as palavras da entidade e concluimos que alguém no mundo espiritual interessava-se por árvores e suplicava: «Lenheiro, poupe aquela árvore».

Veio um verão chuvoso e as roseiras sofreram muito, de novo surgiu a questão da demolição. Mais uma vez veio a súplica do N.º 1. «Não destrui a minha morada,» dessa vez acompanhada de uma ameaça, «Se derrubardes a minha casa, eu destruirei a vossa!» Tudo nos parecia ridículo. A familia estava perplexa e na minha próxima visita, assisti à sessão semanal e interroguei o «N.º 1.» Êle assegurou ser «o espírito da árvore» que durante quarenta anos lhe servia de pouso. Disse que não nos assistia o direito de perturbá-la para satisfazer um capricho egoista, e repetiu a ameaça. Mr. «X» começou a tomar a cousa a sério enquanto que a esposa, pensando provavelmente nas roseiras ridicularizou todo o incidente. Alguns meses mais tarde, quando o marido partira a negócios no sul, ela chamou um lenheiro, mandou derrubar a árvore e arrancar as raízes. «X» voltou e dela não encontrou vestígio.

Então aconteceu uma cousa estranha! Os negócios declinaram. Dentro de seis meses «X» faliu. Mrs. «X» adoeceu seriamente, bem como alguns filhos. A casa foi levada à praça. A família estava desabrigada. As crianças foram divididas entre parentes. Mrs. «X» foi parar em casa da mãe e Mr. «X» procurou acomodar-se com seus pais no outro extremo da Inglaterra. Não obstante ser habil homem de negocios, não conseguiu emprêgo e durante cinco anos não conseguiu melhorar sua situação.

Depois dêsse período, encontrei-o em outra cidade, e lhe propús uma sessão. O N. 1 comunicou — assumiu toda a responsabilidade pelo que acontecera. Afirmou que estava satisfeito com a vingança, e que daí em diante auxiliaria Mr. «X» a melhorar de situação. Na semana subsequente, êle encontrou emprêgo. Poucos meses depois a familia estava novamente reunida, com lar reconstituido, mas a antiga abastança nunca mais voltou e a vida foi sempre uma luta árdua.

Estranho é que muitos espíritos amigos, alguns bem conhecidos, comunicavam nas sessões realizadas pela citada família, e assombrosa era a prova de sua identidade, mas o que surprendia era que nenhum era capaz de perceber a entidade que se denominava o N.º 1. Sentiamse tão perplexos como nós. Qual a explicação dêsse incidente? Não pretendo pontificar ou adornar um conto. Francamente! Não conheço a explicação. Registro os factos como foram por mim observados pessoalmente. Verdadeiramente: «há mais cousas no céu e na terra —.»

⁂

O que o Espiritismo ensina

«Harbinger of Light»

Ensina a responsabilidade pessoal.

Remove todo o temor da morte, que é o espantalho dos ortodoxos.

Ensina que a morte não é a cessação da vida, porém méra mudança de condição.

Ensina, não que o homem tem um espírito, mas que o homem é um espírito e tem um corpo.

Que o homem é um ser espiritual, já agora, mesmo encarcerado na carne.

Que como o homem semeia na terra asim colhe na vida vindoura.

Que os que se passaram estão concientes — não adormecidos.

Que a comunicação entre os vivos e os «mortos» está cientificamente provada.

Êle ensina que a centelha da divindade reside em tudo.

Que como uma flor gradualmente se desdobra em beleza, assim o espírito do homem se desdobra e se desenvolve nas esferas espirituais.

O Espiritismo é a mensagem de Deus aos mortais, declarando que: A morte não existe. Que todos os que se passaram continuam a viver. Que na outra vida ha esperança para o maior pecador.

Que todo o espírito progredirá através dos tempos para alturas sublimes e gloriosas, onde Deus é Amor e Amor é Deus.

O Espiritismo é uma manifestação, uma demonstração e uma prova da continuidade da vida e da verdade das muitas manifestações espíritas registradas na Bíblia.

Êle demonstra os numerosos dons espirituais com que a humanidade é dotada, mas que por falta de conhecimentos foram conservados em estado latente, ou foram violentamente e injustamente suprimidos pelo preconceito.

⁂

As crianças e as aparições de defuntos

O *Journal of the Society for Psychical Research*, contém o seguinte exemplo, de uma série, relatado por Mrs. Kat Meredith:

...Quando minha filhinha contava dois anos, seu pai, que a amava ternamente, veio a morrer. Dois mêses após sua morte, a criança estava sentada em seu leito, no quarto antes ocupado por seu papá, divertindo-se com alguns brinquedos. A empregada e eu estavamos ocupada em arrumar suas roupinhas em uma mala. Repentinamente, a menina começou a tagarelar e a rir com alguém que para nós permanecia invisível. Perguntei-lhe o que fazia e com quem conversava, e a filhinha, olhando-me com expressão curiosa de inocência admirada, respondeu-me: «Eu falo com o papai». Perguntei então: «Onde está o papá?» Ela replicou, com ar ainda mais espantado por minha pergunta: «Mas êle está aquí!» Eu disse: «Não, queridinha, teu papá não está aquí». Ela insistiu afirmando que êle estava lá, e apontou seu dedinho para o travesseiro. Mas, quasi a seguir, ela ajuntou: «Agora papai partiu!» «Que roupa engraçada trazia o papá! êle estava todo de branco!» E ela continuou a divertir-se com seus brinquedos, como se nada se houvesse passado. Ela ignorava o falecimento do pai, porque, nos tristes dias da crise fatal, ela fôra levada para um lugar distante de casa; quando voltou, nós lhe dissemos que seu pai «havia subido para o céu». Isto nada significava para uma criança de dois anos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Resposta ao Repto do Prof. Melo e Sousa

Como os nossos prezados leitores devem saber, a família de Humberto de Campos tem a intenção de propor uma ação em Juizo, afim de receber os direitos autorais das obras mediúnicas desse escritor.

O facto está causando grande sensação e diversos juristas já deram suas opiniões, opiniões desencontradas que bem revelam a complexidade do assunto. Tambem o prof. Melo e Souza, mais conhecido por Malba Tahan, quís dar o seu parecer, e depois de muitas considerações, que nada explicam, lançou, por intermédio da «Folha Carioca», um repto aos espíritas.

O seu repto foi imediatamente aceito, e quem primeiro respondeu, pelo mesmo orgão, foi o nosso prezado companheiro Leopoldo Machado que, na verdade, é um dos mais ardentes defensores e difundidores da doutrina. A resposta de Leopoldo Machado deve ter sido bem raciocinada pelo autor das «Lendas do Deserto», tanto mais que no caso em aprêço não se trata de uma lenda, mas de cousas sérias, muito sérias mesmo, porque dizem respeito ao espírito e, portanto, a Deus.

Eis a brilhante resposta do Prof. Leopoldo Machado :

«Como espírita praticante e estudioso que tenho a fortuna de ser, sinto-me envolvido, é óbvio, no repto do ilustre professor Melo e Souza, inserto em FOLHA CARIOCA de 5 do corrente.

Assim, considero-me convidado por s. s. para estas considerações.

Só no facto do Espiritismo e dos espiritistas merecerem de s. s. o repto, é para ver-se algo que nos póde, de algum modo, desvanecer. Só se pede a quem póde dar, só se repta a quem ou ao que pode ser reptado. Por isso que, enquanto o Espiritismo vai recebendo, a miúde, reptos de toda natureza, ninguém se lembra de reptar as religiões que prègam a existência do Inferno e de Satanaz, a pedir-lhes provas concretas, matemáticas, irrefutáveis, de que Satanaz e o Inferno existem realmente...

O ilustre escritor Malba Tahan não quer combater o Espiritismo. E confessa ter amigos espíritas. Tem-nos, realmente. E em muito maior número do que póde supor. Tem, por suas obras admiráveis, que são estudadas e compreendidas nas escolas espíritas, já incalculáveis por êsses Brasís afóra. No grande número de seus amigos e admiradores, ha um, principalmente, que ocupa lugar de maior destaque na fila dos que gostariam de gritar-lhe a sua admiração e amisade, pelo concurso que suas histórias e seus apólogos educativos lhe trazem constantemente para a elucidação de suas aulas de moral, suas prègações e conferências ... Sou eu.

Estou, pois, à vontade para estas considerações.

Quer o ilustre colega ver um espírito de matemático — do grande Amoroso Costa por exemplo — baixar a uma sessão espírita e resolver, rapidamente, um problema que o reptante proporá. Se o fizer, o professor Melo e Souza fará sua profissão de fé espírita.

Êste, seu repto, formulado depois de sua afirmação de que os espíritas só dão comunicações literárias.

Só um profundo desconhecimento da Doutrina Espírita levaria s. s. a tanto.

Conhecesse o valoroso Malba Tahan a vastissima fenomenologia espírita, e não faria a afirmação. Nem se moveria a tal repto.

Eu poderia apresentar aquí factos mais importantes do que o de seu repto, que cientistas e pesquisadores de verdade observaram e arrolaram em obras e relatórios substanciosos. Mas, que isto representaria para s. s.? Talvez os julgasse apócrifos, pondo em dùvida a sanidade mental dos atestantes. Parece que, no caso do ilustre escritor, só a questão proposta por êle, vista *com seus* *próprios olhos que a terra ha de comer...*

Vale a pena, ainda, esta explicação muito superficial:

Um *médium* é, apenas, um *instrumento* do espírito comunicante. *Instrumento* com sua feição própria, caraterística. Um musicista não tiraria sons de violino numa guitarra, ainda que soubesse tocar guitarra... Assim o *médium*, que só póde colaborar com o espírito, para suas comunicações com aquilo que estiver na sua faculdade. Um *médium* de faculdade literaria, só póde receber comunicações dentro de sua espécie de mediunidade. Mormente em se tratando de espíritos que foram literatos na Terra. Êste, pois, o caso das comunicações atribuidas a Humberto de Campos recebidas pelo Francisco Candido Xavier...

Vamos ao facto que poderia arrastar o eminente Malba Tahan à profissão de fé espírita. E arrastá-lo-ia mesmo?

Há no Espiritismo, principalmente, duas faces distintissimas a considerar: a científica-experimental e a religiosa-evangélica.

O fenômeno em repto ajustar-se-ia à primeira.

Nenhum espírita concienciosо e sincero póde, experimentalmente, aceitar reptos tais, que seria garantir fenômenos. Porque o fenômeno não seja viável? Não, que factos mais significativos — muito mais! — a fenomenologia espírita já registra. Mas, por uma questão de senso e lógica. O Espírito, no repto, é uma terceira pessoa à margem do reptante e do reptado. E' pessoa á parte, que o Espírito é o homem sem o corpo material, apenas. Aceitaria o sr. Malba Tahan um repto para outrem — um amigo, um parente, um colega, um estranho — responder no lugar e nas condições ao sabor do reptante? Não, certamente, que o escritor patrício não saberia, de ante-mão, da disposição e vontade para tanto do ausente. E' bem o que se dá com os espíritos comunicantes, que não são propriedade dos espíritas, que não estão ás nossas ordens para o que lhes quisermos impôr, que devem ter, lá por cima, coisas mais sérias e mais graves de que cuidar. Por isso mesmo que Allan Kardec, a maior autoridade dentro do Espiritismo, assegura que nenhum *médium*, ainda o mais famoso póde garantir tal ou qual fenômeno, para tal ou qual lugar e hora, em tais ou quais circunstâncias.

Se, entre nós, encarnados, ha coisas, dependendo apenas de nossas fôrças e vontade, de nossa inteligência e ação, as quais, entretanto, não podemos garantir...

Sob o ponto de vista religioso-evangélico, também ao Cristo se pediu uma prova, um prodígio. E Jesus, nem por ser o Cristo, atendeu ao apêlo. Que respondeu Ele? Vale a pena ver-Lhe a resposta em Mateus XII — 38 e 39.

Promete s. s. que fará sua profissão de fé espírita, se lograr tal prodígio. Promete pouco, muito pouco, valha a verdade, além da fé deixar de sêr, diante da prova, simplesmente fé, para ser alguma coisa mais séria, mais profunda. Nem os espíritas crêm por crerem, «porque nesta religião nasceram, nesta hão de morrer». Cremos porque sabemos, que a fé do espírita «olha face a face a razão em todas as épocas da humanidade».

Disse eu que s. s. promete pouco em troca do muito que espera receber, porque o Espiritismo não vive do nome e da proteção social de seus profitentes, nem, tampouco, de suas glórias e prestígio pessoais. Sôbre sua implantação definitiva, mais hoje mais amanhã, diz seu Codificador, repetindo as vozes dos Espíritos de luz, que «o Espiritismo dominará com os homens, sem os homens e a pesar dos homens».

Se o admirável e querido Malba Tahan desejasse, mesmo, conhecer um pouco das verdades que se contem no Espiritismo, eu lhe sugeria um meio mais fácil, menos barulhento e mais suave. Em virtude de sua atitude e de suas dúvidas partirem das comunicações recebidas pelo médium Francisco Candido Xavier, eu lhe sugeria um passeio a Belo Horizonte. Aliás, ótima nesta época! Treze horas, apenas, de trem rapido! Hora e meia de avião! Da capital mineira, corria a Pedro Leopoldo, residência do *médium* famoso, tão grande e simples quão discutido, e negado ingloriamente. Seria fraternal e honrosamente recebido por êle, posso garantir-lhe, fiado no que se passou comigo nas duas vezes que o visitei. Sentar-se-ia ao seu lado, na salinha tão humilde quanto o médium, em que êle recebe suas *mistificações*. Ia escrever comunicações... E veria como êle as recebe, podendo, assim, julgá-lo melhor. E' possível que algumas de suas comunicações, ou *mistificações* interessassem mais de perto o ilustre visitante. Que até ouvisse — quem sabe? — êsse imperativo: *póde propôr seu problema*. Tudo é possível com a graça de Deus. E Jesus ensinou: *procurai e achareis*. Procure, assim, o grande escritor patrício, que talvez volte de lá com as idéias mudadas. E sem pensar, nunca mais, em réptos tão ingênuos e descabidos! E sem, nunca mais! se animar — exatamente por desconhecer o espírito de renúncia e desprendimento dos verdadeiros espíritas — a ajustar à luminosissima legenda de A. Comte, *Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos*, isto, que nada tem do espírito admirável de Malba Tahan, nosso maior escritor moralista: *E as vezes, explorados...»*

* * *

1.º Congresso Espírita Mineiro

Em Belo-Horizonte, realizou-se, de 16 a 24 de junho, na séde da «União Espírita Mineira», o primeiro Congresso Espírita Mineiro, com o objetivo de aproximar, para fortalecê-los, os centros espíritas, de molde a pô-los a salvo, no Estado, de perseguições policiais, e para promover a unificação de metodos de trabalho.

Cento e treze municípios do interior nele se fizeram representar por meio de cem congressistas de todas as esferas sociais: juristas, jornalistas, escritores, comerciantes e comerciários, bancários, professores, agricultores. E gente de todas as idades e dos dois sexos. Senhoras, cavalheiros, jovens, anciãos. De tal modo se projetou o C. E. M. que do Rio e de outros Estados recebeu êle adesões. O prof. Leopoldo Machado e senhora nêle tomaram parte.

Dezenove teses foram apresentadas, inclusive duas já impressas, de Ismael Gomes Braga e do sr. Arlindo Corrêa.

Das mais volumosas, as primeiras lidas, foram a do prof. Leopoldo Machado, — *Das Responsabilidades Maiores dos Espíritas do Brasil* — que é um estudo substancioso feito através da História, do Evangelho e da Doutrina, para a conclusão a tirar, conferindo aos espiritistas das Terras do Cruzeiro maiores responsabilidades. Assunto de tal importância e tão impressionante, que por proposta do congressista Domingos Moutinho, os centros espíritas belohorizontinos vão publicá-la, independente dos Anais do C. E. M. e numa tiragem de 5.000 exemplares, para distribuição gratuita nos meios espíritas. A outra tese, do dr. Noraldino de Melo Castro, sôbre a unidade social e doutrinária, julgada e aprovada imediatamente, propiciou ambiente para a creação da *Federação Espírita de Minas Gerais*. Fundada, assim, a F. E. M. G., nomeou-se a comissão composta de sete membros para a elaboração dos Estatutos. Comissão que, áquela mesma noite, elaborou, madrugada a dentro, o projeto de Estatuto, que foi discutido e aprovada no dia seguinte, numa reunião que, como a do dia seguinte, da posse, marcarão época na história do Espiritismo em Minas Gerais. E vale assinalar que cabe, na elaboração do Estatuto da F. E. M. G., lugar de subido destaque

Grupo de Congressistas

à ala juizdeforense. E na sua discussão, o papel de mais saliência foi incontestavelmente a da representação de Juiz de Fóra, que conferiu ao C. E. M. um *lider* moço e inteligente, o irmão Isaltino da Silveira Filho e do prof. Leopoldo Machado, representante de *Vanguarda*, do *C. E. Lar de Jesus*, da *Liga Espìrita do Brasil* e de outras entidades sociais. No dia seguinte, 21, a posse com solenidade da Diretoria e do Conselho. Uma festa deslumbrante, que a todos encantou. A Diretoria foi empossada pela senhorinha Maria Filomena Aluoto, em nome da mulher espírita mineira e pelo prof. Leopoldo Machado, como presidente de honra do C. E. M., sócio honorário recem-aclamado da F. E. M. G. e representante da Liga Espírita do Brasil. E no ato da posse, todas as vozes se fizeram ouvir em nome da Diretoria e do Conselho da F. E. M. G. e do C. E. M. de que ela acaba de sair. Rodrigo Agnelo Antunes, Dr. Cesar Burnier, Prof. Cicero Pereira, Dr. Noraldino de Melo Castro, Rubens Romaneli, Isaltino da Silveira Filho, d. Marilia de Almeida Barbosa e prof. Leopoldo Machado. Dr. Arminio Rego de Carvalho falou em nome do centro mais antigo do Estado de Minas: o «União, Humildade e Caridade» de Juiz de Fóra. E o prof. Leopoldo Machado em nome da Imprensa (Vanguarda, Revista Espírita do Brasil, O Clarim e Revista Internacional de Espiritismo) e dos centros de fóra do Estado representados no admirável certamem.

A prece final, depois de numeros de violino e de declamação de poesias da parte de crianças vivas e insinuantes, foi proferida por d. Maria Ziviani, para que, a solenidade que começou por voz feminina, terminasse por voz de mulher.

A festa encantou magnificamente a todos. Principalmente pela atuação verdadeiramente impressionante do jovem e ardoroso *lider* no C. E. M., de Juiz de Fóra, Isaltino da Silveira Filho, que deixou o microfone chorando, pela voz autorizada de D. Marilia de Almeida Barbosa, que arrancou lágrimas à assistência e pela peça do prof. Leopoldo Machado, que terminou, depois de uma análise sucinta e profunda do ato que se acabava de registrar na gloriosa Minas Gerais espírita, declamando o soneto abaixo.

UM SÓ REBANHO...

(Aos meus irmãos do 1.º Congresso Esp. Mineiro)

Meus bons amigos, meus irmãos mineiros,
Êsses dias de paz, de ação, de luz
Vieram provar que somos verdadeiros
E novos seguidores de Jesus!

O labor dêsses dias bem traduz
O ardor de SEUS discípulos primeiros!...
Que êsses dias de paz, de ação, de luz
Nos sejam, para sempre, lisongeiros...

Unamos, através de ação, de preces,
Nossas forças, desejos, interêsses,
A pról do Espiritismo salvador!...

Um esfôrço maior pela unidade!
Que sejamos, em breve, na verdade,
«Um só rebanho para um só Pastor!»

Leopoldo Machado.

21/Junho/1944 — Belo Horizonte.

— «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» foram representados no Congresso pelo nosso companheiro de redação, Leopoldo Machado, a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

O Espiritismo Perante a Justiça

Ingressou em Juizo a família de Humberto de Campos, com uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco C. Xavier

—

Pretendida a prova judicial da mediunidade

—

«MUNDO ESPÍRITA», num esfôrço de reportagem, obtem uma cópia da sensacional petição de autoria do ilustre e provecto advogado Dr. Milton Barbosa

O Espiritismo, na sua ação intensa, irreprimivel e progressista, vai suportar a prova máxima imposta pela justiça dos homens, num pleito judiciário que vai interessar todo o nosso mundo jurídico, provocando interessantes polêmicas, discussões científicas, e, talvez mesmo, proveitosa agitação no nosso ambiente social.

E' que, de certo tempo para cá, se dizia que a família do grande escritor Humberto de Campos ia ingressar em Juizo para pleitear os direitos autorais a que se julgava com direito sôbre todas as obras que o Espírito de Humberto de Campos ditou ao médium Francisco Candido Xavier e publicadas pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

A notícia agitou o meio espírita e trouxe a público várias opiniões interessantes de juristas de nomeada sôbre a possibilidade ou não de tomar a justiça conhecimento do caso.

A questão é, como se vê, importante, complexa e, sobretudo de uma alta finalidade para a doutrina. E o é, porque, por qualquer ângulo que se encare, por qualquer aspecto que se a observe, o que a justiça terá que decidir é, em última análise, se existe ou não aquilo que se chama MEDIUNIDADE.

Reconhecida esta pela Justiça, a manifestação dos Espíritos não mais pode ser negada nem a prática do Espiritismo proíbida.

Aguardemos pois, o pronunciamento da Justiça, na Ação Declaratória que d. Catharina Vergolino de Campos, viuva do escritor Humberto de Campos, fez distribuir ontem, 30 de junho, por intermédio de seu ilustre e culto advogado, o dr. Milton Barbosa, cuja petição inicial reproduzimos na íntegra.

Como se vê do item 6.º do articulado jurídico, todo êle vasado com grande elevação e sem nada que possa ofender o sentimento religioso dos espíritas, pretende a autora da ação que a Justiça, por sentença, declare si a obra literária psicografada por Francisco Xavier é ou não do Espírito de Humberto de Campos.

O mais interessante, a nosso ver e, quiçá, o ponto mais empolgante da questão, está na prova pela qual protestou, na forma da Lei, a Requerente!

Pretende ela que o M. M. Dr. Juiz a quem fôr distribuida a ação lhe conceda a realização de uma demonstração mediúnica por intermédio do Chico Xavier e assistência da Federação Espírita Brasileira, afim de se constatar a sobrevivência e a operosidade do Espírito de Humberto de Campos.

Tendo sido entregue também a petição para ser distribuida, só hoje, possivelmente, se saberá qual o Dr. Juiz que irá resolver essa sensacional questão.

Que estará pensando de tudo isto o Espírito de Humberto de Campos? Quem sabe se êle não vai ser o grande defensor do seu médium preferido?

Que espantosas surprêsas não poderão surgir em meio da discussão, mormente se o M. M. Dr. Juiz entender de deferir a prova da demonstração mediúnica!

Aguardemos, confiantes. A hora é de afirmações e de testemunhos!

Eis, na íntegra, a petição da Ação Declaratória subscrita pelo provecto advogado Dr. Milton Barbosa:

A PETIÇÃO INICIAL

«Exmo. sr. dr. juiz de Direito da... Vara Civel.

CATHARINA VERGOLINO DE CAMPOS, proprietária, residente em Niterói, à rua Mariz e Barros n.º 9, na qualidade de viuva do escritor Humberto de Campos, vem expôr e requerer a v. excia. o seguinte:

1) — a Suplicante, em condomínio com seus filhos Lourdes, Henrique e Humberto, é titular dos direitos autorais oriundos da vasta e brilhante obra literária produzida por seu falecido marido, acima citado (doc. 1).

2) — posteriormente à morte do grande escritor, começaram a surgir como é público e notório, inúmeras produções literárias, atribuidas ao «espírito» de Humberto de Campos e, segundo versão e técnica espíritas, «psicografadas» pelo «médium» mineiro, Francisco Candido Xavier (brasileiro, solteiro, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas), as quais, reunidas em volumes, vêm sendo editadas pela «Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira» na coleção intitulada «Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas» (docs. 2, 3, 4, 5 e 6).

3) Com essa procedência, nada menos de cinco volumes, contendo algumas dezenas de produções cada um, já foram editados, sob os titulos e pelos preços abaixo mencionados:

«Novas Mensagens» (em 2.a edição) —Broch.—Cr.$ 4,00. Encad.—Cr.$ 7,00.

«Boa Nova» (em 2.a edição) — Broch. —Cr.$ 6,00. Encad.—Cr.$ 9,00.

«Reportagens de Além Tumulo» (1.a ed.) — Broch. — Cr.$ 8,00. Encad.—Cr.$ 12,00.

«Brasil Coração do mundo e Pátria do Evangelho» (em 3.a edição)—Broch.— Cr.$ 7,00. Encad. — Cr.$ 10,00.

«Crônicas de Além Tumulo» (em 3.a ed.) Broch.— Cr.$ 5,00. Encad.—Cr.$8,00, notando-se que este último livro está sendo traduzido para o castelhano e em breve será lançado no mercado argentino.

Contém, esses volumes, na capa, acima do titulo e logo abaixo do timbre da coleção («Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas»), o nome do «médium» «psicógrafo», e após o titulo da obra, e entre parenteses, a expressão «do espírito de Humberto de Campos» (docs. 2, 3, 4, 5 e 6). Na primeira página, logo após a capa, lê-se apenas o titulo da obra e em seguida a expressão «do espírito de Humberto de Campos» (docs. 2.a, 3.a, 4.a, 5.a, e 6.a). No verso dessa página encontra-se uma relação de obras «psicografadas» pelo «médim» Francisco Candido Xavier, todas compreendidas na seguinte designação: «Produções do médium Francisco Candido Xavier» ou «Produções mediúnicas de Francisco Candido Xavier» mas com o aditamento, entre parenteses: «Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos» ou de «outro desencarnado» (vide o verso dos docs. 2.a, 3.a, 4.a, 5.a e 6.a). Na página seguinte repete-se o nome da obra, seguido da expressão: «Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos», aparecendo sempre com grande destaque o prestigioso nome do privilegiado escritor.

4)—Essas obras vêm sendo vendidas livremente, aos preços já referidos, sem «controle» de quem quer que seja—e inteiramente á revelia da Suplicante e de seus filhos, condominos dos direitos autorais da obra literária de Humberto de Campos — com grande êxito de livraria, dado o facto de ser atribuida a quem, como Humberto de Campos, sempre desfrutou, como escritor, de grande popularidade entre o público brasileiro de todos os níveis intelectuais.

5)—A Suplicante e seus filhos, diante da celéuma provocada pelo aparecimento dessa vasta e ininterrupta produção literária, têm mantido, até agora, discreta atitude—de pura espectativa—aguardando que críticos literários ou cientistas proferissem a última palavra a respeito do fenômeno. A polêmica que se vem travando em torno do assunto promete, entretanto, não ter fim. E vem se avolumando — dado o silêncio sistemático da Suplicante e de seus filhos — a corrente dos que supõem que a família de Humberto de Campos, não só vem auferindo vantagens financeiras com a publicação dessas obras, como — por interêsse de publicidade em torno do nome do glorioso escritor falecido—procura provocar e alimentar as discussões que se vêm travando pela imprensa, o que lhe cria verdadeiro constrangimento diante dos editores da obra produzida durante a vida do seu marido — W. M. Jackson Inc. Editores— com os quais tem contrato firmado e não extinto, sendo compreensível que tais editores se julguem prejudicados com a publicação das obras ditas «psicografadas», prejuizo que, aliás, atinge a própria Suplicante e seus filhos.

6)—Sem querer entrar no exame do mérito literário dessas produções — obtidas, segundo versão espírita, por métodos «mediúnicos»—deseja a Suplicante que v. excia., submetendo a hipótese — para sua elucidação — a todas as provas científicas possíveis, se digne de declarar, por sentença *si essa obra literária É OU NÃO DO «ESPÍRITO» DE HUMBERTO DE CAMPOS.*

No caso negativo, si—além da apreensão dos exemplares em circulação—estão os responsáveis pela sua publicação:

a) — passíveis de sanção penal prevista em os arts. 185 e 196, do respectivo Código.
b) — proíbidos de usar o nome de Humberto de Campos, em qualquer publicação literária.
c) — sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da Lei Civil.

No caso afirmativo, isto é, si puder ficar provado que a produção literária em apreço é do «espírito de Humberto de Campos», deverá v. excia., *data vênia*, declarar:

a) — si os direitos autorais pertencerão exclusivamente à Família de Humberto de Campos ou ao Mundo Espírita, representado, entre nós, pela Federação Espírita Brasileira; devendo, outrossim, ficarem definidos não só o caráter da intervenção do «médium», como os limites — sob o ponto de vista literário e econômico — da sua participação.

b) — si, reconhecidos os direitos da Família de Humberto de Campos, poderão os titulares dêsses direitos dispôr livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições, como dispõe da obra produzida ao tempo do desaparecimento do escritor.

c) — si a Federação Espírita Brasileira e a Livraria Editora da mesma Federação estão passíveis das sanções previstas na Lei, pela publicação das obras referidas nos itens 2 e 3, sem a prévia permissão da família do escritor.

Para êsse fim, requer a Suplicante a v. excia. se digne mandar citar a «Federação Espírita Brasileira» e a «Livraria Editora» da referida Federação, com séde ambas à Avenida Passos, n.º 30, nesta Capital (na pessoa de seus representantes legais), bem como, mediante precatória, o «médium» Francisco Candido Xavier, residente no local acima referido, para virem responder aos termos da presente ação declaratória, permitida pelo § único do art. 2.º do Cód. Processo Civil.

A Suplicante não desconhece as dificuldades de ordem legal com que terá v. excia. que se haver, para decidir o presente pleito, dado o silêncio da Lei vigente, em relação ás hipóteses que os fenômenos «mediúnicos» — si reais e positivamente evidenciados puderem ser — farão surgir ao espírito do Magistrado, obrigando-o a estabelecer normas de caráter excepcional como «se fôsse legislador», tendo em vista os direitos tradicionais da família do escritor em face dos novos e estranhos acontecimentos, pelos quais a Ciência Oficial tem, até agora, demonstrado indiferença.

Pouco importará, entretanto, o silêncio da Lei, si tais fenômenos puderem ser positivamente verificados, o que *data vênia*, obrigará o Magistrado a deles conhecer e a lhes dar solução que concilie os interêsses de vária ordem que se defrontam, harmonizando os princípios do direito natural com a nova doutrina, de caráter sobrenatural por enquanto pelo menos. Protesta-se pela realização de demonstrações mediúnicas a serem produzizidas — com a imprescindível colaboração dos Suplicados — para verificação da sobrevivência e operosidade do «espírito» de Humberto de Campos, bem como por exames gráficos, estilísticos e de escrita, e ainda por precatórias, depoimento pessoal dos Suplicados e prova testemunhal.

Para os efeitos da taxa, dá-se a causa o valor de Cr. $ 10.000,00.

P. deferimento.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1944.

(ass.) MILTON BARBOSA».

De «Mundo Espírita», de 1.º de Julho de 1944.

A Nossa Excursão

Do nosso representante em viagèm, sr. João Leão Pitta, recebemos o seguinte comunicado:

Estive em Reserva. E' uma localidade situada vinte léguas longe de Ponta Grossa, Paraná. A condução é feita por ônibus, duas vezes por semana, possuindo umas 70 casas. Faz ano e meio que lá estive pela primeira vez, e desta vez angariei 31 assinaturas para a Revista e 10 para «O Clarim». Tem um Centro Espírita instalado em prédio próprio, o qual fica sempre repleto de assistentes. O Espiritismo nessa localidade alcançou um surto progressista muito notável, o que é bem demonstrado pelo número de assinaturas em relação ao número de casas. A' distância de uma légua existem mais dois Centros. E' um dos lugares onde mais são lidos os jornais espíritas e mais estudado o Espiritismo.

Nesta localidade havia uma casa paroquial em construção que terminou sendo demolida, e em seu lugar ergueram um Posto de Assistência Médica e de Higiêne. O Padre não gosta de ir à Reserva, porque não ganha nem para a viagem, que custa 60 cruzeiros, ida e volta, pois ninguém quer batizar e casar-se na igreja; e só para fazer missa, não vale a pena! Os comerciantes e mais pessoas de destaque do lugar, são quasi todos espíritas, tendo concorrido muito para êste êxito a conduta reta dos espíritas locais.

— Visitei Morretes, onde existe uma organização espírita muito digna de nota. E' uma das cidades mais antigas do Paraná e berço de muitos brasileiros ilustres. Conta com uma população de 4.000 pessoas, com 250 casas aproximadamente e uma sociedade espírita com 320 sócios, variando as mensalidades de 1 a 5 cruzeiros. Esta sociedade possúe uma farmácia homeopática com mais de 1.000 medicamentos diferentes, aviando mais de 1.500 receitas mensalmente, além de injeções e curativos feitos na sociedade por um abnegado médico. Tem uma biblioteca mixta com mais de 600 obras e o seu movimento mensal é de 40 a 50 pessoas, na sua maior parte católicas. São os católicos que mais ajudam, com donativos, a assistência social. Dizem eles: «Damos para os espíritas porque sabemos que o que lhes damos é integralmente distribuido aos pobres em roupas, gêneros alimentícios, medicamentos e assistência funerária. Esta sociedade possúe um carro fúnebre a serviço dos sócios, e para ajudar o pagamento das despezas de funeral, de cada sócio que desencarna, a sociedade contribue com 100 cruzeiros. Quando um sócio, por motivos justos, não pode pagar a sua mensalidade, fica remido, com todos os direitos de assistência. Dá asilo a 6 velhos em alojamentos muito asseiados, cercando-os de todo o confôrto. O prédio é próprio, valendo mais de 30,000 cruzeiros. A sociedade realiza duas sessões comemorativas anuais — Natal e nascimento de Kardec, bem como duas sessões semanalmente, uma para desenvolvimento da mediunidade e outra para estudos do Espiritismo à luz do Evangelho. A sociedade goza de muito conceito, atenção e respeito até do próprio padre local, que é amigo dos espíritas, chegando a afirmar que os espíritas estão fazendo muito mais do que êle. E porque isto? Porque os dirigentes da sociedade são portadores de ótima conduta, exemplificam e prègam os ensinos de Jesus, dando de comer aos famintos, vestindo os nus, perdoando ofensores e amando o seu próximo como a si mesmos. Enfim, os espíritas de Morretes não dão lugar ao comodismo e ao indiferentismo. Que possam ser imitados, é o que a doutrina espírita espera de cada um de seus profitentes.

* * *

Centro Esp. «João Candido»

A Caixa Beneficiente do Asilo-Colonia «Santo Angelo», cuja finalidade é defender os interêsses materiais e espirituais dos internados, dando desempenho a tão elevada missão, resolveu dar o seu apoio ás justas aspirações do Centro Espírita «João Candido» aí sediado.

Para tal fim está patrocinando uma campanha para obtenção de fundos destinados a dotar referido Centro de um local apropriado, em vista do crescente número de profitentes do Espiritismo nêsse Asilo, que vem se reunindo na sala de uma casa residencial, que tornou-se demasiadamente insuficiente para os agasalhar.

Tratando se de uma iniciativa benemérita, que visa dar aos internados coragem e confôrto para vencerem a provação a que estão sujeitos, a Caixa apela para os espíritos bem formados no sentido de que lhe sejam enviados donativos, quer em dinheiro, quer em espécies, afim de concretizar os justos anseios dos membros do Centro.

Qualquer pedido de informações, dinheiro, cheques, vales postais, etc., poderão ser endereçados, à Caixa Beneficentè do Asilo-Colonia «Santo Angelo», E. F. C. B., Estado de São Paulo, tel. 34, com a seguinte menção — «Destinado ao Centro Espírita «João Candido», isto porque a Caixa tem outros planos e àssistência em execução.

Não nos esqueçamos, portanto, dêsse justo apelo, dando a êsses nossos irmãos todo o nosso apoio de que necessitam, cooperando assim para difusão da doutrina e do Evangelho.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2081unse

No 7 unavailable

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1944 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCE
THEOLOGI

SUMÁRIO

Prognósticos de Nova Era . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
Os Três Aspectos . . . . *J. B. Chagas*
Trinta anos entre os mortos . . . *Francisco Klörs Werneck*
Opiniões e Desafíos . . . . *Leopoldo Machado*
Alguns Factos Espíritas tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas . . . . *Carlos L. Chiesa*
O Espiritismo na opinião dos intelectuais . . . . *Redação*
A Idéia de um Deus Racional . . *Adauto de Oliveira Serra*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1944 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR: *Cairbar Schutel*
DIRETOR: *José da Costa Filho* — REDATOR: *A. Watson Campêlo*
GERENTE: *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Prognósticos de Nova Era

Estamos atravessando uma época em que importantes acontecimentos suceder-se-ão no sentido de conduzir a humanidade ao posto que lhe está destinado no concerto universal.

Não se trata apenas de uma reforma parcial, mas de uma reforma bem significativa de todas as instituições que, em vista do surto progressista que está invadindo as coletividades e o indivíduo particularmente, se tornaram inadequados e impotentes para resolverem as questões vitais da vida dos povos.

A ciência, os sistemas religiosos, filosóficos, educativos, políticos, sociais e governativos, estão passando pelo *cadinho purificador* em que lutas renhidas se travam entre o espírito de sistema, preso a preconceitos, tradições e mesquinhos interêsse, e o *novo espírito vivificador*, cuja missão é estabelecer a paz e a equidade entre os homens.

Acreditamos sem reservas que tudo quanto se desenrola no cenário terreno atualmente, visa forçar os homens a uma melhor compreensão das cousas, dos seus deveres fraternais, de suas urgentes obrigações no sentido de cooperarem para o estabelecimento de um novo mundo baseado na moral cristã.

Não poderá haver paz duradoura, nem justiça e fraternidade se os homens continuarem na malfadada rotina de salvaguardar unicamente os seus interêsses em detrimento do interêsse coletivo. E' imperioso que as nações vivam como se constituissem uma só família, sem o que nada de útil, de positivo, farão em seu proveito.

Mas isto, a-pesar dos esforços inauditos dos homens de maior evidência, não será fácil, porque cada um, que só vê as cousas pelo lado materialista, alheio ás cousas do espírito, procura agarrar-se aos seus interêsses na falsa suposição de se agarrar a uma tábua de salvação. E' o que se dá com o indivíduo particularmente e com as nações em geral. O esfôrço é, enfim, empregado na salvaguarda dos próprios interêsses, e interêsses materiais.

Estamos, portanto, plenamente convencidos de que ainda não chegou a ocasião de o mundo usufruir os proventos de uma paz baseada no espírito de justiça e fraternidade. Será dado, é verdade, mais um largo passo no caminho do progresso, passo preparatório de novos acontecimentos de ordem moral e espiritual, mas não será o que todos esperam, porque nem todos estão preparados de maneira a contribuirem com uma pequena parcela de paciência, tolerância, caridade, renúncia e humildade para a implantação da verdadeira paz alicerçada no espírito de justiça e fraternidade.

De acôrdo com as predições crísticas, que não podem falhar, depois das grandes dôres por que tem de passar a humanidade, dôres que já estão em pleno desenvolvimento, o Evangelho será prègado, difundido em todas as nações, mas em espírito vivificante, e então virá o fim do mundo, porém, de um mundo de baixa moral, deshumano, ganancioso e hipócrita.

Quando isso suceder, os povos e as nações se rejubilarão por serem muito bem recompensados de uma longa noite de vigilia. Novos horizontes, esplendorosos, se descortinarão aos acordes de celestial orquestra.

Mas isso tudo não será obra das religiões, da ciência, dos governos e das instituições oficiais, mas unicamente do Espiritismo que, com a produção sucessiva e em grande escala, dos factos e fenômenos psíquicos e com a divulgação do Evangelho em espírito vivificante, transformará a humanidade assim como Jesus transformou a água em vinho nas bodas de Caná, forçando os homens de todas as crenças e castas sociais a ingressarem nas suas fileiras.

A propósito lembramos que sábios eminentes, tais como o Prof. Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris ; Dr. Paul Gibier, Diretor do Instituto Pasteur de New York ; Dr. William Crookes, da Sociedade Real de Londres ; Camilo Flamarion, célebre astrônomo, e tantos outros de igual renome, estudaram, aceitaram e propagaram o Espiritismo como doutrina positiva, verdadeira e única na solução de todos os problemas humanos.

O Espiritismo, desde o seu advento, há quasi cem anos, iniciou a grande reforma, que irá aumentando de intensidade à medida que o tempo caminhar, o que significa que a humanidade será cada vez mais felicitada por novas dádivas celestiais.

Portanto, grandes acontecimentos surgirão no cenário terreno com o único objetivo de conduzir a humanidade aos tabernáculos eternos.

A obra messiânica de Redenção é obra de educação. Jesus foi mestre e teve discípulos. O' vós que sois pais, lembrai-vos da vossa responsabilidade como mentores dos vossos filhos. O' vós, que sois preceptores e mestres, pesai bem o compromisso que assumís no desempenho da tarefa a que vos dedicais. Pais e mestres, cerrai fileiras dando as mãos uns aos outros, como legítimos expoentes do lar e da escola, as duas colunas em que a sociedade se apoia, os dois templos augustos, os dois santuários onde se exerce o verdadeiro sacerdócio.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

2.ª CATEGORIA

CASO VI — Neste novo caso é, pelo contrário, o mesmo *sujet* que, percebendo seu «duplo» á distancia, constata que a sensibilidade periférica transferiu-se para o próprio duplo. O caso foi relatado pelo Dr. Lemaitre, e extraio do citado volume de Delanne, pag. 388:

«Certo colegial — que denominaremos Boru — inteligente, livre de qualquer nevrose, bem como sua família, experimentou, aos dezoito anos e quando se preparava para o exame de literatura francesa, uma autoscopia de admiravel nitidez. O caso ocorreu na tarde de 22 janeiro de 1901, no momento em que êle elaborava o paralélo entre os caractéres de duas peças cornelianas: «Polyencte» e o «Cid». E eis como êle me relatou o caso:

«Eu estava bastante atarefado, em traje caseiro, quando, em meio da analise duma cena do Cid, tive necessidade de uma informação. Levantei-me e fui ao aposento próximo procurar o volume em que deveria encontrar a dita informação. Como se deu o facto? Sempre preocupado com êsse mínimo detalhe, encontrei-me sôbre a soleira da porta de meu quarto e para a cabeceira de meu leito, o livro numa mão, enquanto que a outra mão segurava a maçaneta da porta. Estava eu nessa posição, quando de-repente, me vi em traje caseiro escrever à minha mesa, a frase que eu debatia ou creava mentalmente. Não sei quanto tempo isso durou, mas nenhum detalhe faltava nessa visão, nem o lampeão com sua bandeira verde, nem a pequena biblioteca acima de minha cabeça, nem os cadernos, nem o tinteiro, etc. — Cousa curiosa, eu tinha conciência perfeita de estar em pé diante da porta e sentia o frio metálico da maçaneta que eu pegava, mas, ao mesmo tempo, sentia a sensação de estar sentado sôbre a cadeira e de exercer com meus dedos, a pressão necessária para escrever. Eu via Boru sentado; melhor ainda, eu via e lia a frase que êle escrevia, e contudo êle estava distante dois ou três metros da porta. Depois fui à mesa e nada mais subsistiu dessa duplicata. Boru 1 e 2 talvez se fundiram em um só».

Os casos de «dupla conciência» análogos a êste, são teoricamente importantes, e isto porque servem para provar, baseados sôbre factos, que os fenômenos de «autoscopia» representam efetivamente uma fase inicial dos fenômenos de «bilocação» nos quais a conciência já não é bipartida, mas integralmente transferida, com a inteligência e as faculdades sensoriais supranormais, para o «corpo etérico» exteriorizado, enquanto que o «corpo somático» está estendido em condições de sono sonambúlico profundo ou em catalepsia.

No caso citado, a conciência do *suget* permanece e reside no organismo corporal, enquanto que a sensibilidade parece ter emigrado para o fantasma; no caso que segue, o fenômeno de «dupla conciência» se repete com maior precisão, e se evidencia um dos mais probantes do nosso ponto de vista. Com efeito, nêste caso a pessoa tem plena conciência de se achar assentado em seu próprio lugar, ao mesmo tempo que simultaneamente sente-se existir também no fantasma exteriorizado, donde vê seu próprio corpo estendido e inerte sôbre o divan. Do que resulta poder ser considerado êste último episódio como um exemplo de transição, graças ao qual se assiste a um dos fenômenos de «autoscopia», os quais se enxertam e se confundem com os de «bilocação» nos quais a conciência da pessoa está integralmente transferida para o fantasma, casos que serão examinados na categoria seguinte.

Observo, enfim, que o facto que passo a relatar é análogo ao precedente, por uma curiosa coincidência: Trata-se de outro estudante que, preparando seus exames, por sua vez, experimenta o fenômeno de autoscopia. Dir-se-ia que o esfôrço intelectual favorece o desdobramento fluídico.

Caso VII.—Extraio-o do «*Journal of the S. P. R.*» (1894, pg. 287).

O Dr. C. E. Simons conta que em Janeiro de 1890, aos 25 anos de idade, e quando estudava medicina, aconteceu-lhe certo dia, passar por um fenômeno estranho, e este quando com outros colegas, êle se preparava para os exames da Faculdade. Êle escreve:

> «... Sentia-me em condições de alguém presa de um pesadelo. Sentia-me incapaz de mover-me em uma ou outra direção e experimentava a sensação de estar ligado de pés e mãos. Somente eu podia mover os olhos para todos os lados, mas não conseguia abrir ou fechar as pálpebras. Eu tinha plena conciência do que ocorria em meu derredor. Vi a hora: 3 h. 49 da tarde; olhei o caderno em que escrevia o amigo H., observando que tomava notas do tratado: *Matéria Médica*. Assim permaneci durante três minutos, contados no relógio à minha frente. Durante êsse tempo, tive a sensação de uma «fôrça» desconhecida que paralizava meus movimentos, e essa fôrça parecia concentrada atrás de mim, à distância de um metro, pouco mais ou menos, ao nivel de minhas espáduas.
>
> Quando me interrogava se estava desperto ou não, de repente tive a conciência de me dividir em dois sêres distintos, e a «força» em questão havia provocado o fenômeno. Um dos dois sêres jazia, inerte, sôbre o divam; o outro estava livre e se deslocava num círculo restrito, donde êle podia, à vontade, contemplar o segundo fixado no lugar. Entre ambos existía uma «força elástica», que impedia o rompimento do laço que os unia. A' vontade podia eu obter que o sêr, diante de mim, se estendesse no chão ou circulasse no quarto a pouca distância do outro. Quando a distância entre ambos atingia a certo limite, a «fôrça elástica» que os unia, se estirava. Além desse limite (que agia entre os dois sêres), nenhum esfôrço de vontade de minha parte conseguia distanciar mais o sêr fluídico, e, atingido o limite, eu experimentava forte sensação de resistência nos dois corpos».
>
> Êsse fenômeno de «desdobramento» durou por mais cinco minutos. Em seguida pareceu começar a fusão dos dois sêres, à qual eu resistia, percebendo eu poder impedí-la, à vontade. Finalmente, por curiosidade, para saber o que poderia acontecer, deixei fazer-se a fusão, que foi rápida, sem incidentes. De novo tentei então provocar a separação, mas a mesma «fôrça» que, a princípio, havia paralizado meus movimentos, agora me impedia repetir o desdobramento...
>
> Nenhuma sensação tive ao despertar. As condições em que me encontrava dissiparam-se simplesmente, pouco a pouco. Convém notar que no período de desdobramento, jamais cessei de me interrogar sôbre o que me estava acontecendo, cuidando de observar o que se passava em volta de mim, com o propósito de verificar, em tempo útil se as observações feitas correspondiam à verdade; e tudo se confirmou minuciosamente exato...
>
> Exerço a profissão de médico há muitos anos, e por toda a parte sempre investiguei para descobrir se outros haviam experimentado fenômenos análogos ao meu, mas não obtive resultado algum. E' por isto que decidi comunicar esta aventura à «*Society S. P. R.*» (Assinado: Dr. C. E. Simons.)

Tendo comentado o caso precedente para realçar-lhe a importância teórica, bem pouca cousa me resta a assinalar, exceto a circunstância interessante da pessoa que teve a sensação — muito rara nos casos de bilocação — da existência de uma «fôrça elástica», que ligava o corpo etérico ao corpo carnal. Em termos metapsíquicos, dever-se-ia dizer que se tratava de «cordão fluídico» que indissoluvelmente reune o fantasma exteriorizado do corpo somático, visto que a ruptura desse cordão de circulação vital entre o fantasma ódico e o corpo inanimado, determinaria a morte fulminante da pessoa desdobrada.

* * *

Termino como comecei. Não hà

dúvida que no grupo de fenômenos de autoscopia frequentemente se enxertam casos de visões, aparentemente análogos, de origem psicopática, o que, todavia, não autoriza a classificar toda a fenomenologia do gênero no grupo das alucinações propriamente ditas. As hipóteses neste sentido, formuladas pelo Dr. Sollier, podem ser consideradas satisfatórias julgadas cientificamente legítimas no tempo em que não existiam as investigações científicas. Hoje, não. As magníficas experiências de «exteriorização da sensibilidade» com a formação imediata de um «fantasma ódico», perceptível pelas pessoas imersas em sono sonambúlico e controláveis por meio de provas engenhosas, notadamente a que consiste na introdução de reativos químicos em solução no lugar em que a pessoa percebe seu próprio corpo exteriozado, demonstram a existência de algo objetivo nêsse ponto. E se assim é para as provas de autoscopia experimental, nada se opõe a que o mesmo aconteça nos casos de autoscopia espontânea. Sem contar que a existência dos fenômenos de «bilocação» com fantasma exteriorizado conciente, inteligente, dotado de faculdades sensoriais supranormais, concorre para reforçar a tese sustentada, visto que tais fenômenos nos forçam a inferir que os casos de autocospia representam a fase inicial dos factos de bilocação. Isto dito, em homenagem à investigação da verdade pela verdade, e nada mais, porquanto os fenômenos de «bilocação» não precisam, para serem confirmados, dos de «autoscopia». Contrariamente, foram as investigações sôbre os factos de bilocação que obrigaram a mudar de opinião sobre a verdadeira natureza duma parte dos fenômenos de autoscopia.

(Continua)

Os Três Aspectos

J. B. CHAGAS

O Espiritismo póde ser, sem nenhum favor, estudado e analisado sob três aspectos ou prismas diferentes: o da manifestação dos espíritos ou seja o aspecto experimental ou científico; o dos princípios e da filosofia dêles decorrentes, explicando racionalmente todas as coisas, e o da aplicação dêsses princípios, na objetivação prática, dando nascimento a uma religião, em face das consequencias morais, resultantes.

E esses três aspectos integram-se de tal maneira no Espiritismo, constituindo um todo, que não póde ser encarado ou analisado, com êxito, qualquer dêles, isoladamente.

Daí afirmarmos — quem conhece apenas um dêsses aspectos, nada conhece.

Com essa tríplice classificação, ou distinção, não têm concordado os nossos adversários, porque argumentam assim: — Si o Espiritismo é Ciência, não póde gozar dos favôres da lei, como confissão religiosa... Também não é Ciência, porque precinde de anfiteatros, dos gabinetes de pesquisas, dos laboratórios, etc, etc. — Não é Religião, porque não possue templos, nem ritos, nem cultos, nem sacerdotes, nem dogmas, etc, etc... — dizem eles, por fim.

No entanto o Espiritismo não sendo sómente Ciência, Religião e Filosofia, isoladamente, é tudo isso, englobadamente, dependendo apenas do prisma pelo qual seja encarado e analisado!

Ciência de observação e filosofia racionalista, o Espiritismo, quedaria incompleto, si a estes dois aspectos, não viesse se juntar o aspecto moral-religioso, pelo qual o Cristianismo, está sendo analisado e interpretado, sem formalismos irracionais, em *espírito e verdade*, nesta hora definitiva da história do mundo, em que é chamado a colaborar para o advento de tempos melhores.

Tomando por base a observação dos factos, muito especialmente, o que diz respeito ao mundo suprassensível ou supranormal, e o princípio, universalmente conhecido, de que *todo efeito tem causa e que toda causa precede o efeito, e das mesmas causas decorrem os mesmos efeitos*, conclue que — *todo efeito inteligente, resulta de uma causa inteligente*. Assim, o Espiritismo amplia as suas investigações ao campo da filosofia, e culmina com o máximo objetivo moral-religioso, pugnando para o encaminhamento do homem, com o integrá-lo no conhecimento do sentido real da vida!

* * *

As próprias autoridades do país, chegaram a concluir, em documento oficial (portaria do Maj. Nelson de Melo, chefe de policia do Distrito Federal, transcrita em Mundo Espírita de 16-10-943,) pela necessidade de ser feita uma distinção entre o Espiritismo, propagado e aceito como crença religiosa, e aquele outro, puramente experimental dos fenômenos espiritísticos ou psíquicos, estabelecendo, então, a diferenciação das suas finalidades, ou seja, de culto e de estudos psíquicos.

Segundo a Portaria, o Espiritismo classificado como confissão religiosa, ficaria isento de fiscalização policial e a sua propaganda teria livre curso, dependendo apenas da observância das disposições de direito comum, exigências de ordem pública e dos bons costumes, aliás, no cumprimento do preceito da Constituição sôbre a liberdade de crenças.

Quando, porém, êsse Espiritismo, tiver por objetivo trabalhos de experimentação psíquica, as autoridades consideram as instituições fundadas para êsse fim, como organizações de ensino científico, sob o amparo da lei (direito de associação).

Pelo exposto, fica bem claro que as próprias autoridades do país já reconheceram os dois principais aspectos do Espiritismo—o religioso e o científico.

Mas, apesar disso, ou seja dessa fortísssima comprovação, em tôrno dos três aspectos do Espiritismo, muitas dúvidas têm surgido, e alguns contraditores, buscam apoiar as suas opiniões, na própria palavra de *Allan Kardec*, que, por mais de uma vez, o classifica, ora de religião, ora de ciência. *(Livro dos Médiuns).*

* * *

«O Espiritismo — já dizia ha anos passados *M. Maxwell*, doutor em medicina e substituto do Procurador Geral junto à Côrte de Apelação de Paris—vem a seu tempo e corresponde a uma necessidade geral... A extensão que essa doutrina está tomando é um dos fenômenos mais curiosos da época atual. Assistimos ao que me parece ser o nascimento de uma verdadeira religião, sem cerimônias rituais e sem clero, mas com assembléias e práticas. Pelo que me diz respeito, acho extremo interêsse nessas reuniões e sinto impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso fadado para grandes destinos». *(LES PHENOMENES PSYCHIQUES).*

E o dr. *Maxwell* afirmava uma verdade, hoje patente.

Fenômeno que não passou despercebido ao Codificador, quando afirmou: «Os fenômenos dependentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza, um contingente aos factos reputados maravilhosos; devia, porém, chegar o tempo, em que fosse conhecida a lei que os rege, e êles entrassem como quaisquer outros na ordem dos factos naturais. Êsse tempo chegou e o Espiritismo, fazendo conhecer aquela lei, trouxe a chave da maior parte das passagens das escrituras sagradas, que aludiam a ela e aos factos miraculosos».

Porque a ciência contemporânea pesquisou o mundo interior das cousas, penetrou o mundo objetivo, em suas causas mais íntimas e profundas, mas foi impotente, no investigar o universo invisível. E é êsse império ilimitado que a Ciência espírita lhe oferece conquistar!

E prenunciando a futura união da Religião com a Ciência, diz ainda o Codificador: «Os factos que a ciência demonstra perentoriamente, não podem ser negados por qualquer crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em todos os seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las». *(REVUE SPIRITE* — 1860-pag. 303).

Facto, aliás, também previsto pelo grande sábio *Frederico Myers*, quando afirmou que — «essas indagações iriam dar lugar, lógica e necessariamente, a uma vasta síntese filosófica e religiosa». *(LE PERSONNALITÉ HUMAINE, SA SURVIVANCE).*

Léon Denis, corrobora esta opinião, quando diz: «A ciência será a análise e a religião virá a ser a síntese, mas ambas acabarão por se penetrar recíprocamente». Porque, muito proficientemente, afirmou *Kardec*—«se a religião recusa caminhar com a ciência, a ciência caminhará sosinha».

Como *Ciência*, o Espiritismo veiu reunir em corpo de doutrina o que até ontem andava esparço, explicando em termos próprios, e que era dito em linguágem alegórica e confusa; os factos tidos como os mais absurdos e miraculosos, examinados à luz dos seus esclarecimentos, perderam o seu caráter sobrenatural. Eram meros efeitos resultantes de causas reais, apenas ignoradas. Conhecidas as causas que determinavam tais efeitos, tais fenômenos passaram ao rol das cousas comuns.

E para áqueles que nenhum fenômeno hajam presenciado, ha a sua Filosofia, que explica claramente o que nenhuma outra é capaz de o fazer. Nela encontrarão solução racional para todos os problemas, que no mais alto grau interessam ao futuro da criatura. Ela, sobretudo, infunde calma e confiança, livrando-a do tormento da incerteza.

Portanto, só a Filosofia espírita alarga o círculo dos conhecimentos; dá ao homem noção mais ampla do seu destino, e uma idéia mais clara da vida futura, mostrando que diante da cruz do Calvário, não ha cruz pesada... Explicando a razão de ser da dôr, e fazendo conhecer a sua razão de ser e utilidade providencial, torna a dôr mais amena e mais bela! A Filosofia espírita engrandece a alma!

Essa Filosofia tão amena e sobretudo suavisadora dos sofrimentos terrenos, não podia ser uma creação do homem, mas sim uma revelação divina, trazida ao mundo pelo húmilde Filho do Carpinteiro.

A êsse respeito, refere *Carl du Prel*, o seguinte facto, que prova que as filosofias terrenas são impotentes no sentido de explicarem o delicado problema do destino no além túmulo. Diz aquele insigne homem:—«Um amigo meu, professor da Universidade, passou pela dôr de perder a filha, o que lhe reavivou o problema da imortalidade. Dirigiu-se aos colegas, professores de filosofia, esperando achar consolações em suas respostas. Amarga decepção: pedira um pão, ofereciam-lhe uma pedra; procurava uma afirmação, respondiam-lhe com um *talvez*» (do livro *«LA MORT ET L'AU-DELA'»)*.

E por explicar com clareza a razão de ser das cousas, foi o Espiritismo, muito propriamente denominado Ciência do Espírito. Porque através da sua Filosofia, beberá o homem, na hora do cansaço a coragem moral para resistir aos infortúnios e golpes da adversidade, por êle próprio creada. O poderoso aprenderá a cultuar o sentimento de solidariedade; o céptico achará o sentimento da fé; o desanimado recuperará as energias para novas arremetidas e novos empreendimentos para o porvir.

E a sua importância cresce diante da necessidade de evitarmos que aos nossos descendentes não tenham mais significação os sistêmas contraditórios do positivismo de *Augusto Comte*, do naturalismo de *Hegel*, do materialismo de *Cousin*. Já que sabemos que cada sistêma contém somente uma parte da verdade, devemos dar livre curso ao pensamento, para podermos atingir o zení almejado.

Para o bem da humanidade, ha uma educação a realizar, porque nem a Universidade nem a Igreja não deram, e ainda não podem dar. Essa educação é a que a Filosofia espírita, muito propriamente denominada a Ciência do Espírito, porque livre e emancipada de qualquer peias ou seja do rotineirismo das escolas, promete dar nas lições sublimes do Espiritismo Codificado.

* * *

Contudo, é justo reconhecer, diz *Léon Denis*, que «as religiões acharam socorros espirituais para as almas aflitas; todavia, as consolações que oferecem, assentam numa concepção demasiadamente acanhada do fim da vida e das leis do destino. As religiões cristãs, principalmente, compreenderam o papel grandioso do sofrimento, mas exageram-no, desnaturando-lho o sentido». *(PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR* — pag. 491).

Não se pode negar, pois, que as Religiões contribuiram grandemente no passado para a educação do homem. O êrro de toda Religião, no entanto, tem consistido em encerrar o ensino em dogmas estreitos e irracionais, imobilizando o pensamento.

Daí o Espiritismo, tornado Religião, transformar-se no refrigério das almas aflitas, no bálsamo maravilhoso, curador de todos os males, de todas as enfermidades do corpo e da alma! No oasis prodigioso e providencial, onde o viandante exausto do Deserto da Vida, encontra repouso e paz para o seu espírito! E' assim, sem nenhum favor, o Consolador que o Cristo prometera mandar a seu tempo, porque Êle sabia que nem todos na Terra seriam felizes, e quantas consolações tem levado aos corações amargurados esta crença religiosa?! Quantas conciências atribuladas se têm expandido aos ráios da beleza espiritual! Quantos espíritos atormentados, têm encontrado nela o refrigério para as almas! Quantas lágrimas têm secado ao influxo dos seus postulados! Quantos moribundos têm fechado os olhos beneficiados pelas suas consolações!...

* * *

E chegando ao termo dessas considerações, fica mais uma vez demonstrada a impossibilidade da separação de qualquer dos três aspectos, que integram o Espiritismo, de tal modo estão êles identificados entre sí, sendo êste o nosso principal objetivo ao traçarmos estas linhas.

Nova Iguassú, Junho de 1944.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Muitas casas existem que são assombradas por espíritos que buscam vingar-se de males sofridos durante a vida.

Quando eu e a Sra. Wickland estivemos no Wisconsin, fizemos uma reunião na casa de uns amigos e a Sra. Wickland foi «tomada» pelo espírito de um homem que disse ter sido assassinado pelo dono de uma pedreira próxima, porém que ainda estava vivo na casa ao lado da pedreira.

O espirito riu perversamente e disse: «Ele me matou, porém estou me vingando. Eu o assombro».

Embora lhe falassemos de uma existência superior, disse que não estava disposto a abandonar o seu intento e, recusando-se a progredir, partiu dalí.

Nossos amigos nos contaram, então, que haviam conhecido aquele homem em vida; que dez anos antes a pedreira fora possuida por três sócios, um dos quais, desejando possui-la sózinho, comprara a parte do segundo, porém o terceiro dono, que morava na casa perto da pedreira, se recusára vender a sua.

Poucos dias após, o terceiro dono foi achado morto e, embora não houvesse prova quanto á identidade do assassino, havia forte suspeita, na vizinhança, de que o primeiro sócio fôra o perpretante do crime.

Com o decorrer do tempo, o dono da pedreira mostrára estranha relutância em trabalhar nela e certo rumor dizia que ele estava assombrado pelo sócio morto. Tornou-se voz corrente que a casa próxima estava assombrada e quando nossos amigos alí foram, um anos antes, colher cerejas, passaram por extranha experiência.

Depois de colocarem o cavalo na cocheira vazia, viram algumas cerejas no patio e voltaram à procura de uma cesta, quando o cavalo começou a relinchar desesperadamente e a pular de terror.

Paralizados de espanto, nossos amigos ouviram uma gargalhada rouca e, olhando em redor, viram um homem, rangendo os dentes, á porta da casa deserta. Era o sócio que morrera anos antes; conheceram-no em vida e o reconheciam bem. O homem riu e desapareceu e os nossos amigos correram para a cocheira, tiraram o cavalo e fugiram a toda pressa.

—

Tinhamos uma série de cartas da Sra. G. G., que morava numa aldeia de Nova York; ela era médium e clarividente e teve a sua casa assombrada por uma falange de espíritos maus. Escreveu-nos que gozava da melhor saúde quando se mudou para aquela casa, mas que breve se viu afligida por estranha indisposição nos braços e nas pernas, a qual os médicos não conseguiam aliviar.

Espíritos que diziam serem seus guias aconselharam-na a que fizesse uma sessão espírita todas as tardes, durante meia hora, dizendo que a ajudariam. Explicaram-lhe que ela estava sendo atormentada pelo espírito da mulher que mandara construir a casa e que se livraria dela se certa amiga comparecesse á proxima sessão.

Essa amiga lá foi e o espírito disse que iria com ela. Quando essa regressou ao seu lar, viu-se tomada pelo mesmo mal com que a Sra. G. G. se vira afligida, quando esta se via boa dele.

Perturbações, porém, de várias espécies continuavam na casa. Até o pomar ficou assombrado e os espíritos disseram que a Sra. G. G. não viveria se permanecesse nela, porque êles matariam quem quer que tentasse morar na casa.

Os G. venderam a casa e se mudaram, sem nada dizer aos compradores acerca de suas extranhas experiências. Os novos donos tomaram posse da casa e a mãe da família, uma senhora idosa, foi para a cama, na primeira noite, aparentemente boa, porém, em breve tempo, gritou que dois homens haviam penetrado em seu quarto e procurado matá-la e, antes do amanhecer, estava mesmo morta.

A Sra. G. G. continuou, todavia, com suas reuniões, mas foi incapaz de libertar-se daquelas influências espirituais e, finalmente, nos escreveu, pedindo auxílio. «Não há ninguém em que possa confiar. Filiei-me à Sociedade do Novo Pensamento, pensando em ser ajudada; disseram que me enviaram vibrações, porém não consegui penetrar em sua onda. Ninguém implora mais avidamente por socorro do que eu, que procuro viver corretamente. Digam-me, se podem, como obter alivio.».

Fizemos «concentrações», tanto para aquela senhora como para a casa, e certo número de espíritos foram trazidos de ambas.

Um dêles declarou que não sabia que estava obsedando a Sra. G. G. Outro espírito, de nome Harry Harris, tinha tratado tão brutalmente a própria esposa, que ela o matara a tiros. Como sua vida terminára, não o sabiamos. Êle insistia em não estar morto, porém vivendo numa casa velha, com um grupo de bandidos (espíritos) e que êles matavam quem quer que ousasse morar na casa.

Outra vez, quatro espíritos foram trazidos da casa assombrada: primeiramente, duas mulheres, depois «Pete», que fôra habil batedor de carteiras, e uma mulher de nome «Kate», que havia sido morta por «Pete» e que, desde então, «rondava» o assassino. Para esconder-se, «Pete» estava se ocultando com outros numa casa que lhes pertencia e a ninguém mais. «Matam todo aquele que entra na casa», disse êle, falando por intermédio da Sra. Wickland. E confessou que estivera atormentando a Sra. G. G. «Fiquei com ela para garantir assim o meu canto, disse êle. Enquanto «Pete» estava se manifestando, «Kate» tomava outro médium presente e «Pete» ficára aterrorizado quando ela procurou escapar-se-lhe. Cada um pensava que o outro era um fantasma, sem saber que estavam se manifestando por médiuns. Só depois de algum tempo é que verificaram que tinham morrido. Finalmente, «Pete» ajoelhou-se e pediu perdão à «Kate», seguindo-se a reconciliação e partida de ambas, com a promessa de emendar-se.

Mais tarde, a Sra. G. G. escreveu-nos dizendo que melhorara consideravelmente.

O ESPIRITISMO FELICITA QUEM O PRATICA! — Allan Kardec.

Opiniões e Desafios

LEOPOLDO MACHADO

O Espiritismo já não póde mais sair do cartaz.

E só ele poderia, como coisa séria, desviar, no momento, a atenção de imprensa e povo da guerra e das futilidades...

O rumor em torno do caso sensacional, *Família Humberto de Campos versus obras psicografadas pelo médium Chico Xavier*, é prova mais do que suficiente do que afirmamos.

A questão desborda até, rumurosamente, do Rio para os Estados. E lá se vai ela provocando opiniões e desafios, gerando polêmicas e arrastando figurões de toda casta social a deitar importância pelas colunas de jornais.

Salientemos aquí, ainda que superficialmente, duas opiniões e um desafio que nos pareceram mais «importantes». Uma daqui mesmo e dois dos Estados.

A daqui é do sr. Dr. A. Austregesilo.

Impossivel formar-se, aquí, qualquer movimento de opiniões em torno do Espiritismo que s. s. não seja dos primeiros a ser ouvido, a opinar solene e oracularmente. E emprestando a sua opinião a fôrça absoluta das coisas inflexiveis e infaliveis, que nos deixam a impressão de que só nos resta, depois de que êle opina, um caminho: pensar com êle, a dizer naturalmente: «Se s.s. falou, é o que s.s. disse. O mais, tudo errado, tudo fóra da ciência!»

S.s., com aquela autoridade que lhe empresta sua psiquiatria, afirmou em entrevista a O GLOBO «não acreditar que o Espiritismo venha esclarecer a obra literária de Humberto de Campos. Só é verdade o que êle escreveu do próprio punho, tudo o mais é imitação e mistificação». E, sôbre o rumor em torno do caso; diz s.s.: «pode satisfazer a opinião pública, mas não se pode acreditar na verdadeira ciência».

Seria interessante que s..s dissesse de que «verdadeira ciência» teria falado. Da sua psiquiatria, materialista? Mas, essa é insuficientissima, porque insuficientes são outros ramos mais objetivos da medicina, afirmam celebridades científicas bem maiores do que s.s., como Claude Bernard, Charles Richet, Alexis Carrel.

Imitações e mistificações, o que tem saído da mediunidade do Chico Xavier? Mas, *imitações* geniais e *mistificações* de que o próprio Humberto de Campos não seria capaz. E, para o *imitador* e *mistificador* só haveria um lugar próprio: a *Academia Brasileira de Letras*. E para honra da Academia, onde não sabemos se ha gente que, imitando ou mistificando, fosse capaz de escrever um PAULO E ESTEVÃO... Se é do próprio Chico, na opinião do crítico Guilherme de Figueiredo, a obra que aí está psicografada, obra que o *médium*, «tendo a faculdade de escrever num estílo semelhante ao de algum escritor, ao cair em transe assim o faz», vamos levar, imediatamente, o médium, em *transe* ou não, para a Academia, para honra dos Austregesilos de lá...

Em Belo Horizonte, famoso lider católico, o sr. dr. Oscar Mendes deitou, também, importância pela imprensa dizendo, entre outras «novidades», que «Crookes, o grande cientista inglês, devotou-se anos e anos ao Espiritismo, fez largas experiências à base da chamada fenomenologia mediúnica. Um belo dia, descobriu que fôra vítima de tremenda chantagem da mulher que lhe servia de *médium*. Cobriu-se de ridículo diante do mundo científico britanico e abandonou suas tentativas, etc.»

Onde teria o ilustre *lider* católico descoberto tudo isso, a respeito do Crookes para o escrever com tanta semcerimônia?

O que sabemos é, exatamente, o contrário. E' que o grande William Crookes fora nomeado pela Universidade de Londres para pesquisar os fenômenos psíquicos. Pesquisou-os através de mais de mil experiências que lhe emprestaram, podemos dizê-lo, a laurea de ser o «Allan Kardec» do Espiritismo científico. Mas, a Congregação dos Austregesilos e dos Oscar Mendes da Universidade, acabou expulsando Crookes, só porque o Crookes, assinalou as verdades mediúnicas que estudou. Será a isso que se deve chamar ridículo? Mas, o ridicularizado não seria o Crookes, mas os que, em nome da ciência, os expulsaram. Tanto assim deve ser que, tendo William Crookes descoberto, depois, a fotografia através dos corpos opacos, fôra instado pela sociedade que o expulsou a regressar a ela. Respondeu que aceitaria o convite, mas sem abjurar, de modo algum, a verdade dos factos espíritas...

Este, pois, o ridículo de Crookes.

Ridículo bem menor, sem dúvida, do que o de acreditar, em pleno século vinte, *magister dixit* de cientistas sem sabedoria, que andam a copiarem-se uns aos outros; de sacerdotes que prègam divindades atravancadas de infernos e penas eternas, milagres e mistérios, dogmas e sobrenaturalidades que repugnam à razão e ao raciocínio!

Em Maceió, é o prof. Lavenère que só acreditaria no Espiritismo se visse um musicista alagoano de seu conhecimento escrever música em sua vista. Esta, a condição que impõe, mais ou menos idêntica à do Malba Taham para acreditar no Espiritismo. Fóra disso, não ha nada mais no Espiritismo que o interesse! E não ha fugir de seu desafio, que o ilustre professor manda ler a História, para ver-se «que Deus aceitou desafios e reptos para provar seu poder e convencer incredulos».

Seria interessante que o professor ilustre dissesse em que história, ou página do Evangelho, se encontra isso, além da gente ficar desconfiado do poder e da sabedoria de um Deus creador que descesse a aceitar desafios e reptos tolos de suas criaturas. Nós é que não acreditariamos, francamente, em tal Deus.

O que sabemos é o contrário, exatamente.

Ao próprio Cristo se pediu provas. E' o que nos diz Mateus (XII-38) «Então, alguns escribas e fariseus tomaram a palavra (tal como os Lavenères de hoje!) dizendo: Mestre, quiseramos ver da tua parte algum sinál».

Que lhes respondeu o Cristo? «Uma geração má e adultera pede um sinál...» E não lhes apresentou sinál algum.

Os sinais vêm naturalmente. As provas surgem, quando menos se espera. Mas, quando se fez o suficiente, pedindo e procurando com humildade (pedi, e dar-se-vos-á; procurai e achareis, Jesus), que não a reptos e desafios insensatos, que os espíritos devem ter coisas mais sérias de que cuidar, para não estarem à disposição, como propriedades nossas, ao primeiro chamamento de qualquer espírita, ao primeiro repto de qualquer Lavenère.

E' histórico o desafio de Mussolini a Deus, em meio de um discurso comunista e patético seu: que se Deus existisse, que lhe enviasse um raio para fulminá-lo ali mesmo. Dava-lhe cinco minutos para isso. O raio não veio, para a *deboche* do futuro *duce*. Não veio logo, para vir depois, dez anos dobrados, com a guerra que êle armara, porque fulminadissimo está, hoje, o infeliz *ex-cesar* caricato romano.

Os factos espíritas, que são verdadeiros, vêm a seu lugar e tempo.

De nós, um dos mais convincentes e irretorquíveis que já testemunhamos, devemos, exatamente, a um *médium* de Maceió. Dêsses que o sr. Lavenère chama, *mistificadores*...

Agora, uma pergunta inocente, para terminar:

E que teria o Espiritismo a lucrar com a crença do sr. Lavenère?

Nada, absolutamente, que o Espiritismo não é doutrina que faça, como a Igreja de Roma, questão de maior número de prosélitos, pelo facto de seus prosélitos não terem o direito de viver dele, de explorar, em seu nome, a crença alheia. Não é o Espiritismo que precisa do homem pois ele «vencerá com o homem, sem o homem e apesar do homem».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Alguns Factos Espiritas tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas

De «Constancia» — Por Carlos L. Chiesa

SÓCRATES, MÉDIUM AUDITIVO

Não alimentamos o propósito de fazer uma semelhança de Sócrates nem entrar a fundo em seus princípios, todavia, já que dele tratamos, vamos mencionar, ainda que sumariamente, a alguns destes e outros predicados que adornavam o filósofo.

Antes de tudo, desejamos precisar nosso conceito sôbre uma destas condições. Referimo-nos á sua vontade.

Que Sócrates devia estar munido de uma vontade férrea, talvez lavrada pela constância dos exercícios espírituais e pela fé em si mesmo, é cousa que não oferece a menor dúvida, mas não cremos possível que tenha querido demonstrar o que ela vale, para o cumprimento das relações na vida, ou ter-se êle imposto um sacrifício quando permaneceu, em Potinia, de pé e imóvel durante vinte e quatro horas, e, ao despontar do sol, retirou-se sem a menor fadiga física.

Que possuia firmeza de caráter e convicção de seus principios, demonstra-se fielmente pelo facto de ter êle recusado a fuga que lhe prometiam. Se tivesse fugido teria anulado, a nosso ver, quanto de belo prègou. Morreu, como Jesus, ao pé de seus ensinamentos.

Se êste facto não demonstra o que valia a sua vontade, nem tão pouco um sacrifício, tratava-se então de um extase de caráter mediúnico ou o transporte de sua alma a regiões ignotas? Não podemos afirma-lo; mas evidente é que algo disso sucedeu, se recordarmos ter êle possuido as faculdades de médium auditivo, se não também a de intuição.

Vejamos o relato deste facto realmente extraordinário.

Narra-o assim Alcibiades em o «Banquete»:

Sócrates, em Potinia, esteve de pé durante toda uma manhã, imóvel e meditativo. Chegou o meio dia; a população olhava-o surpreendida por vê-lo naquele êxtase desde a manhã. Ao chegar a noite, os soldados jônios armaram alí suas camas para dormir ao relento e verificar se Sócrates passaria a noite na mesma posição. Efetivamente, de pé continuou toda a noite e ao romper a aurora orou ao sol e se retirou.

Outro ponto é o seguinte:

Atribue-se a Sócrates o preceito: *Nosce te ipsum* (Conhece-te a ti mesmo), versão latina da famosa inscrição do templo de Delfos.

O nosso eminente filósofo o sustentou, mas se nos devemos ater a suas próprias palavras, é de origem délfica.

Êste preceito levou o Mestre a uma das maiores preocupações de sua vida que era a de penetrar na interpretação de seu eu, que chamou imortal e evolutivo, verdade confirmada pelo ser e surgir dos fenômenos paranormais. Encarnou o princípio com sagrada unção, fazendo-o norma de sua vida, um legado de moralidade e nobreza como se depreende quando recusou a fuga, da qual falámos, e que lhe era oferecida por um amigo, ao qual disse:

«Não vês em que me ocupei toda minha vida? Jamais cometí uma injustiça. Isto constitue, para mim, minha mais bela apologia.»

Se cada homem praticasse, em todas as atividades da vida, as virtudes de Sócrates, outra cousa seria o mundo.

Ouçamos agora as palavras de Sócrates. Meditando certa vez sôbre tão belas e profundas questões e «havendo Fedro perguntado o que pensava o filósofo a respeito da explicação que os físicos davam aos mitos religiosos, respondeu: «isto exige mais tempo e sutileza do que eu tenho. Estou ocupado por êste preceito délfico: ‹Conhece-te a ti mesmo,› impossível é sobrar tempo para outras cousas, ao que com isto se ocupa. Não me preocupo com essas questões e limito-me a crer o que crê a multidão, ocupando-me tão sómente com o estado de minha conciência.»

O preceito délfico consiste nisto: «Conhece o valor científico de teus pensamentos e observarás que a ciência humana é nula; mas que o homem tem a certeza e a verdade das ações morais, como também de tudo quanto se refere á vida.".

Recordemos também que é o seguinte um dos princípios de Sócrates:

"Sómente sei uma cousa, e esta é que nada sei."

Não podia esta frase sair de uma mente que nada soubesse, mas de quem muito sabia, porquanto são estas mentalidades as que sabem que nada sabem, não obstante o muito que sabem.

Sua mente vibrava a perscrutar o ignoto e devia encontrar-se á frente de questões árduas, impenetráveis para seu espírito ávido de saber, compreender a verdade das cousas. Assim é que o filósofo, o mais brilhante dos filósofos, concebeu a frase em questão.

Vamos agora referir-nos á faculdade mediúnica do Mestre.

Não resta a menor dúvida que Sócrates foi médium auditivo. Confirma-o claramente as conversações que, parecendo falar consigo mesmo, sustentava com seu demônio o qual, seguramente, outra cousa não era do que seu espírito guia ou protetor, talvez seu inspirador das grandes questões filosóficas que ventilava, todavia, possível é que estivesse rodeado de uma coorte de entidades luminosas, já que é preciso inferir que, dado o caráter elevado de seus princípios, estava em função missionária. Nêstes casos, o além proteje a figura que a seu cargo toma a delicada, honrosa e heróica missão de ser portador de novas verdades, mentor da humanidade, e isto sempre se verifica na dureza do sacrifício.

A morte pode ser, nestas funções, uma consequência inevitável, estar dentro da missão a desempenhar; assim morre Sócrates, nêsse cumprimento, como morreu Jesus, e morreram outros mártires e paladinos da verdade.

Que Sócrates tinha conciência de estar em cumprimento de uma missão na vida, o confirma o seguinte. Fala o Mestre por bôca de Platão: Procedo pelo modo que vês para cumprir a ordem que Deus me havia dado pela voz dos oráculos, pela dos sonhos e por todos os outros meios empregados por um poder celeste para comunicar sua vontade a um mortal».

Socrátes não era um alucinado. Hoje podemos afirmar, sem temores, que era médium auditivo. A meude entabolava conversação com seu demônio.

«Sem cessar fala de uma voz divina que êle só ouvia e que o afastava do mal; de um gênio que lhe fazia advertências e que o filósofo aproveitava para si e para os demais. Acreditava num só Deus para toda humanidade, cuja presença via em todas as partes, na Natureza e na alma humana», em orre pela unidade divina.

Diz o ilustre historiador italiano César Cantú, ao referir-se ás audições supranormais de Sócrates: «Outras vezes, passeando com seus amigos, detinha-se a meude dizendo por vezes ter ouvido o seu demônio, o qual com êle se comunicava e que parecia sugerir-lhe o que devia dizer ou recordava alguma cousa à sua memória».

E Cantú chega ás seguintes reflexões: «Reproduzimos a crença destas comunicações entre o homem e os sêres superiores que já encontramos no berço da humanidade e que os séculos mais ilustrados não negam, se bem que andem à procura de sua explicação».

Não existe diferença entre a tarefa de Jesus e a do Espiritismo. Ambas se completam porque têm um mesmo objetivo: a demonstração da imortalidade e da necessidade da prática do amor fraterno.

Camargo.

O Espiritismo na opinião dos intelectuais

(*Continuação*)

Dr. C. PICONE CHIODO

Estão em êrro. Vejamos rapidamente porque.

Hipótese da impostura. — O facto de muitos prestidigitadores imitarem no palco alguns dos fenômenos espíritas e o de vários médiuns terem sido desmascarados (1) podem dar aparencia de justificação à hipòtese da impostura. Mas, contra essa opinião, mesmo que se não levem em conta razões já aduzidas, importa se note o seguinte:

1) A fraude, por parte dos médiuns escreventes, é inteiramente impossivel, quando ele escreve uma comunicação com a mão direita, outra com a esquerda e transmite de viva voz uma terceira e tudo isso ao mesmo tempo. Pòde-se comprovar a sinceridade do médium, tornando-se-lhe impossivel qualquer fraude, fazendo-o indicar as letras do alfabeto com as pranchetas, sem que as veja e mudando-lhes a disposição. O sistema do alfabeto oculto foi empregado por muitos experimentadores e até por Charles Richet.

2) Alguns fenômenos são de fácil imitação, outros, porém, são inimitáveis. Para que os prestidigitadores imitem os fenômenos espíritas, de fórma a iludirem completamente, precisam preencher duas condições: a primeira é que se tomem com êles todas as precauções que se tomam com os médiuns.

O jôgo do prestidigitador é o que êle próprio preparou: será inútil se lhe peça que faça outro diferente, ou que faça noutra ocasião, antes ou depois da que êle determinou. Os fenômenos que se obtêm com um médium, ao contrário, são, muito frequentemente, os que se pedem, embora nem sempre assim aconteça, porque a inteligência oculta que os produz possue, de seu lado, vontade própria.

Além disso, o jogo do prestidigitador é feito no local que êle próprio escolheu, com os objetos que lhe são necessários e diante de um público no meio do qual se acham dissimulados os seus comparsas. Dá o mesmo espetáculo uma ou duas noites. Em seguida, substitue por outro o programa, ou muda de terra, porque, se continuasse a repetí-lo, acabaria desmacarado. Os médiuns, ao envez, são levados para onde o entendam os experimentadores; trabalham em presença de algumas pessoas de toda confiança, depois de examinados a fundo e de amarrados. Livermore e Crookes, como muitos outros, fizeram experiências com o mesmo médium durante anos, sem descobrirem a mais ligeira fraude. A Comissão da Sociedade dialetica de Londres exigiu até que, durante as experiências, os médiuns fossem vigiados precisamente por dois dos melhores prestidigitadores daquela Capital.

Outra condição indispensável aos prestidigitadores para imitarem os fenômenos espíritas, de modo a produzirem ilusão completa, é que operem diante de um público que nunca haja visto os verdadeiros fenômenos espíritas. O prestidigitador Cristiani, que numa sociedade imitara os nós obtidos por Zöllner com o médium Slade, quando soube que aquele cientista, com dois amigos, o procurava, para também verificarem se êle os produzia como Slade, desapareceu de Berlim!

Harry Price, o prestidigitador que se tornou metapsiquista, lembra ironicamente que todos os prestidigitadores, que se vangloriam de reproduzir os fenômenos mediúnicos, até hoje só insucessos têm conseguido.

Maskeline, grande prestidigitador, no famoso processo do fantasma de 1 000 libras esterlinas contra Colley, perdeu o prestigio e o dinheiro. Outro malogro sofreu com o inventor americano Hiram Maxim. Maskeline teve de se confessar incapaz de imitar os fenômenos. Seu filho perdeu, nas mesmas condições, uma aposta de 100 libras esterlinas e seu neto, igualmente, num desafio do mesmo gênero, desistiu de tentar a experiência, quando se inteirou das condições impostas, idênticas às que se submetia o célebre médium Valiantine.

---

(1) *O médium Allen foi desmascarado da maneira seguinte: alguns espectadores pintaram de preto os cabelos e quando o fantasma lhos veiu puxar, eles acenderam a lâmpada e verificaram que as mãos do médium estavam negras. Com Eglinton os próprios espíritas acharam em seu poder a barba e a musselina que empregava para produzir falsas materializações.*

Lodge e outros desmascararam Monck e encontraram no quarto que ele ocupava os apetrechos de que se servia para produzir os seus embustes.

Poder-se-iam citar outros exemplos, diz H. Pryce, e não se aponta um único caso em que os prestidigitadores tenham alcançado êxito.

Ora, Harry Price, que acaba de proceder com o médium Rudi Schneider a uma série de experiências perfeitamente fiscalizadas, também ofereceu o premio de 1.000 libras esterlinas a qualquer prestidigitador que reproduzisse os fenômenos que habitualmente se obtinham nas sessões daquele médium, sem mesmo exigir coisas de sensação. Ninguém se apresentou. Quando, passados alguns meses, Rudi regressou para a Alemanha, houve alguns tímidos pedidos de informações, mas, apenas indicadas as condições, restabeleceu-se o silêncio.

O que desconcerta os prestidigitadores é o facto de que muitos dos fenômenos mediúnicos se produzem dentro do gabinete, estando fóra dêle a pessoa do médium, a uns dois metros de distância. Importa notar que um desafio mundial de 1.000 libras esterlinas não teve como resultado senão o desbarato completo dos prestidigitadores que, pelo silêncio, confirmaram que os fenômenos que os médius produzem de modo algum entram no quadro da prestidigitação.

3) Seria também necessário admitir que todos os espíritas, sem exceção, fossem tolos e todos cegos. Que ha malícia no mundo, sabem-no êles e não desconhecem tampouco os truques que se empregam para imitar os poderes mediúnicos.

Wallace nos dá disso um belo exemplo, relatando o que aconteceu ao Dr. Sexton que, não se tendo convencido com o que lera nos livros, nem com as experiências, fez muitas conferências contra o Espiritismo, com a impafia comum aos incrédulos, insistindo na absurdidade e na pouca importância dos fenômenos. Êle assistira a experiências espíritas, mas, considerando-as ilusões produzidas pelo médium, com o auxílio de mecanismos ocultos, entregava-se a investigações para os descobrir. Auxiliado durante algum tempo por um amigo, acabou convertendo-se.

Prosseguindo nas suas investigações por mais de dez anos, seu cepticismo foi gradualmente diminuindo e terminou por fazer conferências contrárias às primeiras. Nas últimas, começava por explicar como se imitam os fenômenos espíritas, que êle próprio também imitava, indicando em seguida as diferenças que ha entre as imitações e os fenômenos reais.

4) Espalhou-se pelo público a opinião de que os fenômenos espíritas são imitáveis; assim, porém, não pensam os prestidigitadores. Jacob, prestidigitador do teatro «Roberto Houdin», de Paris, e Bellachini, prestidigitador da Côrte em Berlim, enviaram declarações ao médium Slade, dizendo que a arte que praticavam não póde reproduzir os fenômenos que o mesmo Slade produzia.

Trollope, citado por Wallace, refere que Bosco, um dos mais habeis prestidigitadores conhecidos, zombava da crença de que os fenômenos que Home produzia se pudessem atribuir aos recursos da sua arte. Assim, pois, no teatro, os prestidigitadores fazem rir o público à custa dos espíritas; mas, fóra do teatro, o publico ri à custa dos prestidigitadores. Aliás, em todos os casos, os factos expostos mostram que, com relação a muitos deles, não é licito se fale em impostura, de modo absoluto.

Finalmente, às imitações feitas por médiuns impostores ou por cépticos, respondem os espíritas, como Hellenbach, que as perucas não provam a inexistência de cabelos, nem as dentaduras postiças que não haja dentes, do mesmo modo que as moédas falsas, as flôres de papel e até as falsas declarações de amor não provam que não existem moédas boas, flôres verdadeiras e verdadeiro amor.

Aquele que, por ter caído nas garras de uma doidivanas, acredite que todas as mulheres são pérfidas, tira uma conclusão falsa! *Ab uno disce omnes* não constitue regra de lógica.

Sem dúvida, é muito verdade que o desmascaramento de um médium prova a possibilidade da impostura por parte dos outros, do mesmo modo que a descoberta de uma peruca dá direito aos calvos de duvidarem da cabeleira dos outros; mas, a ninguem dá o direito de suspeitar de que todas as cabeleiras sejam postiças, a menos se trate de alguem que nunca tenha visto cabelos verdadeiros. Aquele que comprovou a realidade de um só fenômeno espírita absolutamente autêntico não póde perder a sua crença, mesmo em face de mil truques.

Pelo que concerne às acusações lançadas contra verdadeiros médiuns — como, por exemplo, Eusapia Paladino — nasceram apenas de uma incompreensão por parte dos experimentadores (conforme foi reconhecido) do que póde ser determinado pelo automatismo inerente aos estados de transe e à sugestão que os assistentes exercem inconcientemente sôbre o médium. Tudo isso foi explicado por Ochorowicz e nada tem que ver com a fraude verdadeira, a que é feita de proposito e premeditadamente por aquele que, baldo de qualidades mediúnicas, quer fazer crer que produz fenômenos espíritas e que acabam sempre por ser desmascarados.

Evidente, pois, se torna que não ha mais porque insistir em refutar a hipótese da impostura.

(Continua).

A Idéia de um Deus Racional

— *«A impossibilidade em que me vejo de provar que Deus não existe, revela-me a sua existência». (PASCAL).*

— *«Os homens imaginam que os deuses nascem, vestem-se e têm corpos e vozes iguais a êles». (Xenofanes já o disse, 600 anos antes de Cristo). Agora, quasi 2.000 anos depois de Cristo, ainda os homens continuam a pensar da mesma forma ...*

—*«Deus é a síntese das aspirações da alma humana». (Cristovam Camargo).*

É difícil sinão impossível fazermos uma idéia ainda que imperfeita e aproximada do que seja Deus. Deus em sí é indefinível e inexplicável, pois Êle não póde andar assim tão ao alcance da relatividade em que nos encontramos.

Toda idéia que até agora, católicos e protestantes têm de Deus, é simplesmente absurda, falsa e cheia de fantasias pueris. O Deus bíblico não resiste ao sôpro da mínima análise: Fabricante da terra como único planeta habitado — nêsse caso nós somos mais «inteligentes» do que Êle, pois em pensamento já criamos outros mundos também povoados e superiores a êste que habitamos — criador de astros para ornamento do céu e deleite dos terrestres; que precisou do barro para fazer o homem e da costela deste para criar a mulher; que se sente cançado dêsse trabalho realizado em seis dias ou seis épocas, descançando no sétimo dia; que deixou um deus antagônico do bem — Satanaz — para perder a humanidade que Êle mesmo quer salvar; que desdenha da oferta de Caim, irritando-o; que se arrepende de haver criado o mundo; que mora acima das nuvens, olimpicamente sentado, e, sobretudo, que se encoleriza, que castiga eternamente, guardando ressentimentos, rancores e ódios. Um Deus nessas condições se assemelha a nós, com as nossas imperfeições e que nós mesmos plasmamos à nossa vontade. A necessidade de um fabricante para o que existe, como uma casa nos revela seu construtor, não prova, em absoluto, a existência de Deus. Nêsse caso cairiamos no ridículo e no círculo vicioso, perguntando: Quem fez Deus?

Nós somos ainda imperfeitos e galgamos os primeiros degraus da evolução. Mas com toda essa imperfeição, si estivesse ao nosso alcance, não dariamos nós vista aos cégos, riqueza aos pobres, saúde aos doentes e movimento aos paralíticos? E si Deus podendo fazer não o faz, nós somos «melhores» do que Êle porque o fariamos, caso fôsse possível.

Mas si Êle não o faz, é porque ha «motivos» anteriores à vida atual que constituem a causa da desigualdade social na terra. E' o caso do cego de nascimento, que Jesus explicou: João, IX—1 a 3 — «Nem êle nem os seus pais pecaram».

Quem pecou então? Foi o atual cego em outras incarnações passadas, sofrendo na atual, os reflexos de sua vida pretérita, pois Deus sendo Justiça e Amor, não condenaria um inocente sem causa justificada. No cego de que nos fala o

Evangelho, vemos a manifestação das obras de Deus e da justiça de suas leis, da qual ninguém póde fugir.

Antes que o leitor pergunte, respondemos: A alma é livre e dessa liberdade é que decorre a sua responsabilidade. Nós somos sempre o reflexo do que fomos. A natureza aí está vigilante e insubornável, zelando pelo cumprimento fiél das leis divinas.

Deus é onisciente, é bom, é justo, é perfeito, é infalível, é infinito e suas leis são eternas, imutáveis e também infinitas.

O Deus bíblico é produto da obra humana que empolga a imaginação sem convencer a razão. E sendo o Criador perfeito e infinito, Deus não pode ser analisado com tanta facilidade, porque a perfeição e o infinito si fossem explicados tão naturalmente, deixariam de ser a perfeição e o infinito absolutos. E si Deus não fosse infinito e perfeito, não seria Deus.

Spinosa, que teve a mais profunda visão de Deus, segundo uma frase de Renan disse que é próprio do homem transferir a Deus seus próprios atributos e imperfeições. Assim fazendo, nós estamos criando um Deus à nossa imagem e semelhança, ao contrário do que afirma a Bíblia. Si fôssemos um triângulo, teriamos de Deus uma idéia triangular; e si fossemos um círculo, d'Êle teriamos uma noção circular. Os negros africanos não podem acreditar que exista um Deus branco... para êles.

E' ainda Spinosa — que foi excomungado por apontar as contradições bíblicas — quem nos auxilia, dizendo que tudo no universo se move mecânica e matematicamente, com excepção de Deus e da alma.

Qual é a idéia, então, que devemos fazer de Deus? Deus, (em latim), segundo o grego, Zeus e no sânscrito Di, significa Céu! Daí a idéia errônea de um Deus habitando sôbre as nuvens, criando-se frases como esta: «o céu te proteja». E os trovões seriam prenúncios da cólera divina, como os raios a manifestação de seu poder e as doenças o castigo para os filhos relapsos...

Hoje, que todos êsses fenômenos estão explicados cientificamente, podemos afirmar que a idéia de Deus não surge do mêdo, conforme a afirmação de Lucrecio na antiguidade, e sim da esperança que alimenta o ideal da vida.

Foi a ignorância quem criou um Deus imperfeito como nós. A história antiga está cheia de práticas e superstições, algumas ainda em vóga, oriundas da falsa idéia de Deus. Uns criam no céu como Deus — Urano; outros, na lua — Silena; outros, na terra — Gêa; outros no mar — Poseidon ou mitológicamente, Netuno. Idéias pagãs aguardando as cristãs.

Os obstáculos que impedem a compreensão de um Deus único, eterno, causa primária de tudo quanto existe, são os preconceitos, o orgulho, a sensualidade e a propensão politeista do povo favorecida com creações multiforme de «santos» e a diversidade de nomes de Maria como «mãe» da humanidade.

Já é conhecida a afirmação: «pouca ciência leva ao ateismo, muita ciência conduz a Deus.» Descartes, repetindo o que Anaxágoras já havia dito ha 2.000 anos, dizia: Tudo é mecânico, maquina em movimento. Fora do mundo, Deus e dentro do corpo, a alma.

Platão, discípulo de Sócrates, acreditava num único Deus que castigava os máus com infernos eternos. Aristóteles, comparando Deus com o rei inglês que reina mas não governa, afirmava: Deus não criou mas move o mundo como o objeto amado móve aquele que o ama. Deus é pura energia.

Bacon, disse que o Creador deu almas iguais a todos no mundo, mas insaciáveis mesmo com um mundo; morto, Bacon legou sua alma a Deus e seu corpo à terra.

Spinoza, que não acreditava na Bíblia porque êle pretendia impelir os homens ineducados à devoção, e que porisso o seu objetivo era empolgar a imaginação sem convencer à razão, cria entretanto, num Deus justo e criticava os homens que eram propensos a acreditar que em benefício deles Deus quebrava a ordem natural das coisas, revogando suas próprias leis.

Kant é da mesma opinião quando diz que a oração é inútil, si o seu intuito for a alteração das leis naturais que governam as coisas.

Spinoza continua a nos dar uma idéia de Deus, dizendo: Tudo está em Deus; tudo vive em Deus; tudo move-se em Deus. A vontade de Deus é a soma de todas as causas e leis. O intelecto de Deus é a soma de todo o espírito.

Voltaire teve a idéia de um Deus

que premiava a virtude e castigava os maus, sem crueldades. Bradava-lhe o maometano: Ai de vós si não fordes em peregrinação até Méca. Dizia-lhe o padre: sereis maldito si não fordes em romaria à Notre Dame de Lorete. O teista zomba de Meca e de Lorete, mas socorre o indigente e patrocina o oprimido. E não está isso de acordo com a parábola do bom samaritano, Lucas,—X 25, onde Jesus elogia o procedimento do samaritano embora proscrito, e reprova o do sacerdóte e o do levita?

Kant, por sua vez, não pode crer num Deus regedor do céu, que por meio de lisonjas, distribue as mercês aos homens. Do mesmo modo não podemos dar crédito a certas práticas misteriosas empregadas pelos sacerdotes, como a missa, por exemplo, constituindo intermediários entre Deus e os homens, afim de acalmar a justiça desse mesmo Deus.

Na Bíblia ha muito joio e é preciso cuidado para separá-lo do trigo, porque a letra mata e o espírito vivifica, disse Jesus. Muita coisa do Evangelho mesmo, já era conhecida do povo anterior a Cristo: Hiller, avô de Gamaliel que foi mestre de Paulo, ja dizia: «Não julgueis o vosso vizinho sem que vos ponhais em seu lugar. Minha humildade é minha exaltação e minha exaltação é minha humildade. Não façais aos outros o que não quereis que vos façam; aquí está toda a lei, o resto se resume em comentários.

Confuncio, cinco séculos antes de Cristo, já ensinava que não deviamos fazer aos outros o que não queremos que a nós seja feito, e Lao-Tse mandava amarmos os nossos inimigos.

Shopenhauer foi um pessimista da vida, julgando que a criança nascia por castigo. Não iremos a êsse extremo, pois sabemos que o nascimento é uma necessidade. Spencer disse que nada existe sem começo e sem causa. Uma vez que o mundo existe, devia ter começo e êsse começo, uma causa. Entretanto não chegou a afirmar a existência de Deus, «cujas oferendas dos devotos O apaziguavam...»

Bergson pensa que ação, liberdade e vida são sinônimos de Deus.

Santayana, a-pesar-de ter o seu quarto ornamentado com quadros da Virgem e santos, dizia que Deus era a própria natureza e só o ideal era imortal.

Will Durant faz a crítica dos filósofos materialistas, dizendo: Um filósofo materialista é como um museu, um mostruário de coisas mortas.

W. James acha que o homem aceita ou regeita filosofias de acordo com as necessidades e temperamentos, e não de acôrdo com a verdade objetiva. Não indaga sí é lógico, e sim o que a prática dessa filosofia significa para a sua vida e para o seu interêsse. Argumentos prós e contra servirão para iluminar, mas não para convencer. Eis porque lógica e sermão não convencem ninguém.

Então o que é que prova a existência de Deus? Tudo que existe no mundo atesta a existência de um ser superior e orientador de todas as coisas. A origem da formação dos mundos que gravitam no espaço em torno do rei dos astros; a razão das existências; o destino da alma humana; a origem da constituição da matéria; e as próprias interrogações que ficam sem respostas si não apegarmos à idéia de um Deus criador: — Si toda célula provém de outra célula, de onde veio a primitiva? Si a terra em seu estado ainda em formação era ignea, donde partiu a origem da vida impossível de se desenvolver numa elevadissima temperatura? Onde a fonte da vida? Quem deu o impulso inicial à nebulosa originária? Si a hipótese giratória é verdadeira, como se explica que satélites de Urano e Netuno giram em sentido inverso?

Tudo isso constitue a grande incógnita que debalde os sábios procuram resolver. São problemas por demais complexos cuja profundidade esmaga a presunção do homem. Na nossa relatividade, é natural que continuemos a ignorar muita coisa, pois a terra é um planeta intermediário e não superior.

Poincaré, com toda a sua autoridade, já afirmou que a harmonia do Universo não pode ser obra do acaso. Em tudo sentimos a presença de uma inteligência vigilante e diretora.

Que digam os sábios dos observatórios astronômicos que realizam suas hipóteses matematicamente certas, tal é a ordem que se observa no conjunto de sistema planetário.

«Sentimos, por trás dos nossos destinos, uma inteligência que não é a nossa, a dirigí-los com mão segura, a qual chamamos Natureza, Supremo Artífice, o Absoluto, Deus!»

Deus existe na voz do nosso íntimo, no âmago da nossa conciência, que nos acusam quando desrespeitamos as leis que regem o mundo. O próprio ateu tem primeiro de acreditar na Sua existência para depois regeitá-lO.

Só os ignorantes da grandeza universal, não podem crer em Deus. O ateu diante da natureza é como o analfabeto diante da escrita: não sabem tirar das letras a vida que elas encerram.

«Deus é pois uma inteligência suprema reguladora do Universo, de uma inflexivel lógica de leis imutáveis que guiam, no infinito, inúmeros planetas e sóis, obedecendo regras invariáveis, cuja harmonia é simplesmente grandiosa. Os milhões de mundos que rolam no éter, que emaranham suas órbitas com regularidades tão precisas», não requerem uma fôrça oculta diretriz? (Delane).

Todas as fôrças, continua Delane, designadas sob o nome de Deus, alma, vontade diretriz, têm uma existêncial real fóra da matéria e esta é o instrumento passivo sôbre o qual se exercem. A fôrça é imaterial. Uma fôrça, o pensamento; uma matéria, o cérebro».

Deus paira muito além de nosso alcance, e como não podemos amá-lO (e nem ofendê-lO) diretamente, o nosso amôr será sempre indireto: amando o nosso próximo e a própria natureza, deslumbrando-nos com as maravilhas que nos cercam. Assim os poetas e os artistas amam a Deus na sua obra, e nós procuramos adora-lO em Espírito e Verdade.

Por isso é que os artistas são chamados os filhos prediletos de Deus, pelos espíritos adiantados.

Nietzche só compreendia Deus quando caminhava ao lado de Wagner; S. Tomaz dizia que tudo no mundo nos fala de Deus que é a vitalidade criadora de tudo quanto existe, ao passo que Hegel comparava Deus ao desenvolvimento e progresso; para Aristóteles, Deus era o impulso para a perfeição.

«Ninguém ainda viu Deus», João, 1-18, todavia podemos sentí-lO na fragância que trescala do perfume de uma flôr; notá-lO na inocência que se desprende do frescor de um sorriso de criança; escutá-lO através das vibrações inteligíveis que escapam dos sons de nossas vozes; vê-lO nas irradiações que partem das luzes solares que nos aquecem, deslumbram os nossos olhos e fecundam a vegetação; admirá-lO nos matizes policrômicos das paizagens que o artista leva em côres para a téla; reconhecê-lO no parnaso de um poéta, na inspiração de um músico ou na inteligência de todos os sábios.

Deus é grande como o infinito; profundo como a imensidade dos oceanos; poderoso como a fôrça do raio. Deus existe na alma do artista. Rubens, Miguel Angelo, Murilo, Wagner, Gounot, Schubert, De Vinci, Rafael, Corregio, Velasques, Litz, Rembrant, Chopin, sentiram mais de perto, a benêfica influência divina.

Como êles amaram a Deus na natureza e nas vibrações do espírito, amemos ao nosso próximo para amarmos a Deus, porque Deus è AMOR!

E agora podemos definir Deus, junto com Buda Somona Gutâna que o revelou em seu leito de morte:

«O próprio Deus não è sinão o princípio motor, a força oculta espalhada nos seres, a soma de suas leis e propriedades, o princípio animador, em uma palavra, a alma do Universo, que se apresenta ao espírito humano como um «ENIGMA INSOLÚVEL».

Fechemos este capítulo com dois tercetos de Estefania C. Rocha:

«Quem és Tú, grande Sêr — Doçura imarcessível!
Quem póde definir-Te em prosa, rima ou verso,
Soberano Poder, Beleza indiscutivel?!

Imortal Onisciente em toda parte imerso,
Quem és Tú, doce Amor, Fôrça eterna invencível?
—Tu és o Coração Imenso do Universo!.. »

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

A lei das existências sucessivas nos é ensinada pelos Espíritos instruídos. O testemunho de milhares de almas que se comunicam, vem trazer a esta crença a autoridade da experiência diária, porque todos nos dizem que vêem os êrros de suas vidas passadas, que sofrem por isso, e que procuram voltar á terra para reparar as faltas anteriormente cometidas.

G. Delanne.

Crônica Estrangeira

Salvo por aviso espiritual

«Revista de Estudos Psyquicos» (Valparaiso, Chile) publicou o seguinte, relatado por um correspondente:

«Eu fui aos E. E. U. U., para adquirir diversas máquinas agrícolas. De volta parei em Quiwille, onde adquiri passagem no vapor *Cartel*. Eu deveria desembarcar em Vieksburgo, não longe de minha residencia. Apenas a bordo, plenamente conciente, ouvi de súbito, murmurar ao ouvido: «Antes do fim da viagem, a caldeira explodirá; haverá naufrágio.» O aviso fora-me dado em tom imperativo, e fortemente me impressionou. Ora, minha cabine achava-se próxima das maquinas. Resolvi falar ao capitão para lhe pedir outra cabine. Intrigado por minha insistência, êle quis saber a razão do pedido. Não ousei confessar a verdadeira causa de minha resolução. Por fim, êle acedeu ao meu pedido e fui instalado em outra cabine. No mesmo barco viajava um amigo, o senador Gibson, da Louiziane. Eu lhe revelei a causa da minha deliberação e convidei-o a imitar-me. Êle acreditou que eu fora vitima de uma *alucinação auditiva*. De facto, nada poderia justificar o aviso anônimo e misterioso. Dificilmente eu creria nos espíritos, mas nessa circunstância, senti-me constrangido e forçado por uma vontade superior à minha. O dia passou sem incidente. Veio a noite, plácida e serena. A's duas horas da madrugada, — estavamos então a pouca distância de Menfis, — eis uma formidável explosão. Uma parte do tabique da cabine cai sôbre mim. Eu sou envolvido por uma densa nuvem de fumo.

Escapo como posso, oriento-me, chego junto a uma chalupa que vão lançar ao mar, a tribordo. Pouco tempo depois, saltavamos na praia. O navio se incendiara. Voltando para procurar alguns passageiros, tive a felicidade de salvar o senador Gibson. Assim foram recolhidas trinta pessoas dos 180 passageiros. A máquina efetivamente saltara. A *proteção* que me conservava a vida convenceu-me da intervenção dos sêres do outro mundo na vida dos homens.»

⁂

História de uma Fotografia Espírita

Light — Pelo Dr. E. H. Worth

Eis o caso descrito por conhecido espiritista e publicado na *Forthnightly Review* e subordinado ao título: «Os Mortos voltam?» Êle expõe diversas experiências pessoais, e, entre outras, relata como certa vez foi visitar um fotógrafo que possuía o insólito poder de enxergar os espíritos, e em cujas mãos mesmo a chapa fotográfica podia ser impressa por uma sombra impalpável de outro mundo. «Apenas tomei assento», escreve o relator, disse o velho fotógrafo: «Há poucos dias tive grande medo. Um velho boer entrou no atelier empunhando uma carabina. Eu, muito assustado, disse-lhe: «Retirai-vos. Não suporto armas de fogo». E êle desapareceu. Agora está aquí de novo. Êle entrou em vossa companhia. Nêste momento não está armado, e já não parece tão feroz. Devemos deixá-lo ficar aquí? «Certamente», repliquei eu. «Pensais que podemos obter o seu retrato?» «Não sei», respondeu o fotógrafo, «posso tentar».

O relator tomou assento diante do aparelho, e foi feita a exposição. Antes de remover a chapa, o fotógrafo, para satisfazer minha curiosidade, pediu o nome do espírito, isto é, o fotógrafo fez a pergunta mentalmente e parecia esperar a resposta. Em seguida disse: «Êle diz ser Piet Botha o seu nome». O relator prossegue: «Quando êle revelou a chapa, apareceu um homem alto, espadaudo, cabeludo, que tanto podia ser boer como moujik. Eu guardei silêncio e esperei até terminar a guerra. Quando o General Botha voltou à Londres, mandei-lhe a fotografia por intermédio de Mr. Fisher, então ministro do Estado de Orange. Pouco depois, recebia a visita de um cavalheiro de nome Wessels, que desejava conhecer todos os detalhes a respeito da origem da foto, e não poude esconder sua incredulidade ao ouvir o modo por que haviamos obtido o retrato. «Bem», repliquei eu, «eu vos disse como o obtivemos e podeis pensar de outro modo. Mas porque essa vossa excitação?» «Porque», disse Mr. Wessels, «êsse homem era meu parente próximo. Possúo o seu retrato em minha casa». «Trata-se realmente de um falecido?» perguntei. «Êle foi o primeiro comandante boer morto no cêrco de Kimberley». «Qual era o seu nome?» «Pietrus Johannes Botha», respondeu, «mas, resumidamente, êle sempre se chamava Piet Botha».

Termina o relator: «Ainda estou de posse do retrato. Êste foi subsequentemente identificado por duas pessoas proeminentes do Estado de Orange, que de perto conheceram Piet Botha. E' êste um caso inexplicável pela telepatia. E insubsistente é qualquer hipótese de mistificação. Foi puro acaso o ter eu pedido ao fotógrafo tentar obter o nome do espírito. Nenhum habitante da Inglaterra, tanto quanto me é dado saber, conhecia a existência de Piet Botha».

⁂

Exteriorização do Duplo Etéreo

«La Revue Spirite»

A observação dos duplos etéreos têm sido frequentes em todos os séculos.

O filósofo Jeronimo Cardan, de Pávia (1501 a 1576) que, a partir de seu 55.º ano, podia à vontade entrar em êxtase, assim nos descreve essa exteriorização psíquica:

«Quando entro êm extase tenho junto ao coração uma sensação que a alma se destaca do corpo e essa separação se produz em seguida por todo o corpo, sobretudo cabeça e cérebro. Depois disso, já não tenho noção de sensação alguma, excepto a de me sentir fóra do corpo». — Durante o êxtase êle não mais sentia a gota de que tanto sofria no estado normal, porque toda sua sensibilidade estava exteriorizada.

Alfredo de Musset via, por vezes, sentar-se a seu lado um homem que «com êle se parecia como um irmão.»

George Sand afirma ter tido diversas vezes a alucinação visual e auditiva de seu duplo.

Guy de Maupassant, no começo da paralisia geral, a que deveria sucumbir, via com terror um duplo dele mesmo sentado à mesa, e esta alucinação forneceu-lhe a inspiração para escrever *O Horla.*

As manifestações dos duplos coincidem com diversos estados psíquicos anormais.

Essas realidades autênticas são numerosas e todos conhecem exemplos célebres, dentre os quais os mais populares são a aparição do bispo Alphonse de Lignore, assistindo aos últimos momentos do papa Clemente XIV em seu leito de morte (1774), enquanto que seu corpo estava adormecido em seu convento do reino de Napoles. O exemplo mais recente é o da jovem professora do pensionato de Neuwelcke, em Livonia, Mlle. Sagée, que se desdobrava ante os olhares estupefatos de 42 pensionistas.

Mas vejamos um facto publicado por *Light* e reproduzido por Aksakof em *Animismo e Espiritismo.* Diz o narrador:

«Eu mantinha excelentes relações de amizade com Miss Jackson e sua mãe... O facto que elas me relataram foi confirmado por uma das duas domésticas, não me sendo possível encontrar a outra.

«Miss Jackson assiduamente visitava os pobres. Ora, certo dia em que se dirigia ao seu domicílio, em seguida a uma jornada caridosa, ela sentiu-se fatigada e indisposta em consequência do frio, e sentiu o desejo de ir, quando em sua casa, aquecer-se ao fogão, na cozinha. No momento preciso que correspondia ao em que esta idéia lhe passava pelo espírito, duas empregadas ocupadas na cozinha viram girar a maçaneta da porta, abrir-se esta e dar passagem a Miss Jackson. Esta se aproximou do fogo e aquecia as mãos. A atenção das domésticas foi despertado pelas luvas de pele de cabrito, de côr verde, que cobriam suas mãos. Subitamente, ela desapareceu ante seus olhares. Estupefata, elas foram relatar a aventura à mãe de Miss Jackson, sem omitir o detalhe das luvas.

Esta senhora sentiu-se um pouco apreensiva, mas tentou tranquilizar as empregadas, dizendo que sua filha jamais possuira luvas verdes, e que, por consequência, a visão não podia passar de uma ilusão.

Meia hora depois, Miss Jackson entrava em casa; foi diretamente à cozinha e aqueceu-se diante do fogo: *nas mãos ela trazia luvas verdes, por não ter encontrado as pretas.*

Uma enquête extremamente severa confirmou a exatidão do facto aqui relatado.

⁂

O Renascimento da Ciência

«La Ricerca Psichica» transcreveu de *Risanamento Médico* o artigo que abaixo reproduzimos em resumo:

«De alguns anos a esta parte, nota-se, no campo científico, uma tendência para renunciar a profissão do materialismo em si e por si. Queremos com isto dizer que não se trata somente de uma imagem diversa dada a ciência, mas sobretudo *de uma atitude diversa dos homens que a cultuam.*

Em um período histórico não distante, e durante alguns anos após a guerra, nasceu, existiu e declinou um andaço moral-científico que tinha por fundamento o materialismo, não aplicado no sentido racional, objetivando a investigação, mas como preconceito fundado sôbre a persuasão de haver demonstrado, mediante o «progresso» científico, a inexistência de Deus.

Essa estupida soberba humana, que acreditava tudo saber, julgava honroso o método e quasi um dever social o dizer: «analisámos todas as coisas, quer na matéria bruta quer no sêr humano; mas a alma jamais a encontrámos. E em virtude de não existir a alma, declarava-se derrotado o espiritualismo e com êle todo o conceito superhumano. E isto em nome da matéria triunfante que proclamava poder a química resolver todos os problemas da biologia, e que o afastar-se da matéria significava ir de encontro ao cáos, da irrealidade.

Foi, em verdade, um terrível dia êsse em que os pontífices da ciência materialista despertaram de seu sonho aprendendo—com algumas preocupações relativamente ao que tocava a consequências remótas—que a *matéria* não existe e que tudo o que denominamos a «creação» é o resultado de forças invariáveis que assumem, para os nossos sentidos, as aparências de qualquer coisa sólida, indistrutível, «material».

Adeus, tese materialista!

E—o que é pior—a falência dos homens derivava precisamente duma conquista material da ciência... materialista. Porque—paralelamente à concepção energética do átomo — vinha antes o outro obstáculo ao pretenso materialismo, em consequência do qual se poude pôr em cena uma «fé» anti-religiosa; poude-se transmitir a energia, sob vários aspectos, à distância, sem necessidade de um meio de condução.

Quando a energia induzida, à distância, começou a dar manifestações materiais, como o rádio, então o valor da matéria começou a declinar em favor da energia, cujas ações se elevavam.

Mas surgiu outro conceito a demolir os pressupostos *absolutos* do materialismo. Se é verdade que a matéria não se cria nem se destróe, verdade também é que o mesmo acontece com a energia, transforma-se. E então um ato humano, mesmo o mais modesto se perpetua ao infinito, viajando através dos espaços celestes. E o cientista místico Flammarion assim nos descreve o fenômeno: «Um sêr pensante é dotado de sensibilidade particular, se êle percorrer o espaço em qualquer direção, conservando por trás de si a superfície terrestre, da qual se afasta (se a velocidade com que tal sêr se move fôr maior que a da luz), verá desenrolarem-se os acontecimentos terrestres ao contrário, para o passado, como uma fita cinematográfica que começa a desenrolar-se aversamente (ás avessas).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr.$	40,00	Do 4.° ano Cr.$	40,00	Do 5.° ano Cr.$	40,00
Do 6.° ano . .	40,00	Do 7.° ano . .	40,00	Do 8.° ano . .	40,00
Do 10.° ano . .	40,00	Do 11.° ano . .	50,00	Do 12.° ano . .	50,00
Do 13.° ano . .	50,00	Do 14.° ano . .	50,00	Do 15.° ano . .	50,00
Do 16.° ano . .	50,00	Do 17.° ano . .	50,00	Do 18.° ano . .	50,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Questão Humberto de Campos -- Chico Xavier

A Monumental Defeza Apresentada pela Federação Espírita Brasileira

—

O Petitório é ilícito e jurídicamente impossível; a petição inicial é inepta; a ação declaratória é imprópria—tais são as preliminares levantadas e brilhantemente sustentadas pelo provecto advogado DR. MIGUEL TIMPONI

—

Pedida a absolvição da instância

A Federação Espírita Brasileira já deu entrada em juizo da sua contestação ao pedido formulado na ação declaratória movida pela espôsa do falecido escritor Humberto de Campos.

A contestação apresentada que contém nada menos de 204 páginas datilografadas, é, na verdade, um trabalho portentoso, excepcional peça jurídica que honra o seu autor como jurista emérito, possuidor de uma profunda cultura e de uma vasta erudição.

O Dr. Miguel Timponi que é o advogado da Federação tendo como seus imediatos auxiliares os Drs. Nelson Martins Paixão e Francisco Nogueira, demonstrou exuberantemente nas suas alegações jurídicas um perfeito conhecimento da causa que lhe fôra, em bôa hora, confiada, e isto porque a estudou com especial atenção sob todos os aspectos que ela comportava, sustentando brilhantemente três preliminares que, se conhecidas pelo honrado julgador, lhe garantirão a pretendida absolvição da instância.

A sustentação dessas preliminares de tal forma está apoiada na autoridade dos mestres e de tal maneira se acha exposta na cerrada e irrespondível argumentação, que dificilmente, assim o supomos, poderá o M. M. Dr. Juiz julgador da causa, deixar de aceitá-las.

Na impossibilidade de dar a conhecer aos nossos leitores o inteiro teor dessa magistral peça jurídica, pela sua extensão e carência de espaço, o que, sem dúvida, será oportunamente feito em memoriais a serem distribuidos pela Federação, vamos dar um ligeiro resumo do que pudemos colher da rápida leitura dos autos que fizemos, em cartório, para satisfazer a natural ansiedade em que se encontram os nossos leitores.

Inicialmente, articula o provecto patrono da Federação a impossibilidade de poderem os nossos tribunais dirimir a contenda ajuizada, em face do que estatue a nossa Constituição. Assim inicia êle a sua formidável contestação:

*

«Pede a inicial que o Poder Judiciário declare por sentença se É ou NÃO do Espírito de Humberto de Campos a obra literária que menciona, o que vale dizer, — que declare por sentença a sobrevivência ou não do espírito e a possibilidade ou impossibilidade da sua comunicação com os vivos.

«Ora, a tese da sobrevivência do espírito constitue precisamente a velha controvérsia que divide as doutrinas religiosas, as escolas filosóficas e as correntes científicas.

«Como poderão os nossos Tribunais dirimir uma contenda dessa natureza? Afirmar ou negar a sobrevivência do espírito seria, em última análise, decretar a oficialização de um princípio religioso, filosófico ou científico.

«Seria isso possível?

«Não — respondem os estatutos políticos de todas as nações cultas do mundo. Não, é o que confirma a nossa Constituição, que garante a liberdade de crença e de culto religioso (Const. art. 122, § 4)».

*

Como se vê, os RR. opõem à pretenção da A. o princípio Constitucional. Invocando o art. 122 da Constituição Federal evitam, assim, o pronunciamento da Justiça sôbre a palpitante questão que é o reconhecimento legal da mediunidade.

Jurídicamente tem inteira procedência o fundamento invocado.

A IMPOSSIBILIDADE DA PROVA

Passa em seguida o ilustre advogado a sustentar a impossibilidade da prova requerida.

Estuda detidamente o fenômeno mediúnico em todos os seus aspectos, as condições personalíssimas dos médiuns e o meio ambiente necessário à manifestação dos fenômenos.

Para ilustrar a sua irrespondível argumentação, cita trechos de Kardec, Richet, Henri Regnault, Thomson Jay Hudson, Laponi, Gustavo Geley, E. Bozzano, Leon Denis e outros, para mostrar a impossibilidade da prova nos termos e condições requeridos na inicial da Autora.

Mas, para que não pareça aos mais exigentes que a Federação está se esquivando à ação judicial com receio do julgamento final, assim inseriu ela na sua defeza esta salutar advertência:

«E' necessário que fique claramente consignado que a Federação não está lançando mão de uma alegação «ad causam», de um ardil ou de uma evasiva para furtar-se à realização da perícia. Ao contrário, é um dever moral apoiar qualquer investigação ampla, metódica, severa e rigorosa, em que sejam observadas todas as condições inerentes à produção do fenômeno e sem os atropêlos dos prazos processuais. Lamenta, por isso, que não se tenha tentado fazer essa ampla investigação, como as determinadas pelas Sociedades de Pesquisas de Londres e dos Estados Unidos e de que resultaram conclusões e testemunhos inestimáveis».

Após essa ressalva da sua atitude no processo a que responde, conclue o douto advogado da Federação, levantando as três seguintes Preliminares magistralmente sustentadas:

a) o petitório é ilícito e jurídicamente impossível;

b) a petição inicial é inepta; e

c) a ação declaratória é imprópria.

E a seguir entra no mérito da questão, desenvolvendo uma assombrosa argumentação doutrinária, jurídica, filosófica, científica e literária que se estende nas doze páginas datilografadas, num estilo impecável, como, aliás, sóe acontecer, em todos os trabalhos do acatado e culto advogado.

E conclue nêstes termos:

«38 — Resulta de tudo isso que vem exposto, que procede, à evidência, a preliminar levantada de que ao Poder Judiciário não cabe pronunciar-se em contendas que vizem discutir os fundamentos das religiões, as razões da crença, as questões de fôro íntimo, os princípios filosóficos e científicos.

O prestígio da Justiça brasileira há de ser mantido no conceito dos povos cultos do mundo — com o encerramento dêste processo pela absolvição dos RR. da instância.

E' obvia a razão. Qualquer que fosse o pronunciamento judicial sôbre o mérito da causa, nos termos em que foi feito o pedido, declarando um facto positivo ou negativo, estaria a justiça comprometida a julgar para o futuro todas as questões dessa natureza, violentando a liberdade de conciência e tornando-se instrumento odioso de lutas e disputas religiosas, e fonte perene de tormentosas descrenças.

Basta de dissenções, de litígios e desharmonias! Basta de sofrimentos e de horrores!

O mundo geme ainda sob os destroços e as ruinas de uma guerra gigantesca.

A humanidade angustiosa anseia pela pacificação dos espíritos, farta de tantos desiquilíbrios e de tantas injustiças.

Que no Brasil cada cidadão, tranquilo e seguro no aconchego do seu lar, possa adorar a Deus a seu modo, segundo a sua fé e a sua crença, cooperando para a grandeza da sua Pátria e para a paz da humanidade, no exercicio honesto do seu labor cotidiano.

«Nos dias de provação, como nas horas de venturas, estejamos irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz indestrutivel, dentro da qual deveremos esperar as claridades do futuro... Não nos compete estacionar, em nenhuma circunstância e sim, marchar, sempre, com a educação e com a fé realizadora ao encontro do Brasil, na sua admirável espiritualidade e na sua grandeza imperecível...»

Sursum corda!

39 — Nessas condições,

EM RESUMO

Pedem os RR., preliminarmente, absolvição de instância sob o tríplice fundamento:

a) — o petitório é ilícito e jurídicamente impossível (art. 201, n.º III, do Cód. do Proc. Civil);

b) — a petição inicial é inepta (arts. 160 e 201, n.º VI do Cód. do Proc. Civil);

c) — a ação declaratória é imprópria (art. 2.º, § único do Cód. de Proc. Civil).

Caso, entretanto, na sua alta sabedoria, assim não houver por bem o ilustrado julgador, pedem, então, os RR. que seja julgada improcedente a ação (se a condicionalidade do pedido o permitir...) para:

Na hipótese afirmativa do item 6.º da petição inicial, ser declarado:

a) — que perante a lei civil, o autor da produção mediúnica é o único capaz de autorizar a sua divulgação;

b) — que os herdeiros somente poderão exercer direitos autorais sôbre as obras, publicadas ou inéditas, que constituiam o patrimônio de Humberto de Campos ao tempo de sua morte;

c) — que os RR., consequentemente, não estão sujeitos ás sanções legais relativas à ofensa aos direitos autorais.

Na hipótese negativa (trata-se meramente da consulta da petição inicial), ser declarado:

a) — que os RR. não são passíveis da sanção prevista nos arts. 185 e 196 do Cód. Penal;

b) — que a designação «Espírito de Humberto de Campos», nas obras mediúnicas, não é defenso por lei, eis que não compromete o nome do escritor e não prejudica o patrimônio dos seus herdeiros;

c) — que, em conclusão, não tendo os RR. causado dano, a nenhuma reparação estão sujeitos.

P. C. e R. de

JUSTIÇA

Protestam os RR. por todo gênero de provas admitidas nas leis civis e comerciais, especialmente cartas precatórias, depoimento pessoal da autora, documentos e testemunhas.

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1944».

(Ass.) — Miguel Timponi — adv. inscrição 346.

P. p. Nelson Martins Paixão — adv. inscrição 3.782.

Francisco Nogueira — adv. inscrição 94».

Só nos resta, agora, aguardar a decisão judiciária, e esta, a nosso ver, não será outra dada à defeza apresentada, que a absolvição da instância nos termos das preliminares sustentadas.

Se tal se der teremos que aguardar uma nova oportunidade para a Justiça se manifestar se a mediunidade existe ou se é uma mistificação bem urdida.

De «Mundo Espírita», de 19/8/44.

JULGADA POR SENTENÇA A AÇÃO DECLARATÓRIA

Acaba de ter o seu esperado desfecho a primeira fase do rumoroso processo movido pela viuva do consagrado escritor Humberto de Campos contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco Candido Xavier.

O ilustre M. M. Dr. Juiz em exercício na 8.a Vara Civel, Dr. João Frederico Mourão Russel, em brilhante sentença, jurídicamente fundamentada, julgou a Autora carecedora de ação.

Quer isto dizer que a Justiça, na manifestação dessa sentença, reconheceu e aplicou sabiamente o princípio exarado no nosso Código Civil e no Código de todas as nações cultas, segundo o qual «a existência da pessoa natural termina com a morte». Assim sendo, decorre, lógicamente, dêsse princípio jurídico, que com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir.

Pode, pois, a Federação, se transitar em julgado essa decisão e enquanto uma outra ação não fôr proposta, continuar a editar as obras de Humberto de Campos ou de qualquer outro escritor, recebidas mediunicamente, sem que seja obrigada a pagar direitos autorais a quem quer que seja.

E' bem possível que a viuva de Humberto de Campos não se conforme com a decisão judicial e, assim sendo, teremos outra oportunidade de ver como se manifestarão a respeito do caso em debate os senhores Desembargadores que honram e dignificam o nosso Tribunal de Apelação.

MUNDO ESPÍRITA, demonstrando, mais uma vez, o esfôrço que faz para levar a todos os seus milhares de leitores espalhados por todos os Estados do Brasil, o conhecimento de tudo quanto interessa à doutrina e aos seus seguidores, reproduz, na íntegra, a jurídica sentença do ilustre juiz Dr. João Frederico Mourão Russell.

A SENTENÇA

«D. Catharina Vergolino de Campos, na qualidade de viuva de Humberto de Campos, propôs a presente ação declaratória, contra a Federação Espírita Brasileira, a Livraria Editora da referida Federação, ambas com séde nesta capital, à Avenida Passos n. 30, e também contra Francisco Candido Xavier, brasileiro, solteiro, funcionário público federal, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas Gerais, para que se declare, por sentença, *se são ou não do «espírito» de Humberto de Campos* as obras literárias, referidas na inicial, que começaram a surgir posteriormente à morte do grande escritor, atribuidas ao seu «espírito» e «psicografadas» pelo «médium» Francisco Candido Xavier, segundo versão e técnica espíritas, obras essas reunidas em volumes e editadas pela Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira, as quais são vendidas, livremente, à inteira revelia da suplicante e de seus filhos, condomínios dos direitos autorais da produção literária do «de cujus». Pergunta a suplicante se, no caso negativo, além da apreensão dos exemplares em circulação, estão os responsáveis pela sua publicação: passíveis da sanção penal prevista nos artigos 185 e 196 do respectivo Código; proíbidos de usar o nome de Humberto de Campos em qualquer publicação literária; sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da lei civil, e, no caso afirmativo, isto é, se puder ficar provado que a produção literária em apreço é do «espírito» de Humberto de Campos, pede a suplicante que se declare: se os direitos autorais pertencerão, exclusivamente, à família de Humberto de Campos, ou ao mundo espírita; se, reconhecidos os direitos autorais, poderão os titulares dêsses direitos dispôr livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições; se a Federação Espírita e a Livraria Editora estão passíveis das sanções previstas na lei, pela publicação das obras mencionadas, sem prévia permissão da família do escritor. Contestando a ação, alegam os suplicados, preliminarmente, — que o petitório é ilícito e jurídicamente impossível (art. 201, número III, do Cód. Proc. Civ.); que a petição inicial é inépta (art. 160 e 201, n. VI, do Cód. Proc. Civ.); e que a ação declaratória é imprópria (art. 2.º, parágrafo único, do Cód. Proc. Civ.) e sustentam, quanto ao mérito da questão, com grande abundância de argumentos e citações, a improcedência da ação. Selados e preparados, vieram os autos conclusos para o despacho saneador de acordo com o disposto no artigo 293, do Código de Processo Civil; segundo a opinião de Pedro Baptista Martins, nos «Comentários ao Código de Processo Civil», volume III, n. 312, pág. 420, «o que há de novidade na estruturação do despacho saneador, é a salutar amplitude que se lhe dá, pecularizando-o como fase essencial do procedimento, em que se examina não só a concorrência dos pressupostos processuais, mas, igualmente, a convergência das condições da ação. De facto, o n. III, do artigo 294, do Código de Processo, tal como foi redigido definitivamente pelo decreto-lei n. 4565, de 11 de agosto de 1942, dispõe — no despacho saneador, o juiz: I, ... II, ...; III, examinará se concorre o requisito do legítimo interêsse econômico ou moral. O legítimo interêsse econômico ou moral, de que trata a lei, é o interêsse juridicamente protegido com a garantia da ação judicial, quer dizer; um direito subjetivo consagrado pela lei (direito objetivo), é o que, corretamente, ensina, no citado «Comentários ao Código de Processo Civil», volume I, n. 14, página 29, Pedro Baptista Martins, nas seguintes palavras, comentando o artigo 2.º do mencionado Código: «Nêsse ponto basta que se advirta que não é legítimo o interêsse quando não o tutele o direito objetivo». O mesmo pensamento se traduz na lição de Carvalho Santos, no comentário ao mesmo artigo 2.º, quando diz: «Essa é a realidade, que melhor se acentua se se tiver em vista que o interêsse, quando desacompanhado do direito, não dá lugar a nenhuma ação, nem faculta a ninguém o ingresso em Juizo» (Código de Processo Civil Interpretado», vol. I, pág. 44-45). Ora, nos termos do artigo 10 do Código Civil «a existência da pessoa natural termina com a morte»; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito, é absoluto o alcance da máxima *«mors omnia solvit»*. Assim, o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma, e, consequentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dele ser transmitido para seus herdeiros e sucessores. Nossa legislação protege a propriedade intelectual em favor dos herdeiros até certo limite de tempo, após a morte, mas o que considera, para esse fim, como propriedade intelectual, são as obras produzidas pelo «de cuius» em vida, o direito a estas é que se transmite aos herdeiros.

Não pode, portânto, a suplicante pretender direitos autorais sôbre supostas produções literárias atribuidas ao «espírito» do autor. Como aparente proteção jurídica, ao nome, reputação ou aos despojos de pessoa falecida, só se encontra em nossa legislação penal a incriminação da calúnia contra os mortos (art. 138, parágrafo 2.º, do Cód. Penal) e dos factos que envolvem desrespeitos aos mortos, definidos nos artigos 209 a 212 do mencionado Código. A razão da incriminação não está, entretanto, na proteção de quaisquer direitos acaso reconhecidos aos mortos e sim por serem tais factos violação de direitos de próximos parentes ou da ordem ou tranquilidade pública, como bem explicam Eduardo Espinola e Eduardo Espinola Filho, no Tratado de Direito Civil Brasileiro, volume X, n. 99, página 617. Do exposto se conclue que, no caso vertente, não há nenhum interêsse legítimo que dê lugar à ação proposta. Além disso, a ora intentada (ação declaratória) não tem por fim a simples declaração de existência ou inexistência de uma relação jurídica, nos termos do parágrafo único do artigo 2.º do Código de Processo, e sim a declaração de existência ou não de um facto (se são ou não do «espírito» de Humberto de Campos as obras referidas na inicial), do qual hipotéticamente, *caso ocorra ou não*, possam resultar relações jurídicas que a suplicante enuncia de modo alternativo. Assim formulada, a inicial constitue mera consulta; não contém nenhum pedido positivo, certo e determinado, sôbre o qual a Justiça se deva manifestar.

O PODER JUDICIÁRIO NÃO É ÓRGÃO DE CONSULTA

Para que se provoque a sua jurisdição, o litigante, mesmo na ação declaratória, há de afirmar um facto que se propõe a provar e pedir que o juiz declare a relação jurídica que dêsse facto se origina. A não ser que se peça a declaração da autenticidade ou falsidade de algum documento (caso em que o autor deve afirmar inicialmente, para provar depois se é falso ou verdadeiro o documento), o objeto da ação declaratória há de ser necessariamente a existência ou inexistência de uma certa relação jurídica, não só do facto de que ela possa ou não se originar. Só afirmando um facto e a relação jurídica que dele deriva poderá o autor vencer a ação ou dela decair. Como observa, com razão, a contestação, a presente ação declaratória, tal como está formulada a conclusão inicial, jamais poderia ser julgada improcedente, se fôsse admissivel. Isto posto: julgo a suplicante carecedora da ação proposta e a condeno nas custas».

De «Mundo Espírita», de 26/8/44.

Sessão Comemorativa

Como de costume, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 15 do mês passado, uma sessão comemorativa do 39.º aniversário de «O Clarim».

O salão do Centro ficou superlotado, notando-se a presença dos espíritas locais e de grande número de espíritas de outras cidades que, num gesto de solidariedade fraterna, vieram trazer os seus testemunhos de estima à obra do nosso amado companheiro Cairbar Schutel.

A sessão, que foi aberta pelo companheiro Costa Filho, teve início ás 20 horas. A seguir, recitaram poesias, as seguintes crianças e jovens: Manoela Torres, Antonio Carvalho, Evaní Gonçalves, Odete Pinto, Neide Marzo, Carmen Torres, Iracema Carvalho, Edna Gonçalves e Edméia Costa, que leu um escrito sôbre a data.

Usaram da palavra os seguintes confrades: José Dias, representando a família espírita de Rio Claro; Cap. João Justiniano dos Santos, representando a União Espírita de Dous Corregos; Pedro Jacob Celli, representando a Sociedade Beneficente «Obreiros do Bem», de Araraquara; Luiz Barbosa, representando o Centro Espírita «Amor e Caridade», de Araraquara; Alcides Alves Ferreira, representando o Centro Esp. «Fé, Amor e Caridade», de Araraquara; José de Lima Pezza, representando o Centro Esp. «Fonte, Luz e Caridade», de Araraquara; Dr. Urbano Assis Xavier, presidente da União Espírita Allan Kardec, de Tupan; Lourenço Bianchi, representando «A Nova Era», de Franca; Guilhermo Rocco, representando o Centro Esp. «Allan Kardec», de Nhandeara; Onofre Batista, Hugo Gonçalves, Prof.ª D. Maria Casanova, e João Leão Pitta, que encerrou a sessão com tocante prece.

Estiveram presentes ao ágape espiritual, mais os seguintes Centros: «Vicente de Paulo», de Mirasol, representado pelo sr. Hugo Bortolucci; «Vianna de Carvalho», do Bairro do Cultivado, Monte Aprazivel, representado pelo sr. Antonio da Silva Sapateiro; União Espírita de Piracicaba e Grupo Espírita «Fóra da Caridade não ha Salvação», representados pelo sr. João Leão Pitta; sr. Jason Pereira de Souza, representando os espíritas de Galia; sr. José Nicolau da Silva, representando os espíritas de Campo Florido, Minas.

Visita

Afim de participarem da sessão comemorativa do 39.º aniversário de «O Clarim», realizada no dia 15 do mês passado, pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», deram-nos o prazer de sua visita os seguintes confrades srs. Dr. Urbano de Assis Xavier e Jason Pereira de Souza, de Tupan; Dr. Luiz Barbosa Filho e Mario Soares Ferreira, de Taquaritinga; Farm. José Perche de Menezes, de Tanabí; José Nicolau da Silva, de Campo Florido, Minas; srta. Adalgisa Antunes, da Capital; Lourenço Bianchi, de Rio Preto; Hugo Bortolucci e sua exma. esposa D. Idalina Bianchi Bortolucci, de Mirasol; Guilherme Rocco, de Nhandeara; Antonio da Silva Sapateiro, de Cultivado, Monte Aprazivel; Benedito Cardoso, José de Lima Pezza, Alcides Alves Ferreira, Pedro Jacob Celli, Luiz Barbosa, Domingos de Marzo e sua exma. esposa D. Aurora de Marzo, todos de Araraquara; Cap. João Justiniano dos Santos, de Dous Corregos; José Dias, de Rio Claro; Jairo Perche de Menezes, de S. Paulo; Theophilo Perche da Silveira, de Lácio; Onofre Batista, de Itapira.

— A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Saber sofrer resignadamente com os olhos voltados para o Modêlo Divino — Jesus, é saber preparar a verdadeira alegria.

ANTENOR RAMOS.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2010unse

No. 9 unavailable

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1944—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Morte e seu significado	*Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . .	*Prof. Ernesto Bozzano*
Caminhar para a frente	*J. O. C.*
O Progresso da Humanidade . . .	*Allan Kardec*
O Espiritismo não se mistura . . .	*Leopoldo Machado*
Perda das Pessoas Amadas	*J. B. Chagas*
O Discurso de Cafarnaum	*J. Lima*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Francisco Klörs Werneck*
Psicometria	*H. F. Prevost Battersbg*
A Grande Síntese	*Plinio Antonio Branco*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.

Paz em Jesus

Como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» comemorará no dia 25 do próximo mês de Dezembro, o aniversário natalício de Jesus Cristo, o nosso amado Mestre, reunindo em sua séde os pobres da cidade, aos quais distribuirá as dádivas que, por intermédio da Comissão abaixo assinada, lhes ofertarem os corações bem formados.

Nestes momentos difíceis, em que os mandamentos de Jesus estão sendo calcados aos pés de homens orgulhosos e dominados por baixas ambições, precisamos dar provas frisantes de que somos realmente cristãos. E a melhor prova é procurarmos amar o nosso próximo como a nós mesmos, socorrendo aqueles que necessitarem de auxílio moral, espiritual e material, o que na verdade constitue a verdadeira homenagem que devemos prestar a Jesus que, em recompensa, nos reservará um bom lugar no seu reino.

E' assim que solicitamos de V. S. uma dádiva para o NATAL DOS POBRES, a qual pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas, mesmo usadas, tanto mais que o seu nome acha-se inscrito na relação das pessoas que sempre atenderam a esta justa solicitação.

Antecipadamente agradecidas, almejamos-lhe muita paz, um feliz Natal e um próspero Ano Novo.

Matão, 1 de Novembro de 1944.

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
Maria Casanova
Antoninha Perche Campêlo
Aracy Boé Aguiar
Albina Torres
Zelia Perche
Irene Carvalho
Jenny Perche
Valeria Dias de Lima
Joselina Dias de Lima

Izabel Perche
Clotilde Ferreira
Leonor Cruz
Arlinda Perche
Leonilda Cruz
Doris Molinari
Jacyra Carvalho
Edméa Costa
Mirian Perche

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1944 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

A Morte e seu significado

A Morte continua a ser, para a maior parte da humanidade, um problema insolúvel. Nem a ciência, nem os diversos credos filosóficos e religiosos conseguiram levantar a ponta do véu do magno problema, afim de dissipar as dúvidas que, a respeito, ensombram as creaturas, levando-as ao materialismo e à descrença.

A morte é, ainda, o último inimigo a ser vencido, conforme afirmou o doutor dos gentios. O homem tem vencido os mares e os ares e vai vencendo, pouco a pouco, todas as dificuldades que entravam o seu progresso; está vencendo os seus inimigos externos representados pelos que pretendem sonegar-lhe a liberdade e o direito de participar do confôrto material e até do fruto do seu próprio trabalho; está vencendo os seus inimigos internos simbolisados nos seus vícios, defeitos e paixões e na sua ignorância com relação ás cousas do espírito, mas não poude ainda vencer a morte.

Quando um ente ou amigo querido transpõe o limiar do mundo espiritual, lamenta amargamente, entre copiosas lágrimas, o facto, com o qual não quer se conformar. Sente a falta do ente ou do amigo e as saudades, como profundas cicatrizes, cruciam sua alma. Inquere a si mesmo sôbre a razão da morte e, não encontrando um raio de luz que ilumine a sua conciência, revolta-se contra Deus e a descrença o invade, o subjuga, tornando-o um infeliz, um desesperado.

Mas o que é a morte ? E' a passagem dêste para o outro mundo. E' a libertação do espírito, que se despoja da velha roupagem da matéria para vestir-se com a alva roupagem da espiritualidade, em demanda da suprema felicidade. E' enfim, a porta da vida, como afirmou um filósofo.

Porque, pois, lamentar o passamento de um ente ou amigo querido, quando a vida continua após a chamada morte e o desincarnado será mais feliz ? Porque êsse lamento se os nossos queridos desincarnados vivem e adejam em torno de nós como falenas irrequietas ?

«As doutrinas materialistas — diz o confrade Isidoro Duarte Santos em *Estudos Psíquicos* — «quanto ao problema da morte, são um pouco semelhantes ás de certas religiões. Umas e outras prejudicam o censo moral dos povos. As materialistas, por equipararem o cadáver do homem ao do animal, sempre dentro das leis fisiológicas. E' um corpo organizado — dizem êles — da mesma estrutura atómica do cão, do cavalo ou do cevado. E com estas palavras julgam ter formado luminoso conceito da finalidade da vida, no que esta possue de mais nobre e mais transcendente. Certas religiões também prejudicam, rodeando a morte de cenários medonhos, de rituais apavorantes que deixam na memória traços indeléveis. O dobrar clangoroso dos sinos, o tinir das campaínhas, o cantochão plangente e arrastado, tochas e lanternas empunhadas por acompanhantes envolvidos em roupões que parecem balandraus de estamenha, depois a descida à cova, ainda ao som do cantochão, tudo isto é fazer da morte um espantalho, quando, afinal, é um fenômeno naturalíssimo.

Para que serve tanto aparato?...»

Ouçamos, amigos, o que nos dizem os que já se encontram do outro lado da vida, a-través-de mensagens que, como dádivas celestiais, nos confortam, nos dão fé e coragem.

Prestemos atenção, pois, ao que dizem êstes espíritos:

No livro de Morgan, «From Mater to Spirit», a personalidade mediúnica do Dr. Horace Abraham Ackley conta o seguinte:

«Tinha ouvido dizer aos espíritas que os espíritos desencarnados eram acolhidos no mundo espiritual pelos seus parentes ou pelos seus Espíritos-Guias. Não vendo ninguém perto de mim, concluí que os espíritas se haviam enganado. Mas, apenas êste pensamento me atravessou o espírito, vi dois espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me senti atraído, por um sentimento de afinidade. Soube que tinham sido homens instruídos e inteligentes, mas que, como eu, não haviam cogitado de desenvolver em si os princípios elevados da espiritualidade. Chamaram-me pelo nome, embora eu o não tivesse pronunciado, e acolheram-me com familiaridade tão benévola, que me senti agradavelmente reconfortado».

—

A primeira impressão é quasi sempre de surprêsa, como se vê no seguinte passo, extraído do livro do médium Ernesto H. Pekham, intitulado «A Heretic in Heaven», (Um Hereje no Céu), em que o espírito comunicante havia pertencido ao mesmo grupo experimental:

«A maior surprêsa que espera um vivo na crise da morte, está no facto dêle *despertar* e se reconhecer *morto*. Quando procuram fazer-nos compreender que estamos mortos, somos infalivelmente levados a responder: «E' impossível! Porque me havia de considerar morto, se me sinto mais vivo do que dantes?» Efeticvamente, não nos sentimos transformados. Tudo o que contribui para formar a existência da nossa individualidade permanece inalterado. Ao mesmo tempo, o ambiente em que entramos parece-nos absolutamente familiar».

—

Da mesma opinião é o espírito daquela mãe que se comunicou por intermédio da filha e cujas elucidações fazem objeto do livro «Messages from the Unseen»:

«Coisa singular!—diz ela. Embora à minha chegada ao mundo espiritual tudo me tenha parecido maravilhoso, experimentei logo a sensação de me encontrar num meio que me era familiar; ou, mais precisamente, de me encontrar outra vez num meio que não era novo para mim. Exprimi esta impressão aos meus companheiros, que me informaram de que eu recuperaria gradualmente a lembrança de acontecimentos pessoais que se estendem muito para além da minha última existência terrestre, abrangendo recordações de um tempo em que vivi no mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada».

—

Eis um caso de data antiga, que se acha no livro do Dr. Wolfe: *Starling Facts in Modern Spiritualism* (pag. 388). «Jim Nolan» o «Espírito-guia» do célebre médium Sr. Hollis, que disse e demonstrou ter sido soldado no curso da guerra de Secessão da América e haver morrido de tifo num hospital militar, responde da maneira seguinte ás perguntas de um experimentador:

«P. — Que impressão tiveste da tua primeira entrada no mundo espiritual?

R. — Parecia-me que despertava de um sono, com um pouco de atordoamento a mais. Já não me sentia enfêrmo e isso me espantava grandemente. Tinha uma vaga suspeita de que alguma cousa extranha se passára, mas não sabia definir o de que se tratava. Meu corpo se achava estendido no leito de campanha e eu o via. Dizia de mim para mim: «Que extranho fenômeno!» — Olhei ao meu derredor, e vi três de meus camaradas mortos nas trincheiras diante de Viksburg e que eu enterrara. Entretanto, ali estavam na minha presença! Olhavam a sorrir. Então, um dos três me saudou, dizendo:

— Bom dia, Jim; também és dos nossos?

— Sou dos vossos? Que queres dizer?

—Mas... que te achas aquí, conosco, no mundo dos Espíritos. Não te apercebeste disto? E' um meio onde se está bem.

Estas palavras eram muito fortes para mim. Fui presa de violenta emoção e exclamei: — «Meu Deus! Que dizes? Estou morto?»

— Não; estás mais vivo do que nunca, Jim; porém, te achas no mundo dos Espíritos. Para te convenceres, não tens mais do que atentar no teu corpo.

Com efeito, meu corpo jazia, inanimado, diante de mim, sôbre a tarimba. Como, pois, contestar o facto? Pouco depois, chegaram dois homens que colocaram meu cadáver numa prancha e o transportaram para perto de um carro; nêste o meteram, subiram à boléia e partiram. Acompanhei então o carro, que parou à borda de um fôsso, onde o meu cadáver foi arriado e enterrado. Fôra eu o único assistente do meu entêrro...

P. — Quais as sensações que experimentaste na crise da morte?

R. — A que se experimenta quando o sono se apodera da gente, mas deixando que ainda se possa lembrar de alguma idéia que tenha tido antes do sono. A gente, porém, não se lembra do momento exáto em que foi tomado pelo sono. E' o que se dá por ocasião da morte. Mas, um pouco antes da crise fatal, minha mentalidade se tornára muito ativa; lembrei-me subitamente de todos os acontecimentos da minha vida; vi e ouvi tudo o que fizera, dissera, pensara, todas as cousas a que estivera associado. Lembrei-me até dos jogos e brincadeiras do campo militar; gozei-os, como quando dêles participei.

P. — Conta-nos as tuas primeiras impressões no mundo espiritual.

R. — Ia dizer-vos que os meus bons amigos soldados não mais me abandonaram, desde que desincarnei até ao momento em que fiz a minha entrada no mundo espiritual; lá, tinha eu avós, irmãos e irmãs, que, entretanto, não me vieram receber quando desincarnei. Ao entrar no mundo espiritual, parecia-me caminhar sôbre um terreno sólido e vi que ao meu encontro vinha uma velha, que me dirigiu a palavra assim: «Jim, então vieste para onde estavamos?»—Olhei-a atentamente e exclamei: «ó avózinha, és tu?»—«Sou eu mesma, meu caro Jim. Vem comigo». — E me levou para longe dali, para sua morada. Uma vez lá, disse-me ser necessário que eu repousasse e dormisse. Deitei-me e dormi longamente...

P. — A morada de que falas tinha o aspecto de uma casa?

R. — Certamente. No mundo dos Espíritos, ha a fôrça do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis...»

Como vemos, esses casos nos provam que a morte não existe, que é a passagem de um para o outro plano da vida.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

3.ª CATEGORIA

Caso XI. — Antes de passar aos casos que contêm episódios de lucidez e de telestesia, convem ainda citar dois casos análogos aos precedentes, porém bem mais sugestivos no sentido da tese aquí sustentada. Tomo o primeiro ao *Journal of the S. P. R.* (1929, pag. 126). É êste um episódio da grande guerra. Foi enviado pelo protagonista ao Prof. Oliver Lodge que por sua vez o remeteu ao *Journal*. O autor escreve:

«Deixámos Monchiet depois do meio dia, e após horrível marcha numa estrada de lama misturada com neve fundida em que não cessavamos de escorregar, atingimos Beaumetz, à noite. Uma parada curtissima, e de novo em marcha para Wailly, na linha de fogo! Lá entrámos num ramo de trincheira onde preciso foi patinhar na água lamacenta. Esta trincheira era de uma milha de extensão, e nos parecia interminável. O lôdo líquido subia-nos aos joelhos, uma saraiva gelada açoutava-nos o rosto, estavamos transidos até a medula dos ossos. Finalmente chegamos à linha de fogo onde deveriamos render um batalhão francês. Estavamos na pior das trincheiras. Durante mêses nada fôra reparado; em diversos lugares, ela estava esboroada e não mais protegia nossas cabeças do fogo inimigo; por toda parte era como um buraco de espuma. H. e eu fomos imediatamente indicados para montar a guarda. Estávamos de tal modo exaustos que nem mesmo nos restava fôrça para amaldiçoar a sorte. O nosso corpo estava prostrado, ensopado, gelado até os ossos pela saraiva implacável que nos fustigava; estavamos mortos de fome e nada mais tinhamos para comer. Impossível acender fogo. Nenhuma chaleira para ao menos nos aquecer alguma água! Nem uma polegada de terreno seco para sentar-se! Nem mesmo um pequeno abrigo para enganar a fome fumando um cachimbo! H. e eu estavamos de acôrdo em reconhecer que jamais creriamos possível que tantos sofrimentos pudessem concentrar-se assim para oprimir sêres viventes! E, contudo, já haviamos conhecido muitas noites de suplício inaudito!

Muitas horas passaram nessa horrível situação, quando para mim tudo mudou de maneira imprevista; tive conciência, absolutamente conciente, de me achar fóra de meu corpo. Compreendi que meu «eu» real, conciente, o espírito — não importa o nome — literalmente se libertára do organismo corporal, e de fóra eu contemplava êsse miserável corpo vestido de cinzento-verde, que era o meu, mas que eu olhava com perfeita indiferença porque, se eu estava conciente que lá estava o meu corpo, nada mais havia que me chumbasse a seu mártir, e eu o fixava como se êle houvesse pertencido a outrem. Eu sabia que meu corpo devia sofrer de maneira atroz, mas eu, isto é, o espírito, eu nada ressentia.

Por todo o tempo em que me encontrei nessas condições de existência, parecia-me que o acontecimento era natural. Foi somente depois de ter reentrado em meu corpo que me convenci de ter vivido a mais estranha experiência de minha vida... Nada jamais poderá abalar minha convicção íntima, absoluta, mesmo a certeza, que nessa noite infernal meu espírito se separou temporáriamente de meu corpo...

Caso XII. — Êste também é um episódio da grande guerra. Extraio-o de *Light* (1919, pag. 46):

O Capitão Gilbert Nobbs publicou suas memórias de guerra, sob o título: *Englishman; Kamarad!*

Durante a batalha da Somme, o autor do livro foi ferido por uma bala na fonte esquerda e caiu de costas num buraco de obús. A bala saíra pelo olho direito. Imediatamente ficou cego e assim permaneceu. Recolhido por uma patrulha alemã, foi feito prisioneiro e tratado com humanidade. Permaneceu inconciente durante dois dias; foi medicado e voltou a si.

O incidente que segue, passou-se no campo de batalha quando caiu de costas, gravemente ferido. Êle escreve:

«Hesito contar o que me aconteceu. Mas visto que me esforço por fixar sôbre o papel, as sensações experimentadas no momento em que fui ferido na cabeça, eu o farei em termos simples, deixando ao leitor o cuidado de se formar uma opinião sôbre o assunto.

Instantaneamente fiquei cego, e assim permaneci. Mas as trevas eternas que que envolviam naquele momento, sofreram uma trégua súbita, quando uma voz murmurou em mim: «A morte se aproxima. Queres vir conosco?» O véu das trévas parecia descer lentamente; Tive a sensação do espaço. Além havia trévas espessas. Invadiu-me inefável sentimento de beatitude, de paz; isto nada era comparado áquela indiscritível felicidade! Em dado momento, olhando no vasio, vi meu próprio corpo deitado num buraco de obús, o sangue escorria de uma fonte. Estava, pois, morto, aquele era o meu cadáver. Mas eu me sentia feliz!

Todavia, tive a impressão que a voz que eu ouvia, esperava uma resposta. Empregando supremo esfôrço, exclamei, não, sei como! «O meu tempo ainda não está cumprido: Não morrerei !» De novo subiu e me envolveu o véu de trévas. O meu corpo fez um movimento. Fui eu quem o provocou. Eu voltava à vida !

Assim descrevi escrupulosamente minhas sensações de então. Acrescentarei que eu não estava inconciente quando me sucedeu o que descrevo, nem mesmo perdi conciência por alguns minutos, e quando se produziu a cousa, compreendi quão diferente é a verdadeira inconciência do estado em que me encontrava nessa ocorrência...

Quanto ao acontecimento descrito, que a denominem alucinação ou ilusão do cérebro. Pouco importa, e não pretendo influenciar o leitor a êste propósito. Limito-me a fixar sôbre o papel, minhas impressões do momento solene. Quanto ás minhas convicções pessoais, as conservo para mim. Todavia, ei-las aquí : «De qualquer maneira que se interprete o meu caso, para mim não mais existe o mistério da morte. Portanto, não temo mais a morte».

Como se vê, todos os que passaram pela solene experiência de que tratamos, relataram a inabalável convicção de terem assistido à separação do espírito e do corpo, e em consequência, adquiriram esta outra certeza inabalável, que o espírito sobrevive à morte do corpo. Do exposto, vê-se que racional é se mostrem êles intratáveis ante as afirmações negativistas dos representantes da ciência oficial, que jamais tendo realizado a grande aventura de se encontrarem, vivos, fóra do corpo, com sua própria personalidade conciente, perceptiva, separados do corpo e perto dêle, não se encontram em estado de formar uma concepção clara do valor prático e positivo duma convicção fundada sôbre tal experiência.

Caso XIII. — Os três casos que seguem foram publicados pelo Dr. Osty em *Revue Mètapsychique* (1930, pgs. 191-3) e todos os três são teóricamente interessantes. Nos comentários que farei após o terceiro, reservo-me o direito de discutir as conclusões ás quais chega o doutor em sua interpretação dos factos.

O primeiro exemplo foi enviado por M. L. Hymans (em Junho de 1928) ao Professor Richet:

«...Creio útil participar-vos um fenômeno duas vezes a mim sucedido e que parece provar que a conciência póde funcionar independentemente do cérebro.

Duas vezes, em pleno estado de conciência, vi meu corpo inanimado, com a sensação de ser êle um objeto exterior a mim. Não procuro explicar como *vi* sem olhos, eu só constato a ocorrência.

A primeira vez, foi na cadeira de um dentista. Quando era anestesiado, tive a sensação de acordar e de me sentir a flutuar no alto da sala, donde eu olhava, com o maior assombro, o dentista que me fazia o tratamento, e a seu lado, o assistente encarregado da anestesia. Eu via o meu corpo inanimado e tão distintamente como todos os outros objetos no aposento. O todo me fazia o efeito de um quadro vivo. Isso só durou alguns segundos. De novo perdi conciência e despertei na cadeira com a impressão bem clara do que havia visto.

A segunda vez, estava eu Londres, num hotel. Acordei bem cedo e sofria algum tanto (tenho o coração um pouco fraco) e algum tempo depois de despertar, tive um desfalecimento.

Grande foi a minha surprêsa ao encontrar-me imediatamente no alto do quarto, donde eu via, assustado, meu corpo inanimado no leito, de olhos fechados. Tentei, mas debalde, reentrar em meu corpo e concluí que estava morto. Pus-me a refletir sôbre o que diriam os hóspedes do hotel, meus parentes, meus amigos. Perguntava-me se haveria inquerito judiciário, em que iriam dar meus negócios. Certamente, eu não havia perdido a memória, nem a conciência de mim mesmo. Eu via meu corpo inanimado como um objeto à parte; pude observar o meu rosto. Contudo, não pude abandonar o quarto; sentia-me, por assim dizer, acorrentado, imobilizado no canto em que me encontrava.

Após uma hora, ou duas, ouvi bater à porta (fechada à chave), vezes seguidas, sem poder dar sinal de vida. Pouco tempo depois, o porteiro do hotel, apareceu sôbre o balcão (munido de escada de salvamento). Vi-o entrar no quarto e olhar anciosamente o meu rosto, em seguida abrir a porta. Pouco depois, entraram o gerente do hotel e outras pessoas. Veio um médico, vi-o sacudir a cabeça ao auscultar-me o coração, depois, introduzir uma colher entre meus lábios. Perdi conhecimento e acordei no leito. Tudo isso, ao menos, duas horas ...»

A relação acima é teóricamente de grande interêsse, sobretudo o segundo episódio, no que se encontra o facto inhabitual da personalidade desdobrada, a qual permanece nêsse estado, plenamente conciente de si, observando o que se passa em volta de seu corpo, *durante duas horas consecutivas*, o que teóricamente é importantissimo, porque eliminada está toda possibilidade de sofismar sôbre a fugacidade das impressões dêste gênero. Desta vez, a personalidade desdobrada permaneceu fóra do corpo, plenamente conciente do seu estado, pelo espaço de duas horas.

A notar também a observação do paciente, relativa à sua impossibilidade de poder abandonar o quarto, como se acorrentado ao lugar, índice evidente que, se êle não percebeu a existência do cordão fluídico que a ligava ao corpo, todavia não lhe escaparam as consequências materiais dessa ligação.

Noto, enfim, que êle, como tantos outros, tirou de sua própria experiência, a dedução lógica de poder a conciência funcionar independente do corpo.

(Continua).

CAMINHAR PARA A FRENTE

Prosseguindo nosso estudo sôbre a evolução anímica, vamos encetar o presente artigo transcrevendo um magistral trecho, sob a epígrafe «A evolução do amor», da magnífica obra «A Grande Síntese», que dará motivo à exemplificação que o nosso relato pretende fazer:

«Amor, impulsão fundamental da vida, fôrça de coesão que rege o Universo, divina potência de eterna reconstrução!»

«Encontra-lo-emos sempre indestrutível em infinitas formas em todos os niveis do sêr, com o qual êle ascenderá, sublimando-se até ao paraiso dos Santos. Como a dôr, o amor tem uma função fundamental de conservação, de coesão e renovação, e faz parte integrante do funcionamento orgânico do Universo».

«O impulso não se aniquila, repete-se, elevando-se. O desejo não se mata, encaminha-se para uma contínua elevação. Evolução de instintos, evolução das paixões, aperfeiçoamento contínuo de personalidade (teoria evolutiva do psíquismo)».

«Também aquí observamos o amor nos diversos niveis e a sua ascenção. Traçaremos assim um novo aspecto das sendas da evolução. O amor que no mundo animal é função precipuamente orgânica, no homem assume função de ordem nervosa e psíquica; completa-se, dilata o seu campo de ação, apura-se e se sensibiliza (desde que saiba evitar o perigo de uma degradação nevrótica) em direção de um super amor espiritual, sendo necessário como é, não destruir as paixões, mas, fazê-las evolver, necessário também é, e precisamente por isso, dominá-las e guiá-las, orientando-as para a fase espiritual».

«Tudo o que acentua o elemento nervoso e delicado, tudo que é fascinação, simpatia da alma, graça, arte, música, orações e psíquismo, o que é perfume e poesia de amor, tudo o que desmaterializa e espiritualiza é evolução que vos encaminha para triunfardes das formas do amor humano».

«Estais ás portas de um novo reino, o do amor místico e divino. Supremo êxtase de que gozaram os Santos, não é apenas agradável digressão de romântico sentimentalismo, porém, a mais alta tensão de domínio sôbre fôrças biológicas, luta viril contra a animalidade, luta em que se empenham todas as fôrças da vida. Refiro-me a um misticismo ativo que renuncia para criar e não de-certo, a êsse vão misticismo moderno, nevrótico e sensualizado, enervante e doentio, pelo qual, em meio de única artificiosa complicação de aprimoramento só ha no espírito ocio e grande desolação».

As entidades que representam os Espíritos encarnados ou desencarnados, em seus contactos com outras personalidades em várias existências e no espaço, estabelecem entrelaçamentos muito fortes, ás vezes, que se transformam em ligações que perduram eternamente. Essas ligações foram alicerçadas em mil lutas que, solidariamente, foram sustentadas por essas entidades em incontáveis vicissitudes criadas dentro da lei «karmica» e que têm a fôrça de ensinar a humanidade a desenvolver, cada vez mais, sentimentos alevantados, maximé, à observância do preceito evangélico —o de «amai-vos uns aos outros». Daí, dessas lutas terríveis, às vezes, deriva-se a primeira centelha do Amor.

E' por isso que Jesus nos diz que o poder do Pai Celestial é tão grande que poderá fazer nascer filhos a Abraão até das próprias pedras.

Constituindo a primeira centelha de Amor entre entidades, e até entre estranhos a êsse sentimento, temos aí o primeiro «tijolo» da grande construção que é o motivo básico dos ensinamentos evangélicos.

Naturalmente, que o ponto de partida dessas edificações grandiosas é o amor carnal que, depois de passar pelo cadinho da purificação através da Dôr, se transforma em Amor Espiritual.

E' assim que nos parece ter sucedido com dois Espíritos que, após lutas cruciantes em que ambos, sempre com calor, defendem o mesmo ponto de vista, e na mais estreita colaboração e entendimento, em várias existências, encontram-se na presente, na impossibilidade de se unirem. Mas, tocam-se por bastas vezes e reconhecem-se com amor espiritual.

Entretanto, dada a evolução processada em ambos, mantêm-se bons amigos, como fieis companheiros que erraram, procurando um amparar o outro em todo o terreno. Todavia, em matéria de Amor, se conservam exclusivamente dentro da espiritualidade.

Entrementes, como um desses espíritos houvesse adquirido maiores experiências que o outro êste era o melhor conselheiro, e como tal, acatado com respeito pouco habitual, da parte do segundo.

Ambos vêm tirando o máximo ensinamento dêsse reencontro, pois, têm claras intuições das existências vividas em conjunto; entrementes, conservam os resquícios dos caraterísticos anteriores e procuram se aconselhar mutuamente para a corrigenda de que ambos precisam.

Tudo isso dentro do «Amai-vos uns aos outros».

J. O. C.

O Progresso da Humanidade

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, lei que se funda na certeza do futuro. Tirai-lhe essa certeza e lhe tirareis a pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem. Só ela pode curar as chagas da sociedade. Comparando as idades e os povos, pode êle avaliar quanto a sua condição melhorará, á medida que essa lei vai sendo melhor compreendida e melhor praticada. Ora, se, aplicando-a parcial e incompletamente, aufere o homem tanto bem, que não conseguirá quando fizer dela a base de todas as suas instituições sociais ? Será isto possivel ? Certo, porquanto, desde que êle já deu dez passos, possível lhe é dar vinte e assim por diante.

ALLAN KARDEC.

O Espiritismo não se mistura...

Leopoldo Machado

ILUSTRE sacerdote, jesuita dos mais cultos, — por isso que um nome, nas esferas culturais, sempre em fóco ! — publicou, em *Correio da Manhã* uma carta endereçada ao jornalista Carlos Maul de aplauso a toda campanha que se faz, que se fizer ao comunismo rubro, moscovita. Também nós, espiritistas, desaplaudimos a doutrina russa, bem como todos os *ismos* que, à fôrça bruta, ou de dogmas, e de poderios mundanos, se destinam á escravização do espírito humano, ao cerceamento da liberdade de pensar, de crer, de sentir, de viver. Nos seus aplausos, o jesuita ilustre, para não perder a vasa, não deixa de dar-nos um beliscãozinho. Quís estar, naturalmente, com o rítimo das atividades de seus pares, visto como não ha, no momento, publicações catolicas que não tragam suas baterias assestadas contra o Espiritismo. Diz o sacerdote saber de fonte limpa que os Espiritistas de S. Paulo vão prégando, capciosamente, o comunismo à sombra do Espiritismo, com o nome de espiritismo. Não serviu, entretanto, nenhum copo dagua *de tal fonte limpa* a seus leitores, como provas concretas.

O sacerdote não conhece os fundamentos da Doutrina Espírita. Nem póde conhecê-los, como jesuita que é, por não os estudar. Mesmo que os estude, não os conhecerá ainda, por duas grandes razões : have-lo estudado para, em nome de sua Igreja, combatê-lo, vendo-o, neste caso, com os olhos do desamor — e quem vê, diz o Padre Arlindo Vieira, com tais olhos, fôrça é veja num pombo um corvo, — e por ser o Espiritismo uma daquelas coisas de que Jesus dava graças ao Pai por tê-los ocultado aos grandes e poderosos da Terra, no mesmo passo em que as revelava aos simples e humildes. Saiba o sacerdote ilustre, e quantos ainda o ignoram, que o Espiritismo é o unico *ismo* que não se mistura ; que os espiritistas são os únicos *istas* que encontram na sua Doutrina tudo, absolutamente tudo para a solução de todos os seus casos, qualquer que seja sua natureza ! Porque o Espiritismo é a própria Doutrina do Cristo, têm os espiritistas de seguir o seu único modêlo, que é Jesus, que ensinou e exemplificou «o seu reino não é dêste mundo». Ora, os *ismos* humanos, a partir mesmo daquele a que o sacerdote ilustre pertence, alicerçam suas aspirações neste mundo, voltados todos eles, a reformas sociais, sem que, primeiro, se tenham reformado seus propunadores.

O espiritismo preceitua a reforma, primeiro, de cada um, para que, depois, à fôrça de seus exemplos, se processe a reforma da coletividade. E, revolução branca que é, seus revolucionários são criaturas que não usam símbolos, vestes simbólicas, e distintivos ! São criaturas mansas e obedientes às leis, porque aprenderam dar a Cesar o que é de Cesar e a dar Deus o que é de Deus. Por isso que vivem bem, tranquilamente, colaborando com os poderes constituidos para o bem geral da sociedade e da Pátria, seja qual fôr o regime que os governe, a língua e raça a que pertençam, a terra em que vivam. Por se bastarem a si mesmos, à sombra de sua divina e grande Doutrina, que dominará, diz o seu codificador,—exatamente por ser grande e divina—*com os homens, sem os homens e apesar dos homens*, por isso mesmo que não é obra dos homens, mas dos Espíritos de luz ; os espíritistas se bastam com a sua Doutrina. Não carecem de nenhum outro *ismo*, seja êste rubro ou verde, negro ou amarelo ! Revolucionários brancos que somos, a nossa côr é o branco da concordia, da harmonia, da paz, visto como a revolução que prègamos reivindica a evolução de conciência, de sentimentos, de inteligência ! Não encontra, pois, acolhida nos domínios espíritas nenhum outro *ismo*, visto como quem é espiritista de verdade, só pode ser, só deve e só póde professar o seu *ismo*, que tudo lhe pode conferir e proporcionar.

O ilustre jesuita gosta, aliás, de assertivas como estas, sem lhes medir as consequências... No Globo, de 17 de Dezembro, em artigo de fundo, subordinado ao título — *Intolerância e Difamação* —recebe o mesmissimo sacerdote uma lição de mestre da parte de gente de sua própria grei, por haver lançado a pecha de despudorados aos que, para suavisar o calor impiedoso do verão que aí está, se exibem nas praias e nas piscinas; e se divertem nos casinos elegantes, onde a temperatura é, à fôrça do ar condicionado, conservada em graduções agradáveis, primaverís. Tem aquela folha o cuidado de chamar-lhe a atenção, dizendo: o Pe. Arlindo Vieira, se tivesse a vida simples e bondosa dos padres dos subúrbios e do interior, observaria melhor a nossa vida social, e veria que são meninas da primeira comunhão as que andam pelas praias; que são as moças da melhor sociedade as que vão às piscinas e que, quanto aos chamados lugares de orgia, são eles frequentados pelas primeiras damas do país e todo o nosso escól social os elege para as proprias festas do bem e da caridade.»

Não somos, assim, nós, sómente, espiritistas, que sentimos S. revma. falar sem saber, sem observar, sem sentir. Pois que S. revma. e quantos ainda não nos conhecem bem, sintam, observem e saibam que o Espiritismo é o único *ismo* inconfundível, imisturável; que os espiritistas só podem ser, — trabalhando solidários e tolerantes, juntamente com os poderes constituidos, para o bem geral da Pátria e da coletividade; que, assim procedendo, nós só podemos ser espiritistas! *espiritistas! ESPIRITISTAS!*

NOTA DA REDAÇÃO:

Sob o título — «Glorificações do Codificador...», publicámos em o nosso número de 15 do mês passado um escrito sem o nome do autor. Foi um cochilo que nos apressamos em reparar mencionando o nome do autor, que é o nosso prezado companheiro Prof. Leopoldo Machado, a quem solicitamos excusas.

Perda das Pessoas Amadas

J. B. CHAGAS

ANTES de tecermos considerações, em torno do ponto doutrinário, que serve de título ao presente trabalho, temos que analisar o sentido etimológico do têrmo — *perda.*

E' o que tentaremos fazer.

Segundo o vernáculo, perda quer dizer privação de alguma coisa que se possuia. Ora, de acôrdo com a doutrina que professamos, a passagem para o Além de um ente querido, não chega a ser propriamente uma perda, pois que isto não nos priva, em absoluto, da sua presença e assistência amigas. Logo, só os que não acreditam na imortalidade da alma e na vida após a morte do corpo, podem considerar como perda a ausência temporária de alguém, que nós, espíritas, sabemos que não mergulhou no nada, para sempre, e que, por essa mesma razão, não morreu, como se diz vulgarmente, e pode vir até nós, tão logo fique desembaraçado dos liames terrenos.

Dito isto, concluamos, então, êste ligeiro intróito, afirmando categóricamente, que não perdemos nada, quando alguém que nos foi caro na terra, passou para o outro plano da vida.

* * *

A ignorância da verdadeira realidade da vida do além-túmulo, é que tem gerado toda esta infinita série de ilusões e superstições sôbre o que seja a vida, após a rotura dos laços da carne.

Dessa fórma, a morte tem sido apresentada a muitas gerações como um tremendo castigo da Providência, *uma grande desgraça* — como na expressão de certo prelado, ao ter conhecimento do desencarne do Papa.

Consequentemente, o temor da morte resultou da noção insuficiente que todos possuem da vida futura, do receio da destruição total, quando tudo se transforma, como afirmou *Lavoisier*, e que as religiões, antes de a tornarem clara, mais a complicaram no interêsse próprio.

Muito também tem concorrido para que êste estado de coisas perdurasse, o aspecto, repelente e lúgubre, pelo qual é sempre lembrada a morte, e cujos emblemas lembram a destruição do corpo, restando a alma triste as alternativas, pouco consoladoras, do purgatório ou as quenturas de um inferno, eternamente ! . . .

O céu não é dado a todos alcançar, e por isso as religiões continuam a afirmar que : *«Spiritus qui vadit non redit...»*

Contudo, «êsse temor — diz sabiamente *Allan Kardec* — é um efeito da sabedoria divina, e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os viventes. É necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sôbre as condições da vida futura, como compensação à tendência que, sem êsse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida, e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento».

A' proporção que o homem se integra na compreenção da vida futura, o temor da morte diminue, chegando mesmo a desaparecer. E uma vez compenetrado e esclarecido do «porque» da sua estadia na face do planeta, aguarda-lhe o fim resignado e serenamente.

Por isso, com muita razão, afirmou *Bacon* — «que a pompa da morte assusta mais que a própria morte».

Fizeram também que, tudo que lembrasse a morte, tivesse um aspecto fúnebre, ressumbrando desolação, tristeza, abandono, o fim ; projeta-se nas lágrimas e lamentações dos que ficaram chorando a *perda*, ás missas de sete, trinta e mais dias, ao dobre de finados, ao luto fechado, etc.

Para muitos, ela é uma das parcas, donas da sorte dos homens, de que nos fala a Mitologia grego-romana, magra, feia, esquelética, a chocalhar vértebras, tíbias e perôneos, e com um agudissimo alfange ás costas, sempre à espreita de uma presa . . .

Sentimos, contudo, que mau grado tudo isso, sôbre êste portentoso problema algo já se vem fazendo para o seu devido esclarecimento.

Amiudadas vezes, temos lido nos jornais avisos ou convites para o sepultamento de alguém com esta legenda : «Pede-se encarecidamente não mandar corôas . . .»

Será, porventura, que as pessoas que assim procedem já vão compreendendo a desnecessidade dos gastos com essas cousas supérfluas, que em nada aproveitam ao morto querido ? . . .

Para quem costuma lêr nas entrelinhas, isto prova que, queiram ou não queiram aqueles que não aceitam o Espiritismo, nem as suas práticas, muitas pessoas as vão adotando, porque, queremos crer, que nem todos os que assim procedem sejam espiritistas . . .

Não somos daqueles que condenam totalmente as homenagens que se prestam ou tributam áqueles que penetraram os humbrais da vida espiritual antes de nós, porque sabemos perfeitamente que, cultuando a memória dos chamados mortos, guardamos imorredoira a sua lembrança, ainda mais quando êstes foram, carne da nossa carne, sangue do nosso sangue.

Em perfumando essa saudade com as flores do nosso afeto, não só cumprimos uma exigência do coração, como manifestamos a êles toda a nossa homenagem e todo o nosso respeito.

Condenamos, sim, a falsa suposição que empolga a maioria dos homens, que julgam nada existir para além dos bastidores do túmulo.

E o que é mais, isso os conforta do outro lado, e êles, outro tanto, são sensíveis à lembrança e ás saudades dos que lhes eram caros na terra, mas uma incessante e desarrozoada tristeza, os toca penosamente, porque nessa dôr excessiva, vêem a nossa falta de fé no futuro e de confiança em Deus ; por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que choram e talvez retardem com essa atitude sua reunião com êles.

«E a possibilidade de nos pôrmos em comunicação com êles — diz-nos *Kardec* — é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona os meios de entretermos conversação com parentes e amigos, que deixaram a terra antes de nós. E' para nós uma grande alegria — prossegue o Codificador — sabê-los ditosos, informando-nos, por seu intermédio dos pormenores da nova existência a que passaram, adquirindo a certeza de que um dia nos reuniremos todos».

E os espíritas, mau grado ainda as vacilações de alguns, na hora extrema, vão procurando enfrentar serenamente, não tanto como seria de desejar, o passamento dos seus entes queridos, sem espalhàfatos ou estardalhaços, sem lágrimas copiosas, sem velas e sem crucifixos, e com a possível resignação.

E' que a certeza da vida futura não exclue totalmente o temor e as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida, e assim muitos se inquietam, porque sabem, de antemão, que a ninguém é dado fugir à lei fatal e imperiosa da transição!

E o Espiritismo foi a chave maravilhosa que veiu decifrar o enígma da morte, estabelecendo a ponte para a comunicação e permutações de sentimentos e carinho entre as duas humanidades, a deste plano com a do além tùmulo, qual verdadeiro traço de união entre elas.

Uma vez que sabemos que aqueles a quem errôneamente consideramos *perdidos*, estão mais vivos do que nunca, e que podem, já agora, estar mais perto de nós do que antes, não devemos, pois, lamentar a sua ausência, morram êles na infância ou na idade madura.

Para o espírita, crente sincero, a morte deve ser comparável àquela boa fada ou anjo bom, que na hora extrema nos vem dizer: — «Dá-me o teu braço, amigo; aconchega-te ao meu seio, e partamos para o além! Vem comigo, e eu te mostrarei aos olhos deslumbrados, panorâmas outros, nunca vistos por ti, e bem diversos dos representados pelas misérias deste mundo! Vem retemperar as fôrças e energias para o empreendimento de novas caminhadas!»

O homem, porém, em virtude da sua miopia espiritual, julga muito pobremente, tudo que o cerca, vendo tudo através-do prisma das suas conveniências, achando que é mal tudo aquilo que não serve aos seus inconfessáveis interêsses! Nêsse ról, podemos catalogar a morte e o afastamento, por seu intermédio, daqueles a quem desejaria permanecessem eternamente sujeitos ao despotismo da sua vontade.

Assim, um ente querido que parte, muita vez, depois de cumprida uma dolorosa prova, ou o entesinho que mal chegou a viver, porque assim se fazia mister, jamais deve ser motivo de acabrunhamento ou de tristeza! A morte prematura é muitas vezes um grande benefício ou uma graça que Deus concede àquele que se vai!...

«Regosijai-vos, em vez de vos lamentar — diz *Sanson*, em belissima comunicação — quando aprouver Deus retirar um de seus fílhos deste tremendal de misérias. Não haverá egoísmo em desejar que êle fique para sofrer convôsco? Ah, essa mágua concebe-se em quem não possua a crença, e que vê na morte a eterna separação; mas vós outros, espiritistas, já sabeis que a alma vive mais desembaraçada fóra do seu envoltório material».

E com estas palavras de consoladoras esperanças a todo coração aflito, encerramos os nossos despretenciosos comentários em tôrno dêsse importante ponto doutrinário.

Nova Iguassú — 1944.

O Discurso de Cafarnaum

J. LIMA

(João, Cap. 6)

Cafarnaum, a pequenina cidade encravada entre as agrestes pedreiras da Judéia, vizinha da de Nazaré, pacata e disforme, estava abismada com as palavras do filho do Carpinteiro José.

Jesus, assomando à pequena elevação que, à guisa de tribuna, existia no meio da sinagoga, discorria acerca da sua missão, surpreendendo quantos o ouviam, até mesmo os companheiros comuns, os discípulos fieis. Sua palavra, ardente e pausada enchia o ambiente do perfume sutíl e raro das cousas grandiosas:

«— Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, de modo algum terá fome, e o que crê em mim, nunca mais terá sêde; porque eu descí do cèu, não para fazer a minha vontade, mas para satisfazer a todos quantos de mim se aproximem!...»

Os sacerdotes e fariseus abriam desmesuradamente os olhos ante essa afirmativa incompreensível e discorriam entre sí denotando profundo incômodo. O velho Sanaht, corcunda e caolho, fazia largos gestos denotando ira e despeito, enquanto dizia:

— Não é êste o filho de José e Maria que bem conhecemos? Como vem aquí dizer: «Eu descí do céu?» Estará louco?...

O Mestre, percebendo que a assembléia se antepunha às suas palavras, suspende por um momento seu discurso e diz :

«— Não murmureis entre vós! Realmente ninguém pode me compreender se o Pai que me enviou não o trouxer e ao qual eu ressuscitarei no último dia...

«Está escrito nos livros dos Profetas : «E serão todos ensinados por Deus»; se, portanto, aprendesseis de Deus, virieis à mim e me compreenderieis. Não que alguém possa ver o Pai e do Pai receber ensinamentos; mas a palavra que Dêle ouvís, êste é o ensino do Pai. Quem crê e compreende terá vida eterna.

«Afirmo-vos, portanto, que eu sou o pão da vida, porque trago do Pai a palavra de vida eterna. Vossos pais comeram o maná do deserto e no entanto morreram ; o pão que trago, porém, é para que o homem coma e não morra.

«Eu sou o pão vivo que descí do céu e se alguem comer deste pão viverà eternamente; e o pão que eu darei ao mundo é a minha carne e è o meu sangue !...»

Parou. No ambiente o zum-zum novamente se fez e Sanaht volta a comentar com alguns fariseus :

— Não resta dúvida que está louco ! Como póde se proclamar Filho de Deus, êste carpinteiro e dar-nos a comer sua carne ?

E o Mestre continua, suave e ardente:

— «Eu vos digo, em verdade, que se não comerdes da carne do Filho do homem e não beberdes do seu sangue, não tereis vida dentro de vós! Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna; porque a minha carne é a verdadeira comida e o meu sangue, a verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nêle; e assim como eu vivo pelo Pai, porque como a sua carne e bebo o seu sangue, assim, quem de mim se alimenta, viverá em mim, como eu vivo no Pai!...»

Percebia-se que o Mestre não fazia muito esfôrço para se fazer entendido, conhecendo de sobra os corações dos presentes e acabando de assim falar, desce do estrado e vai para junto dos seus discípulos, também espantados por verem que o Mestre deixava tudo no ar. Judas, sem se animar a falar diretamente ao Mestre, diz a João num tom que bem demonstrava o seu interêsse para que Jesus a ouvisse:

— Duro foi êste discurso! Quem o póde ouvir aquí dentro ?

O Mestre dirige o olhar a Judas e responde :

— Isto vos escandaliza ? Que dirieis se visseis o Filho do homem subir para onde estava antes? Cuidai do espírito, porque o espírito é o que vivifica e a carne para nada aproveita; as palavras que digo são espírito e vida.

E o Mestre saiu da sinagoga. Os olhares severos dos judeus o acompanharam até quando, na dobra da tortuosa rua, os treze vultos se perderam, em direção à praia onde os esperava o barco de Simão, que os reconduziu ao outro lado do rio.

* * *

Do discurso de Cafarnaum os Judeus tiraram então o motivo para o assassínio de Jesus; realmente comeram sua carne e beberam seu sangue sem que tivessem se alimentado do Pão do Céu que dá vida eterna.

As religiões ainda continuam a dar de comer o corpo somático de Jesus, através de seus rituais, porém observa-se que o mundo se afasta cada vez mais dos puríssimos ensinos deixados pelo Mestre dos mestres e que são realmente o seu sangue e a sua carne.

Que Deus perdôe tamanha insensatez!

Jesus tem como seus seguidores sòmente aqueles que procuram praticar os seus preceitos de amor fraterno. Perdoai, sêde pacientes e socorrei o vosso próximo, e tereis sempre Jesus a vosso lado a vos livrar das tentações e de todos os males. — MARIQUINHAS.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Em resposta a um urgente pedido de auxílio, eu e a Sra. Wickland seguimos para a casa do Sr. e Sra. C., em Pasadena, onde ruídos e barulhos noturnos punham a família acordada horas inteiras.

O Sr. C. comprára a casa dos filhos de uma senhora idosa, falecida pouco tempo antes, facto que desconheciamos. Tinha sido transportada para um lote do Sr. C., fora remodelada ali e depois habitada pela família, só para ser perturbada por toda a sorte de barulhos. Todas as noites, entre as 24 da noite e as 4 da madrugada, a porta de um cubículo, que existia entre dois quartos de dormir, era vigorosamente sacudida e golpes e estalos punham a família de pé.

Quando estavamos sentados em um dos quartos da residência dos C., conversando sôbre o assunto, foi a Sra. Wickland subitamente «tomada» por um espírito que se lamentava de penoso reumatismo e veementemente acusava os C. de estarem morando na «casa dela».

«Esta casa é minha», exclamava terminantemente, «e esta gente não tinha que se meter aquí. Po-la-ei para fóra». O espírito manifestante mostrava-se assim ser o da falecida proprietária da casa e, ulterior indagação que se fez a respeito da mesma, soube-se que sofrera muito de reumatismo. Ela não podia compreender que desincarnára e insistia em que estava morando na casa, que fôra invadida por intrusos. «Se morri, dizia ela, porque não estou no céu?»

Finalmente, após muitas explicações, compreendeu o seu estado espiritual e partiu dalí, bem arrependida. Numa carta que recebemos, tempos após, do Snr. C., dizia êste que os ruídos haviam cessado por completo.

—

De que os espíritos bastas vezes desempenham importante papel nas disputas domésticas e dissolvem muitos lares temos nós bastas provas.

Uma paciente, a Sra. Sl., que fora trazida à nossa presença, de um Estado nortista, era a segunda esposa de um fazendeiro do Dakota. Depois do nascimento do seu primeiro filho, desenvolveu-se nela certa tendência para errar sem destino e, quando trazida de volta, respondia evasivamente, porém dizia sempre que seu marido, um homem sério e honesto, lhe era infiel.

Quando êsse espírito inconsciente foi «transferido» para a Sra. Wickland, verificamos que outro não era mais que o da primeira esposa, que acusava, indignada, o marido de lhe ter sido infiel e dizia que havia de pôr para fora a detestada rival. O caso é que havia desincarnado e permanecido na herdade, ignorante do seu trespasse, sem realizar que a «rival» era uma segunda esposa do seu marido.

O espírito, após certa doutrinação, compreendeu sua situação espiritual e partiu. A Sra, Sl. ficou então boa e voltou para o seu lar, no Dakota.

—

Tivemos caso semelhante com uma pessoa das nossas relações, um cavalheiro cuja primeira mulher falecera, deixando-lhe um filhinho. Depois êle se casou de novo, porém mais tarde soubemos que sua vida doméstica não era feliz e que a nova esposa abandonara o lar, presa de grande excitação.

O desolado marido foi ter ao nosso lar, seguido então pelo já rapazinho, e, embora nunca nos tivesse visitado, ali permaneceu várias horas.

A' tarde, o rapazinho voltou e, quando a Sra. Wickland estava conversando com êle e um grupo de amigos, foi subitamente «tomada» pelo espírito de uma mulher que se dizia mãe do jovem.

Ainda não tinha conhecimento

do seu estado de «morta» e acariciava muito o mocinho, dizendo: «Quero meu filho! Quero meu filho!» Rompeu, em seguida, em violenta explosão de ciume contra a sua sucessora no lar, dizendo exultante: «Expulsei-a afinal!»

Ela também compreendeu sua verdadeira situação, lamentou o sofrimento que causara e prometeu tudo fazer para modificar-se.

A segunda esposa voltou ao lar e, no espaço de dez anos que se seguiu a êsse caso, nenhuma perturbação se verificou mais naquele lar, em que voltou a paz.

Psicometria

«A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO»

Light — Por H. F. Prevost Battersbg

PERTO de cem anos atrás o Dr. J. Rhodes Buchanan tornou-se conciente de uma aptidão psíquica a que deu o nome de Psicometria, um termo «detestável» segundo declarou o Dr. Ch. Richet, e que somente é descritiva se se destinar a medir a psique de qualquer objeto, que todavia, repousa sôbre a hipótese de existir a psique para ser medida.

Contudo, a significação do termo não é ser ela imprópria, mas o facto de não nos esclarecer mais agora do que há cem anos passados.

Como resultado de sua descoberta, o Dr. Buchanan declarou: «O passado está sepultado no presente, o mundo é o seu próprio monumento duradouro; e o que é verdade para a sua carreira física também o é para a mental. As descobertas da Psicometria nos permitirão explorar a história do homem como as da geologia nos permitiram explorar a história da terra»; e isto, recordemo-lo, anos antes do nascimento do moderno Espiritismo.

Por isso é que saudamos cordialmente o estudo (1) de Mr. Herbert Bland, ainda que eu duvido que êsse estudo leve mais longe a nossa compreensão.

«Parece — diz Mr. Bland — que os objetos chamados inanimados tem, senão uma mente própria, ao menos a memória própria, e a memória a sugere mente, como base».

Duvido que os factos que nós conhecemos, nos levem tão longe.

Podemos aceitar que cada objeto material possue sua duplicata etérea, capaz de receber impressões e armazená-las definitivamente. Mesmo pessoas que não podem ser classificadas como sensitivas, percebem a atmosfera que satura certos aposentos ou casas.

Eu conheci as condições etéricas da Sala de Comissão da Casa dos Comuns em que se verificou violenta altercação política, causando o desmaio de uma senhora que visitava a Casa; e isto, considerável tempo após a altercação.

Também é incontestável que o psicómetra, quando em contacto com um objecto, cuja verdadeira natureza desconhece, pode, não sómente descrevê-lo minuciosamente, mas relatar sua história presente e passada, passado que talvez remonta a milhares de anos antes do nascimento do homem, e pintar as cenas que o rodearam.

Mas podemos sentir-nos justificados ao presumir, dessa façanha espantosa, que o fragmento de rocha, ou osso, tenha retido, em sua mente etérica, a memória dêsses dias?

Não podemos presumir que algo no objeto é capaz de por a mente etérica do sensitivo na trilha que permite decifrar todos êsses acontecimentos? Parece ser esta a hipótese mais provável, considerando que o sensitivo póde ocasionalmente, efetuar a pesquisa histórica ou prehistórica sem estar em contacto com o estímulo material.

«Todas as cousas», diz Mr. Bland, «não importa quão sólido possam parecer, possuem suas cavernas minúsculas, somente demonstráveis por inteligências altamente treinadas, e é nessas cavernas minúsculas que um objeto armazena uma porção ínfima da aura mental da pessoa por quem foi usada.

---

(1) *Psicometria: Sua Teoria e Prática.*

A Mensagem da Matéria

Efetivamente, a ciência revolucionou a nossa concepção da matéria e os espaços aéreos de que nos dizem ser composta, tornam um tanto improvável a sua relação com essas qualidades misteriosas.

E Mr. Bland é um psicómetra, e devemos dar o devido peso à sua explicação.

Mas esta mensagem da terra nem sempre merece crédito. «Ao psicometrar uma corrente de ouro que lhe foi apresentada, êle a descreveu como sendo de propriedade do consulente. Êste não era o dono — êle somente *pensára* adquirí-la».

Outra vez, *lendo* um broche: «O psicómetra descreveu a moça a envergar o uniforme da agremiação «Guias Femininos»; mas a jovem somente nutria grande desejo de tornar-se Guia.

Em ambos os casos parece que os objetos meramente sintonizaram o *leitor* à pégada mental do dono. A mesma cousa ocorre frequentemente com a proximidade de uma influência mais definida. O autor, ao psicometrar um relógio, para certa senhora, descreveu várias cenas, emoções e pensamentos que se não relacionavam com a proprietária, mas se ajustavam exatamente a uma senhora distante poucos pés.

E há outra dificuldade a vencer. «As memórias nos objetos são de duas espécies, ao que parece», explica o autor: «primeiramente, a memória primária e, em segundo lugar, a memória enxertada». Um diamante recorda ter sido escavado por um Cafre, talhado e polido em Amsterdam. Mas pode contar-nos os meios pelos quais a cantora o conquistou, bem como as estranhas e trágicas aventuras que a assaltaram.

Certa vez, um alfinete de gravata, guardado numa gaveta, continha a memória de um jornal estrangeiro que forrava a mesma gaveta.

Uma lapiseira de prata, guardada numa velha arca, produziu a impressão de um homem em armadura, a marcha de um exército, o terror e ansiedade da guerra.

Objetos há que, por momentos postos juntos sôbre uma bandeja, apanham as memórias, um do outro; e também um espécime geológico pode fazer o psicómetra remontar sem vacilação à Epoca Glacial e mesmo além dela.

O Dr. Buchanan afirma, depois de estudar o assunto durante trinta anos, que, dado um objeto altamente carregado, a psicometria revela toda a história da existência e que nada fica oculto.

Mas visto que o mesmo pode ser realizado por um sensitivo em transe, ou em estado hipnótico, sem auxílio de qualquer objeto, não estaremos nós concedendo uma parte preponderante à psicometria?

Outra consideração há que parece confirmar esta perspectiva.

Apalpando meramente um retrato que não podia ver, um psicómetra descreveu a idade, sexo e aparência do indivíduo, sua casa com seus móveis e a vizinhança, sua esposa, seu cão, ocupação e seus dois hinos favoritos; acrescentando ter êle sofrido de um ferimento na mão direita.

Todavia, o ferimento datava de muitos anos antes da existência do retrato, e que havia estado em poder de sua filha distante oitenta quilómetros.

O autor também cita uma leitura de uma fotografia que não viu e que descrevia a viagem do indivíduo à América e Austrália, dez anos depois de se ter fotografado.

Interferências Psicométricas

O facto de o psicômetra não só ver, mas ter uma impressão mental de audição, sugere uma consideração útil para esclarecer as incertezas em várias categorias espirituais.

Acontece frequentemente não só que um espírito se torna visível, mas se ouve o ruído dos passos do fantasma, o que é manifestamente absurdo.

Más se, como sugere Mr. Bland, «toda a memória fica preservada em alguma parte e de qualquer modo, e todos os pensamentos e todos os acontecimentos ficam registrados» —implicando isto a existência da mente Cósmica e da Memória — não poderemos inferir que, onde se ouvem sons que não poderiam ser produzidos pelo espírito que parece causá-los, estamos vendo, não um fantasma autêntico, mas um acontecimento impresso na Mente Cósmica e no rasto sonoro que parece ser parte dela?

Há poucos anos os moradores de Horley afirmam terem visto, durante algumas noites, as formas espirituais do Rei

Haroldo e seus soldados saxônios em marcha para a localidade chamada Harold's Lea, onde Haroldo e seus homens dormiram durante sua jornada para o combinado encontro com Guilherme da Normandia, ouvindo êles os gritos de saudação e o som da marcha. Acontecimentos idênticos registraram-se frequentemente nos lugares de batalha da Guerra Civil.

O conhecer experiências espirituais talvez nos ajude a enquadrar no catálogo de «impressões» as diferençadas por uma solidez de som não espiritual.

O volume em apreço contém abundância de exemplos de interferências que devem ser tomadas em consideração em leituras psicométricas.

Um psicômetra, segurando um bracelete pertencente a certa senhora, «descreveu uma casa de tábuas, seu interior, moradores, inclusive cinco crianças... bem como a velha banheira de zinco em que lavavam as crianças».

Mas tudo o que foi mencionado pelo psicômetra, era ficção. A consulente era escritora, as cenas só existiam em uma novela de sua autoria.

Conhecido psicômetra estava fazendo leituras numa reunião pública, em Londres. Entre duas mensagens, disse êle: «Está presente uma figura bem extraordinária caminhando de um a outro extremo da nave da igreja. Êle não se parece exatamente com um espírito, e não sei donde êle vem. Traz um chapéu de três pontas, seu vestuário é antiquado, tem uma perna de pau e caminha com uma bengala. Sôbre um olho há uma mancha preta».

«Trata-se de Long Silver do livro *Treasure Land*», exclamou certo assistente. «Meu filho tem o livro em seu bolso e estava lendo-o quando viajava para cá!»

Certo psicômetra, lendo a aura mental de um indivíduo, disse: «Eu vos vejo com um persa, ou ao menos parece-se com um natural da Pérsia. Usa muitas joias preciosas. Em seu turbante traz um grande diamante cintilante, e está de pé ao vosso lado de braços cruzados».

A figura só existia no pensamento do assistente, que estava absorvido pela história de Dario, o rei persa.

Entre muitos detalhes exatos durante a leitura de um relógio-pulseira de certa assistente, houve a afirmativa que durante 12 meses ela permanecera na América. Ela somente lá estivera por espaço de três mêses, porém sua intenção era lá passar um ano.

Necessidade de Cautela

O choque do pensamento e formas-pensamento nas leituras psicométricas sugere a necessidade de precaução na aceitação de todas delineações da visão clarividente.

Alguns frequentadores da sala de sessões parecem providos de uma variedade de guias pictóricos, e vimos quão fácil foi a descrição da forma-pensamento de Dario.

Assim, como já sugerimos, deveriamos considerar o objeto psicometrado, não como saturado de memórias próprias, mas como um guia para a trilha da memória universal, o que adiante se confirma quando a informação transmitida é de uma espécie de data posterior.

Uma cartucheira usada num assassinato revelou os movimentos do assassino que foi descrito e descoberto. Certa maleta que pertencera a um capitão de navio, cujo paradeiro permanecera oculto durante um ano, fez que o psicômetra declarasse estar êle vivo e que seria encontrado na Alexandria.

Em outro caso o psicômetra «viu» certo homem, desaparecido durante uma semana, atacado por malfeitores numa estrada e atirado num rio, indicando a posição exata em que seria encontrado o corpo.

Em nenhum dos casos citados poderiam ter os objetos adquirido, por contacto, as «memórias» reveladas, mas cada qual serviu para levar o psicômetra ao rasto onde os acontecimentos podiam ser lidos.

Por outro lado, cumpre mencionar dois casos, oferecidos pelo autor, que parecem favorecer a impregnação do objeto. No primeiro, o que dorme em cama alheia, sonhou que estivera envolvido em sério incidente de motocicleta. O acidente ocorrera ao habitual ocupante da cama.

Uma senhora sofria de dôres renais todas as vezes em que dormia em certa cama. Durante anos, a cama fôra usada por um mártir de moléstia renal. Casos semelhantes devem precaver-nos contra a aquisição de móveis usados.

«Alguns psicômetras», diz o autor, «inquestionavelmente possuem a faculdade de predizer acontecimentos nas vidas dos que usam constantemente qualquer objeto pessoal», faculdade que em tudo parece igual à visão clarividente, e nos leva ao embaraço da quarta dimensão.

Tratando destas predições, o autor comenta:

«No presente estado da lei, podeis predizer o futuro de um cavalo ou outro animal que vai disputar uma corrida, podeis fazê-lo para milhões de indivíduos, se o fizerdes pelas colunas de um grande jornal, mas não podeis fazê-lo publicamente ou privadamente para uma pessoa particular, sem correr o risco de perseguição».

Psychic Science publicou o relato de notável experiência psicométrica, que recomendamos aos interessados no assunto. Foi usado um pouco de terra desconhecida, e o psicômetra, usando sucessivamente pequenas porções da mesma, foi capaz de reconstruir a cena e participantes da tragédia. O desenvolvimento gradual de sua visão, pelas porções sucessivas do mesmo material, parece favorecer a hipótese que expuz, isto é de ser o objeto antes um piloto do que um reservatório.

A Grande Síntese

Plinio Antonio Branco

SOB o título «A GRANDE SÍNTESE... fascista», publicou conceituado órgão da imprensa bandeirante, no dia 21 de Agosto, um artigo, que acabamos de ler e que pede contestação imediata. (*)

Quando apareceu no Brasil aquela magistral obra, vai já para mais de 5 anos, estavam as doutrinas fascistas em seu apogeu tanto na Italia como na Alemanha, Japão e outros paizes satélites do totalitarismo. Não foi, porém, nêsses paises que o referido livro grangeu admiração, pois, o Vaticano, em Novembro do mesmo ano, por decisão da Suprema Congregação do Santo Ofício, já o fazia incluir no «Index» como obra perniciosa, enquanto nenhum embargo opunha ao manancial abundante de livros fascistas e nazistas que fluiam de tais paises.

Aquí no Brasil, entretanto, país de índole profundamente democrática, era a obra mediúnica do Prof. Pietro Ubaldi recebida com o maior interêsse e respeito, principalmente por aqueles que já conheciam, do mesmo autor, o famoso trabalho intitulado «As Três Mensagens», de Exortação, de Redenção e de Perdão, cuja grandeza de conceitos e cujos ensinamentos profundos atestam uma procedência das mais elevadas esféras espirituais.

A «A Grande Síntese» procede da mesma fonte que inspirou aquêle outro trabalho de Pietro Ubaldi. E' pois, antes de mais nada, merecedora de todo o respeito pelos que sabem perceber as verdades, ainda que não sejam adeptos da doutrina espírita.

A sua leitura é muito difícil, si bem que muito agradável pela grandiosidade do panorama que desvenda. Para compreendê-la, faz-se mister possuir conhecimentos amplos de numerosas ciências, e não dispensa certa familiaridade com as modernas concepções a respeito da Física e da Química, Biologia, Mecânica e Astrofísica. No campo das ciências políticas e sociais, é de se exigir noções bem desenvolvidas de Psicologia, Direito, Economia, História, etc.

A exigência de tantas condições para bôa compreensão daquela obra, já deveria servir de advertência ao articulista, recomendando-lhe prudência na apreciação que acaba de fazer de tão respeitável trabalho.

Testumunho eloquente dessa dificuldade de crítica são as palavras de Ernesto Bozzano que, instado por Pietro Ubaldi para emitir parecer sôbre aquêle trabalho, hesitou durante vários anos para, afinal, dizer dêle o que se encontra no Prefácio da Edição de responsabilidade da Federação Espírita Brasileira.

O grande pensador italiano emitiu afinal a sua opinião nos seguintes têrmos:

«Pede-se-me um juizo confidencial

(*) *Refere-se à «Folha da Noite».*

sôbre «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi. Respondo :—favorabilíssimo, sob todos os pontos de vista. Trata-se, verdadeiramente, de uma grande síntese de tudo o que forma o acervo do conhecimento humano, considerado por um prisma positivamente transcendental, em que são passados em revista todos os ramos do saber; em que se aclaram e resolvem numerosas questões até agora insolúveis, mediante não só novas teorias reveladoras e novas diretrizes científicas, como também mediante considerações filosóficas, científicas, religiosas e morais tão sublimadas, que causam reverente assombro.

E' uma obra que fará época na história das revelações mediúnicas, tanto mais quanto é esta a primeira vez que à humanidade se faz a dispensação de um grande Tratado de ordem verdadeira e rigorosamente científica».

A opinião de Ernesto Bozzano não foi, como se vê, o resultado de um juizo precipitado. Levou êle vários anos meditando sôbre a «A Grande Síntese». E' a afirmação de uma das mais pujantes mentalidades da nossa época, «diz Guillon Ribeiro», dos mais eminentes pensadores e filósofos espiritualistas da atualidade, cientísta dos mais acatados.

O autor do artigo que óra contestamos não parece ter lido a obra com a necessária boa vontade, indispensável a quem quer aprender. Analisou com tanta minúcia a capa do livro, a sua encadernação e o dourado das letras, mas não se dignou dizer palavra sôbre o conteúdo de pura ciência que contém os primeiros capítulos. Dá, antes, a impressão de ter procurado, a esmo, trechos que isoladamente pudessem justificar um propósito inicial, preconcebido, de taxar de fascista uma obra que páira muito acima de seitas religiosas ou de partidarismos políticos.

Não é preciso, contudo, grandes conhecimentos de hermenêutica para afirmar que a análise de um texto ou de uma obra não é tarefa que se reduza à crítica de frases isoladas, sem atenção ao pensamento de conjunto, especialmente numa obra de síntese.

Como seria possível a um físico realizar a luz branca, por exemplo, síntese de todas as côres do arco-íris, se renunciasse a uma qualquer delas? Como compor a água, síntese de hidrogênio e oxigênio, si dispensasse um dêsses corpos na combinação?

Por isso, afirmamos que não é possível compreender plenamente o pensamento contido na frase «O sonho de demolir o Capital, para realizar o advento de um proletariado supremamente inápto, na sua inconciência, a qualquer função diretora, significa secar as fontes da riqueza de todos» sem conjugá-lo com outros conceitos sôbre propriedade, hereditariedade, equilíbrio e virtudes sociais, expostos de forma magistral na «A Grande Síntese».

Pietro Ubaldi, ou o gênio que o inspirou, não préga nenhum regime social; apenas destaca as forças cósmicas, biológicas e outras, em ação, para que os Estados saibam com que princípios defrontam, e se organizem adequadamente. Tanto assim é que à pag. 289 diz: —

> «Estas conclusões, pois, não tendem a concretizar-se em nenhuma forma própria de organização humana, mas a enxertar-se nas formas existentes, para as fecundar e enriquecer, para levantar as que descem pela senda do mal; para resplender em as que, no campo político, no religioso, no científico, no artístico, laboriosamente ascendem para a luz do bem».

E mais adiante: —

> «Aquí não se parte do apriorismo de um ou de outro sistema político, para o antepôr e impôr. Uma visão universal não pode descer ao campo das competições humanas; uma verdade universal não se pode constringir nos limites de verdades menores, relativas a um povo e a um momento da sua evolução».

Quanto à necessidade de revisão dos conceitos capitalistas eivados de injustiça, diz à pag. 260: —

> «Na minha ética, *rouba* todo aquêle que por vias escusas, não importa se legais, acumula rapidamente, enriquecendo de súbito; *rouba* aquêle que, na ociosidade, vive de bens herdados; *rouba* aquêle que à sociedade não dá todo o rendimento da sua capacidade».

Cremos que qualquer doutrina moral

aceita, sem escrúpulos, semelhantes conceitos.

E' preciso, como dissemos, não esquecer que estamos analisando uma obra de síntese, a maior já produzida com êsse objetivo. Por isso, à frase destacada pelo signatário do artigo em causa, que parece um produto fascista, «O sonho de demolir o Capital para realizar o advento de um proletariado supremamente inápto, na sua inconciência, etc.» contrapomos algumas outras que induzem melhor o pensamento de Pietro Ubaldi.

Veja-se, por exemplo, êste à pag. 314, onde está dito: —

> «Entretanto os sistemas atualmente dominantes no mundo» (e, nessa ocasião dominava o regime fascista e nasista, de mistura com os conceitos condenáveis do capitalismo sem contrôle), «levam um seleção às avessas, à do mais astuto e deshonesto, ao passo que o honesto é eliminado. A sociedade não exalça o homem que dá, porque esse se torna pobre; exalça o que afêrra e acumula, porque se torna rico. No entanto, o primeiro dá do que é seu aos outros e o segundo toma dos outros para si. Este sómente se poderá justificar, se preencher a função de conservar e fecundar a riqueza com o seu trabalho.»

E mais adiante à pag. 316: —

> «E' inutil ter por guias leis e sistemas, quando o capital está eivado, em suas origens, de deshonestidades que o tornarão infecundo. Todo remédio, todo contrôle ficam na superfície, quando na alma não está a consciência da função social dessa distilação do produto do trabalho que é o capital, e si dele fazem um meio de opressão.»

Dentro sempre desse mesmo pensamento de tirar do capital todo o partido possível, sem destruí-lo, afirma o autor que a hereditariedade da riqueza é uma fábrica de inaptidões.

O conceito de Estado que encontramos á pag. 333:

> «O estado não pode mais ser senão o povo, e o povo não pode existir senão organizado em Estado,» (não é, evidentemente, um conceito fascista.)

O articulista sente-se vexado por encontrar na «A Grande Síntese» um Capitulo sobre o Super-Homem. (Não se trata evidentemente do super-homem do Gibí que enche de admiração os garotos da atualidade).

Por força que o articulista não compreendeu a realidade dos super-homens que brilham como meteóros para iluminar, de quando em quando, a rota da civilização. O meteóro, no entanto, é passageiro, não se eternisa por hereditariedade, infelizmente.

«A Grande Síntese», si admite o governo de homens excepcionais, aos quais foram dados poderes extraordinários, o faz em caráter temporário como se deduz do que se encontra à pag. 335 onde diz:

> «E com quanto madureza se poderá volver à democracia, quando a oligarquia haja concluido a sua função de formar a conciência de um povo!»

Quando fala em aristocracia se refere sempre às aristocracias do pensamento e das grandes virtudes amadurecidas; nunca, porém à aristocracia dinheirosa e indolente de nascimento.

A magnifica descrição do super-homem que tanto desagradou o comentador é um dos capítulos mais dignos de meditação... Os traços vigorosos postos em evidência por Pietro Ubaldi, e que o articulista entendeu ser o retrato de Hitler ou de Mussolini, se adaptam perfeitamente às fortes personalidades de Stalin, de Roosevelt ou de Churchil.

O teiró do articulista pelo grande livro, chega a ponto de fazê-lo desconsiderar a Divina Providência só porque Hitler costuma invocá-la nos seus momentos de aperturas.

Esteja o comentador descançado, pois o livro de Pietro Ubaldi não préga nenhuma doutrina politica especial; está muito acima dessas divisões que ensanguentam a pobre humanidade. Si assim não fôra, não estaria escrito á pag. 333:

> «Nenhum sistema político ha sabido até agora justificar-se com uma filosofia científica que remontasse á genese da materia, da energia e da vida.»

Não pretendemos ir mais longe, pois

seriam infindaveis os argumentos de que podemos lançar mão para demonstrar o engano em que incorreu o comentador em causa. Cumpre-nos, todavia, apontar ainda um erro grave. Onde «A Grande Síntese» préga o reconhecimento das hierarquias, vê o articulista idéias fascistas. No entanto a hierarquia se estampa em todo o Universo, desde o electron até ás Galaxias, é uma lei cósmica diante da qual teremos que nos curvar, ainda que a nossa vaidade e o nosso egoísmo sofram com isso.

Como se vê, o comentador que temos a honra de contradizer, lendo a «A Grande Síntese», percorreu uma estrada semeada de pérolas mas só se preocupou com aquilo que tinha aparência de cascalho.

S. Paulo, 30/Agosto/1944.

Crônica Estrangeira

Revelações do Além

O Juiz Edmonds era notável médium psicográfico, falante e vidente. Alguns meses depois da morte acidental de seu colega o Juiz Peckam, a quem êle muito estimava, deu-se o caso de Edmonds escrever longa mensagem, em que seu amigo morto referia as circunstâncias de sua morte. As passagens seguintes são tiradas da mensagem em questão:

«Se me fôsse dado escolher a maneira de desincarnar, certamente não teria preferido a que o destino me impôs. Todavia, presentemente não me queixo do que me aconteceu, dada a natureza maravilhosa da nova existência que se abriu subitamente diante de mim.

No momento da morte, revi, como num panorâma, os acontecimentos de toda minha existência. Todas as cenas, todas as ações que eu praticára passaram ante o meu olhar, como si se houvessem gravado na minha mentalidade, em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos desde a minha infância até a morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta que me tirou da água, mostrando uma energia cuja natureza só agora compreendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando imergi nas águas, não experimentei sensação alguma de mêdo, nem mesmo de frio, ou de asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas a se quebrarem sôbre as nossas cabeças. Desprendi-me do corpo quasi sem me aperceber disso e, abraçado sempre à minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos acolher e guiar.

O primeiro sentimento penoso só me assaltou quando dirigi o pensamento para o meu irmão; porém, minha mãe, percebendo-me a inquietação, logo ponderou: «Teu irmão também não tardará a estar conosco». A partir dêsse momento, todo sentimento penoso desapareceu de meu espírito. Pensava na cena dramática que acabava de viver, unicamente com o fito de levar socôrro aos meus companheiros de desgraça. Logo, entretanto, vi que estavam salvos das águas, do mesmo modo por que eu o fôra. Todos os objetos me pareciam tão reais à volta de mim que, se não fôsse a presença de tantas pessoas que eu sabia mortas, teria corrido para junto dos náufragos.

Quís informar-te de tudo isto, afim de que possas mandar uma palavra de consolação aos que imaginam que os que lhes são caros e que desapareceram comigo, sofreram agonias terríveis, ao se virem presas da morte. Não há palavras que te possam descrever a felicidade que experimentei, quando vi que vinham ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas que amei na terra, todas as quais acudiam a me dar as boas vindas nas esferas dos imortais. Não tendo estado enfêrmo e não tendo sofrido, fácil me foi adaptar-me imediatamente ás novas condições de existência».

⁂

«Aquêle que morrer antes...»

Não é de hoje que os homens constatam aparições e as conservam na memória. A todos os testemunhos já classificados, junta-se mais êste ainda, encontrado numa carta, enviada por um certo Rev. Fowler a um Dr. Moore:

«Nesta semana, reza a carta, Mr.

Pearson, que é eminente ministro do culto na cidade de Londres, disse-me que o avô de sua mulher, homem de grande piedade,e médico do nosso rei — seu nome é Ferrar, e penso ser irmão do famoso Mr. Ferrar de Little Giddon, — fizera outrora um contrato com sua filha (a mãe de Mr. Pearson, uma alma verdadeiramente piedosa). De acôrdo com os termos desse contrato, ficou ajustado que o primeiro dos dois que viesse a morrer, deveria, após seu trespasse, aparecer ao sobrevivente, se a cousa fosse possível; a filha, com alguma dificuldade, acabou por aceitar a proposta. Pouco depois, a filha, que vivia em Gillingham, á distancia de três milhas de Salisbury, caiu doente e morreu subitamente em consequência da aplicação errada duma poção que continha um tóxico. Seu pai residia em Londres, e na mesma noite do falecimento, viu a filha abrir as cortinas do leito. Ela olhou-o atentamente. O pai não havia sido informado sôbre a enfermidade da filha. Após essa aparição, êle disse confidencialmente á sua governante, que sua filha de Gillingham certamente falecera. Dois dias mais tarde, êle recebeu a notícia. Foi isto que depois êle contou a Mrs. Pearson, sua avó, a um tio e á mesma governante. E eu sei que Mrs. Pearson é uma senhora digna e assás prudente».

⁂

Um caso de reincarnação

Certa mãe fez o seguinte relato, veiculado por «The Occult Review»:

«Pouco antes de dar nascimento a uma filhinha, tive a sensação de uma personalidade invisível que vivia perto de mim. Devia ser, assim me parecia, uma mulher mais velha do que eu. Cada vez mais ela me empunha seu pensamento. Eu ouvia sua voz quando ela fazia votos pela minha saude. Ela me fez conhecer seu nome, sua nacionalidade, e outros detalhes que lhe diziam respeito e reclamavam minha afeição. Por fim, ela conseguiu tornar-se visível ao meu olhar. Duas semanas antes do nascimento da criança, ela me fez saber que era sua intenção voltar, por meu intermédio, à vida corporal, revelação esta que muito me abalou. Vi-a, pela última vez, na véspera do acontecimento». Seja corajosa, disse-me ela, tudo irá bem.»

Minha filha nasceu: era a miniatura da minha amiga espiritual. A parecença acentuava-se de ano em ano. Em certa ocasião, tive a sorte de descobrir pormenores sôbre a precedente vida terrestre do espírito que sempre me visitava. Essas provas confirmavam as palavras que ela me dizia, antes do nascimento de minha filhinha. De tudo eu guardava segredo absoluto. Um dia, — minha filha contava então 15 anos, — alguem pronunciou em sua presença, o nome que o espírito me assegurava ter sido o seu. Minha filha voltou-se bruscamente para mim e exclamou: «Haviam me dado êsse outro nome?»—«De modo algum», respondi eu. E ela acrescentou, pensativa: «E' extraordinário, mas êsse nome me faz recordar alguma cousa.»

⁂

Psicometria Retrospectiva

O incidente ocorreu a George Gissing quando estava de cama, atacado de febre, em Crotone (Italia).

«Tornei-me momentaneamente clarividente, facto que me fez experimentar um estado de verdadeira e serena felicidade, igual a que jamais experimentei em estado normal. Durante o tempo em que estive acamado, perfeitamente desperto e calmo, sucessivamente apresentaram-se-me maravilhosas visões. A principio vi um grande vaso decorado com magnificas figuras, em seguida um mármore sepulcral com baixos relêvos de perfeita beleza clássica. Depois do que as visões ganharam em amplitude e em complexidade, e eu contemplei cenas da sociedade antiga, vi ruas cheias de transeuntes, de cortejos de triunfo e de procissões religiosas, gladiadores e campos de batalha. O que me impressionou nessa sucessão de visões foi a côr maravilhosa do meio em que as cenas se desenrolavam, e impossível dar uma idéia do esplendor que irradiava das cousas e que iluminava cada cena, como impossível se torna descrever o relêvo dos detalhes em cada imagem visualizada. Com uma realidade de existência absoluta, apresentavam-se cousas que eu não podia conhecer, e ás quais minha imaginação jamais teria dado corpo. E frequentes eram meus assombros á vista de certos costumes pitorescos, sôbre os quais jamais eu lera o que quer que fosse, motivos de arquitetura absolutamente novos, de caraterísticos variados e de detalhes dessa civilização longínqua, e que de nenhum modo eu poderia ter conhecido pelos livros. Lembro-me de uma sucessão de semblantes de inefável beleza, e recordo-me e ainda experimento o sentimento de pesar que de mim se apoderou quando, um após outro, êsses rostos desapareceram ante meu olhar.

A título de exemplo das representações projetadas ante mim, descrevo uma visão histórica que para sempre permanece gravada em minha memória.

Quando Anibal, após a segunda guerra púnica, se transportou com seu exército ao sul da Itália, êle estabeleceu em Cotrone o seu quartel general. E quando, obedecendo com repugnância as ordens de Cartágo, êle abandonou o solo romano, foi em Cotrone que embarcou com seus homens. Consigo êle tinha um contingente de mercenários italianos e querendo impedir seu engajamento nas fileiras do inimigo, ordenou que o acompanhassem. A isto êles se recusaram, então Anibal fê-los reunir sôbre a praia e a todos mandou massacrar.

Pois bem! Eu vi a praia de Cotrone e o promontório com o templo, não como hoje são, mas tais quais deveriam ter sido dois mil anos atrás; e o drama dos soldados que massacravam, e dos mercenários abatidos sob seus golpes, desenrolou até em seus menores detalhes sob meu olhar assombrado. E sôbre toda a cena esplendia a glória dum sol maravilhoso, graças à *transparência* tão encantadora do céu que só ao recordar aquêle espetáculo, sinto a alma banhada daquela luz.

O prazer estético dessas visões compensou bem os dez dias de febre; mas, mesmo afagando ardente desejo para que o espetáculo se repetisse, nada mais vi. A via pela qual elas penetraram, cerrou-se para sempre. Sempre crerei e sentirei que durante uma hora, fôra-me concedido contemplar cenas da vida remota, tão caras ao meu espírito.

Podem objetar-me que minhas visões não correspondem à realidade, eu quereria que me explicassem por que milagre consegui reconstituir, até a mais íntima e minuciosa perfeição, um mundo antigo que somente conheci pelas ruínas atuais.

⁂

Para os que riem das mesas girantes

«Revue Spirite»

Êles riem, das mesas girantes como riram seus antepassados. Que importa? Todavia ela gira, como dizia Galileu falando da terra. A êste propósito, curioso é encontrar numa obra bem antiga — *A Vida Mágica do Espírito,* publicada em 1857, por Schlinder, uma profecia que se realizou hoje, profecia esta obtida pelo mesmo Schlinder e por intermédio de uma mesa outróra tão escarnecida. O Dr. Crawford expôs o caso extensivamente em sua magnifica obra: *A realidade dos fenômenos psíquicos.* Eis a profecia do meado do século passado:

«O campo da experiência está aberto. A mesa girante, que a todos provoca riso, tornar-se-á um dos meios que permitirá produzir, à luz, a solução dos problemas opacos relativos à natureza do homem. Por meio dela, afugentar-se-á a superstição; reconduzir-se-á ao domínio da razão, muitas verdades que foram classificadas como loucuras; demonstrar-se-á que elas desvendam leis da natureza e que seu agente motor, seu elemento primordial é o espírito oculto no homem. A mesa que gira tem hoje e por toda a parte uma reputação péssima. As pessoas que se julgam cultas se absteem de falar nela, para que não se suponha que acreditam nisso. Contudo, será ela que no futuro, ajudará o filósofo e psicólogo a explicar muitos mistérios, e o médico, a-pesar seu, será constrangido a ocupar-se de experiências que se realizará com a malsinada mesa — experiências que presentemente ferem todas as convicções científicas». Era isto predizer sabiamente. Hoje dá-se crédito à mesa. Os cépticos reunem-se em torno dela para escutar-lhe o bater do pé, estalar, e mesmo para vê-la, ás vezes, reduzir-se a pedaços a seus olhos, ou elevar-se no espaço. E o mesmo acontecia a todos os fenômenos que, em 1857, provocavam o riso dos entendidos. Schlinder teve previsão exáta, e todos nós sabemos que estamos *vendo* não menos exáto do que êle, quando dizemos que, em futuro próximo, ninguém mais rirá da mesa girante.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Hora Espiritualista «João Pinto de Souza»

Depois de alguns mêses de interrupção, está novamente no ar, na Capital Federal, a Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», prosseguindo assim no seu importantissimo trabalho de difundir as verdades evangélicas à luz da Terceira Revelação.

A' Hora Espiritualista, que já recebeu e continua recebendo donativos, almejamos o mais completo êxito, sob a égide dos Espíritos Superiores que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade.

A serviço da Propaganda

Comunicado do nosso companheiro sr. Onofre Batista:

«Prosseguindo na minha excurcursão, visitei mais as seguintes cidades:

Sacramento: A propaganda vai indo muito bem. D. Corina Novelino, professora, oradora e escritora, e os demais companheiros, muito alegraram o meu espírito. Tive a felicidade de visitar a mãe do grande Apóstolo do Espiritismo, Euripedes Barsanulfo.

No Centro Espírita «Fé e Amor», fundado em 28 de Agosto de 1900, na Fazenda Santa Maria, neste Municipio, por Mariano da Cunha Junior, funciona um Curso de Ordem Evangélica, mantido com dedicação pelos congregados. O curso já conta com o elevado número de 936 congregados, homens e mulheres. Foi neste Centro que Euripedes Barsanulfo bebeu os primeiros conhecimentos da doutrina.

Araxá. Depois dos acontecimentos de 1935, a doutrina avançou admiravelmente nesta cidade. Naquela época havia apenas um Centro, o «Caminheiros do Bem». Hoje existem mais 3 Centros em prédios próprios e alguns grupos familiares. Fiz palestras no «Caminheiros do Bem» e no «Luz na Seára».

Ibiá. Fiz uma palestra no Centro Espírita «João Batista»

Patrocínio. Falei no Centro dirigido pelo confrade Enéias e o Coletor Federal, que tanto prégam pela palavra como pelos atos, ajudados por um pugilo de companheiros sinceros.

Araguari. Eu e o confrade Antonio Piloto, que é viajante e muito dedicado à causa, falamos no centro local.

Uberlandia. A propaganda nesta cidade marcha satisfatóriamente, contando com ótimos trabalhadores como o prof. Odilon Ferreira, prof. H. Borges, João Faria Godoy, prof. Francisco A. Silva, Alcino Guanabara. Devido à chuva não pude realizar uma palestra no Centro Esp. «Joana Darc» o que farei na próxima visita.

Uberaba. Falei nos Centros «Vicente de Paulo» e «Agostinho». Ótimos companheiros.

Igarapava. Visitando o Centro Espírita «Luz, Caridade e Amor», fundado ha 27 anos, tive o ensejo de perceber que é grande o número de adeptos nesta cidade. A's quartas-feiras são realizadas palestras de caráter doutrinário e de trabalhos práticos ás segundas e sextas-feiras. Continua em pleno funcionamento a Escola Euripedes Barsanulfo, de ensino primário, sob os auspícios do Centro. E' desejo da Diretoria inaugurar dentro em breve a biblioteca e fazer a campanha do Livro para a mesma. O Centro tem duas escolas, uma das quais mantida pela Prefeitura.

— Agradeço sensibilizado, a todos os confrades que me dispensaram boa acolhida. Que Jesus a todos recompense com a luz do seu amor e do seu saber.

—

Comunicado do nosso companheiro sr. Lourenço Bianchi:

Ja faz dias que regressei da minha última excursão a serviço da Casa de Saúde «Allan Kardec» e de «A Nova Era», de Franca, e de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Nesta excursão visitei todas as localidades servidas pela estrada da Alta Paulista, começando de Tupan até Baurú. Em todas as localidades realizei palestras, notando que o número de espíritas aumentou consideravelmente com o ingresso de novos adeptos na doutrina.

Reiniciando a minha excursão, visitarei S. Carlos, toda a linha Araraquara e algumas cidades da Douradense.

Aos presados confrades que me dispensaram boa acolhida, os meus sinceros agradecimentos.

Sanatório «Jesus»

Como é do conhecimento geral, brevemente a cidade de Cruzeiro — Estado de São Paulo, será dotada de mais uma casa de caridade, denominada «Sanatório Jesus», especialmente para o tratamento de doentes mentais.

Por certo, irá preencher suas finalidades, pois, conta com elementos compenetrados da doutrina de Kardec, animados da maior bôa vontade e confiantes em Jesus.

Ressuscitar mortos — conforme está nos Evangelhos, eis uma das missões dos discípulos de Jesus.

E o obsediado é um verdadeiro morto, porque não pensa e nem age por si, desconhecendo seus próprios parentes e praticando todos os atos contrários ao seu estado normal.

O «Sanatório Jesus», mercê de Deus, irá restituir a razão a muitos «mortos» que por aí andam, vítimas da obsessão, isto é, dominados por espíritos malévolos, atrasados, vingativos e ignorantes.

Seus diretores projetam para janeiro próximo, a abertura dos alicerces dessa tão útil, quão preciosa obra, a qual irá abrigar os enfêrmos, sem distinção de credo, raça ou côr.

Como se vê, é uma obra genuinamente caridosa, digna do auxílio de todos os que sentem e procuram seguir os ensinamentos de Jesus, maximé os que se dizem cristãos.

Que Deus — em sua infinita misericórdia, permita, o mais breve possível, a construção do Sanatório «Jesus».

Rocaza Toné.

Cruzeiro, 12 de Setembro de 1944.

Á Mocidade Espírita

A «União da Mocidade Espírita de São Paulo» comunica aos seus associados e à mocidade espírita da Capital que, a partir do corrente mês, fará realizar suas reuniões semanais litero-artistico-doutrinárias aos sábados, no salão Bezerra de Menezes, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à rua Maria Paula, n. 158 (avenida de Irradiação), e de «Estudos doutrinários» às terças-feiras, em sua séde social à rua São Bento n. 405, 6.º andar, sala 633, Edifício das Americas (ex-Martineli).

A «U. M. E. S. P.», desejando manter intercâmbio doutrinário com suas congêneres do interior e de outros Estados, solicita-lhes que remetam para a sua séde social seus endereços.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 40,00	Do 4.º ano Cr.$ 40,00	Do 5.º ano Cr.$ 40,00
Do 6.º ano . . 40,00	Do 7.º ano . . 40,00	Do 8.º ano . . 40,00
Do 10.º ano . . 40,00	Do 11.º ano . . 50,00	Do 12.º ano . . 50,00
Do 13.º ano . . 50,00	Do 14.º ano . . 50,00	Do 15.º ano . . 50,00
Do 16.º ano . . 50,00	Do 17.º ano . . 50,00	Do 18.º ano . . 50,00

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

PE

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac2011unse_0

No. 12 [illegible]

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1944—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

25 de Dezembro	*Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . .	*Prof. Ernesto Bozzano*
O Sofrimento dos Animais	*J. B. Chagas*
Do Perispírito — Algumas Sugestões para Interpretação de Certos Fenômenos Misteriosos do Organismo Humano	*Dr. T. Novelino*
Desespero sem Causa	*Prof. Leopoldo Machado*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Glória Mundi	*Prof. Adauto de O. Serra*
Caminhar para a frente	*J. O. C.*
Ilusionismo e Espiritismo	*Coronel Faure da Rosa*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

PAUL BODIER

Como Desenvolver a Mediunidade

(CONSELHOS AOS MÉDIUNS)

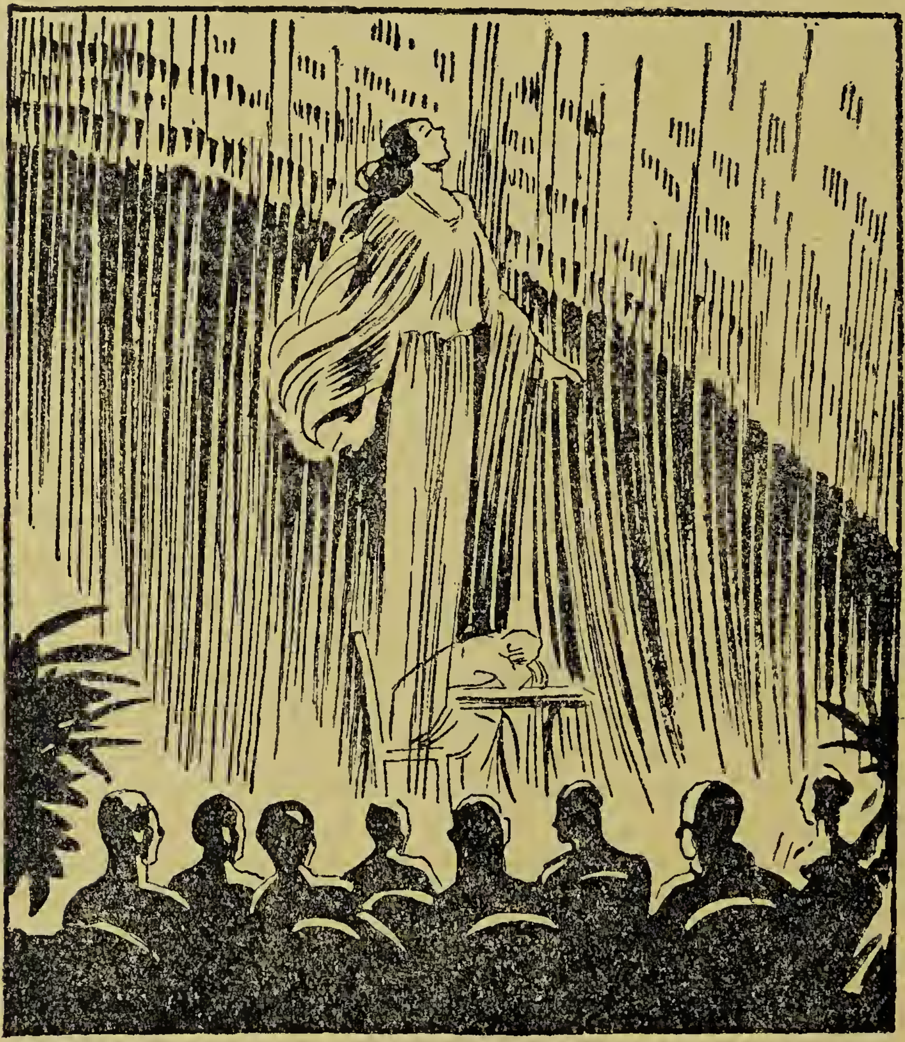

Tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck

Empreza Editora «O CLARIM»
Matão — Estado de S. Paulo
1944

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: em brochura, Cr. $ 5,00; encadernado, Cr. $ 7,00, e mais 80 centavos para o porte e registro.

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1944 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

25 de Dezembro

O templo da grande deusa Diana, com os seus deuses de ouro e prata feitos por mãos humanas, dos quais os artífices tiravam lucros fabulosos, havia se constituido em religião da turba ignara e fanática. Imperava o «bezerro de ouro», símbolo de uma humanidade essencialmente materialista. Os escribas, fariseus e saduceus, que «coavam um mosquito e enguliam um camelo», que «dizimavam a hortelã, o endro e o cominho, mas negligenciavam os preceitos mais importantes da lei», haviam transformado os templos de oração num autêntico mercado.

Os dois principais mandamentos do Decálogo — «amar a Deus sôbre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo» eram calcados aos pés dos mercenários da religião. Entretanto, a «Pena de Talião» : — «ôlho por ôlho, dente por dente» e o apedrejamento em praça pública, era a ordem do dia.

Foi nessa ocasião, ha quasi XX séculos, que o Messias, num gesto que revela o mais profundo amor, deixou a sua morada celestial para, num supremo sacrifício, encarnar-se nêste mundo, que, no Universo, não representa mais que um grão de areia nas profundezas de imenso oceano. E fê-lo nascendo numa mangedoura, símbolo da humildade, ministrando assim a primeira lição que, na sua mudez, fala muito mais alto do que os milhões de discursos proferidos pelos homens, sôbre a humildade, os quais, na prática, fazem justamente o contrário: cultivam o orgulho, fonte dos grandes males que infelicitam a humanidade.

Sua doutrina, fundada no amor e na vida eterna, se de um lado alegrou e confortou corações humildes, de outro despertou a inveja, o ciume entre os poderosos, que viam nela a queda do seu domínio sôbre as massas fanáticas e dos lucros indevidamente auferidos à custa da religião. Daí a perseguição que moveram contra o Meigo Rabi da Galiléia, a qual só terminou quando êle exalou o último suspiro nos braços de uma cruz.

Mas as sementes de sua doutrina não deixaram de medrar nos cérebros e corações de muitos daquela época. Já se fizeram árvores frondosas, árvores que estenderão seus ramos à medida que o tempo avançar, proporcionando sombra, repouso, frutos sazonados e seiva ao viajor cansado de longas e árduas jornadas.

Seus ensinos, suas parábolas e seus feitos vão ganhando terreno, já estão sendo esmiuçados em sua essência, que se traduz no espírito que vivifica. Os quadros de sua vida e do seu imenso trabalho de traçar diretrizes certas à humanidade, já se desenham nitidamente em nossas almas: vemo-lo realizar curas de enfermidades que desafiavam e continuam a desafiar a pretenciosa medicina oficial como testemunho de que Êle é, efetivamente, o Enviado de Deus; vemo-lo expelir espíritos atrasados, espíritos daqueles que passaram por êste mundo, provando assim que a vida prossegue após a chamada morte; vemo-lo ressuscitar Lazaro, o que nos demonstra que temos alma e que esta é imortal; vemo-lo no Monte Tabor com os espíritos de Elias e Moisés reafirmando a imortalidade da alma; vemo-lo com Nicodemos, ensinando que ninguém entrará no reino de Deus se não nascer de novo, prègando assim a reincarnação como meio de sermos perfeitos «como perfeito é o Pai celestial»; vemo-lo ante os que apedrejavam a adúltera, que lhe perguntaram se deviam ou não apedrejá-la conforme a lei de Moisés, armando-lhe assim uma cilada, ao que êle respondeu: «aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra», ensinando desta forma que não devemos condenar os nossos semelhantes, mas perdoar-lhes os êrros; vemo-lo descrever a Parábola do Bom Samaritano em que nos dá a compreender a lei do amor fraterno e a verdadeira missão dos que prègam a religião; vemo-lo, enfim, ressuscitar ao terceiro dia, confirmando assim todos os seus ensinos, seus feitos e a imortalidade da alma, um dos pontos básicos da sua excelsa missão.

Rejubilamo-nos ao ver que a sua doutrina marcha cada vez mais célere. Jesus continua a ser, entre os grandes reformadores, o *primus inter pares*, o exemplo vivo, enfim, como Êle próprio afirmou — «o caminho, a verdade e a vida».

Reinos, impérios, metrópoles, sábios, filósofos, religiões, tudo tem passado e vai passando, ao passo que a sua doutrina, agora revivificada pelo Espiritismo, que é o Paracleto da sua promessa, brilha cada vez mais, impondo-se, não pela fôrça bruta que géra o ódio e o infortúnio, mas pelo consôlo que a todos proporciona, pela fé imarcescível que ergue em todas as almas, pela esperança que infunde com a promessa de um mundo vindouro, baseado na paz, no amor e na verdadeira felicidade.

No próximo dia 25 a cristandade comemorará o seu natalício, rendendo-lhe justa homenagem, de acôrdo com a tradição. Nós o fazemos em espírito vivificante, relembrando a sua vida com a solene promessa de seguir os seus preceitos, para nos tornarmos dignos do seu reino.

Salve, 25 de Dezembro!

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

3.ª CATEGORIA

Caso XIV — Charles Quartier, redator da *Revue Metapsychique*, relata o seguinte facto a êle mesmo ocorrido:

> «Em Setembro de 1918, estando eu enfraquecido pela chamada gripe espanhola, e o organismo completamente debilitado pela longa alimentação insuficiente consecutiva à guerra, acontecia-me frequentemente desmaiar durante minha convalescença, isto de modo inesperado. Ora, certa tarde, estava eu deitado num canapé, colocado num canto do meu quarto, e eu repousava. Durante êsse tempo, minha mãe conversava, no vestíbulo, com alguns visitantes que acabavam de chegar, quando, de súbito, vi-me, a mim mesmo, como se houvesse caido do canapé, a cabeça e busto no chão, mas as pernas ainda sobre o móvel.

Experimentei então três espécies de sentimentos, sem poder precisar se isso foi simultânea ou sucessivamente.

Um sentimento agradabilissimo e quasi impossivel de descrever, de expansão, de plenitude, de universalidade, de extrema agilidade, em uma palavra, de uma inverossimileuforia, tal como, depois, jamais á ressenti no mesmo grau.

Depois, também, um sentimento de terror desarrazoado, quasi de pânico, que nascia do insólito espetáculo e da conciência de me encontrar diante de um facto normalmente impossível : ver-se a si mesmo fóra do intérprete de um espêlho. Ora, nesse aposento, não havia a sombra dum espêlho.

Enfim, a idéa ou sentimento que se eu permanecesse de cabeça no soalho, isso poderia ser perigoso, e preciso era, a todo preço, levantar-me, o que procurei executar — pelo menos foi essa a minha impressão — sempre do exterior, por assim dizer, como se se tratasse de erguer o corpo de um estranho para recolocá-lo em seu lugar, naturalmente sem resultado algum.

Depois pareceu-me estar no vestíbulo, ancioso por atrair a atenção de minha mãe que falava com seus visitantes, e que de-repente exclamou : «Esperai-me um instante. Preciso ver o que acontece a meu filho. Parece-me que êle me chamou.» — Depois, minha memória nada mais conservou, até o momento em que despertei normalmente sôbre o canapé, com minha mãe a meu lado, a me prodigalizar cuidados apressados, os habituais em caso de síncope.

Eis o breve relato de meu aparente desdobramento, tal qual dele me lembro na hora atual. Infelizmente, os factos não foram registrados por escrito no mesmo momento de sua ocorrência, — o que sempre se deveria fazer, mas nisso não se pensa... Uma cousa é certa : vi-me a mim mesmo — numa posição seguramente perigosa, — ou ao menos era essa a minha ilusão absoluta... E o que também choca, é êsse sentimento de euforia absoluta e inefável que carateriza êsse estado, e o facto que, quando me pareceu encontrar-me no vestíbulo para chamar a atenção de minha mãe, esta experimentou um sentimento de inquietação (acreditando-se mesmo que eu a chamara), o que a impeliu a vir junto a mim, ainda que convicta de estar eu a repousar tranquilamente no canapé.»

Solicitada a dizer sôbre este facto, a mãe de Charles Quartier respondeu isto :

«... se me lembro dessa ocorrência ? Sim, segundo a expressão familiar, como se fosse de ontem ! Foi muito impressionante !

Meu filho sofrera de terrivel gripe que quasi o vitimou. Ele entrava em convalescença, e ousava levantar-se por curtos instantes para recuperar fôrças.

Certa tarde e quando repousava sôbre o canapé, depois de dar alguns passos pelo quarto, saí para receber visitas : uma senhora e dois filhos. Haviamos apenas trocado algumas palavras, quando exclamei : «Desculpai-me, creio que meu filho me chama».

«Mas nós nada ouvimos». — Sim, sim, estou certa disso.

Voltei ao quarto e encontrei desmaiado o meu convalescente, caído do canapé, somente os pés ainda repousavam sôbre o móvel.

Logo depois de ter recuperado conciência — o que levou muito tempo — êle me fez o relato de seu «desdobramento», relato que me impressionou o mais possível, como bem se pode imaginar, e, depois disso, muitas vezes falámos dêsse singular acontecimento.

Meu filho era muito pesado, meus «visitantes» vieram ajudar a levantá-lo para o repôr sôbre o canapé. Não se esquece semelhante facto». (Assinatura : E. Quartier — Tissot — 12 de Maio de 1930).

Da exposição dêste facto, pode-se concluir que êle se desenrolou em tempo assás longo.

Por outra parte observo que o caso em aprêço contem o episódio do protagonista, o qual teve a impressão de ter-se dirigido ao vestíbulo com o propósito de advertir sua mãe para que ela fôsse socorrê-lo, ao mesmo tempo que a mãe simultâneamente experimentava um fenômeno de alucinação telepática auditiva : parecia-lhe ouvir a voz de seu filho a chamá-la. Incidente supranormal verídico que teve por efeito arrancar o enfêrmo, a tempo, de sua posição perigosa.

Importante e sugestiva, essa sensação deliciosa de euforia, de expansão do sêr, de plenitude de vida, de universalidade de conciência combinada com a conciência individual, tal como foi experimentada pelo enfêrmo, e tal qual a ressentem em grande número as pessoas nos casos de desdobramento; da mesma maneira também os místicos em êxtase, ou também as pessoas normais em momentos excepcionais de sua existência. E a todos se aplica a descrição dêsse sentimento extraordinário tal qual algumas vezes se revelou à conciência elevada do grande poeta inglês Alfred Tennyson. Êle escreve:

> «Jamais tive experiências de revelação pelo efeito de anestésicos, mas frequentemente experimentei uma sorte de «trance» (eu não poderia encontrar um termo melhor) desde minha infância, e nos momentos em que me encontrava só. A experiência se realizava com facilidade quando mentalmente eu repetia meu nome com monótona insistência. Nêste caso acontecia-me — como se a intensa conciência de minha individualidade provocasse o fenômeno — entrar em um estado ou individualidade que parecia dissolver-se e se transformar em uma condição supranormal, condição que não era de modo algum confusa, porém clara entre as mais claras, certa entre as mais certas, ainda que literalmente inexplicável por palavras, e na qual a morte se tornava uma impossibilidade ridícula. A perda da personalidade (se o pudermos dizer), longe de significar *extinção*, revelava-se a mim como a única e verdadeira vida. Aflige-me a insuficiência de minhas expressões, mas já não havia eu dito que tal estado era inexplicável na linguagem humana?»

(Continua)

O Sofrimento dos Animais

J. B. Chagas

SENDO o Espiritismo a doutrina que, na personificação do Consolador, o Cristo prometeu mandar, ao seu tempo, à terra, para nos explicar todas as coisas, não poderia silenciar sôbre o portentoso assunto do sofrimento dos animais, êsses prestimosos auxiliares do homem no seu jornadear terreno.

Ainda hoje, êsses nossos irmãos inferiores, como no dizer de Francisco de Assis, por isso que levantava o pé, cautelosamente, para não esmagar uma minúscula formiga, ao caminhar pelas estradas; ainda hoje, repetimos, o papel que desempenham ao lado do homem, não foi ainda devidamente compreendido.

Por uns são considerados sêres à parte na Creação, destituidos de qualquer utilidade; outros, repugnam o parentêsco animal, na falsa suposição de que só os homens são os sêres privilegiados por Deus à face do planeta. Outros, ainda, negam até que os mesmos possuam almas, e não passariam de autómatos, reagindo mecânicamente ás excitações do meio exterior ou interior, tal como ña hipótese de Descartes, hipótese mais que insustentável, porque, está científicamente provado que os animais, como sêres carnais, nada possuem que os possa distinguir ou diferenciar dos sêres chamados humanos.

A Anatomia e a Fisiologia já demonstraram experimentalmente a identidade de composição e de funcionamento vital dos tecidos, animais e humanos, que poderiamos repetir hoje com *Le Dantec*, quando afirmou que a «substância cão», pode viver na «substância homem».

Analisada a hipótese pelo lado puramente espiritual, tudo prova, também, não existir entre a alma do homem e a dos animais, mais que uma diferença de gráus, tanto do ponto de vista moral, como do intelectual, considerados, é certo, até um determinado limite.

«Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas — diz sabiamente *Allan Kardec* — o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se e elabora-se, passando pelos diversos gráus da animalidade; é nesses gráus que a alma se ensaia na vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; é, por assim dizer, o tempo de incubação. Chegada ao gráu de desenvolvimento que comporta êsse estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim a filiação espiritual do animal ao homem, como existe filiação corporal». *(A GÊNESE,* Cap. XI, n.º 23).

Manifestando-se, de início, rudimentarmente, estas faculdades vão, no entanto, nos últimos estádios da vida, aperfeiçoando-se, paulatinamente, fazendo ao mesmo tempo que subam na escala todos os sêres.

Os sêres chegados a êste ponto, nessa longa trajetória, desenvolvem as faculdades latentes e as manifestam de modo idêntico ao nosso, o que é mais evidente, á proporção que mais se aproximam da humanidade, ou seja do período de humanização.

Por isso, diz *Kardec*, muito proficientemente, que, quando um Espírito enceta a vida espiritual e começa a fazer uso das suas faculdades, de início rudimentares, reveste um invólucro apropriado ao seu estado de infância intelectual. Caso típico dos selvagens.

O corpo é, portanto — conclue o Codificador — apenas um envoltório destinado a receber o Espírito; desde então, pouco importa a sua origem e os materiais de que é constituido. *(A GÊNESE* — Cap. XI, ns. 12 e 14).

* * *

O orgulho do homem, porém, pretendeu levantar entre êle e o animal uma barreira que na realidade não existe. Sabemos todos que a inteligência do animal é menos desenvolvida, não só pelos motivos que acima vimos de expôr, como tambem porque as suas necessidades á face do planeta são menores. Seus orgãos são menos completos, porque o círculo de suas atividades é também mais limitado; e nada mais.

Já agora, sabe-se que os animais possuem, não apenas a inteligência, mas, também instinto e sensibilidade. E como é certo que todo efeito inteligente tem, consequentemente, uma causa inteligente, e sabendo-se mais que a grandeza do efeito é diretamente proporcional á potência da causa, chegamos a concluir que a alma do animal é da mesma natureza que a humana, apresentando diferença apenas no desenvolvimento gradativo atingido, daí dizer *Erasto* — «não ter ela, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sôpro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra, que anima o sêr essencialmente perfectível — o homem, o rei da Creação». E prosseguindo aquele Espírito interroga: «Não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitue a superioridade da espécie humana sôbre as outras espécies terrestres? Reconhecei, então — conclue *Erasto* — que não se póde assimilar ao homem, que só êle é perfectivel em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na terra.» *(L. DOS MÉDIUNS* — N.º 236.)

Preciso é, no entanto, reconhecer essa inaptidão, apenas, quanto ao presente, como sabiamente afirmou Erasto.

Na maioria dos animais, como é sabido, domina geralmente o instinto, contudo obram, ás vezes, com acentuada vontade ou discernimento, denunciando inteligência, embora limitada. Nada, porém, cream, nem melhora alguma realizam por si mesmos, quanto á qualidade do espírito. O progresso que algumas vezes realizam pela ação do homem, é passageiro e puramente individual. Quando esta cessa, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a natureza. E' que os animais vivem vida material e não vida moral.

Diverso do destino dos homens é, pois, o destino dos animais, isso porque ha no homem mais alguma coisa, além das necessidades físicas: ha a necessidade de progredir. *(L. DOS ESPÍRITOS* — Ns. 773 e 774.)

Na natureza tudo é transição, embora não tenha ela, na opinião de *Vulpian*, traçado uma linha bem nítida de demarcação, e uma coisa não se assemelhe a outra, no entanto, tôdas se prendem umas ás outras. (Ob. cit. n. 589).

Por isso, uns querem que o homem seja um animal; outros, que o animal seja um homem. Todos, contudo, erram. O homem é um sêr áparte, que desce muito baixo, ás vezes, mas que pode também elevar-se muito alto. (Ob. cit. n. 592).

Seu corpo se destróe, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só êle pode compreender, porque só êle é inteiramente livre.

Portanto, só o homem vive a vida moral; só o homem tem conciência real da sua existência, daí a sua maior responsabilidade, à face do plano terreal.

A vida moral, portanto, é que crêa a responsabilidade e dá ao homem o senso da personalidade, não atingindo os sêres irracionais.

As próprias leis penais, não olvidam esta regra, daí culminarem, quando julgam os homens, a pena na razão direta do dano e da responsabilidade do agente operante. Por isso, os imbecís, os loucos, os ébrios e os menores, são considerados irresponsáveis perante a lei, porque as ações danosas que praticam, revestem o caráter da irresponsabilidade.

Em resumo, e através do que ficou dito, chegamos a compreender que os animais não são simples máquinas, e que a liberdade de ação que desfrutam, é limitada pelas suas necessidade, não podendo, de modo algum, ser comparada à do homem. Mesmo assim, essa liberdade em todos os atos da vida material é, todavia, restrita.

⁂

Assim, a dôr e o sofrimento, como elementos de depuração e reparação, não atingem os animais, uma vez que a êstes falta o senso moral e discernimento próprios; nada fazem premeditada ou melhor, intencionalmente, e é isso que torna, aliás, o homem duplamente culpado pelas faltas que comete. Êle tem o senso moral da responsabilidade e póde prevêr as consequências dos atos que pratica. Age, portanto, concientemente. Esta caraterística é que dá ao homem a conciência de si mesmo. De idênticas faculdades não dispõem os animais. E' ela que distingue o homem, constituindo o principal atributo do Espírito, e o diferencia dos outros animais...

Por esta razão as dôres e os sofrimentos dos animais são considerados puramente acidentais.

⁂

Os animais, e os homens quasi selvagens, nos dão uma idéia dos sêres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amôr, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal. Sem saberem amar aos irracionais e aos irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados na Terra exterminam os primeiros para a sua alimentação e escravizam os segundos para objeto de exploração grosseira. *(O CONSOLADOR* — pag. 77.)

Assim, em face do enunciado, chegamos a compreender que o progresso dos animais está condicionado ao progresso dos homens.

Nos mundos superiores, no entanto, os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. Contudo, serão sempre inferiores ao homem, aos quais se acham submetidos, por isso não progridem pelo esfôrço da própria vontade, não estando, por essa mesma razão, sujeitos á expiação. *(L. DOS ESPÍRITOS* — n. 602.)

Mas, se nêsse esforço de trabalho e dedicação, por vezes sofrem, é porque obedecem a um designio do Creador, que ao homem não é dado penetrar, nem muito menos compreender.

Já que sabemos que nenhuma dôr é inutil e que Deus não castiga, porque é misericordioso e bom, chegamos a compreender que ha uma razão determinando essas aparentes anomalias.

Pelos esclarecimentos emanados dos Espíritos superiores chegamos também a compreender, que só nós outros, espíritos encarnados, estamos submetidos á inevitavel lei do progresso, que nos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao nosso lado como auxiliares, para nos alimentarem, para nos vestirem. Deu-lhes uma certa dóse de inteligência, porque, para nos ajudarem, precisavam compreender, porém, lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. *(L. DOS MÉDIUNS,* N.° 236.) Do seu sacrificio, dos seus sofrimentos e das suas dôres, resultará o seu próprio progresso.

E' bem verdade que a ingestão das vísceras dos animais é um êrro de enorme consequências, do qual derivam numerosos vícios da nutrição humana. E' de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem animal, sem a necessidade absoluta dos matadouros ou frigoríficos. *(O CONSOLADOR*, pag. 72.)

Os sofrimentos dos homens, sabem todos, têm relação de causa e efeito com o seu passado. Muitos dêsses sofrimentos são originados no presente, mas comumente vêm do pretérito, como um patrimônio tenebroso do Espírito, e que estão agora a pedir reparação, para o restabelecimento do equilíbrio alterado pela sua maldade ou inconciência, daí a necessidade das provas e das expiações.

Com os animais, todavia, as coisas se passam de modo bem diferente, uma vez que não estão sujeitos nem a provas, nem a expiações. Sofrendo dôres e passando privações, no seu grande amor e dedicação aos homens, dôres e privações que não resultam de causas anteriores, pagam um caro tributo ao seu próprio progresso.

Considerando, por fim, que êles possuem igualmente diante do tempo e do espaço um porvir de fecundas realizações, através de experiências numerosas, chegarão, um dia, ao chamado reino hominal, como, por nossa vez alcançaremos, no escoar dos milênios, a situação de angelitude! A escala do progresso é infinita! (O CONSOLADOR — pag. 51).

E tudo isso prova a imensurável grandeza de Deus!

Nova Iguassú, 1944.

Do Perispírito — Algumas Sugestões para Interpretação de Certos Fenômenos Misteriosos do Organismo Humano

E' interessante constatar, à luz da ciência, de como o elemento masculino fecunda o óvulo, transformando-o em ovo, sua evolução progressiva formando o embrião e êste em féto. Estudos cuidadosos feitos em animais e mesmo no homem têm permitido constatar que do ovo ao féto, cada série animal recapitula, em suas fases, todas as séries precedentes, o que levou um certo sábio a formular a lei de que «a embriogênese é uma recapitulação da filogênese».

Que engenho maravilhoso e misterioso póde presidir a êste plano sabiamente traçado, todas estas etapas rigorosamente organizadas e superpostas, atestando sabedoria manifesta, até o acabamento da obra, o féto, a criança recem-nascida?!

Ainda mais, quem delibera e destribue, partindo de uns tantos limitados corpos orgânicos, para aquí formar um vaso sanguíneo, os globulos do sangue e seu plasma, alí um tecido epitelial, com suas caraterísticas variáveis, o tecido conjuntivo, o cartilaginoso, o diferenciado tecido ósseo, além o delicado e complicado sistema nervoso?! Uma direção inteligente se impõe com tal evidência, que Claud Bernard se viu forçado a admitir uma «fôrça diretriz». Gabriel Delane, em sua obra preciosa «A Evolução Anímica», aventa a teoria do perispírito, o qual traz registrado em si todas as reminiscências das espécies passadas, através dos avataras, reproduzindo, de maneira progressiva e rápida, conforme o estado vibratório adquirido, todas as fases nêle gravadas. Aquí a interpretação mostra-se transparente e sedutora. Depois vem a vida nas suas diferentes fases, a infância, a puericia, a adolescência, madureza, velhice e morte, regulada por uma fôrça que se convencionou chamar a fôrça vital, mas, ainda presidida e dirigida pelo perispírito. E os misteriosos fenômenos orgânicos que a ciência constata, mas não explica, o alimento que sofre a ação dos sucos digestivos, sua fermentação, sua digestão, atravessando a parede intestinal, na misteriosa absorção, onde passa por mudança que o transforma em substância assimilável, entrando na circulação do sangue, para ser distribuido ao organismo todo, um sangue igual, que vai formar células diferentes, tecidos os mais diversos, numa descriminação perfeita e sabiamente organizada ? !

Quem ensinou e deu esta ordem ao sangue que no fígado forme a célula hepática, na tíbia o tecido ósseo e no cérebro deixe princípios fosfáticos, lecitina e protoplasma da célula cerebrál ? ! Mais uma vez a existência do perispírito se impõe.

O problema é interessantíssimo e bons esclarecimentos encontraríamos com o conhecimento do perispírito, para explicação dos fenômenos orgânicos, formação e destribuição de hormônios, delicadas funções viscerais, principalmente o maravilhoso funcionamento do sistema nervoso, etc.

E por falar em sistema nervoso, o cérebro parece ser o orgão de ação direta do perispírito, daí se irradiando através da medula e dos nervos a todo organismo, presidindo o complicado e harmonioso funcionamento orgânico. De passagem podemos lembrar que, se as moléstias são em última análise desorganização na extrutura e funcionamento dos orgãos, que papel não deve representar aí o perispírito ! Já não falando nas doenças sem um substrato orgânico, em que o papel do perispírito se mostra bem mais visível. As experiências espíritas demonstram ter o perispírito a exata forma do corpo físico, ou por melhor dizer, êste tem a forma daquele, encaixando em todo o corpo e interpenetrando em todas células, num perfeito embebimento, que dizemos na falta de melhor linguagem. Do cérebro, estação irradiadora, manda pelos nervos, linhas de transmissão de fôrça, toda a energia (fluído nervoso, magnético, vital) que mantém e preside as funções orgânicas. Sendo o perispírito fluídico, imponderável, não é acessivel aos traumatismos orgânicos. E' lícito perguntar, por exemplo, como se portaria o perispírito na amputação de um membro, já que êle não é acessivel ao traumatismo. E' facto notório que muitos mutilados sentem como se ainda tivessem presente a parte que foi eliminada num traumatismo. Têm a impressão que o membro, braço ou perna eliminados, ali se acham presentes. A ciência médica não tem dado do fenômeno uma explicação satisfatória. E' que o perispírito, séde da sensibilidade, ali permanece, conferindo a sensação ao paciente, até que se vai retraindo paulatinamente. Esta explicação já defendeu Bozzano, em artigo muito bem feito e documentado. O que queremos chamar a atenção, porque se prende diretamente ao assunto, é para os casos chamados de paralisia. Paralisias com substratum orgânico, como nos casos de derramamento cerebral e paralisias funcionais, como nos indivíduos chamados histéricos. Num e noutro casos, deixando de haver a interdependência do perispírito e parte somática afetada, há como que um retraimento do perispírito e respectivo bloqueio da zona comprometida. Uma verdadeira dissociação. A interpretação é curiosa e faltava uma demonstração.

Um paciente da vizinha cidade de Itirapuan nos procurou, certa vez, devido a uma paresia (meia paralisia) do braço direito. Contou-nos que fôra vítima, há dois anos, de um acometimento que o médico que o socorreu taxou como — hemorragia cerebral. Procurou-nos, sabedor das nossas idéias espíritas, porque, a uma certa altura de sua paralisia, começou a distinguir pela vista que seu braço paralítico se mostrava duplo, sendo que o que não era de carne e osso era justamente o que movia por solicitação de sua vontade, ficando o outro imóvel.

Êste facto singular projeta um jacto de luz no que afirmamos acima. Havendo, como dissemos, verdadeira dissociação entre o membro lesado e o perispírito, êste somente atendeu ao comando do paciente, entrando em movimento e sendo percebido por sua visão astral. Por estas poucas conjeturas vê-se o quanto a Medicina lucraria se abordasse com interêsse o estudo do Espiritismo. Fica provado mais uma vez o quanto o campo de ação do Espiritismo é vastíssimo e como, de facto, êle invade todos os conhecimentos humanos.

T. NOVELINO.

Franca, 19/11/944.

Desespero sem Causa

CRÔNICA DE
Leopoldo Machado

UM coração extremoso de mãe escreveu ao diretor da *Hora Espírita Radiofônica*, pedindo palavras de confôrto para seu espírito atribulado pela saudade do filho que perdeu. E preces para o Espírito desencarnado.

Se preces de pecador podem beneficiar alguém, se expressões sinceras de quem sabe que a morte não existe podem calar fundo na conciência de quem sofre, atendido plenamente o coração de mãe que nos escreve!

No cumprimento do dever de atendê-lo, que o coração em desesperos, bem como outros tantos corações como o seu, que nos escutam ou lêem, possam meditar em torno das considerações abaixo:

Seja-nos lícito dizer, de início, que nenhuma prece em benefício de alguém póde, naturalmente, ascender mais célere para Deus, pelo sentimento e a sinceridade com que deve ser proferida, como a que, gerada no coração materno, dêle se evole em intenção do filho morto, pelo sofrimento do filho enfêrmo ou infeliz!

Achamos justissima, de nossa parte, a saudade sentida pelos mortos queridos, as lágrimas que a dôr de sua ausência provoque. Não se justificam, porém, desesperos blasfematórios, aniquilantes, que impliquem descrença nos designios da Providência, que arrastem a desejos criminosos de morrer, ao suicidio.

Chorar pessoas queridas ausentes ou mortas é profundamente humano. E, ainda mais profundamente de corações maternos! Pensar e dizer porém, — *«perdi meu filho»* — a respeito do filho morto, é, da parte de espiritualistas, absurdo sem nome! Se o é, tratando-se de materialistas, visto como para o materialismo científico, «nada se perde e nada se creia dentro da Natureza. Tudo se transforma»! Sabem os espiritualistas—sabem-no ou devem saber!—que «nada se perde no Reino do Pai», como afirmara o Cristo! Assim, nenhuma razão lógica para lamentações sem senso e desesperos incontidos, pela morte dos entes queridos que, ao envez de estarem perdidos, estão — isto sim: achados! Achadissimos, mormente se foram bons, virtuosos como o para que se nos pede, de quem enviou a fotografia.

Ilustremos estas razões sincerissimas com uma comparação ligeira, que tomamos ao *Talmud* de emprestimo, para que reflitam sôbre ela o coração que apela para o nosso, os corações maternos que, em idênticas circunstâncias, choram, desesperados, os filhos mortos.

Um grande senhor dera a servos de confiança joias de subido valor, pérolas inestimaveis para as guardarem, sem avisá-los do dia e hora certos de rehavê-los. Mas, chegados a hora e o dia de tanto, o grande senhor exigiu que os servos lhas entregassem. Poderiam, acaso, os depositários dos valores do Grande Senhor negar-lhos? E com que direito o fariam, se eram apenas depositários delas? Negar-lhos, seria um contrasenso, um crime passível de punição em nome da justiça.

Tu, desesperado coração de mãe, que para nós apelas, e vós, corações de mães que blasfemais contra Deus, por vos arrebatar os filhos, estais todas no lugar dos sêrvos que não quiseram entregar ao Grande Senhor —, que é Deus — as pérolas, as joias que vos foram confiados, os vossos filhos! Crede que antes deles vos pertencerem, já pertenciam a Deus, que os fez, de cujo poder sairam! Antes de serem vossos filhos, eram já filhos de Deus. Fostes vós que os fizestes? Não, que a tanto não ascende o poder e a sabedoria humana! Somos pais quando o queremos? Se assim fôsse, quem isto escreve, ao em vez de andar a lidar, como educador, dos filhos alheios, estaria a lidar com os próprios filhos! Assim, os filhos são, apenas legados que Deus nos confiou, são perolas ou joias de altissimo valor, que o Grande Senhor de tudo quanto existe confia à guarda de criaturas de Sua confiança, até o dia e a hora que desejar e quiser rehavê-las! Nada de passá-las, a falsos pretextos, ás mãos de outrem! E menos ainda de chorar, em desesperos blasfematórios, sua morte, que a sua restituição a seu verdadeiro dono, que é Deus. Não nos pertencemos, porque somos de Deus. Se nem perante as leis humanas os filhos são mais propriedade dos pais — que já não têm direito de vida e morte sôbre êles; que já nem podem espancá-los à vontade, que lho não permitiriam as leis modernas. Se os filhos não são propriedade dos pais perante as leis dos homens, quanto mais perante as leis de Deus!

Lisonjeiados vos deveis sentir, por Deus vos armar em depositários de joias e perolas, que são os vossos filhos! Esta confiança, quem isto aquí põe, não inspirou a Deus que lhe não quís confiar tais perolas e joiais! Portanto, somos bem mais infelizes do que vós.

Meditai, pais extremosos que nos ouvís ou lêdes, no que aí fica, meditando, paralelamente, na vossa atitude de desesperos e, depois, resolvei por vós mesmos!

Paz, Luz e Fé.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

A Srta. L. era uma jovem que estava noiva de um viúvo que ocupara antes, com a sua esposa, um apartamento no mesmo edifício em que ela vivia, tendo sido as moças amigas íntimas.

A esposa, porém, faleceu subitamente e, algum tempo depois de sua morte, o viúvo ficou noivo da amiga dela. Logo após isso, começou a moça a sofrer disturbios mentais que foram sempre aumentando.

Em seu estado normal, gostava muito do noivo, porém, quando nos foi trazida, se achava possuída de violenta aversão pelo mesmo e dizia que preferia morrer ou ir para um asilo de loucos do que se casar com êle. Fez várias tentativas para acabar com a vida, porém, em cada vez, parecia voltar a si no último instante e clamava por socorro.

Na ocasião em que a paciente se internava no Instituto, a Sra. Wickland viu, clarividentemente, o espírito de uma mulher morena, que estava obsedando a enfêrma, a qual era loura. O espírito estava de tal forma apegado à paciente que era difícil à Sra. Wickland saber quando era uma ou outra. Quando ela descreveu o espírito obsessor, a mãe e o noivo da enfêrma viram que se tratava da morta.

A enfêrma mostrava-se obstinada, com acessos de choro misturados com modos violentos e não podia ser deixada a sós, em qualquer tempo. Dizia-se louca e zombava quando se dizia que ia ficar boa, insistindo em que queria morrer porque se vivesse teria que casar com «aquêle homem».

Certo dia, durante um tratamento, entrou em estado de trance parcial e o espírito falou em linguagem violenta: «Êle nunca se casará com ela. Êle jamais a terá. Po-la-ei num hospício ou acabarei com ela, pois êle nunca a possuirá».

Em seguida, falou o espírito de uma creança, como se defendendo a mãe. A irmã da enfêrma, que estava presente, reconheceu nessa última inteligência o filho da morta, falecido aos 13 anos.

O desfecho se deu poucos dias depois. A enfêrma se havia mostrado mais obstinada e indomável que de costume, tratando com desprezo o noivo, que fôra chamado. Após forte aplicação que lhe foi feita, dormiu a paciente sono calmo toda a noite. A Sra. Wickland, todavia, foi, durante aquela noite, grandemente molestada pela presença de um espírito que a importunou até ás 4 da manhã, quando então deu incorporação ao espírito da esposa falecida.

Após consideravel esfôrço, consegui que o espírito se resolvesse a falar, porém foi com dificuldade que compreendeu sua verdadeira situação, isto é, que era um espírito desincarnado e estava se manifestando por intermédio da Sra. Wickland. Ela censurou acremente seu ex-marido e a paciente por causa do tratamento que lhe estava sendo aplicado e ainda proferiu ameaças contra a moça. «Hei-de mandá-la para um hospício. Hei-de matá-la», exclamava ainda.

Foi preciso grande dóse de argumentação e persuasão para que levassemos o espírito ao arrependimento de suas faltas, porém finalmente chegamos a bom resultado.

Tendo lhe perguntado se seu filho se achava em sua companhia, disse que o via ás vezes, porém que tinha morrido e que não podia saber dele.

Aconselhado o espírito a deixar a moça que estava perseguindo e a ir com os bons espíritos para uma esfera mais elevada, embora arrependida, continuou no plano terreno até que finalmente resolveu-se a deixar de importunar a paciente, quando então passou, subitamente, a dizer que se sentia fraca e estava morrendo. (Tal facto se verifica quando os espíritos compreendem sua atual situação ou quando passam novamente pelas condições físicas sob as quais deixaram os seus corpos terrenos).

Calafrios e violentos ataques de tosse se seguiram à angústia do espírito e finalmente, após pseuda luta de morte, partiu. Tais sintomas foram reconhecidos pelo ex-marido e a mãe da paciente como correspondendo exatamente aos manifestados pela morta, na ocasião do seu desincarne por pneumonia.

Depois disso a enfêrma rapidamente recobrou a saúde. Breve deixou o Instituto e hoje vive bem e feliz.

—

Caso peculiar foi o do Sr. Mc, pessoa bem conhecida em Chicago e cuja família tem alta posição social.

Êsse moço começou a agir estranhamente; evitava os membros de sua família e dizia a sua esposa e parentes que queria viver num plano mais elevado e não queria nada com êles. Certo dia arrumou as malas e abandonou o lar, indo viver num quartinho que alugára na zona mais baixa da cidade.

Nunca haviamos visto tal pessoa, porém uma parente do mesmo, que sabia do nosso trabalho, nos pediu que concentrassemos em seu benefício, em nosso círculo e, isso feito, certo espírito foi trazido e incorporado na Sra. Wickland. Após certa insistência, deu seu nome completo e confessou que fora a primeira esposa do Sr. Mc, contando sua própria história.

Encontrára o Snr. Mc em Chicago, durante a Feira Mundial e, certo tempo, viveram juntos, sem a formalidade do casamento, até que os parentes dele descobriram a coisa e compeliram-no a casar-se. Ela fora aceita na sociedade, porém se revoltara às vezes contra a vida convencional, porque, sendo frívola e irriquieta, não podia viver feliz com o marido.

Finalmente o abandonára e fora para a «zona má», para uma casa de péssima reputação. Embora às vezes lastimasse sua conduta, continuara no seu modo de viver, adquirira o vício da morfina e acabara suicidando-se.

Depois de morta, voltara para o marido e, quando êle se casou de novo, ficara com raiva, induzia-o a deixar a mulher e filhos e fugir para o bairro em que ela vivera.

Mostramos-lhes o mal em que laborava, influenciando seu ex-marido daquela maneira e depois que compreendeu o progresso que a aguardava no mundo espiritual, prometeu partir e esforçar-se por atingir uma esfera mais elevada.

Na próxima vez em que encontramos a parenta do Sr. Mc., que nos pedira que concentrassemos em seu benefício, e lhe narravamos a história contada pelo espírito, esta confirmou o caso em todos os seus detalhes, dizendo que o infeliz epílogo fôra sempre guardado pela família no mais absoluto segredo. Mais tarde a mesma pessoa nos contou que o Sr. Mc. regressara ao seu lar, completamente normal e curado, e que vivia feliz com a sua segunda esposa e filhos.

O verdadeiro gozo da vida está na legítima compreensão da espiritualidade e não nas emoções biológicas.

Antenor Ramos.

Glória Mundi

Prof. Adauto de Oliveira Serra

Lançando-se um olhar retrospectivo pela história, iremos rememorando os seus maiores vultos. E todos êles, depois de uma vida dedicada e toda ela voltada ao bem coletivo, morrem estupidamente como a provar a transitoriedade efêmera dêste «vale de lágrimas». E' que a terra é um dos planetas inferiores, onde os sêres retornam em missão ou buscam retemperar o ânimo abatido, aprendendo sempre, progredindo sempre e sempre.

JESUS predisse a sua paixão e morte para que quando tal se realizasse, não se escandalizassem os apóstolos, vendo o filho diléto de Deus subjugado pelos homens, e sim que o seu reino, conforme respondera a Pilatos, não era o dêste mundo, e que nenhuma fôrça teria sôbre Si, se não fôsse permitida e emanada de seu divino Pai.

Tudo nos leva a crêr em outros mundos mais adiantados, onde teremos uma outra vida mais conpensadora e melhor do que esta usurpada pela ambição e estupidez humanas, que não poupam nem os Grandes Enviados, e onde uma falsa e corrompida justiça continua a «oprimir o bem e a exaltar o mal».

No Evangelho segundo João, XV—26 e XVI—1, encontramos a consolação nos sofrimentos, segundo as promessas de Jesus: — «Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, a saber, aquêle Espírito de Verdade, que procede do Pai, êle TESTIFICARÁ de mim. E vós também TESTIFICAREIS, pois estivestes comigo desde o princípio. Tenho-vos dito estas coisas, para que vos não escandalizeis. Expulsar-vos-hão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E estas coisas vos farão, porquanto não conheceram ao Pai nem a mim».

Teremos uma outra vida, mas essa outra vida dependerá do nosso próprio esfôrço, da maneira pela qual nos desempenhamos da vida atual e sobretudo dos ensinamentos que os Espíritos, com permissão de Deus, nos transmitem.

E Jesus, que foi glorificado em Jerusalém, que triunfou pela vida de renuncia e abnegação exemplares, que poderia a um gesto ter aniquilado todas as potências dos imperadores e centuriões romanos, que viveu prègando o amor, a humildade e o perdão, deixou-se crucificar como louco, como rebelde, debaixo das irrizões e aplausos da turba bárbara e pagã.

Porém o exemplo estava dado para que se cumprissem as profecias, e a semente redentora lançada em ubertósa terra. E hoje a Verdade renasce mais vitoriosa do que nunca. E' a luta do bem contra o mal, do verdadeiro contra o êrro, da doutrina de Deus contra a dos homens.

Volvamos, pois, as nossas vistas através da Civilização, e notaremos como em todos os tempos são falsos os triunfos dêste mundo e falha a Justiça dos homens.

Ora é um rei poderoso, destronado e morto pelo povo sublevado; ora é um glorioso general, que, no auge da vitória, recebe um ferimento mortal. E assim quando a glória culmina o apogêu, ha sempre uma espada de Dámocles ameaçando-a e fazendo-a tombar com fragor sob os seus escombros materiais. Vejamos:

MILCIADES, o invencível general ateniense, morto na prisão como qualquer celerado.

DION, o herói de Siracusa, assassido no seu próprio leito.

ANIBAL, o cartaginez vencedor dos romanos, suicidando-se miseravelmente.

SÓCRATES, o maior e o mais célebre dos filósofos gregos, o mestre de Platão, obrigado a envenenar-se com sumo de cicuta, o que realizou com serenidade comovente.

CICERO, célebre orador, retórico, historiador, jurisconsulto, filósofo, epistógrafo e prosador mais elegante da literatura latina, cognominado o «Pai da Pátria», morto pelos soldados dos triumviros.

SÉNECA, preceptor de Nero e por êste obrigado a suicidar-se.

JULIO CEZAR, o maior general romano, morto no próprio senado por seu filho Bruto e alguns conjurados, com 21 golpes de punhal, quando ia ser proclamado rei.

COLOMBO, o descobridor do Novo Mundo, morto no exílio, em extrema miséria, traído, injuriado, vilipendiado.

GALILEU, ilustre matemático, físico e astrônomo italiano, já cego, arrastado ao cárcere onde passou seus derradeiros dias.

GUTTEMBERG, o inventor da imprensa, JENNER, que descobriu a vacina, HARVEY, médico inglês descobridor da circulação do sangue, morrem proscritos, pobres, escarnecidos e perseguidos.

LAVOISIER, o maior nome das ciências física e química, guilhotinado em praça pública em Paris.

CHATTERTON, poeta inglês condenado a morrer de fome. ARCHIMEDES, antigo sábio e geómetra, morto por um soldado.

DEMOSTHENES, grande orador ateniense, envenenado para não caír nas mãos dos soldados de Antípares.

OS REIS DE FRANÇA, guilhotinados uns e outros apunhalados.

NELSON, o glorioso almirante inglês vencedor de Aboukir, morto na batalha de Trafalgar. NAPOLEÃO I, após ter conquistado e dominado quasi toda a Europa, depois de ter vencido e destronado os mais poderosos monarcas do velho mundo, sonhando ainda a conquista universal, é derrotado pelos ingleses e exilado para Sta. Helena onde morre esquecido, após um doloroso cativeiro de 6 anos.

LINCOLN, o grande presidente dos Estados Unidos, o pacificador da guerra da seccessão, o libertador dos escravos, tomba logo após a vitória da integridade de seu país, quando despreocupadamente assistia à uma representação num teatro.

D. CARLOS I, o bonissimo rei de Portugal e o jovem príncipe D. LUIZ, abatidos barbaramente em plena rua a tiros de carabina. D. PEDRO II, o magnânimo imperador do Brasil, violentamente destronado quando já estava a dois passos da sepultura, morre no exílio, longe de sua Pátria que tanto extremecera.

EUCLIDES DA CUNHA, assassinado traiçoeiramente por um desafeto. Ainda ha poucos anos, dois grandes milionários: ALDAR e KODAK, aquêle rei do fósforo e êste o grande industrial das famosas máquinas fotográficas, tão miseravelmente acabaram seus dias suicidando-se.

SANTOS DUMONT, o «Pai da aviação», a maior glória do Brasil e do mundo todo, desesperado por ver transformado em instrumento de extermínio entre os homens, a máquina voadora de sua invenção, golpeia o pescoço com uma navalha, suicidando-se.

Podiamos acrescentar as mortes trágicas de DOLFFUS, o «pequeno Napoleão austriaco», ALEXANDRE I da Iugo-Slavia e BARTHOU, ministro francês, todos tombados sob as balas assassinas de fanáticos, após terem prestado os mais relevantes serviços em pról de suas respectivas Pátrias, e quando elas mais precisavam de sua cooperação política como grandes patriotas.

JEANNE D'ARC, a heroína francesa que salvou seu país do domínio estrangeiro, única na história, é queimada viva em uma fogueira, publicamente, depois de um processo difamatório e capcioso.

A lista é longa. O túmulo longe de ser o ponto final de nossa existência, é a porta que nos abre a possibilidade de outra vida.

Teremos outras vidas nêste planeta intermediário onde tudo nos afirma ser êle um «purgatório». Teremos outras vidas em mundos inferiores a êste—«infernos», onde tudo será depurado. Teremos outras vidas em planetas superiores à Terra—«céus», onde se aprimoram as perfeições. E sobretudo, viveremos eternamente.

E' pelo estudo do mundo de além túmulo que se explicam as dificuldades da vida terrena. E' na irraticidade que se verifica a execução dessa justiça, tantas vezes desfalecente no nosso mundo; é aí que se encontra enfim essa felicidade, em cuja procura aquí se gasta a vida; é aí que o Espírito, desembaraçado dos cuidados materiais, pode entrever, de outro modo que não seja através de uma frasiologia, a verdadeira fraternidade: o amor sem limites de cada um por todos e de todos por um.

GABRIEL DELANNE

Caminhar para Frente

E' buscando justamente a Verdade que fomos levados a ler com atenção um interessante livro de crítica, bem vasado, à obra extraordinária de Alexis Carrel — «O Homem esse desconhecido».

E' seu autor o Cel. Alfredo Severo e tem a obra o titulo «O homem desconhecido», na qual está manifesto o grande conhecimento em ciências do autor, que vem tecendo elogios a Carrel, porque êle com êsse livro estupendo, diante da observação dos factos na natureza viva do homem, enquadrou-se nos postulados do positivismo. Daí se conclue que todas essas observações do grande sabio ruiriam por terra si não se ajustassem em tais postulados. Entretanto, nós lemos Carrel, na obra citada, e chegamos a conclusão de que Alexis é francamente espiritualista.

Num jôgo de palavras muito interessante, o autor da crítica alude ao *Espírito* da maneira seguinte : «Está claro que para Gall e A. Comte, o espírito não é vaga entidade metafísica, existindo inexplicavelmente fóra do organismo sem séde própria. Isso nunca, porque não ha fenômeno sem séde, nem função sem orgão que execute» (sic)

Dessa afirmativa se conclue que o Espírito existe porque êle tem uma séde no organismo, e sua função é justamente orientar e presidir, com inteligência, êsse organismo perfeito que denominamos HOMEM.

O Espírito, elemento fluídico, como a eletricidade, executa a sua função, orientando o organismo, fiscalisa, com precisão, todas as partes do corpo, por intermédio da corrente sanguínia que lhe serve de veículo, e dá suas determinações diretamente ao cerebro que é a sua séde.

Essa entidade nobre e inteligente, funcionando como mentor do organismo, vem constituir essa combinação admiravel, o homem vivo.

E quando um acidente, por exemplo, força o escoamento do Espírito, êsse organismo deixa de ser vivo para se transformar em matéria morta. Quando nós assistimos a um desastre em que um homem forte e sadío é vítima, temos que fazer o conceito de que com o sangue derramou-se o Espírito vivificador daquele organismo.

Como nada se perde e nada se crêa na natureza, o Espírito volta ao Cosmo, para refazer suas fôrças, e a materia morta vai para a terra, afim-de-que se transforme.

Do Cosmo, volta porém o Espírito para animar outros corpos que, continuamente, se organizam na terra.

Porque não acatarmos uma doutrina, tão cientifíca como as demais científicas, quando a natureza dos factos forçam a nossa razão a aceita-la ?

Acabemos com o «magister-dix», tão prejudicial ao progresso do nosso Espírito, progresso que, obedecendo às leis naturais da vida, não dá e não pode dar saltos, tendo-se de realizar através da eternidade, pois, o Espírito também é eterno.

E assim transcorrem os factos muito naturalmente, sem solução de continuidade ...

A «mecânica» da vida, em todos os setôres, é tão natural e tão perfeita, que só a soberania divina poderia organiza-la.

Porque nos insurgirmos contra essa idéia da soberania divina ?

Porque havemos de preconceituar e orgulhosamente repelir um conceito que tanto nos auxiliará a acompanhar a evolução das cousas com muito mais naturalidade e simplicidade ?

Busquemos a Verdade, porque ela nos fará livres.

J. O. C.

Aquele que conhece o Evangelho e não o executa, tráe a si mesmo. — CALIXTO.

Ilusionismo e Espiritismo

Pelo Coronel Faure da Rosa — De «Estudos Psíquicos», Lisbôa, Portugal

O hebdomadário inglês *Pearson's Weekly* de 4 de Janeiro de 1936 publicou um artigo em que se lê o seguinte repto, em grossos caracteres: «Eu desafio os espiritistas.—Deixem-me assistir a uma sessão... Deixem-me ver os espíritos trabalhar e eu publicamente me retratarei do que tenha dito contra o Espiritismo,—diz o célebre ilusionista Jasper Maskelyne».

Queixa-se o reptador de que já o avô e o pai—também prestidigitadores—tinham feito o mesmo desafio... com o mesmo resultado nulo, e pergunta porque.

E' de presumir que a pergunta — pelo visto há três gerações repetida—continue sem resposta. Sabe-se lá porque!

Maskelyne nota que é frequente, duas ou três semanas depois do falecimento de alguma celebridade, aparecerem mensagens que os grupos espíritas atribuem ao desencarnado. Efetivamente, o reparo parece cabido: raras vezes os médiuns nos dão comunicações dos humildes, dos miseráveis. Entretanto, talvez êstes últimos tivessem e tenham mais ensinamentos a dar-nos do que aquêles que foram grandes homens e potentados na Terra.

Conta Maskelyne, atual representante de três gerações de ilusionistas, que o distinto sacerdote Archdeacon Colley pretendia ter visto um espírito em Bloomsbury e que o mesmo sacerdote oferecera mil libras a seu avô se êle fôsse capaz de reproduzir fenômeno idêntico. O neto afirma que o avô conseguira reproduzí-lo e, por isso, reclamara as mil libras. Mas, como o sacerdote não estivesse de acôrdo, o caso fôra levado ao tribunal que, por fim, julgou improcedente a reclamação do avô Maskelyne, não obstante—diz o neto — a imprensa e o público dessa época, terem dado razão ao avô. E' que nem sempre a «voz do povo é a voz de Deus».

Mais adiante, escreve: «Quando meu avô estava prestes a morrer, chamou meu pai para junto a si. «Eu quero dar ao Espiritismo uma prova da minha sinceridade—disse o moribundo ao filho.— Quando estiver do «outro lado», eu hei-de procurar comunicar contigo. Deita-te na minha cama uns poucos de dias depois da minha morte; rodeia-te das coisas de meu uso e vê se consegues obter uma mensagem».

Durante uma semana, assegura Maskelyne neto, estivera o pai, J. Nevil Maskelyne, deitado na cama e nada conseguira que se parecesse com uma mensagem. Ao que julgo, isto vem a pêlo para demonstrar a impossibilidade de comunicação dos vivos com os desencarnados. Se assim é, o argumento tem pouca consistência. Sabe-se lá porque foi que o sr. Maskelyne não pôde comunicar com o pai!

O que era e é preciso, é que o Sr. Maskelyne filho prove que ainda ninguém conseguiu tal comunicação, ou, então, que alguém lhe prove tê-la já conseguido...

William James, filósofo americano, no discurso que, em 1894, proferiu na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, em resposta à negação dogmática dos sábios, teve estas frases que ficaram célebres: *«Se quiserdes revogar a lei de que todos os corvos são pretos, não precisais demonstrar que não há corvos; basta provar que existe um corvo branco. O meu único corvo branco é a Sr.ª Piper...»*

A' semelhança de James, vou mostrar alguns dos «corvos brancos» que conheço.

Frederico Myers, autor do livro *Human Personality and its Survival of bodily Death* fizera um pacto com William James: o primeiro dêles que partisse para o Além deveria enviar ao outro uma mensagem, mal deixasse êste mundo. Em 1901, em Roma, aconteceu que Myers, um dia, adoeceu gravemente do coração. O médico Axel Munthe, (1) chamado para conferenciar com o assistente, e que era amigo de Myers, declarou-lhe que êle morreria naquêle mesmo dia.

— Sinto-me feliz, retorquiu Myers. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber. Diga a James, diga-lhe...

---

(1) *O Livro de San Michele*, de Axel Munthe, tradução de Jaime Cortesão.

William James, estava tão acabrunhado pela dor que não teve coragem de entrar no quarto do doente; deixara-se cair numa cadeira junto da porta aberta, com um livrete de notas sôbre os joelhos e de pena na mão prestes a escrever a mensagem com a sua habitual e metódica precisão.

O Dr. Axel Munthe debruçou-se sôbre o moribundo e perguntou-lhe se sofria.

— Não, murmurou Myers; sinto-me muito abatido e muito feliz.

O Dr. Munthe diz que foram estas as suas últimas palavras, e acrescenta:

«Quando saí, James continuava na cadeira, com o rosto entre as mãos e o caderno aberto sôbre os joelhos. A página estava em branco.

Em Janeiro de 1931 foi entregue ao Dr. Osty (1) um grande sobrescrito em que estavam escritas estas palavras: «Em caso de morte, deve esta carta ser entregue ao Dr. Osty. R. Santoliquido» (O Professor Santoliquido, conselheiro de Estado de Itália, foi, até 1928, Presidente do Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico). Êste primeiro sobrescrito continha um outro no qual o Dr. Geley escrevera: *«dossier» organizado pelo Dr. Geley; para abrir só depois da minha morte e no caso de manifestação da minha parte.*

O Dr. Osty, a título de experiência, no n.º 1 da *Revue Metapsychique* de 1933, pedia aos médiuns:

1.º — Que dessem a conhecer o conteúdo da carta;

2.º — Que realizassem o que nessa carta lhes fôsse pedido.

O Dr. Gustave Geley morreu, dum desastre de avião, em 1924.

Nenhuma comunicação até Junho de 1934 foi recebida que satisfizesse o pedido do Dr. Osty.

Admitamos que um médium qualquer tivesse podido ler o que continha a carta em causa. Não apareceriam cientistas insatisfeitos que dissessem que o médium podia ter ido ler à «memória cósmica»?

Para os adeptos, esta «memória cósmica», é uma registadora universal onde todas as vibrações estão gravadas indelèvelmente... e, assim, *tudo* seria explicável quanto a recordações; mas o problema subsistiria quanto ás ações inteligentes executadas no momento em que se fala, quer de realizações imediatas quer futuras.

E porque não admitir, também, a possibilidade das vibrações do pensamento de Geley, ao escrever a carta, terem sido recebidas e arrecadadas no famoso subconciente dum vidente na Terra que com êle estivesse em «relação psíquica», e onde o médium, depois fôsse ler?

«A dúvida fecunda — escreve Bozzano — *mas orientada cientificamente para a solução espiritualista do grande mistério*, parece o estado psicológico mais apropriado ao progresso material e moral das gerações atuais».

«A certeza não depende da vontade de cada um. Quando se vêem, mesmo com deslumbrante nitidez, factos estranhos, inabituais, apesar da dúvida que nos invade, no próprio momento em que o facto se verifica, nós ficamos convencidos e sòlidamente convencidos; mas, bem depressa tal solidez diminue. Ao cabo de algumas horas, de algumas semanas, e, com muito mais razão, de alguns anos, a certeza do facto observado—se é único e inverossímil — acaba por se evaporar. E é pena...» (2).

A certeza adquirida a que falte o apôio da fé, vacila como edifício assente em frágil alicerce, e vem a cair na dúvida, que, quando não é fecunda, gera a descrença.

Frederico Myers, quasi no próprio instante da sua partida para o Além, dizia ao médico e amigo Dr. Axel Munthe, contente, feliz: «Vou, enfim, saber... Diga a James...», esperando poder comunicar com... êle, imediatamente, conforme o pacto estabelecido entre ambos.

A promessa não se cumpriu... Porque?...

Que capacidade de execução podem ter no Além as promessas feitas na Terra?

Só o Dr. Gustave Geley sabia o que escrevera num papel e deixara encerrado dentro dum sobrescrito lacrado, o qual deveria ser aberto sòmente se se desse qualquer manifestação *post mortem* do seu autor. Como até 1931 nenhuma manifestação do espírito desencarnado se produzisse, o Dr. Osty resolveu fazer uma experiencia com os médiuns espíritas. Nenhum médium revelou o que continha a carta lacrada do Dr. Geley... Porque?

---

(1) *Revue Metapsychique*, n.º 1, de 1933, e n.º 6, de 1934.

(2) *La Grande Espérance*, por Charles Richet.

Não se têm produzido fenômenos, senão identidade perfeita, pelo menos semelhante?

Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, fez a seguinte afirmação em 22 de Novembro de 1914 (3): «Eu tenho conversado com defuntos meus amigos, exatamente como o posso fazer com qualquer pessoa. Êsses amigos, como homens de ciência que eram, forneceram-me a prova da sua identidade, a prova de que eram realmente êles e não uma personificação ou outra coisa qualquer emanante de mim mesmo».

No seu livro *Raimundo ou a Vida e a Morte,* o mesmo sábio, Oliver Lodge, relata manifestações do filho Raimundo depois de ter morrido no «front» francês, em 16 de Setembro de 1915, na colina de Hoodge, onde fôra atingido por estilhaços de obús.

Jorge Pelham, amigo do Dr. Hodgson, prometera em vida que depois do seu falecimento enviaria comunicações do Além, utilizando a faculdade mediúnica da Sra. Piper. Depois da desencarnação, Pelham incorpora na Sra. Piper e reconhece, um a um, trinta dos seus amigos, com os quais falou como o teria feito na vida terrestre. Com o Dr. Hodgson discutiu filosofia durante anos. O Professor Dr. Charles Richet, confirma que Jorge Pelham reapareceu psicològicamente todo inteiro e se referiu ao que viu, disse e fez e ouviu durante a sua vida terrestre.

Stainton Moses, sacerdote duma rara penetração de espírito duma lealdade absoluta, em sessão mediúnica na biblioteca do Dr. Speer, pediu ao espírito que, por seu intermédio, comunicava psicogràficamente, que lêsse o último paragrafo da pagina 94 do penúltimo livro da segunda prateleira de tal estante e afirmou: «Eu não sei de que livro se trata e até ignoro o título do livro». Minutos depois, o espírito comunicante ditou o seguinte parágrafo: «Provarei com uma resumida referência histórica que o papado é uma novidade, que, gradualmente, se elevou e engrandeceu desde os tempos primitivos do Cristianismo puro não só desde o tempo dos apóstolos, mas, até, desde a lamentavel união da Igreja e do Estado por Constantino.»

O livro em questão era uma obra excêntrica que tinha por título — *Roger's Anti-popo—priestian,* frase seguida de outros nomes ainda mais arrevezados. Verificou-se que o trecho lido estava certo excepto quanto à palavra *narrativa* que substituira a palavra «account». Staiton Moses perguntou como encontrara êle frase tão apropriada, ao que o espírito respondeu que por mera coincidência; que a palavra fôra mudada por engano e que se apercebera disso, mas não a quisera corrigir... Em seguida declarou que ia ler mais uma vez: que escrevesse êle, Staiton Moses, o que lhe fôsse ditado e depois daria as indicações precisas para se encontrar o livro respectivo... E ditou assim: «Pope foi o último grande escritor desta escola de poesia, a poesia da inteligência, ou antes, a inteligência combinada com a imaginação...»

Dirigindo-se a Stainton Moses, disse: «Vá buscar o décimo primeiro livro à mesma prateleira da mesma estante.» Tirado o livro viu-se que o título era *Poesia, Romance e Retórica.* Aberto o livro na página indicada pela inteligência comunicante, ali se encontrava o trecho ditado. Stainton Moses assegura que nunca vira aquele livro e não podia ter a menor idéia do que nêle continha.

Porque não poderão, então, os médiuns de agora ler o que contém a carta do Dr. Geley?

Porque não comunicou Myers com James?

Porque não comunicou Maskelyne pai, com o filho?

«Quando um químico ou um fisiologista faz uma experiência, — escreve Richet — se todas as condições de realização estiverem bem determinadas, essa experiência terá bom êxito. Mas não acontece o mesmo com a experimentação da faculdade mediúnica. «Os mais poderosos médiuns que em dez experiências tenham produzido resultados admiráveis, podem falhar, completamente, na undécima, na duodécima e na décima terceira, não obstante todas as condições de experimentação terem sido aparentemente idênticas».

Se pudéssemos falar com os viventes de Além, por meio do aparelho mediúnico, como falamos com os viventes da Terra por meio do aparelho telefônico!...

---

(3) *Annales des Sciences Psychiques,* de Janeiro de 1916.

O valor teórico de cem experiências *negativas* fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem observada — afirmou William Crookes.

E Bergson era da mesma opinião: «Em certos casos, a prova estatística nada significa: uma única experiência perfeita é bastante». Howard Thurston, um dos mais célebres médiuns dos Estados Unidos, confessou publicamente a sua fé no Espiritismo. Will Goldson, do *Magian's Club*, afirma ter conversado, muitas vezes, com a irmã falecida.

Harry Prince, prestidigitador convertido ao Espiritismo, assegura que há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem, como Houdini e Howard Thurston declararam que era o seu caso. Stuart Cumberland, ledor do pensamento, confessou que, durante as suas representações, sentia-se invadido por um poder que não sabia explicar.

Os «corvos brancos», afinal, abundam; e bastava um só para a demonstração.

Crônica Estrangeira

Espírito que fala idioma ignorado do médium

Na noite de 18 de março de 1925, convidou-se para assistir à sessão o poeta japonês Gonnoské Komai. Mr. Bradley conta o que se passou, do modo seguinte:

«O episódio mais dramático da sessão deu-se quando uma «voz» se dirigiu em japonês a Gonnoské Komai. Por duas vezes a corneta-acústica tombou antes que o espírito comunicante conseguisse reunir fôrças para materializar a voz. A corneta luminosa se ergueu pela terceira vez, transportou-se para a frente de Gonnoské Komai, nele tocou duas ou três vezes, ouvindo-se então sairem da corneta as palavras: «Gonnoské! Gonnoské!» Este modo de nomeá-lo impressionou profundamente G. Komai, por motivo que adiante daremos.

Pouco a pouco a voz foi adquirindo fôrça, dando o nome do comunicante: «Otani». Assim estabelecida a identidade do espírito, seguiu-se ligeira conversa em japonês, na qual o morto falava principalmente dos seus filhos.

Mais tarde G. Komai nos revelou circunstância muito interessante relativa ao facto do espírito comunicante o haver cumprimentado chamando: «Gonnoské! Gonnoské!» Ora, segundo o uso japonês, só os pais ou o irmão mais velho têm o direito de cumprimentar uma pessoa pelo seu prenome e o espírito, que se havia manifestado a G. Komai, tinha o direito de assim fazer, pois era o seu irmão mais velho, o que não deixa de ser bastante significativo.

Quando o espírito comunicante se retirou, «Bert Everett» o seu «espírito-guia» disse, dirigindo-se a G. Komai: «Com teu irmão estava também tua mãe.

Vem a propósito notar que todos os assistentes tudo ignoravam a respeito de G. Komai, nenhum conhecendo uma só palavra de japonês.

E' êste um dos mais belos exemplos modernamente obtidos a favor da sobrevivência.

⁂

A Emanação Humana

La Revue Spirite consagra uma seção à transcrição de notas e artigos publicados em períodicos alheios ao Espiritismo. Reproduzimos uma nota que foi colhida em *Le Médecin Français*, em que o Dr. Moner chama a atenção de seus leitores para o assunto. Depois de haver detalhadamente descrito uma experiência do engenheiro Müller, de Zurich, o autor chega à seguinte conclusão:

«... Ela força a aceitar a *existência duma emanação humana.*

Ela mostra que essa emanação é suscetível de atravessar certos corpos de fraca espessura, como uma delgada lâmina de mica.

Reproduzamos a experiência precedente, aproximemos os dedos da lâmina de mica ou coloquemo-los em contacto com esta última. Constatamos que a agulha que estava na divisão 15 do micro amperimetro caminha para o zero. Levantemos os dedos da mão; poder-se-ia acreditar que a agulha em que marcha para o O, voltará para a divisão 15, donde partiu. Mas, assim não acontece, a agulha continua sua marcha para o zero, atinge-o e somente após alguns décimos de segundo que se reproduzirá a marcha retrógrada da agulha. Ela não atingirá a divisão 15 senão por sucessivas sacudidelas, tudo se passa como se a mica tenha armazenado a emanação que exerce ação sôbre o aparelho após o levantamento da mão.

Pudemos constatar que os metais, madeiras, ebonite, cristais nenhuma ação exerciam sôbre o aparelho. Mas se a mão dum sêr humano segurar por instantes um objeto, que precedentemente não tenha provocado desvio da agulha, êsse objeto adquire imediatamente a possibilidade de desviar a agulha do aparelho.

Pode-se medir o valor da emanação. — Facilmente. Estando a mão colocada a uma distância fixa do condensador de fios; o valor da emissão fluídica será medido pela resistência capaz de reconduzir ao seu valor primitivo a corrente de laca medida pelo micro-amperimetro.

Basta, pois, intercalar entre a agulha e o condensador de fios, *uma resistència variável para muito exatamente medir a potência da emanação humana..*

Pode-se facilmente constatar que o valor da emanação é mui diferente, segundo os indivíduos submetidos a exame.

Por esta série de experiências, creio que a existência duma emanação humana já não pode ser posta em dúvida.»

⁂

As surprêsas que nos esperam no Além

The Progressive Thinker

Êste periódico estadunidense publicou o que se segue sôbre as surpresas que nos esperam ao ingressarmos no Além: «Cada espírito assiste aos seus funerais, depois do que êle constata: A tristeza e a agitação para êle inesplicáveis, por parte dos que deixou na terra — Sensação de imortal juventude: inexistência de velhice e de moléstias —Presença dum guia o mais apropriado às circunstâncias — Insignificância do mundo material: os diamantes são seixos; os palácios principescos, amontoados de areia, tudo vaidade que os terrícolas procuram para se engrandecerem aos olhos dos outros — Glória do Além onde tudo é mais belo e mais puro do que na terra — Eclosão de novos sentidos, e daí intensa atividade espiritual — Sensação de uma elevação espiritual, mesmo para aqueles que as religiões condenam ao inferno eterno — Desvanecimento de todas as distinções que os homens criam em matéria de religião, de politica, de nacionalidade, de raça, etc. — Uma só palavra é a chave de toda a vida espiritual: Amor — Passagem muito doce da vida material para a vida espiritual: a morte é a coisa mais natural e a mais simples do mundo.»

⁂

Espírito Tutelar

O Dr. Léon Petitjean publicou em *Annales des Sciences Psichiques* o seguinte caso de possessão mediúnica e assistência tutelar, que foi investigado pelo autor do relato.

«O marido de Maria Chelega era um refugiado russo, hábil pintor, que vivia em Paris com os proventos de sua arte. Mas morreu repentinamente deixando a viúva em extrema indigência. Esta, muito altiva para implorar auxílio, procurou trabalho, mas inutilmente. A fatalidade se incarniçava contra ela, e chegou o momento em que sombria idéia atravessou sua mente: a de resolver o problema por meio do suicídio. Foi então que começou o maravilhoso.

No instante do ato supremo, o cérebro da desesperada foi invadido por violenta comoção, e uma fôrça desconhecida a impeliu a tomar a palheta e os pinceis, os quais, desde a morte do pintor, jaziam amontoados a um canto do atelier; e, apesar-de destituida das mais rudimentares noções de desenho e pintura, ela começou a lançar tintas sôbre a téla, pintando sêres e paisagens fantásticos, que se afiguravam maravilhosos aos que os viam. No momento da execução, ela sentia que uma inteligência estranha dela se apossava, dirigia-lhe a mão, fazendo-a exprimir uma arte extra-humana, de certo modo. Certo dia apresentou-se a primeira cliente que desejava um retrato a óleo. Instantaneamente, Maria Chelega sentiu-se controlada pelo que fôra seu marido, e corajosamente fixou a pretendente, dizendo: «Está bem, senhora. Farei o seu retrato e podemos começar imediatamente, se fôr do seu agrado». Assim dizendo, ela se transformou; já não era a pintora de visões fantásticas, e pôs-se a trabalhar com serenidade e competência de artista consumado. Em poucas sessões, o retrato estava terminado. A semelhança era chocante, a fisionomia exprimia vitalidade. Êste primeiro retrato a óleo, provocou sensação entre os conhecidos da cliente, e vasta clientela não tardou a acorrer ao atelier de Mme. Chelega.

Esta estava salva, e a intervenção tutelar do defunto nunca se fez esperar, quando ela empunhava a palheta».

*

Um Fenômeno de «Bilocação» no momento da morte

«Light»

O Rev. W. Stainton Moses observou o fenômeno por ocasião do falecimento de seu pai, e publicou-o decorridos poucos dias após a morte. Diz êle:

Ultimamente, pela terceira vez em minha vida, tive ensejo de estudar o processo da transição do espírito e tanta cousa consegui observar, que me sinto feliz de poder ser útil narrando o que vi...

Tratava-se de um parente próximo com cerca de 80 anos de idade, que se encaminhava para o túmulo sem ser arrastado por qualquer enfermidade especial... Por alguns sintomas, aparentemente insignificantes, notei que o seu fim se aproximava e não me descuidei de cumprir o triste dever que me competia...

Auxiliado pelos meus sentidos espirituais, não me foi difícil perceber que, em seu derredor e sôbre si, se reunira o aura luminoso com o qual o espírito deveria constituir o seu corpo espiritual; ia notando que êsse aura aumentava rapidamente de volume e densidade apresentando contínuas variações para mais ou para menos, de acôrdo com as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Pude ainda verificar que, ás vezes, um simples alimento ingerido ou mesmo o influxo magnético desprendido de alguém que se aproximava, era o bastante para animar momentaneamente o corpo, parecendo determinar um revigoramento dos laços que prendiam o espírito ao corpo, o que se ia refletir no aura, imprimindo-lhe movimento semelhante ao de fluxo e refluxo.

Observei o fenômeno durante doze dias e noites e, embora ao sétimo dia o corpo manifestasse sinais evidentes de dissolução iminente, essa flutuação maravilhosa de vitalidade espiritual, em via de se exteriorizar, persistia sem mudança. A côr do aura, pelo contrário, se havia modificado, além de ir tomando forma mais ou menos definida, à medida que se aproximava o momento da libertação do espírito.

Somente 24 horas antes do falecimento, quando já o corpo jazia inerte, com as mãos cruzadas sôbre o peito, foi que vi aparecer os «espíritos-guias» que se aproximaram do moribundo e sem qualquer esfôrço ajudaram o espírito a se desprender do corpo esgotado.

Ao mesmo tempo que isso se dava os assistentes constatavam a morte do corpo. E' possível que assim fôsse. Com efeito, o pulso e o coração não davam mais sinal de vida, a respiração não mais embaçava o espêlho, mas os cordões magnéticos ligavam ainda o espírito ao corpo e assim permaneceram durante 86 horas. Estou bem certo que se durante êsse tempo, dentro das condições favoráveis, uma vontade forte houvesse agido no sentido de compelir o espírito a voltar ao corpo, a ressurreição de Lázaro ter-se-ia repetido. Os cordões afinal se romperam e os traços do defunto, nos quais até então se liam os sofrimentos suportados, serenaram completamente, tomando uma expressão inefável de paz e de descanso.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um empreendimento oportuno e valioso

Quís a fortuna que nós contássemos entre os muitos discípulos de Eurípedes. Durante três anos desfrutámos sua doce companhia, recebendo suas preciosas lições no Colégio «Allan Kardec», em Sacramento. Euripedes foi incomparável em todos os seus empreendimentos, mas, o seu especial carinho foi na educação da mocidade. «Posso fechar a Farmácia, o Colégio nunca», expressão costumeira sua, quando suportava a mais ferrenha perseguição. E êle tinha razão. Espírito iluminado, via na educação da mocidade, à luz do Espiritismo, a verdadeira e sólida extrutura dos caractéres. E os anos se passaram. Ginásio... Academia... muita ciência, porém, vasio e frieza. E a imagem do mestre se nos destacava no pensamento, que voava áquele recanto bendito de Sacramento, onde, aos bens da razão, recebemos o pão do espírito, dado com bondade e amor.

—

Produzir algo na vida. Necessitamos fazer alguma cousa por nós e por nossos irmãos. Assim nos brada a conciência. Que tarefa mais nobre pode ser que a de trabalhar em pról da causa da Doutrina. O Espiritismo atende a todas as necessidades humanas, envolve todos os problemas da existência. Nêle se encerram os nossos maiores anseios e os nossos mais santos ideais. Não há dúvida. Um trabalho dentro do Espiritismo, sincero e desinteressado, representa o empreendimento mais útil.

—

De há muito paira em nossa idéia a fundação de um colégio espírita, onde se aliasse à instrução o conhecimento da Doutrina. Precisamos mais do que nunca cogitar da educação de nosso povo.

«No Brasil só há um problema, a educação do povo», disse em conferência memorável o inolvidavel professor Miguel Couto. Que maravilha se essa educação se fizer aliada aos mais nobres conhecimentos ofertados à humanidade, quais sejam os ensinos espíritas. Vemos com tristeza certas práticas extravagantes entre os adéptos da Doutrina. Precisamos convir que tais aberrações vem mais da ignorância dos praticantes do que mesmo de sua má vontade. Tais êrros são quasi sempre ranço de doutrinas dogmáticas que aprenderam desde o berço e que se cristalisou em seus espíritos. Só mesmo a educação metodizada em estabelecimentos especializados, principalmente à mocidade, pode tirar de vez, todos êstes êrros arraigados. O que carateriza os alunos que cursaram o Colégio de Eurípedes, às vezes, moradores em lugares acanhados, é essa lucidez de espírito na interpretação das cousas e seu discernimento em assuntos da Doutrina.

Aos que opinarem que não se deve ensinar religião alguma à criança, aguardando a época do amadurecimento da razão, em que o rapaz ou moça devem seguir a religião que bem entender, responderemos com Emanuel: «O período infantil, em sua primeira fase, é o mais importante para todas as bases educativas e os pais espiritistas cristãos não podem esquecer os seus deveres de orientação dos filhos, nas grandes revelações da vida». «O pretexto de que a criança deve desenvolver-se com a máxima noção de liberdade pode dar ensejo a graves perigos». «Já se disse no mundo, que o menino livre é a semente do celerado».

Foi preciso a arbitrariedade do diretor de um estabelecimento educativo local para nos despertar. Expulsou um aluno por ser espírita e ainda escreveu uma carta ao pai do aluno, alegando aquela razão. Esta carta, com o respectivo comentário, publicámos na «A Nova Era». Veio daí a idéia da fundação de um educandário espírita, onde os pais espíritas pudessem colocar seus filhos sem constrangimento. Um estabelecimento modelar seria obra de vulto e demandaria tempo. Fundamos, de início e a título provisório a «Escola Pestalozzi», bem instalada, e que já vem prestando ótimos serviços. Agora está lançada a «Fundação Ginásio Pestalozzi Ltda», em Franca, associação por meio de quotas pagáveis em parcelas de 25%. O recebimento da idéia excedeu a nossa expectativa. Já contamos entre subscritores de quotas e donativistas mais de 210.000 cruzeiros. Houve um entusiasta da educação da mocidade que ofereceu vultuosa quantia. E tudo isto quasi só entre confrades. Já estamos entabolando negociação do terreno, planejando muito breve a construção do prédio, que será confortável e satisfazendo todas as condições de higiene. O Ginásio será equiparado, contando com ótimo corpo docente e disciplina. Os senhores pais poderão estar tranquilos sob o trato, instrução e educação de seus filhos.

Um estabelecimento assim virá sanar um grande vasío no Espiritismo. Representa obra de necessidade do momento e oportuna. Precisamos convir que o mundo se prepara para uma grande transformação e enorme será o papel do Espiritismo, no futuro que se aproxima.

T. Novelino.

Uma Grande Caravana Espírita para Juiz de Fóra

Espíritas de Nova-Iguassú, Macaé, Campos e Belo Horizonte visitam, festivamente, Juiz de Fóra — Obras que impressionam — Momentos de vibração e alegria intensivas

O Espiritismo de Juiz de Fóra, viveu quatro dias de intensa vibração, de 12 a 15 de Novembro, com a visita fraterna de espíritas das cidades acima mencionadas.

A viagem dos espíritas da planicie fluminense foi de ônibus. E pontilhada das mais suaves impressões. De tal modo que outros passageiros confessaram que viajar assim, alegremente, é bem melhor.

Ao transpôr a ponte de Paraibuna um caravaneiro, Atlas de Castro, meteu-se a cobrar o imposto de barreira, pois já se estava no Estado de Minas. Todos pagaram alegremente, inclusive um reverendo que acabou comparticipando da alegria reinante.

Em Entre-Rios, uma comissão de espíritas do FE' E ESPERANÇA, com o seu presidente à frente. Em homenagem a gesto de tanta cordialidade, o acordionista Olí de Castro executou, ali mesmo, um número de música. E ficou registrada pelos caravaneiros, uma visita igual para aquela importante cidade fluminense.

Foram cordialmente recebidos em Juiz de Fóra e hospedados todos êles—e eram 21!—pelos irmãos visitados, nos seus próprios lares.

Havia chegado já, na véspera, a comissão de Belo Horizonte, a que faziam parte os confrades Dr. Noraldino de Castro, Dr. Newton Marins Freire, Dr. Cezar Burnier, Domingos Moutinho, J. Abrantes Junior e outros.

Juiz de Fóra já conta uma cópia apreciável de realizações práticas e e humanitárias, construídas sob as claridades do Espiritismo, como a «Fundação João de Freitas» modelar organização para amparo à pobreza envergonhada e à velhice e infância desvalidas; o «Albergue dos Pobres», outro monumento de caridade cristã anexo ao Centro «União, Humildade e Caridade»; o «Instituto Eugenia Braga» e outras organizações similares, de amparar e educar simultâneamente, anexas à CASA ESPÍRITA, a «Sopa dos Pobres», do Centro Espírita VENANCIO CAFÉ, e tantos outros, que Juiz de Fóra é cidade onde os espíritas estão voltados ás necessidades dos sofredores.

O primeiro contacto programado dos visitantes com os visitados, na FUNDAÇÃO JOÃO DE FREITAS, ao ar livre, na Praça da Harmonia. Presidiu-a o Prof. Leopoldo Machado, que começou assinalando as três finalidades da visita: retribuir a que Nova-Iguassú recebera ha um ano; estreitar ainda mais os laços da fraternidade entre irmãos que se afinam significativamente e permutar aproveitamentos, pois visitados e visitantes deviam copiar, simultâneamente, aquilo que de mais interessante lhes falte; para a integração definitiva de seu programa. E registrou que, como a visita agora feita era de mais dias, ficavam os irmãos de Juiz de Fóra devendo dois dias aos irmãos de Nova-Iguassú. Risos... E o movimento espírita da cidade trava conhecimento com as quatro figuras que teriam de ser, durante os quatro dias festivos, as mais aplaudidas da caravana: senhorita Maria Amelia Ribeiro de Castro, artista da palavra; senhorinha Laís Teixeira, cantora de coisas espirituais em linda voz de contralto; d. Maria de Lourdes Pereira, eximia declamadora e Olí de Castro, acordionista.

O «Almoço da Fraternidade» seguiu-se à reunião. Uma centena de espíritas à mesa em fórma de U — união do espírito de bôa vontade — ouviu, primeiro, o oferecimento do generoso ágape pelo Presidente da CASA, Ali Hafeld, a prece proferida por d. Maria de Lourdes Pereira, a página sôbre a aproximação espiritual lida por Aleixo Magaldi... Servido o farto e generoso ágape, um conviva, à sobre-mesa, tira do dedo um lindo anel de brilhantes e oferece para ser leiloado ali a benefício das três obras locais — o *Instituto Maria*, o *Instituto Jesus*, a *Fundação João de Freitas* — do LAR DE JESUS, de Nova-Iguassú e o LAR DE MARIA, de Macaé. A joia fôra arrematada por Cr.$ 5.200,00 (cinco mil e duzentos cruzeiros). As representantes do LAR DE JESUS e do LAR DE MARIA renunciam à parte que cabe ás duas entidades, afim de que o apurado na joia reverta a benefício das três entidades locais. Momentos êstes, pelo desprendimentos, renuncias e alegrias cristãs de fortes emoções!

As reuniões subsequentes — à noite, o programa teatral, na própria FUNDAÇÃO, e as da CASA ESPÍRITA, do UNIÃO, HUMILDADE E CARIDADE e do VENANCIO CAFÉ — correram animadissimas, sem ambiente suficientemente amplo para conter a massa enorme de interessados.

Na memorável reunião do UNIÃO, HUMILDADE E CARIDADE, o Prof. Leopoldo, que declarara não levava a Juiz de Fóra, desta vez, sua palavra, já por demais conhecida no meio, mas outras palavras ainda ali desconhecidas, fôra aclamado para tambem falar. E falou, salientando as belezas do Espiritismo de vivos para vivos, que anda a prègar.

Além dos acima citados, outros confrades, visitantes e visitados, usaram, também, da palavra. Entre êles, Vitorino dos Santos, João Antonio Marques, Isaltino da Silveira Filho, Gomes Filho, d. Caliope Braga, d. Maria José de Carvalho, dr. Arminio de Carvalho, dr. Noraldino de Castro, dr. Cesar Burnier, Olí de Castro, d. Maria de Lourdes Pereira, srtas. Laís Teixeira e Ilza Chaves de Almeida, J. Abrantes Jr., Orville Derby, J. B. Chagas e outros...

— Juiz de Fóra espírita nunca ha de esquecer a vibração espiritual dêstes quatro dias — ouviu-se na despedida.

— Parece que voltamos de um mundo diferente, espiritual e de sonhos, para reincarnarmos novamente, — ouviu-se dos que partiam...

Sanatório Bom Retiro

A importante obra de Curitiba é a maior que o Espiritismo já inspirou — Mais de cr.$1.300.000,00 já foram empregados — Admiração para médicos e jornalistas profanos — Obra de abnegação e renúncias — Sua breve inauguração...

O SANATÓRIO ESPÍRITA BOM RETIRO, que se está construindo ha dez anos, é incontestavelmente, a maior obra humanitária e cristã que o Espiritismo já inspirou. Dista 3 quilómetros do centro da cidade, no bairro de *Pilarzinho*, em local dos mais apraziveis e pitorescos da formosa capital paranaense. Já dispõe de .... 2.300m2. de construção moderna, higiênica e confortável. E de uma área livre de 54.000m2. Em derredor, florestas de velhas arvores acolhedoras, transformadas em parques e retiros próprios para repouso, além dos três parques internos, para descanso, banhos de sol, recreios.

A despeito de todas as dificuldades, a construção do SANATÓRIO não parou. E chegou-se a comprar cimento a Cr.$60,00. Em S. Paulo, numa reunião íntima, um dos seus abnegados orientadores ouviu do luminoso espírito de Cairbar Schutel, inesperadamente: «Fé em Deus, que nunca ha de faltar recursos para as obras do *Sanatório*»...

E assim tem acontecido.

Só lhe estão faltando os arremates para sua inauguração e imediato funcionamento, que até o mobiliário e o maquinário da instalação, tudo perfeitamente ajustável ás exigências oficiais, já lá estão, nos seus devidos lugares.

As origens do *Sanatório?*

E' a maior realização da Federação Espírita do Paraná, entidade que sabe harmonizar, admirávelmente, à difusão da Doutrina, nos moldes cristãos, as obras de assistência, justificadoras daquela difusão. A FEP ia construir um abrigo para velhinhos. Mas, o governo do Estado tomou-lhe a dianteira. Voltou-se, então, para o SANATÓRIO, obra, sem sombra de dúvida, de maior importância, eficiência, renúncia, e sacrifícios.

Já estão prontos, de construção moderna, segura e confortável, perfeitamente ajustados aos rigores da higiene e aos métodos modernos de tais construções, os pavilhões dos homens, das mulheres, das crianças, de observação e da administração, de isolamento e dos funcionários, dos médicos, farmácias e laboratórios.

Em volta, oito casas de madeira, estilo da terra, para o pessoal do serviço do campo, plantação e criação, que o SANATÓRIO vai ter sua horta, lavoura e criação próprias.

Ilustre psiquiatra de S. Paulo visitando-o, confessou que o Sanatório do Estado não lhe ficava, em nada, superior. E lá deixou os termos inconfundíveis de sua admiração. Um jornalista paulista, depois de visitá-lo, minuciosamente, sem dizer palavra, disse, de saída: «Agora, acredito no que dizem dos esptritas: que são uns loucos porque só loucos podem construir uma obra de tal vulto»...

O SANATÓRIO ESPÍRITA BOM RETIRO destina-se a curar obsessos pela terapêutica espírita, sem despresar a psiquiatria oficial, de vez que, com tal despreso, não teria permissão oficial para seu funcionamento.

Entre os animadores, no plano material, do *Sanatório*, destaca-se o dr. Artur Lins de Vasconcelos, nome conhecidissimo nos meios espíritas nacionais que tem feito ao SANATÓRIO consideráveis donativos. E à frente de sua construção, salientam-se, principalmente, em nome da FEP, os irmãos João Ghignone e Abib Isfer.

Sua inauguração será muito breve.

Far-se-à juntamente com o CONGRESSO ESPÍRITA DO PARANÁ, que está sendo articulado pela FEP.

O Fim do Caso Humberto de Campos

Depois de longa exposição feita pelo desembargador Alvaro Moutinho Ribeiro da Costa, a Terceira Câmara do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, confirmou a sentença do Dr. Mourão Russel, que julgou a família Humberto de Campos carecedora de ação contra a Federação Espírita Brasileira pela publicação das obras dêsse escritor, psicografadas pelo médium Francisco Candido Xavier.

Por não caber mais recurso ordinário, em virtude de ter sido unânime a decisão, está, pois, definitivamente julgada a causa, o que constitue motivo de júbilo para os espíritas em geral.

Entretanto, a Federação Espírita Brasileira resolveu atender, em parte, aos desejos da família de Humberto de Campos, retirando, nas futuras edições, da capa das obras mediúnicas, qualquer alusão ao nome de Humberto de Campos, renunciando, voluntariamente, a um direito que lhe conferiram os tribunais.

Dessa maneira fica encerrada a rumorosa questão que resultou numa proveitosa propaganda da doutrina espírita.

Deus sabe o que faz.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

8931CL PR 838
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 15 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2221unse

No. 1, 3-12 unavailable

ANO XXII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1946 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

31 de Março . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
Preito de Saudade . . . . *Lino Teles*
Invocação Testemunhal . . . . . *Fernando Pereira de Moraes*
Cruzada do Espiritismo de Vivos . *Leopoldo Machado*
Fenômenos . . . . *Spártaco Banal*
Vida e Perfectibilidade . . . . . *A. Mattos*
Trinta Anos entre os Mortos . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Dar e Receber . . . . *Amadeu Santos*
Interessante Caso de Desdobramento com Materialização . . . . . . *Mme. Marques Guedes*
Abaixo a pena de morte . . . . *Sousa Ribeiro*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1946 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

31 DE MARÇO

O dia 31 deste mês registra o 77.º aniversário do passamento do Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, que deixou as suas vestes materiais em Paris, na idade de 65 anos.

Para os espíritas, essa é, sem dúvida, uma das maiores datas, porque relembra a passagem, pela terra, de um dos Missionários da Luz, com a tarefa exclusiva de espiritualizar a humanidade de acôrdo com o Evangelho de Jesus Cristo. E essa tarefa êle a cumpriu cabalmente, tornando-se digno do amor e da admiração de todos quantos já tiveram a grande ventura de ingressar na fileira espírita.

Falar circunstanciadamente sôbre a vida e a obra gigantesca de Allan Kardec, que é um dos membros do Paracleto da Promessa, é trabalho difícil em face da carência de espaço, pois o trabalho desse Espírito ilustre, sua vida, sua obra, só podem ser relatados com todos os detalhes num opúsculo bem volumoso.

O que nos preocupa no momento é render-lhe a nossa homenagem sincera e reconhecida, porque a êle devemos os conhecimentos que temos da vida futura e a noção exata que temos dos nossos deveres e das nossas responsabilidades, o que constitue poderoso farol, cuja luz desfaz as densas trevas da nossa materialidade, desvendando-nos os amplos horizontes da vida eterna.

Allan Kardec, com o auxílio dos Espíritos, auxílio sem o qual o Codificador nada poderia realizar, assentou os alicerces da Doutrina Espírita, alicerces que, pela sua consistência, não necessitam de serem reformados pela vã presunção dos «sábios de última hora». Poderão colorir o templo magestoso que se edificou sôbre êsses alicerces, mudar os quadros, os bancos, mas jamais a ninguem, por mais ousado que seja, será permitido tocar nos alicerces, porque os obreiros que os assentaram são dos mais dedicados e dos mais competentes da Falange Celestial, dispensando a intromissão dos «eternos inovadores», que só servem para fazer confusão e causar dúvidas nos mais fracos.

A-pesar-de perseguidas pelos fariseus de todas as seitas e até por fariseus da ciência, as obras de Allan Kardec estão se difundindo cada vez mais, e, com elas, as outras obras espíritas, a ponto das emprezas editoras não vencerem os pedidos.

De um artigo do sr. Pagés de Noyez, publicado no «Journal de Paris», de 3 de abril de 1869, reproduzimos o seguinte tópico :

«O presidente da Sociedade Espírita de Paris está morto ; mas o número de adeptos cresce todos os dias, e os corajosos que o respeito pelo Mestre deixava no segundo plano não hesitarão em se evidenciar, por bem da grande causa.

«Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não é menos por isso um grande facto na humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo êsse imenso vácuo que o materialismo cavara a nossos pés e sôbre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança».

Allan Kardec vive em nossos corações, e a êle as nossas homenagens num preito de grande estima e admiração.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

4.a CATEGORIA

Caso XL. — Com o facto seguinte, assistimos à emissão progressiva, porém muitas vezes interrompida e regressiva, de fluídos do corpo do que morre até a formação completa do «corpo etérico» perfeito, com percepções de entidades espirituais vindas para acolher o recem-nascido no mundo invisível.

O relator-percipiente é o célebre médium Rev. William Stainton Moses, e o fenômeno verificou-se no leito de morte de seu próprio pai. O Rev. Moses publicou imediatamente o relatório na revista *Light* (9 de Julho de 1887), de que então era diretor. Êle escreve :

> «Recentemente e pela vez primeira em minha vida, tive ocasião de estudar o processus da desincarnação de espírito. Tantas cousas aprendi nessa experiência que útil me parece narrar aos outros o que vi... Tratava-se de um parente bem próximo, quasi de 80 anos, que se encaminhava para o túmulo sem ter sido atingido por moléstia alguma... Percebi, por certos sintomas, aparentemente insignificantes, que seu fim estava próximo, e acorri a cumprir o penoso dever que em tais circunstâncias nos incumbe...
>
> Com auxílio de meus dons espirituais, pude discernir como, em redor e acima de seu corpo, se formava a «aura» luminosa com a qual o espírito deveria forjar para si um corpo espiritual. Vi quanto ela aumentava em volume e em densidade, si bem que sujeita a contínuas variações para mais ou para menos, segundo as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Assim dado me foi constatar como a absorção de ligeiro alimento ou a influência magnética de pessoas que rodeavam o enfêrmo tinham o efeito de, por vezes, avivar momentaneamente seu corpo e obrigar o espírito reintegrá-lo. Assim a aura aparecia mais ou menos luminosa segundo o fluxo e o refluxo. Eu assistia ao mesmo processus durante 12 dias e 12 noites, e posto que

desde o sétimo dia o corpo mostrasse sinais evidentes da catástrofe iminente, essa curiosa flutuação da vitalidade espiritual em via de exteriorização, se prolongou da mesma maneira. Por intervalos, mudava a côr da aura, a qual assumia, além disso, formas cada vez mais definidas à medida que para o espírito se aproximava a hora do livramento. Foi somente 24 horas antes da morte, quando o corpo jazia inerte, as mãos cruzadas sôbre o peito, que vi aparecerem «anjos de guarda», que avançaram para o moribundo e, sem esfôrço algum, fizeram sair o espírito do corpo esgotado.

Simultaneamente os familiares declararam que o corpo estava morto. Podia ser que assim fosse. Com efeito, o pulso e o coração não davam sinal algum de vida, o espêlho não se embaçava ao seu hálito. E todavia, os «cordões magnéticos» ainda ligavam o espírito ao cadáver, e ainda permaneceram durante 38 horas. Eu observo que, se nesse período interviessem condições favoráveis, e se uma vontade poderosa tivesse agido sôbre o cadáver, possível teria sido chamar o espírito ao corpo. A ressurreição de Lázaro não se teria realizado em tais circunstâncias? Quando finalmente se romperam os «cordões fluídicos», os traços do defunto, que exprimiam os sofrimentos suportados, tornaram-se completamente serenos e assumiram inefável expressão de paz e repouso».

O caso relatado é sobretudo interessante pelo facto de se assistir a todas as fases de desdobramento do «corpo étérico» e do «corpo carnal» até a completa formação do primeiro, com a visão que se seguiu de defuntos que acorreram para receber o espírito recem-nascido.

Bem se compreende que a percepção total do fenômeno tal qual foi descrito, somente está reservada aos olhos de «sensitivos» e de médiuns. Razão por que são tão raros, os casos de ordem *coletiva* nesta categoria de manifestações. O que contrasta curiosamente com o outro facto de, nas «aparições de defuntos» no leito de morte, fenômenos complementares dos que aquí estudamos, muito frequentes serem os casos de percepções coletivas e sucessivas dos mesmos fantasmas de defuntos.

De todos os modos, facto é que em minhas classificações somente quatro casos se encontram de visão *coletiva* do «corpo etérico» perfeitamente separado no leito de morte, com esta particularidade que prefiro não utilizar, seja por causa da forma anedótica dos relatos, seja por causa da insuficiência de detalhes.

Vou, pois, relatar outros dois casos do gênero, de ordem coletiva, mas que se desenrolam algum tempo antes da morte de pacientes. Do que ressalta tratar-se bem ainda nessas contingências, de um fenômeno de «desdobramento» espontâneo e passageiro de pessoas vivas, e não dessas emanações vitalizantes do organismô humano que concorrem para a elaboração difinitiva do «corpo etérico», quer dizer, do «invólucro do espírito». Existe uma diferença entre as duas ordens de fenômenos, mas, no fundo, ela é mais teórica do que prática.

(Continua.)

* * *

Tudo evolúe, tudo progride no mundo, no universo, na natureza! A própria natureza é testemunho e dá testemunho do progresso, da evolução que constitúe a Lei Suprema de Deus.

Partindo do mínimo para o maximo, nós vemos traçadas com letras indeléveis no plano da natureza, a palavra: — Evolução! — começando do máximo para o mínimo, se salienta com exuberância a sentença que inspirou o filósofo, para em altos surtos do pensamento glorificar a Deus: *Semper Ascendens!* — CAIRBAR.

PREITO DE SAUDADE

Por LINO TELES

ESTE mês recordamos o oitavo aniversário da desencarnação do querido irmão de lutas Cairbar Schutel, um dos mais fervorosos pioneiros do Espiritismo no Brasil, um missionário que realizou obra muito acima do que podem fazer os homens comuns do planeta. Pobre, sem instrução superior, sem auxílio humano, numa pequena localidade do interior, Cairbar Schutel realizou a transformação de si mesmo e do seu meio. Sem instrução, transformou-se pelo estudo em mestre dos outros, em autor fecundo e inesquecível. Pobre, estabeleceu o jornal espírita mais difundido do país com oficinas próprias, fundou e perpetuou uma bela revista, publicou uma série de catorze volumes doutrinários, alguns dos quais já alcançaram várias edições ou foram traduzidos em outras línguas. Todos êsses continuam produzindo o fruto bendito de esclarecer as conciências.

Cairbar Schutel possuía aquela fé que transporta montanhas, filiada a uma humildade que pode transformar o mais simples dos homens em sábio e santo. Com êle correspondiamos quasi diáriamente durante os seus últimos vinte anos de vida terrena, e recebiamos de suas virtudes os mais edificantes exemplos.

Nada mais houvesse realizado êsse pioneiro, além de montar uma oficina e distribuir pelo Brasil semanalmente um jornal espírita com a lista completa dos livros doutrinários, e isso durante quarenta e um anos, e já lhe deveriamos muitissimo do que hoje é o Espiritismo no Brasil. Dez mil exemplares de O *Clarim* recordam sem cessar a necessidade de estudarmos e termos uma bibliotéca espírita.

Achando, porém, que O *Clarim* só interessava à gente simples e que temos deveres também para com os outros irmãos, Cairbar teve a idéia de fundar uma revista luxuosa em excelente papel, ilustrada e tratando principalmente do aspecto científico do Espiritismo. Achávamos uma temeridade tal iniciativa e a desaconselhamos, mas fomos vencidos pelo otimismo do apóstolo. Escrevia-nos êle por êsse tempo: «Dará muito prejuizo, sim, mas isso não importa, os Caros Espíritos me aconselharam a fazer e disseram que V. também ajudará. Mãos à obra, pois, e havemos de vencer!» A Revista quasi não tinha assinantes, era distribuida gratuitamente, mas de vez em quando um leitor apontava um êrro nosso, e isso era motivo de grande júbilo para o editor. Remetia-me a crítica e uma carta, entusiasmado: «Como vês, a Revista está sendo lida!»

Quando chegou a ter quasi um milheiro de assinantes escreveu-me com grande alegria: «A Revista já tem quasi mil assinantes. Aproxima-se o tempo em que ela terá vida própria!»

Hoje a Revista tem vinte e um anos feitos, mas não sei nem quero saber se já tem vida própria. Sei é que *Reformador* aos 64 anos ainda depende muito da bolsa materna para poder viver. Se eu perguntasse aos continuadores da obra de Cairbar Schutel, talvez, por uma piedosa fraude, me dissessem que a Revista já não lhes dá prejuizo *quasi* nenhum. A verdade muito consoladora é que ela continua aparecendo com toda a regularidade ao entrar em seu 22.° ano, e isso prova que a obra de Cairbar Schutel encontrou continuadores dignos de seu nome.

Vamos recordar aquí aos leitores de *Reformador* os títulos dos livros que continuam cumprindo a missão apostólica de Cairbar Schutel. Foram todos editados e vão sendo reimpressos na Editora de O *Clarim*. Eis os títulos:

Interpretação Sintética do Apocalipse, 6.ª edição.

Parábolas e Ensinos de Jesus, 5.ª edição.

O *Diabo e a Igreja*, 4.ª edição.

Médiuns e Mediunidades, 4.ª edição.

Cartas a Êsmo, 3.ª edição.

Espiritismo e Protestantismo, 3.ª edição.

O *Espírito do Cristianismo*, 3.ª edição.

Vida e Atos dos Apóstolos, 3.ª edição.

Gênesis da Alma, 3.ª edição.

Conferências Neo-Espiritualistas Radiofônicas.

Os *Factos Espíritas e as Fôrças X...*

Espiritismo e Materialismo.

A Vida no Outro Mundo.

Histeria e Fenômenos Psíquicos.

De algumas obras não sabemos quantas edições já foram tiradas. Por um dos livros, vê-se que Cairbar Schutel foi pioneiro da propaganda espírita pelo rádio, pois que em 1936/37 irradiou pela «Rádio-Cultura de Araraquara P R D 4» uma série de palestras que mais tarde publicou num volume de 206 páginas que poderá servir de modêlo aos novos propagandistas Que saibamos, ninguém mais publicou em forma de livro suas palavras radiofônicas e mesmo o autor destas linhas poderia tê-lo feito, deveria ter reunido suas palavras radiofônicas em volume para ajudar o trabalho dos novos.

Destas poucas linhas, vê-se que o saudoso Cairbar Schutel foi um dos mais, senão o mais dinâmico trabalhador da Seára e precursor da obra do livro espírita no Brasil.

Com servidores tão dedicados no plano espiritual, a nos guiar, nada devemos temer nos empreendimentos a favor da doutrina. Tudo será vencido galhardamente por êles.

De «Reformador», de Janeiro de 1946.

INVOCAÇÃO TESTEMUNHAL

DEUS ! — eterna fonte geradora do infinito — causa e efeito, efeito e causa, do Todo inextinguível — suprema inteligência a palpitar em todo universo — luz criadora de todas as luzes a pairar sempre no incomensurável além do imaginável — fóco vital e conciênte de todas as vibrações universais — incógnito saber que se plasma na verdade eterna — eterna e incógnita verdade que se faz luz na inteligência — inteligência que se irradia e se manifesta através de imaculadas e infalíveis leis — onipotente consubstanciação da infalibilidade das leis atuantes no grande e sábio PORQUE da desdobração da vida em suas múltiplas modalidades — verbo soberanamente lúcido da razão de ser das infinitas manifestações e inimagináveis metamorfoses da vida em sua sutilíssima e transcendental complexidade — imortal inteligência do eterno poderoso a projetar-se ininterruptamente dos sublimes segredos dos tempos e do espaço — EU SOU — ó DEUS ! — embora pequeníssima — MAS SEI QUE SOU — uma inegável parcela do VOSSO testemunho aquí na terra, porque sou uma partícula da VOSSA obra, um átomo da VOSSA inteligência a despertar-se na vida Universal captando das VOSSAS intangíveis vibrações as vibrações da minha vida real no tempo e no espaço.

DEUS ! ó DEUS ! — sinto-me imortal em VOSSA própria imortalidade. — Sei que, como a VÓS, também coisa alguma jamais me aniquilará, porque, EU, em verdade, sou minha própria inteligência e ela é VOSSA sublime emanação. — Eu sou minha inteligência, e minha inteligência é o meu único, verdadeiro e indivisível SÊR. — O meu SÊR que, também em verdade, sou EU mesmo, sente-se, em espírito, concientemente integrado em seu lúcido estado de imortalidade — e, porque assim é, EU, partícula do IMORTAL, serei eternamente — ó DEUS ! — onde quer que me encontre, dentro ou fóra da matéria, o lídimo e inextinguível testemunho, (mesmo que não o quisesse), da VOSSA e da minha própria IMORTALIDADE no ETERNO PRESENTE.

Fernando Pereira de Morais.

(Itapetininga — E. S. Paulo, 1/1/46).

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Leopoldo Machado ———— *(Continuação)*

A verdadeira função dos centros espíritas ainda está, para nós, por ser observada.

Função que serve ao espiritismo de hoje e do futuro.

Que deve servir, principalmente, ao espiritismo do futuro.

Função que não deve ser, é óbvio, a do comércio exclusivo com os mortos, a de sessões mediúnicas e práticas doutrinárias sómente para grandes, a da distribuição de receituário e medicamentos, de passes e água fluida.

Tudo isso é, não ha negar, espiritismo.

Mas, o Espiritismo é que não é sómente isso...

A principal função dos centros deve ser a formação de consciências cristãs, pelo estudo.

E' a espiritualização dos lares espíritas.

E' a da educação espiritual dos jovens e das crianças.

E' a de nossa reeducação espiritual.

Centro espírita a que falte uma escola bem organizada, uma boa aula de educação moral às crianças, uma animada juventude espírita, um agrupamento feminino interessando nos serviços de formação de lares espíritas e de assistência social, não passará, talvez, de uma antecamara da mansão dos mortos.

Trabalhar, pois, inteligentemente, alegremente e continuadamente o espírito feminino, a inteligência e o coração do jovem e da criança, é trabalho bem mais proficiente para a hora que passa e para o futuro da Doutrina.

Objetivo êste, que só o Espiritismo de vivos pòde realizar.

* * *

Espiritismo de vivos é o que ilumina encarnados e espiritualiza vivos, afim de que, amanhã, desencarnados, de volta á Espiritualidade, não precisem baixar ás nossas reuniões mediúnicas, para serem espiritualizados e cristianizados.

Dar e esclarecer em vida e a vivos, é mais, muito mais do que esclarecer e dar somente a espíritos.

E' trabalhar para o futuro da Doutrina e da Humanidade, servindo, concomitantemente, á Humanidade e á Doutrina, também, no presente.

A criatura esclarecida por êsse espiritismo, entra a desfrutar, imediatamente, as vantagens da Doutrina.

Não se perturba depois de desencarnado, nem perturba, baixando ou subindo ás sessões os outros.

E está combatendo o bom combate de contribuir para a formação das verdadeiras gerações espíritas do futuro.

Repitamos sempre : a maior dificuldade, os programas !

Haja, porém, autoridade moral e capacidade cultural da parte do que se põe á frente de tais programas difíceis, e ter-se-á conseguido tudo !

Autoridade moral, ainda mais do que capacidade intelectual, a par de muito bôa vontade de acertar, é o que mais xige um movimento desses...

Autoridade moral inerentes a atos, exemplos e factos.

Tais argumentos convencem e produzem mais do que palavras bonitas, discurseiras retumbantes !

Sem que o prègador procure ser o modêlo do que prèga—e 90 °/o das criaturas só se deixam levar por prègações, levando em conta os prègadores !— nada se terá conseguido...

Conhecimento integral do que prèga, a par da autoridade moral, vale por importante percentagem para êxito.

Diz-se, a miude—principalmente os que procuram justificar sua cultura—que «em espiritismo não ha mestres».

Realmente, assim é de um modo geral.

Se, porém, mestre é, quem ensina o que se ignora, todo irmão que expõe pontos de Doutrina ainda desconhecidos, ou mal compreendidos pelos assistentes, está exercendo funções de mestre, não ha dúvida.

Não ha «mestres em Israel», doutores da Lei e sacerdotes assalariados para ensinar, a dentro do Espiritismo, é facto.

O «no espiritismo não ha mestres»,

que se repete por aí, é responsável por muita incompreensão, por algum orgulhozinho generalizado, exatamente entre 90 % dos que usam a expressão, arvorados, a seu turno, a mestres...

A ausência—ousamos afirmá-lo, de conhecimentos gerais e de autoridade moral, eis as causas principais da escassez de frequentadores às reuniões de estudo de muitos centros espíritas.

E' a causa principal das reuniões de estudos andarem vasias, contrastando com a enchente às chamadas de «trabalhos práticos».

Pudéra ! Aquilo que póde beneficiar a saúde e satisfazer a curiosidade, atrai mais do que aquilo que enfastia, que faz dormir .

Nem adultos de bom senso conseguem assistir, interessados, a sessões, que, além de começar e terminar com preces de légua-e-meia, cheias de pedinchamentos, ainda se arrastam enfastiando, narcotizantes...

* * *

O *método para atrair*, atualmente, a ambientes espíritas, já não póde ser o mesmo de cincoenta anos atrás.

Parece que deve ser menos áspero e mais alegre, que convide á meditação e ao espairecimento espiritual.

Que, a um só tempo, doutrine e ensine, recreie e conforte.

Ambientes de câmaras-mortuárias já não podem — repetimos — agradar a espíritos amadurecidos, quanto mais a crianças, jovens e senhoras.

E, num programa de Espiritismo para o presente e futuro, mais para o porvir do que para a atualidade, é dessa gente que se deve e se tem de cuidar, principalmente.

Insistimos, ainda, no programa, como a solução para o problema.

A exposição clara e sintética da Doutrina conjugada ao ensino evangélico e à observação de factos concretos, a postulados dos conhecimentos gerais das coisas e ao testemunho da História, numa explanação doutrinária, é de um efeito extraordinário numa sessão de estudos.

O Espiritismo não é doutrina que deve ser prègada somente dentro dos livros como o protestantismo é prègado dentro da Bíblia e o catolicismo dentro dos livros para a igreja sagrados.

O Espiritismo tem que ser prègado dentro da Vida, dos factos da ciência, dos ensinamentos evangélicos, das lições da História.

Expostos seus ensinamentos à luz dos Evangelhos, o mais belo código de sabedoria e moral que se conhece sob o abono da ciência, a coisa mais positiva que se julga e convidada a História, «a mestra da Vida», para a confirmação das lições evangélicas e dos factos espíritas, o interêsse que, assim, o Espiritismo despertará, é sem conta.

E os que não dispuserem de recursos intelectuais para tanto ? — perguntar-se-á.

O Espiritismo não é Doutrina de Educação ?

Não é doutrina da qual «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última»?

Assim, sem estudos sérios e metódicos, impossível ser um expositor à altura dos merecimentos da Doutrina Espírita.

Daí, ser aconselhável a reunião, vez por outra, de expositores de bôa vontade de uma zona, para estudos em conjunto e troca de impressões, conhecimentos e observações, uns auxiliando os outros, os que têm mais dando aos que tem menos, numa contribuição sincera para a unidade doutrinária.

Era isso, aliás, o que faziam os primeiros cristãos, a exemplo dos apóstolos.

Método aplicável às reuniões de estudos e às conferências.

As conferências espíritas, bem articuladas, são de incalculável valimento.

Dispõem, mais do que as reuniões ordinárias, espíritos e corações para a Doutrina.

O conferencista é o semeador.

Lança, por onde passa, a bôa semente, que deve ser regada e cuidada pelos *jardineiros do espírito*, os dirigentes do centro ou do meio visitados.

Rega e cuidados que implicam no reavivamento, através de outras conclusões e ilações ajustáveis ao meio, do que foi exposto e ensinado.

Mas, o conferencista deve ser, sôbre tudo, claro, preciso, lógico, substancioso.

E deve preferir à conferência lida, por mais substanciosa que seja, a improsada, que agrada mais, que não leva a assistência a ficar calculando as laudas que faltam para acabar, que ensancha desculpas para possíveis enganos e trocas na posição da matéria.

Se, entretanto, o orador não fôr capaz, póde até destruir, com idéias, conceitos e críticas insensatas que exponha, o trabalho construtivo que «os jardineiros do espírito» locais, vinham realizando...

* * *

As Reuniões Festivas exigem mais.

Um pouco de bôa literatura e de bôa arte, de teatro educativo e alegria cristãs misturados a peças doutrinárias.

E música suave, e canto espiritualista, tudo que possa sensibilizar, extasiar.

O teatro principalmente.

O *Teatro Espírita* é fator dos mais preponderantes no serviço da educação, recreação e propagação do Espiritismo.

Como o foi em muitas doutrinas, das que mais se desenvolveram.

A Igreja de Roma dêle se serviu, juntamente com a formação das mentalidades infantís, para dominar.

Na época de seu maior fastígio, e nos países em que mais imperou, as representações teatrais estavam nas mãos dos reverendos.

E era as igrejas, transformadas em teatro, que o povo corria a aplaudir os «mistérios» e os «atos», nomes que se davam ás representações teatrais.

Atos e mistérios da vida de Jesus e dos «santos».

Um programa teatral — e teatro é, incontestavelmente, a melhor escola de educação e de arte por excelência, para sacudir sensibilidades e despertar emoções! — um programa teatral de verdade — e aquí pusemos, propositalmente, êste *de verdade*, por compreendermos, que teatro para ambientes espíritas, ou para ser influenciados pela Doutrina Espírita, não deve, nem póde ser êste que vemos por aí, a miude, cheio de coisas profanas, que não educa, nem emociona; que só faz rir quasi que parvamente — póde fazer mais do que dezenas de conferências.

Teatro para ambientes espíritas, ou que o Espiritismo quer influenciar, deve e tem que ser espiritualista, educativo, espírita.

Não comporta peças profanas, números insôssos e mal ensaiados.

O teatro espírita de verdade, doutrina e convence mais do que meia duzia de prègações e conferências substanciosas.

E interessa a espíritas e não-espíritas; a velhos, senhoras, jovens e crianças.

A existência de um núcleo teatral bem orientado, anexo a cada centro ou escola espírita, que represente sómente coisas espiritualistas, doutrinárias, educativas, de bôa literatura e bôa arte, além de alto serviço de propaganda, educação, recreio, serve, ainda, de fonte de recursos para a própria manutenção do programa, ou para atender, financeiramente, a outras finalidades humanitárias, mantidas pelo centro, ou pela escola.

Ainda não podemos compreender as finalidades superiores da representação de peças profanas, sómente para distrair, nos palcos de centros espíritas.

Entre outras muitas incoerências, emerge do êrro, aliás tão comum, esta:

As peças espíritas — e já as possuimos algumas, podendo aparecer outras, por fôrça de estímulos fortes! — só mesmo nos palcos dos centros espíritas serão representadas.

As profanas, entretanto, têm, ao seu dispôr, os teatros lá de fóra, os rádios, os picadeiros, tudo!

Levá-las, ainda, para os ambientes espíritas, é crime contra o legítimo teatro espírita. E, até contra a Doutrina mesma.

Duplo crime, se forem peças, apenas, para fazerem rir.

E nem se alegue que fóra dos centros as nossas peças não seriam toleradas.

Principalmente para certas platéias deseducadas, que confundem teatro com chalaça, visto como só compreendem teatro feito motivo de fazer rir.

Maior serviço, então, neste caso, para o nosso teatro: educar e espiritualizar as massas.

Uma experiência animadora, que nos autoriza a afirmar o que aí está, é a que temos levado a efeito por cá, em nosso meio.

Nossos moços da «Juventude Espírita», nossas crianças da «Escola João Batista» e do «Lar de Jesus» e da «aula de moral cristã» mantêm seu teatrinho.

Suas récitas atraem assistências que superlotam o salão.

Todos êsses programas vão produzindo mais e melhor a prol da difusão da Doutrina e da preparação de futuros espíritas, do que as reuniões puramente teóricas, do que as sessões simplesmente mediúnicas...

Obras de assistência social, que amparem, principalmente, crianças, nos moldes do LAR DE JESUS, e que reunam, se possível, muitos centros num movimento confraternativo, a prol de programas de experimentação, aproximação e ação implicam fatores excepcionais do espiritismo de vivos e para vivos.

Frizamos *principalmente que amparem crianças*, por tratar-se de obras de maior eficiência.

Não se nega altruismos e renúncias ás obras de amparo á velhice, de recolhimento a enfêrmos e obsessos.

Estamos mesmo em que, em tais obras ha mais renúncias e sacrifícios.

Não apresentam a alegria e a inocência irrequietas das crianças.

Entretanto, amparar crianças, educando-as bem, é maior serviço prestado á sociedade de hoje e do futuro; é construir a nacionalidade e a humanidade de amanhã, além de ser maior aproximação Daquele que disse: «Deixai vir a mim os pequeninos. Quem receber um desses pequeninos em meu nome, é a mim que recebe».

(Continua).

Fenômenos

O DESAPONTAMENTO E CONVERSÃO DE UM CÉPTICO

Das doutrinas que têm a sua base fundamental no Evangelho do Cristo, nenhuma teve a primazia de fazer tão grande número de prosélitos, e em tão curto prazo de tempo, como a Doutrina dos Espíritos, não obstante a guerra de calúnias que lhe movem os seus inimigos da terra e do espaço. O Espiritismo será, incontestavelmente, a «*religião universal do futuro*», como bem dizia o inesquecível companheiro Léo Quadrio. Êle continuará no decorrer dos séculos arregimentando os soldados da fé cristã, afim de unir todas as criaturas numa só família, sem distinção de nacionalidade ou raças.

Por isso os espíritos incumbidos de universalizar os princípios divinos da Nova Revelação, não cessam de, em toda a parte do universo, atestar a sua presença aos homens incréos para que se convertam e saibam que a nossa alma é imortal e que se comunica com os seus irmãos da terra.

Constantemente os jornais de todos os paizes do mundo nos dão detalhadas notícias sôbre casos de conversões à doutrina dos espíritos, efetuadas pelas entidades que vivem no além túmulo. Neste sentido há, também, milhares de volumes espalhados pelo mundo, onde homens eminentes registraram o resultado de suas experiências espiríticas.

O interessante caso de conversão que vamos citar é narrado pelo professor Augusto de Morgan, que foi secretário da «Real Sociedade Astronômica de Londres».

E' assim que o transcreveu do livro "*From Matter to Spirit*" de autoria daquele professor, um confrade de São Paulo:

«Augusto de Morgan narra um facto a que assistiu na sala de jantar de um amigo, na qual nove pessoas tomaram assento em redor da messa. Um cavalheiro presente que se exprimiu de modo céptico em relação aos poderes invisíveis, não quís tomar parte na sessão e sentou-se em um sofá apartado do grupo. Uma mensagem tiptológica convidou todos a ficarem de pé em tôrno da mesa sem contacto com ela. Todos assim se conservavam havia um quarto de hora, e quando alguns supunham que estavam ludibriados pela fôrça desconhecida, e já propunham interronper a experiência, a pesada mesa estremeceu. Mais um momento, e o movel sem que pessôa alguma o tocasse, deslocou-se, rompeu o círculo e rodou resolutamente em direção ao cavalheiro isolado a quem foi apertando videntamente contra o encôsto do sofá, até que o céptico impressionado gritou:

«Pára!... basta!...»

E' assim que os adversários inconcientes se tornam crentes concientes.

Spártaco Banal.

Vida e Perfectibilidade

«Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o calix, e dando graças, deu-lh'o, dizendo: *Bebei dele todos;* porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados» Mateus, XXVI, 26, 27 e 28; Marcos, XIV, 22, 23 e 24; Lucas. XXII, 19 e 20; Cor., X, 16 e 17; XI, 23, 24 e 25).

O mais sublime ensinamento sôbre a vida, como meio de perfectibilidade constante, não tem sido compreendido e praticado, como devêra ser. Por intérmedio da vida corporal se atinge a elevação da vida espiritual. A reencarnação é o meio, e a educação divina é o fim. A Sabedoria Divina concede-nos o sublime aparelho físico terrestre para as nossas aquisições eternas.

No livrinho super-edificante que a Federação Espírita Brasileira acaba de editar sob o título de MISSIONÁRIOS DA LUZ, ditado por um Espírito de grande elevação moral e intelectual que tomou o pseudônimo de André Luiz, à mediunidade dedicada e feliz de Francisco Candido Xavier, encontramos os seguintes ensinamentos, (página 103):

«O corpo é instrumento elevado nas mãos do artista, que deve ser divino. Se aspirais ao desenvolvimento superior, abandonai os planos inferiores. Se pretendeis o intercâmbio com os sábios, crescei no conhecimento, valorizai as experiências, intensificai as luzes do raciocínio! Se aguardais a companhia sublime dos santos, santificai-vos na luta de cada dia, porque as entidades angélicas não se mantêm insuladas nos júbilos celestes e trabalham também pelo aperfeiçoamento do mundo, esperando a vossa angelização! Se desejais a presença dos bons, tornai-vos bondosos por vossa vez! Sem afabilidade e doçura, sem compreensão fraternal e sem atitudes edificantes, não podereis entender os Espíritos afáveis e amigos, elevados e construtivos. Se não seria razoável encontrar Platão ensinando filosofia avançada a tribus selvagens e primitivas, nem Francisco de Assis operando com salteadores, não será admissivel a integração dos Espíritos esclarecidos e santificados com as almas rigorosamente agarradas ás manifestações mais baixas e grosseiras da existência carnal. Em vossas atividades espiritualistas, lembrai-vos de que não vos encontrais perante uma doutrina sectária de homens em trânsito no planeta! Permaneceis num movimento divino e mundial, de libertação das conciências, numa revelação sublime de vida eterna e de valores imortais para todas as criaturas de boa vontade!

. . . .

«Jamais quebreis o fio de luz que nos liga, individualmente, ao Espírito Divino! Não permitais que o egoísmo e a vaidade, os apetites inferiores e as tiranias do «eu» vos empanem a faculdade de refletir a Divina Luz. Recordai que em nossa capacidade de servir, em nossas posições de trabalho, estamos para Deus como as pedras preciosas da Terra estão para o Sol criador — quanto mais nobre a pureza da pedra, mais possibilidades apresenta para refletir o brilho solar!»

Mas, para a compreensão da sublimidade daqueles ensinamentos, em que a profundeza não pode medir-se pela singeleza e a simplicidade, porque simples foram os homens que tiveram a dita de ouvi-los e escrevê-los, tornaram-se necessários milênios, até que a fé religiosa, a filosofia confortadora da imortalidade e a ciência enobrecida se foram colocando a serviço da razão iluminada.

Sob a égide da Graça, como concessão divina ministrada com sacramentos materializados, colocou-se o problema da salvação das almas sómente sob a Vontade Divina, sem nenhum esfôrço humano.

Por mais que nos Evangelhos encontremos referências diversas, em várias passagens, sobre a vida corpórea, designando-se o corpo humano como o templo em que se instala a centelha divina, que é a alma, para a constante e indispensável purificação; nosso apêgo á letra dos sublimes Escritos Divinos, e á vida material, entretanto, muito têm retardado a verdadeira compreensão de tão profundos ensinamentos.

Sendo o corpo humano o templo material de duração temporária, a que o próprio Divino Mestre denominou Templo do Senhor, que se sustenta da matéria e do espaço, para a produção do sangue, que é a seiva da vida, necessário é que assim o compreendamos, como veículo, para a edificação do Espírito imortal.

O corpo e a alma necessitam de alimento constante. Aquêle, para a sua vida transitória de meio, e esta, para a sua perfectibilidade infinita, de finalidade da vida.

Mas o homem só tem sabido abusar da evolução material, transformando as prodigiosas dádivas divinas em fôrças de destruição e miséria. A ignorância, a vaidade e a má-fé permanecem incapacitadas por si próprias, traçando fronteiras de limitação por si mesmas. O discernimento sôbre a razão de ser da vida terrena pede muito estudo e observação. Sem um grande esfôrço intelectual e um rigoroso empenho moral, de continência e seleção, não se pode discernir livremente e com acerto.

Grande é a responsabilidade do homem, em frente ao corpo material, cumprindo-lhe dispensar-lhe o maior cuidado, para que não seja malbaratado, e, a-fim-de que, por intermédio do mesmo, possa colher a maior soma possível de bens espirituais. O apuramento moral e a iluminação intelectual são infinitos. Da animalidade perversa de um Gestas à espiritualidade ilimitada de Jesus, inatingida por outros sêres até agora vindos à Terra, a trajetória é imensa e os erros constatados na vida humana muitas vezes a tornam ainda mais extensa e infortunada.

Ensina, em outra passagem, o precioso livrinho a que nos referimos, com o maior reconhecimento aos seus elaboradores, que: «O corpo humano é um patrimônio herdado há milênios, que a Humanidade vem aperfeiçoando, através de séculos. O plasma, sublime construção efetuada ao influxo divino, com a água do mar, nas épocas primitivas, é o fundamento primordial das organizações fisiológicas. A reencarnação é o curso repetido de lições necessárias. A vida terrena é uma escola divina. E o amor, por intermédio das atividades «intersessórias», reconduz ao banco escolar da carne, milhões de aprendizes, diáriamente.

A criatura renasce com independência relativa e, por vezes, subordinada a certas condições mais ásperas, em virtude das finalidades educativas, mas semelhante imperativo não suprime, em caso algum, o impulso livre da alma, no sentido de elevação, estacionamento ou quéda em situações mais baixas. Existe um programa de tarefas edificantes a serem cumpridas por aquele que reencarna, onde os dirigentes da alma fixam a cóta aproximada de valores eternos que o reincarnante é suscetível de adquirir na existência transitória. E o Espírito, que torna á esfera da carne, pode melhorar essa cóta de valores, ultrapassando a previsão superior, pelo esfôrço próprio intensivo, ou distanciar-se dela, enterrando-se ainda mais nos débitos para com o próximo, menospresando as santas oportunidades que lhe foram conferidas.»

«Todo plano traçado na esfera superior tem por objetivos fundamentais o bem e a ascenção, e toda alma que reencarna na Terra, ainda aquela que se encontra em condições aparentemente desesperadora, tem recursos para melhorar sempre.»

O simbolismo do Corpo do Divino Mestre ressalta a indispensabilidade do pão alimentar quotidiano; e o do vinho, a seiva da vida, na senda da espiritualização perfectiva infinita, o meio por que o homem pode alcançar a salvação. Necessidades indispensáveis e quotidianas para a salvação de toda Humanidade. Na Epístola citada de Paulo aos Coríntios, X, 17, entra êle no seguinte detalhe: «Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão.» E' por intermédio desse corpo que podemos, através de muitos séculos e de muitas vidas, fazer jus a um corpo tambem eterno, mais assimilavel á Alma Humana, de origem divina. Mas a cada um, proporcional e sucessivamente, segundo suas obras. Todo o nosso esfôrço tem que ser para essa transformação multi-secular. O Corpo do Divino Mestre é o padrão do que devemos ainda atingir.

A. MATTOS.

Belo Horizonte, 3/XII/945.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPÍTULO VII

Espíritos e suicídios

Grande é o número de suicídios devidos à ação possessora ou obsessora de espíritos chumbados à terra. Alguns dêsses espíritos são levados pelo desejo de atormentar as suas vítimas; outros, que terminaram suas existências como suicídas, se vêm ainda vivos e, não tendo conhecimento algum do mundo espiritual, permanecem na ilusão de que sua tentativa falhou e assim repetem seus esfôrços suicídas.

Quando tais influências entram em contacto com pessoas sensitivas, tomam seus corpos físicos como seus próprios e as impressionam com pensamentos mórbidos e as levam a atos de desespêro.

A sorte do suicída é, invariavelmente, a da mais profunda desgraça; seu ato desesperado o retem na atmosféra terrena até o tempo em que o seu corpo deveria ter o seu fim natural.

Certa vez entrámos em contacto com o espírito de uma mulher, a Sra. X., que fôra, na Europa, professora de minha Escola Dominical, quando eu era ainda rapaz e da qual a Sra. Wickland nunca ouvira falar.

Era uma senhora inteligente e espirituosa, frequentadora assídua da igreja, feliz em seu matrimônio e mãe de vários filhos. Quando mais contente e feliz parecia e, sem deixar comunicação alguma em que explicasse os motivos do seu gesto, se enforcou, sem que o marido horrorizado e os filhos chegassem a compreender o trágico acontecimento.

Dez anos após e num dia de inverno, estando só com a minha esposa, em nossa casa, em Chigado, foi a Sra. Wickland tomada por um espírito que aspirava profundamente o ar e parecia estar-se afogando. Êste espírito, como tantos outros, não tinha conciência de que aquêle corpo não era o seu e, ao pôr-se em contacto com a matéria, voltava á passar por todas as angústias da sua morte.

Depois de muitas perguntas, soube, finalmente, com grande surprêsa, que ali estava o espírito de minha antiga amiga, que pusera termo à vida, enforcando-se. Achava-se ainda na atmosfera terrena e descreveu o incrível inferno mental em que vivera aqueles terríveis dez anos.

«Quando me vi fóra do meu corpo mortal, compreendi qual havia sido a causa de meu ato desesperado. Vários espíritos maus, atraídos para mim por pensamentos daninhos de outras pessoas, estavam a meu lado, fazendo caretas com diabólica satisfação pelo resultado do seu trabalho.

«Sua influência maligna me levára a pôr termo à vida; nunca havia pensado em tal loucura. Tive um impulso irresistível, passei uma corda em torno ao pescoço e era demasiado tarde quando me apercebi do que havia feito.

«Tudo daria para volver a meu corpo. Passei por todos os horrores do desespêro e do remorso. Meu lar destruído, meu marido desconsolado e meus filhinhos sem ninguém para cuidá-los! Ignoram que vou sempre para seu lado e faço todo o possível para consolá-los, embora tenha vivido, até agora, entre trevas e penumbras».

Depois que a confortámos e lhe demos algumas explicações sôbre o mundo espiritual, mostrou-se desejosa de seguir os bons espíritos para que lhe ensinassem a ajudar seus entes queridos, na face da terra.

Anos mais tarde e na ocasião em que tínhamos a nosso cuidado certa enfêrma com forte tendência suicida, voltou a visitar-nos, para exortá-la a que não acedesse a nenhum impulso.

Sessão de 17 de Novembro de 1918

Espírito: Sra. X. — Médium: Sra. Wickland.

Há bastante tempo que aquí estava. Disejaria dizer algumas palavras a esta jovem que pensa suicidar-se.

Há muitos anos que eu era uma esposa feliz; tinha dois filhos idolatrados e um marido mui caridoso. Vivíamos felizes, porque tínhamos temperamentos alegres, daí concentrassem sôbre nós pensamentos invejosos de muitas pessoas.

Fazia então parte da Igreja Batista e não sabia que era médium. Ocupava-me, com o maior interêsse, de todas as coisas do lar, porém alguém se preocupou em destruí-lo. Certo dia, despedi-me, com um beijo, de meu marido, que ia para o trabalho. Sentia-me muito feliz, porém, subitamente, depois que êle saiu, algo se apoderou de minha pessoa.

Não sabia o que me acontecia. Não me recordo de nada. Sei unicamente que senti algo de estranho, como se alguém tivesse se apoderado de mim e não sabia o que estava ocorrendo. Algum tempo após tudo mudou. Vi meu marido presa de terrível angústia, chorando amargamente. Pouco a pouco se foram aclarando as coisas e vi meu próprio corpo, dependurado em uma corda.

Ah, se pudessem fazer uma idéia da minha situação! Meu marido estava alí no alpendre, olhando para meu corpo suspenso. Chorava desesperadamente, porém nada podia fazer para consolá-lo. E alí estava eu, a seu lado, desejando, de toda minh'alma, voltar a possuir aquele corpo. E alí estavam também os meus filhinhos, desfeitos em lágrimas, e eu nada podia fazer por eles!

Não compreendi o que havia acontecido até que ví perto de mim vários espíritos malignos que se riam de nós. Haviam se apoderado de mim e feito com que me matasse, com o fim único de destruir meu lar felíz.

Meu marido não podia jamais afastar de sua mente a visão de meu corpo dependurado numa viga do alpendre. Meus filhos eram pequeninos e tinham necessidade de meus cuidados, porém eu havia deixado toda a responsabilidade de sua educação sôbre os ombros de meu esposo. Via quanta necessidade tinham meus filhos de mim e nada podia fazer por eles. Como sofria! Pobres filhinhos!

Em certo dia muito frio senti que havia voltado a meu corpo. Ignorava onde me encontrava, porém sentia que vivia de novo. E me achei falando com o Dr. Wickland, que me explicou o que me acontecera e que eu me havia apoderado, temporàriamente, do corpo de sua senhora e que certos espíritos amigos se encarregariam de levar-me para o mundo espiritual.

Depois me senti algo melhor e hoje quero agradecer-vos por ter alcançado a bela situação em que me acho.

Quero dar um conselho a todos os que pensam em abandonar seu corpo físico.

Não recorrais jamais ao suicídio!

Não sabeis, não podeis sequer imaginar o inferno em que vos precipitareis. Se conhecesseis as leis pelas quais se rege o lado espiritual, não recorrerieis nunca ao suicídio, porque verieis as consequências de tal ato, na vida espiritual. Dominai todos as idéias de suicídio. Sêde felizes no plano da vida terrestre até o momento de sê-lo no plano espiritual.

Os dez anos que sofri foi o tempo que eu deveria viver na terra, antes de passar para o plano espiritual. Depois que êsses dez anos expirassem, deixaria normalmente meu corpo; durante tal tempo ainda poderia ser útil a meu marido e meus filhos.

Agora sou tão feliz quanto posso ser até que a minha família se reuna e tudo estou fazendo para ajudar os meus filhos. Enviai a meu marido a expressão do meu amor. Êle vive debaixo da impressão de solidão. Estou a seu lado, porém nada posso fazer para consolá-lo.

Adeus.

Dar e Receber

AMADEU SANTOS

O problema de dar merece cuidado para que se não incida em êrro de interpretação. Ha muitas maneiras de dar. E tantas são elas que podem constituir um amálgama de embaraços e confusões ás pessoas menos avisadas. O dar é quasi uma ciência. O que se dá, tanto pode ser um anátema como uma benção. Depende do modo, do jeito; do saber ou não saber dar. Um fino manjar pode tornar-se em sutil veneno e uma côdea dura e negra pode constituir-se em opíparo e doce maná. Há dar que queima, que fulmina, que ofende, que deprime e que humilha. E há dar que consola, que inebria, que conforta, que alimenta e que exalta. O primeiro, é o dar-orgulho; o dar-ostentação; o dar-vaidade. O segundo, é o dar-bondade; o dar-ternura; o dar-amor. O primeiro é forçado, violento, arrasador. O segundo é expontâneo, suave e simples. O primeiro é defeito; é anomalia; é vício. O segundo é carícia; é realidade; é virtude. O primeiro é nocivo. O segundo é benéfico. O primeiro sái do exterior. O segundo sái do interior. O primeiro é o mal. O segundo é o bem. O primeiro é treva. O segundo é luz. O primeiro é ofensa. O segundo é esmola. O primeiro é hipocrisia. O segundo é sinceridade. O primeiro é corpo. O segundo é espírito. O primeiro é matéria; o segundo, coração. A matéria é quasi nada; o coração tudo!

O dar desnaturado—o que confunde e dói, é oriundo de triviais veleidades, que não da benemerência, da caridade. Pode dar-se bençãos e consolações sem se gastar dinheiro. Um conselho amigo, uma advertência fraterna, um gesto carinhoso, um pensamento amoroso, uma prece são, de ordinário, a moeda, a oferenda de quem sabe dar; de quem dá cristãmente, de acôrdo com os preceitos evangélicos.

Tinha razão o poeta quando dizia: «Nem só da mão sái a esmola; Sái também do coração». E não se diga que se não deva dar dinheiro; dar coisas e bens materias! Tudo tem o seu valor relativo, o seu lado bom e mau, a sua feição benéfica e maléfica. E' por isso que outro poeta, dando arras a superior inspiração, afirmára que o dinheiro, tanto pode ser víl metal «como o verdadeiro presente e mimo dos Céus». E' mister, no entretanto, que o homem se não deixe escravizar pelo dinheiro, mas que êste seja escravo do homem, não para deleites materiais e prazeres efêmeros e fugazes, sim para consolação e amparo dos que gemem, soluçam e choram. O dinheiro, convertido em utilidades, pode pensar feridas, curar enfermidades, lenir dôres, dirigido por corações bem formados, no sentido do belo, do útil e do agradável.

Tem razão a sabedoria popular ao proclamar: «quem dá aos pobres empresta a Deus». Quem sabe dar, isto é, quem ministra a caridade pura sem atavios nem fantasias, está emprestando a Deus; está semeando para colher cento por um, em recompensas e galardões divinos. São as alvíçaras que o Pai dá aos filhos obedientes e disciplinados que se sabem humilhar para que possam ser exaltados. Êstes recebem, e recebem muito. E' bem de ver, por consequência, que há dar e... dar. Dar, nos limites do bem, é oportuna semeadura que ensejará fèrtil colheita. Dar, no sentido do mal, isto é, na satisfação do orgulho e da vaidade, é estímulo de recompensas fortuitas, efêmeras e mesquinhas que não atingem os domínios do coração, do raciocínio e da alma. E êstes últimos, que displicentemente assim dão, desperdiçam, esbanjam, estragam e perdem. Quem faz o bem sem olhar a quem e sem esperar remunerações e benefícios materiais em troca, está recebendo, para logo, a recompensa divina e imediata, no sorriso agradecido do beneficiado; no olhar reconhecido, meigo e penetrante daquele a quem deu.

E' de bom alvitre, todavia, que se não olvide a recomendação do Mestre e Senhor Nosso, em Mateus, cap. VI, v. 1 a 4: «Dai com a direita, de maneira que a esquerda não saiba». Essa uma condição a que deve ser subordinado o doce ministério de *dar* com sabedoria e com elevação d'alma! Não se deve fazer alarida dos gestos próprios de benemerência. Os benfeitores espontâneos não aspiram ser saudados como os hipócritas, nas ruas, nem ser gloriados pelos homens. Êles dão pelo simples prazer de dar; pelo espírito de cooperação; pela compreensão de solidariedade humana. E quando dão recebem, imediatamente, a recompensa íntima no prazer de um dever cumprido. O Senhor Jesus nos afirmou em Mateus cap. VII, v. 9 a 12, que um pai não dá uma pedra ao filho que lhe pede um pão, nem uma serpente em vez de um peixe, e que Deus, que é Pai de todos e não é padrasto de ninguém, «dará bens aos que lhe pedirem». Mas recomendou-nos que, tudo que nós quisessemos, que os homens nos fizessem, lhes fizessemos também nós, porque nisto implicaria «toda a lei e os profetas». Os que aspiram saber dar devem ter sempre em mente ainda, à sapientíssima advertência de Cristo: «Muito se pedirá a quem muito se houver dado». Eis aquí uma regra a que não ha fugir. Doadores e beneficiados teem aí o beneplácito das suas responsabilidades. Quem recebe muito tem que dar e dar bem. O que dá, deve fazê-lo pródigamente sem temores nem receios, certo de que faz bom uso de um dom que lhe foi confiado. E quem recebe não pode esbanjar; não deve fazer mau uso dos valores materiais e morais recebidos. Os potentados da terra, os aquinhoados da fortuna teem grandes responsabilidades a pesar-lhes nos ombros. Devem lembrar-se de que não são privilegiados, mas meros depositários temporários de bens que não são dêles, mas do Pai que está nos Céus. Os inteligentes, os erúditos, também teem grandes responsabilidades, porque já adquiriram maiores experiências no passado e estão aparelhados a discernir melhor do que os rudes, os analfabetos, que também são seus irmãos em Cristo e que em benefício dêles é mister fazer algo. E os espiritistas, e principalmente os médiuns, que são os novos profetas, teem aumentada enormemente as suas responsabilidades porque já foram agraciados com as luzes do Evangelho em espírito e verdade e, por isso mesmo, sabem melhor o que lhes compete fazer em favor do seu próximo, do seu semelhante. Muito será pedido aos que muito tiverem recebido por misericórdia e de acréscimo do Altissimo, pois que as dificuldades, os perigos, os sacrifícios e os espinhos não poderão jamais obstar a ação produtiva, fecunda e prodigiosa desses que tais. Importa que os ricos, os sábios, os cristãos e os mèdiuns saibam que o que melhor se dá e o que mais agrada a Deus è o que se faz com sinceridade, com renúncia e sacrifício. Esta condição è o apanágio dos que dando, recebem. O que se dá, por imprestável; o que se dá de sobra; o que representa excesso, sobejo não è bem que se substime, mas tambèm não chega a ser o Bem-caridade, o Bem-amor. Note-se, que todos podem dar, ricos ou pobres. E dão melhor e mais os que, como a viuva das sagradas escrituras colocam o óbulo no gazofilácio do templo dos corações, a moeda simples e pura do amor e da caridade. Tão benéfico quão consoladora benésse, todos a podem oferecer graciosamente a qualquer hora e em qualquer dia. E' bom que entrementes, não seja olvidáda a recomendação de Jesus: «Dai de graça o que de graça recebestes». Não se pode fazer alarde de dons espirituais, nem tampouco disvirtuá-los a ponto de se os tornarem em mercadoria para que se a venda em rendoso balcão. O bem deve fazer-se com simplicidade e pureza, sem atitudes e gestos humilhantes. Se, porventura encontrarmos no nosso caminho os «homens da mão mirrada», restituamos-lhes a mão nas carícias, nas atenções e desvelos que lhes devemos; se encontrarmos os «cegos» na estrada da nossa vida, restituamos-lhes a vista com a «saliva» e a «terra» do nosso amor em Cristo, lavando-lhes os olhos da alma no «tanque de Siloè» dos Evangelhos, em espírito e em verdade. E quando isto fizermos não nos importemos que os fariseus hodiernos se reunam em Conselho com os herodianos atuais, criticando-nos, tentando maltratar-nos, porque damos, em nome de Jesus, a luz do Evangelho aos insensíveis de coração e aos cegos da alma.

Façamos o bem. Demos pousada aos peregrinos da vida, no aconchêgo do nosso coração redimido, no altar da nossa conciência no Bem, na Caridade e no Amor.

Só assim è que o *dar* se converterá em sinônimo do *receber*.

Rio, 21/X/45.

Interessante Caso de Desdobramento com materialização

De «Além» — Porto — Portugal

Por Mme. MARQUES GUEDES

Mercê das investigações dum sério e competente espírita — Mr. Desvarreux-Larpenteur, — sôbre o caso de desdobramento com materialização de que foi autora Mme. Mary Vlasek, — presidente da primeira Igreja Espiritualista de Los Angeles, e vice-presidente da Associação Espírita da Califórnia,—podemos afirmar a autenticidade do caso.

Mme. Vlasek que desde os 38 anos de idade, estuda a doutrina espírita, dedicou-se especialmente a exercícios de desdobramentos voluntários, e é justamente êste treino que lhe permitiu realizar a interessante experiência que vamos contar.

Designada para representar a Califórnia no Congresso das Associações Espiritualistas dos Estados-Unidos de 1926, que devia reunir-se em Toledo (Ohio), foi solicitada pelos membros do grupo experimental, a que ela preside, para renovar uma experiência, já uma vez tentada e parcialmente bem sucedida um ano antes, quando se dirigia ao Congresso de Milwankee. Esta experiência consistia em desdobrar-se durante a viagem e produzir uma manifestação numa das sessões do grupo, que possue um *médium* de materialização, Mme. Allyn.

Foi assim combinado que durante a viagem para Toledo, viagem de perto de 70 horas, Mme. Vlasek procuraria manifestar-se na sessão da noite de 28 de Setembro.

Saindo de manhã de Los Angeles pelo «União Pacific Railway», Mme. Vlasek preparou-se para a experiência da noite, reduzindo a sua alimentação ao mínino. A' hora da sessão, ela retirou-se para o seu compartimento e principiou a libertar-se, segundo o seu método habitual, visando o local da reunião, e, concentrando a sua fôrça de vontade, ela atingiu o dito local: casa de Mme. Rosebrook, 335 E. 35th Street, Los Angeles. Ela entrou imediatamente no gabinete mediúnico, onde viu muitos espíritos que esperavam anciosamente para poderem materializar-se. Um dêles, uma mulher, que parecia o espírito-guia, cumprimentou-a, dizendo: «Vós sois uma mortal, portanto só podeis olhar».

Mme. Vlasek examinou então o *médium*, Mme. Allyn, e viu-a em transe profundo, com o corpo rígido, meio estendido no fauteuil. Mas o seu interêsse voltou-se para as fases sucessivas da operação em curso. Três espíritos que ela chama «espíritos-químicos» trabalhavam ativamente; um, era alto e muito moreno, outro, pequeno e de raça branca e o terceiro também baixo, mas moreno como o primeiro. O trabalho do primeiro consistia em recolher, agitando seus braços constantemente, uma substância azul-cinzento vibrante e formando-se como ondas de calor, produzidas pelos assistentes encarnados da reunião. Mas, apesar da substância envolver os assistentes como uma fita larga, a contribuição de cada um era muito desigual; alguns mesmo não produziam nada.

A fita partia de Mr. Allyn, sentado do lado direito do gabinete, e cercando o grupo, chegava à esquerda do gabinete, aumentando progressivamente de volume. Na sua origem, debaixo do joelho direito de Mme. Allyn, a fita tinha apenas 5 cm. de largo por 15 cm. de espessura, e, chegando ao fim, ela atingia perto de 30 cm. por 45 cm. Esta fita de substância que penetrava no gabinete mediúnico, à altura de perto de 60 cm. do soalho, era recolhida pelo primeiro espírito-químico.

A observadora notou que, entre os encarnados, muitos espíritos trabalhavam a regular a produção, de maneira a manter uma corrente vibratória constante.

Quando o primeiro «químico» tinha amontoado a quantidade suficiente de substância, êle dava-a ao segundo que a deitava sôbre a base do crâneo do médium, onde ela penetrava. E, em correspondência com essa penetração, uma matéria branca emanava do queixo, da garganta e do peito do *médium*.

Essa emanação, que parecia uma substância mais condensada, era então empregada pelo terceiro «químico» para revestir o espírito que pretendia materializar-se.

A' medida que o operador fazia o trabalho de modelagem sôbre a forma fluidica, êle recomendava imperativamente ao espírito, que concentrasse o seu pensamento na parte que materializava: Pensai na vossa cara! Pensai nos vossos olhos! etc., etc., e pouco a pouco, segundo a concentração do pensamento se dirigia sôbre tal ou tal parte do corpo, esta se formava e tornava-se material.

Durante a realização do fenômeno, os assistentes cantavam melodias; mas, quando duma melodia passavam a outra, a brusca mudança do ritmo das vibrações, tinha um efeito deplorável sôbre a formação da materialização: a substância já organizada desintegrava-se e tornava-se amorfa. Era preciso principiar de novo.

Observando êstes insucessos, Mme. Vlasek estava no gabinete mediúnico, flutuando acima do chão; mas, durante uma pausa dos cânticos, ela constata, que ficava mais pesada e pude avançar ao pé do «químico». Êste quís afastá-la, dizendo: «Vós sois uma mortal, portanto nada podeis fazer aquí»; mas pergunta-lhe contudo porque desejava ela materializar-se, e quando soube que uma manifestação dêsse gênero podia instruír os assistentes, seus amigos, e seria de grande valor para a causa, o «químico» consentiu em satisfazer o seu desejo.

Pedindo-lhe então para virar as costas, tomou a substância emanada do *médium* e envolvendo com ela o seu corpo fluídico, ordenou: Pensai na vossa fisionomia, pensai com precisão, pensai nos vossos cabelos, etc., etc. Tomando mais substância, tratou do seu vestuário e imaginou para ela uma toilete de rendas brancas.

Enfim, quando constatou que estava bastante materializada para se mostrar, ela saiu do gabinete; mas, com grande surprêsa sua, não via nada. Êste estado durou-lhe alguns instantes, e concentrando toda a sua fôrça de vontade, pouco a pouco, a vista formou-se e distinguiu, então, os assistentes. Igual fenômeno aconteceu com a voz, mas recebendo dum dos assistentes uma vibração mais forte, ela pôde dizer: Aquí estou, sou Mme. Vlasek. Todos se levantaram e se aproximaram dela e ouviram a sua voz:

«Tomai conta da hora; olhai bem que horas são; eu vos saúdo. Eu sou feliz por me terem dado o privilégio de me materializar; continuai o bom trabalho...»

De repente um choque fê-la parar; ela teve a impressão duma pancada sôbre o peito que lhe tirou a respiração e com esfôrço pôde dizer: «Já não tenho alento, adeus».

Êste choque foi motivado por um dos assistentes, o Dr H. Turner, que querendo obedecer a Mme. Vlasek para tomar conta da hora exata, aumentou de repente a luz, afim de ver melhor.

O choque tinha sido tão violento que ela perdeu a conciência de tudo e infelizmente não pôde seguir o mecanismo da sua desmaterialização.

Contudo, voltando ao seu estado fluidico, ela pôde ainda observar algumas fases ulteriores da sessão; assim, pôde ver que a substância emanada do *médium*, depois de ter servido a materialização, toma outra vez a sua densidade primitiva e volta para a fita azul-cinzento fornecida pelos assistentes. As materializações principiam a dissolver-se antes de regressarem ao gabinete e no instante preciso para a sua passagem, a maior parte da substância já tinha desaparecido. O que resta dela rasteja pelo chão e vai juntar-se à fita cinzenta e vibrante.

Depois desta extraordinária experiência, Mme. V. tendo voltado ao seu corpo físico, sentiu como uma espécie de grata e reverente exaltação.

ABAIXO A PENA DE MORTE!

DR. SOUSA RIBEIRO

Os Estados Unidos da America do Norte são, incontestavelmente, um país de elevada cultura, marchando na vanguarda das Nações mais adiantadas. Tudo lá sofre evolução, inclusive a criminalidade.

O seu atual governo encontra-se em dificuldades no momento para debelar a onda de delinquência que vai impressionando o mundo todo.

Há, lá, como em outros paises, um descontrole muito grande entre a evolução do que está dentro da cabeça e a evolução do que está dentro do coração.

Há uma modalidade de dilinquência que não existe em outros paízes, de todas elas a mais cruel: o rapto de pessoas, comumente crianças, para serem resgastadas a trôco de dinheiro, quasi sempre somas fabulosas, ou serem sacrificadas, esquartejadas, se a importância exigida não for dada, ou se a policia for avisada pelos membros da família da pessoa raptada. Os raptores são assassinos da pior espécie. Quando pegados pela polícia, sofrem sempre a pena de morte por eletrocução, quando sacrificam as suas vítimas. Muitos já têm sido presos e executados.

Como prova de que o castigo que consiste na pena de morte não é ameaça que sirva para amedrontar os de tendência criminosa e refrear a criminalidade, as execuções vão se dando e os crimes vão continuando...

A pena de morte precisa desaparecer das Constituições dos paises para que seja observado o quinto Mandamento do Decálogo que diz: «Não matarás». Ninguem se corrigirá com ela, pois a morte do corpo não implica na morte do espírito. Quem comete o crime é o espírito e não o corpo, embora êle o faça através do corpo. E' preciso que a pena seja dirigida ao espírito, visando, porém, despertar-lhe a conciência, educá-lo, instrui-lo, nas penitenciárias, onde haja escolas especiais, indústrias, agricultura, etc., onde possa o criminoso trabalhar e comer o pão amassado com o suor do próprio rosto, através do tempo, é que poderão, trabalhando e sofrendo, os criminosos se regenerar. Viver é evoluir e evoluir é receber instrução e educação. Os que são despedidos da vida pela vontade de terceiros, sendo criminosos, passam para os outros planos de existência tais quais partiram, criminosos e, ás vezes, porque revoltados, mais criminosos ficam...

Os criminosos, no nosso modo de ver, deveriam merecer dos governos mais cuidados e maior assistência que os não criminosos, pois são muito mais infelizes. Matá-los é crueldade, é cegueira muito grande.

Na Doutrina de Jesus não existe

nenhum ensinamento que autorise alguem a matar o seu próximo, a tornar-se também assassino, direta ou indiretamente, porque êle o tenha sido. O criminoso é um doente da alma e que precisa ser tratado convenientemente, tratado e não assassinado e, segundo Jesus disse «não são os bons que necessitam de remédios, mas os enfêrmos». Será remédio para um doente da alma, e remédio preconizado por Jesus, a bala, a corrente elétrica, a forca?!

Tais remédios não curam ninguem, apenas matam, mas matar não é curar e matar não é da Lei de Deus...

Nos Estados Unidos, a «lei de Lindberg» que instituiu a pena de morte para os raptores não pôs paradeiro aos raptos. Aquela lei foi criada em consequência do rapto do filho do conhecido aviador que teve aquele nome, o primeiro que fez a travessia do Atlântico em avião, dos Estados Unidos á Europa.

Os raptos continuam apesar da tal lei, sendo de poucos dias o que se deu em Chicago, de uma criança de 7 anos, cujo raptor exigira da família, num bilhete deixado no leito da criança, 20.000 dolares pelo resgate. Apesar da promessa do pai da raptada, que declarara pelas Empresas de Rádio que pagaria a importância exigida, a criança foi encontrada esquartejada.

Infeliz criança, mas estou a crer que mais infeliz ainda é o seu raptor e assassino! Onde, quando e como empreenderá a sua regeneração e alcançará a sua evolução? Quantos sofrimentos o esperam! Quantas lágrimas terá que derramar!

Crônica Estrangeira

Desdobramentos

«Estudos Psíquicos» — Por Maria Emília Gândara Viana

A minha casa estava assombrada. Não havia serviçais que se prestassem a servir-me. Ao tempo, 1922, desconhecia o Espiritismo, mas as minhas faculdades mediúnicas não me deixavam dúvidas. O que ouvia, os pensamentos que me eram transmitidos, provavam-me claramente que vivia junto de mim alguém, que em vida fôra meu algoz. Quando me julgara livre, pelas leis do meu País, viera a morte restituir ao culpado o poder de perseguir-me. E quando eu morresse continuaria a mesma perseguição? Esta idéia horrorizava-me...

Uma noite pedi a Deus que, se as almas se encontravam no Espaço, nunca a minha encontrasse aquela. A resposta não se fez esperar... Adormeci e, pouco depois, acordei, sentindo que uma mão pousava sôbre um dos meus ombros. Voltei-me e vi a meu lado, sorrindo desdenhosamente, aquêle que temia.

A despeito de deveres imprescindíveis que me prendiam no lar, deixei tudo... Parti para Lisboa em procura de espíritas. Acolhida carinhosamente, pela minha amiga de infância Maria Emília de Carvalho Gonçalves, uma das fundadoras do Centro Luz e Amor, fez-se ali um esplêndido trabalho. Levantou-se uma pontinha do véu que encobria o meu passado. O preciso para eu saber que devia perdoar e pedir perdão.

Não podia demorar-me. Regressei apressadamente a Tomar, muito atrasada ainda.

Prometera cumprir o que me ensinaram, mas no íntimo perdoava condicionalmente, impondo o mais completo afastamento.

E' claro que a perseguição redobrava. Uma noite, antes da hora habitual de adormecer, senti uma prostração irresistível. Apenas tive tempo de lançar-me sôbre o leito. E parti... Voando,—tive essa impressão —, fui ao campo, entrei numa vivenda que fôra minha residência durante o último ano que vivi em comum com o meu ex-marido. Num dos compartimentos, por entre um fóco de luz amarela, o espírito corretamente vestido de preto sorria-me com o sorriso mau com que o vira no meu leito. Por um esfôrço da minha vontade, fugi. Acordei no corpo somático. Mas duas vezes mais fôrça invisível me arrastou até junto da indesejada visão. Á minha aproximação da vivenda, alguns cães ladravam furiosamente. No dia seguinte informei-me Os cães tinham efetivamente ladrado. Algumas vizinhas abriram as portas e as janelas, mas nada viram que justificasse o alarme.

Os locatários da casa andavam em vilegiatura... Contudo, eu duvidava, desejava que tivesse sido um sonho...

Outra noite, entre a vigilia e o sono, senti que uma mão me agarrava no braço e me levava a percorrer uma grande cidade, muito bem iluminada. Passei por várias ruas, torneei edifícios, entrei num convento, vi celas, corredores, claustros e terminei a visita numa grande igreja com dois púlpitos.

Seriam, realmente, desdobramentos? Queria sabê-lo!... E quando se quer com pertinácia, consegue-se, se o karma não se opuser.

Passadas mais umas noites, vi um quarto decentemente mobilado. A servir de tapete, uma esteira velha e rôta.

De manhã pus de parte a hipótese dos desdobramentos. Quem teria, num quarto bem posto, um tapete tão ridículo?! E assim pensando, abri a janela do meu quarto e deparei com a esteira na janela do vizinho.

No quarto que visitara no astral, dormia um bébé com a respectiva ama: esta, à noite, substituira o tapete pela esteira usada. De manhã, talvez por intuição, dependurou a esteira à janela.

Passados anos, quando o estudo do ocultismo extinguira o meu ódio muitas vezes secular, sabia até pela confissão do culpado que tinha sido assassinada em várias existências. Um dia, numa sessão, disseram-me que, num dos gêneros de morte que sofrera, fôra devorada por feras. Não dei crédito. Afigurou se-me exagêro. A experiência tinha-me demonstrado que a par de transcendentes verdades, vêm, por vezes, do astral, desconcertantes mentiras. Mas, pouco tempo depois, sonhei com feras e com uma senhora, minha parente. Ao despertar, lembrei-me de que em criança tivera muitas vezes o mesmo sonho. As mesmas feras e a mesma prima. Porque seria? Não sei se como resposta, achei-me fóra do leito e nêle vi o meu corpo transformado no corpo esbelto duma mulher de côr. Feições corretas, bem acentuadas. Nos braços e pernas, grande quantidade de anilhas, na cabeça um diadema de pedrarias. A visão foi rápida. Voltei ao corpo denso. Terei animado o corpo da preta? Seria nêle lançada ás feras que vi em sonhos? Não sei. Mentira que eu invente, não é. Possivelmente, porque menti muito em vidas passadas, na presente aborreço a mentira. E' mesmo a falta que mais dificilmente desculpo. Mas, pelo menos uma vez, também menti. Foi há quatro anos, em Maiorga. Hospedara-me em casa de uma boa família, onde existe um centenário, muito interessante, muito arguto, que, para saber com quem tratava, inquiriu das minhas convicções religiosas.

Se era católica? Há que tempo me confessara?

Respondi que o fizera pouco antes, ao deixar a minha terra. Enquanto a velhinha me fitava desconfiada, a alma de minha mãe dizia-me:

—Não, minha filha, que a mentira, por mais inofensiva que seja, mancha sempre a alma de quem a diz.

Achei tão belo o conceito, que não me canço de repetí-lo e respeitá-lo.

⁂

O estranho mistério da alma humana

O Dr. Henry Hérbert Goddard, Professor da Universidade de Ohio, publicou, em 1935 e Revue Spirit reproduziu, um livro: *Duas Almas em um Corpo.* Tratase de uma jovem de 19 anos (gêmea) que foi hospitalizada em 1921 na clínica mental da mesma Universidade, depois de ter sido tratada em outro hospital, sem resultado algum. Norma (seu nome) ora incarnava Polly (de 4 anos), ora Luiza, com todas as sortes de detalhes e particularidades que creavam grande diferença entre as diversas personalidades. A jovem faleceu sem que a Universidade de Ohio conseguisse decifrar o enigma: Histeria? Obsessão espírita? Visões e mimetismo? Dissociação de personalidade? Mistério!

O snr. Cunéo recorda, em *Alfa* (Roma, 12-1935) que no Far West nascera uma criança. Com quinze dias de idade, chamou sua mãe e lhe falou em espanhol. Por outro lado, uma criança de 4 anos, dirigiu, em Boston, uma orquestra composta de 100 professores de música, e aos 7 anos, a criança prodígio foi incapaz de tocar um instrumento, incapaz de dirigir, porque havia perdido todos os conhecimentos musicais! Um rasgo de gênio passageiro? Mas o que é o gênio? Mistério. Si através dos séculos o homem fôsse senhor do livre exame, quantas riquezas espirituais teria êle acumulado no dia de hoje!

*

Um pacto cumprido

Em 1922, *Luce e Ombra* publicou o que abaixo reproduzimos:

«O tenente Dufauret, que tomou parte nas experiências mediúnicas em casa do Dr. Speakmann, residente em Pau e ausentando-se dessa cidade, prometeu ao casal Speakmann que, no caso de morrer, voltaria para provar aos sobreviventes que a alma é imortal. Dois anos depois, êle adoeceu gravemente de bronco-pneumonia, e durante um acesso de sufocação, abriu a janela, inclinou-se demasiadamente e caiu no pátio do Hospital Militar, morrendo instantâneamente.

Na mesma noite, pelas 24 horas, o Dr. Speakmann, senhora e snrta. Allen, com êles hospedada, encontravam-se na sala de sessões, todos entregues à leitura, quando ouviram vibrar três golpes à porta. Si bem que os criados estivessem deitados, e ninguém mais houvesse na habitação, o Dr. Speakmann disse maquinalmente: *Entrai!* sem obter resposta. Todos se levantaram, abriram a porta, procuraram nos outros aposentos; nada! O Dr. Speakmann, preocupado, disse à sua mulher: «Helena, dir-se-ia o modo habitual de bater de Dufauret». A snra. Speakmann disse então que tivera a mesma impressão. Estava ela ainda a falar quando uma viva luz brilhou no aposento contíguo, que da primeira só era separado por um biombo de vidro. Todos acorreram para verificar êste facto insólito, e constataram que no lustre central se acendera uma pequena lâmpada vermelha de 40 velas, colocada no alto do lustre e que não era usada, em virtude da dificuldade de introduzir o comutador na tomada da corrente, de sorte que o fio elétrico, com seu comutador, estava enrolado em volta da coluna central do lustre. Todos sentiram-se surprêsos, observando o fio distendido e o comutador introduzido na tomada. Concluiram que o facto de acender a lâmpada vermelha provara a intenção e inteligência da entidade invisível que provocou o fenômeno. Com efeito, se a entidade acendesse ou apagasse uma lâmpada branca, os assistentes não perceberiam o fenômeno, por estarem iluminados os dois aposentos.

Dia seguinte, o Dr. Speakmann, recebeu o comunicado da morte trágica do tenente Dufauret, sobrevinda quatro horas antes de sua manifestação ás pessoas amigas, ás quais prometera voltar, após sua morte, para lhes fornecer a prova da imortalidade da alma».

*

Impressão do Mundo Espiritual

Pertence êste episódio ao arquívo do *Journal of the S. P. R.* e data de 1709. Ocorreu ao Quaker Thomaz Say que, atacado de pneumonia, passou por morto. Contudo, o médico aproximou um espêlho aos lábios, e êste se apresentou levemente embaciado. Em consequência, foi adiado o sepultamento e, decorridas algumas horas, o pseudo morto voltou à vida. Afirmou ter se encontrado no mundo espiritual, que se lhe afigurou maravilhoso e povoado de espíritos angélicos, todos vestidos de branco, ao mesmo tempo que ondas de música celeste o arrebataram em êxtase. Ajuntou que em seu trânsito vira morrer três enfêrmos da vizinhança, cujos espíritos com êle se elevaram à morada celeste. Ato contínuo, a família mandou colher informações e, efetivamente, os três nomeados haviam falecido à noite e simultaneamente foram constatadas as afirmações prestadas pelo redivivo e relativas ao gênero de enfermidade, aos ambientes em que morreram e ás pessoas que os assistiram. Apenas o pseudo morto voltou à vida, exclamou: «Oh mamãe! mamãe. Porque não dei eu um último passo na minha enfermidade, para não mais tornar atrás!» Depois rompeu em soluços, e ajuntou: «Oh, meu Deus! porque não me retiveste junto a Ti!»

*

Sêde constantes no labôr espiritual; não vos encomodeis com as cousas que só dizem respeito ao homem do mundo; vivei em espírito de fraternidade, porque só assim sereis felizes. — GREGORIO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

«Rádio-Piratininga»

A União Federativa Espírita Paulista, recebeu um donativo de 450 lotes de terreno para vender e auxiliar a Rádio Piratininga, que está fechada ha quasi três anos e meio, causando-lhe essa paralisação, graves prejuizos.

A Rádio Piratininga é uma emissôra que foi construída especialmente, para divulgar os Evangelhos de Jesus em espírito e em verdade. Portanto, deve merecer a atenção de todos os espíritas esclarecidos e honestos.

A Rádio Piratininga, para os espíritas, não representa um valôr puramente material, mas, a sua TORRE, levantada como foi, para a propagação dos Evangelhos de Jesus, representa o próprio ideal da família espírita brasileira. Se a TORRE da nossa emissôra é de aço, as nóssas atitudes em pról da causa que esposamos, também, devem ser inabaláveis.

Meus confrades, nada de ressentimentos entre espíritas. Somos servos de Jesus e isso deve nos bastar para sabermos perdoar uns aos outros.

Defender a Rádio Piratininga é defender a dignidade da família espírita brasileira, que vem sendo caluniada e perseguida subterrâneamente, pelos falsos mentores religiosos de nossos dias, assim como o fôra Jesus Cristo, quando descera neste plâno para exemplificar os Evangelhos á pobre humanidade.

Com respeito à Rádio Piratininga, diz o iluminado instrutor, em sua mensagem á nós dirigida por intermédio de Francisco Cândido Xavier:

«Recordemos que na mais bela missão do mundo, a cruz que representava derrota aos olhos do mundo constituia o triunfo imperecível do espírito. No círculo das idéias e obras generosas do Evangelho, o Calvário costuma repetir-se. São momentos de testemunho, nos quais o discípulo precisa entregar todas as preocupações ao Mestre Amado, conciente que a obra é Sua, filha de Seu amor divino e inesgotável».

Sim, companheiros de ideal! A Rádio Piratininga não é obra pessoal de nenhum espírita, ela foi inspiração do ALTO, e como tal, é obra de Jesus.

As perseguições tenazes, concientes ou inconcientementes movidas contra a referida emissora, na verdade, não são a ela, mas, contra ao PROGRAMA ESPÍRITA EVANGÉLICO DO BRASIL, que pelo seu microfone era irradiado diariamente, pelos CÉUS do Brasil, iluminando as almas sequiosas de conhecimentos das verdades Evangélicas.

Se a Rádio Piratininga, se ocupasse tão-sómente com os assuntos comerciais, certamente, que estaria funcionando livremente, como todas as outras, até agora, mesmo que atacasse o Governo, como têm feito muitas estações, impunémente. O mal está, meus confrades, na divulgação dos preceitos Evangélicos, pois que, nos parece, que ha grande interêsse em manter a humanidade sempre ignorante dos ensinos de Jesus.

A Rádio Piratininga, deve voltar ao AR novamente, custe o que custar, pois que, é um desrespeito à família espírita brasileira, que conta hoje com uma terça parte da população do nosso País, a sua extinção.

Queremos a reintegração do prefixo da nossa estação, pois que, nos foi tomado arbitrariamente e sem prévio aviso, tratando a família espírita, como se fôra uma coletividade composta de ignorantes e creaturas à parte da família brasileira.

Não, confrades! Somos cidadãos que contribuimos com todos para a grandeza de nossa Pátria, e portanto, nos assiste o direito de reclamarmos do Governo a reintegração do prefixo da nossa emissora, de maneira a podermos divulgur os Evangelhos de Jesus à luz da Terceira Revelação. Essa é a vontade dos espíritas e o nosso Governo não poderá negar.

Desejamos ser respeitados em

tudo, e especialmente na propagação do nosso ideal Evangélico.

Como disse, a União Federativa Espírita Paulista, recebeu um donativo de 450 lotes de terreno, em Poá, subúrbio da Capital Paulista, para vender e auxiliar a Rádio Piratininga, para que, possa voltar ao AR, continuando, assim, a espargir pelo quadrante da Terra brasileira, as verdades consoladoras.

Os terrenos são compostos de 10x45, ou seja, 450 metros quadrados. Serão vendidos a vista a razão de 3.000 cruzeiros e a prestação a 4.000 cruzeiros o lote, com 20% de entrada e o restante em prestações mensais de 54 cruzeiros, ou seja, em 60 mêses.

O espírita que adquirir um lote, deve considerar que está auxiliando a causa e contribuindo pela volta ao AR da Rádio Piratininga, que fará vibrar, novamente pelos Cèus de nosso querido Brasil, os preceitos de amôr e luz, do Divino Mestre Jesus.

As remessas devem ser feitas e endereçadas à União Federativa Espírita Paulista — Praça da Bandeira, 134 — S. Paulo — Caixa Postal, 2071 com Telefone, 2-8708.

Com os votos de paz e prosperidade, aceitem os confrades o abraço fraternal do companheiro humilde,

CAETANO MERO.

Presidente

I Congresso Espírita da Alta Paulista

A realizar-se em Marilia, de 30 de março a 4 de abril de 1946

MANIFESTO

Aos Espíritas de S. Paulo e de todo o Brasil

RESOLVERAM os dirigentes do movimento espírita de Marilia, no cumprimento dos seus deveres de propagadores dos princípios cristãos do Espiritismo, organizar o Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, que se realizará nesta cidade, de 30 de Março a 4 de Abril do corrente ano.

Todos os centros, grupos, associações e demais entidades espíritas existentes na região, de Duartina até a Zona da Mata, são convidados a aprêsentar sua adesão, o quanto antes, por carta ou pessoalmente, à Comissão Executiva do Congresso, no seguinte endereço: Avenida Carlos Gomes, 540, ou Caixa Postal 45, Marilia.

Os espíritas de Marilia apelam a todos os confrades da região, no sentido de auxiliarem a organização deste primeiro congresso, de todas as maneiras ao seu alcance. Da união de esforços de todos os espíritas da Alta Paulista, da abnegação, da dedicação geral em favor da grande causa do Espiritismo, depende a realização eficiente do nosso Primeiro Congresso, que deverá resultar numa maior coesão do nosso movimento em toda a região, num maior entendimento entre os que lutam na seára espírita, e numa mais ampla compreensão da doutrina, tanto pelos adeptos quanto pelo povo em geral.

Como humilde homenagem dos espíritas da Alta Paulista ao luminoso espírito de Allan Kardec, o codificador da doutrina, o Congresso terá início no dia 30 de Março, véspera do transcurso do aniversário da desincarnação do grande batalhador, e será aberto na cidade de Tupã, durante a solenidade de inauguração da séde da «União Espírita Allan Kardec», que acaba de ser alí construída. Nos dias 31 de março, e 1, 2, 3 e 4 de Abril, os trabalhos prosseguirão em Marilia, onde serão encerrados no dia 4, quinta-feira, com uma grande solenidade pública.

INSCRIÇAO PARA ALOJAMENTOS

Havendo dificuldades de alojamentos para os congressistas em Marilia, a Comissão Executiva organizou um serviço especial de reserva de lugares para todos os que desejem participar do Congresso. Os interessados deverão pedir suas reservas de alojamento no mesmo endereço acima citado, até o dia 20 de Março, e terão seus lugares garantidos, por maior que seja o número de pedidos. Aos que, porém, não pedirem reserva até aquela data, a Comissão não poderá garantir alojamentos.

INSCRIÇÃO DE TESES

As teses para o Congresso deverão ser apresentadas em papel ofício, datilografadas a dois espaços, em duas vias, e num máximo de 10 páginas.

Devem ser enviadas, até o dia 25 de Março, ao endereço acima mencionado.

As teses podem versar sôbre qualquer assunto de interêsse doutrinário. A Comissão sugere, para maior facilidade os seguintes temas: «O Espiritismo em face da crise mundial», «Espiritismo como Religião», «O Espiritismo e a construção de um novo mundo», «Espitismo através dos tempos», «O Evangelho, as Igrejas, e o Espiritismo», «Materialismo e Espiritualismo Científicos», «Difusão do Espiritismo», «Vida e Conduta Espíritas», «O Espiritismo e as Religiões», «Espiritualismo Utópico e Espiritualismo Científico», «Unidade e Dinamismo da Doutrina Espírita», «Prática do Espiritismo», «Espiritismo e Cristianismo».

ADESÕES E CONTRIBUIÇOES

As adesões ao Congresso não importam em pagamento de qualquer contribuição. Os congressistas de fóra terão de fazer apenas as despesas de viagem e estada nesta cidade. Os espíritas, porém, que desejarem contribuir financeiramente para a realização desse movimento, deverão enviar suas contribuições para o endereço acima, ou simplesmente para: Comissão Executiva do I Congresso Espírita da Alta Paulista, caixa postal, 45, Marilia.

AOS ESPÍRITAS DE TODO O BRASIL

Aos espíritas das zonas Sorocabana, Noroeste, e Paulista bem como aos das demais zonas do Estado, e aos espíritas de todo o Brasil, a Comissão endereça um ardente convite, para participarem do Primeiro Congresso Espírita da Alta Paulista, contando desde já com a elevada compreensão e valiosa colaboração de todos.

Os estudiosos que, por qualquer motivo, não puderem comparecer, poderão contribuir com a apresentação de teses, — contribuição, aliás, que a Comissão considera do mais alto valor, para o bom desenvolvimento e êxito do Congresso.

Certa de que os meios espíritas de todo o Estado e do País, e particularmente os da Alta Paulista e suas zonas adjacentes, — a Noroeste e a Sorocabana, — darão todo o seu apôio à realização deste movimento, a Comissão aguarda a colaboração de todos.

Marilia, 5 de fevereiro de 1946.

A Comissão Organizadora:

Euripedes Soares da Rocha
Higino Muzzi Filho
Paulo Corrêa de Lara
Marcel Veloso
José Duarte
Antonio Rocco Junior
Helio Tavares
Mario Chuba
Manoel Pinto Ribeiro
Gabriel Ferreira
Dr. Manuel de Paula Cerdeira
Dr. Paulo da Cunha Matos
Santos Xandó Araujo
José Herculano Pires

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extensò ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 . :-: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2291unse

No. 1-8 unattainable

ANO XXII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1946 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec	*Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . .	*Prof. Ernesto Bozzano*
Cruzada do Espiritismo de Vivos .	*Leopoldo Machado*
Fraternidade	*J. B. Chagas*
Em nome de Deus	*L. F. Rodrigues*
Sugestão e Atitude Mental . . .	*Adauto de Oliveira Serra*
Paulo, Apóstolo da Liberdade . . .	*J. Herculano Pires*
Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel . . .	*Spártaco Banal*
Doutrinas Irracionais as do Espiritismo	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

ANO XXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1946 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Allan Kardec

ENTRE as grandes datas espíritas, o 3 de Outubro merece particular atenção dos adeptos da 3.ª Revelação, porque foi nêsse dia, em 1804, que nasceu Leon Hippolite Denizard Rivail (Allan Kardec), o codificador da Doutrina dos Espíritos. Portanto, o dia 3 deste mês registrou-se o 142.º aniversário do nascimento desse ilustre Missionário.

O valor da obra de Allan Kardec avoluma-se à medida que os dias avançam. Sábios e ignaros, ricos e pobres, todos aqueles, enfim, que tiveram a suprema felicidade de ingressar na fileira espírita, rendem-lhe, neste dia, num culto de amor e veneração, justas homenagens, como um preito de gratidão pelos incalculáveis benefícios dêle recebidos através de suas obras, que constituem um facho de luz a desfazer as densas trevas da ignorância dos homens, com relação aos magnos problemas do espírito.

A biografia de Allan de Kardec é pouco conhecida, porque o espírito de sistema, preso aos *rudimentos antigos* e aos seus interêsses pessoais e materiais, tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, embaciar a sua obra, como se efetivamente alguém pudesse impedir o brilho do sol.

O 3 de Outubro é comemorado apenas pelos espíritas, não sendo portanto, uma data oficial. Mas temos a plena convicção de que num futuro talvez próximo êsse dia será registrado no Calendário como uma das datas magnas da cristandade, porque Allan Kardec é um dos componentes da Falange do Espírito Consolador ou Espírito de Verdade, que Jesus prometeu enviar em seu nome para restabelecer todas as cousas.

Vamos fazer um resumo biográfico dêsse grande espírito:

Allan Kardec fez em Lion, França, sua terra natal, os seus primeiros estudos, completando em seguida sua bagagem escolar em Yverdun (Suiça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo tornou-se um dos mais eminentes discípulos e um colaborador inteligente e dedicado. Muitissimas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos europeus para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Allan Kardec o cuidado de o substituir na direção da sua escola. Era bacharel em letras e ciências, doutor em medicina e linguista distinto; conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhól.

Em 6 de fevereiro de 1832, firmou-se em Paris o contrato de casamento de Allan Kardec com a professora de 1.ª classe senhorita Amélie Boudet.

Dentre as suas numerosas obras, adotadas pela Universidade de França, citamos por ordem cronológica as seguintes: «Plano apresentado para o melhoramento da Instrução pública», em 1828; «Curso prático e teórico de aritmética», em 1829; «Gramática francêsa clássica», em 1831; «Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade», em 1846; «Compêndio gramatical da língua francêsa», em 1848; finalmente em 1849 encontramos Allan Kardec professor no Liceu Polimático, em que rege as cadeiras de fisiologia, astronomia, química e física. Em uma obra muito apreciada resume seus cursos, e depois edita: «Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbonne»; «Ditados especiais sôbre as dificuldades ortográficas».

Em maio de 1855 Allan Kardec foi testemunha do fenômeno das mesas girantes. Daí o seu estudo e observações sôbre referidos fenômenos que, com o auxílio decidido dos Espíritos, levaram-no a codificar a Doutrina dos Espíritos.

Em 18 de abril de 1857 Allan Kardec fez aparecer a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», e em Janeiro de 1861, «O Livro dos Médiuns».

Em 1.º de Janeiro de 1858 Allan Kardec, animado pelos Espíritos, lançou a lume a 1.ª edição da «Revista Espírita».

Em 1.º de Abril de 1858 Kardec fundou a Sociedade Espírita de Paris.

Em 15 de Janeiro de 1862 Kardec lançou à publicidade pequena brochura de propaganda — «O Espiritismo em sua mais simples expressão», devendo muitos a êsse excelente trabalho ter compreendido o fim e o alcance do Espiritismo.

Em 1862 Allan Kardec fez também aparecer uma «Refutação às críticas contra o Espiritismo», no ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião.

Em Abril de 1864 publicou êle a «Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo», cujo título foi depois modificado para «O Evangelho segundo o Espiritismo».

No dia 1.o de Agosto de 1865 Kardec fez aparecer «O Céu e o Inferno, ou a Justiça divina segundo o Espiritismo».

Em 1868 publicou «A Gênese, os Milágres e as predições segundo o Espiritismo», obra que constitue, no ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Allan Kardec fez inúmeras excursões de propaganda pelas cidades mais importantes da França, animando e orientando os seus companheiros na ingente tarefa de difundir a doutrina Espírita.

Por êsse resumo do trabalho de Allan Kardec, os leitores podem fazer uma idéia exáta do valor dêsse Missionário que, como Jesus, soube enfrentar e vencer com a espada da razão, os cépticos e obstinados contraditores, que viam no Espiritismo nascente um obstáculo aos seus interêsses, como por exemplo, o bispo de Barcelona, que fez queimar em praça pública, pela mão do carrasco, trezentos volumes e brochuras sôbre esta Doutrina. Existem ainda hoje muitos *bispos* que, se pudessem, teriam feito com o Espiritismo e os espíritas o mesmo que sucedeu aos inocentes da trágica *noite de S. Bartolomeu.*

Mas os tempos chegaram. A Verdade, como a Fenix renascida das próprias cinzas, ressurge com mais vigor, inundando de luz os corações que almejam paz e justiça e os cérebros que vislumbram as grandezas da Imortalidade.

A Allan Kardec, pois, o nosso preito de grande estima e admiração, as nossas sinceras homenagens.

Jesus está com aqueles que guardam a sua doutrina no coração e que se esforçam por fazê-la medrar nas almas sedentas de luz, de confôrto, de fé e esperança.

MARIQUINHAS.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

4.a CATEGORIA

E' forçoso convir que as observações feitas se apresentam tão evidentes que nem um metapsiquista poderia pensar em as contestar: elas demostram por assim dizer a necessidade teórica de postular a existência de um «corpo astral» no homem, se se quer interpretar grande parte dos fenômenos supranormais. Isto dito, apresso-me em reconhecer que os homens de ciência aos quais cabe uma grande responsabilidade moral em razão de sua autoridade como representantes oficiais das ciências adquiridas pela investigação experimental, têm o dever de proceder com extrema prudência antes de se pronunciarem definitivamente sôbre a natureza das manifestações supranormais, as quais modificam profundamente a orientação que presentemente domina nos meios científicos. O que faz que um homem de ciência pode estar pessoalmente convencido da origem provável de toda uma categoria de fenômenos metapsíquicos, mas abster-se prudentemente de o declarar quando se discute oficialmente.

E aquí se estabelece a pergunta: Para conhecer os fenômenos de «bilocação» como uma aquisição definitiva da ciência, o que ainda seria necessário? Simplesmente isto: que a realidade dos factos de desdobramento do «corpo etéreo» seja demonstrada por meio de provas experimentais tangíveis, de qualquer sorte. Os métodos experimentais próprios para atingir êste objetivo são numerosos, já foram empregados, se bem que com processos científicos a miude insuficientes. Contudo, entre as provas experimentais obtidas, há as que são dignas de atenção, e elas fazem muito augurar o futuro de ditas investigações. Assim, por exemplo, já se obteve fotografias de «duplos», e entre os mais notáveis, as do capitão Volpi na Itália, dos professores Istrati e Hasden na Romania, do Rev. William Stainton Moses em Londres, do coronel de Rochas e do doutor Durville em Paris. Obteve-se também fotografias de fantasmas mais ou menos bem formados no leito de morte de diversos agonizantes. O Dr. Baraduc, por exemplo, teve a fôrça de ânimo de fotografar sua mulher e seu filho no instante da morte. Também foram feitas experiências de desdobramento por meio do hipnotismo pelos mesmos coronel de Rochas e Dr. Durville. Êste último chegou mesmo a obter a «fluorescência» de uma carta induzida de uma substância especial, colocando-a na parte do espaço em que a sonâmbula localizava o «duplo» de outra pessoa distante e deitada, achando-se então em sono hipnótico. Citam-se ainda outros exemplos de «duplos» que manifestaram sua presença provocando efeitos físicos; com Eusápia Paladino obtiveram-se à distância — e esta vez o facto é de granito — impressões de seu rosto exteriorizado o que quer dizer do seu «corpo etéreo» desdobrado e materializado. Sôbre a autenticidade dêstes últimos fenômenos, já não é permitido suscitar dúvidas, também se deveria legitimamente considerá-los como aquisição da ciência, o que, teóricamente falando, não é muito exigir.

Quanto às outras modalidades experimentais precedentemente enumeradas, fôrça é convir que podem ser rejeitadas em parte devido à insuficiência de detalhes ou a possibilidade de as interpretar pelas hipóteses da sugestão e auto-sugestão. Isto escrevendo, não pretendo afirmar que as pretensas causas de dúvida sejam legítimas, mas simplesmente que os métodos de experimentação e de contrôle têm necessidade de ser mais rigorosas para atingir a certeza científica.

As memoráveis experiências do Coronel de Rochas e do Dr. Durville, sobretudo, merecem ser assinaladas, porque foram conduzidas com método rigorosamente científico por homens plenamente conscientes das dificuldades inerentes a tais investigações. Eis, em breve, em que consistem as experiências do coronel de Rochas:

Como se sabe, êle conseguiu obter o fenômeno de *exteriorização da sensibilidade* em seus próprios *sujets* graças aos habituais métodos magneto-hipnóticos, fenômeno que ia se acentuando à medida que se prolongavam os passes hipnóticos, até que as camadas concêntricas da sensibilidade exteriorizada vinham, por assim dizer, polarizar-se à direita e à esquerda do *sujet* e que se percebia sob a forma de duas colunas fluídicas luminosas diversamente coloridas, colunas que acabavam por se aproximar, reunir, confundirem-se e constituir uma sorte de fantasma que ao mesmo tempo repetia cada movimento do *sujet.* A existência do fantasma podia ser estabelecida com certa segurança pelo facto de o *sujet* experimentar rapidamente as sensações correspondentes ao contacto ou à dôr quando, sem êle o saber, se tocava ou pinçava o lugar por êle indicado ou ainda se por acaso alguém atravessasse essa zona. Por outro lado, certa vez aconteceu que o *sujet*, tendo por acaso dirigido seus olhares durante seu sono, sôbre um espêlho à sua frente, teve a ilusão de se ver diante de outro fantasma idêntico ao que estava a seu lado, fantasma que era a imagem refletida do seu «duplo». De outra feita, enfim, o fenômeno, não procurado, se realizou com Eusapia Paladino, que de Rochas havia hipnotizado com intenções diversas. Êle escreve:

Consegui rapidamente mergulhá-la em estado de profunda hipnose, e então ela viu, grandemente estupefata, aparecer à sua direita um fantasma de côr azul. Perguntei-lhe se êsse fantasma era «John». — Não, respondeu ela, mas John serve-se desta mesma substância...» Resposta que não esperava de Rochas e que é altamente sugestiva e instrutiva.

Após as experiências do passado tendente a provar experimentalmente a existência de um «corpo etéreo», cumpre aqui citar outras experiências recentes sôbre o mesmo tema, que conduzem a uma demonstração próxima e definitiva neste sentido. Refiro-me a uma série extremamente importante de experiências organizadas no laboratório do «Instituto de Investigações Psicológicas» que traz o nome de seu fundador: Doutor William Bernard Johnson, Instituto criado poucos anos atrás em Reno, Nevada (Estados Unidos). Essas experiências, devidas ao doutor Walter, foram minuciosamente descritas por êle no Boletim de outubro de 1933 do mencionado Instituto, e foram-lhe sugeridas pela teoria «intra-atômica», da Professora Mme. Gaskell, segundo a qual os átomos psíquicos que constituem o organismo de qualquer criatura vivente são interpenetrados por um «elemento vital», «certa vida» a que se deve a organização dos sêres viventes. Essa nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas, e, consequentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra—e infra-atômica, e na hora da morte se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado.

A professora, Mme. Gaskell, em sua obra: *What is Life?* (Que é a Vida?), convidava seus colegas de física e de química, que dispunham de laboratório para isso fazer, procederem a experiências cruciais sôbre esta questão, consistentes a provocar a morte e aplicar ao mesmo tempo métodos aptos para medir, registrar e assinalar por qualquer modo, a «quantidade de vida» que teóricamente deveria se escapar dum agonizante vivo (quer dizer, dum sistema atômico) durante a crise da morte. O doutor Walter aceitou o convite e organizou suas experiências pessoais sôbre êste princípio: se um «elemento vital» realmente existe, então devia ser possível obter provas fotográficas de sua presença por meio de disposições especiais para a experimentação em laboratório. Nêste sentido imaginaram aparelhos e métodos minuciosamente descritos, graças aos quais os experimentadores efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmais bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziram exatamente o corpo físico do qual emanavam.

Naturalmente, tratava-se de experiências executadas com pequenos animais de modestas proporções. Assim, por exemplo, foi colocado na câmara do aparelho em questão um grande «grilo dos campos» e no momento da morte do inseto foi acionado um aparelho fotográfico que registrou a presença de um grilo-fantasma superposto ao cadáver do inseto.

Idênticos resultados foram obtidos com camondongos e rãs.

O que de mais sugestivo há nas experiências em aprêço, reside neste facto: Quando os experimentadores, ao fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida do animalzinho «eterizado», constataram que a chapa fotográfica não fôra impressionada. Pelo contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do pequeno animal morto, os experimentadores se esforçavam, mas em vão, restituir a vida ao pequeno animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de «adrenalina».

O Dr. Walter concluiu ter conseguido demonstrar que durante a crise da morte, do corpo físico escapa-se um «corpo espiritual», inferindo logicamente que aquilo que se verifica para animais pertencentes às formas inferiores da vida deve evidentemente se verificar também para as formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que se devem obter os mesmos resultados. O que parece incontestável.

Não há pessoa que não veja a extraordinária importância das experiências relatadas, as quais fazem presumir que nos encontramos na véspera de uma demonstração experimental que terá enormes repercussões científicas e filosóficas.

Cumpre observar que tais experiências veem conferir valor científico a certas afirmações de sonâmbulos clarívidentes, que podemos ler nos livros de antigos magnetizadores, afirmações segundo as quais acontecia aos sonâmbulos em questão perceberem os fantasmas fluídicos de animais domésticos mortos no mesmo momento na casa em que se experimentava.

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Leopoldo Machado — *(Continuação)*

A guerra mundial, que está a terminar, assinala sua soltura completa.

Que Satanaz ?

Leva de Espíritos imundos, que não encarnavam ha milênios; que, ha milênios, não pairavam na atmosfera da Terra. (Ap. XX—3).

Satanaz, que não é um sêr criado para o mal; que, se existisse, como as religiões dogmáticas o apresentam, seria bem mais poderoso do que seu próprio criador. Do que Deus, de vez que o número dos maus, hipócritas, devassos, deshonestos, egoístas, argentários, viciados, é superior aos puros e aos bons. Satanaz que significa *inimigo, adversário,* quer venha do hebraico *(xuitan)* ou de egípcio *(sith);* que quer dizer *desobediente, obstinado,* na língua persa *(xatana).*

Levas de Espíritos criminosos, obstinados no êrro e no mal, desceram à Terra e, encarnados uns na pele de tirânos e verdugos, e desencarnados outros, assistindo os primeiros, arrastaram o nosso mundículo ao *dies irae* que aí está, integrando a volta do espírito imundo a sua casa, de que se falou antes.

Dessa descida, resultou a hecatombe verdadeiramente apocalíptica, registrada na História, por seu caracter universal, pelas visões e figuras apocalípticas nela facilmente reconhecíveis . . .

Hecatombe apocalíptica que terminará com o fogo do Céu que tudo, inclusive o próprio Satanaz, devorará (Ap. XX-10), para que, de suas cinzas, emerja um mundo novo.

O *fim da guerra,* virá—quem sabe? — com o fim da guerra que sacudiu o mundo.

Se conjugarmos direitinho o espírito da profecia contida, principalmente, em Mateus, cap. XXIV e nas visões do Evangelista da ilha de Patmos, com a guerra que estamos presenciando, fica-se com a impressão de que não teremos mais guerra universal à face do Planeta.

Impressão de que, se tivermos outras guerras, serão entre povos isolados, sem caráter universalista, à guisa de expurgo e de limpeza.

Limpeza e expurgo que serão, principalmente, praticados pela peste, que é, dos males que afligem a humanidade, o mais imparcial e justo, pela maneira indistinta com que age...

Mas, guerra com todas as características apocalípticas que aí estamos vendo?

Não o cremos.

Nossa descrença não será uma dessas verdades que pairam no ar, perscrutáveis, facilmente, por espíritos observadores?

José Lins do Rego, escritor profano, assinala a mesma descrença em bela crônica inserta em O GLOBO.

Dr. Nogueira de Faria faz igual observação no seu pequenino-grande livro, O SOCORRO QUE O CÉU ME ENVIOU.

Confiamos que, com o fim da guerra mundial, que testemunhamos, terminará, também, a Guerra na Terra.

E já termina muito tarde!

E o *fim da Babilônia Mística,* (Ap. XVII) não implicará guerras fraticidas?

A *Babilônia Mística* que «deu, a todas as nações, a beber o vinho da íra e da prostituição» (Ap. XIV-8); que «está sentada sôbre muitas águas e sôbre sete montes» (Ap. XVII-1 e 9); «com que se prostituiram os reis da Terra, cuja queda será chorada pelos poderosos, que se prostituiram com ela» é a Igreja de Roma.

Através da História e das Civilizações, nada houve, afóra ela, que se ajustasse tão bem à visão apocalíptica.

Leia-se, a frio e a sério, o que entreviu o iluminado de Patmos, compulsando-se a História da Igreja e o Cristianismo do Cristo, analisando-se os seus processos de dominar, e ter-se-á a prova do que afirmamos.

Não cremos, porém, que a Babilônia Mística seja destruída a guerras de caracter universal.

Ruirá e desaparecerá como está desaparecendo e ruindo: pelo descaso e descrédito em que será levada.

O Cristianismo primitivo impôs-se por si mesmo, a ferro e a fogo experimentados pelos primeiros cristãos.

O Cristianismo de Roma fez-se um estado político para poder sobreexistir.

Como tradição e como um partido político organizado — aliás a obra mais genial do engenho humano, no assêrto de Augusto Comte,—é que ainda se impõe, principalmente entre povos fracos, formalísticos, retrógrados.

Não fosse uma velha tradição enfeitada de coisas belas, agradáveis aos nossos sentidos, principalmente ao ouvido e à vista, já não teria, entre o povo, de que tudo suga e a quem nada confere, nenhuma cotação.

De um inteligente comparticipante da FEB., na Itália, ouvimos isto: «O povo italiano não leva a sério a Igreja sinão como um patrimônio artístico, um poderío universal, de que se orgulha».

Outra importância, hoje em dia, já não tem. Ela, que já foi toda poderosa para impôr a guerra e legislar sôbre a paz...

Ruirá, naturalmente, cedendo à lei da evolução.

Entre o países católicos do mundo, diz-se que o Brasil ocupa o primeiro lugar...

Pois o Brasil tem 25 vezes menos padres do que a França e Itália!

E é em vão que o clero lança clamorosos apêlos às famílias católicas para enviarem seus filhos aos seminários.

A vida é facil e calma, os ganhos são polpudos, a consideração é grande, mas os moços brasileiros não estão para isso...

Ruirá assim, naturalmente, como o fruto podre que cai.

Ademais, porque e para que guerras que sacrifiquem tantos monumentos de arte: as igrejas amplas, ricas, sempre fechadas?

Não poderão ser, de futuro, templos abertos, transformados em escolas e oficinas, lares cristãos e centros espíritas?

Porque e para que sacrificar padres e freiras, que poderão ser excelentes mestres-escola, boas donas de casa e mães desveladas? Operários e lavradores, mecânicos e artistas, de que se está sentindo, atualmente, tanta falta?

De tal maneira está ruindo assim, naturalmente, que os padres, a despeito do todo-poderosos que sempre se julgaram, já não dispõem, por si sós, de recursos para dar-lhe prestígio. Valem-se, desesperadamente, da influência secular para tanto. Donde, as ligas católicas e as congregações marianas que repontam por toda parte...

O fim de um mundo velho, de «instituições decrépitas, que se afundarão num mar de sangue». (Profecia do Espírito de Hahnemann, *Obras Póstumas*, de Kardec) é o que se está observando, para que de suas cinzas, reponte aquele mundo de mansos e pacíficos prometido pelo Cristo...

E das instituições caducas, a Igreja de Roma é das principais...

O Cristo não iria prometer que os mansos e pacíficos possuiriam a Terra, apenas por prometer. (Mat. V-5)

Êle, que afirmara passaria o Céu e a Terra sem que passassem suas palavras.

Já não será tempo de cumprir-se a sua profecia?

E dos guerreiros e violentos, e dos viciosos e criminosos, e dos retrógados e trapaceiros serem precipitados ás trevas exteriores, onde ha chôro e ranger de dentes, afim de que os pacíficos e mansos desfrutem o verdadeiro reino de Deus na Terra?

A destruição de tudo, consequência de uma hecatombe ainda maior, que as aparências deixam adivinhar, é que não podemos aceitar, embora vendo no Apocalipse, muito claramente, como já demonstrámos, o «fogo que desceu do céu e devorou tudo».

Mas, uma nova terra e um novo mar, porque de gente mansa e bôa e de ondas leves e bonançosas, conforme a natureza climática do Planeta, surgirão (Ap. XXI.—1)

Uma destruição total, a bombas atômicas, seria a destruição das palavras do Cristo. E de um planeta que ainda não passou por suas fases todas de evolução e de progresso.

Nossa Cooperação com o Alto, para que se registre, mais depressa ainda, o Primado do Espírito na Terra, condição e característica essenciais de um perfeito Reino de Deus entre os homens, é o que está faltando.

Colaboremos com Deus, a benefício dos colaboradores, que Deus não precisa, é obvio, de nós!

E essa colaboração deve trazer ao espírito um grande desvanecimento, pela honra de cooperar numa grande obra de civilização e de espiritualização.

Pois, é para merecer tal honra e envidar tal colaboração que estamos sendo chamados.

O chamamento vem do Alto: é obra do Mestre e Senhor.

A escolha só depende de nós: é obra de nosso esfôrço e bôa vontade.

Daí, os *poucos escolhidos*, dos *muitos chamados* da sentença do Cristo.

Depois, e então virá o fim, adverte o Senhor, concluindo as prègações proféticas. (Mat. XXIV-14)

Fim do Planeta, destruido por explosões atômicas, ou por outras catástrofes?

Não é possível, que o Senhor não permitiria isto se désse depois da prègação de Seu Evangelho.

Êle, que não consentiu lhe viesse o fim, quando Seu Evangelho ainda não era sentido e praticado!

O fim de um mundo velho, caruncho e viciado, irreligioso e materialista, para que, de suas cinzas —repetimos, construído seja o reino da Luz, da Paz e do Espírito.

E' o que se depreende disto: «Será prègado êste Evangelho do Reino por todo o mundo, em testemunho a todas as nações e, então, virá o fim» (Mat. XXIV-14).

O Evangelho ainda não foi prègado a nação alguma, eis a verdade.

Não é prègado às nações anti-cristãs.

Não o préga a Igreja de Roma.

A ignorância religiosa de sua gente assombra, dí-lo o grande sacerdote-escritor Huberto Rohden.

E dí-lo assim, depois de percorrer o Brasil inteiro: «encontro por toda parte uma profunda e vergonhosa ignorância da Revelação divina».

Isto, na maior nação católica do Globo!

Nem por isso deixa o reverendo ilustre de descobrir, como nós, também, através de nossas excursões, que «vai por todas as latitudes e longitudes do Brasil, um sôpro de promissora primavera espiritual».

O Evangelho do Cristo ainda não mereceu da Igreja de Roma nem 10 °/o da apreciação que lhe tem merecido a *Rerum Novarum*, que em nada beneficiou o mundo e o seu rebanho.

Resolveu a questão do pauperismo?

Teòricamente, por palavras bonitas, exatamente como o Estado Novo, que tanto infelicitou o Brasil, resolveu todas as questões sociais, dizia a *hora do Brasil*...

Depois dela, os católicos abastados continuaram do mesmo jeito, indiferentes ao pauperismo, no mesmo passo em que continuaram com os largos donativos à Igreja.

E a Igreja, talvez por se julgar paupérrima, sem encaminhar os largos donativos recebidos aos verdadeiramente necessitados!

Sempre lhe foi mais cômodo e mais prático encaminhá-los aos próprios cofres, à construção de mais igrejas, para permanecerem completamente fechadas.

Donde, ser, nos países católicos, maior a miséria, o pauperismo bem mais deprimente!

Fraternidade!

J. B. CHAGAS

E' o grito que ouvimos partido de todos os lados. E' preciso confraternizar, pois, dias tristes se aproximam do planeta! Nada mais justo. O Espiritismo não se compraz, realmente, com o isolacionismo. Mas, é preciso convir que apenas a reafirmação pública desses anseios de aproximação, não é o suficiente para a sua real objetivação na prática. O estreitar apenas corpos pouco é; indispensável é unir os corações, através de factos concretos. Porque, toda reafirmação das verdades evangélicas, aumenta o acervo de responsabilidades. E' inegavel. No entanto, é bom não esquecer, que ninguem pode trabalhar sinceramente pela fraternidade, distilando, veladamente, mas intencionalmente, fel e veneno em pilulas, porque, do contrário, nenhum mérito teriam as elucrubações em tôrno das lições e exemplos do Mestre. Isso seria, apenas, um simples recordar, seja com retumbância ou não. As atitudes dúbias, não têm mais cabimento no meio espirita.—«Seja o vosso falar, sim, sim; não, não»—aconselhou Jesus. O crente sincero não escarnece do seu próximo, ao mesmo tempo que tece loa ao Senhor! Mentiremos ao nosso missionato tôda vez que colocarmos em segundo plano em nossas atividades os deveres para com o Cristo porque assim procedendo, estaremos, fatalmente, caminhando por tortuosas sendas, onde só abrolhos e espinhos encontraremos.

— «Uma árvore bôa, só dá bons frutos; de uma fonte bôa não brota água impura» — advertiu Jesus.

O aproveitamento da Arte, nas suas variadas e divinas manifestações, tais como, a música, a poesia, o teatro espírita, tem seu valor na propaganda da doutrina espírita, não o negamos. Porém, as solenidades e assembléias culturais, apenas para atender ás conveniências terrenas, com a encenação de cousas profanas, ofendem ao Cristo, e só têm valor quando em nada ofuscam a pureza doutrinária.

A Fraternidade jamais será um facto concreto na Terra, se não passarmos, imediatamente, do plano teórico, puro literatismo, para o terreno da exemplificação objetiva e sincera, pelo grande respeito que devemos consagrar ao Cristo.

Não basta dizer-se cristão, prègar a doutrina do Cristo, e realizar obras em seu nome, se os atos e ações que praticamos, até em público, não testificam em nosso favor e das nossas palavras, mormente quando, velada acrimoniosamente, procuramos ferir o nosso semelhante. Se queremos um cristianismo puro, digno do Cristo, devemos escoimá-lo das teatralidades vasias, que não edificam, erguendo um templo de amôr ao Cristo, de facto, não apenas nos arroubos ditirâmbicos de uma oratória mais vasia ainda; que muito fére os tímpanos, e cujo éco, todavia, desaparece no éter, como o vapor das locomotivas, mas sim no íntimo dos nossos corações. Nêsse terreno o Cristo não admite contemporizações: «Quem não é por mim, é contra mim»—disse o Mestre.

Muito sabiamente, Jesus igualou o Amor de Deus, ao amor das criaturas, quando aconselhou que deviamos «amar a Deus sôbre tôdas as cousas e ao próximo como a nós mesmos». E as suas lições e exemplos a êste respeito são edificantes, dizendo mais, «quem me ama cumpre os meus mandamentos!...»

Quem ama a Cristo faz como aquele bom pastor que tendo cem ovelhas, deixou as novênta e nove e foi em busca da que se havia extraviado, e achando-a colocou-a sôbre os ombros, dizendo aos seus, cheio de júbilo e satisfação — «congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido!» O amor do Cristo, é renúncia, é abnegação!

Quem ama a Cristo faz como aquele pai, cujo filho depois de haver dissipado todo a sua herança, volta a casa paterna, triste e arrependido, a dizer-lhe contrito: «Pái, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno do teu amor, já não sou digno de ser chamado teu filho!» e esse mesmo pai ordena aos seus servos:—«Tirai-lhe depressa as roupas surradas, metei-lhe um anel no dedo e sapatos novos nos pés. Trazei-me também, um vitelo bem gordo. Matai-o para nos banquetearmos», dando graças ao Pai pela restituição do filho, que era morto e reviveu! O amor do Cristo é perdão, é amor!

Quem ama a Cristo faz como aquele bom samaritano que usou de misericórdia e compaixão com o peregrino que havia caído nas mãos dos malfeitores, atando-lhe as feridas e conduzindo-o na sua cavalgadura, a uma estalagem, dizendo ao estalajadeiro: «Tem-me cuidado dêle: e, quanto gastares de mais, eu te pagarei na volta!» O amor do Cristo é benevolência, é compaixão, é caridade!

Quem ama a Cristo imita na fé o bom ladrão, Dimas, que do alto da cruz, reconhecendo a divindade de Jesus, repreende severamente ao seu companheiro, a dizer-lhe: «Nem mesmo supliciado temes a Deus? Nós estamos recebendo um castigo justo, porque somos criminosos; mas êste é um justo, nenhum mal fez!...» e depreca a Jesus a humilde súplica: «Senhor, lembra-te de mim quando estiveres em teu reino!» O amor do Cristo é sinceridade, é humildade!

Quem ama a Cristo age com a fé daquele discípulo de Purna, que implorava ao seu mestre permissão para seguir pelo mundo a prègar a sua doutrina. Tendo o mestre ponderado os perigos que isso poderia acarretar a sua própria integridade física, respondeu o discípulo que estava pronto para enfrentar qualquer impecílho ou dificuldade. Mesmo assim, o mestre, querendo certificar-se de que o discípulo estava realmente preparado para a missão que iria desempenhar, lhe propõe o seguinte *test*:

— «Discípulo amado, se no cumprimento do teu missianato, os teus adversários, os teus inimigos, te injuriarem por causa da tua crênça, que farás tu?»

— «Bendirei aquele que podendo me ferir, apenas me injuria! — respondeu o dispípulo.».

— «E se te ferirem?» — perguntou ainda o mestre.

— «Abençoarei aquele que podendo me matar, apenas me fere!»

— «E se te matarem?» — insistiu, ainda uma vez, o mestre.

— «Perdoarei aquele que me abrir as portas do Nirvana, para onde vão todos os que sucumbem pelo amor do Bem e da Verdade!»

E o mestre maravilhado diante daquela demonstração de convicção de fé viva, abraça o discípulo, satisfeito, dizendo-lhe — «vai e que os Deuses te amparem!...»

Sem renúncia, sem abnegação, sem perdão, sem benevolência, sem compaixão, sem fé, sem caridade e sem amor, ninguém poderá servir ao Cristo!

Nova-Iguassú, Abril de 1946.

Não é o vosso saber, nem o vosso pergaminho, nem o vosso dinheiro e nem a vossa alta posição social que vos dará o reino de Deus, mas sim a prática dos preceitos crísticos. Não olvideis esta verdade.

Camargo.

EM NOME DE DEUS

(De «Mundo Espírrta» de 7/9/946)

L. F. RODRIGUES

Repetindo o que se deu em 1934, resolveram os atuais constituintes ditar a nova Constituição «em nome de Deus».

Parece que, descrentes das suas possibilidades de produzirem uma obra perfeita e duradoura, querem os representantes do povo dar-lhe algum prestígio, envolvendo nela o respeitável nome da Entidade Suprema.

Mas êsse suposto prestígio, embora divino, não foi suficiente para resguardar a Constituinte de 1934 do golpe de fôrça humana que a invalidou por completo, o que veio provar que não bastou uma simples invocação a Deus para conferir-lhe virtudes transcendentes ou extraordinárias.

Com a intenção da «maior glória de Deus» foi que Inacio de Loyola ensinou a humanidade a arte de sofrer e ser cadáver; que Torquemada inaugurou a Inquisição na Espanha, encarcerando, degolando e queimando muitas mulheres de cidadãos úteis; que Carlos XI e Catarina de Médicis fizeram a célebre carnificina de S. Bartolomeu; que Pedro, o Eremita e Emiliano II iniciaram as Cruzadas; que S. Domingos fundou o mais tenebroso e sanguinário dos tribunais — a Inquisição.

A história nos dá notícias de muitas resoluções humanas, completamente incoerentes entre si, tomadas em nome de Deus. Em diversos concílios, reunidos padres, bispos, patriarcas, cardeais e às vezes, o próprio Papa, em determinado momento levantava-se um daqueles figurões e, muito solene, muito grave, dirigindo-se ao ar, exclamava: «Se Deus aprova, que se deixe estár. Ora, Deus nunca se manifestou em oposição à decisão alguma e sempre aprovou com o seu silêncio os cânones mais contraditórios e absurdos.

Foi assim que, em nome de Deus, 135 bispos reunidos em Efeso, no ano de 449, excomungaram Flaviano e aplaudiram Eutiques; e depois em 451, em nome do mesmo Deus, 600 bispos do Oriente reunidos em Calcedônia, excomungaram Eutiques e louvaram Flaviano.

Também em 454, se reuniram 338 bispos em Constantinopla e, em nome de Deus condenaram o culto das imagens. Mas 33 anos depois, em outro concílio ecumênico ao qual compareceram muitos bispos que haviam tomado parte no anterior, em nome de Deus, foi restabelecido o culto das imagens!

Ainda em 861, 319 bispos se reuniram sob a presidência de Tocius, bispo de Siracusa, com a assistência dos delegados do Papa e em nome de Deus, condenaram Inacio, patriarca de Constantinopla; um ano depois outro concílio também em nome de Deus restabeleceu Inacio e excomungou Focius; mais tarde em nome de Deus, Inacio foi excomungado e Focius rehabilitado, com os bispos que de novo se haviam reunido, tendo à frente os delegados do Papa...

Êstes exemplos desacreditam completamente as obras humanas feitas em nome de Deus.

O sr. Plinio A. Branco em vibrante artigo publicado na revista «A Centelha», de São Paulo, do mês de junho, condena a atitude dos constituintes e nos revela que o primeiro Código de que se tem notícia, contendo uma invocação aos deuses no preâmbulo foi o de Hamurabi, rei da Assiria há mais de 2.000 anos antes de Cristo.

Na parte final do aludido Código, o monarca lança um sem número de terríveis maldições sôbre quem quer que se atreva a alterar o texto da lei. A leitura das imprecações contidas nesses epílogos, em que o nome dos deuses é constantemente invocado para lhes dar solenidades, é capaz de alarmar os mais intrépidos representantes do povo.

Talvez que se a nossa futura Constituição contiver nas suas Disposições gerais uma série de pragas e maldições contra os seus infratores, seja mais respeitada e não tenha a mesma sorte da Carta de 1934.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— IV —

Miguel Couto é o verdadeiro protótipo da notabilíssima profissão de aliviar o sofrimento alheio, o médico dedicado que soube cumprir evangélicamente a sua nóbre missão de curar os enfêrmos. Era êle quem se alegrava sinceramente com a melhora de seus clientes, rindo com êles deante daquela alegria tão grata dos que lhe deviam a saúde; chorava junto com os parentes e amigos daquele a quem a morte implacável havia arrancado de sob sua proteção, cuidados e desvelos; e nos tugúrios que visitava, furtivamente, deixava o necessário para a compra dos medicamentos e que não raro sobrava para outras despesas.

Sua vida é um edificante exemplo de quem viveu pródigamente espalhando o bem. Êle teve, porém, antecessores e seguidores — médicos insignes e eminentes cientistas — verdadeiros heróis que tudo sacrificaram inclusive a própria vida, em benefício da coletividade sofredora. Surge em primeira plana a figura do mártir da ciência Alvaro Alvim, vítima de sua dedicação à humanidade, após trinta anos de martírio! Francisco Fajardo, José Furtado Beleza, José Lemos Monteiro e seu assistente Edson Souza Dias, todos vítimas heróicas de sua própria devoção à causa comum de minorar o sofrimento e prolongar a vida de seus semelhantes.

Mas voltemos à biologia que é a ciência da vida, que se divide em morfológica e fisiológica. A morfologia estuda os orgãos de um modo geral e é então anatómica; quando estuda os elementos irredutíveis da matéria viva, é histológica. A fisiologia estuda as funções dos diferentes órgãos. A célula é considerada como a menor partícula da matéria viva; é o elemento irredutível. A célula consta de protoplasma, de uma membrana e de um núcleo ou carioplasma. O protoplasma é a base física da vida, segundo Huxley. O protoplasma conserva a celula viva mas depende do órgão metabólico da célula que é o núcleo, para a assimilação. Si toda a célula provem de outra célula, (omnis céllula a céllula), seria interessante a pergunta: De onde proveiu a primeira célula?

Mas o que nos interessa saber é que vida é função de uma incessante variação que se relaciona com os constituintes químicos, com a forma e com a energia que a célula manifesta; para poder incorporar gazes, líquidos, sólidos, substâncias químicas, modificando-os, transformando-os, assimilando-os, desassimilando-os, regeitando-os, eliminando-os, fixando-os, produzindo sempre energia.

E tudo isso, verdadeiro complexo maravilhoso, se realiza no incomparável laboratório de nosso próprio corpo, que possúe nada menos que . . . . . . 1.000.000.000.000.000 de células, cada qual desempenhando as suas funções particulares.

Para provar a perpetuidade potencial das células, é bastante citarmos o imortal «coração» de pinto — (fragmento de coração extraído de um pinto antes de ter saído do ôvo) — e que vive e cresce no laboratório de Carrel em Nova York, graças ás soluções ascéticas que recebe êsse coração e ao meio propício onde vive.

Tudo na ciência é maravilhoso e interessante. Não será interessante saber-se que o cristalino do olho contém cinco milhões de lâminas finissimas, transparentes e justapóstas? Não será acaso maravilhoso saber-se que num milímetro cúbico de sangue ha 5 200.000 glóbulos vermelhos? E que poderiamos dizer acêrca do mundo em que vivemos e dos outros que constituem o Universo? Já se sabe, por exemplo, que o peso do nosso Planeta é de 6 000 000.000.000 000.000.000 de toneladas! Que o diâmetro do sól é 1.390 000 quilómetros! Que o mais simples e mais leve dos átomos é o do hidrogênio. Que o mais pesado e mais complexo é o do urânio. Que cada átomo conserva a sua estrutura graças a unidade de magnetismo ou neutron que é o agente de coesão. Que os neutrons são tão pequenos que seriam necessários 200 sextilhões deles para pesar apenas 28 gramas, mas tão densos que apenas um dedal cheio deles pesaria milhões de toneladas!

Dentro, pois, de um só átomo existe uma assombrosa quantidade de energia. Uma única grama de hidrogênio contém a energia de eletrons planetários capaz de suspender um milhão de toneladas a 100 metros de altura! Que força fabulosa a ciência poderia usar si conseguisse destruír um átomo e aproveitar a energia sub atômica que ficasse libertada! E tudo isso é uma ínfima amóstra mínima da grandeza maravilhosamente eloquente da natureza a atestar a Inteligência do Criador de tudo quanto existe e que preside a harmonia incomparavelmente exáta do conjunto Universal.

Para nós, a nebulósa originária, a qual por efeito de sua rotação, fragmentou-se dando origem a novos planetas, trazia em si mesma, todas as possibilidades de vida, de desenvolvimento e de progresso. O homem é a última fáse de sua longa e lenta evolução. E os outros planetas que tiveram a mesma origem, oferecem também em circunstâncias diferentes, as mesmas possibilidades de vida mineral, vegetal e animal. Pede-se contudo, o homem intermediário. Mas si ha o homem pre-histórico já sepulto atrás da escuridão dos milênios, como pretendermos prescrutar o que a própria terra já consumiu ha milhões de anos?!

E' que existe na história retrospectiva da evolução humana, um ponto de onde não se póde ir além, apesar de ninguém querer se conformar com a interdição da própria Natureza. Nem tudo é dado ao homem descobrir e desvendar, dado à relatividade do plano em que se encontra, mas o que a inteligência humana já tem realizado é bastante para atestar o reflexo de uma inteligência mais superiora — a do Criador.

Paulo, Apóstolo da Liberdade

J. HERCULANO PIRES

A luta que o apóstolo dos gentios, vaso escolhido do Senhor, teve de sustentar contra os falsos cristãos, contra os elementos judaizantes infiltrados na igreja nascente, e até mesmo contra apóstolos da envergadura de Pedro, para defender a pureza e o princípio de liberdade do Cristianismo, é a mesma que os espíritas sinceros têm hoje de enfrentar, contra as deturpações e confusões que elementos desorientados procuram introduzir nas práticas doutrinárias. Lendo, por exemplo, a epístola aos gálatas, encontramos alí tantos versículos aplicáveis aos dias de hoje, que poderiamos repeti-la inteirinha, nos centros espíritas, à guisa de palestra. Tudo o que, no admirável texto, lembra os tempos primitivos, poderia ser tomado como simples figura de efeito literário, pois a essência mesma da epístola é uma viva lição aos espíritas, nesta época de confusões que estamos atravessando.

Falando da velha lei mosáica, Paulo estabelece uma esplêndida comparação entre o Velho Testamento e Ismael, o filho espúrio de Abraão, nascido da sua escrava Agar, ao mesmo tempo que assemelha a Isac, o filho legítimo de Abrão e Sara, o Novo Testamento. E acrescenta, depois de considerações que não devem passar despercebidas para nenhum estudioso: «Mas o que é que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre. E assim, irmãos, não somos filhos da escrava, senão da livre, em cuja liberdade Cristo nos fez livres.» (Vv. 30 e 31, cap. IV.)

A liberdade — eis a tônica das prègações, dos ensinamentos, das epístolas de Paulo. O apóstolo dos gentíos é o seguidor perfeito d'Aquele que, por combater a escravidão do dogmatismo e do ritualismo espúrio, terminou crucificado pelos sacerdotes da época. Ele não combate a lei antiga em si, pois reconhece a sua necessidade temporal, mas declara-a vencida, superada pela realização da promessa, e combate o apêgo comodista dos homens às velhas praxes destituidas de sentido. Assim, vemô-lo afirmar, da maneira mais claramente espirítica que poderiamos desejar, nos versículos 19 e 20 do cap. III: «Para que é, logo, a lei? Por causa das transgressões foi posta, até que viesse a semente a quem se havia feito a promessa ordenada por anjos, na mão de um mediador.» E logo mais, nos versículos 24 e 25: «Assim que a lei nos serviu de pedagogo, que nos conduziu a Cristo, para sermos justificados pela fé. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de pedagogo.»

Elementos judaizantes procuravam minar o Cristianismo nascente, introduzindo na Igreja Primitiva os velhos preceitos da lei. Era tão poderosa a influência dêsses elementos, tão penetrante, que nem mesmo Pedro e Barnabé, soldados dedicados do Cristo, puderam furtar-se à sua fascinação. Paulo, porém, é a crítica atuante e viva, afastando as imposturas e corrigindo os êrros. Resiste a Cephas «na cara», e adverte-o na frente dos outros, «porque era repreensível», porque transigia com os velhos hábitos judaicos, escravizado aos formalismos da época e esquecido da liberdade cristã. Pedro e Barnabé, colunas mestras da Igreja, estavam abalados. Qual seria o destino do Cristianismo nascente, que fôrça de renovação poderia ter, se de novo se abismasse nos preceitos da lei, nas ordenações mosaicas, perdendo a liberdade e a «vida em abundância» que o Cristo nos trouxe? Gigantesca tarefa a que o Senhor depositou nas mãos intemeratas do convertido de Damasco! Ainda hoje as suas palavras de fogo precisam vibrar de novo nas fileiras do Cristianismo redivivo, e aí estão, com o mesmo vigor e a mesma clareza, a vergastar os deturpadores da verdade!

Que poderosa lição nos versículos 13 e 14! Cristo, a benção de Deus para a humanidade sofredora, o verbo encarnado, a promessa divina a cumprir-se na carne, faz-se maldição para nos libertar do cativeiro. Ouçamos o apóstolo: «Cristo nos remiu da maldição da lei, feito êle mesmo maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é pendurado no lenho! Para que a benção de Abraão fosse comunicada aos gentios, em Jesus Cristo, afim de que, pela fé, recebamos a promessa do Espírito.»

Abraão recebera a promessa divina apenas pela fé que alimentava em seu coração, sem a subjugação da lei, que só veio aos seus descendentes 430 anos depois. A lei condenava como malditos os que fossem prègados na cruz. Mas Cristo tinha que romper a lei, a falsa lei de ordenações exteriores, para que a única lei verdadeira, a do amor, que êle viera confirmar e não destruir, pudesse prevalecer entre os homens. A promessa portanto, feita a Abraão fora da lei, antes mesmo da lei, tinha de se cumprir á revelia da lei. E os gentios receberiam, na graça do Cristo, o quinhão da promessa que a lei lhes negava. Depois do Cristo, a lei não podia mais prevalecer. Cristo é liberdade, é a alforria prometida a Abraão, é a ressurreição da vida, a emancipação espiritual do homem! E Paulo, deslumbrado por esta suprema verdade, proclama-a a todo instante, advertindo aos que voltam do meio do caminho, procurando de novo os encargos da lei: vasios estais do Cristo, os que vos justificais pela lei; decaistes da graça!» (v. 4, cap. V.)

A Igreja Católica toma estas verdades profundas num sentindo superficial, e apresenta o Cristo crucificado como redenção milagrosa das nossas culpas individuais. A Igreja da Reforma, por suas várias denominações, persiste no êrro, firmando o dogma absurdo da salvação pela fé, sem perceber que as obras da lei, condenadas pelas epístolas, não são aquelas que Paulo chamava de «obras do espírito.» Dolorosa cegueira humana, triste preguiça mental da raça humana, que só o batismo de fogo da dôr purificadora poderá redimir!

Cristo é liberdade, e essa é a liberdade que Paulo defende e que o Espiritismo vem reavivar na terra. No Espiritismo, pois, não póde haver a escravidão dos preceitos da lei, a subjugação dos ritualismos espúrios, do culto exterior inócuo e prejudicial. Não obstante, assistimos hoje a uma nova tentativa de infiltração de práticas obsoletas e ridículas nos centros espíritas. Se concordarmos com isso, se não levantarmos contra o êrro o verbo candente de Paulo, teremos de novo na Terra o aparecimento de uma igreja deturpadora do verdadeiro espírito do Cristianismo. Urge, portanto, voltarmos ás palavras de Paulo. Que ela se erga, vibrante e clara, nas reuniões espíritas, lembrando sempre que Cristo não morreu em vão, que êle deu a sua vida para nos redimir da escravidão da lei!

No Espiritismo não subsiste a velha lei, e nem outra mais nova deve lhe ser adicionada. Espiritismo é liberdade. E uma só lei existe, para êle, mas essa é o próprio fundamento da liberdade mais ampla que o homem póde desfrutar: «Amai-vos uns aos outros». Esta é a única lei, o único preceito, a única subjugação que podemos aceitar. Porque é o jugo leve de que o Mestre nos falava. No mais, simplicidade e pureza em todas as ocasiões. Nem formalismos convencionais e tolos de batismo, de casamento, de recomendação de cadáveres, nem missas disfarçadas de sétimo dia, nem farisaico respeito pela «mesa sagrada», nem atitudes de falsa contrição no recinto dos centros. De nada valem as convenções exteriores, os velhos simbolismos superados pelo tempo e pela revelação cristã. Pois é Paulo mesmo quem nos adverte, na mais clara e necessária das advertências: «...em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão valem nada, MAS O SÊR UMA NOVA CRIATURA» (v. 15, cap. VI). E é êle ainda quem nos pergunta: «Sois vós tão faltos de juizo, que, depois de haverdes começado pelo espírito, acabeis agora pela carne?» (v. 3, cap. III).

Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel

1.a P. — Prèga-se por amor à verdade ou por amor aos homens?

R. — Prèga-se o Evangelho da Redenção por amor a Deus, abrangendo a verdade que é sua manifestação ao homem que é seu filho, a serviço da nossa própria edificação.»

2.a P. — Como explicar a recusa instintiva que, mesmo sem idéias preconcebidas, sentimos ao lêr certas obras consagradas no Espiritismo?

R. — «A satisfação da leitura procede da sintonia mental entre o escritor e o leitor. Urge, porém, considerar que o êrro merece o trabalho do esclarecimento fraterno, onde quer que se encontre.»

3.a P. — A verdade simples e a inferioridade ilustre confundem; como, pois, discernir entre estas duas confusões?

R. — «A inferioridade ilustre é uma fantasia da ignorância e só póde confundir a mente invigilante. A verdade simples, todavia, é fonte da vida e não póde perturbar a ninguém, desde que a nossa alma, à distância do velho egoísmo carnal, esteja convencida de que nós é que devemos caminhar ao encontro da verdade simples sem exigir que ela satisfaça os nossos caprichos complexos».

4.a P. - Qual o meio que dispomos para demolir a teologia espirítica?

R. — «A teologia, propriamente considerada, é a ciência das cousas divinas e, dentro de seus quadros militam nobres servidores de Jesus que merecem nosso acatamento pela sinceridade de propósitos e elevação de sentimentos, embora, quasi sempre, a teologia humana simbolize o cárcere da Revelação. Cremos, pois, que a pergunta deve referir-se ao dogmatismo que, portas a dentro do Espiritismo cristão, devemos estinguir com a iluminação progressiva do raciocínio de cada um».

5.a P. — Imperator combate o desvirtuamento da teologia, afirmando que Jesus foi teólogo. Que diz o irmão a respeito?

R. «Jesus foi o maior expoente da ciência de Deus, por excelência, mas, não criou o dogmatismo que disvirtua a marcha sublime do pensamento religioso».

6.a P. — Na éra apocalíptica onde urge o preparo espiritual, póde existir interrupção nas tarefas nobres?

R. «O preparo espiritual decorre das tarefas nobres bem cumpridas e consta do programa de realização para todas as horas evolutivas e redentoras da Humanidade».

7 a P.—Existem pessoas com faculdade de acordar faculdades em outrem?

R. — «Os irmãos mais velhos, ricos de experiências e virtudes, podem acordar os mais novos, transmitindo-lhes os princípios da faculdade mais alta na vida, que é a faculdade de servir ao Senhor com fidelidade amorosa, até o fim».

NOTA — A nossa distinta e estudiosa irmã em crença, senhorita Zilda Portugal, residente na cidade de Petrópolis, no Alto da Serra, a 25 de Março do ano passado, formulou 23 perguntas e as dirigiu ao nosso confrade Francisco Candido Xavier, de Pedro Leopoldo, Est. de Minas, afim de que elas fossem encaminhadas ao espírito de Emmanuel.

Obtidas as respostas solicitadas, serviram para estudos de um punhado de adeptos da Nova-Revelação, cujo conteúdo muito contentou aos nossos companheiros de Petrópolis.

Como se trata de lições que podem satisfazer a muitos de nossos confrades, resolvemos publicá-las na certeza de que elas serão de útil aproveitamento para quantos lhes dispensarem alguns momentos de leitura atenta.

Spártaco Banal.

Itamaratí, 18 de Maio de 1946.

DOUTRINAS IRRACIONAIS AS DO ESPIRITISMO

O Pe. Vicente Zioni, o celebérrimo autor do «Problema Espírita no Brasil», propôs-se a provar que são irracionais as doutrinas do Espiritismo. E serve-se, até, de nosso modesto nome e de um escrito nosso em REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, para justeza de sua tése.

Quanta honra para nós, reverendo!

Já haviamos lido *a coisa* do padre, dando-lhe a importância que merece: praticámos com ela aquela caridade aconselhada pela irmã Rosalia: deixar falar os tolos. Entretanto, uma bôa amizade de Araxá enviou-nos o LAR CATÓLICO, com uma cartinha, chamando-nos a atenção para ela.

Duas palavras, sómente, sôbre o escrito do reverendo, principalmente, na parte que diz assim: «E' uma indignidade para o espírito humano aceitar doutrinas radicalmente irracionais, opostas à razão e, pior ainda, curvar-se às suas exigências».

De plenissimo acôrdo.

Por isso mesmo reconhecemos a indignidade de uma porcentagem apreciável da espécie humana que vive ainda, escrava a doutrinas irracionais como a de penas eternas, da unicidade da vida humana, da trindade, de sêres votados eternamente ao mal, de um Deus capaz de condenar filhos, obras-primas suas, imagens e similhanças suas aos infernos, só porque não seguiram tais credos absurdos e outros delitos reparáveis...

Não ha, porém, irracionalidade nenhuma em nada disso. Mas, na teoria de evolução anímica, que não é, ainda, doutrina firmada no Espiritismo, mas objeto de indagação e estudo, como escreveramos! O Pe. Zioni encontra irracionalidade na hipótese do princípio anímico partir dos sêres brutos e ascender à espécie angélica.

O princípio evolucionista, que esposamos, que não repugna, materialisticamente, a um Darwin nem, espiritualisticamente, a um Delanne, é, para o reverendo, uma irracionalidade sem nome. Não encontra irracionalidade, certamente, nenhuma na doutrina que admite cada alma criada para cada corpo, para ser atirada, depois de uma curtissima existência terrena, ao inferno, por toda a eternidade, só porque não passou procuração e dinheiro à Igreja e a seus vigários para tratarem de sua salvação.

Ora, Pe. Zioni!

Se os católicos, que o levam a sério, para quem o reverendo escreve suas tiradas espiritófobas, seguissem aquêle asserto de Paulo, que manda examinar de tudo para aceitar sómente o que fôr bom...

LEOPOLDO MACHADO.

Dizei a todos que o Espiritismo é o caminho da vida; que só esta doutrina felicitará a humanidade. — CAMARGO.

Crônica Estrangeira

Fantasma de Mulher Inflexível

Reproduzimos de «Les Apparitions Matérialisés», de Gabriel Delanne, o seguinte episódio, inclusive os comentários do autor, um antecedendo o relato e outro sucedendo-o:

Um êrro, bastante difundido, é o de acreditar que a morte transforma radicalmente os indivíduos, de maneira a tirar-lhes os defeitos que possuiam na terra. A experiência espírita demonstrou o contrário. A alma se encontra, após a morte, exatamente a mesma que fôra anteriormente. Um tolo não se transforma em homem de espírito pelo simples facto de desencarnar, e um ignorante não se torna mais instruido por efeito de morrer, salvo no que concerne á sua nova situação. Muitos espíritos levam seus preconceitos terrestres e deles não se libertam facilmente, como o provam as comunicações tiptológicas e as obtidas pela escrita. Temos provas de que as aparições materializadas não escapam a esta regra geral. Aquí vai o relato de um facto perfeitamente típico, narrado por Mrs. d'Esperance, em «País das Sombras»:

«Um senhor idoso era espírita havia muitos anos. Mas sua mulher não mostrava a mínina simpatia por suas idéias. Ela não me inspirava a mesma amizade que eu sentia pelo homem e, em certas ocasiões, as discussões rudes da mulher muito me haviam chocado, fazendome sentir profunda compaixão pelo infeliz marido, que prosseguia seus estudos espíritas no ambiente áspero, que eu conhecia.

Ela morreu e eu surpreendi-me ao constatar quanto esta perda afligia o meu velho amigo. Alguns dias após o entêrro, veio êle ao nosso santuário (em casa de Mr. Fidler) sem o intuito de assistir a uma sessão, mas estando presente, resolveu fazer parte. Sua tristeza bastante me sensibilizou, estava pois satisfeita em tê-lo conosco por algum tempo, esperando poder êle encontrar um alívio à sua dôr.

Não me recordo exatamente do que sucedeu no começo da sessão, mas ainda vejo distintamente abrirem-se violentamente as cortinas, permitindo a luz caír de pleno sôbre o vulto de Mrs. Miller. Ainda que forçosamente familiarizada com essas cousas incríveis, senti-me *sufocada de espanto*. Não havia êrro possível: *eram seus traços, seus gestos, era ela em tudo. Imediatamente foi reconhecida pelos que a conheceram*. O marido, transtornado pela emoção, quís abraçá-la, mas o fantasma deu um passo para trás e disse-lhe severamente:

— O que fizeste do meu anel?

Não ficariamos mais surpreendidos com a queda de um raio.

—Minha querida, eu não toquei no teu anel, respondeu o pobre homem, não está êle no teu dedo?

E êle rompeu em soluços, enquanto Mrs. Miller retornava ao gabinete donde aparecera. Positivamente, *eu me regozijaria se a pudesse castigar.*

O marido parecia muito angustiado com a evidente contrariedade de sua mulher. Êle nos disse que a mulher, pouco antes de morrer, lhe recomendára não tirar dois aneis que sempre usára. Êle prometera respeitar seu desejo e nada mais sabia; *nada compreendia da censura de sua mulher*. Êle não parecia sentir a dureza dêsse procedimento; mas estou certa que a maior parte dos assistentes sentiram-se mais ou menos revoltados ao verem êsse coração amante e aflito desdenhado por um anel, qualquer que fôsse o valor da jóia.

Mais tarde, Miller nos disse que, voltando a casa, havia questionado sua filha a respeito dos aneis. Esta, desconhecendo o pedido da mãe, havia tirado os aneis, precisamente antes do sepultamento, na suposição de o pai se sentir feliz com a lembrança. Explicava-se, pois, a pergunta severa da morta.

Mrs. Miller voltou muitas vezes para saudar seus amigos, mas *nunca mostrou ter vencido seus preconceitos contra o Espiritismo* e só se utilizava das sessões quando tinha em mira qualquer objetivo a realizar. Todos os que a conheceram — e êstes não eram poucos — *obtiveram provas convincentes de que Mrs. Miller continuava, no mundo dos espíritos, exatamente a mesma que fôra nêste mundo,* em nada mudada *de aspecto, ou de caracter».*

Interessante é constatar o antagonismo entre os sentimentos de Mrs. Esperance, a médium, e a conduta do fantasma. E' ainda uma prova de não ser a aparição produzida pela médium, tanto mais que o episódio do anél, *ignorado por todos os assistentes*, prova que as recordações de Mrs. Miller pertencem a ela própria e não são hauridas na subconsciência dos espectadores. A dureza com que o fantasma se dirigiu ao infortunado marido, mostra à saciedade que sua passagem ao outro plano de existência em nada melhorou seu deplorável caracter.

Ao contrário, os que foram amantes e bons conservam êstes sentimentos e são felizes e, quando possível, procuram mostrar-se aos que amaram em vida.

*

Um sonho realizado ponto por ponto

Da China, M. V. Nadarov escreveu à *Light:*

«Mr. A. A. V., que residia em Tókio, esteve na Polonia em 1912, quando teve um sonho extraordinariamente lúcido. Via-se êle numa região inteiramente desconhecida, que presumia ser uma ilha, e o clima era quente. Pouco antes do grande tremor de terra, em 1923, e tendo já passado diversos anos no Japão, visitou, para se distrair, com alguns amigos, uma ilha na baía de Tókio. Imediatamente depois de desembarcar, sentiu-se chocado pela extranha semelhança entre êsse lugar e a região desconhecida que vira em sonho, muitos anos antes. Tudo o que aconteceu, durante a excursão, se realizou na mesma ordem em que se sucederam os detalhes no sonho. Ora, no sonho, êle vira, no fim, um terrível terremoto e inúmeras vítimas. Viu, pois, tratar-se de uma premonição e tentou persuadir os amigos a deixarem imediatamente a ilha. Todos riram dele, e mais ainda de seu sonho de antanho, que lhes relatou.

Assim partiu êle só ... e justamente a tempo de não ser vitimado pela horrorosa calamidade... Peço-vos registrar êste caso a bem da ciência. Obtive a informação, diretamente, de uma carta de Mr. A. A. V., sómente alguns dias após o terremoto.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Excursão á Paulicéia

O confrade paulista Vicente S. Neto, apareceu o ano passado, pelo Carnaval, na Semana Espírita de Cruzeiro, onde os semaneiros viviam horas inesquecíveis de doce convívio e de franca fraternidade, entrando nêsse ambiente onde se impôs, desde logo, pelo seu espírito irrequieto de cavalheiro lhano, alegre, entusiasta, contagiando-se e contagiando a todos.

Desde essa hora, o Vicente tornou-se figura obrigatória das Semanas Espíritas, onde pontifica como elemento de relevo, a prestigiar o movimento de confraternização e dar, com invulgar brilho, a sua cooperação ativa na difusão intensa dos postulados do sublime ideal que de comum nos empolga, não tendo faltado a nenhum dêsses movimentos, depois que neles se integrou.

E não contente com isso, idealizou levar a S. Paulo alguns confrades que às Semanas Espíriras dão sua contínua cooperação, como ponto de partida para a realização em época oportuna de uma iniciativa de completa confraternização em S. Paulo, com a realização de uma Semana Espírita. E não descansou enquanto não promoveu a ida do Jaques Aboab e Amadeu Santos, do Rio, e do Sebastião Lasneau, de Barra do Piraí, na impossibilidade de, nesta época, levar outros confrades proeminentes a S. Paulo como era de seu desejo. Formulou planos, delineou o programa e no dia 6 de agosto os caravaneiros partiam para S. Paulo, onde os esperava um pugilo de confrades atenciosos. Hospedaram-se na casa do casal José e Ida Cerqueira. Os confrades Sá e Simões colocaram os seus automóveis à disposição dos visitantes.

A primeira visita a fazer deu-se na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém de que é presidente o infatigável correligionário J. A. Trindade, que mimoseou os caravaneiros com uma acolhida fidalga e amiga levando-os em seu automóvel, depois de mostrar-lhes todas as dependências da Sinagoga, a um passeio a todos os pontos pitorescos da cidade. A noite dêsse dia, foi consagrada ao repouso.

No dia seguinte pela manhã, visita aos confrades João Augusto Ferreira, do Centro Espírita Amor e Caridade, Batista Lino, na Livraria Allan Kardec, onde tiveram ensejo de conhecer e rever confrades proeminentes de S. Paulo. Lá encontraram Ermida, Vinicius, Romeu Camargo e tantos outros. Depois do almoço o Batista Lino coloca o seu carro à disposição para uma visita à obra de Maria Máximo, em Santos. Foi uma viágem proveitosa, um passeio agradabilissimo. A comitiva era composta do Vicente, do Amadeu, do Batista, do Jaques, do Lasneau e do motorista. No Centro Espírita «Ismênia de Jesus», foram recebidos pelos irmãos Edgar e o Cel. Arlindo, cumulando-os de amabilidades e gentilezas. Depois de servido o café, foram-lhes mostradas todas as dependências da vultosa obra de assistência social. O Centro tem um salão amplo e confortável. O Asilo é composto de todos os requisitos modernos e da mais exigente higiene, onde se cuida de 31 criancinhas garridas e bem humoradas. Estão-se ultimando as obras para a breve inauguração de mais uma dependência da Instituição: o «Colégio Espiritualista Ordem e Progresso», que por si só honraria a ação social do Espiritismo, tal o seu vulto grandioso. E' uma escola moderna, confortável e quasi luxuosa, constituida em uma construção da atualidade, cujo mobiliário custou para mais de 150 mil cruzeiros. E diga-se de passagem: esta obra está sendo custiada ás expensas de uma só bolsa. Trata-se da oferta pessoal de um confrade proeminente e humanitário, a quem a instituição e a Doutrina já muito devem, cujo nome não nos é dado citar para não ferir a sua conhecida modéstia. Os visitantes regressaram a S. Paulo com os espíritos satisfeitos e cheios de deslumbramento. E' que notaram, com alegria, que um pugilo de confrades santistas destemerosos e ativos, à frente dos quais se acham Maria Máximo, Cel. Arlindo Ribeiro de Andrade, Edgar e outros, assistidos pelos bondosos irmãos do outro plano, como Pai Aurélio, Mariquinhas (Maria Martins de Andrade) e outros amigos e protetores.

Dia 8, quinta-feira

A's 8 horas, concentração dos caravaneiros e outros confrades na Sinagoga Espírita para a partida, daí, em dois automóveis, rumo a Suzano e Poá, para a visita ao Sanatório «Jesus de Nazaré» e o Abrigo «Batuíra», localizados respectivamente nessas localidades paulistas.

A primeira obra a visitar foi o Sanatório, em Suzano. Obra magestosa, cuja construção, delineada, idealizada, dirigida e eregida pelo espírito valente e resoluto de J. A. Trindade, obedece à mais requintada beleza arquitetônica. As suas múltiplas dependências primam pelo mais rigoroso confôrto em obediência aos mais exigentes requisitos da higiêne. Trata-se de um edifício de cinco andares que ocupa uma área ampla, com dependências várias, preparada para albergar milhares de pessoas. Destina-se ao tratamento de pessoas atingidas pelos bácilos de *Koch*. Uma obra, portanto, que o Brasil estava exigindo. Se a parte externa é bela e atraente, a interna encanta pelos seus mil e um motivos de confôrto, higiêne e bem estar. Percorrendo os seus cinco pavimentos, analizando as suas custosas instalações, tivemos a impressão de que, para nos aquilatarmos melhor do que é e póde comportar a importante obra, seria necessário, pelo menos, uma semana, apreciando-a detalhadamente. E mais: percorrendo as suas diferentes dependências tivemos a impressão de nos encontrarmos na exuberante Colonia Espiritual que o esclarecido espírito de André Luiz nos descreve em o «Nosso Lar». Basta dizer que a obra, tal o seu vulto, já se tornou alvo da cubiça de algumas instituições profanas, inclusive da Legião Brasileira de Assistência, tentando o promotor da grande instituição, nosso prezado confrade Trindade, com a respeitável soma de cr.$ 13.000,000,00. Mas a tentação não pegou, porque o nosso ardososo correligionário sabe que é preciso proteger aquêle punhado de tuberculosos indigentes que numa parte do edifício, será recolhido e tratado carinhosamente, de graça.

Servido um «lunch», numa das salas do edifício, os caravaneiros se dirigiram a Poá, em visita ao Abrigo Batuira. Aqui, não encontraram os visitantes edifícios suntuosos, como os de Santos e Suzano, mas constataram com prazer, existir ao lado das deficiências materiais, exuberantes testemunhos de fé, de caridade e amor, no sacrifício provado de um punhado de crentes dispostos á prova dos maiores atos de trabalho e renúncia. Nada menos de 166 crianças ali estão recolhidas, sob o carinho, a meiguice e a solicitude da irmã Maria Gianoni Novazzi, e do seu devotado filho que é, aliás, o provedor da instituição. O Batista Lino, que é um benemérito da casa, ia-nos relatando, pormenorizadamente, cada um dos detalhes e dos acontecimentos relacionados com a magnifica obra de assistência social que o vulto inconfundível de Batuira assiste e orienta, das alturas em que se acha o seu alcandorado espírito e que está, é bom que se o diga, a exigir o concurso e a cooperação de todos os corações bem formados. Está a construir-se um pavilhão que albergará, confortavelmente, para mais de duas centenas de crianças. A Casa de Oração «Lameira de Andrade» é um belo edifício que possúe um salão amplo de conferências, devidamente mobiliado, onde se realizam, invarialmente, as sessões doutrinarias regulamentares. E' essa uma obra anexa á grande instituição. Soubemos que o pároco local oferecera cr.$ 2.000,000,00 para que os espíritas não instalassem naquêle local, que é contíguo à igreja católica, as dependências do Abrigo. Mas os néo-cristãos não venderam a sua consciência pela considerável quantia, porque sabem que, acima de tudo, impera uma outra riqueza — a da tranquilidade de consciência, na satisfação do dever cumprido.

Já haviam soado as 12 badaladas no relógio quando os caravaneiros foram convidados a saborear um suculento almoço na casa do nosso irmão Angelo Joielli, o qual fôra improvisado para 10 pessoas em menos de uma hora. Deve dizer-se que a família do nosso correligionário foi pródiga em cumular gentilezas aos visitantes. Depois do almoço, viagem de regresso à capital paulista.

A' tarde, jantar em casa do confrade Dr. João Augusto Ferreira.

A' noite, reunião no Centro Espírita «Paz, Amor e Caridade», sob a presidência do Dr. João Augusto Ferreira. Depois da prece inicial é lido um ponto do Evangelho que o confrade Amadeu Santos comenta. O presidente, depois de recebidas algumas mensagens do Além e de fazer a prece final, encerra a sessão.

Dia 9, sexta-feira

Almoço em casa do confrade J. A. Trindade. A' tarde, passeio de automóvel, ao Bairro de Pinheiros, para uma visita ao Instituto Butantan. A' noite, palestra íntima entre confrades, em que tivemos o prazer de ouvir o confrade Oswaldo Polidoro, na casa do Cerqueira.

Dia 10, sábado

Novo passeio aos pontos pitorescos da cidade e visitas a confrades. Estágio na Livraria Allan Kardec. Jantar na cidade, em companhia de vários confrades.

A' noite, reunião na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, na qual falaram os excursionistas. Salão amplo e quasi lotado. Presidência a cargo de J. A. Trindade. São convidados a assentar à mesa os confrades Pedro Franco, José Cerqueira, Ida Cerqueira, Vicente S. Neto, Sebastião Lasneau, Jaques Aboab e Amadeu Santos. O presidente, depois da prece inicial, apresenta aos assistentes os visitantes. Lê um capítulo de «O Retumbar da Trombeta», da autoria de Amadeu Santos e oferece a palavra aos três caravaneiros. Ambiente agradável e elevado, os oradores preencheram o tempo proporcionando ao auditório belas peças de oratória, nas quais se via ressumbrar a mais consoladora doutrina de fraternidade e amor. Depois da prece final, o presidente encerra os trabalhos.

Dia 11, domingo

Depois de saboreado o café matinal em casa do Cerqueira, uma visita à Federação Espírita do Estado de S. Paulo, para assistir à aula evangélica ministrada por Vinicius e para uma aproximação maior com as figuras representativas do Espiritismo em terras de Piratininga. Os caravaneiros foram aí apresentados ao auditório e o Vinicius ofereceu-lhes o microfone, o que êles não aceitaram, reservando-se para a sessão noturna especialmente programada para atuação dos mesmos. Vinicius produz uma bela oração evangélica, uma substanciosa lição moral-doutrinária.

A's 20 1/2 horas, no mesmo local, tem lugar a anunciada conferência de Amadeu Santos, que abordou o tema «Do Espiritismo de Vivos». A imprensa profana e o Rádio haviam convidado S. Paulo em pêso para assistir à importante reunião. Godoy Paiva, na «Hora Espírita», havia convidado os confrades para assistirem ao ágape cristão. E aconteceu o que era de esperar-se. O vasto salão da Federação foi pequeno para comportar a grande assistência. Cêrca de 1.300 pessoas superlotavam o salão e se estendiam até a rua. Notava-se a presença de pessoas gradas, notadamente de advogados e juizes de direito, já que se anunciára que o orador era versado em ciências jurídicas e sociais.

Godoy Paiva assume a presidência. Os acordes sonoros de uma melodia fina dão a primeira nota no ambiente. Vicente S. Neto faz a apresentação de Sebastião Lasneau, Jaques Aboab e Amadeu Santos. O Jaques faz a prece inicial, que valeu por uma verdadeira profissão de fé, na qualidade de israelita convertido ao Espiritismo. Uma eximia cantora sul-africana canta três admiráveis números de música clássica. A poetisa senhorita Arlete e o poeta Sebastião Lasneau declamam lindas poesias. E foi nêsse ambiente e debaixo de geral espectativa, que o orador da noite tomou a palavra pelo espaço de 65 minutos, arrancando aplausos da grande assistência com os conceitos expedidos no seu improviso. Êle o conhecido e simples Amadeu Santos, chegára afirmar temer a responsabilidade do compromisso tal a propaganda e os adjetivos que lhe haviam emprestado, mas no fim da sua oração, respirou profundamente e dizia: «estou satisfeito. O Alto ajudou-me a desempenhar a árdua tarefa». E de facto, não foi em vão que, por nada menos de seis vezes, a assistência interrompeu o orador com prolongadas palmas. Foi uma noite memorável em que se confessaram satisfeitos e felizes visitantes e visitados.

Finda a reunião, uma ceia em regra num dos restaurantes característicos de S. Paulo.

Dia 12, segunda-feira

Dia consagrado ás visitas de despedidas para a viagem de regresso, pelo noturno das 20 horas.

A' gare da estação «Presidente Roosewelt», compareceram confrades em grande número, desejosos de testemunhar ainda uma vez, com a sua presença, os seus abraços e os seus protestos de estima e apreço a mais sólida amizade aos irmãos de Barra do Piraí e do Distrito Federal.

E com o deslisar do combôio, terminava um convívio doce, agradável, fraterno e amigo, marcando momentos inesquecíveis.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», estiveram presentes em todos êsses acontecimentos, na pessoa do nosso representante no Rio de Janeiro, o confrade Amadeu Santos.

Coligação Nacional Pró Estado do Leigo

«Mundo Espírita» de 17 de Agosto, traz longa e pormenorizada reportagem sôbre a *Coligação Nacional pró Estado Leigo,* que após longo período de inatividade, volta a defender a liberdade de consciência, ameaçada nesta hora incerta por que atravessamos, se vingarem as pretenções do cléro romano na Assembléia Nacional Constituinte.

Como espírito da verdadeira democracia, a *Coligação Nacional pró Estado Leigo* conta com elementos representativos de todas as correntes que defendem a liberdade de consciência, entre os quais protestantes, espíritas, maçons, positivistas, etc., que se unem num movimento de solidariedade em favor da separação entre os poderes temporal e espiritual, como base da justiça e da fraternidade cristã e, consequentemente, da paz que deve imperar de facto entre os brasileiros.

A *Coligação Nacional pró Estado Leigo* reuniu-se há pouco na Capital Federal sob a presidência do Professor Souza Marques, afim de cogitar de um manifesto à Nação. A comissão incumbida de o redigir, compõe-se do Reverendo Dr. Mattathias Gomes dos Santos, chefe das Congregações Evangélicas do Brasil; Dr. Lins de Vasconcelos, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, e Tenente Honorio Melo, da Federação Espírita do Paraná.

Êsse manifesto, cujo teor «Mundo Espírita» publicou na íntegra, mas que não o fazemos, por carência de espaço, já foi entregue ao sr. Presidente da Assembléia Nacional Constituinte, que recebendo com atenção a comissão encarregada da entrega, prometeu fazer a sua leitura em plenário e, consequentemente, a sua publicação nos Anais da Constituinte.

— Em sua última reunião realizada em 10 de Agosto, a Coligação elegeu a sua nova diretoria, que ficou assim constituida :

Presidente, Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes ; 1.o vice, Everaldino Acestes da Fonseca ; 2.o vice, Dr. Antonio Dias Maciel ; 1.o secr., H. Melo ; 2.o secr., Prof. Aristides Araujo ; 3.o secr., Dr. A. Cruz ; 4.o secr., Jayme Figueiredo ; tesoureiro, Dr. Levindo Melo ; bibliotecário, Bertucio de Oliveira Campos.

Empossada a diretoria, foi imediatamente aclamada a seguinte Comissão Permanente de Propaganda : Frutuoso Mendes, Cel. Nunes de Carvalho, Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro, Aurino Souto, Cel. Delfino Ferreira, Dr. Carlos Imbassay, Dr. Effrein Rizzo, Dr. Sinesio Lira, Rev. João de Barros, Dr. Henrique Andrade, Dr. Rodrigues Neves, Jornalista Deolindo Amorim, Rev. Mattathias Gomes dos Santos, Prof. Souza Marques, Dr. Henrique Bernoit, D. Maria Costa, Dr. Lauro Soles, General Araripe de Faria, David Lopes, Cel. Orlando Meireles, Prof. Guayanaz de Souza e Prof. Leopoldo Machado.

A União Federativa Espírita Paulista aos Espíritas do Brasil

Em Agosto de 1939, quando a Rádio Educadora Paulista, quebrou bruscamente o contrato que mantinha com a *União Federativa Espírita Paulista*, para irradiar o programa radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, essa Instituição Espírita recebeu milhares de cartas de adeptos de todos os Estados do Brasil, solicitando os motivos da inesperada suspensão das irradiações do referido Programa.

No dia 8 do mencionado mês, pelos jornais «*Estado de São Paulo*» e «*Folha da Manhã*», cientificámos a família Espírita brasileira de que a interrupção do Programa Espírita, havia sido arbitrária e brutal e que se prendia a perseguições religiosas, mas, que a *União Federativa Espírita Paulista*, já estava tomando todas as providências no sentido de defender os interêsses da causa espírita.

Finalmente, voltamos hoje a público para dar aos nossos irmãos de ideal, a devida satisfação.

Depois de quasi sete anos de longa e árdua luta, que sustentámos com aquela Emissôra, a justiça de nossa terra deu um testemunho de honestidade e nobreza que muito honra a jurisprudência brasileira, condenando a Rádio Educadora Paulista, e seu superintendente Dr. José Ayres de Souza Carvalho, a pagar à *União Federativa Espírita Paulista* a título de devolução, indenização e demais despesas, a importância de Cr. . . . . . . $ 299,478,80 (Duzentos e noventa e nove mil quatrocentos e setenta e oito cruzeiros e oitenta centavos), de acôrdo com o edital que foi publicado na «*Folha da Manhã*» de 29 de Agosto último.

Os espíritas estão de parabens, não pela indenização monetária que receberão, mas, pela vitória moral que obtiveram nessa insidiosa e víl perseguição à causa divulgadora dos preceitos Evangélicos em nossa terra.

A vitória contra a Rádio Educadora Paulista, está ligada perfeitamente com a causa da *Rádio Piratininga*, pois que, o programa é o mesmo e os perseguidores também são os mesmos. Nós os conhecemos bem.

Queremos cientificar toda a família espírita brasileira, de que a *Rádio Piratininga* está intacta, absolutamente em nosso poder, perfeita como quando fôra instalada, com a força elétrica ligada e pronta para funcionar, assim que alcançarmos a vitória justa, da parte do nosso governo ou então pela justiça de nossa Pátria.

Espíritas !... Tende confiança na justiça de Deus e lutai com dignidade e amôr em pról da causa Evangélica, pela qual Jesus dera a própria vida.

Não olhemos para trás. Não nos encomodemos com as calúnias, perseguições e pedradas que nos são atiradas : pois isso foi o que fizeram ao Divino Mestre. Teremos grande prazer em receber a visita de todos os espíritas interessados na manutenção da Rádio Piratininga e que desejam visitar e conhecer de viso as instalações da Emissôra que nasceu especialmente para divulgar os Evangelhos de

Jesus e que por êsse motivo, sofre a mais iníqua das perseguições.

Espíritas!... A *Rádio Piratininga*, para a glória da Verdade, terá o dia de sua vitória, voltando ao AR inundando os céus do Brasil com as vibrações consoladoras da *Terceira Revelação*.

Abraços e votos de paz.
Do irmão na fé,

CAETANO MERO.
Presidente.

A Catedral dentro da Praça París

A propósito da projetada construção da catedral, dentro da Praça París, foi dirigido ao Prefeito do Distrito Federal, no dia 13 do corrente, o seguinte telegrama:

«Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal, Rio de Janeiro.

«A Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, representando o pensamento de milhares de corporações protestantes, maçônicas, espíritas, teosóficas, esoteristas, positivistas, redentoristas cristãs, católicas brasileiras, católicas liberais, maritanistas e de outras denominações, todas brasileiras e em atividade no país, sabedora de que se cogita de doar à Mitra ou seja ao Vaticano, uma quadra da Praça Paris, nesta capital, «escolhida» pelo cardeal D. Jayme Camara, para ser edificada, alí, uma Catedral Catòlica Romana, com grave dano cívico, patrimonial, econômico, social e moral para todos os brasileiros, residentes ou não no Rio de Janeiro, vem, com toda consideração, pedir a V. Excia. que evite a perpetração desse atentado contra os interêsses coletivos.

«A Coligação pede a especial atenção de V. Excia. para o facto da desapropriação que tem sido feita, inclusive de templos de varios credos, afim de ampliar os logradouros publicos, descongestionando o trânsito da cidade. Se dentro da Praça París já existisse qualquer construção, cadedral ou não, deveria ser demolida para beneficiar a vida angustiosa da população carioca. Não tem, portanto, nenhum cabimento, a idéia de doar os bens do povo seja a quem fôr. O facto de o pretendente ser o cardeal Camara, longe de diminuir a natureza do esbulho, antes pelo contrário, o agrava, visto ser êle representante de um soberano estrangeiro, o Papa, a quem todo clero romano deve absoluta obediência.

«O princípio da separação entre as religiões e o Estado, que tanta harmonia nos deu enquanto vigorou a Constituição de 1891, deve ser mantido. O favor pleiteado visa quebrar êsse princípio e prejudicar a população. Caso fôsse satisfeito, lançaria o descrédito sôbre o Poder Público e só serviria para desmoralizar o Governo do senhor General Gaspar Dutra, que, «como Presidente de todos os brasileiros», não deve cometer injustiça, como a que nos ameaça.

«A Coligação defende a liberdade e a igualdade de todas as religiões e cultos perante a lei, aplaudindo o esfôrço de todas pelo seu progresso próprio, desde que o façam com seus próprios recursos, dentro dos limites do direito comum e sem favores do govenro, que é mantido com o dinheiro dos impostos que arrecada de todos. Os bens públicos pertencem a todos. Beneficiar a igreja romana para que se apresente grande e dominadora, em detrimento das outras, não é justo nem honesto. Finalmente, a Coligação depõe nas mãos de V. Excia. o seu protesto contra a projetada espoliação. Pela Coligação Nacional Pró Estado Leigo, Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, Presidente. — Rua Silva Jardim, 23».

Herança do Pecado

José Russo, um dos mais ativos trabalhadores da Seára Espírita, jornalista e escritor de largos recursos, acaba de nos ofertar, com fraternal dedicatória, dois exemplares de sua recente obra intitulada «Herança do Pecado.»

Em contacto assíduo com enfermos do corpo e do espírito, sobretudo obsedados, José Russo soube, com sabedoria e acerto, tirar as mais aproveitaveis lições, enfeixando-as num volume de duzentas páginas, destinadas a iluminar todos aqueles que ainda vivem nas trevas da ignorância, com relação às cousas do espírito.

Estribado nos resultados de múltiplas experiências com os sofredores incarnados e desincarnados, e de acordo com os ensinos evangélicos e as luzes que o Espiritismo projeta sôbre o passado, o presente e o futuro, José Russo, veiu, com esta obra, enriquecer ainda mais a biblioteca espírita. E' um livro que não deve ficar apenas com os espíritas, mas que deve ser passado para a frente, para aqueles que não conhecem o Espiritismo e que por este motivo ignoram a causa dos seus sofrimentos, das suas provações, como um ótimo auxiliar na solução dos chamados mistérios da vida.

Além do seu valor moral e espiritual a obra em apreço foi doada pelo autor à Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, uma das instituições hospitalares mais conhecidas e procuradas do país, revertendo o produto da sua venda em benefício do Novo Pavilhão construido recentemente.

Agradecemos a oferta dos dois exemplares.

—A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: cr. $ 16,00, e mais 80 centavos para o porte e registro.

Irradiação

Temos recebido com toda a regularidade a bem orientada revista «Irradiação» que se publica na Capital Federal sob a competente direção da confrade D. Pedrita Valente.

Impressa em ótimo papel, «Irradiação» publica mensagens do Além, subscritas por espírito de luz, mensagens de alto valor moral e espiritual.

«Irradiação» acha-se empenhada nas obras de assistência social da *Cabana de Antonio de Aquino*.

E' uma revista digna da leitura de todos os espíritas.

A assinatura anual, para o Estado de S. Paulo, é de Cr. $ 12,00 Endereço: Avenida Paula Souza, 114, Rio de Janeiro.

Iluminação

Leopoldo Machado, um dos raros poetas contemporâneos que mais admiramos, com a vantagem de serem todas as suas produções aproveitáveis, visto encerrarem ensinos de alto valor moral e espiritual, acaba de nos brindar, com expressiva dedicatória, com um exemplar de sua recente obra—*«Iluminação»*.

Artista perfeito da *musica falada*, Leopoldo Machado reuniu o útil ao agradável, procurando, nas estrofes, iluminar efetivamente o sentimento e a razão, despertar para o belo, o sublime, as fôrças ativas da alma. Porisso que ler «Iluminação» é estar em contacto com o que de mais rico pode desejar um espírito superior.

Nas suas cento e cincoenta páginas, êste livro, que pode ser tido como mais uma dádiva do Alto, oferece matéria substanciosa e mesmo indispensável para os festins espirituais que os Centros Espíritas costumam realizar em homenagem a uma ocorrência digna de registro. E' um auxiliar, cujos serviços sobressaem de maneira notável, agradando a todos indistintamente, espíritas ou não espíritas.

Recomendamos aos nossos prezados leitores a aquisição desta obra, que não deve faltar nas bibliotécas espíritas.

Agradecemos ao Leopoldo a oferta do exemplar.

— A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais 80 centavos para o porte e registro.

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Irmã Rosa Rodrigues», de Araraquara, comemorando o 142.° aniversário natalício de Allan Kardec, realizou no dia 3 dêste mês, ás 20 horas, uma sessão especial perante numerosa assistência.

Abriu a sessão, que teve início ás 20 horas, o sr. Pedro Jacob Celli, à seguir, usaram da palavra os confrades Campêlo, Costa Filho e D. Augusta de Sá Barreto. Recitaram poesias as srtas. Neide Chiarette, «O Espiritismo» e «Morrer», e Maria Zilda Cunha, «A Semente do Senhor», e os seguintes meninos e meninas: Ana Maria Toledo, «Palavras de Irmão»; Adolfo Eric Toledo, «Prisioneiro»; Ivone Carmen Cardoso, «Na Seára de Jesus»; Darcy Fattori, «Ser Espírita»; Neide de Marzo, «Espiritismo»; Olezia de Souza, «Allan Kardec»; Arlete Rosigalli Celli, «Ave, Maria!»; Elza Aparecida Cezarino, «Boneca com alma!...»; Alice do Carmo Cezarino, «Sonho!...»; Maria de Lourdes Martins Alves, «Allan Kardec»; Maria José Cezarino, «Avante, Irmãos!»; Ermelinda Batista de Souza, «As crianças e os passarinhos»; Léa Valdivia Canutti, «Quadras»; Marly Toni,« Duas Perólas»; Ruth Toni, «O Leproso»; Doroty Rice, «Sombra e Luz». Esquete sôbre a instrução da criança pelas meninas Elza Aparecida Cezarino, Maria José Cezarino e Neide de Marzo. Usou da palavra, em nome da Juventude Espírita de Araraquara o confrade Luiz Luca. O joven Gil Perches, encerrando o programa de recitativos, recitou uma expressiva poesia de Guerra Junqueiro, intitulada — «Nova Crença».

Encerrou a sessão, que terminou às 21,45 horas, o confrade Pedro Celli. A seguir, foi oferecida aos presentes lauta mesa de doces.

Afim de participar desse ágape espiritual, seguiu de Matão uma caravana de confrades, aos quais foi oferecido um jantar pelos diretores de mencionado Centro, que está funcionando provisoriamente na residência do confrade Francisco Rodrigues.

A sessão decorreu num ambiente de intensa vibração espiritual, de alegria e espírito de fraternidade.

Homenagem a Cairbar Schutel

O Programa Espírita Radiofônico, que vem sendo irradiado pela P. R. F. 2 de Rio Claro, aos domingos, das 12,30 ás 12,45, a cargo dos confrades Dr. Almeida Prado e José Dias, agora com a colaboração eficiente do Prof. Elídio Taveiros, dedicou a sua irradiação de domingo, 22 de Setembro, ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que, se ainda estivesse entre nós fìsicamente, veria passar mais um seu aniversário natalício nêsse dia.

A palestra radiofônica versou sôbre a personalidade dêsse Apóstolo do Cristianismo, sua vida e sua obra, constituindo uma homenagem que o Programa Espírita Radiofônico prestou a êsse inesquecível companheiro, o que agradecemos de coração.

NECROLOGIA

D. Gracinda Batista

Em 28 de Setembro próximo passado, no seu lar e com a idade de 62 anos, desincarnou em Itapira, a nossa companheira cujo nome encima estas linhas, esposa do nosso companheiro Onofre José Batista, representante de «O Clarim», da Revista Internacional do Espiritismo e do Sanatório «Americo Bairral»

A companheira que acaba de ingressar na vida espiritual, foi ardorosa amiga da doutrina, difundindo-a por todos os meios ao seu alcance, não só como médium militante, mas acima de tudo, pelo exemplo, pela prática, fazendo do amai-vos uns aos outros a sua divisa, dando provas evidentes de espírito de renúncia, fazendo de suas economias e recursos materiais, o amparo aos sofredores em geral.

Em 3-10-936, com seu esposo, fundaram o Sanatório «Americo Bairral» de Itapira, instituição de caridade que abriga para mais de 130 enfêrmos mentais, nervosos, toximaníacos e obsidiados e que vem prestando relevantes serviços à coletividade e ao Espiritismo.

Trabalhou durante muitos anos, emprestando seu apoio material e moral aos Centros Espíritas «Luiz Gonzaga» e «Perdão, Amor e Caridade», cooperou na creação da Caixa de Assistência aos Necessitados, que atualmente mantém o Asilo «Luiz Gonzaga», Asilo este dirigido por aquele Centro.

Seu sepultamento foi bastante concorrido, saindo o enterro de sua residência com destino ao Sanatório «Americo Bairral», sendo o caixão carregado pelos internados curados, e daí para o cémitério municipal.

No Sanatório fizeram uso da palavra o seu esposo Onofre José Batista e seu genro Cesar Bianchi, enaltecendo a obra por ela realizada.

—Solicitamós a Jesus, que receba em seu seio o espírito desta nossa companheira, proporcionando-lhe mais luzes ainda e permitindo-lhe que continue a auxiliar aqueles que como ela, trabalham ardorosamente na seára espírita.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2210unse

NO XXII — Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1946—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre a Imortalidade	*Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . .	*Prof. Ernesto Bozzano*
Cruzada do Espiritismo de Vivos .	*Leopoldo Machado*
Higiene e Atitude Mental	*Adauto de Oliveira Serra*
Reincarnação, doutrina provada . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Fascinação	*J. B. Chagas*
Primeiro Congresso Espirítico Pan Americano	*Coronel Delfino Ferreira*
Trinta Anos Entre os Mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel . . .	*Spártaco Banal*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.
Paz em Jesus

COMO nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», comemorando o natalício de Jesus, distribuirá no dia 25 de Dezembro, entre os pobres da cidade, as dádivas que por seu intermédio lhes ofertarem as criaturas possuidoras de um coração generoso.

Jesus, âncora da nossa salvação, disse que tudo o que fizermos aos nossos semelhantes, é a Êle que o fazemos. Isto quer dizer que o pão, a roupa, o remédio, o amparo, enfim, que dispensarmos ao nosso próximo necessitado, será anotado por Jesus, que nos recompensará com paz, saúde e felicidade, nos guiando e amparando em todos os momentos difíceis da vida. Portanto, a maior e a mais justa homenagem que devemos prestar a Jesus, o que efetivamente O alegra, está no amparo que dispensarmos aos nossos semelhantes necessitados.

Assim, a Comissão abaixo assinada, encarregada de receber donativos para o *Natal dos Pobres*, donativos que podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, etc., conta com o apoio indispensável de V. S., afim de que os pobres possam também ter um Natal alegre.

Que Jesus, nosso Guia e Mestre, lhe proporcione um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades, paz e saúde.

Matão, Novembro, 1946

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Jenny Perche
Isabel Perche
Edméa Costa
Leonor Cruz
Doris Gonçalves Molinari
Mirian Teixeira Perche
Manoela Torres
Maria Casanova
Elvira Prado
Zélia S. Perche
Valéria Dias de Lima
Joselina Dias de Lima
Clotilde Ferreira
Carmem Torres
Edna Gonçalves
Cleide de Barros Perche

ANO XXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1946 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

SÔBRE A IMORTALIDADE

A maioria da humanidade é composta de materialistas obstinados, muito embora professem êstes uma religião. E se assim não fora, não estariamos presenciando os tristes espetáculos de guerras fratricidas que se sucedem cada vez mais desvastadoras e brutais.

Enquanto houver guerras não haverá amor a Deus, porque o amor a Deus é o resultado do amor ao próximo. «Se não amais o vosso próximo, a quem vêdes, como podereis amar a Deus, a quem não vêdes?» — disse o Apóstolo Paulo. Porisso que a humanidade ha de sofrer e chorar muito enquanto persistir nos seus propósitos materialistas, em detrimento das sábias e imutáveis leis de Deus, que se resumem no amor, e tanto é assim que Paulo afirmou: «O amor é o cumprimento da Lei.»

O materialista não crê na sobrevivência individual. Para êle a morte é o ponto final da vida. Mas se a morte fosse, efetivamente, o ponto final da vida, que nos aproveita a pratica das virtudes ativas?

E' ainda o doutor dos gentios que diz: «Se eu, como homem, combati com as feras em Efêso, que me aproveita isso? Se os mortos não são ressuscitados, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos». Que nos aproveita amar o nosso próximo, trabalhar pelo nosso aperfeiçoamento moral e espiritual, renunciar aos bens terrenos, cultivar a fé num mundo vindouro, estudar, ser bom, paciente, indulgente, humilde, caritativo, se todas essas virtudes desaparecem com o nosso corpo físico num túmulo? Que valor devemos então dar aos profétas da Velha Dispensação, aos cultivadores do antigo espiritualismo e ao Enviado de Deus, Jesus Cristo? Se a morte é o último quadro da vida, somos forçados a admitir num embuste divino, o que é contrário a toda lógica dos factos que vemos todos os dias na natureza e nas diversas ocorrências supranormais que se verificam conosco de minuto a minuto.

Não somos apenas um amontoado de sangue e vísceras, ossos e carne, nervos e pele. Temos algo mais, porque sentimos uma ofensa, nos alegramos com as boas cousas, sentimos profundamente o passamento de um ente ou amigo querido.

Quando a morte ceifa um ente, choramos copiosamente, lamentamos amargamente a sua partida. No dia dos mortos, vamos a necrópole levar-lhe, com lágrimas e flôres, as nossas saudades, num preito de amor, de afêto, revivendo incidentes, pequeninas ocorrências que nos ficaram gravadas na lembrança e que o tempo jamais conseguirá apagá-las, num desafio á renovação das células, o que quer dizer que a nossa lembrança não é o resultado do corpo, mas da alma, que, no seu perispírito arquiva tudo o que conosco se passa.

A morte é, portanto, a porta por onde o espírito vai e vem em demanda do seu aperfeiçoamento moral e espiritual. Atingida esta etapa da vida, que é eterna, torna-se êle livre das peias materiais, alçando altos vôos às esferas dos seres superiores.

A seguir, reproduzimos o seguinte facto comprobativo da sobrevivência individval, de um espírito que retorna para revelar um Testamento oculto, na reparação de uma injustiça, destinado áqueles que ainda temem a morte:

«James L. Chaffin, um fazendeiro de Carolina do Norte, apareceu, quatro anos após sua morte, a seu segundo filho e revelou a existência de um testamento, inteiramente escrito de próprio punho e não testemunhado, que êle ocultara na Bíblia pertencente á familia.

Ninguém, exceto o defunto, sabia da existência dêsse documento.

O caso foi levado ao tribunal. O testamento foi julgado legítimo.

A telepatia fóra de discussão

Em Carolina do Norte, um testamento escrito pelo próprio punho do testador é válido, mesmo não sendo testemunhado. Não existindo testemunhas, sua existência era unicamente conhecida do testador (morto).

Em Novembro de 1905, James Chaffin redigiu um testamento, devidamente firmado pór duas testemunhas, deixando a sua fazenda ao terceiro filho, Marshall, ao qual designou como único executor. A viúva e outros três filhos não foram contemplados.

Treze anos depois, isto em Janeiro de 1919, êle redigiu outro testamento concebido nestes termos:

«Após a leitura do cap. 27 de Genesis, Eu, James L. Chaffin, declaro minhas últimas disposições testamentárias, que são:

Eu quero que, após um sepultamento decente de meu corpo, minha pequena propriedade seja dividida igualmente entre meus quatro filhos, se ainda estiverem vivos por ocasião de minha morte; caso não viva um de meus filhos, a parte correspondente será distribuida aos orfãos. Se a mãe dos beneficiários estiver viva, todos são obrigados a sustentá-la e a dispensar-lhe todos os cuidados. Esta é a minha última vontade e testamento. Por testemunhas, minha mão e o sinete. Neste 16 de Janeiro de 1919. James L. Chaffin».

Redigido o testamento, êle o encerrou entre duas páginas de uma velha Bíblia, dobrando-as em forma de carteira. As páginas assim dobradas eram as do cap. 27 de Genesis, que relata como o filho mais novo, Jacó, suplantou o mais velho, Esaú, obtendo o seu direito de primogenitura e a benção paterna.

Em seguida, sem revelar o que fizera, o fazendeiro ocultou no bolso interno de seu sobretudo um maço de papeis num dos quais havia escrito as palavras — «Leia o cap. 27 de Genesis, na velha Bíblia de meu pai».

James Chaffin morreu em 1921, em consequência de uma queda e seu terceiro filho, Marshall foi declarado executor e único beneficiário (primeiro testamento) três semanas depois. A mulher e os demais filhos não contestaram o testamento.

Pois bem, quatro anos mais tarde, James Chaffin, o falecido agricultor, voltou ao segundo filho, James Pinkney Chaffin, num sonho e lhe revelou a existência dum segundo testamento. Aparentemente êle quís falar do segundo testamento em seu leito de morte, mas não o conseguiu.

«James Pinkney Chaffin jurou que nunca ouvira falar de um segundo testamento até 1925, quando começou a ter sonhos mui vívidos com seu pai que aparecia ao lado de sua cama. A princípio êle não fez comunicação verbal, porém, algum tempo depois, apareceu-lhe vestido «como muitas vezes eu o havia visto vestido em vida, envergando um sobretudo preto, que reconheci ser o seu próprio».

E continúa o depoimento de James Pinkney Chaffin perante testemunhas e o procurador da Sociedade para Invertigação Psíquica Americana:

«Dessa última vez o espírito de meu pai falou me, êle despiu o sobretudo e disse: «você encontrará o meu último testamentto no bolso interno do meu sobretudo» e então desapareceu.

Despertei na manhã seguinte, inteiramente convencido de que o espírito de meu pai me visitara com o propósito de reparar alguma injustiça.

Fui a casa de mamãe, e procurei o sobretudo, mas o mesmo estava em poder de meu irmão João, que morava cerca de 30 k. distante de minha cidade».

Confirmação

«Dirigi-me a casa de meu irmão e achei o sobretudo. Ao examinar o bolso interno, verifiquei que o mesmo fôra fechado por uma costura. Cortei imediatamente os pontos, e encontrei um pequeno maço de papeis, tudo ligado por fino barbante. Um papel continha as seguintes palavras grafadas pela mão de meu pai: «Leia o cap. 27 de Genesis na velha Bíblia de meu pai».

Chegado a êste ponto, eu estava convencido de que o mistério estava prestes a ser aclarado. Não querendo examinar, sem a presença de testemunhas, a Bíblia que se achava em casa de mamãe, fiz-me acompanhar pelo meu vizinho Mr. Thomas Blackwelder, a filha dêste e por minha própria filha.

Em casa de mamãe, consumimos considerável tempo antes de encontrar a velha Bíblia. Finalmente foi encontrada na gaveta superior duma escrivaninha situada num cômodo do andar superior. O livro estava tão arruinado que, ao retirálo, caíu ao solo em três pedaços.

Mr. Blackwelder apanhou a porção que continha o Livro de Genesis, e alí encontrámos duas páginas dobradas formando uma algibeira, e nesta, Mr. Blackwelder achou o testamento que foi julgado legítimo.

Durante o mês de Dezembro de 1925, meu pai apareceu-me novamente, antes de ser proferido o veridictum na questão de Chaffin versus Chaffin, e disse: «onde está o meu velho testamento?» e revelou considerável calma. Disto deduzi que a questão judicial me seria favorável, o que efetivamente aconteceu. Dia seguinte relatei esta visita ao meu advogado.

«Muitos amigos meus não acreditam na possibilidade de comunicação entre vivos e mortos, mas eu estou convencido que meu pai realmente me apareceu nessas diversas ocasiões, e cre-lo-ei até o dia de minha mórte.»

A história do encontro do segundo testamento foi garantida, numa declaração sob juramento, por Thomas H. Blackwelder.

Bem, o segundo testamento, encontrado por indicação de um espírito, foi considerado probante. O filho Marshall, único contemplado no primeiro testamento, falecera um ano após a morte do pai e assim, o filho deste ùltimo, R. M. Chaffin, foi demandado no caso do segundo testamento.

Levado o caso á audiência em Dezembro de 1925, foi ajuramentado um conselho na mesma manhã, e em seguida o conselho foi adiado para depois da refeição. Reencetados os trabalhos, um dos advogados anunciou que durante o intervalo fôra apresentado um acordo amigável entre os litigantes e que o novo testamento seria por todos aceito sem oposição.

No início da questão, a viúva de Marshall e seu filho estavam preparados para contestar o segundo testamento. Quando este lhes foi mostrado, durante o intervalo, juntamente com as declarações das dez testemunhas, que sob juramento declaravam que o testamento fôra redigido pelo punho do testador e em sua própria letra de mão, a viùva e seu filho imediatamente retiraram o protesto.

O caso Caffin foi testemunhado por não-espiritistas, que não procuravam apoiar qualquer doutrina ou idéia pressuposta, inclusive por um advogado que desapaixonadamente examinou todas as provas — e finalmente pelo julgamento da Côrte Superior.

Eis aí, pois, um caso que prova, de maneira insofismável, patente, a sobrevivência individual, e também o poder do espírito de interferir na vida dos encarnados, para fazer-lhes o mal ou o bem, conforme o relato acima.

As religiões construíram um túnel sem fim — a morte. Mas o Espiritismo construíu um viaduto sem fim: a vida imortal. — GREGÓRIO.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

4.ª CATEGORIA

Certa noite D. D. Home viu o fantasma dum pequeno cão pertencente a um dos experimentadores, cãozinho morto nêsse momento em sua cama.

Lord Dunaven conta a cousa nêstes termos:

> Home dirigiu-se para a cama e subitamente caíu em transe. Pôs-se a murmurar palavras incompreensíveis. Eu me convenci que êle se encontrava bem em estado de transe... As paredes e soalho entraram a vibrar com violência, dando impressão que debaixo de nòs se desenrolava um baile desordenado (o que não era o caso)... Derepente, Home, voltou-se para mim e exclamou: «Oh! o que eu vejo! O pobre cão está morto!—Que cãozinho?—A «pequena irmã branca» (tratava-se de uma cadelinha pertencente a Mrs. Hall). Seus donos vão ficar desolados. Ela acaba de morrer neste instante (o que era exato). Mas não está morta! Dir-se-ia uma bola de eletricidade! Um pequeno globo de luz! Eis que ela se eleva no ar! Mais tarde ela entrará em contacto com uma substância especial que a absorverá — O que a absorverá? Como é isso? — Entendei, uma outra forma mais elevada de existência animal. Mas no interválo, um espìrito qualquer poderá se apoderar dela, ainda que eu diga aparecer ela como um pequeno globo luminoso, mas quando se destacou do corpo, tinha ela a aparência dum cão. Em todo caso, mesmo que um espìrito consiga apoderar-se dela será por pouco tempo, porque ela deve cònfundir-se em uma outra forma de animal. Tal é a lei da natureza e nada tem a possibilidade de a transgredir. Agora, ela não tem sensações nem conciência de si. As condições de sua existência não foram suficientemente elevadas para lhe permitir guardar sua própria individualidade...» (Lord Dunaven: *Expereinces in Spiritualism*, pag. 243.)

A seu turno, o célebre positivista-materialista Adolph d'Assier, que não obstante importantes enquêtes pessoais sôbre fenômenos de casas assombradas, permanece irredutível negador da sobrevivência humana, assim relata o facto a êle advindo:

> «Será a existência em nós de uma imagem vivente e fluìdica reproduzindo nossa forma exterior, assim como nossa organização interna, o privilegio da espécie humana, ou deve ela ser considerada como um atributo da animalidade? Para todo o homem iniciado no estudo da filosofia natural, a dúvida não é permitida. Ele responderá sem hesitar que não sendo o animal humano outra cousa que um ramo da árvore zoológica, todos seus caractéres essenciais se reencontram em graus diversos nos outros ramos. Esta consideração teórica tirada da grande lei das analogias que forma uma das principais bases da história natural, é experimentalmente confirmada por grande número de factos. Vou citar alguns:
>
> «Em fins de 1869, encontrando-me em Bordeus, certa noite encontrei um amigo que se dirigia a uma sessão magnética, e que me convidou a acompanhá-lo. Aceitei seu convite, desejoso por ver de perto o magnetismo que sò conhecia de nome. Nada de notável ofereceu essa sessão; era a repetição do que se passa nas reuniões desse gênero. Uma pessoa moça parecendo assás lúcida exercia a função de sonâmbula, e respondia às perguntas que lhe eram dirigidas. Todavia fui chocado por um facto inesperado. Em meio à sessão, uma pessoa presente tendo percebido uma aranha sôbre o soalho esmagou-a sob o pé. «Eis aí! exclamou no mesmo instante a sonâmbula, vejo o espìrito da aranha que se escapa.» Sabe-se que na lingua dos médiuns, a palavra *espírito* designa o que se chama «fantasma póstumo.»—«Qual a forma desse espírito?» perguntou o magnetizador. «Tem a forma da aranha,» respondeu a sonâmbula. Nesse momento eu não sabia o que pensar dessa aparição. Eu

absolutamente não duvidava da clarividência da sonâmbula, mas então não acreditava em nenhuma manifestação póstuma da parte do homem, não a podia admitir para os animais. A história da aranha só me foi explicada alguns anos mais tarde, quando tendo adquirido a certeza do desdobramento da personalidade humana, tratei de procurar o mesmo fenômeno nos animais domésticos.» (Adolphe d'Assier : «*L'Humanité Posthume*» pgs. 83-84).

Repito que se as recentes e magníficas experiências que venho de citar, não tivessem vindo ao meu conhecimento, eu me absteria de fazer alusão às observações análogas e espontâneas dos antigos sonâmbulos. Mas, pelo contrário, evidente é que as experiências de hoje confirmam as observações dos sonâmbulos, e que estas reforçam, a seu turno, as experiências presentes.

A êste propósito, convem notar que a despeito de tudo o que foi exposto sôbre as provas de ordem experimental, indispensáveis para atingir a certeza científica da existência dos fenômenos de «bilocação», necessário é não negligenciar as provas igualmente tão legítimas e concludentes obtidas por meio da análise comparada e da convergência das provas tais quais as resultantes da presente classificação. Antes de tudo sublinho que sôbre a base dessas provas, constata-se que os casos de «bilocação», bem como os outros fenômenos estudados pela ciência, nunca são considerados isoladamente, mas cumulativamente. Assim e sòmente assim é que os fenômenos em questão adquirem integralmente sua significação irresistivelmente demonstrativa. E isto pelo facto de não poder surgir nenhuma dúvida sôbre a objetividade do fenômeno mesmo, desde que se aplique o processo da análise comparada a centenas de factos do mesmo gênero, conexos, nos quais estão representadas todas as gradações que assume tal fenômenologia, de modo a fazer aparecer as modalidades segundo as quais a exteriorização do «corpo fluídico» é determinada. Cumpre-nos então excluir as hipóteses «onírica» e «alucinatória», que são as únicas que se podem opôr aos fenômenos dêste gênero. Essas conclusões tornam-se indiscutiveis em seguida às seguintes considerações:

Em primeiro lugar, porque os diversos graus de produção dos fenômenos de bilocação, completam e reforçam admiravelmente um ao outro. Com efeito, a começar pelos fenômenos denominados «sensações de integridade nos amputados», aos quais por vezes a sensação de integridade do membro faltante é a tal ponto real que, se estiverem distraidos, experimentam as sensações que o membro deveria ressentir se êle ainda existisse; passo aos casos de desdobramento embrionário nos que são atingidos de hemiplegía, os quais percebem junto a si, do lado paralizado, uma secção longitudinal do seu próprio duplo, e afirmam que êsse fantasma goza da integridade sensorial que lhes foi subtraída (facto inexplicável pela hipótese cenestésica, porque nos hemiplégicos, o sentido cenestésico já não está exagerado, pela excelente razão de não mais existir); em seguida enumero os casos de desdobramento autoscópico nos quais o sujet percebe seu próprio fantasma, conservando plena consciência de si; e a seguir os casos nos quais a consciência se acha transferida ao duplo que percebe, a alguma distância, sem corpo somático inanimado; depois os casos nos quais o desdobramento se produz no decurso do sono natural, do sono provocado, no delírio, na letargia e no coma; a seguir os casos em que o fantasma desdobrado de um vivo adormecido, é percebido por terceiros, para chegar aos casos em que o fenômeno de desdobramento fluídico se realiza no leito de moribundos e é registrado por pessoas sensitivas, e finalmente os casos em que o fantasma desdobrado no leito de morte é visto coletivamente por todos. Conclue-se — eu o repito — que todas estas graduações ascendentes de fenômenos análogos estão intimamente ligados entre si e se completam e se reforçam, se confundem e se integram para produzir a certeza de se assistir á manifestação diversamente graduada do mesmo fenômeno.

Em segundo lugar, porque as hipóteses «onírica» e «alucinatória» estão excluidas por serem os fenômenos de bilocação no leito de moribundos, constantemente descritos por clarividentes, com os mesmos e minuciosos detalhes de realização, onde se realçam particularidades de tal maneira novas e inesperadas que logicamente impossível se torna presumir que elas emanem idênticas do cérebro de todos os videntes, quer pertençam eles ao mundo civilizado, bárbaro ou selvagem.

Em terceiro lugar, porque já se obteveram experimentalmente fotografias de fantasmas desdobrados de vivos (Staiton Moses, de Rochas, Durville, Prof. Istroti) e de fantasmas no leito de moribundos, em sua forma rudimentar (Doutor Baraduc).

Enfim, porque — como já se viu — as investigações presentes tendem a provar admiravelmente, experimentalmente, definitivamente, a tese aqui sustentada.

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Leopoldo Machado — (Continuação)

Prèga-o o Protestantismo, valha a verdade.

Mas, ainda muito agarradamente á letra que mata.

Daí, sua aceitação, ainda, de absurdos sem nome, que só servem para diminuir os atributos da Divindade e fazer, diante da razão, periclitar a fé.

Absurdos como penas eternas, a existência de um Satanaz (mais poderoso do que Deus) de santissimas trindades, do Espírito Santo personificado e quejandos...

Prègam-nos os espíritas?

Parece que nem 10 %, por enquanto...

Os da corrente científica, de Evangelho não cuidam.

Nele não cogitam os espíritas filosóficos.

«Evangelho é coisa passadista. E nós, espíritas, somos evolucionistas. Portanto, devemos prègar coisas novas, atuais e para o futuro», foi o que ouviramos de um dêsses, e dos mais famosos prègadores do Espiritismo de cá...

Ha espìritas que nem «O Evangelho segundo o Espiritismo», que se ocupa, apenas, de um aspecto do Evangelho do Cristo, conhecem bem e o prègam.

Talvez 10 %, apenas, estudam-no, geralmente, através de um de seus aspectos. Aliás, o mais importante, porque a parte moral.

Preferem o convívio interminavel com os mortos, as longas preces, o ensino dos «guias espirituais», por vezes aberrantes, até, da Doutrina e do Evangelho.

Porque nos falte uma interpretação completa de todo êle, de vez que, entre as obras de Allan Kardec teria de completar, a interpretação inteira do Evangelho seria das principais?

Embora só no Brasil o Espiritismo evangélico e cristão tenha encontrado clima, nem por isso o Evangelho do Cristo tem sido devidamente estudado nos meios espíritas...

Assim, o estudo meticuloso do Evangelho, nos meios espíritas, é coisa que ainda está por fazer-se, definitivamente.

E êste *que-fazer*, dentro do Espirtismo, parece-nos que é obra que partirá, também, do Brasil.

Por isso mesmo que o Brasil aceitou o Espiritismo como o Cristianismo restaurado em espírito e verdade.

Que glória para nós, espíritas da terra coração-do-mundo, se fôr aqui iniciada a prègação do Evangelho na sua definitiva pureza, assinaladora do fim dos últimos tempos e da aurora de melhores dias?

A Prègação do Evangelho é a primeira grande obra do Espiritismo de vivos.

Obra que só póde, entretanto, ser compreendida e sentida pelos espíritas que Allan Kardec classificou da 3.ª categoria.

Que espíritas são êstes?

«Os que não se contentam de admirar

a moral (espírita); praticam-na e aceitam-lhe as consequências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, esforçam-se por aproveitar êstes curtos instantes para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, empenhando-se em fazer o bem e em reprimir as suas más inclinações. As suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. A caridade é, em toda a ocasião, a regra de sua conduta. São êsses os verdadeiros espíritas, ou melhor: os espíritas cristãos.»

A influência dos mortos sôbre os vivos, é fenômeno que não deixará de existir.

Se «os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos,» para um agnóstico e observador como Augusto Comte, não ha de ser para os espíritas que tal influência se invalide.

Não se trata de negar ou destruir tal influenciação.

Trata-se de não condicionarmos todo o Espiritismo, todas as nossas ações, todos os nossos passos á orientação dos Espíritos.

«Se os Espíritos fizerem tudo, e tiverem de ver tudo, e forem cometidos para tudo solucionarem, que ficará, então, para os espíritas?»

Esta, aliás, a pergunta criteriosissima feita por um Espirito.

Por muito tempo, ainda seremos dirigidos pela influência dos mortos.

Até que aprendamos a dirigir-nos por nós mesmos.

De tal modo se desmoralizou o ensino que os vivos transmitiam aos vivos, que foi preciso Deus enviasse os mortos para ensinarem melhor.

Esta tutela professoral cessará como cessa a tutela paterna com a maioridade do filho: com a emancipação de nosso espírito, de nossa mente.

O esforço consciente por essa emancipação, que só o estudo e a meditação, o trabalho e a prática das bôas virtudes podem objetivá-la, é função das mais apreciaveis do espírito humano.

Viver perenemente confiados e confinados com os mortos, envolvendo-os em todos os nossos passos e atos, é que não é espiritismo.

«Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, que todos vivem para Êle» (Luc. XX-38).

Se os vivos viverem subordinados em tudo á orientação dos mortos, onde ficará o mérito de suas iniciativas e realizações?

Seriamos, assim, um maquinismo humano dirigido por uma inteligência fóra de nós.

Assim como um automovel dirigido por um motorista.

O mérito de viagens sem acidentes, dos premios nas corridas, é mais do motorista do que do carro.

Liberdade de ação, é o que exige o espírito humano, que «reina o espírito do Senhor — repitamos o ensino evangélico — onde existe liberdade.»

Se já nos libertamos da autoridade indiscutivel do vigário e do pastor evangélico, para quem já não pagamos dizimos e sacramentos, porque continuarmos escravos a pastores e vigários invisiveis: os guias espirituais?

Muitos, por vezes, carentes de ser guiados, de tão atrazadões e incoerentes?

A Hora do Espiritismo de vivos sôou.

Nesta hora, levas e levas de espíritos evoluidos estão baixando á Terra, para sua reincarnação, afim de implantarem no Planeta a definitiva espiritualização da humanidade.

Eis o que, nesta hora, e *urbs-et-orbs*, muitos guias da humanidade estão avisando.

Até ontem, até antes da guerra, baixavam á Terra, reincarnando-se ou, influenciando, invisivelmente, os encarnados, espíritos atrazados e turbulentos.

Espíritos que, em levas-satânicas, empurraram a Terra para a hecatombe que a sacudiu!

Agora, são as levas de operários construtores, que estão descendo, para a preparação do Planeta, afim de que nele se implante o Reinado do Cristo!

Ilustre confrade contou-nos o seguinte:

Um dos daqueles espíritos do *Auto-de fé de Barcelona*, reincarnou na sua família.

Fôra inimigo rancoroso da família.

Espírito rebelde, não quís ficar.

Inutilizou as condições de vida, desencarnando muito cêdo.

Arrependeu-se no Espaço.

E quis voltar.

Não pode mais. Era tarde! Havia perdido a oportunidade de reincarnar na Terra de onde vão ser banidos os espíritos rebeldes, briguentos, rancorosos, viciados», dito ao confrade ilustre por seu guia espiritual.

Até ontem, era para lamentar-se:

«Ai, da Terra e do mar, porque desceu a vós o diabo cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta!» (Ap. XII-12).

Sua grande ira cumpriu-se integralmente. A prova dêsse cumprimento, a guerra universal que assistimos!

Agora, será para dizer-se:

«Bem haja a Terra, pois lhe estão descendo espíritos de luz, afim de que, reincarnados, preparem o Reino do Cristo, com o Primado do Espírito.»

Espíritos de luz que, desencarnados ha milênios, martirizados por amor do Cristo, não encarnavam ha seculos.

«Vi as almas daqueles que tinham sido decapitados por amor do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e os que não adoraram a Besta, nem a sua imagem, etc.»

«Os outros mortos não viveram até que fossem cumpridos os mil anos. Esta, é a primeira ressurreição» (que dizemos: primeira reincarnação depois de seu martírio, para apressar o advento do Primado do Espírito). (Ap. XX—4 e 5).

O que aí está não se enquadra a nossa época?

Vencido que Satanaz será para sempre (Ap. XX—7) e afastado, consequentemente, da Terra, é óbvio que seu lugar será ocupado por Espíritos superiores.

Abençoados, pois, os ventres que os receberem.

E bem haja aos casais que merecerem de Deus a confiança e a graça de orientá-los, em crianças, como seus filhos!

Glórias às casas que se abrirem para os receberem, visto como, vêm, muitos deles, desbafejados dos bens do mundo, que os meios afortunados nunca foram os mais propícios para os gênios, os missionários, os superhomens.

Consulte-se a História, e ver-se-á como está cheia de vidas gloriosas e geniais, que se elevaram do nada.

Condenação maior, então, aos casais infelizes que não querem filhos, que fogem ou limitam a natalidade, opondo-se, assim, ás leis divinas e naturais, à graça e a confiança que Deus lhes confere...

O Reino do Cristo está, pois, se implantando, definitivamente, à face da Terra.

Será justo que cruzemos os braços, à espera que os Espíritos missionários, reincarnados ou não, façam tudo?

«Os mais lastimáveis dos homens — repitamos — são os que tudo esperam de Jesus» e do Alto.

Como precursores das verdadeiras gerações espíritas do futuro—nós, principalmente, que já sentimos a necessidade da prègação, em primeiro lugar, do Espiritismo de vivos e para vivos — devemos ir, já de agora, preparando as veredas por que terão de trilhar.

Eis o que esta *Cruzada* se propõe realizar...

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr.$ 40,00	Do 4.° ano Cr.$ 40,00	Do 5.° ano Cr.$ 40,00
Do 6.° ano . . 40,00	Do 7.° ano . . 40,00	Do 8.° ano . . 40,00
Do 10.° ano . . 40,00	Do 11.° ano . . 60,00	Do 12.° ano . . 60,00
Do 13.° ano . . 60,00	Do 14.° ano . . 60,00	Do 15.° ano . . 70,00
Do 16.° ano . . 80,00	Do 17.° ano . . 60,00	Do 18.° ano . . 50,00

Higiene e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— V —

Para vencer é preciso lutar e para não fracassar é necessário e indispensável uma fôrça de vontade como a que animou Bernardo Palissy que inventou a louça esmaltada após 16 anos de trabalho assíduo e constante!

Quando Jenner descobriu a vacina, do alto das cátedras e dos púlpitos, diziam que a criança vacinada ficava com cara de boi, que sua vóz se alterava como mugidos de touro e que na tésta lhe cresceriam chifres!

Giordano Bruno foi queimado vivo por demonstrar as possibilidades de vida em outros planetas. Miguel Servet, médico e sábio espanhol, também foi torrado vivo numa fogueira.

Pasteur viu-se acusado e criticado pela ciência oficial, porque não possuía um diploma de médico. Lutou muito contra os preconceitos da época que lhe embaraçavam seus admiráveis trabalhos, mas venceu. Paul Ehrlich investigou durante 4 anos os compostos de arsênico afim de descobrir uma substância que matasse os espiroquetas da sífilis sem atacar o tecido humano. Assim na sexcentésima sexta substância, conseguiu fabricar o salvarsan ou «606».

Haffkinem também lutou arriscando a própria vida para debelar a péste na India. Metchnikoff fez a mesma coisa sem ser médico. Koch, o descobridor do micróbio da tuberculóse, foi insultado e troçado por Virchow. Hexam só por ser o anestesista de Jarvis, teve seu diploma cassado. Dez anos mais tarde, Jarvis foi reconhecido como gênio, após a cura de centenas de doentes, recebendo então um diploma honorário de doutor em medicina. Infelizmente Hexam já estava morto para receber as palmas da vitória!

Leeuwenhoek, simples logista da Holanda, a fabricar microscópios até conseguir ver pela primeira vez o infinitamente pequeno. E' preciso ressaltar a luta titânica que tiveram de sustentar êsses servidores devotados à humanidade, contra os preconceitos, as religiões e as convenções predominantes e sobretudo contra as ameaças dos mais poderosos. As doenças não podiam ser obras de micróbios—eram castigos de Deus a seus filhos relapsos. As vacinas eram condenadas como diabólicas. A anestesía era anatematizada pelos religiosos como anti-bíblica, mas Morton, Jackson e Long trouxeram êsse grande benefício à humanidade poupando-lhe a dôr física. O sangue não podia circular nas veias e artérias, mas Harwey demonstrou o contrário. O sol é que se movia em redor da Terra segundo Josué, e Galileu por provar o contrário foi preso e torturado por longos anos.

O nosso grande Oswaldo Cruz teve de enfrentar a crítica da imprensa e os insultos do povo quando procurava debelar a febre amarela no Rio, matando os mosquitos transmissores.

Mas viver é lutar. Spallanzani após inúmeras experiências, consegue provar ser falsa a teoria da geração expontânea. O eminente Pasteur trabalha tenazmente para provar que os micróbios vêm do exterior e que são êles os únicos responsáveis pelas moléstias infecciosas, e a demonstrar que «está dentro dos poderes do homem fazer as moléstias parasitárias desaparecerem da face da terra». Foi ainda êle o primeiro a experimentar com êxito a vacina preventiva do carbúnculo e depois a curativa da raiva. Só mesmo um trabalho estafante, um esfôrço admirável e uma energia inquebrantável poderiam dar-lhe o êxito que buscava.

Koch a inocular ratos e mais ratos com bacilos de carbúnculo para provar que os micróbios eram causadores das doenças. E quanta expectativa angustiosa o aguardava si falhasse uma só de suas experiências! Depois Koch passa a demonstrar que cada micróbio é específico de uma doença até que por fim descobre e cultiva os micróbios da tuberculose e da cólera !

Jenner, vulgarizando a vacina, Loeffler, Roux e Behring preparando o sôro anti-diftérico, Metchnikoff inventando a pomada de calomelanos e provando também serem os fagocitos os defensores das infecções, Walter Reed a provar o contágio da febre amarela pelos mosquitos, todos trabalhando para minorar o sofrimento humano. Todos trabalharam, lutaram mas venceram para o bem do próximo.

Propositalmente deixamos por último para citarmos o trabalho e o esfôrço lentos, pacientes e prolongados de Pierre e Marie Curie, não descançando até que conseguiram fabricar o maravilhoso rádio! Curie é a chave de ouro com a qual fechamos êste capítulo.

Reincarnação, doutrina provada

O Dr. Inocêncio Calderone, diretor-fundador da revista *Filosofia della Scienza* e autor da obra *Libero Arbitrio, Determinismo, Reincarnazione*, publicou em Milão, Itália, em 1913, os resultados de um vasto inquérito mundial que fez sôbre a reincarnação. Infelizmente, a guerra mundial, que estalou em 1914, não permitiu fosse, devidamente, conhecido êsse inquérito.

Para que não se perdesse tão notável esfôrço, *Les Editions Jean Meyer* extraíram e publicaram em francês, a opinião do afamado cientista Dr. Gustavo Geley, seguida das de notáveis vultos de Itália e França, como do Senador Tancredo Canonico, presidente da Côrte Suprema de Cassação, do Dr. J. Maxwell, procurador geral na Côrte do Bordeaux, do Dr. C. O. Zuretti, professor na Universidade de Palermo, do Dr. A. Ferriére, professor na Universidade de Genebra, de Charles Lancelin, autor d'«O Ocultismo e a Ciência», de Léon Denis, o grande apóstolo do Espiritismo, de Schopenhauer, de Maurício Maeterlinck, de Gabriel Delanne, de C. de Vesme, autor da «História do Espiritismo Experimental», etc. etc...

Gabriel Gobron, ilustre espírita francês que escreveu a introdução da «Reincarnação, segundo o Dr. Gustavo Geley», falando da pessoa dêle, escreve: o Dr. Gustavo Geley, que pereceu, tragicamente, num acidente de aviação, é muito conhecido na França e no estrangeiro para que seja necessário apresentá-lo longamente ao público. O Dr. Calderone não hesita em colocar o autor desta notável Bíblia da Reincarnação: «Do Inconsciente ao Consciente», ao lado mesmo de Myers, «O Copérnico do Espiritismo Experimental», segundo a justa expressão do Prof. Flournoy, da Universidade de Genebra.

Pois bem, é êste notável cientista (Geley) que escreve: A Palingenesia é, provavelmente, verdadeira, porque:

1 — Ela está de acôrdo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum.

2 — Dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica.

3 — Apoia-se sôbre uma demonstração positiva.

Estamos inteiramente de acôrdo com Geley.

«Nascer, morrer, renascer e progredir sempre» é um dos primeiros postulados do Espiritismo, portanto, quem não acredita na reincarnação perde 50 % de espírita.

Nestes quinze anos, em que tem passado por minhas mãos, revistas de todas as partes da Terra, tenho verificado quão popular é a doutrina reincarnacionista e, *dando mesmo vantagem*, posso afirmar, sem mêdo de errar, que 99 % dos espíritas acreditam na reincarnação.

E' tal o acervo de provas colhidas a favor da reincarnação que dela não se póde duvidar um momento sequer. Dos muitos livros em língua estrangeira, que li, recomendo apenas «As vidas sucessivas», de Alberto de Rochas, e a «Reincarnação», de Gabriel Delanne.

O Sr. Francesco Leti, no *«Mondo Occulto»*, a propósito dos preconceitos contra as vidas sucessivas, escreve o seguinte:

«E' facto inconteste que os maiores espíritos (referimo-nos aquí aos mais ilustres e não à mediocridade intelectual) que passaram pela terra, creram na reincarnação.

«Esta teoria do renascimento, segundo o qual as almas saem da matéria e a ela voltam, como no oceano, o fluxo e o refluxo, na vida dos homens, a vigília e o sono; incarnam e desincarnam, entram na matéria e saem dela, de acôrdo com a lei do ritmo que preside à diástole e à sístole do coração, parece estranha e incompreensível a certas pessoas.

«Tal doutrina, porém, conta no Oriente número incalculável de adeptos e, no Ocidente, se lhes ajuntaram homens como Sócrates, Platão, Shakespeare, Shilling, Giordano Bruno, Benjamin Franklin, Schopenhauer, Goethe, Mazzini, etc.

«Personalidades eminentes no nosso mundo ocidental, que têm feito honra ao Ocidente por sua inteligência, pela sua originalidade, pela elevação de seus espíritos, a aceitaram e creram nela, como Cícero, Schiller, Lessing, Campanella, Moore, Helmont, Leibnitz, Ramsay. E, sem pretender tê-los citado todos, mencionamos ainda: Balzac, Martin, Cudworth, Kant, Julius, Müller, Schelley, Leroux, Fourier, Tolstoi, Maeterlinck.

«Singular fascinação deve ela exercer, pois que, no Oriente, logrou congregar milhões e milhões de adeptos e, no Ocidente, teve o mágico poder de conquistar almas de escól que, no gigantesco campo do saber, deixaram, na história do mundo, a marca indelével das suas passagens, a lembrança imperecível dos seus nomes!»

De lógicas ilógicas, de espíritas protestantes e católicos, estamos fartos.

Diz um velho rifão que «contra factos não há argumentos» e, como os factos tendentes a provar a reincarnação não foram ainda desmentidos, segue-se que a REINCARNAÇÃO é uma DOUTRINA PROVADA.

Esta prova provada tem sido fornecida das seguintes formas:

a) lembranças de vidas anteriores, por espíritos incarnados e desincarnados;
b) reincarnações anunciadas;
c) Fenômenos de regressão da memória (experiências de de Rochas);
d) pela Astrologia;
e) pelas crianças prodígio;
f) pela lógica, pela doutrina, etc.

Francisco Klörs Werneck.

A Fascinação

J. B. CHAGAS

Allan Kardec, catalogou no *Livro dos Médiuns*, entre os escólhos que se apresentam à prática do Espiritismo, a *obsessão*, a qual cumpria se colocasse na primeira linha dêsses obstáculos.

Advirtindo, todavia, ser ela apenas praticada por espíritos inferiores. Os bons espíritos, diz êle, nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e se retiram, si não são atendidos. O contrário acontece com os maus — agarram-se aos que desejam fazer suas presas. Se conseguem o seu intento, identificam-se com o espírito da sua presa e a conduzem como se fôra a uma criança...

Segundo o próprio Codificador, a obsessão apresenta três variedades: *a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.*

Contudo, êle acha que a fascinação é a que encerra mais graves consequências, com o que aliás concordamos, e iremos demonstrar «o porque».

A obsessão simples carateriza-se pela imposição a outrem da vontade de um espírito, causando-lhe constrangimento do seu livre arbítrio. E' apenas desagradável êste gênero de obsessão àquêle que a sofre, pela tenacidade com que é exercida.

Todos estamos sujeitos a sofrer obsessão. O melhor *médium* está exposto a ela, muito principalmente no início do seu desenvolvimento, quando ainda lhe falta a necessária experiência e, em consequência, os meios de defesa.

Várias são as modalidades e meios

de que os espíritos inferiores se servem para nos perturbar, que o próprio Codificador chegou a constatar: — «que quasi sempre estamos debaixo da sua nefasta influência; que as nossas disposições são dêles conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e atacam-nos ordinariamente pelo lado mais fraco. E para nos seduzirem com mais segurança costumam servir-se de sugestões e engôdos conformes com as nossas inclinações». *(CÉU E INFERNO* — pag. 136).

Diante da percepção dos espíritos, o nosso corpo é de vidro puro. Lêem os nossos pensamentos, como nós lêmos num livro aberto. Conhecem muito de perto as nossas mais secretas disposições.

Várias são também as causas que originam as obsessões. Podem resultar simplesmente do determinismo da lei de afinidade, ou do princípio universalmente conhecido de que — *o semelhante atrai o semelhante*, subordinado à lei geral da atração. Muitas vezes, não passa de um simples desejo de fazer o mal: como sofre, acha que deve fazer que os outros sofram...

Mas, quasi sempre, no caso mais geral, são a manifestação de um desejo expresso e intencional, no sentido de tirar uma vingança, como um cobrador exigente a cobrar uma dívida. E quando a cobrança toma um caráter alarmante, é que os cobradores são vários e as dívidas são muitas...

Daí o aviso do Cristo: — «Reconciliai-vos com o vosso inimigo enquanto a caminho com êle na Terra!...»

Em alguns casos, êles agem a serviço de terceiros. Espíritos, já conscientes do seu estado e da vingança que desejam tirar, servem-se de espíritos atrasados, apoiados na sua ascendência, para conseguir o seu intento, tornando-os joguetes nas suas mãos.

No caso da fascinação, o trabalho dos obsessores, que se inicia por uma obsessão simples, êles procuram se impôr à confiança da vítima, fingidamente, parecendo possuidos de bôas intenções, e dessa maneira paralizam o raciocínio, relativamente ao livre arbítrio daqueles sôbre quem atuam. Tão poderosa é esta ação que póde se estender a outros indivíduos, a uma família inteira, etc.

Do estado de obsessão ao estado de subjugação, vai apenas um passo, pois, a subjugação é uma constrição que neutraliza a vontade daquêle que a sofre, tolhendo o seu livre arbítrio e anulando a sua personalidade, ou numa palavra, o paciente fica submetido a um verdadeiro jugo. Nêsse estado, existe no indivíduo duas vontades, onde uma, porém, prepondera. Não foi sem razão que os médicos psiquiátras, observando tais pacientes, constataram nêles duas personalidades, tal o dualismo das atitudes e dos gestos, demonstrados pelos mesmos.

O subjugado é, portanto, um irresponsável, uma vez que os desatinos que pratíca, independem da sua vontade. Daí os sofrimentos por que passa, sendo o mais prejudicado, por fim. Êsses tais, pela ciência oficial, ignorante das verdadeiras causas determinantes daqueles distúrbios e perturbações, são considerados loucos e submetidos ao mais selvagem dos tratamentos, duchas, chóques elétricos, «camisa de fôrça» e toda sorte de privações, mortificações e coações, nada conseguindo, por último. Nada. Comumente, os pacientes, não resistindo ás mortificações, morrem!...

Tratados, todavia, pelo método psíquico, e o psiquismo, será, sem favor nenhum, a ciência do futuro, êles, uma vez domados e doutrinados os espíritos obsessores; tratados fisicamente das lesões e dos desequilíbrios orgânicos, voltam, sãos e salvos aos seus lares, onde são recebidos alegremente pelos seus parentes, que os acolhem como saídos de uma ressurreição verdadeira!

⁂

Como foi dito de início, o Codificador, afirmou que ninguém estava isento de sofrer obsessão, todavia, nos disse e ensinou os meios pelos quais é possível o combate à obsessão. Muitos são os meios, e variam de acôrdo com o caráter que ela reveste.

O principal obstáculo à obsessão é uma vida de relativa pureza, sómente voltada para o bem; o pensamento sempre vigiado e, sobretudo, a prece pelos infelizes e sofredores.

A prece é a verdadeira couraça ou muralha sôbre a qual vão se esbater as investidas dos obsessores, sem conseguir vencê-la, quando os elementos de defesa não possuem pontos fracos ou facilmente vulneráveis, porque, nêsse caso, serão transpostos conseguindo êles o seu intento — sobrepujar-nos!

Figuradamente êsses pontos fracos são as nossas vacilações, as nossas fraquezas, a falta de oração e de vigilância, tão recomendadas.

Dizendo mais que o seguro meio da pessoa se livrar dos espíritos obsessores, é atraír os bons, pela prática do Bem. Como é lógico, êles «só assistem aos que os secundam pelos esforços que façam por melhorar-se, sem o que se afastam e deixam o campo livre aos maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, visto que os bons permitem que ajam para êsse fim». *(LIVRO DOS MÉDIUNS — n.º 252).*

Assim, embora ninguém esteja isento de sofrer o assédio dos espíritos atrasados, chegámos a compreender que será obsessado quem o quiser, uma vez que conhecemos os recursos a lançar mão para evitar que ela se dê.

* * *

Agora, muito pior do que a obsessão e a subjugação dos espíritos atrasados, é a fascinação exercida pelos vivos sôbre os próprios vivos.

Para o indivíduo fascinado, a idéia mais absurda possue a evidência mais pura. Os indivíduos chamados, muito comumente, preguiçosos mentais, são facilmente sugestionáveis; aceitam qualquer sugestão alheia sem o menor exame.

No caso geral, a fascinação é grandemente ajudada pela circunstância de que o que fascina tem a arte de inspirar confiaça cega, no que faz e diz, impedindo ao fascinado de vêr o embuste ou absurdo, que salta aos olhos de todos. O predomínio que consegue impôr o fascinador é tal, que vai até o ponto de fazer o fascinado ou fascinados acharem sublimes inovações as cousas mais ridículas...

Em geral, o fascinador é dextro, ardiloso e profundamente fingído, procurando sempre fazer-se acolhido pelo emprêgo de uma máscara e pelo alardear virtudes e qualidades que não possue.

O faquirismo indiano é repleto de casos interessantes de ilusionismo coletivo. Pelo poder da força hipnótica, fazem que as pessoas vejam coisas, que na realidade não existem, tal como fazem os mágicos nos circos, com os prodígios da sua arte.

A História está repleta de acontecimentos, onde um orador fluente, possuidor de poderosa eloquência, pode apaixonar uma assembléia de milhares de pessoas.

O caso típico brasileiro é o ocorrido na Constituinte do Império com o vibrante tribuno negro José do Patrocínio, que também era jornalista, romancista e genial autor de *Motta Coqueiro*, *Os Retirantes e Pedro Hespanhol* — o qual, através da sua oratória fulminante, fizera que as mesmas pessoas que antes gritavam coléricas: — «Abaixo o negro! Abaixo o negro!» — repetissem, após a sua oração: «Viva Patrocínio! Viva Patrocínio!»

Os casos mais evidentes de fascinação, ocorreram na Itália e na Alemanha dos últimos tempos. *Mussolini* e *Hitler*, através da sua poderosa oratória, conseguiram fascinar multidões de homens, que lhes obedeciam cegamente, em tudo submissos, até o sacrifício da morte! E tudo conseguiam, porque dispunham do poder da dialética, cento por cento convicção, a ponto de não deixar margem a qualquer ponderação, do bom senso ou da razão!

Aquí mesmo no Brasil tivemos uma símile mascarada dos movimentos européus, em que um homem, também, verboso e possuidor de vigorosa dialética, conseguiu fanatizar alguns milhares de homens, que também possuiam senso e raciocínio...

* * *

Até mesmo no meio espírita, e é com tristeza que o constatámos, vemos, em certos ambientes, uma tendência muito acentuada para a fascinação de algumas criaturas, de curto raciocínio, é certo. Vão se deixando empolgar e sugestionar, a tal ponto, permitindo que anulem a sua própria vontade e o seu livre arbítrio. Grupam-se em tôrno de uma figura, que elegem em guia e mestre, tornando-se, assim, incapazes de pensar e raciocinar, por si próprios, não aceitando, outrossim, a mais ligeira sugestão ou observação de quem quer que seja! E ai daquele que tiver a ousadia moral de discordar... São taxados imediatamente de *espinhados*, *desafinados*, *obsedados;* mal assistidos, que não oram e não vigiam...

Esta é a forma típica de fascinação

pacífica, moral e intelectual, coletiva, mas cujo reflexo pernicioso a Doutrina é que vem sofrer, por fim, pela enquistação que se efetúa num meio assim fascinado, facto grandemente agravado com a creação de *famílias*... Creadas estas, elas transformam-se em pequenas oligarquias, onde só a palavra de um deve ser ouvida e seguida. Os colaboradores são transformados em servidores, para que não possam opinar ou sugerir!

Fujamos, o quanto possível, da fascinação dos *vivos*, porque da fascinação dos *mortos*, o insigne mestre *Allan Kardec*, ensinou-nos, os meios e os modos de como evitá-la!...

Nova Iguassú, Outubro de 1946.

PRIMEIRO CONGRESSO ESPIRÍTICO PAN AMERICANO

De regresso ao Rio de Janeiro o Delegado de «Revista Internacional do Espiritismo» e várias outras Entidades brasileiras, Coronel Delfino Ferreira, que presidiu o, já agora, histórico conclave.

Como de conhecimento de nossos leitores, realizou-se em Buenos Aires, de 5 a 13 de Outubro último, por iniciativa da Confederação Espiritista Argentina, da Sociedade (espiritista) «Constancia» e de organizações outras, espiritistas do país, ainda não federadas, o PRIMEIRO CONGRESSO ESPIRÍTICO PAN AMERICANO, com o propósito de organizar um movimento de idéias e propaganda no sentido de que o ideal espirítico se discuta, se estude e seja compreendido. Constituiu seu objeto principal, aliás colimado, a fundação de uma Entidade Central pan americana, a denominar-se *Federação Espirítica de América*, ou, por designação sintética, FEDA. Porque tal abreviatura fôra tomada para evitar a de FEA, de má significação idiomática no castelhano, Delfino Ferreira, nosso Delegado, sugeriu — o que foi aceito — dado que a de FEDA, igualmente era deselegante no nosso idioma, a mudança do nome para *CONFEDERAÇÃO ESPIRITISTA PAN AMERICANA*, com a abreviatura espiriticamente simbólica de *CEPA*.

E' importante de já assinalarmos a adesão ao 1.º C. E. P. A. (que igualmente dá CEPA, em abreviatura) da Federação Espiritista Internacional, de Paris, enviando-lhe uma tése e à qual Entidade a CEPA se filiará, consoante dispositivo estatutário.

Outrossim, entre outras resoluções importantes do referido Congresso, salientamos: a rotatividade, entre os paises americanos, da séde da CEPA, e a votação por unidade nacional nos «assuntos fundamentais que impliquem fixar determinada orientação à CEPA ou trazer normas diretoras gerais de ação» e, nas questões restantes por delegações de entidades presentes, tudo, aliás, conforme pensamento brasileiro, expresso por Delfino Ferreira em carta de 11 de Setembro ao Sr. Natalio Ceccarini, de La Idéa, e de 10 ao Sr. J. S. Fernandez, de «Constancia»; — caber ao Brasil realizar o 2.º Congresso E. Pan Americano e receber, em consequência, a séde da CEPA, por 3 anos, a seguir a êsse 2.º Congresso.

Instalado o 1.º CEPA, ás 9,30 horas de 6 de Outubro, para apresentação das crendenciais, eleição da Mesa Diretora e designação de Comissões de estudo das teses e moções apresentadas, compareceram 33 dos 42 representantes acreditados, os quais, na véspera, haviam sido solenemente recepcionados na séde da CEA, às 20,30, em reunião pública, como todos os atos do Congresso o foram, realizando-se, então, magnífico programa artístico.

Aberta a sessão do dia 5, pelo Presidente da Comissão Organizadora, Sr. Hugo Nale, Presidente da Conf. E. Argentina, e realizada a primeira parte das atividades em pauta, passou-se à eleição da Mesa. Por proposta do Sr. Abrogrado, unanimente aplaudida, com calorosa salva de demoradas palmas, que refletiram o sentimento e a admiração dos confrades argentinos pelo Brasil, foram aclamados Presidente, Delfino Ferreira, e 1.º Vice Presidente, dr. Paulo Hecker, êste, representando o «Jornal Espírita», de Porto Alegre, e aquêle: a Liga Espírita do Brasil, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a Federação Espírita do Paraná, nosso jornal «O Clarim», e esta Revista.

Completaram a Mesa: 2.º e 3.º Vice Presidentes, os srs. H. Nale e Engenheiro J. S. Fernandez; Secretário Geral, sr. L. Di Cristóforo Postiglioni; e 1.º, 2.º e 3.º Secretários, srs. Antonio Melo, Santiago Bossero e Vicente Bianco.

Após palavras de congratulações do Presidente H. Nale, por este é convidado Delfino Ferreira a substituí-lo no alto posto, empossando-se, então, debaixo das mais vivas manifestações de entusiasmo o Presidente do 1.º CEPA.

Sob idênticos aplausos, empossa-se o 1.º V. P., dr. Paulo Hecker; e, sucessivamente, também vivamente aplaudidos, os demais membros da Mesa, que, isentos seus membros de suscetibilidades hierárquicas, atuou a contento geral, com o único empenho de que o 1.º CEPA atingisse suas altas finalidades, mercê de Deus, plenamente alcançadas com o melhor êxito possivel.

Em relação à constituição das Comissões e após aprovação do Regulamento das Discussões, o plenário resolveu, por unanimidade, confiá-la ao critério da Mesa. Destarte, ficaram as mesmas assim constituidas, resolvido préviamente que o Presidente e os Vice Presidentes não integrariam nenhuma, reservando-se à tarefa de assessorá-las:

1.ª Comissão:— *Os valores da Filofia Espirítica:* Titulares: Carlos L. Chiesa, Humberto Mariotti e Fernando Aydecê; *Suplentes:* Angel Latour, Roberto Oliva e José Chindamo.

2.ª Comissão:— *A Filosofia espiritica e a Ciência:* Titulares: Eugenio P. Fioravanti, Genero Tessone e Bienvenido Roque; *Suplentes:* Mario Esusy, Arturo Gilly (filho) e Ramon Santos.

3.ª Comissão: - *A Filosofia espiritica e a Moral:* — Carlos Castineiras, Bernardino Paixão Coelho (do Brasil) e Natalino Ceccarini (f.º); *Suplentes*: Dante Culzoní, Laureano Fanjul e Amadeo Fagnani.

4.ª Comissão: — *Sociologia espiritica:*—Italo Luraghi, Santiago Bossero e Oscar Vicchí; *Suplentes*: Albíreo Varcon, Nicolas Galasso e José Varguetto.

5.ª Comissão:—*Estatutos da CEPA*: —L. Di Cristóforo Postiglioni, Naum Kreiman, Santiago Bossero, Manuel Paixão Coelho (Brasil) e Bienvenido Roque; *Suplentes:* Antonio Melo, F. Garcia Romanó e Juan R. Lopez.

6.ª Comissão:— *Organização do Movimento Espirítico:*—Felipe C. Avogadro, M. Rinaldini e Mário Incerti; *Suplentes:* L. Di Cristóforo Postiglioni, Carlos Lecumberri e José Garmendia.

7.ª Comissão: — *Assuntos vários:* — Vicente Bianco, Enrique Dillac e F. Garcia Romanó; *Suplentes:* Antonio Marchi, Juan R. Lopez e Bernardo Chaves.

2.ª Comissão (bis): — Os mesmos da 3.a, para estudo de moções apresentadas em plenário, substituido o relator, C. Castineiras, que teve de retirar se para o interior, por força maior, pelo Delegado, recem chegado, então, de Porto Rico, dr. José A. Vasques.

Foram relatores das comissões acima, respectivamente, srs: H. Mariotti, E. Fioravanti, C. Castineiras, S. Bossero, B. Roque, Rinaldini, V. Bianco e, como ficou dito, J. A. Vasquez.

O Brasil teve no Conclave os seguintes Delegados:

1—Delfino Ferreira e Paulo Hecker, com as representações já noticiadas;

2—Os irmãos Manuel e Bernardino P. Coelho, representando, do Rio Gr. do Sul, os C. E. «Trabalhadores de Jesus», da cidade de Rosário e «Caridade», da de Livramento;

3—L. Di Cristóforo Postiglioni, representando a Sociedade de Medicina e Espirítismo do Rio de Janeiro e a «Tribuna Espírita», de S. Paulo;

4—Henrique Dillac, representando a Confraternização Lar de Jesus e o Lar de Jesus, de Nova Iguassú, E. do Rio de Janeiro;

5—Mario Essuy, representando, em substituição a Edgard Marques Guimarães, que desencarnou após sua adesão ao Congresso, a Sociedade Espírita Allan Kardec, de Porto Alegre.

Outrossim aderiram, individualmente: dr. Henrique Andrade; dr. Klörs Werneck; dr. L. de Azevedo Sila; Prof. Arnaldo Santiago; Prof. Leopoldo Machado; José Marques Guimarães (falecido); dr. Paulo Hecker; Prof. Ismael Gomes Braga; Isaias Alberti e Ruy Vargas.

Também aderiram, mas não se fizeram representar: Federação Espírita Brasileira; Hora Espírita Radiofônica (suspensa); Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

Para a última sessão plenária e atos de encerramento do Congresso, compareceu, do Uruguay, o sr. Danti Beleti, representante da Sociedade «Hacia la Luz», até então representada pelo suplente, sr. C. Chiesa.

Nosso Delegado, sr. Delfino Ferreira, Presidente do Conclave de que nasceu a CEPA, a nenhuma de suas reuniões deixou de comparecer; e, dado haver o plenário resolvido tomasse êle parte nos debates, nestes apenas atuou quando julgou indispensável. Mesmo assim falou em plenário, além de quando se empossou e encerrou a última sessão, 3 vezes: para explicar o pensamento brasileiro sôbre o aspecto religioso do Espiritismo, e, assim, definir o que entendemos como Religião; para igualmente definir a amplitude do termo Cristianismo, em face do Cristo cósmico, daí o transceder Cristo de Jesus; e, por último, sôbre Kardec, como Bandeira do movimento espirítico universal e não apenas como homem, donde o seu direito a todas as homenagens que, por isto, deixam de ser feitas ao indivíduo propriamente, perdendo por consequência todo sentido de personificação.

Consoante o programado coube-lhe realizar uma conferência sôbre as finalidades do Congresso, na qual, a pedido, alargou-se sôbre o Espiritismo no Brasil e as causas de sua difusão.

Na festa de encerramento discursou sôbre os ideais do Espiritismo com base no sentimento cristão, dia em que o dr. Hecker, satisfazendo solicitação realizou formosa conferência sôbre a Prece, sua razão de ser, seu poder.

O Espiritismo argentino que se vem caracterizando por seu aspecto cultural, do ponto de vista filosófico e científico, parece irá sofrer profunda modificação, passando a orientar-se pelo padrão brasileiro, graças à representação de nosso país ao certamen, principalmente pela palavra veemente, entusiástica e vibrante do dr. Hecker e a didática de nosso representante, Delfino Ferreira, também vibrante por vezes, embora não incendiadora dos tribunos, como Hecker.

Não somente, porém, pela oratória atuou o Dr. Hecker, dado que muito e muito colaborou na feitura dos Estatutos da CEPA, estudados em conjunto, por êle, Delfino, o Relator, sr. Roque, uma grande inteligência, aliás, Kruman, Nale, Manoel e Bernardino Coelho, e outros membros da Comissão, no Hotel, em hora avançada da noite.

—

Pelo resolvido no Congresso, consoante os Estatutos de CEPA, poderão filiar-se à mesma, tendo voz, mas não tendo voto, pessoas e Entidade não arregimentadoras de Centros, como Bibliotécas, Periódicos, Associações Culturais, etc., de orientação espirítica, mediante a anuidade, as pessoas; de 15 pesos (Cr $ 75) e as entidades, 25 pesos (Cr.$ 5,00, o peso). As Entidades federativas, estas pagarão 100 pesos anuais e terão 2 votos; as Entidades federativas menores, 50 pesos.

Os pedidos de filiação deverão ser feitos por escrito, acompanhados dos comprovantes exigidos pelos Estatutos.

—

Oportunamente publicaremos a íntegra destes.

O Espiritismo não se estriba em dogmas e rituais e em imposições filosóficas. Firmemente erguido na rocha da Imortalidade da Alma, comprovada pelos factos que cotidianamente se verificam em toda a parte do globo, êle esclarece todos, sábios ou ignaros, acendendo em cada coração e em cada cêrebro a luz da fé raciocinada, que orienta com acerto e faz a criatura suportar e vencer com estoicismo todas as provações, todas as dificuldades inêrentes aos espíritos em evolução no mundo terreno.

Porisso que, em vista do fracasso das religiões, filosofias e ciência, o Espiritismo é tido como o único intérprete do véro Cristianismo, resolvendo cabalmente todos os problemas que preocupam os homens.

CAIRBAR.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Logo após a morte de Virginia R, atriz de cinema que faleceu em S. Francisco, o espírito da moça foi levado por Olive T. ao nosso círculo, afim de ser elucidada e, a seguir, Olive T. se manifestou pela médium.

Sessão de 19 de abril de 1922

Espírito: Olive T. — Médium: Sra. Wickland

Senti que devia voltar e agradecer-vos a felicidade de que gozo, desde que aquí vim.

Durante a nossa infância deveríamos aprender a verdadeira lição da vida e compreender a nossa existência em seu sentido real. Dever-se-ia ensinar tal coisa nos filmes. Se se projetasse no écran quadros de verdadeira realidade, do verdadeiro conhecimento e se se ensinasse ao povo que não há morte, se lhe falasse das belas condições do outro lado da vida que aguardam a todos, o mundo seria muito diferente.

Vivi num ambiente de aparências em que procuravamos divertir a humanidade terrena. Lastimo as moças que se entregam à vida de esportes. Pensam que agem bem, sim, mas por um tempo. Há, porém, sempre, uma vozinha — a consciência — que se faz lembrar, embora a procurem sufocar. Ah, se eu pudesse falar ás moças, dizer-lhes da tolice de tal vida! Ah, se eu lhes pudesse falar da vida superior e mostrar-lhes a realidade de tal vida! Ensinariamos a viver uns pelos outros, não para si próprios. Ensinariamos ás moças os princípios da vida, não a falsidade.

Uma coisa que é danosa para a humanidade é a bebida, e também a morfina. Como as coisas vão, estão elas levando os rapazes e as moças para a infelicidade. Condena-se tais males, mas não se age, e o que se lucra então? Arrastam a mocidade para o abismo, porque basta que as leis proibam tal coisa para que se faça uso delas. Quanto mais proíbidas, mais procuradas são.

Há ainda outra coisa. Como sabeis, o pensamento de milhares de pessoas está concentrado em uisque e outras bebidas alcoólicas. Quando alguém bebe, mil pensamentos deletérios se projetam sôbre tal pessoa e ela fica como louca. E aí começa a descer, sempre a descer.

O mundo devia viver sempre aprendendo as maravilhosas manifestações da divindade. Deus é a Vida do Todo, e o homem é o demônio. Quando me refiro ao homem, quero dizer a humanidade. Deus nos dotou de um livre arbítrio e nós abusamos dêle. O mundo devia aprender as verdadeiras lições do Cristo. Dizem eles «Não fez o Cristo vinho?» E não o deu ao povo? Não se compreendeu que se tratava do Vinho da Vida. O Cristo falou em sentido espiritual. A maior parte pensa que êle falou de coisa material.

Compreendei bem a Deus. Não O temais. Êle não é um homem sentado no trôno, mas o Espírito de Toda Vida. Tudo que o cerca é uma parcela da Vida Divina. O mal está onde o bem existe. Se não houvesse o mal não se poderia distinguir o bem. E' por meio das experiências que passamos, que aprendemos as lições da vida, que adquirimos sabedoria e conhecemos a vida eterna que jaz diante de nós.

Minha salvação no mundo espiritual chegou quando achei a verdade, porque vivia na desgraça. Depois que passei pelo fogo da consciência, purifiquei-me. Estava anciosa para encontrar a verdade e depois que achei não havia mais dúvida. Queria paz e harmonia e estava pronta para elas. Depois que o meu espírito passou pelo fogo da consciência, encontrei a Deus dentro de mim mesma, não fóra.

Procurai a Deus e dai-vos por

contentes. Aprendei a julgar a vós mesmos antes de julgardes o alheio. Sejamos amigos de todos, bons para todos, e façamos o bem sempre que pudermos. Conquistemo-nos a nós mesmos.

Quando algo surgir dentro de vós para atormentar-vos e levar-nos à colera, à bebida e à toda espécie de vícios, dizei a vós mesmos que não tendes raiva e que não quereis entregar-vos ao que quer que seja. Então, ao em vez de dizer algo a outro, levantai-vos, dai uma volta e vossa colera se irá, porque não quereis dizer aquilo a que se vos impele e, assim, muitas vezes, tereis paz.

Quando alguém se entrega à cólera, diz coisas de que depois se arrepende, coisas que muitas vezes não são esquecidas. Pensemos sempre que a cólera quiser dominar-nos. E digamos «Não, não me vencerás. Quero olhar para cima e não para baixo. Eu te domino. Não te darei guarida e não me atormentarás!»

Estava então encolerizada e isto foi a causa da minha morte. Que fiz? Matei-me! Não queria propriamente matar-me, mas fi-lo em um momento de raiva. Dominai-vos antes que seja muito tarde. Vencei a vossa cólera antes que ela vá muito longe.

Fui dominada pela raiva e o que aconteceu? Suicidei-me. Quando despertei no outro lado da vida, vi o que havia feito e fiquei angustiada. Fui vencida pela raiva, pela raiva e o egoísmo.

Aprendamos a dominar os nossos maus pendores e, quando o momento de raiva vier, digamos: «Para trás, Satanaz». Dominai-vos antes que os maus espíritos tomem conta de vós. Se eu tivesse feito tal coisa, nada me teria acontecido.

Se eu pudesse falar a todo mundo da vida que um dia viverá e lhe mostrasse quadros da verdadeira vida e dos ensinamentos de Jesus, certa estou de que muitos se emendariam e se tornariam bons homens e boas mulheres.

Sou Olive T. — Boa Noite.

Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel

8.a P.—Si a assistência do alto não falta ao homem de bem, bem intencionado, porque Kardec, sendo um missionário, defrontou-se com mistificadores?

R.—«A luta será sempre o meio de auferir realizações espirituais e todos os missionários da luz serão defrontados pelos elementos da sombra, como os médicos são procurados pelos doentes. O próprio Cristo suportou o assédio de seus adversários até à cruz do sacrifício supremo.»

9.a P.—O Espiritismo até aqui aceita a possibilidade dos espíritos reincarnarem em corpo, ora masculino ora feminino; póde isto verificar-se sem prejuizo para a linha típica do espírito e a individualização da alma?

R.—«Póde verificar-se, de acôrdo com a tarefa a que o trabalhador deve atender ou segundo a provação retificadora necessária à edificação do aprendiz, sem prejuizo da linha típica de evolução e aperfeiçoamento da alma.»

10.a P.—Si todos individualmente possuem proteção, devemos daí concluir que toda sessão espírita é bem assistida?

R.—«Os espíritos do Bem atendem às necessidades de todos os lugares e criaturas e assistem, desvelados, o trabalho de todas as organizações espiritistas. Urge, todavia, considerar que há companheiros que se abandonam aos sêres inferiores, ignorantes ou imprevidentes e conduzem com a sua presença, as companhias invisíveis que escolheram.»

11.a P.—Si a virtude nos dá o dom de curar, porque as curas existem mais no baixo espiritismo?

R.—«A verdadeira cura é a do espírito para a vida eterna.

12.a P—Para toda cura física é

necessário o instrumento mediúnico?

R.—«As melhoras físicas ou a saude relativa do corpo terrestre não dependem exclusivamente de intermediários que podem, por vezes, colaborar nessas realizações. Dependem, com mais expressão, do próprio interessado que deve elevar o próprio valor, melhorando-se no quadro do merecimento para que a esfera superior encontre possibilidades de dotá-lo com os recursos precisos à restauração do próprio equilíbrio.

13.a P.—Os médiuns com tarefas definidas possuem especialização mediúnica no campo de suas atividades?

R.—Há especializações mediúnicas, naturalmente, como existem nos mais variados círculos de serviço, dependendo isso da vocação do trabalhador, sinceramente devotado à tarefa escolhida».

14.a P.—O bom médium por ser assistido por um Alto Espírito, infere-se daí que êle esteja apto a receitar?

R.—«Cooperar no campo da medicina, mesmo em caráter exclusivamente espiritual, depende do trabalho que o servidor foi chamado a atender.»

15.a P.—As «Almas Gêmeas» é criação de Deus ou conquista do espírito?

R.—«A ligação inicial das almas é o problema da Criação Divina, compreendendo-se, porém, que as lutas em comum estabelecem igualmente, entre as criaturas os mais santos laços de fraternidade e de amor.»

16.a P.—E' possível atingirmos o ápice do amor sem conhecermos o afeto das almas gêmeas?

R.—«Nesse sentido somos de parecer que, em tempo algum, devemos esquecer do «amemos a Deus sôbre todas as cousas, com toda a nossa alma e coração, e ao próximo como a nós mesmos.» Quem atingir essa edificação terá alcançado o ápice do amor, suscetível de compreensão na terra, compreendendo-se embora a santidade dos laços entre as almas gêmeas.»

NOTA — Conforme prometemos, publicamos hoje, a continuação das respostas de Emmanuel dadas a nossa irmã em crença, senhorita Zilda Portugal, filha do nosso confrade e amigo Francisco Portugal e de sua esposa senhora Carolina Portugal, residentes em Petrópolis.

SPÁRTACO BANAL.

Crônica Estrangeira

Estranho caso de telepatia na Itália

Uma menina de 3 anos «viu» o pai morrer em alto mar, quando seu barco de pesca bateu numa mina

VENEZA, 28 (A. F. P.) — Um curioso caso de telepatia foi registrado na vila de pescadores de Chioggia, nas costas do Adriático.

Uma garotinha de 3 anos, chamada Josefina Sfrisco, interrompeu seus brinquedos para ir dizer à sua mãe: «mamãe, papai está morrendo», e explicou que havia «visto» seu pai com a cabeça ensanguentada. E acrescentou: «não poderá trazer o tricicle que me prometeu».

A senhora sabia que o seu marido, pescador, estava no mar, e não deu muita importância ás palavras da criança e contentou-se em consolá-la.

Algumas horas mais tarde veio a saber da terrível morte de seu marido, cujo barco saltára em alto mar, depois de ter batido numa mina submarina.

O corpo, que fôra encontrado, apresentava na testa um enorme ferimento.

Explica-se êsse fenômeno de telepatia pelo facto de que no momento de morrer, o pai que nutria grande afeição pela filhinha, nela pensou.

De «A Noite», de 28-10-946, do Rio de Janeiro.

A partida de um Anjo

Ernesto Bozzano reproduziu de «Light»:

O Dr. W. T. O' Hara, médico de um transatlântico da «White Star Line», narrou que numa viagem a Yokohama, fôra entregue aos cuidados do capitão uma menina de 10 anos, que ficara órfã e que regressava ao Japão, onde a esperavam alguns parentes. Era tão graciosa, tão boa, tão inteligente, que logo conquistou os corações de todos os membros da equipagem, mas, principalmente, dos oficiais de bordo, inclusive o médico que relata o facto. No mar da China, a menina adoeceu gravemente e, apesar de todos os cuidados, foi piorando e todos perceberam que o desenlace seria fatal.

Nêsse ponto o médico relata que, estando à cabeceira da menina, começou a experimentar a sensação inexplicável de uma *presença* no camarote, embora nada visse ao seu derredor. Cada vez mais fraco se lhe tornava o pulso e o doutor observava anciosamente as mudanças que se operavam na expressão do rosto, quando de súbito o camarote começou a iluminar-se de maneira misteriosa, se bem ainda viesse longe a alvorada. Em breve aquela luminosidade se tornou brilhante, como a aurora quando o sol está prestes a romper. Em seguida pareceu condensar-se numa radiosidade palpitante, com ondulações azues, brancas, doiradas, que se concentravam em tôrno da cabeça da pequenina enfêrma. Durou isso algum tempo; depois tudo se dissipou, voltando o camarote à sua semi-obscuridade, onde uma lâmpada fraca e velada era a única fonte luminosa.

Durante a produção do fenômeno, a doentinha olhava para o médico com ar de quem desejava pedir explicações, e murmurava: «Olhe! Olhe! Como é belo!» E, dizendo isso, os dedos de sua mão apertavam convulsivamente a mão do médico, cuja narrativa continua assim:

«De-repente, ela dirigiu o olhar para o alto. Também eu olhei na mesma direção e vi, rente ao fôrro, por cima da sua cabecinha, formar-se um globo luminoso, de contornos indefinidos, resplandecente como um faról envolvente em densa nevoa. Aumentou lentamente e por fim se tornou uma esfera brilhante, de luz branco-azulada, em que parecia palpitar a vida.

Também dessa vez a doentinha me olhara, murmurando: «Olhe! Olhe!»

Lentamente aquêle globo luminoso desceu sôbre a menina e lhe envolveu a cabeça, imprimindo ao semblante suave da criancinha sofredora, uma glória de radiosidade espiritual literalmente angélica. Jamais me fôra dado assistir a uma visão de semelhante beleza.

Enquanto o globo luminoso girava e brilhava em tôrno da cabeça da moribunda, senti que sua mão apertava a minha, ao mesmo tempo que um ligeiro tremor lhe perpassava o corpo. Ela fez um débil esfôrço para levantar a cabeça, exclamando com voz fraca e destacando as palavras: «Oh! mamãe, mamãe! Sim, sim, vejo a estrada radiosa. Como é bela! Como tudo resplandece!» A voz se extinguiu num fraquissimo sussurro incompreensível, ao mesmo tempo que o globo se elevava de um salto, atingia o teto e desaparecia. A cabeleirinha anelada da menina recaiu sôbre o travesseiro. Percebi-lhe no corpo uma ligeira contração dos músculos, os dedos se relaxaram, o pulso se tornou imperceptível, dos lábios se lhe escapou um ligeiro suspiro, enquanto o seu rostinho de anjo se tornava branco, branco como o linho. Ajoelhei-me, deixando correr as lágrimas que se me estrangulavam na garganta. Achava-me alí a sós com minha mortazinha.

Cruzei-lhe sôbre o peito as mãozinhas e maquinalmente consultei o relógio: eram duas horas e trinta da madrugada. Estando eu ainda ajoelhado, a porta do camarote abriu-se e entraram o capitão e, em seguida o primeiro e o segundo, oficiais e mais dois oficiais substitutos. O capitão aproximou-se do leito, pôs a mão na fronte da morta e, voltando-se para mim, disse:

«Já o esperava». E acrescentou: «Doutor, não acredito absolutamente em fantasmas, nem nos espíritos, ou coisas semelhantes e acho que entre nós não há quem o acredite. Isto, porém, não obsta a que eu e êstes quatros oficiais declaremos ter assistido, nêste mesmo instante, a alguma coisa de extraordinário e essa «alguma coisa» era tão distinta e real, que exclui qualquer possibilidade de ilusão. Vimos um globo de luz azulada, que parecia um fogo de santelmo em tempestade. Apareceu por cima das nossas cabeças, no pequeno salão de fumar e, estando nós a olhá-lo, êle atravessou o salão, dirigindo-se para a porta. Aí, parou um instante, depois dirigiu-se para a porta dêste camarote. Vendo isto, disse eu aos meus companheiros: «Rapazes, a nossa angélica criança acaba de morrer, nêste momento».

ESPIRITISMO NO BRASIL

2.° Congresso Espírita Nordestino

(Sua influência na Bahia)

A gentileza sem nome dos queridos irmãos alagoanos exigiu—exigência cristã, que honra e dá prazer! — nossa presença em Maceió, na vígência do Congresso.

Tivemos, assim—aliás, muito gostosamente! — de alienar outros compromissos para corrermos até êle. E tomamos passagem no C. B. Y., da *Cruzeiro do Sul*, para a capital alagoana, avião que devia sair a 20 de setembro, exatamente no dia da abertura do certamen.

A viagem foi alterada para 30.

O primeiro precalço.

Em Salvador, uma hélice enguiçada. O avião teria que pernoitar aí.

O segundo precalço.

Uma Semana Espírita, vibrante, na capital de nosso Estado. Uma festa espiritual de confraternização cristã, programada por cinco entidades sociais: *União Espírita*, a veneranda instituição fundada por José Petitinga; *Instituto Kardecista, G. E. «Deus, Cristo e Caridade, Confraternização Espírita Baiana e Juventude Espírita.* A sessão, no *Deus, Cristo e Caridade*, sediado no Fabricio, conforme descobrimos a custo, que seria triste para nós passarmos uma noite na Bahia, nós, que viajavamos a serviço da Doutrina, de braços cruzados, sem contato com irmãos da terra.

Chegáramos, estava a tribuna ocupada por ilustre confrade e o salão repletissimo. Os promotores da comemoração à mesa, presidida pelo ilustre confrade Ricardo Machado. O «Deus, Cristo e Caridade» está de séde nova, ampla e bonita, bem posta e bem apresentável, vivendo um programa de ação digno de louvores. Os nossos, aquí lho deixamos, embora mereça bem maiores...

Ouvido o orador do dia, o irmão Ubaldo Freitas, numa peça longa e substanciosa, dissemos quatro palavras, embora cansado e suarento, dizendo nossa imensa alegria em encontrarmo-nos, embora acidentalmente, no meio espírita baiano, em contato com irmãos queridissimos.

E foi um matar de saudades, sem conta, que só acabou a porta do *Palace Hotel*, á meia noite, quando, então, nos deixaram o Eusinio Lavigne e o Abilio Silva Lima.

* * *

O avião teria de sair na manhã seguinte. Saída alterada para a tarde.

Mas, só saiu na madrugada de 2 de Outubro.

«Eu sabia que você passaria pela Bahia e ficaria êsses dois dias, sem o esperar, conosco, que minha mulher, *médium* sem querer ser espírita, recebera», disse-me ilustre confrade baiano.

«Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos».

A prova aí estava desta verdade mediúnica transmitida por Augusto Comte.

Corremos, então, ao Barbalho, ao almoço com o Eusinio Lavigne, esta criatura simples e bôa, generosa e cavalheiresca. A' mesa, conosco, o Abilio Silva Lima e o Alfredo Miguel, dois vultos inconfundiveis do Espiritismo em Salvador.

Todos. menos o Miguel, se abstiveram no vinho claro, provocador.

O Alfredo Miguel, enchendo o copo, justificou-se:

«Os apóstolos também beberam vinho!»

—E é sómente nisto que você procura imita-los? — perguntou-lhe uma *voz perversa*, provocando risos. E a todos, a senhora Lavigne, gentilíssima e acolhedora, havia posto à vontade.

A' noite no *Instituto Kardecista*, a reunião.

Aí comparecemos novamente sem ser esperado.

A palavra da noite, da prof.a Raquel Ribeiro, uma grande amizade nossa e um belo coração e inteligência de mulher postos a serviço da Doutrina.

Generosa, deixou-nos algum tempo para atuarmos no programa.

Dissertámos sem tempo e sem têma sôbre a ação do Espiritismo em geral, salientando, principalmente, primores do Espiritismo de vivos, que andamos a prègar, para desespêro mal sopitado de um militar da aviação que, acostumado a conversar com os seus defuntos de Espiritismo de linha, parece que não gostou da coisa. Por isso foi retirado dalí por seus guias ou por nossos amigos, a resmungar...

Ricardo Machado, eloquente como sempre, fala depois.

Sua peça, eivada de um defeito enorme : ser muito lacônica.

E foi só.

A LUZ DA VERDADE, a folha espírita que a União Espírita Baiana pusera em circulação, como parte das mais importantes da Semana e da Homenagem a Allan Kardec.

Grande, bem colaborada, bem impressa, dirigida por Silva Lima, Alfredo Miguel e a figura de moço entusiasta e realizador de Heitor S. Cardoso.

Luz da Verdade, que saiu como órgão da *União Espírita Bahiana* continuará na liça jornalística feita orgão do Espiritismo bahiano, porque patrocinada pelas outras instituições espíritas : o *Instituto Kardecista* e a *Confraternização Espírita* e a *Juventude*.

Bravos ! que a hora é, realmente, de aproximação, de concentração de energias num mesmo sentido para maior rendimento nos trabalhos e melhor difusão da Doutrina.

E os exemplos de União e compreensão de solidariedade cristã que daí decorrerão ?

Trouxeramos, a par disso a promessa — e dos lábios de quem promete para cumprir o que prometeu ! — de que o Congresso Espírita Bahiano, estadual e de confraternização, sairá em 1947.

Aguardêmo-lo !

(Impressões ligeiras de seus dois últimos dias)

Só tivemos a dita de comparticipar do Congresso, nos seus dois últimos dias.

Com que pesar o dizemos!

A's 2,30 da madrugada, todos os passageiros despertos, para rumarem à Agencia da *Cruzeiro do Sul*. Ao aéreo-porto, ainda com o escuro. O avião, porém, só levantou vôo ás seis horas. Nós, cansado e sonolento...

A' nossa espera, congressistas. Parece que «o grosso da tropa». E foramos ali mesmo, para a admiração dos demais passageiros, saudado. Recebemos palavras de boas-vindas de todas as delegações ao Congresso, a começar pela senhorinha alagoana, Creusa Mauricio Chaves, enleiada e tímida. Era a primeira vez que falava. Abençoada estréia ! Depois, o capitão, Nelson Kerenski, Felipe Soares de Melo, Martins Peralva, Masulo Melo e Pedro Correia, respectivamente em nome de Pernambuco, Paraíba, Sergipe, R. G. do Norte e Ceará, espíritas. Honra e emoção para nós !

E rodamos para a cidade, a 20 quilómetros.

Descanso antes do almoço, com o Erasmo Porangaba, que o jantar foi com o grande amigo, Fernando Malta de Campos.

A visita à penitenciária do Estado, à tarde.

Algumas centenas de prisioneiros — e muitos jovens, ainda imberbes, santo Deus !—foram levados ao salão. Aí, falamos-lhes, o Capitão Kerensky e nós, proferindo Erasmo Porangaba a prece. Falamo-lhes com o coração, a lembrar-lhes que nem sempre o crime é maldade, pois pode-se cometer crimes sem o espírito do mal. Procurando demonstrar o que afirmavamos, entramos na essência do Evangelho, salientando que «o Pai tanto abomina o pecado quanto ama os pecadores». Olhos rasos dágua, fisionomias tristes e frontes baixas, emoção e interêsse na parte de muitos revelavam que estavamos colimando o objetivo cristão.

De saída, um prisioneiro muito jovem quer saber nosso endereço e nome.

Satisfazendo seu desejo, quisemos, de nossa parte, saber porque estava alí.

— Crime de homicídio. Mas, se eu, antes, tivesse ouvido alguém me falar assim . . .

* * *

Daí, para o lanche com o Porangaba, todos os congressistas.

Uma reunião íntima, para reajustamentos e troca de impressões, no sentido de que os próximos congressos de confraternização a realizar-se na zona, logrem melhor resultado e maior desenvolvimento.

Perfeita harmonia e puro espírito de solidariedade e afetividade cristã que não desiludiriam os cristãos primitivos, se nos vissem, graças a Deus!

Entusiasmos e desejos de agir para o bem da parte de todos!

A' noite no Centro Espírita «Melo Maia», mais uma reunião para leitura, discussão e votação de teses, em que apresentaramos nossas credenciais. Tudo, nos velhos moldes clássicos dos congressos em que, não raro, a teoria supera o espírito prático que deveria ser colimado em tais certamens.

Apresentamos, então, nossas representações.

E lemos, analisando e comentando as lições magnificas, a bela e expressiva mensagem que o grande espírito de Emanuel enviou ao Congresso, psicografada por Francisco Candido Xavier.

* * *

Ultimo dia do Congresso: 3 de Outubro!

E que dia cheio de utilidades, emoções e cordialidades cristãs!

A primeira, a festa da criança, no Cine-Arte, que se encheu de crianças.

As escolas *Zaneli Caldas*, o *Grupo Escolar Antonio Pombo*, a *Bezerra de Menezes* e do *Orfanato S. Domingos*, a *Zilda Gama*, *Terezinha de Jesus* ali compareceram com o grosso de sua meninada.

Primeiro, um programa de filmes, embora nem todos fossem, por suas cenas de *far-west*, próprias para crianças de escolas espíritas. Depois, Joaquim Leão e nós a conversar com as crianças por algum tempo. E que intensa alegria de todos!

Bateram-se chapas fotográficas do ato, como, de resto, de todos os passos mais relevantes do certamen!

* * *

O almoço, com o Jaime Xavier, na Pajussara.

Depois, com o Odilon Canuto, para o *Orfanato S. Domingos*.

Os 240 internados, todos metidos em cuidado uniforme branco, a postos.

O S. Domingos é uma dessas obras que, por sua séde, seu programa de ação e sua atual direção, honraria qualquer doutrina, qualquer meio.

Esteve, por um golpe de fôrça tão comum durante o celebérrimo «Estado Novo» de triste memória, com o oficialismo dominante na terra, durante seis anos. Voltou, em Abril último, para os espíritas, deixando a impressão de alguma coisa que tivesse, durante os seis anos de oficialismo, suportado terrível tufão, a ponto de tombar destruído de todo.

Aí, o confrade pernambucano, José Azevedo, e nós, falamos ás crianças.

O José Azevedo, chorando mais do que falando, de emocionado.

* * *

Na séde da Federação Espírita Alagoana, às 16 horas, para uma reunião de moços.

Dessa reunião, resultou a fundação da *Juventude Espírita Alagoana*, cuja integração e posse de sua diretoria seria logo mais, à noite.

Diretoria e mentor eleitos livremente ali mesmo.

O mentor, o velho espírita, dedicado à causa e queridissimo no meio, Americo Pereira.

A diretoria, eleita por aclamação foi a seguinte: Pres. senhorita dra. Maria Zilda Duarte Bezerra; Secr.a senhorinha Eladia Ribeiro de Âlencar; tes. Manoel Coelho Neto; Bibl. e Dir. Propaganda srtas. Neli Pereira e Silva e Maria Olivia.

A posse foi solene, todos assinaram o termo e ocuparam lugares à mesa.

Improvisaram emoções o mentor e a presidente.

As flores que enfeitavam a ampla mesa foram transformadas em moedas para os primeiros fundos da caixa de expediente, propaganda e excursões da JEA.

Esta, a segunda parte do programa da noite, que a primeira foi consagrada ás palavras de despedida proferidas por um representante de cada legação. A terceira parte do programa, a inauguração do retrato de Alan Kardec, posto em artística moldura. O retrato fôra descoberto pela presidente da JEA, e o discurso inaugural, proferido pela senhorinha, dra. Antonieta Duarte.

A última parte, a nossa palestra.

E assim, encerrou-se o *2.º Congresso Espírita Nordestino*, de cuja atuação sairá, brevemente, um opúsculo contendo as teses e noticiário completo, embora sintético. Para tanto, Lafaiete Melo, Erasmo Porangaba e Arlindo Colaço, representando a vontade de todos, vão envidar esforços.

O meio espírita alagoano tem alguma coisa de diferente.

Todos os seus centros espíritas — e não são poucos! — são kardecistas.

Não se conhece aí, ainda, êsse tal «espiritismo de linha». Nem existe aí, como por cá e alhures, macumba e cangerê disfarçado com o nome de espiritismo. Quasi todos os centros mantem escola. E' a única cidade brasileira que tem um grupo escolar impressionante com uma matricula de 500 alunos.

Uma cidade, numa palavra, em que já existia «espiritismo de vivos», antes que a expressão e o programa aparecessem.

Só lhe faltava uma juventude espírita, que foi fundada em circunstâncias impressionantes e sob os melhores auspícios e augúrios.

Quanto ao êxito de seu Congresso, basta comentar o que um congressista ouviu de lábios profanos, numa conversa de bonde: «Parece que os padres sumiram e entregaram a cidade aos espíritas».

Os irmãos espirituais de Maceió têm, a estas alturas, razões sobejas para estarem satisfeitos.

Que Deus os proteja!

Leopoldo Machado.

*

Em Belo Horizonte, com velhos amigos espíritas...

Apenas descansamos um dia, de volta do 2.º Congresso Espírita Nordestino, e eis-nos voando para Belo-Horizonte e Montes Claros.

Fôramos em cumprimento de velha promessa, sempre adiada, a despeito de não sair a Semana Espírita Belorizontina, que esteve, até, em vias de articulação.

A velha e bôa amizade de Pedro Ziviani receberam-nos, com efusão de alegrias espirituais, no seu honrado lar, onde, com o dr. Noraldino Castro e Arlindo Correia da Silva, saboreamos o primeiro almoço belorizontino.

A' tarde daquele mesmo domingo de sol e calor, rodamos para o *Abrigo Jesus*, onde o velho Osorio de Morais nos aguardava em companhia da exma. esposa. Sentimos de perto a grandeza e oportunidade da grande obra, a recordar a primeira crônica sôbre o *Abrigo* e a primeira conferência que se fez no seu ambiente, estava êle ainda em construção, gáudio e honra que nos couberam. Obra de largo patrimônio moral-material, que póde abrigar duas centenas de crianças, folgadamente. Chegará a tanto? Cremos que chegue, pois a obra é de seu Patrono, embora reconheçamos, de experiência própria, que obras tais encontram mais dificuldades em conseguir quem as dirija bem, à altura de sua altissima finalidade e da Doutrina que as inspirou, do que para a sua construção e manutenção...

Conversamos aí, numa palestra própria para crianças, às internadas.

A' noite, a primeira conferência, na séde da *União Espírita Mineira*, sob a presidência do irmão Bady Elias Cury, presidente da FEMG.

Antes de nós, falou o prof. françês, Jaworsky, que insistiu para que falassemos primeiro.

—Não; fala o senhor, que é visita. Eu, aquí, sou quasi de casa—respondemos.

Sua conferência, ajustada a assunto de sociologia e psicanalise, teria fugido à compreensão da assistência, já pelo idioma misto de castelhano e francês do conferencista, já por tratar-se de assunto desenquadravel a ambiente espírita.

Mas, o ilustre conferencista gaulês inspirou-nos um estudo da evolução histórica das idéias espiritualistas, até chegarmos ao Espiritismo, que foi o assunto de nossa palestra. Dr. Noraldino Castro faz interessante «jornal falado» tão do sabor do movimento iguassuano.

Na manhã seguinte, rápida visita ao *C. E. Bittencourt Sampaio* e à redação de O PODER, onde fôramos recebidos pelos confrades Arlindo Correia da Silva e dr. Felipe Puritas. Trabalha-se na execução do número de aniversário de O PODER...

O almoço, com o velho confrade, prof. Cicero Pereira. E toda a tarde, passeios que nos puseram em contato com irmãos queridos, de quem andavamos saudosos...

A' noite, conferência no vasto salão do *C. E. Oriente*, seu ilustre presidente, Jair Soares, dirigindo os trabalhos. Falámos, então, sôbre o choque tremendo que se verifica, na hora que passa, entre as idéias materialistas e espiritualistas...

O almoço no último dia que aí passámos, com o Noraldino Castro, presentes o Pedro Ziviani e o *médium* Pedro Machado. Moço, tímido, humilde, Pedro Machado possúe várias mediunidades apreciáveis. Encorpora, ouve, vê e desenha. Dir-se-á que viveu algumas existências no Oriente, pelas afinidades que espíritos orientais encontram em sua mediunidade. Rabindranat Tagore e Saadi — o grande poeta indiano e o não menor aëdo persa—encontram muita maleabilidade no médium para ditarem poemas em prosa, que em nada desmentem o estílo e o gênero de literatura de ambos. *Frauta do Além* é o volume de poemas em prosa, já quasi concluído, de Tagore. Se não nos enganamos, o médium Pedro Machado dará, muito breve, o que falar, como um tomo segundo de Francisco Candido Xavier...

A tarde, uma palestra com jovens espíritas, na séde do C. *E. Oriente*, para rearticulação do movimento jovem da cidade, que, para nós, preparar a mente das crianças e estimular o entusiasmo dos moços é o que, atualmente, de melhor se poderá fazer a pról da maior difusão do Espiritismo. E' servir à Doutrina no presente e para o futuro...

O jantar, com o Jair Soares, que correu, como as refeições anteriores, com a cordialidade e franqueza bem espiritistícas. E a última conferência, ainda na *União Espírita Mineira*, na presidência o velho espírita, dr. Camilo Chaves. Falámos aí sôbre a loucura humana e os meios de atenuá-la, terminando a focar as excelências do espiritismo de vivos, que andamos a prègar, atualmente. Um conjunto musical — acordion, clarineta e violino — enche uma parte artística, acompanhando números de declamação e canto de crianças e jovens. E, finalizando, uma excelente notícia que Bady Cury transmite à assistência: que a aliança da FEMG e da UNIÃO ESPÍRITA vai ultimar-se, para unificação do Espiritismo na cidade. Ainda bem, que a hora é, realmente, de aproximação e confraternização da parte dos servidores mais dedicados à Causa do Mestre e Senhor. E ai daquêle que, por incompreensão, exclusivismo, questões pessoais e personalismo, permanecer à distância dêsses movimentos de irmanação cristã e criar embaraços a sua marcha ascensional...

Leopoldo Machado.

⁂

Odilon Negrão

No dia 27 de Outubro último, tivemos a imensa satisfação de receber a visita do nosso prezado amigo e confrade Odilon Negrão, residente na Capital, que se fez acompanhar do confrade Antonio Gomes Guimarães e de sua exma. esposa D. Nair Guimarães, residentes em Araraquara.

Odilon Negrão, sobejamente conhecido nos meios espíritas pelo seu trabalho na difusão do Espiritismo e que muito vem contribuindo, com o resultado de suas experiências no campo da fenomenologia espírita, para esclarecer os estudiosos, fez, nesse mesmo dia, às 20 horas, uma importante conferência no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», perante numerosa assistência, abordando assuntos relacionados com a metapsíquica e com os deveres dos espíritas na hora presente, os quais, como células vivas da coletividade, não devem, absolutamente, ficar à margem dos acontecimentos, num indeferentismo prejudicial aos interêsses da doutrina.

Aproveitando a oportunidade, Odilon Negrão nos disse que, atendendo a reiterados pedidos de inúmeros espíritas da Capital e interior, vai apresentar a sua candidatura, nas próximas eleições, para deputado estadual, notícia que muito nos alegrou, visto que será tambem nesse setor da atividade humana, tão visado pelos inimigos da Verdade, que os espíritas poderão fazer algo de proveitoso não só para a Doutrina, como também para a coletividade, tão explorada nos seus direitos comuns e no seu patrimônio espiritual.

Pouco antes do seu regresso á Capital, Odilon Negrão fôra convidado a fazer no dia 9 p. p., uma conferência sôbre Metapsíquica no Teatro Municipal de Araraquara, para a qual recebemos amável convite.

Ao distinto visitante, que conosco manteve algumas horas de animada e confortadora palestra, agradecemos a fraternal visita.

*

Um só Senhor

O Prof. Romeu do Amaral Camargo, autor de apreciável bagagem de estudos filosóficos e religiosos à luz do Evangelho, acaba de nos ofertar três exemplares de sua recente obra—«Um só Senhor», que, anunciada ha meses, vinha sendo anciosamente aguardada pelos seus inúmeros admiradores, que nêle têm um erudito comentador das letras sagradas.

No desejo louvável de contribuir o mais possível para a formação moral, intelectual e espiritual dos homens, o autor, possuidor de larga visão, aborda assuntos oportunos, de palpitante interêsse, citando trechos históricos para elucidação dos textos. Comenta a evolução dos povos através das religiões dominantes, faz estudos comparativos de citadas religiões, põe em evidência e comenta com lógica e precisão os factos espíritas e o mediunismo. Com dados e estatísticas demonstra o fracasso do catolicismo no campo da instrução.

Enfim, Romeu do Amaral Camargo, do seu vasto tesouro intelectual e espiritual, soube tirar, para dar aos sedentos de luz e conforto, as preciosidades do reino de Deus, com as mais variadas iguarias.

«Um só Senhor» contem 290 páginas aproximadamente, ótima encadernação. Obra editada pela «Livraria Allan Kardec Editora», de S. Paulo, foi impressa na Gráfica Mundo Espírita S/A, do Rio.

«Um só Senhor» não deve ser lido sómente pelos espíritas. E' livro para gregos e troianos, porisso que constitue um presente de real valor sempre que se tiver em mira ofertar algo de instrutivo a um amigo, professe êle a religião que melhor entender.

Agradecemos ao autor a oferta dos 3 volumes, com expressiva e fraternal dedicatória.

— A' venda na Livraria de «O Clarim».

*

Juventude Espírita «Cairbar Schutel»

Sob os auspícios da União Espírita «Allan Kardec», de Vila Cascatinha, Petrópolis, Est. do Rio, acaba de ser fundada a Juventude Espírita «Cairbar Schutel», que já conta com apreciável número de jovens.

Foi convidado para inaugurá-la, o confrade J. B. Chagas, que se fez acompanhar de uma caravana da Mocidade Espírita de Mesquita. Foi um verdadeiro ágape espiritual.

A União Espírita «Allan Kardec», dando o nome de Cairbar Schutel à Juventude Espírita, tem por objetivo prestar justa homenagem a êsse Apóstolo do Espiritismo.

Do Correspondente.

*

Luz da Verdade

Surgiu na arena da imprensa espírita, na Bahia, em setembro último, «Luz da Verdade», orgão da União Espírita Bahiana, que tem por objetivo a difusão da Doutrina Espírita nos seus três aspectos: religioso, filosófico e científico.

O seu número de apresentação insere artigos substanciosos, alguns dos quais ilustrados com fotografias de vultos espíritas.

Formulando os melhores votos pelo progresso do novo colega ou companheiro, agradecemos a remessa de dois exemplares de sua primeira edição, e com satisfação permutaremos de acordo com a ética jornalística.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso companheiro sr. Onofre Batista referente á sua excursão no sul de minas:

Machado — Fiz palestras no Centro Esp. «Paz, União e Caridade», que está sob a direção dos confrades Oscar Fernandes e Joaquim Francisco Soares, êste cirurgião-dentista.

Alfenas — Falei no Centro local.

Lavras — Fiz palestra no Centro Esp. de Lavras e no «Allan Kardec», os quais mantêm aulas espíritas para a mocidade e as crianças, num total de 200 alunos. Outra obra importante é o Asilo para Inválidos de ambos os sexos, velhos e crianças, que está sob a direção dos abnegados confrades João Modesto e D. Carmen Cartazo. Este Asilo conta atualmente com 100 Asilados. Breve será inaugurada outra obra que prestará relevantes bebenefícios á pobreza.

Itajubá — Fiz palestra no Centro dirigido pelos confrades Dr. Toscano, Tte. Martins e outros.

Santa Rita do Sapucaí — Aproveitando a data do aniversário do desincarne do Apostolo Francisco de Paula Vitor, falei no Centro Espírita Amor e Carídade Santarritense. Apesar de ser bem espaçoso o prédio do Centro, uma hora antes da conferência achava-se o mesmo já superlotado, notando-se muitas pessoas do lado de fóra. Falaram diversos confrades e recitaram poesias diversas crianças.

Pouso Alegre — Falei no Centro Espírita «Amor e Humildade», de que é presidente o Dr. Celio Andrade, Promotor Público. Os confrades de Pouso Alegre fundaram, ha dois anos, a *Caixa Beneficente dos Pobres*, que atende ha mais de 100 necessitados com genêros alimentícios, roupas, medicamentos, etc.

Silvianopolis — Falei no Centro local.

Poços de Caldas — O Centro Espírita «Vinha do Senhor», sob a direção do confrade Manoel Teixeira vai construir um Albergue e outras obras. Outros confrades iniciaram também obras de vulto.

Baependí — O Centro local, sob a direção dos confrades Homero Silva e José da Silva Pires, êste médium curador, está trabalhando ativamente pela propaganda.

Caxambú — Anexo ao Centro local, os confrades levantaram um prédio para Maternidade, que já está prestando relevantes serviços.

São Lourenço — Fiz palestra no Centro dirigido pelo confrade Antonio Negreiros. Referido Centro mantém uma escola espírita que conta com mais de 100 alunos, sob a competente direção de professoras dedicadas à causa.

Agradeço de coração a acolhida fraternal que me dispensaram os confrades nesta minha excursão. Que a todos Jesus proporcione progresso material e espiritual, muita paz e saúde.

«Juventudes Espíritas» do Brasil

Alastra-se por êsses Brasís em fóra, um movimento animador de «Juventudes Espíritas», que estudam, que trabalham que confraternizam.

São agrupamentos de moços que encontram nos ambientes espíritas clima excelente para o estudo do Evangelho do Cristo e da Doutrina Espírita, para alegrias cristãs e manifestação de seus pendores artísticos.

Moços que já se correspondem, na sua maioria, firmando, assim, em localidades diferentes, amisades puras e, por certo, duradouras, a permutar conhecimentos e impressões doutrinárias...

Algumas dezenas de juventudes espíritas bem organizadas já se fraternizam, dentro do mesmo ideal cristão de maior áproximação por amor a Doutrina do Cristo interpretada á luz do Espiritismo.

Os jovens espíritas, e os movimentos ainda desarticulados, que desejem orientar-se, ou um programa de ação apreciável, para sua entrosagem nas «juventudes espíritas» que já confraternizam, devem dirigir-se á *Mocidade Espírita de Iguassú*, Caixa Postal, 6, Nova-Iguassú, E. do Rio, que lhes serão dadas, imediatamente, as informações precisas.

Vão, a seguir, endereços de jovens espíritas — um de cada localidade já entrosada — aos quais os moços espíritas poderão escrever, trocando impressões e conhecimentos, alicerçando, assim amisades espirituais. Cada jovem constante do endereço abaixo, enviará com muito prazer, endereços de outros jovens do lugar, também disposto á troca de correspondências cordiais.

Outros planos de ação construtivo aparecerão a seu tempo.

Ilza Chaves de Almeida — Rua Plinio Casado, 88 — Nova Iguassú, E. do Rio.

Lenice Teixeira — Rua Caçapava, 167, Apt. 202, Grajaú, Rio de Janeiro.

Atlas de Castro — Rua Feliciano Pires, 12, — Ricardo de Albuquerque, Distrito Federal.

Zilda Portugal — Rua Tereza, 704, Petropolis, E. do Rio.

Sebastião Costa — Rua Maria Candida, 377 (Santana) S. Paulo.

Dolarisa Alves — Celina, E. do Espírito Santo.

Emanuel Chaves — Caixa Postal. 101, Uberaba, Minas Gerais.

Roberto Coimbra — R. Misseno de Padua, 790, Lavras, E. de Minas

Odete de Souza — Rua Jorge Tibiriça, 484, Cruzeiro, E. de S. Paulo.

Geuza Gioconda Cristovão — Rua Rodrigues Alves, 1.640, Nilopolis, E do Rio.

Wanderley da Silva — C. E. «Pedro», Macaé, E. do Rio.

Florina da Silva e Souza — Av. Ipiranga, 1 940, Santa Maria, E. R. G. do Sul.

Kleber Halfeld — Rua Antonio Dias, 415 Juiz de Fóra, E. Minas Gerais.

Maria de Lourdes Sobreira — Fazenda Rochedo, Vila Piquirí, E. de Minas.

Alice Araujo — *Mensageiro do Orfão*, S. Manoel, E. S. Paulo.

Anibal Lopes — Av. Pintos, 115, Jaboticabal, E. S. Paulo.

Zelia Dias — Rua Carlos Gomes, 53, Sorocaba. E S Paulo.

Olga Mathion — Rua Rangel Pestana, 649 Jundiaí, E. S. Paulo.

Nair Saleti — Rua Tiradentes, 852, Piracicaba, E. S Paulo.

Neli de Barros — União Esp. Cachoeirense, Valparaíba, E. S. Paulo.

Heitor S. Cardoso — União Esp. Baiana, Cruzeiro S. Francisco, 8, — Bahia.

Arí Cassiano da Silva Rua Olegario Maciel, 68 Bicas — E. de Minas.

Artigas Castilhos, Rua Gal. Lima e Silva, 159 Porto Alegre, R. G. do Sul.

José Augusto dos Santos — *Juv. Esp. Filgueiras Lima* — Rua Anspeçada Melo, 38 Olaria, Dist. Federal.

Ivan de Almeida Sá — *Juv. Esp. Amaral Ornelas*, Av. Amaral Cavalcante, 1.561, (Eng. Dentro) Dist. Federal.

Neela Gomes da Silva — Trav. Pará, 28, Barra do Piraí, E. do Rio.

Josué Quadros de Souza — Rua Saldanha Marinho, 610, Curitiba, Paraná.

Luiz Anacleto Silos — Rua Curitiba, 626, Belo Horizonte, E. Minas Gerais.

Jobel Sampaio Cardoso, Rua Tte. Silveira, 77, Florianopolis, Santa Catarina.

Maria Zilda Duarte Bezerra — Av. Moreira e Silva, 467 (Faról) Maceio, Alagoas.

Martins Peralva — Rua Pacatuba, 61, Aracajú, Sergipe.

Nilce Teixeira — Rua Gal. Osorio, 82, Nova Friburgo, E. do Rio

Hilda Cruz — *Juv. Esp. de Ibiá* — Rua Lindolfo Rodrigues, Ibiá, Minas Gerais.

Nabor Leite — Rua 15 de Novembro, 8-47, Baurú, E. S. Paulo.

Helio Bastos — União Esp. Kardecista — Rua Eliseu Alvarenga, 434, Estação de Olinda, E. do Rio.

Americo dos Santos — C. E. Estrada de Damasco, Rua Adão, 138, Mesquita, E. do Rio

Oliveiros de Assunção Castro — Base Aérea Militar — Belém do Pará.

Caiuby J. Trevas — Rua Alberto Carvalho, 89, (Osvaldo Cruz Dist. Federal.

A doutrina de Jesus está ressurgindo em espírito vivificante, graças ao Espiritismo. E em breve ela se espalhará no mundo todo como a luz do sol. — MARIQUINHAS.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2311unse

NO XXIII — Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Fevereiro de 1947 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O nosso aniversário . . . . . . Redação
Atitude e Higiene Mental . . . . Adauto de Oliveira Serra
Cruzada de Espiritismo de Vivos . Leopoldo Machado
A Vidente de Prevorst . . . . . .
Evangelho Vivo ! . . . . J. B. Chagas
Em torno de um livro . . . . . . Elídio Taveiros
Confederação Espirítica Pan Americana . . . . Redação
Trinta Anos Entre os Mortos . . . Dr. Francisco Klörs Werneck
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação
Espiritismo no Brasil . . . . . . Redação
Necrologia . . . . Redação

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1947 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Nosso Aniversário

"REVISTA Internacional do Espiritismo» ingressa, com o presente número, no seu 23.° ano de existência, disposta a prosseguir com a tarefa, dentro do programa que lhe traçou o seu fundador, nosso inesquecivel companheiro Cairbar Schutel, cheia daquela fé que remove montanhas e transplanta sicômoros, cônscia de seus deveres e responsabilidades no árduo trabalho de cooperar para a espiritualização de cepticos obstinados, de descrentes e materialistas, que só veem na matéria o Alfa e o Ômega da vida.

Vinte e dois anos de um trabalho perseverante, em que foram vencidos obstáculos não pequenos, já constitue preciosa recompensa para quem prega e defende um ideal que se estriba no espírito do cristianismo, que é justiça, fraternidade, amor e paz. E' todo o ideal que não tiver por base êsse princípio jamais medrará, será como fogo-fátuo ou como a herva que hoje nasce e amanhã desaparece. Uma prova disto nós a temos nas ideologias que levaram os homens a uma guerra pavorosa, ha pouco terminada, mas que ainda não terminou de verdade porque a paz não está imperando no mundo, como esperavamos.

As religiões seculares e as instituições arcaicas estão perdendo terreno, estão sendo desvalorizadas pela repulsa daquelas multidões que, cansadas de promessas, dogmas, rituais e cultos externos, querem pão e vestimenta, habitação e trabalho. Os povos estão exaustos e agora só acreditam naquilo que veem com os próprios olhos, naqueles que, sem prometer nada, saciam a fome, dão vestimenta, remédio, habitação e conforto relativo.

Entre êstes, os espíritas do *novo mundo*, unidos, com a melhor boa vontade, vão amparando os necessitados, curando os enfêrmos do corpo e da alma, construindo para isso hospitais, ou sanatórios, creches, abrigo para menores, velhos e desvalidos, como testemunho do valor do Espiritismo, que regenera, ilumina, confôrta e estimula. E secundando os esforços dos *homens de boa vontade*, os espíritos não só lhes prestam todo o auxílio possivel, o mesmo auxílio possivel, o mesmo auxílio que sempre prestaram aos profetas e santos, como também reproduzam fenômenos para despertar a atenção dos retardatários para as cousas do espírito, numa demonstração potente do amor de Deus, que faz descer o seu sol sôbre os ricos e os pobres e as suas chuvas sôbre os bons e os maus.

O programa desta revista é estudar tudo o que se relaciona com o espírito, publicar factos e notícias do movimento espírita mundial, pondo assim os seus leitores a par das acorrências que não podem deixar de interessar os estudiosos, no vasto campo do psiquismo. E tal programa temos procurado cumprir fielmente, de acôrdo com as nossas possibilidades, sempre com boa vontade e coragem, que nunca nos faltou até nos momentos de apertura, como por exemplo agora, com o encarecimento da matéria prima e da mão de obra, que nos forçaria a aumentar o preço das assinaturas se não pudessemos lançar mão de outros meios para fazer face às despesas forçadas.

Mas aguardamos a normalização da situação internacional, quando então esperamos obter papel melhor e por preço relativo, compensador, de maneira a podermos oferecer aos nossos distintos leitores, uma revista mas apresentavel, ilustrada, si possivel com clichés, e com mais páginas. Enfim, uma revista digna de figurar nas bibliotécas espíritas, por mais exigentes que sejam. E' êste o nosso pensamento.

Agradecemos aos nossos distintos colaboradores, assinantes, representantes, e auxiliares, o precioso ajutório que sempre nos dispensaram, solicitando a Jesus que lhes proporcione saude e paz, afim de que possam trabalhar na tarefa comum de difundir a verdade, agradecimento extensivo aos Espiritos que presidem à espiritualização da humanidade e, em particular, a nosso querido companheiro Cairbar Schutel, sob cuja inspiração estamos procurando cumprir a tarefa.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— VIII —

O timo é uma glândula situada logo acima do coração, normal em todas as crianças, mas que se atrofía com a idade. Ela representa um fator importante para o crescimento, para a nutrição e no desenvolvimento das glândulas sexuais na puberdade. Do timo ainda não se descobriu nenhum hormonio. Entretanto, em alguns criminosos foi encontrada a glândula timo, cuja atrofía ou extração produzia a regeneração dêsses indivíduos.

A glândula mais misteriósa do corpo é a pineal, localizada no cérebro. Ninguem ainda sabe qual é a sua função e se fabrica algum hormonio. Descartes dizia que a pineal era a séde da alma. Só se sabe ao seu respeito que, apesar de seu tamanho ser o de um olho, é abundantemente irrigada de sangue.

Agóra só nos falta falar sôbre o CÉREBRO que é o coordenador da atividade muscular, em comunicação com todos os orgãos dos sentidos, ólhos, ouvidos, etc.

As séries de nervos denominados simpático e parassimpático funcionam, um contrariando o outro, «mantendo nesse jôgo as condições normais do organismo», produzindo o funcionamento automático dos orgãos do corpo humano. A medula espinhal rége os atos reflexos. O bulbo raquidiano também tem influência nos atos automáticos reflexos, regendo ainda as batidas do coração, os movimentos dos pulmões, etc.

Uma rã póde viver sem cérebro, reage aos estímulos, nada e salta, mas tudo como si fosse uma máquina automática. Morrerá de fome si o alimento não lhe for posto na bôca. E' que os hêmisférios cerebrais «dão a iniciativa das ações», ordenam, têm noção de espaço e tempo, orientam os movimentos do corpo, produzem a consciência, a memória, o juizo, etc.

As diferentes funções cerebrais se acham localizadas nas circunvoluções dos hemisférios cerebrais. Tumores, moléstias infeciósas ou acidentes, destruindo parte dos hemisférios, darão em resultado a paralisia sensorial do órgão que é governado por essa parte. Assim, por exemplo, si for destruida certa zona da córtex cerebral, lógo acima do cerebelo, a pessoa ficará cega, muito embora seus olhos e nervos óticos estejam em perfeita condição. Si houver lesão nas zonas motoras, haverá paralisia de algum braço ou perna, e assim por deante.

Si for destruido o centro que rege a capacidade de ler, o indivíduo poderá falar e escrever normalmente, mas não poderá ler nenhuma palavra impressa. Si a destruição atingir a parte da região pré-fontal esquerda, sobrevirão mudanças de gênio e de caráter.

Ha entretanto as chamadas «zonas silenciosas», que se relacionam com as emoções, com o raciocínio, etc. Apesar-de se conhecer muita coisa a respeito do cérebro, ninguém ainda é capaz de dizer qual a natureza da conciência e o que seja um simples pensamento.

Neurastenía, perda de memória e nervosismo, são doenças quasi sempre de origem de algum desiquilíbrio das funções cerebrais.

Já se chegou ao exagero de se dizer que o homem é produto das funções de suas glândulas de secreção interna, isentando-o assim das responsabilidades de todos os seus atos bons ou maus. Dessa maneira ficariam sem sentido o altruismo, a generosidade, a cooperação, bem como a indiferença, a perversidade, o egoismo, e a moral humana retrogradaria de milênios e todos os sentimentos nóbres e bons seriam abafados.

Há, para nós, qualquer coisa acima do cérebro que nos dá a consciência de nossos atos, que nos acusa ou louva, que ama e aborrece, que pensa e realiza, que se alegra ou fica triste, que preside todos os atos de nóssa vontade criadora e realizadora, enfim, que governa o corpo e o vivifica, que é nosso próprio EU imortal: a alma humana para quem o cérebro é apenas o instrumento do qual ela se serve para utilização dêsse mesmo corpo que anima.

* * *

O espírito é semelhante a um operário que empreita uma obra, e o corpo é o instrumento que êle usa para executar o serviço. O operário quando perde ou quebra a ferramenta adquire outra e outras até executar a obra; o espìrito quando o corpo morre toma outro corpo, ou outros corpos, tantos quantos sejam necessários para terminar a tarefa.

O Supremo Artífice do Universo dá aos seus operários tantos instrumentos, tantos corpos, quantos lhes sejam necessários para cumprir suas missões. — CAIRBAR.

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Programas Experimentáveis

Leopoldo Machado ——— *(Continuação)*

O aspecto prático da aula implica:

(a Trabalhos manuais: brinquedos, feitos pelos meninos e costuras, pelas meninas.

Os alunos comparecerão uma ou duas horas antes para a *aula de trabalho redentor*, porque os brinquedos e as costuras devem ser destinadas aos pobrezinhos.

No fim do ano, pelo Natal, far-se-á uma exposição, com uma comissão julgadora para classificar, a prêmio ou não, os trabalhos mais caprichados, e, depois, distribuí-los, em nome da doutrina e da aula, ás crianças verdadeiramente paupérrimas.

Um espetáculo comovente, quer para os que dão como para os que recebem, conforme se verificou, êste ano, por cá...

b) Visitas apostólicas aos lares miseráveis, levando-lhes alguns recursos, com o propósito do aluno ver que nem todas as crianças são felizes, ou que ha crianças em piores circunstâncias do que a sua...

c) Investir cada aluno na condição de um *Pastor de ovelhinhas mansas,* no sentido de incrementar, cada vez mais, a aula.

Para tanto, contar-lhe o conto anexo:

PASTOR DE OVELHINHAS MANSAS

Conto evangélico dedicado aos professores e alunos das aulas de moral Evangélica.

por LEOPOLDO MACHADO

Era no tempo de JESUS DE NAZARÉ.

Exatamente nos dias em que o Senhor pregava o Evangelho, exemplificando e vivendo em atos aquilo que pregava.

Natam, um modesto pastor, que vivia de seus parcos rebanhos, era pai de Isaac, um menino de dez anos, ágil e bom, obediente e tímido. Isaac tomara parte no bando álacre de crianças que procuravam JESUS, por ouvirem dizer que o Messias, ao contrário dos outros homens, gostava de crianças, era amigo das crianças. Fôra dos que mais se aproximaram do Mestre, testemunhando a aspereza com que os discípulos procuravam afastar as crianças de JESUS. E a aspereza maior com que o Senhor, que nunca se exasperava, ralhou com os discípulos, atraindo os meninos, a dizer: «Deixai vir a mim os meninos. Não os estorveis, que dos tais é o reino dos Céus.» A suavidade da voz e da expressão de JESUS ficou cantando, dalí por diante, na memória e no coração de Isaac, que fôra dos meninos em cuja cabeça o Senhor pusera as mãos. Aquilo o encantou de tal modo, que Isaac, acostumado a maus tratos de todos, até do próprio pai, quando se descuidava de alguns deveres no labor do pastoreio, nunca mais se esquecera de JESUS e de seu trato ameno e bom.

Sua atração e seu encantamento pelo Nazareno aumentou mil por cento, quando, posteriormente, o ouviu a pregar: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas... Tenho, também, outras ovelhas que não são dêste aprisco... Elas ouvirão, também, a minha vóz...

— Ah! — pensou Isaac, numa doce abstração. — Ele é como o papai e como eu: é pastor e gosta de ovelhas!

Mas JESUS, numa afirmação mais doce, interrompeu a abstração do pastorzinho dizendo:

—Eu sou o pastor de ovelhas mansas.

—

Isaac saiu dalí satisfeitíssimo, muito feliz.

E, consigo mesmo, num enlêvo santo, repetiu: Ele é o pastor de ovelhas mansas, bem mansinhas! — Arregalou, agora, os grandes olhos judeus, numa expressão muda de significativa—eureka! — a dizer consigo mesmo intensionalmente: «Bem... bem...

—

Dias depois, o velho Natam chamou Isaac, repreendeu-o duramente, a responsabilizá-lo pelo desaparecimento de algumas ovelhinhas do rebanho.

— Ladrões que nos estão roubando, ou lobos que as estão devorando... Por falta de vigilância tua, seu malandro! E as mais mansas de minhas ovelhas!—deblaterou Natam.

Isaac não disse nada. Baixou, triste, a cabeça, ouvindo, sem protestar, as reclamações paternas.

E mais ovelhas mansas, as mais mansinhas de seu rebanho, continuaram desaparecendo misteriosamente.

—

Um dia, no meio da mataria dos fundos da casa em que moravam, num lugar a que Natam ia muito raramente, o pastor foi surpreender, num cercado de emergência, mal feito e mal seguro, porque obra de mãos de criança, uma vintena de suas ovelhas.

E das mais mansas, das mansinhas, que estavam desaparecendo, misteriosamente...

Obra de Isaac, que as ia encurralando, secretamente, escondidinhas de tudo e de todos, delas cuidando às ocultas para que o pai não visse nem pressentisse...

—Tu, Isaac, o ladrão de teu pai! O ladrão de minhas ovelhas! Tu, roubando as ovelhas mansas, as mais mansinhas de meu rebanho! Que tristeza, meu filho!!! E porque o fizeste, Isaac?

—Queria fazer uma surpreza ao pai e a Jesus de Nazaré. Era amanhã que eu ia levar-lhe as ovelhas. Como tenho parte no rebanho, por ser seu filho e por tratar delas, ia dizer, de surpreza, que estas ovelhinhas seriam minha parte.

Mais brando na voz e nos modos, Natam redarguiu:

—Levar as ovelhas a Jesus? Porque, meu filho?

—Ele é pastor de ovelhas mansas, ouviu-o dizer docemente. Senti, então, paizinho, uma vontade louca de levar-Lhe todas as ovelhas mansas que fosse encontrando. E pús-me, então, a separar as mais mansinhas de nossos rebanhos para Ele. Ainda que, paizinho, eu Lhe levasse os nossos rebanhos inteiros, não Lhe pagaria a graça de Êle ralhar com os homens que O seguem, porque não queriam que os meninos se aproximassem d'Ele, atraindo a gente a Ele! A graça de pôr a mão na minha cabeça, abençoando-me! Ah! paizinho, se sentisse o que eu senti, não ralharia agora, comigo, porque quero levar-Lhe as ovelhas mais mansas de nossos rebanhos!

Natam, homem rústico, mas emotivo, não se conteve que não dissesse com ternura:

—Meu filho, Jesus de Nazaré não é pastor, como nós, de ovelhas irracionais. Ele é pastor de ovelhas humanas. As ovelhas a que Ele se referiu; as ovelhas mansas que Lhe apraz apascentar, são homens de coração e de sentimento. Assim, solta, se queres agradar a Jesus, estas ovelhas, e vai por aí, atrás de outras crianças, convidando-as para que, como tu, elas ouçam dos lábios d'Ele o «deixai vir a mim os pequeninos», e as abençôe, pondo-lhes a mão à cabeça. Vai por aí, meu filho, roubando crianças à vadiagem, ao vício, a peraltice, para Jesus, que serás, tambem, como Jesus, um pastorzinho de ovelhas mansas, bem mansinhas...

Isaac arregalou muito os grandes olhos judeus, numa atitude alegre de quem havia compreendido bem a explicação. E disse, felicíssimo:

—Ah! levarei muitas crianças como eu, a Jesus de Nazaré. Eu quero ser um pastor de ovelhinhas mansas, como Êle.

APLICAÇÃO DO CONTO

O professor de moral evangélica dos centros espíritas, depois de contar ou ler aos alunos o que aí fica, lhes dirá:

Trazer uma criança á aula de moral cristã, é trazer uma ovelhinha para Jesus, porque, se Jesus está, como Ele mesmo o disse, onde se reunam duas ou três pessoas em seu nome, estará com mais alegria e mais prontamente, se forem crianças que se reunirem, interessadas no aprendizado de seu Evangelho. Assim, roubar crianças à peraltice, ao vício e à vadiagem, para levá-las, uma vez por semana e durante uma horinha só, às aulas de moral evangélica dos centros espíritas, é pastoreiar ovelhas mansas para Jesus de Nazaré, é ser, também, pastor de ovelhas mansas, bem mansinhas...

Quero ver, agora, quem será, de vocês, o pastor ou a pastora mais diligente no arrebanhar, como o pequenino Isaac, ovelhas para Jesus; quais os mais ativos pastores desta aula que, no fim do ano, poderão dizer: «Eu trouxe maior número de ovelhas para Jesus!» Possam dizê-lo e receber o prêmio de pastor diligente, que a aula de moral cristã institue para estimular o esfôrço e o interêsse dos mais interessados e esforçados...

Que todos vocês sejam, como Isaac, pastorezinhos de ovelhas roubadas à vadiagem, ao vício e à peraltice, para Jesus, porque para a aula de moral cristã dêste centro.

Juventude Espírita

Temos animado, com reais resultados, o programa abaixo, constante de três partes distintas.

Parte de Estudos Doutrinários:

a) Os môços chegam e assinam no Livro de presença.

b) Composta a mesa, procede-se a reunião, com a prece inicial.

Depois, canta-se o Hino da Juventude Espírita.

c) Leitura da ata da sessão anterior.

d) Leitura do ponto evangélico em estudo.

e) A palavra ao jovem escalado para ler, ou improvisar, a interpretação do ponto lido.

f) *Perguntas tests* da presidência e respostas de dois a três minutos, no máximo, da parte dos jovens. Umas cinco perguntas, no máximo.

g) A *Página do Moço Espírita*, para cinco minutos.

h) Inquérito metodizado sôbre a vida de Jesus.

Parte Artístico Social:

a) Exercícios de oratória.

b) Teatro ligeiro, educativo-espiritualista.

e) Hinos, declamação, canto, música apropriados.

Muito cuidado afim de que, nesta parte, não entre nada que não seja espiritual, para que não tenha acesso nenhum número profano, sem nenhuma finalidade espiritual-educativa.

A Noite do Moço Espírita

Uma vez por mês, um programa doutrinário-social-artístico, denominado A NOITE DO MOÇO ESPÍRITA, constante, também, de três partes:

a) Atuação doutrinária, constante de:

Ligeira palestra doutrinária dedicada, por um confrade mais velho, aos jovens;

A Pagina do Moço Espírita

5 Perguntas-tests para respostas de público.

Integração, se houver, de novos elementos.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE
A Vida e as Faculdades da Vidente

CAPITULO I
Lugar de seu nascimento e primeiros anos de sua existência

Perto da cidade de Löwenstein, no Würtenberg, no meio dessas montanhas, cujo ponto mais elevado atinge a altura de 1879 pés acima do nivel do mar, cercada, em todas as partes, de colinas e vales, num recanto pitoresco, estende-se a aldeiazinha de Prevorst. Conta, então, pouco mais de 400 habitantes, cuja maior parte vive da exploração da floresta, pelo fabrico de carvão e a colheita de frutos florestais.

Constituem, como todos os montanheses, uma raça vigorosa e a maioria deles atinge uma idade avançada, sem conhecer os estragos das enfermidades. As afecções ordinárias dos habitantes das planícies, tais como a febre intermitente, são alí desconhecidas, mas perturbações nervosas surgem, muitas vezes, durante a mocidade, o que não se poderia esperar em uma população tão robusta.

Foi, assim, que se verificou, numa localidade chamada Neuhütte, situada como Prevorst, nas montanhas, uma espécie de dansa de São Guido, de caráter epidêmico, sobretudo entre pessôas moças, de tal sorte que foram todos atacados ao mesmo tempo. Como todas as pessoas submetidas à influência magnética, conhecem o momento preciso em que o ataque vai dar-se e, se estão no meio dos campos quando a crise se aproxima, se apressam em voltar para suas casas e caem, logo, em convulsões, durante as quais se sacodem durante uma hora e mais, com a mais espantosa regularidade, guardando a cadência com uma precisão tal como o faría o dansarino mais hábil. Após isto, saem, frequentemente, como de um sono magnético, sem guardar recordação alguma do que se passou. E' certo que êsses montanheses são particularmente sensíveis às influencias magnéticas e citamos, entre as provas que podemos dar, sua sensibilidade aos remédios simpáticos e sua faculdade de descobrir fontes dágua por meio da varinha divinatória.

Foi no ano de 1801 no meio dessas altas montanhas, na aldeiazinha de Prevorst, que nasceu uma mulher, que, desde a mais tenra idade, deu provas dessa extraordinária vida interior, cujos fenômenos fornecerão o assunto dêste livro.

Frederica Hauffe, comumente chamada a vidente de Prevorst, cujo pai exercia as funções de guarda-caça do distrito florestal, fôra educada, em consequência do natural isolamento da localidade, no estado da maior simplicidade e ingenuidade. Criada ao ar vivo das montanhas, endurecida pelos longos invernos que, muitas vezes, aí reinam, não habituada a roupas quentes nem a leitos macios, ela se tornou uma menina alegre, de vivas côres. Enqanto suas irmãs, com a mesma educação, foram, desde a sua primeira infância, atingidas pela gota, nada de semelhante se observou nela, mas, como contra parte dessa imunidade, descobriu-se nela, numa idade ainda um pouco mais avançada, uma faculdade incontestável de antecipação sobrenatural ou de pressentimento, que se manifestava, muitas vezes, sob a forma profética.

Se ela suportou censuras, experimentou aborrecimentos, ou, se de uma forma qualquer, o seu espírito foi perturbado ou os seus sentimentos feridos, constantemente, durante o repouso da noite, era levada a êsses retiros profundos, nos quais era visitada por visões instrutivas, premonitórias ou proféticas.

Assim, numa ocasião em que seu pai perdera um objeto de valor e buscára responsabilizá-la por isto, embora fosse ela inocente, seus sentimentos ficaram tão vivamente sensibilizados que viu, em sonho, o lugar em que se encontrava tal objeto. Desde a mais tenra idade, a varinha de aveleira, entre as suas mãos, indicava a existência dágua e dos metais, dentro da terra. Em uma idade mais adiantada, como essa localidade tão afastada possuisse poucos elementos de cultura intelectual, seus pais se consideraram felizes em confiá-la aos cuidados de seu avô, João Schmidgall, que morava em Löwenstein, situada a uma pequena distância.

Ainda que a simplicidade, a pureza, e a calma dos seus excelentes avós tivessem ajudado a educação, aliás fácil, dessa criança, não tardou ela, com grande pesar deles e sem que para isto tivessem contribuido, a apresentar, frequentemente, fenômenos espirituais e sobrenaturais. Havia, com efeito, na natureza dessa jovem, algo que não se podia mais recalcar, que se não podia impedir o desenvolvimento em seu corpo.

O velho Schmidgall não tardou a observar que, quando ela o acompanhava em seus passeios a lugares solitários, ainda que saltasse alegremente ao seu lado, uma espécie de gravidade e temor parecia tomá-la em certos lugares, sem que lhe fosse possível, durante muito tempo nada disso compreender. Êle observou, igualmente, que ela experimentava as mesmas emoções nos cemitérios ou nas igrejas nas quais houvesse túmulos. Nestas últimas, não podia ficar embaixo e era obrigada a subir para as galerias. O que chamou, porém, a atenção do seu avô muito mais ainda que essa sensibilidade na vizinhança de corpos enterrados, dos metais, etc., foi o facto dela ter consciência da presença dos espíritos.

Assim, havia no castelo de Löwenstein uma peça, antiga cozinha, na qual ela não podia nunca olhar nem entrar, sem ficar profundamente perturbada. No mesmo lugar, alguns anos mais tarde, uma senhora, presa de grande terror, viu o espetro de uma mulher, e, todavia, jamais ouvira falar das emoções experimentadas pela mocinha.

Com grande pesar da sua família, essa sensibilidade às influências espirituais, que eram imperceptíveis aos outros, manifestou-se logo, de uma maneira surpreendente. Foi na casa do seu avô que um espetro apareceu, pela primeira vez, à pobre moça. Aí, pela meia noite, ela viu, no corredor, uma grande forma sombria, que, passando perto de si, suspirando, parou na extremidade do vestíbulo e virou-se para ela; uma figura de que se lembraria toda a sua vida. Essa primeira aparição não lhe causou mais apreensão que todas as que viu durante a sua vida. Ela olhou o espírito com calma, depois, dirigindo-se ao seu avô, disse: — «Há no corredor um homem bem estranho, vinde vê-lo». O velho, porém, espantado com isto (porque êle também vira no mesmo lugar uma aparição semelhante, sem nunca lhe ter falado disto), fez o que poude para persuadi-la de que ela se enganára e, desde êsse momento, não lhe permitiu deixar mais o quarto, durante a noite.

Essas faculdades, tão importantes quão incômodas, não traziam, entretanto, nenhuma modificação na maneira de viver da jovem. Ela continuou a mais alegre de todas as suas companheiras, ainda que tivesse ficado encerrada em seu quarto durante muito tempo, por causa de uma extraordinária sensibilidade que durou um ano inteiro e que foi, talvez, uma preparação sua, para vêr, com olhos normais, coisas invisíveis a outros, advento, de alguma sorte, de uma faculdade de visão espiritual, por meio de orgãos carnais.

Um pouco mais tarde, uma penosa doença de seus pais a reconduziu à aldeia isolada de Prevorst, onde, sob o golpe da tristeza e das vigílias passadas junto do leito dos enfêrmos, seus sentimentos foram mantidos, durante um ano inteiro, num grande estado de exaltação. Tambem, como consequência, os sonhos proféticos e a percepção das coisas completamente ocultas às pessoas em estado normal continuaram por todo êsse período de tempo.

Numa idade mais avançada ainda, encontramô-la em casa de seus pais em Oberstenfeld, que foi, durante certo tempo, a morada oficial de sua família. Dos 17 aos 19 anos, intervalo durante o qual foi sobremodo sujeita a influências agradáveis e cheias de movimento, pareceu ter perdido, em certo limite, as suas faculdades de percepção interna, não se fazendo notar senão por um caráter mais espiritual que no comum das pessoas e o qual demonstrava nos seus olhares, assim como por uma maior jovialidade, sem, entretanto, afastar-se das maneiras habituais e dos modos de comportar-se das moças do seu meio. A despeito de todos os falsos ruidos que se espalhavam a seu respeito, é absolutamente certo que, mesmo nessa idade em que se é mais suscetível de tais sentimentos, ela não contraiu nenhuma ligação, nem experimentou jamais decepções em suas afeições.

Para atender aos desejos de seus pais e amigos, aos 19 anos, casou-se com o Sr. Hauffe, aliado à família de um seu tio, união que só lhe podia ser agradável, tanto por causa da retidão do seu marido como pela perspectiva de uma proteção adequada. Mas, seja porque fôsse avisada, por um pressentimento, dos seus futuros anos de sofrimentos e doenças, seja por outra razão que manteve oculta, o que é certo é que não foi em consequência de desapontamento nas suas afeições que caiu, nessa época, num estado de depressão de que os seus amigos não se apercebiam, chorando, todo o dia, no celeiro da casa paterna, onde se refugiava, ficando cinco semanas sem sono. Também caiu sob o jugo da exaltação da sensibilidade, já ocorrido em sua infância.

Ora, aconteceu que os funerais do muito honrado ministro de Obertenfeld foram celebrados no mesmo dia do seu casamento e êsse sacerdote, com os seus sermões, seus ensinamentos e as suas relações pessoais (e êle fôra um modêlo de retidão) tivera sôbre a sua vida uma influência considerável.

No dia do entêrro, acompanhou até o cemitério os seus restos mortais e, embora o seu coração se mantivesse abatido até lá, chegada à sepultura, sentiu-se leve e alegre. Uma maravilhosa vida interna nela nasceu de repente, ficou completamente calma e teve-se trabalho em afastá-la do túmulo. Pouco a pouco, todas as suas lágrimas secaram, recuperou a serenidade e, desde êsse momento, ficou indiferente às coisas dêste mundo. Após algumas perturbações, começou a viver a sua própria vida interior.

Mais tarde, mergulhada em estado sonambúlico, fez alusão a êsse acontecimento, numa época em que o morto tinha o hábito de aparecer-lhe sob forma luminosa, abençoando-a e protegendo-a contra a influência de um máu espírito.

(Continua)

Evangelho Vivo!

J. B. Chagas

PAULO, na sua admirável carta dirigida a Tiago, advertiu sensatamente, que o Pai não julga pelas aparências nem pela sabedoria do mundo, antes que deviamos mostrar pela bôa conversação as obras em mansidão de sabedoria, mas que pelas nossas palavras seríamos julgados. Aconselhando, mesmo, que era necessário guardar a continência no falar, e que ninguém devia se fazer mestre, para julgar o seu próximo, porque estaria exposto a um juizo mais severo. — «Quem dentre vós outros é sábio e instruido?» . . .

O varão perfeito não tropeça em qualquar palavra. Se, porventura, pode suster com um freio todo o corpo de uma alimária, todavia, não o faz à própria língua que, na verdade, é um pequenino membro, no entanto, de grandes coisas se vangloria.

Como uma faísca insignificante é capaz de atear um incêndio, assim também a língua, é capaz de um mundo de iniquidades. E êsse órgão do corpo, aparentemente tão pequeno, pode contaminar todo o corpo e perdê-lo, tisnando a roda do nosso nascimento, quando inflamada do fogo do inferno. (Cap. III/5 e 6).

Urge atentarmos seriamente para a incontinência da língua, pondo-lhe um freio, como fazemos com os cavalos, quando queremos que nos obedeçam.

Com facilidade conseguimos domar as alimárias; a língua, todavia, dificilmente o conseguimos, pois, com ela louvamos a Deus, com ela, ao mesmo tempo, amaldiçoamos os nossos irmãos e semelhantes.

Por mais de uma vez, o Cristo, aconselhou a humildade aos seus discípulos, prégando e exemplificando, a dizer-lhes: Humilhai-vos e o Senhor vos exaltarà. Chegai-vos a Deus e êle chegará até vós. Lavai, pecadores, as mãos: e os que são de ânimo dobrado, purificai os corações. Afligí-vos a vós mesmos, lamentai e chorai; converta-se o vosso riso em pranto e a vossa alegria em tristeza». (Cap. IV-8,9 e 10)

O contrário é o que fazemos. Tal é a nossa pretensão que, onde quer que estejamos, procuramos logo os primeiros lugares; si algo fazemos para agradar a Cristo, consentimos que nos enalteçam, que nos exaltem, e que cometam verdadeiras injúrias ao Cristo, com êsse desfiar de louvores, através de arroubos de oratória ôca.

— «O que dentre vós é o maior, seja o que vos sirva, mas todo aquele que se exaltar ou fôr exaltado, será humilhado!...

Nada mais claro. Mas, como a perfeição integral ainda não é dêste mundo, só um ente na terra poderia ser classificado um *evangelho vivo*, o próprio Cristo, porque, sendo puro, sem pecado, portanto, estava isento de tentação, pela sua pureza. Foi mistér, todavia, que o *verbo se fizesse carne e habitasse entre nós!* Habitasse entre nós para sofrer na carne e deixar grandiosos exemplos aos provindouros.

E' bem verdade que alguns dos seguidores do Cristo, pelo testemunho eloquente que deram na hora azada, podem ser considerados, muito justamente, um *evangelho vivo,* sem qualquer menosprêzo á figura do Mestre Amado.

E apenas como ilustração deste modesto esboço crítico, sem qualquer preocupação cronológica ou geográfica, vamos citar os nomes e, resumidamente, os feitos, pelos quais passaram á Imortalidade e cuja memória terá que se eternizar pelos séculos afóra, como o mais sagrado penhor de consagração, estima e respeito, para que todas as gerações possam encontrar nos seus exemplos grandiosos, o modêlo ideal, o roteiro seguro nas horas trêdas das amarguras e das atribulações terrenas — imitando-os na sublimidade do testemunho real, evidente de fé e destemor, diante das circunstâncias mais adversas, demonstrativo do imensurável amor pelo Cristo, e verdades por êle prègadas e exemplificadas.

Nêsse grandioso testemunho de fé, enfrentavam estoicamente os mais terriveis suplícios e torturas, as lapidações, os dentes das feras, até a propria morte, com os olhos voltados para o Alto, como a vislumbrar, no infinito, Jesus de braços abertos a lhes dizer: — «Vinde benditos de meu Pai; possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo!...»

Muito antes da era cristã, outros homens já haviam pago muito caro o seu destemor pela verdade e pela liberdade.

Dentre êstes, avultam num primeiro plano, Sócrates, Tiradentes, o mártir da Independencia. Êstes podem, realmente, ser considerados um *Evangelho vivo!*

Era Sócrates, o genial filósofo grego, grande estudioso da Física e da Astronomia, mas que não tardou, grandemente influenciado pela leitura constante de Anaxagoras, a imprimir uma nova direção a seu espírito, concluindo por conceber que a lei dominante em toda a filosofia, como efeito essencial da inteligência, é a noção do bem. Sócrates tinha de Deus uma idéia sublime e proclamava a unidade do Ente Supremo. Combatia desassombradamente, com aspereza e sarcasmos a sofística e a falsa retórica, e com isso grangeou inimigos. Acusado de impiedade pelos farizeus do seu tempo, pois os houve em todas as épocas — *stultotum númerus est infinitus* — e de corromper a mocidade, com o proclamar os dogmas da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Foi acusado, ainda, de ter atacado as crênças herdadadas e pôs a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro dos formalismos.

Condenado pelo tribunal a beber cicuta, aí portou-se altiva e dignamente, levando a taça aos lábios, morrendo estoicamente, diante da turba estupefata! E êsse gesto desassombrado de Sócrates, o colocou entre as grandes figuras de todos os tempos.

* * *

Galileu, é outro símbolo da virtude, do sacrifício e do destemor pela morte, diante da adversidade maior para seu prestígio de sábio.

Exigiram que êle em nome do dogma, negasse a ciência! Homem culto, matemático, físico e astrônomo, as suas obras muito enriqueceram a ciência. Descobriu a lei do isocronismo das pequenas oscilações de um pêndulo, lei que utilisou para a regularização do relógio. Inventou o termómetro e a balança hidrostática, estabeleceu os princípios da dinâmica moderna e construiu em 1609, em Veneza, a primeira luneta astronômica, por meio da qual descobriu as vibrações da lua. As suas observações, levaram-no a adotar o sistêma do mundo proposto por Copérnico, proclamando que o centro do mundo planetário era o Sol e não o eixo da Terra e que estava em volta daquele como os outros planetas, que refletem o Sol. Esta verdade, assim professada e proclamada, valeu-lhe a animadversão dos escolásticos e da Cúria Romana, que declaram herético o sistêma de Copérnico. E Galileu, então, para escapar à morte na fogueira, teve de abjurar de joelhos, com as mãos postas sôbre os Evangelhos, perante o Tribunal da Inquisição, presidido pelo papa Urbano VIII e uma comissão de oito cardeais, que a sua pretendida teoria do movimento da Terra, era heresia, sendo obrigado a prestar o seguinte juramento solene: — «Eu, Galileu, com setenta anos de idade, como prisioneiro e ajoelhado diante de vossas Eminências, tendo sob os olhos os santos Evangelhos e tocando-os com as próprias mãos, abjuro, maldigo e detesto o êrro e a *heresia* do movimento da terra».

Apesar disso, todavia, conta a Historia, que Galileu, ao deixar o tribunal, dissera entre-dentes: — «*E pur, si muove!*» E contudo, ela move-se!

Mas, com que mágua no coração não teria êle proferido aquela sentença de declarar uma inverdade àquilo que lhe custára muitos dias de incansáveis labores, e de cuja existência conscientemente estava certo?

E ser obrigado a negar, publicamente, uma verdade que muitos séculos depois, entraria no rol das cousas corriqueiras, devia ter constituido para aquela alma eleita, o maior de todos os sacrifícios! E por ter sabido suportar tão grande provação, Galileu, fez jús a ser considerado um dos grandes benfeitores da Humanidade. Testemunho êsse de um *evangelho vivo!*

* * *

E' *Livia*, pelo amor do Cristo, trocar a sua toga e a sua túnica de patrícia romana, que lhe garantiam imunidades e impunidade, mesmo naquêle transe doloroso, com a sua escrava Ana, e enfrentar estoicamente os dentes das féras!

E' *Estevam*, no seu destemor perante o Sinhedrio, a declarar dessassombradamente: — «Senhores, a paz difere da violência, tanto quanto a fôrça do Cristo diverge da vossa!» E com essa mesma coragem indômita, enfrenta e aceita a morte pelo apedrejamento, sob os olhares impávidos de um Saulo de Tarso, e morre, gloriosamente, a dizer, perdoando os seus algozes: — «Senhor, não lhe imputes êste pecado!

E' *Abigail* assistindo placidamente ao sacrifício do seu pai e de seu irmão Jeziel, a entoar um cântico ao onipotente, com toda unção e sentimento, «que parecia mais o gorgeio de dôr de um rouxinol que cantasse, ferido, numa alvorada de primavera», nêsse exórdio felicissimo de Emanuel — gorgeio tão mavioso a ponto de atingir profundamente o coração do verdugo romano Lucinio Minicio!

E' *Saulo de Tarso* tocado pela luz do Céu, na estrada de Damasco, abandonar a sua toga de doutor da lei e todas as prerrogativas do seu cargo, para se tornar escravo do Cristo e seu leal servidor, aceitando prazeirosamente o *onus* dessa atitude e a própria morte, pelas mesmas circunstâncias impostas a Estevam, no testemunho eloquentíssimo de amor a Cristo!

E' *Santo Agostinho*, o libertino, o homem mundano, convertido ao Cristo pelas preces de Santa Monica, que se transforma num dos grandes pregoeiros do Evangelho!

⁂

Poderiamos, prolongar esta lista ao Infinito, mas os exemplos adiante citados são mais que suficientes para credenciar a nossa afirmativa de início, que nunca é demais repetir: — «Ninguém pode ser considerado na Terra um evangelho vivo sem as *marcas do sacrifício* pelo Cristo, de que nos fala Emanuel, em o livro «PAULO E ESTEVAM».

Nova-Iguassú, Setembro de 1946.

EM TORNO DE UM LIVRO

I

NUNCA se falou tanto em liberdade como nos dias de opressão que estamos atravessando, nem se falou tanto em paz como nestes tempos tormentosos de guerra. E' a lei dos contrastes. Talvez pelo imperativo dela foi que *Emery Reves* escreveu seu oportuno livro intitulado «ANATOMIA DA PAZ», que vem sendo muito citado e apreciado sem restrições. Lendo-o, a mim me pareceu que o seu capítulo «FALÊNCIA DA RELIGIÃO» está a merecer, não direi própriamente um reparo, mas uma interpretação diferente daquela que o autor lhe deu e que vem sendo seguida pelos apreciadores do livro.

Diz êle textualmente: «O assassinato, a tortura, a perseguição e a opressão em grande escala que estamos testemunhando em pleno século vinte provam a completa falência do cristianismo como fôrça civilizadora, seu fracasso como instrumento para dominar as paixões dos instintos humanos e transformar o homem de animal em ser social racional».

Neste período, está-nos parecendo, que o autor tomou a expressão *cristianismo* por alguns dos seus mais viçosos ramos, exatamente por aqueles que tendo se transformado em religiões oficiais organizadas da maioria, tornaram-se responsáveis, com sua falência, pelo caótico estado de coisas em que nos encontramos. Êsses renovos que como parasitas sugaram toda a seiva do primitivo tronco, impedindo-lhe a benéfica expansão é que fracassaram como fôrça civilizadora que pretendiam ser, como instrumentos para dominar as paixões dos instintos humanos e transformar o homem de animal em ser social racional.

O assassinato, a tortura, a perseguição e a opressão, numa palavra, o instinto belicoso do homem é congênito da natureza humana — nasce com ela. E para que êsse instinto aparecesse com o homem no àpice da escala zoológica, era preciso que êle o acompanhasse através de tôda a escala animal. Basta isso para avaliar a extraordinária fôrça desse instinto e o quanto está êle enraigado nos mais recônditos recessos da natureza humana. Como havemos de querer, pois, que ao ganharmos a luz da razão encontremos uma fôrça civilizadora qualquer, capaz de, numa única e breve existência carnal, extirpar pela raiz tão feroz instinto herdado dos nossos mais selvagens ancestrais? O cristianismo não faz milagre, como de resto não o faz nenhum dos seus renovos que pretenderam fazê-lo.

Considere o autor que, assim como a alma animal vem ascendendo na escala zoológica em busca do próprio aperfeiçoamento, chegando no último degrau e atingindo o estado de humanidade, continua ela a mesma peregrinação em corpos diferentes, sempre em busca de aperfeiçoamento para o progresso infinito; considere que em cada uma dessas peregrinações é desbastada uma aresta do seu poliformo e brutal instinto; considere que serão necessárias muitas reincarnações para que essa tarefa se cumpra; considere que a todo momento atingem o grau de humanidade novos espíritos que trazem os mesmos instintos grosseiros a ser burilados; considere isso o autor e veja que o vero cristianismo não fracassou na sua mais alta e augusta missão.

No período seguinte prossegue Emery Reves: «O renascimento da barbaria e da prática generalizada do massacre em massa em todo o mundo não pode ser considerado obra de uns poucos agentes sádicos e sem Deus da Gestapo e alguns crentes fanáticos do Shintoismo. Êsses crimes vêm sendo cometidos por numerosos freqüentadores de igreja de muitas nacionalidades». Neste ponto estamos de pleno acôrdo com o autor. A entronização do regime da fôrça e da violência em quasi todos os pontos do planeta não pode ser trabalho de meia duzia de depravados; ela encontra inúmeros comparsas, exatamente os «frequentadores de igreja de muitas nacionalidades». Essas igrejas, ou seitas, ou religiões, sim, é que faliram na obra civilizadora que empreenderam. Já as comparamos aos ramos do tronco mater que é o cristianismo, ou melhor, já as comparamos aos parasitas sugando a a seiva dêsse tronco. Mas se quisermos usar as próprias palavras do fundador do cristianismo, podemos dizer com Êle: «Eu sou a videira; vós sois as varas. Aquele que permanece em mim e no qual eu permaneço, dá muito fruto, pois sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, é lançado fora como a vara, e seca-se; semelhantes varas são ajuntadas, lançadas no fogo, e elas ardem.» (João, XV, 5: 6).

Portanto, ó igrejas, ó religiões! Vós que sois os ramos do cristianismo; vós que sois as varas da videira, e que, não segundo a nossa opinião, mas segundo a do autor de «Anatomia da Paz» não tendes dado fruto algum, não tendes permanecido junto à vide, tomai cuidado; ainda é tempo de retroceder! Se não o fizerdes, sereis lançadas fora como a vara, e secareis; e sereis lançadas no fogo que alimentastes, e ardereis!

Se nos fôsse permitido, repetiriamos aqui, porque aqui vão muito bem, estas palavras do Cristo: «Quem tem ouvidos de ouvir, ouça!»

Mais adiante continua o autor que vimos estudando: «Milhões de inocentes têm sido assassinados a sangue frio, dezenas de milhões foram saqueados, deportados e escravizados por cristãos, descendentes de famílias que durante séculos pertenceram às igrejas católica romana, grega e protestante. Estas ações, mais ferozes e sanguinárias do que quaisquer outras registradas pela história ocidental, têm sido toleradas, e portanto, tácitamente admitidas por cada uma e todas as religiões cristãs organizadas.» Agora, sim, acertou a pena o preclaro autor e chegou a conclusão de que a falência é das religiões cristãs organizadas e não do cristianismo em si. De facto, as religiões cristãs organizadas é que dizem que «os fins justificam os meios»; elas é que apregoam que «fora da Biblia não ha salvação»; enquanto o verdadeiro cristianismo diz «fora da caridade não ha salvação»; perdoai sempre, amai aos vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem.

Portanto, si ao abrir o capítulo que vimos estudando, o autor tivesse empregado as palavras «religiões cristãs organizadas», em lugar da palavra «cristianismo», nenhuma divergência teriamos tido inicialmente.

Em diversos outros pontos também usou êle esta palavra por aquelas. «A falência do cristianismo como fôrça civilizadora da sociedade constitue uma tragédia incalculavel». Não estamos de acôrdo. Usando suas próprias palavras anteriores, redija-se assim: «A falência *das religiões cristãs organizadas* como fôrça civilizadora da sociedade constitue uma tragédia incalculável, e tudo ficará claro.» Noutro local se lê: «Infelizmente o cristianismo se transformou numa hierarquia cada vez mais dogmatica e totalitária, e a reação descambou primeiro para o cisma, depois para um sectarismo generalizado». Aqui a confusão foi profunda e completa. Então foi o cristianismo que se transformou numa perfeita organização hierarquica, desde o mais inexpressivo presbítero até o Sumo Sacerdote que enfeixa em suas mãos todo o poder, numa centralização totalitária; então foi o cristianismo que se tornou dogmático, cismático e sectário, ou foram as religiões organizadas que dêle brotaram, como já vimos? No trecho em apreço, substitua-se assim: Infelizmente, *as religiões cristãs organizadas,* transformaram-se numa hierarquia cada vez mais dogmática e totalitária, e a reação descambou primeiro para o cisma, depois para um sectarismo generalizado.

Diz mais o livro em análise: «Devemos reconhecer que os dez mandamentos, os ensinamentos morais dos profetas, de Cristo, dos evangelistas e dos apóstolos não podem ser transformados em realidade neste mundo de esclarecimento, de ciência, de progresso técnico e de comunicações, pelo uso de métodos inventados ha séculos pelos fundadores das religiões, de acordo com as circunstâncias do seu tempo — métodos que são inteiramente ineficiêntes hoje». Não estamos de acordo. O Decálogo e os ensinamentos morais dos profetas, de Cristo, dos evangelistas, dos apóstolos, em suma — os ensinamentos morais do cristianismo, para se transformarem em realidade não estavam dependentes do uso de nenhum método inventado por fundador de religião — êles trazem a realidade em si mesmos. O mundo é que não poude suporta-los e não os pode ainda; o mundo é que adulterou o Decálogo, escorraçou os profetas, crucificou o Cristo, lapidou os evangelistas e os apóstolos. E por que é que o mundo não poude e ainda não pode suportá los, tendo se entregado ao delírio das paixões desordenadas que o conduziu às hecatombes das mais funestas consequências? Uma vez mais respondemos: E' que, nem o Cristo, nem nenhum dos seus enviados deviam realizar o milagre de sondar no íntimo da criatura humana os instintos congênitos herdados da ancestralidade animal. Isso é obra que só ao tempo compete realizar, através das incarnações sucessivas.

Lembremos as palavras do fundador do cristianismo quando dissera que muitas outras coisas tinha ainda a nos dizer, isto é, muitos outros ensinamentos tinha a nos dar, muitas outras revelações tinha a nos fazer, mas que o mundo ainda não podia suportá-los; porém, quando Êle fôsse, então haveria de nos mandar o Paráclito, ou o Espírito Consolador, ou o Espírito de Verdade para nos ensinar todas as coisas e relembrar tudo o que tinhamos esquecido. Êsse Paráclito ou Consolador Prometido é essa plêiade de espíritos iluminados, enviados do Cristo, que hoje trabalha para implantar na face da Terra o reinado da paz e da justiça. Ouçamos os seus ensinamentos, demos ouvidos às suas palavras, porque perto está o tempo em que o planeta deve atingir um novo gráu na escala da sua evolução, época em que os recalcitrantes serão alijados para um mundo de acôrdo com as suas necessidades, segundo o símbolo bíblico da quéda do primeiro homem e expulsão do paraíso. Essas são as trevas exteriores, onde há chôro e ranger de dentes.

«Não existe aquí — diz Emery Reves — a intenção de acusar ou submeter a julgamento qualquer das religiões organizadas por tolerarem estas irrupções de animalismo pré-histórico e atávico no homem». Fazemos nossas essas palavras e com elas terminamos esta perlenga, prometendo voltar novamente ao assunto no próximo número.

Elídio Taveiros.

CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA

(Continuação)

CEPA

ESTATUTOS

Art. 7.º — Nas Nações da América em que o movimento espirítico não esteja organizado em Entidades Centrais, reconhecidas, as sociedades poderão integrar a CEPA, mediante prévia união em um Conselho de Relações de pelo menos cinco sociedades com um mínimo de trezentos associados em conjunto, assumindo em tais casos o mencionado Conselho a representação das mesmas, isto em razão de que um dos propósitos da CEPA é a organisação federativa do movimento espirítico.

Art. 8.º — As Entidades não filiadas às organizações Centrais Federativas poderão integrar a CEPA, mediante prévia união das mesmas em Conselho de Relações de pelo menos cinco Sociedades com um conjunto total de trezentos associados nas condições referidas no art. 6.º, assumindo em tais casos o mencionado Conselho a representação das mesmas.

Art. 9.º — A filiação nas condições estabelecidas nos artigos 6.º, 7.º e 8.º importa o exercício da plenitude de direitos e responsabilidades na direção e governo da CEPA, a qual, entretanto poderá admitir adesões de quaisquer sociedades, centros, ligas, instituições, ateneus, bibliotécas e publicações em geral, de caráter espirítico, bem como adesões individuais, abonando os direitos de inscrição e adesão que se estabeleçam, podendo gozar de todos os direitos, excepto o de voto.

Art. 10.º — A filiação e adesão à CEPA com os inherentes direitos se perdem nos seguintes casos:

a) Renúncia formulada por escrito, devidamente legalizada pelas autoridades da organização renunciante.

b) Exclusão determinada pelo Conselho Executivo em virtude de não cumprimento dos deveres estipulados nestes Estatutos e no que respeita às contribuições e provisões dos elementos de julgamento que permitam determinar o caráter de suas atividades e orientação.

c) Suspensão determinada pelo Conselho Executivo por atos que importem prejuizos morais e materiais de gravidade para o movimento espirítico, cometidos pelos Organismos filiados ou adesos e por seus filiados.

Art. 11.º — Em todos os casos de aplicação de sanções, das mencionadas no art. anterior, incisos «b» e «c», o Conselho Executivo convidará a Organização acusada a regularizar sua situação e a dar as explicações do caso, podendo as Entidades afetadas pela medida recorrer ao Conselho Federal; e, em última instância, apelar para o Conselho que se pronunciará em definitivo sôbre a situação criada, ficando, todavia, totalmente supensa de seus direitos à organização ou entidades objeto da sanção.

Art. 12.º — Toda Entidade excluída ou suspensa da CEPA poderá reintegrar à mesma uma vez desaparecidas as causas que motivaram a medida. Para tal efeito apresentará a documentação pertinente, de retorno.

Art. 13.º — As Organizações filiadas à CEPA deverão enviar à Secretaria Geral da mesma um Relatório anual das atividades desenvolvidas e em especial informação minuciosa sôbre o estado em que se encontra o Espiritismo e demais atividades relativas ao país que representam. O mesmo deverão fazer as entidades adesas para verificação de suas atividades e atuação espiríticas.

Art. 14.º—Cada organização filiada contribuirá para a manutenção da CEPA com a soma de CEM PESOS, moeda nacional argentina ou seu equivalente na do país que representa, por ano; os Conselhos de Relações com a soma de CINCOENTA PESOS; as entidades em geral, adesas, e publicações, separadamente, com a soma de VINTE E CINCO PESOS; e os particulares adesos, com a soma de QUINZE PESOS. Todas estas contribuições em moeda argentina ou equivalente do país a que pertençam, e anuais, com direito, em geral, ao recebimento de publicações, relatórios e informes que edite o Conselho Executivo. As contribuições poderão ser modificadas pelos sucessivos Congressos, tanto no montante como no padrão de moeda.

III — Órgãos de Direção e Administração

Art. 15.º — Os órgãos de direção e administração da CEPA são os seguintes:

a) Congresso Pan Americano
b) Conselho Federal
c) Conselho Executivo

IV. — Congresso Pan Americano

Art. 16.º — O Congresso Pan Americano é a autoridade suprema da organisação em toda a América. — Reune-se de 3 em 3 anos e quando circunstâncias especiais exijam sua convocação em caráter extraordinário. Tem por objeto rever a ação desenvolvida em cada período trienal, examinar as questões de princípios que se proponham relativamente ao corpo de Doutrina do Espiritismo e os assuntos vinculados à organisação do movimento espirítico, bem como no concernente à modificação e reforma dos presentes Estatutos.

Art. 17.º — Os Congressos se realizarão nos diversos países americanos seguindo à ordem alfabética determinada para a designação da séde oficial, com as limitações estabelecidas no art. 4.º, de modo que se constituam as Autoridades no mesmo país em que se realize o Congresso.

Art. 18.º — Os Congressos adotarão as seguintes normas de votação.

a) Nas questões fundamentais que impliquem fixar determinada orientação à CEPA ou traçar normas diretrizes gerais de ação, as votações se efetuarão por nação. Para tal as diversas Delegações de um mesmo país unificarão critério, suspendendo-se, se necessário for, por momentos, as deliberações, para que os núcleos de representação de cada nação cheguem a um entendimento que reflita o pensamento da maioria.

b) Nas restantes questões se computarão os votos individualmente.

(Continua)

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd. — Do que dizeis depreende-se que estivestes obsedando várias pessoas, e em vossos esforços para matar-vos, provavelmente levastes algumas a se suicidarem. Não vos achastes por vezes em estranha situação?

Esp. — Não chego a entender-me. (Alarmado) Oh, Alice! (espírito). Não, não! Tenho mêdo! Não queria fazer o que fiz. Não, Alice. Não me acuse!

Méd. — Contai-nos o que vos preocupa e vos auxiliaremos.

Esp. — Dissemos um ao outro que morreriamos, mas não morremos. Alice, porque me disse para matá-la? Porque? Matei-a primeiro e depois me suicidei, mas não morri. Oh, Alice, Alice!

Méd. — E' possível que ela tenha compreendido o seu estado melhor que vós.

Esp. — Ela diz: «Ralph, fomos uns tolos». Eu vos contarei tudo, mas sei que serei preso logo que sair daquí.

Eu e Alice estavamos para nos casar, mas os pais dela não queriam porque pensavam que eu não era o que devería ser. Amavamo-nos muito e decidimos que eu a mataria e depois me suicidaria.

Assim fiz, porém não pude matar-me, e, como Alice está aquí, também não a matei. Desde então procuro matá-la, ela aparece e acusa-me.

Eu e Alice estavamos juntos e ela dizia a toda hora: «Agora, mata-me! Depressa, Depressa! Mata-me! Ande! Atire, atire!» Hesitava porque a amava, porém ela continuava a dizer: «Atire depressa. Atire!» Eu ainda hesitava, mas Alice dizia: «Agora, ande, atire. Depressa!» Eu não podia, mas ela insistia que desde que não podiamos voltar para casa nem nos casarmos, porque então não morrermos juntos. Ela não queria matar-se, nem eu o queria fazer. Continuou a insistir que a matasse, então fechei os olhos e atirei nela, atirando depois em mim, quando a vi cair. Vi-a no chão e procurei correr depois que me levantei. Corri, corri e continuo a correr, procurando esquecer, mas não posso.

A's vezes Alice aparece e eu lhe digo: «Não fui a causa de sua morte. Afaste-se de mim». Corro da polícia e de todos. Há pouco parecia que eu era uma senhora idosa e não podia deixar de sê-lo por muito tempo. Deixei de sê-lo, mas logo depois voltei a ser de novo uma mulher velha.

Méd. — Estivestes obsedando alguém naquela ocasião.

Esp. — Obsedando? O que é isso?

Méd. — Nunca leste na Bíblia sôbre os espíritos impuros?

Esp. — Sim, li. Quando eu era uma mulher velha queria morrer, mas não podia. Não podia também desembaraçar-me dela. Não podia afastá-la de mim. Não quero ficar mais com aquela mulher (Agitado) Oh, Alice, não venha! Quando estava com aquela senhora idosa haviam fagulhas como relâmpagos sôbre mim. Pensei que queriam matar-me e desejava morrer. (A paciente dissera muitas vezes que achava que o tratamento elétrico a mataria). Pareciam centelhas que me feriam, porém eu não morri.

Méd. — Aquelas chispas eram causadas por eletricidade estática, que foi aplicada a um dos nossos pacientes, ao qual evidentemente estáveis obsedando. Ela sempre falava em morrer, tal como estais fazendo, porque a dominaveis. A eletricidade vos afastou dela; ela ficará boa e sereis auxiliado. Quando partirdes daquí, ireis com Alice, que vos ajudará a compreender vossa situação. Ainda não verificastes que perdestes o vosso corpo físico e que estais ainda vivo. Alice é um espírito, tal como vós. Sois um espírito invisível e estais usando o corpo de minha esposa. Espírito e inteligência nunca morrem.

Esp. — Pensais que um dia terei paz? Gostaria de ter ao menos uma hora de socêgo.

Méd. — Tendes a eternidade diante de vós.

Esp. — Serei perdoado pelo que fiz?

Méd. — Vossa confissão e arrependimento são suficientes. Sede pacientes e sereis auxiliado.

Esp. Está ali a minha mãe! (Espírito). Mamãe! Não sou digno de ser chamado seu filho. Amei-a muito, mas não sou digno de que se aproxime de mim. (Chorando). Oh, mamãe, perdoe-me. Eu a amo ainda. Quer receber o seu filho transviado e perdoá-lo? Quer dar-me um pouco de felicidade? Sofri muito, oh, muito. Leve-me consigo, se me perdoa. Oh, mamãe!

Méd. — A vossa mãe vos responde?

Esp. — Ela diz: «Meu filho, querido filho, o amor de mãe é mais forte do que tudo. Tenho andado à sua procura, mas sempre que chegava perto de si recomeçava a fugir.

O espírito de Stevenson desincorporou-se e a sua mãe falou então pela médium.

Espírito: Sra. Stevenson.

«Estou agora com o meu filho querido. Há muito que procurava chegar-me a êle, mas não pude. Cada vez que pensava alcançá-lo, fugia êle de mim.

Êle me viu muitas vezes, mas teve mêdo, porque lhe ensinaram a falsa doutrina de que, quando morremos, estamos mortos e é por isto que o povo tem mêdo dos mortos. Não morremos; apenas passamos para o lado espiritual da vida, para uma bela condição se compreendemos a verdade. Devemos lêr muito sôbre a vida futura quando estavamos na Terra.

Há anos que êle está fugindo, procurando esconder-se de mim e de sua namorada, bem como de todo o policial que aí vê. Esteve obsedando uma senhora, porque lhe penetrou na aura magnética e não soube sair. Esteve no inferno, não em um inferno de fogo, mas de ignorância. Procuremos conhecer as condições da vida futura, de modo que estejamos preparados para a morte, quando ela vier. Preparemo-nos não pela fé, mas pelo conhecimento. Procuremos o que há além do véu da morte. Então, quando chegar o tempo de passarmos para o lado espiritual da vida, iremos de olhos abertos e saberemos para onde estamos indo, para não acontecer como sucedeu com o meu pobre filho, um espírito errante.

Pobre filho, cansado e atribulado. Cuidarei dêle e ensinar-lhe-ei a realidade da vida eterna, de modo que possa realizar a bela condição do mundo espiritual.

Muito agradecida pelo auxílio que destes a meu filho. O amor de mãe é muito forte e, quando meu filho voltar, vereis que êle está melhor, porque todas as dúvidas se dissiparam. A dúvida é uma muralha; é uma muralha que colocamos entre a vida e a morte e tal dúvida nunca póde unir mãe e filho.

Êle fugia de mim, sempre que me via, e nem eu nem Alice pudemos chegar perto dêle. Pensava que estava vivo e que não se matára. Algum tempo depois acercou-se de uma senhora sensitiva e passou a obsedá-la, porém pensava que se achava numa prisão.

Agradeço-vos mais uma vez o auxílio que prestastes a meu filho e rogo a Deus abençôe o trabalho que estais fazendo.

Adeus.

Livros e Autores

HERANÇA DO PECADO — *José Russo, Franca, S. Paulo*

O volume fôra oferecido á apreciação de O LAR, ainda estacionado, mau grado sua direção e seus leitores. Como o «crítico literário» de O LAR é o mesmo...

HERANÇA DO PECADO é uma série, podemos dizer, de depoimentos insuspeitos de casos dolorosissimos de obsesssão. E as obsessões são, via de regra, consequências de terriveis vinganças, de ódios pavorosos do passado. Ai, de quem, por consequência, traz do passado para a vida na carne, inimizades e rancores que houvesse espalhado! Triste herança do passado, esta!

Diz-se, ainda hoje, inconscientemente: «morreu, acabou!»

O Espiritismo veio demonstrar, experimentalmente, que faltam à expressão tradicional fundamentos lógicos. Que o certo seria, para muitos casos, para os casos em que os vingativos se vissem sem recursos fortes para a sua vingança; o certo seria, nesses casos: «morreu, começou»... Aliás, num capitulo do volume, e dos mais substanciosos — *O Ódio Continua* — expõe o autor esta tese com muita precisão. Noventa por cento, senão mais, de loucos que superlotam os manicômios não são mais do que obsediados, do que vítimas de ódios terriveis do passado, que foi o caso de um irmão nosso; que seria, talvez, nosso caso, pela *bisca* que fôramos no passado, se não fosse o Espiritismo...

O livro é de pequeno formato, com umas duzentas páginas, que se lê, com prazer, de uma arrancada. O autor escreve com sobriedade e sem preocupação de estílo e de fazer literatura. Expõe factos e tira conclusões que valem, uns e outras, por lições que vêm a tempo. Além do mais, o livro foi editado para auxiliar as ampliações da «Casa de Saude Allan Kardec», de que é diretor, José Russo, como diz, judiciosamente na sua apresentação. Só por isso, seria para todos os espíritas e não espíritas adquirirem-no.

Segue-se às palavras do autor, uma pagina, AGORA, SENHOR... à guisa de prefácio, de Eufrasino Moreira, digna, também, de atenciosa leitura.

Na abertura do volume, a fotografia do autor: moço, forte e bem disposto.

Um belo índice, para nós, de que nem todos os moços fortes, bem dispostos do Brasil se preocupam, exclusivamente, com o futebol.

Se foi com êsse propósito que José Russo pôs alí sua fotografia, fez muito bem...

FILOSOFIA SIMBÓLICA DA CRUZ — *José Bernardo, Niterói*

Trata-se de um volume em belo formato, com cento e duas páginas, muito bem impresso, papel excelente. Na capa, um «cristo» crucificado impressiona-nos mal, dá-nos idéia de catolicismo. Na cruz, em cada extremidade, uma designação. No alto, *Razão*. *Liberdade*, no braço esquerdo. No direito, *Necessidade*. Em baixo, no sopedaneo, *Autoridade*. E sôbre o peito do «cristo», *Autoridade*. Designações que capitulam as partes do volume, os estudos que nêle se contêm.

Depois da leitura que fizemos, atenciosamente, do volume, não vimos necessidade daquilo, na capa.

O livro abre com um soneto, *Ao pé da Cruz*, claudicante na forma, sem expressão poética.

A leitura do volume, embora se discorde de algo, satisfaz, instrúe e colima os objetivos para que foi publicado. O autor é profundamente versado nas doutrinas orientais, que se denominam, entre nós, ciências ocultas, doutrinas secretas, esoterismo. E expõe admiráveis conhecimentos que a todos aproveitam, num estílo claro, sóbrio e bonito.

O capítulo A CRUZ E A LIBERDADE foi o que mais nos sacudiu, impressionando-nos fortemente.

Dissemos «embora se discorde de algo», e precisamos justificar-nos.

Somos dos que não aceitam o Cristo precisando de instruir-se com os essênios, de submeter-se a *experiências necessárias* entre partidários daquela seita. Quem, aos 12 anos, discutiu com os doutores no templo, precisaria de aprender com os essênios?

Somos grato ao ilustre autor, pelo volume que nos coube com honrosa dedicatória.

PALINGENESIA — *tese de Arlindo Colaço, Alagôa-Nova, Paraíba*

Arlindo Colaço apresentou brilhante tese ao 2.º Congresso Espírita Nordestino, cuja defesa não assistimos, por termos chegado tarde ao certamen.

Mas, ainda encontráramos os écos de sua peça, que foi relevante.

Arlindo Colaço envia-nos, agora, sua tesse no original para que lhe ajustemos algumas palavras que sirvam de prefácio.

Dupla honra para nós.

REINCARNAÇÃO é o assunto substancial da tese do valoroso irmão espiritual.

A reincarnação é o assunto espirítico a que mais se agarram os gratuitos inimigos do Espiritismo, para combater-nos e ridicularizar a Doutrina. Ridicularizá-la parvamente, é bem de ver. E' o assunto que mais seduz a quem chega de novo ao Espiritismo, principalmente. Duvidamos que haja um só espírita, mormente entre os recem-convertidos, que não tenha prelecionado ou escrito sôbre o sugestivo tema. E' que a reincarnação é uma das fôrças maiores do Espiritismo e a maior prova da misericórdia de Deus, que «não quer que nenhum de seus filhos se perca». Também nós fôramos tentado pelo assunto excepcional. Foi na vigência de nossa polêmica com o ilustre católico, dr. A. Secioso de Sá. Atacamos o assunto a provas tradicionais, evangélicas, históricas, filosóficas, psicológicas e experimentais. Argumentação que aparecerá, um dia, em volume, denominado *Heresia e Heresias*...

A tese de Arlindo Colaço apresenta provas de idêntica natureza, em conjunto, sem classificá-las como fizemos. E aduz outros argumentos, conceitos e observações que nos escaparam. E', portanto, um trabalho digno sob todos os pontos de vista, substancioso e documentado, que a gente lê aprendendo, recreiando o espírito.

E em todas as três partes em que se divide a tese, o autor — que é um temperamento vibratil e combativo a serviço da Verdade que o Espiritismo difunde — estuda o assunto superiormente, persuasivamente.

No livro há uma coisa desapreciável: uma mensagem mediúnica em verso — NASCER OUTRA VEZ — sem poesia, sem arte, sem métrica. E versos só com arte e poesia.

Arlindo Colaço escreve com clareza, sem preocupação de estilo, com o único objetivo de esclarecer, de elucidar, de discernir. E, sôbre tudo, com o objetivo de esvurmar os êrros da Igreja de Roma. Nesta tarefa, ninguém o excede, na hora que passa.

PALINGENÉSIA—VIDAS SUCESSIVAS, de Arlindo Colaço, será, ademais, uma tese que irá auxiliar de muito a quantos a leiam, que se encontrem em situação, para todos nós lisonjeira, de prestar um serviço à Doutrina, pelos esclarecimentos que transmita a adversários ou ignorantes de seus admiráveis postulados.

SALVAI OS VOSSOS FILHOS — *Tese de João Pompilio de Almeida, Porto Alegre*

Eis outra tese, substanciosa também, que obteve aprovação com louvor no 1.º Congresso Espirítico do R. G. do Sul.

Não é, porém, o louvor de sua aprovação no Congresso, mas a substância que nela se contém que nos deve interessar mais.

Sua apresentação gráfica é excelente.

A capa, uma bela expressão de arte e de beleza cristã: mamãe alevantando nos braços o filhinho recem-nascido, para cima, para bem alto. Não é esta, efetivamente, a aspiração superior das mães: guindar seus filhos aos mais alto possível na Vida?

A tese abre com dados estatísticos apreciáveis sôbre a mortandade infantil em Porto Alegre, que não é a maior de entre as outras capitais brasileiras. E expõe, clara e persuasivamente, o que se tem feito, em Porto Alegre, e em nome do Espiritismo — principalmente no *Instituto Espírita Dias da Cruz* — a benefício da infância desamparada.

A leitura da tese interessa e edifica. Propaga uma grande obra de assistência social, o Instituto em cita, a benefício da qual está sendo a tese destribuida contra a remuneração que a generosidade de quem a receba houver por bem conferir-lhe. E o *Instituto Espírita Dias da Cruz* bem merece de todos — valha a verdade — uma generosidade maior, visto como o conhecemos de perto, quando tivemos a honra de conhecer, ha três anos, o meio espírita portoalegrense.

Somos, ainda, grato ao Dr. Pompilio Filho, seu ilustre autor, pela honrosa dedicatória que pôs no exemplar que nos coube.

Leopoldo Machado.

Livros para Nova-Iguassú, Caixa 6, ou para a Redação desta Revista.

Crônica Estrangeira

FACTOS DIVERSOS

Spiritualisme (Belgica) transcreveu de *Psychie News*, mensário inglês, os seguintes factos:

Um desencarnado fala a sua mãe pela voz direta

No decurso duma sessão realizado com o médium Roland Strong, uma senhora de P. N. foi informada da presença de seu filho único, que ela perdera na guerra, acompanhada de seu pai.

As provas seguiram-se rapidamente; êle afirmou que morrera afogado em 19 de setembro, que sua irmã Isla fora recentemente á Dinamarca. Três meses depois, o espírito pediu á mãe assistir a uma sessão de «voz direta» (por meio de porta-voz amplificador de sons). No decorrer desta, o «megafone» pousou sôbre os joelhos da mãe; dele saiu uma voz reconhecida como pertencente ao jovem. Por êste meio conversaram de cousas particulares e confidenciais, que o médium desconhecia completamente.

A notar que, pela voz direta o espírito não fala pela bôca do médium, mas por um orgão vocal construido pela força de sua vontade, agindo sôbre fluidos fornecidos por médiuns.

—

Estele Roberts continua seu apostolado

No decorrer de uma sessão no Brancpton Psychie Centre, êste médium clarividente demonstrou, a numerosos assistentes, que os filhos que eles pranteavam continuavam tão vivos como quando na terra.

Dirigindo-se a uma senhora, ela disse: «Vosso filho está aquí. Ele morreu faz algum tempo; êle me pede recordar-vos dois aniversários, o primeiro em Julho e o outro em setembro. Seu nome é Billy. Êste traz o espírito de uma criança — vosso filho — que morreu ao nascer.

Tudo isso era exato. E a médium continuava a fornecer provas da imortalidade, recordando a parentes e amigos entidades que se manifestavam, e sobretudo acontecimentos completamente sepultados no esquecimento.

—

Um médium descreve um quadro exato da vida de um soldado

Algum tempo depois da queda de Singapura, o sr. G. F. Lewis, de Londres, esperava notícias de seu filho dado por desaparecido. Êle assistiu a uma sessão no Gateway Centre e entregou ao médium, sr. Brownfort, um objeto pertencente ao filho.

O médium exprimiu-se dêste jeito:

«Tenho uma impressão nítida de vida e de vigor, de um moço que ainda continua no plano terrestre. Êle trabalha em pleno ar livre. Está a escrever muitas páginas. Estou vendo algo que se parece a um salão de baile; talvez não se trate de sala de dansa, mas alguma cousa relacionada à musica. Êle sai de uma bonita casa. Duro foi o tratamento que lhe infligiram. O sr. receberá notícias dêle dentro de poucos mêses. Êle voltará à casa paterna.»

Dois mêses depois desta mensagem, o sr. Lewis recebeu a primeira carta de seu filho, prisioneiro dos japoneses. Êle dizia ter bem suportado o tratamento, mas que, mais tarde o mandaram ao Sião para trabalhar em estradas de ferro, onde o regime foi bem diferente. Quando a guerra chegava a termo, os japoneses permitiram aos prisioneiros representar uma pantomina, na qual o filho do sr. Lewis desempenhava o papel principal. Êle escrevia, o que era proíbido, um jornal contendo diversas páginas.

—

O médium tinha razão

Um aviador americano, abatido sôbre território alemão, fôra inscrito entre os «mortos», pelo Departamento da Guerra.

A mãe desolada foi visitar o médium Lester Thorne, de Nova Iorque. Após alguns minutos de concentração, o médium declarou não perceber estar morto o jovem, porque as impressões que dêle recebia não provinham do mundo espiritual. *Com efeito,* acrescentou, *êle sofreu um acidente em lugares conhecidos de sua mãe.*

Terminada a guerra, de volta, o aviador confirmou êstes detalhes. O aviador em questão desceu em paraqueda sôbre território alemão. Por extraordinária coincidência, *êle foi parar no jardim de sua avó,* em Hesse (sua mãe era alemã nata).

A avó ocultou-o e assim foi que o Departamento da Guerra supôs que tivesse morrido (relatado por Charles Dexter, Toronto Star Weekly).

—

Em torno da morte

O casal J. Lamont e sua filha chegaram a Melbourne, vindos de Perth, em Dezembro de 1942. Na noite de 22 de fevereiro de 1943, a filha despertou sobressaltada ás 3 horas da madrugada, com a impressão de ter recebido um choque elétrico. A mãe, que dormia no mesmo quarto, despertou ao mesmo tempo. Ambas viram a porta abrir-se sem ruído; uma aparição acercou-se do leito e as olhava. A srta. Lamont reconheceu sua tia predileta. A aparição esvaeceu-se, após um minuto.

«Alguns instantes depois, escreve a filha, meu pai, muito agitado, entrou no nosso quarto e nos perguntou se tinhamos entrado no seu dormitório, pois estava certo de que alguém abrira a porta e o havia tocado.»

No mesmo dia pelas 10 horas, os três percipientes souberam que uma tia morrera subitamente às 3 horas e que suas últimas palavras antes de perder a consciencia, foram um apêlo aos três.

—

Uma prova surpreendente

Uma senhora australiana teve uma prova notável de sobrevivência por intermédio do clarividente G. Shepherde, de Perth.

Êste descreveu — com grande hesitação, porque a cousa lhe parecia absurda — um homem completamente barbeado de um lado e conservando barba e bigode do outro.

«Meu tio! que prova maravilhosa», exclamou a senhora. A descrição era a de seu tio, que era demente antes de sua morte e que tinha o hábito de fazer a barba de um lado sómente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Abrigo Pinheiro Machado

Pensamos que não andamos errados em afirmar que, no campo da assistência social, os espíritas marcham na vanguarda. Em toda a parte onde chega o Espiritismo, logo surgem obras nêsse campo, como frutos sazonados das luzes que esta Doutrina, que é a revivificação do véro Cristianismo, projeta nos corações dos seus seguidores.

Se não fossem as obras dos seus seguidores, a par dos fenômenos que os espíritos produzem cotidiamente, talvez o Espiritismo não tivesse conquistado a fôrça que conquistou, impondo-se à consideração até dos seus próprios opositores, menos da classe sacerdotal, que nêle vê um obstáculo às suas maquinações de interêsse estritamente pessoal e material, o que no entanto é invalidado pela necessidade que a pobreza tem de quem a ampare em suas aflições.

As obras constituem o escudo dos espíritas. Porisso que devem ser postas na vanguarda. Pregar, ensinar, dar o conforto moral, material e espiritual, fundar asilos, sanatórios, creches, etc., com humildade e espírito de pura fraternidade, é o que deve ser praticado por aqueles que, confiantes, aguardam a recompensa no mundo vindouro.

Entre os grandes empreendimentos, que são o testemunho do que acima dissemos, aparece o «Abrigo Pinheiro Machado», instituição de assistência à infância e velhice desamparadas, fundada e mantida pelo Centro Espírita «Allan Kardec», de Novo Horizonte.

Êste Abrigo vem funcionando desde Dezembro de 1945. Abriga atualmente 25 criaturas entre adultos e crianças, já distribuiu 12.000 refeições e realizou o «Natal dos Pobres». Nêle funcionam os Departamentos—«Lar Clelia Rocha», para a infância; Asilo «Irmã Candinha», para inválidos e velhos, e Albergue Noturno «Monsenhor Candido Rosa».

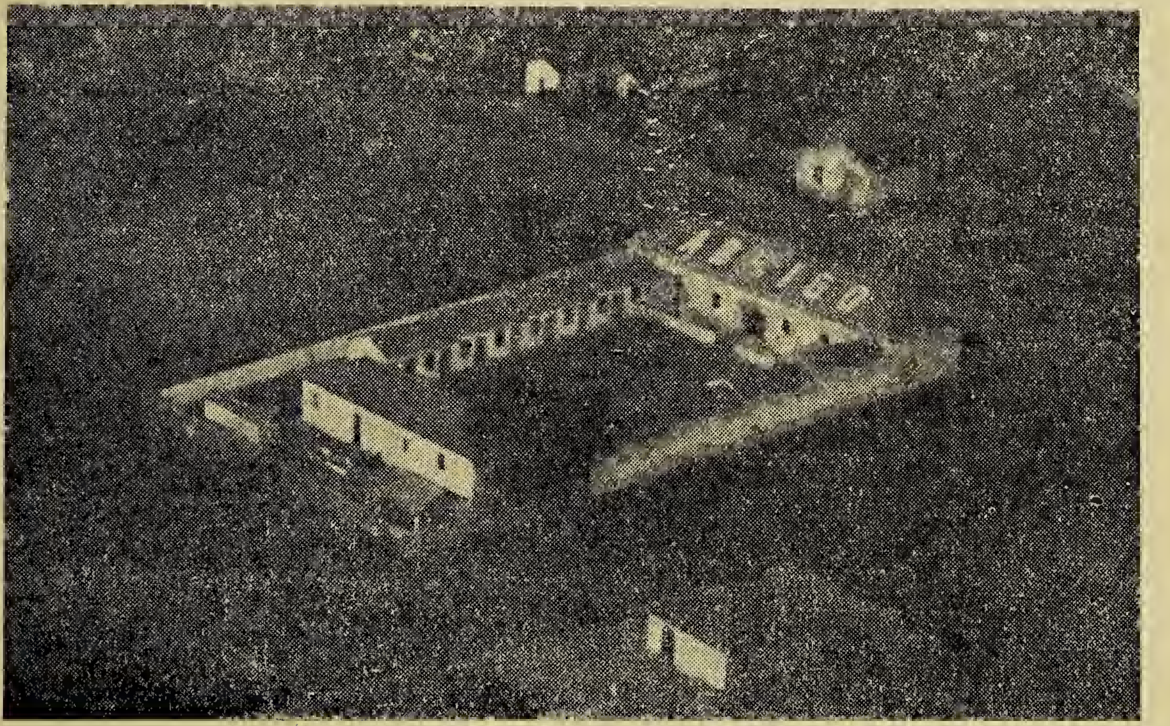

A sua Diretoria pretende construír futuramente outros prédios, quando então mencionados Departamentos funcionarão separados, ficando no Abrigo Pinheiro Machado apenas o Asilo «Irmã Candinha».

Já está em projeto também, a construção do Educandário «Arthur de Castro», no qual será ministrado às crianças do «Lar Clelia Rocha» e aos pobres da cidade, o ensino das profissões de corte e costura, datilógrafo, sapateiro, correeiro, tapeceiro, alfaiate, tipógrafo, etc.

No cliché que reproduzimos vemos a *fotografia aérea* do Abrigo «Pinheiro Machado».

Crônica do 6.º dia da Semana Espírita de Rochedo

Seis horas e um intenso movimento e uma agitação pronunciada se constata em toda a fazenda. Um pequeno número de caravaneiros havia partido, já, rumo ao estábulo, para saborear o apetecido leite matinal. A parte restante dos semaneiros, esparsa em grupos, cada qual primando por se fazer notar pela expansão da sua jovialidade, sendo que os jovens das diversas cidades espiritas, aqui representadas, sobressaem, de ordinário, com as explosões do seu entusiasmo a da sua garridice, após, é claro, terem vencido o aparente encomodo da fila do banheiro. As oito horas o celebérrimo sino da fazenda, convoca os confrades para uma pequena reunião. E' que ia correr a tômbola de uma rica almofada, cujo produto se destinava a obras de assistência social, mantidas pelos centros espíritas «PAZ, LUZ E AMOR», da Fazenda do Rochedo e «Unidos Venceremos», da Vila de São Pedro de Pequerí. O afortunado foi o Rodrigo, que ofereceu a linda prenda a um leilão americano, em favor das mesmas obras, tendo o Vicente a arrematado para o «Lar de Jesus», de Nova Iguassú. Novo sinal convencional reunia os semaneiros para a sessão de Reabastecimento Espiritual, a qual tem lugar num recanto aprazível, adredemente preparado para tal fim, com a provisão de bancos em local cheio de árvores frutíferas diversas, a nos ofertarem acolhedora sombra São fixados vários instantâneos fotográficos, depois do que é iniciada a reunião, presidida pelo Prof. Leopoldo Machado, a qual me pareceu, senão a melhor, ao menos uma das melhores do gênero. A prece inicial é proferida pelo Rodrigo Rodrigues de Oliveira, que hoje festeja, com a Madalena, sua esposa, o seu 16.º aniversário de casamento. A jovem Lais Moreira, de Cruzeiro, abre e lê o ponto do Evangelho para estudo, o qual caiu, ocasionalmente, em Lucas, Cap. 12 Vs. 1 a 12. O cronista pede a palavra para se desobrigar de um encargo que lhe sabe bem a alma, qual seja o de homenagear o casal Rodrigo-Madalena, o qual está vinculado pelos liames da família e da afetividade, com o declamar o seguinte poema, que fizera para tal fim, de parceria com o brilhante poeta Sebastião Lasneau: «ALMAS GÊMEAS».

Almas gêmeas, talvez que, de regresso à vida,
Caminham lado a lado, a pról da perfeição,
Buscando no Evangelho a luz da redenção,
Empenhados, por Deus, na luta mais renhida.

E, mãos dadas, se vão pelo caminho a fóra
Em santa comunhão de nobres pensamentos;
Semeando pela estrada a flôr dos sentimentos,
Encontram na Doutrina a mais divina auróra!

Bem haja êsse casal, que um dia, quando velho,
Atentar no que fez de bom nesta existência,
Possa sentir-se bem, tranquila a consciência,
Porque soube sentir as normas do Evangelho.

Feliz de quem viveu assim, dezesseis anos,
Em perfeita coesão, unidos no altruismo,
Sob as bençãos dos Céus, á luz do Espiritismo,
Como a sondar, de Deus, os divinos arcanos.

Prossegui, meus irmãos, nas lutas dêste mundo,
Unidos para sempre em torno do ideal,
Sem tréguas combatendo o êrro, o vício e o mal,
Num trabalho real, prodigioso e fecundo.

Faça-se para vós a mais divina luz!
Que o vosso caminhar seja um híno de amor,
Na ascese para o alto, em busca do Senhor,
Sob o sol do Evangelho e as bençãos de Jesus.

Ao término da declamação, abraça efusivamente o casal, provocando emoção até as lágrimas, dos presentes. Seguem-se os comentários, debaixo da mais ascentuada inspiração, a cargo dos confrades D. Ritinha, querida «mãe Ritinha», de Três Rios, o Pierre de Macaé, o José Lucena, do Rio, Neli de Barros, de Valparaíba, o Leopoldo, o Lasneau, o Vicente e o Amadeu. A senhorinha Arací, da Mocidade de Três Rios, declamou bela poesia. A Madalena é encarregada de proferir a prece final, fazendo-o com tal sentimento que se emocionou, emocionando a todos, depois de cantar o hino «Pai do Céu» e de uma homenagem singela, contudo expressiva, que D. Ritinha rende ao estimado irmão ausente, Oli de Castro. Terminada a importante reunião, notava-se a alegria estampada na fisionomia de todos, dada a harmonia, a paz e a felicidade reinante.

A's onze horas, o almoço, como sempre abundante e gostoso, como sempre tem sido abundante, também, o pão espiritual, que nos tem alimentado as almas nestes dias de inefáveis vibrações, as quais ficarão gravadas indelevelmente no recôndito de nossos sêres.

O querido irmão Sobreira encarrega o Jacques de fazer a prece, e ao cabo do almoço, todos cantam o Hino da Alegria. Alguns momentos mais e vemos partir, saudosos, os companheiros Pierre, Jacques, José e Maria Lucena, depois dos abraços carinhosos de despedida, cantados os Hinos da Alegria a da Saudade e de se fazerem promessas de breves e novos reencontros. A's quatorze horas tem inicio, na séde do «PAZ, LUZ, AMOR» a tarde de programa do «Espiritismo de vivos e para vivos», para leitura, analise e crítica do Decálago da Cruzada que tem o nome do programa.

A presidência da Reunião esteve a cargo do irmão Sobreira, que profere a prece inicial, entregando a palavra ao Prof. Leopoldo.

Êste disserta, durante alguns minutos, sôbre a finalidade da Cruzada, esmiuçando os principios estruturais do programa, em palavras claras e têrsas, oferecendo o assunto aos debates, dos quais deviam participar todos os circunstantes, mormente aqueles a quem o assunto tivesse merecido melhor atenção, recomendando e incitando a que fossem imitados, aqui, os primitivos cristãos que, saudando-se em nome da paz e da alegria, (pax et aleluia) expunham suas idéias, e davam seus pareceres francos e livres, na cordialidade e na harmonia dos primeiros conclaves cristãos. A senhorinha Zilda Portugal, demonstrando interêsse e amor á causa, salienta-se com o expender seus pontos de vista, deixando comprovada argúcia e acuidade, estimulando mais o ardor dos debates, que tomam um curso progressivo de interesse cordealissimo.

O Sobreira, o Peixoto, o Amadeu, o Lasneau e o Vicente, participam dos debates, cada qual firmando os princípios de suas convicções, sendo o Leopoldo, provocado a esclarecer certos pontos duvidosos do assunto em aprêço, tudo ficando claro, simples e perfeitamente explicado, terminando pela aprovação integral do Decálago, com as alterações sugeridas pelos irmãos Chico e Emmanuel. A prece final proferiu-a a jovem Olga Valadares, da Juventude de Iguassú, com o que foi encerrado a Reunião.

A's dezoito horas o sino dá novo sinal de vida. Era o convite para o jantar, para o qual todos correram, pressurosamente, a demonstrar bom apetite, o que não chega a suplantar o dever da prece, de que todos se lembram, e de que sou encarregado, com desvanecimento para mim, orando ao pai com sentimento, agradecer-lhe o pão material de que nos iamos servir, para alimentar os nossos corpos, a par do pão do espírito que nos estava alimentando a fé na vitória das divinas promessas do Evangelho. Ao terminar, é cantado o Hino da Alegria. A's dezenove e meia horas, tem logar, na séde do «Paz, Luz, Amor», a noite da Mulher Espírita, para mim a mais vibrátil, a mais brilhante, e a mais quente e macia de todas as reuniões noturnas que já presenciei nesta SEMANA. Estava convencionado que só as representantes do belo sexo atuariam na singular sessão, abrindo-se uma excessão para o Vicente S. Neto, de S. Paulo, que estava encarregado de lêr a crônica da véspera, já que fôra o cronista destacado para tanto. Entrementes, o brilho e o entusiasmo, cujo destaque fizeram as nossas irmãs realçar, foram de tal monta que provocou a manifestação dos nossos irmãos Sobreira e Virgilio, os quais bem inspirados, rendem uma justa e tocante homenagem à mulher, na pessoa da nossa querida «Mãe Ritinha». D. Silvia, presidente do Centro, abre os trabalhos da noite, passando a presidência à Dra. Antonieta Duarte, de Maceió. O «Hino da Alegria Cristã» é cantado pelos assistentes, o Vicente desobriga-se do cometimento que lhe fôra conferido, lendo a crônica dos acontecimentos do dia anterior, cuja descrição foi perfeita, do que me vejo no dever de ressaltar a bela imagem de Getsémani, comparado com o local onde se fizera a reunião de «Reabastecimento Espiritual», o que fez com oportunidade e segurança. A jovem Izabel Fortes, de Cruzeiro, discorre sôbre o tema «A Mulher Filha», com bom senso de doutrina e lógica. A Senhorinha Vera Sobreira declama, com graça, «A MULHER FILHA». A Ilza de Almeida, presidente da Juventude Espírita de Nova-Iguassú, inicia o seu «JORNAL FALADO», que valeu por uma verdadeira conferência evangélica, tal a justeza das interpretações e a beleza dos conceitos expendidos, a par das notícias correntes, relacionadas com a «SEMANA ESPÍRITA». Neli Barros, de Valparaíba, apresenta a página da «Mulher Noiva». Maria José Valadares, declama uma poesia com o mesmo título. Dna. Aparecida de Souza Lima, num admirável improviso, diz-nos das maravilhas da missão sublime da «Mulher-Esposa». Sua colaboração foi muito apreciada, principalmente pelos homens, pois que o seu mimoso trabalho representa um punhado de normas e preceitos, que praticados, fariam da Mulher um anjo tutelar das pobres almas incarnadas em corpos masculinos, a fazer da Terra um verdadeiro paraíso. D. Silvia Sobreira, escolhida na vespera, pelos jovens, por escrutínio secreto, numa eleição íntima, profere uma oração profunda, cheia de ensinos, subordinada ao tema «A Mulher Mãe» sustentando que uma esposa precisa e deve ser, em desvelos, ternuras e carinhos, tranformada numa espécie de mãe espiritual do marido. A Senhorinha Olga Valadares, declama a poesia «Mulher Mãe». A Ilza, prossegue no seu jornal falado . . ., provocando o nosso irmão João Batista, de Cruzeiro, com o lhe chamar a atenção para o brilho da atuação feminina, desta noite memorável, já que êle se havia manifestado, por brincadeira, já se vê, de maneira menos lisongeira sôbre a missão da mulher na Sociedade. A jovem Lais Marcondes, de Valparaíba, apresenta a página da Mulher-Mestra. Lais Moreira, da Mocidade de Cruzeiro, interpreta com emoção, graça e arte a poesia — «A Mulher Mestra», provocando frenéticos aplausos da assistência. D. Rita Cerqueira, de Três Rios, produz substancioso trabalho de exegese evangélica, abordando o tema, «A Mulher Espírita». Zilda Portugal, da Juventude de Petrópolis, declama uma poesia com igual título, sendo muito aplaudida. A senhorinha Maria de Lourdes, faz uma saudação aos confrades de Cruzeiro, apresentando-lhes votos de boas vindas. Lais Moreira, agradece, em rápido discurso. Depois da sessão aberta aos irmãos Sobreira e Virgilio, para homenagear as mulheres, pede para falar, um assistente, cujo nome não me foi possível saber, o que lhe é concedido, fazendo um simples, mas tocante agradecimento aos que, presentes à reunião, haviam concorrido para a construção de uma modesta casa para sua morada. D. Ritinha, fala, ainda, agradecendo as homenagens recebidas e manifestando o seu contentamento pela conquista de mais um filho, na pessoa do Virgilio. A presidente faz a prece final, encerrando a memorável reunião em nome de Deus e Jesus, depois do que ainda foi cantado, por todos, o «Hino da Mocidade Cristã». O ambiente estava impregnado de vibrações salutares, vendo-se reinar harmonia e paz, através da alegria dos semblantes e do sorriso aberto e delicioso de todos os semaneiros reunidos em Santa Comunhão Espiritual.

E assim termina o sexto dia da Semana Espírita da Fazenda do Rochedo (Pequerí), aos dez dias do mês de janeiro, do ano e graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Amadeu Santos.

União Espirítica Brasileira de Educação e Assistência

Sociedade beneficente fundada em 25 de Agosto de 1946 — Séde social, Av. Venezuela, 27 — 4.º and. grupo 408
Rio de Janeiro

Espiritista! Já existe entre nós a instituição de que o Espiritismo necessitava. Educação e Assistência Social, são os objetivos de nossa UEBEA. Em seu art. 12, assim define o Estatuto da UEBEA os «direitos do associado»:

a) participar de todos os benefícios concedidos pela Sociedade:

b) beneficiar sua família com o «Amparo Social» no caso de falecimento;

c) preferência de matrícula para seus filhos nos institutos de ensino ou escolas profissionais mantidos pela Sociedade;

d) assistência médico-hospitalar por parte das instituições auxiliadas ou mantidas pela Sociedade;

e) assistência judiciária por parte do Departamento Jurídico da Sociedade;

f) toda assistência moral da Sociedade sempre que dela necessitar, dentro dos limites estatutários;

g) tomar parte nas assembléias gerais, votar e ser votado para os cargos eletivos;

h) propor e discutir o que julgar conveniente aos interêsses sociais;

i) pedir à Diretoria todas as informações que desejar acêrca da Sociedade.

Art. 71 — «O Amparo Social» instituido pela UEBEA consiste na formação de uma caixa destinada a levar auxílio material à família dos associados desincarnados que se acharem em pleno gôzo de seus direitos na data da desincarnação.

Art. 73 — Se a desincarnação se verificar antes de decorrido o primeiro ano de sua inscrição, o «Amparo Social» consistirá na devolução, aos beneficiários, das contribuições recebidas do associado.

EMOLUMENTOS INICIAIS: — Para ingressar no quadro social da UEBEA o candidato pagará os seguintes emolumentos:

a) uma taxa de inscrição de Cr.$ 50,00 se tiver de 18 a 40 anos, ou de Cr$ 100,00 se tiver de 40 a 65 anos. Nesta hipotese a taxa de inscrição poderá ser paga de duas vezes;

b) mensalidade de Cr$ 10,00 pagáveis trimestral, semestral ou anualmente.

A UNIÃO ESPIRÍTICA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA estabelece no Brasil pela primeira vez, o princípio de COOPERAÇÃO, em virtude do qual se tornou possível a solução de todos os problemas econômicos do Espiritismo.

Coopere, pois, também, para o seu maior bem-estar e o de sua família, requerendo sua inscrição no quadro social desta novel instituição. Escreva à Secretaria solicitando propostas e as informações que desejar e recebe-las-á imediatamente pelo Correio.

Inicie hoje mesmo a construção do AMPARO SOCIAL de sua família e cumprirá desta maneira um dos sagrados deveres do bom espiritista.

* * *

Visita

Deram-nos o prazer de sua visita, dia 15 de Janeiro último, os nossos prezados amigos e confrades Farm. João de Deus Pitta, residente em Piracicaba, e Prof. Urubatão Pitta, diretor do Grupo Escolar de Sales, que conosco passaram algumas horas em agradável e fraternal convívio.

Aos distintos visitantes, os nossos sinceros agradecimentos.

* * *

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 30 de Janeiro último uma sessão comemorativa do 9.º aniversário do passamento do nosso querido companheiro Cairbar Schutel. Usaram da palavra os companheiros Campêlo e Costa Filho, e leram trabalhos o joven Edo Mariani e a srta Zelia Perche.

* * *

Livros Novos

«Novos Rumos á Medicina»

O nosso distinto amigo e companheiro, Dr. Inácio Ferreira, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba, acaba de lançar a lume, com o título supra, mais um valioso trabalho, que reputamos um dos melhores aparecidos ultimamente na vasta seára espírita.

Conhecendo a fundo a doutrina dos espíritos no seu tríplice aspecto, científico, filosófico e religioso, e em contato com doentes mentais, vítimas de terrível obsessão, o Dr. Inácio Ferreira, que é um dos raros cientistas que sabem colocar o seu sacerdócio muito acima dos interesses materiais e pessoais, entregou-se ao árduo labor de estudar e pesquisar, com paciência e perseverânça, causas e efeitos, apresentando, como apresentou em «Novos Rumos à Medicina», um relato detalhado, comprobativo da ação dos espíritos sôbre os desincarnados, acompanhado de comentários elucidativos.

Nos diversos casos de obsessão, estudados e investigados a fundo pelo Dr. Inácio Ferreira, nós vemos enredos, dramas e episódios interessantes de vidas pretéritas que, meditados, pesados e medidos, muitos ensinos e exemplos oferecem aos homens, fazendo-lhes ver a conveniência de aproveitarem da melhor forma possivel os últimos momentos de sua existência terrena, para serem felizes não só na outra mas também nesta vida, já.

«Novos rumos á Medicina» merece

a atenção de todos, principalmente dos senhores médicos, que constantemente vêem-se embaraçados ao fazerem o diagnostico de certas doenças, visto como a causa reside no espírito, atuação ou obsessão. Temos a certeza de que lendo os senhores médicos êste substancioso trabalho do Dr. Inácio Ferreira, encontrarão firme orientação para resolverem com precisão as suas dúvidas sempre que não puderem fazer o diagnostico de uma doença.

Aqueles que tiverem amigos, sejam êstes médicos ou pessoas de cultura e responsabilidade, devem lhes ofertar um exemplar de «Novos rumos à Medicina», que está ilustrado com inumeras fotografias e clichés elucidativos dos textos, impresso em otimo papel assetinado, contendo 270 páginas, no formato de 15x22.

Agradecemos ao Dr. Inacio Ferreira a oferta de 2 volumes, com expressiva e fraternal dedicátoria, desta sua obra, que acaba de enriquecer apreciavelmente a Biblioteca espírita.

Parabens pois, ao Dr. Inácio Ferreira e aos seus dedicados auxiliares de cá e de lá.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cada exemplar cr. $ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

NECROLOGIA

Frederico Figner

Mais uma grande lacuna abriu-se na fileira espírita. E' que desincarnou na Capital Federal, dia 19 do mês passado, Frederico Figner, nome sobejamente conhecido não só entre os espíritas como em todo o Brasil.

Logo que correu a noticia do seu passamento, compareceu à sua residência enorme multidão, pois o desincarnado gozava de grande estima no seio de todas as camadas sociais, pelo seu trato lhano, pela altivez de caráter e pelo seu espírito filantrópico. A sua bolsa estava sempre aberta para atender os necessitados, pois *a moeda que estava em sua mão não era sua, era de quem mais precisasse. Julgava se apenas um depositário,* assim se expressou o grande escritor Afonso Schmidt em sua crônica publicada no «Jornal de São Paulo» do dia 25 de Janeiro.

Frederico Figner, que regressa à Pátria Espiritual aos 80 anos de idade, tem uma larga folha de serviços prestados ao Espiritismo. Difundiu esta doutrina com ardor, enfrentando e subjugando com a lógica dos seus argumentos, a investida dos chamados «sábios», que nada admitem além dos seus parcos conhecimentos, tidos como «oficiais».

Natural da Tchecoslovaquia, cedo passou à residir nos Estados Unidos, vindo logo após para o Brasil, onde se estabeleceu definitivamente até o momento em que entregou sua alma ao Criador.

Em 1921, Frederico Figner e sua exma. esposa assistiram, em Belém do Pará, a materialização do espírito de sua filha Rachel, graças à mediunidade da sra. Ana Prado, datando daí o seu ingresso no Espiritismo.

Frederico Figner era viuvo e deixou três filhas, as srtas. Helena, Lelia e Clea Figner.

Grande número de amigos acompanharam o seu corpo ao túmulo, à beira do qual usaram da palavra vários oradores.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2321unse

O XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1947 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Movimento Renovador	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Cruzada do Espiritismo de Vivos .	*Leopoldo Machado*
Em Câmara lenta	*Carlos Imbassahy*
Sugestão e Atitude Mental	*Adauto de Oliveira Serra*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Confederação Espirítica Pan Americana	*C. E. P. A.*
Estudos Evangélicos	*Ricardo Machado*
Obreiros da Vinha do Senhor	*J. B. Chagas*
Uma Carta	*A. Oliveira Lima*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1947 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Movimento Renovador

O grandioso movimento de renovação moral e espiritual da humanidade, iniciado há quasi dois mil anos pelo Meigo Rabí da Galiléia, e agora notavelmente ampliado pelo Espiritismo, está se constituindo assunto de vanguarda, que, a par dos últimos acontecimentos verificados no cenário terreno, vem despertando a atenção de todos: de sábios e ignaros, de ricos e pobres.

E' tão vasto êsse movimento que pensamos não errar se dissermos que o *fim dos tempos* está muito mais próximo do que calculamos, o que confirmaria plenamente a predição de Jesus, segundo a qual os tempos seriam abreviados por causa dos justos. Estamos participando ativamente dêsse movimento, que obriga até o mais indiferente a fazer qualquer cousa, como se estivesse num barco prestes a ir ao fundo e cujo perigo só poderia ser evitado com os esforços conjugados de todos os passageiros.

Enquanto de um lado se procura arregimentar os povos num movimento social baseado na justiça, num justo equilíbrio entre o capital e o trabalho, para que todos gozem dos mesmos direitos, de outro lado vemos o desmoronar das velhas e já inúteis ideologias e religiões, que tiveram ou que ainda têm como sustentáculo regimens feudais, déspotas e mercenários, todos agora agonizando ao surto renovador de uma nova éra: a espiritualista-cristã.

Entre esses dois acontecimentos notáveis — a ação social e a derrocada das arcáicas religiões e ideologias incompatíveis com o espirito do cristianismo, — surge a Doutrina Espírita como um facho de luz a iluminar todas as consciências. Não é uma doutrina ou uma seita criada em conciliábulos humanos: é a revivificação do véro Cristianismo em espírito e verdade, com farta documentação a favor da sobrevivência individual.

Os tempos já vão para o seu fim, e a humanidade, por fôrça da lei da evolução, vai-se renovando moral e espiritualmente, para se libertar definitivamente das injunções inferiores do materialismo, em demanda das esferas superiores. O advento do Espiritismo foi o sinál mais convincente de que a humanidade estava mais ou menos em condições de receber novos conhecimentos, novas dádivas dos céus, o que vem confirmar de maneira categórica o que Jesus disse: «Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquêle Espírito da Verdade, êle vos guiará a toda a verdade». (S. João, cap. 16 vrs. 12 e 13).

Efetivamente, o Espírito da Verdade está entre nós com o nome de Espiritismo, e a sua ação está se fazendo sentir não só por intermédio dos espíritos, que reproduzem os mais variados fenômenos demonstrativos da imortalidade da alma, o que vem causando uma verdadeira revolução na ciência, na filosofia e na religião, como pelas mensagens espirituais cheias de ensinos da mais elevada moral, que tanto confôrto e esperança proporcionam às almas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena, erguendo os abatidos pelos sofrimentos e esclarecendo os descrentes e materialistas.

Ao escrever estas poucas linhas, queremos prestar, num preito de gratidão, as nossas sinceras homenagens a êsse vulto do Espiritismo, o continuador da obra iniciada por Jesus, Allan Kardec, um dos factores dêsse movimento renovador a que nos referimos, e que no dia 31 dêste mês vê, lá de cima, transcorrer o 78.º aniversário do seu desincarne.

Allan Kardec, que é um dos componentes da falange Espírito da Verdade, está tomando ainda parte ativa nêsse movimento que cada vez mais cresce em todas as direções. O seu nome acha-se gravado já em milhões de corações que dêle receberam, através de suas obras, luz, esperança, fé, confôrto e estímulo e podemos estar certos de que num futuro não muito distante, a humanidade inteira, livre de toda a espécie de preconceitos, há de lhe render calorosas homenagens pelo muito que recebeu dêsse iluminado Apóstolo do Espiritismo ou do Cristianismo.

Allan Kardec: recebe, pois, mais uma vez, a nossa pálida mas sincera homenagem, num culto de amor e de reconhecimento e continua, com os demais da Falange, a orientar o movimento de espiritualização da humanidade.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO II

Recolhida ao seio da vida interior

Nos confins do Würtenberg e do ducado de Baden, encontra-se uma pequena localidade chamada Kümbach que depende dêsses dois Estados Numa planície baixa e pouco aclarada, cercada de montanhas em todas as partes, ela representa, no ponto de vista atmosférico e geológico, exatamente o contrário de Prevorst e Oberstenfeld.

Acontece, muitas vezes, que pessoas sensíveis ás influências elétricas são curadas de suas enfermidades, com uma mudança de residência. Outras ao contrário, no mesmo caso e submetidas à ação das mesmas influências, caem num estado de debilidade cuja origem os médicos não podem atinar. Papponi, de que fala Amoretti, era extremamente sensível ás influências elétricas e caía em convulsões e ficou curado apenas com uma mudança de residência. Pennet, que se achava no mesmo caso, não poude encontrar a calma, numa localidade da Calábria, senão envolvendo-se, todo inteiro, numa roupa de oleado.

Poder-se-á facilmente capacitar-se da influência nefasta exercida sôbre o seu sêr, tão suscetível, pela mudança para uma localidade absolutamente diferente da em que nascera, porque, depois do seu casamento, ela viveu em Kümbach, porém mais tarde observou-se, constantemente, que tanto mais baixo era o lugar em que morava, mais espasmos sofria ela. Nas montanhas, ao contrário, seu poder magnético aumentava.

E' possível, todavia, que, nessa época, os agentes físicos tivessem sôbre ela uma influência perniciosa.

Embora tivesse deixado de existir para o mundo exterior, os seus deveres de mulher casada, devotada aos afazeres domésticos, a reconduziam, continuamente, a êste mundo e se dispunham em contradição com a sua vida interior, seu asilo, que ela via assim obrigada a ocultar, porém essa dissimulação lhe tornava cada dia mais dificil.

E' certo que depois do dia em que ela foi ao túmulo do seu velho amigo, tornou-se cada vez mais absorvida em sua vida interior e mergulhou-se ainda mais nêsse estado ao qual vamos chegar, quando, tendo franqueado o limiar da morte, o mundo exterior desaparece para nós e no qual toda dissimulação torna-se, então, impossível.

Durante sete mêses, no entanto, a sra. Hauffe continuou a conformar-se aos usos e costumes da existência ordinária, mas, mesmo então, cada vez que as circunstâncias o permitiam, ela buscava a solidão para encerrar-se dentro de si mesma.

Ela não se sentiu capaz de ocultar, além desta medida, a sua vida interior e de substituir as aparências da vida exterior que, realmente, já não existiam mais para ela. Seu corpo sucumbiu sob o constrangimento e seu espírito escapou-se para a esfera da vida interior.

CAPÍTULO III

Consequências do seu estado magnético — Início de um novo período de sofrimentos

A 15 de Fevereiro de 1822, estando já em sua casa, teve a Sra. Hauffe um sonho extraordinário. Sonhara que, prestes a deitar-se, vira o corpo dêsse amigo que lhe fora tão caro e cujo túmulo havia sido testemunha de sua entrada na vida interior. Estava o corpo envolto num sudário e deitado em seu leito. Além disto, ouvira ela, em outro quarto, no qual não tinha entrado, a voz de seu pai e de dois médicos dos quais um, desconhecido a ela, dava uma receita para grave enfermidade de que padecia. Ela exclamara: «Deixem-me sózinha perto dêsse morto, pois só êle póde curar-me. Nada podem os médicos fazer em meu caso». Parecera-lhe, então, que pensavam eles em afastá-la do corpo do defunto, mas que o frio do cadáver parecia fazer-lhe bem e que só por meio dêle é que experimentava alívio.

Gritára alto em seu sonho: «Como me sinto bem perto dêste corpo! Eis-me inteiramente curada!» Nessa ocasião, todavia, não estava enfêrma. Seu marido, ouvindo-a falar durante o sonho, a despertou. Pela manhã, começou a ter uma febre que durou catorze dias, com a maior violência, e que, sete anos, foi substituida por um estado magnético que não parava senão durante breves intervalos.

Como só fui chamado para observá-la durante os dois últimos anos de tal período, só posso dar, sôbre os precedentes, descrições superficiais, tais como as recebi da bôca da própria Sra. Hauffe, de seu marido e mais parentes.

Depois dessa febre, foi atacada, a uma hora do dia 27 de Fevereiro, de espasmos no peito. Fizeram-lhe fricções nas costas até que ficaram elas em sangue e, como tivesse perdido os sentidos, resolveram os cirurgiões da localidade praticar uma sangria. Os espasmos, porém, continuaram durante três dias e a sangria foi repetida.

No segundo dia, chegou da aldeia, sem ser chamada, a mulher de um camponês que, sentando-se perto dela, disse: «Ela não tem necessidade de médicos; nada podem fazer por ela». Depois colocou a mão sôbre a fronte da Sra. Hauffe, sendo ela logo tomada de violentos espasmos e ficando fria como um cadáver.

Durante toda a noite, esteve presa de delírio, gritando que essa mulher exercera sôbre ela uma influência diabólica e, cada vez que tal mulher voltava, reapareciam os espasmos.

No terceiro dia, chamou-se um médico de Bretten e, como estivesse ela em estado sonambulico, falou de sua entrada na casa, embora nunca o tivesse visto antes, e disse assim: «Se sois médico, deveis aliviar-me!» Êste, tendo logo reconhecido a enfermidade, colocou as mãos sôbre a cabeça da doente e observou-se que, enquanto permanecia no quarto, não via ou ouvia ela senão a êle, ficando insensível à presença de todas as outras pessoas. Desde que aplicou as mãos sôbre ela, tornou-se calma e dormiu algumas horas. Prescreveu-lhe banhos e alguns remédios internos, mas os espasmos voltaram na noite seguinte e, durante dezoito semanas, se reproduziram de dois a cinco ou seis vezes por dia.

Quando ainda padecia dos espasmos, sua avó, que morava em Loewenstein, lhe apareceu certa noite, permanecendo perto de seu leito e olhando-a em silêncio. Três dias depois soube-se da morte de tal pessoa, que morrera naquela mesma noite. Depois dêsse dia, assinalava, frequentemente, durante o sono, a presença de sua avó e passou então a considerá-la como seu espírito protetor. Foi também naquela época que descreveu, com todos os detalhes, a construção de um aparelho que devia ser o instrumento de sua cura. Ela fez o seu desenho sôbre uma folha de papel, mas ninguém ligou à sua indicação.

(Continua).

Cruzada do Espiritismo de Vivos

Programas Experimentáveis

Leopoldo Machado — *(Continuação)*

b) Uma peça teatral, substanciosa e espiritual-doutrinária.

c) Um ato variado, constante de números de música, canto, declamação, bailados, monólogos, alegorias, tudo, porém, elevado e nobre.

A INTEGRAÇÃO DO NOVO ELEMENTO só se processa quando o *neófito* revele interêsse e serviços prestados à instituição ou à Doutrina.

Seu recebimento no corpo da Instituição será festivo.

Um paraninfo lhe faz uma saudação doutrinária e lhe entrega, em nome da Instituição, um Evangelho com dedicatória, agradecendo a recepção o integrado.

Ao correr do programa podem ser sorteados objetos por meio de tômbolas, e distribuidos flores, balas, refrescos, com o objetivo de conquistar meios para as despesas do programa.

Outras Disposições:

O moço espírita, antes de sua integração, passa por uma fase de adaptação. E' o *neófito.*

O neófito será integrado, depois que tenha revelado:

a) Interêsse indiscutível pela Doutrina

b) Constância ás reuniões

c) Amor à *Juventude Espírita*, revelado por atos, realizações, exemplos.

Em cada sessão, serão escalados:

a) O jovem para a aula de moral às crianças

b) As turmas para o estudo nas sessões ordinárias

c) Os incumbidos da página espírita e das respostas aos *tests.*

Entre as obrigações do moço espírita, deve destacar-se a de dar, ou auxiliar, as aulas às crianças da aula de moral cristã.

O moço, por sua posição entre o velho e o menino, ministrando ensinamentos morais, que procurará exemplificar na prática, implicará um argumento de substância e fôrça a pról da Causa.

Um diretor do Centro Espírita, em que funcione a Juventude Espírita, deve representar a Diretoria no meio e ser, se necessário, o mentor do movimento.

Atuação da Mulher

A mulher é, muito mais do que o homem—repitamos—beneficiada pelo Espiritismo.

O sexo masculino é que vai, entretanto, se esforçando mais pelo desenvolvimento da Doutrina, a despeito dos centros serem mais frequentados, não raro, pelo elemento feminino.

Enquanto a mulher não quiser tomar a direção do movimento, que fique ao menos, na direção de um departamento: *a Assistência aos Necessitados.*

A *Assistência aos Necessitados* nas mãos de mulheres dirigentes e entusiastas, parece-nos colimar resultados mais eficientes.

Os *serviços de assistência aos necessitados* devem começar beneficiando os primeiros necessitados a êles presentes: seus próprios dirigentes.

Tais serviços para atender, somente, a necessidades de ordem material são muito pouco.

O auxílio espiritual, em quaisquer circunstância, deve preceder o auxílio material.

O primeiro auxílio deve começar por transmitir consciência doutrinária aos componentes da AN.

Uns *tests*, em conversa amistosa, serão, evidentemente, de real proveito.

Uns *tests* assim:

I) Se minha irmã tivesse, agora, de casar-se (ou se fôr casar, se solteira), casar-se-ia na Igreja?

II) Que diz da maternidade? Tem filhos? E quantos gostaria de ter?

III) Depois que é espírita, já batisou filhos seus ou dos outros? E porque os batizou, ou porque deixou de batizá-los?

IV) Se seu esposo, ou noivo, não aceita o Espiritismo, como procederá com êle?

V) Ofendida por sua maior amisade, como procederia, agora, que é espírita?

VI) Submete todos os seus interêsses á vontade ou intervenção dos Espíritos, ou procura resolvê-los por si mesma?

VII) Num meio social em que somente minha irmã fosse espírita, e se atacasse o Espiritismo, que atitude tomaria?

VIII) Como procuraria conciliar as exigências do esposo ou do noivo com os imperativos, em contrário, da Doutrina?

IX) A que aspecto da Doutrina se entrega com mais satisfação, e porque?

X) Que aprendeu, de mais relevante, com a Doutrina?

Simples, na aparência, êste processo de transmitir consciência espiritual-doutrinária, é, contudo, de apreciáveis resultados, como se poderá ver, pondo-o em prática.

Confraternização de Centros Espíritas

Frisemos mais uma vez: serve mal à Doutrina o que procura servi-la dentro da exclusividade de um centro, por julgá-lo o *nec-plus-ultra* entre os demais.

Donde, a necessidade de muitos centros se agruparem dentro de um programa confraternativo.

Centros da mesma cidade, do mesmo bairro ou da mesma zona.

Donde, as confraternizações de centros afins.

Animamos, vai para cinco anos, uma confraternização de centros espíritas que tem colimado, a-pesar de tudo, seu objetivo.

Pusemos aquí, muito de propósito, êste *a pesar de tudo*.

E' que nem todos os diretores de centros espíritas, têm os mesmos esclarecimentos e a mesma compreensão, levando tais incompreensões e obscurantismos à existência de casos dentro dos próprios centros e para com o movimento em geral, difíceis de solução.

Deve-se, em casos difíceis tais, preferir a qualidade à quantidade.

Cinco centros espíritas harmônicos e fraternos produzem mais do que 50 centros inativos, desharmônicos, água-morna...

Para a bôa marcha de uma confraternização, duas espécies de reuniões mensais são indispensáveis: uma, administrativa, dos diretores e representantes dos centros confraternizados, e outra, fraternativa, para toda gente.

A primeira, para a harmonização de interêsses da Confraternização em geral e da Doutrina em particular.

Nessas reuniões, além dos interêsses sociais que aí se ajustem e reajustem, devem ser discutidos, para esclarecimentos, muitos pontos de Doutrina duvidosos e desharmônicos, afim de que não se pregue, nos centros da Confraternização, coisas diferentes. Deve-se, numa palavra, firmar-se o programa das prègações coletivas ao público.

E reunião confraternativa conservará três aspectos: o doutrinário, o pedagógico, o artístico-literário.

O *aspecto doutrinário* constará:

Presidência do Presidente do Centro em que se realiza a sessão.

Palavras e Prece inicial dentro de 5 minutos.

Leitura da ata da sessão anterior.

Explanação de um ponto evangélico, 15 minutos.

Crônica Espírita, 5 minutos.

Resenha do movimento espírita geral, 10 minutos.

Factos e Comentários, ou Fenômenos espíritas de relevo, 10 minutos.

O *aspecto pedagógico* implicará:

Doutrina espírita às crianças (Aula de moral) 10 minutos.

A Página da Criança (por uma criança) 5 minutos.

A Página do Jovem espírita, 5 minutos.

O conto para a criança, 5 a 10 minutos.

O *aspecto artístico-literário* será composto de números de declamação, canto, música e teatro ligeiro, tudo de fundo espiritual, durante 30 minutos.

Seguir-se-á o *Caso Doloroso:* um confrade pede a palavra para o relato de um caso qualquer de miséria, de seu conhecimento, para o qual se fará, então, um rateio. A importância apurada será levada ao infeliz em nome do Espiritismo e do movimento que, na sua alegria e vibração, se lembrou dos mais infelizes.

O *Jornal Falado,* sôbre as atividades do movimento em geral e, em particular, sôbre a atividade de cada centro confraternizado, completará esta parte.

Nova Programação para a reunião próxima.

Prece final e encerramento.

Confraternização de Cidades

Da Confraternização de Centros póde-se chegar a confraternização de Cidades, ajustada a programa adrede estudado e combinado.

Nêste momento, já se póde registrar um movimento de cidades com núcleos espiríticos afins, que se visitam uma vez por ano, procurando viver dias admiráveis de vibração doutrinária.

Macaé e Nova-Iguassú, Juiz de Fóra e Cruzeiro, Três-Rios e Campos, estão exemplificando, admiravelmente, o que aquí afirmamos.

Uma vez por ano, uma *Semana Espírita* atrae para uma destas cidades, irmãos da das outras que aí fraternizam durante dias que ficam, depois, inesquecíveis no coração e na mente de visitantes e de visitados.

Numa palavra:

Para aproximar, em nome do Cristo,

Para experimentar nossas virtudes cristãs,

Para agir em nome da fraternidade cristã e na prática do bem, todos os processos são bons, todos os meios são santos, todos os recursos são belos.

Em Câmara lenta

Carlos Imbassahy

Tive o prazer, como sempre acontece, de ler um artigo de Ismael Gomes Braga. Diz êle «que a doutrina é tôda de otimismo e esperança». Declara que pecados, crimes, êrros é tudo passageiro, regenerando-se os grandes pecadores, os quais, angelificando-se, voltam à terra. Lamenta os pessemistas, sem fé, mal contra o qual nos devemos precaver.

Eu sempre admirei os que vêem tudo côr de rosa, porque devem ser criaturas felizes. O otimismo, trazendo-nos a esperança de melhores dias, faz-nos suportar as duras vicissitudes da vida.

Ismael deve estar certo nos seus princípios doutrinários. O Espiritismo é um farol tricolor por cujas facetas brilham constantemente as três grandes virtudes, da caridade, da esperança e da fé.

Entretanto, e é com grande mágua que o confesso, as minhas lunetas, em matéria de otimismo, se acham um tanto embaçadas, talvez por causa do nome.

Há dias li o trabalho de um grande psicólogo, em que êle lamentava a decadência do espírito humano, e um amigo meu, de Lavras, o professor Roberto Coimbra, mandava-me um recorte, que infelizmente perdi, onde se tratava do mesmo assunto.

Já Richet dizia, há muitos anos, que a humanidade atual se distancia, em matéria de espírito, da dos séculos passados. Já não viamos os grandes artistas, os grandes pensadores, os grandes vultos que iluminaram a Idade Antiga e a Moderna.

Nunca mais surgiu um Fidias, um Praxiteles, um Rafael, um da Vinci, um Dante, um Petrarca, um Shakespeare, um Beetoven...

Aqui mesmo, entre nós, sem desfazer nos presentes, parece difícil encontrar outro Ruy Barbosa, outro Euclides da Cunha, outro Carneiro Ribeiro, outro Machado de Assis, outro Castro Alves, outro Gonçalves Dias...

Mesmo alguns que ainda restam, como José Oiticica, parece que vão saindo da circulação.

Dir-se-ia que o universo, ou pelo menos o nosso pequeno mundo, passa por uma crise de carácter e de valores.

Dos tempos antigos, o que conservamos e aperfeiçoamos, foi a tendência para o absolutismo, para o despotismo. E se nos velhos tempos havia a oposição, as conjurações, a revolta, hoje as massas estão diante dos tiranos em atitude apoteótica.

Em Política, passou-se da democracia para a autocracia. Estamos como que em frente de um desmoronamento geral, apesar do esmagamento do facismo. Os homens vão à masmorra, aos campos de concentração, ao machado ou à forca como carneiros, e os contemporâneos ficam abençoando a mão dos algozes. Parece que já ninguém quer ser livre. Aos direitos do homem vieram substituir os direitos do Estado. A liberdade, a vida humana já nada são, já nada valem. O homem é apenas desprezivel mola na engrenagem estatal. E todos aceitam, e aplaudem, e aprovam.

Esta é mais ou menos a regra.

Em Psicologia, o que arrebata é a Psicoanálise, isto é, uma ciência de principios inverificáveis. O próprio chefe da Escola, Sigmund Freud, percebendo o percalço, estabelece que há verdades que não se podem demonstrar. Isto é a mais completa negação da Ciência, a qual só admite o que está verificado e provado.

Nas suas conclusões há pilhérias que fariam rir se não fosse a gravidade dos que as expõem.

Lembro-me que, numa sessão espírita, manifestou-se um espírito que se disse chamar Lopes. Lá estava um psicoanalista, nome muito conhecido e acatado, o qual, para logo, descobriu a origem e a razão do comunicado: é que havia na sessão uma professora; esta lidava com o lápis, daí o espírito Lopes.

Doutra feita apareceu um Canejo. Outro analista profundo achou que o subconsciente da médium queria aludir ao «caneco», de que os presentes usavam. Provou-se que os presentes não usavam caneco nenhum. Mas um psicoanalista não se aperta: — «teriam bebido em canecos, quando crianças... ou neles beberam os antepassados... ou, enfim, o caneco é utensílio que está sempre à vista...» Irretorquível.

O processo catártico, isto é, o de resolver, ao acaso, palavras proferidas pelo paciente, e daí descobrir o que vai pelos fundalhos da alma, póde dar nas mais disparatadas e divergentes conclusões. E' uma ciência subjetiva, dependente do arbitrio das interpretações e da fantasia dos interpretadores. Pois é o que está em voga, no que diz respeito ao psiquismo.

Em Arte parece que o mau gosto chegou ao apogeu. E' verdade que, em matéria de gosto, não se discute. Conta Max Eastman que numa exposição de quadros de Whistler, em Londres, um crítico dissera que um quadro era mau, outro era bom; ao que Whistler observou: — Você não deve dizer assim, mas apenas, gostei disso, não gostei daquilo, e está no seu direito, mas evite os qualificativos.

Convém, pois, que evitemos os qualificativos. Mas quando se vê um quadro em que aparece uma cabeça de mulher chata como uma folha de papelão, um homem grosso com braços finos e vice-versa, um boi com 6 pernas, ou uma téla em que se diria haverem jogado ali vários pinceis com tintas diversas, dando em resultado um monstruoso borrão, é pelo menos justo que confessemos não compreender a beleza daquilo.

A Arquitetura hodierna limitou-se ao caixão de batatas. Em Poesia desapareceu a métrica, a rima, a graça, a idéia. Por maneira que os versos diante dos quais alguns privilegiados se assombram; não passam, para mim, da maior indigência espiritual, da mais flagrante prova da falência da inspiração. Entretanto, seguindo os conselhos de Whistler, vou dizendo de público, apenas, que não gosto.

Em Economia Política, ao que parece, desapareceram também os princípios clássicos, entre os quais o da oferta e da procura: ficou o cambio negro, a economia dirigida, a queima dos produtos.

Em Religião o que é verificável e demonstrável é que é o risível. E' preciso manter o dogma e o absurdo, e ou se cai no místico, ou na mistificação.

Progrediu-se muito em Ciência, mas a cada passo que se tem dado em benefício do gênero humano, correspondem dez em seu malefício. E o que se dá com o indivíduo acontece com a nação. Cada um vê no próximo um inimigo.

Tal é o quadro da situação, que não nos permite ver os horizontes com o doirado rosicler que lhe nota o Ismael. Um progresso em câmara lenta, apenas.

Resta-me, porém, a esperança de que «o amai-vos uns aos outros» de Jesus, seja um dia uma realidade.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— IX —

Disse Alexis Carrel que «as doenças, tais como as diarréias infantis, a tuberculose, a difteria, a febre tifoide, etc., são eliminadas e diminuidas as mortalidades, mas o número de doenças mentais aumenta». E continuando, o autor de «O Homem êsse Desconhecido», chama a atenção para a educação, dizendo: «A educação dada nas escolas e nas universidades, que consiste sobretudo na cultura da memória, dos músculos e de certos hábitos mundanos, será na verdade desejável para os homens modernos, que necessitam, acima de tudo, de solidez mental, de equilíbrio nervoso, de capacidade judicativa, de coragem moral e de resistência à fadiga? Porque se comportam os higienistas como se o homem fosse um sêr exposto apenas às doenças infecciosas, quando está tão perigosamente ameaçado pelas doenças nervosas e mentais e pela debilidade de espírito?»

O que falta, pois, ao povo é essa educação mental afim de que possa melhor se defender contra êsse inimigo invisível que traiçoeiramente o póde atacar: a debilidade mental.

Os produtos farmacêuticos de que já falamos de início, «inuteis, e por vezes nocivos» contribuem em grande parte para a educação viciosa do povo.

Veja-se, por exemplo, o caso das vitaminas: Desde que apareceu êsse nome nos arraiais da ciência, todos os preparados o estampam com virtudes miraculosas.

Entretanto, dá-se o nome de vitamina à uma substância que é encontrada em todos os alimentos: leite, frutas, carnes, ovos, etc., cuja carência no organismo produz desarranjos funcionais.

Vejamos alguma coisa sôbre as VITAMINAS: Ainda no tempo em que os navios eram impulsionados à vela, o capitão de um deles notou que os seus marinheiros, após algumas semanas de viagem, sentiam-se enfraquecidos e seus males agravavam-se: mau hálito, olhos fundos, dôres musculares, fadiga física e mental, hemorragias nasais, gengivais e oculares e por fim a morte. Mas dando-se caldo de limão a esses doentes, eles não só saravam como voltavam à antiga vitalidade.

Essa doença que os atacava era o escorbuto. Sua causa a ausência de ácido ascórbico na alimentação. Ao ácido ascórbico encontrado no limão, deu-se o nome de vitamina C, que é encontrada também em todas as frutas cítricas e vegetais frescos.

Posteriormente verificou-se que os marinheiros japonezes também adoeciam com sintomas iniciais idênticos aos do escorbuto, e que iam-se agravando com paralizias, torpor, irregularidades respiratórias

rias até o desfecho fatal. Como os marinheiros se alimentavam só de arroz brunido, pensou-se também no regime alimentar.

A essa enfermidade deram o nome de beribéri. A causa era a carência de outra vitamina encontrada entre a casca e a semente do arroz, da cevada, etc., e que foi denominada vitamina B.

O arroz muito polido (brunido) não contém essa vitamina necessária ao nosso organismo, transformando êsse útil alimento em simples enchimento de estômago. Porisso, Monteiro Lobato já afirmou que o brasileiro sabe plantar arroz mas não sabe comê-lo...

Assim a palavra vitamina poderia ser traduzida ou interpretada por manancial de vida. Senão, vejamos: A carência da vitamina A no organismo, determina atraso de crescimento e um enfraquecimento geral. Ela é encontrada no fígado dos peixes, mamíferos e aves, nas cenouras, espinafres e em menor quantidade no leite e seus derivados, nas gêmas de ovo, etc. Quanto ao fígado de peixe, diga-se a bem da verdade, não é privilégio do bacalhau, constatando-se que o nosso cação o possúe para a extração da vitamina A em maior e melhor quantidade e qualidade que o longínquo «potychthys porosissimus» norueguês.

A vitamina D é importante para a constituição dos óssos, dentes e na defesa orgânica contra infecções. E' encontrada em óleos de fígado de peixes, nos óleos de caroço de algodão exposto ao sól e também póde-se recebê-lo natural e diretamente através dos raios ultra-violetas do sól: Na nossa péle existe uma substância chamada ergosteról que sob a ação dos raios solares se converte em vitamina D, sendo então absorvida pelo organismo. A carência dessa vitamina no organismo, determina o raquitismo.

A vitamina B 2 ou G, cuja carência produz dificuldades no crescimento e abrevia a vida, dando origem à Pelagra, que é uma doença caracterizada por aspereza e escamosidade da péle, afetando o crescimento e produzindo até a alienação mental. Para demonstrar que é deficiência da alimentação e não um germen que produz a pelagra, o dr. Goldberger, corajosamente, injetou em seu próprio sangue a descarga intestinal de um doente, provando assim que não era nenhuma bactéria a responsável pelo mal, uma vez que êle nada contraíu e sim a carência da vitamina B 2 ou G. Ovos, verduras, leite e carnes magras são alimentos ricos em vitamina B 2, principalmente os fermentos.

A vitamina E encontra-se no trigo, alface e outras hortaliças, e inflúe na atividade reprodutora, porisso que a chamam de vitamina anti-estéril.

Temos assim seis vitaminas conhecidas: A—B—B2 ou G—C—D—E, tôdas elas necessárias á vida. Note-se que é o próprio organismo que, através de seu maravilhoso laboratório, se encarrega de as extraír dos alimentos, afim de estabelecer o equilibrio vital, pois a carencia de vitamina é tão prejudicial quanto o seu excesso. Daí o perigo de se tomar vitaminas sem orientação clínica, quer sejam injeções, gôtas, comprimidos ou em fórma concentrada.

O melhor meio de dar ao corpo as vitaminas de que precisa, é dar a êle alimentos que as contenham. «Quasi todas as matérias da alimentação contém dóses variáveis de calcio, magnésio, sódio, potassio, clóro, fósforo, enxofre, iodo, ferro, cóbre e outros minerais de que o organismo precisa para a sua nutrição. Assim, um regime alimentar racional que contenha uma dóse apropriada das vitaminas é quasi certo possuir ao mesmo tempo todos os outros cinco elementos nutritivos do organismo humano».

As proteínas encontradas na clara do ovo, carne, peixe, caças, ervilhas e feijões, são necessárias para a renovação dos tecidos. Os carbohidratos ou amidos (hidrocarburetos) encontrados no açucar, leite, pão, frutas e nos vegetais, são os abastecedores de combustivel á máquina humana. Os alimentos gordurósos da manteiga, carne, creme e nóses, servem tanto para o combustivel como para reparar as células do organismo. A água é encontrada em todos os alimentos. A deficiencia alimentar é uma porta aberta ás molestias, porque um corpo fraco não oferece proteção a si próprio e muito menos reação adequada contra as infecções.

«O melhor conselho a êsse respeito é o de Mc Collum: «Coma o que quiser, depois de ter comido o que se deve».

Resumindo: Fontes de vitamina A: fígado de peixe, animais e de aves, manteiga, queijo, cenoura, tomate, banana, milho, etc. Da vitamina B: arroz não polido, trigo, espinafre, cenoura, laranja, etc. Da vitamina C: frutas cítricas como a laranja, limão, etc., e tomate. Da vitamina D: óleos de figado de peixe, gêmas de ôvo e a natural recebida através da péle pelos raios solares. De vitamina G ou B2: As verduras em geral (nabos, cenouras) e na principal fonte que é a levedura. Por todos esses motivos dizemos ás mães que vivem se preocupando com drògas e preparados, consultando almanaques, visinhas mal informadas e comadres conselheiras, para vêrem seus filhos robustos e fortes: Depois do trivial, dêm ás crianças caldos de frutas, (laranjadas e limonadas), e suco de tomate maduro. Para fortifica-las dêm á elas uma bóla de futiból, o que quer dizer: vida ao ar livre e exercícios.

Fenômenos de Materialização

III

Nova reunião de efeitos físicos com surpreendentes fenômenos de materialização, teve logar na séde provisória do Grupo «André Luiz», nesta Capital, cujos trabalhos se iniciaram ás vinte e meia e se encerraram ás 23 horas, com a presença além de mim, mais das seguintes pessoas: Snrs. Dr. Levindo Melo, médico, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, comerciante, Vicente Viola, guarda-livros, Inácio Domingos da Silva, funcionário público, Francisco Peixoto Lins, sargento do exército e Vitorino Eloi dos Santos, ferroviário; Snras. Alcina Teixeira Dias, doméstica, Emilia Póvoa Santos, doméstica, Risoleta Vilar Viola, doméstica, Maria Madalena de Oliveira, doméstica, Marieta Correia de Melo, doméstica, e das senhorinhas Dulce de Fátima Oliveira, Lenice Teixeira Dias e Lais Teixeira Dias, estudantes, sob a minha presidência. A' mesa dos trabalhos sentaram-se os médiuns Peixoto, Emilia e Lais. Com uma sentida prece, dei por aberta a sessão, evocando a assistência espiritual das entidades superiores do Espaço. Procedo, em seguida, à leitura do capítulo do «Nosso Lar» que tem por título «O trabalho enfim». Terminada a leitura e depois de saudar o velho pregador do Espiritismo, «Vovô Vitorino», que nos visitava, opino que, para não delongar os trabalhos, deixaria o cuidado da interpretação e comentário da lição para a segunda parte da sessão, incumbindo a irmã Lenice de proferir a prece com que prepararíamos o ambiente propício à manifestação expontânea, por incorporação, de um dos nossos amigos e mentores do Espaço. Logo o médium P. cai em transe e o querido espírito de Araci nos dá brilhante comunicação sonambúlica, cheia de transcendentes ensinamentos, bondosos conselhos e salutares advertências, preparando os nossos espíritos para a apreciação de importantes fenômenos de efeitos físicos que se iriam dar durante a sessão de tratamento astral, em benefício de vários irmãos doentes. A pedido meu, o espírito comunicante opina sôbre o tratamento médico de duas pessoas enfêrmas, afirmando que estavam sendo bem medicadas. E, como lhe perguntasse se tais e tais pessoas poderiam tomar parte das nossas reuniões, deu-nos o seu parecer cauteloso, sintético e incisivo, de molde a que também nós, fizessemos uso do nosso entendimento, aplicando o critério adotado segundo nos indicam e aconselham os princípios gerais da Doutrina e as próprias recomendações dos nossos amigos do Além. Estando presente à nossa reunião, pela primeira vez, o conhecido espiritista de Nova Iguassú, Vitorino Eloi dos Santos, e, não querendo fugir à praxe de consultar o Alto sôbre se poderia permanecer na reunião êsse nosso amigo, Araci nos responde que êle, que já fôra contemplado no Grupo Esp. «Pedro», em Macaé, no Estado do Rio, com a materialização do espírito de sua filha Ilka, então recentemente desincarnada, estava bastante capacitado para tanto, porém que lamentava não ter ainda abandonado o uso do cigarro...

E depois de externar os seus melhores votos de progresso espiritual aos presentes, o espírito amigo despede-se momentaneamente de nós, aconselhando a que o médium P. se recolhesse à cabine e se entregasse ao repouso, prometendo dar-nos com o auxílio de Scheila, um hino por meio de escrita diréta. A disposição das cadeiras se modificou para que todos pudessem apreciar os fenômenos.

Os trabalhos teem o seu curso normal e costumeiro, em sintonia com os do Grupo Esp. «Pedro», ás mesmas horas levadas a efeito em Macaé, em benefício dos sofredores. As irmãs Emilia, Risoleta e Lais, sentaram-se junto à cabine, de vez que fôra anunciado que seriam beneficiadas nessa reunião. Destaquei o confrade Vitorino para fazer o comentário da lição lida. Muito bem inspirado, o nosso irmão tirou um «substratum» valioso da lição, num estudo profundo e penetrante.

Acrescentei alguns comentários para ilustração da tése, notando-se que o ambiente ensejava imensas e significativas ilações aos nossos espíritos, os quais experimentavam, já, indefinidas sensações de bem-estar. Ouvem-se rumores na cabine e logo se nos dirige, em voz diréta, o espírito amigo de José, no seu linguajar característico. Diz que nota o contentamento natural nas pessoas presentes e, em tom suave, demonstrando desalento, pergunta pela viola ou pelo «fole». Respondemos-lhe que o Inocêncio não havia voltado de Campos e que quando voltasse, cumpriria com o prometido. Avisa-me de que David, meu pai, estava presente e que, como tivesse sido músico em vida, nos deliciaria com a execução de algumas melodias se alí dispusessemos de algum instrumento de fole ou corda. Anunciou-nos que êle se materializaria nesta reunião e recomenda que apagassemos a lâmpada. Ficámos, pois, em agradável espectativa. O José ainda nos informa que os bondosos espíritos de Scheila e Araci, estavam preparando letra e música de um hino que nos seria ofertado por escrita diréta. Colocaramos para tanto, alguns papeis em branco, examinados por várias pessoas presentes, sem caracteres nem pauta, deixando-os dispostos sôbre um fardo, junto à cabine. Foi cantado mimoso hino pelos presentes. O querido espírito de meu pai surge do lado esquerdo da cabine, completamente materializado, ultrapassando a passagem e vindo à assistência, tocando as nossas irmãs Emilia e Lais. Regressando à cabine volta a aparecer do lado oposto, chegando à assistência e colocando a mão sôbre a cabeça do nosso irmão Inácio, deixando os seus cabelos cheios de parafina e tocando o nosso confrade Vitorino que então fazia fervorosa prece, com as lágrimas nos olhos, pela emoção de incontido júbilo pelas graças recebidas. São vistos, então, fócos luminosos em várias direções e de diversas côres, notadamente vermelha, azul e amarela. Aparece a iluminação característica anunciadora da presença do elevado espírito de Abel Gomes. Batuíra, o abenegado pioneiro do Espiritismo em terras de Piratininga, produz várias explosões luminosas de grande efeito que a todos alegrou. Um fóco de luz côr de fogo se transforma em várias nuances delicadas. Novo fenômeno de voz diréta se observa: é Batuíra que faz uma preleção doutrinária de alta transcedência científica e evangélica. Uma outra entidade aparece materializada, saindo da cabine, e vindo à assistência tocar a nossa irmã Lais: era o espírito do cientista brasileiro, desincarnado em Caxambú, Est. de Minas, Dr. João Passos. O José volta a nos falar em voz diréta. Confessava-se alegre por estarmos apreciando tão relevantes fenômenos, mas se dizia desconsolado por não dispormos de quantidade de parafina suficiente para êle modelar o seu rosto, que chamou de *«minha fuça»*. Disse que Abel Gomes essava presente e, concomitantemente, aparece um bloco luminoso, quasi em formato de cruz. Adiantou ainda que meu pai tinha-nos deixado um presente, na modelação da mão e do braço esquerdo, trabalho que se achava dentro da vasilha da água fria. E diz-nos: «como não possa eu oferecer outra coisa, recebei isto». E atirou-nos várias pedras que cairam junto aos meus pés. Nós lhe agradecemos o carinho e o desvêlo com que nos distinguia e disse-nos que queria, ainda um dia, deixar-nos o formato da sua *«cara»* em parafina, mas que não nos espantassemos porque era muito feia. Respondemos-lhe que sabiamos que eram belas as suas intenções e isso nos deixava entrever a beleza da alma, que era o que tinha valor. E êle se confessou lisongeado. E, como na ocasião em que Batuíra nos falava, o seu retrato colocado na parede, se apresentasse alterado com um círculo, quadrangular de luz, nós lhe perguntassemos qual fôra o espírito que produzira o fenômeno, êle respondeu: «foi o Julio!» Perguntou-me se sabia de quem se tratava e eu lhe respondi afirmativamente, adiantando que fôra um médico desincarnado, há tempos, na cidade de Macaé! Êle confirmou o que eu dissera, silenciando em seguida.

Uma rajada de luz policrómica se desprende da cabine tomando o recinto por inteiro de uma iluminação feérica. O José disse-nos que foi Nina Arneira quem produziu esta luz, adiantando que o seu efeito seria mais atraente ainda, se o salão estivesse em trevas. A essa altura eu pedi à Lais que fizesse uma prece a Jesus como prova da nossa grande alegria, pois que ela tinha sido a mais contemplada com as graças do Alto, na presente sessão. Ela o faz com o coração nas mãos e com o sentimento d'alma nas palavras. A' proporção que ora com crescente fervor, os seus olhos se humedecem de lágrimas de reconfortante agradecimento. O lúcido espírito de Nina aparece do lado direito da cabine e dirige-se àquela companheira afagando-a e deixando flocos miudos de parafina por sôbre a sua cabeça. A querida entidade ostenta um traje feminino, quasi totalmente tomado por uma espécie de túnica transparente, alvissima. Voltando á cabine, surge do lado esquerdo e dirige-se, oralmente á Laís, nêstes têrmos: «Laís, peço-te que cantes o hino «Pai do Céu», de que tanto gosto e que representa uma prece ao «Criador». Os assistentes que se achavam perto da entidade notaram que os seus lábios se movimentavam com facilidade ao falar. Sentiu-se um odor agradavel e subtil a essa altura dos trabalhos. Regressando á cabine, novos fócos de luz se apresentam inclusive a irradiação de uma luz vermelha, debaixo do leito do medium. Nina ainda nos fala de voz direta, dando-nos sublimes ensinos e pedindo para transmitirmos um abraço ao confrade de Campos, Prof. Clóvis Tavares, que fôra seu noivo em vida e é o atual presidente da Escola Espírita «Jesus Cristo», obra de assistência social inspirada pela bondosa entidade. Fiz então um ligeiro comentário do Evangelho lembrando a promessa do Cristo de que Êle partia mas não nos deixaria orfãos, pois mandaria, em época oportuna, para restabelecer a Verdade e colocar todas as coisas nos seus devidos lugares, o Paracléto, o Consolador ou Espírito de Verdade. E a prova inconcussa e o argumento plausível do advento dessa éra estavá-se presenciando, alí, com o constatarmos, embevecidos, aquelas graças do Consolador prometido. O José reaparece-nos, solícito, a nos elucidar sôbre tudo quanto ia ocorrendo, já que eu lhe fizera o apêlo de nos ir informando e esclarecendo a respeito, de vez que, mesmo sabendo que os nossos trabalhos não têm o objetivo imediato da produção de fenômenos, pois que o seu fim primacial é aliviar o sofrimento físico dos enfêrmos, poderão êles, no mesmo passo e ao mesmo tempo, dar uma contribuição valiosa ao contingente científico da Doutrina, com a publicação do relato dos referidos fenômenos, aliás presenciados por pessoas idôneas moral e cientificamente. Versado em ciências jurídicas e sociais, tendo rúdimentos de fisiologia e de anatomia, discípulo que foi do grande cientista patrício Prof. Nuno Lisboa, no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, é claro que me havia de interessar pelo caráter científico da questão, estando animado de propósito, ao lado do trabalho de alcance social e moral que tiverem as nossas sessões, de que possa, com a ajuda dos meus amigos e confrades, de futuro, publicar, possivelmente, um trabalho que venha interessar aos doutos, aos cientistas, de que farão parte integrante as presentes crônicas. E o José compreendendo o meu pensamento, tem sido gentil em entrar em minudências, quer explicando os fenômenos, quer nos dando os nomes das entidades materializadas que por ventura não tenhamos identificado. E assim é que nos foi adiantando que o espírito de Scheila nos falaria, em voz diréta, e se materializaria. Faz-se nova prece e aparece, ao fundo da cabine, um vulto luminoso, semi-materializado, movimentando-se no espaço com desembaraço. Os seus caractéres fisionômicos não se distinguiam perfeitamente, todavia a sua figura, mais parecendo uma silhueta semi-transparente, se fazia notar, deixando-nos a convicção do contacto com um sêr inteligente e normal. O vulto desaparece para nos falar, em seguida, em voz diréta. Dizendo ser Scheila, e entretendo conosco uma animada e proveitosa palestra, o espírito manejava com dificuldade o vernáculo, arrastando suas palavras ao pêso do sotaque germânico, pois que se trata de um espírito que animara, ha poucos anos, um corpo de moça alemã. Disse que nos tinha deixado a letra de um hino, com a ajuda de Araci, que corrigissemos os possíveis êrros e que desculpassemos por não nos ofertar coisa de maior valia. Nós lhe externamos o nosso agradecimento pela distinção com que a sua bondade nos obsequiava e ela se despede, por agora, com palavras de externecido carinho e com referências elogiosas aos espíritos de Araci e Nina. Daí a poucos instantes o médium vidente avisa-nos: «Nina vai fazer uma oração por meio de voz diréta». E uma voz melodiosa, em tom feminino, se eleva ao Espaço, trazendo em suspenso os assistentes com a beleza dos seus conceitos e a significação moral da sua contextura. O José Grono fala-nos, ainda, afim de recomendar ao Inácio para, ao término dos trabalhos, entrar na cabine e aplicar passes magnéticos longitudinais no médium, despertando-o. A voz de Arací se faz ouvir para nos anunciar que deveriamos encerrar a sessão. Profiro então a prece de encerramento, agradecendo a Jesus, nosso Mestre e Senhor, a perfil benésse do seu amor com que nos distinguira nesta noite. Feita a luz artificial no ambiente fomos com avidez, à cata dos presentes. Encontramos, no chão, quatro pedras, sendo uma de ametista, uma de cristal de rocha e duas outras de um minério não identificado. A Lais, transbordando em júbilo, mostrava a relíquia que Nina lhe entregara em mão, constante de uma flôr de lírio, modelada em parafina. Na cabine, encontramos a luva de parafina que meu pai nos deixara. Sendo que desta vez aparecia o braço com a saliência das veias e do pulso, justamente como tivera em vida. Encontrámos também um botão de lírio feito de parafina. Lembramo-nos, então, da promessa de Scheila e volvemos o nosso olhar para o fardo em que colocáramos o papel liso, em branco, sendo que duas tiras continham uma, os caractéres musicais de uma música e outra a letra dêsse hino, denominado «Obreiros de Jesus», mensagens essas que só podem ser lidas através de um espêlho ou do lado inverso, através da luz. A mensagem musical tem o mesmo título dos versos e finaliza com a seguinte dedicatória: «Ofereço aos irmãos do Grupo «André Luiz», com o abraço de Arací». A mensagem escrita em português, é composta de quatro quadras de nove sílabas métricas e um «estribilho» constituindo numa quadra de sete sílabas (redondilhas), em versos perfeitamente metrificados, à exceção de dois, que me parecem frouxos, porém aceitáveis, segundo as exigências da técnica. Preferimos não os alterar por se me afigurar dispensável fazê-lo, guardando, assim, o pensamento integral da entidade comunicante e como prova de sua incontestável autenticidade. Como poeta provinciano, confesso que os versos de Scheila satisfazem e me apresso a adiantar que tenho visto por aí muita coisa publicada com o rótulo de poesia em jornais, revistas e livros, que se lhe não podem igualar! Quanto ao vernáculo, afigura-se-me bom, segundo as regras da concordância, embora se ressentindo da necessária pontuação. O estribilho, nêsse terreno, não se me parece perfeito, pois que o verbo iluminar é transitivo, exigindo complemento ou objeto diréto devendo estar precedido, portanto, do pronome *a*. Mas, em poesia, se isso chega a ser, realmente, um êrro, o mesmo se tornou admissível. Embora o que possa estar em jôgo e mereça realmente a nossa atenção seja a autenticidade do fenômeno, apresso-me a dar esta explicação, afim de serenar o ânimo dos críticos expontâneos, que não faltam por aí afóra, pressurosos de pontificarem do alto da veleidade da sua sabença, em assuntos relacionados com a filologia. Cumpre frisemos que nem lápis, nem caneta nenhuma havia junto ao papel e os caractéres apresentados nêste formam alto relêvo no verso, aparecendo o escrito em vários matizes, notadamente nas côres vermelha, azul e preta. Deve-se assinalar que todos êsses fenômenos se processaram vertiginosamente e alguns simultaneamente, sôbre os quais nem a menor sombra de dúvida poderia pairar, estando, também, afastada, por completo, a mínima hipótese de fraude, não só porque nenhum dos assistentes poderia ter quaisquer interêsses que êsse gesto pudesse justificar, como e principalmente porque os experimentadores são pessoas de reconhecida reputação ilibada e os trabalhos sofreram o necessário controle aconselhável. Os fenômenos de escrita diréta, especialmente, se deram à vista de todos, pois o local onde foi colocado o papel estava do lado de fóra da cabine, ao alcance da nossa vista.

O médium, que tivemos o cuidado de pesar antes da sessão, acusou, ao fim, uma perda de quatro e meio quilos. Antes, pesava 48 e depois 43 1/2. Eu e o Inácio, que pesavamos antes, noventa quilos, cada um, perdemos o pêso igual de 1,5 quilos, prova de que também emprestamos um pouco do nosso fluido animal (ectoplasma) para os espíritos se materializarem. Ao revés, verificou-se que a Lais, beneficiada na sessão, tinha o seu pêso aumentado de dois quilos.

. . . .

Cópia da letra do hino «Obreiros de Jesus», dado pelo espírito de Scheila, por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz»

«OBREIROS DE JESUS»

Nestas noites de amor e de esperança
Te imploramos, querido Jesus,
Que possamos com fé e confiança
Aceitar Teu Evangelho de Luz.

Estribilho:

Oh! Mestre Amado, ilumina
Nós os escravos do êrro;
Que tua santa Doutrina
Conforte o nosso destêrro!

Que os nossos espíritos faltosos
Aproveitem a oportunidade;
Que venhamos a ser venturosos
Na conquista de felicidade.

Que possamos curar os doentes
Nos seus leitos de dôr e agonia;
Levantarmos do lôdo os dementes
Com amor, com carinho e alegria!

Seja, pois, nossa vida, na Terra,
De trabalho e de iluminação,
Em ativo preparo p'ra guerra
Contra os vícios e a imperfeição.

Scheila.

CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA

CEPA

(Continuação)

ESTATUTOS

V — Conselho Federal

Art. 19.º — O Conselho Federal será formado por um Delegado representante de cada Organização ou Conselho de Relações filiados; sendo que nas votações se computarão dois votos à representação dos Organismos Centrais e um à dos Conselhos de Relações.

Art. 20.º — A renovação do mandato dos Delegados se fará à celebração de um novo Congresso Ordinário; todavia poderá ser renovada ou derrogada em qualquer tempo pelas autoridades legais da Organização que representem. O prazo da renovação se fixa em sessenta dias, a partir da data do encerramento do Congresso.

Art. 21.º — O Conselho Federal se reunirá bi-mensalmente pelo menos e, extraordinariamente, quando o Conselho Executivo o necessite, ou quando o requerer pelo menos uma quarta parte dos Delegados que o integrem, mencionando o assunto ou assuntos que requeiram sua consideração. Nêste caso o Conselho Executivo não poderá julgar da procedência, oportunidade ou razão da solicitação, devendo efetuar a convocação dentro de trinta dias do recebimento do pedido; não o fazendo, os Delegados solicitantes poderão convocá-lo sob sua responsabilidade.

Art. 22.º — O quórum é formado pela metade mais um dos Delegados integrantes do Conselho; decorrida, porém, uma hora da determinada na convocação, poderá deliberar com o número de Delegados presentes. Os Delegados que faltarem a três reuniões consecutivas sem causa justificada perderão automaticamente o mandato.

Art. 23.º — O Conselho Federal poderá tomar qualquer deliberação acórde com os Estatutos, inclusive cancelar o mandato do Conselho Executivo, renovando total ou parcialmente seus integrantes, se o pronunciamento contar com o voto de três quartas partes dos Delegados integrantes do mesmo. Caso o total dos presentes não atinja ao mínimo requerido, poderá fazer-se nova reunião dentro de quinze dias, e as deliberações poderão ser tomadas, nesta circunstância, com três quartas partes dos Delegados presentes.

Art. 24.º — São atribuições do Conselho Federal:

a) Assumir a representação da CEPA.

b) Interpretar os Estatutos.

c) Determinar regras gerais ou internas que julgue convenientes.

d) Criar Organismos, anexos, inter-americanos, de carácter juvenil ou feminino, de defesa dos direitos da mãe e da criança; dos velhos e desvalídos, ou de outro carácter, que julgue necessários.

e) Promover a formação de Institutos de experimentação científica e Escolas de divulgação do pensamento espirítico.

f) Levantar o nível moral dos trabalhadores até reivindicar totalmente a dignidade humana.

g) Participar de todo movimento pró-paz.

h) repudiar por todos seus meios a pena de morte.

i) Resolver qualquer questão não prevista nestes Estatutos.

VI — Conselho Executivo

Art. 25.º — O Congresso designará uma Comissão de três membros, em fórma de Secretariado, a qual convocará o Conselho Federal dentro de noventa dias após a celebração daquêle, mediante a prévia verificação de credenciais de representação que invista às Delegações, afim de designar os membros que hão de integrar o Conselho Executivo, com especificação de seus cargos, bem como adotar as medidas necessárias à instalação da Séde oficial e demais providências.

Art. 26.º — O Conselho Executivo será composto de onze membros que desempenharão os seguintes cargos: Presidente; 1.º e 2.º Vice-Presidentes; Secretário Geral; Secretário Administrativo; Secretário de Relações; Secretário de Imprensa e Propaganda; Tesoureiro; 2.º Tesoureiro; sendo Vogais os membros restantes.

Art. 27.º—O Conselho Executivo só poderá ser integrado por representantes de Organizações Centrais federativas, quaisquer que sejam as organizações reconhecidas como tais.

Art. 28.º — São atribuições do Conselho Executivo:

a) Manter a organização da CEPA;

b) Convocar o Congresso trienalmente e estabelecer os trabalhos a serem por êle considerados;

c) Cumprir e fazer cumprir as resoluções adotadas pelos diferentes órgãos;

d) Convocar o Conselho Federal pelo menos de dois em dois mêses;

e) Assumir a representação da CEPA com a obrigação de dar conta ao Conselho Federal de todos os atos, seu pronunciamento em todos os casos especiais que se apresentem.

(Continua).

Estudos Evangélicos

Confirmação do Alto

Em o nosso anterior artigo epigrafado: — *Elí. Elí, lama sabachthani?*, cujo estudo temos muita satisfação de saber quanto agradou, até através de cartas de distintos confrades do Sul do nosso país; como houvessemos de passagem, feito referências ao *ad referendum* dos nossos inesquecíveis Guias—os vivos do Oriente—e dissessemos ser isso motivo para outro artigo, voltamos em desobriga déssa promessa.

Ha uns 33 anos, reuniamos aos domingos, ao cair da tarde, em certa residência familiar de confrades. Os seus chefes eram dedicados à causa espírita, sendo a esposa valioso médium cujo espírito se transportava, deixando o corpo prostrado, a acudir por afinidade um caso cujo perigo ela o sentia à distancia.

Sempre fomos estudiosos dos Evangelhos, interessando-nos mais e melhor a palavra do Cristo e dos que o acompanharam — o *Novo Testamento*, porém, com o concurso da mais elevada filosofia o Espiritismo, que conduz aos de bôa vontade a desprezaram a letra que mata, indo em busca do espírito que a vivifica. Numa déssas memoráveis reuniões, tal a afinação e disciplina, reuniões sob nossa investigação por indicação do Alto, serviramos da oportunidade que se oferecera e de ha muito esparada. Antes das reuniões as conversações versavam sôbre factos espíritas, o Evangelho, sofrimentos alheios, provações, etc., o que, seja dito de passagem, constitui a harmonia de pensamentos e perfeito encaminhamento à capacidade de atrair as melhores elucidações e conselhos dos Guias e Protetores.

Médiuns desenvolvidos e inconscientes, porém sem grandes conhecimentos, descutiam, entre outros confrades, as fraquezas humanas pela falta de Fé. Interviramos, ponderando que seriam felizes os que já possuissem a Confiança, êsse caminho muito longo, para chegarmos a possuir êsse primeiro «grão de Mostarda» que nos faria dar ordens às montanhas, a-pesar-de lá chegarmos um dia através dos sofrimentos, expiações, etc., adquiridos nas muitas reincarnações. Não obstante, continuavamos, o Evangelho nos indica o Cristo, êsse modelo de perfeição em todos os sentidos, fraqueando no momento extremo, êle que sabia qual o final e finalidade de sua missão, ao dizer: — *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*», êle o maior de todos os profetas! Imagine-se a condição nossa, rastejando ao pêso de muitas faltas do passado, algumas do presente com promessas de sermos melhores amanhã, promessas que sómente podem ser cumpridas à luz única e esclarecedora do Espiritismo, para então acertarmos os primeiros passos no caminho da Fé!... De chôfre, foi apoderado um dos melhores médiuns do meio e inconsciente, e o Espírito em alto brado, como um veemente, significativo e esclarecedor protesto, conclama: — «*Jesus não disse tais palavras, nem é êsse o teu pensamento!*» E, também de chofre deixou o médium. Silêncio. Não esperavam por aquilo. Menos nós que ansiavamos pela palavra de um dos guias espirituais e aproveitaramos a oportunidade, sem d'antemão preparar o espírito dos companheiros que estimavam os nossos argumentos.

Reunidos à hora prefixada, o assunto foi abordado com admiráveis conclusões aos nossos despretenciosos pontos de vista e louvada a atitude nossa a esclarecimentos que tais.

Aí está o *ad referendum*, o comprovante prometido, *ad perpetuan rei memoriam*...

Ricardo Machado.

Novembro de 1946.

Obreiros da Vinha do Senhor

A Seára verdadeiramente é grande, mas os obreiros são poucos. Rogai ao Pai que envie obreiros à sua Seára. — (Mat. IX-37/8).

O intercâmbio entre vivos e mortos, não é um privilégio dos tempos atuais. Desde as épocas mais remotas, assinalam os livros sagrados provas exuberantes desse colóquio.

Hodiernamente, graças às luzes trazidas pelo Espiritismo, que veiu provar a sobrevivência e a preexistência da alma ou espírito, a manifestação ostensiva dos que impropriamente chamamos *mortos*, tornou-se cousa trivial, uma vez que a nós outros foi dada a possibilidade de entrarmos em contacto com o mundo dito do além.

A Codificação, por sua vez, deu-nos as regras e normas, ensinando o meio e o modo, para que esse intercâmbio pudesse se realizar com êxito.

No *Livro dos Mediuns* estão contidas todas as instruções e as advertências sábias do Codificador; orientação segura e uniforme, acerca dêsse original comércio, dadas pelos seus prestimosos auxiliares, por êle legadas com amorosa preocupação aos seus pósteros.

E' bem verdade que, por vezes, estas instruções e preceitos, são descurados e deixados de parte por um grade número de adeptos, promovendo, mesmo, alguns, uma série enorme de alterações e deturpações, ferindo fundo e seriamente, a pureza daquilo que houvéra sido aconselhado na obra acima citada.

Tais deturpações têm dado lugar a que ultimamente venham aparecendo na imprensa espírita comentários desairosos sôbre o modo como em certos meios vêm procedendo algumas organizações, com respeito a realização de sessões ditas práticas, as quais deixam muito a desejar, quanto aos métodos e prática utilizadas, contrariamente ao que foi preceituado pelo Codificador para orientação das mesmas, dando lugar a serem consideradas por alguns *espíritos fortes*, como *sessões de câmaras mortuárias*...

Allan Kardec, esse grande missionário da Nova Revelação, ao construir o formidável monumento da Doutrina Espírita, teve em mira dirigir-se de preferência aos sofredores e desherdados da sorte, e por isso em breve tempo, passou ela a ser adotada por considerável número de criaturas. Homens de todas as classes e todos os meios sociais, fizeram-se seus adeptos. Era natural, portanto, que os vaidosos e presunçosos, ao envez de se amoldarem ás exigências da disciplina da nova crença, trouxessem os hábitos e caprichos das suas antigas religiões. Esta circunstância deu lugar a que essas criaturas procurassem enxertar nos núcleos onde pontificavam, os absurdos que julgavam possíveis a sua introdução, tais como casamentos, batizados, rituais, sacramentos e outras práticas exdrúxulas, com uma tendência muito acentuada, como preocupação única, para as sessões de manifestações — uma vez que não podiam se emancipar de pronto das tradições seculares, sem todavia, atentar no grande mal que faziam à doutrina nascente e do ridículo a que se expunham.

Daí surgirem Centros e mais Centros, com santuários, velas, luzes de vários matizes, obrigando os seus frequentadores ao uso de uniformes, charutos, além de outras cousas mais, práticas estas que nos forçam a classificar estas agremiações espíritas, apenas no momento que abusivamente usam e nada mais.

A Doutrina espírita, não tolera estas práticas que são contrárias a tudo o que ensina, e as regras que estabelece para os trabalhos ditos práticos, considerando tudo o que se faz por aí em fóra, nêsse sentido, como verdadeira profanação de sua finalidade moral e cristã, num flagrante atentado a sua característica simplicidade.

Essa tendência para a adulteração e prevaricação, e consequente abastardamento da Doutrina, não escapou ao senso do Codificador, quando afirmou que ao lado das múltiplas consolações e benefícios que a todos traria, a prática do Espiritismo ofereceria muitos e sérios perigos, que convinha prevenir e combater.

Portanto, tudo o que se fizer ou escrever em Espiritismo contrariando as suas regras básicas, póde ser tudo, menos Espiritismo.

* * *

E apenas como ilustração destas notas, vamos transcrever, alguns trechos de uma comunicação do espírito de Eça de Queiroz, extraída do 3.º Volume da obra «*DO PAIZ DA LUZ*», obtida pelo médium Fernando de Lacerda, onde aquêle espírito vem nos dizer das decepções que tivera ao se comunicar com o nosso plano, tal o desarrazoado das perguntas que lhe foram feitas.

Disse êle: — «Imagina que quiseram que eu lhes désse informações prontas e seguras sôbre os dois problemas mais sérios e mais transcendentes a que póde abordar a investigação humana: — O que é Deus, e o que representam, em face da doutrina espírita, os animais da escala inferior: — se futuros espíritos humanos em evolução, se espíritos próprios de cada espécie. Espera-se que o primeiro de nós apareça despreocupadamente, como o caçador espera o incauto láparo, que vai deitar-se ao sol, à bôca da lousa e dispara-se-lhe uma saravaida de perguntas, em que se mistura o desejo de saber se o Padre Eterno é aquêle venerando ancião de longas barbas nevadas, que as oleografias baratas popularizam, como o desejo de saber qual é a doença de que sofre o marido da senhora dona Fulana, ou se a interessante menina de tal casará com o seu não menos interessante adorador Fulano... E não será raro quererem fazer de nós adivinhadores de bilhetes de loteria, pesquisadores de ricos tesouros escondidos pelas mouras encantadas ou pelos nossos heróicos avós, quando fugiam diante dos famintos soldados de Napoleão; agentes de casamentos, vigilantes de maridos infieis, portadores de recadinhos amorosos e não sei quantas coisas mais, das muitas que germinam e florecem na parte louca de cada cérebro humano. Eu sei que tudo se póde perguntar, e tudo póde obter lindas respostas. Se aí a parte néscia da humanidade curiosa, fecunda e páre tão graciosos disparates, aquí também a parte velhaca e má da humanidade livre, tem bôjo para se divertir à custa das ingenuidades ou das ambições que os encarnados revelam. Nem eu, nem ninguém aquí, póde responder com verdade e bôa fé a todas as perguntas que nos fizerem. Cada um de nós sabe só a parte limitadissima que cabe na esfera dos seus conhecimentos individuais. A oniciência ainda não atingiu êste mundo. Há vulgarizada nêsse mundo a falsa idéia de que a morte é banho miraculoso, ao sair do qual se fica inteiramente sábio. Não descontavam, sequer, a possibilidade de que eu não fôsse dos favorecidos por Calíope nos dóns da eloquência, sendo assim uma exceção rara da aluvião cogumelesca de Cíceros com que Deus dotou a nossa terra. O raciocínio era : — sabia escrever ? devia saber falar. Não tinha sido um *Demosthenes* nêsse mundo ? Devia ser um *S. Crisóstomo* nêste !»

Certo é que inconveniências dessa espécie só podem acontecer nos meios pouco esclarecidos, mal orientados, portanto. Contudo, englobar numa só classificação — *câmaras mortuárias* — todas as reuniões espíritas de carácter mediúnico, porque algumas pecam pela sua má orientação, é um grande contra-senso.

Leon Dénis, emérito discípulo de *Allan Kardec*, que viveu muito de perto as verdades espíritas, também sentiu grandemente a necessidade do estabelecimento de regras que fizessem perseverar o Espiritismo das mistificações e prevaricações, chegando a dizer : «A proporção que o Espiritismo se divulga, mais imperiosa se faz sentir a necessidade de estabelecer regras positivas, condições sérias de estudo e experimentação. E' preciso evitar aos adeptos amargas decepções e a todos tornar acessíveis os meios práticos de entrar em relação com o mundo invisível». *(NO INVISÍVEL)*.

E' preciso jamais esquecer que o estudo do mundo invisível requer muita prudência e presciência.

«Há, portano, grande perigo — prossegue *Léon Denis* — para aquêle que se entrega sem reservas à experimentação espírita. O homem de coração réto, de razão esclarecida, e madura, poderá colher dela consolações inefáveis e preciosos ensinos. Mas, aquêle que só fôsse inspirado pelo interêsse material, ou que só visse nêsse facto um divertimento frívolo, tornar-se-á fatalmente objeto de uma infinidade de mistificações, joguete de espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam a sua confiança para depois acabrunhá-lo com decepções e zombarias». — *DEPOIS DA MORTE* — pag. 217.

* * *

Nem por isso, devemos furtar-nos à prática do Espiritismo. Os perigos que nos ameaçam, em virtude de uma prática imperfeita, deve ser motivo de estímulo para melhormente aparelhar-nos para ela, aumentando o âmbito dos nossos conhecimentos, com a consequente elevação do nível da nossa moralidade ; dêsse modo, diminuiremos de muito as possibilidades de incorrermos em faltas, cometendo êrros, e assim poderemos conseguir, através da palavra dos espíritos, indiscritíveis consolações.

Não se poderia mesmo compreender um Espiritismo sem sessões práticas, porque, será sempre através delas, quando bem orientadas, que chegaremos a obter os ensinos dos Espíritos Superiores, que terão por missão fazer a Revelação prosseguir.

«A nossa indiferença para com as manifestações espíritas — diz *Leon Denis* — não nos privaria sómente do conhecimento do futuro do Além túmulo ; pois nos desviaria também da possibilidade de agir sôbre os espíritos infelizes, de lhes amenizar a sorte, tornando-lhes mais fácil a reparação de suas faltas. Os espíritos atrazados tendo mais afinidade com os homens do que com os espíritos puros, em virtude de sua constituição fluídica ainda grosseira, são por isso mesmo mais acessíveis à nossa influência». *(DEPOIS DA MORTE)*.

Por esta razão, a que alude *Denis*, os espíritos sofredores necessitam de nós, mas, quasi sempre nos encontramos em situação inferior a dos apóstolos, que não puderam curar um lunático, e apelaram para Jesús!...

Não se nega que a principal finalidade da Doutrina Espírita, é a doutrinação daqueles que ainda se encontram presos à matéria, ou seja dos chamados *vivos*, e a sua consequente iluminação, de modo que, uma vez transposto os humbrais da Espiritualidade, não devam ir aumentar as falanges dos espíritos sofredores, dispensando, portanto, o comparecimento às sessões mediúnicas, para a sua doutrinação.

A concretização dêsse anseio de perfeição na objetivação prática, todavia, pertence ao futuro.

Impõem-se no momento crear no ambiente doutrinário o espírito missionário, onde cada um procurará integrar-se verdadeiramente na missão que lhe fôra atribuida na Espiritualidade, e que fará o homem levar mais a sério as suas responsabilidades espirituais dentro da vida, buscando marchar sempre para a frente e para o alto, com os olhos fitos na figura impoluta de Jesus!

André Luiz, focaliza muito superiormente, no seu livro — *OS MENSAGEIROS*, a missão do *obreiro da Vinha do Senhor*.

«O bom servo—diz êle—deve estar preparado para o serviço do Senhor, em qualquer circunstância, porque êle não vem ao mundo para um descanso injustificável, mas para lutar pela sua melhoria, a despeito de todos os impedimentos fortuitos. O missionário — prossegue *André Luiz* — é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que cousa alguma o exonera das culpas adquiridas».

Quando os obreiros esquecem o espírito missionário, da dedicação e da abnegação aos seus semelhantes, transformam-se em instrumentos inoperantes, ou seja, inúteis.

O bom obreiro deve estar revestido do espírito de renúncia e de altruísmo, para que assim possa trabalhar no sentido de fazer sentir a todos a necessidade da realização em si de uma superior edificação espiritual. Porque nenhum obreiro deve esperar subir em graças, sem esfôrço, sem lágrimas e sem sacrifícios!

Era necessidade imperiosa para todo aquêle que desejasse seguir a Jesus, deixar pai, mãe, bens, amigos, tudo, para que a sua única preocupação fôsse uma só — Jesus!

Todavia, não esqueceu de recomendar: — «A quem mais se dér, mais se pedirá».

Devemos todos trabalhar pela conservação da pureza doutrinária, em todos os seus variados setores, com espírito missionário, combatendo tudo que tenha o caráter de falsificação e adulteração dos seus divinos e sagrados postulados, jamais esquecendo a advertência pauliana, de que é preciso «guardar-nos dos maus obreiros» (Felip. III 2), e como «a Seára verdadeiramente é grande, mas os obreiros são poucos, roguemos ao Pai para que envie obreiros à sua Seára» (Mat. IX-37/8).

J. B. Chagas.

Nova Igussú, Novembro de 1946.

UMA CARTA

Curitiba, 18 de Fevereiro de 1947

Sr. Dr. AUSTREGESILO DE ATHAYDE
Redação de «O Cruzeiro»
Rio de Janeiro

Assíduo leitor da valente revista, de que V. S. é digno Diretor-Secretário — «O Cruzeiro» — costumo ler, em primeiro lugar, e com muito agrado, os artigos de sua autoria, eivados, sempre, de profunda sabedoria e sentimentos cristãos, o que os torna atraentes e inconfundíveis.

Com tal disposição, li o seu trabalho «A PERENE REVOLUÇÃO DO CRISTO», constatando, a pesar meu, que V. S. como muitos outros intelectuais patrícios, confunde catolicismo com Cristianismo, quando é chocante o contraste entre ambos.

Mas, como podem — o catolicismo — partido político estrangeiro, de atuação universal e — a Igreja — a maior organização financeira do mundo, operando em todos os negócios, inclusive bancários, ser confundidos com o Cristianismo?

Cristo pregou e exemplificou o amor, a humildade, o perdão, amando e perdoando e pedindo, ainda, no momento cruciante do seu martírio, o perdão do Pai, para seus algozes que — dizia — «não sabem o que fazem».

A Igreja, para maior domínio espiritual e político da humanidade, instituiu a «santa» Inquisição que durante trezentos e tantos anos, condenou à morte, à deshonra, à maldição, ao confisco dos bens, muitos milhares de pessoas inocentes, pelo único crime de discordarem de seus dogmas obsoletos, anticientíficos e anticristãos.

Cristo disse: — «Dai de graça o que de graça recebestes».

A Igreja não presta um único serviço gratis aos seus crentes, cobrando até o dobre dos sinos, nos funerais...

Cristo viveu na humildade e na pobreza, junto aos pobres e humildes e os «seus» representantes vivem no fausto, no meio dos ricos, disputando os melhores lugares dos banquetes e festas, interferem ostensivamente na política e estão sempre dispostos a agradar a Cezar...

As comparações são odiosas, bem o sei, mas, incontestáveis!

Assim pois, de acôrdo com as profecias, o fim próximo que se espera, não é o do Cristianismo que será eterno e salvará o mundo, mas o do Catolicismo que tem explorado miseravelmente a humanidade, semeando a discórdia e as guerras e mantendo o povo ignorante das verdades simples do Evangelho de Jesus. Aos sacerdotes de seu tempo, com menos vícios e paixões que os da atualidade, Cristo disse: «As prostitutas e os ladrões vos precederão no reino dos Céus».

Finalmente é cristão o que, embora não parecendo, óbra cristãmente ou o que se dizendo tal, age farisaicamente?

Que a paz de Jesus reine em seu coração é o que deseja

A. Oliveira Lima.

Crônica Estrangeira

A menina milagrosa

«Constancia»

Londres (U. P.) — Apareceu na India uma menina de 12 anos que, segundo parece, é dotada de poderes milagrosos. Comunica de Jhansi o correspondente do Exchange Telegraph, que esta menina, empregada doméstica, certo dia encontrava-se em meio a uma multidão, quando tocou um leproso e o enfêrmo curou-se instantaneamente. No domingo passado — acrescenta o correspondente — curou certa menina do Bombaim, que era cega de nascimento. No mesmo dia tocou um paralítico de Nagpur, que sofria ha vários anos, e no mesmo momento curou-o de seu mal. Acrescentam que milhares de pessoas procedentes de Bombaim, Calcutá e Madras, assim como de outras cidades da India, estão chegando à aldeia de Jhansi para verem a empregadinha que realiza tais prodígios.

⁂

Um caso de cura à distância

«Psychic News» e «Spiritualisme» publicaram o seguinte:

A 5 de Janeiro de 1946, morreu, aos 73 anos, o célebre curador PARISCH. O mesmo que tratou de 500.000 enfêrmos, geralmente casos desesperados, incuráveis que tinham feito a via dolorosa a consultórios médicos, hospitais, especialistas para ouvirem dizer que nada poderia ser tentado em benefício deles. E graças à sua faculdade, PARISCH obtinha resultados maravilhosos: os exames médicos e as chapas radiográficas o provaram.

Em resumo, reproduzimos um caso de cura à distância relatado por J. A. Goodrik:

Um carteiro do Nordeste da Inglaterra fôra atingido por uma moléstia misteriosa, cuja causa o médico da família atribuia a uma excressência na cabeça.

O homem foi mandado para o hospital e examinado por especialistas que declararam inútil a operação; o enfêrmo estava condenado.

No último extremo, sua mãe escreveu a um médium curador, pedindo seu auxílio para salvar o filho moribundo. Era sempre a mesma cousa: recorreu ao médium curador quando a medicina oficial fracassou.

W. T. PARISCH, o curador consultado, sem perda de tempo, apelou para as fôrças espirituais que operavam por seu intermédio. Ele escreveu á mãe: «Eu vos asseguro que, quando é necessário, permitem-me visitar, em espírito, os enfêrmos, quando adormecidos, afim de lhes dar tratamentos espirituais.»

PARISCH sabia o que significava poder seu espírito ir visitar os que tinham necessidade de seu ministério.

Tratava-se do corpo espiritual ou perispírito que fora visto bastas vezes.

Reflita-se, á luz dessa faculdade, sôbre o que a mãe do carteiro «moribundo» escreveu a PARISCH numa carta posterior:

«Há um mês que meu filho está se restabelecendo. Ele diz a sua mulher e á cunhada que o velam:

— Eu me sinto bem. Alguem tirou algo de minha cabeça. Era um homem. Senti que êle pôs uma das mãos sôbre minha cabeça.

Depois disso, as melhoras se acentuaram gradualmente. Seu médico, tomado de assombro, o levará para o hospital, para que os especialistas constatem a cura. Meu filho permaneceu no leito durante cinco meses; recentemente êle veio me visitar, em automóvel».

⁂

No domínio dos factos

(Publicação póstuma)

Um caso singular de sonho contado por Charles Richet. «No dia 3 de setembro de 1916, por ocasião do ataque na região entre Maurepaz e Cléry, um dos pontos mais agitados da Somme, o tenente.... do batalhão 15.º de caçadores alpinos foi atingido por bala, nos dois braços e deixou a linha de fogo, onde estava, para passar à retaguarda; quinze dias a seguir faltou, de noite, à chamada. Procuraram-no em todas as ambulâncias e como não fôsse encontrado foi inscrito como desaparecido. No dia 8 de setembro o batalhão 15.º de caçadores alpinos voltou ao mesmo setor, onde a linha, devido ao sucesso de 3 de setembro, tinha sido levado para 3 quilómetros de distância pouco mais ou menos. Na noite de 18 para 19, um amigo íntimo do tenente desaparecido, também tenente, que comandava o canhão 37 do mesmo batalhão, teve um sonho terrível: viu o seu amigo agonizando numa cova funda, ao pé de um salgueiro, lamentando-se amargamente por se ver assim morrer sem ter quem o socorresse. Impressionado por êste sonho, M. V. foi contá-lo ao chefe do seu batalhão. O comandante apesar de conhecer o sangue frio e septicismo do oficial, não tomou o caso a sério, porém, por comprazer, concedeu-lhe curta licença para que êle fizesse o seu inquérito nos arredores. M. V. a medida que se aproximava do vale de Creux, mais se admirava de deparar com o quadro que êle vira em sonho. Ao pé de um salgueiro estava uma tabuleta com a seguinte inscrição: «Aquí jazem dois soldados francêses». O tenente M. V. fez revolver a terra e encontrou os restos do seu amigo perfeitamente identificados. A inhumação tinha se realizado havia, apenas, uns 15 dias — «Quem será capaz de explicar, de maneira satisfatória, semelhante acontecimento?» — pergunta Charles Richet. A ciência, um dia, desvendará o mistério.

Os fenômenos psíquicos desempenham o mesmo papel que, nas guerras, as fortalezas voadoras, arrazam, destroem a incredulidade. Martelemos nos factos.

O cura de Beaux de Breteuil (Eure), em carta dirigida a Camilo Flammarion refere o que se segue: «Um alfaiate, Alexandre Drouat, de 26 anos, dormia tranquilamente quando foi despertado por sua mulher que gritava aflitivamente sob o domínio de horrível pesadêlo. — «Que tens tu?» — perguntou-lhe o marido, acordando-a. A pobre senhora explicou-lhe que estava sonhando que o via morrer após uma agonia de alguns instantes. — «Les songes sont mensonges» (os sonhos são mentiras) — lhe respondeu êle, — «e a prova é que estou aquí cheio de saúde e sem vontade alguma de ir para o outro mundo; socega e dorme que é melhor». Dizendo isto, levantou-se para beber um pouco dágua e voltou a deitar-se. Uma hora depois, seriam 4 horas da manhã, Mme. Drouat acordou e, verificando que seu marido, que parecia dormir, não respirava, assustadíssima chamou os vizinhos e a seguir o médico, o dr. Bussi que confirmou a morte do pobre homem, causada, segundo sua opinião, por uma síncope cardíaca». Quem avisou Mme. Drouat que seu marido ia morrer? Como poude ela vêr em sonho o que iria suceder daí a pouco? O presente caso assume um carácter bastante interessante e inexplicável pela circunstância de ter sido o aviso feito algumas horas antes de realizar-se a morte. Mas o facto, por inexplicável, não fica destruído. O futuro um dia desvendará o mistério.

Frederico A. Gomes.

⁂

Efeitos físicos da música

«Constância» transcreveu de «Evolución»:

Durante milênios tem sido constatado os efeitos terapêuticos da música. Mas foi sómente no último século que esta fórma terapêutica foi colocada no lugar que lhe compete entre as artes curativas. Realizaram-se muitas experiências para determinar os diversos efeitos da música e êste conhecimento é empregado vantajosamente. A terapêutica musical está sendo empregada em muitos hospitais na alienação mental. Os Drs. Altschuler e Shetesta descobriram em suas experiências com enfêrmos insanos, internados no Hospital de Elvisa, Michigan, que a música suave e doce é trinta e cinco por cento mais eficaz que as compressas frias, geralmente empregadas para acalmar alienados mentais. Naquêle hospital empregam extensamente a terapêutica musical. Para os pacientes violentos tocam música suave; e para deprimidos e letárgicos, prescrevem música alegre.

Muitas firmas manufatureiras progressistas, usam a música com proveito. Descobriram que os operários trabalham com menos fadiga e com mais eficiência, especialmente quando o trabalho é monótono. Alguns dentistas já empregam a música para auxiliar a anestesia. Verificaram que músicas apropriadas diminuem a dôr.

Em casos de insônia, executam as seguintes seleções: O Danúbio Azul de J. Strauss, Humoresco por Dvorak, Sonata da Meia Noite por Beethoven, A Tarde de um Escravo por Debussy, A Serenata de Schubert, as Patinadoras por Waldteufel e a Bôda dos Ventos por Hall.

Indubitavelmente descobrir-se-á que as seleções mencionadas darão magníficos resultados para conciliar o sono.

Quando a tristeza deprime o ânimo, experimentem-se estas seleções á guisa de tônico; Prelúdio, Op. 28 N. 1 de Chopin, marcha movimento da Sinfonia Patética por Tchaikovsky, Rápsodia Ungara N. 2 por Litzt, Overture Egmont por Bethoven e Côro dos Peregrinos de Tannhauser por Wagner.

Ray Van Cleef

⁂

Notável caso de bilocação

O Journal of the S. P. R. (1929) publicou êste caso. E' um episódio da primeira Grande Guerra. O próprio protagonista o comunicou ao prof. Oliver Lodge que, a seu turno, o transmitiu ao diretor do mencionado jornal.

Importa notar que todos quantos têm passado pela experiência do desdobramento conservam inabalável a convicção de terem assistido à separação de seus espíritos dos respectivos corpos e, conseguintemente, conservam, também, inabalável, a certeza de que o espírito sobrevive à morte do corpo; existindo as personalidades conscientes, sensitivas e inteligentes ao espírito, fóra de seus corpos, estranhos aos corpos.

Eis o caso de bilocação:

> «...Deixámos Monchiet à tarde e, depois de horrível marcha por uma estrada em que se escorregava continuamente, pois não havia um palmo de terreno que não fôsse lama misturada com neve derretida, chegámos a Baumetz, já noite. Brevissima parada e de novo em marcha para Wailly, na linha de fogo. Aí penetrámos numa trincheira de comunicação, patinando na água lodosa. Aquela trincheira tinha 1.800 metros de comprimento e, nos parecia interminável. O lôdo líquido nos chegava aos joelhos, ao mesmo tempo que um chuvisco gelado nos flagelava implacavelmente o rosto, enregelando-nos até aos ossos. Chegámos, afinal, à linha de fogo, onde substituimos um batalhão francês. Encontrámo-nos na pior

das trincheiras. Desde muitos mêses, nenhuma reparação aí se fizera. Em vários pontos estava desmoronada e não protegia do fogo inimigo as nossas cabeças; estava toda ela transformada numa gamela de estrume líquido. Eu e H. fomos imediatamente mandados a montar guarda. Estavamos tão extenuados, que nem tinhamos forças para maldizer a sorte. O corpo estava exausto, enxarcado, enregelado até á medula pelo chuvisco implacável que nos flagelava, morriamos de fome, sem qualquer esperança de alimento. Não havia meio de acender o fogo. Nem uma polegada de terreno para nos assentar, nenhum palmo quadrado de parapeito atrás do qual pudessemos calar a fome com uma cachimbada. H. e eu jamais houveramos acreditado possível que a tal extremo pudessem chegar os sofrimentos inflingidos a criaturas humanas. Contudo, já haviamos experimentado muitas noites de inaudito martírio.

Muitas horas se passaram naquela horrenda situação, quando, de-repente, tudo mudou para mim. Tornei-me consciente, certissimamente consciente de achar-me fóra de meu corpo. Verifiquei que o meu «Eu» real, consciente, o espírito — pouco importa o nome — se havia totalmente libertado do organismo corpóreo e, de fóra dêste, eu contemplava aquele mísero corpo vestido de cinza-verde, que era o meu corpo, mas olhava-o com absoluta indiferença, pois que, embora certo de que aquêle corpo me pertencia, já não havia laços que me prendessem ao seu martírio e o considerava como pertencente a outrem. Sabia que êle deveria estar sofrendo de maneira horrível; porém eu, isto é, o espírito, não sentia cousa alguma. Enquanto estive naquela condição de existência, o facto me parecia natural; só quando de novo entrei no corpo, me convenci de que passara pela mais maravilhosa experiência de toda minha vida... Nada jamais poderá abalar a minha convicção íntima e profunda de que naquela noite infernal, o meu espírito temporariamente esteve separado do meu corpo...»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Em torno das comemorações do 1.º Centenário do Espiritismo

UMA SUGESTÃO

Cada véz mais se aproxima o dia 31 de Março de 1948. Data histórica nos anais do Espiritismo que assinala — sabem todos — o alcance de cem anos vividos desde que se produziram em Hidesvile os fenômenos espirituais que ficaram registrados como sendo as primeiras manifestações supranormais da categoria «fenômenos de efeitos físicos» — no caso os denominados «raps» ou «golpes batidos». Daí o dizer-se que o Espiritismo codificado por Allan Kardec teve o nascedouro naquela localidade, dia e mês citados, em 1848. Esta é a opinião diremos que geral, conforme estamos a vêr pelo que se há escrito a respeito.

Na colaboração anterior, inserta nêste mesmo semanário, dissemos do que ia relativamente ao dr. J. Larkin, a quem Ernesto Bozzano prestou homenagem no «Remontando as Origens», tendo-lhe atribuido prioridade no caso. Mas, o de que nos vamos ocupar agora é cousa diferente.

Traz-nos a estas colunas o desejo de exteriorizar — endereçando-a aos nossos órgãos de publicidade — a inspiração que nos anima.

Trata-se de prestar uma homenagem ao codificador da Doutrina Espírita, por ocasião das comemorações que se realizarão — urbi et orbe — na data já citada, fazendo-se-a de maneira solene e imorredoura.

Allan Kardec — quem não sabe também — aí está na biografia que Henri Sausse escreveu. Se isto não bastasse, aí está o Espiritismo que êle codificou: bússola para os que o sabem compreender e sabem senti-lo.

Supérfluo seria, pois, estarmos a tornar largo êste artigo com apreciações sôbre o Mestre e a sua obra para justificarem a nossa sugestão. Ei-la, dêsde logo, na sua expressão significativa:

> **Inaugurar-se-ia na Capital Federal, no dia 31 de Março de 1948, o monumento a Allan Kardec.**

Desse modo os espíritas brasileiros sagrariam no bronze, como que a apontar a estrada da Verdade aos caminhantes, o vulto inconfundível do Missionário da Terceira Revelação.

Esta a nossa lembrança, para a consecução de cujo êxito — a vingar — teríamos para alimentá-la o subsequente plano que submeteríamos á consideração de nossos pares: Seria constituida no Rio de Janeiro a Comissão Central Pró Monumento a Allan Kardec. Esta. por sua vez, estabeleceria comissões estaduais para o mesmo fim. Teriamos então a Comissão Rio-grandense Pró Monumento a Allan Kardec, a Comissão Paulista Pró Monumento, Comissão Mineira, Pernambucana, etc. Disposto o traçado geral para a obtenção de fundos pró ereção do monumento, o que se seguiria a isto seria... pôr mãos à obra!

Cremos que os dezesseis mêses que nos separam do de Março de 1948 são de alguma forma suficientes para se antecipar o sucesso do emprendimento.

Valendo-se da vantagem de estar o «MUNDO ESPÍRITA» sediado alí junto da Comissão Central referida, poderia ser o porta-voz dessa Comissão, através de uma página para êsse fim criada.

E, para terminar as considerações que nos afloraram ao pensamento, repetimos com H. Sausse:

HONRA! HONRA E GLÓRIA A ALLAN KARDEC!

Ruy Vargas.

De «Mundo Espírita» de 25-1-1947.

Homenagem a Cairbar Schutel

Os Centros Espíritas «Cairbar Schutel», «João Fusco» e «Ismael» realizaram no dia 2 de fevereiro p.p. na séde do Centro Espírita «Cairbar Schutel», à rua Bibi n.º 7-A, na Capital, uma sessão em homenagem ao espírito de Cairbar Schutel, da qual tomaram parte todos os diretores, sócios e alunos dos aludidos centros.

A sessão, que contou com a presença de mais de 500 pessoas, teve inicio ás 15 horas, sob a direção dos diretores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, com o seguinte programa: Abertura dos trabalhos com uma prece: Nilze Pagliarini, «Biografia de Cairbar»; Amelia Massimo, «Biografia de João Fusco»; Euzapia Paladina, «Biografia de Allan Kardec»; Lourdes S. Santos, «A criança é o futuro»; Hermínia Scalioni, «A Cruz»; Alice Lupo, «Oração ao Cruzeiro»; Mauricio Guidini, «Vida e Destino»; Matilde Sanchez, «Minha Mãe»; Olga Salomão, «Negreiros»; Geny de Oliveira, «Depois da Morte»; Elias Neif, «Eu não vou pra isto»; Francisco de Assis, «Deus»; Lourdes Sales Santos, «O Carnaval e a Moral»; Nadir Guidini, Versos aos Espírítas»; Olimpio Neto, «Cairbar» e muitas outras poesias e diálogos por crianças do catecismo de referidos Centros. Usaram da palavra ainda os seguintes confrades: Alfredo Pagliarini, Thomé de Souza Fusco, Angelo Beloni, Washington Soares, Romeu Marelti, Januario Medici, Nivia Pagliarini, Maria Beloni, Firmina Guidini e outras.

Foram distribuidos cerca de 200 livros espíritas de Kardec, Cairbar, Chico Xavier aos alunos que mais se destacaram durante o ano de 1946, boletins de João Fusco e grande quantidade de brinquedos, roupas e dôces a todos os alunos que ali compareceram.

A sessão encerrou-se ás 22 horas com uma préce.

Não vos atribuleis em demasia com as cousas do mundo. Sem vos esquecerdes dos vossos deveres materiais, tende sempre em mente o cumprimento dos deveres espirituais, o que pode ser feito em todos os instantes.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2331unse

IO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1947 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Considerações sôbre a Paz	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Decálogo do Espiritismo de Vivos .	*Leopoldo Machado*
Destruir a Lei...	*J. B. Chagas*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Sugestão e Atitude Mental	*Adauto de Oliveira Serra*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Confederação Espirítica Pan Americana	*C. E. P. A.*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1947 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Considerações sôbre a Paz

ANALISANDO o cenário da política mundial, principalmente o que se relaciona com o restabelecimento da paz entre as nações, podemos afirmar, sem receios de eventual contestação, que as profecias de Jesus, ampliadas e confirmadas pelo Vidente de Patmos, estão se realizando integralmente.

Enquanto os mais eruditos diplomatas mundiais se reunem ora aqui, ora ali, ora acolá, para assentarem as bases de uma paz duradoura, sem jamais chegarem pelo menos a um entendimento superficial, as nações em litígio diplomático, cada uma defendendo com unhas e dentes os seus interesses, com a pretenção deplorável de quererem ainda o que não lhes pertence, vão se armando clandestinamente, á semelhança da Alemanha de Hitler. E quando os vastos estoques de armamentos, escondidos em intermináveis depósitos subterrâneos, estiverem a ponto de se perderem, então assistiremos ao deflagrar da terceira bomba apocalíptica.

Porisso não acreditamos no restabelecimento da paz, ou no estabelecimento da verdadeira paz, visto que a humanidade, desde o advento dos primeiros sêres, nunca desfrutou da paz que todos indistintamente ambicionam, porque a sua longa e dolorosissima história está abarrotada de guerras fratricidas, de atrocidades, assaltos, defraudações, de matança até em nome do Cristo, daquele Cristo humilde que disse não ter uma pedra sôbre a qual pudesse reclinar a cabeça e que nos mandou amar os nossos próprios inimigos e orar pelos que nos perseguem e caluniam.

A humanidade ainda não está preparada para a paz. Para a concretização deste supremo anseio, ainda terá que lutar muito, não contra os seus inimigos externos, representados pelos seus semelhantes, mas contra os seus inimigos internos, que residem no seu coração empedernido, no seu cérebro orgulhoso e egoista, no âmago, enfim, de sua alma alimentada por vícios inveterados e baixas paixões, reflexos da animalidade de que terá que se despojar em lutas renhidas, em que as dôres e as provações físicas e morais serão os seus melhores professores. Porisso, bem certa está a sentença latina: «Se quereis a paz, preparai-vos para a guerra». Guerra contra os nossos inimigos internos, deve ser o fundo moral desta sentença, e não contra os nossos semelhantes, a quem devemos estimar como irmãos, segundo ensinou Jesus Cristo.

A ameaça de nova guerra se desenha cada vez mais rubra nos horizontes. E enquanto isso, as revoluções intestinas vão sangrando a vida das nações, como frutos imediatos e amargos das desinteligências das já célebres conferências e organizações da paz. As idiologias, que têm sua origem na miséria, surgem em partidos, *democraticamente* aumentando a confusão, pondo mais lenha na imensa fornalha das competições humanas, numa carreira desenfreada para os altos postos prodigamente remunerados à custa da miséria do próprio povo, que acredita sempre nas eternas promessas dos salvadores de última hora, mas que não quer saber das promessas de Jesus Cristo, as únicas que realmente são cumpridas rigorosamente, se considerarmos os seus feitos e suas lições baseadas no amor do próximo e na sobrevivência individual.

A segunda grande guerra terminou há mais de um ano, após seis anos de amarga e desanimadora expectativa, e até agora nada de concreto foi realizado para sustentáculo de uma paz chamada duradoura. Será possível que os fundamentos da paz levarão mais tempo a serem assentados que a duração dessa guerra pavorosa ? A diplomacia tem se mostrado sempre impotente, incompetente para evitar as guerras, porque senão as guerras há muito estariam fóra das cogitações humanas. Porisso que somos pessemistas com relação ao assentamento da paz em firmes alicerces.

Podemos afirmar, estribado nas deduções que tiramos da evolução da humanidade, desde o homem da caverna até o homem dos nossos dias, que a paz permanecerá como um problema insolúvel enquanto os homens não se educarem moralmente, cada um respeitando o direito do outro, ajudando-se reciprocamente em suas necessidades mais urgentes, certos de que a felicidade de um depende da felicidade dos outros, da mesma maneira que um membro da família não se sentirá feliz com os demais membros enfêrmos, ou vice-versa.

Quando isso suceder, então sim, a verdadeira paz erguerá a sua cátedra em todos os corações, no lar, na sociedade, nas nações, e as guerras desaparecerão como triste recordação do atraso moral dos povos, do homem, em suma.

Mas quem contribuirá para a reforma moral dos homens? As religiões seculares, que já estão de bancarrota, devido á sua incompetência para guiar e cristianizar os povos ? A ciência oficial, que sempre foi materialista e que já chegou ao ponto de negar a alma, visto não a ter recortado com a ponta do escalpêlo ? As filosofias abstratas? Não, será o Espiritismo que reformará o indivíduo, mostrando-lhe o verdadeiro caminho à luz do Evangelho e da Imortalidade da Alma.

Esse trabalho já está em andamento. Os homens sinceros e de boa vontade, apreciavelmente ajudados pelos espíritos encarregados de espiritualizar a humanidade, que provocam fenômenos psíquicos com o fim de chamar a atenção de cépticos e incientes, estão se movimentando, num esfôrço comum, fraternal e único, para que a Verdade brilhe em todo o seu esplendor, felicitando a todos com o advento de uma nova era de paz, justiça e fraternidade.

O Espiritismo não foi enviado à terra para guerrear a ciência e as religiões, como pensam os mais incientes, mas ampliar o campo dos conhecimentos dêsses valores capitais do progresso humano. Se existe guerra, esta é o fruto do orgulho, do preconceito e do mercantilismo dos defraudadores da Verdade. Prosseguí na vossa tarefa, porque não está longe o dia em que todas as guerras desapareçerão sob o império do espírito.

CAIRBAR.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

Todos os remédios, porém, resultaram ineficazes e o médico teve que recorrer aos passes magnéticos que, por certo tempo, suspenderam os espasmos.

Ruídos caluniosos circularam, então, entre o povo, que se deixou levar por prevenções contra ela, porque se contara que, durante suas crises, chamava frequentemente, em alta voz, aquêle homem, que fôra o único a dar-lhe algum alívio. Ela teve conhecimento de tal facto, mas, consciente de sua inocência, ouviu a narração com indiferença, como fizera outróra, com os falatórios, infelizmente naturais ao seu sexo, e com o escândalo de que todo o mundo buscou fazê-la vítima.

Certo dia, como sofresse de espasmos violentos, sua criada aliviou-a, soprando, por espaço de uma hora, na cavidade do seu epigastro.

Como estivesse, frequentemente, em estado magnético, pareceu provável que um tratamento magnético, aplicado com regularidade, seria capaz de curá-la e seu médico o propôs, com efeito. Morava êle, porém, muito longe para pôr, êle próprio, tal projeto em execução e seu marido não consentiu que ela deixasse sua residência. Por certo tempo, um tratamento homeopático foi aplicado com sucesso e, pouco depois, ficou grávida, circunstância que fez nascer grande esperança de melhoria em seu estado de saúde.

Durante sua gestação, o sonho, que tivera algum tempo antes, se realizou. Quando se achava tomada de convulsões, ouvira seu pai conversar, na peça vizinha, com dois médicos, a voz de um dos quais lhe era conhecida. Naquela ocasião, fez uma visita a seus pais e tomou muitos banhos medicinais em Löwenstein, o que pareceu dar-lhe fôrças. No mês de Fevereiro de 1823, depois de longos padecimentos, deu à luz um menino. Seu parto foi seguido de uma enfermidade longa e cruel.

A mulher que, antes, lhe causara tanto mal, deu um pouco de leite a seu filho e insistiu para que ela própria o dêsse. A criança foi tomada de convulsões e, desde aquêle momento, teve convulsões periódicas dos membros, até a época da sua morte que se deu no mês de Agosto. A mãe voltou, em seguida, novamente aos banhos de Löwenstein e regressou, depois, a sua casa, bem pouco aliviada e num estado de profunda depressão.

Em Fevereiro de 1824, recebeu a visita de alguns amigos e sua casa encheu-se de alegria e dansas. Ela, no entanto, permanecia triste e, num momento em que tudo estava calmo, uma das suas companheiras a encontrou em preces e zombou dela. A sra. Hauffe sentiu isto tanto que ficou fria e rígida como um cadáver. Durante muito tempo sua respiração ficou imperceptível, até, finalmente, ouvir-se um estertor no seu peito. Recorreu-se a banhos e a outros remédios e ela voltou a si, mas para continuar a sofrer. Parecia viver como num sonho.

Certa vez, não falou senão em versos, durante três dias. Outra vez e durante um mesmo período, não via senão uma bola de fogo que cruzava todo o seu corpo, com longas e rápidas chispas brilhantes. Em seguida, por três dias, pareceu-lhe que água caía, constantemente, gota a gota, sôbre a sua cabeça e foi, então, pela primeira vez, que viu sua própria imagem. Ela via, a si própria, vestida de branco e sentada num escabêlo, enquanto se achava estendida em sua cama. Contemplou, certo tempo, a visão e quís gritar, mas não poude. Finalmente, fez-se ouvir e, assim que seu marido entrou no quarto, tudo desapareceu.

Naquela época, sua faculdade de percepção tornara-se tão apurada que ela ouvia e sentia tudo o que acontecia à distância e ficou tal a sua sensibilidade às influências magnéticas que a presença de pregos nas paredes a indispunha e foi preciso arrancá-los. E não podia suportar luz alguma.

Como nada se conseguisse, suas amigas aconselharam-na a experimentar um remédio recomendado por um menino em estado de transe. O resultado foi torná-la mais sensível ainda ao magnetismo, porém ficou mais calma. Ficou de tal modo refratária à luz que foi levada para Oberstenfeld numa carruagem completamente fechada e, como chegasse três horas antes de anoitecer, foi obrigado a esperar até que tudo ficasse escuro para ela entrar em sua casa.

Ficou, então, aos cuidados do Dr. B... e lhe pediu alívio para suas convulsões e ansiedades. (1) Ela não existia senão graças ao fluido nervoso dos outros e era necessário que alguém lhe désse constantemente a mão e, quando tal pessoa não estava de boa saúde, isto aumentava a fraqueza da enfêrma. O médico prescreveu passes magnéticos e medicamentos, porém ela caía logo no sono magnético e fazia, ela mesma, suas prescrições. O que a fazia sofrer mais vivamente era a sensação de um peso enorme sôbre sua cabeça; parecia-lhe que seu cérebro estava comprimido e cada movimento respiratório o tornava doloroso. Essas sensações perturbavam seu sono que só durava o tempo que alguém pousava a mão sôbre sua fronte. Foi nessa ocasião que se procurou colocar um iman sôbre sua testa; logo sua cabeça se voltou, seus traços mudaram e a bôca ficou torcida como se sob um ataque de paralisia. Tais sintomas persistiram durante dois dias e desapareceram por si sós.

Naquela mesma época, durante sete dias, às sete horas da noite, sentia-se magnetizada por um espírito, visível só a ela. Em tal espírito, reconheceu sua avó, que a magnetizava com três dedos afastados como raios e dirigindo os seus passes para a região epigástrica. O que parece incompreensível ainda que atestado por várias pessoas dignas de fé, foi que, durante todo êsse período, todos os objetos, cuja vizinhança lhe era prejudicial, eram afastados por u'a mão invisível. Assim, objetos tais como uma colher de prata, por exemplo, eram, diante dos olhos de todos, arrebatados de suas mãos e colocados a uma distância conveniente, sôbre um prato. Não eram lançados com violência, mas transportados docilmente pelo ar, como levados por uma fôrça invisível. Estando mergulhada num sono profundo, declarou que só o magnetismo podia salvá-la.

Foi, então, que começou a ver outras pessoas detrás daquelas sôbre as quais seus olhos se fixavam. Assim, viu seu irmão Henrique, já falecido, por detrás da sua irmã mais moça. Detrás de uma de suas amigas, viu a forma fantasmal de uma velha que conhecera, em sua infância, em Löwenstein.

Depois disto, seu tio lhe prescreveu um tratamento magnético regular que foi aplicado pelo Dr. B., mas êle não deu resultado, no começo. Ela parecia absolutamente incapaz de suportar a presença do seu magnetizador, que era, muitas vezes, obrigado a deixar o quarto. Com o tempo essa antipatia diminuiu, as fôrças voltaram, ela poude fazer longos passeios e retomar as ocupações inerentes ao seu sexo.

Ficava, entretanto, ainda sob influência magnética e era adormecida todos os sete dias. Mais tarde o sono magnético não a tomava senão todas as sete semanas. Aconteceu-lhe ficar durante longos intervalos em um estado meio sonambúlico. Ela saía mesmo no meio da neve e debaixo de chuva e dava-se melhor com o frio. Era extremamente sujeita ás manifestações espirituais de todas as espécies: sonhos proféticos, predições, visões proféticas em copos ou espêlhos que provavam a intensidade da sua vida anterior. Foi assim que viu num copo dágua, colocado diante dela, na mesa, uma pessoa que entraria no quarto meia hora mais tarde. Viu, do mesmo modo, uma carruagem que se dirigia para B., e que não se podia perceber do lugar em que ela estava. Descreveu a carruagem, disse o número de pessoas que ela continha, os cavalos, etc. e, hora e meia após, a equipagem chegava diante dela.

Em tal ocasião, pareceu gozar da segunda visão. Certa manhã, deixando a peça durante uma visita médica, viu, no vestíbulo, um esquife que lhe barrava o caminho e que continha o corpo do seu avô paterno. Voltou para o quarto e pediu ao médico e aos seus pais para irem

---

(1) Pedimos ao leitor notar que tais coisas bem se assemelham a certos estados do médium, anteriores à incorporação de um espírito. (Nota de F. K. W.)

vê-lo, mas eles nada conseguiram vêr e ela mesmo não o percebeu mais.

Na manhã do dia seguinte, o esquife, com o mesmo corpo dentro, estava ao lado de sua cama. Seis semanas mais tarde, seu avô morria, depois de ter gozado de uma saúde perfeita, até os últimos dias que precederam sua morte.

A faculdade de vêr espíritos, que a Sra. Hauffe possuía desde a infância, se desenvolvia cada vez mais. Os dois factos mais notáveis, sucedidos durante o período de que nos ocupamos, serão narrados na segunda parte dêste trabalho.

(Continua).

Decálogo do Espiritismo de Vivos

LEOPOLDO MACHADO

I) *Doutrinação de encarnados, pelo estudo da «Doutrina Espírita» e do «Evangelho do Cristo», afim de que, desencarnados, não precisem aparecer às sessões mediúnicas para serem doutrinados. A's vezes, depois de obsessões....*

O estudo géra a sabedoría e o conhecimento. Ambos engendram o amor fraterno, sem subserviências e servilismos.

«Amai-vos, eis vosso primeiro dever. Instrui-vos, eis o segundo», aconselha, grosando lições do Evangelho, uma voz autorizada do Além.

II) *Socialização do Espiritismo por fôrça de movimentos confraternativos.*

Obra de pura sociabilidade cristã, em nome do Espiritismo, é tudo o que arrasta muito espírita do seu comodismo, do exclusivismo de seu centro ou de seu meio espírita, para fraternizar com seus irmãos através de movimentos constantes de aproximação, de visitas de confraternização, de semanas espíritas organizadas, de congressos, etc. etc.

«Que vos ameis uns aos outros; pois só assim provareis que sois meus discípulos», disse o Cristo.

E os Espíritos de Luz andam dizendo que os espíritas são os cristãos moderdernos.

Ora, todo movimento de aproximação implica incentivos para os espìritas se conhecerem melhor, para melhormente se amarem...

III) *Jornadas e excursões de propaganda, num «Ide e Pregai», à medida das possibilidades de cada um.*

Levar palavras de conforto e de fé, com a nossa presença, a irmãos distantes, vale por apreciável transfusão de energias e de vitalidade aos irmãos visitados.

IV) *Restauração da alegria cristã. Alegria de crer e de viver.*

«Paz e alegria», era a norma de tratamento entre os primitivos cristãos. Só por isso, a Doutrina Cristã e o Espiritismo não devem permitir ambientes de câmaras mortuárias.

Para eminente filósofo, entre os crimes que a Igreja de Roma cometeu, um dos maiores foi o de ter extirpado a alegria da Doutrina do Cristo».

V) *Amparar, por todos os meios, a criança.*

O amparo cristão conferido á criança, em nome do Espiritismo, além de preparar futuras gerações espíritas, é serviço prestado à Doutrina, à sociedade, à pátria, à humanidade, quer no presente, quer no futuro.

VI) *Atrair a juventude, transmitindo-lhe consciência religiosa, espíritica.*

Cuidar, a sério, da formação de «Juventudes Espíritas organizadas», é cuidar de nossos substitutos, talvez com maior preparação cristã.

Não ha de ser a programas pesados e soturnos, a estudos e conferências massudas, a trabalhos mediúnicos, sómente, que se poderá interessar a infância e a juventude na Doutrina.

A arte, a literatura, a alegria cristã, as festas sem caracter profano são para tanto indispensáveis.

VII) *Propaganda pela arte.*

As letras e as belas artes, o teatro e

a alegria cristã a serviço da propaganda do Espiritismo, são de resultados magníficos. Mormente para interessar as crianças, os jovens, as mulheres, interessando, ainda, a espíritas e não espíritas, a gregos e a troianos.

VIII) *Obras de assistência a necessitados, de toda sorte.*

Distribuir recursos e confôrto material, ou moral é, certamente, trabalho mais proveitoso do que a distribuição de palavras e de orações, sómente.

Se é, de resto, o bem que salva, como assentua o Cristo na parábola do Bom Samaritano; se a lei é «fóra da caridade não ha salvação», é claro que são as obras e não o rótulo religioso, as pregações e as práticas ritualísticas, que aproveitam para a salvação.

IX) *Libertar o Espirisismo do mediunismo exclusivista, sem expressão doutrinária e cristã que procura condicionar a êle, exclusivamente, as finalidades da Doutrina.*

A mediunidade bem dirigida é a maior fôrça do Espiritismo.

Mal orientada, a maior fonte de descreditos.

Nem o Espiritismo é mediunidade sómente.

E sempre que houver de nossa parte, abdicação do bom senso e do raciocínio, da razão e do livre-arbítrio, do senso crítico e do discernimento na aceitação de tudo que nos vem com o nome de comunicação de espíritos; sempre que nos esquecermos de que «é preferivel recusar 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma falsa», como aconselha o codificador; que «não devemos crer em todos os espíritos, mas sómente naqueles que vêm de Deus», na advertência de João, o evangelista, claro que estamos abastardando a mediunidade e o próprio Espiritismo.

X) *Preparar os vivos para que não esperem dos mortos aquilo que podem realizar, nem os consultem sôbre aquilo que cada um pode resolver com a inteligência que Deus lhe deu.*

Não será diminuir-nos e ofender a Divindade, o andarmos a consultar os mortos sôbre tudo e a propósito de tudo?

Nós assim o cremos. Se Deus nos deu razão, inteligência, raciocínio e bom senso, foi para que os empregassemos «no exame livre de tudo para aceitarmos o que fôr bom», a conselho de Paulo.

Não cremos que haja um espírita cristão, consciente e esclarecido, que se oponha, com pureza de sentimentos e desejos de bem servir à Doutrina, ao que aí se contem.

Cremos, entretanto, que haja um ou outro que, bem intencionado discorde, cristãmente, serenamente, de um ou de outro ponto. Talvez, até, por não haver apanhado bem nosso pensamento.

Ao dispôr desses irmãos para outros esclarecimentos.

Não tomamos, que não temos tempo a perder, conhecimento de atitudes de *mestres em Israel*—e os *mestres em Israel* primavam por seu amor ao que encontraram feito, á tradição, oferecendo objeções, sempre infundadas e apaixonadas, a tudo que se lhes afigurava novidade — não tomamos conhecimento do que *mestres em Israel*, possam dizer ou escrever, talvez á procura de cartaz a nossa custa ou a custa do *Espiritismo de vivos*, sôbre o assunto. Para tal gente, a nossa tolerância e as nossas preces. Preces de pecador, que não deixam, contudo, de ser preces...

* * *

A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquêle que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhece a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da Ciência. A verdadeira doutrina espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que êsse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento.

ALLAN KARDEC.

Destruir a Lei...

— «Não julgueis que vim destruír a lei ou os profetas; não vim a destruí-los, mas sim a dar-lhes cumprimento». (Mat. V-17/8).

Na passagem evangélica acima transcrita, Jesus afirmou categoricamente que não viéra destruir a lei; que antes a viéra cumprir.

E assim foi realmente.

Como é do conhecimento de todos, ha na lei de Moisés duas partes completamente distintas. Uma, a lei de Deus, recebida por êle no alto do Monte Sinái e a outra, ou seja a lei civil ou disciplinar por êle próprio decretada. A primeira é invariável, por sua natureza divina; a outra, modificável de acôrdo com o avançar dos tempos, era apropriada aos costumes e ao caracter do povo.

A lei de Deus, consubstanciada no Decálogo, realmente, Jesus, não a destruiu. Dera-lhe apenas mais amplitude, mais vida.

Objetarão os exegetas intransigentes a alteração havida no décimo mandamento. No entanto, a mutilação do último período dêsse capítulo, tinha a sua natural justificação, uma vez que sabemos da intransigência dos judeus, os quais consideravam no mesmo plano de igualdade a mulher, a casa, o servo, a serva, o boi, a vaca, o asno, etc.

E assim, Jesus, que não viéra falar aos homens da sua época, mas sim às gerações que se sucederiam, resolveu modificar, simplificando aquele capítulo, que assim ficou redigido: — «Não desejar a mulher do próximo».

O mesmo não aconteceu com a lei mosáica. Esta lei continha verdadeiras aberrações, às quais o Cristo não se submeteu, embora as advertências continuadas dos hebreus.

Assim, pois, segundo a lei de Moisés, Jesus foi acusado de haver cometido as transgressões que vamos enumerar.

—*Curou no dia de sábado* (Mat. XII —10). O sábado era consagrado ao Senhor;

— *Hospedou-se com Zaqueu* (Luc. XIX — 5). Zaqueu era tido como homem pecador, porque tinha por missão arrecadar as taxas públicas, cujo tributo os judeus não viam com bons olhos;

—*Pediu agua á Samaritana* (João IV —7). Os samaritanos eram tidos como eréticos, pelos judeus, porque não comungavam com as suas idéias;

— *Comeu sem lavar as mãos* (Luc. XI-38). Era preceito da lei mosáica lavar as mãos antes das refeições. Hoje é preceito de higiene. Respondendo Jesus ao fariseu que havia percebido a sua atitude, dêsse modo: — «Agora vós outros, limpais o que está por fóra do vaso e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade!»;

— *Perdoou a mulher adúltera* (João VIII). Moisés, na sua lei, mandava apedrejar toda mulher que fôsse apanhada em adultério. O Mestre, porém, que conhecia o íntimo dos acusadores, lhes diz: — «O que de vós outros esteja sem pecado, seja o primeiro que a apedreje». Nem um siquer apareceu para atirar a primeira pedra...

Poderíamos multiplicar estas passagens, mas as que foram transcritas, são suficientes para a comprovação do que acima ficou dito.

Mas, o papel de Jesus não foi de um simples legislador moralista, unicamente apoiado na sua autorizada palavra. Competia-lhe o cumprimento das profecias, que previam o seu aparecimento à face do planeta. A sua autoridade advinha da natureza excepcional do seu Espírito e da divindade da sua missão.

Êle viéra dizer aos homens que a verdadeira vida não é a que se realiza na Terra, mas a que é vivida no reino dos céus; viéra, ainda, ensinar-lhes o verdadeiro caminho que a êsse reino conduz.

Todavia, não disse tudo. Limitou-se, com relação a certos pontos, a lançar o germen de verdades, que, na sua própria opinião, não podiam ser compreendidas. Daí ter falado em termos menos explícitos, mas também não esqueceu de dizer que o verdadeiro sentido das suas palavras, só mais tarde seria compreendido, quando o espírito humano houvesse atingido a um certo grau de madureza, confirmando a sua promessa: — «A seu tempo eu vos enviarei o Espírito de Verdade, que vos explicará todas as cousas». (João, XIV-26).

Ao contrário, Moisés, viu-se obrigado a conter pelo temôr um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tivéra de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravatura no Egito. Moisés, teve, pois, de imprimir o caracter divino às suas leis, conforme era hábito dos legisladores dos povos primitivos.

Ele procurava com essa atitude apoiar a sua autoridade, na autoridade de Deus, mas na de um Deus terrivel, afim de fundamente impressionar criaturas ignorantes, e cujo senso moral era pouco desenvolvido.

—«Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido, não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contém o gérmen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Biblia, porém, lhes restringiram o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não na teria então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser como um frontispício brilhante, como farol destinado a clarear a estrada que a humanidade tinha de percorrer.» (EVANG. S/O ESP. Cap. I, n.o 9).

* * *

Outras restrições foram feitas às prègações de Jesus pelo seu hábito de sempre falar por parábolas.

—«Eu tenho-vos dito estas coisas debaixo de parábolas. Está chegado o tempo em que eu vos não hei de falar já por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai.» (João Cap. XVI, 25.)

Na geral acepção do termo, uma parábola é uma descrição, cujo fim é transmitir verdades indispensáveis de serem entendidas.

Durante o seu ministério, Jesus fez contínuo emprêgo das parábolas, comparando os seus ensinamentos a ocorrências da vida comum, para um melhor esclarecimento. As alegorias das parábolas, contudo, encerram preciosos conceitos de moral. E assim, sugeria quadros e figuras da vida corrente, empregando o método comparativo e visando a compreensão das cousas espirituais.

Muitos dos que as ouviram, em virtude do seu atraso mental, apegaram-se mais a *fórma*, *desprezando o fundo*, daí terem elas ficado por tanto tempo, ocultas no seu simbolismo, agora revelado, graças a chave trazida pelo Espiritismo, com o auxílio da qual tudo se explica de modo facílimo.

Mas, isso só acontecia quando se fazia mistér a alegoria ou a figura para a materialização dos seus ensinos.

Por mais de uma vez, no entanto, êle falou claramente, quando, por exemplo, usou expressões como estas:

—«Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas; porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fóra formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a asquerosidade!» (Mat. XXIII 27).

Tendo encontrado o templo transformado em casa de comércio, admoestara êle severamente os vendilhões, a dizer-lhes: — «A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes feito covil de ladrões!» (Mat. XXI-12)

O Evangelista João, porém, vai mais longe, dizendo ter Jesus «feito de córdas um como azorrague, os lançando fóra do templo; assim também as ovelhas e os bois; arrojando por terra o dinheiro dos cambiadores e derribando as mesas...»

E ao próprio Simão Pedro, «sôbre cuja pedra êle edificaria a sua igreja, contra a qual não prevaleciam as portas do inferno», êsse mesmo é repreendido severamente, pela sua fraqueza moral: — «Tira-te de diante de mim, Satanaz, que não tens gosto das coisas de Deus, mas sim dos homens!» (Marc. VIII-33).

Estas atitudes francas e decididas de Jesus, contudo, têm sido muitas vezes comentadas desfavoràvelmente à sua acentuada bondade e humildade.

Êle, porém, ao mesmo tempo que perdoava, quando era preciso, também repreendia, não transigindo com o êrro.

Todavia, andam por aí alguns dos nossos irmãos a desaprovar o procedimento daqueles que, não concordando com as inovações dos últimos tempos, deturpadoras da singeleza e pureza doutrinárias, levam a sua independência de julgamento à reprovação dessas atitudes, e como justificativa alegam que o Codificador estabelecera na sua legenda, como terceiro princípio, a *tolerancia*: que o próprio Cristo, aconselhára o perdão setenta vezes sete.

Esquecem êsses irmãos que Jesus, ao mesmo tempo que oferecia *agua viva* á Samaritana e redimia a mulher adúltera; ao mesmo tempo que exaltava Zaqueu, expulsava os vendilhões do templo!...

Esquecem também que o Codificador, a êsse respeito, dissera: — «que o nosso melhor amigo é aquele que aponta os nossos êrros», porque os que só vêem as nossas virtudes, o fazem, muitas vezes, com o sentido preconcebido de envaidecer-nos.

E áqueles que conhecem mais as obras de André Luiz e pouco as de *Kardec*, aconselhariamos nova leitura dêsse pequeno trecho: - «Os que nos adversam, quando bem compreendidos e recebidos cristamente, constituem precioso auxílio em nossa jornada para a União Divina». (OBR. DA VIDA ETERNA — pag. 46).

Alegariam, possivelmente, que Jesus por mais de uma vez aconselhou a tolerância para com todos, especialmente os ignorantes, mandando perdoar sempre, dizendo mais que *os sãos não precisavam de médico* e chegando mesmo a preconizar o amor aos próprios inimigos!...

Todavia, considerou Jesus que a tolerância excessiva, era conivência, e que tolerar o êrro era compactuar com êle, ou seja, réu do mesmo crime.

A tolerância excessiva é condenada por todas as regras de direito que a lei consagra. Compactuar com o crime é cometer o mesmo crime. O próprio regulamento disciplinar das classes armadas, em obediência áquele princípio, faz constar dos seus textos o seguinte: — «todo aquele que tiver conhecimento de qualquer irregularidade contrária á ordem e á disciplina, e deixar de levar a mesma ao conhecimento dos seus superiores imediatos, estará sujeito á pena».

Poderiam argumentar, alhures, que tal princípio cheira muito de perto a um preceito *guestapiano*. Até certo ponto póde ser verdade. Mas, é preciso não esquecer que à disciplina só consegue subsistir, graças a fôrça dessa providência.

Ademais, Jesus dissera, que *só a Verdade nos faria livres!*

Assim, as atitudes dúbias não têm cabimento no serviço do Mestre.

* * *

Enquanto não compreendermos, como afirmou H. Campos, que «na Terra, o preço do amor e da Verdade ha de ser sempre o martírio e a morte (BOA NOVA — pag. 27), muito teremos ainda que trabalhar no sentido de ser eregido um sagrado altar à Verdade, mas no íntimo do coração!

Do contrário, continuaremos outros tantos Pilatos, sem poder compreendê-la.

Ao ouvir Jesus dizer ter vindo ao mundo para dar testemunho da Verdade, Pilatos interrogou assim ao Mestre: — «Que coisa é a Verdade?».

E o Mestre, sublime na sua humildade grandiosa, poude penetrar bem fundamente a alma do preposto romano, onde só viu rudeza, ignorância e brutalidade, responde com o silêncio, dominando superiormente a situação, a ponto de subjugar o seu interlocutor, o qual declara, por fim, numa atitude demonstrativa da pusilanimidade do seu caracter: — «Eu não acho nêle crime algum!...»

E' bem verdade que na Terra ninguém, sinceramente, se convence de uma Verdade, unicamente pela fôrça das palavras do Mundo (Ob. Cit. pag. 46).

Mas, preciso é não esquecer que «toda criatura tem um santuário no próprio espírito, onde a sabedoria e o amor de Deus, se manifestam, através das vozes da consciência» (Ob. Cit. pag. 111).

E como a nossa liberdade só poderá ser alcançada pela conquista da Verdade, façamos, pois, a todo instante um esfôrço maior para conseguí-la, na Terra, embora, relativamente. Só assim seremos livres.

Urge, portanto, o quanto antes, o estabelecimento do Culto à Verdade em todas as nossas tarefas e realizações, do contrário, o nosso caminhar será sempre perturbado por obstáculos e dissabores sem conta. Não queiramos, para nós, a pecha de «falsos profetas», de que nos fala Jesus.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Janeiro de 1947.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor : Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPITULO VIII

Espíritos e vícios

O hábito de tomar drógas exerce implacável domínio sôbre as suas incautas vítimas e a fôrça dos narcóticos segue tirânica ainda além do sepulcro. Tal desejo se acha arraigado na própria alma e impossível é descrever as angústias dos espíritos chumbados à Terra em suas ânsias vãs por satisfazerem sua atração pelos estupefacientes.

A's vezes obtêm tais espíritos satisfação parcial ao utilizar-se de mortais sensíveis à influência do alcool, obrigando-os a entregar-se ao uso de alguma droga. Certos espíritos que, afetados pela mania dos narcóticos, vieram ao nosso círculo, deram, com grande insistência, conselhos referentes ao vício que os dominaram quando vivos.

«Minnie Morgan» voltou ao fim de vinte e cinco anos de sua primeira manifestação entre nós e falou da situação que reinava na esfera terrestre. Foi ela uma criatura grandemente dada ao uso de estupefacientes.

Sessão de 26 de Julho de 1922

Espírito : Minnie Morgan *

Médium : Sra. Wickland

Sinto-me identificado convosco, pois fostes vós que me ajudastes a compreender o verdadeiro sentido da vida.

No mundo dos espíritos nós nos conhecemos uns aos outros tais como somos, não como na Terra, onde escondemos toda a sorte de pensamentos.

Andais errantes como gado selvagem no campo de batalha do egoismo e da inveja. Bem poucos são os que têm conhecimento do amor. Ignorais realmente o que seja o amor, porque Deus é amor e Ele reside no amor. A maior parte da gente crê unicamente que há no firmamento algum lugar para onde vai ao morrer. Quando aí vivia, e sempre que podia pensar um pouco, me dizia que era melhor gozar a vida e, no último momento, no limiar da morte, lançar os meus pecados sôbre Jesus e ficar branca como a neve. Com tal pensamento, continuava a viver. Falava-me assim : «Porque não gozar como os demais ? O futuro trará a solução de seus problemas.»

Com tais pensamentos se entregam muitas pessoas a uma vida desordenada, pensando que haverá quem reze por elas e que entrarão assim na glória dos céus.

Vivia uma vida agitada, que eu classifiquei de brilhante, porém chegou o momento das adversidades e das dôres. Vivi uma existência mundana muito intensa. Ia, de quando em quando, à igreja para estar «segura» de que haveria quem cuidasse da minha alma. Dei dinheiro à igreja para estar bem com ela e logo voltava a entregar-me aos prazeres do mundo.

Tudo andou bem algum tempo. Cada vez que triunfava no mundo, sofria eu física e mentalmente. Tentei afugentar êsse sofrimento, afim de continuar triunfando. Caí à beira do caminho ; ao cabo de certo tempo meu corpo físico estava quebrantado e para mim só houve doença e dôr.

Não aceiteis de ninguém a menor quantidade de morfina. Uma vez que enveredais por tal caminho, estareis perdidos. Não é que a alma se perca definitivamente, mas ficareis escravos da droga. Vivereis em constante agonia. Não há sofrimento comparável à ânsia da morfina e não poder obtê-la. Parece como se fôsse rebentar todas as fibras do vosso sistema nervoso. O não poder obter essa droga me punha quasi louca. Nada me importava. Por uma dose de morfina havia eu vendido a minha alma. Perdi o respeito próprio, perdi tudo ; não pensava mais que na morfina...

Quando me apercebi disso, já não podia resistir. Só queria que me dessem mais um pouco de morfina, nada mais. (Ao dizer isto parecia que o espírito volvia a passar por todas as angústias que sofrera na Terra. Parecia também como se falasse para numeroso auditório de espíritos chumbados à Terra, ao mesmo tempo que para o círculo dos investigadores presentes).

---

* *Vide cap. II, espírito : Minnie Morgan*

Minha morte foi horrível. Meu corpo se achava desfeito, completamente gasto. Logo me operaram (autópsia), porém eu vivia ainda e queria voltar ao corpo. Continuaram operando-me e eu vi que me estavam fazendo em pedaços (dissecção). Lutei e gritei, porque queria continuar a possuír aquêle corpo para satisfazer as ânsias que me dominavam. Eu era uma châma viva.

Continuaram a picar todos os meus nervos, puseram a descoberto o meu coração, depois meu ombro e chegaram ás pernas, picando, picando sempre. Senti-me acometida de um desespêro tal que comecei a lutar com todas as minhas fôrças e conseguí assustá-los, conseguindo que deixassem em paz o meu corpo. Nunca mais voltaram a tocá-lo. Eram cinco ou seis homens armados de bisturís e todos queriam cortar um pouco.

Veio, porém, outro, que me examinou e começou a cortar, a cortar sempre, e isso me pôs louca. Pensei que poderia dominá-lo, mas não me deu atenção. Procurei espantá-lo como espantei os outros, mas êle não fez caso. E não se afastava uma polegada do meu corpo. Segui-o pensando em não deixá-lo em paz, porém logo me senti bem (incorporou-se na médium). Grande foi a minha surprêsa quando me falou êste senhor (o Dr. Wickland) e me convenceu de que eu morrêra. Não me havia apercebido de que perdêra meu corpo, porque, na realidade, não morrera.

(Dirigindo-se ao Dr. W.) Agora venho agradecer-vos, porque me fizestes compreender a existência de uma vida real, além da morte. Então compreendi que não podia lançar os meus pecados sôbre o Cristo.

Foi nosso Mestre, porém devemos viver a nossa vida tal como êle nos ensinou que vivessemos, e não podemos pensar em lançar sôbre êle os nossos pecados e as nossas atribulações. Esta doutrina é falsa. O Cristo é a Vida, a Luz e o Caminho. Ele mesmo nos disse: «Eu sou a Luz do Mundo; aquele que me seguir não caminhará em trevas».

Muitos outros ensinaram antes tal doutrina. Pude ver que existiram no passado outros muitos mestres como o Cristo. Confucio foi um deles. Seus ensinos são idênticos aos do Cristo.

Eu não teria o lar que tenho no mundo espiritual se não tivesse sido afligida e alcançasse uma compreensão da vida real. Fui uma grande pecadora; já vos falei de minha atração pela morfina. Quando o meu espírito se separou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. O corpo é uma espécie de manto ou vestido com que se cobre a alma. Todos os desejos vitais, todas as faculdades que pertencem à alma nos acompanham ao sepulcro e vão além. Que seria de mim se não houvesse aprendido a maneira de dominar meus desejos? Teria sido um espirito apegado à Terra e teria acabado por entrar na aura magnética de algum sensitivo, convertendo-o em vítima da morfina, afim de ver satisfeitos os meus desejos, ainda que arruinasse a vida daquele. Teria permanecido na esfera terrena muitíssimos anos, arruinando, uma após outra, muitas vidas.

Separai o que pertence à alma e o que pertence ao corpo. Se isso fizermos, não teremos tantas dôres e crimes, nem tantas doenças. Teremos o Amor e o Céu na Terra, porque teremos piedade de todos os infelizes.

Minha vida terrena transcorreu nas baixas camadas do mundo e por isso falo com conhecimento de causa. Crêm algumas pessoas que lhes basta aprender a lição da verdade para penetrar na glória dos céus, porém o céu é uma condição de nós mesmos. Tive que vencer pouco a pouco os meus desejos de morfina para que pudesse exclamar: Para mim já não existe a morfina.

Quando cheguei a tal ponto, vieram ao meu encontro amigos e parentes e me disseram: «Agora estás preparada para vir conosco para o lar que te destinamos». Desde então tive que me adiantar por meus próprios esforços. Não estava num calaboço escuro, como acontece a muitos, porém ao meu redor não via senão a mim mesma. Diz o Grande Livro que o Cristo desceu às esferas inferiores para ajudar e ensinar. Todos nós devemos ensinar e auxiliar os decaídos, dando-lhes fôrça para vencer os seus vícios. De todos êstes, o pior é a avareza. O avarento sacrifica tudo pelo dinheiro. E' capaz de não comer para não gastar e de deixar morrer a sua alma para não se afastar do seu dinheiro. E para que mais serve êle então? Enquanto o espírito do avarento fica na Terra, permanece em trevas e vê como os outros gastam o seu dinheiro. Tal lhe faz sofrer horrivelmente. Vê como o repartem os seus parentes; parte do seu dinheiro vai parar nas mãos de um e outro. Se o dinheiro ficasse no mesmo lugar, poderia o espírito do avarento entreter-se a contá-lo e isso lhe causaria satisfação, mas os seus parentes o querem para gastá-lo. Representai agora a situação do seu espírito; êsse dinheiro era o seu tesouro, cada centavo que se gasta é como um pedacinho de carne que se corta do seu corpo, porque nele pôs toda a sua vida e a sua alma e o vêr gastá-lo equivale a todas as penas do inferno.

E não há meio de ajudá-lo até que compreenda que não precisa mais de dinheiro, só então resurge a sua alma, ou seja, o melhor de sua natureza, e podemos então auxiliá-lo, entregando-o à direção de um guia e mestre, que lhe fará compreender que o dinheiro pertence à vida terrena, não à vida do espírito. Então tem o espírito do avarento que dedicar-se à prática do bem. O avarento nunca junta dinheiro honradamente. Talvez não seja um ladrão, mas empresta o seu dinheiro com usura. Tem que resgatar com boas obras cada má ação, centavo por centavo. Tem que mostrar-se bondoso, ajudando os pobres em seus trabalhos.

(Continua).

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— X —

«A humanidade deve concentrar hoje a sua atenção sôbre si própria e sôbre as causas de sua incapacidade moral e intelectual», eis um bom e oportuno conselho de Alexis Carrel.

A sugestão é uma fôrça. As úlceras péticas são de origem auto sugestiva. E' uma força que tanto póde ser empregada para o bem, como para o mal. Os charlatães e curandeiros conseguem prestígio através da sugestão. E quantos médicos não procuram imitar os charlatães...

Todos nós somos mais ou menos sugestionaveis. As liquidações das casas comerciais, os prêços abaixo do custo, os descontos de Cr. $ 6,80 por Cr. $ 4,50, estão a atestar a credulidade popular.

Van Loon em Hist. da Bíblia, pag. 347, falando de Jesus, diz: «Desde os começos do tempo sempre houve criaturas capazes de exercer grande influência sôbre as vítimas de certas enfermidades. Essas criaturas não soldam óssos quebrados, nem detêm o curso duma epidemia. Mas, como toda a gente de hoje sabe, a imaginação inflúe muito nas doenças. Se penso que tenho uma dôr, acabo sentindo essa dôr. E se alguém me convence de que não estou sentindo dôr, deixo de sentir dôr. Êste dom de sugestão aparece com frequência entre pessôas simples e bondosas, que ganham a confiança dos pacientes e podem curá-los sem recurso a remédios. Jesus, que tanta confiança e fé inspirava pela absoluta honestidade de sua pessoa e gentil simplicidade de seu caracter, era dêsses homens que podem socorrer aos que se lhe apegam nos momentos de aflição».

Gordon Garbedian em «O romance da ciência», diz: «Os psicólogos observam que a maioria das curas milagrosas de Cristo foram feitas em pessôas tipicamente histéricas, homens e mulheres cujos males físicos se originavam de perturbações neurológicas e psicológicas. Como tão amplamente atestam os jornais, todos os dias, as angústias morais se tornam frequentemente tão formidáveis que levam homens e mulheres a abandonar, pelo suicídio, o tesouro inestimável da vida».

Tudo depende pois, da credulidade, da confiança ilimitada, da bôa fé, da sugestibilidade do recipiente, para que haja cura e moléstia originárias de uma comoção moral. Antonio Conselheiro e o padre Cicero são exemplos do que póde fazer a sugestão sôbre a imaginação do povo.

Andréa Majocchi dedica todo um capítulo de seu livro «Memórias de um cirurgião», pags. 219 a 242 à história de um milagre... que não se realizou. Conta-nos êle que partiu de Roma, como médico de uma grande romaria a Lourdes, romaria composta de uma verdadeira multidão de doentes das mais diversas enfermidades; cegos, paralíticos, cirróticos, tuberculósos, hidrópicos, cancerósos, neuropatas, etc. A caravana era chefiada pelo arcebispo de Gênova. Uns tão mal que iam em padiólas e carrinhos. E o «bom sacerdote, diz Majocchi, diretor da peregrinação, ia aconselhando os fiéis a que não esperassem muitos milagres. E' verdade, continua Majocchi, que no ano precedente foram registradas curas prodiogiosas, mas o que importa é apresentar-se à Virgem com a alma confiante, com uma fé absoluta. E' preciso crêr e não duvidar. Em todo o caso a Virgem daria o suave bálsamo do conforto e da resignação...»

E depois de vários dias de viagem exaustiva, ei-los que chegam a Lourdes. Na estação a confusão era enorme, diz o próprio Majocchi: «A estação parecia formigar de fieis, de padres, de religiosas, de enfêrmos, de carrinhos e padiolas. Gritos, súplicas, lamentações confundiam-se com o apitar das locomotivas».

Depois de vários dias de perigrinação, de procissões, missas e comunhões, o dr. Majocchi nos descreve a volta e os exames dos doentes, que é a parte que nos interessa: «Passei revista nos doentes e aleijados: estavam nas mesmas condições que antes; nenhuma cura, nenhuma melhora. Todos resignados e o desejo de voltarem no próximo ano». E é a essa resignação, depois de «sacrifícios enormes, tendo sofrido dôres indiscutíveis, suportando em condições desastrosas as duras fadigas da viágem, sem obter nenhuma melhora em seu estado», é que o dr. Majocchi qualifica de milagre!!!

Voltemos ao nosso assunto das doenças mentais. Falamos na sugestão porque ela é uma fôrça capaz de curar as doenças mentais ou de origem nervosa e de as provocar.

Que as provoca temos a confirmar o caso das úlceras péticas. «Sabe-se que muitas doenças do estômago e do coração começam por perturbações nervosas», diz Alexis Carrel, o qual afirma também que «as colítes e as infecções dos rins e da bexiga que os acompanham são o resultado remóto de desiquilíbrios mentais e morais».

Almir de Andrade em um apêndice no VIII volume de «A ciência da vida» de Welles e Huxley, diz: «Ha duas formas de dispepsia: a dispepsia hipertênica, em que ha hiperatividade das funções motoras, sensitivas e secretoras do estômago, traduzindo-se por dôres vivas após a comida; e a dispepsia astênica, em que ha hipoatividade, atomia gastro-intestinal, depressão, perda de apetite, emagrecimento e inaptidão para o trabalho, etc. Ambas as formas podem ser causadas por disturbios mentais» (pag. 188, ap. 81).

Em páginas anteriores, êsse ilustre professor de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, apêndice 54, pag. 143, referindo-se a ação mental sobre os órgãos, diz: «E êsses fenômenos têm de comum o facto de exprimirem a poderosa ação dos pensamentos não só sôbre a vida mental, como também sôbre a vida corpórea do indivíduo. Assim como a psicoterapia obtém até a cura de molestias orgânicas por meios psiquicos, o hipnotismo e a mediunidade altéram profundamente todo o comportamento, tambem sob a ação de fatôres puramente mentais.»

* * *

Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, sinão praticando a Caridade, como êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.

Fenômenos de Materialização

IV

No dia 6 p. passado, sexta-feira, no Grupo Espírita «André Luiz» com a presença de treze pessoas, realizou-se uma sessão extraordinária de tratamento espiritual de enfêrmos, principalmente em benefício das nossas companheiras Euridice Ferreira e Láis Teixeira Dias, dada a urgência que os seus males requeriam, de cuja gravidade fôramos avisados pelos nossos protetores do Espaço, numa reunião de diretoria provisória através do médium Luiz, no dia da véspera. Tive o cuidado de pesar o médium e os demais assistentes antes do começo da reunião, sendo que ao término eu havia perdido 1 quilo, a minha esposa também 1 quilo, o Jaks 2 quilos, a Lais 1/2 quilo e o Peixoto 2 quilos. Os demais assistentes conservaram o seu pêso normal. Os trabalhos foram dirigidos pelo confrade Antonio Alves Ferreira. Uma das doentes, nossa irmã Eurídice, não estava presente, pois se achava presa ao leito, dado o estado gravissimo em que se encontrava. Todo seu corpo estava dolorido, no qual se não podia tocar, sendo o seu mal de origem hepático-renal, além de uma acentuada perturbação dos órgãos genitais, imobilizando a enfêrma e submetendo-a a uma ameaça de paralisia. A nossa irmã Lais, portadora de uma infecção bucal, encontrava-se com a sua saude bastante abalada, porém ainda conseguiu vir receber os benefícios da reunião, pessoalmente. Enquanto os trabalhos se iam desenrolando, como passarei a narrar, um espírito se materializou na residência de D. Eurídice, assistindo a nossa irmã e aplicando-lhe passes locais. O médium vidente, presente à reunião, descrevera a presença de um espírito, no quarto da enfêrma, ministrando-lhe passes, mas não nos adiantou se o espírito estava ou não materializado. A paciente, entretanto, dera conta da presença da entidade, tomando-a pela do esposo, que julgou tivesse regressado da sessão, já que o espírito se apresentava com a aparência do companheiro. Os nossos amigos David e Araci, por médiuns diferentes, nos explicaram o fenômeno, o qual se dera porque a paciente também possúe faculdades mediúnicas de efeitos físicos e de materialização, com a contribuição, aliás, do ectoplasma do médium que trabalhava, naquêle instante, no «André Luiz». E o que é facto é que os resultados foram os mais práticos e positivos possíveis, ficando a nossa irmã, ao cabo da reunião, quasi que completamente restabelecida, recebendo o nosso amigo Ferreira, seu marido, de pé, à porta da entrada da casa, ao regressar. E a sua cura radical como teremos conhecimento, veio a concretizar-se com a realização de outras reuniões, as quais se verificaram depois, no mesmo local do costume. Mas vamos ao relato da reunião. Feita a prece inicial e lido o capítulo denominado «Em serviço», do livro o «Nosso Lar», pelo presidente, depois de cantado um hino passou-se a alguns instantes de concentração para atrair a presença de um dos guias espirituais do Grupo, afim de nos ser orientado acêrca dos trabalhos que se processaram, ficando o comentário da lição para a segunda parte da reunião, dado o adiantado da hóra e a urgência do caso que requeria pronta intervenção astral. O bondoso espírito de Araci dá-nos, pela mediunidade de incorporação de um dos médiuns presentes, os mais dóceis e salutares conselhos, orientando-nos a propósito do nosso comportamento em face da importância e da gravidade da reunião. Daí se passou à segunda parte com o recolhimento do médium na cabine e com a modificação na disposição dos lugares. Ouve-se um novo hino, em canto coral. O Ferreira incumbe-me de fazer, agora, o comentário da lição, tendo eu me desobrigado como pude, do honroso cometimento. Logo se ouve, no espaço, a voz conhecida do abnegado José Grosso, que nos deleita com os seus gracejos construtivos de per-

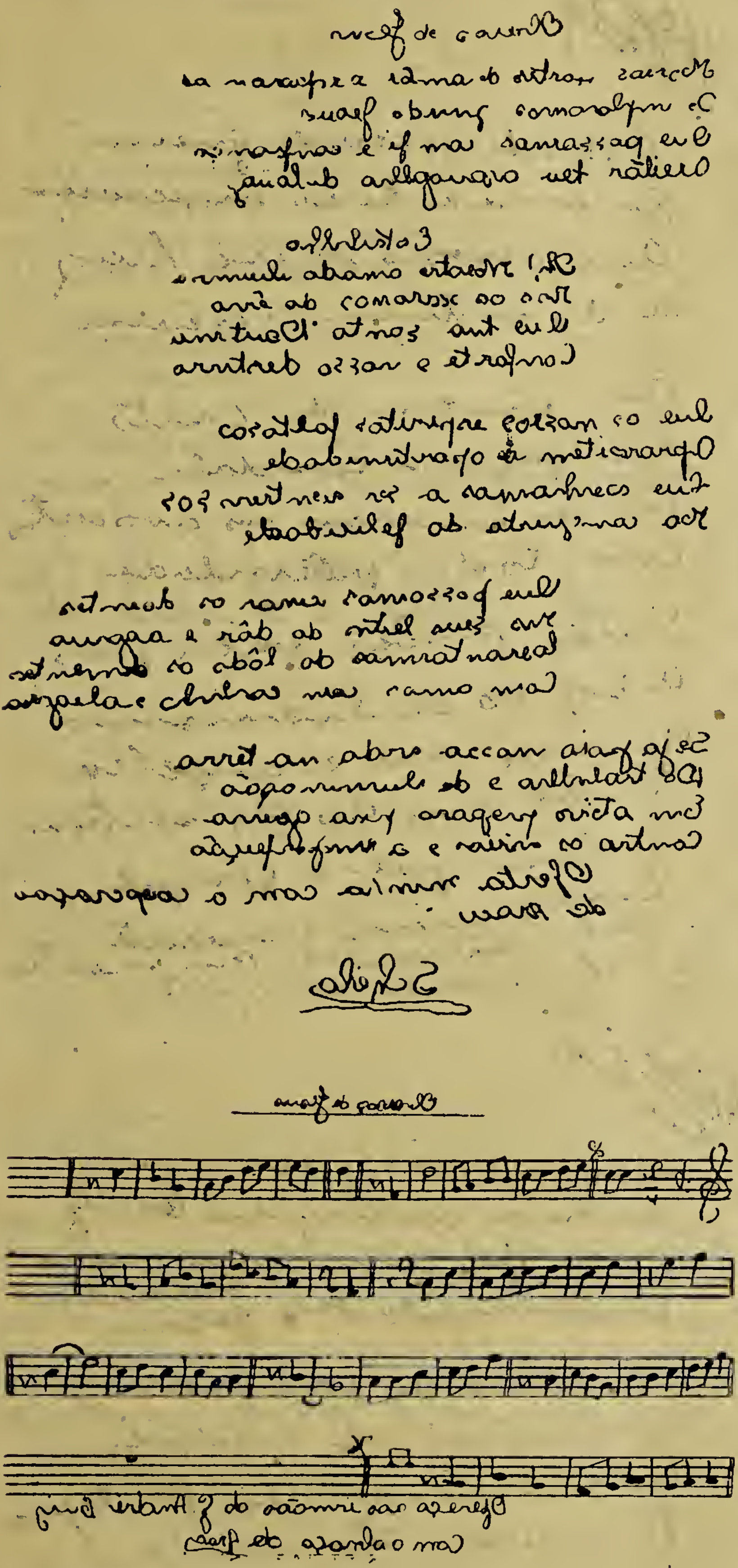

Letra e música do hino «Obreiros de Jesus», dadas pelo espírito de Scheila, por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz», Rio de Janeiro.

(Vêr número anterior).

meio com alguns conceitos de genuina filosofia e de alcance profundamente moral. O espírito de David (meu pai) aparece-nos logo, materializado, voltando em seguida à cabine depois de deixar-nos uma flôr de parafina no cólo da minha sobrinha Dulce. Materializa-se agora o espírito de Nina Arneira, que vem à assistência e assiste à nossa irmã Lais, ministrando-lhe passes. Voltando à cabine, aparece-nos, então, o venerando espírito de Adolfo Bezerra de Menezes, vindo à assistência e tocando, também, a nossa companheira de trabalhos Lais. O José fala-nos novamente, por voz direta, tendo para com a entidade recem materializada palavras de ternura e respeito. Ao lhe perguntar se David voltaria à assistência para nos alegrar com a sua presença, respondeu-me que o querido espírito estava em trabalho no tratamento dos doentes. Nina volta, materializada, entregando uma flôr, modelada em parafina, à Lais e dizendo-lhe, de viva voz, que desculpasse por ter que lhe presentear com uma flôr murcha, o que se não daria se alí houvesse uma vasilha com água fria. Depois de desaparecer a bondosa entidade, o José retoma a palavra para dizer que havia feito uma flôr, que oferecia à Dulce, pois que a deixara na vasilha de água, no cômodo contíguo à cabine. Para os assistentes êle ofereceu seis (6) pedras, de várias dimensões, que foram jogadas junto aos nossos pés. A essa altura da sessão, pedi que se cantasse «Almas Gêmeas», aparecendo para logo, dois vultos de moça, semi-materializadas, sendo logo identificados pelos espíritos amigos de Neuza Magaldi e Ilka Eloi dos Santos. Depois destas aparições, fizeram-se explosões de luz de diferentes matizes, provocadas pelos espíritos amigos de Abel, Batuira, e Nina. E então uma voz me convida a ir à cabine. Lá chegando, o querido espírito de Abel Gomes, trajando vestes comuns, sem a costumeira túnica alva, tocou-me nas mãos com uma luva de parafina ainda quente, quasi me queimando, para provar-me a autenticidade do fenômeno. Feito isto, disse que podia retirar-me. Feita uma prece, o José ainda nos fala em voz direta, anunciando que nos tinha deixado uns versos dedicados aos companheiros do Grupo. Araci fala nos, por sua vez, anunciando que deveriamos encerrar os trabalhos, quando ainda aparece uma luz vermelha na cabine.

O Ferreira faz a prece final e vai à cabine para acordar o médium, aplicando-lhe passes. Como o médium custasse a acordar o Ferreira chamame para reforçar a corrente, e o nosso irmão desperta, lamentando ter que acordar naquela hora, dado o bem estar que o seu espírito sentia naquela situação, como prova de que o ambiente estava favorável. Fomos então recolher a luva e a mensagem escrita que abaixo transcrevemos. Processou-se à repesagem, verificando-se que o médium perdera dois quilos de pêso, eu perdera um quilo, minha mulher um quilo e o Jaks dois quilos.

—

Mensagem mediúnica, de José Grosso, dada por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz», sendo que as folhas estavam autografadas com as rubricas do presidente e do vice-presidente da sessão:

«Amadeu *véio* de guerra
Eu inda tenho esperança
Que o nosso «André Luiz»
Ha de instruir as *criança*...

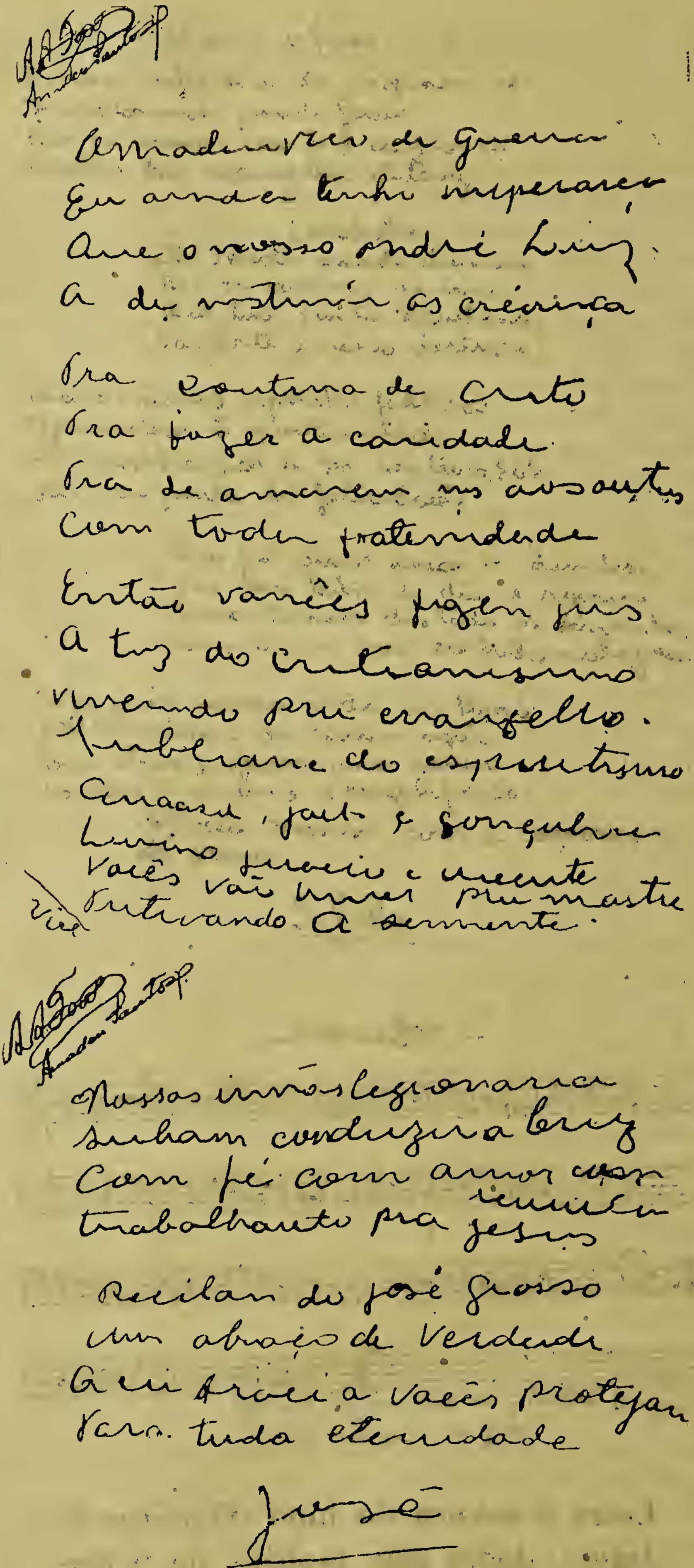

Amadeu véio de guerra
Eu ainda tenho esperança
Que o nosso André Luiz
A de instruir as criança
Pra caminha de Cristo
Pra fazer a caridade
Pra se amarem uns aos outros
Com toda fraternidade
Então vancês fazem jus
A luz do cristianismo
Vivendo pru evangelho.
Emblema do espiritismo
Amaral, Jaik e Jonquilhe
Luvino Juracir e Vicente
Vocês vão viver pru mestre
Cultivando a semente.
Vire

Nossos irmãos legionarios
Sabem conduzir a cruz
Com fé com amor assim
trabalhando pra Jesus
Recebam do José Grosso
Um abraço de Verdade
Que Araci a vocês proteja
Para toda eternidade
José

Mensagem mediúnica do Espírito de José Grosso, dada por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz».

Para a Doutrina do Cristo,
P'ra fazer a caridade,
P'ra se amarem uns aos outros
Com toda a fraternidade.

Então *vancês* fazem jús
A' Luz do Cristianismo,
Vivendo p'ro Evangelho
Sublime do Espiritismo.

Ferreira, Jaks, Gonçalves,
Levino, Inacio e Vicente,
vacês vão viver p'ro Mestre
Frutificando a semente.

Nossas irmãs *legionária*
Saibam conduzir a Cruz,
Com fé, com amor e renuncia,
Trabalhando p'ra Jesus.

Recebam do José Grosso
Um abraço de verdade,
Que Araci a vocês proteja
Para toda a eternidade.

José».

Rio, 12/12/946.

Amadeu Santos.

Livros e Autores

CRÔNICAS ESPÍRITAS — F. Klörs Werneck, Rio.

Recebemos da «Empreza Editora O CLARIM» o volume em análise, que lemos com crescente agrado e de uma assentada, pois somos admirador dos estudos exegéticos e analíticos do autor. O volume é aberto com um mau soneto dedicado ao autor. Versos sem arte e sem poesia.

CRÔNICAS ESPÍRITAS, que tem por subtitulo *«Os tempos são chegados»*, é volume de 160 páginas, 22 estudos substanciosos e oportunos, a despeito de pouco extensos, de verdadeiras crônicas. Êste, pois, seu maior pecado. Impossível selecionar êste ou aquele capítulo, pois são todos superiormente escolhidos. Leitura aconselhável a todo o espiritista culto e de gôsto, pois são estudos superiormente escolhidos, páginas leves, temas oportunos, que ensinam bastante, que dariam para encher, se fossem esticados, volumes e mais volumes.

Capítulos dos mais proveitosos, os que tratam dos fenômenos psíquicos na Bíblia, da advinhação no Velho Testamento, dos fenômenos espíritas na Igreja e da *xenoglossia,* a par dos estudos em tôrno do célebre Houdini, cujo nome e prestidigitação vão servindo, ingloriamente, para desavisados adversários do Espiritismo se alevantarem contra nós e das páginas sôbre os fenômenos espíritas no Japão, na Africa, na America, entre selvagens.

O autor tem, entre nós, incontestavelmente, um lugar de destaque, muito seu: ninguem está mais em dia sôbre o que vai lá por fóra, no campo da fenomenologia espírita, ou da metapsíquica. E' pena — e já o disseramos, ha anos, analisando um de seus opusculos — que Klörs Werneck nos dê suas traduções excelentes e seus trabalhos de observação em doses minúsculas, em literatura homeopática, embora substanciosa. «Crônicas Espíritas» talvez inicie uma série de volumes menos exíguos nas páginas...

* * *

REINCARNAÇÃO — Aurelio A. Valente, Rio.

Aqui está um grande livro, que foi nosso companheiro de viagem, de volta de Mato Grosso, pela «Noroeste do Brasil». E que admiravel companheiro de viagem tivemos!

A reincarnação é o tema por excelência para quem prega e escreve dentro da Doutrina Espírita. Duvidamos haja um espírita que, pregando ou escrevendo, não o tenha abordado. Duvidamos também haja alguem que, adversando o Espiritismo, ou procurando ridicularizá-lo, não se tenha atirado à reincarnação. Tema por excelência, dizemos, por isso mesmo...

Tem-se a impressão de que, depois dos estudos, sem falar no Kardec, de Delane e Denis, Geley, Bezerra de Menezes e tantos outros, ninguem dirá coisa que valha uma leitura atenta e compensadora. Puro engano, verificará quem ler o livro de Aurelio Valente. O livro registra factos novos, observações próprias, estudos diferentes. E fá-lo naturalmente, correntemente, bem senhor da matéria, sabendo bem o que escreve. Um dos capítulos mais importantes da obra, tanto do Samuel Smiles como seu, é o V, *Hereditariedade em Face da Reincarnação.* A parte que coube ao moralista inglês, aliás, a citação de todo o seu capítulo, que bem o conheciamos, admirador que somos de Smiles, de quem possuimos toda a obra, não é superior ás conclusões e observações de Aurelio Valente.

Aurelio Valente escreve bem. Seu estilo é claro, corrente, simples e conciso. E o autor só escreve quando tem o que escrever. Não é um escrivinhador, como tantos que andam, ingloriamente, a cata de assuntos e a repisar assuntos que ninguem abordará melhor do que os grandes pioneiros do Espiritismo abordaram. E' um escritor de facto. E dos poucos, substanciosos e claros, de que dispomos.

O livro é editado pela *Editora Moderna,* do Rio.

Mais uma casa editora para obras espíritas, será ?

Somos grato ao autor pelo volume que nos coube com honrosa dedicatória, aliás.

* * *

ZARABATAMA REDIVIVA — Olivio Novais, Rio.

Trata-se de um opúsculo de 37 páginas, que se lê de um fôlego, editado pela *Casa Espírita Irmã Zarabatana,* do Rio, a benefício da instalação de uma instituição de amparo à infância.

E' a história interessante do patrono do Centro Espírita e analise, na sua última reincarnação, às margens do Amazonas, entre os índios *barés.* História que se lê — valha a verdade — com agrado, num crescente interêsse. E que, além da atração natural do episódio, a linguagem do autor é lírica, suave. Além do mais, a aquisição do opúsculo colima auxílios á construção do futuro *Abrigo de órfão Irmã Zarabatana.*

Considerando-se que amparar e educar crianças em nome do Espiritismo é a melhor propaganda e o maior serviço prestado à Doutrina Espírita...

Gratissimo ao volume e á dedicatória que nos couberam.

O CAVALO NA HISTÓRIA—Tte. Julio Costa, Campo Grande, M. Grosso.

Em Campo Grande, fomos visitar a Remonta, ponto de conserva de animais de raça, do exército nacional, sob o comando do Tte. Julio Costa.

Ao saber que estavamos por aquelas zonas a pregar Espiritismo, foi-nos dizendo, sem cerimônia nenhuma, que levou muitos meses exercitando-se na mediunidade sem resultado algum. E que tem estudado o Espiritismo, atualmente, para combatê-lo. Talvez por não ter, como *médium,* recebido comunicação alguguma... O interessante, porém, é que tudo quanto o tenente apresentou contra o Espiritismo, êle não viu em obra espírita nenhuma. Pura concepção própria, de quem ouviu, de oitiva, apenas, falar em espiritismo...

Sempre a conversarmos amigavelmente, percorremos todo o sítio da Remonta: as báias, os departamentos todos, o pomar, as plantações. No seu gabinete, ofereceu-nos um exemplar de seu volume em versos, O CAVALO NA HISTÓRIA. Trata-se de uma revelação de carinho, poética, do autor para com êste grande amigo e auxiliar do homem. Para com êste «nosso irmão menor», como diria Francisco de Assis. Menor na racionalidade, que não no porte e na fôrça, é bem de ver. Fomos ao volume, que é uma espécie de poema em decassílabos, estrofes de dez versos, com que o autor faz a história do generoso paquiderme através de épocas e de raças, a descobrir-lhe sómente virtudes. Nem todas as suas estrofes e versos primam pela correção da forma, se ajustam à arte poética. Menos certo não é que são versos que se lêm com satisfação, sem enfado.

* * *

O VALOR DA PRECE — Carlos Ingles de Souza.

O volume não é novo. Data de 1944. Foi, porém, novidade para nós, que só o conhecemos, quando seu ilustre autor nos ofertou um exemplar na *Livraria Allan Kardec,* em S. Paulo.

E' volume de cem páginas, muito bem impresso e melhormente encadernado, de pequeno formato, que se lê com interêsse e aprendendo. Desmente, entretanto, o título. O que nêle se demonstra, não é, efetivamente, o valor da prece, mas da Doutrina Espírita. Esperavamos encontrar toda sorte de provas e de argumentos para afirmação da eficiência da prece, manifestação de confiança e de fé em Deus que nunca podemos dispensar, que nos admiramos haja, dentro do Espiritismo, quem se creia tão puro e evoluído que a dispense. Ao contrário disso, depararam-se-nos capítulos admiráveis sôbre os diferentes aspectos do Espiritismo, através de páginas fortes, bem traçadas, que se lêem deliciando o espírito e enriquecendo a inteligência.

O VALOR DA PRECE, nem por não colimar, integralmente, à finalidade do título, deixa de ser um livro precioso e necessário nas mãos e diante dos olhos de espíritas cultos. E nas estantes de todo espiritualista estudioso, que gosta de examinar de tudo para escolher o que fôr bom.

Leopoldo Machado.

Para remessa de livros: Nova-Iguassú, E. Rio, Caixa, 6.

CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA

CEPA

(Conclusão)

ESTATUTOS

Art. 29 — O Conselho Executivo deverá solicitar o voto direto das organizações filiadas, em cédula assinada e selada por suas Autoridades legalmente constituidas, no caso tomar uma resolução que comprometa o patrimônio econômico das organizações filiadas e nos casos em que assim o disponha, por qualquar circunstância.

Art. 30 — O Conselho Executivo convocará o Congresso Pan Americano Ordinário com um ano de antecedência, delegando a preparação e organização do mesmo a uma Comissão Organizadora composta de dez membros, que serão designados dentre as Autoridades das Entidades filiadas do país em que se deva êle celebrar. Esta Comissão será presidida pelo Presidente da Organização Central que conte com maior número de entidades filiadas e de associados. As designações deverão efetuar-se com oito meses de antecipação à data da celebração do Congresso, e a Comissão, uma vez constituida e designada suas autoridades, deverá manter-se em constante comunicação com o Conselho Executivo para efeito de receber instruções, combinar detalhes da organização e dar conta dos trabalhos realizados.

Art. 31 — O Conselho Executivo se ocupará muito especialmente de unificar o movimento espirítico de cada país em uma única Organização Central, empregando os meios necessários à eliminação de todo o gênero de desinteligências e malentendidos, e interpondo seus bons ofícios no sentido de cessarem as divisões no campo espirìtico. Para tal efeito receberá das organizações que se encontrem nessas condições os antecedentes do caso e submeterá oportunamente ao Conselho Federal suas conclusões e a ação a adotar.

VII — Presidência

Art. 32 — O Presidente, e em caso de impedimento o 1.º Vice Presidente e o 2.º, sucessivamente, representa a CEPA; preside às reuniões do Conselho Executivo, como as do Conselho Federal; subscreve com o Secretário Geral, as Atas, documentos e comunicações em geral; e com o Tesoureiro as ordens de pagamento; e resolve os casos urgentes que julgue necessários, com a obrigação de dar conta ao Conselho Executivo na primeira reunião que se realize.

VIII — Secretaría

Art. 33 — O Secretário Geral e no caso de impedimento os demais Secretários, na ordem estabelecida no art. 26, tem a seu cargo a redação das Atas, documentos e comunicações em geral, firmando os mesmos juntamente com o Presidente; tudo quanto concerne aos trabalhos de secretarìa, assistido por um Secretário Administrativo, que se ocupará dos assuntos de trâmite interno e arquivo, por um Secretário de Relações, que se ocupará do fichário das Organizações filiadas, entidades adesas e particulares vinculadas ao ideal espírítico; e por um Secretário de Imprensa e Propaganda, que se ocupará do Boletim oficial, como de toda publicidade de carácter espirítico.

IX — Tesouraria

Art. 34 — O Tesoureiro, e em caso de impedimento, o 2.º Tesoureiro, é o responsável pela Tesouraria, recebe e deposita os fundos que arrecade; firma conjuntamente com o Presidente as ordens de pagamento e dispõe, da melhor fórma, a contabilidade. Deverá prestar conta mensalmente ao Conselho Executivo do movimento de fundos e apresentar trimestralmente um balancete; e, anualmente, ao Conselho Federal.

X — Patrimônio

Art. 35 — O Patrimônio da CEPA compreende:

a) As quotas anuais devidas pelas organizações filiadas e as contribuições das entidades aderidas e das individuais;

b) O produto da venda de livros e publicações em geral que edite;

c) Os recursos que o Conselho Executivo arbitre e os bens que venha a possuír por doações ou meios outros lícitos.

Art. 36 — No caso de que por qualquer circunstância haja necessidade de se dissolver a CEPA, todos os seus bens passarão à Federação Espírita Internacional.

Disposição Transitória

Art. 37 — O 1.º Congresso Espirítico Pan Americano resolve autorizar o Conselho Executivo a, de conformidade com o Conselho Federal, dispôr quanto à oportunidade e propício momento da adesão da CEPA à Federação Espírita Internacional.

—

Êstes, os Estatutos da CEPA, que, sem carácter oficial, embora, podemos oferecer aos leitores de «Revista Internacional do Espiritismo».

Por certo não são impecáveis. Há reparos necessários, a fazer, o que, será possível ao 2.º Congresso Pan Americano, a realizar-se no Brasil, em 1949, na Capital da República.

As dificuldades atuais, a experiência a decorrer da execução mesma dos presentes Estatutos, conduzirão à sua revisão, aliás sabiamente prevista e permitida em seu art. 16, *in fine*.

Nada póde nascer perfeito. Tudo está sujeito à evolução. E, obra de homens, a CEPA e seus Estatutos são perfectíveis. O necessário; a iniciativa, o 1.º arranco, está realizado. Agora é progredir.

A CEPA tem um lindo programa. Seus objetivos, bem compreendidos merecem o apoio de todas as Entidades espiríticas americanas orientadas para as verdadeiras finalidades da Doutrina e que se saibam conduzir dentro de seus sadios postulados.

Tendo aderido ao Congresso, «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», são fundadores da CEPA, e naturalmente continuarão integrados em seu quadro, não desmentindo, destarte, o sentido da Doutrina, que herdaram do inolvidável Cairbar Schutel.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 40,00	Do 4.º ano Cr.$ 40,00	Do 5.º ano Cr.$ 40,00
Do 6.º ano . . 40,00	Do 7.º ano . . 40,00	Do 8.º ano . . 40,00
Do 10.º ano . . 40,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00

Crônica Estrangeira

Um discurso de Victor Hugo

De «Spiritualisme»

Deparamos no número de outubro de 1904, da Revue Scientifique e Morale du Spiritisme, com uma carta dirigida a seu Diretor, Gabriel Delanne, por René Lebois, que a seguir reproduzimos:

Senhor Diretor

Frequentemente ouvimos repetir a palavra de Victor Hugo: *«Os mortos são os invisíveis, mas não estão ausentes»*. Os vossos leitores talvez queiram conhecer por inteiro o discurso do qual foi extraída essa frase.

O grande poeta proferiu-o em 1865, em Guernesey sôbre o túmulo da snrta. Emily de Putron. Eis o texto exáto que encontro numa velha publicação daquêle tempo:

«Em algumas semanas nós nos ocupámos com duas irmãs: fizemos o casamento de uma, e hoje sepultamos a outra. É êste o perpétuo extremecimento da vida. Inclinemo-nos, meus irmãos, ante o destino severo.

«Inclinemo-nos com esperança. Nossos olhos não foram feitos para chorar, mas para enxergar; nosso coração não foi feito para sofrer, mas para crêr. A fé em outra existência surge da faculdade de amar. Não o esqueçamos nesta vida inquieta mas confortada pelo amor, é o coração que crê. O filho espera encontrar seu pai. A mãe não se conforma com a perda eterna de seu filho. Esta repulsa da extinção é a grandeza do homem.

«O coração não póde errar. A carne é um sonho; ela se dissipa; êste desvanecimento, se fôsse o fim do homem, destruiria toda a afirmação da nossa existência. Não nos contentaremos com esta fumaça, que é a matéria; precisamos de uma certeza. Todo aquêle que ama sabe e sente que nenhum ponto de apôio do homem se encontra sôbre a terra; amar, é viver além da vida; sem esta fé, não seria possível nenhum dote profundo do coração. Amar, que é o desígnio do homem, seria seu suplício; êste paraíso seria o inferno. Não! digamô-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura eterna: o coração precisa da alma.

«Existe um coração nêste esquife, e êste coração está vivo. Nêste momento êle escuta as minhas palavras.

«Emily era o doce orgulho duma respeitável família patriarcal. Seus amigos e parentes sentiam o encanto da sua graça, e a festa do seu sorriso. Ela era como uma flôr de alegria desabrochada em sua casa. Desde o berço, envolviam-na todas as ternuras; ela cresceu venturosa, e recebendo venturas, ela as distribuia; amada, amava: ela acaba de partir!

Aonde foi Emily? Para a sombra? Não.

Somos nós os que estamos na sombra. Ela, ela está na aurora. Ela está no esplendor, na verdade, na realidade, na recompensa. Êsses jovens mortos, que nenhum mal fizeram na vida, são os bemvindos do túmulo, e sua cabeça se eleva docemente fóra da sepultura para receber uma coroa misteriosa. Emily de Putron foi procurar, lá no alto, a felicidade suprema, complemento das existências inocentes. Ela partiu: juventude para a eternidade; beleza para o ideal; esperança para a certeza; amor para o infinito; pérola para o oceano; espírito para Deus.

Vai, alma!

O prodígio desta grande partida celeste que se chama morte, é que os que partem não se afastam. Encontram-se num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Eles estão no alto e bem perto. Oh! quem quer que sejais que tenhais visto esvaecer-se um sêr caro no túmulo, não vos julgueis por êle abandonado. Êle sempre está convosco. Êle está mais ao vosso lado do que nunca. A beleza da morte, é a presença. Presença *inexprimível* das almas amadas, sorrindo aos nossos olhos em lágrimas. O sêr pranteado desapareceu, mas não partiu. Não mais percebemos seu doce semblante. Sentimo-nos sob suas asas. *Os mortos são os invisíveis mas não estão ausentes.*

Façamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um aniquilamento ou emboscada. E' um êrro acreditar que aquí, nesta obscuridade da sepultura aberta, tudo se perde. Aquí tudo se reencontra. O túmulo é um lugar de restituição. Aquí a alma se lança para o infinito; aquí ela recupera sua plenitude; aquí entra na posse de toda sua natureza misteriosa; ela está desligada do corpo, livre da necessidade, desatada do fardo, desligada da fatalidade. A morte é a maior das liberdades. E' também o maior dos progressos. A morte é ascenção de tudo o que viveu em grau superior. Ascenção deslumbrante e sagrada. Cada qual recebe o seu acréscimo. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquêle que só foi honesto sôbre a terra, torna-se belo; aquêle que só foi belo, torna-se sublime; aquêle que só foi sublime, torna-se bom.

Eu abençôo o sêr nobre e gentil que está nesta cova. Emily foi uma das encantadoras almas reveladas. Eu a abençôo na profundidade sombria. Em nome das aflições sôbre as quais ela docemente cintilou, em nome das provas do destino, terminadas para Emily, continuadas por nós, em nome do que ela outróra esperou e de tudo o que ela hoje obteve, em nome de tudo o que ela amou, eu abençôo esta morta; eu a abençôo na beleza de sua juventude, em sua doçura, em sua vida e em sua morte; eu a abençôo em sua alva roupagem sepulcral, em sua casa que deixa desolada, em seu ataúde que sua mãe encheu de flôres e que Deus vai encher de estrelas!

Victor Hugo.

⁂

Na Inglaterra não poderão transmitir programas de hipnotismo por televisão

«Constancia»

Londres, Dezembro 20 (U. P.) — A British Broadcasting Company revelou hoje que abandonará a idéia de transmitir, por televisão, um novo programa de hipnotismo em ação, porque as pessoas que assistiram ás provas experimentais cairam presas de intenso sono hipnótico e supõe-se que o espetáculo «poderia tornar-se perigoso».

O perito em hipnotismo foi Peter Casson que afirma poder fazer caír as pessoas sob seu influxo, sem falar-lhes e ainda sem fixá-las.

As provas se efetuaram nas salas de televisão de Alexandra Palace da B. B. C. Uma joven que observava a atuação de Casson por meio do aparelho de televisão em sala obscurecida, caiu profundamente adormecida. Demais, quatro, dos seis membros da B. B. C., que se haviam oferecido voluntariamente para servir à experiência, cairam adormecidos e foi preciso sacudí-los rudemente para despertarem.

Num segundo ensaio Casson conseguiu influenciar quatro de seis espectadores, entre os quais se encontrava Miss Gillan Webb, uma das locutoras de televisão.

A corporação não tinha em vista um programa orgânico de hipnotismo, mas pretendia introduzir atos de televisão como incidentes pitorescos no programa corrente de suas emissoras. Dizem que as provas em aprêço estavam de acôrdo com a política da B. B. C. de ensaiar todos os programas para avaliar a provável reação do auditório antes de enviá-los ao éter.

Casson, que teria conseguido transmitir o seu programa, se não fôsse tão eficiente na sua arte—para assim nos exprimir—há dez anos está interessado em hipnotismo e descobriu que facilmente póde hipnotizar qualquer pessoa. «Quando apareci diante das câmaras, fixei a atenção de meu auditório, falando-lhe; em seguida as câmaras captaram unicamente meu rosto em toda extensão da pantalha. Contudo, a maior parte do meu êxito devo-o ao sonido». Acrescentou que póde hipnotizar pelo telefone, mas considera arriscado o processo.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Semana Espírita de Cruzeiro

Crônica de Amadeu Santos.

A Semana Espírita Cristã, de Cruzeiro, pelo Carnaval dêste ano, revestiu-se do mais líquido brilhantismo. Curiosidades atraentes, surprêsas prodigiosas, factos e ocorrências novos, uma porção, enfim, de atrações, coroaram êsse simpático, oportuno e proveitoso movimento de caracter confraternativo, aproximando almas, recreiando espíritos e elucidando consciências, sob a influência dúlcida das graças da 3.ª Revelação Divina. Uma semana inteira de seduções, de encantamentos e alegrias espirituais. O número de «freguezes» novos da Semana foi considerável, os quais receberam o seu batismo espiritual, sendo mimoseados com doces lembranças e belos presentes, em sessão plena, nas várias solenidades da Semana. A Juventude Espírita, pela representação de um não pequeno número de instituições de jovens espíritas de cidades várias, constituiu, sem dúvida a nota harmoniosa do grande certame, emprestando um colorido alegre e buliçoso ao ambiente. A Mocidade Espírita local, principalmente, cuja organização conta a idade de apenas um ano, impressionou-nos pelo seu acentuado progresso, pelas iniciativas prodigiosas que apresentaram, no campo fértil da prática e do exemplo. Muitas jovens conduzindo os seus «escrínios» de pérolas, ou «relicários do pensamento» buscavam entesoirar doces expressões afetivas nos seus idolatrados albuns. A Odete de Carvalho exige-nos um pensamento que externamos dêste jeito:

Odete, irmã mui querida,
Eu desejo que tua vida
Seja bela e proveitosa,
Dedica-te aos pobrezinhos,
Afim de que, em vez de espinhos,
Tenham sonhos côr de rosa...

Sonhos de amor e beleza,
De vibração e pureza
No serviço espiritual!
Melhora os teus sentimentos
E ameniza os sofrimentos,
Pautando os teus pensamentos
Nas regras da sã moral.

Trabalha, medita e óra
E procura, desde agora,
Fugir as malhas do vício...
Segue as pègadas de luz
Do amado Mestre Jesus,
Inda que com sacrifício.

A graciosa Andiá de Aguiar, reclama: «também quero que escreva em meu album!» Pois não:

Minha irmãzinha adorada,
Procura fazer-te amada...
Dos fracos, dos pobrezinhos!
Estende-lhes tua mão.
De amorosa proteção,
Envolvendo-os de carinhos...

Andiá! sê boa e pura,
Livrando da desventura
Os reclusos do destêrro
Terrenal. E sê prudente.
Ajudando a toda a gente.
A libertar-se do êrro.

Com amor e caridade.
Ensina sempre a Verdade,
A'queles que não teem luz.
Dedica-te aos sofredores,
Amenizando-lhe as dôres
Das provas da sua cruz.

E as ocorrências mais simples se transformavam em motivo de intensificação e estreitamento dos laços de fraternidade, consolidando os altos objetivos do movimento aproximativo dos semaneiros espíritas. As sessões de reabastecimento espiritual em lugares aprazíveis, ao ar livre, quer no «Horto de Célia» ou à margem do Paraíba, constituiram-se de um brilho notável. As tardes de surprêsas evangélicas, desta vez mais interessantes e cheias de vibração potente, também foram muito apreciadas. As solenidades noturnas, realizadas na séde do Centro Espírita «Vicente de Paula», sucediam-se, em brilhantismo, emotividade e espiritualidade, num crescendo contagiante e impressionante, sendo oportuno realçar a «Noite da Mulher Espírita», onde os representantes do sexo feminino atuaram com proficiência, sabedoria, engenho e arte... Todavia, o que mais nos impressionou, sem dúvida, foi a visita que fizemos aos presos da Cadeia Pública local, onde se nos apresentaram à imaginação, cenas profundas de grande emotividade. As claridades maviosas do Evangelho, interpretado em espírito e verdade, ecoaram nos quatro cantos do lugubre recinto a rememorar o inesquecível dia de Pentecostes! Junto às possantes grades dos cubículos, os reclusos, anciãos e jovens, segregados ao convívio social, talvez por crimes a que escapam muitos delinquentes... atentavam para o espectaculo maravilhoso daquela manhã inesquecível, deslumbrados e estasiados pelas bençãos do Senhor, cuja explosão se consubstanciava nas consolações evangélicas, ali ministradas sob a égide da Fraternidade, pelos representantes de Salutar Doutrina dos Espíritos. Os detentos confraternizavam-se sob a elegante manifestação dos sentimentos afetivos dos cristãos novos. E, não raro, a emoção os dominava derramando consoladoras lágrimas de enternecido contágio divino, ressumbrando das palavras de carinho e sã moral que os empolgava, avivando-lhes a consciência, enchendo-os de arrependimento e esperança. Vários foram os semaneiros a usar da palavra, cada qual discorrendo sôbre as questões sociais, à luz do Espiritismo, tendo o Delegado de Polícia, contagiado pela vibração do momento, usado da palavra para esclarecer que os presos já estavam contaminados pela excelcitude dos Evangelhos, graças à assistência que êle mesmo, espiritista militante, com o estímulo da «Mocidade Espírita Cristã», lhes tem ministrado, aprimorando-lhes os caracteres pelo empolgamento das suas consciências, aguçando-lhes o gosto pelas coisas sérias, altruísticas e elevadas que se relacionam com a moral evangélica e correspondem ás exigências do nosso espírito para a conquista da felicidade futura. Outro acontecimento que nos impressionou foi o «Almoço da fraternidade», não porque tenhamos vocação para glutão, sim pelo que, de espiritualidade e sentimento, se revestiu o «cardápio espiritual», dirigido pelo Leopoldo Machado, que, proferindo a prece inicial, passa a palavra ao genial poeta Sebastião Lasneau, que oferece deliciosa «iguaria» em versos improvisados, de paladar evangélico. O Jacques Aboab serve também, com sentimento e concisão um dos pratos do «*Menu* espiritual». O café capitoso da espiritualidade é servido pela jovem Ilza Claves de Almeida. E o singular Almoço termina com «Os palitos espirituais», que tivemos o prazer de servir, como se segue :

Os palitos que devemos
Usar nas lides do bem,
Serão feitos de renúncia
E sacrifício também.

Os detritos que nos ficam,
Das impurezas, no Eu,
Só se limpam bem com a luz
Do exemplo que o Cristo deu.

Sacrificando os caprichos
E as vaidades que nos cegam,
Limpamos as más tendências
A que os humanos se apegam.

Façamos da nossa vida
Um primor de singeleza
Sem precisar de palitos
Para afastar a impureza.

Sejamos sempre zelosos,
Cheios de amor e altruismo,
Atacando a treva e o mal
Com as luzes do Espiritismo.

Regressando ás 23 horas a caravana do Distrito Federal, da qual faziamos parte, assistimos ainda a um dos episódios mais graves do certamem: o da despedida. Altas horas da noite e lá estava a turma maciça dos semaneiros para a permuta dos abraços, de permeio com o som de vários hinos cristãos, que eram entoados pelos espaços de mistura com a explosão das emoções e do derrame de copiosas lágrimas. E assim tivemos a felicidade de gozar horas de inesquecíveis vibrações, de profundas meditações e de doces consolações espirituais.

Rio de Janeiro, 9 de Março de 1947.

A Verdade é como o sol; toldada momentaneamente pela ignorância do homem, reaparece mais brilhante e cheia de vida.

CAMARGO.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2341unse

IO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1947 — N. 4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

A Ação Social do Espiritismo no Brasil	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Em torno de um livro	*Elídio Taveiros*
O romance de Charles Dickens e o caso de Laura Edmonds	*J. B. Chagas*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Sugestão e Atitude Mental	*Adauto de Oliveira Serra*
A Missão do Paracleto	*Walter R. Accorsi*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espirítica	*Delfino Ferreira*
Crianças Prodígios	*Djalma Farias*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

Revista Internacional do Espiritismo

Órgão de Estudos Anímicos e Espíritas

MATÃO — Est. São Paulo

Matão, Maio de 1947.

Prezado confrade.

Paz em Jesus.

Como deve ser do vosso conhecimento, «Revista Internacional do Espiritismo», a-pesar do aumento sucessivo do preço da matéria prima e da mão de obra, tem procurado manter o mesmo preço das assinaturas, ou seja Cr. $ 20,00 por ano, afim de não sobrecarregar os seus prezados assinantes, cujo número aumenta diariamente, o que constitúe grande estímulo para o prosseguimento da tarefa que nos confiou o seu fundador, nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Agora, porém, não é possível manter por mais tempo êsse critério, pois o preço do papel, tinta, mão de obra, etc., subiu ainda mais, contrariando as nossas esperanças fundadas na baixa do preço da matéria prima e do custo de vida, o que, segundo pensamos, parece ser cousa remota.

Precisamos, pois, agir de acôrdo com as circunstâncias e, assim pensando, aumentamos o preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo», que dêste mês em diante é de Cr. $ 30,00, porte simples, e Cr.$ 35,00, porte registrado, por ano, sofrendo um aumento de Cr. $ 10,00, que julgamos razoável.

Prometemos, entretanto, aos nossos prezados assinantes, voltar ao preço primitivo logo que a situação se normalize, nos permitindo obter a matéria prima por preços compensadores.

Estamos certos de que êste apêlo será atendido pelos nossos assinantes, muitos dos quais, conhecendo de perto as dificuldades por que passamos para manter esta Revista, nos sugeriram ha tempos esta justa medida.

Com os nossos melhores votos de crescente progresso espiritual, subscrevemo-nos fraternalmente,

Pela «Revista Internacional do Espiritismo,

Antônia Perche S. Campêlo
Gerente

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1947 — NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Ação Social do Espiritismo no Brasil

OS espíritas brasileiros estão de parabens com as demonstrações de simpatia dos seus irmãos americanos e de além mar, em consequência do seu trabalho no campo da assistência social, trabalho que é um testemunho frisante de sua fé nas promessas de Jesus e de sua compreensão dos ensinos evangélicos. E assim como Deus dá a cada um segundo as suas obras, assim também os homens, sejam ateus, materialistas e até contraditores, não podem deixar de reconhecer no Espiritismo uma doutrina de real valor, visto como os que o professam fazem obras de fundo genuinamente social, de solidariedade fraterna, obras de vulto, que poderiam ser tidas como um milagre, se realmente existisse o milagre.

Muita razão teve Jesus quando afirmou que a fé transporta montanhas e transplanta sicômoros, pois as obras dos espíritas brasileiros no campo da assistência social o confirmam plenamente.

Há, é verdade, controvérsias entre alguns espíritas brasileiros sôbre pontos doutrinários e filosóficos, cada um procurando defender o seu ponto de vista, o que não é digno de censura porque a verdade não pode ser encontrada sem trabalho e sem dificuldades. Aquele que estiver com a verdade vencerá. O que importa é que continuem os espíritas brasileiros no trabalho da pregação do Evangelho, apresentando obras em todos os setôres da atividade humana, pois não só receberão a recompensa de Deus como o reconhecimento dos homens, pois *contra factos não prevalecem argumentos*.

A propósito, passamos a transcrever a parte mais importante de um artigo que, com o título supra, publicou em «O Mensageiro Espírita», Boletim da Federação Espírita Portuguêsa, o confrade Pedro Carreira Dias de Souza, cujas palavras cheias de sinceridade e estímulo, agradecemos em nome dos espíritas brasileiros:

«Não conheço outro país onde tão exuberantemente se exemplifiquem os superiores princípios da ética e da sociologia neo-espiritualista, como no Brasil.

O Brasil é, sem contestação, a pátria dos *verdadeiros espíritas*, dos que compreendem, sentem e praticam em toda a sua sublime magnitude e beleza, a Doutrina Cristã, de acôrdo com os ensinamentos da Nova Revelação. Pode mesmo afirmar-se que ali nenhum outro credo — assente êle embora, os seus alicerces em muitos séculos de história — apresenta uma tão desinteressada e grandiosa obra de assistência social.

Em muitas cidades de quase todos os Estados do Brasil existem êsses magníficos monumentos de solidariedade humana que se chamam asilos, escolas, orfanatos, hospitais, lactários e clínicas, de assistência inteiramente gratuita, e cujas despesas — enormes, como é de calcular — são na sua quase totalidade custeadas pelos espíritas.

Na sua quase totalidade, dizemos, porque não raro os diversos Governos Estaduais contribuem com dinheiro para essas obras de assistência, algumas das quais são consideradas como de *utilidade pública* e, como tal, desfrutam as competentes prerrogativas.

Não se folheia um jornal ou uma revista espírita brasileira que se não depare com a notícia dum empreendimento dessa natureza. Neste, anuncia-se a inauguração de *mais um* pavilhão dum orfanato; naquele, abre-se uma subscrição para construir *mais uma* dependência dum asilo; aqui, dá-se conta de que se adquiriu uma porção de terreno para a construção dum dispensário; além, indicam-se as horas das consultas médicas, *dadas por médicos*, evidentemente, em certo hospital!

Vejamos, por exemplo, o que a êste respeito se passa *apenas* no Estado do Rio da Janeiro e seu Distrito Federal:

ABRIGOS

Abrigo Francisco de Paula *(Para Meninas).* **Abrigo Olímpia Belém** *(Para Crianças).* **Abrigo Seára dos Pobres** *(Para Crianças).* **Abrigo Teresa de Jesus** *(Para Meninos e Meninas).* **Amparo Teresa Cristina** *(Para Velhinhas).*

ASÍLOS

Asílo-Creche Nazareno. — Asílo Espírita João Evaangelista *(Para Crianças).* **Asílo Legião do Bem** *(Para Velhinhas).* **Asílo de Órfãos Anália Franco.**

DISPENSÁRIO

Dispensário Antonio de Pádua *(Assistência Médica)*

HOSPITAIS

Casa da Mãe Pobre *(Para Gestantes).* **Hospital de Clínicas Allan Kardec** *(Clínica Geral).* **Hospital Pedro de Alcântara** *(Psiquiatria — Obsessões).*

ORFANATOS

Orfanato Casa de Lázaro *(Para Crianças).* **Orfanato Casa de Lúcia. Orfanato Pedro Richard** *(Para Crianças).* **Orfanato Teresa Cristina** *(Para Meninos).*

Resumo: *5 Abrigos, 4 Asilos, 1 Dispensário, 3 Hospitais e 4 Orfanatos.*

ESCOLAS

Grande número de Escolas para ambos os sexos e qualquer idade.

Êste é, incontestavelmente, o mais honroso documento que os nossos confrades brasileiros podem exibir perante os adversários do Espiritismo e o Mundo.

Uma doutrina que, assim, tão fundo lança as raízes nos corações dos seus adeptos e se desentranha em tão belos e numerosos frutos, é bem uma Doutrina Superior e traz em si própria a marca da imperecibilidade!

Não é provável — agora que já percorri um grande trecho da estrada da vida — que eu tenha de trocar o meu Portugal por outra Pátria onde vá acabar os meus dias terrenos. Mas se isso ainda me deve ser imposto como complemento das provações da minha presente encarnação e eu me veja, algum dia, distante da Pátria a caminho de novos ceus buscando outos horizontes, permitam os Mensageiros do Alto que seja, de novo, aos ceus do Brasil que eu tenha de acolher-me.

Porque aí — Coração do Mundo e verdadeira Pátria do Evangelho — encontra sempre o espírita sincero, o amparo suficiente e a compreensão bastante para que seus esforços e boa vontade em favor da Causa não estiolem nem pereçam.

Quando será que os espíritas portuguêses poderão enfileirar, nessa obra grandiosa de Solidariedade e de Amor, ao lado dos seus irmãos brasileiros?

Quando será que os portuguêses abrirão, finalmente, os olhos da alma á Luz Bendita do verdadeiro Evangelho de Jesus?

Os espíritas brasileiros são, incontestavelmente, os mais dignos e os maiores trabalhadores da Seára do Mestre!

Nós, para quem a sua magnífica obra de assistência social se nos afigura quase miraculosa nestes tempos de egoísmo feroz que vão correndo, aqui rendemos aos nossos confrades do Brasil as merecidas homenagens e enviamos o testemunho do nosso maior respeito e admiração pelo seu cristianissimo esfôrço, e os votos mais ardentes para que êle prossiga, sem desfalecimentos, a bem do progresso espiritual da Pátria que lhes é berço.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO IV

Os sofrimentos aumentam e o sonambulismo torna-se mais completo

Um segundo parto, que se deu a 28 de Dezembro, foi seguido de febre com delírio, durante o qual a Sra. Hauffe se cria deitada dentro de uma vasta igreja, dêle resultando uma série de convulsões e consequente agravação do seu estado sonambúlico. Os remédios ordinários mostrando-se ineficazes, ensaiaram-se, de novo, os passes magnéticos e foi seu irmão quem habitualmente os aplicou.

Em sua ausência, seus pais, cheios de tristeza, fizeram apêlo a varias outras pessoas, para que tomassem tal encargo, o que, infelizmente não só prejudicava sua reputação, mas também sua saude, por causa da diferença do temperamento nervoso das pessoas que os aplicavam. Foi ela assim mergulhada num estado sonambúlico mais agudo e tornou-se mais dependente que antes, da energia nervosa de outros. Um tratamento mais judicioso lhe teria evitado tantos sofrimentos e tantos ataques caluniosos.

Facto notável é que seu filho, especialmente durante a primeira semana de vida, dormia sempre na posição que ela tomava na ocasião do sono magnético, isto é, braços e pés cruzados. Ver-se-á mais tarde que também era êle dotado da faculdade de ver espíritos.

Certa amiga, que estava sempre perto dela durante aquêle período, me descreveu o seguinte: «Cada vez que coloco meu dedo sôbre sua fonte, entre as sobrancelhas, me diz ela algo que me concerne, lê meu pensamento e pronuncia fráses como estas: «Quando penetrares no meio do tumulto do mundo, fecha o Senhor firmemente em teu coração.—Se alguém quizer levar-te a agir contra a tua consciência, refugia-te no seio do Senhor. —Não deixes extinguir a luz que brilha em ti», etc.

As convulsões e os acessos de sonambulismo continuando sempre, os que a cercavam, incapazes de apreciar sua situação, começaram a fatigar-se e ter-lhe aversão. Ela ia de mal a pior, foi tomada de diarréia e suores noturnos e chegou-se mesmo a censurá-la por continuar a viver, apesar de todos os seus sofrimentos.

Inutilmente empregou-se fôrça para mantê-la levantada, obrigando-a a deixar o leito, mas tombava ela desfalecida no chão. Começou-se a suspeitar de que a doença era obra do diabo e recorreu-se a um homem que tinha fama de operar curas por meios simpáticos. O que aconteceu foi que o povo acusou a família da Sra. Hauffe de ignorante ou incrédula, pois recorria a tais meios. Porém pessoas mais educadas e mais instruídas não fazem o mesmo? Não se tem cuidado de doenças por meios simpáticos? Não vimos celebridades enviar à Sra. Hauffe seus enfêrmos que não podiam curar?

Tal homem compôs para ela um pó verde que recusou tomar, mas que êle a obrigou a isso. Desde a segunda dóse que ela tomou, poude logo manter-se em pé, porém caiu logo inteiramente rigida, depois deu alguns passos e girou em círculo, como se atacada de dansa de São Guido.

Não estava completamente acordada; sua voz, que era aguda, falava o alto alemão e uma língua estranha, que descrevia igualmente e que chamava sua língua interior, língua essa da qual teremos muitas ocasiões de falar. Quando falava tal língua, estava em um estado de meio sono e, quando queria falar a língua comum, fazia passes sôbre si mesma.

Ao mesmo tempo que o pó, deu-lhe tal homem um amulêto côr de chumbo, suspenso num tríplice fio. Cada sexta-feira, enviava-se áquele homem uma mensagem, conforme seu pedido e ainda que fossem precisas sete horas para lhe ser entregue. Ela disse durante o sono: «Êle quer que eu lhe peça para vir e, se não o fizer, espetará agulhas em certas plantas, na sua adega, afim de submeter-me mais a êle e fazer-me suportar mais sofrimentos e anciedades. E' preciso que eu mesma lhe escreva». Fê-lo durante o sono e, remetida a carta apareceu-lhe o homem. Tinha um aspecto sombrio, grosseiro, repelente e grandes olhos brilhantes. Quando chegou, estava ela mergulhada em sono magnético e declarou que êle não devia entrar no aposento, sem antes dizer: «Creio que Jesus Cristo é o verdadeiro filho de Deus, engendrado pelo Pai desde toda a eternidade».

Êle o fez e ela o permitiu entrar, porém não lhe dirigiu a palavra. Pediu-lhe que, quando estivesse acordada, não lhe tocasse a mão, o que queria êle fazer, mas recomendou que não lhe falasse nisto afim de não ofendê-la. Fez-se o que se poude para corresponder aos seus desejos, mas sem resultado. Êle lhe tomou a mão que logo se dobrou, contraindo-se de modo espantoso e não foi possível fazê-la voltar ao seu estado normal, nem a insuflando, nem a magnetizando. Caiu em estado sonambúlico e então se lhe mergulhou a mão nágua corrente, depois de banhá-la em vinho quente, desaparecendo a contração.

Ainda que o pó a tornasse mais sensível ao magnetismo, continuou a tomá-lo, mas em pequeninas dóses, com mêdo, como dizia, de que aquêle homem lhe causasse alguns males. Coisa estranha para dizer-se, mas o amulêto que lhe dera, não tendo sido, com seu consentimento, tocado por quem quer que seja, percorreu sua cabeça, seu peito, as cobertas de seu leito, como uma coisa viva, de tal sorte que se acabou de arrojá-lo por terra, tendo ela ficado doente.

Tal facto, incrível na verdade, produziu-se sob as vistas de várias testemunhas dignas de fé, que o atestaram. Trouxe ela o amulêto sôbre suas costas durante três mêses. Quando foi confiada aos meus cuidados médicos, examinei-o e verifiquei que continha um pouco de ássa fétida, sabina, cianuro, dois fragmentos de estramônio, um pequeno iman e um pedaço de papel em que haviam escritas as seguintes palavras: «O Filho de Deus veio para destruir as obras do demônio».

Tendo ouvido falar de sua longa enfermidade, seus pais escreveram ao marido dela para tornar a levá-la para Kurnbach. Ela, porém, se opôs à viagem, mas acabou consentindo, afim de diminuir as preocupações dos seus progenitores. Isso lhe acarretou cruel enfermidade e eles se viram obrigados a levá-la de volta. Em tal circunstância, algumas dóses de ópio lhe foram úteis.

Foi então, afligida por excessiva irritabilidade dos nervos do estômago e caía num estado de fraqueza alarmante, desde que se não lhe désse alimento, seguidamente. Em vista de a medicina só lhe proporcionar pequeno alívio e, dado o afastamento da residência do médico, foi-se obrigado a mandá-la para a casa do tio residente em Löwenstein. Lá passou a dormir e fazia, ela mesma, suas prescrições, mas, como não se tinha muita confiança nelas, não foram mais seguidas.

Naquela ocasião é que fui chamado para atendê-la. (*) Nunca a vira até então, mas sôbre sua pessoa ouvira muitas narrações falsas e malévolas. Devo

---

(*) Foi isso no começo de 1826. A Sra. Hauffe tinha então 25 anos e o Dr. Kerner 40, sendo êle médico superior em Weinsberg. A' proporção que vamos analisando a vida da Sra. Hauffe, temos a impressão de uma poderosa médium, com grandes provações físicas e morais. (Nota de F. K. W.).

confessar que dei fé às opiniões do mundo e acreditei nas mentiras. Quís, primeiramente, não fazer caso algum do seu estado magnético e a pús em relação com pessoas de um poderoso temperamento nervoso. Breve, quís que tudo fôsse feito para arrancá-la do seu estado magnético e que fôsse tratada com a maior solicitude mas pelos meios médicos comuns.

Meu amigo o Dr. Off, de Löwenstein, compartilhou da minha opinião e iniciamos um tratamento regular, mas ficamos logo desapontados, porque a disenteria, as convulsões, os suores noturnos, retomaram seu curso. Quando se lhe davam tônicos, experimentava a mesma sensação, como se a tivesse levantado no ar. Tudo a espantava, e, à noite, caía em estado de fraqueza que a deixava inanimada. Suas amigas esperavam livrá-la, pela prece, da suposta influência do demônio.

Naquela época, tudo lhe era indiferente; ficava como insensível. A morte lhe seria um benefício, mas sofreu o martírio e não morreu. Suas amigas continuavam mergulhadas na tristeza e na inquietude.

Felizmente, conforme minha recomendação, foi levada para Weinsberg, afim de ver se algo se podia fazer por ela.

EM TORNO DE UM LIVRO

II

EM nossa última tertúlia, analisando o livro «ANATOMIA DA PAZ», da autoria de Emery Reves, ao lado das grandes verdades que êle contém e que procuramos frizar, vimos a confusão em que caiu o autor, atribuindo ao cristianismo a falência das religiões cristãs organizadas. Vimos mais a conclusão a que êle chegou : a ineficiência dos dez mandamentos, dos ensinamentos morais do Cristo, dos evangelistas e dos apóstolos, que não podem ser postos em prática no estado atual de adiantamento em que se encontra o mundo.

Hoje vamos continuar estudando o raciocínio do citado escritor, para ver que caminho êle nos aponta para chegarmos ao almejado fim — a paz e a liberdade. Ao lado das suas conclusões poremos a nossa interpretação, de acôrdo com nosso ponto de vista pessoal, que continuaremos esposando até que alguém nos prove que também nós laboramos em êrro, momento em que imediatamente corrigiremos o modo de pensar, de acôrdo com a verdade que nos fôr revelada.

Com a habilidade que lhe é característica de cobrir sempre um tapa com uma carícia, prossegue Emery Reves: «Não estaremos depreciando a grande obra e as boas intenções das religiões, nem constitue facto de que devamos ter vergonha, se compreendermos e admitirmos que o homem, para ser transformado da besta que é num membro responsável de uma sociedade civilizada, precisa de metodos mais eficazes do que rezas, orações e rituais.

O homem poderá tornar-se um ser social consciente e construtivo sómente se a socidade lhe impuser certos princípios na forma de uma ordem legal.

A história demonstra indiscutivelmente que há apenas um método para fazer o homem aceitar princípios morais e normas de conduta social. Êsse método é a lei.»

De facto, para aplacar os instintos selvagens da fera humana, já não bastam as rezas, as orações e os rituais, porque na verdade, quando o homem orava com devoção ou contritamente acompanhava o ritual, só indiretamente procurava com isso sua própria melhoria, pois o objetivo último era fugir ao inferno tenebroso com que lhe ameaçava ou ganhar o céu paradisíaco com que lhe acenavam. Mas depois que a ciência rasgou as entranhas da terra e esquadrinhou a amplidão do espaço sem ter encontrado nem um nem outro, êsses «métodos inventados há séculos pelos fundadores de religiões» tornaram-se inteiramente ineficientes. Assim devia ser porque êsses fundadores de religiões só compreenderam o período de vida que vai do berço ao tùmulo; assim devia ser porque êles diziam que a alma não existia antes; assim devia ser porque êles afirmavam que merecer o céu ou o inferno dependia só do trabalho dessa única existência. Mas a reflexão do homem, que se foi tornando cada vez mais amadurecida, começou a lhe dizer que havia nisso evidente parcialidade do autor da vida, a uns dando inteligência, saúde, riqueza e tôdas as facilidades para ganhar o céu, enquanto a outros negava todos êsses favores, atribuindo-lhes as mais penosas privações.

Faliram as religiões que se apegaram a êsses métodos retrógrados, e faliram os homens que não quiseram divorciar-se delas. Agora, si elas quiseram recuperar a hegemonia perdida, e sobretudo si quiserem ganhar ascendência sôbre os homens e tornarem-se verdadeiros instrumentos capazes de transformá-los de animal em ser social racional, demonstrem-lhes positivamente, como é possível fazê-lo por métodos científicos, a existência do espírito antes de tomar o corpo material, bem como a sobrevivência e operosidade do mesmo. Mostrem-lhes com factos que a responsabilidade é pessoal, que êles são os artífices de sua própria felicidade ou desgraça, e que o futuro deles depende dos esforços que fizerem desde já para o seu próprio aperfeiçoamento; mostrem-lhes que do karma acumulado por qualquer pessoa ou por qualquer povo ninguém foge jamais, e que êsse karma os atinge em qualquer lugar ou tempo, nesta ou em outra incarnação.

Essas são as leis que propomos sejam aceitas por todos os homens sensatos, independentemente do país onde viva ou da crença que professe, porque são as únicas leis universais, eternas e verdadeiras. Universais porque são de todos os planetas habitados e não sómente do nosso pobre globo terráqueo; eternas porque foram promulgadas desde todos os tempos pelo Supremo Legislador e nunca tiveram necessidade de ser revogadas nem nunca serão; verdadeiras porque estão na natureza, atributos êsses que as tornam indefectíveis.

Quanto á sociedade *impor ao homem certos princípios na forma de uma ordem legal,* como quer Emery Reves, o que vale dizer, quanto a uns tantos homens decretarem leis falíveis e revogáveis e imporem aos seus iguais como paradigmas de conduta social, parece-me o mais anti-pedagógico de todos os métodos, porque conduta moral, ou melhor dizendo, conciência moral e norma de conduta não se impõem, mas se criam, mas se educam, mas se desenvolvem. Qualquer método que tente impô-las fatalmente falirá, seja êle suasório, como o das religiões, seja êle imperativo, como o das leis humanas. E falindo êsses métodos, não haverá no mundo nem paz nem liberdade. Isso nos parece lógico, e para mostrá-lo continuemos pondo em confronto o nosso raciocínio e o raciocínio do autor. Continua êle :

«A paz entre os homens e as sociedades civilizadas — que são uma e a mesma coisa — é admissível sómente dentro de uma ordem legal dotada de instituições capazes de tornar efetivos os princípios e as normas sob a forma de leis, dispondo de poder adequado para fazelas cumprir por todos aqueles que tentarem violá-las.

Esta verdade evidente — demonstrada por toda história da humanidade — dificilmente poderá ainda ser objeto de disputa».

Não nos parece exato ; e si nos permite o eminente autor, disputaremos com êle a primazia de demonstrar a evidente verdade.

Com efeito, perguntamos, quais são as instituições capazes de tornar efetivas as leis e que dispõem de poder adequado para fazê-las serem cumpridas? Certo, não serão sómente os poderes legislativo, executivo e judiciário, mas também a cadeia, a polícia, o exercito, em suma — tôda fôrça armada de que temos conhecimento e que sobejam nos dias de hoje. Mas essas instituições não são antes instrumentos de coação e de opressão ? Claro está que, si elas são instrumentos de fôrça, de coação e de opressão e por êsse meio impõem as leis e fazem cumprí-las, continuaremos sem paz e sem liberdade enquanto precisarmos sustentar essas instituições mantenedoras da lei. O verdadeiro conceito de paz, de liberdade e de lei não deve ser imposto pela fôrça, nem pode ser introduzido no íntimo dos homens; ao contrário, deve ser criado e desenvolvido nele, porque precisa partir do interior para chegar até o exterior. E' o que está patente no Decálogo, aquela síntese maravilhosa de pequeninas leis que jamais foram superadas por legislador húmano e que Emery Reves supõe não poderem ser transformadas em realidade. Por se aplicarem a todas as criaturas em qualquer tempo ou país, elas são internacionais; por isso, só elas poderão trazer paz e liberdade entre as nações. Si ainda não trouxeram é porque ainda não as observamos como devíamos. Quando as observarmos fielmente poderemos dispensar todas as instituições necessárias para fazerem cumprir as leis humanas e também todo o complicado aparelhamento criado para elaborá-las.

Sómente dez leis são precisas para governar os homens.

«Não mateis», diz uma delas; e si não matásssemos, não teriamos as guerras; e si não tivessemos as guerras não teriamos os mercenários da guerra.

«Não cometais adultério», diz outra; e si não cometessemos adultério, teriamos a pureza dentro de nosso coração; e si tivessemos a pureza dentro de nosso coração teriamos a paz interior.

«Não roubeis», e si não roubassemos, teriamos mais respeito à propriedade alheia; e si tivessemos mais respeito à propriedade alheia não seriamos nem egoístas nem orgulhosos.

«Não presteis falso testemunho contra vosso próximo», e si não prestassemos falso testemunho contra nosso próximo conheceriamos a verdade; e si conhecessemos a verdade, ela nos faria livres.

Sinceramente, não vemos o impedimento que há para essas leis se tornarem realidade nos dias de hoje, a não ser a má vontade dos homens, que por isso mesmo sofrem a consequência da sua inobservância.

Falando a respeito dos países do Oriente — «onde vive mais da metade da raça humana» — e confundindo ligeiramente metempsicose ou transmigração da alma com reincarnação, diz Emery Reves: «Esta fé ensina que a alma é imortal, que cada alma passa através de inúmeras reincarnações, e que ninguém póde mudar, ou tem o direito de procurar mudar sua presente condição de existência. Qualquer desejo de melhorar as condições de vida terrena é um pecado. Sómente pela piedade póde um homem chegar a melhorar sua sorte, não na vida presente, mas nas reincarnações futuras. A pobreza incrível, a miséria abjeta e a existência sub-animal de sessenta milhões de intocáveis na Índia, por exemplo, não podem ser alteradas, pois acredita-se que êles estão sofrendo nesta vida um justo castigo pelos pecados cometidos nas incarnações anteriores».

A nosso vêr, êsses párias não têm a menor culpa da condição de inferioridade em que se encontram; a culpa cabe ás castas superiores que para se sustentarem no fastígio da opulência monopolizaram os princípios básicos da religião e os puseram a serviço dos interêsses sociais, mantendo o povo na mais completa ignorância e servidão. Ao pária que já compreendeu a imortalidade da alma e a reincarnação, diga-se que êle póde mudar e tem o direito de procurar mudar sua presente condição de existência; diga-se que não pela piedade, mas pelo esfôrço e pelo trabalho póde êle melhorar sua sorte, já na vida presente e nas reincarnações futuras, quando póde vir a ser um brâmane.

Ao brâmane, diga-se que êle deve tratar ao pária como a um seu irmão e igual; diga-se que os pecados cometidos nesta existência também o atingem nas reincarnaçães futuras, quando póde vir a ser um pária. Faça-se isso, e êles que antes de nós vislumbraram a verdade, primeiro do que nós serão libertados por ela.

Emery Reves assim finalizou o capítulo que estudamos até aquí: «A sociedade humana sómente póde ser salva pelo Universalismo. Se as igrejas cristãs não voltarem para êsse princípio central de uma religião e fizerem dêle a doutrina básica de sua prática, elas desaparecerão ante a fôrça irresistível de uma nova religião do Universalismo...»

Os princípios que aquí expusemos sucintamente são universais, como se depreende com facilidade, e constituem as bases do espiritismo. Por conseguinte, êste é o universalismo que há de salvar a sociedade humana e implantar no seu seio o reinado da paz e da liberdade tão ardentemente anelados por nós.

Elídio Taveiros.

A humildade não dissimulada é o caminho mais curto que nos conduz ao aprisco do Senhor. O maior sábio é aquêle que sabe ser humilde.

Camargo.

O Romance de Charles Dickens e o Caso de Laura Edmonds

Os nossos irmãos que têm ocupado esta tribuna, antes de nós, preferiram sempre focalizar fenômenos atuais do Espiritismo. Nós, porém, preferimos ir buscar no pretérito dois fenômenos, escolhendo-os entre os mais singulares, e nem por isso perdem o valor da sua oportunidade, nem o mérito de serem relembrados.

Aludiremos ao traçar esta crônica aos dois fenômenos, acima epigrafados, pelo seu intrinseco valor, no sentido de provar a imortalidade da alma, realidade que tem dado motivo a reiteradas negações dos negadores inveterados.

Trata-se em primeiro lugar do facto contido na admirável obra de *Alexandre Aksakof*—«*Animismo e Espiritismo*», livro que é um grande repositório dos mais variados fenômenos e de irretorquíveis raciocínios. Êle foi pelo autor sub-intitulado: «Ensáio de um exame crítico dos fenômenos mediúnicos», especialmente em relação com as hipóteses da «fôrça nervosa», da «alucinação» e do «inconsciente», e que é também uma réplica à obra do *Dr. Ed. von Hartmann*, denominada «*O Espiritismo*», sendo uma vitoriosa refutação ás críticas feitas por êsse eminente pensador germânico, a propósito das manifestações espíritas.

Alude o caso em análise ao romance *The Mystery of Edwin Drood*, que, pela morte do seu autor, o ilustre romancista inglês *Charles Dickens*, foi concluído na América do Norte, dois anos mais tarde, pelo médium James, rapaz de medíocre instrução, simples mecânico que era.

— «Quando se espalhou o boato — diz *Aksakof* — de que o romance de *Dickens* ia ser terminado por aquêle extraordinário e inusitado processo, o *Sprinfield Daily Union* enviou um dos seus colaboradores a *Brattleboroug* (Vermont), onde residia o médium, afim de se informar, no próprio local, de todas as particularidades dêsse estranho empreendimento literário».

Vejamos, em resumo, como relatou o reporter as suas observações: — «Convidado por uns amigos a tomar parte numa sessão espírita, James, que não tomava a sério tais fenômenos, considerando-os méro embuste, foi surpreendido com a revelação de que êle próprio era médium. Voltando no dia seguinte, caiu espontâneamente em *transe* e, tomando um lapis, traçou um ditado dirigido a um dos assistentes pelo espírito de um filho dêste, cuja existência ignorava inteiramente. Em fins de outubro de 1872 — prossegue o jornalista — escreveu James uma comunicação a êle próprio dirigida, assinada com o nome *Charles Dickens*, que lhe pedia uma sessão especial para 15 de novembro, o que foi feito, recebendo então um longo ditado daquêle espírito, que lhe dizia haver durante muito tempo procurado um médium, para o auxiliar a concluír o seu romance interrompido, e convidava James a se encarregar dessa tarefa, à qual consagraria o tempo disponível de suas ocupações habítuais. Aceito o convite, foi o primeiro ditado transmitido na véspera do Natal, a que *Dickens* votava particular veneração, repetindo-se êsse trabalho por sete mêses consecutivos, de modo que em Julho de 1873 James havia redigido mil e duzentas laudas de manuscrito, representando um volume in-8.º de 400 páginas. As folhas escritas, esparsas pelo chão, não estavam numeradas e James tinha que as pôr em ordem, guiando-se pela continuidade do sentido. Ao comêço, o médium escrevia três vezes por semana e não mais que três ou quatro páginas de cada vez; a seguir, porém, as sessões se tornaram bi-quotidianas e êle escrevia afinal dez a doze páginas, e até mesmo vinte. A letra tinha alguma semelhança com a de *Dickens*. No primeiro ditado era bela, elegante, quasi feminina; mas, à medida que prosseguia o trabalho, ia aumentando de dimensão, a tal ponto que nas últimas páginas era cinco vezes maior que no comêço. Algumas folhas principiavam por sinais estenográficos, de que o médium não possuía o menor conhecimento, e a escrita era tão rápida que dificilmente se podia decifrar».

E assim de modo tão original foi concluída a segunda parte do célebre romance, numa demonstração inequívoca da pre-existência da alma.

—

No segundo caso, trata-se de um fenômeno de *xenoglossia* obtido com o automatismo falante e a mediunidade audiente, ocorrido com a jovem Laura, filha do Juiz *Edmonds*, caso dos mais importantes, incontestavelmente autêntico e, aliás, muito familiar a todos aqueles que se dão ao estudo da metapsíquica.

Êste facto foi relatado pelo Prof. *Charles Richet*, no seu discutido *Tratado de Metapsiquica*, á pag. 272, pela forma seguinte: — «O caso mais impressionante é o de *Laura Edmonds*, filha do juiz *Edmonds*, personagem de elevada inteligência e lealdade perfeita, que foi presidente do Senado e membro da Suprema Côrte de Justiça de Nova York. Laura, sua filha, era católica fervorosa, muito praticante e piedosa. Falava exclusivamente o inglês e aprendêra na escola um pouco de francês. A isto se limitava seus conhecimentos de línguas estrangeiras. Ora acontece que um dia (em 1859) o juiz *Edmonds* recebeu a visita de um grego notável, o snr. Evangelides, que poude *conversar em grego moderno* com a sua filha Laura. No curso dessa conversação a que assistiam diversas pessôas (cujos nomes são citados no texto), o snr. Evangelides chorou, por lhe ter a médium participado a morte do filho (ocorrida por aquele meio tempo na Grécia). Ao que parece, Laura incarnava a personalidade de um amigo íntimo de Evangelides, um tal *Botzari*, morto na Grécia e irmão do conhecido patriota. Segundo o juiz *Edmonds*, se sua filha Laura conversou em grego moderno com Evangelides e se lhe participou a morte do filho, isso só se poderia explicar admitindo-se que o defunto *Botzari* fosse realmente o outro interlocutor, na conversação. E *Edmonds* acrescenta: Negar isto, de que fui testemunha, impossível; o facto é de tal modo claro e eloquente que, negá-lo, equivaleria, a negar que o sol nos ilumina. Nem poderei, certamente, considerar o facto uma simples ilusão, visto que êle em nada difere de tôdas as outras realidades com que deparamos em qualquer período da nossa existência. Acresce que tudo se passou na presença de oito ou dez pessoas cultas e inteligentes. Nenhuma delas vira jamais o snr. Evangelides, que me fôra apresentado por um amigo naquela mesma noite. Como, pois, ha podido Laura participar-lhe a morte do filho? Como se explica que haja falado e compreendido e grêgo moderno, lingua que nunca ouvira falar?»

Sôbre o acontecimento relatado são passados setenta anos e mau grado os progressos até aqui levados a efeito no vasto campo das investigações metapsíquicas, contudo, ninguem estará possibilitado a fornecer explicação contrária da que o íntegro juiz apresentou, segundo a qual o fenômeno observado necessariamente implicava a atuação do defunto amigo do consulente.

Segundo o próprio conceito do Prof. *Richet*, o caso Evangelides é o mais notável de quantos se deram com a jovem médium, uma vez que esta, noutras circustâncias, chegou a conversar em oito ou dez linguas diferentes.

Todavia — informa ainda o Juiz *Edmonds* — «minha filha apenas conhece o inglês e um pouco de francês. Tem, no entanto, conversado em francês, grêgo, latim, italiano, português, polonês, hungaro, assim como em vários dialetos indianos. *Frequentemente não compreende o que diz*, mas o consulente lhe compreende sempre as palavras». (*Letters and Tracts)*, pag. 198.

—

O facto do médium não compreender em estado de vigília a significação das palavras proferidas automaticamente pelos próprios lábios, comprovam cabalmente, encontrar-se ela na fase de «posse mediúnica», na qual uma entidade estranha se utilizava do seu faringe, para expressar-se. Não ha outra solução para o suposto enigma. A hipótese das «personalidades sub-conscientes», em combinação com a da «cryptomnésia», arguida por alguns para justificá-lo, não resiste a um ligeiro confronto, uma vez que o médium não compreendia a língua em que conversava.

—

E apesar dessa esmagadora evidência, os sábios materialistas continuam a negar. Muito lucrariam eles se deixassem de lado a sua obstinada prevenção de tudo negar, aprioristicamente.

Considerando que a sabedoria é infinita, e que só atingiremos à perfeição absoluta, quando formos *sábios e puros*, como afirmou Jesus, toda negação obstinada em não prescrutar o ignorado, denuncia fraqueza de caracter, e assim, não dá, a quem dêsse modo procede, o direito de se considerar sábio em coisa nenhuma.

Desde todas as épocas, a Humanidade tem sentido os efeitos terríficos dos negadores *à outrance*, os quais não trepidaram em cometer os mais hediondos crimes, no sentido de se manterem irredutíveis nas suas negações.

Na História da Humanidade há uma imensa lista de sábios imolados nas aras do sacrifício pelo estremado amor à causa da Verdade.

E muitos anos terão que passar ainda na esteira dos séculos, para que a Verdade possa penetrar em muitos cérebros e consciências! Confiemos e Esperemos!

Paz e Luz.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Março de 1947.

Livros e Autores

NOVOS RUMOS Á MEDICINA E MEDICINA E ESPIRITISMO, de Inácio Ferreira, Uberaba.

Mais dois livros de uma só vez do dr. Inácio Ferreira!

Para nós, os livros em análise do ilustre autor, relacionando a Medicina ao Espiritismo, representam mais, muito mais do que seus argumentos substanciosos contra o materialismo da medicina oficial; do que sua maneira clara e incisiva de expôr e analisar os assuntos; do que a exposição eloquente de sua grande experiência de médico e de espírita. Representam, acima de tudo, a coragem de um médico, de um homem e de um espírita, desusada em nosso meio.

Fundamentemos e historiemos a afirmativa.

Foi há oito anos, precisamente.

Havia sido lançada a *Hora Espírita Radiofônica.* Contra ela, alevantou-se a «Sociedade de Medicina e Cirurgia», apelando para os ministros da Educação e da Justiça afim de impedir-se sua irradiação. Para que ela não fôsse inaugurada. Tudo podia o Governo todo poderoso, dentro do discricionarismo do regime. Contudo, a H. E. R. foi ao ar e no ar permaneceu cinco anos. A imprensa, à cata de sensacionalismo, visando, é claro, vender jornais, que não elucidar as massas, entrou a ouvir medalhões da medicina carioca a respeito do Espiritismo. E foi um desfiar de injúrias, aleives e falsidades que sairam dos lábios e da pena de médicos, grandes e pequenos. Desde o Austregesilo ao Carlos Fernandes. Desde o Henrique Roxo ao Oscar Pimentel. Todos tinham muita saliva a cuspinhar sôbre a maravilha mais maravilhosa dêste século de maravilhas: o Espiritismo!

Nenhum médico espírita—e ha tantos no Rio, bôas penas, bela cultura, apreciável valor — saiu a campo para defrontar-se com os medalhões. A «*Liga Espírita do Brasil*», no empenho de tomar uma atitude digna, chegou a convocar uma reunião de médicos espíritas na sua séde, distribuindo, com muita antecedência, convites e avisos pela imprensa e pessoalmente. A reunião se realizou, com seis médicos, apenas, presentes! Seis, sómente! E nenhuma atitude à altura do momento se tomou. Foi por isso, exatamente, que, nós, «o pai da criança», que era a H. E. R.,—que saiu de nossa iniciativa e foi ao ar sob a nossa direção,—saimos a campo a responder, como pudemos, aos medalhões da medicina. Munimo-nos de livros de psiquiatria, que até então desconheciamos, e toca a queimar as pestanas e muito fósforo neles. Mas, de tamanho esfôrço e arrôjo nosso saiu uma série de artigos, que andamos publicando em *Diário da Noite*, *A Nota* e *Vanguarda.* Artigos que apareceram depois enfeixados no *Pigmeus contra Gigantes,* volume esgotado para logo, que aparecerá, brevemente, em 2.ª edição.

Pois bem: Dr. Inácio Ferreira, que não era do Rio, mas de Uberaba, veio em nosso auxílio, emprestou-nos a jóia de sua colaboração e de seus recursos científicos. Saiu a campo contra seus colegas, mostrando-lhes que estavam enganados e proclamando bem alto as excelências da terapêutica do Espiritismo.

Seus livros, portanto, para nós, sôbre ter o valor que realmente conservam, é justo se lhes reconheça mais êste. E é, para nós, o maior de seus méritos.

Medicina e Espiritismo é já uma 3.ª edição, que as duas primeiras, porque uma em castelhano, já se esgotaram. E' um livro, portanto, que vem confirmar a dupla glorificação que já obteve, vantajosamente.

Novos Rumos á Medicina é, porém, obra nova. E a única no gênero, no Brasil e fóra daquí. Um grande livro! Indispensável nas mãos de todo médico, espírita ou não, na estante de todo espírita que acompanhe a evolução da Doutrina, na bibliotéca de todo estudioso. O grande livro é dedicado aos entes mais queridos ao autor: desde *«Ás sombras amigas»* (os Espíritos) a cuja dedicação deve tantos informes, até Cairbar Schutel, o espírita n.º Um, até hoje, do Brasil; a seus amigos da *Revista Internacional do Espiritismo,* onde saira, antes, quasi toda substância do volume. Entre uma e outra dedicatória: à de Pierre e Paul Janet, Bezerra de Menezes, d. Maria Modesta Cravo. Abre-o uma apresentação do próprio autor, oportuna e clara, um estudo substancioso e claro sôbre as moléstias nervosas, desde sua origem até a moderna Psicoterapia. Estudo feito a golpes firmes de lógica, observação e análise que, certo trará novos rumos à medicina, ficará na história da medicina como clarões refulgentes de novos horizontes, que se abrirão à ciência e à arte de curar. A obra é ilustrada com exemplos vivos do que ensina e prova. O autor pega o enfêrmo, expõe-lhe a fotografia, a ficha de internação no *Sanatório Espírita de Uberaba,* faz a exposição de sua enfermidade, estudada à luz da medicina oficial e da terapêutica espirítica e relata o facto anterior que o levou à loucura, à obsessão: sempre a influência terrível de espíritos, uma história dolorosissima do passado, revivido numa vingança terrível, que os ofendidos de ontem estão tirando. Êsses relatos valem por fortes ensinamentos, e sob o ponto de vista literário, são verdadeiras páginas de Edgar Pöe. E ficamos a ver que, nos casos de loucura, que vão superlotando todos os manicômios, 90%, ou mais, não passam de tremendas obsessões, que só o Espiritismo póde, realmente, solucionar.

Novos Rumos á Medicina é obra em grande formato, de quasi 300 páginas, impressa em excelente papel, edição das oficinas de *A Flama* que, dêste modo, se vai afirmando como uma casa impressora capaz como as que mais o forem.

Somos, de nossa parte, muitas vezes reconhecido a seu autor, uma grande amizade que nos prezamos de cultivar, pelos volumes que nos couberam com honrosa dedicatória.

* * *

NOS UMBRAIS DO ALÉM — W. Barret, tradução de Isidoro Duarte Santos, Lisbôa.

Quem escreve para o público expondo opiniões críticas sôbre obras publicadas, além de grande responsabilidade perante a própria consciência, seus leitores e quem lhe enviou seus volumes, deve conservar uma linha de justiça e franqueza que possa inspirar confiança a todos.

Só aceitamos o crítico doutrinário, quando êle se faz um legítimo porta-voz do valor das obras que recebe, valendo, por isso mesmo, suas apreciações generosos aperitivos servidos aos que o lêem, de molde a despertar apetites para a aquisição da obra apreciada.

Nossas apreciações crítico-literárias, nesta Revista, terão sempre esta feição.

A obra, seja de quem fôr, de amigo ou desconhecido, de afeiçoado ou não, dela diremos, sempre, o que sentirmos, com muita sinceridade e que de outro modo, não sabemos expender, certo ou errado, opinião e conceitos.

Gostaremos de dizer sempre coisas belas, que, desvanecendo-nos, saibam suavemente aos autores, aos leitores. Nem por isso, deixaremos de exteriorizar o que não gostariamos de fazer, desde que a tanto nos impila a natureza da obra.

Sentimos, nêste momento, que não diriamos o suficiente, pelo muito que dissessemos, de um volume que acabamos de lêr.

NOS UMBRAIS DO ALÉM, foi o volume que acabaramos de lêr. Veio-nos de Lisbôa, oferta graciosissima de seu ilustre tradutor, Isidoro Duarte Santos. Edição da *Gráfica Estudos Psíquicos,* obra que nos lembra, sempre que recebemos a revista de igual nome, — e uma das mais bem feitas que temos, se não fôr a mais bem feita — um gigante, um Briareu com os seus cem braços ocupados a difundir o Espiritismo, que é Isidoro Duarte Santos.

NOS UMBRAIS DO ALÉM é um Livro, no sentido exatississimo do termo, Livro de cientista, de pensador, de analista frio, sério e seco. Só agora em língua portuguêsa. Foi escrito para atestar cientificamente, a veracidade dos factos espíritas. E de tal modo o faz, com tal isenção de ânimo, que ninguém haverá, por mais céptico e agnóstico, que possa duvidar da realidade a que chegára o grande cientísta da Universidade de Dublin. Leia-se isto, que se terá julgado da independência de atitudes do autor, à pag. 293: «Eu não defendo Eusapia (a célebre *médium* italiana Eusapia Paladino) pela qual sinto repulsão, mas, é preciso ser justo mesmo com o diabo», para concluír pela veracidade dos fenômenos, a despeito de reconhecer que, ás vezes, a *médium* «trapaceia sem pudor».

Não sabemos sinão rudimentos insignificantes de inglês. Não acreditamos, contudo, que a obra no original leve alguma vantagem à tradução. Isidoro Duarte Santos tem amor à causa, desvela-se pela Doutrina. Escreve bem. Seu estílo é atraente e claro. E' um purista no sentido real do termo. E tudo isto ha de, por fôrça emprestar maior brilho e importância à obra. Além do mais, o livro é admiravelmente bem coordenado, concatenado. Um compêndio pedagógico, de que se sai convencido mais do que o suficiente da matéria de que trata. Dividido em cinco partes e um apêndice, que não deixa de ser, também, uma parte, e substanciosissima, o autor trata de todos os fenômenos mais importantes do Espiritismo, analisando-os todos, a frio e a seco, naturalmente.

Um grande livro, no sentido literal do termo. E muito bem apresentado graficamente, que a *Editora Estudos Psíquicos*, de Lisbôa e do Isidoro Duarte Santos, se prima pela escolha das obras editadas, não deixa, tambem, de primar pela apresentação gráfica com que no-las dá.

Gratissimo pelo exemplar que recebemos, enfeitado com uma dedicatória que muito nos sensibiliza e desvanece.

Leopoldo Machado.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— XI —

O feliz êxito no tratamento dos doentes mentais, depende de como serão êles tratados, isto é, urge criar em torno deles um ambiente de «não constrangimento». Em primeiro lugar, um exame de suas glândulas de secreção interna para se verificar si o máu funcionamento de uma delas, não é o responsável pelo mal. Depois o tratamento de observação, afim de verificar as tendências do doente mental.

Quando a sifilis é a causadora de paralisia geral ou de demência, (paresia), o tratamento consiste em provocar no doente, uma febre artificial ou natural pela malária. Dado que a maleita produz uma grande elevação da temperatura, os espiroquetas da sífilis não resistem e morrem. O doente sára da sífilis e de suas consequências e depois recebe outro tratamento para ficar curado da malária. Chama-se a êste processo, malarioterapia.

Os tratamentos naturais consistem em «fazer reviver a personalidade normal do paciente, orientando-o habilmente, aproveitando as suas inclinações. Que mal ha em um demente em se proclamar rei? E que mal ha em tratá-lo por magestade?

Ha ainda o tratamento pela insulina e pelo cardiazól que provocam violentas convulsões até ao ponto de deslocar a maxila ou os membros. E quando os doentes voltam de uma espécie de estupor que durou uma hora, o seu estado mental melhora.

As principais moléstias mentais, são: arteriosclerose cerebral, paralisia geral, demência precóce, paranóia e melancolia involutiva, loucura maníaco-depressiva, personalidades psicopáticas, loucura alcoólica e psiconeuroses.

O alcoólatra ou a pessôa que abusa do uso de bebidas alcoólicas, acabará, infalivelmente, na cadeia, no hospital ou manicômio. E' êsse o triste fim do beberrão inveterado. Não ha alternativas. E si ainda fôsse êle o único prejudicado! Mas não. O piór é que além de se prejudicar a si próprio, perderá a sua própria descendência, transmitindo aos seus filhos terríveis moléstias nervosas e mentais, como a epilepsia, etc. Pensando em si próprio e principalmente em sua próle, um homem sensato jamais se deixará escravisar pelo nefasto vício de beber. O alcool agindo sôbre os «freios inibidores», faz o beberrão perder o controle sôbre si mesmo e praticar desatinos, passando a agir instintivamente, abdicando da razão e da inteligência. Porisso é que se diz: No vinho está a verdade, porque o indivíduo sob a ação do alcool, fala o que não deve e não quer.

Enfraquecimento do sistema nervoso, abaixamento do poder de resistência orgânica contra as infecções, inflamação crônica do fígado, perturbações digestivas, esterilidade das glândulas sexuais, modificação do caracter, relaxamento moral, abatimento espiritual, são as principais consequências do abuso de bebidas alcoólicas, que irão se agravando até o «delirium tremens», o colapso e a morte.

A psicanálise analisando a personalidade do indivíduo, desvendando os segredos de seu subconsciente, prescrutando o seu íntimo, é uma poderosa auxiliar no tratamento das perturbações mentais.

Jung, por exemplo, dividiu os homens em introversos e extroversos. Os introversos focalizam a atenção em si mesmos, (poetas ou romancistas), e os extroversos, no mundo exterior, (negociantes ou políticos).

Torna-se necessário, diz Alder, examinar o objetivo da vida do paciente, afim de levá-lo a um reajustamento mental. E Freud quer os mínimos detalhes das recordações esquecidas da infância, desejos sexuais, instintivos, etc. A psicanálise visa extirpar os defeitos psíquicos, completando o tratamento o aumento das qualidades, por um novo reajustamento psíquico.

«O tratamento compreende a adoção de medidas que sirvam para formar, reforçar e consolidar as funções integrativas e construtivas do paciente. Deve-se tornar clara a êste, o quanto possível, a realidade, e guiar-se-á o paciente, com cuidado, nessa direção, tomando-se como pressuposto que êle tem suficiente interêsse e energia para convergir os seus impulsos para ela», a realidade.

E todos êsses casos a sugestão desempenha um dos mais importantes sinão decisivos papeis na obtenção de uma cura.

O dr. Bisch disse que «ser normal, é não ter motivos para jactancias» e «que o nevropata nasceu com excessiva energia nervosa requerida pelas grandes realizações. Mas nasceu em um mundo de pessôas normais. Assim, sua capacidade de maiores reações nervosas, o embaraça. As vezes o excesso dessa energia consegue o derivativo de escrever romances ou pintar quadros. Entretanto, na maior parte das vezes, ela se expande de dores imaginárias, em temores desnecessários, e em insignificantes mas perniciosas obsessões».

Tudo, pois, questão de ajustamento e ambiência propícios para levar o doente ao caminho da cura. Um louco se aproxima de um gênio pelo excesso de energia que ambos possuem. Ambos são anormais. Normais somos nós, (a quasi totalidade), «que não temos motivo para jactâncias...»

Os males que afligem a humanidade não são só os de causas orgânicas, mas principalmente psíquicas, que podem ir até aos «estados de angústia», motivados pelas contrariedades, circunstâncias dificeis, insatisfações, embaraços, tudo enfim que encontramos a cada passo no meio social onde vivemos. E os sintomas físicos aparecem: desânimo, aflição, cansaço, fraqueza, palpitação, vertigem, má digestão, etc., quasi todos de origem imaginária, oriundos «como um refúgio inconsciente de quem não tem forças para encarar de frente as dificuldades da vida».

São doenças de origem psicológica ou fundamentalmente neurótica, que uma falsa ou viciada imaginação criou. O médico é preciso ser por demais perspicaz para saber si o paciente sofre do corpo ou da alma, afim de evitar que esses casos se tornem em perturbações mais graves.

O verdadeiro cristão é amoroso, tolerante, humilde, perseverante e sem vícios. Aquêle que se afirma cristão e não tem essas virtudes, mente a si mesmo. *Camargo.*

A Missão do Paracleto

A longa história da humanidade é bem uma sucessão de acontecimentos, que se reproduzem, periódicamente, e cada vez mais intensos, visando despertar as coletividades para o verdadeiro fim criado pela Suprema Inteligência do Universo.

O homem, como expressão mais evoluída da escala animal, não póde fugir ao imperativo das leis naturais. Evidentemente, não estamos à mercê de fôrças cegas e inconscientes. Tal concepção implicaria numa verdadeira aberração da sublime harmonia, que em tudo se manifesta. A razão perturba-se ao analisar a complexa estrutura universal e a inteligência insaciável não se cansa de indagar, perquirir e dissecar os fenômenos, para satisfazer ao ardente desejo do espírito, de tudo saber. Em cada ângulo do universo, ela sente que vibra um influxo superior, causa determinante da evolução da matéria, da energia e da própria vida, tudo subordinado a um plano genial, emanado da grande Lei, verdadeiro centro de atração e irradiação.

Ao contemplar o maravilhoso panorama cósmico, uma indefinível sensação de confôrto e bem-estar invade o espírito. Através de sutil intuição e dentro da relatividade de sua compreensão, o homem percebe que é parte integrante dessa grandiosa obra, eterna, indestrutível, que se movimenta no seio do infinito.

Por que razão, pois, a humanidade parece constituir uma nota deselegante no impecável e magistral cenário da Criação?

Por ventura, as leis que presidem à nossa evolução moral e espiritual serão menos rigorosas e precisas que as que regem a matéria e a energia? Constituiremos, por acaso, um todo à parte no pensamento do Artífice da natureza? Por certo não.

Deus, ao criar o Universo físico, criou, como complemento indispensável, o Universo psíquico, que abrange todas as manifestações de vida. Não receiamos cometer êrro em afirmar que o orbe foi planejado e concebido exclusivamente para nós. Sim, para nós, repetimos, porque Deus, sendo a absoluta perfeição, dispensa, naturalmente, a criação de cousas para a sua própria satisfação, uma vez que Êle já é o alfa e o ômega.

Frente, pois, a essa aparente iniquidade, qual seja o cáos em que se debate a consciência humana, devemos convir em que a causa do desiquilíbrio reside unicamente nas unidades integrantes — os homens. Tanto assim que nos tempos atuais ainda se confunde civilização com progresso material. Mede-se aquela com unidades dêste. Aí está o grande mal que hoje, como na antiguidade, grassa entre os povos da terra. No campo espiritual, o homem está ensaiando, ainda, os seus primeiros passos. Corroborando a nossa afirmativa, estão os nefastos acontecimentos que acabaram de enlutar o coração da humanidade. Entretanto, nunca faltaram códigos de moral para os povos, de acôrdo com o gráu de sua evolução. Através dos séculos e dos milênios, a sabedoria divina foi pródiga em espargir luzes sôbre as gerações da terra. Dêste modo, surgiram na esfera terrena Zaratrusta, Confúcio, Buda, Moisés e, finalmente, Jesus — o Divino Instrutor.

O Mestre iniciou, com a apresentação de sua doutrina impregnada de amor e perdão, uma nova éra, a do império da luz sôbre as trevas, do bem sôbre o mal, do amor sôbre o ódio. Demonstrou a existência da sublime lei da evolução natural do espírito, que se resume nos elevados princípios de fraternidade. Todavia, o Messias, sabedor de que seus ensinos seriam, no transcurso das idades, objeto de contendas e dissenções entre os povos, prometeu enviar, em época oportuna, o Paracleto com a finalidade de rememorar e reviver a palavra da verdade e da justiça. Hoje, quasi dois mil anos após a eclosão do maior acontecimento de todos os tempos, confirma-se, solenemente, a anunciação de Jesus. A luz da 3.a Revelação — o Consolador prometido — já despontou nos horizontes dêste mundo, mundo que é ávido de paz e de justiça, como prenúncio de uma éra de grandes transformações morais e espirituais. Com o seu advento, desaparecerão as apreensões da face da terra e o homem, no dizer do iluminado Léon Denis, «saberá compreender e abençoar a vida; cessará de recear a morte. Há de, por seus esforços, realizar na terra o Reino de Deus, isto é, da paz e da justiça e, chegado ao têrmo da viagem, sua derradeira noite será luminosa e calma como o ocaso das constelações, à hora em que os primeiros albores matinais se espraiam no horizonte».

Walter R. Accorsi.

Piracicaba, 8/XI/946.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Devemos olhar um assassino, de modo diferente. Há dez espécies diferentes de assassínios. Há quem mata por um repente de cólera e êste não é um verdadeiro assassino. Na realidade, aquêle que o cometeu não teve intenção de matar, mas perdeu o domínio sôbre si próprio. Como é natural, não tem outro remédio que sofrer e fazer o bem pelo mal que fez.

Veem a seguir o que mata a sangue-frio, o que traça minuciosamente os seus planos, o que mata para apoderar-se de dinheiro. Acontece ser uma pessoa de aspecto agradável e bondoso e que vai, com frequência, à igreja. Mata lentamente, à fôrça de maus pensamentos. No mundo dos espíritos o aguardam grandes sofrimentos, porque tem de compensar todas as suas más ações desde o momento em que começou a pensar no assassinato.

Vem depois o homem psíquicamente sensível, que não se preocupa com nada. De ordinário não pertence a nenhuma crença religiosa e toma todas as coisas pelo seu lado fácil. Carece de vontade; o que não faz hoje póde fazer amanhã ou outro dia. Acontece então que um espírito astucioso penetre dentro de sua aura magnética e o domine, fazendo-o cometer algum crime, pelo que é condenado à fôrca, embora não seja quem realmente o praticou. Em certas ocasiões diz: «Estaria eu embriagado quando o cometi, porque não me recordo de nada», mas a causa não foi a bebida. O alcool não faz isso. Quando um homem está bêbedo, sua inteligência se acha em estado de atordoamento. O autor do crime é um espírito. A's vezes tal espírito foi durante sua vida, vítima de qualquer injustiça e só deseja vingar-se. Como a lei não póde determinar o verdadeiro grau de culpabilidade do autor do crime, condena-o à fôrca. A maioria dos assassinatos e assaltos são obra dos espíritos, que não fazem outra coisa que planejar os seus crimes, valendo-se de algum mortal como instrumento de execução, e assim permanecem até que, num belo dia, despertam e compreendem todo o mal que estiveram fazendo.

Quando eu vivia em Chicago me chamavam Minnie Morgan, ainda que, na realidade, tal nome não me pertencesse e não quero dêle servir-me daquí em diante, pois me causa horror. Esta noite não quero ainda dar o meu nome. De facto, devemos ter méritos para ganhar um nome e, até agora, não ganhei o meu. Durante os vinte cinco anos que decorreram desde a minha morte, não logrei progredir bastante para ganhar um nome. Sou feliz e sei que chegarei a ganhá-lo e então todos me chamarão por êle.

As pessoas, que durante as suas vidas terrenas, se ajustaram aos ditames do bem e marcharam pelo caminho reto, se encontram, ao morrer, com boa quantidade de parentes e amigos que vêem ao seu encontro. A mim não me esperava ninguém. Nenhum amigo veio a meu encontro, porque havia caído muito baixo. Não tinha outro amigo que a morfina.

Tenho de progredir passo a passo. Dedico-me a fazer o bem no mundo de perdição, ajudando essas infelizes que vivem a vida que eu vivi. Durante a minha vida terrena andei entre os que estavam dominados pelo vício da morfina; agora me dedico a auxiliá-los para que dominem êsse mesmo vício. Esta é a minha missão. Não é agradável, mas não tenho outro remédio que cumprí-la. Alguém tem de dedicar-se a ela. Porque não havia de ser eu? Sofro com os que sofrem com tal vício e os ajudo com a minha simpatia, porque também já me vi como eles.

Dedicai a êsses infelizes a vossa simpatia e os vossos bons pensamentos, porque com eles lhes prestareis bom auxílio. Como vós não passastes por tais coisas, não fazeis uma idéia exáta do que significa achar-se em semelhante situação. Cada alma que posso fazer volver para o bom caminho, significa mais um passo para o céu. Notai bem o que digo: é para mim mais um passo para o céu. Quanto maior for o número das que socorro, tanto maior será a minha felicidade. O dia chegará em que poderei saír dêste estado, porque terei progredido o suficiente para passar para o lado espiritual da vida.

Não censureis os que tombaram; lembrai-vos de que foram fracos. Concentrai sôbre eles os vossos bons pensamentos e rezai esta oração: «Deus, ajudai-os para que eles recuperem a sua vontade e vençam os seus vícios!» Projetai vossos pensamentos para ajudá-los a dominar-se. Não lhes envieis pensamentos máus ou pouco caritativos.

A próxima vez que visitar-vos dar-vos-ei a conhecer o meu nome, porque então eu já terei ganho um.

Agradeço o auxílio que me déstes para pôr-me no bom caminho, porque sou feliz auxiliando os demais, mas resta ainda escalar uma montanha abrupta para alcançar a felicidade total.

Bôas noites.

Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espirítica

(Discurso de Delfino Ferreira ao ser recebido na Sociedade Brasileira de Filosofia, em 30-10-1946, a cujo seio fôra escolhido, como membro efetivo, em Sessão de Dezembro do ano findo).

Exmo. Snr. Presidente, Ministro Almirante Raul Tavares;

Exmos. Snrs. Diretores, Membros da Mesa;

Exmos. Snrs. Representantes da Federação Espírita Brasileira, da Liga Espírita do Brasil, da Faculdade B. de Estudos Psíquicos e de outras Sociedades Culturais e da Imprensa;

Exmas. Senhoras e Senhorinhas;

Exmos. Snrs. e Membros desta Sociedade:

E' timidamente e como que estonteado que, assomando até vós, me faço aquí, pela primeira vez, ouvir. Por pouco tempo, porém, vos cansarei com minha palavra que não vos vem trazer nenhum acréscimo de sabedoria. Não, pois, vos tomarei o tempo, qual me cumprira fazer, outro fôra, como, no meu caso, felizmente não é, o processo, melhor dizendo, o ato de recepção a novos membros dêste augusto Cenáculo, cujos destinos parecem ainda — sentimo-lo bem — influenciados pela irradiação espiritual, pela luminosa inteligência e profundos sentimentos de bondosa fraternidade do inesquecível, meritissimo General dr. Moreira Guimarães, nome que declino reverentemente respeitoso.

Sim, Exmos. Snrs., outro fôra, diziamos, o programa de recepção de novos membros desta Casa, por todos os títulos ilustres, que não o de constituir-se em objeto secundário de vossas reuniões com o aproveitamento de uma de suas augustas assembléias para algo de principal, caber-me-ia a oportunidade, se não mesmo o dever, que, dêsse modo, felizmente me não cabe,—felizmente para vós e principalmente para mim que me vejo destarte poupado a um esfôrço talvez superior ás minhas possibilidades—de maior ser minha presença nesta tribuna.

Assim, duas razões apenas, dois motivos tão só, me põem ante vós, dentro das instruções que, para minha orientação, obtive da gentileza do Exmo. Sr. 2.º Secretário, Major dr. Manoel Carlos de Sousa Ferreira.

Estes dois motivos são: 1.º, agradecer-vos a nímia bondade de meu acolhimento como vosso par nesta Sociedade, expoente cultural de nossa nacionalidade; e, 2.º, expôr, sintéticamente, as diretrizes filosóficas que me orientam o pensamento.

Por esdrúxulo que possa parecer começarei pelo fim, rogando de antemão que, não me julgando pela aparência, destarte observando o preceito filosófico de Jesus a respeito, não me tenhais na conta de estravagante seguidor do burlesco e popular conceito de que isto seja ser filósofo...

Começarei pelo fim, Srs., porque, para agradecer a honra que me conferistes, quero, preciso e devo deixar patente que meu agradecimento se faz maior do que o comum dos agradecimentos aquí com alta justiça sempre apresentados, e com tanto brilho de fórma postos sempre, porque não visa apenas a distinção feita à minha pessoa, a dignidade a que elevastes minha personalidade, mas sim o vosso alto respeito a essa mesma diretriz filosófica a cujo âmbito busco submeter-me, e que não desconheceis qual seja, embora universalmente conhecido o vosso espírito de tolerância, o qual obriga, sob o real conceito de Filosofia, ao de liberdade.

Sabeis, Srs. — e cumpre-me apenas oficializar com a minha confirmação — que adote a corrente filosófica codificada por Allan Kardec, não ignorando, embora, não figure ela ainda entre as Escolas reconhecidas.

E adoto-a porque, a meu ver e a meu sentir, a Filosofia Espirítica, codificada, como disse e o sabeis, por Allan Kardec, pseudônimo científico e literário de Léon Hipolyte Denisart Rivail, naturalista, médico, advogado, professor, pedagogo e discípulo emérito de Pestalozzi, filólogo e poliglota, escritor e filósofo, que viveu no século passado em França onde nasceu em 3 de Outubro de 1804, na cidade de Lyon, morrendo na de Paris, aos 31 de Março de 1869; a Filosofia Espirítica, não tendo dito a última palavra de seus ensinamentos, por isso que seu conjunto constitúe uma Doutrina que se caracteriza em ser fundamentalmente, essencialmente evolutiva, resolve — e em parte experimentalmente — o grande problema (eterno para outras correntes de investigações) do Conhecimento do homem.

A Filosofia Espirítica não nos dá sómente o conhecimento teórico da integral que somos, confirmando teorias antigas, que de Descartes passando por Leibnitz e Euler culminaram em Cudworth com seu «mediador plástico», mas demonstrou, experimentalmente, esclarecendo e completando essa teoria e os trabalhos do Magnetismo e Hipnotismo, a existência desse mediador entre a alma e o corpo na estruturação do homem, mediador que é a chave de todos os fenômenos que, em grande número, continuam problemas para a Psicologia digamos, acadêmica, dada sua orientação científica materialista, não obtante pontificando numa sociedade, numa civilização espiritualista.

A Filosofia Espirítica vai além, porquanto, embora não haja ainda demonstrado práticamente, experimentalmente, a origem do homem, oferece, todavia, racionalmente, o conhecimento dessa origem, bem como assinala, de certo modo experimentalmente, o destino daquilo que no homem é, na lição evangélica de Jesus, a realidade, ou seja a alma.

Dentro mesmo, em consequência dêsse destino logicamente assinalado, destino que se fundamenta na Lei da Evolução, lei esta que, sob determinado aspecto se destaca ou se distingue da de Causalidade que tanto atinge ao indivíduo como ás coletividades, sejam família, raça, nação, e, assim, ao seu conjunto que é a Humanidade planetária e total (universal), a Filosofia Espirítica completa e ilumina a teoria, por si só sem expressão, do Determinismo Histórico, do mesmo modo que ilumina—porque lhe completa o sentido da atuação — a própria Lei de Causalidade ou de Causa e efeito.

Por isto é que a Filosofia Espirítica é apolítica, adogmática, não sectarista. Não é, mesmo, crítica nem violenta como no fundo a Filosofia de Hegel, embora profunda e extensamente revolucionária ao mesmo passo conservadora, tal como a vera Filosofia do Cristo.

E' que a Filosofia Espirítica em sua profunda ação revolucionária, demolidora de velhos preconceitos, antigos dogmas científicos, filosóficos e religiosos, e extirpadora dos alicerces de velhas estructuras em todos os campos da atividade humana, é sabiamente evolucionista e assim conserva o que está destinado à demolição até o justo momento, diremos mesmo científico momento da necessidade, da oportunidade da demolição. Está nisto a sua ausência de violência.

Caberia aquí declinar os princípios que lhe dão, que lhe proporcionam êsses efeitos. Não estou, porém, defendendo uma tése, tão só expondo, de certo modo justificadamente, e em síntese necessária, dado o nosso programa de hoje, a minha orientação filosófica.

Devo, todavia, lembrar que a Filosofia Espirítica, justo porque esclarece e completa o sentido da Lei de Causalidade como as razões do Determinismo histórico, êste mais unilateralmente ainda do que a imperfeita compreensão universal daquela, não é fatalista. E não o é porque crê na Liberdade, condicionada, entretanto, ao Conhecimento.

Jesus afirmou: «Buscai a Verdade e a Verdade vos libertará». A Verdade é o Conhecimento das cousas, do homem, dos mundos, de suas leis. E' a Sabedoria, soma de Ciência, Filosofia e Fé, ou seja Ciência com Deus, Deus concebido de fórma a mais alta possível ao homem, consoante, naturalmente, à infinita gradação de sua evolução, sobretudo moral.

Snrs., não devendo prolongar-me, tive a honra de, embora mal, expor a tão culto auditório e ao conspícuo corpo social desta ilustre Companhia a corrente filosófica a que me filío e o porque; corrente que sei, como inicialmente afirmei, não incluida ainda no quadro das diversas Escolas filosóficas reconhecidas. Vem daí o meu agradecimento maior, a vós, Srs., que aquí me acolhendo como vosso par, sabendo embora, pois o sabieis, e isto assinalei de começo, a natureza de meu pensamento filosófico, estais iniciando uma obra de justiça que enaltecerá a cultura brasileira, o pensamento brasileiro, e assim à própria Filosofia no mundo, qual a de abrir-se no quadro das Escolas Filosóficas o lugar, a que já se impõe, á Filosofia Espirítica; e, na galeria luminosa dos grandes filósofos da Humanidade, um lugar para Kardec!

Agradeço-vos, pois, Srs., muito mais pela Filosofia Espirítica, que defendo, do que por minha pessoa — que nada é nada vale — o acolhimento do meu nome, de minha personalidade anônima, trivial e obscura, como vosso par, vosso companheiro, vosso irmão, com voz neste verdadeiro Tabernáculo da Sabedoria, por isso que vejo em vossa atitude — que neste particular não se manifesta pela primeira vez, o que fortalece minha convicta esperança — a aurora, a madrugada de luz daquela justiça.

E por último, Snrs., o que devêra ser primeiro, meu agradecimento pessoal por minha entrada para esta Casa.

Não vos apresento, Snrs. um agradecimento praxista, de simples cortezia. Não. E, por isto mesmo, honrando vosso alto critério, não vos digo que me fizestes um favor, que me investistes de uma dignidade que me não cabe, porquanto reconheço que filósofos como vós, e amantes da Filosofía apenas pouquissimos, a cuja ala diminutissima me incorporarei, não me agazalharieis entre vós, não me receberieis aquí, constrangidos à aceitação de uma proposta amiga nêsse sentido; dado que nenhum de vós, e, já agora, permitido me seja dizer nenhum de nós, será capaz de propor e de aceitar para nosso par quem digno não seja desta douta e digna Companhia, não apenas como homem de bem, mas como filósofo ou pelo menos amante e estudioso da Filosofia.

Possível mesmo descubrais em muitos êsse amor à Filosofia, em gráu mais do que simplesmente potencial e que o próprio não haja, talvez, percebido em si mesmo.

Por isto, agradecendo-vos, não digo fôstes magnanimos para comigo, sim que, com vossa sabedoria, vossa acuidade, vossa experiência, vislumbrastes em mim o que eu mesmo ainda não percebera.

Muito obrigado, pois, à Sociedade Brasileira de Filosofia por minha inclusão em seu seio, e muito grato a quantos aqui vindos para ouvirem a sábia palavra do ilustre colega Conferencista desta tarde, dr. Roberto Moreira da Costa Lima, tão pacientemente me escutaram. Muito agradecido por fim, de modo particular, ao colega, Professor Arnaldo Santiago, devotado membro déste Cenáculo, pelas palavras amigas, confortadoras, com que discursou recebendo-me em nome da Sociedade.

Tenho dito.

Crianças Prodígios

Djalma Farias

Todos sabemos de inúmeros casos de crianças que, na mais tenra idade, revelaram conhecimentos de arte ou de ciência, que não podiam ter adquirido nesta existência, o que demonstra e comprova que o fizeram em existência anterior.

O facto, hoje muito vulgarizado, de crianças prodígios, prova exuberantemente a reincarnação dos Espíritos, doutrina defendida e ardorosamente pregada pelo Espiritismo. Muitos negam sistematicamente a reincarnação, e só admitem a unidade de existência na terra. Vive-se, apenas, uma vez na terra, e depois da morte, não se tornará a viver.

Mas se não viveram antes na terra, lutando e aprendendo, como as crianças podem revelar qualidades intelectuais e morais que não lhes foi possível adquirir na última vida, em virtude da sua pouca idade? Um telegrama de Melbourne, dêstes últimos dias, publicado nos jornais, põe-nos ao corrente do caso de uma menina de 6 anos de idade, que canta em línguas que desconhece e prega sermões com muita competência. E' um caso espantoso, diz o telegrama, êsse que ocorreu ontem na igreja pentecostal de Richmond, onde a menina Renée Martin, de Chicago, que conta apenas 6 anos de idade, fez um sermão de mais de uma hora, perante cerca de 1.200 fiéis.

A menina cantou também em russo e chinês, idiomas que ela comprovadamente ignorava até ontem.

Renée está percorrendo as igrejas da Australia, em companhia dos pais, o reverendo Jack Martin e sua esposa. Parece tratar-se mais de um caso de criança prodígio do que de mediunidade.

A menina está revelando uma competência que não é própria da sua pouca idade. Sabe e mostra que possúe erudição sem ter aprendido. Parece, de facto, espantoso.

Há, porém, muitos casos espantosos como êsse.

Goete, aos sete anos, compunha versos em latim e, antes dos nove fazia um poema, parte em latim, parte em grego e parte em alemão.

Voltaire, que foi educado por um padre, aprendeu a ler aos três anos. Antes dos doze fazia versos com grande facilidade.

Walter Scott aprendeu a ler entre três e quatro anos. Antes dos doze já escrevia baladas.

Alexandre Dumas, aos quatro anos, sabia ler e lia a Históra Natural de Buffon.

Carlyle aprendeu a ler antes dos cinco anos.

Wagner, aos seis anos, já havia lido a história de Mozart.

Napoleão aprendeu a ler antes dos cinco anos. Aos sete já organizava grupos de pequenos, com os quais simulava batalhas.

Balzac, aos oito anos, já compunha pequenas comédias e, aos catorze, exclamava para os seus irmãos: «Vocês hão de ver. Hei de ser um grande homem».

Miguel Angelo, tendo apenas doze anos, já era um magistral artista.

Giotto era um jovem pastor a quem Cimabue encontrou desenhando com tal perfeição que o levou consigo e fez dêle um dos maiores artistas da Itália.

Henrique Mondeux, sem haver

aprendido aritmética resolvia, com oito anos apenas, os mais difíceis problemas.

Lope de Veiga escrevia magnificos versos aos cinco anos.

Mozart tocava violino aos treze anos e aos doze compôs sua primeira obra.

Sir William Hamilton conhecia treze línguas em sua infância e aos dezoito anos foi proclamado o melhor matemático da sua época.

Young, o descobridor da teoria ondulatória da luz, lia aos dois anos com muita facilidade; aos quatro anos havia lido duas vezes a Biblia e, pouco depois, dominava as ciências matemáticas.

Que provam êsses casos de crianças prodígios?

A realidade da doutrina reincarnacionista, pregada pelo Espiritismo e pelo próprio Cristo.

Crônica Estrangeira

Que é o Espiritismo?

Dr. Manuel del Amo

(De «Psiquis», Havana, reproduzido por «Constancia»).

Muito foi dito, muito se pretendeu ao definir o que é e o que representa o ESPIRITISMO e, cada qual por si, definiu-o de acôrdo com a sua idéia e eu, pretendendo dizer algo sôbre o mesmo tema, limito-me igualmente a minha própria maneira de defini-lo.

No infinito, cheio de matéria e de espírito, nada morre. O que denominamos morte na matéria nada mais é do que desintegração de um sêr para mais se aperfeiçoar. A desintegração da matéria e a encarnação do espírito na matéria, dá vida a esta, que recebe daquêle a sua plasmação. Desta influência do espírito sôbre a matéria resulta a vida verdadeira, a melhor maneira de ser, o progresso indefinido, o maior aperfeiçoamento. Sempre que o espírito vai se aperfeiçoando, busca matéria mais aperfeiçoada, de acôrdo com sua elevação.

Organicamente nos denominamos homens, e temos um espírito que corresponde à maior perfeição que lhe póde dar o organismo. O espírito que vive em nós, nêle encontra condições próprias para desenvolver e por em atividade a idéia que forma de Deus. Em sua primeira origem, o homem foi extremamente rude, de maneira alguma podia compreender a Deus, mas de etapa em etapa, foi se aperfeiçoando, rudes foram também suas idéias e rude a idéia que fazia de Deus. Porisso, tal idéia de Deus estabelecia o culto correspondente.

A idéia rude e mesquinha de Deus o fez conceber deuses rudes e mesquinhos, que se ombreavam com os homens, deuses à altura do homem, e bem o dizem as muitas batalhas descritas por Homero, em que sempre intervinham alguns desses deuses que o homem via e tocava e que sendo feitura de suas próprias mãos, tinham para desgraça sua todas suas paixões e nenhuma de suas virtudes. Mas aperfeiçoando-se mais o homem, à medida que passava o tempo, mais e mais elevou seu pensamento, concebendo a Deus até vê-lo já elevar-se até o infinito.

Êsse infinito do qual apenas percebemos alguns pontos luminosos como matéria mas, se adquirissemos a extraordinária velocidade do raio de luz, permitindo-nos transpor facilmente imensas distâncias, veriamos que por muito que subissemos, sempre veriamos um céu suspenso a incalculável distância, matéria sôbre nossa cabeça e matéria sob nossos pés, posto que só matéria é o céu que se revela a nossos olhos. A matéria é uma verdade que sentimos e que pressentimos em nossa eternidade mas não basta presumir, há necessidade de ver. O que se sente e não se vê não satisfaz à compreensão; não basta, pois, pressentir. E' necessário vêr.

Todas as religiões até nossos dias acreditaram ter proferido a última palavra. O ESPIRITISMO disse sua primeira palavra e sabe que jamais dirá a última. Todas as religiões salvam e condenam. O ESPIRITISMO salva sempre. Todas as religiões vingam e castigam o mal. O ES-

PIRITISMO não o vinga nem o castiga. Corrige e emenda.

Todas as religiões teem privilegiados. Para o ESPIRITISMO não há sêr que não o seja.

Todas as religiões teem céus além dos quais nada mais existe. O ESPIRITISMO tem um céu para cada céu.

As religiões castigam a matéria como desprezível. O ESPIRITISMO ensina a conservá-la como cousa digna.

As religiões contendem com a ciência, o ESPIRITISMO tem-na por fundamento.

As religiões não dão ao ESPÍRITO outra morada além da terra entre dois limites, um de prazer e outro de pena eterna. O ESPIRITISMO lhe dá por morada o Universo sem limites de felicidade e de glória.

Todas as religiões definem seu Deus. O ESPIRITISMO não o define, porque definir é limitar, e não se pode limitar nem definir o que está fora da Humanidade.

Todas as religiões prometem. O ESPIRITISMO certifica.

Limitadas são as promessas das religiões. As do ESPIRITISMO não o são. Os adeptos das religiões obedecem as suas ordens. Os do ESPIRITISMO cumprem.

As religiões castigam os que não obedecem suas ordens. O ESPIRITISMO incita a cumprir, fazendo ver a falta.

As religiões fazem-se obedecer mediante o terror. O ESPIRITISMO sempre pelo amor.

Todas as religiões teem vácuos onde quer que esteja o desconhecido. O ESPIRITISMO sómente vê moradas, que um dia espera conhecer.

Para abraçar as religiões, é preciso fechar os olhos e cruzar os braços. Para aceitar o ESPIRITISMO basta sómente estender os braços e abrir os olhos. Para escutar a *verdade* que constituem as religiões, é necessário inclinar a cabeça e cegar a razão. Para escutar as verdades do ESPIRITISMO, é necessário olhar para o céu e desenvolver a inteligência.

As religiões, ao adorar, imploram, pedincham. No ESPIRITISMO é gratuito. As religiões repelem o que não é obra sua. O ESPIRITISMO recebe para poder corrigir.

Para o pagão, qualquer cousa é Deus; para o judeu, é Senhor; para o maometano, Alah; para o católico é Padre. Para o espiritista é CAUSA.

O paganismo obscurece, o judaismo obumbra, o maometanismo tolda, o catolicismo dá trevas e o ESPIRITISMO ilumina porque explica todas as coisas à luz da razão.

⁂

Um camponês que falou durante uma semana, o grego antigo

Interessante ocorrência mediúníca verificada na Sicilia e relatada por «La Domenica Del Corriere» de Milão

N. Gandini.

Na vilazinha de Pergusa (Província de Enna, na Sicilia) reside um homem que, por uma semana, falou o grego de Homero. Talvez, dita desta maneira, a coisa não paréça excepcional; mas logo mostrará o seu verdadeiro aspecto fóra do comum, apenas tenhamos esclarecido que o protagonista é um camponês, que ouviu falar da Grecia, pela primeira vez, há uns seis anos atrás, quando o seu filho lá esteve, durante a guerra. Os jornalistas, mal souberam do facto, precipitaram-se para o lugar, mas já era tarde. O homem já havia retomado a sua língua natal, inesperadamente, e os recebeu com uma linguagem puramente siciliana.

Não era brincadeira...

Antes do mais, devemos dizer que não é verdade que Conceto Bonsignore se houvesse embriagado, no dia da benção das aguas do Lago Pergusa. Êle apenas sublinhou de vermelho a solenidade da festa, com alguns copos de um vinho sutil e cheiroso, e depois adormeceu sôbre um tapete de crinas. Na manhã seguinte a mulher despertou-o, impaciente, dizendo que deixasse de brincadeira, pois aquilo não ficava bem para um velho pai de família. O pobre, porém, não estava brincando. Falava grego, e por mais que se esforçasse, sómente vocábulos jónicos lhe afloravam à língua, misteriosamente treinada durante a noite! Aqueles que o ouviram, um sacerdote de um povoado vizinho e um professor de literatura chegado à propósito de Palermo, afirmam que êle pronunciava as palavras com clareza, e que a sua linguagem, muito viva, perdida a noção do presente, referia-se a um nebuloso passado, esquecido há vinte séculos.

O sacerdote que presenciou o fenômeno, don B., embaraçado nos imperativos dos dogmas e nas lacunas da ciência, mostra-se confuso: «Não podemos encontrar explicações, senão no campo da mecânica psíquica», declarou, de maneira muito obscura. O camponês da língua confundida foi interrogado por don B., versado helenista, durante a persistência do fenômeno, com objetivo experimental. Assistiam ao interrogatório um tabelião, o professor vindo de Palermo e um jornalista. As perguntas e respostas foram anotadas, e o singular documento será enviado á Academia das Ciências de Paris, autenticado com a firma e o carimbo do tabelião.

As respostas, algo estrambóticas, dizem que o personagem que falava pela boca de Concetto Bonsignore viveu ha cerca de dois mil e trezentos anos, em Atenas, em frente ao templo de Demeter, e que a sua casa abrigava-se á sombra de uma figueira; que navegou, durante a sua vida, ao largo, das costas do Efeso; que combateu num misterioso lugar chamado Estopalo, onde o seu exercito foi vencido, tendo êle de fugir. Dito tudo isto em sonoro grego, Concetto Bonsignore voltou-se para a mulher e lhe disse, sempre em jónico: «Tenho fome!» Também esta frase foi autenticada com os sêlos do tabelião.

A' primeira vista, as últimas palavras são as únicas bastante claras, e digamos ainda, humanas, de todo o interrogatório; mas don B. afirma que, de um exame pouco menos superficial, surge, bem vivo e desconcertante, o florescimento de lembranças atávicas (a casa em frente ao templo de Demeter, a batalha, a fuga) juntamente com simples recordações da vida presentemente vivida pelo protagonista (a figueira junto ao muro da casa paterna de Concetto Bonsignore, em Enna). Quanto ao misterioso Estopalo, don B. é de parecer que o «helenista forçado» queria referir-se à batalha naval de Egospótamos, no ano de 404 antes de Cristo, na qual os atenienses foram derrotados pelos espartanos. Ao nosso vêr, é desculpável a inexatidão da lembrança; depois de tanto tempo, parece-nos que só assim podia ser.

Concetto Bonsignore tem 52 anos, se a simples afirmação de um registro civil póde ainda valer para um homem que combateu no Egospótamos... Êle está convencido de que esteve doente, mas assegura que aquela sua única doença, o «desprendimento da alma», como a chamam, nunca mais voltou, e que o seu pai morreu com noventa anos. A mulher, pelo contrário, está certa de que alguma feiticeira do lugar lhe fez algum mal, lhe atirou um mau-olhado.

E agora uma pergunta: Chegará a ciência a esclarecer esta ocorrência?

(«La Domenica Del Corriere», n.º 12, de 29 de Dezembro de 1946).

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório «Américo Bairral»

Resumo do Relatório de 1946

MOVIMENTO HOSPITALAR

Existiam em tratamento em 31—12—45:
Homens 63 Mulheres 42 — 105
Entraram durante o ano de 1946:
Homens 130 Mulheres 88 — 218
Tratados durante o ano 323
Receberam alta curados:
Homens 71 Mulheres 53 — 124
Receberam alta, melhorados:
Homens 15 Mulheres 19 — 34
Receberam alta, experimental:
Homens 1 Mulheres 1 — 2
Retirados sem alta:
Homens 10 Mulheres 6 — 16
Retirados por incuráveis:
Homens 8 Mulheres 6 — 14
Retirados sem alteração:
Homens 5 Mulheres 0 — 5
Transferidos para o Juquerí:
Homens 6 Mulheres 0 — 6
Faleceram:
Homens 10 Mulheres 7 — 17

Passaram para 1947 :

Homens 67 Mulheres 38 — 105

Foram internados :

Por estado cívil :

	Homens	Mulheres	
Solteiros	66	39	105
Casados	62	35	97
Viuvos	7	7	14
Ignorados	2	0	2
			218

Por Religião:	Homens	Mulheres	
Católicos	91	59	150
Espíritas	14	6	20
Protestantes	1	1	2
Indiferentes	31	15	46
			218

Por categoria:	Homens	Mulheres	
Pensionistas	8	1	9
1/2 pensionistas	53	35	88
Indigentes	69	52	121
			218

Tratados gratuitamente 56 º/o :

Por nacionalidade :

	Homens	Mulheres	
Brasileiros	125	78	203
Estrangeiros	9	6	15
			218

Visitas médicas

Pelo diretor-clínico	273
Pelo vice-dir. «	22
Pelo diretor psiquiatra	99

Telefonemas interurbanos

Recebidos	910
Emitidos	200

Correspondências

Recebidas	2.550
Emitidas	3.000

Tratamento aos internados

Injeções aplicadas	6.257
Medicamentos em vidros	1.380
Aplicações hidroterápicas	131
Massagens manuais	26
Curativos	607
Cirurgia	0
Pequena cirurgia	4
Convulsoterapia pelo cardiasól	1
Eletro Choques	524
Piretoterapia	30
Malárioterapia	39
Exames de sangue	71
« de urina	65
« de fezes	1
« de escarro	2
« de liqu. cef. raquidiano	1
Vacinas preventivas	617
« anti-rábicas — série	1
Insulinoterapia	38
Serviços dentários	30
Partos	3

Reuniões

Da diretoria	15
Assembléia geral	1
Evangélicas e instrutivas	156

Ambulatório

Serviços prestados ao público :

Pessoas atendidas	249
Número de consultas	171
Receitas aviadas	50
Número de curativos	292
Pequenas intervenções cirúrgicas	5
Aplicações elétricas	40
Injeções aplicadas	664
Exames de laboratório	25

Segundo as características individuais :

Sexo masculino	115
Sexo feminino	134
Adultos	162
Creanças	187
Brasileiros	235
Estrangeiros	14

Segundo as clínicas :

Paludismo	1
Verminose	20
Outras doenças tropicais	3
Tisiologia	0
Moléstias do aparelho respiratório	17
« do aparelho circulatório	21
« das vias urinárias	5
« dentária e dermatológica	0
« oftalmológicas	4
« oto-rino-laringológica	5
« dermatológica e sifiligráfica	7
« psiquiátrica e neuriát.	40
« ginocológicas	9
Obstétrica	1
Pediatria médica cirúrgica e de higiene infantil	9
Cirurgia geral	4
Clínica médica geral	103

CHÁCARA

Além dos frutos, cereais e verduras consumidos no hospital, para uma média de 135 pessoas, a chácara deu uma renda de Cr.$ 5.256.20. Plantou-se 5.000 pés de eucalíptos e cultivou-se toda a área aproveitável, esperando-se para 1947 maior renda.

MELHORAMENTOS

Construiu-se um reservatório, com duas secções, uma com capacidade para

4.500 litros e outra para 2.000 litros, com distribuições separadas, sendo uma para o pavilhão antigo e outra para o novo. No páteo masculino foi construido W. C., lavatório e chuveiro para serem utilizados durante o dia. A cosinha foi completamente remodelada e aumentada, dividida em 5 dependências: dispensa, cópa, lavanderia, cozinha e sala de distribuição.

Outros melhoramentos foram introduzidos em todos os setôres do hospital.

PAVILHÃO DE FRENTE

O pavilhão de frente, iniciado em janeiro de 1945, ficará concluido em março p. futuro. A parte superior foi concluída e inaugurada em fins de dezembro, com 30 leitos, além de salas de estar e de trabalho, de exames e curativos e de hidroterapia. Foi dispendído até 31 dezembro cr.$ 140.854,00 passando para 1947, sob o título «Restos a pagar», mais cr.$ 18.935,70. A parte térrea, em vias de conclusão, é dotada de salas de espera, de visitas, para a gerência, arquivo, gabinete dentário, consultório, fisioterapia, laboratório de analises, farmácia, manipulação e para outros fins. Construção sólida, com estuque, lustro em todos os cômodos, instalações elétricas e outras, todas embutidas, condizente aos hospitais modernos. E' digna de nota a grande economia realizada nessa obra, para um prédio dessa natureza. Deve-se essa economia à nossa direção, dado o nosso conhecimento em serviços de construções, ao aproveitamento da mão de obra dos internados em condições de laborterapia. Do contrário, com referida importância não teriamos conseguido a quarta parte do que fizemos.

SÓCIOS — COOPERADORES — COLETAS PÚBLICAS

Houve pequeno aumento do número de sócios nesta e noutras localidades. Dos sócios contribuintes houve um recebimento de cr.$ 3.876,00.

Os amigos e cooperadores da instituição têm facilitado o angario de donativos nesta e noutras localidades e que esteve a cargo dos srs. Angelo Pugina e Onofre José Batista, os quais são dignos de encômios pelo excelente trabalho que realizaram, para o qual não mediram sacrifícios, enfrentando toda sorte de dificuldades inherentes a missões dessa natureza. Entre cereais e espécies angariou o sr. Angelo Pugina a importância de cr. $ 21.924,20; e em dinheiro, pelo procurador geral sr. Onofre José Batista, cr. $ 28.102,20.

SUBVENÇÃO — AUXÍLIOS — DONATIVOS

Recebeu a instituição: subvenção municipal, cruzeiros 1.500,00; subvenção do Serviço de Medicina Social, cruzeiros 15.000,00; quanto à subvenção federal, até 31/12, o Conselho Nacional de Serviço Social nenhum auxílio concedeu a esta instituição. Auxílios: cr. $ 40 000,00, do Governo do Estado e cr. $ 10.000,00 da Legião Brasileira de Assistência, escriturado êste último como donativo, a cuja categoria também estão os angariados e os expontâneos, recebidos pela instituição, de cr. $ 127.580,30, além dos donativos em cereais e espécies já divulgados pela «Cidade de Itapira».

Crônica do último dia da «Semana Espírita de Nova Iguassú»

Cronista: Iza Quintanilha, de Cruzeiro

Domingo, 6 de Abril de 1947.

Coroando os esforços dêsses trabalhadores incansaveis da «Seara do Senhor», a Natureza vem colaborando, desde o primeiro dia da «Semana», com paineis magnificos e abrilhantando todas as festividades com muita côr e luz!

E, num rasgo final de generosidade, faz despontar, neste domingo, adoravel manhã, cuja radiosidade é o complemento ideal da felicidade que invade todos nós.

A's 8 horas, reunidos no pateo do «Fé, Esperança e Caridade», num ambiente de grande alegria e fraternidade, estão todos os jovens a postos, afim de partirem para a «Campanha do Quilo».

Cientes das responsabilidades que assumiram, vão, agora, buscar num ensinamento do Evangelho, forças para esta perigrinação caridosa.

Aberto êste, por uma das jovens presentes, eis que, acertadamente, cái : —

«Caridade moral e caridade material», lição oportuna, que é recebida como carinhosa mensagem de nosso mestre Jesus.

Leu o trecho aludido, o Prof. Leopoldo Machado.

Em seguida o irmão Ferreira, de Macaé, fez a prece.

Vão partir os jovens, de saco ás costas, afim de pedirem de porta em porta, algo para auxiliar o «Lar de Jesus».

Vão bater, não nas portas empedernidas de madeira, mas nos corações iguassuanos, afim de conseguirem a dádiva amorosa que levarão às crianças do *Lar de Jesus*, obra magnifica que diz bem da dedicação dos espiritistas desta cidade.

Que exemplo extraordinário de solidariedade humana!

Que exemplo real de como se pratica a caridade cristã!

Para frente, jovens! Ide, e que Deus vos abençôe!

Os caravaneiros, após assistirem a partida dos jovens, para a «Campanha do Quilo», rumaram para o «Ginasio Leopoldo», onde foram amavelmente recebidos pelos seus diretores.

Depois de percorrerem as dependências da Secretaria, reuniram-se no pátio interno para o «Reabastecimento Espiritual», sessão dirigida pelo prof. Leopoldo Machado.

Após o «Hino da Alegria», a menina Luiza Morais proferiu a prece de abertura.

Foi aberto o Evangelho para os comentários — Lucas, 12.

Sôbre a lição, discorreram os irmãos: Jaques Aboad (Rio de Janeiro); Ziviani (B. Horizonte); Cerqueira (S. Paulo); Virgilio (Astolfo Dutra); Antenor (Cruzeiro); José M. de Souza (Macaé); Sobreira (Rochedo); Benedito (Pinheiral); Alceu (Nova Iguassú).

Nêsse momento, algumas jovens da «Campanha» se aproximam dos que estão reunidos.

São convidadas a falar sôbre a lição.

Fala, em primeiro lugar, a jovem Maria Luiza, representante da Juventude da Bahia, que a todos empolgou com sua palavra vibrante e pelos conceitos repassados de conhecimentos evangélicos. Em seguida falou Isa (de Cruzeiro) e depois Ilza (de Nova-Iguassú).

Usaram da palavra algumas senhoras: Erminda (de S. Paulo) e Elza (de Guarani).

O irmão Amadeu Santos, do Rio, proferiu vibrante oração, comentando o texto.

E por fim falou o Prof. Coutinho, que nos deixou viva impressão pelos ensinamentos edificantes.

Inesperadamente, Amadeu, em transe mediúnico, nos trouxe salutares conselhos do Alto.

Depois, J. B. Chagas fez, também, seu comentário, «reajustando» o que foi dito e falando sôbre o que deixou de ser esclarecido.

Discorreu também o Prof. Nilton sôbre as finalidades dêsses «reabastecimentos espirituais», que tanto confortam nossos espíritos.

Sôbre sua importância e benefício, falaram, ainda, os irmãos Ferreira (de Macaé) e Marques (de Nova Iguassú).

O Vicente, de S. Paulo, não quís que o «reabastecimento» terminasse sem um «toque» poético, por isso, leu interessante quadrinha.

A menina Sonia Marques fez a prece de encerramento, precisamente ás 11,30.

2.ª *Parte.* — Tarde da Cordialidade Cristã

Teve esta inesquecível tarde início às 15 horas, contando com elevado número de assistentes.

As crianças do «Lar de Jesus» cantaram a *Prece a Jesus*. Em seguida, o Prof. Leopoldo Machado, orou.

Mais uma vez, dando demonstração de inesgotável capacidade de ação e de inteligência, o Prof. Leopoldo Machado propõe proveitoso e agradável passatempo.

E' o seguinte: conta um facto verídico, ocorrido com espíritas, geralmente conhecidos, facto êsse que passa a ser analisado por todos.

Estudando-o através os princípios doutrinários, tiram-se interessantes conclusões, e o resultado conhecido, é, então, julgado se acertado ou não.

Esta «surprêsa» foi agradabilissima e dá oportunidade a interessantes tests evangélicos.

Diversos jovens dão opinião, reforçando-as com argumentos doutrinários.

Aproveita-se a última tarde, para serem «batizados» como estreantes nas Semanas Espíritas, alguns jovens e caravaneiros presentes, que recebem livros da Doutrina, como lembrança.

A tarde não termina sem que nova surprêsa venha alegrar a todos! Trata-se do agradecimento dos caravaneiros que ficaram hospedados na «Escola João Batista», às distintas senhoras encarregadas da cozinha.

A homenagem é significativa, simples e alegre. Todos se divertem com o «discurso» do Vicente, que falou em nome dos companheiros. O Elicides, de Friburgo, também discursou e o vovô Vitorino dedicou quadrinhas ás «cozinheiras».

Em nome das companheiras agradeceu a senhora Isaura Seva, que a todos surpreendeu com a «verve» de suas quadrinhas.

Todos receberam livros com dedicatórias, lembrança dos caravaneiros.

Passando à parte artística da tarde, as meninas do «Lar de Jesus» apresentaram interessantes números de canto e declamação.

Um animado leilão americano de linda almofada, que rendeu Cr. $ 1.081,70, terminou o programa. Arrematou-a o irmão Virgilio, que, num gesto de grande delicadeza, ofereceu-a à jovem Léa, internada do *Lar de Jesus*, que, na véspera, havia sido integrada na «Mocidade Espírita de Iguassú».

Mais algumas quadras do J. B. Chagas, dedicadas aos «poetas» Vicente, Lasneau e Atlas, encerram o programa.

Prece de encerramento: feita pelo Prof. Leopoldo Machado.

3.ª Parte — Noite da Cordialidade Cristã

A mesa foi composta por representantes de todas as embaixadas presentes. A reunião teve início ás 20 horas, precisamente.

As jovens da M. E. I. cantam seu hino, e, em seguida, o Prof. L. Machado, profere a prece de abertura.

Em seguida, faz a súmula evangélica do dia, com a qual, todos recebem novos conhecimentos ou esclarecimentos necessários.

Com a palavra os representantes.

Despedindo-se de todos e dizendo da grande cordialidade cristã que reinou entre visitantes e visitados, falou D. Silvia Sobreira.

A seguir, ouvimos o representante de B. Horizonte — Jair Soares. Passou agora o programa a ser intercalado com números de declamação e canto: a jovem Maria José Valadares — disse a poesia de L. Machado — «Mulher espírita».

Despede-se de todos, a Erminda, representante de S. Paulo, que alude à necessidade do Centro «Fé, Esperança e Caridade» de alargar sua sala, pequena que tem sido para conter o grande auditório que a superlotou todas as noites.

Fomos logo após, brindados com a voz maviosa de D. Nair Pascoal, de S. Paulo que contou: «Quando se é Moço...»

Falou o representante de Cruzeiro, Antenor de Souza. Declamou «Mensagem Eterna» de João de Deus, a jovem Isa, também daquela cidade.

Falou, em seguida, o irmão Pierre, de Macaé. D. Maria José, com grande sentimento cantou a valsa «Fé, Esperança e Caridade».

Falam os representantes de Pinheiral: Benedito Honorato e a jovem Isabel Marques.

Pelo Rio de Janeiro, falou Amadeu Santos. Declamou «Gotas d'agua» Cení Vieira.

Ouvimos, a seguir: Moisés Costa — representante de Barbacena.

E a graciosa Celia Pitt, de S. Paulo, declamou «Sofrimento-Lei».

Virgilio Santos representante de Astolfo Dutra — comovido, despede-se também.

A jovem Silvia Maria, de Pequerí, declama.

O jovem Elicides, lê sua interessante crônica, referente aos acontecimentos do dia anterior.

D. Risoleta Soares canta «Crença e Descrença».

O estimado irmão Marques, mentor da M. E. I. aproveita a oportunidade para agradecer a colaboração expontânea e sincera de todos: — dos músicos, depois, das senhoras e senhores que, incansavelmente, prestaram apôio às festividades da 2.ª Semana Espírita de Nova Iguassú.

O conhecido «Pato Preto» canta uma valsa, em homenagem ao Marques. Não foram esquecidas as jovens Elizabet e Ilza, duas valorosas trabalhadoras, que deram sua eficiente colaboração à «Semana».

A seguir, fala o Prof. L. Machado sôbre o plano de alargamento da sala do Centro, mostrando a necessidade urgente de tal providência. E exalta o exemplo de confraternização que dão às cidades que fazem semanas espíritas organizadas, o benefício que disso advem para melhor e maior expansão da Doutrina.

Finalizando o programa e, como fecho de ouro desta magnifica e inesquecível 2.ª Semana Espírita de Nova Iguassú, foi levado à cena o esquete de L. Machado: «GALANTEIO DIFERENTE», na interpretação de Maria Luiza, Atlas e Romulo. E com um adeus fraterno, os jovens cantam, depois da prece final, «A canção da despedida». Assim terminou esta «Semana» repleta de alegrias cristãs!

Leesp

Esta prezada colega, mensário de cultura espírita e assuntos diversos da Liga Espírita do Estado de São Paulo, ingressou no seu 2.º ano de existência no mês de março último.

A' *Leesp*, que publica artigos de conhecidos e apreciados escritores espíritas, desenvolvido noticiário e muitas fotografias, os nossos votos de longa existência e crescente progresso na arena da imprensa espírita.

Mundo Espírita

«Mundo Espírita», um dos mais apreciados jornais da imprensa espírita, que se publica na Capital Federal sob a direção do ardoroso propagandista, confrade Dr. Henrique Andrade, ingressou no seu 16.º ano de existência no dia 4 de Abril último.

E' um acontecimento que alegra a família espírita, porque o brilhante colega está cumprindo à risca o seu programa de difundir o Evangelho. Possúe uma plêiade dos mais apreciados escritores e publica basto noticiário de tudo o que diz respeito à doutrina.

Ao «Mundo Espírita», ao seu Diretor e auxiliares, as nossas felicitações, com os melhores votos de vida longa, sob a égide do Alto.

A Alvorada

Em Março último ingressou no seu 14.º ano de existência esta nossa brilhante colega, que se publica em S. João da Bôa Vista, sob a esclarecida direção do ardoroso difundidor da 3.ª Revelação, José Peres Castelhano, a quem apresentamos as nossas sinceras felicitações pelo auspicioso acontecimento.

O Revelador

Sob a direção de Odilon Negrão e Adalberto Menezes, está novamente na arena da imprensa espírita «O Revelador», órgão do Departamento de Propaganda da União Federativa Espírita Paulista.

Nossos votos de crescente progresso e vida longa.

Pernambuco Espírita

Com êste título saíu à luz da publicidade, em Recife, Pernambuco, um jornal espírita sob a direção do confrade João Bezerra Vasconcelos.

Insere ótimos artigos e bem desenvolvido noticiário.

Votos de longa existência.

U. E. B. A.

União Espirítica Brasileira de Educação e Assistência

Sociedade Beneficente, fundada em 25 de Agosto de 1946 — Séde social, Rio de Janeiro — Av. Venezuela, 27 — 4.o andar, Sala 408-A End. Telegr. UNIUEBEA

Espiritistas! Inscrevei-vos no quadro Social da UEBEA, assegurando assim o futuro de vossa família com o *Amparo Social* instituido pela Sociedade, creação única no meio espiritistas do país.

Tende em vista ainda o grandioso programa de EDUCAÇÃO, com a criação de Escolas Primárias e Educandários para os filhos dos espíritas — com matrículas preferenciais aos filhos dos associados da UEBEA.

E' um programa de ação e trabalho e que por sua incontestável utilidade, vem recebendo o mais franco apôio da família espiritista do Brasil.

Escreva à Secretaria solicitando propostas e demais informações que desejar e recebe-las-á imediatamente pelo correio.

Visita

No dia 27 do mês passado tivemos a satisfação de receber a visita do nosso distinto amigo e confrade, Antenor de Souza, residente em Cruzeiro, que conosco passou algumas horas em animada palestra.

Nêsse mesmo dia, às 20 horas, o visitante realizou substanciosa palestra evangélico-doutrinária no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», agradando sobremaneira a assistência.

Agradecendo a visita, desejamos ao Antenor muita felicidade na sua excursão de confraternização pelo interior do Estado.

1.o Congresso Espírita do Estado de São Paulo

Estando o 1.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo, marcado para os dias de 1 a 5 de Junho próximo, a U. S. E. convida os centros que já aderiram ao movimento a tomarem parte neste conclave de alto significado na vida espírita do Estado.

Solicita dos centros do Interior, que mandem representantes credenciados, ou então, que todos unidos enviem ao menos um delegado que possa representar a cidade, falando em nome de todos os centros unificados aí existentes.

A U. S. E. espera que lhe seja comunicada esta resolução com a máxima urgência; assim como o número de pessoas que devem compor as comissões.

Esperando em um ambiente de cordialidade e confiança discutir e resolver certos problemas referentes à unificação, desde já congratulamo-nos com a presença dos prezados confrades.

Antecipadamente gratos por mais esta colaboração, subscrevemo-nos,

Fraternalmente.

P/ «União Social Espírita»

Emilio Manso Vieira

A Serviço da Doutrina

Reiniciando a sua excursão, o nosso companheiro Lourenço Bianchi, representante da Casa de Saude «Allan Kardec» e de «A Nova Era», de Franca, e dos nossos orgãos «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», visitará a zona araraquarense e a zona compreendida entre Barretos, Rincão e Olimpia.

Solicitamos dos nossos prezados confrades a mesma acolhida que sempre dispensaram a êste valoroso trabalhador da seára cristã, pelo que antecipadamente agradecemos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr.$ 40,00	Do 4.º ano	Cr.$ 40,00	Do 5.º ano	Cr.$ 40,00
Do 6.º ano . .	40,00	Do 7.º ano . .	40,00	Do 8.º ano . .	40,00
Do 10.º ano . .	40,00	Do 11.º ano . .	60,00	Do 12.º ano . .	60,00
Do 13.º ano . .	60,00	Do 14.º ano . .	60,00	Do 15.º ano . .	70,00
Do 16.º ano . .	80,00	Do 17.º ano . .	60,00	Do 18.º ano . .	60,00
Do 19.º ano . .	60,00	Do 20.º ano . .	60,00	Do 21.º ano . .	60,00

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2351unse

NO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1947 — N. 5

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Problemas Humanos	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Confederação Espíritica Pan Americana (CEPA)	*C. E. P. A.*
Loucura Progressiva	*Leopoldo Machado*
Espiritismo e Psicanálise	*Carlos Imbassahy*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Os Discípulos de Jesus	*Aurelio A. Valente*
Sugestão e Atitude Mental	*Adauto de Oliveira Serra*
O Espírito Criança	*J. B. Chagas*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Espiritismo e Loucura	*Djalma Farias*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1947 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

PROBLEMAS HUMANOS

A humanidade começa a entrar numa nova éra em que novos sistemas, tendentes a resolver os magnos problemas humanos, estão sendo experimentados. Até agora, a-pesar dos esforços hercúleos empregados pelos homens de evidência no cenário político, tais problemas continuam insolúveis, desafiando diplomatas, economistas, cientistas, escolas antigas e modernas, religiões e filosofias.

O sistema democrático que há séculos vem dirigindo a vida da humanidade não deu os resultados satisfatórios que todos esperavam. O atrito entre o capital e o trabalho continua a jogar faíscas por todos os lados e, se não aparecer a tempo uma fórmula conciliatória, veremos o crepitar das suas châmas a devorar os restos de uma civilização decaída, sôbre cujas cinzas se erguerá naturalmente um novo mundo baseado na justiça.

O fascismo e o hitlerismo, de triste memória, e o comunismo que vem sendo um verdadeiro espantalho para os açambarcadores e os *trustistas* que, como vampiros, sugam até a última gota da economia popular são os frutos amargos do sistema democrático que, como as religiões dominantes, falhou na sua missão de bem servir a todos com equidade, de vez que protege meia duzia de aventureiros insaciáveis, em detrimento de milhões e milhões de creaturas que vivem na miséria, sem roupa, sem pão e sem remédio, enfim, sem a menor proteção dos responsáveis pela sua situação aflitiva.

E' claro que o mundo não póde ficar como está. Ha de surgir, nêsse cáos, alguma cousa que ponha tudo no seu devido eixo. O sistema democrático, as ideologias e governos ditatoriais jamais resolverão a magna questão, porque se pudessem já o teriam feito ha mais tempo, uma vez que já foram postos à prova.

Existe atualmente um movimento trabalhista destinado a socializar os povos sob a égide da justiça, movimento êsse que vai ganhando terreno nas massas trabalhistas, que são realmente o esteio da sociedade, das nações, de vez que sem o produto do operário e do lavrador, ninguém, por mais rico e poderoso que seja poderá subsistir. Sem o alimento em primeiro lugar, e a roupa em segundo, as utilidades, o dinheiro, o poder, etc., tornam-se cousas sem o menor valor e até mesmo inúteis.

Os *lideres* dêsse movimento pensam resolver assim, a contento de todos, empregados e empregadores, a questão social. Conseguirão eles pleno êxito nêsse louvável intuito?

Duvidamos. Não que sejamos pessemistas, pelo contrário, como espíritas, temos a obrigação de ser sempre otimistas, uma vez que vemos em tudo isso a execução, sem perda de um til ou de um i, das predições de Jesus. Duvidamos precisamente porque somos otimistas, senão vejamos:

O nosso mundo, *que é uma das muitas moradas da Casa do Pai*, é procurado, por fôrça da lei de evolução, pelos espíritos que ainda necessitam libertar-se das injunções inferiores da materialidade, dos seus vícios e paixões, afim de poderem habitar mundos superiores. Estão aptos a comprender as cousas, têm faculdade de discernir o bem do mal, mas são ainda escravos de imperfeições morais ou espirituais. Uns mais atrasados, outros mais adiantados, mantêm entretanto entre si algo de afinidade. Os mais atrasados não podem sentir a mesma paz de espírito que sentem os mais adiantados e nem ver as cousas mais claras que êstes.

Os mais adiantados sabem cumprir os seus deveres, respeitar e ajudar os seus semelhantes, conhecendo que os bens materiais são provas talvez mais pesadas que os sofrimentos físicos, por isso que têm fôrças para renunciarem tudo o que é terreno e que sirva de estímulo ao orgulho e à vaidade.

Havendo desigualdade de condições morais e espirituais, de inteligência e raciocínio, como se poderá fundar uma sociedade em bases firmes, em que imperem realmente a justiça e o espírito de fraternidade?

Não basta socializar as massas, é preciso antes que tudo sociabilizá-las cristãmente, isto é, dar-lhes instrução moral e espiritual, para que elas compreendam e cumpram os seus deveres de solidariedade fraterna, construindo o templo de uma sociedade verdadeiramente cristã. Se não houver um movimento nêste sentido, tudo o que se fizer a respeito não atingirá o seu fim e as lutas continuarão por tempo indeterminado, causando males inenarráveis.

E' preciso sociabilizar sob a moral cristã e não socializar apenas. Socializar é reunir em sociedade, uma reunião na qual, a par de meia duzia de esclarecidos, existem milhões de fanáticos, ignorantes, perversos, etc. Sociabilizar é educar. E para a educação ser completa é preciso a prática da moral cristã, do Evangelho de Jesus interpretado em espírito e verdade.

No momento conhecemos sómente uma escola que sabe sociabilizar as massas — o Espiritismo. Pretender acabar com a miséria e a especulação apenas para satisfazer as aspirações materiais das massas, que se fossem ricas e poderosas fariam o mesmo que fazem os magnatas, é malhar em ferro frio.

Educar moral e espiritualmente as massas é o que se deve fazer já, se efetivamente quisermos que a justiça e a solidariedade fraterna estabeleçam o seu domínio nêste mundo.

Esta tarefa não foi confiada a nenhuma das religiões tidas como oficiais; porque já faliram no seu trabalho de evangelização, nem a nenhum dos homens que se movimentam no tablado das competições humanas. Foi confiada ao Espiritismo sómente, porisso que a difusão desta doutrina equivale a sociabilizar cristãmente as massas, para que, libertas das suas imperfeições morais e espirituais, possam constituir um só rebanho com um só pastor — o Cristo de Deus.

Os males que afligem os povos atualmente são o prenúncio de melhores dias em um futuro um pouco distante ainda, porque o progresso não dá saltos. Porisso que sustentamos o nosso otimismo, muito embora a procela aumente a sua fúria de hora em hora.

O corpo, sendo exclusivamente material, passa pelas vicissitudes da matéria; depois de ter funcionado por algum tempo, desorganiza-se e decompõe-se. O princípio vital, por não achar mais elementos para a sua atividade, extingue-se e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado da vida daí em diante não tem utilidade, deixa-o como se abandona uma casa em ruinas ou uma veste imprestável. — A. KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

Chegada da vidente a Weinsberg

Quando chegou a Weinsberg, a 25 de Novembro de 1926, era a sra. Hauffe uma perfeita imagem da morte: descarnada como um esqueleto e incapaz de manter-se em pé ou de deitar-se sem auxílio alheio. Era preciso dar-lhe, a todos os momentos, uma colher de caldo, que não podia engulir e que, muitas vezes, deitava fóra. Se não se fizesse isso, desmaiava ou tinha convulsões. Êla pressentia certo número de sintomas inquietantes e cada noite, às 7 horas, caía em estado sonambúlico, que era comumente precedido de um cruzamento de braços e de uma prece. Depois os estendia, deixando-os repousar sôbre o leito e começava a falar, mantendo os olhos fechados e as feições animadas.

No dia da sua chegada, desde que adormeceu, ela me chamava, mas lhe fiz ver que só a veria quando estivesse acordada. Despertou então e eu me transportei para perto dela, dizendo-lhe, em tom breve e sério, que estava decidido a não dar atenção ao que diria durante o seu sono e que não queria mesmo que se me desse conhecimento disso. Acrescentei que êsse estado sonambúlico, que causava tantas inquietações aos seus amigos, devia ter fim. Apoiei essa declaração com expressões muito enérgicas, porque tomára a firme resolução de tratar do seu caso só pelos recursos ordinários da medicina. Proibí se ocupasse dela quando se achasse em seu estado sonambúlico e iniciei um tratamento homeopático regular, mas as doses dos medicamentos, mesmo as menores, produziam nela efeitos opostos aos que eram de se esperar. Apresentou vários sintomas alarmantes e tornou-se muito provável que o seu fim não tardaria: todos os seus amigos chegaram a êsse resultado.

Era já muito tarde para que o meu plano tivesse qualquer probabilidade de sucesso. Sob a ação de influências magnéticas de diversas espécies, seu sistema nervoso fora levado a um estado tão excepcional e anormal que não lhe era possível viver mais tempo por sua própria fôrça nervosa, mas só pela que lhe transmitiam outras pessoas. Fiquei convencido disto depois de bem pouco tempo. Ficava-se espantado ao vêr com que segurança ela indicava, durante seu sono, os meios que deviam curá-la e, com grande vergonha sua, o médico era obrigado a verificar quanto os meios, que ela prescrevia, superavam em eficácia tudo o que a sua farmacopéia podia fornecer.

Assim, depois de ter, durante várias semanas, mantido o meu tratamento médico, perguntei-lhe, quando em estado de vigilia, se um tratamento magnético regularmente ministrado lhe seria ùtil, dizendo-me ela que não poderia responder-me senão à noite, pelas sete horas, quando se lhe fizessem passes magnéticos. Como eu estivesse bem resolvido a evitar os processos magnéticos, encarreguei um amigo de fazer os passes, do que resultou ela dizer que um tratamento magnético, cuidadosamente seguido durante sete dias, muito contribuiria para restituir-lhe as fôrças.

Êsses passes diários resultaram, com profundo espanto seu, porque ela não sabia o que se executava, em fazê-la sentar-se na cama no dia seguinte, sentindo-se mais forte do que nunca, desde o começo do seu tratamento. Prosseguiu-se, então, durante vinte e sete dias, um tratamento regular, observando-se, estritamente, todas as instruções que ela dava durante o seu sono e se puseram de lado todos os outros meios.

Ainda que o restabelecimento completo de sua saúde fosse impossível e permanecessem sempre sintomas penosos, essa infeliz mulher foi tão grandemente aliviada por êsses meios quanto era de se desejar num caso de tal natureza, porém o abalo, que ela experimentara por ocasião da morte de seu pai, neutralizava essa influência benfazeja e, desde então, a sua vida não parecia manter-se senão por um fio.

Os acontecimentos dessa vida interna, as numerosas indicações sôbre a vida interior do homem, sôbre a existência de um mundo de espiritos em torno de nós, assim como sôbre o que podemos chamar de tempo em que a nossa alma, liberta da matéria que pesa sôbre ela, desenvolveu suas asas para voar, sem óbices, através do tempo e do espaço, constituirão a matéria deste volume. Limitar-me-ei a citar os fatos, deixando a outros o cuidado de interpretá-los.

Já se propuseram bastante teorias para explicar tais fenômenos. Eu os conheço, mas que me seja permitido não adotar nenhuma delas. Quero apenas procurar mostrar, citando diversos exemplos de aparições do mesmo gênero, que as revelações dessa sonâmbula nada descobriram que não seja natural e que já não tenha sido observado, mas as visões dessa natureza, que atravessam o espesso invólucro da vida ordinária, não são mais que vestígios da luz de uma região superior.

(Continua)

CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA (CEPA)

ELEITO SEU CONSELHO EXECUTIVO

Na Presidência o Delegado da Liga Espírita do Brasil

Em data de 28 de Abril último, na séde da Confederação E. Argentina (CEA), a calle Sanchez de Bustamante 463, em Buenos Aires, na República Argentina, onde se realizou o 1.º Congresso E. Pan Americano, sob a Presidência de Delfino Ferreira, Delegado da Liga E. do Brasil e Representante da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, da Federação E. do Paraná, da «Revista Internacional do Espiritismo» e do jornal «O Clarim», de Matão, S. Paulo, Congresso cuja finalidade, com êxito alcançada, foi a fundação de uma Entidade Federativa do Espiritismo organizado nos países das Americas, instalou-se esta, representada na CONFEDERAÇÃO E. PAN AMERICANA (C E P A), uma vez organizado, afinal, o *Conselho Federal*, que é constituido dos Representantes de todas as Entidades inter-americanas adesas, quer hajam se feito representar ou não naquêle Congresso, tendo as que ao mesmo aderiram, fazendo-se ou não representar, o título de FUNDADOR em se filiando ao novel organismo. Outrossim igual título cabe ás individualidades que ao mesmo Congresso aderiram.

O Brasil está representado na CEPA pelas seguintes Entidades: Liga Espírita do Brasil, Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, «Revista Internacional do Espiritismo», C. E. «Estrada de Damasco» (E. do Rio de Janeiro) e «Tribuna Espírita», de S. Paulo. Relativamente ás adesões pessoais não temos elementos suficientes para uma informação completa aos nossos leitores.

Representam, no *Conselho Federal* da CEPA aquelas Entidades brasileiras os seguintes confrades portenhos, devidamente credenciados: Engenheiro Sr. José Salvador Fernandez, da Comissão Diretiva da Sociedade «Constancia», a decana das Entidades espiríticas argentinas; Snra. Rosa H. de Garcia Romano, Presidente da Comissão Feminina de Cultura e Assistência Social da CEA; Sr. Santiago Bossero, ex-membro da Mesa Diretora do referido Congresso e de Secretariado organizador da CEPA; Sr. Hugo Nale, Presidente da CEA, ex-2.º vice-presidente do Congresso, ex-membro do citado Secretariado e presidente da Comissão Organizadora do Congresso; e Sr. Albireo Bárcon, ex-congressista e elemento de alta projeção na Sociedade «Constancia» por sua cultura e autoridade na doutrina.

Reunidos todos os membros do Conselho Federal, trocadas idéias em torno de determinadas exigências estatutárias, resolvidas todas as dificuldades e aplainados todos os obstáculos, procedeu-se à votação para os diversos cargos do *Conselho Executivo,* por voto secreto, e para cada cargo de per si. Destarte, feita e apurada a votação para o de PRESIDENTE DA CEPA, resultou eleito o Sr. Engenheiro José S. Fernandez, ex-3.º Vice-Presidente do 1.º Congresso E. P. Americano, e membro do *Conselho Federal* como Delegado da LIGA ESPÍRITA DO BRASIL.

A seguir foram eleitos, sucessivamente:

1.º Vice-Presidente: Sr. Natálio Ceccarini, ex-congressista, e Diretor da Revista «LA IDEA», órgão oficial da CEA. Representante da Sociedade de Estudos Metapsíquicos, do Chile;

2.º Vice-Presidente: Sr. Bienvenido Roque, Representante da CEA, ex-Congressista, Relator do ante projeto de Estatutos da CEPA e Presidente do Ateneu de Buenos Aires;

Secretário Geral: Dr. Luis Di Cristóforo Postiglioni, Representante da Federação E. de Porto Rico, ex-secretário geral da Comissão Organizadora do Congresso e também dêste; da Comissão Diretiva da Soc. «Constancia» e Secretário da Revista «Constancia»; Delegado, no Congresso, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro;

Secretário Administrativo: Sr. Albireo Barcón, Representante da «Tribuna Espírita», de S. Paulo, Brasil;

Secretário de Relações: Sr. Prof. Eugenio Fioravanti, ex-congressista, relator de uma de suas mais importantes Comissões, Representante dos Estados Unidos, pelo Centro Caridad, New York;

Secretário de Imprensa e Propaganda: Sr. Humberto Mariotti; Representante da Soc. Victor Hugo, de Buenos Aires; ex-congressista e membro da Mesa Diretora, e do Secretariado organizador da CEPA por Delegação do Congresso;

Tesoureiro: Sr. Francisco Garcia Romano, Representante da Soc. «Te Peddono», de La Plata. Ex-congressista, membro da Mesa Diretora do mesmo e elemento ativo e de valor na CEA;

Vice-Tesoureiro: Sr. Hugo Nale, Representante do C. E. «Estrada de Damasco», Brasil;

Vogais: Srs. Nicolás Galasso, Representante da Soc. La Fraternidad, de Buenos Aires; e Santiago Bossero, Representante da «Revista Internacional do Espiritismo», Brasil.

De 5 representações brasileiras quatro integram o *Conselho Executivo.*

Temos, assim, em início de marcha, transformada em facto, a idéia de que resultou a criação da CEPA.

Que as Entidades e os Espiritistas de todas as nações das três Américas COMPREENDAM O ALCANCE ESPIRITUAL dêsse empreendimento, vendo na CEPA um órgão de confraternização antes que de mando; um organismo menos de sistematização que de difusão da Doutrina; uma entidade que pretende ser cérebro e coração, não braço diretor ou executor: que pretende *federar* para irmanar, para confraternizar, tornar-se o fio que una entre si todas as entidades espiríticas americanas, sem, todavia, criar-se um exclusivismo continental, tanto que de seus Estatutos consta sua adesão, em tempo, à Internacional de Paris.

Que o Brasil Espiritista, que tanta responsabilidade tem na expansão e prática da Doutrina, responsabilidade que lhe advém de sua atividade doutrinária, de suas iniciativas, de sua estuante atuação, possa compreender, êle mais ainda que as outras nações irmãs, o papel que a cada uma dessas nações cabe nêsse movimento, mormente considerando a éra que vivemos, de luta e de «experimentações».

A Confederação E. Pan Americana (CEPA) precisa e deve crescer, viver, produzir para colher. E a seiva mais forte ainda está na ação do Brasil espiritista, que, portanto, mais tendo, mais deve dar.

E' preciso compreendermos, nós todos, povos da América Espiritista, que de nossa união, da coesão de nossos esforços espirituais depende o futuro do Espiritismo, não apenas na América, mas NO MUNDO!

Nascido ou renascido na América, passando para a Europa, o Espiritismo retornou à América, e, nesta, está no Brasil sua maior expressão de luz e de amor. De ação e, quiçá, de Liberdade.

E' por esta Liberdade que precisamos lutar, dentro de uma ação pacífica que sómente na união de todos poderá encontrar sua fôrça, sua vida.

«Ninguém tem o direito de *por-se à margem dos grandes movimentos de união espiritual, AINDA QUE NO FIM, FRACASSEM*», como superiormente se expressou José da Costa Filho justificando a adesão da «Revista Internacional do Espiritismo» à CEPA.

O 2.º Congresso E. Pan Americano, como ficou resolvido em plenário do 1.º, se realizará no Brasil, naturalmente no Rio de Janeiro (é idéia de para outras vezes que a reunião toque ao Brasil, escolher-se S. Paulo, Belo Horizonte, e sucessivamente outras cidades). A presidência da Comissão Organizadora, caberá à Entidade Nacional de maior quadro associativo. E' bom irmos pensando nisto desde já...

LOUCURA PROGRESSIVA

Leopoldo Machado

Os males, mais do que as venturas, nunca vêm só.

E' mais forte entre as desgraças a lei de afidades.

Por isso é que a guerra é mal que nunca vem só.

Depois dela, a fome, as epidemias, as loucuras não faltam.

Falemos um pouco do último dos males aí enfileirados.

Pouco antes da guerra, o psiquiatra americano, Henri Soulivan, lançou ao mundo o brado de alarme contra a loucura universal que o dominava. E disse que a humanidade, louca, ou esquizofrênica, preparava, na sua loucura, a maior e a pior das guerras.

A guerra, que testemunhámos, deu razão ao psiquiatra.

Está, quasi, a terminar...

E a loucura ?

As dificuldades que as nações vencedoras estão encontrando para firmar a paz ; dificuldades bem maiores do que as que demandaram para vencer os inimigos, e a quantidade de loucos por toda parte, estão gritando, *altissima voce*, que a loucura progride desbragadamente.

E contra mal tão grande, que providências sérias a tomar ?

Com a palavra ilustre médico patrício, dr. Mirandolino Caldas, autoridade no assunto, através de jornal dos mais lidos : *O Globo*.

Dí-lo assim o ilustre médico :

«Nenhum sistema, nenhuma politica sanitária, nenhuma política assistencial conseguiu, até hoje, frear a loucura em nenhuma parte».

Em toda parte, sim !

Até nos países líderes, no momento, por seu poderio militar, por sua cultura, por seus recursos formidáveis.

Temos diante dos olhos substanciosa estatística da loucura declarada, porque de enfêrmos hospitalizáveis, nos maiores países do mundo.

Queremos, porém, focar os três mais respeitáveis : Estados Unidos, Inglaterra e Russia.

Os loucos nos Estados Unidos, que andam a superlotar os manicômios, dariam para superpovoar duas capitais brasileiras : Recife e Salvador.

Povoariam Porto Alegre, e ainda sobraria muita gente louca, os da Inglaterra.

Os da Russia superpovoariam Belem do Pará e S. Luiz do Maranhão.

Loucos hospitalizaveis, note-se bem.

O «estado maior da Loucura», què o grosso da tropa, lá por fóra dos manicômios.

E muitos, com situação de destaque e de mando, no comércio, na política, nas indústrias, nas ciências...

E essas nações líderes, que disposeram de recursos para esmagarem inimigo tão poderoso na última guerra, dispõem de meios para atender a todos os estigmatizados por mal tão terrivel ?

Absolutamente !

Basta citar um só caso : o da Russia.

Para abrigar seus duzentos mil loucos, a grande e poderosa Russia não dispõe de mais de 40.000 leitos, segundo o depoimento do psiquiatra russo, Prozoroff...

E trata-se de uma nação que já resolveu a questão social, correndo sua política e seu governo ao encontro do povo !

Como será a situação de tão grandes infelizes entre os povos vencidos?

Na Alemanha, por exemplo, os manicômios estão pondo os loucos na rua, por excesso de candidatos a êles e por falta de recursos para mantê-los.

De um país muito nosso conhecido, certo cronista muito vosso conhecido ouviu, uma feita, de ilustre alienista o seguinte: «Se o governo pusesse aqueles infelizes do Hospício encostados á parede e mandasse fuzilar a todos, faria maior obra de caridade, creia, do que dar-lhe o tratamento e a assistência que lhes dá!

Parece que a época é de loucura progressiva.

Tão grande, que dela escreveu o médico acima citado: «A população manicomial cresce, cresce sempre em todos os países. Cresce naqueles que facilitam amplas acomodações hospitalares, como os Estados Unidos e Inglaterra; cresce nos que procuram poupar as acomodações, como a Alemanha, a França, a Italia e muitos outros países; cresce, finalmente, naqueles que procuram reduzir e comprimir, a todo custo as referidas acomodações, como a Russia Soviética»...

Tão deficiente e imperfeita é, ainda, a assistência que as nações conferem aos seus loucos, que proíbem, ou criam embaraços áquilo que, querendo colaborar, *sponte sua* e gratuitamente, com os governos, se propõe a diminuir a loucura à face do Planeta: o Espiritismo.

E é o Espiritismo a única terapêutica de molde a curar 90 °/o dos loucos que abarrotam os manicômios, que se cruzam conosco, a todo instante, por aí, em virtude de 90 °/₀ serem mais obsidiados do que loucos! E de estarmos vivendo a hora apocalíptica da soltura, por algum tempo, do Satanaz (leva de espíritos imundos que desceram à Terra, afim de tentarem todos os povos, a *Gog* e a *Magog)*, empurrando-os à guerra e à loucura. (Apoc. XX — 8). E de ser a Terra, atualmente, a casa varrida e ornada, a que seus espíritos imundos, dela egressos ha séculos, estão voltando, trazendo cada um consigo sete espíritos ainda piores. (Mat. XII—43 a 45).

E só o Espiritismo se propõe, em nome do Cristo, a colaborar com os governos nêste passo, sem pedir, quasi sempre, aos governos nada mais além da permissão de poder agir, curando, assistindo, confortando os doentes...

Para nós, nenhuma obra é mais meritória, porque cheia de mais renúncias e abnegações dentro do Espiritismo, do que a cura de obsidiados, do que a manutenção de casas para tais fins.

Que nos importam a nós que teóricos «Mestres em Israel» andem a gritar, para implícita justificativa de sua descaridade e de seu comodismo, dentro duma Doutrina que não comporta comodistas, que o Espiritismo não existe para isso?

O Espiritismo existe para tudo que possa beneficiar a humanidade.

E beneficiá-la, arrancando-a da loucura é a maneira mais santa do benefício!

Nunca é de mais, portanto, prestigiar obras com o *desideratum* de combater a loucura, cooperando e colaborando com os que lhes estão à frente, porque tais obras são as mais altruísticas que se constroem em nome da Doutrina e do Cristo.

E' êste, pois, o caso do *Sanatório Espírita*, de Uberaba, da *Casa Allan Kardec*, de Franca, do *Sanatório Américo Bairral*, de Itapira, do *Asilo Deus, Cristo e Caridade*, de Itapemirim, do *Hospital Espírita*, de Porto Alegre, todos em franco funcionamento. E do *Bom Retiro*, de Curitíba e *Pedro de Alcantara*, inaugurados a entrarem em pronto funcionamento. E do *Sanatório Jesus*, de Cruzeiro, em vias de construção.

Combater a pról de tais instituições é, por certo, «combater o bom combate», a despeito de teóricos e comodistas «mestres em israel» andarem a escrever por aí que tais obras devem estar na alçada dos governos e não do Espirirismo...

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Espiritismo e Psicanálise

CARLOS IMBASSAHY

Passando a vista pelo ótimo jornal que é *«O Estado de São Paulo»*, deparou-se-me um artigo do Roger Bastide, «O Espiritismo ponto de encontro da Psicanalise e da Sociologia».

Para êsse autor o «Espiritismo oferece em todas as suas sessões, romances do inconsciente, cuja leitura é facil», E de fato, com muita *«facilidade»* vai êle resolvendo, com os complexos da Libido, o complexo de Edipo, o rancor ao pai, a ambivalência de sentimentos e outras coisas, essencial e admiravelmente psico-analíticas, tôdas as manifestações espiritas. Todas, veja-se bem.

Antes de analisar, por meudo, o artigo do ilustrado sr. Bastide, convém assinalar os êrros da doutrina, nêsse particular, o que faz supor que tôdas as demais locubrações dos mestres da Psicanálise se revestem dos mesmos enganos.

Convém notar, desde logo, que os imaginosos analistas, substituem com indisfarçável sem-cerimônia, os fatos patentes, insofismáveis, prováveis e probantes do psiquismo, pelas suas indemonstráveis teorias. A essas teorias, cujo pedestal seguro não se sabe onde está, chamam êles de ciência, enquanto os fatos da metapsíca são para êles os romances do inconsciente; tudo provém das vegetações que se alastram pelos fundalhos da alma, vegetações que êles foram descobrir, por uma acuidade especial que nos falha.

O romance pois, é o nosso.

Como, porém, nunca vimos os dados positivos em que se fundam as suas conjeturas, e, pelo contrário, o que notamos é que os fatos os desmentem, somos levados a crer que se trata de uma ciência dogmática, de cujos segredos são detentores, apenas, alguns privilegiados.

Há a considerar, mais, que os princípios da doutrina se devem figurar indiscutíveis aos novos levitas, visto que, em regra não descem a nos explicar as dúvidas, mormente quando as firmamos em provas concretas. E' bem de ver que os axiomas não se discutem. Eles se limitam, então, do alto em que se colocam, a lamentar, talvez, a nossa pequenez intelectual.

Mas isto que poderá parecer um gesto de alta superioridade, não passa de um gesto de alta prudência, porque, absolutamente inscientes na matéria, a consciência ou subconsciência lhes está a dizer que êles se embrulhariam completamente se se metessem pelos difíceis ou desconhecidos caminhos da explicação.

Vejamos, agora, aquêles axiomas do ponto de vista que nos interessa, e vamos ao eminente chefe dos postulados. Na obra de Freud — O *Futuro das Religiões,* encontramos o seguinte:

> «Os espiritistas, que se declaram convencidos da perduração da alma individual e nos querem demonstrar êste princípio da doutrina religiosa, não conseguem, por desgraça, rebater vitoriosamente a objeção de que todas as aparições e manifestações de seus espíritos não são mais que produtos de sua própria atividade psíquica. Têm evocado o espírito dos grandes homens e dos mais eminentes pensadores, porém todas as manifestações e todas as notícias por êles obtidas são tão simples e tão desconsoladoramente vazias, que o mais que podem provar é uma singular capacidade dos espíritos para adaptar-se ao nível intelectual daqueles que os conjuram».

Por êste pequeno trecho se nota até onde vão os conhecimentos do Mestre. Parece que não será fácil encontrar-se em tão curto período errônias de tanta monta.

Cumpre notar, desde logo, que a perduração da alma é assunto de que trata a parte filosófica ou científica. Mostremos, agora, como é inverdadeira, absolutamente falsa, a afirmativa de que as manifestações são produto da própria atividade psíquica, são desconsoladoramente vazias e adaptadas ao nível dos que as conjuram.

Basta-se lêr qualquer descrição de um facto, em Metapsíquica, facto de certo valor, e para logo se notará o espantoso engano que o professor Freud levou aos seus desprecavidos discípulos e transmitiu à posteridade. Exemplifiquemos, *à vol d'oiseau.*

Por pequena mesa de três pés é invocado o espírito de Byron. E o poeta responde :

Vex not the bard, his lyre is broken,
His last song sung, his last word spoken.

«Não importune o bardo; está quebrada a sua lira, cantada a sua última canção, dita a sua última palavra».

Ninguém na mesa sabia inglês.

A literatura psíquica sôbre essa modalidade do fenômeno — intitulada *xenoglossia* ou manifestação em línguas estranhas — é vastissima. Nada disso, porém, chegou, algum dia, aos ouvidos do prof. Freud, como não chega hoje aos de seus seguidores.

Barkas apresenta a uma senhora, sem qualquer cultura científica, várias perguntas, em várias sessões; eram elas ligadas aos diversos ramos da ciência, e êle, para as formular, ou recorria aos especialistas no assunto, ou as estudava prévia e longamente. Refere o conhecido experimentador :

> «Eis o problema que se apresenta : uma mulher de instrução comum deu respostas a diversos assuntos científicos, cuidadosamente elaborados no decurso de trinta e sete noites, prolongando-se a sessão por três horas de cada vez. Essas respostas são de tal ordem que não se encontra um homem na Inglaterra que pudesse fazer outro tanto».

Seria preciso estar enfronhado nos mistérios da psicanálise para verificar que aquilo que, para Barkas, não poderia ser reproduzido por ninguém na Inglaterra, não passava de um vazio desconsolador.

Multiplica-se e se espalha pelos anais do psiquismo o fenômeno das mensagens literárias ou científicas recebidas por pessoas sem instrução ou de cultura medíocre :

A uma senhora é transmitida a obra universalmente conhecida — *A Cabana de Pai Tomaz.* Ester Dowen, que não é romancista nem dramaturga, apresenta peças do Espírito de Oscar Wilde. Chega a um mecânico, por via mediúnica, a parte final de um romance : era aquilo, nada menos, que a continuação da obra de Dickens, intitulada Edwin Drood. As duas metades se acolchetavam de tal ordem, que não se lhes podia descobrir a cisura. Buckner aproveita em seus trabalhos científicos trechos e passagens de um livro intitulado *Arcana of Nature.* Grande, porém, foi o espanto do filósofo alemão quando soube que os extratos provinham de um Espírito, que os transmitia a um abegão, Hudson Tuttle. Rosemary assombra os egiptólogos e arcaistas inglêses com as suas lições sôbre a língua egípcia do tempo dos faraós, dos costumes dessa época, e ainda porque escrevia naquele idioma. Francisco Xavier, entre nós, é o conhecido autor psicográfico de versos e de prosa de eminentes poetas e escritores patrícios falecidos.

* * *

Tambem não chegaram aos ouvidos de Freud que os espíritos se materializam e que as chapas fotográficas os retratam, e que as balanças os pesam, e que vários outros aparelhos lhes demonstram a presença; ou então não nos pôde explicar por que maravilhosos processos do subconsciente um fantasma tangivel, falante, raciocinante pode ser produto de uma atividade psíquica inconsciente, apesar da independência que revela, quer quanto à linguagem, quer quanto à fisionomia, quer quanto à inteligência, quer quanto à vontade...

Nepenthès, o Espírito que se materializou diante das maiores sumidades da Noruega, fazia-se admirar, não só por sua beleza física, como pelo saber que apresentava; falava em grego antigo como profunda conhecedora dêsse idioma.

Os irmãos Eddys, (conforme informa o céptico dr. Olcott, depois do minucioso inquérito a que procedeu), produziam ruídos, movimentos de objetos, desenhos a óleo e aquarela sob influência espiritual, profecias, falas em línguas estranhas, curas, identificação de espíritos, levitação, mensagens escritas, psicometria, clarividência e, finalmente, formas materializadas. E assim nos diz Conan Doyle (*The History of Spir*) :

> «Olcott gives the list thus—rappings, movement of objects, painting in oils and water — colours under influence, prophecy, speaking strange tongues, healing, discernment of spirits, levitation, writing of messages, psychometry, clairvoyance, and finally the production of materialised forms».

Nada disso soube o grande Mestre vienense, nem disso têm conhecimento os seus admiradores. Nem mesmo, ao que parece, tiveram alguma notícia de fenômenos mais divulgados, que andam na bôca de cientes, inscientes e inconscientes, como os de Eusápia Paladino, os de Dunglas Home, os de Florence Cook...

Nada, absolutamente nada! Por maneira que não se sabe aí o que é mais de espantar, se o vazio das comunicações espíritas, se o vazio do conhecimento dêles.

* * *

Remexendo nas histórias de sonhos, talvez por muito folhear em alfarrábios, para chegar às suas famosas teorias, provavelmente deparou-se a Freud a caudal imensa dos fenômenos premonitórios, dos sonhos que se realizam. Era preciso remover o calhau, e o Mestre não teve a menor dúvida: lançou mais uma teoria— a de que o indivíduo pensa que sonhou, mas não sonhou; na ocasião em que se dá o facto, êle tem a ilusão de que aquilo já lhe ocorrera em sonho. Esqueceu-se o Mestre, apenas, de que se acham registrados milhares de factos, os mais documentados de toda a fenomenologia metapsíquica, em que os sonhadores narram os sonhos antes do evento.

E aquela *blague* veio inscrever-se entre as extraordinárias descobertas psicoanalíticas.

Em suma: se Freud e seus discípulos põem sistimaticamente e sencerimoniosamente os factos de lado, não o podemos fazer nós. Veremos, agora, como os pôs também o muito ilustrado sr. Bastide.

Fenômenos de Materialização

V

Dezessete foi o número de confrades reunidos no «André Luiz» no dia dez do mês em curso, num dia de terça-feira, em sessão de tratamento espiritual em benefício de várias pessoas enfermas, especialmente das nossas irmãs Euridice e Lais, presentes aos trabalhos. A Lais havia sentido sensíveis melhoras na sessão anterior e D. Eurídice também se lhe tinha assentuado uma melhoria valiosa, tanto assim que já poude vir, com seus próprios pés, receber no recinto dos nossos trabalhos, a assistência dos nossos irmãos superiores do Espaço. Na presente reunião a Lais achou sua cura radical e a outra companheira nossa já está quasi restabelecida por completo. A presidência da reunião esteve a meu cargo, tendo-a iniciado com uma prece. Um dos nossos amigos do Além dá-nos explícita orientação, através da mediunidade sonambúlica do médium Lins. Êste recolhe-se, em seguida, à cabine, e o ambiente se estabelece pela prece, pela meditação, pelo canto de suaves hinos e por ligeiros comentários evangélicos. Surgem várias irradiações de luz na penumbra feita no recinto. Nina apresenta-se-nos materializada. David sucede áquela entidade, vindo à assistência e distribuindo cravos naturais aos presentes. A primeira pessoa contemplada foi a minha irmã Madalena, que recebe carícias do dedicado espírito, que foi nosso pai nesta existência. Todas as vezes que a querida entidade voltava da cabine vinha junto à Madalena tocando-a, dando-lhe passes e passando-lhe flores pelo rosto, fazendo-a transbordar de júbilo e emoção. Quasi todas as pessoas presentes receberam cravos de várias cores, de Nina e David. O José fála-nos, por voz direta e joga-nos uma pedra. Nina pede-nos para que cantemos o hino «Entardecer», que ela acompanha em côro. David orienta-nos sôbre o estado de saúde de duas pessoas doentes, a nosso cuidado, uma das quais se encontra em Portugal. O Jacks faz-lhe perguntas interessantes a que o espírito responde com precisão e clareza, em palavras repassadas de doçura e carinho. Os conhecidos espíritos de Abel Gomes e Scheila, aparecem simultaneamente materializados no ar. O Dr. João Passos, aparece-nos materializado à entrada da cabine, do lado esquerdo.

José Grosso ainda nos entretem com palavras cheias de graça e meiguice. Abel Gomes aparece, ágora, materializado, vendo-se ao seu lado esquerdo, o busto respeitável do venerando espírito de Batuira, numa materialização parcial, aparecendo sómente o seu rosto com a sua respeitável barba irsuta. Scheila faz uma prece, por meio de voz direta, avisando, em seguida, de que deveriamos encerrar os trabalhos. Já o nosso companheiro Inácio se achava na cabine a dar o passe no médium e a despertá-lo e ainda se onviram nítidas vozes, apresentando-se uma luz forte, de cor escarlate. Fiz a prece final, encerrando os trabalhos. O Abel havia-nos deixado uma luva de parafina. O José tentava presentear-nos com o modêlo de uma das suas mãos; porém não deixou, senão parte do seu trabalho, por ter a parafina esfriado, por falta de energia elétrica. Procedeu-se então à repesagem dos assistentes, tendo perdido peso os seguintes companheiros: eu, um quilo; Peixoto, um quilo; Dr. Levindo, meio quilo; Dr. Alfredo Cruz, um quilo; o Jacks, dois quilos.

Rio, 15—12—946.

Amadeu Santos

Os Discípulos de Jesus

Aurelio A. Valente

JESUS chamou os discípulos e recomendou-lhes: «ide e pregai, dizendo, é chegado o reino dos céus, curai os enfêrmos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes; não possuais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos, nem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento.»

Esta exortação leva-nos a crêr que os verdadeiros seguidores de Jesus são apenas aqueles que agem de acôrdo com essas recomendações, mesmo porque disse ainda, «não são aqueles que dizem senhor, senhor, — que entrarão no reino de Deus, mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus». E que vontade é essa? E' bem simples, se Jesus disse, eu o Pai somos um, claro está que a sua Doutrina é divina e a recomendação aos discípulos é a vontade de Deus.

Nós espíritas não devemos nos afastar dêsse pensamento e assim, todo o nosso esfôrço deve ser no sentido de praticar tudo o que êle aconselhou aos seus discípulos, se desejamos realmente ser considerados trabalhadores da seára do Senhor.

Infelizmente, porém, a maior parte dos nossos confrades em vez de seguirem as pègadas do Mestre perdem tempo com assuntos que causam o mal, a discórdia, a descrença, o ridículo.

Confrades respeitáveis, encanecidos na luta da propaganda desviam-se pelos atalhos do êrro para discutir no desejo de impôr suas opiniões, que certas ou erradas se tornam antipáticas pelo modo um tanto insolente como são apresentadas.

Já temos dito que o conceito da religião depende do entendimento e sentimento de cada um. E' preciso razão iluminada para entender, coração cheio de amor para sentir. Sem compreender a fé é céga e leva fatalmente ao fanatismo, sem amor não haverá fraternidade, tolerância e nos tornamos exclusivistas.

Se a religião depende de entendimento e sentimento individual, é lógico que, estando cada um de nós num degrau diferente da infinita escala da evolução, não poderá haver duas pessoas que creiam e pratiquem a religião do mesmo modo. Isso acontece no meio católico, protestante como no espírita. Após uma sessão prática as opiniões variam de acôrdo com o número dos componentes da mesma. Se êle tiver se realizado com dez pessoas, teremos dez opiniões. Cada um julgará os fenómenos a seu modo. O que um aceitar por completo, outro apenas aceitará em parte, enquanto um confia com segurança num médium, dois ou três duvidam.

Eis porque, até agora, nenhum confrade ainda nos viu empenhado em polêmicas, especialmente com confrades, pois a nosso ver as disputas entre nós não trazem luz e sim trevas.

Ultimamente revivem com insistência o assunto do corpo fluídico de Jesus. Que interessa ao homem para praticar o bem, saber se Jesus viveu em corpo fluídico ou semelhante ao nosso? Disso poderá porventura depender a sua norma de proceder? Não.

Muitos confrades, ao transporem os humbrais do outro mundo, comparecem sôfregos e angustiados às sessões para revelar suas profundas amarguras e decepções ao chegarem no país da verdade. Todos falam acabrunhados, repetindo... se eu soubesse... Mas todos sabiam perfeitamente, a vaidade foi que os perdeu.

Por vezes ficamos a fazer conjeturas e a nossa imaginação forma quadros interessantes, vejamos um dêles.

O espírita Anastácio desincarna e satisfeito dirige-se ao tribunal. Eis-me aquí Mestre Jesus, fui um dedicado à causa da Nova Revelação, servi como médium, fui pregador e jornalista e não perdi tempo como semeador.

Jesus olha carinhosamente e pergunta-lhe, quantas vezes vestiste os nús? quantos enfêrmos curaste? quantas lágrimas enxugaste? quantas discórdias evitaste? quantas vezes perdoaste?

E o Anastácio espantado... responde sentindo aflições porque começa a compreender a verdade.

Senhor, não tive tempo, na ansia de pregar, de escrever, principalmente os pontos obscuros, descuidei-me dessa tarefa. Queria que todos conhecessem a tua vida, sobretudo, a tua natureza, o teu corpo e com isso até, desgostei muitos amigos e até protetores invisíveis.

Ah! meu amigo, que devemos procurar saber melhor a forma ou a essência? O que interessa, o corpo ou a alma? O que vale mais a palavra ou o sentimento?

E o Anastácio sentiu-se tão pequenino, tão triste que chorou de arrependimento.

Quantos quadros assim devem constituir uma pura realidade?

Os que desejam ser classificados como verdadeiros discípulos de Jesus, devem dedicar-se por completo à tarefa de beneficiar os seus semelhantes, sem perder tempo com aquilo que não traga proveito.

As polêmicas tem as suas vantagens e por isso não devem ser condenadas. E' mister que esclareçam sem dividir, que instruam sem imposições, que iluminem sem ironia, que não sirvam de pretexto para demonstrações de vaidade.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.° ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— XII —

O dr. Jerger conta-nos, sinceramente, o seguinte: Uma cliente a se queixar de barulhos ensurdecedores na cabeça, como si estivesse ouvindo uma serraria. E êle anestesiou-a simulando uma operação. A doente ficou radicalmente curada quando êle lhe apresentou uma bacia cheia de serradura de madeira, que garantia ter sido extraída do interior de seu cérebro tão crédulo... Mas o essencial estava realizado: A doente sarou...

Hoje em dia já se fala em chóques elétricos para a obtenção da cura de melancolías nervosas.

Na idade média todos os doentes mentais eram julgados possuidos por màus espíritos, demônios, como ainda o são hoje pelo Espiritismo incompreendido e péssimamente praticado.

«O espiritismo que, em suas raizes, é tão velho como a humanidade e se baseia essencialmente na crença da comunicação entre os espíritos dos vivos e dos mortos, recebeu a primeira sistematização doutrinária com o pensador francês Allan Kardec (1803-1869), em obras que tiveram propagação mundial. Apesar de muito conhecida no Brasil através da prática e do culto, de muito popularizado mesmo nas classes incultas através do chamado baixo espiritismo, poucas pessoas têm a noção exata do que seja a doutrina espírita, nos seus fundamentos teóricos e na concepção filosófica de que parte», são palavras bastante autorizadas e oportunas de Almir de Andrade, no apênd. 79, pag. 180 do VIII volume de «A ciência da vida» que traduziu de Welles e Huxley.

Tudo isso se verifica por falta de estudo, má fé, interesses inconfessáveis, ignorância de seus princípios basilares, pelos que se alvoram diretores e presidentes das entidades espíritas, que confundem animismo com espiritismo, mediunidade com histerismo, porque não têm um conhecimento «aprofundado do homem, da sua fisiologia, das suas nevroses, da sua aptidão para a mentira, da sua susceptibilidade à sugestão, da sua habilidade para a prestidigitação.»

Naqueles velhos tempos, diz o dr. Gordon Garbedian, «os próprios homens de medicina, vestiam-se fantasticamente na péle dos mais horrendos animais e dansavam em torno da vítima possuida do mal, inteiramente despida, clamando aterrorisantes exorcismos. Estirado de cóstas no chão, o paciente desamparado era submetido a uma sóva vigorosa e depois forçado a sorver as mais repugnantes beberagens que se podiám imaginar, na firme crença de que os maus espíritos achariam êsse extraordinário tratamento ainda mais terrível do que o próprio paciente flagelado!

Afim de facilitar essa partida, abria-se uma passagem aos demônios, morcegos, serpentes e outros monstros, por meio de uma operação que consistia cavar um buraco no crânio do dasgraçado. Si apesar de tudo isso os maus espíritos se recusavam a deixar o corpo do possesso, era costume, mesmo ainda no século dezoito, queimar na fogueira as infelizes vítimas da insânia e de outras enfermidades mentais, como «feiticeiras».

Isso acontecia si o paciente resistia ao bárbaro, cruel e brutal tratamento de esconjuração.

Até 1853 na Torre dos Lunáticos de Viena, os loucos eram exibidos em jaulas aos visitantes que pagavam entradas para vê-los!

Não resta a menor duvida de que a ciência tem feito muito em favor dos doentes mentais. Amídalas e adenóides infectados, dentes cariados, apêndices inflamados, são outros responsáveis por moléstias cerebrais.

Conta Bertrand Russel que certa vez um homem foi visita-lo, declarando-lhe que admirava profundamente a sua filosofia, mas não concordava com a afirmação de Russel, em que declarava que Julio César havia morrido. Russel pergunta-lhe amavel e surprêso porque êle não aceitava êsse facto como verdadeiro. E o visitante responde: — Porque Julio César sou eu !... Enquanto o visitante tomava ares de importância para confirmar suas palavras, Russel voava para a rua em procura de um policial.

Este é um caso típico de esquizofrenia em que o cérebro funciona «como um carrilhão tocado sem compasso nem melodia.»

Conhece-se com abundância de detalhes como o cérebro funciona. «Mas a explicação do processo neurológico de decorar, esquecer, pensar, sentir, do condicionamento dos reflexos e da associação das idéias, continua enigmática.»

Os mecanistas de um lado, acreditando no determinismo psicológico de Watson e Freud e seus seguidores do outro, mais confundem do que elucidam a vida mental e espiritual.

Já se descobriu clorina no líquido cérebro espinhal de loucos e já se chegou a conclusão de que o cérebro de um anormal contém excesso ou deficiência de determinados compostos químicos.

No caso de demência precóce já se sabe também que são as glândulas de secreção internas, as principais responsáveis, havendo curas com a simples aplicação de iodina composta ou tiroxina, hormônio da tiróide.

O ESPÌRITO CRIANÇA

J. B. CHAGAS

— I —

COM o surgir no mundo a Nova Revelação trazida pelos ensinos dos espíritos, fornecendo a prova da sobrevivência, da imortalidade da alma e do seu destino, após a morte do corpo somático, a Humanidade poude, então, respirar aliviada por haver se libertado do terrível pesadêlo das superstições e dos fantasmas do passado.

O moderno espiritualismo não surgiu como uma nova religião, iguais as que conhecemos na antiguidade. Mas, apareceu no mundo como um faról a iluminar consciências, porque é uma crença baseada em factos reais e palpáveis; que se desenvolve e progride com a humanidade, no sentido de unir todas as criaturas, incutindo-lhes no ânimo uma concepção mais ampla de Deus, das coisas e das suas responsabilidades de espírito encarnado.

Nela aprenderá a compreender o Sêr Supremo, autor de tudo e de todas as coisas. O homem não se considerará mais como um autômato ou um joguete ás mãos do Destino. No seu *ego* despertarão os gérmes de amor e de bondade, que a mão divina lhe depôs no íntimo, porque lhe será dado conhecer uma religião verdadeira, que não maldiz das demais, porque paira acima de todas.

Iniciado o homem nos mistérios do além túmulo, uma tranquila paz descerá sôbre o seu espírito e êle poderá, então, observar as cousas sob outros prismas, porque mistér se fazia que conhecesse o lugar verdadeiro que deveria ocupar no Universo e a fraqueza dos seus sentidos em face da grandeza da Creação.

A Ciência, até certo ponto, atenuou essa deficiência. O telescópio descerrou ao seu olhar os abismos do Infinito. O microscópio revelou o infinitamente pequeno. A vida apareceu por toda parte no mundo dos infusórios.

O problema principal, e que dizia mais de perto com a sua própria vida, aquêle que desde todas as épocas, o preocupava numa inquietante expectiva, qual seja o destino da sua alma, após a morte do corpo, êsse continuava insolúvel !

Várias suposições empolgavam as criaturas. Será o homem comparável a uma lira, e a sua alma à harmonia dessa lira, harmonia que não existe mais quanto esta lira se parte ? Não será a alma senão a resultante do jôgo dos órgãos ? Ou será o motor indestrutível e misteriosó que aciona êsses mesmos órgãos?

O advento do Espiritismo veiu fazer luz sôbre todas essas suposições, fazendo ruir por terra todas as teorias contraditórias sôbre o destino do sêr no além túmulo, dizendo que depois da dissolução do corpo o *Eu* continua a sua existência. Sai dêle revestivo do perispírito. Continuam a *ver-se sob a fórma que tinham* antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crêrem ainda vivos. (*LIV. MED.* n.º 53)

Como é do conhecimento dos espíritas esclarecidos, o nosso corpo físico constantemente se renova, estando submetido a constantes mutações. Nenhum dos átomos atuais da nossa carne, persiste. O nosso corpo todos os dias assimila novos elementos; desde as partes moles do cérebro até as mais duras parcelas da carcassa óssea, tudo se renova integralmente em um certo número de anos. Subsiste, todavia, uma fórma fluídica original que se mantém e perpetúa. E' o perispírito, o esbôço fluídico do sêr humano, um como que molde. O perispírito é o invólucro permanente do espírito, enquanto o corpo físico não passa de um invólucro temporário. O perispírito existia antes do nascimento e sobrevive à morte.

Gabriel Delanne que muito se interessou pelo estudo do corpo fluídico, chegou a concluír que o perispírito é um verdadeiro organismo fluídico, um modêlo em que se concreta a matéria e se organiza o corpo físico. E' êle — diz *Delanne* — que dirige automaticamente todos os atos que concorrem para a manutenção da vida.

E' êsse modêlo, êsse «invisível desenho ideal pressentido por *Claude Bernard*» que mantém a estabilidade do sêr no meio da renovação integral da matéria organizada; sem êle a ação vital poderia tomar todas as fórmas, o que não se verifica. E igualmente de acôrdo com êsse modêlo fluídico perispirital que é regulada a evolução embrionária do sêr até a sua organização completa.

Diz *Allan Kardec*, em a *GÊNESIS* — «que os espíritos teem um corpo fluídico a que se dá o nome de *perispírito*. O perispírito não é encerrado no corpo como numa caixa — acrescenta. Êle é expansível por sua natureza fluídica, irradia-se e fórma em tôrno do corpo uma espécie de atmosféra, que o pensamento e a fôrça da *vontade podem ampliar mais ou menos.* E' por meio do perispírito que os Espíritos agem sôbre a matéria inerte e produzem os diferentes *fenômenos das manifestações,* e assim agindo sôbre a matéria, *podem manifestar-se de muitos modos diferentes.*

Quando um Espírito se mostra, é porque quís que o seu perispírito viesse *ao estado de poder ser visto.* Podendo tomar todas as fórmas, valendo-se do concurso da sua vontade, o Espírito apresenta-se sob a que melhor póde *fazê-lo conhecido,* se êsse fôr o seu desejo.

Tanto que, apesar do Espírito não conservar as enfermidades corpóreas, êle se apresenta aleijado, côxo, ferido com cicatrizes, se isso fôr necessário para provar a sua identidade. O mesmo quanto ao traje. (pags. 15, 16 e 18).

No *LIV. DOS ESPÍRITOS,* o Codificador fez aos seus instrutores, a seguinte pergunta: — «Como prova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?» E recebeu a seguinte resposta: — «Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosféra do seu planeta, e que guarda a aparência de sua *última incarnação: — seu perispírito*».

Mesmo no seio da Igreja era suposição corrente de que a alma ou espírito não poderiam existir sem corpo algum, mas que possuiam uma espécie de corpo, ou alguma coisa análoga a um corpo que certas pessoas denominam o *seu veículo.* (Obras de Santo Agostinho).

Tertuliano declara que a corporalidade da alma é afirmada pelos Evangelhos: «*Corporalitas animae in ipso Evangelico relucescit,* porque escreve êle—se a alma não tivesse um corpo «a imagem da alma não teria a imagem dos corpos» *(De anima).*

Compreende-se, pelo que foi transcrito acima, embora o espírito desencarnado possúa a faculdade de alterar a fórma do seu perispírito, que é claro e lógico que êle conserve sempre a fórma da última encarnação. Quando, porém, pela sua evolução nada mais conservem das misérias terrenas, constitúe o seu perispírito, o mais comumente, de uma túnica de longas pregas flutuantes e uma cabeleira ondeante e graciosa.

(Continua).

Livros e Autores

Leopoldo Machado

NOS DOMÍNIOS DO BEM—Herval e Carmo Bianco. S. Paulo.

A obra em cita, é uma brochura graficamente bem apresentavel, com 190 páginas, papel bufon, que nos vem de S. Paulo, por deferência do *médium* Carmo Bianco, cuja dedicatória agradecemos.

E' dividido em duas partes: a primeira sôbre «a vida extraordinária de Anesio Siqueira, notável médium curador». A segunda parte: Mensagens Mediúnicas, recebidas pelo *médium* que no-la ofertou. Mergulhamos os olhos no volume, a procura de um Anesio Siqueira diferente daquele conhecido, quando distribuia «milagres» aquí em Campo Grande. E noticias de jornais, discussões na imprensa e artigos em torno e sôbre o médium fomos lendo, até chegarmos á página 61 do volume com que os componentes do «Circulo Espiritualista Anesio Siqueira» dão-se por desobrigados do preito de reconhecimento ao patrono. Não vimos no volume o mais desabusado dos ataques ao *médium*, que foi a do Pe. Gabriel Hiram, de Cruzeiro. E a defesa do *médium*, que, então, fizeramos pelas colunas do jornal *A Nação*, grande matutino carioca, que deixou de circular. Depois é que conhecemos pessoalmente o *médium*, quando esteve em Nova-Iguassú, atraindo para o centro uma legião de doentes do corpo e do espírito. Vale dizer, a bem da verdade, que Anesio Siqueira aquí nada realizou, não correspondeu á expectativa, deixou uma impressão geral desfavorável: já pela falta de prodígios, já por seu desconhecimento geral da Doutrina Espírita e do Evangelho do Cristo; quer pela maneira grosseira com que se dirigia aos espíritos, que se manifestaram, ameaçando-os e descompondo-os a fumar ostensivamente durante os trabalhos, quer pela ausência total da simplicidade cristã com que era êle apresentado, através da Imprensa profana e espírita. Tanta foi a decepção de todos, que a mesma pena que o defendera dos *ataques* do Pe. Hiran, disse pelo *Raio de Luz*, de suas impressões desfavoráveis, que o Espiritismo não precisa de entusiasmos faceis, de sublimação ou canonização de espiritistas e *médiuns* para se propagar, de vez que êle «irá com os homens, sem os homens e a pesar dos homens» . . .

Duas coisas porém é possível que se houvessem dado — pois tudo é possível na vida — para justificativa do fracasso de Anesio Siqueira entre nós, em Iguassú: que bom fosse êle e desmerecedores de suas graças fossemos nós, com os 130 doentes, — menos nós, felizmente! — que o procuraram inutilmente aquí.

E que, depois disso, para diante, êle, realmente, fizesse jús á glorificação que depois se lhe emprestou; a aureola da santidade que hoje se lhe confere. Ainda bem que nos lembramos de que lhe aconselhámos se aproximasse, pelo estudo, do Evangelho do Cristo, que desconhecia absolutamente e das obras de Kardec, que as ignorava.

Se, de resto, êle não tivesse, posteriormente, realizado algo que o acreditasse perante a consciência de muitos irmãos seus de convicções doutrinárias, certamente não se lhe tributaria a distinção sincera de que o livro é portador.

A outra parte, comunicações mediúnicas, sómente.

Somos — confessamos mais uma vez — um frigidissimo «S. Tomé» para emprestar crédito a quanta coisa aparece por aí como comunicações do Além. Mormente se tais comunicações se enfeitam com subscritores famosos, que foram grandes nomes na terra. Preferimos, em tal caso, recusar 99 delas, verdadeiras, a aceitar uma só falsa. Aliás, a conselho do Codificador, que diz claramente ninguém pense é o fenômeno espírita a melhor maneira de propagar o Espiritismo. Não é. Antes, serve mais de descrédito, do que de propaganda. Pois se, a mais das vezes, nem a espiritas mesmo, que é o nosso caso, interessam, quanto mais a cepticos e agnósticos. De resto, o Espiritismo já avançou tanto que, para nós, sua propaganda atual, mais eficiente e impressionante, não é a mediúnica puramente, mas a da obra, a da cristianização, pelos exemplos e pelas obras, dos espíritas, afim de que, por êste meio, possam impôr-se ás massas! Esta, uma das características do programa do Espiritismo de Vivos, que andamos pregando e procurando exemplificar.

As mensagens da segunda parte do volume, todas assinadas a grandes nomes, desde D'Anunzio a Delane,—e são 371—nenhuma, da meia duzia que lemos ao acaso para justificativa do que aquí dizemos, nos transmitiu nada de original, de ponderável, de novo.

Todas, no mesmo estilo, na mesma linguagem, a repetir conceitos, observações.

Nem por isso deixamos de louvar o esfôrço e a bondade do editor da obra que, se a publicou foi, naturalmente, com os própositos purissimos de ser ùtil ao próximo, de servir a Doutrina que nos irmana, de propagar o Espiritismo.

Só por isso, «Nos Dominios do Bem» deve ser lido e apreciado. Principalmente pelos que não sentem e não pensam como nós.

* * *

MEDIUNIDADE SEM LAGRIMAS — 52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA e O ORADOR ESPÍRITA, de Eliseu Rigonati, S. Paulo.

Somos dos que pensam que os espíritas ainda não sairam de sua fase de adaptação ao Espiritismo. Daí, a diversidade de métodos na sua pregação; certa negligência na sua administração pedagógica às crianças, a infinita modalidade do emprêgo da mediunidade por aí em fóra. E é, entretanto, da prática criteriosa da mediunidade; de sua difusão, por meio de escolas bem aparelhadas e de aulas de moral cristã bem dirigidas às crianças, e da pregação consciênte e esclarecida de seus postulados, que ha de decorrer a implantação, em bases sólidas e definitivas, da Doutrina Espírita.

Não faltam *médiuns* por aí em fóra. Mormente, *médiuns* vangloriosos de comunicações bonitas, enfeitadas a nomes respeitáveis, subscrevendo-as. Mas, o certo é que poucos são, ainda, os *médiuns* que, por bem conhecerem e sentirem a Doutrina, orientam bem sua mediunidade, ajustados às normas cristãs.

Já se contam, por aí em fóra, muitas escolas em Centros. Verdade é, entretanto, que são poucas as escolas espíritas que funcionam como *escolas espíritas*, de vez que uma escola espírita, ou num centro espírita, para ensinar, apenas, o a. b. c. que se aprende em todas as escolas, não está colimando, integralmente, sua alta finalidade.

Ha, com efeito, muita gente que prèga o Espiritismo. Mas, a verdade é que são poucos os pregadores que conhecem o que pregam e que o pregam com apuro de linguagem, cultura geral, sentimento e pureza.

Ora, obras que possam orientar *médiuns* de bôa vontade, professores de aula de moral cristã e prègadores; mormente obras em pequenos volumes, sintéticas, que se leiam rapidamente, são obras que devem ser recebidas a «bem vindas sejam...»

Eliseu Rigonati é um idealista como nós mesmo. Com uma grande diferença: tem, ainda, os cabelos pretos e faces sem rugas. Mantém, em S. Paulo, uma oficina grande. Criou uma empresa editora, a Rialto. E imprime um jornalzinho, A INFÂNCIA ESPIRÍTA, que póde ser lido, com prazer, por crianças dos seis e dos sessenta anos. Já editou três pequeninos volumes, mas apreciáveis na substância: MEDIUNIDADE SEM LAGRIMAS, 52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA e O ORADOR ESPÍRITA. Vale a pena ler seus volumes. Em todos eles, a firmeza de observações se harmoniza à pureza da linguagem e a seguras normas doutrinárias. Em todos eles, o forte desejo do autor, que é também nosso, de que o Espiritismo se imponha, realmente, pelo que é e o que vale, e não por tanta coisa ruim que, em seu nome, se faz, se prèga e se ensina por aí em fóra.

Damos por bem pago o tempo que destinámos à leitura dos volumes e somos profundamente gratos ao autor pela generosa oferta que deles nos fez.

A chamada ciência oficial é limitada pelas suas concepções materialistas, porisso que é impotente para solucionar com acerto muitos casos complicados de enfermidades que afligem os indivíduos. O Espiritismo vem alargar o campo dos conhecimentos humanos, para que a ciência se complete, investigando e cuidando do espírito assim como investiga e cuida do corpo, conhecendo que todas as enfermidades partem do espírito.

PITOMBO.

Espiritismo e Loucura

AQUELES que estão vendo o progresso e o desenvolvimento da propaganda do Espiritismo e não estão satisfeitos nem tranquilos com a marcha vitoriosa da doutrina, procuram sempre criar mil obstáculos e dificuldades para evitar que muitas pessoas venham a interessar-se pela filosofia espírita, chegando ao ponto de amedrontá-las, óra com o inferno, óra com a loucura.

Nessas condições costumam insinuar às pessoas tímidas que o Espiritismo é um factor de loucura e que as sociedades espíritas são fábricas de loucos.

Ora, sabemos, hoje, que as causas da loucura estão bem definidas pela psiquiatria e são: a hereditariedade, que Trélat considerava a «causa das causas das doenças mentais»; as infecções, sobretudo a sífilis; as intoxicações, sobretudo a alcoólica; os traumatismos, principalmente os cranianos; causas sociais e emocionais. O Espiritismo, por si só, não póde afetar as faculdades mentais.

Nada há na doutrina espírita que possa provocar a loucura. Muito ao contrário, êle bem compreendido e sentido, é um antídoto da loucura. Esta, em regra geral, provêm das vissicitudes, das desilusões e decepções da vida, dos sofrimentos físicos e morais, que sempre nos amarguram. A doutrina espírita explica-nos racionalmente a razão de ser das nossas dôres e infortúnios, dá-nos uma concepção bem elevada da vida e faz-nos ver todos acontecimentos de um plano mais elevado, de modo que êles não nos atinjam seriamente, não nos preocupem e muito menos nos perturbem.

Encaramos todos êsses acontecimentos como resultado dos nossos atos e do nosso passado, porquanto foi no passado que preparámos o presente e é no presente que estamos preparando o futuro. Sabemos que muitos sofrimentos, decepções e dissabores, que estamos, no momento, experimentando, são o fruto de nossas próprias ações, dos nossos pensamentos e atitudes.

Repete-se sempre que o homem sofre ou goza conforme o uso que fizer da sua liberdade. Não esposamos as idéias filosóficas do fatalismo, nem do determinismo.

Aceitamos a doutrina do livre arbítrio e nela fixamos a concepção da nossa culpabilidade e da consequênte responsabilidade. Ninguém sofre, em prova ou em expiação, que não tenha necessidade de sofrer, que não esteja em débito para com as leis de Deus. Só o Cristo sofreu muito por nós, mesmo inocente, sem precisar de resgatar dívidas contraídas com as leis da providência. Mas, devemos advertir que Êle não veiu ao nosso mundo como um espírito em prova ou em expiação.

Ora, se conhecemos a causa dos nossos sofrimentos, se sabemos que é por êles que nos purificaremos, e se sabemos, também, que devemos ser profundamente resignados e conformados; se sabemos que devemos perdoar aquêles que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos dos nossos sofrimentos e nos porem, à prova, a paciência, e se sabemos, enfim, que precisamos oferecer o exêmplo da paciência, da obediência e da resignação, pois, como já se disse, com muita propriedade, a obediência é o consentimento da razão e a resignação é o consentimento do coração, não devemos jamais nos abater, nos contrariar, nos entregar ao desespêro, à inquietação, às emoções muito fortes, que poderiam afetar as nossas faculdades mentais, pois, reconhecemos que é nas vicissitudes, nas dôres e decepções da vida que encontramos os melhores elementos para nossa própria espiritualização, isto é, para a purificação das nossas almas.

II

Já tivemos ocasião de referir-nos às causas da loucura, segundo a opinião dos mais autorizados psiquiatras, e entre elas não encontramos o Espiritismo ou as práticas espíritas. Muitos, visando combater o Espiritismo, têm insinuado que as sociedades espíritas são fábricas de loucos para amedrontar as pessoas que estão muito seguras de seu equilíbrio mental.

As causas principais da loucura são; — hereditariedade mórbida, as infecções, a sífilis, as intoxicações, o alcool, os traumatismos principalmente cranianos e outras causas sociais e emocionais.

O dr. Helio Gomes, catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil, médico materialista, emitindo a sua opinião respeitável e autorizada, afirma categoricamente que o Espiritismo, por si só, não afeta as faculdades mentais de pessoa alguma.

Em seu esplêndido trabalho sôbre a prática do Espiritismo e a saúde psíquica, o dr. Helio Gomes assegura que qualquer pessoa normal da mente, bem equilibrada psíquicamente, póde frequentar como entender as sessões espíritas, que seu cérebro continuará funcionando normalmente.

E, na verdade, se o Espiritismo causasse qualquer perturbação mental, se a frequência às sessões espíritas afetasse o funcionamento normal da mente, considerada a sua imensa generalização no Brasil, o número de doentes mentais nêste país deveria ser dez vezes maior do que é.

O dr. Helio Gomes observa que todas as crenças e superstições, quando descambam para o fanatismo e misticismo, podem desviar o raciocínio de seu curso normal. Resumindo a opinião judiciosa do ilustre médico patrício, vemo-lo assegurar com justeza que o Espiritismo não produz a loucura. E, mesmo como médico materialista, em vez de acusá-lo, defende-o, ensinando, com justiça e imparcialidade, que a doutrina espírita, em seu aspecto filosófico e moral, é mesmo benéfica ao equilíbrio psíquico do indivíduo, porque age como elemento controlador das grandes emoções e agitações da vida cotidiana, estimulando, ainda, hábitos saudáveis e abstêmios.

O Espiritismo sacia a sêde humana de duração, de eternidade e faz o indivíduo conformar-se com as inevitáveis diferenças da vida e com a injustiça social. Ora, do que estamos expondo é muito fácil concluirmos que, longe de provocar desequilíbrio mental nas pessoas, êle, ao contrário, oferece elementos de perfeito ajustamento psíquico, estimulando, pelas doutrinas filosóficas e morais que nos ensina, o perfeito funcionamento das faculdades mentais.

Estamos referindo-nos ao Espiritismo verdadeiro e nunca ao falso, que se tem denominado — macumba, catimbáu, xangô e que, no Sul do país, muitos estão procurando estilizar-lhes as práticas nocivas, com as denominações modernas de umbandismo e quimbandismo, dando lugar a essa enorme confusão reinante entre nós, graças à qual muitas pessoas qualificam essas práticas de baixo-espiritismo, quando, na realidade, elas deveriam chamar-se falso Espiritismo. Não há, meus carissimos leitores, baixo e alto Espiritismo, ou como costumava chamar o saudoso e grande tribuno espírita Viana de Carvalho : um Espiritismo de tamanco e outro de sapato de verniz. Só há um Espiritismo : é o codificado por Allan Kardec e fundamentado nos Evangelhos de Jesus. O outro, constituido por aquelas práticas a que me referí, não é baixo e sim falso Espiritismo.

Aliás, todos devem saber que nas práticas adotadas no catimbáu, no xangô, na macumba, usam-se sempre as imagens e os ídolos da Igreja Católica, rosários, têrços, círios e velas, incenso, e, obrigatoriamente, Santo Onofre, São Cipriano e outros padroeiros, enfim, utiliza-se sempre um arsenal de objetos de uso católico, de modo que seria mais acertado denominar-se de baixo-catolicismo o centro que adotasse aquelas práticas, o que não significaria desrespeito às crenças católicas.

Se os sacerdotes combatem aquelas práticas legitimamente africanas, os verdadeiros espíritas combatem-nas muito mais.

III

Já vimos como o dr. Helio Gomes, médico materialista, professor catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil, tratando da prática do Espiritismo e a saúde psíquica, afirma categoricamente que as sociedades espíritas não são fábricas de loucos e que o Espiritismo não produz absolutamente a loucura ; ao contrário, é mesmo muito benéfico ao equilíbrio psíquico do indivíduo, porque age como elemento controlador das grandes emoções e agitações da vida cotidiana, estimulando, ainda, hábitos saudáveis e abstêmios.

Muitos outros médicos, especialistas em doenças nervosas e mentais, têm-se revelado justos nas suas opiniões autorizadas, defendendo o Espiritismo e assegurando que são outras, muito diferentes, as causas principais da loucura.

Essas causas, no estado atual da ciência, estão bem definidas e estabelecidas.

Nesta crônica vamos apresentar, condensada, a opinião do professor Pinto de Carvalho, respeitável catedrático de Neurologia e Psiquiatria na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia. Aliás, o dr. Pinto de Carvalho não se limita à tése, já muito repetida, das doenças mentais provenientes da prática do Espiritismo, e aborda ligeiramente a terapêutica espírita.

Afirma aquêle ilustrado facultativo que discorda de muitos de seus colegas que atribuem exclusivamente ao médico o uso da psicoterapia, porquanto a verdade, e não resta a menor dúvida, parecendo até singular, é que a psicoterapia está mais frequentemente nas mãos dos não-médicos do que nas dos profissionais da medicina.

Diz o dr. Pinto de Carvalho que são, muitas vezes, os não-médicos que conseguem certos milagres de cura, uma vez que estão em melhores condições de realizar certas espécies de psicoterapia proveitosa.

Assegura que as estatísticas pecam sempre pela falta de bom critério julgador, quando não pela má fé dos que a organizam. Basta que qualquer doente declare-se espírita ou que assistiu a sessões espíritas, logo passa a figurar no acervo de males espiríticos. Não se procura indagar qual a influência que as práticas espíritas possam ter tido na manifestação da doença, nem se estabelece o necessário cotejo com os doentes de outras religiões. Por isso, as estatísticas não merecem fé.

Êle diz que tem encontrado muito maior número de doentes mentais nas outras religiões.

Quantos católicos e sacerdotes, quantos protestantes e pastores têm enlouquecido? Nenhum espírita, porém, já ousou dizer que a causa foi o catolicismo ou o protestantismo. Compreende-se que o fanatismo, o misticismo e a superstição possam perturbar as faculdades mentais dos indivíduos e isso póde acontecer em qualquer religião. Bem examinado o assunto, o que não se compreende é que um espírita possa enlouquecer, pois, o Espiritismo destrói as superstições e não admite o fanatismo e o misticismo.

Os que tiverem as suas faculdades mentais afetadas é porque já eram predispóstos e ficariam perturbados em qualquer religião ou fóra delas. A causa da loucura seria outra. Por tudo isso basta de mentiras e calúnias assacadas contra a doutrina espírita por aquêles que querem combatê-la de qualquer módo, sem razão e sistematicamente.

Êsses gratuítos adversários do Espiritismo deveriam lembrar-se sempre daqueles avisados e justos conceitos do ilustrado professor Fernando de Magalhães, da Academia Nacional de Medicina: — «Não acredito no perigo médico do Espirismo. Penso que a Academia não póde, em sã consciência, proclamar perigosas as práticas espíritas. Em vez de condenar a terapêutica espírita, a Academia deve evangelizar a medicina».

Djalma Farias.

Crônica Estrangeira

Publicação Póstuma

Os fenômenos psíquicos se desdobram, na sua grande variedade, de molde a não deixar dúvida alguma na influência que os mesmos exercem sôbre o nosso destino.

O presente caso mostra como os nossos guias protetores velam por nós, quando não nos tornamos rebeldes às suas sugestões e conselhos.

O caso presente pode servir de exemplo ao que afirmamos. Uma senhora do Além Mancha, lady Hardly, conta-o nos seguintes termos: «Eu era ainda muito nova, tinha apenas 16 anos, quando tive um leve ataque de sarampo. Vivia nessa época com meu avô. Por conselho médico, fui tomar um banho quente. Fechei à chave a porta do banheiro e me despí; mas quando ia entrar no banheiro, ouví uma voz dizer: — abre a porta. A voz era nítida e exterior, no entanto parecia vir de dentro de mim. Fiquei muito admirada e olhei em volta do quarto mas não vi ninguém. Tornei a ouvir a mesma voz — abre a porta. Enchi-me de mêdo e disse de mim para mim: ou estou muito doente, ou então estou doida. Resolvi não pensar no caso e já estava dentro da banheira, quando ouvi a mesma voz repetir duas vezes — abre a porta. Assustada, saltei e dei volta à chave para que ficasse só com o trinco. Quando voltei para dentro dágua, sentí-me agoniada e apenas tive tempo de tocar no botão da campainha, colocado ao pé da banheira e desmaiei. A criada do quarto veiu encontrar-me mergulhada com a cabeça debaixo dágua. Como sou magra e leve, poude segurar-me e ia levar-me para fóra do quarto de banho, quando, ao sair, minha cabeça bateu na ombreira da porta, o que me fez recuperar os sentidos. Ter-me-ia com certeza afogado se a porta tivesse ficado fechada à chave. Que singular acontecimento, disse ela, de quem seria a voz que me avisou? Quem poderá negar que tenhamos em nós faculdades ignoradas pela ciência?»

— Mesmo assim, diante de factos tão expressivos, a nossa rebeldia não se submete. Eis o motivo de nossas dores; necessitamos sofrer e sofrer muito para que assim possa ser quebrada nossa resistente obstinação e possamos modificar nossos pensamentos, dando à nossa vida mais razoável orientação, de harmonia com o fim para que fomos criados.

Frederico A. Gomes.

⁂

Segunda Vida

Um caso de reencarnação, relatado por um grande semanário de Milão

Em sua edição de 26 de Janeiro último, «La Domênica del Corriere», de Milão, na secção «A Realidade Romanesca» publica o seguinte, assinado por Luigi Ugolini:

— E porque não devemos crer no prosseguimento da vida, depois do fim da existência corpórea? — objetou o pálido teósofo, com vivacidade.

— E o senhor acredita?

A minha pergunta impulsiva, quase agressiva, não desorientou o filósofo, que me respondeu com calma e gravidade:

— Creio, senhor, firmemente, sem a menor vacilação. Não obstante, já fui tão céptico como o senhor, e mais céptico ainda, porquanto era ateu.

— E que coisa vos pôde converter?

— Uma prova, uma daquelas provas que convenceriam o mais endurecido incrédulo.

— Quereis guardar segrêdo?

O teósofo olhou-me longamente, e depois respondeu-me com decisão:

— Com uma alma vulgar, talvez quisesse, mas com o senhor, não. Demais, é bom divulgar-se a crença; um dia, não mais deveremos continuar incrédulos na terra. O sr. conhece a minha filha, não é verdade? E' uma linda menina, que não completou ainda os sete anos, inteligentissima e precoce. Ela é a minha alegria, o único conforto que me restou, depois do desaparecimento... da outra.

— O sr perdeu uma menina?

— Sim... ou melhor: não sei. Ajuizará o sr. mesmo, depoi de ouvir a minha història.

As últimas palavras

— Dez anos depois de casado, tive a inesperada ventura de vêr nascer a minha Stela, bela menina, boa e inteligente. Eu morava então na província, numa pequena e quieta cidadezinha. Tinha na minha companhia a minha mãe, e podia considerar-me um homem feliz.

A avó adorava a netinha, e Stela demonstrava, por sua vez, um apego fortissimo pela avó, tanto que a minha mulher terminou por se enciumar. E nesse egoísmo sublime de todas as mães, dirigia, às vezes, uma leve repreensão à pequena, acusando-a de não lh'a querer bem.

Stela, de uma inteligência superior à sua idade, tinha, às vezes, respostas estranhas, que nos deixavam perturbados. Lembro-me de que um dia a mãe lhe falou:

— Porque não gostas de estar comigo? Acreditas que te quero menos do que a vovó?

— Não, — respondeu Stela, — és a minha mamãe, e estarei sempre contigo; mas com a vovó só estarei ainda por mais um pouco de tempo.

Tomamos esta resposta por um triste presságio, tanto mais que a minha mãe, já de idade avançada, não gozava também de boa saúde. Mas a previsão devia-se realizar de modo diferente. Stela adoeceu gravemente de escarlatina, e todos os socorros da ciência de nada valeram. Minha mulher e minha mãe não saiam um minuto de perto do seu leitozinho. A menina, embora se agravando, não perdeu jamais a sua lucidez. Poucas horas antes de expirar, dirigiu-se á mãe:

— Eu te falei que tinha pouco tempo para ficar com a avozinha!

Morreu na mesma tarde. Minha mulher meditou longamente sôbre as últimas palavras da pequena, mas não conseguia se acalmar.

— Mas comigo também ela sabia que devia ficar tão pouco! — repetia-me, desolada.

Quanto à minha mãe, não pôde resistir ao golpe, e cinco meses depois ia procurar a adorada netinha, num mundo melhor. Já vos disse que era céptico por natureza, e com aquela dupla desgraça perdi por completo qualquer vislumbre de crença. Não podia aceitar que um Ente bom e misericordioso permitisse tanta desventura. A cidade em que eu vivia pareceu-me intolerável. Pedi uma transferência, e consegui-a. No ano seguinte, minha mulher era mãe pela segunda vez. Fazia um ano da morte de Stela, e já na minha casa sorria uma outra menina, que era a imagem viva da desaparecida. Chamei também de Stela a essa minha segunda filha, e daquele dia em diante reintegrei-me na vida.

A menina cresceu, como a outra, bela e inteligente. A's vezes a ilusão era tão perfeita, que eu pensava ter sofrido apenas um mau sonho.

Aos cinco anos Stela não sabia que tivera uma irmãzinha, e recomendei à mulher que não lhe fizesse nenhuma alusão ao passado, para não perturbar a sua tranquilidade.

Dois anos mais tarde, por motivos de serviço, tive de voltar à cidadezinha em que havia sofrido as duas perdas crueis, e, como devia demorar-me algumas semanas, minha mulher insistiu para acompanhar me:

— Sozinho tereis de sofrer a dor da recordação — disse-me. Além disso, eu desejo levar uma flor ao túmulo da nossa primeira Stela.

Levámos, naturalmente, a nossa filha na viagem, mas confiamo-la a uma família amiga, na hora da nossa visita ao cemitério. Um dia, porém, enquanto passeavamos, silenciosos, pelas ruas da vizinhança, não sei se o acaso, ou uma fôrça irresistível, aproximou-nos da casa da nossa desventura. Olhei para minha mulher, que me acenou com a cabeça. A's vezes o coração humano se compraz na busca de antigas amarguras, na evocação do passado.

Não podia saber...

— Eu vos juro, senhor, que a minha pequena não sabia, de maneira alguma, que nós tivessemos jamais residido naquela cidade... no entanto, nós a viamos voltar-se de um lado e de outro, estupefata, surpreendida. Sorria, e calava.

E eis que aconteceu a coisa inaudita, inacreditável! No momento preciso em que passavamos diante daquela porta e daquela janela, põe-se a menina a saltar alegremente.

— Olha! olha, papai! — exclamou — Olha a janela onde eu sempre ficava com a avozinha! Mas não tem mais flores, agora!

Senhor Deus! Era verdade! Naquele balcão, um tempo florido de gerânios e cravos, a minha Stela perdida passava longas horas, na companhia de minha mãe!

Não sabia, a menina, não podia sabê-lo! Eu e minha mulher nos entreolhámos, aterrados e mudos, como diante da revelação do grande mistério da vida.

Depois prorrompemos num pranto incessante, irrefreável.

⁂

Provas de Reencarnação

«Spiritualisme» (Bélgica)

A snra. Juprelle, de Liège, submeteu ao Congresso Espírita de Liège, em Junho último, o seguinte caso de reencarnação:

«Pierre D... morreu em Fevereiro de 1921. Comunicou-se diversas vezes, tanto pela tiptologia como por outros meios. Certo dia, em Setembro de 1931, êle nos afirmou que se reencarnaria em nossa família; acrescentou que nasceria enfêrmo e assim permaneceria até sua morte, aos seis anos de idade. A uma pergunta minha, êle deu a razão dessa curta reencarnação: «Eu não me tratei no curso de minha última existência e apressei minha morte, seis anos antes; devo, pois, completar essa vida.» Não tinhamos relações com a família, mas por intermédio de um agente de polícia amigo, obtivemos confirmação dos factos, sem que o policia conhecesse a razão de nossas investigações. Foi êle próprio que nos forneceu os primeiros esclarecimentos. Com efeito a criança nasceu enfêrma e, a despeito de todos os cuidados dos pais, morreu, como fora anunciado, aos seis anos de idade, em outubro de 1938.

«Durante êsses seis anos, Pierre D... não deu sinal de vida por intermédio de qualquer dos médiuns. Mas após a morte de referida criança, êle voltou (em fevereiro de 1939) dar-nos suas notícias. Alguns anos depois, de novo anunciou sua reencarnação (desta vez por intermédio de sua própria filha), fornecendo diversos indícios. A filha casou-se em 1944; a criança nasceu a 13 de Junho de 1945.

«Tudo faz crer que se trata de reencarnação de Pierre D... Física e moralmente o menino se assemelha a Pierre D..., que nós conheciamos. Reconhecemos certas tendências e diversos indícios mostram que se trata bem do espírito reencarnado. Mas esperemos, por que Pierre D... prometeu, no momento em que se despedia, fornecer provas de sua reencarnação.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Operado por um Espírito na residência do poeta Sergipano

Depois da intervenção, caminhou sem o auxílio das muletas — Assistiram ao ato várias pessoas inclusive médicos

Subordinada ao título e sub-título supra, «A Tarde», de Salvador, Bahia, de 26 de Abril último, publicou circunstanciada notícia, enviada pelo seu correspondente em Aracajú, relatando um caso sensacional de operação clínica praticada por médico do Espaço, na pessoa do sr. João Menezes de Oliveira, agricultor, residente à rua Laranjeiras, naquela capital.

O sr. José Menezes de Oliveira, segundo a narrativa em aprêço, tendo há seis anos passados sofrido um grave acidente, desde então se achava impossibilitado de se locomover sem o auxílio de muletas.

No dia 10 daquêle mês compareceu êle, ás 19 horas, à residência do poeta Freire Ribeiro, onde se vinham realizando sessões espíritas, e aí, pelo próprio beletrista, que é médium vidente, foi visto junto ao visitante o Espírito de um médico francês, que declarou iria operar o sr. Oliveira, cujo retrato «A Tarde» também inseriu.

«O dono da casa presenciou então o Espírito aproximar-se do doente e aplicar-lhe uma injeção, tendo êste, no momento, sentido a dôr produzida pela mesma. Diante do acontecido, Freire Ribeiro foi à residência do dr. Waldir Barreto de Andrade, médico, que mora defronte à sua casa, pedindo-lhe para acompanhar, como médico, tudo quanto se passava».

«Ao chegar o dr. Waldir, o Espírito «apoderou-se» do doente e apertou a mão do mesmo, declarando que iria operar imediatamente o sr. José Oliveira. Nesse momento deu-se o fenômeno: José Oliveira movimentou a perna aleijada e, atirando as muletas ao chão, percorreu a casa, pulando, por fim, diante do médico, dr. Waldir Barreto de Andrade».

Tendo o operador espiritual prometido voltar no dia 17 para continuar o tratamento, à hora aprasada reuniram-se no mesmo local mais de 20 pessoas, entre as quais os medicos drs. Antonio Garcia Filho, João França Santana e Nelson Tavares da Mota e nessa ocasião o Espírito, que dera o nome de R. Charles, neuro-operador francês já falecido, prosseguiu o trabalho operatório, ao fim do qual o paciente, que antes tinha a perna tão dolorida a ponto de não poder tocá-la, caminhou normalmente até à sua casa, numa distância de cêrca dum quilómetro, seguido de enorme multidão tomada de curiosidade e de espanto.

O Diagnóstico formulado pelo Espiríto

O mais sensacional — remata o noticiarista—é que José Oliveira, que nada entende de medicina, vivendo simplesmente do cultivo de abêlhas, em sua residência, desde que ficou aleijado, (antes era agente de seguros), escreveu tomado pelo Espírito operador, o seguinte:

DIAGNÓSTICO: a) Lesão — ou diagnóstico: ferimento contuso na região glutea, seccionando as artérias ciáticas, nervos ciáticos e veias; b) não há lesões teninosas; c) Hipertrofia no ciático popiteo externo direito; d) alta de função na região do astrágolo. (a)—R. CHARLES.

Necrologia

Dr. Luiz Parigot de Souza

A's 19,30 horas do dia 3 de Abril do corrente ano, nesta cidade, Curitíba, Paraná, à rua Emiliano Perneta, 831, desincarnava o dr. LUIZ PARIGOT DE SOUZA, médico notabilissimo e extraordinário médium de efeitos físicos e de voz direta.

Encontrei-o nos últimos dias de sua existência terrena no leito de dôr, rodeado da família e dos amigos, certo do seu próximo fim, mas e sobretudo certo de que a morte é a ressurreição. Desencarnou com serenidade e reconhecido com a vida, que desfrutára, e lhe déra a conhecer a verdadeira solidariedade humana.

Foi grande médico do corpo. Os enfêrmos nêle encontravam o consolador, o remédio e o alívio e, muitas vezes, a cura.

Pensador, a tribuna popular e a dos recintos fechados constituiam-lhe a fôrça para defender o oprimido, e combater o êrro, para edificar um mundo melhor e mais instruído para acelerar o progresso social. A sua palavra sempre foi brilhante, eloquente e profunda. Sofreu muito no seu apostolado libertário, porque a iniquidade o constrangia e o prendia. Muitas vezes foi perseguido, e perdeu cargo público porque entendia que a sua consciência não estava submetida às conveniências pessoais, mas estava ao serviço do bem coletivo.

Médium, superiormente inspirado, colocava-se humilde e devotado aos deveres de sua mediunidade, e muita gente, antes incrédula e não rara zombeteira, recebeu o bálsamo da prova da imortalidade da alma. Os espíritos falavam aos assistentes, e os assistentes, que antes não se importavam com os problemas do «Além», passaram a compreender o Espiritismo. Quem o visse discorrer sôbre o Espiritismo ficava-lhe grato pelas salutares lições. Em verdade, o Espiritismo é a doutrina da ternura e do estímulo.

Eu que o conheci posso afirmar que êle sempre foi «o médico das almas», no sentido próprio do têrmo. Agora, no «Além», continuará mais forte a batalhar pelo bem da humanidade e há de vêr que as suas idéias, pensamentos e planos de vida melhor para o mundo e para a humanidade não é uma quimera, mas profunda realidade.

Que Deus o ampare.

Francisco Raitani.

De «Boletim Espírita», de Curitíba, Paraná.

Com o conhecimento da Verdade que Jesus vos legou, o Espiritismo está edificando nas almas a verdadeira fé, que tem por base a Imortalidade. Esforçai-vos, portanto, no sentido de difundir o mais e o melhor possível, esta doutrina de vida eterna e amor, afim-de vos tornardes partícipes da obra do Senhor. — CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2361unse

NO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1947 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Novos Rumos à Medicina . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Nas Regiões do Inconsciente . . . *Carlos Imbassahy*
Trabalho das Trévas . . . . *J. Herculano Pires*
Panamericanismo Cristão . . . . *Leopoldo Machado*
Sugestão e Atitude Mental . . . . . *Adauto de Oliveira Serra*
O Espírito Criança . . . . *J. B. Chagas*
Fenômenos . . . . *Spártaco Banal*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Trinta Anos Entre os Mortos . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Notícias da CEPA . . . . *C. E. P. A.*
Filosofia Espírita . . . . *Djalma Farias*
Corpo e Espírito . . . . *Cairbar*
Cruzada do Espiritismo de Vivos . *Noraldino de Mello Castro*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1947 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Novos Rumos à Medicina

NINGUÉM póde contestar o progresso notável que a medicina realizou ultimamente e, a continuar na mesma marcha, as doenças até agora tidas como incuráveis, podem considerar contados os seus dias. Mas ninguém póde também duvidar de que outras doenças surjam, exigindo novos e ingentes estudos e esforços para serem debeladas. Isto porque, segundo nos ensina o Espiritismo, e a lógica sanciona, todas as doenças, sejam físicas ou morais, são o resultado do atraso espiritual e moral da creatura que, necessitando resgatar faltas contraídas em existências pretéritas, fica sujeita a tomar um corpo carnal que, como *cadinho purificador*, a libertará dos seus êrros, vícios e paixões, tornando-se digna de ingressar nas esféras dos sêres superiores.

Se o corpo precisa ser tratado quando enfêrmo, o espírito necessita também de um *tratamento*, porque o verdadeiro enfêrmo não é o corpo mas sim o espírito. Aquêle sofre apenas as consequências dos desmandos dêste, consequências que são dôres, sofrimento, provação, expiação, enfim. Daí se infere que o médico tem uma dupla tarefa: tratar do corpo e do espírito. Receitar para ambos: para o corpo o remédio, para o espírito a instrução espiritual, baseada nos postulados evangélicos e espíritas, que se completam admiravelmente na sagrada missão de conduzir almas para o divino aprisco.

Quando a medicina saír do acanhado círculo do materialismo em que se colocou por sua própria vontade, quando rasgar o véu que lhe empana os esplendorosos horizontes da Imortalidade com o besturí da razão, da fé raciocinada, então o mundo poderá considerar-se liberto de tudo o que impede o estabelecimento da paz, da justiça e da fraternidade entre os homens.

Os médicos espíritas, verdadeiros Apóstolos da Médicina, num esfôrço hercúleo, digno do apôio de todos quantos desejam o progresso, o bem estar e a felicidade dos seus semelhantes, estão trabalhando ativamente para que os seus distintos colegas estudem e investiguem, sem preconceito, com o único propósito de bem servir a coletividade, os fenômenos espíritas e a doutrina espírita, para que possam resolver com acêrto e sem grandes dificuldades, os mais complicados problemas que a todo momento lhes surgem.

O Dr. Inácio Ferreira, um dos mais abalisados médicos, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba, por onde já passaram 1.352 doentes, loucos e obsedados, com quasi 40 % de curas, e 90 % de indigentes, aos quais o Sanatório fornece tudo, publicou há pouco, com o título que abre êste artigo, uma obra de real valor, que deve ser lida principalmente pelos seus colegas. A obra em aprêço narra casos interessantes ocorridos em existências passadas, em que espíritos atrasados se apoderam de seus irmãos incarnados, geralmente atrasados também, fazendo-os passar por duros sofrimentos.

Em «Novos rumos à Medicina» o Dr. Inácio Ferreira enfeixou tudo o que de proveitoso se verificou em seu árduo trabalho, em suas investigações, em suas sessões experimentais, para oferecer provas aos cépticos, aos indiferentes, chamando-lhes a atenção para a vida superior, que não é terrena, mas espiritual, porque na terra vivemos apenas uma parte insignificante, ainda que esta parte atinja a um século ou mais. A vida é eterna, e a nossa existência na terra é apenas uma fase da vida, eis tudo.

E' do Dr. Inácio Ferreira o que se segue:

«Os médicos que labutam em todos os ramos da medicina, mórmente aqueles que se entregam à luta árdua no terreno neurológico e, principalmente, psiquiatrico, precisam desviar-se um pouco das suas investigações da matéria, lançando-se ao estudo e às experimentações no campo espiritual.

«Precisam compreender e chegarão a essa compreensão quer queiram, quer não, de que 70 % dessas tragédias que se desenrolam na Humanidade, produzindo êsses desiquilíbrios mentais, são consequências de *atuações psíquicas* partidas do mundo invisível aos nossos olhos materializados, porém percebido e sentido pelos *médiuns*, criaturas possuidoras de um *sexto sentido.*

«Lançando suas pesquisas para êsse campo vasto, infinito, perceberá a grandeza e o poder que lhe conferirá meios fartos, para elevá-los aos pináculos da glória, transformando-a no ramo mais sublime e produtivo da medicina. Caso contrário, continuará tateando, às cégas, girando em tôrno de si mesma, numa circunvolução eterna e infinita...»

O que os médicos precisam estudar e saber não é apenas o que se relaciona com os cinco sentidos, mas também o *sexto sentido,* através do qual se manifestam os espíritos e surge tanta cousa que serve de ponto de partida para os homens resolverem os mais intrincados problemas.

E' ainda do Dr. Inácio Ferreira o que vamos lêr:

«Nós, como médico e como espírita que investiga, dizemos que ela, a Medicina, é a missionária oficial de um *Poder Supremo* para amparar o espírito; porém não aceitando o oferecimento que se lhe faz, oferecimento baseado em milhares de provas e documentações, jamais estará apta a galgar esses obstáculos que constantemente se opõem no seu caminho.

«O maior êrro da Medicina oficial é julgar que o túmulo é a última etapa dos seus esforços...

«Enquanto persistir êsse engano, terá que se curvar perante muitos casos e muitas doenças perfeitamente explicáveis, mas que o seu entendimento ainda não aceita.

«E não aceita por que?

«Simples e unicamente porque não investiga além das catacumbas! Si ela aí penetrasse, guiada pela luz da razão por um raciocínio corréto, veria o deslumbramento que se lhe oferece além das trevas, além túmulo, e poderia divisar todo o esplendor e todas as explicações necessárias para quasi tudo aquilo que a perturba e se opõe à sua marcha sublime e triunfante!»

O Espiritismo veiu fazer a Medicina dar largos passos na senda do progresso, e em breve ela será uma das portas abertas para o reino do espírito.

As religiões mundanas são o exemplo do orgulho. O Espiritismo tem na humildade uma de suas colunas, e como seus seguidores verdadeiros, aqueles que praticam essa excelsa virtude.

GREGÓRIO.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO VI

O retrato da vidente

Muito antes do início do meu tratamento magnético, permanecia a sra. Hauffe tão completamente sonâmbula, que ficaramos mais tarde convencidos de que o seu estado de vigilia não era mais que aparente. Não era duvidoso que ela estivesse, então, bem mais realmente acordada, porque êsse estado, ainda que se não o considere assim, era bem o da vigilia mais perfeita. Nessa ocasião, não possuia nenhuma força orgânica e dependia inteiramente da dos outros, que recebia pelos olhos e pelas pontas dos dedos. Dizia que aspirava a vida do ar e das emanações nervosas dos outros, sem que êsses nada perdessem, porém devo declarar que certas pessoas se diziam enfraquecidas, quando ficavam muito perto dela. Que experimentavam contrações em seus membros, tremores, etc. Outros também, dos que ficavam perto dela, acusavam certa sensação de fraqueza nos olhos e na cavidade epigástrica, indo quase ao desmaio. Dizia ela que era, sobretudo, dos olhos dos homens vigorosos, que extraía maior fôrça. Recebia mais fôrça dos seus parentes do que de estranhos e, quando ficava completamente enfraquecida, não era senão entre eles que ia buscar alívio. A vizinhança de pessoas fracas e enfermas a enfraquecia, como as flores perdem sua beleza e fenecem na mesma circunstância. Ela se sustentava também às expensas do ar e, mesmo nos dias mais frios, não podia viver sem uma janela aberta.

Era sensível às emanações fluídicas de todas as espécies, de que não suspeitavamos, especialmente das provenientes de metais, plantas, pessoas e animais. Todas as suas substâncias imponderáveis, do mesmo modo que as diferentes cores do prisma, produziam sôbre ela efeitos sensíveis. Ressentia-se de influências e, o que é quase incrível, tinha noção sobrenatural ou conhecimento, por inspiração, do que certo homem escrevia.

Seu olhos irradiavam efetivamente certo clarão espiritual que logo chamava a atenção de quantos a observavam e, quando estava nesse estado, era mais um espírito do que um habitante dêste mundo.

Se quisessemos compará-la a um ente humano, diriamos que parecia estar antes nas condições daquele que, flutuando entre a vida e a morte, pertence mais ao mundo que vai visitar que ao que está prestes a deixar. Isto não é apenas uma figura poética, mas a expressão de um fato real. Sabemos que ha momentos em que os homens têm, às vezes, reflexos do outro mundo e provam o conhecimento que dele têm.

Viamos que um espírito deixava incompletamente o corpo, antes de estar definitivamente separado do seu envólucro terrestre. Se pudessemos manter assim, durante anos, uma pessoa no estado de morte iminente, obteriamos a imagem fiel do estado da sra. Hauffe. Não se trata de simples suposição, mas de facto real.

Encontrava-se, muitas vezes, nesse estado em que as pessoas que, como ela, têm a faculdade de ver espíritos, percebem o seu próprio espírito fora do corpo, parecendo cercado, como êsse, de leve gaze. Ela se via, muitas vezes, fora do seu corpo e de qualquer sorte desdobrada. Dizia então: «Parece-me que saiu muitas vezes do meu corpo e que plano acima dele, fazendo reflexões sôbre o mesmo: Isto não me agrada, porque reconheço meu corpo, mas se minha alma estivesse mais estreitamente ligada à minha força vital, esta se acharia em união mais intima com os meus nervos, porém os laços que retém a minha fôrça vital se relaxam cada dia».

Parecia, na verdade, que a fôrça vital era tão francamente retida pelo seu sistema nervoso que o mais fraco movimento bastaria para pô-la em liberdade. Era então que se via fora do seu corpo ou desdobrada, e seu corpo perdia então toda a noção de pêso.

A sra. Hauffe não recebera nem instrução, nem outros ensinos. Não aprendera língua alguma e não conhecia nada, nem de história universal, nem de geografia, nem de história natural; não possuia, enfim, nenhuma das noções comuns ao seu sexo. Durante seus longos anos de sofrimentos, a Bíblia e os Sálmos tinham sido seus únicos estudos. Sua moralidade era incontestável. Era piedosa, sem hipocrisia; considerava seus longos padecimentos e seus estranhos caractéres como efeito de desígnios de Deus a seu respeito e exprimia seus sentimentos sob a forma de poesias.

Como me acontecera também compor versos, apressara-se em dizer que fora eu quem lhe comunicára essa faculdade, por meio do meu poder magnético, mas ela já falava em versos antes que eu a conhecesse e não foi sem grande razão que se chamou a Apolo o Deus dos médicos, dos poetas e dos profetas. O sonambulismo confere a faculdade de curar e de escrever poesias. Como os antigos faziam idéia justa do sonambulismo! Como o achamos claramente misturado em todos os seus mistérios! Galeno, o Grande médico, atribuia mais sucesso aos sonhos noturnos que à toda a sua ciência médica. Conheço uma pastora que não sabia escrever e que, entretanto, em estado sonambúlico, só se exprimia em versos.

Os rumores que o mundo espalhara a respeito da sra. Hauffe são inconcebíveis, jamais vi maior prova de pendor para a calúnia do que nesta circunstância. Ela costumava dizer: «Êles tem todo o poder sôbre o meu corpo, mas nenhum sobre o meu espírito!», pois o grande número de pessoas que levadas unicamente pela curiosidade, cercavam seu leito, me causou bastantes aborrecimentos. Ela recebia prazeirosamente todo o mundo, ainda que a fadiga experimentada lhe causasse muito sofrimento, e ainda tomava a defesa daqueles que a tinham caluniado, mais.

Os bons como os máus eram recebidos por ela. Sabia distinguir suas más intençóes cada vez que elas existiam, mas não lhes dava importância alguma. Muitos pecadores incrédulos, que foram vê-la, se emendaram e foram levados a crer na vida futura.

Já muitos anos antes de ter a sra. Hauffe sido confiada a meus cuidados, a terra, o ar e tudo o que nele respira, inclusive a espécie humana, tinham deixado de existir para ela. Aspirava a muito mais do que os mortais podiam concedê-lá. O que ela queria era outros céus, outros alimentos, outra atmosfera que o nosso planeta não lhe podia oferecer. Estava quase em estado de espítito e pertencia já ao mundo dos espíritos. Fazia parte do mundo de além-túmulo e estava já meio morta. Que tivesse sido possível, nos primeiros anos da sua enfermidade, pô-la, por meio de um tratamento bem adequado, num estado mais capaz de permití-la viver nas condições ordinárias do nosso mundo, é isso bem provável, mas, no último período, era já inteiramente impossível. Todavia, graças a cuidados mais atentos, chegámos a obter certa melhoria que, a despeito de todos os esforços feitos para envenenar-lhe a existência, considerou ela os anos passados em Weinsberg como os menos penosos da sua vida sonambúlica.

Segundo dissemos, seu frágil corpo envolvia-lhe o espírito como um véu de gaze. Era baixa, seus traços lembravam o oriente, seus olhos eram penetrantes e proféticos e sua expressão era ainda acentuada por grandes cílios negros. Era uma flor delicada, vivendo dos raios solares.

Diz Eschenmayer, a seu respeito, em seus «Mistérios» o seguinte: »Suas disposições naturais eram dóceis, amáveis e sérias. Sentia-se sempre levada para a contemplação e a prece. Seus olhos tinham algo de espiritual em sua expressão e permaneciam sempre claros e brilhantes, apesar de seus sofrimentos. Seus olhares eram penetrantes e, durante a conversa, de grande mobilidade; às vezes se tornavam subitamente fixos e pareciam projetar lampejos, reconhecendo-se, nêsse sinál, que ela estava em presença de uma das suas estranhas aparições. Quando se achava assim, prorrompia, bruscamente, em palavras apressadas».

Quando a vi pela primeira vez, sua vida corporal não prometia grande duração e ela havia abandonado toda a esperança de ver-se voltar a um estado que a ajudasse a manter-se nêste mundo. Ainda que nenhuma função orgânica fôsse profundamente alterada, a sua vida era uma como que tocha que se extinguia. Era uma presa nas garras da morte e a sua alma não se segurava no corpo.

Nela, a alma e o espírito pareciam sempre em oposição, de sorte tal que a primeira ficava ainda ligada ao corpo, ao passo que o segundo já abria as suas asas e evolava para outras regiões.

Fenômenos de Materialização

VI

Presidida por mim e com a assistência de vinte e quatro pessoas, a sessão do «André Luiz» de sabado, dia 14 p. findo, teve surprêsas interessantes e, como sempre, os melhores resultados de ordem prática, doutrinária. A afluência, em grande número, de companheiros e alguns curiosos, dos quais alguns não tinham autorização prévia para assistirem aos trabalhos, deixaram-me pessemista, quanto ao êxito dos mesmos, persistindo mesmo na dúvida acerca da possibilidade da obtenção de fenômenos de efeitos físicos e, até, chegando a nutrir receio em assumir a direção da reunião, em tais condições, dada a imensa responsabilidade que pesava sôbre os meus ombros frágeis, oriunda do conhecimento das advertências e conselhos dos nossos guias a respeito da organização dos métodos e requesitos indispensáveis à boa marcha e ao melhor resultado das nossas sessões, reforçado pelas normas adotadas e recomendados pelos antigos mestres da Doutrina, notadamente William Crooks e Gustavo Geley, que sustentam devam tais reuniões ser feitas, preferentemente, pelo menor número de pessoas, para que se alcance o melhor aproveitamento e o bom êxito dos trabalhos dessa natureza. Mas ocorria, precisamente, um caso singular, que não poderiamos deixar de cuidar, que era a doença grave de que fôra acometida subitamente a filha do nosso prestigioso companheiro Jaks Aboab, cuja situação inspirava cuidados e talvez, pensavamos, fôsse um providencial meio de trazer para a nossa comunidade, os entes queridos da família do nosso irmão que, para pesar seu, ainda não aceitaram a Salutar Doutrina dos espíritos. E foi com a preocupação e os cuidados que estas ponderações me impunham que eu me dirigí aos assistentes, com palavras preliminares de pre-abertura dos trabalhos dando umas explicações necessárias aos confrades presentes, dirigindo-me especialmente aos novos, com o expôr-lhes o objetivo primacial das nossas reuniões, explicando-lhes as normas que devem ser adotadas como diretriz segura dos trabalhos, prevenindo-os de que, caso um dos nossos protetores nos autorizasse ou aconselhasse a realização dos trabalhos de efeitos físicos e nos apontasse a inconveniência da presença de algum companheiro, que não estivesse em condições físico-psíquicas de tomar parte dos mesmos, se deveria sujeitar, sem ressentimentos, conformando-se com a medida de interêsse geral. Todos os presentes se submeteram, de bom grado, a esta necessária injunção. Fiz a prece inicial e declarei aberta a reunião em nome de Deus, de Jesus e dos guias espirituais da humanidade, mormente do nosso patrono «André Luiz». Fez-se profundo silêncio e os assistentes se entregaram a um recolhimento espiritual profundo, entregando-se a uma aconselhável meditação e à indispensável concentração. O médium inconsciênte de incorporação, cai em transe, emprestando o seu aparelho físico para a manifestação do patrono do Grupo, identificado pela profundeza e sutilidade dos conceitos sustentados e pela vidência de médiuns diferentes. Depois de nos brindar com uma ligeira palestra cheia de ensinamentos superiores, diz-nos da necessidade da realização dos trabalhos em benefício de várias pessoas enfêrmas, especialmente da doente citada, não obstante o grande número de assistentes, com uma boa percentagem de curiosos e novatos, sem a necessária afinidade aconselhável, num recinto tão pequeno e em dia de tão acentuado calor, ocorrência que não poderia deixar de influir como fator psicológico da assistência, agravante que seria suprimida pela Misericórdia Divina e pelo zêlo amoroso dos nossos mentores do Espaço, os quais iriam isolar a causa das condições desfavoráveis imperantes para que os trabalhos tivessem os seguros resultados benéficos que objetivavam, com a realização da cura da principal paciente de nossas cogitações e da apresentação de singulares fenômenos que, certamente, iriam confortar e agradar a todos. O médium Lins recolhe-se à cabine. Peço que seja cantado o hino «Vem celeste amigo». Profere-se uma nova prece. Faz-se uma luz feérica na cabine, à maneira de relâmpago, tomando todo o recinto, provocada, ao que asseguraram os médiuns videntes, pelo dedicado espírito de Abel Gomes. Uma entidade muito querida, Nina Arneira, surge materializada, encaminhando-se à assistência, tocando as nossas irmãs Euridice Ferreira e Dulce Fátima e oferecendo flôres naturais ás nossas irmãs Margarida e Emilia, de côr amarela, da família das compostas (Crysanthemam cororarium), chamada de «Margarida». Julguei prudente apagar a vela, já que não havia luz elétrica, o que fiz realmente. Regressando Nina à cabine, logo se materializa o bondoso espírito de David, que fez uma ligeira visita à assistência, brindando várias pessoas presentes com flores naturais, da mesma natureza das que oferecera Nina, vindo entregar-me uma delas junto ao lugar da direção dos trabalhos, e deixando no colo de minha mãe, Dulce da Conceição dos Santos e debaixo da cadeira de meu mano Virgilio Pais dos Santos, que estavam presentes e assistiam aos nossos trabalhos pela primeira vez, algumas dessas flores. Voltando à cabine, retorna para fazer um passe no joelho esquerdo de minha mulher, que sofrera grave contusão em recente quéda, não nos aparecendo mais nesta sessão. O apreciado José Grosso fala-nos por voz direta, alegrando-nos e elucidando-nos, adiantando que meu pai quis abraçar a «velha», minha mãe, não o tendo feito por se haver emocionado profundamente, razão porque não se materializaria mais hoje, e, também porque êle tinha que se entregar ao trabalho de assistência e cura dos enfêrmos. Aparecem novas luzes de grande efeito visual. Nina volta a nos apresentar à porta da cabine, atirando duas flores denominadas «dois amores», de côr vermelha, também chamada «corôa de espinhos», no regaço da nossa irmã Maria Jeunè e pedindo para que cantassemos o hino «Pai do Céu», o que fizemos, com indizível prazer. E' a esta altura dos trabalhos que se nos apresenta o mais importante, para mim, fenômeno da noite. O nosso irmão Fidelinho, apresenta-se-nos materializado em um corpo de criança, profundamente luminoso, envolto numa aura transparente e diáfana. Fala-nos com enternecido carinho, dirigindo-se preferentemente ás nossas irmãs Lais e Lenice, com quem a singular entidade tem bastante afinidade. Lamenta não dispôr de parafina líquida para que pudesse cumprir com o prometido, modelando seu rostinho e seu pesinho. Anda de um lado para o outro, dentro da cabine, reaparecendo na extremidade direita com o seu semblante apresentando um brilho fulgurante. As nossas irmãs Lenice e Lais cantam o hino «Mãe». O José fala-nos novamente e, a uma pergunta minha, desejando saber qual o espírito que envolvera o Fidelinho com tanta luz, êle responde que a luz era própria do espírito materializado! Pedi então ao confrade J. B. Chagas, também presente pela primeira vez à reunião, para fazer uma prece, o que êle fez, com sentimento d'alma. Aparece-nos agora um espírito materializado com uma estatura enorme, possivelmente de dois metros de altura, que todos apreciaram sobremodo, mas que ninguém identificára, à excessão de D. Euridice que teve a intuição de ser José Grosso. O espírito demorou-se pouco na assistência tendo, em seguida, nos falado por voz direta, confirmando ser o querido amigo José, dizendo ter feito um esforço enorme para não dar profundas risadas, tal a sua acentuada inclinação para rir e fazer graça aos outros. Todos nós ficamos contentes por essa desejada visita, lamentando eu, de minha parte não ter podido entretendo com o conhecido companheiro do Além, uma palestra à viva voz, se isso fôsse permitido e se eu o tivesse identificado. Foi cantada a conhecida canção «Almas Gêmeas», quando se nos apresentaram dois vultos, suspensos no espaço, semi-materializados, com os traços fisionómicos imperceptíveis. Nina diz-nos que enquanto cantavamos, ela se lembrava do nosso estimado confrade Clovis Tavares, seu noivo espiritual. Scheila fala-nos e dirige se à Dulce, pedindo-lhe para cantar o hino com que nos distinguira anteriormente. Como a nossa companheirinha tivesse cantado com incorreções, ela corrige os pontos errados, acompanhando a música. Materializa-se então a Ilka, cujos pais estavam presentes, saindo da cabine e dirigindo-se aos seus progenitores, sendo obrigada a recuar, devido a se ter emocionado. O Vitorino Eloi dos Santos faz uma prece comovida em agradecimento ao Alto pela graça de poder ver sua filha materializada. O José fala-nos novamente e eu peço ao Virgilio para se dirigir a êle, o que fez pedindo que José o interprete da sua rogativa ao espírito de David para que o protegesse, provocando uma tocante exposição da sua atuação no passado, comovendo-se até as lágrimas, dizendo também êle ter errado bastante. Quem nos fala agora é Neusa Magaldi, que me pede para comunicar ao seu pai já ter ordem para vir assistir aos nossos trabalhos quando, então, terá oportunidade de a êle se dirigir diretamente, pedindo-me que lhe transmitisse um abraço e um beijo seus. O Cel. Everoldino faz uma prece. O espírito de Scheila também ora em voz direta. Arací faz belíssima palestra doutrinária, também por voz direta. O nosso patrono «André Luiz» orienta-nos prevenindo-nos da conveniência do encerramento dos trabalhos, recomendando ao Inácio para penetrar na cabine para ministrar um passe no médium, despertando-o em seguida, o que foi feito, tendo também nos orientado acerca de vários assuntos palpitantes, inclusive do estado de saúde de alguns enfêrmos. E com uma prece, proferida pela Lenice, deu os trabalhos por encerrados. Várias flores naturais foram encontradas, inclusive duas pedras raras, que o José nos tinha jogado, sendo uma branca, de origem marinha, e outra uma espécie de minério de côr preta, semelhante á ulha. Na conferência do pêso, constatou-se que o médium e eu tinhamos perdido um quilo, enquanto que o nosso confrade Antonio Gonçalves e a nossa irmãzinha Dulce, tinham perdido dois e um quilos, respectivamente.

Amadeu Santos.

Rio, 22/12/946.

Nas Regiões do Inconsciente

CARLOS IMBASSAHY

Vejamos hoje o artigo do sr. Roger Bastide a que nos referimos em o número passado e resumamo-lo no que for possível.

Diz aquêle ilustrado e apreciável escritor que o Espiritismo, em todas as suas sessões, oferece romances do inconsciente, cuja leitura é fàcil. O espírito que se encarna é o duplo do complexo da Libido, e disso está cheio um livro do sr. Leão de Sousa. E lança um exemplo:

O Espírito que desce é o filho de uma família rica, repelido pelo pai por se ter casado com uma mulata e que, por isso, foi obrigado a se enganjar como carpinteiro para ganhar a vida e sustentar a família. Ganha pouco e parte para o interior. Em caminho é atacado e morto por feras. Pede à mulher não creia que a tenha abandonado. Longamente interrogado pelo presidente acaba por confessar que matara o pai.

O autor, ao comentar o caso, não tem dúvida de que o complexo de Édipo alí se manifesta no assassínio do pai, complexo que se encontra frequentemente nos recantos mediúnicos. Outro espírito não quer abandonar o corpo a que se encostou, porque sofre, caluniou o pai, roubou, atribuiu o roubo ao pai, que foi preso e morto na prisão. Percebe-se — proclama ainda o autor — a ambivalência de sentimentos, ódio e amor ao pai. No Espiritismo também se descobrem preconceitos de côr, porque no aludido romance há um branco que foge da mulher de côr, apesar dos seus desejos; um homem que desce num negro censura no médium a sua côr. Há um espírito que acompanha uma jovem porque a ama, e o douto psicanalista esclarece que nesses romances o amor desempenha papel de primeira plana. A moça — acrescenta — ama os invisíveis porque não póde amar na terra e destarte pertence a uma certa categoria aventada por Janet, porém não informa porque a moça amava os invisíveis nem porque não podia amar na terra. Cita Xavier de Oliveira, que apresenta um caso, cuja autenticidade não se sabe qual é. E termina elucidando que nas sessões espíritas a censura se relaxa e os factos psicanalíticos são mais facilmente compreensíveis. Todo Espírito tem sua mitologia, seu caracter, suas aventuras e já não é criação do inconsciênte, mas imposição do meio.

Para que o leitor, não enfronhado em Psicanálise, pudesse compreender o assunto, seria preciso que elucidassemos o que é a libido, o que são os complexos, a história de Édipo, o ódio que o filho tem pelo pai, a ambivalência, a censura... Mas o autor, mestre na matéria, não esclareceu nada, e eu, por minha parte, não tenho tempo nem espaço para o fazer. Vamos, pois, direto, ao artigo.

Logo alí se nos depara uma espécie de discordância; declara o eminente escritor que *todas as sessões* oferecem romances do inconsciênte, mas já depois, o espírito, com suas aventuras, não é criação do inconsciênte, mas criação do meio. Há um ponto, porém, em que está certo, é no afirmar a facilidade com que, em Psicanálise, se descobrem as coisas. Assim, se um espírito foge de mulher de côr e increpa o petrume da médium, logo se vê que, em Espiritismo, há preconceitos raciais; se o Espírito ama, logo se vê o papel do amor em Espiritismo; se ama os invisíveis, não póde amar na terra... E o mais vai correndo nêsse andar.

Destarte, não será nunca o Espírito comunicante que tem preconceitos ou que ama, é o Espiritismo, são partes integrantes do Espiritismo. E tudo se vai resolvendo, de facto, com a mais invejável das facilidades e das felicidades. Se aparecer um Espírito que fale em gatos é sinál de que há quéda em Espiritismo para os felinos; se aludir a cobras é que os ofídios entram sempre em Espiritismo; se se tratar de mortes, não ha dúvida de que o Espiritismo é um vasto estendal de assassínios ou um campo de batalha. Tudo isto de mistura com o ódio ao pai, a censura... Como se vê, facílimo e felicíssimo.

Mas nas sessões de Espiritismo há um milhão de episódios, diferentissimos uns dos outros, simples ou complicados, ternos ou ferozes, com ou sem amor, assumindo as mais diversas feições, apresentando os mais variados aspectos; são todas as cenas da vida com suas formas e nuances levadas ao infinito. Por maneira que, apanhar um caso isolado, ou mesmo alguns, *rari nantes in gurgite vasto,* e inferir dalí o que se passa em Espiritismo, e dalí tirar ilações genéricas, e por alí robustecer todas as fantasias que acodem à mente é fazer ciência para os incáutos, para os simples ou para os fanáticos.

Não tenho à mão o Leal de Sousa, batizado provavelmente pelo linotipista com o nome de Leão, para vêr se todos os contos se parecem com o do filho que matou o pai. O autor não esclareceu esta parte.

O caso é que não acho, nem nas minhas observações, nem na riquíssima literatura psíquica, nada que justifique, ao de leve, a tése do dr. Bastide. Cá por mim frequento sessões desde 1921, e venho assistindo, no mínimo, a uma por semana, com a média de 6 manifestações por sessão: temos 8.112 manifestações mediúnicas. Pois nesses oito mil e tantos casos jamais encontrei qualquer parricídio ou coisa que se lhe assemelhasse.

Há uma obra de Flournoy, intitulada, *Des Indes à la Planète Mars,* e que é muito citada pelos amadores em Psíquismo. Não se vê alí nenhum filho odiento ou matador. E' verdade que há uma mulher que morre na fogueira; mas é esposa e rememora-se o terrível costume indú de se queimarem as viúvas. Póde ser que seja o ódio à mãe, mas no relato se fornecem provas, e as revelações foram de tal ordem que não só espantaram o célebre psicólogo de Genebra como os historiadores e geógrafos contemporâneos.

Se o ilustre escritor folhear, ainda, uma preciosa monografia de Ernesto Bozzano, intitulada —*Dei Casi d'Identificazione Spiritica* — não descobrirá também nenhum apôio às suas asserções. Estuda o psicólogo e filósofo italiano a modalidade do fenômeno psíquico que é a manifestação em que o morto se identifica por forma a não deixar dúvida da sua presença *in loco.* O trabalho é dividido em vários capítulos e em cada um deles se analisa determinada categoria do fenômeno, com o respectivo caudal de factos. Há, assim, a referente aos incidentes de dialogação mediúnica tendentes a provar a existência autônoma e extrínseca de personalidades comunicantes; a que diz com as aparições de defuntos conhecidos dos presentes, mas em que se encontram particularidades que tornam improváveis as explicações telepática e alucinatória; a relativa às manifestações que revelam particularidades ignoradas do médium e dos presentes; a em que se mencionam provas indutivas diversas: escrita ou conversa ignorada pelo médium; crianças que escrevem mediunicamente; provas de identidade caligráfica; a em que existem manifestações de defuntos desconhecidos dos médiuns e dos presentes e cuja autenticidade se verifica posteriormente. E por aí além. Categoria com que não se topa à dos ódios absconsos ou sentimentos fugitivos.

Obra de muito alento, por ser um verdadeiro tratado, é a de Akasakof — *Animismus und Spiritismus.*—Nela também vamos encontrar, mais ou menos, as mesmas categorias. Também no Akasakof não se verifica qualquer categoria em que o filho chegue ao crime pelo ódio incubado ao pai, ou onde os rancôres, escapados de suas locas, se apresentem em forma de romance.

E ainda poderemos escolher, à vontade, os mais variegados fenômenos nos livros de Dénis, Delanne, Kerner, Gibier, Lombroso, Lapponi, Notzing, William Barrett, Flammarion, Richet, Frederico Myers, e outros, em número incontável, sem percebermos essa vegetação inconsciênte que aflora nas sessões e cuja leitura é fácil aos olhos dos psicanalistas.

Há, sim, filhos que aparecem aos pais, como Raymond a Sir Oliver Lodge, ou pais que aparecem aos filhos, como Robert Hyslop ao professor James. Mas desde que entre os mortos há pais e filhos, e a sepultura não elimina o parentesco, nada mais natural nem concebível que os filhos apareçam aos pais e os pais aos filhos. Muito ao contrário, porém, dos surtos subliminais que a Psicanálise descortina, o que se nota, comumente, é a mesma ternura filial ou a solicitude paterna que os comunicantes sentiam em vida, com o cortejo das provas de identidade, provas convincentes, irrefutáveis.

A manifestação de Raymond converteu Oliver Lodge, que publicou, então uma obra com o nome do filho; a de Robert trouxe a James Hyslop a convicção de uma outra vida; o pai dêste universitário se apresentava por intermédio daquela sensitiva de quem diz Richet só ela bastaria para deixar a criptestesia demonstrada.

Mas em ambas as manifestações, longamente estudadas e amiudadamente repetidas, o que se evidenciou foi a personalidade dos defuntos que se incorporavam, com as provas insofismáveis que forneciam. E elas fizeram com que Lodge *«the world famous physicist»*, ficasse convencido da volta de Raymond, e James Hervey Hyslop *«Professor of Logic and Ethics at Columbia University, Nova York»*, afirmasse ao mundo científico: — «Foi meu pai, foram meus tios, foram meus irmãos falecidos com quem me entretive». Isto consta das obras que relatam a prodigiosa mediunidade da Sra. Piper, dos *Proceedings*, de Londres, e figura, principalmente, no trabalho de Sage — Madame Piper.

Depois da esmagadora documentação que nos trazem os Anais do Psíquismo e à vista da opulenta literatura metapsíquica poder-se-á calcular a que fica reduzida a infantilidade do complexo de Édipo.

TRABALHO DAS TRÉVAS

UMA ONDA DE MISTIFICAÇÕES AMEAÇA OS ARRAIAIS DA BOA-FÉ

De tempos a esta parte, uma onda de mistificações invadiu os arraiais da boa-fé, na vasta e variada seara do Espiritismo cristão. Impulsionados pelos espíritos das trevas, que desejam lançar a confusão entre os homens simples e desprevenidos, uma leva de médiuns desorientados resolveu entregar-se a uma espécie de espetáculos a que dão o nome pomposo de «trabalhos de materialização». Com isso, promovem tumultos e desavenças nos meios mais bem intencionados, lançando a sizânia onde havia paz e harmonia, e conseguindo assim o verdadeiro objetivo das trevas, ou seja, desviar os espíritas cristãos da orientação evangélica e do entendimento fraternal pregado pelo Cristo.

A ingenuidade, a boa-fé, a ignorância, e em doses maciças a vaidade pessoal, são os elementos daninhos que favorecem em toda parte a realização dos desígnios das trevas. Homens simples e de boa-fé, que não chegam a compreender nem mesmo o que seja um trabalho verdadeiro de materialização, reunem-se em grandes assembléias, liderados por presidentes que desempenham à contento o papel de cegos a conduzirem cegos, e médiuns vaidosos, enfatuados, cheios de si mas vazios de Cristo, exibem diante deles a sua criminosa habilidade, sob a influenciação astuciosa dos espíritos inferiores. Materializações e operações de toda espécie, na mais ridícula floração de falsidades, ameaçam de todos os lados o verdadeiro sentido e o verdadeiro e são objetivo dos trabalhos espíritas.

E' necessário, de uma vez por todas, que se ponha um paradeiro a êsse desvirtuamento da doutrina e das suas elevadas finalidades. Urge que todos os espíritas de boa-vontade, responsáveis pelo movimento, se ponham a campo, vergastando sem piedade êsses vendilhões do templo, que desejam transformar a Casa do Senhor em picadeiro de circo. Espiritismo não é brincadeira de malandros desocupados do espaço, em conluio com médiuns desorientados e vaidosos, que pervertem na terra os dons que a Misericórdia de Deus lhes concedeu, para redenção própria e não para perdição de si mesmos e dos outros. Se os malandros do espaço não têm responsabilidade perante a doutrina, os médiuns a têm, e em gigantesca proporção. Mas não só os médiuns, pois os presidentes e frequentadores de centros são também responsáveis diretos pela boa prática doutrinária. Que os espíritos inferiores influenciem, portanto, os médiuns desorientados, compreende-se; mas que os presidentes de centros e seus frequentadores aceitem aquela influenciação, acumpliciando-se no trabalho de desvirtuamento das práticas doutrinárias, é simplesmente inconcebível. Por outro lado, há a responsabilidade dos orientadores, dos órgãos da imprensa espírita, dos pregadores e articulistas, que não podem calar diante do que vem acontecendo. Precisamos mobilizar todas as nossas fôrças, enquánto é tempo, no combate a essa infiltração perigosa e sinistra. Que nenhum espírita de projeção e responsabilidade no movimento deixe de lançar o seu grito de alerta, a sua palavra de orientação, pois a infiltração já vai longe e ameaça a todos nós com o ridículo do mais absurdo desvirtuamento.

Em Marilia, há tempos, apareceu um médico de Lins, realizando sessões de materialização e anunciando pelo rádio que daria consultas no hotel em que se encontrava, de tantas a tantas horas... Os trabalhos de materialização eram assistidos por cinquenta, cem ou mais pessoas, sem o menor critério de seleção exigido em tais circunstâncias. O resultado foi uma série de lutas e desentendimentos entre os que aceitaram o embuste e os que o combateram. Uma revista de S. Paulo publicou fotografias da materialização. Mais evidente demonstração da fraude era impossível. Quem conhece a médium e olha para a fotografia «com olhos de vêr», não tem a menor dúvida de que é ela mesma que alí se encontra, e não qualquer espécie de espírito. Tendo alguns elementos bem intencionados pedido uma sessão de contrôle, esta jamais se realizou. O responsável pelos trabalhos indignou-se com aqueles que punham em dúvida a veracidade do «milagre», pois que de fenômeno ninguém poderia se alterar, se alguém pusesse em dúvida a sua veracidade. Soube-se, mais tarde, que em Piracicaba foi apurada a fraude. Nada obstante, as sessões «miraculosas» prosseguem, segundo estamos informados.

De outra feita, um médium-viajante, o snr. Oscar Barbosa, apareceu por lá, fazendo umas espectaculares sessões de efeitos físicos. Higino Muzzi Filho, um dos diretores do Hospital Espírita de Marilia e membro do Conselho Espírita, depois de um trabalho paciente e sensato, desmascarou a fraude. Não satisfeito, o sr. Barbosa foi para Tupã, onde tirou uma fotografia em que apareceu o seu «protetor», um índio. O dr. Urbano de Assis Xavier, presidente da União Espírita de Tupã, acompanhado pelo sr. Manoel Pizarro, que ainda agora representou os espíritas de Tupã no Congresso Estadual e participou da Comissão de Teses do mesmo, e pelo sr. João José Sabonge, também da diretoria da União Espírita, desmascararam a fraude, tirando uma fotografia com o mesmo índio, que não era mais do que uma cabeça de cartoline afixada na parede. Pois bem, nada disso adiantou. O sr. Oscar Barbosa, — de cuja mediunidade não duvidamos, — passou agora, das sessões de efeitos físicos, ás de materialização. Subiu na escala. E' médium muito «mais forte». Materializa os espíritos, à vista de quem quer que seja!

Nos últimos dias do Congresso, o sr. Barbosa, sob o patrocínio da boa-fé de alguns confrades que se esqueceram de certas advertências de Kardec, realizou uma das suas sessões no salão da Sinagoga. O fotógrafo Osvaldo Schmidt, com atelier à rua Silva Teles n. 87, nesta capital, fotografou a sessão e surpreendeu a fraude. Um espectáculo deprimente. O médium, facilmente reconhecível por todos os seus traços, fantaziado como um palhaço e com uma enorme barba postiça, a imitar o profeta Elias, segundo nos disseram. Vimos a fotografia. De Elias não existe nada, senão a afronta à memória do profeta. Do médium Barbosa há tudo, inclusive o ridículo em que se expõe teimosamente, servindo de instrumento, não ao Espírito de Verdade, mas aos charlatães do espaço.

Não é possível que os espíritas conscientes continuem a tolerar êsse abuso. O sr. Barbosa já foi advertido várias vezes. A lição de Marilia foi severa. A lição de Tupã extravasou pela imprensa profana, em artigo assinado pelo dr. Urbano de Assis Xavier. Que deseja mais o médium, e que desejam aqueles que continuam desprevenidos, envolvendo-se em trabalhos dessa espécie, esquecidos de que não são cientistas e de que o Espiritismo não é brincadeira de ninguém?

J. Herculano Pires.

Panamericanismo Cristão

Do 1.º Congresso Panamericano realizado, em Outubro de 1946, em Buenos Aires, saíu a CEPA.

A CEPA (Confraternização Espírita Panamericana) destina-se a aproximar, unir, confraternizar cristãmente os espíritas do continente americano.

Haverá programa mais justo e mais cristão?

Francamente como não atinamos com as razões evangélicas, cristãs, espiríticas por que não se apoie um ideal assim, um programa desta natureza, uma organização nêstes moldes:

Porque lhe possam negar solidariedade e cooperação, espíritas de responsabilidades e instituições bem orientadas?

Porque não merece fé?

Ora, se se trata de uma organização que se alicerça em postulados da Doutrina, em exemplos que os apóstolos, com Paulo à frente, nos deixaram, nas lições de amor e união que o Cristo nos deixou?!...

Pelos nomes que se lhe puseram à frente?

São os mais respeitáveis e laboriosos que conhecemos na República vizinha e amiga!

Está posta em alicerces movediços?

Pois, levemo-lhe a fôrça de nossa experiência, a luz de nossos conhecimentos, a magia de nossa arte, o equilíbrio de nosso engenho para a sua solidez.

Porque não saíu de nosso engenho e arte?

Onde os dons de infalibilidade e os direitos irrevogáveis de iniciativa a instituições e indivíduos, de lá ou daquí, nacionais ou estrangeiros, para só eles nutrirem o direito de apresentar, papalinamente, programas e orientações?

Não será pretensão tola acharmos que «só vale a pena» aquilo que saíu de nossa arte e engenho?

Se não tivermos engenho e arte para as grandes realizações, será proibitivo o direito de tanto aos outros?

Aderimos, para logo, o movimento.

E lamentamos, profundamente, não podermos voar até Buenos Aires, por termos maior compromisso com Maceió.

Não nos cansamos de repetir: entre amargar o dissabôr de uma decepção a mais e o arrependimento de não havermos contribuido, de alguma sorte, para uma realização a serviço do Espiritismo, preferimos a decepção.

Pensamos que já é tempo dos espíritas—os cristãos modernos, como andam dizendo algumas vozes autorizadas do Alto!—se ligarem mais, mais se federalizarem, se confraternizarem suficientemente.

E' verdade que já temos, por aí além, muitas ligas, federações e confederações. Mas, se já fossemos solidários conforme o número de instituições de solidariedade—que outra coisa não são ligas, federações e confederações! — que vemos por aí em fóra!...

Já uma feita justificamos os espíritas, justificando a nós mesmo: é que ainda não saímos da fase de nossa adaptação ao Espiritismo.

Todo o nosso esfôrço, até agora, parece que tem sido no sentido de afeiçoar o Espiritismo aos nossos pontos-de-vista, em vez de nosso afeiçoamento direto à sua grande luminosidade.

Numa palavra: queremos nos salvar ou evolver.

O Espiritismo nos adverte, superiormente, que só pela caridade é que o conseguiremos.

Assim, pensando mais em nós, em nossa salvação do que na Doutrina, andamos a pensar que basta sermos bonzinhos, cuidarmos de nossa salvação, fazendo o bem que pudermos, para termos cumprido o nosso dever dentro do Espiritismo.

Sem a aproximação em nome do Cristo, sem a sociabilidade cristã, sem o propósito de provarmos que desejamos amar uns aos outros, para provarmos que somos discípulos do Cristo, pensamos que está incompleta a nossa missão, tarefa, função ou programa doutrinário.

Acabamos de receber mais uma carta de Buenos-Aires, para que envidemos todos os esforços, afim de que instituições, centros, sociedades, revistas, periódicos, ligas regionais e nacionais adiram, por cá, à CEPA. A par disto, a noticia de que o 2.º Congresso Panamericano será no Rio de Janeiro, em Outubro de 1949.

Não podemos pesar, medir e contar o volume de nossa possível influência nos meios espíritas da «Patria do Evangelho», para a realização do que o prezado irmão portenho nos solicita.

Não cremos, mesmo, se trate de volume de peso, alta medida e numero respeitavel.

Assim não fosse, nenhum periódico e centro espíritas, nenhuma instituição nacional, estadual ou regional deixaria de enviar já e já sua cooperação, o seu pedido de adesão.

Contudo, aqui deixamos, com êste apelo indireto, o desejo diretissimo de que, ao menos, todos os irmãos idealistas e todas as instituições que sintam e procedam dentro das normas da confraternização espirítica-cristã, como nós e as instituições modestissimas de nosso rincão, considerem o que aqui pomos, o que sugerimos aqui.

E estatutos, e outros dados precisos, e quaisquer informações mais claras e circunstanciosas, todos obterão, desde que escrevam ao confrade ilustre Luiz Di Cristóforo Postiglioni, Griveo, 2.793, Buenos-Aires, Republica Argentina.

Leopoldo Machado.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— XIII —

Cita Renato Kehl em «Tipos vulgares», no capítulo «Os castos forçados», o seguinte:

> «Um endocrinologista notável, tratando das nevroses dos castos, refere-se aos resultados que obteve num convento em que reinou entre as freiras uma espécie de epidemia de histeria, de ninfomania, de desordens tróficas de causa endocriniana, que êle atribuiu à abstenção sexual e curou... com extráto testicular!»

Disse êsse autor «que cada um póde tirar a moral que lhe agrade do facto acima relatado, e fazer todas as reflexões e reservas que julgar úteis. O cientista citado, professor Guillaume, cauteloso e sensato, conclue da seguinte forma: — Seria melhor, aliás, aconselhar o tratamento *in natura*, em lugar do recurso opoterápico»!...

Ha muitos obstáculos ainda a vencer: Quem será capaz de dizer em que consiste o instinto, a emoção e a consciência? A cada passo que vamos nos aprofundando no estudo das doenças mentais, novas perguntas irrespondíveis se nos apresentam, embaraçando o prosseguimento. Infelizmente elas ficarão sem respostas enquanto se perguntar exclusivamente ao corpo esquecendo-se da alma ou espírito que anima o mesmo corpo, porque sempre houve feridas do corpo e chagas da alma, sendo estas últimas as mais difíceis de serem curadas porque não se as pode localizar.

Do conflito entre os instintos e as emoções, nasce o desequilíbrio mental. Entretanto muitas desordens mentais são remediadas graças ao processo introspectivo de Freud.

Para as mulheres, a puberdade, a gravidês e a menopausa, são períodos mais favoráveis ao início de perturbações nervosas. As mulheres nessas ocasiões exigem cuidados especiais, evitando-se tudo o que possa contrariá-las, emocioná-las ou comovê-las fortemente.

Quando surgem obstáculos à realização dos impulsos sexuais, por exemplo, a pessoa procura vencer os obstáculos à satisfação de seus desejos, por vários meios. Quando consegue desviar êsses desejos em outras direções, continuará sua vida normal. Caso contrário o mal irá se agravando até a consumação. Muito cuidado, pois, com as idéias e pensamentos, antes que eles de todo se enraizem no subconsciente. Por outro lado, a pessôa poderá idealizar todo um mundo de fantasias, de uma falsa realidade, mas que dá satisfação, contentamento, quando o contrapõe em substituição aos desejos contrariados, antes que os tormentos interiores se manifestem violentamente obrigando o paciente a se recolher a um manicômio. Chama-se a isso sublimação de uma idéia. Os idealistas superam suas idéias intelectuais superiores aos impulsos instintivos inferiores. Sócrates e Jesus são dois extremos que se opõem a outros dois: Néro e Lucrécia Bórgia.

Convém não esquecer que toda a idéia recalcada no subconciente, tende, cêdo ou tarde, a se manifestar e quanto mais esforços fazemos para nos livrarmos dela, pensando nela, mais nos tornamos escravos dessa idéia. Os alcoólatras inveterados e os jogadores viciados são provas disso.

O que é necessário é criar uma idéia antagônica que substitua, supere, neutralize a outra da qual nos queremos livrar. Uma simples tendência psicológica póde influir no estado de saúde do indivíduo, afetando-o. Na grande guerra de 914-918, muitos soldados foram atacados de paralizias de origem sugestiva: ante o pavor das metralhas e canhões, os combatentes desejavam ficar paralíticos afim de poderem se afastar desse inferno e fugir aos horrores da guerra para serem internados num hospital. Uma vez longe do campo de batalha, os doentes melhoravam e voltavam os movimentos de seus membros locomotores.

O psicanalista, pois, tem necessidade de se informar do paciente, de «seus receios ocultos, ciúmes, preconceitos, inquietações e emoções» que convulsionam o seu espírito, «afim de expurgar a alma de seus venenos».

Entretanto, «hereditariedade, fisiológia, física, matemática, patologia do cérebro, investigações bioquímicas, endocrinologia, psiquiatria, neurologia e psicanálise, todos juntos apenas arranham a superfície da profunda e misteriosa realidade do espírito», enquanto a ciência teimar em só enxergar a parte somática humana.

Cada caso de perturbação mental constitúe um caso individual, especial e próprio de cada indivíduo, apesar de todos serem iguais materialmente falando.

Evitar os desassocegos, os desajustamentos, inadaptações, dirigir vocações, hábitos e tendências, dominar a mente, mostrar a todos que a felicidade é o próprio indivíduo que a cria, pois ela está dentro dêle mesmo, enfim criar «um espírito livre de conflitos e desequilibrio, e coroado de tranquilidade», eis o método preventivo das moléstias mentais.

A tranquilidade só se consegue com a paz e sossego de consciência. Muito cuidado com as idéias e pensamentos antes que êles se assenhoreiem da mente do indivíduo, tornando-o joguete inconsciente de suas próprias inclinações mal dirigidas. O bom humor melhora a vida mental e favorece a felicidade...

O ESPÌRITO CRIANÇA

J. B. CHAGAS

— II —

Quanto ao problema da existência do perispírito, vejamos como *Léon Dénis* o encara na sua grandiosa obra—«O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DÔR»: «A alma é imortal, porque o nada não existe e nenhuma cousa pode ser aniquilada, nenhuma individualidade pode deixar de ser. A dissolução das fórmas materiais prova uma cousa: que a alma é separada do organismo por meio do qual comunicava com o meio terrestre. Não deixa por êsse facto de prosseguir a sua evolução em novas condições, sob prísmas mais perfeitos e sem nada *perder da sua identidade.* De cada vez que êle abandona o seu corpo terrestre, encontra-se na vida do espaço, unida ao seu corpo espiritual de que é inseparável, á fórma imponderável que para si preparou com os seus pensamentos. Este corpo sutíl, esta duplicação fluídica existe em nós no estado permanente. Embora invisível serve, entretanto, de molde ao nosso corpo material. Este não representa, no destino do sêr. o papel mais importante. O corpo visível, o corpo físico varia. Formado de acôrdo com as necessidades da vida terrestre, é temporário e perecível; desagrega-se e dissolve-se quando morre. O corpo sutíl permanece, preexistindo ao nascimento, sobrevive à decomposição da campa e acompanha a alma nas suas transmigrações. E' o modelo, o tipo original, a verdadeira fórma humana, à qual vêem incorporar-se temporariamente as moléculas de carne, e que se mantém no meio de todas as variações e de todas as correntes materiais. Mesmo durante a vida, essa fórma sutíl póde separar-se do corpo carnal em certas condições, agir, aparecer, manifestar-se a distância». (pags. 67/8.)

A FORMA HUMANA

Preciso é considerar que a fórma humana do espírito, na situação de habitante do plano espiritual, não é um controverso na Doutrina, embora pareça, mas necessitando que aqueles que estudam e meditam, tragam, com o contingente do seu esfôrço, do seu saber e da sua inteligência, algo para ventilar, esclarecendo os que meditam e os que estudam.

«Todos os espíritos nos dizem que conservam a fórma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecemos. A fórma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Devemos concluir de tudo isso que a fórma humana é a fórma típo de todos os sêres humanos, seja qual fôr o gráu de evolução em que se achem.» (LIV. MED. ns. 53 e 56).

E' preciso compreender que isso ocorre apenas com as entidades ainda sujeitas à condição humana, porque, conforme afirmou *Kardec*, linhas atrás, «a fórma humana é a fórma típo, de todos os *sères humanos*, seja qual fôr o gráu de evolução em que se achem».

E' óbvio que uma vez que atinjam a condição super-humana ou de puro espírito, perdem a fórma, a fórma apenas, nunca a personalidade, visto como a fórma reveste unicamente uma necessidade momentânea do espírito.

A natureza terrenal ou humana é concomitante com a escravização pela fórma. Tão logo o Espírito se emancipe dessa natureza, isto é, passe a viver na ampla situação verdadeiramente espiritual, sem nenhum élo de ligação com o meio de onde saiu, terá, então, se libertado da fórma, que é uma limitação no espaço, e que deixa de ser concebível onde a matéria e a relatividade do espaço já não existem. Na condição de puro espírito, toda entidade se emancipa da fórma, para tornar-se um «centro consciente de irradiação psíquica».

Corroborando as nossas afirmações e citações, diz-nos *Lumen:* «A Humanidade terráquea, já compreendestes, é, tanto no moral quanto no físico, a resultante de forças virtuais da Terra. A fórma humana, o talhe, o pêso dependem dessas forças. As funções orgânicas são determinadas pelo planeta. O tipo — HOMEM — não é universal. Ha sêres pensantes em todas as fórmas possíveis, de todas as dimensões, de todos os pesos, côres, sensações e caractéres. O universo é um infinito. Nossa existência terrestre é apenas uma fase nêste infinito. Diversidade inesgotável enriquece o campo maravilhoso do sempiterno Semeador». (*FLAMARION — NARRAÇÕES DO INFINITO*, pag. 186).

* * *

Nas experiências sôbre transmissão do pensamento e clarividência realizadas pelo prof. *Robert Hare*, na Universidade de *Pensylvania,* depois de investigações feitas durante longos mêses, veiu êle por fim a concluír que os fenômenos revelaram a existência de uma fôrça até então desconhecida, mas que provinham todos de uma inteligência. Para neutralizar essa fôrça, o professor chegou até a inventar um aparelho, uma espécie de *quadrante percussor.*

Foi no curso de uma dessas experiências que se manifestou um espírito que se dizia o primogênito do professor —um pequenito falecido aos dois anos de idade. Posto que *afirmasse haver se tornado homem,* êle se designava pelo nome de *pequeno Tarley*, pretendendo pronunciar Tarley em lugar de *Charley,* para dar com essa designação infantil, uma prova da sua identidade. (*DÉNIS — CRIST. E ESPIRITISMO*—pag. 373).

Como vimos acima, o menino *Tarley,* uma vez desencarnado, *tornou-se homem*, como êle próprio declarou, todavia, *para provar a sua identidade áquele que fôra seu pai terreno*, aparecia como criança e pronunciava o seu nome como o fazia quando na terra.

Isso vem provar que *Charley,* no espaço não continuou com a fórma de criança, como êle afirmou—*tornou-se homem*— ou seja, tomou a fórma primitiva, anterior a sua última encarnação, antes de ser filho do professor *Hare*, mas como desejava fazer-se reconhecido pelo pai, apareceu-lhe como realmente fôra, quando seu filho!

* * *

E toda esta longa série de citações e divagações em torno das propriedades do perispírito, vem a propósito de uma publicação saída na revista o *REFORMADOR,* de Janeiro de 947, pag. 22, na qual o seu autor supôs ter encontrado uma contradição, embora *aparente*, na Escola Kardeciana, a respeito do Espírito desencarnado na infância.

Percebe-se claramente a intenção e o objetivo do autor do: «*Rumo à unidade doutrinária*»: diminuir o mérito da obra de Kardec.

Refere o articulista a próxima publicação de um livro mediúnico de *Neio Lúcio* intitulado, «*Mensagem do Pequeno Morto*», obtido por intermédio de Francisco Candido Xavier.

O autor do trabalho confessa ingenuamente ter consultado a respeito o Espírito de *Emanuel*. tendo êste afirmado «que os Espíritos muito elevados libertam-se logo das limitações infantis, mas os de pouca elevação ficam longo tempo presos à personalidade infantil do corpo».

Onde a divergência *aparente* encontrada pelo articulista?

Vimos adiante *Kardec* dizer que os «*espíritos separados do corpo continuam a vêr-se sob a fórma que tinham antes de morrer*». (LIV. MED. n.º 53).

Vimos ainda que os espíritos *podem manifestar-se de muitos modos diferentes e que conservam a forma humana, e quando nos aparecem, trazem as que lhes conheciamos;* que na qualidade de puro espírito, se emancipam da forma.

Assim, quando o espírito se mostra é porque quís que o seu perispirito viesse ao *estado de poder ser visto.*

Não é de admirar, portanto, que o espírito de *Neio Lúcio*, por não *haver ainda se libertado das limitações infantis,* se manifestasse como criança, ou seja com a aparência ou a fórma da sua última encarnação, porque *êsse era o seu desejo.*

E finalizando, aconselhamos ao prezado irmão, o articulista anônimo, que deve mudar o *rumo* que escolheu, porque, do contrário, jamais conseguirá atingir a *unidade doutrinária*!...

Nova Iguassú, Abril de 1947.

Tenho esperança de consolar alguma alma aflita, dando-lhe a certeza de que é possível comunicar com aqueles que estão do outro lado do abismo. — SIR OLIVER LODGE.

Fenômenos

DECEPÇÃO DE UM INCRÉDULO

O ex-professor de Química da Universidade de Pensilvania, o snr. Robert Hare, autor do livro: «*Experimental Investigations of Spirit Manifestations*», era um incrédulo dos factos espíritas, e negava-os a todo o transe, sempre que ouvia relatos atinentes ao caso.

Convidado por um amigo para assistir uma sessão, logo de início, tivera uma comunicação, cujo espírito se dizia ser seu filho, já falecido havia 25 anos.

Para se certificar da identidade do manifestante, o snr. Robert Hare levara um embrulho para a sessão, que ocultara no bolso, afim de ver se o comunicante revelava o seu conteúdo, que era uma lembrança conservada desde longo tempo do seu filho falecido.

O processo usado na sessão, para a obtenção das mensagens espíritas, era um mostrador de fórma redonda, com um ponteiro-agulha que indicava as letras do alfabeto, aparelho interessante inventado pelo snr. Robert Hare, e que fora colocado em lugar ignorado pelo *médium*, afim de que não pudesse tomar conhecimento das letras registradas pelos assistentes.

Após o silêncio de alguns segundos, o snr. Hare interrogara o espírito, fazendo-lhe a seguinte pergunta:

«*Que objeto está no embrulho que tenho no meu bolso?*»

O espírito respondeu:

«*O embrulho contém um pedaço de véu amarelo tirado do meu caixão, no momento do meu entêrro.*»

O professor em atitude escarnecedora, pois que supunha tratar-se de uma mistificação, introduz a mão no bolso e tira o embrulho que abriu para mostrar que era o sapatinho do seu filho que alí estava, desde muito tempo, como lembrança.

Pode-se calcular a *decepção do* ilustre pesquisador, quando ao abrir o embrulho *foi encontrado um pedaço de véu amarelo enrolado em varias capas* e, dentre elas, uma tinha a seguinte declaração escrita:

«*Este véu foi tirado de sôbre o rosto do menino morto*».

Foi, então, reconhecida a letra da esposa de Robert Hare.

O investigador enganara-se, julgando ter trazido o sapatinho, mas o espírito não se enganou, pois de facto, a lembrança era materna.

SPÁRTACO BANAL.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

AFRICANISMO E ESPIRITISMO — *Deolindo Amorim* — Rio

Africanismo, que engloba o caboclismo, a umbanda, êsse tal espiritismo de chão, a macumba, em suma, não é espiritismo. E' mediunismo. E o mediunismo sempre existiu, antes que existisse o Espiritismo. Existe a dentro de todas as religiões e civilizações independente do Espiritismo, cuja existência não data, ainda, de um século. O mediunismo, ainda o educado e perfeito, é apenas, um aspecto do Espiritismo, que é muito mais, com a sua complexidade de aspectos, do que simples manifestações de espíritos. Não existe, de resto, espiritismo onde se aberre da codificação de Allan Kardec, que foi até o criador do termo espiritismo. E, nessas práticas, tudo é aberração da codificação de Allan Kardec. Não póde existir espiritismo, que é a promessa do Consolador entre nós, para que não fiquemos orfãos do amor do Cristo, onde não se estude e pratique o Evangelho do Cristo. E em tais práticas, nada se estuda e tudo repugna a consciência cristã-espiritística. Onde não existir o desejo de espiritualizar as coisas mais materializadas, a simplicidade e ausência de ritualismos tolos e encenações burlescas, espiritismo, que é a condenação de tudo isso, também não pode existir.

Eis a verdade positivissima.

E essa Verdade, Deolindo Amorim, incontestavelmente um dos nossos valores reais, demonstrou, admiravelmente, em três artigos magistrais, que apareceram na revista, *Estudos Psiquicos*, que a tenacidade cristã-espartana de Isidoro Duarte Santos mantém em Lisbôa. Os três artigos magistrais, que todos os leitores de *Estudos Psíquicos* leram desvanecidos, apareceram, agora, transformados em capítulos, corporificando um opúsculo que a *Grafica Mundo Espírita* acaba de editar. Edição que, para nós, só pode dignificar a editora, pela oportunidade do assunto, pela justeza com que o assunto é tratado. O opúsculo traz, ainda a aumentar-lhe o grande mérito, um preâmbulo de Lippmann Tesch de Olivér que é, por sua vez, um estudo forte, incisivo, desabusado mesmo.

Ha passagens no estudo do Lippmann e nos do Deolindo que mereceriam citados e comentados no sentido de salientar quanto o Espiritismo de verdade, porque cardecista e cristão, porque científico e filosófico, moral e religioso, tem sofrido em consequência de tais práticas exdrúxulas, grosseiras, violentas, animalizadas.

Seria, porém, elaborar outro opúsculo um volume talvez maior, visto como ha muito que dizer e o que deplorar.

E' preciso desfazer a confusão, que aumenta. E, como a tiririca viceja mais rapidamente de que a herva alimentícia e medicinal, parece que, no campo chamado espirítico, o tiririca parece já querer dominar a bôa fôlha e o bom grão.

Parabens, pois, à Editora, ao prefaciador do opúsculo, a seu autor, a quem ficamos duplamente grato, porque pela oferta de um exemplar com dedicatória.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor : Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

No dia seguinte ao em que, recebemos um pedido por telefone, de uma cidade vizinha, concentrámo-nos em benefício de um farmacêutico, que era um viciado e estava evidentemente obsedado, e conseguimos afastar dêle o espírito de uma morfinômana que foi trazida ao nosso círculo.

A alma atormentada se debatia e pedia furiosamente que lhe déssemos ao menos «um grãozinho».

Sessão de 21 de Março de 1923

Espírito : Elizabeth Noble — Médium : Sra. Wickland.

Espírito — Não me amolem. Quero descansar.

Médico — Já não repousastes bastante ? Quereis descansar para sempre ?

Esp. — Estive andando; não estava descansando !

Méd. — De que estivestes fugindo ? Da polícia ? (O espírito começou a tossir fortemente). Esquecei-vos do passado. Dizei-nos quem sois e donde viestes.

Esp. — Estou tão doente ! (Tossindo mais violentamente ainda).

Méd.—Deveis deixar esta tosse. Perdestes o vosso corpo, provavelmente há muito tempo. Sabeis que sois um espírito ? Que se passa convosco ?

Esp. — Não sei. (Outro paroxismo de tosse).

Méd. — Precisais saber, então. Êste corpo não é o vosso e não estais doente. Já estais livre do vosso corpo físico. Pensai que estais boa e sentireis bem.

Esp. — Estou doente, não o vêdes ? Quem sois vós ?

Méd. — Sou um médico e, se fizerdes o que vos digo, ficareis boa. Êste não é o vosso corpo. Sois agora um espírito invisível.

Esp. — Estou doente.

Méd.— Pensais assim. Êste corpo não é o vosso e não estais enfêrma.

Esp. — Não sabeis o que tenho.

Méd.—Ignorais o vosso estado e não sabeis que perdestes o vosso corpo.

Esp. — Estou doente.

Méd.—Mentalmente apenas; é uma doença que levastes convosco.

Esp.—Estou morrendo. Quero deitar-me. (Tossindo).

Méd. — Vamos vêr se compreendeis o que vos digo. Êste corpo vos está temporáriamente emprestado. Vossa tosse ficou no túmulo. Deveis deixar de tossir.

Esp.—Êste corpo é meu. Não posso parar de tossir.

Méd. — Donde viestes ?

Esp.—Não sei. Porque me dizeis que eu não devo tossir ?

Méd. — Porque não tendes necessidade disto.

Esp. — Como podeis sabê-lo ?

Méd. — O corpo que estais usando agora não está doente.

Esp. — Estou doente. Dai-me então algum remédio, e depressa. Dai-me algum, antes que eu fique muito mal.

Méd. — Gostais de ficar enfêrma. Não quereis então ficar boa ?

Esp. — Estou doente e preciso ficar na cama. Tende pena de uma pobre mulher doente que tem que ficar aquí. (Tossindo).

Méd.—Pensai, com firmeza, que não estais doente e ficareis boa.

Esp.—Dai-me algum remédio. Quero um pouco de morfina; meu coração está mal.

Méd.—Já vos disse que perdestes o vosso corpo e sois agora um espírito.

Esp. — Dai-me algum remédio para eu melhorar então. Dai-me quinze grãos. Minha tosse está tão ruim! Dai-me um pouco! Dai-me um pouco de morfina! Um pouco apenas, um grão só! Injetai-a no braço. Gosto mais no braço.

Méd. — Deveis parar com isto.

Esp. — (Dando gritos furiosos). Dai-me depressa! Não posso ficar mais aquí. Já disse, apenas um grão. Dai-me no braço. Não posso passar sem ela. (Com a face transtornada, mãos arranhando o ar).

Méd. — Penso que dissestes que estais doente.

Esp.—Sim, estou doente.

Méd.—De teimosia. Procurai compreender o vosso estado.

Esp.—Dai-me alguma morfina antes que eu morra.

Méd.—Deveis ficar calma para que possamos tratar de vós. Donde viestes ?

Esp.—Oh, meu Deus. Dai-me um pouco de morfina. Quero remédio. Por favor, dai-me apenas um grão.

Méd.—Como vos chamais ?

Esp.—(Com os dedos como que arranhando). Meu Deus, apenas um grão, só um grão!

Méd.—Sabeis que estais na California ?

Esp. — Não!

Méd. — Estais em Los Angeles, California. Onde pensais que estais ?

Esp. — Não me importa. Dai-me um grão apenas. Preciso conseguí-lo.

Méd. — Esquecei-vos disto e pensai em outra coisa. Perdestes o vosso corpo físico.

Esp. — Tenho esta tosse ruim e o meu coração está mal. Estou morrendo.

Méd. — Como podeis «morrer» se já perdestes o vosso corpo material ?

Esp. — Se tenho outro corpo então êle é igual ao anterior.

Méd. — Abandonai os vossos antigos hábitos e sentir-vos-eis melhor.

Esp. — Quero morfina. (Dando sôcos à direita e à esquerda). Não posso mais ficar aquí. Dai-me um pouco de morfina.

Méd. — Se prestardes atenção ao que vos disser saireis desta situação. Espíritos amigos auxiliar-vos-ão. Se não quereis ouvir, então sereis levada. Abandonai os vossos velhos hábitos. Vosso corpo físico não existe mais.

Esp. — Dai-me quinze grãozinhos!

Méd. — Não vos darei coisa alguma. Não tendes mais um corpo que precise de morfina. Tendes agora uma ocasião de ser auxiliada e deveis aproveitá-la.

Esp. — Dai-me um pouco, um pouquinho. Se atender-me eu ficarei quieta.

Méd. — Se não quereis ficar quieta, tereis de partir.

Esp. — Estou doente; quero apenas um pouco de morfina.

Méd. — Sois muito teimosa.

Esp. — Tenho estado andando para conseguir morfina. Porque não me atendeis ?

Méd. — Deixai disto! Perdestes o vosso corpo fisico e estais usando o corpo de minha esposa. Compreendei que já sois um espírito.

Esp. — Tenho estado com uma tosse ruim. Preciso de morfina.

Méd. — Estivestes nas trevas por

muito tempo. Não tendes mais o vosso corpo material.

Esp. — Sim, tenho o meu corpo.

Méd. — Êste corpo não é o vosso. Quereis compreender?

Esp. — Sim, mas estou muito doente.

Méd. — Não estais doente; sois, sim, muito teimosa. Ainda não compreendestes que sois espírito?

Esp. — Pois sim, mas eu quero morfina.

Méd. — Tirai esta idéia da cabeça. Imaginais que estais doente. Não dissestes que estivestes andando?

Esp. — Sim. Fui a todas as farmácias para conseguir morfina. Obtive-a uma vez (influenciando algum sensitivo), mas não foi por muito tempo.

Méd.— Estivestes obsedando alguém; não possuis mais corpo físico.

Esp. — Sim, tenho um corpo.

Méd. — Que não é o material. Estais usando o corpo de minha esposa. Espíritos amigos vos trouxeram aquí para que compreendesseis certas coisas.

Esp. — Tudo o que eu quero é morfina. Quando penso que não posso obtê-la fico furiosa.

(Continua)

Notícias da CEPA

Do Brasil já aderiram à CEPA (Confederação Espiritista Pan Americana, fundada pelo 1.º Congresso E. Pan Americano reunido em Buenos Aires em Outubro do ano findo):

Liga Epírita do Brasil, Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, Revista Internacional do Espiritismo, Mundo Espírita, União dos Discípulos de Jesus, C. E. Estrada de Damasco.

* * *

A CEPA, num gesto demonstrativo de que, buscando a UNIÃO do Espiritismo e sua ORGANIZAÇÃO (sem espírito de mando) nos países das Américas não pretende constituir-se num BLOCO anti-universalista, instituiu, em seu art. 36, herdeira de seus bens no caso de dissolução, a FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL, sediada em Paris e da qual, entre grandes Entidades de vários grandes países, faz parte a FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, uma das primeiras a aderir ao 1.º CONGRESSO E. PAN AMERICANO, quando de sua inicial convocação, ainda ao tempo da Presidência GUILLON RIBEIRO, tendo pago sua quota de adesão ao já histórico conclave.

Outrossim, por deliberação do 1.º CONGRESSO, a CEPA (art. 37 e último) oportunamente se filiará a essa Instituição Mundial, não cogitando seus Estatutos de filiação a qualquer outra sociedade, Federação ou LIGA.

* * *

Como associações, entidades outras etc., não federativas não tivessem voto, mas apenas voz, nas deliberações da CEPA, conforme seus Estatutos (art. 9.º) dado que o voto só assiste ás «Centrais» (Federações de âmbito nacional) e aos «Conselhos Regionais» (Federações Estaduais do Brasil ou outros tipos de organização congregadores de pequenas entidades, como «Uniões», «Ligas», etc. o que tem dificultado a adesão de Entidades tipo Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, Sociedade Constancia (de Buenos Aires), Soc. de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, União dos Discípulos de Jesus, etc., o CONSELHO FEDERAL, órgão de maior autoridade na CEPA, resolveu, *ad-referendum* do 2.º Congresso Pan-Americano a realizar-se no Rio de Janeiro (para onde se transferirá a séde da CEPA) em Outubro de 1949, tomou, por unanimidade, em reunião de 26 de Maio último, a resolução de dar voto também a essas agremiações.

OUTROSSIM, pelo art. 27, sómente podem fazer parte do C. E. (Conselho Executivo), por eleição do C. F., Representantes de Entidades de âmbito nacional. Os cargos do C. E. são em número de onze. Para possibilitar a eleição foi mistér, visto não haverem ainda se agregado à CEPA onze entidades com êsse caráter, alterar, à título provisório, êsse dispositivo. Foi o que resolveu, também unanimemente, na mesma reunião, o dito C. F., permitindo admitir a eleição de Representantes de Conselhos Regionais e de Entidades ao tipo acima, enquanto não houver número suficiente de Entidades «Centrais». Assim, ficou estabelecido que, a proporção que Entidades dessa natureza forem aderindo, seus Representantes irão substituindo, por sorteio, os daquelas outras nos vários cargos do C. E.

* * *

A anuidade à CEPA é a seguinte:

Entidades federativas de âmbito nacional, 100 pesos.

Entidades federativas de âmbito local, 50 pesos.

Entidades não federativas; Entidades culturais; Revistas; Jornais; etc. 25 pesos.

Associado (pessoal), 15 pesos.

O valor do peso argentino varía pouco. Equivale, presentemente, a pouco mais de Cr. $ 4,50, não tendo atingido, êste ano, nem fins do passado, a cinco cruzeiros. A despesa de remessa varía com o valor da importância e é, relativamente pequena.

ENDEREÇO da CEPA: *Sanchez de Bustamante, 463, Buenos Aires, Argentina.*

(Pede-se transcrição nos jornais, pelo menos nos de orientação espiritista. E remessa à CEPA).

Filosofia Espírita

A primeira obra de filosofia espírita foi publicada a 18 de Abril de 1857 e intitulada, com muita propriedade, «O Livro dos Espíritos», obra de profunda e avançada filosofia espiritualista, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, relativamente à imortalidade da alma, à natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, às leis morais, à vida presente, à vida futura e ao porvir da humanidade, tudo de acôrdo com os ensinos dados pelos Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns, recebidos, coordenados, codificados e comentados pelo missionário que foi Allan Kardec, que formulou uma reflexão judiciosa quando assegurou que a doutrina espírita é o resultado do ensino coletivo, concórde e universal dos Espíritos e ainda que a garantia única e séria dêsses ensinos está na concordância existente entre as revelações feitas expontâneamente, por intermédio de grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Aí, nêsse primeiro compêndio, encontram-se os princípios fundamentais, isto é, os postulados da filosofia espírita, que têm sido, através dos tempos, sucessivamente interpretados, desenvolvidos e amplificados, nos trabalhos filosóficos de vários autores.

Êsses princípios resumem uma filosofia profundamente espiritualista e partem de Deus, que colocamos como alicerce de todo o edifício doutrinário.

Ensina-nos a filosofia espírita que Deus é eterno; imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Compreendemos, entretanto, que não podemos saber tudo o que Deus é, dada a nossa contingência e a relatividade de nossos precários conhecimentos.

Apresentamos atributos que Êle não póde deixar de ter, de conformidade com o conceito que fazemos da Divindade. Deus criou o Universo, que abrange todos os sêres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os sêres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo e os imateriais, o mundo invisível ou mundo dos Espíritos. Êste último mundo é o normal, primitivo, eterno, pre-existente e sobrevivente a tudo. O mundo material ou visível é acidental e secundário.

Os Espíritos revestem temporáriamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. A alma é um espírito revestido dêsse invólucro, isto é, como costumamos chamar, um espírito encarnado. Ensina-nos a doutrina que há no homem três elementos constitutivos: — o corpo, que é o sêr material, animado pelo princípio vital, a alma ou o Espírito encarnado no corpo e, por fim, o perispírito, que é o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito ou o laço fluídico que prende a alma ao corpo. O Espírito continua revestido do perispírito, que é o seu corpo semi-material permanente. Pela morte o Espírito abandona o corpo, que se tornou imprestável, e pela reincarnação adquire novo corpo, o de uma criança, para continuar, através de vidas sucessivas, o seu aperfeiçoamento.

Assim, o Espírito não é absolutamente um sêr abstrato, indefinido, do qual só se pudesse ter uma idéia pela imaginação.

O Espírito é um sêr real, concreto, bem definido, circunscrito, uma entidade perfeitamente positiva, que póde, em certas condições, ser vista, ouvida e tocada. Concebendo o Espírito dêsse módo é fácil compreender o fenômeno das aparições, dadas certas condições do elemento semi-material do perispírito, que póde tornar-se acidentalmente visível e até tangível, de sorte que êsse conhecimento deve destruír a idéia falsa das almas do outro mundo.

A incarnação dos Espíritos dá-se sempre na espécie humana; seria êrro grosseiro acreditar-se que o Espírito possa incarnar no corpo de um animal.

Os Espíritos encarnados na Terra constituem a humanidade terrena, e os que não estão encarnados, o mundo invisível.

Mas, não é sómente na Terra que êles incarnam e reincarnam.

Os outros mundos, que giram no espaço, os planetas, os cometas, os satélites, as estrêlas, todos são também habitáveis e habitados e devem atender, cada um nas suas peculiares condições, aos supremos objetivos providenciais do Criador. Estão aí, em linhas gerais, os princípios básicos da filosofia espírita, como uma síntese dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores.

Os comentários e o desenvolvimento dêsses princípios gerais só os compêndios da Doutrina podem apresentar.

Djalma Farias.

Corpo e Espírito

Diversos videntes têm assistido ao transe da morte e têm verificado a saída do Espírito ao abandonar o corpo, como a borboleta sáe da crisálida, sem que se dê a mudança da individualidade. Esta permanece na outra vida de posse de suas aquisições, e se apresenta no outro lado do túmulo tal como era até o momento de para lá se passar: com seus vícios ou as suas virtudes; sua ignorância ou sua sabedoria.

As qualidades morais e espirituais pertencem ao espírito e não ao corpo; e o próprio Espírito, na Outra Vida, é revestido de um corpo, na aparência igual ao que tinha na terra, mas de mais leveza, diâfano, devido à matéria rarefeita de que é composto.

CAIRBAR.

Cruzada do Espiritismo de Vivos

A' Guisa de Prefácio

Temos grande estima e real admiração pelo alto espírito do Prof. Leopoldo Machado. Considerâmo-lo feliz, porque o sabemos idealista cem por cento. Sabêmo-lo sincero e honesto nos propósitos que alimenta, nas iniciativas que empreende, nas realizações que estimula ou inspira. Tem elevadíssimo equilíbrio e respeitável bom senso. Sente a chama que o ilumina com intensidade inatingida por outrém e, agindo, nunca visa a satisfação de interêsses ou a concretização de vaidades pessoais. Possue aquela visão segura das necessidades presentes e inadiáveis do Espiritismo e descortina-lhe, com precisão impressionante, a rota a seguir e os anseios a objetivar, no futuro.

E por que o sabemos possuidor de soma expressiva, de prendas e de virtudes, é que o admiramos, estimamos e seguimos.

Dizem que o prefáciador recomenda o autor. No caso atual, dá-se o oposto: o autor recomenda o prefaciador. Leopoldo, com sua modéstia encantadora, escreveu-nos:

«Estou lhe enviando «A CRUZADA DO ESPIRITISMO DE VIVOS» para a sua leitura. E se possível, e você permanecer de acôrdo com tudo que nela se contém, algumas palavras, à guisa de prefácio, para sairem junto à explicação.»

Ficámos surprêso. Achámos grande a honra. Mas, verificámos depois, refeito da emoção, que nos não pedia prefácio e sim palavras, à guisa de prefácio, à maneira de prefácio e isto porque fomos o «primeiro a ouvir seu esboço, e a aplaudí-lo.» De há muito, sentimos que algo novo deve surgir na prática do Espiritismo, que o propague, «popularize», com intensidade e brilho, fóra do ambiente de luz mortiça, de câmara mortuária. De há muito, sentimos que nova orientação surgirá para satisfação coletiva de consciências cristãs. Assim, reconhecemos que a parte doutrinária está esplendorosamente codificada por Allan Kardec. Reconhecemos que «há problemas e muitos que, não resolvidos, constituem desastres iminentes; mal resolvidos transformam-se em fracassos lamentáveis; mas inteligentemente resolvidos darão ao Espiritismo aquela segurança e tranquilidade de que necessita.»

E o Prof. Leopoldo Machado, com linguagem simples e escorreita no-los apresenta, os problemas, indicando maneiras justas e claras de resolvê-los: a) «Transmitir verdadeira consciência espírita às nossas irmãs, esposas e mães, para a formação de lares espíritas; b) Educar as crianças nos moldes cristãos da Doutrina; c) Interessar a mocidade, proporcionando-lhe, em nome da Doutrina, ambientes de alegrias sãs, honestas, de arte e beleza espirituais.»

Belo anseio e melhor programa!

Expõe, com clareza meridiana, quais a direção e esfôrço a empregar na realização da ciclópica tarefa, afeta, inteiramente, ao Espiritismo de vivos, «que tem de ser pregado dentro da Vida, dos factos da ciência, dos ensinamentos evangélicos, das lições da História.»

Não invalida, nem desacredita quem quer que seja: nem homens, nem doutrinas. Crítica, analisa, aponta êrros e indica meios de resolvê-los. Reconhece árdua a tarefa, mas possível. A sua consecução depende, tão só, da vontade decidida, da fé inabalada. Prova que o Espiritismo é tudo e que tem lugar de preeminência em todos os ramos do conhecimento humano. Em todos êles se ajusta e se eleva, e, dificilmente, porém, «é possível contê-lo, inteirinho, nas estreitezas de um programa.»

Define um Centro Espírita como casa de oração. Mas, não só isso. Analisa, comenta e conclue: «os centros espíritas do futuro talvez sejam verdadeiros clubes de espiritualidade para os grandes, sem deixar de ser escola para os pequenos, para os jovens . . .»

Ressentímo-nos do concurso eficiente da mulher nas coisas da Doutrina. Acha que precisamos dar-lhe estímulo e assevera que a «mulher cristianizada é o lar cristianizado», fonte de vida e de pulcritudes.

Aborda múltiplos aspéctos sociais do Espiritismo, inclusive o político para, com sabedoria, mostrar de relance, a profunda e absurda incoerência dos ensinamentos do Espiritismo cristão, que professamos, com a doutrina confusionista e estranha de Marx. Estuda a situação do mundo, em face do drama sem precedentes da guerra que vem de cessar nos campos de batalha... Mostra a próxima vinda do Parácleto, a sua iniciada ação, para efetuar a reforma da Terra, «que marcará o advento de uma nova éra...»

Demonstra, escrituristicamente, que não mais teremos guerras mundiais, porque o «Cristo não iria prometer que os mansos e pacíficos possuiriam a Terra, apenas por prometer.»

Põe em relêvo a ação do Espiritismo, através do Evangelho, estancando angústias, equacionando e solvendo os problemas humanos, para declarar que «a hora do Espiritismo de vivos sôou!»

E o que será êste Espiritismo de vivos? E' interrogação que pairará em espíritos menos atilados ou avisados.

«Espiritismo de vivos é o que ILUMINA encarnados e ESPIRITUALIZA vivos, afim-de que, amanhã, desencarnados, de volta à Espiritualidade, não precisem baixar às nossas reuniões mediúnicas, para serem espiritualizados e cristianizados».

Eis, em rápidos traços, algo da essência sublimada do precioso trabalho do Prof. Leopoldo Machado. Todo êle se prende e resume nos efeitos salutares da prática de uma trilogia santa:

TRABALHO — ação, educação, iluminação;

SOLIDARIEDADE — colaboração, fraternidade, amor;

TOLERÂNCIA — respeito, justiça, ordem.

E lembrâmo-nos de um ensinamento de Emanuel, dado à beira de um corrego, em noite de luar, quando três criaturas dirigiam preces a Deus, comemorando o aparecimento do «Livro dos Espíritos», repositório sagrado de conhecimentos divinos.

«Espiritismo é Sol. Brilhai na sua luz».

E o Sol é vida. E Vida é Jesus, Caminho e Verdade. E Verdade é a sua palavra. A sua palavra é Amor. O Amor é Vida. A vida é Alegria. Alegria irmana, confraterniza, irradia, produz milagres: o milagre de viver cristãmente, de sentir profundamente as Verdades Eternas, para o bem comum, para a implantação definitiva da paz entre os homens de boa vontade. Glória a Deus nas alturas e abençoado seja o esfôrço do Prof. Leopoldo Machado. Abençoada seja a CRUZADA do amor, que não de guerras e de conquistas, de sangue e de miséria. Abençoada seja a Cruzada que redime, que constróe, que esclarecerá consciências, que iluminará corações, que semeará paz, concórdia e ardor para realizar o que é nobre e justo, em nome do Cristo, para glória de Deus.

Fraternalmente,

Noraldino de Mello Castro.

Belo Horizonte, 13/3/46.
Rua Mar de Espanha, 352.

Crônica Estrangeira

Aplicação do Radar à Música

«Cónstancia»

O princípio electrônico do radar, que revolucionou as táticas militares durante a útima guerra e que contribuiu em elevado gráu para a vitória das nações aliadas, teve sua primeira aplicação num instrumento musical de novissima estrutura e que é capaz de plasmar as ondas etéreas complementares com o magnetismo humano, em belissimos tons melódicos que, em doçura e expressão, superam os mais nobres instrumentos.

Vinham-se fazendo as primeiras experiências desde 1928 e recentemente, já na última etapa da guerra, um grande cientista apresentou ao mundo, um instrumento aperfeiçoado e completo, como uma nova dádiva ao mundo da emoção e da cultura musical.

Consiste o Theremin de uma caixa de mogno sôbre a qual estão fixadas uma antena vertical, de cerca de cincoenta centímetros, e outra antena anular de menores proporções. O executante aproxima a mão esquerda da antena vertical e inicia-se a música; o sonido sobe de tom, ao aproximar-se a mão do aparelho e desce ao colocar-se esta em posição mais distante. Não ha teclado nem chaves. O homem e a caixa são simplesmente um polo elétrico diante do outro. E a melodia, que até hoje alcança registos desconhecidos, se produz ao entrar o corpo humano na zona da influência sensível do Theremim. Ao artista só cabe conjurar os sonidos, com a técnica de seus movimentos — e ordenar a melodia desejada em suas sucessivas modulações expressivas.

Em Porto Rico, excepto poucos assinantes de revistas científicas, nada se conhecia a respeito dêste assombroso invento. Pela primeira vez chega a caixa maravilhosa à nossa ilha, como parte da bagagem de seu executante: o professor Charles Strichatzy que a havia apresentado com êxito ressonante nos mais importantes centros musicais do mundo. Ao interêsse artístico da visita do professor Strichatzy e o Thermin à ilha juntava-se seu interêsse científico. Para os afeiçoados aos estudos físicos e para os profissionais vinculados a esta ciência, será um grato acontecimento o poder observar na realidade a maravilha que já conheciam por leitura.

Para o público comum, o artista e sua caixa maravilhosa, da qual vão surgindo, pela magia de pausados movimentos manuais, melodias exquisitas, num conjunto orquestral sem paralélo por sua riqueza e precisão, evocam as mais ousadas concepções da magia e do ocultismo. E' um sêr humano desfiando a urdidura do éter e combinando suas infinitas ressonâncias até reproduzir as composições dos grandes gênios da música.

A história de como o professor Strichatzy fez escala em Porto Rico é bastante pitoresca e merece ser mencionada. Nossa ilha não figurava em seu itinerário. Mas aconteceu que dois portorriquenses, em viagem de divertimento pelo estrangeiro, tiveram oportunidade de assistir a um de seus concertos. E tal foi a impressão recebida que, por fim, o persuadiram a se apresentar em São João. Nem o senhor Nain Nun, nem o senhor Carlos Conde Fournier, os dois patriotas de que falamos, são emprezários de profissão. Nenhum dos dois alimenta o menor propósito de dedicar-se a semelhantes negócios. Sua ânsia foi, simplesmente, que nossa capital gozasse a maravilha do Thermin. Todavia não sabem em que lugar se realizará o concerto, nem há contrato nêste sentido. Mas o facto é que o professor Charles, conhecido artista nos centros musicais, se encontra em nossa capital como hóspede dos senhores Nun e Conde.

Ao realizar em Paris o primeiro concerto do Thermin, Marcel Savage, um dos mais finos cronistas francêses, assim fez seu comentário: «A eletricidade pôs-se a cantar. As mãos do executante planam no espaço. Sobem, descem. Abrem e fecham os dedos que parecem amassar o espaço, acariciar o ar, filtrar essa música misteriosa nascida fóra de qualquer instrumento. Música vivente, duma estranha pureza de expressão. Seus sons tornam-se, à vontade do operador, nos do violoncelo, violino, órgão, clarim ou a mesma voz humana.

E' música das ondas etéreas: *Música sideral.*

Em Nova York, os concertos do professor Charles e seu Thermin mereceram amplissimos comentários, em época recente. E a sensação produzida pela nova arte póde ser avaliada pelo facto de que o próprio Toscanini, eminente diretor da orquestra da N. B. C. insistiu em incorporar o Thermin ao seu conjunto instrumental.

(«El Mundo», São João, Porto Rico).

⁂

Carmencita Hulman

«El País», Assunção, publicou o artigo de Artur Alsina que reproduzimos de «Constancia».

Eis aquí uma menina que toca violino, poderia exclamar quem a visse pela primeira vez: pequenina e inquieta, caminhando pelo quintal arborizado de sua casa em Puerto Sajonia, com o instrumento que foi ao comêço um legado acidental, para converter-se, logo, quem sabe por que providencial desígnio, no «fiat» de uma vocação, que em menos de um ano de revelação, à noite, a promissora precocidade dêste prodígio. Porque, quando a escutamos — admirável metamorfose — o violino deixa de ser o joguete e a menina se transforma em artista. Coisa da magia! Se ouvíssemos o que executa, sem vê-la, seria difícil imaginar que quem nos deleita o ouvido com tantas e tão belas harmonias, é uma criança de sete anos, sem nenhum sinál exterior que a singularize, a não sei uma fronte ampla com o sêlo olímpico da predestinação e, que, para ocultar a luz reveladora, se oculta atrás da farta cabeleira loura, inconsciente, ainda da virtude que a incarna, indiferente à missão que a espera. Executa não menos de trinta peças clássicas, de memória, a todas horas, diante de auditórios de flôres, de estrelas de crianças, sem nunca cansar-se da divína arte.

Na idade em que as meninas anunciam com ingenuidade a futura, sagrada missão da maternidade, ela adormece com o violino nos braços, enquanto outras o fazem abraçadas às bonecas, entoando a canção do berço que aprenderam dos lábios das mães. Em sonhos, ha de arrancar das cordas com mãos de inspirada as vozes de seu destino. Como não recordar ante esta visão, as notas adormecidas nas cordas da esquecida harpa de Bécquer?

Não traz esta menina uma missão? Que espécie de mensagem nos vão transmitir suas «mãos de neve»? O tempo desvendará a incognita. Saudemo-la, por ora, com nossa emocionada palavra de boas vindas, formulemos em sua homenagem os melhores augúrios. Bem fez José Assunción Flores, em paraninfá-la em seu batismo com a arte, ante o público de Assunção...

E enquanto não chega o dia da consagração, detenhamo-nos mais no oasis sereno desta noite de arte em que Flores nos afirmou quem é, êle, êle mesmo, com sua autêntica voz de eleito, alheio às paixões, às negações sem sentido e dos «ismos», por sôbre as fronteiras do tempo em luminosa prolongação de harmonias, e conservemos em nosso espírito o éco desta infantil voz paraguaia, tão harmoniosa, em dissonância com a grita vulgar, com a estentórea ousadia do insulto e com a cacofonia declamatória, da demagogia. E' que as vozes que escutámos nessa noite, nos anunciam o advento de uma geração que, passo a passo, está chegando até o coração desta pátria, para criar, com a cristalina inspiração do amor, os fundamentos espirituais de uma nova era. Era de paz, de liberdade, de verdade, de beleza e tolerância. Em síntese: era de criação.

Carmencita Ulman poderá ser sua anunciadora.

⁂

Anjo Tutelar

Mrs. Joy Snell, enfermeira profissional, ao aproximar-se da cabeceira de enfêrmos, percebia junto ao leito, uma «forma angélica», que se apresentava velada e vestida de preto quando o paciente devia morrer e sorridente, vestida de branco, o braço levantado e o dedo indicador apontado para o alto quando o doente devia restabelecer-se. A sensitiva via essa aparição fantasmal percorrer as filas de leitos, aproximar-se dos doentes que se estorciam em grandes sofrimentos e pousar as mãos sôbre suas frontes. Esta ação não curava os enfêrmos, mas lenia ou suprimia os sofrimentos e produzia o sono nos que dêle necessitavam. Mrs. Snell escreve:

«Minha gratidão para êsse anjo sempre era grande, mas sobretudo eu o bem-dizia no decurso das noites durante as quais eu me encontrava sozinha de guarda nas salas do hospital. Eu o via passar, como a flutuar, dum enfêrmo a outro, e impôr as mãos sôbre a fronte dos sofredores; facto êsse que me confortava porque por experiência sabia que os doentes favorecidos por essa visita, imediatamente se encontrariam livres de todo sofrimento, mesmo ignorando a causa que determinara o bem-estar inesperado. Muitos pacientes me diziam, quando despertavam: «Como me sinto bem, esta manhã! Passei por sono prolongado». Muitas vezes vi êsse «anjo» impôr suas mãos sôbre a testa de enfêrmos que, ao experimentarem vivas dôres, gemiam e gritavam lastimavelmente; imediatamente desaparecia todo sofrimento e os doentes caiam em sono calmo e profundo, de que despertavam cheios de novo vigor. Por vezes, quando o «anjo» visitava um doente, eu por minha vez dêle me acercava e constatava que suas pulsações haviam-se tornado regulares e que a temperatura voltara imediatamente à normalidade...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Correspondência da Fazenda do Rochedo

«Atendendo a convite, em 18 do mês passado, visitava Guarany uma caravana espírita constituida pelos seguintes confrades: Antonio, Silvia e Lourdes Sobreira, Temistocles Coelho, de Pequiri e o jovem Elicides Teixeira, de Nova Friburgo. Durante o trajeto foi a mesma acrescida dos Snrs. Osorio Pacheco e Angelo Furtado.

A' noite, na Casa Espírita «João de Freitas», houve uma grande reunião, tendo falado o Presidente da casa, abrindo a mesma e entregando a direção do programa à D. Silvia Sobreira.

Falaram os seguintes confrades: Osorio Pacheco, Elicides Teixeira, Antonio José Sobreira e Temistocles Coelho. Finalizando, usou da palavra o confrade Alencar Braga, que comunicou aos presentes que a caravana permaneceria, a pedido, em Guaraní, por mais um dia, e que, na manhã seguinte fariam um Reabastecimento de Energias Espirituais e convidava os jovens em geral para uma reunião ás 13 horas, para tratar da fundação da Mocidade.

A' hora marcada, iniciou-se o Reabastecimento tendo falado os visitantes e alguns visitados; dando a palavra ao mundo espiritual, ouvimos, através de dois médiuns, esclarecidas e eficientes palavras dos nossos amigos João de Freitas e Paulo de Andrade.

Ás 13 horas, com grande número de jovens e famílias presentes, era iniciada a reunião pré-fixada. Foi conferida a palavra ao jovem Elicides Teixeira que explanou em rápidas palavras o objetivo dêsses movimentos jovens. Sua finalidade que é de associalização fraterna e metódica de, em suma, esclarecer os jovens, preparando-os para os embates da vida. A seguir leu os Regimentos Interno e Programa que regem a Mocidade Espírita Friburguense, cuja estruturação é uniforme para todas as congêneres *organizadas* no Brasil.

Grande era a alegria reinante e outra não poderia ser a atitude da caravana: lançar em definitivo, a fundação que, de acôrdo com os presentes recebeu o títulos de «UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE GUARANÍ» e que ficará sob o patrocínio da Casa Espírita «João de Freitas». Imediatamente foi escolhida a seguinte Diretoria provisória:

Presidente, Elza Baesso; Vice-Presidente, Maria de Lourdes; Secretária, Terezinha de Jesus Alvim Braga; Tesoureiro, Pedro Gomes; Bibliotecário, José Pavel; Diretora de Propaganda, Nilda Furtado; Mentor, Alencar Braga; Mentora, Dulce Virgílio Gabriel. Patrono Espiritual, Paulo de Tarso.

A' noite, com as dependências do Centro completamente lotadas, iniciou-se mais uma reunião. Falou em primeira mão, Antonio José Sobreira, que discorreu sôbre a Doutrina em geral. Ocupa, a seguir, a tribuna, o jovem Elicides Teixeira, que fez o comentário do Moço Espírita, cabendo-lhe dar posse aos Diretores e Mentores escolhidos para a instalação da União; continuando sua palestra, fala sôbre as responsabilidades que aquele pugilo de jovens (25) contraiam naquele momento.

A jovem Lourdes Sobreira sauda a novel organização em nome da União da Mocidade de Pequirí, oferecendo um Evangelho em nome da Caravana. E' lida pela Secretária, Srta. Terezinha Braga, a ata da sessão diurna e usa da palavra a presidente Elza Baesso que, visivelmente emocionada, fala da alegria que reinava nos corações de todos. Usa da palavra o mentor e, expontaneamente, ouvimos, através de um médium a palavra amiga de um companheiro do espaço, dedicando lindas palavras à assembléia. Usam da palavra mais alguns irmãos e com o Hino da Alegria Cristã, cantado por todos e a prece final feita pelo confrade Nicolas, finalizou o grande banquete espiritual.

E' digno de registro e destaque o grau de adiantamento em que se encontra o Espiritismo naquela florescente cidade. O tirocínio espiritualista e o acendrado amor à causa santa que abraçaram, merecem os maiores louvores. Voltamos encantados e em cada palavra há um reconhecimento sincero pela acolhida fraterna que nos dispensaram.

Avante, Mocidade Espírita de Guaraní!

Para Frente e para o Alto!

Do Correspondente.

Manifesto aos Espíritas

O CONSELHO DELIBERATIVO DA UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA, eleito e empossado pelo I CONGRESSO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO, a 5 do corrente, ao realizar, a 14 do mesmo mês, na séde da Federação Espírita do Estado, sua primeira reunião ordinária, resolveu:

1) — dirigir uma saudação a tôdos os espíritas do Estado, individualmente, e a todos os centros, grupos e associações existentes, congratulando-se pelo êxito do Congresso de Unificação e concitando-os a continuar trabalhando ativamente nêsse mesmo sentido, por todas as maneiras possíveis.

2) — convidar todas as entidades espíritas existentes no Estado, por menores que sejam e por mais distantes que se encontrem (inclusive os grupos de trabalho doméstico) e que, por qualquer motivo tenham ficado à margem da unificação em curso, a fazerem o quanto antes sua adesão à U. S. E., visando à mais completa unidade e harmonia do movimento espírita paulista;

3) — solicitar a colaboração esclarecida e valiosa de todos os oradores, dirigentes de trabalhos, propagandistas e jornalistas espíritas do Estado, no sentido da maior e mais constante difusão da unificação em curso, das vantagens que trará para o movimento espírita e da necessidade que representa para o momento atual e para o futuro do Espiritismo;

4) — estender esta saudação a todos os espíritas e instituições espíritas do Brasil, concitando-os a se esforçarem, sem perda de tempo, para se conseguir o quanto antes a unificação geral do Espiritismo, nas bases da «Constituição Espírita» das «Obras Póstumas» de Allan Kardec, segundo o que está sendo feito em nosso Estado pela U. S. E.

5) — apelar a todos os jornais, revistas, boletins e demais publicações espíritas do país, para darem a maior divulgação possível a êste manifesto e ás bases estruturais da U. S. E., aprovadas pelo I Congresso Espírita do Estado de São Paulo;

Certo de que todos os espíritas de S. Paulo e do Brasil compreenderão os elevados objetivos dêste gesto, com que deseja assinalar o início de suas atividades, nesta segunda fase da unificação em curso, o Conselho Deliberativo da União Social Espírita implora a Deus, ao Divino Mestre Jesus Cristo e às Falanges do Bem, que inspirem a todos os trabalhadores de bôa vontade, na realização da enorme tarefa que temos pela frente — a unificação geral do Espiritismo no Brasil.

S. Paulo, 14 de Junho de 1947.

Comandante Edgard Armond — Carlos Jordão da Silva — J. Herculano Pires — Dr. Luiz Monteiro de Barros — Aristoteles Soares Rocha — Benedito Godoi Paiva — Dr. Julio de Abreu — Emilio Manso Vieira — Dr. Ary Lex — Pedro de Camargo — Dr. Stoll Nogueira — Sebastião Guedes de Souza.

Unificação do Espiritismo Estadual

Como mandatário do I Congresso Espírita do Estado de S. Paulo, reunido nesta Capital de 1 a 5 do corrente, o Conselho Deliberativo da União Social Espírita, em sua primeira reunião ordinária de sábado dia 14 do mesmo mês, na Federação Espírita do Estado de S. Paulo, elegeu e empossou a DIRETORIA EXECUTIVA a cujo cargo ficará a execução do movimento espírita unificador e que é a seguinte:

Presidente, Comandante Edgard Armond; Vice-Presidente, snr. Domingos R. Azeredo; Secretário Geral, snr. Carlos Jordão da Silva; Secretários, snrs. Horácio Pereira dos Santos e Emilio Manso Vieira; Tesoureiros, Snrs. Caetano Previdelli e J. Almeida Prado Filho.

A referida diretoria tem sua séde à Avenida Irradiação, antiga Rua Maria Paula, n. 152/8 nesta Capital, por onde deverão ser encaminhados todos os trabalhos referentes à unificação.

São Paulo, 14 de Junho de 1947.

O LAR

(Uma revista a saír, de aparecimento sempre procastinado).

O Lar, órgão doutrinário e de propaganda do LAR DE JESUS, mensário de nossa iniciativa e direção, permanece, ainda, encalhado, mau grado nosso.

Deixou de saír no 8.° número.

O número 9.° seria transformado em revista.

Os oito números saídos, de revisão e impressão a desejar.

Impressão de rotativas, de diários do Rio, sua apresentação gráfica nunca saíu a nosso contento. Nem a contento, certamente, de seus leitores, a despeito de uma tiragem que chegou a 10.000 exemplares.

Imprimimo-lo em duas oficinas, a de VANGUARDA e de DIÁRIO DA NOITE, a ambas pagando quanto nos quiseram cobrar.

Nem por isso, vimos O LAR saír a nosso contento, à altura de seu programa.

Resolvemos, então, mudar de oficinas e de forma.

Sairia feito revista, conservando o mesmo programa, pois o nosso objetivo principal não era uma publicação, revista ou jornal, para colaboração «a torto e a direito», mas, um mensário de programa certo, de diretriz segura.

Falta de garantias por parte das oficinas que,, posteriormente, encontramos e falta de confiança de nossa parte nelas, foi o motivo da revista, O LAR, deixar até hoje, de saír.

A interrupção de O LAR não deu, felizmente, prejuizo a ninguém.

Antes, amargou decepções pequeninas e prejuizos somenos, embora nenhum onus criasse para a instituição de que foi órgão.

* * *

O LAR sairá feito revista.

Quando?

Se não encontrarmos, à mão, uma oficina que nos inspire confiança, disposta a cumprir os compromissos assumidos, quando o *Lar de Jesus* dispuser de sua oficinazinha própria.

Sairá como revista e com o mesmo programa que se traçou, cujo progama é o objeto das perguntas que, à miude, ouvimos e lemos sôbre êle.

E tais perguntas foram que nos arrastaram a esta explicação necessária.

Deus é maior. E para cada problema surgirá, a seu tempo, a solução necessária.

Leopoldo Machado.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr. $50,00	Do 4.° ano Cr.$ 50,00	Do 5.° ano Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . . 50,00	Do 7.° ano . . 50,00	Do 8.° ano . . 50,00
Do 10.° ano . . 50,00	Do 11.° ano . . 60,00	Do 12.° ano . . 60,00
Do 13.° ano . . 60,00	Do 14.° ano . . 60,00	Do 15.° ano . . 70,00
Do 16.° ano . . 80.00	Do 17.° ano . . 60,00	Do 18.° ano . . 60,00
Do 19.° ano . . 60,00	Do 20.° ano . . 60,00	Do 21.° ano . . 60,00

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2391unse

No. 7-8 [illegible]

IO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1947 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Reverenciando uma data . . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Respostas e Pontos de Vistas . . . *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
O Pharaó Mernaphtah . . . . . . *Aurelio Valente*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
«In Hoc Signo Vinces» . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Cosme Mariño . . . . *Redação*
Vamos lêr Kardec? . . . . . . *J. Herculano Pires*
O Mundo da Éra Atômica . . . . *Max Kohleisen*
Nascimento e Morte . . . . . . *Walter Radamés Accorsi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1947 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Reverenciando uma data

A-pesar-de não ter atingido ainda um século, a História do Espiritismo, que é a revivificação do véro Cristianismo, acha-se enriquecida de inumeráveis factos extraordinários comprobativos da sobrevivência individual e de nomes de eminentes personalidades na ciência, na filosofia, nas letras, enfim, em todos os ramos da atividade humana, nomes que seriam o bastante para testemunhar o valor da Doutrina Espírita no árduo trabalho de conduzir a humanidade ao suntuoso templo da Verdade, libertando-a das densas trevas da materialidade para as regiões da Luz.

Em quasi todas as nações dêste pequeno mundo, que, no concerto universal não representa mais que um grão de areia nas profundezas de um Oceano, o Espiritismo registra nomes de notáveis personalidades que o proclamam como a Ciência da Alma, que resume o seu tríplice aspecto : ciência, filosofia e religião.

Na França, além do Coodificador, citamos por exemplo, o Professor Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris; Dr. Paul Gibier, antigo interno dos hospitais de Paris, laureado pela Faculdade de Medicina, diretor do Instituto Pasteur de New York; Coronel Albert de Rochas, admistrador da Escola Polytécnica de Paris; Camille Flammarion, notável astrônomo.

ALLAN KARDEC

Na Inglaterra : William Crookes, da Sociedade Real de Londres ; A. Russel Wallace, presidente da Sociedade de Antropologia ; Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham ; Hodgson, Myers e Frank Hales, professores na Universidade de Cambridge.

Na Alemanha: Zöllner, professor de astronomia na Universidade de Leipzig; Barão Carl du Prel, doutor em filosofia; Fechner, Weber, professores na Universidade de Leipzig.

Na Russia: A. Aksakof, conselheiro privado do tzar Nicolau II; Wagner, Ochorowicz, Danilewsky, professores na Universidade de S. Petersburgo.

Na Espanha: Professor D. Manuel Otero Acevedo, de Madrid; Dr. D. Victor Melcior y Farré, médico e filósofo de Barcelona; D. Quintin Lopez, diretor da revista «Lumen», de Barcelona.

Na Itália: Schiapparelli, diretor do Observatório de Milão; Cezar Lombroso, professor de antropologia na Faculdade de Medicina de Turim; Professor Ercole Chiaia, de Napoles.

Nos Estados Unidos: Dr. Hyslop, professor de lógica e de ciência mental na Universidade de Columbia; Edmonds, antigo presidente do Senado; Robert Hare, professor de Química na Universidade de Pensylvania.

No Brasil: Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Dr. Antonio Luiz Sayão, Dr. Antonio Pinheiro Guedes, Dr. Francisco Raymundo Ewerton Quadros.

Eis aí a nomenclatura resumida dos grandes homens que ilustram os anais do Espiritismo. Se fossemos citar os nomes de outras não menos ilustres personalidades que adotam os princípios da Doutrina Espírita, supomos que encheriam todas as páginas desta revista. Isto quer dizer que Allan Kardec, além da Falange de Espíritos iluminados que lhe prestaram apôio decisivo na coodificação da Doutrina foi e está sendo secundado por homens de valor incontestável nos meios mais cultos. Não será, portanto, a perseguição sistemática dos seus detratores que conseguirá empanar o brilho da sua monumental obra, porque ela está alicerçada nos factos que enriquecem os anais do psiquismo. E além disso está amparada pelo Alto, que, à medida que o tempo avança mais vigor lhe dá com a reprodução ostensiva de factos comprobativos da existência do espírito e sua imortalidade.

No dia 3 dêste mês, transcorreu o 143.° aniversário do nascimento de Allan Kardec e, assinalando o auspicioso acontecimento, que motivou êste artiguete, rendemos a êsse missionário do Alto, num preito de grande estima e amor, as nossas homenagens.

Salve, Allan Kardec!

A rapidez com que o Espiritismo avança em todas as direções é o resultado da reprodução, em escala cada vez mais crescente, dos fenômenos chamados supranormais, comprabativos da sobrevivência individual, e dos seus ensinos vasados na moral evangélica e nas promessas de um mundo melhor.

Iluminando consciências obscurecidas pelo materialismo e confortando corações, o Espiritismo, que é a revivificação do vero cristianismo, está conquistando em todas as almas sedentas de paz e de progresso, um lugar de destaque.

Podemos afirmar que, quando o Espiritismo tiver implantado no mundo o reinado do Espírito, e isto será um facto, os homens terão resolvido todas as suas dúvidas e problemas.

L. B.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO IX

Efeitos das substâncias imponderáveis

A luz do sol produzia, na Sra Hauffe, efeitos físicos variados. Produzia-lhe, entre outros, dôr de cabeça, e, durante seu sono, ela pedia que se colocasse um pedaço de gêlo na cavidade do seu estômago, quando se achasse exposta a essa luz, que não podia suportar.

As diversas côres do prisma tinham também, cada uma, seu efeito particular. O luar não a afetava quando não o olhava, senão experimentaria melancolia e um frêmito de frio. Era extremamente sensível à tempestade; percebia relâmpagos que ficavam inteiramente invisíveis e via outros antes de nós. Quando a atmosfera estava carregada de eletricidade, se alguém a tocasse com o dedo, via ela pequenos clarões que subiam para o teto; tais clarões eram, nos homens, incolores, ao passo que eram azues nas mulheres.

Percebia também eflúvios da mesma natureza, com muitas variedades, saindo dos olhos de diversas pessoas. Não podia beber água de chuva de tempestade por causa do calor que isso provocava nela, porém, em outras ocasiões, tal lhe agradava. Como se via, a eletricidade, em tôdas as suas formas, a afetava profundamente.

A Sra. Hauffe não podia viver sem deixar a janela aberta; dizia que tirava do ar princípios vivificantes. Era de opinião que não se tratava simplesmente de um ato de superstição o costume de se abrir a janela do aposento, no momento da alma partir, mas que isso facilitava o seu desprendimento do corpo. Acreditava também que se achavam no ar certos princípios de que os espíritos se serviam para se tornarem visíveis e se fazerem ouvir pelos mortais. Cria que tais substâncias podiam ser nocivas a outrem, mas que seus efeitos só eram percebidos por ela. Jamblico acreditava que a alma, no momento da sua partida, era cercada de um envólucro, que guardava tôdas as formas da pessoa. Paracelso afirmava que o homem não se nutria só pelo estômago, mas também por todos os seus membros, que extraiam sua alimentação dos quatro elementos de que se compunha o ar.

A Sra. Hauffe era extremamente sensível a tôdas as moléstias contagiosas e epidêmicas. Mais se elevava no espaço, mais anormal e magnético se tornava o seu estado. No vale, sentia-se opressa, pesada e sujeita a convulsões. Era muito afetada pelo vento, sobretudo se de borrasca e, embora fechada num quarto, podia dizer de que ponto êle soprava.

A música mergulhava, muitas vezes, a Sra. Hauffe em estado sonambúlico, tornando-a clarividente e fazendo-a falar em versos. Pedia-me para magnetizar, aos sons da harpa judia, a água que bebia, e, mesmo quando a bebesse assim magnetizada, sem o saber, começava logo a cantar.

O profeta Eliseu nos fornece um exemplo da excitação da vida interna pela música. «Quando levado à presença do rei de Israel, êle lhe pediu para fazer vir um músico e, logo que êste fez vibrar as cordas do instrumento musical, a mão do Senhor desceu sôbre Eliseu e êle profetizou».

CAPÍTULO X

O que a vidente percebia nos olhos humanos

Quando a Sra. Hauffe olhava na vista direita de uma pessoa, através da própria sombra refletida, via uma outra, que não era, evidentemente, nem a sua, nem a da pessoa na vista da qual olhava. Julgava que era o retrato da personalidade espiritual de tal pessoa. Em muitas, essa imagem interna se produzia mais nítida que a externa; outras vezes era o contrário. Isto anunciava o caracter da pessoa e, em grande número, essa imagem era mais bela e mais pura que a outra. Se ela olhasse na vista esquerda, via logo de que doença interna sofria tal pessoa, quer do estômago, quer dos pulmões ou de qualquer outro orgão, do que fazia prescrição.

Na minha vista esquerda, leu prescrições que eram indicadas para ela mesma. Na de um homem que só tinha o olho esquerdo, viu, ao mesmo tempo, sua doença interna e a imagem da sua personalidade interior. No olho direito de um animal — cão, passaro — via uma chama azul, sem dúvida sua parte espiritual ou alma.

A êste respeito, fêz Schubert a seguinte observação: «Vemos, muitas vêzes, nos olhos de um animal, reflexos de um mundo oculto e secreto, que, como através de uma porta, põe em comunicação o outro mundo com o nosso. Bastas vêzes, nos olhos de um animal moribundo, inutilmente morto ou torturado pela mão do homem, vemos uma expressão da sua consciência íntima que se prepara para levar testemunho contra nós, no outro mundo».

Ela dizia que não era com a sua vista carnal mas com a sua vista espiritual, que tinha dentro de si, que via a segunda imagem nos olhos dos outros e que via os espíritos. Era por meio dessa vista interna que Jacob Boheme observava tôda a criação e reconhecia as essências, usos e propriedades das plantas, etc. Os olhares de certas pessoas punham logo a Sra. Hauffe em estado sonambúlico. Bolas de sabão, vidros e espelhos provocavam sua visão espiritual. Uma criança tendo certo dia enchido uma bola de sabão, ela exclamou: Oh, meu Deus! vi na bola de sabão tudo em que pensei, mais longe que fôsse, e não num só momento mas em tôda a minha vida, o que me espanta».

Fiz, então, uma bola de sabão e pedi-lhe que procurasse ver seu próprio filho, que estava muito longe dela. Ela me disse que o via numa cama e isso lhe causou vivo prazer. Outra vez viu minha espôsa, que estava em outra casa, e descreveu, com precisão o lugar em que estava naquele momento, do que me certifiquei, a seguir, com cuidado.

Com dificuldade, porém, é que se a fazia olhar nas bolas de sabão. Parecia trêmula e temia ver algo que a pudesse espantar. Numa de tais bolas, viu, certa vez, um pequeno esquife colocado defronte da casa vizinha. Naquele momento, não havia nenhuma criança enfêrma, porém, pouco depois, a mulher que a habitava, lá foi dar à luz. A criança viveu apenas poucos meses e a Sra. Hauffe viu levá-la no caixão.

Se quisessemos que ela se lembrasse de sonhos que havia esquecido, bastava fazê-la olhar numa bola de sabão e êles lhe voltavam à memória. Via, muitas vezes, num copo dágua as pessoas que iam entrar em casa dela.

Quando convidada, porém, a ensaiar tal espécie de adivinhação, o fazia a contra-gosto, e às vêzes, se enganava.

(Continua)

Respostas e Pontos de Vistas

Índios, Caboclos e Pretos Velhos

A. D. L. — B. Horizonte — Parece que a questão das manifestações de índios, caboclos e pretos velhos não deve ser caso de «questão aberta, na Doutrina», como tantas. Afigura-se-nos uma questão, apenas, de lógica, factos e observações.

Meus pontos de vista, aliás fundamentados em factos concretos, aquí estão. E vale, antes, salientar que «contra factos, não ha argumentos».

a) Allan Kardec não cogitou, nem podia, da comunicação dessa gente, é certo. Mas, Kardec não deixou completa sua obra. Se a deixasse, não teria, ainda assim, dito a última palavra dentro de uma doutrina da qual – escreveu êle mesmo — «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última». Além do mais, não se lhe manifestaram, naturalmente, espíritos de índios, caboclos e pretos velhos pelo simples facto de que esta gente não viveu, nem sofreu e morreu na França. Foi no Brasil que os índios, pretos velhos e caboclos, viveram, sofreram e morreram. Logo, só no Brasil é que se póde registrar a comunicação dessa gente, é mais do que óbvio.

b) Se os caboclos, pretos velhos e índios têm alma, porque seus espíritos não se podem manifestar, também ?

c) E se não se manifestarem na sua linguagem e nos seus modos, como poderiam ser identificados?

d) Se as comunicações de outros espíritos, postos em bom estílo e cheias de ensinamentos podem ser verdadeiras, porque não podem, também, as dos índios, caboclos e pretos velhos, portadoras de belos ensinamentos, embora na linguagem deles?

e) Se ha falsidade — e as há — nas suas comunicações, também as há, e maiores, em respeitável percentagem de comunicações bonitas, assinadas por nomes ilustres. E foi a respeito de tais comunicações bonitas e em bôa linguagem, que não a propósito das dos caboclos, índios e pretos velhos, que Kardec aconselhou «era preferível recusar 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma só falsa».

f) Qualquer espírito póde ser guia de outros espíritos, encarnados ou não, em esfera inferior a sua, é claro. O aluno da 1.ª série póde ensinar o a. b. c. a outro aluno analfabeto. Não se admire de que haja professores e bachareis, médicos e militares frequentadores de centros espíritas, cujos guias espirituais são caboclos e pretos velhos. Tais médicos, professores e bachareis estão, espiritualmente, em plano inferior ao de seus guias. A prova é que nada estudam, não conhecem a codificação nem o Evangelho do Cristo, por isso que se deixam levar, sómente, pelos conselhos e lições dos tais guias...

g) Porque não devemos aceitar os conselhos e as lições de tais espíritos, se suas lições e seus conselhos são para o bem? Nós mesmos temos como espíritos familiares alguns irmãos na Espiritualidade, que são pretos velhos. De um, Jacó, temos recebido bons ensinamentos. Mormente sôbre observações de coisas da vida rural em que não somos, como citadino, versado. Espírito que nos livrou, até, uma feita, de sermos roubado, pondo o ladrão de nossa casa, alta madrugada, para fóra. De outro, que vem por velho amigo de Minas, receberamos a indicação de um remédio, que nos curou de insidioso reumatismo.

h) Os índios, pretos velhos e caboclos podem manifestar-se também, em linguágem de gente educada, se como gente educada, seu espírito andou, inutilmente, vivendo outras existências. Preferem a linguágem própria à sua condição, porque, via de regra, foram mais uteis a si mesmos e aos similhantes, na vida humilde de pretos velhos, caboclos e índios...

i) Realissimas, suas manifestações. Mas, não confundamos comunicações de espíritos com Espiritismo. O Espiritismo é uma doutrina complexa e a comunicação de espíritos, um fenômeno, por vezes insignificante, do Espiritismo. A comunicação de espíritos é de todos os tempos. O Espiritismo, de 90 anos apenas. Para que haja Espiritismo de verdade, é indispensável o estudo e a prática da codificação de Kardec e do Evangelho do Cristo, de vez que foi o Sr. Allan Kardec, o escolhido para codificá-lo, e ser o Espiritismo o Consolador, que o Cristo prometera. Sem o Evangelho, o estudo e prática das obras espíritas, não nos cansamos de repetir, há mediunismo, comunicação de espíritos, mas não ha Espiritismo.

Apêlos e Auxílios

A. D. V. — Vitória: Achamos mais do que justo, indispensável e cristão, que os espíritas de uma localidade atendam e auxiliem as obras que se constróem noutras localidades.

E fundamentamos assim nossos pontos de vista:

a) A caridade não tem pátria, localidade, agrupamento especiais. Assim, condicioná-la a êste ou aquele grupo, a esta ou aquela localidade, é circunscrevê-la.

b) Cada localidade deve bastar-se, diz o ilustre irmão. E as que forem mais necessitadas do que abastadas, ficam, assim, privadas de apelar para seus irmãos de fóra?

c) O Espiritismo é obra de cooperação. Limitar, portanto, irmãos de uma localidade a atender sómente ás necessidades locais, não será egoistizar e bairrizar seus sentimentos caridosos?

d) Figuremos que os espíritas de sua localidade não topem obras de assistência, por compreenderem e sentirem que espiritismo é sómente comunicação de espíritos, ou obra de «iluminação interior». Por seu modo de entender, os espíritas humanitários daí ficam inibidos de auxiliarem obras de fóra, que êles gostariam que existissem aí, mas que não tem possibilidade de realizá-las.

d) Dar e pedir indistintamente, elastifica superiormente o sentimento da caridade. Damos disso a prova. Quando fomos para o F. E. C. de cá, havia aí uma política rasteira, bem semelhante a seu modo de ver. Não se pedia fóra nada, nem se mandava coisa alguma para fóra. Insurgimo-nos contra essa política, passando o F. E. C. a pedir e a dar. Era então uma sala apenas de 7 por 8, com 12 bancos sem encosto. Hoje, é o que é. Felizmente, um dos centros que não tem, quasi, problemas a resolver.

Vamos dar o que pudermos e quanto pudermos e vamos pedir, sempre que precisarmos de algo, satisfazendo-nos com o que se nos der...

Leopoldo Machado.

Fenômenos de Materialização

IX

Na sessão realizada ante-ontem, dia 24, sexta-feira, no Culto Doméstico «Abel Gomes», que funciona na residência dos companheiros de ideal, Rodrigo e Madalena, o espírito dedicado de Scheila, que nos respondera afirmativamente a uma consulta por escrito sôbre se poderiam assistir aos trabalhos de efeitos físicos do Grupo «André Luiz», as senhorinhas Ilza Chaves de Almeida e Zilda Portugal, presidentes das Mocidades Espíritas de Nova-Iguassú e Petrópolis, respectivamente, depois de nos orientar e advertir da falta de vigilância que as vezes nos domina avisa-nos de que a sessão do dia seguinte seria de grandes emoções, pois nos estavam reservadas consoladoras surprezas, prometendo dar-nos, por escrita direta, um esquete em versos para ser interpretado por três elementos da Juventude Espírita «Abel Gomes» na próxima Semana Espírita de Cruzeiro, no Estado de São Paulo. Foi pois sob a égide das melhores espectativas que nos reunimos dezessete companheiros, abrindo eu os trabalhos ás vinte e meia horas, iniciando-os com o elevar os nossos pensamentos através de uma prece simples e sincera a Jesus, pedindo o Seu amparo e a assistência dos nossos guias. Faço uma ligeira esplanação doutrinária lembrando a recente partida para o plano espiritual do dinâmico divulgador do Espiritismo, o nosso ilustre confrade Frederico Figner, consolidando assim a homenagem que lhe rendera, a começar pelo discurso que fizera na tarde dêste mesmo dia, em sessão plena da Coligação Nacional Pró Estado Leigo, encaminhando a votação de um voto de pesar que fôra proposta pelo Dr. Henrique Benoit, da Igreja Positivista Brasileira o qual foi aprovado por unanimidade.

Procedí então à leitura do capìtulo «Quem semeia colherá», do livro «O Nosso Lar», sendo o comentário feito pelo confrade Vitorino Eloi dos Santos. Em seguida, faz-se profundo recolhimento espiritual, estabelecendo-se ambientação favoravel para a comunicação de um dos nossos guias para nos orientar sôbre o andamento dos trabalhos. Araci, manifesta-se, recomendando providências que foram observadas. O médium recolhe-se à câmara contígua. Canta-se o hino «Obreiros de Jesus» e faz-se uma sentida súplica ao Altissimo. O médium vidente informa-nos de que André Luiz estava na cabine e dois focos de luz, verde e vermelha se fazem nas duas extremidades da cabine, produzidos pelo patrono espiritual do Grupo. Poucos minutos mais e uma entidade materializada, apresenta-se-nos, de compridas barbas, ostentando uma luz nas mãos, em formato de coração, cintilante, apresentando um aspecto policromado, dirigindo-se ao Virgilio, na extremidade do recinto, bem junto da presidência, fazendo-lhe recomendações especiais de carácter individual e voltando ao centro da assistência, daí fazendo uma sublime esplanação evangélica. Pedi-lhe que me ajudasse a desincumbir-me de uma dificil tarefa que tinha recebido do confrade Batista Lino, de S. Paulo, no sentido de ampliar a biografia do luminoso espírito, que forma um capítulo do meu «O Retumbar da Trombeta», pois que ficaram de me fornecer os dados que me faltam, respondendo-me, numa demonstração do seu espìrito de grande modéstia, que melhor seria que escrevesse sôbre o

Espiritismo, ao que retruquei que também achava valioso o trabalho de estimular os nossos confrades na prática do bem, pelos exemplos de abnegação, renúncia e sacrifício que foram o apanágio da sua vida, nada me dizendo mais a respeito, continuando a nos dar excelentes conselhos de ordem doutrinária. Recolhendo-se à cabine, vários flocos de luz intermitente, côr de fôgo, se fizeram, tomando todo o ambiente. O espírito amigo de José Grosso fala-nos, em voz direta, e presenteia-nos com várias pedras, sendo que a maior, um semi-lapidado cristal de rocha, destina-o ao Inácio. Scheila, perfeitamente materializada, ostentando duas grossas tranças louras, vestindo traje de côr branca, braços cruzados, esplanando sôbre diversos textos evangélicos, num português duro, puxando ao sotaque alemão. O José Grosso fala-nos em seguida, mais uma vez. E como todos lhe pedissem que, se fosse possìvel, nos aparecesse materializado, êle respondeu : talvez ! E uma voz diferente se ouviu, pedindo uma vela de espermacete, afim de fazer, dizia, uma experiência com um trabalho manual, com o auxilio de parafina. E o espírito vem á assistência para receber das minhas mãos a vela, pensando uns, que fosse Scheila, outros o José, pois que a escuridão não deixava identificar o espírito, principalmente áqueles que estavam a maior distância. Foi quando a Madalena gritou : «é meu pai». O espírito que desejava conservar-se incógnito, acabou por se deixar conhecer, sorrindo, ficando confirmada a opinião da nossa irmã. Daí a pouco o espírito volta, dizendo ter fracassado na experiência, tocando várias pessoas presentes e distribuindo essências finas, de perfume agradável e penetrante, dando um recado particular, à Gení, sua nora. Canta-se «Almas Gêmeas» e o vulto de Nina se apresenta, semi-materializado, junto ao této e o espírito de Neuza Magaldi aparece no plano inferior, ao nível da assistência. O Fidelinho também se materializa, andando de um extremo ao outro da cabine, envôlto da sua luz característica e na sua estatura minúscula, ostentando uma tocha de luz de diferentes matizes, a lembrar um brazido colorido, espécie de píra de fogo encandescente. Sucede-lhe Scheila recomendando que acendessemos a pequena lâmpada verde para que pudessemos apreciar a materialização de um espírito nosso amigo, desincarnado ha tempos, e que pela primeira vez se nos iria apresentar. E logo aparece do lado direito da cabine um vulto de mulher, de idade avançada, vestindo saia franzida, tipo de camponêza, dirigindo-se á assistência, confessando-se «mãe Iza» ; sogra do Prof. Leopoldo Machado, e entretendo com o Vitorino, de quem fôra muito amiga em vida, animada palestra, dizendo que sua intenção era dar-lhe um abraço mas que o não podia fazer, devido a estar muito emocionada.

Pediu para que dessemos um beijo à Ilza, sua neta e um grande abraço a D. Marilia, sua filha, desaparecendo em seguida. Poucos instantes mais e uma voz, que todos reconheceram ser do caro espírito de David, declamando versos sonorissimos, perfeitos, que eu identifiquei logo serem da autoria de «Abel Gomes» tão familiarizado estou eu com as produções poéticas do grande amigo, quer da Terra, quer do Espaço, o que foi confirmado depois pelo José Grosso, dizendo que aquela poesia o Abel a desejara escrever no album da Dulcinha, o que não fez por ela se ter esquecido de traze-lo, porém, que o faria em outra oportunidade. O Abel também fala, dirigindo-se ao Virgilio, instruindo-o para animar a difusão da Doutrina em Astolfo Dutra, onde reside, tratando-o com ternura e bondade... Rodolfo Fritz, o espírito amigo que fora irmão carnal de Scheila, fala-nos em voz direta, informando que os nossos trabalhos deveriam ser encerrados e dando-nos outras elucidações de fundo moral e espiritual. Feita a prece final e despertado o médium, depois de lhe ser ministrado um passe magnético, termina a memorável reunião, quando então fomos deparar com três tiras de papel escrito em côr verde, com o verso em alto relêvo apresentando, êste, as côres azul e vermelha, contendo o esquete que se segue :

«Fé, Amor e Caridade»

(Trilogia em verso)

Cenário — uma paisagem, campo, etc.

Personagens — 3 jovens vestidos simbolicamente.

Caridade — Represento a Caridade
Ensinada por Jesus,
Pois sou um rastilho de luz
De pura e excelsa igualdade !

Sou vida, fôrça e ação
E amenizo os sofrimentos!
Sou filha da vibração,
De elevados pensamentos!

Diz a Doutrina, em Verdade,
Nesta sublime lição:
«Quem não tiver Caridade
Jamais terá salvação».

Amor — Eu represento o Amor
E sou a essência da vida.
Para o consôlo, na dôr,
Sou a estrela preferida.

A minha missão é unir
Essa pobre humanidade,
Procurando transmitir
A santa luz da Verdade.

Porém sou mal compreendida
Pelo infiel pecador,
Que diz que os gozos da vida
Sou eu o impulsionador!...

Fé — Raciocinada, sou fonte
De água viva, e de beleza;
Sou eu quem transporta o monte
Do pecado e da incerteza.

A quem me segue, abro a porta
Oculta da incarnação,
Minha influência o transporta
Ao templo da redenção.

Minha fôrça está na prece
Pura e cheia de esperança,
Que o pecador enternece,
Com altiva confiança.

Caridade — (falando) — Inda o homem
[não compreende
A nossa missão na Terra...
Amor — De nós, faz tudo o que entende,
Por isso até nos faz guerra!

Fé — Nós temos alma e vibrante
Que ao homem traz a Verdade,
Libertando-o, num instante,
Da atrofia da maldade.

(Virando-se para a Caridade) — Tu tens
[alma oh! Caridade!...
E' tua alma verdadeira
A santa fraternidade,
Tua amiga e companheira.

Fóra dela, oh! Caridade,
E's só vaidade em ação!
E' comum na humanidade
Essa triste exibição.

Fé (virando-se para o amor) — O' meu
[irmão tu tens alma,
Vibrando nos sentimentos;
E's o bálsamo que acalma
Todos os padecimentos.

E's um grandioso edifício
Contendo uma alma amorosa:
De renúncia e sacrifício,
E' tua vida esplendorosa!

E a minha alma é milenária
Feita de dôr e aflição;
Ela se faz necessária
Para toda evolução.

Caridade — Com nós três a humanidade
Conquistará paz e luz...
Amor — Compreenderá a Verdade
Ensinada por Jesus.

Todas (pausadamente) — Quem nos qui-
[ser encontrar,
Com carinho e dinamismo,
Ha de, afinal, nos achar
No seio do Espiritismo!...

Scheila».

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1947.

Amadeu Santos.

Os chamados mortos nos batem à porta para nos falar da Vida. Aqueles que nos precederam, voltam para nos ensinar o caminho, nos sustentar nas lutas, nos amparar nas quédas, nos iluminar e nos dizer que os horizontes da Vida não têm fim, que o túmulo não é o ponto final da existência. Suas palavras falam à alma e ao coração, vibram em nossa mente, exaltam o raciocínio e fazem desaparecer a negação e a dúvida.

CAIRBAR.

O PHARAO' MERNAPHTAH

AURELIO VALENTE

UMA sugestiva e inteligente maneira de fazer propaganda de um ideal, de uma doutrina filosófica ou religiosa, é sem dúvida alguma, o romance.

A exposição doutrinária, escrita ou falada, se não fôr feita por pessoas experientes que saibam atrair, já pelo entusiasmo, já pela beleza da forma, já pelo encanto da construção de suas frases, acaba por causar tédio e sono. O mesmo não acontece com o romance.

O leitor toma interêsse pelo enredo, apaixona-se pélos personagens, chega por vezes, ao ponto de amar um dos que lhe provocou mais simpatia embora saiba que a obra não passa de uma ficção.

E' por essa razão que os missionários da Nova Revelação baixaram à Terra, cada um com determinada tarefa a executar.

O Conde de Rochester teve a sua, ensinar o Espiritismo por meio do romance. Quem, mesmo sem ser espírita, deixa de lêr *«A Vingança do Judeu?»*. O número de leitores dêsse notável romance é mais elevado do que se possa porventura imaginar. O Chanceller de Ferro, Herculanum são outras obras valiosas.

Agora a Editora Moderna vem de lançar o Pharaó de Mernephtah. O romance foi traduzido por B. Bicudo e prefaciado por M. Quintão. Tudo recomenda êsse livro. A tradução é devida ao conhecido propagandista coronel Brocardo Bicudo, o prefácio é de Manoel Quintão o decano dos propagandistas do Brasil, o confrade que reune à sua experiência de largos anos de prática do Espiritismo, um notável patrimônio de conhecimentos gerais. O autor não precisa de qualquer recomendação, só o seu nome importa numa credencial.

O romance vem nos revelar cousas interessantes que se relacionam com a Bíblia.

Mernaphtah é o nome do célebre pharaó que esteve empenhado em luta com Moysés quando êste se tornou comandante dos judeus para libertá-lo do jugo dos egípcios.

Lendo esse romance compreendemos como eram provocadas as pragas que hoje nos parecem puras fantasias.

O Conde de Rochester relata a vida do pharaó, de Moysés e de outros personagens daquele tempo, salientando-se Pinehas, mago de profundo saber, mas que tinha a alma obscurecida por uma ambição desenfreiada e um amor impuro.

Por êsse livro o leitor meditará que muita cousa que nos parece ridícula e sem utilidade tem a sua razão de ser, e por êsse motivo, já formulamos êste conceito: *«em toda superstição existe algo de verdade oculto»*. O estudioso portanto, não desdenhará daquilo que os que a si mesmo se classificam de *espíritos fortes*. Não lançará, por exemplo, anátemas sôbre as defumações, nem rirá de certos rituais usados pelos adeptos de outros credos. Não tomará como fantasia a flauta do fakir para atrair serpentes.

O mago Pinehas tinha o segredo disso. Foi com defumações e sons particulares emitidos por flautas preparadas para êsse fim, — que êle provocou umas das pragas que assolaram o Egito, presservando ao mesmo tempo os hebreus. Os maviosos sons da flauta atraiam ratos, rãs, escorpiões e toda sorte de animais daninhos, enquanto que as defumações os afugentavam, assim, saindo dos seus esconderijos êsses animais corriam desnorteados por toda parte, mas não entravam em casas dos judeus por causa das fumigações.

O pharaó Mernaphtah é um livro que se recomenda, a sua leitura atrai e seduz, além disso, também é instrutiva.

Dizer mais seria tirar ao leitor o encanto das agradáveis surprezas e ensinamentos.

E' portanto um livro que agrada do princípio ao fim.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— II —

Na primeira parte de «Do Inconsciente ao Consciente», Geley analisa as teorias naturalistas clássicas da evolução para demonstrar que

«1.º Os fatores clássicos são incapazes de fazer compreender a origem das espécies.

«2.º Os fatores clássicos são impotentes para fazer-nos compreender a origem dos instintos.

«3.º Os factores clássicos são incapazes de explicar as transformações bruscas criadoras de novas espécies.

«4.º Os fatores clássicos são incapazes de explicar a «cristalização» imediata e definitiva dos carácteres das novas espécies ou dos novos instintos: o facto de êstes caracteres, em suas grandes linhas, adquirirem-se mui rapidamente, e, uma vez adquiridos, ficarem imutáveis.

«5.º Os fatores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução que, do simples, faz surgir o complexo e do menos, o mais.»

Nos capítulos que seguem vai demonstrando as cinco teses acima, à luz dos factos observados na natureza, ficando assim evidenciado que a ciência clássica, materialista, não entende a evolução e formula um cipoal tremendo de hipóteses que nada esclarecem. E' inconcebível a evolução sem admitir-se a existência de um dínamo-psiquismo que preexiste e sobrevive ao indivíduo.

Na segunda parte do livro, o Autor estuda a concepção psico-fisiológica clássica do indivíduo. A ciência materialista é incapaz de explicar como ocorrem os fenômenos da manutenção e reparações do organismo, conservando êste a sua unidade a despeito da sucessão das células; não explica as metamorfoses embrionárias e post-embrionárias; não explica a fisiologia chamada supranormal, como nos casos de materialização de órgãos ou corpos inteiros.

Trata do fenômeno da histólise. Êsse fenômeno consiste em desagregar o inseto o seu corpo para saír da crisálida. Torna-se o corpo uma substância amorfa unificada, da qual desaparecem as distinções orgânicas e específicas. Dá-se o mesmo que no fenômeno das formações ectoplásmicas, em que a matéria sai do corpo do médium ora como uma neve, ora como uma massa, e depois forma as materializações. O Autor diz que «o corpo do inseto se desmaterializa».

Entra a seguir no problema da fisiologia supranormal: as materializações de órgãos ou de corpo inteiro. O Autor estudou minuciosamente as materializações e demonstra que a ciência clássica não tem explicação alguma para êsse fenômeno, mas não lhe é possível mais negá-lo.

Geley testemunhou pela vista e pelo tacto êsse fenômeno extraordinário. A substância amorfa saída do corpo da médium tornou-se uma cabeça, logo depois se transformou em uma perfeita mão, etc.

Esses factos revelam, — do mesmo modo que na fisiologia normal a conservação do indivíduo — a existência de um dinamismo superior que governa a matéria orgânica. Só a existência dêsse dinamismo permite compreender a organização da vida. Existe nesse dinamismo uma idéia a que êle obedece. Essa idéia toma forma, ou modela a matéria viva, existindo, portanto, uma ideoplastia. A observação desse facto é a derrocada total da fisiologia materialista.

O Autor faz um paralelo das concepções fisiológica clássica com a nova concepção e estabelece o confronto seguinte:

«Concepção clássica»: «O organismo é um méro complexo celular. O dinamismo vital não é mais do que a resultante sintética dos proces-

sos biológicos e do funcionamento fisiológico. Fenômeno vital primordial: mistério. Forma específica: mistério. Formação do organismo: hipóteses vagas e insuficientes. Manutenção do organismo: hipóteses vagas e insuficientes. Reparação orgânica: hipóteses vagas e insuficientes. Desenvolvimento embrionário: mistério. Desenvolvimento post embrionário: mistério. Metamorfoses: mistério. Histólise do inseto: misterio. Manifestações sensoriais sem intervenção dos orgãos dos sentidos: mistério. Manifestações motrizes sem a intervenção dos músculos: mistério. Manifestações ideoplásticas: mistério. Materializações: mistério.»

Tudo trevas, mistério, incompreensão para a ciência materialista. Pela *concepção nova*: «O complexo orgânico, seu funcionamento e todos os processos vitais, são dirigidos por um dinamismo superior. Todos os fenômenos se explicam pela ação de um dinamismo superior: ação geradora, diretora, centralizadora, conservadora e reparadora. A noção concreta dêste dinamismo deve substituir a noção abstrata da idéia diretriz. Os fenômenos se explicam pela ação extra-orgânica do dinamismo vital. O dinamismo condiciona o organismo, em vez de ser condicionado por êle. Pode, portanto, separar-se dele e até desorganizá-lo parcialmente, para reorganizá-los em formas, em representações diferentes e distintas.»

Como se vê, a fisiologia materialista é toda cheia de mistérios insondáveis, mas basta admitir a existência do Espírito, para que tudo se explique facilmente.

Se a individualidade fisiológica é incompreensível sem o Espírito, mais difícil ainda se torna compreender materialisticamente a individualidade psicológica.

“IN HOC SIGNO VINCES”

Foi à luz sublime do Cristianismo nascente, que Flávio Aurélio Cláudio, depois Constantino, o Grande, imperador do Ocidente, desfraldou o *labarum* sagrado que devia anunciar, inaugurando-a para a espécie humana, a nova época memorabilíssima da LIBERDADE RELIGIOSA.

Mais de dezesseis séculos são decorridos, desde que foi assegurada a todos os povos da incipiente civilização cristã essa abençoada outorga — e assistimos ainda, contristados, às insidiosas maquinações com que certas correntes ideológicas tentam insurgir-se contra uma relevante conquista do espírito humano, que estereotipou na fronte do homem a marca indelével da sua origem divina.

O atributo que Deus houve por misericórdia conceder a todas as suas criaturas dotadas de inteligência: o *livre arbítrio*, a ninguém cabe o direito de suprimir-lhes, impunemente. E do livre arbítrio a mais nobre expressão é a liberdade de consciência.

Suprima-se tudo do homem: a liberdade de locomoção, se for isso imprescindível para que nas vias públicas transitem apenas, num instante de conturbação social, os carros de guerra com as fôrças mantenedoras da ordem; a liberdade de comércio, se tanto for necessário para cumprir a vesânica exploração do homem pelo homem — fruto amaríssimo, mas bem amadurecido, de uma civilização de rótulo cristão e de índole acentuadamente materialista...; suprima-se tudo do homem, contanto que se lhe deixe a liberdade religiosa.

O edito de Milão jamais pode ser considerado como o início de um processo de domesticação da consciência humana. Vencerá a Igreja que melhores condições oferecer de aparelhamento do espírito para a conquista da imortalidade. A Igreja livre no Estado livre, é e será sempre a lídima expressão da democracia.

Por êsse motivo, temo-nos insurgido contra todas as correntes políticas que pretendam, de leve que seja, tocar nesse dom sagrado do espírito do homem: a liberdade de escolha em matéria de religião.

Fomos, em Santa Catarina, dos raríssimos que denunciaram, da tribuna da Imprensa, os verdadeiros intuitos do integralismo. Sabe-o bem o insigne chefe do Partido Social Democrático, que tem hoje em suas mãos as funções de vice-presidente da República e as responsabilidades de coordenador das várias correntes partidárias, no sentido da boa prática do regimen republicano em nossa Pátria. Estamos sendo, modestissimamente embora, nas tribunas religiosas da metrópole brasileira, dos poucos que denunciam aos seus confrades e aos seus contemporâneos, os erros tremendos do «marxismo» subversivo que pretende reduzir todas as graves questões da Sociologia moderna a um simples problema de produção e consumo, para resolvê-lo muito à margem da Economia Política... *Horresco referens!*

Aquilo a que chamam comunismo cristão (dando às palavras significação que etimológicamente não comportam), tão distante está dessa horrível deturpação sociológica, que é o marxismo, como a luz tonificante do sol, recebida pelos sêres organizados, à superficie da Terra, daquela que os reduziria instantaneamente a simples gazes, se recebida pelos mesmos sêres à superfície do astro fecundante...

Basta recorrer-se à história dos primeiros tempos do Cristianismo, para se conhecer imediatamente toda a verdade a respeito do assunto. Assim, em «Atos» (II, 42 a 47), lê-se textualmente: «E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão e no partir do pão e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e repartindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e tendo graça para com todo o povo. E todos os dias acrescentava, o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar».

Quão diferente era essa atitude fraterna dos verdadeiros seguidores do Cristo, da atitude recomendada e seguida, na atualidade, pelos que desejam ter tudo em comum! Os primeiros, possuídos da certeza do Cristo, que os advertira: «O meu Reino não é dêste mundo» — buscavam na prática da caridade, no desprêzo dos bens terrenos, o mérito cristão, a posse dêsse Reino prometido por Jesus; os segundos, contemporâneos nossos, desorientados por uma doutrina férreamente materialista, cujos princípios lhes são propinados pelos filosófos ateistas do «marxismo» ou «materialismo dialético» que tanto se apregôa, como última palavra de verdade social — querem tudo destruir de alheios têres, para se locupletarem, na ruina dos outros, com os bens assim baixados ao alcance das suas mãos, e em greves e manifestações hostis à ordem constituida, perturbam a paz social, tão necessária à boa administração da cousa pública.

Davam, os cristãos, por amor uns aos outros, o que imprescindível se fazia à manutenção de todos; os do «materialismo dialético» sacrificariam ao ódio de uns e bem estar de outros, para chegarem à conquista dos seus objetivos sociais. As duas doutrinas — a do Cristo e a de Carl Marx — são substancialmente antagônicas: quem a uma se filia, tem necessariamente de repudiar a outra.

A doutrina do Cristo é feita de bondade e de misericórdia: «Misericórdia quero, diz o Senhor, e não sacrifício».

Eduquemos, esclareçamos as massas humanas que vivem no abençoado solo do Brasil — e as desentorpeceremos de uma espécie de paralisia sentimental que, epidemicamente nos chegou, trazida de climas alienígenas onde se desenvolveu e grassa endemicamente, graças ao caldo de cultura de um capitalismo, sórdidamente materialista também, que feixara as portas do coração humano à piedade para com os humildes. Temos grandes problemas de ordem social a resolver — e para isso precisamos de absoluta liberdade religiosa, liberdade de consciência, liberdade de pensamento. Os que abusam dessas liberdades, serão a seu tempo lançados nas trevas exteriores, «onde há prantos e ranger de dentes», na advertência do Mestre; mas, porque há abusos de liberdade, não se segue que a devamos suprimir. Há quem abuse de tudo quanto é util ao homem, para prejudicar ao próximo ou a si mesmo; mas seria ridículo, por isso, proibir-se o uso de qualquer dessas utilidades...

A época é de renovação de valores, dentro das normas da livre consciência.

Precisamos prestigiar a fortaleza dos bem intencionados e convencer os epicuristas que assaltam as funções de representação partidária, apenas para melhor servirem a interêsses pessoais, que mais à vontade se encontrariam em seus labôres de atividade particular do que em funções que exigem desinteresse individual e espírito público. Mas um tal objetivo sómente atingiremos com a educação moral e cívica do homem, como afinal está se processando, em uma campanha oficial de alfabetização, que deve chegar ás suas últimas consequências, custe o que custar.

Vencida essa primeira etapa, a própria sequência lógica de um belo programa cuja idealização está na consciência de todos os homens de bem, indicará as reformas, que urgem, de uma legislação ainda eivada de meros pendores materialistas, mas à qual sómente se poderão imprimir profundas alterações de natureza moral, cristãmente alicerçadas, quando a educação das massas as comportarem: «Cada povo tem o governo que merece».

Aparelhemo-nos, portanto, para os belos dias que se aproximam. Sejam quais forem as últimas consequências do entrechoque formidoloso de idéias e de princípios, a que estamos assistindo como observadores impossibilitados de agir; deflagrem elas em uma guerra universal de extermínio apocalíptico ou encerrem êste conturbado ciclo histórico com uma apoteose ridente de Paz; de qualquer forma que seja, atingirá a espécie humana o seu *climax* luminoso de progresso intelectual, moral e científico, pois a civilização já não póde mais perecer, graças ao seu caracter universal que a diferencia essencialmente das anteriores civilizações regionalistas.

E, não perecendo a civilização, terá ela, fatalmente, de converter-se ao Cristianismo, porque esta é a fôrça maior que se exerce sôbre o mundo moral.

IN HOC SIGNO VINCES.

Arnaldo S. Thiago.
Do P. E. N. Clube do Brasil.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

TÊM RAZÃO? — Inácio Ferreira — Uberaba.

O Misoneismo é de todos os tempos.

E o combate às idéias novas deriva sempre de duas fontes: da ignorância e do interêsse.

Tal combate derivado do interêsse é mais perigoso, menos elevado e menos nobre.

Toda idéia nova — já escrevera William James — passa, via de regra, por varias fases dêsse combate.

A princípio, negam-na sistematicamente.

Depois, dão-se-lhe certas concepções, a *póde ser, é possível, nem tudo é falsidade...*

Depois, toleram-na. Por último, sentem, até, orgulho e desvanecimento com pertencer e professar tais ideiais, tais doutrinas...

Foi assim com o Judaismo.

Assim teria que ser com o Cristianismo.

Seria assim com o Catolicismo, terçando armas contra o paganismo, de que saiu vencedor, devido a bandeira que desfraldou com o nome de Cristianismo, mas, ficou meio vencido, porque se mesclou de práticas e ritos pagãos.

Assim deveria ser com o Protestantismo.

Porque escaparia o Espiritismo da regra geral?

Acresce, ainda, que as outras doutrinas aí em cita, só mexeram, no seu advento, com as doutrinas religiosas existentes.

O Espiritismo apareceu mexendo com as doutrinas religiosas e científicas, com ciências filosóficas e sociais, com ideologias pedagógicas e morais, que o Espiritismo, pela complexidade de seu organismo, é tudo.

Teria, fatalmente, de agitar mais, de mais irritar e indispôr. Mormente aos prejudicados com o seu avanço, com a sua implantação.

Ora, se as massas, influenciadas

pelo Espiritismo, só têm a lucrar, lucros a partir mesmo da conquista da Salvação, sem passar procuração e dinheiro a homens assalariados entre elas e Deus; lucros a partir do equilíbrio e conservação da saude, que podem conseguir com suas preces sinceras e com os passes generosos de seus irmãos, desinteressados; outrotanto não poderia acontecer com as doutrinas que assalariam homens para cuidar da salvação e da saude das massas. Decorre, principalmente, daquí a hostilidade que a Igreja de Roma, o Protestantismo ás vezes, e a Medicina movem, sistematicamente, ao Espiritismo, aos espiritistas.

Ataque sem justiça e sinceridade, sem nobreza e verdade, que irrita, não raro, aos temperamentos nervosos, francos, destemorosos.

Foi êste o nosso caso.

Foi por isso que foramos arrastados, num tempo que parece já vai tão longe, a uma série de polêmicas estrepitosas, serissimas.

E é o que se dá, exatamente, com o dr. Inácio Ferreira, o apóstolo, armado em polemista invicto, de Uberaba.

TÊM RAZÃO ?, seu novo livro, recem-atirado ao público, é a prova do que afirmamos.

Inácio Ferreira está vivendo uma fase de grandes livros, pela substância, e de livros grandes, por sua apresentação gráfica.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA é, sem favor nenhum e sem nenhuma lisonja fácil a seu autor, o maior livro do ano. Por sua substância, pela coragem moral de seu autor, pelo marco científico que, com sua capacidade de espírita e de médico, plantou entre a medicina e o Espiritismo. Se tivessemos de opôr, dentro da literatura doutrinária, outra obra, por sua grandeza, ao *Novos Rumos*, só teriamos que encontrá-la em *Têm Razão*.

Não gostamos entretanto do título da obra.

Disseramos ao seu autor antes mesmo do volume entrar para os prélos. Achamos o título inexpressivo, sem significação, feio mesmo.

Pouco importa, porém, o título, se a substância é excelente.

TÊM RAZÃO ? pergunta o autor aos reverendos e médicos, que, ali e alhures, hoje como ontem, têm atacado o Espiritismo.

Claro que não têm razão.

E que não a têm, prova o grande escritor nas 400 páginas de seu volume fulgurante.

E' a história, a análise e a crítica, o estudo e o exame feitos a mão de mestre, com desassombro e, ás vezes, atrevimento, de todas as campanhas que o clero e a medicina materialista e católica têm sustentado contra o Espiritismo.

O autor farta-se de confundir e contundir os adversários, ajustando contradições sôbre contradições, desmentidos sôbre desmentidos, incoerências sôbre incoerências, ás razões e aos argumentos que tais adversários opõem ao Espiritismo.

E poderia, se quisesse, multiplicar as provas que apresenta por 5, por 10 e por 100, que o campo é fértil em provas tais.

TÊM RAZÃO é o livro que estava faltando à literatura espírita, às bibliotécas dos centros espíritas dirigidos e frequentados por estudiosos, na estante e nas mãos de espíritas cultos.

E' uma espécie de *vade-mecum* de toda sorte de argumentos lógicos, substanciosos, oportunissimos, à mão, contra toda sorte de ataques gratuitos que, por toda parte, os espíritas e os centros espíritas ainda suportam.

E suportarão até o Espiritismo chegar às esferas das doutrinas que dão honra e glória aos que as professam.

Inácio Ferreira apurou mais seu estílo no grande livro, emprestando-lhe, portanto, ao par do fulgor científico e doutrinário, o linguístico.

Menos por ser amigo do autor, e talvez, seu admirador n.º um; menos por isso do que por um dever de consciência e por um culto à Verdade, é que aquí dizemos isto de seu grande livro.

De resto, quem nos conhece de perto, e conhece nossa orientação, e a franqueza rude com que, por vezes, dizemos as coisas, podendo ferir homens para não ferir a pureza da Doutrina, não duvidará do que aquí deixamos, para estímulo e incentivo maiores do grande médico e escritor espírita de Uberaba.

E, já agora do Brasil e do mundo, porque, em parte nenhuma, na hora que passa, médico nenhum entregou ao público, com a responsabilidade de seu nome e com o desassombro que o meio, para os tímidos, ainda não comporta, obras de tanto fôlego, de tamanha coragem.

Hosanas, pois ao livro e ao seu ilustre autor.

Livros para serem aquí recepcionados, devem ser enviados para a Caixa Postal, 6 — Nova-Iguassú, Est. do Rio.

* * *

COSME MARIÑO

Em agosto dêste ano os nossos irmãos da Argentina festejaram o primeiro centenário do nascimento do pioneiro do Espiritismo na grande Republica Irmã, dom Cosme Mariño, que durante mais de meio século dirigiu a propaganda da Doutrina naquele culto país.

Durante meio século Cosme Mariño dirigiu a *Revista Constancia* e presidiu a Sociedade do mesmo nome, defendendo-as contra toda sorte de ataques de adversários por vezes violentos. Certa feita uma fanática religiosa, irmã de um Bispo, atacou o Presidente de *Sociedad Constancia* a tiros de revolver, na praça pública, deixando-o ferido, porém, não amedrontado nem desanimado.

Graças aos esforços perseverantes dêsse grande Missionário, a *Sociedad Constancia* possue uma rica sede própria, num prédio de três andares, na Rua Cangallo, coração de Buenos Aires, um grande teatro para conferências públicas, oficinas gráficas que imprimem livros e publicam mui regularmente a mais antiga revista espírita da América do Sul, a *Revista Constancia*, e o conceito de que goza o Espiritismo na sociedade argentina é dos mais elevados, apesar de ser o Catolicismo Romano a religião oficial e obrigatória daquela República.

No atual governo Peron, por pequena maioria de votos, o Congresso argentino instituiu o ensino obrigatório da Doutrina católica em todas as escolas, de todos os graus, do país ; no entanto, o Espiritismo goza de liberdade de propaganda e de organização, como movimento científico e filosófico respeitável. Deve-se êsse conceito à obra perseverante de Cosme Mariño que durante meio século manteve colunas pagas de defesa da Doutrina nos grandes diários de Buenos Aires e realizou séries de conferências públicas de grande valor cultural.

Deixou Cosme Mariño uma rica literatura espírita original e traduzida que vem sendo reimpressa pela *Editorial Constancia*.

Contemporâneo de Bezerra de Menezes, de nível espiritual tão elevado como o pioneiro brasileiro, Cosme Mariño foi um grande Missionário e cumpriu valentemente sua missão em nosso Novo Mundo.

O Brasil e a Argentina são presentemente os únicos países do mundo que reimprimem os livros de Allan Kardec em sucessivas edições. Devemos a Bezerra de Menezes e Cosme Mariño a fundação destes dois movimentos espíritas puramente kardecianos que parecem destinados a transformar futuramente o nosso mundo.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Vamos lêr Kardec?

J. HERCULANO PIRES

Kardec, em «O que é o Espiritismo», no capítulo dedicado a charlatanismo, item 92, adverte: «Entre os adeptos do Espiritismo encontram-se entusiastas e exaltados, como em tudo. São os piores propagadores, porque a facilidade com que, sem exame, aceitam tudo, desperta desconfianças. O espírita esclarecido repele êsse entusiasmo cego, observa com frieza e calma, evitando, assim, ser vítima de ilusões e mistificações».

Grande Kardec! Quanto mais o lemos, mais nos convencemos da sua atualidade, e da premente necessidade de que os espíritas se dediquem, com vontade e afinco, à leitura das suas obras. Como êle soube enxergar e prever, com admirável clarividência, os numerosos perigos que, pouco a pouco, iriam surgindo no terreno fecundo do movimento espírita! Hoje, mais do que nunca, essa advertência sensata de Kardec, que acima reproduzimos, devia ser repetida nos centros e grupos espíritas, jornais, boletins e revistas, para serenar um pouco a paixão e o desespero de certos grupos, enterrados até ao pescoço no mar das mistificações e dos charlatanismos mais desarvorados.

Entusiasmo e exaltação prejudicam o bom senso. E' verdade que, no Espiritismo, como em tudo, precisamos de boas e saudáveis doses de entusiasmo. Isso, porém, o próprio Kardec o reconhece. O entusiasmo a que êle se refere, no trecho citado, não é, entretanto, o de natureza saudável, mas o entusiasmo exaltado e mórbido, perigoso, dos espíritos arrebatados, que a tudo se entregam sem o critério da prévia observação e do contrôle racional dos factos. Ah, como tinha razão o codificador! Quantos males, quantos desastres, êsse entusiasmo cego tem causado no nosso movimento! Quantas charlatanices, das mais vulgares, andam por aí, nos centros e grupos, como objetos de uma adoração anti-espírita, ilógica e perniciosa, pondo a ridículo, perante os homens de bom-senso, a maravilhosa doutrina dos espíritos!

O espírita esclarecido, como bem o diz o Mestre, não se deixa levar pelos embusteiros da terra ou do espaço. Não alimenta no seu íntimo, no seu coração humilde, a tola pretenção de se tornar o revelador das verdades eternas para os corações incrédulos. Êle sabe que o poder de Deus é infinitamente superior a todas as suas pretenções, e que assim como êle chegou ao conhecimento das verdades espirituais, muitas vezes sem o querer, assim também outros chegarão, quando Deus o quiser, sem necessidade dos esforços malabaristas dos homens. Êle sabe, ainda, o espírita esclarecido, que o Espiritismo é uma doutrina de esclarecimento interno do homem, e que não se imporá ao mundo pelas demonstrações fenomênicas, mas pelo poder de transformação moral que revelar na prática dos seus postulados divinos.

Kardec está hoje relegado, infelizmente, a um plano secundário, nas cogitações dos nossos confrades. Se os seus livros fossem lidos com seriedade, fossem estudados com critério, o movimento espírita não estaria na confusão em que atualmente o vemos, necessitando muito esfôrço dos adeptos mais sensatos e mais objetivos, para que tome, afinal, o rumo verdadeiro que lhe compete. Kardec, — chegam mesmo a dizer alguns elementos, — já foi superado pelas revelações de André Luiz, de Emanuel, de Humberto de Campos... E se esquecem, e não enxergam, na sua cegueira, que todos êsses grandes espíritos nada mais teem feito do que procurar transmitir, nas suas mensagens, um pouco mais de Kardec aos nossos kardecistas renegados, vaidosos e tolos!

Kardec é o «a b c», dizem outros. Sim, é verdade. Kardec é o «a b c», mas por isso mesmo precisamos dêle, e muito! Precisamos dêle, no nosso pobre movimento, como um sedento precisa de sêde. Porque a verdade é que ainda não sabemos o «a bc». E que, quando o aprendermos, poderemos então soletrar a obra de Kardec e abandonar as nossas vaidades de promotores de fenômenos e exibidores daquilo que ainda não possuimos, ou seja, — a espiritualidade palpável e visível...

O Mundo da Éra Atômica

Observamos que uma verdadeira obsessão domina hoje os Governos de diversas nações, motivada pelos efeitos da descoberta da divisão do átomo.

Através desta obsessão, sómente enxergam diante de si o espetro da guerra ! No auge do desespêro, cogitam agora da criação de comissões de contrôle da energia atômica, o que, no fundo, em nada adiantou, por não haver concordância, e sim permanente desconfiança ; assim, já no início, a proposta de paz chegou a um impasse.

A verdade é que o homem de ciência, por assim dizer, *insistiu* para que a natureza lhe concedesse finalmente a revelação do seu segrêdo. Por várias décadas, perspicazes pesquisadores investiram contra o edíficio atômico com o intuito de desvendar-lhe o seu segrêdo, tão avidamente guardado. Sim, avidamente guardado, porque êste segrêdo, terrivelmente perigoso e ao mesmo tempo incrivelmente grandioso, podia ser funesto, e, também, benfazejo para a humanidade.

Por fôrça das insistentes investidas, cercadas de receios, eis que a natureza revela o seu segrêdo grandioso ao homem, infelizmente ainda muito materialista.

Nem de longe julgou o cientista que em trôco desta concessão, a natureza lhe exigirá também um preço em forma imperativa : a responsabilidade sôbre o emprêgo daquêle segrêdo ! que veio colocar a humanidade numa encruzilhada decisiva, sendo : um caminho para a PAZ TOTAL com vastissimos benefícios para a espécie humana, e um caminho que a conduzirá para a DESTRUIÇÃO TOTAL . . .

Agora de posse daquêle segrêdo e reconhecendo o alcance dos seus terríveis efeitos, alarmou-se o mundo todo, entregue finalmente à mais pavorosa confusão e receio ! Urge tomar uma decisão para sair desta encruzilhada.

Chegou o momento de livrar o mundo do pavor, e curar da cegueira os cientistas, os estadistas políticos e militares . . .

Deus, nosso Pai, é magnânimo ; êle jamais revoga as suas leis, sábias e eternas ; sómente quer que sejam respeitadas.

Por isso, ESPÍRITAS do mundo inteiro, chegou a nossa vez de auxiliar os homens para se livrarem desta arapuca, que os colocou dentro dêste dilêma : PAZ ou DESTRUIÇÃO.

Que formidável lição deu a MATÉRIA ao MUNDO MATERIALISTA ! Felizmente, o materialismo chegou ao ponto MORTO, vendo-se vencido e esmagado com seus próprios argumentos !

O momento é decisivo e categórico. O nosso mundo tem que ser salvo da possível próxima destruição total mediante as bombas atômicas e outros meios de extermínio. Não se zomba das LEIS DIVINAS. Seria infantilidade dizer-se que a PAZ TOTAL nêste planeta não é mais possível ! .

Mãos à obra, ESPÍRITAS do mundo inteiro. A nossa doutrina é a chave para resolver aquêle «X» da encruzilhada. Custe o que custar, esta doutrina há de penetrar também nas esferas dos homens de responsabilidade política, militar e científica. A nossa doutrina representa a PAZ e o AMOR e é também a LEI DIVINA destinada para salvar e confraternizar os povos da Terra. Também mostrará o seu valor, quem é adepto da doutrina espírita.

A nossa doutrina, e só ela, resolverá galhardamente o problema da encruzilhada: A PAZ DO MUNDO, para que surja finalmente UM SÓ REBANHO com UM SÓ PASTOR.

MAX KOHLEISEN.

Piracicaba, 25/7/1947.

Nascimento e Morte

WALTER RADAMÉS ACCORSI

Dos fenômenos que empolgam a inteligência, no imensurável cenário universal, o nascimento e a morte ocupam o primeiro lugar, quer pela transcendência de sua manifestação, quer pela magnitude de sua elevada finalidade.

Nascimento e morte são fenômenos que coexistem, estão intimamente ligados entre si, em estreita e mútua dependência, em todos os degraus da escala animal. A razão biológica de ser de um implica, necessariamente, na existência do outro. Ambos formam o ciclo mais em evidência na natureza, abrangendo as inumeráveis formas e expressões de vida, desde a simplicidade da monera até a maravilhosa complexidade da estrutura humana.

Alma e corpo, assim entrosados, realizam progressivamente a sua transformação biopsíquica, revelando em cada novo estágio terreno o grau evolutivo atingido.

Em meio a essa espantosa realidade, que mais parece circunscrever a vida a um determinismo estritamente biológico, embora de caracter essencialmente evolucionista, uma pergunta se impõe à razão inquiridora. Sendo o organismo humano o têrmo final da imensa série de sêres que povoam a terra, dar-se-á estar a alma sujeita indefinidamente a êle, na repetição incessante do nascer e do morrer? Que se passará com ela quando alcançar o ponto culminante de sua trajetória terrena, uma vez que não se conhece outra estrutura orgânica, de grau superior, que lhe possibilite a ascenção espiritual?

Desde que a evolução concluíu a sua tarefa com a elaboração do corpo humano — verdadeira obra prima da natureza, — ao espírito compete realizar o trabalho referente ao seu aperfeiçoamento moral e intelectual, facultando, desta sorte, a libertação definitiva do homem dos elos que o prendem à lei das vidas sucessivas, consoante se depreende dos ensinamentos do apóstolo das gentilidades: «Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Tragada foi a morte na vitória». O espírito humano passará a gozar, então, das excelências da vida eterna, plena de sabedoria e amor, pairando acima das fraquezas e misérias, que tanto escravizam e oprimem a criatura.

Essa nova modalidade de vida só será vivida, entretanto, através da assimilação contínua da doutrina do Divino Instrutor que disse: «Eu sou a ressurreição e a vida. Aquêle que crêr em mim, embora esteja morto viverá e aquêle que vive e crêr em mim, nunca jamais morrerá».

Piracicaba, Agosto de 947.

Crônica Estrangeira

O meu filho não morreu

Dedico êstes meus artigos áqueles indivíduos que são agnósticos, negando a que alguns de nós, possuímos conhecimentos obtidos fóra de fenômenos. Não me atreveria eu vir para a imprensa expôr *factos* se não estivesse absolutamente convencido e obtido provas na presença de 6 pessoas, excluindo a médium, de que o que se passou foi muito natural.

Antes de entrar no assunto tenho a expôr o seguninte: O meu filho foi alistado no Exército inglês no começo da Guerra, sendo soldado do South Lancashire Regiment. Saiu com o seu regimento para Malta nas vesperas do Natal de 1941, e dalí foi transferido para Tobruk na Libia, caindo mortalmente em batalha no dia 5 de Junho de 1942.

Durante o tempo que esteve na Inglaterra veiu ver-me de licença de alguns dias por várias vezes e quando nos despediamos usava sempre da seguinte frase:—«Do not worry dad. I am all right. You look after your health and everything will also be all right for you». (Não se encomode papá. Eu estou bem. O senhor olhe pela sua saude e também tudo será bem consigo).

Levei-o quando criança por duas vezes a Portugal, tendo assim da segunda vez conhecido muito bem a minha mãe, recordando-se dessa sua visita. De todas as vezes que falava da avó indicava-a como «Your mother» (a sua mãe), nunca dizendo a minha avó.

Em Lamêgo e Portelo de Cambres onde passou alguns dias, estivemos em casa dum primo chamado Pedro, o qual não percebia nada de inglês, mas entreteve-se por várias vezes em pôr o Gabriel nos joelhos à láia de jogar aos cavalos e gritando:—All right! Come on! Yes! O rapaz ria-se muito e perguntava-me porque é que o primo Pedro não podia dizer outras palavras mais em inglês. O Pedro era farmacêutico.

O meu filho sabia muito bem do meu interêsse na causa espírita e tratava sempre que eu saía de casa para assistir a uma scéance de brincar comigo, dizendo «Give my kind regards to the Spooks» (Lembre-me aos espantalhos espíritas).

Não conhecia nada da língua portuguêsa, nem tão pouco nunca me ouviu falar do Cairbar Schutel.

No «circle» da famosa médium de transfiguração, Madame Bullock, nem esta senhora nem os outros meus amigos que nos reunimos todas as segundas-feiras, sabiam, porque eu nada lhes disse, do que fica acima exposto.

Ora, sendo desde muitos anos um investigador de fenômenos psíquicos, com experiências obtidas em várias partes da Inglaterra, Escocia e País de Gales, sou conhecido pelo meu nom de plume de F. Etraud, e há ainda aquí na Gran Bretanha muitos espíritas que desconhecem a minha nacionalidade e o meu próprio nome.

Confesso que por diversas vezes as mensagens que recebi de vários médiuns foram desconcertadas, mas isso de modo nenhum alterou o facto positivo de saber que «A morte não existe».

Munido por conseguinte dos factos absolutos referidos acima sôbre o meu filho, só poderia naturalmente ficar satisfeito nas minhas pesquisas de que êle não morreu, se qualquer médium me expuzesse pelo menos um ou dois dos referidos incidentes.

Não sou tolo nenhum e continuo investigando e estudando e apreciando fenômenos que em muitos dos casos parecem incríveis.

Meu filho transfigura-se e fala comigo

Em 20 de Junho de 1942 recebi do Ministério da Guerra a notícia de que meu filho, private Gabriel Duarte, do Regimento Highland Light Infantery tinha sido mortalmente ferido em Tobruk, no dia 5 daquêle mês.

Comuniquei com o referido Ministério apontando que meu filho era soldado do South Lancashire Regiment, dias depois me foi dito que, tendo êste Regimento sofrido graves perdas, meu filho e outros rapazes foram conduzidos de Malta a Tobruk e alistados no Regimento Highland Light Infantery. Na segunda-feira ao entrar em casa de Madame Bullock, o marido, ela e os outros amigos ficaram muito comovidos com a notícia que lhes dei e Mister Bullock sugeriu mesmo a que não nos sentássemos naquêle dia no «Scéance Room». Insisti todavia a que fossemos para o nosso Santuário como do costume.

Devem os meus leitores imaginar bem a «atmosfera» em que todos nos encontrávamos então.

Depois de sentados e feitas as nossas preces do costume a Madame Bullock caíu no seu trance profundo.

O guia principal «Rainbow» foi transfigurado e falou-me assim: «Frederico, your boy is quite all right». (O teu filho está muito bem). Desapareceu e o Gabriel vestindo o seu uniforme de soldado, fez-nos a todos uma continência e falou-me naturalmente em inglês, dando a seguir as suas palavras textuais vertidas em português — Olá papá! Não se encomode. Eu estou bem. O senhor olhe pela sua saude e tudo também será bem para si.

Comecei a chorar em grandes soluços e êle veiu perto de mim, beijou-me e disse: —

—Vim para aquí tão repentinamente, papá. Quando me levantei do chão estava uma senhora ao meu lado direito e um cavalheiro ao meu lado esquerdo. A senhora conheço-a bem. Não é inglesa. O senhor está-se a rir e fala inglês, mas também sabe muito bem português, mas não é português.

Compuz-me um pouco e pergunteilhe: —

— Podes dizer-me quem são essas pessoas?

— Sim, papá. A senhora é YOUR MOTHER (a sua mãe), e o senhor é Cairbar Schutel! O papá não fique invejoso (e riu-se muito) pois o senhor Cairbar adotou-me como seu filho e vai-me ensinar muito.

O Caírbar aparece-me

O Gabriel deu-nos as Boas-noites e Cairbar Schutel transfigurou-se e falou-me assim: —

«Duarte, não chores, o teu filho está bem e em boas mãos!»

— Deus vos abençôe respondi eu, mas comovido de tal modo que a médium por instruções dos guias voltou para nós no normal e o «circle» cerrou-se mais cedo do que nos dias do costume.

Na sala de visitas dos meus amigos estivemos conversando até perto da meia-noite e alí confessei a todos que o incidente era uma prova cabal de que o meu filho não morreu.

Trago sempre comigo a fotografia de meu filho e mostrei-a aos meus companheiros, aos quais «sob a sua palavra de honra» me afirmaram ser absolutamente a do moço que me falou!

Esqueci-me de mencionar acima que o meu filho me disse ter saído de Malta para Tobruk e se alistado no Highland Light Infantery *notícia esta que só recebi oficialmente uns dias depois.*

Mais uma prova absoluta de que foi meu filho quem me apareceu.

O meu filho fala-me de novo

Na segunda-feira seguinte quando entrei na casa dos amigos Bullock, ia eu já resignado e convicto de que o que se passou na semana passada era bastante para que eu deixasse de chorar a morte do meu filho.

Fomos para o Santuário e depois das formalidades usuais tivemos a visita dum grande cômico falando no dialeto de Lancashire e que nos pôs a todos nós de bom humor.

O Gabriel transfigura-se

Vestindo o seu uniforme sauda-nos e dirije-se desta vez ao senhor Bullock dizendo:

— Senhor Bullock, eu quero pedir-lhe perdão e aos amigos e papá que estão aqui presentes. O' senhor Bullock, aqui não há SPOOKS!

—Não tens que pedir perdão, meu rapaz, eras inexperiente e não sabias o que sabes hoje.

—E' verdade, senhor Bullock.

— Eu intervi com o seguinte: —

Olha lá Gabriel, gostarias de regressar à Terra e ires tomar os sorvetes no teu favorito Rusholme Bar?

—Não, não, papá. Estou aquí muito melhor e tenho coisas muito melhores do que essas no seu planeta.

Rimo-nos e o Gabriel continuou: —

Papá, já sabe sôbre a «sua mãe» e o senhor Cairbar Schutel, mas hoje vou dar-lhe outra surprêsa, pois todos aquí agora sabemos que o papá está agora melhor do que na semana passada.

Tenho aquí outra pessoa amiga que

o conhece muito bem. Quando na terra tinha a mesma profissão do senhor Schutel. Adivinha quem é êle?

Não meu filho.

—E' o cousin (primo) PEDRO. Lembra-se o papá disto: —«ALL RIGHT, COME ON, YES?

Os assistentes começaram a rir-se e o Gabriel prosseguiu.

— E' verdade isto. O primo Pedro só sabia estas palavras quando me punha nos joelhos a jogar aos cavalos.

Deixei para o fim uma das provas cabais de que o meu filho me apareceu, falou e beijou e não morreu.

Durante a Guerra e quando êle estava no Sul da Inglaterra o primo Pedro faleceu repentinamente e eu nunca disse nada disso a êle.

O que fica acima exposto é irrefutável.

Não é nada de «fenômeno» ou imaginário, mas sim a absoluta verdade e factos.

Os incidentes acima expostos são sob o meu modo de apreciar a verdade simplesmente admiráveis. Outros incidentes porém não excedem talvez os ditos, mas foram notáveis, pois que por várias vezes tenho falado com amigos do «Além», em inglês, português e francês, os médiuns ou as médiuns ignorando completamente as duas últimas línguas.

Falar com «os mortos» é tão natural como fazê-lo com os vivos.

Frederico Duarte.

Manchester — Inglaterra.

⁂

Aviso de Morte

De «Além»

Em 1922 o bem conhecido astrônomo *Camille Flammarion* escrevera em «Revue Spirite» a propósito de manifestações do mundo invisível as seguintes palavras:

«Quaisquer que sejam as negativas, as manifestações póstumas existem, e o nosso dever é demonstrá-las.

O assunto é importante. Tem relação que interessa a cada um de nós, com o que nos espera amanhã ou depois, em hora inevitável.

Ninguém ainda contemplou o sublime túmulo de Canova, em Veneza, esta entrada da alma no desconhecido, sem se sentir profundamente emocionado diante desta porta entre-aberta para a noite eterna.

Quem não experimentou a mesma comoção ao contemplar o magnifico monumento aos Mortos, de Bartolomé, no Pere-Lachaise, simbolizando com a mesma eloquência o perturbante mistério da morte?

A importância do assunto impõe-se a todos os pensadores, e todos sentem que êsse problema, ainda sem solução, só pode ser resolvido pelo método positivo que temos adotado: pela apresentação e discussão dos factos.

Lamarck, profundo naturalista, escrevia em 1809, na sua «Filosofia Zoológica», que transformou por completo a história natural, desde o molusco até ao homem: *Afóra os factos, o resto nada é senão opinião. O homem só considera uma verdade positiva, quando observa factos que a demonstrem.*

E' êste precisamente o princípio que nos guia: as manifestações póstumas são factos observáveis, e uma correspondência russa a mim enviada, vem mais uma vez reforçar a minha opinião. Diz ela o seguinte: «Meu avô divertia-se em assustar as pessoas de casa, de uma maneira interessante. Dava três pancadas com ambas as mãos, justamente quando encontrava alguém preocupado ou absorvido, ou, então, o que era pior, quando estávamos meio adormecidos.

Essa velha mania, que já vinha desde a sua mocidade, acarretára-lhe muitas desavenças e rixas com amigos pouco pacientes; mas, a sua verdadeira vítima era uma das suas velhas parentas, uma tal Mlle. Estefânia, solteirona beata, tranquila e um tanto indolente, que passava a vida sonhando, num canto da casa.

Meu avô surpreendia-a sempre nos momentos mais oportunos e assustava-a de tal modo, que, muitas vezes, a deixava estendida no chão sem sentidos. E riase, o malvado, satisfeito, repetindo-lhe diversas vezes, que embora a mil léguas de distância, ela teria de ouvir três pancadas no dia da sua morte.

Passaram-se anos.

Uma vez, meu avô, antes de partir para longa viagem, passou algumas semanas em casa de Estefânia, a quem, apesar de tudo dispensava uma grande afeição. E mais do que nunca a afligiu com a sua velha mania, e, na hora de partir, ainda recordou a promessa que lhe fizera de, ao morrer, vir dar três pancadas.

Estefânia passou vários meses sem receber notícias dêle. Meu avô, viajava sempre sem parar.

Uma tarde, estando a cear com uma vizinha, justamente ás 9 1/2 horas da noite, eis que ambas ouvem distintamente as terríveis pancadas. Atônitas, procuraram por todos os lados, e nem sombra de meu avô.

Estefânia adoece.

Dias depois recebia uma carta de meu tio Max, comunicando-lhe a morte repentina de meu avô, no dia 13 de Novembro, ás 9 1/2 horas, quando começava a cear. Justamente nesta hora conversávamos a respeito de Estefânia, e meu avô ria-se dos sustos da velha parenta.

O lugar onde se deu a sua morte é situado na Volkynia (Pequena Russia) e dista 150 léguas russas do castelo onde habitava Estefânia».

Eis, pois, uma das inúmeras afirmações do grande sábio *Flammarion*, universalmente conhecido e insuspeito porque não pretendeu nunca estabelecer doutrina, dogma, ou fazer propaganda de uma nova ciência que observara e da qual não se constituiu pioneiro ou acérrimo defensor.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Intolerância Clerical

Ao Deputado Basilio Catalá, de Salvador, Bahia, foi passado o seguinte telegrama no dia 23/9/47: —

«Coligação Nacional Pró Estado Leigo consignou ata reunião Conselho Diretor voto aplausos vossa atitude na Assembléia Legislativa do glorioso Estado da Bahia, combatendo atentados praticados pelo padre Gaito, no Município de Nova Soure, não sómente promovendo perseguição evangélicos Pentecostais, mandando cortar luz, submetendo Pastor a vexames, impedindo culto, como se apropriando do Cemitério secular, cuja administração pertence a autoridade Pública Municipal. Estranhamos, ainda, que referido padre esteja impedindo pentecostais terem seu próprio cemitério, já que no cemitério público não podem sepultar seus crentes quando falecem. Absurdo ainda é facto proibição não ser permitido sepultamento no cemitério Público local, de pessoas que sejam casadas sómente no civil. Todos esses factos evidenciam que Constituição 18 Setembro não existe para dirigentes da igreja Romana, empenhados na obra de ligar a Igreja ao Estado para auferir proventos, destruindo regime republicano laico. Atenciosas saudações,

(a) *Arthur Lins de Vasconcelos Lopes*, Presidente.»

Inauguração da Maternidade «Casa da Mãe Pobre».

A 9 de Novembro próximo vai esta Instituição de Caridade franquear o Hospital ás parturientes pobrezinhas. A começar do 3.º ou 4.º mês receberão as gestantes os cuidados médicos, prolongando-se essa assistência ás crianças até um ano de idade. Os 70 leitos que possue vão proporcionar eficaz auxílio a nossas irmãs destituidas de recursos, fornecendo-lhes, além do této, os melhores recursos da ciência médico-espiritual.

Juntamente com a sessão de maternidade vai ser inaugurada, igualmente, a «CRECHE», para agasalhar cerca de 30 criança de 0 a 2 anos de idade, onde lhes serão dispensados os necessários cuidados, enquanto suas mães lutam para ganhar o pão de cada dia.

Nasceu essa Maternidade do que na terra designamos por: Desgraça.

Em 1928, estando residindo um casal espírita na Cidade de Teresopolis, foi a esposa procurada por infeliz mãe, para o fim de ajudá-la a abortar. Para justificar a medida relatou que um ano antes tinha dado á luz uma criança, num barracão dos arredores da Cidade e por falta de assistência, — pois achava-se sozinha e dois filhos menores e seu marido trabalhava na roça, muito longe e só vinha a casa aos sábados — indispensável nesses momentos, sofreu forte hemorragia, ficando, em resultado, entre a vida e a morte, com a agravante do desincarne do recem-nascido. Não queria, portanto, sugeitar-se a nova prova, de reminiscencia tão dolorosa.

E' excusado dizer que o casal em questão arrancou a idéia macabra do espírito da infeliz, auxiliando-a, por outro lado, a dár cumprimento ás Leis Divinas. Foi assim que 7 mêses após nascia no Lar humilde um robusta menina, auxiliado já se vê, por mãos competentes e generosas.

Gerado, em consequência dêste «caso», o pensamento de fundar uma maternidade para a pobreza, ficou a idéia em gestação pelo praso de 12 anos e, finalmente, a 10 de Novembro de 1940 eram plantados seus fundamentos, na Capital da Republica, com a primeira reunião realizada na séde da Liga Espírita do Brasil, gentilmente cedida por sua Diretoria.

Começou aí o trabalho de aliciar corações de boa vontade e desde então rude batalha se travou, de trabalho continuo e construtor.

Criada a «Legião Protetora da Mãe Pobre», grupo de senhoras abnegadas, irmanadas com a Diretoria e membro do Conselho, foi o trabalho se desdobrando. Eram Campanhas Financeiras, de sócios, festas em teatro, bailes, rifas, o que reunido rendeu, até o último ano Financeiro, 30 de Junho do corrente ano, a importância líquida de Cr.$ 2.302.525,70.

Cerca de 12.000 pessoas, seu atual quadro associativo, que dão sem nada esperar, concorreram para êste gigantesco empreendimento, grande demais para gente tão humilde — segundo expressão de Leopoldo Machado.

A construção abrange 1.651 metros quadrados.

Possui 2 Salas de Parto, Salas de Operações e de Esterilização, 3 Salas de Curativos, Laboratório de análises, Sala de Raio X, Ultra-violeta, Sala de Dentista e Otorino, Isolamento e Lavanderia a vapor. Tudo concluído andarão os gastos pela casa dos Cr. $ 3.000 000,00.

Esta obra nasceu e cresceu silenciosamente, e é fruto da humildade.

O grupo de trabalhadores que lhe deu nascimento péde a Deus os preserve do fermento do orgulho e da vaidade, para que a missão a que essa Casa está destinada não sofra continuidade.

D. Gracinda Batista

O dia 28 de Setembro de 1946 registra o desincarne de D. Gracinda Batista, uma das mais devotadas servas do Senhor, que acolheu em seu lar crianças desamparadas, a quem dispensou os mesmos cuidados de uma mãe carinhosa. Auxiliou a pobreza e foi um dos esteios do Sanatório «Americo Bairral», uma das mais notáveis obras espíritas que vêm prodigalizando incontáveis benefícios aos doentes mentais.

Por motivo do 1.º aniversário do seu desincarne, ocorrido no dia 28 de Setembro último, volvemos os nossos pensamentos para Jesus, solicitando-lhe maiores possibilidades para êsse querido espírito, a quem saudamos afetuosamente.

Uma menina de 6 anos pregou um sermão durante uma hora

Caso espantoso verificado numa Igreja de Richmond na Austrália perante 1.200 pessoas

MELBOURNE, (R.)—Passou-se um caso espantoso hoje, na igreja pentecostal de Richmond onde uma menina de apenas seis anos de idade, Renée Martz, de Chicago, pregou um sermão que durou cêrca de uma hora, falando a uma congregação de 1.200 pessoas. Centenas de ouvintes ocorreram diante do fenômeno, mas não puderam assistir à assembléia de Deus. Empunhando uma trombeta de brinquedo com que costuma acompanhar os hinos evangélicos, a garota prodígio cantou em chinês, esquimó e russo! Línguas cuja existência até ignora. A pequena Renée está viajando pela Austrália, percorrendo as igrejas em companhia dos seus pais, reverendo Jack Martz e senhora.

(Do «O Globo», de 24/2/47).

— Srs. anti-reincarnacionistas, como explicar o presente facto ?

O XI.º Congresso Brasileiro de Esperanto

De 13 a 21 de Setembro de 1947 realizou-se com pleno êxito, na Capital de S. Paulo, o XI.º Congresso Brasileiro de Esperanto.

Fizeram-se representar diversos Ministros, quasi todos os Governos de Estados, Instituições Culturais, Associações Espíritas e outras agremiações.

Os Congressistas receberam gratuitamente passagens em duas estradas de ferro que puseram à sua disposição vagons especiais, ônibus da Segurança Pública, bondes em Santos e outros favores dos Poderes públicos do Estado. O Congresso alcançou plenamente seu objetivo e reuniu esperantistas de todos os Estados da União. Notava-se apreciável maioria de espíritas entre os congressistas e isso nos levou a refletir sôbre a obra de propaganda realizada pelos nossos confrades desde o primeiro momento nas sédes de sociedades espíritas e em nossos jornais doutrinários.

Como êsses pioneiros já desapareceram, quasi todos, é chegado o momento de lhes manifestarmos a nossa gratidão pela obra penosa que realizaram nos primeiros tempos, quando o Esperanto era julgado utopia, serviço de desocupados. Folheando as velhas coleções de «O Clarim», lá encontramos, no ano de 1913, artigos de propaganda e lições da língua, em inteligente propaganda dirigida por José Machado Tosta, Flávio Norte, Couto Fernandes, em pleno acôrdo com Cairbar Schutel que também era entusiasta do ideal esperantista.

As sementes do bem nunca se perdem. Muitas vezes sua germinação é lenta e não póde ser percebida pela mesma geração que fez a sementeira, mas as futuras gerações colhem os frutos e como sabemos que as futuras gerações serão formadas por nós mesmos renascidos, só temos razão de semear o bem por todos os meios, na certeza de que nós mesmos colheremos um dia os frutos.

I. G. B.

Matão, Setembro de 1947.

Livros Novos

FACTOS

O nosso prezado amigo Antonio José Trindade, fundador da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém e Cozinha dos Pobres e um dos mais populares e ardorosos trabalhadores da seára espírita, acaba de nos ofertar um exemplar de «Factos», da sua autoria, e recentemente lançado a lume.

Escrito numa linguagem clara, popular, a sua leitura atrae a atenção da primeira à última pagina, pois o autor narra casos eletrizantes de fenômenos espíritas, episódios de viagem e de trabalhos mediúnicos, enrêdos interessantes, etc.

«Factos» contém 240 páginas aproximadamente, formato grande e impresso em ótimo papel.

E' um livro que se lê gostosamente e digno, portanto, das bibliotécas espíritas.

Agradecemos a oferta do volume.

—A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. $ 25,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PRÉÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2310unse

NO XXIII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1947—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Em torno da Morte	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Obra de Geley	*Ismael Gomes Braga*
Onde Ides, Mocidade Louca do Brasil ?	*Leopoldo Machado*
Os Sinais dos Tempos	*J. B. Chagas*
Mesas e Cabeças Girantes	*Carlos Imbassahy*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Vidas Sucessivas	*Djalma Farias*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz em Jesus.

Como de costume, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizará nêste ano o NATAL DOS POBRES, no dia em que se comemora a maior data do Cristianismo, 25 de Dezembro, que relembra o nascimento de Jesus.

A cristandade prepara-se para festejar nêsse dia o magno acontecimento, sem medir gastos. Mas os pobres que muitas vezes não têm uma côdea de pão e uma xicara de café, não o podem fazer ; daí porque devemos lhes prestar o nosso auxílio fraternal, para que todos indistintamente tenham, de facto, um NATAL FELIZ. E cumprindo o maior mandamento, que é o amor ao próximo, Jesus, que acompanha sempre os nossos passos e mede as nossas ações, nos recompensará com o nos proporcionar paz, saúde, alegria e prosperidades.

Nêsse sentido, a Comissão abaixo assinada, vem solicitar do coração magnânimo de V. S., um óbulo, que póde ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, etc.

Certos de sua preciosa atenção, almejamos-lhe um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Matão, 10 de Outubro de 1947.

A Comissão:

D. Chiquita Fonseca
D. Maria Casanova
D. Antoninha Perche Campêlo
D. Elvira Prado
Zelia S. Perche
Jenny Perche
Valéria Dias de Lima
Clotilde Ferreira
Jocelina Dias de Lima
Leonor Cruz

Isabel Perche
Doris Molinari
Carmen Torres
Miriam Perche
Cleide Perche
Manoela Torres
Edméa Costa
Edna Gonçalves
Catarina Bonfoqui

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1947 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

EM TORNO DA MORTE

APESAR de ser a maioria dos homens materialista ou ateista, não crendo em Deus e nem na sobrevivência individual, não acreditamos que eles, em certos momentos da vida, não tenham pensado, embora ligeiramente, sôbre a morte, êsse espantalho pintado pela ignorância humana.

A morte é a cousa mais certa dêste mundo, pois todos sabemos que mais hoje ou mais amanhã temos que empreender essa irrevogável viágem. Para os incientes, ou seja, para aqueles que limitaram as suas esperanças ao restrito plano terreno, morrer significa o aniquilamento, o desaparecimento, enfim, a extinção total do indivíduo, porque estão convencidos de que o indivíduo é somente corpo, e nada mais. Para os espiritualistas morrer quer dizer — renascer na verdadeira vida, porisso é que um grande filósofo afirmou que *a morte é a porta da vida*.

O desespero, as lágrimas copiosas, as imprecações da creatura que vê morrer um ente querido são frutos da descrença, da falta de fé nos desígnios de Deus, da falta de conhecimentos relativos às cousas do espírito antes e depois da sua passagem para o mundo espiritual. As creaturas que acreditam na sobrevivência individual sabem que os seus mortos queridos continuam a viver e que as esperam para o grande festim espiritual; que as acompanham e lhes prestam todo o auxílio possível, guiando-as da melhor maneira nas suas indecisões, estimulando-as ao trabalho e amparando-as nas suas fraquezas.

As religiões mundanas, com os seus dogmas, sacramentos, cultos externos e missas a granel não conseguem confortar aqueles que vêem passar para o mundo dos espíritos os seus entes e amigos, pois as lágrimas continuam a correr-lhes pelas faces e a esperança se detem ante o terrível enigma que é a morte.

Mas, com o advento da doutrina espírita, o véu que encobria a Verdade rasgou-se de cima a baixo e todos podem ver agora os esplendorosos horizontes da vida eterna, com os testemunhos frisantes, insofismáveis da sobrevivência individual acendendo em cada coração a lâmpada da verdadeira fé e da esperança que não fenece e colocando em cada cérebro a bússola da sabedoria que orienta com segurança na intérmina caminhada para a Perfeição.

Passamos a transcrever de «Estudos Psíquicos», de Lisboa, o seguinte caso comprobativo da imortalidade da alma, para que os descrentes encontrem no mesmo ao menos uma fagulha que lhes chame a atenção para as cousas relativas ao espírito.

Uma Prova da Sobrevivência

O *Psychic News* de 9 de Outubro de 1943 publicou interessante relato acerca de provas da sobrevivência fornecidas pelo médium F. W. Martin, pai de um piloto da R. A. F. que falecera no desastre de um avião «Sunderland», quando êste aparelho em 1941 tentava atravessar o oceano.

Martin vive em Morton, próximo de Swansea, e obteve no Instituto de Investigações Psíquicas de Londres o que êle apelida de prova assombrosa. No dia anterior tinha estado junto do médium desenhador Frank Leah, a quem nos temos referido muitas vezes, e observou que êste último desenhara um retrato do aviador «morto», cujo perfil era perfeitamente exáto, tanto na forma, como na dimensão.

Desde então, Martin tem recebido numerosas provas de sobrevivência do filho, que se comunica regularmente.

Segue-se o relato da prova dada pelo jovem aviador Jack, que utiliza o *calão* empregado na R. A. F. e demonstra o orgulho próprio de um jovem, quando se manifesta:

— Após a queda do avião, achei-me na água muito sujo e cheio de dores, porque fôra queimado pela gasolina, que se incendiára, na altura em que os tanques foram atingidos. Só senti as dores, ao verificar que não podia nadar. O pai sabe que eu era bom nadador. Se lhe tivesse sucedido o mesmo, não faria mais do que eu.

«Quando mergulhei, senti os pulmões a arder e perdi os sentidos. Ao despertar, vi meu avô ao pé de mim.

«Eu não compreendo isto — pensei comigo mesmo. — Afinal, estou morto ou não?» O avô, porém, estendeu-me as mãos e disse:

— «Jackie, estou aquí para te conduzir à tua nova vida, porque tu não morreste. Bem ao contrário, estás mais vivo do que nunca. Não te lamentes. Agora estás dêste lado da vida. Por-te-ei ao facto de tudo isto. Lembras-te do avô, que te levava a passear, quando eras pequenino?

— «Certamente, — respondi —; mas como se explica o facto de o estar a ver de novo? Afinal, não estou morto. Onde estou então? Afoguei-me há minutos na desastrosa queda do «Sunderland». Não posso estar vivo. Que diz a isto, avô?

— «Estás vivo, de facto. Depois te explicarei isso. Agora temos de sair dêste ambiente, demasiado terrestre para ti.

«Em seguida, olhei para o meu corpo físico que se encontrava debaixo de água, e pude vê-lo como se estivesse à superfície.

«Partimos daquêle local e começámos a flutuar no espaço. Por fim, chegámos a um lugar semelhante a um salão de concertos, que depois notei ser o Salão de Repouso, que nos acolhe, quando desencarnamos. Ao chegar ali, o avô mandou-me estender num divã; e passado algum tempo acercou-se de mim um homem parecido com um monge, chamado Irmão Goodwin, dizendo que era um «guia».

«Não compreendi o significado do termo «guia». Entretanto, foi-me dizendo que eu também seria guia, isto é, que deveria ajudar a esclarecer outros espíritos nas condições em que o avô me encontrou, no intuito de os familiarizar com o mundo espiritual. Assim, devia pôr-me em comunicação com o pai, escrevendo e informando-o acerca desta vida.

«Não compreendi de que diabo estava êle a falar. Contudo, comecei a mergulhar em sono profundo, até que acordei num grande salão ou templo, cheio de luz estranha, de cores maravilhosas, em nada semelhantes às cores terrestres e que mudavam de cambiante a todo momento.

«Observei até enorme multidão de homens, mulheres e crianças, de todas as raças. E quando me estendi numa espécie de canapé, ouvi música de centenas de instrumentos, diferente da que tinha ouvido na terra. As vozes da multidão elevavam-se em côro, enquanto as cores variavam constantemente o seu brilho.

«Era, de facto, uma cena inesquecível. O ar era vivo, isto é, impregnado de fluído vital que penetrava suavemente o meu corpo espiritual; e comecei a sentir a consciência do meu novo estado. Parecia reviver. Daquí em diante tornou-se-me desnecessário perguntar o motivo daquela cerimônia.

«Fiquei sem saber o que havia de fazer, quando toda aquela gente se levantou, sendo então levado pelos médicos para outro edifício.

«Ao abandonar o salão de Repouso, entrei numa bela casa cercada de flores e arbustos, diferentes de tudo quanto vira.

«O edifício a que me refiro era construído de alabastro e pedra, de cores variegadas. Ali se reuniam muitos estudantes da R. A. F., trabalhando em várias coisas.

«Fui colocado na secção de engenharia, pois quando estive na terra dediquei-me a êsse mister. Aquí, continuei a lidar com máquinas de toda a espécie.

«Talvez esta história lhe pareça idiota, mas não é. A' excepção dos indivíduos, esta vida é semelhante à vida terrena. Claro que não dormimos, visto ser desnecessário; mas podemos descançar, se tal nos aprouver. Estendemo-nos em fofos leitos de erva, para recuperar energias. Nesta mansão, a vida resume-se em amar todos os nossos semelhantes».

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XI

Visão pela cavidade epigástrica

Os fenômenos seguintes lembram a faculdade que têm os sonâmbulos de lêr o que se coloca sôbre o seu estômago ou de tomar conhecimento dele só pelo tato. Dei à Sra. Hauffe dois pedaços de papel, cuidadosamente dobrados. Num havia escrito em segredo: «Deus existe» e no outro «Deus não existe». Coloquei-os em sua mão esquerda, quando inteiramente desperta e perguntei-lhe se notava alguma diferença entre eles. Após certo tempo, entregou-me o primeiro deles, dizendo-me: «Este me produziu certa sensação; o outro me deu uma impressão de vácuo». Repeti quatro vezes a experiência e cada vez com o mesmo resultado.

Escrevi então num pedaço de papel: «Há espectros» e no outro «Não há espectros». Ela colocou o primeiro sôbre a cavidade epigástrica, segurou o outro numa das mãos e leu o que estava escrito em ambos. Escrevi então «Vistes B.». Quando ela o colocou no mesmo lugar, disse que isso lhe causava aborrecimento. Quando mais tarde leu o conteúdo do papel, não poude compreender tal efeito, embora tivesse sido renovada a experiência, com o mesmo resultado.

Alguns anos depois, quando coloquei em sua mão uma carta fechada, da referida pessoa, o resultado foi ainda o mesmo, sem que ela tivesse a menor idéia do que pudesse isso ser. A presença dessa pessoa produzia efeitos idênticos. Certo número de experiências interessantes, feitas no mesmo sentido, me deu a convicção de que os escritos e os desenhos colocados na cavidade do seu estômago produziam efeitos apreciáveis, variando em sua natureza.

Boas notícias de seu filho faziam-na sorrir, ao passo que más a entristeciam. O nome de uma pessoa não amiga despertava cólera nela; o de Napoleão Bonaparte sugeria idéias marciais e ela cantava u'a marcha.

Algo estranhos que sejam tais resultados, experiências repetidas só serviram para confirmá-los, e, ainda que seja dificil crêr-se neles, são, todavia, fatos positivos.

Como acontece comumente com os sonâmbulos, tinha a Sra. Hauffe a faculdade de distinguir nitidamente os orgãos internos do corpo, sobretudo quando estavam doentes. Via perfeitamente a direção dos nervos e podia descrevê-los anatomicamente.

Uma varinha magnética, com uma ponta de ferro, colocada diante de sua vista direita e dirigida para um objeto afastado, desenvolvia seu poder de modo extraordinário; assim as menores estrêlas lhe pareciam tão grandes quanto a lua e a lua parecia tão grande que ela podia vêr claramente suas manchas. Ela, porém, nunca poude vêr senão do lado direito, pois o esquerdo ficava invisivel. Ela dizia que os habitantes do lado esquerdo da lua estavam todos absortos em suas construções e não eram tão felizes como os do lado direito. Eu lhe disse que pensava que isso não passasse de um sonho, porém ela protestava, acrescentando que o seu estado sonambúlico era um estado de vigilia perfeita. E' de se lamentar que tais experiências tenham sido feitas numa época em que a vidente era incapaz de deixar seu leito e não podia entregar-se a uma observação mais prolongada dos corpos celestes.

Quando ela encontrava uma pessoa que havia perdido um membro, continuava a vêr o membro ainda ligado ao corpo, isto é, continuava a divisar a fórma do membro, produzida pela projeção do fluido nervoso, do mesmo modo que via as fórmas fluídicas dos mortos.

Êsse interessante fenômeno permite-nos explicar as sensações experimentadas pelas pessoas que sentem ainda o membro que foi amputado. A invisivel fórma fluídica do membro ainda está em relação de continuidade com o corpo visivel e isso nos prova bastamente que depois da destruição do envoltório visivel, a forma é conservada pelo fluido nervoso. O velho teósofo Oettinger já dissera: «O envoltório terrestre fica no túmulo, ao passo que a parte essencial e volatil sobe como um espírito de forma perfeita, mas privado de matéria».

—

A seguir, Cap. XII — O espírito protetor.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— III —

A individualidade psicológica, na ciência clássica materialista, depende do paralelismo psico-fisiológico: cada região do cérebro corresponde a uma faculdade, e, uma vez prejudicada aquela região do cérebro, cessa a faculdade; por exemplo, uma região rege a linguagem e, se for destruida, o homem perde a fala. Essas convicções duraram muito tempo, mas numerosas observações recentes vieram arruiná-las.

Foram realizadas amputações parciais do cérebro sem a correspondente alteração psíquica: cérebros inteiramente destruídos por um tumor não prejudicaram as faculdades psíquicas do enfermo. Estas observações, feitas por médicos ilustres de diversos países, lançaram por terra o paralelismo psico-fisiológico e demonstraram que a ciência materialista não pode explicar satisfatoriamente a individualidade psicológica. E' necessário recorrer à existência de um dínamo-psiquismo independente do cérebro, ou seja, em nossa linguagem espírita, à existência de um Espírito que pode pensar independentemente do cérebro.

Depois de demonstrar exaustivamente essa incapacidade da ciência clássica para explicar os fenômenos psicológicos, Geley passa a tratar da psicologia subconsciente. Está verificado, e já se tornou domínio pacífico, que o Inconsciente exerce papel primordial no instinto, na psicologia inata, no psiquismo latente e no gênio. Esse subconsciente inato é, por vezes, de influência soberana e imperativa na vida do indivíduo. Não é necessário citar exemplos, porque sob os nomes de índole, ou de pendores, ou de genialidade, todos nós conhecemos numerosos exemplos. Existe, pois, um psiquismo oculto a que Geley dá o nome de criptopsiquia, mas além da criptopsiquia existe uma memoria subconsciente que recebe e acumula tudo quanto nos passa pelos sentidos. Para essa memória não existe o esquecimento; ela conserva tudo quanto julgávamos olvidado para sempre, e em certas situações especiais traz tudo de novo à memória consciente. Por vêzes essa ressurreição ocorre em momentos de perigo brusco de morte por acidente. Há casos em que o indivíduo recorda num instante toda a sua vida em todas as minúcias, todos os seus pensamentos mais remotos e esquecidos. A essa memória subconsciente, Geley dá o nome de criptomnesia. Onde se conserva ela, quando o cérebro todo já se refez pela sucessão das moléculas, e tudo parecia morto para sempre? Impossível compreendê-lo á luz da ciência materialista, mas facílimo de explicação para a ciência espírita, pois que o Espírito, e não o corpo, é a personalidade pensante.

A seguir o nosso Autor estuda as alterações da personalidade. São dois problemas já ricamente registado pelos cientistas:

1.º O problema da diferença psicológica em relação à personalidade normal: diferença não só de direção, de vontade, mas também de caráter geral, de tendências, de faculdades, de conhecimentos; diferenças tão radicais, algumas vêzes, que implicam, entre o «eu» normal e a personalidade segunda, oposição completa e hostil.

«2.º O problema das capacidades supranormais que vêm unidas frequentemente às manifestações da personalidade ou personalidades segundas».

Poderíamos acrescentar, por exemplo, diante de Francisco Cândido Xavier, que estas capacidades supranormais aparecem em centenas de «personalidades segundas».

Mas o que é verdade, fóra de dúvida, é que a ciência materialista clássica não pode explicar nenhum dos dois problemas.

Aquí passa Geley a tratar do «subconsciente chamado supranormal» e diz logo que «a psicologia supranormal é um mundo, cuja exploração apenas se inicia».

Nesse capítulo alista êle: Leitura do pensamento; Sugestão mental; Telepatia; Lucidez, etc. Pela telepatia póde-se ver à distância, ver num futuro próximo ou num passado próximo. Pela lucidez, em suas infinitas modalidades, o indivíduo obtém conhecimento sem o concurso dos sentidos, por vêzes a grande distância, outras vêzes no futuro. Por vêzes a lucidez alcança acontecimentos futuros e os descreve em todas as minúcias. Um só exemplo nos basta: Em 1868 Sonrel teve a visão minuciosa da guerra entre a França e a Alemanha em 1870-71: o desastre das armas francesas em Sédan, o sítio de Paris, a Comuna; a guerra de 1914-18; mas tudo relatou como no presente, como estando assistindo naquele momento aos acontecimentos, como pormenores precisos e verídicos.

Como explicar todos êsses fenômenos da psicologia supranormal pela ciência materialista?

Só admitindo a existência do Espírito com faculdade de comunicar-se com outros Espíritos mais elevados do que os habitantes da Terra, podemos começar a compreender tais fenômenos, ou, pelo menos, começar a perceber que «existe muita coisa além da nossa vã filosofia».

Quando as crenças espíritas se houverem vulgarisado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas e, a julgar pela rapidez com que se propagam, êsse tempo não vem longe, com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que hão encontrado oposição: os sabios se renderão a evidência. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá los a se ocuparem com um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem estado prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscreve o conceito, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à humanidade.

ALLAN KARDEC.

Onde Ides, Mocidade Louca do Brasil?

(Sôbre as Juventudes Espíritas Organizadas)

Um pouco de história. — Uma diretriz, fruto da Experiência. — Despersonalismo na ação visto de mais alto.

O movimento de *Juventudes Espíritas* nasceu em S. Paulo, no Bairro de Santana, aí por 1934.

Tivemos, para logo, uma carta de seu iniciador, convidando para êle a nossa adesão e colaboração.

Estavamos, porém, entregue a polêmicas, na suposição de que, terçando armas com sacerdotes e doutores, na defesa de princípios doutrinários, estivessemos servindo, melhormente, a Doutrina.

Contudo, escrevemos um artigo em REFORMADOR, animando o movimento e fundamos, no ano seguinte, a Mocidade Espírita de Nova-Iguassú.

A mais antiga, atualmente, no Brasil, porque fundada a 23 de Junho de 1935, visto como o movimento de S. Paulo fracassou.

—

Fomos, posteriormente, a S. Paulo, e assistimos, incógnito, a reunião de uma juventude espírita.

Números de música, declamação, muita paralogem sôbre o divórcio e sôbre a existência de Deus, e nada de Doutrina Espírita.

Decepção para nós.

Bem diferente era o programa do movimento de Nova-Iguassú, errado, ainda, numa coisa: na sua autonomia.

Não nos animamos, contudo, a sair a campo, agitando os moços, que as polêmicas ainda monopolizavam nossas atenções, nossa melhor atividade a serviço da Doutrina.

—

A construção do Lar de Jesus foi o *alto lá!* a nossas atividades polemísticas.

Nem pela atividade que os jovens espíritas de cá tiveram no evento, que foi marcante; nem por isso, nos resolvemos a sair a campo, agitando *Juventudes...*

—

Um ano mais tarde, cai-nos um jornal às mãos, profano, com um apêlo-comentário com o mesmo título destas razões.

Perguntava o jornalista, depois de tristes e dolorosas considerações:

— *Onde ides, mocidade louca do meu Brasil?*

Dolorosas e tristes considerações mais ou menos assim:

— Mocidade que só vibra pelo futebol; que só leva a sério esportes e futilidades; que leva todo o ano em pleno carnaval e aguarda o carnaval do ano. Mocidade cuja cultura não sóbe além dos bonequinhos das télas de cinema, de cantores de rádio e de jogadores de futebol. Mocidade que abarrota os ginásios menos para estudar do que para conseguir, de qualquer modo, certificados de exames finais, usando, para tanto, a cola como instituição legal. Mocidade que transferiu o talento da cabeça para os pés e para os músculos, por isso é que dos programas ginasiais, a parte esportiva é a que mais a interessa. Mocidade que perdeu o respeito aos mais velhos, que parece desconhecer a palavra *educação*. Mocidade que perdeu o apêgo à família e foge do decoro público, como aí estão provando seus modos e as cenas indecorosas de namoro nos veículos, nos cinemas, nas praias de banho, nas ruas. Mocidade que só sái à rua, em protestos coletivos, pugnando por descontos nas casas de espectáculos, como a campanha dos 50 o/o nos cinemas, embora em sessões nas horas das aulas, para gazeiar. Mocidade que, se não tem vícios, tem o vício de fumar...

Mocidade louca de meu Brasil, onde ides nesta disparada criminosa?

Se o Brasil de hoje, governado por espíritos que vieram de regimens de vida e de educação em que se formaram os Rui Barbosa e Rio Branco, é isto que aí está, que será de vossa terra, quando fôr governada por vós, daquí ha 30 ou 50 anos?

—

O painel chocou-nos dolorosamente, porque somos, ainda, dos que amam sua terra e sua gente.

E lembramo-nos que uma época houve em que, também em Paris, uma voz se ergueu, advertindo a mocidade. A voz de Rauol Pictet, em 1908, que descobrira a mocidade francesa estava envenenada pela descrença e futilidades da época.

E a época não conhecia, ainda, o futebol feito profissão, fonte de riquezas e de glórias, cuja imprensa e rádio lhe dedicam páginas e mais páginas, programas e mais programas. Nem havia, ainda, o rádio e as radiomanias, glorificando toda sorte de futilidades.

Pior, portanto, a nossa época, que o envenenamento vai desagregando a nacionalidade, visto como já desagregou a família, o lar, a educação.

—

Sacudido pelo grito de alarma, foi, então, que resolvemos a algo que pudesse, de algum modo, atenuar, no mínimo que fosse, o descalabro.

Quanto mais não fosse, no campo espirítico.

Voltamo-nos, animado e animoso, ao movimento de juventudes Espíritas, só pelo prazer de animar, de incentivar, de arregimentar, por amor ao Brasil, por pena de muitos jovens, por serviço á Doutrina.

Dizemo-lo, para que não se pense, ferindo o «Não julgueis» do Evangelho, que estamos fazendo obra pessoal, que procuramos cartaz á custa das *Juventudes*.

Ao contrário: dispomos, mercê de Deus, de cartaz para colocá-lo a serviço das *Juventudes*.

E' o que vimos fazendo.

E decorre daí o desenvolvimento que o movimento de Juventudes Espíritas vai tendo no Brasil.

E' certo que sua hora chegou. Mas, se não houver quem viva o imperativo da hora, claro que a hora será adiada para outra época.

Foi bem o que se deu com a democracia e o Cristianismo, ha tantos séculos revelados à Terra, entretanto, ainda sem o seu perfeito cumprimento...

—

Preferimos, aliás, a conselho de Paulo de Tarso, dar a receber.

Para dar mais, muito mais, ao Movimento juvenil, é que fomos, em companhia do prezadissimo confrade, Artur Lins de Vasconcelos, ao ilustre presidente da *Federação Espírita Brasileira*, que soubemos resolvera se interessar pelo movimento, aliás, com mais recursos e autoridade para tanto; para dar mais ao movimento, procurámos, assim, aquela casa, para transferir o pouco que já temos feito em prol do movimento.

E êste pouco já monta a cento e poucos movimentos organizados por nossa influência direta ou indireta, espalhados de Norte a Sul, do litoral ao centro do País. Uns 80 % a trabalhar por um só programa, cada um dentro de suas possibilidades, uns a dar mais, outros, menos.

Deixamos com aquele ilustre confrade três questões a ser estudadas e, posteriormente, resolvidas:

a) Se interessa á *Federação Espírita Brasileira* encampar o que vimos fazendo para a arregimentação de moços espíritas em *Juventudes*, afim de orientar uniformemente, o movimento;

b) Se quer promover o *1.º Congresso de Juventudes Espíritas*, talvez no ano próximo, pelas férias de Julho, para maior desenvolvimento e incentivo ao movimento, de que poderá sair o Conselho orientador das *Juventudes* do Brasil;

c) Se quer nossa colaboração expontânea para tanto, visto como, colocando a Doutrina acima dos agrupamentos sociais, e êstes, acima dos indivíduos, estaremos, sempre onde nos chame o trabalho eficiente e honesto, sem paixões e propósitos subalternos.

Parece-nos que assim procedendo estamos dando provas concretas de nosso despersonalismo. De resto, se o que já fizemos, até agora, tivesse carácter de obra pessoal, certamente que *não seriamos visto do mais alto e por quem nos conhece melhor*, porque por José Petitinga, que nos trouxe, ha mais de trinta anos, para a Doutrina, conforme a Mensagem que nos enviou pela mediunidade do Chico Xavier, Mensagem mediúnica, recebida depois de um programa de intensa vibração doutrinário-artística, com música, declamação e canto espiritualistas, mensagem que publicámos com a denominação de *Espiritismo de Vivos*.

Ninguém, de resto, faça obra pessoal no Espiritismo, nem, tampouco, obra, com segundas intenções, em tôrno de grupinhos, que o Espiritismo é obra de aproximação e confraternização em nome do Cristo e por amor do Cristo...

Rolará, agarrado a sua obra, quem assim proceder...

—

No serviço da Doutrina, o bom operário receberá cem por um que faça.

A's vezes, até mais, por misericórdia e de acréscimo, que é o nosso caso.

Temos recebido mil por um, pelo pouco que já envidámos a pról dêste movimento, já reunindo, por toda parte jovens entusiastas em *juventudes organizadas*, já contagiando de nosso entusiasmo jovens de cabelos grisalhos, como nós.

E que desejamos nós, senão que esses jovens trabalhem, progridam, se unam e realizem obras dignas deles e da Doutrina!

Sómente nisso, que não em posto algum de comando e orientação sistemática, está a maior recompensa que podemos esperar de tão santo labor.

—

Quasi duas centenas de Juventudes Espíritas já se agitam por aí além.

Quasi uma centena a trabalhar por um mesmo programa. Um esfôrço eficiente para, talvez, realizar aquilo que espíritas de nossa idade não conseguem: unidade de trabalho e de ação.

Mais de uma centena a trocar correspondência animada sôbre coisas da Doutrina, cimentando amizades sinceras que desafiarão, por certo, espaço e tempo.

E as «Juventudes» que trabalham «ombro a ombro e lado a lado com os «maduros» e experimentados, recebendo dêstes estímulos e experiências e conferindo-lhes calor e vivacidade, estas, as que vão produzindo mais e melhor. Donde, a conclusão que tiramos de que uma *Juventude Espírita* deve funcionar como departamento de uma instituição já existente. Seu departamento juvenil. Deve funcionar assim, por medida cristã, para a obra de solidariedade, por economia de tudo.

Juventude espírita autônoma, que funcione confiada em si mesmo, parece reino dividido. E todo reino dividido . . . Além do mais, a trabalheira para a construção de sédes e as dificuldades para o registro jurídico, de vez que os juventinos são, na sua maioria, de menor idade?...

Os moços podem muito, é fato, pela força da mocidade mesma, de seu entusiasmo. Mas, sem a experiência que só os anos podem trazer...

Entregues a si mesmos, os moços fazem mais tolices do que coisas que sirvam. E não é nenhuma novidade, visto como ha tanta tolice de velhos, por aí afóra.

Temos exemplps cá por cá, a dentro do movimento moço mais velho do Brasil.

Já atravessou três fases distintas, só não deixando de existir, devido a ponderação dos mais velhos.

Na primeira fase foi dirigido por jovem professora e por um intelectual, jornalista e polemista. Fracasso.

Na segunda fase. por excelente médium, oradora e receitista. Fracasso.

Podemos alinhar aqui outros exemplos. E até mais chocantes.

A autonomia de movimentos juvenís, sôbre ser manifestação orgulhosa de confiança em si mesmo, é prenúncio forte de falência antecipada.

Daí, a necessidade de mentores, ou que outro nome tenham, experimentados.

—

Somos dos que ouviram em moço que «o Espiritismo é sério de mais para interessar a moços, que não levam nada á sério.»

Pregamos, hoje, o contrário, conscio de que jovens bem orientados e consciêntes, levam as coisas mais a sério do que se póde julgar.

Bem orientados, é bem de ver, que não orientados por si mesmos, que lhes faltam, em consequência de sua pouca idade, «engenho e arte» para tanto.

Nesse caso, verificamos que é mais fácil — e aqui repetimos uma vez mais —, contagiar os moços de entusiasmos e vibrações santas, do que levar velhos espíritas a despir os andrajos de homem velho, que eles pensam são roupagens.

—

E continuaremos, de qualquer modo, a animar os jovens para o serviço de sua espiritualização, para sua arregimentação em *Juventudes Organizadas*, na consciência de que lhes estamos prestando um grande serviço. E bem maior ao Brasil e ao Espiritismo...

Leopoldo Machado.

Imenso é o trabalho que vos compete realizar na seára espírita. Uni-vos cada vez mais em espírito de solidariedade, sob o lema — todos por um e um por todos, afim de que o vosso trabalho se complete no Senhor.

Camargo.

OS SINAIS DOS TEMPOS

J. B. Chagas

«E farei ver prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo. Mas, não será o fim.»

Depois das previsões feitas por Jesus acêrca do fim dos tempos, ou seja do cumprimento das Escrituras, pediram os fariseus que lhes mostrasse algum prodígio no céu. Mas, Jesus, «arrancando do íntimo do coração um suspiro», disse:—«Por que me pede esta geração um prodígio? Em verdade, vos digo que a esta geração se não concederá prodígio». (Marc. VIII-12).

Realmente, a geração que aí está, sem atrativos e sem beleza, passará, sem ser digna de muito receber, porque se tornou indigna dessa graça; ela ficará assinalada por grandes descobertas, é verdade, mas no sentido do mal. Daí Jesus ter dito que a esta geração não seria concedido nenhum prodígio.

Mas, eles insistiram:—«Então, dizenos, quando estas coisas hão de suceder. Que sinál haverá, quando estas profecias começarem a se cumprir?»

E o Mestre com a serenidade que lhe era peculiar, lhes diz:—«Quando isto acontecerá, daquêle dia, daquela hora, ninguém o sabe; nem os anjos dos céus, senão o Pai» (Mat. XXIV-36). Todavia, prosseguiu, Jesus:—«Quando ouvirdes falar de guerras e de tumultos, não vos assusteis; estas coisas, sim, devem suceder primeiro, mas não será logo o fim. E, então, levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. Haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias e fomes, e aparecerão *coisas espantosas* e grandes sinais no céu; e haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas, e na terra consternação das gentes, pela confusão em que as porá o bramido do mar. Mas, antes de tudo isto, lançar-vos-ão eles as mãos, e perseguir-vos-ão, entregando-vos ás sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença dos reis e dos governadores, por causa do meu nome. Isto vos será ocasião de dardes testemunho» (Luc. XXI-9-13).

E' o cumprimento integral da profecia de Joel:—«Depois disto acontecerá também o que vou a dizer:—Eu derramarei o meu espírito sôbre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos velhos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões. E derramarei também naqueles dias o meu espírito sôbre os meus servos, e sôbre as minhas servas. E darei a vêr prodígios no céu, e na terra prodígios de sangue, e de fogo, e de vapor de fumo» (Joel, II-28-30).

Embora Jesus tenha dito que o Pai saberia quando estas coisas se dariam, nós outros, pelos sinais que êle próprio avisou que apareceriam, no céu e na terra, estamos capacitados para compreender, que os tempos previstos, são os que estamos vivendo, pois, não só estamos observando os sinais no céu e na terra, como as *coisas espantosas*, de que também nos falou Jesus.

E como na hora que passa, tudo prenuncia a chegada dos tempos novos, mister se faz que os espíritas, muito justamente, considerados «os escolhidos do Pai» ou seja «os trabalhadores da undécima hora», se preparem para enfrentar com denôdo as lutas que terão de vir.

Por toda a parte estão surgindo os *médiuns*, curando, fazendo andar os paralíticos, operando os mesmos prodígios que Jesus fizera, e até mesmo no seio da própria Igreja: Os padres também estão curando... E como também estava previsto, estão sendo provados na sua fé, ou seja, estão vivendo aquela hora do testemunho, de que nos fala Lucas.

Madame Jael, em Pernambuco, para poder continuar a aplicar os «passes», que realmente curam, acaba de requerer um mandato de segurança. O padre Antonio, em Ucrânia, no Sul do País, está também produzindo curas. No segundo caso, porém, na opinião de outro sacerdote, o vigário de Ucrânia — «As benções que o padre Antonio administra aos milhares de fieis que o procuram são as mesmas que qualquer sacerdote póde administrar. Aliás, todos nós, ministros de Deus, somos obrigados a ministrá-las. Portanto, elas são lançadas em rigorosa observância aos dogmas da igreja. Nada de exorcismos, como admitem alguns insensatos».

Que melhores sinais poderiamos desejar do que êstes?

Mas, Jesus, consoladoramente, diz: «Importa que estas coisas sucedam, êste não será ainda o fim!» (Mar. XIII-7).

E realmente, não será o fim, porque, nada terá fim sôbre a terra. Dentro do preceito da lei de evolução, tudo se transforma; tudo desaparece, para reaparecer depois!

* * *

O ano dois mil, depois de Jesus Cristo, assinala, apenas, a conclusão do milênio, nos destinos da Humanidade, ou seja o término da éra adâmica.

Por isto não será o fim; porque a vida continuará, através das épocas e dos tempos!...

Com o término do milênio, a terra terá atingido, o cume ou o vértice da escala, na história da sua evolução planetária, quando, então, passará a uma nova categoria; quando haverá o absoluto domínio do homem privilegiado do terceiro milênio. Por fôrça das circunstâncias, êle, terá substituido, nas suas perquirições, a psicologia experimental pela psicologia intuitiva.

O problema fundamental da paz do futuro, seu fator primordial, residirá no elemento homem. Êle será a chave do mundo do futuro. Estará onde estiver o homem, como a razão de ser das suas ações, fonte primária de todos os acontecimentos.

«Não haverá, portanto, mundo melhor sem homens melhores», diz-nos *Emanuel,* em sábia comunicação.

Nova Iguassú, Agosto de 1947.

Mesas e Cabeças Girantes

Um amigo nosso, médico, delicia se, agora, com um livro intitulado — *Espiritismo no Brasil* — editado há uns quinze anos. E' êle da autoria de dois ilustres psiquiatras, reforçando-lhe e robustecendo-lhe as páginas uma belissima pléiade formada de doutores de vária espécie, que vieram todos dar o seu parecer contra o Espiritismo e seu apoio a uma campanha de repressão a tão nefasta doutrina.

O nosso amigo está um tanto ou quanto impressionado com os estragos que aquêle ariete vem fazendo nas fileiras espíritas, principalmente depois que houve uns debates em certa sociedade por êle frequentada, e em vista das citações contínuas hauridas no famoso livro.

Um dos pontos ventilados foi o das mesas girantes que, no opinar da douta assembléia, e diante das discussões em tôrno do assunto, ficou inteiramente liquidado. Liquidaram-no as páginas do referido tratado, com as luzes dos seus abalizados colaboradores.

Boa oportunidade para focalizar a matéria.

Ora, na citada obra, dizem os seus autores, escudados em Chevreul:

> «Os pensamentos provocam os movimentos involuntários. **E' o pensamento que põe a mesa em movimento,** contra a vontade individual. Da mesma forma que nas experiências com a varinha adivinhatória e com o pêndulo explorador, os processos intelectuais postos em jôgo não são sómente involuntários, mas também inconscientes».

Depois desta proposição, os referidos autores declaram que o médium ignora o movimento da mesa e não reconhece como suas as respostas dadas. Ilação que se impõe: suporem que se trata de Espíritos. E para demonstrarem que as falas da mesinha devem ser do médium ou de quem lhes toca, tratam das experiências de Baudoin, experiências, segundo os autores, «altamente demonstrativas dêsses factos».

Preliminarmente, conviria indagar se se trata de pensamento ou subconsciente. Adiante, porém Essas experiências *altamente demonstrativas* consistem no seguinte: Trata-se de um círculo em que se traçam linhas. Um indivíduo passa a mão num pêndulo e lhe mandam que «pense bem» numa das linhas, acompanhando-a mentalmente de uma extremidade à outra. No fim de alguns segundos, o pêndulo começa a oscilar na direção da linha. De onde se conclue que pêndulo de Baudoin, varinha adivinhatória e mesa girante é tudo a mesma coisa. E está explicado tudo!

Quem conhece, porém, os mencionados fenômenos, verifica que êles se parecem uns com outros como ovos com espetos.

Entre o pêndulo e a vára mágica não há nada de comum, como não se assemelham os prodígios da vára com as falas da mesa, como nada há que faça confundir a mesa girante com o pêndulo.

Na dita experiência de Baudoin, o indivíduo tem diante dos olhos um círculo com linhas, isto é, qualquer coisa que êle vê e na qual mandam que «*pense bem*». São, por consequência, banalíssimos movimentos de músculos, de acôrdo com o pensamento do indivíduo. Aí póde bem ser que o pensamento dirija os músculos e os músculos façam mover o pêndulo. Pode ser...

Diversissimo é o caso da varinha mágica, onde o agente sái a descobrir coisas *que nunca estiverem em seu pensamento,* e muito menos em seu inconsciente, que êle não viu, que não sabe onde estão, que não sabe como são. Tem como guia único a varinha. E com ela descobre lençóis dágua, minérios, tesouros, objetos ocultos...

Em que se póde relacionar o fenômeno com o do pêndulo, onde o experimentador tem tudo à vista, onde sabe que o pêndulo deve orientar-se de certo modo e onde um minúsculo movimento de mão é o suficiente para que a orientação se verifique?

Não se póde dizer, com a varinha, que o pensamento provocou o que quer que seja, porque o explorador desconhece, por completo, o lugar em que se acha o que êle vai descobrir, e, muitas vezes o que deve ser descoberto. Que pensamentos podem aquí provocar os movimentos? Pensamentos de que? Como poderão agir os pensamentos? E' realmente pena que o Chevreul, ou o Baudoin, ou os autores do *Espiritismo no Brasil* não nos possam explicar isto. Quanto aos autores, dêles espero há 15 anos uma informação a respeito. Nada até agora!

Sem esperança de explicação, prossigamos.

Muito mais complicada, ainda, é a questão da mesa giratória. Em 1.º lugar, conviria que os autores nos esclarecessem sôbre o processo por que o pensamento de determinada pessoa fará da mesa giratória um ser raciocinante. A mesa não se limita a simples movimentos oscilatórios, como no caso do pêndulo e da vára: ela soletra o alfabeto, apresenta palavras; estas formam frases, e as frases juizos. Ela pensa, raciocina, discute, revolta-se, contesta, contradiz, adivinha, arrazôa... Fala no em que ninguém pensa, assombra pelo imprevisto. A's vezes se mostra superior em moral, em inteligência e em conhecimentos, aos circunstantes. Fabríca prosa e versos admiráveis, constrói sentenças, forma doutrina, aconselha, identifica uma pessoa morta, faz revelações, diz coisas de todos ignoradas, previne, premune...

Muito parecido com o pêndulo!... Mas é uma parecença que só podem perceber os afortunados, os «iniciados» em tais questões.

Os profanos como nós, nem por esfôrço, mais mágico que o da vára, poderão abiscoitar a analogia. Porque não basta afirmar que é o pensamento que transmite à mesa o dom da palavra e da razão. Seria conveniente elucidar-nos por que artes se senta um médium de poucas letras ou mesmo de nenhumas, a certa mesinha, sem que o mandem «pensar bem» em nada, sem que êle pense no que vai dizer a mesa, ou pense mesmo em coisa alguma — e entra a mesa a discorrer.

Ainda há mais: a mesa move-se e discursa sem que lhe toquem. A transmissão do pensamento aí é que é um caso sério! E que semelhança com o pêndulo de Baudoin!...

Já seria difícil perceber como os músculos de alguém pudessem imprimir velozmente, febrilmente, instantâneamente letras, palavras, frases, períodos, idéias, sentenças, mensagens; já respondendo a perguntas, já revidando aos interlocutores, já os contrariando, já prestando informes, já fazendo descobrimentos, já dizendo coisas inesperadas, já prevendo acontecimentos, já se identificando como um defunto, e, por vezes, defunto de que ninguém cuidou, já produzindo notáveis peças... Tudo isto seria dificílimo perceber com o auxílio das mãos; como se poderia explicar, sem o auxílio de mão nenhuma, é o que suplicariamos nos esclarecesse a douta assembléia em que esteve o nosso amigo, já que perdemos a esperança nas elucidações dos autores do livro fulminante, e é impossível ir buscar o Baudoin ou o Chevreul.

Teriamos, pois, que o pensamento passaria para a mesa sem veículo. Que progresso! Melhor que o fio telefônico.

Já não podemos mais apelar para os pensamentos provocadores de movimentos involuntários. Aquí as idéias teriam que transformar-se em alavancas capazes de fazer mexer a mesa, e a alavanca em abecedário, e o abecedário em cartilha, e a cartilha em discurso.

Há ainda mais e melhor. Quer tenham as mãos sôbre a mesa, quer não as tenham, existem sempre várias pessoas e vários médiuns numa sessão. E, por vezes, tantos quantos são os seus componentes. E' impossível acreditar que estejam todos pensando exáta, precisa, justamente, da mesma forma. Nunca houve isso! Cada qual deve ter uma preocupação diversa, um pensamento diverso, uma interrogação diversa. Entretanto, não há uma baralhada infernal; não se verifica nenhuma confusão. Ao invés de um pandemônio, de uma tôrre de Babel, de uma embrulhada terrível, que seria a tradução, pela mesa, ainda que por processos misteriosos, de um pensar à mistura, de uma verdadeira miscelânea de idéias, conjeturas, suposições, dúvidas, interrogações, conceitos, ou subconscientes, a mesa expressa-se com ordem e método, rebate os pensamentos e as proposições apresentadas, age com perfeita independência. E teima, por fim, em declarar-se um defunto, isto unanimemente, continuamente, quaisquer que sejam as doutrinas filosóficas ou religiosas da comunidade.

Enfim, já que saindo do pêndulo, do círculo ou das retas de Baudoin, os honrados psiquiatras e seus admiradores nada mais nos têm dito que nos elucide, pediriamos ao amigo que voltasse à douta assembléia, onde com tanto critério e sabedoria se discutiu e aprovou a tese do importante livro, e nos trouxesse a explicação que a nossa ignorância suscita.

E ousamos êsse pedido, com receio de que as nossas cabeças fiquem girando mais que as mesas.

Carlos Imbassahy.

Fenômenos de Materialização

X

Na terça-feira extinta, dia 28, o «André Luiz» esteve cheio de vibrações durante a reunião alí realizada, da qual estive ausente por motivos de fôrça maior, sob a presidência da senhorinha Lais Teixeira Dias, onde se verificaram importantes fenômenos transcendentes de efeitos físicos, os quais nos foram relatados com extremo entusiasmo, por diversos companheiros de lides doutrinárias. Soubemos, por exemplo, que depois de se terem materializado os espíritos bondosos de Scheila e Batuira, os quais vieram ao recinto, tocando vários assistentes, materializou-se pela primeira vez o patrono do Grupo, o preclaro espírito de André Luiz, discorrendo sôbre o Evangelho, com segurança e sabedoria, trazendo a assistência em suspenso com a sua voz firme, forte e penetrante provocando fortissimas emoções nos presentes que, contagiados por um sentimento afetuoso e fraterno, chegaram a banhar suas faces de lágrimas confortadoras. Depois disso — informaram-me — Neusa recomenda que convidem seu pai para assistir os trabalhos da próxima reunião e Scheila, por sua vez, tece vários comentários e expende considerações oportunas ácerca dos princípios gerais da Doutrina, mandando encerrar os trabalhos. Pois bem: foi debaixo desta influência benéfica que iniciamos hoje, sábado, 1.º de Fevereiro, a nossa sessão de tratamento espiritual, com uma assistência enorme, composta do considerável número de vinte e nove pessoas, incluindo os componentes do Grupo e alguns visitantes do Rio, de Nova Iguassú e de Juiz de Fóra Os trabalhos foram dirigidos pelo Ferreira, que faz a prece inicial e lê um capítulo do livro «O Nosso Lar» comentado por mim, na segunda parte da reunião. Arací dá-nos excelentes conselhos, por incorporação, através do médium Lins, fazendo ver a significação e o alcance das nossas reuniões e esclarecendo aos visitantes a melhor maneira de se conduzirem durante a sessão, recomendando á presidência que, iniciada a segunda parte, procedesse a narrativa dos resultados a que nos tem conduzido as nossas reuniões de tratamento astral, no processo de transmutação de células, o que realmente foi feito. Recolhido o médium á cabine e depois de cantado o hino «Entardecer», o Ferreira relata o seu caso pessoal tecendo comentários sôbre a intervenção cirúrgica e a consequente cura, com que foi beneficiada sua esposa. Da cabine, a esta altura dos trabalhos, fazem-se várias explosões de luz de cores várias, sendo que se verificou o facto de se apresentarem, simultaneamente, êsses fenômenos, nas duas extremidades do recinto. Scheila, avisa-nos para que conservassemos acêsa a lâmpada pequena, durante algum tempo mais, pois que esta não estava prejudicando a boa produção dos fenômenos. O bondoso espírito vem, materializado, ao recinto, ostentando suas belas tranças, trajando diferentemente de como se nos tem apresentado e avisando o nosso irmão Magaldi de que sua filha, a nossa meiga Neuza, se materializaria, mas que fizesse todos os esforços para não se emocionar, prejudicando, talvez, o brilho do seu contacto. O nosso confrade diz estar munido de todas as energias para a eventualidade da apreciação da realização do seu grande sonho, que era o de ver e falar com o ente querido que ha poucos mêses, ainda era o ornamento fidalgo do seu lar. Scheila ainda volta ao recinto depois de volver à cabine, fazendo passes nas pessoas, entre os assistentes, destacados para serem tratados na reunião. O Ferreira estabelece uma espécie de inquérito, dando a palavra aos visitantes e a alguns confrades da casa, cada qual externando o seu ponto de vista sôbre o que lhes era dado presenciar. O confrade Newton de Barros, professor do Ginásio Leopoldo, de Nova Iguassú, diz do seu entusiasmo em apreciar os singulares fenômenos correntes, dizendo-se encantado, embora soubesse que os mesmos se realizavam facilmente e não obstante êles não o levarem a convencer-se mais do que já está, pois que de ha muito estava convencido da imortalidade da alma, da pluralidade da existência e da comunicação dos espíritos, por diversas maneiras, segundo as diferentes modalidades mediúnicas. O irmão Aleixo Victor Magaldi, farmacêutico, poeta e jornalista, professor da Escola Superior de Farmácia e Odontologia, de Juiz de Fóra, diz estar deslumbrado com o que estava assistindo, não propriamente com a apreciação dos fenômenos de materialização propriamente ditos, dos quais já tinha conhecimento, em minucias, pela leitura dos clássicos, mas principalmente pelo processo de curas por meio da troca de células que os espíritos manejavam facilmente, acontecimento que vinha marcar um evidente progresso na ciência de curar as enfermidades físicas, ampliando, quasi ao infinito, as possibilidades de êxito no difícil e delicado ministério, cavando assim, sulcos profundos nos processos convencionais e exclusivistas, geralmente eivados de pruridos sectaristas, das ciências oficiais. Depois de uma prece, por mim proferida, Neusa Magaldi se materializa, chegando perto do seu pai, não podendo tocá-lo devido a ter sentido profunda emoção, recuando, a soluçar, com as mãos cobrindo o rosto, como a querer suster o pranto que a dominava. O José, volta a falar-nos para nos dizer que Neuza ainda voltava depois de refazer-se da explosão emocional que a acometera, adiantando que ela estava sendo assistida pelos demais guias, os quais lhe ministravam passes magnéticos. D. Marilia Barbosa Machado é convidada a dizer das impressões que a dominavam, acedendo ela com o proporcionar-nos uma substanciosa preleção, dizendo que, com esta, completavam-se três vezes em que ela tomava parte de sessões de efeitos físicos, sendo uma em Macaé, E. do Rio e outra em Uberaba, E. de Minas, porém a esta ela acorreu com maior interêsse, em virtude de ter ciência de aquí se haver, já, materializado o caro espírito que animou o corpo de sua progenitora nesta existência, não por mera curiosidade, sim por desejar receber do espírito familiar as elucidações e o confôrto de que carecia. A jovem Ilza Chaves de Almeida, contadora, diz do seu contentamento em assistir aos transcendentes trabalhos, produzindo um ligeiro improviso de cunho essencialmente evangélico. O Luiz Mesculin Junior, contador e presidente de um Centro Espírita de Juiz Fóra, comenta o facto de já ter assistido várias vezes às nossas sessões, porém só nesta é que presenciava os fenômenos de materialização. Diz ter verdadeira veneração ao espírito de nosso patrono, tendo êste, já, se apresentado aos olhos espirituais de sua esposa, médium vidente e de incorporação, tendo também, através dela, dado brilhante comunicação. D. Margarida Melich expende sua opinião pessoal a respeito dos fenômenos que tem observado, como componente do Grupo para onde veio, por necessidade, para cura de seus males físicos, por indicação dos nossos guias. O Ferreira relata o facto de várias curas aquí verificadas, e em Macaé, explicando outrossim as razões da fundação do nosso Grupo. Eu, visado pelas referências do Ferreira, que me qualificavam entre as pessoas de sua afinidade e simpatia, de que precisava para organizar uma instituição modelar, que se transformasse num prolongamento do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, E. do Rio, onde se realizam sessões de efeitos físicos com uma finalidade superior à da simples produção de fenômenos, qual seja a de cura dos males físicos, tomo a palavra para expôr que, vindo de Astolfo Dutra, Minas, onde ajudei a fundar e presidi, durante dez anos, a Cabana Espírita «Abel Gomes», cheguei a sentir-me desolado por desilusões que me arrastaram a três anos de inatividade nas lides difusoras da Doutrina, tendo-me eu reencontrado, recobrando a serenidade e o vigor que deveriam guiar as minhas atividades doutrinárias, com o me integrar no movimento confraternativo das Semanas Espíritas e com a fundação do nosso Grupo «André Luiz», onde já tive oportunidade de ver muitas entidades espirituais materializadas, entre as quais os queridos espíritos de Abel Gomes e David Pais dos Santos, o primeiro, meu grande amigo e mestre e o segundo, meu pai nesta existência, um e outro protetores e mentores meus de todas horas; onde já vi realizadas curas admiráveis e onde afinal e principalmente vi transformarem-se, convertendo-se à Doutrina da Terceira Revelação, os meus parentes e afins mais próximos e os meus amigos mais íntimos. Batuira vem à assistência, materializado apresentando suas respeitáveis barbas, desta vez de cor de azeviche. O espítito de Fidelino aparece-nos, como sempre, aureolado de luz. Neuza, materializada, volta à assistência, dirigindo-se ao seu pai e mantendo com êle rápido diálogo interrompido pela emoção mútua, regressando logo à cabine. Os assistentes cantam «Almas Gêmeas», enquanto que se materializa Nina Arneira, que vem fazer passes na nossa confrade Lais, aparecendo, concomitantemente, também materializado o espírito de Neuza, no centro da cabine em plano superior, tocando quasi o teto, movimentando-se como se fôra uma pessoa da terra. Um outro espírito aparece então, materializado, que foi logo identificado pelo de «Mãe Iza», dirigindo-se por meio de palavras carinhosas à sua filha, D. Marilia Barbosa Machado e sua neta Ilza Chaves de Almeida! O José Grosso fala-nos para nos avisar de que nos tinha deixado uma luva de parafina, apresentando o modelo de uma das mãos e o respectivo braço, aparecendo em seguida, do lado direito da cabine, materializado, com a sua respeitável estatura de cerca de dois metros, escrevendo versos nos papeis ali colocados, em branco, com as rubricas minha, do Vitorino e do Ferreira. E enquanto escrevia, um fóco de luz se projetava sôbre o seu vulto, como se fôra um faról a projetar-lhe os seus raios luminosos. O autor dêste fenômeno foi o Fidelinho. O José ainda nos joga pedras, das quais oferece nominalmente uma, a menor, à D. Risoleta e outra, a maior, ao Inácio e avisa-nos de que Araci e Batuira tinham deixado dois sônetos no album da Dulcinha. Uma voz gutural enérgica, se ouve. Era o querido espírito de «André Luiz» que nos mimoseava com uma palestra doutrinária, orientando-nos por fim, de que deveriamos encerrar os trabalhos. O Ferreira faz a prece inicial, indo à cabine dar um passe magnético no médium, despertando-o. Fomos à cabine apanhar a luva que o José nos ofereceu e encontramos os dois sonetos no album da Dulce, juntamente com os papeis contendo a mensagem poética do José, homenageando a quasi todos os assistentes, produções essas que tenho o prazer de transcrever linhas abaixo. Poucas pessoas se submeteram à prova da pesagem devido ao grande número de assistentes mas, dos que o fizeram, constatou-se que o Gonçalves perdeu três quilos, o Inácio 1/2 quilo, o Perrota 1/2 quilo e o Peixoto um quilo.

«Para o album da Dulcinha

Menina — moça, formosa,
Liberta-te, da ilusão;
Procura o doce clarão
Dessa vida esplendorosa.

Nessa idade, és uma rosa,
Um jasmin ainda em botão;
Põe Jesus no coração
Que ficarás perfumosa.

Que sejas sempre um encanto
De amor puro e sacrosanto
Para toda a humanidade.

Trabalha para Jesus
E com carinho conduz
A todos da tua idade.

Do Batuira»

«Súplica

A' Dulcinha

Meu Jesus, dá-me o calor
Do Evangelho da Verdade,
Para que eu, com destemor
Conquiste a felicidade.

Que eu receba a luz do amor
Da divina Caridade
E que, assim, possa transpor
A porta da eternidade.

Que eu seja feliz na Terra
E conquiste a paz, que encerra,
Tua doutrina de luz.

Que eu, no Infinito azulado,
Possa viver ao teu lado
Oh! meu querido Jesus.

Arací»

Mensagem de escrita diréta

Por *José Grosso*, homenageando os visitantes e os componentes do «André Luiz»:

»*Mãe Marilia*, se as mulheres
Compreendessem a Verdade,
Para seguir teu exemplo,
Da terra eu tinha saudade.

Madalena, continua
Iluminando a idéia
Fazendo o que fez a outra
Madalena da Judéia.

Emilia, ampara os doentes
Com tua mediunidade,
Afim de que o teu futuro
Seja de felicidade.

Risoleta, brevemente
—Já tenho plena certeza —
Irás substituir o »casca». (1)
O' que grandiosa surpreza!...

O' minha irmã *Margarida*,
Da «Escola Nina Arneira»,
Esclarece os teus irmãos
Nesta vida passageira.

O *Professor*, (2) aí presente,
Estimule a mocidade
A' conquista, nesta vida,
Da santa Luz da Verdade.

O *fotógrafo* (3) que aí está
P'ra tirar fotografia...
A minha, vou vender caro
A bem do Lar de Maria!

E essas nossas *irmãzinhas*
Merecem versos também,
Porque a todos o Zé Grosso
Lhes deseja muito bem.

Laís—cantora do Grupo,
Que anima a nossa reunião...
Que Fidelinho ilumine
Seu bondoso coração.

Lenice, peço a «vancê»
Que incentive, com bondade,
P'ra que «vancês» representem
Em nossa Mocidade.

Amadeu, é necessário,
Para se ser de Jesus,
Perdoar os inimigos
Dando os exemplos de luz.

Ferreira, «vancê» precisa,
Com carinho e amizade,
Cultivar em Macaé
Aquela fraternidade.

Rodrigo, para «vancê»,
Por ser meu amigo velho,
Seja mais interesseiro
Pelas coisas do Evangelho.

Inacio, «vancê» receba
O meu pobre coração;
Precisas sair da dúvida
Para sua salvação.

Jacques, te chamam chorão!
E' a expressão do sentimento;
Dos tempos desperdiçados
Tu tens arrependimento.

Lulu, vens de Juiz de Fóra
Trabalhar pela Verdade!
Age e vê se tu consegues
Semear luz, fraternidade.

Magaldi, «vancê» veio 'ver
Sua filhinha querida
Mas a emoção não deixou
Ver a vida da sua vida!

O «casca» hoje completa
Um ano mais seu de idade!
Abracem-no, vós, por mim,
Com muita fraternidade.

Ilza, Scheila lhe ofertou,
Pedindo p'ra não ter mêdo,
Uma quadrinha bonita
Na Fazenda do Rochedo.

Dulcinha, teu «albo» tem,
De nossa Arací, uma prece!
Orando pede a assistência
Que o teu espírito carece.

Para a *esposa do Lulu:*
Lute com teu companheiro,
Semeando fraternidade,
Êsse sonho hospitaleiro!...»

Rio de Janeiro, 1.º de Fevereiro de 1947.

AMADEU SANTOS.

Vidas Sucessivas

A doutrina das vidas sucessivas, que o Espiritismo incorporou aos princípios de sua filosofia, era ensinada na antiguidade pelos filósofos e grandes instrutores da humanidade e constituia um dos pontos fundamentais dessas antigas filosofias religiosas, que eram prègadas ao povo, óra esotérica, óra exotericamente, de sorte que não se póde insinuar que seja uma doutrina fundada pelo Espiritismo.

E' velha, muito velha e os mais antigos iniciados conheciam-na e prègavam-na, mais ou menos desenvolvidamente, de acôrdo com a época e o progresso das inteligências.

No «Bagavad-Gita», o Evangelho da Índia, Khrishna assim se exprime, prègando eloquênte e indisfarçavelmente a doutrina reincarnacionista: «Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus só são conhecidos por mim; mas, vós não conheceis os vossos. Conquanto eu não seja mais, por minha natureza, sujeito a nascer e a morrer, contudo, todas as vezes que a virtude declina no mundo e que o vilão e a injustiça exorbitam, então, eu me torno visível e, assim, me mostro de éra em éra para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da verdade. — Tudo o que nos sucede nêste mundo é a consequência dos atos anteriores. Somos o que pensamos, e os atos da presente existência amadurecem numa vida futura».

São êsses os antigos ensinos de Khrishna a propósito das vidas sucessivas e constantes do «Bagavad-Gita».

De «Trimegisto» chega até nós esta interêssante revelação que nos patenteia a face evolucionista da filosofia palingenésica: «A pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, o homem em espírito, o espírito em Deus». Profundo e verdadeiro, êsse conceito da vida imortal ainda se mantém de pé.

Os velhos brahmanes e budhistas ainda conservam êste ensinamento induísta, que vem atravessando gerações sôbre gerações: «A alma dorme na pedra, vive na planta, move-se no animal e desperta no homem». E' o princípio inteligente, é o elemente imortal, independente da matéria, que, animando essas formas materiais, vai ascendendo sempre para planos cada vez mais elevados. Êsses dois importantes ensinamentos da filosofia induísta representam, sem dúvida, a mais profunda e generalizada concepção que se póde ter da doutrina palingenésica.

Com efeito, porque aceitar, como dogma, o princípio de que só o homem tem alma? Os demais sêres vivos seriam apenas aglomeração de células, de elementos materiais que morrem, destróem-se e se tornam pó!

Os antigos iniciados tinham melhor concepção da imortalidade e revelam possuir mais profundos e mais justos conhecimentos da teoria das vidas sucessivas.

Muita razão tem certamente o dr. Inocenzo Calderone, diretor de «Filosofia della Scienza», quando, aludindo à reincarnação, escreve: «E' uma lei de evolução do Sêr que, através de etapas indefinidas do seu futuro, acaba por atingir uma consciência pessoal e perfeita.»

Nascemos, vivemos, lutamos, sofremos e morremos para renascer logo mais, em outro corpo, e fecharemos, depois de sucessivos e progressivos renascimentos, o ciclo evolutivo dos nossos destinos imortais.

Djalma Farias.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO — *Minimus*, Rio de Janeiro.

Jesus afirmou que o fim só viria, quando seu Evangelho fosse pregado por todo o mundo, em testemunho de todas as nações.

Certo que não se trata de uma afirmativa vã, por ser do Cristo, que advirtiu, peremptório, passaria o Céu e a Terra, menos suas palavras.

A pregação do Evangelho a todos os povos é que marcará o fim.

Exigência pequenina, na verdade. Poderia exigir mais o Senhor: o cumprimento em atos e exemplos de seu Evangelho. E' bem mais fácil estudá-lo e pregá-lo, do que sentí-lo e praticá-lo.

Afigura-se-nos, a partir da afirmativa do Cristo, que estamos tão longe do fim! O Evangelho está muito longe de ser pregado a todas as nações. Pois, se nem as religiões que se dizem nêle assentes o pregam! O Catolicismo serve-se mais de encíclicas e pastorais, deixando-o em plano secundário. Secundarissimo! Prega-o muito ao pé da letra o Protestantismo, através de suas milhares de seitazinhas. Nem assim, ainda o prega o Espiritismo, que não saiu, ainda, nos países estrangeiros, de sua fase experimental, fenomenológica, metapsíquica. Se Allan Kardec ainda não é estudado e conhecido em meios espíritas estrangeiros, como nos Estados Unidos e na Inglaterra!..

Só no Brasil é que se vai fazendo, póde-se dizer, espiritismo ajustado ás lições do Evangelho; é que se vai estudando o Evangelho à luz do Espiritismo. Assim mesmo, o *Evangelho Segundo o Espiritismo,* que é, apenas, a súmula de uma parte só do Evangelho do Cristo, em que o Codificador descobre cinco aspectos distintissimos. Estudado, mesmo assim, por todos os espíritas? O Censo último revelou 468.000 espíritas no Brasil. Nêste cômputo, estão, naturalmente, os *redentoristas*, para os quais Allan Kardec faz obsidiados, e os umbandistas, que nada leem. Umbandistas e redentoristas em número maior, naturalmente, do que kardecistas. Sabe, geralmente, mais a doutrina que não dá trabalho ao cérebro e não nos impõe o trabalho de nossa reforma espiritual e moral...

Poucos, portanto, os espíritas que estudam o Evangelho do Cristo. E todos os espíritas deveriam fazê-lo em suas reuniões, sistematicamente, uns 10 a 15 minutos no mínimo, a exemplo de um centro de nosso conhecimento.

Todo esfôrço, portanto, que se fizer para a maior difusão do Evangelho do Cristo, à luz do Espiritismo, é tarefa santa, oportunissima.

Mormente, se fôr esfôrço de molde a transmitir os ensinamentos evangélicos em doses mínimas, homoepáticas, que penetram, melhormente, o entendimento, que, melhormente, descem ao coração.

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO, de *Minimus* é um esfôrço assim.

Trata-se de um resumo oportunissimo dos factos e das lições referentes ao Rabi da Galiléia. Pena é que o autor não lhe tenha emprestado coordenação cronológica de factos e ensinamentos. Teria, assim, mais realce, pois tomaria uma feição biográfica interessantissima.

A preocupação do autor, dí-lo na introdução, é resumir as passagens e os ensinos do Mestre *em estudos compreensíveis*. Nós teriamos dito, em vez de *compreensíveis, coordenados, sintéticos,* que compreensíveis eles o são, de qualquer maneira, para os que já têm olhos de ver e inteligência de compreender. Estamos, ademais, com J. Stuart, a afirmar que «o Espiritismo é a chave para compreendermos muitas passagens do Evangelho». Seriam, para tanto, necessárias muitas notas à margem, esclarecedoras. E' certo que o autor põe, no rodapé de algumas paginas, notas esclarecedoras, chamando a atenção para interpretações que o Espiritismo dá a muitas passagens, diferentes da interpretação protestante e católica. Notas, porém, muito resumidas, nos moldes da obra. E todas aceitáveis. Menos uma, que não abonamos. A da pag. 148, a propósiro desta passagem de Mateus (19-28). Em verdade vos digo: vós, que me seguistes, quando na Regeneração o Filho do homem se assentar no trono de sua glória, sentar vos-ei, etc...» A nota põe *Reincarnação* em lugar de *Regeneração*. Nós preferimos o termo *Ressurreição,* no sentido da volta do Espírito à Vida Espiritual, ressurgido, portanto, para a verdadeira Vida. Reincarnação, de resto, supõe existência em mundos-escolas, em planetas como o nosso, de provas, expiação e aprendizado. . E o Cristo dá a entender, exatamente, louros e glórias aos espíritos que souberam vencer suas reincarnações airosamente . . .

Um índice alfabético bem posto e tábuas de capítulos e versículos de cada evangelho, á abertura do volume, facilitam de muito o manuseio da obra.

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO é leitura aconselhavel, de preferência, á juventude espìrita. Um volume que deve ser estudado nas reuniões ordinárias das *Juventudes Espíritas Organizadas*, ás quais, aquí o recomendamos encarecidamente.

O livro é edição da *Federação Espirita Brasileira.*

Agradecemos o volume que nos coube, oferta de seu autor.

Só não agradecemos os termos cerimoniosos da dedicatória Espíritas que somos, acostumados a tratamentos fraternos, reveladores da cordialidade cristã, feita a *prezado irmão espiritual* e quejandos, claro que não podemos agradecer o o *Exmo. Sr.* postos em dedicatórias . . .

Se somos irmãos espirituais em Jesus, é óbvio que deve existir entre nós a cordialidade e confiança próprias de espíritos que já se compreenderam, que vibram pelo mesmo ideal.

CONFRATERNIZANDO, *Semana Espírita de Florianopolis*—Varios autores.

As Semanas Espíritas, como movimentos de aproximação em nome do Cristo e por amor à Doutrina, e maior difusão do Espiritismo, é postulado dos mais caros de nossa *Cruzada do Espiritismo de Vivos.*

Vemos, portanto, com muita simpatia e maior interêsse, as que se realizam por aí além. Principalmente, as que se realizam dentro de programas afins com o nosso movimento, visionando colimar os mesmos objetivos.

Foi êste, o caso da *Semana Espírita de Florianopolis,* realizada em 1946.

Não pudemos, mau grado nosso, tomar parte nela, diante do convite, gentil e insistente, que recebemos para tanto.

E'co brilhante da *Semana Espírita de Florianopolis,* é o opúsculo, CONFRATERNIZANDO, que acabamos de receber. Bem apresentado graficamente; bôa literatura e melhor doutrina; duplo esfôrço apreciável, porque para confraternizar e conseguir recursos para a *Caixa de Propaganda da União Espírita Discípulo de Jesus,* por tudo isso, trata-se de uma publicação merecedora da melhor atenção, de cuidadosa leitura.

São 90 páginas de 23/16, com 24 peças assinadas por vários nomes: os irmãos ilustres que ocuparam a tribuna dos centros espíritas, durante a Semana. Peças da autoria de Pedro Lima Breunsisen, Jobel Sampaio Cardoso, Osvaldo Melo Filho, Asbelina Dias Mourão, Ligia Brazinha, Osvaldo Melo, Maria Candido Raulino, Aido João Nunes, João Alfredo Gonçalves, Arnaldo S. Tiago, Marina Gonçalves, Osvaldo Calixto de Lima, Gilberto Doin Vieira, Maria Novais, e outros.

Agradecendo o volume que nos coube, aos organizadores da Semana, agradecemos, também, a Arí Melo, ás referências ao nosso nome, à nossa atuação a pról das *Juventudes Espíritas.*

Crônica Estrangeira

Senti estar morrendo

«Constancia»

«Em 1915, quando a guerra mundial estava furiosamente desencadeada e as epidemias aumentavam, adoeci de pneumonia e tifo. Com muita febre, fui transportado para o hospital militar de Pilseu (eu servia no regimento da região). Acentuo de antemão que a febre — ainda que elevada — não influia negativamente sôbre a faculdade de meu cérebro e que, o que aconteceu mais tarde, sucedeu com minha plena consciência e com perfeita função cerebral. Por isso eu mesmo não acreditava estar gravemente enfêrmo. Mas quando tratei de escrever a meus pais, apenas narrar o que sucedeu, onde e como estava, vi, com surprêsa, que não pude escrever uma só letra, traçando minha mão sómente uma linha torcida.

Verifiquei, em razão dessa experiência, a gravidade de minha situação.

Uma noite fui inspirado (talvez por meu protetor) que dentro de dois dias, precisamente ás doze e meia da noite, eu morreria. De modo algum me senti aflito por isso, pelo contrário, feliz esperava êssa ocasião e, tanto mais, quanto mais se aproximava êsse momento. Simultâneamente sentia estranha liberação. Ao acontecer isto, eu estava completamente consciente. Sabia que hora era, tanto de dia como de noite, ainda que não tivesse relógio.

Na noite seguinte me senti livre a tal ponto de poder sentar-me. Isto antes eu não era capaz de o fazer. Ocorreu-me olhar para trás, para a cama. E fui tomado de surprêsa, pois na cama estava deitado meu corpo, enquanto que eu estava sentado. Minhas pernas estavam ligadas ao corpo, em seguida também elas se libertaram lentamente até os pés. Alegre aguardava o toque das doze e meia da noite. Com minha vontade procurava acelerar minha morte, mas em vão. Afligia-me por não poder desencarnar por completo até o momento determinado e que não chegaria a tempo.

Quasi violentamente tentava libertar minhas pernas, especialmente quando constatei só me faltarem uns minutos para a hora fixada e que a tíbia ainda estava ligada aos tornozêlos. Então verifiquei que eram as doze e meia. Eu sabia que a partir dêsse instante começaria a reencarnar. Facto que profundamente me afligia. Fui atraído de volta sôbre a cama e, a partir dêsse momento, começou a realizar-se lentamente a reencarnação.

Dois dias estive atormentado pelo fracasso da morte (durante todo o tempo da reencarnação) e, logo após sua terminação, fiquei satisfeito por continuar a viver.

Interessante e instrutiva é também a circunstância de, durante a «morte», não ter pensado em meus pais nem em meus irmãozinhos aos quais muito amava.

Desde essa ocorrência, cada vez que verifico o rápido correr dos anos e o aproximar-se do momento da partida, não sinto mêdo nem tristeza.»

A «Psychicha Revue» comenta o caso do seguinte modo:

> «Um pesquisador das cousas espirituais sabe que não se tratava de morte verdadeira, como acreditava o paciente, mas sim de liberação parcial do corpo fluídico, em estado consciente. Casos semelhantes sucedem a algumas pessoas em periodos de exgotamento por enfermidade ou outras causas.
>
> O morrer e o liberar do corpo espiritual são estados que se parecem, até certo grau. Ao morrer, rompe-se o cordão, ao contrário, na liberação só se libertam por tempo determinado.
>
> O homem pode entrar na esfera espiritual de outra maneira e não só pela morte. Ao morrer, primeiro se esfriam e morrem os membros inferiores e o nosso *eu* se eleva e sai pela cabeça. Assim descrevem os clarividentes a morte, fundados sôbre observação própria e afirmam que, á medida que se vai libertando o corpo espiritual do corpo fisico, êste cessa de irradiar e se converte em matéria inerte.
>
> No que morre, é a cabeça que por mais tempo irradia, e depois de terem desaparecido os últimos sentidos corporais . . .
>
> . . . Um investigador no campo das

ciências espirituais, tampouco se surpreenderia se o paciênte se houvesse liberado naquêle período, trasladando-se para alguma parte — para seus entes queridos — espantando-os com sua aparição...

...Interessante é igualmente a realidade de as pessoas desdobradas considerarem vida e morte de diferente ponto de vista, e não como o fazem em estado normal.

Quando os pacientes estão desdobrados e se lhes pergunta a respeito de seus corpos, não dizem: «eu sou êste», mas sim «eu não sou êste», isto é, o corpo.

Não nos surpreende o facto de não quererem alguns voltar ao corpo, porque em seu estado de liberação se encontram comodamente, leves e frescos.

Tampouco é de estranhar que os que passaram por tais experiências, não temam a morte, como sucedeu no caso dêste relato.

E' preciso considerar que o nascimento do sêr humano não é casual (como pretendem os materialistas e pessoas não iniciadas no mistério da vida do homem) e traz consigo seu postulado, cujo cumprimento é nosso sagrado mandato. E logo que o havermos cumprido, ser-nos-á concedido um período de descanso, seguido de traslado ao mundo novo e melhor.

Outro ensino nos fornece êste facto. E' impossível encarar a vida superficialmente, seus acontecimentos devem ser julgados com sólida consideração. A vida é, em sua base, profunda, misteriosa e exige, de nós, conhecimento e consagração para que nos possa revelar seu mistério.»

⁂

Nascem Diretores Precóces na Itália

«Constancia» reproduziu de «El Mundo» de 20-7-1947.

Reservamos nossa opinião sôbre os meninos prodígios, mas o telégrafo nos fôrça a consignar sua existência na arte musical. A última revelação dessas precóces mentalidades infantís sucedeu na Itália. Faz já alguns mêses, assombrou os públicos, a crítica e os mais peritos compositores da peninsula, a aparição de Pierino Gamba, de 14 anos que dirigiu várias orquestras em algumas capitais italianas suscitando unânime entusiasmo. E quando se começava a olvidar a personalidade do «fenômeno», a agência noticiosa Reuter nos informa de outra descoberta.

—

O citado serviço informativo anunciou, há alguns dias, da cidade do Vaticano, que o Papa Pio XII, recebera em audiência privada, o menino de oito anos, Ferruccio Burco, cuja fama de diretor sinfônico se propagava pélo norte do país. O Papa conversou animadamente com o juvenil maestro, e lhe declarou que também êle é amante da música e ainda gosta, de vez em quando, executar no violino. Terminou a entrevista presenteando o menino com um belo rosário e prometeu fazer o possível para que dirigisse um concêrto na sala do Vaticano. E eis aquí a nossa notícia da mencionada agência, transmitida, ontem, de Roma.

A população desta capital recebeu com aclamações, o menino prodígio Ferruccio Burco, que breve dirigirá a orquestra sinfônica do «Teátro da Ópera». Esclarece ademais, que o músico precóce, nascido em Milão, filho de aplaudida soprano, e que já dirigiu vários concêrtos, não só sente inclinação pela música clássica, mas também, como todos os meninos, gosta de doces e jogos.

Os anais do psiquismo estão abarrotados de factos comprovativos da sobrevivência individual. A produção dêsses factos, dos mais variados e interessantes modos, visa chamar a atenção dos homens para o mais importante problema da vida: o da Imortalidade da Alma. Resolvido êste problema, os homens ficam aptos a solucionar, com relativa facilidade, os demais problemas, porque podem entender as cousas no seu verdadeiro sentido. — L. B.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Centro Espírita «S. Luiz Gonzaga»

Esta Sociedade foi fundada em Itapira, em 17 de Setembro de 1914, pelo inesquecível batalhador Américo F. Machado, desincarnado em 16 de Outubro de 1931.

E' pessoa jurídica, com registro em 15 de Julho de 1915. Com fins altruísticos e cumprindo um dos dispositivos estatuais, a diretoria vigente fundou a Caixa de Assistência aos Necessitados, mantenedora do Asilo Espírita «Luiz Gonzaga», em 17 de Setembro de 1924. A instituição vem funcionando regularmente, dando abrigo, cama e mesa para 22 pessoas, entre velhas, viuvas desamparadas e cegos. Tendo por fim o estudo teórico e experimental do Espiritismo e a propaganda de seus ensinamentos, vem êste Centro executando o seu programa de trabalhos internos, presentemente assim distribuidos: aos domingos, das 15 ás 16 horas, aulas de Espiritismo ás creanças; das 19 e 30 ás 20 e 30 horas, estudo sôbre «A Grande Sintíse»; ás segundas-feiras, das 19 e 30 ás 20 e 30 horas, comentário sôbre «Grandes e Pequenos Problemas»; ás quintas-feiras, ás mesmas

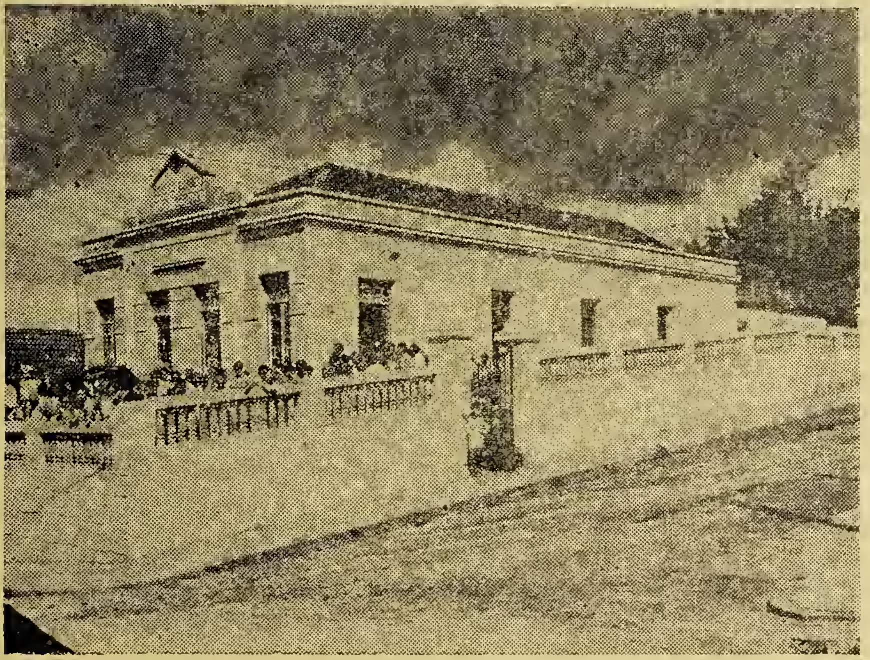

Séde própria do Centro Espírita «S. Luiz Gonzaga»

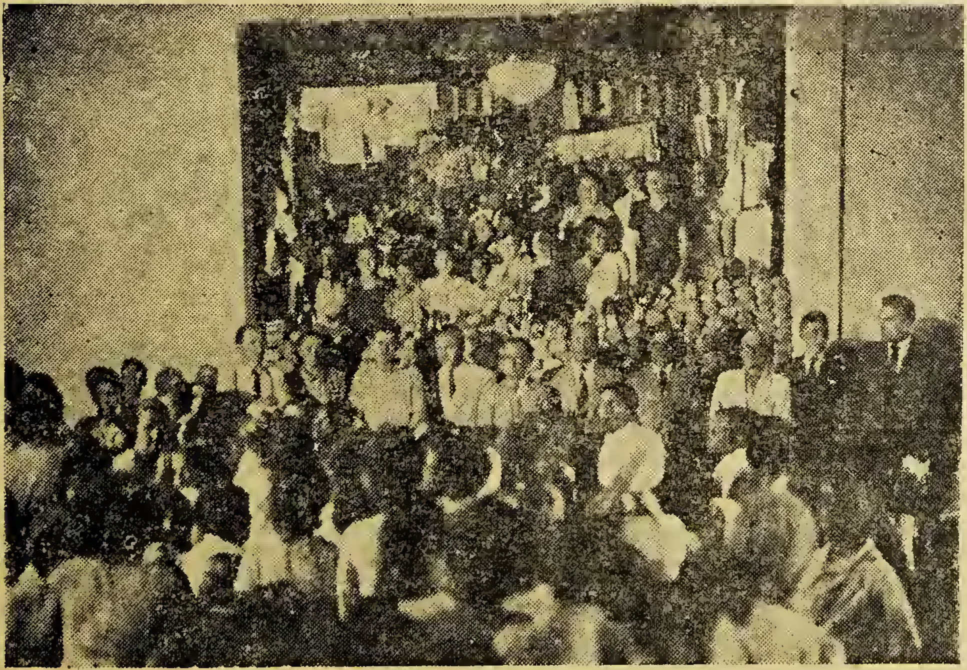

Vista do palco, gêneros, roupas feitas, cortes de vestidos, camisas calças, brinquedos, doces, etc. Senhoras e senhoritas da Diretoria, que auxiliaram a distribuição. (Natal dos Pobres de 1946).

horas, explanação em torno do «Livro dos Espíritos»; ás quartas e sextas-feiras, trabalhos práticos à noite. O Centro mantém uma boa Bibliotéca de obras psíquicas para os seus associados. Em cada fim de mês palestra a cargo da mocidade espírita. O Natal de 1946 foi muito concorrido em dádivas, tanto em dinheiro como em mercadorias.

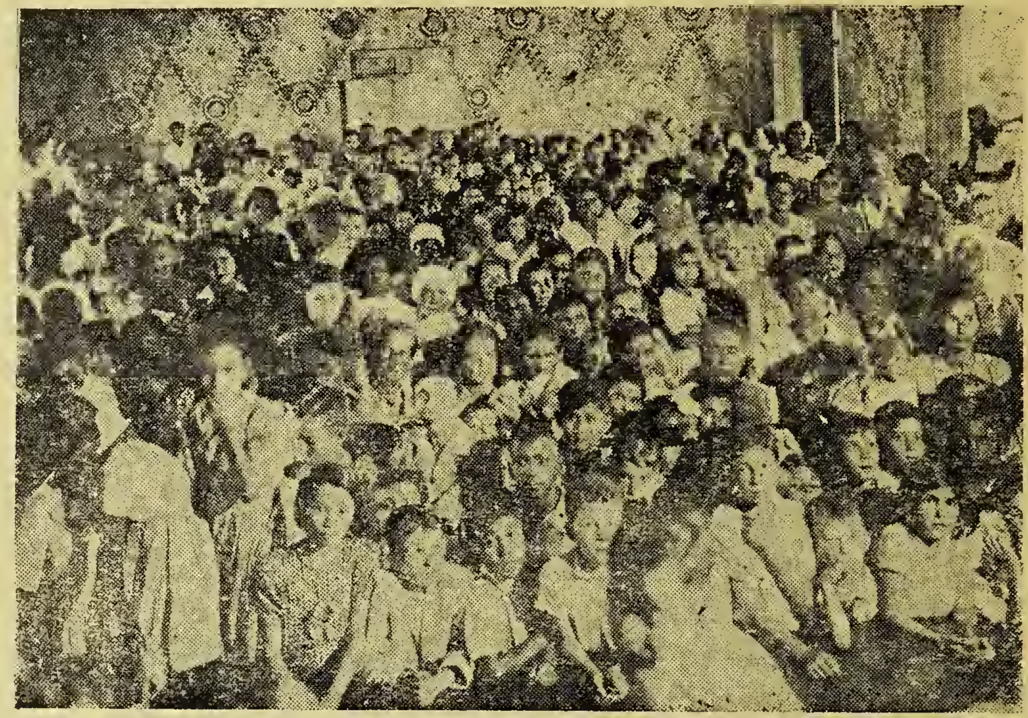

Vista parcial do Salão superlotado de pobres que aguardavam a hora da distribuição. (Natal dos Pobres de 1946 Itapira).

Mãe Dita

Foi por ocasião da Semana Espírita de Cruzeiro, no Estado de S. Paulo, em Fevereiro dêste ano, que conheci Benedita Fernandes. De ha muito tempo o seu nome chegara aos meus ouvidos, revestido de uma auréola de respeito. Chegara mesmo a ler uma crônica de Leopoldo Machado sôbre a estimada irmã, em crença, de Araçatuba, enaltecendo-lhe as peregrinas virtudes. Sabia dirigir ela uma instituição filantrópica, obra gigantesca erguida à custa de sua fé, de seu devotamento à Causa do Bem, de seu amor e de suas lágrimas. Sua figura quasi exótica de preta velha e feia, entrou-me por inteiro na alma. Ainda me sabe bem lembrar o ósculo que ela me dera na face! Essa caricia simples e natural, expressando puro afeto fraterno, que me honra tanto como me honram os puros beijos maternos, perdura serena e imaculada na retina do meu espírito! Suas mãos calejadas e grosseiras, acostumadas a acariciar as criancinhas do orfanato que ela fundou e dirigiu, afagavam indistintamente a todos os seus irmãos. Dizia-se analfabeta e não obstante, com palavra, para esflorar o Evangelho, pregava com erudição e sentimento, fazendo estasiar enormes assistências. Foi a palavra que mais me comoveu e encantou na vitoriosa reunião dedicada à mulher espírita, da referida Semana. Todo o seleto auditório, aliás, permaneceu suspenso, em estado de êxtase, enquanto a querida e saudosa irmã discorria sôbre os ensinos de Jesus. Sempre bem assistida e inspirada, quando doutrinava fazia transportar o espírito dos ouvintes ás regiões superiores da espiritualidade. Soube-se que, em virtude do seu inexedível devotamento á causa do amparo ás crianças e aos obsedados dos departamentos da instituição assistencial que presidia e que eram as meninas dos seus olhos, lhe viera o apelido de *Mãe Dita!*

Verdadeira mãe ela o foi, realmente, dos orfãos, dos pobres e dos doentes de Araçatuba, tornando-se estimada e respeitada em toda zona do Noroeste do Brasil não só dos espiritistas, mas dos adeptos de todas as religiões e até dos descrentes! A sua incultura não lhe obstava profligar o êrro, a injustiça e a tirania. Provocada pelos detratores do Espiritismo a dar o seu testemunho de fé raciocinada, defendia a Doutrina que lhe era tudo na vida, com lógica e doçura. Com a palavra, jamais se excedia. Antes primava pela serenidade embora, ás vezes, enérgica, não contundindo em nenhuma hipótese. E conquanto grave e sizuda quando orava, muitas vezes a vi tagarelando animadamente, transbordando em franco bom humor, que contagiava a todos.

Benedita era bem a figura de uma autêntica missionária, dedicando-se ao amparo dos desventurados. Pobre, pedia aos mais aquinhoados de fortuna, para distribuir pelos mais necessitados. O orfanato, o sanatório, a escola e demais departamentos que compõem a grande obra de assistência social de Araçatuba, são obra sua. Médium curador, aliviou muitos sofrimentos e curou muitas enfermidades. Hoje, ela já pertence ao plano da vida espiritual. Sua desincarnação recente, foi no-la participada pelo querido confrade Vicente S. Neto que, como eu, se fizera um admirador das virtudes da querida irmã. Essa noticia emocionou-me bastante, pois que pretendia atender-lhe ao convite amável de visitar, oportunamente, a sua obra de Araçatuba. A maior emoção, entretanto, estava-me reservada para a noite de ontem, no «Culto Doméstico de Scheila», no lar do casal de confrades Paulo - Maria Ieneè, quando Mãe Dita brindava os assistentes com uma mensagem psicográfica que identifica, perfeitamente a comunicante, pela sua lucidez e pela elevação de suas palavras carinhosas. Sua mensagem fez-me chorar de alegria, de comoção e saudade... Benedita Fernandes está viva na espiritualidade, como viva permanece na memória e no coração agradecido dos seus beneficiados, dos seus confrades, dos seus amigos e admiradores. Mãe Dita continua a velar pelos seus irmãos enfêrmos e necessitados da Terra.

Mãe Dita! que o teu espírito continue, sereno e feliz, a irradiar luz por sôbre todos. Até breve, Mãe Dita!...

Amadeu Santos.

Rio, 14/10/1947.

Lourenço Bianchi

O nosso representante sr. Lourenço Bianchi, nos comunicou que passou a angariar donativos para o Abrigo «Pinheiro Machado», de Novo Horizonte, instituição esta que abriga elevado número de menores e velhos desamparados.

O confrade Lourenço Bianchi, que deverá percorrer a zona douradense e parte da Paulista nova, como nosso representante, está autorizado a reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Solicitamos aos prezados confrades boa acolhida para êste trabalhador da seára, afim de que êle possa encontrar facilidade no desempenho da sua tarefa.

Notícias de São Paulo

Homenagem a Allan Kardec

Realizou-se no dia 4 de Outubro último, no Salão Nobre do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, uma Grande Concentração da Mocidade Espírita, rendendo justa homenagem ao Codificador da 3.ª Revelação.

Êsse festival teve ainda, o objetivo de reunir os jovens espíritas, em torno dos postulados do Cristo, em espírito e verdade.

O orador da noite, Dr. Jonathas O. Fernandes, Juiz de Direito da 5.ª vara civil, aposentado ha dias, fez uma belissima dissertação sôbre a figura do homenageado e, no final de seu sintético «capo lavoro», recebeu da avultada assistência, uma salva de palmas que, também, lhe foram tributadas quando assumiu a tribuna.

Antes e depois da conferência, uma autêntica parada de jovens artistas, deliciaram os assistentes com um programa maravilhoso de música fina e declamações.

Nancy Pulhmann, Julinha Thékla, Franz G. Simon, Alice Campos Melo, Hilda Siqueira, Theodomiro R. Cunha (Nenê), Alda Bertolini, Celia J. Pitt e a notável jovem soprano Ariel Sampaio, sob o comando de Vicente S. Neto «crooner», foram aplaudidos delirantemente, fazendo jús ás palmas recebidas, graças aos seus números de arte, bisados constantemente.

A presidência dos trabalhos esteve a cargo do jornalista Paulo Alves de Godói, e sob a supervisão de Antonio Soares de Carvalho e snrta. Zenóbia Prado.

No início da reunião, à meia luz, foi prestada significativa apoteóse a Jesus, sendo descido do palco, uma imagem da «Meditação de Jesus no Horto», com fócos luminosos.

A prece inicial foi proferida pelo Dr. Julio de Abreu, representante da União Social Espírita, sendo executado nêsse momento, a «Ave Maria» de Gonoud, em violoncélo e piano, por Franz Simon e Alice Campos Melo.

Um quadro de Kardec, todo ornamentado, brilhava «à saciedade», e, ao encerrar-se a noitada, a alegria dominava todos os corações. Aí ficam gravados os acontecimentos mais relevantes da Grande Homenagem a Kardec.

Vicente S. Neto.

União Social Espírita

Com o relatório que abaixo transcrevemos, queremos apresentar aos espíritas do Estado de São Paulo uma síntese do movimento da U. S. E. Analisando os resultados já obtidos, os confrades poderão avaliar os esforços que temos empregado e as lutas que teremos de enfrentar para que a unificação seja coroada de êxitos.

Entidades adesas até o Congresso

Capital, 170; Interior, 361; Total, 531;

Entidades adesas atualmente

Capital, 215; Interior, 403; Total, 618.

Entidades Recenceadas

Capital, 108; Interior, 278; Total, 385. Total de Espíritas recenseados até o momento 60.000; Uniões Municipais formadas, 16; Nomes indicados para delegados distritais 33; Nomes indicados para Membros Regionais do Conselho, 203.

Entidades que efetuaram pagamentos

Capital, 19; Interior, 42; Total, 61.

Mediante a exposição feita, do movimento até o presente momento, a U. S. E. solicita de todos os confrades do Estado, o seu decisivo apoio para que a unificação da família espírita seja concluida em bases sólidas e em um futuro bem próximo. Este movimento, como é sabido por todos os confrades, é um trabalho coletivo, onde todos teem o dever de zelar por uma parte a fim de que a obra seja um legitimo patrimônio dos espíritas.

Uniões Municipais já formadas

As Uniões Municipais já formadas são as seguintes: — Baurú, Jacareí, Sorocaba, Itapira, Porto Feliz, S. José dos Campos, Marilia, Ribeirão Preto, Catanduva, São Roque, Jaú, Taubaté, Tupan, Mogi das Cruzes, Ourinhos e Pindamonhangaba.

A U. S. E. pede aos confrades que instalaram as Uniões Municipais em suas cidades, que nos auxiliem com sua valiosa colaboração visitando as cidades visinhas e incentivando os centros a formarem o mais depressa possível as uniões que deverão tomar a incumbência de orientar e metodisar a prática da doutrina nos recantos mais afastados do Estado.

«Constância»

Comemorando o primeiro centenário do nascimento de Cosme Mariño, o Kardec Argentino, a nossa brilhante colega, «Constância», que se publica em Buenos Aires, dedicou a sua edição de Outubro último a êsse ilustre pioneiro do Espiritismo na Argentina, circulando com mais de 140 páginas, enriquecidas com artigos dos espíritas de mais evidência no Continente Americano.

A's justas homenagens que «Constância» rendeu ao iluminado espírito de Cosme Mariño, juntamos as nossas, num culto de grande estima e consideração.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac2311unse_0

O XXIII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1947 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A' Guisa de Homenagem . . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Os «Milagres» do Padre Antonio à luz do Espiritismo . . . . *Leopoldo Machado*
A Prece e o Canto . . . . . . *J. B. Chagas*
Que acontecerá, depois? . . . . . *J. Herculano Pires*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
«Data Venia...» . . . . *Arnaldo S. Thiago*
As Obras de Assistência Social . . *Aurelio A. Valente*
Trinta Anos Entre os Mortos . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1947 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

A' Guisa de Homenagem

LENDO a história da humanidade, desde a sua infância, em que o homem não passava de um cafre boçal habitando imundas cavernas, vemos que êsse mesmo homem evoluiu admiravelmente em tudo o que exige o emprêgo da inteligência, da boa vontade, da perseverança e, sobretudo do sacrifício, que constitúe a alavanca do progresso, porque sem sacrifício ninguém conseguirá escalar os degraus da escada da Perfeição.

E assim, de habitante de cavernas escuras e infectas, vivendo na mais completa promiscuidade, com os sinái característicos da féra, devorando às vezes o próprio semelhante, ato impraticável pelas próprias féras, o homem apresenta-se hoje, depois de penosa e longa evolução, um sêr dotado de elevadas faculdades, capaz de dirigir-se por si mesmo às altas finalidades da vida. Já sulca os mares em gigantescos transatlânticos, vôa em possantes aeroplanos, criou maravilhas como o rádio e o telégrafo sem fio, sabe tirar do sub-sólo e até da atmosfera os elementos essenciais à rapidez de transportes e à movimentação mais perfeita das máqüinas e instrumentos, na ânsia incontida de tirar o máximo de proveito da mecânica. Enfim, é notável o progresso do homem em todos os setores da atividade humana, e já podemos calcular, baseados no que acabamos de apontar, o que será o homem daquí a cincoenta anos ou um século, considerando que se o homem levava cinco séculos para atingir a um seu objetivo, hoje, pelo seu progresso, encontra mais facilidade, podendo, portanto, diminuir o tempo para, suponhamos, um século.

Mas todo êsse extraordinário progresso do homem foi acompanhado, estimulado e guiado por Deus, que sempre enviou e continua a enviar espíritos esclarecidos que, vencendo sempre a teimosia, o orgulho e a ignorância dos retardatários, à custa dos mais ingentes sacrifícios, levados à lapidação em praça pública, apupados, perseguidos, jogados no fundo de uma cela infecta, onde muitas vezes morriam na mais completa miséria, legaram à humanidade tudo o que de mais elevado tinham no arquívo dos seus conhecimentos.

E' assim que eminentes personalidades deram um impulso extroardinário à arte, à ciência, à filosofia e à religião. Entre elas, sobresai a figura inconfundível de Jesus Cristo na tarefa que lhe tocava: lançar a pedra fundamental da Religião, aquela mesma pedra que, conforme êle próprio afirmára, fôra regeitada pelos edificadores, a saber, a Revelação da Verdade em espírito: que o homem é espírito imortal destinado a alcançar a suprema perfeição através da prática do amor ao próximo; que os habitantes dos dois mundos — o espiritual e o material — podem se comunicar, num intercâmbio que resulta no aceleramento da ascensão de ambos a mundos superiores.

No Capítulo desesseis, versículos de treze a vinte de S. Mateus, vemos que Pedro era médium ao receber e transmitir êle a palavra divina: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo». Esta a Revelação em que Jesus fundou a sua Igreja, e não sôbre Pedro, como erradamente pretendem as religiões chamadas oficiais.

Se o homem, para adquirir tudo o que é indispensável ao bom viver e ás suas comodidades nêste mundo, precisa alargar o campo dos seus conhecimentos e de sua atividade, com maior razão deve procurar adquirir os conhecimentos relativos à sua vida futura — que é a espiritual, sabendo, como sabe, que hoje ou amanhã terá que fazer aquela viágem que fatalmente todos nós temos que empreender, no justo cumprimento dos desígnios divinos.

Portanto, a sua preocupação principal deve ser a de trabalhar pelo seu aperfeiçoamento moral e espiritual, pois se não fizer assim, jamais se libertará das injunções inferiores de um mundo material como o em que vivemos presentemente e será, portanto, sempre infelicitado pelas provações decorrentes do seu agarramento às cousas do mundo. Os títulos onoríficos, posição social e de destaque nos Governos, dinheiro em abundância, diplomas, de nada valem ao homem ao ingressar êle no mundo espiritual se não tiver enriquecido o seu patrimônio espiritual.

Foi justamente para guiar o homem ao lugar que lhe compete no concerto universal, que Jesus Cristo, o maior enviado de Deus, o Mestre por excelência, desceu a êste pequenino planeta. E os seus ensinos, vasados na mais pura moral, os seus feitos, os prodígios que operou, na clara demonstração da Imortalidade da Alma, já se transformaram em uma bússola para todos quantos se identificaram com o espírito da sua inegualável Doutrina, agora revivificada pelo Espiritismo, o Paracleto da sua promessa.

No próximo dia 25 a cristandade comemora mais um aniversário do nascimento de Jesus. E' a maior data do Cristianismo, ou com mais acerto, a maior data até hoje registrada na História da Humanidade, porque ela marca o início de uma nova éra — a éra espiritualista — com a libertação da humanidade do jugo de sua própria ignorância, dos seus êrros e vícios, enfim, de suas imperfeições.

Por êsse motivo, nós não poderiamos deixar de abrir o presente número sem mencionar o grande acontecimento, porque êle é agora parte integrante da nossa vida, tanto mais que devemos aproveitar esta oportunidade para, mais uma vez, rendermos a Jesus, estrela de primeira grandeza das nossas justas aspirações, num testemunho de amor, a nossa profunda gratidão pelas luzes que projetou em nossa alma, as nossas sinceras homenagens.

* * *

O maior inimigo da religião é o materialismo, e êsse não tem mais rude adversario do que a doutrina espírita. O ESPIRITISMO já reconduziu ao ESPIRITUALISMO numerosos materialistas obstinados que até então haviam resistido a todos os argumentos teólogos; é que o Espiritismo faz mais do que argumentar, torna as cousas patentes. E' o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas, porque dá ao homem a convicção de seu destino futuro, e com êsse título deve ser acolhido como um benefício para a humanidade. Ele reanimou em mais de um coração a fé na Providência, fez renascer a esperança no lugar da dúvida; fez mais: arrancou mais de uma vítima ao suicidio, restabeleceu a a paz e a concórdia nas familias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutais, desarmou a vingança e levou a resignação á alma do sofredor.

ALLAN KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XII

O espírito protetor

A Sra. Hauffe, como todos os sonâmbulos e muitas outras pessoas que cultivaram seu ser interior, tinha um guia espiritual invisível. Sócrates e outros se criam sob a direção de um espírito. Tal gênio ou demônio os avisava não só dos perigos que os ameaçavam mas também a outros, revelando-lhes o futuro e ditando suas linhas de conduta.

A falecida esposa de um respeitável cidadão de Heilbronn tinha constantemente perto de si um espírito que não só a prevenia de vários perigos que a ameaçavam mas também de visitas amigas que ia receber, bem como das mortes que iam ocorrer em sua família e finalmente de sua própria. Certa vez, êle se lhe fez visível, sob a aparência de um velho. Sua presença era sentida por ela e por outros e, quando ela conversava com ele, sentiam o ar agitado como que por uma respiração. Muitas testemunhas ainda vivas e perfeitamente dignas de fé podem atestar grande número de factos com referência a êste último fenômeno.

Uma moça chamada Ludwiger, perdera inteiramente o uso da palavra e ficara paralítica desde sua primeira infância. Sua mãe, em seu leito de morte, confiara a suas outras irmãs o cuidado de educar essa jovem desamparada e elas cumpriram pontualmente seu dever, até o dia do casamento de uma delas, em se esqueceram de sua protegida. No meio das festas nupciais, porém, se lembraram de sua protegida e se apressaram em ir para perto dela, encontrando-a, com grande surpresa sua, de pé, e sabendo, de sua própria boca, que sua mãe tinha vindo e lhe havia dado de comer. Era a primeira vez que a ouviam falar, durante toda a sua moléstia, e pouco depois ela morria.

«A's vezes, diz Jamblico, um espírito invisível erra em torno de pessoas adormecidas, para afastar dela sofrimentos da alma e do corpo e, algumas vezes, quando dormimos ou durante sonhos que nos envia o céu, ouvimos uma voz fraca que nos aponta o que devemos fazer».

Conheci um camponês que, durante longos anos, curava as enfermidades por meio de passes ou massagens. Eis, segundo sua própria narrativa, como começou êle a assim agir: aos 39 anos fôra atingido por atroz dôr acima da vista direita, a qual o impedia de trabalhar e zombava de todos os remédios que se lhe davam. Em certa ocasião, a dôr tendo persistido três dias, ele pediu a Deus que a aliviasse e então um fantasma lhe apareceu, fez com o polegar sete passes, desde a vista até a cavidade do estômago, e ele ficou grandemente aliviado. Repetiu, depois, os passes sôbre si mesmo e ficou logo inteiramente curado.

Na coleção dos ensaios de Horst sobre a feitiçaria, lemos que uma jovem estava há muito afetada de claudicação, em consequência de deformação de um osso. Coisa alguma deu resultado até que, certa noite, o osso endireitou-se por si mesmo. A moça despertou sua mãe e seu irmão, perguntando-lhes se não haviam visto e ouvido o anjo que se achava perto dela. Parecera-lhe que algo tocára o osso, depois do que êle se endireitára e toda claudicaçãc desaparecera.

A Sra. Hauffe não falava, sem profunda emoção, da aparição de seu espírito protetor, sua avó Schmidgall, que era seu guia constante e visível. Não falava, porém, senão com muita insistência de todas as aparições e comunicações do mundo dos espíritos. Salvo os casos em que isso se produzia ocasionalmente ou quando se a instava a fazer revelações, nunca a ouviamos falar de tais coisas, de tão grande interesse, todavia. As aparições perturbavam sua saúde e seus pensamentos, mas, para todas as pessoas dignas de fé que aprenderam a conhecê-la, sua lealdade e sua absoluta convicção são incontestáveis.

Na época em que a faculdade de ver os espíritos estava em todo o seu apogeu, ela se cria no estado de vigília, porém, na realidade, estava sob êsse estado particular que chamamos sua vida interior. Sua avó lhe aparecia sempre sob a forma que tinha quando na Terra, mas com atributos diferentes. Parecia ter uma veste com cintura e, sôbre a cabeça, via-se algo como que um véu que lhe cobria os cabelos e caía sôbre as orelhas. Todos os espíritos femininos, sem exceção, traziam aquela espécie de penteado.

Dissemos acima que lhe parecera, certa vez, que era magnetizada por seu espírito protetor e como eram afastados os objetos cuja proximidade a prejudicava. Isto aconteceu ainda aquí, em Weinsberg, ás 3 horas da manhã. Após tê-la magnetizado, o espírito lhe pediu que levantasse e escrevesse, o que ela fez, e lhe disse que o escrito devia ficar como uma indicação ao seu médico, para o modo de magnetizá-la. A Sra. Hauffe pediu ao espírito que a magnetizasse sempre, porém êle lhe respondeu: «Se eu tivesse o poder de agir sempre assim, terieis logo possibilidade de deixar vosso leito e caminhar».

Como já acontecera num período anterior, ela via às vezes uma forma espectral detrás da pessoa a quem falava. Muitas vezes era o espírito protetor de tal pessoa ou ainda a imagem do seu ser interior. Assim, detrás de uma mulher a quem jamais vira, percebeu de uma feita, uma forma vaporosa, com membros delgados e movimentos agitados. Reconheceu-se que aquela mulher era de uma natureza extremamente inquieta.

Outra vez, como olhasse pela janela, uma pessoa desconhecida aconteceu passar e saudou-a, porém ela recuou bruscamente e quando lhe perguntei a razão do seu gesto, me disse ela que, detrás da mulher que acabava de passar, via um homem de aspecto desagradável e vestido de preto. Olhei para fóra e reconheci uma mulher, de caráter muito mau e altercador, que vinha, entretanto, de longe e era absolutamente estranha à Sra. Hauffe.

Detrás de uma jovem criada, que vivia em nossa casa, ela viu muitas vezes a forma de um rapazinho de cerca de 11 anos. Perguntei à criada se tivera um parente com esta idade e ela me respondeu que não. Mais tarde, todavia, me disse que, refletindo sôbre minha pergunta, se lembrára de que um seu irmão, falecido aos 3 anos de idade, teria então exatamente 11 anos.

«Um dia se demonstrará, disse Kant, no sonho de uma vidente, que, mesmo nesta vida, a alma humana está em comunicação constante com o mundo espiritual e que ambos os mundos são suscetíveis de se impressionarem reciprocamente, mas, durante todo o tempo que tudo vai bem, tais impressões passam despercebidas».

Os «Milagres» do Padre Antonio á luz do Espiritismo

LEOPOLDO MACHADO

Não existem milagres para o Espiritismo, que o milagre seria a derrogação das Leis e, para o Espiritismo, nenhuma Lei deve ser derrogada.

Mas, «os milagres» do Padre Antonio?

Fenômenos naturais, embora possam alguns fugir aos conhecimentos da ciência atual, que não é, naturalmente, a última palavra da Ciência.

E o Padre Antonio, um grande médium curador, ainda que êle não o saiba e não queira endossar a qualidade que lhe atribuimos.

Para nós, individualmente e como espírita, vemos sua ação e seus «milagres» por vários prismas.

Enumeremo-los, analisando-os, embora superficialmente:

I) *Uma reação do Espiritismo, forte, contra o materialismo dominante em tudo, até a dentro das religiões mesmas.* Principalmente na medicina, a mais materialista de todas as ciências. Sente-se, com efeito, uma febre de materialidades em tudo. O homem vai condicionando tudo a problemas materiais, passiveis de soluções econômicas, sómente. Ora, uma criatura simples e humilde que, em nome de Deus e de uma Nossa Senhora qualquer, entidades espirituais, realiza prodígios que a medicina materialista não consegue, não será uma prova concreta desta reação?

Não será uma prova de que nem tudo foi contaminado pelos esplendores do materialismo de nossa orgulhosa civilização materialista ?

II) *Sombras de falência do orgulho da medicina materialista,* visto como ninguém admite que um só doente tenha procurado o padre sem ter, primeiro, procurado os médicos. Os abastados: consultórios caros, que exigem exames de tudo. Os pobrezinhos, os postos médicos. Só procuraram o padre, os desiludidos da cura que procuraram, em vão, na medicina materialista. E' óbvio que ninguém se botaria a excursão tão longa e tão dispendiosa para conseguir aquilo que poderia obter na sua rua ou no seu bairro. Ninguém !

III) *A glorificação da humildade e da fé pura.* O padre é humilde, é um homem de bem e crente. Deve, por isso principalmente, curar. E cura, efetivamente, que Deus só delega poderes para tanto, levando em conta virtudes e sentimentos, que não religiões e castas. E' o que se depreende das mais belas lições do Cristo, a partir da magnifica *Parabola do Bom Samaritano.*

IV) *Lição para a Igreja.* Padre Antonio não cura por ser padre, mas por ser crente, humilde e bom. Assim não fôsse, todos os padres curariam, visto como servem, como dizem, à Igreja do Cristo. E todos deviam, efetivamente, curar, de vez que o Cristo afirmou «tudo o que eu faço, vós podereis fazer e mais ainda». Ora, se os sacerdotes não fazem o que o Cristo fez, nem porcentagem mínimas do que o Cristo aconselhou e autorizou áqueles que O seguissem, é porque lhes falta algo para serem, integralmente, sacerdotes da verdadeira Igreja do Cristo. O padre não curaria se residisse no Vaticano, ou num palacio arcebispal, vivendo com todo o luxo e regalias da civilização, como seus superiores hierárquicos.

V) *Medida do estado de graça dos curados.* Cremos que padre Antonio cure uns 5 °/o, se tanto, de quantos enfermos o procuram. E já não cura pouco. Porque não cura todos os doentes que o procuram ? Nem o Cristo curou quantos O procuraram. E' que para o enfêrmo curar-se deve, antes de mais nada, estar em estado de graça para receber a cura, tenha ou não crença no instrumento da cura. Estado de graça imanente de sua fé e de seus sentimentos bons, é óbvio. Por isso é que o Cristo dizia, ás vezes, ao que curava: «Tua fé te curou.» Os enfêrmos que foram até o padre e voltaram na mesma, sinão piores—que é o caso de rapaz de nosso conhecimento, que voltou até obsidiado !—êsses, ou não estavam em estado de merecer a cura, ou sua enfermidade se trata de provas terrenas por que tem de passar, é claro.

VI) *Milagres, as curas do padre ?* Alguem já o procurou, maneta ou perneta, que voltasse com o braço ou a perna que perdera ? Isso, inegavelmente, seria milagre. Suas curas milagrosas seriam realizadas por qualquer crente nas suas condições de fé e de sentimentos, budista ou mosaista, protestante ou espírita. Principalmente, espírita, visto como são curas semelhantes, acontecimentos quasi triviais nos meios espíritas...

VII) *Porque tal poder confiado a um padre ?*

Só um padre, dentro de nossos tempos cheios de catolicismos, poderia focar as atenções de toda gente ; da grande imprensa e do rádio ; poderia ser tolerado pelas leis e pela medicina legal ; enfrentaria a Saude Pública e a Polícia, sem arranhões e perseguições. Duvidamos que um protestante ou espírita lograsse tamanha reclame e tão grande aceitação, por parte de todos e de tudo. Em Recife, o *médium* D. Jael de Carvalho, também arrastou multidões até ela. Seus prodígios lograram a mesma propaganda ? Foram alvos da mesma tolerância ?

VIII) *E' preciso o sacrificio de ir até êle para a cura ?* Absolutamente ! Dilo, aliás, o próprio padre. Desde que o doente esteja no estado de graça, em que a fé e os sentimentos puros o conduziram, poderá receber a cura em toda parte, que Deus está, com a Sua misericordia, em toda parte. Não acreditamos, por isso mesmo, que um espiritualista ciente e conciente do sentido espiritualísticos das coisas, tenha necessidade de procurar o reverendo para curar-se. Mormente, se o fizer á procura da cura do corpo, sómente, que é pensando em seus males físicos que 99 °/o dos enfêrmos o procuram. O espiritualista de facto sabe que os males do corpo são reflexos de males do Espírito, bem maiores : «Vai e não peques mais, para não te acontecer coisa pior» disse o Cristo ao curado á borda do Poço de Jacó, por êle, de velha paralisia, está no Evangelho.

IX) Santo, o padre, porque cura? Um homem virtuoso êle deve ser, que nem todos que curam são santos.

Ao contrário: ha quem cure sem santidade alguma, passivel, também, das trevas exteriores, di-lo o Cristo: «Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expelimos demônios e não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi claramente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.» Quer isso dizer que alguem, um mau *médium* ou mau magnetizador, póde realizar prodígios em pessoas em estado de graça, que apelem, cheias de fé, para êle, porque maior do que a iniquidade do *médium* e do magnetizador, é a crença e o merecimento do enfêrmo, é a misericórdia e o próprio nome de Deus, ou de Jesus, invocado para tanto.

X) Concluindo: cremos nas virtudes do Padre Antonio Ribeiro F.º. Cremos que êle cure, efetivamente, uns 5 o/o de quantos o procuram. Cremos que êle seja um grande *médium*, um missionário do espiritualismo cristão contra o orgulho e a sabedoria do materialismo aí dominante. Cremos que Urucrania e Rio Casca sejam, nêsse momento, outras tantas Mecas de graças divinas jorradas sôbre a miséria humana. Mas, cremos, também, que ha muita exploração e exagero na propaganda que a imprensa e o rádio vão fazendo em torno do caso. Ilustre amigo, cirurgião-dentista, contou-nos, de volta de Rio Casca, que viu o padre dizer a uma entrevada: «Faça um esfôrço e veja se larga suas muletas. Vamos: fé em Deus!» A paralítica fez um esfôrço supremo e conseguiu erguer-se, efetivamente, sem as muletas. O locutor berrou, imediatamente, para o mundo, ao microfone: «Acaba de realizar-se mais um milagre do padre Antonio: uma paralítica deixa as muletas, curada!» Mas, a paralítica saíra como lá chegara...

Ha, portanto, muito exagero e muita exploração em tôrno do facto. Com a venda de medalhinhas da N. S. das Graças e de fotografias do padre, muita gente existe que está fazendo excelente e fácil comércio.

Eis, portanto, como estamos vendo e sentindo os «milagres» do Padre Antonio, como espírita e como observador imparcial dos factos.

* * *

A Prece e o Canto

Agita-se, com insistência no meio espírita um movimento no sentido da substituição da prece pelo canto no início das reuniões, como a inovação *suegéneris* dos últimos tempos, introduzida no Espiritismo. Julgam os seus ideadores, ser viavel a substituição, como se, porventura, fosse possivel um canto ou uma canção, por mais suave ou melodiosa, ocupar o lugar da prece, quando feita em respeitoso silêncio e unção verdadeiras.

Sendo o Espiritismo uma doutrina de liberdade que não admite o dogmatismo em qualquer dos seus setores, devemos nos declarar, com sinceridade, contrários a tal inovação, não considerando tal atitude como crítica jocosa ou áspera aos irmãos de jornada, autores da inovação. Contudo, não devemos tolerar, porque a tolerância excessiva é conivência que, quem quer que seja, tente introduzir descabidas inovações no âmbito doutrinário, e ficando quietos e mudos.

Procuremos, unicamente, com o objetivo doutrinário, estabelecer a diferença existente entre prece e canto.

Os Espíritos referem-se de modo respeitoso sempre que aludem a importância da prece.

Vejamos como Alves Mendes a ela se refere na comunicação ditada ao *medium* Fernando de Lacerda, a qual está inserta no 3.ª volume da obra *No Paiz da Luz*: — «Não se sabe bem o que é prece, senão depois de havermos abandonado a terra. Pela prece se conhece o estado de pureza da alma. Ela, quando sincera e humilde, estabelece em volta de quem a faz, tão luminosa e santa irradiação, que dificilmente espírito algum inferior se atreve a aproximar-se. E' cousa de maravilha vêr como ás vezes, de uma sórdida criatura terrena se desprende, em suavisssimas efluviações, a luz esplendorosa da prece, que vai subindo em ondulações vibrantissimas até se perder no espaço infinito onde reside Deus».

Comumente, não sabemos orar. Damos mais importância ás palavras que saem dos lábios, do que aos sentimentos que nos animam. Precisamos, pois, orar mais com o pensamento, deixando nossa alma partir em busca do Creador e Pae, pelo infinito afóra.

— «Porque, se eu orar numa língua estrangeira, verdade é que o meu espírito ora, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que farei eu, logo? Orarei com o espírito, orarei também com a mente: cantarei com o espírito, cantarei também com a mente». (I, Cor. XIV-14-15). A prece é o recurso de que dispomos para mantermos a comunhão ininterrupta com Deus.

Quem ora com o espírito, ora também com a mente; quem canta com o espírito cantará também com a mente.

A diferença está apenas que a prece quando não é a repetição de fórmula preconcebida, é emanação da alma em busca de Deus!

A prece é uma evocação. Por meio dela, pomos o pensamento em relação com o Ente supremo, a quem é dirigida.

Pela prece o homem atrái para si o concurso dos bons Espíritos, daí Jesus afirmar «tudo quanto pedirdes pela prece, crêde que obtereis, e que vos será concedido» (Mar. Cap. XI), claro que não nos será concedido quando pedirmos cousas absurdas.

A prece é uma súplica a Deus, e por extensão, a qualquer pessoa.

«Tudo o que pedirdes ao Pai pela prece êle vos dará», é categórico.

«Mas, quando orardes, não o façais como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagógas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Tú, quando tiveres de orar, entra em teu aposento e fechada a porta, ora ao teu Pai em secreto. Teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga» (Mat. VI-5/6).

Nas azas da prece receberemos as gotas de luz da misericórdia divina.

Orar é discorrer em público. Rezar é fazer oração à Divindade, sob uma fórmula preestabelecida.

Oração é a reunião de palavras, dispostas segundo as regras gramaticáis formando sentido completo.

O Canto é uma serie de sons musicais formados pela voz. Cantar é formar com a voz sons ritmados e musicáis.

A prece impõe uma série de circunstâncias para que possa surtir os efeitos desejados. O canto não; pode-se cantar desatento, maquinalmente, ao sabor do rítmo da música, repetindo estrófes...

Orar só os homens podem fazer. Cantar até os animais o fazem!...

Orar é mandar o coração pelo Infinito em busca do Pai e Creador!

Orar é, enfim, emudecer para dizer melhor!

Por isso é necessário cultivar o sentimento da prece para que ela se transforme num elemento de vida, indispensável como a respiração.

«A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nêle; é aproximar dêle; é por-se em comunicação com êle. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: *louvar*, *pedir, agradecer.*» (L. ESP. n.º 659.)

Na elevação do pensamento pela adoração contida na prece, o homem aproxima sua alma de Deus.

A adoração está na lei natural, pois, ela resulta de um sentimento inato na criatura, e é por essa razão que existe entre todos os povos, se bem que sob diferentes fórmas.

Os selvagens, tinham os seus rituais de adoração, os seus cultos, aos seus Deuses, a quem louvavam, cantando ou dansando.

Santo Agostinho levanta as lages do túmulo e nos vem dizer: — «Vinde vós que desejais crêr. Os Espíritos celestes acorrem e vem anunciar-vos grandes cousas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros para vos dar todos os seus bens. Homens incrédulos, si soubesseis quanto bem a fé produz no coração e na alma, levando-a ao arrependimento e a prece! A prece! Ah! como são tocantes as palavras que sáem da boca na ocasião em que se óra! A prece é o orvalho divino que acalma o grande calôr das paixões; filha primogênita da fé, ela nos leva pelo caminho que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estáis com Deus; para vós não ha mais mistério, pois Deus se vos manifesta. Apòstolos do pensamento, a vida é para vós; a vossa alma se desprende da matéria e vaga nêsses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem. Caminhái, caminhái pelos caminhos da oração e ouvireis a voz dos anjos. Que harmonia! Não é mais o rumor confuso, não são os ruídos incômodos da terra; são as líras dos arcânjos, as vozes suaves e harmoniosas dos serafins, mais leves que as brisas matutinas baloiçando as folhas dos vossos bosques. Em que delícias não caminhareis, então? Os vossos idiomas não poderão definir tanta ventura, que tanto mais vos penetrará quanto mais viva e refrigerante fôr a fonte em que beberdes, quando orardes! Brandas vozes, embriagantes perfumes, que a alma ouve e saboreia quando se lança nessas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnais, todas as aspirações são divinas. E vós também, orai como o Cristo ao carregar a sua cruz do Gólgota ao Calvário; conduzi a vossa, e sentireis as doces comoções que se passavam em sua alma, apesar de sobrecarregado com um madeiro infamante; êle ia morrer, mas para viver a vida celeste da morada de seu Pai». (Agostinho — Paris, 1861. EVANG. S/ESP.)

Sôbre êsse palpitante assunto diz *Dénis:*

«E' excelente começar as sessões por uma leitura séria e atraente de uma das obras ou revista espíritas escolhidas. Essa leitura deve ser objeto de comentários e permutas de apreciações entre os assistentes. E' êsse um modo de ensino mútuo, que nunca seria de mais recomendar». (*LÉON DENIS — NO INVISÍVEL* — pag. 155).

«O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para tôdas as manifestações sérias. (LIV. MED. pag. 542).

«Orai no começo e ao fim de cada sessão; no começo, para elevardes vossas almas e atraírdes os espíritos esclarecidos e benevolentes; ao terminar, para agradecer os benefícios e ensinos que houverdes recebido. Seja a vossa prece *curta e fervorosa*, e muito menos uma fórmula que um transporte do coração. A prece desprende a alma humana da matéria, que a escraviza, e a aproxima do divino fóco. Estabelece uma sorte de telegrafia espiritual, por cujo intermédio o pensamento do alto, respondendo à solicitação de baixo, desce ás nossas obscuras regiões». (DÉNIS — Ob. cit.)

Ninguém ignora, também, os efeitos benéficos que a prece exerce sôbre os enfêrmos.— «Está entre vós algum enfêrmo?» (Thiago, V-14).

A Prece do Publicano

Ninguém melhor do que o Cristo bem frisou as condições indispensáveis para a melhor eficácia da prece. Há em Lucas aquela admirável passagem sôbre a prece do fariseu e a do publicano, que diz assim: «Subiram dois homens ao templo a fazer oração: um fariseu e outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava lá no seu interior desta forma: Graças te dou, meu Deus, porque não sou como os demais homens, que são uns ladrões, uns injustos, uns adúlteros: como é também êste publicano: Jejuo duas vezes na semana, pago o dízimo de tudo o que tenho. O publicano, pelo contrário, posto lá de longe, não ousava levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, sê propício a mim pecador. Digo-vos que êste voltou justificado para sua casa, e não o outro; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado».

Onde, porém, a prece apresenta-senos em toda a sua grandeza, em toda a sua mansuetude, é quando sái dos lábios do Cristo, nas seguintes expressões: — «Pai, é chegada a hora, glorifica a teu Filho, para que o teu Filho te glorifique a ti. Assim como tú lhe déste poder sôbre todos os homens, afim de que êle dê a vida eterna a todos aqueles que tú lhe déste. A vida eterna, porém, consiste em que êles conheçam por um só verdadeiro Deus a ti, e a Jesus Cristo que tú enviaste. Eu glorifiquei-te sôbre a terra; eu acabei a obra que tú me encarregaste que fizesse. Tú pois agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive em ti antes que houvesse mundo. Eu manifestei o teu nome aos homens que tú me déste do mundo. Eles eram teus, e tú m'os déste, e eles guardaram a tua palavra. Agora conheceram eles que todas as coisas que tú me déste vêm de ti: porque eu lhes dei as palavras que tú me déste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que eu saí de ti, e creram que tú me enviaste. Por eles é que eu rogo: eu não rogo pelo mundo, mas por aqueles que tú me déste, porque são teus. E todas as minhas coisas são tuas, e todas as tuas coisas são minhas;

e nêles sou eu glorificado. E eu não estou jamais no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guardã em teu nome aqueles que me déste, para que eles sejam um, assim como também nós. Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome. Eu conservei os que tú me déste, e nenhum dêles se perdeu, mas sómente o que era filho da perdição, para se cumprir a Escritura. Mas agora vou eu para ti, e digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que êles tenham em si mesmos a plenitude do meu gôzo. Eu dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do do mundo. Eu não peço que os tires do mundo, más sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo. Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade. E eu rogo não somente por êles, mas rogo também por aqueles que hão de crêr em mim por meio da sua palavra. Eu lhes dei a glória que tú me havias dado, para que êles sejam um, como também nós somos um. Eu estou nêles, e tú estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tú me enviaste e que tú os amaste, como amaste também, a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou estejam também comigo aqueles que tú me déste, para verem a minha glória que tú me déste, porque me amaste antes da creação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu conheci-te, e êstes conheceram que tú me enviaste. E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lh'o farei ainda conhecer, afim de que o mesmo amôr, com que tú me amaste, esteja nêles e eu nêles também». (João, Cap. XVII — 1 a 20).

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Maio de 1947.

QUE ACONTECERÁ, DEPOIS ?

J. HERCULANO PIRES

Um telegrama de Londres, enviado pela Reuters, vem pôr novamente em fóco o problema das relações entre o Espiritismo e as diversas religiões. Diz o telegrama que a Igreja Anglicana deu a público, pela primeira vez, um relatório secreto admitindo a «crença da intervenção dos espíritos desencarnados nas experiencias psiquicas». Em poucas palavras, e um pouco mais claro — admitindo a comunicação mediúnica, as relações do plano material com o mundo dos espíritos.

Aquele brilhante discípulo de Pestallozzi que foi o doutor Leon Hypollite Denizart Rivail, médico e pedagogo dos mais conceituados na Europa do século passado, quando iniciou a sua codificação do Espiritismo fez uma curiosa advertência às religiões. Esta nova doutrina — afirmava êle, em outras palavras mas com êste exato sentido — não se destina a destronar seitas e substituir religiões. Seu objetivo é apenas o de restabelecr na terra, em toda a sua pureza primitiva, os ensinos do Cristo, deturpados através dos tempos e confundidos pela vaidade dos homens, sempre dispostos a tudo transformarem, no proveito dos seus interêsses pessoais ou de grupos. O Espiritismo surge num mundo que se divide ferozmente em dois campos opostos. De um lado, o materialismo e o positivismo, que negam os princípios espirituais, ganhando terreno diariamente em todos os paises. De outro, as religiões tradicionais, estagnadas e encarceradas em seus próprios dogmas, impotentes para enfrentar o racionalismo científico da época, e perdendo terreno a cada momento que passa. O Espiritismo aparece como verdadeiro aliado das religiões, provando aquilo que elas não puderam provar, ou seja, a imortalidade da alma, e oferecendo a todas as correntes racionalistas a oportunidade e os meios, que dizem não existir, de se constatar objetivamente essa realidade.

No seu interessante livrinho «O que é o Espiritismo», Denizart Rivail, que se tornou mundialmente famoso e conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, esmiuça bem o assunto, mostrando as vantagens que todas as igrejas teriam, em aceitar o princípio da comunicação entre os vivos e mortos e intensificar as pesquisas nesse sentido. Infelizmente, porém, as igrejas não pensaram assim. Viram no Espiritismo uma espécie de novo concorrente, a surgir na arena, justamente num momento melindroso. Conjugaram suas fôrças no combate ao novo credo, anatematizaram-no e expulsaram-no do seio das suas congregações. Kardec lamentou o facto e asseverou que, mesmo assim, as igrejas deviam ao Espiritismo um grande benefício. E' que o materialismo, já então vitorioso, fôra golpeado nas suas próprias bases. Dali por diante, as religiões não mais encontrariam tantas e tamanhas dificuldades para manterem no seu seio as grandes inteligências que delas desertavam. Experiências científicas das mais notáveis, realizadas por mentalidades da altura de um William Crooks, de um Richet, de um Aksakoff, de um Zoëllner e de muitos outros, asseguravam aos sábios o direito de se dizerem religiosos sem correrem o risco do ridículo. Entretanto, como os espíritas se tornavam cada vez mais numerosos, e as igrejas não os aceitavam, era preciso que se organizassem de maneira independente, constituindo, por assim dizer, não uma nova igreja, mas uma nova corrente religiosa. Foi, realmente, o que se deu. O Espiritismo é hoje uma corrente religiosa, sem dispor de uma organização no sistema das igrejas. Constitui mesmo uma forte corrente, que pode ser assinalada em todos os países do mundo, revelando assombrosa uniformidade nos princípios e práticas da doutrina, embora sem a superitendência direta de qualquer autoridade, pessoal ou coletiva.

Os espíritas, não obstante, alimentam, em toda parte, a velha crença kardeciana de que todas as religiões do mundo terminarão aceitando os seus princípios básicos, ou seja, o da intercomunicação entre vivos e mortos e o da reincarnação. Como base dessa crença, apoiam-se os espíritas nas experiências científicas já realizadas, que demonstram a inegavel existência de um princípio vital e inteligente, extra-corporeo, capaz de plasmar formas materiais tangíveis e entreter relações com os homens, e no facto, também bastante expressivo, de que todos os cientistas que até hoje se aventuraram a experiências neste terreno não puderam negar a evidência das manifestações, embora cada qual procurasse interpretá-las á sua própria maneira. Assim sendo, dizem os espíritas, a realidade da teoria espírita terá de se impor, mais hoje, mais amanhã, e as igrejas terão de aceitá-la, se não quiserem perecer.

Em S. Paulo, há pouco tempo, o dr. Oscrio Cesar realizou algumas experiências nesse terreno. Segundo suas próprias declarações e trabalhos publicamente apresentados, teve o ilustre médico e curioso pesquisador a oportunidade de presenciar fenômenos dos mais espantosos. A tal ponto que, ao reafirmar, para uma reporter, as suas convicções materialistas, não negou que tivesse entrado em contacto com seres invisiveis, temporariamente tornados palpaveis, e que classificava como «habitantes da quarta dimensão».

Seria, êsse telegrama de Londres, a primeira notícia a animar de maneira mais concreta e positiva, a crença espírita de que as igrejas caminham para a aceitação dos princípios reencarnacionistas e mediúnicos? Se assim for, que consequências traria para o mundo, numa época de transição como a que vivemos, tamanha reviravolta em todos os dogmas fundamentais das diferentes crenças religiosas? E como teria a ciência de encarar novamente o facto, do qual se arredou, ao que parece, pelo simples motivo de não querer se envolver tão profundamente em questões que afetam o complicado terreno das religiões? São perguntas que aí ficam, para a meditação do leitor curioso.

«Jornal de S. Paulo» de 19-11-1947.

As ideologias de pura concepção humana sempre deixam após si, a destruição e o infortúnio, porque se estribam em mesquinhos interêsses pessoais. Entretanto, elas são o brado de advertência a despertar as consciências no sentido de se nortearem segundo os preceitos cristãos, que não visam defender os interêsses de uma casta ou partido, em detrimento da felicidade de uma grande maioria, mas o bem estar coletivo sob a égide da justiça e da fraternidade. — CAIRBAR.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— IV —

No capítulo sexto, Geley entre a estudar as teorias clássicas do subconsciente. A ciência clássica divide em duas grandes categorias as teorias do subconsciente: Teorias fisiológicas e Teorias puramente psicológicas.

As teorias fisiológicas se subdividem em: Teoria do automatismo e Teoria da morbilidade.

Esse automatismo, porém, que se verifica em fisiologia, por exemplo, na circulação do sangue, não tem parentesco algum com as manifestações de um psiquismo inovador e criador, como existe no ser vivo. Pode ser inato e não depender de um costume adquirido durante a vida. Mas, seja inato ou adquirido pelo hábito, o automatismo não explica o caso das personalidades múltiplas, reveladas em alguns indivíduos, as quais dão provas de uma espontaneidade e de uma vontade autônoma. Não procedem conforme a um hábito automático, porque mostram direção e originalidade. Sua vontade é perfeitamente clara e diferente da vontade do indivíduo normal, ao qual pode ser até hostil, como no caso da Senhorita Beauchamps, estudado pelo Dr. Morton Prince. Como classificar de automatismo a atos que revelam vontade, espontaneidade, autonomia nas chamadas personalidades segundas, as quais se nos revelam ainda mais patentes no mediunismo? Manifesta-se por vêzes um psiquismo completo, com faculdades próprias de querer, de saber, de discorrer; por vêses êsses conhecimentos são muito diferentes do indivíduo em seu estado normal, como no caso de conhecer uma língua que êle não sabe. Estas faculdades, nos casos mais notáveis, parecem nada ter de comum com as faculdades do médium. Como classificar êsses factos como automatismo?

E no caso das produções subconscientes de ordem artística, filosófica, científica? A inspiração do gênio não póde ser atribuida a automatismo do cérebro senão por um vício de raciocínio.

Vejamos o que se passa nas produções subconscientes:

«Eis aquí um primeiro caso típico: Um sábio, um artista, um pensador começa um trabalho. Encontra dificuldades imprevistas, luta por vencê-las, interrompe-se e, desanimado, abandona o trabalho. Com grande surprêsa sua, a solução que havia procurado em vão, se lhe apresenta, algum tempo depois, sem o menor esfôrço, e o trabalho interrompido é acabado com incomparável facilidade».

Vejamos outro tipo:

«Um sábio, um artista, um pensador, etc. não prevê nem prepara o trabalho que vai realizar. Produz sob a influência de uma «inspiração» de todo independente ao seu desejo e à sua vontade, e em alguns casos, contrária ao seu desejo e à sua vontade. Não há aquí o menor indício de automatismo. Êste sábio, êste artista, êste pensador, não governa sua inspiração; é governado por ela».

A teoria da morbilidade ainda é mais pobre, mais ilógica, mais arbitrária, mais vã. Admitir-se que a doença possa produzir o gênio, elevar o valor intelectual e artístico do indivíduo, é vício de raciocínio e está em oposição aos factos. Geley divide êsse capítulo em sete partes, demonstrando exaustivamente a incapacidade das teorias materialistas para explicarem o subconsciente. De passagem diz:

«Rousseau, enchendo páginas de escrita num arroubamento, sem esfôrço algum, sem reflexão, em lágrimas de alegria; Musset, ouvindo um gênio misterioso lhe ditar seus versos; Sócrates, obedecendo ao seu «demônio»; Schopenhauer, recusando crêr que seus postulados

inesperados e não procurados fossem sua própria obra, procedem, de facto, como médiuns».

Nem há dúvida que a mediúnidade é eterna e universal. Desde que existem Espíritos encarnados sôbre a Terra, seus Guias espirituais lhes dão inspirações e orientação. Só recentemente foi cunhada a palavra «médium», mas expressa um fenômeno universal e eterno. Enquanto a ciência oficial não estudar a mediunidade em todas as suas múltiplas modalidades, o homem será um mistério para ela. As hipóteses mais desencontradas formarão um cipoal tenebroso. Geley é um pioneiro nesse sentido, mas encontrou barreiras tremendas nos preconceitos dos homens de ciência. No entanto, sua obra não morrerá. Os factos sempre repetidos se encarregarão de lembrá la a gerações mais inteligentes no futuro.

E quando chegar êsse tempo, quando o cientista não for materialista, a ciência fará prodígios: transformará rapidamente o mundo. O médico será um sacerdote que tratará primeiramente da alma, para obter a harmonia do corpo; voltaremos às idéias de Sócrates que até hoje não estão compreendidas nem praticadas. Há dois mil e quinhentos anos, Sócrates percebeu a verdade e disse:

«*Se os médicos são mal sucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.*»

Stefan Zweig, em seu excelente livro «*Heilüng durch den Geist*» (A cura pelo Espírito), nos lembra que em todas as civilizações antigas o saderdote e o médico eram um só homem. Mais tarde apartaram-se, cada um seguiu seu caminho, e assim ficou divorciado o Espírito da matéria.

A pouco e pouco a medicina irá compreendendo essa verdade. Os médicos como Geley, Pauchet e outros modernos estão dando passos para êsse grande progresso da humanidade: curar a alma para que o corpo seja são. Não pode ser transformação rápida, porque a cura da alma reclama séculos de trabalho. Temos nalma doenças milenárias a ser curadas!

Fenômenos de Materialização

XI

Ata de reunião de Assembléia Geral do Grupo Espírita «André Luiz», em 8 de Fevereiro de 1947.

Aos oito dias do mês de Fevereiro de 1947 na séde provisória do Grupo Espírita «André Luiz», à rua Moncorvo Filho n.º 27, sobrado, ás vinte e meia horas, presentes os seguintes confrades: Antonio Alves Ferreira, Amadeu Santos, Jacques Aboab, Emilia Póvoa Santos, Salvadora Assis, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, Maria Madalena de Oliveira, Dulce de Fátima Oliveira, Dulce Santos, Vicente Viola, Risoleta Vilar Viola, Lais Teixeira Dias, Lenice Teixeira Dias, Inácio Domingos da Silva, Margarida Melich, Luiz Fernando Melich, Antonio Gonçalves, Vitorino Eloi dos Santos, Alina dos Santos, Newton de Barros e Julio Barcelos, realizou-se a reunião de Assembléia Geral, previamente convocada pela primeira diretoria provisória, iniciada pelo canto coral do hino «Obreiros de Jesus» e de uma prece feita pelo Ferreira. A sessão foi presidida pelo confrade Antonio Alves Ferreira que convidou, ao que esta ata redige, para secretariá-la. Depois de expôr os motivos da presente Assembléia Geral e que colimavam, em síntese, o reajustamento do nosso Grupo com o eleger-se uma nova diretoria provisória que tratasse de elaborar os seus estatutos e tomar todas as providências indispensáveis a dar-lhes personalidade jurídica, de acôrdo com as leis vigentes; reorganizar a estrutura da sua diretriz, aparelhando-o de todos os recursos precisos aos seus vários departamentos; imprimir um rumo convencional e estruturar métodos consentâneos com o bom andamento e o melhor rendimento dos nossos trabalhos e, finalmente, tomando as medidas preliminares e urgentes que se nos afiguravam obrigatórias em face de vulto e transcendência das nossas sessões, as quais teem tomado um caráter verdadeiramente científico e, principalmente, teem produzido excelentes resultados no sentido da melhoria e da cura dos nossos irmãos enfêrmos, através das nossas sessões de tratamento astral, pelo processo de transmutação de células, a cargo dos nossos guias espirituais. Estas medidas e providências —informa ainda a presidência—eram tomadas à vista da conclusão a que chegára a primeira diretoria provisória, mormente depois da sessão anterior, de terça-feira, dia 4 do corrente, durante a qual os espíritos amigos que teem a missão de nos orientar, da Espiritualidade, nos encareceram a necessidade de nos reajustarmos e reorganizarmos, evitando a afluência de curiosos, por enquanto, pois que ainda estamos na fase nascente, e não dispomos, ainda, de um coficiente valioso em que os nossos guias encontrem uma base de apôio e cooperação, de profunda sensibilidade de ordem afim e espiritual, condição imprescindível para as reuniões de tamanha responsabilidade e de tão sutil e significativo alcance moral e espiritual. Nesta citada sessão, ao que se comentou, apenas falaram, por voz direta, os espíritos de José Grosso e André Luiz, sendo que o Fidelinho produziu explosões de luz e um espírito (*) não identificado, materializou-se parcialmente, sendo batida uma chapa fotográfica. A presidência oferece a palavra livre para quem dela quisesse fazer uso, fazendo as sugestões que entendesse sôbre os assuntos em debate. O confrade Jacques Aboab propõe que, para a eleição da nova diretoria, deveria adotar-se o critério da escolha, pelo menos referente ao cargo de presidente de um companheiro que pudesse ser assíduo ás nossas sessões e não estivesse obrigado, por exigência dos seus encargos profissionais, a ausentar-se constantemente da Capital, onde está sediado o nosso Grupo. O irmão Vitorino Eloi dos Santos, propõe que seja aproveitada a 1.ª diretoria provisória, a qual ficaria com poderes expressos para cuidar da reorganização do Grupo. Amadeu Santos, com a palavra, propõe que se proceda imediatamente á eleição de nova diretoria, por escrutínio secreto, sendo que se escolheria apenas o presidente, ficando êste encarregado de apontar nomes para preencher os demais cargos da diretoria «ad referendum» da Assembléia Geral. Esta proposta foi aprovada por unanimidade, retiradas que foram, pelos proponentes, as propostas anteriores. O senhor presidente manda proceder logo á eleição o que se observa, escolhendo os confrades Vicente Viola e Lais Teixeira Dias para escrutinadores e acusando o seguinte resultado: Para presidente — Antonio Alves Ferreira, 19 (dezenove votos). Jaques Aboab 1 (um voto); e Vitorino Eloi dos Santos, 1 (um voto). Tendo alcançado maioria absoluta, o confrade Antonio Alves Ferreira foi considerado desde logo empossado no cargo de presidente, apresentando uma relação dos nomes

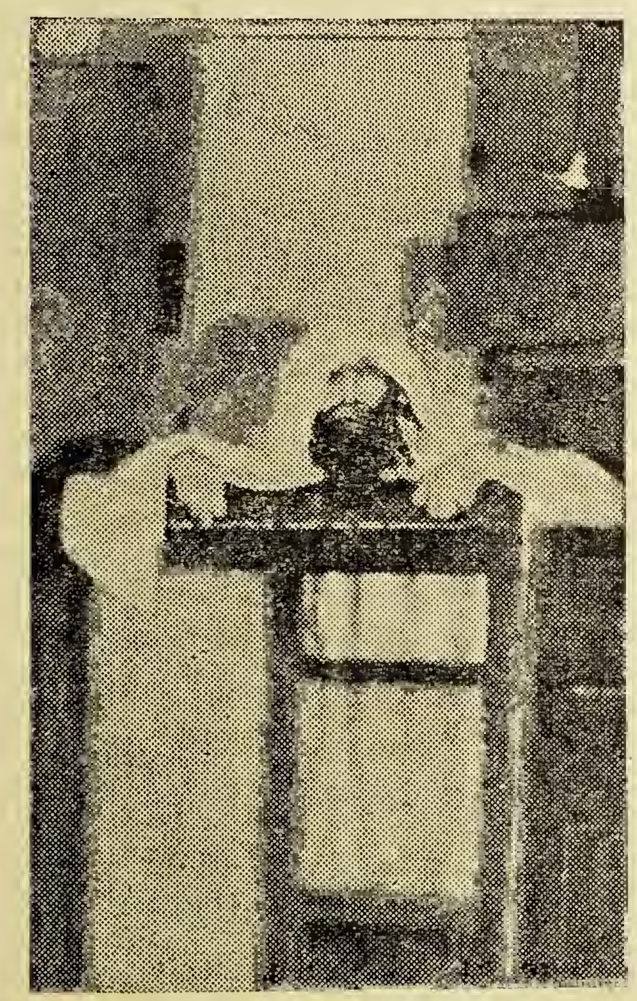

Fotografia do Espírito materializado de João de Deus

(*) Numa das sessões subsequentes ficou positivado tratar-se do espírito de João de Deus, ao tempo em que, na penultima incarnação, fôra hindú. Os traços fisionomicos, entretanto, como é fácil de se constatar, tem profunda similitude com os do festejado poeta luzitano. (Nota do cronista).

das pessoas que deveriam ocupar os demais cargos de diretoria, recebendo para logo o «referendum» da Assembléia Geral, sendo todos empossados pela presidencia. Ficou, pois, assim constituida a nova diretoria provisória:

Antonio Alves Ferreira, presidente; Jacques Aboab, 1.º vice-presidente; Amadeu Santos, 2.º; Newton de Barros, 1.º secretário; Lenice Teixeira Dias, 2.º; Antonio Gonçalves, 1.º tesoureiro; Vicente Viola, 2.º; Inácio Domingos da Silva, procurador; Luiz Fernando Melich, bibliotecário; Rodrigo Rodrigues de Oliveira, diretor da Assistência. Por proposta do confrade Vitorino Eloi dos Santos, deliberou-se considerar sócios fundadores todos os confrades que tomaram parte na reunião de fundação do Grupo, em seis de Julho de 1946 alguns dos quais estão domiciliados no Estado do Pará, e bem assim os que estão ausentes, mas que têm sido companheiros assíduos nos nossos labores espirituais, constituidos uns e outros das seguintes pessoas: Oliveiros Assunção de Castro, Delio Cabral Marques, Virgilio Pais dos Santos, Jandira Gení Gazeta Santos, Luiz Mesculin Junior, Florinda Mesculin Junior, Aleixo Vitor Magaldi, Francisco Peixoto Lins, Benedito Peixoto Lins, Euridice Ferreira, Marly Neto Ferreira, Dulce da Conceição dos Santos, Maria de Oliveira Jennè, Dasy Jennè, Alcina Teixeira Dias e Moralina Teixeira Dias. Ficou ainda deliberado o seguinte: 1) não serem admitidos, por enquanto, novos elementos nas sessões de tratamentos astral; 2) serem rigorosamente observados os horários de todas as reuniões do Grupo; 3) suspenderem-se, por prazo indeterminado os trabalhos de efeitos físicos com a produção de fenômenos de materialização, em vista do precário estado de saúde do médium Francisco Peixoto Lins, continuando, porém, os trabalhos de sábado, de tratamento astral com outros médiuns em desenvolvimento destacados pelos guias espirituais, com a formação de ambientes, por elementos do Grupo pelo processo de rodizio na residência dos doentes; 4) submeterem-se os trabalhos da casa á ordem e condições seguintes, além da reunião da diretoria, convocada a critério da diretoria: a) ás 3.as-feiras — reunião de estudos do Evangelho de Jesus, das obras fundamentais e da subsidiárias da Doutrina Espírita; b) ás 4.as-feiras — reunião para consulta e orientação aos guias espirituais, a cargos dos confrades Vicente Viola, Risoleta Vilar Viola e Francisco Peixoto Lins; c) ás quintas-feiras — reunião da Juventude Espírita «Abel Gomes», sob a direção das nossas irmãs Lais Teixeira Dias, Lenice Teixeira Dias, e Margarida Melich; d) aos sabados — sessões mediúnicas, privativa dos confrades que já a compõem ou outros que venham a ser destacados pelos guias espirituais sob a direção dos membros da diretoria, presentes ás reuniões por ordem de escala do cargo que exercem; 5) estabelecer-se um quadro social, cuja contribuição mensal será facultativa, a partir de Cr. $ 5,00, cinco cruzeiros, a contar do mês de Julho p. passado, sendo o pagamento dos mêses passados, facultativo, e sendo considerados igualmente sócios em pleno gôzo dos direitos e sujeitos aos deveres a êles inerentes, os confrades cuja situação financeira não comporte pagarem suas mensalidades; 6) nomear-se uma comissão para elaborar o projeto dos estatutos do Grupo, ficando constituida dos seguintes irmãos: Amadeu Santos, Newton de Barros e Vitorino Eloi dos Santos; e, finalmente, por proposta do confrade Vicente Viola; 7) consignar-se em ata um voto de congratulações pelo trabalho realizado pela 1.ª diretoria provisória, óra extinta, e manifestar os augúrios de bom êxito dos trabalhos que a nova diretoria, recem empossada, vai empreender, para que encaminhe o nosso Grupo pelo caminho da harmonia, da paz e do progresso para que colime os elevados cometimentos a que êle se destina, objetivando o bem estar e a evolução espiritual de todos os sêres, quer incarnados, quer desincarnados. A nossa irmã Lais cái em transe, pedindo se fizesse uma prece em benefício dos sofredores, do que se encarrega a nossa irmã Margarida Melich. O querido espírito de Abel Gomes, que há tempos nos dera uma orientação fecunda, sob a forma simbólica de um triângulo, formado pela palavra *«aja»*, composta, como se vê, das iniciais dos três nomes dos primeiros idealizadores da fundação do Grupo, comunica-se por um dos médiuns presentes, dando-nos salutares e elevados conselhos, congratulando-se, em seu nome e no de todos os nossos guias espirituais, pelo êxito atingido com a presente reunião, a qual marcava um passo firme na escala do progresso da nossa nóvel e modesta agremiação. A nossa irmã Lenice Teixeira Dias sugere que seja cantado o hino «De Joelhos», da autoria da poetisa patrícia Auta de Souza, numa singela mas sincera homenagem àquele espírito amigo, pela passagem do seu aniversário de desincarnação, ocorrido na presente data, o que fez com toda a unção espiritual, com aprovação geral e com o agrado manifesto de todos. O snr. presidente incumbe a nossa irmã Salvadora de Assis de proferir a prece final, com o que declarou encerrados os trabalhos em nome de Deus, de Jesus, do nosso patrono e demais guias do Grupo. E nada mais havendo a tratar, eu, Amadeu Santos, secretário «ad-hoc», lavrei a presente ata que vai por mim assinada com o Snr. presidente.

Amadeu Santos, secretário ad hoc.
(a) Antonio Alves Ferreira, presidente.

"Data Venia..."

Arnaldo S. Thiago

Parece incrível que sómente agora, após dois anos da sua publicação em «Estudos Psíquicos» (N.º de Junho de 1945), venhamos pedir vênia ao Snr. Ramos Pereira, erudito critico literário da revista em apreço, para tecer alguns comentários em tôrno das apreciações feitas por S. Ex. ao livro de nossa autoria «Comentários à História das Religiões»! E' que só agora nos veio às mãos êsse número da revista.

Não que pretendamos, em mínima forma que seja, modificar o juizo de S. Ex. a respeito do mérito da obra: ninguém pode ser juiz em causa própria. Apenas para cumprir o dever moral de demonstrar, afirmando-o, qual o objetivo que tivemos, ao dar a público êsse livro, é que nos abalançamos a dizer o que se segue.

Antes de tudo, queremos declarar que longe de nós esteve o intuito de fazer obra de erudição. Propusemo-nos, sim, a extrair da ganga imensa da História das Religiões, o elemento espiritual que em todas as crenças se encontra, como o diamante precioso num montão de cascalho. Para êsse fim, exclusivamente para êsse fim, confessamo-lo com sinceridade, foi que procurámos basear os nossos «Comentários» (títulos que se nos afigura nada ter de imodesto), especialmente sôbre as obras de um autor materialista — Reinach e outro, católico — Huby.

Não foram os únicos que consultámos; mas os que, reafirmamos, nos proporcionaram material para a nossa análise. E esta foi orientada no sentido de exumar o *sentimento* religioso, existente nas crenças de todos os povos, do amontoado de fórmulas litúrgicas, de ritualismos, de símbolos, a que se apegam os autores, em geral, quando escrevem, especialmente se tem estrito critério científico, sôbre a história das religiões. Uma leitura atenta de «Comentários» revelará a procedência do que alegamos.

Tivesse querido o eminente crítico luzitano considerar êsse nosso objetivo, melhores probabilidades se lhe apresentariam de encontrar o pensamento orientador do trabalho ao qual demos, por isso, o título singelo de «Comentários».

Aliás, no prefácio chamamos a atenção do leitor para as «grandes deficiências que no livro se encontram, as quais serão a seu tempo, supridas».

De tal modo se revelam claros, no conjunto da obra, os nossos intuitos, que a êles se referem quase todos os críticos que se dignaram apreciá-la.

«Mundo Espírita», em seu número de 2 de dezembro de 1944, assim se externa: «Para os desejosos de conhecer a extraordinária e incessante movimentação do sentimento religioso dos povos, através do tempo, não poderão encontrar melhor e mais seguro guia que essa valiosa obra de pacientes pesquisas e meditado estudo com que o autor vem de brindar a nossa literatura».

«Reformador» em sua edição de Dezembro de 1944, assim finaliza a sua extensa apreciação de «Comentários» : «Se outro mérito não contivesse, «Comentários à História das Religiões» se recomendaria pelo facto de vir dotar a bibliografia religiosa de mais um trabalho que situa o Espiritismo no lugar que lhe é devido entre os sistemas religiosos vigentes». Em outro tópico, há uma referência ao pensamento que orientou o autor da obra, para se lhe fazer justiça, nestes têrmos: «Logrou a êsse respeito alcançar o seu desiderato,... quer esclarecendo aspectos que tem permanecido obscuros em virtude da posição em que se colocaram autores credenciados, mas sujeitos a influências que não vem a pêlo discutir...»

J. L., um ilustre acadêmico que mal se encobre sob essas iniciais, escrevendo na «Revista da Semana», de Janeiro de 1945, diz, entre outras cousas: «Um aspecto novo, é de apontar-se, apresenta a obra do professor Santiago: a feição espiritista dos «Comentários» escritos, aliás, com abundância de conceitos, clareza e no rico estilo a que o Autor já se acostumou a nos habituar. E' obra, pois, de inegável mérito e indispensável à cultura, de espiritistas ou não, e que tem, sobretudo, a virtude de demonstrar que, no fundo, as religiões são formas da Religião, parcelas de uma soma, de um todo doutrinário, de que sobressái a verdade cristã do Deus Único».

Vê o Snr. Ramos Pereira que foram diversos os críticos que encontraram o nosso pensamento orientador na organização dêsse pequeno trabalho: procurar o espírito que vivifica e extraí-lo da letra que mata.

Feita esta ressalva, o mais que se possa dizer, pró ou contra «Comentários à História das Religiões», depende do ponto de vista em que se coloca o leitor. Que o nosso intuito, sincero e bem intencionado, seja reconhecido, é o que, *data venia*, a todos solicitamos.

Queremos, outrossim, aproveitar esta oportunidade para uma retificação: Em a nota (5), pag. 332 atribuimos a autoria de «O Chanceler de Ferro» a Emmanuel, quando a mesma é de J. W. Rochester, sendo o médium W. Krijanowsky.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1947.

As Obras de Assistência Social

AURELIO A. VALENTE

HA tempos deparámos com uma notícia que nos comoveu, a organização de uma sociedade com o fim exclusivo de auxiliar a viúva do antigo propagandista João Pinto de Souza, cuja situação era aflitiva.

As condições dessa desventurada viúva não representam exceção. A maioria dos espíritas é pobre, quase todos vivem exclusivamente de ordenados e bem modestos. Nós conhecemos o estado em que se encontram as viúvas dos confrades que estiveram em evidência, mas... que sabemos das mais humildes ? Nada, simplesmente nada. E por que acontece isso ? Em grande parte por nossa própria culpa.

Os espíritas desejam resolver o problema da miséria, da mendicância, da orfandade com asilos, hospitais, dispensários, abrigos noturnos, quando essa tarefa apenas é improfícua. Essa iniciativa e dever, cabe exclusivamente aos poderes públicos, para êsse fim todos pagamos elevados tributos, direta ou indiretamente.

Não queremos de modo algum opormo-nos ao abençoado ponto de vista e iniciativa dos nossos confrades que em bôa hora tomaram a si a incumbência de encargos tão altruísticos, mas, a nosso ver, os nossos confrades em sua maioria aventuram-se a empresas que ficam desde logo sob a ameaça de fracasso ou passam a viver com dificuldades inauditas, e para obviar êsses precalços valem-se de pedidos contínuos aos já exgotados companheiros, e quando não são atendidos ficam sujeitos ao juizo temerário dos outros. Ninguém se lembra de que muitos já atingiram o limite de suas possibilidades.

Conhecemos alguma cousa do que se passa no Asilo do Cristo Redentor, por isso, podemos dizer que nos últimos tempos nenhuma instituição espírita, protestante, católica ou maçônica fez mais, nenhuma já obteve um nivel tão elevado de recursos, nenhuma chegou a amparar tão numeroso contingente de mendigos. todavia, quem conhecer a situação da *cidade maravilhosa*, tem a impressão que existe um completo abandono pela sorte dos pobres. As ruas continuam cheias de mendigos, de gente de miserável condição.

Numa época em que todos alardeiam que é preciso — *seguir o mestre* –, porque não são as suas obras melhor estudadas? No livro *«Obras Póstumas»* Allan Kardec escreveu o seguinte: *«Por isso nos opomos, com todas as fôrças, a que os espíritas fundem, prematuramente, qualquer instituição especial apoiada na doutrina, antes que esta assente, em bases sólidas. Seria exporem-se a decepções inevitáveis, cujo efeito seria desastroso, pela impressão que produziria no público e pelo desânimo que traria aos próprios adeptos».*

E' ainda do nosso Mestre o seguinte: «Um ponto essencial na economia de toda administração previdente, é que a sua existência não fique dependente de eventualidades, que podem falhar; mas de recursos certos, regulares, de maneira que a sua marcha não sofra embaraços, haja o que houver. E' preciso, pois, que as pessôas de cujo concurso ha mister, não tenham que se preocupar do futuro. Ora, a experiência demonstra que devem ser reputados aleatórios os recursos, que não procedem senão de cotizações facultativas, quaisquer que sejam os compromissos, além de serem de difícil cobrança. Contar com recursos eventuais para despesas permanentes e indeclináveis, é falta de previdência, que um dia trará dissabores».

Estas recomendações são fruto da prudência, filhas do bom senso.

Uma grandiosa elevação de sentimentos induz os espíritas a praticarem a caridade sem preferência de côr, raça ou credo, todavia, é mister haver estado na direção de uma sociedade beneficente para saber-se o quanto de exploração vai por êsse mundo afóra. A esmola, simplesmente, não educa, não regenera, pelo contrário, alimenta mais os ociosos que os verdadeiramente necessitados, porque êstes se envergonham de pedir, aqueles desejam continuar na própria miséria porque é o seu meio de vida. Os espíritas na ânsia de auxiliar — *os outros* — esquecem de si e dos seus.

Precisamos também cuidar de nós. Como praticar solidariedade se não nos congregamos? Como haver fraternidade sem auxílio mútuo? E' necessário pensarmos na situação da viúva João Pinto de Sousa, ela é um exemplo e não é única, outras devem estar nas mesmas condições.

Foi depois de meditar sôbre êsses acontecimentos que o nosso estimado confrade Diamantino Coelho Fernandes reuniu em torno de si diversos confrades e expôs a sua louvável e magnífica idéia que se concretizou na fundação na *«União Espirítica Brasileira de Educação e Saude».* Essa instituição é dos espíritas para os espíritas. Ela tem por objetivo o amparo mútuo dos adeptos da nova revelação. Quantos dos nossos confrades, ao desincarnarem deixam a família sem recursos até para o próprio entêrro? Quantos confrades lutam com dificuldades para encontrar uma escola leiga, inteiramente emancipada de qualquer preconceito religioso? Disso tudo cuida a UEBEA.

Até agora só conhecemos uma instituição espírita que ampara a família dos seus associados com pecúlios, a «União Espírita Paraense». Essa organização possúe, desde 1928 a sua Caixa de Pecúlios, tendo já beneficiado mais de cento e cincoenta famílias.

O programa da UEBEA será relizado com grandes resultados, desde que, os espíritas de todo o Brasil dêem o seu apôio a êsse nobre e magnificente instituto.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

O espírito de Olive T., que já se manifestára pela médium em várias ocasiões, voltou outra vez e, falando sôbre a felicidade de ser-se útil ao próximo, discorreu acêrca das tentações da sociedade, da excitação da vida do cinema e da necessidade de prevenir-se contra o uso de drogas. Pediu, a seguir, permissão para trazer um espírito em estado de perturbação e que tinha necessidade de ser doutrinado.

Tal espírito, que parecia em estado de desmaio, então se incorporou na médium, balbuciando a princípio, para começar a debater-se desesperadamente, como se sob o peso de grande dôr e angústia.

Sessão de 9 de Outubro de 1923
Espírito: Wallace Reid — Médium: Sra. Wickland

Médico — Dizei-nos quem sois vós. Já verificastes que perdestes o vosso corpo físico?

(O espírito parecia não ouvir, pois gemia incessantemente e se retorcia todo, como se torturado).

Méd. — Podeis falar? Compreendeis que sois um espírito?

(Nenhuma resposta; as contorsões do corpo continuando).

Méd. — Procurai falar. Quem sois?

Esp. — (Fracamente), Wally.

Méd — Wally de que?

Esp. — Wally R.

Méd. — Fazei um esfôrço para falar, usai a vossa vontade. Procurai compreender a vossa situação e então auxiliar-vos-emos.

(O espírito continuou a debater-se e gemer).

Méd. — Procurai falar; podeis fazê-lo. Esquecei o passado, abandonai vossos antigos hábitos. Não tendes mais o vosso corpo físico. Estais usando o corpo de outrem. Fazei um esfôrço para falar, despertai.

(Nenhuma resposta se obteve).

Méd. — Esquecei o passado, olhai o futuro. Conheceis Olive T.? (quem havia precedido o espírito).

(A inteligência gemeu e levantou as mãos, em gesto de súplica).

Esp.—(Fracamente). Minha esposa!

Méd.—Vossa mulher não está aquí.

Esp.—Onde está ela?

Méd.—Não está aquí. Amigos nossos vos trouxeram aquí. Procurai reanimar-vos. Muitas pessoas há que deixam o corpo físico nas condições em que o fizestes (sob a influência de narcóticos) e permanecem em torpor certo tempo. Já é tempo, porém, de despertardes. Podeis vêr Olive T. aquí?

Esp.—(Num sussuro). Estou doente.

Méd.—Deveis esquecer-vos de tal coisa. Já acabou a vossa doença. Deixastes o corpo material há tempos. Não verificastes isto? Sois agora o que se chama «morto», porém não estais, na verdade, morto; perdestes apenas o corpo físico e viveis a vida do espírito. Estais usando temporáriamente outro corpo. Olive T. e outros amigos vos trouxeram aquí. Estivestes numa condição especial. Não vos sentis melhor agora?

(O espírito se movia languidamente, como se observando um grupo de invisíveis.)

Méd. — Quem estais vendo? Tentai falar. Compreendei, não tendes mais corpo físico; estais aquí como espírito utilizando-vos dêste corpo, que pertence à minha esposa. Viestes aquí para ser doutrinado. Procurai recuperar a vossa personalidade. Sempre apreciamos os vossos filmes. Despertai, mostrai o que sois. Não penseis que estais sonhando, pois não estais.

(O espírito tornou a erguer, súplice, as mãos)

Méd. — Vêdes os nossos amigos?

Esp. — Estou morrendo.

Méd.—Já fizestes a vossa passagem. Perdestes o vosso corpo físico. Vedes os nossos amigos?

Esp.—Sim, mas vou morrer.

Med.—Não podeis morrer novamente.

Esp.—Vejo tantas pessoas que já morreram.

Méd.—Elas, na verdade, não morreram. São espíritos como vós. Já deixastes o vosso corpo mortal. Sois um espírito, mas ainda não compreendestes o vosso estado. Este corpo que estais usando não é o vosso. Perdestes o vosso corpo e ainda não despertastes para a vossa verdadeira situação. Amigos vos trouxeram aquí afim de que sejais ajudado.

(Porém o espírito não estava em condições de ser doutrinado e foi levado para o Espaço).

Um dos espíritos guias veio então e disse: «O outro espírito estava tão esgotado que não podia ser despertado, porém já agora poderemos tomar conta dele. Está muito fraco. Não dominou ainda seu antigo vício. Trouxemô-lo, para que então o levassemos para o mundo espiritual.

Olive T. e outros se dedicam a ajudar aos que estão naquela situação especial — espíritos errantes que tinham o vício da morfina. Muitas vezes, quando na Terra, não têm o vício, mas são influenciados por espíritos que o tinham e que penetraram em suas auras magnéticas.

Muitas pessoas são facilmente influenciadas, porque têm temperamento nervoso e os atraem, ficando obsedadas.

Vamos ajudar aquele moço e algum dia êle voltará de novo. Então dirá da sua experiência porque, no momento, não pode falar, tal o seu estado.

Êle vai gradualmene despertando, mas está perturbado ainda e não pode comprender a vida espiritual. Tem estado em muitos lugares e muito tempo em companhia da esposa. Ela o ajudou a combater seu vício, mas êle estava muito fraco para entender tal coisa. Ficou sem poder de resistência.

Depois que desincarnou, seu espírito ficou mergulhado numa espécie de sôno causado pela morfina. Até agora tem estado perambulando, em estado de semiconciência no plano terreno, em busca do lar e familia, procurando saber onde estava. Pensou que estivesse perdido.

Fizemos tudo por nos aproximarmos dêle, mas isto foi muito difícil. Agora o teremos sob nosso cuidado».

Crônica Estrangeira

Uma confissão

Por Frederico Duarte — Manchester

Recebi uma carta dum amigo muito íntimo de Portugal da qual dou a seguir um extrato: —

«Fez-me muito bem a sua carta de 21 «do corrente. Gostava de poder ou sa«ber encarar assim a vida, os factos, os «acontecimentos, mas você compreende, «falta-me a preparação. Você consegue «essa vitória sôbre sí mesmo porque «desde há anos vem dominando o seu «EGO e hoje faz dêle o que quere. Ora «eu não tenho sôbre os nervos, sôbre «o espírito, nem tão pouco sôbre a «matéria, o domínio que você tem, e «sou vítima de mim próprio, das in«fluências alheias e até mesmo do pró«prio ambiente. E agora julgo que é «tarde para aprender a dominar-me. E «depois, não tenho como você a idéia «religiosa a nortear-me a mentalidade. «Você tem fundas crenças a dominá-lo «e a animá-lo e eu não segui escola «nenhuma e hoje sou quase um ateu».

Tive sempre uma grande admiração pelo talento, conhecimentos e honestidade dêste grande amigo, com quem me correspondo regularmente. Tem passado por muitas tribulações, peripécias, infortúnios e as chamadas «misérias da vida», tendo até por umas duas vezes, devido ao seu idealismo político, sido encarcerado numa prisão!

Ora o meu amigo ainda não «arreou», e continua vivendo «com a Graça de Deus», na companhia duma adorável esposa e uma galante e simpática filhinha.

Creio ser uma tolice confessar-me a sua fraqueza. Hoje em dia não há velhos, existindo positivamente a possibilidade de, não só êle, como milhares de pessoas em idênticas condições, se resolverem a «enterrar o passado» e a começarem «vida nova».

Confesso que até aos meus 25 anos eu acreditei que havia Céu, Inferno e Purgatório. A religião que me foi inculcada quando criança, motivou a eu ter um certo «medo» e receio de começar a estudar e a interessar-me em assuntos psíquicos.

Tendo saído de Portugal para a Inglaterra aos meus 21 anos, adaptei-me facilmente ao novo meio.

Minha mãe faleceu em 19 de dezembro de 1924 e a minha família sómente me deu essa notícia depois de ter sido enterrada, chegando-me aquí em 29 de dezembro.

Mas, coisa curiosa, não passei o Natal com alegria, muito convencido de que dum momento para o outro eu haveria de receber a noticia sôbre o desenlace de minha mãe.

Ora, êsse pressentimento foi motivado por, precisamente na noite de 19 de dezembro e quando já deitado na cama, ouvi um terrível estrondo que me assustou e me obrigou a investigar dentro e fóra da casa sem resultado algum. Êsse signal foi de tal modo que não pude imitá-lo ou encontrar dentro do quarto e fóra dêle qualquer objeto o qual, atirado contra a parede, ressonasse assim.

Umas semanas depois, e, encontrando-me um tanto cansado, fui para a cama, e ao apagar a luz, apareceu-me aos pés da mesma, a minha mãe, sorrindo-se e proferiu as primeiras siladas do meu nome... FRE... DE... mas, assustei-me de tal fórma que desconcertei a vibração!

Não disse nada a ninguém, e no dia seguinte que era um domingo, fui pela primeira vez visitar uma Igreja Espiritista.

A médium fez-me uma revelação tal que desde essa noite me converti ao Espiritismo.

«A sua mãe está aquí», disse ela, e quer que você estude as ciências psíquicas e dentro de pouco tempo receberá uma grande revelação.

Em facto, terá a oportunidade de ver, falar, apalpar e beijar a sua mãe.»

Acreditei que tal viria a dar-se pelo facto da médium me ter dito o que se passou na noite passada, descrevendo em detalhe a minha mãe, incluindo uns brincos nas orelhas e um alfinete de peito que ela usava com a fotografia do meu pai. Enfim, era impossível para mim negar o acontecido. Foi por conseguinte a minha mãe a iniciadora da minha humilde pessoa ao Espiritismo!

Cumpri com os desejos de minha mãe, estudei e atendi a numerosos «meetings», scéances, etc. tendo sido até um dos intérpretes do Congresso Internacional dos Espiritistas em Glasgow, e há uns anos já um investigador de fenômenos psíquicos.

A's segundas-feiras sentei-me regularmente num «Home Circle» conduzido em casa da famosa médium de transfiguração, Madame Bullock, e ali recebi numerosas provas de que a morte não existe e é tão natural ver, ouvir, falar e apalpar os chamados «mortos» como os próprios vivos.

Numa dessas scéances deu-se uma noite um caso muito interessante. Estávamos todos os presentes muito alegres. A Madame Bullock caíu no seu trance profundo e uns momentos depois transfigurou-se a minha mãe, falando-me em português.

Subitamente e sem saber francamente como isso se deu, eu levantei-me e comecei a cantar «A Minha terra, terra abençoada...» e minha mãe cantou em dueto comigo!

Os seis amigos presentes começaram a gritar «Bravo! Bravo! e a baterem palmas, com o resultado de a médium ter sido disturbada e retomado o seu estado normal. Ora, nós, espiritualistas, sabemos que quando um médium está em trance ignora o que se passa ao redor, e assim, a Madame Bullock ao retomar o seu estado normal olhou para mim e disse — FRED, a tua mãe está aquí e a rir-se muito. Pede-me para te dizer que está muito contente por ver que ainda te não esqueceste de cantar o «Solo Mio» em português!

Quando dissemos à médium que a minha mãe também tinha cantado comigo em português por seu intermédio ela ficou admirada, especialmente devido ao facto de não saber ela uma única palavra em português. Esta prova, assim como muitas outras incluindo as visitas que recebo de meu filho positivamente que não podem de modo nenhum ser ignoradas pela minha pessoa.

O meu conselho a todos aqueles que se encontrem em condições idênticas à do meu amigo de Portugal, é êste:

Aprendam em primeiro lugar a ORAR, fazendo isso regularmente, todos os dias ao deitar e levantar da cama. A melhor prece que conheço é o Pai Nosso, o qual recito sempre em português ou em inglês.

Devem orar com a sua «alma» e não com a boca!

Compenetrem-se de que *existe* um SÊR ONIPOTENTE criador dos Ceus e da Terra.

Estudem, leiam obras de bons autores, que felizmente existem aos milhares em toda a parte.

Leiam com regularidade jornais e magazines sôbre o Espiritismo.

Frequentem assiduamente um templo espírita.

Tratem de desenvolver as suas faculdades psíquicas, não sendo preciso sair de casa para isso.

Arranjem com umas cinco ou seis pessoas amigas de ambos os sexos a reunir-se regularmente numa determinada hora e dia.

Nesses chamados «Home Circles», tenho eu recebido por muitas vezes provas concretas sôbre a sobrevivência, tendo até ouvido e falado em mais duma língua.

Não tenham «medo», pois os mortos não fazem mal a ninguém!

Preparem-se cá na terra para dum momento para o outro abandonarem as suas carcaças.

Não sejam egoistas, invejosos e crueis, miseráveis e avarentos. Vivam para hoje e façam o seu testamento, ficando assim preparados a sair dêste mundo sem deixar por cá as suas coisas, bens, etc., numa barafunda e confusão, causando dôres de cabeça, consumissões aos seus herdeiros.

Um belo dia quando fiz uma conferência sôbre a vida e a morte, perguntei à assistência quantos alí estavam que tinham feito o seu testamento e se encontram preparados a «morrer» dum momento para o outro. Menos de 10 °/o foi a resposta que consegui!

Estou convencido que todos os indivíduos que seguirem à risca os meus conselhos acima indicados, recebem e receberão com facilidade provas sôbre a sobrevivência.

E finalmente, quando entrarem num templo espírita ou se sentem num «Home Circle» apaguem das suas mentes consumições, negócios, etc., etc., resistindo contra os «vai-vens da sorte», conservando-se assim livres de maus pensamentos, com a mente e consciência francas para poder receber as mensagens e inspiração dos seus amigos espírituais.

⁂

O cachimbo perdido

Um leitor de *The Two Worlds* escreve a êste periódico o que segue:

«Na semana passada, ocorreu-me uma dessas pequeninas cousas que me fez refletir profundamente. Estava eu a conversar com um amigo, homem de negócios, quando êle me ofereceu a sua bolsa de fumo, oferta que aí pesarosamente recusei. «Perdi o meu cachimbo, meu velho,» expliquei. Como acontece entre as que fumam cachimbo, êle lamentou-me profundamente, e disse, em seguida, «Vou dizer-te onde está o teu cachimbo; está em tua casa, e tão a salvo como a própria casa. Deixaste-o cair ao lado de uma cadeira ou cousa que o valha, e ainda lá continua». Esta afirmativa foi, para mim assombrosa, visto êsse senhor nem ao menos conhecer o meu endereço. Todavia, lembre-me que êle descobria cousas a semelhança desta, assim pús-me a procurar aos lados de todos os móveis, quando cheguei a casa.

* * *

Descobri um cachimbo, deitado, como foi descrito, ao lado da papeleira no meu quarto. *Porém, não era o cachimbo que eu perdera!* Era um que eu havia abandonado cêrca de doze mezes atrás, e cuja existência se varrera completamente de minha memória. O cachimbo número dois foi de novo, posto em serviço; o número um continua desaparecido.

Qual a explicação? Telepatia? Clarividência?

Orai com as vossas boas obras e vigiai com os olhos da humildade e da prudência, porque os escorpiões das trevas vos assediam com o fim de causar divisão e desordem. Que o vosso trabalho seja para engrandecer a doutrina, se realmente desejais fazer jús ao salário divino, cujo pagamento não é feito nem com o ouro e nem com a prata, mas com as graças de Deus. — CAIRBAR.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Urbano de Assis Xavier, na Bahia

Aproveitando a sua estadia ligeira nesta capital, o confrade Urbano de Assis Xavier procurou os centros espíritas principais, para lhes trazer a palavra fraterna dos confrades de S. Paulo e dizer algo sôbre coisas do Espiritismo, nas «belas terras do país do Sul», como diria Castro Alves.

A primeira palestra foi na «União Espírita Bahiana», dia 26 de Outubro último, pela manhã. A segunda, na «Confraternização Espìrita Bahiana», no mesmo dia, á noite. A terceira, dia seguinte, no «Instituto Kardecista» ; e a quarta, dia 28, no «Deus, Cristo e Caridade». Temas respectivos : «O Espiritismo prova a imortalidade do Espírito», «Como em mim se manifestou a mediunidade», «Fenômenos de voz diréta» e «O Espiritismo, no seu tríplice aspecto de religião, filosofia e ciência».

II

O que nos chamou a atenção e fez, em verdade, empolgar e comover a assistência foi o cunho prático que Urbano de Assis Xavier, conferiu às suas palestras. Em todas elas, sua preocupação era focalizar a perpetuidade da vida espiritual.

Discorrendo, desataviadamente, sem ares oratórios, sôbre os assuntos indicados, ele nos levava, instintivamente, ao capítulo da imortalidade da alma. Como ? Pela exposição magnifica dos factos espíritas, que ele assistira. Ele os expôs com arte, de uma maneira tão simples e natural, que a gente tinha a impressão que eram os mesmos factos que se reproduziam, ao vivo, na tela da nossa visão. As minúcias, as circunstâncias que precediam, rodeavam e se sucediam aos fenômenos relatados, ele as revelava, sem fórmulas teóricas, como um viajante que, ao chegar ao seio da família, contasse ao natural, por palavras, gestos e exclamações, o que vira e sentira, tanto pelas atribulações, como pelos estos de alegria por que passara.

Foram momentos inesquecíveis de emoção e espiritualidade. Porque o prelecionador nos impressionava pela verdade com que se exprimia. Nada de fingido. Nada de exagero. Nenhuma sombra, a mais leve siquer, de vaidade. Era o espírito do Senhor, eram as potências invisíveis do Além, era a grandeza do Espiritismo que animava o bom discípulo de Jesus ou lhe fazia com que suas palavras vitalizassem os nossos corações, alguns deles — quem sabe ? — amarelecidos pela ausência de sol . . .

III

Efetivamente, o problema supremo do propagandista espírita é provar a existência autônoma do espírito, isto é, que nós não morremos. Porque tudo mais virá de acréscimo. Enquanto a humanidade não se impregnar dessa convicção, a desordem, oriunda do egoísmo, sob as suas múltiplas variedades, imperará no seio da nossa falsa civilização, uma civilização que alimenta ainda o «poder militar», para matar os nossos semelhantes, e tolera «associações de classe religiosa», para explorar a consciência, a fé, a serviço de toda sorte de utilitarismo.

E de que meio serviremos para a prova da imortalidade do nosso sêr ?

Não ha outro senão pelos FACTOS psíquicos ou espíritas. Nisto consiste a superioridade incontestável da doutrina espírita. «Os FACTOS, eis o verdadeiro critério dos nossos juizos», escreveu KARDEC, no Liv. dos Esp., Int. XXII, «E' PELOS FACTOS que chegamos à teoria» (Liv. Médiuns, pag. 38,18 ed.) Vale dizer que o espiritismo é CIÊNCIA pura, porque vive do que é real, visto e examinado. Daí êste profundo conceito : «Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em êrro, acerca de um ponto qualquer, êle se modificaria nêsse ponto ; se uma verdade nova se revelar, êle a aceitará» (GÊNESIS, Cap I, n.º 15).

IV

As religiões outras não são cientìficas, porque se afastam do exame dos factos e, portanto, se privam de uma teoria racional. No Espiritismo, não : ele possue uma teoria calcada na experiência. A teoria e a prática se correspondem. O fenômeno é quem determina o raciocínio. O raciocìnio é o autor da fé, oriunda do fenômeno. Nestas condições, a fé do espírita é livre, espontanea, não imposta ou não aceita pela cabeça dos outros. Reveste-se também de científica, pelo lado psicológico e social,—eis que a ciencia se desenvolve, de preferência, no ambiente de liberdade, para libertar da ignorância homens e povos.

Enquanto a fé católica ou protestante vive em função da IGREJA, a fé espìrita se exerce, em função do progresso e da humanidade. Como nos ensinou S. Lucas, 4—18, 19: «O Espírito do Senhor enviou-me, para sarar os quebrantados de coração e pôr em liberdade os cativos e oprimidos».

Destarte, se a fé espírita é um produto da Ciência e, pois, dos factos psíquicos, não resta a menor dúvida que o papel predominante do propagandista é provar a imortalidade do espírito. Os assombrosos fenômenos que se verificam no Sul do Brasil não têm outra significação, material e, sobretudo, moral ou regeneradora da consciência humana.

Eis porque a dialética de Urbano de Assis Xavier conseguiu atraír, fortemente, a atenção da assistência numerosa, tão assombrosos foram os casos que êle narrou e que tão fundo calaram na alma dos espíritas bahianos.

Foi pena que os médicos e doutores outros faltassem a tão exhuberantes palestras.

(as.) — *Eusinio Lavigne.*

De Recife — Pernambuco

Foi fundada nesta capital a Comissão Estadual de Direção, Orientação e Propaganda do Espiritismo em Pernambuco, constituida da Federação Esp. Pernambucana, Cruzada Esp. Pernambucana, Liga Esp. de Pernambuco, Casa dos Espíritas de Pernambueo, Instituto Esp. João Evangelista e União Esp. de Pernambuco, de conformidade com o plano de organização traçado pelo codificador da Doutrina, sr. Allan Kardec, visando a unidade e a eficiência da propaganda dos postulados da Filosofia Espírita.

Essa Comissão, que terá caráter permanente, como orgão central no Estado, foi fundada com o objetivo de imprimir disciplina, uniformidade de método e unidade de orientação à propaganda da Doutrina, empenhando-se no sentido de que todas em sociedades espíritas da capital e do interior adotem nos seus trabalhos e sessões públicas e privadas as normas e os métodos recomendados pelas instituições que a compõem.

A Comissão propõe-se, outrossim, estimular a fundação de núcleos femininos nas sociedades, dando-lhes prática orientação, e de escolas diurnas e noturnas e cursos de alfabetização, bem como escolas profissionais, incrementando, também, a instituição de núcleos juvenis, para reunir os jovens espíritas em torno do ideal comum, adotando um programa doutrinário uniforme, e promovendo com êsses núcleos a fundação da União da Juventude Espírita de Pernambuco, que será oportunamente regulamentada.

A Comissão Espírita Estadual envidará esforços no sentido de ser assegurada uma perfeita compreensão fraternal entre os espíritas militantes e procurará unificar a família espírita de Pernambuco.

Instituindo esta Comissão, que funcionará como orgão controlador e orientador das atividades espíritas nêste Estado, pensam as sociedades componentes atender a uma urgente necessidade da propaganda do Espiritismo e acreditam que ela corresponderá à espectativa de todos, produzindo os seus trabalhos ótimo resultado na defesa da Filosofia consoladora do Espiritismo.

Do Correspondente.

Livros Novos

Luz no Caminho

Isidoro Duarte Santos, nosso distinto companheiro de ideal, Diretor da conhecida e a apreciada revista «Estudos Psíquicos», de Lisboa, e um dos mais notáveis escritores espíritas, nos ofertou um exemplar da sua recente obra intitulada — «Luz no Caminho».

Mas não foi apenas um exemplar, foi muito mais do que isso, — foi um verdadeiro tesouro espiritual que nos ofertou Isidoro Duarte Santos, pois nas suas 350 páginas, podemos tirar tudo aquilo de que necessita o nosso espírito, ávido de consolo, de paz e de progresso na longa estrada da Perfeição.

Numa linguagem elevada mas accessivel a todas as inteligências, linguagem que fala à alma as coisas mais belas do reino de Deus, o autor esmiuça com perícia o Evangelho, tirando da letra o espírito que vivifica. Desde a primeira à última página, a leitura dêste tesouro espiritual, dádiva de Deus, absorve a atenção, e cremos que não há quem possa deixar de sentir e compreender as verdades ali escritas.

Admiramos todas as produções de Isidoro Duarte Santos, porque elas são realmente substanciosas e oportunas, mas êle que nos permita colocar na vanguarda das mesmas «Luz no Caminho», um livro que com o maior prazer recomendamos aos nossos prezados leitores.

E' um livro realmente bom e que oferece matéria para ser lida nas sessões espíritas, sempre que se deseje estudar o fundo moral de um trecho evangélico.

Agradecemos ao autor a oferta do volume.

A Nova Era

Completou vinte anos de existência no dia 15 de Novembro último, esta brilhante colega, orgão de propriedade da Casa de Saude «Allan Kardec», de Franca, fundada por José Marques Garcia, um dos mais dedicados servos do Senhor.

Festejando o grato acontecimento, «A Nova Era» ofereceu, nêsse dia, aos seus inumeros leitores e amigos, um número especial enriquecido com ótimos artigos e vasto noticiário e com o seu número de páginas aumentado.

A' prezada colega, os nossos votos de crescente progresso na sua grandiosa missão de difundir a palavra de Jesus, à Luz do Espiritismo.

Podemos evitar a cegueira

As nossas últimas estatísticas sôbre a cegueira mostram de maneira impressionante que 70 °/o dos cegos existentes no Brasil poderiam ter a visão perfeita, bastando que tivessem tomado cuidados por vezes rudimentares quanto à proteção dos olhos.

Iniciando aquí esta série de artigos sôbre prevenção à cegueira, procuraremos de início apelar para uma de suas origens mais salientes: *a sífilis.*

Seria preciso que divulgássemos em todas as classes sociais, em todos os meios, a necessidade indiscutível do exame pré-nupcial.

Em inúmeros países, onde a saúde do homem, onde sua capacidade física para o trabalho representam capital para a nação, o exame pré-nupcial é exigido por lei, e os tratamentos, quando necessários, pagos pelo próprio governo.

Seria mais fácil conseguirmos dos noivos êsses tratamentos se os lembrassemos que essa providência, tomada a tempo, póde em dias futuros trazer ao seu filho a alegria de uma visão perfeita. E que remorso, se o filho nascesse cego por sua própria culpa!

Divulguemos, pois, o valor do exame e tratamento pré-nupciais, evitando centenas de cegueiras por ano. Será um gesto patriótico que dará à nossa terra homens eficientes e sadios.

SALVE UM BRASILEIRO DA CEGUEIRA!

Fundação para o Livro do Cego no Brasil — Rua da Quitandá, 96 — S. Paulo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr. $50,00	Do 4.º ano	Cr.$ 50,00	Do 5.º ano	Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . .	50,00	Do 7.º ano . .	50,00	Do 8.º ano . .	50,00
Do 10.º ano . .	50,00	Do 11.º ano . .	60,00	Do 12.º ano . .	60,00
Do 13.º ano . .	60,00	Do 14.º ano . .	60,00	Do 15.º ano . .	70,00
Do 16.º ano . .	80.00	Do 17.º ano . .	60.00	Do 18.º ano . .	60,00
Do 19.º ano . .	60,00	Do 20.º ano . .	60,00	Do 21.º ano . .	60,00

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, alem dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2312unse

NO XXIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1948 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL

Sumário

Cairbar Schutel
A Vidente de Prevorst
Pontos de Vista
Fenômenos de Materialização
No Bazar dos Tecelões
A Obra de Geley
Como Jesus operou a cura de um Surdo-Mudo
Livros e Autores
A Morte e a Alma
O Juizo Final
Semana Santa
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Índice

CAIRBAR SCHUTEL

ANO XXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1948 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

Ao abrir o presente número não podemos deixar de mencionar um memorável acontecimento: é que no próximo dia 30 transcorre o décimo aniversário do passamento do fundador desta Revista, o nosso amado companheiro Cairbar Schutel.

Julgamos desnecessário relatar de novo o que na seara espírita produziu o trabalho perseverante, ativo, metódico e inteligente de Cairbar Schutel, porque, segundo pensamos, não existe nesta terra de Santa Cruz um só espírita que, pelo menos, não tenha ouvido falar no seu nome e nas suas obras. E assim dizemos porque o seu nome é mencionado em toda a parte onde exista um espírita : nas Capitais, cidades, vilas e sertões brasileiros. Até em muitas Capitais do Continente e de além mar Cairbar Schutel é conhecido como um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

Cada vez mais admiramos e estimamos êsse espírito amigo, principalmente quando vemos o que se passa em muitos meios espíritas onde o personalismo solapa as belas realizações dos grandes movimentos espíritas, pois Cairbar Schutel era humilde, serviçal, pondo sempre acima de tudo os interesses da doutrina, embora isto lhe custasse os maiores sacrifícios.

Do lado de lá da vida, Cairbar, que consideramos um dos componentes da Milicia Celestial, continua no mesmo trabalho, ensinando, guiando, estimulando e encorajando todos aqueles que, munidos de boa vontade, trabalham na seara. Nós, por exemplo, temos recebido provas inegáveis do auxílio que êsse caro companheiro nos tem prestado tanto no terreno espiritual como no material. E sem êsse auxílio, certamente a tarefa nos seria mais pesada e talvez não teriamos vencido certas dificuldades com a facilidade com que as vencemos.

Escrevendo sôbre Cairbar Schutel, o Prof. Leopoldo Machado, entre outras coisas, disse o seguinte num artigo publicado em «Mundo Espírita» de 12/2/938 :

«Seu espírito combativo e desassombrado, sua inteligência viva e ágil, seu labor onímodo a pról da sempre maior difusão da Doutrina, ficarão como perfeitos modêlos para quem deseja ser, dentro do Espiritismo, espiritista de facto, pela compreensão integral da divisa do verdadeiro espiritista : Trabalho, Solidariedade, Tolerância.

Como observador analista dos males que nos afligem, filosofou Cairbar, psicologicamente, sôbre a causa dêsses mesmos males, achando-as na política sem moral, na religião sem Deus, na ciência sem sabedoria. Aprofundemos-lhe o pensamento, e não veremos como recusar-lhe a verdade do asserto...

Se licíto nos é aponta-lo pela sua capacidade de realização, como o espiritista n.º UM do Brasil, talvez, para não susceptibilizar melindres de outros companheiros, também dedicados à Seara, ousamos assegurar que, no plano material, o lugar que deixa vago, só muito dificilmente será preenchido por outro temperamento irmão do seu . . .»

Cairbar Schutel, amigo e companheiro dedicado, por motivo da passagem do décimo aniversário do teu regresso à Patria Espiritual, recebe as nossas homenagens num culto de grande estima e amor, e nos ajuda, como sempre nos ajudaste, a desempenhar a tarefa que nos é comum : difundir a Doutrina do Senhor.

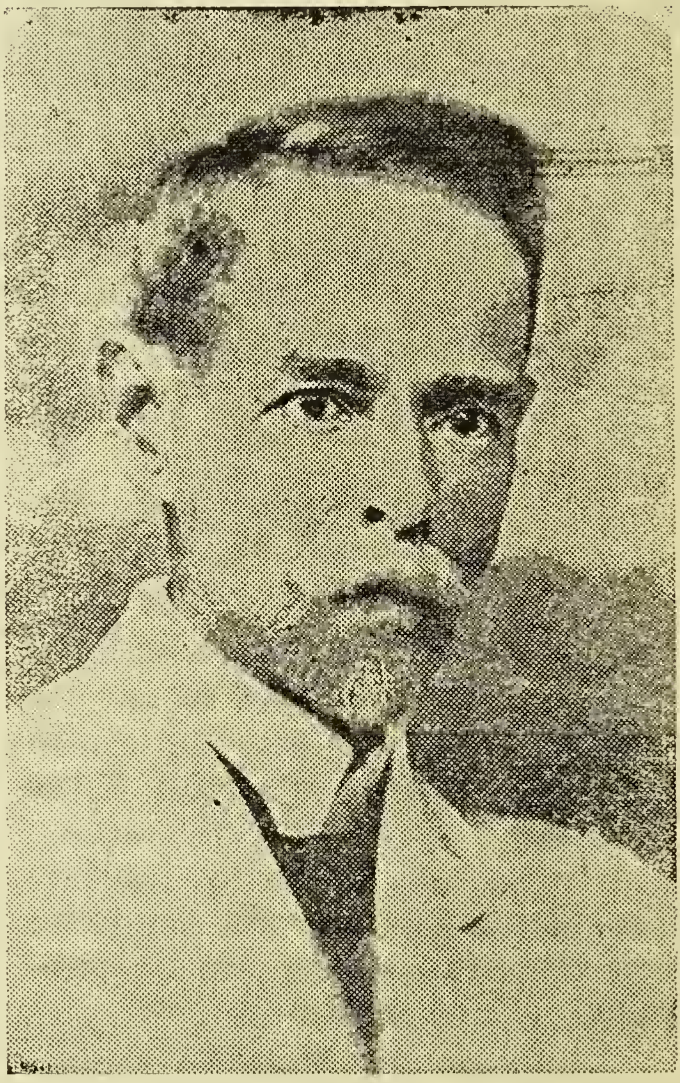

Cairbar Schutel

A ciência espìrita compreende duas partes : experimental uma, relativa às manifestações em geral ; outra filosófica, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da ciência. A verdadeira doutrina espírita está no ensino que os Espíritos deram e os conhecimentos que êsse ensino comporta são por demais profundos e extensos para poderem ser adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de factos e particularidades, que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar uma opinião.

ALLAN KARDEC.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO XIII

Sonhos Proféticos

Certo dia, a Sra. Hauffe, que se achava então bem mal, disse a uma mulher muito sensível e que estava prestes a deixá-la: «O que sonhar esta noite que eu deva fazer, fa-lo-ei.» Essa senhora sonhou que, passando do seu quarto para um aposento maior, vira vários frascos d'agua ferruginosa e que a Sra. Hauffe lhe fizera sinal para que lhe desse um deles, no qual estava escrito «Agua Fachinger». O mais extraordinário é que, naquela mesma noite, teve a Sra. Hauffe sonho idêntico. Ela seguiu a indicação e o resultado foi o que desejava.

Outra noite sonhou que via o primogênito do seu tio sair de casa com um esquife na cabeça, e, sete dias após, seu próprio filho, de um ano de idade, de que ninguem, no momento, suspeitara a doença, morria. Ao despertar, contára o sonho a mim e a outros.

Sonhou outra noite que, atravessára uma corrente d'agua, tendo na mão um pedaço de carne estragada e que, encontrando-se com a Sra. N., esta lhe havia perguntado, com inquietude, o que ia dela fazer. Quando nos fez conhecer tal sonho, não conseguimos interpretá-lo. Sete dias após, a Sra. N. dava à luz um filho morto, cujo corpo já estava em estado de decomposição.

Noutra noite sonhou que a Sra. L., a quem nunca vira, nem conhecia, vinha a seu encontro, chorando e levando uma criança morta nos braços, a pedir socorro. Seis semanas após, aquela senhora dava à luz, em seguida a muitos sofrimentos e perigos, e perdia o filho.

Certa vez, quando dormia em minha casa, no andar inferior, sonhou que, na caixa dágua, situada no andar superior, em que não havia estado antes, se achava algo que não devia ali estar. Ela me contou tal sonho e, no dia seguinte, mandei esvasiar a caixa e ali se encontrou uma velha agulha de tricô, toda enferrujada. A sra. Hauffe havia bebido água daquela caixa, antes de ir-se deitar, e provavel é que sua extrema sensibilidade a ação dos metais provocasse tal sonho.

Na noite de 28 de janeiro de 1828, a Sra. Hauffe sonhou que, encontrando-se numa ilha deserta, vira seu filho morto, cercado de uma luz celeste, com uma corôa de flores na cabeça e segurando na mão um raminho cheio de botões. Ele desapareceu e ela me viu a cuidar de um homem que sangrava; isto foi seguido de uma terceira visão de si mesma, tomada de espasmos violentos, quando uma voz lhe dizia que eu ia chegar. Ela me contou esse sonho na manhã de 29. No dia 30 era eu chamado para acudir um individuo ferido no peito e, na mesma noite, ia a casa dela, confirmando-se assim, a terceira visão. Não sabemos se outro acontecimento teria feito interpretar a aparição de seu filho.

Vou dar agora um exemplo do seu conhecimento do futuro, fóra dos sonhos e quando estava apenas em estado sonambúlico. No dia 6 de Julho de 1827, após ter ficado algum tempo inerte, disse: «Vejo, N., na lua, ainda que habite a terra, mas eu o vejo como se êle estivesse estado alí antes. Dentro de três meses êle morrerá e meu pai será o primeiro a saber de sua morte.» Tal pessoa, que gozava, na ocasião, de excelente saude, morreu na época indicada e o pai da Vidente foi o primeiro a sabê-lo.

Eis um notável sonho profético de W. Reiniger, de Stuttgart, que se afogou no Neckar e que, como sobressai de suas memórias, havia desenvolvido sua vida interior. Êle escreveu em suas memórias, caidas após sua morte, nas mãos de seus parentes, que se lembrava, com espanto, de um sonho que seu pai lhe contára. Seu pai sonhara que êle atravessava um rio, segurando seu filho pela mão, quando o viu, subitamente, afundar-se sem socôrro possível. O jovem acrescenta: «Se não me engano, tive um sonho semelhante e a cêna ainda está presente à minha memória, com todos os detalhes. Meu pai o terá sem dúvida esquecido».

Vê-se, por tal registro, que, pouco antes de sua morte, sofrera, muitas noites, de uma angústia estranha e inexplicável e que tivera, além disto, um outro sonho inquietante, de que infelizmente não dera detalhes. Tinha provavelmente relação com o seu fim próximo.

Êle se afogou ao tomar banho no rio Neckar, onde fôra a contragosto.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo
Machado

Algumas explicações, que andamos publicando nesta *Revista,* nossos pontos-de-vista a proposito de muitos assuntos doutrinários, serviram para que outros confrades nos enviassem questões e perguntas, para outros *pontos-de-vista.*

Sempre que preciso, publicaremos, a partir dêste número, *Pontos-de-vista,* atendendo, dentro do possível e conforforme a escassez do nosso engenho e de nossa arte, aos apelos que nos forem feitos.

Explanações que não passarão, é claro, de *Pontos de Vista* de quem escreve; que não devem passar, certos ou errados, de simples modos de ver as coisas. Todos eles, entretanto, aquí aparecerão com muita sinceridade e franqueza.

1—) *Espiritismo de terreiro*

E' certo que o espiritismo de terreiro «apanha mais frequentadores. E gente, até, de alta projeção social. E' certo que êste «espiritismo» desenvolve *médiuns* com maior brevidade. E' certo que muitos casos aí— ao menos, na aparencia — se resolvem com mais presteza. Tudo isto é verdade, como verdadeiras são as comunicações dos *pais João,* dos *caboclos tupinambás* que aí baixam... ou sobem.

Vamos, porém, à análise dos factos.

As sessões de tal «espiritismo» são mais frequentadas por seu aspecto fenomenológico e interesseiro. Quem corre a elas, não leva nenhum desejo de aprender. Vai assistir fenômenos, mais ou menos espetaculares. Sinão, guiado por um interêsse pessoal, qualquer. Fenômenos espetaculares, enfeitados a *pontos* cantados, a dansas ritualistas, a *pitos* e golos de *marafa,* a cenas esquisitas. Sabemos de ilustre advogado e escritor que, numa reunião dessas, tem que ficar de quatro e dar três marradas com a cabeça no solo para receber seu caboclo e dar suas comunicações. A par disso, todos levam para a sessão um pedido qualquer, casos a resolver, situações a explicar, coisas de seu interêsse ou do interêsse de amisades suas.

Ás sessões kardecistas só se vai para estudar e aprender, na consciência de que é o conhecimento que nos torna melhores, mais felizes.

Dada a condição de inferioridade de nosso planeta, os médiuns aí se desenvolvem mais depressa, visto como é mais fácil um *pai jacó qualquer,* um *caboclo tibiriçá* encontrar ambiente próprio, do que um Francisco de Assis, do que um Cairbar Schutel. Não se trata aquí de pontos teóricos de Doutrina, mas de leis naturais: «o similhante atrai o similhante». Que êsses médiuns aí desenvolvidos sejam médicos, advogados, militares, altos negociantes, funcionários públicos, não importa, que não se aquilata do desenvolvimento espiritual e moral da criatura por sua posição social...

Os casos dificeis que aí se resolvem, também se resolvem, e com proveito maior, nas sessões kardecistas. No kardecismo, doutrina-se o obsessor e instrue-se sua vítima, afim de que aquêle não volte a novas obsesssões e sua vítima aprenda a livrar-se de novos ataques. No «espiritismo de terreiro», é a «polícia de choque da Espiritualidade» que age violentamente, afastando o obsessor e o conservando preso. A vítima, para livrar-se de novos ataques, tem que se transformar em *cambono* e viver escravo àquelas práticas primitivissimas. Deixando-as, fica desgarantida da «polícia de choque», entregue à vingança do obsessor, que voltará, naturalmente, trazendo mais sete espíritos imundos consigo, como se vê no Evangelho. Assim, mais por medo do que por qualquer sentimento nobre, tem que correr para as reuniões. No kardecismo, doutrinado o obsessor e instruído o obsidiado, por si mesmo êste saberá se desvencilhar das futuras emboscadas, sem precisar cantar pontos, sapateiar mirabolantemente, beber marafa e pitar cachimbos.

O kardecismo age como homeopatia : reeduca o órgão para a função.

O terreirismo, como a terapêutica violenta das injeções: força o órgão ao exercício do dever funcional. Emquanto persiste a ação violenta da injeção, ha cura aparente. Mas, depois...

2—) *Aspectos de um Relatorio*

Nós também o lemos.

E não podemos deixar de ser solidário com o irmão arrastado, nele, pela *rua da amargura* da falta de espírito cristão, tolerância e reconhecimentos...

Não nos interessaram o estilo absoleto, os termos arcaicos da peça, de que, aliás, tanto gosta o atacado.

O que nos encheu, nele, de piedade e tristeza, foi a sua crueza, a sua impiedade.

Estamos em que uma sociedade profana, de homens medianamente educados nas normas cristãs de nossa civilização, não se conduziria assim.

Claro que lá não aparece o nome do alvejado.

Nem precisa, para quem, mesmo à distância e afastado, acompanha o que ali se passa : suas *tricas* e *futricas*.

Para êstes — e nós somos um deles — lá está, inteirinho, o inquisitoriado. São para eles as carapuças feitas de pregos ponteagudos e estiletes às bordas, afim de bem ferir, inquisitorialmente, a alma.

Por maiores que fossem suas faltas, por mais graves que se apresentassem suas impertinências, por mais sérios que seus erros se registrassem, seu grande passado de 40 anos à frente daquela casa, na sua tribuna e na sua revista, no seu receituário e nas suas edições, deveriam valer alguma coisa para um pouco mais de tolerância da parte dos companheiros da véspera, a partir mesmo daquele que fôra por ele apresentado para ocupar o cargo que, por direito, lhe cabia.

Agora, no inverno da vida, na época mesma em que seu espírito devia contar com a amisade e a tolerância dos companheiros ; agora, que devia ser visto e tratado como um velho parente e amigo, a contar com a indulgência dos amigos e parentes, é que lhe espicaçam a alma com verrinas e picuinhas. E num documento menos próprio para tanto.

Que lhe dissessem mais e pior pela palavra falada.

Que escrevessem mais e pior, citando-lhe, até, o nome, em jornais.

Mas, servir-se de um documento oficial, um relatório, para aquilo !

Coisa da época de confusão em que vivemos! Coisas de quem, em função da responsabilidade que tem, devia vigiar e orar mais para cair menos em tentação.

Levamos ao insolitamente alvejado esta demonstração de solidariedade cristã, pelo muito que lhe devemos, a despeito de nem sempre concordarmos com os seus pontos de vista, dentro da Doutrina. E por preferirmos estar sempre com o mais fraco, ou que supomos mais fraco.

Uma coisa, porém, deve desvanecer a M. Quintão.

Êle será o mesmo M. Quintão, embora sem sua tribuna querida e sua revista doutrinária; sem seu posto mediúnico e seus livros para traduzir e revisar.

Ha, entretanto, criaturas que só mesmo à sombra de alguma instituição, ou por força de um cargo qualquer, podem se projetar.

Muitas, nem mesmo assim.

M. Quintão valerá por si mesmo.

Nem por ser provocada por outrem, esta prova de solidariedade chega tarde.

E vale por um dever de consciencia, por uma prova de reconhecimento, pelo convite que, ha 34 anos, dêle receberamos para o Espiritismo.

E tem, ainda, a acreditá-la o facto de nem sempre estarmos de acordo em alguns pontos, no serviço da difusão da Doutrina.

Dá a entender, por último, o celebérrimo relatório, que êle paga o que fez ao Cirne.

Alguém ha de pagar pelo que, hoje, se lhe faz.

Será a lei da reparação de culpas, que se ha de cumprir...

3—) *Direitos autorais de obras psicografadas.*

E' do deputado Jorge Amado o artigo sôbre os direitos autorais de obras psicografadas.

E o juiz Teles Neto apresenta soluções jurídicas para o caso, opinando que é lícito se paguem direitos autorais a obras mediúnicas.

O caso Familia Humberto de Campos *versus* livros psicografados pelo Chico Xavier já pôs, até em dificuldades tribunais e juristas do país.

E nada se pôde resolver, a bem da justiça oficial.

No caso de Humberto de Campos, uma coisa ficou, para nós, digna de estudo: o autor, ainda encarnado, e feito o Conselheiro XX, escrevia galanterias e futilidades que toda gente aceitava e lia com prazer. Na espiritualidade, rebaixado de *Conselheiro* a *Irmão X*, com perda de um X, escreve paginas admiráveis e ensinamentos profundos em que não se acredita, que não se lê como se devia...

Não cremos que o Congresso Nacional se preocupe com o artigo proposto por Jorge Amado, que, aliás, se orgulhà de ser *orixá* de um terreiro da Bahia. Nem, tampouco, que o Legislativo delibere tão cedo sôbre coisas tais. O país anda tão cheio de influência clerical e a Igreja está mandando tanto!...

E porque direitos autorais às obras psicografadas ?

Entre povos estrangeiros, que fazem da mediunidade uma profissão, estaria certo.

Entre nós, não.

Se os espíritas do Brasil vão dando de graça o que de graça recebem e até o que não recebem de graça, porque os Espíritos haveriam de exigir tais direitos ?

Só por incoerência e pela lógica do absurdo.

Parece-nos que o certo seria que as casas editoras de tais obras se tomem do senso cristão de suas responsabilidades e, *sponte sua*, passem a distribuir tais «direitos autorais» com obras de assistência social; passem a empregá-los em tudo que possa beneficiar o próximo e contribuir para maior desenvolvimento da Doutrina.

Aliás, a *Livraria Allan Kardec Editora*, de S. Paulo, já deu o exemplo, editando obras cujo apurado tem beneficiado a Instituição de Poá, e outras instituições, de que podemos dar provas.

4—) *Ubanda de Jesus*

«Que miseria ! Escreva algo...»

Foi assim que receberamos um recorte de jornal com o extrato do registro do centro espírita *Ubanda de Jesus.*

Poderá ser de Jesus a pratica e ritual, a doutrina e programa que excluem, exatamente, a Doutrina de Jesus ?

O Ubandismo, como querem e escrevem estudiosos seus, remonta a seculos antes do Cristo. E permanece, conservando o mesmo caracter primitivissimo de sua origem. Sua orientação assenta no que dizem os espíritos que aí se manifestam, de caboclos e pretos velhos. Nada, em suas sessões, de Evangelho do Cristo, da Codificação de Kardec.

Como, assim, compreender uma *Ubanda de Jesus ?*

Nas suas reuniões manifestam-se, também, espíritos.

Mas, a manifestação de espíritos remonta de muitos séculos ao Cristo e ao Espiritismo.

Alem do mais, a manifestação aí de espíritos, se processa, ainda hoje, como nos tempos de sua origem.

Nada de evolução ! Nada de mudança !

Coisas, póde-se dizer, de *joão-de-barro e de castor,* que fazem, hoje, suas casas como faziam assim que apareceram.

E o Espiritismo é evolutivo no tempo e no espaço.

Assim, aquilo é mediunismo.

E mediunismo, por si só, que sempre existiu antes que existissem o Cristo e Allan Kardec, nada tem com o Espiritismo.

Logo, *Ubanda de Jesus* não se explica em boa lógica e sã razão.

CORRIGENDA

No artigo «Os Milagres» do Padre Antonio à Luz do Espiritismo, publicado na edição de Dezembro último, desta revista e da autoria do nosso distinto colaborador Prof. Leopoldo Machado, saiu um erro de revisão, que nos apressamos em corrigir: na terceira linha da 2.ª coluna, página 254, em vez de *Uma reação do Espiritismo, forte,* etc. leia-se: *Uma reação do Espiritualismo, forte,* etc.

Fenômenos de Materialização

XII

Dia 11 de Março, terça-feira. Os trabalhos do «André Luiz» se realizaram normalmente, com os altos objetivos da cura dos enfermos. Não se pensava, nesta reunião, em fenômenos de materialização, visto que os mesmos haviam sido suspensos temporáriamente, conforme ficou descrito na crônica anterior. E como o médium de materialização já havia assistido a outras reuniões sem que a sua presença fizesse produzir senão fenômenos de efeitos fisicos de somenos importância, como soem ser os de pancadas, ruídos e arremêsso de pedras, longe estava o nosso pensamento da possibilidade da produção de fenômenos transcendentes. Mas os nossos guias espirituais, que melhor de que nós sabem o que convém fazer resolveram mimosear-nos esta noite com novas bençãos, tão saudosos já nos achavamos possuidos das emoções com que êles nos acostumaram em várias oportunidades. A nossa preocupação única estava, pois, fixa no dever de auxiliarmos os nossos irmãos sofredores, com as nossas preces ou intercessões, durante as quais os nossos amigos do Além, procedem ao paciente e benéfico trabalho da transmutação celular. O Ferreira dirigiu a sessão, fazendo a prece inicial, depois de cantado o hino «Obreiros de Jesus» finda a qual pede seja feita profunda concentração para que se pudesse ouvir a voz do Alto, por intermédio do médium Lins. A esperada orientação não tardou. O espírito amigo de Arací dá-nos oportunos conselhos e orienta-nos acêrca do andamento dos trabalhos, recomendando que ficasse o doente João, na sala contígua, onde seria beneficiado e colocassem, junto à cabine os demais enfermos: a Emilia, D Euridice Ferreira, o Mesculin Junior, D. Noca e a Maria da Gloria, êstes três vindos de Juiz de Fóra, para serem beneficiados nesta sessão, orientando que nesta noite nenhum dos companheiros sairia do recinto para fazer ambiente na casa de Antonio Dalton, como sucedera na reunião anterior, visto que êsse enfêrmo seria assim mesmo beneficiado, já que os assistentes precisavam conservar-se ali, dado que o seu número era hoje reduzido, o qual se compunha de treze pessoas, recomendando que mandassemos o médium recolher-se á cabine. Quando o Ferreira, depois de passado o transe do médium, disse a êste que a ordem era de que fosse trabalhar, já que é médium inconciente, êste arregalou os olhos de surpreza, pois nem êle mesmo esperava por alta medida, para nós agradabilissima. Feitos os preparativos indispensáveis para a boa ordem dos trabalhos, de acôrdo com as disposições do guia, a reunião prossegue no seu curso normal, estabelecendo-se a ambiência para o melhor rendimento possivel dos trabalhos, com o se fazerem sentidas preces, se cantarem suaves hinos e se comentarem várias passagens evangélicas. Quando chegou a vez de eu me desincumbir do dever da prece, que fiz de pé e com todo o sentimento e vibração de que fui capaz, aparece uma entidade espiritual materializada, vinda do lado esquerdo da câmara e se quedando estática, no centro da assistência, braços cruzados, vestes purpurinas, à maneira hindú. Terminada a minha rogativa, o espírito recomenda que sejam fechadas as janelas que dão para a rua pelas quais entrava profusa claridade. Todos os assistentes apreciaram nitidamente a bondosa entidade, que logo identificaram pelo espírito de João de Deus. O seu traje era oriental, tendo uma espécie de turbante na cabeça. Sua tez era moreno-escura e ostentava negras barbas irsutas. Percebemos que se tratava da entidade que se deixara fotografar anteriormente. O querido amigo do Além dirige-se então para a sala onde se encontrava o portador, dentre os doentes presentes, da moléstia mais grave: o cancer. E o fez seguindo o Vicente que se tinha encarregado de fechar as janelas, fazendo-lhe um sinál com a mão para que parasse, por cima da porta de molas, depois de cumprir a sua tarefa, afim de que êste não perturbasse o espírito no exercício do seu elevado ministério. A entidade materializada faz um passe longo no doente, voltando ao recinto para ministrar passes em D. Euridice, na Emilia, na D. Noca, na Maria da Glória e no Mesculin, regressando à cabine e voltando em seguida para se dirigir outra vez à sala onde se encontrava o snr. João, para assisti-lo, voltando ao recinto para aplicar novos passes aos doentes já mencionados, retirando-se difinitivamente depois de fazer uma saudação aos assistentes. O recolhimento espiritual estabelecera-se no ambiente, firmado por pensamentos sadios de puro amor espiritual e pela contínua adoção alternada de súplicas, hinos e preleções ligeiras sôbre assuntos palpitantes do Novo Testamento. Outra entidade, materializada, vem à assistência, a qual é identificada. Era a querida Scheila, tão dedicada aos nossos trabalhos e, sobretudo, tão amiga da Juventude. Ela se apresentava num corpo de menina-moça com suas lindas e louras tranças, trajando um vestidinho simples, de meia manga e sáia curta, por cima dos joelhos, vestindo ainda um simples «bolero» espécie de casaco atado por um cordão, cujas extremidades tinham umas bolas interessantes. Passando entre a assistência dirige-se à Madalena, tocando-a carinhosamente, aí permanecendo cerca de dois minutos, depois do que se dirige à sala vizinha para ministrar passes no irmão João. Na volta, pára junto às irmãs Noca e Maria da Gloria, aplicando-lhes passes longitudinais, recolhendo-se à cabine para não aparecer mais nesta noite. Nesse instante eu estava estranhando o facto do José Grosso ainda não ter dado o ar de sua graça. E mal projetava êste pensamento, junto ao vão da cabine, surge um vulto de elevada estatura, ultrapassando a altura do biombo de madeira, o qual deve ter dois metros aproximadamente. Eu anuncio a sua presença e êle dá estridente gargalhada, a glosar o meu pensamento a seu respeito, pois que êle o lera perfeitamente. Deleita-nos com o seu sotaque original e chama, à cabine, o nosso confrade Mesculin. Êste, em lá chegando, ficou admirado ao ver aquêle aparente gigante, o qual lhe dera leves pancadas nos ombros e na cabeça. O «Lulú», que tem também uma altura respeitável, teve necessidade de olhar para cima para encarar a bondosa personagem do Além. Já na assistência, o confrade juizdeforano pergunta ao José se aquela estatura era realmente a sua ou se êle subira em cima de algum movel. Êle afirmou dar-se a primeira hipótese. E nós, que já assitiramos anteriormente à sua materialização, no centro da assistência, não tinhamos nenhuma dúvida disso. Dentro da cabine ainda se fizeram rumores e se ouviu o barulho do interruptor a acender e apagar a lâmpada do cômodo que fica ao fundo da cabine, onde se ouviu o espatifar de um copo. Tendo a D. Margarida arriscado a idéia de que fôra o José que quebrara o copo, êste respondeu : «Não fui eu, não ! Então todo o mal feito, sou eu quem faz ? !» Achamos graça na propriedade da defeza do solícito colaborador dos nossos trabalhos ! O Ferreira, pergunta à minha filha Dulce e à minha sobrinha Dulce de Fátima, quais as suas frazes evangélicas do dia, ao que responderam, respectivamente : «Amai-vos uns aos outros» e «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». E logo uma voz possante se alça no ambiente para, pela palavra direta, discorrer sôbre essas duas passagens evangélicas, produzindo uma palestra cheia de luminosos conceitos e brilhantes ilustrações. Era o patrono do Grupo, o querido espírito de «André Luiz», que assim nos vinha confortar com o dar-nos excelentes conselhos e profundos esclarecimentos, avisando-nos por fim que enquanto êle nos falava, Araci havia feito as prescrições, e por escrita direta nas listas que se achavam sôbre a mesa dos trabalhos, aconselhando a cada doente o que havia mister, facto que foi constatado. Logo após se nos dirige outra vez o José Grosso para nos avisar de que deveriamos encerrar os trabalhos. O Ferreira faz a prece terminal depois do que vai despertar o médium. E assim termina mais uma reunião fecunda em graças, emoções e alegrias espirituais.

Amadeu Santos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

No Bazar dos Tecelões

FAZENDO a memória recuar no espaço ao tempo das pregações do Cristianismo primitivo, ela foi ter ao Bazar humilde de um modesto casal de tecelões. E aí, nessa tenda, que passaria à História, como um dos primeiros santuários onde, realmente, de facto, o Cristo encontrou, na exaltação de almas simples, mas sinceras, o seu verdadeiro altar, o seu verdadeiro templo.

A um dêsses humildes bazares foi parar, certa vez, um culto intelectual judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloquente e muito versado nas Escrituras. Aí encontrou Apolo um símples casal de operários tecelões, Aquila, natural do Ponto, chegado da Itália e Prescila, sua mulher, os quais haviam sido mandados sair de Roma, pelo Imperador Cláudio, por que eram judeus.

A êsse bazar ía Apolo todos os dias, e aí, por entre tapetes de côres variegadas e novelos escuros de pêlo caprino, o primitivo tear, acionada velozmente a laçadeira por Aquila, aquele homem invulgar, pudera beber em fonte pura os ensinamentos evangélicos, através daqueles simples operários, os quais os haviam aurido dos lábios de Paulo Horas e horas, êles assim passavam, encantados e embevecidos nas maravilhosas exortações acêrca da figura do Divino Mestre, lendo e relendo as velhas e já surradas anotações dos Evangelhos, escritas em papiros ou impressas em couro de cabrito.

Apolo era instruído no caminho do Senhor, e falava com fervor de espírito, ensinando com diligência o que pertencia a Jesus, mas só conhecia o batismo de João !

Priscila e Aquila, ouvindo-o falar, a êle se ligaram por laços de sincera estima e lhe declararam mais particularmente o Caminho do Senhor. Desejando êle ir à Achaia, os irmãos a isso o animaram, escrevendo aos discípulos que os recebessem. Tendo Apolo alí chegado, foi de muito proveito para aqueles que haviam crido, porque com grande veemência convencia publicamente aos judeus, mostrando-lhes que Jesus era o Cristo.

Nem agora e talvez nunca mais, através dos tempos decorridos, foi o Cristianismo tão puro, tão belo, tão atraente, como naqueles primeiros dias, quando os discípulos de Jesus, verdadeiramente convertidos à sua doutrina, a ponto de aceitarem, sorrindo, o sacrifício da morte, puderam, com toda a sua singeleza converter até intelectuais às verdades cristãs. Humildes operários tecelões, transformaram-se em abnegados apóstolos e falando uma linguagem transbordante de fé, souberam fazer jorrar de seus lábios, verdadeiras torrentes de luz, quais maravilhosas fontes de *água-viva* !

Passados tantos séculos, e quando vemos os cristãos modernos fortemente interessados em fundar academias e faculdades, no desejo muito louvável e sincero, aliás, de melhorar o indice cultural dos espíritos, ficamos a raciocinar, colocando em equação, através destas desprentenciosas considerações, quanto seria mais exaltado o Cristo—si quando relembrado nas humildes tendas dos tecelões, nas furnas, nas cavernas e catacumbas abandonadas, sempre sob a constante ameaça dos esbirros de Cesar, ou quando comentando nos recintos fechados e iluminados à luz elétrica das agremiações hodiernas...

Fazendo êsse ligeiro confronto, vemos quão distanciados estamos daqueles primitivos tempos, onde à singeleza e a humildade dos propagandistas das verdades evangélicas, vinham se casar a rudeza dos ambientes, destituidos de aparatos ou encenação !

Eram almas simples, humildes pescadores, operários tecelões ; nenhum *mestre* ou *professor*, mas havia em todos eles, sinceridade e extremado amor pelo seu Cristo-Jesus, a quem serviam até o sacrificio da própria vida nos circos romanos, atirados que eram aos dentes das féras famintas, entoando hosanas ao Pai !

* * *

Mas, graças a êsse mesmo Pai, nem tudo está perdido. No intuito muito louvavel de volver ao Passado, estamos assistindo o esfôrço que se vem fazendo no sentido de fazer que, de facto, o Espiritismo, ou seja a 3.a Revelação dada aos homens pelos Espíritos do Senhor, venha interpretar e incarnar o Consolador prometido por Jesus, nas luzes do Cristianismo redivivo.

Queremos nos referir ao movimento das Semanas Espíritas Organizadas.

Estamos assistindo o esfôrço sincero e entusiasta de alguns abnegados irmãos no sentido de dar ao Espiritismo uma nova modalidade de difusão doutrinária, mais consentâneo com o espírito da época, ou seja um sentido mais elevado da sua verdadeira finalidade, através das visitas de confraternização, dos Congressos, etc.

Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o objetivo preceituado no : — *Amai-vos*, ficando cada espírita isolado dentro das quatro paredes do seu centro.

Ninguem em sã consciência poderá manifestar-se contrário a essa nova modalidade do Espiritismo.

A própria índole do Espiritismo estava a exigir um movimento assim, com essa característica social cristã, considerando, ainda mais, ter o seu Codificador afirmado alhures que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra, mas que a última jamais seria dita!»

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida», não podia ficar acorrentada a velhas práticas e velhos hábitos.

Imperava no meio espírita uma verdadeira ogeriza por tudo que resultasse em alteração ou modificação do Espiritismo soturno, unicamente de consulta, receituário e manifestação, cem por cento tristeza, herdado dos nossos antepassados. Muitos achavam que no Espiritismo não havia lugar para a alegria cristã, nem para o jovem, nem para a criança. Enquanto êles saíam para os trabalhos nos Centros, as crianças iam às *matinées* dos cinemas, os rapazes e moças iam às praças de esportes e as senhoras aos chás elegantes, das cinco horas ou *footings* das grandes avenidas! . . .

Hoje, não; podemos até fechar as nossas casas e levar conôsco aos Centros os nossos filhos, crianças, jovens, a esposa e até a empregada, filha adotiva. etc. . . porque em lá chegando, todos se sentirão bem a vontade: As crianças encontrarão sempre atrativos nas aulas de moral; os jovens, no convívio de amigos sinceros, jovens como êles, sentirão grande alegria no relembrar, em conjunto, as lições do Divino Mestre; as senhoras, nos departamentos de assistência aos necessitados, acharão o seu melhor e mais agradável «passa-tempo»; os homens, com o seu espírito, assim tranquilizado, por verem os seus entes queridos perlustrando o mesmo caminho, produzirão o dobro na Seára do Mestre!

O Canto, a Música, o Teatro Espírita, adredemente preparados e selecionados, enfim, a Arte, nas suas variadas manifestações, estão fadados a prestar um grande coeficiente de progresso para a vitória final do Moderno Espiritualismo.

E a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de Espiritismo vem empolgando o meio espírita brasileiro, teremos, dentro em breve, o ambiente espírita completamente modificado para melhor.

Só mesmo quem ainda não teve a oportunidade feliz de tomar parte num dêsses conclaves, desconhece os efeitos maravilhosos da fluidificação do ambiente que os nossos irmãos desencarnados fazem que todos desfrutem e gosem! Ha instantes em que temos a impressão de não mais pertencermos a um mundo tão inferior quanto o é a terra! . . .

No Espaço, impera entre os desencarnados um verdadeiro movimento de intensa alegria que, aqueles que impropriamente denominamos *mortos*, vêm, aliás, procurando traduzir por palavras, a sua alegria, incorporando os *médiuns*, compartilhar com os que, também, impropriamente chamamos *vivos!* . . .

Emanuel, André Luiz, José Petitinga, Casemiro Cunha, Fidelinho, além de outros estão sempre presentes à estas reuniões. Assim, aconteceu em Macaé, em Astolfo Dutra e ha de continuar, porque os *vivos*, de facto, já verificaram que os *mortos* na carne, vão procurando viver na terra, na observância dos ensinamentos deixados por Jesus, o nosso Divino Mestre e Senhor.

Ademais, foi o próprio Jesus quem afirmou: «Onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí estou eu no meio dêles» (Mat. XVIII-18/20).

Claro que não temos a pretensão de julgar o próprio Cristo em pessôa no nosso meio, todavia, fica-nos a certeza, já agora comprovada, de contarmos com a presença dos seus prepostos e mensageiros de bôa vontade! Só isso prova que, os impropriamente chamados *vivos*, estão sendo sempre e cada vez mais conduzidos pelos impropriamente chamados *mortos*, e mais que êste movimento de *Espiritismo confraternativo—social cristão*, através dos Congressos, Visitas, Semanas, etc., tem a aprovação do Alto.

Aprovamos, inteiramente, todo programa que tenha por objetivo o maior intercâmbio, seja cultural ou confraternativo, entre os espíritas, e com êste propósito, temos dado, sempre que se apresenta a oportunidade, todo o nosso apoio e solidariedade a êsses movimentos, não só tomando parte ativa em alguns, como a iniciativa e realização de outros.

E como os espíritas são, sem favor nenhum, os crentes da terra que, de algum modo, estão fazendo algo em prol do império da Fraternidade em nosso mundo, devemos, pois, trabalhar com afinco e sinceridade, para que a solidariedade cristã seja o apanágio de todas as almas já iluminadas pela luz do Cristo.

Somos, inegavelmente os que já se esforçam para seguir as pégadas do Divino Mestre, por exemplos e obras, praticando a sua doutrina de amor e perdão. Sejamos, pois, o *sal da terra*, na feliz expressão de Jesus, e tudo o mais nós receberemos de acréscimo!

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Julho de 1947.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— V —

No capítulo sétimo, Geley entra a estudar o subconsciente e diz:

«O que há de mais importante no psiquismo individual, é subconsciente. O fundo mesmo do eu e suas características, são subconscientes. Todas as capacidades inatas são subconscientes, e o mesmo quanto ás faculdades superiores, a intuição, o talento, o gênio, a inspiração artística ou criadora. Estas faculdades são criptoides em sua origem e criptoides em suas manifestações, das quais todo o mecanismo escapa, em sua maior parte, à vontade, à direção normal e regular do sêr, e só se revela pela aparição, à margem da regulamentação consciente, dos produtos intermitentes e de aparência espontânea.

«Esta atividade psíquica subconsciente, formidável em si mesma, está unida a uma memória ainda mais formidável: memória poderosa e infalível que deixa muito longe a pobre memória consciente, tão caduca, tão débil e limitada.

«Ao lado do subconsciente, o consciente só aparece como um psiquismo restrito, limitado e truncado; e ainda êste psiquismo está submetido, para suas próprias manifestações mais importantes a essa porção criptoide do «eu» que forma sua característica e seu fundo».

Em linguagem espírita, diríamos que o subconsciente representa a soma total das aquisições realizadas pelo Espírito em suas experiências através de milênios, enquanto o consciente é apenas parte das aquisições dos poucos anos de uma encarnação. Sómente parte, porque outra parte, mesmo nesta incarnação, já ficou esquecida e foi incorporada ao subconsciente. O Espírito nada perde através de suas múltiplas incarnações, nem de seus longos períodos de vida na erraticidade; tudo fica acumulado no subconsciente, portanto os depósitos no subconciente são milhões de vezes maiores do que a minúscula parte que conservamos, na memória, das experiências da atual incarnação. Logo, supormos que nos conhecemos por esta pequeníssima parte da memória consciente, seria tão enganoso como supormos que conhecemos toda a história da humanidade pela leitura de notícias nos jornais de um dia.

A memória consciente pertence à matéria, ao nosso cérebro atual, mas o subconsciente pertence ao Espírito eterno e se manifesta em forma de tendências, pendores, faculdades, talento, qualidades moraes e intelectuais.

A psicologia clássica não pode responder ás seguintes perguntas:

«Como uma parte da atividade mental escapa à intenção do indivíduo ou não lhe é accessível senão irregularmente e por acidente?

«Como essa atividade mental involuntária e latente é superior à atividade mental voluntária e consciente?

«Como todas as capacidades superiores, não sómente as faculdades supranormais, mas também a inspiração criadora, o gênio e tudo o que há de essencial no intelecto sob o ponto de vista psíquico são inacessíveis a êsse mesmo intelecto e na sua maior parte lhe são desconhecidas?

«Porque, em uma palavra tais faculdades são subconscientes e não conscientes?»

Para a ciência clássica, o desenvolvimento do cérebro é paralelo ao desenvolvimento do corpo físico desde a infância até a madureza; mas, interroga-nos Geley: «*E nos casos de precocidade tão conhecidos principalmente nos artistas? E nas manifestações prematuras do gênio, do talento, da inspiração que não foram herdados nem adquiridos, porque são inatos?*»

De raciocínio em raciocínio, sempre diante de factos, vai chegar o nosso autor à seguinte conclusão contra a ciência clássica: «*Não ha paralelismo psico-fisiológico entre a aparição das manifestações do subconsciente e o desenvolvimento individual dos centros nervosos*».

Continúa estudando os ensinos da ciência materialista e analisa a seguinte doutrina: «*A atividade psíquica é estreitamente condicionada pela extensão das capacidades orgânicas das quais é estritamente inseparável. Os elementos de que utiliza a inteligência lhe vêm dos sentidos. O alcance dos sentidos limita também o alcance do psiquismo.*»

A isso comenta Geley: «*Tantas palavras quantos êrros, no que concerne ao subconsciente*».

«A orígem das capacidades subconscientes, não é sensorial: estas capacidades são inatas. O alcance das capacidades subconscientes rebaixa o nível das capacidades sensoriais.

«A inspiração superior, a intuição, o genio, são independentes, totalmente independentes das aquisições».

E' evidente que se refere às aquisições atuais do Espírito encarnado, porque tudo o que o Espírito possui foi adquirido por êle através das idades. O gênio é o Espírito que já fez grandes aquisições e hoje ocupa lugar muito mais elevado do que o homem normal da Terra.

Não há paralelismo psíquico-fisiológico. «Os fenômenos de exteriorização, diz nos Geley, nos revelam um dínamo-psiquismo separável do organismo».

E' tão incompreensível o homem estudado só do ponto de vista material, como seria incompreensível um motor elétrico sem admitirmos a existência da energia elétrica que o põe em movimento. O motor, sem a energia para a qual foi construído, é um cadáver. Poder-lhe-íamos fazer a «anatomia» minuciosa de todas as peças, examiná-las ao microscópio, decompor-lhes a substância, mas não formularíamos senão hipóteses erradas, se não admitíssemos a existência da eletricidade. Igualmente o homem é incomprensível aos que negam a existência do Espírito.

Os acontecimentos, no vosso mundo, sucedem-se sem treguas, como consequencia lógica da grande transformação que se opera no sentido do império da fraternidade e da justiça entre os homens. Tais acontecimentos visam despertar a consciencia humana para a obtenção dos conhecimentos de tudo quanto diz respeito à alma. Enquanto isso, os factos espíritas se avolumam e a doutrina cresce, como alavanca propulsora do progresso espiritual e moral dos homens.

CAIRBAR.

Como Jesus operou a cura de um Surdo-Mudo

«Deixando as cercanias de Tiro, veiu Jesus por Sidonia, ao mar da Galiléia, atravessando o território de Decápolis. Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que impusesse as mãos nele. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na lingua. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: *Eph pheta,* isto é: «abri-vos». Logo se abriram os ouvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando êle a falar distintamente. Jesus a todos recomendou que nada dissessem a ninguém; porém, quanto mais êle proibia, tanto mais divulgavam o que viam. E cada vez mais admirados diziam: Êle tudo tem feito; tem feito que os surdos ouçam e que os mudos falem».

Marcos, cap. VII, v. 31-37.

Segundo as revelações dos quatro Evangelistas, espíritos de grande elevação moral e de erudição profunda, incumbidos de nos instruir acerca das maravilhosas curas operadas por Jesus, sabe-se que os espíritos que se incarnaram, tomando parte na vida ativa do *Messias*, assumiram, na vida espiritual, o compromisso de cooperarem na missão do Cristo de Deus.

Dêsse modo, todos os enfêrmos que foram curados pelo Mestre, estavam cumprindo uma provação ao mesmo tempo que davam cumprimento ao compromisso assumido com a Justiça Divina.

O *Médium* de Deus previa tudo antes que os enfermos fossem conduzidos à sua presença, porque êle era, na verdade, o grande médico das almas e o divino juiz; por isso que tudo na vida da humanidade se acha submetido ao seu reto julgamento. O Cristo presidiu a elaboração dos elementos que serviam para a formação primordial do nosso planeta, do qual êle é o fundador e diretor, razão por que lhe foi outorgado todo o poder sôbre a terra.

Quanto aos atos e palavras que Jesus empregou para curar o *surdo-mudo,* tiveram um duplo fim: atrair a atenção dos homens, que deveriam receber a grande lição, ao mesmo tempo que ensinava aos seus discípulos os meios que deveriam usar, quando houvessem de realizar as mesmas curas, que os homens impropriamente intitularam *«Milagres»*.

O Nazareno para curar o surdo-mudo, não necessitava de lhe por os dedos nos ouvidos e nem tão pouco saliva na língua: *uma ordem mental de sua poderosa vontade seria o bastante para restituir-lhe as faculdades entorpecidas.*

Quanto mais elevado é o espírito, tanto mais conhece as leis que regem a fôrças magnéticas, por isso que Jesus sendo o mais puro espìrito que descera à terra, manobrava com pleno conhecimento de causa na aplicação dos fluidos curadores do magnetismo.

Eis como os espíritos dos Evangelistas — Mateus, Marcos, Lucas e João narraram a cura do surdo-mudo.

«O magnetismo prova a possibilidade de tais factos. A surdez de nascença e, portanto, o mutismo que lhe é consequente, provém muitas vezes de uma relaxação do orgão respectivo e, às vezes, também, de uma obstrução.

A ação fluídica, exercendo-se sôbre o aparelho da audição, sôbre o tímpano, quando se ache distendido ou espessado, o contrai ou dilata, conforme o caso, dispersa os fluidos que se tenham acumulado ou prendido nos tecidos e restituem ao orgão a flexibilidade que perdera. E, assim, o surdo, logo que começa a ouvir, deixa de ser mudo».

Quando todos os sistemas de curar forem reunidos num só, aí teremos o grande arsenal, onde encontraremos os meios para combater e curar qualquer enfermidade.

Provém, esta verdade, dos grandes luminares da espiritualidade.

Spártaco Banal.

Livros e Autores

ISQUETES E CONTOS, de *Inácio Ferreira*, Uberaba.

Viemos para o Espiritismo a convite da literatura.

Aliás, depois de termos tentado a leitura do *Livro dos Espíritos*, do *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Decorre daí o interêsse que temos pela boa literatura espírita — contos, teatro, romance — a serviço da propaganda e difusão do Espiritismo. Observamos que a propaganda da Doutrina pela boa literatura, cala mais e melhor em certos espíritos—do jovem e da mulher por exemplo—do que muitos livros de comunicações espíritas e de tiradas doutrinárias, apenas. Sentimos que a Doutrina Espírita e o Evangelho do Cristo através dos filtros das boas letras e dos sons sentimentais, penetra fundamente corações, falam profundamente a inteligências. É a arte pura a serviço das coisas do espírito.

Não podemos atinar, ainda, porque o Evangelho e o Espiritismo podem ser pregados pela palavra escrita e falada, pelo rádio e pela imprensa, sem poderem, igualmente, ser transmitidos pela poesia e pela música, pelo canto sentimental e pelo teatro.

Venha a literatura emprestar, também, a sugestão de seus recursos à propaganda do Espiritismo. Que o teatro e o canto, a poesia e o romance, o canto e a música tenham, também, a palavra na propaganda, que nenhuma doutrina possúe maior campo de inspiração, filões mais copiosos a explorar do que o Espiritismo.

Três grandes desvanecimentos já podemos registrar : nosso foi o primeiro volume de contos espíritas—CONSCIÊNCIAS — que se editou. Nosso foi o primeiro volume—ILUMINAÇÃO—de poesias genuinamente espíritas que já se publicou. Nossos foram os primeiros volumes de teatro espiritualista conhecidos. Edições todas esgotadas, felizmente.

Que venham outros volumes e outros autores, com mais engenho e arte do que nós, explorar o campo ainda quasi inexplorado do Espiritismo, que não teve, ainda, valha a verdade, seu grande poeta, seu grande contista, seu grande romancista, seu grande teatrólogo.

ISQUETES é o volume de teatro do dr. Inácio Ferreira.

O autor, depois de dar-nos grandes livros de medicina de observação, dá-nos, agora, livros de literatura de ficção.

ISQUETES é um grande volume bem impresso e bem ilustrado, edição da Gráfica, A FLAMA, de sua cidade, Uberaba. Livro de luxo, por isso mesmo caro. Êste, o seu maior pecado. O livro espírita deve ser barato, ao alcance de todas as bolsas, que a bolsa espírita é via de regra, desabastada. Mandou imprimir um volume caro, para presente, ao em vez de editar um livro modesto, em edição maior, para todas as bibliotécas e estantes espíritas. Nem à juventude espírita, a que é dedicado, talvez possa interessar, por seu preço elevado.

As peças do *Isquetes* ressentem-se das exigências da dramaturgia moderna, que repelem preciosismos de linguagem, dialogação declamada, frases floreadas, no mesmo tempo que exige intensiva ação dramática, o que falta, também, ao volume.

Nem por isso deixa de ser um belo e grande esfôrço do homem de ciência, seu ilustre autor, a pról das letras teatrais.

* * *

CONTOS. Eis o outro volume também de Inácio Ferreira, edição da mesma *Gráfica*. Volume destinado também à Juventude Espírita, como o ISQUETES. E, como o ISQUETES, também muito bem impresso e ilustrado, posto em bela encadernação. Volume de 80 páginas, formato além do normal, constante de quatro peças, sómente : O ALEIJADINHO, *Vale da Bemaventurança*, PAI JOÃO e O *Predestinado*. Quatro contos que se lê com agrado, a recordar, talvez, os tempos da infância e da juventude, a cujas idades os contos se destinam, por sua extructura educativa, por seus propósitos evangélicos e por suas lições espiritualistas. Cada conto vale bem uma aula de moral vivida, porque, ao lado das lições, repontam os exemplos ; a par dos conceitos educativos, os factos ilustrados.

O conto é, depois do teatro, o gênero de literatura mais difícil.

Para Goethe o teatro é o gênero literário difícil por excelência.

Para Moupassant, o conto.

De modo que, para o triunfo integral em um e no outro gêneros, o escritor deve forrar-se de uns tantos requisitos literários que dificilmente se encontram no mesmo indivíduo.

Mas, ninguém atinge o mais sem passar, é claro, pelo menos.

Quem não conseguiu se alçar ao mais, embora haja ascendido do menos, que se contente com o médio.

Êste, o nosso caso, como fazedor de teatro e de conto.

Esta, a situação, talvez, do autor de *Contos*.

ISQUETES e CONTOS, êste mais do que aquêle, porque menos puxado no preço, são volumes de excelente oportunidade para as festas do Natal.

E ha por aí tantas escolas espíritas e aulas de moral cristã, em centros espíritas carentes de brindes e prêmios de Natal para suas crianças.

CONTOS e ISQUETES são excelentes para isto.

Ficamos grato ao autor pelos volumes que nos couberam, enfeitados de generosa dedicatória.

Leopoldo Machado.

Livros para aparecerem apreciados aquí, devem ser enviados para Nova-Iguassú, E. do Rio, Caixa Postal, 6.

A Morte e a Alma

Segundo a concepção científica materialista e segundo ainda os gramáticos, a MORTE, é o fim da vida animal ou vegetal. Ato de morrer. Termo, fim. Destruição. Mas o Espiritismo nos diz, provando, ser a morte o início do verdadeiro viver, a vida daquilo que nos anima, aquilo que pensa, raciocina, ou melhor, a faculdade de pensar, raciocinar, que está em nós; aquilo que evolúe intelectual e espiritualmente falando: o espírito.

Considerando Lavoisier que diz: «Nada se perde, tudo se transforma», teoria já aceita pela própria ciência materialista, o Espiritismo afirma e já provou, não ser a morte o termo, o fim; a destruição. E', isto sim, transformação, metamorfose, a vida que continua sob outro aspecto, sentida e vivida sob outro prisma.

A ciência materialista não admitindo a existência da alma, unicamente por não a ter encontrado ainda na ponta do bisturí, está profundamente errada, laborando em êrro por procurar a alma que é essência Divina, imaterial, buscando-a por processos materiais, manejando instrumentos também materiais.

Como é caduca a ciência humana, tão velha é quanto velho é o mundo; como persiste em pesquisar o que não é matéria, usando processos materiais. E ela, a ciência, tanto já tem apanhado. Pasteur para a ciência de seu tempo, foi um louco; loucos foram Lavoisier criando a química moderna, tão atacada no comêço, decapitado em 1794, teoria aceita de início por Scheele e Pliestley; Galileu, ilustre matemático, físico e astrônomo italiano, também não foi compreendido pela ciência de então: «E pur, si mueve!» Giordano Bruno, o filósofo, incompreendido pela ciência, tido como louco, encontrou a morte em Roma, na fogueira da Santa Inquisição. Louco até hoje é considerado Kardec e os espíritas; louco foi Jesus Cristo, e, loucos são nos nossos dias, os que contrariam a ciência materialista.

A ciência humana, materialista, ainda não admite a existência da alma, a fôrça da fé, o poder de Deus. Entretanto, aí está a alma, o espírito, para quem quiser ver, sentir e pegar, manejando, não instrumentos materiais, mas os do coração, da mente e os da razão. A fé não póde ser vista pelo nosso microscópio ou telescópio, mas ela impera e atua fortemente até mesmo naqueles que não a admitem, usando dela inconscientemente. O poder de Deus em tudo se manifesta, e essa manifestação encontramos em tudo e em todos, em toda parte e a todo momento, pondo em atividade o 6.º sentido que a ciência ainda desconhece.

Como é falha, caduca e árida a ciência humana; como é pobre de saber, de percepção da verdade Divina.

Não sabemos de que maneira, usando quais processos, age a fé, mas a ciência, usando e aplicando o Raio X, não conhece ainda como o cloreto de bário torna visível os raios «gama». Muita coisa a ciência já é obrigada a aceitar não vendo e desconhecendo o processo de ação dessas mesmas coisas; assim também a alma, o espírito, terá a ciência de aceitar e a encontrará, verá e sentirá em dias bem próximos, como aceitaram os muitos cientistas que a procuraram não com o bisturí, mas como deviam fazer.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, segundo as últimas notícias, já foi criado na Faculdade de Medicina, para estudo das coisas que dizem respeito a alma, a cadeira de metapsíquica.

E' o primeiro passo dado, e, usando os processos da mente e da razão, não os instrumentos materiais, a ciência encontrará a alma, não na ponta do bisturí, mas junto de nós mesmos; ela está tão junta de nós...

Juventus.

Rio Claro, S. Paulo.

O Juizo Final

Nosso estudo evangélico de hoje versará em torno da figura emblemática do juizo final, pintada por Jesus em côres indeléveis e reproduzida por Mateus no Capítulo XXV, versos 31 a 46, da seguinte maneira: «Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trôno da sua glória. E reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovèlhas. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda».

Falando a homens rudes e embrutecidos, como os do seu tempo, Jesus, para fazer-se compreender, teve de lançar mão de ensinamentos concretos e materiais, como êsse, muitas vezes tirando das crenças em voga e dos costumes da época o motivo das suas parábolas e alegorias. Entretanto, si levantarmos o véu intencionalmente lançado sôbre êsses símbolos materiais, encontraremos a luz da espiritualidade que eles encerram. Jesus assim o fez porque, conquanto falasse à sua época, sabia que suas palavras deviam atravessar os tempos e chegar aos homens intelectualmente mais evolvidos, capazes de interpretá-las segundo o espírito que vivifica.

As palavras dos dois versiculos que acabamos de citar, tomadas ao pé da letra deram lugar à crença de que há um dia determinado para o julgamento final de todas as criaturas, quando os mortos ressurgirão dos túmulos após retomarem a mesma carcassa que lhes serviu de vestimenta carnal, já desaparecida no banquete dos vermes. Sôbre êste ponto não temos de voltar, uma vez que êle já foi objeto de estudo anterior, quando mostramos a impossibilidade de pô-los em concordância com a ciência atual. Queremos nos limitar agora a interpretar segundo o espírito o tema evangélico escolhido para esta tertúlia.

Hoje sabemos serem habitados todos os planetas que povoam a amplidão dos espaços celestes; sabemos que êsses planetas são de diferentes categorias: mundos primitivos, de expiação e de provas, como a Terra, de regeneração, mundos felizes, etc. São as diferentes moradas da casa do Pai, como dizia veladamente o Mestre. Êsses orbes não permanecem estacionários, mas evoluem, como tudo na criação, e passam das categorias mais inferiores para as mais elevadas. Pois bem! Perto está o tempo em que a Terra deve atingir o grau imediato na escala da sua evolução, passando a ser um planeta de regeneração, onde os espíritos nela incarnados devem retemperar suas energias e encontrar novas fôrças para continuar sua peregrinação através de novos corpos. Quando isso se der, os espíritos rebeldes que nela estiverem habitando e que constituem entraves ao progresso, serão alijados para um planeta inferior, de acôrdo com suas necessidades, onde ao lado das oportunidades para o seu próprio desenvolvimento possam também ajudar no progresso geral. Aqueles que souberem transformar seu coração num trôno para a glória do Senhor, participarão dos benefícios que o novo estágio planetário lhes proporcionará, como cooperadores da sua evolução. Nessa ocasião é que o filho do homem virá na sua majestade acompanhado de todos os anjos, isto é, em companhia dos bons espíritos que o ajudaram na implantação do seu reino nêste mundo de expiação e de provas. E reunindo todas as gentes na sua presença, ou melhor, e convocando todos os espíritos diante de si, separará o joio do trigo, dando a cada um segundo as suas obras. E «porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda». Nas ovelhas estão simbolizados os espíritos obedientes à voz do Pai, que souberam amansar os impulsos da animalidade inferior, enquanto os cabritos retratam com profunda justeza os que preferiram cevar-se nos instintos grosseiros, rebeldes à voz da razão, que desprezaram as melhores oportunidades para o seu progresso pessoal.

A'queles dirá então o rei: «Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; — pois tive fome e me déstes de comer, tive sêde e me déstes de beber, era forasteiro e me recolhestes;— estive nú e me vestistes, estive encarcerado e me fostes ver».

Êsse reino ou êsse lugar destinado aos eleitos, é a nova região a que fizeram jús, a nova morada que conquistaram graças ao diuturno labor, e que lhes está reservada desde que alcançaram as luzes da espiritualidade. Nenhum favoritismo há nisso, uma vez que toda criatura está destinada desde sua origem a chegar um dia a êsse bonançoso pôrto, dependendo de sua liberdade caminhar na reta estrada que conduz a êle ou perder-se nos atalhos e demorar-se em meio da jornada. Com essas palavras Jesus nos apontou os problemas sociais do pauperismo, do desemprego, da mendicância... com que teríamos sempre de lutar e que mais agudos se tornam nos dias de hoje. Inteligência temos bastante para compreendê-los, e oportunidades não faltam para resolvê-los. No entanto, preferimos calcá-los aos pés e fazer tábua rasa dos mais elementares princípios de solidariedade humana. As guerras que por duas vezes levaram a destruição e a orfandade aos mais distantes lares da terra custaram-nos uma fortuna tão fabulosa que com ela cada família do mundo todo poderia ter a sua casa com todos os requisitos de confôrto. No entanto, continua insolúvel o problema da habitação, e milhares de pessoas vivem ao relento, sem teto que lhes abrigue. Rasgamos avenidas e cobrimo-las de asfalto, mas os forasteiros continuam sem albergue; construimos palácios e transformamô-los em jardins, mas os doentes continuam sem leito nos hospitais; importamos automoveis para o passeio do rico, mas não importamos trigo para a fome do pobre; fazemos garage para guardar o auto, mas não fazemos teto para proteger o desabrigado; damos dinheiro para se erguerem templos suntuosos, mas não o damos afim de que o povo tenha mais escola, mais educação, mais oportunidade de levar uma vida decente e digna.

A responsabilidade é de todos nós, não resta dúvida, mas é muito mais daqueles que atingiram os postos de comando, os cargos de direção, porque está escrito que muito será pedido a quem muito foi dado.

Os fracos, os pequeninos, os famintos, os doentes, os estropiados clamam aos poderosos em nome de Jesus, que personifica a tutela de todos êsses oprimidos. Em todo caso, é algo confortante ver que alguns filhos de boa vontade já puseram a mão na rabiça, dispostos a não olhar para trás. Êsses é que passarão à direita do julgador. E quando perguntarem: «Senhor, quando foi que te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nú e te vestimos? Quando foi que te vimos enfêrmo, ou preso, e te fomos visitar?» — a êles é que o rei responderá: «Em verdade vos digo que, todas as vezes que o fizestes a um dêstes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes». Com estas palavras, declarando-se irmão dos mais pequeninos, Jesus pretendeu eximir-se da divindade que sabia iriam lhe atribuir. Por outro modo, é como se dissesse: — eu sou um espírito criado pelo Pai, como vós outros; parti do mesmo ponto de origem — simples e ignorante, porém perfectivel; estive sujeito ás mesmas contingências e vicissitudes, porém preferi não distrair-me em meio do caminho e tomei as sendas que conduzem à perfeição e ao saber. Portanto, sou um irmão vosso, pois provenho da mesma Fonte de Vida; apenas, sou um irmão mais velho e mais experiente, e por isso vos tenho sob a minha tutela.

Atribuindo-se o título de «rei» indicava veladamente a qualidade de protetor e governador do planeta, incumbência essa que recebeu ao presidir a criação do mesmo.

Jesus não disse que seriamos interrogados a respeito de nossa crença, de nossa fé, ou de qualquer outra particularidade de nossa vida, mas tão sómente seria levado em conta o amor que dispensamos aos nossos semelhantes. Está isso expresso com grande justeza no lema espírita: «Fóra da caridade não há salvação». Onde existe caridade existe amor, e onde existe amor não há egoísmo, êsse sentimento que tanto nos avilta, nos rebaixa e nos separa. O egoísmo é um dos últimos inimigos que temos de vencer e é o mais forte e poderoso porque se esconde nos mais íntimos recessos de nossa alma. Aos que o cultivaram e estiveram à esquerda do rei é que será dito: «Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; pois tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; era forasteiro e não me recolhestes; estive nú e não me vististes; enfermo e preso e não me vesitastes. Também êsses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nú, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? Êle lhes responderá: Em verdade vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um dêstes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. E irão êstes para o suplício eterno e os justos para a vida eterna.»

Estas palavras de Jesus «fogo eterno» e «suplìcio eterno» e «vida eterna» é que deram origem aos dogmas humanos de céu e inferno. Assim acontece sempre que nos apegamos demasiadamente à letra, sem penetrarmos o espìrito que ela encerra.

Mandando que se apartassem para o fogo eterno, Jesus, urdindo essa parábola, quís apenas mostrar que os espìritos rebeldes, simbolizados nos cabritos e agora chamados de «diabo» e «anjos do diabo», seriam oportunamente rechassados para os mundos primitivos, para os mundos de prova, mas também de progresso, até que rescaldados pelo fogo dos sofrimentos inerentes a êsses lugares de tormento merecessem outras habitações compatíveis com seu novo estado. Dizendo que os justos iriam para a vida eterna, apontou-nos a perfeição que deviamos atingir para a vida normal espìrita, livre das incarnações criadas pelos óbices das limitações da matéria. Êsses dois pontos ora em estudo é que criaram os dogmas da eternidade das penas e dos gozos celestes. A' Terceira Revelação coube a ventura de interpretar êste belissimo símbolo proposto pelo Mestre, separando da letra que mata o espìrito que vivifica.

Elídio Taveiros.

Ao mesmo tempo que Deus creou, de toda a eternidade, mundos materiais, creou eternamente sêres espirituais; sem o que, os mundos materiais não teriam razão de existir. Conceberiamos melhor os sêres espirituais sem os mundos materiais do que êstes sem aqueles. São os mundos materiais que devem fornecer aos sêres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento da sua inteligência.

O progresso é a condição normal dos sêres espirituais, e a perfeição relativa é o fim a que eles devem atingir; ora, desde que Deus tenha creado, de toda eternidade, e cria incessantemente, também eternamente tem havido sêres que atingiram o ponto culminante da escala.

ALLAN KARDEC.

SEMANA SANTA

Nessa semana, que a igreja romana considera santa, comemora-se a paixão e a morte de Jesus Cristo.

Essa fúnebre solenidade da paixão, dos sofrimentos e da morte de Jesus Cristo ora se celebra em Março, ora em Abril.

Comemora-se sempre o seu nascimento no dia certo 25 de Dezembro, porém, a sua morte não é memorada em dia, semana e mês certos.

Por decreto do Concílio de Nicéia, reunido no ano 325, o dia da Páscoa, do qual dependem todas as demais festas móveis do ano eclesiástico, deve ser celebrado no domingo depois da primeira lua cheia da primavera.

E' considerada pela Igreja romana a maior solenidade do ano eclesiástico. E' muito estranhável e nada justifica essa resolução da Igreja naquêle Concílio.

Na quinta-feira Jesus deveria ter realizado a última ceia pascal com os seus amados discípulos. E a Igreja ainda hoje comemora a solenidade da Pascoa, que o próprio Jesus, como judeu, celebrou e que não foi instituida absolutamente por Êle.

A Pascoa é uma antiga festa nacionalista dos judeus, em que celebravam a libertação de todo o seu povo do cativeiro egipcio, quando Moisés conseguiu a Permissão do Faraó para abandonar as terras do Egito, emigrando do interior dêsse país em busca das Terras Sonhadas da Promissão.

A Pascoa é a festa da independência, da liberdade, da consolidação das instituições nacionalistas judáicas, da vitória espiritual da raça, alcançada por êsse povo sofredor e admirável e de ânimo forte, que é o povo judeu, que, de escravo no Egito, passou a povo livre, tempos depois, nas terras sagradas da Palestina.

A Pascoa representa a passagem, quasi a pé enxuto, do Mar Vermelho, de todo o heróico povo judeu, conduzido pelo grande Moisés, quando emigrou do país onde vivia como escravo, perseguido, logo mais, pela poderosa cavalaria egipcia, que não o alcançou graças à maré enchente daquêle Mar. Pascoa significa a passagem. A Igreja de Roma alterou esta grande solenidade caracteristicamente judáica, e incorporou-a às suas instituições humanas.

Nada tem a Pascoa de cristã.

Os espíritas não celebram a pascoa, porque não são judeus, nem consideram essa semana como santa, porque não são católicos. Não jejuam, comendo, apenas peixe. O jejum do espírita não é material, é espiritual. O peixe é um sêr que tem tanto direito à vida como o boi, a galinha, o perú, o carneiro e o porco.

Os dias desta semana são iguais aos da passada e aos da futura. Não queremos ter uma semana santa de comemorações materiais.

Desejamos santificar todos os dias do ano pela prática constante do bem, amando a Deus e ao próximo, tornando-nos sempre úteis aos nossos semelhantes, servindo-os e assistindo-os nas suas necessidades, com emoção e desinterêsse.

Todos os dias devem ser santos para o verdadeiro cristão.

Se o Cristo ressuscitou, se é Espírito e Vida, se está hoje, mais vivo do que nunca em nossos corações, porque comemorar a sua morte, o seu sacrifício infamante no madeiro, entre dois pecadores?

Se Êle foi grande na sua morte, foi maior na sua ressurreição e muito mais ainda na sua vida de pureza e de santidade, vida divina que todos devemos imitar.

Djalma Farias.

Crônica Estrangeira

Talentos Precoces e Vidas Sucessivas

Pelo Coronel Faure da Rosa.

Pascal com 12 anos de idade, descobriu, sozinho, uma parte da Geometria descritiva!

Rembrandt ainda não sabia ler e já desenhava magistralmente. Mangiamelo, aos cinco anos fazia operações aritméticas mentalmente com uma rapidez tal, como hoje se fazem com as máquinas de calcular.

Tereza Milanollo, aos 4 anos tocava violino com tanta arte e superioridade, que Baillot - célebre violinista francês —dizia que «a rapariga devia ter sido tocadora de violino antes de nascer».

Jacques Chrichton — a quem o sábio filólogo e médico italiano Scaliger chamava um «génio monstruoso» — aos 15 anos discutia em latim, em grego, hebraico e árabe, fosse qual fosse o assunto que se lhe apresentasse. O alemão Henrique Heinecken começou a falar quase ao nascer: aos 2 anos sabia três línguas e aprendeu a escrever em poucos dias. Com 2 anos e meio fez exame de geografia e história, antiga e moderna. Alimentava-se unicamente com o leite da ama; como o tivessem desmamado, enfraqueceu de tal maneira que morreu em 27 de Junho de 1725 contando apenas 5 anos de idade.

O belga Van de Kerkhove morreu com 10 anos e 11 meses, deixando 350 quadros de mestre, dos quais alguns podiam ser assinados pelos mèlhores pintores.

O escossês William Hamilton, aos 3 anos estudava hebraico; aos 13 conhecia 12 línguas, e aos 18 o seu saber causava admiração áqueles que com êle privavam.

O italiano Trombetti, que ainda existia em 1920, era um poliglota prodigioso, mais surpreendente que o célebre cardeal Mezzofanti, o qual chegou a falar 70 línguas e dialetos.

Trombetti era filho de pais bolonheses pobres, completamente ignorantes. Sózinho aprendeu instrução primária, francês e alemão, e, ao cabo de 2 meses, lia Voltaire e Goethe. O arabe aprendeu-o êle unicamente lendo a história da vida de Abd-el-Kader — o célebre emir guerreiro árabe. Um persa de passagem por Bolonha, ensinou-lhe a sua língua em algumas semanas.

Aos 12 anos, Trombetti aprendeu sózinho e simultaneamente, latim, grego e hebraico. Depois, estudou quasi todas as línguas vivas e mortas. Asseguravam os seus amigos que Trombetti conhecia cerca de 300 dialectos orientais.

No congresso internacional de psicologia que se efetuou em Paris em 1900, o Professor Dr. Charles Richet, apresentou à Assembléia um pequenito espanhol, com três anos e meio de idade — Pepito Arriola — que tocava e improvisava ao piano diversas árias. A mãe do pequeno contava como descobrira os dotes musicais extraordinários do filho. Tinha, então, o rapazito dois anos e meio — dizia a mãe de Pepito — quando ela descobriu a aptidão musical do filho. Nessa época, a mãe costumava tocar ao piano a composição que um amigo lhe oferecera. Uma manhã, como ouvisse tocar a mesma música no seu piano, com acentuada justeza e autoridade, entrou na sala, e viu que o pianista era Pepito, o qual, para chegar ao teclado, se encarrapitara num banco alto.

Com três anos incompletos tocou piano diante de numeroso auditório de músicos e críticos. Não sabia ler, nem o alfabeto nem os caracteres musicais. Escrevia as composições com símbolos inventados por êle, em que não era possível descobrir nenhum senso. Era curioso vê-lo pegar num pedaço de papel em que garatujava umas rabiscas, talvez a querer significar a denominação da peça musical. Em seguida, riscava uns traços pretos que êle assegurava serem notas. Olhava para o papel com ar satisfeito; sentava-se ao piano e dizia «vou tocar isto», designando os sinais que fizera. Efetivamente, pondo na frente o bocado de papel, o pequeno improvisava de maneira admirável.

O que há nêle de mais surpreendente—declarava Richet — não é a digitação, a agilidade de mãos ou a harmonia, mas a expressão. Possúe uma riqueza de expressão espantosa. Quer a música seja triste ou alegre, quer marcial ou enérgica, a *expressão é sempre empolgante.* Muitas vezes a expressão que êle imprime ás notas é tão forte, tão trágica—em certas peças melancólicas ou fúnebres—que os ouvintes têm a sensação de que Pepito não póde com os seus pequeninos dedos significar todas as idéias musicais que nêle vibram: *de sorte que — afirma Richet — eu quasi ousaria dizer que o pequeno é um grande músico, mas de uma grandeza tão grande que não parece o que é... Não só toca os trechos que acaba de ouvir, mas também executa as músicas que ouça cantar. Então, é maravilhoso vê-lo procurar, imaginar, reconstituir a consonância entre graves e agudos e fixar a harmonia, como poderia fazê-lo um músico hábil».*

Em 1911, Willy Ferreros, com 4 anos e meio de idade, dirigia magistralmente a orquestra das Folies-Bergères, em Paris.

Em 1900, a Universidade de Nova Orleans entregava o diploma de médico a um estudante com 5 anos de idade, chamado Willie Gwin. Os examinadores declararam em sessão pública que o jovem médico era o maior sábio osteólogo que até então tinham examinado.

Entre as crianças-prodígios, os jornais transatlânticos citaram uma que aos onze anos de idade fundára um jornal com o nome *The Sunny House,* cuja tiragem, ao terceiro número, se elevára a 20 mil exemplares, tal fôra o interêsse despertado na multidão.

O engenheiro sueco Ericson, aos 12 anos foi inspector no grande canal de Suez e tinha 600 operários sob as suas ordens.

Ruth Slenczyuski, com dez anos de idade, era já uma pianista prodigiosa. Perante numeroso e seleto auditório deu um concerto em Washington interpretando esplendidamente obras de Beethoven, Mozart e Chopin. Os espectadores mais entendidos declararam que tinham ouvido a maior maravilha do século. Os críticos musicólogos qualificaram a pequena artista de *gênio gigante.*

Recordo aquela insigne pianista russa de 9 anos, Margarida Haifetz, que em Moscovo, em 1933, regeu uma grande orquestra, na sala do Conservatório. Duzentos músicos seguiam a batuta empunhada por aquela criança. Nas doze peças que regeu, figuravam a quinta sinfonia de Beethoven e a última de Schubert. A maestra de 9 anos contava que o pai, quando ela tinha seis anos, lhe ensinara solfejo, depois do que começara a tocar piano; mas do que ela mais gostava era de dirigir orquestras. E explicava:... «O piano tocam-no muitos rapazes da minha idade, enquanto reger uma orquestra não o faz outra criança senão eu, segundo afirma meu pai. Além disso, quando toco em público incomoda-me muito que olhem para as minhas mãos. Ninguém me olha para as mãos quando estou a reger».

Outro caso: o daquela jovem senhora, licenciada em letras, atacada subitamente de amenesia total!... Após um profundo sono letárgico, despertou «como uma pessoa que tivesse sido transportada a um país desconhecido». Já não sabia exprimir-se em francês—lingua da sua nacionalidade—e os seus atos eram os de uma criança que não tivesse ainda aprendido a servir-se dos objetos de uso comum. Algumas semanas de estudos bastaram à doente para reaprender a ler e a contar, e, de repente, passou a exprimir-se em várias línguas que anteriormente desconhecia, nada menos de doze. Redigiu textos com a mão esquerda, o que antes da doença não fazia.

Esteve há anos em Lisboa um violinista de doze ou treze anos, que deslumbrou os ouvintes, com a sua técnica, e sobretudo com a sua maravilhosa expressão. Nos instantes em que não tocava, o seu aspecto era infantil; mas quando empunhava o arco, o seu rosto transfigurava-se, parecia que todo êle se iluminava de uma luz transcendental.

⁂

As Vidas Sucessivas na Biblia

A propósito de um nato-cego encontrado no caminho, os discípulos perguntaram a Jesus:

— Mestre, que pecado fez êste ou fizeram seus pais para nascer cego? (João, IX, 1 e 2).

A pergunta mostra que os discípulos atribuiam a cegueira daquela criatura a uma expiação. Trata-se de um cego de nascença; a falta, portanto só podia ter sido cometida numa existência anterior.

Debalde os adversários do reincarnacionismo tentaram explicar de outra maneira esta passagem do Evangelho. Para se livrarem de embaraços produziram raciocínios como êste: «O cego de nascença já tinha pecado no ventre materno!»

Espantosa e inconcebível tão execrável dialética! Entretanto, Jesus Cristo respondeu à pergunta dos discípulos: «Não foi por pecado que êle fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nêle as obras de Deus». (João, IX, 3).

Nessa época acreditava-se que Espíritos eminentes viessem, em novas encarnações, continuar, concluír missões interrompidas pela morte. Por exemplo, Elias voltou à Terra na pessoa de João Baptista. E' Jesus quem o afirma nestes termos (Mateus, XI, 14): «E se vós o quereis bem compreender, êle mesmo é o Elias que há de vir».

⁂

Hereditariedade

A hereditariedade não é mais que a soma totalizada das experiências de cada um no decurso da existência. Forma como que um abundante lençol de água donde escorrem miríades de regatos. Ora, esta nascente rapidamente se esgotaria se não fôsse constantemente alimentada. Se há, por exemplo uma hereditariedade sifilítica, é porque houve sifilíticos de carne e osso atacados da terrível doença em detrimento próprio, primeiramente, e, depois, em prejuizo da descendência.

«Que somos nós? — pergunta Bergson: — que é o nosso caracter?» — E êle mesmo responde: «Somos a condensação da história que temos vivido desde o nosso nascimento, antes mesmo do nosso nascimento, porque todos nós trazemos conosco predisposições pre-natais. E' com o nosso passado todo inteiro que nós desejamos, queremos, agimos».

Nós vimos de muito longe e de muito baixo.

Nós vimos desde sempre, eternamente.

Se o tempo é uma ilusão, que nos resta senão a eternidade?

⁂

O Credo de Edison

Revue Spirite.

Eis como, escreveu o *Progressive Thinker*, o médium Bert Reese conseguiu convencer Edison. O grande sábio duvidava dos fenômenos de clarividência. Reese foi visitá-lo, descreveu-lhe minuciosamente os trabalhos mais secretos de seu laboratório e o converteu. Em seguida, Edison escreveu um artigo em *New-York Times*, verdadeiro *Credo* de um convertido. O Dr. William H. Thomson, o autor de «Cérebro e Personalidade», ridicularizou o artigo. Edison, estomagado, enviou Reese a casa do detrator. «Volte amanhã, disse êle ao médium, vou preparar uma peça que o deixará em apuros». E o sábio preparou alguns envelopes que continham textos inglêses, francêses, latinos e árabes, escondendo-os em diversos móveis. Dia seguinte, Reese, postado diante de cada móvel *fechado*, leu o conteúdo dos envelopes, e o profano, que ignorava o francês, o latino e o arábe, responde todas as perguntas escritas pelo professor Thomson. «Você é um portento, declarou êste por fim, e agora eu creio na clarividência». No dia seguinte, o incrédulo arrependido afirmava publicamente sua certeza, no jornal *Suday Times*.

⁂

Aparição de defunto no leito de morte

Luce e Ombra.

Uma enfermeira de Hospital vê junto a uma agonizante, uma figura humana, de forma nebulosa, transparente, através da qual ela distingue os desenhos de um biombo.

O mesmo caso se produz em West Pittston, à cabeceira dum doentinho em último extremo. O menino que vai morrer reconhece a seu lado, sua mãe defunta.

Todos êsses factos, que não são recentes, foram minuciosamente controlados por autoridades nas ciências psíquicas.

Enquanto os homens procuram, pelas armas, romper a fortaleza do orgulho, da hipocrisia, do preconceito e da ganância, que geram a injustiça e o infortúnio, os Espíritos da Grande Milícia Celeste elaboram planos para nortearem os homens nas suas justas aspirações. — CAMARGO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Semana Espírita de Três Rios

Sessão do dia 20-XI-1947 — 6.º dia.

Na próspera cidade fluminense de Três Rios, realizou-se do dia 15 a 23 de Novembro último, mais uma Semana Espírita, organizada pelo Centro Espírita «Fé e Esperança». Convidados pelos irmãos diretores do dito Centro, lá chegámos, ás 11,30, com a representação da Confraternização Espírita «Lar de Jesus», nós pelo C. E. «Estrada de Damasco», os jovens Jorge e Georgina Chambarelli, pela Juventude do C. E. «Caminhemos com Humildade», e Adolfo Belém, do «Fé, Esperança e Caridade», respectivamente, de Mesquita, Nilopolis e Nova Iguassú. A' gare da Central já se achavam aguardando a nossa chegada, os irmãos Acir Faria, Benedito Cruz Filho, Jair do Espírito Santo e outros. Conduzidos ao Centro, aí fomos abraçados pela estimada irmã e confrade D. Rita Cerqueira, Evaristo Arneiro e outros. Após ligeiro repouso, nos apartamentos do Asilo Manoel Pessôa de Campos, destinados para alojamento dos visitantes, e cujas obras estão quasi a terminar, foi servido o almoço. Depois do almoço, fomos todos, por gentileza dos irmãos tresrienses, conduzidos pelo trem da Central à vizinha cidade de Paraíba do Sul, visitando os semaneiros os pontos mais pitorescos da cidade, inclusive a séde da União Espírita «Amor e Caridade», à rua Duque de Caxias, 94, e aí nos foi dado assistir um tocante acontecimento: os diretores da Assistência daquela União faziam distribuição de utilidades a um regular número de homens, mulheres e crianças. Recebidos à porta da União, que mantinha as janelas fechadas, exemplificando o ensinamento — «não saiba a vossa mão esquerda, o que a direita faça».

Depois das apresentações, o irmão Alcir assumiu à mesa da presidência, convidando a compô-la todos os integrantes da pequena Caravana, os quais usaram da palavra, não só para felicitar os irmãos paraibanos, pelo exemplo vivo da caridade na prática da qual foram surpreendidos. A's 18 hs. deu-se o regresso a Três Rios, pelo onibus da carreira.

A's 18,20 chegaram, a Três Rios, em onibus especial os irmãos de Juiz de Fóra, cuja noite lhes pertencia. A's 19,0 chegaram os irmãos de Paraíba do Sul, em limousines.

A's 20,25, com a casa completamente cheia, o irmão Acir Faria, assumiu a direção dos trabalhos, convidando para compôr a mesa, os irmãos visitantes, seguintes: Aleixo Magaldi, Osório Pacheco, Antonio Scanapieco, Luiz Mescolin Filho, Isaltino Silveira Filho e Lindolfo Dutra. Após a prece inicial, pelo irmão presidente, os jovens presentes cantaram o hino da Alegria Cristã. O irmão João Silveira, saudou os visitantes com palavras de repassada emoção e carinho. A jovem Beatriz declamou a poesia — «Confraternizar», Osório Pacheco, agradeceu a saudação dos irmãos de Três Rios, Belmiro Costa, falou sôbre o ponto — «O Óbulo da Viuva». O jovem Cleber Halfeld saudou os seus irmãos de Três Rios, em nome das Juventudes Espíritas de Juiz de Fóra; o jovem Geraldo, leu uma mensagem da União Espírita André Luiz, de Juiz de Fóra, e após fez a sua entrega à jovem Aracy, da Mocidade Espírita Bezerra de Menezes, local; a jovem Dioné Torno, transmitiu aos jovens visitantes, o abraço fraternal da J. E. Bezerra de Menezes. Isaltino Silveira, falou também sôbre o ponto programado; Aleixo Magaldi, falou pelo jornál «O Medium» e pelo Ambulatório de João de Freitas, de J. de Fóra, enaltecendo o trabalho edificante de D. Ritinha Cerqueira, no amparo à criança e à mãe pobre, exemplo vivo de dedicação de viuva honrada. Luiz Mescolin Filho, fez a prece final, sendo encerrada a sessão. Antes da prece final, o irmão Virgilio Santos, unico representante de Astolfo Dutra, pediu a palavra, e possuido de verdadeira emoção, disse, entre lágrimas, alguma cousa sôbre a sua conversão ao Espiritismo, assim como justificando a ausência dos seus companheiros. As jovens presentes cantaram o hino da Alegria Cristã, sendo definitivamente encerrada a reunião.

J. B. CHAGAS.

Mensagem de Novo Ano do Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel

Instituição do Serão Evangélico quinzenal

Ao iniciar-se o ano de 1948, o Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel dirige uma saudação a todas as entidades e agremiações evangélicas, concitando-as a um convivio fraternal mais intenso, com a superação de todos os divisionismos sectários. O mundo atravessa uma das horas mais decisivas da história humana, e agora, mais do que nunca, é necessário que os corações de bôa-vontade, iluminados pelo amor universal, procurem se unir e colaborar, o mais estreitamente possível, na construção de uma nova éra mundial de espiritualidade e fraternidade.

Com êsse objetivo, o Grupo Espírita Familiar Cairbar Schutel resolve promover, quinzenalmente, em sua séde, à rua das Camélias n. 40, Vila Mariana, S. Paulo, o SERÃO EVANGÉLICO, durante o qual serão estudados, discutidos e comentados os Evangelhos de Jesus, num ambiente de fraternidade e sob a única autoridade dos próprios textos. O SERÃO constará também de declamações, cantos, músicas, recitativos, leituras e palestras breves, números de representação, e tudo o mais que possa servir para o aprimoramento da cultura evangélica dos adultos e a educação das crianças e jovens.

Certo de que essas reuniões, promovidas com o concurso de elementos de outros vários grupos, constituem um poderoso meio de esclarecimento e elevação das consciencias e dos corações, o Grupo sugere a sua promoção por todas as demais agremiações, de maneira a que os laços de amizade da numerosa família evangélica possam se estreitar cada vez mais.

Dentro do espírito cristão da parabola do Samaritano, o Grupo convida não sómente os espíritas, mas também os católicos, protestantes, teosofistas, exoteristas, e elementos de outras religiões e doutrinas, materialistas e ateus,—todos, enfim, que embora divergindo no terreno das idéias e da interpretação, tenham no coração o anseio da fraternidade universal,—a frequentarem o seu SERÃO EVANGÉLICO quinzenal.

O SERÃO EVANGÉLICO realizar-se-á sempre num sabado de cada quinzena, ás 20 horas, sendo previamente anunciado o seu programa.

Watson Campêlo

O Centro Espírita «Cairbar Schutel», da Capital, à Rua Bibí, n.º 7-A, teve a grande surprêsa e ao mesmo tempo a intensa satisfação de acolher no dia 27 de Dezembro último, o denodado confrade Watson Campêlo, que, em visita, proporcionou à assistência momentos de real fraternidade espírita.

Além de temas da atualidade espírita em que impressionou profundamente os presentes, aliou a essa sabatina oportuna, a sua inteligência lúcida.

A Diretoria, grata pela bondosa visita, faz votos de constante progresso espiritual.

Do Correspondente.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 23.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1947 a Janeiro de 1948)

N.o 1 — FEVEREIRO DE 1947

		Pag.
O Nosso Aniversário	Redação	1
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	2
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado	4
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	6
Evangelho Vivo	J. B. Chagas	9
Em torno de um livro	Elídio Taveiros	11
Confederação Espirítica Pan Americana	Cepa	14
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	15
Livros e Autores	Leopoldo Machado	17
Crônica Estrangeira	Redação	19
Espiritismo no Brasil	«	21
Necrologia	«	26

N.o 2 — MARÇO DE 1947

Movimento Renovador	Redação	27
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	28
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado	30
Em câmara lenta	Carlos Imbassahy	32
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	34
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	36
Confederação Espirítica Pan Americana	Cepa	40
Estudos Evangélicos	Ricardo Machado	41
Obreiros da Vinha do Senhor	J. B. Chagas	42
Uma Carta	A. Oliveira Lima	45
Crônica Estrangeira	Redação	46
Espiritismo no Brasil	«	49

N.o 3 — ABRIL DE 1947

Considerações sôbre a Paz	Redação	51
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	53
Decálogo do Espiritismo de Vivos	Leopoldo Machado	55
Destruír a Lei...	J. B. Chagas	57
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	60
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	62
Livros e Autores	Leopoldo Machado	67
Confederação Espirítica Pan Americana	Cepa	69
Crônica Estrangeira	Redação	71
Espiritismo no Brasil	«	73

N.o 4 — MAIO DE 1947

A Ação Social do Espiritismo no Brasil	Redação	76
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	77

Em torno de um livro	Elídio Taveiros	79
O Romance de Charles Dickens e o caso de Laura Edmonds	J. B. Chagas	82
Livros e Autores	Leopoldo Machado	84
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	86
A Missão do Paracleto	Walter R. Accorsi	88
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	89
Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espírita	Cel. Delfino Ferreira	90
Crianças Prodígios	Djalma Farias	93
Crônica Estrangeira	Redação	94
Espiritismo no Brasil	«	96

N.o 5 — JUNHO DE 1947

Problemas Humanos	Redação	103
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	105
Confederação Espírita Pan Americana	CEPA	106
Loucura Progressiva	Leopoldo Machado	108
Espiritismo e Psícanalise	Carlos Imbassahy	110
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	112
Os Discípulos de Jesus	Aurelio A. Valente	113
O Espírito Criança	J. B. Chagas	116
Livros e Autores	Leopoldo Machado	118
Espiritismo e Loucura	Djalma Farias	120
Crônica Estrangeira	Redação	122
Espiritismo no Brasil	«	125
Necrologia	«	126

N.o 6 — JULHO DE 1947

Novos Rumos á Medicina	Redação	127
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	129
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	131
Nas Regiões do Inconsciênte	Carlos Imbassahy	133
Trabalho das trévas	J. Herculano Pires	135
Panamericanismo Cristão	Leopoldo Machado	137
Sugestão e atitude mental	Adauto O. Serra	138
O Espírito Criança	J. B. Chagas	140
Fenômenos	Spártaco Banal	142
Livros e Autores	Leopoldo Machado	142
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	143
Notìcias da Cepa	Redação	145
Filosofia Espírita	Djalma Farias	146
Cruzada do Espiritismo de Vivos	Noraldino M. Castro	148
Crônica Estrangeira	Redação	149
Espiritismo no Brasil	«	152

N.o 7 — AGOSTO DE 1947

Cesar Lombroso e os factos espíritas	Redação	155
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	156
Fotografia Transcendental	Carlos Imbassahy	158
O tempos chegaram ! Missão e deveres dos obreiros	J. B. Chagas	159
Escolas Espíritas	Aurelio A. Valente	161
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	162
Livros e Autores	Leopoldo Machado	163
«Apport» (transporte) salvador	Max Kohleisen	166

Tagore, Testemunha Espírita . . . . . J. Herculano Pires 167
Do sonho à realidade . . . . Leopoldo Machado 169
Sugestão e atitude mental . . . . . . Adauto O. Serra 171
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 174
Espiritismo no Brasil . . . . « 175

N.o 8 — SETEMBRO DE 1947

Factos comprobativos da Reincarnação . . Redação 179
A Vidente de Prevorst . . . . . . Dr. Justino Kerner 181
Ideoplastia . . . . Spártaco Banal 183
Ciência Espírita . . . . Djalma Farias 184
Fenômenos de Materialização . . . . Amadeu Santos 185
A obra de Geley . . . . Ismael Gomes Braga 186
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 188
Fenômenos de Materialização Ideoplástica . . Ernesto Landmann 190
Trinta anos entre os mortos . . . . . Dr. Carl A. Wickland 192
O fim do século . . . . J. B. Chagas 194
Espiritismo e Esperantismo face ao Americanismo Delfino Ferreira 196
Crônica Estrangeira . . . . Radação 198
Espiritismo no Brasil . . . . « 199

N.o 9 — OUTUBRO DE 1947

Reverenciando uma data . . . . . . Redação 204
A Vidente de Prevorst . . . . . . Dr. Justino Kerner 205
Respostas e pontos de vistas . . . . . Leopoldo Machado 206
Fenômenos de Materialização . . . . . Amadeu Santos 208
O Pharaó Mernaphtah . . . . Aurelio A. Valente 211
A obra de Geley . . . . Ismael Gomes Braga 212
«In hoc signo vinces» . . . . Arnaldo S. Thiago 213
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 215
Cosme Mariño . . . . Redação 217
Vamos lêr Kardec ? . . . . J. Herculano Pires 218
O Mundo da E'ra Atômica . . . . . . Max Kohleisen 219
Nascimento e Morte . . . . Walter R. Accorsi 220
Crônica Estrangeira . . . . Redação 221
Espiritismo no Brasil . . . . « 224

N.o 10 — NOVEMBRO DE 1947

Em torno da morte . . . . Redação 227
A Vidente de Prevorst . . . . . . Dr. Justino Kerner 229
A obra de Geley . . . . Ismael Gomes Braga 230
Onde ides, Mocidade louca do Brasil ? . . Leopoldo Machado 232
Os sinais dos tempos . . . . J. B. Chagas 235
Mesas e cabeças girantes . . . . . . Carlos Imbassahy 236
Fenômenos de Materialização . . . . . Amadeu Santos 238
Vidas Sucessivas . . . . Djalma Farias 242
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 243
Crônica Estrangeira . . . . Redação 245
Espiritismo no Brasil . . . . « 247

N.o 11 — DEZEMBRO DE 1947

A' Guisa de Homenagem . . . . . . Redação 251
A Vidente de Prevorst . . . . . . Dr. Justino Kerner 253

Os «Milagres» do Padre Antonio à Luz do Espiritismo	Leopoldo Machado	254
A Prece e o Canto	J. B. Chagas	256
Que acontecerá, depois ?	J. Herculano Pires	259
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	261
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	262
«Data Venia»...	Arnaldo S. Thiago	265
As obras de assistência social	Aurelio A. Valente	266
Trinta anos entre os mortos	Dr. Carl A. Wickland	268
Crônica Estrangeira	Redação	269
Espiritismo no Brasil	«	272

N.o 12 — JANEIRO DE 1948

Cairbar Schutel	Redação	275
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	277
Pontos de Vista	Leopoldo Machado	278
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos	281
No Bazar dos Tecelões	J. B. Chagas	283
A obra de Geley	Ismael Gomes Braga	285
Como Jesus operou a cura de um surdo-mudo .	Spártaco Banal	287
Livros e Autores	Leopoldo Machado	288
A Morte e a Alma	Juventus	289
O Juizo Final	Elídio Taveiros	290
Semana Santa	Djalma Farias	293
Crônica Estrangeira	Redação	294
Espiritismo no Brasil	«	297

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 826
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2411unse

ANO XXIV – Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1948 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Nosso Aniversário . . . . — *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . — *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Pontos de Vista . . . . — *Leopoldo Machado*
Samuel Hahnemann e sua Doutrina — *Dr. Lauro de S. Thiago*
Trinta Anos Entre os Mortos . . — *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Obra de Geley . . . . — *Ismael Gomes Braga*
Os Acontecimentos do Fim . . . — *J. B. Chagas*
Fenômenos de Materialização . . . — *Amadeu Santos*
Livros e Autores . . . . — *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . — *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1948 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O NOSSO ANIVERSÁRIO

MAIS uma etapa acaba de vencer esta Revista na sua longa caminhada, ao ver transcorrer hoje o vigésimo terceiro aniversário de sua fundação.

Fazendo um balanço geral do trabalho realizado no campo da difusão da Doutrina e dos estudos dos factos relacionados com a sobrevivência individual durante vinte e três anos, sentimo-nos encorajados, largamente recompensados e decididos a prosseguir na tarefa em face do progresso do Espiritismo em todos os meios sociais.

Pobres e ricos, ignaros e sábios, senhores e servos, soldados e generais, pretos e brancos, pondo de lado os preconceitos sociais e raciais, unem-se fraternalmente, como pedras de um mesmo alicerce, no grande, impetuoso movimento de espiritualização presidido pelo Paracleto da Promessa do Cristo de Deus.

No ano que findou, o movimento espírita foi realmente notável, principalmente no tocante à união dos espíritas. Na capital paulista realizou-se o Congresso da União Social Espírita, que visa a união dos espíritas com a ampliação do intercâmbio espiritual em bases mais sólidas e a reorganização dos métodos até aquí empregados na difusão, estudo e prática da Doutrina no seu triplice aspecto : científico, filosófico e religioso.

Estamos plenamente de acôrdo com tudo o que vise impulsionar a difusão da Doutrina, esclarecer, orientar e estimular os espíritas, dos quais depende, é claro, o êxito dos trabalhos. Porisso que não devemos ficar à margem dos movimentos como espectadores passivos ou como célula atrofiada. Contribuimos com a nossa pedrinha, e com a melhor boa vontade, certos de que cumprimos o nosso dever.

Já participamos de muitos Congressos Espíritas e dos mesmos não vimos resultados apreciáveis, mas não lastimamos o facto, porque as sementes lançadas, mais hoje ou mais amanhã germinarão e hão de produzir os frutos esperados.

Estamos porém convencidos de que os resultados imediatos de qualquer movimento espírita estão condicionados ao espírito de humildade e compreensão dos seus orientadores, que devem colocar acima do personalismo, que é fruto do orgulho, os interêsses da Doutrina, certos de que ninguém póde servir a Deus sem espírito de renúncia, a exemplo do nosso único Mestre — Jesus Cristo, que afirmou não ter vindo para ser servido, mas sim para servir. E isto Êle confirmou quando lavou os pés aos seus discípulos.

Outro movimento, e para nós o mais importante, que teve um impulso quasi que impressionante pela sua magnitude, é o da arregimentação da juventude ou mocidade espírita, liderado pelo incansável batalhador Prof. Leopoldo Machado. Os resultados dêste movimento são imediatos, precisamente porque entre os jovens ou moços ha mais humildade, mais fraternidade e menos personalismo.

Sendo o Espiritismo obra de renovação pela educação evangélica, acreditamos que os jovens realizarão aquilo que Jesus anunciou: «E será pregado êste Evangelho por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim». Êsse «fim» é a vitória alcançada pelo homem sôbre os seus maiores inimigos: o orgulho, a vaidade, o egoísmo, as baixas ambições e os vícios. E' o homem velho que desaparece e o homem novo que surge com a alva túnica do amor fraterno ensinado e exemplificado por Jesus.

Com relação ao que ocorre no mundo, que já se transformou numa autêntica Torre de Babel, estamos firmes no nosso otimismo: as profecias cumprem-se à risca. Por isso não tememos os acontecimentos que vão se desenrolar num futuro próximo. Só depois dêsses acontecimentos, que terminarão com o estabelecimento do império do espírito, é que os homens celebrarão o advento da verdadeira paz, realizando em pouco tempo o que não conseguiram realizar em milênios.

Ao registrar a passagem do nosso 23.º aniversário, não podemos deixar de mencionar o nome do seu fundador, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel que, embora do outro lado da vida, nos vem prestando o seu apôio decisivo na obra que nos é comum. Dêle temos recebido inequívocas provas do seu auxílio, da sua dedicação, reconhecendo que não somos dignos de tantas dádivas celestiais.

A êsse Espírito amigo, e aos demais Espíritos que sempre nos têm assistido com o calor vivificante da sua presença e das suas sempre oportunas intuições, aos nossos prezados assinantes, colaboradores, auxiliares e representantes, os nossos mais profundos agradecimentos pela sua preciosa e eficiente colaboração.

Que Deus a todos proporcione mais luzes e maiores possibilidades na intérmina estrada da vida.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XIV

Segunda Vista

Como se sabe, o dom da segunda vista, é muito espalhado em certas partes, como na Escócia e Dinamarca, por exemplo. Tem-se notado que os que possuem a segunda vista, têm um olhar penetrante, como se dá com a Sra. Hauffe, quando ela vê os espíritos ou o seu próprio duplo. No momento em que o fenômeno se produz, o corpo do vidente torna-se rígido, as palpebras ficam largamente abertas e êle permanece surdo e cego a tudo que o cerca, como acontece com a Sra. Hauffe. Se o vidente, na ocasião do fenômeno, toca outra pessoa ou um animal, tal pessoa ou animal, póde ficar igualmente sujeito ao mesmo. Um cavalo cobre-se de suor e recusa avançar no instante em que o seu cavaleiro tem uma visão; vezes mesmo acontece que cavalos percebem coisas que escapam a seu cavaleiro. Muitas vezes também cavalos têm experimentado profunda perturbação, no momento em que passavam por lugar em que havia um corpo enterrado.

Em 1823, construia-se uma estrebaria

no castelo de Schmiedfeld e o primeiro cavalo que ali se colocou deu mostras da maior tristeza; mais tarde descobriu-se um esqueleto naquêle lugar. Na Escócia muitos pensam que o dom seja hereditário, mas nem sempre tal acontece. Cita-se o notável exemplo do dom de segunda vista da esposa de um ministro de Nienberg, a qual herdára de seu próprio pai.

A 13 de Janeiro de 1827, a Sra. Hauffe, tendo sido tomada de contrações numa ocasião inhabitual, esforcei-me para que revelasse a causa daquêle incidente. Desde que caiu em sonambulismo, disse-me que via um caixão, em que estava deitada uma pessoa que lhe era muito cara: seu próprio irmão, a que um grande perigo ameaçava. Êle devia ser ferido a 18 daquêle mês; ela indicou o meio de evitar o perigo e descreveu o assasssino. Aconteceu tal qual ela previra, mas o tiro não o atingiu. Algum tempo mais, teve outro sonho a propósito dêsse irmão: várias vezes viu uma raposa durante seu sono magnético e ficou com a idéia de que, caçando o animal, ficaria em perigo devido a carga do seu fuzil. Seu irmão foi avisado, examinou a arma e verificou que u'a mão inimiga a carregára até a bôca e pôde assim evitar o perigo. Póde-se admitir que ela estivesse em estreita relação com o irmão, que muitas vezes a magnetizára.

A 8 de maio, ás sete horas da manhã, ela pediu à sua irmã que não se aproximasse de seu leito, porque sentia a aproximação de algo de invisível. Havia uma hora que estava sob tal impressão, quando, almoçando, viu o filho, que perdera, alocar-se perto de seu leito e, ao lado dêle, seu filho, ainda vivo, que se achava então longe dali. O morto olhava o vivo com insistência e o apontava com o dedo. Êste último tinha na mão um alfinete que levava à bôca. As crianças pareciam tão nítidas e tão reais, que ela estendeu a mão para tomar-lhe o alfinete. Então exclamou: «Em nome de Deus! Que quer isto dizer?» E logo a visão desapareceu. O filho, que morrera aos nove meses, parecia ter agora três anos, idade que teria se estivesse vivo, mas parecia brilhante e transparente. O aspecto de ambos era estranho, algo impossível de se descrever. Essa visão a afetou profundamente e ela se pôs a chorar. Disse em seguida, que daí a sete dias, a criança deveria engulir um alfinete e morrer dêle, mas que os parentes, em casa dos quais se encontrava, deveriam livrá-lo daquêle perigo. Foi o que aconteceu, eles escreveram que, examinando a criança, encontraram um alfinete debaixo de sua manga e o tinham retirado.

Durante os três dias seguidos, que precederam a morte de seu pai, em dado momento em que não se havia ainda recebido notícia de sua enfermidade, estando ela em estado de vigília, viu perto de sua cama um esquife coberto de um velório no qual se desenhava uma cruz branca. Ela ficou vivamente impressionada com tal visão e disse que temia seu progenitor estivesse morto ou enfêrmo. Procurei acalmá-la, dizendo poder se tratar de uma outra pessoa. Não sabia como interpretar a aparição do caixão fechado, porque, até aquela ocasião, vira os caixões com a figura da pessoa, que devia morrer, *deitada* dentro, ou então com a figura da pessoa que devia estar enfêrma, olhando para o interior dêle. A 2 de maio, pela manhã, chegou a notícia da doença de seu pai, que morreu à tarde do mesmo dia. Durante todo seu sono, esteve muito ansiosa e nos fez compreender que via algo de penoso, que não queria contar, para que não lho recordasse ao despertar. No dia seguinte chegava a notícia do desenlace.

Três vezes, estando acordada, viu sua sogra olhar para um esquife. Sete dias após, essa senhora caíu enfêrma, mas se restabeleceu. Quando a Sra. Hauffe vê o fantasma de uma pessoa, estendida morta num caixão, isto anuncia morte próxima; se o fantasma parece vivo, é uma grave doença que se prediz.

Os que morrem dizem aos que ficam: Do que tendes nada é vosso! Os vossos choros o confessam! Para vós, glória e felicidade são palavras lisongeiras. Deus dá aos que morrem os bens reais, os verdadeiros reinos. Vivos! Vós sois fantasmas; nós é que somos os vivos!

VITOR HUGO.

PONTOS DE VISTA

LEOPOLDO MACHADO

Espíritas Políticos

«Foi grande o número de espíritas que trocaram o centro pelos partidos políticos, pelas células comunistas, «nesta terra que o irmão bem conhece», é um trecho de carta cheia de amargura que recebemos.

Não fomos partidário do *Estado Novo,* embora visse no seu fundador uma necessidade para uma época de nossa vida política.

Reconhecemos que os centros espíritas devem algo ao Estado Novo.

Os centros espíritas e não o Espiritismo.

Com a supensão dos direitos políticos, houve muita gente, simpática ao Espiritismo, que, não podendo fazer política, foi fazer «espiritismo» nos centros espíritas.

Outros, fundaram «centros», meteram-se nas diretorias de centros.

E' possível que, se o celebérrimo regime do sr. Getulio, demorasse mais, para infelicidade maior do país, essa gente acabasse espírita de facto.

Mas, veio, a seu tempo, a democracia.

Proclamou-se a quarta república e os direitos políticos voltaram.

Aquêles espíritas que entraram para o Espiritismo sem estudos sérios e, certamente, sem convicções seguras, sem que o Espiritismo houvesse entrado, pelo estudo e o sentimento, neles, deixaram, sem mais aquela, a santa política do Cristo, superior e espiritual, pela política dos partidos, preferindo a uma cadeira de diretor espiritual na Espiritualidade, um lugarinho de vereador de roça, de deputado estadual ou até de delegado ou comissário de polícia...

Como nem tudo está perdido, essa gente, além de levar algo que, talvez, contribua para a melhoria de seus pares, serve, ainda, aos olhos dos que preferem Deus a Mamon, para revelar os que são, na verdade, espíritas...

E não é para desesperar, que o Espiritismo não faz questão de quantidade, mas de qualidade. E, a seu tempo, virão outros, mais firmes e mais coêsos, para a Seara que continúa enorme, cujos trabalhadorès de bôa vontade lhe vão, à primeira vista, minguando...

* * *

Programas e Juventudes

«Todos os caminhos levam ao Pai».

Todos os programas, se sinceros, podem colimar, dêsse ou daquele modo, resultados apreciáveis.

E desentendimentos na *Seara do Mestre Divino,* sempre houve, desde os primórdios da Igreja do Cristo.

Quem gostar de tiradas evangélicas, de pregar aquilo que está longe de sentir e mais longe, ainda, de praticar; quem desejar ser, já de mocinho, Mestre-em-Israel ; para êsse, o programa é excelente.

O nosso programa é para moços de alma jovem e não de alma de ancião. E movimentado, porque exigente de ação, de trabalhos, de campanhas...

Claro que não pode agradar a acomodatícios, a teóricos, a poetas líricos.

Assim, quem tiver temperamento acomodatício, que fique com o outro programa, que não ha, em o nosso, lugar para tal gente.

O programa de Paulo não era o de Tiago, nem o do Cenáculo de Jerusalem. Póde dizer-se que o Iluminado da Estrada de Demasco nunca se entendeu bem com os apóstolos de Jerusalem.

O exemplo de Paulo conforta-nos, a despeito de estarmos muito longe do grande Apóstolo.

Mas, não existe nenhuma instituição espírita, federações ou ligas, confraternizações ou confederações, que se compare, também, com o Cenáculo de Jerusalem.

E, na Historia do Cristianismo, tanto ficaram os apóstolos de Jerusalem com Tiago e Pedro à frente, como Paulo de Tarso.

Assim, a quem interessar a questão, que passe em revista os dois programas, e prefira o que melhor lhe soar, que «todos os caminhos levam ao Pai».

* * *

Vigilância e Oração

«Oramos todas as manhãs em conjunto. E fazemos, duas vezes por semana, o culto doméstico. Como e porque espíritos atrasados ainda perturbam o meu lar ?»

Para nós, não basta orar sómente, embora sejamos partidário da prece.

A vigilância é indispensável à prece.

Daí, o Cristo recomendar «vigiar e orar para não caír em tentação».

Vigiar em primeiro lugar. Nós, porém, empregamos a recomendação invertida: *Orai e Vigiai.* E', na verdade, mais fácil orar do que vigiar.

Será êste o caso em questão?

Nêste caso, vale considerar que é incalculável o número de espíritos perturbados, atrasados e sofredores, que andam, como ondas espirituais perdidas à cata de uma antena humana, bôa. Encontrando-a, aí se ficam, pedindo, para receberem, coitados! algo que os alivie. Se forem para os lares católicos e protestantes, como serão recebidos, os coitadinhos? Como demônios soltos, diabos, que para a igreja dos papas e de Lutero, *spiritus que vadis non redit*...

Além disso, os *diabinhos côxos*, que têm interêsse formal em atrapalhar, ferir e perturbar os espíritas e os meios que vigiam menos?

Êste, o nosso ponto de vista.

* * *

Casamento Religioso

«Sendo uma simples formalidade o casamento religioso para o espírita, e objeto de fundamental interêsse para o católico, entendo que o espírita não erra, se ceder ao interêsse do cônjuge católico, na prática de uma simples formalidade. Qual sua opinião ?»

Êste, o trecho mais significativo da carta do espírita resolvido a ouvir o «cônjugo vobis» do reverendo.

Nós já nos vimos, também, metido numa situação assim, diante de uma carta muito bem escrita, muito chorosa, cheia de razões mais fortes, da mãe daquela que teria de ser minha esposa.

Logicamos assim, respondendo:

— O espírita não é homem de formalidades.

Além do mais, antes de firmarmos o noivado, haviamos dito à noiva que não iriamos ao padre, por sermos espírita, porque seria uma traição à Doutrina que, sinceramente, professavamos ha anos. De resto, para nós, o casamento de Deus não é o do Padre. Precede o casamento dos homens e é o quimismo espiritual que se operou entre os cônjuges. E' a amizade e o respeito mutuo, a atração natural de um para o outro, o amor, em suma, que deve existir entre ambos, antes mesmo que exista o desejo da vida em comum, como marido e mulher.

Ora, se fossemos ceder a pedidos em contrário daquilo que determinámos, seria até para a noiva, se fôr psicóloga, desconfiar, pensando assim: «Êle disse que, se casasse na igreja, seria trair sua Doutrina. Contudo, casou por simples formalidade, cedendo a uma carta. Amanhã, aparecendo outra mais jovem e mais bela, com encantos que eu não possúo, poderá, também, trair a esposa, é claro...»

E não fomos ao *conjugo vobis* do vigário, embora não tivessemos, ainda, a projeção que temos, hoje, no meio espírita.

De resto, quem começa cedendo assim à noiva, por simples formalidades ou convenções sociais, perderá a autoridade para, de futuro, exigir algo.

Aquí vai o facto concreto, sôbre o caso.

Alan Kardec Pinto de Campos, professor e grande amigo, pregador da Doutrina, casou-se. E não teve forças para evitar a formalidade. Estavamos em Paraíba do Sul. Foi até lá participar-nos seu casamento.

—Mas, você, Alan, com êste nome, com esta projeção na Doutrina, com a educação espirítica que teve, vai casar-se na Igreja ?!

—Uma simples formalidade. Cedo a ela para gozar, depois, do direito de exigir à esposa, que hei de arrastar à Doutrina — disse, justificando-se.

Duvidamos, argumentando como acima está.

Menos de três anos depois, encontramo-nos no Rio. Êle, pálido e triste, acabrunhadissimo. E foi dizendo que estava se desquitando da mulher. Enganára-se no casamento. E o que mais lhe doía nalma era, exatamente, o que lhe disseramos: seu casamento na igreja, por simples formalidade social e para satisfazer a caprichos de uma jovem fútil, talvez, era uma grande traição à Doutrina, de que, um dia, êle talvez se arrependesse.

Desquitou-se, sem lhe caber o direito de ficar com a filhinha, que era seus encantos, sua vida. Parece-nos, até, que os dois casos lhe abreviaram os dias, pois desencarnou logo depois.

Ha coisa de cinco anos, fomos a Guaratinguetá, fazer uma prece a borda de um leito de enfêrmo. Um médium de confiança, d. Luiza Cordeiro, vê, depois da prece, ao nosso lado, um jovem muito triste e muito pálido, chorando muito, querendo dizer-nos algo. Perguntou-lhe, a nosso pedido, o nome. Era o Alan Kardec. Deu todas as provas de sua identificação. Queria falar-nos, para um desabafo de consciência. Incorporado, disse em lágrimas as consequências de sua fraqueza, cedendo aos caprichos de uma leviana e traindo suas convições doutrinárias. Foi na Espiritualidade que seu ato repercutiu com mais escândalo. E terminou, o espírito amigo, aos soluços: «Ah! meu amigo: Deus que te conserve sempre firme e sincero nas tuas convicções. Que nunca atravesse teu espírito a idéia, siquer, de uma fraqueza que possa contribuir para ferir o teu patrimônio moral-espiritual, para que venhas, depois, amargar, aquí, na Espiritualidade, aquilo que eu estou amargando hoje».

Foi uma coisa assim, quanto ao fundo, que ouvimos do espírito, que aquí deixamos para a análise e o raciocínio dos que já têm inteligência de compreender suas responsabilidades doutrinárias.

Samuel Hahnemann e sua Doutrina

(Conferência realizada pelo Dr. Lauro de S. Thiago, em 20-8-947, na Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro).

Christiano Frederico Samuel Hahnemann foi o sábio fundador da Homeopatia. Nasceu na Alemanha, na cidade de Meissen (1755) e faleceu em Paris (1843) na idade de 88 anos, depois de uma vida toda devotada a interrogar a natureza, em busca de meios para restituir a saude ao homem enfêrmo.

Dotado de invulgar inteligência, notada desde logo pelos seus mestres em todos os graus do ensino, pôde fazer, com facilidade, uma elevada cultura. Teve, porém, de lutar com as maiores dificuldades materiais e econômicas, como estudante e, de cada duas noites, dormia apenas uma, traduzindo livros estrangeiros, meio pelo qual conseguia os proventos para garantir a própria subsistência e manter-se nos estudos.

Doutorou-se em medicina aos 24 anos de idade, em Erlangen, defendendo publicamente tése inaugural. Entregou-se desde logo ao exercício da clínica em várias cidades da Alemanha. Aos 26 anos casou-se com Joana Leopoldina Henriqueta Küchler, da qual teve onze filhos.

Publicou e traduziu várias obras notáveis de Química e de Medicina e seus trabalhos grangearam-lhe rápidamente renome no mundo sábio da época. Em pouco a Academia de Medicina de Mayence e a Sociedade Econômica de Leipzig abriam-lhe as portas, sucessivamente. Uma vasta clientela lhe permitia auferir proventos que lhe asseguraram uma vida abastada e tranquila. Tal era a situação de Hahnemann, gozando do melhor conceito no meio científico e social em que vivia, quando começaram a assaltar-lhe o espírito dúvidas a respeito do valor da medicina de então, vasia de princípios racionais de cura, em cuja prática prevaleciam as medicações sintomáticas, os drásticos, os eméticos, os diuréticos e antitérmicos e onde abundavam os vesicatórios, o sedol, a moxa, as sangrias, as pontas de fogo e tantos outros verdadeiros instrumentos de tortura, que mais mal faziam aos enfêrmos, do que bem. Era uma medicina que vivia ao sabor das discussões acadêmicas, de ordem puramente teóricas, esquecida da verdadeira aspiração e missão do médico, que é restituir a saude ao homem enfêrmo.

E a tal ponto chegou êste desacôrdo no espírito de Hahnemann que, um belo dia, ante o espanto de sua numerosa clientela, êle resolveu abandonar a profissão médica.

Os seguintes trechos da carta que êle escreveu ao Dr. Huffeland, médico de grande renome e seu antigo condiscípulo e amigo, traduzem bem o estado de espírito em que se encontrára Hahnemann, ante as incertezas da medicina:

«Em tôrno de mim só encontro treva e deserto. Nenhum confôrto para o meu coração oprimido. Oito anos de prática, exercida com escrupuloso cuidado, fizeram-me conhecer a ausência de valor dos métodos curativos ordinários. Não sei, em virtude da minha triste experiência, o que se deve esperar dos preceitos dos grandes mestres. Talvez seja, entretanto, próprio da medicina, como diversos autores já têm dito, não conseguirmos atingir a um certo grau de certeza. Blasfêmia! Idéia vergonhosa!... A infinita Sabedoria do Espírito que anima o universo não teria podido produzir meios de debelar os sofrimentos causados pelas doenças que êle próprio consentiu viessem afligir os homens?

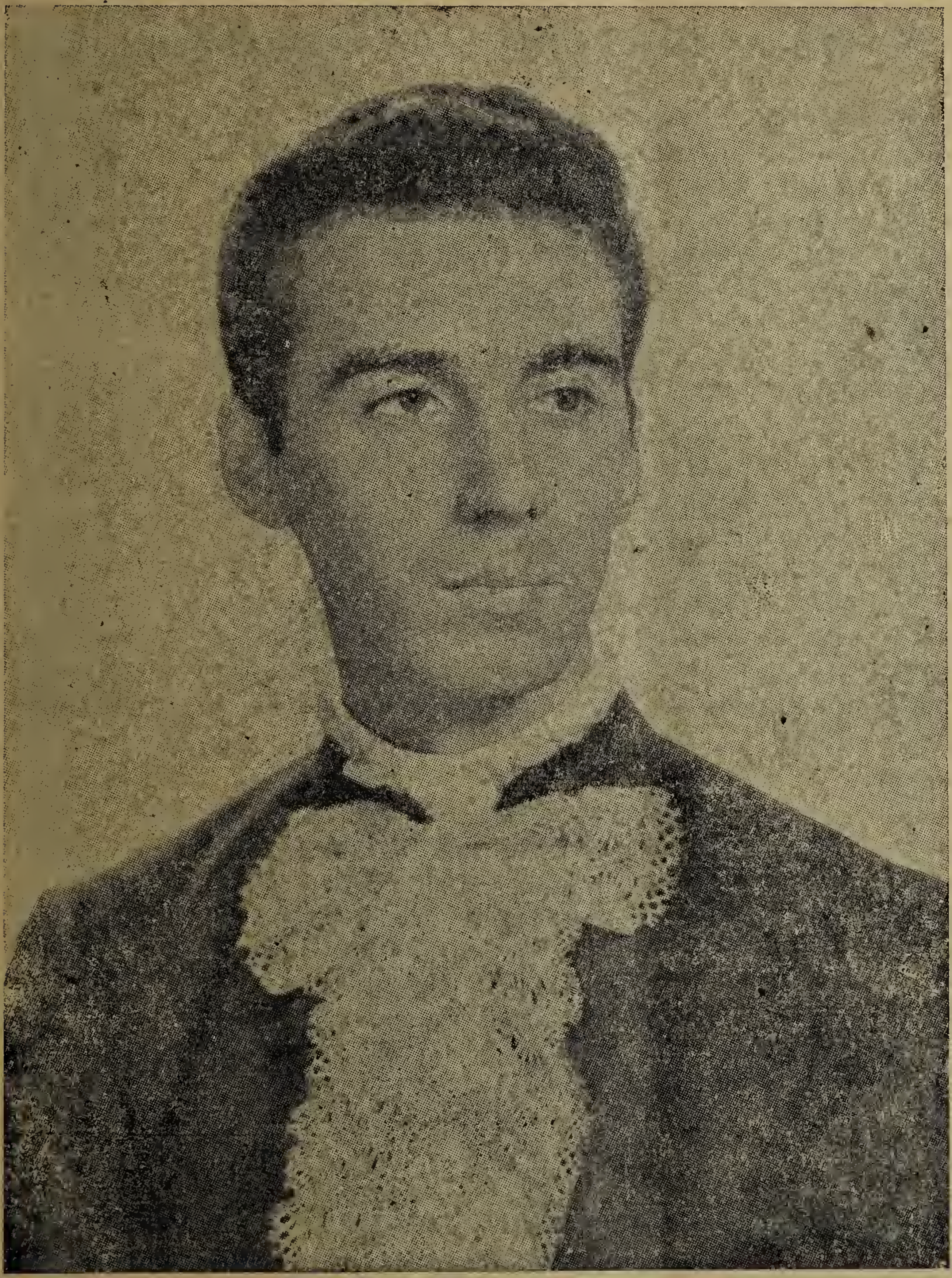

DR. LAURO DE S. THIAGO

A soberana paternal bondade daquêle que nenhum nome dignamente poderia designar e que largamente provê ás necessidades de animálculos invisíveis, espalhando em profusão a vida e o bem estar em toda a criação, seria capaz de um ato tirânico, não permitindo que o homem, criado à sua semelhança, com o sôpro divino, pudesse encontrar, na imensidade das coisas criadas, meios próprios para desembaraçar seus irmãos de sofrimentos muitas vezes piores do que a própria morte? Êle, o pai de tudo que existe, assistiria impassível ao martírio a que as moléstias condenam as mais queridas de suas criaturas, sem permitir ao gênio do homem, a quem facilitou a possibilidade de perceber e criar, de achar uma maneira fácil e segura de encarar as moléstias sob seu verdadeiro ponto de vista e de interrogar aos medicamentos para saber em que caso cada um deles póde ser útil, afim de fornecer um recurso real e preciso?

Renunciarei a todos os sistemas do mundo a admitir tal blasfêmia! Não! Ha um Deus bom, que é a bondade e a própria sabedoria. Deve haver, pois, um meio, criado por Êle, de encarar as moléstias sob seu verdadeiro ponto de vista e curá-las com segurança. Um meio que não esteja oculto nas abstrações sem fim, nas hipóteses, cujas bases não sejam constituidas pela imaginação.

Por que êsse meio já não foi encontrado, ha mais de vinte ou vinte e cinco séculos passados, quando já existiam homens que se diziam médicos? E' porque está muito próximo e é muito fácil. Não há necessidade para a êle chegar nem de brilhantes sofismas, nem de sedutoras hipóteses.

Portanto, como deve haver um meio seguro e certo de curar, tal como há um Deus, o mais sábio e o melhor dos sêres, abandonarei o campo ingrato das explicações ontológicas. Não ouvirei mais as opiniões arbitrárias, embora tenham sido reduzidas a sistemas. Não me inclinarei diante da autoridade de homens célebres! Procurarei onde se deve achar êsse meio que ninguém sonhou, porque é muito simples, porque êle não parece muito sábio, envolvido em corôas para os mestres na arte de construír hipóteses e abstrações escolásticas».

Vê-se revelado nesses trechos o caráter de Hahnemann: espírito independente, amante da Verdade e do Bem, alma profundamente deista, que confiava na Bondade de Deus em quem reconhecia a Divina Providência, a velar solícita por todas as criaturas. Espírito firme, valoroso e heróico, que soube trocar as glórias e o bem estar fácil pelas torturas do abandono, de todo o gênero de privações e até da fóme, para não traír aos supremos ditâmes da sua consciência, que se negára a viver dos proventos de uma arte falsa e perigosa, mais prejudicial do que útil.

Eis como o Dr. Galhardo descreve a situação de Hahnemann, depois dêsse seu patético gesto:

«Abandonando o exercício da clínica, passou Hahnemann a colher os meios de subsistência nas traduções de obras, cuja recompensa, malbaratada pelos livreiros, mal chegava para não morrer à fome. Quando estudante na Universidade já se mantinha por meio de traduções. Aí de cada duas noites, dormia apenas uma.

Mas na época de seus novos sofrimentos, os encargos da família o faziam trabalhar dia e noite. Procurou, por isso, no uso do fumo, vencer o sono, afim de prolongar-se no trabalho noites inteiras.

Paupérrimo, vivendo com sua mulher e seus filhos em um simples quarto, no qual um dos cantos, separado do resto do aposento por uma cortina, era seu gabinete de estudo e de trabalho, sentia-se feliz com sua consciência e com seu caráter. Foi aí, nêssse acanhado e paupérrimo cômodo, em Stötteritz, subúrbio a sudeste de Leipzig, que o primeiro raio de luz de uma lei racional de cura feriu a retina do gênio de Meissen».

Entre as várias obras traduzidas por Hahnemann, do inglês para o alemão, encontra-se a Matéria Médica de William Cullen. Hahnemann não pôde aceitar as idéias de Cullen para explicar a ação curadora da china ou Quinquina, na febre intermitente. Médico de elevada cultura, conhecedor de toda a tradição médica, não ignorava que já Hipócrates, o Pai da Medicina, admitia que os semelhantes se curam pelos semelhantes, pensamento que reaparece na Idade Média com Paracelso e que foi partilhado também por Stahl e outros. Sentiu, então, ante as explicações contraditórias de Cullen, o desejo de experimentar em si próprio os efeitos da china. No 2.o volume de sua tradução, Hahnemann descreve, em uma nota, o resultado do seu experimento: «Tomei 2 vêzes por dia 4 drachmas de pura china (1 drachma equivale a 3 gramas e 24 centigramas). Meus pés, extremidades dos dedos, etc., tornaram-se primeiramente frios; senti-me lânguido e sonolento, enquanto meu coração palpitava; tremia, sem nos acharmos em época de frio; prostração em todo o corpo, em todos os meus membros; pulsações em minha cabeça; vermelhidão de minhas faces; sêde e, finalmente, todos êsses sintômas ordinariamente característicos da febre intermitente apareceram-me uns após outros, embora sem o peculiar e rigoso calafrio. Êstes paroxismos duraram 3 a 4 horas de cada vez e *reapareciam se eu repetia a dose do mesmo modo.* Deixei de tomar a china e voltou-me a boa saúde.

Nesta nota encontra-se, portanto, esboçada a orientação a seguir no experimento dos medicamentos, *a experimentação no homem são*, e é pressentida uma lei terapêutica, isto é, de uma relação clara entre o doente e o seu remédio.

«Eis, continua Hahnemann, na sua nota à Matéria Médica de Cullen, de que maneira eu me embrenhei por esta nova via : tu deves, pensei, observar a maneira de agir dos medicamentos no organismo do homem quando êle se àchar na placidez da saúde. As mudanças que os medicamentos determinarem não serão em vão e devem, certamente, significar alguma coisa. Talvez seja essa a única linguagem pela qual possam exprimir ao observador o fim da sua existência. Submeteu-se Hahnemann a penosos experimentos de violentos venenos. Diversos amigos o auxiliaram nessas experimentações. Chegou assim a reconhecer que cada medicamento apresentava sintomas que caracterizavam a substância experimentada. Estudou vários produtos: vegetais, animais, minerais e de todos concluiu sempre pela infalibilidade da lei terapêutica que pressentira e que em breve formularia, como formulou.

Que lei de cura é essa? E' a lei dos semelhantes — base e fundamento da homeopatia.

Segundo essa lei, induzida da observação e da experiência, dentro do mais rigoroso critério científico positivo, as doenças se curam pelos medicamentos capazes de produzir sintomas semelhantes no homem são.

Um exemplo elucidará essa proposição.

Todos conhecemos o quadro da intoxicação aguda pelo sublimado corrosivo ou bicloreto de mercúrio. Dois aparelhos, sobretudo, são atingidos pela ação tóxica do sublimado: são o aparêlho urinário e o aparêlho digestivo, individualizando-se, respectivamente, os quadros da nefrose necrótica e o de uma êntero-colite muco hemorrágica. Consideremos, para simplificar, sómente a sua ação sôbre os intestinos e aí verificaremos 3 sintômas cardiais de intoxicação: cólicas intensas, evacuações frequentes muco-sanguinolentas e tenesmo ano-retal. Comparado êsse quadro com o de disenteria bacilar e com os diversos quadros disenteriformes devidos a outros germens, não ha que tirar nem pôr: são inteiramente semelhantes. Pois bem, nas mãos dos homeopatas, o grande remédio da disenteria e das síndromes disenteriformes é o *Mercurius corrosivus* e não há homeopata que não tenha realizado dezenas, centenas de curas de casos de disenteria, facilmente, com o sublimado. Nota-se, desde as primeiras doses, diminuição das cólicas, do tenesmo e um espaçamento progressivo das exonerações que vão diminuindo em número, ao mesmo tempo que o sangue logo, delas, desaparece. Eu, pessoalmente, poderia apresentar-vos bem uma centena de casos curados, sobretudo observados em crianças. Escolho, porém, dentre todos, desde os mais leves até os mais graves, aquêle que constituiu a minha prova de fogo na prática da homoepatia e da qual, pela misericórdia divina, eu pude saír com a minha fé inabalada e a minha convicção robustecida.

Trata-se do caso de minha filhinha Norma, hoje com quasi 6 anos, mas contando, então, 2 anos, o que passo a relatar. (Passa, então, o conferencista a relatar, de improviso, o que ocorrera com a sua aludida filhinha que, no espaço de poucas horas, de um estado de doença aparentemente leve, tanto que havendo-a medicado, saíu tranquilo para o seu consultório, viu-a prostrada por um gravíssimo mal que obrigou a esposa a chamá-lo insistentemente pelo telefone. Surprêso, foi à casa, encontrando sua filhinha em estado grave com febre acima de 41 graus, com evacuações constantes e sanguinolentas e num abatimento mortal. Com aplicação do *mercurius corrosivus* conseguiu curá-la em pouco tempo). E assim prossegue:

Evidentemente, dando o Mercurius corrosivus à minha filhinha para curá-la de seu grave disenteriforme, eu não lhe apliquei doses macissas, de sublimado. Eu lhe apliquei, ao contrário, doses muito pequenas, uma diluição ao milionésimo. Se tivesse agido de outra maneira, outra cousa, evidentemente, eu não faria, sinão agravar aquela dolorosa situação, juntando à infecção uma grave intoxicação medicamentosa. Ainda assim, a lei é tão verdadeira, que, após uma agravação inicial, haveria uma reação, com aparecimento de melhoras que perdurariam sob condição de suspender-se o medicamento ou diminuir muito as doses.

De facto, o próprio Hahnemann, no início de suas experiências clínicas, empregava as tinturas, em doses fortes. Opunha, apenas, seguindo a lei que acabava de descobrir, a um grupo de sintomas mórbidos, o medicamento que êle sabia capaz de produzir, no homem são, sintomas semelhantes; mas, então, observava invariavelmente, antes da fase da cura, uma fase de agravação por vezes muito perigosa — tudo absolutamente semelhante ao que se segue à administração de uma vacina autógina.

Hahnemann teve, então, muito naturalmente, a idéia de diminuir as doses dos seus medicamentos, não sem o íntimo receio de ver desaparecer, ao lado da fase de agravação, também a fase de cura. Com surprêsa, porém, viu que, diminuindo a massa do medicamento, menos forte era a agravação e mais rápida a cura. Foi assim, passando gradativamente do terreno da massa material para o do dinamismo puro do medicamento (e quanto mais atenuava, melhores resultados obtinha), que conseguiu eliminar a agravação e curar rápida e suavemente os seus enfêrmos.

(Continua).

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Uma semana depois o espírito de Wallace R. voltou, algo mais forte e, falando do seu sofrimento, dirigiu um angustioso apêlo a todos para que dominassem o vício de drogas.

Sessão de 17 de Outubro de 1923

Espírito: Wallace R. — Médium: Sra. Wickland

O espírito parecia muito fraco e foi, a princípio, incapaz de falar.

Médico — Quem se acha presente? Levantai o corpo e falai. Não penseis em doença. Falai como costumáveis fazer.

Espírito (Fracamente) — Isto é fácil de se dizer.

Méd. — Fazei um esfôrço e verificareis como é fácil.

Esp. — Quís voltar para obter mais um pouco de compreensão. Não pude conseguí-lo da última vez. Estou na escuridão. Estou em trevas, tendo de dominar o meu vício, que está como que ligado à minha alma.

Méd. — Estivestes aquí antes?

Esp. — Sim, não foi há muito e eu agradeço o vosso auxílio, mas preciso de mais. Peço-vos dar-me a fôrça de dominar o meu antigo vício de ingerir drogas. Tinha pouco conhecimento da vida d'além. Vivia, dia a dia, a vida do mundo. Nunca pensei no outro lado da vida.

Méd. — Bem poucos se interessam por coisas superiores.

Esp. — Quero também agradecer-vos o auxílio que me proporcionastes durante o tempo em que estive enfêrmo. Naquela ocasião sentia uma fôrça superior me ajudando a vencer e procurando dar-me energia. Era como que arrastado, pois estava muito fraco para compreender a fôrça que foi enviada para ajudar-me.

Méd. — Concentramo-nos em seu benefício durante o tempo em que estivestes doente, pois pensavámos que havia obsessão alí.

Esp. — Estava muito fraco para compreender.

Méd. — De facto, não compreendestes.

Esp. — Não tinha fôrça e nada havia em mim para ajudar-me. Minha única esperança era procurar vencer. Estava em tal estado e tão desfalecido que muitos espíritos nada conseguiram, e eu não tive um só que conseguisse ajudar-me a dominar o meu abatimento. (O espírito conservava as mãos cruzadas sôbre o peito e constantemente enrolava os dedos uns nos outros).

A gente que toma drogas pensa que o vício acabará quando se deixar o corpo físico. Procurei dominar-me, porém, quando perdi o corpo mortal e a minha querida esposa não poude estar ao pé de mim para ajudar-me naquela terrível luta, senti-me desamparado.

Ela é uma alma nobre; estava perto de mim e me auxiliava, mas eu não tinha fôrça para dominar-me.

Depois que eu deixei as vizinhanças da Terra, entrei numa espécie de sôno passageiro, mas, oh, quanto ansiei por minha esposa e meus filhos! Queria dominar-me e não podia. Quanto sofri (gemendo penosamente), oh, quanto sofri!

Procurei ir a algum lugar onde obtivesse auxílio para dominar-me, por isso devo agradecer-vos, pois me déstes vontade e fôrça. Espero obter mais fôrça por meio de vossos bons pensamentos.

Na vez que aquí vim já ganhei muito. Não estou forte ainda, mas posso ver agora e compreender como poderei ganhar a minha batalha. Do pouco que pude ver do mundo espiritual, desde que aquí estive, já posso compreender que coisas maravilhosas existem.

Gostaria de avisar a muitos que conheço para não tomarem drogas. Pensam que é uma distração no começo, mas como terão de sofrer posteriormente! Farão então tudo o que puderem para dominar o vício. Não sofrerão apenas aquí, mas padecerão terrivelmente depois que passarem para o outro lado, e sua alma ficará em fogo. (Com uma expressão agoniada, mãos e dedos agitados nervosamente).

Muitos, sim, muitos voltarão e procurarão obter a droga, mesmo pouco, e arruinarão outros, contra as suas vontades. Recordo que eu mesmo, em mais de uma ocasião, não queria tomar a droga, mas sentia detrás de mim um poder mais forte. (Obsessão). Ah, se o mundo soubesse!

Minha querida, minha nobre esposa está prevenindo os outros, afim de que eles não tenham a mesma sorte e a mesma morte que eu. Foi horrível! (Depois da morte de Wallace R., sua mulher, Sra. R. desempenhou um papel de destaque num filme que retratou, ao vivo, os horrores do vício dos narcóticos).

Graças a vós achei alívio aquí. Sinto-me melhor, vencerei agora. Já se me abriram os olhos do espírito e eu verifiquei que há grandes possibilidades para mim. Ah, se eu pudesse avisar e ajudar os outros! Muitos estão tomando aquela droga mortal. Eles pensam que podem esquecer a tristeza e ganhar energia com droga. Conseguem-no um instante apenas, depois então vem o pior. Tomam uma segunda, uma terceira vez, e o mal vai aumentando.

Quando bebem uisque, ficam bebedos, mas, depois de um bom sôno, se tornam bons, e não sentem o terrível efeito da droga.

O mundo irá mal se o vício dos entorpecentes não fôr breve dominado. Muitos usam morfina e, oh, (gemendo angustiado) se eu pudesse voltar e avisá-los! Se eles apenas me acreditassem! Se eles soubessem que terrível coisa é ser-se escravo de uma droga qualquer. Soubessem êles o que há além e nunca fariam uso delas.

Méd. — A condição dos espíritos que usaram drogas durante a vida terrena deve ser horrível no mundo espiritual.

Esp. — (Tremendo). Não quero voltar alí, (á esfera terrena). Já tive uma visão dela. Obrigado pela concentração que fizestes por mim, foi de muito auxílio. Eu estava fraco, mas por meio dela eles puderam auxiliar-me e me deram fôrças, e também me puseram para dormir para eu recuperá-las todas.

Estava procurando voltar a algum lugar em que obtivesse auxílio (a algum centro espírita), mas não podia fazer muito. Ainda não compreendia bem. Desde que aquí vim e que conversei convosco que me senti mais forte, de modo que agora voltei para agradecer-vos e dizer-me que estou no caminho da saude e da felicidade.

Vencerei agora e então quero que todo mundo saiba. Quero prevenir a todo o mundo para não fazer uso de drogas. No começo se obtem alívio do seu padecimento, mas se adquire doença muito piór. Não sabeis que horrível sofrimento advem daí. Nem posso contar-vos. Se eu estivesse queimando no fogo tal não seria piór do que ter cada nervo do corpo ardendo. E' de se ficar louco. Ninguém póde se capacitar disso senão pela experiência própria.

Méd. — Os espíritos amigos auxiliar-vos-ão.

Esp. — Estou sendo ajudado e muito vos agradeço. Se eu voltar dir-vos-ei do meu progresso no outro mundo. Vi muito pouco, mas soube aprender. Estou numa escola, um hospital, onde estou aprendendo a vencer. Todos pensam que, quando morrem, os seus padecimentos se acabam, mas é realmente quando se vive e todos os desejos e hábitos permanecem com a alma, porque pertencem a ela e não ao corpo. O corpo é simples vestimenta transitória.

Grato pelo auxílio que me déstes, e também pela oportunidade de aprender as lições da verdadeira vida. Gostaria de ver muitos círculos como êste, para ajudar os espíritos em trévas. Quando possível, fazei ciente minha esposa de todo o meu amor. Procurarei, quando estiver mais forte, dar-lhe a impressão de que estou junto dela.

Méd. — Sêde forte e ponde de lado tudo o que se refira a doenças. Deixai as fôrças espirituais da Falange do Bem agir sôbre vós e breve estareis completamente curado.

Esp. — Sim, assim farei. Obrigado. Adeus!

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— VI —

Geley concebe a evolução do indivíduo como a passagem do inconsciênte para o consciênte e vai, pela observação dos factos chegar a conclusões que aproximam a ciência ocidental da oriental. Leiamos seus raciocínios:

«Vemo-nos forçados a concluír que a forma não é mais do que uma ilusão temporal; que os órgãos, nem os tecidos, não têm determinações verdadeiras e específicas; que todos os órgãos e tecidos, do mesmo modo que nasceram de célula primordial única, da célula — ovo — podem voltar, no curso da vida, a essa substância primordial única, a qual, a seguir, póde organizar-se sob novas formas e constituir, temporáriamente, órgãos e tecidos diferentes e distintos.

«Em uma palavra: tivemos de render-nos à evidência de que o complexo orgânico, o corpo, não tem qualidades definitivas e absolutas, nem especificidade própria. Pela sua origem, por seu desenvolvimento, por suas metamorfoses embrionárias e post-embrionárias, por seu funcionamento normal como por suas possibilidades chamadas supranormais, pela manutenção da forma habitual como pelas desmaterializações e rematerializações metapsíquicas, êste organismo se resolve em um dinamismo superior que o condiciona.

«O complexo orgânico se nos oferece, não como o indivíduo completo, mas como um produto ideoplástico do que ha de essencial no indivíduo: um dínamo-psiquismo que o condiciona todo e que é êle, o dínamo-psiquismo, o todo.

«Em termos filosóficos, o organismo não é o indivíduo; é apenas a representação do indivíduo.

«Com esta concepção compreende-se imediatamente toda a fisiologia, todas as capacidades normais e as chamadas supranormais do Sêr físico, enquanto que, sem ela, tudo é mistério, tanto a respeito dos fenômenos mais familiares do funcionamento orgânico, como dos fenômenos mais inesperados do mediunismo.

«Na realidade não há fisiologia normal. Tudo fica reduzido a representações; porém umas e outras igualmente condicionadas pelo dínamo-psiquismo essencial e único real.

«Se as metamorfoses embrionárias e a histólise do inseto nos parecem misteriosas; se a interpenetração da matéria sólida pela matéria sólida, se as materializações e desmaterializações orgânicas nos parecem impossíveis, é porque atribuimos realidade aos caracteres e propriedades pelos quais nos representamos a matéria. Se, ao contrário, observarmos que êsses caracteres e propriedades são ficticios e irregulares, o mistério e a impossibilidade desaparecem, ou pelo menos, se tornam apenas relativos: simples função de nossa ignorância ou de nossa debilidade. As mudanças que nos oferecem a fisiologia normal e a fisiologia supranormal não têm outra importância para o filósofo senão a de mudanças de aparências. Sua causalidade e sua explicação não estão nas aparências: estão por completo no dínamo-psiquismo essencial que as condiciona».

Essa nova luz que Geley lança sôbre os sêres vivos e sôbre a matéria pertence, há milênios, às convicções hinduistas, de que toda realidade é espiritual, e toda matéria é ilusória. Êle admite, como acabamos de ler, que o homem normal, com seu corpo físico, nada tem de diferente de um Espírito materializado. Para chegar a esta ousada conclusão, êle observou o fenômeno de materialização e desmaterialização de Espíritos, a histólise do inseto, as metamorfoses embrionárias. Partindo dêsse raciocínio de Geley, vamos chegar, por outras palavras, ao ensinamento dos Espíritos superiores, de que o corpo nada vale e o Espírito é tudo. Daí às idéias religiosas, recebidas por via de revelação, de que tudo temos que fazer em benefício da alma.

Já pela Doutrina reencarnacionista ensinada pelos Espíritos, nós, do Ocidente, damos um grande passo para nos aproximarmos dos orientais, abandonando os dogmas das penas eternas. Geley nos aproxima ainda mais das filosofias orientais e da concepção espiritualista da vida. Há, pois, uma tendência muito manifesta de confraternização ideológica mundial, para uma unidade do pensamento que só tem divergências criadas pela ignorância, pelo desconhecimento da verdade completa.

Por outro lado, o progresso material, a facilidade dos transportes, o rádio e, sobretudo, o Esperanto nos prometem para um futuro próximo uma civilização efetivamente planetária. Estamos, pois, no limiar de uma nova éra que será muito mais harmônica do que todo o passado da humanidade terrestre.

Já existem organizações de idealistas na Holanda, na Inglaterra e em outros países, trabalhando para divulgarem o projeto de um governo mundial, no qual as nações se transformem todas em províncias de um grande império. Sabemos que por longo tempo essa idéia não passará de um sonho, de utopia, mas a verdade é que pessoas inteligentes e superiormente idealistas creem no dever de divulgar essa idéia, como nós cremos no dever de divulgar as nossas.

De 17 a 24 de Agosto de 1947, reuniu-se na Suiça um Congresso Mundial dos partidários do Governo Único para o mundo. Já existe a Organização das Nações Unidas. Há uma forte tendência de unificação mundial em nossos dias.

Esperemos que o progresso moral nos permita pelo menos viver e colaborar fraternalmente em toda a superfície do planeta.

Os Acontecimentos do Fim

J. B. Chagas

O chamado período do caus ou da grande tribulação, anunciado nos textos das Escrituras, corresponde e é também citado no Novo Testamento por Mateus, Marcos, Lucas, bem assim em Atos dos Apóstolos e no Apocalipse de João.

A abominação da desolação — Diz-nos Mateus, a êsse respeito: — «E assim como foi nos dias de Noé, assim também será a vinda do Filho do homem. Então, de dois que estiverem no campo, um será tomado, e outro será deixado. De duas mulheres que estiverem moendo em um moinho, uma será tomada, e outra será deixada. Velai pois, porque não sabeis a que hora ha de vir vosso Senhor!» (XXIV-37, 40, 41 e 42).

«Então, diz-nos Marcos, — o irmão entregará à morte outro irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte». (XIII-12).

Confirmando Lucas — «Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá grandes terremotos por várias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão coisas espantosas e grandes sinais do céu» (XXI-10 e 11).

Estas previsões esclarecem e confirmam as profecias de Daniel, Jeremias, Malaquias e outros profetas.

Os sete tempos dos gentios — Êsses tempos são indicados pela primeira vez em Daniel. Vemos aí a referência de que «os santos serão escravizados e até o altisssimo imaginará de si que póde mudar os tempos, até um tempo, e dois tempos e metade de um tempo» (VII-25).

«Quando chegarem os tempos — farei ver prodígios em cima e em baixo na terra, sangue e fogo, e vapor de fumo» (At. II/19).

O *Apocalipse* de João repete as mesmas sibilinas palavras: - «E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, começou a perseguir a mulher que havia tido o filho macho. E foram dadas à mulher duas asas de uma grande águia, para voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada um tempo, e dois tempos, e metade de um tempo, fóra da presença da serpente» (XII/14).

Lucas, falando da extinção do domínio dos israelitas sôbre Jerusalém, assim se expressa: — «Quando virdes pois que Jerusalém é sitiada de um exército, então sabei que está próxima a desolação. Porque cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, e Jerusalém será pisada dos gentios até se completarem os tempos das nações» (XXI/20 e 24).

As predições de Ezequiel, aplicam-se perfeitamente a duração do domínio dos gentios sôbre Jerusalém, confirmando as palavras de Jesus, sôbre a quéda de Jerusalém, até o fim dos tempos.

A quéda de Jerusalém e o começo do primeiro cativeiro dos israelitas constituiram, portanto, o valor de três tempos e uma metade. O *tempo* valendo 360 anos, constantes das Escrituras.

Os três tempos e metade de Daniel, compreende, pois, 1260 anos, que será a metade dos sete tempos dos gentios, correspondendo a um período de 2.520 anos, ou seja as semanas dos grandes anos, de 360 anos, das Escrituras. O meio período de Daniel, equivaleria aos 42 mêses e aos 1260 dias do Apocalipse, compreendidos de *dias-anos*, em 584, como o ponto de partida dos seis primeiros tempos dos gentios (360 x 6 = 2.160 anos), que nos conduz ao ano de 1576 da éra cristã, isto é, o ponto culminante das guerras religiosas e das maiores perturbações entre os espíritos.

Vários comentaristas dos textos bíblicos, admitem hoje que a expressão — *os tempos* — aplica-se a dois tempos, que se dá a frase profetica — «um tempo», vários tempos e metade de um tempo».

— «Eu te contarei um número de dias iguais aos anos que duraram a iniquidade» (Ezequiel, IV 6).

* * *

Ha oitenta anos passados, dizia ao Codificador do Espiritismo, o Espírito da Verdade: — «Chegastes ao termo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da humanidade».

De facto, já agora, chegaram, realmente, os tempos previstos nas Escrituras. Estamos colhendo os frutos da semeadura dos falsos profetas e dos falsos cristos. Plantaram espinhos. Vão colher dôres! Desperdiçaram um tempo preciosíssimo em busca de decifrar a incognita da sua felicidade e assim inventaram religiões, criaram sistemas, e porque eram imperfeitos, impregnaram essas religiões e êsses sistemas com os seus êrros e imperfeições! Esqueceram as lições de brandura e de humildade do Divino Mestre, improvisando-se em senhores do Mundo!

Segundo o relato de uma grande avalanche de documentos velhos e novos, ha até uma cronologia dos acontecimentos *do fim*, com a ordem geral dos tempos do fim, estabelecida no simbolismo das Pirâmides, nos Evangelhos, nas profecias do venerável *Barthélemy Holzhauser*, do *Barão de Novaye, São Malaquias* e outros.

E apenas, a título comparativo, vamos transcrever algumas destas previsões.

A) — *Ordem dos acontecimentos segundo a Pirâmide:* 1) *Começo do caos* — primeiro período do caos (4-5 de Agosto, 1914 a 10-11 novembro, 1918); b) a treva no caos — (10-11 novembro 1918 a 29 de maio 1928); c) crise econômica e política mundial (29 maio 1928 a 5 dezembro 1935).

2) — *Fim do caos:* — Terminação da segunda passagem baixa (5 dezembro 1935 a 1-16 setembro 1936);

3) — O *Fim da Éra* — a) Advento da éra teocrática. b) Entrada na sala da ressurreição e do julgamento das nações (15 16 setembro 1936 a...)

B) — *Ordem dos acontecimentos segundo os Evangelhos :*

1) *Antes do fim* — a) os falsos Cristos. b) rumores de guerra. c) uma nação contra outra nação ; um reino contra outro reino; fome e tremor de terra. Perseguições e guerras civis.

2) *Abominação da desolação*—Os dias da grande aflição serão curtos e breves.

3) *Fenômenos astronômicos* — a) O Sol escurecerá ; b) A Lua apagará ; c) A quéda das estrêlas; d) O poder do céu será abalado.

4) *Vinda do Filho do Homem* — a) O sinál do Filho do Homem no céu; b) Lamentações das tribus da terra ; c) O Filho do Homem surgirá sôbre as nuvens; d) Soarão as trombetas dos anjos; e) Reunião dos eleitos ; f) julgamento das nações.

C) — *Ordem dos acontecimentos segundo o venerável Barthélemy Holzhauser* — A sétima época ou éra da Igreja corresponde ás sete igrejas da Asia ; as sete estrelas e aos sete candelabros, corresponde a 1.ª: de Cristo á Nero ; 2.ª de Nero a Constantino ; 3.ª de Constantino a Carlos Magno ; 4.ª de Carlos Magno a Carlos V ; 5.ª de Carlos V ao Grande Monarca ; 6.ª do Grande Monarca ao Anti-Cristo ; 7.ª do anti-cristo ao fim dos tempos.

D) — *Ordem dos acontecimentos segundo o Barão de Novaye :*

O *barão de Novaye*, que fez um aprofundado estudo das Escrituras, das profecias, antigas e contemporâneas, organizou o quadro cronológico dos acontecimentos dos tempos do fim, abaixo descrito :

a) guerras gerais, flagelos ;
b) crise revolucionária ;
c) destruição dos maus ;
d) destruição de Paris e de muitas casas ;
e) elevação da França ;
f) conversão dos homens ;
g) triunfo da Igreja e paz geral ;
h) o grande Papa e o grande Monarca ;
i) renascimento de 25 anos ;
j) reino do anti-cristo ;
k) morte das duas testemunhas : Enóch e Elias ;
l) quéda do anti-cristo ;
m) purificação da Terra pelo fogo e pela água ;
n) Reino de Deus ;
o) fim do mundo (?).

E) — *Ordem dos acontecimentos depois da profecia de S. Malaquias sôbre os últimos nove papas* (repartição feita pelo abade Maitre) :

1) Os três papas da penúria, da guerra, da crise e da perseguição ; a) — *Ignis ardens* (fogo ardente ou vivo), Pio X (1903-1914) ; b) *Religio depopulata* (religião popular), Benoit XV (1914-1922) ; c) *Fides intrepida* (crença sincera), Pio XI (1922 a... ?) ;

2) — Os três papas da Renascença e da floração mística (? à ?). a) *Pastor angelicus* (pastor angélico) — O Grande Papa ; b) *Pastor et nauta* (pastor e navegante) ; c) *Flos Florum* (flôr das flôres) ;

3)—Os três papas das provas supremas antes do fim da éra adâmica : (? à 2000)—a) *De medietate lunae* (metade lunar) ; b) *De labore solis* (do trabalho do sólo) ; c) — *De gloria olivae* (da glória de oliveira).

* * *

Muito antes dos acontecimentos que deveriam denunciar o fim dos tempos, com as suas consequências dolorosas, os espíritos vieram reiterar aos homens, através de sábias advertências, a necessidade imperiosa de apressarmos a iluminação própria, dizendo : — «Se o Evangelho não se tornar realmente, em vossos espíritos, um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século ? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcedados e endurecidos para o mundo que lhes fôr próprio ? Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso espírito faltar o elemento de luz com que possais vêr a chegada inesperada de Nosso Senhor Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos ? Se fostes chamados ás bodas do filho do vosso Rei, porque não tomam os vossos espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando convôsco o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo ? Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, porque cedeis o vosso lugar aos côxos e estropiados, que virão, como últimos, a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina? Êsses pontos do Evangelho de Nosso Senhor Cristo, apesar da revelação, ainda não se impõem à vossa meditação? Êsse éco que rebôa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — *Os tempos são chegados!* — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorarem os vossos espíritos? Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissenções e de lutas, como se não constituissemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina? Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gôzo da carne e a satisfação das paixões do mundo? Seria simplesmente uma obcecação do espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar no reino de Deus coberta dessas paixões e dessas misérias humanas! Isso equivaleria a não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis que crêdes: seria zombar do vosso Creador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, que não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões! Meus amigos! Sem caridade não ha salvação — sem fraternidade não póde haver união. Uni-vos, pois, pela fraternidade, debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, áqueles que vos pedem lhes deis, da vossa crença, ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão».

⁂

Todavia, uma grande maioria de homens tem, por teimosia, permanecido surda aos avisos e incitamentos do Alto, e como a lei do Pai é imutável nos seus desígnios, tudo vai se cumprir, mau grado a insatisfação dêsses mesmos homens!

Fenômenos de Materialização

XIII

Fui eu quem presidiu a sessão de ontem, sábado. Depois de recomendar a todos os assistentes que se submetessem ao processo da pesagem, dou início aos trabalhos com o pedir fôsse cantado o hino «Obreiros de Jesus», no que fui atendido, passando a proferir a prece inicial. Peço seja feito profundo recolhimento espiritual para a consulta aos nossos guias, comunicando-se, por encorporação, o lúcido espírito de Rodolfo, que nos deu uma sublime lição, orientando-nos, também, sôbre o andamento da sessão! Achando-se na assistência uma visita — o confrade Pereira Guedes, a quem já tinha prevenido de que não poderia tomar parte dos trabalhos, dado que hemos deliberado não aceitar, por enquanto, novos elementos, com o que êle concordou, sem relutância, oferecendo-se até, de boa vontade, a fazer parte da turma que iria fazer ambiente na casa de um doente, quisemos ouvir a opinião do Alto sôbre quem deveria partir para êsse serviço, sendo que o espírito comunicante nos disse que o aludido ambiente não se faria desta vez ainda, devido a que as dezenove pessoas presentes, alí deveriam permanecer todas em constante concentração, dado que necessário se fazia trabalhar em benefício de vários doentes presentes, cuja intervenção espiritual urgente se fazia necessário. Recomenda ainda que mandassemos recolher o médium Lins à cabine e fizesse deitar, na sala contígua, em camas separadas, as nossas irmãs Florinda Mesculin e Risoleta Viola, a primeira para ser beneficiada e a segunda para trabalhar como médium curador, ao que se obedeceu satisfatoriamente. Passamos então a cuidar de estabelecer um ambiente favorável ao bom rendimento dos trabalhos, empenhando-nos em fazer constantes preces e cantar vários hinos. Procedo à leitura do capítulo do livro «O Nosso Lar», intitulado «A volta de Laura» e peço que o comentem, aos irmãos Margarida, Guedes, Vitorino e Vicente, cabendo-me o reajustamento. Todos tiraram as melhores ilações que o transcendente assunto ensejava. Um dos nossos amigos do Espaço, recomenda-nos, por voz direta, para diminuirmos a luz, o que foi observado. Daí a poucos momentos aparece, à entrada da cabine, o querido espírito de Scheila distribuindo suaves perfumes aos assistentes, enchendo todo o ambiente de deliciosa fragrância. Encaminha-se para as duas homônimas da Juventude Espírita «Abel Gomes», que atendem pelo nome de Dulce. Fica mais de dois minutos frente a elas, acariciando-as. Encaminha-se à sala contígua, indo aplicar passes em D. Noca, voltando ao recinto para se encaminhar ás jovens, afim de lhes ministrar passes, fazendo o mesmo aos irmãos João e Maria da Glória, desaparecendo em seguida. Aparece então outro vulto, logo identificado pelo espírito de João de Deus, cuja materialização era perfeita, notando-se-lhe, até, os traços fisionômicos na penumbra. Dirige-se à sala adjacente, passando no meio da assistência e levando ás irmãs que alí se encontravam, seu amparo espiritual. Voltando à assistência, vem junto do local da presidência, encarando-me carinhosamente, voltando ao centro da sala para pregar, com palavras ternas e eloquentes a excelência dos mais palpitantes princípios evangélicos, deixando, ao terminar, na imaginação de todos os presentes, que lhes sorviam com avidez e prazer as palavras que lhe afloravam aos lábios, a mais agradável e viva impressão. Feita a preleção, o espírito encaminhou-se para a entrada que fica do lado esquerdo da cabine, aí permanecendo enquanto todos cantavam «Almas Gêmeas», apresentando-se, ao mesmo tempo, no plano superior, o vulto de Neusa Magaldi. Ao desaparecerem os dois espíritos amigos, o José, no seu porte atlético, aparece materializado no vão da entrada, daí nos falando, a improvisar quadras belissimas, pedindo que cantassemos o hino «Entardecer», ao que gostosamente anuimos, sendo que êle nos acompanhou, sobressaindo-se a sua voz gutural característica. Poucos momentos depois que José desapareceu, outra entidade do mundo invisível se materializa, pela primeira vez em nosso meio, embora de nós já fôsse muito afeiçoada e conhecida. Era o velho Fritz, pai de Scheila e de Rodolfo Fritz, espiritista desincarnado durante a última guerra mundial, na Alemanha, sua Pátria de nascimento. O seu traje era *sui-generis*, tomando-lhe todo o corpo até cobrir-lhe os pés. O seu corpo deveria ter cerca de um metro e noventa centimetros de altura e era de aparência delgada. O «irmão mais velho», como êle se declarou, distribuiu deliciosos perfumes pelos presentes, indo assistir a esposa do Mesculin, na sala vizinha, voltando ao recinto para ministrar passes na Emilia e na D. Maria, terminando por nos mimosear com uma alocução evangélica, cheia de conceitos elevados e de ensinamentos profundos. O José atira uma pedra ao meio da assistência, logo que Fritz desapareceu. Uma outra pedra cái no nosso meio e a voz de Neuza se ouve para dizer que aquela pedra, que tivera o cuidado de perfumar, era um presente para D. Noca, pedindo ao Mesculin para transmitir um abraço ao seu pai e um beijo a sua mãe, travando, os dois, ligeiro diálogo. Eu também entretive com o querido espírito, ligeira palestra sôbre assuntos doutrinários. O dedicado espírito de André Luiz, patrono do Grupo, dirige-nos agora a sua palavra enérgica e conselheira, vibrante e amiga. Informa-nos de que os nossos trabalhos colimaram, felizmente, os seus altos objetivos, pois se havia assinalado seguro êxito nas intervenções astrais, assegurando que a enfermidade de nossa irmã Noca, conquanto fôsse melindrosa e considerada caso perdido para a ciência oficial, seria radicalmente debelada ao cabo de mais duas ou três sessões, ainda mesmo que ela não pudesse estar presente, caso em que seria beneficiada na sua residência. Scheila é quem nos fala depois, dirigindo-se, de preferência, aos elementos da Juventude, aconselhando-os a se empenhanharem nos serviços da Caridade. Sucede-lhe a diretora espiritual dos trabalhos de efeitos físicos.—Araci, que nos anuncia termos chegado ao fim dos nossos trabalhos, fazendo uma linda prece e recomendando que encerrassemos a sessão com uma súplica, depois do que foram despertados os médiuns. Uma das duas pedras encontradas tinha um perfume suave e penetrante. Várias pessoas tiveram o seu pêso diminuido, sendo que D. Maria teve um quilo de aumento e o médium principal, pela primeira vez, não perdeu pêso nenhum.

Amadeu Santos.

RIO, 15 de Março de 1947.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

MEDIUNIDADE — Edgard Armond, *Livraria Allan Kardec Editora*, S. Paulo.

A mediunidade é o tema por excelência, antigo e atual, eterno e sempre novo, do Espiritismo. E bem o merece, porque é assente na mediunidade, com êste nome ou com denominações diferentes, que toda a revelação divina se nos tem manifestado.

Do bôjo da Mediunidade, e de seus meandros, surgiu o Espiritismo.

E, antes do Espiritismo, a revelação de Abraão, que foi, incontestavelmente, o instrumento do monoteismo; o Decálogo, ou a Primeira Revelação Divina, o próprio Cristianismo. Vale salientar, nessa hora em que, em nome do Cristianismo feito catolicismo e protestantismo, se põem em dúvida essas páginas admiráveis de Emanuel e Humberto de Campos, que todas as revelações divinas, que toda a civilização cristã é fruto da mediunidade superior. No Evangelho, desde o aviso do nascimento de João Batista e da anunciação à Maria, até o *Apocalipse* de João Evangelista, tudo, tudo, fruto e consequência da mediunidade!

Além disso, quando a humanidade está se afundando no grosseiro materialismo, cepticismo absorvente, é, ainda, a mediunidade uma fonte copiosa de «milagres», para abalar o espírito endurecido dos homens.

Foi assim com Abraão, com Moisés, com Jesus Cristo, com Paulo de Tarso. Foi assim com os fenômenos de Hydesville, cujo primeiro centenário se vai, agora, comemorar, embora se tratasse de manifestação de espírito inferior. E' assim, embora em dose menor, com o reverendo Antonio Pinto...

De tal sorte se impõe a excelência da mediunidade que, entre uma conferência, ainda que proferida pelo mais substancioso e eloquente orador, e a sessão em que os caboclos e pretos velhos baixem para espetáculos mediúnicos, a preferência é para as sessões de pretos velhos e caboclos. E' o que vemos por cá: as macumbas e tendas de Ubanda regorgitam, automóveis de luxo lá fóra, esperando, enquanto seus donos—médicos, bachareis, funcionários públicos, industriais e militares — lá dentro, pitam cachimbos e bebem marafa, mediunizados, ou pedem milagres aos espíritos... No mesmo passo, as reuniões sérias, de estudo; as conferências substanciosas vão apanhando meia duzia de abnegados, apenas...

E' a maior fôrça do Espiritismo, se bem dirigida, já o dissemos noutro lugar. E ninguém poderá contestá-lo. Mal orientada, é a sua pior fonte de descrédito.

Pugnar pela mediunidade bem dirigida, para que o Espiritismo se dirija superiormente, em proveito de todos que se ácercam de uma e do outro, é função das mais preciosas de espíritas de responsabilidade.

Registramos, com infinito prazer, o aparecimento de um escritor e uma obra assim: Edgard Armond e A MEDIUNIDADE, que a *Livraria Allan Kardec Editora*, de S. Paulo, nos seus propósitos de publicar livros úteis e de revelar escritores brasileiros capazes, acaba de lançar.

Temos lido, e estudado mesmo, muita coisa que se tem escrito sôbre médiuns e mediunidades.

E por bem estudar uma e outra coisa, através de uma trintena de anos de militância dentro do Espiritismo, por estudá-las bem, nos livros e nas sessões práticas, é que, de tempos a esta parte, sempre que temos aconselhado a quem deseja conhecer bem o Espiritismo, fazemo-lo dizendo que evite, sistematicamente, as sessões práticas, enquanto não conhecer bem as obras fundamentais do Espiritismo. Principalmente o Kardec, que é, ainda, dos autores, o mais lido. Pois, já agora, diremos: Si quiser pisar, praticando o Espiritismo, em terreno seguro e limpo, mormente no que respeita à mediunidade, não deixe de estudar, antes, O MEDIUNIDADE, de Edgard Armond.

Confessamos, sinceramente, que aprendemos muita coisa, descobrimos muitas observações, atinamos com muitos problemas, que em obra nenhuma haviamos, até então, vislumbrado.

E' um livro substancioso, indispensável, preciso e lógico.

Só lhe descobrimos uma ausência a lamentar: um capítulo, à semelhança de todos os seus capítulos, incisivos, breves, sintético, sem uma expressão a mais ou a menos, sem um termo para fazer literatice; só lhe descobrimos um capítulo sôbre a concentração. Anda-se por aí, em todas as reuniões, a pedir-se, vez por outra, ou quasi sempre — *Concentração! Concentração!* sem que, via de regra, se saiba o que isto é...

O autor escreve bem, com clareza e lógica.

E' didata. As matérias dos 32 capítulos em que se dividem as 3 partes de seu volume, são bem 32 aulas primorosas, metódicas e profundas, a despeito de ministradas com uma leveza de estílo bem digna dos três escritores brasileiros de estílo mais leve e mais bonito que conhecemos: Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos e Carlos Imbassahy.

E' livro que se lê num crescente interêsse, aprendendo-se sempre. E sem se discordar do autor, tanta é a lógica e a substancialidade de suas lições e de suas observações.

Não ha no livro palavriado vasio, conceitos teóricos, coisas vagas, propósitos de erudição pedantesca.

Tudo que expõe é coisa que se deve saber. Ou que já se sabia, mas em que não se havia atinado, nem metodizado, para saber-se melhor.

Estamos certo, certissimo de que, se se fizer a necessária difusão do A MEDIUNIDADE; de que, se houver a propaganda precisa do volume, dentro de breve, dêle será fôrça que se tirem edições a milhares e milhares de volumes, como acontece com as obras de Kardec e de Emanuel, porque se trata, evidentemente, de um livro que precisa andar nas mãos, nas estantes e nas bibliotécas de todos os espíritas cientes e conscientes da Doutrina. E na cabeceira, principalmente, dos médiuns, para sua leitura diária e consultas.

Somos gratos ao diretor da ALLAN KARDEC EDITORA, o prezadissimo confrade, Batista Lino, pelo volume que nos enviou com generosa dedicatória.

⁂

CARTAS DO EVANGELHO — poesias mediúnicas de Casemiro Cunha, psicografadas por Francisco Candido Xavier. — *Livraria Allan Kardec, Editora,* S. Paulo.

Das artes que, até agora, tem repontado, aquí e alí, com maior assiduidade, a serviço da propaganda do Espiritismo, nenhuma como a poesia.

Não se abre uma publicação espírita — jornais ou revistas — que não se encontre versos, poesia. Poesia? Sim, como sinônimo de versos, porque, poesia arte, inspiração e sentimento, isso, ainda mingua muito, infelizmente, nos versos espíritas.

Fazer verso é fácil, é facílimo.

Basta um pouco de grámatica, saber rimar e contar as sílabas métricas.

Atualmente, com o besteirismo modernista que aí vai, nem de nada disto se cogita: basta ter-se na redação de suplemento dominical de jornal, ou numa revista literária, um amigo, e mandar para êle publicar qualquer tolice, e temos assim, um Carlos Drumond de Andrade ou um Frederico Smith qualquer, grandes poetas.

A receita da feitura de verso a que nos referimos acima, reporta-se à arte antiga. E, «em matéria de arte, o mais antigo é o melhor», já houve quem escrevesse.

Mas, se dentro de versos bem contadinhos, bem rimadinhos e postos em bôa sintaxe não se puser um pouco de poesia, adeus musas!

E poesia é inspiração, é sentimento, é graça.

Ruy Barbosa fez belos versos, porque dentro de toda a tecnica, mas, não foi poeta. Faltou-lhe a poesia.

O Espiritismo já tem muitos rimadores, é facto.

Mas, não tem, ainda, seu poeta, seu grande poeta.

E quem o diz, parece que póde dizê-lo, exatamente, por ser, talvez, o mais versejador de seus versejadores, pois, já lhe deu um volume de poesias e tem, já, prontinhas, estrofes talvez para mais dois volumes de cento e poucas páginas. E olhem que não são dos menos lidos, os seus versos!

Não tem, ainda, o Espiritismo o seu grande poeta na Terra, mas já o tem na Espiritualidade: Casimiro Cunha.

A poesia de Casimiro Cunha filtrada através da sensibilidade dêsse homem-lira, que é o médium Francisco Candido Xavier, é alguma coisa de diferente, de etéreo, de extraordinário.

E' poesia que flue leve e cristalina, como a linfa puríssima de uma castalia maravilhosa, fecundando, dessedentando, espiritualizando.

São versos leves, fluídicos, espirituais, que se lêm com enlevo e como discípulo rebelde de um mestre amado, todo pelucia e veludo : os leitores e o Cristo !

CARTAS DO EVANGELHO é o volume que A ALLAN KARDEC editora acaba de lançar, a benefício da Escola Jesus Cristo, de Campos.

O título do volume, deu-lho o grande espírito de Emanuel, dizendo, em belo recado do Alto, que êles, seus versos, traduzem «um correio espiritual da Bôa Nova, tão nova que se encontra no mundo, ha dois milênios, com todo o sabor de oportunidade para os homens».

O espírito de Nina Arneira põe-lhes um prefácio, uma apresentação que é um mimo de leveza e de candura.

E o volume abre com uma Carta do Natal, que é uma lição viva do Evangelho, cheia de ternura e de bondade verdadeiramente cristãs.

Como a primeira carta, são as cincoenta e tantas produções do volume. Produções que, antes de aparecerem em volume, foram lidas, relidas, decoradas e declamadas por aí em fóra, com o mesmo sabor de originalidade, de simplicidade, de espiritualidade.

O volume está graficamente bem apresentado. Como, de resto, a Editora ALLAN KARDEC sabe apresentar seus livros. Bela brochura, excelente papel e impressão nítida.

E' volume para lêr, guardar com carinho e presentear pessôas de gosto. Principalmente, crianças e jovens.

Ninguém se arrependerá de adquirí-lo.

E adquirindo-o, está beneficiando, ainda, uma grande obra espírita, modêlo de abrigo de crianças pobres, que é a *Escola Jesus Cristo,* de Campos.

O volume que nos coube, foi oferta generosa da Livraria Editora, que não nos cansamos de admirá-la, pelo altruísmo, gosto e aprumo de seu magnífico programa.

Crônica Estrangeira

Espectros, Assombrações e o Hiperespaço

Em o «Jornal de São Paulo» de Dezembro último, o Dr. Authos Pagano, escreveu um artigo subordinado ao título «Espectros, Assombrações e o Hiperespaço», do qual extraímos o que se segue :

«Consiste o fenômeno das assombrações na suposição das manifestações da existência de pessoas falecidas, através de espíritos, em casas ou lugares que em vida lhes foram familiar.

Regra geral, o espírito se manifesta através da forma corpórea que teve em vida, ou através da forma de algum animal.

As assombrações apelam para os sentidos da visão, do ouvido e do tato e os barulhos que fazem consistem apenas em batidas dos dedos, passos, risos e lamurias.

Sob o ponto de vista do orgão do tato, os espectros empurram os vivos. como se deu com Samuel Wesley, que, em 1717 alegava ter sido empurrado por uma força invisivel três vezes ; uma, contra o canto da sua mesa de trabalho, outra contra a porta e outra ainda, contra o lado direito do batente desta, à medida que entrava no seu quarto.

Tambem pode isso tudo ser fruto da alucinação, que consiste na objetivação de imagem (ou som, ruido, etc), que não foi sugerida por nenhum objeto real.

Andrew Lang, ao cuidar do assunto na Enciclopedia Britanica, narra que um seu amigo, habitando uma casa mal-assombrada, sentiu puxarem-lhe os cabelos. Tireu cita o caso de barulhos sobrenaturais, que não são ouvidos por todas as pessoas presentes, o que foi confirmado por Wesley ao afirmar que muitas vezes não ouvia sons que eram ouvidos com nitidez por seus filhos e esposa.

Como as alucinações coletivas são

raras — regra geral não vendo todos os presentes a aparição — segue-se que os fenômenos auditivos não são sempre experimentados por todas as pessoas presentes, em cujos casos, as visões e os sons não têm causa externa, sendo apenas ilusão causada pelos espíritos. Muitas vezes ouvimos barulho de arrastamento de moveis e, ao inspecionar o comodo de onde tal barulho proveio, damo-nos conta de que tudo está em ordem. Relativamente a tais ruidos, convem investigar se a atmosfera vibrou, ou se apenas a impressão se manifestou no interior do nosso ouvido.

Muitos fatos históricos tendem a provar a existência de assombrações. Autores de renome como Plauto, Luciano, Plinio, Seutonio, Santo Agostinho, São Gregorio, Plutarco e outros dão exemplos de aparições.

Sir Walter Scott e sua esposa ouviram, em Abbaotsford, ruidos de arrastamento de moveis pelo chão de determinado aposento de sua residência, conforme escreve seu biógrafo Lockart.

Procter, que durante dezesseis anos (de 1831 a 1847) suportou barulhos inexplicaveis em Willington Mill, afirmou que os objetos sôbre os quais caiam as batidas entravam a vibrar logo a seguir.

Insuspeito historiador americano do norte—Reginald Span—narra em interessante artigo que as famílias reinantes (ou que reinavam) na Europa, têm, quasi todas, além da sua côrte viva e tangivel, um séquito espectral de seres misteriosos que se interessam pelas peripécias da dinastia e aparecem aos reis para advertilos de desgraças ou de sua morte próxima.

Cita o caso da «dama branca» que há vários seculos assumiu o desagradavel encargo de prenunciar a morte dos principes da casa dos Hoenzollern. Ela, que foi vista no palacio de Potsdam, nos castelos de Bayreuth e Berlim, é o espectro da condessa Bertha von Rosenberg, que morreu tragicamente no fim do século XV, após uma vida de verdadeiro suplício.

Os reis de França tiveram durante séculos um cortesão espectral no «homem vermelho» que lhes aparecia pontualmente antes da sua morte ou para prenunciar-lhes grandes desgraças. Tal aparição foi vista por Henrique IV na noite que precedeu ao dia do seu assassínio; por Luiz XVI no início da Revolução Francesa e pelo presidente Carnot na manhã do dia em que foi morto. Embora fossem tomadas precauções não pôde êste fugir ao seu destino fatal.

Leticia Bonaparte — progenitora de Napoleão — foi a última pessoa a despedir-se dêle, respondendo «Adio, figlio mio» ao seu «Adieu ma mére. Na manhã de 6 de maio de 1821, Leticia se achava no salão do palácio Bonaparte, quando um criado anunciou-lhe que um cavalheiro trazia notícias do imperador exilado. Apenas se lhe apresentou o cavalheiro, êste, que estava envolto num manto e com o chapeu desabado sôbre os olhos, ao retirar-se o criado, tirou o chapeu e abriu o manto, estendendo os braços para ela que, ao reconhecer o próprio Napoleão, julgando houvesse êle escapado de Santa Helena, como já o fizera de Elba, lançou um grito de alegria e se precipitou nos seus braços, mas o contacto com as «forças augustas» do ignoto, paralisou-a. Lívido e imovel o espectro olhou-a fixamente e, escandindo as palavras, disse-lhe gravemente: «Cinco de maio de mil oitocentos e vinte um—hoje». Retirou-se lentamente para a porta, olhando sempre a mãe e desapareceu.

Voltando a si de sua grande emoção, Leticia correu pela casa toda, mas ninguem tinha visto sair o misterioso visitante. Seis semanas depois chegou a confirmação da morte de Napoleão, ocorrida em 5 de maio, ás 6 horas da tarde, ao passo que êle apareceu à sua mãe ás 11 horas da manhã seguinte.

A rainha Elizabeth da Inglaterra foi advertida do seu fim próximo por um espectro que tinha a sua fisionomia exata.

O palácio de Hampton Court e a Torre de Londres, são, de resto, lugares de aparições reais, enquanto que o espírito de Jorge III prefere como morada permanente o castelo de Windsor. No início da guerra civil este espírito apresentou-se a Carlos I, que estava lendo no seu «boudoir», e lhe prenunciou a derrota e a morte no patíbulo.

O espectro que perseguiu a família imperial da Russia — cujos últimos descendentes foram massacrados em Ecaterimburgo após a primeira grande guerra — tinha a especialidade de revestir-se do semblante do principe a morrer e apresentar-se ante êle como um irmão siamez. Pouco antes de sua morte, a imperatriz

Catarina estava lendo no seu «boudoir», quando uma dama da côrte, transtornada, veio anunciar-lhe uma coisa estranha, ter visto, ao passar pela sala das recepções, a imperatriz sentada no trono, coisa absurda, porque momentos antes a tinha deixado em seus aposentos privados, onde vinha encontrá-la. Catarina, embora empalidecesse, era mulher de coragem masculina e, sem hesitar, ordenou à sua dama que a seguisse e dirigiu-se para a sala do trono, onde encontrou realmente o espectro sentado no trono. Atravessando a multidão de cortezãos trêmulos e mudos, a imperatriz de todas as Russias se defrontou com o seu terrível «alter ego», ordenando-lhe que se retirasse, mas como a intrusa não obedecesse, ordenou ela, num paroxismo de íra e de terror, fôsse feito fogo sôbre a usurpadora. Dada a descarga o espectro desapareceu, ficando o trono todo varejado. Morria dez dias após essa ocorrência «sui generis», Catarina da Russia.

A raínha Elizabeth da Austria teve um estranho prenúncio do seu fim na noite que precedeu a tragédia de Genebra, em 1898. Despertando de um sono profundo, viu o seu quarto iluminado pelos raios da lua cheia e pôde perceber o vulto de uma mulher que chorava e a fitava com tristeza. Pela manhã, a condessa de Czateray entrou no aposento da imperatriz e esta, pálida e transfigurada, lhe disse: «Sinto que um perigo me ameaça e que minha morte está próxima». Poucas horas depois caía ela sob o punhal assassino do infame Lucchesi.

O rei Ferdinando da Bulgaria, por sua vez, era assiduamente escoltado pelo falecido presidente do Conselho, conde Stambuloff, que via repentinamente ao seu lado. Quando, certa vez, foi visitar uma princeza, percebeu que ela e suas damas de honra estavam presas de terror e isto porque, ao lado do monarca estava o espectro do fiel ministro. Ao lado dêstes factos históricos, há as lendas e superstições.

As antigas lendas familiares de assombrações constituiam motivo de glória para os herdeiros das magestosas mansões da Inglaterra ou dos castelos da Escócia. Desacreditar os espectros tradicionais que nêles habitavam era o mesmo que desafiar para um duelo.

No entanto, êsses fantasmas de velhas moradias ás vezes sobrevivem apenas na mente das tias solteironas que se comprazem em contar histórias macabras e tristes, cuja base de verdade não suporta ligeira crítica.

Acreditou-se na existência de sete fantasmas distintos que habitavam certa casa fidalga, na Inglaterra. No entanto, nenhum jamais foi visto pelos seus hóspedes, hospedeiros e criados. A lenda diz que eles apareciam pontualmente nos aniversários das suas desgraças, o que não ficou provado.

Os sintômas e os fenômenos que as assombrações provocam são exatamente hoje o que eram já tempos passados.

A crença nelas era até há bem pouco e é ainda viva na Inglaterra; por sua causa os alugueis das casas tidas como assombradas caem consideravelmente. Um determinado senhorio moveu ação judicial contra uma pessoa que difamou sua propriedade para alugar, acoimando-a de mal-assombrada, ocorrência essa comentada pelos jornais londrinos de 7 de março de 1907.

Há centenas de casos de assombrações e casas mal-assombradas, declara a Sociedade Inglêsa de Pesquisas Psíquicas, que não os divulga, temendo a quéda dos alugueis, como também não publica os nomes das testemunhas.

A crença na existência de espectros a alguns se tem imposta pela fé, a outros, por estudo pseudocientíficos, portanto, de resultados que oferecem a mesma intensidade transmitiva que a fé, e a outros, ainda, por observações, embora muitas vezes pessoais e particulares, o que, mesmo assim, lhes outorga razão justa para tanto».

⁂

Liberação do «Corpo Astral»

«Light»

Eis um caso observado por duas testemunhas (ambas sensitívas), de modo preciso e irrefutável. Os nomes das percipientes são conhecidos do diretor da revista.

Miss W... conta isto:

«Meu pai morreu de bronquite, à meia noite de 12 de novembro. Três horas antes, os médicos o haviam declarado fóra de perigo. Foi por isto que minha mãe, extenuada pelas longas vigílias, foi repousar, a instâncias minhas, foi deitar-se entre 11 e 12 horas. Pouco depois de meia noite, meu pai, após breve modorra, despertou, se agitou, e lhe faço tomar um cordial que bebe com avidez. Mas passado um instante, murmura com voz débil: «Sinto-me morrer». Eu respondo: «Oh! não, papai... tu estás muito fraco, eis tudo!» Porém êle replicou: «Vai chamar Kate! Chama Kate!» Pedi a uma amiga que comigo velava, ir chamar minha mãe, e meus dois irmãos, que chegaram precipitadamente.

No fogão havia fogo quasi extinto, e o quarto só era iluminado por uma única véla. Êstes últimos detalhes teem sua importância por concorrerem a provar que aquilo que vi, simultaneamente com meu irmão, não era devido à luminosidade no quarto, e menos ainda à nossa imaginação.

Decorridos alguns momentos, se extinguia e delicadamente depús sua cabeça no travesseiro. Meu jovem irmão e eu fizemos subitamente a mesma exclamação: «Olhai! Olhai!» Nós dois víramos aparecer, acima da cabeça de nosso pobre pai, um vapor luminoso e vibrante, em forma de globo. Dir-se-ia que sua respiração se havia condensado no ar, e que algo lá havia parado, a bater asas à maneira de um pequeno pássaro acima da gaiola que por muito tempo o tinha aprisionado, para em seguida lançar-se livre, a golpes de asas, através do espaço...

Na segunda noite, estava eu desperta, o coração despedaçado, a alma cheia de pesar, quando de-repente tornei a ver, acima de mim, a mesma luminosidade sob forma de globo, em tudo semelhante ao que descrevi, porém maior e mais brilhante... Sentei-me, olhando ao meu derredor na obscuridade, ocupada a descobrir algo capaz de produzir o fenômeno — mas em vão...»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizaram no dia 30 de Janeiro último, ás 20 horas, uma sessão comemorativa do décimo aniversário do passamento do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

O salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» ficou à cunha, notando-se muitas pessoas do lado de fóra.

A sessão foi aberta e encerrada pelo nosso companheiro Campêlo.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», como uma justa homenagem ao seu patrono, fez a admissão no seu quadro social dos neófitos Antonio Trolezi, Marcelina Cruz e Iracema Lopes. O Mentor da Mocidade, nosso companheiro Costa Filho, depois de breves palavras sôbre o ato, ofereceu a cada um dos neófitos, em nome da Mocidade, um exemplar de «O Novo Testamento». A seguir, usou da palavra a neófita srta. Marcelina Cruz.

Ato contínuo, recitaram poesias os seguintes meninos e meninas: Elvirinha Perche Campêlo, Alice Coelho, Jaime Coelho, Cleide Gonçalves e Santo Walter Mariani, e as srtas. Iracema Lopes Carvalho e Deolinda Mataveli. A menina Elvirinha Perche Campêlo e o menino Gregorio Menezes caracterizados à portuguêsa representaram o esquete — «A Partida».

A seguir falaram sôbre a vida e as obras de Cairbar Schutel, os seguintes Juventinos: Prof.ª Isabel Perche, Leonor da Cruz Jorge, Clotilde Ferreira da Cunha, Edo Mariani e Zelia Perche, e os confrades Onofre Batista, Dr. Urbano de Assis Xavier e João Leão Pitta.

Aos presentes, terminada a sessão, foram oferecidos dôces e sanduiches.

Dr. Wilson Ferreira de Mello

Acompanhado do seu primo, Prof. Candido de Oliveira, residente na Capital, deu-nos o prazer de sua visita no dia 1.º dêste mês, o nosso prezado amigo e confrade Dr. Wilson Ferreira de Mello, residente em Barretos.

O Dr. Wilson, que manteve conôsco momentos de agradável palestra, realizou nêsse mesmo dia, ás 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», perante numeroso auditório, com desenhos elucidativos, uma importante conferência científica sôbre a mediunidade e as faculdades funcionais do perispírito, agradando sobremaneira a assistência, que teve a excelente oportunidade de alargar ainda mais o campo dos seus conhecimentos sôbre os assuntos abordados pelo conferencista.

Gratos pela visita.

A Centelha

Esta nossa distinta colega, que se publica na Capital, sob a competente direção do confrade João Silveira, um dos mais ardorosos propagandistas da Terceira Revelação, ingressou no seu décimo ano de existência no dia 1 de Janeiro último.

«A Centelha», que é um dos baluartes da imprensa espírita, fez-se admirada de todos os profitentes espíritas pela sua orientação sadia e pelo seu trabalho perseverante na seára cristã.

Ao prezado confrade João Silveira e seus dedicados auxiliares, as nossas felicitações, com votos de crescente progresso espiritual.

Visita de Confraternização

Em retribuição de visita e afim de assistir a posse da nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem», de Araraquara, seguiu para essa vizinha cidade, no dia 25 de Janeiro último, uma caravana composta de 30 pessoas da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão.

A festividade da posse da nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem» realizou-se na séde do Centro Espírita «Fonte, Luz e Caridade», às 15 horas e terminou às 17,30 horas.

Usaram da palavra os seguintes juventinos e confrades: Edo Mariani, Silvia Rodella, Orlando Ayrton de Toledo, Julieta Amaral, Dr. Urbano de Assis Xavier, Antonio Torres, Clotilde da Cunha, Antonio Leite e João Leão Pitta.

Recitaram poesias: Darcy Fattori, «Outra Luz»; Ermelinda Batista, «Nascimento de Jesus»; Arlete Celli, «O pássaro cativo»; o menino Rosendo Batista, «Estou Galante»; Ana Maria Toledo, «Nudez Espiritual»; Neide Chiareti, «Súplica ao Creador da Humanidade»; Neide de Marzo, «A Voz do Espaço»; Olesia de Souza, «Avante, Cristãos Novos»; Gilberto Lopes, «Deixai os Mortos»; Neusa Varella, «Todos somos enfêrmos»; Adolfo Eric Toledo, «Palavras do companheiro», todos de Araraquara. De Matão recitaram poesias as seguintes crianças: Evaní Gonçalves, «O Orfão»; Edna Xavier, «Onde estás?»; Elvira Perche Campêlo, «Esmola do Pobre»; Santo Mariani, «Harmonia»; Iracema Carvalho, «Direitos e Deveres»; Alice Coelho, «O meigo Jesus»; Elvira P. Campêlo e Edna Xavier, um diálogo, e as srtas. Elvira Fonseca, «Trilogia da Salvação»; Edna Gonçalves, «A Esperança», e Prof.a Izabel Perche, «Caminho da Perfeição».

— Foi inaugurado o retrato de Ivan Santos Albuquerque, mentor espiritual da Juventude Espírita «Obreiros do Bem», sendo convidado para descerrar o quadro o Dr. João dos Santos Campos. Sôbre o trabalho e a vida de Ivan Santos Albuquerque falaram diversos confrades.

— As preces de abertura e encerramento dos trabalhos foram proferidas pelos mentores Pedro Jacob Celli e José da Costa Filho, respectivamente.

A seguir, foi oferecida à caravana matonense farta mesa de doces e sanduiches.

— A nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem» ficou assim constituida: pres. Silvia Rodella; secr. Orlando Ayrton Toledo; tes. Iride Fachini Rodella; Orador, Antonio Leite; bibl. Julieta Amaral; Diretor de propaganda, Israel Dino Napoleão Celli; Mentor, Pedro Jacob Celli; Mentor espiritual, Ivan Santos Albuquerque.

* * *

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2421unse

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1948 — N. 2

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre as obras de assistência social — *Redação*
Samuel Hahnemann e sua Doutrina — *Dr. Lauro de S. Thiago*
A Obra de Geley . . . . — *Ismael Gomes Braga*
Mocidades Espíritas do Brasil . . — *Leopoldo Machado*
O Dia do Senhor . . . . — *J. B. Chagas*
Paradoxos Sociais... . . . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Fenômenos de Materialização . . . — *Amadeu Santos*
Livros e Autores . . . . — *Leopoldo Machado*
Os Demônios agem . . . . — *Gabriel Ferreira*
Crônica Estrangeira . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . — *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1948 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Sôbre as obras de assistência social

UM dos motivos que levou o Espiritismo a conquistar as simpatias de todas as creaturas independentes, até dos seus próprios adversários, reside no facto dos espíritas se empenharem a fundo na fundação de obras de assistência social. Se os espíritas tivessem deixado à margem de suas cogitações cristãs, este trabalho recomendado pelos espíritos quando disseram que fóra da caridade não ha salvação, o Espiritismo estaria nas mesmas condições em que se encontra no velho continente e em alguns paízes das duas Américas, marcando passos, os espíritas seriam perseguidos e os Centros fechados, o que já foi tentado muitas vezes.

As obras de assistência social constituem uma muralha de granito, contra a qual vêm se esboroando fragorosamente as investidas dos inimigos da Verdade. Atrás dessa muralha intransponível e inquebrantável, fruto de suas próprias obras, movimentam-se os espíritas sob as ordens dos Sêres Superiores no trabalho da semeadura. E considerando o valor das obras de assistência social, católicos, protestantes, materialistas e profitentes dos demais credos religiosos ou filosóficos, prestam o seu concurso incondicional na tarefa comum de aliviar as agruras dos seus semelhantes sofredores. Até alguns governos do nosso vasto país têm criado verbas especiais em benefício das obras de assistência social fundadas e amparadas por espíritas, e isto porque sabem perfeitamente que todos os sofredores indistintamente, professem a religião que professarem, sejam ricos ou pobres, pretos, brancos ou amarelos, são tratados com o mesmo desvêlo, com aquêle espírito de fraternidade e caridade característico do verdadeiro cristão.

Logo após ao regresso de Jesus ao mundo espiritual, os seus apóstolos fundaram uma obra de assistência social, á qual deram o nome de — «Caminho». Enquanto lançavam nos corações as sementes do vero cristianismo, tratavam dos doentes e amparavam os necessitados. E faziam isto constantemente perseguidos pelos fariseus e pelos chamados sumos sacerdotes, para nos legarem exemplos de abnegação, fé, renúncia, perseverança e humildade, virtudes que devem constituir a luz das nossas almas e sem as quais não passaremos de morrão fumegante.

O Brasil foi considerado muito acertadamente pelo iluminado espírito de Humberto de Campos — «Pátria do Evangelho e coração do mundo», justamente porque os espíritas brasileiros estão praticando o puro cristianismo através da caridade, que não tem côres religiosas, nem políticas, nem preconceitos de casta ou raça, de vez que todos somos filhos de um só pai — que é Deus.

Temos notado que o Espiritismo não progride nos outros países da mesma maneira que no nosso, por faltar aos seus profitentes a compreensão dos seus deveres fraternais, evangélicos, porque, comodistas aceitam apenas o Espiritismo como ciência e filosofia, não apresentando nenhuma obra de fundo nitidamente social que lhes sirva de cartão de ingresso nas altas esferas dos sêres superiores do mundo dos espíritos.

E' verdade que constantemente somos assediados por pedidos e listas para angariar donativos, mas ninguém é obrigado a dar o que está fóra das suas possibilidades, e sendo assim, não se pode impedir que outros contribuam com os seus donativos para as casas de assistência social. Reconhecemos que os governos são obrigados a solucionar a questão social, mas como êles cuidam mais dos seus interêsses pessoais do que dos interêsses dos milhões de pobres que os elegeram, os espíritas precisam estimulá-los e até ensinar com as suas boas obras, estabelecendo assim uma defesa poderosa contra os seus gratuitos adversários e obedecendo o preceito máximo do Evangelho, que é fazermos aos nossos semelhantes o que desejamos que nos façam.

Não basta pregar a doutrina, receber comunicações e presenciar factos supranormais, é preciso sobretudo que as nossas boas obras luzam diante dos homens, para que êles as vendo, nos respeitem e estimem e sigam as nossas pègadas em demanda do reino de Deus.

Continuemos a construir albergues, sanatórios, creches, escolas, etc., pondo em movimento os talentos da parábola, que grande será a nossa recompensa, não apenas na outra vida, mas já, nesta vida terrena, também.

A humanidade está entre a cruz e a caldeirinha: enquanto os açambarcadores lhe sonegam o direito a tudo o que a terra produz, na ânsia incontida de abarrotar os seus cofres já transbordantes, os mercenários da religião tentam mantê-la escrava aos seus interesses exclusivamente materiais, impedindo-lhe a marcha na senda do progresso espiritual. Mas assim como Moisés libertou os israelitas das garras de Faraó, assim também o Espiritismo a libertará de tudo o que significa escravidão. Êsse trabalho está em andamento. Portanto, que todos os espíritas cônscios dos seus deveres, cerrem fileira com os Mensageiros do Alto, para que os dias de amargura sejam abreviados, conforme a promessa de Jesus. — CAIRBAR.

Samuel Hahnemann e sua Doutrina

(Conferência realizada pelo Dr. Lauro de S. Thiago, em 20-8-947,
na Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro).

(Conclusão)

Estava, pois, ainda por Hahnemann, descoberta uma segunda lei terapêutica, que assim se enuncia: «Todo agente físico ou químico provoca no organismo são ou doente, segundo a quantidade grande ou pequena do agente, dois grupos de sintomas opostos: efeitos ativos e efeitos reativos.»

E' esta lei, acrescenta o Dr. Charrette, no seu livro *Qu'est ce que c'est l'Homeopatie* — que foi depois admitida em fisiologia geral sob o nome de ação e de reação, por Claude Bernard, Marey, François, Franck, etc. e que Auchard tantas vezes repetiu nestes têrmos: «E' preciso saber e admitir que todo medicamento possui duas ações, ação primitiva e ação secundária, esta oposta à primeira. Não esqueçamos, para ser justos, ter sido Hahnemann quem primeiro a enunciou.

E' em virtude desta lei que o Mercurius corrosivus, mesmo numa diluição ao milionésimo, pôde curar a minha filhinha. E' que, pela diluição, ficou atenuada a sua ação primeira sôbre o organismo, que, se violenta, seria nociva, em vez de útil, mas a ação secundária ou efeito reativo não deixou, por isso, de ser suficientemente grande para aniquilar a enfermidade.

Hahnemann, assim, antecipou-se de mais de um século aos fenômenos da *anafilaxia,* que se produzem com dóses ultra-infinitesimais, à ação dos coloides, que não está em relação com a quantidade de substâncias coloidal, mas sómente com o estado de extrema divisão da mesma e com a pequenez das partículas; antecipou-se a Richet que fez ver, em 1905, que o formol age sôbre a marcha da fermentação láctea na dose inverossímil de um milésimo de miligrama por mil litros («Por mais surpreendente que isso pareça à primeira vista, diz o célebre fisiologista, em realidade devemos constatar, depois de refletir, que esta ação das fracas doses é geral»); antecipou-se também Hahnemann a Bertrand, que provou que o crescimento do Aspergillus-niger era felizmente influenciado pela presença de 0,061 de manganez em 10.000 litros do meio de cultura. «Ora, observa Dejust, do Instituto Pasteur, de Paris, na sua Análise Crítica da Homeopatia, a sensibilidade celular cresce, de ordinário, com a diferenciação; é, pois, de supôr, a título de simples, mas verossímil hipótese, que certas células de animais superiores, sejam mais sensíveis do que as de cogumelos inferiores.»

A ciência moderna sómente confirma ação das doses infinitesimais e eu não faria senão cansar-vos, se tivesse de citar tôdos os testemunhos que se sucedem, à medida que a ciência avança vertiginosamente no domínio da energia, à medida que divide e desintegra a matéria.

Lei dos semelhantes, experimento no homem são.

Lei da ação e reação, doses infinitesimais.

Eis a obra de Hahnemann na sua parte positiva, não discutível, porque recebe confirmação diariamente nas curas que os homeopatas realizam continuamente e que podem ser comprovadas em todos os seus pontos por quem quer que se decida a estudá-las convenientemente.

* * *

Passemos, agora, à parte teórica, discutível, da obra do imortal fundador da Homeopatia. Digo discutível, porque não pode ser submetida ao contrôle do método experimental, como os factos e as leis apresentados até aqui. Confesso, porém, que, particularmente, aceitei integralmente a doutrina exposta nos seguintes parágrafos do seu «Organum» — seu livro fundamental:

§ 9 — «No estado de saúde do homem, a fôrça vital que anima dinamicamente a parte material do corpo, exerce um poder ilimitado e mantém tôdas as partes do organismo em uma admirável harmonia vital, tanto no que respeita à atividade ou funcionamento, como à sensibilidade, de modo que o espírito dotado de razão que em nós reside, pode empregar livremente êstes instrumentos livres e sãos para conseguir o elevado objetivo da nossa resistência.

§ 10 — O organismo material, sem a fôrça vital, não é capaz nem de sensação, nem de funcionamento, nem da própria preservação; deriva todas as sensações e efetua todas as funções da vida, unicamente por meio do ser imaterial (a fôrça vital) que anima o organismo material, tanto no estado de saúde, como no de enfermidade.

§ 11 — Quando uma pessoa adoece, é sómente esta fôrça vital, espiritual e automática, que existe em todo organismo, a que primeiro se perturba pela influência dinâmica de um agente morbífico, que é hostil à vida; é sómente a fôrça vital, desregrada em tal estado anormal, que proporciona ao organismo suas sensações desagradáveis e inclina-o aos processos irregulares que chamamos enfermidade, pois, como uma fôrça invisível em si, e só perceptível por seus efeitos no organismo, sua desordem mórbida só se demonstra pelas manifestações da enfermidade, nas sensações e funcionamento daquelas partes do organismo expostas aos sentidos do observador e do médico, isto é, pelos *sintomas mórbidos* e não pode manifestar-se de nenhuma outra maneira.

§ 16 — Sendo nossa fôrça vital um poder dinâmico, de certo modo espiritual, não pode ser atacada e afetada por influências danosas ao organismo por outro meio que não seja espiritual ou dinâmico; e de igual modo todas as perturbações mórbidas não podem ser afastadas pelo médico por nenhum outro modo que não pelas fôrças espirituais (dinâmicas, virtuais) dos medicamentos.»

Por êsses parágrafos do «Organum» vê-se que Hahnemann concebe a doença como o resultado de uma perturbação profunda, que atinge, em primeiro lugar, a parte imaterial do ser, a que chamou de *fôrça vital*. E' aí, na força vital, desviada de seu ritmo normal, que se encontra o verdadeiro distúrbio que constitui a enfermidade. Saúde e doenças passam, assim, a ser consideradas como funções naturais da mesma fôrça vital. A saúde é a função normal da fôrça vital. A doença é a função da mesma fôrça, desviada do seu rítmo normal.

Êste desvio operado na fôrça vital, é o resultado de uma ação de ordem dinâmica exercida por causas exteriores denominadas *miasmas*. A palavra miasma tem aquí a significação de elementos imateriais, com potencialidade mórbida, capazes de agirem maléficamente sôbre a fôrça vital pelo seu dinamismo.

E' por êste dinamismo próprio que êles produzem o desiquilíbrio da fôrça vital, o qual se manifesta pelos sintomas mórbidos sensoriais, primeiro, depois funcionais e por fim se objetiva no plano material, dando lugar a alterações nos órgãos materiais. Esta repercussão do desequilíbrio da fôrça vital sob a ação dos agentes dinâmicos, no organismo material, pode levar anos, mêses ou dias para completar-se e pode mesmo, ser instantânea, objetivando-se o distúrbio nos órgãos quase ao mesmo tempo em que a fôrça vital é atingida no seu dinamismo.

Existem, assim, miasmas crônicos e miasmas agudos, êstes exigindo, para desenvolverem sua ação, um terreno já preparado pelos miasmas crônicos. Êstes, por sua vez exigem, para o desenvolvimento de sua ação, a presença de uma suscetibilidade, que é de ordem espiritual e moral.

Transcrevo de Godoy Ferraz o seguinte trecho, referente ao assunto: «Kent escreveu que se o homem não houvesse sofrido a agressão do primeiro pecado, ter-se-ia conservado até aquí em estado de resistência pura. A significação que pretendeu dar à locução *primeiro pecado*, nada tem a vêr com o seu sentido verdadeiramente teológico. Kent, apenas, empregou uma expressão retórica para designar delitos primitivos do homem contra as leis normais da vida, faltas praticadas contra a sã alimentação, a sã sexualidade e a sã moral. Por terem sido delitos *conscientes*, a esfera espiritual teria sido a primeira a perturbar-se; do entendimento o distúrbio desceu à fôrça vital; da fôrça vital, ao organismo».

Gerou-se, assim, a suscetibilidade e sôbre esta suscetibilidade veio instalar-se a psôra, que é a moléstia crônica mais antiga do homem, a qual, por sua vez, exagerando a suscetibilidade, deu lugar a que outros miasmas crônicos, tais a sifilis e a sicose, se desenvolvessem também na espécie humana, dando lugar, por sua vez, a novas suscetibilidades, à tuberculose, à lepra, ao câncer e êstes, creando também suscetibilidades aos diversos miasmas agudos: sarampo, escarlatina, varíola, etc., etc.

A uma primeira análise êstes conceitos de Hahnemann podem parecer inteiramente disparatados, absurdos, sem fundamento algum dentro da ciência atual. E' que nos habituámos, em medicina, a pensar sómente com os dados da ciência materialista, que nada vê onde os sentidos materiais não descobrem alterações materiais e agentes também materiais. Um exame, porém, ligeiramente mais profundo, faz-nos logo ver que, de facto, as perturbações funcionais e mesmo as lesões orgânicas que estamos habituados a encarar como o resultado da ação de causas materiais, podem, de igual modo, ser produzidas pela ação de causas inteiramente imateriais.

Basta, para disso nos convencermos, atentar no que diz Carrel em seu livro «L'homme, cet inconnu».

No capítulo VIII de sua obra mostra a influência das *atividades mentais* sôbre os órgãos: «Todos os estados de consciência, diz êle, têm provavelmente, uma expressão orgânica. As emoções são acompanhadas, como todos sabem, de modificações produzidas na circulação do sangue. Determinam elas, por intermédio dos nervos vaso-motores, a dilatação ou a contração das arteríolas. O pudor enrubece o rosto. A cólera, o mêdo, o empalidecem. Em certos indivíduos uma má notícia póde provocar a contração das artérias coronárias, a anemia do coração e, mesmo, a morte instantânea.

«Compreende-se, assim, por que a inveja, o ódio, o mêdo, quando habituais, podem provocar mudanças orgânicas e mesmo verdadeiras doenças. As preocupações afetam profundamente a saúde. Os negociantes, que não se precavêm contra as preocupações, morrem cêdo. Já os antigos clínicos supunham que desgostos prolongados, inquietações persistentes preparam terreno para o desenvolvimento do cancer. E' sabido que os cabelos de uma belga condenada à morte pelos alemães, embranqueceram subitamente, durante a noite que precedeu a sua execução». E, depois de citar outros exemplos, conclue Carrel que «o pensamento póde gerar lesões orgânicas».

Podereis arguir-me: «Não resta dúvida que há influências imateriais que podem promover as doenças. Mas, no caso das doenças infecciosas e transmissíveis, que têm toda uma etiologia bem determinada e que são devidas a micróbios específicos, como admitir a ação de uma causa imaterial?»

Vamos dar a palavra a Kent, o grande intérprete da Doutrina de Hahnemann e em cuja Filosofia Homoepática encontramos os seguintes conceitos: «A causa da enfermidade é um milhão de vezes menor do que tudo isso e não póde ser vista pelo olho humano; recordemos simplesmente que dentro do próprio virus existe um interior e que êste interior é capaz de, por si mesmo, dar forma ao exterior: ao virus visível, agregado, concentrado».

E' êste interior do virus o miasma que se transmite e que póde, pelo seu dinamismo, afetar a fôrça vital e perturbá-la, criando a doença. Nêste sêr enfêrmo, desde a fôrça vital, os próprios miasmas podem evolver e tendo uma espécie de inteligência formativa, criam novas formas materiais, análogas áquelas donde emanaram. Os miasmas, pois, é que se transmitem. Os micróbios se formam no organismo, pela evolução e pela objetivação desses verdadeiros princípios imateriais.

Digno de meditação é também o seguinte trecho da obra — «Médico, tua missão é curar» — de Godoy Ferraz:

«A anatomia patológica estuda a aparência e não concebe que, antes da forma, possa existir um dinamismo criador da forma. Também a bacteriologia não concebe que, antes do micróbio, possa existir um dinamismo criador do micróbio. Lembramos, nêste ponto, que os trabalhos de Cardozo Fontes, — nosso patrício há pouco falecido, sábio de renome universal — sôbre as formas filtráveis do bacilo de Koch, são uma confirmação de que as verdadeiras causas fundamentais (miasmas) podem ser anteriores ao aparecimento do gérmen visível». De facto, Cardozo Fontes verificou que há formas filtráveis dos bacilos de Koch, separando-os por meio de filtros especiais, do meio onde se encontram esses bacilos. Semeando êstes meios em caldos de cultura adequados, os bacilos não se desenvolvem, atestando que o meio estava mesmo estéril. No entanto, injetando-o em cobaias, se obtem lesões tuberculosas onde se podem evidenciar bacilos de Koch. Quer dizer, há além dos bacilos, outros elementos desconhecidos, capazes de transmitir a enfermidade e a partir dos quais podem evolver os verdadeiros bacilos.

Esta descoberta de Cardozo Fontes mereceu do professor Anes Dias o seguinte comentário: «Não deixarei de acentuar o alto valor, cujo alcance ainda não nos é dado avaliar, da descoberta notável do nosso patrício Fontes sôbre as formas filtráveis do virus tuberculoso; êsse capítulo da microbiologia, que parecia terminado, se reabre para novos estudos. A descoberta de Fontes veio mostrar quanto era incompleta a profilaxia e quanto eram ilusórias as medicações que visavam o bacilo de Koch ou sua carapaça, simples acidentes, *etapas na vida do gérme misterioso*».

Eis, meus prezados confrades, como nos podem conduzir longe estas considerações. O assunto que trato convosco é da minha mais elevada predileção. Eu examinaria convosco, com prazer, todos os parágrafos do Organum, toda a Filosofia Homoepática de Kent, cada uma das páginas do nosso patrício Godoy Ferraz.

Mas o assunto é vastíssimo para caber nos estreitos limites de uma conferência.

Permiti-me, apenas, lembrar-vos, ainda, que a Doutrina de Hahnemann e dos seus seguidores tem profundas afinidades com aquela codificada por Allan Kardec e desenvolvida pelos adeptos do Espiritismo, como podereis verificar no trecho seguinte, ainda de Godoy Ferraz:

«Subordinando a formação e manutenção do organismo humano a um elemento dinâmico que contém em si o esboço físico do homem, a realizar-se no plano material, Hahnemann lançou as bases de uma filosofia nova, a qual, aplicada à medicina, veio simplesmente completá-la».

Não está aí claramente entrevista a idéia do perispírito, tal como a encontramos em Kardec, desenvolvida em Gabriel Delane?

E, para finalizar, ouçamos «Sua Voz» que, através da mediunidade de Pietro Ubaldi, ditou a Grande Síntese:

«À Ciência, que aplica o ouvido para apanhar resolvidos, com a sua mesma palavra, problemas que lhe são tão pouco familiares, digo: chegou a hora de mudar de caminho. E' vão, é loucura acumular milhares de factos, sem jamais tirar uma conclusão. A síntese urge e a ciência cala-se. Olha para as suas colunatas de fectos, colunatas de um imenso templo cheio de silêncio e emudece.

Prendem-lhe à terra as azas do apriorismo sensório que lhe limita as sendas da pesquisa, o apriorismo da dúvida que, se encara a objetividade, cerra ao espírito as vias rápidas da intuição e da fé.

Mento e coração exigem uma resposta e os últimos efeitos que apanhais com os vossos sentidos, não vos podem dar mais do que os últimos reflexos do incêndio que lavra no infinito. Não se dá uma resposta acumulando factos: o princípio vital que anima uma árvore nunca ninguém o encontrará só com o lhe observar e enumerar as fôlhas, porquanto êsse princípio é alguma coisa de íntimo, de profundo, de imensamente superior e essencialmente diverso de toda aparência sensória. Assim, em zoologia, em botânica, procedeis à análise de cadáveres; mas que vos podem dizer as formas da vida, depois de as terdes matado, expelindo delas àquele princípio substancial que as plasma e rege, que tudo resume e determina, o único que pode exprimir a realidade do fenômeno?»

* * *

O mundo da erraticidade tem por toda parte esplendores e harmonias que os Espíritos inferiores, ainda dominados pela matéria, nem mesmo entrevêm, e que sómente são acessíveis aos Espíritos purificados.

O Espiritismo ensina que a nossa situação na vida de além túmulo, é a resultante do nosso estado moral e dos esforços que fizermos para nos elevarmos no caminho do bem. Podemos trabalhar em nosso adiantamento espiritual com atividade ou negligência, segundo o nosso desejo, mas também os nossos progressos são apressados ou retardados, e, por consequencia, a nossa felicidade se aproxima ou se afasta segundo a nossa vontade.

Os Espíritos são os próprios construtores do seu futuro conforme o ensino do Cristo: — «A cada um segundo as suas obras!» Todo Espírito que ficar demorado em seu progresso, sómente de si próprio deverá queixar-se, do mesmo modo que, aquêle que se adiantar, tem todo o merito do seu procedimento: a felicidade que êle conquistou, tem por êsse facto mais valor aos seus olhos. — GABRIEL DELANNE.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— VII —

Prosseguindo em seus raciocínios sôbre as representações, Geley entra a examinar as limitações de tempo e de espaço e diz:

«Para que a visão à distância, fóra do alcance dos sentidos, ou a lucidez no passado, no presente ou no futuro, percam sua aparência de incríveis milagres, é indispensável compreender desde logo que o tempo e o espaço não são mais do que «marcos de nossas representações», tão fectícios e ilusórios como as representações mesmas».

Essas palavras de Geley recordam-nos pensamento semelhante do Espírito Jayme Braga, em sua obra «Ciência Divina». Disse:

«No mundo material, em que tudo se adstringe a ligações indissolúveis, onde não se podem dispensar relações, quer para comparar quer para exprimir um acontecimento no *tempo* e no *espaço*, vive o homem nos varais destas duas grandezas puramente físicas...»

Confessemos que nos é dificílimo entender algo sem essas duas limitações ou varais. Parece-nos, porém, que para os Espíritos muito elevados o tempo e o espaço perdem significação, que eles podem ver em toda a parte, no passado e no futuro; mas imaginamos que só a Deus seja possível abranger simultâneamente o infinito e a eternidade. No entanto, somos compelidos a imaginar sêres para os quais não existam tempo nem espaço, afim de podermos compreender a visão no futuro, por vezes tão minuciosa, e a vista à distância. Percebemos que Geley é lógico, mas nos sentimos embaraços nos dois «varais».

Prossigamos na leitura de Geley:

«A distinção, no indivíduo, das representações temporais de toda ordem e o que há nêle de real e permanente — aquilo a que Schoppenhauer chamava vontade e nós designamos pelo nome de dínamo-psiquismo essencial — fica estabelecida pelos factos. Pelo menos tudo ocorre como se as coisas fossem assim.

«Podemos já dar um passo mais rumo à verdade e, baseando-nos sempre nos factos, estudar e tratar de compreender, na medida do possível, o que são, no indivíduo, representações, e o que é o dínamo-psiquismo essencial».

Passa a expôr a concepção materialista da vida, formulada principalmente por Schopenhauer com os conhecimentos de seu tempo, pelos quais se acreditava que o indivíduo era o organismo, tinha princípio e fim bem limitados pelo nascimento e pela morte, e contesta:

«Esta concepção de Schopenhauer estava de acôrdo com os conhecimentos biológicos de seu tempo; porém, não com os conhecimentos atuais.

«Os factos conhecidos, hoje, desmentem êste simplícissimo modo de ver o indivíduo, e provam que as manifestações da atividade individual traspassam os limites e o marco do organismo.

«Em termos filosóficos, êsses factos provam que há no indivíduo «representações» do dínamo-psiquismo criador diferentes do organismo mesmo; representações superiores ao organismo, que o condicionam, em vez de serem condicionadas por êle.

«Tudo ocorre, como vamos demonstrar, como se o dínamo-psiquismo essencial se objetivasse para criar o indivíduo, não em uma representação única, o organismo, mas em uma série de representações hierárquicas que se condicionam umas ás outras.

«Vimos em fisiologia o organismo estreita e absolutamente condicionado pelo dinamismo vitál: dinamismo organizador, diretor, centralizador, capaz de separar-se do organismo e de atuar sem o concurso dêste, de desagregá-lo e de reconstruí-lo em formas novas e distintas. Podemos e devemos inferir, por conseguinte, que a representação «organismo», é condicionada por uma representação mais elevada: a representação «dinamismo vital».

«Por si só, a fisiologia não permite outros ensinos nem outras induções; porém, o estudo do indivíduo psicológico, pelo contrário, nos permitiu chegar a noções novas e capitais.

«Estas noções, em resumo, são as seguintes:

«A aparência segundo a qual a soma das consciências dos neurones e do psiquismo cerebral constituem toda a individualidade psicológica, é falsa.

«Na realidade, o psiquismo cerebral, do mesmo modo que o organismo, tem sua origem, seus fins, todas as suas condições íntimas de funcionamento, em um dínamo-psiquismo superior, em sua maior parte subconsciente. Há no indivíduo psicológico — já o demonstramos — um psiquismo superior independente do funcionamento dos centros nervosos, que escapa a todas as contingências orgânicas, e êste psiquismo superior constitue o fundo mesmo do sêr, desempenha o papel centralizador e diretor da síntese psíquica; reune todos os estados de consciência no presente pela sua atividade sempre imanente, conquanto, em sua maior parte, em estado latente, enlaça seu presente e seu passado pela sua criptomnesia e possúe, enfim, todas as faculdades chamadas supranormais.

«Se quisermos expressar em termos filosóficos a nova concepção psico-fisiológica imposta pelos factos, diremos: A representação «organismo», longe de constituir todo o organismo, não é senão a objetivação inferior, a mais grosseira do dínamo-psiquismo essencial do indivíduo. Acima da representação «organismo» e condicionando-a, acha se uma representação superior, «o dinamismo vital». E acima das representações «organismo» e «dinamismo vital», e condicionando-as, acha-se uma terceira representação mais elevada e de ordem mental».

Mocidades Espíritas do Brasil

ENGANOS NOSSOS A RETIFICAR ?

Em nosso escrito, *Onde Ides, mocidade louca do Brasil?* inserto em *Revista Internacional*, no *Médium* e em *Nova-Éra*, e posto em boletim por gentileza de irmãos queridos de Franca, nós poderiamos nos enganar em tudo, — que não somos infalível, que errar é próprio dos homens! — menos numa coisa: na data certissima da fundação da *Mocidade Espírita* de cá, que foi fundada em 23 de Junho de 1935, conforme está, até, no prospecto de propaganda das atividades do F. E. C., distribuido, ha mais de ano, por toda parte.

Reformador, em nota sibilína, dentro de uma velha tática muito sua e muito de nosso conhecimento, desmente êste asserto nosso, aduzindo notas que não podem, por sua vez, passar sem reparo.

Analisemo nos:

Dissemos em nosso escrito que o movimento jovem por cá atravessou, até hoje, três fases distintas, «só não deixando de existir devido a ponderação dos mais velhos». A primeira fase, fria e imprecisa, que nem mereceu as galas da publicidade. Nasceu com o nome que tem hoje. Não se projetou, como o de Santana que, se existe, se não sofreu interrupção, como afirma *Reformador*, trata-se de uma existência tão apagada que nem jovens e «maduros» de S. Paulo, de onde vieramos ha mêses, o conhecem, pois ninguém, de quantos perguntámos sôbre êle, nos soube informar, na Capital paulistana.

Foi a conselho de irmãos daquêle bairro de S. Paulo, sugerindo nos o nome de *União da Juventude*, numa carta expressiva, que o movimento de cá entrou na sua segunda fase, merecendo, desta vez, a nota que *Reformador* publicou, enviada pelo então secretário de cá. De sua terceira fase para cá, conserva o nome que hoje tem; que, por consultar melhor o espírito da Doutrina e as necessidades do momento, conservará até o fim.

Ora, se supercialmente, *Reformador* teve razão, não tivemos, quanto ao fundo, menor razão.

Reformador publíca, no seu número de 16/XI/1936, efetivamente, a origem do movimento de cá, dêste jeito: No Centro «*Fé, Esperança e Caridade*», de Nova-Iguassú, E. do Rio, presidido pelo distinto confrade Leopoldo Machado, acaba de germinar a bôa semente que o centro Maria de Nazaré, da capital de S. Paulo, ha anos lançou, fundando no Distrito de Santana dessa Capital a «União da Juventude Espírita», etc. etc...»

E a fundação de nossa parte, ficou nisto, apenas, de vez que não haviamos compreendido, ainda, a alta finalidade do movimento. Só por isso, a despeito da *distinção* que, então mereciamos para a revista, que gostariamos de saber por que a perdemos, nossa autoridade seria como a de *Reformador*, nenhuma! para aquí estarmos a dizer estas coisas, para tomarmos as atitudes que vimos tomando, para sermos levado a sério por tanta gente esclarecida, de nossa idade, por tantos moços de melhor discernimento e raciocínio... Nem, tampouco, instituição nenhuma poderá provar, sensata e criteriosamente, que se interessou por um movimento, só porque seu órgão oficial noticiou o seu aparecimento com uma bôa notícia e alguns elogios; só porque três entidades outras, platonicamente suas filiadas, o animaram em primeiro lugar. As provas de seu interêsse, convenhamos que são precarissimas! Onde em seus relatórios, em suas copiosas edições, nas páginas de seu órgão oficial, em suas atividades todas reveladas, até ontem, essas provas? Onde?

Quatro anos de intensivo interêsse a pról da aproximação de moços à Doutrina, nos autoriza a pergunta.

Interêsse de ontem, e por capricho, repetimos.

Pois, que seja abençoado o interêsse e o capricho, transformando, um e outro, numa posição que é a que bem lhes fica: ou dizer, claramente, sem subterfúgios, os motivos fortes e sérios por que não quis promover ou aderir ao Congresso, ou passar uma esponja no passado, esquecendo nós ambos as coisas cheias de segundas-intenções, sem cristianismo nenhum e agressivas que, por meio de papel-carbono de suas vontadés e pensamentos tem aparecido em *Reformador*, e vir ocupar o lugar que se lhes afigura seu, ou de sua alçada moral. Nossa «vaidade» cederia, verdadeiramente recompensada, êsse feliz passo à retaguarda. Dado que se trate de uma Leopoldofobia, como tudo nos leva a acreditar, renunciaremos, para que a Federação Espírita Brasileira, nisso como de resto, em tudo mais, ocupe o lugar que lhe cabe, evitando, assim, maior separativismo, êrros mais graves na hora que passa e, até, para o futuro. E invocamos o respeitabilissimo nome de Deus como testemunho da sinceridade do que aqui pomos. A oportunidade aí está, para cessar de uma vez, com incompreensões, caprichos tolos, malquerênças. Oportunidade para isso, e para o certamen, que está vindo dentro de sua hora, visto como não sabemos com que autoridade e razão se diz que «o momento não é oportuno para o *Congresso de Mocidades Espíritas*. Na prece inicial da primeira sessão preparatória, deprecamos ao Alto que, se o certamen fosse obra nossa, pessoal, de nossa vaidade ou pretensão, que o vetasse logo. Ao contrário disso, vemos as reuniões preparatórias, quinzenais, aumentarem de interêsse e vibração, a ponto de parecerem que já estamos em pleno Congresso.

Nossas responsabilidades são grandes.

Diabinhos côxos andam explorando nossas inferioridades e imperfeições para que os espíritas nunca se entendam.

O Alto e a História do Espiritismo em nossa terra exigem de nós melhores exemplos de trabalhos, de solidariedade e de tolerância.

E sempre é tempo para se reparar um mal feito, atos irrefletidos e prejudiciais, meus amigos.

Aquí deixamos estas coisas sem máguas e sem meios-termos, visto como aquilo que, errado ou certo, nós somos, revelamos em nossos escritos assinados com o nosso nome.

Ninguém veja, por último, nestas linhas, nenhuma oposição à mais respeitável instituição espírita do Brasil, por muitos títulos, digníssima do respeito e do acatamento incondicional de todos nós. Foi sob sua influência que, ha 34 anos, ingressamos no Espiritismo. E, de modo algum, deixaremos de muito estimarmo-la, de amá-la muito, achando-a venerável e digna, a partir da copiosidade de suas edições, como a maior editora espírita do mundo. Distinguimos, naturalmente, a instituição de seus dirigentes. Estes passam, ela é que não deve passar. Podemos discordar deles que, homens como nós, talvez melhores, muito piores, talvez, do que nós, são, por isso mesmo, passíveis de êrros, enganos, imperfeições. De suas imperfeições e enganos e êrros, talvez dos maiores, são, não ha dúvida, os que estão revelando a respeito do *Congresso de Mocidades Espíritas*, que sairá brilhante de qualquer jeito. Mas, sairia brilhantíssimo com a sua cooperação.

Que lições de solidariedade e tolerância, os moços que se reunem sob seu tecto estão recebendo de seus diretores.

Pedir-se-nos-á conta na Espiritualidade de todos os nossos atos.

E, talvez sem o sentirmos, a História do Espiritismo no Brasil pedir-nos-á contas de tudo o que fizemos e o que não quisemos fazer.

Meditemos bem em tudo isso, prezados irmãos espirituais, e recuemos em tempo.

Daremos o exemplo, se se trata, efetivamente, de pavorosa Leopoldofobia, para ceder o lugar a vós outros.

Mas, se estamos enganados, procuremos uma fórmula evangélico-cristã e afastemos com ela, enquanto estamos no caminho, ressentimentos, imcompreensões, impasses, a bem da Doutrina, que é maior do que nós, que merece de nós sacrifícios e renúncias.

Porque darmos ganho de causa a diabinhos côxos que rondam, como lobos esfaimados, as ovelhas invigilantes que somos nós?

Meditemos nestas coisas todas e resolvamos em consciência e por maior amor à Doutrina.

Paz e alegria.

Leopoldo Machado.

O Dia do Senhor

J. B. CHAGAS

EMANUEL já tivera ocasião de prenunciar, como uma aleluia de luz e glória, a aurora dos novos tempos, dizendo: —«E' chegado o tempo do reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos ultimos «ais» do Apocalípse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a humanidade. O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo nêste século de declives da sua história; só êle póde, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da fôrça e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a água cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova-éra. São chegados os tempos em que as fôrças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus ultimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sôbre o seu império perecível. Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconcientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da fôrça é uma claridade de fogos de artifício. Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça. O século que passa efetuará a divisão das ovelhas no imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dôr se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos de Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas. Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus êrros sociais e políticos, a superioridade européia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir. Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão de desfecho desses acontecimentos espantosos». (A CAMINHO DA LUZ) — pags. 170/1).

* * *

E conforme os prognósticos das escrituras, no grande *dia do Senhor*, o Filho do Homem, virá na sua glória, e se assentará no seu trôno e todos os seus santos com êle (Mat. XXV-31).

«Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram. E baterão nos peitos ao vê-lo todas as tribus da terra». (Ap. 1/7).

«Êsse mesmo Jesus, que dentro de vós foi recebido em cima no céu (e que fôra contido nos céus até os tempos da restauração de tudo — (Atos III/21), ha de vir, assim como para o céu o viste ir» (Atos I/9 e 11).

«E serão congregadas diante dêle todas as gentes, e então separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. E assim porá as ovelhas à direita, e os cabritos à esquerda. Então dirá o rei aos que hão de estar à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo».

«Porque tive fome, e déstes-me de comer; tive sêde, e déstes-me de beber; era hóspede, e recolhestes-me; estava nú, e cobristes-me; estava enfêrmo, e visitastes-me; estava no cárcere, e viestes-me vêr. Então lhe responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto e te demos de comer; ou sequioso, e te demos de beber? E quando te vimos hóspede, e te recolhemos; ou nú, e te vestimos? Ou quando te vimos enfêrmo, ou no cárcere, e te fomos vêr? E respondendo o rei, lhes dirá: Na verdade vos digo, que quantas vezes vós fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes. Então dirá também aos que hão de estar à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está aparelhado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome, e não me déstes de comer; tive sêde, e não me déstes de beber, era hóspede, e não me recolhestes; estava nú, e não me cobristes; estava enfêrmo, e no cárcere, e não me visitastes. Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, ou sequioso, ou hóspede, ou nú, ou enfêrmo, ou no cárcere, e deixamos de te assistir? Então lhe responderá êle, dizendo; Na verdade vos digo que quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna». (Mat. XXV—32 a 46.)

«Porque o mesmo Senhor, com mandato, e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus, descerá do céu: e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro (esta será a reunião dos espíritos puros depurados pela dôr e pelo sofrimentos). Depois, nós os que vivemos, os que ficámos aquí seremos arrebatados juntamente com êles nas nuvens, a receber a Cristo nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras». (1—Thes IV/15 a 17).

Confirma-se, assim, a promessa feita por Jesus, ao partir: — «Não se turbe o vosso coração. Crêdes em Deus, crêde também em mim. Na casa de meu Pai ha muitas moradas; se assim não fôra. eu vo-lo teria dito, pois vou aparelhar-vos o lugar. E, depois que eu fôr e vos aparelhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-ei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também.» (Jo. XIV—1 a 3).

«Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual passarão os céus com grande ímpeto, e os elementos com o calor se dissolverão e a terra e todas as obras que ha nela se abrazarão. Como pois todas estas coisas hajam de ser desfeitas, quais vos convém ser em santidade de vida, e em piedade de ações. Esperando e apropinquando-vos com a vinda do dia do Senhor, no qual os céus, ardendo, se desfarão, e os elementos com o ardor do fogo se fundirão. Porém esperemos, segundo as suas promessas, uns novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça». (II - Ped. III - 10 a 13).

Assim, a vinda do Senhor dará lugar à construção de um mundo novo, onde «habitará a justiça e o amor».

Exortação à santidade

Pelo que, cingindo os lombos do vosso entendimento, sêde sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Cristo. Como filhos obedientes, não vos conformando com as cobiças que antes tinheis no tempo da vossa ignorância, mas assim como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos vós também santos em todo o vosso procedimento, porquanto está escrito: Sereis santos, porque eu sou santo. E se invocais como Pai aquele que, sem se deixar levar de respeitos humanos, julga segundo a obra de cada um, vivei em temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que fostes resgatados das vossas práticas vãs que por tradição recebestes de vossos pais, não por cousas corruptíveis, como o ouro ou a prata, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um Cordeiro sem defeito e imaculado, conhecido, na verdade, antes da fundação do mundo, mas manifestado no fim dos tempos por amor de vós, que por êle tendes fé em Deus que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de modo que a vossa fé e esperança fossem de Deus. Uma vez que tendes purificado as vossas almas na vossa obediência á verdade que leva ao amor não fingindo aos irmãos, com sincero coração, amai-vos intensamente uns aos outros. Posto que haveis renascido, não da semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus vivo, e que permanece eternamente. Porque toda carne é como a herva, e toda a sua glória como a flôr da herva: secou-se a herva, e caiu a sua flôr. Mas a palavra do Senhor permanece eternamente: e esta palavra é a que vos foi anunciada pelo evangelho.» (I — Pedro — Cap. I, 13 a 25).

Ação de graças pela esperança da salvação

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que segundo a sua grande misericórdia nos regenerou para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós que sois guardados pelo poder de Deus mediante a fé para a salvação prestes a se revelar no último tempo, sendo necessário, haveis sido entristecidos por várias provações, para que a prova da vossa fé, mais preciosa que o ouro que perece, mesmo quando provado pelo fogo, seja achada para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo: a quem, sem o terdes visto, amais; no qual, sem agora o verdes, mas crendo, exultais com goso indizivel e cheio de glória alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas. Da qual salvação inquiriram e indagaram muito os profetas que profetizaram da graça que devia vir a vós, indagando quando e que tempo era êsse que o Espírito de Cristo que estava neles indicava, ao testificar anteriormente os sofrimentos que os seguiriam; aos quais foi revelado que não para si mesmos, mas para vós, eles administravam estas cousas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o Evangelho; para as quais cousas os anjos desejam atentar». (I — PEDRO — Cap. I, 3 a 12).

A salvação como nós compreendemos, é o premio a uma vida melhor num mundo melhor, para podermos, assim, continuar a nossa caminhada, através das vidas sucessivas, em busca da perfeita integração com Deus.

* * *

E para a glória dos tempos novos, do novo céu e da nova terra, em que somente habitará a justiça e o amor. «Deus limpará de seus olhos toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais dôr, porque as primeiras coisas são passadas. Então o que estava assentado no trono disse: Eis aí faço eu novas todas as cousas. E êle disse-me: Escreve, porque estas palavras são muito fieis e verdadeiras. Também me disse: Tudo está cumprido; eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim.

Eu darei gratuitamente de beber, da fonte da agua viva, ao que tiver sêde. Aquêle que vencer possuirá estas coisas, e eu serei seu Deus, e êle será meu filho». (Ap. XXI—4 a 7)

«E edificarão casas e habitarão nelas, e plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não lhes sucederá edificarem eles casas e ser outro quem as habite, nem plantarem eles vinhas e vir outro que as desfrute; porque os dias do meu povo serão segundo os dias da árvore; e as obras das suas mãos envelhecerão. Os meus escolhidos não trabalharão debalde, nem êles gerarão filhos para a perturbação; porque é esta uma geração de benditos do Senhor, e seus netos com êles. E acontecerá que antes que êles bradem, eu os escutarei; estando êles ainda falando, eu os ouvirei. O lôbo e o cordeiro se apascentarão juntos, o leão e o boi comerão a palha, e o pó será para a serpente o seu pão; êles não farão mal, nem matarão em todo o meu santo monte, diz o Senhor, porque o céu é o meu trono e a terra é o escabelo de meus pés» (*Isaias* 65 : 21 a 25).

«O Senhor não retarda a sua promessa, mas espera com paciência, por amor de vós, não querendo que algum pereça, senão que todos se convertam á penitência». (II—Ped. III/9)

«Do incremento dêste principado e da paz não haverá fim, sôbre o trono de David e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre» (ISAIAS—IX 7).

E por fim, depois das citações acima feitas, todas provando a verdade do acêrto da chegada dos novos tempos, *Emanuel,* em consoladora esperança, diz-nos: — «Todavia, nós, os operários humildes do Cristo, ouvimos a sua voz e a guardamos no âmago da nossa alma, e esperamos as bem-aventuranças prometidas. Sim, porque, depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perveteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. Trabalhemos por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso sublime dever é responder aos apêlos do Escolhido. Revendo os quadros da história do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização do Ocidente. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção! (*Emanuel — A CAMINHO DA LUZ* — pag.s 171/2).

* * *

E como os nossos maiores estão a nos traçar novos rumos aos nossos labores, em face dos novos tempos que se aproximam, estamos também escrevendo os últimos trabalhos, afim de que possamos nos empregar mais apuradamente a êles. Tal atitude poderá de algum modo causar espanto à aqueles que nos têm honrado com as suas amaveis apreciações, mas, no entanto, devem aceitá-la, como um imperativo dos novos tempos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80.00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.° ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00

Paradoxos Sociais...

ESTAMOS em fase crítica da história da humanidade! Já se traçaram os delineamentos do organismo social, mas não aparecem executores da grande obra! Combate-se o materialismo aviltante, mas dá-se-lhe todo o vigor para as suas realizações aviltadoras!

As Constituições estabelecem belas teorias legais sôbre a família, que, entretanto, permanecem como letra morta nos textos, vigorando o princípio partidarista do filhotismo na distribuição dos cargos públicos; o princípio comercialista nas relações econômicas; o princípio da ganância em todas as criações no domínio da técnica, da arquitetura, do urbanismo, do aproveitamento das mais belas e grandiosas realizações da Ciência.

As edificações não correspondem ao mais insignificante objetivo de comodidade da família; as irradiações não colimam o mais elementar princípio educativo; as exibições cinematográficas procuram apenas o máximo de sensacionalismo; os transportes nada têm que ver com a moralidade pública, com a decência individual... Guardam-se unicamente as aparências: aparência de fausto intelectual, onde por vezes domina o mais sórdido mercantilismo livresco; aparência de virtude cívica onde na mór parte dos casos existe apenas ambição, orgulho pessoal; aparência de recato onde a mais sórdida falta de compostura converte homens e mulheres de bela aparência social em contumazes servos do sensualismo nas intimidades indecorosas...

Não há, nesta vasta metrópole, casas de família, salvo poucas excepções, constituidas por edifícios antigos que se acham expostos ao ridículo de tudo que saíu da moda. Entretanto, se há uma necessidade urgente é a de construção de *lares*, nos quais possam ter realização os magnificos sonhos do nosso Espiritualismo combatente e militante! O Marxismo dispõe-se a dissolver a família; o Cristianismo, a assegurar-lhe possibilidades cada vez mais firmes e positivas.

Nada se constrói na Terra sem um pouco de terra: «Quem casa quer casa». Mas uma CASA DE FAMÍLIA não póde ser uma simples célula de colmêia! A república das abelhas é muito bela para as abelhas; não póde, porém, servir de modêlo para a república dos homens. Esta, ou se alicerça na Educação religiosa, que sómente a ação diuturna da Família administra, ou deixa de ter êsse alicerce e se converte numa organização social de cunho militarista, em que só a mais férrea disciplina, baseada sôbre a fôrça bruta, consegue manter a estrutura do Estado.

Ora, dizem as tubas do progresso, que já trancendemos essa etapa da organização social, desde que criámos o Direito! Logo, cumpre-nos realizar êsse mundo em que prevaleça o Direito sôbre a Fôrça. Mas o mundo do Direito é o mundo da Religião, aquêle em que predomina sôbre todas as fôrças do homem a Suprema Fôrça de Deus. Como organizar êsse mundo a não ser mediante a contribuição profíqua da Família? Edifiquemos, portanto, casas para família, com acomodações familiares, dispondo de áreas circundantes para pequenos jardins, pomares, etc. Nêsse ninho tépido podem morar crianças que se destinam a receber uma moral digna de uma grande República. Concomitantemente proporcionemos ás famílias elementos que as possibilitem a cumprir seu desiderato: nos bairros residenciais, *onde se localizem as escolas de quaisquer categorias que sejam*, a facilidade de transporte e de aquisição de gêneros de primeira necessidade deve constituir escopo primordial das administrações públicas, sendo aí os condutores e os comerciantes possuidores de idoneidade moral suficiente para não exporem os educadores — que são os pais — e os educandos—que são os filhos—a situações vexatórias que ponham em risco a compostura de que necessitam os primeiros dar constantes provas, porque só o exemplo educa.

E essas irradiações a toda hora, perturbando a tranquilidade?! Como é possível que se admita uma tal liberdade nessas tremendas irradiações de programas monstruosos?! E as aberrações educativas do cinema?! Retroagiremos aos hábitos nefastos do Império Romano? Alimentaremos a tranquilidade pública apenas com o *panem et circensis* dos negregandos tempos do paganismo romano?!

Eis alguns itens do programa que deve competir ao Poder Público realizar em pról da restauração da honrada e digna família brasileira.

Tudo isso, contudo, é apenas adminículo com relação ao solucionamento integral do insigne problema da Família, para estabilidade da República e engrandecimento da Pátria. A *magna pars* há de caber à Igreja, mas à Igreja livre no Estado livre; à Igreja no sentido profundo de Religião, recebendo de Deus o alento sagrado para ter o poder de estimular nos corações o sacrifício da *besta* humana, adstrita apenas a pendores de gôzo passageiro e egoísmos sórdidos, em benefício do homem social, digno e responsável, impregnado do espírito do Decálogo — LEX LEGUM — inspirada pelo Espírito de Deus a Moisés, para edificação da Família. Urge que a Igreja seja unificada, abolindo-se todos os sectarismos, tendo por sublimado escopo a constituição da Família. Então, com Jesus, terá o mundo a Paz que almeja e que sómente poderá desfrutar quando a proteção da Família não fôr apenas uma burla, figurando nos textos legais como letra morta, mas em verdade constituir o supremo objetivo da República.

Arnaldo S. Thiago.

RIO, Janeiro de 1948.

Fenômenos de Materialização

XIV

A sessão do dia 18, terça-feira, presidiu-a o 1.o secretário do Grupo, o confrade Newton de Barros. Não me foi possível estar presente, pois que nêsse dia a Loja Maçonica «Amizade Fraternal», de que sou secretário, realizava uma Sessão Magna de Iniciação, a que não podia faltar. Porisso não assisti aos fenômenos de materialização que nêsse dia se deram no «André Luiz». O médium Lins tinha a sua viágem, a Macaé, marcada para o dia seguinte e por essa razão, julguei que êle não comparecesse à reunião. Tal não se deu, entretanto. Da assistência fazia parte a nossa irmã Maria Amelia Ribeiro de Castro, de Campos, além dos assíduos frequentadores. Soubemos terem se materializado várias entidades espirituais, sendo homenageado o espírito de Nina Arneira, cujo aniversário se registrava nêsse dia. Além dêsse dedicado espírito materializaram-se Scheila, Fidelinho, José e outro espírito que ainda se não tinha materializado no nosso Grupo e que os guias disseram ter sido o pai de Fidelinho na última existência. Também se observaram fenômenos de voz direta, através dos quais várias entidades comularam os assistentes com ensinamentos superiores. A reunião de sábado, dia 22, logicavamos, não teria os atrativos dos fenômenos da sessão anterior, mas sabiamos que ela não seria de todo insípida, dado que a data assinalava o 19.º aniversário da desincarnação do espírito que na terra atendia pelo nome de David Pais dos Santos, e que tem sido muito dedicado aos nossos trabalhos, quer se materializando várias vezes, quer dando comunicações cheias de ensinamentos, quer se dedicando ao serviço de alívio das dôres e da cura dos males dos doentes, em coadjuvação com outros amigos da espiritualidade. E não nos enganavamos por esperarmos, nesta sessão, por algo que nos proporcionasse conforto e emoções agradáveis! A partir da prece, que eu fiz com unção espiritual e com que procurei envolver a entidade amiga, estabeleceu-se um ambiente de alegria, de paz e espiritualidade. Procedo à leitura do capítulo de «Nosso Lar» denominado «Culto Familiar» depois do que recomendo que se faça homogeneidade de pensamentos e verdadeira fusão de sentimentos, afim de que se firmasse o clima propício à manifestação de uma entidade espiritual para nos dar a necessária orientação a respeito do andamento dos trabalhos. Mal nos concentravamos, logo se manifesta o caro espírito de David, que nos entretem, por alguns momentos, elucidando-nos e nos encantando com o ofertar-nos uma peroração profunda, improvisando lindos versos de fundo espiritualista, agradecendo as homenagens que lhe renderamos através da prece, e instruindo-nos sôbre a melhor maneira de aproveitarmos o nosso tempo, na presente sessão, recomendando que se recolhessem às respectivas cabines os médiuns em desenvolvimento, Gonçalves e Risoleta, indicando os companheiros Rodrigo e Inácio para irem fazer o ambiente na casa de um dos nossos doentes. Passamos então à segunda parte da sessão, começando por encarregar os confrades Vitorino Eloi dos Santos, Henrique Magalhães e D. Margarida Melich de fazerem o comentário da lição lida no início dos trabalhos. O José Grosso vem falar-nos, através da mediunidade de incorporação de um dos nossos companheiros. O espírito comunicante improvisa versos bonitos em homenagem a David e faz quadrinhas a todos os assistentes, inclusive aos confrades que haviam ido trabalhar fóra do recinto. O querido espírito de Abel Gomes dá-nos uma brilhante comunicação, toda em poesia, homenageando também a David e a «Mãe Iza», que nêsse dia também via transcorrer mais um aniversário da sua desincarnação, pedindo à Lais que cantasse a «Canção Materna» e às jovens Dulce Santos e Dulce Fátima, estas, netas de David, que declamassem poesias, em homenagem às entidades aniversariantes, o que elas prazeirosamente fizeram com graças e arte. José Grosso ainda se comunica, dizendo que ia ver se trazia o espírito do nosso irmão e companheiro Virgilio (incarnado), aquela hora reunido em Astolfo Dutra, na Cabana Espírita «Abel Gomes» para o mesmo fim, promessa que se cumpriu, tendo o espírito do referido confrade se incorporado em um médium dizendo: «Graças a Deus! Graças a Deus meus irmãos!» cuja voz todos os presentes identificaram, iniludivelmente, pois que nas reuniões de efeitos físicos a voz dos espíritos é pessoal, variando pelo mesmo médium de acôrdo com a voz de cada um. Todavia o referido irmão, a quem perguntei se tinha lembrança do ocorrido, respondeu-me negativamente. O espírito de Ilka, filha do Vitorino Eloi dos Santos e sua esposa, presentes aos trabalhos, comunica-se em seguida, tendo a logo identificado os seus progenitores, trocando palavras de carinho e amor, provocando profundas emoções. O Vitorino fez então uma prece comovedora, de agradecimento, ao Altíssimo. Por fim, comunica-se o espírito de Garcês, dando nos belíssimos ensinamentos, orientando-nos sôbre os benefícios que foram, nesta sessão, distribuidos aos sofredores, homenageando também a David e informando-nos que chegavamos a têrmo dos nossos labores espirituais desta noite. Feita a prece final, declaro terminada a reunião, a qual proporcionara, a todos os presentes, gratas emoções e justos motivos de ufania.

Rio de Janeiro, 23 3 - 47.

AMADEU SANTOS.

Ninguém póde levar a bom termo uma tarefa sem o auxílio de outrem. Jesus teve auxiliares dedicados nas pessoas de seus discípulos. O Espiritismo tem igualmente auxiliares nas pessoas de seus seguidores. Isto quer dizer que o vosso trabalho na doutrina deve seguir a mesma diretriz dos Apóstolos, para que o Evangelho frutifique em todas as almas. Como vêdes, o vosso trabalho é muito mais elevado e sagrado do que supondes, e por isso vos exige muito raciocínio e esfôrço, para, como os Apóstolos, fazerdes obra realmente meritória.

CAIRBAR.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

Glorificação de Pioneiros Dignos

Não ha canonização no Espiritismo.

Mas, os espiritas têm o direito, e o dever, de glorificar os grandes vultos, que lhes prepararam o campo na Doutrina. Aliás, por dever de gratidão.

Glorificar os pioneiros da Causa, lembrando-lhes os nomes e as obras aos nossos contemporâneos, mormente aos jovens e às crianças, é serviço dos mais puros prestado à Doutrina. Serviço que caracteriza os veros servidores da Doutrina.

Ainda não se fez a história metodizada do desenvolvimento do Espiritismo na América.

Parece-nos que o movimento já comportaria seu historiador.

A CEPA em face do entusiasmo com que se vem batendo pela confraternização dos espíritas em nosso continente, talvez pudesse patrocinar o empreendimento. Sinão realizá-lo, quem sabe?

Um empreendimento grande, não ha dúvida, para o momento.

Menor, se cada país se dispusesse a elaborar, a seu turno, a história do desenvolvimento da Doutrina entre sua gente.

Principalmente, os países americanos em que o Espiritismo tem se desenvolvido mais: Brasil, Argentina, Estados Unidos, Cuba, Porto Rico...

Essa história podia bem começar com a história biográfica de seus vultos principais.

Sabemos que já se cogita de elaborar a biografia de Cairbar Schutel, nos moldes das biografias modernas, para glorificação do biografado e para estímulo e incentivo dos leitores. Mormente, das crianças e dos jovens.

Seriam obras, essas, que valeriam por modestos salários dignos a operários capazes, pelo muito que fizeram a proveito da Doutrina, e numa época de maiores dificuldades e menores tolerâncias. E, ao mesmo tempo, «livros de leituras» para as escolas espíritas.

Homenagear, recordar e dignificar os vultos marcantes do Espiritismo, que prepararam caminhos e campos para as gerações modernas e futuras, é manifestação de reconhecimento e de justiça que, se elevam os dignificados, atestam o espírito de superioridade cristã dos dignificadores.

E' bem uma coisa assim que está acontecendo com os irmãos portenhos.

Boletim da CEPA

Trata-se de um opúsculo que, a um só tempo, se preocupa com a *Confraternização Espírita Panamericana* e com a Glorificação de um grande vulto do Espiritismo na Argentina: Cosme Mariño. Aliás, seu maior pioneiro da Doutrina na República irmã e amiga.

Juntamente, com o Boletim, vieram-nos outras publicações, todas elas, dignas de todo aprêço e de leitura indispensável. E' que os irmãos portenhos abriram claros em suas atividades costumeiras para homenagear o maior espírita da terra. E dos maiores do nosso Continente. E dos mais eminentes do mundo.

E', pois, para glorificar Cosme Mariño, que CONSTANCIA, a revista que êle fundou e dirigiu enquanto viveu, põe a público uma série de publicações, qual a qual, mais interessante, mais significativa, mais atraente.

Constancia Poliantéa, assim chamamos o número especial da revista todo êle consagrado ao grande homenageado. São 46 nomes respeitáveis, de escritores americanos, muitos do Brasil, que prestam sua homenagem ao grande homenageado, todos unânimes em reconhecer-lhe méritos, virtudes cristãs, capacidades de trabalho. São peças que se lêem com agrado, a sentir quem as lê, o desejo de imitar Cosme Mariño, a seu tanto, para que sua ação possa ter a mesma retumbância.

Pruebas Concluyentes de la Existencia del alma.

E' obra da autoria de Cosme Mariño, reeditada pelos seus homenageadores.

Um grande livro, valha a verdade, com que o autor analisa, refuta e comenta a filosofia positiva de Augusto Comte. A obra do grande pensador francês, a quem, diga-se de passagem, admiramos extraordinariamente, sái da obra de Mariño de tal maneira contundida, que não cremos ninguém se anime a contradizer o que se contém nas suas páginas fulgurantes. Cosme Mariño no seu grande livro, revela uma dialética profunda, um espírito analista ímpar, que é um grande escritor e um grande pensador. E prova, ainda, mais do que isto tudo, seu grande amor à Doutrina Espírita, que defende como um leão cheio do fogo sagrado do entusiasmo e da convicção. A filosofia de Comte, bela e impressionante, que não cogita nem das causas nem das consequências, porque muito interessada com a hora presente; filosofia que, para nós, é a atualização do epicurismo clássico, não resiste à lógica da filosofia espiritualista. Mormente, estudada à fôrça de argumentos de um Cosme Mariño.

Pruebas Concluyentes de la Existencia del alma é livro que deveria ter a mais larga difusão. Mormente entre os poucos adeptos, presumidos, de sólida cultura científico-filosófica, da Filosofia de Augusto Comte.

—

LA ORACION — *Ing. José S. Fernandes.*

E' um interessante opúsculo, que nos veio com o pacote que recebemos de Buenos Aires, água viva, naturalmente, da mesma fonte dos outros volumes.

O autor começa citando Alexis Carrel, na sua página admirável sôbre o poder da prece, de cujo poder resultam benefícios práticos, incontestáveis. Página e observações que já são do domínio da ciência, podemos afirmá lo. Lemos o opúsculo com subido interêsse, sentindo e pensando com o seu autor, que escreve bem e argumenta melhor.

Os Demônios agem

Em obediência a imperativos divinos, decretados por forças inteligentes que irradiam das esféras superiores, o século vinte, em sua trajetória silenciosa, tem obsequiado a humanidade encarcerada, com fenômenos estranhos e manifestações sobrenaturais, confundindo as sensibilidades múltiplas que se quedam pasmadas ante os acontecimentos, sem disposição para os sentir e analisar, porquanto, peripécias inúmeras surgem quais obstáculos intransponíveis, à qualquer tentativa interessada sôbre os fenômenos.

Com assombro geral para a bizarria encarnada, os factos se reproduzem a meúde, como que a desafiar a argúcia dos sábios, a perspicácia do céptico, a ciência imperfeita dos doutos, assim como a religião dogmatica e ritualística dos sacerdotes de todos os credos.

Não há em tais factos, nem incógnitas nem enigmas, conforme interpretação vulgar em perfeita consonância com a crendice popular. Apenas fenômenos sobrenaturais, facilmente identificáveis pelas creaturas dotadas de visão superior, e ao alcance de todos que se iniciam pelas sendas de uma pesquisa séria, desapaixonada, aquecidas pelo calor da fé.

Importa, e é bom saber, que, iniciada está uma fase de grandes transições para o mundo físico, ao mesmo tempo que uma ofensiva de grande envergadura se desencadêia sôbre as trévas mundanas, qual benção Paternal a abranger em seu turbilhão todos os filhos ingênuos e travessos. E' no campo do psiquismo, que um novo sopro renovador já se fez sentir na apresentação de abundante fenomenologia, provocando cada facto positivado, apavorante cataclismo nos meios negativistas, que, atônitos atribuem à causa a intervenção demoníaca por não atinarem com o seu único e verdadeiro sentido. Asserção poética, mas nunca real.

Quem manuseia o livro da Vida e inteira-se avidamente do seu conteúdo impecável, terá por certo agido com isenção de ânimo, deixando à margem todas as sombras da incredulidade, e vencido todos os preconceitos de casta e de religião, para assenhorear-se de todos os fenômenos admiráveis, tidos e havidos por mistérios insondáveis ao juizo de quem não possúe olhos de ver e ouvidos de ouvir. Não surpreendem todavia, áqueles que se obcecam pelas grandes causas, às quais dedicam às suas melhores reservas de tempo e dedicação, entregando-se de corpo e alma às suas pesquisas e experiências, cuja sêde de conhecimento e de saber, é sempre muito bem compensada.

Quem ignora por exemplo, os versículos 28/9/30, do cap. 2 do livro de Joel onde se lê: «Eu derramarei o meu espírito sôbre toda a carne, e vossos filhos profetizarão; e os vossos velhos serão instruídos por sonhos; e os vossos mancebos terão visões. E derramarei também naqueles dias o meu espírito sôbre os meus servos, e darei a ver prodígios no céu e na terra; prodígios de sangue, de fogo, e de vapor de fumo». Quem poderá negar que em nossos dias se cumprem em toda a plenitude as predições do profeta? Haverá acaso, alguém que, de sã consciência ouse negar os factos que se reproduzem cotidianamente, quando eles mais se patenteiam aos nossos olhos, soam aos nossos ouvidos e atuam em nossas mentes bom ou mau grado nosso?

Sem cerimonial ou ritualismo adequados, as almas dos mortos que não encontraram o céu beatífico, ou o inferno mitológico da teologia volveram pressurosos aos seus antigos ninhos, e pululando em tôrno dos seus afins, os envolvem na sua densa camada fluídica, exercendo sôbre eles o seu tenebroso assédio, dando em resultante os acontecimentos que tanta celeuma tem levantado nos âmbitos das religiões e quiçá no seio das massas. Não cremos na morte na acepção da palavra, não aceitamos a teoria da destruição do princípio inteligente que anima os corpos materiais. Admitimos não como hipótese méra, porém como síntese perfeita, a imortalidade da Alma, a sua possibilidade de agir na matéria, a sua ação enfim nos meios físicos. E a pécha de demônios, satanazes, ou diabos que lhes imputam, é o produto da ignorância dos homens com relação às Leis de Deus. O homem póde se transformar mesmo na terra, em um terrível e malvado sêr. Não é preciso despojar-se da libré carnal, para receber o título endiabrado. Bem assim conhecemos na terra muitos anjos e santos encarnados, sem que estas glórias ou insignias lhes sejam conferidas. Tudo depende da ocasião, do momento, da fé e bom senso, para lançarmos o nosso vereditum.

Gabriel Ferreira.

Crônica Estrangeira

No Limiar da Eternidade

De «Spiritualisme»

Estamos convencidos que nossos leitores experimentarão grande prazer com a leitura do caso publicado na «Tribune Psychique» de Paris, no seu número do quarto trimestre de 1947, sob o título supra.

Sou vigário numa grande paróquia de X... Certa noite do mês passado estava eu extenuado de fadiga... A' meia noite estava, enfim, terminando o meu breviário quando á porta do presbitério reteniu um toque de campainha cuja violência me fez estremecer. Ouvi a empregada abrir a janela... Certo de que se tratava de um enfêrmo, desci eu mesmo para abrir a porta.

Sôbre o umbral, uma senhora de quarenta anos, presumivelmente, estendeu as mãos: senhor Abade, vinde depressa, trata-se de um jovem que vai morrer!— Senhora, respondi, irei amanhã antes da missa das seis horas. — Será muito tarde! eu vos suplico, senhor Abade, vinde depressa!—Bem! Escrevei no meu canhenho a rua, o número e o andar. Ela escreveu: rua Descartes n. 37, no segundo andar. — Tranquilizai-vos, senhora, disse eu, lá estarei dentro de vinte minutos.

A mensageira me disse: «Que Deus recompense a vossa caridade e que vos proteja na hora do perigo !» Em seguida ela mergulhou na escuridão.

Imediatamente tomei a capa e o necessário da Extrema-Unção e parti, percorrendo ruas desertas e obscuras. Uma patrulha dirigiu sôbre mim o feixe duma lâmpada elétrica, mostrei o meu salvo-conduto e prossegui minha caminhada. Pensei ir encontrar uma família desconhecida : quanto à senhora que me foi procurar no presbitério, apenas me recordo tê-la visto na igreja, há dois ou três anos atrás.

Dificil me foi encontrar o 37 da rua Descartes. A porta apenas estava encostada; subi a escada e no segundo andar, fiz vibrar resolutamente a campainha, como alguem que estava sendo esperado.

Um ruído de passos, o correr de um ferrôlho e em seguida um jovem me observava com respeitosa surpresa !

— Venho, disse eu, para assistir a um rapaz em perigo de morte, é realmente aquí ?—Não, senhor Abade, estais enganado ! — Deram-me o endereço : rua Descartes, 37, segundo andar. — Aquí só existe um moço : a pessoa que vos fala, disse êle sorrindo ; eu não estou em perigo de morte, vós mesmo o podeis constatar !

Passei o meu canhenho às mãos do jovem : uma senhora de cerca de quarenta anos veiu procurar-me ; e foi ela própria que escreveu o endereço ! – Com efeito, senhor Abade, parece-me reconhecer esta escrita ... ela é idêntica à ... é estranho. Moro só com meu pai. Certamente isto está errado : a mensageira provavelmente quís escrever Desportes ... mas, senhor Abade, entrai por alguns minutos, estais transido, vou preparar-vos um grogue.

Entrei no pequeno e elegante salão... «Eu escutava, disse o moço, um trecho de música húngara» ; êle desligou o aparelho e me disse : «Senhor Abade, há dois anos que desejo vos falar, não ousei procurar-vos ; o caso desta noite é realmente prodigioso !...» Assentado à minha frente, sôbre o divan, êle me contou sua vida ; eu o deixei depois de o ter reconciliado com Deus. Depois apressei-me em demanda da rua Desportes. Uma hora e um quarto soava nos relógios da cidade ; atravessei a praça do teátro ; nesse momento as sereias mugiram sinistramente. Sinal de alerta ! Estuguei o passo, o n. 37 da rua Desportes não existia, 17 era o seu último número. Não tive tempo de refletir, começaram a cair os primeiros torpedos, só me restava o tempo de procurar o primeiro abrigo. Passámos três quartos de hora de verdadeiro horror. Quando sai grandes clarões irrompiam dos tetos das casas ; havia cerca de dois mil focos de incêndio. Por toda parte, fachadas desmoronadas, prédios em ruina, loucos gritos de desespêro. Fui ao posto de socôrro próximo, lá centenas de feridos e de mortos estavam alinhados num pátio e novos chegavam sem cessar ; nunca presenciei carnificina tão atroz. Eu caminhava de um a outro dando a absolvição, traçando sôbre as frontes inanimadas uma rápida Extrema-Unção. Súbito, tive que encostar-me a uma parede : «Que estais sentindo, senhor Abade», perguntou-me um dos médicos. Eu estava pálido... «Um parente vosso, sem dúvida ?»

— «Não ! um paroquiano». Eu acabava de pisar o pé do cadáver do jovem da rua Descartes, n.º 37. Apenas uma hora antes, eu o havia deixado, exuberante de vida, alegre com o perdão de seus pecados ... E eu recordava suas palavras : «Estais enganado, senhor Abade... ninguém há em perigo de morte» ; e êle ria alegremente, não suspeitando estar no Limiar da Eternidade.

Examinei sua caderneta com o propósito de encontrar seu nome. Ela continha as iniciais R. N., vinte e um anos. Havia bilhetes, papeis amarelados, retratos ... Um destes representava uma senhora de quarenta anos, presumivelmente... sobressaltei-me, era, sem êrro possível, o retrato daquela que fôra, à meia noite, suplicar minha ida imediata à rua Descartes. No verso li esta simples palavra «Mamãe». Outra foto a representava em seu leito de morte, as mãos juntas : 7 de Maio de 98—8 de Abril de 39. Examinei a escrita amarelada, semelhante à que a senhora desconhecida traçou sôbre meu canhenho, no presbitério.

Pensai o que quiserdes sôbre êste facto autêntico e perturbante. Para mim, nenhuma dúvida possível, é realmente a mãe do jovem que voltou do fundo da Eternidade. Se Deus existe e o milágre é possível, dizia Pascal, que dificuldade há nisso ?

Nota da Redação da Tribune Psychique.

Devemos o interessantíssimo relato supra à obsequiosidade do nosso simpático vice-

presidente, Dr. Chatelain: a êle é que o mesmo foi reemetido e nós lhe agradecemos o ter feito chegar dito relato às nossas mãos.

La «Tribune Psychique» sente-se feliz em acolher e enriquecer com mais um notável exemplo a série já tão imponente das provas da sobrevivência devidas ás manifestações do Além.

E' evidente que o valor do relato acima, está assegurado todo inteiro na sinceridade do eclesiástico que dêle é autor e que, por razões fáceis de compreender, quís guardar o anonimato, mas o caráter sagrado de que se reveste a pessoa dum vigário da Igreja, parecerá aos olhos da maioria uma garantia suficiente para que considerem, conosco, o extraordinário fenômeno aquí relatado como autêntico.

⁂

Eminentes Estadistas e o Espiritismo

Roosevelt e o Espiritismo Moderno

Spiritualisme reproduziu de «Psychic News»

Roosevelt realizava sessões em Washington.

Durante a guerra, um médium era transportado, por avião, da costa do Pacífico para Washington, para dar sessões a Franklin D. Roosevelt, falecido presidente dos Estados Unidos.

Êste facto foi revelado por Hannen Swaffer, quando êle usou da palavra no decurso dum *meeting* de propaganda espírita, no primeiro de Maio do ano em curso, na sala Dorne em Brighton.

Como seu grande antecessor, Abraham Lincoln, que realizava sessões na Casa Branca, Roosevelt procurava a conduta do mundo invisível nos negócios do Estado.

Swaffer disse igualmente, nessa ocasião, acreditar que o Churchill dos anos da guerra, fôra inspirado, pelos grandes desaparecidos do Império Britânico. Êle pensava que os espíritos de Nelson e de Cromwell estavam ao lado do grande leader da guerra.

O Rei Georges da Grécia

O Rei Georges da Grécia, recentemente falecido, era espírita. Êste facto, conhecido no decorrer de numerosos anos por algumas pessoas eminentes no movimento espírita, sempre foi conservado em segredo.

Durante 17 anos, o Rei frequentava sessões em Londres, com um dos mais célebres médiuns. Por outro lado, êle, assistia regularmente às sessões públicas do Aeolian Hall, para ouvir Estelle Roberts em suas sessões de clarividência, e no Queen's Hall, quando Shaw Desmond usava da palavra.

O Rei não se sentia atraído para as manifestações físicas do fenômeno: êle apreciava as manifestações em transe e as mensagens pela clarividência.

Êle teve, durante sua vida, numerosas conversações com seus parentes próximos, no Além, e cultivava grandes relações amistosas com um espírito-guia bem conhecido.

Efetivamente, sempre que vinha à Inglaterra, procurava por-se em contacto com êsse guia que era seu amigo.

A morte súbita dêste monarca não foi surprêsa para o médium, com o qual tão frequentes sessões o Rei realizava. Com efeito, êste médium fôra advertido pelo mundo invisível, que a passagem do Rei, ao Mundo Espiritual, seria questão de pouco tempo.

A propósito da família do defunto Rei da Grécia, seu tio, Pedro Cristovam da Grécia, revelou em suas memórias publicadas em 1938, que um médium desconhecido havia predito o sombrio futuro de sua família, em consequência de guerras, revoltas e exílios.

«A noite que precedeu a morte de meu pai (escreve êle), meu irmão Constantino e eu, tivemos uma experiência que jamais pudemos explicar.

Uma senhora adida à Cruz Vermelha de Janina, muito dada às cousas espíritas, nos convidou a tomar parte a uma sessão de escrita automática, nessa noite.

Decorridos alguns minutos, o lapis pôs-se a escrever com tal rapidez, que experimentavamos a maior dificuldade em conservar os nossos dedos sôbre o aparelho, para em seguida se imobilizar tão bruscamente como começára.

A mensagem assim obtida, era dirigida a Constantino, ao qual prometiam reputação e glória, a vitória de duas guerras e depois disto tudo, muito sofrimento.

Mas no fim da mensagem, figurava muitas vezes a palavra «morte» e, a seguir «Amanhã». O resto era ilegível. No dia seguinte, meu pai foi assassinado».

A história mostrou que Constantino (pai do defunto Rei Georges) tornou-se Rei da Grécia, tendo sido vitorioso nas duas guerras balcânicas e em seguida foi deposto.

Conforme relata o livro, em seguida experimentou muitos sofrimentos até o fim da vida.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Contribuição da U. S. E. para a unificação do Espiritismo no Brasil

Marian Sevio.

Dizer da necessidade que tem os espíritas de se unificarem para que se tornem fortes, é repetir o que se tem falado por toda a parte.

Concitar os adeptos da Terceira Revelação a uma união perfeita em torno dos ensinamentos legados pelo Mestre, é um trabalho improfícuo, pois, as palavras não convencem e ficam figurando apenas como literatura que agrada e distrái mas não edifica.

Espíritos de alta evolução e comprovada idoneidade como Bezerra, Batuira, Cairbar e outros, foram incansáveis na luta pela verdadeira sintonização dos sentimentos espiritistas, marchando com uma só orientação e objetivando uma única finalidade — o aprimoramento moral dos indivíduos.

Apesar dos esforços que desprenderam os grandes batalhadores, o Espiritismo no Brasil estava tomando um rumo um tanto escabroso. As polêmicas inúteis consumiam o tempo dos intelectuais dividindo a família espírita que deveria ser coesa, marchando para um só fim.

Os ditadores de normas que viviam à cata de assunto, com objetivo de aparecerem nas colunas dos jornais, entoavam o cântico de união criticando e apontando os erros de grupos, entidades ou confrades.

De união entre os espíritas só havia em palavras. Cada centro procurava a sua vida independente de qualquer contacto com os demais.

Para os pequenos, as Federações eram um papado espírita que consumiria os seus esforços se não se afastassem delas. Os maiores ufanavam-se de sua posição, não vendo com muita simpatia os que se não colocavam em condições de mais destaque. Esta situação, infelizmente ainda é geral no Brasil, e talvez no mundo. Contudo, muitas vezes, das ruinas de um desabamento surgem os vigorosos alicerces de uma nova construção.

Foi abolindo o proselitismo e deixando de lado o espírito sistemático das propagandas verbalísticas, que a U. S. E. iniciou o seu trabalho prègando a necessidade de união com actos concretos. Foi o seu primeiro gesto estender a sua propaganda decisiva e firme a todo o Estado bandeirante, formando com os Centros dos mais longínquos municípios, uma célula que se movimenta na mais perfeita ordem. Como as células se multiplicam, transformam-se em órgãos formando um corpo, também a confraternização dos Centros formaram uma entidade fortalecida pela união e colaboração de todos. Já temos notado que outros Estados da Confederação Brasileira, estão empenhados em realizarem também um trabalho idêntico ao da U. S. E.

O Espiritismo no Brasil carece de uma orientação mais consentânea. E' indispensável que haja um órgão orientador, idôneo, capaz de reconciliar os setores divididos e unificar para uma só finalidade, todo o rebanho espírita do território nacional.

Cremos que a U. S. E. iniciou a marcha para as grandes realizações do futuro, apregoadas por Kardec, em Lion, quando concitava os espíritas a se unirem. Os resultados obtidos em pról da unificação da família espírita tem sido mais rápidos do que se esperava.

Alguns Estados já estão empenhados em realizar em conjunto um Congresso Regional Sulino Central, incentivando o Congresso Nacional.

Realizado êste último, é evidente que um organismo de amplas possibilidades seja creado para orientar o Espiritismo no Brasil. Mas, em se dando êsse facto, que acontecerá com as entidades indiferentes, com os grupos isolados e com os falsos espíritas que fundam agremiações visando o rendimento pessoal? Estes constituirão uma minoria dividida entre si que irá aos poucos definhando mediante o crescendo ininterrupto dos centros unidos em tôrno de uma só bandeira.

A U. S. E. e outras Federações de Estados vizinhos têm convidado todas as entidades co-irmãs ao trabalho de unificação Nacional, iniciando-se com um Congresso. Esta idéia há de se realizar, pois a tendência natural dos movimentos espíritas é a de confraternização e, a maioria dos trabalhadores espera sòmente o toque de reunir.

Os espíritas do Estado de São Paulo que souberam reunir esforços para a formação da U. S. E. saberão cumprir o programa delineado até que o país inteiro, pela sua totalidade de espíritas, possa se fortalecer com bases definitivas de uma unificação perfeita.

Esta deverá ser a obra valiosa que devemos legar aos nossos sucessores para que os dias do futuro sejam de prosperidades espirituais e realizações objetivas.

1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

Um movimento vitorioso já da sua origem

Articula-se, no Rio de Janeiro, o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil*, cujas reuniões preparatórias têm corrido com a maior animação e proveito.

O certamen foi articulado, inicialmente, pelo prof. Leopoldo Machado, «o jovem de cabelos grisalhos» que, de anos a esta parte, vem animando e incentivando os moços para o trabalho redentor de sua própria evolução e da propaganda do Espiritismo. Entretanto, seu principal iniciador quís por o certamen sob a orientação da Federação Espírita Brasileira, conforme sua declaração, em substancioso escrito em *Revista Internacional do Espiritismo* e em outros escritos. Parece, entretanto, que o Alto não quís que o certamen fosse obra de um só homem, de uma só instituição, fracassando, por isso, seu entendimento com o ilustre presidente daquela respeitabilissima instituição espírita do país. Assim, foi organizada uma *Comissão Patrocinadora*, composta de espíritas de representação social, cultural e doutrinária do Rio de Janeiro e do país, para, com a sua experiência e seus recursos, reunir os moços espíritas mais entusiastas, esclarecidos e animados afim de preparar o certamen.

A *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, organização única no país e no mundo, no seu genero, ofereceu sua séde para a séde central do certamen, cujas reuniões têm-se processado nela, á Av. Rio Branco, 4, 15.º andar, edifício Internacional, para onde deve ser enviada toda a correspondencia destinada á Comissão organizadora do *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil.*

Criada a Comissão Organizadora, composta de elementos de todas as juventudes e mocidades espíritas que se fizeram representar, quasi todas do Rio de Janeiro e do Estado do Rio, localidades próximas, suburbios do Rio, elegeu-se, para logo, a diretoria da respectiva comissão, que ficou assim constituida: José Augusto dos Santos, da *Juventude Espirita Filgueiras Lima,* de Olaria, presidente; Antonio Paiva, da *Mocidade Espírita Icléa,* de Nova-Iguassú, Secretário Geral; Jorge Chambarelli, da *Mocidade Espírita Caminhemos com Humildade,* de Nilopolis, 1.º secretário; Ney Oliveira, da *Juventude Espírita Aloisio de Faria,* de Vila Isabel, 2.º secretário; Anibal Garcia, da *Mocidade Espírita Caminheiros de Jesus,* do Estacio, tesoureiro.

A' reunião em que se elegeu esta diretoria foi tão grande a assistência de jovens e adultos, que o salão ficou superlotado e houve fila para assinar o livro de presença de molde a chamar a atenção pública.

O Congresso será em julho, nas férias escolares, de 18 a 25, no Rio de Janeiro. Os movimentos juvenis que aderirem, enviarão seus representantes, dois ou três elementos, que serão hospedados, sem onus algum, pelas comissões. Para despesas de excursão, as *Mocidades* e *Juventudes* promoverão festas e recitais espiritualistas remunerados. As reuniões substanciais do certamen, nas sédes de instituições espíritas, para maior espírito de confraternização e para os representantes de fóra levarem uma impressão perfeita do movimento espírita no Rio de Janeiro.

Na reunião de 3 de Janeiro, o deputado Campos Vergal, de tal sorte entusiasmado com o que viu e sentiu, que confessou se tratar de um movimento vitorioso na sua origem.

Está á frente de sua Comissão Patrocinadora homens de projeção no meio espírita, como o próprio iniciador, incontestavelmente um nome que dispensa apresentação, ao lado de Campos Vergal, dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, Cel. Delfino Ferreira, Carlos Imbassahy, J. B. Chagas, Deolindo Amorim, Aurelio A. Valente, Moreira Guimarães, Aurino Souto, Daniel Cristovão, dr. Gonçalves Maia, dr. Levindo Melo, dr. Amadeu Santos, Olivio Novais e outros. E muitos outros, em número que só sobe a 50.

Já estão sendo expedidos os convites oficiais a todos os movimentos jovens do Brasil. E qualquer informação, e termo de adesão, para a séde central, acima, do certamen.

* * *

Movimento da U. S. E. no período de 6 de Junho de 1947 a 31 de Janeiro de 1948

Entidades adêsas até o Congresso

Capital, 170; Interior, 361; Total, 531.

Entidades que compareceram ao Congresso

Capital, 102; Interior, 232; Total, 334.

Entidades adêsas atualmente

Capital, 220; Interior, 415; Total, 635.

Entidades que remeteram recenseamento

Capital, 122; Interior, 296; Total, 418.

Representação e Use em solenidades

Capital, 5; Interior, 6; Total, 11.

Uniões Municipais formadas

Total, 26.

Delegados Distritais credenciados

Total, 29.

Membros Regionais nomeados

Total, 10.

Correspondência expedida pela secretaria

Cartas, 951; Oficios, 13.

Relatórios enviados ao Conselho

Total, 7.

Circulares Expedidas

Total, 12 — 4.800.

Instruções Expedidas

Para Membros Regionais, 1 — 20
Para Delegados Distritais, 1 — 40.

Boletins editados no «Semeador»

Total, 5; Total de tiragem, 5.000.

Mapas Esquemáticos

Da Capital em distritos, 1; Do Estado em zonas, 1.

Distribuição gratuíta de folhetos

Opúsculo «Como Ensinar Religião as Crianças», 420; Sendo para o Interior, 400. Sendo para espíritas na secretaria, 20.

Movimento do Departamento de Propaganda

Cartas expedidas, 130; Comunicados expedidos, 28.

Movimento do Departamento de Juventude

Cartas expedidas, 15; Questionários expedidos, 15.

Movimento da Tesouraria

29-6-47 — Saldo nesta data, 14.858,60; 31-1-48 — Importâncias recebidas até esta data, 21.864,10; Soma, 36.722,70. 31-1-48, — Pagamentos efetuados até esta data, 28.299,10; 31-1-48 — Saldo nesta data, 8.423,60.

Novas adesões á U. S. E.

Centro Espírita Luz e Verdade; Dr. Olavo dos Santos, da Capital; Juventude Espírita de Mogí-Mirim.

Aos nossos Assinantes residentes na Capital

Em virtude de inúmeras dificuldades encontradas pelos nossos cobradóres na Capital, solicitamos aos nossos prezados assinantes o obsequio de procurarem o sr. Arlindo S. Neto, na Livraria Allan Kardec, à Rua Riachuelo, 108, sobrado, fundos da Livraria Tupí, afim de efetuarem o pagamento de suas assinaturas. Fazemos êste pedido principalmente aos assinantes atrasados no pagamento, esperando ser atendidos.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1948 — N. 3

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Notável Trabalho do Espiritismo	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Obra de Geley	*Ismael Gomes Braga*
Congressos e Confraternizações . .	*J. B. Chagas*
Apêlo Fraternal aos Católicos . .	*Mariano Rango D'Aragona*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil	*Leopoldo Machado*
Impressões de Leitura	*Luiz Dantas*
Visão e Identidade	*Spártaco Banal*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1948 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Notável Trabalho do Espiritismo

NENHUMA doutrina religiosa ou filosófica conseguiu entrar em tão pouco tempo no conceito das creaturas independentes e amigas da Verdade como a Doutrina Espírita.

O ocultismo, que data de milhares de anos antes de Jesus Cristo e que tem como mestres os mais ilustres filósofos orientais, como por exemplo Krisna, Budha, Confucius, apesar dos seus ensinos espiritualistas, evoluiu morosamente, cedendo terreno ás religiões que, embora se afirmando cristãs, estão mais próximas do materialismo do que do espiritualismo. Referimo-nos à religião católica romana e ao Protestantismo, cujos dogmas e cultos externos impedem o livre exercício do raciocínio, embrutecendo pelo fanatismo e a superstição os seus incautos adeptos, do que resultou a descrença que lavra nos indivíduos, facto êste comprovado pelo atual estado de coisas que salta aos olhos de todos : desassossego e justificadas apreensões em face dos prognósticos de nova e tremenda guerra entre as nações ; a ambição desmedida de negociantes inescrupulosos e sem coração, cujo único desejo é abarrotar os seus cofres, mesmo que seja à custa da miséria e das lágrimas dos seus semelhantes ; a deshonestidade de governantes, autoridades e funcionários, que só cuidam do confôrto pessoal em detrimento de suas obrigações.

Se o ocultismo parece estar com a sua ação restrita a um determinado número de adeptos, principalmente entre os povos ocidentais, o *catolicismo* e o *protestantismo* não lhe ficam atrás, e isto porque as suas fileiras estão se contraindo em virtude dos claros abertos pela debandada dos que vêem nos seus dogmas e cultos exteriores um contrassenso lamentável em face da razão e dos factos.

As primitivas doutrinas espiritualistas contam com milhares de anos, o *catolicismo* com mil e trezentos anos mais ou menos, o *pro-*

testantismo com quatrocentos anos e o Espiritismo com um século apenas. Se fizermos um balanço do trabalho, das realizações e das obras de beneficência social das doutrinas e religiões mencionadas, veremos que o Espiritismo fez muito mais em um século do que as suas competidoras em milhares e centenas de anos.

A não ser iniciativas particulares, as religiões *católica* e *protestante* só ergueram templos aos milhares, alguns importando em milhões de cruzeiros, unicamente para os sacerdotes exercerem a rendosa profissão de ganhar muito sem o menor esfôrço, em detrimento dos interêsses morais e espirituais dos seus milhões de profitentes.

Entretanto o Espiritismo, pelos seus factos comprobativos da Imortalidade e pelos seus ensinos, vasados na moral cristã, está fazendo de cada Centro, grupo ou sociedade espírita, uma colmeia de trabalho, onde a prática da caridade é a ordem do dia e constitúe o seu principal programa.

E' dos dirigentes e associados das sociedades espíritas que partiu a idéia da fundação de Asilos, Sanatórios, Maternidades, Escolas Profissionais, Creches, etc., que tantos e incalculáveis benefícios vêm prestando a milhares de velhos, mães e crianças abandonadas e de enfêrmos e obsedados. Além disso milhares de pobres recebem diariamente roupas, gêneros alimentícios e remedios. Do Espiritismo não parte só a palavra que ilumina, conforta e cicatriza as chagas da alma, mas até o pão e a vestimenta materiais, a exemplo de Jesus, que depois de esclarecer cérebros e confortar corações aflitos, multiplicava pães e peixes para saciar a fome dos seus milhares de ouvintes.

Em vista da estagnação das doutrinas e religiões milenárias temos motivos de sobra para afirmar que o Espiritismo já não é mais a religião, a filosofia e a ciência do futuro, como dizem. E' do presente, porque a sua luz jà penetra em todas as almas, encarnadas ou desencarnadas, iluminando-lhes a longa e gloriosa estrada da vida eterna.

O notavel surto progressista do Espiritismo em tão curto lapso de tempo, resulta de dois factores, que constituem a base da sólida estrutura dessa incomparavel doutrina : os factos espíritas, que provam à saciedade a existência do espírito e sua sobrevivência à morte do corpo somático, abrindo à ciência nova senda na solução de múltiplos problemas que tanto vêm preocupando os cientistas nos seus justos desejos de beneficiar a humanidade ; e os ensinos morais e filosóficos à luz do Evangelho, cujas explicações no seu lato sentido espiritual vêm erguendo almas do lodaçal da perdição, transformando creaturas de má índole da mesma maneira que Jesus transformou água em vinho nas Bodas de Caná, dando ao descrente a fé que ilumina e a esperança que anima e conforta o viajor terreno em demanda dos seus gloriosos destinos.

Do exposto, se conclue sem grande esforço de imaginação que ao Espiritismo e aos seus fieis seguidores está aféta a gigantesca tarefa de fazer imperar no mundo, pela fôrça da lógica dos factos, aos influxos do amor fraterno, que é a base da compreensão entre os indivíduos, as nações, governantes e governados, aquela paz e aquela felicidade que todos indistintamente almejam.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XV

Exteriorização do corpo fluídico

Naquêle mesmo dia de 2 de maio, de que falamos acima, ás 9 horas da noite, durante o seu sono, exclamou a Sra. Hauffe: «Oh, meu Deus»; depois acordou como se sacudida pela sua própria exclamação. Ela disse então que acabára de ouvir duas vozes saídas de si mesma. Na mesma hora em que tal facto se produzia, o Dr. Fohr, de Bottwar, o médico que prestára seus cuidados ao falecido e que se achava com um tio da Sra. Hauffe no quarto contíguo ao em que jazia o corpo, ouviu as palavras «Oh, meu Deus» tão distintamente que ele foi ver quem lá estava, mas só viu o corpo do morto. O Dr. Fohr escreveu-me a respeito o seguinte: «Depois de minha chegada a Oberstenfeld, onde se achava o Sr. W..., morto, ouvi, distintamente, do quarto vizinho ao em que se achava o cadaver, as palavras «Oh, meu Deus!». Pensei que elas proviessem do ataúde e que o Sr. W. estivesse em estado de morte aparente. Eu o velei durante uma hora, até ficar convencido de que estava realmente morto. O tio dela não ouviu coisa alguma. E' certo que não havia nenhuma pessoa na parte da casa donde viera a voz».

Ela explicou isso, dizendo que o desejo intenso de saber como ia seu pai permitira sua alma acompanhar seu fluido nervoso até o lugar em que êle jazia e que o seu sentimento e os seus pensamentos, estando fixos no médico, resultára daí que poude ele ouvir a exclamação proferida por sua alma, junto do caixão, exclamação que repetira ao retomar o corpo, quando a ouvira ela mesma.

Como os seus parentes me houvessem dito, um ano antes da morte do seu progenitor, que, no começo do seu sono magnético, podia ela fazer-se ouvir pelos seus amigos, á noite, quando já estivessem eles recolhidos ao leito, na mesma aldeia, mas em habitações diferentes, por meio de golpes, perguntei-lhe, durante o seu sono, se ainda podia fazê-lo e a que distância. Respondeu-me ela que ainda o conseguia algumas vezes e que, para o espírito, não havia distâncias.

Pouco depois disso, estando os nossos filhos e os criados já adormecidos, ouvimos no momento de deitar-nos, uma pancada parecendo dada no ar, acima das nossas cabeças. Seis golpes foram assim dados, em meio minuto de intervalo. Eram de um som surdo, mas claro, suave e bem distinto. Nossa casa era completamente isolada e estavamos bem certos de que eles não poderiam provir de pessoa alguma perto ou acima de nós. Na noite do dia seguinte, quando estava adormecida, embora não tivesse falado dêsse facto a quem quer que seja, ela me perguntou se eu queria que os repetisse para nós. Como me dissesse que tal coisa a esgotava, recusei. Ela me disse a seguir que tais golpes eram produzidos, no ar, pelo espírito e não pela alma, mas que a voz ouvida perto do caixão de seu pai se produzira quando sua alma deixára o corpo, ao mesmo tempo que o espírito, sob a influência dos sentimentos intensos que a animavam.

Tais fenômenos não nos surpreenderão se nos lembrarmos que os moribundos, quando o espírito já se afastou, mas a alma ainda está ligada ao corpo, têm a faculdade de aparecer, com os seus traços característicos, a seus amigos, em lugares afastados. E' assim que um parente do meu amigo, o Dr. Seyffer, lhe apareceu no momento da morte e que o príncipe

Hohenlohe apareceu ao Dr. Oesteler, seu colega da Academia.

O seguinte notável caso me foi narrado por pessoa absolutamente digna de fé.

O Sr. Hubschmann, de Stuttgart, tinha o pai em Bothnia e um irmão em Strasburgo. Ora, aconteceu que certo dia, ao amanhecer, os filhos do Sr. Hubschmann o acordaram, a gritar «Vôvô, vôvô, vôvô chegou!» O Sr. Hbschmann olhou para todos os lados e nada viu. Êle interrogou os filhos que lhe afirmaram, peremptoriamente, que seu avô estava de facto ali, mas que não sabiam para onde se fôra. Alguns dias após, o Sr. Hubschmann recebeu uma carta de seu irmão, perguntando-lhe, inquieto, se tivera alguma notícia de seu pai, porque certo facto recente o deixára vivamente alarmado. Com efeito, no dia e na hora, que correspondiam com a ocasião em que as crianças tinham proferido a exclamação, tinha visto seu pai no momento em que, pela manhã, entrava no seu *atelier*. Oito dias após chegava a notícia da morte do velho. Êle morrera justamente na ocasião em que aparecera aos seus, em Stuttgart e Strasburgo.

O Dr. Bandili, moço cheio de talento, que partira para a América, se dedicára ao estudo de línguas e matemáticas. No dizer de seus próprios amigos, não era propenso a acreditar nas coisas espirituais, mas lhes disse, na última carta que lhes escreveu e que eles guardam ainda, o seguinte: «Acaba de me acontecer a coisa mais extraordinária. Meu amigo Elwert, que morreu no Wurtenberg há nove anos, me apareceu e me disse: «Você morrerá breve!» e, o que é mais estranho, é que o dia de sua aparição foi precisamente o dia do aniversário de sua própria morte». Pouco depois de haver escrito tal carta, faleceu o Dr. Bandili, de modo inteiramente inesperado.

A Sra. Hauffe me contou que pouco tempo antes ela se vira sentada num tamborete, de vestido branco, quando se achava deitada na cama. Fixou o olhar sôbre essa aparição e quís gritar, mas não poude, porque, quando fazia esforços para isso, foi ela gradualmente desaparecendo. Disse que, em tal ocasião, a sua alma deixava o corpo, mas que o espírito permanecia nêle.

Em 28 de Maio de 1827, à meia noite, quando eu estava perto dela, viu-se, como antes, sentada no tamborete, com roupas brancas que possuía mas que não usava. Tentou gritar, mas lhe foi impossível gritar ou mover-se, sem ver outra coisa que aquilo em que fixára o seu olhar. Quando olhava assim, sua mente só era absorvida por uma idéia que jamais teve e que se resumia no seguinte: Um dia passado no céu vale milhares de anos passados aquí na Terra».

O fantasma se levantou e se dirigiu para ela. No momento em que chegou perto, um choque elétrico percorreu-lhe todo o corpo, como tive ocasião de verificar. Ela soltou um grito de espanto e me contou o que acabara de vêr. Ela se viu assim, ainda em outras ocasiões. Dentre elas, certa vez, nada tendo percebido, passei entre a Sra. Hauffe e o fantasma e ela me disse em seguida que, isso fazendo, eu lhe causára forte sensação, como se a tivesse separado violentamente da sua alma.

Nada direi aquí a respeito de tais visões, nem do caso em que o fantasma foi visto por outros. Todos esses fenômenos só são casos de dupla vista.

A doutrina da liberdade que temos de escolher, em nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que bem diferente é para êles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, vêem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais presto. Não há, pois, motivo de espanto no facto do Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possivel, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Êle o percebe e, precisamente para chegar a fruil a, é que trata de se melhorar.—ALLAN KARDEC.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— VIII —

Geley declara que a concepção, a que os factos o conduziram, não é nova. Diz:

«Estas concepções não são novas. Sabe-se que Pitágoras e Aristóteles distinguiam do corpo o dinamismo vital, a que chamavam *Psique*, e, da *Psique*, o dínamo-psiquismo mental que designavam pela palavra *Nous*.

«Do mesmo modo os vitalistas, os espiritualistas da antiga escola e os animistas, admitiam categorias análogas; contudo, há uma grande diferença entre as idéias antigas e a moderna: a nova idéia se baseia sôbre factos e se demonstra pelos factos...»

Não há dúvida que a partir de 31 de Março de 1848 os factos se multiplicam para quem os queira estudar e surge uma nova filosofia, realmente científica, pois que baseada em factos. Essa filosofia não está ainda totalmente formada, porque tem que lutar contra os preconceitos de escola. Geley é, até hoje, quem mais trabalhou para apresentar um corpo de doutrina filosófica na linguagem da ciência oficial. Kardec seguiu um caminho mais produtivo: falou aos simples e bons, deixando de lado os sábios e orgulhosos. «O Livro dos Espíritos» é um monumento filosófico imperecível, está crescendo sempre. Já atingiu no Brasil a 20 grandes edições em português e uma em Esperanto que vem sendo elogiada no mundo todo. Mas os cientistas ainda não lhe deram a devida atenção; porque não está vasado nos termos arrevezados da filosofia oficial.

A seguir, Geley passa a estudar o «eu» como dinamismo psíquico essencial e interroga:

«O «eu» é distinto de suas representações? Que é o «eu», à parte das representações? Até agora as respostas a estas perguntas eram puramente metafisicas.

«Consultemos os factos e busquemos em seu exame, só em seu exame, o que é o «eu».

«Diante dos factos, o problema se apresenta assim:

«O «eu» é, como ensina a psicologia clássica, a soma dos estados de consciência, ou é separável, concebível separadamente de tais estados de consciência?

«A resposta, como veremos, não deixa dúvidas: o «eu» não se confunde com os estados de consciência, mas, para compreendê-lo, necessita-se de fazer certo esforço. Não é muito difícil admitir que o «eu» não se identifica com o corpo material, mas é mais difícil admitirmos que não se identifica também com o «mental». Para distinguir o «eu» da representação mental é necessário modificar os hábitos intelectuais inveterados e recorrer a todo o rigor do raciocínio, para ir além do «penso: logo existo», e admitir: «eu sou ainda com exclusão dos meus pensamentos. Estes me representam, porém as minhas representações mentais não constituem todo o meu ser». Contudo, baseando-se nos factos, nada há mais certo. O raciocínio é claro e preciso: Se o «eu» fôsse apenas a soma dos estados de consciência, não se poderia compreender como, estando intactos estes estados de consciência, o «eu», que seria sua síntese, poderia perder o que há nele de mais importante, mais essencial: a noção da unidade e a possibilidade de seu controle sôbre a síntese psíquica. Contudo, é facto corrente que essa integridade dos estados conscientes coexiste com a desaparição da unidade sintética e da direção centralizadora.

«A diminuição ou o desaparecimento da comprovação do «eu» está na base de toda a psicologia anormal, de todas as anomalias psicológicas coexistentes com a integridade anátomo-fisiológica dos centros nervosos. Quer se trate de uma neurose pura, como histeria, de loucura essencial, de hipnotismo, de desdobramento da personalidade ou de mediunismo, sempre, e antes de tudo, se comprova um fenômeno primitivo, a desaparição do domínio da direção centralizadora do «eu». Nas perturbações histeriformes e na loucura essencial, os estados de consciência estão e permanecem longo tempo intactos. As faculdades, consideradas isoladamente, não estão extintas : a memória, a imaginação, o sentimento, etc., são os mesmos ; o que falta é a direção central que cedeu seu posto à anarquia ou à poliarquia.

«Na hipnose, no desdobramento da personalidade, no mediunismo, as faculdades e conhecimentos, os estados de consciência mais variados, os processos mentais conscientes ou subconscientes, persistem integralmente ; porém a direção central habitual do «eu» desapareceu para ceder seu posto a uma direção heterogênea. Em uma palavra : os estados de consciência, as façuldades, as capacidades, os conhecimentos, podem dissociar-se, separar-se do mais essencial que há no «eu»: a consciência de sua unidade e de sua realidade.

«Logo, o «eu» é distinto dos estados constitutivos que nô-lo representam».

Depois de outras considerações, o autor resume : «O «eu» real condiciona e dirige o dínamo-psiquismo mental».

Deixa assim, claro, que o Espírito possui faculdades, mas não se confunde com suas faculdades. Não confundamos, pois, o músico com o piano, nem com as harmonias que produz ao piano ; porque ele existe sem piano e sem música.

Congressos e Confraternizações

Considerando que, nos dias que correm, estão atribuidas aos espíritas grandes responsabilidades, quanto ao porvir da Humanidade, pelo esclarecimento já recebido e por uma melhor compreensão das coisas e dos homens concedida pelas luzes do Consolador, impõe-se a nós outros o dever imperioso de trabalharmos com mais afinco em pról da implantação na Terra, da Fraternidade Cristã.

Diante do grande surto do movimento de confraternização que vai empolgando, no presente, algumas cidades, muito especialmente no Estado do Rio de Janeiro, com a realização de visitas, semanas e congressos, com êsse grandioso objetivo, e a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de propaganda do Espiritismo está despertando no meio espírita, teremos, dentro em breve, o ambiente doutrinário nacional completamente modificado, para melhor.

Até no Espaço impera, entre os desencarnados, um movimento de intensa alegria por mais esta realização dos espíritas.

Assim é que, sob os melhores auspícios, vem de ser encerrado o II Congresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Êste Congresso realizou cinco reuniões, em cinco cidades diferentes : Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis, Barra do Piraí e Nova Iguassú.

Cronista oficial do Congresso, por gentileza da Comissão Organizadora, pude assim observar muito de perto o desenrolar dos trabalhos, resultando, como fruto dessa observação, a idéia de propôr aos orientadores desses conclaves uma ligeira modificação no método dos trabalhos, a qual reputo importante — que esses congressos não sejam apenas de confraternização ; que eles devam colimar um sentido mais objetivo, ou seja, mais prático, pelas conclusões a que houver chegado cada um deles, e que, em consequência dessas mesmas conclusões, resultem algo de proveitoso para um melhor aproveitamento dos meios e métodos a serem aproveitados para a difusão, estudo e unificação das normas doutrinárias do trabalho espírita nas agremiações, em seus variados setores, como uma natural compreensão do esfôrço isolado de todos aqueles que vêm trabalhando denodadamente para a consecução dêsse ideal superior, esteriotipado por Jesus no: — «Amai-vos».

A idéia tomou corpo e foi então apresentada na reunião ordinária da Confraternização Espírita «LAR DE JESUS», uma das pioneiras desses movimentos, que a aprovou, autorizando-me a iniciar o trabalho da sua difusão no meio espírita, principalmente no Estado do Rio, para conhecimento dos interessados, afim de receber as sugestões necessárias.

Assim é que deverá ser endereçada dentro em breve uma circular aos espíritas em evidência e mais influentes nas cidades fluminenses, muito especialmente àqueles que estão à frente das instituições locais, onde o assunto será suficientemente esclarecido.

Na circular aludida, será proposta a creação, nas cidades fluminenses, que se convencionou chamar de *cidades-tronco*, de um movimento interno de confraternização, entre as cidades próximas, com o indispensável rodizio de sédes, para a realização de uma reunião mensal de confraternização, na qual atuarão crianças, jovens e adultos, homens e mulheres, a exemplo dos já existentes.

A própria índole do Espiritismo e a necessidade de incrementar a socialização cristã, decalcada nos ditâmes espiríticos, estava a exigir um movimento assim, com essa característica de expansividade no sentido excêntrico, isto é, partindo do centro para a periferia, sempre e cada vez mais sucessivamente progressivo, dada a imensidade do território do Estado. Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o alto conceito preceituado no *Amai-vos*, por Jesus, ficando cada espírita isolado nas quatro paredes do seu centro.

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida como verdade» — como afirmou o seu Codificador, não poderia, por certo, ficar acorrentada a velhas práticas e velhos hábitos. Ainda mais, tendo em vista, ter o próprio *Allan Kardec*, dito também, que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra, mas que a última jamais seria proferida !»

A princípio, tal iniciativa será posta em prática, no caso da anuência dos núcleos consultados, apenas no Estado do Rio, pois, a êste cabe a primazia da idéia das reuniões de confraternização, todavia, poderá ser de futuro, adotada nos demais Estados, dentro das mesmas previsões que forem estabelecidas. E dêsse apôio que certamente virá, como é óbvio, dependerá, em grande parte, a vitória final da Doutrina Espírita na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo!

Em linhas gerais, o plano de confraternização, a ser proposto, abrangerá confraternizações mensais entre as cidades mais próximas das cidades de maior população, aquí denominadas *cidades-tronco*, congressos anuais, variando de localidade de ano para ano. Êste congresso reunirá os representantes de todas as *cidades-tronco*, cujas teses versarão de preferência sôbre os factos de observações locais das demais cidades, visando a unidade doutrinária.

Um gráfico que será anexado à dita circular, já referida, esclarecerá melhor o assunto, no tocante ao Estado do Rio.

Êste trabalho será publicado em vários jornais espíritas, de preferência, os de maior circulação, afim de que possam os interessados tomar conhecimento do assunto nêle ventilado, enviando, sugestões a respeito, as quais serão sempre recebidas com satisfação.

Maiores detalhes, os interessados poderão obter com a pessoa cujo endereço é abaixo mencionado, a qual está encarregada do expediente na presente emergência.

J. B. Chagas.

Rua Getulio Vargas, 167, Estado do Rio, Nova Iguassú.

Aumentai os vossos esforços no sentido de realizar obras de caridade, o que, a par dos fenômenos que produzimos no vosso mundo, muito contribuirá para despertar a atenção dos indiferentes, servindo-vos ao mesmo tempo de um dos mais legítimos meios de defesa, quando atacados pelos mercenários da ciência e da religião. Prègai e fazei a caridade, para que o vosso trabalho na seára se complete de acôrdo com os preceitos de Jesus. — CAIRBAR.

Apêlo Fraternal aos Católicos

MARIANO RANGO D'ARAGONA

Recentemente, a «Prensa», de Buenos Aires, publicava um longo telegrama de Oxford, Inglaterra, onde relatava uma clamorosa conferência pública dos «eclesiásticos evangélicos», sôbre o momento atual da humanidade e a necessidade urgente de fraternizar as «igrejas cristãs» para uma ação simultânea em defesa do restabelecimento da paz universal.

O telegrama reproduzia o discurso do secretário geral, reverendo A. T. Honggton, da «Sociedad Misionera de la Iglesia Biblica Internacional», que conta com milhões de adeptos em todo o mundo. O orador, elevando um hino de entusiasmo ao outro movimento permanente de todas as igrejas cristãs, em Londres, pela unificação geral dos «evangélicos», que representam quase 500 milhões de adeptos, lamentava, vivacíssimo, a ausência da igreja católica romana, que conta sómente com 350 milhões. Por amor ao grito de Jesus: «Amai e Perdoai», não transcrevo as acusações que o conferencista lançava ao Vaticano, sendo suficiente lembrar o pacto de Latrão, que ligou o catolicismo ao fascismo.

Quero, unicamente, demonstrar que nós, espíritas, somos mais prudentes e generosos para com toda a espécie de adversários, mesmo quando êstes nos atacam rudemente, até incitando o Governo Nacional a fichar-nos na Polícia, secção de criminosos. Eu fui três vezes fichado.

Vamos ao positivo. Desde o acontecimento histórico da III Revelação, mais ou menos um século atrás, é que continua a revolucionar luminosamente o mundo espiritual, primeiro com a *lei divina de reencarnação, que permite a cada criatura reviver tantas vezes* quantas necessárias para purificar-se; e, segundo, a *destruição do inferno, que liquidava o amor e a misericórdia de Deus.*

Estamos convidando os irmãos católicos para que se aproximem de nós apenas para estudar, experimentar e constatar a razão do Espiritismo, assim como fazem, diariamente, milhares e milhares de cientistas, também para combater a ignorância, a superstição e a paralisía do progresso intelectual humano. E, para demonstrar aos nossos adversários que respeitamos e até veneramos os médiuns católicos, que iluminaram o mundo com os mesmos fenômenos reveladores do Espiritismo, sempre que se tornar necessário citarmos êsses médiuns que, na qualidade de santos, o catolicismo pôs nos altares. Os efeitos não são os mesmos, entre os dois campos: católico e espírita?

De facto, nenhum de nós negou que Santa Tereza, São João de Copertino, Santa Coleta, São Bernardo, etc., liam o segredo das consciências individuais à distância, sem serem «demoníacos». Nem qualificamos de «tais» Santa Brigida, Santa Catarina da Ciena, etc., que pelo olfato distinguiam a qualidade dos pecadores. E ainda não qualificamos de «tais» Santo Afonso, Santo Ambrósio, Santo Antonio de Padua, a beata Anna Emmerich, etc., médiuns de telepatia, psicometria e exteriorisação. Tanto menos do pároco de Ars, de São Pasqual Bailão, da beata Eustocia, de Santa Tereza de Avila, etc., médiuns de escrita, de transportes, tipitologia e, enfim, as curas assombrosas de D. Bosco, rev. Strambi, etc., que chegavam a curar doentes, apropriando-se das moléstias dos mesmos.

Ora, se nós, espíritas, longe de sermos sectários, admitimos e veneramos os médiuns do catolicismo, por que êste cada dia e cada hora nos aponta ao desprezo público, aos rigores das autoridades, aos anátemas? Onde está o grito de Cristo: «Amai e Perdoai?» Não vê o catolicismo que nós estamos enchendo o Brasil de asilos para os velhos, creches para meninos abandonados, dormitórios noturnos, escolas, refeitórios, roupas para a infância, manicômios, hospitais, etc., etc.? Por que tanto ódio e tanta ingratidão?...

Há mais: se os cientistas ateus, como Lombroso, Morselli, Richet, Renan, Guizot, Rochas, e o mesmo jesuita Gemelli, bem como o grande escritor católico, professor Luciano Roure, curvaram-se, respeitosos, diante dos fenômenos mediúnicos do espiritismo, é possivel que sómente o catolicismo, sem estudar, analisar e raciocinar, os qualifica inexoravelmente de «demoníacos», condenando até os cientistas que os assistem ?

Estamos ainda nos tempos das fogueiras, nas quais Bruno, Vanini e muitos outros prescrutadores da vida universal foram queimados vivos, sómente porque se rebelaram em acreditar a terra como único planeta habitado?

E, todavia, para concluir, pacífica e evangelicamente, no século da luz e da razão, nós, espíritas, estamos ainda e sempre dispostos a discutir com os nossos irmãos católicos, para chegarmos a um acôrdo que, como no congresso cristão permanente, de Londres, se conclua pela liberdade e o respeito do pensamento, na base pura e simples de Jesus, em um pacto de tolerância e de fraternidade.

A hora o exige, para acabar com o fratricídio, que continua destruindo, empobrecendo e depravando a humanidade.

E oferecemos, desde já, em nome de todas as associações espíritas do Brasil, calculadas, até hoje, de nove a dez milhões de adeptos, com mais de dois mil centros de propaganda e de caridade, todos guiados e fiscalizados por companheiros catedráticos, profissionais, até militares, oferecemos, eu dizia, uma série de conferências pùblicas, èm lugares apropriados, com o direito pleno e absoluto de os católicos intervirem e discutirem em contradição.

Garantimos a maior liberdade de palavras e o respeito aos mais intransigentes oradores adversários, sob a nossa responsabilidade individual e coletiva.

Mas, queremos a *«Discussão pública»*.

O grande Victor Hugo dizia: «os maiores ideais, como o de Cristo, se sagram no altar do sacrifício.» Assim é o nosso ideal, que chegou a deixar fichar os nossos maiores missionários como criminosos. Onde há um ideal cristão, que até hoje, como o nosso, sofreu e sofre as mais insidiosas acusações dogmaticas? Nem os «mortos» foram e são respeitados.

Que Deus de amor e misericórdia ilumine os nossos irmãos católicos.

Fenômenos de Materialização

XV

Com a ausência do médium principal, desenvolvido, que entrou num período de repouso, fóra desta Capital, os trabalhos de tratamento astral não se teem caracterizado com a produção de fenômenos de materialização, em virtude dos médiuns em desenvolvimento, que se teem prestado, de boa vontade, à tarefa de se dedicarem ao alívio aos sofredores, não oferecem ainda, aos espíritos desincarnados, os elementos de que carecem para a realização de tais fenômenos. Todavia, grandes coisas se teem desenrolado nessas proveitosas sessões, quer pelo não pequeno número de casos de cura de enfermidades físicas rebeldes, quer pela produção de fenômenos de efeitos físicos outros, transcendentes, como o de voz direta, de fócos luminosos, etc. Aliás já chegaram a se notar fenômenos ligeiros de semi-materialização, em duas ou três sessões, os quais puderam ser observados pela assistência, distinguindo-se vultos de forma humana, constituidas de uma espécie de vapor diáfano, quasi irradiante. O querido espírito de Cairbar Schutel, durante três sessões consecutivas, fez eloquentes e oportunos comentários de assuntos palpitantes do Novo Testamento. Abel Gomes, David, Scheila, João de Deus, Pedro de Alcantara e Auta de Souza teem-nos mimoseado com belíssimas poesias, por voz direta, sendo de lamentar a falta de um taquígrafo, para que essas verdadeiras joias poéticas e literárias, vasadas em temas evangélicos, pudessem ser divulgados para instrução e consôlo de muitas pessoas. O infatigável José Grosso, tem-nos brindado com tanta quadrinha que, aproveitadas, dariam para publicar um volume. André Luiz, Garcês, Padre Manoel de Carvalho e Artur Monteiro teem-nos dado belissimas lições evangélicas, também por voz diréta. Numa das últimas sessões, na qual estava presente o estimado confrade e distinguido poeta repentista Sebastião Lasneau, houve um verdadeiro duelo de poesias improvisadas, entre êste e o José Grosso. Nessa noite, depois de nos oferecer uma expressiva quadra, o espírito de Claudino Dias, sogro do aludido poeta e antigo espiritista barrense, desincarnado faz já muito tempo, comentou uma passagem evangélica que um elemento da Juventude «Abel Gomes» havia externado, a qual deixou os assistentes em suspenso, com a justeza dos seus conceitos, a beleza e a expressão da forma e, sobretudo, a elevação dos ensinos revelados. Na reunião seguinte, durante a qual se constatou intensa vibração, o inolvidável espírito de João de Deus, deixou-nos o seguinte poema intitulado — «Irmãos, Avante», que se segue:

«Nêste momento,
Nêste recinto,
Em pensamento,
— Eu o pressinto! —
O bem se faz.
Eu vos desejo
Que, com alento
A santa paz
Tenhais, de certo;
E o campo aberto
A' caridade
A' sã vontade
De trabalhar,
Possais nutrir
E o despertar
Do vosso sêr
Para o dever
Possais sentir.
Mãos, pois, à obra,
Que o bem vos sobra!
Irmãos, Avante
Fugindo à morte,
A todo o instante,
De ânimo forte,
Buscando a vida
Do puro amôr
Do Salvador
Da humanidade
A lei sublime
Da Caridade,
Que nos redime,
Que nos desperta
E nos liberta
Da atroz maldade!
Vamos confiantes
E vigilantes,
Sempre seguindo,
Mesmo carpindo
E sempre amando,
Prosseguiremos
Fazendo o menos
Quando não seja
Fazendo o mais
Que enfim se veja,
Para que o bem
Seja também
Dos pobrezinhos
— Nossos iguais —
E enfim a cruz
Dos seus caminhos,
Já sem espinhos,
Cheios da luz
Do Santo Amor
Do Bom Pastor
— O BOM-JESUS —
Tenham na vida;
E uma bonança
Na sua lida,
Com esperança
Enternecida
De eloquência
Lhes aprimorem
E revigorem
A consciência;
Que na amargura,
Na desventura
Contém, de certo,
De si bem perto,
A luz ideal
Dêsse fanal
Austéro e augusto
Da sã Doutrina
Que não fulmina
Mas ilumina,
Quer dando alento,
Quer bom sustento,
Novo alimento
Espiritual,
Franco e Leal
Ao ímpio e ao justo,
Se bem que a custo
Lhes esclareça
Suas razões;
Mas que afinal
Se estabeleça
E permaneça
Bem lá no fundo
Dos corações,
E um novo mundo
De paz e amor
Como uma flor
De bom perfume,
Lhes dê o calor
Do santo lume
Sem azedume
E sem perigo
Do grande abrigo
Da luz da Fé
Da sacrossanta
Lei que alevanta
E faz vibrar
E até encantar,
Graças à Luz
DO BOM-JESUS
De Nazareth!
Dái-vos, irmãos,
As vossas mãos!
E' o que vos pede
Nêste tão breve
Voto que externa,
De coração,
O vosso irmão,
Que a luz eterna
Vos ilumine,
Também desperte
E vos liberte
Do mal, do crime,
Sãos os desejos
Sonhos e almejos
Os votos meus,
Com muito amor,
Muito vigor
Do coração
Do vosso irmão

João de Deus».

Como se vê, uma rica mensagem poética, por via mediúnica, composta de 125 versos, de quatro sílabas métricas, perfeitamente rimados e metrificados. Depois de recebermos a referida mensagem, o José Grosso, após se fazer notado por uma de suas costumeiras gargalhadas características, perguntou, aos presentes, se queriam ganhar um doce. O Rodrigo e o Jacques, apressados, responderam pela afirmativa. Então — diz êle — para fazerem jús ao presente, façam em dez minutos o que João de Deus fez em cinco! O Vitorino, que até então se conservara calado, retrucou: «Isso é impossível». O José disse-lhe então: «tu és muito sabido, porque, sendo poéta, não te arriscaste a fazer uma tentativa!» Logo em seguida terminava esta bela sessão do «André Luiz», cheia de atrativos, de novas surprêzas agradáveis e de resultados satisfatórios.

Amadeu Santos.

1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

Uma desculpa que implica maior culpa

Ainda bem que REFORMADOR se dignou de dizer das «razões fortissimas» por que não topou o *Congresso de Mocidades Espíritas.*

De dizê-lo a meias-tintas e respondendo cartas de outros, que os dois «velhos amigos e companheiros» não lhe mereceram a honra da menor resposta em regra.

Nem por isso deixa de ser uma resposta ao que pedimos, sem indiretas e meias-tintas, em nosso escrito, ONDE IDES, MOCIDADE LOUCA DO BRASIL? e no último artigo inserto nesta Revista.

A *superioridade em tudo* de *Reformador* não lhe permitira descer à nossa inferioridade.

Pois, subamos nós, de nossa inferioridade até sua explicação.

Inferioridade tão grande a nossa, que dispensa indiretas e meias-tintas para dizer as coisas, sempre respeitosamente, mas, como as coisas são.

Aquí estão, senhores, as razões «ultra-sensatas», por que os ilustres dirigentes da «Federação Espírita Brasileira» não toparam a parada do Congresso: «... vimos informar os nossos leitores de que a Federação deixou de aceitar o patrocínio do Congresso, porque a «União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal», sociedade em cujo seio se encontram reunidos elementos jovens e de raro valor doutrinário e intelectual, não julgou oportuna a realização do referido Congresso».

Esta, a razão fundamental, que o restante, a despeito de tratar seus «hóspedes e inquilinos» como a mais perfeita organização juvenil do País, são colorários do que aí está, como se póde ver à página 30 de REFORMADOR de Fevereiro.

E temos, inicialmente, uma *infalibilidade* maior emprestando autoridades e perfeições «indiscutíveis» a uma *infalibilidade* menor.

Que espíritas desapaixonados (uma coisa triste, a paixão no espírita!) criteriosos e sensatos analisem o que está em REFORMADOR. E que nossa inferioridade «cometa o pecado gravissimo» de lembrar ao grupo de «infalíveis» o seguinte:

A' luz dos Evangelhos, «a cada um segundo as suas obras, e digno é o operário do seu salário».

Ora, para o caso presente, é nenhuma, ainda, a obra da Federação, para se expressar com tanta «autoridade». E menor, ainda, a do grupo de jovens que se reune sob seu teto, por maior que seja a sua cultura doutrinária. E nem um, nem outro são, ainda, operários dignos para salário tamanho. Por isso é que o julgaram inoportuno. Inoportuno ao merecimento de ambos, é óbvio.

— Mas, porque procuramos a Federação, para entregar-lhe a direção do Congresso? perguntareis.

A história conta-se, sem meias-tintas, assim:

Um de seus ilustres diretores dissera a um querido irmão e amigo que «a Federação precisa desbancar o movimento do Leopoldo», no setor das *Juventudes.*

Se não foi isto, teria sido coisa igual, sinão pior do que isto.

Ora, como o Congresso não é obra nossa, pessoal, e para sermos desbancado por uma instituição que dispõe de recursos e importância para fazer mais e melhor do que nós, corremos a procurá-la.

E em nossa companhia, o espírita mais insuspeito e ponderado, sôbre exercer, no *Conselho Deliberativo* da Instituição, encargo platônico que já exerceramos.

E porque procurámos a Federação e não a *sua União de Juventude?*

Além da razão maior aí exposta, houve mais duas de marcante relevo, em contrário:

Não acreditamos que nenhum movimento jovem, por si só, sem a experiência e o apôio dos mais velhos e experimentados, possa levar a termo empreendimento de tal monta. Ainda os mais antigos, menos intolerantes e de serviços maiores prestados à causa...

E afigurou-se-nos que o caso devia, inicialmente, interessar, primeiro, ao *proprietário ou dono da casa*, que não a seus «inquilinos», a seus «hóspedes», visto como, quando procurámos o ilustre Presidente da Federação sôbre o assunto, disse-nos êle que a Federação não se interessava pelo movimento de *Juventudes*; que os môços alí estavam como seus inquilinos ou hóspedes, pois a ilustre Instituição apenas lhes cedera a sala, e nada mais.

Vemos, agora, que a coisa mudou muito.

A Diretoria da Federação já se interessa pelas *Juventudes* (quanto mais não seja, para atrapalhar um movimento que surgiu para realizar-se com o apôio e concurso de todos!) e seus *inquilinos* e *hóspedes* da véspera subiram a uma infalibilidade quasi igual a sua!

Parabens a ambas, que folgamos, sinceramente, com a evolução de ambas.

Mas, se *Reformador* conhecesse bem os outros movimentos e muitos jovens que vão por aí além, também conhecedores da Doutrina e sem totalitarismo algum, e mais tolerantes, não afirmaria que só *sua juventude* está à altura de orientar o Congresso.

Porque, se suas atitudes de confraternização e se seu espírito de liberdade são negativos para tanto?

Porque possuem uma personalidade jurídica, esta coisa ao alcance de todas as instituições que o desejem?

Damos, de nossa parte, maior importância à personalidade cristã, afirmada a atos e factos cristãos.

Porque funciona na Federação?

Ainda que a Federação federalizasse de facto, não seria o caso, que os grandes movimentos e as grandes verdades, até hoje, sempre «partiram da pereferia para o centro», é a lição da História.

Nem cremos, ademais, que a espíritos sensatos e de reta análise, alguns jovens inexperientes e convencidos possam reunir credenciais maiores do que 40 nomes dos mais respeitados no meio espírita do Brasil, para tomarem a frente, apenas, como fôrça animadora, de um certamen.

Resta-nos, felizmente, uma consolação:

Não ha vaticanos nem cardiais no Espiritismo, a despeito de haver instituições e confrades que pensem em contrário.

Sairá o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil*. E ha de colimar, se Deus quiser, seus altos propósitos. Era movimento, repetimos, para interessar a todos os jovens e reunir todas as «Juventudes».

Para tanto — nós, que ainda não sabemos nos humilhar — tão grande é, ainda, nossa inferioridade! — nos humilhámos três vezes.

Não é por culpa nossa que o Congresso, que veio para unir mais, comece desunindo.

Outra consolação nossa: que já se fez no Brasil, de grande e novo, afóra as edições de livros magistrais, que já tivesse a iniciativa e o apôio dos ilustres confrades que dirigem a Federação?

Não podia, é claro, o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil* fugir à regra geral.

Uma glorificação que desglorifica

Luiz Gomes da Silva, incontestavelmente o precursor do movimento de *Juventudes* no Brasil, merece de todos nós a glorificação a que fez jús.

E tê-la-á, brevemente, dos movimentos espíritas mais esclarecidos do País.

Mas, uma glorificação superior, cristã, sem segundas-intenções e sem veneno. Uma glorificação bem diferente da que lhe confere *Reformador*, número de Fevereiro.

Luiz Gomes da Silva veio como Paulo e plantou o movimento de *Juventudes Espíritas* no Brasil.

Outro irmão seguiu-lhe, posteriormente, as pégadas, e, como Apolo, regou a planta, semeiou seus frutos.

Luiz Gomes da Silva, inspirado do Alto, como o outro, pôs no seu programa de *Juventudes Espíritas* o teatro, como elemento de educação artística, de propaganda da Doutrina e de divertimento superior.

Também o outro irmão fez o mesmo,—que a verdade inspirada toca a todos irmanados pelo mesmo ideal!—arrastando-se a mais, porque criou elencos teatrais, escreveu peças de teatro, publicou livros de peças teatrais e agitou ainda mais o programa teatral entre os moços.

Reformador, sem se lembrar e sem sentir o belo exemplo e lição de Paulo, a dizer «eu plantei e Apolo regou», a dividir com o irmão o mérito de uma campanha; *Reformador*, tardiamente *conforta* um velho companheiro, para, ferir outro velho companheiro que já fez, no caso em análise, mais, muito mais.

Uma glorificação que desglorifica, não ha dúvida!

A paixão cega e a pretensão desorienta.

Principalmente, pretensão e paixão características de «velha tática de guerra» de um velho programa exclusivista e rasteiro, pronto sempre a alijar os que, trabalhem ou não, produzam ou deixem de produzir, desejam aspirar outros ares e respirar noutros climas de mais evolução e de mais liberdade.

E, quando a «velha tática de guerra» encontra alguém que não quer se deixar alijar facilmente, exatamente por não ser alijável, como será?

E Deus que se apiede de todos nós!

A Instituição e seus dirigentes

Repetimos: não se deve confundir instituição nenhuma com os seus dirigentes, existam embora muitos confrades que confundem suas atitudes e seus êrros como obra da instituição que dirigem; conquanto haja muita gente que leva faltas e êrros de dirigentes à conta da instituição dirigida.

Pensamos diferentemente.

Por isso é que continuamos discordando dos dirigentes da Federação, por seus êrros e faltas, que se nos afiguram dolorosos, sem que isto possa, de modo algum, implicar hostilidade e inimizade à Instituição.

— Mas, direis vós, em se tratando de uma instituição espírita, cujos dirigentes presumem-se escolhidos pelo Alto, antes da escolha de seus companheiros do *Conselho Deliberativo* ou da *Assembléia Geral?*...

Terieis razão se todos os dirigentes fossem, efetivamente, escolhidos pelo Alto, a exemplo de um centro que conhecemos de sobra...

Somos presidente de um centro ha 14 anos, reeleito sempre.

Se, amanhã, aparecer outro que possa fazer mais ou melhor do que nós, com que prazer lhe passaremos a direção!

E que fôrça já fizemos, por três vezes, para passar, sem poder, a presidência a outrem!

Agimos assim, porque no regimento interno ou externo do F. E. C. não existe nenhum dispositivo de lei determinando que o candidato a um encargo em sua diretoria, se candidate, 30 dias antes das eleições, e que sôbre sua candidatura se manifeste, ainda, o *Conselho*...

Ora, se procedessemos assim, dariamos provas concretas de que confiamos mais na escolha de nós mesmos do que do Alto. Se procedessemos assim, estariamos provando que as leis e regulamentos do baixo teriam mais valor, para nós, do que a inspiração do Alto. Se procedessemos assim, seriam provas concretas de que, por faltar-nos a inspiração e a assistência do mais alto, fôrça foi que nos agarrassemos a leis de homens, elaboradas a conluios e *panelinhas*...

Esta, a lógica.

E não ha fugir, com lógica disto.

E pouco se nos dá que ádvenas de tais ou quais direções saiam a lançar contra «velhos amigos e companheiros» insultos e carapuças que bem lhes ficam, a confundir suas intransigências e seus defeitos de desassistidos do Alto com a Instituição, a que foram guindados por homens cheios das mesmas paixões e inferioridades.

A Igreja de Roma também procede assim.

Seus sacerdotes também criam ambientes irrespiráveis, saem, intolerantemente, a agredir, a meias-tintas e carapuças, a tudo e a todos que respiram fora da sua atmosfera e, depois, quando se lhes põe a calva à mostra, é agressão, é insulto à *Santa Madre*.

Quer-se fazer a mesma coisa no Espiritismo.

Mas, não existe, felizmente, vaticanos e sacerdotes no Espiritismo.

Leopoldo Machado.

Impressões de Leitura

Um livro de Carlos Imbassahy é, sempre, para nós, motivo de grato deleite para o espírito e também para recebermos novas lições, que nos entram pelo entendimento sem esfôrço nem canseira.

Ninguem melhor que êle sabe exprimir e concatenar idéias, expôr pontos de vista, de uma maneira precisa e clara, num estilo que é um modêlo de harmonia e simplicidade.

Corpo e Espírito é o livro que estamos comentando — o último que lemos do consagrado autor do *Espiritismo á Luz dos Fatos.*

Como todos os outros que havemos lido do mesmo autor, esse livro possue algo que não nos deixa esmorecer em meio da leitura, que nos leva suavemente, deliciosamente, ao fim de suas páginas com a mesma impressão do princípio: de delicioso e intenso prazer intelectual. O livro divide-se em duas partes: a primeira — O Corpo — êle expõe, transcreve e comenta fatos atuais e antigos, interpretando-os à luz da moral, da filosofia e da ciência, para levar o leitor à conclusão de que a matéria está subordinada ao Espírito e na dependência das fôrças psíquicas, das forças poderosas e imortais de nossa consciência interior.

O autor cita vários escritores conhecidos nos meios científicos e espíritas, alicerçando, dess'arte, os conceitos que formúla e os pontos de vista a que chega, e aos quais conduz o leitor, sem sentir, impelido suavemente por uma lógica que, apesar de inquebrantável, não possúe a aspereza das coisas duras e inamoldáveis: vestida, como sempre, a sua prosa, por um estilo que, não traindo a verdade, (há escritores que pelo amor às frases bonitas deturpam a verdade) é um grato encantamento para o nosso espírito.

Livro para leigos e adeptos da doutrina «Corpo e Espírito» é, por isso mesmo, uma obra que não possue a rigidez, o ortodoxismo de certos volumes de ciência e de doutrina, que só agradam e interessam aos que lêm pela mesma cartilha.

* * *

Foi lendo os artigos e os livros de Carlos Imbassahy que iniciei os primeiros passos no conhecimento da doutrina espírita.

Através da prosa máscula do autor de «A' Margem do Espiritismo», entrei em contato com os postulados da 3.a Revelação.

Versando os mais variados assuntos que se relacionam com a doutrina dos Espíritos, numa leveza e concisão de linguagem que é um prazer para o nosso espírito, poude êle argamassar, em substanciosos ensaios e estudos, o que há de mais denso e profundo acerca do Espiritismo.

Polemista vigoroso, rebatendo as opiniões dos adversários sem ferir melindres pessoais, antes, procurando transformar em amigos os seus contendores, Carlos Imbassahy pulverizou por completo os falsos e falhos argumentos de que se valiam os inimigos da doutrina para quererem aniquilá-la.

Nem uma vez foi vencido nessas lutas memoráveis a que se entregou, não por espírito de combate, mas pelo amor á Verdade e em defesa dos princípios e ideais da Nova Revelação. Ninguem melhor do que Carlos Imbassahy encarna, no Brasil, a figura do trabalhador intelectual espírita. Toda uma existência dedicada ao estudo e á divulgação dos três ramos que estruturam a doutrina espírita — ciência, religião, filosofia — êle é, hoje, um mestre a que não podemos deixar de recorrer, em nossos momentos de dúvida e indecisão.

Luiz Dantas

Terra Nova — Bahia.

VISÃO E IDENTIDADE

A identidade dos espíritos é um dos temas, talvez o mais difícil de resolver na prática do Espiritismo, tal é a facilidade com que os espíritos podem tomar nomes e aparências de certas personagens que, quando na terra, mereceram todo o nosso respeito e veneração. Pela sua linguagem ou escrito, elevação moral, sinais e outros característicos, muitas vezes, se reconhece a sua identidade espiritual.

Milhares de fatos, já bastante generalizados, teem demonstrado que, criaturas desencarnadas foram identificadas porque se deram a conhecer, em suas aparições, pelos sinais que possuiam no corpo fisico.

O corpo *espiritual* de que fala São Paulo, ou o *perispirito* dos espíritas, ou ainda, o corpo *astral* dos ocultistas é o reflexo do corpo material, e tem a propriedade de conservar todas as aparências do corpo físico, após a sua liberdade espiritual. Esta a razão por que um espírito, ao ser visto, se apresenta tal como êle era, quando na terra.

O fato que vamos citar, é um dos que vem em apôio dos princípios pregados pela doutrina dos espíritos :

«Um caixeiro viajante, homem muito positivo, teve uma manhã a visão de uma sua irmã que falecera havia nove anos Quando contou o fato à sua família, foi ouvido com incredulidade e cepticismo ; mas, ao descrever a visão, mencionou a existência de uma arranhadura na face.

Essa particularidade de tal maneira impressionou sua mãe, que ela caiu desmaiada. Depois que voltou a si, contou que fôra ela que, sem querer, fizera esta arranhadura na filha no momento em que a depunha no caixão, que, em seguida, para disfarçá-lo, cobrira-o de pós de modo que ninguem, no mundo, estava a par dessa particularidade. O sinal que o seu filho vira, era, pois, prova da veracidade da visão e ela viu nele, ao mesmo tempo, o anúncio da sua morte que, efetivamente, sobreveio algumas semanas depois». (1)

E' preciso reconhecer que o espírito quís fazer aparecer o arranhão, afim de confirmar a sua identidade espiritual. Por isso se diz :

Não há nada mais brutal do que um fato.

SPÁRTACO BANAL.

---

(1) *Vide Leon Denis.*

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Livros e Autores

O ESPIRITISMO E A ENERGIA ATÔMICA

A teoria atômica, no sentido da desagregação do átomo, que não quanto aos pesos atômicos, data, precisamente, de 1807, com o físico inglês Dalton. Com Becquerel, (Antonio Henrique) o 3.º físico dêste nome, afirmou-se como teoria rádio-ativa, através do estudo que o sábio fez no uranio, em 1896. Dois anos depois, G C. Schmidt positivou que o tório é, como o uranio, rádio-ativo. Já Roegten havia descoberto, em 1895, o Raio X. Mme. Curie, e seu ilustre esposo, realizam, então, estudos serissimos, a respeito, descobrindo um elemento de maior poder rádio-ativo, irradiador, a que deram o nôme de *rádio*. De peso atômico inferior ao do *tório* e do *uranio*, 226. Debierné descobre o actínio em 1899, outro elemento grandemente rádio-ativo. E comprovou-se que os elementos rádio-ativos, por isso mesmo, exatamente, são os de maior densidade atômica.

Vinha a ciência, desde os tempos gregos, explicando que o átomo era indivisível, a partir de sua etimologia mesma: *o que não póde ser dividido*.

A teoria da desintegração do átomo cria, entretanto, possibilidades do contrário. E descobre-se no átomo outros elementos distintos, os *neutrons*, os *protrons*, os *electrons*. Rutherford expõe sua teoria da desintegração desses elementos, que póde ser lenta, que póde durar séculos: os átomos são sistemas complexos, presos por energias fortissimas, atômicas, de propriedades diferentes. Tal desintegração é que produz a irradiação, de tipo e espécie diferentes por sua vez. Daí, os raios *alfa, beta, gama*, etc. Ora, se tal desintegração, que póde durar séculos, se processar imediatamente, eis a explosão atômica. Eis a bomba atômica.

E' uma coisa assim, mais ou menos, que não somos sábio para explicar melhor, a julgar do que poderamos compreender.

E é isso que se lê, mais ou menos, no último capítulo do opúsculo, *O Espiritismo e a Energia Atômica*, que nos chega de Sacramento, R. G. do Sul. O opúsculo traz no alto da capa o nome de Aurelio Modesto e conta a história de um espírito de luz que déra, no Centro Espírita Fraternidade, daquela cidade, comunicações sôbre a energia atômica, sôbre a bomba atômica.

Somos de um sãotomezismo sem nome a respeito de comunicação espírita.

Mormente, quando trazem nomes bonitos e respeitáveis por baixo e revelações surpreendentes. Não valorizamos as comunicações pelos nomes que as assinam, mas pelo que nelas se contém. E, felizmente, nas comunicações em análise, nada vimos que fugisse da possibilidade, da lógica e da verdade. E aceitamos, perfeitamente, as razões que o espírito expõe para justificar o invento entre os norte-americanos e quasi no fim da guerra. Imaginemos se o invento fosse confiado aos alemães e japoneses! Muito sigficativo que os americanos, com a colaboração de cientistas alemães, entrassem na posse do invento. Significação que pusemos, claramente, em nossos opúsculos, DAS RESPONSABILIDADES DOS ESPÍRITAS DO BRASIL e no BRASIL, BERÇO DA HUMANIDADE.

Uma grande satisfação, para nós, pela prova que tivemos foramos, apenas, um instrumento, embora enferrujado, talvez, para escrever o que escreveramos a respeito do papel da América na formação e vida da Humanidade de amanhã.

O penúltimo capítulo insere um apêlo bem articulado aos espíritas a propósito de suas responsabilidades dentro da Doutrina e da Humanidade. Apêlo que devia ser repetido, *altissima voce*, por toda parte.

* * *

QUANDO AS ROSEIRAS FLORIAM — *Poesias de Rosalia Sandoval* — Rio

Assistimos já ao fastígio de três escolas poéticas: a lírica, a simbólica, a parnasiana.

Amámos a poesia, lendo Casimiro de Abreu.

Não conhecemos na poesia nacional nada que se compare à jóia de altissimo valor lírico que é *Os Meus Oito Anos*. Nem no lirismo indianista de Gonçalves Dias, incontestavelmente o mais brasileiro de nossos poetas; nem no lirismo condoreiro de Castro Alves, que é, sem dúvida, o maior poeta brasileiro.

E' que, para nós, poesia é emoção dalma, é voz do sentimento, é a arte de sentir e de emocionar-se diferentemente.

A falta de poesia no verso só póde, para nós, ser atenuada por filigranas de arte, pela beleza dos símbolos e das imagens. Daí, o mérito da escola parnasiana e do simbolismo. Por isso é que o parnasianismo superou o lirismo, o simbolismo fulgiu alto e forte. E Bilac com Emilio de Menezes, e Cruz e Souza com Alfonsus de Guimarães fulgiram, entre muitos, como poetas dos maiores de nossa poética, que são lidos por gente de gosto com o mesmo prazer com que se lê Casimiro, Castro Alves e Gonçalves Dias. Poetas que não passarão nunca, quando já ninguém se lembrar dessa enxurrada de defraudadores da verdadeira poesia, que são os futuristas, os modernistas, na sua maioria . . .

E tão grande é a enxurrada, que nem a sensibilidade feminina resistiu a ela. Até nossas poetisas — e a alma da mulher é, por fôrça mesma das virtudes emocionais do sexo, mais emotiva! — vão se deixando levar pela falta de gôsto, de emoção, de «engenho e arte» que caracterizam o modernismo.

Uma poetiza de velha guarda resiste, ainda, embora sinta que as suas roseiras já não vão dando rosas.

E' Rosalia Sandoval, alagoana de nascimento, mas, residente no Rio, que, de tempos a esta parte, vem publicando em revistas espíritas, belos contos morais, belos versos.

Quando as roseiras floriam é o seu livro. Ou melhor, opúsculo, *plaquete*, de 62 páginas, 39 produções diferentes, sem índice.

Mas, livro, que trescala poesia dos canteiros da emoção e do sonho derramados nas suas produções, todas mais ou menos descritivas, líricas, paisagistas, com tonalidades espirituais. Livro cheio de recordações e de saudade. Um escrínio de inocências e de emoções brandas, suaves.

Quando as roseiras floriam não é um volume de versos espíritas.

E podia ser, que a poetiza tem engenho e arte, e o Espiritismo é filão de inspiração dos mais apreciáveis, e sua autora é espírita militante.

E como gostariamos de dizer coisas ainda mais agradáveis, aquí, de seus versos espíritas, que ela os faria bem feitos, naturalmente, a contrastar com tantas palavras mal rimadas, sem beleza e sem graça, que vão por aí, enchendo folhas espíritas!

* * *

FOLHAS CAÍDAS — *Emiliana Delminda*, «Gráfica Nova Era», Franca, S. Paulo.

Aqui está outro volume de poesias e outra poetiza no rigor do termo.

Poetiza lírica-parnasiana, espiritualista.

E, sôbre tudo, uma grande artista, inspirada e emotiva.

Seu parnasianismo lembrou-nos Francisca Julia, que foi, talvez, de nossas poetizas, a que melhor trabalhou o soneto.

Não encontramos similar para seu lirismo parnasiano e espiritualista.

Houve muitos parnasianos que fizeram lirismo com superioridade e beleza emocional.

Nem todos os nossos líricos primaram pela beleza da forma, pelos requintes da arte pura, características do parnasianismo, que difere do lirísmo, exatamente pela forma bem cuidada, pelos atavios do estilo, pelos caprichos e filigranas da arte. O parnasianismo é, numa palavra, a escola poética da forma impecável. O lirismo, a poesia de fundo emotivo, sentimental, humano.

Emiliana Delminda reune no seu *Folhas Caídas*, as caracterìsticas poéticas das duas escolas. E as reune com superioridade e prodígios de tecnica e de sentimento.

Seu *Folhas Caídas* reune versos que se lêm com enlêvo, com os olhos de artista e de sentimental. Satisfazem por quaisquer prismas. São versos que dificilmente se encontram na musa feminina. E' que, via de regra, a poesia feminina cuida mais das emoções do que das exterioridades. E a fórma poetica é pura exterioridade. Seu volume está mal revisto, como, de resto — ai, de nós! — são os nossos livrecos. E é dividido em três secções: *Ilusões que fogem*, *Retalhos d'Alma* e *Saudade do Céu*, selecionando, as três, 49 produções, a maioria sonetos, todos eles bem talhados, nos moldes clássicos do soneto.

Vejamos, ainda que superficialmente, algumas amostras:

Na primeira secção, á página 13, êste retalho de uma ilusão fugidía:

Mas, um dia, acordei. Que tempestade
No deserto sem fim da realidade,
Onde a rajada me cobriu de pó!

Era isso a vida, o sonho era mentira
E eu sobraçando minha cruz—a lira,
Prossegui meu caminho, triste e só.

Reliquia, eis outra ilusão dalma, que se lê na segunda secção, sentindo com a sua autora:

Ai! tudo o vento do destino leva:
A luz se apaga e, a divagar em treva,
Erram lembranças que doridas são!

Na vida é tudo assim! Tudo envelhece
Mas, dentro dalma o sonho não fenece
E o coração... é sempre o coração.

O soneto *Deus,* da terceira parte, tem este fecho:

Deus! na esmola que espalha a mão da [caridade,
na esperança, na fé, no amor e na ver- [dade,
no conjunto estelar iluminando os Céus.

Deus! no celeste azul de esplendida be- [leza,
nas fôlhas de oiro e luz na bíblia — Na- [tureza,
porque tudo revela um Ser supremo — [Deus!

A autora é espiritualista de convicção. E, parece-nos que espírita. Dí-lo em versos assim:

E partirei, deixando as desbotadas vestes,
—o corpo... E ninguem mais se lembrará [de mim.
A matéria pertence à terra, entre os ci- [prestes,
a alma—à etérea mansão de luz. oiro e [marfim.

E no soneto *Pecado e Justiça :*

O mundo é purgatório e eu venho de ou- [tra vida,
De algum êrro. talvez, buscando, arrepen- [dida,
a luz da redenção nos báratros da dôr.

A Justiça Divina é réta, inexorável,
e eu (quem sabe?) infame, egoísta, miserável,
alheia, indiferente à excelsa lei do amor.

Deus, a majestade de Sua criação, Jesus, as belezas de seus ensinamentos e de suas virtudes, tudo isto sai do volume em versos admiráveis de tessitura e de inspiração.

Versos de um estro novo, de um talento forte, de uma inspiração moça.

Entretanto, a poetiza diz sua idade, no soneto *Meu Aniversário :*

Setenta e três. A' sombra de um salgueiro,
prestes, bem prestes, dormirei de vez,
e, em novo mundo, lúcido e fagueiro,
feliz, minha alma viverá, talvez...

Suplicando a morte, canta e promete assim:

Descerra-me a cortina azul da Eternidade,
quero, em versos, cantar o mundo espiritual.

Aí está uma bela promessa que, se cumprida — e os poetas espíritos só nos têm enviado, até agora, conselhos para a Terra, afim de podermos ser felizes na Espiritualidade — uma promessa que, se cumprida, a poetiza poderá, assim, descrevendo maravilhas, firmar um nome e um conceito que não tem no meio poético, que seu volume não firmará, porque não editado, infelizmente, por uma editora de largos recursos, em milhares de volumes, que levassem, por toda parte, o bom gôsto poético e a educação artística para a verdadeira arte da poesia.

Não conhecemos a poetiza.

Nem ela nos enviou seu volume.

Enviou-o para esta revista. Ou alguém por ela, de vez que sem dedicatória.

Maior justificativa para uma apreciação assim, que está aquem dos méritos da obra e da autora. E já é tempo de fazer-se justiça, glorificando-se o valor e o mérito, venham eles de onde e de quem vierem.

Leopoldo Machado.

A morte não é o fim da vida como pensam os incientes, mas o fim de uma etapa e o começo de outra, cuja finalidade é a evolução do espírito para Deus. A morte e a ressurreição de Jesus não têm outro objetivo senão a demonstração da vida eterna aos homens, afim de que êles tomem a verdadeira senda que os conduzirá ás esferas dos sêres superiores. Essa é a mesma missão do Espiritismo com os seus factos imortalistas. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

O Velho Stenhouse

Na casa de residência contígua à minha viviam um casal e o pai, viúvo, encontrando-se aposentado por alguns anos.

A filha queixava-se frequentemente sôbre as excentricidades e rabujices do pai demonstrando-nos a todos estar um tanto ansiosa por vê-lo fóra dos seus cuidados.

O velho Stenhouse foi na sua mocidade um grande atleta e trabalhou até aos 70 anos como viajante duma importante fábrica, tendo viajado muito pelos principais centros da Gran Bretanha e da Irlanda. Passei muitas horas agradáveis na sua companhia e êle dedicava-me uma certa estima e amizade. Uma semana antes de caír de cama estive na sua casa onde se encontravam o genro, a filha e duas senhoras amigas. O Bill, pois assim é conhecido por nós o genro, tratou de arreliar-me e espicaçar-me, declarando ser um comunista e ateu, não acreditando em religiões de qualquer natureza.

A esposa e as outras senhoras professam a religião protestante, e por mais que tratasse de convencê-los sôbre as minhas experiências e provas cabais relativas à sobrevivência, falhei no meu intento. O velho Stenhouse ouviu-me sem pronunciar uma única palavra e ria-se de vez enquando, fumando o seu cachimbo em frente do fogão.

Em 3 de Dezembro de 1947 caíu de cama e o médico confessou que estava realmente doente e que estava certo de que nunca mais sairia da cama. Era agora uma questão de dias ou mesmo horas, e que estivessem preparados para o pior, e o velho contava já seus oitenta anos de idade.

Ao ser-me dito isto pelo genro, eu fui ao quarto do enfêrmo e alí permaneci por algumas horas. Falámos ambos e o velho riu-se muito com as minhas chalaças. Ao voltar ao quarto de baixo, disse à filha e ao Bill que eu era de opinião que o pai não morreria antes do Natal e que de facto estava bem convencido de que êle comeria o seu último Christmas puding cá na terra antes de seguir para o «Além».

No dia seguinte a senhora enfermeira que o visitava diariamente, ao ser informada sôbre a minha opinião, riu-se e censurou-me, pois o velho ja quasi não tinha pulsação e estava realmente «às portas da morte».

No dia do Natal o velho Stenhouse insistiu com a filha para dar-lhe o jantar, o puding, uma laranja e uma chávena de chá. Depois acendeu o cachimbo, e pediu que pusessem o aparêlho de recepção da T. S. F. em operação, pois gostava de ouvir os programas. Que lhe deixassem a porta do quarto aberta. Satisfizeram a sua vontade, e o velho Stenhouse que era escocês, gozou bastante ao ouvir as canções do seu patrício Sir Harry Lauder que êle conhecia pessoalmente. No dia seguinte o médico veiu visitá-lo e confessou estar perplexo, mas insistia que nunca deixassem o velho só e que deviam ambos revesar-se, permanecendo no quarto em turnos de quatro horas cada um. Um vizinho e eu prontificamo-nos a ficar no quarto também durante a noite.

No sábado, 3 de Janeiro de 1948 ao regressar a casa à 1 hora da tarde fui informado de que o velho estava muito mal e que já não falava e a ninguém reconhecia. Fiquei no quarto por umas quatro horas e disse à filha e ao marido que me batessem à porta no caso de precisarem de mim.

A's três horas e meia da madrugada de domingo a filha veiu acordar-me dizendo que o marido estava no quarto desde a meia noite, e que se encontrava cançado e me pedia para ir ao quarto do velho enquanto êle decançasse. Levantei-me logo e fui deparar com o Bill na cozinha a tomar uma chávena de chá e muito pálido. Compartilhei também duma chávena de chá antes de seguir para o quarto do enfêrmo, e o Bill confessou que o velho durante o tempo em que êle se encontrava na sua companhia, esteve por muito tempo falando com a esposa e várias outras pessoas já desaparecidas dêste mundo, e que deitou fóra dos lençois o braço direito e começou a apertar a mão de vários amigos, dizendo-lhes «adeus» e que estava muito satisfeito por saber que a sua esposa e outras pessoas se encontravam alí no quatro e que estava pronto para os acompanhar.

Segui às quatro horas da manhã para o quarto, sentando-me ao lado do velho Stenhouse. Encontrava-se então em estado de «côma». Perto das seis horas olhou para mim, sorriu e com certa dificuldade levantou o braço direito e apontando para mim com o dedo indicador disse enfaticamente: «Fred, Nine óclock». (Fred, Nove horas). A's sete horas e meia o genro entrou no quarto pedindo-me para ir para casa e que, se precisassem de mim me chamariam.

Intrigado com a mensagem recebida do velho, regressei de novo às oito e meia horas, pensando naturalmente que estava chegada a ocasião do seu desenlace fatal. Permaneci alí até as 10 horas, quando a enfermeira entrou na casa e insistiu que eu me fosse deitar e logo que precisassem de mim me chamariam.

Comi o meu lunch ao meio dia e precisamente à meia hora vieram dizer-me que o velho tinha dado o seu último suspiro.

A enfermeira e uma senhora vizinha lavaram o corpo e colocaram-no numa prancha em cima da cama. Minutos depois um vizinho e eu fomos ao quarto para barbea-lo. Trouxe aquele duas máquinas de barbear com duas lâminas novas, e depois de ensaboarmos a cara não foi possível escanhoal-a. Lembrei-me então de ir a casa buscar a minha máquina, precisamente identica às outras e, com surpresa nossa, barbeámos o velho com a maior facilidade possível!

No final da nossa tarefa tentámos ambos meter a dentadura postiça na bôca do defunto, um de nós fazendo isso, enquanto o outro atava um lenço nos queixos, mas por mais que ambos quizessemos fazer isso, foi impossìvel cumprir com tal missão. E assim... o velho Stenhouse lá foi para a sepultura, sem a sua dentadura!

Fred. Nine óclock.

Na quarta-feira, sete de Janeiro, tive que ir a negocios a Spalding, em Lincolnshire, e ao abrir um guia dos Caminhos de Ferro um tanto antigo, notei que o combôio sairia de Manchester às nove horas e vinte minutos da manhã, para chegar a Spalding à 1,50 da tarde.

Como vivo numa aldeia distante de Manchester uns doze quilómetros, levantei-me mais cedo e cheguei à Estação às nove horas menos cinco minutos. Com a maior surpresa minha, ao olhar para o Horario na entrada da plataforma, vi que o combôio devia partir *às nove horas em ponto!* e não às nove e vinte como mencionado na tabela que tenho em casa!

Ora eu absolutamente nada dissera ao velho sôbre a minha visita a Spalding. O que sei de positivo é que o velho Stenhouse viajou por inúmeras vezes por esse combôio!

O sucedido leva-me a crer que, posto que o velho estivesse em estado de côma umas horas antes de falecer, conservou positivamente até ao fim todas as suas faculdades.

Tenho ao mesmo tempo a convicção de que Deus deixou o velho viver por alguns dias mais simplesmente para pregar uma lição à filha e particularmente ao genro.

E... como sequência do que afirmo, êste vendeu tudo o que se encontrava no quarto do velho, consistindo duma magnifica mobilia, etc., e no sábado 17 de Janeiro, trocou a casa com a dum vizinho, afirmando-me que não mais podia viver ali!

—

Sabichões

Há uma certa classe de indivíduos neste mundo que é conhecida por «O Sabe tudo». Não preciso gastar o papel para escrever sôbre muitos casos por mim observados, limitando-me a fazê-lo sôbre um que se deu comigo aquí em Manchester. Muito natural é os estimados leitores tenham tido de vez enquando a desdita de se entrevistarem com um dêsses «abortos da Natureza»!

Todos sabemos que «a União faz a força» e na questão de fazermos a propaganda do Espiritismo, uma das armas mais poderosas que contamos é a da imprensa. Ora esta não pode viver do ar, mas sim do suporte espiritual e material dos seus crentes.

Antes de entrar própriamente no meu assunto, desejo aqui apresentar os agradecimentos do Editor do Two Worlds e da minha humilde pessoa aos nossos Colegas do estranjeiro que com regularidade nos enviam os seus exemplares. São estes escrutinados por pessoas possuindo conhecimentos linguísticos e depois são distribuidos por sócios do Instituto de Linguistas de Londres, e outras Sociedades e indivíduos de várias partes do nosso país. Assim pois se semeiam as doutrinas expostas nêsses periódicos e revistas.

Tais periódicos e revistas devem ser sustentados pelos espiritualistas locais e do exterior, e um bom plano de propaganda é deixar os exemplares, depois de lidos, nos assentos dos Cafés, Bares, carruagens do Caminho de Ferro, etc. etc. Há sempre um «curioso que se apodera de tal exemplar e levando-o para casa o lê e... começa a raciocinar» podendo afirmar eu que conheço 4 casos em que três Católicos e um judeu se converteram ao Espiritismo por terem lido certos artigos que os impressionaram muito e o levaram a investigar e frequentar Centros Espíritas.

—

Joaquim e o cão Adamastor

Numa das minhas primeiras experiências sôbre o Espiritismo, quando presente num «Open Circle», uma senhora expos-me claramente as feições do velho Joaquim que vivia no meu tempo de estudante na Quinta do Olho Marinho, na Avenida da Boa Vista, Paragem do Bessa, Pôrto. Era vizinho e visitava frequentemente essa quinta e na primavera entretinha-me a obervar uma andorinha que fazia, isto é, reconstruía o seu ninho perto da porta e da parte de dentro do armazem. Essa senhora fez-me ficar boquiaberto, quando mencionou o nome Joaquim, descreveu a côr do seu cão, e os incidentes de observar a andorinha, etc. Que o Joaquim e o cão se encontravam felizes e me saudavam e continuavam a ser meus amigos.

Publiquei no «Two Worlds» esta interessante narração que foi muito apreciada especialmente por pessoas amigas dos animais. Numa das noites fui a um Centro Espírita onde se demonstrava alí a clarividência num «Open Circle».

Uma das pessoas presentes chamou a atenção da senhora que estava ao lado para um cãosinho que alí se encontrava e cujo nome era «Peter». Esta senhora ficou muito contente pois que o cão tinha morrido sómente uns dias antes.

No final do «Service» dirigi-me à médium e a essa senhora, narrando-lhes o que me tinha acontecido na semana anterior e naturalmente perguntei a essa senhora se tinha lido o exemplar do «Two Worlds» tendo saído naquêle mesmo dia, onde vinha o meu conto. A sua resposta foi esta: — «Não, meu caro senhor. Há anos que não leio jornais ou livros sôbre o Espiritismo pois que os conhecimentos que tenho sôbre o Espiritismo são mais que suficientes e não preciso perder o tempo em ler as experiências dos outros!»

A médium afastou-se delicadamente de nós. Sorri-me, disse um «Good night» e quando na rua alguém me bateu lévemente no ombro direito. Era a médium.

— : Mister Etraud, disse ela, parece impossível, mas é verdade, que aquela senhora com quem falou, tem meios de fortuna, vive sósinha, é uma àvarenta miserável, e... olhe, olhe... chamando-me a atenção para o outro lado da rua, lá vai ela sózinha em direção à sua residência.

Tão sóvina que, posto que esteja uma noite frigidissima, em vez de ir no Onibus, vai a pé, percorrendo uma distância de perto de dois quilômetros!

Frederico Duarte.

Manchester — Inglaterra.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00
Do 4.º ano Cr.$ 50,00
Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00
Do 7.º ano . . 50,00
Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00
Do 11.º ano . . 60,00
Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00
Do 14.º ano . . 60,00
Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80.00
Do 17.º ano . . 60,00
Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00
Do 20.º ano . . 60,00
Do 21.º ano . . 60,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

Suas Reuniões Preparatórias

Prosseguem, animadissimas, as reuniões preparatórias do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, na sua séde social, Sociedade de Medicina e Espiritismo, à Av. Rio Branco, 4, 15.º andar.

São reuniões que vão dando a impressão de que já se está, efetivamente, em franco funcionamento do Congresso.

Adesões

Chegam, diariamente, adesões dos movimentos juvenis de mais importância e responsabilidade no Brasil.

De Belém do Pará a Porto Alegre, de todos os Estados em que ha «mocidades espíritas organizadas» virão representantes ao Congresso.

Aspecto de uma Sessão Preparatória

Mais de cem jovens já estão, até o presente, escolhidos para representantes com assento no certamen.

Por isto, e por outros aspectos inéditos do certamen, o «1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil» ha de marcar época no movimento espíritico do País e do mundo.

Suas Finalidades Principais

I) Aproximar, cristãmente, os moços espíritas para a cimentação de amizades puras e sinceras, que desafiarão, de futuro, o tempo e o espaço;

II) Estimular os moços e as «Mocidades Espíritas» para que produzam mais e melhor, a benefício próprio e mais intensa difusão da Doutrina;

III) Transmitir aos jovens consciência religiosa e preparo suficiente, afim de que possam, de futuro, e até com maiores vantagens, substituir os mais velhos na direção do movimento espírita;

IV) Despertar nos moços o gosto pelo estudo e pela arte de escrever e de falar, bem como amor ao trabalho construtivo;

V) Desenvolver nos moços o gosto e tendências artísticas para a arte espiritualista, como elemento de educação e propaganda;

VI) Estabelecer um plano de uniformidade de programas e de trabalho para maior rendimento de serviços a benefício do movimento espirítico local;

VII) Criar um Conselho Consultivo, centralizador do movimento de «mocidades espíritas» para orientar e dirigir moralmente, sem formas rígidas e idéias de adesão e filiação, o movimento juvenil do País;

VIII) Estudar as possibilidades de manutenção de um órgão de imprensa, como porta-voz das «Mocidades Espíritas».

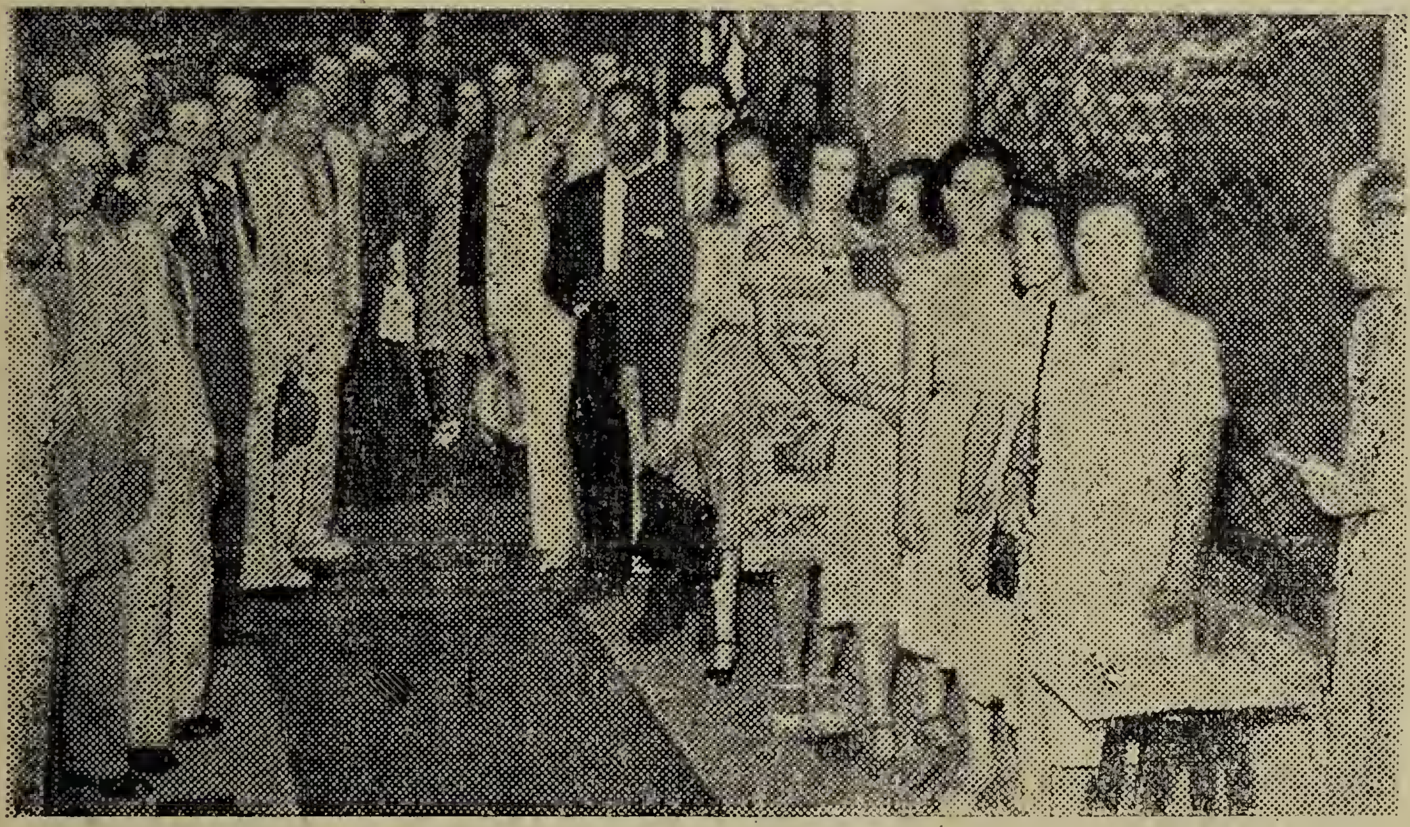

Jovens e mais velhos aguardando a hora de assinar o livro de presença à entrada de sua séde central, na Sociedade de Medicina e Espiritismo.

E'poca do Congresso

Pelas férias escolares de Julho de 18 a 25.

Se, entretanto, passar o projéto de lei que altera as férias escolares para Junho, alterado ficará, concomitantemente, o Congresso.

Sua Oportunidade

O «1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil» surge na sua hora própria, dentro de um imperativo do momento, como fonte de estímulos e incentivos para os núcleos juvenis que já existem e para os que se formarão.

Traçará, portanto, normas seguras e cristãs para o movimento juvenil. Normas que já foram, até, experimentadas com resultados práticos admiráveis, produtivos, indispensáveis.

E procederá assim, sem segundas intenções, sem carácter de exclusividade e sem hostilizar indivíduos e grupos.

Correspondência

Toda correspondência, pedidos de informações e sugestões, como tudo que se refere ao certamen, e possa interessá-lo, deve ser enviado ao endereço acima.

Apêlo Final

Joven espírita, ou Mocidade Espírita do Brasil, o Congresso precisa de ti!

Vem, pois, com o teu idealismo sadio e com o teu desejo de acertar, colaborando com êle, que, no final de contas, o maior beneficiado és tu mesmo!

*

Deputado Castro Carvalho

O nosso distinto confrade Dr. Euclides de Castro Carvalho, Capitão-Médico do Exercito e Deputado Estadual vem desempenhando brilhantemente a sua missão no seio da Assembléia Constituinte fazendo assim jús à estima e consideração que desfruta entre os seus inúmeros amigos e principalmente entre a grande família espírita. Pautando a sua ação de acôrdo com os preceitos cristãos, o Dr. Euclides de Castro Carvalho pleiteou importantes subvenções para diversas instituições espíritas filantrópicas.

Conforme relação publicada no «Diário Oficial» de 31 de Outubro de 1947, foram as seguintes as entidades beneficentes, do nosso Estado que foram incluidas na lei orçamentária, para o ano de 1948, afim de receberem subvenções:

Asilo dos Pobres, de Serra Negra, Cr. $ 60.000.00;
Asilo da Velhice Desamparada de Biriguí, 60.000.00;
Asilo de Velhos do Centro Espírita Irmã Terezinha, de Pindamonhangaba, 60.000,00;
Asilo S. Vicente de Paulo, de Descalvado, 60.000,00;
Asilo S. Vicente de Paula, de Itápolis, 60.000,00;
Abrigo Batuira, de Poá (Mogí das Cruzes) 60.000,00;
Dispensário dos Pobres de Piracicaba, 20.000,00;
União Federativa Espírita Paulista, de São Paulo, 40 000,00;
Federação Espírita do Estado de São Paulo, 40.000,00;
Liga Espírita do Estado de São Paulo, 40.000,00;
Asilo Anália Franco, de S. Manoel, 30.000,00;
Asilo e Orfanato S. Vicente de Paulo, de Franca, 50 000,00;
Lar dos Desamparados, de Baurú, 50.000,00;
Associação das Senhoras Cristãs, de Araçatuba, 70.000,000;
Centro Espírita Amantes da Pobreza, de Matão, 20.000,00;
Albergue Apóstolo Paulo, de Ribeirão Preto, 60.000,00;
Albergue Noturno Bezerra de Menezes, de Cruzeiro, 60.000,00;
Associação Espírita Beneficente «Maria da Luz», de Santos, 40.000,00;
Associação Vila de S. Vicente de Paula, de Itú, 60.000,00;
Assistência aos Necessitados, de Taubaté, 60 000,00;
Núcleo Espírita Irmã Izabel, de Taubaté, 60.000.00;
União Espírita de Ribeirão Preto, 60.000,00.
Orfanato S. Antonio, de Paraibuna, 50.000,00;
Sanatório Jesus, de Cruzeiro, 60.000,00;
Sanatório Felício Lucchini, de Biriguí, 70.000,00;
Sanatório Américo Bairral, de Itapira, 50.000,00.

Ao Dr. Euclides de Castro Carvalho, que foi distinguido com a insignia da Cruz de Saude, da Escola Militar «Val de-Grâce», da França, conforme edição do «Diário Oficial», de 28 de Novembro de 1947, as nossas felicitações pela sua brilhante atuação na Assembléia Constituinte, com votos de paz, saúde e crescente progresso espiritual.

*

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizaram juntamente, no dia 28 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão comemorativa da ressurreição de Jesus. Usaram da palavra os companheiros Edo Mariani e Costa Filho e recitaram poesias as seguintes meninas da Aula Espírita: Odete Conceição Pinto, «Deus», Alice Coelho, «Paixão de Jesus»; Evaní Gonçalves, «A Prece»; Edení Gonçalves, «Ide e Pregai»; Iracema Lopes, «Aos Espíritas», e o menino Jaime Coelho, «Sombra e Luz».

*

«Mundo Espírita»

Êste brilhante colega, que se publica na Capital Federal, completou no dia 4 do mês em curso o seu 16.º aniversário.

Ao «Mundo Espírita», que desfruta nos meios espíritas de grande estima e consideração pelo seu trabalho perseverante e bem orientado na defesa e propaganda da 3.ª Revelação, as nossas felicitações, com apertado abraço congratulatório ao seu digno diretor e seus auxiliares.

Só é considerado verdadeiro espírita aquele que tiver um comportamento irrepreensivel no lar, na sociedade e no trabalho. — CAMARGO.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 á 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2441unse

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1948 — N. 4

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mocidade Espírita . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Repercussão dos Fenômenos de Hydesville no Mundo Religioso e Científico Norte-Americano . . . *Leopoldo Machado*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Trinta Anos entre os Mortos . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Novo símbolo da fé Cristã — O Cristo Vivo! . . . . *J. B. Chagas*
O Espiritismo não deve ser postergado *Pereira Guedes*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Maio de 1948 — NUM. 4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
FUNDADOR: *Cairbar Schutel*
DIRETOR: *José da Costa Filho* — REDATOR: *A. Watson Campêlo*
GERENTE: *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Mocidade Espírita

ESTAMOS acompanhando com simpatia, entusiasmo e interêsse cada vez maior o notável movimento da mocidade espírita, movimento que constitúe a prova mais frisante de que o trabalho e o sacrifício dos chamados velhos na difusão da Doutrina começam a produzir frutos a mancheias, e frutos saborosos, razão por que estão de parabens os pioneiros do Espiritismo no Brasil, muitos dos quais já desincarnados, mas que continuam da mesma maneira a trabalhar pelo triunfo da Doutrina, estimulando, encorajando e orientando com suas renovadas mensagens e seu indispensável adjutório espiritual a todos aqueles que, cheios de boa vontade, se propuseram a trabalhar na seára espírita.

Vemos nêsse movimento o cumprimento de uma das predições de Jesus quando afirmou: «E será pregagado êste Evangelho do reino por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim». Razão por que achamos que se os espíritas não se movimentarem no sentido de dar um vigoroso impulso na difusão da Doutrina, como poderá ser pregado o *Evangelho do reino em testemunho a todas as nações?* Das religiões sacerdotais, que cuidam apenas dos seus interêsses materiais e pessoais, ninguém espere trabalho decisivo na pregação do Evangelho, porque já faliram lamentavelmente na tarefa que se propuseram cumprir. E' dos espíritas, os novos e verdadeiros cristãos, que Jesus espera seja o seu Evangelho difundido em espírito e verdade por todo o mundo.

Acreditamos piamente que os moços espíritas, orientados com segurança pelos velhos, seus mentores, muito podem produzir a pról da propaganda da Doutrina e em seu próprio benefício, de vez que, pelo estudo e prática dos postulados espíritas, que se estribam no espírito do Evangelho, podem aprimorar o sentimento e o caracter e iluminar o cérebro com as luzes dos conhecimentos que forem adquirindo no terreno moral e intelectual, porque o Espiritismo, no seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, abrange todos os setores da atividade humana.

Somos mentores da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e, nas nossas observações, temos notado que, após a fundação da Mocidade, aumentou consideravelmente o número de jovens e moços espíritas, alguns dos quais ingressaram ha pouco na fileira espírita, em consequência do trabalho ativo dos moços espíritas.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» comparece quasi inteirinha às sessões do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», o que não se registrava antes da sua fundação, e realiza semanalmente duas sessões, aos domingos, às 14 horas, e às sextas-feiras, às 20 horas. As sessões domingueiras destinam-se a apresentação de trabalhos escritos e dissertações sôbre pontos doutrinários e evangélicos, cada um procurando fazer o mais possível, de acôrdo com a sua capacidade. As de sexta-feira destinam-se ao estudo dos livros básicos da doutrina, principalmente do Livro dos Espiritos, de Allan Kardec, havendo troca de opiniões sôbre este ou aquele ponto. Como mentores podemos afirmar que, dada a maneira por que são orientadas tais sessões, nenhum joven ou moço que delas participe, deixa de ficar bem esclarecido com relação ao conhecimento da doutrina e ao cumprimento dos seus deveres cristãos.

O que é digno de nota é que às sessões da mocidade comparecem os velhos, assim como os moços comparecem às sessões dos velhos, e isto porque, cônscios, uns e outros, dos seus deveres de espíritas militantes, sabem muito bem que não ha velhos e nem moços em se tratando da Doutrina.

E' confortador e digno de estímulo, encorajamento e adjutório o trabalho dos moços desta novel associação, que se esforçam o mais possível no estudo da Doutrina. Mas o trabalho desses moços não se cifra apenas no estudo dos livros filosófico e científicos da Doutrina. Eles procuram converter em obras o produto dos seus estudos, na plena confirmação dos conhecimentos que vão adquirindo. Querem mostrar a sua fé pelas suas obras, conforme S. Tiago, cap. II, vrs. de 14 a 26.

E assim, aos domingos, são escalados os moços que devem visitar os enfêrmos pobres e os nececessitados, aos quais levam gêneros alimentícios, roupas e dinheiro. E agora estão empenhados na compra de um terreno destinado à construção da Vila dos Pobres «Cairbar Schutel», porque sabem que *fóra da caridade não ha salvação*, e que precisam pôr em prática o que vão aprendendo, em obediência ao seguinte preceito do Mestre: «De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.»

Portanto, estudo, como meio de esclarecer, iluminar o espírito, e assistência social aos enfêrmos e necessitados de todas as idades, crenças e raças, constitúe o objetivo imediato da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel». E nesta cruzada cristã, moços e velhos marcham paralelamente, indiferentes aos atritos de opiniões ou pontos de vista relacionados com o movimento da mocidade espírita, que, segundo pensamos, veiu na hora aprazada, por uma sábia determinação do Alto, o que parece estar justificado pela amplitude de tão oportuno movimento. E nêste caso estamos com o parecer de Gamaliel: «Se êste conselho ou esta obra for de homens, se desfará; mas se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não sejais, porventura, achados, até pelejando contra Deus». (Atos, cap. V, vrs. 38 e 39).

Enfim, êsse grandioso movimento está em marcha triunfante e não acreditamos na existência de um só espírita, seja moço ou velho, que persista em ficar na orla da estrada a censurar aqueles que procuram andar sempre para a frente, em demanda dos seus gloriosos destinos, num trabalho construtivo e essencialmente cristão.

Para a frente e para o Alto, pois, mocidade espírita!

Doutrina de amor, de paz e de luz, o Espiritismo é o único caminho que conduz a humanidade a Jesus, que constitúe, a seu turno, a única porta que dá acesso ao reino de Deus. Isto significa que o vosso esfôrço no sentido de difundir esta doutrina deve aumentar sempre, tanto mais que sois auxiliados pelos Mensageiros de Jesus, o que vos deve alegrar e estimular sobremaneira. — CAIRBAR

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XVI

As fórmulas mágicas da vidente

A Sra. Hauffe considerava o número 7 como lhe sendo favorável e o fazia entrar em todas as suas prescrições de remédios, etc. Para ela ainda, a sétima hora do dia era particularmente crítica. O número, dizia, faz parte do meu ser, bem como certa linguagem (da qual falaremos mais adiante.) Se eu tivesse o número 3, teria sido muito mais depressa aliviada.

Da mesma forma que Paracelso, atribuia virtude especial à herva de São João, a *hypericum perforatum*, planta de que se servia só como amulêto. Certo moço, que padecia de melâncolia profunda e a quem a Sra. Hauffe aconselhára trazer consigo tal herva, à guisa de amulêto, ficou completamente curado, em seguida a uma grave erupção que lhe sucedeu ter depois do seu uso.

Como todos os sonâmbulos, a Sra. Hauffe não extraía os seus remédios só da botica do farmacêutico, mas também de toda a natureza. Suas prescrições concordavam muitas vezes com o sistema homeopático. Ela prescrevia, em fracas dóses, substâncias que, em dóses elevadas, provocariam os sintômas que desejava combater. Em certos casos, suas receitas eram puramente mágicas. Assim, de uma feita, ela me pediu para recitar, pela manhã e à noite, às 7 horas, a Prece Dominical, mas que o fizesse com fé e que, no momento de proferir as palavras «Livrai-nos do mal», tivesse a mão pousada sôbre a sua fronte.

A propósito dos amulêtos, é preciso notar que ela os usava menos para ela que para os outros. A's vezes os confeccionava com substâncias vegetais, mas quase sempre com sentenças escritas, tomadas à sua linguagem interior.

«A palavra, diz Poirot, não foi dada ao homem só como meio de comunicação, mas como o meio de dirigir todo o mundo visível, pelo seu poder secreto, porque a palavra e a coisa são uma única e mesma coisa. Quando os santos personagens da antiguidade faziam tão grandes coisas, quando Adão deu a todos os animais nomes de acordo com as suas naturezas, quando Noé os reuniu na sua arca e Moisés ordenou ao Mar Vermelho que se separasse, não foi senão um retorno à natureza originária do homem.» Não se pode admitir que existisse naquela época, uma linguagem como aquela que a vidente reproduzia, linguagem que exprimia, com suas palavras e modulações, os poderes e as gradações da natureza física, de tal sorte que, lendo-se ou ouvindo-se tais palavras, as coisas com as suas propriedades se apresentavam logo à mente.»

Uma linguagem capaz de formar ou de representar coisas deve necessáriamente exprimir todo um sistema, em poucas palavras. E' possível que existam assim palavras mágicas que contenham, ao mesmo tempo, o espírito e as faculdades das coisas santas. Um amulêto pode não ter nenhum valor ou gozar grandes propriedades, contendo o nome e as virtudes da verdadeira fé. A virtude não reside na palavra, nem nas substâncias das hervas ou dos metais. Podeis fazer amulêtos tão grandes quanto os dos fariseus, mas nada obtereis sem a fé, nem também sem ter o nome de Jesus nos lábios.

As fórmulas mágicas da Sra. Hauffe parecem ser constituidas de palavras e algarismos de um sentido mais profundo que o de sua linguagem interior, e também da mesma natureza que êsses algarismos misteriosos que lhe permitiram calcular o dia de sua morte.

Signos e nomes dêsse gênero eram usados pelos antigos e provinham, sem dúvida, de sua vista interna. Quando confeccionavam amulêtos, formavam-nos de modos diferentes, segundo devessem ser levados nas costas ou sôbre o estômago. Se a séde da doença era no cérebro, eram colocados nas costas e, quando era o sistema ganglionar que estava afetado, punham-nos sôbre o estômago. Tal não autoriza a pensar que se era outróra mais sensível ao magnetismo que em nossos dias. Os amulêtos são originários do Oriente, berço da espécie humana. Entre nós tais remédios só são usados por gente do povo. Considera-se que as condições indispensáveis à sua eficácia residem nas mãos que os preparam, nos planetas sob os quais foram as plantas colhidas e na fé infantil do enfêrmo.

A Sra. Hauffe dizia que, para desenvolver o poder mágico, era preciso ter a mais absoluta fé no mundo invisível. «E' uma faculdade especial da alma, que é sustentada pelo espírito. Há outra espécie de magia de que não quero falar e que não é auxiliada pelo espírito».

Eschenmayer, nos seus «Mistérios», se exprime, assim, a tal respeito: «Amulêto, palavra estranha para o nosso século, em que a razão completamente triunfou sôbre as suspersticões da idade-média! Êste ressurgimento de amulêtos e de absurdidades do mesmo gênero serve para mostrar a loucura dessa história, ou, pelo menos, a insanidade da vidente. Como homens sensatos e instruídos podem se deixar assim arrastar para fóra das noções adquiridas?» Tais são as suas palavras, mas nós as consideramos irônicas, porque temos certeza de que êle possuía uma fé absoluta nos fenômenos produzidos pela vidente, uma vez que os estudou pessoalmente, com o maior cuidado.

Há três espécies de poderes curadores: o da natureza, o da natureza combinado com o poder espiritual, e o poder puramente espiritual. Quando o corpo está enfêrmo, recorre-se ao primeiro, com as suas terras, seus metais, seus sais, etc. O segundo é o magnetismo importuno e tão incômodo que vemos aparecer em tantas histórias, que não podemos mais suprimir e que chega, sem que se possa duvidar disso, a curar em certas ocasiõs em que todos os outros meios falharam. Para empregá-lo não é preciso conhecer a ciência médica; basta ser um homem honesto e forte. O que cura então não é apenas a fôrça orgânica que emana das mãos do homem, é a influência física do homem inteiro. Mas há um remédio superior ainda: é a fôrça puramente mágica. As fórmulas com o nome de Jesus Cristo são o remédio que nos Atos dos Apóstolos. cap. III, 2-18, Pedro nos ensinou: «Vós não quereis reconhecê-lo, e, entretanto, perdestes todo o poder que é concedido aos pobres de espírito, que, no futuro, irão exercê-lo em toda a extensão da sua fé.»

A magia que a Sra. Hauffe diz não ser sustentada pelo espírito é a de natureza má e que só é praticada por aqueles que se devotaram ao espírito do mal. E' a ela que o Evangelho faz muitas vezes alusão, mas a razão se ri de tais superstições. Como quer que seja, os resultados obtidos falam a favor da eficácia dos amulêtos. Que aqueles que duvidam andem até lá e façam o seu interrogatório: os testemunhos são numerosos e ainda se pode obter alguns. Se não crêdes neles, não crereis ainda naqueles que viriam do reino dos mortos para confirmar a verdade dos factos que relatamos.

No início da sua doença, o espírito protetor da Sra. Hauffe lhe mostrára, durante um sonho, o desenho de um aparelho que, convenientemente empregado, lhe devia restituir a saude. A Sra. Hauffe o desenhou num papel, mas não se deu importância a ele. Depois de longo intervalo, a comunicação foi renovada e ele lhe disse que se ela tivesse seguido, no devido tempo, o conselho dado, estaria já completamente curada. Foi ele construido antes da morte da Sra. Hauffe. O efeito produzido foi de natureza galvânica. Ela disse: «Isto carrega os meus nervos» e o denominou seu *afinador de nervos*.

A REPERCUSSÃO DOS FENÔMENOS DE HYDESVILLE NO MUNDO RELIGIOSO E CIENTÍFICO NORTE-AMERICANO

LEOPOLDO MACHADO

Assim como o Cristianismo veio do Judaismo, e o Protestantismo repontou do Catolicismo, o Espiritismo teria de surgir do Protestantismo.

Por um determinismo evolutivo, naturalmente.

E assim foi, efetivamente, justificando um grau maior, na evolução do Espiritualismo, a favor do Espiritismo.

Sendo a America protestante, e nascendo aí o moderno espiritualismo, certo que sua repercussão religiosa só poderia manifestar-se, primeiramente, no meio protestante.

* * *

Protestante era o lar e a família em que se verificaram os fenômenos famosos.

Protestantes foram os grandes nomes que, primeiro, se preocuparam, seriamente com os fenômenos.

E protestantes, as primeiras hostilidades religiosas que o Espiritismo teve que enfrentar.

A reperçusão, desse modo, que os fenômenos espíritas teriam no meio religioso-científico norte-americano, teria de ser, em face da índole mesma do povo, agitada e progressista, extraordinária.

* * *

A vida religiosa da grande nação registra, indiscutivelmente, o maior precursor do Espiritismo: Andrew Jackson Davis.

Um ano antes dos fenômenos de Hydesville, em 1847.

E em localidade diferente, porque às margens do Hudson, em *Pough-keepsie*, localidade mais insignificante do que Hydesville.

Davis era raquítico, doentío em moço.

Escreveu em transe mediúnico que «Os tempos são chegados e o machado vai, de novo, cortar a árvore secular da Revelação, que não dá mais fruto.»

Escreveu, muito moço ainda, assistido pelo Espírito de Galeno e pelo espírito de Swendenberg, um grande livro: *Os princípios da Natureza e a Revelação Divina.*

Foi o João Batista do Espiritismo, não só na America, como até no mundo.

E' dele esta outra profecia, que se está cumprindo integralmente, com a implatação do Espiristismo: «As vozes do Céu se vão fazer ouvir, trazendo a este mundo uma nova Revelação.»

Profecia dele e revelação mediúnica...

Davis era como John Fox e as primeiras médiuns, as meninas Fox, protestante...

* * *

Os fenômenos de Hydesville se projetaram, primeiramente, até Róchester.

Nesta cidade, o primeiro grupo espírita que houve: em casa do metodista, dr. Fish, genro de John Fox, porque, casado com Léa, a mais velha das Fox.

Em casa do Rev. Jervis, também em Róchester, o segundo núcleo espírita.

Um como o outro, destinados a prestar muito serviço à causa nascente, pelo volume dos conversos que fizeram os fenômenos aí observados.

* * *

Era protestante quem ideiou o primeiro processo alfabético para interpretar os fenômenos tiptológicos a pancadas convencionais, sr. Duesler.

Por meio desse alfabeto chegou-se a conversar claramente com o espírito vingativo de Carlos Rosna.

E, por esse meio, o espírito de Rosna confirmou, sem o saber e o sentir, que tais fenômenos iriam dar volta ao mundo.

* * *

Outro processo mais engenhoso para conversar com os espíritos, porque uma espécie de aparelho telegráfico, é invento de outro protestante: Isaac Post.

* * *

Os fatos mais importantes da época, que teriam, especialmente, de chamar a atenção do mundo científico, foram testemunhados em casa de respeitável pastor presbiteriano: dr. Fhelps.

Esses fatos, que tiveram maior eclosão e repercussão foram em 1850.

Eis a razão por que 1850 foi tomado como o ano primeiro do calendário metapsíquico.

E' que a Metapsíquica é a ciência moderna, que se ocupa, exclusivamente, com os fenômenos espíritas, tangíveis, embora tais fenômenos, marquem, apenas, um aspecto dos menos relevantes do Espiritismo como doutrina reformadora.

* * *

A Igreja Protestante, que expulsou os Fox de seu seio, como endemoninhados, teve necessidade e pressa de desmascarar, de uma vez por todas, os fenômenos então em moda.

* * *

Foi bem maior e mais retumbante a repercussão no meio científico.

A primeira reunião experimental, para se tirar, cientificamente, a prova das faculdades mediúnicas das Fox, foi a 14 de Novembro do ano seguinte, 1849.

Estudos realizados no salão Coríntia, o maior de Róchester.

As irmãs Fox foram aí aclamadas por muitos e negadas por outros tantos.

Uma reunião, essa, imprecisa, porque lhe faltou o depoimento indiscutível da Ciência.

Mas, foram fenômenos de tal ordem, repetidos, posteriormente, em outros ambientes, que converteram o governador Talmadge.

Catarina Fox Lea Fox Margarida Fox

Era preciso, na verdade, confundir a impostura, ou o diabolismo.

Quem seria, então, capaz ?

Só um grande nome, pastor e teólogo dos mais famosos, polemista dos mais desabusados, grande no saber e na combatividade : o Rev. Haumond.

Contra a espectativa geral do mundo religioso e científico, o Rev. Haumond apresentou seu relatório, em 1849, sôbre os fenômenos que testemunhou.

Apresentou-os como reais, indiscutíveis, claros, concludentes.

Nem fraudes, nem diabolismos descobriu o desabusado reverendo.

Artes do demônio ? Póde ser, disse êle, «salvo se o diabo estiver regenerado».

E com a sua conversão, o registro dos primeiros objetivos reais da Doutrina nascente : «. . . que a Humanidade viva em harmonia e que os cépticos se convençam da imortalidade da alma».

* * *

Homens de ciência e de alto critério filosófico e literário se reuniram, por vezes várias e em vários ambientes e localidades, em torno das Irmãs Fox, para o estudo dos fenômenos por elas provocados ou realizados.

Fenômenos que eram apresentados cômo realidades flagrantes, a despeito de choveram dos púlpitos protestantes e das cátedras acadêmicas contra eles toda sorte de condenação e de negação.

Foi bem uma sessão assim a que esteve presente o grande romancista Fenimore Cooper, em 1850, em New-York.

* * *

A oposição religiosa e científica, sistemática e sectarística, não impediu que, em 1851, já houvesse, nos Estados Unidos, mais de 10.000 conversos à sua realidade.

* * *

Em 1852 o Congresso Nacional recebeu, vindo de New-York, um requerimento com mais de 14.000 assinaturas, pedindo a atenção oficial para os fenômenos.

O Congresso não deu atenção de maior ao requerimento.

* * *

Por isso mesmo, talvez, se reuniu o *1.º Congresso do Moderno Espiritualismo,* em Cleveland, a que compareceram vultos dos mais eminentes nas ciências, nas letras e nas artes, na política e na religião.

Perto de seiscentas pessoas compareceram ao certamen, que foi presidido pelo prefeito da cidade de S. Luiz, talvez o mais céptico dos congressistas.

E realizou-se no ambiente científico da Faculdade de Medicina da Universidade de Missouri.

As irmãs Fox compareceram ao famoso congresso, que foi em torno delas, principalmente, que êle existiu.

Examinadas a rigor por cientistas, sentaram-nas à pequena mesa de necropsia, (vejam bem em que lugar as sentaram!) colocadas no meio do amplo anfiteatro, para serem bem vistas e examinadas de todos.

Os fenômenos vieram, positivos, claros, precisos.

Quem os negaria?

Ninguém, de vez que todos os testemunharam bem.

Os cientistas se reuniram, depois, a um cômodo reservado, para o veredicto.

E o veredicto foi a confirmação científica de todos os fenômenos, embora negasse, peremptoriamente, qualquer intervenção neles de Espíritos...

Foi, esta, a primeira sanção científica dos fenômenos espíritas.

Cuidou-se, também, nêsse Congresso, em face dos resultados positivos de seus propósitos científicos, de «organizar-se sua doutrina e disciplinar seus trabalhos».

* * *

O Congresso de Cleveland teve repercussão retumbante na Europa: na França, na Alemanha e na Inglaterra, principalmente.

* * *

No ano seguinte, de 1853, vultos dos mais eminentes e de várias cidades levaram a termo a tarefa da orientação e da disciplinação da Doutrina e dos trabalhos de que acima se fala.

Rogers, de Boston, com o seu, *A Filosofia e seus modernos agentes,* o grande juiz Edmunds, da Suprema Corte de New-York, Talmadge, governador do Wisconsin e o cientista Dexter foram os principais instrumentos para tanto.

Chegou-se, assim, ao caracter religioso e científico do *Moderno Espiritualismo,* que é o nome que ainda hoje, tem o Espiritismo nos Estados Unidos.

Modern Spiritualism ou, simplesmente, *Spiritualism.*

Allan Kardec aí, ainda não entrou, com a sua Codificação.

Por isso é que se comemora o seu Centenário a 31 de Março, enquanto o resto da humanidade espírita talvez o comemore a 18 de Abril de 1857, com a comemoração do centenário do *Livro dos Espíritos.*

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— IX —

No «eu» real há mais do que nas suas manifestações lógicas, intelectuais. Continua Geley:

«Os fatos demonstram que há no «eu» capacidades que ultrapassam os limites dos estados de consciência e que dominam todas as representações.

«A intuição e o gênio criador rebaixam em muito o nível das faculdades intelectuais.

«Não há na intuição, nem no gênio, nada do que caracteriza os encadeamentos da lógica. Aquelas faculdades são superiores, evidentemente tocam à essência divina do «eu».

«As faculdades psíquicas supranormais, e especialmente a lucidez, independem de todas as contingências, não podem reportar-se ao intelecto.

«Portanto, digamos mais uma vez que o «eu», o «eu» real, o «eu» essencial, é distinto dos estados de consciência e dos processos mentais que o representam momentaneamente».

Geley nos demonstra a lei das encarnações sucessivas, partindo do estudo do inconsciente e sua transformação sucessiva, embora lentamente, em consciente, e no estudo da formação do subconsciente. Vejamos suas palavras:

«Nenhuma recordação, nenhuma experiência psicológica se perde. O organismo, no curso da vida, sofre imensas modificações e, sem dúvida, se renova muitas vezes, molécula por molécula. Os estados de consciência se sucedem, mais ou menos diferentes uns dos outros. Uma vida se compõe, na realidade, de uma série de vidas: vida da primeira infância, da adolescência, da idade adulta, da velhice; vidas distintas entre si, conquanto reunidas em um fundo comum.

«Estas vidas sucessivas estão mais ou menos afetadas por esquecimentos na aparência definitivos, que constituem para o ser como que outras tantas pequenas mortes.

«Porém, através da renovação das moléculas orgânicas e dos estados de consciência, persiste um psiquismo superior e profundo, que registrou todos esses estados de consciência e os conserva de maneira indelével.

«Não estão, pois, esquecidos, embora permaneçam, em sua maioria, em estado latente. Mas isso não é tudo. O psiquismo inconsciente, que durante o curso da vida se enriquece dêsse modo com todos os novos estados de consciência, não se limita a registrá-los: *assimila-os.*

«Todas as aquisições conscientes são assimiladas e convertidas em faculdades. Isto é perfeitamente visível no curso da existência. O ser se «desenvolve», adquire faculdades novas ou mais acentuadas de sentir, de conhecer, de saber. O processo psicológico não pode ser outra coisa senão a conversão dos conhecimentos em faculdades. No entanto, esta conversão é subconsciente. Não ocorre nas moléculas cerebrais instáveis e efêmeras; necessita de uma elaboração contínua e profunda na parte permanente e essencial do Ser, isto é, no dínamo-psiquismo subconsciente.

«Assim, pois, pouco importam as desagregações perpétuas da personalidade consciente: a individualidade subconsciente permanente conserva a recordação indelével de todos os estados de consciência que a constituiram, e extrai, desses estados de consciência que assimilou, novas capacidades.

«Durante o curso da vida, o subconsciente individual deu novo passo rumo ao consciente.

«Assim, temos já uma base firme para partir, para nos dirigirmos para mais alto e mais longe no descobrimento da verdade.

«Só em pequena parte a criptopsiquia é formada das experiências da vida presente. Sua parte maior é inata. De onde, provém ela?

«A hipótese explicativa mais natural e mais razoável, será a que se baseia sôbre fatos. E posto que a criptopsiquia e a criptomnesia são constituídas, em parte, por experiências cotidianas transferidas para o subconsciente, ao qual enriquecem, é legítimo inferir que são totalmente constituídas por experiências passadas.

«Posto que não se encontre no curso de nossa existência senão a origem de uma parte do tesouro subconsciente que temos acumulado, estamos autorizados a buscar o complemento desta origem em experiências anteriores, e a retroceder além da atual existência, para achar a origem da criptomnesia e da criptopsiquia do Sêr.

«Evidentemente, esta indução é formidável. A muitos leitores parecerá, a princípio, senão absurda, pelo menos desproporcionada aos fatos sôbre os quais repousa.

«O que há, é que não deve ser considerada isoladamente, mas associada ao conjunto das demonstrações precedentes.

«Assim se fazendo, ela adquire uma fôrça nova. Já não é difícil compreender como o dínamo-psiquismo essencial, objetivando-se em novas representações orgânicas, guarda a memória profunda das experiências realizadas nas representações anteriores.

«Se, em lugar de uma só existência, se considerem séries de existências sucessivas, compreende-se imediatamente como se haja conquistado a consciência, partindo do inconsciente primitivo.

«Cada uma das existências, infinitamente numerosas e variadas, gravou-se no dinamismo essencial do Sêr e traduz-se por um estado de consciência, isto é, por uma recordação ou por uma capacidade.

«Foi assim que o Sêr passou, a pouco e pouco, do inconsciente para o consciente.

«A indução palingenésica, por outro lado, não é excluída por nenhuma objeção de ordem científica. Em vão procuramos achar uma só na massa dos nossos conhecimentos.

«Quanto ao esquecimento das existências anteriores, carece de importância para a ciência moderna. A recordação desempenha um papel muito secundário na psicologia normal: o olvido se estende a tudo. A maior parte das recordações desaparecem no curso da existência. A memória é débil, infiel, desfalecida. Incorre em faltas na vida normal regular e mais ainda nos estados anormais, «estados segundos», quer espontâneos, quer hipnóticos ou medianímicos».

Assim, sem se valer da revelação, sem considerações de ordem moral nem religiosa, partindo sómente da observação dos fatos, Geley chega inevitavelmente à doutrina reencarnacionista.

Fenômenos de Materialização

XVI

Dia 27 de Maio, terça-feira. O Grupo «André Luiz», na sua reunião habitual, recebia a visita dos prestimosos confrades João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Estado do Paraná, Dr. José Medeiros, da Escola «Jesus Cristo», de Campos, Estado do Rio de Janeiro e Ceciliano de Melo Portinho, escrivão da Coletoria Estadual de Mimoso do Sul, Estado do Espírito Santo. Os trabalhos foram abertos por mim, com uma súplica a Jesus. Foi lido o capítulo «Ponderações de Vicente», do livro «Mensageiros», de André Luiz. Finda a leitura, pedi ao confrade Prof. Newton de Barros procedesse à prece para a concentração, com o intuito de ouvirmos a orientação do Alto. Abel Gomes comunica-se, embevecendo-nos com uma palestra doutrinária cheia de profundos ensinos, orientando sôbre o que era mister observar na presente sessão. Respondendo à pergunta que lhe fôra feita, sôbre se os visitantes poderiam assistir à reunião, disse que nenhum impedimento havia. Destacou o companheiro Inácio Domingos da Silva para acompanhar os confrades, Dr. Lauro Sales e Afonso Pinto da Fonseca, êstes dois últimos, membros do «corpo voluntário de cooperadores», organizado no Grupo, pela orientação do Espaço, para fazer os ambientes externos em casa dos enfêrmos, para com êles ir a Botafogo visitar a nossa irmã Rocha Pacheco, que de Minas veio ao Rio para ser operada, o que realmente se deu na Casa de Saude «Santo Antonio». Essa nossa irmã vem sendo assistida moralmente pelos nossos companheiros, tendo os nossos guias preceituado, em favor dela, reuniões de intercessões em sua residência provisória, para consolidação de sua cura. No dia da reunião anterior, enquanto se processavam, na séde do Grupo, aos trabalhos correntes, os bondosos espíritos de Batuíra e Celia Xavier se materializam no hospital, junto à cabeceira da doente, na presença da sua filha Prof.ª Oralda Câmara Polto, tendo esta levado um grande susto, pois se trata de uma neófita da Doutrina, que pela primeira vez assistia aos transcendentes fenômenos, de materialização.

Depois da orientação do guia, a reunião seguiu o seu curso normal, tendo-nos falado, por voz direta, os amigos da espiritualidade José Grosso, David, Abel Gomes, Cairbar Schutel, André Luiz, Scheila, João de Deus, Auta de Souza e Garcês, ora em prosa, ora em verso, comentando palpitantes pontos da Doutrina Espírita e do Evangelho, que a todos confortou e instruiu.

No decurso dos trabalhos foi recebida a seguinte mensagem remetida, pelo confrade Medeiros, à irmã muito querida, de Campos, a que a mesma se destina:

«Recado a uma Legionária»

Oh! Samayanã
— Irmã querida!
Minha'alma ufana
E enternecida,
Contempla, agora,
A bôa hora
Da tua entrada
Na alvorada
Do dia lindo
Do amor infindo,
Que refloriu,
Da grande Luz
Que o Bom-Jesus
Te permitiu,
Pelo heroismo
Da tua vida,
Seguindo a lida
Do Espiritismo.
Avante, então,
De coração
Te entregando!
E enfim lidando,
Na lei sagrada
— Alma adorada!
Da redenção!
Êsse caminho,
Bem de mansinho,
Percorre atenta,
Deixando assim,
O mal, enfim,
Alma sedenta
Do Grande amor,
A todo irmão,
Lenindo a dôr,
Do coração
Do teu vizinho
Dentro do ninho,
Do Bom-Senhor!
E', pois, o voto
Dêste devoto
Da amizade
E enfim te liga,
Sem mais intriga

Ao teu João».

—

A reunião terminou às 23 horas, depois de proferida a prece final pelo Vicente Viola.

—

Estava anunciado que a reunião de sábado, dia 31 de Maio, no «André Luiz», seria bastante proveitosa e teria os atrativos dos fenômenos de materialização, dado que já poderiamos contar com o *médium* Lins.

Evidentemente, aberta a reunião, depois de feita a prece inicial pelo Jacques, que presidia à sessão, o espírito amigo de Garcês, que nos falava pela mediunidade de incorporação de um dos médiuns presentes aos trabalhos, não só confirmava a nossa espectativa, como entrava em minudências, na recomendação que nos fazia, para o melhor rendimento dos trabalhos iniciados. Da assistência, fazia parte uma jovem enfêrma, Alice Soares Alves, que viera acompanhada de um casal, parente seu, que, como ela, não era espiritista, mas procurava recursos no Espiritismo para sua cura, ameaçada que estava, pelos médicos da Terra, de ser submetida a uma intervenção cirúrgica, do apêndice. Os guias do Grupo haviam prometido ampará-la, tendo ela, nesta reunião, sido indicada para se recolher à sala contígua ao recinto das sessões, tendo-lhe feito companhia a nossa irmã Risoleta Vilar Viola.

Na cabine, recolheu-se o *mèdium* Lins e os primeiros fenômenos de efeitos físicos logo começaram a se produzir, depois de diminuida a luz, cantado um hìno e feita uma prece. O orientador dos trabalhos tinha permitido que os acompanhantes da doente permanecessem no recinto, o mesmo sucedendo com os irmãos visitantes, Francisco de Assis, de Ubá, Minas Gerais e Dr. José Medeiros, de Cachoeiro de Itapemirim, Espirito Santo, adiantando que os primeiros, interessados nos benefícios que ia receber a paciente, não poderiam prejudicar a boa marcha dos trabalhos, pois que os seus pensamentos teriam de, forçosamente, ser amorosos e, os seguintes, por já estarem identificados com os nossos trabalhos e por serem confrades muito queridos dos componentes do Grupo. Vários fenômenos de luz multicor se observam, produzidos por mais entidades da espiritualidade. O primeiro espírito a materializar-se é Nina Arneira, que vem ao recinto ministrar um passe no joelho doente de nossa companheira, Emilia Povoa Santos. Novos focos de luz são produzidos, alguns dos quais se desfazendo, outros, tomando inteiramente o recinto. Nina volta a aparecer junto à entrada esquerda, envolta em luz. E cantado o hino «Celeste amigo vem» e dois vultos aparecem no espaço, por sôbre a cabine, semi-materializados. Sou eu o encarregado de comentar a lição da noite, justamente quando o Fidelinho aparece do lado direito da cabine, bem junto de mim, dando-me o ensejo de o apreciar, com incrivel nitidez. Toda a assistência canta a «Canção Materna», que o Fidelinho acompanha produzindo meneios compassados, de acordo com o ritmo da música. Tive a impressão de me estar defrontando, naquele instante, apreciando o Fidelinho, com uma criança garrida e inteligente, em carne e osso.

O Medeiros faz uma sentida prece e, depois, todos cantam «Almas Gêmeas», quando então se dá o fenômeno da aparição de três entidades espirituais: Nina Arneira, Neuza Magaldi e Scheila. A primeira, perfeitamente materializada, e as demais apresentando vultos de formas humanas, diáfanos, etéreos, pouco perceptíveis, tendo a assistência sido avisada, por voz direta, de que se tratava, realmente, dessas entidades.

O José vem falar-nos logo, em voz diréta, enchendo o ambiente com a sua voz característica, dando uma nota alegre na penumbra. Elucida-nos sôbre todas as ocorrências e informa-nos de que o caso da doente presente não era o que estava apontado pelos clínicos da Crosta, pois que a essa conclusão haviam chegado os nossos guias, depois de feito carinhoso exame. Voltamos a cantar novo hino, desta vez «Pai do Céu» e o Fidelinho reaparece-nos, ajudando-nos, mas agora a sua materialização é menos espêssa, porisso mesmo menos perceptível.

O Henrique Magalhães profere uma prece e o Jacques faz um comentário, ainda sôbre a lição da noite. São apreciados novos e irradiantes fócos policrômicos. E logo após se nos apresenta o querido espírito de Ilka dos Santos, filha dos nossos companheiros Vitorino e Alina Ferreira dos Santos que se aproximam, emocionados e felizes, da querida entidade. Esta responde carinhosamente a várias perguntas formuladas pela mãe e sustenta um ligeiro diálogo com o pai, que acaba fazendo uma prece, entre lágrimas de sentimento de alegria ao Pai Altissimo, pela graça recebida. O José Grosso, solícito, volta a entreter com a sua palavra amiga e conselheira. A Madalena comenta a passagem evangélica que a Dulce Santos lembra no momento. Também eu sou incumbido de fazer uma prece, quando a Scheila nos vem falar, no seu sotaque próprio. E' cantado o hino «Aprendizes do Espiritismo» e André Luiz também nos fala, então, por voz diréta. Cabe à irmã Margarida fazer, agora, a prece. Garcês vem anunciar-nos a conveniencia de serem encerrados os trabalhos, os quais, adianta, tinham sido benéficos aos doentes. Pelo Jacques, depois de proferida a prece final, a sessão foi encerrada.

* * *

No mês de Junho realizaram-se várias sessões de tratamento astral, todas com resultados positivos, embora se não hajam registrado fenômenos de materialização. Muitos foram, entretanto, os fenômenos de luz radiante.

Um facto bem interessante foi observado no dia 8, domingo, à tarde na ocasião em que, no «André Luiz», a Juventude Espírita «Abel Gomes», anexa ao referido Grupo, realizava uma sessão especial, de doutrina e arte, em homenagem a Maria Santissima. No instante em que a referida Juventude, do palco, improvisado no recinto, estando êste repleto de assistentes, inclusive representações das Juventudes espíritas de Nova Iguassú e Petrópolis, cantava o lindo hino «Canção Materna», ouviu-se, nitidamente a voz de Fidelinho, fazendo côro com as jovens, tendo a sua presença, no palco, sido registrada pela vidência dos médiuns que alí estavam.

Nas sessões dos dias 14, 21, e 28 deram-se factos relevantes e curiosos, na presença de vários irmãos visitantes, entre os quais figuram Luiz e Ipoméa de Oliveira, de Cachoeiro de Itapimirim, Estado do Espírito Santo, Odilon Pereira de Souza, Branquinha Pereira de Souza e Osório Pacheco, de Juiz de Fóra, Minas Gerais e Vicente S. Neto, da Capital do Estado de São Paulo. A filhinha do Osório, que desincarnara ha cerca de dois anos, em Juiz de Fóra, falou por voz diréta, dirigindo-se áquele que fôra seu progenitor. E o que o espírito disse e a maneira por que o fez, foram de tal modo convincentes que o Pacheco e a assistência sentiram-se presas de forte impressão, guindados ao sabor de emoções doces e profundas.

Constataram-se, nessas sessões, vários benefícios a enfêrmos, entre os quais o da jovem Blandina Freire de Azevedo e do menino Raimundo, a primeira, portadora de um abcesso interno, localizado na região elíaca e o segundo, desenganado pelos médicos da Terra, a que os pais do enfêrmo recorreram sem lograr melhora e que apresentava depauperamento orgânico geral.

Uma e outro, graças a Deus, estão curados. Ha que destacar um caso pessoal. Subitamente eu me vi tomado de uma inflamação que me tomava a testa e os olhos, quasi me tirando a visão. Com o assistir duas reuniões consecutivas fiquei completamente bom.

Ficou evidenciado que o caso da senhorinha Alice Soares Alves não se tratava de apendicite ou, se o era, ficou curada sem ingerir nenhum remédio nem ser submetida a nenhuma intervenção cirúrgica, pois ela mesmo nos veio relatar que os médicos que lhe haviam feito tal diagnóstico acabaram, ao lhe fazerem novo exame, confessando que ela, não só não tinha inflamação no apêndice, como não tinha nenhum mal físico.

Outros casos, de menor monta, foram ainda registrados, deixando margem áqueles que os assinalaram e assistiram o justo júbilo de verificar que diante de tanta miséria e incompreensão humanas, a Misericórdia Divina, intérmina e bendita, continua a bafejar os pobres calcetas da dolorida jornada da vida planetária.

Amadeu Santos.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Espíritos de pessoas que tiveram, na Terra, o vício da bebida e que já não podem satisfazer o seu desejo, ligam, muitas vezes, a mortais de certa sensibilidade, procurando satisfazer o seu antigo hábito.

Em nosso círculo têm comparecido várias pessoas, vítimas de tal espécie de obsessão. O último caso tratado foi o da Sra. V., que tinha vício periódico e que, durante certo tempo, tentára em vão dominá-lo. Sentindo-se incapaz de dominar aquêle impulso irresistível, veio certo dia procurar-nos, em lamentável estado, para ser submetida ao nosso tratamento. Depois de sua partida, fizemos uma concentração para ela e o espírito de um ébrio, desalojado da Sra. V., se incorporou na Sra. Wickland.

Sessão de 4 de Abril de 1923.

Espírito: Paul Hopkins — Paciente: Sra. V. — Médium: Sra. Wickland.

Médico — Sois estranho a nós? Donde viestes?

Espírito — Que calor! Porque me expulsastes justamente quando ia conseguir um pouco de bebida e me distraír?

Méd. — Não vos sentís envergonhado? Dominar uma senhora e arruinar-lhe a vida é então distração?

Esp. — Que se deve fazer quando se está atacado de nostalgia?

Méd. — Deveis dominar vosso antigo vício.

Esp. — Estou ardendo. Está um calor horrível!

Méd. — Donde viestes?

Esp. Dai-me algo para beber, depressa. Sinto uma secura na garganta.

Méd. — Já não podeis mais beber.

Esp. — Estou ardendo.

Méd. — E' por isso que fizestes uma senhora beber por vós. Sabeis que já morrestes e que sois agora um espírito?

Esp. — Tudo o que sei é que estou com calor. Estiveram jogando fogo sôbre mim. (Tratamento elétrico aplicado na paciente).

Méd. — Era o que estáveis precisando.

Esp. — Corri logo que todo aquêle fôgo caíu sôbre mim. Foi a primeira vez que experimentei tal coisa. Era tão quente que eu pensei que tivesse entrado num fôrno. Parece que há hoje muitas coisas novas.

Méd. — A que quereis referir-vos.

Esp. — Ao fogo nas minhas costas. Estou seco, sinto um calor horrível. Dai-me algo para beber, nem que seja algumas gotas.

Méd. — Não podeis compreender que já perdestes o vosso corpo mortal e que sois agora um espírito? Compreendeis o que estou dizendo?

Esp. — Não. Não vos conheço.

Méd. — Mas entendeis o que estou dizendo, não? Sois um espírito.

Esp. — Dai-me algo para beber. Tenho muita sêde. Só consegui algumas gotas quando me expulsaram de onde estava.

Méd. — Porque não vos comportáveis direito.

Esp. Não me aguento mais. Dai-me um pouquinho, apenas algumas gotas.

Méd. — Se não vos comportardes bem, ficareis de novo em trevas.

Esp. — Bem, quereis dizer ao homem do Bar que êle não me deu bem forte? Quereis dizer-lhe isto?

Méd. — Não tendes mais nada com eles.

Esp. — Mas eu quero algo para beber.

Méd. — Achais justo fazer uma mulher beber, para satisfazer o vosso desejô?

Esp. — Tinha que conseguí lo de qualquer forma.

Méd. — Mas fazer uma senhora beber uísque por vós?

Esp. — Senhora? Fui eu quem bebeu. Não foi nenhuma mulher. Estamos numa época que dá muito trabalho conseguir qualquer bebida e, quando a conseguimos, vamos dar a outro para beber? Quero-a toda para mim.

Méd. — Mas não percebestes que a conseguistes por intermédio de uma senhora?

Esp. — Quero algo para beber, e depressa.

Méd. — Quero é que compreendais a vossa situação.

Esp. — Sempre fui um bom rapaz.

Méd. — Bom para nada.

Esp. — Isto não.

Méd. — Isto mesmo, bom para nada. Que estivestes então fazendo ultimamente?

Esp. — Há muito tempo que não trabalho.

Méd. — Sabeis em que ano estamos?

Esp. — Não me interessa.

Méd. — Estivestes metido na vida de uma senhora. Êste corpo não é o vosso; podeis compreender isto? E' o corpo de uma mulher.

Esp. — Mulher?

Méd. — Sim. Examinai as vossas sáias.

Esp. — Não uso sáias. Mas certa vez já me pareceu que eu era mulher.

Méd. — E foi por intermédio dela que obtivestes o uísque. Devieis envergonhar-vos disto. Estáveis dominando o corpo de uma senhora.

Esp — Porque deveria envergonhar-me? Eu só bebi um pouco de uísque.

Méd. — Verificais que estais em estranha situação.

Esp. — O que sei é que ás vezes me sinto esquisito.

Méd. — Fostes trazido aquí e permitido usar temporáriamente êste corpo, para que possais compreender que deveis afastar-vos daquela senhora. Trata-se da Sra. V.? Vós a conheceis?

Esp. — Êste não é o meu nome, que não ouço há muito tempo. A's vezes me sinto esquisito e não tenho uma noção exáta das coisas, como antigamente.

Méd. — E não procurastes saber a razão disto? A verdade é que perdestes o vosso corpo físico.

Esp. — Que é que me aconteceu?

Méd. — Sois um espírito, invisível a nós. Não o vemos aquí.

Esp. — Não me vêdes?

Méd. — Não.

Esp. — Então não me vêdes? Sou um rapagão. Não me vêdes mesmo? Porque? Quer ver que também andastes bebendo? Ora, então porque não me dais também algo para beber. Ficaremos bons amigos.

Méd. — Ficarieis então num belo estado.

Esp. — Se me derdes uísque, lembrar-me-ei de vós em meu testamento. Dai-me um pouco de bebida e sejamos bons companheiros.

Méd. — Não farei nada disto.

Esp. — Não quereis ajudar um pobre amigo, quando êle está com tanto calor?

Méd. — Quero ajudar-vos sim, mas não como pensais.

Esp. — Porque me jogastes encima aquela coisa quente?

Méd. — Estava fazendo um tratamento elétrico numa senhora, não em vós. A senhora veio aquí pedirmo. Afastamo-vos dela, porém parece que isto não vos interessa, interessa?

Esp. — Porque fizestes isto?

Méd. — Porque o merecieis.

Esp. — Bem, não quereis então dar-me um pouco de uísque?

Méd. — Estais perdendo o vosso tempo. O que estamos procurando fazer é que compreendais a vossa situação. Sois um espírito invisível, usando temporáriamente o corpo de uma senhora.

Esp. — O que é que há com aquela outra senhora? Porque andava eu sempre com ela?

Novo símbolo da fé Cristã -- O Cristo Vivo!

J. B. Chagas

Ao raiar da aurora dos novos tempos previstos nas Escrituras, surgirá, também, um novo símbolo da fé cristã, renascida.

A árvore do Evangelho, semeada ha quasi dois mil anos na Palestina, Ismael a transplantou para o rincão de Santa Cruz.

Segundo as maravilhosas previsões do Espírito da Verdade—«os povos, assim como os indivíduos, tem uma responsabilidade e um destino, cujo desenvolvimento é tão lógico, quanto o do indivíduo. Abunda em dôr o vosso mundo, porque é um mundo selvagem. Não temais, porém, a dôr, porquanto é só o que de verdadeiramente grande tendes, visto ser o instrumento de que dispondes, para a vossa redenção e libertação. A Justiça, que não é senão o aspecto do equilíbrio universal, regulador dos acontecimentos, mesmo no vosso mundo, exige que as faltas e os erros sejam corrigidos pela dôr. O a que dais o nome de *mal* ou *injustiça* não é mais do que uma natural e justa reação, que neutraliza o efeito das vossas obras. Tudo é buscado; tudo é merecido, embora não estejais em condições de compreender o como e o porquê de tudo. Aproxima-se uma grande mudança na vida do mundo. Justa é a reação da Lei, que livremente violastes, impondo o restabelecimento do equilíbrio. Instrumento de ascenção, a dôr vos indica o caminho de onde vos desviastes. Ela força a vossa alma, fechada pelas alegrias fáceis que, desgraçadamente, vos cegam, a reabrir-se para alegrias mais altas e mais verdadeiras. E' uma fôrça que vos obriga a refletir e a rebuscar em vós mesmos a verdade esquecida. E' uma exigência de novo progresso. *Bem-aventurados os que sofrem*— disse o Cristo. Nenhuma barreira os divida, nem de religião, nem de nacionalidade, nem de raça, porquanto, em breve, uma só divisão existirá entre os homens: a *do justo* e *do injusto.* A divisão está no âmago das consciências e não no vosso exterior visível».

O novo símbolo, como estandarte de paz e de redenção, acobertará toda a humanidade.

Com o advento, pois, dos novos tempos, surgirá igualmente o reinado do Cristo-crucificado.

A igreja tem ensinado, desde todas as épocas, que pela morte de Jesus, na cruz, a humanidade obteve a sua redenção. A cruz, símbolo considerado estigma do crime e do pecado, fôra transformado em símbolo de fé e de redenção só porque sôbre ela morrera o Divino Mestre Jesus! Daí o apêgo da Igreja pela cruz, que a considerou como símbolo e chave da salvação. Jesus morreu na cruz para ressurgir depois, redimindo a humanidade.

Assim, toda a autenticidade das crenças católicas repousa no dogma da ressurreição: — *«Se Cristo não ressuscitou, nossa fé é vã!»*

No seu Catecismo ensina ela às crianças, ter o Cristo «ressurgido dos mortos ao terceiro dia». Santifica o domingo, porque todo domingo é consagrado à comemoração da ressurreição de Cristo. E tem como dogma de fé a presença real e verdadeira de *Cristo-vivo* na sagrada eucaristia, obrigando aos fieis a que a recebem uma vez por ano «para terem a Vida!»

Prega a doutrina do Corpo Místico, de que Jesus é a cabeça e membros os seus reverendos. E se esforça em espalhar a convicção entre os cristãos para que dominem as suas más inclinações, para que possam dizer com o apóstolo dos gentios: — «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!»

Mas, apesar dessa farta demonstração, os padres continuam explorando o *Cristo morto*, o Cristo crucificado! Vende-o a *grosso* e a *varejo*, nos balcões das suas igrejas!...

Quando ela está com a razão? — Ela nunca está com a razão, porque prima sempre pelas atitudes duvidosas.

* * *

A muitos indivíduos tem sido dada a intuição do novo símbolo. Os nossos irmãos católicos, não a compreenderam bem, confundindo-o com o Cristo redentor, e assim ergueram no alto do Corcovado a imagem do *Cristo vivo*, mas feito de pedra e granito. Todavia, essa é uma prova de que a intuição fôra recebida, chegando apenas a dar uma idéia do que será verdadeiramente o símbolo da nova crença — O *Cristo vivo!*

A Igreja católica terá, então, que optar por um dos símbolos. Ou o Cristo morto do Passado, pregado pelos judeus na cruz, ou o *Cristo-vivo*, que será o Senhor absoluto dos tempos novos. Aceitando o *Cristo-vivo*, a Igreja terá implicitamente derrogado o dogma fundamental da ressurreição!

O Espiritismo não deve ser postergado

OS grandes ideiais, que no curso dos séculos vêm conduzindo a humanidade para a conquista definitiva de sua própria felicidade, sofrem, na hora que passa, a mais dolorosa corrupção.

Na política, na ciência, como na religião e nas artes, predomina, poderosamente, o espírito das inovações, de deturpadores.

A democracia, tão mal compreendida e jamais praticada, serve de bandeira para todos os partidos políticos, do centro, da esquerda ou da direita, mesmo os que defendem as mais esdrúxulas doutrinas.

A Democracia que se propõe realizar o governo do povo, pelo povo e para o povo, não foi e nem será, possivelmente tão cêdo praticada.

Vivemos, governados e governantes, numa longa e dolorosa experiência de aventuras, sofrendo as consequências dos maus governos que se prolongam e suscedem, raras vezes acertando por acaso, como quem navega em barco desarvorado em mar tempestuoso, deixando atrás as multidões dos revoltados que se preparam para as lutas sucessivas no sentido de reinvindicar direitos postergados.

A poesia, a pintura, a escultura, a música, enfim, todas as belas artes, cujas obras imortalizaram com a sua eterna beleza, poetas, musicistas, pintores, escultores, nomes de fama universal, são hoje cultivadas por uma grande maioria de medíocres intérpretes que triunfam, graças, tão sòmente, ao apóio de governos também medíocres que de tudo pretendem ou julgam entender, discricionariamente. Mas, a arte antiga ha de viver sempre, imortalizando na consciência dos pósteros, os grandes artistas, os inspirados gênios.

A igreja do Cristo que se manteve pura nos primeiros séculos, foi, por seus pseudos seguidores deturpada e transformada pela própria grei, tornando-se desde então a maior e mais poderosa organização política internacional, a serviço da usurpação dos direitos devidos a todos os cidadãos — a liberdade de consciência.

As vítimas da sanha perseguidora do clericalismo patranha e secular, contam-se aos milhões por toda a parte onde a sua ação nefasta penetrou, patrocinada pelo beatério que ainda hoje caracteriza homens e governos.

Os cristãos novos, os bandeirantes do Evangelho que incorporam o Exercito anti-bélico da Terceira Revelação, seguem resolutos e não poderão jamais estacionar ante qualquer obstáculo, por mais ameaçador que lhes pareça o perigo a transpor.

Nós, os espíritas, somos hoje, afirmam os espíritos reveladores, os vanguardeiros de uma nova cruzada evangélica que ha de, espancando as trevas de nefastos preconceitos, espalhar, a mancheias, por todo o orbe, as sementes do Evangelho, as luzes da Terceira Revelação.

Ide e prégai, disse o Mestre, recomendando os componentes da caravana apostolar.

Somos, pois, os continuadores dessa cruzada augusta, em marcha definitiva para a conquista absoluta de todos os direitos do homem miseravelmente postergados pelos falsos sacerdotes, falsos políticos, falsos artistas e todos os maculadores da mais bela das filosofias, a Filosofia Cristã.

O Espiritismo, consubstanciado nas obras que os espíritos reveladores nos ditaram, é de facto, a revivescência do Cristianismo, com a sua pureza primitiva, isto é, sem os símbolos e rituais herdados do paganismo.

Cooperemos ao lado de todos os ardorosos propugnadores dos ideais de liberdade, sem nos perdermos jamais na confusão da hora presente; pois, acima de todas as convenções, acima de todos os interêsses de ordem puramente humana, estão os interêsses de ordem espiritual e, nenhum povo, qualquer que êle seja, por maior que sejam os seus exércitos, por mais poderosas que sejam as fôrças bélicas a seu serviço, não vencerão jamais o ideal triunfante de sadia espiritualidade em marcha.

O triunfo do Espiritismo não está apenas nas obras de feição exclusivamente social como pretendem muitos, mas, sobretudo, na vitória do espírito.

As igrejas velhas, as que se julgam detentoras da verdade, que construiram hospitais, creches, asilos, albergues; que entoaram hinos, ergueram templos e impuseram aos governos as suas vontades, não resolveram e não resolverão, temos convicção, os sérios problemas da humanidade, mas postergaram o Cristianismo.

O Espiritismo não deve ser assim, postergado e, para isso, o nosso processo de propaganda é diferente do de todas as igrejas porque é, de facto, no sentido da espiritualização de todos os homens que assim preparados, tudo conquistarão, resolvendo facilmente os seus mais dificeis problemas.

Pereira Guedes.

Todos os factos e fenômenos espíritas que desde tempos imemoriais vêm se verificando no vosso mundo, visam unicamente demonstrar aos homens que êles são almas imortais e que, dentro desta realidade, devem basear todos os seus atos e a sua vida, afim de alcançarem os degraus superiores da infinita escada da perfeição. Isto significa que a morte não é mais do que uma breve transição, não devendo, portanto, ser encarada com mêdo e pessimismo, como fazem os incientes.

CAIRBAR.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

LUZ NO CAMINHO — Isidoro Duarte Santos — *Estudos Psíquicos, Editora,* Lisbôa

Ilustre confrade, dos mais cultos, para quem o Espiritismo é mais uma ciência experimental do que doutrina cristã, por isso mesmo, tanto mais se alheia dos estudos evangélicos à luz do Espiritismo, quanto mais se agarra aos fenômenos mediúnicos, disse-nos, certa vez, algo parecido com isto:

— Não aceito o espiritismo cristão.

Se fôrmos meter evangelho em todos os atos espíritas, dentro em breve teremos uma seita protestante a mais: o protestantismo espírita.

E prosseguiu, observador, a citar instituições e confrades que, para sua observação, lógica, aliás, tanto mais agarrados aos estudos evangélicos, quanto mais errados dentro do Evangelho, porque intolerantes, exclusivistas, desfraternos, pretenciosos.

Tem razão no que toca à observação feita a respeito dos confrades e instituições de nosso conhecimento.

Mas, discordamos dêle no restante. E argumentámos, de nossa parte:

— Em que parte do mundo está o Espiritismo mais difundido? Apresenta maior cópia de instituições de estudos e amparo social? Obras de caracter doutrinário e humanitário? Empresas editoras, publicações espíritas e trabalhos de propaganda? No Brasil, claro. E é no Brasil onde se faz menos espiritismo experimental e científico. Logo, seu desenvolvimento decorre, para nós, do caracter evangélico-cristão da Doutrina entre nós. E olhe que o interêsse do espírita brasileiro, quer instituição, quer indivíduo, ainda não passou de seu primeiro estágio evangélico.

Êle não compreendeu a advertência.

Nem compreenderá o leitor sem a devida explicação.

Expliquemo-nos:

Estudar o Evangelho, apenas, pelo dever ou prazer de estudá-lo, eis o primeiro estágio. Estudam-no todos os nomes e instituições citados pelo confrade ilustre, servindo isso, apenas, para aumentar, ás vezes, suas responsabilidades dentro da Doutrina, se não ascenderem ao outro estágio: compreender o que estudam, interpretá-lo direitinho. Mas, é pouco, ainda, compreendê-lo sómente. E' preciso sentí-lo, provando-o por sua transformação geral, a exemplos e atos. Eis o terceiro estágio. O quarto estágio: praticá-lo, vivê-lo a obras e fatos, que só pelas obras é que o Mestre Divino conhece seus discípulos. Mormente a obras de caridade e exemplos de tolerância e renúncia, de amor e confraternização...

Convenhamos que o Evangelho não é de fácil interpretação.

E' livro que não se lê duas vezes — para os que o leiem meditando — sentindo-o e interpretando-o, do mesmo jeito.

Ora, qualquer obra que nos auxilie a interpretar o Grande Livro, com clareza, lógica e persuasão, mormente quando se sabe que seu autor se esforça para — ó coisa difícil e rara! — viver em atos e exemplos o que interpreta e ensina; qualquer obra assim tem de nós, por exemplo, toda a acolhida e importância; deve ter da parte de todo estudioso das letras santas, importância e acolhida maiores.

E' êste o caso do LUZ NO CAMINHO, de Isidoro Duarte Santos, que acabamos de lêr. E de reler algumas interpretações e páginas. Edição da ESTUDOS PSÍQUICOS, Editora, que prima, cada vez mais e sempre, em editar livros substanciosos e oportunissimos. São 346 páginas compactas, de trabalho graficamente bem apresentado, com 82 estudos sintéticos, que se lêem e relêem com crescente prazer, aprendendo-se. E' livro que se abre, ao acaso, para que se leia, ao acaso, uma página de ouro. Mas, de ouro de lei da melhor interpretação evangélica, do mais fino gosto literário, da maior vernaculidade. De nós, por exemplo, antes da leitura metodizada, abrimo-lo ao acaso. Saiu-nos o capítulo IDE E PREGAI. Lemo-lo e relemo-lo, talvez por ser coisa das que mais gostamos na Doutrina, em combate ao nosso comodismo, e procurando, embora imperfeitamente, imitar os vultos que, na história do Cristianismo e do Espiritismo, como, depois do Cristo e dos apóstolos, Paulo e Allan Kardec, saiam a pregar, a despeito de seus muitos afazeres. Se pudessemos, transportariamos para aquí todo o capítulo. Não que se trate de novidades. Mas, de coisas que precisam ser repetidas, num clamor sem cessar, no propósito de despertar tanto espírita de criminosa e cômoda modorra. Trata-se de uma página, como, de resto, as páginas todas do precioso volume, a pedir, num exame de Doutrina, por seu valor doutrinário e por sua leveza de estílo, por sua lógica e suavidade de linguagem, grau 100. Quando se cogitar, em Portugal ou no Brasil, de uma antologia espírita, luso-brasileira, para estudo de jovens e crianças que já se acotovelam nas escolas dos centros e em núcleos juvenís, será com dificuldade que se escolherá no grande LUZ NO CAMINHO, qual a página para a antologia...

Lamentamos ficar por aquí, sem espaço para citar e comentar, de vez que se trata, efetivamente, de volume primoroso, que é, sem favor nenhum, o que de melhor já se publicou, em livro, na espécie.

* * *

Opúsculos e Livros

Nesta época de livros massudos e caros, opúsculos leves, instrutivos e baratinhos devem ter o seu lugar. E têm-no, evidentemente. Entre muitas vantagens, a de serem leves no preço e no porte, nos temas e na leitura.

Não somos partidários de livros espíritas caros. Como não o somos de que se deve dar gratuitamente, a obra espírita. O que é oferecido, indistintamente, diminúe de valor. E o livro caro não póde tocar a todos. Tanto mais quanto, no meio espírita, observamos que os confrades mais estudiosos são, via de regra, os menos abastados. Por tudo isso, os opúsculos têm sua importância e os livros espíritas não deveriam ter preço proibitivo para as bolsas menos abastadas. Acresce mais uma vantagem militante a favor do opúsculo: o opúsculo é, quasi sempre, distribuido gratuitamente.

Tratemos, aquí, de dois recebidos gratuitamente:

PERISPÍRITO — J. Carlos de Assis—Rio.

Trata-se de um folheto que, posto em volume, corpo graúdo, entrelinhado, papel *bufon*, daria um grosso volume para muito dinheiro e peso. São 32 páginas compactas, corpo 6 graúdo, espaço um. O autor estuda, substanciosamente, o perispírito, nas suas páginas, cujo estudo agrada. Compara teorias, confronta definições, expõe análises, apresenta razões próprias e de outrem, de cuja leitura se sái com idéias mais seguras e mais completa do terceiro elemento. Numa palavra, é uma leitura que vale mais, muito mais, em substância e doutrina, do que muitos volumes famosos que por aí vão, sôbre coisas da Doutrina.

BUSQUEMOS A VERDADE—João Olavo — Santos.

Eis outro opúsculo interessante, que se lê com agrado.

Bem impresso, 30 páginas, corpo 8, reune uma série de artigos que, a pedido, diz o autor, foram agora, enfeixados em folheto. E uma série interessante de conceitos, análises, teorias e razões passam e perpassam aos nossos olhos, ligeiramente, convidando-nos à meditação. Tudo, muito bem posto em linguagem corrente e estílo bonito.

Só estranhamos uma coisa: como póde um espiritualista, e espírita, buscar e encontrar a verdade no comunismo, ou no partido comunista?

Estamos à vontade para a pergunta, pelos nossos escritos a respeito, a exemplo do capítulo, O ESPIRITISMO NÃO SE MISTURA, de nosso *Observações e Sugestões* e pelo que escrevemos, desafiando contestação, em nosso CRUZADA DO ESPIRITISMO DE VIVOS, a aparecer por êsses dias, edição da Gráfica O CLARIM.

Quem têm sêde de água cristalina não póde saciá-la, é claro, com água pesada, a pedir filtro ou fervura. Quem está com sêde de espiritualidade não pode desalterá-la, é óbvio, em doutrinas materialistas e superficiais, em partidos políticos que, por serem *partidos*, não satisfazem aos famintos de coisas inteiras.

Nem por isso deixamos de ser grato ao ilustre autor, um velho amigo de Santos, pelo exemplar que nos coube com dedicatória.

* * *

INEFÁVEL MENSAGEM — Inez Varela, *Rio*.

Este, está entre o opúsculo e o livro.

E, um volume de 130 páginas, bem impresso, edição da *Gráfica Mundo Espírita*. Abre-o, com uma bem feita apresentação, o sr Rubey Wanderlei, que, parece, não é espírita. Mas, sua apresentação foi o que de mais interessante encontrámos no volume, embora lhe dê vida uma história tocante. Morre a filhinha da autora, a Verita, mocinha, boa e bela. Era a razão mesma da vida da mãe. E a autora esteve, por isso mesmo, às portas da loucura e da morte. O espírito da filha, por intermédio de outro espírito amigo, que não diz quem é, manda consolá-la através de comunicações, com promessa de que chegará a vez da filha vir, também, com a sua comunicação. Mas, essa vez não chegou. São 157 mensagens, todas no mesmo diapasão, que constituem a *Inefável Mensagem.*

Somos grato ao volume que nos coube.

* * *

Críticos de nós mesmos?

De modo algum.

Apenas anunciar aquí, também, mais um opúsculo, OBSERVAÇÕES e SUGESTÕES, da *Gráfica Moreira,* de Cruzeiro, S. Paulo.

Se a leitura do opúsculo compensar o leitor da enormidade dos êrros tipográficos, e de sua inferior apresentação gráfica, será esta, na verdade a única compensação. Nunca vimos um trabalho nosso — e nós somos vítimas de incorreções gráficas em nossos trabalhos quasi todos! — tão mal apresentado graficamente, de revisão tão imperfeita.

Por seu preço, entretanto, pela finalidade de sua publicação, que é auxiliar a manutenção do *Lar de Jesus* e para ler a história dos *Diabinhos Côxos,* talvez compense sua aquisição e leitura.

Crônica Estrangeira

Aos três anos de idade, toca piano como poucos e sem olhar para o teclado

De «Jornal de São Paulo»

Agências telegráficas especializadas enviaram, há poucos dias vinda dos Estados Unido, a fotografia de uma menina-prodígio, que, com três anos de idade, já domina o teclado como gente grande, fazendo mesmo inveja a certos «virtuoses» entrados em muito mais anos.

Embora não constituam novidade essas meninas precoces, a notícia causou sensação, porque a garota em evidência tem apenas três anos de idade. Agora, o reporter foi encontrar, nesta Capital, á Travessa Buenopolis, 11, no Ipiranga, residência do tte. Manuel Cosentino, da Força Policial, também pianista e compositor bastante conhecido em nossos meios musicais — uma segunda edição do prodigiozinho «yankee. Trata-se de uma sobrinha daquele militar: Sandra Maria Cosentino Abrahão, um pedacinho de gente, também de três anos apenas, que — e isto é de novo — já aos dezoito meses executava ao piano, com desembaraço e arte, o «Atirei o pau no ga-to-to . . .». Sandra Maria, filha do sr. Alfredo Abrahão, residente á rua Nossa Senhora de Lourdes, 118, no Cambuci, tem, pelo lado materno por quem sair musicista — sua mãe é pianista, o mesmo acontecendo com sua tia, pianista e já não se falando no tte. Cosentino, que, além de pianista e violinista, é autor de diversas músicas populares de sucesso. Com três anos, Sandra Maria executa, com facilidade, sem tropeços, fazendo mesmo variações, músicas de Schubert, composições populares, como sambas e valsas, rumbas e fox, etc. E faz tudo isso com muita personalidade, sem olhar para o teclado, onde suas mãozinhas deslizam velozes, seguras. Seus olhos castanhos pousam sôbre o reporter e ficam, cismadores, como se não estivessem olhando nada, como se sua dona estivesse alheiada de tudo e de todos, até mesmo do piano. E as valsas, tangos e rumbas vão fluindo dos seus dedinhos ágeis. Parece até que não é Sandra quem está tocando. E Sandra Maria — afirmam seus parentes — nunca foi forçada, como acontece a muitas «precocidades», áqueles exercícios. Fá-los espontaneamente. Aí está, ao piano, cujo pedal nem alcança, o palminho-e-meio de gente que nada fica a dever a prodígios de outras terras.

1.º de Novembro de 1947.

*

Viver sem Cérebro

«...A ciência moderna—escreveu Alwin Dresler em «You're Wrong About That»—se inclina a negar que o cérebro seja, como há pouco se pensava, a séde da inteligência e o arquívo da memória. Primeiro, porque o Espiritismo e o ocultismo têm provado que o indivíduo existe extramaterialmente, não só na vida mas também depois da morte; segundo, porque cada vez mais se torna evidente que os indivíduos com cérebros danificados ou destruídos continuam pensando, falando e agindo normalmente.

O professor G. W. Surya relata o caso de um homem que esteve louco por muitos anos e que inesperadamente recuperou o uso da razão, pouco tempo antes de morrer. Quando posto em presença da familia, todo mundo se admirou da sensatez com que se dirigia a cada um dos membros, dizendo cousas acertadas e oportunas. A autopsia, em seguida, revelou que praticamente nenhuma matéria cerebral existia na cavidade craneana. Um processo patológico havia destruido gradualmente a substância cerebral. O mistério de sua volta inesperada á normalidade dos sentidos e à inteligência continuou pendente de solução.

Antes da Grande Guerra, o filósofo Henri Bergson, um dos maiores nomes da nossa época, expressou a crença de não ser o cérebro a séde da alma, baseando suas teorias nas experiências que realizara em veteranos da guerra dos Balcans com lesões no cérebro. Alvin Dresler, autor do artigo, conta que foi testemunha de um caso notável. Durante a batalha do Marne, um de seus camaradas foi ferido de tal maneira que o cérebro saltou através de um orifício aberto no crâneo.

Pois bem, apesar de tudo, o homem viveu vários dias e manteve-se consciente até os últimos momentos. Preparou-se para morrer e metodicamente escreveu cartas a seus parentes e amigos.

Impõe-se a seguinte pergunta: Qual a atitude que assumirá a ciência materialista em presença de factos semelhantes?»

De «Constancia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Promoverão em S. Paulo uma ampla reunião de educadores espíritas de todo o Estado

A reportagem do DIÁRIO DA NOITE, tendo conhecimento de que a Comissão de Educação da União Social Espírita cogita de promover, nesta Capital, uma ampla reunião de professores espíritas de todo o Estado, para fundação de um instituto estadual de educação, de orientação espírita, procurou ouvir, a respeito, o sr. José Paneta, membro daquela comissão, que nos fez as seguintes declarações:

— «Realmente, a Comissão de Educação do Conselho Deliberativo da U.S.E., recentemente constituida, resolveu, desde as suas primeiras reuniões, estudar as possibilidades de lançamento de uma campanha de fundação de um instituto espírita de educação de âmbito estadual, com séde na Capital. O movimento espírita em nosso Estado é muito amplo. Os espíritas, porém, até o momento, têm cuidado apenas de dois aspectos doutrinários, que embora muito interessantes, não devem excluir o interêsse pelos problemas educacionais. Êsses dois aspectos são o de assistência social, atividade que se tornou uma das características do movimento espírita paulista, e outro o propriamente doutrinário, ou seja, de organização interna do movimento. Este chegou ao máximo, em São Paulo, com a recente constituição da União Social Espírita, organismo que se constitui das quatro maiores entidades da Capital e de cerca de oitocentos centros e associações espíritas de todo o interior. Estamos, portanto, dado êsse grande passo na unificação do movimento espírita estadual, em condições e na obrigação de promover alguma coisa de objetivo imediato no terreno da educação, onde os pais espíritas lutam sempre com as maiores dificuldades, não obstante o princípio de tolerância que caracteriza todos os verdadeiros espíritas».

Estudarão em conjunto a fundação do Instituto

— «Os espíritas — prosseguiu o sr. José Paneta — não dispõem de educandários próprios para a educação de seus filhos. São assim obrigados a recorrer, constantemente, aos educandários católicos ou protestantes, quando não encontram vagas e possibilidades nos estabelecimentos leigos, que são hoje em número muito reduzido. Do ponto de vista religioso, isto não impressiona muito aos espíritas, que são naturalmente tolerantes e não consideram como perigoso nenhum princípio religioso. Do ponto de vista, porém, da formação intelectual e cultural das crianças, o caso merece maiores considerações, pois que estas geralmente se sentem chocadas entre princípios opostos, sem possibilidades de um desenvolvimento mais sólido e homogêneo da personalidade, dentro da orientação espiritual que recebem dos pais. Não raro encontramos, por êsse motivo, casos de verdadeiros desajustamentos, dentro das famílias espíritas. Ora, é obrigação dos espíritas fazerem alguma coisa para anular essa situação incômoda, e isso será feito pela Comissão de Educação da U.S.E., que reunirá em São Paulo os professores espíritas de todo o Estado, para o debate do assunto e o lançamento de uma obra em conjunto, na construção de amplo instituto educacional de orientação espírita».

Um grande Ginásio em Franca

Perguntamos ao sr. José Paneta se os espíritas paulistas já possuem alguma organização dêsse caracter, ao que nos respondeu :

— «Em Franca, um médico espírita, o sr Thomaz Novelino, diretor-clínico da Casa de Saude Allan Kardec, desenvolveu uma campanha das mais profícuas, conseguindo fundar e instalar em magnífico edifício especialmente construido, um ginásio espírita com a denominação muito sugestiva de «Educandário Pestalozzi». Como se sabe o grande educador suiço foi mestre de Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita. A homenagem, portanto, é das mais oportunas, tanto mais que Allan Kardec tornou-se, em vida, o discípulo principal de Pestalozzi, e muitas vezes o substituiu em difíceis empreendimentos. Em Nova-Iguaçú, no Estado do Rio, o prof. Leopoldo Machado fundou e dirige um ginásio e colégio, também de orientação espírita. Em São Paulo, já por várias vezes se cogitou do assunto. Faltava porém, as condições atuais, que o movimento unificador da U.S.E. proporciona. Os espíritas paulistas já estão hoje organizados numa ampla frente de unificação, e este simples facto basta para nos assegurar o mais completo êxito na campanha que vamos empreender. Assim como os católicos possuem a sua Universidade, os protestantes os seus vários colégios, os espíritas paulistas tambem contarão dentro em breve, com um instituto educacional que incluirá todos os cursos desde o pré-primário aos superiores».

«Diário da Noite» de 29-3-948.

A construção de um instituto educacional de orientação espírita, na Capital, incluindo todos os cursos desde o primário aos superiores, deve constituir um dos objetivos principais dos espíritas no campo da educação. E' tarefa pesada, não ha dúvida, de vez que exige apreciáveis recursos pecuniários, mas, com a boa vontade dos espíritas, êsse obstáculo será removido e os pais espíritas terão, então, a grande satisfação de verem os filhos livres da intolerância e até da perseguição de professores que, presos aos rudimentos de suas arcáicas e já infrutíferas crenças religiosas, não trepidam em menospresar a Lei, que garante a liberdade de crença ou de culto.

Formulamos os melhores votos para que a reunião, na Capital, de professores espíritas de todo o Estado, alcance o mais completo êxito no lançamento dessa grande obra espírita.

Crônica do 3.º Dia da Semana Espírita Cristã de Nova-Iguassú

Consagrado aos irmãos de Cruzeiro, realizado em 23 de Março de 1948.

Pela manhã, depois de deixarem os semaneiros visitantes os seus leitos, forâmos, incorporados, visitar a séde da Associação Espírita «Pioneiros da Verdade», sendo por essa ocasião, percorridas todas as dependências da instituição.

A's 9,20 minutos, o cronista foi convidado a chamar os seus companheiros, pois, que ia ser servido o café, tendo êle, usando da palavra, justificado a ausência do irmão Prof. Leopoldo Machado, por motivos de afazeres da sua profissão. Fez, a seguir, a saudação aos pioneiros da Verdade e Mocidade Espírita de «Icléa», em nome de todos os visitantes, orando a prece. Entre expansões naturais de júbilos, foi servido pelas dedicadas pioneiras, café, leite, dôces e biscoitos. Havia grande e pequeno, tendo o Lasneau *optado* pelos dois.

A's 9.30, o irmão Eugenio Beauvallet, presidente da Associação, na sala contígua, assumiu a presidência da mesa e convidou o irmão cronista para presidir os trabalhos, uma vez que se achava substituindo o irmão Leopoldo. Êste, por sua vez, como motivo de confraternização, convidou a tomarem assento à mesa os visitantes de Cruzeiro e para dirigir os trabalhos, o irmão Luiz Mescolin Filho, de Juiz de Fóra, como uma singela homenagem pela sua recente eleição para a presidência da Associação Espírita «Seára de Jesus», da sua terra.

A mesa ficou assim constituida: — Eugenio, Chagas, Mescolin, A. Belém, Antenor de Souza, Felipe Soares de Melo, representante da Mocidade Espírita do Rio Grande do Norte, Sebastião Lasneau, da Barra do Piraí, Gustavo Mollem e Odete Lucia, de Cruzeiro.

Eugenio, em ligeiras palavras, disse alguma coisa sôbre a significação da visita, a qual correspondia justamente com a data comemorativa do aniversário do nascimento de Icléa, o guia e protetor da Mocidade da Casa.

Luiz Mescolin, depois de dizer breves palavras, orou a prece inicial, abrindo a segunda parte do programa, passando esta ao irmão Antenor, de Cruzeiro. Êste irmão, com a sua costumeira humildade, tece alguns comentários acerca da necessidade de serem cada vez mais prestigiadas as semanas espíritas.

Em prosseguimento, falou a srta. Rosaly Campelo, presidente da Mocidade de Icléa, saudando os semaneiros e justificando a transferência da sua festa para dar lugar áquela visita.

Adolfo Belém foi convidado a falar em nome da C. E. L. J., preferindo fazê-lo em nome do «Fé, Esperança e Caridade», abordando interessantes comentários, em tôrno das três virtudes teologais e, em gestos de arroubos de oratória, pede ao Pai que lhe aumente o pêso da sua cruz, pois, aludiu as sete das suas tarefas nos Centros adesos a CELJ. Todavia, o irmão Belem, não esqueceu, também, de imprecar ao Senhor que lhe desse as fôrças necessárias para levar a sua cruz ao calvário da sua salvação... Pudéra, não fôsse êle o nosso patriarcha...

O Tte. Felipe falou pelo Norte, frisando com muita justeza a necessidade de uma melhor preparação dos moços espíritas da nossa terra, porque, dizia êle, nós dispomos sôbre aqueles que nos irão substituir nos nossos lares, nas casas comerciais, e com justa razão devemos preparar aqueles que nos irão substituir nas tendas do trabalho espírita. Muitas palmas recebeu o nosso irmão.

Os trabalhos desta parte, foram intercalados com números de declamação, canto, etc. Assim, as jovens de Macaé, Sidonia, Aldione, Cecy e Yeda, cantaram, em homenagem aos irmãos paulistas, o Acróstico «Mocidade», em bela alegoria a São Paulo, que tendo lá muito café, manda os seus filhos tomarem café em Nova Iguassú ...

D. Risoleta Soares falou sôbre a responsabilidade da Mulher e cantou Prece a Jesus. O menino Délio recitou. Sebastião Lasneau, falou e recitou o soneto *Mãos*, fazendo uma quadrinha em homenagem à Mocidade de Icléa, que é a seguinte:

Nos corações dos icleanos,
Mora uma luz iluminando a idéia,
Essa luz é o faról que os ilumina
E vem do grande espírito de Icléa!

Luiz Mescolin cantou *Ave Maria*, de *Goonoud*, com a letra de Lasneau, embalsamando o ambiente de doces eflúvios.

Antenor, agradeceu as homenagens recebidas pelos seus companheiros, declamando o soneto o *Pântano*, de Casemiro Cunha. Yeda, declamou *Mãe*, de Auta de Souza.

Luiz Mescolin, finalmente, manifestou o desejo de encerrar a reunião, por ter se esgotado o tempo regulamentar. Eugênio fez a prece final e os moços da «Icléa», em homenagem a sua patrona, cantaram o Hino *A' Icléa*. Assim, terminou a reunião, entre expansões de júbilos e muito *léro léro*, dos faladores presentes, inclusive do cronista.

* * *

A segunda parte do programa foi levada a efeito na séde do C. E. «Fé, Esperança e Caridade», tendo início ás 20,00, com a casa completamente lotada. O irmão Leopoldo, assumindo à mesa da presidência, convidou a comporem a mesma os irmãos de Cruzeiro, os donos do dia, Antenor de Souza, Gustavo Mollem e a srta. Odete Lucia, bem assim o cronista e J. A. Marques, o encarregado de recepcionar os visitantes. Também foi chamado o irmão Lasneau para lêr a crônica do dia anterior. O prof. José Jorge, o conferencista da noite, já se achava em seu posto, para iniciar a leitura da sua exposição sôbre a comemoração dos Fenômenos Espíritas, sob o têma — «A Repercussão dos Fenômenos de Hydesville, em París, e a Conversão do futuro Codificador».

Convocados os moços, estes cantaram o hino da alegria cristã. Após o que Leopoldo orou a prece, passando a palavra ao conferencista programado. Eram precisamente 20,10 minutos. Concluída a leitura da substanciosa conferência, foi o orador aplaudido, embora tenha avançado um pouco na hora. Foi dada a palavra ao irmão Sebastião Lasneau, o qual, por seu turno, encarregou o irmão Valdemiro para lêr a sua crônica, por ser êle analfabeto, isto é, sofrer da visão e não o poder fazer.

A seguir usou da palavra o irmão J. A. Marques para, em nome da C.E.L.J., saudar os semaneiros de Cruzeiro. Falou pouco e agradou. Antenor, agradeceu a saudação e a jovem Odete leu um trabalho sôbre o ponto programado que era — «Sêde mansos como as pombas...» Antenor, voltando a falar, procurou justificar a sua pequenez para produzir uma explanação a contento de todos, embora se diga, por aí, com algum veneno, ser êle a sombra do Professor Leopoldo... Mesmo assim, ou seja apesar da sua modéstia, e do seu sotaque, caracteristicamente paulista, arrastando os *r r r*, êle abordou judiciosos comentários em tôrno da necessidade de sermos humildes e mansos como as pombas, como aconselhou Jesus. Quando ainda falava o irmão Antenor, deu entrada no salão o irmão Pedro Fortes, também de Cruzeiro. Passou-se a seguir a 3.a parte, depois de ter o Prof. Leopoldo feito a prece. Foi encarregada do jornal falado a jovem Belinha Carvalho. Antes, foi cantado o hino da Mocidade Espírita Cristã, de Cruzeiro, em homenagem aos visitantes. Esta parte esteve a cargo dos elementos da M. E. I. e constou de esquetes, declamações, canto, etc., não podendo nós destacar qual a melhor interpretação, pois, que todos deram cabal desempenho às suas tarefas.

Sonia Campos, cantou *Almas Gêmeas*. Odete Lucia, declamou uma poesia. O esquete Espiritismo, teve a atuação de Antonizele Brandão e Cirio Campos. Cenir Vieira, de Nilopolis, declamou no *Topo do Calvario*, de Guerra Junqueiro. Altamiro Borges de Freitas, cantou, acompanhando-se ao violão, *Ave Maria* (canção). Em seguida, o *Céguinho*, fado português. Número de grande sensação, que agradou sobremodo, a ponto de ser bisado, tocado e cantado que fôra com emoção e sentimento.

Duas Colegiais, interessante esquete, teve a genial interpretação das irmãs Sonia e Soní Campos.

— *E por hoje basta!* — disse o irmão Leopoldo — para declarar encerrados os trabalhos.

Os jovens cantaram o hino *Pai do Céu*. Estava concluida mais uma reunião da 3.a Semana Espírita Cristã de Nova Iguassú.

E agora, peçamos ao Pai que permita vivermos num *eterno e continuo banquete*, conforme nos fala o livro dos Provérbios, Cap. 15 :13, fazendo-nos uma semana espírita que dure toda a vida!

Paz e luz para todos

J. B. Chagas.

«Para o Alto»

O novo livro de Leopoldo Machado visto por *M. Quintão.*

«Mas... PARA O ALTO?

Lí-o de um fôlego e anotei a fecundia imaginativa, o critério temático, a fluência e naturalidade verbalística, o estílo escorreito, indene de suturas e rebites, o senso métrico, enfim, uma tal ou qual euforia dos plumitivos de bôa estirpe. Estes predicados não posso omiti-los, quando tenho em mãos os originais de mais um livro de Humberto de Campos, pelo Chico Xavier—o inconfundível Conselheiro XX. São 50 crônicas de fino sabor literário, com muitos traços de afinidade com a tua tecnica, por sinál que até semelhante no título, LUZ ACIMA. Não vejo nisso mera coincidência, antes induzo que aos roteiristas de PARA O ALTO se propicia LUZ ACIMA».

PARA O ALTO é edição primorosa da LIVRARIA ALLAN KARDEC, Editora, de S. PAULO. E está sendo distribuido a benefício do LAR DE JESUS, a Cr. $ 18,00. Belo formato, duzentas e muitas páginas em papel de primeira.

Pedidos para a Caixa Postal, n.º 6, Nova-Iguassú, E. do Rio, ou na Livraria «O Clarim».

MONTEIRO LOBATO, prefaciando o livro

Afinal, quem Somos ?

de PEDRO GRANJA, responde a pergunta:

«...Somos espíritos imortais e divinos. Fortes e inalteráveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar as nossas qualidades...»

AFINAL, QUEM SOMOS?

A' venda em todas as Livrarias, num volume de 382 pags., por Cr. $ 25,00.

Pedidos à Livraria «O Clarim».

Necrologia

General Adolfo Rodrigues de Mesquita

No Palacete do Hospital Militar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde se encontrava em tratamento de saúde, deu se no dia 23 de Abril último, o desincarne deste ilustre militar e fervoroso adepto da Doutrina Espírita.

Exemplar chefe de família e cavalheiro dotado de predicados morais e intelectuais, deixou vasta folha de serviços prestados à Pátria, serviços que bem dizem do seu valor como oficial superior do nosso exército.

Grandemente estimado, não só na vida militar e civil, como também nos meios espíritas, onde trabalhou na difusão da Doutrina, o seu passamento foi muito sentido entre aqueles que com êle tiveram a ventura de travar relações.

Que Jesus receba em seu seio o espírito recem liberto, proporcionan-lhe mais luzes ainda na sua caminhada em demanda do reino de Deus.

* * *

Os homens sempre se empenharam a fundo pela conquista dos bens temporais, mas chegou o tempo em que êles começam a compreender que a felicidade só a encontrarão nos bens espirituais, que são eternos. E essa compreensão não lhes é dada pelas religiões humanas, mas pelo Espiritismo, que esclarece consciências obscurecidas pelos dogmas de toda a espécie e conforta as criaturas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena. Portanto, aumentai os vossos esforços na seára.

CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1948 — N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Uma Sessão Espírita Memorável .	*Redação*
A Obra de Geley	*Ismael Gomes Braga*
O Maior Ciclo Histórico	*Arnaldo S. Thiago*
Dois Livros de Leopoldo Machado	*Luiz Dantas*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Solidariedade	*Fernando Pereira de Morais*
Argentina Espírita	*Mariano Rango D'Aragona*
Duas Fôrças em Choque	*Leopoldo Machado*
A Verdade Profética	*J. B. Chagas*
O Jogo das Hipóteses	*H. Magalhães*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1948 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Uma Sessão Espírita Memorável

Materialização de um espírito que se apresenta em plena sessão, com um corpo humano e fala aos assistentes, em Petrópolis.

COMO é do conhecimento dos nossos prezados leitores, o principal objetivo de «Revista Internacional do Espiritismo» é o estudo dos fenômenos espíritas e a sua divulgação, afim de que as creaturas fiquem plenamente convencidas da existência do espírito e sua sobrevivência após o transe a que denominamos *morte*.

Entretanto, esta Revista, antes de publicar relatos de materialização de espíritos, tem o cuidado de analizá-los minuciosamente, preferindo recusar noventa e nove verdades para não aceitar uma mistificação. Temos recebido muitos trabalhos relacionados com a materialização de espíritos, que não publicamos por deixarem muito a desejar. Mas não podemos deixar de publicar os que merecem a nossa aprovação, não só pela maneira por que se produzem os fenômenos como pela confiança que depositamos nos confrades que os assistem e nô-los relatam.

Estamos publicando, ha mêses, uma série de interessantes fenômenos de materialização de espíritos, produzidos no Centro Espírita «André Luiz», da Capital Federal. Alguns dos relatos de referidos fenômenos são publicados com clichés comprobativos. Quem nos envia os relatos é o nosso distinto amigo e representante nessa Capital, sr. Amadeu Santos, que tem o louvável propósito de enfeixá-los num livro, como precioso documento da Imortalidade da Alma.

Acabamos de receber também, do nosso distinto e velho colaborador, sr. Spártaco Banal, residente em Petrópolis, Estado do Rio, o relato de uma sessão espírita, subordinado ao título e sub-título acima, relato que não deixa a menor dúvida quanto à veracidade do fenômeno, o que os nossos leitores hão de verificar pela leitura do mesmo. Publicando-o, cumprimos o nosso dever de levar ao conhecimento dos nossos leitores os factos que se verificam no campo do psiquismo.

Eis o relato:

«Por intermédio de alguns confrades nossos, de Niterói, um pugilo de cristãos espíritas e católicos, teve a oportunidade de *vêr, tatear e falar* à um espírito materializado, na noite de 11 de Outubro do ano passado, à Avenida 15 de Novembro n.º 828, residência do fotógrafo snr. Lucarelli, onde se realizou a notável sessão.

Depois de reunidas na sala do referido prédio, tomaram assento 23 pessoas, tendo sido convidados para amarrar o *«médium»* o nosso confrade José Varanda e o abaixo assinado.

Na presença da assistência foi o *«médium»* amarrado numa cadeira com uma correia e manietado por meio de um aparelho de ferro, seguro a cadeado, cuja chave ficou em poder do nosso confrade General Wolgrand (do exercito brasileiro) até a finalização dos maravilhosos fenômenos espíritas.

Antes, porém, de dar início aos trabalhos mediúnicos, o nosso querido companheiro Manoel Bragança dos Santos fez uma fervorosa prece a Jesus, solicitando-lhe a sua valiosa assistência, firmando-se, a seguir, um ambiente de fraternal e intensa alegria.

Após alguns segundos de silêncio, produziram-se fortes estalidos, indicando a presença do espírito em ação. Vinham, os sinais produzidos pela entidade, de um cômodo contíguo ao da sessão, onde permanecia o *«médium»* Mauricio, atado à cadeira e já ressonando em sono profundo. Como a sala dos trabalhos oferecia pouco espaço para a realização dos fenômenos, tivemos de aproveitar todos os cantinhos, afim de que ninguém ficasse desacomodado.

Por isso que, a muito custo, conseguiu-se deixar uma estreita abertura entre duas cadeiras, por onde o espírito de Otavio pudesse entrar e saír, sem impedimento.

Finalmente, obtivemos a graça concedida pela bondade Divina, com a presença do espírito, em plena sessão. Êle materializa-se, isto é, desagrega parte da matéria do corpo do *«médium»* e utiliza-se dela para a sua aparição.

Assim, um corpo humano concretizado surge perante a assistência, cuja tangibilidade foi constatada por todos, não deixando a menor dúvida sôbre o extraordinário acontecimento, que nos deixou, a todos, emocionados de alegria. Como não lhe fôra possível desagregar matéria suficiente para compôr os orgãos da voz, em virtude ainda, do pouco desenvolvimento mediúnico, o espírito pronunciava as palavras que tinham um tom sibilante, mas compreensíveis.

Ao dirigir-se à assistência, vendo que não conseguia entrar de frente, por insuficiência de espaço, na entrada, abre os braços, volta-se e entra de lado, colocando suas mãos sôbre a cabeça do nosso confrade Bragança. Aproveitei o momento para examiná-lo dos pés à cabeça; porém, quando cheguei à altura do seu rosto, vi que tinha um nariz afilado, faces arredondadas e que me fitava sorrindo, talvez achando curiosa a minha observação. Em seguimento, põe as suas mãos sôbre a minha cabeça, e senti fortemente o contacto de seus dedos, que não acusavam temperatura. Êste facto se reproduziu por três vezes, repetindo-se, igualmente, com os demais assistentes.

Durante uma hora e três quartos, manteve aprazível palestra, ora respondendo às nossas interrogações, ora nos dando ótimos esclarecimentos sôbre pontos vários de nossa doutrina.

Pelo general Wolgrand foi feita a seguinte pergunta:

— «O irmão Otavio póde dizer alguma coisa, sôbre as curas do Padre Antonio?»

No mesmo instante, o espírito respondeu:

«O Padre Antonio é assistido por um espírito muito luminoso».

Outras referências foram feitas que se prendiam às virtudes do extraordinário *Médium Curador.*

Um cartão de visitas, que o general lhe entregára, foi levado pelo espírito junto ao *médium*, e todos ouvimos os ruídos que êle produzia ao tocá-lo. Em se dirigindo para o outro cômodo, de cartão na mão, uma sombra de fórma humana foi observada passando através da cortina, sem lhe deixar nenhum movimento. Só no fim da sessão, o cartão foi retirado de cima das pernas do *médium* e devolvido ao general.

Uma senhorita, Nadir Soares, foi surpreendida, quando sentiu que o espírito lhe tirava os óculos, levando-os para o alto e dizer:

«Deixa vêr se êles me servem». Poucos instantes depois, os óculos eram repostos, sem intervenção humana. Examinados pelo general, foram constatados os sinais digitais.

O mesmo caso repetiu-se com outra senhora.

Inesperadamente, dirige-se para junto de uma vitróla, abre a caixa dos discos e, dentro em pouco, todos ouviram o movimento do disco reproduzindo músicas escolhidas. Por três vezes fez a mudança dos discos, ouvindo-se, também, o movimento da manícula, quando o espírito reforçava a corda.

Um menino de pouco menos de 8 anos de idade, filho do snr. Armando Vilar, ex-funcionário da 1.ª Coletoria Federal de Petrópolis, havia-se colocado sôbre uma pia, devido à falta de lugar nas cadeiras da sala dos trabalhos, quando, inesperadamente, Otavio manifesta desejo de andar com a creança pela sala. O menino foi tirado de cima da pia e entregue ao espírito materializado, que o levou pela mão, dando uma volta pela sala, deixando-nos profundamente maravilhados!

Facto semelhante, jamais foi presenciado nesta cidade.

Obteve-se, ainda, a levitação de um crucifixo, que a entidade, tirando-o de dentro de uma caixa, o sustentára no espaço, durante uns cinco minutos, volteando-o em todas as direções da sala, projetando um brilho luminoso que deliciou toda a assistência. Em seus movimentos, via-se distintamente a agitação dos dedos da mão que sustinha, no ar, o crucifixo sem nenhum ponto de apôio, cujo peso era nada menos de 500 gramas.

Inesperadamente, o espírito solicita licença, e diz: *«Um instante: O Maurício está mal acomodado»*. Com a rapidez de um relâmpago, aproxima-se do médium, que se encontrava com o corpo pendente para um lado, e coloca-lhe a cabeça na devida posição. Ouvimos distintamente, quando Otavio levou a cabeça do *médium* para junto da cadeira, deixando, nêste instante, de ressonar.

O general Wolgrand fez ainda, as seguintes perguntas: (O irmão Otavio pode nos informar se é verdadeira a narrativa do livro — *«Nosso Lar»?*

A entidade respondeu: «Sim, são organizações do espaço».

Havia na sala, várias flores, e o nosso confrade Wolgrand interroga mais uma vez: «O irmão poderia, se quisesse, transportar essas flores até a minha casa?»

Respondeu o espírito: «Hoje não, mas outro dia sim. Agora é um pouco tarde».

Ficou prometido para outra sessão.

Durante os trabalhos, o espírito repetiu num tom de graça: *«O'timo! ótimo!»* isto sempre que o assunto permitisse.

Antes de encerrar os trabalhos, Otavio solicita os lenços de todos os presentes e, recolhendo-os um de cada vez, derrama-lhes delicioso perfume, que nos deixou durante a sessão, uma sensação agradabilíssima, ficando a sala saturada da inegualável fragrância que o manifestante preparara no laboratório químico do além túmulo.

Dois dos assistentes não estavam prevenidos de lenços, então, Otavio, dirige-se para o snr. Armando Vilar, pede-lhe o lenço e, ao mesmo tempo, licença para rasgá-lo em três pedaços. Assim dividido, satisfez a todos, entregando-os já perfumados, ficando a parte maior com o snr. Vilar.

No momento em que o espírito (1) estava se despedindo da assistência, lembrei-me de mandar pedir ao nosso velho e saudoso companheiro de crença, Léo Quadrio, se possível, comunicar-se conosco. Atendido que foi o nosso pedido, após três dias, Léo Quadrio nos respondia através da *psicografia,* cuja comunicação acha-se em poder do nosso confrade e amigo, o farmacêutico Wilson Veiga, de Cascatinha.

Assim, falar com os «mortos», diz Frederico Duarte, é tão natural como fazê-lo com os vivos.

Finalizando, dizemos com William Crookes:

— «Eu não disse que era possível, disse que era real».

Diante desses factos, só vive enganado quem quer.

Spártaco Banal.

Itamaratí — Petrópolis.

---

(1) Segundo informação do próprio espírito, a sua desencarnação se realizou no Estado de São Paulo, onde exercia profissão pública.

A ambição desmedida pelas cousas materiais produz frutos amargos. O verdadeiro cristão tem as suas vistas voltadas para os bens espirituais, que sempre produzem frutos sazonados. «Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acrescimo», disse Jesus. Que este preceito vos sirva de orientação, afim de que as cousas mundanas não vos iludam. — CAIRBAR.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— X —

Geley compara muitas vezes a formação de um organismo normal com um fenômeno de materialização e encontra muitas analogias. Leiamos:

«A formação embrionária do organismo, em seu conjunto, aparece como uma «materialização» regular e normal, enquanto a materialização metapsíquica não é mais do que uma formação ideoplástica irregular e anormal.

«A edificação do organismo, por outra parte, póde fazer-se normalmente e fóra das condições habituais que presidem à geração dos sêres mais evolucionados. Na partogênese, na reprodução por enxerto, a agrupação das mônadas orgânicas e dinâmicas obtém-se sem a conjunção de um espermatozoide e de um óvulo. Estes fatos, na aparência desconcertantes, podem compreender-se facilmente com as novas noções.

«Provam simplesmente que o acondicionamento corporal e dinâmico do agrupamento individual, não reside exclusivamente na fecundação».

Numa nota ao pé da página acrescenta:

«Há singular analogia, que rogamos nos permitam notar de passagem, entre as reproduções por enxerto, e sobretudo por broto, e as materializações metapsíquicas. A materialização se produz frequentemente, nós o temos visto, por uma espécie de broto ou prolongação na substância única do médium. O broto se desdobra em um Sêr ou em um fragmento de Sêr.

«A diferença está na duração; mas isso não é mais do que questão de modalidade e de tempo. Nada autoriza a dizer que não se chegará a separar a materialização do médium, como o broto ou o enxerto do tronco original, e a dar-lhe uma existência autônoma. Insensatez! dirão. Insensato seria aquêle que, conhecendo o que conhecemos, afirmasse a impossibilidade do fato».

Êsse fenômeno é conhecido em Espiritismo e foi classificado por Allan Kardec com o nome de «Agênere». O termo entrou para a linguagem comum. O Dicionário de Laudelino Freire o define assim: «Agênere. *Espiritismo.* Aparição tangível, em que o espírito assume a forma de pessoas vivas».

No estudo publicado por Allan Kardec, em «Revue Spirite» de Fevereiro de 1859, pags. 36 a 41, vem um diálogo entre Allan Kardec e o Espírito de São Luiz, no qual o Espírito confirma a existência de Agêneres e diz que essas materializações são raras e tanto podem ser de Espíritos superiores como de inferiores e que há na Biblia exemplos da existência de Agêneres.

Concordamos, pois, com Geley que insensato seria quem negasse a possibilidade do fato.

Tratando das limitações da encarnação, Geley diz:

«Tudo ocorre como se cada existência terrestre, cada objetivação orgânica, ou, se se preferir, cada «encarnação», fosse, para a atividade do Sêr, uma limitação no espaço e nos meios. Seria como que uma sujeição a uma tarefa estreita e especializada, a um esfôrço quasi que exclusivamente em uma só direção».

E, pouco adiante, continua:

«Esta limitação é a causa da impotência das faculdades supranormais e das dificuldades da inspiração superior, intuitiva, criadora ou genial, e do esquecimento, por parte do Sêr, durante a vida orgânica, da imensa maioria das experiências adquiridas quanto a recordações; é a causa, enfim, de sua situação real.

«De fato, o órgão cerebral é indispensável para o funcionamento psicológico em suas relações com o mundo exterior, e êste órgão não é capaz senão de uma atividade restrita e de uma capacidade também restrita de retenção e de memória. A' proporção que se apagam do cérebro as impressões passageiras recebidas, a memória dessas impressões tende a desaparecer da consciência normal.

«Isso é muito claro no curso de uma só existência e com maior razão de uma existência a outra. O cérebro novamente adquirido não pode vibrar harmônicamente com as impressões passadas e com as presentes. Na vida normal, salvo raras exceções, as vibrações passadas não chegam ao umbral da consciência.

«Os esquecimentos, porém, são apenas aparentes, pois que as recordações ficam íntegras na memória essencial do Sêr. Seu resultado, nas fases inferiores da evolução, é vantajoso: o olvido necessita de experiências múltiplas e em condições sempre novas.

«Por outro lado, impede o Sêr de ficar coibido ou desviado da sua rota. Do mesmo modo que a morte, o esquecimento é um fator que favorece a evolução.

«Por outra parte, não dispôr habitualmente das faculdades próprias do inconsciente: instinto, intuição ou faculdades supranormais, impõe o esfôrço reflexivo constante que também favorece a evolução».

Como se vê, tudo é perfeito na criação e revela a Inteligência Suprema que tudo predispôs com infinita sabedoria. Tudo tem sua finalidade superior.

— O Maior Ciclo Histórico —

Início de uma nova era de paz universal

SEM grande destaque, apenas com a importância vulgar de um telegrama do exterior, publicaram os matutinos de hoje a seguinte notícia: «LAKE SUCCESS, 20 (R.) — O Conde Folke Bernardotte foi nomeado mediador das Nações Unidas na Palestina numa reunião dos representantes dos membros permanentes do Conselho de Segurança que durou apenas sete minutos.

A escolha do presidente da Cruz Vermelha Sueca foi feita por unanimidade.

O outro único candidato, Paul van Zeeland, ex-primeiro ministro da Bélgica, não respondeu se aceitava a nomeação.

O Conde Bernardotte e o Secretário Geral da ONU, Trigve Lie, decidirão se o mediador deve partir diretamente para a Palestina ou vir antes a Lake Success.

O ordenado de Bernardotte será de 26.000 dólares por ano, não incluindo as despesas.

A função do mediador, tal como foi determinada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, consistirá em procurar um entendimento entre árabes e judeus e exercer quaisquer funções administrativas que lhe forem confiadas por consenso das duas partes».

O telegrama que aí está, em sua aparente simplicidade, como qualquer notícia vulgar que nos vem do estrangeiro, tem a expressão formidável de um acontecimento histórico invulgaríssimo, que marca o início de uma nova e grandiosa éra para a Humanidade.

O seu contexto serve tanto às belas aspirações filosóficas dos homens de responsabilidade, tementes a Deus, que se interessam pelas cousas sérias da vida, como aos desejos primários das almas infantís, para quem a existência terrena é uma corrida desenfreada atrás de futilidades materiais. Há nesse telegrama, como em todas as cousas importantes do mundo, espírito e matéria.

Procuremos analisá-lo perfuntoriamente, para fazermos a distinção necessária.

A nomeação do Conde Bernardotte para mediador das Nações Unidas na Palestina, significa formalmente que a nova Liga das Nações é uma realidade objetiva e prática. O mundo póde agora dizer: «Temos homem ao leme». Quem êsse homem? Truman, falando forte, sob a égide da bomba atômica?... Stalin, o novo imperador de todas as Rússias, ameaçando céus e terra com as suas experimentadas hostes de milhões de homens acostumados à férrea obediência do Tzarismo?...

Quem êsse grande homem que surge no proscênio da História, como o Anjo Tutelar à porta do Paraíso, armado de espada flamejante, naquêle momento lendário em que o primeiro casal humano fôra expulso do Eden?...

Não o procuremos entre os míseros escravos da carne, que fazem parte da sofredora, conquanto sorridente por vezes, servilíssima grei humana.

Quem assim de novo comanda os Exércitos, o mesmo Deus que arma o braço do povo de Israel para libertá-lo dos seus inimigos, é aquela Divina Potestade, que, em se fazendo compreender pelos homens segundo o nível da mentalidade de cada um dos seus filhos: ora apresentando-se, portanto, como Deus Potente dos Exércitos, ora como o simples e manso Cordeiro que dá a própria vida por aqueles que o Pai lhe confiou; personificado em uma das três pessoas misteriosas da Santíssima Trindade, segundo a concepção mística da Igreja; ou impersonalizado, conforme o alcance maior da mente Einstaniana, plasmada no exame positivo e na fria análise dos fatos — governa, orienta, dirige, redime, e sempre, e eternamente, reconduz ao Paraíso perdido o filho pródigo, extraviado nos ínvios caminhos da perdição.

«Deus escreve direito por linhas tortas». Da aparente confusão babélica da hora presente; dos antagonismos nacionais que trazem em constante sobressalto a pobre e sofredora humanidade; do meio dêste enfurecido mar, sempre revôlto, dos tremendos egoísmos e dos mais baixos sentimentos, jamais externados pelas gentes, de todas as Nações, com tanto despudor e acrimônia; quando a mentalidade materialista do século, já nos acenava com o desmantelamento completo da civilização, eis que se ergue a mão de Deus, para dizer, com um gesto decisivo, porque de natureza divina: BASTA!!

Tudo é possível à Magestade Divina!!

Pequeninas, ínfimas as *grandes* cousas da Terra, para Aquêle que comanda as Legiões Celestes. Como que, nêste passo do nosso raciocínio, escutamos a voz eloquente do poeta:

«...Comburentes, flamívomas bombardas;
Ígnea selva de canos de espingardas...
Tudo isto ecoa-lhe aos ouvidos
Como o ruflar das azas de um inseto!»

. . . .

Falemos, porém, a linguagem dos homens, para sermos entendidos pelos homens, pois que não é para os deuses que escrevemos.

Quem, medianamente versado na História contemporânea, cujos capítulos nós mesmos escrevemos e simultaneamente estudamos, não deduzirá imediatamente, da nomeação do Conde Bernardotte para mediador das Nações Unidas na Palestina, que o príncipe sueco empunha, de fato, um verdadeiro cetro, está armado de uma autoridade maior, muito maior do que qualquer dos chefes de Estado modernos, pois que lhe vem êsse poder de uma outorga superior, de caráter universal, exprimindo-se não mais pela fôrça das armas, como o poder conquistado por Alexandre, César ou Napoleão, mas pela fôrça incoercível do Direito, por uma potencialidade jurídica verdadeiramente soberana, que terá agora de fazer-se respeitada, custe o que custar, seja mesmo necessário dizimar os povos islâmicos com os devastadores bombardeios atômicos?!

A análise fria dos acontecimentos internacionais leva-nos a essa conclusão magnífica. Os Estados Unidos, a Rússia, desunidos embora, imediatamente reconheceram a recém organizada entidade de Direito Internacional: a nova Nação de Israel. Ou muito nos enganamos e teremos de curvar humildemente a cerviz, para confessarmo-nos ingênuos observadores internacionais, desprovidos de bom senso, ou então a existência do novo Estado de Israel está formalmente garantida e o mundo islâmico terá de, religiosamente, respeitar-lhe as lindes que serão traçadas pela autoridade indiscutível dos povos cristãos civilizados.

As Nações Unidas, vê-se bem agora, têm estrutura diferente da Antiga Liga das Nações. As sanções econômicas, que não impediram à Italia de praticar o horripilante crime da Abissínia, em cujo bôjo talvez estivessem, em grande parte, as calamidades desencadeadas sôbre a Terra (Lembrem-se os homens que não há, perante Deus, pequenas injustiças), substituem-se agora as sanções efetivas de uma AUTORIDADE de Direito e de fato.

Os membros da ONU — deduz-se lógicamente da evidência dos fatos — podem deblaterar platonicamente sôbre questões de natureza aleatória, problemas nacionais de ordem secundária, oriundos da própria imperfeição humana, assentes nos pequenos egoísmos regionais, nos exageros do velho egocentrismo de todo o homem carnal, decorrente do orgulho, preconceituoso e destituido de razão filosófica; no que concerne, porém, aos grandes delineamentos da História, à execução do Plano Divino, de que a nova organização mundial é simples executora, as suas deliberações serão sempre formais e taxativas, *tomadas em sete minutos*.

Concluindo: a consciência universal espera que o Conde Bernardotte mantenha a Nação de Israel, quer seja pelo Direito Soberano, decorrente da própria investidura recebida das Nações Unidas, inteligentemente reconhecido pelos povos arabes; quer seja pelo emprêgo da fôrça, que certamente será posta ao seu dispôr, se a cegueira daqueles povos fôr ao ponto de fazê-los desconhecer que atrás das Nações Unidas se acha, entre outros, um grande povo, dotado de um grande poder de fato, como os Estados Unidos da América do Norte.

Nós assistiriamos, sim, ao fracasso da Civilização, se os Estados Unidos recuassem agora, a esta altura, do cumprimento do seu dever, na outorga sublime que lhes foi feita por Deus de «guardiões dessa mesma Civilização». Haja o que houver, o interêsse supremo da Liberdade dos povos, da lídima Democracia das Nações soberanas, impõe ao máximo garante da ONU, êsse dever de agir no sentido da manutenção da soberania do novo Estado que surge, depois de vinte séculos de sofrimento da Nação Hebraica, a disputar o seu lugar ao Sol.

* * *

O mais que se contém no aludido telegrama é banalidade que ali simplesmente aparece, para satisfazer ao paladar dos últimos abencerragens da futilidade e das pequeninas cousas imediatistas da vida: «O ordenado de Bernardotte será de 26.000 dólares, fóra as despesas...»

«De mínima non curat pretor...»

Esta parte material, contudo, é o estigma da nossa personalidade terrícola: sem ela não podemos viver. Urge tratá-la, mesmo quando se tem em consideração os grandes acontecimentos da História.

Mas a grandeza do evento está na sua parte espiritual, nas esperanças com que, desde agora, nos acena o futuro.

«O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita», sabiamente advertiu-nos Jesus, o divino executor da Vontade de Deus no plano da Terra.

Arnaldo S. Thiago.

Sebastianópolis, 21 de Maio de 1948.

Dois Livros de Leopoldo Machado

Um dos primeiros volumes de literatura espírita que lêmos foi «Consciências», de Leopoldo Machado.

Embora mal enfronhado no espírito da Doutrina, os contos enfeixados naquêle livro impressionaram-nos fortemente, arrastando-nos à leitura de outras obras doutrinárias. Daí para cá, lêmos vários livros do dinâmico escritor espírita. Nenhum, porém, conservou-se mais vivo na nossa lembrança do que «Consciências». Alí estava, de fato, um autêntico contista, dono de um estilo leve e fluente, moldável a tão difícil gênero de literatura, que é, sem dúvida, o conto, e principalmente o conto espírita, que, a par do interêsse emotivo do enrêdo, deve ser entremeado de ensinos que conduzam o leitor, suavemente, ao conhecimento dos postulados doutrinários.

E Leopoldo Machado superou galhardamente êsses óbices, sem fugir ao gênero de literatura em que se ensaiava e sem traír ou relegar a plano secundário os ensinos magníficos que formam a estrutura da Doutrina.

Daí o nosso vivo interêsse quando nos veiu às mãos o novo volume de contos do autor de «Consciências». «Para o Alto» é o título do livro que acabamos de lêr, de uma assentada, deliciando-nos com os enrêdos de suas histórias, todas elas calcadas dentro dos princípios fundamentais da Doutrina. A maioria dos contos que integram o «Para o Alto» são peças de densa substância pedagógica, interessando sobremodo a mestres ou mentores de juventudes espíritas e às jovens inteligências que se iniciam no conhecimento da 3.ª Revelação.

A par dos contos de fundo educacional, que são verdadeiras lições de moral cristã, lá estão as páginas de empolgante emoção dramática, arrancadas da vida, comovendo-nos fortemente. «Tragédias da Vida», Quase uma página de Pöe...» «Criminoso», «Quase um Romance» e vários outros, são contos que agradam a qualquer leitor, leigo ou adepto da Doutrina.

* * *

Êsse gênero de propaganda espírita é de grande proveito aos que se iniciam no conhecimento da Doutrina, daqueles que, por falta de tempo ou vontade não se dispõem à leitura meditada das obras basilares da Nova Revelação. Lê-se um conto com mais facilidade e menos esfôrço de raciocínio do que um ensaio filosófico ou um estudo doutrinário.

Principalmente, para os moços, para os que se deleitam com a leitura de romances e novelas. Distraír educando é a finalidade do novo livro de Leopoldo Machado, sem nos referirmos à sua finalidade precípua, que é o valor comercial do livro revertido em benefício de uma instituição de caridade altamente cristã, que é o *Lar de Jesus*. «Para o Alto», uma magnífica edição da Livraria Allan Kardec Editora, envolto numa bela capa e impresso em ótimo papel, é livro que se lê interessadamente até à derradeira página e, do qual guardamos gratas recordações, pelas belezas que êle nos oferece e pelos grandes ensinos que de suas páginas ressumbram.

* * *

Um opúsculo reunindo algumas crônicas do autor de *Para o Alto*. «Observações e Sugestões». Pequeno livro contendo grandes idéias.

Idéias que consubstanciam os postulados primordiais da Doutrina, no que se refere ao novo movimento, aliás vitorioso em todo o país, que o autor muito bem denominou de *Espiritismo de Vivos*. Precisamos, de fato, olhar mais de perto os problemas humanos, procurando resolvê-los ou minorá-los, dentro dos sublimes princípios que norteiam a Terceira Revelação. Essa atitude dos espíritas que propugnam por um Espiritismo que encarne de frente as questões do homem, não implica no abandono às leis divinas, ao sentido subjetivo e espiritual da Doutrina.

Cabe, sem dúvida, aos espíritas, um papel dos mais preponderantes na transformação do panorama triste da Terra. Não compreendemos um Espiritismo fechado em gabinetes, um Espiritismo apenas de estudos e experiências psíquicas e muito menos o que se espraia por aí afóra, numa caudal de mensagens mediúnicas muitas vezes de duvidosa autenticidade. Os espíritas não podem ou não devem se alheiar das questões que afetam o homem e, consequentemente, dos movimentos sociais que visam o aprimoramento e o progresso do planeta que habitamos, atualmente.

Leopoldo Machado, inteligência arguta e trabalhador incansável nas hostes doutrinárias, vem abrindo, ultimamente, novas clareiras no campo da seára espírita.

«Observações e Sugestões» é um opúsculo que merece ser lido por todos os espíritas, porque os assuntos que nêle entram em debate são de interêsse vital para a Doutrina.

* * *

Os dois volumes de Leopoldo Machado são livros em função da arte a da doutrina e, — convem frizar, — da caridade.

Da caridade, sim, porque são êles publicados em benefício do *Lar de Jesus*. Vamos, pois, lêr os seus livros, não só como deleite para o nosso espírito, como, também, porque, adquirindo-os, estaremos concorrendo para minorar uma das mais angustiosas questões sociais do nosso país — a da criança e velhice desamparadas.

LUIZ DANTAS

Santo Amaro — Bahia.

Fenômenos de Materialização

XVII

Decorridos foram mais de três longos e penosos mêses, depois da última sessão de efeitos físicos, no Grupo «André Luiz». Os chamados trabalhos de cabine haviam sido suspensos, por determinação dos espíritos superiores, em virtude de malentendidos na vida interna do *GEAL*, por ocasião da eleição da sua 1.ª diretoria definitiva. Desfeitos os equívocos, derimidas as dúvidas e feitos os necessários reajustamentos, a concordia, a harmonia e a fraternidade foram restauradas e, com o império dessas virtudes, se registrou o restabelecimento dos singulares trabalhos mediúnicos, o que se verificou, já, nas recentes reuniões dos dias 27 de Setembro e 4 e 11 do corrente. Na penúltima sessão, aliás, verificaram-se, apenas, fenômenos de voz direta, dado que o médium principal, Lins, achava-se ausente. As duas últimas reuniões fizeram-me lembrar os áureos tempos em que os nossos trabalhos mediúnicos se faziam distinguir pelos importantes fenômenos que aquí tenho registrado, não obstante não tivessem sido ainda, muito agraciadas com transcendentes fenômenos de materialização notáveis e numerosos. Embora ocupe, na atual administração do *GEAL*, o último lugar na escala dos cargos, — o de membro do Conselho Fiscal — coube-me a direção dos trabalhos das duas primeiras reuniões. Iniciei a primeira solicitando à assistência cantasse o hino «Obreiros de Jesus» para preparo do ambiente e, depois, de proferir uma prece, declarei aberta a sessão, em nome de Jesus. Passo a fazer a leitura de um dos capítulos do livro «Mensageiros». Lição magnífica, a calhar com a necessidade do momento, num oportunismo incrível. Terminada a leitura, passou se à observância de profunda meditação, por alguns minutos, afim de ser atraída uma das entidades espirituais que nos orientam e instruem. Um dos médiuns cái em transe, sendo então ouvida a voz oracular de um Mensageiro do Alto, que não declarou o nome, mas identificado pela vidência de mais de um médium, como sendo o queridíssimo espírito de Abel Gomes. Sua palavra era firme, concisa e esclarecedora. Depois de tecer oportunos comentários evangélicos, passa a orientar-nos sôbre o andamento dos trabalhos, dando-nos a agradável nova, confirmando, aliás, uma orientação anterior, de André Luiz, através de outro médium, de que já poderíamos reiniciar os trabalhos de efeitos físicos, indo dois médiuns para a cabine, tendo-se verificado ligeiros fenômenos de voz direta, tendo sido encerrada a sessão com uma prece, proferida pelo Farmacêutico Galeno dos Santos. A segunda sessão contou com o concurso do médium Lins. Os trabalhos iniciaram-se por uma prece, seguida da leitura de uma página doutrinária, comentada pelos assistentes. A segunda parte teve início depois da orientação do guia espiritual, que prescreve as medidas aconselháveis para o bom andamento da reunião, durante a qual se recorreu ao canto de hinos e à prática de sentidas preces, alternadamente. Foram observados diversos fenômenos de luz, de côres várias, de grande efeito. O querido José Grosso falou mais de uma vez, por voz direta, adiantando-nos que espíritos amigos brindar-nos-iam, nessa noite, com trabalhos preciosos de parafina. Foram arremessadas duas pedras e duas flores de parafina no meio da assistência. Terminada a sessão com uma prece, proferida pelo Ferreira, verificou se que os espíritos haviam deixado dois modelos de mãos, um dos quais entrelaçado, sendo que o modelo simples foi dedicado ao Major farmacêutico Ismael Pinto, pelo espírito de seu pai. Ficou evidenciado que, dos presentes, perderam peso os seguintes companheiros: eu, um quilo; Risoleta Vilar Viola, meio quilo e o Major Ismael um e meio quilo.

* * *

A reunião do último sábado foi presidida pela Vice-presidente, senhorinha Laís Teixeira Dias, iniciando-a com uma prece, precedida de um hino, cantado em côro. Feita a leitura de uma página de André Luiz, passa-se a fazer alguns minutos de concentração, durante os quais o espíriro de Arací se incorpora, orientando sôbre a melhor maneira de serem dirigidos os trabalhos, depois do que o médium Lins se recolhe à cabine. Alguns minutos de preces e comentários da lição da noite e passam a observar-se encantadores fenômenos de luz feérica e multicor, manifestando-se em forma de circunferência móvel. Os espíritos de José, Neuza e André Luiz falam, por meio de voz direta, doutrinando e confortando. O espírito de Margarida, esposa do companheiro Afonso Fonseca, dirige-se ao marido, em voz direta. Um outro fenômeno se verificou, simultaneamente: o do toque de u'a mão materializada no ombro do Fonseca, tendo o José elucidado tratar-se de uma carícia da esposa desincarnada. Enquanto eu fazia uma ligeira peroração, materializa-se um espírito que assoma ligeiramente à entrada esquerda da cabine, cuja identidade não ficou evidenciada, em virtude da obscuridade profunda do recinto. O José ainda observa que o espírito de Margarida deixára sua mão direita modelada em parafina, destinada ao Fonseca, o que foi confirmado depois de encerrada a sessão, momentos após ter um espírito recomendado se a encerrasse com uma prece, o que a Laís observou rigorosamente, tendo o irmão Inacio ido despertar o médium, assistindo-o como é recomendável. O Antonio Alves Ferreira declarou, finda a reunião, que sua esposa, D. Eurídice, havia ficado radicalmente curada do deslocamento da espinha dorsal, com as últimas sessões do «André Luiz».

Amadeu Santos.

Rio, 20/10/947.

Solidariedade

A solidariedade póde ser um sentimento, um princípio ou uma virtude.

Como sentimento, é natural a todo sêr pensante; como princípio, encontra-se entre os que têm a razão bem amadurecida; como virtude localiza-se na alma dos grandes reformadores, filósofos e sociológos.

Em sua primeira forma, isto é, solidariedade simplesmente como sentimento natural, sofre constantemente os rudes golpes do egoísmo pessoal, familiar e racial.

Em suas duas últimas formas é, a solidariedade, o dinâmico elemento propulsor da humanidade para a sua mais alta e legítima civilização.

Os maiores vultos de todos os tempos que inestimáveis bens proporcionam à espécie humana são, sem dúvida, aqueles que, com inteligência e perseverança, sabem cultuar a solidariedade, quer como princípio, quer como virtude.

Assim é que, a solidariedade, adotada como princípio, tem sido sempre a salutar norma dos verdadeiros sábios, levando-os a dedicarem todas suas energias, em inteiras existências, aos mais delicados estudos e experiências, muitas vezes fatais, arriscando, portanto, a própria vida em benefício da humanidade, para realizarem novos conhecimentos e descobertas nos diversos planos das incomensuráveis leis ainda ignoradas pelo homem, leis essas que quanto menos ignoradas, mais, inegavelmente, elevam o mundo para o seu estado cada vez melhor.

Todavia, solidariedade, como virtude é a síntese da sua mais nobre e elevada forma.

E' sentindo-a e praticando-a como tal que os legítimos reformadores, filósofos e profetas vão, sob a égide da mais lídima moral, revelando os princípios fundamentais da harmonia e paz universais, capazes de canalizarem para o Bem as grandes descobertas científicas, desviando-as da sua aplicação para a prática do Mal.

Quando toda a humanidade puder sentir e praticar a solidariedade em sua mais sublime expressão terá, por certo, conseguido realizar grandes prodígios no reerguimento do bem comum.

Fernando Pereira de Morais.

Itapetininga, 12/4/948.

Argentina Espírita

Mariano Rango D'Aragona

Ao lado das festas de Hydesville, para comemorar o centenário do ressurgimento do Espiritismo, a Argentina, primeira das nações americanas, lembrou o grande acontecimento com um esfôrço de publicidade digno de ser lembrado no Brasil.

Conheci aquela República no ano de 1915. E, como afirmaram Ferri, Jaurés, Ferrero, etc., etc., é a mais culta do Sul, vanguardista sempre de todo movimento intelectual. Não devia ser diferentemente da III Revelação, que a Argentina cultitiva, principalmente, do lado científico, demonstrando como um mundo, baseado nos «cultos», será perenemente atrasado no caminho racional do Divino Universal. De facto, não se pode conceber Deus, sem reconhecer nÊle o máximo fator da «Inteligência», do «Amor», da «Harmonia», os três elementos que faltam ao nosso planeta expiatório.

Ora, enquanto o Espiritismo ficar no terreno da «competição religiosa», será sempre fonte de polêmicas e discussões estéreis, deixando a Ciência ir à frente do movimento materialista, mais que moral; e a alma é a nobreza da Moral.

«Miscere utile dulci», isto é, juntar a Fé ao conhecimento da Vida Universal, da qual o nosso pequenino globo é parte infinitesimal, e portanto, no dever de avançar cada vez mais no conhecimento das regiões mais progredidas do Reino Celeste.

As teorias são belas, mas o grande mistério do Infinito exige que o olho da nossa «inteligência», penetre, também, nas belezas recônditas da Criação, para onde vamos.

No Estado de Ilinois há o maior observatório do mundo, que tende a penetrar no recôndito do Céu, e que já chegou a revelar nebulosas que abraçam sóis e planêtas de um tamanho milhares e milhares de vezes superiores à Terra. Nós seremos intelectualmente pigmeus até quando transcurarmos de aproximar os irmãos maiores do espaço. E devemos a esta ignorância «voluntária» o sermos egoistas, cruéis e fratricidas.

Dai aos homens o pão da Ciência, juntamente ao da Fé, e ficareis certos de que os novos homens chegarão mais depressa para venerar em Jesus o Mestre dos mestres, e em Kardec o revelador dos reveladores, ou seja o Consolador.

O mesmo Kardec prometia, pelo fim do século passado, ou o princípio do presente, a sua volta triunfante ao planeta, o que ainda não se deu. De facto, se êle voltasse hoje acharia a humanidade ainda no «estado caótico» do século passado, obrigando-o a refazer o trabalho colossal da sua época. E o mesmo Cristo não pode, de Sol que é, voltar a ser um satélite da evolução humano-espiritual.

Voltando ao progresso científico-espiritual da Argentina, acabei de lêr o mais poderoso artigo que o nosso confrade Rufino Juanco, do Mexico, escreveu sôbre o centenário de Hydesville, e as suas consequências lógicas. O artigo foi publicado em «Constância», a revista douta, substanciosa, racional, espírita, que se publica na América do Sul. Não é possível transcrever o longo e profundo trabalho, mas, sim, revelá-lo sintética e sumariamente. Demonstra, antes de tudo, que o Espiritismo, divinamente revolucionário, sepultou todas as lendas bíblicas, que se eternavam em cada precursor do Cristo, ativando as leis antigas da moral, em modernas; purificando a ciência positiva; elevando o conceito religioso à luz da razão divina, sem ignorância ou misticismo, fazendo da psicologia experimental o cadinho que seleciona a verdade da mistificação; pulverizando todos os anátemas dogmáticos contra a revelação do imortal, e, consequentemente, erguendo Deus a fator de amor e de perdão; pondo a consciência humana como juiz das suas obras, pela mesma luz divina; demonstrando que nunca, como o Espiritismo, sobem ao reino celeste os redimidos pelo sacrifício do Cristo, através a lei da reencarnação; fixando o progresso das criaturas na fraternidade, no amor e no perdão, para constituir a meta da felicidade eterna, que é o escopo único e soberano da Criação, onde o Espiritismo é o verdadeiro código da vida.

«Quod suficit», para demonstrar aos nossos leitores que, a despeito dos acontecimentos nefastos que se multiplicam, no mundo, parecendo até que os crentes no Apocalipse têm razão de vêr acabar a humanidade... no inferno dogmático, aumenta o número dos novos e humildes precursores do Consolador, dos quais Allan Kardec foi o maior e genial codificador. Todavia, também há espíritas que, por efeito de demasiado misticismo, vergam-se às calamidades da época, gemem e rezam como outros tantos Isaias, Enoch, Bajuch, etc., etc., esquecendo a vinda do Redentor.

A hora é de luta altiva, racional e decisiva, únicamente entre a mesma humanidade, focalizando a Ciência positiva e a Fé pura, educando as massas, afim de que suportem as consequências dos «próprios êrros», porque, pelo nosso Espiritismo, «não há efeitos sem causas».

Irmão, que a Luz Divina vos ilumine e ampare!

Eternamente.

Duas Fôrças em Choque

Leopoldo Machado

O materialismo e o Espiritualismo, eis as duas maiores fôrças em choque no mundo. Todas as crises e misérias derivam, exclusivamente, dêsse choque tremendo! A fôrça incrível que o materialismo faz para vencer e dominar sozinho engendra a hora de incertezas crueis por que passa o Planeta. E' verdade que o materialismo avançou muito. Em consequência mesmo da falta de armas poderosas às mãos do adversário. Avançou muito, mas, a futura vitória, definitiva e redentora, não será sua. Venceu tanto, que se arvorou em filosofia e ciência positiva; que teve a pretensão de querer, só com a fôrça e a matéria, explicar tudo, resolver todos os problemas. Foi, é fôrça confessar, impotente, até aquí, o Espiritualismo, para tolher-lhe o passo atrevido, a liberdade de ação, as armas do raciocínio e do livre pensamento. E onde ha dogmas forgicados por homens, com poder de sentenciar: «Crê ou serás condenado», deixa de haver liberdade de ação. E sem liberdade de movimento, quer materiais ou espirituais, não se ganha uma batalha. Que valem, na verdade, as armas que o espiritualismo católico e protestante esgrimiu até agora para embargar o poderoso adversário? Muito pouco, na verdade.

O materialismo agride com todas as armas, valha a verdade.

A começar com a da antiguidade de suas idéias, com a respeitabilidade de nomes gloriosos que o defendem e o abonam.

Remonta à Grécia, o materialismo dialético, ou filosófico.

Porque ha dois materialismo: o dialético e o popular-social.

Democrito, Epicuro, Anaximanero de Miletos foram, por assim dizer, seus primeiros seguidores. Se é que não foram seus fundadores.

Através das éras, a doutrina atraiu grandes nomes e grandes vultos, como Francisco Bacon, Galileu, Descartes. O «na dúvida, abstem-te», de Descartes, é um convite sensatissimo contra a crença religiosa. E a abstenção, que seria geral se todos estudassem, a frio e a sério, o problema religioso, favoreceu, grandemente, o materialismo.

Saiu o materialismo das cogitações filosóficas e dialéticas para as questões práticas, objetivo-sociais, com Maleschott, Carlos Vogt, Louis Buchner, Haeckel. E fez-se questão puramente social, transformado em comunismo, com Karl Marx. E transformou-se até em religião positiva— o Positivismo — com Augusto Comte.

Avançou, assim, o materialismo, sem encontrar barreiras sérias.

Pois, se o Espiritualismo teve, até, de materializar seu corpo de doutrina para não perder, de todo, a clientela!

Foi isso que se deu com a primeira oposição séria que o Espiritismo lhe apresentou com o judaismo. Os rabinos e fariseus de tal modo materializaram o Espiritualismo, que mataram os profetas e e crucificaram Jesus. Suas práticas, aberrantes de qualquer espiritualidade, materializaram tudo: as práticas, os ensinamentos, as orações. Materialidade que o Cristo, a despeito de ensinar que «Deus é Espírito, e só em espírito e verdade deve ser adorado», não conseguiu abolir no seu tempo; materialidade que desbordou, até em nome do Cristo, para o catolicismo e o protestantismo.

Em nome do Cristo, fez-se coisa pior: armaram-se as Cruzadas, que eram mais expedições especuladoras do que religiosas; criou-se a Inquisição, as classes sociais foram divididas e os poderosos, bajulados, enquanto os pobres foram oprimidos. S. Tomaz de Aquino, o maior cabeça da Igreja doutrinava que «quem nasceu servo devia viver a servir a vida inteira». Um portão de ferro, portanto, colocado à frente de quem aspirasse ascender para a liberdade, a igualdade e a fraternidade, a preceito do Cristianismo puro e da Democracia. Aquelas virtudes, para o santo angélico, são possíveis, sómente, no campo espiritual. No social, não: pobre é pobre e rico é rico; servo é servo e senhor é senhor. A hierarquia da Igreja ainda hoje endossa a doutrina social do frei. Por isso mesmo que Voltaire, nos últimos tempos de sua existência, só se dirigia à Igreja e ao clero, vociferando: «ecrasez l'infame».

O Protestantismo, se apresentou muralhas mais fortes contra a marcha do materialismo, não teve, entretanto, poder de vencê-lo, de aniquilá-lo. Nem podia, uma doutrina que condiciona à fé, sem o alicerce da Caridade, a salvação. Uma doutrina, cujo fundador chegára a afirmar recusaria a salvação se esta dependesse do trabalho de mover uma palha. E bem lhe soube unir-se aos nobres para exterminar as revoluções reivindicadoras dos camponêses, animadas por João Huss, a ponto dêsse abnegado visionário polonês ser arrastado à fogueira. Um espiritualismo, de que um dos chefes arrasta, vivo, à fogueira, um Miguel Servet, só por discordar dêle em pontos de doutrina... E as duas fôrças se chocavam, com vantagens apreciáveis para o materialismo, que, orgulhoso, perguntava:

— Para que precisais de um Deus? Para explicar o universo e a Vida?

Aí estão os estudos de Le Dantec, de Buchner, de Haeckel, que demonstram a fôrça e a matéria como a origem racional de tudo. Se puderdes, sr. Espiritualismo, desmentí-lhes com as vossas teorias bolorentas da Criação em sete dias.

E continuava ainda:

— Precisais de uma religião para tornar os homens melhores? Onde, essa religião? o Cristianismo? Mas, não foi em nome do Cristo que se armaram as fogueiras inquisitoriais? Que se queimaram, *ad majorem Dei gloriam* tantos herejes nas praças públicas, chegando-se, até, ao displante de levar-se um Constantino e um Pedro Arbues á santificação dos altares? Sabei que nosso materialismo religioso é bem mais poderoso. Perscrutai a religião sem Deus e sem Imortalidade, — o Positivismo — e vereis como é superior a tudo que, em nome de Deus, vosso espiritualismo anda ensinando! Onde, no vosso espiritualismo, coisa que se pareça ao nosso *viver para outrem*? Ao nosso «o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim?

Foi nesse entrechoque que, ha noventa anos, apareceram dois reformadores incomuns, alteando barreiras intransponíveis ao materialismo: Flamarion e Kardec!

De um lado do Reno, o materialismo insolente gritava que não se carecia mais de Deus para explicar a origem de tudo, que o sr. Ernesto Hæckel principalmente, alí estava para dar, com a fôrça e a matéria, todas as explicações precisas e racionais.

Da outra margem do Reno, ufanava-se êle, o materialismo, de já não se precisar mais de religião nenhuma para tornar o homem bom, pois alí estava Augusto Comte, com o seu positivismo, com essa altissima finalidade.

Surge, então Camilo Flamarion, com o seu *Deus na Natureza,* refutando, irrespondivelmente, a ciência-religião positiva do Sr. Augusto Comte.

Então, aparece o *Livro dos Espíritos*, demonstrando que a Ciência tem de aliar-se à religião, e a fé à razão, para que o homem seja, realmente, feliz à face da Terra.

A obra de Allan Kardec prestou, de tal sorte serviço à Igreja, que já não dispunha de argumentos e autoridade para confundir o materialismo, que uma autoridade eclesiástica, e das maiores, — porque orador sacro mais respeitável em França, o dominicano Lacordaire, chegou a afirmar que havia sido Deus que inspirara o sr. Allan Kardec para provar, cientificamente, aquilo que a Igreja vinha ensinando há séculos sem que ninguém a levasse a sério...

Da Igreja, portanto, um dos primeiros louvores que este livro, — o que, depois da Bíblia, mais tem beneficiado a humanidade — recebeu. Veio, depois, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, elucidando que ninguém deve viver explorando a fé alheia, que se deve servir à religião sem profissionalismo. Daí, o motivo maior do clero hostilizar, hoje, o Espiritismo...

Era o Espiritualismo racional e convincente, poderoso e invencível, que aparecia, a demonstrar que o homem era alguma coisa mais do que um feixe de ossos, de nervos, de músculos; mais alguma coisa do que a vontade escravizada a fés cegas, a crenças sem análise. Espiritualismo que veio demonstrar existir no homem alguma coisa mais do que Matéria. Que, se Deus colocou no homem o cérebro em cima, o coração no meio e o estômago em baixo, foi para o homem fazer, com independência, uso do cérebro, colocar o coração em situação de equilíbrio entre a mente e o estômago que não é orgão com poder e fôrça para nortear, por si mesmo, os problemas humanos. Espiritualismo que reconcilia o homem com os imperativos de seu coração, que deve equilibrar a Vida. Até mesmo para justificativa do brocardo latino: *In medio stat virtus*. A virtude está, com efeito, no meio, que não nas extremidades, que os extremos são perigosos. O orgulho do cérebro equivale ao materialismo do estômago. E o homem de coração nem se orgulha de nada, nem vive só para materialidades...

E a luta continuará.

Mas, já agora, em terreno que foge, a cada passo, aos pés do materialismo dialético ou popular. E aos pés da religiosidade sectarística, de vez que é espiritualismo de molde «a olhar, face a face, a razão em qualquer época da humanidade».

Este, o espiritualismo vencedor, o Espiritismo, que se impõe sem dogmas e mistérios, sem sacerdotes e sem profissionalismos, sem exclusividades e intolerâncias...

A Verdade Profética

J. B. CHAGAS

— I —

Quem quer que estude o Velho Testamento, *com os olhos de vêr*, encontrará vaticínios e profecias, uns e outras que já se cumpriram ou estão se cumprindo no presente.

Um profeta de Deus houve, chamado Daniel, que viveu numa época seiscentos anos antes de Jesus, em fórma humana, que se referiu no seu livro a profecia sôbre os dias de Babilônia, faz 2.500 anos, a qual atravessando os séculos chega aos nossos dias, mostrando-nos o futuro dêste mundo.

A realidade tem demonstrado a exatidão dêsse maravilhoso livro, por terem se cumprido todas as suas previsões, levando nos a aceitar a sua inspiração divina.

Nem por isso, somos daqueles que aceitam a infalibilidade integral de tudo o que se contém na Bíblia.

Apenas como objeto de estudo, vamos relembrar algumas das aludidas profecias, da categoria daquelas que se cumpriram.

Um homem houve chamado *Isac Newton*, que, ao se referir ao livro de Daniel, afirmou: — «Quem quiser refutar as profecias de Daniel, terá que, para isso, enterrar a religião cristã, uma vez que esta foi fundada por Cristo sôbre as aludidas profecias».

A própria História reconhece a autenticidade e o profetismo do livro de Daniel, como veremos adiante, e Jesus também a êle se referiu, aconselhando a sua leitura(Mat. XX IV-15). Existem ainda provas da sua autenticidade que pertencem aos dias da grandeza babilônica, previstos pelo profeta, sendo ainda mais um dos livros que serviram para a formação da Versão dos Setenta, tradução do Novo Testamento para o grego, iniciada 200 anos antes da vinda de Jesus.

As declarações acerca da sua exatidão constituem outras tantas provas de sua antiguidade e origem divina, a ponto de atraír a atenção dos estudiosos e de muitos comentaristas.

1 — O Sonho de Daniel e a Felicidade Futura

A profecia contida no Capítulo II do livro de Daniel, resultou das preocupações do poderoso monarca Nabucodonosor, sôbre o futuro, que ainda hoje é o eterno anseio de todas as criaturas.

Êsse rei teve um sonho e o seu espírito ficou em extremo atemorizado, acontecendo o imprevisto de tê-lo esquecido completamente.

A razão dêsse esquecimento era que, tendo Nabucodonosor em sua côrte muitos magos, adivinhos e astrólogos, etc., que prediziam o futuro e pretendiam revelar mistérios, Deus quís que êle se convencesse da incapacidade dêles, para descobrirem o sonho, e vir a dar a interpretação por intermédio do seu profeta, ou seja por meio de Daniel, não sómente para benefício do próprio rei, como prova insofismável da inspiração divina das Escrituras nos tempos futuros.

E assim, o profeta Daniel decifrou e explicou ao rei o seu maravilhoso e profético sonho, em virtude de revelação especial que recebera de Deus: — como êle mesmo afirmou: — «A mim também me foi revelado este mistério». (Daniel — II-29)

A profecia contida nesse sonho atinge os dias que correm e vem revelar os acontecimentos que ocorrerão no mundo ao fim do milênio.

Após ter o rei Nabucodonosor ter esquecido o sonho que tivéra, mandou que se convocassem os adivinhos, os mágicos, os encantadores e os caldeus, para que lhe declarassem qual havia sido o seu sonho. Assim êles chegaram, foram levados à presença do rei, que lhes disse: — «Tive um sonho e, confuso na minha idéia, não sei o que vi». Os caldeus responderam ao rei: — «O' rei, vive eternamente; dize a teus servos o sonho que tiveste, e nós t'o interpretaremos.» — «O meu sonho — disse o rei — me fugiu da memória; se vós não me declarardes o tal sonho e a sua significação, todos vós perecereis, e as vossas casas serão confiscadas. Se vós porém me disserdes o meu sonho, e que é o que êle significa, recebereis de mim prêmios, e dons, e grandes honras; dizei-me pois o sonho, e a sua interpretação». Novamente os caldeus lhe responderam: — «Diga o rei a seus servos o sonho que teve, e nós lhe daremos a sua interpretação». O rei não se conformou com essa evasiva e voltou a insistir: — «Conheço certamente que assim ides ganhando tempo, porque sabeis que me esqueceu o sonho. Se vós pois me não disserdes o que eu sonhei, o conceito, que unicamente formarei de vós, é que também inventastes uma interpretação enganosa, e cheia de ilusão para me entreterdes com palavras, até que haja passado o tempo. Dizei pois qual foi o meu sonho, para que eu também saiba que a interpretação que lhe derdes é verdadeira». Disseram mais uma vez, os caldeus: — «Não ha homem, ó rei, sôbre a terra, que possa cumprir o teu preceito, e nenhum rei há, por grande e poderoso que seja, que pergunte semelhante coisa a adivinho algum, nem a mágico, nem a caldeu. Porque o que tú perguntas, ó rei, é dificil; nem se achará pessoa alguma, que declare isso diante do rei, exceto os deuses, que não têm comércio com os homens». Ouvindo isto o rei se enfureceu e cheio de grande ira, mandou que perecessem todos os sábios de Babilônia! Foi publicada a sentença para a matança dos sábios. Andava-se também a procura de Daniel e seus companheiros, para também serem mortos. Daniel então se informou de Arioch, general dos exércitos do rei, que havia saido para fazer a matança dos sábios de Babilonia, sobre que lei e sentença eram estas. Arioch tudo informou a Daniel. Estando Daniel diante do rei lhe pediu fosse concedido algum tempo para lhe dar a solução do que êle rei desejava saber. Após o que Daniel ao chegar em casa deu a notícia do caso aos seus companheiros, Ananias, Misael e Azarias, pedindo a êles que implorassem misericordia, postos na presença do Deus do céu, para a revelação dêste segrêdo, para que êle, Daniel, e seus companheiros não perecessem com os outros sábios de Babilônia. Então, foi descoberto êste mistério a Daniel numa visão á noite, e Daniel bendisse ao Deus do céu, falando assim: O nome do Senhor seja bendito desde o século e até o século, porque dêle são a sabedoria e a fortaleza. E êle mesmo é o que muda os tempos e os séculos, o que transfere e estabelece reinos, o que dá a sabedoria aos sábios, e a ciência aos que entendem da disciplina. Ele é o que revela as coisas profundas e escondidas, e o que conhece o que está nas trevas e com quem está a luz. A tí, ó Deus de nossos pais, a ti louvo, porque tú me deste a sabedoría e a fortaleza, e agora me mostraste o que nós te tinhamos pedido, porque nos descobristes o que o rei desejava saber. Depois disto Daniel foi ter com Arioch, a quem falou assim: «Não mates os sábios da Babilônia. Leva-me à presença do rei e eu exporei a êle a solução que deseja.»

(Continua)

O Jogo das Hipóteses

«Vosso jogo de hipóteses, na maioria das circunstâncias, não passa de dança macábra dos raciocínios, fugindo às realidades universais e adiando, indefinidamente, a edificação real do espírito!» Alexandre, mentor espiritual. Do livro, «Missionários da Luz».

Os acadêmicos da terra, em sua quasi generalidade, quando falam sôbre fenômenos do espírito tomam-nos por hipótese. E não são os piores por que outros há que negam, a priori, toda e qualquer manifestação espirítica. Surge um fenômeno de transporte?

— E' hipótese, mesmo que o vejam com os próprios olhos.

Materializa-se um espírito?

— E' hipótese, apesar de o auscultarem, medirem, pesarem etc.

Molda-se pés, mãos, peitos, em parafina?

— E' hipótese. Não importa que o fenômeno se processe debaixo de perfeito contrôle. O fato é que foge ao habitual, logo é hipótese.

Um espírito, também chamado fantasma, joga pedras, arrasta móveis, põe uma casa em alvorôço?

— E' hipótese, não obstante o provado que nenhum mortal tomou parte na brincadeira!

Falam os espíritos em voz direta?

— E' hipótese, nem que a voz seja absolutamente semelhante à do tal homem que viveu entre nós.

Vem uma mensagem do Além, com todos os caracteristicos do homem desencarnado, comprovando sua personalidade com segredos sómente do conhecimento dêle e do encarnado, a quem se dirige?

— Ainda aí é hipótese. E' um caso simples de telepatia!...

E não há nada que demova essa gente. E com o jogo das hipóteses ou dança macábra dos raciocínios — definição dada por Alexandre — continuam os tais sábios a fazer, também, o jogo macábro dos êrros, com todas as suas consequências funestas, entre os viventes. Pobres sêres! A sua ciência, ao que parece, atrofiou-lhes as faculdades sensoriais, a inteligência.

Contraste doloroso.

Ou então são cientistas de nome, não de fato.

Em verdade, há homens cultos que são toupeiras, e homens ignorantes — quanto à ciência da terra — que se revelam verdadeiros luminares. E os encontramos no campo, na indústria, no comércio, nas artes, etc. Aliás, inteligência e cultura são duas coisas distintas. A inteligência acompanha o homem desde o berço, adquirida, que foi na poeira dos séculos. Não se improvisa, portanto. A cultura, ao contrário, pode-se adquirir em poucas encarnações, dentro da relatividade das coisas. Póde um homem, dado seus pais possuirem vastos recursos, frequentar as academias e adquirir cultura, embora sua inteligência seja medíocre; e um outro homem, embora vastamente inteligente, caír em um meio pobre, e não poder estudar por falta de recursos. Pode-se portanto ser culto e possuír limitada inteligência e ser vastamente inteligente e ter pouca cultura.

Não é de admirar, pois, levando-se em conta essas particularidades, encontrar cultos que negam a pé firme o ato provado — e note-se, a base segura da ciência é o ato experimental — e não cultos que tiram dos mesmos fenômenos ilações admiráveis, aproveitando as profundas lições dos Mestres da espiritualidade, capazes de transformar suas mentes doentias em inteligências sadias, fazendo deles homens de bem e úteis ao próximo.

Apesar de taxados de néscios, bôbos e crédulos, vamos caminhando, irmãos, sempre para a frente, deixando esses cultos entregues a si mesmos e à sua cultura!...

H. Magalhães.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

A Solução do Problema

A propósito do AFINAL, QUEM SOMOS, de Pedro Granja

O conhecimento do Homem, da Vida e do Universo tem sido o problema sem solução para a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Sem embargo do orgulho com que as três se apresentam, qual das três já disse a última palavra, difinitivamente, sôbre o magno assunto?

Afinal, quem somos, para a Ciência?

Nem na sua parte mais negativista, e que deveria ser a mais espiritualizada, a medicina, somos conhecido; deixamos de ser o *homem, èsse desconhecido*...

Afinal, quem somos, para a Filosofia?

Perlustrem-se todos os sistemas filosóficos do passado e do presente, a partir, vamos dizer, de Tales de Mileto até o sr Einsten, que daí sairemos com as idéias cheias de teorias bonitas, com o espírito riquissimo de cultura e lindos devaneios filosóficos, mas, sem conhecimento real do que somos...

As religiões, menos, ainda, do que a Ciência e a Filosofia, pouco adiantam ao assunto, a despeito de se apresentarem como verdades reveladas.

Nada, de positivo e à prova de fogo do raciocínio puro dizem sôbre a Verdade em questão...

Contudo, a Vida existe, e nós a sentimos!

O Universo aí está e nós gravitamos nêle!

A Humanidade vive, e somos parte dela!

Afinal, quem somos?

* * *

Pedro Granja propõe-se a responder em um volume substancioso, admiravelmente bem impresso, de apresentação gráfica atraentissima, com quasi 400 páginas, prefaciado por Monteiro Lobato.

Propõe-se a responder, não dizemos bem.

Apresenta a resposta, ou a solução, que existe, racional e lógica, há perto de cem anos, ao magno problema.

E' o que se verá, lendo o grande livro, que é também, um livro grande.

* * *

O prefácio do grande escritor paulista o que menos nos interessou na obra.

Desrecomenda-a, até, para nós.

Termina, entretanto, bem. Tão bem,

que ajustamos a nós suas palavras finais:

«O assunto é grande demais e, como posso eu, pretencioso átomo dos mais ínfimos — átomo só convencido de que nada sabe e nada póde saber — prefaciar um livro que é um quadro imenso de nossa cegueira e de nossa impotência?...»

Ora, se esta é a situação do grande escritor em face de problemas tão importantes, condensados no volume, que dizer do modestissimo crítico?

* * *

Pusemo-nos ao livro de Pedro Granja, que grangeou, para logo, nossa enorme simpatia por duas coisas: pela modéstia do autor e finalidades de sua publicação.

«A sua publicidade — escreve o autor—não traduz preocupação de vaidade: é obra de inúmeros autores espíritas, porque de vários estudos feitos em benefício de seus irmãos terrenos e encima o título desta obra um nome que a convenção literária designa como seu autor», etc.

«A renda bruta de sua publicação será entregue em partes iguais ao *Abrigo Batuira* e ao *Instituto Padre Chico*. Uma, à inocência que ainda não compreende as suas misérias... Outra, à cegueira, que talvez, intimamente, compreenda as misérias dos que vêem...»

* * *

O autor e a obra eram de nós ignorados até o momento em que nos meteram nas mãos o livro.

Tinhamos outros volumes aguardando leitura.

Mas, por tudo isso, e pela originalidade do título, e matéria de seus capítulos, tivemos aguçada a curiosidade.

O AFINAL, QUEM SOMOS? passou, então, a encher nossas horas de sesta, que as reservamos à leitura.

• • •

Nada fez mais, diz o autor, do que compilar:

«De seu, é, sómente, o trabalho de concatenar o que já existia e mais os êrros que o leitor facilmente corrigirá».

Concatenar com precisão, citar com oportunidade, transcrever o que deve e tem utilidade, não é coisa fácil.

E', mesmo, dificílimo.

E dessa dificuldade, Pedro Granja sai-se airosamente, concitando o leitor a desculpar o outro trabalho dêle, que não existe, em verdade, no volume.

* * *

O objetivo inicial do autor é, se bem apanhamo-lo, trazer as idéias espiritualistas desde os tempos mais remotos e através de povos lideres, até o Espiritismo. Em sínteses oportunissimas, vemos passar diante dos olhos e da inteligência as idéias espiritualistas dos Vedas, Indús, Egípcios, Gregos, Gauleses, Hebreus, até o advento do Cristianismo. Depois, a Doutrina do Cristo através de todas as suas fases, até chegar a fase espiritística, a última e aquela que diz, lógica e racionalmente, afinal, quem somos.

Demora-se estudando a Igreja de Roma. Aí, empresta tons polemísticos a sua análise, viva e candente, que lembra Inácio Ferreira ou *alguém,* na sua fase de acesas polêmicas com o clero...

O autor exaustiva-se em multiplicar provas sôbre provas, confirmativas da existência do Espírito, sem a qual ninguém, nem doutrina alguma, resolverá o magno problema. Provas que, se a um espírita estudioso e culto — como se fosse possível existir espírita de verdade que não estudasse para ilustrar-se cada vez mais — não são novidades, impõem-se como ultra-novidades ao espírito e á inteligência de alheiados desses estudos.

E aquí está o mérito maior da obra.

* * *

Afinal, Quem Somos? colima, admiravelmente, o propósito por que foi elaborado e publicado. Leva-nos á convicção de que, enquanto a Ciência e a Filosofia não sairem do campo árido do materialismo e do negativismo, não terão autoridade e fôrça para resolveram o grande problema. Leva-nos á convicção de que, enquanto — as religiões não se dessectarizarem, conferindo ao espírito do religioso o livre exame de tudo, como bem aconselhou Paulo, ninguém, a dentro das religiões, chegará a saber o que foi, o que é, o que será...

* * *

Somos duplamente grato ao autor, pelo volume que nos coube, com honrosa dedicatória e por ver nosso nome aparecer nas suas páginas, lantejoulado com virtudes e qualidades que não possuimos.

Por exemplo: não somos mestre em nada, nem doutor em coisa alguma.

Crônica Estrangeira

Fantasma por toda parte

Recebemos de amável leitor um recorte da revista ilustrada EL HOGAR, presumivelmente do Chile, que traz um artigo subordinado ao título supra e de que reproduzimos o seguinte:

. . . Dizem de Londres — a notícia é da U. P. — que há trezentos anos um pai irrascível matou sua filha e o rapaz que a cortejava, encerrando-os num guarda-roupa existente no porão da casa. Anos depois foram encontrados os esqueletos dos desventurados noivos que foram piedosamente sepultados. Porém isto não foi o bastante para afugentar do velho casarão os espíritos do jovem par. Depois ninguém quís morar naquele prédio. A vinte léguas em redor falava-se do que alí ocorria durante as noites. E, consequentemente os descendentes daquele pai terrível só tiveram em sua casa solarenga uma série de acontecimentos que lhes acarretava toda sorte de gastos e dissabores.

Agora Mr. Key Twickenien, um dos herdeiros do imóvel, apresentou-se ás autoridades municipais do distrito de E el de Pie requerendo a redução dos impostos da propriedade. E as autoridades se apressaram a iniciar uma investigação, enviando ao casarão um corpo de técnicos do mistério, entre os quais figuravam alguns «médiuns». Após algumas tentativas infrutíferas, uma noite, ao romper da aurora apareceram os espíritos dos noivos. E pouco depois, os técnicos do mistério sabiam do que se tratava. Os espíritos se recusavam obstinadamente a abandonar a casa solarenga. Assim o afirmou, sob juramento, a senhora Thompson, famosa «médium» londrina. E neste momento as autoridades municipais têm que optar por uma das alternativas: concordar com a redução dos impostos solicitado por Mr. Twickenien ou desalojar os fantasmas perturbadores . . .

As mais singulares histórias circulam de um tempo a esta parte por todos os rincões do nosso pacífico planeta.

Antes de prosseguir com nossas histórias aterrorizantes, façamos uma simples menção do Clube Fantasma de Londres. Sabido é que Londres vem a ser uma espécie de capital do mistério, pela forma que alí são praticadas as crenças e os métodos espiritistas. Por certo que não é nosso intuito por em dúvida nem por um instante a seriedade das pessoas que se dedicam a tais práticas. Essas pessoas são legião e suas crenças são tão respeitáveis como quaisquer outras. Daí nos parecer natural que, terminada a guerra, tenha começado a funcionar de novo o Clube Fantasma, instituição integrada pelos mais famosos «médiuns», hipnotizadores, comedores de fogo e pretensos realizadores da yoga indiana. Até estalar o conflito bélico, o clube realizava uma sessão mensal em que se experimentavam as últimas novidades no terreno psíquico. Fundada em 1863, a instituição nunca deixou de realizar sessões e de fazer revelações cada vez mais notáveis.

Mas veiu a guerra, e durante sete anos reinou ali o mais absoluto silêncio. Até que em Março de 1947 se efetuou a primeira sessão de após-guerra, com grande satisfação para os que sempre viram no Clube Fantasma a vanguarda de suas idéias.

Agora o Clube Fantasma de novo funciona normalmente, e é quasi certo estar tratando do assunto em apreço e não levará muito tempo ver-se-á impelido a intervir em outros que estão tirando o sono a centenas de mortais nos mais distantes rincões do mundo.

Do México, por exemplo, chegou, há poucos meses a notícia de que as autoridades estavam assombradas se bem que decididas a levar a termo o que se pode qualificar «como a caça e a prisão do mais famoso fantasma do presente século». A presença deste fantasma e suas façanhas eram relatadas metade a sério e metade a gracejo pela imprensa da capital do país irmão. O tal fantasma quasi causou a morte de um inspetor do Ministério de Obras Públicas, roubou um sorvete a um ascensorista, deu uma vassourada em outro funcionário e, por último, se divertiu a fazer cócegas em várias datilógrafas.

O inspetor Luiz Delgadillo foi conduzido ao hospital em estado grave, depois de jurar que havia sido abraçado pelo fantasma. As autoridades tomaram a sério, fecharam e selaram as portas do recinto do ministério em que foi surpreendido o inspetor. Imediatamente foi ordenada uma investigação oficial. E eis que quando o inspetor Guilherme Pérez estava fazendo um registro de mencionada dependência foi golpeado na espádua com uma vassoura. Várias pessoas presentes, entre as quais o inspetor de terceira classe Miguel Fragoso, asseguraram ter visto voar a vassoura de um canto para bater na espádua do sr. Pérez. E todavia ali ninguém mais havia além dos já citados.

Tudo quanto se fez para esclarecer o sucedido, foi em vão. O sr. Pérez já está restabelecido do susto, mas ninguém soube quem ou o que poderia ser a causa do acontecimento.

Mas talvez seja a história de fantasmas mais impressionante e verídica de nossos tempos a da monja de Borley. Um dia um vizinho excitado telefonou a certo diário de Londres afirmando que uma aparição transparente passeava nos arredores da paróquia de Borley. E a partir desse momento, o nosso conceito de mistério entrou em contacto com algo verdadeiramente desconcertante.

Harry Price, membro proeminente da Sociedade de Investigações Psíquicas da capital britânica, escreveu, ponto por ponto, a história da singular aparição. Eis aquí os detalhes mais notáveis:

Segundo a lenda, vários séculos passados, uma monja foi emparedada viva num covento e daí em diante nunca mais houve paz em Borley.

Certa vez um «médium» assegurou ter recebido uma mensagem por meio da qual se afirmava que a Paróquia de Borley seria devorada por um inextinguível incêndio. E apenas vinte e quatro horas depois produziu-se o sinistro, reduzindo literalmente a cinzas a antiga paróquia. A igreja foi reconstruida. Mas tal foi a forma em que a Monja transparente se apresentava que uma dezena de clérigos recusaram o posto de pároco. O reverendo Lionel Foyster foi mais destemido. E quando Price o visitou, ambos participaram de sucessos muito estranhos.

Price encerrou-se com o sacerdote na casa paroquial cujas chaves guardou pessoalmente. Não havia transcorrido um minuto quando vários objetos começaram a voar contra êles, inclusive um pesado garrafão de vinho, e as portas se abriram de par em par. Em outra dependência a governante soltava gritos de espanto, pois fora encerrada em seu quarto e impossibilitada de transpor a entrada. O sacerdote proferiu uma oração, tocou a porta com uma relíquia e o ferrôlho correu sem que mão visível o tocasse.

Quarenta pessoas formaram guarda para vigiar a casa, e todas viram alguma vez a misteriosa aparição. Cumpre notar que todas eram profissionais, especialmente escolhidas, entre as quais havia muitos professores, filósofos, homens de letras e psicólogos.

De noite e à luz plena, a Monja transparente ia e vinha pela Paróquia de Borley. Entre os inexplicáveis factos comprovados por pessoas de juizo tão sensato como o prof. C. E. M. Joad, famoso filósofo inglês, ou Mr. Mark-Kerr Pearce, diplomata junto ao governo de Genebra, figuram os seguintes:

Repentinamente aparecem nas paredes escritos de grandes frases sem sentido. São vistas pesadas bolsas de carvão irem e virem pelo soalho sem que nada as toque. As portas abrem-se sozinhas, mesmo fechadas à chave.

Toda sorte de rascunhos e de sinais multiplicam-se nas paredes e superfícies dos móveis.

A aparição da Monja passa através das paredes e é vista simultaneamente em dois cômodos separados por paredes de quarenta centimetros de espessura.

Desaparecem os objetos sem que ninguém saiba como e percebem-se odores sem causa qualquer aparente.

Si ao exposto acrescentarmos que em Singapur há uma casa em que as vassouras voam e as facas vão e veem como se tivessem pés; que em Bariloche existe um fantasma negro que, de quando em quando, aterroriza todo mundo; que em La Plata certa vez o bairro de Tolosa esteve grandemente sobressaltado, porque em uma casa os móveis mudavam de lugar, sem causa aparente; que o *Homem Cão* põe em alvoroço a Capela do Monte; e que, finalmente, os fantasmas parecem ter-se multiplicado no mundo nêste ano de 1947, não será de estranhar que o Club Fantasma de Londres, deva tomar interêsse no assunto e procurar uma solução para esses dissabores, que são de sua exclusiva especialidade . . .

⁂

Dois Casos de Clarividência

M. Louis P. Vandevelde relatou os seguintes:

«Certo dia um clarividente recebe a visita da snra. J. L., que desejava consultá-lo. O vidente afirma ver as filhas dessa senhora em país distante, numa região em que havia muita água, e acompanhadas por uma senhora idosa. Efetivamente, as moças encontravam-se em Montevidéu, nos banhos de mar, com a avó materna. O vidente acrescentou que dentro de pouco tempo, a avó seria atacada por uma enfermidade e que não tardaria a falecer. Previsão desmentida pelos factos presentes, em vista de uma carta recebida na mesma manhã, anunciando que a avó gozava de perfeita saude. «Que importa, respondeu o sensitivo; fazei-a voltar imediatamente; não há tempo a perder». A consulente não aceitou o conselho, e duas semanas depois, recebeu uma carta em que as filhas mostravam-se inquietas com a tristeza e a fadiga súbita da avó. A enfermidade prevista não tardou a se manifestar. O clarividente de novo consultado, só poude dizer: «Eu avisei. Agora, é muito tarde». A senhora morreu dentro de um mês».

O mesmo autor expõe êste outro caso: «Uma senhora de nossas relações tinha uma filha que se tornára noiva de um médico. A propósito do casamento, foram consultar certa clarividente, que falou do grande projeto com abundantes detalhes exátos, mas afirmou que o enlace não se realizaria, em consequência de um acontecimento imprevisto. Em seguida anunciou uma viágem a um país distante, além mar. Aconselhou a jovem a não se afligir com a desilusão que a esperava, porque, no país que iria visitar, vivia o homem a que estava predestinada. Aí o encontraria e o casamento se realizaria dentro de três a quatro anos. Ela iria gozar alta situação na sociedade, teria um título, seria feliz e (como nos contos) seria mãe de diversos filhos. Efetivamente, três anos depois, estava na Itália a moça decepcionada. Encontrou, em Roma, o conde Enricho Latini que a esposou. Hoje, ela é mãe de três lindas crianças, e, efetivamente, é venturosa.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Queima de Bíblias

Na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, missionários católicos que visitaram essa cidade, queimaram em público numerosas Bíblias, sob o pretexto de que as mesmas haviam sido impressas pelos Protestantes.

Condenando êsse áto dos modernos *Torquemadas*, que relembram os tristes tempos da Inquisição, eis o que diz «O Estandarte» de 30 de Abril último, da Capital:

«A queima de Bíblias em Santa Cruz do Rio Pardo, de que damos notícia nesta edição, realizada pelos missionários católicos, é algo profundamente chocante, não porque seja um episódio inédito em nossa Pátria, mas porque julgavamos haver atingido um estágio de civilização em que tais atos de selvageria não mais fossem possíveis. Cometeram esses missionários um crime contra a Constituição Brasileira, que assegura a plena liberdade de religião e de pensamento; um crime contra a própriedade privada, pois os volumes queimados não lhes pertenciam; um crime contra os foros da civilização de nosso país, que êles rebaixaram ao nível de uma senzala de escravos; um crime contra a nossa cultura, que não se compadece com tais métodos violentos e bárbaros; um crime contra o brio da nossa gente, que êles julgam incapaz de reagir contra a ofensa que lhe foi irrogada.

«Foi todavia, um crime estúpido, por inútil e contraproducente. Levantando contra si os espíritos cultos e liberais, não lograrão tais santos missionários amendrotar os evangélicos, nem dete-los na sua obra de evangelização. Antes, estes se sentirão estimulados, acicatados, impelidos com inefreavel ardor para um trabalho evangelizador ainda mais intenso e extenso. Queimem êles muitas Bíblias, e nós as distribuiremos ainda em maior quantidade. As fogueiras por êles ateadas acabarão por iluminar a mente do nosso povo, para que este veja, nesses homens que queimam livros porque não podem queimar homens, inimigos da Verdade divina, inimigos da luz e da instrução, inimigos da liberdade de pensamento, de religião e de consciência, inimigos de todas as liberdades humanas.

«Erga-se nosso protesto contra êsse crime; ressoe o clamor desse protesto na imprensa livre, na tribuna das Assembléias estaduais e municipais; nas ondas do rádio, por todos os modos enfim, para que tais crimes não se repitam em nossa terra. Se ficarem impunes, se não sentirem a repulsa da opinião esclarecida e consciente, sentir-se-ão alentados para prosseguirem na rota traçada, cujo fim é o esmagamento da liberdade religiosa, conquista sublime que custou sangue e lágrimas a muitas gerações e da qual não podemos abrir mão, sob pena de nos confessarmos indignos dessa liberdade.

«Fiquemos firmes. Respondamos ao desafio com a nossa grande campanha de evangelização. Dobremos nossos joelhos, pedindo a Deus que se amerceie do Brasil e nos dê fôrça e coragem para conquistá-lo espiritualmente para Cristo.

«E que Deus tenha piedade desses transviados missionários, que ousam *desafiar-lhe a colera* divina destruindo a Sua Palavra, esquecidos do Apocalipse 22: 18-19, deslembrados de que *«horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo!»*

Sôbre êsse crime cometido contra a Constituição Brasileira, que garante a liberdade religiosa, o deputado sr. Osny Silveira pronunciou vibrante discurso na Camara Estadual de São Paulo, discurso êsse que foi publicado no «Diário Oficial» de 5 de maio último.

Crônica da 8.ª Reunião da Semana Espírita Cristã de Nova Iguassú

Realizada no dia 28 de Março de 1948

Pela manhã dêsse dia, na ampla sala de jantar do casal Valdemiro Faria Pereira e Lourdes Almeida Pereira, agora enriquecido com duas mimosas flores destacadas do *bouquet* do Pai Celestial, feito círculo, cuja significação esotérica, todos conhecem, foi iniciada a reunião de têtê-a-têtê espiritual, para evitar a denominação de *reabastecimento*, que, na opinião de distinto e culto confrade, cheira demais ás coisas da materialidade. Aberto o Evangelho pelo menino Sergio, deu-nos êle para as nossas meditações matutinas a Epístola aos Colossenses, Cap. IV-vv. 1 a 6, dizendo sôbre a justiça e a equidade dos servos do Senhor e perseverança em oração, velando nela em ação de graças, bem como o modo de conduzirmo-nos em sabedoria com aqueles que estão fóra, remindo o tempo e que a nossa conversação seja sempre sazonada em graça com sal, afim de sabermos como devemos responder a cada um. Antes, porém, o cronista fez a prece de abertura.

Iniciou os comentários, o irmão Orvile Derby, da *delegação* de Juiz de Fóra, detendo-se por alguns instantes sôbre a propriedade do sal e a necessidade de perseverar em oração. Seguiram-se com a palavra e o evangelho na mão, os irmãos Odete Lucia, de Cruzeiro, Rubens Lacerda, de Macaé, Olimpio Moisés da Silva, de Barbacena, Sebastião Lasneau, Alcinda Dias, da *Mei*, de Nova Iguassú e Sonia Campos, ainda de Macaé versos Nova Iguassú. Em vez de reajustamento, contrariando a vontade de cada um, o irmão cronista, que dirigiu a reunião, no impedimento eventual do irmão Prof. Leopoldo, atarefadissimo na redação do jornal falado, programas, etc. no «Lar de Jesus», aduziu ligeirissimos comentários, colaborando. Considerou mais importantes os dedicados aos irmãos Orvile Derby e Sonia Campos, o primeiro reafirmando a necessidade do perseverar na oração e ao da irmã Sonia, no sentido de evitar reafirmação constante da nossa pequenez, abaixo daquilo que de fato somos e valemos, devendo, pois, evitar ainda em qualquer situação da nossa vida aludir ou persistir em tal complexo. Foi dada também a palavra a irmã D. Zezé, revelada uma perfeita oradora, no julgamento do cronista, para dizer algo sôbre o ponto da manhã, tendo esta irmã sido muito feliz nas considerações que inspiradamente fez. E com ela mesma a tarefa da prece, orou com emoção e sentimento ao Pai pela graça daqueles instantes felizes que a todos Êle havia proporcionado. Antes da prece da irmã Zezé, o cronista fez ligeiras considerações e tudo nessa reunião foi ligeiro, chegando mesmo maguar a digna dona da casa, que lamentou essa ocorrência, mas havia dois sérios compromissos a cumprir, após aquela reunião, as visitas à

Cadeia Pública e Hospital de Iguassú, assim como a ida à reunião preparatória do Congresso, no Rio, considerações, nós iamos dizendo, sôbre as idas e vindas dos confrades no decurso da Semana Espírita, achando perfeita relação com as pombas decantadas em versos, pelo imortal Raymundo Corrêa, e como êle não sabia declamar solicitou do confrade que ao seu lado se encontrava, nêste caso o genial poeta Lasneau, que o fizesse em seu lugar. Foi declamado, com arte e geito, o soneto AS POMBAS, do autor referido. Lá pelas bandas da copa, ouvia-se um *zun-zun*, umas conversas, um bater de chicaras, um cheiro muito característico, um atarefamento da D. Lourdes, e outras, tudo levando a crêr haveria algo para matar a famigerada fome do Vicente S. Netto. As nossas previsões não falharam para gaudio de alguns, muito especialmente daqueles que optam sempre por três e quatro *bis*. O dono da casa tudo assistia com carinho e atenção, como um perfeito comandante de navio, dando ordens, atendendo a uns e outros com a fidalguia comuns dos espíritos já evoluídos, tendo no colo o louro Luciano, que estava meio indisposto. *Au desert*, o irmão José Nunes Ribeiro, declamou uma original e muito interessante poesia, ainda pombas... e foi um tal de soltar pombas que os pombais ficaram vasios e os estomagos cheios. E dentro dessa alegria tipicamente cristã foi encerrada a reunião com o Hino Mocidade Espírita Cristã, reunião esta que não agradou a todos indistintamente; porque foi breve, segundo ouvi ao saír à porta da casa. Daí, incorporados foram conduzidos à Cadeia Pública... isto é, foram convidados a visitar áqueles que, segundo a grandiosa lição daquela homilia do sábado, estavam *fóra remindo o tempo* nas grades da prisão. Para descrever essas duas visitas, passamos a palavra ao irmão Prof. Newton G. de Barros, pois, a crônica de hoje tem esta particularidade—é bi-partida, sendo lidas por um magro e um gordo; um magro que escreve bem e fala manso, e um gordo que fala grosso e escreve mal.

Reunião da Noite no «Fé Esp. e Caridade»

A's vinte horas e vinte minutos, o irmão Prof. Leopoldo convida os moços a cantarem o hino da Alegria Cristã. Após ter dito ligeiras palavras sôbre a reunião, fez a prece de início e passou a palavra ao irmão Gamaliel Stumpf, pora ler o seu trabalho, que era sôbre o têma programado: «O Espiritismo no Brasil na época de Allan Kardec.»

A mesa da presidência havia sido constituida da seguinte maneira: Leopoldo, Derby, de Juiz de Fóra, o dono da noite, Ten. Felipe de Melo, Hernani de Carvalho e Antonio Ferraioulo, o primeiro, o cronista da noite, o outro encarregado de saudar pela C. E. L. J. á Delegação mineira, sendo que o último falaria pelo Grupo Espírita «Preito a Jesus». O Tenente Felipe de Melo, como dissemos era o cronista, e como tal procedeu a leitura da bela crônica, verdadeira cópia fotostática do dia anterior, pois, foi um relato fiel de tudo o que aconteceu.

Subiu á tribuna o irmão Hernani, leu a saudação e a encerrou lendo uma poesia. Ferraioulo, com os arroubos de oratória, já conhecidos de todos, abordou considerações sôbre os fenômenos de Hydesville, e fez breve saudação a moços e velhos. Falou pouco, mas agradou á assistência.

Fala, a seguir, o irmão Orvile Derby, da representação de Juiz de Fóra, composta dêle sósinho, porque os outros, os seus companheiros não puderam comparecer pelos motivos que aludiu. Depois disso, fez uma longa exposição em torno da passagem evangélica concernente ao dia — martiriológio de Jesus. Finda esta exposição, o irmão presidente leu vários avisos sôbre o programa, convidando os presentes para a visita do seguinte dia aos irmãos de Nilópolis do Grupo Espírita «Caminhemos com Humildade» na ceremônia do lançamento da pedra fundamental da nova séde, havendo condução á disposição dos semaneiros, bem assim café, doces e biscoutos, fazendo o Vicente morder os lábios numa satisfação antecipada... Com uma prece encerrou esta parte, dizendo que ia ser encenada a peça — «Quatro ilusões e uma verdade», no desempenho dos moços do conjunto teatral da M. E. I. Em cortino, enquanto os *contra-regra* preparavam os cenários, Agostinho de Carvalho leu um enérgico trabalho, com ardor e entusiasmo, cheio de considerações de ordem histórica, em face do surto de progresso do Espiritismo na hora atual, agradando e sendo vibrantemente aplaudido.

Alcina Dias, da M. E. I., foi a cronista da noite, ou seja a ledora do jornal, digo do venenoso jornal que, se por vezes, traz avisos agradáveis, outros lançam quadras, consideradas pelos doutos na arte de escrever a língua de Camões em versos, verdadeiros atentados ás suas inflexiveis leis. E assim, prosseguiu êle até o fim, — ingenuas quadrinhas umas, quais veneno em pílulas, outras.

O hino do Espiritismo foi cantado por duas jovens da Mocidade Espírita Flora de Araujo, de Olinda. Orvile faz humorismo sadio, dizendo que ninguem de agora em diante devia comprar roupas já feitas, mas sim faze-las em casa, usando porém, *a lan kardec*. Todos riram satisfeitos, tonificando a alma.

Com o hino da Alegria Cristã, em cena aberta, precedeu a integração dos néofitos, Edir, Ivano, Paiva e Terezinha. Paiva falou pelos companheiros, dizendo ligeiras palavras. Os *jovens integrados*, os padrinhos respectivos, entregaram a cada um deles um exemplar do Evangelho com dedicatória, em sentido amplexo, selando uma verdadeira e sincera aliança, com vistas ao futuro. Cena muito comovente que arrancou lágrimas aos mais sensíveis. Cantado foi mais uma vez o hino da Alegria, cujos acórdes finais o pano de boca abafou lentamente.

Precisamente, ás 21,20 teve início a peça denominada—O Amor que não morre, de autoria da Srta. Professora Alba de Carvalho, em auspiciosa estréia, sendo por êsse motivo, ao findar a encenação da dita peça, brindada com a oferta, em nome da M. E. I. de uma obra, cujo autor o mentor Marques não declinou. Alba, a seguir disse sentidas palavras de agradecimento, chamando ao palco a irmã D. Zezé, a quem ela homenageada devia a metade do seu êxito, se isto houve. As duas se abraçaram cristãmente, provocando uma cena muito emocionante. Palmas vibrantes dos presentes, e a retirada dos interpretes obrigaram o pano a voltar ao seu lugar. Como número de cortina, fez-se ouvir na canção *Meu Brasil,* e atendendo a insistentes pedidos, o moço Altamiro Borges de Freitas, cantou a sentimental canção «Mãe», acompanhando-se êle mesmo ao violão. Nessa ocasião, ó mentor da M. E. I., J. A. Marques, em nome de seus pupilos, ofereceu ao moço, genial interprete de tão lindas e emotivas canções, o Evangelho, dizendo-lhes que, de agora por diante, esperava vê-lo entre os moços, como os outros que se reunem, semanalmente, no Centro, e que pudesse fazer daquêle livro o código da vida, o seu faról e a sua bússola para os seus empreendimentos futuros. Cantou, logo após, agradecendo a gentil oferta, bem como atendendo aos insistentes pedidos dos presentes, o tango, ORACIÓN CARIPE e o fado canção O CEGUINHO, justo premio também aos irmãos lusitanos, em grande número na assistência. E para terminar a noite de alegria cristã, foi levada à cena, em original alegoria, a peça em um único quadro—BRASIL CORAÇÃO DO MUNDO, PATRIA DO EVANGELHO, de autoria do nosso muito querido vovô Vitorino Eloi dos Santos, de grande efeito musical-cinegráfico.

A prece final feita pelo irmão Leopoldo declarou encerrada a reunião e o hino ou melhor a Canção da Despedida, como uma lembrança saudosa aos irmãos de Cruzeiro e Três Rios, que deviam no dia seguir para as suas terras, reencarnando, terminou mais uma memorável noite da Semana Espírita de Nova Iguassú. Paz e Luz.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, 28 de Março de 1948.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.° ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2461unse

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1948 — N. 6

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Fim dos Tempos	*Redação*
A Verdade Profética	*J. B. Chagas*
A Obra de Geley	*Ismael Gomes Braga*
A Espiritualização do Mundo . . .	*Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Uma Data que é Símbolo de Fraternidade — 13 de Maio	*Nabor da Graça Leite*
O Conhecidíssimo Homem	*Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Espiritismo e Cristianismo	*Carlos Imbassahy*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1948 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

FIM DOS TEMPOS...

NÃO precisamos ser profetas para afirmar que estamos no limiar de grandes acontecimentos. As notícias que nos chegam de todos os cantos do globo através da imprensa e do rádio são bem claras e positivas para admitirmos a deflagração de nova e pavorosa guerra que, desta feita, não deixará pedra sôbre pedra que não seja derribada.

Os homens responsáveis pelo bem-estar da humanidade não conseguiram e jamais conseguirão estabelecer a paz no mundo enquanto defenderem com unhas e dentes os seus interesses pessoais e os seus pontos de vista ideológicos, de fundo exclusivamente materialista, ainda que se afirmem cristãos.

A absoluta falta de compreensão entre eles reside nos seus interesses materiais, no domínio do comércio, e não propriamente nesta ou naquela idiologia, porque, para eles, idiologia boa é aquela que não põe em cheque os seus interesses materiais. De outra maneira não podemos compreender os motivos imperiosos que impedem a conclusão da paz com a normalização da situação mundial, que, dia a dia vai se tornando mais precária, mais confusa.

Na sua ânsia de domínio total, as facções em litígio perderam até o senso comum, não trepidando em jogar no abismo da desgraça a humanidade inteira. Porventura não pensaram os homens, nem mesmo ligeiramente, que uma nova guerra dirigida pelos modernos processos de extermínio total, atingirá a eles próprios, reduzindo-os a farrapos humanos, física, moral e espiritualmente? E as suas religiões não conseguiram orientá-los de acôrdo com os preceitos evangélicos, que têm por fundamento o amor do próximo?

Disso podemos deduzir que os homens calcaram lamentavelmente aos pés os ensinos de Jesus Cristo e criaram ideologias destinadas a acobertar os seus propósitos personalistas, unilaterais, mais a serviço de uma raça do que da humanidade. E haverá ideologia mais perfeita, tanto na sua finalidade como na prática, do que a Doutrina do Meigo Rabí da Galiléia? Pensamos que não. E damos a mão à palmatoria se alguem nos provar que existe uma ideologia mais perfeita do que a Doutrina do Cristo.

Mas, porque então os homens não seguem essa ideologia? Certamente porque não querem renunciar os bens terrenos e as suas comodidades. Preferem o orgulho que avilta o espírito do que a humildade que o exalta. Não querem ser servos dedicados dos seus irmãos, que importa em ser servo de Deus, o posto mais alto que devemos realmente almejar, mas senhores, e senhores impiedosos, mandões e dominadores, que não querem para si o que fazem aos seus semelhantes.

Já dissemos e repetimos que o Evangelho é a palavra de ordem e o estatuto de todos os empreendimentos humanos. Porisso que as nações, ao participarem de uma *mesa redonda* para discutirem assuntos de magna importância para o bem estar coletivo, devem orientar as suas atitudes segundo o espírito do Evangelho. Assim sendo, não haverá dissenções e nem obstáculos que não sejam removidos. A paz desfraldará a sua bandeira branca no mundo e o espírito do cristianismo assentará a sua cátedra em todos os corações.

Mas isto parece que tão cedo não acontecerá, porque os homens teimam em fazer prevalecer os seus interesses pessoais, de raça ou casta, em detrimento dos interesses coletivos. E' preciso que venha a guerra para obriga-los a pensar de maneira mais cristã, depois que passarem por uma série de duras provações, as mais duras de sua longa e penosa história. E ela virá impreterivelmente, num futuro talvez próximo. Os homens assim o querem para satisfação do seu orgulho e das suas ambições rasteiras. Têm o livre arbítrio, podem fazer o bem ou o mal, mas não ficarão impunes dos males que causarem à coletividade.

Entretanto, um consôlo ainda nos resta. E' que, com o advento do Espiritismo, o fim dos tempos está efetivamente bem próximo, mais próximo do que pensamos. E' o fim de um mundo incompatível com o espírito progressista da nova geração, o fim das baixas paixões, do orgulho e do egoismo, causas das demais imperfeições que petrificam a evolução do espírito na senda da perfeição.

Não ha dúvida, o Espiritismo, com os seus factos comprobativos da sobrevivência individual, suas reiteradas mensagens, dadas por espíritos de escól através de médiuns insuspeitos, plantará em todos os corações a fé e a esperança, iluminando cérebros obscurecidos pelas cousas mundanas. Êle já não é apenas a ciência, a filosofia e a religião do futuro, como afirmou notável filósofo, já é do presente, porque todos, ao receberem os jactos de luz de seu incomparavel saber, sentem-se confortados, cheios de fé e esperança, côncios do destino grandioso que os espera.

Aguardemos com plena confiança na misericórdia de Deus, o desenrolar dos próximos acontecimentos, certos de que estamos às vésperas da nossa libertação final de um mundo inferior, como é o nosso. Façamos de modo que os nossos atos nos tornem dignos do auxílio dos Espíritos Superiores, cooperando assim para o reinado do Espírito.

As sensações do Espírito

O espírito sente tudo o que percebemos : a luz, os sons, os odores, e, essas sensações, por não terem nada de material, não deixam de ser reaes ; elas têm mesmo alguma coisa de mais claro, mais preciso, mais sutíl, porque chegam à alma sem intermediário, sem passarem, como nós, pela fieira dos sentidos que emocionam. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito : é um atributo de todo o seu sêr ; as sensações lhe vêm de toda parte e não de certas partes determinadas. Um deles dizia, falando da vista : «é uma faculdade do Espírito e não do corpo ; vêdes pelos olhos, mas em vós não é o corpo que vê, é o Espírito.» — GABRIEL DELANNE.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— II —

2 — O Sonho de Nabucodonosor — Compêndio original de História Universal.

Daniel, o que tinha por nome Baltazar, foi conduzido à presença do rei, o qual a êle se dirigiu, interrogando: — «Cuidas tu que me poderás dizer verdadeiramente o que eu vi em sonho, e darme dêle a interpretação?» Ao que Daniel, respondeu: — «Os sábios, os mágicos, os adivinhos, e os agoureiros não podem descobrir ao rei o mistério que o rei pergunta. Mas no céu ha um Deus que revela mistérios, o qual te mostrou, ó rei Nabucodonosor, as coisas que hão de acontecer nos últimos tempos. O teu sonho e as visões da tua cabeça, que tiveste no teu leito, passam desta maneira: — «Tu, ó rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer depois destes tempos, e aquêle que revela os mistérios te descobriu as coisas que hão de vir. A mim também me foi dado revelar êste mistério, não porque a sabedoria que ha em mim, seja maior do que a que se acha em todos os outros viventes, mas para que ficasse manifesta ao rei a interpretação do seu sonho, e para que soubesses tu os pensamentos do teu espírito. Tu, ó rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma como grande estátua; a tal estátua, de uma grandeza e altura extraordinária, se tinha em pé diante de ti, e a sua vista era espantosa. A cabeça desta estátua era de um ouro finissimo, porém o peito e os braços eram de prata, já o ventre e as coxas eram de cobre. E as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro, e a outra de barro. Tu a estavas vendo atentamente, até que uma pedra foi arrancada de um monte, sem a intervenção da mão do homem, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e de barro, e os fez em pedaços. Então se quebrou tudo a um tempo, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miuda palha, que o vento leva fóra da eira em tempo de estio; e eles desapareceram de todo o lugar, mas a pedra que havia batido na estátua, fez-se um grande monte que encheu toda a terra. Êste é o sonho.

3 — A Interpretação do Sonho

Tu és o rei dos reis, e o Deus do céu te deu o reino, e a fôrça, e o império e a glória. E todos os lugares, em que habitam os filhos dos homens e as alimárias do campo; entregou também nas tuas mãos as aves do céu e todas as coisas pôs debaixo do teu domínio; tu pois és a *cabeça de ouro*. E depois de ti se levantará *outro reino* menor do que o teu, *que será de prata*, e outro terceiro reino *que será de cobre*, o qual mandará em toda a terra. E o quarto reino *será como ferro;* assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim êle quebrará, e fará todos estes em migalhas. E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro e a outra parte de ferro, êsse reino, que terá contudo isso a sua origem da veia do ferro, *será dividido,* segundo tu viste que o ferro estava misturado com a terra e o barro. E os dedos dos pés, em parte de ferro e em parte de barro, dão a entender que êsse mesmo reino será em parte firme, e em parte frágil. E como tú viste que o ferro estava misturado com a terra e o barro, também êles se misturarão pelas razões de contraídos parentêscos, mas não se unirão entre si, bem como o ferro se não pode ligar com o barro. Nos dias porém daqueles reinos suscitará o Deus do céu *um reino que não será jamais dissipado*, e êste seu reino não *passará a outro povo;* antes esmigalhará e consumirá a todos êstes reinos, e *êle mesmo subsistirá para sempre.*

Segundo o que tú viste — prosseguiu Daniel — que uma pedra foi arrancada do monte, sem intervir a mão do homem, e esmigalhou o barro, e o ferro, e o cobre, e a prata, e o oiro, com isto mostrou o grande Deus ao rei o que está para vir nos tempos futuros; e assim é verdadeiro o sonho, e fiel esta sua interpretação.

Então o rei Nabucodonosor prostou-se com o rosto em terra e adorou a Daniel, mandando que lhe fizessem sacrifício de vítimas e de incenso. E falando a Daniel lhe disse: Verdadeiramente o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e que revela os mistérios, pois que pudestes descobrir êste segredo. O rei elevou em honra a Daniel e lhe deu muitos e magníficos presentes, constituiu-o governador de todas as províncias da Babilônia, e prefeito dos magistrados, acima de todos os sábios de Babilonia. (Cap. II – vv. 1 a 48).

Depois de ter decifrado o sonho, Daniel fez uma petição ao rei, e êste atendendo ao seu pedido constituiu superintendentes dos negócios da provnícia de Babilônia, a Sidrach, Misach e Abdenago.

Obcecado pela idéia do sonho, Nabucodonosor mandou construir no Campo de Dura uma estátua de ouro, com sessenta côvados de altura e seis de largo. Em seguida, despachou o rei correios por toda parte determinando que se convocassem os sátrapas, os magistrados, os juizes, os capitães, os tiranos, os prefeitos e todos os príncipes da província para que estivessem presentes no dia que fosse inaugurada a estátua. Chegando o dia e estando todos presentes, o pregoeiro do rei clamou em alta voz que todos os que houvessem escutado o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, do saltério e toda sorte de concertos de músicos, deviam se prostar ao chão e adorarem a estátua de ouro, sendo o rei obedecido, porque todo aquele que não cumprisse a ordem seria lançado a uma fornalha de fogo ardente.

Entrementes, chegavam à província uns homens caldeus acusado de judeus, que não quiseram cumprir a ordem do rei. Esses homens eram justamente aqueles que haviam sido constituidos superintendentes dos negócios da província de Babilônia — Sidrach, Misach e Abdenago. O rei, tomado de ódio, mandou-os vir à sua presença e depois de interrogá-los, ordenou que os mesmos fossem lançados ao fogo, atados, com as suas roupas, mitras, sapatos e vestidos.

Mas, aí aconteceu o inesperado, o rei viu quatro homens soltos, passeando dentro do fogo, sem nenhuma lesão, sendo que o aspécto do quarto homem era semelhante ao do Filho do Homem. Desse momento em diante, o rei passou a louvar o Deus de Sidrach, Misach e Abdenago, exclamando — *Bendito seja o Deus dêles!*

Nova-Iguassú, Março de 1948.

(Continua)

* * *

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XI —

Continuemos a leitura de Geley:

«A mônada central, o «eu» real, é a fonte e o princípio do gênio criador, da inspiração: desempenha o papel diretor e centralizador na síntese psicológica.

«Esse «eu» real assegura a permanência individual, a despeito da perpétua renovação dos estados de consciência em uma vida e das mudanças de personalidade de uma a outra existência.

«Ele conserva a memória integral de todas as aquisições e as assimila, e por essa assimilação desenvolve, pouco a pouco, a consciência que representa e sintetiza todas as realizações e, que, finalmente, é o arquivo de toda a consciência latente, constituida esta por um formidável passado de inúmeras experiências, de incalculáveis aquisições e de numerosas realizações.»

Vemos por esta passagem que, partindo da observação dos fenômenos naturais no ser vivo, Geley vai chegar embora por outras palavras — precisamente à revelação feita pelos espíritos e codificada por Allan Kardec. E' uma confirmação preciosa de quanto já se achava revelado com respeito ao progresso ilimitado do Espírito através de incontáveis encarnações.

Prossigamos na leitura:

«As tendências, o nível evolutivo

do «eu» e suas aspirações determinadas pela evolução anterior agrupam os elementos psíquicos para a formação de um novo Ser.

«Enquanto perdura o agrupamento corporal — é necessário repetí-lo, porque se trata de fato primordial — o psiquismo total está travado pelo psiquismo cerebral e por êste limitado no que concerne às suas relações com o mundo exterior. A expressão do pensamento e todas as manifestações da atividade mental têm de pedir cooperação ao canal cerebral, e êste canal, estreito e dirigido num dado sentido, limita e nêsse sentido determina toda a atividade do «eu».

«A associação, a coesão estreita do grupo implica, portanto, uma diminuição da atividade do «eu», enquanto o relaxamento ou a separação do bloco inferior implica uma expansão daquelas atividades.

«O psiquismo total é, pois, diferente do psiquismo da vida normal, porque êste é limitado pelas condições cerebrais.

«Nesta concepção há um ponto sôbre o qual é necessário chamar especialmente a atenção, afim de evitar falsas e desastrosas interpretações. Referimo-nos à subordinação do psiquismo cerebral ao psiquismo superior.

«Absolutamente não se deve compreender isso no sentido de que haja no Sêr dois sêres distintos, diferentes na essência e no destino.

«Desgraçadamente, tal equívoco é quasi constante até o presente. Domina nos sistemas de Hartmann e de Schopenhauer».

Convém aquí observarmos que em Espiritismo ninguém admite essa dualidade nem a confunde com os casos de obsessão, nos quais uma entidade extrínseca prejudica com suas vibrações o psiquismo do Espírito encarnado. Todos sabemos das limitações que a carne impõe ao Espírito e Geley vai chegar, logo depois, a essa mesma conclusão. Diz:

«O que desde agora póde induzir-se com a maior certeza, é que o Sêr, em suas fases de desencarnação, liberto das contingências cerebrais, póde e deve, quando já tenha alcançado um nivel suficiente de consciência e de liberdade, conhecer-se a si mesmo cada vez mais e melhor. Seu passado lhe será acessível dentro dos limites da sua evolução já realizada, o que lhe servirá também para preparar conscientemente seu porvir».

Como se vê, também esta conclusão a que chegou o ilustre Diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, após longos e profundos estudos, já estava revelada sessenta anos antes e publicada por Allan Kardec. Não queremos subestimar o valor da obra de Geley, muito ao contrário; êle realizou um trabalho imenso, qual o de demonstrar que a ciência nos conduz inevitavelmente à confirmação da Doutrina ensinada pelos Espíritos. Só o cientista superficial, materialista, póde, depois de Geley, negar o Espiritismo. Mas a esta espécie de cientistas falta qualquer autoridade para ser ouvida.

Foi profundamente lamentável que as Igrejas, irrefletidamente, houvessem tomado posição contra a revelação dos Espíritos, filiando-se assim aos mais superficiais materialistas e minando inconscientemente seus dogmas fundamentais que ensinavam a mesma coisa que os Espíritos vieram revelar, isto é, sobrevivência e responsabilidade do Sêr espiritual. Toda a transformação do mundo teria sido mais rápida e menos dolorosa, se as Igrejas cristãs houvessem compreendido, como disse Kardec, o partido imenso que deveriam tirar das comunicações de Espíritos. Hoje é demasiado tarde para isso e o Espitismo terá de vencer contra as Igrejas organizadas, visto que elas tomaram, erradamente, o partido dos negadores materialistas, confessando-se, com isso, igualmente materialistas.

A tarefa daqueles que se propuzeram a trabalhar na seára espírita deve ter por base a prática e a prégação do Evangelho, sem o que não poderão fazer jús ao salário divino. Que o vosso trabalho se oriente no sentido da engrandecer a doutrina, sem personalismo e orgulho, afim de que vos torneis dignos das atenções do Alto. — CAIRBAR.

A Espiritualização do Mundo

CRONICA DE LEOPOLDO MACHADO

O homem, essa criança grande, precisa, como as crianças pequenas, de apanhar muito para aprender ! Um dos brinquedos mais apreciáveis pelas crianças pequenas é o da guerra, é o de brigar. As civilizações que já se foram, e a do século das luzes que aí está, não têm feito, ousamos afirmá-lo, outra coisa, sinão brincadeiras de guerra promovidas pelas crianças grandes. As crianças pequenas enjôam, não raro, suas brincadeiras e, dentro delas, se cansam. O mesmo também pode se dar com as crianças grandes. A despeito de tudo que por aí vai, de belicoso e tremendo, parece que o homem já está enjoando de guerras ; já está cansando de brigas ; já está conspirando contra o maior fator de brigas e de guerras : o materialismo absorvente, que penetrou em tudo : no organismo das nações e dos povos, da ciência e das religiões, das filosofias e da Sociologia. Se cessada a causa, como é axiomático, cessados estão os efeitos, sente-se que já vai partindo da parte de quem devia partir, um movimento significativo contra o materialismo grosseirissimo e a prol da espiritualização do homem e de sua civilização.

Ontem, era o *mahatma* Gandhi, talvez uma das maiores fôrças morais do momento, que bradava só havia um problema sério a afligir a espécie humana : o problema de sua espiritualização ! Era Lloyde George a convidar sua pátria e o mundo a se voltarem para um espiritualismo consciente e puro, afim de encontrar a felicidade ! Era Oliveira Salazar a afirmar só existe no mundo uma crise gravissima : a falta de moral, que é uma fôrça do Espírito !

Era — pasmai, se quiserdes ! — Benito Mussoline a proclamar, perante jornalistas de sua pátria, que a época atual deve conferir ao espírito os mesmos cuidados, sinão maiores, dos conferidos à matéria. E era alta autoridade moral da civilização americana e dos maiores do mundo, o sr. Roosevelt, a concitar os povos americanos para que formem, com os povos de outros continentes e hemisférios», uma frente única, espiritualista, no sentido de substituir o materialismo radical e impenitente que domina os homens, pela espiritualização que conforte e enobreça corações».

Se o exemplo vale mais quando vem de cima, é possivel que, partindo o convite e o exemplo do alto, nós, que estamos cá muito em baixo, mais depressa procuramos imitá-los. Imitar os exemplos, que é coisa bem diferente de ouvir, apenas, palanfrórios e *leros-leros,* de que o mundo anda cheio !

Leros-leros e palanfrórios que, sem os exemplos, já não procedem, já não inspiram confiança e fé. E ai de quem se deixe, sem mais aquela, embair por eles!

Quando foi, há anos, dos *leros-leros* da conferência do desarmamento, para que os espíritos se desarmassem, também, de ódios e egoísmos, no sentido de que os homens não continuassem feitos cães e lobos de seus próprios irmãos de humanidade, foi a pequenina, mas simpática, Dinamarca a primeira a desarmar-se, transferindo seu exército à condição de simples milícia apenas. Entretanto, viu toda gente o que aconteceu ao espírito pacifista da Dinamarca !

Pois que os maiores guias da humanidade, aconselhem e exemplifiquem a espiritualização do mundo, e terão, por certo, dêste modo, objetivado a mais alta função que lhes cabe desempenhar à face do Planeta, porque terão arrastado os povos confiados à sua guarda !

Não é fácil porém, cremos, a tarefa desta espiritualização. Como conseguí-la ? Subentende-se para logo, que espiritualizar seja do encargo das religiões. Qual delas ? Todas ? Difícil resposta esta, de vez que, dentro de seu exclusivismo, porque, também, impregnadas, a seu turno, de materialidades, vai cada qual proclamando-se a única acreditada para tanto. Nenhuma das sessenta que por aí vão, dividindo cada vez mais, ao em vez de aproximar, os homens, se acreditará incapaz para tanto, cederá o direito que pensa absolutamente seu, de seu corpo de doutrina, de suas ensinanças e ritualismos, a outra religião! Talvez seja mais fácil a aliança da água com o fogo, como viramos, agora, aliadas as ideologias alemã e russa, do que entre duas religiões diferentes! Cada uma se apresentará, assim, dotada de superioridade e do direito de realizar o prodígio, procurando, antes, para tanto, aniquilar e extinguir as outras religiões. Eis uma dolorosa verdade!

Nem o Espiritismo escapará à dureza do asserto? perguntareis.

E' facil a resposta. Sem se presumir seja êle, exclusivamente, o caminho único para Deus, visto como sua legenda é «FÓRA DA CARIDADE NÃO HA SALVAÇÃO», tem ainda, o Espiritismo a distinguí-lo das outras religiões, seu aspecto científico e filosófico. E, além disto, é de seu codificador que o Espiritismo não veio para desviar ninguém de sua fé, desde que se sinta bem com ela. Veio, antes, para fortalecer esta fé e transmitir fé racional, porque científica e filosóficamente demonstrada, áqueles que ainda não crêem, que ainda não têm fé.

Uma doutrina assim não se pode, é facto, medir pela craveira das que se apoiam sómente na fôrça das tradições e do *magister dixit* para viver e se impor. E será êle, o Espiritismo, que, num futuro próximo, realizará sôbre a Terra aquilo que, agora, apenas se esboça; que se nos afigura, apenas, um sonho: a espiritualização integral, a cristianização completa da humanidade e do mundo.

Fenômenos de Materialização

XVII

Sob o minha presidência, a sessão do «André Luiz» do dia 10 de Novembro, foi iniciada por uma prece. Faço a leitura do capítulo «Desenvolvimento mediúnico» do livro «Missionários da luz», finda a qual peço a assistência sejam feitos alguns momentos de concentração, para a consulta a um dos nossos amigos da espiritualidade. Pelo médium Lins orienta-nos o espírito de Julio (médico desincarnado em Macaé), que nos encanta com superiores ensinamentos. O mesmo médium recolhe-se á cabine. Procede-se á série de comentários da lição da noite, a cargo dos irmãos Major Ismael, Cap. Leite, Fonseca, Ferreira, Inácio, Margarida, Madalena e Alda, intercalada de hinos suaves e de preces sentidas em favor dos doentes.

A Dulde de Fátima Oliveira, aniversariava nêsse dia, facto ignorado pela assistência, excessão feita dos seus familiares.

Materializa-se João de Deus, secundando-o David, que vem oferecer um cravo branco á aniversariante, sua neta. O José Grosso, notado pela estridência da sua já conhecida linguagem, em voz direta, anuncia a sua oferta de um cravo vermelho á Dulce e este lhe caí no colo. Nina Arneiro, materializada, vem obsequiar-me na extremidade da sala, na mesa da presidência, com um viçoso cravo vermelho, oferecendo outra rosa, á irmã Margarida. João de Deus volta ao recinto, materializado, pregando o Evangelho de viva voz, no meio da assistência. Vários confrades, em número de treze, são contemplados com cravos naturais de côres diversas. Falam-nos ainda José, Scheila, Neuza, Fidelinho e Rodolfo Flitz, todos nos encantando com judiciosos conceitos de fundo evangélico e nos animando com suas demonstrações efusivas de carinho e amizade. A Scheila deixou-nos sua mão modelada em parafina e o José nos ofereceu um cristal de rocha semi-lapidado, dizendo que o trouxera da Fazenda Rochedo, de Minas Gerais, adiantando que era para o Ernesto mandar lapidá-lo e fazer um anel com a pedra, o que êle fez realmente. O espírito de Margarida, ao oferecer um cravo branco ao seu marido, nosso companheiro Afonso Pinto da Fonseca, declarou lhe que o seu desejo era de que a sua alma ficasse, pela virtude, tão branca como a flor que lhe oferecia. O José disse-nos, ainda pesaroso, que tinha trazido uma flor da China, da família das papoulináceas, mas que se havia despetalado na viagem, deixando o caule e as pétalas sôbre a luva da Scheila.

A irmã Euridice foi agraciada com um cravo originalissimo, pelo espírito de um seu irmão carnal, desincarnado, fazia anos nêsse dia. Encerro a sessão com uma prece, indo o Inacio assistir e acordar o médium. Perderam pêso nessa reunião: eu, um quilo; Fonseca, um quilo; Alda, meio quilo; Peixoto, dois quilos; Rosa, um quilo; Risoleta, um quilo; Vicente, um quilo; Ernesto, um quilo e o Capitão Leite meio quilo.

—

No sábado seguinte, dia 8, a nossa confrade Prof.a Maria Amelia, honravanos com sua visita. A presidência cabe ao Jaks, que inicia a sessão com uma prece e o cântico dos hinos «Entardecer» e «Obreiros de Jesus». Em seguida, pede seja feita concentração de pensamentos amorosos, para atraír uma entidade amiga que nos instruisse e orientasse: Atende-nos a dedicação de Garcês. Faz-se meia luz e o Lins vai deitar-se, aparecendo poucos instantes depois interessantes fenômenos de luz policrômica dentro da cabine.

A primeira materialização foi a de João de Deus, seguida da de Garcêz, que vem duas vezes ao recinto, tendo feito na segunda delas, uma brilhante explanação doutrinária científica, abordando assuntos evangélicos e de medicina, na qualidade de cristão e de ex-médico da Terra.

Materializam-se, em seguida, os espíritos de Nina, Fidelinho, Scheila, Margarida, José e o pai da nossa irmã Risoleta, sendo que êste espírito, o de José e Margarida tiveram uma aparição superficial, ligeira. Margarida, entretanto, chegou a tocar o Fonseca, seu esposo na última existência. Scheila e Nina distribuiram, profusamente, perfumes de várias essências, durante toda a reunião. Parecia estarmos vivendo em um mundo de essências finas, e agradáveis. Nina conversa familiarmente com Maria Amélia. O Fidelinho fez-nos encher os nossos olhos de lágrimas com as explosões de ternura e carinho com que brindou áquela nossa estimada irmã. Chamando-a para junto da cabine, o espírito se apresenta numa materialização minúscula, abraçando aquela que fôra sua mãe em outra vida, trocando muitas juras de inefavel simpatia e amor, oferecendo-nos um agradável e emocionante episódio inédito. Plinio também faz as suas carinhosas confidências à distinguida irmã campista, enchendo-a de natural júbilo. O Jacks que, por descuido, deixara de fazer a leitura do capítulo «Vampirismo», de Missionários ...; na primeira parte da reunião, procede à sua leitura, sendo interrompido quando estava a meio dela, por uma ordem, em voz direta, para ser diminuida a luz. Observaram-se então lindos fenômenos luminosos, que partiam da cabine e tomavam todo o recinto. Comentaram a lição: eu, Lenice, o Prof. Newton e o Major Ismael. Foram cantados, em côro, os hinos «Pai do Céu», «Almas Gêmeas», «Celeste amigo», «Fica conosco, Jesus», «Aprendizes do Espiritismo» e «Prisão Marmentina». Em favor dos doentes, oravam os irmãos, Leite, Inácio, Fonseca, Maria Amélia, Laiz, Margarida e Hilda, cada qual procurando colocar todo o empenho de seus corações, todo o sentimento afetivo das suas almas, no afã de amenizarem o sofrimento alheio. O José atirara, no meio dos assistentes, dois belos cristais de rocha, de formato cilíndrico. O Fidelinho, mais uma vez, deixa-nos o modêlo de um de seus pés, em parafina, e, pela primeira vez, também nos oferece o modêlo de uma de suas mãos, aparentando serem de uma criança de quatro anos presumíveis. José Grosso deixa-nos uma enorme luva sua. Uma outra luva de parafina ainda nos foi oferecida, não tendo ficado esclarecido se era de Plinio ou do pai do Major Ismael.

A sessão é encerrada com uma prece.

—

Na sessão de 5.a feira, dia 13, que é pública e é dedicada ao estudo da doutrina, o «André Luiz» foi distinguido com a visita dos nossos confrades Higino Nobrega e Maria Amelia da Nobrega, chegados de avião, de Três Lagôas, Estado de Mato Grosso, especialmente em visita de cordialidade ao Grupo. Obtida a necessária permissão para participarem da reunião de sexta-feira, que é dedicada a educação dos médiuns, tiveram aí autorização do Alto para assistirem à sessão de tratamento espiritual do dia seguinte, que, como a anterior, é privativa dum reduzido número de confrades, em obediência ao que já está deliberado pelos guias espirituais e pelo Regimento Interno da instituição, por exigência das leis de afinidade, que devem ser respeitadas, nas sessões da invergadura e da responsabilidade das do Grupo Espírita «André Luiz». Nessa reunião deram-se apenas ligeiros fenomenos de voz direta, dado que estavam ausentes os médiuns principais. Deu-se entretanto o inesperado. A nossa irmã visitante perdeu nessa sessão o elevado pêso de cinco (5) quilos. Outros companheiros ainda perderam de seu pêso, mas nenhum teve a perda maior de um quilo. As nossas irmãs Celcelina Viola e Maria Emilia Castelo Branco, porém, ganharam, respectivamente, um e meio quilos. Os trabalhos foram dirigidos pelo confrade Major Ismael.

—

Na sessão seguinte, dia 18, terça-feira, os irmãos matogrossenses que nos visitaram tiveram oportunidade de presenciar vários fenômenos de voz direta, tendo o espírito de José Grosso brindado os referidos irmãos com várias quadrinhas. Os confrades juizdeforanos Luiz Mesculin Junior e Florinda Mesculin também participaram da reunião, tendo sido agraciados com as homenagens dos nossos amigos do Além. Os trabalhos decorreram normalmente, tendo trabalhado quatro médiuns em duas cabines, uma das quais improvisadas no momento.

Os estimados confrades de Três Lagôas deixaram as seguintes palavras, escritas no livro de impressões do Grupo:

«Causou-nos a melhor impressão o Grupo «André Luiz». Levamos no coração uma indelével recordação que jamais olvidaremos. Ficamos inteiramente obrigados aos nossos irmãos dêste Grupo, pela distinção com que fomos aquí recebidos. Que o nosso bom Deus proteja os irmãos do «André Luiz», são os nossos votos.

a) Higino Nobrega e Maria Amelia da Nobrega».

O irmão Antonio Dalto teve aumentado um quilo em seu pêso. Maria Amelia de Nobrega, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, Euridice Ferreira, Emilia Polvoa Santos e eu perdemos meio quilo cada um.

—

A sessão de sábado próximo passado, ainda não contou com o concurso do médium principal, razão por que não houve materialização. Entretanto singulares fenômenos de efeitos físicos foram apreciados por um número não pequeno, atingindo nada menos de vinte e cinco pessoas, inclusive o Virgilio Pais dos Santos, de Astolfo Dutra, Minas, e o Dr. Lauro Sales, eminente professor e advogado, que assim fazia a sua «reentrée», pois que estivera afastado do nosso convivio cerca de quatro mêses. A direção dos trabalhos esteve a cargo de Ferreira. Depois de proferida a prece inicial e de feita a leitura do capítulo «Socorro espiritual», do livro «Os missionários da Luz», o espírito amigo de David, dá extensa comunicação, considerada oportuna e instrutiva por todos os companheiros. Os médiuns Gonçalves e Santos passaram a repousar na cabine, depois do que, surgem os primeiros fenômenos de voz direta. Os espíritos queridos de José Grosso, Nina, Scheila, Garcês, João de Deus, David, Abel Gomes, Ilka dos Santos, Benedito Abuab e André Luiz, sucedem-se no mistér de nos proporcionarem surprezas consoladoras e ensinamentos superiores. Terminados os labores espirituais da noite, verificou-se que perderam pêso os irmãos Virgilio, Ferreira, Fernando, Lauro, Rodrigo, Inácio, Maria José, Emila e Madalena, sendo que os confrades Ernesto e Maria Castelo Branco, tiveram aumentado o seu pêso em um quilo cada um.

Amadeu Santos.

Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1947.

Ha no homem três cousas essenciais : 1.°, a *alma* ou *espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral ; 2.°, o *corpo*, envoltório material, pesado e grosseiro, que põe o espírito em relação com o mundo exterior ; 3 °, o *perispírito*, envoltório fluidico, leve, que serve de laço e de intermediário entre o espírito e o corpo. Quando o envoltório exterior está usado e não póde mais funcionar, cai e dêle se despoja o espírito, como o fruto ou a árvore se despojam da casca, ou em suma como o homem despe um velho trajo inservivel ; é o que se chama a *morte*.

A morte não é, pois, outra cousa mais que a destruição do envoltório grosseiro do espírito. Só o corpo morre, o espírito não.

Uma Data que é Símbolo de Fraternidade

13 DE MAIO

A data de 13 de Maio, no Brasil, vem de há muito sendo comemorada não apenas com o fim de lembrar um dos mais brilhantes e significativos fatos de nossa História Pátria ou seja, a Abolição da Escravatura, sinão também como perfeito símbolo de união e fraternidade, evocado de modo especial nos meios espíritas.

Com efeito, em Baurú, pelo menos, onde o espiritismo é uma fôrça já bastante ponderável não só pela existência de dezenas de organizações legalmente constituidas e bem orientadas social e espiritualmente, como pelo seu trabalho no campo da assistência social, referida data — 13 de Maio — já se consagrou autêntica festa de união e fraternidade destinada a homenagear não só os grandes vultos abolicionistas mas ainda, e de um modo todo especial, os humildes e luminares espíritos que se conhecem em quasi todos os centros espíritas do país pelos nomes de Jacó, Lucas, João, Manoel, Domingos, Feliciano, «mãe» Maria (não a Virgem Maria) etc., etc., os quais, ao tempo da Escravatura tiveram papel de relevo junto aos seus irmãos, como eles, atingidos pelo infortúnio do cativeiro, aquí no Brasil. Aqueles personagens é que incutiam, no espírito de seus companheiros arrancados abruptamente à terra natal e feitos escravos num país estranho, os divinos sentimentos de esperança, resignação e fé em «Zambi» ou Deus, o Pai de amor e misericórdia. Sim, porque se por um lado o Criador permitia fossem eles violentados em sua liberdade, por outro lhes proporcionava amparo fraterno mediante o concurso de seus próprios irmãos também escravos, porém, na verdade alí colocados em verdadeira missão destinada a ajudá-los a suportar sem revoltas, o duro cativeiro imposto pelos homens que ainda não tinham compreendido que perante Deus todos são iguais, pertençam a que raça, nacionalidade, religião, côr ou condição social pertencerem, distinguindo-se tão sómente pelos sentimentos bons ou maus que possuam.

Segundo relatam espíritos de grande elevação — interessados em revelar, hoje, a maior grandeza moral e espiritual daqueles espíritos, dentre eles um houve que teve destacada atuação no meio da comunidade escrava distinguindo-se pelo seu trabalho de assistência social, moral e espiritual que prestava com desvêlo e carinho aos seus infelizes irmãos de cativeiro, aos quais distribuia remédio para o corpo e bálsamo para o coração, um e outro retirados respectivamente da rica flora brasílica e dos inexauríveis tesouros espirituais do Evangelho de Jesus Cristo. Êsse personagem, de carapinha já branca porém de semblante sempre alegre e jovial, chamava-se — Jacó, o médico-apóstolo que naquêle tempo já possuía também conhecimentos sôbre a comunicabilidade dos espíritos com os homens e vice-versa. E' o mesmo espírito que atualmente distribue de norte a sul, de éste a oeste dos rincões brasileiros, messes divinas de consolação e amor a outros tantos «cativos» moral e espiritualmente falando, pelos quais êle, à frente da bendita Legião de bons espíritos denominada «Amor e Caridade», trabalha incessantemente secundado por todos os sêres de boa vontade.

* * *

Verídica ou não a história que se conhece de Jacó e seus companheiros, o que não podemos duvidar é que se trata, efetivamente, de espíritos de grande elevação, a julgar pelos magníficos exemplos que oferecem de amor e abnegação pela causa dos que sofrem, dos humildes e dos pequeninos tanto que não será blasfemo considerá-los perfeitos êmulos de Jesus Cristo, tendo em vista a humildade que os caracteriza aliada a um acendrado amor por todas as criaturas. Já se universalizou até, nos meios espíritas orientados por aquelas sublimes entidades, o modo pelo qual respondem, invariavelmente, áqueles que procuram agradecer os benefícios recebidos: «Agradeçam a «Zambi» (Deus) que é quem tem para dar; preto velho não tem nada, porque recebe tudo de «Zambi».

Não pode haver lógica mais exata e profunda. No entanto, quantos homens, sábios e caridosos da Terra, se prevalecem dessa lógica para enaltecer o divino poder e amor de Deus?

Convenhamos que o orgulho e a vaidade é que constituem, infelizmente, o grande apanágio dos sêres humanos, enquanto o desses «pretinhos» — como assim costumam intitular-se — é a humildade e o desprendimento, virtudes excelsas que exemplificam, porém, sem ferir suscetibilidades e recordando, ao contrário, que já fizeram como os homens da Terra hoje procedem, isto é, erraram muito, mas, que Zambi, bom como é, concedeu-lhes muitas oportunidades, através de sucessivas reincarnações, até que se purificaram e tornaram felizes.

E ainda aí, deixam lições de estímulo ao progresso e de perseverança na luta contra o mal, exemplificando, portanto, de maneira extraordinariamente bela o ensino de Jesus quando afirma que «aquele que quiser ser grande, deve fazer-se pequenino».

* * *

O que aí deixamos, á guisa de introdução ao noticiário que a seguir daremos sôbre o que foi êste ano a festa de 13 de Maio em Baurú, é feito sem cogitarmos da parte científica quanto a provar, dentro de uma análise rigorosa, que se enquadra nos princípios da doutrina o facto de referidos espíritos serem aceitos como elevados e tomados por «Guias», em contraste quiçá com sua condição de ex-pretos africanos e, ainda por cima, escravos! E não entramos em tais considerações, propositalmente, por nos considerarmos demais ignorante e sobretudo pobre em moral para julgarmos que esses factos não se enquadram talvez, na lógica da ciência. Não o fazemos e até aconselhamos que o não façam aqueles tocados de maiores escrúpulos e espírito científico, porisso que ha muita cousa que escapa à ciência dos homens, visto enquadrar-se nos desígnios de Deus ou mesmo da própria ciência que ainda não foi totalmente dominada pelo homem, devido á sua evolução moral, infelizmente ainda muito inferior.

* * *

As festas de 13 de Maio, nos moldes acima descritos que até então eram realizadas pelos centros, de per si, em homenagem áquelas entidades espirituais, êste ano realizaram-se sob os auspícios da «União Municipal Espírita de Baurú» que, aproveitando da circunstância de um dos centros a ela filiados — o C. E. «Paz, Amor e Caridade» inaugurar naquele dia o prédio próprio de sua nova séde, resolveu comemorar a data numa festa conjunta, com a participação dos demais centros adêsos que, expontâneamente, se solidarisassem com êsse ato.

Do programa de referida festa constou uma parte evangélico-doutrinária, com o concurso dos representantes da «União Social Espírita de São Paulo», confrades Benedito Godoy Paiva e Jony Doin, que desenvolveram belas e proveitosissimas peças oratórias, aquele evidenciando a necessidade da unificação dos espíritas em tôrno do que teceu oportunos e elevados comentários, êste, num bonito improviso, demonstrando a excelência do Espiritismo, sua perfeita concordância com o cristianismo e a necessidade de os espíritas o assimilarem estreme de preconceitos e misticismos, quiçá herdados das religiões de onde procederam antes de ingressarem na Doutrina dos Espíritos. A outra parte esteve a cargo da Juventude Espírita de Baurú, que apresentou o Sainete em um ato — «Brasil Unido» de Leopoldo Machado, com o concurso das senhorinhas Terezinha Martins, Adélia Abraão e Olga Neme e mais a declamação de poesias, pelas senhoritas Aurea Maria da Silva, Nilce Amaral e Olga Neme.

Na tarde daquele mesmo dia, houve a irradiação através da P. R. G. 8, do «momento espírito radiofônico» que está a cargo da União Municipal Espírita de Baurú, o qual comemorou naquela data o seu primeiro aniversário. Falaram na ocasião, os confrades B. Godoy Paiva e Jony Doin, havendo sido ambos muito apreciados em suas palestras.

Na manhã de 13, logo após haverem chegado os representantes da USE, os confrades Roberto Previdelo, Antonio Moreto Sobrinho, Sebastião Paiva e Nabor da Graça Leite empreenderam visitas a diversos pontos da cidade, quando aqueles convidados tiveram oportunidade de conhecer a novel instituição de assistência recem-fundada, a «Sociedade Beneficente Cristã», dirigida pelo confrade Sebastião Paiva, e localizada nos altos do Jardim Bela Vista onde se abrigam algumas dezenas de famílias em casinhas adrede feitas para recolher aquelas criaturas desamparadas e que, por se encontrar superlotado o «Lar dos Desamparados» outra instituição de amparo à velhice, alí são recolhidas e tratadas com devotamento por todos os cristãos bauruenses. Em seguida, foram à Colonia do «Lar dos Desamparados», localizada a 16 quilometros de Baurú, e onde se abrigam perto de duas centenas de pobres, e também algumas dezenas de crianças do sexo masculino. Após uma hora de convívio com os irmãos alí internados, regressaram os visitantes, cheios de contentamento, a idealizarem trabalhos para que cada vez mais se concretizem obras de assistência social como as que vinham de visitar, como um dos principais fatores para firmar-se mais e mais o conceito do espiritismo em que é tido por todos como o verdadeiro Cristianismo, cujo lema insculpido pelo grande codificador Kardec é este: «Fóra da Caridade não há Salvação».

Nabor da Graça Leite.

O Conhecidíssimo Homem

Arnaldo S. Thiago

Alex Carrel, munido dos seus admiráveis instrumentos de investigação científica, deixou-nos naquelas páginas magníficas de «L'Homme — cet inconnu», um vívido retrato do homem, em verdade, desconhecido, porque o nosso pobre irmão, que em verdade muito conhecemos, o nosso mísero semelhante, com quem diuturnamente tratamos, para subversão do nosso espírito nos mais tôrvos sentimentos de revolta e desânimo, é o conhecidíssimo homem destes tempos malditos que atravessamos; malditos porque o conhecidíssimo homem da Terra assim os reduziu, pela sua malignidade, pela astúcia do seu proceder, desde que a civilização cristã, perdendo o seu prestígio, em consequência dos revoltantes atos simoníacos e da hipocrisia dos seus melhores corifeus, se tornou impotente para conter a onda do materialismo avassalador, que converteu o homem num infeliz autômato dos mais grosseiros estigmas da sua degradação moral. Substituido o sentimento religioso, independente e honesto, pela escravização da consciência ás ameaças do Inferno, o homem pôde ser mantido em relativa disciplina moral exterior, e a sociedade em relativa paz e aparente moralidade. Desde, porém, que a ciência rasgou aos olhares atônitos dêsse homem desonesto e mau, escravizado entretanto, a realidade do universo, e que êle pode entrever, embora através de pequena fresta, a verdade das cousas dissipando-se-lhe do espírito o mêdo do Inferno, arrojou-se a todas as suas insidiosas satisfações, sem escrúpulo algum, como aliás o confessa Alex Carrel, desmentindo destarte o próprio título do seu livro.

O homem é, infelizmente, conhecidíssimo, e é, pela sua astúcia, universalmente mau. Êle só pensa no gôzo material e, quando não pensa, espíritos insidiosos e desejosos de continuarem a libar o cálice dos seus vícios e das suas deformidades morais que não podem mais satisfazer por si mesmos, porque desincarnados, *encostam-se* nos últimos abencerragens do pensamento honesto e os arrastam à perdição, caso não disponham de uma energia férrea para se manterem no mundo sem ser do mundo, como recomenda Jesus.

Conhecidíssimo o homem! Mesmo agora acabo de o constatar. Estou escrevendo com dificuldade em uma velha máquina que um «técnico», astuciosamente, fez-me entregar-lhe para concertar, mediante estipulada importância e, tendo recebido a sua paga, restituiu-me a máquina em piores condições do que antes. Estou voltando para casa e trago o meu espírito sombrio, por ter visto quanta desfaçatez vigora no mundo dos negócios: só há por toda a parte, uma idéia predominante: enganar. Qual o homem que se esforça por adquirir melhores sentimentos, que deixará de sofrer amarguras profundas na sua vida de relação com êsse pobre homem inteligente e astuciosíssimo que aí está?!

Ser astucioso é o mais alto grau de bom discernimento que póde apresentar um cidadão moderno. Passíveis da risota dos espertos, os que se deixam ludibriar. Ora, ninguém quer passar por tôlo. Prefere se esconder no fundo da alma o segrêdo da virtude. Há poucos dias, tratado acrimoniosamente por um joven bacharel que veio tentar carreira nesta grande metrópole, só porque, inadvertidamente, apresentára-me antes dêle num guiché do correio, para comprar sêlo, imediatamente cedi lhe o lugar, explicando me. O pobre moço, ainda não totalmente envenenado por esta maldita civilização da astúcia, do latrocínio e do adultério, caíu em si e lembrando-se talvez dos conselhos recebidos na casa paterna, desfez-se em desculpas pelos maus modos com que me tratára e procurou, por todos os meios, convencer-me de que êle não era assim, estava se tornando assim devido às exigências da vida nesta grande metrópole...

Conhecidíssimo o homem!

Distila-lhe a alma o fel dos desenganos e, em vez de certificar-se de que está em um triste mundo de expiação e de prova, e que lhe cumpre *tudo sacrificar*, mesmo a sua tranquilidade, sendo-o preciso, para manter ilêsos os princípios morais da Religião que professa — única táboa de salvação que Deus lhe atira nêste revôlto mar das concupiscências terrenas — o que faz o homem? Vencido pelos desenganos, «desaperta para a esquerda»: vai fazendo aos outros o que os outros lhe fazem! Assim também procedem os espíritas!! E o sal da terra torna-se insulso. Não mais tem-se com o que salgar e tudo vai assim apodrecendo...

Conhecidíssimo homem! Homem astuto dêste maldito ciclo materialista da civilização terrena! Ouve a grande voz do Mestre, não partida destes lábios que te bradam as duras verdades da tua mísera condição atual, mas procuradas na táboa de salvação do Evangelho. Aquí o pronunciamento da procela, a voz dessa mesma procela em que te envolves: a voz do teu mísero companheiro de dôres, que submerge contigo no asqueroso pélago da vida. Alí a voz do Justo, daquêle que nos veio a salvar — a ti e a mim. Escutemos-lhe a grande voz que rebôa ao longo dos séculos: «Quem não se fizer como criança, não entrará no Reino dos Céus». Deixa a maldição da astúcia, homem da terra, embora seja a tua auréola, o distintivo da tua civilização mecanicista. Deixa-a. Principalmente tu, irmão espírita, não apliques os dons da tua inteligência em buscar pela astúcia melhor nível de vida. Deixa que nosso Pai Celestial te conduza, conservando-te honesto para com os que usam de deshonestidade para contigo; não recorrendo aos tribunais da Terra, mas resolvendo tudo em tua vida pelo Código da Moral do Cristo: «Se alguém te obrigar a ir carregando-o cem passos, carrega-o outros cem». «Não recuses a quem te pedir...» Abnegação, meu irmão, desprendimento, perdão e acima de tudo CARIDADE. Espírita, lembra-te dos teus sérios deveres. Foste chamado: faze por ser dos escolhidos. A terra não póde ficar sem o fermento do Evangelho. Alguém precisa resignar-se a ser o sal da Terra, porque êste elemento de conservação da Virtude está faltando na Terra.

* * *

O número dos chamados a trabalhar na divina seára está aumentando cada vez mais, o que muito vos deve alegrar. Não vos esqueçais, entretanto, de que poucos serão os escolhidos. Isto quer dizer que deveis observar se as vossas obras, pensamentos e ações estão de acôrdo com os preceitos evangélicos. Fazei todo o possível para serdes, entre os chamados, os escolhidos, a quem Deus reservou o seu reino.

CAIRBAR.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

VIDAS E DESTINOS — *Lisandro do Castelo*

A função do escritor devia ser de orientador, embora sem saber a quem está orientando; a função do mestre-escola que vê no público que o lê, alunos e guiados. E' bem de ver que aquí nos referimos ao escritor de idéias e doutrinas.

O livro que, nêste caso, lhe sái da pena, deve ser o ensinamento vivido, porque com muita franqueza e sinceridade, com muito equilíbrio e ponderação.

E é nisso que está, para nós, o escrever bem.

E escreve bem aquêle que, sôbre escrever dentro de normas gramaticais precisas, expõe bem as suas idéias, conduzindo, sempre, ao Bem.

Claro que não se chega a êsse «escrever bem» sem o aprendizado no estudo porfiado das coisas sérias e sem o apuramento que a Dor leva aos «amados de Deus».

Foi bem êste o caso de Humberto de Campos.

Escritor galante feito o Cons. XX, jornalista e poeta dos mais apurados, elemento dos mais capazes da Academia de Letras, não seria o escritor que hoje é, grande nos dois planos—no material e no espiritual—se a Dor não lhe tirasse a luz dos olhos e não o atirasse a um leito de sofrimento, onde, através do seu próprio, estudou o sofrimento alheio. E suas crônicas admiráveis dos últimos tempos, todas elas profundamente humanas, porque de molde à pintar a própria dor, consolando a dor alheia, orientando destinos e vidas irmãos do seu destino e de sua vida, foram a escada de ouro e sêda para a sua glória humana, para o seu gáudio espiritual, por isso mesmo que, hoje, na Espiritualidade, ao lado de Emanuel e André Luiz, se tornou um dos orientadores mais queridos do movimento espiritualizador que envolve o País.

Lisandro do Castelo—nome ou pseudonimo? — envia-nos um livro nos moldes dos livros úteis, que é VIDAS E DESTINOS.

São histórias dolorosas, situações dificílimas, encruzilhadas perigosas em que, muitas vezes, se encontram as criaturas empurradas pela Vida e pelo Destino. Daí, naturalmente, o título do livro. E, para cada história e dificuldade, tem o autor uma saída, um remédio pronto, um refrigerio e um ou mais alentos. São 50 situações diferentes envolvendo 53 figuras de mulheres que se encontravam em situação de desespero, entre a morte e a loucura, entre o «sem jeito» e o suicídio, que Lisandro do Castelo procura solucionar em nome da moral cristã e do bom senso.

Trata-se de um livro sem sectarismo religioso. Maior talvez por isso, embora seu autor se apresente espiritualista e cristão. E, sôbre tudo, cristão e espiritualista apiedado das dores humanas, com o coração e a inteligência voltados para o sexo que mais sofre, embora seja o que se apresenta como o que mais goza.

O volume é dedicado às três mulheres de seu grande amor: Sua filha, sua esposa e sua mãe. Bem escrito, a despeito de mal impresso e caro. Impresso em papel de jornal, inferior, com 238 páginas, por trinta cruzeiros. Livros como VIDAS E DESTINOS deviam ser o mais barato possível, para que pudessem ser lidos por toda gente. E de onde vem? E onde foi editado? Não sabemos, pois na sôbre-capa traz, apenas, *Livraria Continente* e nada mais...

—

EL MUNDO DE HOY Y DE MAÑANA e PAZ POLÍTICA Y PAZ ECONOMICA, *Noe Wajner*, Santiago do Chile.

O primeiro volume é um opúsculo de 112 páginas, bôa apresentação gráfica, que estuda a situação em particular do Chile e da humanidade em geral, para o futuro. Seu autor, Noe Wajner, é doutor da Universidade de Paris e diplomado pela Escola de Altos Estudos Internacionais de París. Por aquí se vê que o crítico não chega nem ás chinelas do criticado. Pois que se limite o crítico a dizer o que sentiu e pensou da leitura de ambos os volumes, com o direito que a todos nos toca de ter, também, opinião.

O Mundo de Hoje e de Amanhã é

prefaciado por Tomas Eduardo Rodriguez, da «Academia de Ciências Econômicas» e Presidente da «Bolsa de Comercio» de Santiago, Chile.

O autor estuda sua pátria em face da situação em que a guerra deixou o mundo, expondo uma série de problemas chilenos, que podiam ser brasileiros ou argentinos, de difícil solução pelos processos vulgares em moda. E analisa problemas internacionais, porque do interêsse de todos os povos, de absoluta atualidade. O último capítulo, *Postulados de um Progresso Efetivo,* foi o que lemos com maior agrado. Capítulo forte, que nos põe em frente de um grande pensador e analista a discutir, desassombradamente, problemas humanos, econômicos e militares a chamar o testemunho do Velho Testamento, do Novo Testamento, do Cristo. Problemas que fóra do Evangelho e das leis divinas ficarão, eternamente, sem solução.

Muito bem !

—

No PAZ POLÍTICA Y PAZ ECONOMICA, o autor conserva o mesmo equilíbrio espiritual, a mesma superioridade analística. Dizemo-lo, porque não somos forte em matéria de economia, como, de resto, em coisa alguma. Nem na política individual e doméstica somos forte, quanto mais...

Êste, é prefaciado por Marcial Mora Miranda, chanceler e Ministro da Fazenda de sua terra para quem, como para o autor, «los problemas de la paz futura preocupan ya a gobernantes y publicistas de todo el orbe». Governantes e publicistas, sómente ? Todo mundo !

Os problemas econômicos são aquí estudados com clareza e precisão, pois tais problemas é que têm provocado as maiores e mais sangrentas guerras humanas, é claro.

O II capítulo do volume, *Bases de uma Paz Permanente* é, para nós, o centro de gravidade da obra. Depois de passar em revista, histórica e pedagogicamente, a atuação e a situação dos povos mais em relevo do planeta, apresenta um plano, decalcado em bases econômicas de preferência, eficaz para acabar com as guerras no futuro. Plano exposto em 23 itens ou considerações de marcante importância. Mas, se fôsse experimentado seu plano ? De nós, que não entendemos de problemas econômicos, não cremos lograsse resultado.

Conhecemos plano mais resumido, que data de 3.500 anos, que, vivido praticamente, acabaria com a guerra, transformando a Terra no Eden para que foi feita e os homens em rebanhos de anjos: o Decálogo ! Ainda mais resumidos e mais modernos, pois constante de três postulados apenas e datado de 2.000 anos, aí estão os mandamentos do Cristo (Amar a Deus sôbre todas as coisas, amar ao próximo como a nós mesmos, amarmo-nos uns aos outros) que seriam infalíveis para a paz na Terra e a felicidade do homem. Entretanto, um e outro aí estão, e a humanidade sempre aguerrida, o ódio campeiando infrene, o mundo uma fornalha. Porque ? Teriam falido os dois planos ? De modo algum, de vez que ainda não foram experimentados nem pelas civilizações israelitas e cristãs. Exatamente porque não foram, ainda, praticados, vividos.

Os dois volumes de Noe Wajner lêm-se com subido agrado, aprendendo-se muita coisa útil e bela.

—

PARA O ALTO — E' o nosso último volume de contos destinados aos jovens de *mocidades espíritas,* ás crianças de aulas de moral, aos espíritas em geral, que gostam de leituras leves, da doutrina ensinada a páginas de literatura de ficção.

Para crítica de nós mesmos, estas linhas ?

Nós, para anunciar o volume, apenas, e louvar sua editora, a Livraria ALAN KARDEC, Editora, de S. Paulo, que não se poupa em apresentar volumes caprichosamente apresentáveis. Volumes que, se não honrarem, pela substância, a Editora, como o nosso, por exemplo, a despeito de seu diligente diretor, nosso prezadissimo Batista Lino, andar a proclamar que sua Editora só publicará obras que a recomendem, honram-na sempre, por sua apresentação gráfica, que é, ainda, o caso do nosso volume.

* * *

Felizes aqueles que pregam o Espiritismo e se esforçam por cumprir o que pregam, apresentando obras de amor fraterno, porque estão reservando lugar que ninguém lhes tira, no reino de Deus. — CAMARGO.

Espiritismo e Cristianismo

CARLOS IMBASSAHY

SEMPRE julguei que o Espiritismo se compõe de 3 partes, a científica, a filosófica e a religiosa, e que encará-lo por uma única, não importa qual, seria mutilá-lo.

Confiná-lo à religiosa, ou mais precisamente, ao Cristianismo, além de modificar-lhe o caracter, torna-lo-ia fácil prêsa da investida de nossos adversários. O corpo da doutrina espírita, com suas provas, com seus ensinos filosóficos, é como uma praça irredutível, espécie de base de operações, inexpugnável a qualquer ataque. Com apoio nessa base é fácil disseminar-lhe os ensinos, entre os quais se encontram os do Evangelho. Mas os ensinos evangélicos são parte dos ensinos espíritas, e assim mesmo com as alterações e explicações que os Espíritos vieram trazer-lhe. Sem o esteio daquela praça forte, sem as costas garantidas por aquela base, qualquer movimento tático seria temerário.

Que cada indivíduo ou mesmo cada centro tenha suas predileções, seus pendores especiais, de conformidade com o modo de sentir, de ver, ou de acôrdo com a cultura de cada qual, compreende-se e até se justifica. Que nas pregações ao público, prefiramos a parte moral da doutrina, é perfeitamente curial. Mas o que é êrro flagrante é apresentarmos nas nossas grandes reuniões, assembléias, congressos, semanas, mesas redondas, o Espiritismo, apenas, num de seus ângulos. O perigo é tanto maior e tanto mais acentuado é o desvirtuamento dos princípios da 3.ª Revelação, quando não a restringem unicamente à parte religiosa, senão que a circunscrevem a determinada religião.

Era já êsse o receio de Allan Kardec, que nunca deu ao Espiritismo o nome de religião, mas, às vezes, o de ciência, outras de filosofia, outras de ciência filosófica.

Na sua obra *O que é o Espiritismo* dizia o Codificador:

«O Espiritismo é antes de tudo uma ciência (*Le spiritisme est avant tout une science*) e não se ocupa de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como tôdas as ciências filosóficas.»

E mais adiante:

«O Espiritismo, melhor observado depois que tem sido vulgarizado, veio trazer a luz a enorme vulto de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caracter é o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova é que conta entre seus aderentes homens de tôdas as crenças e que não renunciaram a suas convicções.»

E ainda:

«Ha dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a tôdas e os princípios particulares de cada uma. Quanto aos segundos, os Espiritos vulgares, sem serem maus, podem ter preferências, opiniões, podem preconizar tal ou qual forma. Podem encorajar certas práticas, quer por convicção pessoal, quer porque conservaram as idéias da vida terrestre, quer por prudência, quer para não espantar (effaroucher) as consciências tímidas. Crêde, por exemplo, que um espirito esclarecido, dirigindo-se a um mussulmano, irá desastradamente dizer que Mahomé é um impostor e que êle será condenado se não se fizer cristão?» (*Qu'est-ce que le Spiritisme*, 4.ª ed, pgs. 86, 87,89.)

Como se vê, para o pai da doutrina, as preferências religiosas não partem de Espiritos superiores.

Ouvido Kardec, nunca é demais chamarmos ao prélio um dos maiores pugnadores da causa espírita, que foi Ernesto Bozzano. Com aquela extraordinária visão de que sempre deu mostra em todos os seus livros, diz, dirigindo-se ao Congresso Espírita Internacional de Barcelona, reunido em 1934, e a respeito das ponderações de um eminente «espírita cristão», cujo nome não declina:

«Sinto-me supreendido, ao verificar que todos os defensores do Espiritismo cristão parecem ignorar que a Terra é povoada de dois bilhões de sêres humanos, entre os quais só 450 milhões professam o Cristianismo, contra um bilhão e quinhentos milhões que professam o paganismo sob todas as formas: mussulmana, budista, confuncionista, brahmânica, xintoista, israelita etc. Ora, entre todos êsses povos há ja numorosos centros de pessoas iniciadas no Espiritismo. Deveremos, pois, exigir dêles que repilam as mensagens em que se ignora o Cristo? E' natural que os espíritos dos islamitas mortos falem com reverência de seu profeta Mahomé, do mesmo modo que os mortos que se comunicam entre os cristãos falem com reverência do profeta Jesus de Nazaré. Isto é logico tanto para o primeiro como para o segundo caso, pois que os fundadores de tôdas as grandes religiões deveriam ser igualmente considerados como os *profetas de Deus*, revelando aos diferentes povos da terra as mesmas verdades fundamentais, revestindo-as de formas diversas, adaptadas às civilizações mais ou menos evoluidas de cada povo, assim como às aspirações mais ou menos práticas da mística de cada um.»

E termina assim:

«Respeitemos a vontade de Deus e concluamos que se tôdas as religiões são de origem divina, apesar dos enormes desacordos existentes entre si no revestimento exterior, deveremos convencer-nos que sómente as verdades fundamentais, comuns a todas, têm importancia vital.» (Vejam-se os *Anais do Congresso, 1934.*)

Também não escapou ao filósofo que as finalidades do Espiritismo não se enquadrariam numa seita, mas abraçariam a tôdas, visto que todas têm os mesmos pontos fundamentais, como as mensagens vindas do Alto, e sem afastar da Familia Espírita os adeptos dos outros credos.

Também eu pensaria que, dada a universalidade da doutrina, não deveriamos encantoa-la, sabendo que o nosso principal escopo é a fraternidade geral.

Além do êrro social e doutrinário, há o êrro filosófico, visto que encantoar é reduzir, é comprimir, é limitar. As religiões se podem auxiliar umas às outras; isoladas serão deficientes. Veja-se o Cristianismo; o Cristo não disse tudo, muitos dos seus ensinos são velados, outros incompreensíveis, outros mal traduzidos ou truncados, outros que ainda virão a lume; a grande maioria é de insofismável verdade e de empolgante beleza, estão mais de acôrdo com o Ocidente, mas os de Buda estão mais perto de nossos postulados.

Isto o povo não sabe e talvez não deva saber, mas não o podem desconhecer os mestres em Israel.

* * *

Há a enumeração do que tem produzido entre nós o fervor evangélico. Deve produzir algo, porque seria impossível que tão magníficas sementes só caíssem em terreno sáfaro. Mas a época é de renovação e revolução nas almas. E' preciso trazer o fogo capaz de cauterizar nossas feridas, e só um movimento com a extensão e as provas do Espiritismo estará nas condições de operar o milagre. Se só bastasse o fervor evangélico, teriamos a Inglaterra à testa das construções de que se orgulham os nossos patrícios. Se é êle só a causa delas entre nós, teriamos então um caso tópico ou caso típico. Porque os Evangelhos de hoje são os mesmos de todas as épocas. Se não é o Espiritismo que os está a iluminar, a vivificar, a alimentar, então a coisa é puramente geográfica.

Foi em nome dos mesmos textos que se praticaram os crimes inomináveis que a História registra. E a História registra do lado católico a traição de Carcassona, a perfídia com os Huguenotes, os incêndios de Bèziers, as matanças de Cátaros e Albigenses, a queima de pagãos no Egito e em Jerusalém, as fogueiras da Inquisição, o trucidamento dos povos da América, a liquidação dos árabes de Granada...

Era em nome dos livros santos que Francisco I mandava torrar os luteranos à sua vista, que Henrique II cominava a pena de morte a todos os hereges, que Carlos IX e Catarina instigavam os sicários na noite de S. Bartolomeu, que Luiz XIV pôs a prêmio a cabeça dos calvinistas, que Luiz XV renovou a pena de morte contra protestantes; que vários reis e príncipes e religiosos de incrível piedade saíram à guerra santa, e fizeram as Cruzadas, e saquearam, devastaram, pilharam, assassinaram...

Entre os cristãos protestantes não se contam por menos as iniquidades. Cromwell tirou toda a liberdade aos católicos, Guilherme de Orange os exclue do bill de tolerância, Cristino III ordenou que se matassem todos os padres que tivessem a ousadia de penetrar na Dinamarca.

Diz Maurice Magre que onde os cristãos chegavam instalavam logo um tribunal religioso, o patíbulo e a fogueira.

E era o mesmo Evangelho!... Como os espíritos mudaram aquí de repente, é o que não entendemos.

Dir-se-á que, no Brasil é que se apresenta maior cópia de instituições de estudo e amparo social, de obras de caracter doutrinário e humanitário, de emprezas editoras, de publicações e trabalhos de propaganda. E que êsse desenvolvimento decorre do caracter evangélico-cristão.

Mas, assim como não se podem comparar coisas heterogêneas, também a comparação não póde existir quando as circunstâncias são diversíssimas. Não sabemos em que pé estaria o Espiritismo nos países europeus se êles gozassem da relativa tranquilidade que nós aquí usufruimos.

Na Russia não entram, sequer, os trabalhos científicos de Espiritismo. Em Junho de 1932, um catedrático russo, cujo nome não se menciona por prudência, escreveu ao Dr. Osty para perguntar-lhe em que pé estavam as experiências metapsíquicas e a que êle se queria dedicar. Em vista do grande valor do catedrático, Osty se deu pressa em enviar-lhe vários números de sua revista científica. Em breve são elas devolvidas com a seguinte nota: — «Proibida a entrada pela administração de obras impressas». (*Rev. Metapsychique*, 1932 pgs. 295).

Na Alemanha, em um célebre discurso de Nuremberg, Hitler declamava que em terras germânicas não se queriam saber de almas do outro mundo. E de fato foram fechadas todas as agremiações espíritas. Houve uma que nem pondo o retrato do Hitler ao lado do de Cristo conseguiu escapar.

Na Espanha os espíritas foram passados pelas armas.

A França e a Bélgica se viram invadidas duas vezes em 20 anos. A Itália se empenhou em várias guerras. Toda a Europa sofreu as calamitosas consequências dos prélios que lhe ensanguentaram o sólo, destruíram as indústrias, a lavoura, a pecuária, o comércio, desorganizaram, depauperaram ou aniquilaram a atividade econômica, literária, artística e religiosa. Impossível fazer Espiritismo sob um céu de metralha e ao estrupido das bombas.

Não obstante, a Itália, além de suas revistas e de várias obras, deu-nos as de Bozzano, que valem por legiões; a Bélgica manteve uma vasta literatura; a França faria jús à nossa admiração só com a *Revue Spirite*, mas ainda apresentou as obras magistrais de Leon Dénis, Gabriel Delanne, Flammarion, Geley, Gibier, de Rochas... Isto sem falar em Jean Meyer. Portugal, país pequeno, de pequena população, de pequenos recursos, já enche os mercados de bons livros, de boas traduções e possúe ótimas revistas.

De maneira que não será prudente vangloriar-nos, quando não temos medidas capazes de aferir devidamente os valores e as atividades, quando pomos de lado os cataclismos que abalaram o Velho Mundo, quando temos que atender às considerações de ordem política, social, econômica, étnica, topográfica, sentimental.

Mas, ajuizará mal quem julgar o nosso movimento espírita apenas pelas prédicas de caracter religioso. Talvez seja muito mais vasto o dos chamados trabalhos práticos; êles existem por toda à parte; são êles que amedrontam, por sua proliferação, as autoridades eclesiásticas e não eclesiásticas; e de muitos deles é que têm saído a ordem para a fundação de asílos.

Dir-se-á, entretanto, que o a que nós colimamos, é à harmonia, à solidariedade, à fraternidade, que é isto que está em 1.º plano, e que é justamente isto o que se nota. E então o que vemos são os frutos da pregação escripturística, a tolerância entre os doutrinadores, a igualdade de vistas, ou pelo menos, o respeito ás divergências, a liberdade na tribuna e na imprensa, ninguém se zangando com o que o outro escreve, fala ou pensa, e dando-se o direito a emitir se qualquer opinião; a mansidão e boas maneiras com que se ventilam os assuntos, a nenhuma rivalidade entre instituições e criaturas, a extinção de vaidades e personalismos; o nenhum vislumbre de supremacias e susceptibilidades, a união entre todos, a cordialidade, o estôrço para o fim comum, a paz, o amor de Deus e do próximo. Se assim é, já me calo. *Tollitur questio.*

* * *

Já se disse que eu vejo no Espiritismo uma ciência experimental. O que eu vejo não tem importância nenhuma, mas é bom ir já tirando a água do capote. Quem escreveu um livro para provar que há no Espiritismo uma parte religiosa não póde ater-se à ciência experimental.

O que eu vejo é tratar-se a doutrina como se ela fôsse constituida, apenas de uma parte religiosa e nessa de uma única religião. E' a amputação que eu procuraria evitar, como o fiz quando a medida era outra. O que eu quero é alertar os amigos para a operação cirúrgica. Só.

Dizia Maistre que os protestantes eram homens graves vestidos de preto; dos católicos assegura-se que são criaturas que vão à missa; conviria evitar que só vissem nos espíritas indivíduos que decifram charadas bíblicas.

Crônica Estrangeira

Rainbow Harmony Circle

Por Frederico Duarte — Manchester

O Rainbow Harmony Circle é positivamente um dos mais seletos aquí de Manchester. Madame Bullock e seu marido recebem constantemente pedidos e mesmo grandes empenhos para permitir a inclusão no dito, de indivíduos, alguns mesmo sendo conhecidos médiuns, mas não é possível contentá-los, pois que a seleção foi feita pelos nossos amigos do Além. Temos aquí um «Circle» íntimo, mesmo muito íntimo, onde recebemos revelações admiráveis. Em facto, se qualquer de nós se atrevesse a divulgar a um céptico o que alí se passou, e passa, pensaria que todos nós não somos pessoas de juizo! Durante alguns anos já que temos recebido provas absolutas sôbre a sobrevivência e que, se um de nós quisesse compilar suas notas, teria assim elementos suficientes para escrever mais de um volume!

Cairbar Schutel

Êste grande amigo que nos visita de tempos a tempos, convidou-me quando andou cá pelo nosso Mundo Zarolho, a representar a «Revista Internacional do Espiritismo» durante o Congresso Internacional Espírita que se reuniu na cidade de Glasgow, e dias depois da sua transição para o Além veiu falar-me, aparecendo vestindo um fato de linho branco, como aquêle que aparece na sua fotografia que eu muito estimo e guardo.

Os meus amigos do Circle confirmaram isso quando lhes mostrei a dita fotografia. Não há por conseguinte ilusões nenhumas, mas sim o facto de que êste grande amigo nos visita e fala conosco.

Não me admirou por conseguinte nada que êle se interessasse pelo bem estar do meu filho posto que nunca o tivesse conhecido cá na Terra.

Numa das suas visitas eu confessei-lhe que «foi uma grande pena ter perdido o meu filho tão novo, quando eu estava fazendo projetos, mesmo de mandá-lo para o Brasil a passar uma temporada na companhia de meus irmãos e mais família que tenho lá».

O bom amigo sorriu-se e disse-me: «Não te aflijas, homem, pois eu o levarei lá por mais de uma vez tendo assim a oportunidade de ver não só a tua família como aquêle nosso lindo país».

Estava com intenções de mandar com esta minha carta uma fotografia do meu filho para ser publicada ao mesmo tempo, mas fui aconselhado a não fazê-lo. Se por ventura em qualquer ocasião o nosso amigo Cairbar venha a transfigurar-se em qualquer «circle» do Brasil, e o meu filho Gabriel aparecer ao mesmo tempo, eu terei então muito prazer em mandar a sua fotografia para comprovar a sua identidade.

Os interessados deverão escrever-me para 50, Mosley Street, Manchester.

Creio que deve haver no Brasil fotógrafos, como aquí, que obtêm provas admiráveis e assim seria sem dúvida interessante que «invocassem» numa scéance o aparecimento do nosso amigo na companhia do Gabriel, tirando assim a sua fotografia.

Num caso meu conhecido um dêsses fotógrafos tirou uma fotografia onde apareceram três espíritos que foram reconhecidos logo por uma senhora presente.

Há vastos campos para a investigação, mas ninguém se deve atrever a fazer experiências, a não ser que essas sejam sinceras e sob um ponto de vista religioso e honesto.

—

OS MEUS GUIAS

Quando comecei a investigar os fenômenos psíquicos, fui apresentado a uma senhora «médium» a qual me revelou ter eu dois guias principais, sendo um chinês e o outro um jesuita português.

Ora naquela ocasião achei uma piada no que me foi dito, mas a médium vendo-me rir a valer, olhou dramaticamente para mim e disse-me: — Você é precisamente como todos os outros que querem obter provas absolutas sôbre a sobrevivência, sem esfôrço nenhum e como se o Espiritismo fôsse uma coisa, à laia dum líquido, derramando-se a qualquer hora, pela abertura duma torneira! Você ha-de levar um choque tremendo, o qual positivamente fará que altere as suas idéias. No entretanto você vai cultivando os seus conhecimentos e a ocasião virá quando você terá a oportunidade de ver, falar e ouvir não só os seus dois guias como diversas outras pessoas suas íntimas amigas que se encontram no Além.

A profecia saíu certa. O choque tremendo deu-se com a transição do meu único filho!

Dias depois da minha entrevista com a médium, o sub-editor naquela ocasião, Charles Hicks, convidou-me, assim como a 4 amigos nossos, um dêles sendo em facto o Presidente da Associação de Investigações Psíquicas de Manchester, a reunirmos uma vez por semana na redação do «Two Worlds». Resolvemos sentar-nos em frente duma mesa de pé de galo, e uns momentos depois de termos colocado as mãos em cima da dita, esta começou a mover-se bruscamente.

Um amigo nosso com papel e lapis, sentou-se a um lado de nós colhendo as mensagens. O felizardo fui eu. Um espírito anunciou: — Olá Fred, estou aquí. Sou o teu guia Feng. Adeus! Boa noite!

O extraordinário disto foi que Feng disse em inglês: — Halo Fred, I am here. I am your guide Feng, e terminou por dizer Adeus. Boa noite, em português! Ora era eu o único alí que compreendia português!

Os estimados leitores devem imaginar como eu e os presentes ficámos um tanto perplexos com esta mensagem. Proveniente dum chinês e dizer-nos em português Adeus! Boa noite?

Mas meses depois tudo se veiu decifrar.

Numa das reuniões na casa de Madame Bullock, a famosa médium de transfigurações, transfigurou-se um chinês, aparentando os seus 40 anos, rindo-se e apontando para mim.

Eu imediatamente disse em voz alta: — E's o meu guia chinês, Feng!

A resposta foi «fenomenal»! Em português assim me falou:

«Chinês? Não. Sou tão português como tu! Nasci em Macáu e o meu nome completo é João Feng».

Riu-se novamente e desapareceu. A guia de Madame Bullock, a «little Moonie» transfigurou-se e disse-me: — Uncle Fred (tio Frederico), está aquí um seu grande amigo, é o Father Dominic!

Ora eu não conheci nenhum frade ou padre Dominic, e assim confessei à Moonie que não tinha uma vaga idéia de ter conhecido semelhante criatura cá nêste mundo.

—Vai transfigurar-se, disse a Moonie. E alí me apareceu reconhecendo eu logo, a figura esbelta e bondosa do frade (Padre Domingos) que foi meu prefeito e tutor quando criança, internado no Colégio de Lamêgo, Douro, Portugal! Os belos amigos Feng e Father Dominic visitam-me frequentemente. São positivamente dois belissimos espíritos que amparam muito bem o meu «EGO».

JOÃO FENG

O meu guia espiritual João Feng, segundo me disse, viajou muito cá pela Terra e «apoderou-se» de mim por, segundo a sua declaração, «gostar da minha pessoa»! Positivamente que é um guia muito brincalhão e que me préga muitas vezes partidas, e por outro lado, durante as duas Guerras me protegeu e salvou mesmo a vida!

Eis algumas de suas partidas e proteção.

Por alguns anos que usei polainetes, não por pedantismo, mas sim como proteção do meu pé direito, por o ter deslocado quando jogando futebol. Era meu costume, quando ao levantar da cama, barbear-me no quarto de banho e trazer para a sala de jantar os polainetes que punha sôbre os sapatos depois de os ter limpado. Uma bela manhã e depois de ter almoçado, olhei para a cadeira onde geralmente os colocava e vi alí sómente um. Comecei a procurar dum lado para o outro, ajudado por minha esposa e filho, mas os três ficámos perplexos, pois que eu tinha a absoluta certeza de trazer para o andar debaixo os dois polainetes, e a esposa e filho afirmaram que efetivamente estavam em cima da cadeira.

Nova busca, pelos três, mas nada de encontrar o polainete.

Enfurecido, agarrei no outro e ia para o atirar ao lume do fogão da sala, quando meu filho me deteve de fazê-lo, exclamando: – Não faça isso. O papá tem o outro no seu pé direito!

Na segunda-feira seguinte fui como do costume à casa da Madame Bullock e o Feng transfigurou-se dizendo-me: — FRED! Não gosto dos polainetes! Deita-os fóra, e em seu lugar usa meias de lã no inverno! Satisfiz a vontade do Feng e felizmente até à data que deixei de ter dôres no tornozêlo do pé direito!

* * *

Encontrava-me um dia só em casa e tinha de, na manhã seguinte, levantar-me às seis horas para apanhar o combôio que me levaria até Bradford.

O meu relógio-pulseira encontrava-se no relojoeiro, e o despertador quando ao dar-lhe corda antes de deitar-me empenou e não havia meio de o fazer andar! Resignando-me com a sorte pedi aos meus amigos do Além e especialmente ao Feng para me acordarem à hora que desejava (seis da manhã) pois era de muita importância isso para não perder o combôio. Precisamente às seis horas, ouvi uma tremenda pancada no Despertador que me acordou e movi os ponteiros para as seis horas, e com grande surprêsa minha o despertador começou a trabalhar!

Ao saír de casa ás 7 horas menos 10 minutos, o despertador continuou andando e retifiquei pelo relógio dum dos vizinhos que a hora era exata.

* * *

Durante a última Guerra fui acompanhar uma pessoa de amizade à vizinha cidade de Stockport, e quando ao regressar a Manchester, as buzinas déram o sinál de alarme e aproximação dos aviões inimigos. O ônibus parou logo e os passageiros foram convidados a refugiar-se numa «Shelter» Pública. Ora eu como estava cançadissimo e tinha de me levantar muito cedo na manhã seguinte, resolvi-me a ir a pé no percurso de uns três quilometros. Mal tinha eu percorrido um quilometro, quando, subitamente, senti como que alguém a dar-me um empurrão e, completamente ás escuras, vi-me em frente duma «shelter» pública e dois homens conduzindo-me para dentro da dita. A uma pequena distância estavam as peças de artilharia deitando metralha contra os aviões passando por cima de nós e pedaços e estilhaços dos balázios caindo com frequência no telhado e ao redor da «shelter»! Alí me vi forçado a ficar até ás quatro horas da manhã! Tinha de estar na fábrica onde trabalhava ás 7 e meia. Fui a casa almoçar e segui para o trabalho fatigadissimo.

* * *

Doutra vez ao seguir para casa às onze horas da noite, esqueci-me de trazer comigo como de costume uma lanterna elétrica de bolso, para me ajudar pelas ruas, pois os candeeiros estavam todos eles apagados.

A noite era das mais escuras e o maldito nevoeiro obrigou-me a andar às apalpadelas! Esbarrei-me por diversas vezes contra os candeeiros e muros das casas e jardins, e não ouvi ninguém.

Conhecia muitissimo bem o percurso a fazer, mas mesmo assim me perdi. Ao chegar a uma esquina da Birch Lane formou-se subitamente uma nuvem em frente de mim que me obrigou a parar. Ouvi distintamente o motor dum automovel e percebi ser dum caminhão grande conduzindo mercadorias. O choque foi tal que me agarrei a um candeeiro exclamando: Valha-me Nosso Senhor! Não podia andar e assim permaneci por alguns minutos. Ouvi passos. Eram dum guarda noturno. Ao passar por mim perguntou-me para onde me dirigia. Ao darlhe a minha direção, sorriu-se e disse: Venha comigo pois eu vou em giro lá pela sua rua. Trazia a lanterna elétrica e naturalmente que me censurou por eu andar assim pela rua sem uma delas.

Não mencionei êste incidente a ninguém. Na segunda-feira seguinte, como do costume, fui a casa da Madame Bullock. No nosso santuário reunidos os membros do nosso Rainbow Harmony Circle, transfigurou-se o Feng falando-me assim: FRED! Não sejas parvo! Nunca deverás esquecer de trazer sempre contigo uma lanterna elétrica e leva sempre no teu bolso um bolbo e uma bateria sobresselentes!

Comecei a rir-me, assim como os presentes, mas o Feng contestou: Livraste-te de boas!

Depois daquêle incidente eu trouxe sempre a lanterna elétrica e os tais sobresselentes. Precisamente naquela noite quando ao saír para a minha casa e mal tinha eu andado uns cem passos quando se fundiu o bolbo e tive assim de substituí-lo!

* * *

Não só os incidentes acima mencionados, como muitos outros me convenceram de que fui protegido não só pelo Feng como por diversos espíritos amigos durante a Guerra, encontrando-me assim ainda vivo!

ESPIRITISMO NO BRASIL

Écos da 3.ª Semana Espírita de Nova Iguassú

realizada de 21 a 28 de Março de 1948

Vicente S. Néto

Desta vez, chegámos a Nova Iguassú com um pouco de atraso, visto termos de resolver, em S. Paulo, alguns assuntos de ordem comercial. Lá chegamos na quarta-feira da Quaresma, pela manhã. Pouco depois, agrupados, já rumavamos para o encontro com os caravaneiros, afim de dirigir-lhes nossas saudações cordiais.

Vamos aqui resumir o que de mais importante notámos nos «arraiais leopoldinos».

Primeiramente, ficamos surpresos com a figura da querida irmã D. Marilia que, apesar do transe terrivel por que passou ainda ha pouco, dirigiu a Noite da Mulher Espírita, comparecendo em todas as reuniões noturnas sem deixar de atender á direção do Lar. Exemplo belissimo de boa vontade.

Depois, o comparecimento de novos caravaneiros, inclusive do Rio Grande do Norte, Maranhão, etc., o que demonstra que os espíritas estão se fraternizando com mais rapidez, através do Espiritismo de Vivos.

Em seguida, integração de novos Juventinos, que receberam de seus paraninfos, o Livro da Vida—O Evangelho segundo o Espiritismo—em reunião em que as lagrimas se misturavam com as alegrias dos presentes. Uma noite inesquecível que nos emocionou profundamente.

Após o Almoço da Fraternidade no Lar de Jesus, tendo como complemento a tarde festiva que redundou num êxito sem precedentes.

E, como corolário, ainda o seguinte: no sábado á tarde, a convite de membros do 1.º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, dirijimo-nos para o Rio de Janeiro, onde, na Sociedade de Medicina e Espiritismo, assistimos a 10.ª Sessão Preparatória. Presentes à reunião, notámos as figuras de vários confrades, entre eles, os Drs. Carlos Imbassahy e Lins de Vasconcellos, jornalista Olivio Novais, Amadeu Santos, Prof. Nilton de Barros, Alves de Oliveira, J. B. Chagas, etc.

Tivemos que atender ao pedido da mesa, como representante da Revista e do O Clarim. externando em poucas palavras, as nossas impressões, considerando já vitorioso, o próximo Congresso, trabalho que dará às Mocidades Espíritas Organizadas e por se organizarem, um roteiro seguro em suas diretrizes futuras.

No domingo pela manhã, em onibus e caminhão, rumamos para Nilópolis, onde teria lugar a festividade do lançamento da pedra fundamental da futura Escola Amor e Obediência, do Centro Espírita «Caminhemos com Humildade», sob a supervisão do querido Julio Chiambarelli, ardoroso trabalhador da doutrina. Lá chegamos ás 8 horas, sendo recebidos ao som de hinos cantados pelas jovens da Confraternização do Ramal de Nova Iguassú. A Banda Musical «Lyra Fluminense», sob a regência do Maestro Djalma do Carmo, deu ao ambiente um realce encantador. Servido o café da amizade não só aos espíritas como também aos moradores da localidade, alí presentes, teve início um leilão americano pró-construção da Escola. Em seguida, ao som do Hino Nacional, ouvido em religioso silêncio, foi içada a Bandeira auri-verde, iniciando-se em seguida, a cerimônia principal. Uma das irmãs presentes, com profunda emoção, fez a prece ao Deus Universal. Sentiamos que algo nos envolvia, numa doce carícia espiritual. Sabiamos perfeitamente que fluidos de intensa vibração, o Alto espargia naquêle instante e que nos aclareavam os pensamentos como a nos advertirem das tremendas responsabilidades assumidas em éras pretéritas.

Através dos alto-falantes, instalados pela direção da Rádio Independência de Nilópolis, ouviram-se a seguir, Vereadores, Professores e Representante Oficial do Snr. Prefeito Municipal, inclusive o Deputado Estadual, Dr. Lucas Figueira, os quais discorreram brilhantemente. Pelos espíritas, falou o Prof. Leopoldo Machado sôbre o significado da educação através dos ensinos de Jesus, abordando assuntos relevantes para o País. Terminou sua oração dizendo que via alí presente, à frente daquele movimento, a figura do seu querido irmão e estimado amigo Julio Chiambarelli, digno seguidor dos preceitos cristãos. O irmão Julio, com as lágrimas a lhe correrem pelas faces, não poude retribuir sinão com abraços, a saudação do Leopoldo. Por último, a tarde de surprêsas evangélicas ainda no saguão do Lar de Jesus, e à noite, o encerramento, na séde do Fé, Esperança e Caridade.

Foram estes os acontecimentos de mais vulto que notamos nêsse importante certamen.

O ESPIRITISMO EM UBERABA

A FESTA DAS VIOLETAS

A 20 de Junho último, o Triangulo Mineiro agitou-se espiritualmente para marcar na história do futuro, uma página de invulgar beleza, visto como foi de intensa repercussão social, a «Festa das Violetas», realizada nêsse dia em Uberaba.

Si o objetivo financeiro foi compensador, não menos o foi, na parte de evangelização cristã. Atingindo os dois setores de modo feliz, estão de parabens os confrades Uberabenses.

Sob a direção de criaturas como: Dr. Inácio Ferreira, D. Maria Modesto e sua filha Eurithmia, srtas. Aurea e Zelia Cunha, Helia Borges, Clever Novaes e Emanuel Chaves, uma centena de jovens incansáveis e cheios de coragem e fibra, déram a crentes e profanos, uma tarde inesquecível.

Desde a ornamentação do «Centro Espírita Uberabense», até no que se refere ao programa apresentado, tudo correu maravilhosamente bem.

A renda do festival reverteu integralmente pró LAR ESPÍRITA, uma obra que visitamos e que está em vias de agasalhar centenas de crianças desamparadas. Em breve, lá estaremos para assistir à sua inauguração. E então, nessa ocasião, poderemos cantar, como o poeta desconhecido, estas quadras:

Venha Jesus
Nos socorrer,
Dá-nos tua luz
Para viver.

Sempre contigo
A nos olhar,
Serás o amigo
Do nosso Lar.

A fortaleza
Dos pequeninos,
Será a pureza
Dos teus ensinos.

A' entrada do salão foi apresentada rica exposição de trabalhos manuais, muito elogiada. No início das festividades, ás 12,30 horas, o Exmo. Snr. Prefeito Municipal, Dr. Boulanger Pucci, acompanhado do Dr. Inácio Ferreira, visitou e apreciou imensamente o ambiente festivo, o mesmo acontecendo com o Exmo. Snr. Dr. Delegado de Polícia. A Camara Municipal, também fez-se representar pelo Exmo. Snr. Dr. Schimidt. Funcionários, bancários e outras pessôas de destaque, deram sua cooperação e adesão material.

Como vemos, a Festa das Violetas teve um cunho espiritual e artístico, raro nos anais da CIDADE MORENA do Triangulo Mineiro. A orquéstra sob a regencia do Maestro Elias, foi um dos grandes fatores da reunião. Mais de 20 artistas, cantóres e humoristas brindaram a assistência com números cheios de encanto.

O «Ballet» das Violetas, composto de 5 jovens, deu a sua nota brilhante. Para as crianças houve a «Pesca das Surprêsas», com premios para todos.

Leilões, doces, refrescos, a par dos risos e alegrias, inundaram os presentes até o âmago de seus corações. A's 22 horas realizou-se, debaixo de intensa espectativa, a apuração da «Raínha das Violetas». Coube o título à gentil srta. Zelia R. Cunha que, comovida, recebeu das mãos das Princezas e «Dames D'Honéur» uma linda recordação. As palmas estrugiram no recinto, ovacionando a todas as concorrentes. Em seguida, a Raínha e a Comissão fizeram as saudações pelo microfône.

A's 22,30, em meio da mais intensa vibração, os Diretores da casa pediram aos presentes se queriam terminar a festa, visto que, naquêle passo, terminaria pela madrugada do dia seguinte. Com os corações jubilósos todos atenderam ao pedido, dando por terminada a festa.

Fizeram-se representar, devidamente credenciados, a «Livraria Allan Kardec», «União da Mocidade Espírita de S. Paulo», «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim» de Matão, «Estudos Psiquicos», de Lisbôa—Portugal. Foi devéras um acontecimento marcante na história espiritual de Uberaba, do Triangulo Mineiro e do Brasil.

Aos espíritas de Uberaba e aos organizadores da «Festa das Violetas» os nossos parabens, com votos de crescente progresso espiritual.

Apêlo

Afim de organizar mais um trabalho em pról da Doutrina, apelo para os confrades amigos e, principalmente, para os diretores de organizações espíritas de todos os Estados para que me enviem com a *máxima urgência :*

Fotografias de crianças espíritas em aulas didáticas ou de trabalhos.

Fotografias dos prédios para escolas, Albergues noturnos, Hospitais, Lares Espíritas e Abrigos para crianças, Abrigos para a velhice desamparada.

Os meus sinceros agradecimentos por mais essa cooperação.

Dr. Inácio Ferreira.

Rua João Caetano, 10—Uberaba—Minas.

«O Reino»

Em Santiago, Rio Grande do Sul, acaba de aparecer, com o título supra, um mensário de propaganda evangélica, órgão do Grupo Espírita «Jesus», local.

Ao novo companheiro, votos de progresso e longa existência.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de ſundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

A's Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2471unse

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1948 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
HEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Vida de Relação . . . . — *Redação*
A Obra de Geley . . . . — *Ismael Gomes Braga*
A Idéia Reincarnacionista . . . . — *Coronel Faure da Rosa*
A Época da Codificação de Allan Kardec . . . . — *Leopoldo Machado*
A Verdade Profética . . . . . . — *J. B. Chagas*
GEORGE SPRIGGS — Um dos grandes médiuns do passado . . . . — *E. W. O.*
Fenômenos de Materialização . . . — *Amadeu Santos*
Confraternização . . . . — *Pereira Guedes*
Verdadeira Ciência . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . — *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1948 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

VIDA DE RELAÇÃO

A ascenção do espírito ao cume da perfeição realiza-se lentamente, tão lentamente que mal a percebemos. Não precisamos rebuscar nos primórdios da história da humanidade, desde o homem da caverna até nossos dias, testemunhos desta nossa assertiva. Basta um exame ligeiro na evolução da humanidade durante a era cristã para nos convencermos da lentidão da marcha do espírito na senda do aperfeiçoamento moral ou espiritual.

Efetivamente, em quasi vinte séculos de evangelização, acompanhada de milhares de factos comprobativos da imortalidade da alma, centenas dos quais estudados e pesquisados sob o mais rigoroso contrôle por sábios de renome nos meios científicos, intelectuais e filosóficos, que, amigos da Verdade, os proclamaram como verídicos, a maioria da humanidade, num desafio à competência de suas próprias religiões, que se afirmam depositárias das leis divinas, mas que na realidade não passam de convenções humanas, continua firme nos seus propósitos materialistas, surda às vozes do Alto e fugindo sempre do cumprimento dos seus deveres fraternais.

Observando o que se passa no mundo atual, notamos que as imperfeições humanas, em que o orgulho, o egoismo e as baixas ambições continuam a orientar governos e governados, estão ainda muito longe de cederem lugar às virtudes ativas proclamadas pelos profetas da Antiga Dispensação e pelo Unigênito de Deus, quando, ha quasi dois mil anos, deixou as celestes alturas para, na mais eloquente prova de amor fraterno, se reincarnar entre os homens, com o objetivo de, através dos seus ensinos, exemplos e provas concludentes da continuidade da vida após a chamada morte, colocá-los no verdadeiro caminho que conduz a Deus, ou seja, às altas esferas destinadas aos sêres superiores.

Não basta professar esta ou aquela religião, não basta saber que somos espíritos e que somos imortais, não basta saber que a felicidade nos vem a trôco de sacrifícios para obtermos as graças de Deus, — é preciso que nos esforcemos com todas as fôrças da nossa alma e do nosso entendimento na prática das virtudes ativas, sabendo suportar efetivamente as provações, os sofrimentos, que não nos foram impostos por Deus senão por nós mesmos como consequência das nossas faltas; é de imperiosa necessidade, como gesto de verdadeira caridade, suportarmos as imperfeições dos nossos semelhantes, sabendo que, se eles fossem espíritos adiantados, não exigiriam de nós paciência e tolerância; é preciso vencer o poder fictício dos bens terrenos, que nos impedem de dar os primeiros passos na senda da fraternidade; é preciso, enfim, dirigirmos as vistas para o nosso interior, ver, com os olhos do raciocínio, da razão, o que existe aí de imperfeito e substituir, num esfôrço de quem se entrega à conquista de um tesouro de raro valor, por valôres reais, os que dignificam o espírito, valores imperecíveis como o próprio espírito.

E' na vida de relação que encontramos as melhores oportunidades para desenvolver as virtudes inatas, que dormitam no âmago do nosso «eu» à espera de que o nosso raciocínio desperte por sua vez, chamando-as para, num trabalho conjunto, operarem em nós aquela transformação que faz de um bruto um anjo tutelar. Porisso que as nossas dôres morais ou físicas, as provações que nos são impostas pela paciência e tolerância que devemos ter para com os nossos semelhantes igualmente retardatários como nós na aquisição dos bens espirituais, marchando a nosso lado, passo a passo, na interminável senda da evolução, são oportunidades que Deus nos proporciona para atingirmos a meta da vida: a Perfeição.

A vida de relação continua após a chamada morte, num élo indestrutível que se aperta cada vez mais aos influxos do amor, em demanda da eternidade, como fruto de longas vigilias que suportamos nas densas noites de necessárias reincarnações no plano terreno, cadinho purificador dos espíritos que começam a galgar os primeiros degraus da *Escada de Jacob.*

O ambiente de harmonia que soubermos criar neste mundo pelo exercício das virtudes ativas e que tanta paz nos proporciona, será o mesmo que havemos de encontrar quando nos libertarmos dos liames terrenos, mas se criarmos um ambiente de hesharmonia, não podemos encontrar lá, no outro mundo, um paraíso. E' certo que não encontraremos um inferno hiante, mas não é menos certo que as nossas faltas não nos deixem num estado de alma tal que nos levem a supor estarmos num autêntico inferno dantesco.

Ninguém considerar-se-á feliz isolado, ainda que tenha tudo o que de melhor existe no mundo e não tenha à sua frente quem lhe faça mal ou lhe exija muita paciência. Mesmo que seja para nos tornarmos escravos, queremos participar da vida de relação, justamente porque sentimos a necessidade de receber e dar amor e palavras que se traduzam em luzes para o espírito.

Os menos esclarecidos dizem que todas as religiões são boas, que todas têm um fundo moral de real valor. Mais até agóra nenhuma delas soube elucidar as creaturas no sentido de bem aproveitarem a vida de relação, que é justamente a alavanca da evolução ou do aperfeiçoamento do espírito, educando-as de acordo com os preceitos crísticos. Porisso que durante quasi vinte séculos de suposta evangelização, a humanidade pouco evoluiu no terreno moral e espiritual, em face do que se passa no mundo atual, em que o homem procura ser o lobo do próprio homem.

Mas o Espiritismo veiu alertar a humanidade para faze-la dar mais largos passos na senda da evolução, no bom aproveitamento da vida de relação. A' luz dos seus ensinos, ninguém deixará de fazer trabalho realmente construtivo para si e para os seus semelhantes. E' por isso que o Espiritismo marcha na vanguarda das religiões, das filosofias e da ciência mundanas, porque êle é, de facto, como afirmou Ernesto Bozzano, um dos maiores sábios, — a *Ciência da Alma.*

Estamos cada vez mais alegres, porque a doutrina de Jesus está se difundindo no vosso mundo de maneira tão auspiciosa que vai muito além das vossas previsões. Exultai, porque é chegado a vós, de facto, o reino de Deus. — MARIQUINHAS.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XII —

A propósito do futuro do indivíduo, Geley formula hipótese muito ousada, com a qual iria confirmar a teologia hindú. Leiamos:

«Se, depois de haver considerado a evolução passada e presente tentarmos adivinhar o que será o porvir do indivíduo, ver-nos-emos impelidos a uma indução capital.

«As reversões do consciente para o inconsciente esclarecem cada vez mais este último e chegará necessáriamente um momento em que não haverá nele nada de misterioso nem de obscuro.

«No que chamamos a meta da evolução, no quanto somos capazes de conceber essa meta, a divisão temporal entre o consciente e o inconsciente haverá desaparecido. Tudo o que constitue o Ser como capacidades e como conhecimentos, todo o seu imenso passado, ser-lhe-á desde então acessível, íntegra, direta, regular e normalmente. Do mesmo modo, as capacidades supranormais estarão submetidas à sua vontade consciente.

«O Sêr subconsciente terá desaparecido: só restará o Ser consciente. Sua essência metafísica conservar-se-á a mesma, porém terá adquirido o conhecimento de si mesmo e o conhecimento de tudo. Então, e só então, o dínamo-psiquismo essencial merecerá chamar-se Vontade.

«Se não temessemos engolfar-nos demasiado no domínio metafísico, poderiamos permitir-nos outra indução ainda, mas convém nos contentarmos em assinalar somente esta indução e mesmo isso com todas as reservas.

«A prolongação, infinitamente vasta, da consciência do Sêr deve ter como resultado fatal fazer explodir, por assim dizer, os marcos fictícios e transitórios da individualidade.

«Desde então as mônadas volveriam à unidade original de onde partiram.

«Mas nessa unidade as consciências se conservariam indeléveis e eternas.

«Chegado ao summum, cada consciência individual ter-se-ia «prolongado» tanto que abarcaria a consciência total: seria a consciência total mesma.

«A meta da evolução poder-se-ia, então, imaginar como uma espécie de «nirvana consciente».

Esta indução nos conduziria à teologia hinduista. O Espiritismo não vai tão longe, mas se aproxima dessa concepção, admitindo que as almas nasceram de Deus e a Deus voltam pela evolução, ao atingirem a perfeição absoluta. E' assunto de difícil compreensão, porque sabemos que de toda a eternidade Deus criou sêres e estes evoluiram, de sorte que já deve ser infinito o número de Espíritos que regressaram a Deus ou a êsse «nirvana consciente» e que por toda a eternidade futura êsse «infinito» número crescerá. Ao chegar a «número infinito eternamente crescente» nossa inteligência tão limitada e tão finita se perturba e recusa caminhar.

Vamos, pois, seguindo o conselho do mesmo Geley, manter «todas as reservas» quanto a concepções que realmente não concebemos.

Estudando a mediunidade, nosso Autor admite, com todos os outros metapsiquistas, que grande parte das supostas manifestações mediúnicas são do subconsciente do médium, mas não se detém nessa limitação como tantos outros; aprofunda mais o assunto e conclúe pela realidade das manifestações de Espíritos desencarnados. Vamos transcrever algumas linhas:

«A manifestação sôbre o plano material de um «espírito desencarnado», com a ajuda de elementos dinâmicos e orgânicos emprestados por um médium, parece, então, uma possibilidade indiscutível».

Depois de referir-se a grandes experimentadores como Hodgson, Hyslop, Myers, Oliver Lodge, que proclamaram sua convicção absoluta nas

comunicações espíritas, depois de longos estudos, Geley continua:

«Se me é permitido dar uma impressão pessoal sôbre o que tenho observado no domínio do mediunismo, direi: no mesmo instante em que eu não poderia, em um caso dado, afirmar a certeza científica de uma intervenção espiritista, via-me obrigado, quisesse ou não, a reconhecer em bloco a possibilidade dessa intervenção. Por minha parte considero como provável a ação, no mediunismo, de entidades inteligentes distintas do médium. Para isso baseio-me, não sómente nas pretendidas provas de identidade dadas pelos comunicantes, as quais estão sujeitas a controvérsias, mas também sôbre a natureza mesma dos fenômenos elevados e complexos do mediunismo Estes fenômenos elevados e complexos demonstram, com frequência, uma direção, uma intenção que não se póde, sem pecar em arbitrariedade, atribuir ao médium nem aos experimentadores. A origem de tais fenômenos não a encontramos, nem na consciência normal do médium, nem em sua consciência sonambúlica, nem em suas impressões, em seus desejos ou em seus temores diretos ou indiretos, sugeridos ou voluntários. Não nos é possível provocar os fenômenos, nem modificá-los. Tudo ocorre, realmente, como se a inteligência diretora fôsse independente e autônoma. E isso não é tudo: Essa inteligência diretora frequentemente parece conhecer mui profundamente o que nós ignoramos, saber distinguir o que é essência das coisas e suas representações, e sabê-lo suficientemente para ser capaz de modificar as relações que regem normalmente as representações, e isto, a seu gosto, no espaço e no tempo. Em uma palavra: os fenômenos elevados do mediunismo, parecem indicar, necessitar, proclamar uma direção, um conhecimento, uma potência que ultrapassam as faculdades do médium, inclusive as suas faculdades subconscientes».

Fica assim proclamada a faculdade básica, a fonte do Espiritismo.

A Idéia Reincarnacionista

De «Estudos Psíquicos»
Lisbôa — Portugal

Pelo CORONEL FAURE DA ROSA

Parece que a Índia foi o bêrço intelectual da Humanidade, e não há dúvida que é o país onde floresceu mais vicejante a idéia reencarnacionista.

Quinze ou dezesseis séculos antes de Cristo, Vyaza—asceta hindú que teria vivido há milhares de anos—escreveu a epopeia sânscrita *Mahabharata* que contém mais de duzentos mil versos. Nêsse poema – o maior que se conhece—descrevem-se as guerras dos kourous ou koravas e dos Pandous ou Pandavas, bem como as explorações de Krichna e de Arjuna. *Mahabharata*, foi o ponto de partida da maior parte das lendas da Índia. *Mhagavad Gita*, um dos episódios do *Mahabharata*, é o canto do Bem-aventurado: trata a luta que a inteligência esclarecida deve travar contra o impulso da crueldade e da sensualidade.

No *Bhagavad Gita*, Krichna exortando Arjuna, diz-lhe:

A alma não nasce nem morre; não nasceu em tempo algum, não tem que renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, vetusta, a alma não morre quando o corpo se extingue.

«Assim como se deixam os vestuários velhos para se usarem outros, assim a alma deixa o corpo para voltar a vestir novos corpos...

«Eu tive muitos nascimentos e tu também os tiveste, Arjuna; eu conheço os meus, todos, mas tu não conheces os teus...»

Vidas sucessivas, reencarnação e palingénese, são têrmos equivalentes. ¿ Em que consiste a reencarnação? Na entrada do elemento psíquico ou «alma» em «corpos» sucessivos de carne. A teoria da reencarnação afirma, pois, a existência dum princípio vivo e individualizado que habita e vivifica o corpo do homem e que, por morte dêste corpo, passa a outro após um intervalo mais ou menos longo. Dêste modo, as vidas corporais sucessivas sucedem-se como as pérolas dum fio; o fio é o princípio vivo—o Espírito—e as pérolas são as diferentes vidas humanas.

E' necessário e imprescindível — diz Annie Besant — compreender claramente a diferença entre Sêr-Pensante e Sêr-Animal, cujo cérebro é, por assim dizer, o instrumento de que o primeiro é o executante; a mais pequena confusão entre os dois *sêres* tornaria incompreensível a doutrina da Reencarnação. O que reencarna é o Sêr-Pensante e nunca o Sêr-Animal.

O homem-animal nasce, e o Homem-Pensante enrosca-se nêle; o Homem-Pensante funciona por intermédio do homem-animal, encarnação após encarnação, permanecendo sempre uno. Vive sucessivamente em vários homens-animais, por exemplo, dêmos nomes: em João, em José, em Joana, em Guilherme; e em cada um recolhe as suas experiências; por meio de cada um adquire conhecimentos e de cada um recolhe os materiais que êle lhe proporciona e tece-os dentro do seu próprio Sêr eterno — o Espírito. Não é João que se reencarna em José e depois em Joana para vir a florescer em Guilherme, séculos mais tarde, em outro país; é o mesmo Espírito que, sucessivamente, habita em cada uma destas personalidades, recolhendo, de cada uma destas moradas, novas experiências e novos conhecimentos. Só êste Ego que se reencarna é que pode olhar para trás abrangendo a extensa linha dos seus renascimentos, recordando cada vida terrestre, a história de cada peregrinação, desde o berço ao túmulo, desenrolando o drama inteiro, acto por acto, século após século.

Raro é aquele que não pergunte a si mesmo: ¿porque me não lembro eu das minhas vidas passadas? Porque quem se lembra é o «Eu», o verdadeiro «Eu», e o homem-animal, que não se encontra ainda em completa união com o seu «Eu» verdadeiro, não pode ter reminiscências dum passado, em que pessoalmente não viveu. A memória cerebral só pode encerrar o registo dos acontecimentos em que o cérebro tomou parte.

Se todos nós nos lembrássemos do que temos sido... ¿seria possível a vida de relação, a vida social? Se todos nós conhecêssemos, em vidas sucessivas, as cobiças que nos escravizaram, nos devoraram, e as violências e depredações contra nós cometidas e por nós mesmos praticadas, ¿como poderíamos suportar-nos uns aos outros?

Que tumultuar de malquerenças e de ódios sem fim! As represálias jamais se extinguiriam; a maldade tornar-se-ia infinita e a depuração seria impossível.

Recordações de vidas anteriores

Léon Denis, o grande Apóstolo do Espiritismo moderno, contava que os seus Espíritos protectores lhe tinham concedido um privilégio que êle não desejava a ninguém, porque—afirmava êle—póde ser causa de grandes sofrimentos morais, a origem de muitos pesares. Êsse privilégio consistia em ter conhecimento das suas vidas anteriores.

Léon Denis afirmava que podia certificar, pelo encadeamento das suas vidas terrestres, os efeitos da grande Lei de Justiça e de evolução que rege todo o destino humano.

O escritor e romancista francês Mery—autor das célebres «Noites do Oriente»—acreditava firmemente na pluralidade de vidas e lembrava-se de pormenores de algumas das suas existências precedentes. Afirmava que tinha feito a guerra da Gália e que tinha combatido na Germânia com o general romano Germânicus. Reconheceu os sítios em que outrora acampara, os campos de batalha em que se batera. Mery, nessa vida, chamava-se Mincius.

O episódio que segue vem narrado no *Journal Litteraire*: Um dia, em Roma, Mery visitou a biblioteca do Vaticano, onde foi recebido por homens môços, noviços, que envergavam compridas sotainas escuras e que lhe falaram em latim puro. Mery era bom latinista, quanto é possivel sê-lo apenas com a teoria adquirida em escritos e livros vários, mas nunca experimentára conversar familiarmente naquela língua. Pois falou o latim com tanta facilidade que lhe pareceu tê-lo falado noutros tempos. Falou o latim como falava o francês.

O grande poeta Lamartine também se recordava de ter vivido outras vidas. Êle próprio assim o afirma no seu livro «*Voyage en Orient*». Lamartine estava na Judéia; não tinha livros nem qualquer pessoa que lhe pudesse dizer os nomes dos lugares e os dos vales e montanhas por que antigamente eram conhecidos. No entanto, reconheceu imediatamente o vale de Térébinthe e o campo de batalha de Saúl—primeiro rei dos hebreus, cêrca de mil anos antes de J. C. No convento os Irmãos confirmaram a exatidão das suas indicações. Em Séphora — cidade da antiga Palestina—designou pelo seu nome uma colina em cujo cume existia um castelo arruinado... No dia seguinte ao pé de uma montanha árida, reconheceu o túmulo dos Macabéus... Excetuando os vales do Líbano e outros, Lamartine dizia que quasi não encontrára na Judéia *um único lugar que não fôsse seu conhecido.* E pergunta: «Teremos nós vivido duas vezes ou mil vezes?»

Sem o renascimento, sem a reencarnação das almas, como explicar a marcha da humanidade, a sua elevação gradual da barbaria até à civilização?...

E' verdade que esta *civilização* em que atualmente vivemos é duma inferioridade arripiante deturpada como tem sido e está sendo a doutrina de Jesus Cristo.

Formação das Almas

Se as almas se formassem ao mesmo tempo que os corpos, como pretende a teologia, as que nascessem agora deveriam ser tão novas, tão inábeis e inexperientes como as que nasceram há milhares de anos. Porque haveriam de ser as de hoje mais bem dotadas que as de antanho? Teriam elas outras faculdades? — pergunta Wietrich.

Se objetarem que as almas possuem qualidades diferentes desde a sua origem, há direito de perguntar: Onde está a equidade? Onde está a justiça?

Se, porém, se admitir que as almas dos homens atuais são as mesmas que viveram no passado, que tendo sido bárbaras, se elevaram e progrediram e a cada nova existência levaram as aquisições de existências anteriores, dependendo o aperfeiçoamento do trabalho de cada uma... então, o progresso social e a marcha ascendente da humanidade explicam-se; a ordem e a harmonia aparecem; a justiça realiza-se no Universo.

Se a vida terrestre fôsse única, o nosso estudo e o nosso progresso estariam perdidos, tanto para o indivíduo como para a humanidade, ao passo que, pela reencarnação tudo se perpetua, tudo se renova. Nós trabalhamos para todos e trabalhando para o bem de todos, trabalhamos para nós mesmos. Assim, nada se perde; indivíduos e gerações são solidários entre si, solidários através dos séculos.

Desigualdades

No livro dos Mortos, na parte denominada «Ritual Funerário dos Egípcios», — encontra-se esta passagem:

«Eu sou a tua irmã invisível, eu sou a tua alma divina, e êste é o livro da tua vida. Contém êle as páginas cheias das tuas existências passadas e as páginas em branco das tuas vidas futuras».

O nascimento não é um começo de vida, é a sequência de outras vidas. Nascer não é começar a viver, é continuar uma existência anterior. Pode-se dizer que não há nascimento nem morte; não há mais que uma série de existências encadeadas.

Assim como não há dois grãos de areia perfeitamente iguais, assim não encontramos duas criaturas inteiramente idênticas. Poderão os nossos sentidos ser insuficientes para distinguir as diferenças, mas certo é que não há igualdade completa.

Filhos do mesmo pai e da mesma mãe, como são dessemelhantes entre si!

Gêmeos com parecenças morfológicas que chegam a confundir-nos, apresentam características psíquicas bem diferentes, bem distintas.

«Meu irmão é bonito, bem feito, esbelto; e eu sou feio, achacado, raquítico, corcunda; porque será, se ambos nós fomos engendrados pelo mesmo pai e pela mesma mãe?

«Porque não nasci eu princípe ou grande fidalgo, abarrotado de dinheiro, em vez de pobre operário ou mísero servo da terra ingrata e rebelde?

«Porque há-de o talento ser apanágio só de alguns? Porque é que uns tanto sabem, infantes ainda, sem terem aprendido, e outros, por mais que estudem anos e anos, nunca conseguem saber?

«Hereditariedade, atavismo?»

Não! As teorias do atavismo e da hereditariedade não só são impotentes para explicar casos desta natureza, mas também não podem explicar os célebres casos de crianças artistas ou sábias, os meninos-prodígios, como se lhes costuma chamar: são músicos como Mozart (austríaco) ou Paganini (italiano); calculadores como Mondeaux e Inaudi; pintores como Van Kerkhove, cujas aptidões ou não existiram nos pais, nem outros ascendentes, ou existiram em grau muito inferior.

O nosso compatriota Artur Napoleão, natural do Pôrto, foi um dos maiores pianistas precoces. Duma vez que voltou do Brasil, com 12 anos de idade, já vinha coberto de glória. Lizt aplaudiu-o em Viena e Meyerbeer apresentou-o ao público de Berlim.

O reencarnacionismo é a única doutrina que explica a desigualdade de nascimentos: a antipatia e simpatia que se experimenta por pessoas que nunca se viram; a sensação do *já visto* diante de certas paisagens onde há a certeza de nunca ter estado durante a vida decorrente; as diferentes aptidões de irmãos de ambos os sexos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe e as dissemelhanças que existem entre pais e filhos...

Só as vidas sucessivas, também, podem explicar os conhecimentos inatos, as vocações irresistíveis, as crianças-prodígios, a desigualdade de duração da existência terrestre de cada sêr.

O Egoísmo

Graças às existências de lutas e provações, os caracteres retemperam-se, as riquezas da alma desenvolvem-se; o mal, pouco a pouco, transforma-se em fôrça para o bem. Na nossa evolução imensa, tudo se transforma, se purifica e se eleva.

Esta grande doutrina, só por si, é capaz de revivificar a nossa sociedade decadente; ela sózinha póde reprimir êste egoísmo invasor que desagrega família, pátria, sociedade e que substitue a generosidade do dever por esta concepção feroz da individualidade que, acima de tudo e custe o que custar, quer afirmar-se, quer impor-se. O egoísmo é o mais encarniçado inimigo da coesão.

Conta Anatole France, no livro *Thaïs*, que Pafnúcio, o monge asceta que convertera essa célebre cortesã, e por ela depois se apaixonou, roído pela ânsia carnal, fez longas caminhadas para a tornar a ver. Foi encontrá-la agonizante no convento em que se refugiára; ante o seu corpo — aquêle corpo escultural que ateara incêndios de múltiplos pecados e agora estava purificado pela contrição — as virgens entoavam o cântico de Israel: «Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel», Mas, de repente, ao depararem com o rosto do monge, a voz sumiu-se-lhes na garganta, e, espavoridas, fugiram a gritar: «Um vampiro!... Um vampiro!»

Pafnúcio tornára-se tão horrendo, que, êle próprio, ao passar a mão pelo rosto, sentiu a agudeza da sua fealdade execrável.

Pois é assim mesmo, a objectivação da disformidade egoísta: cria relêvo e tem barrancos e sente-se e apalpa-se, como a fealdade execrável de Pafnúcio!

Um quadro do pintor francês Rochegrosse, denominado «A Agonia Humana», vincou indelévelmente na téla tôda a tragédia inenarrável do egoísmo.

O quadro representa uma parte da humanidade dolorosa, estendendo os braços para a «Fortuna» que passa a cavaleiro duma cidade e deixa atrás de si um rasto resplandecente. Todos — homens e mulheres de tôdas as classes (burgueses, operários, aldeãos...) todos se atiram ao assalto do promontório que os aproximará—julgam êles—do fim almejado: a riqueza. Correm, empurram-se, pisam-se, calcam aos pés os vencidos, os menos resistentes, os mais fracos.

E' uma viagem torturante da luta da vida, uma exibição da crueldade humana, do egoísmo humano.

O futuro da doutrina reencarnacionista

Edmond Wietrich conclúe: Quando a tese reencarnacionista fôr admitida pela maioria dos habitantes do nosso planeta, haverá na Terra muito menos ódio, muito menos inveja e ciúme, muito menos orgulho e egoísmo.

Quando a doutrina das vidas sucessivas se tornar tão evidente para as massas populares—pela via experimental—como o é já para aquêles que a estudam; quando o homem vier a saber que a vida atual é a resultante de outras vidas e que, em cada uma das suas existências na matéria, é êle quem colhe o bem ou o mal que tiver semeado para os outros homens... então, o egoísmo hoje triunfante, será substituido muito naturalmente e, nalguns casos, forçosamente, pelo altruísmo cada vez mais fecundo... Então, o homem deixará de ser o lobo do homem, e as duas palavras, hoje tão vazias de sentido, *fraternidade humana*, representarão uma realidade admirável e serão inscritas na frontaria dos templos, como hão de sê-lo na ternura dos corações.

A E'poca da Codificação de Allan Kardec

Leopoldo Machado

Os enciclopedistas agitaram a Vida com idéias novas, politico-sociais. Voltaire e Diderot, D'Alembert e Stuart Mill, Montesquieu e J. J. Rosseau, modificavam — digam lá o que disserem: — a mentalidade do mundo. De tal sorte, que muitos déspotas esclarecidos, a exemplo de Frederico da Prussia e Catarina da Russia, procuraram se transformar, para logo, em governantes modernos e liberais.

O materialismo histórico rolava, transformando-se no socialismo comunista, que teria de culminar com Karl Marx e Engels.

E a França, por sua posição geográfica, pela doçura e maleabilidade de sua língua e pelo gênio inventivo de sua gente, era o maior palco de agitação de idéias, doutrinas e revoluções sociais. Sociais, políticas, religiosas, científicas.

A Revolução Francesa, que pôs por terra o velho regime feito de clero, nobreza e povo, conferindo à nobreza e ao clero todos os direitos e nenhum dever, e atribuindo ao povo todos os deveres e nenhum direito; a Revolução Francesa, o maior movimento de idéias, depois do Cristianismo, opondo ao velho regime a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, teria que deixar sulcos profundos na epiderme do mundo, embora seu ideal não encontrasse campo para sua implantação definitiva.

* * *

A ciência materialista dominava, que a fé periclitante, por culpa da Igreja de Roma não dispunha de recursos lógicos para combatê-la.

Lógico na sua argumentação, para quem não dispõe de cultura e lògica espiritualista maiores, o materialismo diético, que a civilização contemporânea havia herdado de Anaxagoras e Epicuro, se tornara cientìfico e socialista. Explicava tudo à luz da ciência e acenava ao homem com os meios práticos, de caráter puramente econômicos, para sua felicidade na Terra, com a solução dos problemas vitais.

A pròpria religião se materializava, talvez sem o sentir, acompanhándo o rítimo das idéias em moda e em evolução.

A Igreja de Roma, que vinha de um longo domínio de consciências, sentia-se sem fôrças para opor diques a tão grande investida.

De tal sorte assim era, que o maior filósofo católico da época — José De Maistre — chegára a afirmar que «ou estava para aparecer uma nova religião, ou o Cristianismo em curso teria que se modificar».

Cumpriu-se, integralmente, a profecia de De Maistre.

Como e de que modo?

E' o que vamos ver. Mas, antes, estudemos, ainda que superficialmente, as razões fortes da profecia.

* * *

A fé desertára dos espíritos observadores e cultos.

Era, até, moda, sôbre revelar fóros de cultura, o ateismo, a dúvida, o cepticismo, a descrença.

Porque todos duvidavam, todos se abstinham de crêr, dentro do conselho clássico de Descartes: «Na dúvida, abstem-te».

O clero romano, sem as armas que o levassem a outros: «Crê ou morre», «Ou a morte ou a missa», limitava-se a atacar o liberalismo, a cultura geral, o materialismo, a alegar que, apesar de tudo, «não se explicava o Universo e a Vida sem a idéia de Deus...»

* * *

A Cosmogonia de Laplace, hoje ensinada até nos colégios dos reverendos, que opõe, explicando a origem da Terra, aos seus dias bíblicos, a teoria da nebulosa solar fonte geratriz de nosso sistema planetário, explica, para o materialismo científico, o Universo sem Deus. Dí-lo seu autor, ao apresentar seu sistema a Napoleão Bonaparte.

— E onde põe Deus no seu Universo, sr. de Laplace?

— Magestade, não precisei desta hipótese para conceber meu sistema — respondeu, orgulhoso, o grande astrônomo.

* * *

E a Vida, como explicá-la sem Deus?

Do outro lado do Reno, na culta Alemanha, duas mentalidades científicas— Luiz Buchner e Ernesto Haeckel — com teorias novas, alicerçadas na fôrça e na matéria, explicaram, perfeitamente, a origem da Vida, e a própria Vida, sem a idéia de Deus. E explicaram de tal modo, que, ainda hoje, ninguém que leia, sem convicções firmes na imortalidade, suas obras, deixará de resvalar no ateismo.

Seus livros deram conosco num ateu insolente e desabusado.

* * *

O último baluarte da religião sem lógica: «Já que negam a existência de Deus e a Imortalidade, nem por isso deixará o homem de precisar de algo que o induza ao bem e à virtude. Eis, em última análise, um papel preponderante da religião. E sem Deus, não póde existir religião...

— Póde, sim, e até mais lógica e mais bela de quantas vão por aí, — teria gritado o sr. Augusto Comte, incontestavelmente um dos maiores gênios da humanidade, desfraldando a bandeira de seu Positivismo, de sua Religião da Humanidade.

E o Positivismo, religião que surgiu, então, confirmando parte da profecia de De Maistre, apresentou-se sem Deus e sem imortalidade, mas, a impôr preceitos mais justos e humanos, e práticas mais cristãs do que o próprio Catolicismo. A deusificação da humanidade na pessoa da mulher, a quem a Igreja negou, até o Concílio de Macon, o direito de ter alma como o homem; legendas altruistas — e o altruismo é criação de Augusto Comte! — como: «viver para outrem», que se nos afigura mais belo do que «amar ao próximo como a nós mesmos»; a vida nobre alicerçada «no amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim»; a humanização social do homem — e a Sociologia é ciência criada por Augusto Comte! — para uma vida respeitosa e digna no convívio dos outros homens, tudo isto e 90 % mais do que isto, são de molde, não ha negar, a colocar o Positivismo numa situação de destaque, sobremodo merecida.

O orgulho da ciência materialista levou, entretanto, seu autor, que era simples e bom, a saborear vitórias antecipadas, a escrever: «Agora, só resta à humanidade conduzir Deus pela mão, até às fronteiras de nossa civilização, e dizer-lhe: Muito obrigado, sr. Deus, pelos serviços provisórios que andou prestando à Civilização, que já não precisa mais de você. Portanto, rua! E olhe que já vai muito tarde!»

* * *

Foi num ambiente desta ordem, culto, de transição, poderosamente materialistico-científico, que a Codificação de Alan Kardec surgiu. Que a civilização e a cristandade conheceram o «*Livro dos Espíritos*».

E, com o advento do *Livro dos Espíritos*, a reforma do Cristianismo, profetizada por De Maistre, é obvio. Tanto assim foi que os primeiros louvores conferidos á obra, teve-os ela, exatamente, do clero, desafogado: «Foi Deus que cometeu ao sr. Alan Kardec a missão gloriosa de provar, cientificamente, aquilo que a Igreja vem explicando ha séculos sem que se leve a sério», teria proferido a voz mais autorizada do clero francês, porque a voz do dominicano Lacordaire, no púlpito da Igreja de Montmaitre, em Paris. E seu superior hierárquico, além de endossar o asserto do dominicano, a dizer que fôra Deus que o inspirara para dizê-lo, afirma que «praticando-se o que ensina o *Livro dos Espíritos*, tem se feito o bastante para ser santo na Terra.»

* * *

Que mais dizer, senhores, para focar, superficialmente, o ambiente agitado de culturas e doutrinas em que apareceu Alan Kardec e sua exepcional Codificação?

A missão do Espiritismo é cristianizar o homem e tirá-lo das sombras da morte para o reino da Imortalidade. Sob os seus influxos, o homem não só se livrará do temor que lhe infunde a morte, como também firmará sua fé nos sólidos alicerces da vida eterna, norteando assim, com segurança, a sua vida. A prègação desta doutrina, constitúe, portanto, o trabalho mais meritório que podeis realizar.—*Cairbar.*

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— III —

4 — O Cabeça de Ouro

— «Tú és o rei dos reis. Tú és o cabeça de ouro» — disse o profeta Daniel ao assombrado monarca.

Como governador absoluto êle personificava o grande Império de Babilônia, simbolizado pelo cabeça de ouro. Nenhum outro metal podia servir para representá-lo. Sua capital foi, como lhe denominaram muitos historiadores — «a cidade de ouro de uma época áurea».

O poeta grego *Esquilo*, cantou acerca dos «navios que eram enviados pelo Eufrates, da Babilônia de ouro». O seu próprio dinheiro era mais valorizado.

Certa vez, conta Rochester, o faraó Mernephtah, afim de se vêr livre de uma das sete pragas que Moisés lançou sôbre o Egito, a de ratos, ratazanas, sapos e serpentes, em represália por não ter conseguido, em certa ocasião, a libertação do povo hebreu, prometera dar aos sábios do seu reino *dois talentos de Babilônia.*

Os seus famosos jardins suspensos, considerados uma das maravilhas do Mundo, suas muralhas e tudo o mais que possuía, tudo isso contribuiu para que fosse Babilônia credora daquele titulo.

Mas, em seguida acrescentou o profeta: — «E depois de ti, se levantará outro reino, menor que o teu».

Estava escrito que Babilônia não poderia subsistir para sempre, que outro reino menor o subsistituiria, assim como a prata é inferior ao ouro.

Quem compulsa as páginas da História, sabe muito bem que os medas e persas, nos dias de *Ciro*, dominaram o Império de Nabucodonosor, destruiram Babilônia e tomaram conta do Mundo.

Isto significa que o peito e os braços da estátua eram o símbolo do grande Império Meda-Persa.

«E ao outro reino, o terceiro, que será de cobre, sucederá outro reino, o qual mandará em toda a terra» — disse mais o profeta.

E' que o Império Meda-Persa também não poderia subsistir. Teria que ser dominado por outro reino mais poderoso do que êle. E qual viria a ser este Império? A História nos diz que foi o da Grecia, sob o domínio do grande *Alexandre Magno.*

Isto significa que o ventre e as pernas de bronze da estátua são o símbolo do notável Império da Grécia. Os gregos, com suas couraças de bronze, estão representados pela parte de bronze da estátua do sonho de Nabucodonosor. No ano 331 A. C., *Alexandre*, o *Grande*, com seus 47.000 gregos, derrotou *Dario*, o persa, na batalha de Arbeles. Qual meteóro, atravessou o céu da história. Conquistou o mundo, para logo depois chorar, porque não havia mais povos a conquistar...

Recorde-se que a profecia havia anunciado, com grande antecedência, que o «reino de bronze se assenhorearia de toda a terra».

Acrescentou ainda o profeta: «E o quarto reino será como o ferro; assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim êle quebrará e fará todos os outros em migalhas». Um quarto reino, portanto, haveria de seguir. E de facto, o Império de Alexandre Magno, pouco haveria de perdurar: Um Império férreo o substituiria.

Que Império, férreo, grande e poderoso, foi êsse que acabou com o da Grecia e dominou o mundo? Foi o Império romano, «a férrea monarquia de Roma», no conceito do historiador *Gibbon.*

Schleger, em sua obra «Filosofia da História», diz com respeito a Roma, que era «como se o deus da guerra andasse a passos de gigante sôbre o globo, e a cada passo abrisse novas torrentes de sangue».

O professor *Guassem*, comentarista suiço, acerca da dureza e crueldade dos romanos, escreveu alhures: — «O quarto império era férreo. Férreo! Nenhuma definição seria mais adequada, para representar o caráter dos romanos. Nêles tudo era de férro; desapiedado, cruél, deshumano e inexorável. Seu valor era de férro: jamais houve nação mais terrivelmente armada para a guerra; suas couraças, seus elmos, seus escudos, seus dardos, suas setas e as pesadas espadas de dois gumes; enfim, todas as suas armas eram malignamente terríveis. O jugo imposto aos vencidos era de ferro: pesado, insuportável e ainda iniludível. Em suas conquistas destruiam tudo; converteram em províncias romanas a todos os países subjugados; não deixaram rasto de sua idiossincrasia nacional e, em pouco tempo, os privavam de seu próprio idioma. Logo foram todos obrigados a falar o latim em todo o território da Itália, como até na Alemanha, no sul do Danúbio, em toda a França, em toda a Bélgica, na Suiça, na Espanha, em Portugal e também na Africa. Quando *Julio Cesar*, que conquistou a França e a transformou em província romana, subjugou a última cidade daquele território, mandou amputar as duas mãos de todos os homens que nela se encontravam, áto cruel que menciona em seus *Comentários*. Queriam sangue humano em todas as suas diversões!...»

Encerremos, porém, este capítulo, ilustrando-o, com o relembrar, confirmando a declaração do profeta Daniel, a sorte de Cartago: – «Assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim êle quebrará e fará todos em migalhas».

(Continua)

* * *

GEORGE SPRIGGS — Um dos grandes médiuns do passado

«THE TWO WORLDS» — Por E. W. O.

O fenômeno de materialização tem ocorrido em todos os períodos da história da terra, não obstante o facto de ainda continuar a ser um assunto debatido por alguns que não o observaram. Muitos exemplos estão registrados em nossa Bíblia ao lado de relatos idênticos insertos nas escrituras sagradas de outros povos. Jesus não o menosprezava, como se verifica pela história da transfiguração. Pode-se mesmo afirmar que a religião cristã está fundada sôbre a ressurreição do Cristo o que se torna evidente pelo aparecimento de sua forma materializada aos discípulos, em muitas ocasiões. Quando lemos (S. João 20) o incidente do exame tactíl de suas chagas pelo incrédulo Tomé ou a sua jornada a Emmaus, concluimos que sem êsses incidentes a história de Jesus terminaria com a crucificação. Tomé foi provavelmente o primeiro investigador psíquico. No antigo Oriente êsses factos provocaram pavor e admiração, mas nos tempos modernos, exigem estrito exame e verificação. E' esta a grande diferença entre o Espiritismo antigo e moderno.

Com a reabertura das portas da comunicação espiritual em 1845 (A. J. Davis), surgiu o renascimento gradual do fenômeno psíquico do passado, e desde 1860 aumentou constantemente a materialização de formas espirituais até 1890, quando parece ter declinado.

Materialização compreende a creação temporária de um corpo humano vivo—aparentemente construido do nada – que é vitalizado e controlado por um espírito. A perfeita materialização de uma pessoa falecida em aposento bem iluminado é, para os que foram testemunhas do fenômeno, uma prova convincente da sobrevivência; e especialmente quando a forma animada demonstra seus caraterísticos pessoais, reproduz seus hábitos, reconhece seus amigos, e desperta antigas recordações. Em muitas ocasiões e em presença de diferentes médiuns, eu fui testemunha de tal fenômeno.

Talvez seja George Spriggs, de Cardiff, o maior médium desta classe de fenômenos que a Inglaterra produziu. Nascido em 1850, em 1877 fez parte de um centro dirigido por Mr. Rees Lewis, em Cardiff. Imediatamente descobriu ser poderoso médium e durante um período de três anos, seus dons se multiplicaram em formas várias. A escrita automática seguiu-se imediatamente às comunicações em transe; psicometria, voz direta (independente de corneta); aportes; mãos espirituais e, finalmente, formas completamente materializadas. Todos os fenômenos ocorriam sob boa luz branca e frequentemente à luz do dia. Eram guias muitos espíritos que se manifestavam. «Swiftwater» e «Skiwakee» eram indigenas vermelhos, porém muitos espíritos foram amigos falecidos dos assistentes. Por exemplo, quando presente Mr. Wayland, sempre se materializava sua mulher e muitas vezes com o marido sustentava conversações durante 15 ou 20 minutos. Por vezes tornavam-se visíveis, simultaneamente, três formas materializadas. Elas caminhavam livremente pelo aposento, percorriam outros aposentos da casa, geralmente acompanhados por um ou mais assistentes.

Mr. Rees, que conheci como homem estritamente íntegro, escreveu:

Uma forma espiritual caminhou com meu neto e comigo, ao extremo do nosso longo jardim, onde cortei um cacho de uvas que lhe ofereci. Correndo, o espírito entrou em casa e distribuiu as uvas entre os presentes. Parte da assistência foi à estufa para verificar os factos.

Interessante é recordar que um vizinho, um advogado, propôs no tribunal, uma ação contra Lewis, requerendo um mandado que lhe proibisse consentir que formas espirituais vestidas de branco perambulassem no jardim, atemorizando os vizinhos. Um juiz culto sentenciou que a Mr. Lewis assistia todo o direito de permitir que seus amigos vagassem em seu jardim.

Mr. Edwin Adams testificou que, à boa luz, «êle viu as formas de «Zion» (um dos guias de Spriggs), John Cobham e Charity (uma senhora) andarem simultaneamente pelo aposento. Charity foi a última a retirar-se para o gabinete e ela levantou as cortinas mostrando Spriggs sentado em sua cadeira. Ela lhe beijou a fronte e desapareceu». Em outra ocasião, disse êle: «A forma delgada de Charity escolheu Mr. Haines, que pesava 78 quilos, convidou-o a sentar-se numa cadeira colocada no centro do aposento e levantou-o, juntamente com a cadeira, do soalho. Algumas vezes, as formas não provinham do gabinete, mas se construiam, no centro da sala, de um pedaço de nevoeiro branco, até atingirem a forma de um adulto animado, e depois se desmaterializavam da mesma maneira. Mr. Lewis relata: Uma pequena forma indiana se materializava com menos de uma jarda (91 cmts.) de musselina em suas mãos, e atirava-a longe de si, quando a mesma atingia a quatro jardas de comprimento, do tamanho de uma cortina de janela. Algumas vezes, fabricava chales à vista de todos e eu vi seis feitos em uma sessão. Triunfantemente ela os apresentava para serem examinados e, então, desaparecia subitamente.

Muitas vezes um espírito se materializava e durante meia hora falava aos assistentes congregados. De uma feita, uma forma feminina tomou, em seus braços, o neto de Mr. Lewis e durante minutos dansou em volta do aposento.

Durante todos êsses anos, 1877 a 1880, George Spriggs recusou qualquer remuneração, e difícil era persuadí-lo a aceitar um presente, oferecido como uma prova de gratidão pelo seu inestimável serviço. Todas as suas sessões eram francas e centenas de pessoas testemunharam os fenômenos maravilhosos.

Em 1880, Spriggs foi à Austrália, e sua esplendida mediunidade provocou sensação. Muitos dos fenômenos estão registrados em «Evidências do Espiritismo», de Denovan (Melbourne, 1882), porém depois de seis anos de permanência alí, a sua mediunidade se transformou, tornando-se êle especialista no diagnóstico psíquico de enfermidades.

Em 1900, voltou à Inglaterra e eu gozei o prazer de sua amizade. Em Londres, fundou a Sociedade Psíco-Terapêutica (1903) e passou à outra vida em 1912. Em 1892 assiei-me ao Espiritismo em Cardiff e fiz inúmeros amigos entre os assistentes às sessões de George Spriggs — O Centro da Luz. Cuidadosamente comparei as diversas narrativas independentes por êles fornecidas e deposito toda a confiança na integridade de todos êles. De facto, muitos incidentes descritos nas atas, no local, e que nunca foram publicados, levam-me a pensar que nem mesmo a metade foi divulgada.

Fenômenos de Materialização

XIX

Sessão de sábado, dia 29 de Novembro de 1947. Assistência habitual acrescida da Prof.ª Maria Amelia, de Campos, que visitava o «André Luiz».

Cabendo-me a presidência, faço a prece inicial e declaro abertos os trabalhos, após sido cantado, pelos assistentes, o hino «Obreiros de Jesus». Procedo à leitura de uma página de André Luiz e recomendo recolhimento espiritual para a consulta ao Alto. Um amigo da espiritualidade faz-nos as necessárias recomendações para o bom andamento dos trabalhos. O médium Lins recolhe-se ao gabinete. Decorridos alguns minutos, aparecem os primeiros fenômenos de luz policrómica. O recinto estava em espêssa penumbra e eu, instintivamente, liguei uma pequena lâmpada, com o intúito de enumerar os nomes dos doentes entregues aos nossos cuidados, pois que, à medida que correm os trabalhos, oramos em intenção dos doentes, fazemos comentários sôbre a lição lida e cantamos hinos, surpreendemos o espírito de Nina Arneira, no centro do recinto, completamente materializada, o que não havia sido notado devido à falta de claridade reinante. O querido espírito recua vagarosamente e recolhe-se, silenciosa, sem dizer uma palavra, aparentemente contrafeita, pois compreendemos logo que ela se dava ao cuidado de assistir aos companheiros doentes, presentes à reunião. Mas não me censurou. O José Grosso, que nos falou em seguida, é que me orientou, carinhoso, que, de futuro, fôssemos graduando a luz de acôrdo com a orientação dos nossos guias espirituais. E é isso o que temos feito.

O Fidelinho fala-nos e dirige-se especialmente à nossa irmã Maria Amelia. Ambos manteem um diálogo amoroso, rememorando os saudosos tempos em que foram mãe e filho. Há explosões de intensa emoção recíproca. O Fidelinho acaba por acariciar, docemente, a nossa distinguida companheira de ideal espírita. João de Deus, aparece-nos materializado, apresentando uma vestimenta de sacerdote indú. Vem à assistência, aplicando demorados passes no nosso irmão Major Ismael Pinto, depois do que se recolhe passando, aos olhos de todos, através do biombo, não lhe servindo êste de obstáculo. Eis um fenômeno original que de certo modo nos supreendeu, dado que não deixou dúvida em nenhum dos assistentes, pois a sua positivação foi perfeita. O referido biombo é de madeira e vidro grosso, fôsco. A meu pedido, a Lais cantou «Almas Gemeas», tendo feito contracanto o querido espírito de Neuza Magaldi. O fenômeno foi claro, nítido.

Garcês, materializado, vem postar-se no centro da sala, tirando as mais profundas e sábias ilações da lição da noite, embevecendo-nos a todos. Momentos depois falou-nos ainda José, Nina e Fidelinho. Encerramos a proveitosa reunião precisamente às 23 horas, depois de proferida a prece final. Um amigo invisível, cuja identidade não ficou positivada, ofertou-nos bem confecionado modêlo, em parafina, de uma das mãos.

—

Sessão de 3.ª feira dia 2 de Dezembro. A direção dos trabalhos esteve a cargo do presidente do Grupo «Prof. Newton de Barros». Visitantes: Ramiro Viana, de Campos, Est. do Rio de Janeiro; Sebastião Lasneau, de Barra do Piraí, também do Est. do Rio e Delio Cabral Marques, de Belém, do Est. do Pará. Os trabalhos seguiram os trâmites costumeiros, tendo os confrades Ramiro e Lasneau feito rápidos, mas verdadeiras preleções evangélicas. Como não estivesse presente o médium Lins, não se produziram fenômenos de materialização. Todavia, os de voz direta foram copiosos fazendo-se ouvir em palestras edificantes, os espíritos de Claudina Dias, Manoel Couto, José Grosso, David Santos, Abel Gomes e Ilka Eloi dos Santos.

A reunião foi encerrada com uma prece.

—

Sessão de sábado dia 6 de dezembro. Na presidência Lais Teixeira Dias, que declara iniciados os trabalhos depois de cantado um hino e de proferida uma prece. Assistência comum, acrescida dos irmãos visitantes, previamente autorizados para tanto, Domingos Murtinho, de Belo Horizonte, Minas Gerais, Ramiro Viana, de Campos, Est. do Rio, e Delio Cabral Marques, de Belém do Pará.

Feita a leitura da lição da noite, passa-se a fazer absoluto silêncio para a necessária meditação tendo a essa altura se manifestado uma entidade espiritual, por incorporação, instruindo-nos e confortando-nos. O médium Lins vai para a cabine e a luz ambiente é diminuida. Lenice Teixeira Dias dirige, agora a nossa súplica a Jesus. E' cantado o hino «Pai do Céu». Scheila materializa-se e vem seguidamente, três vezes à assistência. Dulce Santos orienta a nossa prece. Ramiro Viana faz uma explanação doutrinária. Cantam, todos, o hino «Canção Materna». O Fidelinho fala-nos por voz diréta, secundado pelo José Grosso, que atira três pedras no meio do salão, destinados uma, ao Oli de Castro, que o Delio iria levar; outra, a um menino da Casa da Criança», de Campos, cujo portador seria o Ramiro e outra ao nosso companheiro Ernesto. Materializa-se Nina Arneira, seguida de Garcês, que aplica passes na nossa irmã Maria Jennèe. O Dr. Lauro Sales faz um comentário sôbre a lição da noite, D. Margarida Melich faz uma prece. O hino «Celeste Amigo» é cantado pela assistência. Materializa-se Margarida Fonseca, que assiste o seu esposo, nosso dedicado companheiro Afonso Fonseca. Vitorino Eloi dos Santos faz tocante peroração. O espírito de Ana, desencarnada em Macaé, materializa-se e fala com o Ramiro sôbre a recente desencarnação inesperada do querido e saudoso confrade Fernando Peçanha, militante nas seáras espíritas de Campos e Macaé, dizendo que êsse amigo foi recebido na espiritualidade por dedicados emissários da Luz, desfrutando assim de favorável situação espiritual. O Major Ísmael e o Cap. Leite ainda teem o encargo de tecer comentários sôbre a lição em estudo. O espírito de Jacir, falando em voz direta, manda um recado ao Oli de Castro, pelo Delio.

O velho Flitz, o espírito amigo do Grupo, que fôra pai de Scheila e habitara terras alemãs, materializa-se e produz uma preleção doutrinária comovedora.

Depois de proferida a prece final, a Lais encerra a sessão às vinte e duas e meia horas.

Amadeu Santos.

Confraternização

HÁ mais de um quarto de século, eu me recordo bem, reunidos em um prédio da rua Camerino, penso que de n.º 99, sob a presidência de Gustavo de Macêdo, tentou-se a organização de um serviço mais eficiente no sentido da fraternidade entre os espíritas. Presentes à reunião, além do grande número de assistentes, enchendo literalmente o salão, encontravam-se Viana de Carvalho, Manuel Quintão, Angelo Torteroli, José Tosta, Souza Morais, José Pereira Simas, Norberto dos Santos, Antonio Ferraiôlo, José Luiz do Espírito Santo e quantos outros mais interessados no êxito daquela tão simpática assembléia. Aberta a sessão por Gustavo de Macêdo (o Frei Solanus), depois de proferida a prece inicial, foi dada a palavra ao grande tribuno Viana de Carvalho que pronunciou, como sempre o fazia, em arroubos de eloquência, um belo discurso, esclarecendo, com entusiasmo, o motivo daquela reunião.

Falaram ainda Manuel Quintão, Sousa Morais e Norberto dos Santos, mas, a cada instante o velho Torteroli, algo perturbado, envergando um jaquetão branco muito comprido, pedia a palavra e Viana de Carvalho, enérgico, ordenava-o que ficasse quieto, e o velhinho, com um sorriso quase infantil, obedecendo, sentava-se de novo.

Duas reuniões apenas foram realizadas. Os anos, como sempre acontece, seguiram o seu curso, um após outro, e, tudo quanto fôra discutido naquela magna assembléia, por idealistas fervorosos, eu me recordo com saudade e tristeza! Sim, com saudade, por que alí estávamos reunidos velhos e moços, com o maior e mais santo dos objetivos — o de trabalharmos no sentido do Evangelho para, ressaltando os ensinos de Jesus, enaltecêlos em face das demais doutrinas, mostrando a supremacia do Espiritismo. Com tristeza por que a campanha não prosseguiu. O velho Frei Solanus, por quem tenho especial simpatia, (talvez por ter sido o primeiro orador espírita que ouví, em janeiro de 1920, no Centro Espírita de Realengo, sob a presidência do então brigada Medeiros) e que com tanto brilho presidiu também aquela memorável assembléia da rua Camerino que hoje recordo nesse mal alinhavado comentário, onde se encontra agora, depois de mais de um quarto de século decorrido? Descoroçoado talvez, ou dando mais ampla expansão ao seu recalcado misticismo, separado dos antigos confrades, o querido Solanus préga no seu altar a sua doutrina, ensinando como pensa e sente (ou entende), o seu espiritualismo cristão, com real e justificado aplauso de todos aquêles que lhe seguem os passos, atraídos pelos ritos e símbolos de uma igreja de cujas fórmulas jamais se desapegaram.

O Espiritismo puro, pregado naquela época, por Gustavo de Macedo, Viana de Carvalho, Amaral Ornelas, Codro Palissy, Quintão, Bittencourt, Imbassahy, Moreira Guimarães, Sylvio Travassos, Eutíquio Campos, Espírito Santo e quantos outros; uns que foram para o Além e outros que ainda aquí se encontram, êsse Espiritismo puro, repito, aí está nas magistrais obras do codificador, desafiando moços e velhos, a que façam dêle uma bandeira de confraternização.

Aquêle Espiritismo que eu encontrei em 1920, na União Espírita Suburbana, sob a presidência de Ignacio Bittencourt, acompanhado de Felipe Santiago, José Machado Tosta, Alcindo Terra, Adolfo Barreto (antes da dissidência); na Federação Espírita Brasileira, com Aristides Espínola, Guillon, Rosemburg, Quintão, Figner, Luiz Barreto, Pamplona, Imbassahy, Almerindo, Ornelas e mais quantos que alí prestavam valiosa contribuição nos moldes evangélicos, bem como nos demais centros e grupos espalhados por todo o Distrito Federal, o Espiritismo era sempre o mesmo Espiritismo. Não havia juventude nem velhice, havia espíritas na mesma coesão de fraternidade cristã. Não havia hinos, nem músicas bôas ou más, mas havia preces ungidas de fé e grande entusiasmo evangélico.

O CLARIM, o simpático semanário de Cairbar Schutel, o mais querido órgão de propaganda de então, farto de bons artigos doutrinários, entrava-nos porta a dentro como uma benção do céu. Naquêle tempo não havia também a crise de papel que hoje tanto preocupa ao querido Costa Filho e a quantos sob cuja direção se encontram outros jornais e revistas propugnando pelos mesmos ideais, «O Reformador», «A Aurora», a «Revista Internacional do Espiritismo», enfim, todos esses semeadores da Terceira Revelação que hoje sobrevivem galharda e heroicamente, constituiam verdadeiros mananciais doutrinários.

Foi nessa época, quando tudo indicava ser fácil um acôrdo entre espíritas no sentido da unificação doutrinária, que Frei Solanus, Viana de Carvalho e tantos outros, tentaram realizar a chamada confraternização, com o elevado objetivo de propagar o Espiritismo nos moldes que então era cultivado em todos centros e grupos da Capital da República. Naquêles tempos que ainda vão tão perto, Umbanda era quasi desconhecida e não tinha recebido ainda o apelido de espiritismo. A Confraternização pretendida seria realizada entre espíritas integrados no conhecimento da doutrina, tendo como roteiro as obras de Allan Kardec, acrescidas de outras subsidiárias, estudadas na Federação Espírita Brasileira e outras associações, como os Quatro Evangelhos de Roustaing, os livros, quase todos, de Leon Denis, Doutrina e Prática do Espiritismo, de Leopoldo Cirne e quantos autores mais como Cairbar Schutel, o admiravel Schutel, que foi indiscutívelmente um dos grandes paladinos da Nova Revelação.

Dessa quadra áurea do Espiritismo, eu tenho, confesso, a mais grata recordação.

Antigamente, disse-me há dias um velho companheiro daquêles bons tempos, os velhos e os moços caminhando e trabalhando juntos, identificados no mesmo ideal, tinham de facto, a preocupação da confraternidade. Hoje, os moços se organizam em núcleos e uniões, separadamente, e os velhos (quantos?), acompanhando a mocidade vibrante e esperançosa, se apresentam e são anunciados através de microfones, como membros dessas novas cruzadas de juventudes que se dividem desde os primeiros instantes.

No serviço do Evangelho, não há moços nem velhos e nem disso se cogita, pois, todos somos discípulos do Mestre e trabalhadores da mesma seára, em benefício da comunidade cristã que há de ser um dia a humanidade inteira.

Recordando essa nobre tentativa, a que há mais de um quarto de século assistí, quero, ao finalizar êste modesto comentário, deixar aquí a minha mui fraterna saudação àqueles que, já de bem longe, vem conduzindo num bem orientado esfôrço, um trabalho de visitas de confraternização nesta Capital, onde se destacam, principalmente, Humberto de Aquino, Pedro Pina, Cantidio Costa, Pedro Cantudo e outros abnegados cultores da fraternidade.

Pereira Guedes.

Rio, março de 1948.

Verdadeira Ciência

DISSE Allan Kardec que «o Espiritismo será científico ou deixará de ser Espiritismo» — e o disse com perfeito conhecimento de causa, baseado certamente na longa experiência que deve ter, sem o que não teria sido escolhido para missão de tal monta.

E quem quer que seja que perlustre os caminhos da Ciência e, concomitantemente, aspire o ar puro da Doutrina, verá sempre confirmada a peremptória afirmativa de Allan Kardec.

Oferecemos aquí um pequeno exemplo dessa verdade, confrontando um trecho do Livro dos Espíritos com outro do interessante livro de George Gamow — «Nascimento e Morte do Sol».

Livro dos Espíritos, perg. 188. «Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem mais ligados a um mundo do que a outro?

— «Habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à terra: podem, melhor do que os outros, estar em toda parte» (1)

Compare-se o que acima ficou transcrito, com esta passagem do citado livro de Gamow (fls. 22 e 23): «Não podemos deixar o assunto (*fenômenos da superfície do Sol*) sem chamar a atenção do leitor para a notável periodicidade das manchas do Sol, fenômeno que ainda não recebeu explicação satisfatória. Em períodos médios de cêrca de onze anos e meio observa-se um aumento e diminuição cíclicos no número das manchas solares. Esta periodicidade tem alguma influência na física da terra, manifestada em leves mudanças da temperatura média anual (mudanças que não ultrapassam um grau), em perturbações magnéticas e aurora boreal. Tem havido tentativas para correlacionar essa atividade periódica do Sol com a mudança de época na migração das andorinhas, com a produção do trigo e mesmo com agitações sociais — mas são correlações ainda não bem estabelecidas.» (2)

---

(1) — Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a *Terra*, é dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente. *Marte* lhe estaria ainda abaixo, sendo-lhe *Júpiter* superior de muito, a todos os respeitos. O *Sol* não seria mundo habitado por sêres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que êles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a êstes por meio do fluído universal. Considerado do ponto de vista de sua constituição física, o Sol será um foco de eletricidade. Todos os sóis como que estariam em situação análoga.» L. E. fls 124 *in fine* e 125)

Quantas reflexões não sugere ao espírito amadurecido pelas cogitações de ordem filosófica, essa interessante analogia de conceitos emitidos pela Revelação e pela Ciência!

Com um pequeno esfôrço de meditação, qualquer espírito, medianamente afeito à mentalidade nova que o Espiritismo está formando na humanidade, estabelece correlação entre a «reunião dos Espíritos superiores, no Sol, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que êles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados»; e a «notável periodicidade das manchas do Sol, fenômeno que ainda não recebeu explicação satisfatória», e que coincidem com agitações sociais, sempre transbordantes de ódios, violências e extravasamento de paixões.

Efetivamente, entregue a massa humana às suas próprias inclinações, é fatal explodirem lutas e tremendas rivalidades, próprias da nossa inferioridade intrínseca. Tais lutas e rivalidades exacerbam-se quando as entidades superiores deixam de irradiar do Sol, onde se reunem periódicamente, os seus pensamentos saturados de bondade e de elevação moral, épocas em que a luz do astro-rei diminúe de intensidade, em virtude daquelas manchas que constituem fenômeno ainda não satisfatóriamente explicado pela ciência, sob o ponto de vista materialista, mas que póde ser explicado sob o ponto de vista espírita, isto é, desde que tais manchas possam ser atribuidas à ausência ocasional dos espíritos superiores ou à diminuição do número dêsses bons Espíritos na superfície do Sol, que, por êsse motivo, tem a sua irradiação luminosa ou antes elétrica, correspondentemente diminuida.

Para os espíritas nada tem de cerebrina esta maneira de raciocinar, porquanto a Ciência que nós cultivamos, mediante o mais belo influxo religioso recebido até agora pela Humanidade, não nos afasta de Deus nem das Fôrças Espirituais que constituem a causa eficiente de todos os fenômenos da Natureza.

O que desejamos, porém, assinalar, por agora, é a convergência sintomática do curso das idéias, no campo da ciência e da filosofia espírita, para o mesmo ponto luminoso das indagações ditas metafísicas e que bem poderiamos qualificar de *transcendentemente físicas*...

Os tempos são chegados. Aloirecem as seáras do Evangelho, não obstante certas recalcitrâncias que ainda dificultam o amplo descortino das veredas espirituais.

Estudemos e trabalhemos!

A Terra está efetivamente sofrendo, no crisol das transformações cíclicas, a divina operação que consiste na passagem, de mundo de provas, de expiação, para mundo de regeneração. Nêste há de dominar o Espírito, que vivifica, sôbre a matéria (simbólicamente, a letra que mata).

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 3 de Junho de 1948.

---

(2) — Máximas registradas nos anos de 1778, 1788, 1804, 1816, 1830, 1837, 1848, 1860, 1871, 1883, 1894, 1905, 1917, 1928. A Revolução Americana, a Revolução Francêsa, a Comuna de París, as duas revoluções russas e ainda outras têm coincidido mais ou menos com anos de máxima atividade solar. A persistente atividade de 1937-1940, se o leitor quiser, póde ser associada às altas perturbações do nosso mundo nêsse período.

* * *

Pouco importa à Potência Suprema a forma do culto que se lhe tributa; — o que importa é que êsse culto seja sincero e feito com pureza e elevação de sentimento. E esta condição pode dar-se em qualquer religião, e mesmo fóra de todo o culto conhecido — Dr. A. Martins Velho.

Crônica Estrangeira

Uma mensagem curiosa

Frederico Duarte

Manchester — Inglaterra

Há aquí em Manchester uma mulher, esposa dum ferroviário, chamada Madame Beeman, que não é instruida mas por diversas vezes tenho assistido a provas de clarividência simplesmente extraordinárias, e a magníficos discursos proferidos por seu intermédio.

Um amigo meu foi um dia na minha companhia assistir a um «Open Circle» onde Madame Beeman proferiu um belíssimo discurso. O meu companheiro todavia não ficou impressionado com isso, alegando que «era muito natural» que essa mulher, posto que sem educação, poderia muito bem estudar de cór o dito discurso. Homem dotado dum temperamento peculiar e um tanto satírico, manifestou-se que só se encontraria satisfeito, quando essa ou outro qualquer médium lhe pudesse dar uma prova completa da sobrevivência desafiando-os a descrever o seguinte: — O nome completo, suas feições, modo de vida, idade, data e localidade onde faleceu o seu pai.

Ora isto é nada mais nada menos do que uma imposição e sei por experiência própria que os nossos amigos do «Além» objetam ao lhes serem feitas semelhantes perguntas.

Uns dias depois convencí a êsse amigo visitar comigo o mesmo logar e, sem o sabermos, alí se encontrava novamente a madame Beeman. Depois de ter demonstrado várias provas de clarividência dirigiu-se a mim dizendo: Senhor Etraud (ela não sabe o meu nome próprio) encontra-se em frente de si uma Cruz (one cross) andando dum lado para o outro, agarrando a sua mão direita como se o quisesse cumprimentar. Que significará isto, perguntou-me ela.

—: Não sei, foi a minha resposta.

— Espere! Ouço agora uma voz dizendo: — O D.....d....d.. (e começou a tratar de pronunciar o meu sobrenome Duarte, que por fim deu letra por letra) sabendo muito bem quem sou eu! E terminou dizendo: — Não sabes quem é o CRUZ (pronunciando perfeitamente esta palavra em português). A médium depois descreveu-me êsse grande amigo e concluiu por me dizer: «o seu amigo agradece-lhe o bom acolhimento que lhe deu durante a sua última visita a Manchester».

No dia seguinte fui visitar uns amigos exportadores e soube por êles que tinham recebido a infausta notícia de ter falecido, uns quinze dias atrás, êsse bom amigo!

Enquanto estávamos no «Circle» a médium dirigiu-se assim ao meu companheiro: —

— O seu pai está aquí e pede-me para lhe dizer que não gosta nada do caminho que está a seguir e pede-lhe para passar o seu tempo vago melhor do que frequentar Cervejarias...

Notei logo na face dêle uma grande transfiguração e, acobardado, não se atreveu a desafiar a médium a descrever-lhe as feições, etc., etc.!

Mal chegámos ao fim da «sceance», o meu companheiro saiu para a rua muito «humilde» muito «manso»!

Eu ri-me a valer, pois achei muita graça à mensagem. O caso é que por diversas vezes me encontrei com êle, num estado deplorável de intoxicação alcoólica.

Rejubilo-me por êle ter seguido o conselho do pai, sendo hoje possuidor de muito bons hábitos, evitando todavia entrar em discussões sôbre o Espiritismo!

O Professor Lombroso e o Espiritismo

«Spiritualism»

Em virtude de um desafio, hoje histórico, lançado pelo cavalheiro Hercule Chiaia, o célebre criminalista Cesare Lombroso, foi experimentar com a médium Eusapia Paladino, cujas sessões provocavam grande ruído na época. As experiências se prolongaram por anos. O eminente professor publicou a seguinte declaração:

«Sinto-me muito envergonhado e aflito por ter combatido com grande tenacidade a possibilidade dos factos denominados espíritas; digo factos, porque continuo contrá-

rio à teoria. Mas os factos existem e eu me glorifico de ser o escravo dos factos».

Mais tarde, Lombroso, nas suas últimas conclusões, não poude deixar de admitir, em certos casos a intervenção de espíritos.

Extraimos o breve relato que segue do belo livro do sr. Picone-Chiodo: «La Verité Spiritualiste» (pag. 44):

«No ano de 1893, em Nápoles, os Professores Bianchi, Lombroso, Tamborini, Vizioli e Ascenci, reproduziram com a Paladino as mesmas experiências (iguais às tentadas por Lombroso em 1892), num quarto expressamente escolhido em seu hotel, e dessa vez viram à luz plena uma espessa cortina, que separava o quarto da alcova vizinha distante mais de metro da médium (cujos pés estavam ligados e mãos seguras) dirigir-se rapidamente para Lombroso, envolvê-lo, fechando-se em seu derredor.

Quando chegámos ao fim da sessão, no momento de sair, feita a luz, vimos, relata Lombroso, um grande armário colocado no fundo da alcova, a dois metros de nós, deslocar-se lentamente e vir para nós. Êle parecia um enorme paquiderme que lentamente avançava para nos atacar e como que impelido por alguém.

Em outras sessões apareceram verdadeiros fantasmas.

Em 1902, em Gênova, o médium instado por Lombroso para fazer deslocar um grande tinteiro de vidro, respondeu: Porque te apegas a essas ninharias? Sou capaz de produzir coisa melhor, posso te fazer ver tua mãe; é isso que te deveria interessar!

Estávamos em semi-obscuridade, à luz roxa, diz Lombroso, e vi destacar-se do gabinete mediúnico um vulto pequeno, igual a figura de minha mãe, velada, que fez a volta completa da mesa até chegar a mim, e que me dirigiu palavras que outros ouviram, mas não eu, devido a minha surdez, a ponto de em extremo emocionado, suplicar que as repetisse e ela as repetiu efetivamente: «*Cezare, fi mi*» (meu filho), o que, confesso-o, não era de seu hábito. Veneziana, ela realmente tinha o hábito de me dizer: *mio fiol.*

Pouco depois, atendendo a pedido meu, ela deu volta à mesa e, afastando por um instante os véus de seu rosto, me abraçou. Eusapia, nêsse momento, estava, sem a menor dúvida segura pelas mãos de duas pessoas e por outro lado, sua estatura ultrapassava dez centímetros a altura de minha mãe.

Depois dêsse dia a sombra de minha mãe me apareceu no mínimo vinte vezes nas sessões de Eusapia Paladino, quando esta estava em transe, mas sempre envolta em véus, apenas mostrando a fronte e as mãos. Ela me dizia: «Fiol e tesoro», beijando-me a testa e os lábios!»

Menino Prodígio

«Constancia» transcreve de «La Nacion» o seguinte:

Kennei Wolf, de 11 anos de idade, espera graduar-se doutor em química aos 16 anos. E provavelmente o conseguirá. Em Western Reserve University de Cleveland, segue cursos de matemática e de química orgânica em companhia de colegas mais velho do que êle.

Filho de pais russos, Kennie assombrou seus progenitores aos quatro mêses de idade pronunciando toda uma oração. Ainda não havia completado um ano, quando começou a ler um livro do primeiro gráu. Ao completar 22 mêses, sua mãe escutou-o a executar uma peça de Liszt, ao piano. Desde então a música, juntamente com a química, figurou entre as mais fortes vocações de Kennie. Depois de conquistar o diploma de doutor em química, afaga a esperança de estudar com o compositor Paulo Hindemite. Kennie é a única pessoa estranha a que se permite assistir aos ensaios da Orquestra Sinfônica de Cleveland.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

SANATÓRIO «AMÉRICO BAIRRAL»

Itapira — Est. S. Paulo

Resumo do Movimento hospitalar de 1947. (Parte do Relatório)

Existiam em tratamento em 31/12/47:

Homens	67	
Mulheres	38	105

Entraram durante 1947:

Homens	142	
Mulheres	111	253
		358

Tratados durante o ano:

Receberam alta curados:

Homens	65	
Mulheres	65	130

Receberam alta melhorados:

Homens	19	
Mulheres	13	32

Receberam alta experimental:

Homens	3	
Mulheres	3	6

Retirados sem alta:

Homens	20	
Mulheres	3	23

Retirados sem alteração:

Homens	17	
Mulheres	15	32

Faleceram:

Homens	12	
Mulheres	12	24

Passaram para 1948:

Homens	73	
Mulheres	38	111
		358

Leito-dia concedido a enfêrmos indigentes durante o ano	23.333

Foram internados:

Por estado civil:

	H	M	
Solteiros	86	40	126
Casados	49	58	107
Viuvos	5	13	18
Ignorados	2		2
			253

Por religião:

Católicos	111	90	201
Espíritas	7	7	14
Protestantes	2	2	4
Indiferentes	22	12	34
			253

Por categoria:

Pensionistas	62	42	104
Indigentes	80	69	149
			253

Por nacionalidade:

Brasileiros	138	106	244
Estrangeiros	4	5	9
			253

Por classificação psiquiátrica:

	H	M	
Psicóses infecciosas	0	1	1
Psicóses auto-tóxicas	0	5	5
Psicóses hetero tóxicas	22	0	22
Esquizofrenia	33	26	59
Parafrenia	9	3	12
Paranoia	0	0	0
Psicóse maníaca-depressiva	18	27	45
Psicóse da decadência	5	12	17
Psicóses por afecção cerebral	0	0	0
Neuro sífilis	4	5	9
Paralisia geral	4	1	5
Epilepsia	20	8	28
Neuro psicóses	14	18	32
Personalidades psicopatas	1	0	1
Oligofrenia	11	4	15
Ainda não diagnosticado	1	1	2
	142	111	253

Por idade:

			H	M	
de 1 a 9	anos		0	0	0
« 10 a 14	«		1	1	2
« 15 a 19	«		10	10	20
« 20 a 29	«		47	32	79
« 30 a 39	«		40	31	71
« 40 a 49	«		24	23	47
« 50 a 59	«		10	7	17
« 60 a 69	«		5	4	9
« 70 a 79	«		3	3	6
« 80 a 89	«		1	0	1
« 90 a 100	«		1	0	1
			142	111	253

Visitas médicas:

Pelo diretor clínico	276
« vice-diretor clínico	18
« diretor psiquiátrico	220

Tratamento aos internados:

Injeções	5.618
Medicamentos em vidros	1.136
Aplicações hidroterápicas	68
Massagens manuais	104
Curativos	659
Cirurgia	0
Pequena cirurgia	4
Convulsoterapia pelo Cardiazol	2
Eletrochoques	678
Piretoterapia	19
Malarioterapia	2
Exames de sangue	82
« « urina	78
« « liquor	35
« « escarro	1
« « suco gástrico	1
Dosagem uréa	2
Extrações de urina	30

Insolinaterapia	26
Penicilina aplicada	2.750.000 uu.
Radiografias	4
Radioscopia	1
Transfusões de sangue	11
Vacinas preventivas	255

Serviços dentários:

Obturações	38
Extrações	201
Pivots	8
Bridgs	2
	249

Reuniões:

Da Diretoria	16
Assembléias gerais	1
Evangélicas e instrutivas	256

Ambulatório:

Serviços prestados ao público	
Pessoas atendidas	269
Número de consultas	192
Receitas aviadas	106
Número de curativos	61
Pequenas intervenções cirúrgicas	2
Aplicações elétricas	6
Injeções aplicadas	537
Exames de laboratório	23

Segundo as características individuais:

Sexo masculino	124
Sexo feminino	139
Adultos	213
Crianças	50
Brasileiros	254
Estrangeiros	9

Segundo as clínicas:

Paludismo	3
Verminoses	18
Outras doenças tropicais	0
Tisiologia	0
Moléstias do aparelho respiratório	12
Idem do circulatório	18
Idem das vias urinárias	15
Idem dentárias e motológica	2
Idem oftalmológica	1
Idem oto-rino-laringológica	8
Idem dermatológica e sifiligráfica	15
Idem psiquiátrica e neuriátrica	32
Idem ginecológica	23
Obstétrica	2
Cirurgia geral	7
Pediatria médica-cirúrgica e de higiene infantil	1
Clínica médica geral	112
	269

LABORTERAPIA E PSICOTERAPIA

A laborterapia tem sido aplicada em todos os setores do Hospital aproveitando-se os internados em condições, como pedreiros, carpinteiros, pintores ou auxiliares, nas reformas e construções; como auxiliares na cozinha, na lavanderia e na enfermagem; na chácara, na conservação do pomar, na cultura de cereais e em outros serviços

A psicoterapia é aplicada por meio do tratamento familiar, com passeios, distrações e pelas preleções evangélicas, dando conselhos, instruindo os enfêrmos, levantando suas fôrças morais, encorajando-os, encaminhando-os e predispondo-os à cura, abrindo-lhes nova esperança, estimulando-lhes a vontade caída, transformando rebeldes em passivos, orgulhosos em humildes, melancólicos e deprimidos em alegres, retraídos em comunicativos, regenerando viciados, consolando aflitos, despertando a fé nos descrentes, levando os negligentes ao trabalho, incutindo o respeito aos libertinos, modificando-lhes vícios e pessimismos, sobrevindo dêsse empenho o respeito, a amizade, o espírito de cooperação entre enfêrmos e empregados.

O tratamento pelo Espiritismo, adotado no Hospital, empregando-se o seu conjunto moral filósofo-científico, com sessões teóricas-doutrinárias-evangélicas, fluidoterápicas e mediúnicas, com diagnósticos, orientações e receituários mediúnicos, têm produzido resultados positivos e satisfatórios, com provas irrefutáveis, ao alcance de qualquer observador imparcial, comprovados pela observação acurada do dr. diretor-clínico da instituição e que vem aplicando todo contrôle e atenção nos factos, dos quais é testemunha. Aos estudiosos imparciais e sem idéias preconcebidas, a literatura espírita, a mais vasta de todas, oferece um campo extenso de estudos e de provas que sòmente um fanatismo cégo e fé obcecada podem negar.

A psicoterapia e laborterapia aliadas aos modernos tratamentos, contribuem de maneira saliente na porcentagem de cura aos enfêrmos mentais, nervosos e toximaníacos.

MELHORAMENTOS E NOVOS PAVILHÕES

Grandes melhoramentos foram introduzidos no Hospital, atendendo o crescente número de internações.

Dois grandes pavilhões, um para secção feminina e outro para a secção masculina, já estão em vias de conclusão construídos de tal fórma, obedecendo às necessidades para hospitais dessa natureza. Um dêstes será denominado *Pavilhão «Gracinda Batista»*, em homenagem à fundadora do Hospital.

SUBVENÇÕES — AUXÍLIOS — DONATIVOS

A subvenção municipal foi de Cr $ 1 500,00. Em 1946 a Medicina Social concedeu uma subvenção de Cr $ 8.000,00 e em 1947 o

«Auxílio Leito-Dia», na base de cr. $ 2,00 ao leito-dia, cuja estimativa, tendo por base até Setembro, atingiu a importância de ...... Cr. $ 43.686,00 em 1947. O Conselho Nacional do Serviço Social concedeu, em 1946, uma subvenção de Cr. $ 10.000,00 e em 1947 Cr. $ 9.000,00. Com exceção da subvenção municipal, as demais subvenções e auxílios num montante de ... Cr. $ 70.686,00, ainda não foram recebidas até o momento.

Graças ao esfôrço do deputado estadual, dr. Castro de Carvalho, foi consignado no orçamento de 1948, do Estado, uma subvenção de Cr. $ 50.000,00. Como procurador, o sr. Onofre José Batista angariou a importância de Cr. $ 51.015,00. Pelo sr. Angelo Pugina foram angariados cereais e dinheiro na importância de ..... Cr. $ 15.725,40 sòmente no município. Mais uma vez desempenharam os srs. Onofre José Batista e Angelo Pugina, galhardamente, essa árdua tarefa de pedir para os necessitados. Os donativos expontâneos recebidos sobem a Cr. $ 119,737,70. E' digno de nota o gesto do sr. Onofre José Batista, que além da excelente cooperação em conseguir donativos durante o ano, beneficiou em donativos esta Casa de Saúde com a bela importância de .... Cr. $ 28.452,00 em dinheiro e espécies, donativo seu próprio.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

Os serviços médicos vêm sendo prestados com carinho e entusiasmo pelos facultativos drs. Hortêncio Pereira da Silva, Rayneri Galdi, Achiles Galdi e Helio Amancio de Camargo. Graças aos comprovados conhecimentos de psiquiátria e prática em hospitais congêneres, a seção médica vem aplicando todos os tratamentos modernos até hoje conhecidos, acompanhando com interêsse o progresso da medicina no tratamento aos insanos mentais, prestando a êstes assistência médica permanente.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES

O Laboratório de Análises Clínicas e Microscópicas, está a cargo do analista dr. Rayneri Galdi, procedendo análises nos doentes internos e externos e os requisitados pelos demais médicos da cidade.

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA — FARMÁCIA

O Gabinete Dentário do Hospital está a cargo do cirurgião dentista dr. Anizio Simões, recebendo assistência dentária todos os internados

A farmácia está sob a direção do farmacêutico José Ceragioli.

PORCENTAGEM DE CURA

Tratando-se de instituição de caridade, recebe enfêrmos, indistintamente, na sua maioria, vindos das cadeias, recolhidos das vias públicas e dos lares paupérrimos, quase sempre em estado «somático patológico», mental e higiênico precaríssimos. Pela classificação psiquiátrica, é possível apreciar-se o elevado número de epiléticos e oligofrênicos (débeis mentais e idiotas) internados, sem contar os dementes senis e esquizofrênicos crônicos, todos incuráveis, vindo afetar a porcentagem de cura e contribuir para os óbitos.

RESULTADO ECONÔMICO

Renda em 1947 :
Cr. $ 423.385,60.

Despesas :
Cr. $ 347.203,10.

DIRETORIA — COMISSÃO DE FINANÇAS — DIREÇÃO MÉDICA

Diretores : Cesar Bianchi, Provedor ; Dr. Anizio Simões, Vice Provedor ; João Torrecilas Filho, 1.o Secretário ; Benedito de Moura, 2.o Secretário ; Sebastião A. Ferreira, 1.o Tesoureiro ; Miguel Costa, 2.o Tesoureiro ; Onofre José Batista, Procurador geral.

Comissão de Finanças :

Antero de Freitas, Olimpio Gomes Camargo e Bento Lupercio Pereira da Silva.

Direção Médica :

Dr. Hortêncio Pereira da Silva, Diretor Clínico ; Dr. Achiles Galdi, Vice-Diretor Clínico ; Dr. Rayneri Galdi, Diretor Psiquiátra e Analista ; Dr. Helio Amancio Camargo, Psiquiátra.

Movimento de doentes de Janeiro a Junho de 1948:

Entraram homens	99
« mulheres	62

Vindos de 1947 :

Homens	73
Mulheres	38
Total . . .	272

Receberam alta curados :

Homens	30	
Mulheres	32	62

Melhorados :

Homens	13	
Mulheres	5	18

Sem alteração:		
Homens	7	
Mulheres	1	8
Alta experimental:		
Homens	0	
Mulheres	3	3
Retirados sem alta:		
Homens	9	
Mulheres	4	13
Falecidos:		
Homens	6	
Mulheres	3	9
Passaram para Julho:		
Homens	107	
Mulheres	52	159
		272

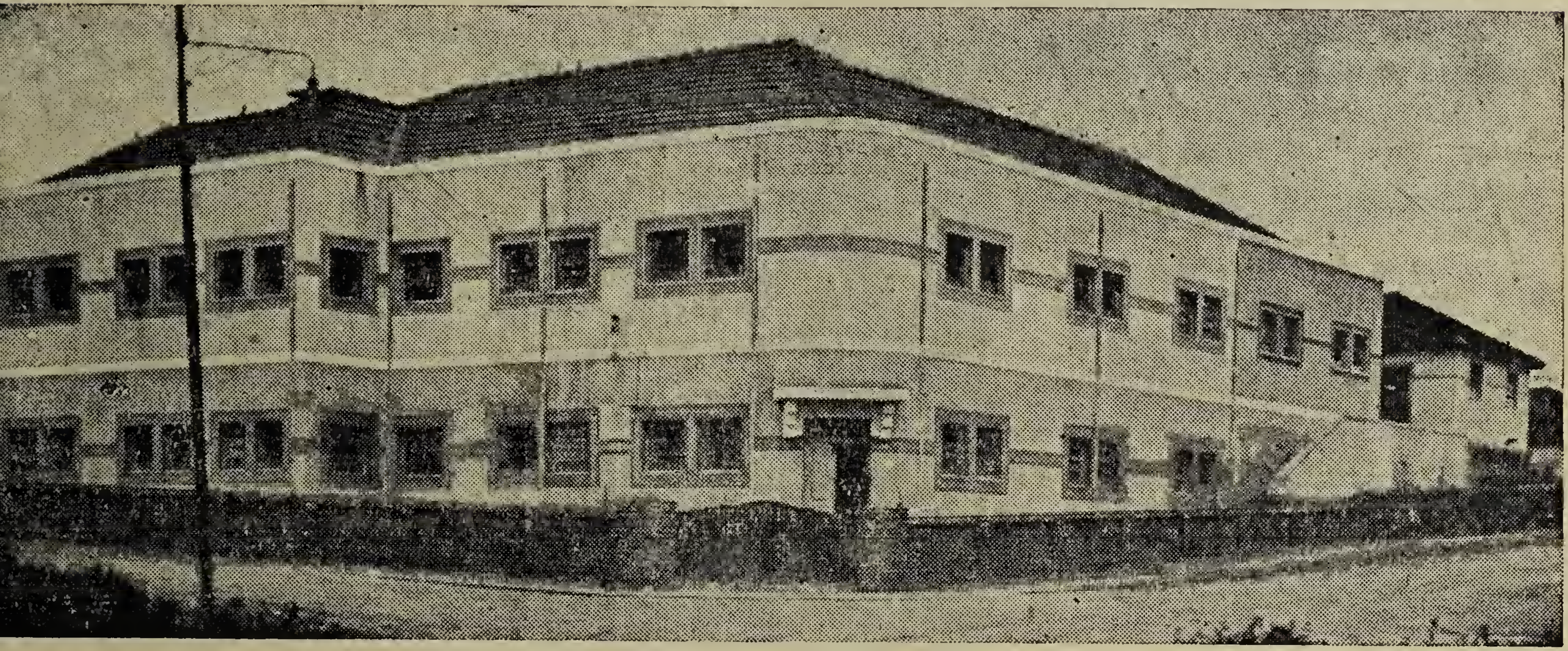

PAVILHÃO CENTRAL

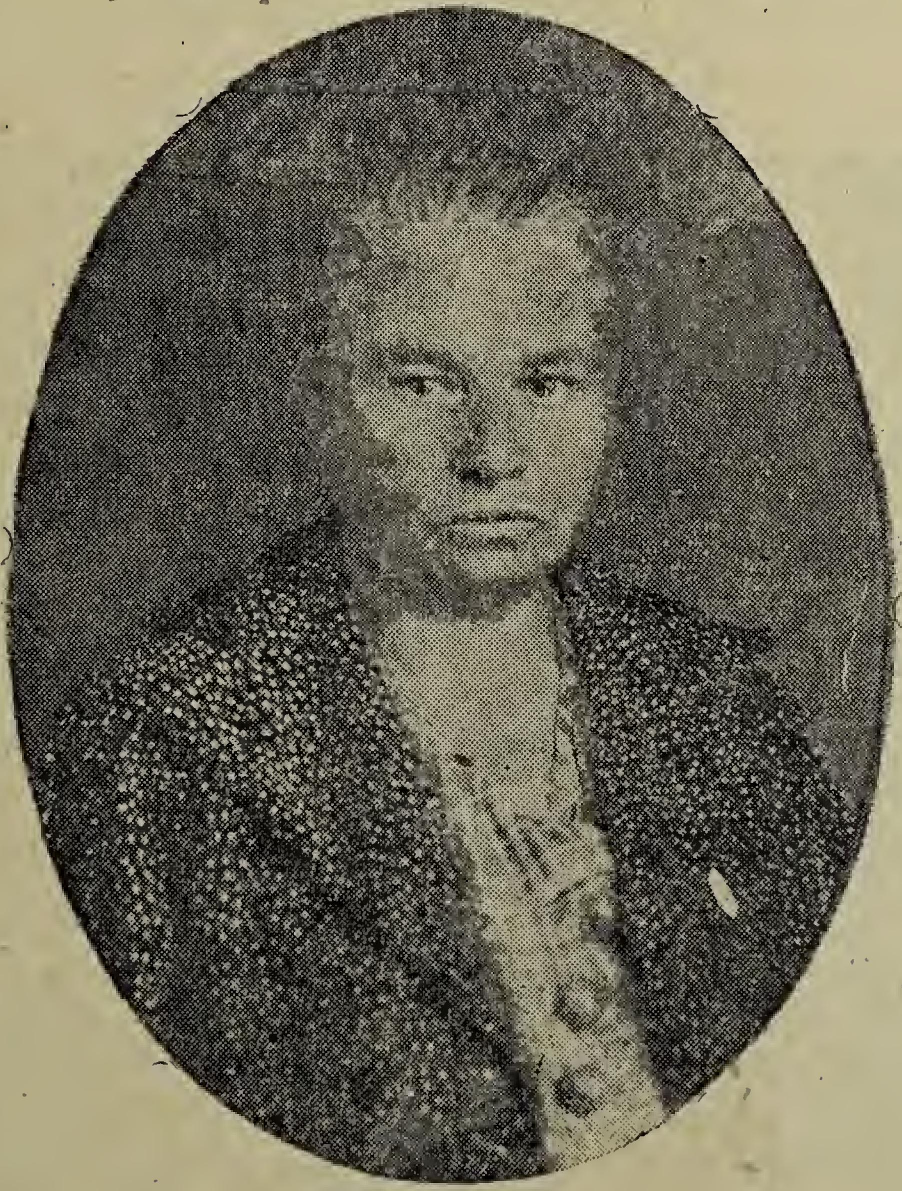

GRACINDA BATISTA, Fundadora do Hospital

Da esquerda para a direita :

1.º plano — Sebastião A. Pereira, 1.o Tesoureiro e Contador do Hospital; Onofre José Batista, Procurador Geral do Hospital; César Bianchi, Provedor-gerente do Hospital.

2.º plano — Dr. Anizio Simões, Vice-Provedor e Dentista do Hospital; Dr. Rayneri Galdi, Diretor Psiquiátra e Analista do Hospital; Dr. Achiles Galdi, Vice Diretor Clínico do Hospital; Dr. Hortêncio P. da Silva, Diretor Clínico do Hospital; João de Freitas, Auxiliar da Gerência.

3.º plano — Miguel Costa, 2.o Tesoureiro do Hospital; João Torrecilas Filho, 1.o Secretário do Hospital; José Ceragioli, Farmacêutico do Hospital.

* * *

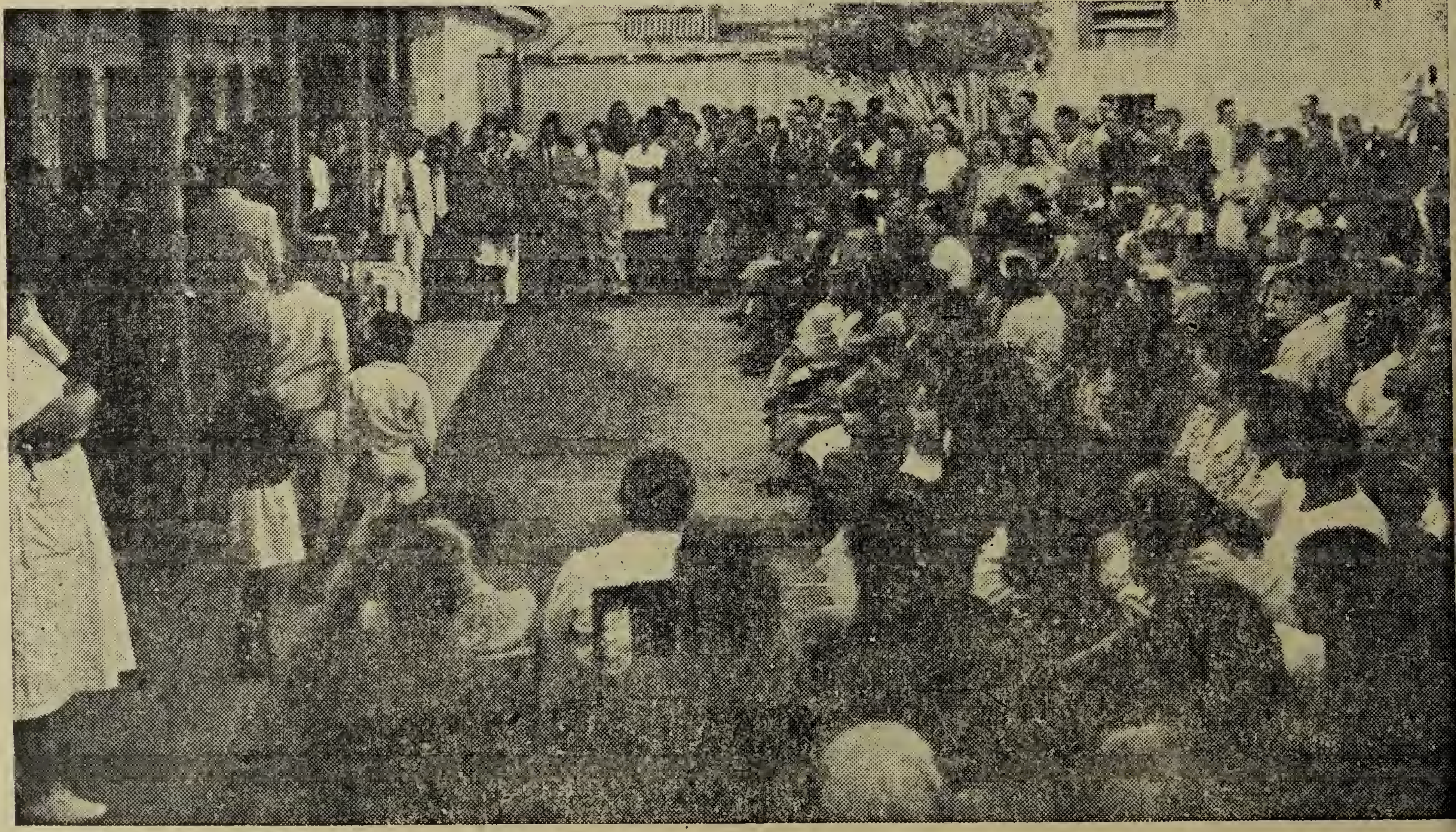

«*PSICOTERAPIA*» (Festa para os Internados)

Em cima:

«LABORTERAPIA»

Colheita de limões na Chácara, pelos internados.

No meio:

Enfêrmos convalescentes, médicos e diretores.

Em baixo:

«PSICOTERAPIA»

Pic-nic na Chácara. Enfêrmas convalescentes.

1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

Palavras de Encerramento

Diz velho rifão que «termina bem aquilo que começou bem».

Êste, o caso do 1.º CONGRESSO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL.

Começou brilhantemente. Era magnificamente que devia terminar como, efetivamente, está se encerrando.

Iniciou-se e encerrou-se assim, porque veio na sua hora justa, porque foi um imperativo do momento.

Como impositivo do momento que passa; de transformações gerais em tudo, estamos que fôra antes forjado na Espiritualidade.

Obra, portanto, mais dos Espíritos guias do movimento entre nós do que de homens e instituições.

Por isso mesmo não houve instituições isoladas nem homens privilegiados a sua frente, na sua organização.

E foi, todo êle, uma batalha de luz e de amor, de paz e de alegria, que se travou entre moços e mais velhos.

Os mais velhos de sua Comissão Patrocinadora e os mais moços, idealistas que lhes aceitaram, vibráteis e esclarecidos, o patrocínio generoso e expontâneo.

Graças a Deus, que tudo correu admiravelmente, que o Congresso se encerra superiormente.

* * *

De nós, individualmente, sentimonos felicíssimo, sentindo que foi êste, em nossa já longa existência de espírita praticante e combativo, o mais belo empreendimento que já careceu da fraqueza de nossas fôrças.

Como abençoamos os passos e as atitudes que demos para sua realização! Por isso, não nos arrependemos de nenhuma atitude, de passo algum que andámos tomando e dando para a sua realização! Se não nos arrependemos de tanto, nem do que ainda tivermos de fazer em suas consequências, também não guardamos rancor e mágua de ninguém, que não há, mercê de Deus, em nosso temperamento rudemente franco, lugar para tais qualidades inferiores, graças a Deus!

* * *

Queremos, ainda individualmente, agradecer a plêiade de mais velhos, como nós, e de jovens idealistas como vós, que correram ao primeiro chamado nosso para comporem as duas comissões: a Patrocinadora e a Organizadora.

Por isso, em nome das duas Comissões, aquí deixamos agradecimentos mais significativos, em primeiro lugar, à SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO, por nos abrir, numa atitude franca de alta compreensão do momento espirítico de nossa terra—e talvez do mundo— a sua séde para ser a Séde Central do primeiro Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil!

E à Liga Espírita do Brasil, que teve, a seguir, atitude semelhante.

Agradecimentos sincerissímos aos confrades e irmãos espirituais que, generosamente, abriram as portas de seus corações e de seus lares para receberem os jovens que, de toda parte, vieram comparticipar do maravilhoso certame.

A hospedagem de congressistas nos lares dos irmãos queridos, onde se lhes deparára, naturalmente, o desdobramento do próprio lar, da própria família, foi incontestavelmente, o aspecto mais empolgante do certame, por se apresentar para muita gente uma coisa irrealisável no Rio, cidade-babilônia.

A hora é, porém, de levar o Espiritismo para o recesso da família e do lar, para que os espíritas não se conheçam mal sómente nos *Centros* que frequentam, nas ruas em que sempre se encontram.

E tivemos mais de duzentos lugares para jovens congressistas!

Só isto serviria para que êste certame marcasse uma página das mais brilhantes na história do Espiritismo no Brasil e no mundo.

Gratidão sem nome a quantos — e foram tantos, tantos! — cooperaram, desta ou daquela forma, para o brilhantismo do certame.

Reconhecimento profundo aos órgãos da imprensa-espírita que, dentro da alta finalidade de seu dever publicitário, acolheram, generosamente, notas e apêlos que receberam, sôbre o Congresso, publicando-os.

Penhor de gratidão às instituições que abriram suas sédes para nelas se realizarem as sessões de mais vulto do certame. Principalmente a UDJ, *(União dos Discípulos de Jesus)*, TENDA MIRIM, CONGREGAÇÃO FRANCISCO DE PAULA, ABRIGO TEREZA DE JESUS, DISPENSÁRIO ANTONIO DE PADUA, AGREMIAÇÃO FRANCISCO DE PAULA, CASA DE LUCIÁ, CASA DE LÁZARO E FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Nem havia ambiente melhor para o Congresso encerrar-se. E' que esta casa, por seu passado, por suas finalidades, por seu destino, que acreditamos traçados no Alto, por suas edições de obras doutrinárias é, incontestávelmente, o maior patrimônio do Espiritismo no Brasil e no Mundo.

E por último, parabens a todos vós, jovens congressistas do Brasil, que, cientes e conscientes de vossas responsabilidades à frente do movimento de *Mocidades Espíritas* que se alastram pelo Brasil em fóra, não medistes sacrifícios nem tivestes dúvidas em vir ao Congresso, abrilhantá-lo com o fulgôr de vossa mocidade, com a trepidação de vossa alegria, com o brilho de vossa inteligência.

* * *

Mas, êste certame não póde encerrar-se sem duas justas homenagens ausentes :

A primeira, a Oswaldo Gomes da Silva, que teve, há 15 anos, a visão grandiosa do movimento de Juventudes Espíritas, fundando êle mesmo, num bairro de São Paulo, a primeira que existiu no Brasil e no Mundo.

A segunda, à UNIÃO DA JUVENTUDE ESPÍRITA DE ARACAJÚ, que realizou seu *Congresso Juvenil Regional*, antes dêste, de 9 a 11, cabendo-lhe, assim, a glória do primeiro certame de moços realizado, oficialmente e com êste nome, no Brasil.

Por último, prezados irmãos, esta confissão sinceríssima, muito franca :

Somos espírita professo e confesso de 34 anos a esta parte. Somos espírita praticante e combativo de 1930 para cá. Entreanto, em nenhum período de nossa modesta laboriosidade por amor à Doutrina : nem nas 18 polêmicas, e das mais rumorosas que já houve entre nós, em que sempre faláramos por último ; nem nas realizações de toda sorte que temos empreendido ; nem em nosso IDE E PREGAI a duzentas cidades do território nacional ; nem nas edições de nossos pobres livros que, entretanto, se exgotam ; em nenhum outro acontecimento, sentimos, crede-me, a sensação que êste certame nos transmitiu. Que é a sensação de quem venceu a mais séria e gloriosa de suas batalhas. E esta sensação, jovens congressistas, fostes vós quem nô-la trouxestes. Trouxeram-no-la as 146 mocidades espíritas que se espalham por êstes Brasís afóra — desde o longínquo Pará ao extremo Mato-Grosso — acorrendo, vibrando dessa alegria cristã que «é bem do Evangelho, que vibra e contagia da criança ao velho», ao nosso apêlo. Recebêmo-la de vós, jovens congressistas, que nos déstes, assim, a certeza confortadora de que não somos, ainda, um ídolo de barro que caísse do penhasco de suas pretensões ! de que não somos, ainda, um tabú na atualidade espirítica do Brasil, que se deve afastar com o pé ; de que a nossa estrêla ainda não se apagou no cenário das lides espiríticas em nossa terra.

Tamanha é a felicidade que sentimos, na trepidação dêstes oito dias de viva espiritualidade, de alegrias indiscritíveis, de programas extraordinários que se sucederam, que temos a impressão fortíssima foi o 1.º CONGRESSO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL... e do mundo, o salário maior, a misericórdia mais misericordiosa que o Alto houve por bem conferir-nos.

Por tudo isto, e pelos resultados práticos a que chegáramos, e pelas amizades fraternas que, através do Congresso, seus 300 representantes selaram, e pelos trabalhos colimados, e pela vibração superior que se sentiu por toda parte, e pelo melhor conhecimento que êle nos proporcionou dos espíritas e do meio espírita, e pelas conclusões oportuníssimas que foram votadas, para a orientação segura do movimento juvenil na *Pátria do Evangelho*, e pelos resultados práticos, finalmente, conseguidos ; por tudo isto, devemos estar, todos nós, satisfeitos, felicíssimos. E sentindo que o primeiro CONGRESSO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL só conseguiu ultrapassar tudo que dêle se podia esperar, exatamente porque veio na sua hora justa, porque marcou o maior evento espirítico dêsses últimos tempos, quer no Brasil, quer no Mundo !

Paz e alegria por todo o sempre, para todos vós, jovens congressistas !

Leopoldo Machado.

Hospital Espírita de Marilia

Sua Inauguração

Dia 18 de Julho último, conforme foi amplamente noticiado pela imprensa profana e espírita, deu-se a inauguração dos edifícios do «Hospital Espírita de Marilia».

O notável empreendimento levado a efeito pelos espíritas de Marilia, com a coadjuvação dos espíritas da Alta Paulista e do Estado e com auxílio da população em geral, teve sua pedra fundamental lançada em 3 de Outubro de 1943. Desde aquela época, até agora, os serviços de construção não se paralisaram, mau grado à carência de materiais, motivada pela Guerra, seu enorme encarecimento e dificuldade para conseguí-los.

O conjunto hospitalar de mais de dois mil e quatrocentos metros quadrados, compõe-se de três edifícios—edifício central, em forma de E, com três alas, sendo a parte central, assobradada, contendo no segundo pavimento, salas de operações, esterilização e de aparelhamentos cirúrgicos, sanitários e três quartos para operados, com dez camas especiais; parte térrea, com duas grandes enfermarias, com capacidade para cincoenta leitos, oito quartos fortes, e mais 26 quartos com capacidade variável de 3 a 6 leitos cada um, além de sanitários, salas de curativos, farmácia e sanitários para médicos e enfermeiros, sala de visita, e grande vestíbulo. O segundo edifício, compõe-se de cozinha e dois grandes refeitórios, tendo ao lado, rouparia, e sala de diretoria, caixa dágua e reserva de 20 mil litros, lavanderia e necrotério. O terceiro edifício, mais ao fundo, compõe-se de cinco quartos, de três camas cada um, para doentes portadores de moléstias infecciosas, e banheiro.

O custo atual de construção, feita sob os mais rigorosos princípios de segurança e solidez, uma vez que se destina a acolhida e cura dos doentes mentais e obsedados, orça seguramente em perto de dois milhões de cruzeiros.

A inauguração contou com a presença do Dr. Adhemar de Barros, D.D. Governador do Estado, que acaba de conceder um auxílio de duzentos mil cruzeiros (Cr. $ 200.000,00) para complemento da obra, e que cortou a fita simbólica e foi saudado a seguir pelo grande tribuno espírita e advogado Dr. João Baptista Pereira. A seguir, o Snr. Governador, visivelmente emocionado, convidou o provedor do Hospital, Snr. Eurípedes Soares da Rocha, a descerrar a placa colocada no portal do edifício com os dizeres: «Êste Hospital foi inaugurado em 18 de Julho de 1948, pelo Exmo. Snr. Dr. Adhemar de Barros, D.D. Governador do Estado», após o que, foi também descerrada a placa de uma das enfermarias pelo Snr. Pedro Pereira de Queiroz, do alto comercio da Capital do Estado, placa esta com os dizeres: «Enfermaria Tecidos Pereira Queiroz S/A.», em homenagem a benemerência daquêle senhor. Percorrido os edifícios em sua totalidade, pelo Snr. Governador, comitiva e multidão calculada em perto de 3.000 pessoas, serviu-se café na cozinha do edifício a todos os visitantes, após o que retirou-se o Snr. Governador do Estado, vivamente aclamado pelos presentes.

Espera a Diretoria do Hospital, dentro de um mês, dados os passos que se tornam necessários, dar início ao serviço de assistência aos doentes, preenchendo assim uma grande lácuna existente na zona da Alta Sorocabana e Alta Paulista, qual seja o do asilo e tratamento dos doentes mentais e obsedados.

Fizeram-se representar, «O Clarim» e a «Revista Internacional do Espiritismo» pelo sr. Paulo Corrêa de Lara, o «Mensageiro do Orfão», o Orfanato «Analia Franco», União Social Espírita e Federação Espírita do Estado de S. Paulo, pelo sr. Eurípedes Soares da Rocha, e Federação Espírita do Paraná, pelo Dr. João Batista Pereira.

* * *

Sociedade «Amigos dos Pobres»

Esta Sociedade, que está construindo no município de Santa Izabel, nêste Estado, a cidade do Redentor, destinada a abrigar crianças e velhos desamparados, acaba de nos comunicar a eleição de sua nova diretoria, composta dos srs. coronel Arlindo Ribeiro de Andrade, general Pedro de Pinho, Benedito de Godoy Paiva, dr. Julio de Abreu Filho, Raul Cary, Eugenio Bruno Severino e dr. Aristoteles Soares Rocha.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples Cr.$30,00
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 35,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 40,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2481unse

No. 8

LAP

15-9-48

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

AOS NOSSOS ASSINANTES

Depois que terminou a guerra, ha mais de três anos, todos em geral, como não podia deixar de ser, sentiram um grande alivio, porque iam entrar, de novo, na posse da paz com a normalização da vida internacional. Daí o motivo por que todos aguardavam uma baixa geral nos preços das utilidades e principalmente dos gêneros alimentícios.

Entretanto, está sucedendo justamente o contrário : o preço de tudo sobe cada vez mais, embora digam que o mercado está abarrotado. Subindo o preço de tudo, é justo que suba também o custo da mão de obra.

A «Revista Internacional do Espiritismo» não pode escapar a tal situação e, não tendo outra fonte de renda além do produto das assinaturas, vê-se obrigada a majorar o preço das mesmas, que passa a ser, desta data em diante, de cr.$ 35,00, porte simples, e cr. $ 40,00, porte registrado, anualmente

Como os nossos assinantes devem ter notado, não publicamos materia remunerada para não sacrificar o objetivo primordial desta Revista, que é o estudo dos fenômenos anímicos e espíritas. Assim é que, no lugar dos anúncios, que poderiam ser bem cobrados, publicamos sómente o que interessa o seu programa de caracter filosófico e científico.

Tratando-se de uma publicação dispendiosa, mas de incontestável valor para o estudo e a propaganda da Doutrina, esperamos merecer dos nossos prezados assinantes a mesma cooperação, o seu indispensável auxílio na tarefa comum de fazer brilhar a luz da Verdade aos olhos de cépticos e materialistas inveterados.

A REDAÇÃO.

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1948 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Progresso e o Valor do Espiritismo

NEM mesmo o mais obstinado contraditor, ou o mais fanático religioso, ou o mais indiferente pode negar que o Espiritismo está em marcha vitoriosa, semelhante ao bom pastor que, ao cair da noite, corre daqui para ali no afã de conduzir as suas ovelhas ao redil.

O surto progressista desta inegualável doutrina, inegualável porque é a revivificação do cristianismo primitivo, inegualável ainda porque é a promessa do Cristo de Deus, quando afirmou que enviaria o Paracleto para restabelecer todas as cousas, decorre de dois factos: 1.º, a reprodução, em escala cada vez mais crescente, dos fenômenos psíquicos, a começar da simples atuação até a obsessão completa que leva milhares de pacientes aos Centros Espíritas, na justa confirmação da profecia de Joel quando disse que chegaria o tempo em que o espirito seria derramado sôbre toda a carne, fenômenos que, assumindo um caráter mais elevado, nos apresentam espíritos materializados, «voz direta», trabalhos os mais variados, transportes de objetos, etc.; 2.º os ensinos transcendentais através de obras mediúnicas e mensagens do Além que confortam, estimulam e iluminam efetivamente as creaturas, abrindo-lhes a porta da Esperança, dando-lhes a verdadeira fé na certeza da sobrevivência individual após a morte do corpo físico, daí surgindo o desejo incontido da creatura entregar-se à prática da caridade como único meio do aperfeiçoamento espiritual, sem o qual não pode haver aquela felicidade que todos instintivamente almejam.

Esses dois factos constituiram o motivo da debandada de milhões de profitentes das religiões mundanas, que, percebendo as trevas em que os envolviam suas supostas religiões, abraçaram de alma e coração a doutrina espírita, que é a luz e o pão do espirito, enfim, a seiva da vida. Além de milhões de profitentes das religiões sacerdotais, milhares de indiferentes, ateus e materialistas obstinados, sob os influxos dos fenômenos e ensinos espíritas, passaram a engrossar a fileira espírita e seu trabalho é digno de encômios pelo esfôrço e pela boa vontade com que procuram cumprir os seus deveres cristãos.

E assim, alegra-nos sobremaneira verificar que além dos pequeninos, daqueles que mal sabem soletrar o alfabeto ou não o sabem, milhares de pessoas em evidência nos principais setores da atividade humana, abraçaram o Espiritismo porque se compenetraram de que só pode haver paz e entendimento entre os homens e progresso do espírito à luz desta doutrina, que é o resumo das leis divinas.

Esta cruzada, porém, não está afeta apenas aos homens, aos espíritos incarnados, mas também aos desincarnados, aos Espíritos Superiores encarregados da evangelização ou espiritualização da humanidade.

Não precisamos citar os milhares de factos comprobativos desta nossa assertiva, estudadas e pesquisadas sob o mais rigoroso contrôle por sábios de renome como William Crookes, Camille Flammarion, Paul Gibier, Zöllner, Aksakof, Lombroso, etc. Basta mencionar as maravilhas que o Alto nos tem proporcionado através da admirável mediunidade de Francisco Candido Xavier para nos convencermos que os desincarnados estão trabalhando ativamente no sentido da espiritualização da humanidade.

Os iluminados Espíritos de Emmanuel, André Luiz e Humberto de Campos, têm nos mostrado, através de belissimas descrições, que estão ao alcance de todas as inteligências, o mundo espiritual, as suas maravilhas e a vida das diferentes categorias de espíritos. Essa tríade espiritual nos apresentaram verdadeiras obras primas da literatura, da filosofia, da ciência e da religião, na demonstração clara do valor da doutrina espírita.

Unamo-nos, pois, em tôrno desta doutrina, vigiando sempre no sentido de que o nosso trabalho seja realmente edificante, que não invalide o adjutório dos Bons Espíritos, que de mil maneiras, pela reprodução de fenômenos psíquicos, pelas mensagens de estímulo, pelas intuições, etc., procuram implantar no coração dos viventes deste mundo terreno, o reino dos céus e sua justiça. Desta maneira estaremos trabalhando eficientemente para o Espiritismo prosseguir na sua marcha triunfante.

Êste e o Outro Lado

V. Cy e o Espiritismo

J. Herculano Pires

(Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»).

NA edição de 25 de julho último, d'«O Estado de S. Paulo», volta o conhecido e apreciado comentarista V. Cy (Vivaldo Coaracy) a tratar de assuntos espíritas, por motivo do recente falecimento de Monteiro Lobato. Há pouco, e a propósito do livro «Afinal, quem somos?», de Pedro Granja, V. Cy escreveu um interessante artigo, focalizando o acelerado desenvolvimento do Espiritismo nestes últimos anos. Suas apreciações são feitas do ponto de vista do leigo, e se revestem do sabor especial da sua acurada curiosidade jornalistica. Mas o que mais se destaca, no seu modo de vêr e de dizer as coisas, é a serenidade do cronista sincero, leal, do observador consciente, que não tira conclusões apressadas, não faz exaltações de fictício entusiasmo e não formula acusações descabidas ou apaixonadas, tão do gosto de certos «observadores» das coisas e dos factos espíritas.

V. Cy constata, as vezes até assombrado, a realidade palpável da difusão do Espiritismo nos últimos tempos. Registra o crescimento e a vitalidade do movimento entre nós. E não louva nem condena, como dizia o padre Vieira, mas simplesmente observa.

No último artigo, que é uma carta-aberta de resposta à pergunta que uma amiga lhe dirige, V. Cy aborda de frente a questão da imortalidade da alma para concluir, depois de um prolongado balanço nas suas convicções mais profundas: «Não sei se acredito no outro lado da vida». E afirma que não está fugindo ao problema, mas, pelo contrário, respondendo com absoluta sinceridade a questão que lhe foi proposta.

A seguir, passa a explicar que nunca se interessou a fundo pelo assunto, nem deseja se interessar. E isso porque: «Penso que nesta vida há tanta coisa para a gente fazer, aprender, sentir, gozar e sofrer, que para quem queira viver plenamente a vida que lhe é dada, não sobra tempo nem energia mental a desperdiçar com as cogitações sôbre o outro lado.»

E nêste ponto, precisamente nêste ponto, é que a roda pega na argumentação fluente do comentarista. Até aquí, estamos com V. Cy. O fato de observar o movimento espírita como um simples cronista de palanque, mas leal e sincero, só nos póde honrar e agradar. Quando, porém, no intuito de justificar a sua indiferença pelo assunto, passa a acusar os espíritas de esperdiçarem tempo e energia com «o outro lado da vida», V. Cy deixa o palanque da observação jornalística e entra no terreno árduo da participação. E então somos forçados a nos colocar no seu caminho. Mas com que alegria, santo Deus! Porque então, se o cronista já deixou a sua indiferença, para entrar na liça, é que as observações lhe mexeram em alguma coisa mais do que na simples e despreocupada curiosidade jornalística.

A «tese supressiva» de V. Cy, se assim a podemos chamar, não é dêle nem é nova. Para não irmos muito longe, basta-nos lembrar a posição do marxismo, que não vai além, em face dos problemas do espírito, da simples supressão dos mesmos, em benefício da vida material.

Essa atitude, aliás, encontra plena justificativa diante das teorias religiosas que procuram apenas servir de lenitivos para as atribulações humanas, e que na verdade não passam de doses massissas de ópio, intencionalmente distribuidas ao povo. Quando, porém, tratamos de Espiritismo, a evasiva já não mais se aplica. Porque o Espiritismo não é apenas uma teoria religiosa, não é simplesmente uma teologia. O Espiritismo é aquele triângulo positivo da definição de Emanuel, cujos vértices básicos, apoiados na terra (e é bom que V. Cy preste atenção neste particular: *apoiados na terra)* são a ciência e a filosofia, e cujo vértice, *voltado para o céu*, é a religião. Não se trata, portanto, de uma teologia imaginária, espécie de sistema mitológico travestido de cristianismo, mas de uma religião que deriva de factos naturais, observados, registrados, analisados pela *ciência* e interpretados pela *filosofia*. Comte ou Spencer, Hegel, ou mesmo Karl Marx, poderiam querer um sistema mais exato de deduções e conclusões, no terreno da lógica e em busca da verdade que redimirá a espécie?

V. Cy é um espírito arguto. E acreditamos que basta esta chamada de atenção, em meio do caminho, para desvia-lo do rumo incerto que acaba de tomar. Os factos espíritas não são coisas de outra vida, ou do «outro lado». Pelo contrário, são deste mesmo lado, desta mesma vida, factos quotidianos, factos comuns, entrosados na nossa vida diária, influenciando os acontecimentos da nossa presente existência, e não vemos como desviar deles a nossa atenção, sem fugirmos à realidade, e esperdiçarmos tempo e energia com a fuga impossível de explicações supostamente realistas.

«Temos uma vida a viver. Isto é certo. E' esta em que estamos. Tratemos de vivê-la bem vivida, que é a nossa obrigação», diz V. Cy. Pois bem: não é outra coisa o que nos diz o Espiritismo. Tudo, portanto, não passa de uma questão de entendimento entre as duas partes. Procure o cronista entender-se com o Espiritismo, de maneira mais íntima, tomando conhecimento real da sua doutrina, e podemos assegurar que se tornarão bons amigos. E' mesmo possível que se deem as mãos, e prossigam juntos na estrada concreta desta vida e deste lado.

O raciocínio, filho da inteligência, é uma conquista do espírito através de suas peregrinações terrestres. Isto quer dizer que o exercício do raciocínio vos conduzirá à verdade, que vos libertará da escravidão da matéria para elevar-vos aos altos cumes da espiritualidade. — CAMARGO.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XIII —

Se a respeito do fenômeno mediúnico Geley reconhece a ação de uma vontade autônoma e independente do médium e dos experimentadores, igualmente sôbre o conteúdo das mensagens elevadas, confessa ele essa origem superior e explica as dificuldades que encontra o Espírito comunicante. Diz:

«Ao passar pelo canal medianímico, a mensagem será forçosamente limitada pelo mental e pela cerebração do médium. Quando a inspiração subconsciente intrínseca tem tanto trabalho para repercutir intacta no cérebro, com maior razão a inspiração extrínseca tem que se tornar limitada e deformada.

«E isto não é tudo: pelo simples facto de comunicar-se, o comunicante sofre uma perturbação psíquica notada por todos os experimentadores, especialmente pelos anglo-americanos. Ao tomar de empréstimo a substância do médium, o Ser se limita, como se limita ao nascer, ao formar para si um corpo com a substância materna. Só por este facto de comunicar-se com o plano material, o Espírito sofre uma espécie de reencarnação relativa e momentânea, acompanhada, em certa medida, como a reencarnação normal, do esquecimento da situação real e da reserva da maior parte de suas aquisições conscientes.

«Se se admite a manifestação espírita, é-se obrigado a pensar que, durante o curso de sua manifestação pelo canal mediúnico, o Sêr se acha irremissivelmente reduzido às condições que lhe caracterizaram a vida.

«Por todas estas razões e em virtude destas dificuldades, os comunicantes podem abundar em pormenores sôbre sua identidade, mas dificilmente dar noções precisas de sua situação real.

A seguir, Geley passa a tratar do conteúdo das comunicações e diz:

«Todas as comunicações elevadas, todas, sem exceção, afirmam a sobrevivência do que há de essencial no «eu», e a evolução indefinida rumo a maior consciência e a maior perfeição. Todas colocam o ideal e o alvo da humanidade acima de todos os dogmatismos. Todas proclamam uma moral superior de bondade e justiça.

«A evolução progressiva do inconsciente para o consciente, contudo, nem sempre está ligada à palingenesia. A pluralidade das existências jamais foi negada pelas comunicações elevadas, porém frequentemente tem-se de subentendê-la. Assim sucede nas admiráveis mensagens recebidas por Stainton Moses.

Vemos que o Diretor do Instituto Metapsiquico Internacional confirma tudo quanto os Espíritos já nos haviam revelado, confirmando assim, com seus estudos, as bases da Doutrina.

Depois de concluir o estudo sôbre a evolução do indivíduo, entra ele a tratar da evolução do Universo e vai chegar a conclusão de que virão a surgir novas formas de vida superiores, mais elevadas, do que a mais elevada de hoje, que é a do homem. Virá a aparecer, quando as condições evolutivas do planeta forem favoráveis, uma nova humanidade, ou melhor, superhumanidade, que seria a realização de todos os nossos ideais. Diz:

«Esta forma nova estaria conforme com todas as nossas aspirações conscientes revertidas para o inconsciente.

«Apareceria com um organismo menos grosseiro, menos sujeito às necessidades materiais, mais livre com relação ao tempo e ao espaço, refletindo, enfim, nosso ideal de inteligência, de equilíbrio, de juventude, de fôrça, de saúde, de liberdade, de beleza, de amor.

«Esta forma de vida e consciência dominaria a matéria, em lugar de sofrer, como hoje, sua dolorosa escravidão.

«Mas uma organização mais sutil do que a organização humana é compatível com as necessidades do meio terrestre?

«Realizar-se á sómente em outros mundos?

«Já se realizou em algum lugar?

«Estes problemas, atualmente insolúveis, são mais próprios a tentar os poetas do que os filósofos».

Nós os espíritas não somos poetas, mas não temos dúvida alguma de que se realizem, em futuros milênios, todos êsses ideais na face da Terra e ainda um maior que o nosso Autor não apontou: Adquirirmos a capacidade de desmaterializar e rematerializar o nosso corpo, conforme as nossas conveniências. Não duvidamos, porque sabemos que o progresso é lei fatal que se cumpre através dos milênios. Se dos monstros primitivos o planeta já dá hoje o homem aviador que espalha a sua voz pelo rádio por toda a superfície do planeta; se vemos a humanidade progredindo rapidamente através dos séculos; como admitir que a evolução estivesse completa e que pela eternidade futura nos conservássemos, como hoje, galés da matéria?

O simples facto de já conhecermos a possibilidade do progresso infinito dos sêres nos dará novo rítmo ao progresso dagora para o futuro.

Faltava ao homem um grande ideal que o abrigasse contra o pessimismo e lhe desse novas forças para progredir; o Espiritismo veio estabelecer este ideal, mostrando-lhe seu brilhante futuro. Dagora em diante a humanidade progredirá mais rapidamente.

Provas, Afirmações e Trabalho...

LEOPOLDO MACHADO

O Espírito—guia espiritual dos trabalhos—manifestou-se e foi dizendo, mais ou menos, o seguinte:

Graves ocorrências estão reservadas para dias futuros.

Ocorrências dolorosas, experimentais, afirmadoras de valores e exigentes de trabalhos porfiados.

Casos de loucuras—ou de obsessões, para os espíritas! — se sucederão por toda parte e em quantidade tal, que dir-se-ia forte epidemia.

Será, mesmo, uma epidemia de loucuras, contra a qual não terá poder nenhum a ciência psiquiátrica. Muito menos, as promessas e penitências a santos da Igreja, e exorcismos dos reverendos.

De tudo zombará a epidemia.

E os loucos, levados na voragem, entrarão a dizer coisas surpreendentes, a fazer revelações que atestarão e confirmarão a sobrevivência da alma. Vultos que já desapareceram, tragados pela morte, conhecidos de toda gente, que andam a perambular, perturbadissimos, na Erraticidade, apresentarão, nas suas perturbações, tais provas que são eles mesmos, que ninguém poderá pô-las de parte. E, com essas provas, e as perturbações em que vivem, a documentação insofismável de que as missas e outros sufrágios religiosos do catolicismo nenhum poder têm para encaminhar alma-alguma ao Céu, que não existe; que nenhuma fôrça teriam para livrar alguém do inferno, se o inferno existisse... Espíritos que, a despeito de tão considerados pela Igreja, continuam, *no outro lado da vida*, mergulhados no purgatório e no inferno de dôres e desesperos sem nome, pelo mau uso que fizeram de seu livre-arbítrio, pelo desinterêsse com que sempre levaram o problema religioso, no plano terreno...

E toda gente ha de ter seus casos, suas provas!

E dessas provas e desses casos, uma coisa resultará positivissima, irrefragável, lógica: a sobrevivência da alma humana!

Os centros espíritas se encherão.

As residências dos espíritas mais dedicados à causa não comportarão as levas de sofredores que as procurarão.

Então, sob a evocação do nome do Cristo, e em nome do Espiritismo, os espíritas mais abnegados e sinceros não terão mãos a medir nas dores a aliviar, nos casos de loucuras a resolver.

Será, assim, a afirmação do Espiritismo como a única terapêutica de molde a curar, realmente, a loucura.

Esta, pois, a afirmação, *urbi et orbi* do Espiritismo como ciência cristã, como a religião de verdade que, ensinando os meios reais da gente poder viver feliz, sem perturbações e desesperos na Eternidade, vai realizando na Terra o que nenhuma outra religião e nenhuma ciência poderá fazer...

Os espíritas, então, — aqueles que o forem de verdade, por sua capacidade de trabalho e por seu desinterêsse — darão o testemunho de que são, realmente, «o sal da terra e a luz do mundo». Porão suas mãos sôbre os enfermos e loucos — mãos que, por vezes, nem uma pena sabem manobrar sôbre o papel — e os curarão, vivendo, assim, à vista de toda gente, a promessa e o imperativo evangélicos que dizem: «em meu nome, expulsarão os demônios ... porão as mãos sôbre os enfêrmos e os curarão» (Mar. XVI — 17 e 18).

E o espírita que, chamado à luta, não atender ao chamamento; que, acorrentado ao apêlo, não fôr capaz de tanto, dará provas de que sua fé é nenhuma, de que lhe falta o espírito de renúncia, a sinceridade nas convicções.

Este, o trabalho porfiado a que seremos chamado.

Até aquí, as advertências e os avisos do Alto.

Agora, algumas ponderaçõezinhas nossas:

Será que o trabalho para os espíritas encontrará os trabalhadores a postos?

Ou teremos de agir a receber «por misericórdia e de acrescimos», como tem acontecido até aquí?

Não seremos apanhados como as «virgens loucas» da parábola evangélica sem o azeite da fé pura e da bôa vontade cristã a transbordar nas candeias de nossos corações?

A tempestade de provas e de afirmações, encontrar-nos-á porventura, unidos e coêsos, fraternos e irmãos, como discípulos modernos do Cristo?

Não o cremos, ai de nós!

O Espiritismo é grande e puro de mais para a nossa pequenez e impurezas.

Lavra ainda, infelizmente, muita incompreensão entre os espíritas!

Quaisquer nonadas, de molde a contrariar pontos de vistas nossos, diferentes, são motivos fortes para máguas e ressentimentos infinitos.

Discussões estéreis, como, por exemplo, a da corporeidade do Cristo, são suficientes para abrirem abismos intransponíveis entre irmãos respeitáveis e instituições mais respeitáveis ainda!

Estreitissimos pontos-de-vista são mais do que bastante para desunir ainda mais!

Ressentimentos os mais tolos preparam deserções de companheiros que, até ontem, se nos afiguravam missionários ou apóstolos!

E a invigilância e a falta de orações vão alijando companheiros dedicados de seus postos de combate, vão abatendo instituições e organizações dignas e laboriosas!

Vemos, por tudo isso, arrastados na voragem de tudo o que contraria êste asserto do Cristo: «Que vos ameis uns aos outros, pois só assim provareis que sois meus discípulos».

Ainda bem que o Espiritismo não se alicerça nos espíritas para a sua altissima finalidade! Ele «dominará sem os homens e a pesar dos homens»...

Dominará sem os homens, para atestado eloquentissimo de sua grandeza e posteriores amarguras e arrependimento dos espíritas.

Meditemos, profundamente, em tudo que aí fica...

E que, pelo menos, não regateiemos cooperações e apoios a instituições que existem e se formam com o propósito de realizarem, já de agora, aquilo para que seremos chamados num futuro próximo.

Cerremos fileiras em torno dos sanatórios, hospitais e asilos de loucos e obsidiados, para atenuarmos, de algum modo, nossos êrros!

Ficai convencidos de que os sêlos apocalípticos estão sendo abertos, e o testemunho desta afirmativa encontrareis na situação aflitiva por que está passando o vosso mundo. Os tempos chegaram e ninguém mais poderá resistir ao surto progressista da Verdade. Acelerai o vosso trabalho, que agora mais do que nunca é necessário para apressar o advento do reinado do Espírito, tanto mais que o nosso trabalho aquí se realiza nêsse mesmo sentido. — CAIRBAR.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— IV —

5 — O Reino Dividido

O profeta prossegue impassível: — «E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem parte de barro de oleiro, e outra parte de ferro... êsse reino... será dividido».

Não obstante a sua grandeza e poder, Roma tampouco permaneceria. Também não seria seguida por outro reino universal. Dividir-se-ia. Fragmentar-se-ia, ou seria reduzida a pedaços. A divisão do grande Império Romano é representada na estátua pelos pés e dedos misturados de ferro e barro cosido. Na profecia paralela a do capítulo 7 de Daniel, é-nos dito que o quarto reino, Roma, se dividiria em dez partes. Em dez partes, assim como são dez os dedos dos pés da estátua.

Aconteceu isto? Exatamente. Durante o quarto e quinto séculos de nossa éra, em virtude das conquistas dos chamados bárbaros, dez nações diferentes ocuparam o território de Roma na Europa.

Essas nações ou povos em que Roma se havia dividido foram: os germanos (Alemanha), os francos (França), os burgundos (Suiça), os suevos (Portugal), os saxões (Inglaterra), os visigôdos e vândalos (Espanha), os lombardos, hérulos e ostrodos (Italia). Exatamente dez! Esses povos foram os precursores ou, em outros termos, os que deram origem às atuais nações da Europa.

Mil anos antes, a profecia havia anunciado que o grande Império Romano, o quarto reino, se dividiria em dez partes, com exatidão assombrosa.

Inúmeros comentaristas e estudiosos do passado predisseram o cumprimento da profecia.

No seu «*Tratado sôbre o Cristo e o Anti-Cristo*», Santo Hipolito, que faleceu cerca do ano 240, comentou: — «O ferro domina agora; domina e despedaça tudo; submete agora a quantos opõem resistência; já vemos todas essas coisas».

São Jerônimo, que morreu uns dois séculos mais tarde, no ano de 420, disse o seguinte: — «Em nossos dias o ferro se misturou com o barro. Noutra época não houve nada mais forte que o Império Romano; agora não existe coisa mais frágil; está misturado com as nações bárbaras, de cujo auxílio necesssita».

Em seu tempo, São Jerônimo, já previa a divisão do Império Romano, embora houvesse morrido cincoenta anos antes da quéda do derradeiro imperador romano. Rômulo Augustulo, o último dos imperadores romanos abdicou no ano 476. Assim, no ano 476 de nossa éra, Roma ficou difinitivamente dividida em dez partes, como a profecia havia anunciado mil anos antes. E conforme ainda a profecia, e em seu cumprimento, algumas das nações que surgiram são fortes e outras fracas».

Mas não formariam um só corpo!

«E como tú viste que o ferro estava misturado com a terra e com o barro, também êles se misturarão por meio de parentêscos contraídos, mas não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro». (Daniel, II-43).

Por meio de matrimônio, entre as casas reais, se trataria de manter a unidade ou melhor, os grandes governadores da Europa seguiriam a política dos matrimônios arranjados entre as casas reais, com o objetivo de restabelecer um império universal, como o de Babilônia, Grecia ou Roma. Mas, conforme havia previsto a profecia, fracassariam, «...não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro»!...

Certo é que, nestes últimos tempos, tem havido mudanças nas formas de governo, ainda subsiste, contudo, o facto de que as casas reinantes da Europa formam por muitos anos, uma grande parentela, todavia, apesar dessa política secular, mais de quatorze séculos de história demonstram que a Europa não se póde unir.

Quatorze séculos não puderam desmentir, estas assertivas categóricas da profecia: — «Não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não póde ligar com o barro».

Assim é que Carlos Magno, no século IX, Carlos V, no século XVI, Luiz XIV, no século XVIII, Napoleão, no século XIX e outros depois dêles, quiseram, na Europa, um novo império universal, mas fracassaram.

A cada um dêles poder-se-iam aplicar as palavras sapientes de Vitor Hugo, com referência ao fracasso de Napoleão: — «Estorvava a Deus».

Vêmos assim que estas breves citações das Escrituras lançam por terra todo o poderio dos maiores imperadores e mais notáveis gênios.

E nos tempos que correm, a história se repete: Qual o objetivo dos mandatários das últimas guerras que assolaram o planeta, os facistas, os nazistas, comunistas, etc.? — o predomínio do mundo, pela prepotência e pela fôrça das armas.

6 — A época dos pés de barro

Graças aos desígnios de Deus, os grandes impérios representados pelo ouro, pela prata, pelo bronze, e pelo ferro, não existem mais. A sua lembrança funesta está apenas na História; pertencem ao passado. Na marcha da história, onde estamos presentemente? Nos pés da estátua simbólica, mistura de ferro com barro de oleiro. Ou em outros termos, encontramo-nos na derradeira etapa da história humana, na época dos pés de barro, onde tudo é frágil e oscila assustadoramente. Será, porventura igualmente exata, no que se refere aos acontecimentos que se anunciam para futuro próximo, em que uma grande pedra arrancada do monte, sem intervenção da mão do homem, tudo demolirá?

E' o que veremos, no próximo trabalho.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd. — Estáveis obsedando-a. Sois egoista e, para satisfazer o vosso vício, levaste-a a fazer o que não devia. A falta foi vossa, não dela. Já lestes a Bíblia?

Esp. — A Bíblia?

Méd. — Lembrai-vos de que Jesus expulsou eepíritos impuros? Sois um de tal espécie.

Esp. — (Olhando para as mãos). Estes aneis não me pertencem. De quem são eles?

Méd. - Não reconheceis estas mãos?

Esp. — Não. Eu devo ter encolhido muito. Podemos ser hipnotizados de vários modos; talvez seja isto. Ou então porque bebi muito pouco e é melhor beber mais uisque; apenas uns goles. Estou vendo mal. Dai-me um pouco dele e seremos amigos. Um copo apenas e tudo estará bem. Pode ser?

Méd. — Se não quereis compreender, tereis que sair daquí.

Esp. — Não podeis expulsar-me daquí e não há muitos homens que possam fazê-lo. Sou muito forte, se quereis ver.

Méd. — Não queremos ver coisa alguma.

Esp. — Posso lutar com qualquer um. Já fiz isto muitas vezes. (Arregaçando as mangas) E' melhor ir vos preparando.

Méd. — Porque não quereis prestar atenção ao que vos estamos dizendo? Sois invisível a nós.

Esp. — Não podeis ver-me?

Med. — Já não tendes mais corpo físico. Este não é vosso.

Esp. — Não é? (Tentando lutar). Dai-me algo para beber!

Méd. — Não sentis vergonha do que estais fazendo?

Esp. — Porque sentir vergonha? Tudo o que peço é um pouco de bebida.

Méd. — Não compreendeis a vossa situação?

Esp. — Porque não falastes com aquela senhora para esperar um minuto? (A paciente partira depois do tratamento). Ela foi embora. Porque motivo? Dizei-lhe para esperar um instante.

Méd. — Deveis ter todo o cuidado para não importunardes a outras pessoas.

Esp. — Ela é uma senhora muito boa. Quando eu queria uisque, tinha sempre dinheiro pronto e o comprava para mim.

Méd. — Mas isto não acontecerá mais.

Esp. — Não estou só, tenho muitos outros comigo.

Méd. — E todos eles querem beber?

Esp. — Sim.

Méd. — Estáveis todos arruinando a vida daquela senhora. Bebieis por intermédio dela. Obsedando-a, fazieis beber por vós.

Esp. — Quereis vos referir áquela senhora alta e gorda? Ela tem um coração de ouro. Está sempre pronta a agradar-me. Passamos bons tempos juntos, belos tempos. (Rindo-se)!

Méd. — Mas isto tudo já acabou. Achais que é uma coisa direita dominar a vida de uma senhora e fazer dela um bêbedo?

Esp. — Não sou bêbedo. Posso andar direitinho. Tenho juizo. Já bebemos juntos muitas vezes.

Méd. — Isto não é coisa de quem tem juizo. Procurai verificar que sois um espírito invisível e que já perdestes o vosso corpo físico. Estamos agora em 1923. Morrestes provavelmente há muito e estivestes, desde então, penando na esféra terrena.

Esp. — Mas agora eu quero beber alguma coisa.

Méd. — E' isto o que chamais de vida boa?

Esp. — Foi mesmo uma vida boa!

Méd. — Mas estáveis arruinando a vida daquela senhora.

Esp. — Não estava fazendo tal coisa.

Méd. — Quando querieis uisque, fazieis aquela senhora beber por vós.

Esp. — Não fazia isso; eu mesmo é que bebia.

Méd. — Sim, mas por intermédio dela. Não sejais tão inocente. Fazieis com que ela bebesse uisque por vós.

Esp. — Bem, mas era ela quem tinha dinheiro! Já não ganho nenhum.

Méd. — E' direito influenciá-la para satisfazer ao vosso desejo? Vossa mãe vos ensinou tal coisa?

Esp. — Minha mãe já morreu há muito tempo.

Méd. — Suponde que vossa mãe viva ainda. Gostarieis de vê-la vítima de um espírito errante?

Esp. — Não sou espírito errante.

Méd. — Gostarieis de ver a vossa mãe cercada por uma multidão de espíritos errantes, que a fizessem beber? Isto vos farieis feliz?

Esp. — Ela não faria isso. Aquela senhora é muito boa. Apenas compra uisque para mim.

Méd. — Sim, e vós bebeis por meio dela.

Esp. — Quem bebe sou eu.

Méd. — Sim, mas dominando a Sra. V., assim como estais usando o corpo desta senhora.

Esp. — Não estou me utilizando do corpo de ninguém. Só quero um pouco de bebida.

Méd. — Sêde razoável. Este corpo não é vosso.

Esp. — De quem é então?

Méd. — E' de minha esposa. Ela é um médium por intermédio de quem os espíritos podem falar a nós mortais.

Esp. — Pode ela tomar um copo comigo? Pode?

Méd. — Não!

Esp. — Convidarei todo êste pessoal.

Méd. — Penso que não tendes dinheiro.

Esp. — Sempre consigo dinheiro com aquela senhora.

Méd. — Mas ela não está mais aquí.

Esp. — Então vós o arranjareis e eu convidarei o pessoal. Vinde comigo, todos. Pagarei para todos.

Méd. — Pagava aquela senhora com dinheiro ganho por vós?

Esp. — Ela é muito boa. Há um outro homem que a ajuda a pagar.

Méd. — E' o marido dela.

Esp. — Marido?

Méd. — Sim, marido. Fizestes daquela senhora uma escrava do vosso desejo e obrigastes-a a beber. Suponde que era à vossa mãe que tal coisa fazieis.

Esp. — Minha mãe?

Méd. — Sim, pensai bem nisto. Suponde que alguém fizesse vossa mãe beber. Como vos sentirieis? Ou então à vossa irmã?

Esp. — Elas sabem se portar.

Méd. — Vossa conduta é uma coisa correta?

Esp. — Sou um bom rapaz e sempre gostei de estar em companhia de mulheres. As mulheres têm sido sempre os meus melhores amigos. Têm sempre dinheiro e estão prontas a gastá-lo.

Méd. — Agora prestai-me atenção. Perdestes o vosso corpo físico provavelmente há muitos anos. Quem era, na ocasião, o Presidente?

Esp. — Não sei, não consigo recordar-me.

Méd. — Era Lincoln?

Esp. — Não, foi há muito tempo.

Méd. — Cleveland?

Esp. — Não.

Méd.—Mc Kinley? Arthur?

Esp.—Ele foi Presidente há muitos anos.

Méd.—Lembrai-vos do Presidente Wilson?

Esp.—Wilson? Nunca ouvi falar nele.

Méd.—Não vos lembrais então da grande guerra européia, com vinte e três nações lutando?

Esp.—Não quero saber destas coisas; eu quero é beber. Estou ficando cada vez com mais sêde. Não quero saber de guerra. Se êles querem se matar uns aos outros, que tenho com isso? Se querem isso, que continuem.

(Continua)

A Psicanálise Espiritualista e a Educação Cristã do Soldado

João Augusto Tôrres Bandeira

(Ex-Diretor do Hospital Psiquiátrico Pedro de Alcântara).

> *«Se a religião se recusa a caminhar com a ciência, a ciência caminhará sozinha».*
>
> *«A religião ganha autoridade acompanhando a ciência em seus progressos». Allan Kardec*—Obras Postumas.
>
> *«Aquele que não confessa as suas maldades não prosperará; aquele que as confessa e abandona, receberá misericordia».*

A Psicanálise, tambem chamada Metapsicologia, Psicologia Abissal, Psicologia de Profundidade, Psicosomática ou Psicologia do Inconsciente, é uma doutrina antropológica fundada em 1893 pelo médico austriaco Sigmund Freud, nascido na Morávia a 6 de Maio de 1856 e falecido em Londres a 23 de Setembro de 1939.

Esta doutrina concebe o homem formado de corpo e alma; a alma, segundo ela, é constituida de 4 partes: 1.º o inconsciente, id, perispírito ou pulsórium; 2.º o consciente, ego, eu, espírito ou actorium; 3.º o superconsciente, super-ego, senso moral ou razão superior; 4.º a força vital, que liga estas partes tôdas, chamada libido. Em síntese a alma freudeana é comparavel a um sanduiche de queijo perfurado por um palito. Uma banda do sanduiche é o inconsciente, a outra é o super-ego, o queijo é o ego e o palito que segura tudo é a força vital ou libido. Esta nomenclatura original fez com que muita gente deixasse de compreender a doutrina psicanalítica. Com o exemplo do sanduiche, embora grosseiro, podeis ver que a concepção de Freud é igualzinha a de Kardec. O que em Freud é inconsciente, id ou pulsorium, em Kardec é corpo astral ou perispírito; o que em Freud é ego, eu, consciente ou actorium, em Kardec é espírito; o que em Freud é super-ego, super consciente ou suasorium, em Kardec em senso moral ou razão; o que em Freud é libido, em Kardec é força psíquica, fôrca vital, fôrça magnética. Kardec dizia que a força vital gerava-se nos orgãos, sendo assim uma espécie de eletricidade animal; Freud diz a mesma coisa; Kardec diz que o perispírito é formado pelo fluido universal ou cósmico; Freud diz que não sabe donde êle vem nem de que é constituido; Kardec diz que o espírito é eterno, vem de reincarnação em reincarnação, aperfeiçoando-se cada vez mais; Freud acha que o espírito (ego) se forma no momento da concepção como admitem as igrejas católica e protestante e que não é imortal nem se reincarna; Kardec diz que a razão ou senso moral é a mais alta faculdade da alma; Freud diz a mesma coisa. Não se pode dizer que Freud seja materialista, porque êle admite a existência da alma. A preocupação máxima de Freud é tornar o homem feliz na terra sem se preocupar com o céu. Da leitura de seus livros, conclui-se que êle devia ler diariamente o *Eclesiastes*, porque, em suas entrelinhas, estava sempre advertindo o homem de que é pó e em pó se tornará. Para a vida atual, a vida presente, a psicanálise é mil vezes superior ao Espiritismo, ao catolicismo, ao protestantismo, ao ortodoxismo e ao existencialismo, isto é a todas as seitas derivadas do cristianismo. Para a vida futura, ela é cem mil vezes inferior ao espiritismo, porque nenhuma consolação dá ao homem, nenhum confôrto lhe fornece quando tem de transpôr os humbrais do além.

Por esta razão, formou-se no moderno espiritualismo uma corrente psicanalista que, admitindo a existência de Deus, a imortalidade e a reincarnação do espírito, procura tirar da doutrina freudeana o maior proveito possível afim de apressar a evolução de nossa alma.

Sigmund Freud, homem de uma conduta irrepreensível, não inventou a psicanálise da noite para o dia. Levou mais de vinte anos elaborando a doutrina. Para isto viajou muito. Esteve em Londres, em Paris, em Berlim, em Roma, nos Estados Unidos. Trabalhou na clínica de Charcot em Paris e na de Bernheim em Nancy. Leu tudo quanto se escreveu na Europa e nos Estados Unidos sôbre psicologia. Quando esteve na América assombrou os yankees com os conhecimentos que revelou sôbre os trabalhos de Stanley Hall, William James e muitos outros. Fez milhares de observações nos hospícios, nas clínicas, na sociedade, nos aglomerados escolares e estudantís, nas procissões, em tôda a parte em suma onde houvessem sêres humanos entusiasmados, emocionados, neuróticos, desequilibrados, desajustados.

A doutrina sofreu ataques terríveis em todos os países. Não era para menos. Ela ensina a conhecer o homem por mais disfarçado que êle se apresente e ninguém gosta de mostrar seus defeitos. Esqueceram que ela ensina a arte de corrigir êstes defeitos e, acima disto, a arte de transformar feras em deuses. Mas atacaram-na. Atacaram-na porque no início Freud cometeu um êrro, julgando que a libido era uma fôrça fundamente sexual. Freud reparou mais tarde o engano, mais ainda assim continuou sendo atacado. Hoje só um retardatário ataca a psicanálise. A corrente espiritualista tomou conta do terreno e atualmente se fala mais em Pfister, em Jung, em Steckel do que em Freud. Graças a Deus.

Fenômenos de Materialização

XX

Sessão extraordinária, de 4.ª feira, dia 10, de dezembro. Scheila, na reunião de diretoria, de domingo, sete, manifestara o desejo de brindar a Juventude Espírita «Abel Gomes», que ia comemorar, no dia 21, o seu primeiro aniversário, com um hino, a diretoria resolvera marcar uma sessão especial, visto como o médium Lins estava escalado, nos serviços de sua profissão, tanto na noite de terça como na de sábado, não havendo tempo, portanto, de se fazer uma sessão de efeitos físicos com tempo de a juventude ensaiar o referido hino para ser cantado na aprazada solenidade, o que realmente aconteceu.

Coube-me a direção dos trabalhos. Inicialmente dirijo a palavra aos companheiros presentes para apresentar-lhes o venerando confrade Alberto Gonçalves de Barros, de Valparaiba, Estado de S. Paulo, cuja presença nos nossos trabalhos havia sido permitida anteriormente. O aludido irmão, respeitado e benquisto de quantos teem o prazer de conhecê-lo, chefe de numerosa prole espírita, de que fazem parte a Nely, presidente da Juventude Espírita de Valparaiba e o Newton, presidente do «André Luiz». Em seguida é cantado o hino «Obreiros de Jesus» e feita a prece inicial, depois do que declaro aberta a sessão. Não se fez, nesta noite, nenhuma leitura. Concentrados os nossos pensamentos, recebemos uma mensagem substanciosa de um amigo da espiritualidade. O médium Lins recolhe-se ao gabinete onde seria, antes da produção de quaisquer fenômenos, assistidos pelos nossos guias espirituais, uma vez que êles o consideraram carente dessa assistência, nesta noite, dado o seu precário estado de saúde e a irregularidade de sua alimentação. Porisso os fenômenos tardaram. Foram colocadas algumas tiras de papel, devidamente rubricadas por mim, pelo Major Ismael Pinto e pelo confrade Alberto de Barros. Apagadas as lâmpadas, ficámos às escuras durante algum tempo, orando, cantando hinos e tecendo comentários acerca de palpitantes pontos do Evangelho de Jesus. Ouvem-se então várias vozes. Falam-nos, alternadamente, José Grosso, Nina, Scheila e Garcês. Os espíritos mandam acender a pequena lâmpada. Recomendam que a apaguemos, depois, e abramos a porta por onde nos vem ar e claridade. Ouve-se, nitidamente, o barulho que os espíritos fazem ao tocar e escrever nos papeis. O José recomenda coloquemos duas cadeiras no centro da sala, nas quais manda se assentem os nossos irmãos Ernesto e Ismael. Garcês materializado, vem assisti-los, ministrando-lhes passes e passando um desconhecido óleo na perna doente do Ernesto. Cantam-se hinos e proferem-se preces.

Scheila materializa-se, atravessa a assistência e vem junto á presidência, acariciando-me com extrema efusão, provocando-me uma emoção potente, secundada de indefinível bem estar. Agradeço-lhe, com lágrimas nos olhos e alegria no coração, essa sublime prova de apreço e levanto o meu pensamento a Jesus, numa emotiva prece de reconhecimento. Lenice Teixeira Dias, comenta com felicidade, o

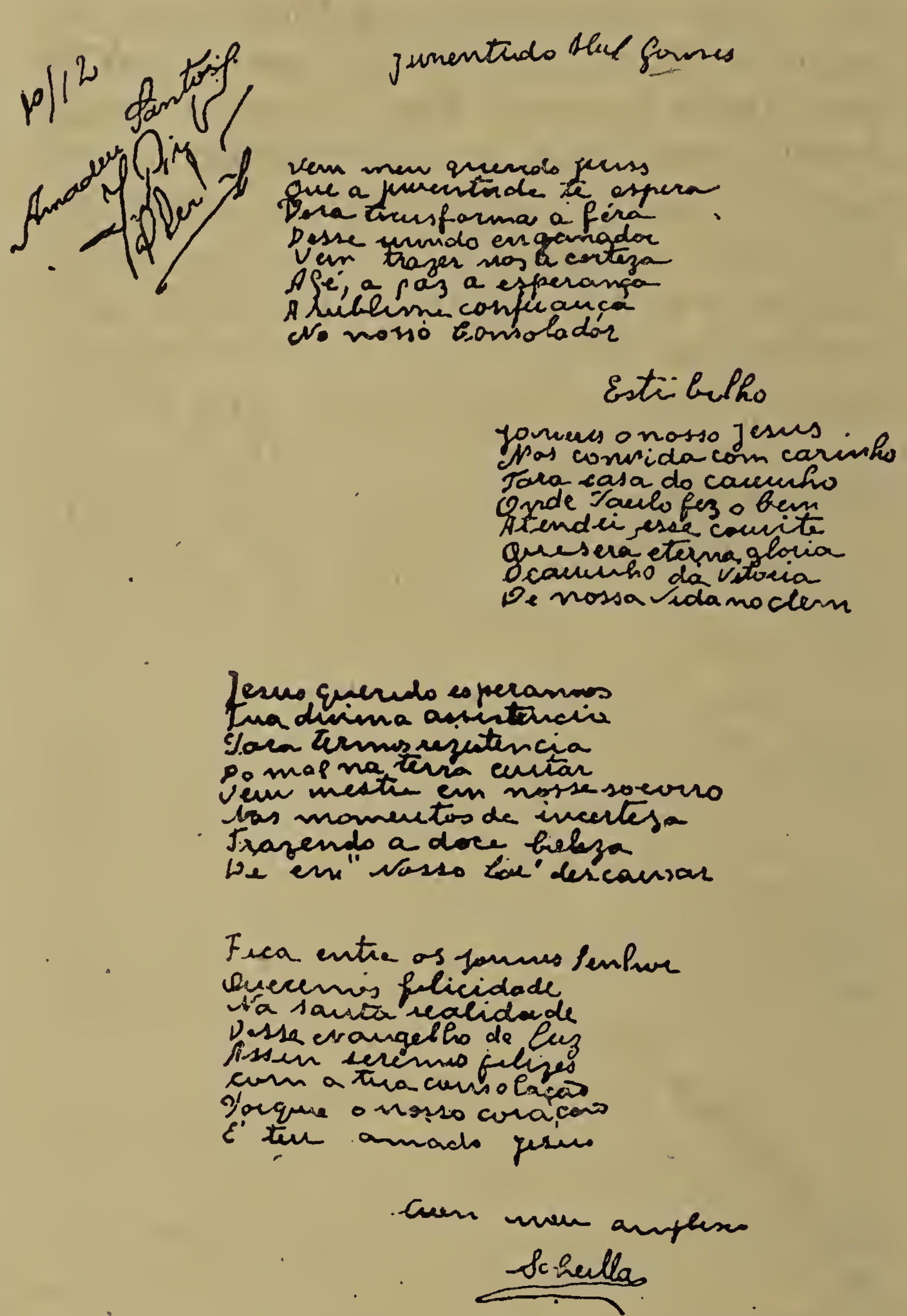

10/12

Juventude Abel Gomes

Vem meu querido Jesus
Que a juventude te espera
Para transforma a féra
Desse mundo enganador
Vem trazer nos a certeza
A fé, a paz a esperança
A sublime confiança
No nosso Consolador

Estribilho

Jovens o nosso Jesus
Nos convida com carinho
Para casa do caminho
Onde Paulo fez o bem
Atendei esse convite
Que será eterna gloria
O caminho da vitoria
De nossa vida no além

Jesus querido esperamos
Tua divina assistencia
Para termos rezistencia
Do mal na terra evitar
Vem mestre em nosso socorro
Nos momentos de incerteza
Trazendo a doce beleza
De em "Vosso Lar" descansar

Fica entre os jovens Senhor
Queremos felicidade
Na santa realidade
Desse evangelho de Luz
Assim seremos felizes
Com a tua consolação
Porque o nosso coração
É teu amado Jesus

Com meu amplexo
Scheilla

Letra do hino «Juventude Abel Gomes»

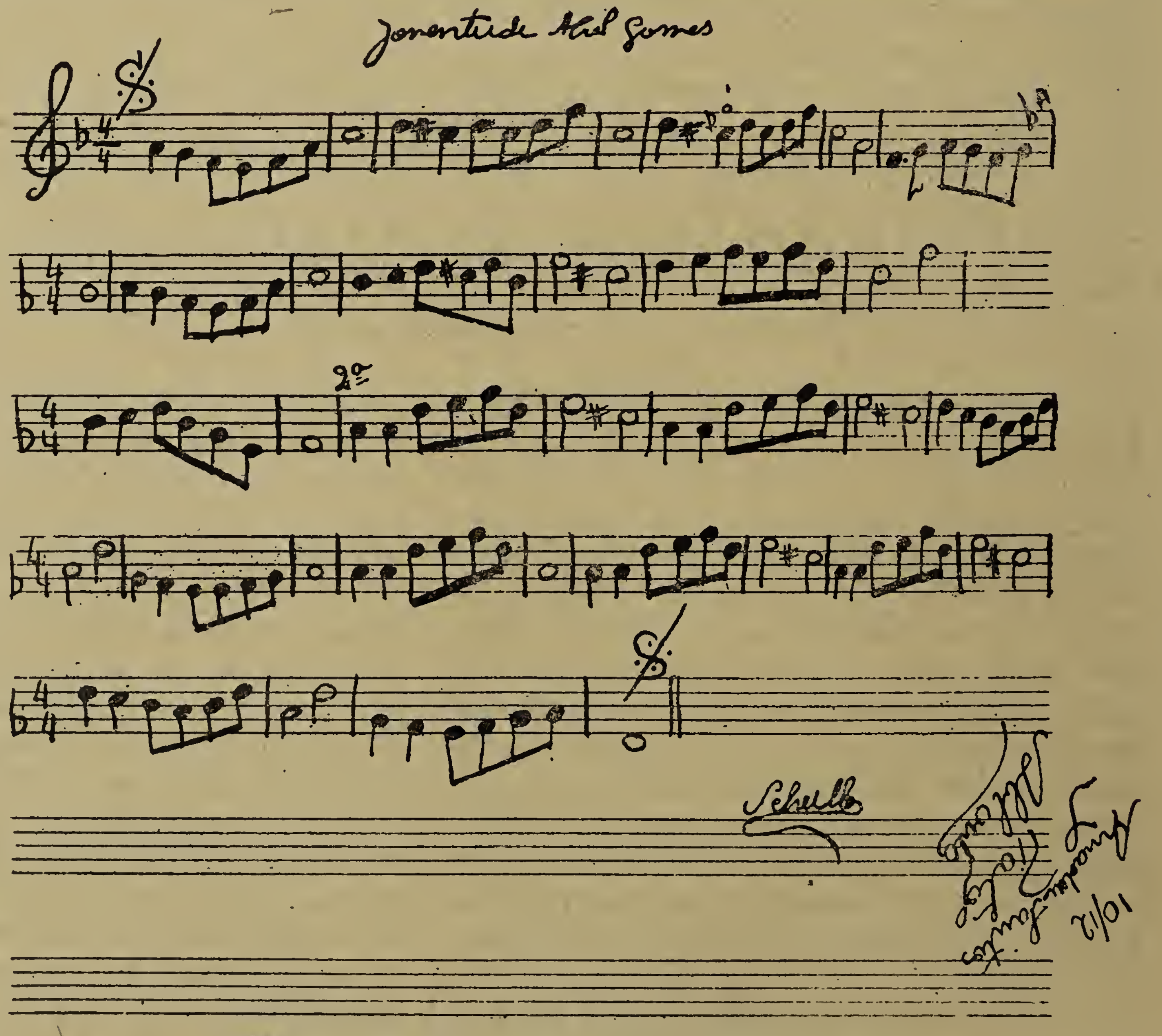

Música do hino «Juventude Abel Gomes»

o ponto evangélico da sua meditação do dia. São feitas preces pelas nossas irmãs Maria José Leite, Maria Emilia Castelo Branco e Deyse Jenée, em que são envolvidos os irmãos doentes e os companheiros ausentes. Dulce de Fátima Oliveira declara a máxima evangélica de sua meditação — «Não saiba a vossa mão esquerda o que dá a vossa mão direita» — que o Prof. Newton comenta, dela tirando oportunas e superiores deduções.

O espírito de Margarida confabula com o seu esposo, nosso companheiro Afonso Pinto da Fonseca, derramando-lhe finissimo perfume, a dizer-lhe que desejava que sua alma viesse a ter perfume igual ao que lhe trouxera. O Fonseca, emocionado, faz uma prece de agradecimento. José Grosso, por voz direta, anuncia-nos a visita de uma nova entidade espiritual — o espírito de um japonês chamado Tongo, que nos deixara uma mensagem no seu idioma pátrio. Anuncia-nos ainda que Scheila nos deixara a letra e música do hino destinado á nossa Juventude.

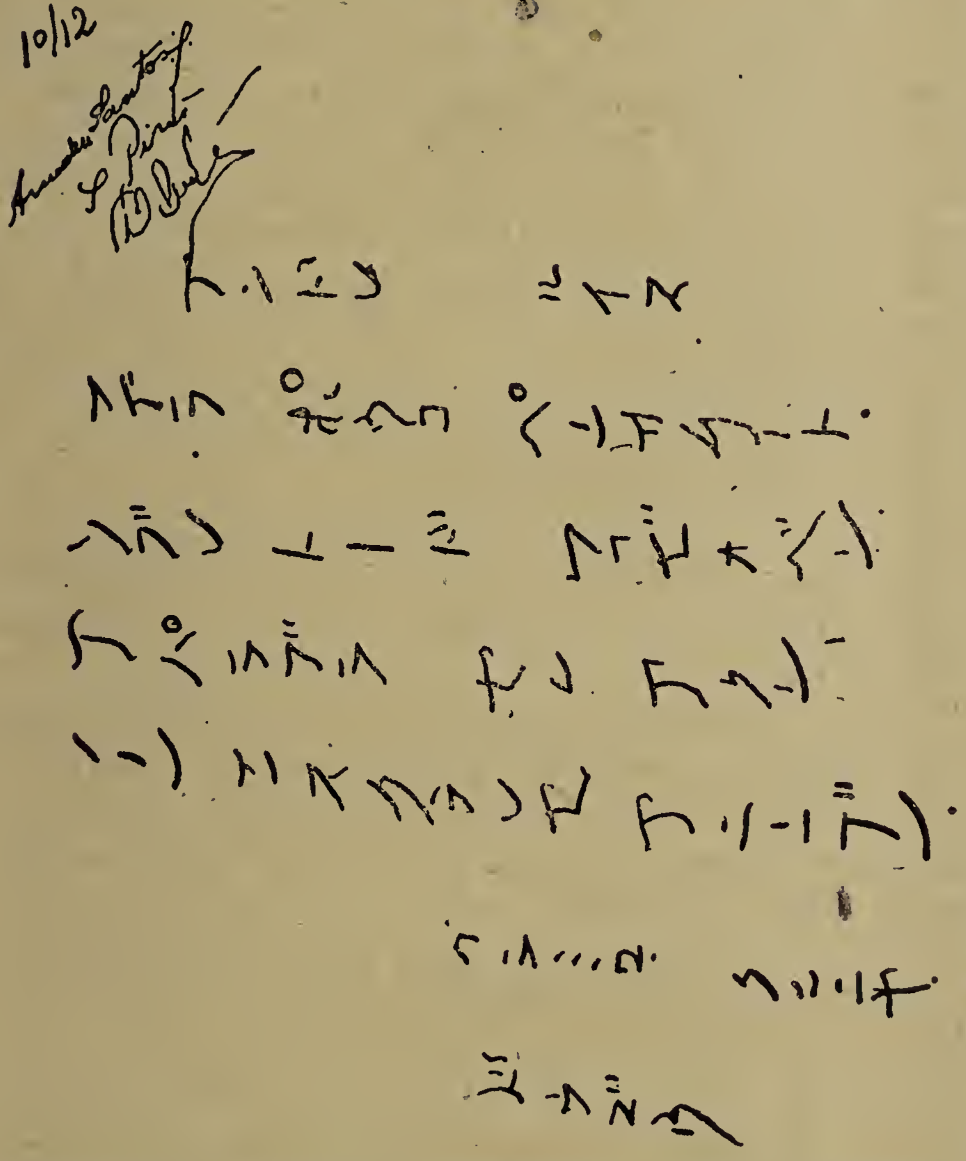

Quadrinha que Tongo transportou para o japonês

Araci previne-nos de que chegámos a têrmo. Recomenda vá eu despertar o médium, o que fiz depois de proferir a prece final e declarar encerrados os trabalhos.

Agora, a mensagem em japonês, cuja tradução literal é a seguinte :

«ANDRÉ LUIZ

Fala pouco, pensa muito,
Sobretudo faze o bem ;
A palavra sem ação
Não esclarece a ninguém.

Casimiro Cunha.

Tongo.»

Como se vê, uma quadrinha do saudoso poeta nacional Casimiro Cunha, conhecida e divulgada nos meios espíritas, que Tongo transplantou para o japonês.

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1947.

Amadeu Santos.

Uma Mensagem Tiptológica em Francês

O modo dos espíritos se comunicarem por meio de pancadas, chama-se *tiptologia,* (1) e a pessôa que tem esse poder — *médium tiptólogo.*

As primeiras manifestações, revelando a existência dos espíritos, se produziram por meio de mesas que se erguiam e davam certo número convencional de pancadas com um dos pés. Os espíritos são os mais devotados divulgadores da doutrina que possue o seu nome. De todas as partes surgem *médiuns* que vêm servir de porta-vozes ou traço de união entre as entidades que habitam no além-túmulo e os encarnados.

Este processo de intercâmbio das relações entre os espíritos e os homens, é tão velho quanto o mundo, porque na história de todos os povos abundam os registros de casos *essencialmente* espíritas, mormente desta natureza. O fenômeno obedece a uma lei que abrange todo o planeta por

---

(1) (Do grego — tuptô, *eu bato,* e — logos, *discurso.)*

esse motivo os fatos espíritas se reproduzem sempre idênticos, em suas manifestações, originem se êles do Japão, do Brasil, da Itália ou de outro paiz qualquer.

Sucede com o *médium* brasileiro, o mesmo que com o *médium* inglês, italiano, francês, russo ou de qualquer outra potência do universo.

Há, portanto, concordância universal na realização dos fatos, submetidos a um conjunto de condições, constituindo uma lei que só póde ser divina.

O coordenador da doutrina espírita, o «inesquecível Allan Kardec, como muito bem o qualificou Emmanuel, foi muito feliz, quando no «Evangelho Segundo o Espiritismo», disse: a garantia única, eficaz, do ensino dos espíritos está na concordância que existe nas revelações feitas expontaneamente, por intermédio de grande número de *médiuns* estranhos uns aos outros, em diversos paizes.»

O fato que segue é um desses que tem atraido a atenção dos homens de fama mundial, narrado pelo ex-venerando Stainton Moses, que fora professor da Universidade de Oxford, caso interessante de *tiptologia*, ocorrido em casa de um amigo seu, o dr. Speer.

E' assim que um confrade nosso — Fraumer, o traduziu do livro «*Spirit Indentity*»: «Stainton Moses refere que em casa do dr. Speer tiveram uma mensagem *tiptológica* em francês, de um espírito que se declarava irmã do dr. Speer falecida em França com tenra idade. Stainton Moses nunca ouvira falar dela e o dono da casa confessou que desta irmã de nome Catarina, morta antes de seu nascimento, êle jamais se lembrara. Este espírito manifestava-se insistentemente no círculo formado pelo escritor *médium*, pela família e íntimos do dr. Speer. Este sendo fotografado por Hudson, ao lado de sua figura a placa revelou a imagem de uma menina cujos traços sairam da maxima nitidez. No dia seguinte, um domingo, Moses caiu em transe e pancadas fortes na mesa, deram uma comunicação alfabética, convidando o dr Speer a procurar no gabinete uma mensagem de escrita direta que lhe era dirigida. Um papel foi encontrado, cheio de traços hieroglíficos. Já perdiam a esperança de entendê-lo, quando se lembraram de refletir a escrita em um espêlho. A mensagem estava feita às avessas e de baixo para cima.

Eis sua tradução:

«Eu sou o espírito do amor. Eu não posso comunicar, porém estou perto. A fotografia é da pequena Paulina».

Ninguem conhecia Paulina e feitas as perguntas ela deu o seguinte nome: Catarine Pauline — Stanhope — Speer, a data do nascimento e data da morte.

Tudo isto que êles ignoravam foi verificado exato».

A tiptologia, hoje, é pouco usada nos meios espíritas, por ser um processo demorado na formação das palavras; ela é substituida, com mais vantagem, pela *Psicografia* direta ou manual, que é muito mais rápida.

Spártaco Banal.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr. $50,00	Do 4.º ano	Cr.$ 50,00	Do 5.º ano	Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . .	50,00	Do 7.º ano . .	50,00	Do 8.º ano . .	50,00
Do 10.º ano . .	50,00	Do 11.º ano . .	60,00	Do 12.º ano . .	60,00
Do 13.º ano . .	60,00	Do 14.º ano . .	60,00	Do 15.º ano . .	70,00
Do 16.º ano . .	80,00	Do 17.º ano . .	60,00	Do 18.º ano . .	60,00
Do 19.º ano . .	60,00	Do 20.º ano . .	60,00	Do 21.º ano . .	60,00

Livros e Autores

Cedemos, hoje, com muito desvanecimento para nós, esta secção aos ilustres confrades, M. Quintão e A. Vitor Magaldi.

Mas, cedendo-lhes esta secção, nela estamos presentes, visto como ambos — duas penas respeitáveis no meio espírita nacional — tratam de nosso último volume, para honra e gaudio nosso.

Leopoldo Machado

CIENTISMO E ESPIRITISMO

> «*A verdade será sempre* paucorum hominem, *e por isso tem de, calma e modestamente, esperar pelos poucos que, discordantes da regra, saibam aprecia-la*» ...
>
> Artur Schopenhauer.

Na opulenta coletânea de mensagens mediúnicas recebidas pelo notável psicógrafo luso, Fernando Lacerda, ao amanhecer deste século e intitulada—«*Do País da Luz*», ha uma página cintilante do Eça de Queiroz que nos fala dos apuros alfandegários da sua bagagem literária nas fronteiras do Além-Túmulo.

Em *Entre Dois Mundos*, de Antoinette Bourdin, a espírita de Ludovic Manoel, em transe mediúnico, descreve à genitora um quadro alegórico, no qual os autores terrícolas, desencarnados, assistem a seleção, depuramento e frutificação das sementes que espalharam deste lado: — as que germinam vigorosas, crescem e frondejam pejadas de suculentos, vitaminados frutos; as que vingam olentes e floridas, mas, venenosas qual mancenilha; e finalmente, as que não chegam a germinar, porque resvalam e apodrecem no lodo.

Os plumitivos, no topo de uma colina, lapis em punho, anotam, angustiados ou serenos, o que lhes incumbe de futuro refundir, melhorar, inovar ou expurgar do seu celeiro. Porque o celeiro é eterno e a tarefa contínua. A reencarnação é um facto e a lei é progressiva.

* * *

Considerações são estas, que me defluem da mente à pena, ao manuseio de mais um livro de Leopoldo Machado, caro confrade e velho amigo, que estou a pique de proclamar *cinturão de ouro* na maratona da propaganda doutrinária em nosso país.

Polígrafo e polimático, na vera acepção da palavra, Leopoldo é de uma atividade e facundia assombrosas, que parecem arrazar a noção de tempo, espaço e meio. Houveramos de o fixar iconograficamente e teriamos Briareu a investir as Colunas de Hercules.

Professor, orador, novelista, poeta, teatrólogo, não sei de outrem que mais exuberado na faina de propagar o Evangelho à luz da Terceira Revelação. Exemplo típico de autodidatismo, é interessante notar que, forrageando os mais árduos problemas epistemológicos, êle o faz com agilidade, precisão, naturalidade e segurança, só concebíveis em lastros de velha e sedimentosa cultura.

Fenômeno é este de molde a suscitar ponderações de mais alto teor filosófico, quanto a gênese, coordenação e transmissão da idéia. De facto, não ha como destrinçar, por lindar, nesta avalanche de teorias e conhecimentos, definições e conceitos, a espontânea, natural e próprio da conciente, do sub ou da super-consciente humano.

E' porque, em dinamismo assombroso tal, só encontramos paralelo na obra de Francisco Xavier, queremos coligir que à de Leopoldo também não se desquita da maior tara mediúnica, inconsciente embora.

E não se diga que assim a infirmamos e desmerecemos, porque em tudo prevalece o Evangelho do Senhor, quando asserta que — *digno é o trabalhador do seu salário.*

E ainda porque, no granjeio de uma assistência espiritual de translúcida equação, não ha como desconsiderar no receptor um sólido cabedal, latente de madureza, ou seja de aquisições progressas.

O valor apreciável da tarefa, portanto, nêste caso, no *animus operandi* do artífice, a esmar-se pela utilidade, alcance, oportunidade e projeção do seu trabalho.

Neste afã, investindo Freud ou Voronof, adversando o Dr. H. Roxo ou comentando Comte, Leopoldo supervisiona e condensa, com evidente senso crítico, os mais altos problemas que já preocuparam esta nossa precita humanidade pensante.

Sem malabarismos fraseológicos, sem ruminação de citas indigestas, num estilo hialino, muito seu, não visa, certa, consagrações tempestivas, de ribalta, ilusórias quanto efêmeras e até perigosas.

E' que ele sabe como e porque dizia o Mestre *nada fazer de si mesmo, se não por vontade do Pai que está nos céus...*

* * *

Eis porque, agradecendo e registrando a oferta de mais um livro de sua lavra, despreza epinícios e loas, para só fazer justiça ao seu indefesso e probo labor.

Trata-se de CIENTISMO E ESPIRITISMO, editado em Lisbôa pela Gráfica Portuguêsa Ltda., com substancioso prefácio do ilustre confrade Isidoro Duarte Santos, também diretor emérito da excelente revista «ESTUDOS PSÍQUICOS», altamente cotada em nosso país.

Com magnífica impressão gráfica e cuidadosa revisão, condensa em 222 páginas, 32 capítulos de assuntos versados na imprensa periódica e assim agora coletados em livro, ao socairo de possível esquecimento e dispersão.

De acôrdo com o provecto prefaciador, não caberia aquí apologizar cada um dos assuntos, para que o leitor os saboreie e julgue a todos de si mesmo.

Limito-me a dizer que todos polarizam problemas de alto relêvo científico-filosófico e moral-religiosa, estilizados a preceito da sadia hermenêutica e bôa ética.

E, se a requesitos tais acrescentar que o autor não escreve para mercantilizar idéias e sim para beneficiar o LAR DE JESUS, Instituto de Filantropia Cristã, que é a «menina dos seus olhos», não lhe hão de faltar leitores nem bençãos, dêste e do outro lado da vida.

A mim, que o conheço de ha quasi sete lustros e de perto o venho acompanhando na concha doutrinária, só cabe pedir a Deus que o leve à *Coluna simbólica,* entre os legítimos escribas, sem arrostar no fisco os percalços do confisco, que decepcionaram o mago dos *«Maias»*, da *«Relíquia»* e quejandas jóias de «bagagem avariada...»

Que, de MESTRES EM ISRAEL, vai nosso mundo obstruido e empanturrado, Deus me perdôe.

M. Quintão.

* * *

O MELHOR LIVRO?

Vem de Portugal o novo livro de Leopoldo Machado.

CIENTISMO E ESPIRITISMO é o caçula. Nascido com todas as características marcantes do consagrado autor das mais palpitantes e sinceras polêmicas espíritas em língua portuguesa: frazeado genuino, argumento irretorquível, mordacidade alegre, análise simples e meridiana, síntese inegualável, irreverência santa em linguagem natural, sem sombra de rebuços e isenta de qualquer preconceito, crítica aberta, ferina e lhana a um só tempo, abrangendo tudo e todos.

CIENTISMO E ESPIRITISMO foi editado pela «ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA», de Lisboa, dirigida pelo eminente escritor português, mundialmente conhecido, Isidoro Duarte Santos, autor do melhor livro espírita de Portugal, que é LUZ NO CAMINHO, tão recente e tão difundido no Brasil. E foi editado por essa editora em Portugal por êste honroso motivo, — honroso para Leopoldo Machado e para o Brasil Espírita — por ser, como declarou, no Pórtico de Entrada o próprio Isidoro Duarte Santos, «a melhor maneira de colaborar nesta empresa de aproximação fraternal», do intercâmbio espírita luso brasileiro, de que êle diz ser Leopoldo Machado extremado partidário.

A escolha não poderia recair em melhor autor. Leopoldo Machado representa, de forma mais cabal, o Espiritismo brasileiro, como escritor e como espírita praticante.

O nosso Espiritismo é diferente do Espiritismo de todo o mundo. E para representá-lo só mesmo um escritor diferente de todos os mais escritores espíritas. Só mesmo um Leopoldo Machado, ex-materialista ferrenho, possuído de todos os atavismos do brasileiro, evoluido ao contacto de todas as classes sociais e provado por todas as adversidades da vida, chegado ao que é, por fôrça indomável do seu espírito reacionário.

Que bôa escolha!

E, si a escolha do autor foi bôa, a obra do autor foi de escolha ainda mais acertada. Obra que não é de sábio nem de cientista, como Leopoldo declarou na Ressalva.

Mas, si não é de sábio e de cientista, o que valem a ciência e os cientistas arrasados pelo autor, irremediavelmente ridicularizados, reduzidos a menos do que irracionais?

Que admiráveis páginas constituem CIENTISMO E ESPIRITISMO! Nelas, palpita a complexidade genial de Leopoldo Machado ao nosso gosto; polemista incomparável, esplendendo luz e calor em cada arremetida, cheio de fé e transbordante de ardor na defesa da Doutrina que o empolga racional e medularmente. Profundo até onde se faça mister intrometer-se para arrancar a verdade de lá.

E' assim que o sentimos nas páginas substanciosas de CIENTISMO E ESPIRITISMO. Discutindo com os sábios, escalpelo intemerato, vai pelos meandros da ciência dêste século atômico, entre psiquiatria e esquisofrenia, metapsiquismo e vitaminismo, vivisecção e onirismo, higiene e voronofismo, endocrinologia e obsessão, mediunidade, etc.

Cita centenas de autores e compara suas teorias com o Espiritismo.

Detem-se de modo especial no estudo comparado da Psicanálise e da Doutrina Espírita. E sái como uma tocha ardente, iluminando a vitória do Espiritismo sôbre todas as teorias discutidas!

Será o melhor livro de Leopoldo Machado? Ou será o melhor livro dos nossos dias?

A. V. Magaldi.

Crônica Estrangeira

Galeria dos fantasmas ingleses

A Inglaterra goza há muito dum verdadeiro monopólio de cavaleiros sem cabeça, damas translúcidas, e cachorros ectoplásmicos que vagam em passos aveludados.

«Seleções» — Por Noel F. Busch

(Condensado de «Life»)

Um número recente de *Evening News*, de Londres, estampava a seguinte notícia: «Herne o Caçador, o espetro que durante muito tempo assombrou, ao que se diz, a floresta de Windsor, parece ter voltado, segundo afirma uma mulher que mora nessa redondeza. Diz ela que, ao atravessar uma noite a floresta, já tarde, avistou de repente a forma espetral dum homem a cavalo: «O fantasma estava parado a menos de dez metros de mim, e quando eu me aproximei, partiu a galope através do arvoredo, soltando uma gargalhada macabra. Ao sumir na escuridão, ainda pude ouvir o som da sua trompa de caça.» *

Dizer apenas que os ingleses acreditam em fantasmas, seria muito pouco: deve se dizer, com muito mais propriedade, que a Inglaterra tem fantasmas, da mesma maneira que outros paises têm cupim. Os resultados são mais ou menos os mesmos. Esses espetros infestam as casas velhas, rebaixam o valor da propriedade, e é dificil a gente ver-se livre deles. Depois da última guerra, então, nem é bom falar; parece que os fantasmas ingleses vêm gozando duma prosperidade sem precedentes! Por toda a Inglaterra estão surgindo, em grande número, estes fantasmas solitários, do tipo de Herne. Mais dignos de nota são, porém, as autênticas insurreições em massa de almas do outro mundo, no gênero da que, não há muito ainda, observou o Reverendo Anton Stephen, ilustre pastor de Saint Dunstan, em Acton, na sua mansão paroquial: toda uma tropa de monges desfilando em procissão, ali sob os próprios olhos, no silêncio da Reitoria!

A imprensa inglesa tem publicado, repetidas vezes, notícias de graves distúrbios ocorridos na reitoria de Borley, no Essex, a qual é sem dúvida, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra. Entre os muitos fantasmas que povoam Borley, contam-se dois postilhões descabeçados, uma freira, dois cavalos baios atrelados a um coche, e uma senhora que brada numa voz de cortar o coração: «*Não, Carlos não faça isso!*» Esta reitoria de Borley foi construída no ano de 1863. Todas as pessoas que viveram na reitoria, puderam observar a presença de almas de outro mundo, até que um incêndio a consumiu em 1939. O que é mais curioso é que êste incêndio fora previsto por uma dama habil no manejo de um tabuleiro mediúnico. Uma bela noite, uma pilha de livros cai da prateleira, por sua própria vontade, derrubando um candieiro de querosene. Durante o incêndio alguém viu dois vultos indistintos espiando através duma janela da reitoria, e dois outros vultos envoltos em mantos roçagantes, que atravessaram em passos lentos o jardim.

---

* *Segundo a lenda, êste Herne foi guarda-florestal na região, sob o reinado de Henrique VIII. Um dia enforcou-se no ramo dum carvalho, e desde então, ao que consta, tem assombrado intermitentemente a floresta de Windsor.*

Os espetros se estabeleceram na Inglaterra na Idade-Média, mas só assumiram papel de evidência em fins do século XVIII, no que foram muito auxiliados pelos romances de inspiração gótica de Walpole e Radcliffe. Mais tarde, Scott, Dickens, e já em nossos dias Oliver Lodge e Conan Doyle, contribuiram denodadamente para transformá-los em membros respeitáveis da sociedade inglesa, como aliás o fez também o Ghost Club (Club dos Fantasmas), fundado em 1862, que está voltando agora ao seu esplendor de outros tempos.

O mais famoso dos fantasmas das ilhas britânicas é, sem contestação, o espetro do Castelo de Glamis, onde a Rainha Elizabeth passou a infância. Ao que parece, êste fantasma tem sido observado por um *quorum* suficiente de todos os hóspedes que jamais pernoitaram no castelo, e assume em muitos casos a forma aterradora dum gigante de cabelo de fogo.

O fantasma de Glamis será o mais famoso de todos; mas do ponto de vista da assiduidade, ultrapassa-o o célebre espetro de Catarina Howard, que foi decapitada por ordem de Henrique VIII, quando êste obteve provas de que ela lhe havia sido infiel. Presa por ordem dele, a pobre conseguiu fugir aos guardas, tentando ir à presença do seu Rei e Senhor para dar-lhe explicações, mas foi prontamente recapturada pelos soldados, que apesar dos seus gritos e protestos a arrastaram para longe. O fantasma de Catarina volta, de tempos em tempos, a arrastar-se ao longo do mesmo corredor do Palácio de Hampton Court, soltando os mesmos gritos de arrepiar.

Outro fantasma, o do Teatro de Drury Lane, é famoso por diversas razões. Ele só passeia à luz do dia; e nunca prega sustos a ninguém. Tem sido observado por milhares de pessoas, inclusive todos os espectadores que uma tarde enchiam o teatro, segundo dá fé o eminente historiador de Drury Lane, W. MacQueen, que fala de experiência própria. O fantasma de Drury Lane é um cavalheiro de estatura mediana, que enverga um comprido capote cinzento, e usa um chapéu de três bicos.

O mais sedutor de todos os fantasmas ingleses, segundo o insuspeito depoimento dos três moradores atuais da casa n.º 2 de Cambridge Square, é o de Lady Hamilton, a celebrada amante de Lord Nelson. Lady Hamilton continua subindo a escada da histórica mansão, parecendo tão linda como sempre; mas tem agora o mau costume de deixar destrancadas as portas que os moradores vivos da casa prudentemente fecham à chave, antes de irem para a cama...

Outras grandes figuras históricas, cujos fantasmas ainda andam pela Inglaterra, são o «Principe Negro», que assombra Hall Place, perto de Bexley, onde foi visto pelo menos três vezes antes dos revezes que os britânicos sofreram no começo da Primeira Guerra Mundial; Sir Francis Drake, que atravessa Dartmoor em uma sege negra puxada por cavalos decapitados, e seguida por uma matilha de ferozes sabujos, cujos uivos horrorosos fazem virar de patas para o ar, fulminando-os de morte, os cachorros da terra; e o famoso salteador de estrada, Dick Turpin, que ainda desce três vezes por ano a encosta de Trap's Hill, perto de Loughton, num cavalo a galope.

A referência mais recente que a imprensa fez ao fantasma de Dick Turpin, data de julho passado, quando o proprietário de certa casa, por nome Blaney Key, requereu ao governo uma redução nos impostos, alegando que a presença de almas do outro mundo lhe estava desvalorizando a propriedade. As referidas «almas» eram as de duas pessoas, que Turpin descobriu um dia, assassinadas, no porão da casa e de cuja morte ele manteve segredo a troco de refúgio. A' medida em que a presença de almas penadas pode afetar o valor duma casa, na Inglaterra, depende naturalmente do comportamento dos seus fantasmas. Entretanto, já que a presença de fantasmas de qualquer espécie desvaloriza em certa medida a propriedade, a revelação pública de que uma casa virou refúgio de fantasmas, constitui hoje base para o proprietário mover um processo judicial por perdas e danos.

Mas nem só as sombras dos humanos erram na verde e úmida paisagem da Inglaterra: também há os fantasmas de animais, e entre estes os cavalos ocupam o lugar mais importante. Geralmente os cavalos, ou os cavaleiros, ou ambos aparecem decapitados. Por ordem de popularidade, entre os fantasmas de animais como entre os animais vivos, depois dos cavalos, vêm os cães e os gatos. O mais perfeito e melhor dentre os cães fantasmas, é o que aparece vagando pelas ruas da cidade de Burnley—um cachorro enorme, pelado, lazarento, a que deram o nome de *Shriker* ou *Trash*, e que ora anda para diante, ora para trás, com as patorras molengas produzindo um som lúgubre de lama esparrinhada... A sua aparição é tida como um prenúncio de morte próxima entre as pessoas da vizinhança.

O principal caçador de fantasmas da Inglaterra é Harry Price, que faz mais de 40 anos vem praticando a arte difícil de pesquisar o sobrenatural. E' um céptico impenitente em matéria de almas do outro mundo! Homem de recursos e possuidor dum bem apetrechado laboratório, Price pratica suas pesquisas no caráter exclusivo de amador, e despende nelas anualmente, segundo calcula, cerca de 1.200 libras. O seu trabalho consiste sobretudo em averiguar os casos que lhe são comunicados em um total semanal de 25 cartas, aproximadamente.

Price remete as epístolas denunciatórias para um ou outro dos mais de 100 investigadores voluntários que com ele cooperam em várias regiões do país; se o caçador local, estudada a carta e as condições de produção do fenômeno, lhe apresenta um relatório favorável a respeito deste, Price poderá dar-se ao trabalho de ir estudá-lo pessoalmente. No entanto, dentre 20 casos sómente um é digno de seu exame pessoal, e destes, só um por cento se mostra inexplicável em bases normais Mas até com os casos inexplicáveis Price assume uma atitude de perfeita isenção, limitando-se a afirmar que os seus conhecimentos são insuficientes para explicar o fenômeno.

Sou de parecer que uma nação que acredita em fantasmas está pronta a acreditar seja no que for. Mas, por virtude da mesma regra, é também verdade que uma nação que acredita em almas penadas, demonstra pelo menos que é capaz de crer em alguma coisa!

A recorrência atual de fenômenos metapsíquicos, e da respectiva indústria, na Inglaterra, demonstra concludentemente que, chamem-lhe os nomes que quiserem, ou sejam eles o que forem, ninguém pode acusar os ingleses de povo cínico ou desiludido. A sua capacidade para acreditar em fantasmas é, em certo sentido, a prova básica da sua aptidão para crerem em si próprios e na sua própria indestrutibilidade...

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Nova Semana Espírita de Macaé

O meio espírita de Macaé é o recordista nos programas de Semanas Espíritas organizadas.

E vale salientar que não se trata aí de meio fracionário.

São todos os espíritas da terra que vibram com o meio, felizmente!

O sistema de *Semanas Espíritas*, como o fazemos, se nasceu em Três-Rios, firmou-se em Macaé, encontrando campo propício em outras localidades, como, por exemplo, Iguassú e Cruzeiro, onde parece que não ha espírita de verdade que não tope o programa.

⁂

Fomos à *Semana Espírita de Macaé*, com mais nove companheiros—jovens, senhoras e cavalheiros — sentir de perto a emanação vibrátil de um dos mais belos imperativos do *Programa do Espiritismo de Vivos*.

Recepção festiva à chegada do trem, abraços e sorrisos de satisfação. E, a seguir, os carros rolam levando os «semaneiros», em grupos, para seus «apartamentos». Nosso «apartamento», o de hábito: em casa do casal Raymundo—d. Maria Peixoto Lins.

Nós, que haviamos faltando à *Semana* anterior, deviamos estar, por isso mesmo, sentindo emoções novas, ou quase novas.

E assim era, efetivamente.

* * *

Na manhã seguinte—uma clara manhã de sol primaveral, luminosa e fresca, ventilada e alegre, rumamos, de ónibus, para a *Praia do Cavaleiro,* onde seria o primeiro reabastecimento espiritual. O veículo abalou, toda gente cantando a «Canção da Alegria Cristã». E na Praia, diante do mar agitado, sacudindo-nos, indiscretamente, a viração marinha, o ato da abertura da *Semana.* Depois do Hino da Mocidade Espírita, Raymundo Peixoto Lins profere, diante do mar, o olhar para o Alto, a prece inicial. Aberto, ao acaso, por uma criança, o Evangelho, cai Paulo, aos Corintos, falando sôbre o seu apostolado, que era negado por irmãos seus. A história das queixas de Paulo se repete: vão por aí tantos irmãos a negarem seus irmãos, só porque lidam e sentem a Doutrina de outro modo! Todas as representações—Rio, Barra do Piraí, Iguassú, Belém do Pará, Macaé, — interpretam os versiculos sorteados. Depois, os jovens, as senhoras. Por último, o reajustamento, que nos coube, para gaudio nosso...

Só aquêle programa valeria, para nós, pela chave-de-ouro de abertura da Semana. Nem precisaria, talvez, programa algum para o dia estar consagrado.

* * *

De volta, visita no LAR DE MARIA, recem-construído, quasi a inaugurar-se. Sob aquêle teto moderno, amplo e bonito e de entre aquelas paredes, lembramo-nos de sua origem, sentindo quanto póde a persistência de espíritos cheios de fé a serviço de um programa agitado e oportunissimo.

Foi na primeira visita que os irmãos de Macaé fizeram a Nova-Iguassú, ao *Lar de Jesus.* Na manhã do dia seguinte, ao *Café da Cordialidade,* no *Estrada de Damasco.* A' estação, à espera do elétrico, que se atrasára, nascia o LAR DE MARIA, afim de que as sintonias cristãs entre os dois meios—Iguassú e Macaé—fossem completas. Quatro anos depois, lá está o LAR DE MARIA de pé, à espera de sua inauguração.

E, como o LAR DE JESUS, o *Lar de Maria,* de Macaé, o *Sanatório Jesus,* de Cruzeiro, o *Instituto Maria,* de Juiz de Fóra, o *Lar de Maria,* de Belem do Pará, em vias de construção, o *Lar de Jesus,* de Recife, construido, prestes a inaugurar-se, todos, rebentos de árvore sazonada de um programa agitado e do momento, que só póde ser combatido por comodistas e incompreensiveis, que é o *Espiritismo de Vivos*...

* * *

A' tarde, no *Parque Antonio de Padua,* centro de igual nome.

Uma pequena multidão aí se acotovelou, durante 3 horas, vibrando de alegrias, festivamente. E todo um programa original, em que se aplaudiu desde a bôa Doutrina, transmitida em doses leves, a propósito, até numeros de arte, música, poesia, canto e surprêsas evangélicas, foi cumprido integralmente, sem cansar ninguém. E, dos números de maior sensação, o derrame de «livros... livros a mancheias, para o espírita estudar», os testes evangélicos atirados aos moços e a distribuição de autografos, os números de maior sensação.

Caravanas de irmãos de Rio Bonito, Cabo Frio e Campos chegaram no meio do programa, engrossando a massa humana de irmãos espirituais.

Ainda nossa, a honra de animar o programa da tarde...

* * *

A' noite, a sessão substancial, no mesmo *Antonio de Padua.*

O José Soares Garcia, na presidência, pede que se cante o hino, *Jesus* — letra suspeita, porque nossa, mas, música bela — e profere, em seguida, a prece de abertura.

O salão não comportava mais ninguém.

A' porta do centro, pelos lados e nos fundos e no *Parque,* gente em dobro, satisfazendo-se com o que lhe transmitisse o possante alto-falante.

O Moreira profere a peça de abertura da Semana, transmitindo bôas-vindas aos irmãos presentes. Antonio Alves Ferreira rende justa homenagem ao pioneiro do Espiritismo em Macaé, dr. Jeronimo. Passa-se-nos a presidência da sessão a estas alturas. Antonio Paiva Melo agradece, em nome da representação de Nova-Iguassú, a recepção. O jovem Evaldo Guimarães lê expressiva Mensagem. A jovem Alcina Dias lê a *Página do Jovem Espírita* e Maria Luiza Babo, uma crônica em versos, que o poeta Sebastião Lasneau fizera da viagem. Falamos por último, durante quarenta minutos, dentro do tema que o confrade Peixoto Lins nos cometera: *Renovações Necessárias*. Depois, numeros de música, canto, declamação, com o Oli de Castro ao acordion.

Duas horas exatas para tudo.

E intensa vibração em todos.

* * *

Na manhã seguinte, a volta, com parte de nossa representação, para nosso pesar, tristeza e protestos de muitos confrades.

Que fazer, porém, se as coisas bôas do mundo são, ainda, assim: efémeras?!

Pois que essas coisas efémeras valham por aprendizado a seu tempo, afim de que, num futuro próximo, nossa vida comum seja feita de emoções e sensações assim, permanentes.

Leopoldo Machado.

D. Gracinda Batista

Entre os espíritos que palmilharam a terra e que deixaram após si sinais indeléveis dos grandes benefícios que prestaram à humanidade, D. Gracinda Batista, no campo da assistência social, foi um exemplo para todos quantos desejam efetivamente alcançar o reino de Deus e a sua justiça.

Dando de comer aos famintos, vestindo os nús e cuidando, com amor de mãe extremosa, de dezenas de crianças desemparadas, D. Gracinda Batista tornou-se credora da estima e admiração de todos indistintamente.

Fundadora do Sanatório «Americo Bairral», de Itapira, êsse espírito amigo deve sentir-se plenamente alegre ao ver, lá de cima, que essa sua obra prossegue na sua filantrópica missão de amparar e curar os debeis mentais, alegria dupla porque essa importante instituição de caridade, graças ao Alto e aos esforços dos seus continuadores, aumenta cada vez mais o seu patrimônio com a construção de novos pavilhões.

No próximo dia 28 vai fazer dois anos que o espírito de D. Gracinda libertou-se dos liâmes terrenos, deixando um sulco de gratidão nos corações que dela receberam benefícios, e de saudades nos corações que tiveram a felicidade de travar relações com ela.

Que Jesus proporcione a êsse espírito amigo mais luzes ainda, são os votos que formulamos num preito de estima e consideração.

Criação do Instituto Espírita de Educação do Estado de São Paulo

Aos Pais e Educadores Espíritas

A União Social Espírita, dando cumprimento a um dos seus principais objetivos, resolveu, em reunião do Conselho Deliberativo, criar o Departamento de Educação da Diretoria Executiva e promover em S. Paulo uma ampla reunião de educadores espíritas de todo o Estado, com o fim de lançar os fundamentos de um instituto espírita de educação e da sociedade civil que o criará e dirigirá. Trata-se, portanto, da convocação de um verdadeiro congresso educacional, para o qual pedimos a boa-vontade e a compreensão de todos os pais e educadores espíritas.

Resolveu o Departamento de Educação abrir imediatamente a inscrição de teses para estudos e debates no referido congresso, e convida todos os espíritas interessados na solução do problema educacional, a elaborarem desde já os seus trabalhos, com base nos seguintes itens:

1.º) — O Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo será um amplo organismo de ensino, abrangendo todos os cursos, desde o pré-primário aos superiores.

2.º) — Terá sua séde na capital e distribuirá unidades pelo interior, podendo entrosar no seu organismo as escolas espíritas já existentes, de maneira a formar um verdadeiro sistema estadual de educação.

3.º) — Será fundado por contribuições monetárias, e manter-se-á da mesma maneira e com o rendimento dos seus cursos, toda a sua renda sendo aplicada exclusivamente na sua manutenção e ampliação, bem como na abertura de bolsas de estudo para alunos pobres, em todos os cursos.

4.º) — Será dirigido por uma sociedade espírita especialmente constituida e adesa à U. S. E.

São estes, a nosso ver, os pontos capitais, que oferecemos, entretanto, como simples orientação. Os autores de teses poderão sugerir as modificações que acharem convenientes, com inteira liberdade.

As teses não deverão ultrapassar a dez laudas de papel almaço, datilografadas a dois espaços, numa só face. Endereço para remessa: Departamento de Educação da U. S. E.. Avenida Irradiação, 152 (Antiga rua Maria Paula) S. Paulo.

Nota Importante — Pedimos a máxima objetividade na elaboração das teses, que deverão apenas indicar as bases e a maneira de funcionamento do Instituto. Qualquer explicação de detalhes, ou justificação de motivos, deverá vir em papel separado, em forma de ofício. O Departamento pede a todos que enviem o quanto antes os seus trabalhos, para serem estudados e debatidos nas reuniões preparatórias. Pede também, aos que desejarem participar do congresso, — especialmente aos professores espíritas, mesmo que não lecionem em cursos de orientação doutrinária, que enviem a sua adesão, nos termos do cupom abaixo:

I Congresso Educacional Espírita Paulista

ADESÃO

Nome..

Cargo..

Escola...(*Quando professor*)

Endereço completo..

....

...., ...

de...*de 1948.*

Assinatura..

O Espiritismo em São Paulo

De volta do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, efetuado no Rio de Janeiro de 18 a 25 de Julho último, a União da Mocidade Espírita de S. Paulo teve ocasião, a 27 do mesmo mês, de recepcionar, no salão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, alguns dos Congressistas que tomaram parte ativa naquêle conclave. Assim, foram homenageados em sessão solene, nessa noite, as Mocidades e Juventudes de Franca, Jaboticabal, Mogi-Mirim e de Uberaba, Minas.

Os jovens, Wilson de Souza, Aparecido, Acyr e as srtas. Zelia R. Cunha e Aurea G. Cunha, como também, a jovem Nair Salatti, da Mocidade de Piracicaba, representaram oficialmente as suas Mocidades, de modo dignificante. A noite esteve magnifica, espiritualmente falando e, não menos, o ambiente, intenso de alegria, que reinava em todos os corações.

A tribuna foi ocupada, em princípio, pela jovem Nancy Puhlmann, da USE, que teceu comentários sôbre as atividades do Congresso, e depois pelos Representantes acima descritos, que falaram sôbre o que viram no referido Congresso. A saudação oficial aos jovens feita pela UMESP, esteve a cargo de Vicente S. Neto que, de improviso, disse do carinho e da satisfação que aqueles jovens, em sua passagem, deixavam no coração dos seus irmãos paulistas. E, precedendo a essa festa de cunho tão singelo de beleza e fraternidade cristã, houve um lindo e bem feito programa de canto, declamação e música, a cargo do Departamento Artístico da UMESP.

Após o encerramento, os homenageados acompanhados por uma centena de unionistas, dirigiram-se para o lar da jovem Olinda Vicente da Silva, que ofereceu aos recepcionados, uma mesa de doces e chá, tendo-se formado ali, um ambiente de pura cordialidade que alegrou a todos.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», também foram homenageados com carinho através do seu Representante na Capital, bem como a Livraria Allan Kardec, pelo confrade sr. Batista Lino.

A' UMESP, apresentamos em nome de Deus e de Jesus, os votos de franco progresso na doutrina que nos irmana.

Ainda a UMESP e suas atividades

Decididamente os jovens paulistas estão se desdobrando na doutrina como bem demonstra o facto de estarem os seus diversos Departamentos em plena atividade. Não têm medido esforços para divulgar através da tribuna, e no campo da Assistência Social, as contribuições que lhe são exigidas. Rifas, sorteios, visitas aos que precisam, donativos em dinheiro, roupas, etc., tudo tem sido executado com esfôrço e alegria pelos jovens. No último dia 10 de Agosto, ocupou a tribuna da Federação Espírita, sob a supervisão dos mesmos, o Pastor Herald Niedner, recem-chegado da Alemanha e funcionário acreditado pela Cruz Vermelha Brasileira que, além de demonstrar seus conhecimentos evangélicos de modo claro e feliz, fez um apêlo aos presentes no sentido de auxiliarem os irmãos que lá na Europa, estão sofrendo do corpo e da alma. Arrecadou Cr. $ 713,00 em alguns minutos, e ainda a UMESP, está empenhada agora em auxiliar eficazmente, numa campanha beneficente, a Cruz Vermelha Brasileira, pró-necessitados da Europa.

Assim, vai ela dando cumprimento ao seu programa de amparar moral e materialmente, divulgando de modo vivo, os ensinamentos do Cristo de Deus. São esses dados sôbre as atividades da UMESP, que nos foram enviados pelo nosso Representante na Capital, sr. Vicente S. Neto.

Não é Verdade

Nosso companheiro, prof. Leopoldo Machado, enviou-nos uma refutação, análise e esclarecimento, com o título acima, a propósito de um escrito com igual título, inserto em REFORMADOR de Maio, pag. 119, que lhe diz, particularmente, respeito, para publicarmos.

Felizmente, seu autor, cedendo a imperativos de ordem moral, que seus companheiros de organização do *Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil*, e, principalmente, dos membros do *Conselho Consultivo* que saíu do Congresso, lhe apresentaram, salientando que a realização do Congresso foi a melhor refutação, análise e esclarecimento que poderia dar a seus poucos desafetos, desistiu de sua publicação.

Sua desistência trouxe a seus irmãos e amigos sinceros, que se encontram por toda parte, muita alegria e satisfação. Satisfação e alegria bem maiores, podemos afirmá-lo, para seus irmãos e companheiros da Família Espiritual de Cairbar Schutel, a que Leopoldo Machado pertence.

Primeiro Aniversário da U. S. E.

No dia 6 de Junho último, em sessão solene no salão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, foi comemorado o 1.º aniversário da União Social Espírita, (USE).

Foi mais um passo dado para a concretização dos ideais da família espírita do Estado. O trabalho que a U. S. E. tem realizado no sentido de articular e unir os espíritas, indiscutivelmente marcará época na história do Espiritismo nacional, pois até a presente data, não houve em nosso país, um movimento idêntico, que pudesse abranger as necessidades do momento e satisfazer as aspirações da maioria dos espíritas. Durante um ano de trabalhos consecutivos, a U. S. E. demonstrou a possibilidade de uma perfeita unificação nacional, dependendo apenas de boa vontade, de um pouco de renúncia por parte dos dirigentes de entidades. Raros são os centros bem orientados do Estado que permanecem alheios ao mais importante de todos os trabalhos do momento que é a unificação iniciada pela U.S.E.

Hoje em dia, as pretensões da U.S.E. estão bem conhecidas e, principalmente aqueles que assistiram à reunião de seu primeiro aniversário, onde o seu programa foi amplamente comentado e esclarecido com perfeita fidelidade. É inegável o prestígio que a U.S.E. tem adquirido no âmbito do Espiritismo nacional. Para que se avalie a confiança de que ela é merecedora, basta citar, até o momento, as adesões de 12 Estados hipotecando-lhe apôio como patrocinadora do Congresso Nacional convocado para Outubro. Esses 12 Estados representam uma maioria absoluta, por quanto, a não ser em mais uns três ou quatro, não há ainda Espiritismo organizado. Alguns Centros da Capital que tomaram parte no festival do dia 6, ficaram bem inteirados da situação em que se encontra o Espiritismo em marcha para a unificação e, mais uma vez demonstraram estar solidários com a U.S.E. para a conclusão dos inúmeros trabalhos já iniciados.

Foram os seguintes os Centros que

comemoraram ao festival do primeiro aniversário da U.S.E., Centro Espírita Irmã Carolina, Lauro Machado, Antonio Gonçalves Batuira, Iracema Inca, Maria do Cruzeiro, São José, Anjo da Paz, S. Rafael Esperança e Fé, Francisco de Paula, Nova Esperança, Liga Espírita do Estado de S. Paulo, Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, Federação Espírita do Estado de S. Paulo, Grupo Espírita Roberto Hermann, União da Mocidade Espírita do Estado de S. Paulo, Fraternidade E. Evangélica, C. E. União, Luz e Caridade, C. E. Olivia, Tobias Xavier, Benedita Conceição, C. E. da Paz Pai Jacob, Amor e Fraternidade, Amor e Caridade, Juventude Espírita do Bosque da Saúde, C. E. Redentor, U. E. Mensageiro da Paz, Luz e Verdade, José Barroso, Divina Providência, Familiar Tomás Le Pera, Emanuel, José de Carvalho, Mocidade Espírita da Casa Verde, Nova Éra, Clube dos Jornalistas Espíritas, Fraternidade Espírita, Sociedade de Estudos Espíritas, C. E. Mateus e C. E. Ismael.

Por mais êste gesto de solidariedade por parte dos espíritas de São Paulo, em torno do programa comum de unificação, todos nós, de diversas entidades espíritas, sentimo-nos cada vez mais encorajados à exemplificação da tarefa que nos foi confiada.

Marian Sévio.

Federação Espírita Brasileira

Como é do conhecimento dos espíritas, o movimento espírita cresce cada vez mais, requerendo mais livros para satisfazer os milhares de novos adeptos que engrossam a fileira espírita constantemente, todos desejosos de adquirir os conhecimentos relativos às cousas do espírito, afim de poderem dar mais largos passos na senda da evolução.

A Federação Espírita Brasileira sempre teve oficinas gráficas bem aparelhadas para satisfazer as exigências da propaganda da Doutrina pelo livro. Entretanto, essas oficinas tornaram-se pequenas em face do surto progressista do Espiritismo em nosso país. Compenetrada, porém, da sua elevada missão, a Federação sentiu a imperiosa necessidade de aumentar as suas oficinas gráficas, afim de poder atender a avalanche de pedidos de livros. Para tanto, adquiriu, há dois anos, um terreno com as dimensões necessárias, à Rua Figueira de Melo, 410, em São Cristovão, na entrada da zona industrial do Distrito Federal, onde construiu mais um prédio nos fundos do que já existia no terreno, prédio de três pavimentos no qual foram instaladas as seguintes secções: no andar térreo, com uma área de 328 m2, as máquinas compositoras e impressoras; no primeiro pavimento, a oficina de encadernação, numa área de 320 m2; no segundo pavimento, os depósitos, numa área de 320 m2.

A Federação já possuía à Avenida Passos, n.ºs 28, 30 e 32, um espaço de 3.000 m2, onde continuarão todos os demais departamentos. Com a nova aquisição, ficará ela com um espaço utilizável de 5.230 m2 para os seus diversos serviços, aguardando oportunidade para completar o seu trabalho na difusão do livro com a aquisição de máquinas mais modernas e mais eficientes, quando então estará aparelhada a publicar cerca de um milhão de exemplares de livros por ano, quantidade justamente necessária hoje para satisfazer o desenvolvimento da propaganda.

E assim vem a Federação Espírita Brasileira cumprindo à risca o seu programa na difusão da Doutrina pelo livro.

PROF. VERISSIMO A. DE SOUZA

Em Curitíba, Capital paranaense, aos 21 de Julho p.p. deu-se o passamento do venerando e ilustre Professor Verissimo Antonio de Souza, membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto de Ciências e Letras de Campinas e de outras agremiações culturais do país.

Dotado de vasta cultura e robusta inteligência, assinalou sua passagem pela existência terrena com testemunhos irretorquíveis de bondade, amor ao próximo e retidão de caracter, espargindo, como educador, os benefícios da instrução a varias gerações do visinho Estado.

Suportou sempre com resignação, coragem e fé inabalável em Deus, as vicissitudes dêste planeta.

Conhecendo de perto como parente e ex-aluna, as peregrinas virtudes do saudoso irmão desincarnado, estou certa de que seu espírito está, na pátria eterna, em pleno gozo da serena paz e felicidade a que faz jús um coração puro e sincero como o seu.—S. Paulo, Agosto, 1948. **G. Figueira**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2491unse

NO XXIV—Brasil—E. S. Paulo— Matão, 15 de Outubro de 1948 — N. 9

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRI
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Reverenciando uma Data . . . . *Redação*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
Iscariotes, Meu Irmão . . . . . *Leopoldo Machado*
Trinta Anos Entre os Mortos . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Vidente de Prevorst . . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Verdade Profética . . . . . . *J. B. Chagas*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Salvou-os da Morte o poder da fé . *Spártaco Banal*
Espiritismo e Psiquiatria . . . . . *João Augusto Tôrres Bandeira*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz e saude

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» reunirá em sua séde os pobres da cidade e distribuirá entre os mesmos as dádivas que os corações bem formados lhes ofertarem, numa justa homenagem A'quele que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Jesus foi o amparo dos párias, dos aflitos, dos sofredores e dos famintos, que o acompanhavam e ouviam-lhe as palavras de amor e vida eterna, ao passo que os ricos, os poderosos e os cheios da vã sabedoria humana tramavam contra a sua vida. Porisso, tudo aquilo que fizermos aos nossos irmãos necessitados é a Jesus que o fazemos. E o bem que lhes fizermos será recompensado por Deus, não em moeda sonante, porque Deus é superior a isto, mas naquela moeda que simbolisa a verdadeira felicidade do espírito, que é imortal.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor do próximo — e no louvavel intuito de proporcionar aos pobres um Feliz Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas, mesmo usadas.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe proporcione muita saude e paz, um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Matão, 12 de Outubro de 1948.

A Comissão:

Chiquita Fonseca
Zelia Perche
Joselina Dias de Lima
Isabel Perche
Clotilde Cunha
Doris M. Gonçalves
Carmen Torres
Cleide de Barros Perche
Ana Coelho
Donata C. Oliveira
Catarina Bonfoqui
Iracema Lopes

Antoninha Perche Campêlo
Elvira Prado
Jenny Perche
Valeria Dias de Lima
Leonor Cruz
Edméa Costa
Manoela Torres
Edna Gonçalves
Olga Coelho
Carmen Pedro
Maria Adelina Felipe
Miriam Perche

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1948 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Reverenciando uma Data

NA história do Espiritismo ha uma data que, como o resplandor do sol ao merediano, brilha perenemente iluminando a senda que a humanidade deve percorrer em demanda dos seus gloriosos destinos — 3 de Outubro.

Efetivamente, foi nêsse dia, em 1804, ha 144 anos portanto, que nascia em Lyon, França, Leon Hyppolite Denizard Rivail (Allan Kardec) que, como Enviado de Deus, devia dar prosseguimento à obra iniciada por Jesus Cristo, com a cooperação decidida da Milícia Celestial, aquela mesma milícia que acompanhou o Meigo Rabí da Galiléia desde o seu nascimento até a sua morte nos braços de um madeiro.

A' medida que o tempo avançar Allan Kardec, como Jesus Cristo, conquistará um lugar proeminente nos corações desejosos de paz, de verdade, de luzes, porque a missão de ambos é a mesma: espiritualizar a humanidade, libertando a das trevas da ignorância para conduzí-la ao lugar que lhe compete no concerto universal. E disto já estamos sendo testemunhas oculares, de vez que os milhões de adeptos do Espiritismo, multiplicando se, como se multiplicaram aquelas primeiras dezenas em milhões em menos de um século, hão de reverenciar o nome de Allan Kardec, como já está acontecendo, não só entre as quatro paredes de um Centro, mas nas praças públicas, atraindo a atenção de gregos e troianos para as cousas do espírito.

Allan Kardec foi tenazmente perseguido por causa do Espiritismo, assim como ainda hoje os espíritas são perseguidos com a arma da calúnia, da mentira, pelos corifeus das religiões mundanas e seus fanáticos seguidores de casaca e sem casaca. Eis o que a respeito dizia Allan Kardec:

ALLAN KARDEC

«No ponto a que hoje chegaram as coisas e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão superadas; êle conquistou o seu lugar, e está assente sôbre bases que dóra em diante desafiam os esforços dos seus adversários.

«Pergunta-se como uma doutrina, que torna feliz e melhor o homem, póde ter inimigos; é natural: o estabelecimento das melhores coisas choca sempre interesses, ao começar. Não tem acontecido assim com todas as invenções e descobertas que têm revolucionado a indústria? As que hoje são consideradas como benefícios, sem as quais não se poderia mais passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime um abuso não tem contra si todos os que vivem dos abusos? Como quererieis que uma doutrina que conduz ao reino da caridade efetiva não fosse combatida por todos os que vivem de egoísmo? E sabeis se são eles numerosos na terra?

«No começo contaram matá-lo com a zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente e que, sob o fogo dos sarcasmos, êle prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que se vão confessar vencidos, não; o interêsse material é tenaz; reconhecendo que é uma potência com que é necessário de hoje em diante contar, vão dirigir-lhe assaltos mais sérios, mas que só servirão para melhor atestar sua fraqueza. Uns o atacarão diretamente por palavras e atos, e o perseguirão até na pessoa dos seus adeptos, que eles se esforçarão por desalentar a poder de embaraços, enquanto que outros, secretamente e por caminhos disfarçados, procurarão miná-lo surdamente.

«Ficai prevenidos de que a luta não está terminada. Fui avisado de que eles vão tentar um supremo esfôrço. Não tenhais, porém, receio: o penhor do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *fóra da caridade não ha salvação*. Arvorai-a bem alto, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas»

Essas palavras de Allan Kardec aos espíritas de Lyon, na ocasião em que êle agradecia-lhes a manifestação coletiva por motivo do ano novo, ainda permanecem de pé. O cenário é o mesmo e os artistas embora outros, vestem a mesma roupagem na representação do mesmo e eterno drama — perseguir a verdade por todos os meios.

Que essas palavras, cheias de advertências, sejam para os espíritas um estímulo poderoso no trabalho de semear em todos os corações as sementes da Terceira Revelação, que é o Espiritismo, Paracleto da Promessa.

A Allan Kardec, por motivo da data que relembra o seu nascimento, 3 de Outubro, as nossas homenagens, num culto de grande estima.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XIV —

Geley passa em revista os filósofos do pessimismo para divergir deles e ensinar o otimismo. Para o filósofo materialista, a vida é a dor, é um sofrimento sem esperança e sem finalidade. Todos os homens nascem, crescem, vivem e morrem, sofrendo. Tudo é sofrimento neste vale de lágrimas e, depois dele, o nada, o eterno esquecimento que nivela os rasgos de heroismo mais sublimes aos crimes mais hediondos.

A humanidade progride sómente para criar mais dores, mais guerras, mais sofrimento. E' esse o triste dilema do pensador materialista; mas ao espiritualista tudo é esperança e certeza na realização do bem supremo.

E' Geley quem nos vem ensinar:

«Para que a visão mude, para que o pensamento da morte se despoje de seu caracter esterilizador e de sua aparência de maldição, é preciso dar à idéia evolucionista seu complemento natural: o ensino da palingenesia. Então tudo se esclarece, os túmulos deixam de ser túmulos: são asilos passageiros para o fim da vida, como as camas são asilos de repouso para o fim do dia. Assim concebidos, não podem inspirar espanto nem cerrar o horizonte: nada mais fazem do que marcar uma etapa nova na ascenção bendita para a consciência e a vida. Por uma presciência infalivel, vemos, desde agora, do outro lado do túmulo, recomeçar o Espírito a marcha para o infinito, cada vez mais cômoda, com horizontes mais belos e mais dilatados, e numa comunhão mais íntima, mais pura e mais inefável.

«Assim como desaparece com a idéia palingenésica o caráter fúnebre da morte, assim também esboroa o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há na evolução sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras terão acabado na realização da justiça e na preparação do bem, mas o bem e a justiça para todos, por que todos teremos contribuido para eles.

«O objetivo e o sentido da vida nos são desde agora accessíveis e achamo-los de conformidade com as nossas esperanças idealísticas.

«Em nossa concepção do Universo não ha lugar para uma filosofia pessimista que só tinha por base uma visão incompleta e falsa das coisas.»

Admitida a eternidade dos sêres, o nosso Autor vai chegar às conclusões mais otimistas do Universo e do futuro. Vai chegar inevitavelmente à certeza da realização da soberana consciência, da soberana justiça, do soberano bem. Tratando da realização da soberana consciência, diz:

«O que ha de «essencial» no Universo é indestrutível e eterno; é permanente através das aparências transitórias.

«O que ha de essencial no Universo passa, pela evolução, do inconsciênte para o consciênte.

«A consciência individual forma parte integrante do que ha de essencial no Universo, e evoluciona, indestrutível e eternamente, do inconsciênte para o consciênte.»

Estudando a formação da consciência soberana, trata das existências sucessivas e diz:

«Na cadeia das existências, uma vida terrestre não tem mais importância do que um dia no curso desta vida. Uma vida, um dia: ambos têm na evolução uma importancia comparável e uma verdadeira analogia.

«Há dias bons e dias maus, como há vidas boas e más: dias e vidas aproveitados, e dias e vidas perdidos.

«Um dia, uma vida, não se podem apreciar isoladamente, só se podem apreciar em relação com os dias e as vidas precedentes, com os quais se encandeiam e nos quais interpenetram. Não há trabalho nem inquietação exclusivamente limitados a uma vida nem a um dia. Não se formula o programa de um dia ou de uma vida sem ter em conta os dias e as vidas passados, as vidas e os dias vindouros. Como os dias, as vidas estão separadas por um período de repouso aparente, mas, ao mesmo tempo, de labor fecundo, de assimilação e de preparação. Assim como, ao se despertar o homem, se acham resolvidos como que por encanto muitos problemas complicados da véspera, assim também, na aurora de uma vida, o Ser parece guiado em seus primeiros passos e caminha com segurança, como que levado pela mão, ao longo da senda que para si traçou e a segue sem a ver, precisamente por ignorá-la.

«Desse modo, de existência em existência, pela multiplicidade das existências registradas e assimiladas, a pouco e pouco chega o Ser às fases superiores da vida, a essas fases que estão reservadas ao desenvolvimento completo da consciência, à onisciência realizada.

«A onisciência deve estender-se, idealmente, ao presente, ao passado e ao futuro, isto é, realizar uma espécie de adivinhação atualmente incompreensível.»

Assim adiantado, a ponto de tudo saber, o indivíduo terá realizado a consciência soberana, tocando as raias da divindade, estará reintegrado em Deus, será uma das fôrças criadoras da natureza superior.

Assim como não pode haver colheita sem semeadura, ninguem obterá proventos espirituais se não semear as sementes das virtudes ativas. Estas sementes encontrareis no Evangelho de Jesus. — MARIQUINHAS.

ISCARIOTES, MEU IRMÃO

Crônica de
LEOPOLDO MACHADO

Judas, meu irmão, escuta e reflete o que te vou dizer.

Nenhum papel, na Tragédia do Gólgota, foi mais doloroso e terrível do que o que — por teu bem ou por teu mal —, desempenhaste.

Entregaste o Mestre aos seus mais terríveis inimigos de todos os tempos — os sacerdotes e doutores — para o sacrifício da flagelação e da cruz.

E entregaste-Lho, através da perpetração de tríplice falta: contra Aquêle que te escolheu para discípulo, contra o teu apostolado e contra a maior carícia do afeto, o beijo!

Maculaste, meu irmão, uma confiança purissima, uma formosa missão espíritual e o beijo.

E porque, meu amigo e irmão?

Quem o sabe, se tu próprio não o declaraste?

Por ambição e maldade é que não foi e nem podia sê-lo.

Sinão, guardarias contigo o preço da traição e, impassível, assistirias a tragédia do Nazareno.

Cheio de desespero, procuraste ressarcir, num arrependimento subitâneo, com outro crime, aquêle que havias perpetrado.

O *ramo da figueira*, em que te enforcaste, é bem uma lição expressiva para os judas, em bem maior número, que te sucederiam.

E, antes do suicídio, soubeste, com nobreza, restituir aos sacerdotes e doutores da lei, a moeda de tua traição.

O *Haceldama*, cemitério para estrangeiros, que se comprou com a víl moeda, ficou a apontar aos iscariotes, pósteros, a aplicação menos indigna que se devem dar a moedas recebidas pelas amizades e confianças traídas por dinheiro.

Era do espírito da profecia que um dos discípulos do Senhor teria de traí-lo, como o fizeste.

E fôrça era que se cumprissem as Escrituras.

Tu, o escolhido para o papel infamante?

Não, que não te caberia, assim, responsabilidade alguma. Nas guerras, a responsabilidade dos morticínios não cabe aos soldados, que executam ordens, mas aos que ordens transmitem.

Pediste, naturalmente, no Plano Espiritual, cheio de entusiasmo pelo Mestre, e possuido dos melhores propósitos, a missão do apostolado.

Mas, tuas fôrças eram fraquezas para a grande missão.

Sempre houve, e continua a haver tanta gente assim, que pede provas superiores ás suas fôrças.

A «natureza não dá saltos» e muita luz céga.

Quiseste saltar muito alto e pediste luz forte de mais para tuas fôrças.

Êste, teu engano e teu êrro maior. Nenhum viciado abjura, de um dia para o outro, o vício em que se atolava pela virtude que, perto ou longe, vê brilhar.

Mas, soubeste, meu irmão, reagir, com um gesto sublime de arrependimento, a despeito da perpetração de outro crime, a tua falta enormissima...

Nenhum papel na «Tragédia do Calvário» mais negro do que o teu.

Negrume que te envolveu no ato infamante, que se projetou, envolvendo o teu nome, os séculos afóra, através das gerações que se dizem cristãs, até hoje.

Compara tua história à de Pedro, por exemplo.

Simão Barjona, que deu, por três vezes, provas flagrantissimas de fraqueza, tão grande uma delas que o próprio Senhor o repeliu, a dizer: «para trás, Satanaz!»; Pedro, contudo, foi promovido a S. Pedro. E até guindado à condição infalível de primeiro papa! E é, ainda, considerado, nas crenças populares, o chaveiro do Céu, o protetor dos pescadores e das viúvas.

Tu, meu irmão Judas, que foste, sem nunca desviares, tal a tua noção de economia, um ceitil — o tesoureiro da comunidade; tu, só porque erraste uma só vez, reparando, imediata e dolorosamente, o êrro cometido, foste e continuas execrado, através das gerações e dos séculos.

Ninguém se lembra de teu nome sinão para execrá-lo!

Num manipanço ridículo, és malhado e queimado em todas as quaresmas!

Ah! meu irmão Iscariotes, se se fizesse o mesmo com os judas de verdade que se encontram, a vida em fóra, que nunca se lembram de devolver o prêço de sua traição, nem de uma corda e de um ramo de figueira!...

Se se fizesse o mesmo com tais judas, não se esperariam quaresmas, porque se teria o que fazer diariamente.

Teu nome atirado a alguém é supremo labéu.

Tão grande é a animosidade contra êle, que nem os espiritistas o escolhem para designação de «centros», para guias de seus trabalhos, para patrono de obras.

E terão, porventura, os que te execram, a pureza e a retidão bastantes para tanto?

Os puros e os retos de verdade, a ninguém aviltam, não execram ninguém. Antes, se aproximam, como o Cristo, dos impuros e pecadores para soerguê-los da lama do pecado e da impureza...

Nós que, hoje, procuramos o Senhor, sentimos que não nos sobram motivos para te apontarmos à execração. Que terá feito nosso espírito, através de existências terrenas, sinão traír o Cristo? Por que, naturalmente, temos voltado, vezes sem conta, ao mesmo planeta de expiações e provas? Não teriamos sido, a pesar nosso, daqueles que, diante de Pilatos, no Pretório, preferiram Barrabás a Jesus? Se a geração do Cristo não se passaria sem que se cumprissem as profecias que só agora se realizam, é certo que nosso espírito pertenceu áquela geração. Traímos o Senhor naquela época, e continuamos a traí-Lo ainda hoje. Traímo-Lo sempre que, concios das verdades de Seu Evangelho, norteamos nossos atos fóra dêle! Traímo-Lo todas as vezes que os ímpetos de vingança e o desamor nos dominam! Sempre que fugimos do bem que podemos fazer, do testemunho que póde edificar, do perdão que póde redimir, do auxílio que póde animar, da humildade que exalta, da caridade que salva!

Por isso que, diante de nós, não se poderia dizer aquilo que Vitor Hugo adivinhou poderá dizer, alguém ao qual se depare, na Espiritualidade, um Espírito de muita luz:

— Deus te salve, meu irmão Judas!

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—Como é que a vossa mãe vos chamava?

Esp. — Ela me chamava Paul.

Méd. — E o vosso sobrenome qual era?

Esp.—Há muito que não o ouço.

Méd.— Como é que se chamava o vosso pai?

Esp. — John Hopkins.

Méd. — Logo deveis ser Paul Hopkins. Em que Estado nascestes?

Esp.—Esqueci-me. Oh, sim, nasci em Yuma, Arizona.

Méd.—Já estivestes em Los Angeles?

Esp. — Sim, já estive uma vez. Havia belos salões na Main Street e eu suponho que eles ainda existem.

Méd.—Não, já não existem mais.

Esp. — Não sei o que teria sido feito deles.

Méd. — Foram fechados.

Esp. — Eram na Main Street, entre a Segunda e a Terceira (ruas).

Méd. — E o que pensaria vossa mãe de vossa situação atual?

Esp. — Minha mãe já morreu.

Méd. — O espírito não morre. Ela ficaria triste se vos visse em tal estado.

Esp. — Mas eu estou perfeitamente bem. Sinto-me jovem. Consigo um copo de uisque quando quero e isso me põe bem disposto e feliz.

Méd. — Sentis-vos então feliz quando vedes um homem bebedo na sargeta?

Esp.—Nunca vi semelhante espetáculo. Bebida é uma coisa ótima. Oh, mas que é isto? (Vendo algum espírito).

Méd. — Isto o que?

Esp. — E' uma bonita senhora. (Ao espírito) Quem sois vós?

Méd. — Talvez seja a vossa própria mãe.

Esp. — E' uma senhora idosa. Diz ela que conhece a minha mãe. Minha mãe era uma boa cristã. Suponho que ela esteja no Céu, com Deus, perto do trôno.

Méd. — Jesus ensinou que Deus é Espírito e que Deus é Amor. Não podeis então achar um Deus sentado no trôno.

Esp. — Onde então se senta Êle?

Méd. — Deus é Espírito e não está, pois, num lugar especial. Êle é a Vida de toda a Natureza. Sois uma expressão do próprio Deus. Compreendei enfim que sois um espírito ignorante e vencei os vossos vícios para que possais progredir.

Esp. — Esta senhora me diz que se eu me comportar bem eu irei para a cama descançar um pouco. Estou muito cansado, cansadissimo. Poderei então repousar um pouco?

Méd. — Sim e, quando despertardes, verificareis que sois um espírito, que deveis dominar os vossos vícios e progredir no mundo espiritual.

Esp. — Esta senhora é uma enfermeira.

Méd. — Não podemos vê-la como vós. Não vos vemos também. Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp. — Não compreendo nada disto. Quero ir deitar-me.

Méd. — Deveis saber qual o fim da vida.

Esp. — Dizem-me aqui que, se eu for para a cama, não ganharei mais uisque.

Méd. — Sim, mas aprendereis como progredir.

Esp. — Mas então não conseguirei mais bebida?

Méd. — Não.

Esp. - Bem, não me importa. Estou cansado e quero descansar. Que se pode fazer? Não tenho um lar e nem para onde ir.

Méd. — E' porque não compreendestes ainda a vossa situação.

Esp. — Esta senhora diz que eu terei um lar com a minha mãe." Irei então para a minha mãe. Gostará ela ainda de mim?

Méd. — O amor materno nunca morre. Depois de adquirirdes conhecimentos ajudareis então aquela senhora a quem estivestes obsedando. Fizestes dela uma perfeita bebeda.

Esp. — Fiz isso? Não o sabia. Queria algo para beber, mas não sabia que estava causando qualquer mal.

Méd. — Quando ela veio aqui, hoje à noite, estava embriagada e nós fizemos um tratamento nela.

Esp. — Também o recebi.

Méd. — Fizestes-a beber, porque ela própria não bebia. Procurou resistir às vossas sugestões, mas é uma sensitiva e acabou por ser vencida.

Esp. — Custa tanto se deixar um vício.

Méd. — Deveis agora cumprir o vosso dever, auxiliando-a.

Esp. — Sinto-me mesmo muito cansado. Quero ir repousar.

Méd. — Pensai em tal cama e estareis aí.

Esp. — Só? Pelo pensamento?

Méd. — Sim, acalmai-vos e pensai no que desejais.

Esp. — Lembrai-vos de mim. Sou um bom rapaz e gosto de vós, apesar de haverdes posto aquele fogo encima de mim.

Méd. — A senhora que vêdes será a vossa enfermeira e cuidará de vós.

Esp. — Minha mãe está aqui. Oh, mamãe, querida mãe, perdoa-me então? Não era tão bom assim. Não beberei mais. Ela diz que me auxiliará. Deus vos abençôe por todo o trabalho que tivestes por mim.

Depois desta sessão, um amigo observou notável mudança para melhor no estado da Sra. V., dizendo que nenhum desejo a levou mais a beber. A própria Sra. V. deu-me conhecimento de tal modificação em sua pessoa e expressou os seus agradecimentos pelo alívio obtido.

Os que voltam aos rudimentos das velhas religiões, que fascinam mas não iluminam, são como os ôdres velhos: não suportam o vinho vivificante dos novos conhecimentos, procurando assim aumentar os seus proprios males. — GREGORIO.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XVII

Manipulação magnética e prescrições contra doenças

Facto digno de nota é que minha esposa tem sôbre a Sra. Hauffe a mesma influência magnética que eu e que, aproximando a ponta de seus dedos dos da enfêrma, pode fazê-la levantar-se do leito, como eu mesmo o fazia, quando era absolutamente incapaz de sentar-se nêle. Ela perde, bastas vezes, o sentimento ou a consciência da vida. Parece que não tem cabeça, nem braços e nem pernas. Em tais casos, ela tem, olhos fechados, noção de todas as coisas, mas não póde dizer se as vê ou as sente. Se, por meio de passes, eu lhe faço abrir as pálpebras, não vê senão a minha pessoa. Suas pupilas permanecem imóveis e ela não póde dizer se me vê ou me sente. Quando acorda, fica profundamente penalizada se alguém lhe conta o que disse durante seu sono e então suplica nunca mais fazê-lo.

A Sra. Hauffe, aproximando-se de pessoas enfêrmas, mesmo sem tocá-las, porém mais seguramente as tocando, tem consciência de suas enfermidades, experimenta todas as suas sensações, antes que elas as descrevam e sempre com grande espanto das mesmas. Ela não ressente apenas o seu estado físico, mas também as diversas emoções de suas almas, as primeiras se imprimindo sôbre seu corpo e as segundas sôbre sua alma.

«Esses factos, diz Eschenmayer em seus «Mistérios», podem ser provados por testemunhos. Eu mesmo posso trazer o meu, porque ela tem, com a maior exatidão, adivinhado o estado de todos os meus orgãos, do mesmo modo que os de um dos meus amigos e isso pelo simples contacto da mão. Embora tais fenômenos não sejam tão frequentes com as sonâmbulas, não são eles menos notáveis. Do mesmo modo que não podemos negar que toda a susceptibilidade de um organismo se pode concentrar na mão ou em outra parte do corpo, explicando assim a desproporção de sensibilidade entre os diversos orgãos, do mesmo modo se torna cada vez mais provável que existe um sentido oculto que póde atingir até o próprio centro do sistema nervoso. Êle aí se desenvolve por uma aproximação recíproca, uma espécie de polaridade entre os sistemas nervosos das suas pessoas. Nessa relação de polaridade entre os dois sistemas, os orgãos especiais de um se estendem por assim dizer e acabam por se colocar especialmente em polaridade com os orgãos correspondentes do outro, de tal sorte que os orgãos alterados do enfêrmo (polo negativo) se refletem nos orgãos correspondentes do clarividente (polo positivo). Daí vem que o estado do enfêrmo é sempre adivinhado. Nesses casos de simpatia, a sensação é o condutor neutro entre os polos homônimos que se comunicam.

Uma prova eloquente disso foi oferecida pelo caso de uma senhora que nos era inteiramente desconhecida e que me veio pedir permissão para a Sra. Hauffe tocá-la, quando estivesse ela acordada, por causa de uma violenta dôr de figado. A Sra. Hauffe descreveu exatamente suas dores, depois, tornando-se subitamente vermelha, acrescentou que ela só podia ver com o olho direito. Essa senhora estranha, profundamente surprêsa, disse que havia certo número de anos que tinha quasi completamente perdido a vista direita, mas que, sabendo ser o seu mal incurável, não me falára disso. A Sra. Hauffe só recuperou a vista esquerda pouco a pouco, ficando a pupila incontractil, como no caso de amaurose. Ela não podia ser curada senão por pessoas de olhos sãos, que dirigissem, com energia, durante muitos minutos, seus olhares sôbre a vista doente.

No dia 5 de Setembro de 1827, à noite, coloquei na mão da Sra. Hauffe uma fita em que escrevera o nome de uma senhora enfêrma, cuja infecção me era tão desconhecida como à própria pessoa que dela padecia e que não tinha, certamente, levado ou tocado tal fita. A Sra. Hauffe só a segurou por alguns minutos na mão, quando foi tomada de vertigens, sufocações, vomitos violentos, com dores, anciedades com irritação na garganta. Lavou-se a mão dela e procurou-se por diversos meios fazer cessar tais sintomas, mas a coisa foi piorando e ela caíu em estado cataléptico semelhante ao da morte, com o corpo inteiramente frio. Um vesicatório, que eu apliquei, não deu resultado e ela não saíu de tal estado senão pouco a pouco e no fim de vários dias. No dia 6 do mesmo mês, sabia eu, pelos jornais, da morte daquela senhora. Tornou-se assim evidente que já estava morta e enterrada quando eu dei a fita à Sra. Hauffe, o que explica os factos observados. Não resta dúvida de que se ela estivesse em estado sonambúlico teria visto o corpo da mesma, em seu túmulo. Van Helmont fala de uma senhora paralítica, que tinha sempre crises de paralisia quando se sentava numa cadeira em que seu irmão, morto havia cinco anos, tinha o hábito de se sentar. Um sonâmbulo me disse certo dia: «Se os homens conhecessem apenas os números e os períodos, eles curariam as mais graves enfermidades pelos meios mais simples».

Fenômenos de Materialização

XXI

O Grupo «André Luiz», na tarde do dia 25 de Dezembro último, reunia-se para a sessão comemorativa do Natal quando, inesperadamente, surge uma visita — o distinto casal argentino Nathan Douek e Andreé Pirotte de Douek, que assistiu à solenidade com visível respeito e atenção. Terminada esta, e antes que o salão se esvasiasse de todo, da assistência que o superlotava, os nossos irmãos platinos se deram pressa em se apresentarem à diretoria da casa, dizendo-se recem-chegados de Pedro Leopoldo, de junto do estimado médium Chico Xavier, donde trouxeram comovedoras mensagens psicográficas de Emmanuel e de Cosme Mariño passando a relatar sua breve história pelos lábios do Snr. Nathan, industrial, cavalheiro de fino trato, descendente de Israel. Pela quarta vez visita o Brasil, em tratamento de sua saude, buscando remédio para a cura de seus males corporais, notadamente a «diabete», tendo feito estágios em Poços de Caldas, Caxambú, Araxá, etc. Sem atinar com a causa, defrontava-se, constantemente, com espiritistas, médicos ou não, e se via de quando em quando em ambientes espíritas.

Foram-lhe oferecido livros da Terceira Revelação, desde às obras fundamentais de Allan Kardec, ás obras psicografadas pelo Chico Xavier. Daí um salto para o contacto com os espíritos, os irmãos nossos do outro plano da vida. Em várias cidades e por médiuns diferentes, todos o confortaram, mimoseando-o com demonstrações de efusivo afeto, sendo todos concordes em afirmar que êle tinha uma grande missão a cumprir na República Argentina.

Ficou sabendo que êle se submetia a um plano urdido pelos seus guias espirituais para que aceitasse a Jesus como o Messias, o Divino Emissário de Deus que trouxe a luz ao nosso mundo de ilusões e trevas e seguisse o seu Evangelho de Graça e Redenção, o que êle estava conseguindo através da Consoladora Doutrina dos Espíritos. Seu médico, de Poços de Caldas, que só mais tarde o soubera espírita, lhe recomendou inesperadamente uma estação de tratamento em Araxá, tendo nessa ocasião ido a Belo Horizonte e a Pedro Leopoldo.

Na União Espírita Mineira e em outras instituições espíritas de Belo Horizonte foi novamente advertido dos compromissos assumidos, no Espaço, de realizar um grande trabalho espiritual em terras platinas. A concordância de todas as advertências em lugares diversos e díspares, já lhe não permitiam duvidar da verdade da comunicabilidade dos espíritos com os incarnados e por consequência, não podia descrer do Espiritismo.

Fôra duas vezes a Pedro Leopoldo, onde o seu espírito se banhou profusamente na luz do Evangelho de Jesus, através do Espiritismo. Na segunda, fôra acompanhado de sua esposa, que tinha sido chamada, com urgência, da Argentina, aquí chegando de avião para fins, também, de conversão, pois que, no dizer dos espíritos, importava que sua companheira aceitasse o Espiritismo para o cabal desempenho da sua missão, que teria nela o esteio como médium espontâneo, portadora de várias mediunidades. Um e outra receberam inesquecíveis benções em Pedro Leopoldo. Souberam que um antigo rabino hebreu, chamado Moisés, e que fôra avô de Nathan, mas que êle não conhecera, o estava assistindo e o iria ajudar no desempenho das suas tarefas espirituais, inspirando-o e animando-o; que Paulo de Tarso o estava envolvendo, das regiões alcandoradas onde se encontra êsse pulcro espírito, com um olhar protetor de carinho e benevolência, afim de que não falhasse no desempenho das atribuições que lhe foram confiadas para as terras Argentinas.

Entregando-nos as mensagens mediúnicas e dizendo que nos estava procurando por ordem superior, como o poude provar, o Professor Newton procedeu à leitura das ricas peças de literatura doutrinário-cristã, que enlevou os nossos espíritos.

Como alí estivessem os principais médiuns da casa, fizeram-se alguns momentos de concentração orou-se e evocou-se a assistência do Alto.

Pelo médium Peixoto comunica-se o bonissimo espírito de Garcês, que confirma integralmente tudo o que se estava apreciando e recomenda sejam quebradas todas as formalidades e exigências da casa para permitir-se o acesso ao casal visitante à próxima sessão de sabado, onde Nathan iria ser beneficiado e assistido espiritualmente.

Aludindo às carinhosas referências de Emmanuel, confirmou, omnis, o contexto da sua mensagem.

A sessão eventual foi encerrada com uma prece.

—

Sabado, 27 de Dezembro.

Com a presença de vinte e oito pessoas, inclusive três visitantes: Nathan, Andreè e Araci, respectivamente da Argentina e de Campos, a reunião foi aberta pela primeira vice-presidente do Grupo, Senhorita Lais Teixeira Dias, depois de cantado o hino «Obreiros de Jesus» e de proferida a prece inicial.

Não se fez, desta vez, a leitura de uma página de André Luiz, uma vez que fôramos avisados, antes, que os trabalhos desta noite, conquanto demorados, seriam de tal modo importantes e pontilhados de fenômenos copiosos, que o tempo dedicado à leitura era preciso gasta-lo em outras atividades espirituais, a critério dos nossos guias.

Passou-se, assim, a fazer alguns instantes de meditação, durante o que se manifesta o espirito de Araci, fazendo as necessárias recomendações aos presentes aconselhando-os a observarem as melhores maneiras de cooperarem para o êxito da reunião, mandando fosse recolhido o médium Lins, á cabine. Foi cantado então o hino «Entardecer». Diminuida a luz no ambiente, a Lais passa a ler um trecho de uma das epístolas do Apóstolo Paulo. O «Vôvô Vitorino», profere uma sentida prece em intenção dos enfêrmos. Sou eu o encarregado de fazer o primeiro comentário da lição lida, tendo-o feito sob potente influência mediúnica. A esta altura dos trabalhos, surge uma entidade espititual materializada, junto da entrada da cabine. O recinto estava provido de bastante claridade, de maneira que foi fácil às pessoas presentes verificarem, que esta aparição em nada se assemelhava com a dos espíritos conhecidos no Grupo. A conformação do seu vulto era atlética. Seu rosto, de tez moreno-bronzeada, tendo espêssa e não muito longa barba preta. Seu traje, oriental, originalissimo. Sua presença teve uma duração rápida, pois talvez não avançasse de um minuto. Segue-se a produção do fenômeno de voz direta. É o querido José Grosso que enche agora a casa de encantamento e emotividade com a sua palestra animada, instrutiva e alegre. A uma indagação minha, responde que a entidade materializada era a do espírito de Moisés, de nobre estirpe de Israel, avô de Nathan, presente á reunião.

Recomenda cantemos «Almas Gêmeas», no que foi atendido. Da cabine, partem então explosões de luz em coloridos diversos. Sente-se penetrante perfume a encher o ambiente. Aparece novamente Moisés, ostentando um traje rico, á maneira judaica, com lindos bordados e interessantes aplicações em flores e rendas, parecendo um combinado gracioso de estampado fino. Na cabeça, traz originalissimo barrete. Penetra no recinto e faz vários gestos com a mão direita, aplicando passes nos assistentes, notadamente em Nathan, em frente do qual faz ligeira parada, tocando-o e ministrando-lhe outros recursos assistenciais. Recolhe-se depois de fazer compassados gestos de caracter litúrgico, envolvendo a todos em profuso e distinguido carinho espiritual. Nathan e Jaks, que estavam próximos de mim, explicaram-me que aquela vestimenta era característica dos rabinos, doutores da lei judaica ou ministro do culto judaico e que os meneios, passos e mímicas singulares, por mim observados, obedeciam à liturgia hebraica.

O Fidelinho fala-nos por voz direta. Dirige palavras carinhosas à Araci, incumbindo-a de levar os seus protestos de amor à nossa irmã Maria Amelia, de Campos. Canta-se o hino «Canção Materna», que o Fidelinho acompanha, já então materializado, aparecendo na sua estatura minúscula, embalando-se ao ritmo musical. O venerando companheiro, farmacêutico Galeno dos Santos, que fazia a sua *rentrèe* nesta sessão, depois de uma ausência de mais de dois meses, profere comovida prece em intenção dos doentes. O José fala-nos novamente, enchendo de júbilo os nossos corações. Promete, a pedido meu, favorecer os irmãos argentinos com uma afetuosa lembrança, consistindo esta na modelação de sua mão entrelaçada na mão de Moisés, sendo que a deste apresentaria o defeito físico que tivéra em vida — o dedo médio decepado. Atirou no meio da assistência um enorme cristal de rocha, que produz raios de fogo com o atrito, pilheriando êle que aquela luz levava fluidos bons para os presentes. Recomenda ao companheiro Rodrigues que mande lapidar a pedra e ofereça alguns exemplares ao estimado Virgilio, de Astolfo Dutra, dizendo que isto constituia «as festas» que ofertava àquele amigo e companheiro.

Cantam todos o hino «Pai do Céu». Materializa-se agora o espírito de João de Deus, o idolatrado *Samaris* do nosso Grupo e que tantas afinidades tem aquí e na Escola Jesus Cristo. Estatura mediana, robusto, de longas barbas negras, porte altivo e esbelto. Atravessando a sala, vem junto à presidência, espalhando eflúvios consoladores, falando-me, ao Jaks e à Araci, incumbindo esta irmã de levar suas doces e amorosas lembranças à *Samayana*. Afastando-se, fê-lo depois de nos envolver com o seu terno olhar e os seus gestos afetuosos. O Capitão Leite téce comentários sôbre as palavras de Jesus «Bemaventurados os aflitos porque serão consolados», havendo-se com muita felicidade, ressaltando que a carne só é fraca porque o espírito o é. O Dr. Lauro Sales téce sucinto comentário sôbre a lição da noite.

Nina Arueira apresenta-se, numa materialização nítida. Dirige-se à Lenice e à Araci, tendo referências amigas para com a «Escola Jesus Cristo», de Campos. Pede seja colocada uma cadeira no meio da assistência, em que mandou assentar-se o nosso irmão Nathan. Obedecida, faz-lhe passes demorados, o mesmo fazendo à Lais, que o substituiu no lugar aprazado. Lais, entre lágrimas de reconhecimento, óra ao Senhor dos Mundos, agradecendo-Lhe as graças recebidas. Reassumindo a presidência, a nossa irmã pede cantemos o hino «Celeste Amigo», o que fizemos com satisfação. Nina cantou conosco, ainda materializada, passando a dirigir-nos a sua palavra atraente enaltecendo a virtude da humildade. Recolhendo-se o querido espírito, a irmã Maria Madalena de Oliveira eleva a sua alma em fervorosa súplica a Jesus. Lenice Teixeira Dias comenta as palavras de João Batista referentes ao Cristo — «Eis aquí o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», o que faz com notória inspiração. Moisés reaparece-nos à entrada direita da alcôva, arrastando com a facilidade de quem arrasta uma palha, a pesada e grande mesa alí colocada, dalí, bem do centro, dirigindo a palavra à assistência, pregando preceitos de moral pura durante, aproximadamente, quinze minutos. Fala particularmente a Nathan, confirmando tudo o que o Alto lhe dissera por intermédio de vários médiuns, afiançando-lhe que sua esposa, Andreè, o iria auxiliar com os potentes dons mediúnicos com que a distinguiu a Providência Divina.

Alguem lembrou fosse cantado o hino da «Juventude Espírita Abel Gomes», que o dedicado espírito de Scheila dera, por escrita direta, numa das últimas sessões. Cantada a linda melodia, destacava-se o acompanhamento de Scheila, que sai da cabine cantando, atravessa a sala e entra no lado oposto, sempre a cantar. Lais agradece-lhe a manifesta prova de seu carinho, para com a Juventude, respondendo-lhe que o agradecimento deveria ser feito a Deus e não a ela.

A nossa irmã Hilda profere uma rogativa comovedora, na qual envolve vários doentes, conhecidos seus. Os elementos presentes cantam o hino «Quando Jesus passa». O desvelado espírito de Ilka declama, em vóz direta, um lindo soneto da lavra de João de Deus. O José fala-nos ainda, dirigindo carinhosas palavras ao amorável irmão Vitorino, pai de Ilka, que tendo lamentando não ter ouvido distintamente a sua filha, devido à sua deficiência de audição, recebia o conforto da promessa de que ela iria escrever, oportunamente, com o seu próprio punho, em que aparecerá a sua caligrafia, os versos que acabava de recitar. Dulce de Fatima roga ao José para pedir à Ilka que escrevera algo no seu «album», respondendo seguidamente José, Fidelinho, Ilka, João de Deus e Nina Arueira, cada qual em sua voz característica, que escreveriam não só no seu «album» como no da Dulce Santos e no da Lenice.

É cantado o hino «Aprendizes do Espiritismo».

O irmão Fonseca pede a palavra para explicar o fenômeno da materialização de sua esposa, fazendo uma prece com a mais encantadora emoção.

Um dos nossos guias, que me pareceu ser Garcês, orienta-nos que chegamos ao término da nossa reunião, recomendando cantassemos o hino «Prisão Marmentina»; fosse o Ferreira assistir ao médium e fizessemos a prece de encerramento.

O irmão Vicente Viola é o encarregado de agradecer a Deus, a Jesus e aos nossos guias espirituais as bençãos divinas que nos reservára nesta noite, prodigiosa e fecunda de emoções e enlevos reconfortantes. A Lais declarou então encerrada a sessão, marcando o relógio precisamente vinte e três horas.

No meio do salão encontramos o cristal que o José nos ofertara. Ao lado do gabinete mediúnico, dentro de uma vasilha cheia de água, estava a peça de parafina apresentando duas mãos, de tamanho desigual, entrelaçadas, uma das quais, como anunciára o José, apresentando um defeito físico. Esta era a lembrança anunciada pelo José, que os nossos irmãos argentinos vão levar para a sua pátria.

Amadeu Santos.

Rio, 28/12/1947.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— V —

— ... porém a pedra que tinha dado na estátua tornou se um grande monte que encheu toda a terra.» (Dan. II/35).

Mas, o que nos diz a profecia em relação ao futuro, que para uns se apresenta sombrio e ameaçador, ao contrário que para outros vem rutilante de esperanças?

— «No tempo porém daqueles reinos suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruido».

A profecia nos fala ainda de um quinto reino universal, que não será, evidentemente de natureza humana, porque será estabelecido por Deus. Este será o reino de Deus. Mas, como se estabelecerá este reino?

— «Esmigalhará e aniquilará todos estes reinos, e êle subsistirá para sempre».

Esse reino, segundo ainda a profecia, teria que se estabelecer sôbre as ruinas e escombros dos poderes terreais, e seria o reino que havia de trazer dias melhores para o mundo.

Mistér se faria, pois, derrubar com todos os governos ou reinos atuais. E de que maneira devia terminar todos os reinos da atualidade, para dar lugar ao reino que se estabeleceria pela vontade de Deus?

— «Segundo o que viste — disse a profecia — que uma pedra foi arrancada do monte sem intervir mão (de nenhum homem), e esmigalhou o barro, e o ferro, e a prata, e o ouro...»

Onde o simbolismo da pedra que foi arrancada do monte? Não pode ser outra senão aquela que assinalará o fim de uma época de iniquidades, de maldades, de êrros seculares, dando fim a todos os reinos dêste mundo, para dar lugar ao reino de Deus, com a realização da grande esperança de um mundo cristão, o qual trará melhores dias para êste mundo, dias de paz, de tranquilidade, de harmonia e de bôa vontade entre as criaturas, quando, então, o homem deixará de ser o lobo do homem; quando, então, reinará somente o Império do Espírito da Verdade. Êste reino será eterno e durará para sempre!

Deus estabelecerá, portanto, um reino que trará geral satisfação a todos, pois êle mesmo o afirmou por intermédio de seu filho, quando aquí esteve:—«Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado do Pai dar-vos o (seu) reino». (Lucas, XII-32).

Até que venha o dia, até que chegue o reino de Deus, até que a estrela da manhã brilhe em todos os corações, os homens terão que conhecer dias maus, tempos perigosos. Grande será a confusão nos espíritos, a insofreguidão será o constante estado das almas. Uma grande ansiedade empolgará as criaturas, e sentir-se-ão como vivendo num grande vácuo, sem saber que algo indefinível é êsse que lhes falte, até mesmo quando tudo lhes sobra.

(Continua).

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

SINAIS DOS TEMPOS — *Aníbal Vaz de Melo*, Belo Horizonte

Em 1919 e em 1945, quando o mundo soube que havia terminado a primeira e a segunda guerra universal, que tanto angustiaram a humanidade — guerras que aquí chamamos de 1.º e 2.º ais apocalípticos — todo o mundo se agitou em alegrias incontidas, porque feitas de promessas e esperanças de melhores dias, de destino melhor.

Entretanto, o destino humano não melhorou e os dias aí estão correndo inseguros, tumultuários, tristes.

E' que esá faltando o 3.º ai apocalíptico.

E' que estamos vivendo um período de transição dolorosa, uma éra de desagregação geral. «A E'ra do Aquário», para que, então, das cinzas de um mundo falido e em ruínas, surja, talvez, aquêle mundo predito pelo Cristo, em que os mansos e pacíficos possuirão a Terra...

Fim e princípio preditos, claramente, no Evangelho.

Da desagregação da época atual, surgirá a agregação da civilização do futuro, mais humana, porque espiritualista e cristã de verdade.

De tal maneira se desagrega a civilização, os costumes, as artes e as ciências, o mundo e a vida, na hora que passa, que até o que é indivisível, o que era desagregável—o átomo—também se desagregou. E sua desagregação produziu a bomba atômica, numa prova de que a toda desagregação precedem lutas, destruições, horrores...

Nós mesmo andámos a pensar que não teriamos mais guerras, depois da última guerra, incontestavelmente o acontecimento que se enquadrou, direitinho, na letra das escrituras, do Apocalípse, por seu caráter universal.

E chegaramos a escrever, argumentando-o, no *Cruzada do Espiritismo de Vivos.*

Ter-nos-iamos enganado, será?

A verdade é que vivemos horas angustiosas, de incertezas, de dificuldades, de subversões, de desagregações.

Grandes coisas, e pavorosas, estão para acontecer, ninguém que tenha olhos de ver e inteligência de compreender duvidará.

Tudo isto nos veio à mente, assim tivemos o espírito mergulhado nas páginas vivaces do SINAIS DOS TEMPOS, outro livro extraordinário de Anibal Vaz de Melo.

E' livro que se tem vontade de ler de uma assentada.

E' tumultuáric, estonteante, nevrótico.

Bem mais digno de seu irmão mais velho: *A E'ra do Aquário.*

Livro que nos dá a impressão nítida de que seu autor consultou todos os astrólogos e pitonizas, as Escrituras e os astros; de que conversou com os Espíritos e os deuses e esmerilhou todas as ideologias político-economico-sociais. Astronomia e astrologia, Velho e Novo Testamento, Espiritismo e Teosofia, Catolicismo e Protestantismo, Sociologia e Biologia, Fascismo e Comunismo, ciências, filosofias e artes, tudo foi bem esmerilhado como temperos preciosos para o suculento manjar, que é SINAIS DOS TEMPOS.

Espírito forrado de sólida cultura e de um poder de análise e de deduções excepcional, Anibal Vaz de Melo dá-nos a impressão de alguém que ama a Vida e a Terra pelo que a Terra e a Vida têm de grandioso e superior, que não por suas futilidades, que vão fazendo, aliás, os motivos fortes de sua opulência e glória.

Sinais dos Tempos, se previne aqueles que têm inteligência de compreender e coração de sentir contra dias amarissimos que aí vêm, pertinho, pertinho, abre perspectivas de éras magnificas porque de justiça e verdade alicerçadas no Cristianismo puro.

Destacar partes e capítulos? Matéria e argumento?

Como, se todo o volume dá-nos a impressão de um só bloco granítico, indivisível, como era o átomo antigamente.

SINAL DOS TEMPOS está na pauta do maior livro do ano, por sua originalidade, por seu poder de análise, por sua oportunidade.

Se o leitor duvidar, corra à primeira livraria e obtenha-o, sem regatear prêço. E verá, à distância, que o volume se destaca dos demais, pela bizarria de sua capa: cinco símbolos de doutrinas e interpretações diversas. O mesmo destaque encontrará no texto, na verdade diferente de tudo que por aí vai... até tratando de coisas iguais.

Somos duplamente reconhecido ao autor: pela citação, aliás, abundante, que faz de pálidas interpretações nossas de coisas do Apocalipse e pelo volume que nos coube com honrosa dedicatória.

—

QUE FIZESTE DE TUA PEREGRINAÇÃO? — *Antonio D'Angelo Neto,* S. Paulo

O volume data de 1943.

Mas, é novo para nós, que o não conheciamos, a despeito de estarmos, também, metido nêle, com duas versalhadas que falaram à sensibilidade poética de seu generoso autor.

Ofereceu-no-lo o autor em S. Paulo, na *Liga Espírita*, depois de nossa palestra com os moços espíritas, a propósito do *1.o Congresso de Mocidades Espíritas.* E, passando-o ás nossas mãos, salientou, para nossa vaidade, que nos encontrára mais jovem, depois de oito anos. Contacto, naturalmente, com os moços contagia velhos de mocidade. Êste, evidentemente, nosso caso.

O livro é uma série de escritos, do autor e de outros, todos dignos de meditação e aprêço, menos por modéstia nossa, as duas versalhadas. E são 15 capítulos diferentes.

A oferenda, um mimo, que quasi nos matou de inveja: quatro carinhas de seus quatro presentes do Céu — seus filhos — a quem dedica a obra!

Só pela dedicatória, o livro valeria ouro.

Mas, a par da oferenda, o volume transmite-nos impressões e sensações agradáveis, através de sua leitura sempre interessante e proveitosa.

E, sôbre tudo, uma bela lição afim de que todos nós saibamos tirar proveito de nossa peregrinação terrena, que outra coisa não é a nossa existência carnal, um simples acidente na vida de nosso espírito. E ser-nos-á penoso, penosissimo, quando transpusermos os umbrais da Outra Vida, ouvirmos de quem possúe autoridade para a pergunta: «Que fizeste de tua peregrinação?»

—

AFINAL, QUEM SOMOS! 2.ª edição, *Pedro Granja,* S. Paulo

E' o grande livro de Pedro Granja, em 2.ª edição, que nos enviou com maior gentileza ainda. E' que, da outra vez, ainda não nos conheciamos. E, em nossa última viágem a S. Paulo, Pedro Granja foi dos companheiros mais constante e dedicado. Afinamo-nos bem. Para nós, o autor, visto à distância, não superou o confrade visto de perto. E, parece-nos que o crítico da primeira edição não decepcionou, pessoalmente, o escritor. Um grande confôrto para nós ambos.

A 2.ª edição, bem impressa e bem encadernada, terá, naturalmente, a mesma difusão que teve a 1.ª edição. Porque? A obra é, evidentemente, um desses livros que marcam época. E o autor é, inegavelmente, escritor. Lemos, agora mesmo, isto, a propósito: «A meu ver, tem acontecido com o espiritismo um fenômeno de ordem literária que o tem prejudicado em certo sentido. Tem acontecido que seus teóricos (que diriamos expositores) são maus escritores, não possuem o segredo da arte literária, etc. etc. E. Cavalheiro, *Folha da Manhã*».

De pleno acôrdo com o observador. E' preciso que se escreva na Terra como pertencendo, ainda, à Terra. Êste, o segredo de Pedro Granja, que levou, com o seu bonito estílo literário, aquêle crítico a escrever o que aí está.

—

OPÚSCULO DA JUVENTUDE ESPÍRITA, de Florianopolis

Recebemos três opúsculos comemorativos do 1.º aniversário de fundação da J. E. F. Dois, que no-los enviou Jobel Cardoso e um, os editores do opúsculo, Aldo Nunes e Ari Kardec de Melo.

Lemos o exemplar com que ficamos, passando dois adiante, porque, atualmente, se ha assunto que nos interessa profundamente, é o que se refere a mocidades espíritas, a trabalho de jovens espíritas.

E a impressão, que nos deixou sua leitura, é a melhor possível, porque a impressão de moços inteligentes e de ação, que desejam trabalhar mais e produzir melhor.

Nossos parabens, portanto. E que Deus os assista para tanto, que «digno é o operário de seu salário».

E obrigado aos três ilustres confrades, que se lembraram de nós, e do pouco que temos feito a pró da organização de moços espíritas, em face do muito que poderiamos fazer...

—

CIENTISMO E ESPIRITISMO — *«Estudos Psíquicos»,* Editora, Lisbôa

Crítico de nós mesmos?

De modo algum. Mas, impressões ligeiras do que, no volume, não é obra do autor: sua impressão gráfica e o prefácio.

Estudos Psíquicos, que é incontestavelmente, a melhor revista espírita que temos, está se firmando, também, como editora. No livro em aprêço, sinão quanto ao «miolo», que não temos autoridade para julgá-lo, na sua apresentação gráfica.

Trata-se, realmente, de um trabalho gráfico que honraria qualquer editora, embora se trate de obra em brochura.

E o prefácio?

O ilustre confrade de Portugal nos via a distância.

E, por ver-nos a distância, julga-nos generosamente, esquecido de que os homens são como as montanhas: enganam sempre vistos de longe.

Se nos conhecesse de perto, e olhasse para os lados, contrariando uma versalhada a propósito de nosso ILUMINAÇÃO, talvez não passassemos aos seus olhos de falso apóstolo, de vaidosão, de personalista sem personalidade.

Ainda que outros méritos faltem a CIENTISMO E ESPIRITISMO, não lhe faltará o mérito de uma apresentação gráfica superior, de um prefácio ultra generoso, que póde, até, despejar galões de gasolina na fogueira da vaidade e do personalismo do autor e na sua finalidade, pois sua colocação, como todos os livros do autor beneficia a manutenção do LAR DE JESUS.

Ha muitos males que poderiam ser evitados se os homens não dessem tanto valor ao seu nome, o que não deixa de ser fruto do orgulho. Trabalhai com humildade pela Doutrina que, quanto mais crescer, mais com ela crescereis. — LUCIPAZ.

Salvou-os da Morte o poder da fé

> *«No mundo há um grande sol que tudo alumia;—é a Fé; há uma grande tréva que tudo obscurece: é a ignorância.*
>
> *Há quem diga que a fé cega. Eu digo que ela dá vista.*
>
> *Quem põe fé em conseguir alguma cousa, acende uma luz que lhe alumia os passos para chegar ao fim do seu desejo».*
>
> Padre Antonio Vieira (1)

E disse bem esse ilustre espírito, gigante inflamado da palavra evangélica.

Supomos que ninguem melhor do que êle fôra tão feliz, quando, na extensão profunda do seu saber, definiu o poder da fé cristã, comparando-a ao «*Sol que tudo alumia*». A sua palavra vibrante e arrebatadora tinha o poder mágico de converter as almas para a *fé* do cristianismo redentor. Ele era a fé personificada. E o Cristo de Deus vai mais longe e diz: «Se tiveres fé como um grão de mostarda, removerás montanhas».

Raros, rarissimos são os casos da prova de *fé* cristã, posto que muita gente confunda os fatos de *sugestão* com o poder divino da *fé*.

A *fé* é uma virtude que redime; a *sugestão* é uma idéia provocada numa pessoa em estado de hipnose.

E que diremos do inocente, si é que assim se póde qualificá-lo, quando na sua ignorância, confunde a *sugestão* com a fé?

E' um contraste, beirando um crime!

A fé, ainda que não bem compreendida sôbre a terra, atravessa e alcança, no infinito, quasi que *o impossível!*

O caso, que abaixo narramos, é um dos que assim se pode considerar, ocorrido no primeiro dia de carnaval, domingo, 8 de fevereiro do ano em curso.

Um velho amigo do nosso companheiro Antonio Guerra Peixe, o sr. Elson Fontes, residente em Aracajú, Estado de Sergipe, em longa carta descritiva, expõe minuciosamente como conseguiu, pela fé, salvar-se da morte.

O snr. Fontes é espírita e por isso mesmo não é apreciador das folias carnavalescas, originárias do antigo paganismo romano ou gaulez, como não o são todos os homens que pensam por um prisma de sensatez. Achou êle de bom alvitre rumar para uma praia de banho, em companhia de sua esposa, filha, e outras pessoas de suas amizades, afim de passar os três dias menos aborrecidos. Mas, naquela mesma tarde, após algumas horas de espairecimento, decidem-se e lançam-se na água. No mesmo instante, foram todos envolvidos por uma forte onda que os levou para bem distante da praia.

O snr. Fontes era o único que sabia nadar, muito mal, dentre as pessoas de sua companhia, mas tentou, mesmo assim, empregar todo o esfôrço que um ser humano pode expender para o seu salvamento.

Esmorecendo ante a impossibilidade de alcançar a praia, sente que seu corpo, pouco a pouco, vai cedendo às águas. De olhos fixos para o alto, contemplando o azul do firmamento e vendo que estava à beira da morte, lembrou-se logo dos seus filhos.

Neste trágico momento, acóde-lhe, na mente, a existência de Deus e ouve, partindo das ondas, uma voz que lhe dizia: — *«Não desanime, se esmoreceres será um suicídio!»*

Num esfôrço inaudito estende, de um lance, sôbre as águas, os braços à procura de algo que lhe pudesse servir de âncora de salvamento; porém tudo é baldado e a última esperança vai se apagando, como o sol desaparece no ocidente, sentindo-se próximo a sucumbir, tragado pelas ondas que o envolviam numa luta de morte.

No momento em que sentia-se

morrer, a sua alma apela suplicando, com todas as fôrças indescritíveis da *fé inabalável*, para a Divina Providência, no firme propósito de ser salvo juntamente com as outras criaturas, que se encontravam em idênticas condições.

Num gesto inexplicável flutua extranhamente sôbre as águas, retoma as fôrças à guisa de um gigante e transforma-se num grande heroi: — *Vence as águas e sente, sob seus pés, o tóque firme da terra.* Estava salvo! Respira momentâneamente e clama: «*Socorro! Socorro!*»

— Esta voz fez-se ouvir distante e, de súbito, surgem várias pessoas na praia, juntamente com um providencial canoeiro, que, remando contra a maré e outros obstáculos, chegou ainda, a tempo de alcançar as três vítimas, que se encontravam distanciadas uma das outras, já sem ação para resistirem por mais tempo.

Salvas, entreolham-se surpresas, não compreendendo como puderam se manter equilibradas, na superfície da água.

Não encarecemos, aquí, as fórmas da narração mas, ao contrário, apenas colecionamos os detalhes componentes do facto, que representam a realização do extraordinário acontecimento.

SPÁRTACO BANAL.

Petrópolis, 5 de junho de 1948

---

(1) Vide «Do paiz da luz» de Fernando de Lacerda, pag. n.o 184 — volume 3.o

Espiritismo e Psiquiatria

Lida na Hora Espiritualista em 8/8/1948 — *João Augusto Tôrres Bandeira.*

Da S. M. E. R. J.

A natureza conserva as formas primitivas ao lado das que evolucionaram. E' por isto que ainda hoje vemos as algas donde partiram as formas vegetais que se apresentam com aspecto gigante como o jequitibá e o carvalho. Ainda hoje estão vivos os protozoários donde partiram, progredindo sempre, as espécies animais que chegaram a ser boi, cavalo, cão, macaco ou homem. Ainda hoje encontramos a côr preta do homem africano donde saíu o amarelo e o branco. Ainda hoje encontramos, ao lado das mais altas expressões do pensamento, as crendices e superstições das raças primitivas, ignorantes e atrasadas. O trabalho da civilização e da evolução é lento. As mutações são muito espaçadas. Na medicina houve mutações importantes visando extinguir as concepções erradas e implantar outras certas. Hipócrates encontrou a medicina eivada de superstições. Os médicos que o antecederam acreditavam em magia, astrologia, adivinhações, sortilégios, quiromância e possessão demoníaca. Ensinavam que uma pessoa ficava louca porque um demônio se apossava de seu corpo, expulsando sua alma para ocupar o lugar da mesma. No século XII Constantino Psellus publicou um livro intitulado «Tratado sôbre os Demônios». Nesta obra Psellus ensinava que os demônios eram frios e orgulhosos e, por isto, deviam ser expulsos por processos humilhantes e quentes. A humilhação consistia em xingar o louco, em cobrir o louco de coisas fedorentas e podres. A quentura era a fogueira. Milhares de loucos morreram queimados, embora Hipócrates houvesse alertado os homens contra os êrros da teoria demoníaca. Esta teoria durou até a Revolução Francêsa. Durante esta, o dr. Felipe Pinel, um grande benfeitor da Humanidade, obteve uma lei do Estado, que outros países também adotaram, prohibindo alojar loucos em cubículos sem luz e sem ar, em jaulas, em pocilgas, em estrebarias. Até aquela época os loucos eram exibidos em praça pública, nús, acorrentados, chicoteados, espancados, como animais, para divertimento da populaça. Um dos quadros mais emocionantes da pintura moderna é o que representa Felipe Pinel retirando as correntes dos pés de um alienado. Apesar das reformas nas concepções sôbre a loucura, o pensamento primitivo a respeito da mesma ainda perdura em muitas pessoas. Tenho ouvido muitos cristãos afirmarem que TODOS OS CASOS DE LOUCURA SÃO PRODUZIDOS POR INFLUÊNCIA DE MAUS ESPÍRITOS. Tenho esclarecido estas pessoas dizendo-lhes que há 14 espécies de loucura bem estudadas pela ciência e que cada um de nós possúe um anjo de guarda, conforme o espiritismo provou. Êste anjo não é negligente e não permite que um espírito perverso faça mal a um homem incarnado. Alguns loucos percebem as vibrações de pessoas vivas ou de pessoas mortas. Como não têm educação espiritualista ficam mais angustiados ainda dando a aparência de que estão com encosto ou que são possessos. William Crookes, o grande espírita e sábio inglês, ao fim de sua vida, aconselhou os kardecistas a estudarem a fundo as vibrações, isto é — as diferentes ondas eletro-magnéticas que cada um de nós emite e recebe consciente ou inconscientemente. O estado de alma decorrente dessas percepções recebeu o nome de obsessões externas. Há as obsessões internas, isto é—aqueles casos em que Kardec ensinou nas OBRAS PÓSTUMAS que o homem póde ser obsessor de si mesmo. Os casos de obsessões são perfeitamente curados tanto nos sanatórios espíritas, como no do dr. Inácio Ferreira, como nos hospitais psiquiátricos e mesmo na clínica domiciliar. Já as doenças mentais são de cura mais difícil. Modernamente foram introduzidos em terapêutica psiquiátrica o eletro-choque, o choque insulínico, a piretoterapia, a inoculação de malária, a psicanálise e a psicoterapia.

Todos êstes processos têm dado resultados magníficos nos casos indicados, pois cada doente mental exige um processo próprio de cura. Os passes magnéticos se mostraram inúteis e até prejudiciais na cura dos psicopatas. Temos que aplicar o que a ciencia experimental sanciona e indica. Como espíritas, devemos fazer severa crítica e mesmo repudiar tôda teoria que se pareça com a teoria demoníaca de triste memória. O kardecismo puro é um código de moral e, portanto, de conduta. Devemos educar nossos irmãos no sentido de não acreditarem em idéias supersticiosas. A pessoa mais desgraçada do mundo é aquela que vive a pensar que está a mercê dos maus espíritos, da posição dos astros, da situação das linhas de suas mãos, do canto das aves, da farofa amarela das encruzilhadas, de toda esta prática nefanda do homem primitivo que, para vergonha nossa, ainda se conserva em nossos dias. Ninguém, nem padre nem médium, nem médico nem curandeiro, tem o poder de nos reconciliar com a Divindade. Nós mesmos é que nos reconciliamos diretamente com ela. Deus não pune nem castiga: Deus traçou leis para tudo. Nós é que nos castigamos se nos julgamos degraçados, se nos julgamos perseguidos, se nos julgamos sob a ação de trabalhos de magia. Sejamos como Daví. Imitemos, em nossas aflições, o grande salmista dizendo: «Deus é nosso escudo. Deus é nossa fortaleza. Não temos que temer ninguém. Saul enlouqueceu porque perdeu a fé e o respeito que devia ao Senhor. Daví triunfou porque nunca perdeu sua fé e em toda parte se portava como se estivesse na presença de Deus. Façamos como êle e não temamos loucura nem obsessão, nem despacho, nem magia negra, nem canto de ave agourenta, nem baralho de cartomante, nem posição de astros nem nada que lembre uma época de atraso, de superstição, de ignorância, de crueldade. Deus e só Deus seja o nosso guia. Jesus e só Jesus seja o nosso intermediário. Os bons espíritos e só êles os nossos amigos.

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

Rosas e Espinhos...

Por Frederico Duarte — Manchester, Inglaterra

Tenho recebido nêstes últimos tempos várias cartas de diversas partes relacionando-se com os meus escritos nesta Revista, e que infelizmente não me é possível responder a todas elas.

Nesse número contam-se duas muito interessantes das quais dou a seguir uns extratos:—

Da autoria dum figurão que eu conheci em tempo de estudante em Portugal e a quem não vejo ou me correspondí com êle vai para mais de trinta anos, eis o que me diz:—

— «Ora tu que abandonaste a pátria há mais de 30 anos e sei que não não tens meios de fortuna e tens por conseguinte que trabalhar bastante para angariares o pão nosso de cada dia, como diabo consegues o tempo para escreveres tolices, criancices e patranhas que não estão em harmonia com a educação que recebeste aqui e da Santa Religião que te ensinaram os teus pais? »

O autor é positivamente um frade, ou um sacristão, ou talvez daqueles devotos que raras vezes entram numa igreja, e assim o meu comentário ao seu desabafo é de... mandá-lo à missa!

Um cavalheiro de Matozinhos, completamente desconhecido para mim, diz-me o seguinte:

— «E' com o mais íntimo prazer espiritual que leio sempre as suas crônicas que nos revelam experiências interessantissimas e cheias da mais bela objetividade.

Desculpe-me pois que, atraído pelos seus belos artigos venha hoje tomar-lhe alguns minutos do seu precioso tempo.

Apesar da minha profunda crença espírita, nascida apenas das muitas leituras sôbre o assunto e não pela verificação de fenômenos, ha três anos que vivo mergulhado, eu e minha mulher, na mais pungente dôr pela morte de um filhinho estremecido, o único, de 10 anos de idade, e que, como deve calcular, era todo o nosso enlevo. O distinto confrade também sofreu igual golpe, com a perda do seu adorado filho, na guerra. Essa dôr deve ter sido bem maior do que a nossa, porque êle foi vítima inocente da sanha dos homens, e desincarnou longe dos carinhos dos seus! Mas como, em contra partida se não deve sentir confortado e feliz por Deus lhe ter consentido essa rara felicidade de o ver e falar! Que grande lenitivo eu também não sentiria se tal me sucedesse!» —

Sendo eu desde há muitos anos um estudante assíduo sôbre os fenômenos psíquicos, devo confessar ao autor desta carta que não me estranhou absolutamente nada ter-me escrito!

Não foi por uma mera coincidência lhe afirmo ísso, mas sim «inspirado» a fazê-lo!

O seu querido filhinho está ancioso por comunicar consigo e a sua querida mãezinha, mas mocinho ainda e inexperiente não se viu até hoje com os conhecimentos suficientes para poder fazê-lo!

Comuniquei com o meu Gabriel o qual me disse: O papá com a sua experiência não precisa que nós aquí lhe digamos o que tem a fazer...

Pois bem:

Aconselho a esse confrade a reunir em sua casa regularmente, ou seja, uma vez por semana, a uma determinada hora e noite, umas 5 ou 7 pessoas íntimas amigas de sua absoluta confiança. Duração dessas reuniões a ser entre o máximo de duas horas.

Coloquem no centro da sala uma trombeta e reunam-se completamente ás escuras. Rezem e cantem hinos ou canções de vez em quando. Estejam todos de «bom humor» e nada anciosos. Aguardem os acontecimentos. Faça o amigo um relatório no final da sessão. Estou certo que (quem sabe?) antes do Natal, serão recompensados.

Esta manhã recebi o número 3156 datado em 21 de Maio de 1948, de Two Worlds, e... será uma coincidência? Vou traduzir-lhes um parágrafo publicado na coluna quarta da página 168.

— «Resultados dum «Home Circle».

O senhor E. H. Haywood, e a sua esposa, residentes em Guiseley, Yorkshire, organizaram com três pessoas amigas um

«Home Circle» uns tempos atrás. Nenhum dêles era «médium», mas depois de se terem desenvolvido, os resultados colhidos teem sido notáveis, e as mensagens espíritas recebidas são agora muito comuns. Entre essas mensagens recebidas a morte de Gandhi foi-lhes mencionada três semanas antes de ter ocorrido. A esposa do senhor Haywood sofria muito de surdez por muitos anos, mas os espíritos amigos curaram-na na sua própria casa, e agora póde ouvir mesmo muito bem o tic-tac dum relógio-pulseira».

Ora o que sucedeu com a família Haywood, póde muito bem acontecer com outros, contanto que, e isto é importante, sejam todos honestos, crentes, sentando-se regularmente na mesma hora e dia.

Escrevi diretamente ao confrade de Matozinhos e não me admirarei nada se daquí a poucas semanas êle comunique comigo novamente sem derramar lágrimas de dôr!

⁂

Quem tocou a campaínha?

De «Estudos Psíquicos»

Frank Speaight publicou no semanário *The Two Worlds*, de Manchester, um artigo muito curioso em que narra o caso duma enfermeira que tratou a irmã do articulista durante certa doença e cujo interêsse já espicaçou a curiosidade doutras publicações. Vamos transcrever o artigo, embora se trate de fenômeno semelhante ao que expusemos no último número, ao noticiar a desencarnação do Reverendo Charles Tweedale.

Eis o que disse a enfermeira:

Há cêrca de alguns anos, tratava eu duma senhora que se encontrava em estado melindrosíssimo e cujo marido estava de tal maneira apavorado, que até se recusava a entrar no compartimento de sua esposa, embora esta lhe pedisse constantemente que a não abandonasse.

O pobre marido andava horrorizado. Convenci-o a entrar, mas poucos segundos se manteve junto ao leito. Logo que a mulher abriu a bôca para articular uma palavra, êle gritou como qualquer animal cheio de terror:

— Não o posso suportar! Não o posso suportar!...

E largou a fugir, como doido.

A doente faleceu. Fiz o que me competia e desci para o andar de baixo. O marido tinha fugido de casa e eu fiquei só. Quando me dispunha a ler uma revista, ouço tocar a campaínha elétrica. Não há dúvida de que me atemorizei um pouco, talvez por estar sózinha, mas sempre me dispús a abrir a porta. A campaínha deixou de tocar e eu fechei a porta. Devia ter sido ilusão — pensei. Mas, apenas me sentei, a campaínha voltou a tocar. Cheguei à porta e... nada. A campaínha interrompera o toque. Fechei a porta. Mal me havia sentado, eis que o toque recomeça. Nesta altura tive mêdo. Fui à porta da rua e não vi ninguém. Dispunha-me a regressar ao sítio onde me sentára, quando a campaínha tocou novamente.

Dirigi-me à casa do vizinho. Contei-lhe tudo e êle veio comigo. Logo que fechou a porta da casa, soou a campaínha.

—Venha—disse êle.—Vejamos o número do quarto indicado no registrador.

Fomos ver.

— Meu Deus! exclamou o homem, assustado. — E' o quarto da morta!

Pensei então que a enfêrma não falecera e que talvez estivesse a pedir socôrro. Apesar de enfermeira, confesso que me senti completamente amedrontada.

Dirigimo-nos ao andar de cima e entrámos no quarto. Tudo estava nos seus lugares. O silêncio era absoluto. Descobri o rosto da doente. Não havia dúvida. Estava morta e bem morta.

Abandonámos o aposento nas pontas dos pés e fomos para a sala, onde primeiro ouvi tocar.

Ainda não tinhamos fechado a porta, quando ouvimos outra vez a campaínha.

—Isto é extraordinário!—bradou o vizinho — Mas eu já acabo com isto!

Num instante chegou à cozinha, pegou num canivete e cortou os fios que ligavam a campaínha à caixa registradora.

E voltámos à sala, com ares triunfantes, como quem diz: — Vamos ver agora!...

Mal a porta caíu no trinco, a campaínha começa a tocar.

Corremos à caixa registradora. Lá estava o número do quarto da morta. A campaínha vibrou, apesar de termos cortado os fios!...

Fugimos dali, apavoradas, e fomos para a casa do vizinho. Quando de lá saí, ainda o marido não tinha voltado.

Estaria o espírito da pobre mulher a insistir, no intuito de transmitir alguma coisa de importante ao marido aterrorizado?...

* * *

Facto Misterioso

«Constancia»

Refere Ed. Bodin que o Dr. J. Roberts, médico, ainda conserva um telegrama que lhe recorda o mais estranho episódio que se possa imaginar. Há poucos anos, de regresso ao seu consultório e depois de ter visitado seus pacientes, encontrou em seu consultório, um telegrama que dizia: «Venha imediatamente. Mary». Mary, sua irmã, morava com sua mãe em New Jersey. Não possuiam telefone. O Dr. Roberts tomou seu automovel e duas horas depois chegava a casa de campo de sua mãe, que se achava enfêrma. Sua irmã chamara um médico da cidade próxima, que ainda não havia chegado. O Dr. Roberts chegou exatamente a tempo para salvar a vida de sua progenitora. Quando, horas depois, contou a história do telegrama à irmã, esta não lhe ocultou sua surprêsa. Não lhe mandara telegrama algum. O facultativo tirou do bolso o despacho que a ela mostrou, e ficou absorto ao constatar que estava em branco.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias diversas

2.a Semana Espírita de Pirapetinga — Estado de Minas Gerais

De 12 a 19 de Setembro último, realizou se na cidade acima, mais uma semana de trabalhos pró-difusão das luzes da 3 a Revelação. Estiveram presentes a essa solenidade, representantes dos Estados do Rio, Minas e São Paulo, sendo digno de destaque, o entusiasmo fraterno de espíritas e crentes de outras igrejas que não regatearam aplausos aos trabalhos.

Além dos diretores dos Centros Espíritas «Escrava do Senhor» e «Amor e Caridade» e elementos de valor, é justo que apresentemos os nomes mais em evidência no Espiritismo local a saber: Snras. Geny Tempanra, D. Aracy Velloso, D. Maria Coimbra de Oliveira, D. Lili, D. Maria de Lourdes e as jovens Dirce, Déa, Esmeralda, Dercilia, Dulce, Dasi, Ana Maria, Glória Leite e outras mais que deram expressão viva de quanto podem e devem os jovens trabalhar no momento, colaborando com os menos jovens, para mais rápida propagação dos ideais do Cristo de Deus.

A Semana teve os seguintes visitantes de Três Rios, Barra do Piraí, São Pedro, Cataguazes, Altolfo Dutra, Leopoldina, São Paulo e Muriaé: Sebastião Lasneau, Acyr Faria, Joser Lacerda, Lenine B. Junqueira Passos, D. Anita de Oliveira, Manoel Martins, Arthur de Oliveira, Geni Braga Pacheco, Souza Lima, Norival Figueira e mais uma dezena de caravaneiros das Juventudes das cidades mencionadas. O que de mais atualidade notamos na Semana, foi a visita aos terrenos onde será levantado em breve o Pavilhão Paulo e Estevão, que acolherá crianças desamparadas e velhos e a visita e inauguração, na localidade de S. Pedro de Alcantara, do Centro Espírita Simão Pedro. Digno também de nota, é a cooperação da família de D. Dina e seus filhos, Osenclever e Ozeni, elementos da Mocidade local.

A Livraria Allan Kardec, a «Revista Internacional de Espiritismo» e também «Estudos Psichicos» de Lisbôa—Portugal, fizeram-se representar pelo irmão que redigiu esta nota.

Aos queridos irmãos de Pirapetinga, nossos votos de Paz em Cristo e de progressos espirituais.

—

Notícias do Rio

De volta das Alterósas, fui convidado para assistir na Tenda de Pedro, na noite de 20 de Setembro p p, a uma reunião. Como homenagem a dois diretores que aniversariavam nêsse dia, os irmãos Manoel Domingues Teixeira e Alvaro Andrade, a Mocidade Espírita «Apóstolo Pedro» ofereceu aos mesmos, flôres e palavras de conforto moral, ouvindo-se ainda, os Representantes do Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil, jornalista Olivio Novaes e o jovem entusiasta, Orlando Sobreira, valor da nova geração espírita do paiz. Em seguida, falaram também Olimpio da Silva Campos, de Niterói, Homero da Silva, Diretor do Abrigo Seára dos Pobres e Vicente S. Neto, Conselheiro da UMESP, de S. Paulo. As saudações trocadas deram alegria à numerosa assistência que lotava a Tenda Espírita da Rua Senador Alencar, 197 e, no final da reunião, os presentes, no meio da mais intensa vibração espiritual, retiravam-se satisfeitos por tão inesquecíveis horas, doadas por acréscimo aos que lá estiveram.

Fizeram-se representar a Livraria Allan Kardec, de S. Paulo e Revista Internacional do Espiritismo.

Asilo Anjo Gabriel, S. Paulo

Comemorando o seu 34.º aniversário de existência, êste Asilo realizou na tarde de 7 de Setembro p.p. à Rua Cons. Moreira de Barros 497, uma festiva reunião dos cooperadores e internados, com a participação de inúmeros convidados que percorreram todas as instalações majestosas dessa casa de trabalhos, sempre cercados do mais fraterno carinho dos seus dirigentes que não pouparam esforços em facilitar aos interessados a oportunidade de verificarem «in loco», o que se tem feito para centenas de crianças que ha quasi meio século vêm recebendo dentro das possibilidades financeiras e espirituais da instituição, uma educação digna para poderem ingressar no seio da sociedade.

A Livraria Allan Kardec, Editora, a «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», fizeram-se representar nessa festa pelo jovem Arlindo S. Neto.

Aos dignos Diretores do citado estabelecimento educativo, apresentamos votos de paz e progresso espiritual.

Vicente S. Neto.

In Memóriam Redigere

No dia 27 de Agosto último, sexta-feira, em Campos de Jordão, com os pulmões minados pelos bacílos de Koch desincarnou a jovem Ana Maria, integrante da Mocidade Espírita «Aurelio Fernandes», da formosa cidade do litoral fluminense, denominada Macaé.

Espírito velho em corpo tenro, a inesquecivel Ana Maria era bem uma paladina do bem e da verdade. Ninguém que, pela primeira vez, privasse com a ardorosa espiritista podia jamais olvidá-la.

O seu maior ideal na vida era educar, dedicar-se de alma e coração em favor do esclarecimento alheio, mormente das crianças. Quando assomava às tribunas espíritas, o fazia com uma simplicidade e naturalidade cativantes. Sua voz era leve e macia e, porisso, persuasiva e penetrante. Por vezes, sua palavra tinha arroubos de eloquência, porém sem os pruridos de afetação, tão em evidência nos momentos que passam. Discorria com serenidade, e argumentava, sem exagêros, de maneira a convencer. Por isso mesmo seu verbo simples possuia o dom da atração e da exegese. Lembro-me de a ter visto no Grupo «Pedro», em Macaé, no Centro «Humildade e Caridade», em Juiz de Fóra e na Fundação Espírita «Abel Gomes», em Astolfo Dutra, sempre com o mesmo timbre sereno de voz, de maneiras sóbrias. Todavia, as teses que debatia tomavam um tal colorido que prendiam a atenção do ouvinte mais displicente. Na roda de seus amigos e admiradores, a cujo Grupo me ufano de haver pertencido, o rumo da sua conversação, versando sempre assuntos palpitantes, seguia pelos caminhos da elevação e da espiritualidade.

A sua grande paixão era a Doutrina dos Espíritos.

Sempre que podia divulgá-la, exultava de contentamento; fremia dum entusiasmo vitorioso quando tinha ensanchas de exemplificar a sua moral pura. A faceta Doutrinária que mais a seduzia era a religiosa.

Eis porque preferia, quando pregava, argumentar à luz do Evangelho.

Fôra filha dedicada e irmã extremosa. A molestia que acaba por lhe glorificar a vida, porque sempre a suportou com uma paciência angelical, foi resultante da virtude de sua abnegação fraternal. Sua irmã carnal vitimara-se da «peste branca». Alguém deveria acompanhá-la ao Sanatório. O espírito de dedicação fraternal de Ana Maria deveria guinda-la ao martirio.

Contaminada pela tenaz molestia, Ana Maria não desesperara. Recebera a infausta notícia sem murmurações nem queixumes. Continuava pregando e exemplificando a salutar Doutrina, tanto quanto lhe permitiam suas fôrças físicas e psíquicas. Coração lanceado pela desventura, resistiu à impenitência de todas as agruras sem um pensamento de revolta, sem um gesto de desobediência, sem uma palavra de censura. O seu maior sonho, no mundo, era viver os restos dos seus dias á frente do Lar de Maria, em construção, em Macaé, dedicando-se inteiramente aos orfãos, aos pobrezinhos.

O rude golpe da sua moléstia incompatilizara-a logo para o ministério a que desejara consagrar-se. E agora a sua desincarnação prematura, constituia o esfacelamento dessa aspiração. Mesmo na fase mais aguda de sua prova, Ana Maria nunca teve abatido o seu ânimo, nunca teve desvigorada a sua fé. Teve sempre a atitude de uma altruísta, a conduta de uma verdadeira cristã. Sofreu sempre com resignação e paciência.

Um dia, escrevia ao Prof. Pierre Ribeiro a dizer-lhe que Deus era infinitamente misericordioso porque, podendo dar-lhe um sofrimento muito maior, para resgate de suas culpas, dava-lhe apenas a tuberculose... Ela achava que ainda sofria pouco!

Na data de 28 de Agosto, sábado, o Grupo Espírita «André Luiz» realizava a sua sessão ordinária de Assistência Espiritual. No decorrer da reunião, um espírito fala por voz direta, meiga, carinhosamente, aos assistentes, desenvolvendo um tema evangélico de grande significação. Finda a peroração o espírito diz: «Para vocês, irmãos queridos do «André Luiz», o abraço afetuoso da Ana Maria». Ninguém alí sabia que a estremecida amiga havia partido para o plano da luz.

Ninguém ligara mesmo o nome à entidade comunicante. Alguns minutos após o incansável José Grosso, a pedido da assistência, identifica o espírito que acabara de comunicar-se, tendo para com êle as mais lisongeiras referências. Elucida, por fim, que desincarnara havia apenas 24 horas. Todos ficaram impressionados, mormente pela lucidez admirável demonstrada pelo devotado espírito recem-desencarnado.

Dia 4, ainda no «André Luiz», voltou a falar em voz direta, produzindo uma explanação doutrinária que comoveu e impressionou a todos. Como da vez anterior, terminou a sua oração declinando o seu nome. José Grosso incumbe o presidente de transmitir um recado de Ana Maria ao Antonio Alves Ferreira: «Diga ao Ferreira que o sonho de Ana realizou-se. Ela já está dirigindo, da Espiritualidade, o «Lar de Maria».

Depois da sessão vieram os naturais comentários.

O médium que trabalhara nas duas referidas sessões, só a muito custo convencera-se da realidade do importante facto. Foi preciso que o Jacques Aboab, que decidira, há dias, visitar a saudosa irmã, exibisse um documento, firmado por um médico, pelo qual lhe era permitida a visita ao Sanatório. Mas, em viágem, tivera notícia de que desincarnára, hora antes, a inesquecível Ana Maria. O Antenor de Souza, que aguardava em Cruzeiro, a passagem do Jacques para, juntos, seguirem até Campos de Jordão, de telegrama à mão, dava a notícia da desincarnação ao estimado correlegionário.

Só assim o médium se convenceu. E o médium era eu.

* * *

Ana Maria! Sabes o quanto sempre te estimei e o quanto te estimo ainda. Eu estou solidário contigo como sempre o estive. Perdôa-me a incredulidade momentânea na realidade do singular facto que vieste ofertar para o já rico acêrvo fenomenológico do Espiritismo. Oxalá possas, dóravante, encontrar na aridez da minha pobre mediunidade o veículo do teu amor aos sofredores, aos desgraçados.

A tua vida é, para os que se albergaram no aconchêgo da tua amizade sem lindes, algo memorável que deve ser reverenciado. A memória dos teus feitos magnificos, de amor ao próximo na Terra, hão-de inspirar os amigos que cá deixaste para que se mirem no espêlho do teu exemplo e sigam o caminho de virtudes que tu trilhaste. Até breve, Ana Maria!

Amadeu Santos.

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1948.

AO PÚBLICO

O Grupo Espírita «André Luiz» que tinha sua séde provisória á rua Moncorvo Filho, 27, sobrado, nesta Capital, e que tão relevantes serviços tem prestado à Doutrina, e á Humanidade, cumpre o doloroso dever de comunicar à família espírita, que está inibido de, presentemente, realizar suas reuniões, por falta de séde, visto que aquela em que funcionava acaba de sofrer o sinistro do fogo, que a destruiu parcialmente.

Os jornais diários noticiaram o facto, emoldurando-o com gratuitos detalhes de indole sensacionalista, tão do feitio de alguns orgãos da imprensa profana entre os quais o de afirmar que o Grupo «funcionava clandestinamente». Francamente, não podemos conpreender como se possa inculcar dêsse modo um organismo que tem os seus estatutos registrados de conformidade com os preceitos legais e tem, consequentemente, personalidade jurídica.

Mas deixemos o facto em si para dar cumprimento ao nosso dever precípuo, informando aos amigos do Grupo, espalhados em todo país, o que mais urge no momento, em face da situação criada pelo incêndio.

A Diretoria, no dia 12 p. passado, na casa de residência do tesoureiro, reuniu-se excepcionalmente, afim de tomar as providências urgentes que o caso requer as quais permitirão não sofra o Grupo solução de continuidade. Ficou resolvido o seguinte: a) — em caráter provisório e até que seja conseguida nova séde social, o G. E. A. L. fará suas sessões privativas (de efeitos físicos, instrução de médiuns e de diretoria) na residência do confrade Rodrigo Rodrigues de Oliveira e as públicas (de estudo e da Juventude «Abel Gomes») na séde da Liga Espírita do Brasil, á rua Uruguaiana, 141, sobr., gentilmente cedida pela sua diretoria, nos dias de quinta feira, das 19 ás 21 hs. b) — constituir uma comissão pró-construção de sua futura séde própria, constituida do seguintes confrades: Prof. Newton Barros, Jacques Aboab, Antonio Alves Ferreira, Drs. Amadeu Santos e Lauro Salles, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, Ignacio Domingos da Silva, Galeno dos Santos e Afonso Pinto da Fonseca; c) — crear um Corpo de Legionárias, de número ilimitado para colaborar com a Comissão Pró-Construção, da qual já fazem parte as irmãs Maria Madalena de Oliveira, Emilia Povoa Santos, Maria Jenée, Risoleta Vilar Viola, Adelia dos Santos, Lenice Teixeira Dias, Lais Teixeira Dias, Dulce Fatima Oliveira, Dulce Santos, Daise Jenée e Maria Alina Teixeira Dias; d) — promover a realização de um festival teatral sob os auspícios do seu Departamento Juvenil, dirigido pelas jovens Lais e Lenice Teixeira Dias, a benefício da construção projetada; e) —levar a efeito um festival retumbante, cujo ingresso custará Cr. $ 10,00, com direito à contemplação de valiosos premios entre os quais um Rádio, um Pic-up, um Corte de Casemira, uma Artística Colcha de crochet, um Relógio de Parede, um Despertador, etc.; f)—Estabelecer um «Livro de Ouro» destinado a registrar os donativos que porventura o G. E. A. L. venha a receber; g) — apelar para a sensibilidade da alma e do coração de todos os correligionários e simpatizantes do Espiritismo, no sentido de que cada qual concorra, na medida do possível, com um auxílio monetário, afim de que o Grupo consiga a sua séde própria e não sejam privados os infelizes de receber a assistência benéfica que, em tão grande dose, o Senhor das Bençãos tem distribuido por todos os quadrantes da «Pátria do Evangelho», por seu intermédio; h) — designar o local para onde deva ser dirigida, provisoriamente, toda a correspondência que lhe possa ser endereçada, à Rua Uruguaiana, 97, loja; i)—determinar que as reuniões de Diretoria passem a ser bimensais, nos 1.ºs e 3.ºs domingos; j) — estabelecer ordinariamente uma reunião aos sábados, ás 15 horas, da Comissão Pró-Construção da séde própria.

A DIRETORIA.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1948.

Formação dos Grupos de apôio ao 1.º Congresso Educacional Espírita do Estado

O Departamento de Educação da U. S. E., objetivando a maior eficiência possível do próximo primeiro congresso de educadores espíritas do Estado, pede aos confrades de todo o interior, e particularmente aos jovens e professores espíritas, a constituição, em cada cidade, em cada bairro, ou mesmo em cada estabelecimento de ensino, ou outros locais, de grupos de apôio ao congresso. Êsses grupos deverão se organizar de elementos espiritas. No caso de se tornarem muito numerosos, constituirão uma comissão diretora, de quatro ou cinco membros ativos, de maneira a não comprometer a sua eficiência pelas dificuldades de reunião e outras. Funcionarão em reuniões semanais, e terão, os pequenos grupos, um presidente, um secretário e um tesoureiro, para a boa distribuição dos trabalhos.

TAREFA DOS GRUPOS

A finalidade dos grupos será a de contribuir, por tôdas as maneiras possíveis, para a realização do congresso. Os delegados da U. S. E., em todo o interior, presidirão a sua formação, sempre que o puderem. E' o seguinte o programa de tarefas para cada grupo:

1.º) — Despertar, nos meios espítas locais, o interêsse pelo problema da educação.

2.º) — Promover reuniões para estudo e debate do assunto, com base nas sugestões da circular da U. S. E., e promover palestras a respeito.

3.º) — Manter a publicação de notícias e artigos na imprensa local, sempre de maneira discreta e objetiva.

4.º) — Mobilizar adesões ao congresso, — de professores, pais espíritas, diretores de instituições doutrinárias, e outras pessoas interessadas, desde que espíritas, encaminhando as fichas preenchidas e assinadas ao Departamento de Educação.

5.º) — Mobilizar a juventude para concorrer aos concursos promovidos pela U S. E. sôbre o instituto e para a elaboração de téses.

6.º) — Preparar uma tése do grupo, designando um ou mais dos seus membros para representá-lo no congresso.

Livros

Em Torno do Mestre

Editada pela Federação Espírita Brasileira, acaba de ser lançada a lume, em segunda edição, esta substanciosa obra evangélica da autoria do nosso distinto amigo e colaborador Vinicius, um dos mais conhecidos e admirados escritores espíritas do País.

«Em torno do Mestre» é mais que um livro: é um tesouro espiritual de incalculável valor. A sua leitura é pão e luz para o espírito.

Contém perto de 370 páginas e está dividido em duas partes: «Seixos e Gravetos» e «Estilhas e Limalhas».

Agradecemos à Federação Espírita Brasileira a oferta de dois exemplares.

— A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. $ 32,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

NA conjugação dos esfôrços das criaturas de boa vontade nenhum empreendimento cristão deixa de receber o bafejo do Alto e alcançar o prêmio da vitória. Que êste ditado vos sirva de estímulo ao encetardes nova jornada no prosseguimento de uma tarefa que a todos felicita com palavras de amor, esperança e vida eterna. Unidos pelo mesmo sentimento, fortalecidos pela mesma fé, elevemos a Jesus as nossas preces de gratidão por nos permitir comemorar mais um aniversário de uma obra que recebeu o seu beneplácito. E contai com a nossa presença. — CAIRBAR. — **(De a Coletânea de «O Clarim».)**

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples Cr.$35,00
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 40,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 40,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1948 — N. 10

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

2 de Novembro . . . . *Redação*
Milagres do Espiritismo . . . . . *Leopoldo Machado*
Trinta Anos Entre os Mortos . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Verdade Profética . . . . . . *J. B. Chagas*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
O Dever dos Pais . . . . *Djalma Farias*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Os Animais perante a Doutrina Espírita . . . . *Carlos Imbassahy*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1948 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

2 de Novembro

A morte é, para a maioria das creaturas, para aquelas que desconhecem ou que não querem aceitar a existência de um mundo espiritual e a sobrevivência individual, o mais cruciante problema da vida. E porisso, não se conformam com a morte de um ser querido, consumindo muitas vezes a sua existência em inúteis lamentações banhadas de lágrimas. Dão à morte a mais fúnebre expressão, rebaixando o amor de Deus, que não faz distinções e que não quer a morte do ímpio, mas que êste se converta e entre na posse da vida eterna. As missas a granel, as constantes visitas aos túmulos, os cultos exteriores e os preceitos de suas religiões não conseguem estancar-lhes as lágrimas e abrir-lhes a porta da esperança. Pelo contrário, trancam a esperança num túmulo de mistérios e impedem a germinação da fé nos corações, obumbrando a luz da Verdade.

No dia consagrado aos mortos, 2 de Novembro, as necrópoles são o melhor testemunho da falta de fé da maioria dos que visitam os túmulos dos seus entes amados. Imprecações, chôros, velas acesas constituem um dos espectáculos mais pungentes da vida humana, da falta de fé em Deus, da falta dos conhecimentos relativos à vida espiritual.

O Espiritismo, entretanto, veiu dar outro sentido ao chamado *dia dos mortos*, que passa a ser *dia dos vivos*, porque aqueles que são tidos como mortos é que são os verdadeiros vivos, visto que já se libertaram da escravidão da matéria e entraram na posse da verdadeira vida — a espiritual. Mortos são os que ainda estão no túmulo da matéria, sofrendo e chorando no justo resgate de faltas contraídas em incarnações passadas.

Dois de Novembro deve ser, portanto, um dia de grande júbilo pela alegria que devemos sentir por se haver libertado do *túmulo terreno* um ente ou amigo querido, convertendo as nossas lágrimas em satisfação e agradecimento a Deus.

Confortando os aflitos, dando fé e esperança aos descrentes e desalentados, o Espiritismo está oferecendo a todos os que desejem ser realmente felizes, a Espada da Verdade para que possam bradar com S. Paulo: «Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?»

Passamos a transcrever o seguinte facto destinado a fortalecer a fé daqueles que ainda duvidam da imortalidade da alma e, que porisso, temem a morte:

Mensagem Espírita confirmada pelo Almirantado Inglês

Psychic News

Persuadido a assistir, contra sua inclinação, a uma sessão de vóz diréta, com um médium de reputação internacional, o Comandante A. B. Campbell, que tem difundido experiências psíquicas pela radio emissora, obteve excelentes provas da sobrevivencia.

Ele publicou uma delas em «John Bull» e esse Jornal deu o relato sem comenta-lo.

Campbell disse como, em referida sessão, o medium lhe descreveu primeiro o chefe de maquinas e depois o capitão do mesmo navio. Campbell salvou-se quando o vapor foi a pique, três anos antes, mas os outros pereceram no naufrágio. Em presença do chefe de maquinas (espírito) com quem ele viajara por mais de dez anos, Campbell não conseguia lembrar-se do nome desse oficial — até que o nome foi proferido pelo mesmo homem «morto».

«Nomeia um companheiro que tenha perecido contigo», pediu Campbell.

«Collins, Collins... tu sabes... o comandante», replicou a vóz.

«Encontraste muitos colegas de bordo no Outro Mundo?» perguntou Campbell.

«Sim, um grupo», foi a resposta. «Eles muitas vezes falam dos acontecimentos passados.»

Em seguida Campebell citou o nome de um grumete, a quem fôra muito afeiçoado. Esse rapaz dormia em seu alojamento quando o navio sossobrou e Campbell estava certo de sua morte. Ele perguntou especialmente pelo rapaz.

«Grande foi o meu espanto», declara Campbell, quando a vóz disse: «Mas, o rapaz não morreu, ele está no teu mundo... internado num manicômio perto de Rochester.»

Esta terrivél notícia abalou-me profundamente. Tomei nota para informar-me no dia seguinte.

A vóz enfraquecia e o médium explicou ter sido a primeira tentativa do espírito para falar por aquele modo.

«Asseguro unicamente que reconheci a vóz do falecido chefe de maquinas, pelo timbre, pronunciado acento escocês e certos traços característicos de expressão.»

Dia seguinte, Campbell foi colher informações no Almirantado e soube que o grumete em questão, fôra recolhido, severamente ferido, a algumas milhas do teatro do naufragio.

A cabeça apresentava um ferimento grave e os médicos concluiram que não recuperaria a razão. O grumete continúa internado num manicômio perto de Rochester.

O Espiritismo é uma luz que partiu de Deus para iluminar as almas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena. Ninguém poderá extinguir essa luz, e logo a vereis aumentar em todas as direções, para que a Verdade levante a sua cátedra em todos os cérebros e corações. Aumentai também os vossos esforços na sua difusão dentro do espírito de humildade, trabalho e tolerância, e ficai certos de que o Senhor da Seára nada vos deixará faltar. — CAIRBAR.

Milagres do Espiritismo

Crônica de
LEOPOLDO MACHADO

DE milagres não cuida o Espiritismo, de vez que o milagre, como se concebe por aí, a dentro de religiões sectaristas, seria a derrogação das leis divinas. E o Espiritismo não veio para pregar a derrogação das leis de Deus, mas para dar-lhe cumprimento. Sendo êle a própria volta do Cristo, em doutrina e obras, ao Planeta, claro que só deve agir e exemplificar como o Messias, «que não veio destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento».

Se emprestarmos, entretanto, ao vocábulo *milagres* o sentido de *maravilhas*, nenhuma doutrina mais cheia de maravilhas e milagres do que o Espiritismo. Quem isto escreve poderia, de sua parte, assinalar vários milagres que do Espiritismo recebeu, sem carecer de mandar, a título de *reclame*, a folhas religiosas nenhum Cr. $ 2,00 e 5,00 pelas graças recebidas!... O milagre de sua espiritualização, por tratar-se de alguém com instintos grosseiramente materializados; e o de sua aproximação racional de Deus, cuja crença houvera perdido ás portas da igreja e com a leitura da Biblia, são bem os dois maiores que recebemos dêle. A par, entretanto, de nossa reforma interior e do conhecimento, com a abstração de milagres, dogmas e mistérios, da obra de Deus, o Espiritismo é, no *maré-magno* dessas sessenta e tantas religiões e desses milhares de credos e seitas que por aí vão, afastando, cada vez mais, os homens, a única Doutrina que realiza obras de amor ao próximo, tão grandes que nem adversários de senso — e quão poucos desses agridem o Espiritismo! — podem negá-las!

Quem são, socialmente falando, os espíritas? Gente simples, humilde, de pequeninos recursos, que consagra à Doutrina o tempo roubado ao seu repouso, a seus divertimentos, a seus lazeres! E até ás atividades honestas de que retira sua subsistência! Que lhe consagra, porque não póde nem deve fazer da Doutrina um meio fácil de vida, recursos sonegados a necessidades cotidianas, aos prazeres que se compram! Gente que encontra na sua Doutrina seu melhor divertimento, e quasi que a razão mesma de sua própria existência! Pois é essa gente que, pedindo aquí, arregimentando-se alí, trabalhando acolá, vai, de uns dois decênios a esta parte, creando no Brasil escolas aquí, construindo hospitais e asilos alí; edificando albergues e maternidades de que se nos enviou fotografia.

Ilustremos estas razões sinceríssimas com uma comparação ligeira, que tomamos ao *Talmud* de emprestimo, para que reflitam sôbre ela os corações que apelam para o nosso, os corações maternos que, em idênticas circunstâncias, choram, desesperados, os filhos mortos.

Um grande senhor déra a servos de confiança joias de subido valor, pérolas inestimáveis para as guardarem, sem avisá-los do dia e hora certos de rehavê-los. Mas, chegados a hora e o dia de tanto, o grande senhor exigiu que os servos lhas entregassem. Poderiam, acaso, os depositários dos valores do Grande Senhor negar-lhos? E com que direito o fariam, se eram apenas depositários delas? Negar-lhos, seria um contrasenso, um crime passível de punição em nome da justiça.

Tu, desesperado coração de mãe, que para nós apelas, e vós, corações de mães que blasfemais contra Deus, por vos arrebatar os filhos, estais todas no lugar dos servos que não quiseram entregar ao Grande Senhor —, que é Deus — as pérolas, as joias que vos foram confiadas, os vossos filhos! Crede que antes deles vos pertencerem, já pertenciam a Deus, que os fez, de cujo poder sairam! Antes de serem vossos filhos, eram já filhos de Deus. Fostes vós que os fizestes? Não, que a tanto não ascende o poder e a sabedoria humana! Somos pais quando o queremos? Se assim fosse, quem isto escreve, ao em vez de andar á lidar, como educador, dos filhos alheios, estaria a lidar com ós próprios filhos! Assim, os filhos são, apenas, legados que Deus nos confiou, são pérolas preciosas ou joias de altíssimo valor, que o Grande Senhor de tudo quanto existe confia à guarda de criaturas de Sua confiança, até o dia e a hora que desejar e quiser rehavê-las! Nada de passá las, a falsos pretextos, às mãos de outrem! E menos ainda de chorar, em desesperos blasfematórios, sua morte, que a sua restituição a seu verdadeiro dono, que é Deus. Não nos pertencemos, porque somos de Deus. Se nem perante as leis humanas os filhos são mais propriedades dos pais—que já não têm direito de vida e morte sôbre eles; que já nem podem espancá-los à vontade, que lhe não permitiriam as leis modernas. Se os filhos não são propriedade dos pais perante as leis dos homens, quanto mais perante as leis de Deus!

Lisonjeados vos deveis sentir, por Deus vos armar em depositários de joias e pérolas, que são os vossos filhos! Esta confiança, quem isto aquí põe, não inspirou a Deus que lhe não quís confiar tais pérolas e joias! Portanto, somos bem mais infelizes do que vós.

Meditai, pais extremosos que nos ouvís ou ledes, no que aí fica, meditando, paralelamente, na vossa atitude de desesperos e, depois, resolvei por vós mesmos!

Paz, Luz e Fé.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Não raros são os casos de amnésia em que ocorre total lapso de memória, perde-se toda noção de identidade e a vítima erra por estranhos lugares, voltando, depois, ao seu estado normal, sem qualquer conhecimento de suas recentes ações.

Possuimos bastante demonstrações de que tal estado é frequentemente devido a influência de espìritos obsessores. Um deles foi o do jovem C. B., que logo depois que montou um negócio juntamente com seu pai, levantou-se cedo, certo dia, e deixou o lar, sem conhecimento dos seus progenitores. Não se achou nenhum rasto dele e, após várias semanas de anciedade, nos pediram os pais que fizessemos uma sessão para orientá-los.

Assim fizemos, dizendo-lhes, porém, que o moço não deixaria de escrever-lhes. De facto, na manhã seguinte chegou a carta, narrando que estava a bordo de um navio de guerra norte americano no porto de S. Francisco, que se havia alistado na Marinha e que estaria ausente por vários anos.

Os pais do rapaz queriam, todavia, que ele voltasse para casa e lhe escreveram a respeito, dizendo que tudo fariam para obter a sua liberdade.

Dia antes da sessão, C. escreveu a seus pais para que nada fizessem acerca da sua baixa, porque estava disposto a servir até a sua desincorporação.

Feita a sessão em benefício de C. B., manifestou-se um espírito que deu indicação de ter sido a causa das recentes ações daquele moço.

Sessão de 13 de dezembro de 1923

Espìrito: John Edwards—Paciente: C. B.

Quando cantávamos «Throw out the Life Line» um interessante episódio ocorreu. Quando a inteligência se incorporou na Sra. Wickland, fazia gestos com as mãos, como se puxando uma corda, e depois os movimentos de natação.

Médico: — Estais puxando a corda de salvação? Estivestes navegando? Donde viestes? Não precisais nadar em terra firme. Que se passa convôsco?

Espírito: — Isto é o que estou precisando saber.

Méd Ha quanto tempo morrestes?

Esp.—(Para a assistência): Ele me chama de morto. Não estou morto, nem vivo também.

Méd. De onde viestes?

Esp. — Uma porção de gente me trouxe para aquí.

Méd.—Quem vos trouxe para cá?

Esp. Um punhado de gente.

Méd.—Mas não a vejo.

Esp.—Não sei o que quer comigo. Quero é estar no mar.

Méd. – Navegastes muito?

Esp. - Sim.

Méd. — Porque quereis ir para o mar? Estivestes a bordo muitas vezes?

Esp. — Algumas vezes.

Méd. — E não querieis então desembarcar?

Esp.—Não quero ser caranguejo de

terra. Estava pronto para embarcar, mas vós me puzestes em terra. Não sei porque me desembarcaram.

Méd. — Morrestes afogado?

Esp. — Se estou aquí, como posso ter morrido?

Méd.—Mas o vosso espírito poderia estar aquí.

Esp. — Quereis dizer a alma?

Méd. — Sim.

Esp. — Bem, nêste caso estaria ela com Deus.

Méd. — Onde está Deus?

Esp.—Se não sabeis ainda, deveis então ir à Escola Dominical.

Méd. — Já fui, mas nada aprendi alí.

Esp.—E' que não fostes a uma boa escola.

Méd. — A qual delas devo eu ir?

Esp. — Têm muitas denominações; não são todas iguais, mas sabem ensinar a respeito de Deus.

Méd. — A que igreja ieis?

Esp. — Vou a qualquer igreja. Não pertenço a nenhuma delas. Quando se está no mar e não se póde ir à igreja, assiste-se apenas ao serviço religioso.

Méd. — De que igreja gostais mais?

Esp. — São todas parecidas; é questão de forma. Todas pertencem a um só Deus e ensinam que há um céu e um inferno, bem como que Jesus morreu pelos nossos pecados. Como vêdes, se assim é, tanto podeis pertencer a uma como a outra. Todas veneram Deus, de modo que não faz diferença.

Méd. — Sois um homem de idéias liberais.

Esp. — Não sei se sou ou não. Nem sei mesmo que espécie de homem sou. Tinha minha religião lá a meu modo. Ia às vezes à igreja para que o Comandante me visse.

Méd. — Em que classe de navio estivestes embarcado?

Esp. — De todos os tipos.

Méd. — Sois um marinheiro comum?

Esp. — Era da Marinha.

Méd. — Podeis dizer em que ano?

Esp. — Nem sei em que ano estamos.

Méd. — Não sabeis em que ano?

Esp. — Não.

Méd. — Estamos em 1922?

Esp. — Não, não é êsse o ano.

Méd. — Qual é então?

Esp. — 1912.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XV —

Depois de compreendermos a realização da perfeita consciência, como consequência fatal do progresso através dos milênios, colhendo conhecimentos e adquirindo experiências num rosário imenso de encarnações, cumpre estudar a realização da justiça perfeita. Diz Geley:

«A realização da soberana justiça está assegurada com certeza absoluta, matemática, na concepção palingenésica.

«O indivíduo consciente, nunca sendo senão o que se fez no curso de sua evolução, na série imensa de representações, tudo quanto entre para o campo de sua consciência realizada é sua própria obra, fruto de seu trabalho, de seus esforços, de seus sofrimentos ou de seus gozos.

«Cada um de seus atos, bons ou maus, felizes ou desditosos, cada um de seus pensamentos tem uma repercussão forçosa, tem reações inevitáveis em uma ou outra de suas existências.

«Essa é a ação da justiça imanente, ação fatal, iniludível. A justiça imanente começa a manifestar-se, mais frequentemente, no próprio curso de uma vida tomada isoladamente, porém, então, é muito raro que seja equitativa. Comtemplada de maneira assim restrita, ela nos parece falível e sumamente desproporcionada.

«Ao contrário, numa série suficientemente longa de existências, torna-se perfeita, matemáticamente perfeita. As contingências felizes ou desgraçadas contrabalançam-se com segurança, e já não permanece, como resultado certo, no ativo do indivíduo, senão o resultado de sua conduta.

«A justiça imanente não é só individual : é também coletiva.

«E' coletiva por causa da solidariedade essencial das mônadas individuais. Graças a esta solidariedade essencial, as reversões do consciente para o inconsciente nunca são reversões exclusivamente individuais.

«As aquisições conscientes e a transformação dos conhecimentos em capacidades são fatalmente coletivas em uma medida que ainda não podemos analisar, porém certa.

«Da mesma sorte que os atos individuais têm repercussão inevitável, ainda que indefinida, sôbre as condições vitais de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que existe, assim é assegurada uma espécie de colaboração geral na evolução, graças à qual todo esfôrço no sentido indicado pela lei moral ou toda violação desta lei, tem sua reação coletiva além de sua reação individual.

«Não é ocioso insistir sôbre êste ponto : Não há responsabilidade exclusivamente individual por qualquer ato, bom ou mau, como não há, também, punição dêsse ato exclusivamente individual.

«Tudo o que se faz, tudo o que se pensa, de bem ou de mal, tudo o que se traduz por uma impressão emotiva, um gozo ou uma dôr, em qualquer indivíduo, repercute em todos e todos o assimilam. Eis porque os atos de um indivíduo ou de uma coletividade, de uma família, de uma nação ou de uma raça, não se podem apreciar simplesmente sob o ponto de vista dêsse indivíduo ou dessa coletividade.

«Não ha decadência nem progresso que não sejam solidários. Sem dúvida a solidariedade coletiva, na aparência, vai decrescendo da família à pátria, da pátria à raça, da raça à humanidade, da humanidade ao Universo; mas essas repercussões assim decrescentes, por graus, nas representações, permanecem integrais na essência constitutiva das coisas.

«Daí se segue que os cálculos egoistas por parte dos indivíduos, das famílias, das nações são pura aberração.

«A grande lei de solidariedade tem sido, em todos os tempos, proclamada pelos grandes filósofos e pelos grandes moralistas.

«Sua voz não encontrou éco. Possa a demonstração científica exercer maior influência sôbre a miserável humanidade !»

A seguir, Geley refuta todas as objeções apresentadas contra a palingenésia e demonstra que ela realiza a justiça soberana. Encerra o capítulo citando a opinião de Charles Lancelin, do livro «A Reencarnação»:

«Se por desgraça não houvesse sido instituida por Deus, se houvesse sido excluida da realidade das coisas, o homem, só pelo facto de havê-la imaginado, ter-se-ia mostrado maior e melhor do que Deus ! »

Efetivamente, o Universo seria uma monstruosidade, uma pirâmide de injustiças incompreensíveis, se não existisse a lei fatal das existências sucessívas que permitem a realização da justiça perfeita na eternidade da vida. Quanto à doutrina da solidariedade universal, tão brilhantemente defendida por Geley, estamos muito longe de vê-la na prática entre as nações. E' dificílimo ao homem materialista penetrar em tais verdades invisíveis, quando tudo lhe dá a ilusão da inexistência dessa solidariedade. E' necessário que a evolução e a dor façam sua obra durante séculos e milênios, para que essa solidariedade universal seja entendida por todos.

A MORTE

Já vistes a borboleta de asas multicores despir a informe crisálida, invólucro da lagarta repugnante? Já a vistes, essa que no chão se arrastava, agora solta, livre, voejar ao calor do sol, por entre o perfume das flores? Não há imagem mais fiel para o fenômeno da morte. O homem também é uma Crisálida que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, volta ao grande monturo; o nosso miserável despôjo torna ao laboratório da Natureza; mas o espírito, depois de completar a sua obra, lança-se para uma vida mais elevada, para essa vida espiritual que sucede à vida corpórea, como o dia sucede à noite, e assim separa cada uma das nossas reencarnações. Firmes nestes princípios, nunca mais temeremos a morte. — LÉON DENIS.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— VI —

— *«Sabe, pois, isto, que nos últimos dias virão uns tempos perigosos...» (II-Tm. 3:1);*

— *Mas, os que perseverarem até o fim «não serão confundidos no tempo mau, pelo contrário, serão fartos nos dias da fome». (Ps. 36:19).*

Perpassando o olhar pelas profecias bíblicas, como vimos fazendo, verificamos que elas nos advertem dos tempos maus de crises e perplexidades, os quais, precisamente, são estes que estamos vivendo, sem tirar nem pôr.

E' sempre bom, para objeto de estudo, cotejar - diz Paulo a Thimoteo:— «Sabe, pois, isto, que nos últimos dias virão tempos perigosos. Haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados. Sem afeição, sem paz, caluniadores, de nenhuma temperança, deshumanos, inimigos dos bons. Traidores, protervos, orgulhosos e mais amigos dos deleites do que de Deus. Tendo, por certo, uma aparência de piedade, porém negando a virtude dela. Foge também destes tais. Mas os homens maus e impostores levarão a pior, errando, e metendo a outros em erros». (II-Tm. 3:1 a 5 e 13).

E no Livro dos Provérbios, encontramos êste sábio conselho: – «Não te inquietes por ser rico, mas põe termo à tua prudência. Não ergas os teus olhos para umas riquezas que tú não podes ter; porque elas tomarão azas como de águia e voarão para o céu». (Prov. 23:4/5).

Ainda Paulo nos legou esta não menos sábia advertência: — «Porque os que querem fazer-se ricos caem na tentação, e no laço do diabo, em muitos desejos inúteis e perniciosos, que submergem os homens no abismo da morte e da perdição». (I. a Tm. 6:9).

O que vemos nos dias que passam sinão uma ambição imoderada em adquirir riqueza, não escolhendo os meios, nem os modos, pelo muito amor ao dinheiro, nêsse propósito indigno, que jamais devia se aninhar no coração de um sêr humano. Todavia, não devemos confundir, os nobres e dignos motivos quanto ao fazer-se economia legítima para prosperar com o fim de assegurar a própria subsistência e da família — para não ser pesado a ninguém — como acentuou Paulo — «cada um levará o seu próprio fardo». (Gal. 6:5).

«Com a sabedoria edifica-se a casa, e com o entendimento se estabelece; e pelo conhecimento encher-se-ão as câmaras de todas as riquezas preciosas e deleitáveis.» (Prov. 24:3/4).

Quando alguem se descuida da previsão, começam, a esse alguem, surgir uma série de males que, a seu tempo, se manifestarão em reproches, etc. Sendo sóbrios e prudentes, encontraremos na beneficência, na filantropia, porque não existe outra coisa que dê mais gôzo ao coração do que o prazer de fazer os outros felizes, que assim procedendo sabem que «Deus pode fazer abundar em vós toda a graça, afim de que, tendo sempre toda a suficiência em tudo, abundeis em toda a bôa obra... Porque Deus ama ao que dá alegremente.» (II—Cor. 9:8 e 7, última parte.)

O Apostólo Tiago, refere-se também em sublime previsão dos tempos que estamos vivendo: — «Eis agora, vós ricos, chorai, dando urros por causa das desgraças que hão-de vir sôbre vós. As vossas riquezas estão corruptas, as vossas vestes estão roídas pela traça. o vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e devorará a vossa carne como um fogo. Entesourastes nos últimos dias. Eis que o salário que defraudastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e as vozes dos ceifeiros têm chegado aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tendo vivido em delícias sobre a terra e vos tendes regalado, tendes cevado os vossos corações no dia do mortícinio. Tendes condenado e matado o justo; êle não vos resiste». (Thi. 5:1/6).

A avareza e o desejo insaciavel de conseguir riquezas, a instituição dessa espécie de comércio clandestino, que se cognominou chamar de *cambio negro*, sendo os seus praticantes, classificados de *tubarões*, com a ausência absoluta do sentimento de afeto e de compaixão para com o próximo, juntamente com o mais absoluto despreso pelo direito dos semelhantes, constituem esses outros fatores que vêm contribuindo para arrojar sôbre o mundo a terrivel carga de sofrimento e miséria, como jamais se presenciou na história dos povos civilizados e cujos sinais precursores estamos observando.

A respeito desses momentos angustiosos, disse Jesus : «Desfalecerão os homens de mêdo e pela expectação das coisas que sobrevêm ao mundo ; pois as potestades dos céus serão abaladas.» (Lucas 21 : 26.)

Mas, como uma consoladora esperança, dizem-nos as Escrituras que *os iníquios serão ceifados* e *os justos herdarão a terra !...*

— «Os braços dos pecadores serão quebrados», porque «os pecadores perecerão, mas os inimigos do Senhor, tanto que tiverem sido honrados e exaltados, faltarão e se desvanecerão como o fumo.» (Ps. 36 : 17 e 20.)

Nem tudo, todavia, estará perdido. Há para os justos o grande recurso da oração e da vigilância.

— «Velai, pois, sôbre vós, para que não suceda que os vossos corações se façam pesados com as demasias do comer e do beber, e com os cuidados desta vida, e para que aquele dia vos não apanhe desprevenido». Vigiai, pois, orando em todo o tempo, a-fim-de que vos façais dignos de evitar todos estes males que teem de suceder e de vos apresentardes com confiança diante do Filho do Homem». (Lucas 21 : 34 e 26).

«Porque aquêle que permanecer perseverante na oração — é outra consoladora esperança — terá a sua alma redimida — «O Senhor remirá as almas dos seus servos, e todos os que esperam nêle não perecerão». (Ps. 33 : 23).

Então, «os justos herdarão a terra e deleitar-se-ão em abundância de paz ; herdarão a terra, e morarão sôbre éla por todos os séculos !» (Ps. XXXV-a-/11).

* * *

O crente espírita, ciente e consciente destas verdades escrituristícas, tem o imperioso dever de perseverar na oração e na vigilância, para que o dia mau o encontre prevenido, com as luzernas bem acesas ! (Ps. XXXII-21/2).

E que assim seja.

Paz e luz, para todos.

(Continua).

Fenômenos de Materialização

XXII

Sessão extraordinária, em benefício de uma pessoa enfêrma, na segunda-feira, no dia 29 de Dezembro de 1947, sob a minha presidência. Cantado o hino e feita a prece inicial, declaro aberta a reunião. Faz-se uma consulta ao Alto, atendendo-nos, solícito, um dos amigos espirituais do Grupo.

O médium Lins recolhe-se ao gabinete. Não se tendo feito a leitura de uma página sôbre a Doutrina, início os labores da segunda parte, fazendo uma preleção a respeito das finalidades das nossas sessões de efeitos físicos, comentando os resultados práticos, objetivos, que já têm colimado, positivamente, as referidas reuniões. E ainda não tinha concluido a minha esplanação quando, uma entidade espiritual, materializada, surge no ambiente. Era o espírito de Moisés Douck que, assim, vinha mais uma vez dar-nos sua preciosa cooperação. O José Grosso vem agora encher a casa de consoladora animação, tagarelando no seu timbre característico. Atende a inúmeros pedidos dos assistentes, procurando agradar a todos, pondo os seus valiosos préstimos a serviço de doentes, familiares ou não. A jovem Dulce Santos é convidada a orar em intenção dos portadores de enfermidades corporais, desobrigando-se a contento. E' cantado, por todos, o hino «Celeste Amigo». A senhorinha Dulce de Fátima Oliveira lembra a frase evangélica do dia, de sua meditação que o Professor Newton de Barros comenta com o seu reconhecido poder de dedução espiritual. Firma-se um ambiente de bem-estar indefinivel. O Vicente Viola desobriga-se do inefável dever de proferir uma prece.

E' cantada a «Canção Materna» durante o que se dá a materialização do Fidelinho, apresentando a conformação física de uma criança. Aparição inopinada, junto da Dulce Fátima de Oliveira, daí acompanhando o cântico até ao seu término, quando se dirigiu a vários assistentes, notadamente às nossas irmãs Lais e Lenice, recuando, então, até perto da cabine, colocando-se, antes de desaparecer, no meio da mesa que aì se acha.

Lenice Teixeira Dias faz um belo comentário acerca dos ensinamentos que Moisés nos trouxera na sessão anterior. E'-nos dado apreciar um interessante fenômeno de explosão de luz multicor, girando em semi-círculo. Foi cantado o hino «Entardecer». O José dirige-se agora à jovem Maria Luiza Pontes que, embora tendo permissão para participar das nossas sessões de efeitos físicos, raramente a elas empresta a sua colaboração, premida por impedimentos de força maior. Suas palavras são repassadas de ternura e carinho, fazendo-lhe curiosas revelações do pretérito... A «baianinha», como é conhecida a estimada componente da Juventude Espírita «Abel Gomes», agradece-lhe, emocionada, as referências lisongeiras. Maria Madalena de Oliveira profere comovida prece. O generoso «Velho» Flitz, materializado, faz belissima exortação evangélica e ministra eflúvios espirituais ás nossas irmãs Madalena, Emilia e Lais. O hino da Mocidade Espírita «Abel Gomes» é cantado pela assistência. A Lais faz uma preleção ligeira a propósito das enormes responsabilidades dos componentes do «André Luiz». Os nossos guias espirituais avisam-nos de que chegamos a têrmo, recomendando-me fosse despertar o médium. A reunião é declarada encerrada depois de proferida a prece final.

—

Sessão ordinária de Assistência Espiritual, de sábado, dia 3 do corrente mês, presidida pela Lais Teixeira Dias. Proferida a prece inicial e declarados abertos os trabalhos, passa a fazer-se alguns instantes de recolhimento espiritual para a consulta ao Alto. Vem falar-nos um amigo do outro plano da vida, através da mediunidade de incorporação de um dos nossos médiuns, que nos faz prudentes recomendações para o bom desempenho das atribuições a cada um de per si e de todos os cooperadores do plano físico, nas tarefas benfazejas da oficina de André Luiz, acabando por nos prevenir de que os trabalhos correntes seriam demorados e que tarde apareceriam os primeiros fenômenos de efeitos físicos, de vez que o maior empenho, nesta noite, dos cooperadores do plano espiritual, estava no facto da assistência ao médium de materialização, cuja saude física consideravam comprometida.

A Lais procede à leitura do capítulo «Materialização» do livro mediúnico. «Os Missionários da Luz», aliás já lido e comentado em sessão anterior, mas oportunissimo, devido ao alcance dos ensinamentos correlatos aos deveres dos participantes de tais reuniões.

O Dr. Lauro Salles, uma bôa palavra moça a serviço da Doutrina, desincumbe-se airosamente do encargo de tirar as primeiras ilações da leitura da noite. O Ferreira faz, com elevação e sentimento, uma fervorosa rogativa.

O «Hino Entardecer» é cantado em côro. O capitão Antonio Leite preleciona atento e inspirado. Hilda Chaves de Almeida ora por sua vez, com manifesto sentimento espiritual. E' cantada a melodia «Almas Gêmeas». Cabe-me fazer um comentário sôbre a lição, em que me detive cerca de quinze minutos. Durante a minha preleção, Moisés materializa-se, permanecendo silencioso enquanto eu falava, recomendando, depois, que alguns companheiros enfermos tomassem assento ao pé do gabinete, afim de receberem a necessária assistência espiritual. Todos apreciaram os cuidados dispensados pela entidade materializada aos nossos irmãos incarnados, destacados para receberem os benefícios de que eram carentes.

A Lais, com a palavra, chama-nos à atenção para a análise das pesadas responsabilidades que pesam sôbre os nossos ombros em face das imensas graças celestes com que temos sido aquinhoados. João de Deus, materializado, vem à assistência e atende a vários companheiros enfêrmos.

Em seguida todos cantam o hino «Celeste Amigo». Volta o José Grosso a falar-nos, por voz direta, respondendo a um aluvião de perguntas feitas por mais de um assistente.

João de Deus retorna, materializado, ao recinto, percorrendo toda a sala e indo tocar a nossa irmã Madalena, agradecendo esta, a Jesus, numa prece comovida, os benesses espirituais recebidos

—

Cantamos então a suave melodia, «Canção Materna», aparecendo nessa ocasião, materializado, o espírito de Nina Arneira, que assiste ao Jacques, fala à Lais e distribúe fluídos pelos irmãos Dulce Santos e Inocencio Noronha Dias.

O Major Ismael Pinto ora fervorosamente, pedindo a proteção de Jesus para todos os sofredores da Terra e do Espaço. São notados ligeiros fócos de luz multicor. O incansável José Grosso avisa-nos de que Scheila e Tongo acabavam de deixar-nos algumas mensagens, por meio de escrita direta, uma das quais em japonês, adiantando que Tongo também havia desenhado a caricatura de uma componente da Mocidade «Abel Gomes» cujo nome figurava no sopé do desenho, em japonês. E' cantado o hino da Mocidade «Abel Gomes» cujo acompanhamento foi feito pelos dois amigos da Espiritualidade, Scheila e Fidelinho, materializados simultaneamente. As duas referidas aparições distavam cerca de dois metros uma da outra.

O José fala-nos, ainda, atirando pedras no meio do salão. Maria José Leite profere uma prece e a Dulce Santos faz um ligeiro comentário acerca das seguintes palavras de Jesus: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida». Cantam, todos, o hino «Pai do Céu». Garcês dirige-nos, por meio de voz direta, a sua palavra amiga e conselheira, prevenindo-nos de que estavamos na hora do encerramento das nossas atividades da noite, recomendando fosse eu acordar o médium, tarefa de que me desincumbi prazeirosamente. Araci, o bonissimo espírito que tem grande soma das responsabilidades de nos orientar, do Alto, faz uma encantadora oração a Jesus. O Fidelinho recomenda cantemos «Almas Gêmeas», no que foi atendido, alegremente. Os trabalhos são declarados encerrados, precisamente ás 23 horas.

No compartimento contíguo à sala encontramos as seguintes mensagens, de escrita direta, que muito nos impressionaram, notadamente a que está redigida em diagramas japonêses, cuja tradução foi logo providenciada:

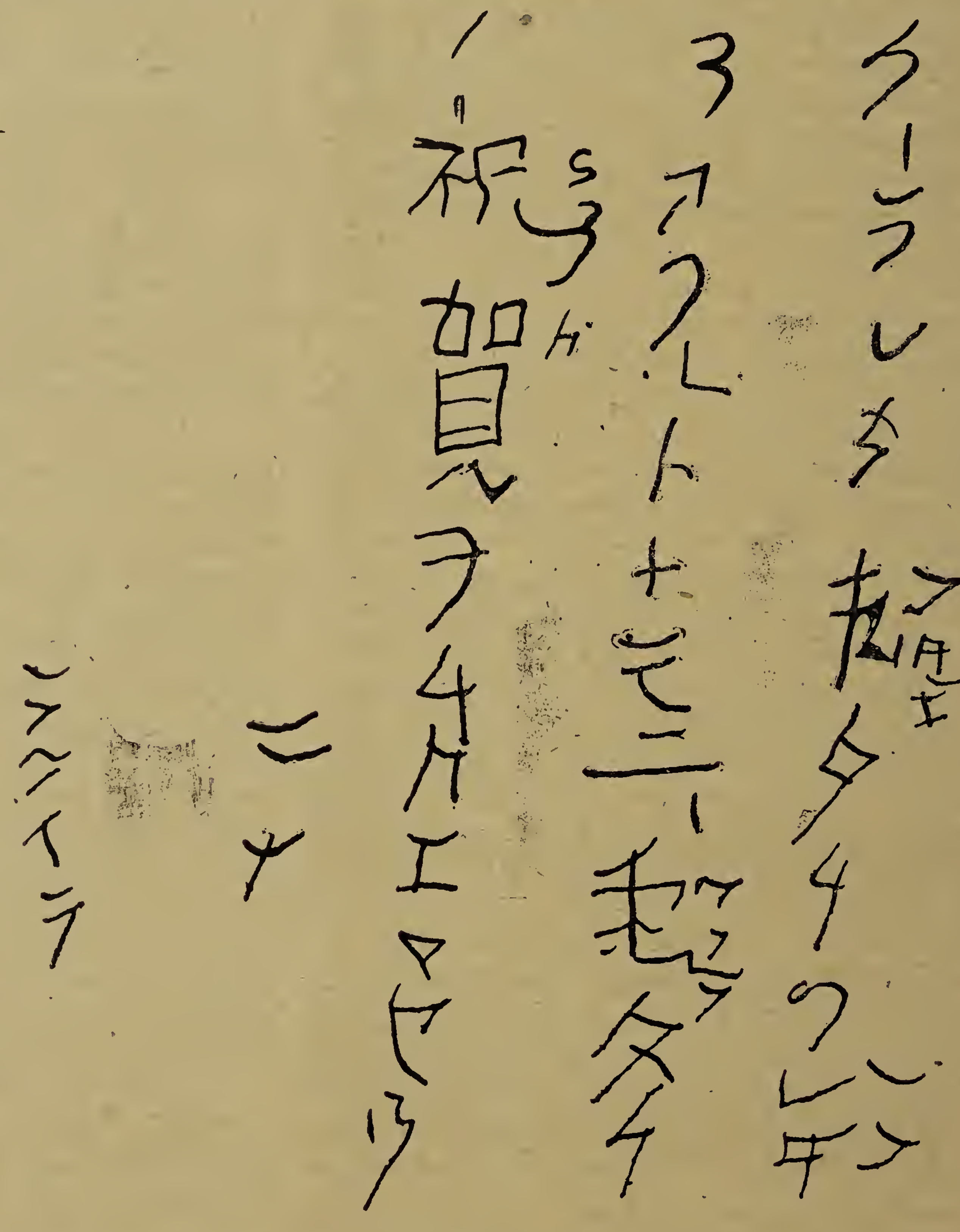

Mensagem em Japonês

«Dulcinha Santos»

Dulcinha, você precisa
Trabalhar para Jesus,
Que Êle te oferece luz
Que toda dor ameniza.

O pecado martiriza
E ao lôdo, à lama conduz,
Pois a quem êle seduz
No sofrimento eterniza.

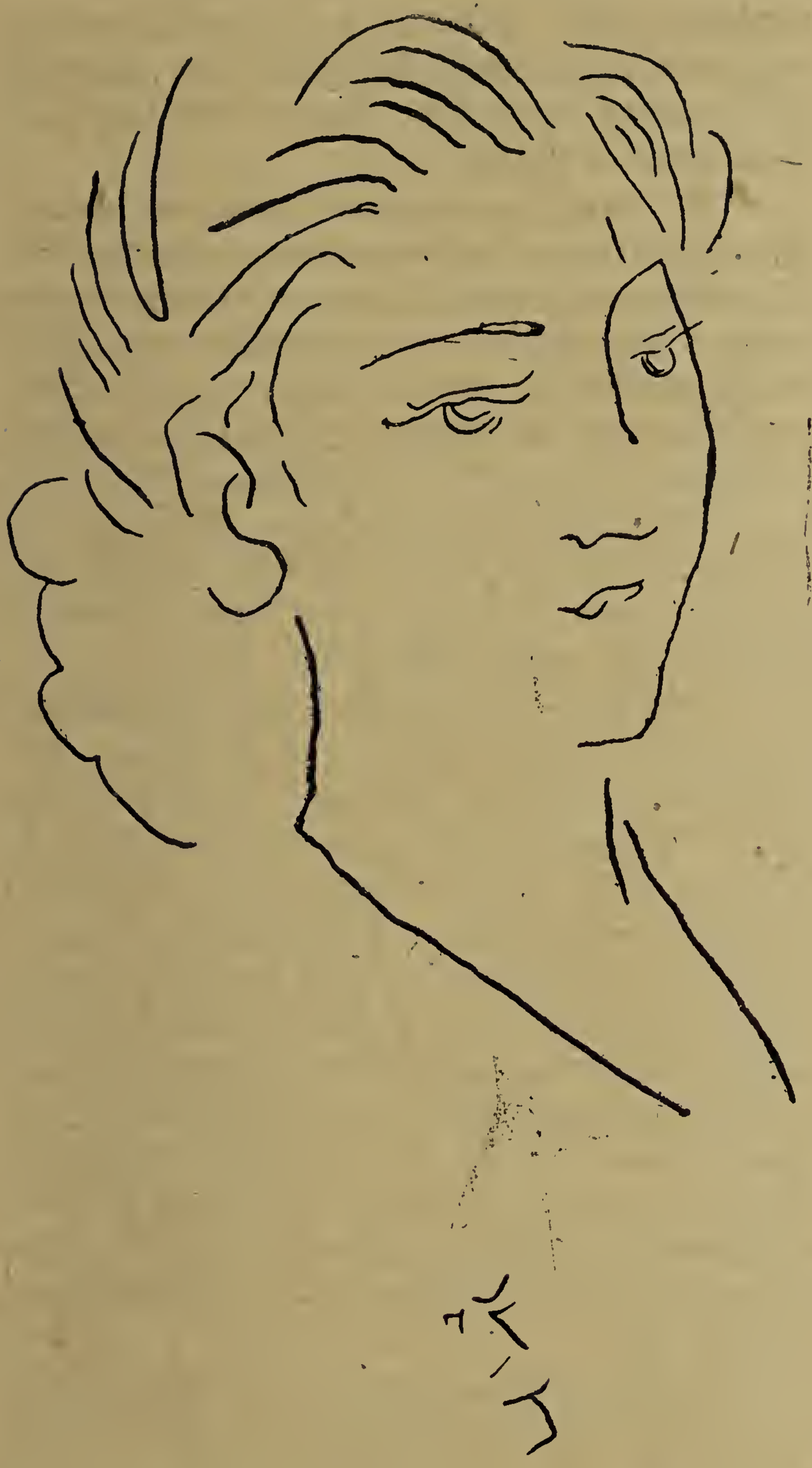

A silhueta que aí está, é da juventina Deyse Jenneé e tem o seu nome escrito em japonês. Há profunda semelhança entre o desenho e a pessoa distinguida

E's joven e tens, em verdade,
A responsabilidade
De seguir o Espiritismo!

Recebe-o em teu coração,
Que é a grande revelação
Do singelo Cristianismo.

Beijos para você e peço-te transponhas êste soneto no teu album.

Scheilla.»

«DULCE»

Pratica o bem, fazendo a caridade,
Ama a Jesus, protege os sofredores,
Para que, eleita dos consoladores,
Seja feliz em toda a eternidade.

Tua «SCHEILLA.»

A mensagem em japonês, assinada por Tongo e Nina Arneira, é uma oferta desses generosos espíritos à minha filha Dulce, exortando-a e felicitando-a pela passagem do Natal e Ano Bom, desejando-lhe um ano novo cheio de venturas e de dedicação ao Evangelho de Jesus.

O casal de japonêses, amigo, de que me tenho valido para fazer a tradução das peças escritas em japonês, pôs-me a par da idéia da mensagem, mas confessou-me ser-lhe difícil fazer a tradução «ipse literes».

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1948.

Amadeu Santos.

O DEVER DOS PAIS

Djalma Farias

TENHO observado, com muito pesar, que a maioria dos pais espíritas não têm a preocupação e o devido cuidado de educar os seus filhos de conformidade com os princípios religiosos, morais e filosóficos da doutrina espírita, não se empenhando, dêsse modo e por isso mesmo, na formação da sua mentalidade, segundo o Espiritismo.

Os pais espíritas têm, incontestávelmente, um grande dever a cumprir.

A eles, que já se encontram esclarecidos pela doutrina espírita, entregou a Providência, em boa hora, alguns espíritos ainda sujeitos às penas e às provas do nosso mundo, que se mostram desejosos de iniciar novos estudos sôbre a vida espiritual, e que necessitam de uma assistência vigilante e carinhosa para ajudá-los a operar a sua própria transformação.

E', dessarte, bem grave a responsabilidade que pesa sôbre os ombros dos pais espíritas.

Eles não podem nem devem dispensar aos seus filhos apenas a assistência material e os cuidados de uma bôa educação intelectual. Não devem tratar os seus filhos apenas como criaturas humanas, cuidando dos seus corpos para torná-los fortes e sadios, sem se preocuparem com as suas almas, que bem merecem um tratamento especial.

Aos pais, que não são espíritas, estão afétos encargos menores, de pouco valor moral.

Julgam eles que a instrução que possam oferecer aos seus filhos e uma bôa assistência material pelos cuidados com os seus corpos e com a sua saúde resumem tudo o de que eles precisam, de sorte que supõem que, com isso, estão quites com a sua missão e não têm mais nenhuma responsabilidade.

Com efeito, os pais não espíritas não podem fazer mais do que isso. Não podem dar mais do que têm.

Entretanto, os pais espíritas, que têm recebido muito mais, graças à luz que o Espiritismo lhes proporciona, precisam, também, dar muito mais.

Dispensar aos filhos toda a sorte de cuidados materiais, zelando sempre pela sua saúde, oferecendo-lhes a necessária instrução, é, na verdade, alguma cousa, mas não é absolutamente tudo o que os pais espíritas devem dar às criaturinhas que Deus colocou ao seu lado para receberem a orientação e a educação evangélica, evidentemente imprescindíveis aos seus espíritos.

O que infelizmente tenho podido observar é que a maioria dos espíritas não se volta para o lar com o interêsse de imprimir à vida dos seus filhos e protegidos uma diretriz nitidamente cristã, para que eles, ao se tornarem adultos, possam ter a mentalidade e a compreensão do verdadeiro espírita.

Quasi sempre isso não sucede.

E vemos filhos de pais espíritas casarem-se na Igreja, voltarem-se, por convencionalismo social católico, para as cousas da religião romana, batizarem os seus filhos, desviando-se lamentavélmente dos métodos de vida e dos princípios da crença dos velhos pais, sôbre os quais pesa a enorme responsabilidade, e a grande culpa dos desvios dos seus filhos e dos seus netos.

E' preciso atentar bem no dever dos espíritas. Deles a Providência está exigindo muito mais de que dos outros em todos os sentidos, e principalmente de tudo o que se relaciona com os deveres materiais e, sobretudo, morais da família.

Desinteressar-se da sorte e do destino espiritual dos filhos é um crime de que hão de prestar sevéras contas os pais espíritas.

Os lares espíritas estão recebendo espíritos de toda a categoria, uns que necessitam de carinho e amor para resgatar pesados compromissos, outros que têm desejo de melhorar as suas condições espirituais, abandonando aqueles velhos hábitos e caducas práticas religiosas que abraçaram no passado e, enfim, outros que escolheram, na erraticidade, a tarefa de prégar a verdade e trabalhar na seára espírita e precisam encontrar ambiente próprio para o desenvolvimento das suas superiores atividades.

Nestas condições é o lar espírita o mais indicado para receber os espíritos que estão despertando para o conhecimento da vida espiritual e não podem dispensar o auxílio moral mais ou menos eficiente dos seus pais, a quem está afeta a grandiosa missão de preparar ovelhas para o rebanho do sagrado e divino Pastor, que é N. S. Jesus Cristo.

Se os pais espíritas não se conduzirem de modo a dar aos seus filhos a orientação espírita e uma perfeita educação evangélica, podem ficar sabendo que faliram na sua missão, devendo voltar em novas existências para tentar experiências semelhantes.

Porque a educação intelectual, e a assistência material de toda a hora até os pais não espíritas e os materialistas e ateus sabem muito bem proporcionar aos seus filhos, que todos muito amam.

E' conveniente, pois, que todos nós espíritas compreendamos bem os nossos deveres não só materiais como morais, para que, no futuro, não tenhamos de que nos acusar e fiquemos com a consciência em paz.

Eduquem os espíritas os seus queridos filhos de acôrdo com os princípios espíritas, procurando plasmar na sua fisionomia espiritual a beleza dos ensinos evangélicos, para que eles se sintam bem, exemplificando as virtudes que identificam os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

Não há quem possa, portanto, contestar a grandeza do dever dos pais espíritas, porquanto, do exato e fiel cumprimento dêsse dever está dependendo, entre nós, nêste mundo, o futuro progresso, e desenvolvimento da Doutrina Espírita, única que póde salvar a humanidade pelas consolações, pelos conhecimentos, pela verdade e pela luz que, em mancheia, distribue por toda a parte.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

MATÉRIA E ESPÍRITO — *Joviano Torres*, Rio.

Está se dando, atualmente, com o Espiritismo o que se deu, no século 2, com o Cristianismo.

Era na época de sua perseguição por parte dos cesares romanos, em nome da lei pagã.

A Igreja perseguida por toda gente, em nome do Paganismo, no Ocidente como no Oriente, não tinha protetores, nem amparo.

Os cristãos não faziam mal a ninguém. «Os únicos crimes deles — escrevia Plinio, o Môço, governador da Bitinia ao grande Trajano — consiste em cantar seus hinos em honra a Cristo. Sua vida é pura e inocente».

E o grande antonino a seu subalterno: «Não se deve procurar os cristãos, mas, se forem acusados, é preciso condená-los à morte».

E foram acusados e condenados à morte, marcando tal morticínio a terceira perseguição aos cristãos.

Ora, diante de tal injustiça, houve consciências retas e inteligências puras que sairam a campo na defeza intelectual e filosófica do Cristianismo e dos cristãos.

Foram os apologistas.

Gente do paganismo, da cultura clássica, grego-romana, que não eram cristãos, que mal conheciam os Evangelhos.

Quadrato, um cidadão de Atenas, foi o primeiro: inicia uma defesa expontânea, inteligente e lógica do Cristianismo, endereçando-a a Adriano, em 125.

Aristides, filósofo grego, segue-lhe o exemplo, enviando defesa igual a Antonio Pio. E converte-se ao Cristianismo.

Justino, o S. Justino da Igreja, redige em Roma, a mais formosa e famosa defesa expontânea da Igreja nascente, em 153.

Atrás dos apologistas pagãos, surgem os cristãos, entre os quais, Tertuliano foi o maior. Sua frase célebre, «o sangue dos mártires é uma sementeira de cristãos» foi profética, visto como, século e meio depois, a Igreja do Cristo dominava no Império Romano.

—

Sente-se, agora, que dos meios profanos, acadêmicos e jornalísticos, filosóficos e científicos, outros tantos Quadratos, Aristides, Justino e Tertuliano estão fazendo a apologia do Espiritismo, expontaneamente, em livros e campanhas de jornal, apreciáveis.

A apologia em livros, mais importante, porque o livro fica.

E em menos tempo de sua difusão, porque o Espiritismo agora é que está fazendo 90 anos de codificado.

São os Monteiro Lobato, no seu *Antevéspera;* Urbano Pereira, no seu NÓS E O UNIVERSO. Anibal Vaz de Melo, nos dois grandes A ÉRA DO AQUÁRIO e SINAIS DOS TEMPOS. E' Escobar Azambuja em *Uma Nova Ciência.* E' Pedro Granja, no formoso e oportunissimo AFINAL, QUEM SOMOS? já em terceira edição. Agora, Joviano Torres em MATÉRIA E ESPÍRITO.

Isto, só para citar o que nos acodem, agora, à mente.

Gente até ontem, desconhecida nos meios espíritas, como espírita.

Gente que está levando a Doutrina para a Vida, para a cultura geral, para o domínio da cultura geral, acadêmica, oficial. Ou que está trazendo a cultura oficial para o Espiritismo, porque nêle se contém todas as coisas, que é tudo. Gente que está elaborando livros substanciosos com livre curso em todos os meios, visto como ninguém dirá, lendo suas obras, que está lendo obras espíritas. Contudo, é obra espírita, e da maior oportunidade, e a mais legítima, que estão fazendo.

São os apologistas do nosso século e do Espiritismo.

—

MATÉRIA E ESPÍRITO, de Joviano Torres, acaba de fazer nosso grande deleite espiritual e intelectual.

Um grande livro, no sentido exato do termo.

Um livro que se lê como se ascende num elevador: subindo sempre.

O autor, que é, como nós, evolucionista, pega a matéria nas suas formas primitivas, mais grosseiras e estuda-a através de todas as suas fases, até chegar a sua forma quintessenciada, purissima, divina, o Espírito!

Ora, «se matéria é tudo quanto existe», como se vê em qualquer tratado de física, e o Espírito existe, é o Espírito a forma divina, quintessenciada e purissima da matéria.

O livro, através de suas quasi 300 páginas macissas, compactas, trata da matéria através de todos os seus aspectos, estudando-a superiormente, exaustivamente, tratando com maior exaustão de conhecimentos e de lógica, do Espírito. De sua gênese, forma, vida, evolução, grandeza.

Todos os seus cinco longos capítulos transmitem-nos emoções e conhecimentos extraordinários. O VI, entretanto, para nós: «O Espírito e sua Milenária evolução no Seio Múltiplo do Cosmo», vale por si mesmo, um grande volume á porta.

Estudos apreciáveis, porque cheios de observações seguras e lógicas, são os que faz do Espiritismo comparado com outras religiões, e doutrinas filosófico-doutrinárias; do Espiritismo como doutrina social comparado com o comunismo. E o que faz sôbre a missão da América, tema que também nós já abordamos em duas teses esgotadas.

Não entramos aquí em indagações particulares, a pontos-de-vista pessoais, que, haveria, certo, algo a discordar do autor. De resto, há no volume substancioso e oportuno mais o que louvar do que discordar.

Não conhecemos o seu MATERIA.

A julgar, entretanto, pelo seu *Matéria e Espírito*...

E somos profundamente grato ao generoso autor, pelo volume que nos coube, com honrosa dedicatória.

—

BEZERRA DE MENEZES — *Dr. Didimo de Morais*, Vitória.

O Espiritismo começa no Brasil, a interessar os moços e as crianças.

Os centros bem organizados e os espíritas mais esclarecidos vão criando escolas e Mocidades Espíritas, para a educação das crianças e a cristianização dos moços.

Faltam, agora, livros para auxiliarem a educação e a espiritualização das crianças e dos moços.

E, do gênero de livros próprios, as biografias romanceadas, pelo processo moderno dos grandes biografistas, afiguram-se-nos os mais aconselháveis.

Ensinar a Vida através da vida dos grandes vultos é, não ha negar, a melhor maneira de formar cérebros e corações.

Ora, se ainda não apareceram autores para tanto, vultos dignos de serem biografados é que, felizmente, não nos faltam, a dentro do Espiritismo.

Não ha Estado no Brasil em que o Espiritismo não tenha um grande vulto, seu pioneiro, cuja vida e cujos atos de sacrifício, trabalho, dedicação e renúncia devem ser conhecidos, principalmente dos moços e das crianças.

E o país já conta nomes e obras de espíritas que não temem competição.

Cairbar Schutel e Bezerra de Menezes são exemplos dos mais típicos.

Bezerra é, ainda, o espírito mais evocado em todo o país.

—

Dr. Didimo de Morais enviou-nos interessante conferência que elaborou e proferiu em Vitória, no ato inaugural da séde própria do C. E. «Bezerra de Menezes», em Agosto do ano passado.

Lemo-lo de um sorvo.

E' que, além do mais, tudo que se diz e se escreve sôbre Bezerra interessa-nos profundamente.

Raro o pregador espírita, o publicista espírita que já não tenha falado ou escrito sôbre Bezerra de Menezes.

Não ha jornal espírita que já lhe não tenha publicado traços biográficos. E seu nome é o que, entre nós, empresta maior número de designação a centros espíritas.

Até nós já lhe elaboramos modesta biografia, para acentuar, sómente suas lutas no sentido de que, em seu tempo, houvesse entendimento e compreensão entre os espíritas, publicando nosso trabalho no jornal espírita de sua terra, A VOZ DO ALTO.

Mas, de quantos já trataram do grande espírita, de nosso conhecimento, ninguém excedeu, ainda, o Canuto de Abreu.

Aquarone tomou-lhe muita coisa de emprestimo para sua biografia de Bezerra. E também nós.

E Didimo de Morais tomou ao Aquarone muita coisa, que, em nada, deslustra sua bela conferência, que não tire a preciosidade natural a seu grande trabalho.

—

A obra de Bezerra — *Espiritismo* — uma série de estudos assinados por Max, devia ser estudada por todos os espíritas de maior cultura e esclarecimento.

Principalmente, pelos espíritas que se dizem mais o admirarem quasi o adorarem.

Recebemos, agora mesmo, de ilustre confrade, presidente de um dos muitos centros espíritas com o nome glorioso de Bezerra: «Mande-me seus livros que são aquí, muito apreciados. Mas não me mande nada que elogie o Roustaing».

Ora, aquí citamos o fato para assinalar a incoerência: muitos confrades que admiram o Bezerra, que fazem espiritismo á sombra de centro espírita com o seu nome, ignoram-lhe a obra. Principalmente, que Bezerra foi dos primeiros, e dos mais entusiastas roustainguistas que já tivemos:

Didimo de Morais conhece-o bem. E por bem conhecê-lo, põe na sua excelente conferência o seguinte, escrito por Bezerra: «Eis que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que, em muitos pontos, vai além de Kardec, porque inspirado como este, mas, teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da humanidade. Roustaing confirma o que ensina Kardec, porém, adianta mais que êste. E', pois, um livro precioso, e sagrado o de Roustaing», etc.

Aquí não o dizemos para fomentar quisilias, que, se ha ou se houve assunto, dentro da Doutrina, que não nos tentaram, a questão do corpo do Cristo foi delas. Nem tampouco, para dizermos nossos pontos de vista a propósito, já conhecidos, de resto, por todos que os acompanham. Mas, apenas, para assinalar duas coisas: 1.ª, a incoerência dos que adoram Bezerra sem lhe conhecerem bem a obra; 2.ª, se as teorias do Roustaing são perigosas e erradas, não contribuiram para que, na Espiritualidade, o grande Espírito deixasse de ser o que é: o Espírito mais querido e procurado no Brasil!

A tése do Dr. Didimo de Morais devia ser mais divulgada nos meios espíritas.

De nós, lhe ficamos muito grato pelo exemplar que nos coube.

Aos nossos distintos colaboradores

Em virtude dos inúmeros artigos em série que temos recebido ultimamente, e na impossibilidade de publicá-los, dada a escassês de espaço, avisamos aos nossos distintos colaboradores que só publicaremos artigos que possam ser publicados de uma só vez, salvo aqueles que façam descrição pormenorizada de factos e fenômenos espíritas.

Avisamos outrossim, que os originais devem ser dactilografados em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 4 a 5 laudas em formato ofício.

A REDAÇÃO.

Os Animais perante a Doutrina Espírita

Tese apresentada pelo Dr. Carlos Imbassahy ao 1.º Congresso Espírita da Alta Paulista, realizado em Marilia de 30 de Março a 4 de Abril de 1946. Esta tese, como não poderia deixar de ser, foi unanimente aprovada. Publicando-a, como o autor, temos por objetivo esclarecer os estudiosos sôbre tão magno assunto.

UM dos assuntos mais difíceis e controvertidos em Espiritismo é o que se relaciona com os animais, visto que não se sabe ou não se póde explicar a razão dos seus sofrimentos. Surgem, então, umas tantas teorias em contraposição aos factos, como por exemplo, a de que os animais não sofrem, ou têm evolução diferente da do homem, ou não têm alma, ou não têm inteligência, ou não têm vontade, ou não reincarnam, ou não sobrevivem. E destarte pensam acomodar a situação, despercebidos todos de que estabelecem uma lacuna enorme em a natureza, fazem empalidecer os princípios evolutivos, deixam dúvidas quanto à obra e a justiça divinas e estabelecem regras em absoluto desacôrdo com a realidade. E quaisquer que sejam as nossas doutrinas, elas se tornarão insustentáveis se os factos as desmentirem.

I — Não ha dúvidas que os animais, pelo menos os de sangue, demonstram sofrimento. Pode-se afirmar que «nem todos possuem sangue de barata.» Tudo nos está a indicar que existe o sofrimento nos animais, e êste sofrimento cresce à proporção que o animal sobe na escala zoológica, para se tornar no mamífero, em sua parte física igual ou quasi igual ao do homem, conforme demonstram a observação e a experiência.

Se, ao animal que está acostumado a apanhar pancada, um cachorro ou um gato, mostramos um chicote ou o ameaçamos, êle apresenta todos os sinais do mêdo; reagem êles à dôr, ganindo, miando, chorando; até os reflexos se lhe notam, tal como no ser humano.

O seu sistema nervoso vai-se tornando complexo à medida que o animal se adianta: as suas ações e reações são iguais à do nosso. Apresenta a sensibilidade se a provocam; insensibiliza-se se o anestesiam. Como se negar o sofrimento físico?

Mas também existe o moral. Há animais que choram; o cão morre muitas vezes, com o dono; sofrem as agruras da separação e da saudade. Vi uma porca que acompanhava o indivíduo que lhe comprou o bácoro (já crescido) com visiveis sinais de angústia, e não deixava de seguir o filho, apesar dos pontapés que lhe dava o desalmado comprador.

Conheci um gato que era a alegria de uma casa pelas suas gatimanhas. Desde, porém, que lhe morreu a dona, não viram mais brincar. Os exemplos multiplicam-se. Podemos pois, ter como certo *que os animais sofrem.*

II — Não se compreenderia, ou pelo menos não compreendo eu, saltos, lacunas, quebras na evolução. Se a vida animal se interrompesse e parasse nos seres inferiores, para recomeçar no homem, a evolução falharia. O vazio seria injustificavel. O que se vê nas espécies, como até entre os reinos, é a ligação de um um ser a outro; os reinos se confundem nos seus limites, parecendo não ter havido solução de continuidade. O mesmo se dá em todas as manifestações da vida, e o que se nota é o desenvolvimento um tanto vagaroso, mas ininterrupto, por tôda a parte. Os laços vão prendendo uns aos outros, os diversos tipos, desde a ameba ao homem, e tudo indica que o espírito se vai desenvolvendo nesse percurso gigantesco até chegar às criaturas privilegiadas pelo seu saber, pela sua inteligência, pela sua bondade.

E assim estariamos dentro da evolução biológica.

III — Que os animais têm alma provam-no os factos psíquicos. Ve-lo-emos mais adiante.

IV — A inteligência dêsses sêres, com a demonstração, até, das qualidades superiores, da alma, é atestada por uma literatura imensa, cuja citação tomaria todo o nosso tempo e todo o nosso papel. Basta lembremos alguns casos, que constam, até de antologias.

Uma senhora, que trazia sempre um filhinho consigo, costumava dar frutas e guloseimas a um elefante que passava junto ao lugar onde ela vendia suas mercadorias. Certa vez, no fim da estrada, o elefante toma-se de furor, desprende-se do cornaca, e lança-se como uma tromba, na direção em que se achava a vendedeira. Esta, dementada pelo pânico, foge do lugar, mas alí deixa o filho. Já não havia tempo de salvá-lo, porque aquela massa enorme, correndo com inacreditável velocidade, vinha sôbre êle. Nada fazia prever o que aconteceu, porque o elefante tudo derrubava, em sua passagem. Mas, ao dar com a criança, estacou; apanhou-a com a tromba, pô-la suave, delicadamente de lado, e continuou a sua carreira desenfreada.

Sabe-se com que inteligência e dedicação os elefantes auxiliam os engenheiros, no Oriente. Muitos deles, fazem trabalhos humanos, que requerem perícia, como de colocarem e ajustarem os encanamentos.

As «Seleções» dedicam, constantemente, algumas páginas aos feitos dos animais.

E' conhecida aquela história do gato, a quem davam comida, toda a vez que tocavam a campaínha. Um dia esqueceram a sua refeição. Êle não teve dúvida, foi ao cordão da campaínha e começou a puxá-lo, até que os da casa deram por aquela omissão no horário.

Numa pensão em que eu morei, havia um cachorro, tipo do «vira lata rueiro», êle só achava prazer em estar fóra de portas, e o seu dono achou de pô-lo na linha do bem viver à custa de pancada. De maneira que quando o seu fero senhor estava em casa, êle também se deixava ficar em penates, como um esplêndido modêlo de cães bem comportados. Assim, porém, que o homem saía, êle lhe ia nos calcanhares e «farreava» o dia todo. Mas, precisamente à hora em que o patrão estava para chegar, o «farrista» punha-se deitado na esquina que dava para outra rua, por onde despontava o dono. Mas dessa outra rua, se alguém prestasse muita atenção, só via um focinho. E' que o cão ficava com o corpo escondido, arriscando apenas um olho, e mal via o façanhudo espancador, tocava-se para casa, onde o aguardava pacifica, solenemente, do lado de dentro da umbreira da porta, enquanto o recem-chegado dizia, ufano: — Deixem lá que a pancada ensina! Vejam se êste saíu mais de casa!...

Para terminar a resenha, um caso de que fui testemunha. Certo cão feroz ficou preso numas grades de ferro; ninguém tinha coragem de soltá-lo, mas um parente meu, homem afoito e forte, Manoel Martins Torres, chegou-se ás grades afastou-as e livrou o cão.

Uma vez, indo visitar-lhe o dono, notou que, de uma das janelas, partiam gritos de terror. Eram moças da casa que perceberam solto o ferocissimo animal e o viam encaminhar-se em direção do visitante. Chegando perto dêle, parou, com olhar de ternura e postura humilde. Depois começou a lamber-lhe as mãos.

Os lindes estreitos firmados no programa não me permitem alongar-me nos exemplos. Êste será suficiente para provar que sobrou naquêle sêr o sentimento da gratidão, e debalde perguntariamos porque não teria êle o direito da eternidade, que coube a quanto pérfido, a quanto ingrato mancha a humana raça com o seu indigno proceder.

Podemos pois, assegurar que os animais têm inteligência e até bons sentimentos, que, muitas vezes, nos falham.

V — Os extensos e exaustivos relatos do *psiquismo* não só mostram que os animais têm *espírito,* como que êste sobrevive. Impossível será estender-me em tão vasta matéria, mesmo com qualquer cópia de exemplo, em vista das encóspias em que estou metido pelas sábias imposições do Manifesto.

Basta lembrar uma obra de Bozzano, sôbre o assunto — *Animali e Manifestazioni Metapsichiche.* Por ela e por muitas outras se verifica que os fenômenos psíquicos dos animais correm paralelamente com os fenômenos psíquicos humanos

Os animais, ora servem de agente, ora de paciente nas manifestações telepáticas: percebem os fenômenos supranormais, ora singularmente, ora coletivamente com outros animais e com os homens; vêm fantasmas e a sua realidade fica demonstrada; por sua vez os homens vêm, percebem, sentem os fantasmas dos animais; ha localidades infestadas pelos animais, e por vezes os animais percebem, antes do homem, as casas mal assombradas; ha visões e identificações completas, perfeitas dos animais falecidos; existem as materializações dos animais.

Aqueles que se acham familiarizados com a literatura psíquica, dispensam a demonstração desses capítulos, o que aliás não permitiriam as raias desta tése.

Os estudos psíquicos provam, pois, a sobrevivência animal com os mesmos processos e com a mesma segurança com que prova a sobrevivência humana. Não póde haver dúvida para quem conhece o assunto.

Os factos demonstram, ainda, que os animais reencarnam.

Só faltaria, pois, estabelecer a «responsabilidade animal» para que a matéria ficasse isenta de qualquer dificuldade. Êste porém é que é o ponto «nevrálgico», para usar de uma expressão em moda.

A resolução ainda não é para nossos dias. Déla, porém, já nos aproximamos, pelos pontos que ficaram assentados. Se o animal pensa, reflete, age, sente, sofre, terá sua responsabilidade relativa.

Veja-se bem que eu ainda não afirmo o que quer que seja: lanço as matérias para a edificação.

Notar-se-á que o animal, na sua mais elevada categoria, pouco difere do selvagem. E' a cadeia que se aproxima. O selvagem é um bruto: nêle é completa a anestesía sentimental; não tem caracter, não têm princípios de honra; unem-se para a defesa comum; nada respeitam, não conhecem os direitos alheios; domina-os o egoismo. Vida vegetativa, instintiva, sem ideais, tendo por escôpo único o alimento e a reprodução.

Pouco divergem, pois, dos sêres que lhes ficam um tanto mais abaixo. Mas os selvagens sofrem. Aí não é só a evidência. Eles o declaram, êles o confessam, êles o demonstram..

E qual a responsabilidade que êles possuem, dados os seus sentimentos embrionários, e acanhado de sua inteligência, a fereza dos seus costumes?

Não sabemos porque os nossos filósofos e psiquistas extremariam tanto do selvagem os animais, achando que naqueles a doutrina se acha perfeitamente explicável, enquanto é preciso nestes, torcer a verdade, para que ela deva ser explicada.

Enquanto não assentamos, porém, o caso da *responsabilidade*, ao qual não tenho a coragem de abeirar-me, poderemos estabelecer um princípio, absolutamente acórde com a doutrina:

Os animais se encontram dentro da linha de progressão universal, e os seus sofrimentos, as suas vicissitudes, as suas vidas, são necessários à sua evolução.

Icaraí, 22 de Março de 1946.

(a) *Carlos Imbassahy.*

Crônica Estrangeira

Relatório

Congresso Internacional dos Espiritualistas, em Londres

Por Frederico Duarte, Manchester

Na primeira sessão que teve lugar no sábado, 4 de Setembro, os delegados das várias nações discutiram a nova Federação Internacional dos Espiritualistas, seus princípios, organização, nomeando comités para estudar esses diversos problemas.

O senhor Lorraine Haig, Presidente da União saudou a todos os presentes, manifestando o valor da nova Federação perante a sociedade moderna de todos os países mundiais.

Aconselhou a todos que era sua opinião a Federação ser baseada exclusivamente sob um ponto de base democrática e não aristocrática. Apelou para todos serem leais e fieis aos planos a serem adotados. O senhor Haig foi por unanimidade nomeado o Presidente do Congresso.

O secretário geral o senhor Stewart, falou então sôbre o facto de que todos os papeis, arquivos, livros, etc., etc., da antiga Federação tinham sido completamente destruídos durante a ocupação da cidade de Paris pelos Nazis, e assim não havia nenhum record.

No dia seguinte, domingo, os delegados e amigos, assistiram a uma muito interessante demonstração por um grupo de crianças que os saudaram em várias línguas. Esta reunião fez-se no salão Vitória, sendo organizada pela S. N. U. (União Nacional dos Espiritualistas). Como já devem saber os prezados leitores, as línguas oficiais do Congresso foram a inglêsa e a francêsa. Muitos dos delegados presentes falavam bem a primeira.

O senhor Fruin presidiu a essa sessão tendo sido dada as boas vindas pelo secretário senhor Mack.

Houve depois à tarde um serviço religioso na Associação Espiritualista de Marylebone, onde o presidente da referida Associação, o senhor Percy Hitchcock, discursou muito bem sôbre a causa do Espiritualismo em face do Cristianismo.

Na segunda-feira seguinte foram lidos relatórios, etc., por vários dos delegados ao Congresso.

O delegado da França manifestou que devido à atual situação política no seu país, a ocasião não é pois oportuna para o restabelecimento em Paris da Federação, concordando assim a que o melhor meio é o de sua séde ser agora em Londres. Manifestou mais que infelizmente não há lá em França, bons médiuns.

A mensagem do ilustre confrade Dr. Freire, foi traduzida por mim em inglês, e pedi ao meu prezado amigo, Ernest Thompson, o editor do «Two Worlds» para a ler. Foi muito bem recebida por todos os presentes, os quais foram também informados de que no nome da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e do «Além», podia afirmar que continua em Portugal a mais intensa campanha de propaganda sôbre a nossa causa, a qual está felizmente muito bem organizada.

O doutor Boni da Itália informou os presentes que não havia no momento no seu país uma organização progressista e viril, posto que hajam vários centros espíritas isolados, interessados na sua maioria sob o aspecto científico.

O delegado suéco disse que o número atual de membros da sociedade de Stokolmo é de umas 600 pessoas de ambos os sexos.

O delegado da Grécia informou o Congresso que foi fundada em Atenas a Aliança Espiritualista e que existem por várias partes muitos «Home Circles» que estão fazendo muito bem pela justa causa do Espiritismo naquêle país. O mesmo delegado revelou que existem no seu pequeno país umas 30 Associações bem organizadas e que no momento estão organizando uma Escola para médiuns.

O delegado da Holanda disse haver no seu país a Associação dos Espiritualistas com 800 sócios filiados, e há ao mesmo tempo um movimento espiritualista-cristão.

Foi o Congresso informado do facto de o doutor Roesermueller, não ter podido saír da Alemanha para assistir ao Congresso pelo facto de não lhe ser concedida a visa no seu passaporte para poder viajar. Mandou assim um seu relatório o qual foi lido aos congressistas, descrevendo o grande desejo dos sinceros espiritualistas alemães de se organizarem, mas que desgraçadamente faltavam-lhe os recursos monetários, livros, jornais, etc., lutando também com a grande dificuldade de conseguir edifícios e salões ou quartos para ali se efetuarem suas reuniões.

O delegado dos Estados Unidos da América do Norte informou o Congresso de que o Espiritualismo é respeitado como uma religião, sendo reconhecido por ato do Congresso.

Que existe ali, como lhe parece ser o mesmo em toda a parte do mundo, a necessidade de treinar conferencista e médiuns, capazes de lidar com o assunto. Afirmou porém que o Instituto Morris Platt comprou um grande terreno onde se vai brevemente construir uma Escola Moderna para o treino e estudo das Ciências Psíquicas.

Um cavalheiro presente manifestou não estar ali presente qualquer representante da Espanha atendendo ao facto de os Espiritualistas daquêle país terem receio de manifestar-se, pois isso lhes acarretaria o desgosto de se verem atirados dentro duma prisão. Mas uma alegação muitissimo curiosa e que fez rir a todos foi a êsse cavalheiro poder afirmar a todos que «o General Franco emprega os serviços de um dos mais famosos médiuns da Espanha!»

O senhor Lloyd da Africa do Sul anunciou que o movimento espiritualista já existe alí há mais de 60 anos, havendo um grande número de igrejas espíritas, etc.

Vários discursos foram proferidos, destacando-se aqueles feitos pelos confrades Saw Desmond, Mr. Hitchcock, Dr. Hettinger, Dr. Dingwall, A. T. Sherriff, Madame Ellen Warren, etc.

Donativos de perto de £ 500 foram recebidos para os fundos da Federação.

Foi aprovada por unanimidade a proposta do senhor Noah Zardin para que todos os anos o fim de semana mais próximo ao dia 10 de Setembro seja observado como o renascimento, (aniversário), da nova I. S. F. (Federação Internacional dos Espiritualistas).

O senhor Rolf Cortson sugeriu a que a próxima reunião da Federação seja efetuada na Suécia sendo isso aprovado.

Dos vários países da América do Sul se receberam saudações, e apoio moral e espiritual, e ao finalizar êste meu relatório desejo saudar a todos, particularmente os nossos irmãos brasileiros e portuguêses.

⁂

Uma experiência após uma operação cirúrgica

«Revue Spirite»

Uma recente experiência por que passou M. W. Adais Roberts, póde lançar alguma luz sôbre a causa de tão frequente noticiário necrológico: «Faleceu após a operação», no caso em que a operação, coroada de pleno êxito, é seguida pela morte. Passamos a palavra a M. W. A. Roberts:

«Desejo sugerir que a morte não é devida ao choque que sofre o sistema nervoso em consequência da operação, mas à dificuldade que experimentam os dois corpos para se reunirem, o corpo físico e o corpo etéreo, depois que êste último foi artificialmente desassociado pela anestesia.

Deixa-se geralmente aos pacientes o cuidado de «voltarem a si» sob a vigilância de uma enfermeira, e daí a minha firme convicção da necessidade de instruí-las sôbre a importância do corpo etéreo e ensinar-lhes a maneira de agir para facilitar sua reunião com o corpo físico.

O corpo etéreo não póde permanecer isolado por muito tempo, e sou de parecer que, quando o esfôrço de separar foi muito longo e muito penoso, o paciente se abisma e «morre», por ignorarem as pessoas responsáveis a aplicação das leis psíquicas.

E eis aquí a minha própria experiência Certo homem, uma mulher e eu estavamos na mesma clínica para uma operação sob anestesia. Tinhamos o mesmo corpo médico para nos operar. Fui eu o primeiro a ser colocado sôbre a mesa de operação, mas os outros dois pacientes despertaram e puderam conversar e fumar duas horas antes de eu recuperar o uso de meus sentidos. Senti-me como geralmente me sinto após um breve transe, mas, com o anestésico, maior foi o perigo, porque eu não podia voltar a mim.

Lembro-me de ter estado em discussão com uma falange de formas atléticas que suavemente me impeliam para diante, assediando-me por todos os lados, e pronunciando frases como estas: «Tu podes voltar», «Nêste mesmo instante», «A tua vinda será para outra vez», «E' a hora, vai-te agora», etc

Foram estas as primeiras palavras que pronunciei: «E' a hora», e a enfermeira que me assistia respondeu: «Sete horas e vinte». Supondo que eu me informava da hora!

Depois, por mais duas horas e meia, tive a impressão que não mais me reuniria ao corpo. Alguns fragmentos de palavras lúcidas; um ou dois clarões de completa lucidez de meu cérebro consciênte, mas persistia a terrível rigidez do meu corpo. A enfermeira meteu-me alguma cousa na mão, mas não pude pegá-la; eu queria enxugar-me a bôca, mas só consegui alcançar minha orelha e durante todo êsse tempo, eu percebia os apelos urgentes que meu corpo espiritual me dirigia para reintegrar o corpo físico.

Êle parecia estar estreitamente ligado mas acumulado do lado de fóra, à esquerda e sôbre as costas do meu corpo físico, e com mais densidade na espádua e por trás da orelha esquerda e o crânio. Havia um estranho agrupamento de ansiedade e de urgente solicitação, como se meu corpo estivesse fechado para o espírito do lado de fóra e êste estivesse a bater repetidamente para que se lhe abrisse antes que fosse demasiadamente tarde.

Para o fim, a diretora, com quem eu antes conversára sôbre assuntos psíquicos, veiu sentar-se à minha cabeceira. Eu nem sequer podia formular meus pensamentos. Mas num sobressalto de lucidez, compreendi que era necessário fazer alguma cousa de definitivo. Apoderei-me da mão da diretora para haurir fôrças e em pensamento (porque eu não podia falar), *ordenei* ao meu espírito para que se reunisse ao meu corpo físico.

Gradualmente, a «forma» aglutenada ao meu lado esquerdo, pareceu dissolver-se e se reabsorver no meu corpo físico, ao mesmo tempo que as fôrças e sensações voltavam às minhas mãos, que até então, estiveram como mortas. Então reconheci-me como uma pessoa e não mais como dois sêres separados. A diretora mudou a posição do meu leito e, meia hora mais tarde, encontrei-me no meu estado normal.

Perguntei-me depois, o que teria acontecido se não tivessemos alguns conhecimentos das leis psíquicas elementares. Estou convencido que a ignorância desses factos e dessas leis póde explicar certo número de mortes após operações.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Comemoração do aniversário de Allan Kardec

A primeira festa do Conselho Consultivo de «Mocidades Espíritas do Brasil»

Transcorreu animadissima a comemoração do aniversário de Allan Kardec, o primeiro programa festivo-doutrinário que o CCMEB realizou na séde da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, sábado, 2 de Outubro.

A solenidade foi presidida pelo prof. Leopoldo Machado, ladeado pelos membros do Conselho, que tiveram ação no programa: dr. Artur Lins de Vasconcelos, Orlando Sobreira, Atlas de Castro, Nelson Batista de Azevedo, J. B. Chagas, dr. Lauro Sales. A sessão começou com a canção da Alegria Cristã, seguindo-se-lhe a prece. As peças oratorias, todas expressivas e sintéticas, para 15 minutos no maximo, sôbre os aspectos diferentes da Doutrina Espirita, foram proferidas pelo dr. Lins de Vasconcelos, Antonio Paiva Melo, dr. Lauro Sales, Atlas de Castro e J. B. Chagas. Entre uma e outra peça, números de arte e testes doutrinários, por conta dos moços.

A nota mais interessante do programa foi o lançamento oficial da *Festa do Livro Espírita*, da iniciativa do CCMEB e por ele patrocinado, a realizar-se a 18 de Abril de 1949. Como será a *Festa do Livro Espírita* foi revelado, metodicamente, nos intervalos. Será um movimento de âmbito nacional, realizado num teatro, dentro de um programa original e atraente, que será, a seu tempo, publicado.

Muitos jovens dos dois sexos declamaram lindas poesias alusivas ao Codificador e á Doutrina codificada.

Sorteiou-se o Livro do Dia e houve o derrame de «Livros... livros a mancheias para o espírita estudar», sendo que seis confrades beneficiados com volumes, ofertaram-nos para a *Festa do Livro*, como os primeiros recolhidos, sendo esta atitude recebida entusiasticamente.

O programa durou três horas sem cansar ninguem, felizmente, tantas foram as vibrações fortes, a alegria reinante. O salão esteve a cunha.

—

A CELJ e a Comemoração de Kardec

A CELJ (Confraternização Espírita Lar de Jesus) comemorou festivamente, o aniversário do Codificador, com um programa interessante e original.

A comemoração foi na séde do C. E. «Fé, Esperança e Caridade», em Nova-Iguassú, sob a presidência de Leopoldo Machado.

O programa foi dividido em três partes. A primeira, a *Glorificação do Codificador e da Codificação,* falando, respectivamente, sôbre Allan Kardec antes, durante e depois da Codificação, prof. José Jorge, Atlas de Castro e Waldemiro de Faria Pereira; e sôbre a Codificação vista pelo espírita militante, pela mulher e pelo jovem espírita, Marcelino Marques, d. Olga Siqueira e Ernane Carvalho. Cada orador, representando um centro confraternizado. Abstal Loureiro, representando o Conselho de Mocidades Espiritas do Brasil, falou sobre a mocidade e a formação moral de Allan Kardec. Discursos de 15 minutos, sintéticos e substanciosos, todos.

A seguir, a posse da diretoria da UMERNI (União das Mocidades Espiritas do Ramal de Nova-Iguassú) assinando todos os empossados o termo de posse.

E a comemoração do 10.º aniversário da fundação do Albergue Noturno

Allan Kardec, falando sua fundadora, d. Marilia F. Almeida Barbosa e a representante da Asistência aos Necessitados, d. Isaura Silva.

Depois, a parte lítero-teatral, a cargo da Mocidade Espírita, com a distribuição de postais comemorativos do ato, sorteio do Livro do Dia e derrame de «Livros a mancheias para o espírita estudar».

Da parte teatral, a apoteose a Allan Kardec, a cargo das crianças do Lar de Jesús e da M. B. I. foi a mais significativa. E o quadro dramatico, *Encontro Feliz,* representado por Elisabete Perrone, Silvino Moreira e Maria Luiza Babo.

O salão do centro, repleto. E muito entusiasmo e vibração na assistência.

* * *

O Espiritismo em Santa Catarina

Aqui estou em cumprimento de incumbência que recebi da Sociedade Brasileira de Geografia: representá-la no 1.º Congresso de História Catarinense que se está realizando no ciclo comemorativo da Colonização Açoriana desta ilha de Ijurirêmirim, como a chamavam os Carijós, ou de Santa Catarina, como a denominaram os reinóis. Quero, uma vez que assim é, fazer um pouco de História do Espiritismo em Santa Catarina, em colaboração para os jornais espíritas que a puderem publicar...

Foi na cidade de São Francisco do Sul que se fundou o primeiro Centro Espírita do Estado de Santa Catarina. O acontecimento histórico teve lugar em 21 de Julho de 1895, poucos mêses depois dos trágicos acontecimentos da Revolução que, irrompendo concomitantemente no Rio, com a revolta da Esquadra e no Rio Grande do Sul, com a guerra civil, ensanguentou os três Estados meridionais do país. A instituição, contando já 53 anos, mantém-se, como no seu início, fiel aos seus compromissos de ordem moral: dedica-se à prática da caridade sem reclames e humildes conservam-se os seus obreiros, mantendo, fraternos, o sentido cristão na comunidade espírita, em um pobre mundo que se materializou superlativamente. Breve terão mais amplas acomodações para os seus trabalhos, em a nova séde que está sendo preparada com os recursos de uma importante doação provinda do altruístico e esforçado confrade Artur Lins de Vasconcelos Lopes, residente no Rio.

Lages, Mafra, Laguna, Itajaí e muitas outras localidades do Estado, beneficiam-se com a atividade de organizações espíritas; onde, porém, a Doutrina exerce em grande escala os seus salutares efeitos, é na bela capital de Santa Catarina, Florianópolis, outróra Destêrro, para onde convergiu no XVIII século a imigração açoriana, constituida de elementos de índole mansa, operosa e de costumes simples, que lhes permitiram benéfica miscigenação com os autóctones da ilha, os mansos e hospitaleiros Carijós, da grande nação tupi-guaraní, possuidora das terras litorâneas do nosso país, desde épocas remotas e de onde foram sendo expulsas, pelos conquistadores, as diversas tribus mais aguerridas ou que não puderam suportar os maus tratos dos invasores. Regra geral, porém, a miscigenação ariano-brasilíndia operou-se em quasi toda a parte, produzindo o homem atual brasileiro, de costumes simples, caracter hospitaleiro e índole pacífica. Onde mais vivas se acentuam essas características é nas plagas catarinenses. Parafraseando uma expressão de Allan Kardec, com relação a Paris e Lion, poderiamos dizer que, «se o Rio de Janeiro é o cérebro do Brasil, Florianópolis é o seu coração»—o que também é procedente com respeito ao Espiritismo.

A prática da Doutrina toma, aquí, os rumos do sentimento cristão: organizam-se os grupos visando o exercício da caridade. E são os mesmos em número respeitável, muitos dirigidos por operários — o que é mais um traço a aproximá-los daquelas associações espíritas que Allan Kardec tanto enalteceu, em suas visitas a Lion. Foi, efetivamente, para permitir uma solução pacífica da escaldante «questão social», que Deus, em sua misericórdia, determinou aos Espíritos de Luz, «que são as virtudes dos céus» descerem ao ambiente terreno, para o exercício de uma atividade constante e sistemática, de ordem religiosa, uma vez que desprezadas foram pelos seus filhos, incarnados no planeta, as sábias advertências e os suaves ensinamentos e dignificantes exemplos que lhes deixára o divino Nazareno. Retirando das mãos dos homens, para confiá-la ás mãos dos desincarnados, a direção da Igreja do Cristo, patenteou-se a Justiça Divina em toda a sua magnanimidade; mas a realidade humana patenteou-se também em toda a sua hediondez! Em verdade, a grei humana decaíra da confiança do Pai Celestial. Dezenove séculos de experimentação e de esforços constantes, de ação profícua do Cristo, por intermédio de apóstolos e mártires de sua Doutrina, foram mais do que suficientes para demonstrar que o homem terreno é incapaz de manter a compostura religiosa que se lhe requer, em meio dos interêsses materiais, pois a experiência dos séculos prova que todas as inspirações do Alto acabam por serem empregadas, vilmente, pelo homem terreno, para satisfação de seus grosseiros interesses mundanos! Até mesmo a Religião! *Horresco referens!*

Pois o mesmo dar-se-ia com o Espiritismo, se confiado fôsse aos homens, exclusivamente aos homens, o seu tirocínio. Prova-o o desprêzo com que o trataram na Europa, preferindo as artimanhas satânicas do marxismo e quejandas doutrinas impregnadas de materialismo e de ódio!

Reanima-se, nas terras de Santa Cruz, graças à assistência dêsses Espíritos de Luz, sob a direção de Jesus, o fogo sagrado das virtudes cristãs — e, mais do que em qualquer outra parte, em Santa Catarina, especialmente na sua capital, do que posso dar pessoal testemunho, pois muito, em verdade, tenho-me ocupado em visitar os centros e grupos, vendo em todos o Espírito do Cristianismo, o sentido da Caridade Espírita, praticado com exação e sublimado carinho. Mas, é preciso que estejam todos em oração e vigilância, como lhes recomendou o Mestre e o repetiu, em nome do Cristo, agora, ao desincarnar, um dos chefes de fila do Espiritismo em Santa Catarina — o operoso e humilde médium Antonio Melo, cujo Espírito libertou-se dos liames da carne no dia 1.º do corrente, ao alvorecer do dia. Foi um dos mais exemplares trabalhadores da seára. Bemaventurado nos céus!

Florianópolis, 4 de Outubro de 1948.
(No ciclo das comemorações açorianas).

Arnaldo S. Thiago.

O Esperanto e o IV Congresso Espírita Nordestino

Moção de Solidariedade

O «IV Congresso Espírita do Nordeste», reunido na cidade de Natal, sob o patrocínio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte e auspícios da Fraternidade «Raios de Luz», da P. R. A. 8, Rádio Clube de Pernambuco, com a presença de delegações de todo o nordeste e representado por vários elementos do sul do país, notadamente por uma das figuras de maior projeção do Espiritismo nacional, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes presidente da Coligação Nacional Pró Estado Leigo, atendendo a uma sugestão de um dos congressistas, o nosso confrade Arlindo Colaço, presidente honorário do Tabajára Esperanto Clube, da Paraíba, resolve enviar esta moção de solidariedade à «Associação Potiguar de Esperanto», nas pessôas de seus presidentes Apéles Lemos, Arlindo Castor de Lima e Jeronimo dos Santos.

Mesa do IV Congresso Espírita do Nordeste, reunido no Teatro Carlos Gomes, na cidade de Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil), na noite de 3 de Outubro do ano de 1948.

(Ass.) Felipe Soares de Melo, Secretario Geral do IV Congresso E. Nordestino, Desembargador Sinval Moreira Dias, presidente honorário; J. Anselmo, presidente; J. H. Santana, vice-presidente; Dr. A. Pinheiro Ramos, da delegação de Pernambuco; Manuel Felix Vieira, da delegação de Pernambuco; José Gonçalves de Oliveira, presidente da União E. Sergipana; Laurindo Cavalcante, presidente da Mocidade E. Paraibana; João Miguel de Morais, presidente da Liga E. Campinense e da União E. Campinense; Raul Vidal Lemos, da Delegação de João Pessoa (Federação Espírita Paraibana) e Dr. Pedro Correia, da Cruzada Espírita Olindense, Centelha de Jesus, João Batista, Verdade e Luz, Escola Central dos Legionários do Quilo e do Orfanato Cecy Costa.

⁂

Telegrama, remetido no Congresso, em 3-x-48: — Congresso E. Nordestino — Rua Camboin — n. 715 Natal — ASSOCIAÇÃO POTIGUAR de ESPERANTO vg acusando recebimento circular número um vg formula votos pleno êxito Quarto Congresso E. do Nordeste Et. Antecipadamente agradece sua colaboração causa esperantista.

A Diretoria.

* * *

Apontamentos tomado pela A. P. E. para o futuro Relatório, a ser apresentado em 28-9-49: Dia 5-10-48:

VISITA de uma comissão de representantes do IV Congresso E. do Nordeste composta dos snrs. Arlindo Colaço, escritor paraíbano, dr. A. N. Pinheiro Ramos, membro da delegação pernambucana, João Miguel de Moraes, da Liga E. Campinense e Tenente Felipe Soares de Mélo, secretário do Congresso. Foram portadores de u'a moção de solidariedade, que nos foi enviada por sugestão do nosso samideano Arlindo Colaço, presidente honorário do Clube Tabajára de Esperanto, moção essa, apresentada na mesa do Congresso, reunido no Teatro Carlos Gomes, na noite de 3 de outubro de 1948, que está assinada pelo snr. José Anselmo, presidente do Congresso e pelos representantes dos Estados de Sergipe, Pernambuco e Paraíba.

Os visitantes foram fotografados, em quatro posições, em companhia dos nossos associados Apéles Lemos e Arlindo Castor de Lima. As despesas fotográficas, que orçaram em Cr.$300,00 (trezentos cruzeiros), foram pagas pelo jornalista Arlindo Colaço, que também doou á A. P. E. a importância de Cr. $ 150.00, tornando-se nosso sócio benfeitor, de acôrdo com o art. 3. dos nossos estatutos em vigor.

(Divulgação da Diretoria da Associação Potiguar de Esperanto.

Concurso de Artigos, Frases e Cartazes sôbre o Instituto Espírita de Educação

O Departamento de Educação da União Social Espírita institui o seguinte concurso, para o qual chama especialmente a atenção dos jovens espíritas de todo o Estado:

1.º) — De 25 de agosto a 25 de dezembro de 1948, fica aberto, na Secretaria do Departamento de Educação, um concurso de artigos sôbre a necessidade de organização do Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo e a função que êsse organismo terá na formação de uma mentalidade espírita no país.

2.º) — Os artigos devem ser feitos, no máximo, em duas laudas de papel de ofício, datilografadas em dois espaços, numa só face, e versar exclusivamente sôbre o assunto acima.

3.º) — No mesmo período de tempo, ficam abertos os concursos de frases e cartazes sôbre a necessidade da existência de educandários espíritas.

4.º) — As frases devem ser curtas e incisivas, podendo cada autor concorrer com quantas quiser.

5.º) — Os cartazes poderão trazer dizeres elucidativos.

6.º) — Para os artigos haverá os seguintes prêmios: 1.º colocado, as obras de Allan Kardec; 2.º colocado, as obras de Gabriel Delanne; 3.º colocado três obras de Carlos Imbassahy. Todos êsses livros em encadernação especial.

7.º)—Para as frases: 1.º colocado, a coleção de «Nosso Lar», de André Luiz; 2.º colocado, «Parnaso de Além Túmulo» e «Coletanea do Além», de Francisco Candido Xavier; 3.º colocado, uma coleção do 21.º ano da «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão. Todos encadernados.

8.º) - Para os cartazes: 1.º, 2.º e 3.º colocados, quadros que serão oportunamente escolhidos pelo Departamento.

9.º) —Para os autores que merecerem menção honrosa, em todos os concursos, será conferido o prêmio de um volume encadernado do «Novo Testamento».

10.º) Todos os concorrentes poderão apresentar quantos trabalhos acharem convenientes.

11.º) - Os trabalhos premiados serão utilizados pela U. S. E. em publicação nos jornais e revistas espíritas, ou por outros meios que a entidade julgar convenientes.

12.º) — Dentro de um prazo de dez dias, após a proclamação dos resultados do concurso, os cartazes não premiados poderão ser retirados, na secretaria da U. S. E. pelos autores.

13.º)—Todos os trabalhos devem vir assinados com pseudônimo e trazer, em envelope fechado, de maneira bem clara, o nome e o endereço do autor, especificando também a organização espírita a que pertence, nome e endereço da mesma. Remessa para: Departamento de Educação da U. S. E., Av. Irradiação, 152—S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$35,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac2411unse_0

Nr. 12 unauffindbar

NO XXIV—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1948 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Maior Data . . . . *Redação*
O Espiritismo — Ontem e Hoje . . *Pereira Guedes*
Hora de Semeadura e Decisão . . *Natalio Ceccarini*
A Verdade Profética . . . . . . *J. B. Chagas*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Confrontos e Paradoxos . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Psicanálise e Espiritismo . . . . *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
A Obra de Geley . . . . *Ismael Gomes Braga*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1948 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Maior Data

NA História da Humanidade não há data maior do que aquela que relembra o nascimento de Jesus, porque não existiu e ainda não apareceu quem superasse o Enviado de Deus na árdua tarefa de fazer brilhar em todo o seu esplendor, a luz da Verdade.

Muitos profetas e filósofos de renome enriqueceram o patrimônio moral e espiritual da humanidade, mas de nenhum sabemos que, como Jesus, aliasse a palavra aos factos. Se Êle se limitasse a anunciar a sua Doutrina sem o testemunho dos factos, ela teria tido o mesmo fim que tiveram as primitivas doutrinas espiritualistas, que não evoluiram no conceito dos povos, não indo mesmo além de um limitado número de iniciados.

Se Jesus não realizasse curas de enfermidades tidas como incuráveis pela medicina oficial, se não multiplicasse alguns pães e peixes para saciar a fome a mais de cinco mil pessoas, se não transformasse a água em vinho nas Bodas de Caná, se não ressuscitasse Lázaro, se não dominasse a fúria dos elementos no mar da Galiléia, se não expelisse demônios, se não se comunicasse com Elias e Moisés no Monte Tabor, enfim, se não estivesse com os Apóstolos durante quarenta dias após a sua morte, a sua Doutrina não teria atravessado quasi dois mil anos, crescendo sempre, arregimentando milhões de creaturas a-pesar de deturpada, retalhada e quasi enterrada no túmulo dos interesses materiais e pessoais dos corifeus da Religião, falsos profetas.

Se não fossem todos esses e muitos outros prodígios comprobativos da sobrevivência individual, os seus ensinos e exemplos não teriam encontrado guarida nos cérebros e corações e a humanidade teria justos motivos para continuar aguardando a vinda do Messias, profetizada no Velho Testamento.

Proclamando e provando com os factos a continuidade da vida após o transe chamado morte e pregando a moral mais pura de que temos conhecimento, Jesus deu à humanidade a chave dos chamados mistérios de Deus, a chave da eterna felicidade, que para ser conquistada não exige sacrifícios, apenas boa vontade. E boa vontade todos a podem possuír desde que desejem efetivamente conquistar o aperfeiçoamento espiritual pelo conhecimento da Verdade.

A palavra de Jesus veiu dar o *tiro de misericórdia na morte* com a proclamação da existência e imortalidade da alma muitas vezes por Êle provada e comprovada através dos seus feitos, dando assim, aos homens, a chave da solução de todos os problemas que tanto os preocupam. Êle veiu assentar as bases da verdadeira Religião, tão mal compreendida no seu tempo e ainda hoje também, porque aqueles que se propuseram pregá-la e praticá-la transformaram-na num amontoado de dogmas e cultos externos, colocando-a sob o alqueire de bastardos interesses.

«A Religião não póde ser uma manifestação platônica a serviço do culto e dos dogmas desta ou daquela Igreja; ela não é um preceito de submissão a um determinado povo ou raça; ela é um apêlo à razão e ao sentimento das almas que caminham para desconhecidos mas gloriosos destinos.

A Religião não póde mesmo se limitar a um mundo, a um planeta; ela tem caracter universalista, é muito mais do que os sacerdotes proclamam, muito mais do que as igrejas concebem, — ela está fóra do tempo e do espaço, não deixando por isso de abranger mundos e sóes que se equilibram no Eter. Para que ela tenha caracter eterno, precisa abranger o Infinito, sem dependência de vontade humana e de circunscrição a uma família, a um povo, a uma nação, a um mundo.

Uma religião que estabelece o princípio das almas num mundo como o nosso, do nascimento à morte e fixa o seu futuro entre as alternativas de um inferno perpétuo e de um estado paradisíaco num céu abstrato, não póde orientar aqueles que sentem o seu coração palpitar pela Imortalidade, não póde ser verdadeira.

A religião deve ser uma fôrça que mantenha as almas em perpétua comunhão com Deus, e por isso não póde deixar de ter caracter permanente no tempo e no espaço».

De todos os missionários que baixaram à terra, Jesus foi o maior porque não se limitou a expôr os princípios de uma doutrina, que poderiam ser tidos como suposições, impotentes, portanto, para lançar nos corações a fé e a esperança e a iluminar cérebros obscurecidos pela ig-

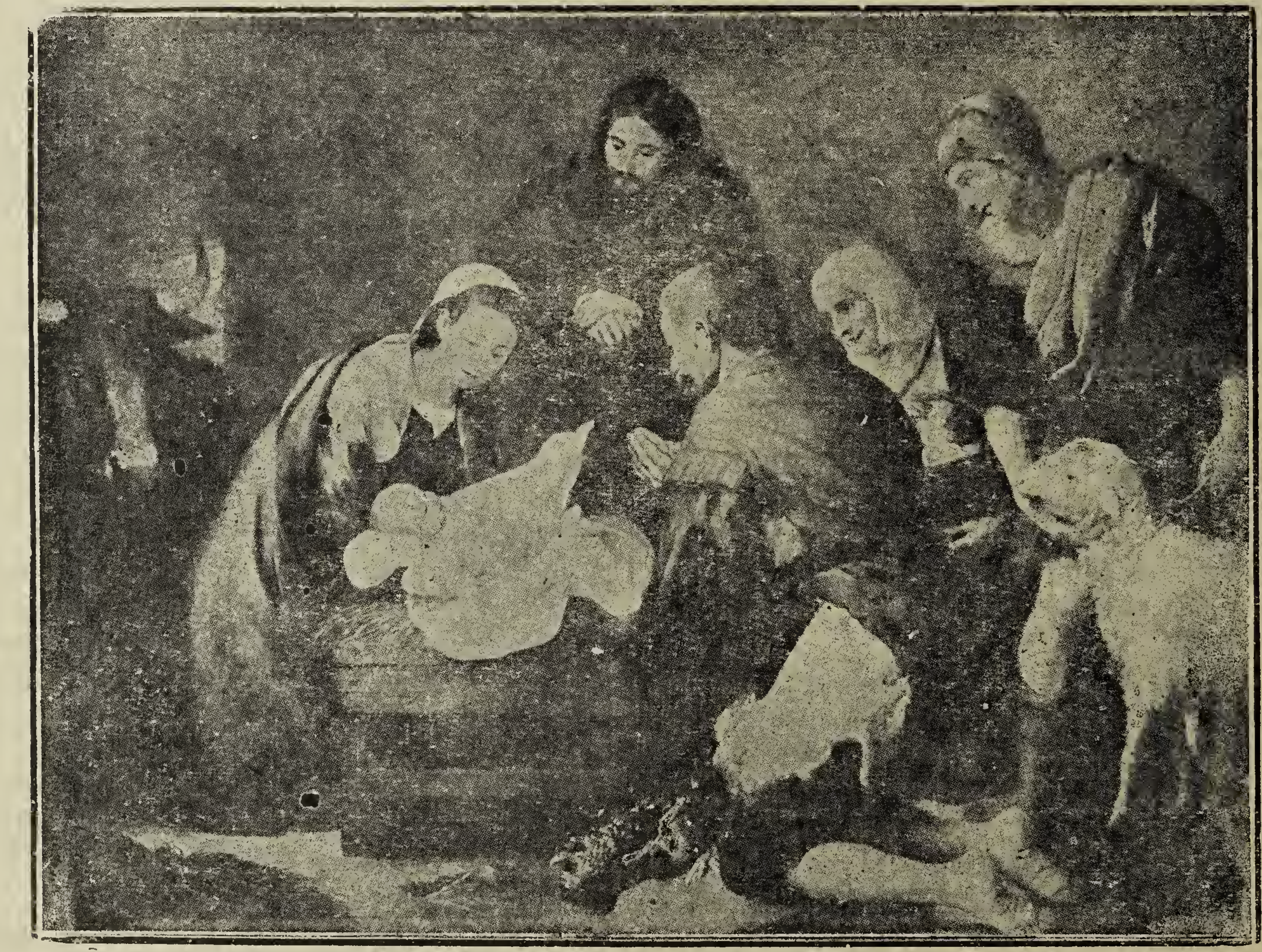

ADORAÇÃO DOS PASTORES EM BELÉM

norância. Êle pregou uma doutrina que, embora combatida por escribas e fariseus, difundiu-se com rapidez logo após a sua morte, porque estava alicerçada nos factos comprobativos da existência e imortalidade do espírito.

No próximo dia 25 a cristandade vai comemorar mais um natalício de Jesus. E «Revista Internacional do Espiritismo», participando das justas homenagens tributadas ao Mestre, abre a presente edição com êste escrito, solicitando-lhe a renovação do seu indispensável auxílio no desempenho da nobre tarefa de difundir a sua Doutrina de amor e vida eterna.

O ESPIRITISMO

ONTEM E HOJE

NOS primórdios da propaganda espírita no Brasil, havia, da parte dos profitentes da doutrina, verdadeira dedicação e respeito aos postulados doutrinários da Nova Revelação.

Em janeiro de 1920, por ocasião do nosso ingresso nas fileiras dêsse exército de idealistas, ouvindo, desde os primeiros instantes, os maiores oradores da época e os mais cultos pregadores do Evangelho, compreendemos desde logo que o Espiritismo traria para as nossas dúvidas, as soluções de muitos problemas que até então se tornavam intransponiveis barreiras para a nossa compreensão. E assim foi.

Antes, porém, entre 1917 e 1919, já háviamos lido com muita sofreguidão, tudo quanto até então publicara a Empreza Editora «O Pensamento», de São Paulo, em cuja direção se encontrava o espírito organizador de um grande homem de ação que era Antonio Olivio Rodrigues, auxiliado por intelectuais de reconhecido valor como Braulio Prego, Francisco Waldomiro Lorenz, Alberto Cardoso, Edla de Morais Cardoso e quantos mais que alí emprestavam à Empreza «O Pensamento», o brilho de suas inteligências, idealismo e cultura filosófica e religiosa, na divulgação do Espiritualismo Exotérico, traduzindo obras de renome universal como também publicando trabalhos seus de real valor, na ânsia sempre crescente de iluminar consciências.

O primeiro orador espírita que tivemos a ventura de ouvir, nos primeiros dias de janeiro de 1920, no Centro Espírita «Amor e Caridade», de Realengo, sob a presidência do velho confrade José Carvalho de Medeiros, foi Gustavo de Macedo (o Frei Solanus), que falou sôbre o diabo, mostrando, à luz do Espiritismo, a razão de ser de sua inexistência.

O Frei Solanus era nêsse tempo, muito moço ainda e pregava com ardor e arrebatamento o veracíssimo Espiritismo, demonstrando à luz da razão e dos factos, que, a Nova Revelação era para êle (e que continua sendo para nós), a mais elucidativa de todas as doutrinas espiritualistas e, por tanto, a que melhor explica o Evangelho do Cristo, tão mal compreendido e praticado pelos seus próprios corifêus através dos séculos.

Dias depois, viamos e ouviamos os maiores tribunos e os mais cultos e destacados doutrinadores.

Viana de Carvalho, o maior dentre todos e hoje ainda insubstituivel como orador, conhecedor da doutrina, purista da linguágem de beleza lírica, destemido polemista e sempre invencível em todos os prélios em que se empenhou. Ataliba de Lara, o verbo ardoroso e encantador de lances arrebatadores. Amaral Ornelas, o chamado êmulo de Castro Alves, também orador de raça, burilando estrofes em lances de oratória; e, quantos mais como Leopoldo Cirne, Guilon Ribeiro, Aristides Espinola, Inácio Bitencourt, Felipe Santiago, Eutiquio Campos e muitos outros que se foram para o outro lado da vida.

Como reservas morais a par de sólidos conhecimentos filosóficos e muita cultura doutrinária, temos ainda um Manuel Quintão, um Vinicius, um Carlos Imbassay, um Leopoldo Machado e alguns poucos da velha guarda como vulgarmente se diz, pertencentes à corrente esclarecida de onde surgiram e onde viveram como pontificadores, os grandes vultos da primeira hora e mais tarde José Pititinga, Cairbar Schutel e muitos e muitos que nos deixaram os sempre vivos exemplos de abnegados cultores das letras e das virtudes cristãs, nesta fase da Nova Revelação.

Nas pequenas organizações se praticava a doutrina da mesma forma que na Federação Espírita Brasileira. As normas de trabalho eram bem semelhantes, pois, sempre se tomou por modêlo a casa mater do Espiritismo no Brasil.

As pequenas divergências notadas entre umas e outras das principais casas espíritas, não passavam disso: uns oravam de pé, outros sentados; uns adotavam sessões mistas, de estudos e trabalhos mediúnicos, divididos em duas partes; outros preferiam só o estudo em uma sessão e a prática da mediunidade em sessão à parte. Em todas elas porém, era imprescindivel o estudo sistematizado das obras fundamentais, codificadas por Allan Kardec.

As sessões se processavam precedidas de uma prece improvisada, a leitura da obra em estudo, na parte escolhida, de preferência O Evangelho Segundo o Espiritismo ou O Livro dos Espíritos, encerrando os trabalhos com outra prece, também de improviso.

Ninguém, naquêle tempo, por mais audaciosas que fossem as suas atitudes, ousaria afirmar de público que «Umbanba» e outras fórmulas esdrúxulas de mediunismo fossem Espiritismo.

Quando a imprensa leiga comentava qualquer facto ocorrido nas chamadas «macumbas», antes do aparecimento dessa infinidade de tendas que surgiram após a realização de um congresso de «Umbanda», em 1942, sob a égide de uma esquisita Federação Espírita de «Umbanda», fundada por elementos que jamais se acomodaram dentro das regras estabelecidas na doutrina kardecista, preferindo o excêntrico, era comum dar o qualificativo de baixo espiritismo a tais organizações; mas, contra essa denominação se levantaram vários confrades, e, dentre eles José Machado Tosta, que se insurgiram, contestando energicamente a existência de alto ou baixo espiritismo; pois, para eles como para nós ainda hoje, o Espiritismo é sempre Espiritismo e, tudo quanto existe fóra das obras lapidares de Allan Kardec e as dos demais que lhe seguiram as pègadas, isto é, fóra do Espiritismo codificado êsse estupendo corpo de doutrina que constitúe um curso completo de ciência, filosofia e religião, não é Espiritismo.

Hoje, o que vemos? Em publicações como «LUTA», revista orientada pelo ex-bispo de Maura, os mais extravagantes comentários em torno de atos que o Espiritismo, absolutamente, não poderá jamais encampar.

Lemos em seu número 7, do mês de agosto, que o já célebre bispo é assíduo frequentador do Centro Espírita «Caminheiros da Verdade», localizado no Engenho de Dentro, desde 1945, não como aprendiz, estudante ou mesmo pregador espírita, que seria absurdo (a não ser que tivesse abandonado a batina), mas, as suas visitas, frequentes, ao referido centro, são para pregar as suas mistificações católicas, com assentimento e aplauso da assistência e diretores da velha organização.

Ficamos sabendo, ainda, pela leitura dessa mesma revista, que a convite de um «centro espírita», intitulado «S. Tiago», por solicitação de seu presidente, no dia de seu aniversário, em 15 de agosto, p. passado, pelo padre Antonio Carielo, secretário do «bispado», foi celebrada missa campal, abrilhantando o áto o côro da igreja paroquial de Cordovil. E, ficamos sabendo mais: que em outro «centro» que também se intitula «espírita», tal como o primeiro, localizado no suburbio de Engenho de Dentro, foi coroada a imagem de «Nossa Senhora», onde se prestou significativa homenagem á S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, bispo de Rio de Janeiro (da Igreja Católica Apostólica Brasileira), e que (é de pasmar!) o referido centro tem o nome pomposo de «Fé pela Razão», dando a entender aos que o frequentam que aquilo é Espiritismo.

Nêsse dia, talvez, um dos maiores para exibição de tão mascarada charlatanice, o discurso proferido pelo «bispo», exaltando a iniciativa do Centro Espírita «Fé pela Razão», foi todo cheio de empolgantes arroubos oratórios, dizendo entre outras cousas o seguinte: «E por entre cânticos aquela é AXUM, OXUN, OCHUN, que quer dizer: Mãe dágua doce dos rios; YÊ-MAN-JA, que quer dizer: SEREIA DO MAR, foi coroada, pelas virgens do Centro Espírita «Fé pela Razão», aquela que é mãe de OLORUN, Deus em Nagô; NIÇASSE, Deus em Gêgê; ZAMBI, Deus em Congo; ORIXALÁ-

ALUM, o Deus Supremo no Fetichismo Africano-Brasileiro».

Ainda no Centro Espírita «Virgem da Conceição», a convite de seu presidente, esteve o Sr. D. Carlos Duarte Costa, onde foi saudado pelo presidente do aludido Centro que dirigiu a palavra a duas mil pessoas ! ! Sim ! a duas mil pessoas, por certo, contadinhas a dedo!

Como vemos, a hora que passa, não tenhamos dúvidas, é a da confusão, charlatanice e cabotinismo desenfreado.

Por mais tolerantes que queiramos ser, torna-se impossível calarmos ante tanta desfaçatez, pois, se cruzarmos os braços, deixando que indivíduos inescrupulosos enxovalhem o Espiritismo que há tantos anos vimos pregando como sendo a mais pura de todas as doutrinas, é participarmos desse descrédito a que o atiram, tentando transforma-lo no mais torpe sincretismo religioso.

A revista «UMBANDA», recentemente lançada á luz da publicidade nesta capital, em suas páginas intituladas — INDICADOR DE CENTROS E TENDAS ESPÍRITAS — publica em seu segundo número, por ordem alfabética, o endereço de vários desses centros integrados em sua «linha» ; começando por um que se encontra localizado á rua Barão de Bom Retiro, no Engenho Novo, onde o que menos se pratíca é o Espiritismo, visto que a sua especialidade, isto é, o que o seu presidente anuncia, com grande alarde, é a cura de todas as enfermidades por meio de passes, chamados magnéticos, com simuladas reportagens e fotografias pelas colunas dos grandes diários, para chamariz e engôdo, pois, os passes que se oferecem no referido centro são vendidos a bom preço.

Vem depois uma série de outras tendas de nomes extravagantes como: «Amor e Caridade Senhor do Bonfim», «Caboclo Rompe Mato», «Luz pela Razão do Caboclo 4 Olhos», «Menino Deus a Caminho de Santiago», «Cetuá», «Juruá», «Oxocê», «Oxalá» «Pena Verde», «São Jorge Ruivo», «Transmissão de Pensamento», «Xangô», «Yemanjá», «Cobra Coral» e muitos outros, e, em tão grande número que, transcreve-los seria tomar muito tempo e o precioso espaço destinado ao remate destes apressados comentários.

O Espiritismo de hoje, conforme se vai praticando, na sua maioria, não é o mesmo de há vinte anos atrás, para inovadores e sincretistas que pouco a pouco vão deturpando e alterando as normas que, não obstante estarem consagradas, são evolutivas; e, tudo isso, por que o Espiritismo é uma doutrina de liberdade e tolerância. Liberdade que se não deveria confundir com promiscuidade, pois, a situação a que chegou, de postergado e praticado por muitos místicos e ignorantes, mas ainda por um grande número de indivíduos sem qualquer noção de respeito e responsabilidade, leva-nos a crêr que em breve o Espiritismo, subdividido, estará, a semelhança das igrejas protestantes, transformado em uma verdadeira Babel, com a diferença que, vencida a corrente verdadeiramente espírita, ficará dominando, pelo número e por melhor agradar a massa, a corrente eclética, e, com ela os *charlatães, espiriteiros, umbandistas e macumbeiros.*

Entretanto, contra essa horda de postergadores do Evangelho; contra os exploradores da mediunidade em nome do Espiritismo, não se levantou até agora uma só vóz. Os diretores das principais organizações de propaganda da doutrina e prática do Espiritismo, cruzam os braços. As Federações, as Ligas, as Uniões, os Centros e Grupos, todos enfim silenciam, e, outras vezes, tentam, prejudicando as boas normas doutrinárias, organizarem planos de confraternização por meio de coligações, sem qualquer preocupação que não seja a de organizar-se em quantidade, sem olhar para a qualidade, que seria a principal, em blocos homogêneos e fieis aos postulados doutrinários.

De quando em quando comentam os órgãos da imprensa profana, átos e factos degradantes verificados em centros de exploração mediúnica, e o fazem apontando-os como sendo obra do Espiritismo.

Médicos e médiuns, quantos ha por aí, na mais franca e desabrida ação criminosa, explorando, em nome do Espiritismo, a quantos ignorantes e crédulos que, por isso, buscam de preferência o sobrenatural.

Aos espíritas conscientes, aos que prezam e desejam honrar a doutrina que professam com honestidade, cabe o dever de unidos, dar combate aos charlatães, procurando, por todos os meios possíveis dignificar-se, dignificando as suas próprias convicções.

Sincretismo é conciliação de seitas,

de princípios, mistura de opiniões combinadas para formar um sistema mixto, mas não é, como querem tartufos e charlatães, á prática de todos os credos ao mesmo tempo.

O ecletismo é um método próprio e não a prática de vários métodos como temos presenciado em organizações individualistas, onde os adeptos se curvam quasi em genuflexão diante de um chefe que é o supremo, o intocável — o tabú. E, a sua palavra é tudo para a multidão dos crentes. O chefe é como se fôsse um enviado e em tudo é obedecido.

As fórmulas doutrinárias de fundo espiritualista e que exploram o mediunismo com nomes arrevezados, sincréticas ou ecléticas, podem ser tudo quanto queiram os seus corifêus, mas, em hipótese alguma será Espiritismo.

Para os que estudam e praticam a doutrina, na sua única linha — a do bom senso — e aceitaram o seu caracter evolutivo, o Espiritismo é sempre Espiritismo, ontem como hoje.

Rio, Novembro de 1948.

Pereira Guedes.

Hora de Semeadura e Decisão

Por Natalio Ceccarini *(Lomas del Palomar — Argentina)*

UM mundo carregado de ódios, de egoísmos desenfreados e cheio de uma angústia desesperadora, oferece-se á nossa reflexão serena e exige uma atitude que aguarda ansioso, dos espíritos livres e amorosos.

O homem atual e êste mundo, que é sua fiel projeção, navegam á matróca, em mar de incertezas. O cáos parece ser seu meio preferido e sua permanente aflição, a tônica que impele seus destinos. Vão-se rompendo todas as pontes visíveis e invisíveis que unem os espíritos, se desvanecendo os elementos que os aproximam, esterilizando aquelas idéias mães que poderiam irmaná-los e conseguir sua salvação.

As diferentes doutrinas que pretenderam libertar o homem de seus êrros e de sua miséria física e moral, mesmo as verdadeiramente inspiradas na paixão do bem, malograram-se umas após outras, por carecerem do sustentáculo espiritual que as tornaria sólidas e facilitaria o cumprimento do seu cometimento. Sistemas houve de todos os matizes, uns nutridos exclusivamente por um materialismo negativo, que embruteceram e exploraram o indivíduo sem misericórdia, como outros apoiados principalmente em promessas celestiais, fanatizando o sêr, anulando suas faculdades mais nobres.

Doutrinas que fizeram o homem transitar por sendas erradas, orfãs de um vitalismo essencial, de uma idéia redentora e de progresso, nada puderam fazer para impelir sua superação e evitar quanto hoje é a causa de tanto sofrimento e perturbação, e contribuiram para criar essa situação caótica em que se debatem os povos.

Escolas, sistemas, ideais, que prometeram o máximo e cumpriram o mínimo. As mais das vezes, nem o mínimo concretizaram, pois, ao tomarem altura e adquirirem poderío, olvidaram o homem e, abusando do seu domínio, corromperam-se, malogrando cada oportunidade de salvação que se lhe oferecia.

Assim contemplamos o mundo presente, agitando-se numa angústia que não se suaviza, em ódio interminável, em incompreensão improdutiva, em cruel intolerância. Idéias disputando a supremacia; creaturas humanas inimizadas entre si; ausente em toda conferência, convênio ou pacto, o espírito vivificante da fraternidade, o desejo puro de querer entender-se, o nexo moral que cimente quanto se estrutura. Tudo se traça e se levanta sôbre o cálculo, interêsse e a hegemonia. Não importam os meios para chegar a êsse fim, nem que se destruam sem piedade as leis morais que governam as determinações dos homens. E' essencial conseguir o propósito, vencer e dominar, ainda que tudo se desmorone e sucumba.

Ante esta hora incerta mas decisiva para os valores do espírito, para o futuro dos povos, que se nutrem na seiva do conhecimento espiritual, estão frente à enorme responsabilidade de assumir uma atitude de luta e colaborar para dissipar essas negras nuvens que ocultam a luz do sol e velam o azul do céu.

Os que hoje vivem dentro dessa doutrina surgida dos ensinos vindos das alturas e têm compreensão da origem de quanto ocorre e afeta a creatura humana, estão na santa missão de cooperar para desvanecer a incerteza da hora e de nóvo acender a lâmpada da esperança no peito de todos os homens.

Todos os que têm gozado a suprema felicidade de beber nas mensagens do «mundo invisível», a água fresca da verdade e para cujos espíritos é evidente o porque da desinteligência humana, se encontram no sagrado dever de uma realização positiva na procura da conciliação das almas no amor e harmonia, pelo entendimento e boa vontade.

Os que reconhecem a situação crítica e culminante em que vivem os povos nos dias que correm, consequência de uma conduta errada e falta de conhecimento espiritual do que é o homem e qual o sentido da vida, contrairam a iniludível taréfa de iluminar a estrada da humanidade e conduzi-la áquelas verdades que podem esclarecer sua consciência, retificar sua marcha e conduzi-la a destinos superiores e fecundos.

Todos os que assim sentem, compreendem e vivem nessa tônica do espiritual, compreenderão que êste momento do mundo e da história é o de semeadura, de luta, de decisão.

E' preciso espalhar a semente da boa nova espiritual e que ela frutifique na alma de todos os indivíduos, para que descubram seu destino e se libertem de tanta dôr e ignorância.

Nesta ação e neste semear de luzes e sentimentos amorosos, jamais estaremos sós. Uma falange de sêres espirituais, mensageiros e intérpretes da vontade Divina, nos rodeia e nos secunda. Eles nos darão a fôrça necessária para superar todo o desfalecimento e, na hora de combate, assediarão o espírito com a paixão do bem.

Mas nêste ministério sagrado, em que devemos oferecer o melhor de nós e trabalhar sem descanso pelo advento de um mundo mais compreensível, fraterno e belo, longe de nós toda idéia de orgulho, toda paixão egoísta ou de predomínio, todo o interêsse de querer ser mais. Só deve guiar-nos a ânsia de servir, e nela, tudo ha de ser renúncia, abnegação, anonimamente. Só assim, triunfaremos no desejo de realizar o bem e só assim, estaremos sempre assistidos, espiritualmente.

O Mestre Allan Kardec, em seu momento de semeadura e de luta, foi advertido pelos mensageiros de Deus nêste sentido, e oportuno é recordar a prevenção espiritual, para os que decidem ser servidores sinceros e podem, em dadas circunstância, desviar-se do caminho:

> *«Lembra-te de que os bons Espíritos só assistem aos que servem a Deus com humildade e desinterêsse,* e *que repelem a todos os que procuram no caminho do céu, um escabêlo para obter as coisas terrenas, apartando-se do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição sempre serão uma barreira entre o homem e Deus; são um véu corrido diante das cintilações celestes, e Deus não póde servir-se de cegos para fazer compreender a luz».*

Seja, pois, nossa atitude da hora, levantar o nosso empenho e paixão de servir à reconstrução moral e espiritual do mundo. Assim o mostra nosso dever com o conhecimento vindo de Deus, através da mensagem do «invisível» e surge do sentido de responsabilidade que implica o dito ensino.

Nêste anoitecer do planeta, trabalhemos intensamente para que a aurora seja luminosa, e surpreenda a humanidade iniciando seu andar pelo caminho do amor e da verdade. E' a hora da semeadura e decisão!

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— VII —

6 — A responsabilidade individual em face da lei divina.

> *«Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados; quantas vezes quís eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintinhos, e tú não o quisestes?» (Mateus, XXIII—37).*

Confrontando os acontecimentos da hora que passa com as afirmações das Escrituras, vemos constatar-se, uma pasmosa coincidência no seu desenrolar, confirmando, assim, a verdade profética das mesmas.

E como todo efeito tem causa e toda ação produz uma reação, os atos e atitudes dos homens não poderiam fugir aos imperativos desta lei geral — daí afirmar Jesus — «a cada um será dado, segundo as suas obras». (Mat. XVI 27).

Dêsse modo, somos responsáveis perante Deus, por toda violação, falta de cumprimento ou desrespeito ás suas leis. Cada um de nós, como criatura encarnada, tem que responder por tudo o que fizermos, porque o Grande Legislador, «tem fixado o dia em que há de julgar o mundo conforme a justiça, por aquêle varão que destinou para juiz. (Atos XVII 31).

«Digo-vos que de toda palavra ociosa, que falarem os homens, darão conta dela no dia do juizo». (Mat. XII-36).

E para que a lei de causa e efeito se cumprisse, não sómente o *furor* do Senhor, conforme a expressão do texto, se acendeu contra o seu povo e estendeu sôbre êle a sua mão e o feriu» (Isa. Cap. V—25) — Jerusalém seria, ainda mais, destruida e pisada pelos gentios!

Rolaram os anos na esteira dos Séculos, escorraçados os hebreus de toda parte, sem pátria, sem nada, errantes a vida toda, párias e réprobos de todos os tempos, só uma coisa lhes ficára intacta — a religião, e é através dela que êsse povo, tem mantido a integridade racial, fazendo perdurar a questão social, em que são parte integrante. Ela vem vencendo, por sua própria culpa, a fúria dos tempos, sendo ainda o grande motivo por que Jerusalém, seja agora novamente pisada pelo gentio! Ora, os romanos, ora os egípcios, ora os árabes! São de triste lembrança as cruzadas, as guerras, chamadas santas, as investidas sanguinolentas de Ricardo, o *Coração de Leão*, pela posse do Santo Sepulcro...

Como todos sabem, e ainda, conforme o anúncio das profecias, na época adequada num jacto forte de luz deveria chegar á Terra, o Messias, o Filho unigênito do Pai, e que era anciosamente esperado, assim acontecendo. Veiu, porém, êle nascer numa mangedoura humilde, lá para as bandas de Belém de Judá. E as vozes do céu, louvando a Deus, foram ouvidas, num cântico suave: — «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!»

As circunstâncias do seu nascimento, crearam em torno do Divino Enviado um ambiente de incertezas e dúvidas, não só quanto a sua verdadeira identidade, como também no que dizia respeito á magnitude da missão que viria a desempenhar na Terra.

Os próprios hebreus, conhecedores que eram das Escrituras, concientes da promessa da vinda de um messias, que lhes salvaria do jugo dos romanos, não creram que aquela criança, que viéra ao mundo em circunstâncias tão imprevistas, nascendo numa mangedoura, em promiscuidade com animais irracionais, pudesse possuir atributos de um salvador. Não, não, êle não era o Messias Prometido! Eles aguardavam um salvador, iracundo que viesse com armas e guerreiros para, pela violência, impôr aos seus escravizadores, a vontade da fôrça!

E a prova concludente dessa convicção deram eles no pretório, na hora precisa do testemunho, ao ser o

Mestre entregue ao seu julgamento— preferem eles que seja solto Barrabás e condenado Jesus, ainda mais, colocando no madeiro infamante, o dístico, com o sentido grotêsco—«Jesus Nazareno, rei dos Judeus!»

Crime tremendo, terrível agravo de responsabilidade gravou sôbre aquêle povo o estígma do pecado! Muito caro teriam que pagar tão grande crime! E uma noite imensa de muitos séculos cobriria Jerusalém, com o seu manto negro!

«O Pai — propriamente, como afirmou João — a ninguém julga, porque todo juizo deu ao Filho» (V 22), porque diz-nos Mateus — «no grande Dia do Senhor, o Filho do Homem, virá na sua glória, e se assentará no seu trono e todos os seus santos com êle» (XXV-31), para julgar os homens das suas faltas. E o julgamento, então, se fará lentamente, sendo que alguns passarão pelas portas movediças, girando à direita ou à esquerda, conforme o mérito de cada um, enquanto outros, serão lançados às trevas exteriores, como se a própria terra lhes faltasse aos pés!...

Ao mesmo passo, outros ainda, subirão radiantes, e descerão outros não menos radiantes, por essa dupla e misteriosa escada, que Jacob viu em sonho!...

Os homens, porém, não têm dado o devido aprêço a estas instruções lançadas ao mundo há dois mil anos, até mesmo quando amorosamente lhes mandavam dizer:—«Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis. Mas se alguém pecar, temos com o Pai um advogado, Jesus Cristo, o Justo». (Jo. II-1).

(Continua).

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS, *Deolindo Amorim* — Gráfica Mundo Espírita

Que é preciso ajustar novos processos à propaganda e à difusão do Espiritismo, é coisa fóra de dúvidas.

Nós, que o neguemos, com o que temos observado por aí alhures, em nossas constantes excursões. Nós, que o ponhamos em dúvida, pelo que temos verificado, por toda parte, diante de programas renovadores, que vão pregando o Espiritismo social e cristão. E foi, exatamente, em consequência do muito que vimos e sentimos por aí em fóra, que nos repontou a idéia de um sôpro renovador para o serviço da disseminação da Doutrina Salvadora.

Ninguém póde invalidar os processos mediúnicos como fatores, e dos mais importantes, sinão os maiores, na propaganda do Espiritismo.

Mas não se pode unilateralizar os processos de uma Doutrina que póde e deve ser difundida por todos os processos honestos e justos! A Doutrina está pedindo medidas oportunas e mais em harmonia com a hora de renovações por que passa o Planeta.

O Espiritismo, se promete soluções fáceis de problemas para a Outra Vida, deve e póde resolver os problemas desta Vida. Esta, a função do Espiritismo social, humanitário e cristão, que foi, de resto, a espécie de Espiritismo por que mais se bateu o seu Codificador, como se vê no *Livro dos Médiuns*, no seu último capítulo.

Viver, como espírita, na Terra e na carne, como se já estivesse fóra da carne, e da Terra, é que não está direito. A vida é santa, e o corpo é o templo do Espírito, como de resto ensinou Paulo. Assim, processos doutrinários, que preparem os homens para encontrarem a solução de seus problemas terrenos, afim de que possam experimentar sensações de Paraiso no Planeta que os homens reduziram a *vale de lágrimas;* processos doutrinários assim, só podem e só devem ser bem vindos...

* * *

Nós haviamos já concebido o plano do Espiritismo de Vivos — que já tem levado tanta bordoada e outras tantas tem, ainda, de levar! — quando Deolindo Amorim nos deu a honra de sua visita, passando um domingo conosco.

Estava êle ultimando sua série de artigos já enfeixados no seu *Africanismo e Espiritismo.* De tal maneira bem lhe soube a oportunidade do programa, que, a sugestão nossa, prometera, assim terminasse aquela série, escreveria outra, estudando problemas humanos á luz do Espiritismo.

Que cumpriu a promessa, aí está seu livro.

E que livro!

Claro que não falou nele de nossa sugestão, nem de compromisso assumido. Ainda menos do programa de espiritismo de vivos. Deste programa, falara ele em bela crônica pelo rádio, em página expressiva pela *Revista Espírita do Brasil.* Não sabemos se as ferroadas que recebeu de «conservadores» o levaram a omitir o que aquí dizemos. O que porém interessa agora, é que o ilustre confrade fez um livro oportuno, para o momento, original. Um livro de Espiritismo para os problemos terrenos, bem mais imediatistas do que as questões do Outro Mundo.

Abordados todos os problemas no volume?

Não seria possível. Nem seu autor se arvorou a tanto, que, para tanto, só muitos livros de milhares e milhares de páginas e capítulos, visto como tais programas são infinitos e, por sua complexidade e variedade, mudam, os mesmos problemas, conforme o lugar, as horas, os indivíduos . . .

Mas, uma coisa podemos afirmar: o autor foi além do que aconselha Montesquieu: esflorou assuntos que, sôbre fazerem pensar, abrem campos a novas cogitações, a novos meios de conhecer, sentir e viver a Doutrina Salvadora.

Carlos Imbassahy prefacia o volume, que tem 220 páginas e está, graficamente muito bem apresentado.

A dedicatória que o ilustre conterrâneo, irmão espiritual e amigo pôs no volume que nos coube, é dessas coisas que comovem e enternecem.

Deus lhe pague.

* * *

AFINAL QUEM SOMOS? *Pedro Granja*

O livro de Pedro Granja, que é, para nós, com os SINAIS DOS TEMPOS, de Anibal Vaz de Melo, os maiores que já apareceram no ano em curso, já está com sua edição virtualmente esgotada. Ora, ainda que se trate de edição de 500 ou 200 exemplares, o que não seria possível, nem por isso deixaria de ser um *record.* A Editora Brasiliensis Ldt. acaba de lançar 3.a edição em bonita e elegante encadernação, dessas que fazem as delícias espirituais dos bibliófilos e bibliómanos. E seu autor acaba de escrever-nos: «Já se fala em quarta edição, segundo os informes do editor. Diz-se que há, apenas, em estoque 550 exemplares» etc.

Pois que venha a 4.a edição, e quantas mais o grande público exigir, embora isso, já agora, leve «destempero» ao autor, pela trabalheira de sua revisão, leitura e releitura . . .

* * *

AS HEROINAS DE HYDESVILLE — *Alfredo Miguel*, Bahia

Os espíritas norte-americanos comemoraram o centenário do Espiritismo em março último, principalmente a 31.

Comemoração que repercutiu por toda parte onde ha espiritismo cultural, visto como, em toda parte houve sessões comemorativas dos fenômenos de Hydesville.

Mas, centenário do Espiritismo? Ou dos fenômenos espíritas, que teriam de chamar a atenção do mundo para a Doutrina Espírita?

Estamos em que a comemoração do centenário do Espiritismo só deve ser, a rigor, na data do aparecimento do *Livro dos Espíritos*, que consagrou, a par da difusão da Doutrina, a palavra *Espiritismo,* criação do sr. Allan Kardec.

E, ainda hoje, o Espiritismo não tem êste nome nos Estados Unidos, e o inclito codificador é, ainda, quasi desconhecido alí. O Espiritismo não saíu, alí, ainda, do campo experimental, prático, feito ciência psíquica.

Contudo, foi precisa a comemoração, que trouxe grandes benefícios à difusão da Doutrina.

E tudo que traga maior conhecimento da Doutrina, que ponha a Doutrina em fóco, vem na sua hora justa, tem sempre a oportunidade que todas as coisas exigem.

Entre outras vantagens que tais comemorações trouxeram, melhor conhecimento das pobres moças—as irmãs Fox—

que foram os primeiros veículos dos factos espíritas, foi incontestavelmente, a vantagem maior.

* * *

AS HEROINAS DE HYDESVILLE, o novo volume de Alfredo Miguel, saíu daí. Trata-se de uma conferência bem escrita e substanciosa que seu ilustre autor proferiu, dentro do programa de tais comemorações. E' conferência que tem mais de tese, completando outro trabalho do autor, *Esboço da História do Espiritismo.*

E' trabalho que se lê sem canseiras e enfados, tal a sua leveza e substancialidade. Mormente, aqueles que pouco sabem, ainda, das origens do Espiritismo. Cremos até que foi para esses que o ilustre confrade o escreveu, de vez que os estudiosos de facto não encontraram, é claro, novidade na obra. Ora, se foi, exatamente, para esses, falta à obra certo didatismo, que leve o leitor a um apanhado global dos acontecimentos. E' certo que o volume traz, em apêndice, um escrito oportuno, o *Nascimento do Espiritismo,* de outro. Não é a mesma coisa. Aquilo posto em sequência didatica, contado, pedagogicamente, pelo autor, daria ao livro e à peça, mais substancialidade.

O volume, que é pequenino e atraente, agrada, também, na sua apresentação gráfica. Talvez peça segunda edição. Quem sabe se numa segunda edição o autor não dará aos leitores, que ainda não conhecem bem estes factos, obra completa?

O *Apêndice* forma a segunda parte do volume.

E foi, valha a verdade, a parte que lemos com maior agrado.

Talvez porque já conheciamos os factos narrados na conferência, talvez porque os assuntos morais e filosóficos, que objetivam nos tornarem melhores, nos agradam mais.

Difícil destacar entre as crônicas e estudinhos da segunda parte, o mais incisivo, o mais objetivo. *Fruto do Carnaval* e *Prosperidade dos Maus,* entretanto, focalizaram mais nossa atenção. Isto, sem falar no *Anticlericalismo,* que nos diz muito de perto, porque uma análise interessante que o autor faz de uma fase de nossa vida em que não poupavamos o clero, claro que sempre naquilo que julgavamos defesa da Doutrina.

O livro é prefaciado por Deolindo Amorim e dedicado a Carlos Imbassahy.

Não podia o autor encontrar melhor prefaciador nem confrade mais distinto para uma e outra coisa.

Confrontos e Paradoxos

ESPÍRITO E MATÉRIA

DE muito venho acompanhando, em silenciosa admiração e respeitosa estima pelo seu ilustre autor, uma série de artigos que o «Jornal do Comercio» insere nas edições de domingo, assinados por Lord Wellington e tratando, todos, de assuntos da máxima importância e transcendência.

Vê-se bem, pelo que escreve êsse notável colaborador do circunspecto bisavô da nossa imprensa cotidiana, que é êle um emérito pensador — o articulista — na plenitude da humana experiência e sobretudo versado nos mais profundos princípios da Filosofia Espiritualista, como bom católico que se preza de ser — e o declarou explicitamente em uma de suas recentes colaborações.

Qual não foi, por isso mesmo, a minha surprêsa (e faço uso do possessivo na primeira pessoa do singular porque desejo imprimir caracter nímiamente pessoal ao que vou dizer), quando li o seu último artigo, com o título «Matéria e Espírito»!

Logo em começo assim se manifesta o vibrante prolator de idéias e de princípios de tão acentuado cunho filosófico: «Cumpre discernir a realidade de que aquilo que nós chamamos «matéria» e aquilo que nós chamamos «espírito», isto é, «matéria» e «espírito» são fundamentalmente a mesma coisa, são manifestações de intensidade diversa da mesma vibração básica, da mesma «energia» primordial que gera e constitúe a tessitura de toda a vida cósmica. E' importante, benéfico e salutar que, numa época de tão grande aceleração do processo e das fases do «devenir» universal, não perca a humanidade a fecunda e encorajadora noção da unidade final do Mundo. E nada nos reconcilia melhor com a resplandecente e maravilhosa idéia da existência de Deus, de um Deus único e total, do que a compreensão de que tôda a vida tem uma trama também única e de que todas as vibrações do universo se resumem em última análise numa só energia infinitamente motora e ilimitadamente criadora».

Eis aí expresso um pensamento claro como os que mais o sejam, facílimo de ser apreendido, porque dito sem ambages, sem subterfúgios, com toda a limpidez de uma alma sincera que deseja ser bem e nitidamente compreendida.

Não fôsse tão bela característica, a denunciar um espírito bem formado e com quem se póde conversar, sem receios de atritos e maquinações odiosas, e nos conservariamos como ledores silenciosos dos seus magníficos artigos; a circunstância, porém, de se apresentar o articulista como bom católico, ou melhor, como espiritualista cristão, obriga-me a saír do silêncio em que até aquí o tenho admirado, para discretear com o sr. Lord Wellington no terreno dos princípios cristãos que o prezado confrade está comprometendo, obrigando os seus leitores a um tácito comprometimento, se em silêncio permanecerem. «Quem cala, consente».

Sem responsabilidades embora na igreja católica, de que não sou profitente, quero crer, entretanto, que o Snr. Lord Wellington não fala como católico quando escreve sôbre «Matéria e Espírito», pois ainda temos bem presentes ao espírito os sábios ensinamentos de alguns doutores da Igreja, desde Agostinho de Hipona a Santo Thomas de Aquino, ao se referirem aos grandes princípios básicos do Cristianismo de que foram inspirados intérpretes e guias seguros.

Deixemos, porém, às autoridades eclesiásticas a responsabilidade de tomarem ou não conhecimento do que escreve o Snr. Lord Wellington, em sua qualidade de católico, se é que o ilustre escritor deseja acentuar essa qualidade. Apenas, quanto a mim, peço-lhe vênia para aduzir, como simples estudioso dos problemas religiosos, falando em nome pessoal (o que préviamente deixámos bem esclarecido), algumas considerações, com todo o respeito que merecem alheias opiniões, sôbre o assunto de que tratou em seu último artigo — «Matéria e Espírito».

Há um prolóquio advertindo-nos que, em matéria de direito ou de filosofia, aquilo que está claro não comporta interpretação.

Os que somos adeptos do Cristianismo, só temos um Mestre, a saber: Nosso Senhor Jesus Cristo — do que Êle mesmo houve por bem advertir-nos, em sua excelsa prudência, conforme se acha escrito em Mateus, cap. 23, vers. 8: «Vós porém, não queirais ser chamados Rabbi, porque um só é o vosso Mestre, a *saber*, o Cristo, e todos vós sois irmãos».

Ora, naquilo em que o Mestre é claro, ociosa deve ser qualquer interpretação que pretendam trazer a princípios de sua Doutrina que se acha consubstanciada nos Evangelhos.

Logo, se o Mestre afirmou, peremptóriamente, que «o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito» (João, 3, v. 6), assunto é incontroverso êsse que diz respeito à dualidade do Universo, isto é, à sua diferenciação em espírito e matéria.

Tomando essa dualidade por princípio axiomático, a respeito do qual não cabe discussão entre adeptos sinceros do Cristianismo, resta-nos campo imenso para interpretação no que concerne às manifestações, bem ou mal compreendidas — isso sim — dessas duas substâncias cósmicas: espírito e matéria, devo repetir, para bem positivar o meu modo pessoal de ver o problema.

Convimos, assim, agora mais do que nunca, em face das últimas conquistas da Ciência, que todo êsse imenso mundo da matéria a que restringiam tantos filósofos materialistas a manifestação onímoda da Vida, se reduza, em última análise, a fenômenos resultantes da Energia que — esta sim — é uma propriedade do Espírito. Ninguém haverá, porém, que se resigne a confundir «propriedade» espiritual com «essência» espiritual. O que pode haver nisso tudo (e certamente haverá), é uma sublime e alcandorada transcendência que excede de muito as possibilidades do entendimento humano, sempre que pretendemos perquirir as causas profundas da Vida; razão por que temos de nos limitar ao exame dos factos.

Facto é, incontroverso, que se nos deparam, em a Natureza, duas manifestações da Inteligência Criadora: Espírito e Matéria. Já o profundo polemista que era o Pe. Vieira redarguia a todas as confusões doutrinárias sôbre essa divina dualidade do Universo, com aquela irrespondível observação da sua acuidade filosófica: «Quereis saber o que é uma alma? Vêde um corpo sem alma».

Alí, naquele corpo, restava a matéria; o espírito retirara-se. Ninguém honestamente poderia fazer confusão entre os dois aspectos de uma mesma objetividade...

Resignemo-nos, portanto, ao menos por hora, à aceitação tácita da afirmativa peremptória de quem se constituiu, por Divina Vontade, nosso único Mestre, exatamente para tirar-nos da dificuldade insuperável da conceituação humana da Divindade, a respeito de Quem o homem sómente poderia fazer considerações humanas, se não fosse a interposição de Jesus...

Clara, positiva a linguagem do Mestre: «O que é do Espírito é espírito; o que é da carne é carne».

Aceita como axiomática essa verdade fundamental, entendamo-nos se assim o desejar o nosso ínclito confrade, sôbre a essência da matéria, como *forma* da energia. Sim, da energia que é uma propriedade do Espírito.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio, 13-11-948.

N. B. — Êste artigo foi remetido, no começo do mês, à redação do Jornal do Comercio, de que me prezo de ser colaborador; mas, como alguns outros, versando assunto doutrinário, não foi até esta data publicado. — A. S. Thiago.

Psicanálise e Espiritismo

Concordamos que sejam *retardados* os que *atacam*, hoje, a psicanálise, como o fizemos no *Cientismo e Espiritismo*. Concordamos que, entre tais *retardados*, sejamos nós o atrazadão de marca, o mais retardado. E explica-se: não somos sábio, nem cientista; não possuimos nenhum diploma de doutor...

Não conferimos, entretanto, e apesar de tudo, láurea de *avançadissimo*, de *adiantadissimo* aos que descobrem espiritualidades na doutrina do sr. Freud. Mórmente, se tais *avançadissimos* falarem, como nós falamos, em nome, ou à sombra da Doutrina Espírita. Nem aceitamos, tampouco, que a coisa do sr. Freud, nos moldes em que êle a colocou, venha, um dia, a espiritualizar se. Deixaria, então, de ser a moxinifada científica que aí está...

* * *

Nós já sabiamos que o ilustre confrade dr. João Augusto Torres Bandeira, que muito prezamos e admiramos, não fôra com as nossas análises a propósito da psicanálise.

Disse-o êle mesmo a nós e ao Carlos Imbassahy, num rápido encontro na *Sociedade de Medicina e Espiritismo*.

E repete-o, veladamente, procurando, delicamente, ferir o alvo, no seu artigo nesta Revista do número de Outubro.

Certo que ss. fala com maior autoridade do que nós, porque médico e cientista, além de em dia com o desenvolvimento da psicanálise.

Nós, além de não sermos médico e sábio, de não possuirmos diploma algum, felizmente, de quatro anos a esta parte, perdemos contacto com a coisa do Freud.

Entretanto, naquilo que podemos apreender, estudando o Freud, e seus seguidores entusiastas, que é aquilo que provocou as análises que se contêm no CIENTISMO E ESPIRITISMO, perdoe-nos o ilustre confrade que não o acatemos.

* * *

Ss. transformou a psicanálise num sanduiche, que o devoramos gulosamente. Uma bela e expressiva imagem popular: um pão aberto em duas bandas com um pedaço de queijo atravessado por um palito. As bandas do pão, o *inconsciente* e o *super-ego;* o queijo, o, *ego;* o palito, a *libido.*

Comparação realissima, diga-se a verdade.

A psicanálise espiritualiza-se, que a «corrente espiritualista tomou conta do terreno», escreve o ilústre confrade, citando nomes que desconhecemos, para assinalar o retardamento nosso e dos que não estão em dia com a tal corrente espiritualista, com os tais nomes.

Ora, o que de psicanálise aprendemos e apreendemos foi estudando o próprio Freud, Medeiros e Albuquerque, um dos poucos escritores mais claros da língua portuguesa, Gastão Pereira da Silva e Almir de Andrade.

Não vimos em nenhum deles, principalmente no Freud, nada que autorize a espiritualização da psicanálise. Nem a possibilidade da psicanálise vir um dia, a espiritualizar-se.

Aquilo é uma coisa tão materializada e grosseira, escalpela de tal forma a psiqué material do homem, que, francamente, se ha impossível, será a espiritualização dela.

E psicanálise espiritualizada deixa de ser psicanálise, de vez que seus fundamentos científicos são de pura e grosseira materialidade.

Foi isso que dissemos ao ilustre confrade, no rápido encontro que tivemos.

* * *

Uma coisa gostariamos que ss. nos explicasse: em que é a psicanálise superior, *uma vez*, ao Espiritismo na vida atual.

O prezadissimo confrade escreve como psicanalista e espírita, essa coisa que não podemos, tambem, compreender, que «para a vida presente, é mil vezes superior ao Espiritismo».

Pedimos pouco: essa superioridade *uma vez só...*

E' que estamos cônscio de que nada existe, para a vida presente e futura, que supere, *uma vez só*, o Espiritismo.

Em nossas investigações e estudos de curioso, porque sem fumaças de sábio, doutor e mestre, só encontrámos uma doutrina materialista, profundamente materialista que, analisada superficialmente, supera, para a vida presente, o Espiritismo e o próprio Cristianismo: é o positivismo. Exatamente porque procura dar dignidade ao homem, enobrecer a espécie humana, santificar a humanidade.

O «viver para outrem» dos positivistas é alguma coisa superior ao «amar ao próximo como a si mesmo», visto como quem ama ao próximo é porque, primeiro, amou-se a si mesmo e espera receber amor igual, além da recompensa *post-morte*, que as religiões prometem aos bons.

Ora, o homem freudiano é alguma coisa indefinível; alguma coisa de monstruoso e de genial. Um satanaz cheio de vícios e um deus com poucas virtudes.

A psicanálise, entretanto, abre os olhos para as suas monstruosidades e seus crimes, preocupada, quasi que inteiramente, com o monstro e com o satanaz.

O Positivismo e o Espiritismo, entretanto, agarraram o monstro e o satanaz do sr. Freud e procuram despertar-lhes a consciência para o anjo e o gênio que neles dormitam, emprestando-lhes dignidade, nobreza, compreensão da vida, de si mesmo, das coisas para a integração de sua santificação e felicidade mesmas na Vida. O Espiritismo, na vida material e na espiritual, e esta, a maior vantagem que o Espiritismo leva sôbre a doutrina de Augusto Comte.

Agem as duas, ao contrário da *psicanálise*, como a figura do Cristo diante do cão morto, espicaçado por pragas de toda gente, que só lhe via a forma em decomposição, a sanie, sentindo-lhe o mau cheiro. O Cristo, entretanto, descobre que o mísero animal-carniça tem uns lindos dentes...

Será que nosso *retardamento* não nos deixou descobrir nenhuma espiritualidade na tapeação científica do sr. Freud?

Pois que s.s. nos faça, também, a caridade de mostrar-nos onde isso está, para nossa *mea culpa*, e para nosso avanço mental-espiritual.

Acaba, entretanto, nosso retardamento de encontrar um grande confôrto. O confôrto de encontrar outro ainda mais retardado de que' nós, porque um nome universal, sem espiritualismo nenhum, portador de maior cultura acadêmica e materialista: Emil Ludwing, o grande escritor biografista recem-falecido.

Acaba de saír seu último livro, FREUD DESMASCARADO.

E' tradução de outro retardado, também portador de cultura materialista e acadêmica: Almir de Andrade.

Cá o temos, que vamos voltar ao Freud, para vermos a quantos graus abaixo de zero desceu nosso retardamento.

Leopoldo Machado.

Fenômenos de Materialização

XXIII

Sessão de sábado, dez de Janeiro de 1948. A Lais preside aos trabalhos, declarando-os abertos depois de cantado um hino e proferida a prece inicial. Faz-se profundo silêncio e procede-se ao indispensável recolhimento espiritual. Araci vem dar-nos a necessária orientação sôbre o bom aproveitamento dos nossos melhores esforços, expedindo duas turmas de companheiros para fazerem ambientes externos, na casa de duas pessoas doentes. O médium Lins recolhe-se ao gabinete. Como o guia houvesse recomendado que se insistisse na preocupação de esclarecer os companheiros novos — e nesta noite houve três estréias — acerca dos objetivos das nossas sessões de efeitos físicos, com o lhe ser lembrada a grande responsabilidade de cada comparticipe dos trabalhos, não se fez, nesta noite, a leitura de uma página doutrinária.

E' cantado o hino «Entardecer». Usam da palavra os seguintes irmãos: Lenice Teixeira Dias, Dr. Lauro Salles, Margarida Melich, Major Ismael Pinto (comentando a máxima Evangélica «Quem quiser ser o maior que se faça o menor»), Capitão Antonio Leite e Izabel Bittencourt de Souza.

São convidados a orar, eu, Maria Madalena de Oliveira, Dulce de Fatima Oliveira, Hilda Tavares e Antonio Pinto da Fonseca.

Produziram-se diversos fenômenos de luz, notadamente o de um fóco generalizado no této, em mais de um local, luz feérica e fixa, embora intermitente. Êste foi o fenômeno que mais despertou a atenção de todos.

João de Deus, Margarida, Ilka, Moisés Douek, Nina e Scheilla materializam-se sucessivamente. As aparições de Nina e Scheilla foram as mais nítidas.

Scheilla, deixava verem-se as suas lindas tranças por sôbre os ombros. Nina voltou para dirigir-se, em voz baixa, em assuntos de seus interêsses, às irmãs Teixeira Dias. João de Deus mandou diminuir a luz e veio dar passes aos companheiros enfêrmos: Carlos, Emilia, Ernesto, Ismael e Maria Jenèe.

Constataram-se continuados fenômenos de voz direta.

José Grosso, como sempre, animando-nos e despertando-nos. Anunciou, ainda, que haveria surprêsa... Eis que David para logo reconhecido pela sua voz, dirige-se à sua filha Madalena e seu genro Rodrigo, saudando-os pela passagem de seu 17.º aniversário de união conjugal, proporcionando-lhes consolador alento espiritual. Scheilla vem falar-nos, dizendo-nos da importância da palavra que David dirigira aos seus afins, fazendo um enorme sacrifício para não interromper os labores espirituais de assistência aos doentes do Grupo, que lhe são afetos. Adianta que o estímulo, deveria ser-nos útil a todos. Ilka ofertou uma originalissima orquídia em parafina, perfeita como ainda o não haviam apresentado os trabalhos dessa natureza. David ofertou-nos uma luva em parafina. Dulce Santos foi agraciada com uma bola de cêra, a qual lhe caíra no colo. Ha a ressaltar, ainda, o facto de singular importância para os cépticos, que se segue: Enquanto Nina Arneira se nos apresentou materializada junto da mesa dos trabalhos, na cabine se faziam contínuos rumores, quer acionando a aldraba, quer movimentando a fechadura. Isto prova, além de outras demonstrações ponderáveis, a autenticidade dos fenômenos, pois que apenas um médium repousava no gabinete. A sessão foi declarada encerrada, indo eu despertar o médium.

—

A sessão do sábado seguinte, dia

17, não contou com o concurso do médium Lins, não se tendo, porisso, registrado materializações. A direção da 1.a parte dos trabalhos esteve a meu cargo substituindo-me o Major Ismael. Abel Gomes dá-nos brilhante mensagem, por meio de incorporação. Os irmãos Fonseca e Ernesto, Fernando e Margarida e Rosa e Inacio foram os escolhidos para os serviços de assistência externa, a três doentes. Quatro médiuns de efeitos físicos são destacados para trabalhar. E' lida parte do capítulo «Intercessão», do livro «Missionários da luz». O comentário esteve a cargo dos irmãos Major Ismael, Dr. Lauro Salles e Vitorino Eloi dos Santos. Por vóz direta falaram os queridos espíritos de José, David, Garcês e Mãe Dita. Garcês entre outras coisas sublimes disse o seguinte: «em vez do chavão — fenômeno, fenômeno e fenômeno, deverieis adotar a seguinte conduta — iluminação, iluminação e iluminação!»

O José Grosso oferta-nos a quadrinha que se segue:

«O Inácio mais a Rosa,
Já cumpriram o seu dever,
E aquí estou prá abraça-los,
Com carinho e com prazer».

O interessante é que, daí a momentos, os dois citados companheiros regressavam ao nosso ambiente depois de terem assistido a um doente vizinho, facto êsse que foi posto em evidência pelo irmão que então presidia aos trabalhos.

A sessão foi encerrada ás 23 horas.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1948.

Amadeu Santos

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XVI —

Se pela reencarnação Geley nos demonstra a realização da consciência perfeita e da justiça perfeita, é ainda pela mesma lei palingenésica que nos demonstra a realização do soberano bem. Diz:

«Na evolução, como a temos compreendido, a realização progressiva do soberano bem aparece com evidência indiscutível.

«O pessimismo racional provinha de uma visão fragmentária e, por isso mesmo, falsa do Universo; as conclusões contrárias, cheias de idealismo otimista, surgem da visão extensa e completa do universo.

«Esta visão sintética permite, antes de tudo, a solução feliz e total do problema do mal.

«Com a idéia palingenésica, o mal não tem importância absoluta, integral, definitiva. O mal nunca tem mais do que importância relativa e é sempre reparável.

«Consideremos o maior de todos os males na aparência: a morte.

«A morte não só deixa de ser a «raínha dos terrores», mas até perde totalmente seu caracter de maldição que lhe deu a cegueira humana, limitada pelos órgãos grosseiros, encerrada nos limites da ilusão material.

«No evolucionismo palingenésico, a morte não é o mal, salvo quando é prematura e ocasiona um atraso na evolução do indivíduo.

«Intercalada no jôgo da vida eterna, sobrevindo a sua hora, quando o organismo já deu todo o seu rendimento, a morte é a grande reguladora. Já o dissemos: ela coloca o indivíduo, em condições de esfôrço sucessivo muito variados e assim impede o desenvolvimento da consciência em sentido unilateral. Tem ela ainda outra missão não menos útil, embora o Sêr cego se recuse geralmente a compreender sua necessidade e se subleve contra ela: rompe os laços que sem a sua intervenção tenderiam a manter o Sêr na senda única de sua última vida, com a mesma limitação a que esteve forçado.

«Sem dúvida, essa ruptura é dolorosa: separa brutalmente o Sêr de seus hábitos, de seus meios e de seus afetos, porém êsse sacrifício relativo e reparável é indispensável ao progresso.

«Por outro lado, a ruptura dista muito de ser sempre um mal. Ao mesmo tempo que priva o Sêr desses meios benfeitores, arranca-o também das contingências penosas, dos ciúmes, da cólera, da enfermidade, da incapacidade, ou simplesmente de um ambiente esterilizador. Obriga o Sêr a deixar, com o organismo gasto, os hábitos transformados em rotina estéril.

«Outro mal aparente, da mesma ordem da morte, é a ignorância em que o Sêr incarnado se acha com respeito à sua situação real e o esquecimento do passado, de um longo passado. Como a morte, e já o demonstramos, essa ignorância, êsse esquecimento, são condições essenciais do progresso evolutivo.

«O que é verdade com relação ao esquecimento, é verdade com relação a todos os outros males.

«Com a idéia palingenésica, o mal, não nos cansaremos de repetí-lo, perde o caracter de absoluto, de irreparável, que o tornava insuportável.

«Contemplado à luz desta idéia, o mundo, o vale de lágrimas e miséria, aparece sob um aspecto totalmente diferente.

«Sem dúvida, a dor se acha ainda por toda parte, mas a dor permanente não existe. Do mesmo modo que há anulação do mal, não há mal absoluto na evolução palingenésica. Há vidas más, como em uma vida insulada há dias maus, porém, somado tudo, as contingências satisfatórias e as desgraçadas se equilibram no conjunto e são sensivelmente iguais para todos.

«Desde então compreende-se o «porque» e o «como» do mal.

«O mal é o resultado da vontade, da incapacidade ou da imprevisão de um criador responsável»

Nessa ordem de idéias, prossegue Geley demonstrando que o mal é passageiro, é o processo ainda elementar da evolução e será abolido pela aquisição da consciência; portanto, o bem soberano será construído pela evolução. As enfermidades serão vencidas, a velhice será sadia e alegre, o organismo se aperfeiçoará na medida da evolução da consciência, a ordem social será justa e harmoniosa. Vencida a cólera, desaparecido o ciúme, o amor dominará nas relações sociais, estabelecendo a felicidade.

A realização do soberano bem será inevitavelmente a consequência das realizações da soberana consciência e da soberana justiça.

O nosso Autor disse, acima, que a morte, «sem dúvida, é uma ruptura dolorosa: separa brutalmente o Sêr de seus hábitos, de seus meios e de seus afetos». Convém examinarmos melhor esta afirmação. E' verdadeira para o homem que morre prematuramente, sem preparação, materializado; mas não é o mesmo para o ancião que morre justo, espiritualizado, que já tem no outro plano a maioria de seus parentes e amigos, que já completou satisfatoriamente sua missão na matéria. Para êste a morte não é brutal nem penosa: é um regresso tranquilo à Pátria espiritual, para a qual o chamam vozes amigas. A morte nada tem de apavorante para o espírita que aproveitou a vida, cumpriu seus deveres, contribuiu para o progresso da humanidade, melhorou um pouco com seus esforços o mundo em que viveu e sabe que voltará a trabalhar na obra da evolução coletiva depois de um período de repouso.

A doutrina reencarnacionista anula todos os pavores.

Amigos: as profecias estão se cumprindo à risca. Os tempos chegaram e com eles é chegada a hora de demonstrardes a vossa fé pelas vossas obras. Uni-vos cada vez mais no trabalho que vos propusestes realizar na Seára do Senhor. Estamos convosco e contamos com a vossa humildade, perseverança e boa vontade para o cumprimento da tarefa. Avante, pois! O Senhor espera que cada um saiba fazer bom uso dos talentos que lhe foram confiados. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

GABRIEL

Por Frederico Duarte — Manchester – Inglaterra

Recebi já de várias partes do Brasil relatórios relacionando-se com a aparição do meu filho em «Home Circles» e entre êsses destaco o seguinte: —

O senhor Eurico de Araujo, proprietário da Farmácia Santo Antonio de Algodoal (Ex-Murutinga), E. de S. Paulo, escreve-me:

— «Aqui vimos por intermédio desta carta participar-lhe que diante do facto da transição do seu filho Gabriel, obtivemos comunicação dêle acompanhado com o nosso ilustre amigo do Além, Cairbar Schutel.

Isto se realizou numa sessão particular.

Cientes duma comunicação sua publicada na Revista Internacional do Espiritismo, interessou-nos tratar de conhecer o seu rapaz, e quando Cairbar nos visitou, rogamos-lhe se possível, a trazer-nos êle à nossa presença. Foi imediatamente visto pela médium e falando por seu intermédio conosco notamos que se estava esforçando na pronúncia do português, mas com a ajuda de Cairbar foi-lhe possível esclarecer-se. Fez um elogio da nossa terra, admirando muito a sua topografia».

Esta carta vem assinada pelo senhor Eurico de Araujo e da médium Joana Pedro.

Não tive ainda a oportunidade de comunicar com o meu filho sôbre esta sua visita, sabendo todavia que efetivamente já tem visitado o Brasil, e vários membros da nossa familia que residem no Rio de Janeiro e São Paulo.

Já mencionei num dos meus artigos que não podemos impor os nossos desejos aos nossos amigos do «Além», mas no caso do meu filho dá-se uma exceção.

Segundo me disse êle há tempos espera poder fazer novas visitas ao Brasil, e que está pronto a dar-nos a todos uma prova absoluta disso respondendo à seguinte pergunta:

«Onde transitou a tua avó materna e quem foi ao seu funeral?»

Se o Gabriel aparecer de novo na sessão particular do senhor Eurico de Araujo, ou em outra qualquer do Brasil, muito me interessaria assim a que lhe façam aquela pergunta e me mandem depois a sua resposta.

Gabriel Griffiths Duarte, *Highland Light Infantery*

Nasceu em Manchester em 22 de Abril de 1919. Morto em batalha, em Tobruk, dia 6 de Junho de 1942.

Despojos enterrados em Canteiro 12, Fileira F, Campa n. 22, Acroma War Cemetery, Libia.

Aventuras Psíquicas

O Barão de Mek forneceu há cinco anos um interessante subsídio à revista inglêsa «The Two Worlds», em que relatou suas experiências em diversas partes do mundo. Hoje reproduzimos sua colaboração intitulada: *«Um Lázaro Moderno»*.

Certa vez tive o privilégio de estar presente a uma sessão presidida por um ocultista chinês, cujo propósito era ressuscitar um jovem de 20 anos.

E' esta a teoria sôbre que se baseia uma operação dêste gênero: O homem morre quando sua «fôrça vital» abandona o corpo, quer seja em consequência de moléstia ou de acidente. Se o corpo não estiver irreparavelmente danificado, a fôrça vital ainda presente no corpo astral, póde ser restaurada. A dificuldade era encontrar métodos apropriados para a realização, porém gradualmente, perseverando na experiência, o chinês obteve êxito.

No caso em aprêço o moço morrera em consequência de um acidente, de modo que o corpo estava em perfeita condição; pois ainda não começára a decomposição, daí serem favoráveis as condições para uma ressurreição.

Quando chegámos, o corpo estava colocado sôbre uma cama, e 7 ou 8 auxiliares formavam «corrente magnética» em volta da cama. Eram todos homens fortes e aptos a suportarem grande fadiga. Um auxiliar, junto à cabeceira, colocou sua mão sôbre a testa do jovem; e a outra mão livre, sôbre o coração. Em seguida o ocultista chinês, de pé num dos extremos da corrente, entoou litanias. Isto com o propósito de aumentar concentração. De minuto a minuto a concentração se tornava mais intensa, até ter-se quasi a sensação física de uma poderosa transmissão de vitalidade. Por vezes, o corpo parecia mover-se. Mas por longo tempo isto não passava de mera ilusão.

Decorrida uma hora, quando os auxiliares começaram a mostrar sinais de fadiga, a palidez mortal no rosto do jovem, começou a ser substituida por colorido róseo. A êste sinál os magnetizadores verificaram que o morto estava prestes a voltar à vida. Imediatamente começaram um cântico destinado a chamá-lo à vida, reforçando a ação magnética com ordens em voz alta e dirigidas ao seu subconsciênte. Logo em seguida, o jovem deu um leve suspiro e seu coração começou a bater. Então interromperam a corrente magnética e fizeram-lhe massagens, a princípio suavemente, em seguida com vigor, com um unguento, preparado para a ocasião. A' medida que o friccionavam, voltou-lhe a vida e, decorridos 20 minutos, êle abriu os olhos.

Esta ressurreição não foi duradoura, pois o jovem sómente viveu poucos dias mais, sustentado pela fôrça vital que lhe fôra transmitida. Quando esta se exgotou, sobreveiu a morte e impossível seria ressuscitá-lo segunda vez. Disseram-me que semelhantes ressurreições nunca são permanentes e só se verificam em casos de morte súbita, não tendo a vítima podido dispor de seus bens. Naturalmente, gente idosa e os que morreram em seguida a longas enfermidades, não podem ser chamados à vida.

Experiências iguais a esta tem-se verificado intermitentemente na Europa — algumas vezes por meio de drogas. Contudo os chineses empregam, no tratamento de enfermidades comuns a transfusão de vitalidades, de um para outro organismo. Eles pouco conhecem as propriedades medicamentosas das drogas químicas. Eles usam remédios naturais, como hervas e conhecem bem o processo de aumentar a vitalidade, pondo em ação as fôrças curativas naturais — a *vix médicatrix naturae*, que foi o sonho da idade média.

Com o auxílio de certo ocultista francês, Dr. R... e diversos outros, há trinta anos atrás, em Lion, eu mesmo consegui reanimar uma jovem. Ainda desta vez, o efeito foi transitório, pois a duração foi sómente de oito dias.

E' significativo que em ambos os casos (asseguram-me ser isto a generalidade) a primeira reação do espírito reincarnado é protestar contra a chamada á vida corporal.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Congresso Brasileiro de Unificação Espírita

Reportagem de Leopoldo Machado

Realizou-se em S. Paulo, promovido pela UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA, de 31 de Outubro a 3 de Novembro, o *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita.*

Movimento que se formára com o nome de Centro Sulino. Nome que, entretanto, poderia ser alterado, conforme a natureza das representações e o critério dos congressistas.

Muitos Estados do Norte emprestaram adesão ao Congresso.

Nós mesmos tivemos cinco representações, que tivemos de subestabelecê-las. Daí, ser levado a plenário a necessidade da alteração do nome, como assunto primordial, depois da eleição da mesa.

Venceu, dentre os nomes apresentados e discutidos, a denominação de *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*, o que foi, na verdade, visto como as correntes espíritas do país, ativas e operantes, se fizeram representar. Representação que seria maior, se houvesse maior propaganda do certamen dentro de maior espaço de tempo.

Assim, foi justo que o certamen perdesse o caracter regional a benefício de seu verdadeiro caracter nacional.

Procuramos até, na sessão de encerramento, demonstrar que um movimento com tal finalidade ficaria bem partindo de S. Paulo, porque de S. Paulo partira o ensino para o Brasil, com a fundação do colégio que deu nome ao Estado; de S. Paulo sairam as «bandeiras» que descobriram o Brasil do interior, criando outros Estados, como Minas, Goiás, Mato Grosso; de S. Paulo ecoou para a planice oriental e para as cordilheiras do centro o grito de Independência; de S. Paulo espalhou-se para o Brasil a arte do belcanto, com o *Guaraní* e Carlos Gomes; de S. Paulo derramou-se pelo Brasil o ouro negro do café, o comércio e as indústrias; de S. Paulo saíu, até, a arte modernista, embora não lhe encontremos graça nenhuma, para o resto do país.

Justo, portanto, que o movimento de unificação da Doutrina parta de S. Paulo. Movimento que os confrades de S. Paulo puseram em outras mãos para ser coordenado, que têm gosto seja realizado na Capital do País.

Ha mais, ainda: na Bahia, fundou-se a primeira igreja. Em S. Paulo, o primeiro colégio. Quer dizer: aquêle Estado convidando à fé, êste, à instrução. Na Bahia registraram-se os primeiros fenômenos espíritas, foi onde se fez, primeiro, espiritismo no Brasil. Em S. Paulo, onde, primeiro, se trata da unificação da Doutrina...

* * *

A eleição da mesa, na reunião preparatória, presidida pela figura veneranda de Vinicius, que saúda os congressistas com uma linda página evangélico-cristã.

Depois da apresentação dos delegados, cabendo maior delegação aos Estados do Paraná, Minas e Rio Grande do Sul, — e foram dezesseis os Estados representados! — procedeu-se a eleição.

A presidência coube a Minas Gerais, na respeitável figura do venerando dr. Camilo Chaves, presidente da *União Espírita Mineira;* as duas vices-presidências, ao Rio Grande do Sul, na pessoa do Roberto Michelena e a nós, representando o E. do Rio; os dois secretários, Osvaldo Melo, de Santa Catarina e Herculano Pires, de S. Paulo.

A' eleição seguiu-se a votação do regimento interno.

* * *

A sessão de abertura, na séde do *Centro Esotérico da Comunhão do Pensamento.*

Foi uma sessão magna, imponente.

Falou, depois da prece, proferida pelo Presidente do Congresso, o Presidente da instituição, congratulando-se com o Congresso.

Vinicius profere a saudação da USE aos congressistas, através de outra peça evangélica, oportunissima. Roberto Michelena, a voz do R. G. do Sul, é o orador da noite. Números de arte pura—música, declamação e canto—realçam a parte artística da reunião. O médium Ary Cassadio incorpora um espírito que dá longa e substanciosa comunicação a propósito da obra da unificação nos meios espíritas. Proferimos a prece final.

O belo salão, amplo e imponente, esteve à cunha, a despeito de haver convite individual para a reunião.

* * *

As sessões plenárias, evidentemente as colunas mestras do certame, estiveram animadíssimas. Agitadas por vezes, vibráteis, substanciosas, tal o desejo de colaborar de todos.

Era de ver o interêsse de fazer melhor, o calor nas discussões, o desejo de acertar, de todos. E nada de ataques pessoais, sistemáticos, a pessoas e instituições. Uma tese houve, cuja análise fria pareceu ferir, a despeito de seu autor, dr. Julio de Abreu, defendê-la á altura. Foi retirada, entretanto, mostrando seu autor que tanto sabe argumentar com factos, como renunciar a benefício da causa. Tudo, portanto, nos moldes de um ambiente cristão, á altura de um legítimo congresso espírita nacional de unificação.

Mas, se todos colaboram nas discussões, objetivando as finalidades marcantes do Congresso, houve nomes que se destacaram mais, por seu espírito de combatividade em prol da harmonia e unificação, que ali se concertavam. Foram os ilustres confrades Julio de Abreu e Herculano Pires, (S. Paulo); Noraldino de Castro e Bady Curi (Minas); Dr. João Pompilio e Cel. Roberto Michelena (Porto Alegre); Osvaldo Melo (Santa Catarina); Dr. Francisco Raitani (Curitiba) Sebastião Guedes de Souza (R. G. do Norte); Nabor da Graça Leite e Jaime Monteiro de Barros, respectivamente, de Baurú e Ribeirão Preto.

E nos trabalhos objetivos de comissões, das conclusões: drs. Noraldino Castro, João Pompilio e Carlos Jordão da Silva...

Parte da Assistência e um orador quando falava.

* * *

Os Congressistas foram, quasi todos á residência do Cmdt. Edgard Armond que, por enfêrmo, não pôde tomar parte nos debates. Uma comissão visitá-lo-ia por todos.

Que não. Queria a visita de todos, que seria prazer e conforto para seu espírito, — respondeu o ilustre enfêrmo.

E todos o visitaram, proferindo-se, a borda de seu leito, uma prece votiva, por seu pronto restabelecimento.

* * *

Duas sessões magnificas, oferecidas aos congressistas, foram as que a *Liga Espírita de S. Paulo* e a *Sinagoga Espírita* realizaram.

Os presidentes de ambas, depois de palavras repassadas de muita cordialidade, passaram a presidência ao Congresso, cabendo aos vices-presidentes presidí-las. Nós, substituindo Antenor Ramos e Roberto Michelena, em substituição de A. J. Trindade.

A USE saúda os Congressistas: na primeira, pela palavra de Apolo Oliva Filho e na segunda, pela voz de Jaime Monteiro de Barros. São oradores do Congresso; Osvaldo Melo, na primeira e Noraldino de Melo Castro, na outra.

Dois programas artísticos — declamação, canto clássico e música de ópera — terminaram ambas as sessões.

Houve, na *Sinagoga Espírita*, ainda, uma farta mesa de doces e gelados, que a diretoria da Instituição ofereceu aos congressistas.

* * *

O *Almoço da Fraternidade*, em Entre-Lagos, um lugar paradisíaco, num restaurante em harmonia com o lugar.

Almoço animado por um programa vibratil, alegre, á guisa de cardápio espiritual. D. Marilia Barbosa, representante do Pará, a única mulher com assento no Congresso, faz a prece. Godoi de Paiva comanda o programa. Nós *servimos* o *Aperitivo da Alegria*, em versinhos leves, mexendo com as delegações. Dr. Luiz Monteiro de Barros serve-nos excelente acepipe doutrinário, através de uma peça cheia de excelentes observações e ensinamentos. Come-se com apetite apetitosas iguarias culinárias. Francisco Spineli, de Porto Alegre, serve-nos a sôbre-mesa espiritual paralelamente à material. E o Vinicius, o querido Vinicius, o café espiritual conjuntamente ao material.

Alegria e vibração em todos, em tudo.

Parte da Assistência presente ao Congresso.

* * *

A sessão de encerramento, no Cine-Babilonia, que é, na verdade, uma babilonia em extensão e assentos. Mas, sem acústica. A sessão, contudo, excelente, presidida pelo dr. Camilo Chaves, ladeado pelo presidente do Circulo da Comunhão do Pensamento e do reverendo Salomão Ferraz, bispo da Igreja Católica livre. Ao chegarmos, apresentou-no-lo Vinicius, salientando o espírito liberal do apresentado. E o apresentado, usando da palavra, salientou este seu espírito, proclamando que «o Espiritismo é uma verdade».

Os oradores do programa, todos em peças sintéticas, foram, além de nós e do bispo: Emilio Manso, em nome da USE, D. Marilia Barbosa, pelo Pará e em nome da mulher espírita, dr. Julio de Abreu, encerrando-o, com palavras de agradecimentos aos congressistas. Procedeu-se a leitura das Conclusões e do *Manifesto aos Espíritas do Brasil*, seguindo-se-lhe uma bela e harmoniosa parte artística, a música, canto clássico e declamação.

O presidente profere as palavras finais do programa e do Congresso e encerra a sessão.

Estava, assim, encerrado o primeiro Congresso que se faz, na espécie, no Brasil.

* * *

Moços de Mocidades Espíritas de S. Paulo oferecem um programa extra-Congresso, na séde da Federação Espírita, aos congressistas. Programa constante de uma parte doutrinária e de outra de declamação. Por nímia gentileza de sua presidência, dá-se-nos a palavra, para falar em nome dos congressistas. A sessão terminou contagiando moços e mais velhos, todos empenhados no programa de mocidades espíritas, que vão empolgando os meios esclarecidos do Brasil . . .

* * *

As Conclusões Principais.

Aquí vão as *Conclusões*, que se nos afiguram principais, a que o Congresso chegou:

a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional do Espiritismo;

b) Para a concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

1) Que a superitendência daqueles trabalhos seja confiada à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual observará as normas gerais aquí traçadas, que represente o pensamento geral do Congresso;

2) Que o Congresso lance aos Espíritas do Brasil um manifesto sucinto e objetivo, divulgando os itens aprovados;

3) As normas seguintes do item 1.º são:

I) Promover entendimentos com as entidades máximas e federativas dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, no sentido de consertar a forma de unificação direcional do Espiritismo;

II) Os entendimentos deverão ser feitos em torno de organização federativa de ambito nacional;

III) A entidade existente adaptada ao item anterior, conservará sua autonomia social e patrimonial;

IV) O poder legislativo nacional será exercido por um Conselho Confederativo, sediado na Capital da República, e composto de um representante de cada Estado, do Distrito Federal e dos Territórios, eleitos pelas uniões ou federações dessas circunscrições, com mandato de cinco anos e presidido pelo presidente da entidade referida no item 2.º.

4) Realizado seu objetivo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Congresso e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um Congresso Espírita Nacional em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa de âmbito nacional;

5) A Federação Espírita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contacto com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas Conclusões, por intermédio de um delegado nos Estados, integrado nos ideais da unificação, como elemento de coordenação e animação do movimento nos limites de seu Estado, etc., etc.

Manifesto do Congresso aos Espíritas

«*O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*», reunido na cidade de S. Paulo, de 31 de Outubro a 3 de Novembro de 1948, realizou-se sob os efluvios de sublimada concórdia. As teses versaram sôbre assuntos relevantes e foram submetidas ao crivo da razão e do estudo. Visavam a Unificação direcional do Espiritismo e propunham medidas colimando a rápida difusão da Doutrina. Para lograr pronto andamento, vencendo dificuldades, indicavam soluções oportunas na equação dos problemas.

Todos os trabalhos demonstravam o anseio insopitável da Unificação de sentimentos, propósitos e diretrizes.

Para a almejada concretização, os Congressistas procuraram, no caldeamento de interêsses e programas, obter a essência das proposições oferecidas. Ficou deliberado que a *Federação Espírita do Rio Grande do Sul,* com seu passado de marcantes realizações, e comandatária, coordenasse a Unificação da Família Espírita Brasileira, dentro das normas básicas, traçadas e aprovadas em plenário:

I — Promoverá entendimentos com as entidades federativas dos Estados, do Distrito Federal e Territórios, no sentido de concertar a forma direcional do Espiritismo.

II — Que esses entendimentos sejam feitos em torno de organização federativa existente, que se adapte como entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional;

III — Que a entidade existente, adaptada ao item anterior, se conserve autônoma quanto à parte social e patrimonial próprias;

IV — Que as Uniões ou Federações estaduais elejam seus representantes — um por Estado, Distrito Federal e Territórios — para a formação de um Conselho Confederativo, ou Federal Nacional, com séde na Capital da República, e mandato de cinco anos;

V — Que êsse Conselho seja presidido pelo Presidente da entidade federativa que adotar o caráter definido no item II, regulamente e dirija o Espiritismo Unificado;

Realizado o objetivo constante nos itens enumerados, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul sugerirá a conveniência e oportunidade de um Congresso Espírita Nacional, em prazo superior a um ano, para o fim de organizar o funcionamento da entidade adaptada. Manter-se-á, também, em permanente contacto com os participantes do Congresso e com as entidades que, posteriormente, adotarem suas Conclusões;

Ficou assentado que, sob o patrocínio do Congresso, seja fundada uma Universidade Espírita para ensino em todos os graus. Para dirigir o importante empreendimento, foi nomeada uma comissão integrada por elementos de S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Espíritas do Brasil:

Jesus ordenou permanecessemos em seu amor, guardando-lhe a palavra. Resta, portanto, que vós, nos quadrantes da Pátria, impulsionados pela fraternidade cristã e determinados pelo amor à Causa e ao Bem, formeis fileiras em torno da Bandeira da Unificação e do Ensino Espíritas.

Apressai os passos! Caminhai, decididos! Pugnai com fé e confiança! Edificai o Ideial com o Cristo! Fazei-o triunfar pelo vosso esfôrço de torná-lo glorioso!

Integrai-vos definitivamente no movimento, que não é nosso, mas Determinação Superior, que nos leva a caminhar para a frente e volver para o Alto!

Espíritas do Brasil!

Lembrai-vos de que somos unos em Cristo, filhos de um só Deus, norteados por uma só aspiração, orientados por um só Mestre, para a formação do rebanho de um só Pastor!

Que Jesus ilumine e oriente, que Deus abençôe e ampare o Brasil!

* * *

A grande transformação está em marcha ainda mais acelerada. O materialismo das massas ignaras, da ciência mercenária e das religiões politiqueiras declarou bancarrota. Por essa razão aguardai grandes acontecimentos que se verificarão no sentido social e espiritual. Tudo caminha conforme os designios de Deus, e a doutrina de Jesus, revivificada pelo Espiritismo, marcará o fim de um mundo mau e o advento do grande século do Espírito, de justiça, liberdade e fraternidade. Acelerai também o vosso trabalho na seára, porque cada um de vós tem uma tarefa a cumprir nessa transformação.

CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$35,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 830
02-06-07 32180 XL
Group

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2534unse

No. 1 [illegible]

NO XXV—Brasil— E. S. Paulo—Matão, Abril e Maio de 1949 — N. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Problemas Humanos e a Instrução Espiritual	*Redação*
Uranografia (Indiscrições ?...) . . .	*Arnaldo S. Thiago*
A Vidente de Prevorst	*Francisco Klörs Werneck*
Egressos de Capela	*J. B. Chagas*
Casamento entre Espíritas	*Leopoldo Machado*
Respigas e Comentários	*M. Quintão*
Promiscuidade não é Fraternidade	*Pereira Guedes*
O demorado beijo de uma bôca gelada	*Spártaco Banal*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Visitando os Confrades de Buenos Aires	*Walter Radamés Accorsi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, Abril e Maio de 1949 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Problemas Humanos e a Instrução Espiritual

AS nações empenham-se a fundo no sentido de resolverem os magnos problemas internacionais, mas em vez de os resolverem criam outros tantos problemas ainda mais complicados e perigosos, porque cada nação ou grupo de nações procura defender os seus próprios interêsses, em detrimento dos interêsses das outras nações. E enquanto prevalecer êste espírito rotineiro, de disputas oriundas de recalcadas ambições, as nações jamais se entenderão e o espetro da guerra será sempre uma ameaça ao sossêgo e ao bem estar dos povos.

Os governos são o reflexo do estado moral, intelectual e espiritual de um povo, visto que os governadores saem do meio dêsse povo. De um povo inculto ou mesmo de um povo culto, porém materializado e «metalizado», só podem saír diplomatas e governadores materialistas, que não aceitando a existência e sobrevivência do espírito, olham sómente para baixo, para as cousas terrenas, o que os instiga a se preocuparem unicamente com a defesa dos seus interêsses terrenos. E quando defendemos uma cousa terrena, que julgamos ser nossa, o fazemos sempre em detrimento do espírito de equidade, visto que, nêste mundo, nada é nosso.

Eis o motivo por que as sociedades de nações, criadas para solucionarem pacificamente os problemas internacionais, nunca chegam a um entendimento completo, precisamente porque estão agarradas, de unhas e dentes, aos seus interêsses materiais, terrenos, temporais.

E enquanto isso acontece, as revoluções tomam vulto no seio de cada nação, numa sanguinolenta luta fratricida que atesta o atraso moral de governos e governados, ambos movidos pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas paixões e ambições.

Quando terá um paradeiro essa situação aflitiva por que passa a humanidade? E' a pergunta que assalta o cérebro daqueles que, munidos de boas intenções, e são poucos, fazem com gestos de incredulidade ante a confusão, o desmando, a falta de respeito mútuo, a ambição desmedida, as baixas paixões, a defraudação e a hipocrisia que lavram em todos os setores da atividade humana.

Afinal, que fizeram as religiões no sentido de moralizar os povos? Nada. E se algum benefício julgam ter feito a favor dos seus milhões de adeptos esfarrapados, famintos, miseráveis de corpo e alma, êsse benefício tem o mesmo valor de um copo dágua lançado no oceano. Os seus adeptos embrenham-se cada vez mais no matagal do materialismo, desamando cada vez mais o seu próximo, porque, a-pesar de se afirmarem «religiosos», nada sabem de religião, visto que religião é um dever sagrado que se resume na prática do amor fraterno e na fé, fé que é luz, luz que é feita dos conhecimentos relativos à imortalidade da alma e à vida espiritual. E' esta a fé que transpõe montanhas e transplanta sicômoros, porque dá ao indivíduo a coragem necessária para suportar e vencer todos os sofrimentos ou provações, na certeza de ser plenamente feliz na vida futura.

A atual situação precária da humanidade não póde permanecer sem uma solução, é preciso dar-lhe um remédio que debele o mal, já que o diagnóstico foi acertado: falta de moral, de caracter e de respeito mútuo. E o remédio é — *instrução espiritual*.

Estamos plenamente convencidos, pelos factos, que não basta aos diplomatas e governadores os pergaminhos conferidos pelas escolas superiores e academias para estarem aptos a resolver os problemas humanos e as questões internacionais, porque se tais títulos bastassem para tão alta tarefa, a humanidade ha muito tempo estaria usufruindo as delícias de um paraíso em vez de estar, como estamos vendo, à beira de um abismo. E' indispensável que tenham a instrução espíritual, porque só assim poderão agir acertadamente, visto que sua visão se dilatará com o saber que a vida continua após a morte do corpo físico, que não começa no berço e termina no túmulo e que, nêste caso, é estultícia disputar as cousas terrenas, temporais, que tão depressa nos vêm como desaparece das mãos.

Mas a instrução espiritual não deve ser ministrada apenas a diplomatas e governadores, que dela necessitam em primeiro lugar em virtude dos seus altos encargos, mas a todos sem distinção, porque cada indivíduo tem os seus próprios problemas a resolver no sentido da vida espiritual. De outra maneira, os demais problemas, de ordem material e moral, jamais serão destrinçados. Seria o mesmo que se predenter construír um edifício sem os respectivos alicerces.

Instruido espiritualmente, cada indivíduo ficará cônscio das suas responsabilidades e dos seus deveres, visto como agirá de modo a não sofrer o peso da lei de Deus ao ingressar no mundo espiritual. Os bens e as questões terrenas terão, para êle, valor muito restrito em face da continuidade da vida depois da chamada morte. Em cada semelhante verá um irmão buscando, como êle, a perfeição espiritual, que é o alvo da vida.

Resolvidos os problemas individuais no sentido espiritual, estarão automaticamente resolvidos os problemas internacionais humanos.

Entretanto, a instrução espiritual não póde ser ministrada pelas chamadas religiões oficiais e filosofias humanas, porque todas elas faliram logo de início. Estão de bancarrota e jamais se rehabilitarão no conceito geral, ainda que tentem reformar os seus estatutos, os seus ritos e cultos externos e apresentar novos artigos de fé. Esta tarefa foi confiada ao Espiritismo, que não é doutrina humana, mas o executor das leis de Deus, como revivificador do véro Cristianismo, que tem por base o amor fraterno e a imortalidade da alma.

Orai com as vossas boas obras e vigiai com os olhos da humildade e da prudência, porque os escorpiões das trevas vos assediam com o fim de causar divisão e desordem. Que o vosso trabalho seja para engrandecer a doutrina, se realmente desejais fazer jús ao salário divino, cujo pagamento não é feito nem com o ouro e nem com a prata, mas com as graças de Deus.—CAIRBAR.

URANOGRAFIA

INDISCRIÇÕES?...

Uma das afirmativas mais vulgares, que é feita constantemente em desabono do Espiritismo, consiste em que «os espíritos («uns pobres de espírito», como os trata Richet: *Traité de Métapsychique*, pag. 34), nada nos tem dito de novo e, por eles, esclarecimento algum tem sido trazido aos conhecimentos humanos.

Não é procedente a proposição; o que é verdade é que, à falta de provas científicas, em geral, não se tomam em consideração certas informações que nos trazem, por vezes, espíritos de boa vontade, a respeito de assuntos que, na verdade, só podem ser tratados sob a égide da fé cimentada pelo raciocínio filosófico.

Allan Kardec, em Uranografia Geral, cap. VI da «A Gênese», pags. 123 a 125, refere-se a uma interessante comunicação de Galileu sôbre a constituição física da Lua, na qual é admitida a hipótese da habitabilidade do satélite da Terra, no hemisfério para nós eternamente invisível.

Com êste meu espírito de jornalista, desembaraçado de certos preconceitos e de bem descabida timidez, fiz chegar às mãos do Dr. Van Biesbroeck, astrônomo belga, ao serviço dos Estados Unidos, uma desenvolvida comunicação, em forma de consulta, referentemente ao problema focalizado pelo Codificador em seu livro supra citado.

Que o documento chegou às mãos do sábio belga, a quem tive a honra de conhecer, pessoalmente, por ocasião do eclipse total do sol, observado em 20 de Maio de 47, em Bocaiuva, Minas, afirma-o a seguinte carta recebida, em resposta, do Snr. Randolph A. Kidder, segundo Secretário da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil:

«The foreing service of the UNITED STATES OF AMERICA» — AMERICAN EMBASSY — Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1947.

Prezado Senhor: Tenho o prazer de acusar o recebimento da carta de Vossa Senhoria, datada de 27 de Maio último, juntamente com um documento endereçado ao Dr. Georges Van Biesbroeck, vindo, recentemente, ao Brasil com a expedição da Sociedade Nacional de Geografia, afim de observar o eclipse solar, em Bocaiuva. O referido documento foi enviado ao Secretário da Sociedade Nacional de Geografia, que ainda se encontra nesta capital, afim de fazer chegar ás mãos do Dr. Van Biesbroeck. Com os meus cordiais cumprimentos subscrevome, etc.

Mas, a Lua ainda não pôde ser vista, em seu hemisfério opôsto ao nosso planeta, por cientista algum e os «privolves», se de facto existem, ainda não puderam comunicar-se conosco... dirão os homens de ciência: logo, o assunto nem merece a mínima consideração. A carta, portanto, ficou sem resposta. Entretanto, o assunto, com o ser de indagação filosófica, é tão positivo como o da verificação dos sistemas planetários inter-atômicos. A diferença é que, nêste caso, pôde ser visto o terrível efeito da bomba atômica...

Decididamente, a fria ciência está necessitando o aquecimento de um pouco mais de elevado e santo idealismo!

Dias há, tivemos em nosso resumido grupo «Bezerra de Menezes» oportunidade de ouvir o cantor dos Escravos, em uma transcendente e admirável exposição a respeito do pequenino mundo em que presentemente se acha incarnado o nosso grande Castro Alves. Que nos disse êle? Começou fazendo uma interessante digressão sôbre a imanente condicionalidade em que nos encontramos, na Terra, de ter de suportar uma compressão constante que nos vem do mundo exterior, tendente a suprimir tudo que é em nós de ordem espiritual, habituando-nos, assim, a uma existência quasi que exclusivamente de índole material! Entretanto, acrescentou, refulge no íntimo de cada um de nós, como no âmago da semente, êsse «quid» divino que se conserva latente enquanto lhe não damos terreno apropriado para germinar e desenvolver as energias formidáveis que lhe dormitam na íntima estrutura vegetal. Somos, destarte, como a semente, uns «cascas grossas» — e permaneceremos sem vida espiritual, rolando ao sabor dos ventos e das correntezas do mundo, sob a pressão das fôrças que dirigem ainda a pobre humanidade terrena, se não fizermos constantes e enormes esforços por desenvolver as energias espirituais que dormitam no íntimo de nosso sêr.

Como vós, sofrí essa tremenda pressão sob cujos efeitos viveis hoje à superficie do planeta. Toldaram-me o espírito tremendas decepções e inundaram-me os olhos torrentes de lágrimas derramadas sôbre as desilusões sofridas no mundo em que viveis.

Venho, por isso, alentar-vos, mostrando-vos as perspectivas risonhas de outras casas do nosso Pai, dispersas na amplidão infinita dos espaços. Quero, porém, falar-vos do que posso ver e sentir. Habito, por divina graça, um dêsses minúsculos planetoides que, em aluvião, turbilhonam entre os gigantes do vosso sistema planetário. Nesse pequenino orbe, entretanto, não nos revestimos dos pesados e grosseiros mantos de carne, sujeitos à putrefação como em vosso mundo: nossos envoltórios materiais são diáfanos e sutís, desfazendo-se como a neblina quando chega o têrmo de nossa vida material, deixando-nos apenas um outro e mais leve envoltório com que pairamos na atmósfera do planetoide, até que uma nova existência material nos seja determinada, durante a qual quasi nada perdemos da nossa inteira liberdade e possibilidade de ação espiritual.

Alfombras de verdura suave recobrem a superficie do pequenino astro, entremeadas de flôres policrômicas e perfumosas. Mansos passaros volitam e cantam nas verdes ramagens. Os rios, proporcionados à exiguidade do solo, deslisam, coleantes e mansos por entre o relvado sempre humedecido e luxuriante; êles se desdobram naturalmente em milhares de filetes que distribuem por todo o solo a humidade, sem que seja necessário aos seus habitantes o trabalho de rasgar canais de irrigação do sólo, como acontece na Terra. Magnificas criações ornamentais, colunatas e arcos, formados pela vegetação, prescindem, alí, da arte dos seus habitantes, porquanto isso tudo se realiza graças à ação das proprias fôrças naturais, como aqui as corolas procuram erguer-se sempre para o alto.

Longe de procurarmos amesquinhar as paisagens da divina arte, os belíssimos quadros da Natureza, cheios de movimento e de vida, reduzindo-os à expressão monótona da nossa arte pictural, aprendemos a viver nesses quadros e nessas paisagens e a compreender-lhes o pensamento orientador, em atitudes de glorificação a nosso Pai — supremo artista de todas as belezas do Universo. Não nos envaidecemos de uma arte pessoal, fruto do orgulho e das vaidades humanas, como o faziamos na Terra: enlevamo-nos, aprendendo e edificando-nos, na contemplação das maravilhas do Universo.

Em vez de modular cantos, para satisfação de orgulho pessoal e de tôlas vaidades, comprazemo-nos em ouvir as melodias celestes, educando-nos, aprimorando os nossos sentimentos para compreensão cada vez mais perfeita de Deus!

O nosso trabalho consiste em consolar as aflições que nos chegam da Terra e de outros orbes idênticos e alentar nas almas já esclarecidas, mas ainda soterradas sob o pó da terra, os nobres e elevados sentimentos de emancipação espiritual que nessas almas vicejam! Não agimos desconcertada, nem arbitrariamente, mas sob a inspiração de Jesús, Mestre e Senhor de todos nós e quando, por vezes, junto ao leito de sofrimento de uma criatura alimentada pela fé em seus nobres princípios moraes, repousa, como provindo do céu, um anjo, para acalentar-lhe o coração, suavizando-lhe as agruras da vida, não raro é um de nós que vem, a mando do Divino Mestre, para realizar essa obra de caridade e de amor. Assim, não é a nossa vontade que procuramos fazer, mas a do Mestre que vive em nós.

Recebei, terminou o sublime cantor, as minhas palavras, cada um de vós como as puderdes interpretar: se aqui estou, obedecendo à ordem do Enviado Celeste, é para trazer confôrto a alguém que o mereceu e que foi, por isso, ouvido pelo divino Pastor. «Não temos nomes, disse por fim, o suave mensageiro: cada um de nós se caracteriza pelas suas qualidades intrínsecas — e isso nos basta. Mas, para que possa corresponder ao vosso modo de ser terreno, deixo-vos a minha identificação: sou o cantor dos Escravos.»

Eis, portanto, a verdade: os espìritos nos revelam as magnificências das inumeras moradas da casa de nosso Pai; está em nós darmos-lhes crédito ou não.

Uma cousa releva notar nesta mensagem: é que se deduz, dos seus têrmos, que Jesus não é governador sómente da terra, mas de todo o sistema solar.

Arnaldo S. Thiago.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XVIII

Cura da Condessa von Maldeghem por meio da Vidente

Como nêste volume só narramos factos, vamos contar o seguinte:

No dia 28 de Março de 1828, o Conde von Maldeghem me procurou com uma carta de seu médico, o Dr. Endres, de Ulm. A missiva me dizia quem era o seu portador e que o Conde, tendo ouvido falar sôbre a Vidente, desejava consultá-la a respeito de sua mulher. Êle fez da doença a seguinte descrição:

Pouco tempo antes do nascimento da Condessa, o pai dela fôra morto, diante do seu castelo, por um destacamento de soldados austriacos. Tal desgraça devia motivar o aborto da mulher dêle, mas, ao contrário, a gestação atingiu o tempo normal e o parto foi feliz. Entretanto, a criança, que era a doente em questão, lembrava exatamente todos os traços de seu pai e, por muito tempo, ficou magra como um esqueleto. Tal coisa desapareceu com o tempo e o único traço que perdurou, como consequência de tal acidente, foi um temperamento nervoso, de extrema excitabilidade. A moça foi educada em um convento e se casou, aos vinte e três anos, com o Conde von Maldaghem, tratando-se de uma pessoa de espírito culto e de um caracter amoroso e religioso. Sua doença começou na época de sua segunda gestação e se caracterizou por uma espécie de estado sonambúlico no qual ela vive e durante o qual é possuida por três idéias fixas que se sucedem, a saber: 1) Ela duvida da identidade de seu marido e seus filhos; 2) espera, ou antes, deseja vivamente a modificação do seu estado; 3) aguarda qualquer fenômeno sobrenatural que produza tal mudança. Tais são as idéias principais que a obsedam de modo constante, mas com muitas variações.

Aconteceu que, quando tinha seis anos, esquecida pelos seus vigias, dormiu, parte do dia, num campo de dormideiras. Quando finalmente acordou, percebeu-se que sua memória ficára afetada a tal ponto que não reconhecia nem as suas irmãs, nem os seus familiares, e que durante muito tempo, não estava mais certa da realidade das pessoas e das coisas que antes conhecia bem. Tais fenômenos desapareceram em grande parte, mas uma temporada que ela passou no convento teve o efeito de fazer renascê-los e observou-se então que tinha dificuldade em distinguir seus sonhos das realidades do estado de vigilia. Depois de suas núpcias com o Conde, aconteceu-lhe ter muitas vezes dúvidas sôbre a sua identidade, embora diante de todos se esforçasse ela por ocultar tais impressões. Enfim, a 31 de Outubro de 1827, depois de um parto, caíu numa espécie de vida sonambúlica que os médicos atribuiram primeiro a uma inflamação do cérebro e que acabaram por classificar de loucura, sendo sua idéia principal, em tal estado, que estava morta e condenada irrevogavelmente a errar através de sombras enfileiradas, de cavernas subterrâneas de onde partiam todas as espécies de súplicas. As pessoas que lhe eram mais caras tomavam, a seus olhos, formas de animais, tais como urso, cão, etc. e não se podia fazê-la admitir que o lugar de sua residência, de que ela gostava tanto, era real, pois achava que era um desenho, uma imagem. Ela, que era na verdade tão estimada, se julgava vítima do ódio de todos e, com tal convicção, fugia de suas presenças.

Após ter empregado, sem sucesso, numerosos remédios, o Conde enviou sua infeliz esposa para a Alemanha, onde ainda transformou tudo o que a cercava em instrumentos de tortura. Deve-se notar que, desde o começo de sua enfermidade, a Condessa não cessava de declarar que sua cura não viria das mãos dos médicos, mas sómente de seu marido. Foi, naquela ocasião, que êle veiu me procurar.

Eu lhe declarei sem hesitar que, nos casos ordinários, não tinha nenhuma confiança nas prescrições das sonâmbulas, mas que, no caso da Condessa, que bem me parecia não pertencer em nada à loucura, porém se aproximar antes do sôno sonambúlico, valia a pena tentar a experiência.

A Sra. Hauffe, sendo consultada, tomou o mais vivo interêsse pelo caso; ela disse que o número 3 era o da Condessa e que o seu tratamento devia ser dirigido pelo mesmo. Três vezes ao dia, durante nove dias, devia levar um amuleto composto de três folhas de louro, mas que lhe não dissesse a natureza dêle. O Conde devia também magnetizá-la três vezes ao dia, numa direção determinada e, durante êsse tempo, devia ela levar a vida mais simples, sem tomar drogas, nem alimentos excitantes. Três vezes ao dia devia tomar uma colher de suco de erva de São João, dissolvido em água. Acrescentou a Sra. Hauffe que ela devia se deitar e dormir cada manhã ás nove horas e que, se naquela hora estivesse ela mesma adormecida, ninguém lhe falasse, porque estaria então orando pela Condessa.

No dia 31 o Conde voltou a Ulm e começou o tratamento de sua mulher, em tal sentido, desde 3 de Abril, pela manhã. Naquela mesma manhã, à mesma hora, a Sra. Hauffe, contra o seu hábito, adormeceu e ficou silenciosa, com as mãos cruzadas como quem reza. A partir de tal ocasião, teve consciência de estar em relação com a Condessa e tal convicção foi aumentando cada vez até quarta-feira, dia 9, em que, ás dez horas da noite, exclamou: «Confiai a Deus os vossos cuidados, porque Êle se encarregará de velar sôbre vós». Acrescentou que tivera uma visão pela qual soubera que se operára uma mudança na Condessa. No dia 14 recebi do Conde a seguinte carta:

Ulm, 11 de abril de 1828

«Rogo-lhe escrever-me logo que possivel e me dizer se no dia 9, às seis horas da tarde, V. S. notou alguma coisa de especial na Sra. Hauffe e o que aconteceu, aí, com relação à minha esposa. Não é sem motivo que eu lhe pergunto isso e, com o Dr. Endres, espero anciosamente sua resposta.»

a) Conde Von Maldeghem.

A única resposta que eu podia dar ao conde era a de narrar o que havia anotado no meu boletim, como contei acima. Além de mim, duas testemunhas atestaram a exatidão dele. No dia 18, pela manhã, disse-nos a vidente que ela sentia que a condessa iria chegar naquele dia mesmo, o que se deu, pois o conde e a condessa chegaram pela tarde. O conde narrou que, durante seis dias, seguira as instruções da Sra. Hauffe, sem ver produzir-se qualquer efeito, mas que, quarta-feira, dia 9, pelas seis horas da tarde, a condessa lhe pediu para deixar a companhia de quem se achava e lhe dissera que, no momento mesmo em que soaram as seis horas, se sentira em estreita relação com a Sra. Hauffe e experimentára a necessidade invencìvel de comunicar a seu marido certa coisa que jamais dissera a qualquer ser humano. Após tal revelação, desapareceram as alucinações que lhe causaram tanto transtorno. Ela reconheceu seu marido e seus filhos, cercertificou-se do seu estado e experimentou o mais vivo desejo de ver a Sra. Hauffe, de quem o conde lhe falára. O médico do conde me escreveu: «...que a doença parecia ter desaparecido como por magia e que tudo o que restava nela era um escrúpulo religioso, que a levava a crer que não tinha uma fé suficiente nos santos mistérios da religião.»

A condessa falou de sua existência anterior como de um labirinto em o qual havia penetrado, lembrando-se, frequentemente, dos sonhos cheios de ansiedade que a perturbaram e que se sentia agora completamente desperta. Acrescentava, todavia, de um tempo a outro: «Não estou bem certa ainda de que êste é o meu Carlos e só me sinto inteiramente segura disto quando toco o seu braço e apalpo a cicatriz que nêle existe». O Conde tinha em um dos braços uma cicatriz produzida por um golpe de sabre. Muitas vezes também lhe parecia ouvir vozes que zombavam dela e, conquanto fôsse muito piedosa, não podia orar e nem entrar numa igreja. A Sra. Hauffe, que a Condessa vinha ver frequentemente em seu estado de sonambulismo, fazia todos os esforços para minorar os seus sofrimentos e fortalecer a sua fé. Ela lhe dizia: «Quereis orar junto comigo? Ficai certa de que não direi uma palavra que possa ferir a vossa fé». A Sra. Hauffe era luterana convicta e a Condessa católica. A Condessa lhe perguntára como chegaria a se libertar de seus penosos pensamentos e a Sra. Hauffe lhe respondera: «Não podeis repelí-los, mas os vereis sob um aspecto diferente». Durante sete dias, ás sete horas da noite, a Sra. Hauffe orou com a Condessa e o espírito desta ficou mais calmo. Enfim, na manhã do dia 28, ela despertou a sua família e se declarou completamente curada. Esta brusca declaração me inquietou e eu não pude deixar de duvidar da realidade do facto. Ela me garantiu que nada tinha a temer e isto se confirmou, porque dez anos decorreram e não teve ela nenhuma recaída. (Em 1845 a Condessa ainda estava viva).

O leitor reconhecerá aquí o poder da comunhão espiritual, da prece e da fé cega.

«Encontrar-se-á dificilmente, diz Eschemayer, nos anais do Magnetismo, um caso no qual os fenômenos se produzissem tão claramente e em que se mostrou a nossos olhos um poder tão extraordinariamente magnético, que poderiamos dizer religiosamente mágico. Ouvi a narração da própria boca da Condessa e afirmo estar ela absolutamente convencida de ter sido curada pela Vidente. Êste caso nos fornece, no domínio das simpatias espirituais, certa luz que dissipa, como bolhas de sabão, todas as objeções extraídas das leis da natureza. Meu amigo Kerner convida os homens a reconhecer o poder da fé e da prece, mas, aí deles, não querem saber de tal coisa. Pensam que descobrirão as leis do universo só com a fôrça de suas inteligências tão lisongeadas e não encontram mais que uma concha vasia».

EGRESSOS DE CAPELA

Ha na obra «A Caminho da Luz», ditada por Emmanuel ao médium Francisco Candido Xavier, uma referência especial aos egressos de Capela, e degredados na Terra, dos quais, diz esse iluminado espírito, os egípcios foram os que mais se destacaram em aqui chegando, na prática do Bem e no culto da verdade.

Povo lançado à Terra por ação de saneamento geral, num momento de transição como o que nos aguarda, e para o qual caminhamos a passos largos, teve pressa em volver ao seu verdadeiro planeta, abreviando assim, a sua estada neste «vale de lagrimas», e deixando após a sua passagem um forte traço da sabedoria em tudo o que edificaram, cuja obra máxima — as pyramides, construidas sob bases puramente científicas, atestam flagrantemente.

«Os egípcios — diz-nos Emmanuel — traziam comsigo uma ciência que a evolução da época não comportava».

E' uma prova da sabedoria daquele povo, o segredo do embalsamamento dos cadáveres, que a ciência contemporânea ainda não conseguiu penetrar, embora os seus constantes esforços e que continúa a zombar dos mais doutos pesquisadores, os quaes sempre que a isso se abalam sofrem verdadeiras decepções.

E' bem conhecido, e citou-o Emmanuel na obra referida, o facto, devéras lamantável, occorrido com o explorador inglez Lord Carnavon e alguns companheiros, ao penetrarem o tùmulo de Tout-Ank-Amon, santificado pelos egípcios por saturações magnéticas, facto que, aliás, ainda hoje tambem desafia a argúcia dos estudiosos.

Mas, os egípcios, afamados por sua sabedoria, aceitavam a doutrina da metempsícose, admitindo que a alma humana, saindo de um cadáver em decomposição, ia para o corpo de um animal, por castigo, daí as excessivas precauções que tomavam para conservação dos cadáveres dos parentes, amigos e personalidades de importância, por meio dos embalsamentos, afim de retardar o mais possivel o momento da decomposição, quando, então, segundo a sua crença, a alma teria de encarnar no corpo de um animal, para continuar as suas migrações . . .

Ao contrario, os romanos queimavam os cadaveres, para que a alma recuperando a sua liberdade, voltasse imediatamente à natureza.

O mais antigo e o mais extraordinário dos filósofos da antiga Grecia, Pytagoras, aprendeu em suas viagens pelo Egito o dogma da metempsicose, levou-o para a sua escola, e toda a filosofia grega formada ao molde do sábio de Cretona professou como êle que a alma dos maus passava para o corpo dos animais. Daí a abstinência de carne que Pytagoras prescrevia a seus discípulos, preceito que também aprendera no Egito, onde o respeito aos animais era devido à presunção geral de que os corpos dos animais eram ocupados por almas humanas, e que, por conseguinte, quem maltratava os animais, expunha-se a maltratar os seus próprios avós...

O filósofo Empedocles adotou o sistema de Pytagoras. Em dois versos citados por Clemente de Alexandria, diz-nos: «E eu também já fui menina, árvore, passáro, peixe mudo no fundo do mar».

Também Platão, ilustre filósofo grego, em meio de suas concepções sublimes sôbre a alma e sôbre a imortalidade, dava grande importância as idéias de Pytagoras. Admitia que a alma humana passasse para alguns animais, para expiar seus crimes. Platão dizia que nós nos lembramos na terra do que fizemos em nossas existências anteriores e que aprender, é recordar-se.

Lê-se em *Timée* (Diálogo de Phedra) sôbre o mesmo assunto:

«Os covardes são transformados em mulheres; os levianos e vãos em passaros; os ignorantes em animais selvagens, tanto mais rasteiros e curvados para o chão quanto mais degradante foi a preguiça deles; as almas nodoadas e corrompidas vão animar peixes e reptis aquaticos».

Lê-se ainda em Phedon (Obras de Platão, tradução de Cousin):

«Os que se entregaram à intemperança, aos excessos do amor e da boa mesa, e que não guardaram continência alguma, vão provavelmente para o corpo de animais semelhantes. E os que só amaram a injustiça, a tirania e a rapina, vão animar os corpos dos lobos, giriões e falcões. O destino das outras almas é relativo à vida que passaram».

A metempsicose ocupou, porém, menos importância na doutrina de Platão do que ocupava na de Pytagoras.

A prevalecer a crença dos egipcios, teriamos que admitir a retrogradação do espírito, ou a sua involução, quando a lei é sempre para a frente e sempre para o alto, muito embora o espírito, na sua escalada para a perfeição, tenha períodos de estacionamentos, mais ou menos longos, conforme a sua persistência na prática do bem ou do mal.

Só o Espiritismo de ha oitenta anos para cá veio demonstrar, cientificamente, pela sublime doutrina das reincarnações sucessivas, sempre progressivas, que é a real e a mais consoladora, a imortalidade da alma.

Não ha, portanto, nem retrocesso, nem estacionamento definitivo. Ha progresso, embora com ligeiros colapsos.

A doutrina das reincarnações, sempre no sentido ascendente é, pois, mais confortadora do que a ensinada pelas demais crenças e a que demonstra de modo exuberante a grande misericórdia do Pai, que não quer a morte do pecador, condenando-o à eterna proscrição, mas quer que êle se regenere e viva!

J. B. CHAGAS.

N. do A. — O trabalho acima já fôra publicado no jornal Mundo Espírita, de 3 de Outubro de 1939, há quasi dez anos, portanto. Como poderão os leitores verificar no trabalho em causa, cito alí a referência feita por Emmanuel à origem dos espìritos encarnados na Terra, os quais, segundo a sua opinião, foram ha milênios expulsos de Capela, em virtude de uma ação regeneradora daquele planeta. E como estamos realizando nesta apreciada revista este longo estudo sôbre os novos tempos, solicitei ao diretor da mesma fosse o mesmo transcrito.

E assim, por uma necessidade da Lei da Evolução, o nosso Planeta terá de passar a um plano de gradação mais elevado, grande número de espíritos irredutíveis no êrro e no crime, terão que deixar a Terra e ser localizado em um outro Mundo, compatível com o progresso atingido, embora seja igual a zéro, sem que dessa localização resulte retrocesso para o espírito. Uma vez a Terra depurada dêsses elementos, conhecerá dias melhores e a vida transcorrerá tranquilamente, quando, então, conforme afirmou Jesus — «os mansos possuirão a Terra.»

Jesus tem sob seus olhos aqueles que com amor cultivam a sua doutrina, nada lhes deixando faltar nas horas de necessidade. — **Mariquinhas.**

Casamento entre Espíritas

Entenda-se de logo que aquí se trata de casamento entre espíritas, de espíritas, e não de casamento espírita, coisa que não existe no Espiritismo.

O casamento para o espírita é o consagrado na Lei, pela Lei, que foi êste, de resto, o casamento de que se fala no Velho Testamento e no Evangelho.

Jesus não instituiu casamento algum.

Prestigiou, santificando-o com a sua presença e com o seu primeiro prodígio, o de Caná.

O casamento religioso é criação da Igreja, que o apresenta, não sabemos com que credenciais, como a benção de Deus sôbre os noivos.

E Deus enviaria, mesmo, sua benção por um sacerdote que recebeu dinheiro, sem conhecer bem os noivos, para tanto? Que distribúe tal benção sem emoção e sem alma?

Os casais desavindos, adúlteros e desquitados, separados e desharmônicos, foram, todos eles, sinão numa proporção de 90%, casados na Igreja, eis uma verdade dolorosa a confirmar que tal benção...

O casamento de Deus para o espírita é o amor entre os noivos, é a amizade que se destina a aproximá-los por toda a vida, é o desejo e o propósito de viverem um para o outro, em comum, permutando afetos e fidelidades, assistências, alegrias e dôres.

Êste casamento precede o da Lei, porque aproximou espíritos afins, corações que se procuravam.

Vem, depois, o da Lei, aproximando corpos.

Para coroamento de ambos, uma prece íntima, proferida por pessôa amiga, que deseje, de facto, a felicidade dos noivos...

Tratemos, aquí, de duas preces assim, que ouviramos recentemente, dignas, na verdade, de ser conhecidas de todos.

* * *

A primeira, depois do casamento civil do confrade José Jorge, professor em nosso Ginásio, com uma jovem da *mocidade espírita* a que pertencia.

Num ambiente íntimo, entre parentes e amigos, o noivo promoveu uma sessão espírita, artístico-doutrinária, interessantissima. A mais interessante a que já assistimos. O noivo presidiu-a. Uma senhora proferiu uma prece emotivissima. Nós fizemos uma leve palestra sôbre o casamento, sua origem e finalidades. Depois de nós, falaram um pastor protestante, um velho e um jovem, mais uma senhora, todos, amigos do casal, entremeando cada peça sintética, números de música escolhida, suavissima.

A *Canção da Alegria Cristã* e um farto serviço de doces, sanduiches e gelados sem alcool, terminaram o programa, que ficou na memória de todos.

* * *

A outra, é de ontem.

Procedeu ao casamento civil de uma sobrinha nossa, elemento da mocidade espírita de Iguassú, de que foi presidente, Ilza Chaves de Almeida, com um moço que frequentava a *mocidade* em cita.

Ao caír da tarde, a reunião íntima, cuja direção nos coube.

Em torno de enorme mesa, todos de pé, muitos parentes, confrades e amigos dos noivos, processou-se o programa.

As crianças do Lar de Jesus cantaram a Prece a Jesus, que serviu de excelente preparação de ambiente.

Proferimos uma sintíse do casamento, desde os tempos remotos até chegar ao casamento da Igreja, ao casamento entre espíritas.

E a tia da noiva proferiu emotiva prece, que sensibilizou toda gente.

Depois, os jovens da M. E. I. cantaram a Canção Nupcial dos jovens espíritas; D. Benedita Santos, mentora, faz expressiva saudação e uma jovem declama lindos e oportunos versos. Um aluno da *Escola João Batista*, em nome de seus colegas, sauda a noiva, sua professora. A diretoria do «Fé, Esperança e Caridade» da CELJ, da Assistência aos Necessitados do F. E. C., departamentos em que a noiva tem atuação, saudaram-na por delegações especiais para tanto.

E todos pediam, sinceramente, emotivamente, a Deus graças e bençãos para os noivos. Só um orador, o presidente da CELJ, prof. Newton Gonçalves de Barros não pediu nada, agradeceu. Agradeceu aos noivos o belo exemplo de sobrancería e coragem moral que acabavam de dar, dispensando o casamento formalístico da Igreja, o véu e a grinalda, essa coisa que, infelizmente, muitos poucos sabem, na hora do testemunho—o batismo de fogo do Cristo — levar a sério.

O ambiente, extraordinário de emotividades.

A vibração era intensa.

O noivo, Alcebiades Peres Machado, agradece, emocionadissimo, salientando sua firmeza de convicção no Espiritismo e que fôra aquela a maior emoção de sua vida.

Depois, uma prece de agradecimento e encerrou-se o programa.

Uma farta e artística mesa de doces finos e sanduiches, com gelados sem alcool foi servida a todos.

Nesta modesta crônica manifestamos, apenas, o que sentimos, o que sentiram quantos tomaram parte na cena tocante e profundamente significativa.

E louvamos o belo exemplo de independência espiritual-social dos noivos; esta coisa que tende a generalizar-se no meio espírita, para lição forte e bela destinada aos jovens espíritas que já compreenderam e sentiram suas responsabilidades dentro da Doutrina.

Leopoldo Machado.

Respigas e Comentários

O fenômeno espírita, velho quanto o mundo, é facto inconcusso passado em julgado. Não assim o seu conceito, filosófico ou científico, variável com os tempos. Com Flournoy, Janet, Morseli, Richet, qual mais abstrusa e sibilina, enxameiam teorias em apojadura de hipóteses, que os Espíritos manifestantes prestes se incumbem de invalidar.

Não há, porém, como desconhecer a dificuldade e raridade das boas provas de identificação pessoal.

Esta, respigada em *Ultrafânia*, de Gino Trespioli, é das melhores que conhecemos.

> «Sessão em Carrara, médium Bice, assistência de 30 pessoas, entre as quais um fabricante de instrumentos de corda, interessado em saber o segredo da técnica que fez do Stradivarius, desencarnado em 1737, uma celebridade mundial.
>
> A médium em transe, tateando um violino, foi apontando e corrigindo os defeitos encontrados e acabou por traçar um gráfico para colocação dos filetes de madeira, ao mesmo tempo que dava instruções verbais e por escrito, que o consulente logo reconheceu de subido valor. De tanto valor, que lhe granjearam de imediato, boa clientela e renome.

Depois, assim conclúe o relator:

> Outra característica a assinalar é que, enquanto o suposto Stradivarius apalpava o violino e ministrava instruções, fazia-o como se fôra míope e com termos técnicos de todos ignorados, inclusive o próprio violineiro. Um assistente mais curioso incumbiu-se de investigar a biografia de Stradivarius e chegou à conclusão de ter sido êle muito míope, bem como a de que os termos empregados, caídos em desuso, eram correntes no seu tempo».

Êste episódio é apresentado por Trespioli para demonstrar a inanidade das hipóteses de Gross, Ferrari, Jastrow, Janet e Morton Pricee sôbre o *obscurecimento crepuscular do subconsciente* — um bom quebra-cabeças para os amadores de anfiguris opiáceos.

—

Há muita gente convicta de boa erudição, que ainda acredita no ateísmo de Voltaire... Nada, contudo, de mais injusto. A verdade é que o arguto filósofo apenas procurava anular o belipotente e sanhudo Jeová dos israelitas, que os néo-cristãos empalmaram e converteram em patrono de todas as maiores iniquidades e maroteiras históricas.

Porque, de facto, materialista e ateu não é quem assim se exprime, escrevendo a Diderot:

> «Confesso que não concordo com Saunderson, que nega Deus por ter nascido cego. Talvez me engane, mas no lugar dêle, eu reconheceria uma grande inteligência que me deu tantos substitutos para a vista; e apercebendo-me, pela reflexão, das admiráveis correlações entre todas as coisas, eu suspeitaria a existência de um OBREIRO infinitamente hábil (1).

O que o Sr. de Arouet negava era o Deus antropomorfo, imaginado semelhante a nós; e o que opugnava era a tirania político-religiosa, que ainda aí vige por infelicidade nossa.

—

Conceito da Caridade:

> «Não a conheço, nunca a vi. Muitos me falam dela. Penso, então, que se algum dia veio ao mundo, dêle se exilou no coração do CRISTO. Para conhecê-la, portanto, é preciso conquistar o coração do CRISTO.

M. Quintão.

---

(1) *Voltaire em suas cartas—pag. 81*

Promiscuidade não é Fraternidade

O predomínio do clero, ou seja, a influência da religião sôbre os destinos dos povos, data da mais remota antiguidade.

Basta revolvermos as páginas da história da civilização até o código de Hamurabi, na grande expansão civilizadora da velha Babilônia, para concluirmos com os documentos em mão, que bem pequena tem sido até hoje a conquista do homem para a sua libertação espiritual.

No primeiro milênio A. C, quando os escravos babilônios começaram o arroteio da terra e nela o plantio das primeiras sementes, alicerce de fartura, servindo-se da enxada e do arado em substituição aos primitivos instrumentos da época neolìtica, era comum a influência clericalìstica e a LEX TALIONIS—a lei de retaliação — era aplicada sob o rigor desse tempo, com a assistência sacerdotal dos corifeus da religião de então.

Hoje, o que vemos? quase a mesma cousa, a mesma influência, o mesmo predomínio.

Aquí no Brasil, por exemplo, que tivemos a ventura de acompanhar de perto um Ruy Barbosa que, traduzindo «O PAPA E O CONCILIO de Janus, escreveu no ardor idealístico da mais vigorosa convicção, um prefácio bem mais valioso que a própria obra traduzida; que tivemos, no curso de 1876 e 1877, um Ubaldino do Amaral proferindo conferências (valiosos documentos que a propaganda republicana nos legou), anatematizando a audaciosa intromissão clericalística nos assuntos da alta administração do Império, onde a república idealizada seguia a sua marcha triunfal, não podemos deixar de lamentar a nossa falta de vigilância, permitindo há tantos anos, e hoje mais do que ontem, que a internacional negra, na classificação estupenda de Ubaldino do Amaral, viesse influir, tão poderosamente, nos destinos político e moral de um povo de boa índole é certo, mas, infelizmente tão mal cuidado quanto a sua formação moral e cívica, num recuo de tantos séculos.

Os rituais aparatosos, impregnados de alguma beleza artìstica, usados pela igreja romana, são, no fundo, os mesmos que fizeram o encanto da Babilônia, de Hamurabi a Nabucodonosor.

Mais tarde, afirmam e confirmam alguns historiadores, que as riquezas acumuladas como patrimônio da faustosa Babilônia, Nabucodonosor as dispendeu no embelezamento da capital e na satisfação da fome dos sacerdotes.

Se fizessemos cuidadosa estatística

entre os imigrantes vindos para a América do Sul nesses últimos anos depois da guerra, revendo os jornais que afirmam em seus comentários que, enquanto na Argentina entram milhares de técnicos dispostos ao trabalho que engrandece a nação platina, aquí no Brasil entram milhares de sacerdotes que hão de promover de modo eficiente a catequese de novos fanáticos, no sentido de submeter um Estado Nacional, como enfatuadamente poderia dizer o criador do Estado Novo de quasi apagada memória, ao domínio de um Estado Internacional. E, assim, teremos de concluír que, se no Brasil tivessemos economia organizada, ou seja, fortuna acumulada pelo Estado, tal como aconteceu na Babilônia ao tempo de Nabucodonosor, o governo a dispenderia, pelo menos, para matar a fome aos sacerdotes que aos milhares são recebidos por nós enquanto a Argentina recebe técnicos.

Examinando de perto essas coisas e vendo como solertemente os discípulos de Loyola vão penetrando em nossa vida e influindo nos destinos de nossa Terra, não há quem, possuido de bom senso, seja capaz de cruzar os braços qual mero espectador, alheio à sua própria sorte.

O nosso dever é, pois, o de prosseguirmos juntos pelo roteiro iluminado que os espíritos reveladores nos apontaram, ditando a Kardec a Doutrina Espírita com fundamento no Evangelho do Cristo que é o Código por excelência, sem o qual não cremos ser possível a reforma espiritual do mundo. Para nós, a mais acertada campanha a que os espíritas terão que se empenhar, a partir dêste instante de confusão que estamos vivendo, será a da defesa do Espiritismo, não das arremetidas clericalísticas ou da ciência enfatuada de um Leonidio Ribeiro, mas, do descrédito a que muitos espíritas afoitos, à guisa de inovação, vão atirando a Doutrina, impregnando-a dos mesmos defeitos que desmoralizaram as velhas religiões, pois, até procissões pelas ruas da grande metrópole e em pequenas cidades do interior, como em Valença, Estado do Rio de Janeiro, se fazem num desrespeito flagrante aos postulados da Doutrina.

Nessas condições, passo a passo, hoje uma canção inocente e bela, outras amanhã; hoje uma procissão e amanhã muitas outras; um leilão de prendas, tipo igreja católica como tivemos ocasião de assistir no subúrbio de Ricardo de Albuquerque, onde até um porco em grunhidos ensurdecedores, preso aos ombros do leiloeiro dentro do salão inaugurado naquêle instante e que dera motivo à festa que então assistiamos, tudo isso e quanta coisa mais, irá sem dúvida, dentro de muito pouco tempo, transformar a Doutrina reformadora num amontoado de coisas esdrúxulas, tal como aconteceu ao Cristianismo, hoje deturpado, mas que infelizmente somos forçados a considerálo como base da nossa defeituosa civilização de místicos corruptos e corruptores.

Se continuarmos tolerando, isto é, se permanecermos impassíveis como fazem muitos por espírito de tolerância mal compreendida ou quasi criminosa, deixando que se conspurque a Doutrina que há tantos anos vimos pregando como sendo a mais bela e perfeita de todas as que existem; essa Doutrina maravilhosa, de tão fácil compreensão, embora difícil de ser praticada; se deixarmos sem protesto que se misture umbandismo com Espiritismo; que se façam do mediunismo o mais torpe e nefasto mercantilismo; que médiuns sem qualquer noção de respeito e responsabilidade, vendem o que de graça recebem; que médicos, verdadeiros trampolineiros, se instalem com «consultórios espíritas», explorando impiedosamente o povo de boa fé e na sua maioria ignorante, voltado sempre para o sobrenatural, dada a sua tendência mística, estaremos prestigiando a decandência do Espiritismo.

Sabemos que representantes de laboratórios, na ância de vender o mais possível os seus produtos, e, habituados no trato com médicos corruptíveis, andam farejando os médiuns receitistas por toda parte com o fito de corrompe-los também, oferecendo-lhes vantajosas porcentagens e até vencimentos mensais garantidos, com a única condição (que coisa absurda!), de indicar em seu receituário os produtos constantes da fabricação do laboratório de sua propaganda.

Sabemos mais, infelizmente, que há diretores de centros, aquí no Rio como em cidades do interior, vivendo exclusivamente da exploração, em nome do Espiritismo.

A confraternização entre os espíritas que tivemos a felicidade de assistir em uma das tentativas promovida por

Viana de Carvalho em 1922 e hoje ensaiada por alguns abnegados cultores da Terceira Revelação, seria, se possível, a mais bela obra de propaganda cristã, mas, como consegui-la? Reunir em um só blóco, espiritistas, teosofistas, esoteristas, umbandistas, macumbistas, cangeristas, tartufos e charlatães? Impossível! O Espiritismo é incompatível com a deshonestidade, com a mentira, com a fraude!

Se houve quem pretendesse, á sombra de uma grande e respeitável instituição, *coligar*, com o objetivo da quantidade, todos os centros, federações, uniões e tendas; kardecistas, umbandistas ou macumbistas, essa enorme floração da família das solonácias, cultivada hoje até por letrados e doutores alfabetizados, essa tentativa não foi e não será jamais praticada com o nome de Espiritismo, a não ser que pretendam dar corpo ao ecletismo ensaiado pelo mestre Yokaanam, que tanto assunto está dando aos jornais e revistas, em face da mística e presunçosa figura de pseudo nazareno.

A idéia das *coligadas*, felizmente fracassada, contra a qual tivemos ocasião de lançar imediato protesto, seria a mais infeliz de todas as iniciativas destes últimos tempos, pois, se o Espiritismo colima a fraternidade, não visa entretanto renunciar a autoridade que possue pela superioridade de sua Doutrina. E, se partindo de onde partiu tão extravagante objetivo, seria a degradação da Doutrina que ela própria pregou e defendeu no curso de muitos anos e que ainda hoje e mais do que ontem, precisa pregar e defender.

Alegar espírito de fraternidade ao ato de promover a junção de todas as organizações, desde a Doutrina Espírita, sabiamente codificada, até ás mais esdrúxulas que vão da umbanda ao cangerê, é confundir fraternidade com promiscuidade.

PEREIRA GUEDES.

Rio, Março de 1949.

O demorado beijo de uma bôca gelada

A exteriorização da alma é um fato comprovado desde os mais remotos tempos, isto é, conhecido desde o aparecimento do homem na terra.

Os milhares de casos que a história de todos os povos registra, deixa fóra de dúvida que o nosso espírito, em casos especiais, póde se desprender do corpo físico e aparecer em outra parte, com o seu corpo *perispirital* ou corpo espiritual, como o chama São Paulo.

Uma enfermidade grave póde motivar o desprendimento do espírito, assim como uma violenta emoção ou a cessação gradual das funções vitais.

Magnetizadores de fama mundial, em suas experiências, demonstraram a possibilidade de provocar a exteriorização da alma e que não se produz sómente durante o sono, mas também pela ação magnética.

Um dos maiores astrônomos do seu tempo, Camilo Flamarion, dentre cento e oitenta e seis casos desta natureza, relata um que, antes de morrer, um homem, quís se despedir de sua amada, beijando-a momentos antes de partir para a espiritualidade

Eis como Leon Denis, «No invisivel», narra o fato: «Uma moça, ao fim de sete anos de afetuosas relações, se havia separado do homem que amava. Este casou-se, e ela nunca mais teve notícias suas. Passaram-se alguns anos, quando, em uma noite de abril, viu ela entrar em seu quarto uma forma humana que se aproximou e sôbre ela se debruçou. Sentiu então nos lábios, com terror, o demorado beijo de uma bôca gelada. No dia seguinte, cerca de meio dia, correndo a vista por um jornal, leu a noticia do falecimento e dos funerais do que fôra seu amante.» (1)

SPARTACO BANAL.

---

(1) Esses fatos veem demonstrar o grave êrro dos princípios do materialismo.

Fenômenos de Materialização

XXVII

Devidamente autorizados, os distintos confrades Luiz Mesculin Junior, D. Florinda Mesculin, sua esposa, Orvile Darby A. Dutra, sua esposa D. Araci e sua filha Raquel, de cinco anos de idade, procedentes de Juiz de Fóra, Minas Gerais, onde residem, e o Prof. Pierre Ribeiro, vice-presidente do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, E. do Rio de Janeiro, reuniram-se com os habituais assistentes do Grupo «André Luiz», no dia 6 em curso, para a sua sessão ordinária de Assistência Espiritual. Os trabalhos são abertos por mim, depois de feita a prece inicial. Um espírito amigo, que não declinou a identidade, incorporado em um dos médiuns do Grupo, orienta devidamente os assistentes, proporcionando-lhes momentos de inefável enlêvo espiritual, esflorando palpitantes preceitos doutrinários espiritístico-evangélicos e precrevendo os cuidados aconselháveis para o bom aproveitamento dos recursos espirituais disponiveis em favor de muitos enfêrmos, dos quais, alguns estavam presentes, aconselhando a estes a disposição dos lugares, etc. e entrando mesmo em minúcias quanto ao que deveria ser preparado, por nós, para que os cooperadores astrais pudessem encontrar clima favorável ao seu elevado desempenho espiritual de assistência psíquica e moral aos nossos doentes.

O médium Lins vai repousar na câmara adjacente. O hino «Entardecer» é entoado com unção espiritual pelos assistentes. São notados vários fenômenos de explosão luminosa. Ouvem-se vozes na cabine. José Grosso encanta os assistentes com a sua palestra, em voz direta. Neuza Magaldi sucede-o no seu desvelado expediente. O bondoso espírito fala mais de uma vez, cantando, palestrando e mandando, pelo Mesculin, um recado aos seus pais. Scheilla vem ao recinto, materializada. Flitz e Garcês, materializados, veem à sala, assistindo aos enfêrmos. Garcês empunhava um aparelho, cuja forma não pude precisar, do qual partiam irradiações de luz, tocando, com êle, os doentes presentes. Eram visíveis as emanações suaves que o aparelho produzia, parecendo uma pilha geradora de energia elétrica, cujos efeitos luminosos eram intermitentes e ritmados. E' cantado o hino da Juventude «Francisco Candido Xavier», de Astolfo Dutra. O professor Pierre Ribeiro faz uma preleção externando as evocações saudosas e ternas que lhe sugeriam o hino recem-cantado, lembrando os dias de convivência fraterna e feliz da 1.ª Semana Espírita de Astolfo Dutra, Minas, onde fôra, com a querida irmã Ana Maria, atualmente doente, em Campos de Jordão, integrando a delegação de Macaé. Ao terminar, pedi ao estimado irmão Vitorino Eloi dos Santos que, interpretando o pensamento dos presentes, fizesse uma prece, na qual envolveriamos a dedicada e boa espiritista, de quem, o próprio Pierre, acabava de declarar ter recebido uma missiva sua, em que se confessava conformada na sua rude provação, achando que a dura prova do seu mal, ainda era suave para o resgaste dos deslises das suas existências pretéritas.

E' cantado o hino «Prece a Jesus» música da Serenata de Schubert, e letra de Sebastião Lasneau. Scheila fala, em voz direta, apoiando a idéia da publicação de «A Morte de Estevão», trabalho literário do jovem Silvio Renato Campos, espécie do Gibi, em quadros figurados, artisticamente, a cores, com legendas do livro «Paulo e Estevão». Os irmãos Inácio, Fonseca, Madalena e Margarida fazem comovidas preces em intenção dos doentes. São cantados, alternadamente, os hinos «Aprendizes do Espiritismo», «Almas Gêmeas», «Canção Materna» e «Amor e Fraternidade». Tecem comentários à lição lida, de início, os companheiros Ferreira, Lauro e Orvile. José Grosso e Neuza confortam-nos com a sua palavra, por voz direta tendo, o primeiro, anunciado que o Tongo iria brindar-nos com mais duas telas, apresentando o seu retrato, tão almejado pelos sócios do «André Luiz», e por mais um de Araci, numa pôse diferente da do que nos fôra anteriormente ofertado. Uma voz, que partia do gabinete mediúnico, avisa-nos de que deveriamos encerrar os trabalhos. O Ferreira vai despertar o médium, depois que eu proferi a prece final.

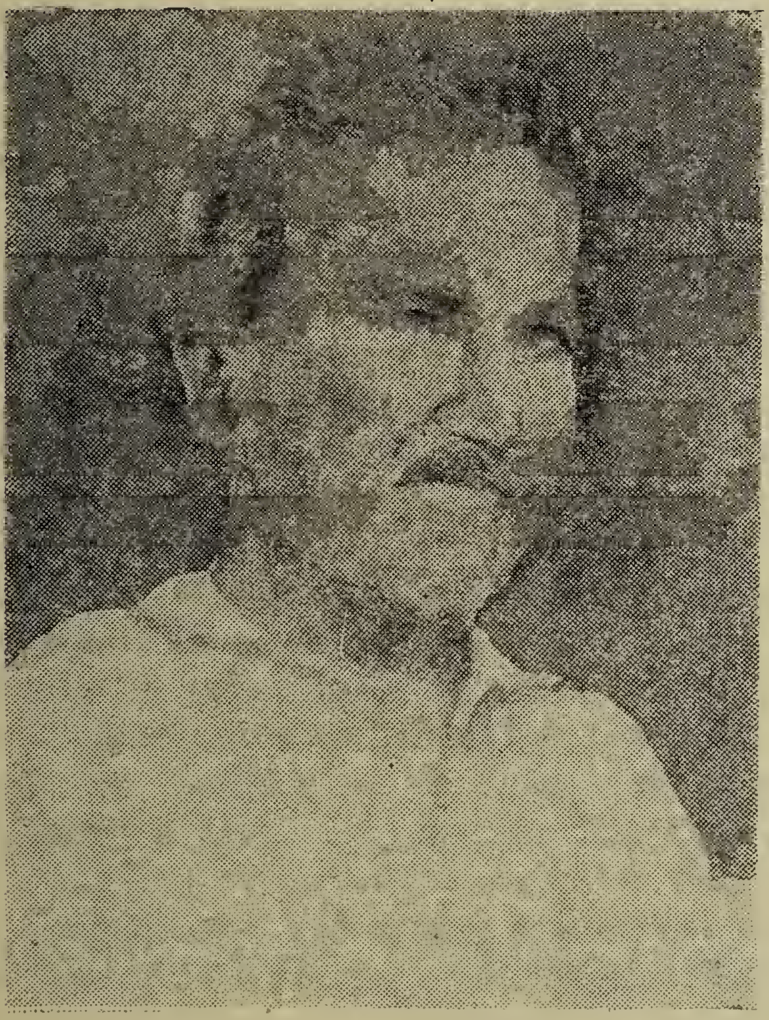

JOSÉ GROSSO

No compartimento contíguo à câmara encontramos as duas fotografias prometidas, aliás nítidas, perfeitas.

Também encontramos um molde ôco de u'a mão em parafina, que logo se me afigurou ser de Scheilla.

A téla de Araci mede 32 x 24 e a de José Grosso 24 x 16. O retrato de José comoveu-nos, pois que, conforme já estavamos orientados, verificámos a ausência dos seus olhos, arrancados das orbitas, a ponta de punhal, na última peregrinação pela Terra, de que veio a desincarnar. Não obstante, sua figura irradia simpatia e sugere adoração, dado o seu aspecto de superioridade e tendo em vista a nossa grande amizade ao infatigável companheiro de André Luiz, do Mundo invisível. No que tange à minha pessoa, confesso que a sua silhueta se me afigura familiar, podendo afirmar que me não é estranha! E' provável que, durante o sono do corpo, tenha, repetidas vezes, firmado com o bondoso amigo, robusta afinidade.

Resumi, propositadamente o relato desta sessão, sem entrar em minudências, para dar margem a que sôbre ela se manifeste o delicado companheiro de lidas espirituais, Afonso Pinto da Fonseca, para que a êle, se abra o necessário espaço nestas colunas:

Vejamos, pois, o que êle nos diz:

«Relato da Sessão de 6/3/48»

Sob a presidência do irmão Amadeu, a sessão teve início ás 20 horas. Um irmão da Espiritualidade, por incorporação, diz-nos da nossa responsabilidade, perante a importância dos trabalhos que vão realizar, atinentes, especialmente, à assistência espiritual aos doentes; pede para evitarmos a curiosidade, pois que esta é prejudicial ao bom êxito da sessão; aconselha-nos a nos mantermos em recolhimento e prece, enquanto os espíritos assistem aos enfêrmos, no ambiente, nêsse dia em número de seis, inclusive dois de Juiz de Fóra. O médium recolhe-se à cabine e as luzes são apagadas, com exceção de uma, pequena, de cor vermelha, cuja claridade era suficiente para a leitura de uma página de André Luiz. A irmã Madalena ora pelos doentes. O irmão Ferreira faz o primeiro comentário à lição lida. Nêsse ínterim ouço barulho dentro da cabine: rumor de passos, agitação na água e atrito nos objetos de madeira e de metal. Canta-se um hino e em seguida o Prof. Pierre Ribeiro, de Macaé, emociona-nos com um relato, cuja protagonista era a nossa estimada irmã Ana Maria, óra em Campos de Jordão, lembrando episódios com ela passados por ocasião da realização da 1.ª Semana Espírita de Astolfo Dutra, em Minas Gerais. O José Grosso conversa conosco, dizendo não estar muito bom, ao que o irmão Amadeu responde não ser isso bom sintoma, pois, quando tal se dá é porque nós, incarnados, do

«André Luiz», cometemos algum deslise. Uma voz diferente se ouve, recomendando fôsse apagada a única lâmpada. Depois disto aparece um espírito materializado no salão, confortando os nossos irmãos Carlos, Emilia, Ernesto, Araci e Raquel, sua filhinha, vindas, estas duas últimas de Juiz de Fóra, para serem beneficiadas. O irmão Vitorino faz uma prece em favor de Ana Maria, durante o que vem ao recinto outra entidade materializada, que se dirige aos irmãos citados, tocando-os com um aparelho que era formado em linhas retas, devendo medir 15 centimetros de comprimento e 10 de espessura, de que se desprendiam irradiações, parecendo uma brasa enorme, muita viva. Recolhendo-se à cabine, não mais apareceu. Canta-se mais um hino, que outro espírito acompanha em côro, já no meio do salão, materializado, vestindo-se de branco e apresentando-se em formas femininas. Era Ilka que vinha dirigir-se aos seus pais, Vitorino e Dina, depois de se fazer silêncio. Depois disto a Neuza nos fala, pedindo aos irmãos Orvile, Araci e Noca que transmitissem um abraço ao seu paizinho e que lhe dissessem que continuasse na sua obra de difundir o Espiritismo, porque isso a fazia muito feliz. O irmão Orvile faz um comentário evangélico e rende graças a Deus por estar vivendo momentos de felicidade no «André Luiz». A um pedido do irmão presidente, José Grosso enumera os espíritos que vieram, materializados, à assistência, na ordem seguinte: Scheilla, Flitz (que atenderam aos enfêrmos), Ilka, Neuza e Margarida. Tenho a declarar que não vi a Margarida, porque na ocasião que ela veio ao salão eu fazia uma rogativa a Deus, de olhos fechados. Mas os outros companheiros viram-na claramente. Os trabalhos, prosseguem, já agora com claridade no salão, por ordem dos guias e sem que se o esperasse, aparece do lado esquerdo, justamente onde eu me encontrava, um espírito que eu reconheço, pela fisionomia, ser a Margarida, tendo-lhe eu visto o rosto lindo, denotando felicidade íntima, justamente quando ela atendia ao irmão Carlos. Passados alguns instantes ela penetra na cabine, pelo lado oposto. Uma vez pede para que seja novamente escurecido o ambiente. Logo reaparece a Margarida, vindo até junto da irmãzinha Raquel, refletindo-se sôbre o seu abdomen a mesma luz que eu notára na cicatriz da intervenção cirúrgica a que, no Hospital, se submeteu o irmão Carlos. Conversa com a irmã Araci e dá-lhe uma pedra de cristal de rocha. Vai para perto da nossa irmã Emilia, repetindo-se o mesmo fenômeno, porém desta vez, com a duração maior de tempo. Recolhendo-se ela, reaparece Ilka, que vem conversar com sua mãe, sendo que foram estas as suas últimas palavras: «Sou muito feliz!» A Neuza vem entregar à D. Noca uma pedra que ela pede leve à sua mãe, em Juiz de Fóra. O José avisa-nos de que o Tongo iria fazer sua fotografia em aquarela. O Fidelinho canta conosco a «Canção Materna». Passados alguns momentos, um espírito manda que se faça uma prece de agradecimento a Deus, pelo muito que Êle nos havia concedido, no que é atendido. O irmão Ferreira vai acordar o médium, enquanto é entoado o hino final, encerrando-se, assim, os trabalhos da noite. Acesas as luzes, vi dois retratos o do José e o de Araci Peixoto. E José, conquanto se lhe notem a deformação dos olhos, apresenta-se numa fisionomia simpática. A Scheilla deixara-nos o molde de uma das mãos, em parafina. Com o meu coração cheio de gratidão a Deus, deixei o Grupo ás 24 horas e 10 minutos.

a) Antonio Pinto da Fonseca».

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

O Espiritismo não se resume apenas na crença nas comunicações com as almas dos mortos. Êle é uma das maiores revelações do Alto e, como tal, sua missão é instruir e guiar os homens na senda da espiritualidade. O seu advento no mundo significa que a humanidade está prestes a transpor as barreiras da materialidade rumo aos altos píncaros da felicidade, o que deve alegrar aqueles que depositam suas esperanças nas promessas de Jesus. — CAIRBAR.

Livros e Autores

ESPIRITISMO E LOUCURA *de Carlos Imbassahy, Livraria Allan Kardec Editora.*

Não cremos que haja, no Brasil, dois espíritas de pontos de vistas que mais se choquem, principalmente em questões evangélicas, do que nós e o Imbassahy.

Conhecemo-nos a brigar.

Faziamos, alí por 1918, apreciações literárias, com veleidades de crítico, quando recebemos *Leviana*, romance de Carlos Imbassahy.

Nós eramos cristão novo no Espiritismo.

Uma cena de romance, que se nos afigurou ofensiva à Doutrina, foi o motivo para desancarmos o romance.

O autor não gostou.

E escreveu-nos, dando-nos uma série de lições: de vernáculo, de literatura, de inglês, de bôas maneiras, de tolerância.

Em uma de suas cartas, escreveu que não era espírita e Deus o livrasse do Espiritismo.

E ferrámos uma polêmica epistolar que quasi não se acabava.

Anos depois, publicavamos uma série de sonetos líricos.

Uma das mais belas crônicas sôbre nosso *Saudade* foi do Imbassahy.

Uma lição de tolerância e perdão em regra.

E quando vieramos para o Rio, caimos nos braços um do outro, aproximados pelo pequenino grande Amaral Ornelas. Pequenino no porte e grande no coração, na inteligência e nos atos.

Continuámos ao longo dos anos sempre amigos e sempre em discordâncias.

Mas, coisa interessante!—quanto mais discordámos, mais amigos.

E' que colocamos nossa amizade pura e sincera à margem de nossas idéias, nossos pontos de vistas.

Parece que poderiamos servir de modêlo a muitos mestres em Israel e do Espiritismo, para os quais «o quem não é por mim é contra mim», do Cristo, deve ser interpretado alí, ao pé da letra, á moda João Calvino.

* * *

Carlos Imbassahy acaba de publicar mais um volume, *Espiritismo e Loucura.*

Edição primorosa da *Allan Kardec Editora*, de S. Paulo.

O volume que nos coube, devoramo-lo no *elétrico*, a caminho de casa, de tão exiguo de texto.

E é o único grande defeito que lhe podemos notar.

No mais, basta dizer, que se trata de livro de Carlos Imbassahy, editado pela Alan Kardec Editora.

Só isso, ajustado ao título do volume, pensamos que é o bastante para recomendar o livro aos espíritas de bôa vontade e cultura, que para eles foi o livro publicado.

Agora, uma revelação para a meia duzia de leitores, se é que o temos: todos nós conhecemos Carlos Imbassahy como o polemista excepcional, o profundo conhecedor da filosofia espírita, o mais em dia de nossos escritores, com a língua, vernaculista que também o é.

Como poeta, ninguém o conhece.

E poeta retratista, leve, humorista.

Duvidam? Pois aquí está a nova, na dedicatória com que nos mete seu belo volume em mãos, em que ressalvando-se as generosidades que diz de nós, puras mentiras embassaianas facilmente desmentidas por quem nos conhece talvez melhormente, porque mais psicólogos tudo o mais é de bom poeta, alegre e vivace, chistoso.

Leopoldo Machado.

Tendes a obrigação e o direito de cuidar das cousas materiais, porque elas vos são necessárias, mas lembrai-vos sempre de que a vossa existência terrena tem por escôpo preparar a vida do espírito. — Gregorio.

Visitando os Confrades de Buenos Aires

Excursionando pela República Argentina, em fins de outubro do ano passado, permaneci, antes de regressar ao Brasil, alguns dias em Buenos Aires, a opulênta e atraente metrópole portenha. Assim que me foi possível, procurei entrar em contacto com nossos irmãos, servindo-me, para tanto, de alguns endereços de sociedades espíritas. A primeira visita que fiz foi à Editora Victor Hugo, com séde à rua Miró, 163. Recebeu-me atenciosamente a srta. Gomez, que não escondeu a sua imensa satisfação ao saber que eu vinha do Brasil e que desejava por-me a par das atividades doutrinárias dos espíritas de Buenos Aires. A srta. Gomez, com sua proverbial gentileza, fez uma exposição sintética do movimento espírita na Argentina, particularmente do ponto de vista cristão. Em seguida, mostrou-me todas as dependências da Editora, salientando o seu papel na edição de obras espíritas, mormente durante o período crítico da segunda guerra mundial. Naquela época, interrompidas todas as comunicações com a Europa, não vinham mais livros espíritas da Espanha e as editoras argentinas tiveram que redobrar as suas atividades para suprir a lacuna criada com a situação internacional.

A Editora Victor Hugo é orientada pelo sr. Santiago Bossero, uma das mais vigorosas penas doutrinárias da vizinha república. Devido a um desencontro de horário, não pude, infelizmente, conhecer o sr. Santiago Bossero.

A noite, acompanhado de grande número de confrades, estive na Confederação Espírita Argentina, dirigida pelo esclarecido companheiro sr. Hugo Nale, elemento de grande valor na Seára do Senhor. Na séde da Confederação tive o ensejo de dilatar mais ainda o círculo de amizade, conhecendo novos irmãos, os quais, áquela hora, se dedicavam ao estudo e à meditação das obras básicas do Espiritismo. A Confederação Espírita Argentina congrega cerca de 40 sociedades, sómente na capital, afóra centenas de centros espíritas disseminados por toda a nação. Publica a importante e conhecida revista La Idea, de grande circulação nos meios espíritas e profanos do país, bem como do estrangeiro. Uma bem organizada biblioteca, contando com obras de alto valor doutrinário, permanece à disposição dos espíritas e de todos os que se interessam pela 3.a Revelação.

Na noite seguinte, fomos à Sociedade Constância, a mais antiga instituição espírita da Argentina, fundada no ano de 1881. Magnificamente instalada em sua confortável séde, à rua Cangallo, 2267, executa a dinâmica sociedade, há várias décadas, um intenso programa doutrinário, calcado nos fundamentos científicos, filosóficos e morais do Espiritismo. Recebidos fraternalmente pelo sr. Carlos Chiesa, figura de projeção nos meios espíritas de Buenos Aires e um dos diretores da Sociedade, percorremos detidamente todas as dependências, que ocupam os três pavimentos do enorme edifício. A distribuição das atividades doutrinárias e sociais é muito bem feita, realizando-se os trabalhos em salas amplas e confortáveis. Uma vasta e grandiosa bibliotéca, contando com obras espíritas de grande valor, permanece á disposição do público, diariamente, das 18 ás 20 horas. O salão de conferências têm a proporção e arquitetura de um teatro moderno, com capacidade para mais de mil pessoas. Como as palestras e conferências se realizam quinzenalmente, o salão frequentemente é alugado para cerimônias, festas sociais, cívicas, concertos, etc.; a renda é totalmente empregada para cobrir as despesas da associação, que não são pequenas. Anexa à Sociedade funciona a Editorial Constância, que edita numerosas obras espíritas, além da importante e conhecida revista «Constância», de grande circulação, pois vem sendo editada desde 1887, portanto quatro anos mais nova que o nosso conceituado «Reformador», órgão oficial da Federação Espírita Brasileira. Como se depreende do exposto, as atividades da Sociedade Constância, no campo doutrinário, são enormes, abrangendo todos os aspectos da 3.a Revelação.

Notável é o espírito de fraternidade que reina no seio das entidades espíritas argentinas. Nas poucas horas de convivência que mantive com eles, já me sentia como em minha própria casa. Tive a impressão de que todos me eram conhecidos, velhos amigos e, possivelmente, o eram, pois dentro da eternidade da vida, passado e futuro convergem para o presente sempiterno, tanto mais real quanto mais integrados estivermos nos imortais ensinos do Cristo. Dentre os numerosos amigos que fiz, peço permissão para citar os nomes dos snrs. Hugo Nale, José Cáceres, Natalio Cecarini, Carlos Chiesa e do distinto casal Romanó.

Embora a Igreja de Roma exerça hegemonia religiosa quasi absoluta, por estar vinculada ao Estado, nem por isso esmorecem os nossos confrades quanto à execução da tarefa que lhes está confiada na sagrada Seára do Mestre.

Faço da veterana folha espírita «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» os meus intérpretes junto de todos os confrades de Buenos Aires, enviando-lhes, mais uma vez, os meus agradecimentos sinceros pela acolhida fraterna que me dispensaram.

Walter R. Accorsi.

Piracicaba, 7 de Março de 1949.

Crônica Estrangeira

Pierino Gamba

(MENINOS PRODÍGIOS)

De «Estudos Psíquicos» — Portugal
Por Antonio Cardoso

Esteve recentemente em Lisboa um dos maiores maestros do mundo, que, apesar de a sua pouca idade — 11 anos — faz deslumbrar pelo seu talento os grandes mestres. E' um verdadeiro «menino prodígio», desses prodígios de que tantas vezes ouvimos falar, mas que tão poucas temos a felicidade de ver.

Nasceu em Roma a 15 de Setembro de 1937, e desde muito novo começou a revelar uma tendência extraordinária para a música. Quando atingiu a idade dos 8 anos, seu pai começou a ministrar-lhe as primeiras lições de piano, e algum tempo depois, ao apresentar-lhe as sonatas de Beethoven, ficou surpreendido por ver que o garoto conseguia aprender em pouco tempo aquilo que aos adultos levava anos. Tempo depois, declarou que se sentia capaz de dirigir uma orquestra, e feita a experiência em presença de Toscanini e do Diretor da Opera de Roma — Arduini — ambos concluiram que se encontravam diante de um caso de precocidade extraordinária. Algumas semanas depois, ao dirigir uma das mais importantes orquestras de Roma, obteve um êxito estrondoso.

Daí para cá tudo têm sido êxitos sôbre êxitos. Esteve na Suiça, França, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra e por último em Portugal. Em Lisboa deu concertos no S. Carlos, Tivoli e Coliseu.

Desejoso de observar êsse extraordinário talento, fui uma noite ao Coliseu. Na sala não cabia nem mais uma pessoa; muito antes de começar o espectáculo, a geral e parte da platéia se encontravam completamente cheias. Quando a campaínha anunciou que o concerto ia começar, o silêncio fez-se e todos os olhares convergiram para a porta donde entraria na sala Pierino Gamba. Ao entrar, uma estrondosa salva de palmas ecoou por toda a sala. Pierino, de calção, vestido de veludo, encaminha-se rapidamente para a entrada, a passo ligeiro e olhar confiante na missão que iria desempenhar.

Uns segundos mais... e eis que o concerto começa. O pequeno maestro, como que alheado de todo o público, vivendo por assim dizer só para a música, começa a dirigir a orquestra com aquêle talento que lhe é peculiar, com aquela precisão que o caracteriza. O público, os velhos músicos, os grandes maestros, olham, ouvem e pasmam! Pasmam como é possível uma criança de 11 anos deslumbrar os mestres! Pierino, além do seu extraordinário talento, tem ainda outra faculdade invulgar: sabe as músicas de cór, mesmo as partituras mais difíceis, mesmo as de maior responsabilidade, como as sonotas de Beethoven. Quando o concerto acabou, o público não se cansou de aplaudir o grande maestro, e por fim leva-o em triunfo até ao seu automóvel; a rua de Eugenio dos Santos parece pequena para toda a gente que lá se encontrava, desejosa de ver bem de perto e aplaudir Pierino Gamba.

O seu ouvido distingue todas as notas musicais, com uma nitidez extraordinária. Quando fez o ensaio com a Orquestra Sinfônica Nacional, emendou por diversas vezes vários passos de algumas partituras. No fim de uma delas, com o ar mais natural dêste mundo, disse para os componentes da dita orquestra:

— Com certeza, os senhores já não tocam isto há muito tempo...

* * *

Como explicar êste verdadeiro prodígio musical, êste talento que não se percebe como apareceu, estes conhecimentos musicais que não se percebe donde vieram?

A maior parte dos cientistas explica estes casos, atribuindo-os a factores hereditários. Eles dizem que todos os caracteres físicos e psíquicos do indivíduo se encontram dentro dum gene, que por sua vez são corpúsculos infinitamente pequenos que existem dentro dos cromosomas dos espermatozoides. Embora isso seja realmente verdade quanto à hereditariedade física (cor dos olhos, dos cabelos, calvície, etc.), o mesmo já não se poderá dizer quanto à hereditariedade psíquica, porque os factos têm provado o contrário.

Muitas vezes de um pai inteligente nasce um filho degenerado — os filhos de Péricles, Cicero, Marco Aurélio, Henrique IV, Luiz XIV, Cromwell, Pedro, O *Grande*, La Fontaine, Napoleão, etc., e inversamente dum pai vulgar, tendo os seus pais e avós também sido pessoas vulgares, nascem verdadeiros gênios. Nêste caso fica também invalidada a Lei de Mendel. Para exemplos, temos Balzac, filho de um artista mecânico; Robespierre, filho de pais obscuros, Lineu, filho de um cura de aldeia, etc.

Outros argumentam que estes casos são devido a um desenvolvimento extraordinário das glândulas endócrinas, e a uma constituição cerebral adequada. Mas também nos últimos tempos verificou-se que esta afirmação não corresponde à verdade, visto terem-se encontrado pessoas que sendo normais durante sua vida inteira, ao morrerem e ao ser-lhes aberto o cérebro, êste apresenta o seu conteúdo em forma de papa, ou mesmo de água, sem qualquer pedaço de matéria cerebral. Edmond Perrier apresentou, por exemplo, à Academia Francêsa o caso de um homem que viveu durante um ano inteiro com um cérebro reduzido ao estado de papa, formando apenas vasto abcesso purulento. Onde está então localizada a memória nessas pessoas, se o cérebro não existe, por assim dizer?

Certamente que em qualquer coisa que não se destrinça. A essa coisa chamam uns *fôrça psíquica*, outros *corpo astral* e ainda outros o *perispírito*.

Com o seu auxílio já o caso dos meninos prodígios se explica satisfatoriamente. Em cada vida terrena, o indivíduo deixa gravado no seu perispírito todas as suas experiências realizadas, fenômenos êsses comprovados pelas visões panorâmicas no momento da morte. Ao nascer, traz um enorme cabedal de experiências anteriores. Se foi bom, mostrará tendências para o bem: se mau, tendências para o mal: se músico tendências para a música, como aconteceu a Mozart e recentemente a Pierino Gamba.

Pierino Gamba é certamente o espírito dum grande maestro, dum grande músico que desceu à terra, para fazer a admiração dos sábios e principalmente para mostrar aos geneticistas que seus cálculos sôbre hereditariedade psíquica se encontram formalmente errados; o espírito não morre, antes, continua numa permanente evolução, aproximando-se cada vez de regiões mais altas, de planos mais elevados, onde só reina a Paz, o Amor e a Harmonia!

—

Uma nota de «Mundo Espírita» de 23/4/49:

PIERINO GAMBA

Passou pelo Rio de Janeiro, a 19 do corrente, com destino à República Argentina, o mais jovem maestro do mundo Pierino Gamba, com 11 anos de idade.

Em seu regresso Pierino Gamba demorar-se-á aquí e terá ensejo de mostrar que «quem sabe, sabe».

Êsse menino prodígio foi observado pelos nossos confrades de «Estudos Psíquicos», em Portugal. E viram que êle revela compostura e capacidade de Maestro. Que Deus o preserve, dos males terrenos, são os nossos votos.

Falando com os mortos

por Frederico Duarte, Manchester

Tenho recebido de várias partes notícias de certas pessoas que tendo lido a minha crônica «O Meu Filho não Morreu», se encontram perplexas sugerindo mesmo que a aparição dêle foi por uma mera imaginação minha.

Creio ter exposto os factos dum modo explícito e apontando estarem alí mais pessoas convictas de que o ocorrido foi genuino não tendo sómente ouvido falar o meu filho, como também o visto com o seu uniforme de soldado.

Nòs, os espiritualistas, sabemos muito bem das grandes dificuldades com as quais contamos para podermos convencer uma certa classe de indivíduos de que os fenômenos observados em sessões espíritas não são devidos à sugestão mas sim aos factos irrefutáveis.

Uma senhora das minhas relações entretinha se, de todas as vezes que nos encontravamos, a zombar comigo. Um dia ao saber que ia assistir a uma sessão pùblica com a médium Madame Bullock, pediu-me para que ela e uma outra senhora fossem comigo. Ao chegar ao salão notei estarem todos os lugares tomados, mas foi-me possível colocar duas cadeiras perto do palco onde ambas se sentaram. Eu fiquei perto da porta de entrada de pé. Ambas estavam certas de que a médium não sabia da sua presença alí.

Aconselhei-as antes de entrarmos a que se portassem bem e a não assustar-se quando o salão ficasse ás escuras, sómente com uma luz vermelha em frente da médium.

Antes da médium cair em trance, proferiu um magnifico discurso, manifestando haver alí no auditório várias pessoas que vinham com a intenção de assistir a uma demonstração teatral, e não a um acto solene e religioso. Apelou para todos a serem honestos e a se compenetrarem de que deviam considerar aquela reunião como se estivessem numa igreja.

Quando a médium foi posta em trance, apareceu transfigurado o seu guia principal Rainbow, o qual falou, como de costume num tom de voz que se podia ouvir bem lá fóra na rua.

Transfiguraram-se a seguir várias entidades que conversaram com pessoas de família e outras alí presentes e subitamente ouvimos um grito proferido pela senhora minha amiga. E' êle, é êle, o meu primo John !

O John transfigurado sorriu-se e disse: — «Sim, sou teu primo John Sparrow. Estou bem e feliz. Deus te abençoe. Boa Noite.

No final saimos todos para a rua e a Miss Grace me confessou ter visto e falado com o primo o qual tinha morrido por um desastre, tendo-se esbarrado contra um muro quando montava uma bicicleta. Fomos a casa da outra senhora onde estava o marido e uma filhinha de nove anos à nossa espera e onde tomámos todos o «chá». O marido saudou-nos com um «Então como se portaram os Espantalhos ? E a esposa contestou: — Não digas isso pois hoje vi a tua mãe e o meu pai, e êste disse-me para que olhe bem pela minha mãe pois está muito doente e precisa de atenção médica. A Miss Grace rebucou o marido também dizendo que estava bem impressionada com o que viu e ouviu.

Por diversas vezes tratei de convencer a ambas para irmos assistir a outras sessões, mas debalde, esquivando-se sempre a isso. Não sei francamente qual o motivo, mas folgo por me deixarem agora em paz e não mais me atiçarem e criticarem como o faziam até então.

—

Soube dias depois que efetivamente a mãe da senhora amiga estava muito doente e foram chamar o médico. Uns dias depois lá foi ela unir se ao seu marido no Além ! !

Não é pelo muito falar que sereis reconhecidos como seguidores do Cristo, mas sim, pelas vossas boas obras. — LUCIPAZ.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Uma visita ao Educandário Pestalozzi

Aproveitando as férias, fizemos uma visita ao Educandário Pestalozzi, de Franca, no dia 20 do mês passado, em companhia do nosso ativo representante Onofre Baptista.

O Dr. Tomaz Novelino, fundador e Diretor dêsse importante estabelecimento de ensino e um dos mais diligentes pregadores da Doutrina, nos mostrou, demoradamente, todas as salas e dependências do Educandário, onde milhares de crianças e jovens encontrarão as luzes do saber e da espiritualidade, afim de bem poderem se conduzir na vida terrena, no preparo de uma entrada feliz no mundo espiritual, em demanda do reino de Deus e a sua justiça.

A fachada principal do Educandário Pestalozzi, que obedece ao mais apurado estílo colonial, não dá siquer uma pálida idéia do vulto da obra. Quem desejar conhecer o Educandário em todos os seus detalhes, precisa fazer-lhe, como fizemos, uma visita e, como nós, exclamará maravilhado ao saber das dificuldades que o Dr. Tomaz Novelino teve que vencer para levar avante o seu empreendimento: «Eis aquí um testemunho do milágre da fé e da boa vontade!»

O Dr. Tomaz Novelino vem sendo apreciavelmente ajudado por sua dedicada esposa Prof.a D. Maria Aparecida Rebêlo Novelino, que é incansável, tendo sob sua responsabilidade pesada tarefa relacionada com a sua profissão de educadora e com a escrita do Educandário.

Disse-nos o Dr. Novelino que pretende montar no Educandário diversas fábricas e já está dando os necessários passos para a instalação, brevemente, de uma fábrica de caixas de papelão e outra de calçados, no desenvolvimento do curso profissional.

O Educandário Pestalozzi, que dentro em breve estará aparelhado para receber alunos de todas as regiões do Brasil, possúe vasta área de terreno que vai ser cultivado, afim de proporcionar aos alunos internados boa e abundande alimentação e conta já com uma pleiade de professores competentes, pois já estão funcionando o curso primário e a 1.ª série do curso ginasial.

Dessa forma, os filhos de pais espíritas já podem contar com um Ginásio que lhes garante o livre exercício de sua religião, o Espiritismo, livres como serão da intolerância clerical.

O Educandário Pestalozzi conta com o apôio moral e material de todos aqueles que, livres das peias de religiões caducas, fazem causa comum com a liberdade de pensamento e a justiça.

Ao Dr. Tomaz Novelino e à sua exma. esposa, Prof.a D. Aparecida Rebêlo Novelino, os nossos sinceros agradecimentos pelas atenções que nos dispensaram.

A unificação espírita em marcha

Nabor da Graça Leite

Sim, a unificação espírita está em marcha, graças ao trabalho incessante dos Espíritos do Senhor. Mas para tanto eles se valem, como é natural, dos instrumentos do plano físico ou seja os *mediuns*, que dia a dia surgem em maior numero e de faculdades mais potentes no seio da humanidade onde a dor, a lagrima e o desespero são cada vez mais intensos. E tal acontece porque o homem dificilmente se volta para as coisas superiores da vida, especialmente para as verdades eternas do Evangelho á luz do Espiritismo, a não ser tocado pelo sofrimento. A regra comum é vir pela porta da dor. Entretanto, há os que ingressam no Espiritismo e depois se tornam elementos de valor em suas fileiras, mesmo sem esse imperativo. Esses, porém, se contam em menor número.

O Dr. Urbano de Assis Xavier, êsse moço expansivo, cuja alegria logo contamina a todos, pertence ao número daqueles que foram chamados à Seara Espírita suavemente, apenas padecendo os «distúrbios» que precedem o chamado desenvolvimento da mediunidade.

Mediunidade! Pois que, então as pessoas cultas tambem são medium?—perguntará, talvez algum leitor menos versado na doutrina. E nós lhe responderemos: Sim. Essa faculdade que é intrínseca ao espírito encarnado, não escolhe condição social nem graus de cultura para manifestar-se, dai a convicção que alimentam os espíritas de que «mediuns» os há em todas as camadas sociais e a serviço do progresso moral, social e espiritual da humanidade, na religião, na ciencia, nas artes, na politica, em suma em todos os campos de atividades em que a críatura busca o bem e o belo.

— Mas que tem a ver isso com a unificação espírita? perguntará ainda o leitor. Nós lhe diremos. Sem duvida o meu amigo, se é espírita — e mesmo que não o seja—conhece ou já ouviu falar no Dr. Urbano de Assis Xavier, pois não? Se o conhece, sabe que ele, já como cultor da doutrina espírita e dos mais entusiastas e convictos, possuidor de sólidos e aprofundados conhecimentos, já como detentor de belissimas faculdades mediúnicas, se entregou de corpo e alma á difusão da consoladora doutrina codificada por Allan Kardec. E' assim que, ultimamente, ele vem desenvolvendo intensa propaganda espírita não sómente em S. Paulo como nos vizinhos Estados de Minas, Goiaz e Mato Grosso, em todas as cidades por onde passa, em serviço da firma de que é representante. E' um trabalho muito estafante e cansativo êsse do nosso amigo, porisso que tem de atender aos seus mistéres materiais e tambem ao trabalho de ordem espiritual. E' portanto um esfôrço redobrado, notando-se, porém, que, não obstante, as conferências proferidas pelo Dr. Urbano nada deixam a desejar, pelo contrário, se revestem de um brilhantismo extraordinário, porque o Urbano, mesmo quando lhe falecem as energias físicas — o que é raro acontecer — conta em todas as circunstâncias, com a poderosa energia que lhe emprestam os espíritos através de uma assistência maravilhosa que faz transcender, de muito, o homem culto que êle é, dando-lhe maior autoridade e poder convincente. Suas palavras caem, porisso, em cheio no coração dos ouvintes, cadentes de entusiasmo e fé, despertando indiferentes ou fortalecendo ainda mais a crença dos que se acham na doutrina.

Foi isso, exatamente, o que ainda acabamos de presenciar em Baurú, onde o Dr. Urbano de Assis Xavier, de passagem, nos deu a imensa satisfação de ouví-lo em duas substanciosas conferências proferidas a 21 e 22 de Abril corrente, respectivamente nos Centros S. Vicente de Paula e Amor e Caridade, subordinadas aos temas: «Fenômenos de Voz Direta» e «Como se desenvolveu em mim a mediunidade».

Não tratou sómente dos temas em apreço, nessas conferências, mas, ainda, teceu oportunos comentários a respeito das atividades assistenciais que se desenvolvem nos meios espíritas, bem assim e com especialidade a propósito dêsse outro campo de trabalho a que estamos sendo chamados, isto é, o *campo educacional.* Nêsse particular referiu-se êle à maravilhosa obra que, por exemplo, já se ergue em Franca, nêste Estado, onde já se acha em pleno funcionamento o «EDUCANDARIO PESTALOZZI», dirigido pelo nosso comum amigo e distinto confrade Dr. Tomaz Novelino. Realmente, essa obra, pelo que dela já temos conhecimento, e como ainda agora nos falou o Dr. Urbano, é um modelo para muitas outras que deverão surgir dentro em pouco aquí e em toda parte, porisso que, de facto, como repete constantemente Vinicius «a redenção é obra de educação». E ninguém melhor do que o espírita para entender isso, donde se vê que não pode descurar de que ela seja concretizada. E' o que, felizmente, estão todos os espíritas já compreendendo, assim é que, a União Social Espírita de São Paulo, pelo seu Departamento de Educação, promoveu o 1.º Congresso Educacional Espírita Paulista, criando o «Instituto Espírita de Educação» que promoverá, brevemente, a criação de escolas, ginásios, colégios, educandários, etc. em profusão, por todos os rincões paulistas. E o exemplo há de ser imitado por todos os demais Estados brasileiros.

—

Ora, aí está porque demos a esta crônica o título que lhe serve de epígrafe. E aqueles que, como o Dr. Urbano de Assis Xavier saem por aí além a propagar estas coisas, efetivamente estão a serviço da unificação do Espiritismo. Porisso, daquí lhe dirigimos o nosso pensamento de gratidão e incentivo a que prossiga, porque, como afirmára o Cristo, a Seára é grande, mas os trabalhadores são poucos. Porém, não nos encomodemos, porque os tempos chegarão e êste já é, em que muitos homens e criaturas movidos pela dôr ou de boa vontade, virão colaborar nesta seára, para o completo triunfo da Verdade na Terra.

Baurú, 25 de Abril de 1949.

«A Salvação é obra de Educação»

Preconiza o ensino do Espiritismo como preventivo contra as doenças mentais

—

Segundo os estudos do médico Inácio Ferreira, a doutrina dos espíritos rasga novos horizantes à medicina — O «Educandário Pestallozzi», de Franca, uma das grandes realizações no campo educacional em S. Paulo — Declarações do sr. Urbano de Assis Xavier, conferencísta espírita, ao «Jornal de Notícias»

O sr. Urbano de Assis Xavier, figura de relevo do Espiritismo dêste Estado, conferencista bastante apreciado e que se tornou também conhecido nos meios espíritas pelas raras faculdades mediúnicas de que é dotado, inclusive a chamada de bi-corporação que possúe, vem realizando, há alguns meses, uma série de viagens pelas cidades do interior do Estado de S. Paulo, Triangulo Mineiro e Goiás, tendo, até o momento, visitado cerca de 40 localidades, nas quais pronunciou diversas conferências doutrinárias e observou de perto o desenvolver do movimento espírita. Inquirido pela reportagem do JORNAL DE NOTÍCIAS sôbre êsse movimento, disse que notou em todas as localidades onde esteve grande interêsse dos meios espíritas por assuntos educacionais.

Obra Assistencial Espírita

— «Os espíritas até hoje — prosseguiu o sr. Urbano Xavier — têm-se dedicado mais ás obras assistenciais, construindo numerosos hospitais e asilos por toda parte. Nêsse setor de assistência social os espíritas têm-se destacado principalmente na construção de hospitais para doentes mentais, em virtude de a doutrina possuir elementos que revelam um campo novo no terreno da Psiquiatria, através do qual muitas curas consideradas impossíveis se realizam com relativa facilidade pelo método espírita. Em Marilia foi recentemente inaugurado um dos mais modernos hospitais para doenças mentais de todo o nosso interior, o Hospital Espírita de Marilia; em Franca, há anos funciona a «Casa de Saúde Allan Kardec»; em Itapira temos o Sanatório Americo Bairral, fundado pelo sr. Onofre Baptista; em Araçatuba, o Hospital fundado por D. Benedicta Fernandes, já falecida; em Ribeirão Preto, o Hospital Bezerra de Menezes; em Espírito Santo do Pinhal, em Penápolis e Barretos hospitais sob os cuidados do sr. Wilson Ferreira de Melo, e outros ainda, isto para só falarmos em S. Paulo e sem nos referirmos a estabelecimentos de outro genero como albergues, orfanatos, etc. Nos demais Estados o interêsse dos espíritas pelas obras assistenciais não é menor.

Sanatório Espírita de Uberaba

O sr. Urbano Xavier não quer deixar de se referir particularmente ao Sanatório Espírita de Uberaba, declarando:

— «Em Uberaba, por exemplo, no Triangulo Mineiro, por onde passei em Dezembro último, vindo de Goiás, visitei o confrade sr. Inácio Ferreira, diretor do Sanatório Espírita de Uberaba. Trata-se de um médico psiquiatra, que entrou a serviço daquêle hospital ainda como materialista, convertendo-se ao Espiritismo em virtude dos factos, que se incumbiram de lhe revelar as novas possibilidades abertas pela doutrina no campo da cura mental e psíquica. E de tal maneira o sr. Inácio Ferreira se dedicou ás pesquisas nêsse novo campo, que é hoje conhecido, por suas obras e sobretudo por sua coragem em sustentar a verdade nua dos factos contra todos os preconceitos, não só em todo o Brasil mas tambem no estrangeiro. Na Argentina, por exemplo, chamam-no de «médico valiente». Ainda na minha visita tive oportunidade de encontrá-lo ás voltas com numerosa correspondência, vinda de todas as partes do mundo, que o obrigou até mesmo a suspender a sua colaboração para a Revista Internacional do Espiritismo».

«Novos Rumos á Medicina»

— «Entre as muitas cartas chegadas, encontrava-se a de um médico de Miami, Estados Unidos, curioso pelos assuntos relatados em artigo do sr. Inácio Ferreira naquela revista. Entre as obras notáveis dêste médico espírita, faço questão de citar, para os que se interessam pelo assunto, o livro já em segunda edição: «Novos Rumos à Medicina», que é poderoso repositório de factos espíritas e observações clínicas efetuadas no Sanatório de Uberaba».

Entusiasmo pela Causa Educacional

— «Pois bem, êste mesmo médico — prosseguiu o sr. Urbano Xavier — tão profundamente interessado pela sua especialidade, tão dedicado ao seu trabalho de recuperação humana, fui encontrar também ardendo de entusiasmo pela causa educacional. Disse-me êle que os espíritas laboram num êrro grave, ao dedicarem tamanha parcela do seu tempo e de suas energias à criação de hospitais de alienados, problema êste de competência do Poder Público, que não só não o trata como devia, mas ainda procura incessantemente obstruir, embaraçar e prejudicar o trabalho dos espíritas. Acha, assim, o sr. Inácio Ferreira, baseado na sua longa experiência, que os espíritas devem antes se dedicar à criação de escolas, de educandários, para a educação das futuras gerações em moldes espíritas, única maneira eficiente de se cortar o mal pela raiz, prevenindo, pela educação, pela orientação de um espiritualismo racional, os futuros desequilíbrios psíquicos. Em Uberaba, nêsse sentido, há um grande trabalho da União da Mocidade Espírita, orientado por aquêle médico, na construção do «Lar Espírita», instituição de amparo à criança abandonada, com um magestoso edifício já construído, a inaugurar-se dentro em breve».

O «Ginásio Pestallozzi»

— «Quasi o mesmo é o que se passa na cidade de Franca, em nosso Estado, onde outro médico espírita, diretor da Casa de Saúde Allan Kardec, chegando a conclusões idênticas, resolveu fundar uma instituição educional, erguendo alí o belo e confortável edifício do «Ginásio Pestallozzi», já em funcionamento e com inspeção federal. Inúmeros são os pedidos de matricula recebidos pelo educandário de todas as partes do Brasil, pelo que, animado, espera o seu fundador vê-lo dentro em breve ampliado. Aliás, o sr. Tomás Novelino é discípulo de Euripedes Barsanulfo o grande «médium» mineiro que foi um dos pioneiros da educação espírita no Brasil, fundando na cidade de Sacramento o «Colégio Allan Kardec», cujos resultados ainda se fazem sentir, na orientação seguida firmemente por todos os que lá tiveram a ventura de se educar».

Outros Estabelecimentos Idênticos

E, finalizando:

— «Em Campinas há também um Ginásio em construção, em Baurú e Marilia já se cogita do assunto, e vem agora, mais recente, o I Congresso Educacional Espírita Paulista, promovido pela U. S. E. nesta Capital resultando na fundação do Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo. Assim, como se vê, a tendência atual do movimento espírita em todo o país, é a da educação. Isso aliás, condiz muito bem com os princípios racionais da doutrina, de acordo com a frase que Vinicius, o grande pregador espírita, sempre repete em suas palestras: «A salvação é obra de educação». Os espíritas estão convencidos, realmente, de que a salvação, não só espiritual mas também material, do homem só se fará por meio da educação em seu mais amplo sentido».

Do «Jornal de Notícias», de 16/3/949

* * *

2.o Congresso Espírita Pan-Americano

Recebemos da Comissão Organizadora do referido Congresso, da qual fazem parte vários colaboradores desta Revista, a seguinte circular:

Rio de Janeiro, Janeiro de 1949.

Sr. José da Costa Filho

Matão, Estado de São Paulo

De nossa fraterna consideração

Em Outubro do corrente ano, possivelmente a 3, dia de Kardec, será instalada, no Rio de Janeiro, o 2.º C.E.P.A. — 2.º Congresso Espírita Pan Americano — reunindo delegações de todos os países do Continente Americano onde o Espiritismo se encontra organizado.

Com a instalação desse Congresso

será transferida de Buenos Aires para o Rio de Janeiro a sede da Confederação Espírita Pan Americana — C.E.P.A. — Entidade criada pelo 1.º Congresso, que se realizou em Buenos Aires, em 1946, e que tem por alta finalidade irmanar em tôda a América os adeptos do Espiritismo e garantir a ação da Doutrina que Allan Kardec codificou, bem como difundi-la e organizá-la nos poucos países em que ainda não o esteja.

O maior êxito desse 2.º Congresso depende da compreensão de responsabilidade espiritista do Brasil. E como, ante a limpidez dos ensinamentos da Doutrina do Consolador, é sabido, pelos espiritistas, que não se renasce onde se quer nem sem justa razão de ser, a qual se prende a um passado de lutas já vividas no plano físico da Terra, dois sentimentos se fazem sobrelevar em pról daquele êxito maior: o alto interêsse pelo prestígio de nossa sublime Doutrina, e do nome do Brasil.

Por isto a Comissão Organisadora desse 2.º Congresso Espírita Pan Americano, nomeada pelo Conselho Executivo da C.E.P.A., e constituida de Aurino Barbosa Souto, como Presidente, Deolindo Amorim, como Secretário Geral, Dr. Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, como Tesoureiro e Cel. Delfino Ferreira Junior, Dr. Carlos Imbassahy, Deputado Campos Vergal, Prof. Leopoldo Machado, Dr. Francisco Klörs Werneck, Dr. Lauro Sales e João Batista Chagas, como membros componentes, não vem propriamente apelar para que o estimado confrade contribua para aquele êxito maior do Congresso, mas, sim, afirmar que conta com a sua necessária adesão, a qual se traduzirá em seu apôio moral e material.

Esta Revista, como membro da C.E.P.A. que é, coloca-se á disposição dos confrades e leitores de todo o Brasil para o encaminhamento de qualquer contribuição para maior brilhantismo daquele magno certamen pan-americano.

Mundo Espírita

Ingressou no seu 18.º ano de existência no dia 4 de Abril último, este nosso brilhante colega, que se publica na Capital Federal sob a competente dirèção do conhecido e apreciado jornalista Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes.

«Mundo Espírita» é, atualmente, o maior jornal espírira que se publica no mundo. Conta com a colaboração de escritores de evidência no cenário espírita e mantém um bem desenvolvido noticiário.

O Dr. Lins de Vasconcelos tem a seu lado os conhecidos jornalistas Deolindo Amorim e Amadeu Santos, respectivamente secretário e gerente de «Mundo Espírita».

Ao distinto colega, o nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

Atividades da União Social Espírita em 1948

O trabalho de unificação desenvolvido pela U. S. E. em 1948, muito embora não tenha sido realizado em todos os setores, como estava previsto no plano elaborado, foi sem dúvida alguma, fecundo e promissor. Devido a falta de elementos, (financeiros e humanos), e as dificuldades criadas pela incompreensão de muitos, a tarefa não ultrapassou as espectativas, entretanto, as maiores dificuldades foram vencidas, prenunciando uma avançada mais eficiente, para os dias vindouros. No plano de um ano de trabalho, constou a arregimentação de 700 centros no Estado, realizando a arregimentação de 653 entidades. Estão formadas 32 Uniões Municipais, cujo funcionamento se enquadra no regulamento da U. S. E.

Dentre os membros Regionais, os poucos que se dispuseram ao trabalho, conseguiram realizar tarefas de grandes proporções, influenciando grandemente para a maior expansão do movimento em determinadas zonas.

O Departamento das Mocidades, percorreu quasi todo o Estado, entrando em contacto com os jovens espíritas, incentivando-os à formação de juventudes e outros trabalhos. Elaborou um Estatuto básico, discutiu problemas a serem resolvidos nas mocidades, harmonizou desavenças e colaborou para uma unidade mais precisa no setor doutrinário. No Departamento de propaganda foram tomadas todas as providências necessárias para maior divulgação dos objetivos de unificação da U. S. E., não só no estado bandeirante, mas em todo o país e até mesmo no estrangeiro. Foram publicados pelos jornais espíritas e Diários da Capital, mais de 600 comunicados, além de inúmeros folhetos e Anais do 1.º Congresso, em número de 1.010. Em representações oficiais e solenidades na Capital e no Interior, foram credenciados 100 oradores.

Pela Secretaria foram expedidas, entre cartas e circulares, 18.000 unidades; Boletim da U S. E 17.000. Além dessas expedições, a secretaria, em colaboração com o Departamento de Estatística, têm mantido o recenciamento espírita, com mapas demonstrativos e dados concretos sôbre o movimento.

Foram nomeados 4 delegados que percorrem o Interior, tendo os mesmos, juntamente com outros representantes da U. S. E., efetuado visitas nas seguintes cidades: Olimpia, Barretos, Jaboticabal, Mogi-Mirim, Mogi das Cruzes, Caçapava, São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba, Jacareí, Taquaritinga, Novo Horizonte, Catanduva, Avaré, Rio Preto, Osasco, Araraquara, Campinas, Jundiaí, Limeira, Rio Claro, São Roque, Botucatú, Baurú, Sorocaba, Guaratinguetá, Santa Cruz do Rio Pardo, Marilia, Franca, Pirajú, São Caetano, Piracicaba, Taubaté, Votuporanga, São Salvador (Bahia), Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Foram distribuidos opúsculos e livros doutrinários, em número superior a 5.000. No terreno da unificação nacional, a U. S. E. coordenou, por delegação dos Estados, o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, cujos resultados foram além do que era esperado. Finalmente, realizou o 1.º Congresso Educacional Espírita Paulista que veiu iniciar a nova jornada para o futuro do Espiritismo na Pátria do Evangelho. Sem dúvida alguma, foi a maior campanha que até então já se realizou no território nacional, em pról da unificação dos espíritas.

Ao iniciar a nova fase de lutas, a U. S. E. congratula-se com os seus nobres companheiros, os dedicados membros regionais, Uniões Municipais e os Centros em geral que lhe deram tão significativo apôio. Contando ainda com o espírito dinâmico daqueles que lhe ampararam, irá enfrentar uma nova e árdua tarefa para a conclusão final da primeira etapa que deverá ter a sua culminância no 2.º Congresso Estadual, de acôrdo com a vontade unânime da maioria dos espíritas paulistas.

Cumpre acrescentar que a situação financeira da U. S. E. tem sido mantida quasi que exclusivamente pelas contribuições dos Conselheiros, Diretoria Executiva, as Entidades patrocinadoras e raras contribuições dos Centros.

Aviso aos Espíritas

Há necessidade de todos os diretores de Centros e Organizações Espíritas ficarem alertas, para que não aconteça conosco o que se verificou há alguns anos, quando realizaram o Censo da população do Brasil.

Virá em breve um novo recenseamento. Na ocasião oportuna, ou seja, trinta dias antes, os diretores dos nossos Centros deverão iniciar a propaganda do Censo, alertando todos os espíritas para que declarem e façam questão de ver a ficha preenchida com a declaração de que são espíritas.

Se não fiscalizarmos os empregados do Censo, fatalmente farão como da vez anterior, na qual preencheram todas as fichas em branco com a declaração de católicos.

Trabalhemos todos para que seja demonstrado e evidenciado que no Brasil há um respeitável quociente de espíritas.

Unamo-nos nesse trabalho que indiretamente muito virá facilitar a propaganda e a difusão do Espiritismo.

Levemos essas instruções a todos os nossos confrades, pela imprensa, pelo rádio, pela tribuna, por todos os meios que se nos depararem.

(Transcrito do REFORMADOR do mês de novembro).

Visitas

Dr. Euripedes de Castro

Acompanhado de sua exma. esposa, deu-nos o prazer de sua visita no dia 12 de Abril último, o novo, mas já conhecido conferencista espírita, Dr. Euripedes de Castro que, como representante da *Use*, está em excursão de propaganda da Doutrina.

O Dr. Euripedes de Castro fez, nêsse mesmo dia, importante conferência na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», que ficou à cunha. O conferencista revelou-se profundo conhecedor da Doutrina Espírita, explicando, com palavras accesíveis a todas as inteligências, a Verdade de acôrdo com os ensinos doutrinários e evangélicos, ocupando, por espaço de mais de uma hora, a tribuna.

Presidiu os trabalhos o nosso companheiro Dr. Urbano de Assis Xavier, que fez a apresentação do conferencista e usou da palavra ao encerrar a sessão, que deixou em todos os presentes gratas recordações.

Arlindo Colaço

Deu-nos o prazer de sua visita no dia 18 de Abril último, o nosso prezado amigo e colaborador Arlindo Colaço, ex-Prefeito de Alagôa Nova, Estado da Paraíba, presidente do Centro Espírita local e grande industrial.

Arlindo Colaço, um dos mais ativos e infatigáveis lutadores espiritas, muito conhecido e admirado pelos seus oportunos e substanciosos escritos, visitou, nesta sua longa excursão, seus numerosos amigos. Esteve na Capital Federal e na Capital Paulista, de onde seguiu para Dourado acompanhado de sua exma. esposa D. Nauta Colaço. Em Dourado passou alguns dias na residência de um seu irmão médico

O apreciado escritor espírita manteve conosco agradável e proveitosa palestra, regressando nesse mesmo dia para Dourado.

José Dias

Êste velho e estimado amigo, residente em Rio Claro, deu-nos o imenso prazer de sua visita no dia 24 de Abril último, mantendo conôsco fraternal palestra.

Aproveitando a oportunidade, José Dias, que é incansável na pregação da Doutrina, realizou uma oportuna palestra evangélica no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», regressando nêsse mesmo dia para Rio Claro.

Gratos pela visita.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

A propaganda em Mogí das Cruzes avança cada vez mais, tendo à frente trabalhadores incansáveis, que pregam a Doutrina com os factos.

— Em Mogí Mirim participei, no dia 31 de Março último, de uma sessão comemorativa de mais um aniversário do desincarne de Allan Kardec. Eu, os confrades José de Andrade, o presidente do Centro local e José Palomo Robles, de Jacutinga, usamos da palavra.

Bibliografia

Biosofia

As «Edições Melhoramentos» acabam de entregar ao público o livro «Biosofia», da lavra do Prof. Pedro Deodato de Moraes.

O autor impõe-se não só por sua elevada cultura como pela maneira como expõe as idéias. E' um livro moderno, de idéias modernas, altamente evoluidas.

«Biosofia» tem despertado invulgar interêsse nos meios espíritas do país. A um tempo é livro de elevação espiritual e divulgação científica. Em feliz entrosagem de dois temas, tão palpitantes e atuais quanto oportunamente tratados, produziu o autor um trabalho que por certo encontra numeroso público leitor entre a legião daqueles que anseiam por uma orientação segura em face dos múltiplos e complexos problemas que o ente e a condição humana defrontam na vida de nossos dias.

E' um livro que se lê muitas vezes com o mesmo prazer e interêsse.

Contém 238 páginas formato 13,2 x 17,4 ctm. Preço: Cr. 30,00 e mais cr. 1,00 para o porte. A' venda na Livraria «O Clarim».

— Gratos pela oferta de um exemplar.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXV—Brasil— E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1949 — N. 5

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo nas Igrejas . . . . *Redação*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Francisco Klörs Werneck*
O Consolador . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Trinta Anos Entre os Mortos . . *Francisco Klörs Werneck*
Credo Espírita . . . . *Spártaco Banal*
Uma Quinta Coluna Dentro do Espiritismo . . . . *Pereira Guedes*
Pontos de Vista . . . . *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Cinzas do meu Cinzeiro . . . . *M. Quintão*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1949 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo nas Igrejas

COMO o sol, a Verdade projeta-se em toda a parte onde exista uma creatura que lhe sirva de instrumento. Ninguém nêste mundo, por mais poderoso e sábio que se julgue, será capaz de esconder ou alterar a Verdade indefinidamente, assim como ninguém será capaz de deter ou alterar a luz do sol. Quando escondida ou alterada pela má-fé de creaturas que se movimentam ao impulso de bastardos interêsses, valendo-se da ignorância dos seus semelhantes, a Verdade reaparece subitamente, e com tal fôrça, que até os seus próprios detratores, pegados de surprêsa, vêm-se obrigados a proclamá-la.

Ninguém ignora a campanha movida contra o Espiritismo pelo clero romano, que, na sua declarada má-fé contra a Verdade, com o objetivo imediato de defender os seus dogmas, que tolhem o exercício da razão, tornando as creaturas fanáticas e supersticiosas em vez de esclarecer-lhes o entendimento, afirma que o Espiritismo é fábrica de loucos e que os espíritos que se manifestam nas sessões espíritas não passam de demônios.

Mas o Espiritismo, que é a Verdade, porque é o Paracleto da Promessa de Jesus, entra em toda a parte e faz valer o seu poder através dos próprios detratores, porque a mediunidade não é privilégio de ninguém, está com todas as creaturas, sejam espíritas, católicas, protestantes ou ateístas.

Se o Espiritismo entra em toda a parte através dos médiuns, é lógico que entre também nas igrejas. E' o que se verificou em Caxias, de acordo com uma reportagem de «O Imparcial», o jornal mais antigo e de maior circulação do Maranhão, em sua edição de 18 de Março último, reportagem essa que, com a devida vênia, transcrevemos abaixo, visto achar-se envolvido no caso, o que é muito significativo, D. Marelim, bispo de Caxias. Tratando-se de uma autoridade eclesiástica, as suas palavras devem calar fundo nas suas ovelhas, muito embora o bispo procure esconder o nome da vidente.

O anjo e a Nossa Senhora das Graças, citados pelo bispo são espíritos que tomaram êsse nome para mostrarem ao bispo e aos demais da igreja, que a comunicação entre os desincarnados e incarnados, sustentada e provada pela doutrina espírita, é um facto que se positiva em toda a parte.

O Espiritismo faz sentir o peso da Verdade nas próprias igrejas, que começam a ver a derrocada dos seus dogmas e cultos externos em benefício da humanidade espiritualmente escravizada pelas religiões dos homens.

Passamos a transcrever a reportagem em apreço com os seus título e subtítulo:

«Confirmadas pelo sr. Agnelo Costa as declarações de D. Marelim sôbre a aparição de Anjos e Santos em Caxias

VIU TAMBÉM NUMA GARRAFA O QUADRO DE N. S. DAS GRAÇAS—OUTRAS NOTAS

Com referência aos acontecimentos de Caxias, no curso dos quais um anjo aparece para d. Luiz Marelim, bispo da Princêsa do Sertão, resolvemos ouvir o sr. Agnelo Costa Soares, agente da NAB em nosso Estado.

Tendo estado recentemente em Caxias, onde fizera cuidadosas observações e testemunhára alguns factos cheios de um maravilhoso sem par, estreitamente ligados ás aparições do anjo, o sr. Agnelo Costa Soares era o homem naturalmente indicado para satisfazer a curiosidade pública através de uma entrevista aos «Diários Associados».

Perfil de D. Marelim

Encontramo-lo num dos corredores do Palácio do Comercio, minutos antes de uma reunião na Associação Comercial, da qual ia participar.

Prontificando-se a conceder a entrevista solicitada, começou o sr. Agnelo Costa Soares:

— Estive em Caxias, realmente. Essas ocorrências todas são confirmadas, categoricamente, pelo bispo do lugar, dom Luiz Marelim. Conheci-o ainda como padre, aquí em São Luiz. Êle merece a maior confiança possível, como sacerdote e como homem. E' de caracter imaleavel e, sobretudo, muito culto e sensato.

Conversaram 3 horas

— Tendo eu de fazer uma viágem a Caxias, acompanhado de minha senhora, aproveitei a oportunidade para fazer sindicâncias em torno daqueles acontecimentos. Apesar de ser católico, eu ouvia comentários desfavoráveis sôbre tudo aquilo. Como estivesse em jôgo a pessôa de dom Luiz Marelim, queria certificar-me do que ocorria em Caxias. Fui aonde o bispo estava, em companhia de minha senhora, e tivemos a entrevista que duraram 3 horas.

Tal qual era

— Fiz isso para observar a situação e para ver si o bispo estaria ou não perturbado por qualquer coisa. Falei-lhe, primeiro, sôbre coisas do passado, tratando de assuntos anteriores aos acontecimentos. Não notei, felizmente, nenhuma anormalidade em dom Marelim. Nada, nêle, se modificára, nem o modo de falar, nem a sua conduta para comigo. Revelou a máxima serenidade e precisão. E, ao mesmo tempo que conversava, atendia a fieis que levavam garrafas para água benta, trabalhadores do Paço Episcopal e outras pessoas que o procuravam. Atendia a todas com a mesma naturalidade de antigamente.

Confirmadas pelo Bispo

— Depois, tocámos no assunto. Dom Marelim confirmou tudo que o «Cruzeiro», periódico da imprensa caxiense, tem publicado a respeito. Narrou tudo, com os maiores detalhes, porque êle afirma, categoricamente, que as aparições existem. Dom Marelim confirma-as com tanta sinceridade e expressão que a gente não o póde contradizer, porque não tem elementos para isso. Não há dúvida, absolutamente, porque êle fala como si fôsse a pessoa vidente.

Misteriosa Vidente

— Diz Dom Marelim que ha uma vidente no caso, mas êle não diz quem é. Não admite que se a identifique. Recomenda, mesmo, que se não procure identificá-la. Disse-me mais, que tudo quanto êle faz é por determinação de um anjo.

A mais expressiva

— Houve, na 3.ª feira de Carnaval, em Caxias, uma aparição que, segundo diz dom Marelim, foi mais expressiva ainda que as anteriores. Haviam, ao mesmo tempo, aparecido o anjo em aprêço e Nossa Senhora das Graças. Disse o bispo, que o anjo fôra visto pela vidente, enquanto que Nossa Senhora das Graças apenas fôra ouvida por aquela mesma vidente. Uma testemunha que o bispo não revelou quem fôsse, estaria por trás do altar, observando, e ouvira tudo o que se passára entre o anjo e a vidente. Aquela mesma testemunha, segundo me disse o bispo, vira, ao mesmo tempo, através de um jarro que orna o altar, a sombra do anjo projetada no vaso. Essa declaração peremptoria é dêle.

Outras aparições

— Por outro lado houve outras aparições de santos em garrafas dágua. Procurei justamente examinar esses casos em todos os seus detalhes. Eu vi, minha senhora viu e muitas pessôas também viram. Vi um quadro numa garrafa. No centro da garrafa aparecia um como nimbus, de nuvem escura, com tonalidades mais claras. No centro do nimbus, havia uma figura de Nossa Senhora das Graças, destacando-se-lhe bem o rosto, o manto azul e o hábito branco. Olhos, nariz, boca, tudo perfeito! Em volta, aos pés da imagem, 7 figuras de anjos. Os anjos usavam cabelo aparado, faces coradas e hábitos brancos.

Impressa na mão

— Não satisfeita com o que via, minha senhora afastou a garrafa que nos fôra mostrada e pôs a mão por trás desta. O quadro que havia na garrafa foi então visto como que impresso na mão de minha senhora! Depois, saímos. Fomos ver noutras casas. Ainda vimos, em duas casas, mais outros santos. Não por sugestão. Aquilo, para nós, não era sugestão, porque estavamos com o intuito de observação. Daí ficarmos estupefatos com o que vimos.

Deixarão de se verificar

— Quanto a essas aparições, informou-me dom Marelim que elas haviam sido anunciadas pelo anjo. Acrescentou que elas só se verificariam até o dia 15 de Março corrente. Do dia 15 em diante, conforme expressou dom Marelim, quem quer que fôsse poderia mirar até com binóculo, que não enchergaria mais coisa alguma.

Cura prometida

— Dom Marelim prometeu realizar a cura de um menino cego, inteiramente cego, e que tem os olhos fóra das orbitas. Garantiu-nos dom Marelim que o menino vai ser curado, como prova do poder de Nossa Senhora das Graças e como resposta aos protestantes que criticam os acontecimentos.

Terço, aos sábados

— Todo sabado, dom Marelim reza o têrço em público, frente a Catedral. Toda a população católica da cidade aflui ao local. Verdadeira multidão, verdadeira massa humana, ali se põe, contrita, rezando e ouvindo pregação. Dom Marelim narra, então, aos fiéis, as ocorrências da semana, tanto das aparições, como dos milagres que lhe foram comunicados.

Precauções

— Têm-se dado alguns milagres dignos de nota. Mas, isso, segundo acho, compete à reportagem. Que ela sindique junto ao bispo, porque só êle é autorizado a falar sôbre o assunto. Eu, si fizer qualquer menção, poderei ser tratado como fanático, pelo facto de ser católico. Concedo esta entrevista, apenas para atender à distinção do vespertino associado. Apenas por isso é que dou essas informações do que vi e ouvi. Convém que o reporter vá lá e traga mais elementos».

Os fenômenos espíritas têm se verificado em todas as épocas da humanidade e o seu objetivo principal e imediato é dar testemunho da imortalidade da alma, afim de que as creaturas tenham fé e esperança para prosseguirem na intérmina senda da vida em busca da suprema felicidade pelo seu aperfeiçoamento moral e espiritual.

Aqueles que negam a realidade dos fenômenos espíritas, tidos como supranormais, ou os procuram esconder do conhecimento dos seus semelhantes, movidos por interesses inconfessáveis, conspiram contra a Verdade, porém, mais hoje ou mais amanhã, terão que se retratar, porque os espíritos encarregados da espiritualização da humanidade não se deixam levar de respeitos humanos, tanto mais que a sua missão é colocar a Verdade no velador das consciências.

Eis a razão por que os espíritos, através da mediunidade, que não é privilégio de ninguém, fazem os próprios detratores da Doutrina espírita proclamarem, embora contra gosto, a realidade dos fenômenos espíritas.

CAIRBAR.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XIX

Opinião da Vidente sôbre os diversos graus do magnetismo

O estado magnético da Sra. Hauffe pode ser dividido em quatro graus :

1.o — Aquele em que estava habitualmente mergulhada e durante o qual parecia desperta, embora não estivesse, pois, ao contrário, se achava no primeiro período de sua vida interna. Ela dizia que muitas pessoas se encontravam em tal estado, sem que se suspeitasse disso e sem que elas mesmas dele tivessem consciência.

2.o — Sonho magnético ; ela acreditava que muitas pessoas, consideradas loucas, estavam simplesmente nesse estado.

3.o — Estado de meio sono, que se manifestava especialmente pela faculdade de escrever e de falar a língua interior e em que se encontrava ela às vezes. Dizia que falava essa língua quando o espìrito estava em íntima união com a sua alma.

4.o — Sonambulismo completo, durante o qual era clarividente e fazia as suas prescrições.

Entre o 3.o e 4.o graus, porém, parece-me evidente que ha ainda um estado intermediário : o cataléptico, durante o qual, ela fica rígida e fria. Ela dizia que, em seu estado de sonambulismo, não pensava senão com o cerebêlo, pois não sentia o seu cérebro, que estava adormecido. Em tal estado ela pensava antes com o seu espírito. Seus pensamentos eram mais claros e o seu espírito tinha mais poder sôbre ela do que em seu estado de vigília.

No sonambulismo completo, o espírito dominava. Quando era perfeitamente clarividente, dizia que os pensamentos vinham exclusivamente do espírito e da região epigástrica.

«No nosso estado de vigília natural, sentimos pouco ou nada o nosso espírito, mas o homem chamado a viver neste mundo deve ser governado pela alma. Se o espírito tivesse ampla liberdade, que seria deste mundo ? Ele pode penetrar nas regiões superiores e o homem não deve conhecer o futuro».

E' assim que ela falava no seu estado de sonambulismo.

Disse ela certo dia : «Sinto a alma nos nervos e a sinto bem claramente, mas é preciso que eu saiba, com certeza, se a alma age sómente sôbre os nervos e o que acontece a êstes depois da morte.» Depois de haver refletido mais profundamente dentro de si mesma, acrescentou : «*A alma continua a viver com o espírito e cria em tôrno dele uma fórma etérea.*»

Ela dizia que o sonho magnético tinha alguma semelhança com o estado de sonambulismo e um pouco de sua natureza, mas vinha sobretudo do cérebro. Quando saía dêsse estado, recordava-se do que sonhára. Ela então falava dele e contava o seu sonho, tal como se produzira em seu cérebro, traduzindo-as às vezes em versos e doutras de forma dramática. Distinguia êsses sonhos dos do sôno natural, em que eram mais regulares e mais claros. Não se podia despertá-la deles, mas se vinham a ser interrompidos naturalmente, continuavam na noite seguinte, no ponto exato em que tinham parado.

A Sra. Hauffe dizia que o estado sonambúlico é a vida e o ato do homem interior e contêm em si mesmo a prova da vida futura e da nova união após a morte. E' a atividade interna do homem, que dormita nos *sujets* no estado normal e que está inteiramente desperto naqueles cuja vida se acha inteiramente confinada no cérebro que, sendo inconsciênte de sua existência simpática, não ouve jamais essa voz. Entretanto, se o homem refletisse bem, ele verificaria que está alí o seu verdadeiro guia. O sonambulismo provocado pelos passes magnéticos é um remédio seguro, porque, na clarividência, o *homem interior* sai e examina tudo que o cerca, fenômeno que não se produz no sono normal nem no sonho. A clarividência é o mais perfeito estado de vigília, pois que então o sêr espiritual interno se acha desprendido e livre dos laços do corpo. Denominaria de boa vontade o sonambulismo de *exteriorização do homem interno* ou *desdobramento espiritual do homem*. Em tais momentos está o espírito inteiramente livre e é capaz de se libertar da alma e do corpo para ir onde quiser, com a rapidez do relâmpago. O sonâmbulo é então incapaz de qualquer ação má; mesmo quando a sua alma é impura, não pode nem mentir nem enganar. E' o que eu chamarei de terceiro grau da clarividência. No segundo grau, que é inferior, a alma e o espírito estão ainda unidos e o espìrito não está sò, como no precedente. Ha ainda um grau inferior, no qual a alma fica unida ao espírito e, como a alma não é inteiramente pura, a visão fica imperfeita. O grau mais fraco de todos deve ser considerado como um estado de excitação do sistema nervoso e é encontrado no curso da vida comum. Ele recorda essas faculdades proféticas de que alguns homens são certamente dotados, mas, no caso de sonambulismo, essas faculdades são mais desenvolvidas e mais regulares

No estado normal a alma habita sobretudo o cérebro, e o espírito a região epigástrica. No estado magnético, a alma se aproxima mais ou menos da séde do espírito. Naqueles que não vivem senão a vida externa, a alma domina e não se atinge o mais alto grau de perfeição espiritual senão quando o espírito chegar a se libertar completamente da alma.

E' preciso não perder de vista que ha enorme diferença entre êsse estado de desprendimento do espírito no sonambulismo e a sua partida por ocasião da morte.

O Consolador

Séu programa, seu plano de ação

SE há uma Doutrina que deva ter (e ninguém deixará de reconhecer-lhe essa necessidade), um plano de ação, um programa firmemente estabelecido, certamente será o ESPIRITISMO.

Importa-nos simplesmente indagar qual seja êsse plano de ação, em que têrmos deva ser vasado êsse programa?

Seria absurdo pretendermos entrar em divagações pessoais sôbre assunto de tanta relevância, de tão capital importância para o encaminhamento do curso doutrinário do Espiritismo, deixando de lado o que tenha sido, a respeito, previsto pelo mais autorizado intérprete da nossa Doutrina, que é sem duvida o próprio Codificador: Allan Kardec — «o bom senso incarnado».

Ora, o Codificador assim se externa em uma das obras fundamentais do Espiritismo, exatamente aquela que nos pode guiar neste caminho, porquanto é a que trata do problema em fóco, de uma forma essencial, concludente: «O PORVIR E O NADA». Nós vivemos, pensamos e operamos, eis o que é positivo; e que morremos não é menos certo.

Mas, deixando a terra, para onde vamos? Após a morte o que seremos? Estaremos melhor ou peior? Existiremos ou não? *Ser ou não ser*, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada! Viveremos eternamente, ou tudo se aniquilirá de vez? E' uma tese essa, que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que êle viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura tenha sido, e o seu coração rejubilará». (1)

Assim inicia Allan Kardec o parágrafo primeiro dêsse interessante capítulo com que abre o «O CÉU E O INFERNO». Nêle se estabelece a premissa básica do grande silogismo da imortalidade: O coração do homem se rejubilará, se lhe disserdes que será mais feliz do que porventura tenha sido.

---

(1) *«O Céu e o Inferno».*

A segunda premissa está no parágrafo seguinte do mesmo capítulo:

«Pela crença em o nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente. Lógicamente não se explica a preocupação de um futuro que se não espera».

O parágrafo terceiro corrobora, fortalece a conclusão lógica do antecedente, esclarecendo que «se a religião se mostra impotente para domar a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa na luta. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida. O que lhe falta nêste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crêr, é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas por factos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da ciência».

Ora, «é nestas circunstâncias — raciocina o Codificador no parágrafo quarto — que o Espiritismo vem opôr um dique à difusão da incredulidade, não sòmente pelo raciocínio, não sòmente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos factos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura».

Logo, concluímos harmonicamente com o pensamento do Codificador, se «tôdas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao gráu de adiantamento moral e intelectual dos homens: êstes, assás materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores» (Parágrafo antepenúltimo do citado capítulo), o programa, o plano de ação do Espiritismo será educarnos definitivamente para a compreensão das coisas puramente espirituais, afim de que, a exemplo do sucedido aos primeiros discípulos, se o Cristo ressurgiu da carne (aparente ou real) para a imortalidade do Espírito, com Êle ressurjamos nós, afim de que, onde o Pastor estiver, estejam as suas ovelhas, conforme o desejo expresso pelo mesmo Jesus.

Outro não poderá ser, portanto, êsse magnífico programa, êsse alcandorado plano de ação do Espiritismo, senão o de libertar-nos de todas as preocupações materiais, de desligar-nos completamente do domínio dos sentidos, sempre enganosos e falhos, para comunicar-nos o influxo elevado e sublime das cousas do espírito, fazendo-nos viver a vida do Espírito, na grandeza dos nossos ideais, das nossas mais sedutoras emoções, exercendo o trabalho fecundo e nobilitante de comunicar, pelo exemplo de uma vida cheia de beleza moral e de alcandorados objetivos espirituais, êsse mesmo divino influxo, que tenhamos haurido nos exemplos puríssimos e nos puríssimos ensinos de Jesus, a todos aqueles de quem nos aproximarmos: quando mais não seja, pelo menos aos do círculo mais próximo em que nos movemos: o da família que nos permitiu o Pai Celestial constituir nêste mundo de expiações e de provas.

* * *

Que diremos, então, das obras humanas de assistência e de amparo, realizadas pelos espíritas?

Que constituem elas uma prática excelente dos princípios superiores de moral evangélica, inspirados naturalmente, pelo Espiritismo, a todos quantos lhe tenham compreendido os sagrados delineamentos religiosos. «Pelos frutos se conhece a árvore» : Toda a arvore boa dá bom fruto» — e outros não podem ser senão os da caridade, os produzidos pelo Consolador.

Se tivermos, porém, em consideração as sábias advertências do apóstolo dos gentíos, aquele que melhor soube compreender o espírito do Cristianismo, fácil nos será perceber que tôdas essas organizações humanas, que aliás não constituem inovação do Espiritismo, porquanto já existiam, anteriormente ao aparecimento da Doutrina, escolas, abrigos, creches, asilos — tudo, enfim, que constitúi obra de assistência social ; se tivermos em consideração, dizíamos, aquelas sábias advertências, fácil nos será perceber que tôdas essas organizações humanas formam um sistema de ordem méramente social, adstritas a determinado estágio da evolução humana, tendentes a desaparecer com a reforma dos costumes, com a ampliação dos grupos humanos que puderem ir sendo organizados, sob os moldes do Evangelho, não podendo constituir matéria de programa básico, de plano de ação essencial do Espiritismo.

Visa esta Doutrina à espiritualização do homem, gradativamente conquistada através da austeridade moral, da compostura mental, decorrentes da séria convicção de que infinitamente limitadas são as nossas percepções materiais, de que restritríssimas são as nossas satisfações sensoriais, de que absolutamente ilusórias são tôdas as nossas perspectivas de estabilidade humana, de que fútil é todo o nosso juízo a respeito da gravidade ou da respeitabilidade das conveções dos homens sôbre interêsses méramente humanos. Tudo isso passa rapidamente, levado pelas ondas sucessivas do infinito oceano do tempo! não nos deve merecer mais do que um olhar de piedade! Destroços, que flutuam um momento sôbre a superfície revolta do enfurecido oceano das paixões, de tristes castelos engendrados pelas nossas tendências ainda não totalmente vencidas, (e por vezes, nem no início de serem combatidas) no viver transitório de acôrdo com as inferiores sensações da carnalidade que nos reveste a alma!

O programa, o plano de ação do Espiritismo é única e exclusivamente restituir-nos toda a pujança da vida espiritual, substituir totalmente os instintos carnais pelas sublimadas volições do sentimento: fazer-nos exhaurir o mais rapidamente possível todas as forças de coesão do nosso continente pessoal, de estrutura material, de modo que o divino conteúdo da nossa imortal personalidade se sublime, se eleve, se alcandore e recobre a afinidade com Deus, em cujo seio teremos de imergir complètamente puros, como Jesus, para a ressurreição do Espírito, adstrito, desde então, completamente, ao trabalho fecundo do Amor, segundo o espírito de Deus, revelado nos exemplos e nas lições do seu Ungido celeste.

Nosso programa, nosso plano de ação outro não póde ser, portanto, senão o da caridade.

Ora, S. Paulo, o divino converso de Damasco, aquêle a quem o Cristo *forçou* a rehabilitar-se (e portanto também póde forçar-nos, quando o tempo chegar dessa conquista suprema para o nosso espírito), deixou patente em uma de suas epístolas aos Corintios (2) «que ainda somos carnais; pois, *havendo* entre nós inveja, contendas e dissensões, não somos porventura carnais, e não andamos segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo (ou de Kardec); e outro: Eu de Apolos (ou de Roustaing); porventura não somos carnais? Pois quem é Paulo (ou Kardec), e quem é Apolos (ou Roustaing), senão ministros pelos quais crêstes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei: Apolos regou (ou Kardec plantou; Roustaing regou); mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento».

Educar, segundo o espírito do Cristo, de que se acham os Evangelhos saturados, eis o programa, o plano de ação do Espiritismo. Êsse o nosso primordial dever de caridade, sob cujo influxo as nossas obras serão abençoadas de Deus. Essa divina caridade revela-se nas atitudes nossas para com os nossos semelhantes, mas de uma forma que sòmente a própria consciência o avalia, pois que mesmo que «tivéssemos o *dom* da profecia e conhecêssemos todos os mistérios e tôda a ciência, e ainda que tivéssemos tôda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivéssemos caridade, nada seríamos. E ainda que distribuíssemos tôda a nossa fortuna para sustento *dos pobres*, e ainda que entregássemos o nosso corpo para ser queimado, e não tivéssemos caridade, nada nos aproveitaria» — assim o predicou o mesmo Paulo, em Corintios, XIII, 2 a 3.

Não bastam obras: é necessário que estas sejam fruto de árvore boa, e quem não é fraterno para com os da família, quem se revela estranho, como se fôsse apenas homem do mundo, para com os seus confrades, não está possuído dêsse espírito de caridade, e se faz as obras, estas mais dia menos dia revelarão o estigma da sua concepção inicial.

O programa, o plano de ação do Espiritismo é, única e exclusivamente, a reforma do nosso velho caracter de indiferentes uns pelos outros, velho estigma do mundo materialista, para que nos tornemos fraternos, admoestando-nos com espírito de caridade, suportando-nos com espírito de caridade, mas sem hediondos separativismos, aberrantes do espírito do Evangelho.

(Resumo de conferência pronunciada em 29 de Janeiro de 1949, no Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo», de Florianópolis, pelo irmão *Arnaldo S. Thiago*).

---

(2) I, Aos Corintios, III - 3 a 7.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—E' provável que deixastes o vosso corpo na ocasião de que falais e que sois um espírito ainda não consciente de vossa situação.

Esp.—Quer dizer que eu não sei nada?

Méd.—Qualquer que seja a vossa situação, fostes trazido hoje aquí para serdes doutrinado. Somos investigadores dos fenômenos psíquicos e da obsessão espiritual. A's vezes espíritos se apoderam dos corpos de certas pessoas e as obrigam a fazer coisas estranhas.

Fostes atraído para aquí e estais usando um corpo que pertence à minha esposa, mas só temporariamente. Não vos vemos; apenas vos ouvimos falar.

Esp.—Quereis dizer então que sou mulher?

Méd.—Minha esposa é dotada de faculdades que permitem os espíritos usar temporariamente o seu corpo. Já ouvistes falar nos médiuns?

Esp.—Sim. Já procurei médiuns para ler a minha sorte. Deveis saber que êles só dão incorporação a índios.

Méd.—Os índios são excelentes «guarda-portas». São bons protetores dos médiuns.

Esp.—Porque vim aquí ter?

Méd. Para serdes doutrinado. Andastes agindo inconscientemente errado. Estais agora em Los Angeles, California.

Esp.—Sei que estive em San Francisco certa vez. Há muito que não vou alí. Foi em 1894.

Méd. — Provavelmente fizestes com que um jovem deixasse o seu lar e os seus pais, sem motivo aparente, e se engajasse como marinheiro na Armada.

Esp.—Ele não tinha necessidade de fazer aquilo.

Méd.—Ele estava interessado em outro serviço. Foi desencaminhado e se alistou na Armada. Está agora em San Francisco. E' evidente que há algum espírito influenciando-o e suponho que sois vós.

Esp.—Por amor de Deus, eu não faria tal coisa! Acordei certa manhã e vi que estava em terra por qualquer motivo, e quis voltar para o mar.

Méd. Estáveis errando e entrastes em contacto com aquele moço, que é sensível à influência espiritual. Ele estudava muito e se tornou sensitivo, quando então penetrastes na sua aura magnética, agistes sôbre êle e o levastes a fazer coisas que êle não queria. Enganjastes-vos recentemente para navegar?

Esp.—Parece que despertei certa manhã com vontade de voltar para o mar.

Méd.—Verificastes bem o que se passava convosco?

Esp.—Sentia algo de estranho. De certo modo, estava num estado sonolento. Ora, eu não ia fazer nenhuma tolice.

Méd.—Compreendemos vossa posição e sabemos que sois uma boa pessoa. Não vos censuramos.

Esp. Quem é aquele rapaz?

Méd.—Seu nome é B.; é um rapazinho de 17 anos.

Esp.—Ele declarou que tinha 21, ou então não teria conseguido.

Méd.—Ele é desenvolvido e parece mais velho que o é. Concentramo-nos em benefício dêle e parece que vos puxamos para a praia.

Esp.—Bem que eu senti que me puxavam e que estava sendo arrastado para a água. Lembro-me agora: estávamos em New York ou em qualquer lugar perto dalí, e estava ventando e nevando terrivelmente. Estava fazendo qualquer coisa e caí no mar. Havia gelo ao meu redor; depois não soube de mais nada. Como foi então que dominei o tal rapaz?

Méd.—Penetrastes na aura magnética dele.

Esp.—Oh, aí vem minha mãe! Há quanto tempo que não a vejo. Ela faleceu em New York; diz: «Oh, John, há tanto tempo que ando à sua procura». Não compreendo isso. Se eu estava morto, porque não fui ao encontro dela?

Méd.—Muitos espíritos ficam mergulhados em sono e assim permanecem durante certo tempo.

Esp.— Oh, então eu estava no Devachan. Estava dormindo para depois reincarnar.

Méd.—Agora deveis ir com a vossa mãe. Ela vos levará para o seu lar.

Esp.— Irei para a casa de minha mãe e do meu pai, meu velho pai.

Méd. Terá êle agora compreendido estas coisas?

Esp.—Mamãe diz que sim, mas que também esteve algum tempo com êle. Ele queria ver o Salvador. Eu nunca acreditei nessa história. Sempre quis, mas não o consegui. Pensei que a Teosofia era melhor, porque não explora a tal questão do sangue do Cristo. Não creio que uma pessoa vá morrer por causa de outras.

Se fiz alguma coisa de errado, porque não deveria eu sofrer? Deus é amor e Ele não quereria que alguém morresse para salvar outro. Que coisas mais tolas! Os igrejeiros não toleram os judeus, e no entanto, Jesus era judeu.

Méd.—Bem, mas agora deveis ir com o vosso pai e a vossa mãe.

Esp.—Estou numa bela companhia e esta foi uma noite ótima. Sinto-me muito bem. Conversei com gente amável e tive umas horas agradáveis. Dizeis que não podeis ver êstes outros aquí, mas êles são poucos. Agora diz minha mãe, minha querida mãesinha, que eu devo ir. Há muito que ela não tem o seu filho consigo. Temos muito que conversar. Disse-vos que minha mãe era muito boa, e é verdade. Devo dizer adeus a todos. (Procurando levantar-se, sem o conseguir). Que é que há com as minhas pernas? Não posso manter-me nelas.

Méd.—E' que estais apenas usando a parte superior do corpo.

Esp.—Então só sou meio homem! (Rindo gostosamente). Mal, mal. Meio mulher, meio marinheiro! Bem, mas agora eu devo ir com minha querida mãesinha.

Méd.—Deveis agora pensar, usar o pensamento.

Esp.—Pensar! Como se eu não andasse a pensar antes. (Rindo). Desculpai-me, mas tudo parece uma brincadeira.

Méd.—E' verdade, deveis viajar pelo pensamento.

Esp.—Não pelas minhas pernas? Não terei mais necessidade de minhas pernas? Já não as tenho? Sabeis que sou apenas meio homem.

Méd.—Pensais que estais com a vossa mãe e com ela estareis.

Esp.—Penso que estou com minha mãe e com ela estarei? Bem, agora vou mesmo... mas todos estão tão contentes que eu penso que voltarei um dia aquí. Se minha volta não vos incomodar. Por favor, peço-vos dizer àquele rapaz que lamento o que lhe causei.

Méd.—Procurareis ajudá-lo? Já o podeis fazer.

Esp.—Posso? Como?

Méd.—Dando-lhe intuições a-fim-de voltar para o lar dele. Vossa mãe vos explicará tal coisa.

Esp.—Minha mãe diz que eu devo agradecer-vos por ter ela me encontrado, mas ela achou seu filho virado em mulher! Não me reconheceu como mulher, mas devemos aceitar as coisas como elas são. Vou-me embora. Boa noite».

No dia seguinte ao da sessão, a atitude de C. B. já se modificára grandemente. Escreveu a seus pais suplicando que tudo fizessem para conseguir a sua desincorporação, pois queria voltar para casa e continuar no seu negócio. Acrescentou que não compreendia porque se tinha alistado e que lhe parecia ter estado mergulhado em um sono.

Como o rapaz se houvesse alistado dando a idade necessária, quando na realidade só tinha dezessete anos, foi, após muitas dificuldades e demoras, desincorporado do serviço naval e voltou para a sua casa, completamente normal em seu estado.

Com os bens materiais conquistareis os bens espirituais, que são eternos. — L. B.

CREDO ESPÍRITA

O eminente filósofo francês, Leon Denis, que fôra uma das maiores glórias da «Nova Revelação», ao lado do inesquecível mestre Allan Kardec, tudo que escrevia era repassado pelo cadinho do bom senso e sob a inspiração dos grandes luminares da espiritualidade.

Falar em Léon Denis é falar de todo um corpo de doutrina.

Dentre os discípulos do codificador do Espiritismo, êle tem a primazia.

Espírito inteligente e culto, soube reunir, em poucas palavras os princípios basilares da Doutrina Espírita, sob a epígrafe acima, como a seguir veremos :

«Cremos em Deus único, onipotente, oniciente, infinito em perfeições, causa do universo.

Cremos na existência e imortalidade da alma espiritual e em sua perfectibilidade progressiva pelos merecimentos.

Cremos nas recompensas e expiações dos espíritos, em justissima proporção com a bondade ou a maldade de seus atos livremente realizados.

Cremos na pluralidade de mundos habitados e na pluralidade de existências, como expressão, a primeira, da sabedoria de Deus, e como meio, a segunda, de purificação das almas e da reparação das faltas cometidas.

Cremos na salvação final de todo o gênero humano.

Cremos na divindade da missão de Jesus Cristo e na redenção dos homens pelo cúmprimento dos preceitos evangélicos.

Nossa moral é a caridade, nossa religião é o Evangelho, e nosso mestre, Jesus Cristo. (1)

Cremos, com Jesus, que toda a lei e os profetas se reduzem ao amor de Deus e ao amor de nossos semelhantes.

Cremos, finalmente, na comunicação espiritual necessária ao progresso da humanidade e prova da soberana Providência, que vela incessantemente pela fraqueza dos homens». — *Léon Denis.*

—

NOTA. — Confirma o culto espírito de Humberto de Campos, na sua obra - «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho», que Léon Denis, em uma das assembléias espirituais, presididas pelo próprio Cristo, seria destacado para cooperar na obra Kardeciana, juntamente com João Batista Roustaing, Gabriel Delanne e Camille Flammarion.

As obras de Léon Denis, que se compõem de nove volumes, constituem um trabalho de filosofia transcendental, capaz de transformar o mais empedernido dos materialistas.

SPÁRTACO BANAL.

---

(1) O grifo é nosso.

Imenso é o trabalho que vos compete realizar na seára espírita. Uni-vos cada vez mais em espírito de solidariedade, sob o lema — todos por um e um por todos, afim de que o vosso trabalho se complete no Senhor.

Camargo.

UMA QUINTA COLUNA DENTRO DO ESPIRITISMO

HÁ mais de um quarto de século, isto é, desde 1922, quando empolgados, com a magnificência da Doutrina Espírita, resolvemos fazer a nossa primeira conferência, sôbre Espiritismo, Esoterismo e Teosofia, ante enorme assistência para nosso maior entusiasmo de calouro submetido à prova de fogo, afirmámos desde logo ser o Espiritismo superior a todas as doutrinas espiritualistas das que até então conheciamos.

No curso dêsse longo período de atividades espiríticas, quanta cousa temos presenciado!

A linha de conduta a que nos traçamos desde os primeiros momentos, não sofreu, felizmente, até agora, nenhuma solução de continuidade.

Em 26 de Novembro de 1922, em a nossa conferência de estréia, tivemos a satisfação de afirmar de público, ao ensaiarmos os primeiros passos, que o Espiritismo supera em tudo a todas as doutrinas espiritualistas pela sua simplicidade e clareza dos argumentos, mormente quando são abordados os mais transcendentes problemas da vida, quer sob o ponto de vista físico, quer espiritual.

Naquela época, há vinte e sete anos passados, era comum entre espíritas, discutir-se, para realçar os princípios doutrinários do Espiritismo, apontar os êrros das igrejas que deturparam profundamente os ensinos cristãos; mas, hoje não poderiamos mais restringir os nossos argumentos combatendo aos que deturparam o Cristianismo e fizeram das suas igrejas os mais nefandos antros de corrupção, mas, ao contrário, hoje a nossa luta terá que ser travada àquem das fronteiras, pois, a tarefa que nos compete na hora que passa é a da defesa da Doutrina, não mais em contra-ataques como antes eramos forçados, respondendo ataques e arremetidas dos inimigos de fóra, das outras religiões ou facções religiosas, das que mais corromperam os Evangelhos do Cristo.

A luta será, de agora em diante, intra-muros, pois, os inimigos da Doutrina, formando uma verdadeira quinta coluna dentro do Espiritismo, estão vivendo em perfeita intimidade com aqueles que pregam e defendem o seu grande patrimônio idealístico.

Quem serão, afinal, perguntarão talvez os nossos leitores, esses inimigos que vivem em comum com os verdadeiros profitentes da Doutrina?

Eis a resposta:

São todos aqueles que exploram em nome do Espiritismo os seus irmãos; que fazem do mediunismo um comércio, esquecidos, por conveniência, da recomendação evangélica de que se deve dar de graça o que de graça se recebe.

São aqueles que exploram em nome da caridade; que, sendo médicos receitam de graça, mas, quando o fazem, os remédios indicados são originários de um só laboratório, pois, com êsse produtor ou fabricante de preparados, há um acôrdo comercial como bem esclarece o Dr. José Palmério em seu valioso livro «O CUSTO DOS REMÉDIOS».

Conhecemos aquí no Rio, vários mercantilistas dessa natureza, sendo que muitos deles com consultórios instalados no interior de Centros Espíritas e Tendas Umbandistas.

Um Centro Espírita, não é, bem o sabemos, aquêle que atrái as multidões em busca de passes mediúnicos ou «magnéticos»; que anuncia pelas colunas dos jornais as suas curas miraculosas, de tuberculosos, cancerosos ou outra qualquer enfermidade, em dias ou meses préviamente estipulados; mas, ao contrário, são aqueles que estudam a Doutrina e a recomendam, praticando os ensinos de Jesus, porque o Espiritismo tem como precípua missão o soerguimento do espírito, o esclarecimento da razão.

Assim pois, os maiores inimigos da Doutrina, não estão mais fóra dos arraiais espíritas, mas, vivem em comum e participam de todos os movimentos promovidos pelos verdadeiros espíritas, principalmente, tendo em vista o espírito de tolerância apregoado e praticado pelos que, bem intencionadamente acreditam em todos os que se dizem espíritas, mormente se êsse «crente» for portador de um título de médico ou estiver rotulado com um «dr» antes do nome ou um posto de capitão que seja, para recomendá-los.

Os espíritas que se prezam como tal, precisam, antes de tudo, isto é, antes de pôr em prática os princípios de tolerância e paciência recomendados pelo Mestre, examinar se há nas imediações do Templo e mesmo dentro do Templo, alguns daqueles indivíduos que já na época do Cristo transformaram a igreja do Senhor em covil de ladrões.

Os charlatães não dormem! Tartufos e charlatães andam por toda parte farejando os Centros Espíritas com o único propósito de explorar os incautos e os de boa fé. Cuidado também com os fenômenos de materialização! pois, indivíduos há capazes de todas as baixezas, mormente nos meios onde a tolerância é pedra de tóque, eles estão sempre presentes.

Outras inovações que deturpam, enxovalhando a Doutrina, são as festas de caracter profano que se fazem com o fim de arrancar dinheiro aos desprevenidos. Os leilões de prendas, os churrascos, as caipiradas em noites juaninas, tudo enfim que possa desvirtuar os processos da propaganda espírita, devemos combate-los, negando-lhes a nossa presença, seja para o fim mais nobre, pois, para esses fins devem ser nobres também os meios de aquisição.

Se continuarmos assim, de braços cruzados, permitindo que tartufos e charlatães façam do Espiritismo um campo de ignóbeis explorações; uns vendendo passes como qualquer mercadoria, outros mancomunados com fabricantes de remédios ou panacéias, estaremos, indiretamente, colaborando com eles, prejudicando a grande obra de tantos valores, intelectuais e morais que se dedicaram de alma e coração à propaganda de tão bela Doutrina.

Pereira Guedes.

Rio, Abril de 1949.

PONTOS DE VISTA — LEOPOLDO MACHADO

A Eterna Questão

Um de nossos pontos-de-vista insertos nesta Revista levou o ilustre confrade, dr. Henrique Andrade, a uns comentários — *Refutando um Argumento* — por sua *Aurora*, a que respondemos com uma carta atenciosa, como é de nosso feitio e pelo justo merecimento do articulista. S. s. responde-nos, também, atenciosamente, cristámente, á altura de confrades que se desentendem nos seus pontos-de-vista, sem se desentenderem nos princípios de tolerância e de fraternidade. Acontece, porém, que seu escrito já provocou desentendimentos, como o que abaixo se analisa, por ser uma refutação de público. Ao público, também, julgamos que deve ser dada nossa carta:

Dr. Henrique Andrade
Prezado irmão espiritual
Paz e alegria

Li, de volta de mais uma excursão de propaganda a terras de meu Estado Natal, em sua bem-feita AURORA, seu *Refutando um Argumento*, de 15 de Janeiro.

O argumento refutado, um pontó-de-vista meu a propósito da malsinada questão do corpo material do Cristo, inserto em *Revista Internacional* de 15 de Janeiro.

Antes de mais nada, quero agradecer-lhe, sinceramente, os generosos conceitos que expendeu a respeito de minha modestissima ação dentro da Doutrina que nos irmana.

E confesso que li com vivo interêsse suas razões, visto como sou dos que gostam, certos ou errados, da franqueza.

Deixe me, agora, deplorar — ai de mim! — minha pouca sorte, na elaboração do referido ponto-de-vista, justamente respondendo a um fluidista que capitúla superioridades morais nos que vêem a questão como êle.

Como para mim a autoridade e a superioridade moral decorrem de exemplos e obras, que não de opiniões, teorias e pontos-de-vista...

Deficiência minha de expressão e maior desejo do prezado irmão de prestar um serviço a mais à questão de que é, incontestavelmente, o maior campeão entre nós, levaram-no a ler o que não escrevi, o que não pensei.

Sinão, vejamos:

Para mim, a questão do corpo do Cristo é questão aberta como tantas. Entretanto, minha razão, talvez por deficiencia de raciocínio e percepção, aceita, perfeitamente, um Cristo com o corpo diferente do nosso, sem ver, de modo algum, no Cristo de corpo humano como o nosso, nada que lhe diminua a grandeza e santidade da excepcional missão.

E foi o que escreví, rematando a frase assim: «não vemos nelas (nas teorias de Roustaing a propósito do corpo fluídico) nada que contrarie o espírito do Evangelho, que diminua a missão superior do Cristo, que o apresente como embusteiro, que fuja à razão».

O ilustre confrade leu, todavia: «que a teoria de Roustaing em nada contraria a de Kardec».

Compare, serenamente, as duas expressões e verá que ha entre as duas uma grande, uma enorme diferença.

Não tive, de resto, ao escrevê-lo, a intenção de confrontar a maneira por que dos dois autores, ou os Espíritos que os guiaram, viram o processo e as finalidades da reincarnação.

Só me interessou, no caso, a corporeidade fluídica do Cristo.

Isto mesmo, sob seu aspecto moral.

Não li, efetivamente, seu livro, porque a questão, na verdade, não me interessa.

Desinteressa-me a questão pelo azedume que distila entre os espíritas, ainda tão pouco fraternos e tolerantes, a despeito de andarmos todos nós a pregar, a miudo, tolerância e fraternidade.

Desde que nos entendemos militando na Doutrina — e já lá se vão mais de trinta anos! — que outra coisa não tem feito a malsinada questão, sem vitória real para nenhuma das facções em luta.

Ainda bem que reconhecemos um no outro o direito de ter opinião diversa. O mal não está, evidentemente, em pensarmos e crermos diferentemente, mas, na intolerância e na pretensão com que vemos as crenças e os pensamentos dos outros.

E', até, possível que eu seja um dos pecadores desse grave pecado, que é bem mais facil ver pecados alheios do que os nossos.

Ainda bem que Deus é Pai de todos nós.

Cordialmente,

A Verdade é outra.

A verdade não é a que pensa o ilustre confrade que mimiografou seu triste, ESTA É A VERDADE.

Recebemos um exemplar do autor e outra, perfidamente, de um anônimo.

Aliás, o autor sempre nos mereceu consideração e apreço, pois sempre o julgámos mais ponderado e coerente.

O «velho militante acatado e respeitado até no estrangeiro» de sua moxinifada, somos nós.

Uma coisa entretanto, queremos frizar bem aquí: não temos, felizmente, rabo, a despeito de sermos um tanto evolucionista, com Darwin.

E gostamos das coisas pão, pão, queijo, queijo, sem jesuitismos e jesuitices.

A tragédia da confusão e desentendimento que corre no meio espírita, deplorada pelo confrade no seu aranzel, não decorre das idéias e teorias que os espíritas tenham, que nos ditos meios puramente *cardecistas e roustainguistas*, como se vai por aí chamando as correntes que aceitam ou não o corpo fluídico do Cristo, ela, a tragédia, existe. E' que a confusão e o desentendimento são características da época que vivemos. E fôra preciso que os espíritas fossem, sinão uns poços de pureza, muito bonzinhos para fugirem aos azares próprios dos períodos de transição.

E que autoridade teria um confrade para tanto, se é o primeiro a atirar *racas* sôbre *racas*, sem motivos objetivos sérios, a confrades, instituições, movimentos e jornais que estão fóra de seus pontos de vista ?

«A cada um segundo as suas obras», que não segundo as suas teorias e cultura, e não segundo seus pontos-de-vista e religião, é o que nos ensina a Lei Maior...

Carnaval e Sessão Espírita

«Fui censurado até por irmãos da Espiritualidade por que assisti ao corso carnavalesco. Comprometemo-nos a comparecer á sessão e eu faltei. Mas, não fui ao corso. E' que discordei da sessão em pleno carnaval.»

Não vimos, evidentemente, motivos fortes e sérios demais para essa discordância. Nem compreendemos por que não se deve fazer sessão de estudos em pleno carnaval. A menos que seja para que os «espíritas» tenham férias doutrinárias, afim de se entregarem aos braços de momo, não vemos outra razão.

Cá por nossos pagos houve reunião, a que compareceram 32 confrades.

E todos os anos fazemo-la com proveito, que é no meio das trevas que se faz mister a luz, que é no meio do vício que deve aparecer a virtude convidando viciados a seguí-la.

Conversavamos—nós e um médium de nossa amizade e confiança—quando o médium sentiu a aproximação de um irmão. Recebeu-o. Dissemos-lhes, brincando:

—Fazia-o brincando o carnaval.

Ele, sem se aborrecer, respondeu-nos:

—Nosso carnaval, meu amigo, é outro. E' um trabalho árduo, porque consiste em envidar esforços afim de impedir que os poucos que resistem ás tentações de momo não se lhes entreguem ...

— Por isso, veio falar-nos?

— Deem graças a Deus por já possuirem as fôrças para esta resistência, que a tentação do carnaval é, mesmo, contagiante, absorvente, enleiante. Os espíritos frívolos e inferiores descem em falanges, porque o ambiente está para eles. E, então, encontram facilidades sem nome para empurrar toda gente á folia, com que gozam intensamente, dando, assim, pasto a seus instintos inferiores. Porque é quasi impossível, meu amigo, brincar o carnaval com honestidade. Tudo nele convida á licenciosidade, ao vício, ás alegrias da carne, ao pecado: sua folia mesma, as canções e música licenciosas e picantes, o uso exagerado das bebidas, a promiscuidade desenfreiada. Esse ano, então, que o nudismo imperou...

Ora, se vocês os que deviam resistir mais ás tentações, fecham as portas de seus templos de estudo e de orações e vão, também, comparticipar da folia, que diques e antemurais restarão contra o êrro e o vício?

Fenômenos de Bicorporeidade.

Os fenômenos de *bilocação*, *duplo etéreo* ou *bicorporiedade*, porque não são dos mais comuns, são, ainda, dos menos estudados.

E, talvez, dos menos compreendidos.

E dos mais interessantes na história da fenomenologia espírita.

A Igreja de Roma está cheia deles.

São dos mais clássicos os atribuidos a Apolonio de Tiana, e Antonio de Pádua...

E a explicação para os fenômenos?

A sua *menos compreensão*, de que acima falámos, decorre, exatamente, da falta de uma explicação perfeita, indiscutível.

Claro que o duplo etéreo, o principal elemento da bicorporeidade, é o corpo espiritual, de que nos fala Paulo de Tarso. O perispírito, dos espíritas. Corpo indivisível, imutilável. Conta-nos o dr. Kerner, no seu célebre livro, *Vidente de Prevorst*, que essa grande *médium* via nos mutilados, perfeitamente, o órgão fluídico que lhes faltava. Que tais partes mutiladas existem, perispiritalmente prova-o a dôr que, a espaços, o mutilado sente no órgão que já não existe, é facto.

Chama-se *desdobramento autoscópio*, ao fenômeno de o paciente perceber seu próprio fantasma, conservando, entretanto, plena consciência de seu estado.

Oliver Lodge conta o facto interessantissimo de um soldado da grande guerra, que viveu conscientemente fóra do próprio corpo, que o via à distância. E' um caso perfeito de *fantasma desdobrado*, como o classifica Gabriel Delanne. Um caso como o da professora sueca que Swedenborg cita: vista, a um só tempo, na cadeira, a ensinar, e no jardim entre roseiras...

A *Metapsíquica*, a ciência concebida pelo sábio Charles Richet, com o objetivo de explicar sem o Espiritismo os fenômenos espíritas, chama ao fenômeno *desagregação psíquica*. E dêle podem resultar outros fenômenos, como os das *personalidades múltiplas*. Donde, portanto, concluír que, à luz da própria ciência, porque da Metapsíquica, uma só personalidade póde emitir várias outras.

Frederico Myers escreveu um volume — O *Fantasma dos Vivos* — sôbre tais fenômenos, de tão originais que são eles.

Dr. Osty e o grande Gabriel Delanne se ocupam, também, interessadamente, do assunto...

Só os encarnados é que projetam *duplos* e *personalidades múltiplas*?

Não o cremos.

Se o espírito ainda na carne opera tais prodígios, porque liberto da carne, dispondo de mais probabilidades e de menos embaraços, não poderá fazer o mesmo, e mais ainda?

Temos visto filmes espíritas em que o mesmo personagem emite muitas figuras de si mesmo, à fôrça de jogos de lentes bem articuladas.

Ora, não é possível que nossos cinematografistas disponham de mais recursos do que espíritos superiores, que podem manipular fluidos do laboratório do Infinito e de *médiuns* próprios, à sua vontade.

E teria sido, naturalmente, êste, o caso da *Transfiguração do Tabor.*

Viu-se o Cristo entre Elias e Moisés, que foram o mesmo espírito, como é princípio aceite no Espiritismo.

Que Elias e João Batista foi o mesmo Espírito, afirma o Cristo categoricamente.

Como poderiam Moisés e Elias, um só Espírito, aparecer no Tabor em duas individualidade diferentes?

Diz Roustaing que um espírito superior tomára o lugar de um deles.

Não nos satisfaz a explicação, que seria, talvez, aceitar um espírito superior a fazer-se de ator.

Satisfaz-nos a teoria do *fantasma desdobrado*, de uma *desagregação psíquica*, de uma *personalidade múltipla.*

O fenômeno foi, na verdade, um facto espírita.

E o ambiente, de verdadeira sessão espírita de materialização, com êste enorme ensinamento: que, para tais sessões, além de número reduzido de pessôas, só pessôas de nossa afinidade. Ora, o Cristo andava com os 12 discípulos, mas só levou consigo para o Tabor, os três de sua maior confiança e afinidade...

Ha uma comunicação atribuida a Kardec, recebida no Rio de Janeiro, pelo médium Frederico, que aceitamos perfeitamente:

«Se os Espíritos de ordem inferior podem, pela sua simples vontade, tomar diversas formas, porque um Espírito superior não póde imprimir no fluido luminoso, as imagens que queira, para produzir certos e determinados efeitos?

Portanto, Elias, presente em espírito como Moisés, se quisesse, podia imprimir no fluído luminoso as imagens que tivera nas suas últimas encarnações, como fotografias perfeitas de seu pensamento».

E com as duas citas, encerramos estas considerações, que talvez não passem de simples pontos-de-vista...

Fenômenos de Materialização

XXVIII

Sessão de assistência espiritual do dia 9 de Março de 1948. Preside aos trabalhos o confrade Antonio Alves Ferreira, 1.o secretário do Grupo, iniciando-os, com uma prece ás 20 horas.

O médium de efeitos físicos, não obstante estar bastante gripado, serve de aparelho para a comunicação de um guia espiritual, o qual faz as necessárias observações de ordem disciplinar, aconselhando recolhimento espiritual aos assistentes e mandando recolher o próprio médium ao gabinete mediúnico, afim de ser beneficiado e, depois disso, contribuir com os seus dons mediúnicos para o alívio dos sofredores. Passados demorados momentos, durante os quais se procedeu á leitura de uma página doutrinária, se fizeram oportunos comentários á mesma, se entoaram hinos e se proferiram preces. Percebem-se os primeiros fenômenos de efeitos físicos, registrando-se rumores na cabine, provenientes do toque de objetos de madeira e metal, da agitação de água e da reprodução do som de passos surdos e ritmados. Isto se verificou por longo espaço de tempo e a impressão de todos que testemunhavam tais ocorrências era a de que não podiam deixar de ser manifestas demonstrações de uma atividade real mantida — é de deduzir-se, em sã conciência — por entidades independentes e autênticas, providas do dom de inteligência. Se portanto, não tivessemos a oportunidade de testemunhar os notáveis factos tangiveis, bastar-nos-iam estas provas inconcussas, da existência do mundo extraterreno, povoado de espíritos intelígentes. Pelos ruídos cadenciados que faziam, podia-se perceber, perfeitamente, todos os movimentos e atividades.

O ambiente era de penumbra, quasi não permitido distinguirem-se uns aos outros, os participantes, do mundo físico, dos trabalhos em curso. Logo que o Major Ismael Pinto terminou a sua alocução, uma entidade espiritual se aproxima do irmão Fonseca, pisando-lhe levemente os pés e colocando lhe a mão sôbre a cabeça. Sem que o caro companheiro tivesse tempo siquer, de refazer-se da emoção, o espírito familiar de Margarida diz-lhe: «trago-te margaridas» — entregando-lhe um ramalhete de flores naturais ás quais se dá comumente êsse nome. Passado êste episódio, o espírito se retira docemente, perdendo-se entre as cortinas do lado lateral direito da cabine. Em seguida, interrompendo as sombras uma claridade característica, focaliza a estimada irmã Noca, deitada em uma cama improvisada junto ao gabinete, por determinação superior, afim de ser beneficiada nesta noite. A luz fixou-se na parte enfêrma do corpo da nossa confrade, durando isto apenas alguns segundos. Daí a pouco tempo os assistentes exclamam, seguidamente, um por um, a exteriorizarem carinhosos agradecimentos aos espíritos materializados, que lhes ofertaram flores naturais. Nada menos de três entidades se revezam no trabalho de agraciar os componentes do Grupo, presentes à reunião, em número de vinte, com frescas e mimosas flores. Há um como convencional silêncio generalizado, certamente provocado pela contrição expontânea de que todos se viram presas, proveniente do esfôrço de retenção das emoções suaves e doces sentidas, interrompido pela palavra e pela gargalhada, quasi estridente, do queridissimo José Grosso. Revelando-se um proverbial verboso, mal podia conter-se de entusiasmo e alegria, anunciando-nos que a noite era de festa e júbilos, de vez que se assinalava a data do aniversário da desincarnação do bondoso espírito de Araci, protetor do médium. E nessa efusão de demonstrações de contentamento e carinho, esclarece-nos que Margarida trouxera-nos margaridas, Scheilla hortências, e Neusa, cravos. Estes detalhes dados pelo espírito familiar, podem parecer supérfluos, porém se justificam pela ausência de claridade ambiente, dificultando-nos distinguir a natureza das flores recebidas. Ilka eleva sua voz sonorissima, a cantar «Almas Gêmeas», que os assistentes incarnados acompanham reverentemente. Declara, depois de cantar, tê-lo feito em homenagem a D. Baby, mãe de Araci, presente à reunião. Enquanto se ouvia o cântico, uma luz de formato esférico se centralizava junto dos pés daquela estimada confreira. Poucos minutos mais e ela ora convulsivamente, em pranto de alegria, agradecendo a Deus, a graça do beijo e do abraço recebidos de sua saudosa e estremecida Araci, que naquêle instante percebia retornada a uma vida mais pujante e significativa. E, mal podendo conter as explosões de emoção e deslumbramento, entra, alí mesmo, em minudências a relatar as sensações sentidas pelas carícias da sua filhinha, que lhe tocára docemente o rosto, num gesto repassado de afeto e ternura.

O apreciado espírito apresentava-se em u'a materialização de porte minúsculo, aparentando uma criança de tenra idade.

D. Alda Pinto comenta o preceito de Jesus:

«Bemaventurados os mansos, porque herdarão a terra», fazendo-o com precisão e clareza. O José anuncia-nos que Araci modelára sua mãozinha e seu pezinho para presentear à sua mãe.

O Ferreira convida o José a cantar com os presentes o hino «Pai do Céu», respondendo lhe êle que, Margarida e Ilka o fariam em seu lugar, o que realmente se verificou. O José ainda nos entretem durante alguns minutos, avisando-nos que tivera de desligar o fogareiro elétrico que dava energia para fazer ferver a parafina, em virtude de quasi se ter dado uma explosão, tendo nós, de facto, sentido ativo cheiro de fumaça, que êle esclareceu estar prejudicando o médium.

Cantada a «Canção Materna», com o acompanhamento da voz singular do Fidelinho, David previne-nos, por voz direta, de que chegamos a têrmo da nossa sessão, sendo esta declarada encerrada, depois de proferida a prece terminal e de assistido e despertado o médium.

Ligados todos interruptores, a luz elétrica voltou a dominar o recinto, indo eu buscar os moldes originalissimos de parafina, de que se ocupára o querido José. As formas, quer da mão quer do pé são perfeitas. Entre os assistentes, cada qual empunhando as com que foram agraciados, contamos os seguintes exemplares de flôres naturais: 14 margaridas, 11 cravos, 11 hortências e duas folhas verdes e de regular dimensão, que eu suponho serem de hortência ou de sub-arbusto similar.

Só ás 24 horas deixavamos a séde do Grupo, onde nos foi permitido assistir a coisas impressionantes, que nos fizeram experimentar sensações indescritíveis.

Amadeu Santos.

Rio, Março, 1948.

Cinzas do meu Cinzeiro

M. QUINTÃO

Morava êle na Estação do Sampaio e eu nêste velho Engenho Novo.

Nos baixos do chalé da rua 24 de Maio, ficava o bilhar, em tôrno do qual êle reunia os amigos nas tardes domingueiras.

Foi assim que o conheci, sempre jovial, sociável, expansivo. Estavamos em período de franca revolta. A revolta da Armada, com os maragatos de Gumercindo Saraiva no Sul e as façanhas de Custodio de Melo com o «Aquidaban», na Guanabara.

Quintino Bocaiuva, hierático e abotoado na indefectivel sobrecasaca preta, residia em «Cupertino», estação que lhe guarda hoje o nome glorioso, e não raro era nosso companheiro de viágem, por vezes de banco, no comboio das 21 h. 40.

Sabido que «O Paiz» era o *in hoc signo* dos partidários do Marechal de Ferro, creio que foi êsse jornal o iman das nossas relações, longas de 40 anos.

De resto, aquêle tipo insinuante, de fraque cinzento, bigodeira farta e flôr à lapela, não podia passar despercebido.

Mas, havia latentes, entre nós, outros élos de afinidade e atração. E' que êle já era o *Antomil*, frequente à «Galeria Poética» de «O Paiz», por mim também forçada ao socairo condescendente do saudoso Artur de Azevedo.

Dir-se-á então, que poderiamos antecipar a histórica frase de Sãens Penña a Campos Sales: *Tudo nos une, nada nos separa.*

* * *

Como se fez o Lima espiritista, não sei. O que sei é que foi êle quem me introduziu na Federação Espírita Brasileira, onde juntos convivemos e trabalhamos longos anos, e de cuja Diretoria foi membro ativo, constante e prestimoso. Em lhe não caber o título de fundador da Livraria, pertence-lhe de facto e de jús, o de seu organizador e propulsor. Em 1904, ao ensejo do Centenário de Allan Kardec, foi êle quem no seu dinamismo poliforme e juvenil entusiasmo, promoveu a revisão e reedição das obras do Mestre.

Colaborador assíduo do «Reformador», estudioso do vernáculo e fã do grande Castelo Branco, suas atividades se estendiam e desdobravam em jornais, revistas e livros, que fizeram época e aí jazem esquecidos e desconhecidos das novas gerações.

Espírito irrequieto e versátil por temperamento, mas sempre cintilante, abordou com mais ou menos êxito, todos os gêneros literários. De escantilhão, lembramos: *«Educação da Infância» (1905); «Halos», poesia, (1906); «Meu Diário, O Espiritismo na Infância e Evangelho das Crianças», (1927); «Caminho do Abísmo», «Senda de Espinhos», «Estrada de Damasco» e «A Sonâmbula», romances, 1933-1937 e «Vida de Jesus», estudo histórico, (1937).*

Se houver quem respigue em sua bagagem literária resquícios de perfuntoriedade, a esses pode-se contrapôr o lastro seguro da estrutura didática, tendo em vista a existência afanosa e atribulada que lhe assinalou os passos terrenos.

* * *

Antonio Joaquim de Lima, nascido de pais ilhéos, na heráldica cidade fluminense de Vassouras, exuberava-lhe a seiva hereditária da laboriosidade, por mais ímproba que se deparasse a tarefa. Cedo orfanado de pai, mal começados os estudos primários, houve de atirar-se ao ganha-pão da família e conseguindo, ainda assim, titular uma irmã e bem casar outra. A velha genitora adorava o seu *Antonico* e não teve, certo por isso, maior relutância em renunciar a fé avita, para converter-se à crença do filho. Acrescido já então o lar com a esposa e duas cunhadas, nêle vigorava e refulgia, malgrado as vicissitudes e fraquezas humanas, perfeita comunhão evangélica. Aquelas sessões íntimas da Rua Dr. Jobin, tantas vezes molhadas de lágrimas, eram um baluarte de resistência e reconfôrto aos contra-tempos da vida de realação.

Com que saudade as invoco aquí...

* * *

Mas, a vida de realação... Quem poderá nela prever as coordenadas do Destino?

A paremia de Pelletan vige para a humanidade em bloco, quanto para o homem em si. Nosso Lima, que foi marçano, guarda livros, comerciante e quase banqueiro, conheceu eminências e razuras de afelio e perifelio, para finar-se apagado e isolado em lugar e dia incertos numa cidade do interior. Seníl e quase indigente, esgueirou-se do mundo discreto, tal como nele entrou.

* * *

E contudo, e a despeito de tudo, êle foi um perdulário semeador e propulsor de idéias e benefícios generosos, que aí florescem no âmbito social e nos círculos doutrinários.

Se não, vejamos: Com Tomaz Costa, Luiz Frugoni e outros, cooperou na fundação da ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO; com o mesmo Tomaz Costa e João Duarte, compartilhou da Admnistração do BANCO UNIÃO DO COMÉRCIO; estabeleceu, ao inaugurar-se a Avenida Rio Branco, o CAFÉ CHIC, rival do JEREMIAS, modelar ao seu tempo.

Foi, outrossim, o precursor do seguro sindical de classe, dos sorteios de Cooperativas e Clubs a prestação, e até da torrefação e entrega do café a domicílio, que, a falta de autos, ainda impreticáveis ao tempo, êle imaginava em viaturas artisticamente pintadas e tiradas por mulas brancas, sincerros sincronizados e cocheiros de libré. Assim era o meu, o nosso Lima.

* * *

Certa feita, em regresso do trabalho, num bonde ronceiro da «Vila Isabel», ao pretender moderar-lhe os arroubos da fantasia e entusiasmo, êle me revidou sorridente à Pangloss:

— «Se todos fôssem como você, a humanidade ainda andaria de tanga».

— Sim — repliquei — é possível, mas, olhe que ainda não passei de cangalha a sela, para voltar à cangalha...

Este episódio antecedeu de pouco a derrocada do «CAFÉ CHIC» e a sua mudança para Belo Horizonte, onde, com Cicero Pereira, (outro paladino recem-libertado) fundou a UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA, que lá ostenta o seu retrato em galeria de honra. Em três viagens a a Europa, o velho companheiro ufanava-se de haver conhecido pessoalmente Léon Denis, Jean Meyer e outros próceres da Doutrina, bem como de haver discursado na «Casa dos Espíritas» e depositado flôres no túmulo de Allan Kardec. Mas... onde o seu? Na memória dos sobreviventes? Talvez... talvez...

* * *

Colaborando com Paim Pamplona no «Colégio Nacional» e no «Anália Franco», ou secundando Inacio Bittencourt» na «União Suburbana» e no jornal «Aurora», excursionando pelo interior e editando livros de conta própria, já senescente, mouco e peticego, aos 80 anos de idade, nem assim lhe arrefecia o ânimo juvenil. Atropelado por automóvel e hospitalizado, breve refeito voltava a rolar a pedra dos seus sonhos, com a tenacidade Sísifo.

O último sonho, ao que sabemos, era a construção de um «Teatro Espírita» aquí no Méier...

* * *

Ao sôpro desta carusma, desafogome de um imperativo de consciência em homenagear um companheiro inexplicavelmente esquecido, entre os mais dignos de relembrança, como legítimo servo do SENHOR.

E ao SENHOR rogo que o ilumine na senda da verdade. Eu bem sei que haverá quem o acoime de leviano, versátil, bisantino, mas, não é para êsses que traço estas linhas, pois que a êsses cometo o encargo de atirar a primeira pedra, por concluir com o *ad te ipsun oculos reflecte, et aliorum facta caveas judicare* (1).

---

(1) Imitação de Cristo, Cap. XIV-1.

Crônica Estrangeira

O Poder dos Radiestesistas

De «Revista de Metapsicologia», Lisbôa
Pelo Coronel Faure da Rosa

A radiestesia volta a estar na brecha... se é que alguma vez deixou de o estar.

Já explicámos que êste têrmo «radiestesia» é o substituto da velha «rabdomância», êste talvez mais apropriado por significar adivinhação pela varinha, ou seja a manifestação metagnómica perceptiva, conforme a tecnologia metapsíquica.

Certo é, porém, que, quer com varinha, quer com pêndulo, ou mesmo sem varinha nem pêndulo, os fenômenos produzem-se como quaisquer outros supranormais de clarividência, cuja faculdade depende da estrutura individual de cada um e do uso mais ou menos judicioso que dessa faculdade se faça.

E como a varinha, ou o pêndulo, nas mãos de certos vedores ou radiestesistas, responde a muitas perguntas que nada têm que ver com as substâncias do sub-solo—objetos perdidos, escondidos, órgãos doentes, diagnósticos e prognósticos, sexo duma criança prestes a nascer, etc. — somos levados a admitir a intervenção duma inteligência críptica que responde ás perguntas que lhe façam.

Êste intróito ocorreu-me, após a leitura duma notícia publicada na «Vida Mundial» de 2 de Outubro acerca das curas espantosas operadas pelo radiestesista Bignan, em Dijon, cidade onde a maioria dos médicos e as respectivas famílias são seus clientes—consoante a aludida notícia.

Não obstante a concordância desses médicos, Bignan foi condenado a dez mil francos de multa, acusado pela Ordem dos Médicos de exercício ilegal da Medicina.

Como se vê, não é só *cá dentro;* o mesmo acontece *lá fóra.*

Segundo o noticiarista, os juizes, ao que parece atreitos à jocosidade, permitiram-se meter a ridículo o radiestesista acusado, o que deu lugar ao protesto enérgico duma mulher cujo filho tinha sido salvo por Bignan, depois de abandonado pelos médicos.

Muitos dos quatro mil doentes curados por Bignan, afirmaram no tribunal que, condenados pela medicina, deviam a vida ao radiestesista processado.

Sábios da categoria dos professores Barthélémy e Deladilhe, reconheceram que Bignan dispõe de um poder por óra inexplicável, mas que não se póde considerar inexistente pelo motivo de não o saberem explicar.

O professor Barthélémy procurou desvendar a onda misteriosa captada por Bignan com o seu aparelho «oscilógrafo catódico» sem que tivesse logrado projetar qualquer coisa no *écran.* Mas, quando Bignan tomou o lugar do operador e moveu as alavancas do aparelho, que nunca tinha visto, no *écran* apareceram uns traços semelhantes a chuva de estrelas cadentes, traços, até então, inteiramente desconhecidos.

Já Lakhovsky em *L'Eternité, la Vie et la Mort* afirmava que o Universo está banhado por um oceano de vibrações e de radiações que provêm de todas as regiões do Firmamento e que é essa força-radiação que mantém em equilíbrio dinâmico tantos os átomos no interior das moléculas, como os astros nas suas trajectórias através dos espaços celestes.

Crookes foi quem primeiro captou as forças radio-ativas e as armazenou de maneira a poderem ser utilizadas pela ciência humana.

Não devem confundir-se as radiações do espaço com o fluído humano, conquanto haja uma estreita correlação que os liga. Todas as forças terrestres, celestes e humanas estão unidas por um princípio comum. *(L. Denis).*

Os sábios astro-físicos tendo observado que as radiações a nove mil metros de altitude eram oito vezes mais intensas que ao nível do mar, concluiram que são as ondas cósmicas que fornecem a energia radiante.

Cada alma é um centro de força e de vida, com radiações que variam até o infinito, segundo o valor moral e o estado de adiantamento do Sêr.

Maurice Broglie, da Academia das Ciências de França, terminava o seu artigo em *Le Journal* de Junho de 1933, por dizer que *«a cada instante, em nós e muito perto de nós, se passam bastantes coisas de que nem sequer suspeitamos e cuja importância poderemos avaliar um dia.»*

Os acontecimentos recentes autorizam-nos a supor que se aproxima esse dia.

Já, em 1923, Léon Denis escrevia na *Revue Spirite :* «Um dia virá — dizem os nossos amigos do espaço — em que cientìficamente os sábios possam analisar as ondas que servem para transmitir a palavra.»

A televisão também foi prenunciada em 1923, portanto muito antes da sua realização. Assim nô-lo diz L. Denis no referido artigo, transcrevendo uma outra mensagem do Além : *«Creio poder anunciar-vos que a primeira descoberta que se realizará aí na Terra que habitais, será a visão a distância. Essa descoberta ha-de combinar-se com a teoria das ondas hertzianas do que resultarão diversos fenômenos que vos hão de permitir entrever experimentalmente as condições de vida fora do vosso planeta e as possìveis modalidades de comunicações com o nosso, e a lei geral das correntes que mantêm a vida universal»*.

No Congresso internacional de radiestesistas efetuado em Paris de 6 a 9 de Junho de 1933, entre as múltiplas comunicações apresentadas, foi feita a que dizia que os radiestesistas experimentados pelo Dr. Borrey, assinalaram os locais de várias doenças de pessoas ausentes, percorrendo, com o pêndulo, os lençóis em que os doentes tinham estado deitados, ou as camas automáticas, representando ficticiamente os doentes em que o Dr. Borrey pensava.

* * *

Quasi ao mesmo tempo que «Vida Mundial», a revista de Outubro *Spiritualisme*, órgão da União Espírita Belga, publica um artigo de Achille Biquet em que é narrado um outro caso de um radiestesista curador. Êste, porém, doutor em medicina : é Jean Cremeau, da Faculdade de Paris, que exerce clínica em Saint-Jean Cap Ferrat (Alpes Marítimos).

Pois a êste médico foi recusada a admissão na Ordem dos Médicos por tratar os seus doentes pelo sistema radiestésico, embora consiga curas que a medicina clássica não obtém. O Conselho da Ordem foi mais longe : intentou uma ação contra êle pelo exercício ilegal da Medicina. Mas o Tribunal, em 24 de Novembro de 1947, absolveu o acusado, recusou a indenização de cem mil francos por perdas e danos requerida pelo Conselho da Ordem, o qual foi condenado nas custas e selos do processo.

Entre os considerandos que justificam a absolvição, transcrevo o que de certo modo estabelece jurisprudência :

«Considerando que não está suficientemente e claramente demonstrado que o acusado tenha obedecido a um espírito de charlatanismo por se entregar à prática da radiestesia médica, a qual, pela maneira como é exercida, *parece apresentar características de uma terapêutica especial...»*

A Justiça, *lá fóra*, reconhece que parece tratar-se *«de uma terapêutica especial»*.

O mais interessante é que Achille Biquet extratou a narrativa dêste caso da crônica medical do *Porquoi Pas?* assinada por *Asclepide*, pseudônimo que oculta o nome de um médico defensor da radiestesia.

E' claro que esta atitude de *Asclepide* valeu-lhe várias cartas de protesto, por vezes irónicas, redigidas por pessoas que se julgam autorizadas a emtir opiniões acerca de assuntos que não estudam.

Isto é o que acontece *cá dentro*, quasi sempre, quando os srs. jornalistas se referem ao Espiritismo e até à Metapsíquica.

Um Caso de Premonição

Psychica

E. L., Diretor de Escola Pública escreve:

«Evidentemente só existem factos naturais, cuja natureza ainda é conhecida imperfeitamente, donde o grande número de factos que escapam a qualquer explicação, e as numerosas divergências que põe a prêmio os homens de ciência.

Eis um facto bizarro que intrigou vivamente, há muitos anos, a população de uma cidade da Mancha.

Um funcionário de finanças morava com sua mãe, pessôa idosa, mas em gôzo de excelente saúde.

Certa manhã, a boa senhora se mostra muito alarmada. «Esta noite, estando perfeitamente acordada, tive uma visão. Um homem penetrou em meu quarto sem dizer palavra, sem fazer ruído. Estava vestido como um comissário, e sôbre uma placa de cobre que êle trazia fixada na manga direita, eu lí: «Tua morte... tal data, exatamente daquí há três mêses» — Muitas pessoas relacionadas com a família, tiveram conhecimento da predição. Excetuando a interessada, bem convencida da realidade da aparição, todos acreditaram num pesadêlo ou numa alucinação, consequente à má digestão.

A boa senhora continuava a passar bem, o incidente estava a caminho do esquecimento, quando na data precisamente fixada pelo visitante noturno, e que caía num dia de feira, Mme. D... saíu, para assistir, como habitualmente o fazia todos os días, a uma missa matinal. Atravessando o campo da feira, ela foi atacada por um touro, que se escapára, e sucumbiu no mesmo dia.

Estreitos laços de amizade me ligavam ao neto da defunta, com êle estava eu em contacto quasi diário e fui extremamente chocado pela realização de uma predição que jamais eu havia tomado a sério... e muita gente da localidade partilharam do meu assombro.

Eis um facto, cuja autenticidade posso afirmar sob juramento.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Os animais também têm alma!

Materializou-se o cachorro e soltou ganidos de alegria — Pertenceria o animal à família do governador Adhemar de Barros, tendo presenciado o fenômeno a mãe e um irmão do chefe do Govêrno — Conversou com o espírito do irmão morto pela «voz direta», mais de doze vezes

Espantosos fenômenos de cura pelo Espiritismo — Revelações do cientista espírita Sr. Urbano de Assis Xavier

Passou por São Paulo, com destino à Alta Paulista, o conhecido conferencista espírita e representante da «Revista Internacional do Espiritismo», sr. Urbano de Assis Xavier. Informada de que o mesmo J. Sattnetein, gerente administrativo havia presenciado insolitos fenômenos de materialização nesta capital, na presença de pessoas do mais alto destaque dos nossos meios sociais, a reportagem do «Diário da Noite» procurou ouví-lo a respeito.

«Tenho presenciado fenômenos os mais diversos — declarou-nos — não apenas aquí, na capital, como em várias outras cidades do Estado e do país. Os mais impressionantes são os de «voz direta», em que os espíritos falam com os assistentes sem a interferência de médiuns. Entre 1938 e 39, aqui, em São Paulo, tive oportunidade de participar de um grupo de experimentadores que se reuniam na residência do meu particular amigo sr. Odilon Negrão, funcionário da Imprensa Oficial, e então residente à rua Agostinho Gomes, no Ipiranga. Sua esposa, dona Hilda, é excelente médium de materialização e voz diréta, e contávamos ainda, no grupo, o saudoso médium e médico paranaense dr. Luiz Parigot de Sousa. Faziam parte do grupo os srs. Antonio de Castilho, Alipio Couto, Wandyck de Freitas, jornalista muito conhecido nesta capital e a sra Maria Gianoni Novazzi, diretora do Abrigo Batuira, de Poá. Nessa ocasião, que considero uma das mais felizes da minha vida, tive a ventura de falar mais de doze vezes com o espírito de um meu irmão, o engenheiro Adhemar de Assis Xavier, falecido em 1934, quando a serviço da rodovia Rio-Bahia. A voz, vibrando no espaço, sem intermediários, era perfeitamente reconhecível. Falei ainda várias vezes com o espírito do meu querido amigo Cairbar Schutel, fundador da «Revista Internacional do Espiritismo», e com o espírito da sua esposa. Mais recentemente, passando por São Paulo, fiz uma visita ao meu amigo Odilon Negrão, e resolvemos improvisar uma sessão. Manifestou-se então o espírito do meu amigo Ivan de Albuquerque, falecido na Alta Paulista em 1945, e quando, depois de reconhecer-lhe a voz, pensei em lhe perguntar pelas circunstâncias da sua morte, êle captou e respondeu prontamente ao meu pensamento. A mediunidade de dona Hilda Negrão continua, portanto, em franca atividade, com os melhores resultados».

Espantosos fenômenos de cura

«Em agosto de 1939 — prosseguiu o sr. Urbano de Assis Xavier — meu irmão Adhemar me disse, pela voz direta, que sua viuva, dona Cacilda Cunha Xavier, amanuense do Ministério da Agricultura, residente na Capital Federal, estava fazendo uma estação de repouso, e que sua segunda filha, Mariza, encontrava-se adoentada, mas sem gravidade. Eu não tinha o endereço de minha cunhada, que o espírito, então, me deu, pela voz direta. Em dezembro desse mesmo ano, viajando para a Bahia, procurei-a no Rio, encontrando-a no endereço fornecido pelo espírito. Cacilda confirmou todas as informações que Adhemar me havia dado a respeito da situação dela e das filhas, acrescentando, com lágrimas nos olhos, que Mariza, sua segunda filha, estava atacada pelo mal de Hansen. Realmente, a menina apresentava feias manchas cinzentas pelo corpo, dotadas de insensibilidade. Os exames, porém, levados a efeito no Instituto Manguinhos, indicaram apenas uma esclero-dermia. Resolvi, na volta, trazer Mariza comigo. E logo na primeira sessão que participei, Adhemar apareceu com sua voz inconfundível, agradecendo-me o cuidado que tivera com a menina e dizendo que os médicos não estavam certos. Havia consultado um médico «do lado de lá» e disse que a menina sararia ao passar dos doze para os treze anos, sem necessidade de tratamentos. Em 1947, ao passar de novo pelo Rio estive com minha cunhada. Mariza, de facto, sarou por completo, após o período de transição, e é hoje uma alta funcionária do Ministério da Agricultura».

Espantosos casos de cura

«Em Garça, na Alta Paulista — continuou o sr. Urbano de Assis Xavier — fui deparar com um caso interessante de mediunidade curadora logo após a dissolução do nosso grupo de «voz direta» aqui de São Paulo. A médium dona Bernarda Torrubio, de família muito conhecida na cidade possui a extranha faculdade de desmaterializar as partes doentes do enfêrmo, que são a seguir materializadas no estômago e por êle vomitadas durante a sessão. Assisti a curas espantosas. Certa vez, na companhia do jornalista Edgard de Castro Marques, da «A Comarca de Garça», dos meus amigos José Garibe, Gonçalo Assumpção e Miguel Ruiz e do médico Auto Candido de Oliveira Lima, segui de automóvel para a fazenda do Morro Redondo, a 18 ou 24 quilometros da cidade, para uma sessão de cura do administrador da mesma, sr. Mendes, tuberculoso desenganado. O citado médico me confirmára que o estado do doente era incurável. Pois bem, iniciados os trabalhos, após a prece de abertura a médium caíu em transe e logo mais vomitava sôbre a mesa tamanha quantidade de sangue, que chegou a ensopar parcialmente três toalhas. Feita pelo médico a colheita do material, que foi enviado ao I. P. B., nesta capital, o resultado da análise acusou a presença de grande quantidade de bacílos de Koch. Mas, a médium que havia expelido o material não estava doente. E, realizadas mais três sessões, a que não assisti, o sr. Mendes sarou por completo. Em fins de 1945, em Tupã, conversava eu com o prof. Almiro Mendes, lente do Ginásio Guedes de Azevedo, de Baurú, e contei-lhe êsse caso. Qual não foi a minha surprêsa ao ouvir do prof. Almiro que o administrador Mendes era o seu próprio pai, que com êle reside em Baurú, completamente curado da terrível moléstia».

Também os animais têm espírito

Perguntámos ao sr. Urbano de Assis Xavier por um propalado fenômeno de materialização de animais, que se teria verificado nas sessões do grupo de «voz direta», nesta capital.

«E' facto — respondeu-nos — mas, infelizmente não o presenciei. Não obstante, aquí está».

Exibiu-nos, então, um número da revista «O Revelador», que se edita nesta capital, número êsse referente a novembro-dezembro de 1941, e que trazia um completo relato da sessão, feito pelo próprio sr. Odilon Negrão. Na reunião de 25 de dezembro de 1941, segundo o relato, o espírito do dr. Paulo, ex-frequentador do grupo, anunciou que estava presente aos trabalhos «a alma de um cão», e fê-lo diretamente a um visitante, de nome Pereira. Prossegue nestes termos o relato do sr. Odilon Negrão: «Minha esposa pergunta-lhe se se tratava de um cachorrinho lulu, que ela, como vidente que é, costumava vêr, de raro em raro, perambulando pela casa. «Não», respondeu o dr. Paulo, «é um animal grande, um cão dinamarquês. Chama-se Leão». E dirigindo-se ao sr. Pereira: «Você conhece bem êsse cachorro. Êle pertenceu à família de seu pai. Foi grande amigo de você e de seus irmãos». O espírito estava emocionado. O sr. Pereira, comovidissimo, disse que Leão falecera há mais de vinte anos, e que fôra um cão dinamarquês, que seu progenitor adquirira na Europa. Leão era ferocissimo e servia de guarda da casa, na fazenda que seu pai possuía no interior. Por falta de afinidades ectoplasmaticas, como explicou o dr. Paulo, Leão, naquela noite, não conseguiu manifestar-se dentro da corrente da sessão. Em seis de janeiro, voltamos a realizar outro trabalho de «voz direta», com o mesmo médium, os assistentes da sessão anterior e mais a sra. Elisa, mãe do sr. Pereira. O espírito de Romão Rocha dirigiu a sessão em sua parte técnica. Manifestaram-se quatro entidades, dentre as quais uma que deu o nome de Quinzote. Êste foi primo do sr. Pereira e seu companheiro de infância. Após falar ligeiramente sôbre assuntos íntimos com o seu parente e amigo, Quinzote afirma: «Leão está na sala». Segundos depois, ouvimos latidos soturnos, roucos e insistentes. O sr. Pereira, assim como sua mãe, sentiram carícias nas mãos e nas pernas. O interessante foi que, enquanto Leão se manifestava materializado, Quinzote, pela voz direta, ia dizendo: «Leão está satisfeito, está-lhes fazendo festas».

Nova aparição de Leão

Diz ainda, o relato do sr. Odilon Negrão, que dia 15 de Janeiro de 1941, em nova sessão, com o médium Luiz Parigot de Souza, Leão reapareceu, materializado, arranhando fortemente o tapete oleado do soalho, soltando rápidos ganidos de alegria, andando, deitando-se e espojando-se no chão. E acrescenta: «Perfeita, em todos os seus mínimos detalhes, essa manifestação!»

Quem era o sr. Pereira

A reportagem do «Diário da Noite» está informada de que o sr. Pereira, a que alude o relato, seria o sr. Oswaldo Pereira de Barros, irmão do governador Adhemar de Barros. O cão materializado, portanto, teria pertencido à família do governador, e a progenitora dêste presenciára o fenômeno na residência do sr. Odilon Negrão».

Do «Diário da Noite», de 14 de Março de 1949.

⁂

I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo

Realizar-se-á nos dias 8, 9, 10 de Julho do corrente ano, nesta Capital (S. Paulo), a I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo para tratar assuntos referentes a) UNIFICAÇÃO: 1) estudo, sugestões e aprovação final dos meios para a unificação das Mocidades; 2) mensário para as Mocidades.

b) ORGANIZAÇÃO: 1) estudo, sugestões e aprovação final de um regimento interno-modelo para os Departamentos juvenis ligados a entidades espíritas (Mocidades não autônomas); 2) estudo, sugestões e aprovação final para um estatuto-modêlo para as entidades de moços autônomos (não adesas a centros ou sociedades espíritas; 3) padronização dos nomes das Mocidades espíritas independentes e dos departamentos juvenis (Não autônomos).

Anterior a I Reunião estão sendo feitas pelo interior do Estado, que foi dividido em Zonas, reuniões prévias para colher *sugestões* dos membros das sociedades de moços, para que em JULHO sejam elaboradas as conclusões da I Reunião.

PRÉVIAS JÁ REALIZADAS

Zona 1 — Dia 10 de Abríl, na séde da Federação Espírita do Estado de São Paulo, á Av. da Irradiação, 158, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 1, compreendendo as seguintes Mocidades:

Sorocaba, 3 representantes; Jundiaí, 6; Ismenia de Jesus, de Santos, 3; Estudantes da Verdade, de Santos, 3; Santo André, 1; Bosque da Saúde, da Capital, 4; Tatuapé, da Capital 5; Liga da Capital, 1; Casa Verde da Capital, 1; Lapa, da Capital, 10; São Paulo, Capital, 9; Penha, da Capital, 9.

Zona 5 — Dia 15 de Abril na séde do C. E. Barsanulfo na cidade de Ribeirão Preto, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 5 compreendendo as seguintes Mocidades:

Ribeirão Preto, 15; Franca, 3; Igarapava, 2; Barretos, 8; Jundiaí, 1; Araraquara, 1; Jaboticabal, 3; Rio Preto, 2; Campinas, 2; Santos, 1; Bebedouro, 6; Tupã, 1; Pinhal, 1; Santa Barbara do Oeste, 1; Mogi-Mirim, 1; São Joaquim da Barra, 1.

Além desses representantes de mocidades do nosso Estado a reunião contou com a presença de elementos de sociedades de Moços do Estado de Minas Gerais conforme segue: Uberlandia, 2; Passos, 1; Sacramento, 1; que prestaram sua colaboração demonstrando grande interêsse pelo movimento juvenil de São Paulo.

Zona 2 — Dia 24 de Abril, na cidade de Mogi-Mirim, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 2, compreendendo as seguintes mocidades:

Mogi-Mirim, 15 representantes; Campinas, 3; Pinhal, 10; São João da Boa Vista 6; Itapira, 22.

Fazemos constar dêste relato a justificação enviada pelos moços de Casa Branca, que não podendo comparecer, hipotecaram seu apôio ao movimento em curso, remetendo expressiva missiva.

Zona 7 — Dia 1.o de Maio, na séde do C. E. Caridade e Fé, na cidade de Jaboticabal, estiveram reunidos representantes de sociedades de moços da zona 7, compreendendo as seguintes Mocidades:

Jaboticabal, 18 representantes; Catanduva, 19; Araraquara, 2; Matão, 7; Barretos, 2; Bebedouro, 2.

O Departamento das Mocidades da União Social Espírita que orienta êsse movimento, tem conseguido os seus objetivos colimados nessas reuniões prévias, espera assim dentro em breve solucionar os dois magnos problemas das sociedades de moços: unificação e organização interna.

⁂

Gesto digno de imitação

A Câmara Municipal de São José do Rio Preto, demonstrando espírito de compreensão e justiça, acaba de conceder auxílios a duas sociedades de caracter filantrópico: Cr. $ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para a construção do Hospital para doentes mentais «Dr. Bezerra de Menezes», patrocinada pela Associação de Beneficência «Espírito Consolador» e Cr. $ 50 000,00 (cincoenta mil cruzeiros) à União Feminina de São José do Rio Preto, para a construção de uma créche nessa cidade.

Se as Câmaras Municipais e os Governos imitarem êsse gesto de pura fraternidade cristã, os doentes mentais não serão jogados nos porões das cadeias e os necessitados, doentes, velhos e crianças, encontrarão amparo, acabando com o triste espetáculo proporcionado pela miséria, atestado frisante da má atuação dos Governantes das nações.

A tarefa daqueles que se propuserem a trabalhar na seára espírita deve ter por base a prática e a prègação do Evangelho, sem o que não poderão fazer jús ao salário divino. Que o vosso trabalho se oriente no sentido de engrandecer a doutrina, sem personalismo e orgulho, afim de que vos torneis dignos das atenções do Alto. — CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXV—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1949 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Luta intrínseca e extrínseca	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Francisco Klörs Werneck*
A Dôr através os tempos	*J. B. Chagas*
Rumo Certo	*Pereira Guedes*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Respigas e Comentários	*M. Quintão*
Meras Coincidências...	*Oscar Nilsson*
A Luz mais brilhante do século das Luzes	*Leopoldo Machado*
Dialética do Espírito	*Rita Ratisbona de Ruão Rabelo*
O Curso Verbal	*De Agostinho*
O Sentimento Estético—nos Animais	*(Do livro "A Evolução Anímica", de Gabriel Delane.)*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas. referida obra está dividida em duas partes : 1.ª — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.ª — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parabólas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito util para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus».

Gênesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1949 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Luta intrínseca e extrínseca

AQUELES que tiveram a ventura de quebrar os grilhões que os prendiam ao estreito círculo da vida material, ao admitirem, depois de estudos e observações, a existência e sobrevivência do espírito após a morte do corpo somático e ao se convencerem de que só a prática da moral cristã é que póde estabelecer em todos os corações, em toda a parte onde se movimentam as creaturas e entre as nações a verdadeira paz que todos almejam, mostrando independência e personalidade, encaram os acontecimentos internacionais com otimismo, embora tais acontecimentos se revistam de negras e inquietantes perspectivas.

Efetivamente, a humanidade está passando por grandes provas e sofrimentos que nos levariam a acreditar achar-se ela à beira de um abísmo se não soubessemos, através dos conhecimentos que adquirimos no campo dos estudos relacionados com os assuntos espirituais e evangélicos, que se trata da sua passagem de um para outro ciclo, na intérmina senda da evolução para a perfeição. E lendo a história da humanidade, a começar do homem primitivo, que residia em imundas cavernas, até o homem dos nossos dias, que singra os espaços atingindo alturas não atingidas pelo próprio condôr, nós vemos que em determinados períodos, a princípio distanciados quatro, três e dois mil anos aproximadamente uns dos outros, mas agora menos distanciados e menos ainda o serão, porque a distância diminuirá à medida que as creaturas avançarem na senda da espiritualidade, a humanidade é surpreendida por guerras tremendas, que levam à retaguarda o fúnebre cortejo de misérias físicas e morais quasi inenarráveis, além dos cataclismas naturais, alguns provocados pela própria guerra. E' quando a humanidade faz a sua passagem de um para outro ciclo evolutivo, dando mais um passo para a frente na senda do aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual.

Entretanto, os homens precisam compreender que a guerra dirigida contra os seus semelhantes não resolverá de uma vez, os seus magnos problemas, pelo contrário será sempre o fruto de recalcadas ambições, do orgulho e do egoísmo, sináis característicos do homem inferior, moral e espiritualmente atrasado, embora seja um intelectual, porque as guerras são sempre provocadas pelos mais entendidos, pelos mais sábios, e não pelos ignorantes que são em maior número e que só podem disputar ninharias.

A' pergunta: se da face da terra, algum dia a guerra desapareceria, o Espírito respondeu: «Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época todos os povos serão irmãos». (Livro dos Espíritos, pergunta 743).

Para que a guerra desapareça da face da terra, os homens a devem fazer não com os seus semelhantes, mas consigo mesmos, procurando subjugar os inimigos que residem no âmago de sua alma, inimigos ocultos que prejudicam muito mais que os inimigos visíveis. Logo, a luta deve ser intrínseca e não extrínseca. Foi esta a luta, a guerra que Jesus, na sua missão de evangelizador, veiu ensinar quando disse: «Não penseis que vim trazer paz a terra, não vim trazer paz, mas espada.» E essa espada é para decepar a cabeça dos nossos inimigos ocultos, que são o orgulho, o egoismo, as baixas ambições, pondo no lugar de cada imperfeição uma virtude. E' com essa espada que decepamos também a ignorância dos que nos combatem por não compreenderem a Verdade que pregamos e defendemos.

Mas a evangelização da humanidade é tarefa demasiadamente longa e penosa. Faz quasi dois mil anos que Jesus desceu a este mundo para ensinar aos homens os preceitos máximos da lei de Deus e até agora, dos cem passos que deveriam dar para a frente, parece que deram apenas um, pois continuam a seguir a mesma rotina dos publicanos, dos fariseus e dos gentios daquele tempo. Intolerantes, prepotentes, gananciosos, fraudulentos, hipócritas, mentirosos, os homens, dando cada vez mais expansão aos seus apetites materiais, às suas baixas ambições, estão transformando o mundo numa autêntica «Torre de Babel».

Cremos que dois mil anos de evangelização seria tempo suficiente para fazer as creaturas compreenderam em parte a lei de Deus, se os que se propuzeram a levar avante essa tarefa tivessem cumprido com os seus deveres, deveres de ordem moral e espiritual.

Se aqueles que conhecem os preceitos evangélicos no espírito que vivifica, dificilmente vencem alguns dos seus vícios, quanto mais aqueles que os não conhecem! Não basta ter conhecimento da lei, o essencial é cumpri-la. Não basta ensinar, o essencial é praticar o que se ensina para que a palavra mereça crédito por parte daqueles que a ouvem. Ao contrário, vã é a nossa pregação e somos ouvidos com indiferença.

Não há dúvida que a luta entre os nossos vícios e imperfeições de um lado e o nosso desejo de sermos bons, de outro, é árdua, mas precisamos nos compenetrar de que a nossa simples presença neste mundo é justamente para entrarmos nessa luta e subjugar os nossos inimigos maiores que residem no âmago de nossa alma, e se formos perseverantes até o fim, indiferentes sempre ás tentações que de mil formas nos apresenta o mundo em que vivemos, venceremos.

Efetivamente, os vícios, o agarramento às cousas terrenas, o orgulho, o egoismo, as baixas paixões constituem os nossos maiores inimigos, porque são êles que nos impedem de dar mais largos passos na senda da perfeição, da felicidade. Uma vez vencidos êstes inimigos obstinados, os únicos que nos acompanham a cada passo, os inimigos externos, que parecem ser os mais terríveis, devido a nossa ignorância, serão automaticamente postos fóra da arena. Logo, a luta deve ser intrínseca e não extrínseca, como pensam os menos prevenidos.

O Espiritismo, que é o Paracleto da Promessa de Jesus, veiu ensinar estas e outras cousas para o enriquecimento do patrimônio espiritual daqueles que querem seguir a Jesus, que querem ser efetivamente felizes já neste e não apenas no outro mundo, porque quem não procura ser feliz nesta vida não o será também na outra, porque a verdadeira felicidade é constituida sómente pelas virtudes ativas, pelas boas obras.

Na luta intrínseca é que está o valor da nossa vitória, se a soubermos conquistar com perseverança e fé.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO XX

Modificação no estado da vidente

A 18 de Outubro de 1827, achandose a Sra. Hauffe em estado de sonambulismo causado por vinte e um banhos de louro, nos disse ela que, na noite do dia seguinte, às 7 horas, se encontraria pela última vez num perfeito estado de clarividência, que estaria, em seguida, mais desperta para a vida externa e que nós nos tornariamos estranhos a seus olhos; o aspecto de seus olhos seria mais natural e o passado lhe faria efeito de um sonho. Eu lhe perguntei se os fantasmas deixariam de aparecer e ela respondeu que isso não dependia do seu estado de sonambulismo. Eles apareceriam como outróra, mas lhe pareceriam espantosos e lhe causariam mêdo. Ficou de noite muito doente e disse que lhe parecia que uma luta se travava dentro dela, como entre dois combatentes dos quais um afirmava que ela estava em Weinsberg, ao passo que o outro sustentava que se achava em Löwenstein. Em um caso, os objetos, que a cercavam, lhe pareciam familiares; no outro já lhe pareciam estranhos. Na manhã do dia 19, pareceu-nos que tinha ela muita dificuldade em falar sua língua habitual, sendo impelida a falar o puro alemão e a tratar todo o mundo por «tú». Declarou que se sentia como prestes a perder a sua alma e como se algo fosse morrer nela.

Nesse mesmo dia 19, pelas 7 horas da noite, achando-se em estado de sonambulismo, disse, depois duma prece feita em silêncio, o seguinte: «Sinto que desperto hoje de um longo sôno, que dura desde o momento em que vim para cá, quando então me repreendestes, e eu sinto que há em mim bem pouco de humano. Contei, até então, com o auxílio dos homens, mas agora me sinto abandonada e inteiramente recolhida em mim mesma. Desde aquele momento, não vivi uma única hora sôbre a terra, mesmo quando parecia mais desperta. Ficarei, pois espantada, ao despertar, parecendo que sonhei com muitas pessoas. Quando os espíritos, que eu tenho o hábito de vêr, vierem a mim, eu não os reconhecerei e lhes farei perguntas que já lhes fiz e suas presenças me causarão mais espanto quando estiver acordada, porém eu sei, pelo estado dos meus nervos óticos, que os tornarei a vêr. Os nervos das pessoas de boa saúde podem também vêlos, mas eu vejo mais do que conto: penetro inteiramente no mundo dos espíritos. Que ninguem me fale o que quer que seja de meu longo sôno, mas que se me prepare para a vinda dos fantasmas, sem o que ficarei muito espantada quando os vêr. Parece que estou ainda na noite de minha chegada aqui. Quando eu acordar, reclamarei minha irmã Amélia, que estava então comigo.»

Após ter orado, pediu-nos que a despertássemos, o que fizemos, tocando-a com um pedaço de cristal. Sua primeira pergunta foi pela sua sua irmã, à qual queria narrar o seu longo sonho. Ainda que estivessemos estado sempre perto dela, parecíamos todos estranhos à ela, que só reconheceu os que já lhe eram conhecidos antes de 26 de outubro de 1826. Mostrou-se extremamente surpresa pela melhora do seu estado de saúde e, especialmente, ao verificar que não tinha mais febre miliar. Disse-lhe que um médico lhe havía ministrado um pó que lhe produzira certo sôno, que durara a primavera e o verão. Isso a fez chorar, exprimindo a tristeza de haver passado em sôno tão longo tempo. Experimentou um aborrecimento extremo de se achar num quarto estranho, cercada de coisas que não conhecia. Contou que, durante a noite, ficára muito alarmada. Pela uma hora, certa forma entrára no seu quarto e se colocára ao pé dela, dizendo: «Dai-me consolo». Ficára muito espantada e lhe perguntára o que queria dela. O fantasma lhe respondera que tinha ido muitas vezes vê-la e narrou, então, o que se lerá na segunda parte dêste volume.

No dia seguinte, experimentou ainda grande mal estar e se deixou ir ao desespero, porque não podia se refazer no seu novo estado. Foi um grande êrro da parte de certas pessoas o de falar-lhe de algumas particularidades de sua vida magnética. Lastimou-se muito aqui e se mostrou extremamente desejosa de voltar para a casa dela. Parecia lembrar-se de certas pessoas, olhando-as fixamente nos olhos, mas perdera toda lembrança do que ouvira, sentira, cheirára e tocára durante estes ultimos meses. Dizia que a visão era uma função mais espiritual que a audição e que muitas vezes a primeira lhe revelava o que não fizera nenhuma impressão sôbre a segunda. A única flôr de que guardava recordação era a prímula e parece que foi pelos olhos que teve noção do seu perfume.

De todos os poêmas que lera em vida, o único de que se lembrava ainda era um poêma de Goethe. Na realidade, ela ficára tal qual dantes, mas a sua voz ficou fraca e se achava menos capaz, que outróra, de levantar da cama. Os minerais e as plantas continuavam a produzir sôbre ela os mesmos efeitos, mas meu poder magnético sôbre ela tinha diminuido bastante. Todavia, não nos parecia que ela estivesse completamente fóra da esfera magnética e se mostrava provável que apresentasse ainda um novo despertar.

A Dôr através os tempos

J. B. CHAGAS

— I —

RESUMO:
(1 — Preâmbulo histórico
(2 — Como acabar com a dôr
(3 — Drogas e Panacéas
(4 — A Dôr no conceito espirítico
(5 — O *porque* da Dôr

1 — Preâmbulo histórico

Um monge da Idade Média, chamado Abelardo, considerando a passagem da lenda bíblica do Capítulo 2.º da Gênese, que diz ter o Senhor tirado de Adão uma costela, enquanto este dormia, e dessa costela, formado a mulher, enchendo de carne o lugar donde a tinha tirado, afirmou uma tese de maneira séria, porque Deus segundo a sua opinião, colocou Adão num profundo sôno, afim de lhe extrair, sem dôr, uma costela!

Esqueceu, porém, o monge Abelardo, de dizer se a fórmula original de todos os específicos anti-nevrálgicos, fôra também encontrada.

Nós, espiritistas, sabemos hoje que a alegoria da Bíblia não passa mesmo de simples alegoria ou fantasia.

O progredir constante da Ciência, já demonstrou a impraticabilidade daquele processo de procreação, porque, a ser verdadeira a lenda, Deus teria concedido a Eva um privilégio, alterando profundamente a imutabilidade das suas leis, o que não é admissível, uma vez que também o facto, jamais se repetiu, na história, nem mesmo esporadicamente.

O gênio admirável de Miguel Angelo, fixou o nascimento de Eva numa téla que, em *vitrou*, se encontra no Vaticano, na Capela Sixtina. Vê-se alí, Adão desnudo e adormecido, recostado a um rochedo, e Eva, em fórmas bem proporcionadas, cabeleira caída sôbre os ômbros, ainda com o pé mal saído do quadril esquerdo do primeiro homem, a agradecer ao Padre Eterno, tamanha graça!...

Para alguém pesquisar nas eras remotas os processos empregados para acalmar os sofrimentos ou suprimir a dôr, terá que compenetrar-se bem dessa idéia, porque os antigos, pretendiam, antes de tudo, tratar a causa e apenas, secundariamente, se interessam pelos sintômas.

A dôr, afirmou *Dartigues* — é «velha como o mundo, antiga como os povos; a dôr percorre toda a cadeia zoológica, se agudiza e sublima à medida que caminhamos na perfeição anatômica e de acôrdo com o desenvolvimento progressivo do sistema nervoso. *(A DÔR EM CIRURGIA)*.

Inúmeros factos históricos comprovam êste acêrto. Temos conhecimento de vários mártires que enfrentaram a morte com estoicismo, sem lágrimas, sem lamentos, como si a dôr nenhuma influência exercesse sôbre eles, daí dizer *Goethe* — «Se a tua dôr te oprime, faze dela um poema!»

2 — Como acabar com a dôr.

O tratamento sintomático da dôr é consequente da terapêutica moderna. Muitos médicos não acreditavam que as operações cirúrgicas pudessem ser efetuadas sem dôr. E assim, escrevia Volpeau em 1839 — «Evitar a dôr nas operações é uma quiméra que não é mais admissível perseguir hoje.»

Oito anos mais tarde o farmacêutico francês *Soubeiran*, descobria o chlorofórmio, por cuja conquista toda a Humanidade lhe deve ser eternamente grata, a tal modo que nenhum cirurgião jamais poderia recusar aos seus pacientes os benefícios da nova descoberta. E assim, os horrores e os arrepios, os sofrimentos que se infligiam outróra aos pacientes nas intervenções a frio, ficariam apenas anotadas nos alfarrábios médicos, como lembrança para os provindouros, como agora estamos anotando.

Salvo mais aprofundadas pesquisas, é no Egito que vamos encontrar o mais antigo dos medicamentos contra a dôr: O *Nephentes*, de que nos fala *Homero* na sua *«Odisséia»*. *Helena*—conta-nos—havia obtido da egipcia *Polydamna* êsse medicamento adotado para «acalmar a dôr e dissipar as tristezas».

Mas, os comentadores de Homero, que constituem legiões, muito fizeram por descobrir a planta da qual era extraída tal droga. A maioria, porém, pensou que se tratasse do ópio utilizado nos paizes orientais de longa data.

Não resta dúvida, que êsse medicamento, qualquer que êle seja, alcançou o Ocidente, pois, que no Século XVII, foi encontrada entre os boticários de Toulouse, uma fórmula de Nephentes, na qual figurava o ópio, o castório e outros entorpecentes.

Alexandre, o Grande, ao fundar a cidade de Alexandria no ano de 332, trouxe para aí médicos e sábios de seu país, e dentre estes, *Praxagora*, que póde ser considerado como o fundador da primeira escola de farmácia que já existiu no mundo. Esta escola tem como título de glória ter lançado a famosa *Teriaca*, que *Andromaco de Creta*, médico de Néro, teria de aperfeiçoar mais tarde, incorporando-lhe o pó de serpentes.

Numa gravura de *Galle*, segundo *Stradan*, vê-se um grupo de homens empregando as suas atividades, com o auxílio de sapos e cães, na caça de serpentes destinadas à preparação do pó.

3 — Drogas e panacéias.

A Teriaca, mistura bizarra de drogas, apresentando diferentes propriedades, tinha, contudo, indicações múltiplas. Era utilizada antes das operações e contra certas dôres violentas, num grande esfôrço para vencer a dôr. Foi o medicamento que seguramente desfrutou de maior preferência durante muito tempo. Só era vendida nas farmácias.

O pó de serpente não foi o único produto animal a ser empregado na terapêutica antiga. A História Natural de Plínio, dá-nos conta de que os Gregos e Romanos faziam desta substância um verdadeiro abuso. Hodiernamente, vêmo-la empregada, no cumprimento do axioma médico: *«Similia Similibus Curantur.»*

Mas, evitemos o desvio do estudo que têmos em vista fazer em tôrno da evolução da dôr, ou dos processos empregados para evitá-la ou vencê-la. Não podemos, porém, fugir ao desejo de anotar aquí algumas das mais pasmosas receitas, reconhecendo, entretanto, como o próprio Plinio: «que não se pode transcrevê-las sem rir, mas não se pode omití-las porquanto foram receitadas».

Na época da Renascença, como no tempo de *Hipócrates* e de *Galeno*, havia numerosos sábios que eram ao mesmo tempo médicos e boticários. Entre os mais sábios e mais célebros, devemos citar *Nicolas Lémery*, autor do primeiro Tratado de Farmácia, que verdadeiramente merece êsse nome; o de *Nicolas Houel*, criador do primeiro Jardim Botânico na França de onde se originou a atual Faculdade de Farmácia.

Cometeriamos um grande êrro, ao encerrar este preâmbulo, sem ao menos fazermos uma ligeira referência ao papel que desempenharam os rústicos laboratórios existentes nos conventos da Idade Média, grandes distribuidores de remédios que eram, e cuja terapêutica durante muitos anos, permaneceu, quasi que exclusivamente nos mosteiros. Todas as ordens religiosas, fossem elas Beneditinas ou Franciscanas, etc., entregavam-se invariavelmente à preparação de drogas.

Não poderiamos também deixar sem alusão os *tabus* terapêuticos, existentes ainda hoje em dia, mais na crendice popular da gente inculta ou de pouca ilustração.

Os medicamentos que a antiguidade havia obtido do reino animal, a Idade Média e a Renascença ajuntaram certas substâncias de origem humana. Foi assim que as regras da virgem e o bálsamo de carne de enforcado figuravam como remédio para curar a *gota.* A gordura humana entrava em uma preparação que figurou no Codex com o nome de «Bálsamo de Arceus». A gordura do cadáver de um enforcado era reputada ainda mais eficaz, e por tal motivo os carrascos oficiais obtinham bom rendimento da venda desta matéria prima, imprescindivel à farmácia de então. Esta renda era ainda aumentada com o fornecimento de dentes de enforcado, muito apreciados como «mascotes»... *GOYA,* fixou em original tela o ato da retirada do dente do enforcado, mostrando uma mulher, ao arrancá-lo, tapar o rosto com um pano, com a fisionomia a demonstrar um misto de mêdo e pavôr!

A *gota,* por exemplo, doença dos poderosos e dos ricos dêste mundo, e também dos glutões, foi uma das doenças para a qual se utilizou, em todos os tempos, as drogas mais diversas, e as mais inverossímeis. Estes extravagantes remédios despertaram a atenção de *Luciano,* que a ela dedicou um dos seus Epigrâmas: — «Deusa que odeia os pobres, que sómente mortifíca os ricos, tú conheces às maravilhas a arte de bem viver! Tú te delicías em te colocares sôbre os pés dos outros; tú sabes usar tuas armas, e os perfumes te fascinam; tú amas também as corôas e o licor da Ausonia, tão caro a Bacho! Nada disso se encontra entre os pobres, e eis porque tú foges do contacto tétrico da pobreza e te sentes jubilosa em viver aos pés da riqueza!

(Continua)

Rumo Certo

Pereira Guedes

Em 28 de Agosto de 1947, atendendo gentil convite dos diretores da Tenda Espírita «Fé e Caridade», de Niterói, cujos trabalhos se realizam no salão da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, alí comparecemos para pronunciar mais uma palestra de uma série por nós iniciada dois anos antes.

A nossa palestra dessa vêz, sob o título RUMO CERTO, foi ouvida por uma grande assistência. Depois de mais de uma hora, quando demos por terminada a nossa tarefa daquela noite, não se ouvia uma só palavra de descontentamento. Muitos abraços, muito entusiasmo e aquela alegria contagiante, tão comum nessas ocasiões, invadia os nossos corações.

E assim, na mais plena satisfação, regressamos ao lar.

Dias depois, alguém de Niterói nos envia o exemplar de um jornal de feição espiritualista, daquela cidade, referto dos mais pesados vocábulos pejorativos assacados contra nós.

Por que?

Porque não nos foi possível agradar, dentre aquela multidão, a dois, simplesmente a dois espiritualistas presentes, e, por certo, filiados a uma corrente eclética, dêsse novo ecletismo umbandista que em nada se parece com o Espiritismo.

Aos confrades de Niterói, naquela noite, no desenvolvimento de nossa palestra, afirmamos, como aliás temos feito em várias ocasiões, que o Espiritismo não tem «linhas» da esquerda ou da direita e que a sua linha é a do bom senso, para a frente e para o alto.

Que o africanismo, ultimamente batizado e crismado por Umbanda, Quimbanda e outras extravagâncias de outras bandas, não é nada mais nada menos que um misticismo esdrúxulo, originado das religiões africanistas e mescla de catolicismo, que, no Brasil, tão bem descrita por Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Arthur Ramos e outros que em seus magnificos trabalhos, principalmente os do cientista emérito Nina Rodrigues, o pai do assunto, que sábiamente soube expôr com o mais elevado pretexto de contribuição antropológica, enriquecendo o patrimônio das letras nacionais; livros que serviram de base a tão erudita quão documentada conferência de Alfredo Pedro d'Alcântara, realizada na Federação Espírita Brasileira, em 28 de Outubro de 1941, bem como para o seu esplendido livro a ser brevemente publicado, cuja leitura nos foi confiada — LINHAS DE UMBANDA — (suas origens e seu destino).

Mostramos ainda, no curso daquela palestra, que o Espiritismo abrangendo os três aspectos, fiilosófico, cientifico e religioso, não produz fanatismo como acontece no «ecletismo umbandista», cujos chefes são reverenciados, temídos e adorados, como no tempo dos deuses da antiga Pérsia.

Afirmamos ainda que, para os espíritas, a única linha, a do bom senso, está na superioridade da codificação kardecista; que a palavra *espiritismo* surgiu para designar a Nova Revelação, empregada pela primeira vez pelo codificador ao lançar à publicidade as obras fundamentais que os espíritos lhe ditaram.

E dissemos mais: que alí, onde estávamos, não havia um só símbolo, uma imagem sequer que nos pudesse condenar de seguidores do paganismo, ou um altar onde o presidente da Federação ou mesmo da Tenda se recolhesse com a presunção de haurir e distribuir poderes extraordinários, considerando-se, petulantemente, um escolhido.

A nossa opinião, que aliás se apoia na de muitos estudiosos no assunto, é esta: as religiões africanistas que tanto proliferaram no Brasil, em contacto com a religião católica, produziram êsse misto que vemos hoje revestido de novas formas e designações, em contínuas enxertias no vastíssimo campo explorados pelas muitas doutrinas espiritualistas que nada têm de Espiritismo, senão a manifestação do espírito que é, alias, tão velha que, a ninguém foi possivel até hoje, precisar factos e datas que nos levem a poder afirmar quando teve origem a sua manifestação inteligente na face da Terra. Tratando-se por isso, na sua maioria, de puro animismo ou mesmo mediunismo, porém, nunca de Espiritismo.

Arrimados nas opiniões valiosas dos escritores patrícios já citados, inclusive Jorge Amado, podemos afirmar que a influência do africanismo no Brasil é tão grande e poderosa mesmo, que não há quem não a sinta palpitante em todas as manifestações da alma nacional, mórmente nas artes, principalmente na música lânguida e sensual, tão característica da raça negra que é hoje considerada uma das colunas mestras apoiando a cúpula do edifício de nossa civilização em marcha. Na arte culinária, principalmente na Bahia que é o Estado do Brasil que apresenta a sua cozinha própria, a influência africana é poderosa! Os quitutes, as muquecas, os vatapás e muitos outros incorporados ao patrimônio nacional, dizem bem da sua origem.

O Espiritismo propriamente dito, êsse Espiritismo imune das enxertias tão do agrado dos simbolistas arrevesados, é a doutrina que desconhece raças por ser de origem espiritual, sem qualquer relação com os tabús indianos ou africanos, religiosamente preferidos por tantos «mestres» e «sacerdotes» de fancaria que, explorando a crendice do povo, organizam para a sua exclusiva exaltação, *templos misteriosos e nichos sagrados.*

A simples manifestação dos espíritos nos trabalhos ditos de terreiro, não basta para que se qualifique de Espiritismo as extravagâncias que hoje, do agrado de tanta gente, servem apenas para atestar o gráu de atraso espiritual do homem do século atômico no terreno religioso ou filosófico.

O Espiritismo é uma estrada aberta, ensolarada e, quem por ela caminha sabe de onde vem e para onde vai.

A Umbanda é caminho áspero, onde não há harmonia de côres e é tudo sombreado pelas matas espêssas, e, quem por êle se conduz tateará sem rumo até que, atraído pela luz possa descortinar mais amplos horizontes.

O Espiritismo é doutrina de permanente evolução, que abrange os três harmônicos aspectos: Ciência, Filosofia e Religião, excluindo de suas cogitações a questão de raça, sob o ponto de vista biológico.

Ora, Umbanda que é originária do espírito de uma raça, impregnada de ritos afro-católicos, é uma religião que estacionou à margem da evolução. Não basta que em seus rituais haja manifestação de espíritos, pois, esses, na mais remota antiguidade já acudiam as evocações dos sacerdotes das primitivas organizações religiosas.

O Espiritismo é um corpo de doutrina evolutiva, sábiamente organizado e orientado sob a vigilante assistência dos Espíritos Reveladores. E' o Consolador prometido nas páginas do Evangelho do Cristo.

Para nós, Espiritismo sem Evangelho, sem o estudo sistematizado de todos os fenômenos da Natureza, físicos e psíquicos, sem a reincarnação que justifica a causa dos nossos sofrimentos, não é Espiritismo.

Fenômenos de Materialização

XXIX

A sessão de sábado, dia 13 de Março, iniciada por uma prece que eu proferi, tinha a assistí-la, além dos seus habituais componentes, os irmãos Luiz Mesculin Junior, de Juiz de Fóra e o Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino e sua esposa D. Adelaide Campos Avelino, de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Presidiu-a o confrade Major Ismael Pinto, que depois de declarar abertos os trabalhos, recomenda seja feito absoluto silêncio e perfeito recolhimento espiritual, para que seja ouvida a voz orientadora da Espiritualidade. David incorpora-se, fazendo oportunissima explanação evangélica e concluindo por fazer as necessárias advertências, para que todos se portem à altura das enormes responsabilidades da singular sessão, mandando fôsse o médium recolher-se ao gabinete mediúnico.

José Grosso é o primeiro espírito a falar, por voz direta, seguindo-se-lhe Scheilla, Fidelinho e Petitinga, todos abordando pontos culminantes do Evangelho e da codificação kardeciana.

Vários companheiros são convidados a orar e a tecer ligeiros comentários sôbre palpitantes assuntos doutrinários, entoando-se, de quando em vez, mimosos hinos.

Scheilla cantou o hino da Juventude «Francisco Candido Xavier».

O Fidelinho improvisou um hino que canta com internecido carinho e inexcedível graça.

O Dr. Clodoaldo profere ligeira e brilhante alocução, terminando por declamar a seguinte quadrinha, que Petitinga escrevera, em vida, em homenagem ao autor:

«Nunca te esqueças querida,
Que toda lei do Senhor,
Foi por Jesus resumida,
Numa só palavra — Amor!»

Abel Gomes, depois de nos mimosear com uma notável série de conselhos práticos e necessários, recomenda sejam encerrados os trabalhos, o que foi feito depois de proferida uma prece.

* * *

Vinte e três de Março. Vinte horas, início da sessão ordinária do «André Luiz», sob a presidência da Lais. Estavamos prevenidos de que haveria festa, de vez que na véspera 22, registrára-se o vigésimo aniversário de desincarnação de David Pais dos Santos, amigo da casa. Isto traduzido, significa a contemplação de quasi 4 horas de intensas vibrações; encanto.. graças... bençãos... deslumbramento!

No decorrer da sessão verificaram-se fenômenos de tal natureza singulares e transcendentes, que se não podem mencionar em sua fidelidade, porque seria querer penetrar o insondável, desvendar o misterioso, devassar o imponderável e descrever o impossível!

Só quem assistiu e sentiu o vigor de tais fenômenos tentaria precisá-los, porém jamais narrá-los de maneira a fazer com que os outros os sentissem com a mesma intensidade e o mesmo vigoroso sabor de verdade positiva.

Eu confesso que, o só simples facto de rememorar tais fenômenos, faz-me sentir uma vibração desconhecida, chegando mesmo a precipitarem-se-me, das pálpebras, indiscretas lágrimas, vendo-me esmagado ao pêso de uma influência misteriosa e nimiamente sentimental. A emoção sacode-me todo o sêr, fazendo-me sentir infinitamente pequeno, obscuro, inferiorizado pelas minhas reconhecidas deficiências diante da magestade inconfundível da Perfeição Suprema do Senhor das Bençãos Celestes!

Quisera poder manter-me na posição cômoda de mero espectador, todavia o compromisso que assumi comigo mesmo e com os meus leitores não me permite emudecer.

Tentando descrever algo do que representavam os inefáveis acontecimentos da sessão em cita, chego a sentir trêmulo o meu pulso pela fragilidade da minha pena.

E' de lamentar não pudessem, todos os homens, ter assistido a esses factos.

Possivelmente estes, influiriam de tal modo em seu ânimo, que haveriam de mudar o curso da sua vida, para melhor, tornando-a útil, proveitosa e espiritualizada. De tal modo me reconheço insípido, inseguro e frágil para narrar tais factos, que pedi socorro a outros companheiros para que me ajudassem no delicado mister, todos achando, pela sua proverbial bondade, que a tarefa estava entregue a mãos hábeis, mal podendo eu convencer ao Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino, ilustre médico mineiro e ao irmão Afonso Pinto da Fonseca, que me deveriam amparar, fazendo os relatos interessantes que se seguem a esta minha pobre narrativa, por eles podendo verificar os leitores, de como é diferente, até certo ponto, o modo de ver e apreciar os fenômenos, de vários assistentes. E, o que a emoção priva de apreciar a um, não priva a outro. Por isso presumo que não é inoportuna e, até, se justifica plenamente a inserção, mais adiante, da opinião daqueles observadores, companheiros e amigos, na suposição de que virá ao encontro do agrado dos leitores.

Entrêmos, pois, no âmago do assunto.

O espírito amigo que nos orientára, incorporado, prometeu surprêsas para esta sessão, adiantando que era pensamento dos guias espirituais fazerem experiências no sentido de tentar iluminar o perispírito, conforme já se verificára no Grupo Espírita «Pedro», em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, tentativa que, consoante teremos oportunidade de verificar adiante, foi coroada de completo êxito. Com êsse intuito o espírito comunicante aconselha aos assistentes que se mantenham em permanente concentração de pensamentos sadios e elevados e que seja feita completa escuridão, pois que a predominância da luz elétrica prejudicaria a produção de fenômenos de efeitos luminosos.

As determinações do orientador são prontamente observadas, recolhendo-se o médium á cabine.

E' entoado um hino e proferida uma fervorosa prece, depois do que aparece uma cruz luminosa, parecendo uma joia cravejada de brilhantes.

A Lais faz um comentário sôbre a simbologia da cruz e, enquanto ela discorria sobre o assunto, aparece outra cruz, com as mesmas características, mas de tamanho maior do que a primeira, acrescendo que esta surgiu da entrada lateral do gabinete mediúnico, enquanto que a outra apareceu no centro do biombo, do lado interno. Ambas, entretanto, eram cintilantes e movediças. A verificação destes fenômenos deveria ser a primeira brecha aberta para a eclosão duma série abundante, intermitente e prodigiosa. De vez em quando as trevas eram interrompidas por continuados relâmpagos de luz feérica. Em todos os cantos da sala, onde se encontrava um assistente, ouviam-se constantes interjeições provocadas pelas explosões íntimas de admiração e êxtase. Isto era provocado, ora pelo maravilhoso de uma aparição, ora pelo facto de serem os circunstantes contemplados por mimosos presentes, na sua quasi totalidade constituidos de flores naturais diversas.

Um painel, com a inscrição dos nomes dos queridos espíritos de David, Scheilla e Nina, foi apreciado por todos. Do lado oposto, justamente no local ocupado pelo irmão Fonseca, aparece outro quadro com as letrasfos forescentes, formando o nome *Margarida*. Em seguida forma-se uma luz esférica no lado interno da cabine, transpondo o biombo e percorrendo o recinto em todas as direções, à altura das nossas cabeças. Jamais assistiramos a fenômeno luminoso dessa monta. Apreciando-o vi-me tomado de um deslumbramento patético. Foi justamente nesse instante que surge o primeiro fenômeno de materialização singular, permitindo verificar-se a iluminação do perispírito da entidade materializada. Todo o tronco estava iluminado de uma como matéria incandescente. Dir-se-ia que as suas formas eram arquitetadas de modo a permitir um vazio interno, donde se projeta a luz que se reflete exteriormente. A entidade avança entre a assistência, distribuindo flores, as quais segura entre os membros superiores e recolhendo-se em seguida. Dois espíritos mais aparecem, nas mesmas condições, percorrendo a sala e desaparecendo entre as cortinas.

Nina Arneira, da cabine, chama as irmãs Teixeira Dias, com as quais trava uma conversação íntima, a meia voz.

As nossas companheiras sairam do gabinete mediúnico em pranto, tomadas de emoção profunda.

Externaram, quer a Lais, quer a Lenice, com visível emoção extrema, entre soluços e exclamações de enternecida ternura, as suas impressões cativantes aos demais companheiros, dizendo da luminosidade com que o espírito amigo se lhes apresentara, tendo-lhes permitido osculare-lhe as mãos, num preito de homenagem e respeito. Nina, — adiantaram — a aconselhara-as a se dedicarem ao trabalho de instruir os jovens, encaminhando-os pela áurea senda do Evangelho de Jesus.

O José Grosso, entretem-nos com a sua palavra apreciada explicando, a meu pedido, que os espíritos que vieram ao recinto eram os de Petitinga, David e Scheilla. E' proferida uma prece por um dos assistentes. Precisamente ao término desta, volta David, o meu saudoso pai, com a mesma luminosidade da vez anterior, porém ora plenamente reconhecível, mórmente por mim, minha mãe e meus irmãos Virgílio e Madalena. Foram momentos indiscritíveis para nós. A querida entidade vem ao nosso encontro, acariciando-nos, osculando-nos, ofertando-nos flores e dirigindo-nos palavras de encorajamento repassadas de ternura. Eu perdi, quasi, a noção de mim mesmo, não conseguindo dominar a minha emoção. Nem siquer pude reprimir as lágrimas e os soluços. Sei que todos ouviram o ruido dos beijos que eu e o Virgilio recebemos da veneranda entidade.

Minha mãe ficou como que mergulhada em êxtase! Mal poude balbuciar duas palavras. A Madalena, como sempre emotiva, teve a voz completamente embargada. Enfim, um encanto! Um quadro deslumbrante!

Estava eu a lamentar, intimamente, a ausência da minha filha e da minha sobrinha, homónimas, quando o José Grosso nos fala outra vez. Aproveitei o ensejo para rogar-lhe que transmitisse a David, o meu pedido para que reaparecesse quando as suas netas regressassem da pequena viagem, depois de desobrigadas da tarefa de assistência externa a um doente. O José anuiu à minha súplica e garantindo-me que seria satisfeito na minha aspiração. Realmente, poucos minutos decorridos, ao regressarem as jovens, o apreciado espírito reaparece com a mesma aparência brilhante, parando em frente à assistência chamando as netas que vão ao seu encontro dando-se, com êste colóquio, um novo quadro emocionante. A minha filha teve uma explosão emocional, carpindo, copiosamente, de sensação e alegria.

Só a custo se retemperou, para orar ao Altissimo, a agradecer-lhe as graças recebidas.

Outros fenômenos de somenos ainda se verificaram, notadamente os de explosões luminosas e os de voz direta e os da produção de suaves perfumes.

Eu já estava completamente saturado de dádivas espirituais, quando ouço uma voz amiga a recomendar fossem encerrados os trabalhos. Isto se dava no dealbar do dia que se aproximava, prometedor e alviçareiro.

Declarada finda a sessão e voltando a luz elétrica a predominar no ambiente, constatei a existência alí de pequena quantidade de flores naturais diversas, algumas espalhadas sôbre duas mesas existentes no salão e outras, avaramente seguras, como relíquias, pelas mãos dos assistentes, gesto que traduz o sentimento predominante, em todos, da idéia de sua conservação, como recordação simbólica da noite inesquecível, em que experimentei as sensações indeléveis, então jamais sentidas.

(Continua)

Amadeu Santos

Enquanto o homem manter-se alheio ás cousas e à vida do espírito, será sempre um prisioneiro, e ainda que empregue todas as fôrças da sua inteligência e do seu corpo físico jamais conseguirá ser realmente livre. Para conquistar a verdadeira liberdade, o homem precisa conseguir domínio sôbre a matéria pelo exercício das virtudes ativas. Conseguido isto, êle se libertará das injunções da matéria e entrará, automaticamente, num dos mundos reservados aos espíritos superiores.

CAIRBAR.

RESPIGAS E COMENTÁRIOS

Eugène Nus, poeta e literato de grande realce ao seu tempo, foi um dos primeiros propagandistas do Espiritismo.

Em seu livro *Choses de láutre monde*, conta-nos êle como, em companhia de alguns amigos, entre os quais Eugène Bonnemere, se entregava aos fenômenos da tiptologia. Isto em 1853, precisamente.

Assim é que, obtiveram pela mesa comunicações curiosissimas, entre as quais esta, definindo a morte:

> «Não é, nem está no túmulo, apenas limita o ser material. Término do indivíduo, desprende-lhe o elemento imaterial e inicia a alma em nova existência. Confiai num destino que será obra vossa».

Uma série de análogos ditados nos oferecem a particularidade curiosa de serem formulados e transmitidos em doze palavras e, por assim dizer, instantâneamente, logo que pensada a pergunta.

Nus diz — e nós concordamos — que é impossível a qualquer mortal conseguir tal coisa em paridade de circunstâncias.

Eis algumas dessas definições em 12 palavras:

AMOR

1 2 3 4 5
Pivô das paixões mortais, fôrça
6 7 8 9 10 11
atrativa dos sexos e elemento de
12
continuação.

BEM

Harmonia do ser, associação de fôrças passionais de acôrdo com os destinos. (12)

MAL

Perturbação incursa nos fenômenos, desacôrdo entre os efeitos e a causa divina. (12)

RELIGIÃO FUTURA

Ideal progressivo por dogma, as artes por culto, a natureza por templo. (12).

FILOSOFIA

Jôgo de palavras, fantasia de dicionário, análise do vácuo, sintése do falso. (12).

A mesa chegou a ditar música, como se vê de alguns trechos que o escritor não desdenhou inserir em seu livro original. Asserta, então, o Dr. Paul Gibier, que não ha duvidar de tudo isso, porque o depoente se revelou um homem probo e um cérebro bem equilibrado.

* * *

Se bem que o autor confesse, na mesma obra, não aceitar todas as teorias dos espiritistas, afirma-se partidário convicto da existência dos espíritos, quando alude aos motejos que acolheram as experiências de Galvani, disendo: *o ridìculo acabou recaindo nos pândegos que ridiculizavam a dansa das rãs e o mesmo sucederá com os que hoje ridiculizam a dansa das mesas.*

—

QUE É A MATÉRIA?

Calculou-se que os átomos contidos num cubo de matéria orgânica do tamanho de uma cabeça de alfinete, orçaria por oito sextilhões (8 seguido de 21 zeros, isto é: . . . . (8000000000000000000000) ! ! !

Se quisessemos contar êsses átomos à razão de 1000 por segundo (o que ninguém seria capaz de fazer), teríamos de gastar 250000 anos ! (1)

—

Uma única célula de matéria viva se compõe de *trinta bilhões* de átomos que gravitam num espaço mínimo e tendo, cada um deles, volume pequeníssimo e numerosos electrões, que giram em redor com *bilhões de rotações* por segundo, em movimento de translação em redor do próprio eixo, chocando com o seu recipiente num livre percurso médio de *um décimo de milionésimo de milímetro* para cada molécula e com uma frequencia vibratória de *mil milhões de choques por segundo*, ainda maiores quando se aumenta a energia cinética (elevação de temperatura) e muito menores com temperaturas baixas, até o zéro absoluto em que cessa, matemáticamente, todo o movimento molecular e a matéria «morre». (2).

—Não há, pensamos, como desconvir : é mesmo de estuporar e flutivagar *in albis* num mar de abstrações.

A NATUREZA É INTELIGENTE?

12 moléculas de carbono com 10 de oxigeneo e hidrogeneo formam, a seu nuto, a madeira ou a batata. Outras vezes, reunindo o carbono, o hidrogeneo, o oxigeneo e o azoto, originam os produtos mais diferentes, tais como o trigo-nutriente precioso e a estriquinina-tóxico letal...

Como explicar que a Natureza juntando um equivalente d'agua à substância característica da madeira —a celulóse, *(C. 12-H. 10-O. 10)* nos forneça o açucar?

— Nossos irmãos materialistas, mecanicistas, atomistas e quejandos, poderiam dar-nos já não diremos uma noção concreta do átomo—que agora é «pinto» diante da desintegração molecular—mas dos seus componentes protão, electrão, etc.?

COMO SE FAZ A HISTÓRIA

Catão, o célebre censor romano e autor do «delenda Cartago», apesar de toda a austeridade que se lhe atribui, comprava escravos magros para engordar e revender com lucro, era autor de uma beberagem destinada aos mesmos e que se compunha de vinagre, água doce e água do mar, corrompida. Também instituiu uma taxa para os favores de suas escravas. (3).

PARA O ALBUM DO CONFRADE X

O pensamento está para a forma como o perfume para a flôr. Fenecida esta, evola-se aquele, mas permanecem ambos em função de eternidade. Seja, pois, este lampejo de lúrida mentalidade terrena, um éco e penhor de comunhão *ad vitam aeternam.*

M. QUINTÃO.

---

(1) Flammarion — «Deus na Natureza».

(2) Fred. Wachsmann — «Pela vitória do Espírito» — pag. 146.

(3) Cesar Cantu — Vol. V — pag. 53, 54, 56.

Meras Coincidências...

OSCAR NILSSON

NOS Estados Unidos da América existem causídicos que se prevalecem, muitas vezes, de pequenos detalhes para provocar ações judiciais, isto, naturalmente, para que eles possam tirar as vantagens pecuniárias correspondentes.

Devido a tais circunstâncias, são necessárias grandes precauções para que não apareçam oportunidades que sejam aproveitáveis para verdadeiras chantages.

Entre tais precauções figura a que as empresas produtoras de filmes cinematográficos adotaram, há tempos, de fazer observações quanto a serem fictícios os personagens que aparecem em certas fitas, especialmente, nas escandalosas, originando-se disso os dizeres, hoje em dia mais ou menos generalizados e até famosos, de que «qualquer semelhança é méra coincidência».

O que vou, a seguir, expôr não é «méra coincidência» e sim a verdade e como, segundo o Mestre, a verdade nos libertará da ignorância, prefiro ficar com a verdade e deixar a coincidência de lado.

Em data de 18 de Outubro de 1947, numa sessão, realizada das 17 ás 19 horas, após haver dado comunicação o meu filho Osny (assassinado em São Paulo a 15 de Agosto de

1947) manifestou-se uma irmã que fizera parte do grupo, quando incarnada. Em seguida, manifestou-se o que fôra companheiro da referida irmã, que havia sido médico quando na matéria.

Interpelado, pelo Guia do Grupo, o casal (manifestado em dois médiuns) sôbre a adoção de Osny como filho no Espaço, aquiesceu o mesmo.

No decorrer da semana seguinte, isto é, de 20 a 25 de Outubro, recebi o N.º 9 do Ano XXIII da «Revista Internacional do Espiritismo» contendo sob «Crônica Estrangeira»—«O meu filho não morreu» — em que o Snr. Frederico Duarte, residente em Manchester, Inglaterra, relatando factos referentes a seu filho Gabriel, menciona que, segundo comunicação do mesmo, fôra êle adotado como filho por Cairbar Schutel.

Na sessão, realizada no dia 25 de Outubro, lí a crônica, acima mencionada, chamando a atenção para a semelhança dos casos.

Em data de 6 de Dezembro, pela manhã, um confrade e amigo entregou-me uma carta de 22 de Novembro, endereçada pelo Snr. Frederico Duarte, de Manchester, ao seu irmão Raul Duarte, em São Paulo, afim de que eu lesse as referências a alguns assuntos psíquicos em tal missíva. Pondo a carta no bolso, prometi devolvê-la no dia seguinte.

Realizando-se, na tarde do mesmo dia, uma sessão, manifestou-se durante a mesma, em primeiro lugar o meu filho Osny e, a seguir, o Irmão Cairbar Schutel (por intermédio de uma senhora que foi por êle iniciada na doutrina espírita em Matão e isto quando incarnado) a quem tive ocasião de citar o facto da carta, não dando contudo para entrar em muitos detalhes, pela necessidade de atender outra entidade (bastante perturbada) que estava se manifestando por outro médium. De qualquer maneira, o Irmão Cairbar mencionou que estava olhando pelo meu filho Osny e que o trouxera, juntamente com outros.

Os dois factos mencionandos vêm confirmar o que foi amplamente relatado, em vários trabalhos mediúnicos, sôbre a adoção de Espíritos no Além por outros já mais em condições. Exemplos típicos são os de Raymond e de André Luiz, com relação aos quais vou, a seguir, resumir o que consta das obras em que figuram as referências.

Raymond, segundo é bem conhecido, era filho de Sir Oliver Lodge, que escreveu, não só a sua biografia, como também sôbre todas as evidências que deu, após a sua desincarnação, tendo sido tudo isso publicado em uma obra «Raymond», que existe traduzida para o português por Monteiro Lobato, sob igual título.

Na primeira ocasião em que Raymond conseguiu transmitir informações a Sir Oliver, transmitiu êle, entre outras, a passagem que segue, segundo figura no livro:

«Tenho encontrado centenas de amigos. Não os conheço a todos. Tenho encontrado muitos que me dizem isto e que mais tarde me explicarão por que estão me ajudando. Tenho dois pais agora, mas não é como se houvesse perdido um e ganho outro. Tenho-os a ambos. O meu velho pai e outro, um pai *pro-tem* (mais tarde «Myers» declarou que o havia «adotado»).

Raymond, em suas primeiras comunicações, acentuou o facto de ter sido grandemente assistido, com especialidade por amigos de seu pai. O mesmo acentuou meu filho Osny, em uma de suas primeiras comunicações, isto é, da assistência que estava recebendo, no Além, por parte das falanges de Espiritos do Bem que, habitualmente, nos assistem em nossos trabalhos práticos.

Aquí quero deixar acentuado que, segundo Conan Doyle, em «A Nova Revelação», se não existissem outros livros além dos cinco que êle mencionou e onde figurou, em primeiro lugar «Raymond», os cinco livros em questão bastariam para convencer dos factos espíritas qualquer investigador imparcial.

Nas mesmas condições que Conan Doyle, o Rev. Haraldur Nielsson (com quem não me consta ter eu tido qualquer parentesco material), professor de teologia na Universidade de Reykjarik, na Islandia, escreveu em «Minhas Experiências Espíritas», segundo a tradução de nosso confrade Dr. Francisco Klörs Werneck, o que segue:

«Quando o vulgo percebeu que os mestres das ciências tinham chegado a resultados idênticos aos dos espíritas e que revelaram a nova ciência em obras facilmente compreensíveis, as fileiras dos espíritas começaram a engrossar. Citarei, apenas, um livro que, sob êsse ponto de vista, tem feito prodígios. Trata-se do livro de Sir Oliver Lodge «Raymond or Lyfe and death» (Raymond ou a vida e a morte).»

Quanto a André Luiz, contou êle, em «Nosso Lar», como foi acolhido no lar da Irmã Laura, mãe de Lísias, a qual, como Lísias prometera a Clarêncio, o tratou como filho, uma vez que André Luiz não poderia ficar em companhia de sua própria progenitora, por já se encontrar esta em planos muito mais elevados.

Da permanência de André Luiz no referido lar, figuram os detalhes nos Capítulos XVII a XXV, de «Nosso Lar», em que existem descrições da casa, dos moveis (quase idênticos aos terrestres), de livros, de alimentos (caldo, frutas perfumadas, etc.) do «bonus-hora», de flores, de mensagens transmitidas através de aparelhos receptores, etc.

A Luz mais brilhante do século das Luzes

(Irradiado na grande solenidade da Festa do Livro Espírita)

I

Quem estuda a sério e a fundo o Espiritismo, verá, para logo, que, no século das luzes em que vivemos, é ele a luz mais brilhante.

E' a mais brilhante luz, porque seus raios se projetam com característica diferentes.

Com características que envolvem tudo o que ha de grande, expressivo e divino, porque o Espiritismo é, na verdade, completo e complexo.

II

Brilha como ciência, que é a *Ciência da Imortalidade.*

Ciência tão complexa e expressiva que seus fenômenos, os mais singelos, porque agitados, ordinariamente, por espíritos imperfeitos — os fenômenos tangíveis e materiais — levaram os grandes sábios da terra a criarem uma nova ciência: a Metapsíquica!

III

Cintila como Filosofia, a Filosofia do Espírito.

Filosofia científica, objetiva e experimental, a única que explica, com as leis divinas e misericordiosas da reincarnação, a Vida, com as suas desigualdades flagrantes!

IV

Ilumina como religião, a RELIGIÃO por excelência.

Religião integral, porque está religando sempre a criatura a seu Criador, a obra prima da criação, a seu Supremo Artista, o filho a seu Pai, a imagem e semelhança de Deus ao Excelso Original. Todas as religiões ensinam que somos a imagem e semelhança de Deus, que Deus é nosso Criador e Pai, que o homem é a obra prima da criação. Ora, fazer remontar o filho ao Pai, a imagem e semelhança ao Original, a criatura ao seu Criador, é a obra da religião. Obra que as religiões cheias de penas eternas, de infernos e demônios eternos não podem colimar. O Espiritismo, fechando o inferno, invalidando satanaz, matando a morte, destruindo as penas eternas, religa sempre.

E', portanto, a Religião por excelência.

V

Fulgura como o próprio Cristianismo.

E' a mesma Doutrina que o Cristo pregou e exemplificou.

E que prometera no-lo enviaria a seu tempo, feito o Consolador, o Espírito de verdade, o Paracleto, para ficar eternamente conosco, a predizer as coisas que hão de vir, a falar eternamente do

Cristo, a repor todas as coisas nos seus lugares.

VI

Exparge-se como moral. A Moral perfeitissima, porque a mais exigente. Por isso mesmo que ensina é o maior inimigo do Espiritismo aquêle que ensina a sua moral e não a pratica.

VII

Explende como a verdadeira sociologia cristã.

A sociedade que ensina cada um responder por seus próprios atos, por aquilo que fez e deixou de fazer a benefício do semelhante, pois só devemos fazer aos outros aquilo que gostariamos os outros nos fizessem a nós. Por isso é que os espíritas, levados pelas leis do coração, apenas, vão realizando, por aí afóra, a despeito de sua minoria e da parcitude de seus recursos, toda sorte de obras de assistência social.

VIII

Fulge como medicina. A verdadeira Medicina do Espírito, sem deixar de o ser, também, do corpo. Por isso mesmo, os espíritas vão pondo as mãos sôbre os doentes e os curando, expelindo demônios, ressuscitando mortos morais e limpando lázaros da alma. E, quanto mais se aprimorarem no espírito de renúncia, sacrifício, abnegação, tolerância e fraternidade, maiores prodígios de curas realizarão, chegando a ressuscitar mortos de corpos e lázaros da carne.

Ninguém, a estas alturas, ignora que o Espiritismo cura, desconhece pessôas curadas pelo Espiritismo.

E são, até, suas curas elementos de propaganda de sua doutrina.

IX

Esclarece como pedagogia.

E' a legítima Pedagogia Cristã, como a maior obra de educação cristã que já houve.

Pedagogia que reeduca, por excelência.

E basta, a despeito de nossas imperfeições, que são, ainda, imensas e do pequeno interêsse que ainda temos pelo estudo metódico da Doutrina, o esfôrço que os espíritas envidam pela sua transformação moral, embora sem mêdo de diabos e infernos que não existem para nós, e sem pretensões a céus teológicos, em que não cremos; basta ver o interêsse que, por toda parte os meios espíritas revelam na criação de escolas e lares cristãos, de formação do carácter e espírito da mocidade, através de *mocidades* e *juventudes espíritas* por aí alhures para sentir-se seu espírito educativo.

X

Irradia-se como arte.

A arte Espiritualista, educativa e cristã.

Arte de procurar Deus, e encontrálo, sem cilícios e monasticismos, sem fugir da Vida e sem amaldiçoar a carne, mas dando ao mundo e á carne aquilo que, honestamente, a carne e o mundo exigem de todos nós. A arte de viver alegremente, a fazer o bem por amor do Bem. A arte objetiva inspiradora de artes menores — teatro e poesia, cinema, canto, música e romance principalmente — que agradam tanto, que a toda gente satisfazem.

XI

Afirma-se como escola.

A Escola mais completa que já houve, porque um verdadeiro sistema educativo que excede de muito a todos os sistemas que já existiram, com a patrística e a monástica, a escolástica e a reforma inclusive.

Uma escola de aperfeiçoamento moral, espiritual e material.

Escola de alegrias vivas, de crer e de viver; de trabalho redentor de ação construtiva e realizações edificantes; de solidariedades cristãs e tolerâncias redentoras; de liberdade metodizadas e respeito a todas ao leis.

Escola que, se já não reformou uma grande percentagem da humanidade, a culpa não é sua, mas dos alunos, que lhe chegam de velhas escolas do passado de processos caducos.

Donde, a necessidade de enviar, de pequeninos, as crianças para ela.

Daí, a necessidade de criar-se escolas para os moços e as crianças por toda parte, como pequenas escolas dentro da Grande Escola.

XII

E brilha, e fulgura, esplende, radiosamente, como caridade.

A Caridade cristã por excelência.

Por isso é que seu «FÓRA DA CARIDADE NÃO HA SALVAÇÃO» não encontra similar em nenhuma outra doutrina religiosa, filosófica ou científica.

E é este o aspecto mais importante da Doutrina.

Aquele aspecto que o próprio codificador fez questão de guindá-lo muito alto e em mais destaque.

Dí-lo êle próprio: «A bandeira que arvoramos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário, etc.»

O Espiritismo, por ser tudo isto — e, se vós, leitor ou ouvinte amigo ainda não o conheceis, se o estudardes, vereis que assim é, efetivamente — por ser tudo isque aí está, e alguma coisa mais que nos escapa, é, efetivamente, a luz mais brilhante de nosso século das luzes, a maravilha mais extraordinária da nossa época de maravilhas!

Leopoldo Machado.

Dialética do Espírito

Rita Ratisbona de Ruão Rabelo
(Licenciada em Filosofia e Prof.ª do Ensino Secundário)

DIALÉTICA é a CIÊNCIA que ensina o homem a conhecer os tempos e os lugares dos acontecimentos naturais e os processos de produção desses acontecimentos.

E' o tratado das leis gerais do movimento dialético nos corpos inorgânicos, orgânicos e organizados. Difere da Mecânica, porque esta estuda o *movimento circular*, como por exemplo, o da terra em volta do sol, enquanto que o movimento dialético é um movimento espiralado, como, por exemplo, o figurado pela terra rodando ao tôrno do sol e dirigindo-se para a constelação de Hércules.

Os versículos 1 a 8 do cap. III do Ecclesiastes dizem que tudo tem seu tempo e Jesus, em Lucas, ensina que cada coisa tem o seu lugar.

As linhas gerais da Dialética foram elaboradas por Heráclito de Efeso no IV século antes do Cristo. Eis algumas de suas sentenças: «Nada permanece fixo.» «A unidade real e viva é a que resulta da concordância dos contrários». — «A única realidade é a passagem do ser a não ser e vice-versa, isto é — o *devir*. «Não apreciamos o valor sem o perigo, a saúde sem a enfermidade, o prazer sem a dôr, a beatitude do descanso sem o esfôrço do trabalho».—«Tudo está em fluxo perpétuo». — «O Mundo não é obra dos deuses nem dos homens: existiu sempre e existirá sempre».—«Tudo se forma do Uno e o Uno de tudo...»

Dir-se-ia que esta última sentença foi a inspiradora da «Grande Síntese» de Pietro Ubaldi...

Quem, porém, sistematizou a Dialética foi o filósofo espiritualista alemão George Wilhelm Frederich Hegel. Hegel teve o mérito de mostrar que o mundo histórico, material e espiritual está em contínuo movimento, em permanente mudança, em constante transformação e desenvolvimento. A Dialética de Hegel considera a natureza como um TODO relacionado em perfeita inter-ação.

Hegel provou que cada UNIDADE (pessôa, animal, fenômeno, coisa, etc.) possúe duas componentes chamadas *contradições* ou *partes contraditórias*; que estas partes estão em eterna luta, luta invisível, mas de efeitos perceptíveis. Para compreender a suposição hegeliana, imagine-se a eletricidade. A eletricidade é constituida da *contradição negativa* e da *contradição positiva.* Da luta de ambas, resulta o relâmpago, a luz, o calor. A luta das *contradições internas* existe em tudo—desde a eletricidade até a religião, a história, a guerra, a filosofia. Cada unidade é uma unidade de contrários, isto é—possúe negativo e positivo. Os videntes vêem o corpo astral do homem constituido de duas partes — uma positiva, amarela, outra negativa, azul. Cada célula, cada molécula, cada átomo é uma unidade de contrários: tem polo positivo e polo negativo. Isto quer dizer que tudo obedece à *lei da polaridade*.

Os contrários (polos opostos) sofrem a influência ininterrupta de uma fôrça, que os marxistas, adotando a nomenclatura de Hegel, chamam «fôrça dialética», fôrça invencível, irresistível, diante da qual nada se mantém firme na natureza. Esta fôrça é o Deus da filosofia de Spinoza e Pietro Ubaldi, de Bozzano e de Léon Dénis. A concepção de Deus de Kardec pouco difere da concepção bíblica.

A Dialética tem suas leis. Estas leis são: a) lei da polaridade ou da constituição contraditória da unidade; b) lei da totalidade; c) lei da evolução ou do devir; d) lei da contradição; e) lei da transformação qualitativa; f) lei da unidade dos contrários.

A lei da totalidade afirma: «Nada deve ser encarado isoladamente, porque cada coisa está enquadrada na totalidade de que faz parte, as partes dependem do conjunto e o conjunto depende das partes».

A lei do *devir* ensina: «Nenhum elemento é eterno ou imóvel, porque tudo está em transformação, em movimento sem fim, mudando todos os dias».

A lei da contradição assevera: «Cada coisa, para tornar-se inteligível, deve passar por sua contrária». Esta lei tem ainda os seguintes nomes: lei da negação da negação; lei da formação do novo com o auxílio do antigo, lei do desenvolvimento através das contradições». Para bem compreender esta lei é preciso lembrar-se que o *conceito dialético é formado de três termos antitéticos, isto é, por uma tríade:* a tese, a antítese e a sintese. No conceito de árvore, por exemplo, o dialético vê a tese na semente, a antítese na planta e a síntese no fruto. No conceito de homem, o dialético vê a tese no ovo, a antítese na creança e a síntese no homem no acmé de seu desenvolvimento físico e mental. *Entre* a tese e a antítese há uma diferenciação (transformação da semente em planta) chamada *primeira negação; entre* a *antítese* e a *síntese,* há outra diferenciação (transformação da planta em fruto) chamada *segunda negação.* Insisto nesta nomenclatura: do contrário não poderão entender completamente a Dialética. Coisa curiosa, a segunda negação, sequência da primeira, tem por fim apresentar a síntese (fruto) como coisa diferente de ambas. E' por isto que os marxistas, que são materialistas dialéticos, dão à lei da contradição o nome de princípio da negação da negação. A síntese, fruto, contém em si a semente e a planta, isto é a tese e a antítese. Hegel chamava a isto transformação do negativo em positivo.

A lei da transformação qualificativa significa que o aumento de uma ou várias coisas tem como resultado uma transformação na qualidade, das propriedades desta ou destas coisas e, reciprocamente, que a transformação qualitativa tem como consequência uma transformação quantitativa. A elevação da temperatura da água para produzir vapor ou, ao contrário, o abaixamento da temperatura da água para produzir gelo são exemplos corriqueiros da verdade da lei da transformação qualitativa. Esta lei encontra inúmeros exemplos na física e na química. Na física, podem observar que por simples aumento do número de vibrações é possível deparar com o som, o calor, a eletricidade, a luz, etc. Na química, o simples aumento de CH_2, uma ou mais vezes, ao gaz dos pântanos, forma corpos diferentes como a etana, a butana, a propana, a hexana, etc.

A lei da unidade dos contrários, ainda chamada lei da penetração dos opostos, afirma a identidade entre um contexto particular e outro universal. Se eu digo: «O gato é um animal doméstico», afirmo uma identidade entre o particular *gato* e o universal *doméstico.* E' uma lei de Dialética e não um princípio de Lógica Formal. Na Lógica, poderia dizer: O gato é um gato, a mesa é a mesa, o cavalo é o cavalo. Na Lógica, as relações são estáticas; na Dialética são dinâmicas.

Como disse no princípio, a Dialética ensina que tudo tem seu tempo e seu lugar. Aplicando à Dialética as próprias leis da Dialética podem ver que esta ciencia, como tudo na natureza, tende a evoluir, a enriquecer-se de leis novas. Em 1927, o prof. Flies de Berlim descobriu as leis da atividade física e em 1929 Teltscher a lei da atividade intelectual do homem, as quais, na minha opinião, não são leis fisiológicas, mas leis dialéticas. E' verdade que Flies as considerou como leis circulares, isto é — do domínio da mecânica. As aplicações que venho fazendo delas aos alunos do ensino secundário são de molde a convencer-me de que são leis dialéticas.

Graças a estas leis, pode conhecer-se de antemão os dias de vigor e depressão física do homem assim como os dias de ascenção e retroscesso intelectual do mesmo. Quando êstes conhecimentos estiverem bem generalizados certamente não há-de ver-se o absurdo que atualmente se pratica: o de mandar á ginástica alunos em depressão física e o de submeter-se a provas de exames alunos em retrocesso intelectual.

Praza a Deus que o novo conhecimento tenha logo a aplicação que merece. Os espíritas, que são antes de tudo elementos progressistas muito podem fazer em pról da difusão do ensino da Dialética, mórmente desta parte nova que recebeu o nome de Biorítmica e que se acha bem compendiada num livro já traduzido do espanhol — «O Biorítmo» de Krumm Heller. Esta obra me prestou um auxílio extraordinário. Nela encontrei a explicação dos meus fracassos e dos meus êxitos intelectuais, dos meus dias de extrema moleza e de extrema exuberância física. Pelo biorítmo, tenho predito até a hora da morte dos enfêrmos e o fiasco de oradores incautos e de declamadoras imprudentes. Cada dia que se passa, o conhecimento das leis universais mais ajuda o homem e é sómente dêste conhecimento que a espécie humana obterá a carta de alforria que a tornará feliz, poderosa e precavida.

O Curso Verbal

De Agostinho

O discípulo do Senhor não é chamado tão sómente ao curso verbal.

Aprendizado e aplicação constituem a realização.

Não te prendas, dêsse modo, á indagação que perde o valor do tempo.

Pensa e age no padrão de idealismo redentor que abraçaste.

As sementes divinas devem frutificar em nossos próprios caminhos, através do esfôrço perseverante.

Na fase evolutiva que nos é própria, vemos aqueles que possuem a vida e os que são possuidos por ela.

Os primeiros aproveitam o dia, enriquecendo-se de valores permanentes, no rumo das aquisições eternas. Os segundos são aproveitados pelas fôrças que orientam as horas, no jôgo das circunstâncias fatais.

Uns criam luz e sabedoria.

Outros descançam e sofrem os conflitos da sombra.

Governando com as diretrizes superiores, convertem-se na instrumentalidade dos Celestes Desígnios. Submetendo-se ás causas de ordem inferior, perseguem a ociosidade, ainda mesmo quando o regalo inútil se lhes apresente aos olhos mortais com rotulagem fascinante.

Necessário, pois, marcharmos, com desassombro e serenidade, dilatando a capacidade receptiva, à frente.

O fenômeno nos círculos físicos e espirituais não tem outro objetivo senão acordar a mente para a revelação do mais alto.

Provar a divindade em nós — herdeiros da Glória Universal — é muito mais que positivar a sobrevivência, além da morte.

Guardar a bondade e o entendimento na direção do Amor Supremo vale mais que o poder de demonstrar a existência dos anjos.

O Reino do Senhor começará no indivíduo ou jamais se estabelecerá na Terra, porque Deus visita o homem e educa-o através do próprio homem.

O processo de auto-aprimoramento, na sublimação do raciocínio e do sentimento transforma-nos em servos da Lei Soberana e Compassiva, constituindo, em nossa esféra de edificações presentes, o ministério maior.

Espiritualizemo-nos, portanto, meu amigo, no caminho da perfeição e prossigamos com Jesus.

Não importa a incompreensão.

Cada criatura vê o horizonte que os próprios olhos podem abranger.

Quem ama não discute.

Serve em silêncio, semeia o bem à distância da preocupação de recompensa e segue adiante.

O trabalho cristão é a nossa alavanca renovadora.

Busquemos a ciência, realizando a santidade.

Os dias escoam-se apressados.

As fórmas refundem-se, incessantemente.

A morte que modifica e seleciona, pune e corrige, atinge os próprios mundos.

Detendo o Tesouro do Conhecimento Divino, elevemos nosso coração aos santuários eternos.

Responsáveis pelas dívidas que criamos no passado, com a falsa aplicação das bençãos recebidas, somos também candidatos à riqueza imperecível do futuro. Situados entre os séculos que se foram e os milênios que virão, temos um diamante sublime a lapidar para o Supremo Senhor — nosso próprio coração, que dorme ainda no berço de aspirações primárias, bafejado pelos raios de luzes celestes.

Aperfeiçoemos o caminho, aperfeiçoando-nos.

Trabalha e ajuda sempre, ajudando a ti mesmo.

Unamo-nos espiritualmente, em derredor do Cristo. Gravitemos, felizes, em torno d'Êle.

O Sol comunica-se com o verme, a milhões de quilómetros. O Mestre sustentar-nos-á, igualmente, nas profundezas de nossa humildade, abençoando-nos os propósitos de ascensão, com a luz do seu inextinguível amôr.

Cop. por J. B. C. (Obtida por Francisco Candido Xavier, em Leopoldina).

O Sentimento Estético — nos Animais

Muito se tem presumido que o sentimento do belo seja apanágio da espécie humana. Entretanto, sabemos que as aves femininas são muitos atraídas pela beleza de plumagem dos machos, tanto quanto por seu canto melodioso. Nem poderiamos duvidar sejam, uns tanto sons musicais, compreendidos por muitos animais. Romanes viu um galgo acompanhar certa canção com latidos brandos. O cão do professor J. Delboef acompanhava regularmente com a voz, um contralto na ária da *Favorita*.

O asseio é modalidade da estésia e nós podemos assinalá-la nas aves que limpam o ninho, nos gatos que fazem sua *toilette* com minúcias, e, principalmente nos macacos.

Espectaculo curioso — diz Cuvier — o das macacas a conduzirem as crias ao banho, lavá-las apesar dos seus gritos, enxugá-las e secá-las, dispensando-lhes na limpesa tempo e cuidado que, em muitos casos, nossas crianças poderiam invejar.

Mas, onde o sentimento do belo e do confortável atinge o mais alto gráu é, certamente, nas aves jardineiras da Nova-Guiné. Estes passáros, da família dos paradisias, não se contentam com um simples ninho, pois constróem fóra da moradia ordinária verdadeiras casas de recreio, que se tornam atestados de bom-gosto.. Tais construções, reservadas aos adultos, que a elas vão por entregar-se a brincos e deleites amorosos, apresentam grande variedade ornamental e os paradixas gozam, realmente, o luxo de que se rodeiam. Cabanas há que atingem dimensões consideráveis. Têm o formato de quiósques com passadiços cobertos. Há uma espécie que constróe a casinhola colorida de frutos e conchinhas. As mais apuradas requintam em dar a essas mansões de prazer um luxo ainda maior, selecionando as conchas, preferindo pedras rútilas, penas de papagaio, retalhos de pano, tudo, enfim, que encontrem de mais vistoso. O pavimento é feito de varinhas entrelaçadas. Contudo, não haja vacilação em conceder supremacia à *Amblyornis inornata*, cujas construções valem por verdadeiras maravilhas, cercadas de um jardinzinho artificial, feito com musgo disposto em taboleiros e decorado com muita arte com flôres constantemente renovadas, bem como frutos de matizes fortes, seixos e conchas brilhantes, etc.

(Do livro «A Evolução Anímica», de Gabriel Delanne).

Crônica Estrangeira

Figuras do Espiritualismo Mundial

AXEL MUNTHE

Extraido de «Revista de Metapsícologia»

Noticiaram os jornais, de 12 de Fevereiro, o falecimento, em Estocolmo, do Dr. Axel Munthe, com noventa e um anos de idade.

O Espírito de eleição de Axel Munthe regressou ao Além. Munthe foi um grande médico e um mestre de generosidade e ternura, um apóstolo da fraternidade humana.

O seu «Livro de San Michel», acresceu-lhe a celebridade que já conquistára como médico.

Ao contrário de médicos que ainda hoje teimam em não abandonar as teorias de Charcot, Axel Munthe afirma que quasi todas as teorias de Charcot relativas ao hipnotismo são erróneas: «O hipnotismo não é, como êle disse, uma nevrose introduzida artificialmente, que se encontra apenas no histerismo, nos hipersensíveis, nos de mente débil e nos desequilibrados. A verdade é o contrário disso».

Aludindo ao fluído magnético que irradiava das suas mãos e com o qual aliviou tanto e tanto sofrimento, escreve Munthe:

«O que me foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra (1914-18), é suficiente para dar graças a Deus por me haver posto nas mãos tão poderosa arma. No outôno de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos, cobertos com capotes ensanguentados, agrupados no pavimento da igreja de uma aldeia de França...

«Que misteriosa fôrça era aquela que quasi parecia emanar de minha mão? Donde vinha? Procedia da corrente da consciência que circulava em mim sob a minha vida exterior, ou consistia, no fundo, no fluído magnético dos antigos mesmerianos?...

«A palavra «sugestão» tal como foi usada pelos seus principais promotores, isto é, pela escola de Nancy, só no nome se diferencia daquela fôrça odílica de Mesmer posta atualmente em ridículo. Admitamos que o milágre não o conseguiu o operador, mas o mental subconsciênte do indivíduo. Mas, como explicar o êxito de um operador e o fracasso de outro?

«Porque razão a sugestão de um cái como uma voz de mando na profundidade da mente de um indivíduo, pondo em ação as suas forças latentes, ao passo que a mesma sugestão feita por outro é interceptada pela consciência do indivíduo e não produz nenhum resultado?. . .»

Axel Munthe dispunha de potente fluído magnético. Todos os guardas do Jardim Zoológico e da *Ménagerie Peson* o sabiam.

Era uma especialidade sua adormecer as serpentes e os lagartos, tartarugas, papagaios, corujas, ursos e grandes felinos. Uma vez abriu um abcesso e extraíu uma lasquita de madeira da pata de Leónia, a magnifica leôa da *Ménagerie Peson.*

Um sonho premonitório

Uma vez, mal adormeceu, o Dr. Axel Munthe sonhou que se encontrava numa planície solitária, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos de mármore, meio ocultos, entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, as estevas e o tomilho. Sôbre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. O rosto duro e barbudo estava queimado pelo sól e o vento; os olhos ardiam como brasas sob as espessas sobrancelhas; e o corpo magro e emaciado tremia de febre debaixo da longa capa azul de pastor calabrês. Munthe ofereceu-lhe tabaco e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo fresco de cabra e uma cebola. Munthe mal o percebia; desconhecia aquêle lugar do qual não sabia o nome, como ignorava donde fôsse o pastor. Perguntou-lhe onde dormia.

Com o comprido cajado, o pastor indicou uma escada debaixo de uma abóbada desabada. Munthe desceu, ás apalpadelas, as escadas talhadas na rocha e encontrou-se numa sala escura e abobadada. A um canto via-se uma enxerga com duas peles de carneiro a servirem de mantas. Nas paredes e no tecto penduras de cebolas e de résteas de alhos e tomates secos; uma bilha de barro cheia de água em cima da mesa grosseira. Era esta a casa do pastor e estes os seus bens. Na frente de Munthe abria-se uma escura passagem subterrânea, meio obstruida pelas pedras caídas do tecto arruinado. Aonde iria ter?

O pastor não sabia. Quando era pequeno tinham-lhe dito que por ali se ia ter a uma caverna habitada por um Gênio mau, havia milhares de anos, sob a forma de lobishomem que devoraria quem dali se aproximasse.

Munthe, sempre em sonho, acendeu uma tocha e caminhou tacteando as escadas de mármore. A passagem alargava pouco a pouco; um sopro de ar frio gelou-lhe o rosto. Ouviu um gemido estranho que lhe arrefeceu o sangue nas veias. Bruscamente, achou-se numa sala imensa. Duas grandes colunas de mármore de África sustentavam ainda uma parte da abóbada; duas outras estavam deitadas no chão de mosaico, arrancadas dos socos pelo tremor de terra. Centenas de grandes morcegos pendiam das paredes em enormes cachos negros; outros revoluteavam à roda da cabeça de Munthe, fugindo espavoridos, cegos pela luz súbita da tocha. Ao centro da sala estava agachada uma grande esfinge que o fixava com os seus olhos de pedra muito abertos.

Amanhecia quando o sonho desapareceu.

De regresso ao seu iate, Munthe mandou içar as velas e navegou para a aventura mais estranha da sua vida. Na noite seguinte o iate ancorou numa enseada solitária, conhecida apenas de alguns pescadores e contrabandistas... Aquela costa era perigosa, sem um fundeadouro seguro no espaço de umas cem milhas.

Três dias depois, o Dr. Axel Munthe encontrava-se na solitária planície do seu sonho, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos meio ocultos entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, a esteva e o tomilho. Sôbre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. Munthe ofereceu-lhe tabaco, e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo de cabra e uma cebola. Disse-lhe que tinha perdido o caminho e perguntou-lhe se podia alí passar a noite. O pastor conduziu-o ao seu alojamento subterrâneo que Munthe tão bem conhecia pelo seu sonho. Estendeu-se nas peles de carneiro e adormeceu.

O Dr. Axel Munthe conclúe assim:

«Tudo o que sucedeu é demasiado estranho e fantástico para ser traduzido em palavras escritas; de resto, nem me acreditarieis, se intentasse fazê-lo. Eu próprio mal sei onde acaba o sonho e onde começa a realidade. Quem dirigiu o meu barco para esta oculta e solitária enseada? Quem me conduziu através daquêle deserto sem trilho para as ruínas ignoradas da casa de Nero? O pastor era de carne e osso, ou seria o próprio Pan (1) que voltára ao seu lugar favorito para tocar a flauta ao rebanho de cabras?

«Não mo pergunteis, que não posso nem me atrevo a responder-vos. Podeis interrogar a grande esfinge de granito agachada no parapeito da capela de *S. Michele*. Mas em vão. A esfinge guarda o seu segredo há cinco mil anos. Guardará também o meu.

Encontro de Munthe com Frederic Myers

Em Janeiro de 1901, Axel Munthe, que então tinha consultório em Roma, foi chamado, com urgência, ao Hotel Constanzi para conferenciar com um colega, médico assistente de um hóspede perigosamente doente. Munthe ficou surpreendido ao reconhecer no doente Frederic Myers, autor do livro «A Personalidade Humana e a sua sobrevivência depois da morte». Myers recordou-lhe o último encontro que tivera com êle, Munthe, em Londres, na Sociedade de Investigações Psíquicas. onde jantaram, e como haviam passado a noite inteira a falar da morte e da eternidade.

O estado de Myers era desesperado. A' pergunta que Myers lhe fez acerca da sua morte próxima, Munthe respondeu que seria naquêle mesmo dia, ao que Myers retorquiu: «Sinto me feliz. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber...»

Axel Munthe debruçando-se sôbre o moribundo perguntou lhe se sofria...

— Não, murmurou, sinto-me muito abatido e muito feliz.

Foram estas as últimas palavras de Myers.

---

(1) Divindade mitológica, que representava a natureza personificada.

* * *

Indo residir para Capri (Itália), Munthe adquiriu as ruínas de uma vivenda dos imperadores romanos, onde reconstruíu a torre de Tibério com os 777 degraus.

Foi alí que escreveu a sua obra-prima «O Livro de San Michele», universalmente conhecido, traduzido em quasi todas as línguas do mundo.

Tendo cegado, em 1934 foi operado por um especialista de Zurique e recuperou a vista.

Entre outras produções, o Dr. Axel Munthe escreveu o livro *«Memories and vagaries»* que em português teve o título de «Homens e bichos». E' aí, nêsse livro, que Munthe narra, pormenorizadamente, um caso de «intervenção fantasmática» que levou um senhorio usurário dos pobres, a modificar inteiramente a sua atitude de explorar os desgraçados.

O Dr. Axel Munthe foi um amigo e protector dos animais e um defensor magnânimo de todos os pobres.

—

DESENCARNOU JOSÉ LHOMME

Deixou-nos êste grande pioneiro que, durante numerosos anos, consagrou todo seu tempo e energia à propaganda da Causa Espírita.

Com sua passagem, o Espiritismo internacional perde uma de suas mais belas e nobres figuras.

A obra importante de JOSÉ LHOMME será para as futuras gerações o testemunho imperecível do que póde realizar um homem, animado de vontade tenaz e fé inquebrantável.

O confrade J. LHOMME, com seus sessenta anos, sendo trinta de atividades espíritas, foi forçado, por imposição de saúde, a se afastar das organizações espíritas, recolhendo-se ao lar. Ainda assim continuava escrevendo. Estava publicando uma série de 15 trabalhos em fascículos. Já recebemos os 5 primeiros volumes da obra de J. Lhomme, na seguinte ordem: I — *Diante do Invisível;* II — *Uma Experiência com Deus;* III — *Manifestações de um beneditino;* IV — *Augusto, o indisciplinado;* V — *Um desconhecido vem provar a sua sobrevivência.* J. Lhomme aceitou o Espiritismo, com sua esposa, Madame Lhomme, após a terminação da 1.ª guerra mundial. Tendo feito a guerra de 1914/18, ficou em estado grave, em Setembro de 18, por intoxicação de gazes. Começou a estudar o Espiritismo, vindo a prestar, daí por diante, grandes serviçoes à Doutrina. Eis, em resumo, as principais atividades espíritas do operoso confrade belga: fundador da «Casa Espírita de Liège», sob forma cooperativa, em 1921; diretor da *Revista Espírita Belga*, 1921/45; membro fundador da Federação Espírita Internacional, nascida do Congresso de Liège, 1923; Conselheiro do Comité Executivo da Federação Internacional, 1934; Presidente da União Espírita Belga, 1940; dirigiu diversos congressos espíritas e, por último, como justa homenagem, foi distinguido com o título de *Presidente Honorário* da Federação Espírita de Liège.

Estava escrevendo dois livros, além da série já anunciada. Um desses livros intitula-se: *«Novo método de desenvolvimento mediúnico»*.

O confrade J. Lhomme era professor diplomado, tendo ensinado desenho em cursos superiores.

Ainda há pouco, em carta dirigida a um colega nosso, J. Lhomme referiu-se à codificação de Kardec nestes termos: «Vejo que a obra do mestre teve grande repercussão no Brasil».

Ao Espírito recem-liberto de J. Lhomme auguramos toda sorte de venturas a que fez jús pela sua ação acentuada no esclarecer seus contemporâneos aqui.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Agradecimento

Da União Social Espírita á Imprensa Espírita do Estado de São Paulo e outros jornais que tem colaborado na campanha de unificação

Terminando a apuração dos trabalhos de 1948, a União Social Espírita, por intermédio do seu Departamento de propaganda, vem à presença de todos os jornais que lhe deram apôio, transmitir os seus agradecimentos sinceros.

Não seria possível a realização de tão elevados trabalhos como os que óra a U. S. E. tem feito, sem uma propaganda eficiente, em jornais de conceitos elevados, merecedores da confiança dos espíritas.

O êxito dos trabalhos realizados, dependeu em grande parte da acolhida fraterna dos jornais idôneos, aos quais, a U. S. E. hipotéca a sua inteira solidariedade e declara penhoradamente grata.

E. Manso Vieira.
Dir. do Dep. de Propaganda

Abrigo Pinheiro Machado

Da Direção do Abrigo Pinheiro Machado, de Novo Horizonte, recebemos as seguintes comunicações:

Décio Sampaio e Célia Sampaio : — Os marginados deixaram de trabalhar para esta casa, não estando mais autorizados a representar esta instituição.

Cooperadores : — São cooperadores desta Instituição, visitando as cidades, solicitando donativos para os trabalhos assistenciais e obras que estamos construindo os seguintes confrades: *Daniel Ferreira da Silva, Luiz Rodrigues, Luiz Gonzaga Cruz, Dante Ferrioli e Lourenço Bianchi.*

Donativos na Capital: — Poderão ser encaminhados, pelos que desejarem nos auxiliar na construção do Educandário Arthur de Castro, aos seguintes Diretores desta casa: *José Augusto Adail Oliveira*, Rua Barão do Bananal, 441 — 3.º — 304 e *Waldomiro Teixeira de Carvalho*, Rua Barão do Bananal, 1.478.

Departamento Agrícola «Arí de Oliveira : — O Abrigo está organizando êste Departamento, sob a Direção do *sr. Dante Ferrioli* o qual iniciará seu funcionamento nêste ano agrícola. Manterá, como consequência a Seção de Produtos «NOSSO LAR», com início na fabricação de Vassouras.

De Votuporanga

Esteve nesta cidade no dia 6 de Junho p. p., o ardoroso propagandista da Doutrina, Dr. Euripedes de Castro, que realizou brilhante conferência no Centro Espírita «Caminho de Damasco», sôbre o tema — «E' uma necessidade a união de todos os espíritas».

A conferência do Dr. Euripedes de Castro, que é representante da União Social Espírita, agradou sobremaneira a numerosa assistência.

Do Correspondente.

Pela Instrução

O Centro Espírita «Allan Kardec», de Campinas, prosseguindo no seu programa educacional, está terminando o pavimento térreo de um grande prédio, parte destinada aos departamentos escolares—Educandário «Euripedes» e Instituto Popular «Humberto de Campos». Êste Instituto há dez anos vem prestando relevantes serviços ás classes pobres, mantendo os seguintes cursos: Prático de Comércio, Corte e Costura, Dactilografia e Pré-Primário. Em Janeiro p. vindouro, as aulas funcionarão em o novo edifício. A matrícula atual aproxima-se de 500 alunos e com as novas instalações êsse número será elevado ao dobro, considerando-se à grande procura de lugares e à criação de novos cursos. O Educandário «Euripedes» tem por finalidade o amparo integral de crianças orfãs e abandonadas.

A todas as pessoas que se interessam pelo magno problema da educação e que desejam auxiliar a elevação moral e intelectual das criaturas destituidas de recursos financeiros, a Diretoria do referido Centro faz veemente apêlo para que remetam um óbulo destinado à conclusão das obras e compra de material escolar. Qualquer auxílio poderá ser enviado ao Centro, à rua Conceição, 219 — Campinas, Estado São Paulo.

Necrologia

Darcy J. Lima

Após longos anos de horríveis padecimentos, desincarnou em S. Paulo, no mês de Junho p. p., no Sanatório de Jaçanã, o estimado amigo, Darcy J. Lima, autor de *«Allan Kardec Espírita»*, livro êsse editado pela Gráfica Mundo Espírita ha tempos. Dotado de profundos conhecimentos no campo da 3.a Revelação, era ainda, colaborador assíduo de quasi todos os jornais e revistas espíritas do país. Ultimamente havia-se agravado o seu estado de saúde mas, assim mesmo, ainda enviava seus escritos, em defesa dos postulados espíritas. Darcy J. Lima deixa saudades no coração de todos os que o conheceram e admiravam o brilho e o fulgor desse jovem escritor.

—

Cel. Amando Simões

Mais um claro difícil de preencher abriu-se na fileira espírita com o passamento do Cel. Amando Simões, facto este ocorrido no dia 1 de Junho último, em São Manoel.

Difundidor incansável da Doutrina pela imprensa e pela tribuna, alma dinâmica, extremamente filantrópica, amiga dos pequeninos e necessitados, o Cel. Amando Simões deixou em milhares de corações profundos sulcos de saudade e gratidão pelos benefícios que espalhou a mancheias aos desprotegidos da sorte, cumprindo assim, os mandamentos cristãos à risca.

Juntamente com D. Clelia Rocha, fundou em 1924, o conhecido Orfanato «Anália Franco», que, graças à sua perseverânça, continua a abrigar centenas de orfãos, proporcionando-lhes o pão do corpo e o pão do espírito e as luzes do saber.

Além do Orfanato «Anália Franco», fundou o «Mensageiro do Orfão», jornal de propaganda espírita, do qual foi Diretor até o momento de seu regresso à Pátria Espiritual.

—

D. Julieta Menezes Soares

Partiu a 19 de Junho último para o mundo espiritual, a irmã acima mencionada, mãe do amigo Antonio Soares de Carvalho, Vice-presidente da *União da Mocidade Espìrita de S. Paulo*. Seu enterro realizou-se no dia 20 ás 9 horas da manhã, rumo ao Cemitério do Araçá, sendo acompanhado por inúmeros confrades e representantes de diversas entidades espíritas da Capital.

— Aos espíritos recem-libertos, paz e luz são nossos votos.

Os que morrem dizem aos que ficam: — Do que tendes nada é vosso! Os vossos choros o confessam! Para vós, glória e felicidade são palavras lisongeiras. Deus dá aos que morrem os bens reais, os verdadeiros reinos. Vivos! Vós sois fantasmas; nós é que somos os vivos! — Vitor Hugo.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Conferências Radiofônicas

Livro de 206 páginas, enfeixa 15 conferências pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sôbre a existência do Espírito e sua sobrevivência à desagregação do corpo. Ele sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferência ao microfone tem por título : «A Imortalidade da Alma.»

Médiuns e Mediunidades

Contendo pouco mais de 100 paginas, esta obra dá uma idéia clara e racional da doutrina espírita, que abrange as esféras religiosa, filosófica e científica, infundindo nas almas o desejo de aprofundar na Revelação Nova, que veiu marcar uma Nova E'ra no progresso dos povos.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

O XXV—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1949—N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Faculdades Intelectuais e o Sentimento	Redação
Ressurreição	Arnaldo S. Thiago
A Dôr através os tempos	J. B. Chagas
Estudos Evangélicos (Reencarnação)	Dr. Luiz Martucelli
Pontos de Vista	Leopoldo Machado
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos
Mistificação	Pereira Guedes
Crônica Estrangeira	Redação
Espiritismo no Brasil	Redação

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Romances:

Almas Crucificadas
Beijo da Morta (O)
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Do Calvário ao Infinito
...E as Vozes Falaram...
Granja do Silêncio (A)
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto

Vários assuntos.

Antigo Egito (O)
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Espírito Consolador (O)
Factos Espíritas
Grandes e Pequenos Problemas
Irmãos de Jesus
Introdução da Doutrina Espírita
Jesus, nem Deus nem Homem
Lázaro Redivivo
Livro de Tobias (O)
Luz Acima
Martírio dos Suicídas
Mensageiros (Os)
Missionários da Luz
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Região em Letígio
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Trabalho dos Mortos (O)
Uma Nova Ciência
Volta Bocage...
Vidas Sucessivas (As)

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1949 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

As Faculdades Intelectuais e o Sentimento

OS dias que atravessamos são de justificadas apreensões em face da situação política internacional. As nações não se sentem seguras, porque não conseguem chegar a um acôrdo que restabeleça a paz e a confiança entre elas; os governos, sempre vacilantes em seus propósitos, o que denota falta de compreensão e até de caracter, são depostos para darem sucessão a outros governos que, falhando igualmente em suas promessas e não satisfazendo as aspirações populares, são imediatamente depostos também; os povos, cansados de tantas e inúteis lutas em pról da sua subsistência e do seu bem estar, sem um condutor seguro, sensato, entre os homens de evidência no cenário político, completamente descrentes do valor espiritual de suas falidas religiões, descambam definitivamente para o materialismo.

E' verdade que, intelectualmente, os povos evoluiram apreciavelmente, evocando como testemunho, as recentes descobertas que abalaram os alicerces da nossa civilização e o seu ardente desejo de fundar nova ordem social sob a égide da justiça; mas é verdade também que continuam em duras competições políticas, que têm como causas imediatas os mesquinhos interêsses terrenos e pessoais, em detrimento do espírito de justiça, que é o ponto de partida para o estabelecimento da paz entre as nações. Dizemos estabelecimento e não restabelecimento da paz, porque na verdade nunca houve paz no mundo. Enquanto não forem banidas da face da terra as guerras, as lutas fratricidas, os atritos, as malquerenças entre os indivíduos, não poderá haver paz. Tem havido períodos de relativa paz, ou mais acertadamente, de tréguas, após os quais as lutas se renovam numa fúria que demonstra o quanto se acha ainda animalizada a espécie humana e o que lhe falta ainda para atingir os degraus da escada dos sêres superiores.

O desenvolvimento das faculdades intelectuais da humanidade é um facto que não se discute porque está sobejamente provado. A mentalidade da atual geração não é a mesma das gerações passadas, que não procuravam resolver as suas questões pelos canais diplomáticos, mas tão sòmente pela fôrça. E' certo que a diplomacia internacional, que é dos nossos dias, tem se mostrado impotente para evitar as guerras, mas não se póde negar que, embora com certa dose de má-fé, ela não procure entrar em entendimentos capazes de conciliar os interêsses gerais, o que não aconteceu ainda porque cada nação ou grupo de nações, insiste em defender os seus interêsses imediatos em detrimento dos interêsses dos demais. Mas quando todas as nações tiverem aquela compreensão que ainda não lhes chegou à mente, de que na conciliação dos interêsses mútuos, sem má fé, segundas intenções ou ambições desmedidas, repousa a verdadeira paz, então será desfraldada a bandeira da fraternidade.

As aspirações de liberdade que põem em movimento os homens independentes, são o fruto do desenvolvimento das suas faculdades intelectuais, que não mais lhes permitem ficar sob o domínio de indivíduos aventureiros que, prevalecendo-se da sua autoridade, impõem a sua vontade à fôrça, ás vezes por meios deshumanos, indivíduos que ocupam, porque disputaram a golpes de aventura, os mais altos postos nos governos e na política.

A liberdade está sendo defendida porque é um direito que Deus concedeu ao homem pelo livre arbítrio. Poderá ser retida por alguns instantes, mas, como a Verdade, ela aparece quando menos a esperamos, numa luta renhida em que os escravizadores da consciência tombam vencidos para nunca mais se levantarem. Governos ditatoriais ou absolutos, reis, imperadores, dignatários da religião, que sempre procuraram reter em suas mãos, por processos excusos, a liberdade de pensamento, foram depostos pela fôrça e os que ainda não o foram têm os seus dias contados, porque os frutos da liberdade de pensamento surgem em abundância por toda a parte, satisfazendo ás justas aspirações humanas. As religiões que sempre andaram e procuram andar ainda de mãos dadas com os Governos iníquos na inglória tarefa de escravizar os povos aos seus bastardos interêsses, já perderam a sua tão decantada autoridade no terreno da liberdade de pensamento, porque, nos governos, entre os seus apaniguados, ha homens, poucos, é verdade, que defendem a liberdade com destemor.

O notável desenvolvimento das faculdades intelectuais das creaturas em face da situação anormal por que passa o mundo, em que os indivíduos denotam falta de carácter e de respeito, de vez que falsificam tudo, defraudam e enganam, nos leva a admitir que, no terreno da moral, pouco evoluiram, e que embora compreendam o valor da caridade, não a praticam porque o sentimento ainda lhes é verde.

Se os homens em geral tivessem o sentimento no mesmo nivel das suas faculdades intelectuais, acreditamos que todos os problemas humanos estariam solucionados. Mas o progresso não dá saltos e porisso não se pode exigir que tudo se desenvolva a um só tempo na creatura. Hitler e Mussolini constituem um caso típico do que acabamos de afirmar. Ambos mostraram rara inteligência na direção da vida de suas pátrias, dos seus subditos, mas a falta de sentimento fe-los praticar as maiores deshumanidades, razão por que falharam na sua missão. O Comunismo terá o mesmo fim do hitlerismo e do fascismo, se não cultivar o sentimento, ampliando-o em todas as direções. A razão não pode andar divorciada do sentimento e vice-versa, porque representam respectivamente, os alicerces e o telhado de uma casa.

A humanidade já atingiu apreciável grau de desenvolvimento intelectual, e isto está sobejamente demonstrado através das grandes descobertas, das diversas ideologias, que são os frutos da liberdade de pensamento, e da sua inquebrantável vontade de fazer imperar no mundo o espírito de fraternidade e de justiça. A sua compreensão está, portanto, apta a aceitar o que é bom e a recusar o que não serve, precisamente no ponto a que se referiu Jesus: «Tenho ainda muito o que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que estão para vir.»

O Espiritismo é o Espírito da Verdade, o Paracleto. A sua vinda significa que a humanidade já póde compreender as grandes cousas do Espírito. E' sómente o Espiritismo, com os seus factos comprobativos da sobrevivência individual, com os seus ensinos baseados no Evangelho de Jesus, com as suas argumentações filosóficas e científicas estribadas na imortalidade, que fará estabelecer no mundo, entre as nações, a verdadeira paz, a paz que todos ambicionam, sob a égide da justiça e da fraternidade cristã.

O advento do Espiritismo marcou, pois, o começo de grandes realizações em todos os setores da atividade humana, e tudo o que se verificar no cenário terreno, de lúgubre e ameaçador, se rápara uma completa reforma dos hábitos e das idéias das creaturas, no aprimoramento do sentimento, que precisa marchar a par do desenvolvimento das faculdades intelectuais, para que a vida se mantenha equilibrada e a humanidade possa se tornar digna do reino de Deus e a sua justiça.

Ressurreição

Jamais o confronto que tenhamos de fazer entre duas manifestações da realidade moral, nos será tão humilhante como ao nos defrontarmos com o supremo paradoxo da condenação, pelos homens, daquêle que veio libertar os homens da condenação do pecado!

Só o AMOR excelso da Divindade, aliado ao fraterno amor, elevado ao sublime, do Filho do homem, poderia consentir num tão ingente sacrifício!

Para salvar o que se acha perdido; para reeguer o que se acha abatido e vilipendiado; para curar o que se acha enfêrmo, Deus tudo consente, ainda mesmo aquêle crime hediondo que haveria de pesar durante séculos na consciência de um povo que talvez esteja agora novamente sendo reunido nas terras sagradas da Palestina, para uma nova manifestação do excelso Amor que tudo consente quando se trata de redimir um só dos seus filhos! Mistério sublime, incompreendido dos homens embrutecidos pelo orgulho, pelo ódio e pelos vícios de toda natureza, que só pensam nas suas comodidades e nos seus miseráveis gozos, êle está, contudo, bem expresso, bem claro, bem patente, bem nítido, na parábola do filho pródigo.

Mas o homem ainda não compreende os sublimes devotamentos! Esta virtude, que era o apanágio da mulher, quando se alcandorava ao gráu divino da maternidade, está hoje erradicada do coração humano — e para que a espécie não sofresse humilhação no confronto com os irracionais, verificaram os zoólogos que o pelicano não alimenta os filhos com o próprio sangue; apenas fica-lhe o peito despojado de penas em virtude de atrito com os gravetos do ninho...

Jesus sofre o martírio da cruz. Os seus discípulos, temerosos, o abandonam. Pedro nega-o. Apenas algumas mulheres, em tôrno daquela Mãe resignada e humilde, mas imensamente sofredora, acompanham a *via crucis* do Filho do homem! Mais tarde, ao expirar o Mestre, vêm-se ao pé da cruz o discípulo amado e mais um ou outro dos discípulos. Faz-se treva em toda a superfície da Terra; o véu do templo rasga-se. E Jesus exala o último suspiro, murmurando: «Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem!»

O perdão de Deus, exarado pelo Filho Unigênito, é concedido aos homens, logo após o monstruoso crime: por isso consente a Onisciência Divina em que os discípulos, dispersos, desalentados e certamente esquecidos dos seus deveres, sejam rehabilitados, sejam reanimados, sejam de novo congregados pelo mistério da ressurreição. A pecadora de Magdala, que velava junto ao sepulcro do Salvador, daquêle que a regenerara com a sua divina castidade, para fazê-la pura e santa, merece, pela purificação a que se afizera, a graça de ser a portadora da grande mensagem aos homens de boa vontade: Jesus ressuscitara! Vira-o Madalena erguer-se do sepulcro, mais belo do que nunca! Dissera-lhe o Mestre: «Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai. Mas vai, procura os meus irmãos e dize-lhes que ressurgi dentre os mortos, como lhes prometera, ao terceiro dia». Uma nuvem diáfana o envolve; ouve a pecadora uns cânticos suavíssimos e Jesus eleva-se aos Céus.

Madalena, supremamente emocionada, levanta-se; enxuga os olhos nublados pelo pranto e corre em busca dos discípulos. Congrega-os, com aquele devotamento, com àquela decisão em que estava de lhes comunicar a sublime ocurrência e de reanimá-los para a execução da vontade do Mestre, que era a propagação da sua Doutrina: «Ide, curai os enfermos, visitai os detentos, reanimai os que desfalecem; de graça recebestes, de graça tudo dareis.»

Os discípulos ouvem e não acreditam: o excesso de dôr ocasionára aquela exaltação à pecadora, teriam eles conjecturado. Não acreditam, mas reunem-se e deploram a perda do meigo Nazareno. Caminham para Emaús. Acerca-se-lhes um desconhecido. Lembra-lhes a promessa da ressurreição e, entrando em casa com eles, assenta-se à mesa. Ao partir o pão, abençoando-o, com sòmente Jesus o sabia fazer, os discípulos o reconhecem. Caem de joelhos, agora crentes. Tomé, chegado mais tarde, só acredita depois de lhe tocar nas chagas reabertas: «Tu creste, Tomé, porque viste. Bem aventurados os que não viram e creram.»

Desde êsse instante, o Mestre permanece com êles durante quarenta dias, no transcurso dos quais lhes dá as suas últimas instruções, reanima-os, esclarece-os a respeito das cousas do espírito, consolida-lhes a fé e exorta-os à perseverança na caridade.

Ao despedir-se, arrebatado aos Céus por uma legião de anjos, deixou-lhes nalma o acúleo da saudade, a suprema convicção de que só em se tornando merecedores de viver junto ao Mestre, poderiam recuperar a felicidade perdida: daí, aquele poder inegualável de sacrifício, de renúncia, de abnegação, de humildade, de devotamento a uma causa espiritual, inacessível à generalidade dos homens, que deixava estarrecidos os romanos e os fazia meditar sôbre os prodígios da fé, sôbre os mistérios incomparáveis da Doutrina que sabia fazer prosélitos de tal envergadura moral!

Jesus, através dos seus discípulos e dos primeiros cristãos, abalara os fundamentos do paganismo. A humanidade estava ganha para o seu amor.

E isso foi possível sómente com a Ressurreição!

Se a vida de Jesus é um santo manancial de exemplos e de ensinamentos que nos levam ao estôrço em prol da nossa purificação; se o sacrifício do Gólgota é a lição eterna do devotamento à causa da redenção dos homens, a ressurreição é o ato divino segundo o qual Jesus confirmou a genealogia espiritual de todas as creaturas, para que saibamos compreender o sentido profundo daquela advertência que nos deixou: «O meu Reino não é dêste mundo.»

Com a ressurreição, Jesus retira todo o prestígio às cousas transitórias do mundo, aos gozos da carne, às investiduras passageiras do poder temporal e nos sublima, no entendimento, a fé nas conquistas do espírito, na glória da imortalidade.

Jesus ressuscitou. Com êle ressurgiremos para a Vida eterna e para a glória do Senhor!

ARNALDO S. THIAGO.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr. $50,00	Do 4.° ano Cr.$ 50,00	Do 5.° ano Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . . 50,00	Do 7.° ano . . 50,00	Do 8.° ano . . 50,00
Do 10.° ano . . 50,00	Do 11.° ano . . 60,00	Do 12.° ano . . 60,00
Do 13.° ano . . 60,00	Do 14.° ano . . 60,00	Do 15.° ano . . 70,00
Do 16.° ano . . 80,00	Do 17.° ano . . 60,00	Do 18.° ano . . 60,00
Do 19.° ano . . 60,00	Do 20.° ano . . 60,00	Do 21.° ano . . 60,00

A Dôr através os tempos

J. B. CHAGAS

— II —

4 — A dôr no conceito espirítico.

Vimos no capítulo anterior a evolução da dôr, através os tempos, os trabalhos e os esforços empregados pelo homem para domá-la ou vence-la. Veremos, agora, a dôr, essa megera que, no conceito de muitos, avassala as criaturas, submetendo-as ao seu guante numa verdadeira escravidão, como a encara a Doutrina dos Espíritos, aquela que, graças à misericórdia do Pai, teria de transformar a Dôr, de megera e espantalho do homem, no seu anjo de Paz e de Consolação.

Partamos do princípio universalmente conhecido de *que todo efeito tem causa.* Consideremos, como já é sabido, o homem vivendo mergulhado no mundo dentro de um campo, aparentemente um vácuo, mas que, ao contrário, está povoado de vibrações sutís, onde êle vibra, se agita, e emite ondas elétrico-magnéticas, que se propagam pelo Infinito em fóra. E como tal, sujeito ás mesmas alternâncias de frequência e de potência. Ligado a êsse montículo de terra, ou *grão de areia astronômico,* como bem classificou a Terra, *Camilo Flamarion,* terá o homem de sofrer as inevitáveis consequências dessas variações e mudanças vindo a se refletirem, invariavelmente, nos seus corpos, físico e psíquico.

a) — *A dor como benção de Deus.*

«A dôr é uma benção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais quando sofrerdes; antes, bendizei de Deus que, pela dôr, neste mundo, vos marcou para a glória do céu!» (EVANG. S/O ESP. Cap. IX/7).

b) — *A dor manifestação da justiça divina*

O homem, pela ação de uma vigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e deshumano, poderá a seu turno ser tratado duramente e com deshumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoista ou fez máu uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; si foi mau filho, poderá sofrer pelo sofrimento dos seus filhos, etc.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual sómente pelas suas imperfeições se conserva prêso.

As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos ou extremamente ignorantes para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa.

Assim os espíritos não podem aspirar à completa felicidade, enquanto não se tenham tornado puros; qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos.

As provações da vida vos fazem adiantar, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente.

5 — O porquê da dôr

Rendamos, pois, graças a Deus, que em sua bondade infinita, faculta ao homem reparar seus crimes e não condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

Por isso, disse Jesus, muito acertamente:—«Bem aventurados os aflitos, pois que serão consolados!»

Mas, como há alguém de se sentir ditoso por sofrer, se não sabe porque sofre, ignorando, portanto, a causa do seu sofrimento?

Assim é que, como o Consolador prometido por Jesus, o Espiritismo, vem mostrar a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra claramente o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras.

O homem compreende assim, que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe, ademais, que êste lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário.

O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. (EVANG. S/O ESP. Cap. VI/4).

* * *

E eis agora como o Espírito de *Marieta*, define a tendência do homem sempre para o mal, criando para si próprio êste estado d'alma, de angústias e de sofrimentos:

«O Bem, essa essência de Deus, extendida por todo o Universo, é o que o homem, abusando do precioso dom de liberdade, tenta corromper com os seus atos. O mal, êsse dâno que o homem por tanto tempo acreditou residir fóra dêle, não é perene, nem se acumula com o bem; para cada suspiro há uma esperança de consôlo; para cada lágrima, um momento de alegria; para cada dôr um prazer; e essas compensações não são encontradas na Terra—temo-las aquí onde o Espírito é livre!» (MARIETA, pags. 122/3).

«Assim como o mineral bruto sob a ação do fogo ou das águas, se transforma pouco a pouco em metal puro, assim também a alma, incitada pelo aguilhão da dôr, se modifica e fortalece. E' no meio das provações que se retemperam os grandes caracteres.

«A dôr é a purificação suprema, a fornalha onde se fundem os elementos impuros que nos maculam: o orgulho, o egoísmo, a indiferença. E' na escola da dôr onde se depuram as sensações, onde se aprendem a piedade, a resignação estóica». (LÉON DÉNIS — O PORQUE DA VIDA, pag. 25).

c) — O *de méritus*

Si algum mérito há no estudo que estamos fazendo sôbre a evolução da dôr, e suas consequências morais, transcendentais, será aquele de fazer conhecer ou relembrar ao homem, meu irmão, meu semelhante, o seu verdadeiro papel dentro da vida e a categoria do mundo que lhe fôra dado para viver; que esta lembrança parte de alguém que não está fazendo filosofia sôbre um assunto de tão magna transcedência, pois, que muito já sofreu, e que fôra advertido, caridosamente, por almas piedosas, de que muito terá ainda de sofrer, no seu caminhar por sendas escabrozas e difíceis, até chegar ao termo da jornada!...

Mônada divina, o homem é senhor de conhecer o Bem e o Mal; de escolher expontâneamente, entre um e outro. Usando do seu livre arbítrio, sente geralmente mais atração para o mal, daí o ter de arcar com acervo de responsabilidade, consequente à sua própria escolha.

E, como fiel da balança divina, o Pai permite que a dôr visite o homem, fazendo-o despertar do letargo em que se encontra para com as cousas de Deus.

Como consequência lógica das dôres renovadas, nasce no íntimo de cada ser a consciência do *Eterno Volver*, sustentado por *Le Bon*, *Nietzsche* e outros, fazendo-o estacionar no trilho do seu descaminho para optar pelas retas sendas, fazendo, assim, derruir todo o castelo das afirmativas daqueles que viam na teoria das reencarnações sucessivas, um verdadeiro círculo vicioso.

O dilema está traçado — é este: pare o homem de errar, e logo deixará de ser presa constante do aguilhão da dôr! Até mesmo, quando, tomou a deliberação consciente de não errar mais, já aí começa a sentir, em tôrno de si vibrações estranhas, como o éco sublime provocado pelos seus próprios sentimentos e pensamentos! Verá, também, que a sua própria aura, se enriquece de tonalidades novas, diferentes.

«Se pudessemos conhecer os impulsos que movem a vontade de um homem — escreveu *Kant* — ainda os mais leves, e prever todas as ocasiões externas que atuam sôbre êle, possível seria calcular a conduta deste homem, com a mesma exatidão que se calcula um eclípse do sól ou da lua».

Daí dizer-se com base de certeza que o homem é o artífice da sua vida e o construtor da sua própria felicidade!

«Ego sum qui sum!... (Exo. III-14). O homem será sempre aquilo que êle quiser que seja, apesar de afirmarem muitos filósofos, que o homem é um produto do meio. Não negamos a influência que o meio exerce sôbre os indivíduos, mas quando êsse mesmo indivíduo é possuidor de uma vontade potente, conseguirá vencer o meio e, por fim, triunfar galhardamente, tudo dependendo dêle mesmo!

«Ego sum qui sum! — disse Deus a Moisés. Paz e luz.

Nova Iguassú — Junho de 1949.

Estudos Evangélicos

Reencarnação

DR. LUIZ MARTUCELLI

A misericórdia divina se revela, principalmente, na graça da reencarnação. Seres imperfeitos e impuros que somos desde o início de nossa existência, deu-nos Deus em obediência as suas regras imutáveis, a oportunidade de conseguirmos a correção dos nossos defeitos, o aperfeiçoamento do nosso espírito, através das vidas sucessivas, durante as quais cada um de nós, de acôrdo com o seu gênero de vida, vai polindo as suas imperfeições, burilando o seu caracter, formando o próprio destino para as existências posteriores.

Geralmente, entretanto, na pobreza da nossa linguagem e dentro do acanhado âmbito dos nossos conhecimentos, confundimos a significação da palavra *reencarnação* com a palavra *ressurreição*, sem compreendermos a verdadeira acepção de cada uma delas.

Temos, para nós, que reencarnação exprime justamente a faculdade ou o imperativo de renascer, de voltar à existência corpórea na vida terrena ou outro plano mais elevado, para que se processe o emendamento das nossas faltas, o aperfeiçoamento das nossas imperfeições e isto mesmo nos confirma a doutrina do Meigo Nazareno, que, falando a Nicodemus, disse: AQUELE QUE NÃO NASCER DE NOVO NÃO PODERÁ VER O REINO DE DEUS». S. João 3/3.

Esse renascimento não quer dizer, evidentemente que para renascer seja preciso voltar ao ventre materno, como observou Nicodemus (S. João 3/4) mas reincorporar-se num outro envólucro material; num outro corpo físico, pois, como Jesus disse: «o que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito» S João 3/6.

Mostrou-nos Jesus, nessa passagem, que a nossa personalidade não é formada por um monte de carne, osso e nervo, mas se compõe de entidade distinta formando uma só personalidade: — o corpo físico, material, perecível e transitório e o espírito vivificador permanente e eterno. O corpo tomba, desfaz-se nos seus diversos elementos orgânicos e inorgânicos, mas o espírito sobrevive; quando o corpo tomba e se torna inerte e putrecível, o espírito se desprende e busca novo agasalho da mesma forma como nós trocamos de roupa.

Essa constituição da nossa personalidade encontramo-la nos evangelhos do Mestre: «aquele que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus». S. João 3/6, e ele adverte ainda: «não te maravilhes de te ter dito, necessário é nascer de novo» S. João 3/7, porque o vento assopra onde quer; ouves a sua voz, porém não sabes de onde vem nem para onde vai, assim é todo aquele que é nascido do espírito. — S. João 3/8.

O alcance dessa afirmação, naquele tempo, não era atingido pela compreensão dos homens. Hoje, porém, obdecendo as leis da evolução, já sabemos que todas as criaturas de Deus tiveram a sua origem, sêu ponto de partida, dos sêres infinitamente pequenos, cuja origem se processou nas águas, formando com o correr dos milênios, o nosso corpo físico material.

Quanto ao espírito, a nossa ignorância não alcança ainda a sua fonte e sua gênese, mas satisfaz-nos a advertência do mestre a Nicodemus: — Se vos falei de coisas terrestres e não crestes, como crereis si vos falar das celestiais? S. João 3/12.

De consequência se o próprio Jesus disse: «e como Moisés levantou a serpente, assim importa que o filho do homem seja levantado para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna» S. João 3/14/15. Inegável se torna que a vida humana não se resume na peregrinação pela Terra; não se limita ao espaço de tempo compreendido entre o berço e o túmulo, porque o aniquilamento do corpo físico não importa na morte do espírito. Extingue-se e decompõe-se aquele, mas este sobrevive à morte do primeiro.

Bem por isso disse Jesus: «Deixai os mortos enterrar os seus mortos» Lucas 9/60. Assim falando êle quis dizer que o enterramento do corpo físico extinto fosse feito por aqueles que não haviam ainda nascido para a vida espiritual, porque aqueles que não haviam ainda atingido as luzes espirituais mas que um dia também êles atingiriam, por isso Deus, como pai magnânimo e justo, não repudiaria a sua própria obra, abandonando os seus próprios filhos.

Êsse propósito divino confirma a idéia da reincarnação como um processo de purificação das almas; como um processo de aperfeiçoamento dos espíritos.

A reencarnação, porisso, não pode ser confundida com a ressurreição e esta não significa que os mortos se levantem dos seus túmulos e perambulem entre os vivos, mas sim que, completada a sua purificação nas diversas vidas sucessivas, o espírito atingiu a etapa final da sua escalada para junto do reino de Deus.

Ninguem viu, até hoje, homem algum ressuscitado, mas diariamente vemos espíritos reincarnados, cuja presença se revela através da índole, do caracter, da inteligência, do vulto dos conhecimentos, enfim dos atributos revelados anteriormente, por individuos já mortos fisicamente e que na vida terrena eram portadores das mesmas qualidades.

O próprio Jesus não ressuscitou, no sentido vulgar da palavra, mas o seu espírito materializou-se durante curto espaço de tempo para trazer ao homem o testemunho da sobrevivência do espírito. E a despeito da sua morte física, Êle vive nos corações, guia os nossos passos, ampara-nos nas nossas vacilações.

A ressurreição de que nos falam os Evangelhos é o último marco da vida espiritual, isto é, o ponto em que, tendo o espírito atingido a suprema perfeição êle não reencarna mais porque tornado etéreo, mantem se em relação direta com todos os espíritos, através da essência das almas, sem ser preciso tomar um corpo físico; sem ser necessário concretizar-se numa forma perceptível à evidência dos nossos sentidos.

Disse o Mestre... Deus enviou Seu filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Êle (S. João 3/17).

Compreende-se que tendo sido essa a missão de Jesus, essa missão teria sido inútil desde que a morte do corpo fosse a última cena do drama da vida humana. A reencarnação portanto, enseja a que os maus e os injustos se tornem bons e justos, e os bons e justos se tornem melhores; que processada essa transformação o mundo cheio de lágrimas e misérias se converta num paraíso cheio de paz e encantamentos.

Bem por isso ensinam os Evangelhos: «A casa de meu pai tem muitas moradas» S. João, Capítulo 14-1/2/3. Nessa afirmação positivou Jesus que a ascenção espiritual não se processa aos saltos mas gradativamente, por etapas ascendentes, como a galgar degraus, descortinando, à medida que sobe, horizontes mais vastos abrangendo amplidões mais iluminadas, à proporção que se distancia das coisas terrenas e materiais.

E' por isso que no Evangelho de S. Mateus, repete-se a recomendação de Jesus: «Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntai tesouros do Céu onde nem a traça e nem a ferrugem corrompem e onde os ladrões não minam e não roubam». (Capítulo, 6/19).

Do que ficou dito, se nenhuma criatura de Deus se perderá, se pela reencarnação dos espíritos, através das vidas sucessivas todas as ovelhas do Senhor voltarão ao Seu redil; a ressurreição é, afinal, a redenção das almas como símbolo da pureza e da perfeição, desaparecendo, por imprópria e insustentável, a idéia do morto redivivo.

Finalizando este capítulo cumpre perguntar: se a morte fosse a última fase da vida, se a reencarnação não fosse uma verdade inelutável, qual seria o escopo da vida? Para que viver, para que ser bom, ser justo, ser caridoso e humilde, se no subsolo da sepultura seriam enterradas todas as virtudes, da mesma forma como seriam enterrados todos os vícios, todas as perversões?!

Tudo o que fizerdes para glorificar Jesus e sua Doutrina, em espírito vivificante, será anotado no Livro da Vida e dareis ensejo a que possamos vos auxiliar e participar das vossas justas alegrias. Que as vossas principais cogitações, pois, sejam no sentido de servir a causa de Jesus, certos de que tudo o mais vos será acrescentado a mancheias. —CAIRBAR.

PONTOS DE VISTA

LEOPOLDO MACHADO

A Palavra dos Guias.

Que a palavra dos guias deve ser ouvida e acatada, não há dúvida.

Atacada e ouvida sem se lhe emprestar, entretanto, infalibilidade, que infalível só Deus.

Não é pelo facto de ser espírito, que deve saber tudo e tudo descortinar.

«Não creiais em todos os Espíritos, mas, naqueles que são de Deus», adverte João.

E Espíritos de Deus são mansos, verdadeiros, caridosos, tolerantes.

Espírito perfeitissimo foi o Cristo, que não aceitou o adjetivo bom que se lhe deu, que não cansou de afirmar ser o Pai maior do que Êle.

E não há guia que se compare ao Cristo, em perfeição, sabedoria e bondade.

Mormente, quando se trata de guias que contrariam o espírito de trabalho, solidariedade e tolerância da Doutrina.

Sabemos de um caso típico, que atesta o perigo de seguir ás cegas a palavra de guias.

Foi durante o Congresso de Mocidades Espíritas, êsse movimento que assinalou um marco áureo na História do Espiritismo no Brasil.

A mocidade espírita de importante cidade mineira resolvera aderir ao certame, com a desaprovação apaixonada de seu presidente, da presidente do centro espírita em que funciona, médium de qualidades infalíveis.

Mas, na reunião seguinte da *Mocidade*, ordem do guia para suspender a adesão ao Congresso!...

Ora, o guia fôra importante médico do Rio, que se batera pela unificação do Espiritismo e fraternização dos espíritas. Não era possivel que, no Espaço, vendo as coisas de mais alto, involuisse, retrogradasse...

Quantos crimes da médium, santo Deus!

1) A confissão tácita de sua falta de autoridade para impôr-se, com lógica, aos moços, a ponto de apadrinhar-se, mistificando, de um grande Espírito para a satisfação de suas paixões mesquinhas e antiespiríticas;

2) Dolorosa mistificação e consequente malbaratamento do precioso dom da mediunidade;

3) Calúnia atirada a um grande Espírito.

Estes, os maiores.

Vamos ouvir e acatar a palavra dos guias.

Mas, é preciso que sejam mesmo guias, essa prova que só podem dar, sendo lógicos, tolerantes, desapaixonados...

* * *

Colaboração em jornais profanos

A colaboração espírita em jornais espíritas, claro que só aproveita aos espíritas.

E espíritas que leem, que estudam, infelizmente, ainda muito poucos.

Para o mundo profano, a propaganda da Doutrina em jornais profanos apresenta mais rendimento.

Agora mesmo, estamos irradiando uma crônica espiritualista pela Radio Globo, no programa HORA DA BOA VONTADE, às sextas-feiras, às 17 horas.

Crônicas que saem, depois, em A OPINIÃO, de Nova-Iguassú e no DIARIO TRABALHISTA, do Rio.

* * *

Meios de purificação

A dôr, o sofrimento é, indiscutivelmente, o meio de purificação mais cantado e decantado, que tem, até aqui, forjado os herois, os santos.

Mas, será o único, o melhor?

Não o cremos.

O sofrimento aperfeiçôa, é claro, o sofredor.

A dor é o cadinho em que o Espírito burila suas imperfeições, polindo-se para uma vida melhor na Espiritualidade, em outras migrações na Terra, em outras existências em mundos superiores.

Mas, a bem pensar, o sofrimento só aproveita ao sofredor, embora o sofredor sirva de modelo a outros candidatos à perfeição.

E o trabalho porfiado, rendentor, altruista, que beneficiando o trabalhador, beneficía, por vezes, e muito mais, os que se locupletam dele?

Não será cadinho melhor e meio mais puro de aperfeiçoamento?

Fenômenos de Materialização

Conclusão da Crônica XXIX

«Relato da Sessão de 23/3/48

Presidida pela irmã Lais, a reunião teve início ás 20 horas.

Um espírito protetor orientou-nos a respeito dos trabalhos, salientando que iria ser feita a experiência do fenômeno de iluminação do perispírito necessitando, os nossos guias, da concentração de pensamentos elevados, da parte dos incarnados, como colaboração destes para o bom êxito dos seus esforços. O médium, através do qual falara o espírito, vai acomodar-se na cabine. Canta-se o hino «Fica conosco Senhor».

Eu cantei-o de olhos fechados, e ao término, abrindo-os, deparei no espaço, acima do ombro, uma cruz luminosa, movimentando-se de um lado para o outro, aparentando ter 80 centímetros de diâmetro.

Poucos minutos de duração teve o inédito fenômeno, passando a fazer-se espêssa escuridão no ambiente. Depois disto, sinto aproximar-se de mim um espírito, o qual coloca uma de suas mãos na minha cabeça, entregando-me, com a outra, 3 espécimes de flores naturais. O espírito foi por mim identificado. Era Margarida, minha saudosa esposa, recambiada, ha anos, para o outro plano da vida. Os fenômenos luminosos começam a dar-se em abundância. Êles se iniciaram no cômodo contíguo á cabine e eram de tal grandeza que faziam clarear todo o salão. Do lado oposto onde eu estava, aparecem os três nomes luminosos seguintes: David, Scheila e Nina.

Depois de alguns instantes eu vi, através do vidro do biombo, um espírito que me mostrava uma luz, a qual era do formato estreito, mas que lhe vinha dos pés à cabeça. Suas mãos eram luminosas e, com elas, o espírito fazia algo ignorado, porém percebia-lhe facilmente os movimentos. Avança em direção ao vão da entrada lateral onde eu me achava, mostrando-me um quadro luminoso com o nome *Margarida* tendo, nas duas extremidades, duas flôres mimosas do formato de Margaridas.

Em seguida forma se uma bola redonda de luz, de tamanho considerável, conservando a sua dimensão por instantes e diminuindo, á medida que subia, até formar um tamanho possivelmente convencional, tomando a forma de triângulo, pairando no espaço acima do biombo e se precipitando pelo salão, descendo à altura das nossas cabeças, chegando mesmo a descer de nível ao passar em frente de alguns irmãos.

Era deslumbrante êste fenômeno!

No cômodo seguinte ao espaço onde está improvisada a cabine, parece haver sol intenso, donde partem raios que iluminam o ambiente. E' verdadeiramente sublime tudo isto que os nossos olhos contemplam! Sai então um espírito. Espanta-nos pela maneira com que se nos apresenta.

O seu tronco é luminoso, deixando-me a impressão de que é constituido de vidro fôsco, dentro do qual ha uma lâmpada acêsa de grande potência.

Nas suas mãos o espírito conduz flôres e os seus movimentos dão a impressão de uma pessôa de carne e osso.

O mais interessante é que a sua luz não clariava o salão nem os próprios irmãos a quem êle oferecia as flôres ! Êste fenômeno se repete, com mais de um espírito. A sala vizinha parece-me estar improvisada de uma hipotética mesa de operação mediúnica. Ha momentos de grande vibração espiritual. Vários irmãos comentam a transcendência dos fenômenos, salientando a da iluminação do perispírito, fazendo cada qual, as suas deduções filosóficas. Ouve-se a voz de um espírito, a chamar as nossas irmãs Lais e Lenice á cabine.

Elas respondem e obedecem, indo ao seu encontro.

Logo que elas entraram, ouve-se-lhes uma exclamação simultânea. «Oh! Nina toda iluminada!». O espírito convida-as a se aproximarem dêle, abraçando-as, pedindo-lhe, elas, que permitisse beijar-lhe as mãos, no que foram atendidas. Lenice chora convulsivamente, perante tanta grandeza! Lais conserva-se aparentemente calma, ouvindo os conselhos de Nina. A primeira sai chorando, ainda, e a segunda parece aparvalhada, certamente por causa da forte emoção experimentada por tudo o que observara, que era algo de maravilhoso e empolgante. Aparece agora outro espírito, que veio ao salão, nas mesmas condições de luminosidade dos que se materializaram antes dêste. Ha momentos de grande emoção quando os irmãos Amadeu, Virgilio e Madalena reconhecem o pai e, D. Dulce, o esposo! Era David, o espírito amigo que nos vem sistematicamente distinguindo com a sua dedicação espiritual. Filhos e esposa choravam como crianças, enquanto que o espírito pedia que se acalmassem. Conforta-os e assiste-os um por um, dando passes em seguida aos doentes que estavam no recinto, e regressando à cabine. Fidelinho ajuda-nos a cantar a «Canção Materna», aparecendo ligeiramente, apresentando-se com um ponto luminoso, com a aparência de uma estrela. As jovens Dulce Santos e Dulce de Fatima Oliveira, netas de David, regressam do serviço de assistência de um ambiente externo. Reaparece David, iluminado como das vezes anteriores, parando junto á mesa que está colocada perto da cabine. Chama pelas netinhas e convida-as a se aproximarem dêle. Elas obedecem e êle começa a confortá-las com palavras amigas e conselheiras, repassadas de carinho. Faz-se novamente silêncio, quando Margarida vem junto de mim, a perguntar-me se fiquei satisfeito com as margaridas que ela me havia oferecido. Respondi-lhe afirmativamente. Daí a pouco ouço vários irmãos agradecerem, a um espírito, as flores que lhes estava ofertando, afirmando os irmãos Amadeu, Lais e Lenice que era Margarida. Nina também veio, nesse instante, ao salão, conversando com alguns irmãos e retirando-se em seguida. Outros fenômenos de menor importância ainda se dão e passados alguns momentos, recebemos ordem dos guias de encerrar os trabalhos.

Acesas as lâmpadas, verifiquei que quasi todos os companheiros empunhavam as flores que os espíritos lhes tinham oferecido.

Com o meu coração cheio de felicidade e com três margaridas na minha mão, deixei o «André Luiz», ás 24 horas.

(a) *«Afonso Pinto da Fonseca.»*

—

«Uma sessão de efeitos físicos no Grupo Espírita «André Luiz», do Rio de Janeiro, á rua Moncorvo Filho, 27, sobrado, em 23 de Março de 1948.

—

«E' tempo de abandonar discussões fastidiosas e de expor os testemunhos pessoais que me convenceram da objetividade dêstes fenômenos.

Aos que não fizeram experiências semelhantes é quasi impossível dar idéia da influência e da acumulação de provas que nos levaram á convicção.»

Assim inicia Sir William Barrett, professor de física da Universidade de Dublin, o IV capítulo de sua substanciosa obra — «Nos Umbrais do Além», análise científica dos fenômenos do Espiritismo.

Assim tambem deixo o meu testemunho dos fenômenos de materialização luminosa, voz direta e de transporte, que presenciei no Grupo Espírita «André Luiz», do Rio de Janeiro.

Tinha vivos na memória, e no subconsciente acumulados, todos êstes fenômenos, que levaram á convicção dos factos espíritas o sábio Prof. inglês e que Richet, Lombroso e tantos outros de renome mundial, primeiro negaram para os confirmarem depois, vencidos pela evidência dos mesmos. Tais fenômenos, através de relatórios científicos surpreendem. Admirados na sua realização, deslumbram.

Eramos pouco mais de trinta pessoas numa reunião tão íntima, que se pode dizer familiar. Sala retangular e estreita, medindo cerca de três por nove metros de comprimento. Ao fundo um biombo de vidros fôscos e transparentes, a isolar da assistência a cama reservada ao médium. A' guisa de portas, pendiam-lhe das extremidades duas cortinas. Era a cabine formada á frente de pequeno quarto, onde foram postos sôbre tôsca mesa, um fogareiro elétrico, um vaso com água e outro com parafina. Completando o mobiliário, quatro ordens longitudinais de cadeiras dispostas frente a frente, a encherem quasi literalmente a sala.

Junto à porta de acesso ao recinto, que fora fechada, a mesa da presidência. 20 horas. Feita a prece inicial, foram apagadas todas as luzes, por determinação do Guia Espiritual. A escuridão é indispensável para os fenômenos luminosos, que se vão realizar, explicou. Quando em surdina um hino era cantado, pequena cruz luminosa se forma no espaço, para logo desaparecer. A convite da presidência, a Senhorita Lenice Teixeira Dias, academica de medicina, faz uma oração ao símbolo do Calvário. E nova cruz se forma, bem maior e mais refulgente, como se fôra cravejada de joias cintilantes. Exclamações foram ouvidas a confirmarem geral contemplação. Surgiu depois uma esfera luminosa que percorreu o recinto em todas as direções, quasi tocando algumas vezes as cabeças dos assistentes. Novo hino é entoado. Em caracteres de luz, vão escrevendo, na lousa da escuridão: David, Scheilla, Nina, Margarida. São nomes familiares de espíritos queridos que se anunciam.

Para os lados da cabine, flutua no espaço um retângulo de luz, como se fôra um espelho florescente, a refletir duas mãos, empunhando flores. O quadro deslumbra. Desloca-se para a direita e para a esquerda. Não perdi um só de seus movimentos.

Ei-lo que se alonga e desce ao centro da sala. Toma forma humana. O tronco iluminado. Pendentes dos ombros caem os braços envôltos em largas mangas de fino tecido transparente e luminoso. A cabeça numa penumbra, como que tendo um véu escuro a cair para trás. Avança. Estende-me uma flôr com a mão direita, a qual tomo entre as minhas, sentindo-a na sua forma e resistência, eu quanto com a esquerda, afaga-me a cabeça.

Afasta-se lentamente a distribuir flôres á assistência. Percorreu a sala toda e desapareceu, entrando na cabine. As flores que ficaram, frescas e viçosas, são reais e naturais: dalias, margaridas, cravos e hortênsias.

Conscientes, testemunharam todos a formação tangível do perispírito, fluidicamente iluminado, iluminando a imortalidade da alma nos dois planos da vida. Os mundos, dantes pela morte separados, são agora unificados pelo espírito, na inconteste manifestação dos seus atributos. Seis vezes o fenômeno se repetiu. Todos idênticos na forma, vestuário e luminosidade. Quando cada entidade se afastava, uma voz na cabine anunciava: David, Nina e Scheilla....

Contrôlo ou emitente, a materialização do espírito por todos verificada, é insofismável. Nos intervalos, relâmpagos iluminavam tôda a cabine, clareando as vidraças do biombo. A segunda entidade luminosa atravessa o recinto, passa pela minha frente, aproxima-se de um vizinho e debruça-se sôbre o seu corpo. Ouvi o estalar de um beijo.

O Dr. Amadeu Santos anuncia emocionado: «recebi um beijo de meu pai»! Era David. Ouvi o espírito dizer-lhe: «não chore; não se emocione».

A penúltima entidade não trazia flores. Saindo da cabine, dirige-se a mim diretamente. Tanto se aproximou que o seu véu de luz, caiu-me sôbre as mãos. Tomando-o entre os dedos, senti-o como se fosse de gaze. Afagou-me a cabeça e o rosto com as mãos, regressando em seguida. E a voz da cabine anunciou. «E' Petitinga». (Trata-se do pai adotivo de minha esposa). Outros espíritos foram vistos pouco iluminados, sendo um de criança, cuja voz infantil foi ouvida, cantando com a assistência o hino «Canção Materna». Vários assistentes relataram, ter recebido flores, passes, apertos de mão, e tocado as vestes luminosas. A, srtas. Lenice e Lais Teixeira Dias foram chamadas á cabine, onde conversaram com o espírito de Nina, que se apresentou todo iluminado, segundo relataram, e a minha esposa poude testemunhar, por se achar sentada junto á porta da cabine entreaberta.

Quando em pé, eu dava as minhas

impressões, uma flôr com algumas folhas, foi enfiada na minha mão direita, sem que visse, nem sentisse qualquer aproximação. Em seguida, uma voz da cabine perguntou: «Onde está a filha de Petitinga?» Voz conhecida, de um familiar. Estou aqui, José, respondeu minha esposa. «Petitinga lhe deixou uma flôr de parafina. E David uma luva». Por duas vezes o ambiente ficou saturado de inebriante perfume. Finalizou os trabalhos, evangélica alocução ouvida da cabine, a todos enternecendo. Encerrada a sessão depois de uma prece congratulatória, indizível contentamento dominava a assistência. Foi a cabine invadida e admiradas a luva e uma pequena orquídea moldadas em parafina.

23 horas e 50 minutos.

Tem razão William Barrett: «Aos que não fizeram experiências semelhantes, é quasi impossivel dar idéia da influência e da acumulação de provas que nos levaram á convicção.»

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1948.

(a) *Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino.*

Mistificação

PEREIRA GUEDES

A Igreja Católica Apostólica Romana, no uso dos seus direitos, também dogmatizados, servindo-se da interferência da Polícia, conseguiu fechar a Igreja do ex-bispo de Maura, fez cessar a circulação de sua revista, forçando-o ainda ao uso de uma indumentária diferente.

Teria havido razões para tudo isso? Não sabemos. O que é verdade, entretanto, é que o ex-bispo viu-se privado, de um momento para outro, de um direito que a Constituição lhe garante. A sua Igreja, tão boa quanto a outra, foi impedida de realizar seus cultos; sua revista LUTA! foi apreendida nas bancas dos jornaleiros e o velho sacerdote rebelado teve necessidade de modificar o figurino de sua batina que, de preta que era passa à côr cinza, visto que são essas exterioridades as maiores razões de ser de ambas as Igrejas que se degladiam.

Agora, o velho bispo, antigo secretário de Dom Leme, não tendo onde pregar, em virtude do fechamento de seu Templo, por ordem da Polícia, teve que curvar-se diante das autoridades, com certa reverência, pedindo misericórdia. Nas horas vagas, entretanto, o velho secretário do Arcebispado do Rio de Janeiro, vai pregando a sua mistificação pelos terreiros de «Umbanda».

O Padre Negromonte, pelas colunas de um órgão católico qua é o JORNAL DO BRASIL, também está reclamando contra os espíritas mistificadores, isto é, os que procuram de certo modo, imitar o catolicismo.

Deolindo Amorim, o admirável cronista de MUNDO ESPÍRITA, que rebate com precisa erudição os argumentos do Padre Negromonte, em seu artigo publicado em 28 de maio p. passado, acaba por concordar que o Padre tem razão. E, de facto, tem mesmo.

O Espiritismo está sendo desvirtuado, não só porque um grande número de espíritas está se voltando para o Ubandismo que é uma modalidade sincrética, com raizes na religião católica, como também, porque muitos espíritas místicos e mistificadores, estão usando e abusando do direito de fazer o que pensam em matéria de cultos e propaganda espirítica.

A criação do Apostolado Espírita Nacional, a União das Samaritanas Espíritas, os hinos que se cantam por toda parte, em congressos e festividades, o que são senão uma triste imitação das velhas e caducas religiões? E as festas juninas anunciadas pelo rádio e os fogos de artifício que se queimam no alto da *colina?* E os pregões dos leiloeiros e as barraquinhas (mafuás), o que são senão a imitação daquilo que tanto se tem combatido, como frivolidades? Serão êsses processos recomendáveis à propaganda do Espiritismo? Certo que não!

Mas, o Padre Negromonte tem razão. Ninguém lhe poderá contestar êsse direito, o de reclamar contra os que arremedam as práticas de sua Igreja.

Quando alguém nos veio trazer o MUNDO ESPÍRITA que acabava de chegar, para que lêssemos o belo artigo de Deolindo Amorim — IMITAÇÃO DO CATOLICISMO — estávamos lendo Cairbar Schutel em PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS.

Ao retomarmos a leitura do precioso livro do fundador desta revista, o trecho a seguir era o seguinte: (1)

> «Os pastores e os sacerdotes, arrendatários da Vinha — maus obreiros — que conspurcaram os sentimentos cristãos, transformando a Religião de Jesus em missas, imagens, procissões, aparatos, músicas, girandolas e sacramentos, são chamados às contas e o látego da verdade, desde já os expulsa da herdade que será entregue a outros para que os frutos da Vinha sejam dados aos famintos de Justiça, aos desherdados de consolação, aos que procuram a luz que encaminha e conduz à perfeição».

Aí temos pois, duas épocas distintas. Há, mais ou menos 28 anos passados, quando Cairbar Schutel lançou a 1.a edição de PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS, os meios espíritas não se achavam ainda contaminadas de tantas inovações descabidas. Naquele tempo, os brilhantes artigos, como os de Deolindo Amorim publicados recentemente em MUNDO ESPÍRITA, sob o título sugestivo de *Espiritismo e Sincretismo Religioso*, não teriam sido tão necessários como o foram na hora de confusões que estamos vivendo e assistindo de perto a mais torpe sincretização da até então mais pura de todas as doutrinas — o Espiritismo.

As opiniões apressadas que chegam a classificar no mesmo nível, sociedades espíritas, umbandistas e ecléticas; que comparecem, indistintamente, às sessões das primeiras como às batucadas das demais; que se misturam como se promiscuidade em movimentos de tão alta relevância significasse fraternidade, estão promovendo no movimento espírita do Brasil, a mais ridícula contaminação a que nenhum espírita consciente poderá emprestar a sua contribuição, principalmente como dependência ou ramificação do Espiritismo.

Deolindo Amorim, rebatendo as palavras do Padre «Negro Monte», acaba concordando com o sacerdote dizendo:

> «Infelizmente, lamentavelmente o Padre Negromonte não deixa de ter razão, Honestamente, sensatamente devemos reconhecer que, em parte, é Verdade. Sejamos coerentes. Convém notar que as grandes figuras da humanidade (Francisco de Assis, Paulo de Tarso, Antonio de Padua, por exemplo) não constituem propriedade da Igreja. Mas o que é verdade é que muitas sociedades espíritas procuram imitar o Catolicismo por todos os modos: nomes de *Santos* e *Santas*, prece do 7.º dia, prece «ação de graça» (missa), oferendas «por alma» do irmão Fulano ou Beltrano, etc.»

E o articulista, sensatamente, pergunta:

> «Que quer dizer tudo isso, senão cópia do Catolicismo?»

* * *

A rebeldia do bispo D. Carlos Duarte Costa, ex-bispo de Maura, contra o ultramontanismo romano, apesar-de estar preparaudo outra mixordia, significa que, mesmo no Brasil, o maior país católico do mundo, no dizer de um Arcebispo estadunidense ao saudar o Presidente da República do Brasil em sua recente viagem à grande República do Norte, o Catolicismo que é o mais bem organizado partido político do mundo, e de âmbito universal, não está assim, tão seguro como quer parecer a tanta gente!

---

(1) *Parábolas e Ensinos de Jesus, página 47.*

A comemoração do dia de S. Jorge, nesta Capital, é a prova incontestável do engrazamento dessas duas correntes religiosas—o Catolicismo e o Umbandismo—formando êsse rosário místico que, tanto na Igreja como no Candomblé, tem a mesma significação.

O Catolicismo, em suas festas e missas de grande pompa, como as de S. Jorge e São Sebastião, tem a contribuição valiosa, em número, dos «umbandistas», «cangeristas» e até de espíritas arrevezados.

Ao assistirmos do 8.º andar do Palácio da Guerra, a multidão que formava a fila, de mais de um quilómetro, para assistir a missa de S. Jorge, disse-nos um fervoroso católico que, a maior parte daquela gente era de «umbanda» e de «macumba», que aliás se confundem nos mesmos ritos e objetivos.

O Templo do Senhor do Bonfim, em São Cristovão, êste ano, realizou, à moda da Bahia, com autênticas baianas, de saias rodadas, tôrso, braceletes e balangandãs, a cerimônia de lavagem do chão. Os jornais de grande tiragem comentaram o acontecimento com fotografias ilustrativas do facto. Ao ato, compareceram altas autoridades e personagens de destaque, na política e nas rodas de Umbanda.

Da Bahia veio de avião o sr. João Alves Torres, o maior «babalaô» de fama reconhecida nos meios umbandistas, depois do seu rival, o Cobra Coral, que suicidou-se recentemente.

* * *

Agora, voltando ao assunto anterior, isto é, o da imitação pelos espíritas, das práticas católicas, recordamos de alguém que nos dissera certa vez, que, em imitar o que é bom, não há nenhum mal para o Espiritismo. Mas, a êsse alguém que é confrade, perguntaremos: fazer leilões de prendas, cantar hinos, promover festas juaninas, churrascadas, bailes, barraquinhas para a venda de artigos vários, tipo «mafuá» que a Igreja do Engenho de Dentro instituiu e dos quais falava Viana de Carvalho em seus belos artigos críticos pelo jornal «AURORA», de Ignacio Bittencourt; mocidades uniformizadas, comemoração dos dias dos Santos da Igreja e denominação de sociedades espíritas com nomes de personagens que a Igreja romana exalta, como Santa Terezinha, S. Jorge, etc., será isso boa imitação? Tudo isso, entretanto se anuncia pelos jornais e pelo rádio, principalmente as festas com fogos de artifício, e por péssimos *pirotécnicos* da palavra, será, repetimos, bôa imitação? Mas, se continuarmos percorrendo as ruas da Capital Federal, tendo em mão o indicador das Associações Espíritas ou tidas como tais, em pleno funcionamento; se assistirmos os seus trabalhos ou cultos, havemos de concordar com o Padre Negromonte, porque, o Espiritismo, hoje apregoado e praticado como está sendo, não há dúvida alguma, caminha a passos largos para êsse sincretismo religioso de que nos fala, com tanta justeza, o cronista admirável de «MUNDO ESPÍRITA».

Está provado que o povo gosta dessas extravagâncias místicas.

A «Fraternidade Eclética, Espiritualista Universal», que tem por mentor um excêntrico «mestre Yokaanam», instalada bem no centro da maior avenida da Capital, é, em seus dias de sessões (principalmente de sessões de umbanda), um verdadeiro formigueiro humano.

Em matéria de rituais, a «Eclética», como se fôsse uma loja, daquelas — nada além de 2$000 — tem de tudo.

Alí se praticam todos os ritos, e, para não fugir à regra estabelecida, também tem a sua mocidade espírita, MAHATMA GANDHI, a cuja inauguração compareceram os espíritas de maior influência nos meios juvenis, emprestando o concurso de velha experiência na organização dêsse grande movimento renovador.

Essa organização eclética é, talvez a mais famosa no gênero, pois, desde a indumentária da irmandade até os rituais das várias seitas que alí se praticam, excedem a tudo quanto existe em matéria de excentricidade.

Concluindo, para mais uma vez concordarmos com o Padre «Negromonte», recordemos um facto mais: na vizinha cidade fluminense de Marquês de Valênca (já tivemos oportunidade de acentuar em artigo anterior), foi realizada ha alguns anos atrás, com grande pompa, uma procissão, que, acompanhada por uma banda de música, em perfeita imitação das que a Igreja promove, só não teve, para mais perfeita cópia, os fógos de artifício, isto é, o foguetório, porque, essa *inovationem* novissima, cabe, de direito e de justiça, em festas espíritas, a cérebros mais famosos na arte do vilipêndio.

Rio, Junho de 1949.

Crônica Estrangeira

Uma Notável Sessão

Por Frederico Duarte, Manchester.

A's três horas da tarde do dia 21 de Março do corrente ano, telefonei a Madame Bullock perguntando-lhe se poderia ir visitá la e ao seu marido durante a noite daquêle dia. Desejava mostrar-lhes o interessante livro do Padre Zabeu, cujo exemplar me foi enviado por pessoa amiga de São Paulo.

Disse-me que contava reunir em sua casa um grupo de pessoas pertencentes ao Rainbow Harmony Circle e convidados desconhecidos para mim, e naturalmente que ficaria muito contente em verme também alí.

Cheguei a sua casa ás 6 e meia da tarde e depois de cumprida a minha missão, ficámos aguardando os convidados.

Entre o total de 12 pessoas, incluindo a Madame Bullock, havia seis (dois casais, e dois homens de meia idade) a quem eu nunca tinha visto antes, tendome sido dito que um dos maridos e os dois homens eram dotados de poderes notáveis de curar por meio de passes (Healing).

Ficámos todos na sala de visitas tendo-se apagado a luz elétrica mas havendo um clarão distinto emanado do fogo do carvão, do fogão da dita sala, que nos permitia distinguir-nos uns aos outros.

Passados uns minutos Madame Bullock caíu em transe e a primeira visita que tivemos foi da avó duma das senhoras presentes que tinha desincarnado uma semana antes.

Falou com a neta sôbre assuntos íntimos que muito comoveram a ela e ao seu marido, apelando para ambos a continuarem com a sua obra.

Por muitos anos que essa senhora, que deixou esta terra aos 62 anos de idade, reunia em sua casa todas as semanas um grupo incluindo a neta e o marido.

Cairbar Schutel

Transfigurou-se a seguir o belo Cairbar, todo sorridente, e que me falou assim: — Olá Duarte, você é homem de palavra. Agradeço-lhe ter enviado já os seus escritos como me prometeu lá para a Revista e assim saiba que tudo se póde fazer quando haja «boa vontade», perseverança, e acima de tudo a Fé. Nós por aquí tratamos de guiar aqueles que trilham pelo caminho do Bem O Gabriel está fazendo bons progressos. Você, Duarte, não arreie, pois ha-de ter sempre uma cama onde se deitar e uma chávena de chá e torradas para comer!

Começou a sorrir-se, e esta sua afirmação produziu hilaridade entre todos, mas Cairbar assim terminou: —

Sim, meus irmãos, se todos vós fordes honestos, sinceros, benévolos e crentes, nada há que receiar, pois que o Sêr Onipotente vos protegerá sempre.

Minha Mãe

Apareceu-me a seguir a minha mãe, que sorrindo disse-me: —

Frederico, o senhor Schutel é muito teu amigo.

Transfiguram se depois mais dois espíritos que foram reconhecidos, e finalmente o guia de Madame Bullock, a «little Moonie» disse que ia terminar agora o seu trabalho, para eu «uncle Fred» e os restantes observarem outros fenômenos.

Madame Bullock clarividente

A Madame Bullock depois de regressar ao seu estado normal disse-me: — Fred — A tua presença aquí foi sem dúvida arranjada pelos nossos amigos do Além, com o fim de haver evidência tal que os outros presentes reconhecerão como sendo uma bela lição.

Começou depois a dizer mais: —

Encontra-se ao teu lado esquerdo o FENG, e do outro lado está o outro teu guia, o Padre Domingos. Noto que estão ambos muitos sérios.

Mal tinha acabado de falar quando um dos homens, meu desconhecido, se levantou em completo transe, dirigiu-se à Madame Bullock tendo-lhe dado uns passes (Healing) e fazendo uma reverência e o sinál da cruz, voltou-se na minha direção.

Seria por ventura o Padre Zabeu?

Fez uma reverência e disse em latim «DOMINUS VOBISCUM ..»

De minha parte respondi-lhe também nêsse idioma

Começou a dar passes pela minha vista e de repente puxou-me para trás da cadeira de braços onde eu estava sentado, e colocou me numa posição tal que pareceu estar eu deitado numa cama. Aproveitei a oportunidade de estar assim perto da minha face, fazendo-lhe a seguinte pergunta: — Serás tú o belo espírito do Padre Zabeu? Sorriu-se e só disse: — Hum, Hum, Hum, e em inglês numa voz forte me pediu para continuar com o meu tratamento das ervas.

Passados uns cinco minutos deixou-me e foi sentar-se.

Um dos maridos levantou-se e estando controlado pelo espírito dum doutor do Egito, produziu um magnifico discurso, louvando o grande valor da água, sal e das ervas.

Terminada a sessão passei aos presentes o livro do Padre Zabeu e todos ficaram um tanto perplexos ao verem alí uma das fotografias onde o Padre Zabeu está fazendo uma operação e a própria Madame Bullock pensa que a fórma como eu fui atirado para o lado da cadeira, demonstra que há uma certa «afinidade».

Mas Madame Bullock, nem qualquer dos presentes poude conseguir saber da identidade dêste nosso amigo do Além.

Todavia, Padre Zabeu ou não Padre Zabeu, desejo publicamente agradecer-lhe pela sua visita e quando desejar voltar a ver-me que seja franco e me diga quem é.

O caso é que nunca gostei de «sugerir» e pensar ser verdadeira a identidade de qualquer espírito que me apareça sem me encontrar absolutamente convencido da verdade dos factos...

A Propósito do Mistério do Cérebro

«La Revue Spirite»

Um livro sôbre a agonia cita uma série de factos surpreendentes:

Êste caso relatado pelo Dr. Gustavo Geley: Uma religiosa de Tinos, louca havia oito anos, certa manhã assegura ao Dr. Sermyn, diretor do asilo, que morreria na noite seguinte, revelando propósitos sensatos, razoáveis.

Martensen-Larsen cita exemplos análogos, especialmente o de um médico militar alienado que, aos 56 anos, tentou massacrar todos os membros de sua família e especialmente sua irmã. Pouco tempo antes de morrer, recuperou a razão e escreveu cartas implorando perdão aos que havia ofendido.

G. W. Siuya tinha um amigo, um proeminente vienense, cujo irmão estava internado havia longos anos. O diretor do manicômio mandou chamá-lo, seu irmão desejava falar-lhe. Êle encontrou êste último em estado perfeitamente normal, mas a morte se verificou pouco depois. Feita a autopsia, o cérebro estava em estado de decomposição que devia remontar a muito tempo. Donde viera ao enfêrmo a sua lucidez? Em certos casos a dissolução do cérebro não determina a perda de consciência, da razão, nem da vontade. O anatomista Benecke, de Berlin, afirmava a seus discípulos que a autopsia do célebre arquiteto Schinkel, morto em pleno uso da razão, demonstrou estar a caixa craniana, exceptuando as meningeas, completamente vasia. «Eu poderia citar mais alguns casos dêste gênero, declarou o Dr. Benecke, que expõe casos de ferimentos de guerra com perdas de vastas porções cerebrais sem a ocorrência de perturbações.

«Muitos factos desta categoria podem ser encontrados nos jornais de todas as potências beligerantes. Razão por que me dirigi ao célebre cirurgião, o prof. Schleich, que servia no 3.º Corpo do Exército, em Berlim, perguntando-lhe se também êle havia observado graves ferimentos no cérebro, com perdas importantes de massa cerebral, sem perturbações nas faculdades espirituais dos mutilados de guerra. A minha pergunta, respondeu o Dr. Schleich a 7 de Janeiro de 1918:

«Em resposta à vossa pergunta, eu vos afirmo, sob a fé de meu gráu, que tratei de cêrca de 20 casos de mutilações de cérebros, com perdas de substâncias do valor de uma a muitas colheres, sem que houvesse a menor perturbação na inteligência, a faculdade de calcular (contar) e a integridade do *eu*. Para meus assistentes e enfermeiras surgia a *questão de saber* si, em presença dessas perdas de massa cerebral, o cérebro poderia ser a séde da alma? Podeis citar a minha carta onde quiserdes, meu caro amigo, porque os factos são factos!

Professor Schleich».

Eis o que não nos conduz ao famoso paralelismo do cérebro e do pensamento, sôbre o qual está fundada a ciência universitária oficial!

A respeito do pensamento, M. Lefeuvre repete, como tantos outros:

Em seguida ás asserções materialistas que fazem do pensamento uma secreção do cérebro, eminentes cirurgiões nos asseguram que indivíduos continuam a pensar, a agir normalmente, «não obstante um cérebro reduzido ao estado de papa formando um vasto abcesso purulento; não obstante a perda de enorme parte do hemisfério cerebral esquerdo, não obstante ter-se a massa encefálica completamente destacada do bulbo, nas condições de um homem realmente decapitado»; etc., etc. Casos desta espécie são numerosos. Esses factos nos dão a prova formal de não ser o pensamento uma secreção do cérebro e, a êste respeito, não resisto ao desejo de citar o sábio Dr. Geley:

«Existe no Sêr vivente um dínamo-psiquismo que constitúe a essência do *eu*, e que absolutamente não póde estar subordinado ao funcionamento dos centros nervosos. Êsse dínamo psiquismo essencial não está condicionado pelo organismo, ao contrário, tudo se passa como se o organismo e o funcionamento cerebral fossem por êle condicionados».

Intervenção Fantasmática

Dorothy Jennings conta, na revista «A Rosacruz», de Janeiro-Fevereiro, que tendo ido passar uma semana numa casa de campo, uma sua amiga alí hospedada, que estava tocando piano, interrompeu-se para lhe perguntar se lhe agradava que ela continuasse a tocar a sinfonia de Brahms. Enquanto lhe respondia afirmativamente, surgiu na sala a figura de uma rapariga, o que lhe causou grande admiração, porque na casa não havia nenhuma rapariga.

Por fim, Dorothy reconheceu naquela figura uma sua amiga falecida havia dois anos, Molly H. O fantasma parou diante dela, olhou-a profundamente de modo tal que Dorothy compreendeu a sua mensagem sem palavras: a mãe de Molly, a quem ela amava ternamente, em breve iria passar a novo plano de vida.

Depois de regressar a seu lar, Dorothy teve ocasião de verificar que a mãe da amiga estava de perfeita saúde. Duas semanas mais tarde, porém, a sra. H... caíu enfêrma com uma pneumonia. Como Dorothy estivesse convencida de que dispunha de poder curativo, colocou as mãos na cabeça da doente, semi consciênte, e numa prece, pediu a sua cura.

Volvidos instantes, apareceu sôbre a cama o rosto de uma jovem, depois os ombros e por fim todo o busto. O fantasma fez sinál a Dorothy para que retirasse as mãos da cabeça da anciã, ao que ela obedeceu. Embora a figura fantasmática tivesse parecença com a família H., Dorothy concluíu que não se tratava de nenhuma das duas filhas falecidas, e, enquanto continuava olhando, descobriu a verdade: Era o espírito da própria anciã, e como a vitalidade das mãos de Dorothy a atraísse para o velho corpo do qual desejava libertar-se, fez-lhe o pedido diretamente.

Nessa noite morreu ás duas horas da manhã.

E a narradora conclúe assim:

«Eu nunca poderia, anteriormente, ter acreditado na alegria que, em meio da tristeza da morte, sentem as pessoas que normalmente se libertam do corpo físico, assim como também aqueles que, não pertencendo já ao mundo dos mortos, esperam a nossa chegada ao reino superior. E' significativo que a filha da sra H. tivesse conhecimento da próxima chegada desta última a êsse Mundo, com três semanas de antecipação (e possivelmente muito antes disso) e em ocasião que a sra. H. estava gozando de perfeita saúde. Isto significa que o momento da morte está de antemão fixado nos casos normais . . .»

ESPIRITISMO NO BRASIL

I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo

Reportagem de: Nair de Moura e Amelia Anháia Ferraz

Conforme foi amplamente divulgado, o Departamento das Mocidades da União Social Espírita (USE) fez realizar nesta Capital (S. Paulo), nos dias 8, 9 e 10 de Julho, a I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, para tratar dos seguintes assuntos: a) UNIFICAÇÃO: 1 — Meios para unificação; 2 — Mensário para as mocidades. b) ORGANIZAÇÃO: 1—Estatuto Modelo para Mocidades independentes; 2 — Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros; 3 — Padronização de nomes das Mocidades.

O Departamento das Mocidades da U. S. E. dividiu o nosso Estado em sete zonas, nas quais se realizaram reuniões prévias dos jovens das respectivas cidades de cada zona, para serem colhidas sugestões em torno dos assuntos acima citados.

A's 18 horas do dia 9 foi oferecido um lanche ás mocidades representadas no certamen, pela Mocidade Espírita do Bosque da Saúde e U. M. E. S. P., na séde do C. E. «Bôa Nova» do Bosque da Saúde.

A's 17 horas do dia 10, a Mocidade Espírita L.A.P.P.A. ofereceu também um lanche aos moços congressistas, na Sociedade Mútua, Lapa.

As reuniões plenárias do dia 8 tiveram lugar na séde da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém; do dia 9, na séde da Liga Espírita do Estado de São Paulo e do dia 10 na Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde, ás 20 horas realizou-se a Sessão Solene de Encerramento tendo sido lidas, nessa ocasião, as Conclusões da I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, que passamos a transcrever:

Conclusões da I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo

1 — No que toca aos *«Meios para a unificação de Mocidades»*.

a) Unificação por meio de propaganda e no campo da caridade.

b) Ação conjunta entre as mocidades duma mesma cidade, correspondência ampla entre as cidades, confraternizações regionais periódicas.

c) Orientação das atividades através de um órgão estadual e das atividades dos Estados num órgão nacional de moços.

d) Quanto à unificação das Mocidades do mesmo bairro ou cidade: 1) reuniões conjuntas, periódicamente; 2) realizar cada sessão em Centro Espírita diferente; 3) visitas a hospitais, em conjunto; 4) obras sociais em conjunto.

e) Quanto à unificação de Mocidades de cidades diferentes, ou no âmbito estadual: 1 — visitas coletivas periódicas; 2 — apoiar as semanas espíritas, onde deve ser feito estudo pertinente ao movimento de moços.

f) Aproveitar o plano do Departamento das Mocidades da USE com relação à divisão do Estado, e realizar reuniões trimestrais ou semestrais, reunindo em cidades diferentes as Mocidades de cada zona.

2—No que toca ao *«Mensário como meio de Unificação»*.

a) Páginas ou colunas nos jornais espíritas, profanos ou leigos, recomendando-se a creação de um mensário para o futuro.

3 — Com referência à *«Padronização de Nomes»*.

a) A mocidade terá o nome da cidade ou bairro (se fôr o caso) com o nome da cidade entre parentesis.

b) Quando houver mais de uma no mesmo bairro ou cidade, a mais velha conservará o nome, adotando a mais nova o que lhe convier.

4—Quanto à forma de organização das Mocidades Autônomas *«Estatuto Modelo»*.

a) Que a Mocidade seja composta de uma Diretoria e Conselho Consultivo.

b) Que a Diretoria tenha 10 membros, a saber: Presidente, vice-presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, 1.º tesoureiro, 2.º tesoureiro, Diretor de Propaganda, Diretor de Estudos, Diretor Social e Bibliotecário.

c) Que não deve haver limite máximo de idade para os membros da Direção Social.

d) Que a eleição dos membros da Diretoria seja feita pelos sócios.

d) Que o Conselho Consultivo tenha número indeterminado de membros, a critério de cada Mocidade.

r) Que os membros do Conselho Consultivo sejam eleitos pelos moços dos Centros ou fóra deles.

5) Quanto ao *«Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros»*.

a) Que a Mocidade Departamento de Centro seja constituida de uma Diretoria com 10 (dez) membros, a saber: presidente, vice-presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, 1.º tesoureiro, 2.º tesoureiro, bibliotecário, Diretor de Estudos, Diretor de Propaganda e Diretor Social.

b) Que o Centro tenha junto à Mocidade um representante com funções consultivas.

c) Que não deve haver limite de idade para inscrição, bem como para votar e ser votado, desde que o associado tenha seis meses de atividades social.

d) Que a eleição dos membros da Diretoria seja feita pelos sócios, por votação secreta ou aclamação.

Aspecto de uma das reuniões plenárias

NOTA: — Dada as muitas sugestões e emendas aprovadas em plenário quanto ao Estatuto para Mocidades Autônomas e Regimento Interno para as Mocidades Departamentos de Centros, a Comissão de Redação houve por bem apresentar, de forma sintética, sómente o que de substancial foi deliberado.

ass.) Jaci Regis, M. E. Estudantes da Verdade, Santos; Angelo Pio da Silva, M. E. São João da Bôa Vista; Martinho Levy Olivato, M. E. Limeira; Daisy Jurgensen, M. E. Campinas; Nelly de Barros, M. E. Cachoeira Paulista; Altivo Ferreira, M. E. Barretos; Geraldo Sampaio Faver, M. E. Bebedouro; Dinorá de

Melo Pereira, M. E. Mirassol; Joaquim José Coelho, M. E. Tupan; Anesiades Salati, M. E. Piracicaba; Cataldo Quatrochi, M. E. Casa Verde (Capital); Francisco Spina, M. E. Belém (Capital); Lazaro Alves da Costa, M. E. Cruzeiro; Orlando Toledo, M. E. Araraquara; José Franco de Oliveira, M. E. Mogi-Mirim; José Silveira da Cunha Martins, M. E. Botucatú; Illo Alves Guimarães, M. E. São José dos Campos; Sebastião Costa, M. E. Brás, (Capital); Aldir Guedes, M. E. Baurú; Acacio Augusto Silva, M. E. Jaboticabal; Flavio Bronizecki, M. E. Santo André; Roberto Silva Bojikian, M. E. Jaú; Ivan Roriz Silveira, M. E. Penha, (Capital); João Baptista Silveira Martins, M. E. São Manoel; Dora Fernandes, M. E. Tatuapé (Capital); Dante Gandolfi, M. E. São Paulo (Capital); Elza Mazzonette, U. M. E. Lapa (Capital); Eusvaldo Marquez, M. E. Franca; Amelia Anháia Ferraz, M. E. Bosque da Saúde (Capital). Nota: — As seguintes delegações deixaram de assinar devido terem se retirado antes da Sessão Solene de encerramento, ocasião em que estas conclusões foram apresentadas: M. E. Ismenia de Jesus, de Santos; M. E. Jundiaí; M. E. Santana (Capital); M. E. Amparo; M. E. Guaratinguetá; M. E. Jacareí; M. E Ribeirão Preto; M. E. Sorocaba; M. E. Taubaté.

Impressões de representantes de Mocidades

Durante as três reuniões plenárias, o Departamento das Mocidades da U. S. E. colheu impressões de representantes de mocidades, com o intuito de registrar o pensamento daqueles que participaram ativamente do certamem.

Pelas opiniões, abaixo expressas, vislumbramos o que de concreto houve antes, durante e depois da Primeira Reunião das Mocidades Espíritas de nosso Estado.

Inicialmente foi abordado pela reportagem o representante de Baurú, Aldir Guedes.

— O que achou das *reuniões prévias?*, perguntamos.

— Prontamente obtivemos a seguinte resposta: «As Mocidades do Interior tiveram a oportunidade de fazer valer suas opiniões, embora orientadas sob um espírito de certa coação. Agradou no entanto, a informação de que os assuntos ventilados ali seriam postos em discussão na I Reunião. Tivemos a satisfação de verificar que de facto isso aconteceu.»

Procuramos ouvir em seguida, mais um representante de Mocidade em torno do mesmo assunto. Acacio Silva, de Jaboticabal, disse-nos a respeito:

— «As reuniões prévias foram ótimas em virtude do efeito produzido no seio das Mocidades».

Sôbre o momentoso assunto: Unificação, colhemos várias impressões que aquí fazemos constar:

Perguntamos ao jovem Altivo Ferreira, de Barretos, se *a divisão do Estado em zonas favorecia a unifição.*

— «Segundo o que pudemos observar — declarou-nos — durante as reuniões prévias realizadas pelo interior, somos de parecer que sim.»

A Mocidade de Limeira, na pessoa de Martinho Olivato, expendeu sôbre o mesmo assunto:

— «Perfeitamente, pois a divisão do Estado em zonas favorece a realização de maior número de reuniões em cada zona.»

A delegação de Araraquara inquirida sôbre o mesmo assunto disse-nos:

— «Favorecerá, se o Departamento das Mocidades da U. S. E. se encarregar de convocar as reuniões. Do contrário, o intercambio entre as Mocidades Espíritas obedecerá outros imperativos e afazeres.»

Sôbre a *padronização de nomes* a reportagem ouviu o jovem Roberto da Silva, de Jaú:

— «A padronização de nomes proporciona beneficios em favor da unificação. A unificação faz com que doravante haja um grande exercito espalhado por todo Estado para expurgar o mal da humanidade.»

Por Piracicaba falou sôbre o mesmo assunto a srta. Olga Toledo:

— «Como o nome de nossa Mocidade já se achava padronizado, não fomos beneficiados por essa decisão.»

Sôbre o *Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros* ouvimos o sr. Lázaro Consta representante de Cruzeiro que assim se expressou:

— «Estamos de acôrdo «in totum» com o Regimento Interno aprovado pelo Plenário desta I Reunião. A Mocidade Espírita de Cruzeiro enquadra-se perfeitamente dentro do mesmo.»

A Mocidade de Belém (Capital) também fala sôbre o mesmo assunto:

— «Sim. Pois o Regimento Interno aprovado nesta I Reunião foi ótimo e além disso, elaborado em conjunto, dentro da maior ordem possível. Mesmo que não seja de todo utilizado nos servirá de modêlo. Para o futuro também nos poderá servir o Estatuto Modelo para as Mocidades Autônomas, aprovado nesta I Reunião, caso esta Mocidade se torne uma delas.»

Outro assunto ventilado na I Reunião foi a *elaboração de um Estatuto Modelo para Mocidades Autônomas.*

O jovem Cataldo Quatrochi de Casa Verde (Capital) disse-nos:

— «A Mocidade Espírita de Casa Verde adotará o Estatuto Modelo aprovado na I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, aplicando o esforço e a compreensão, em retribuição ao muito que seus delegados emprestaram na elaboração do mesmo, trabalho êsse que visou principalmente a organização e a unificação das entidades moças do Estado, na tarefa elevada e sublime do progresso e fraternidade.»

Desejosa de saber se as conclusões da I Reunião afetariam a organização das Mocidades, ouvimos a delegação da Mocidade Espírita Lapa (Capital) que nos declarou:

— «Em absoluto, porquanto o que vem de se resolver, tão fraternal e democraticamente, sob a égide do Departamento das Mocidades da U. S. E., veio de encontro aquilo que, também, a «L. A. P. P. A.», busca alcançar.»

Procuramos ouvir ainda mais uma opinião em torno do mesmo assunto cabendo à delegação da Mocidade Espírita do Bosque da Saúde responder-nos.

— «As conclusões da I Reunião afetará muito pouco a atual organização da nossa Mocidade. Os Cooperadores Sociais por nós adotados têm funções consultivas e o plenário aprovou o regime de Diretoria e Conselho Consultivo, o que será facil adaptar para nós. Desejamos registrar ainda a magnifica conduta do Departamento das Mocidades da U. S. E., que soube manter-se imparcial durante os debates.»

Para finalizar as rápidas opiniões dos representantes de Mocidades aquí incetadas, ouvimos a delegação da Penha (M. E. Afonso Mascarenha). Qual sua impressão da I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo? inquirimos.

— «A reunião valeu por uma afirmação de fraternidade. Salve o Espiritismo que tanto esclarece! Salve os moços que tão bem o estão compreendendo! Que Jesus receba o nosso trabalho!

Registramos a presença na I Reunião, dos representantes do Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil que, atendendo ao nosso convite assistiu o desenrolar do certame.

O confrade Atlas de Castro, ouvido, declarou-nos:

— «Minha impressão é a melhor possível sôbre todos as aspectos. Mesmo que a Reunião não atingisse os objetivos da unificação de princípios das Mocidades Espíritas de São Paulo, conseguiria certamente um outro objetivo tão importante quanto aquele: a confraternização dos moços espíritas do grande Estado. Na qualidade de presidente do Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil, orgão que confraterniza o movimento dos moços espíritas de nossa Pátria, regressarei ao Rio de Janeiro, certo de que, as Mocidades Espíritas de São Paulo não representam uma simples esperança, porque encarnam a realidade dos elevados ideais cristãos que norteiam os moços espíritas do Brasil para a vitória da Causa Sagrada que redimirá a Humanidade.»

O confrade José Augusto dos Santos, membro também do Conselho Consultivo das M. E. B. disse-nos:

— «Levo a melhor das impressões! Digo isto, porque de todos os movimentos de moços espíritas êsse, ao meu ver, alcançou o verdadeiro objetivo: a unificação de princípios. O Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil olhando com carinho o trabalho dessa I Reunião que teve as proporções de um Congresso, sabe que se as mocidades não ficarem unidas, realmente pela letra das conclusões, sem dúvida, os jovens estão mais unidos pelo Amor Fraternal, através da aproximação dos seus corações.»

Sanatório «Américo Bairral»

Achando-se em Itapira, onde fôra assistir ao casamento da srta. Zoraide Bianchi, atendendo a amável convite o nosso companheiro Costa Filho fez, no dia 21 de Junho último, uma demorada visita ao Sanatório «Américo Bairral», que constitúe um testemunho da fé de sua benemérita fundadora Gracinda Batista e de seu dedicado esposo Onofre Batista, nosso ativo representante.

Trata-se, efetivamente, de uma obra filantrópica de grande vulto, que não só engrandece o nome do Espiritismo como também o nome dos seus fundadores, diretores e auxiliares. O Sanatório possúe todas as comodidades exigidas por um estabelecimento dêsse gênero, obedecendo à risca todos os requisitos da higiene.

Tivemos a oportunidade de vêr enorme correspondência, que é atendida pelo incansável confrade Cesar Bianchi, coadjuvado por sua dedicada companheira na direção dos trabalhos internos. Nessa ocasião lemos uma carta da família de uma professora da Capital do Paraná, pedindo internação de referida professora nêsse Sanatório, pedido feito em nome de D. Gracinda Batista.

A's 17 horas dêsse mesmo dia, o nosso companheiro Costa Filho, depois de tocante prece e breves palavras proferidas por Cesar Bianchi, fez uma palestra evangélica que foi ouvida silenciosamente pelos duzentos e tantos enfêrmos mentais internados nêsse Sanatório, usando também da palavra o companheiro Onofre Batista.

A diretoria do Sanatório está terminando mais um amplo pavilhão próprio para o teatro espiritualista, o que dará maior relevo à obra.

Em Campinas

As atividades do Centro Espírita «Allan Kardec»

Achando-se em Campinas em fins de Junho último, hospedado na residência do prezado confrade Servilio Marrone, afim de submeter um dos olhos a delicada operação, o nosso companheiro Costa Filho, teve o feliz ensejo de sentir as vivificantes vibrações espirituais e o calor do entusiasmo dos confrades que prestam sua colaboração ao Centro Espírita «Allan Kardec» no desenvolvimento do seu vasto programa de ação.

No momento os diretores dêsse Centro acham-se empenhados na construção de uma grande obra educacional, qual seja o Educandário «Euripedes». Para levar a cabo êsse empreendimento de vulto, estão realizando festivais artísticos que contam com a cooperação de artistas conhecidos entre os quais um aplaudido tenor italiano, cujo nome nos foge à lembrança, festivais êsses concorridissimos, ficando o salão à cunha.

Fizemos uma demorada visita à construção do Educandário «Euripedes» e ficámos abismados ante o vulto do empreendimento, que não póde deixar de ter o seu fundamento na ação da Milícia Celestial e na bôa vontade de um pugilo de verdadeiros cristãos. E puzemo-nos a lamentar o facto de não termos feito antes essa visita para dar a público, esta grandiosa notícia.

O primeiro pavimento já está construído dentro do seu amplo traçado, com inúmeras acomodações e departamentos, com suas divisões para homens e mulheres, a começar do sistema sanitário, tudo obedecendo aos requisitos da higiene. O segundo pavimento já está sendo levantado, com outras tantas acomodações e departamentos.

E' uma obra calculada no mínimo, em três milhões de cruzeiros. Quando ficar terminada, milhares e milhares de jovens e crianças encontrarão nela a luz do saber e a profissão que os farão enfrentar e vencer as duras pelejas da vida terrena. O Centro Espírita «Allan Kardec» está em ininterrupta atividade. O Espiritismo aí é estudado no seu tríplice aspecto, dentro daquêle espírito de fraternidade ensinado e praticado por Jesus e que deve caracterizar o verdadeiro espírita.

A todos os confrades que dispensaram atenção ao nosso companheiro Costa Filho e em particular ao sr. Servilio Marrone e sua esposa D. Maria Marrone, o nosso muito obrigado.

Enlaces Matrimoniais

Realizou-se no dia 10 de Julho último, ás 17 e meia horas, na residência da mãe da noiva, o enlace matrimonial do sr. Arminio de Arruda Camargo, conceituado comerciante nesta cidade, com a prendada senhorita, prof.ª Isabel Perche, filha da nossa companheira D. Elvira da Silveira Perche.

Serviram de paraninfos, no ato civil, por parte do noivo, o sr. Paulo Cicogna e sua exma. esposa D. Sálua G. Cicogna e por parte da noiva, o sr. Teofilo Perche da Silveira e sua exma. esposa, D. Olga Barbieri Perche.

A's 20 horas, o novo par seguiu de automovel para Ibirá.

Aos convidados foi oferecida lauta mesa de doces e bebidas.

Aos nubentes, desejamos paz e felicidade e muito progresso espiritual.

Gratos pelo convite com que fomos distinguidos.

—

No dia 22 de Junho último, ás 15 horas, realizou-se, em Itapira, o enlace matrimonial da prendada srta. Zoraide Bianchi, dileta filha dos prezados confrades Cesar Bianchi e D. Dalila Batista Bianchi, com o distinto joven Ulrich Fritz Gerhard Engel, residente em Belo Horizonte.

Serviram de paraninfos, no ato civil, por parte do noivo, o sr. Eduardo e Eva Engel, e por parte da noiva, o sr. Onofre José Batista e Ordalia Stolfi.

Aos convivas foi ofertada farta mesa de doces e bebidas.

Saudando os nubentes, fizeram uso da palavra os companheiros Costa Filho, que falou em seu nome e em nome da família espírita matonense, Cesar Bianchi e Onofre Batista.

A's 17 horas, o jovem casal seguiu de automovel para São Paulo, onde tomou um avião que o conduziu à Capital Mineira.

Ao distinto par, as nossas sinceras felicitações e votos de paz e progresso.

João Fusco

A exemplo dos anos anteriores as diretorias dos Centros Espíritas «Ismael», «Cairbar Schutel» e «João Fusco» da Capital de São Paulo realizaram sob os auspícios da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, na séde do Centro Espírita «Ismael» sito á Rua Padre Machado, n.o 466. bairro de Vila Mariana, no dia 3 de Julho último, uma grande reunião diurna em homenagem ao inesquecível companheiro da Doutrina JOÃO FUSCO pela passagem de seu 4.o aniversário de desincarne.

A reunião teve início ás 15 horas sob a direção dos companheiros: Armando Fusco, Alfredo Pagliarini e Thomé de Souza Fusco, onde tomaram parte todas as crianças de Catecismo dos referidos Centros, que se fizeram ouvir em poesia, diálogos, parábolas, entre elas destacamos: Srta. Euzapia Paladino, declamando «Suplicando», «Ao Orfão» e «Escola Nova»; menino Mauricio Guidini, «Aviso aos Incautos», «O Caluniador», «O alcoolismo e suas consequências»; e mais Irmãos Borges, «Os Violadores da Lei»; Cairbar Rodrigues, «Aos Juventinos de Matão»; Maria Ignez Vieira, «Contrastes»; Wilma Guidini, «Negreiros»; Flamarion Ismael, «Cantae»; Nadir Guidini, «O Vagabundo»; e Assunção Negrini, Antonio Negrini, Lourdes Negrini e Roberto Haiek.

Fizeram uso da palavra ainda os seguintes companheiros, Armando Fusco, Alfredo Pagliarini e o confrade Angelo Beloni de S. José do Rio Preto.

Foi distribuida grande quantidade de livros espíritas aos alunos que mais se destacaram durante o ano de 1948, bem como roupas, brinquedos e doces a todos que estiveram presentes.

A reunião encerrou-se ás 19 horas com uma prece em agradecimento aos Bons Espíritos.

Do Correspondente.

De Votuporanga

Com a participação de quatro Centros Espíritas, realizar-se-á em Outubro próximo a Semana Espírita de Votuporanga. As reuniões realizar-se-ão ás 19 horas, nos seguintes dias: dia 1, no Centro Espírita «Caminho de Damasco», de Votuporanga; dia 2, no Centro Espírita «Apóstolo Paulo», de Igapira; dia 3, no Centro Espírita «Bezerra de Menezes», de Jacilândia; dia 4, no Centro Espírita «Caridade e Amor», de Vila Pariz.

Do correspondente.

O verdadeiro gôso da vida está na legítima compreensão da espiritualidade e não nas emoções biológicas.

—

Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, sinão praticando a Caridade como êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes : 1.ª — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.ª — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito utíl para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Gênesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— ,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2581unse

NO XXV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1949 — N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo em Marcha . . . . Redação
Porcos Precipitados . . . . J. B. Chagas
Divagações Espíritas . . . . . . Dr. Luiz Martucelli
Cairbar Schutel . . . . Redação
Homenagem de José Bonifacio aos espíritas . . . . Spártaco Banal
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado
Fenômenos de Materialização . . . Amadeu Santos
Trinta anos entre os mortos . . . Dr. Francisco Klörs Werneck
Pela Vitória do Espírito . . . . . Pereira Guedes
Pontos de Vista . . . . Leopoldo Machado
O Homem Colaborador de Deus . . M. Quintão
Crônica Estrangeira . . . . Redação
Espiritismo no Brasil . . . . . . Redação

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1949 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo em Marcha

O surto progressista do Espiritismo no Brasil é muito expressivo para acreditarmos sem reservas que o nosso país marcha na vanguarda das nações mais adiantadas no campo do espiritualismo.

Efetivamente, de norte a sul o Espiritismo marcha admiravelmente, num desafio destemido aos ataques desapiedados dos corifeus da religião, que dia a dia mais se enfurecem ao ver a debandada das suas ovelhas. E nos seus ataques gratuítos, longe de convencerem os seus descrentes adeptos, cooperam, eficientemente até, para despertarem as creaturas sensatas e amigas da Verdade, que inconscientemente acreditam nos seus dogmas e cultos exteriores, frutos do decaído paganismo, para o estudo da doutrina dos Espíritos, codificada pelo excelso missionário, Leon Hippolite Denizard Rivail (Allan Kardec).

Faz pouco tempo, confirmando esta nossa afirmativa, recebemos carta de um confrade residente em Alagôa Nova, Estado da Paraíba, na qual nos informa sôbre a marcha do Espiritismo nessa cidade e, entre outras cousas, diz o seguinte:

«O Espiritismo está sendo propagado do púlpito da igreja romanista desta cidade. O padre, durante o mês de Maio, ocupou-se exclusivamente do Espiritismo. Quasi se esqueceu das suas atividades político-partidárias para atacar de rijo o Espiritismo.

E os comentários da cidade são sôbre *os sermões de burro,* porque num dos sermões êle se referiu à reincarnação de um burro.

Os sermões não estão dando os resultados desejados; pelo contrário, estão servindo de propaganda, pois as sessões do Centro Espírita «Bittencourt Sampaio» estão ficando à cunha, numa demonstração patente de que o povo não se deixa iludir mais pelo *canto das sereias romanas;* quer factos, quer, enfim, a Verdade em sua pureza».

O que muito tem contribuido para acelerar a marcha do Espiritismo no Brasil é a reprodução sucessiva, e em escala cada vez mais elevada, dos factos demonstrativos da sobrevivência individual. E' verdade que existe ainda muito embuste, mais produto da ignorância do que da má-fé, porém não se póde negar que fenômenos realmente interessantes vêm se verificando nos Centros Espíritas bem orientados, tais como materialização de espíritos, «voz-direta», levitação e transporte de objetos, impressões digitais e trabalhos em parafina, etc. Além disso, o Alto vem brindando o povo brasileiro com mensagens e ensinos transcendentais, verdadeiras obras primas da literatura, da ciência, da filosofia e da religião, como as que nos são transmitidas através da mediunidade de Francisco Candido Xavier, obras que, apesar de serem reeditadas aos milheiros, se exgotam rapidamente.

O número de jornais e revistas espíritas é apreciável, com tendência a aumentar ainda mais, como prova de que os espíritas não querem viver em *beatífica contemplação*, á espera de que a sua felicidade e o aperfeiçoamento do seu espírito se façam á custa do esfôrço alheio. Querem estudar, querem evoluir e, como sabem que sem obras de caridade, que é o princípio do amor do próximo, não pode haver perfeição espiritual e, portanto, felicidade, empenham-se a fundo no trabalho da assistência social, como anteparo ás investidas dos inimigos gratuitos do Espiritismo e dos espíritas.

Enquanto nos outros países o Espiritismo se desenvolve lentamente, certamente em virtude de ser encarado sob um único aspecto — o científico — no Brasil êle se propaga por toda parte, desde as metrópoles até os lugarejos mais distantes. Há sitios que possuem centros espíritas legalizados, com regular assistência. O nosso representante-viajante, sr. João Leão Pitta, disse-nos que no Estado de Minas, o proprietário de um sitio, tendo se convertido ao Espiritismo, tranformou a igrejinha de sua propriedade num Centro Espírita. São inúmeros os casos idênticos a este, o que constitue prova ou indício seguro de que o Espiritismo — encarado no Brasil sob os três aspectos - científico, filosófico e religioso, vai demolindo as arcaicas crenças religiosas fundadas nos dogmas e cultos externos e implantando em todas as almas a verdadeira fé, a certeza absoluta de que o homem sobrevive á morte do seu corpo físico, em demanda da Perfeição, no seio da Eternidade.

Os espíritas brasileiros estão de parabens, não só porque o Espiritismo avança a passos de gigante, mas também porque o seu trabalho tem dado bons frutos, graças ao adjutório decidido da Milícia Celestial.

Porcos Precipitados

— *«E saindo do possesso, os espíritos imundos entraram nos porcos, e a manada que era de alguns dois mil, foi precipitar-se, com grande violência no mar, e alí todos se afogaram». (Mar. V-13).*

Escolhemos para o estudo desta crônica a passagem evangélica acima anotada, por constatar que muito dos nossos irmãos, e até alguns de grande responsabilidade no âmbito doutrinário, guardam a respeito da mesma, opiniões divergentes.

Por mais de uma vez temos dito, que o Evangelho sem as explicações trazidas hoje pelo Espiritismo, seria sempre um livro incompreensível, enigmático, mesmo, escudando a nossa opinião na afirmativa do Codificador, quando escreveu que — «O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil». (EVANG. S/ ESP. Cap. VIII n.º 17).

E com o auxílio desta chave, vamos demonstrar como é que o Espiritismo explica, cientificamente, o ocorrido, narrado na passagem evangélica, transcrita ; — legítimo fenômeno de assombração ou visualização.

A subjugação consiste na ação dominadora que um mau espíriro exerce sôbre um outro Espírito que, por mais fraco, se deixou dominar e que aquêle sujeita temporáriamente à sua vontade. Para produzir êsse efeito, o subjugador atúa fluídicamente sôbre o outro. No caso de possessão, o domínio é mais completo. Combinando os fluídos do seu perispírito com os do perispírito do incarnado, o mau espírito se introduz no instrumento corpóreo dêste último e lhe imprime uma ação que é resultante daquela combinação fluídica.

Expelindo dos possessos os espíritos seus perseguidores, fez Jesus que estes se manifestassem visualmente aos porcos, os quais, espavoridos com aquela visão, se precipitaram ao mar, morrendo afogados. Os espíritos obsessores, obedientes à vontade de Jesus, apenas se fizeram visíveis aos porcos, espantando-os. Eles não passaram nem *entraram* para os porcos, como afirmaram os evangelistas, pela ignorância que só agora foi possível revelar a tal respeito.

Facto idêntico, anotou o brilhante escritor Dr. Carlos Imbassahy, na sua recente obra — CIÊNCIA METAPSÍQUICA, referindo-se a um médium que «começou a vêr espíritos que tomavam formas de animais horrendos e lhe falavam; que costuma ser transportado a grandes distâncias e chega a ir aos planetas, onde espíritos maus querem matá-lo com golpes fluídicos». (pags. 177/8 — Gilbert Ballet e Monier Vinard).

Explica-se, assim, as aparições dos zumbís, caiporas, mulas sem cabeça, *et-caterva*...

Quanto ao conhecimento dos meios e processos pelos quais se produzem esses fenômenos de visão nos animais, ainda o não podemos ter, porque nos falta o da natureza dos fluídos, de suas propriedades e das combinações de que são passíveis.

Nem por isso, entretanto, nos deve importar a incredulidade e a negação dos sábios, dos materialistas, de todos os que se supõem senhores exclusivos da verdade, do bom senso, da razão e do mundo, que chamam seu. Para firmarmos a nossa crença, na realidade dos efeitos terríveis e formidáveis da ação dos espíritos inferiores, temos os factos autenticados pelos Evangelistas, temos a ciência espírita, cujo estudo leva ao conhecimento de tais factos, temos a nova revelação, que nos veiu desvendar os segredos do além-túmulo, temos as manifestações mediúnicas que, cada vez em maior número, se dão por toda parte, demonstrando o poder, a extensão e as modalidades várias da atuação dos sêres do plano incorpóreo sôbre os incarnados. (Vêr ELUC. EVANG. pags. 159/60).

ANDRÉ LUIZ, nas suas magistrais obras, instrue-nos muito especialmente a respeito do poder que os espíritos possuem sôbre os fluídos, que eles manejam ao seu bel-prazer, causando as vezes surprêsas aos incáutos, contando êle, felizmente, com um cicerone prestimoso, o irmão Calderaro, que a seu turno o conduziu ao *limiar das cavernas*, uma espécie de «selva escura», a que se referira Dante Alighieri, no seu imortal poema, ao considerar que êle, estudioso que era, muito lucraria em descer até lá, porque encontraria inexgotável material de observação, sem necessidade de enfrentar situações embaraçosas, para as quais êle ainda não se havia apresentado convenientemente... (MUNDO MAIOR, pag. 209).

«A lei que rege as manifestações espíritas, uma vez conhecidas, vem explicar-nos um grande número de problemas julgados sem solução; é a *chave* de uma multidão de fenômenos explorados e ampliados pela superstição». (PRINC. ESPÍRITA, pag. 66).

A Anatomia e a Fisiologia já demonstraram experimentalmente a identidade de composição e de funcionamento vital dos tecidos, quer sejam animais, quer humanos, que poderiamos repetir hoje com *Le DANTEC*, que afirmou que a «substância cão», pode viver na «substância homem».

Analizada a hipótese, porém, pelo que é puramente espiritual, tudo prova, também, não existir entre a alma do homem e a dos animais, mais que uma diferença de gráus, tanto do ponto de vista moral, como do intelectual, considerados, é certo, até determinado limite.

«Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas — diz sabiamente *Allan Kardec* — o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se e elabora-se, passando pelos diversos gráus da animalidade; é nesses gráus que a alma se ensáia na vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; é, por assim dizer, o tempo da incubação. Chegado ao gráu de desenvolvimento que comporta esse estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma. Haveria assim a filiação espiritual do animal ao homem, como existe filiação corporal». (GÉNESIS — Cap. XI — n. 23).

Quanto ao desenvolvimento gradativo da alma — diz-nos Erasto — não ter ela, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra, que anima o sêr essencialmente perfectível — o homem, o rei da Creação». (LIV. MED. n.º 236).

Compreendemos, assim, que os espíritos imundos não *entraram*, na expressão do termo, para os porcos, porque caso isso ocorresse daria lugar a uma *incorporação*. Muito menos uma subjugação teria ocorrido, porque para que se désse a subjugação, seria necessário e indispensável, que se combinassem os fluídos perispirituais de uns com os outros, o que praticamente, era impossivel, pelas razões adiante expostas pelo Espírito Erasto.

E por hoje é só.

Nova Iguaçú, Julho — 1949.

J. B. CHAGAS.

Divagações Espíritas

Dr. Luiz Maturcelli

NA réplica oferecida ás nossas considerações evangélicas fomos qualificados como inimigos da religião de Cristo tão só porque não comungamos com a prática seguida por outras seitas religiosas.

Tal conceito poderia justificar-se se se considerasse como inimigo todo aquêle que atenta contra os interêsses materiais dos que fazem comércio com os princípios divinos, adulterando-os ao sabor das suas conveniências e de acôrdo com a intenção de manter prestígio entre as classes ignaras, explorando a sua bôa fé e vendendo absolvições e indulgências na terra.

São Paulo dizia aos seus ouvintes: — «Examine tudo, mas só abrace o melhor». Nêsse ensinamento êle recomenda que não se deve adotar qualquer princípio religioso sem um exame claro, racional e inteligente de todas as escrituras, para o conhecimento da verdade. Aliás, já o Mestre advertia: — «Êste povo honrame com os lábios, mas seu coração está longe de mim. Adora-me, porém, em vão, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens». (S. Mateus, cap. 15, v. 8 e 9).

Daí, se os dogmas, as cerimônias aparatosas, discrepam do exemplo de simplicidade, de cordura e piedade santa, fornecidos por Jesus, não vemos em como se deva admitir como verdade intangível os preceitos ditados pelos próprios homens, em completo contraste com os ensinamentos do Mestre.

O Espiritismo, no entanto, não é obra dos homens; não é creação ou adaptação desta ou daquela comunidade religiosa; mas sim a vivificação profunda e real das lições do meigo Nazareno, revelada pelos espíritos por êle postos em comunicação direta com os encarnados.

Dir-se-á que esses espíritos são os próprios demônios tentando os homens. Entretanto, ninguém põe em dúvida a revelação feita a Moisés, no Sinai, dos dez mandamentos da lei de Deus; ninguém contrasta a revelação feita a S. Pedro na cidade de Joppe: «Estando eu orando na cidade de Joppe vi, arrebatado dos sentidos, uma visão, um certo vaso, como um grande lençol que descia do céu e, baixado, vinha até junto a mim. No qual pondo eu os olhos considerei e vi animais da terra, quadrúpedes e féras, e reptis e aves do céu. E ouvi a voz que dizia: levanta-te, Pedro, mata e come; Ninguém duvida sôbre o acontecido a Saulo, depois apóstolo S. Paulo, na estrada de Damasco.

Em tais circunstâncias os espíritos que se comunicam com os homens não são o próprio demônio tentando as creaturas de Deus. E como considerá-los assim se eles recomendam a prática da caridade, do amor ao próximo, a cordura e a fraternidade? Como considerá-los inimigos de Deus se eles recomendam a prece sincera para mais facilmente aproximarem-se dêle? Evidentemente, se fossem demônios, seriam bons demônios pelo bem que praticam, pelo conselho elevado que dão.

Os evangelhos estão prenhes desses ensinamentos, todos eles firmados na doutrina de Jesus.

Segundo esses ensinos a verdadeira religião é aquela que não se exterioriza em cerimônias pomposas que enchem a vista, mas desolam o coração; não é aquela que se cifra nos desfiar das contas do rosário, mas sim aquela que é sentida e praticada através de atos meritórios, unindo almas e corações, provocando a comunhão dos homens nos verdadeiros laços de fraternidade e amor desinteressado. «Orai em secreto», dizia Jesus. Os cultos exteriores, cheios de exaltação e aparatos, divorciam-se do caminho trilhado pelo Mestre.

Dizia ele : Dai de graça o que de graça recebeste. Afugenta do teu ânimo todo e qualquer sentimento de cobiça, de lucro ou de proveito pessoal e não implantes a discórdia e a desunião. Entretanto o que vemos é justamente o contrário. A venda das absolvições ; as preces pagas ; as indulgências pagas antes do cometimento das faltas.

A religião de Cristo não está nas igrejas, mas nos corações dos homens que seguem o caminho por ele trilhado. Bem o disse Paulo : - Deus fez o mundo e todas as coisas que nele há, este sendo o Senhor do céu e da terra, não habita nos templos feitos pelos homens. Nem tão pouco é servido por mãos de homens, como necessitando de alguma coisa, pois é ele só quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. (Atos, 17-v. 24.)

* * *

Para condenar a invocação dos espíritos desincarnados o nosso distinto contraditor citou a lei Mosaica. Escusa dizer que essa lei foi derrogada pelos Evangelhos do Mestre. Todavia quando fosse de obedece-la, a sua obediência deveria atingir a totalidade dos seus preceitos e não apenas os escolhidos a dedo. Assim teriamos que admitir a justiça de Talião: Olho por olho, dente por dente, contrastando com os ensinamentos de Jesus que pregou o perdão, a humildade e a caridade para com os nossos próprios inimigos.

Como quer que seja, entretanto, o preceito da lei mosaica, não foi devidamente compreendido pelo nosso antagonista. Essa lei proibiu a evocação dos mortos porque essa evocação não compreendia os sentimentos de respeito e de piedade para com eles, mas transformavam-na em objeto de especulações, de augúrios e sortilégios. E, por isso, Isaias recomendava : — «Quando vos disserem, — consultai os mágicos e advinhos que balbuciam encantamentos, respondei :— Não consulta cada povo ao seu Deus ? E aos mortos se fala do que compete aos vivos (Isaias VIII, v. 19) e acrescentou : — Sou eu quem aponta as falsidades dos prodígios mágicos ; que enlouquece os espíritos dos sábios e confunde a ciência vã (Isaias, cap. XLIV v. 25).

O veadadeiro sentido das palavras de Moisés encontramo-lo no Levitico, cap. XIV v. 21 ; cap. XX v. 27 ; e no Deuteronomio cap. XVIII, v. 9, 10, 11 e 12.

A lei de Moisés nada tem a ver com o caso após o advento de Jesus, tanto assim que é ele quem diz : — Vós sabeis que foi dito aos antigos tal e tal coisa, eu vos digo TAL OUTRA COISA.

Jesus não proscreveu, totalmente, a lei de Moisés, antes sancionou-a no que tinha de melhor, através da doutrina por ele pregada. Entretanto, referência alguma fez à proibição da evocação, mas recomendando — «Pedi e obtereis, pois a cada um se dará segundo as suas obras» admitiu a sua própria evocação para a formulação do pedido.

É êle quem nos dá o exemplo quando, ainda, sôbre o madeiro, invocou ao Pai perdão para os seus algozes : «Perdôa pai, eles não sabem o que fazem».

Não há como confundir a evocação feita com fé, para fins piedosos e alevantados, com a evocação feita para mistificar, com fins especulatórios ou para ilaquear a boa fé.

Tais exploradores não se valem unicamente da doutrina espírita. Na classe sacerdotal, por igual, encontramos santos e perversos ; verdadeiros apóstolos e pústulas humanas ; homens piedosos e sacerdotes sem alma. E' por isso que Jesus recomendou a distinção dos falsos profetas. Daí, não se podendo tomar a parte pelo todo, segue-se que a doutrina espírita não póde ser confundida com a macumba e o baixo espiritismo.

* * *

Com relação à Ressurreição mantemos o que já dissemos. Os textos foram citados pelo nosso antagonista com significado impróprio. O termo ressurgir citado nos Evangelhos significa *«Aparecer»*, *«mostrar-se»*, *«apresentar-se»*, e não voltar ao mesmo corpo físico.

Jesus dizia : — Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos, ouvirão a voz do filho do homem e sairão; os que fizeram o bem para a RESSURREIÇÃO da vida; e os que fizeram o mal para a RESSURREIÇÃO do juizo. (S. João c. V v. 28 e 29).

Até hoje os nossos sentidos não constataram nenhuma ressurreição corporal dos que morreram fisicamente, mas a nossa intuição nos evidencia que os seus espíritos tiveram o seu prêmio ou o seu julgamento.

O conceito dos homens, mesmo, acompanhou a sua peregrinação extra terrena dispensando-lhes o seu veredictum segundo o seu merecimento, de acôrdo com a atuação na terra.

Cairbar Schutel

O nosso amado companheiro, Cairbar Schutel, nasceu na Capital Federal, em 22 de Setembro de 1868. Portanto, se êle ainda estivesse entre nós na sua fórma física, completaria, no próximo dia 22, 81 anos de idade, e receberia de seus inúmeros amigos, pessoalmente, por cartas e telegramas, felicitações pelo grato acontecimento.

Entretanto, como a morte é a porta da Vida, e Cairbar Schutel se encontra mais vivo do que nunca, nos acompanhando e auxiliando no prosseguimento da tarefa que êle nos confiou, nós lhe enviamos, por êste meio, o nosso fraterno e afetuoso abraço, renovando os nossos votos de felicidade e progresso espiritual, solicitando-lhe a continuação do seu indispensável adjutório, para que possamos levar avante a sua obra de difusão da Doutrina do nosso Amado Mestre Jesus.

Homenagem de José Bonifacio aos espíritas

O imortal brasileiro José Bonifacio, servindo-se de um *médium*, quase analfabeto, ditou, numa sessão em homenagem aos espíritas, uma esplêndida e inspirada poesia, mensagem assistida pelo dr. Arthur Prado, que presenciou o movimento do braço do *médium*, quando o espírito se comunicava.

A mensagem que segue foi transcrita de um recorte de uma revista, cujo título ignoramos:

HOMENAGEM AOS ESPÍRITAS

Aos homens, na voragem mergulhado,
amei dos homens a inconstante sorte;
fui aos poucos morrendo — arrebatado
por outra vida que se chama morte.

Transpus ínvios caminhos, vi paragens
onde a dôr se abraçava ás alegrias;
e de minh'alma as célicas miragens
sentiram muita vez as ironias;

as ironias cruas da ignorância,
lama da terra, orgulho transformado;
fui aos poucos morrendo, qual fragrância
de flor que habita ao longe algum valado.

José Bonifacio.

NOTA — O médium é o traço de união entre os homens e os entes queridos que se foram desta para a outra vida, em demanda de melhores dias.

E' assim que, de quando em vez, somos agraciados, por seu intermédio, de noticias que nos certificam da imortalidade da alma e de sua indiscutível comunicabilidade.

SPÁRTACO BANAL.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

OS EXILADOS DA CAPELA, *Edgard Armond*, S. Paulo

As dificuldades que se têm encontrado para penetrar as origens da Terra e da Vida levaram gênios à altura de um Augusto Comte a descuidar das origens, para agarrarem-se, positivamente, à hora que passa.

O Positivismo, incontestavelmente uma doutrina de fundamentos e efeitos morais em nada inferiores às doutrinas cristãs, e, em muitos passos, superior, moral e humanamente, à religião cristã, vem daí.

Só filosofando sôbre hipóteses, remanescentes e restos de velhas civilizações extintas, como os shell mounds, pueblos, ostreiras, sambaquis, palafitas e megalíticos póde-se criar sistemas sôbre os primeiros dias da Criação.

Sôbre os primeiros dias da Terra da Criação na Terra — e a Terra não passa de simples poeira de astro, de um grão de areia astronômico, de um mundículo atrasado e lerdo, na linguagem dos Flamarion, Litre e Abade Moreaux — nada sabe a ciência humana com segurança.

Essa ciência irrequieta e fátua, que chega, por isso mesmo, e semcerimoniosamente, a negar Deus e o Espírito.

Uma obra que trate desses assuntos com lógica e possibilidades de evidência, claro que deve ser obra de subido valor e agrado manifesto.

OS EXILADOS DA CAPELA, está nêste caso.

E' obra do comandante Edgard Armond, edição magnífica da *Livraria Allan Kardec*, Editora, de S. Paulo.

O autor inspirou-se na obra, A CAMINHO DA LUZ, do Espírito de Emanuel. E diz, na sua abertura: «Não é obra de erudição e de ciência».

Mas, muitos cartapácios de ciência e de erudição não esclarecem tanto nem tão bem, nas suas exíguas duzentas páginas entrelinhadas, de livro de pequeno porte.

O autor faz uma síntese precisa e clara da origem da humanidade e de seu planetoide, ao alcance de todas as inteligências, ao paladar de todos os gostos literários mais exigentes.

Jogando com as ciências físicas, psíquicas, com o ocultismo e o Espiritismo, com a Astronomia e deduções próprias, o livro leva o leitor ás origens da Terra, de sua humanidade e das raças que já existiram, que existem ainda.

E os factos culminantes do aspecto físico-psíquico de nosso mundículo perpassam diante da inteligência do leitor, que, trava, assim, conhecimento com as primitivas raças, com os povos lemurianos, mongoleses, atlantes, até chegar à quinta raça, até as fronteiras do mundo no alvorecer do 3º milênio, no momento em que entramos na Éra do Aquário, como diria Anibal Vaz de Melo.

EXILADOS DA CAPELA é livro que convida, em cada página, a inteligência humana à análise das coisas, o Espírito humano ao raciocínio em tôrno dêste e do outro mundo.

Somos grato ao volume que a Editora nos enviou, generosamente.

—

AFINAL, QUEM SOMOS? Pedro Granja, em 4ª edição.

Um livro de estudos sérios, contrário a tudo que aí está de fé aceite e oficializada, de ciências materialistas, chegar, em menos de dois anos, a 4a edição, ainda que se trate de edições de 500 volumes, é fenômeno inacreditável entre nós.

Profundamente inacreditável, considerando-se uma massa humana de setenta por cento de analfabetos, cujos trinta por cento restantes se morrem, geralmente, por leituras esportivas e policiais, por literatura de fancarias e romancezinhos.

Inacreditável, repetimos, levando-se em conta que o livro, caprichosamente bem impresso, quasi edição de luxo a baixo preço, não foi lançado por nenhuma editora famosa e capitalista, nem seu autor teve da grande crítica profana o aprêço e acolhimento que seria de esperar.

Agora, mesmo, o sr. Leo Vaz mete-lhe, insensatamente, *a ripa*, recebendo, em justo revide, ripadas mais seguras e irrespondíveis do autor, pela imprensa de S. Paulo.

Pedro Granja é um vitorioso.

Por isso aquí estamos para aplaudir sua retumbante vitória e agradecer o magnífico volume, com honrosissima dedicatória, aliás, o segundo que saíu das mãos do autor...

Quasi lhe nota uma falha: o autor não querer ajuntar ao volume as apreciações críticas, ou excertos delas, como sóe acontecer em casos tais.

Não o fez, naturalmente, por modéstia, que não porque seu grande livro não carece de outros padrinhos além de sua própria grandeza.

Se AFINAL, QUEM SOMOS fôsse livro editado em outro país da língua inglêsa, francêsa ou mesmo castelhana, talvez a estas alturas já tivesse edições de milhares de milhares de volumes espalhadas, que bem o merece.

Fenômenos de Materialização

XXX

Sessão do dia 27 de Março.

Com a irmã Lais na presidência, os trabalhos são iniciados por uma prece.

Há, manifesto, na assistência, um frenesí oriundo do desejo de apreciar novos e desconhecidos fenômenos ostensivos, o que motivou uma admoestação em regra, embora carinhosa, do guia que se comunica, encorporado no médium Lins. E' assim que êle vai advertindo nestes termos: «a missão maior do Grupo «André Luiz» não é a de produzir fenômenos de materialização e similares e sim a de confortar os doentes, possibilitando-lhes a cura das suas moléstias», advertindo que, por consequência, é enorme a responsabilidade dos frequentadores destas sessões, cabendo-lhes trazer alerta a consciência para o cumprimento exáto dos seus deveres, o primeiro dos quais deve consistir na iluminação do espírito de simples curiosidade, como comparticipantes do trabalho de tão elevada envergadura moral. Recolhe-se o médium ao aposento reservado ao seu descanso e faz-se um ambiente de penumbra.

Estabelece-se um ligeiro período de recolhimento espiritual e de elevada meditação, entoando-se em seguida, um hino e proferindo-se uma prece. Forma-se uma espécie de nebulosa, mais parecendo um rendilhando de estrelas pálidas, mas cintilantes, transformando-se, aos poucos, numa cruz luminosa, diferente das que apareceram na reunião do dia 23. A sua dimensão era, aproximadamente, de 30 x 20 centimetros. Não tinha o fulgor das primeiras, mas encantava pela beleza das suas disposições.

Começam a surgir explosões intermitentes de luz frouxa, semelhantes a relâmpagos. Segue-se a aparição de uma entidade espiritual, ostentando uma veste, parecendo tecida de fios de luz, tal o brilho de que se caracterizava. Vem se aproximando lentamente do salão, penetrando no meio da assistência e indo de uma à outra das suas extremidades, a aplicar passes nos presentes e a fazer gestos com os braços, que mais pareciam cadenciada manifestações de uma liturgia ignorada. A sua luz natural ilumina o irmão incarnado, do qual se aproxima, o inverso, portanto, do que se verificára na sessão anterior. Ficou estabelecido, pelo consenso unânime dos circunstantes, tratar-se do espírito de João de Deus, confirmado, como veremos adiante, pela palavra autorizada de José Grosso. Surge outro espírito, logo que aquêle desaparece, de trajes igualmente luminosos, passeando na sala, dando passes a alguns companheiros, falando, ligeiramente, de viva voz e retirando-se pouco depois. O José embala-nos em doce enleio, através das suas risadas rasgadas e alegres e de suas palavras requintadas de bom humor.

O irmão Fonseca pede-lhe que faça uma visita ás irmãs de Juiz de Fóra, Araci e Raquel, que ainda se acham enfêrmas, e, antes que o espírito lhe respondesse, um outro espírito, também com vestes luminosas, abre a cortina, por ela penetrando no recinto, indo colocar suas mãos na cabeça do próprio Fonseca, recolhendo-se em seguida. Era Margarida. O Afonso, como ela o trata, ficou tímido de emoção, levando-o a arriscar um desabafo: «Sinto um bem-estar, uma paz de consciência e uma felicidade, que as minhas palavras não sabem expressar». José Grosso torna a salientar-se com o seu expediente louvável, alegrando-nos a todos. Eu peço-lhe que descremine os espíritos que já se materializaram, atendendo imediatamente à minha solicitação, respondeu: «João de Deus, Scheilla, Ilka e Margarida».

Fazem-se ligeiros comentários doutrinários, entoam-se hinos e proferem-se preces. Nina e Neuza, em materializações luminosas, semelhantes ás dos espíritos anteriores, vêm à sala, percorrem-na e trocam impressões com alguns correligionários, notadamente com Lais e Lenice. Aparecem ainda copiosos fenômenos luminosos.

Três espíritos surgem seguidamente no centro da sala, profusamente iluminados. O último destes dirige-se ao irmão Fonseca, dizendo-lhe, depois de o acariciar: «Espero-te no Espaço; seremos eternamente unidos». A luz da sua indumentária, refletia-se na mesa, ao lado da qual passava, como se fôra de um espelho em que se projetasse intensos raios de luz. Um espírito, observa: «entregai vos à luta titânica pela vitória da vossa transformação interior». Outro afirma: «conto convosco para o trabalho em benefício dos sofredores!» O Fidelinho aparece, como soe acontecer quasi sempre, envolto em intensa luz. Inclina-se, move-se e canta a «Canção Materna», gesto que é seguido pelos presentes. Dá-se então um facto singular: O bondoso espírito, mostra-nos o lenço que os espíritos arrebataram, em Novembro do ano passado, das mãos de Maria Amelia Ribeiro de Castro, dizendo que só o entregaria à sua dona, em Campos, na próxima visita que o médium fará à «Escola Jesus Cristo», onde se efetuarão sessões de efeitos físicos. Ilka aparece e pergunta ao caro Vitorino Eloi dos Santos se gostou do seu retrato. Conversa animadamente com os seus pais, Vitorino e D. Alina. Passados rápidos instantes, Garcês, por voz direta, anuncia que é chegado o momento de encerrarmos a sessão. Adverte ainda: «Os espíritos satisfizeram a vossa curiosidade, mas esperam que aqueles que vieram apenas com o pensamento fixo na apreciação dos fenômenos, se unam aos dedicados trabalhadores da Seára do Mestre». Determina que eu vá despertar o médium, o que faço com indizível satisfação. Os trabalhos são encerrados depois de cantado o hino «Pai do Céu», marcando o meu relógio, vinte e três e meia horas.

—

Seja-me permitido abrir, aquí, espaço à colaboração valiosa do meu prezado amigo e prestante confrade Major-farmacêutico Ismael Pinto, que focalizará os aspectos fenomenológicos da sessão em apreço, certamente com mais precisão e clareza do que eu, como o poderão comprovar os amáveis leitores.

«UMA SESSÃO NO GRUPO ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

Quem tem a felicidade de compreender, através da Filosofia Espiritualista, os fenômenos de além túmulo, bem póde considerar-se, nêste mundo tão materialista, possuidor, já, de um vasto quinhão de felicidade. Quão dolorosos devem ser, para aqueles que não têm a alentá-los o apôio da fé espírita, nos momentos de amarguras e de provas retificantes! O que não será, para quem não aceita o Espiritismo, a perda de um parente querido que se afasta do plano material, para a verdadeira vida! Todos nós, espíritas, que temos a felicidade de compreender e aceitar essa Doutrina Divina, êsse verdadeiro Consolador, que nos foi prometido por Jesus, não podemos deixar de Lhe agradecer, do íntimo de nossos corações, a benção que nos concedeu, permitindo-nos o conhecimento de mais essa parcela da Verdade. São essas as considerações que sempre nos vêm à mente, quando nos retiramos, principalmente ás terças-feiras e aos sabados, das sessões do Grupo Espírita «André Luiz».

Infelizmente, a maior parte da Humanidade ainda não se convenceu da justiça das palavras de William Crookes, o célebre físico inglês, que por determinação da Real Academia de Ciências de Londres, foi investigar a veracidade dos factos espíritas: «Os fenômenos espíritas não são possíveis, são REAIS».

Após assistirmos tantas maravilhas, tantas comunicações tangíveis, visíveis e audíveis, só podemos lamentar que toda a Humanidade não as possa assistir conosco. Entre as maravilhosas sessões que, por misericórdia divina, temos tido oportunidade de assistir, como integrantes ínfimos do aludido Grupo, esta, a da noite de 27 de Março do ano de 1948, é sem dúvida uma das mais destacadas. Eram mais ou menos 20 horas, quando sob a presidência da irmã Lais Teixeira Dias, foi, após sentida prece, aberta a sessão. Eramos pouco mais de 50 confrades, alguns dos quais ainda não haviam preenchido todas as condições exigidas para poderem assistir aos trabalhos, ou melhor, para neles poderem tomar parte. O irmão Dr. Amadeu Santos, de início, fez veemente apêlo aos confrades, no sentido de evitarem comparecer a essas sessões, sem previamente haverem, para tal, obtido a permissão do Alto. Em seguida usou da palavra o Dr. Clodoaldo Magalhães Avelino, presado confrade de Belo Horizonte, que leu uma detalhada descrição do que pudera observar na sessão anterior, onde pela primeira vez foram assistidos trabalhos de materializações com iluminação do perispírito. Disse o Dr. Clodoaldo da satisfação que tivera em constatar a veracidade de tão maravilhosos fenômenos, fazendo sôbre os mesmos alguns comentários e uma perfeita descrição das diversas formações fluídicas, materializações e transportes que foram observados. Estando presente o irmão Lins, foi por seu intermédio obtida, por incorporação, bela comunicação do esclarecido espírito de David, pai de 2 companheiros nossos de trabalho, em que entre considerações várias e exortações evangélicas encareceu a necessidade de perfeita homogeneidade do ambiente vibratório dos irmãos presentes. Pediu a todos que procurassem vibrar, o mais possível em uníssono, num sentimento de amor fraterno pelos nossos irmãos necessitados de assistência espiritual para seus corpos enfêrmos, — precípua finalidade das nossas sessões — dando, porém, a todos que se achavam presentes, a indispensável permissão para assistirem a essa sessão, afim de, como disse, mais uma vez atender à «vossa curiosidade de verdes os espíritos».

Recolhendo-se o médium à cabine, foi feita completa obscuridade. Pelo espírito de David havia sido dito, que o médium necessitava previamente ser beneficiado em seu estado de saúde e que só depois poderiam ser observados os fenômenos de materializações luminosas. Conforme a norma habitual dos nossos trabalhos, foi dada a palavra a vários confrades que, mesmo em plena obscuridade, explanaram comentários sôbre pontos doutrinários. Fizeram-se ouvir, assim, o Dr. Lauro Salles, o Dr. Amadeu Santos, o autor destas linhas e outros confrades. Nos intervalos das explanações, entoavam-se hinos, pois eles muito concorrem para melhor harmonização do ambiente, fazendo com que todas as mentes vibrem no mesmo sentido. Preces foram também elevadas em intenção dos nossos irmãos enfêrmos do corpo físico. Durante essas sessões, em que as células sadias do médium e mesmo dos assistentes, são transportadas para o corpo enfêrmo dos nossos irmãos, em substituição das suas células doentes, necessário se torna o maior cuidado na preservação do ambiente, não só do ambiente mental dos assistentes, como também, principalmente, do ambiente espiritual da sala da sessão. Sabido é, através dos preciosos ensinamentos contidos nos livros de André Luiz, que os espíritos trabalhadores estabelecem uma verdadeira cortina protetora, afim de impedir que penetrem no ambiente espíritos menos evoluídos, cujas vibrações grosseiras e profundamente materiais, grandemente poderiam prejudicar o trabalho delicado e profundamente sensível desenvolvido pelos obreiros do Bem, em benefício dos irmãos necessitados. Por isso, e para poupar maior trabalho aos irmãos encarregados da proteção do ambiente, é que são absolutamente defesos os pensamentos ou mesmo preces, durante a sessão, por irmãos de mente enfêrma, pois tais pensamentos ou preces atraem, sempre, ao ambiente os respectivos espíritos obsessores ou sofredores.

Após algum tempo de permanência do médium na cabine, foram observados fenômenos luminosos na mesma, seguidos por belissima formação fluídica luminosa que flutuou pelo espaço, ora aproximando-se das cabeças dos assistentes, ora subindo até próximo do této da sala. Desaparecida a formação fluídica, uma entidade materializada, com o perispírito iluminado, permitindo observar-se perfeitamente as suas vestes, que se apresentavam diáfanas e inteiramente iluminadas. Trazia este espírito sôbre a cabeça uma espécie de gorro, tambem luminoso. Andou pela sala, deu passes em várias pessoas, sendo que em algumas tendo em uma das mãos algo intensamente luminoso, e que dispendia raios fluídicos, visíveis, sôbre o local doente. Depois soubemos tratar-se do espírito de João de Deus, apresentando-se sob a forma material que teve em uma encarnação anterior.

Tivemos depois entre nós, o tambem querido espírito de Nina, que impregnou a sala de intenso perfume e distribuiu, pessoalmente, flores aos assistentes. Estava também amplamente iluminado o seu perispírito. Scheila, esta querida irmã da espiritualidade, apresentou-se depois, aproximando-se de tôdos, fazendo também distribuição de flôres. Fez-nos belíssima alocução evangélica, exortando-nos ao cumprimento do dever e acompanhou-nos em seguida no cântico de um hino de sua autoria. Ilka, que na Terra foi filha de dois prezados confrades, presentes á sessão, foi o espírito que veio após, dirigindo-se aos seus pais, com palavras de carinho e saudade. Margarida, bondoso espírito, esposa material de um confrade presente, tambem como os demais, com o perispírito iluminado, dirigiu-lhe palavras de carinho e conforto, afagando-lhe o rosto num gesto de meiguice. Neuza, espírito muito amigo, deu-nos também a alegria da sua presença, de perispírito luminoso e acompanhou-nos no cântico de um hino. Fidelinho, o nosso querido Fidelinho, esteve em seguida, materializado e luminoso, junto à entrada da cabine e acompanhou-nos, também, no cântico do hino «Amor Materno», que muito aprecia. Esteve depois em nosso meio o espírito de Petitinga, esse devotado propagandista da Doutrina, que tinha na sala sua filha e genro, o Dr. Clodoaldo e esposa, aos quais falou e deu passes. Durante todos os trabalhos, tivemos a felicidade de ouvir, várias vezes, da cabine, a José Grosso, Fidelinho, Garcez e outros irmãos, que nos dirigiam a palavra, em exortações evangélicas, ou individualmente em palestra de ordem pessoal. A sessão prolongou-se dessa forma maravilhosa, até ás 23 horas e 45 minutos, quando Garcês, depois de mais algumas palavras de estímulo, mandou que fossem encerrados os trabalhos. Fez-se a prece final de louvor e agradecimento a Deus, por tanta misericórdia concedida, e enquanto entoavamos, de corações inundados de intenso jubilo, as palavras do hino «Fica conosco Senhor», era prestada ao médium, por um irmão, a assistência indispensável para despertá-lo. Findo os trabalhos, foi encontrada numa peça contígua à cabine e onde havia ficado parafina aquecida, uma orquídea dessa substância, oferta do espírito de Petitinga á sua filha.

Terminando êste breve relato dessa sessão que assistimos no G. E. A. L., só nos resta suplicar a Jesus, o nosso amado Mestre, que ilumine cada vez mais o espírito de André Luiz e a todos os seus abnegados companheiros da espiritualidade, para que cada vez mais possam em Seu nome, amparar a todos os que sofrem e também implorarmos ao nosso Divino Pastor que cada vez mais nos fortifique e ampare, dando-nos a perfeita compreensão da imensa responsabilidade que representa, para nós, a graça que o Senhor nos concedeu, permitindo-nos assistirmos a tão maravilhosos fenômenos, que nos deixam, como disse um confrade presente, quasi sem sabermos «si são os espirítos que vêm viver conosco alguns momentos ou si somos nós que vamos viver entre eles».

(a) Ismael Pinto».

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 16.o ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPÍTULO IX

Invalidez Psíquica

Espíritos há que ignoram ter perdido seus corpos mortais e se aferram a antigas condições físicas dos mesmos, prolongando, assim, no Além, seus padecimentos. Êsse «êrro da mente mortal» persiste até o conhecimento dos seus desincarnes e a compreensão das leis espirituais, quando então ficam libertos de pensamentos que os retêm no plano material.

Quando tais espíritos, que se acham sob a ilusão de sofrimento e doença, penetram na aura dos humanos, transmitem sua condição a eles e muita doença e invalidez psíquica daí resultam.

Então pessoas dotadas de natureza sensível padecem do sofrimento terreno do espírito desincarnado e ordinariamente falham todos os métodos de tratamento, pois a única cura que se póde obter é o afastamento do espírito ignorante e perturbado.

Quando estavamos em Chigado, uma nossa amiga, Srta. F. W., enfermeira da Sra. McA. (*), conhecida modista da cidade, pediu-nos para fazer uma sessão em benefício daquela, que estava inválida há muito tempo. Seus médicos aconselharam-na a fazer uma estação de repouso, pois sofria intensas dores de cabeça e tinha atitudes estranhas.

A Srta. F. W. e a massagista da Sra. McA. estavam presentes à reunião de que vou tratar.

Sessão de 2 de Abril de 1908

Espírito: Grace Brusted — Paciente: Sra. McA. — Médium: Sra. Wickland

O espírito a princípio falou com grande dificuldade, lastimou-se de andar enfêrma e foi incapaz de levantar-se. Insistia que estava muito doente para ficar de pé e queria ir para a cama.

Quando lhe indagámos se conhecia algum dos presentes, indicou a massagista da Sra. McA. e lhe perguntou se queria levá la para o leito, cuidar dela e diminuir a luz, que estava muito forte para uma pessôa enfêrma.

Disse chamar-se Grace Brusted, de Boston, que era Universalista e que estava no ano de 1898.

Estava doente há muito tempo e se sentia como se fôsse duas pessoas; ás vezes era ela mesma e outras, certa pessoa desconhecida.

Era muitas vezes chamada de Sra. McA. e já estava cansada de responder a êsse nome, porque não gostava daquela senhora. Recentemente tivera muito trabalho, tendo de tomar conta de uma porção de costureiras.

O espírito repetia que estava cansado de levar uma vida dupla, que não compreendia tal coisa e que era melhor morrer logo.

O caminho do progresso espiritual lhe foi então ensinado e os espíritos da avó e da mãe dela lhe apareceram e lhe disseram que sempre fôra uma criança sovina mas que agora ia aprender a servir os outros.

A Srta. F. W. e a massagista esclareceram que a Sra. McA. agia da mesma maneira que o espírito e até usára de idêntica linguagem e mais tarde acrescentaram que, no dia seguinte ao da sessão, ela estava de bom humor, observando que era a primeira vez, desde muitos meses, que acordára sem dôr de cabeça.

Depois disso, melhorou rapidamente, deixou o leito e voltou ás suas atividades habituais.

—

Por mais de seis anos, um nosso amigo, de oitenta e quatro anos de idade, foi atormentado por indescritíveis dôres na parte posterior do

---

(*) Vêr cap. 6, espírito: Harry Hayward, paciente: Sra. McA.

pescoço e uma sensação de vertigem o acometia com crescente frequência.

Quando acometido por essas sensações, sentia como se casas e paredes caissem e o esmagassem e certa náusea as acompanhava. Se sentava, caía com a cabeça entre os joelhos, permanecendo algum tempo incapaz de se levantar sem o auxílio de outrem.

Não tendo achado qualquer causa física para o seu padecimento, a possibilidade de interferência de uma entidade espiritual foi lembrada e nós fizemos uma sessão especial em benefício dêle, sessão em que certo espírito «tomou» a Sra. Wickland, que caíu com a cabeça entre os joelhos. Doutrinámos a entidade durante certo tempo até que finalmente nos contou que se chamára Jack Finch, que tinha perto de sessenta e cinco anos de idade e que fôra um dos internados de uma instituição perto de Madison, no Wisconsin.

Narrou que, quando era ainda pequenino, provavelmente sua irmã o carregára e o deixára caír no chão, que essa quéda lhe quebrára a espinha e o deixára sem cura.

Quando crescera, déra grande trabalho e sua mãe descuidára dêle, que finalmente fôra internado em um asilo. Lembrava-se de que certa vez houve um ciclone e que algo o ferira na parte posterior do pescoço, aumentando o seu sofrimento.

Sempre sofrera muito com a espinha partida e o pescoço machucado, que lhe produziam muitas vertigens e faziam com que êle se dobrasse e ficasse em uma posição incômoda até que auxilio lhe fôsse prestado afim de levantar-se. Quando a vertigem o acometia, sentia-se como se estivesse escorregando no chão ou como se paredes se abatessem sôbre êle ou ainda como se o leito virasse sôbre si e como se estivesse rodando.

Contou que, por causa de sua doença incurável, ninguém se importára consigo, com excepção de uma enfermeira chamada «Anasteena», que fôra muito boa para êle lá no asilo e sempre o alimentára.

«Mas agora tudo está mudado. A's vezes sinto como se eu fôsse um homenzinho e outras u'a mulher, ou ainda um homenzarrão». (Sensações experimentadas quando influenciando diferentes mortais).

Quando o espírito foi levado à compreensão de que havia perdido o seu corpo mortal e que não podia mais sofrer qualquer dôr física, perguntou: «Se eu perdi o meu corpo e estou morto, então porque não vi Deus? Onde está Êle?»

Isso me levou a explicar-lhe a verdadeira natureza de Deus, Sua manifestação em todas as coisas e a existência do mundo espiritual.

Pedindo-lhe para ver se conhecia alguns dos presentes, disse: «Sim, alí está a minha mãe! Ela quer que eu vá com ela para o seu lar; diz que agora cuidará bem de mim. Diz ainda que nunca soube da existência real e que agora ia começar a viver de novo».

Quando falava, viu a distância outro espírito que se aproximava dêle e exclamou alegremente: «E' Anasteena! Posso ir com ela também?»

Sendo-lhe garantido que iria com sua mãe e a antiga enfermeira, que seria bem tratado e iniciaria uma vida de felicidades, fervorosamente exclamou: «Deus vos abençôe» e foi então afastado.

No dia seguinte, o amigo que padecia de vertigens se achou livre dos seus achaques e disse que se sentia com tanta energia como tivesse ainda quarenta e oito anos, em vez de oitenta e quatro. E nunca mais padeceu de sua antiga «doença».

—

O Sr. Z., da vizinha cidade de Burbank, que sofrera vinte e cinco anos de insônia e de uma intensa náusea sem conseguir alívio, foi levado ao nosso centro por um médico que suspeitára tratar-se de um caso de obsessão.

Durante a consulta, a Sra. Wickland viu o espírito de um homem que permanecia em pé por detrás do paciente e, quando êle fez a descrição dêle, reconheceu o paciente que se tratava de um velho amigo que desincarnára havia muito tempo.

Depois que o tratamento elétrico foi aplicado no paciente, o espírito o deixou e, incorporando-se na

Sra. Wickland, falou ao seu amigo da terra, recordando factos do tempo de suas relações.

O Sr. Z. certa vez ficára noivo de uma filha dêsse hoje espírito, mas, por motivos religiosos, o noivado fôra desfeito. Os dois homens, entretanto, continuaram em relações de amizade e, quando o pai se achou em dificuldades financeiras, o Sr. Z. o ajudou economicamente.

Quando o pái faleceu, mais tarde, de cancer no estômago, sentira-se atraído pelo Sr. Z. por causa de sua ligação com êle e, penetrando no seu aura, vira-se incapaz de afastar-se e permanecera com êle todo aquêle tempo, com o que transmitira ao seu antigo amigo os sintômas da moléstia de que padecera na terra.

Depois de ter uma explicação das leis que regem a vida espiritual, foi afastado e o Sr. Z. nunca mais sofreu de coisa alguma.

Pela Vitória do Espírito

DEVOLVENDO um livro de José Stalin, sôbre «Materialismo Dialético e Materialismo Histórico», que um amigo, tão carinhosamente nos emprestára, pedindo que o lessemos e lhe dessemos a nossa opinião, assim nos expressámos:

Aquí vai o nosso pensamento, dizendo-lhe o motivo pelo qual não podemos esposar as teorias calcadas em filosofia absolutamente contrária à que nessa altura da vida nos roteia os passos para conquista maior — a do Espírito sôbre a matéria.

Recordamo-nos ainda das suas palavras referentes ao conceito religioso, quando disse que o Partido Comunista não é contrário a qualquer idéia de religiosidade, aceitando, indistintamente, em suas hostes partidárias, crentes e profitentes de todas as Religiões.

Não concordamos que haja na Natureza, senão Vida. Vida permanente em curso de eternidade, nêsse Laboratório imenso que a Natureza representa, principalmente aos olhos dos argutos investigadores, comprovando a teoria de Lavoisier: NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA.

Ora, no referido libreto, ás folhas 7, alínea *b*, vamos encontrar a afirmativa de alguma coisa «que nasce e se desenvolve, morre e caduca».

O que morre, acaba, entra para o Nada; mas, acontece que tudo na Natureza é vida, vibração, movimento permanente no sentido da transformação. Êste é o nosso pensamento contrário áquele. Na Lei, essa Lei que rege todos os movimentos da Vida na Natureza, não há caducidade. Tudo é certo, lógico, imutável e não há derrogação.

Comentando a teoria de Feuerback e discordando dela, tomando apenas sua «medula», porque: «onde o verdadeiro idealismo de Feuerback põe em evidência, é em sua filosofia da religião e em sua ética», dizem Marx e Engels.

Mais adiante, vamos encontrar o pensamento filosófico de Marx que diz: *«Não é a consciência do homem que determina a sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina a sua consciência»*.

Aquí, temos que demorar um pouco, e vamos nos sentar à beira dessa estrada longa, infinita, que é a vida em modalidades várias de consciência em períodos consecutivos, para examinarmos como são traçadas no curso das vidas sucessivas, pela Consciência, as diretrizes da Vida, na formação da existência.

A teoria espírita esclarece que a consciência, na multiplicidade das vidas, pela evolução reincarnacionista, que é a Lei de Justiça, o espírito delibera a sua existência, tomando nova forma humana, comprometido na Lei, para no resgaste de faltas anteriores, ascender sempre e pelo próprio esfôrço, no sentido de alcançar maior perfeição moral, porque é dessa perfeição que ha de resultar a solução dos problemas de ordem econômica que tanto preocupam e afligem o homem, estribado como se vê, em velhas e inaplicáveis teorias, as únicas que, na hora presente em que as almas se elevam pela esperança quasi alcançada da vitória do Espírito sôbre a Matéria, passam pela caducidade.

A Consciência é uma conquista da evolução anímica e, nessa longa trajetória, em aprendizados sucessivos, o espírito, no uso das suas faculdades, conscientemente, isto é, pela Consciência, vai se firmando na responsabilidade das vidas que se sucedem, uma após outra; ora na Terra, ora no Espaço, a existência em cada uma dessas etapas, como espírito ou como homem (alma encarnada), é sempre, ao contrário da teoria marxista, o produto da Consciência.

A teoria materialista de Marx e de Engels, principalmente a desses dois grandes vultos da filosofia político-social, é de ramagem. Nenhum deles penetrou na origem das coisas e no âmago das principais questões, recusando ou preferindo deixarem à margem a teoria de Feuerbach, por que êsse envereda para o domínio da religião e isso não convém aos «reformadores» do homem que o pretendem apenas distribuindo pão para o corpo, depois de terem conseguido plasmar as consciências de multidões de adeptos no convívio social de um «partido político» manipulador de consciências, segundo a teoria marxista. A religião é o ópio das multidões, disse Lenine, e dentro dêsse princípio (em parte admissível), de um grande pensador revolucionário, que via como nociva a religião que então fanatizava o povo russo, os comunistas da corrente stalinista, incluem, também como nocivas as suas catequeses de partidários, os cristãos de qualquer corrente religiosa ou filosófica.

Apenas na aparência, como tática política, se espalhou pelo Brasil inteiro, no sentido da congregação, que todas as correntes religiosas, principalmente a dos espíritas, seriam aceitos e os politizados, no seio da agremiação, em pleno desacôrdo com os planos de Lenine, que eram revolucionários e idealistas, sem qualquer transigência no terreno das idéias.

Se afastassemos da Doutrina Cristã, a convicção já firmada da existência de DEUS e do Espírito com a sua imortalidade, teriamos no Cristianismo, aplicado em todos os ramos de atividades humanas, o mais perfeito Comunismo; mas, se ampliarmos o Comunismo existente e apregoado, da idéia de DEUS e da convicção do Espírito imortal, não teriamos por certo, conseguido realizar obra maior que essa que os Espíritos nos legaram — o ESPIRITISMO. Por isso, que adiantaria aos espíritas, principalmente aos que estudam e pregam os resultados dos seus estudos, filiarem-se ás hostes de um partido profundamente materialista?

Com os comunistas ou sem eles, nos bateremos pela conquista do pão; contra eles e contra todos, no terreno das idéias, nos bateremos até à morte, pela conquista da Liberdade, o bem supremo do Espírito, que tem sido através dos séculos a preocupação maior de todos os idealistas, no sentido do bem comum.

A Democracia é, pois, a melhor forma política e por ela teremos que lutar, educando o povo no sentido espiritual da liberdade que ha de nos garantir o pão nosso de cada dia.

A solução exclusiva ou antecipada do problema econômico, não resolverá jamais o problema da felicidade humana, que tem sido em todos os tempos a razão de ser dos maiores movimentos de ordem política e social.

Considerando o mundo em que vivemos, de provas e expiações; tendo em vista o atraso moral dos habitantes da Terra, vivendo, na sua maioria, pela impulsão do instinto, que é a mais forte condição da carne em luta contra o espírito, o que aconteceria a cada um de nós, se fossemos ricos de todos os bens materiais antes da riqueza espiritual? Certamente, não relutariamos em dar a maior expansão possível às nossas tendências instintivas, e, a lapidação do espírito, isto é, a conquista dos bens espirituais, ficaria como talvez já nos tenha acontecido em remotissimas eras, justificando agora a razão das nossas lutas, com tendências acentuadas para a conquista do Espírito sôbre a Matéria, relegada a planos secundários.

Se abandonassemos hoje, todas as nossas atividades de ordem espiritual, deístas portanto, e fossemos incorporados, cegamente obedientes a um programa partidário, atendendo exclusivamente ás suas injunções e à palavra do lider; tudo estaria, já se vê, em via de realização definitiva. O grande chefe, o lider supremo, convocaria para o comando dos múltiplos setores, aqueles que melhor se adaptassem ao programa e à sua ordem de comando em chefe. A máquina econômica estaria posta em movimento; a obediência seria pois, perfeita. A produção forçada seria abundante e, abastecidos os celeiros do Estado, a distribuição seria executada de modo a que, em todas as casas indistintamente, desde o palácio à choupana (possivelmente, nessa altura, não haveria mais choupana, mas, residências dignas), estariamos todos, providos de tudo quanto necessário se torna a uma vida digna.

Aos velhos, aos doentes, não faltariam as estâncias de repouso, os hospitais e tudo quanto fôsse indispensável à manutenção da saúde dentro daquêle vasto programa em que o Estado Comunista pretende combater todas as filosofias políticas e sociais do mundo, substituindo-as por essa que se fundamenta no materialismo histórico de Engels.

Depois de estarmos assim, integrados na posse de tudo quanto é necessário ao homem biológico, bastaria apenas um instante, e, dentre as multidões dos conformados, desses que têm farta a mesa e aberta ao ingresso de todos os cidadãos, as escolas de todos os graus do ensino; nos pontos mais diversos do grande Estado Comunista, que se tornaria grande pela distribuição farta do pão, no nível de cada necessidade, começaria, sem dúvida, a surgir, num movimento alarmante, em cada recanto do país, um novo idealista, de pensamento contrário, reclamando o direito da Liberdade, de pensar e de fazer como pensam os inconformados, os que pretendem realizar, tal como pensam, apareceriam num impeto de revolta! Apareceriam os gênios, os pensadores e propugnadores da liberdade de consciência, no sentido amplo da espiritualidade.

O que aconteceria depois, então?

Os bem nutridos e bem armados, os mais obedientes aos comandos, aniquilaria-os todos, um a um. Mas, o número desses loucos irá crescendo e a luta será, portanto, a mais encarniçada de todos os tempos. Será mais uma dentre as muitas manchas rubras nas páginas da história onde quer que tal aconteça neste orbe de fratricidas lutas.

A consolidação do problema econômico, não se fará pois, senão sôbre os fundamentos do problema moral consolidado. Por isso, nos bateremos sempre, antes de tudo, pela vitória do espírito sôbre a matéria.

Este é o objetivo espiritual da vida. Vida que não se limita a uma só existência do berço ao túmulo, mas, que prossegue para além de uma existência física, a buscar, instante a instante o enriquecimento de suas faculdades morais, porque, é nesse fundamento, onde a fôrça do espírito sôbre a matéria consolidará a liberdade do homem em permanente desenvolvimento ascendente, até que possa consolidar-se na vitória espiritual do homem sem peias, a sua definitiva conquista econômica.

Pela concepção materialista do mundo, é falsa a idéia inata de DEUS, falsa a da eternidade e, inadimissível portanto, a existência do Espírito. Não havendo, como afirmam os materialistas, idéias inatas na manifestação do homem na sociedade, o cidadão será sempre o produto do meio, em todos os graus de sua formação. Assim, se nenhuma idéia nasce com o indivíduo, êle será plasmado e conduzido na sociedade (comunista), como instrumento autômato, cujas idéias jamais ultrapassarão os limites de uma existência artificialmente modelada, da qual resultará a sua consciência, sem outro objetivo que não seja o de viver arregimentado, sujeito sempre ao comando de um Estado, cuja filosofia, calcada em moldes profundamente materialistas, através da história e da dialética, contrariando todos os princípios de filosofias subjetivas que, no curso dos séculos têm legado à Humanidade êsse enorme patrimônio de sabedoria, sôbre o qual todos os povos procuram a trilha certa para o aperfeiçoamento moral da Humanidade, espiritualizando o homem.

No Cristianismo, praticado, tal como determinam os seus sábios ensinamentos, teremos, indiscutivelmente, conquistado para nossa maior e definitiva felicidade, todos os bens, solucionando assim, os mais difíceis problemas, inclusive, já se vê, o econômico, que tem sido no curso dos séculos, principalmente, para o pensador materialista, o mais sério e do qual originam as mais terríveis lutas sociais, trazendo o mundo em permanente inquietação e parte da humanidade em sobressaltos.

Enquanto não tivermos alcançado um grau de moral superior, não conseguiremos, seja qual fôr a forma de governo, realizar, para nossa maior felicidade social, o que pretendem todos os partidos, quer sejam democratas, socialistas, comunistas, anarquistas, sinarquistas e, até os fascistas, que, não obstante as suas excêntricas atitudes, outra cousa não desejam (afirmam eles), que não seja a felicidade comum de todos os povos.

Ao terminarmos a carta ao nosso ilustre amigo, dissemos: Em matéria de política, ficaremos onde sempre estivemos, isto é, a serviço de uma idéia e da qual fazemos questão de extraír o melhor proveito, lapidando o nosso espírito. Não sacrificaremos jamais os nossos ideais de ordem evolucionista, para emprestarmos concurso a qualquer partido retrógrado e que não visa outra cousa que não seja a posição pessoal dos principais líderes ou partidários, desprezando a mais bela e necessária condição do homem social que é, e que será em todos os tempos, a maior conquista: A VITÓRIA DO ESPÍRITO SÔBRE A MATÉRIA.

Pereira Guedes.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo Machado

Autonomia do movimento juvenil Espírita

Três cartas de confrades paulistanos, que ainda nos têm em conta, por generosidade própria, pedem-nos pontos-de-vista sôbre se somos contra ou favorável a autonomia das mocidades espíritas.

A resposta comporta mais do que pontos-de-vista.

Comporta razões repetidas e declarações que já tardam.

* * *

Não somos, sistematicamente, contra ou a favor de coisa alguma.

Agimos sempre guiado pela observação lógica e pelas lições da experiência.

Procedendo assim, continuamos vendo mais vantagens e rendimento no esfôrço dos moços agrupados em torno dos mais velhos, compondo departamentos de entidades sociais já existentes, sem nos insurgirmos — nem autoridade teriamos para tanto! — contra as *Mocidades* ou *Juventudes* autônomas.

Tanto assim é que a emenda aposta ao Regulamento do CCMEB — *se, entretanto, razões poderosas militarem contra a natureza que aqui se preceitua — falta de instituições para séde, incompreensão dos dirigentes de tais ou quais instituições, etc., etc. — nada impedirá que a mocidade espírita tenha sua autonomia. Mormente se composta de jovens já emancipados»*, foi nossa.

E o *Conselho de Mocidades Espíritas do Brasil* é autônomo!!!

Qual a natureza preceituada, de que se fala acima?

E' a que decorre do que escrevemos:

«A experiência tem demonstrado que a mocidade espírita funcionando como departamento juvenil de uma instituição já existente, dá melhor resultado.

Aquí as razões mais fortes, para tanto:

a) Evita despesas de organização e construção de sédes;

b) Evita azares próprios da inexperiência da idade, decorrentes, não raro do excessivo amor próprio do jovem;

c) Evita que se forme de futuro um, por assim dizer, espiritismo de moço e outro, de velho;

d) Serve de desdobramento das aulas de moral nos centros, visto como póde supôr-se que a mocidade espírita de hoje seja o desdobramento da aula de moral de ontem;

e) Estabelece maior confiança e espírito de solidariedade entre jovens e mais velhos...

Duvidamos muito que haja razões suficientemente fortes para derrubar o que aí está, fruto da observação e da experiência.

E continuamos observando que as mocidades autônomas estão se possuindo de certo espírito de orgulho e autoridade, aliás, bem comum em moços inteligentes, que se julgam alguma coisa definida na vida.

E continuamos observando que — afóra duas, no Estado do Rio e uma no Norte — ambas autônomas por incompreensão dos mais velhos, tais mocidades precisam correr muito para acompanhar o progresso das departamentais que conhecemos mais de perto, organismos vivos de trabalho, que realizam de facto, conquista dos mais velhos exatamente por sua falta de orgulho e por sua humildade cristã, o que desejam e até o que não desejam . . .

De nós, particularmente, o que interessa realmente, é que os moços espíritas, assim ou assado, trabalhem, sejam diferentes, mais honestos e menos fúteis e levianos, a serviço do Cristo e da própria evolução.

*
* *

Agora, estas declarações, aproveitando o momento:

I) Dize-nos a consciência que, com a agitação do movimento juvenil, com a realização do Congresso de Mocidades Espíritas, com a instalação do CCMEB que saíu dêle e aí está no desempenho eficiente de sua finalidade, com a Festa do Livro Espírita, tudo isso por nossa iniciativa em função de intuição ou mandato de mais alto, nossa atuação imediata nêste setor deve cessar, que outros planos nos convidam a outras atividades, visto como marasmo e estagnação é que não nos soam bem . . .

II) E damos com isso provas inconcussas de que, agitando tais movimentos, não o fizemos personalisticamente, à cata de cartaz.

Antes, pelo contrário: não fôsse o cartaz que levamos a todos eles, o movimento juvenil, que nascera em S. Paulo, aí estaria a patinar, como patinando vinha há sete anos.

III) Que, com tais movimentos, provado ficou que se póde realizar obras meritórias—mormente quando são ditadas do Alto! — embora a contra-gosto, e hostilidades mesmo, de confrades ilustres e instituições respeitáveis, que foi bem o nosso caso.

E foi esta, aliás, a nossa maior paga.

E é só.

E que os moços, com autonomia ou sem ela, rumem juvenilmente, honestamente, cristãmente, pelo Caminho, compreendendo a Verdade e vívendo a Vida, que se consubstancia no Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, eis nossos votos sencerissimos.

O Homem Colaborador de Deus

M. QUINTÃO

Êste o título de um bom e belo livro, que nos chega pelas mãos dadivosas da Exma. Viúva de Leopoldo Cirne, o saudoso companheiro desencarnado há 7 anos, e que deixou nos fastos da Doutrina, em nosso país, um traço luminoso inconfundível.

Obra póstuma e inconclusa — ao que dizem — de um capítulo, bem andaram os amigos e admiradores do autor em promover-lhe publicidade, porque, ainda assim, ela representa o coroamento, em plena maturidade, de uma tarefa superior e modelar, para quantos almejam trilhar as sendas da Nova Revelação, em plano superlativo.

Não é que nas suas 195 páginas de texto se nos ofereça matéria nova e original, no concernente aos problemas científicos, filosóficos ou religiosos, fundamentais, em curso de eternidade e perquirição progressiva, de vez que *nihil sub sole nove;* mas, pela forma por que são focados esses problemas em perspectiva e análise de conjunto, por atualizá-los.

Em substancioso e conciso prefácio, o ilustre confrade Professor Leoni Kaself teve uma inspiração feliz no dizer que, sendo Bezerra de Menezes o nosso consagrado Kardec brasileiro, foi Cirne o nosso Leon Denis.

Sim, indubitavelmente, porque, sucedendo o venerando ancião, na cátedra da Federação Espírita Brasileira, ninguém alí, de jús e de facto, maior e melhor prova poderia dar de critério, ponderação e alto descortino.

Homem de gabinete, idealista por índole e formação intelectual, fácies de velho em rosto de moço, Cirne nada elocubrava e escrevia a vôo de pássaro.

Afável, maneiroso e discreto, era assim todo êle *in numero, pondere et mensura.*

Tal o conheci e com êle convivi por mais de uma década, na direção da «Casa de Ismael».

Dizer que nunca houvesse dissentido dos seus cômpares, seria faltar à verdade.

Êle tinha seus pontos de vista pessoais, antes de forma que de fundo, e timbravra em defendê-los com rígida firmeza; nunca, porém, subestimando o altiplano das idéias e princípios.

Por isso, teria tido e teve opositores e dissidentes, mas nunca adversários que lhe negassem os altos méritos intelectuais e morais, o respeito e consideração que tantas vezes se poluem e conspurcam na vasa das paixões humanas.

Pensador profundo por excelência, Cirne não era dos que se remetem ao estudo das teorias passadas em julgado, para desenvolvê-las e comentá-las apenas, mas, por batear nelas o que de justável pudera encontrar de refôrço aos prismas originais de sua própria lavra e intuição.

Nêste particular, não há como desconhecer nêste, como nos livros que o antecederam (1), nos copiosos artigos do «Reformador» e na sua parenetica oral, a expressão de um providencial mandato, honesta e convictamente cumprido.

* * *

Em pleno domínio de Acrologia, visualisando facetas da mais alta e sutil transcendência, póde-se esmar a meticulosidade com que se abeberou nas fontes mais puras, assim demonstrando uma vasta e variada cultura, não para capitular ou estadear erudição ruminante e farfalhuda, mas por estribar-se em argumentos e conjecturas de sua própria lavra.

Temos assim que se não trata, aquí, de um livro vulgar para o leitor vulgar; é obra de gabinete, que desafia argamassa de estudo e meditação, ademais vasada e filigramada em vernáculo de bom quilate.

Eu bem sei que houve e há quem o increpe ainda de tal ou qual prolixidade e culturanismo; mas, tendo-o conhecido *in intimis et in cuti*, ainda nêste particular, quero render-lhe a minha admirativa homenagem, no repetir a sediça paremia que diz que o estílo é o homem.

O seu retrato no frontespício desta obra, aí o temos num misto fiél de austeridade e bondade que lhe fluiam do cérebro aos lábios e à pena adamantina.

* * *

Certa feita, num rápido interlóquio na Esplanada do Castelo, com a franqueza que também me prezo de cultivar, ousei arguí-lo:

—Por que, ao envés de grossos volumes em téla rígida e catedrática, não desimetrar o ensino simplificado ao gosto e capacidade populares?

— Filho, (expressão muito dêle) eu não escrevo para as massas, não requesto popularidade. Escrevo para mim e para o futuro, confio em Cristo Jesus e na Posteridade... A um e outra entrego o modesto contributo do meu trabalho.

E confugiu-se e velou-se num gesto meditativo todo-êle.

* * *

Intuição admirável! Decorridos 20 anos, quem lêr hoje estas páginas com *olhos de vêr*, verá que o preopinante emérito e arguto não omitíu um só dos árduos problemas que nos defrontam, nêste incerto e sombrio, quão caótico fim de milênio.

---

(1) Doutrina e prática do Espiritismo—Anticristo Senhor do Mundo.

A ambição desmedida pelas cousas materiais produz frutos amargos. O verdadeiro cristão tem as suas vistas voltadas para os bens espirituais, que sempre produzem frutos sazonados: «Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acrescimo», disse Jesus. Que êste preceito vos sirva de orientação, afim de que as cousas mundanas não vos iludam. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

Um caso curioso

Um indivíduo dos seus 23 anos encontrava-se empregado numa casa comercial de exportação, situada numa cidade vizinha de Manchester, e costumava a vir duas vezes por semana frequentar as classes de espanhol e francês na Escola Superior do Comércio.

Num belo dia de fevereiro passado leu um anuncio num jornal oferecendo uma boa colocação numa das cidades mais importantes duma das Colonias Portuguesas

Decidiu-se a responder a êsse anúncio e dias depois recebeu um convite para se entrevistar com o Diretor duma conhecida casa exportadora.

Na noite dessa sua entrevista foi à Escola e contou o sucedido ao seu professor, rogando-lhe o favor de ajudá-lo a comunicar com um indivíduo, de preferência português, de fórma a poder colher impressões, pois nunca tinha saído da Gran Bretanha.

Acontece que o professor foi um dos meus bons alunos e naturalmente lhe deu o meu nome e direção do escritório.

Eramos naturalmente totalmente desconhecidos um do outro e, como naquela ocasião da entrevista me encontrava de mau humor e arreliado pedi ao homem para escrever à firma e a rogar-lhes para lhe enviarem as suas condições de Contrato, todavia, disse eu, de modo absolutamente nenhum, deverá aceitar nem mais nem menos do que o seguinte:

a) — Um contrato por três anos e no final desse período seis meses de férias com todas as despesas pagas incluindo o ordenado.

b) — O contrato a ser renovado ou não depois de estar de gôzo de férias aquí na Inglaterra.

c) — Gastos de viagem de primeira classe, uma certa importância para ser gasta na aquisição de enxoval próprio para o clima tropical.

d) — Um ordenado fixo mensal de x...

e) — A obrigação de no caso de vir a ficar enfermo e impossibilitado de continuar a viver naquela Colonia, ser-lhe paga a viajem de regresso e o ordenado de seis meses, e sendo possível a oferecerem-lhe uma posição na casa matriz.

Pedi-lhe para não fazer esta ou outra qualquer proposta, mas sim a aguardar as noticias sôbre o que a casa estava preparada a oferecer lhe. Levantou-se, apertou-me a mão pedindo desculpa por me ter dado esta estopada e que não me arreliasse com as misérias da vida, o egoismo, ingratidão e esquecimento em que me deitaram diversos «abortos humanos», pois a minha recompensa será muito melhor do que a dêles. Fiquei por uns momentos pensativo e mesmo curioso com o modo como êste desconhecido se despediu de mim.

Passados uns momentos bateu de novo à porta dizendo: — Não me esquecerei de comunicar consigo e por agora, adeus, até a vista!

Três dias depois veiu ver-me dizendo que a proposta que recebeu foi exatamente como aquela que eu lhe dei e que nesse mesmo dia tinha sido vacinado. Espera dentro de poucas semanas seguir até à África. Falámos sôbre vários tópicos, incluindo o facto de meu filho ter desencarnado durante a última guerra e a eu estar interessado em Espiritualismo.

— Não me admira absolutamente nada disso, disse me o homem pois que eu sou desde alguns anos também um espiritualista e quando o vi pela primeira vez, enquanto estava falando comigo vi uma aura e várias luzes celestiais a envolve-lo, mas, receando a que seguisse a religião Católica Apostólica e Romana, esquivei-me de entrar em polêmicas alheias aos fins que me trouxeram à sua presença.

Temos aquí mais um caso interessante que me convenceu a que efectivamente há ocasiões em que somos guiados pelos nossos amigos do «Além».

No que fica acima exposto não só nunca nos vimos, como também êsse amigo novo me assegurou que nunca leu nenhum dos meus artigos publicados no «Two Worlds», e que em facto, se eu não tivesse mencionado a êle a minha crença de sua parte teria ficado absolutamente satisfeito em reconhecer que tinha sido «guiado» por alguém do Outro Mundo, para se pôr em comunicação e contacto comigo.

Há depois o facto de eu nunca ter estado na Africa Portuguêsa e desconhecer por completo o modo e carestia da vida alí. Finalmente não houve qualquer comunicação telepática entre o Diretor da casa que vai empregar êsse rapaz e a minha pessoa, pois não nos conhecemos e de sua parte estava positivamente ignorante dessa nossa entrevista.

Narrei o sucedido a um católico ferrenho o qual replicou:

Parvoices, Duarte. Você um dia destes entrará num Manicômio!

E a minha resposta foi rápida e enfática:

— Se o meu destino me levar a terminar os meus dias cá na terra num desses estabelecimentos, estou convencido de que encontrarei alí alguns indivíduos muitissimo mais inteligentes, e possuindo mais juizo do que você!

Frederico Duarte — Manchester.

Estranho caso de «cura» por exorcismo

WASHINGTON, 20 (AFP) — A ciência moderna cedeu lugar ao ritual católico secular para que se conseguisse a cura de um jovem que sofria de estranha enfermidade. Trata-se de um menino de 14 anos, residente em Mount Rainier, nas proximidades de Washington, sujeito a ataques semelhantes aos da epilepsia, durante os quais gritava e fazia declarações em latim, lingua que jamais estudára, segundo depoimentos de seus professores. Além disso, acontecimentos desconcertantes assinalavam a presença do jovem, de acôrdo com afirmações de um padre católico e de um pastor protestante que o mantiveram em observação: o leito no qual êle dormia se movimentava através do quarto; a poltrona na qual costumava sentar-se caía frequentemente e, por varias vezes, frutas colocadas sôbre uma geladeira, projetavam-se de encontro à parede, sem que ninguém as tocasse, quando êle as procurava alcançar.

O menino foi transportado para o Hospital Católico da Universidade de Georgetown, e depois para o da Universidade de Saint Louis, onde todos os métodos modernos da medicina em geral e da psiquiatria em particular foram insuficientes para curá-lo. Foi então que o remédio «sobrenatural» foi lembrado, pois o enfêrmo, segundo o admitiram alguns médicos, «tinha um mau espírito no corpo». Diante disso, um padre recorreu ao ritual secular do exorcismo. A luta que se travou em seguida entre o sacerdote e o espírito foi dramática. O padre permaneceu junto ao jovem durante mais de dois meses, recitando dezenas de vezes o ritual, depois de se ter submetido a um rigoroso jejum. Antes de cada leitura do ritual do exorcismo, que consta de 27 páginas, o padre celebrava uma missa. E cada vez, no momento de pronunciar as palavras decisivas do ritual («eu te ordeno, espírito impuro, a ti e a teus associados, que atormentam êste amigo de Deus, que reveles teu nome e o dia e a hora de tua partida, por meio de um sinál. Te ordeno que obedeças e que não mais ofendas esta criatura de Deus»). Nessa altura a crise de que era preso o menino atingia o máximo.

Finalmente, o sacerdote levou a melhor sôbre o seu adversário. Os acessos do enfêrmo diminuiram de violência, cessando, depois, completamente. O último ritual, que expulsou definitivamente o demônio, foi recitado em Maio e desde então o jovem ficou livre da influência do malígno, contra a qual a ciência nada pôde fazer.

O jornal desta Capital, «Washington Post», publicou hoje uma breve reportagem sôbre o «milágre», em sua primeira página.

De «O Estado de São Paulo»

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Noticias de S. Paulo

A 7 de Agosto p.p., realizou-se a solenidade do lançamento da pedra fundamental da INSTITUIÇÃO BENEFICIENTE NOSSO LAR, á Rua Almeida Torres, 108, no bairro do Cambuci, em terreno doado pela exma. confreira D. Lidia Mateus e seu esposo.

Marcado o início da festividade para as 15 horas, muito antes acorreram ao local inumeros confrades e pessoas de todas as camadas sociais.

Notámos a presença de representantes e sociedades devidamente credenciadas ao ato como: Federação Espírita do Estado de S. Paulo, União Social Espírita, União da Mocidade Espírita, Lar da Família Universal, Livraria Allan Kardec Editora, Hora Espiritualista, todas da Capital e mais: Diretores da Casa de Lazaro, do Rio de Janeiro, e os orgãos «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo.

Representando oficialmente o Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros, esteve presente o ilustre Snr. Capitão Irineu Castro, nosso confrade.

O Dr. Flavio Pinheiro, médico em Ibitinga, preparou os aparelhos para gravação e impressão dos discursos que seriam proferidos. Auxiliares e tecnicos o assistiram para que o espectáculo fosse completo e nada se perdesse.

Na gravação, o Dr. Pericles Moreira Senna, Engenheiro da Central do Brasil e um dos grandes colaboradores da Instituição.

A's 15,30 horas, tudo pronto e com a palavra o confrade Antonio R. Monte-Mór, que, após saudar os presentes, convidou D. Lidia Mateus para deitar a primeira pá de cal e cimento, o que foi feito debaixo dos aplausos de todos.

A seguir, fomos para o palanque armado e florido, tendo ainda a se descortinar pela nossa frente, a beleza panorâmica da planicie verde dos campos e dos telhados alvos das casas adjacentes.

O sol que nos aquecia estava brilhante, de maneira a nos encher de satisfação, parecendo-nos que tudo estava contribuindo como surpreza grata aos nossos corações, lembrando-nos a graça e a misericórdia do Pai Celestial, que nos é dada constantemente por acréscimo.

Impossivel descrever a vibração reinante. Como primeiro orador foi á tribuna o Dr. Luiz Monteiro de Barros, discorrendo sôbre o significado daquela obra, abordando serenamente assunto de magna importância doutrinária.

Após, a Srta. Nancy Puhlmann, como que iluminada pelos irmãos do Alto, interessados como sempre em obras tais, arrebatou-nos com a sua palavra cheia de ternura a par da sua bela preparação espiritual.

Outro orador, Pedro de Camargo, o querido Vinicius, iniciou a sua peroração dissertando sôbre o campo educacional e afetivo, desenvolvendo tése de profundos ensinamentos.

Fez uma saudação ás dignas obreiras do «Nosso Lar» e discorreu ainda sôbre o problema da criança abandonada, de modo claro e elevado. Pena não podermos traduzir aqui a grandiosidade das palavras dos oradores.

Terminando, assomou á tribuna D. Olga de Brito, DD. Sacretária da Instituição, que nos falou em rápido relato das lutas e da vida do «Nosso Lar» e do que se projeta em futuro próximo. Comovidissimos, ficámos a pensar si não é veridico que já estamos vivendo a hora da felicidade terrena.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

A's 18 horas, o cronista, em nome da Direção, agradeceu a presença de todos que foram ali levar a preciosa colaboração, dizendo do quanto eramos felizes em nos ajudarmos mutuamente, como a nos lembrar o «Amai-vos uns aos outros» do Mestre. Dentro em pouco as lagrimas, os abraços e os corações fundiram-se num só amplexo.

Conseguimos anotar ligeiramente as seguintes pessoas presentes á reunião: Prof. Anselmo Gomes, Carlos Herschel e familia, D. Maria Augusta Puhlmann, D. Olinda Monte Ablas e Gicelia Ablas, Najma e Laura Craide, Dr. João Batista Dinola, Dr. Bruno Fulchi, Bruno Severino, Flavio Paciello, Ernani Mendes Clare, D. Eneida Moreira Senna, Quininha

Freitas, Dr. Homero P. Vallada e Dr. Euripedes de Castro. Mais de uma centena de senhoras e senhorinhas, encheram essa tarde de graça e espiritualidade, encantando-nos sobremaneira com a sua dedicação e cooperação, dando brilho á festividade, o que muito contribuiu para o êxito da reunião.

O exmo. sr. Deputado Federal, Prof. Romeu Campos Vergal, por motivos imperiosos, não poude comparecer, fazendo-o, todavia, por representação.

A «Revista Internacional do Espiritismo» associa-se sinceramente aos queridos irmãos de mais uma futura Casa da Criança Abandonada, o «Nosso Lar», desejando-lhes prosperidades.

Vicente S. Néto

Aos Centros Espíritas

Do Deputado Castro Carvalho, Capitão-médico e nosso distinto contrade, residente à Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1447, com Fone 3-7568, Capital, recebemos a seguinte circular:

«Prezado confrade

Tem esta o objetivo precípuo de chamar a sua preciosa atenção para a necessidade imperiosa de se registrar, de acôrdo com os dispositivos legais que regem a matéria, os estatutos de todos os «Centros Espíritas».

Se, porventura, êsse «Centro Espírita» prestar assistência social à coletividade, quer mantendo asilos, orfanatos ou sanatórios, quer prestando socorro ás populações, deve requerer matrícula no Departamento de Serviço Social (art. 12 do Decreto estadual n.º 9.486, de 13-9-1938), ou no Serviço de Medicina Social (art. 5.º do Decreto estadual n.º 10.880, de 4-1-1940), casos havendo mesmo em que devem pleitear a declaração de utilidade pública, consoante preceitua a Lei federal n.º 91, de 28-8-1935.

Sem essas preliminares e indispensáveis providências estarão os «Centros Espíritas» impossibilitados de receber subvenções ou de gozar de quaisquer outras regalias por parte dos poderes públicos.

Porta-voz dos Espíritas que sou, na Assembléia Legislativa do Estado, terei o máximo prazer em fornecer informes referentes ao assunto, bem como processar o encaminhamento de papeis ás Repartições competentes.

Paz em Jesus

Castro Carvalho.

Livros Novos

PIERINO GAMBA

Isidoro Duarte Santos, um dos mais notáveis escritores espíritas, Diretor da brilhante revista «Estudos Psíquicos», de Lisbôa, Portugal, e que vem lançando a lume obras realmente substanciosas, acaba de enriquecer ainda mais a Bibliotéca espírita com um trabalho tão oportuno quão necessário aos estudiosos do psiquismo à luz da 3.ª Revelação.

Pierino Gamba, o maestro de 11 anos, que assombrou com o seu talento extraordinário Lisbôa, Suiça, França, Belgica, Inglaterra, Dinamarca e Espanha, continua a deixar boquiabertos todos os críticos da especialidade, que afirmam estarem em presença de precocidade musical, que de século em século aparece. De facto, o menino-prodígio tem regido as melhores orquestras da Europa, com capacidade invulgar, eletrizando com o seu talento extraordinário milhares e milhares de pessoas.

O autor, depois de transcrever a opinião dos críticos, de médicos psiquiatras e espiritualistas, passa a abordar o assunto com rara proficiência à luz da 3.ª Revelação, citando factos comprobativos da reincarnação e da sobrevivência individual, terminando o seu substancioso trabalho, que contém 174 páginas, com a seguinte afirmativa: «Só o acúmulo de conhecimentos, só uma técnica vinda de outras éras e fixada nos recessos do perispírito, insensível, por assim dizer, ás mutações da matéria, póde dar um produto semelhante, que nenhuma hipótese materialista explicará jamais em termos compreensíveis».

Aos estudiosos dos assuntos psíquicos recomendamos a leitura dêste brilhante trabalho, afim de aumentarem o cabedal dos seus conhecimentos.

Agradecemos ao autor a oferta de um exemplar.

Novo representante na Capital Federal

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes na Capital Federal que o sr. Haroldo Marques, residente à Rua Moncorvo Filho, 27, Sob., foi nomeado representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», com autorização para angariar e receber assinaturas de mencionadas publicações.

* * *

Este Mundo e o Outro

Está despertando interêsse fóra do comum a Secção «Este Mundo e o Outro», que desde fins de Julho p p. vem aparecendo no brilhante matutino «DIARIO TRABALHISTA» do Rio e que tem em sua direção os confrades Leopoldo Machado e J. A. de Oliveira, com a colaboração de diversos. Ao registrarmos esta auspiciosa notícia, lembramos a todos a conveniencia de prestigiarem o referido jornal que aeolheu em suas colunas tão marcante iniciativa.

* * *

Novo Representante

Temos o prazer de comunicar aos nossos prezados assinantes que o sr. Daniel Ferreira da Silva, representante do Abrigo «Pinheiro Machado» de Novo Horizonte, fica, desta data em diante representando «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», com a autorização para angariar assinaturas e passar recibos.

Solicitamos aos nossos prezados confrades dispensarem auxílio a êsse novo representante, na sua missão, o que antecipadamente agradecemos.

* * *

Sessão Comemorativa

Com o salão à cunha, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 15 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão comemorativa do 44.º aniversário de «O Clarim».

Fez a prece de abertura a companheira Zélia Perche, usando da palavra, a seguir, o companheiro Campêlo, que falou sôbre o motivo da reunião. A seguir recitaram poesias as seguintes crianças da aula espírita «Cairbar Schutel» : Elvira Perche Campêlo, «Ao Clarim no dia 15 de Agosto» ; Sebastião Casadei de Oliveira, «Clarinadas Supremas»; Alice Coelho, «O Clarim» ; José Casadei de Oliveira, «Igreja em casa» ; Edni Gonçalves, «15 de Agosto» ; Carlos Eugenio Olson, «15 de Agosto» ; Elza Catarina Olson, «Ao Clarim» ; Elvira Perche Campêlo, «Homenagem ao Clarim no dia do seu aniversário».

Usaram da palavra os seguintes confrades : José Dias, por si e pelos Centros Espíritas «Fé e Caridade», «Verdade e Luz», «Casa dos Espíritas» e «Albergue Noturno», de Rio Claro ; José Augusto Camargo, por si, pelos irmãos Volpe e Centro Espírita «Fé e Caridade» de Jaboticabal ; Guilherme Rocco, de Nhandeara ; André Alcnso Garcia, de Ida Iolanda ; Onofre Baptista ; José Balbino Cardoso, de Araraquara e Carlos Olson, de Matão.

Encerrou a sessão que terminou ás 21 e 30 o companheiro Costa Filho.

A seguir foi oferecido aos presentes bandeijas de doces e sanduiches.

* * *

Lourenço Bianchi

O nosso antigo representante-viajante, sr. Lourenço Bianchi, que há um ano mais ou menos, havia se afastado do serviço, por motivos imperiosos, acaba de reassumir o seu antigo posto, como representante de «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e «Abrigo Pinheiro Machado», de Novo Horizonte.

Iniciando a sua excursão, a serviço da Doutrina, êste nosso representante visitará as zonas servidas pela Alta Paulista, de Itirapina, via Jaú, até Agudos, etc., voltando pela Douradense e terminando a sua presente excursão em Novo Horizonte.

O sr. Lourenço Bianchi espera de todos os confrades a mesma acolhida que sempre lhe dispensaram o que antecipadamente agradecemos.

Baseada na caridade, a doutrina de Jesus é a estrela da vida a apontar o verdadeiro caminho que conduz á mangedoura da felicidade. — MARIQUINHAS.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— ,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2591unse

NO XXV—Brasil—E. S. Paulo— Matão, 15 de Outubro de 1949 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec e a Codificação do Espiritismo . . . . *J. B. Chagas*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Allan Kardec, um Símbolo ! . . . *Leopoldo Machado*
A Vidente de Prevorst . . . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Ciência Metapsíquica . . . . . . *Pedro Granja*
Mediunismo e Espiritismo . . . . *Pereira Guedes*
Livros e Autores . . . . *Aurelio A. Valente*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Romances:

Almas Crucificadas
Beijo da Morta (O)
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
...E as Vozes Falaram...
Granja do Silêncio (A)
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto

Vários assuntos.

Antigo Egito (O)
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Espírito Consolador (O)
Factos Espíritas
Grandes e Pequenos Problemas
Irmãos de Jesus
Introdução da Doutrina Espírita
Jesus, nem Deus nem Homem
Lázaro Redivivo
Livro de Tobias (O)
Luz Acima
Martírio dos Suicídas
Mensageiros (Os)
Missionários da Luz
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Região em Letígio
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Trabalho dos Mortos (O)
Uma Nova Ciência
Volta Bocage...
Vidas Sucessivas (As)

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1949 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

ALLAN KARDEC E A CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

E’ comum vêr-se citada por todos os que escrevem sôbre a biografia do Dr. Léon Hipolite Denizard Rivail, a circunstância de ter sido êle educado na Suiça, no Instituto Pestalozzi, em Iverdon, Castelo de Zoehringen e quando se ausentava o mestre, para visitar, em propaganda pedagógica, diversas cidades da Europa, era êle quem o substituia na direção do Instituto.

Silencia-se a respeito do motivo principal que levou a família Rivail, de índole essencialmente católica, a enviar o seu filho para um colégio protestante fóra do país. Eis a razão:

E’ que a França, naquela época, atravessava um período crítico na sua vida política. A questão religiosa estava portanto em pura efervescência. Desde a Concordata de 1802, imposta ao Papa Pio VII por Napoleão, trabalhava-se intensamente em pról do catolicismo, que a Constituição de 91 havia tornado um culto igual aos outros perante a lei e o Estado.

Antes da Concordata havia dois catolicismos, o que aderira à República e o que a combatia. Precisando das duas correntes para a realização dos seus intuitos de ambição e de imperialismo, Bonaparte, que havia transformado o seu consulado em um Império, forçou a volta dos dissidentes à unidade, tornando o romanismo religião de Estado. Êsse procedimento trouxe grande descontentamento, não só dos que serviram à República, como de toda parte independente da França. Como sempre acontecia, o Imperador não ligava nenhuma importância ao povo.

Foi num ambiente assim, em 3 de Outubro de 1804, cinco mêses, portanto, depois do golpe de Bonaparte, que nasceu o menino Hipolite Léon Denizart Rivail, nome êste que aparece em vários documentos oficiais e literários de três modos diferentes. Ora o prenome inicial é Denizart, como no registro do seu nascimento; ora Léon, em vários escritos de comentadores e historiadores. Ora Hipolite, como no registro de batismo existente na Igreja de S. Dénis da Cruz Vermelha, no termo lavrado em 15 de Junho de 1805; no de seu casamento com a senhorita Amélie-Gabrielle Boudet é ainda Hyppolite-Léon-Denizard Rivail, assim como nas obras pedagógicas que escreveu e nos documentos públicos quando lançava o nome por extenso ou abreviado.

Por estas razões, deviamos preferir escrever sempre o nome Hipolite Léon Denizard Rivail, sobretudo, porque encerra uma particularidade interessante, que destacaremos em letras maiúsculas: Hipolite LÉON DENIZard Rivail. Certamente, por uma questão de eufonia, tem sido mais usado—Léon Hipolite Denizard Rivail.

Em dez anos a França se tornou o país mais politicamente católico da Europa. Período sério e grave em que as masmorras viviam cheias de pessoas que se haviam mostrado independentes de consciência. Contavam-se em grande número os exilados fóra da França, por motivo religioso. Hordas de fanáticos insuflados pelo Clero católico, passaram a ferro e a fogo o Protestantismo e o Filosofismo francêses. Em 15 de Agosto, na cidade de Nimes, as mulheres católicas fizeram, em homenagem à sua Nossa Senhora, uma passeata pelas ruas, arrastando mulheres protestantes, completamente despidas, pintadas, marcadas a ferro, sendo depois entregues à furia e à violência de verdadeiros energúmenos.

A instrução normal superior, que já se achava em mãos do Clero, passava para ás dos jesuitas, que abundavam em França, sob o disfarce de «padres da fé». A Escola Politécnica, por castigo, à sua independência em matéria de ensino das ciências físico-naturais, foi fechada. Cruzes de madeira eram erguidas nas praças públicas, ao pé das quais, em *autos de fé*, eram queimadas as obras de Rousseau e dos encicopledistas, principalmente as de Voltaire. Ademais, nenhum professor podia deixar de ser sacerdote ou redondamente clerical, e nenhum aluno admitido, que não trouxesse atestado positivo de que pertencia a família católica praticante.

Foi diante de tamanha intolerância religiosa, que as famílias mais abastadas da França, mandaram educar os seus filhos fóra da França. Assim aconteceu com o jovem Hipolite, que foi entregue aos cuidados do grande Prof. Pestalozzi, sábio no verdadeiro sentido do têrmo. A êsse homem invulgar em sabedoria, foi atribuida a tarefa da formação mental e espiritual do jovem Hipolite. Rivail esteve com Pestalozzi dos 12 aos 20 anos, sendo o aluno mais querido de seu mestre e seu prestimoso colaborador.

Voltando à França em 1825, depois de ter Pestalozzi, já octogenário, resolvido fechar o Instituto, entregou-se à divulgação do método que havia aprendido do seu Mestre, tornando-se, após a morte de Pestalozzi, em 1827, a maior autoridade no assunto, em toda a França, apesar de ser muito moço.

Com êste objetivo, escreveu várias obras de caracter didático.

Nessa luta, que a princípio visava apenas a conquista do pão de cada dia, e por fim a independência econômica, levou mais de vinte anos.

A sua divisa, legada por Pestalozzi, que a seu turno a herdára de Rousseau, era — TRABALHO, SOLIDARIEDADE e TOLERÂNCIA.

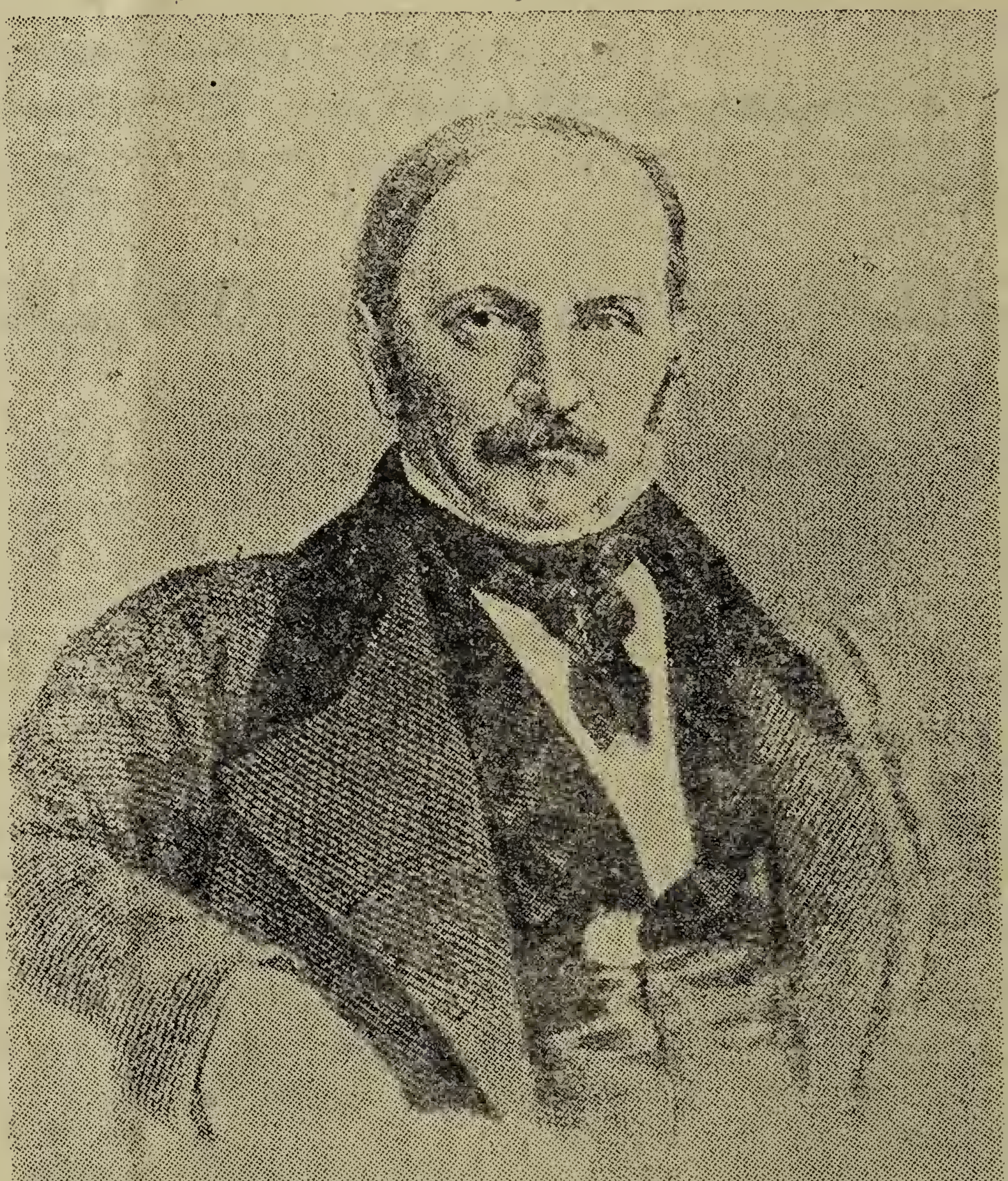

ALLAN KARDEC

Foram as três virtudes, que êle pôs em prática, durante toda a sua vida — por certo o seu maior galardão.

Foi, portanto, um homem habituado desde a juventude, pela educação e pela atividade profissional, a observar bem, ouvir melhor, a calcular com exatidão; a raciocinar com madureza, a inferir com prudência ; a analisar com conhecimento de causa e a sintetizar com lógica e método.

O seu longo tirocínio no magistério, iniciado aos 15 anos, em Iverdon, dera-lhe a faculdade de expôr com clareza e escrever com elegância e precisão.

«Não tenho — dizia êle — nenhum instinto poético; o que acima de tudo procuro, o que me agrada e admiro nos outros, é a clareza, a nitidez, a precisão. Longe de sacrificar esta à poesia, antes poderia reprovar-me de sacrificar o sentimento poético à secura da fórma positiva. Preferí sempre o que fala à inteligência ao que só fala à imaginação». (OBRAS PÓSTUMAS, pag.).

Completava-lhe o caracter invulgar um sólido conhecimento de Filosofia e Teologia, estudadas em plena liberdade de espírito, tolerância e amôr à verdade, segundo a propaganda de Rousseau sistematizada por Pestalozzi e conforme os trabalhos formidáveis dos enciclopedistas do século 18. Portador da educação mais moderna e completa do seu tempo, foi um preceptor filósofo a vida inteira, conhecido a princípio pelo nome acatado de Professor Rivail e depois pelo pseudônimo de Mestre Allan Kardec, que o tornou mais célebre ainda.

E o trabalho que me cumpre explanar, ficaria incompleto sem êsse escôrço biográfico e histórico em torno da figura ímpar do dr. Hipolite.

Pois bem. Foi a um homem de tal envergadura intelectual e moral, que os Espíritos do Senhor foram escolher para tornar conhecidos dos homens, em *espírito e verdade*, os ensinos deixados há quasi dois mil anos por Jesus, relembrando-lhes tudo o que Êle havia dito, incompletamente, pelo atraso dos homens da sua época, e assim, elaborar um *vade-mecum* prodigioso, que é hoje mais conhecido por Codificação Cardecista.

Corria o ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e cinquenta e cinco, e na futilíssima París a vida passava tranquilamente, quando um facto curioso começou a interessar às rodas mundanas parisienses. E' que nas reuniões elegantes havia aparecido mais um divertimento, mais um *passa-tempo*, que consistia em várias pessoas colocarem as mãos sôbre uma mêsa, fazendo-a girar e responder a perguntas, por meio de pancadas convencionadas.

A' principio não passavam, de facto, de mero *passa-tempo*, mas com o decorrer do tempo as respostas passaram a conter censuras, àqueles que se divertiam em fazer a mêsa girar, afetando a cada um em casos íntimos. Foi quando se lembraram de convidar um homem, que era muito conceituado nos meios culturais francêses e desfrutava de larga reputação, em face da sua absorvente atividade intelectual, pelo caracter ilibado, saber profundo e grande ponderação; lisura de ação e integridade moral. Este homem, não era outro, senão o *Dr. Léon Hipolite Denizard Rivail*, médico, professor e linguista que, de início, declarou àqueles que o convidaram: — «Eu acreditarei quando me provarem que uma mêsa tem cérebro para pensar», por não conceber êle que um móvel material pudesse dar respostas inteligentes. E foi, realmente, vêr de perto de que se tratava. Viu, que de facto, a mêsa se movia, apenas ao contacto das mãos de algumas pessôas, sem interferência de qualquer fôrça física exterior. Observou mais que, por meio de pancadas de ante-mão convencionadas, respondiam, inteligentemente, ás perguntas feitas. Concluindo, então, que, não possuindo a mêsa um cérebro para pensar e raciocinar, não poderia, por si mesma, responder, inteligentemente, a perguntas, e que estava, portanto, diante de um fenômeno inteiramente novo e que vinha derrogar as leis da Física. Disso não lhe restava a menor dúvida. E no que fúteis criaturas viam sómente um mero divertimento, o dr. Hipolite, descobria os fundamentos de uma nova ciência, — a ciência da imortalidade da alma, firmando o seu ponto de vista no magistral conceito: «Todo efeito inteligente há de por fôrça derivar de uma causa inteligente. Para uma manifestação ser inteligente, indispensável não é que seja eloquente, espirituosa, ou sábia, basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção, ou respondendo a um pensamento.»

Daí em diante não descansou mais. Congregou elementos, realizou sessões, ouviu espíritos, recebeu comunicações vindas de todas as partes do Mundo, até que recebeu o aviso providencial da sua missão.

E' o próprio Dr. Hipolite que relata como ocorrera o aviso da missão que lhe estava atribuida pelos maiores da Espiritualidade. Isso aconteceu na casa de Mme. M. Hustan. Foi por intermédio do médium Mlle. Japhet, em 30 de Abril de 1856, que êle tivera a primeira revelação da tarefa que cabia desempenhar.

Frequentava o Dr. Rivail as sessões de Mme. Hustan e já havia começado a verificação do trabalho que seria mais tarde o *Livro dos Espíritos*.

«Em uma sessão íntima—êle próprio o declara—a que não assistiam senão sete ou oito pessoas, entretinhamo-nos com diferentes assuntos relativos a sucessos que podiam produzir uma transformação social, e eis que o médium, tomando a cesta, escreve espontaneamente o seguinte: «Quando soar a trombeta, haveis de ouvi-la. O homem consolará o seu semelhante e magnetizá-lo-á para o curar. Depois, cada qual no seu posto, deverá ficar de prevenção, porque todos teem o que fazer e tudo será destruido num dado instante. Não haverá diversas religiões, nem ha necessidade senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do Creador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados... Rivail, a tua missão é essa: (a cesta, libertando-se, voltou para mim rapidamente, como faria uma pessoa, que me apontasse com o dedo).» OBRAS PÓSTUMAS, pags. 264 e 265.)

A essa comunicação êle aduziu a seguinte nota: Foi a primeira revelação positiva da minha missão e confesso que quando vi a cesta dirigir-se bruscamente para mim e designar-me pelo nome, não pude forrar-me de profunda emoção.»

Apesar disso, na sessão do dia 7 de Maio de 1856, êle voltou a interrogar os espíritos acêrca da sua missão, obtendo a seguinte resposta: —

«Sim (tudo era verdade), e se interrogares as tuas aspirações, as tuas tendências e o objeto quasi constante das tuas meditações, não te surpreenderá o que te disseram. Deves realizar o teu sonho de longo tempo. E' preciso, porém, que trabalhes ativamente para estares pronto, porque o dia está mais próximo do que pensas». (ob. cit. pag. 266).

Mesmo assim, como a demonstrar o invejável bom senso, e que mais tarde faria alarde, ao contrário do que faria outro menos ponderado, êle voltou a interrogar os Espíritos. Na reunião realizada na casa de N. C. no dia 12 de Junho de 1856, êle pergunta novamente: «Tenho, como sabeis, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe, imensa é a distância; e eu não sei o que possa justificar, em mim, um tal favor, de preferência a tantos outros, que possuem talento e qualidades que não tenho».

A' essa sincera, quão espontânea confissão de humildade, os Espíritos aduziram: — «Confirmo o que foi dito, mas aconselho-te a maior discreção, se queres ser bem sucedido. Tú saberás, mais tarde, coisas que te explicarão o que agora te surpreende. Não esqueças que tanto podes vencer como falir: nêste último caso, serás substituido por outro porque os desígnios de Deus não assentam sôbre a cabeça de um homem. Nunca fales, portanto, da tua missão, pois seria um meio de falires. Ela não póde ser justificada senão depois da obra acabada, e tú ainda nada fizeste. Se a acabares, os homens saberão, cedo ou tarde, reconhecê-lo, porque é pelos frutos que se conhece a qualidade da árvore». (Ob. cit. pag. 270).

Com o desejo de aprender sempre e saber o máximo acêrca da sua missão, trava êle com o Espírito da Verdade o seguinte diálogo: «Quais são as coisas que me podem fazer caír? Será a insuficiência da minha capacidade?

Obteve, a seguir, esta resposta: — «Não. Mas a missão dos reformadores é cheia de tropêços e perigos A tua é rude, previno-te porque tens de revolver e reformar o mundo inteiro Não suponhas que basta publicar um livro, dois, dez e ficar tranquilo em casa; ser-te-á preciso expôr a tua pessoa. Levantarás contra ti ódios terriveis; inimigos encarniçados conjugarão a tua perda; serás alvo da malidicência, da calúnia, da traição, mesmo dos que te parecerem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e adulteradas; mais de uma vez vergarás ao peso da fadiga; em uma palavra, haverá uma luta quasi constante, e o sacrifício do teu repouso, da tua traquilidade, da tua saúde, e até da tua vida; porque, sem isto, viverias mais tempo. Pois bem! Nem um passo para trás desves dar quando, em vez de um caminho juncado de flores encontrares, sob os pés, urzes, agudas pedras, e venenosas serpes. Para tais missões, não basta a inteligência; é preciso, principalmente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinterresse, porque Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e ambiciosos. Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e inabalável firmeza; igualmente é preciso prudência e jeito, para levar as coisas de modo a não comprometer os sucessos por medidas ou palavras intempestivas ; é preciso, finalmente, dedicação e disposição para todo o sacrifício. Já vês que a tua missão é subordinada a condições que só de ti dependem.» (Ob. cit. pag. 270/1).

Após ter recebido essas consoladoras palavras de advertências, numa prova de sublime humildade, êle entrega a sua alma ao Senhor, em transportes de amor, orando assim : — «Senhor ! Se vos dignastes lançar os olhos sobre mim, para satisfazer os vossos desígnios, seja feita a vossa vontade. A minha vida está em vossas mãos ; disponde do vosso servo. Para tão alto empenho, eu reconheço minha fraqueza. Minha bôa vontade não falhará, mas podem trair-me as fôrças. Supri a minha insuficiência, dái-me as fôrças físicas e morais necessárias. Sustentai-me nos momentos difíceis, e com o vosso auxilio e o dos vossos celestes mensageiros, esforçar-me-ei por corresponder às vossas vistas». (Ob. cit. pag. 271).

A' essa súplica ao Senhor êle aduziu a seguinte nota :—«Quando me vinha uma decepção, uma contrariedade, eu me elevava em pensamento acima da humanidade, colocava-me, por antecipação, na região dos Espíritos, e dêsse ponto culminante, donde descobria o meu ponto de chegada, as misérias da vida passavam por mim sem me atingirem. E tanto me habituei, que os maus nunca me perturbaram !» (Ob. cit. pag. 273).

Viera, então, a saber nêsse intercâmbio com os habitantes do mundo invisível, que espécie de missão lhe estava reservada para o bem estar da Humanidade, e de ter sido sacerdote, ao tempo dos Druídas, com o nome de Allan Kardec.

Partindo, a princípio, da observação de factos tão desconexos, como os fenômenos tiptológicos e das mesas falantes e girantes, conseguiu, ao têrmo de estafante trabalho, lançar as bases seguras de uma doutrina, que hoje vem se impondo a toda a Humanidade, nos seus grandiosos aspectos — CIÊNCIA, FILOSOFIA e RELIGIÃO.

Rasgou-se, então, dalto abaixo o *véu do templo* e surgiu uma nova luz das luzes dos Evangelhos do Cristo, porque interpretados em *espírito e verdade*. Foram devassadas as fronteiras do além túmulo. A vida passou a sorrir ás criaturas. A fé cega rolou por terra, dando lugar à fé raciocinada, à fé consoladora, à fé certeza.

Vieram depois em apôio à teoria nascente da imortalidade da alma em bases absolutamente científicas, através da observação e da experiência, à luz da publicidade as obras, chamadas hoje da Codificação.

Estava lançada a Codificação do Espiritismo, como Doutrina organizada. A caminhada, porém, que teve de empreender para conseguir o seu intento, que era estabelecer a verdade sôbre tudo o que lhe fôra dado observar, nem sómente de flôres era atapetada... como bem haviam previsto os seus guias.

A respeito do seu desincarne, escreveu *Revue Spirite*, de Maio de 1869 : «Nêle, como em todas as almas bem temperadas, a lima do trabalho gastou o aço do invólucro. Seu corpo entorpecido recusava-lhe os serviços ; mas o espírito, cada vez mais vivaz, mais enérgico, mais fecundo, alargava sempre o círculo da sua atividade. Nesta luta desigual a matéria nem sempre podia resistir. Um dia foi vencida, rompeu-se o aneurisma e Allan Kardec tombou fulminado». Êle que possuía uma envergadura para viver cem anos. Viveu, apenas 65 anos !

E para que se tenha uma idéia da grande capacidade de trabalho dêsse homem privilegiado, basta considerar o tempo por êle gasto para escrever estas oito obras. Enquanto Eça de Queiroz levou seis anos para escrever e rever OS CRIMES DO PADRE AMARO ; Carlos de Secondat, o Barão de Montesquieu, ilustre publicista francês, gastou seis anos para escrever o seu livro — O ESPÍRITO DAS LEIS, com apenas 60 páginas e Gustavo Flaubert, consumiu dez anos para escrever SALAMMBÔ. Allan Kardec, em treze anos, apenas, produziu oito livros, alguns com mais de quinhentas páginas ! E' preciso considerar, outrossim, que não foram oito romances, mas obras de observação pessoal e de acurada pesquisa !

Glória, pois, ao seu Espírito, Salve !

J. B. CHAGAS.

Nova Iguassú, 24 de Março de 1949.

Procurai na resignação, na humildade e na caridade a base da vossa felicidade. — DALVA.

Fenômenos de Materialização

XXXI

Reunião de sábado, 13 de Abril. Dirigiu-a o presidente do Grupo, Prof. Newton Gonçalves de Barros, declarando-a aberta depois de proferir uma prece, com visível unção espiritual. Da assistência, além de um número não diminuto de componentes assíduos e do estimado irmão Antonio Terreioulo que, não obstante ser socio fundador do Grupo, assistia aos trabalhos dêsse gênero pela primeira vez, faziam parte os queridos confrades visitantes Orvile Derby A. Dutra, sua esposa D. Araci Dutra e sua filhinha Raquel, de Juiz de Fóra, Virgilio Pais dos Santos, de Astolfo Dutra, Maria Coimbra de Oliveira e Farmacêutica Maria de Lourdes, de Pirapetinga, Minas Gerais, Marilia Machado Barbosa e Alceu Braga e senhora, de Nova Iguassú, Estado do Rio de Janeiro. Depois de se ouvir a palavra orientadora do Alto, o médium vai acomodar-se na cabine. E' entoado um hino e é feita uma prece. Fazem-se alguns minutos de meditação afim de ser feita uma perfeita sintonia de pensamentos elevados, durante o que são lembrados os nomes de vários doentes. Nota-se na parte lateral direita do gabinete mediúnico, uma luz mortiça. Logo que êste fenômeno termina o seu efeito, aparece um fóco de luz intensa, cuja duração ultrapassou o tempo em que foi entoado o hino «Canção Materna», que o Fidelinho acompanha com a sua voz delicada e aguda.

Uma voz se ouve a recomendar fôsse apagada a pequena luz e, em vez da leitura habitual de uma página doutrinária para os comentários, recomenda sejam lembrados e comentados alguns preceitos evangélicos. E' feita uma oração em intenção dos doentes. O José Grosso pede-nos que anunciemos u'a máxima evangélica. A Lenice, expedita, cita a seguinte: «Amai-vos uns aos outros». Logo aparece um painel luminoso em que figuraram, em alto relêvo, os caractéres dêsse grande mandamento de Jesus.

O fenômeno surpreende pelo seu encanto e pelo ineditismo da sua aparição. João de Deus vem ao salão, empunhando o referido painel. Logo que o bondoso espírito regressa à cabine, o José volta a entreter-nos com a sua palavra atraente e concisa e com as suas apreciadas gargalhadas, ensejo que eu aproveito para rogar-lhe transmita a João de Deus o meu desejo de que nos traga outro painel constituído das seguintes palavras de Jesus: «Seja o vosso falar, sim, sim, não, não»! Mal acabava eu de concluír o meu pensamento, quando aparecia outro painel com a frase de Jesus que eu pedira.

Alguém da assistência, exclamou: «E Jesus chorou». De pronto, forma-se uma frase luminosa constituida dessas palavras. Pelo maravilhoso do singular fenômeno, também choraram de emoção, alguns companheiros meus de labor espiritual. Um fóco de luz esférica precipita-se da cabine, penetrando no salão e se desfazendo, naturalmente, ás nossas vistas.

Depois disto, um espírito aconselha aos assistentes que se achavam próximos da cabine, onde estavam alguns doentes, pedindo a estes que alí se conservassem, adiantando que a filhinha do Orvile ia receber aplicação de fôrça rádio-ativa, cujos reflexos podiam prejudicar a saúde das pessoas sãs. A ponderada recomendação foi cumprida rigorosa e prontamente. Vê-se então passar uma peça luminosa, aparentando um grosso tecido organzino, que sobe à altura do teto, descendo um pouco e baloiçando em todas as direções no salão, agitando-se como se fôra leve pluma, ao sabor dum sôpro muito delicado, mais sutil do que a mais doce brisa.

Feitas as exibições de volição, vem enclinar-se sôbre o corpo da mimosa e doentinha Raquel, tocando-a levemente, repetidas vezes, a exemplo de quem aplica passes longitudinais. A invulgar operação é feita durante aproximadamente dois minutos, subindo novamente, silenciosa e suave, até ao têto, precipitando-se entre as sombras espessas da parte superior do biombo. O fenômeno assombrou pelo valor de seu alcance assistencial e do seu ineditismo.

Nina Arneira, materializada, vem ao salão, conversando com alguns companheiros e fazendo-lhes presente de flôres naturais.

Sucede lhe Neuza Magaldi, numa materialização nítida, conversando animadamente com os confrades juizdeforanos, aos quais, oferece cravos, margaridas e saudades. Entôa o hino da Juventude «Francisco Candido Xavier», que toda a assistência acompanha com visível entusiasmo, recolhendo-se em seguida. Aparece um novo quadro luminoso, em que se lia o seguinte: «Salve o Espiritismo da Verdade — Petitinga». Scheilla profere rápida alocução doutrinária, em voz direta.

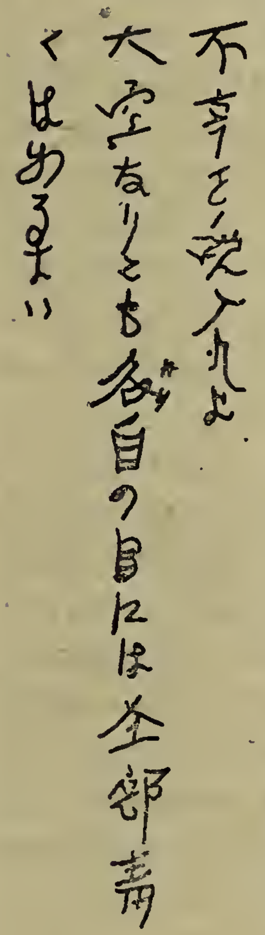
不幸を受入れよ
大空なりとも各自の目には全部青くはあるまい

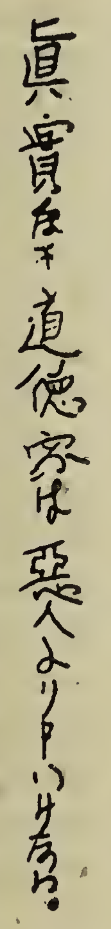
眞實ならぬ道德家は惡人よりもいけない

Um dístico luminoso surge, em caractéres brilhantes, formando a seguinte frase: «Perdoai 70 vezes 7 — Margarida». José Grosso discorre, animadamente, sôbre assuntos palpitantes do Evangelho. Outra frase luminosa aparece no recinto, nestes têrmos:

«Que a luz da compreensão vos ilumine. Scheilla». Tongo adianta-nos que não póde trabalhar em pintura, nesta noite, por falta de água.

Novo painel luminoso foi apreciado, contendo esta máxima de Jesus: «Orai e vigiai, para não cairdes em tentação». Nina faz oportunas ponderações fundamentais da mais pura moral.

Aparecem então mais dois lindos quadros luminosos, em que se liam as palavras que se seguem: «Só o amor salva — Scheilla». «Amor e alegria — Nina».

São feitos ligeiros comentários, por diversos irmãos, a respeito das máximas exaradas nas legendas luminosas que foram apreciadas.

José Grosso avisa nos de que o Tongo nos tinha deixado duas mensagens em japonês, versão feita de dois excertos do livro recente de André Luiz, psicografado pelo Chico Xavier, intitulado «Agenda Cristã».

Um dos nossos guias, das regiões siderais, recomenda-nos que encerremos os trabalhos da noite. E' feita a prece final, sendo a sessão declarada encerrada pelo irmão presidente, enquanto o médium é despertado.

As mensagens dos clichês apensos, foram devidamente traduzidas, nestes têrmos: «Acolha o infortunado. Nem sempre o céu estará inteiramente azul para os seus olhos». «O falso virtuoso é pior que o homem mau. Amplexos meus, Neuza e Nina. Tongo».

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr. $50,00	Do 4.° ano Cr.$ 50,00	Do 5.° ano Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . . 50,00	Do 7.° ano . . 50,00	Do 8.° ano . . 50,00
Do 10.° ano . . 50,00	Do 11.° ano . . 60,00	Do 12.° ano . . 60,00
Do 13.° ano . . 60,00	Do 14.° ano . . 60,00	Do 15.° ano . . 70,00
Do 16.° ano . . 80,00	Do 17.° ano . . 60,00	Do 18.° ano . . 60,00
Do 19.° ano . . 60,00	Do 20.° ano . . 60,00	Do 21.° ano . . 60,00

Allan Kardec, um Símbolo!

Irradiado na Grande Solenidade da Festa do Livro Espírita.

Glorificando-se o livro espírita, é fôrça que se glorifique o maior escritor espírita: Allan Kardec!

O codificador é um símbolo de ação, de realizações, de bom senso dentro do Espiritismo!

Produziu em 15 anos, de 1855 a 69, dos 50 aos 65 anos, o que nenhum outro espírita com mais recursos e energias físicas, com mais mocidade e tempo, já produziu...

• • •

Seus livros?

Ainda não foram excedidos.

São os livros básicos da Doutrina.

Primeiro, o LIVRO DOS ESPÍRITOS, a filosofia experimental do Espiritismo, cuja data de aparecimento, 18 de Abril, deve ser consagrada como o Dia do Livro Espírita.

A seguir, o LIVRO DOS MÉDIUNS, a parte experimental da Doutrina, que é, também, o roteiro seguro para os *médiuns*.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO vem depois. E' o seu insuperável código de moral, porque a própria moral do Evangelho do Cristo.

Vem depois o CÉU E O INFERNO, a análise objetiva da justiça de Deus á luz da lógica da Doutrina Espírita.

A GÊNESE fecha o ciclo das obras básicas. E' o estudo substancioso dos milagres, das predições e da cosmogonia, principalmente encarados pelo Espiritismo.

Se considerarmos, principalmente, que Eça de Queiroz levou seis anos escrevendo, polindo e repolindo um romance, o *Crime do Padre Amaro*; se analisarmos, naturalmente, que Gustave Flaubert levou seis anos para elaborar seu romance, *Salammbô*, se ponderarmos, criteriosamente, que Montesquieu precisou de seis anos para produzir O ESPÍRITO DA LEI, um opúsculo de sessenta páginas, seremos arrastados a julgar o sr. Allan Kardec como um gênio, um espírito excepcional, um perfeitissimo missionário em toda extensão do termo.

Só um de seus livros—este extraordinário LIVRO DOS ESPÍRITOS—talvez exigisse de qualquer dos três grandes escritores atrás citados, os 15 anos que Allan Kardec consumiu, já velho e sem folgas financeiras, sua grande obra.

• * *

Que grande obra foi a sua?

Além dos volumes citados, fundou a primeira revista espírita, LA REVUE SPIRITE, um periódico de marcante relevo na propaganda da Doutrina em gênese. E criou a primeira sociedade espírita organizada, a *Sociedade Espírita de Pariz.* E excursionou, pregando a Doutrina, tanto quanto lhe permitiram os anos e os recursos. E atendeu, regularmente, a uma correspondência copiosissima, sem deixar carta sem resposta. E deixou um plano de unificação que ainda não foi suficientemente estudado e compreendido, sinão já estaria posto em execução. E suportou, resignado e cristãmente, toda sorte de incompreensões, hostilidades e aleives, até de companheiros seus da véspera. E deixou outras obras menores, todavia, grandes na substância...

* * *

Outros livros?

Exatamente, afóra os cinco livros básicos—consequências de estudos, conferências e interpretações que vieram depois, que depois teriam de aparecer em livros e opúsculos, que são: *O Principiante Espírita*, *O que é o Espiritismo*, *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, *A Doutrina Espírita*, *Obras Postumas*.

E seus artigos de REVUE SPIRÍTE, coordenados, dariam mais, talvez, uma vintena de volumes.

* * *

E os auxílios, para tamanha obra?

Só de Deus, dos bons Espíritos!

E da esposa dedicada, nove anos mais velha do que ele e, como ele, professora: Amelie Boudet.

Homem sem fortuna, tudo deu á Doutrina sem explorá-la em nada.

Deu-lhe tudo, trabalhando afanosamente para viver, conforme a profissão que mais lhe sorria: escritor didata, tradutor, professor, contabilista e comerciante.

Grande missionário, e reformador invulgar, não passou, a exemplo de todos os reformadores e missionários, sem ser traido, insultado, ofendido, caluniado !

Allan Kardec, um símbolo de honestidade e de trabalho ! de ação e de realizações, de inteligência e de bondade !

Allan Kardec é o modêlo perfeito dos espíritas de verdade !

Deus o salve e sua grande obra !

Leopoldo Machado.

* * *

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO XXI

A linguagem interna

A Sra. Haufe, no estado de sonambulismo, falava frequentemente uma língua que nos era desconhecida e que parecia apresentar alguma semelhança com as línguas do Oriente.

Dizia que se tratava da língua que Jacó falara e que era natural a ela como a todos. Era muito sonora e, como dela se servisse com predileção e desembaraço, os que se achavam sempre perto dela, a foram compreendendo pouco a pouco. Dizia que só por meio dela é que podia exprimir completamente os pensamentos de sua vida interior. Quando queria exprimi-los em alemão, era então obrigada a traduzi-los para esta língua. Ela não vinha de sua cabeça, mas da região epigástrica. Quando estava acordada, não sabia uma só palavra dela. Os nomes das coisas que citava nessa língua exprimiam suas propriedades e qualidades. Os filólogos acharam nela alguma semelhança com o cópta, o árabe e o hebreu. Assim, a palavra *Elschaddai*, de que servia para designar Deus, significa em hebreu: aquele que basta a si próprio ou que é todo poderoso ; *Dalmachan* é evidentemente árabe como *Dianachli* quer dizer, em hebreu, suspirar ou suspiros.

Eis algumas palavras de sua língua interna, com a respectiva tradução: *handacadi*, médico ; *alentana*, senhora casada ; *chlann*, vaso ; *schmado*, lua, *nohin*, não ; *nochiane*, rouxinól ; *bianna fina*, flôres coloridas ; *moy*, como ; *tot*, que ; *optini*, deveis dormir ; *moli arato*, eu fico, etc.

Os caracteres escritos dessa língua sempre estavam em relação com números. Ela dizia que as palavras com números tinham um sentido mais profundo e mais significativo do que sem êles. Muitas vezes dizia, no seu estado sonambúlico, que os espíritos falavam essa língua, porque, embora fossem êles capazes de ler os pensamentos, essa linguagem a alma levava com ela, quando se elevava, porque a alma forma um corpo etérico para o espírito.

A Vidente dizia que a separação do espírito da alma e do corpo, durante o sôno sonambúlico, tinha certa semelhança com a morte, mas que não era a mesma coisa. Quando o espírito deixa o corpo, nos seus últimos instantes, fica fraco e sem fôrças, e, não podendo arrastar a alma consigo, deve esperar. O moribundo fica inconsciente de tudo o que acontece, o futuro lhe é ocultado e êle não mais pode falar. Quando, antes de tal momento, um moribundo declara que está bem certo de uma vida futura, é porque a alma, não ficando mais sob a dependência do cérebro, recupera sua faculdade natural de clarividência e aspira a vida que lhe ficou oculta até então.

Quando o espírito deixa o corpo, a alma compreende que não pode permanecer por mais tempo e luta assim por se libertar. E' o momento da última agonia e, em tal instante, para sustentar a fraqueza do espírito, os espíritos dos santos veem em auxílio da alma. A luta é mais ou menos longa, no caso de morte natural, segundo o grau de dificuldade ou de facilidade que experimenta a alma em abandonar as coisas terrestres.

Relativamente ao fluido nervoso, dizia que era o laço que unia a alma ao corpo e o corpo ao mundo. A facilidade com a qual, em seu caso, êsse fluido se deprendia era a causa do seu estado anormal. O fluido nervoso é imortal e acompanha a alma depois da morte, a menos que a alma não seja completamente pura e não entre de súbito entre os santos. E' graças a êle que a alma constitue uma forma fluídica em torno do espírito. E' capaz de aumentar e de crescer depois da morte, e, por sua ação, as almas, que ainda estão na região média, são postas em relação, na atmosfera, com uma substância que lhes permite fazer-se ouvir e sentir pelos homens assim como suspender as leis da gravidade e fazer mover corpos pesados. Quando uma pessoa morre em estado de absoluta pureza, o que acontece raramente, ela não leva o fluido nervoso consigo. Êste, ainda que indestrutível, fica no corpo. No despreendimento geral, êle se une à alma e constitue uma forma aérea. Os espíritos bemaventurados, aos quais o fluido nervoso não fica ligado, não podem aparecer. Quanto mais puro for o espírito, lugar mais elevado ocupa na região média, ou estado intermediário, mais completamente se livra do seu fluido nervoso.

A propósito da língua interna, a Vidente dizia que uma das suas palavras exprimia freqüentemente mais que linhas inteiras da linguagem comum e que, depois da morte, em um só dos seus símbolos ou caracteres, podia um homem lêr toda a sua vida. Tem-se constantemente observado que as pessoas em estado de sonambulismo e as que vivem numa vida interior profunda acham dificuldade em exprimir na linguagem comum o que elas experimentam.

Certo sonâmbulo me disse muitas vezes que êle não conseguia exprimir o seu pensamento, e acrescentava: «Não se poderia falar a linguagem da natureza?»

A Vidente observada por Myers dizia que aos olhos do homem, no estado magnético, toda a natureza se revelava, tanto espiritual como material, mas que havia certas coisas que as palavras não podiam exprimir e era assim que se produziam incoerências e êrros. Encontra se nos arquivos do magnetismo animal um exemplo dessa linguagem especial. Sua semelhança com as línguas do Oriente é manifesta e vem de que existe um resto das antigas línguas da espécie humana. Assim, os sonâmbulos não podem facilmente se recordar dos nomes das pessoas e coisas e ficam bem longe de todos os modos convencionais de se exprimir.

A Vidente de Myers dizia que, do mesmo modo que os olhos e os ouvidos do homem se alteraram com a quéda, da mesma forma perdeu em alto grau a linguagem de suas sensações, mas esta ainda existe em nós e reaparece um pouco quando pensamos nela. Cada sensação, como cada pensamento, tem o seu sinál próprio e não podemos mais exprimí lo.

Para exprimir as noções que havia adquirido, a Sra. Hauffe desenhava figuras que ela chamava sua esfera solar, sua esfera da vida e assim por diante...

Muitos exemplos mostram a que ponto era desenvolvida a lembrança dessa linguagem interior. Ao dar lhe uma litografia do que ela havia escrito um ano antes, fez observar que havia um ponto a mais em um dos sinais e, comparando a cópia com o original em meu poder, verifiquei que era exáto. E ela não possuía nenhuma cópia dêle.

Nas vossas provações. sêde pacientes e procurai estar sempre em contacto com os vossos protetores espirituais pela prece, obras e pensamento. — CAMARGO.

Ciência Metapsíquica

PEDRO GRANJA

O que nos parece indubitável, presentemente, é que a Ciência Metapsíquica já inicia nova fase de retrocesso e, nêsse regredir, acompanha-a o desmoronar de sua estrutura doutrinária. A hipótese de uma «fôrça ainda não classificada na parte dos fenômenos mediúnicos», ardentemente sustentada pelos seus primevos adeptos, mas que, desde aquela época, já fazia sorrir o mais ingênuo espiritualista, está universalmente desfeita.

Para tanto, talvez, a própria origem e natureza da fenomenologia espirítica, teria forçado, no campo experimental, êsse retraimento dos metapsiquistas, enquanto que os estudos doutrinários da Terceira Revelação cada vez mais iam se impondo na análise teórica dos factos, ou seja — a constatação da sobrevivência e da comunicabilidade da alma humana.

Assim é, pois, que essas ilações doutrinárias ficaram estruturadas, desde o início, em bases diferentes. No Metapsiquismo tudo levava a cogitar que, a par com a matéria, uma certa «fôrça-psíquica» se desenvolvia em sêres dotados de faculdades especiais, sendo essa mesma «causa» a origem de toda a fenomenologia que dormita no subconsciênte do médium. No Espiritismo, ao contrário, tudo permanecia enquadrado no seu sincretismo doutrinário, pois, na gama variável de suas demonstrações, comprovava que essa mesma «fôrça-psíquica» apenas servia de veículo para que os desincarnados se comunicassem com os vivos. Uma, a exaltar o novo «sexto-sentido» da matéria: outra, a afirmar a sublime imortalidade da alma.

Desvanecidas, porém, as primeiras impressões de assombro pelas próprias Entidades manifestantes, os metapsiquistas continuaram a perquirir o fenômeno pela fria análise do subjetivismo, procurando um sofisma adequado para iludir a própria consciência escravizada. E, dêsse modo, afugentavam o lógico e claro raciocínio que apresentava, ante a razão, a realidade simples, e tantas vezes observada, de que a Entidade do Além se comunicava como um Sêr independente do médium — física, moral e intelectualmente. Mas, o pesquisador teimava em afirmar que êsse Sêr era, apenas, o desdobramento do «sensitivo» que, através-da vontade, ou do subconsciênte, plasticiza a forma do «duplo» do médium.

Todavia, bem outros são os resultados colhidos nos ensinos dos Espíritos à luz da Terceira Revelação, pois sendo orientado por Sêres já desencarnados, mas que viveram aquí na terra e que têm sólidos conhecimentos dessa condição material, são eles capazes de ofertar aos homens as lições de que necessitam para prosseguirem na missão evolutiva da vida e proporcionar-lhes, dóravante, as consolações de que carecem para continuarem plenos de coragem e de esperanças pelo futuro que lhes descortina.

Testemunho disso são as belas páginas do livro do dr. Carlos Imbassahy, pois não deixam de ser, na verdade, merecedoras de registro essa antinomia que o ilustre autor apresenta como resultado dessas duas doutrinas — a do Metapsiquismo e a do Espiritismo.

O autor de «Ciência Metapsíquica» demonstra-nos, então, a contradição desses princípios, num grito de animação, num canto de entusiasmo, num incentivo que contagia os que se detêm na cômoda expectativa.

Êsse brado nos vem de um homem que, sendo mestre dessa difícil arte de escrever, renunciou, entretanto, as glórias falazes que poderia alcançar na literatura; de um filólogo, que encantaria com a sua dialética; de um beletrista, em suma, cuja inteligência poderia atingir o zenite literário — para que, meu Deus?—para viver na intimidade tranquila de seus livros, muito embora soubesse que iria empecer o brilho de sua carreira, afim de se dedicar aos espinhosos estudos da «Ciência da Alma»...

De qualquer ângulo, porém, que se vise a obra do ilustre autor, o indubitável é que se nota a presença da forma e se percebe a elegância e clareza do seu estílo, e, mais do que isso, a maneira de apresentar os temas, quer os de análise, quer os de simples comentários, nessa trama complexa que é a arte de bem argumentar.

Com admirável acuidade, então, o

autor aborda os principais pontos da teoria metapsiquista, refutando, sobretudo, aquêle que, aventando as hipóteses explicativas para a fenomenologia, o ilustre professor Charles Richet lança a das vibrações do éter, na qual o indivíduo póde captar o pensamento humano «à maneira de antenas».

«Essas hipóteses vagas — diz referindo-se a essa captação hertziana — indemonstráveis e nem sempre compreensíveis, foram uma espécie de baluarte para todos os discolas, para os adversários da comunicabilidade dos Espíritos, para tantos quantos se acham empenhados em demolí-la a qualquer preço. Eles tinham, agora, um nome de que se valer, um mestre em que se apoiarem, uma obra que poderiam citar. Cabiam-lhes, dóravante, resistir, vitoriosamente, a quem lhes fizesse frente. Batidos no reduto da «fraude», o único processo de combate que a princípio conheciam, e de que usavam com energia pasmosa, ficou-lhes esta segunda linha, que lhes parece inexpugnável».

Com sua admirável percuciência o dr. Carlos Imbassahy passa, então, a analisar à falência dos estudos metapsiquistas, em um capítulo especialmente dedicado a matéria em aprêço. A eloquência de seus argumentos ultrapassa a imaginativa comum, quando aponta a disparidade incontestável que há entre a fenomenologia mediúnica, autenticada pelos Espíritos, e a complexidade teórica do «consciente e subconsciente» sugerida pelos metapsiquistas que, com estas causas, ainda pretendem sombrear à análise penetrante dos factos, concluindo com esta observação:

«Quando se ouvir um médium declarar que é o defunto «X» e o provar; quando começar a dizer coisas que ninguém sabia, nem êle; quando predisser; quando falar línguas estranhas; quando transportar objetos, sumí-los ou fazê-los aparecer; quando fizer girar as mesas, erguê-las ou quebrá-las; quando produzir formas, e entre elas, formas humanas, não é mais preciso perder-nos em conjeturas; é o consciênte e o subconsciênte que se divorciam».

Manuseando o livro, ao acaso, o leitor encontrará argumentos sublimes, onde o fulgor inexcedível de seu intelecto demonstra a mais apurada sensibilidade, pois há nêle senso crítico tão perfeito que, frequentemente, o autor nos leva a reler-lhe as páginas. E' o caso, por exemplo, no que se refere ás idéias da imortalidade da alma, ilustradas desde a mais remota antiguidade.

«Se recuarmos no tempo e divagarmos pelos diversos rincões do planeta, vamos encontrar o fenômeno com a mesma feição espiritoide; o sêr que se apresenta declara-se Espirito de um morto. E prova o que diz e mostra o que é.

Ontem e hoje, no Oriente e no Ocidente, as várias interpretações, fora da comunicabilidade, não tomam corpo, não se provam, enquanto a crença no Espirito é um fator constante, que não se altera. Ela resiste ao combate sem tréguas que lhe têm dado. As demonstrações com que têm pretendido aluí-la, à tempestade de objurgatórias com que procuram arrancá-la do solo, à campanha do descredito com que buscam desmoralizá-la, à fôrça conjugada dos interêsses, das paixões, das conveniências, do comodismo, do fanatismo, da ignorância...

E porque esse prélio?

E' que por trás do fenômeno há um código, há preceitos de moral, há prescrições, há imperativos categóricos, há, enfim, uma série de princípios, de leis, que vêm tirar o homen das ilusões em que se acha; já não é mais a salvação fácil que ele tem à mão: é o desmoronamento das idéias que formou do destino, da remissão dos pecados, de um futuro comprável.

Por trás do fenômeno ha um espectro pior que o fantasma dos falecidos, que é aquele que parece ameaçar credos religiosos, hipoteses filosóficas e postulados científicos.»

Regulando o assunto, de modo a fornecer no conjunto o quadro sintomatológico dos nossos males e defeitos, examina o autor de «Ciência Metapsiquica» por que o homem procura encobrir os dislates de conciência, repelindo as Sombras que condenam os seus êrros e os seus egoismos, agitando problemas que lhes inquietam a vida.

Mas, por quem são refutados tais ensinos? Leia-se, então, a passagem em que o autor emite os conceitos seguintes:

«Pelos déspotas é repelida, porque os enfurecem as idéias de liberdade; pelos criminosos, porque os inquieta a lembrança das leis divinas; pelos maus, porque os irritam os avisos da mansidão; pelos egoistas, porque os incomodam os princípios do altruismo; pelos fanáticos, porque os exacerbam os preceitos do livre exame; pelos vingativos, porque não se acomodam com a doutrina do perdão; pelos ingratos, porque os remordem os deveres da gratidão; pelos hipócritas, porque os desmascaram os exemplos da sinceridade; pelos orgulhosos, porque os ensinos da humildade os envergonham; pelos materialistas, porque as questões espirituais os obscurecem. Em suma, pelo pecador, porque as noções de uma outra vida assombram».

Num volume denso, no qual todos os seus capítulos foram magistralmente concatenados, sobressaem-se, todavia, ao nosso vêr, aquele em que o autor denominou os de «Hipóteses Metapsiquistas» e «Evidente Manifestações dos Espíritos em todos os Tempos», pois que, como a fazer sombras às divulgações dos metapsiquistas, o autor ofi se ater à ancianidade dos fatos espiríticos.

Em resumo: «Ciência Metapsíquica» é uma grande obra e a sua publicação veio completar as mais gritantes falhas que se faziam notar nesse tão intrincado e deblaterado estudo denominado a «Ciência da Alma».

Do «Jornal de Notícias» de 7 de Junho, 1949 — S. Paulo.

MEDIUNISMO E ESPIRITISMO

PEREIRA GUEDES

Se revolvermos as páginas da história até á mais remota antiguidade, buscando mesmo através da tradição oral tudo quanto possa trazer luz sôbre o assunto, havemos de encontrar nas primeiras madrugadas da vida na Terra a manifestação do espírito, sob denominações várias, mas, afirmando sempre e desde logo a veracidade desse intercâmbio entre os dois mundos.

Vários póvos no passado, sabemos, que podem ser considerados os ateus primitivos, nunca pensaram em Deus; não se preocupavam com a imortalidade da alma e não tiveram religião.

Os Veddahs do Ceilão admitiam deuses e almas imortais, mas não lhes ofereciam sacrifícios nem orações. Era uma crença vaga.

Os anões do Camerum só reconheciam deidades malévolas e achavam inútil aplacá-las.

Os índios norte-americanos concebiam um deus, mas não o adoravam.

Os esquimáus, se interrogados sôbre quem teria feito o mundo, respondiam: «Não sabemos». — Mas, vendo, vocês, o sól erguer-se ou por-se, e as árvores crescerem, não pensam em quem os fez? Um zulù responde então, com simplicidade: «Não, nós vemos isso, mas não podemos dizer nada a respeito; achamos que apareceram por si mesmos».

Tais casos, entretanto, são excepcionais, e a velha crença de que a religião é universal, diz Will Durant, parece-nos substancialmente certa. (1)

Vários foram os motivos que levaram Aristides Leterre, profundo estudioso e respeitável autoridade nos assuntos ligados aos cultos de todos os povos, a acreditar na universalidade da religião. (2)

O culto dos antepassados, nasceu em face do aparecimento dos mortos, em sonho, tanto na velha Grécia como na antiga Roma.

Os gregos invocavam os seus mortos, tal como os católicos invocam os seus santos, oferecendo-lhes orações em troca de favores especiais.

Do animismo como essência da religião primitiva, adicionada a mágica, que é a essência dos rituais, originaram-se desde remotissimas éras, as grandes religiões que até hoje escravizam multidões de crentes e tentam dominar pela superstição, que é o subôrno da alma, os povos, em todas as camadas sociais e nos países mais adiantados do mundo.

O que hoje acontece ao Cristianismo, dividido em centenas ou talvez milhares de seitas, aconteceu também ao Budismo dois séculos depois da morte de Buda, aparecendo, simultâneamente, dezoito variedades de credos, esfacelando o corpo da doutrina do Mestre.

---

(1) *«História da Civilização».*

(2) *«Jesus e Sua Doutrina».*

Tal como no Cristianismo, principalmente o dos católicos e dos protestantes, os budistas concebiam um céu com muitos Budas e seu correspondente inferno.

Dois historiadores, Edmunds e Fergusson, afirmam que há perfeito paralelismo entre os evangelhos budistas e cristãos e que os budistas estão cinco séculos à frente da Igreja Católica na invenção e uso de todas as cerimônias e formas comuns a ambas as religiões.

A reencarnação não é uma novidade do Espiritismo, pois, os hindús, 500 anos antes de Cristo afirmavam essa convicção.

A presença do espírito entre as criaturas humanas, é tão velha quanto o mundo. Se a ninguém é dado saber quando o homem apareceu na face da Terra, da mesma forma ninguém poderá afirmar em que época da vida planetária, começou o espírito a manifestar-se entre os homens.

Se as primeiras manifestações espirituais não foram ostensivas, a quem quer que seja se permitirá a sua contestação, visto que, através da intuição, uma das modalidades mediúnicas das mais sensíveis, os espíritos, no curso dos séculos, têm inspirado a humanidade na sua obra de evolução permanente.

Aos espíritas não se admitirá jamais a ignorância da existência de outros mundos habitados, tal como a Terra, antes e depois da Terra.

A Bíblia nos fala do primeiro homem e da primeira mulher, criados por Deus e que se tornaram o tronco da raça humana; mas, inverossímeis de tal ordem são as lendas ou histórias bíblicas, que hoje, a não ser os que se fanatizam, acreditam-nas como coisas sérias e dignas de respeito.

Kardec pergunta aos espíritos reveladores se a espécie humana começou por um único homem, mas os espíritos responderam que não, dizendo: «aquêle a quem chamais de Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a terra». E disseram mais: que a espécie humana surgiu em épocas várias, constituindo isso uma das causas da diversidade das raças.

Emanuel, pelo lapis de Francisco Cândido Xavier, no livro «A Caminho da Luz», afirma que os espíritos que vieram habitar a Terra procederam da Constelação do Cocheiro, uma das estrelas do sistema planetário da Capela.

Que poderiamos dizer sôbre tudo isso? Contestar ou admitir? Admitir, não há dúvida, como parcela de verdade, visto que, no lento caminhar da humanidade, a sua evolução se processa gradativamente.

Podemos concluir, que, antes que o homem percebesse a ostensiva comunhão entre o mundo espiritual e invisível, com o mundo material, já, entre espíritos encarnados e desencarnados, a manifestação se processava através da sensibilidade intuitiva, a mais delicada e imperceptível forma sutil da manifestação.

A Bíblia como os Evangelhos estão refertos de factos que comprovam, desde muitos séculos, a comunicação dos espíritos de modo ostensivo, mas, em maior número depois da vinda do Cristo e mais ainda depois de sua partida.

Como diretor ou governador espiritual da Terra, o Cristo prometeu ao mundo a vinda de um Consolador, e, afirma o sr. Kardec que êsse Consolador é o Espiritismo, que é, insofismavelmente, a mais consoladora de todas as doutrinas até hoje conhecidas.

Precederam ao formidável trabalho da codificação kardecista, em 1847 e 1848, os fenômenos verificados no seio da família Fox, na América do Norte, quando o espírito que se dizia de Charles Rosna, procurou demonstrar a sua presença e entrar em relação com as pessoas da casa, onde anos antes fôra assassinado.

Em 1850, o caso de aparição de Cidesville, na França; outro na Baviera, em 1852, depois mais outro no distrito de Charkof, na Russia, em 1853, e, finalmente no Brasil, citando apenas alguns casos, cabendo essa primazia a então província do Ceará, também em 1853, cujos fenômenos, «sem outro objetivo certo, que o de mera curiosidade, entretenimento, mas não constituindo menos por isso, no ponto de vista histórico», diz Leopoldo Cirne, «um facto digno de registro». (3)

Antes, pois, de 1857, os factos comprovaram a veracidade das manifestações dos espíritos, óra no seio das comunidades religiosas, óra em lugares diferentes, independentes de qualquer atração mística ou supersticiosa.

---

(3) Anticristo — páginas, 218 e 219.

Em 18 de Abril dêsse ano, isto é, de 1857, o sr. Allan Kardec publíca o «Livro dos Espíritos», lançando as bases filosóficas da Doutrina. Logo após, e, em seguida, são publicados os demais livros: «O Evangelho Segundo o Espiritismo», «O Livro dos Médiuns», «A Gênese» e outros.

Um nome novo para classificar a nova doutrina, teria que aparecer e veio então o de ESPIRITISMO.

Os fenômenos até então observados em diferentes pontos da Terra, foram também classificados: — MEDIUNISMO — MEDIUNIDADE — MÉDIUM.

Mediunismo, são todas as manifestações, mesmo as mais desordenadas e sem qualquer objetivo sério, ou provindas de entidades sofredoras e de outras que conservam os primitivos graus da civilização.

Mediunidade é a qualidade ou dom que a pessoa possúe, da qual se servem os espíritos para a sua intuitiva ou ostensiva manifestação no plano físico. A pessôa portadora dessa qualidade é o médium.

A comunhão dos espíritos na sua manifestação, em qualquer das modalidades mediúnicas, independe do Espiritismo. O Espiritismo, porém, que é doutrina dos espíritos, não prescinde das suas comunicações.

O comércio ou intercâmbio entre os dois mundos, não é privilégio do Espiritismo, por isso, não importa que, até nos terreiros de «Umbanda», onde não há, absolutamente Espiritismo, se manifestem os espíritos de qualquer ordem, pois, os espíritos como os homens se organizam também em classe ou castas, não sendo êsse, entretanto, o objetivo da Doutrina Espírita, que eleva a planos superiores as suas finalidades.

Os espíritos reveladores, todos da ordem de espíritos superiores, colocaram a Doutrina revelada no plano do Cristianismo, revivendo os ensinos do Cristo como normas de conduta do homem da Terra, aspirando a planos mais altanados no sentido da espiritualidade.

O Espiritismo não tem nenhuma relação com os rituais mediúnicos de quaisquer das seitas que exploram essa modalidade psíquica da vida entre os dois mundos.

A aparição dos santos, aos crentes da igreja Católica, é um facto mediúnico, entretanto, não se póde chamar a isso de Espiritismo.

A manifestação dos espíritos ainda sujeitos aos vícios terrenos e presos ou obedientes aos mesmos rituais das velhas igrejas deturpadoras do Cristianismo, diante de altares e condicionados a uns tantos ritos bárbaros e outros herdados do paganismo, está mais próxima do catolilismo idólatra que propriamente do Espiritismo; por isso, errados andariamos todos se não colocássemos a Terceira Revelação acima de todas essas pseudas doutrinas que nos prendem à materialidade e aos vícios os mais grosseiros.

A aparição dos santos que enchem de mistérios a Igreja Católica Romana; as que se verificam nos terreiros de «Umbanda», são fenômenos mediúnicos, sem qualquer ligação com a Doutrina Espírita.

O Espiritismo, como doutrina que é, não tem outro objetivo que não seja o de conduzir a Humanidade para os elevados planos da espiritualidade.

Os vícios de qualquer natureza, que degradam e aviltam o homem, devem ser combatidos, e, entre eles se inclúem, como os mais perniciosos, o alcool e o fumo, tão comum e do agrado de povos tidos e havidos como os mais civilizados do mundo.

Esses vícios, entretanto, são próprios do homem, cujas condições físicas são facilmente adaptáveis ao meio em que vivem, dominados, mais pelo instinto, pela vaidade, pelo orgulho, e, além disso, porque em tudo o homem se anormaliza, afastando-se tanto da Natureza que chega a exorbitar-se em corrupção.

O que é porém, indispensável ao homem físico, e que todos nós sabemos, é o alimento que sustenta a vida orgânica, garantindo ao espírito nessa fase da existência as possibilidades de progresso, enquanto encarnado. Entretanto, não sabemos de caso algum em que o espírito se manifeste pedindo feijoada, pão, leite, ou qualquer outra iguaria de sua predileção quando ergastulado, mas, o fumo e a cachaça, justamente os que constitúem vícios e que caracterizam a inferioridade do espírito, são, nos terreiros de «Umbanda», nos «batuques» e «candomblés», elementos de primeira necessidade.

Os únicos espíritos sabemos, que pedem dôces e são muito gulosos, são os «dois Dois», — Cosme e Damião — que viveram e morreram homens feitos, considerados mártires, no reinado de Diocleciano, entre os anos 284 e 305 da nossa éra, não obstante terem sido médicos, segundo narram alguns historiadores, ao se manifestarem nos terreiros de «Umbanda», como se fossem crianças, e por sinál que mal educadas, os médiuns, acocorados ou sentados no chão, em tôrno de uma bandeija repleta de dôces, se lambuzam todo, terminando a cerimônia completamente emporcalhados.

Assim fica definido em linguagem clara, que o mediunismo, de que tanto se usa e abusa por toda parte, nada tem a ver com o Espiritismo, essa grande Doutrina, cuja finalidade não é outra senão, a de conduzir a Humanidade para os mais altos planos da ESPIRITUALIDADE.

Setembro de 1949.

Livros e Autores

Aurelio A. Valente

«Um Livro Diferente»

Há bastante tempo já, temos para com o incansável trabalhador da Seára do Mestre Jesus, Leopoldo Machado, uma dívida que acumulou juros, — a nossa apreciação sôbre o seu livro «*Cientismo e Espiritismo*».

Foi nossa primeira impressão que êsse livro teve, por objetivo principal, despertar a atenção da classe médica para o «Espiritismo».

Não é mais novidade sabermos que o contingente dos médicos que adotaram o Espiritismo é muito elevado, todavia, ainda não é suficiente para neutralizar o cepticismo de seus companheiros materialistas que acham mais fácil negar, formular hipóteses, impôr teorias complexas e exdrúxulas que eles mesmos sentem dificuldades em explicar, ou ficam embaraçados para ajustar com os seus raciocínios, os variados fenômenos que se lhes deparam, do que aceitar a doutrina simplista do Espiritismo.

Por muito que os médicos saturados de doutrinas materialistas sorriam desdenhosamente, estão longe de superar os espíritas estudiosos na argúcia da observação. Quantas vezes temos falado a médicos, a própósito de factos simples a que muitos deles nunca prestaram atenção? Qual o confrade espírita que ignora haver entre os enfermeiros, alguns que contribuem para apressar a cura dos doentes e outros não? Quem entre nós não sabe que no tratamento de úlceras e ferimentos, ha pessoas que têm um geito especial e até concorrem para a rápida cicatrização dos mesmos enquanto outras agravam a situação dos pacientes? Conhecemos uma virtuosa senhora, espirita convicta, médium de excelentes faculdades, vidente, psicográfica e de encorporação, que se nega a fazer qualquer curativo por ter observado por várias vezes que, por seu intermédio os enfêrmos pioravam sempre. Como explicar com hipótese materialista êste fenômeno puramente subjetivo?

A nossa opinião é que Leopoldo Machado foi muito feliz na elaboração de sua obra «*Cientismo e Espiritismo*».

Os espíritas não têm em absoluto, a estultícia de negar o valor da ciência materialista, não menosprezam as observações importantes e justas de muitos estudiosos contrários ao Espiritismo, não desdenham de todas as teorias engendradas para explicar os fenômenos supra normais. Com o que de modo algum, concordamos é que, para analisar um fenômeno desconhecido se despreze a teoria Espírita e se lance mão de uma hipótese complicada e absurda que nada resolve, que em nada satisfaz à razão.

«Quem desconhece um fenômeno não pode explica-lo».

O terreno mais fecundo para discussões é, sem dúvida alguma, o do tratamento de enfermos.

Por que os melhores especialistas fracassam, e por mais que investiguem não encontram a causa do insucesso? A ciência materialista naufraga no mar do desconhecido. E' que, em muitos casos há necessidade de conjugar num mesmo enfêrmo, dois tratamentos — o material e o psiquico.

Nas observações dos velhos confrades, encanecidos nos trabalhos espíritas, têm sido encontrado casos assim: Um enfêrmo está assistido por um médico estudioso, especialista competente que se interessa pelo restabelecimento do seu cliente. O diagnóstico foi feito com precisão, os medicamentos prescritos com acêrto, o laboratório fabricante dos mesmos é de inteira confiança. O enfêrmo obedece rigorosamente as prescrições médicas, entretanto, não há o menor indício de melhora; o seu estado é inalterável, as vezes, até piora. O médico pára, medita, pergunta a si mesmo. Por que? — Sim, Por que não se verifica nenhuma melhora? Se êle estudasse o Espiritismo recorreria aos seus ensinos e encontraria uma explicação psíquica muito plausivel. Poderia chegar à seguinte conclusão: uma entidade espiritual inimiga do enfêrmo alí está presente, a neutralizar as virtudes terapêuticas dos remédios. Este facto não se verifica sempre, entretanto, é muito mais comum do que se pode imaginar. Uma vez afastada a entidade por meio de doutrinação numa sessão espírita, ou por meio de passes, o enfermo passa a restabelecer-se. Quantos casos dêsses poderão ser relatados pelos nossos confrades?

Os médicos materialistas desejam dogmaticamente explicar tudo por meio das teorias que lhes são simpáticas e não se afastam delas. Quando encontram algo que não se enquadra na hipótese forjada, fazem ginásticas acobráticas de raciocínio para acomodar o fenômeno com o seu modo de pensar. Ora isso pode aparentemente satisfazer aos obstinados, porém... não é científico, não é racional.

Não podemos numa apreciação sucinta aludir detalhadamente a cada capítulo do «Cientismo e Espiritismo», pois seria prplongar muito esta simples apreciação. Mas . . . vejamos alguns que muito interessam a todos, mais ainda que os outros.

No tratamento de enfêrmos de loucura numerosos têm sido os métodos empregados, e quem quiser ter uma noção da evolução dos variados processos e sua evolução, sem ler grande quantidade de livros poderá recorrer á obra «Médicos do Espírito» ou «O Romance da Psiquiatria».

O «acaso», sempre o *acaso* levou muitos médicos pesquisadores ao ponto de quasi encontrar a chave do mistério. Foi observado, por exemplo, que, um choque moral muito forte, por meio do pavor, duma notícia nefasta, da ameaça duma violência, assim como a prostação em consequência de um choque físico, ou uma enfermidade térmica violenta poderá restituir a lucidez a um louco.

Alguns casos «ocorridos por acaso» levaram os médicos a empregar a insulina, o metrazol, a eletricidade e provocar a febre artificial (luz intens) ou natural (infecção da malária). Com esses processos os pacientes sofrem depressões físicas violentas e porque não dizer . . . deshumanas, uma vez que contrariam as Leis da natureza. Sim, porque êsses abalos perigosos algumas vezes provocam a morte dos enfêrmos ou reduzem-nos a trapos humanos. Uns se restabelecem, alguns ficam no mesmo e outros sofrem recaídas depois de certo espaço de tempo. Os psiquiatras materialistas não podem conhecer a verdadeira causa da cura ou fracasso, uma vez que desconhecem a Doutrina Espírita.

Os esquizofrênicos são em quasi todos os casos apenas isto: — *médiuns*. — Por ignorarem o Espiritismo não sabem se defender das influências ocultas, e assim, submetem-se passivamente ás entidades desincarnadas que se julgam *vivas*, isto é, de posse dos corpos físicos e por essa razão sentem as mesmas necessidades fisiológicas como um incarnado. Os processos violentos de cura atingem também os espíritos, os quais, presos como estão à matéria, apavoram-se com os choques e fogem. Todavia, quando essas entidades já conhecem bem o seu estado de — *almas do outro mundo* — e são inimigas dos — *equizofrênicos* — afastam-se imediatamente para não serem atingidas e ficam aguardando a oportunidade para atacar novamente. Eis o que se passa na maioria das vezes. Contudo, para esta verdade não se presta atenção, porque o dogmatismo científico é tão obstinado e pernicioso como o dogmatismo religioso. Ao contrário da medicina materialista, a terapêutica espírita procura afastar as entidades ocultas por saber onde se encontram e como convencê-las sem causar abalos prejudiciais aos médiuns (equizofrênicos).

As páginas de «Cientismo e Espiritismo» relativas à Psicanálise são admiráveis pela precisão dos argumentos. Leopoldo Machado foi muito feliz na sua dialética.

O primeiro livro em que estudámos a teoria de Freud foi «Cinco lições de Psicanálise». Essa obra contém as cincos conferências que o sábio austríaco realizou na América do Norte. Lemos com atenção e anotámos muitas frases importantes, e meditámos muito sôbre os sonhos, analisando a sentença formal: «*Os sonhos são os resultados dos nossos desejos recalcados*». Depois... escrevemos ao lado: «*se sonhamos sendo devorado por uma onça*» teriamos mesmo desejado isso? Só respondendo como a anedota do papagaio: *Que desejo extravagante!* Depois, passámos adiante. Por que negam a pé firme os seguidores de Freud que os sonhos premonitórios sejam uma realidade? Por que atribuir premonição ao acaso? A própria História não apresenta como as lendas religiosas factos incontestes de sonhos premonitórios? Não é isso um absurdo científico?

Executou Leopoldo Machado um grande serviço. A sua contribuição foi, a nosso ver, valiosissima porque o âmbito do Espiritismo não tem limites. O Espiritismo vai resolver todos os problemas da Humanidade da «Nova E'ra»; é mister portanto, que todos os espíritas penetrem todas as seáras e tratem de todos os assuntos à Luz da Nova Revelação.

Pensando, como escrevemos no começo, que Leopoldo Machado pretendeu despertar a atenção dos médicos para o Estudo do Espiritismo, afim de poderem fazer suas observações com mais precisão à Luz do Espiritismo, a mais nova das ciências, venham a introduzir novos métodos de tratamento de enfêrmos e não se obstinem tanto na defesa de teorias anacrônicas ou falhas, temos obsequiado alguns médicos amigos com «Cientismo e Espiritismo».

As suas páginas sôbre Vitaminas e Glândulas Endocrínicas são admiráveis. Tudo quanto pretendessemos escrever a respeito poderia tirar ao leitor o sabôr de seus argumentos incisivos e humorísticos, assim, aconselhamos os nossos confrades a deleitarem-se aprendendo alguma cousa com a leitura de «Cientismo e Espiritismo».

(*Cidade do Salvador*).

Crônica Estrangeira

Magnetismo animal

Pelo *Coronel Faure da Rosa.*

Um curador excepcional

Londres conta mais um médium curador de poderosas faculdades que parece rivalizar, senão exceder, o famoso Parish não há muito desincarnado. Chama-se êle Harry Edwards. As curas que obtém com a aplicação do seu fluido magnético têm admirado a medicina oficial.

Ultimamente, a Comissão Organizadora do Congresso Espírita de Londres, conseguiu que Harry Edwards acedesse a fazer uma demonstração pública do seu poder magnético.

Cerca de trezentas pessoas ocupavam a pequena sala da *Marilebone Spiritualist Association*, entre as quais se contavam os 160 delegados ao Congresso.

Refere a revista *Spiritualisme experimental et philosophique*, de Novembro último, que o primeiro paciente para esta demonstração foi transportado por dois homens até ao estrado: era uma rapariga de 18 a 20 anos a quem a paralisia infantil impossibilitara de andar.

Antes de mais nada, Edwards declarou à assistência que *não podia curar todos os doentes* e que, como acontecia aos seus amigos do Invisível, era impotente para modificar as provações resultantes de actos praticados no passado de cada um. Observou ainda que uma cura espiritual era função de muitas condições bem determinadas, cada uma delas concorrendo para que os coeficientes fossem diversos no resultado final. Entre elas:

a) A do espírito do doente, cuja confiança influirá mais ou menos no fenômeno.

b) A da ambiência do doente.

c) A do poder real do curador, factor muito variavel conforme o indivíduo. (Harry Edwards possui essa faculdade no mais alto grau).

d) A dos «operadores» do Além, os quais especializam os seus fluidos e os canalizam pelo instrumento que é o curador.

e) A do Karma do paciente.

Em seguida, Edwards aplica à rapariga os fluidos benfazejos reorganizadores da matéria, durante uns cinco minutos: a doente começa a esboçar movimentos que dantes não era capaz de fazer. Dez minutos depois esses movimentos acentuam-se, de mais em mais, até se levantar sózinha, apoiando, apenas, as pontas dos dedos nos braços do curador.

Edwards apressa-se a afirmar à assistência emocionada que êle não é mais que um instrumento das «Forças Invisiveis»

Inconsistência da refutação do fluído magnético

Não obstante tão eloquentes e repetidas demonstrações, metapsiquistas há que descrêem do fluido magnético (magnético animal)».

O Dr. e Madame Paul Vasse, num extenso artigo publicado na *Revue Metapsychique* do segundo trimestre do ano findo, entendem que a «teoria do fluido é pouco satisfatória». Argumentam eles que um fluido «deve agir como qualquer agente físico, de uma maneira automática» e apresentam como exemplo a contradição que julgam ter notado da ação magnética que acelera o crescimento das plantas e na mesma ação que produz uma mumificação, a qual só é realizável matando os micróbios agentes da putrefação.

Ora, a mumificação só é exequível em cadáveres, onde o fluido magnético não pode *melhorar uma vida que desapareceu;* para o conseguir seria necessário que o fluido pudesse criar vida.

Parece, à primeira vista, que o fluido que aumenta o desenvolvimento germinativo das plantas, devia também aumentar a vitalidade dos micróbios de um cadáver e, portanto, acelerar a putrefação... mas não será mais provável que o choque magnético do fluido produza nos micróbios o efeito de uma eletrocussão?...

A circunstância de haver magnetizadores que julgam útil, e até necessário, concentrar o pensamento durante a aplicação dos passes magnéticos, não obsta a que haja outros que consigam idênticos resultados sem a concentração.

As experiências feitas com o engenheiro Frederik Knowles, que tem obtido curas notáveis de afecções de origem não nervosa e, especialmente de artrites, mostraram que êste curador conseguia bons resultados quando os passes eram acompanhados da concentração do pensamento, e que, pelo contrário, os resultados eram nulos quando os passes fossem desacompanhados da concentração. Mas daí a concluir-se que todas as curas psíquicas são exclusivamente devidas à força do pensamento, parece-nos que é ir longe de mais.

Que o pensamento atua poderosamente no psiquismo dos doentes, seja qual for a distância a que se encontrem, é caso averiguado.

O «Lar de Curas», sito em Clifton — Bristol, registado no Ministério da Saúde, conta com a colaboração dos médicos da região.

O médico Dr. Axel Munthe, na Grande Guerra de 1914-18, em serviço num Hospital de Sangue, aliviou muita dor a muitos feridos moribundos, *únicamente pela aposição das mãos.* Ele próprio se admirava do seu misterioso «poder»: «O que me foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra, é suficiente para eu dar graças a Deus por me ter posto nas mãos tão poderosa arma, escreve Munthe no Livro de San Michele.

Lady Clerck, antiga embaixatriz da Inglaterra, em Paris, fazia curas extraordinárias, embora os doentes tivessem sido considerados pela medicina em estado desesperado, e isto, também pela *simples aposição das mãos.*

Em Islington, arredores de Londres, numa igreja construída entre as ruínas de uma fábrica, três homens, todas as noites, tratam vários doentes e dirigem o serviço de comunicação com «o outro lado da vida». Todos três pertencem à classe humilde: um é tipógrafo, outro condutor de ónibus, e o terceiro telefonista. No final de cada sessão, um dos curadores recebe mensagens do Além para vários assistentes. Cada um dos três curadores toma conta de um doente: apõe as mãos nas partes doentes ou nas proximidades, ao mesmo tempo que lhes imprimem um movimento como se quisessem desenhar a doença do tecido afetado.

Nenhuma doença, ainda que tenha sido abandonada pelos médicos, amedronta os três curadores de Islington.

A igreja abarrota de gente que acorre de todos os lados de Londres.

Os três curadores atuam também a distância, a avaliar pela lista dos doentes, onde figura uma mulher residente na Índia.

Magnetismo curativo

O Dr. Laszky, médico em Viena, publicou em 1925 um opúsculo acerca do fluído magnético, cuja existência os próprios tribunais reconhecem, visto terem absolvido várias vezes curadores que provaram, com factos controlados, possuirem essa faculdade.

Desde Braid, as escolas médicas de todos os países tomaram o partido dos *animistas* contra os *fluidistas;* isto é, as escolas médicas entendem que as curas magnéticas são devidas à auto-sugestão.

E' o triunfo da Medicina de imaginação do Abade de Faria. Mas a experiência vem demonstrando que se os *animistas* têm razão, os *fluidistas* também não deixam de a ter.

As curas por sugestão não invalidam as que se obtêm pelo fluído magnético.

O Dr. Laszky, como Beziat, mostrou exuberantemente que há «radiações do corpo», as quais, ao passarem pelos doentes, curam diversas afecções em que os medicamentos aplicados foram impotentes.

Tais radiações atuam de tal modo que restabelecem o equilíbrio alterado das funções celulares, notavelmente o equilíbrio químico.

O metapsiquista Sudre entende que o magnetismo animal é uma transformação da energia química.

O Dr. Laszky cita casos de cura que obteve e resume as suas experiências em cinco proposições:

1.ª O magnetismo humano existe; é uma força transmissível de um para outro homem e é curativa.

2.ª O magnetismo é uma radiação ondulatória que provoca vibrações análogas nas células e nos humores do corpo do doente.

3.ª Todo o homem possúe forças magnéticas, diferentes em quantidade e qualidade, e é por êste motivo que nem sempre atúa no seu semelhante.

4.ª O magnetismo animal nada tem que ver com a hipnose e a sugestão; é uma força específica.

5.ª O tratamento magnético não logra bom resultado se o doente não acusar perturbações que lhe causem a recrudescência das crises, recrudescência que é uma das primeiras consequências do tratamento.

Fenômenos supranormais num Convento

«Diário da Manhã», de 7 de Março, conta que que o «Giornale d'Itália», de Roma, descreve fenômenos fantasmáticos produzidos, ao que parece, pela mediunidade vidente — que se revelou, depois, também audiente—de uma das freiras do mosteiro carmelita de Lipa, pequena cidade das Filipinas, desde 12 de Setembro a 12 de Novembro de 1948. A freira médium teria escutado e cumprido os conselhos do fantasma, repetidas vezes aparecido.

«A 5 de Novembro, primeira sexta-feira do mês, apareceram no corpo da irmã vidente os estigmas da Paixão do Redentor; ás 12 horas, a mesma freira cái em êxtase e durante três horas sofre as dôres da crucificação, enquanto os estigmas sangram; ás 15 horas—hora da morte de Cristo — descai-lhe a cabeça e desmaia, para despertar pouco depois».

Nada de inédito nêste relato. Tem havido e há muitas monjas e monges médiuns, videntes, audientes, psicográficos, todas as espécies de mediunidade. Quanto a dermografismo recordamos: S. Francisco de Assis, St.ª Verónica Guiliani, Lucie de Marni, Catarina Emmerich e, mais recentemente, Teresa Neumann e o padre Francisco Forgione, mais conhecido por Padre Pio.

Os estigmas apareceram a Teresa Neumann nas mãos e nos pés, e além disso, também vertia abundantes *lágrimas de sangue,* a ponto tal que, muitas vezes, ás sextas-feiras, acontecia-lhe ficar completamente cega.

Os fenômenos mais notáveis de dermografismo conhecidos, são os produzidos pelo pensamento pela médium Olga Kahl.

O Dr. Osty pôde verificar numa série de sessões que Olga possuía a faculdade psíquica rara de, em presença de uma pessoa desconhecida, fornecer indicações precisas acerca da personalidade dessa pessoa. Olga Kahl projetava na epiderme em linhas vermelhas o pensamento de outrem, quer se tratasse de curtas palavras quer de pequenos desenhos.

A algumas das sessões com esta médium, além do Dr. Osty, assistiram os professores Charles Richet, Santolíquido, Crenéo e o Dr. Jean-Charles Roux.

De «Revista de Metapsicologia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Correspondência da Capital Federal

Federação Espírita Brasileira

A Casa Máter do Espiritismo no Brasil, e não Espiritismo brasileiro, como as vezes dizem, está passando por uma reforma que de ha muito se tornava necessária.

A Federação é, incontestavelmente, a organização no gênero que, com a sua conduta doutrinária, representa o padrão na propaganda e prática do Espiritismo em nossa terra.

O velho edifício da Avenida Passos que estava mesmo necessitando de alguns reparos, pelo menos na parte interna, se apresenta agora com um aspecto melhor. A Bibliotéca da Federação foi transferida para a parte térrea, aliviando o sobrado do enorme peso que a mesma representava e facilitando ao público o seu acesso.

O Departamento Gráfico, ampliado como está sendo e, enriquecido de novas máquinas, está em condições de desenvolver com a precisa eficiência todos os trabalhos gráficos da livraria, imprimindo novas obras e reeditando as que se esgotam rapidamente, como tem acontecido.

Se a Vaz de Carvalho, no período presidencial do Dr. Guillon Ribeiro e a supervisão intelectual de Manuel Quintão, devemos o grande desenvolvimento da livraria nestes últimos anos, ao Sr. Wantuil de Freitas, atual presidente, que, como hábil administrador industrial que é, enfeixando em suas proprias mãos todos os poderes, devemos o grande progresso, hoje, da editora, aparelhada para a execução, com presteza e capricho, como vem fazendo, de todas as obras que se editam e reeditam, no sentido de atender a grande procura desse gênero da literatura espírita, quanto a série romântica bastante numerosa, a par das grandes obras doutrinárias, a preços relativamente módicos.

—

Hora Espiritualista «João Pinto de Souza»

Realizou-se no dia 19 de Agosto último, no auditório do Rádio Clube do Brasil, comemorando o 12.° aniversário da Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», com programa especial, uma grande festa, sob a direção intelectual do sr. Geraldo de Aquino.

Os programas ordinários sóbem ao ar, todos os domingos, as 8,30 horas, do qual fazem parte alguns velhos expositores da Doutrina, destacando-se dentre êles o general Araripe de Faria, Moreira Guimarães, Humberto de Aquino, De Paula Machado, dr. Cadmo de Moura Brandão e muitos outros elementos de real valor.

O programa comemorativo, entretanto, que se prolongou por espaço de quase três horas, tendo início as 20,30 horas, bem melhor que os dos anos anteriores, exorbitou-se em ditirâmbicos adjetivos à pessoa humilde e simples do seu dedicado diretor.

Servindo-nos da opinião do confrade Abstal Loureiro, que em seu discurso foi sem dúvida, mais preciso e o que melhor nos agradou, representando o «JORNAL ESPÍRITA» e falando da orientação independente da imprensa, no terreno da crítica construtora, vamos focalizar alguns dos oradores.

O primeiro, como sempre, fértil em seus argumentos científicos, foi o general Araripe que, dada a escassês do tempo, apenas de 4 minutos, impossível seria produzir trabalho tal como os que habitualmente são lidos pelo ilustre e valoroso confrade ao microfone daquela estação nos dias em que é programado, entretanto agradou muito.

Como peça doutrinária, lendo uma página do livro «Luz Acima», do irmão

X, psicografado por **Francisco Cândido Xavier**, Moreira Guimarães deve ter agradado plenamente, tanto ao auditório como a todos os ouvintes do programa.

Interessante foi também, o trabalho de De Paula Machado, como página filosófica, comentando um belo soneto, como aliás sempre o faz, com elegância e entusiasmo.

Humberto de Aquino, verboso como sempre, com a vóz, desta vez, menos trêmula, que parece-nos resultante de sua grande emotividade, desmerecendo, as vezes, os seus belos poemas verbais, foi, a nosso ver, o mais rico dos oradores, tanto na cadência oratória como nos elogios, algo bombásticos, mas, felizmente, referindo-se ao fundador da Hora Espiritualista, justificando entretanto, nos arroubos de sua palavra eloquente, o conceito razoável em que era tido nos meios espíritas desta Capital o ilustre confrade, hoje seguido de perto por Geraldo de Aquino, que, como profissional do rádio nestes últimos tempos, faz também alguma cousa, levando ao microfone do Rádio Clube do Brasil, intelectuais que honram as letras espíritas em nossa terra.

Firmando-nos ainda na opinião valiosa de Abstal Loureiro, de que a imprensa deverá ser sempre indepedente e altiva para dizer a verdade, mesmo que seja necessário desagradar a um ou outro, merece também lembrar-se neste rápido comentário, a parte artística e, desta vez como das demais, Geraldo não foi feliz. A orquestra, cujos instrumentos nos pareciam desafinados, executou alguns números clássicos, mas o fez com tão grande infelicidade que nos dava a impressão de estarmos ouvindo certo programa que habitualmente ouvimos ás sextas-feira, na Rádio Nacional, depois das vinte e trinta horas, por sinál que humorístico.

A soprano deixou muito a desejar, podendo entretanto, conduzir-se até com brilho, se com apuro e dedicação seguir os rumos traçados pela escola do bel canto.

O teatro ligeiro (sketch), em número de dois, de autoria de Geraldo de Aquino, sem nenhuma impressão agradável o primeiro, bom entretanto, o segundo.

Representando a mocidade do Distrito Federal, o poeta Hernani Trindade Santana, moço talentoso, cuja palavra agrada sempre, produziu um belo discurso em nome da juventude.

Impossível seria comentarmos os discursos de 2 minutos, todos em torno da pessoa do diretor do programa, mas, acreditamos que, fôsse o mesmo organizado com mais cuidado doutrinário e mesmo com espírito artístico, com os oradores selecionados e em menor número; uma orquestra, mesmo modesta, mas que fôsse uma orquestra; a Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», teria conseguido agradar muito mais aos seus inúmeros ouvintes em todo o território nacional.

O discurso de encerramento, muito longo, inexpressivo e, por fim, a prece final que, em substituição da celebre de CHARITAS, comentada com tanta graça e bom humor por Monteiro Lobato, prefaciando o livro de Pedro Granja, Geraldo de Aquino profere a sua predileta oração, de verbalismo excêntrico, com «chuvas de luz» e outras coisas mais, em que são sempre ricas as preces decoradas.

Rio, Setembro de 1949.

Do Correspondente.

Instituto Popular «Humberto de Campos»

Da Diretoria dêste Instituto, com séde à Rua Irmã Serafina, 676, Campinas, recebemos a seguinte circular:

«Campinas, 24 de Setembro de 1949.

Ilustrada Redação de «O Clarim».

Matão

Dignissimos senhores:

Votos de felicidade extensivos áqueles que prestam serviços ao seu conceituado jornal.

Bem sabemos que, nos dias que correm, dispomos de pouco tempo para cogitar de tarefas que se não relacionam com os nossos compromissos imediatos. Mesmo assim, ousamos pedir-lhes a fineza de sua atenção para o assunto que passamos a focalizar, sem nos alongar em considerações por julgá-las dispensáveis, mórmente pelo facto de nos dirigir aos Diretores de tão conceituado jornal, que muito bem conhecem os problemas de assistência social.

Há dez anos um grupo de pessoas esclarecidas e movidas por bons sentimentos, fundaram nesta cidade, uma Associação beneficente-educacional, denominada

Centro Espírita «Allan Kardec». Pedimos vênia para informá-los de que os seus diretores — pessoas idôneas e conceituadas, não percebem remuneração de espécie alguma pelos serviços que prestam à mesma.

Em conformidade com os estatutos, a finalidade precípua do Centro é a da educação das classes pobres, mantendo para êsse fim escolas e educandários.

Desde o início da Associação, anexo funciona o Instituto Popular «Humberto de Campos», com diversos cursos: prático de comércio, corte e costura, dactilografia e pré-primário.

Prosseguindo na execução do seu programa filanttrópico-educacional, a Associação está construindo um grande prédio na zona central desta cidade. A parte térrea estará concluída no fim do corrente ano e nela serão instalados os diversos cursos do Instituto Popular «Humto de Campos» e do Educandário «Euripedes»; êste último está em organização e tem por escopo o amparo integral de crianças orfãs e desamparadas.

A luta vem sendo árdua e difícil, em virtude da incompreensão do povo sôbre o mérito de uma obra desta natureza, embora seja público e notório a triste e dolorosa situação de grande parte da infância brasileira, problema êsse de dificílima solução para os Poderes Nacionais.

Em Janeiro p. vindouro, esta instituição beneficente-educacional passará a funcionar em o novo prédio à rua Irmã Serafina, 676, ficando em condições de ampliar seu programa de educação popular.

Estamos empenhados agora na aquisição de mobiliário escolar para nove classes, motivo por que vimos, por intermédio de V.v. S.s., fazer um veemente apêlo a todos áqueles que se interessam pelo nobre e magno problema filantrópico-educacional, no sentido de nos auxiliarem financeiramente, afim de que possamos concluír as instalações necessárias até a época aprazada.

Aproveitamos a oportunidade para convidá-los a fazerem uma visita ao prédio em construção à rua Irmã Serafina, 676, nesta cidade.

Antecipadamente agradecidos, apresentamos-lhe respeitosas saudações.

A DIRETORIA».

O Desincarne de D. Marilia F. de Almeida Barbosa

O desincarne de D. Marilia de Almeida Barbosa, embora já esperado, agitou, fortemente, Nova-Iguassú e até mesmo o meio espírita do Brasil.

Foi pela madrugada, depois de breve agonia e das preces que cada um dos quatro mais íntimos, que mais a assistiram na sua enfermidade, proferiu com muita emoção. Foi uma cena tocante, cheia de ensinamentos.

Os primeiros avisados encheram a casa e seguiu-se o primeiro velório, diferente, porque constante de preces intervaladas por explanações espíritas sôbre o fenômeno da morte em face do Espiritismo, de grande efeito e resultado. Pela manhã e à tarde, repetiu-se o velório original e surpreendente até mesmo para outros religiosos e agnosticos.

O enterramento interessou a cidade, paralizando-lhe o movimento. Seu saimento, tal como ela entrevira em sonho e o descrevera, batendo-se muitas chapas fotográficas de seus passos. Uma verdadeira multidão, gente de todas as religiões e representação social, como Nova Iguassú nunca vira.

—Sou filho desta terra, daquí nunca saí e ando para a velhice. Nunca vi um espetáculo assim em Nova-Iguassú—disse um velho filho da terra ao viúvo, que lhe respondeu:

— Trata-se, entretanto, de uma criatura sem beleza física e riqueza, sem posição política, e discreta, pois as poucas vezes que seu nome aparecia na imprensa era mau grado seu. O prestígio de quem faz o bem pelo amor do bem, meu amigo.

Antes do saimento, falaram Oli de Castro, seu filho espiritual e o esposo, dizendo das lições de renúncia que deixára. E no cemitério, prof. Newton de Barros, dr. Amadeu Santos. Em nome das instituições que representavam, drs. Gonçalves Maia e Artur Lins de Vasconcelos.

Sua morte repercutiu na Assembléia do Estado, pedindo o Deputado Mario Guimarães que o Legislativo do Estado se associasse aos sentimentos da família da morta, sendo unanimente aprovado seu pedido. Idêntico procedimento tiveram os legislativos dos municípios de Nilopolis e Nova-Iguassú.

* * *

D. Marilia veio para o Espiritismo pelo coração e a inteligência, ha vinte anos, depois de seu casamento. Era católica quando se casou, residindo em Paraíba do Sul, a despeito do movimento espírita naquela cidade ser, então, nulo. E, na Doutrina, o lado humanitário e cristão foi o que mais lhe interessou. Foi ela que levou a assistência social à cidade, colocando-se à frente da Assistência aos Necessitados do *Fé, Esperança e Caridade,* fundando a Sôpa do Pobre, a visita aos presos da cadeia e aos enfêrmos do Hospital, fundando o *Albergue Noturno Allan Kardec* e o *Lar de Jesus.*

D. Marilia era normalista, diplomada em Salvador.

Toda sua vida foi consagrada ao bem, a lidar com crianças.

Pequena ainda, ajudou a mãe a criar os 12 irmãozinhos menores.

Professora, teve em cada aluno um amigo. E punha seus alunos lendo e escrevendo em três meses.

Esposa de professor, emprestou-lhe inestimável concurso na fundação do *Ginásio Leopoldo* e em todas as lides pedagógicas do esposo. Quando devia repousar, fundou o LAR DE JESUS, que dirigiu até morrer.

Suas últimas palavras: «Que responsabilidade, meu Deus!»

D. Marilia desencarna aos 50 anos. Não deixa filhos legítimos, mas deixa muitos filhos espirituais de todas as idades. E muitos exemplos de renúncia e abnegação dificilmente seguidos e imitados.

A's Instituições Beneficentes

Do Deputado Dr. Castro Carvalho recebemos o seguinte comunicado:

DECRETO N.º 9.486 de 13 de Setembro de 1938.

Altera dispositivos da lei n.º 2.497 de Dezembro de 1935, e dá outras providências.

O artigo 12 dispõe:

«Artigo 12 — Haverá, no Departamento de Serviço Social, um registro da matrícula das instituições particulares de beneficência e do serviço social existentes no Estado.

§ 1.º — A matrícula será concedida sempre a título precário.

§ 2.º — Sómente as instituições particulares devidamente matriculadas poderão receber subvenções, ou gozar de outros quaisquer favores dos poderes públicos estaduais ou municipais.

§ 3.º — Para a matrícula, deverá a instituição apresentar:

a) — cópia autenticada dos estatutos, ou documentos a eles equivalente;

b) — prova de personalidade jurídica;

c) — prova de idoneidade e de prestação efetiva de beneficência, ou de serviço social.

Liga Paulista Contra a Tuberculose

Tombola em Benefício do «Hospital Clemente Ferreira»

Para conhecimento dos interessados, a Diretoria da Liga Paulista Contra a Tuberculose comunica que a tômbola do automovel «Studebaker» — modelo 1948 — «Commander de Luxe», quatro portas, côr preta — 6 cilindros — 94 HP — chassis n.º 4.302.785, motor n.º H-257.190 — autorizada pelo Ministério da Fazenda (P. 6562/49) e realizada em benefício das obras de ampliação e de instalação do novo Pavilhão do Hospital Clemente Ferreira, à Avenida Jabaquara n.º 2.302 - nesta Capital de acôrdo com determinação do sr. dr. F. Gama Cerqueira, d.d. Inspetor Fiscal do Tesouro Nacional em São Paulo, foi ANTECIPADA para o dia vinte e seis (26) dêste mês, devendo o sorteio efetuar-se pela Loteria Federal n.º 477, para que haja correspondência entre a emissão dos bilhetes da tômbola e a emissão dos bilhetes da referida Loteria.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes : 1.ª — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.ª — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito utíl para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Gênesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples Cr.$	35,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— ,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente.

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

LS

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2510unse

NO XXV—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1949—N. 1

Revista Internacional do Espiritism

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

«A Morte é a porta da Vida» . .	*Redação*
A Vidente de Prevorst	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Das Sessões Medianímicas	*Tito Bancésco*
Curso de Espiritismo	*J. B. Chagas*
Mais Academias	*Leopoldo Machado*
O Ano Santo e o Dia de Graças .	*Pereira Guedes*
Fenômenos de Materialização . . .	*Amadeu Santos*
Em Consciência	*M. Quintão*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes : 1.ª — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.ª — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito utíl para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Gênesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

ANO XXV - E. S. Paulo - Matão, 15 de Novembro de 1949 - NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

"A Morte é a porta da Vida"

COM o advento do Espiritismo, novos horizontes se descortinaram à humanidade. A morte deixou de ser uma megera ceifando vidas a seu bel prazer para se transformar num anjo libertador a conduzir almas para o mundo dos espíritos. As creaturas que o estudam ficam plenamente convencidas da sobrevivência individual e procuram traçar novos rumos ao seu modo de viver, certas de uma vida de recompensas no mundo vindouro de acôrdo com a lei de Deus, que dá a cada um segundo as suas obras.

O Espiritismo, veiu, portanto, desfazer o pavor que as creaturas atrasadas nas cousas que dizem respeito ao espírito, têm pela morte, transformando o desespero e as copiosas lágrimas derramadas com a partida de um ente ou amigo querido para o Além em odorosas e belas rosas, assim como Jesus transformou a água em vinho nas Bodas em Caná da Galiléia. E não podia ser de outra maneira, porque se esta inegualável doutrina seguisse o mesmo rumo das religiões chamadas oficiais, que deram à morte um aspecto fúnebre, infundindo nas creaturas não a esperança que vivifica, mas a descrença que aniquila os justos anseios das almas, a sua vinda seria inoportuna e ainda não seria, conforme afirmam os Espíritos, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Provando a sobrevivência individual após o transe a que denominamos morte, com a reprodução em escala cada vez maior de fatos e fenômenos espíritas, o Espiritismo assentou nas almas as bases da verdadeira fé—a fé raciocinada, que transpõe montanhas e transplanta sicômoros, conforme afirmou Jesus. Dizemos fé raciocinada porque a fé, sem o exercício do raciocínio, torna-se cega, cultivando o fanatismo e a superstição, que levam as creaturas à descrença e ao materialismo, constituindo o motivo do descalabro social e moral da humanidade.

Com os testemunhos da sobrevivência individual ou imortalidade da alma, as creaturas que têm a suprema ventura de estudar o Espiritismo, compreender e sentir os seus ensinos, podem dizer com o Apóstolo Paulo: «Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?»

Os adeptos das religiões tidas como oficiais, lamentam em alta voz, com chôro e imprecações, o desincarne de uma pessôa querida, como se Deus fôsse um pai desalmado, demonstrando, portanto, falta de fé, daquela fé raciocinada que leva os profitentes espíritas a encarar a morte apenas como uma mudança de um país para o outro e a suportarem, com resignação e paciência, os seus sofrimentos ou provações, afim de, libertos de suas imperfeições morais, alcançarem o reino de Deus e a sua justiça.

Inúmeros são os factos comprobativos da imortalidade da alma catalogados e comentados por filósofos e cientistas de renome que enriquecem os anais espíritas, factos que devem ser lìdos e meditados, porque constituem o camìnho seguro que conduz as creaturas ao co-conhecimento da Verdade.

A seguir, passamos a reproduzir o seguinte facto que o eminente prof. Ernesto Bozzano tirou do volume de Morgan: «From Matter to Spirit». A personalidade mediúnica do Dr. Horace Abraham descreve, nestes termos, a maneira por que seu Espírito se separou do organismo somático:

«Como sucede a um bem grande número de humanos, meu espírito não chegou muito facìlmente a se libertar do corpo. Eu sentia que me desprendia gradualmente dos laços orgânicos, mas me encontrava em condições pouco lúcidas de existência, afigurando-se-me que sonhava. Sentia a minha personalidade como que dividida em muitas partes, que, todavia, permaneciam ligadas por um laço indissolúvel. Quando o organismo corpóreo deixou de funcionar, poude o espírito despojar-se dêle inteiramente. Pareceu-me então que as partes destacadas da minha personalidade se reuniam numa só. Sentí-me, ao mesmo tempo, levantado acima do meu cadáver, à pequena distância dêle, donde eu divisava distintamente as pessoas que me cercavam o corpo. Não sabería dizer por que poder cheguei a me desprender e a me elevar no ar. Depois dêsse acontecimento, suponho ter passado um período bastante longo em estado de inconsciência, ou de sono (o que, aliás, acontece frequentemente, si bem isso não se dê em todos os casos); deduzo-o do facto que, quando tornei a vêr o meu cadáver, estava êle em estado de adiantada decomposição.

Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida me desfilaram sob as vistas, como num panorâma; eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como o meu passado se houvera tornado presente. Foi todo o meu passado o que reví, compreendido o último episódio: o da minha desincarnação. A visão passou diante de mim com tal rapidez, que quasi não tive tempo de refletir, achando-me como que arrebatado por um turbìlhão de emoções. A visão, em seguida, desapareceu com a mesma instantaneidade com que se mostrára; às meditações sôbre o passado e o futuro, sucedeu em mìm vivo interêsse pelas condições atuais.

Eu ouvira dizer aos espíritas que os Espíritos desincarnados eram acolhidos no mundo espiritual pelos seus parentes, ou por seus Espíritos-guardiões. Não vendo ninguem diante de mim, concluì que os espíritas se haviam enganado. Mas, apenas êste pensamento me atravessou o espírito, ví dois Espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me sentí atraído por um sentimento de afinidade. Soube que tinham sido homens muito instruídos e inteligentes, mas que, como eu, não haviam cogìtado de desenvolver em sì os princípios elevados da espiritualidade. Chamaram-me pelo meu nome, embora não o houvesse eu pronunciado, e me acolheram com uma familiaridade tão benévola, que me sentì agradavelmente reconfortado. Com eles deixei o meio onde desincarnara e onde me conservara até àquêle momento. Pareceu-me nebulosa a paisagem que atravessei; mas dentro dessa meia obscuridade, fui conduzido a um lugar onde vi reunidos numerosos Espíritos, entre os quaìs muitos havia que eu conhecera em vida e que tinham morrido havia já algum tempo...»

Comentário do Prof. Ernesto Bozzano:

«Notarei que no último parágrafo do episódio precedente se encontra um outro dos detalhes secundários habituais, que se diferenciam mais ou menos nas descrições de tantos Espíritos que se comunicam. Êsse detalhe achará sua razão de ser nas condições espirituais, bem pouco evolvidas, do defunto autor da mensagem. Geralmente, nas de revelações transcendentais, se lê que os Espíritos dos mortos entram num meio mais ou menos radioso, onde são acolhidos pelos Espíritos de seus parentes. Aquí se vê, ao contrário, que o Espírito comunicante se encontrou em um meio nuvioso, onde foi acolhido amistosamente por dois Espíritos que lhe eram desconhecidos, mas que guardavam afinidade com êle, do ponto de vista das condições espirituais.

É fácil de arguir que êste aparente desacôrdo entre as primeiras impressões dêsse Espírito desincarnado e outras muito mais frequentes dependa da circunstância de que, como êle próprio o diz, se descuidára em vida de desenvolver em si o elemento espiritual e que os Espíritos que lhe foram ao encontro se achavam nas mesmas condições. Daí resultou que, pela lei de afinidade, um meio de luz não se adaptava ás condições transitórias, mas obscurecidas, de seus Espíritos.

De outro ponto de vista, notarei que, também, no episódio em apreço, o Espírito que se comunica afirma ter sofrido a prova da «visão panorâmica» de seu passado, prova que, nêste caso, em vez de se desenrolar espontaneamente, em consequência de uma superexcitação *sui generis* das faculdades mnemônicas (superexcitação produzida pela crise da agonia, ao que dizem os psicologistas), pareceria antes provocada pelos «guias» espirituais, com o fim de predispôr o Espírito recem-chegado a uma espécie de «exame de consciência». Esta interpretação do fenômeno ressaltará muito mais claramente de alguns dos casos que se vão seguir.

Notarei, finalmente, que êste caso, ocorrido em 1857, já contém a narração de um incidente interessante de «bilocação» no leito de morte, seguido do fenômeno consistente na situação que durante algum tempo o Espírito desincarnado conservou, pairando por cima do cadáver. Ora, quem não vê que o facto das afirmações de videntes, concordantes de modo admirável que o que narram os próprios Espíritos desincarnados, teem inegável importância, uma vez que se confirmam mutuamente? E também, com relação a esta ordem de incidentes, é muito comum que o médium escrevente, ou o sensitivo vidente, estejam na mais completa ignorância acerca da existência de tais fenômenos e da maneira por que se produzem no leito de morte. E como o caso com que acabamos de ocupar-nos remonta a 1857, isto é, aos começos do movimento espírita, tudo contribúe para que se suponha que nesta circunstância o médium e os assistentes ignoravam tudo do que concerne aos fenômenos de bilocação em geral e, sobretudo, à maneira por que se dão com os moribundos».

Como vemos, êsse facto constitúe prova frisante de que a «Morte é a porta da Vida», conforme afirmou um dos mais notáveis filósofos espíritas.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XXII

A sétima estrela solar

A 1.º de maio de 1828, a Sra. Hauffe disse que alguma coisa de notável lhe ia acontecer; não sabia o que era mas esperava que fosse para melhor. Após o aviso da morte de seu pai, recebido no dia 2 de maio, e que ela vira com antecedência, como já dissemos, cessaram as convulsões. Apesar disso seu estado magnético aumentou e ela caiu em sonambulismo várias vezes por dia. Contou que agora não podia mais ir e vir na sua esfera solar, como outróra, que a direção no seu círculo de vida, que não tinha atingido o centro até dezembro, de repente inclinara para a frente, que, não tendo mais fôrça para levar para trás novamente, muito tempo poderia ser perdido e ela temia que isso ocasionasse sua morte. Todo o dia 7 foi alternativamente ocupado por sonhos e ataques de catalepsia.

Em certo caso seu espírito protetor lhe apareceu, mostrando-lhe, com um gesto, um caixão meio aberto, o que ela interpretou como aviso de um grande perigo que lhe ameaçasse a vida. No dia 8, às 7 horas da noite, seguindo as instruções dadas por ela mesma em seu estado sonambùlico, como se achasse num estado de catalepsia semelhante à morte, eu lhe falei, dirigindo-me à cavidade epigástrica : «Não se esqueça do ano passado na tarde de hoje». Fóra disso, disse-me ela que ia perder toda recordação dos anos decorridos desde a sua última doença, coisa que não queria suportar na memória. A' minha voz, proferindo um grito de terror, ela saiu desse estado semelhante à morte, assumiu uma atitude de desespero e recaiu logo em seu estado anterior de insensibilidade. Despertou a seguir, sem parecer capaz de compreender seu estado ou de reconhecer tudo o que a cercava. Dizia que sua sétima esfera solar inteira havia desaparecido. Não podia dizer se ia entrar numa nova, não via nada além do dia corrente e devia ficar assim como estava, afim de evitar toda recordação. Seu próximo fim parecia dever ser a primeira coisa que anunciaria.

No dia 15, recuperou parte da lembrança desse periodo que parecia esvair do seu espírito. Ao mesmo tempo perdeu a lembrança de sua esfera e ainda da ocasião em que a tinha visto e que parecia inteiramente afastada e apagada, ao passo que a época precedente se revelava então como a mais recente.

A recordadação dessa última foi primeiramente vaga, mas pouco a pouco se aclarou até que enfim poude se recordar de todos os detalhes com a maior nitidez. Já se deram muitos fenômenos análogos entre os povos antigos.

A 27 de janeiro de 1829, estando a Sra. Hauffe em sonambulismo, disse que sentia que sua sétima esféra solar desaparecera e que, se não tinha sido levada com ela, foi porque, com essa última crise, recuperara toda a sua saùde.

Os mêses de esfera solar, nos quais estivera então, só durariam até 2 de maio, em lugar de continuar até 27 de dezembro, como deveriam ser. Por tal perda seria privada desses mêses e acreditava que estava para morrer, porque esses quatro mêses eram tudo o que lhe restava.

A 2 de maio teve um sonho magnético durante o qual falou como sempre e disse mais ou menos isto : «Estou sôbre uma montanha. Oh, eu devia ir para a minha direita, acima dessas nuvens douradas, em que vejo esse vale cheio de flores ! A' minha esquerda, só vejo sepulturas e podridões ; detrás de mim, percebo a espécie humana a lutar e combater, como leões e tigres. A' minha direita, as flores parecem-me sorrir, mas eu caminho em direção da morte e do tùmulo. E' preciso que eu caia sob tal aflição ? Conduzi-me aonde quizerdes. Oh, que sonho horrìvel ! Oh, guiai-me ! E' preciso que eu caia neste abismo ? Vós sois forte e poderoso. Compreendi-vos bem ? E' preciso que eu fique em cima desta montanha ? Sim, devo aquí ficar até que a hora seja chegada, mas vós sóis dia e noite comigo. Se me abandonardes, eu caio. Oh, permiti-me sair dêste sonho horrível ! etc.»

Ela entrou então numa nova esfera e numa nova vida magnética, na qual demonstrou suas faculdades interiores de vidente como mais poderosas do que nunca, ao passo que não falava antes do que via. Ela dizia que seu corpo estava morto, embora ainda estivesse vivo, mas que sua alma estava mais livre e mais calma do que nunca. «Que não se ocupem mais de meu corpo, que deixem de ter cuidado com êle ; é uma vestimenta rôta, que não tem mais nunhum valor. Em vossa mão, Senhor, confio o meu espírito.» Era o pressentimento de sua mórte próxima e, depois daquele momento, ficou mergulhada na indiferença que aconselhava.

Ainda que extremamente magnética e num estado de grande debilidade, seus sofrimentos foram certamente aliviados durante sua permanência em Weinsberg. Tinha mais lucidez e calma interior. Fora encorajada e consolada pelos seus conhecidos e sua comunhão de idéias com homens distintos, mas não estava no poder dos seus amigos protegê-la contra as condições desfavoráveis que, precisamente nessa época, tiveram tão funesta ação sôbre sua saùde, Queremos falar especialmente da morte de seu pai e da enfermidade do filho dela.

No dia 2 de maio de 1829 voltou a Lowenstein para alì cumprir o seu destino.

Desde o momento em que estudei o Espiritismo entrei na posse da verdadeira vida. — *MARIQUINHAS.*

Das Sessões Medianímicas

Por TITO BANCÉSCO — (Argentina)

Estamos observando que as sessões medianímicas ainda não foram organizadas de forma metódica. Existem, naturalmente, exceções, mas como elas não fazem a regra, necessário se torna que se pense seriamente neste problema que tanta importância reveste para o prestígio do Espiritismo.

Entendemos que toda sessão experimental requer um preparo prévio de todos os que intervêm na mesma. Referimo-nos especialmente ao preparo moral que é a que exerce uma influência decisiva no desenvolvimento dos fenômenos, especialmente nos de caracter subjetivo. Se dizemos que é indispensável um preparo prévio, queremos significar que se deve formar um estado de alma, uma situação vibratória mais propriamente dita, que guarda relação com a pureza de nossos sentimentos, de nossos pensamentos e nossas ações diárias.

Como as ações, pensamentos e sentimentos produzem seus reflexos e repercutem sôbre nosso períspirito ou subconsciênte, em vão nos esforçaremos para concorrer á reunião experimental com o preparo desse mesmo dia; em um dia não nos será possível limpar o nosso perispírito de impurezas vibratórias, visto que, para obter a verdadeira finalidade indispensável, necessário é que esse preparo seja permanente. Como se consegue isto? Exercendo sôbre nossa conduta um controle tal capaz de evitar que os maus pensamentos e ações repercutam sôbre nosso mundo interior. Isto se consegue facilmente educando a vontade e procurando que o nosso estado de alma não seja alterado ante as impressões adversas (ingratas).

Tudo isto exige de nós espíritas um exercício constante. E', sem dúvida, uma tarefa árdua que exige pôr em jogo todos os recursos da vontade. Com o tempo se consegue o que se procura. Deste modo chega o dia em que a serenidade dominará de tal modo que nos sentiremos felizes conosco mesmos e o mundo que nos cerca. Indubitavelmente, neste processo necessário, é preciso ser um pouco psicólogo ao observar a vida multiforme e compreendê-la individual e coletivamente com êsse critério sensato e nobre que deve caracterizar todo bom espírita. Nossos semelhantes são o que lhes permite ser sua respectiva evolução moral.

Essa mesma evolução moral determina os fenômenos medianímicos. Se pessoas boas forem os concorrentes, comunicam-se espíritos da mesma categoria, naturalmente quando se trata de trabalhos sérios, científicos ou filosóficos. Porque nessa espécie de reuniões também se apresentam espíritos em estado de perturbação e também alguns maus, atraídos para que se convençam que devem mudar de conduta.

A experiência demonstra inequivocamente que, quando ha sintonização moral entre os assistentes, apresentam-se entidades extraterrestres de notável elevação, a expor pensamentos admiráveis. Os intermediários, ou médiuns, sentem-se bem, animados de nobres sentimentos, o que certamente é devido aos eflúvios de elevada vibração que os cercam. O mesmo não ocorre quando eles se encontram entre elementos de baixa moral, porque nesse ambiente se produzem fenômenos prejudiciais; aparecem espíritos perversos com o propósito de perturbar e interromper a sessão, procurando provocar danos físicos aos médiuns, visto que os iguais se atraem através dos maus fluidos que se infiltram no perispírito. E' por isto que os instrumentos intermediários ressentem, com justa razão, esses climas sufocantes que constituem o reflexo incontestável do que são os assistentes em seu mundo interior.

Impoem-se neste último caso a auto defesa dos médiuns, a que consiste em não servirem lá onde a atmosfera é adversa e perniciosa. Eles têm o dever de manifestar o motivo da resistência, porque assim existe a possibilidade de se corrigirem progressivamente os que desejam comunicar-se com o mundo invisível, visto deles dependerem os bons resultados medianímicos. Isto dizemos porque os médiuns como instrumentos vivos devem atuar em meio de um conjunto de pessoas que, por sua vez constituem, cada qual, uma engrenagem também viva desse conjunto; bastando que falte uma só delas para que o élo fluídico se quebre, o que pode influir qualquer entidade espiritual de más intenções, dispostas a desbaratar os melhores propósitos.

Em certa ocasião, para citar um exemplo, um bom médium não podia tomar posse da palavra, apesar do esfôrço que fazia. Ao seu cérebro acudiam frascos de vidro, interrompendo-lhe a concentração. Depois de vários ensaios — sendo ao mesmo tempo vidente — poude observar que esses frascos provinham de um assistente, ao qual perguntou porque pensava em frascos e não em Deus. A resposta foi que a sua farmacia não ia bem e temia a falência. Noutra ocasião, uma senhora assistente — devota da mãe do Mestre Jesus de Nazaré, que se encontrava ao lado do médium—concentrou seu pensamento nela, mas com tal devoção, que imediatamente se produziu uma possessão no médium que começou a entoar um cântico religioso, com voz feminina. Este fenômeno tornou-se sumamente interressante para o vidente que observou desprender-se, do corpo da mencionada senhora, uma espécie de cordão fluídico que se uniu ao médium. Enquanto ela se encontrava numa espécie de êxtase, registrou-se a suposta comunicação extraterrestre, quando realmente o fenômeno foi puramente anímico.

Dos casos precedentes, deduz-se nitidamente que o poder do pensamento é grande e exerce uma influência dicisiva nas sessões experimentais. Sendo os médiuns uma espécie de antenas sutilissimas, captam os pensamentos e os transmitem, quer sejam eles terrestres ou de habitantes do outro mundo. Disto ressalta a necessidade imperiosa de organizar as sessões espíritas e controlá-las severamente para não nos enganar-nos. Consequentemente, os assistentes devem ser colaboradores positivos e não negativos. Entendemos por negativos, quando não prestam sua colaboração mental uniforme, fazendo evocações individuais ou ainda se distraem pensando em qualquer coisa.

Geralmente se pensa que ir às reuniões mediúnicas é o mesmo que ir à missa e que basta pronunciar uma oração para obter o objetivo desejado. Indubitavelmente, a oração constitúe um fator positivo, visto que permite vibrar em consonância com a elevação do pensamento. Mas não devemos olvidar que a higiene do perispírito de cada um de nós, ao concorrer à reunião, exerce tal influência, que em vão acreditamos sér uns «anjinhos», quando maus pensamentos e piores ações acumuladas e gravadas em nosso subconsciênte denunciam tacitamente nossa verdadeira personalidade moral.

Nossa limpeza interior reveste importância transcendental nos trabalhos mediúnicos, visto que, neles, a lei de afinidade tem consequências fatais. Necessário é lutarmos intermitentemente contra nossas imperfeições e concorrer ás sessões experimentais com mais sentido de responsabilidade, sem olvidar que cada um de nós é uma móla do conjunto. Nunca devemos censurar quando, através dos médiuns, se manifestam espíritos medíocres, incapazes de nos indicar novas trajetórias. Eles são atraídos por um clima moral semelhante ao que nós formamos. E se êsse laboratório invisível funciona mal ou deficientemente, a culpa é de todos, inclusive médiuns, que não cultivam sua elevação moral, convencidos — salvo exceção — de serem entes dotados de poder extraordinário, quando a realidade é que não passam de simples instrumêntos da Divindade ou canais por intermédio dos quais ela estabelece a solidariedade entre o mundo visível e invisível.

Jesus não impôs uma religião. O seu único objetivo foi ensinar aos homens a lei de Deus, que se funda no amôr do próximo, com a proclamação da Imortalidade da Alma, para que eles construissem a sua fé em firmes alicerces, de maneira a poderem alçar altos vôos a mundos superiores. A missão do Espiritismo é a mesma de Jesus, daí a razão por que a difusão e o estudo desta doutrina equivale a entregar às criaturas que a professam as chaves do reino de Deus.

CAIRBAR.

Curso de Espiritismo

J. B. CHAGAS

A instalação de um curso de Espiritismo é a feliz iniciativa tomada pelo Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil (CCMEB), após a brilhante vitória alcançada com a realização da Festa Nacional do Livro Espírita, cujo sucesso ultrapassou as nossas fronteiras se projetando na Colombia, onde em Outubro deste ano, no dia 9, em homenagem ao Codificador e comemorando o aniversário do Auto de Fé de Barcelona, será também organizada a Festa do Livro Espírita.

Como todos sabem, a idéia não é nova, porque o próprio Codificador, em OBRAS PÓSTUMAS, ao traçar as normas reguladoras e orientadoras do Movimento Espírita em todo o mundo, como a alavanca que teria de transformar a humanidade, sentiu que «um dos maiores obstáculos á propagação da Doutrina era a falta de unidade, e que o único meio de evitá-lo, senão presentemente, ao menos, no futuro, é formulá-la em todas suas partes, até nos mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que seja impossível qualquer interpretação divergente.» Dizendo mais claramente: «que o único meio de evitá los para o futuro é assentar o Espiritismo em sólidas bases de uma doutrina positiva, nada deixando á interpretação.»

«Dois elementos—prossegue Kardec —devem concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da doutrina, e os meios de popularizá-la. Estabelecer-se-ia um curso regular de espiritismo, no intuito de desenvolver o gôsto pelos estudos sérios. Este curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de propagarem as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero êste curso como elemento de influência capital para o futuro do espiritismo e suas consequências» (págs. 331/2/3/4).

Certo é que as sensatas observações do Codificador não foram levadas a sério como seria de desejar, pela maioria dos espíritas principalmente por aqueles que tomaram a si mesmos a direção e a orientação do Espiritismo, especialmente no Brasil. Deixaram o tempo passar e a doutrina se espraiar, por aí em fóra, sem uma diretriz segura, capaz de bem cumprir á alta tarefa que lhes estava afeta, e os espíritas unicamente apoiados nas obras básicas, ou mais comumente conhecidas por Codificação cardeciana, desordenados, cada um estudando e interpretando, ao seu bel-prazer.

Estas obras, como é do conhecimento geral, são realmente um verdadeiro portento de sabedoria, na sua especialidade, todavia, o destino, a transcendencia, que o próprio Codificador supervisionára para a Doutrina, e cujas obras êle, por mais de uma vez, disséra não se acharem completas, visto que «as necessidades mudam com os tempos e com a evolução das idéias. Uma constituição, por melhor que seja, nunca poderá ser perpétua. E' preciso que ela marche a par das idéas evolutivas. Se não é *revista* convenientemente, cai em desuso, ou será violentamente destruida pelas idéias progressivas. Em menos de um quarto de século não se desenhará de modo apreciável um movimento nas idéias; será, portanto, de 25 em 25 anos que a constituição orgânica do espiritismo passará pela *revisão*. Este período, conquanto não seja longo, é suficiente para se apreciarem as novas necessidades e não causar perturbações frequentes. A revisão dos estatutos constitutivos far-se-á pelos CONGRESSOS ordinários, transformados, para êsse fim, em congressos orgânicos, em épocas determinadas; e assim constantemente, de maneira que se mantenham sem interrupção, ao nível das necessidades e do progresso das idéias, por séculos de séculos». (Pags. 358 e 359).

Considerando que só agora, passados mais de três quartos de século, um grupo de homens independentes, tomou a si a iniciativa de dar aos trabalhos espíritas, mais vida, mais movimentação, sem contudo, alterar-lhes, a sua essência ou seja a pureza do Evangelho, e que essa iniciativa tem se mostrado vitoriosa, através das reuniões de confraternizações, congressos e semanas espíritas, etc. E agora com o mesmo e santo objetivo, surge um *Curso de Espiritismo*, orientado por espíritas conscientes, procurando alcançar as altas finalidades sonhadas pelo Codificador, muito especialmente no que diz respeito ao Espiritismo teórico.

O curso está dividido em cíclo completo de aulas, com a duração de uma hora, por semana, versando todo êle sôbre a Evolução do Espiritismo. Foi fundado para consolidar a cultura doutrinária dos moços espíritas da nova geração. Cada cìclo compreenderá lições versando sôbre a gênese das Doutrinas religiosas, suas causas primitivas, objeto do seu culto, crenças primitivas, aspectos gerais do Espiritismo brasileiro, etc.

As aulas deste Curso, estão funcionando aos sábados, das 17 ás 18 horas, na séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo, á avenida Rio Branco, 4—15.° andar, e estão a cargo dos nossos irmãos Profs. Leopoldo Machado, Newton G. de Barros, Carlos Imbassahy e Jornalista Deolindo Amorim. Já conta o mesmo com 36 matrículas, reinando grande animação entre os jovens alunos.

A respeito das coisas divinas, diz-nos Léon Dénis que — «O Culto religioso é uma legítima homenagem prestada ao Onipotente; é a elevação da alma para o seu Creador, a relação natural e essencial do homem com Deus. As práticas dêsse culto são de utilidade; as aspirações que despertam, a poesia consoladora que daí deriva, são um sustentáculo para o homem, uma proteção contra as suas próprias paixões». (CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — pag. 121/2).

«O Espiritismo, já o dissemos, não dogmatiza; não é uma seita nem uma ortodoxia. E' uma filosofia viva, patente a todos os espíritos livres e que progride por evolução» (PROB. DO SÊR DO DEST. E DA DÔR — pags. 60/1).

«Na penetração das leis superiores se realiza a união da Ciência, da Arte e da Religião pela visão de Deus na sua obra». (Idem, idem pag. 30).

*
* *

Pena é que tal iniciativa não possa ser prontamente adotada noutros setores espiritistas, onde também há grande número de jovens entusiastas, com sêde de conhecimentos.

Bem sabemos o que isto representa em benefício do Espiritismo, uma vez que êle não se compadece com a incultura, embora não houvesse entre os discípulos de Jesus nenhum letrado, sendo por seu intermédio que até nós chegaram as sublimes lições e ensinamentos de Jesus.

O Espiritismo teórico é, realmente, alguma cousa que merece a nossa atenção e o nosso concurso, porém, não é tudo o de que se carece. E, não resta a menor dúvida, repitamos, um contingente apreciável para que se possa contar em futuro próximo com um corpo selecionado de pregadores conscientes (não convencidos).

E a julgar pelo entusiasmo que alí observámos entre os jovens estudantes, e se cada ano êsse curso nos der turmas regulares, é para prejulgar, uma situação mais sólida para a Doutrina, como se um raio de luz fortissima penetrasse na escuridão (para não dizer confusão), em que nos achamos envolvidos.

A consolidação de princípios, numa Doutrina como a espírita, é qualquer coisa de sublime, uma vez que ela, mau grado a intransigência de alguns, terá de ser sempre encarada sob os seus três aspectos — CIÊNCIA, FILOSOFIA e RELIGIÃO, que é como se dissesse, corroborando Kardec — «toda Ciência deve ser religiosa», assim como afirmou também André Luiz: «Toda expressão religiosa é sagrada; todo movimento superior de educação espiritual é santo em si mesmo», o qual chegou a reconhecer que a Ciência progride vertiginosamente no planeta, e, no entanto, à medida que se suprimem sofrimentos do corpo, multiplicam-se aflições da alma».

Queremos crêr, sem que isto de algum modo vá de encontro à feliz iniciativa dos dignos companheiros do C. C. M. E. B., os quais pela sua infinita bondade, acabam de conferir-nos o título de Conselheiro Honorífico — que o problema mais sério do mundo acidentado em que vivemos, não será o da formação intelectualista das novas gerações, seja em qualquer setor das atividades humanas. O Mundo se extertora e morre à míngua de amor! E uma voz que nos vem do fundo da alma, nos adverte — eduquemos os nossos corações! «A grandeza do espírito não consiste sómente no conhecimento; ela está também no ideal elevado». (Léon Dénis — O GRANDE ENÍGMA — pag. 85).

Nada há melhor do que opiniões

respeitáveis, para confirmarem uma assertiva. Vejamos mais duas: «E' mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente inteligentes sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quasi impraticável». (NO MUNDO MAIOR — pag. 212); «Não nego o respeito que se deve ao talento; porém tenho em conta que a estima e prática na vida diária de quanto é nobre e bom, a retidão de conduta, a delicadeza no trato e o amor à justiça, podem faltar ao homem mais instruído». (O. S. MARDEN — FORMAÇÃO DO CARÁTER — pag. 101).

Sábios, muitas vezes sábios, foram aqueles homens inventores das bombas e torpedos submarinos; das bombas aéreas e atômicas! Todos eles tinham o cérebro cheio de conhecimentos e o que mais é, sabiam o fim a que se destinavam os seus inventos!...

E ao encerrarmos estas considerações, veiu-nos à lembrança aquelas sábias palavras de Jesus: «A seára verdadeiramente é grande, mas poucos são os trabalhadores de bôa vontade; roguemos ao Pai para que êle envie novos trabalhadores para a sua Seára!» (Mat. IX-37/38).

Continuemos a rogar ao Pai que Êle envie novos trabalhadores, de bôa vontade para a sua Seára!

E por hoje é só.

Nova Iguassú, Julho, 1949.

Mais Academias...

Crônica de Leopoldo Machado

«O saber não ocupa lugar», é velho rifão. E a ciência, é, também, uma revelação de Deus, que nô-la envia, afim de que, por meio dela, tornemos menos árdua e mais suave a vida na carne e na Terra.

Bençãos e louvores para toda Sabedoria, que é, ou deve ser, função precípua das academias!

Assim, quanto mais academias, de onde sáia a Sabedoria que beneficie o homem e a ciência que dignifique a Terra, melhor!

Prova-se, entretanto, que nem sempre as academias colimam sua altissima finalidade; que as maiores revelações científicas teem partido do estudo isolado, através de experiências individuais. Muitas, até se atiraram e se atiram contra princípios desta mesma ciência, contra revelações desta mesma sabedoria. Bernheim, Servet, Harvey, Pasteur, Janet, Edison e tantos, foram negados por academias. Na em que Bernheim quís demonstrar a influência e o efeito do magnetismo animal, negou-se-lhe a palavra para concedê-la a outro sábio, afim de demonstrar — imaginai só! — pelos palpos, seria fácil distinguir a aranha macho da fêmea!...

E vai-se, também, creando, por aí afóra, academias para diplomarem profissões e profissionais, os mais extravagantes! Já existem academias de divorciados, de tiros ao alvo, de conzinheiras, de mendigos...

Surgiu, ha tempos, entre nossos vizinhos do Plata, uma academia originalissima, que se dispõe a ensinar normas e regras de uma profissão árdua e dificílima: a Academia dos Roleteiros. E' uma academia «que se destina aos aspirantes à profissão de jogadores, para figurarem nos quadros de funcionários de grandes casinos». Foi fundá-la uma altissima figura, talvez a mais importante de *Monte Carlo* — diz a notícia — o gal. Pierre Polotvsoff. Nada mais natural — diz ainda a notícia — do que a formação de técnicos para viverem do jôgo. E evoca-se, até, o nome e a projeção do grande Pascal para os créditos da academia de jogadores profissionais, que se está creando em *Mar del Plata*, cuja notícia vem ilustrada a *cliché* de jogadores em redor de grande mesa e diante de montes de fichas...

Em dias do ano findo, vimos um *camelot* apregoar, no Largo de S. Francisco, *altissima voce* uma obra colossal, ao preço reles de 600 rs.: a *Arte de Ganhar no Jôgo!* Lendo, agora, a fundação de tal academia, pusemo-nos a pensar: porque uma academia para ensinar aquilo que se póde aprender num livro de 600 rs.?

Nós, felizmente, não jogamos. Nem por distração, com amigos. Estamos até, com o critério japonês, a respeito de jogar com amigos. Ninguém joga, sinão para ganhar. Deixa de ser amigo aquele que nos convida para ganhar o nosso dinheiro.

A *Academia de Roleteiros* se propõe a preparar os mais maneirosos de nossos inimigos, porque aqueles que nos levam o *cobre*, dando-nos a ilusão de que vamos ganhar muito.

Não cremos seja esta a missão das academias, embora não se creasse, ainda, a mais necessária, no dizer de Jean Fínot, de todas elas: a academia que ensinasse a Felicidade.

Essa academia — ai, de nós! — sendo, incontestavelmete, a de mais premência, consequentemente, a mais importante de todas elas, é a que, entretanto, nunca se fundará. Pois não é, até, um axioma que «a felicidade não é deste mundo»? Não póde ser, portanto, das suas academias...

Já se falou e já se escreveu sôbre a necessidade de uma academia espirita, de que saissem pregadores a diplomas, bachareis em Espiritismo (já os ha tantos por aí, sem academias) fazedores de Espiritismo. Misericórdia! E ai, do Espiritismo, que seria, naturalmente, a sua dogmatização, a sua sectarização, a sua humanização!

O Espiritismo não carece, ao nosso ver, de academias próprias. Mas de penetrar — isto, sim — nas academias, afim de que nelas se estude a mais séria das ciências, a Ciência da Imortalidade; a mais forte das filosofias, a Filosofia do Espírito; a mais doce das religiões, a religião do amor!

Muito não faz que a revista francesa, *Nature*, lamentava a apatia manifestada pelas Universidades contra o Espiritismo. Que é a mesma atitude que sempre revelaram, através dos séculos, por todas as descobertas importantissimas. O prof, William Mc Dougall, talvez influenciado pela revista, entrou de estudá-lo, então, na Universidade da Cárolina do Norte. Telegrama recentissimo nos diz que, na velha Albion, acaba o Espiritismo de transpôr os umbrais de uma Universidade.

Bravos! Um bom sinál, de vez que o Espiritismo não péde, como ciência que é, sinão que o estudem em toda parte, principalmente nas academias e universidades!

E para emprestar brilho e importância ás universidades e academias!...

O Ano Santo e o Dia de Graças

O ANO DE 1950, que será santo por decreto do Vaticano, está sendo comentado, desde já, com certo entusiasmo e enchendo de esperança e fé a catolicidade brasileira.

Austregésilo de Athayde, brilhante colaborador dos «Diários Associados» e líder das hostes romanistas na imprensa política de nossa Pátria, publicou no DIÁRIO DA NOITE de 27 de agosto pròximo findo, uma de suas habituais crônicas, salientando, antecipadamente, o grande acontecimento.

O articulista diz que ha grande espectativa em Roma pela presença dos romeiros do Brasil.

Mas, afinal, será mesmo santo o ano de 1950? E, santo porque?

— Ora, porque! Então, o santo Padre não é, realmente, a maior autoridade na Terra, em matéria de coisas transcendentais? — Pergunta-nos, respondendo, uma beata ao lado e que não foi chamada à conversa. — Não é êle, por ventura, o chefe supremo da maior organização político-religiosa do mundo? E, além disso, não foi a êle que Pedro, a pedra fundamental da Igreja e representante imediato de Nosso Senhor Jesus Cristo, delegou todos os poderes excepcionais, com a certeza da sanção divina?

Não ha pois, motivos para qualquer dúvida. O ano de 1950 será mesmo santo. Sim! pensamos nós, nem que surja outra guerra, pondo em perigo a nossa fragilissima paz, que nem sabemos se é paz ou começo de guerra.

Que importa! Se vier outra guerra, para nos arrancar deste leito de Procusto, que é situação duvidosa em que vivemos, entre a promessa da paz e a ameaça da guerra, talvez seja uma guerra santa.

A espada e a cruz que representam os instrumentos da morte, nunca se separaram. E' verdade que a espada, hoje, não passa de um símbolo, mas, símbolo também é a cruz e servem ambas para o místico incitamento das almas.

Reclamamos para nós, diz o articulista emérito, o título que se avizinha da verdade de maior país catòlico, não só pelo tamanho do território como ainda e sobretudo pelo vulto da população, quasi unanimemente fiél à Igreja de Roma.

E diz mais: «Temos que honra-lo com atos que traduzam essa nossa fidelidade à fé cristã e à autoridade do Papa».

Pois sim!... E do Brasil partirá, por certo, a maior romaria até hoje realizada (a custa de quem?), em busca da capital do mundo católico. E, quem sabe se não nos perguntará o pobre Zé, cansado de sofrer e de esperar, vendo que para êle o leite, o pão e o teto brincam de esconder — que haverá de comum entre o Cristo na cruz de madeira e o Papa com a cruz de ouro?

E nós diremos: ó Zé, pois tu ignoras que, quando sacrificaram Jesus não havia Papas nem papanças, e que a paparroteira do Primado Universal veio 300 anos depois, para conservar-se à custa de muito sangue?

Aí vem o ano santo, ó Zé, e quem sabe se em seu bôjo uma outra guerra, talvez a mais tremenda de todas as guerras até hoje registradas nas páginas rubras da história humana?!

Substituindo a espada das guerras púnicas que garantiu a vitória dos romanos sôbre os cartaginezes, como também a de Zama e a tomada de Carthago, os aviões a jacto, as bombas atômicas e foguêtes, resolverão em alguns minutos apenas a sorte ou a desgraça do mundo. E, no final da festa dantesca, a fôrca e o fuzil, como argumentos jurídicos que desafiam contestação, a exemplo do que aconteceu no acêrto de contas com a Alemanha, a Itália e o Japão, decidirão, tal como a cruz, o instrumento de suplício, na tragédia do Gólgotha, iliminando o Cristo.

Mesmo que tudo isso aconteça e muito mais ainda, o ano de 1950 será mesmo santo, porque o Papa o decretou.

A miséria, a falta de confôrto, a fóme que campeia por toda parte, as enfermidades, o encarecimento da vida facilitando a morte por inanição, a tanta gente por êsse mundo de Deus, não terão fôrça capaz de destruír ou alterar a gloriosa significação de ANO SANTO.

* * *

O Congresso brasileiro também decretou e o Presidente da República sancionou o Dia de Graças ao Criador.

Êsse dia será, em todos os anos, a partir dêste que é o da véspera do Ano Santo, a última quinta-feira do mês de Novembro.

Não importa que tenhamos sentido, na pele e na alma, em todo o curso de onze meses consecutivos, as nossas próprias dôres e os sofrimentos de todo um povo mal nutrido e mergulhado nêsse pantanal de dúvidas e mistérios por onde navegam, sem bússola, os «grandes senhores da civilização cristã».

O que precisamos, sobretudo é que, na última quinta-feira de Novembro, em cada ano, estejamos dispostos de corpo e de alma, a elevarmos aos céus as nossas mãos súplices e agradecermos a Deus, mesmo por hipótese, as graças recebidas, porque isso correrá, indubitavelmente, por conta dos nossos pecados.

Lendo agora um belo comunicado mediúnico de Cairbar Schutel, pelo lapis de um médium que nos merece fé, extraímos, a propósito, esta chave de ouro num pensamento de luz: O DIA DO SENHOR É SEMPRE HOJE.

Pereira Guedes.

Rio, Setembro de 1949.

Todo aquele que se propõe a trabalhar na doutrina tomando lugar de vanguarda, precisa estar bem preparado nos preceitos evangélicos, afim de evitar contendas e desmandos. — JUCA.

Fenômenos de Materialização

XXXII

(Penúltima Crônica da Série)

Sessão de sábado, 17 de Abril de 1948.

Com o Professor Newton de Barros na presidência e a assistência normal acrescida do confrade Efigênio Sales, de Belo Horizonte, Minas Gerais, os trabalhos tiveram início ás 20 horas em ponto, com uma prece feita com contrição. Na sala contígua ao salão, estava um não pequeno número de enfêrmos, com permissão para tanto, esperando as bençãos da melhoria dos seus males físicos e da integral cura.

A sessão decorre na fórma costumeira, dividindo-se o tempo da interrupção da produção de fenômenos de efeitos físicos, entre proferirem-se preces, entoarem-se hinos e comentarem-se trechos evangélicos.

Na esperança de serem obtidas as télas com as efígies de Abel e David, alguns companheiros deixaram, nêsse sentido, um pedido coletivo ao Tongo.

No sopé do manuscrito, por escrita direta, fôra grafada a seguinte sentença:

«Não foi possível efetuarem-se pinturas hoje. Scheilla».

A crayon, um dos frequentadores escrevera em uma folha de papel, isto: «Pedimos o retrato de Garcês». A resposta foi aposta no fim da lauda: «Perdoai-me, amigos! Procurem querer-me em espírito. Garcês».

O idolatrado espírito de João de Deus, todo iluminado, materializa-se, indo assistir aos doentes na sala onde êles se encontravam. David veio quatro vezes à assistência, perfeitamente materializado.

Varios paineis luminosos surgiram na cabine, sendo conduzidos por vários espíritos materializados, não identificados. Entre eles anotamos os seguintes: «O verdadeiro cristão pratica a humildade. Nina». «Jesus é o nosso Salvador. Scheilla». «Vinde a mim os pequeninos. José».

A reunião durou cêrca de três horas sendo encerrada com uma prece fervorosa. O médium Lins foi despertado em seguida. No recinto foi encontrada um interessante modêlo de mão em parafina.

* * *

Na sessão anterior, na qual não trabalhou o médium Lins, sem que disso tivesse conhecimento a assistência, verificava-se o 5.° aniversário do bonissimo espírito de Ilka. Por êsse motivo, vários espíritos familiares homenagearam aquela entidade espiritual, dedicando-lhe alocuções e poesias alusivas, entremeadas de delicadas expressões, trescalando ternura e carinho.

As quatro quadras seguintes foram o único cabedal poético que os assistentes puderam gravar na memória, do muito que nos foi dado.

«Das rosas, o fino olor,
Trago como oferta minha:
Quer ao pai, quer à filhinha,
Desejo bençãos de amor.
David.

«Faz hoje 5 anos
Que desceu à tumba fria,
O corpo de uma donzela
Que goza paz e alegria.
Abel.

Um lustro, já se passou
Que baixou à sepultura,
O corpo da virgem casta,
Que hoje tem Luz e Ventura.
(?)

Eis o enigma, assás confuso,
Que a Ilka não decifrou:
Afinal, o Vitorino,
E' seu pai, irmão ou avô ?
José.

. . . .

A primeira quadrinha foi proferida depois de um diálogo apoteótico entre o querido irmão Vitorino Eloi dos Santos e a Ilka, a inesquecível filha, já na espiritualidade.

A 2. e 3.a quadrinhas foram apregoadas no intervalo das preces e dos cânticos, Não se fixou o nome do autor desta última. A quadrinha final proferiu-a, estridentemente, o tão apreciado Josè Grosso, fazendo trocadilho humoristico, visto que se refere ao pai da entidade homenageada, que nos meios espìritas é conhecido pelo apelido de: *«Vovô Vitorino»*.

A reunião em cita teve atrativos e emoções intraduzíveis, tendo sido encerrada ás 20 1/2 horas.

Amadeu Santos.

Rio, Maio de 1948.

Em Consciência

Para nós, ao contrário do que a muitos confrades parece, benéfico sintôma se afigura o da pública e mais ampla discussão doutrinária, embòra por prisma divergente do que visamos em longo e assaz laborioso tirocínio e procuramos manter, sem pretender hegemônicas diretivas e galardões outros, além da satisfação de um dever moral, honesta e lídimamente cumprido.

Encarando o facto espírita e a doutrina dêle decorrente, de um plano mais nobre e elevado que o das estreitas competições pessoais, dos prélios de escolástica no em que possam comportar de pequeninamente humano e partidário, só temos motivos para nos congratularmos com êsse movimento revelador, no fundo, de auspiciosa vitalidade.

Aos que de tais demonstrações, por excessivo zêlo se arreceiam, prefigurando-se a hipótese de fracassos e deslises de efeitos contraproducentes na pública opinião sempre desapercebida para o são discernimento, pela natural ausência daquêle critério que só o conhecimento de causa pressupõe, a esses ocorre lembrar que as grandes causas precisam desses embates para definitiva consagração, passando por êsse cadinho de provas e provando, por sua vez, a capacidade dos que as buscam e procuram servir.

E' pois, um trabalho providencial de seleção, do qual nem mesmo se apercebem, muitas vezes, os próprios tarefeiros, cuja ilusão se póde conjeturar necessária, como fócos de atração indireta de energias e vocações que, sem tais pontes de transição ou de apôio, retardariam o próprio movimento para o alvo comum e superior.

Depois, convém jamais perder de vista que a doutrina espírita, prática ou teóricamente considerada, é a comunhão dos espíritos, é a interpretação dos planos em que pairam e atuam encarnados e desencarnados, por escala de afinidades.

E como aos desencarnados cabe o melhor ascendente, por isso que a VERDADE baixa sempre graduada para cada homem, como para cada grupo de homens, e, em sentido mais lato, para cada geração, é lícito concluír com Gamaliel, que, se uma idéia é oportuna e verdadeira, não ha como impedir-lhe o triunfo; e se o não fôr, cairá de si mesma.

O CRISTO — caminho, verdade e vida — também disse que toda planta que o PAI não houvesse plantado seria arrancada.

Ora, a planta divina, dí-lo a Revelação Espírita, pela voz autorizada dos espíritos superiores prepostos à sua difusão e desdobramento; dí-lo o mesmo bom senso humano no estudo de todas as teogonias, não assenta raízes e muito menos as profunda na simples presunção de um homem ou de uma escola humana, por mais fecundo que lhe seja o campo e apurada a lavra.

Essa planta indestrutivel, de todos e para todos os tempos plantada e divinamente regada, existe latente ou florescente em todos os corações humanos e em todos os tempos ha dado sasonados frutos.

Essa planta chama-se Fé, chama-se Esperança, chama-se Caridade, e póde germinar e florir virtualmente em todos os corações, independente de regras e teorias suscetíveis de modificações no tempo e no espaço.

E as que o Pai não plantou? Evidentemente, ha na frase uma metáfora, porque nada existe que do Pai não provenha; mas, queremos crêr, essas plantas são as vergônteas da ignorância relativa, por sua vez fonte de orgulho, gerador de antítese ás três virtudes acima aludidas.

Para arrancá-las, isto é, para combater a ignorância, é que a Revelação Espírita vem despertar a humanidade, sem violentar consciências, erguendo-a do volutabro ambiente das paixões grosseiras e ampliando os horizontes dos seus até aquí mal entressonhados destinos.

E é para isso que o Pai permite venham os espíritos de luz ou de trevas — outra metáfora — comungar mais ostensivamente conosco dando-nos uns, no esplendor de sua glória, energias novas para conquista da felicidade eterna, e despertando-nos outros, no quadro dos seus sofrimentos, os estímulos de piedade no eventual auxílio moral que lhes devemos, pois que a obra é solidária e universal.

Esta, para nós, a grande tarefa do Espiritismo, a sua missão régia, magistralmente traçada pelo seu Codificador, com o qual nos sentimos bem identificado em nosso programa.

Procurando elevar o nível moral da humanidade demonstrando-lhe racionalmente a existência de Deus e a sobrevivência e imortalidade da alma, é claro que fazemos obra religiosa, no bom sentido da palavra.

Se temos beneficiado o próximo, não é a nós que compete dizê-lo. A efusão de sentimentos, a disciplina espontânea, as provas de solidariedade, o apôio moral de inúmeros confrades e núcleos da idéia, disseminados por esta grande pátria e até do estrangeiro, atestam bem que traduzimos no momento os anelos de grande família espiritual.

Isto, e mais: a sanção de nossos Guias e mentores refletindo-se na paz da consciência, é quanto basta para nos despreocuparmos da objetiva de personalidades no cumprimento fiél do programa que nos impusemos, sem desfalecimentos nem temores.

E se, por humanos, receios efêmeros nos assaltassem, para logo se desvaneceriam a só conjetura de que o lema de ISMAEL (1) não encontra repulsa em nosso coração.

Que outros, por bem intencionados, perlustrem outros caminhos e nos combatam, nem por isso mal lhes havemos de querer.

A causa que esposamos é de Jesus e não nossa, pois a Ele pertence todo o rebanho, do qual, por fim, nenhuma ovelha se perderá.

Portanto, todo o tentame em pról da humanidade com Jesus, será para nós benvindo.

Tampouco, o saberiamos querer para nós com exclusivismo, de vez que todos lhe pertencem e têm a liberdade de o buscar e servir em consciência.

E se o fazem melhor ou piór, não nos cabe julgar *ex-professo*, adstrito ao ensino de que a cada qual será dado segundo as obras, que não palavras.

Descansem, portanto, os nossos confrades mais timoratos, na convicção de que a boa semente, e só ela, pode, frutificar, e de que o ascendente da doutrina não está, felizmente para nós, na dependência dos nossos caprichos, misérias e imperfeições.

Que a Doutrina não é do Grupo A nem do Centro B, simplesmente porque é de Jesus; e no dia em que os homens, loucos e presunçosos a negassem; ainda que os próprios espíritos desincarnados a postergassem, as pedras surgiriam a dar o verdadeiro testemunho da sua fôrça incoercível.

M. Quintão.

---

(1) *Deus, Cristo, Caridade.*

LIVROS E AUTORES — *Leopoldo Machado*

PIERINO GAMBA — Isidoro Duarte Santos — *Estudos Psíquicos, Editora* — Lisbôa.

Os meninos prodígios sempre foram problemas de difícil solução.

A Ciência andou sempre a tutelar sôbre e genialidade infantil, como, de resto, por ser materialista a Ciência oficial, se é que póde haver uma ciência oficial, tateia sempre diante de casos e fenômenos da inteligência e do espírito. A verdade é que agarrando-se a leis de hereditariedades, atavismos e genialidades, a Ciência, quer se chame psicologia ou psicanálise, psiquiatrias e outros *psiques* e *psicos* deixa muito a desejar nas suas manifestações a propósito.

A genialidade infantil foi de todos os tempos e em todos os domínios.

Mas, no reino das artes—da música, principalmente, é que mais, parece, se manifesta. Naturalmente porque a música é a mais sublime das artes e a genialidade infantil a prova mais eloquente da reincarnação...

Dois gênios musicais infantis estão, agora, alarmando o mundo das artes e das ciências, chamando a atenção de artistas e sábios, de cientistas psicólogos. São eles, Pierino Gamba, italiano e Rober Benzi, francês, descendente de italianos. Benzi com quatro anos conquistou, em Paris, o primeiro prêmio internacional de acordeon. E ainda há meses, a 30 de Março, regeu, no Teatro dos Campos Eliseos, uma orquestra de músicos do conservatório, executando Listz e Moussorgsky com maestria. Foi aclamado pela abalizada crítica parisiense como novo Mozart.

Pierino Gamba já realizou mais, muito mais, tornando-se, por isso mesmo, mais conhecido e aclamado em vários países.

E, por ser mais célebre já, talvez por que tem mais idade, inspirou um livro, um grande e belo livro, que se lê e se fica pesaroso, quando se chega a sua última página.

Pierino Gamba viajou a América do Sul, passando pelo Brasil rumo a Buenos Aires. Seus poucos concertos aí assombraram. Passaria pelo Brasil para alguns espetáculos. Mas, uma gripe séria fê-lo interromper seu programa, fazendo-o voltar precipitadamente para sua terra.

Isidoro Duarte Santos, o grande escritor espiritualista português e não menor espírita quer pela inteligência e bom senso, quer pelo dinamismo e empreendimentos culturais a serviço da Doutrina, pôs a genialidade de Pierino Gamba e as opiniões que têm chovido a respeito dela num volume de quasi duzentas páginas, excelente apresentação gráfica e maior enlevo cultural.

Livro escrito em pouco mais de uma semana.

A princípio seria, apenas, um opúsculo.

O assunto, porém, de tal modo enleiou o autor, que êle foi deitando cultura e análise profunda nas páginas que se foram sucedendo, até chegar a 174 páginas, depois de vencidos 17 capítulos encandeados, objetivos, claros.

Abre-se o volume e não se tem o direito de fechá-lo sinão quando se lhe chega ao final. Terminada sua leitura, tem-se a impressão de que um mundo de coisas novas se abriu diante de nossos olhos e de nossa mente, tal é a maneira do autor em apresentar as coisas e os factos que a gente sabe, por que, até, já se passou, emprestando, assim, um novo aspecto ás coisas.

O maestro garoto é visto e estudado através de todas as teorias em voga, ao sabôr da ciência materialista antes de chegar-se, naturalmente, à teoria mais lógica e mais demonstrável: a teoria da reincarnação que nos diz aí está reincarnado um grande maestro do passado. Nada mais e nada menos do que um grande músico do passado, que voltou à Terra e à carne para complemento, talvez de sua ascese definitiva a outros mundos superiores ao nosso mundículo.

Pierino Gamba, de Isidoro Duarte Santos, é livro que não se deve, nem se póde deixar de lêr. E será lido no Brasil, onde seu autor, sôbre ser muito conhecido, é fartamente querido e admirado.

Somos grato ao exemplar que nos coube, com honrosa dedicatória do autor.

—

GÔTAS DO EVANGELHO — *Anibal Ribeiro*, Recife, Pernambuco.

O Evangelho, a água viva do Céu, o vinho puríssimo do amor de Deus pelos homens, servido em gôtas, talvez saiba melhor. Talvez alimente mais os espíritos sequiosos de verdades divinas. E cure, de facto, homeopaticamente, nossos males da alma. E' que em cada uma de suas gôtas há, por vezes, matéria para horas de reflexão, mundos de ensinamentos. Mundos de ensinamentos e interpretações tão grandes, que, alicerçados no Evangelho, ha quantas doutrinas cristãs. E o que mais é: cada uma julgando-se, só ela, com o privilégio de melhor interpretá-lo, possuída, portanto, só ela, de toda a verdade evangélica.

Ensinamentos assim, e verdades desta natureza, claro que só servidos homeopaticamente, em gôtas milagrosas.

⁂

Gôtas Evangélicas é o volume do dr. Anibal Ribeiro, de Recife, que o ilustre autor teve a gentileza de deixar em nosso Ginásio, com dedicatória para nós.

O livro é de 1947. Impressão do *Jornal do Comércio*, de Recife e apresentação gráfica atraente. A capa, expressiva e modesta, com 131 páginas e 35 trabalhos, crônicas oportunas e estudos sintéticos, mas substanciosos.

Tudo, no volume, principalmente sua apresentação modesta, chamou-nos a atenção. Apresentação tão modesta, que o autor, além de cancelar o dr. de seu nome, apresenta-o com iniciais minúsculas.

Fomos ás suas páginas, na esperança de encontrarmos, em gôtas, interpretações evangélicas à maneira do incomparável Vinicius e do Isidoro Duarte Santos, no seu excelente LUZ NO CAMINHO. Logro! que o volume é de estudos ligeiros e críticas construtivas. Mas, críticas e estudos inspirados em gôtas evangélicas. Logro?! De modo algum, pois, se o volume falha no título, não falha na matéria que enfeixa.

Para nós, principalmente, que crônicas bem articuladas, estudos sintéticos, crítica construtiva são gêneros que lemos sempre com infinito prazer, sem arrependimentos. Mormente, quando o volume contém páginas que devem ser lidas e relidas. Que deveriam ficar, até, como advertências constantes, em muitos órgãos de publicidade e dos mais lidos, que é o caso do volume em análise. *Castidade*, eis uma dessas páginas. Não ha dúvida que «vêr a mocidade mergulhar no charco do êrro, enodoar os espíritos com os pecados da carne, indiferente ao sofrimento dessas pobres criaturas é, talvez, um verdadeiro crime», como escreve o autor. E' um crime verdadeiro, sim, que só um movimento juvenil, bem articulado, como se esboça, promissoramente, no Brasil as Mocidades Espíritas, póde combatê-lo, exterminá-lo.

Dorminhocos, é uma crônica oportuna, que tem 50 % de razões. Não lhe damos 100 % porque sabemos que nem todos dormem nas sessões de estudo por descaso ou preguiça. Mas, por outros fatores, como atuação de espíritos, interessados no estacionamento espiritual de seus atuados, indisposição orgânica, deficiência de explanação, de vez que ha expositores e oradores soporíferos, que são narcóticos vivos; canceiras decorrentes de labores diários. A Igreja, psicóloga, compreendendo a procedência da última razão, faz suas cerimônias pela manhã, apanhado, assim, o espírito mais leve e o corpo repousado.

Fraternidade, outro trabalho apreciável. Mas, não espere o autor, para êste século, pelo menos, sua realidade entre as religiões diferentes. Pois, se ela ainda não ha entre profitentes da mesma religião e filiados à mesma corrente doutrinária, tivemos disso, agora mesmo, duas provas exuberantes. E da parte de quem devia dar exemplo de fraternidade e anda a pregar fraternidade, quando foi do Congresso de Mocidades Espíritas, no Rio e com o Congresso de Unificação Espírita, em S. Paulo...

O Pior Inimigo, Oradores Espíritas e Evitar Filhos, são páginas fortes, oportunas, verdadeiras, com que estamos de pleno acôrdo, que gostariamos de comentá-las mais largamente.

Os outros capítulos não desafinam dos que enumeramos, que o autor sabe observar e dizer bem, com precisão e firmeza de expressão e de estílo, o que observou.

Seu livro foi, para nós, uma surprêsa agradável, porque, em dia com a nomenclatura dos escritores e escrevinhadores do Brasil, até com os que desafinam de nós, ignoravamos a existência de escritor e cronista tão objetivo, tão claro e lógico, tão desassombrado.

Gratissimo, pois.

Tudo o que está se verificando no vosso mundo visa unicamente melhorar as condições morais e espirituais da humanidade. E' a lei da Evolução obrigando o homem rotineiro a prosseguir na marcha rumo a Deus. Portanto, ficai certos de que muito em breve grandes cousas se verificarão no campo espiritual. Aproxima-se o dia em que todos dirão a uma só voz: «Bemdito aquele que vem em nome do Senhor!»

CAIRBAR

Crônica Estrangeira

Factos que não sei explicar

Por J. B. RHINE

Professor de Parapsicologia na Duke University, autor de «The Reach of the Mind»

Pelas experiências de laboratório, na Duke University, nós que lá trabalhamos há 17 anos sabemos que a comunicação de mente para mente, sem auxilio dos sentidos é facto comprovado. Atualmente, investigamos outros fenômenos psíquicos, que a ciência ortodoxa relegou ao monturo da superstição.

Nossas pesquisas são incrementadas pela cooperação de pessoas que contribuem com a matéria prima de sua experiência pessoal no terreno dos fenômenos psíquicos, para a análise de laboratório. Como exemplo, existe o caso de uma jovem que sonhou com o irmão postado na prôa de um navio que naufragava. Êle tinha um telegrama na mão e estava rodeado de parentes em pranto. A irmã viu nitidamente o nome do barco — *Anderson.*

Mais tarde, recebia um telegrama que a informava de que o irmão perecera no torpedeamento do navio-tanque *Republic*. Ao pedir mais pormenores, soube que o nome do capitão do navio era Anderson.

Isto é o que chamamos manifestação psíquica verídica, pois o sonho da joven tinha os atributos de relato de um fenômeno que realmente acontecera, mais ou menos no momento em que ela sonhara com êle. Era óbvio que ela fizera um relato verídico do que sonhara. Se ela quisesse exagerar, provavelmente teria dito que o nome do navio que vira no sonho era *Republic*.

Um indivíduo que mora no Texas contou que, certa noite, quando se preparava para dormir, seu pai entrou no quarto, vestido de macacão todo manchado de graxa, e com semblante tristonho.

«Papai!» exclamou o filho, extendendo-lhe a mão.

O pai deu-lhe um forte aperto de mão e, subitamente, desapareceu. A essa altura, soou a campaínha da porta. Atordoado, o jovem precipitou-se escada abaixo. Lá estava um mensageiro, com um telegrama que participava a morte do pai na Califórnia, na garage onde trabalhava.

No nosso laboratório, aceitamos esses relatos não como prova de coisa alguma mas sim como fonte de possíveis sugestões para futuros estudos. Cada fenômeno indica como o inconsciênte comunica suas apreensões ao consciênte.

No caso do sonho da irmã com o naufrágio, o último pensamento do irmão poderá ter sido a respeito dela. Inconscientemente, talvez tivesse êle enviado uma alucinada mensagem, empregando aquelas forças latentes de que sabemos tão pouco.

Talvez o mecânico da Califórnia se tivesse lembrado, pouco antes de morrer, de que a mais desoladora consequência de sua morte seria o choque que a notícia causaria ao filho. Talvez, através do estranho fenômeno a que chamamos telepatia, o pai se houvesse projetado em pensamento de maneira tão viva, que o filho chegou a *vê-lo* no quarto.

Outro habitante do Texas, um banqueiro, natural da França, relata que, certa noite, apanhou o romance de Willa Cather, intitulado *Death Comes for the Archbishop*. Lera o livro na véspera e, assim, abriu-o a esmo, encontrando-se no meio do capítulo que narra a morte do velho arcebispo. Na primeira leitura do volume, tal cena não lhe provocara emoção especial. Mas, desta vez, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e êle começou a soluçar. Ocorreu-lhe então que a única vez em que chorara, depois de adulto, foi quando sua mãe morrera, na França, onde o pai ainda vivia.

Começou a refletir: «Se a única vez em que chorei depois de adulto foi quando morreu minha mãe, então agora, que choro de novo, deve ser pela morte de meu pai».

No dia seguinte, recebeu um cabograma que lhe participava a morte do pai, ocorrida na hora em que êle lera o cápitulo do livro.

«Pura coincidência!» dirão os leitores. Talvez. Mas esperamos que o exame desses casos nos sugira experiências mais aperfeiçoadas.

Um de nossos muitos correspondentes comunicou-nos que uma estenógrafa da Carolina do Norte, perdida num devaneio, à mesa de trabalho, se apercebeu de que estivera escrevendo no bloco de tomar ditados. O que ela escrevera espantou-a: «Olhe onde está a água». Durante o dia, sentiu-se dominada por um desejo imperioso de ir até à estrada que passava por cima de uma represa situada nas adjacências. No dia seguinte, de novo foi obcecada pela vontade de ir ao açude e persuadiu o marido a levá-la. Lá foram encontrar uma multidão aglomerada, enquanto se procedia à busca de um automóvel que tombára da ponte. No carro viajavam um rapaz e sua mãe. O filho salvara-se a nado, mas o corpo da senhora ainda estava no carro submerso.

A estenógrafa sentiu-se embaraçada ante a rapidez com que a sua estranha história circulou entre o povo, e evitava falar do caso.

A propósito: decorrido um ano, o filho da afogada respondeu a processo e foi condenado por haver assassinado sua progenitora para receber o valor do seguro de vida da mesma.

Tais fenômenos psíquicos são muito comuns. Nem sempre são racionais; duvido, aliás, que tenham alguma coisa que vêr com a razão, tal como a entendemos. E' porisso que tantas pessoas que já experimentaram tais fenômenos relutam em relatá-los, receando duvidarem de sua integridade mental.

Certa senhora disse-nos, há tempos, que, enquanto passava um fim de semana em casa de uns amigos, sentiu irresistível ímpeto de voltar para casa. Acabou convencendo alguém a levá-la. Ao chegar, descobriu o marido dormindo na sala, quasi sufocado pela fumaça que enchia o recinto. O tapete ardia, incendiado por fagulhas que haviam saltado da lareira.

Era nítido exemplo da apreensão clara, desperta e consciênte de um acontecimento que ocorrera fóra do alcance e alheio ao conhecimento do aparelho sensório humano.

Há tempos, recebemos uma carta de um sargento da Legião Estrangeira, natural da Rumânia, em que relatava certas circunstâncias curiosas da morte de sua bisavó. Esta morrera na presença de seis testemunhas, proferindo, à última hora, frases desconexas. No delírio, descreveu minuciosamente o seu entêrro. Mencionou uma torre em conserto, que seria visível do cemitério e exclamou: «E' uma vergonha rir em tal momento».

E' interessante notar que, enquanto baixavam o ataúde à cóva, dois dias mais tarde, um operário no andaime da torre que ela mencionára soltou subitamente uma gargalhada. Em seu confuso monólogo, a anciã também mencionára um cão negro que seguiria o cortejo, irritando os que o acompanhavam. Tal cão negro, realmente, compareceu no dia do entêrro, molestando os circunstantes.

O caso é mais um desses fenômenos que não podemos explicar, mas é característico da maneira pela qual a percepção extra-sensorial transpõe o limiar do inconsciênte, para penetrar no consciênte.

Precisamos de muito mais indicações como essas, provenientes dos casos que nos são encaminhados. Poderão dar-nos novas perspectivas de como a mente funciona e do que ela é na realidade. Utilizando os meios mais dignos de confiança de que podemos dispôr, temos de averiguar se os atributos a que chamamos psíquicos são ou não indícios de um sêr transcendente que não é de todo mortal. Os estudos que estamos fazendo de manifestações espontâneas constituem parte importante do processo de encarar êsse magno problema.

De «Seleções».

⁂

A Igreja Católica Romana e o Espiritismo Italiano

De «Reencarnação»

Por (A. C.) — Victor Sacavem

E' com prazer que transcrevemos o que «ALÉM», órgão da Sociedade Portuense, Portugal, de Investigações Psíquicas, transcreveu da «Revue Spirite» de Paris:

Das provas de estima, dadas recentemente pelo Papa e pelo cardeal de Veneza, a dois espíritas muito conhecidos em Itália, recortamos as seguintes frases, que recomendamos a todos os católicos, e que só por si bastam para classificar de «Inútil O Ataque Dirigido Ao Espiritismo.»

«De resto, é preciso notar que a Igreja, no que diz respeito ao Espiritismo, não se pronunciou duma maneira solene e dogmática, visto que o Sylabus e o Conselho do Vaticano, também condenam o materialismo. PIO XI, o sábio Pontífice das revoluções científicas modernas, longe de ceder à pressão de teólogos intolerantes, declarou que a Igreja deve procurar rever toda a doutrina relativa ao milágre, e ordenou severos estudos de psicologia experimental, afim de ter a possibilidade de profundar o assunto».

Ficamos pois, sabendo, que há teólogos que fazem pressão, para que o seu Chefe não acompanhe o progresso da ciência «Psíquica»; e também ficamos sabendo que o Chefe da Igrèja de Roma, não cede à intolerância dos sèus subordinados e que ordenou sérios estudos de psicologia experimental.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório «Americo Bairral»

Doenças Nervosas — Mentais — Toximania

ITAPIRA — Caixa Postal, 14 — Fone, 219

Est. de São Paulo

CAMPANHA DO DISCO

Como é do conhecimento de todos, o *Sanatório «Americo Bairral»*, desta cidade, instituição filantrópica para tratamento de enfermos Mentais, Nervosos, Obsedados e Toximaniacos, com Ambulatório para clinica geral, vem prestando relevantes serviços aos sofredores, dentro de um programa cristão e patriotico, estando atualmente com uma média de 220 enfermos internos, dos quais 75 % indigentes, sem contar os tratados gratuitamente no Ambulatório.

Além do tratamento pela medicina e que já conseguiu grandes progressos nessa especialidade, conta o Hospital com a Laborterapia, Esportes e a Psicoterapia moral Evangélica; num regimen semi-aberto e que contribue grandemente na cura ou melhora dos enfermos.

Na execussão de seu plano de AMPLIAÇÃO e MELHORAMENTOS, em breve estará concluido um novo pavilhão com um amplo salão para conferências o CINE-TEATRO, com capacidade de para mais de 400 pessôas, com finalidade terapêutica e educacional, proporcionando aos internos maior número de distrações, com programas litero-músical e humoristíco e com films escolhidos de acôrdo com o ambiente.

Ao lado desses belos recursos terapêuticos citados, deseja a Diretoria do Hospital dota-lo tambem de aparelhamento para MUSICOTERAPIA, excelente meio de distrair, de encorajar e de contribuir para a melhora e cura dos doentes. Para a realização desse desideratun foi encetada a CAMPANHA DO DISCO, motivo por que tomamos a liberdade de procurar as creaturas de bôa vontade e de corações generosos a que compreendendo o alcance dessa interessante iniciativa, venham cooperar nessa Campanha, angariando discos de qualquer espécie e remete-los a esta instituição.

Contando com a ajuda dos confrades, antecipadamente agradecemos :

Cesar Bianchi Provedor.
João Torrecilas Filho - 1.º Secretario
Sebastião Aristêo Ferreira - 1.º Tes.
Dr. Hortêncio P. da Silva — Diretor-Clinico.
Dr. Rayneri Galdi — Dir. Psiquiatra e Analises.
Onofre Batista—Procurador.
Dr. Anizio Simões - Vice-provedor.
Bernardo Pugina - 2.º Secretario.
Miguel Costa—2.º Tesoureiro.
Dr. Achiles Galdi — Vice-Diretor Clinico.
Dr. Helio S. A. Camargo — Dir. Psiquiatra.

Conclusões do 2.º Congresso Espírita Pan-Americano

Realizado no Rio de Janeiro de 3 a 12 de Outubro de 1949

1 — Sendo universalmente aceitos pelos espiritistas, como princípios fundamentais de sua crença, a existência de Deus e a imortalidade da alma, o Congresso afirma, em decorrência, o princípio da reencarnação ou das vidas sucessivas como explicação da Justiça Divina.

2 — Não sendo possível confundir a palavra ressurreição com reencarnação, visto que a primeira se refere ao corpo, segundo tradição de povos primitivos, enquanto a segunda se refere ao espírito, o Congresso concorda em concluír pela aceitação da teoria reencarnacionista à luz da codificação de Allan Kardec, respeitando, porém, a opinião dos espiritistas entre os quais ainda não se haja firmado essa convicção.

3 — Considerando que a religião é matéria de fôro íntimo, não podendo, portanto, ser determinada por normas ou regras humanas; considerando, mais, não haver ainda unanimidade quanto ao modo de interpretar o Espiritismo em face do problema religioso, o Congresso não estabelece normas a respeito, e resolve dar plena liberdade nêste sentido; afirma, entretanto, os aspectos científico e filosófico do Espiritismo, segundo a codificação de Allan Kardec, tendo por base moral os ensinos de Jesus, de acôrdo com as tendências espirituais dos povos do Ocidente, sem que o Espiritismo deva ser transformado em seita religiosa, recomendando — nêsse sentido — a designação de cristianismo espírita.

4 — Afirma o Congresso que — na interpretação da palavra religião — o Espiritismo repele o significado comum de seita, ritual e organização hierárquica ou sacerdotal, e proclama o sentido espiritual de traço de união entre a criatura humana e o seu Criador, que é Deus, causa primária de todas as coisas.

5 — O Congresso reconhece a necessidade de cursos regulares, orgânicos de Espiritismo e de divulgação da obra kardeciana em toda a América.

6 — O Congresso, ratifica todos os atos e resoluções do 1.º Congresso Espírita Pan-Americano e do Conselho Executivo da Confederação Espírita Pan-Americana durante o triênio de 1946/49.

7 — O Congresso recomenda a comemoração anual do aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos» (18 de Abril) 1.ª obra da codificação kardeciana, em todos os países americanos.

8 — Resolve que o 3.º Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se em outubro de 1952, se reunirá em Havana, Capital de Cuba.

* * *

Deputado Castro Carvalho

Deu-nos o prazer de sua visita no dia 5 do mês em curso, o Deputado Castro Carvalho, que nos fez uma exposição resumida do trabalho que vem desenvolvendo e do que pretende realizar em benefício das instituições espíritas e da Doutrina, como Deputado eleito pelos espíritas.

O confrade Castro Carvalho manteve conôsco alegre e fraternal palestra, seguindo nêsse mesmo dia para Araraquara em visita aos confrades dessa cidade.

Ao Deputado Castro Carvalho agradecemos a visita que nos fez, almejando-lhe felicidades no alto posto que vem ocupando.

* * *

Dia Aureo da Confraternização

A Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira, da Liga E. do Brasil e de várias Federações e Uniões de âmbito estadual:

Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949), na séde da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, n.º 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antonio Wantuil de Freitas, presidente da F. E. B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bençãos para todos os obreiros da Seára Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade, e depois de longo e coordenado estudo do movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, «ad referendum», das Sociedades que representam:

1.º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho», de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.—2.º) A F. E. B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa. —3.º) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte dêsse Conselho. — 4.º) Se isso não fôr possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, afim de que êste escolha um desses nomes para membro do Conselho. — 5.º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos. — 6.º) Considerando que desde a sua fundação a F. E. B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão—«Reformador»—fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional.— 7.º) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propôr as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira. — 8.º) No caso de haver mais uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que reunam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodizio e automáticamente pelo presidente de cada uma delas, substituidos que serão, anualmente, no dia 1.º de Janeiro de cada ano. — 9.º) Anualmente, em sua primeira reunião do mês de Agosto o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da F. E. B., será entregue ao tesoureiro dessa.—10.º) Cabe à Federação Espírita Brasileira entrar com cincoenta por cento do que fôr determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cincoenta por cento ser distribuidos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho. — 11.º) Na escrita da F. E. B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho. — 12.º) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns», e isso por ser êle, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil. — 13.º) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das Sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caracter puramente Espírita. — 14.º) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à semeadura cristã. — 15.º) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho fôr antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.—16.º) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem. – 17.º) Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades. — 18.º) Se alguma colidência encontrar, pedirá êle se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acôrdo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, a escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos. a) Oswaldo Mello, secretário, Antonio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spineli, pela Comissão

Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul: Roberto Pedro Michelena, Felisberto do Amaral Peixoto, Marcirio Cardoso de Oliveira, Jardelino Ramos, Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo — Vinicius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento, com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita, convidou o confrade Pedro Camargo - Vinicius a proferir a prece final, de encerramanto dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na semeadura do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor. Eu, Oswaldo Mello, subscrevo e assino, como testemunho da verdade. Oswaldo Mello.

NOTA CONFORTADORA:

Após a prece final proferida pelo confrade Vinicius e quando todos ainda se encontravam em concentração, manifestou-se, psicofônicamente, o saudoso presidente da F. E. B. Guillon Ribeiro, cujas palavras de aprovação, de fé e de grande amor foram recebidas como um prêmio de Mais Alto por intermédio daquêle companheiro que tão abnegadamente serviu e serve à Causa do Espiritismo cristão.

Estamos ainda informados de que em sua reunião, realizada alguns minutos após o encerramento dos trabalhos acima referidos, o «Grupo Ismael», célula máter da F. E. B., recebeu duas belissimas comunicações: uma no início, psicográfica, do Espírito de Bittencourt Sampaio e outra, final, psicofônica do Espírito de Ismael.

Secção Espírita

O «Diário de S. Paulo» vem publicando regularmente, sob a competente direção e redação do «Irmão Saulo», uma secção espírita, que está despertando grande interêsse não só nos meios espíritas, como também nos meios profanos. O «Irmão Saulo», ao mesmo tempo que publica e comenta os factos mais importantes relacionados com a imortalidade da alma, préga o Evangelho à luz do Espiritismo e aborda todos os assuntos que dizem respeito à Doutrina.

Correspondência da Capital Federal

Congresso Espírita Pan-Americano

O 2.º Congresso Espírita Pan-Americano, realizado nesta Capital, de 3 a 12 do corrente, foi, ao que parece, coroado de pleno êxito.

A instalação do importante certame, realizada no Teatro João Caetano, foi uma verdadeira apoteóse. Com o teatro superlotado, a sessão se prolongou até meia noite, numa atmosféra de verdadeiro entusiasmo.

Apuramos que, no curso dos trabalhos, em torno de uma tese relativa ao aspecto religioso do Espiritismo, apresentada pelo confrade João Bezerra de Vasconcellos, da representação de Pernambuco, houve acalorada discussão. O dr. Miguel Santesteban, da «Confederação Nacional Espiritista» de Cuba, contrário a tése religiosa foi a causa da divergência, dando motivo a retirada da referida tése da discussão plenária.

No dia 12, no Campo do Botafogo, na cerimônia do encerramento do Congresso, não obstante o mau tempo, isto é, a ameaça de chuva, repetiu-se a apoteóse do Teatro João Caetano, pois, enfrentando o incomodo das arquibancadas de um campo de futebol, alí compareceu ainda grande número de espíritas.

Apesar da exclusão da tése religiosa do plenário do Congresso, o «Jornal Espírita» que se publica nesta Capital sob a direção de Abstal Loureiro, noticiando o grande acontecimento, assim intitulou o seu substancioso comentário: EPOPÉIA DE FRATERNIDADE RELIGIOSA.

«Umbanda em Julgamento»

Das oficinas da Gráfica Mundo Espírita, acaba de saír, em bem feita edição, o esperado livro de Alfredo d'Alcantara — «Umbanda em Julgamento». Trata-se de trabalho profundamente meditado quanto as suas conclusões, pois, o seu autor que é velho praticante espírita e profundo conheceder do mediunismo umbandista, prestará, com a publicação dêsse admirável livro, um grande serviço à causa espírita no Brasil. «Umbanda em Julgamento» é o livro do momento.

Homenagem a Allan Kardec

A Federação Espírita Brasileira, pelo seu órgão o «Reformador», dêste mês, presta significativa homenagem ao codificador do Espiritismo. Dedicando uma edição especial à grata efemérides, transcreve de edições anteriores vários artigos relativos ao Mestre, firmados pelos principais vultos do Espiritismo no Brasil desde o número de Março de 1883, de Mathilde Elias da Silva, do grupo de fundadores da Federação.

Rio, Outubro de 1949.

Do Correspondente.

Lei N. 91 de 28 de Agosto de 1935

Determina regras pelas quais são as sociedades declaradas de utilidade pública.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Artigo 1.º—As sociedades civis, as associações e as fundações constituidas no país com o fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade podem ser declaradas de utilidade pública, provados os seguintes requisitos:

a) que adquiriram personalidade jurídica.

b) que estão em efetivo funcionamento e servem desinteressadamente à coletividade.

c) que os cargos de sua diretoria não são remunerados.

Artigo 2.º — A declaração de utilidade pública será feita em decreto do Poder Executivo, mediante requerimento processado no Ministério da Justiça e Negócios Interiores ou, em casos excepcionais, ex-ofício.

Parágrafo único—O nome e caracteristicos da sociedade, associação ou fundação declarada de utilidade pública serão inscritos em livro especial, a êsse fim destinado.

Artigo 3.º— Nenhum favor do Estado decorrerá do título de utilidade pública, salvo a garantia do uso exclusivo, pela sociedade, associação ou fundação de emblemas, flâmulas, bandeiras ou distintivos próprios, devidamente registrados no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, relação circunstanciada dos serviços que houverem prestado à coletividade.

Parágrafo único — Será cassada a declaração de utilidade pública, no caso de infração dêste dispositivo, ou se, por qualquer motivo, a declaração exigida não fôr apresentada em três anos consecutivos.

Artigo 5.º—Será também cassada a declaração de utilidade pública, mediante representação documentada do Órgão do Ministério Público, ou de qualquer interessado, da séde da sociedade, associação ou fundação, sempre que provar que ela deixou de preencher quaisquer requisitos do artigo 1.º.

Revista Espírita

A Edipo—Edições Populares — Limitada, da Capital, acaba de lançar a lume o 1.º fascículo da «Revista Espírita», órgão de difusão e estudo da Doutrina Espírita, fundado por Allan Kardec.

O objetivo da Edipo—Edições Populares—Limitada é proporcionar aos espíritas a oportunidade de obterem as coleções completas da «Revista Espírita» desde o seu primeiro número e, para tornar mais fácil a sua aquisição, resolveu lançar fascículos mensais.

As assinaturas compreendem 12 fascículos por ano, que constituem um volume de 360 páginas aproximadamente. No fim de cada ano o último fascículo conterá um índice do volume.

O tamanho do fascículo é igual ao original, impresso em ótimo papel.

Os preços são os seguintes: para o Brasil e Portugal Cr. $ 50,00; para a América Latina, Cr. $ 60,00. Número avulso, Cr. $ 5,00. A revista é expedida individualmente em envelopes de papel manilha, de modo a protegê-la contra as avárias. As assinaturas registradas pagam mais dez (10 %) por cento. Pedidos a Edipo — Edições Populares — Limitada, Rua Ezequiel Freire, 74, Caixa Postal, 5.138, São Paulo, Brasil.

Confederação Espírita Pan-Americana

Terminado o 2.° Congresso Espírita Pan-Americano, ficou no Brasil, onde funcionará por três anos, com séde no Rio de Janeiro, a Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), cuja séde inicial foi a Argentina.

Ficou assim constituida a diretoria da CEPA no Brasil:

Presidente, tenente-coronel Delfino Ferreira; 1.° Vice-Presidente, Dr. José Miranda Ludolff; 2.° Vice-Presidente, prof. Leopoldo Machado; Secretário de Finanças, Nelson Batista de Azevedo; Secretário Administrativo, Deolindo Amorim; 1.° Secretário, Dr. Francisco Klörs Werneck; Secretário para Assuntos Legais, Dr. Lauro Sales; Sub-Secretário de Finanças, Geraldo de Aquino.

Projeto de Lei n. 689, de 1949

Considerando que o Centro Espírita «Amor e Caridade», de Biriguí, mantém um Asilo da Velhice e dos Desamparados;

Considerando que mantém o Orfanato «José Maria Lisboa» com capacidade para 200 crianças;

Considerando que mantém o Sanatório «Felicio Lucchini» para psicopatas, devidamente registrado no Serviço de Medicina Social do Estado de São Paulo;

Considerando que através dessas Instituições de caridade vem prestando eficiente assistência a grande número de pessoas reconhecidamente pobres da cidade de Biriguí, e cidades circunvizinhas;

Considerando que o Centro Espírita «Amor e Caridade» acha-se devidamente registrado no Certório do Registro Geral de Biriguí e com seus Estatutos enquadrados dentro da lei.

Apresentamos o seguinte

PROJETO DE LEI.

Artigo 1.° — Fica declarado de «Utilidade Pública» o Centro Espírita «Amor e Caridade», nos termos de seus estatutos, com séde na cidade de Biriguí.

Artigo 2.° — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário,

Sala das Sessões, de Julho de 1949.

aa) *Castro Carvalho, Conceição Santamaria, Cunha Bueno, Joviano Alvim, Oswaldo de Sousa Martins.*

O Dia 18 de Abril na América

Em consequência de uma indicação da Liga Espírita do Brasil, aprovada por unanimidade, foi incluído na reforma do estatuto da Confederação Espírita Pan-Americana, votada pelo 2.° CEPA, um dispositivo que torna efetiva, em toda a América, a comemoração anual do dia 18 de Abril, aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos», 1.° livro básico da codificação de Allan Kardec.

Aos nossos Assinantes na Capital

Em virtude do nosso representante na Capital, sr. Vicente S. Neto, ter que se mudar de casa a qualquer momento, pedimos aos nossos prezados assinantes procurarem êste nosso ativo representante na Livraria Allan Kardec, à Rua Riachuelo n.° 108, sobr., sempre que necessitarem tratar de assuntos relacionados com esta Revista.

Com os bens materiais conquistareis os bens espirituais, que são eternos. — L. B.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Romances:

Almas Crucificadas
Beijo da Morta (O)
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
...E as Vozes Falaram...
Granja do Silêncio (A)
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagém do Pequeno Morto

Vários assuntos.

Antigo Egito (O)
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Espírito Consolador (O)
Factos Espíritas
Grandes e Pequenos Problemas
Írmãos de Jesus
Introdução da Doutrina Espírita
Jesus, nem Deus nem Homem
Lázaro Redivivo
Livro de Tobias (O)
Luz Acima
Martírio dos Suicídas
Mensageiros (Os)
Missionários da Luz
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Região em Letígio
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Trabalho dos Mortos (O)
Uma Nova Ciência
Volta Bocage...
Vidas Sucessivas (As)

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2511unse

NO XXV — Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1949 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Homenagem a Jesus pelo seu Natalício — *Redação*
Jesus e os Essênios . . . . — *J. B. Chagas*
Revelações e Manifestações do Mundo Espiritual através da extraordinária mediunidade do famoso Dr. James J. Dickson de São Francisco da Califórnia . . . . . . — *Amy B. Marshall*
2.º Congresso Espírita Pan-Americano — *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Fenômenos de Materialização . . . — *Amadeu Santos*
Notas Elucidativas . . . . — *Leopoldo Machado*
Mais dois Livros de Carlos Imbassahy — *Pereira Guedes*
Na Hora da Mala . . . . — *Manoel Quintão*
Um E'co do «Segundo Congresso Espírita Pan-Americano» . . . . — *Alfredo d'Alcantara*
Livros e Autores . . . . — *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . — *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Lázaro Redivivo
Luz Acima
Obreiros da Vida Eterna
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Voltei
Libertação
Agenda Cristã
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Paulo e Estevão
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

**Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
Matão — E. S. Paulo**

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXV - E. S. Paulo - Matão, 15 de Dezembro de 1949 - NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR: *Cairbar Schutel*
DIRETOR: *José da Costa Filho* — REDATOR: *A. Watson Campêlo*
GERENTE: *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Homenagem a Jesus pelo seu Natalício

QUANTO mais o tempo avança, mais a humanidade vai compreendendo e sentindo a magnitude dos ensinos, exemplos e feitos do maior espírito que Deus enviou a êste mundo com a missão especial de guiar as creaturas rumo à Verdade, — Jesus Cristo.

Efetivamente, não conhecemos nenum santo ou missionário de Deus, entre os milhares que a História registra, que tivesse operado os milagres que Jesus operou, que falasse com a autoridade impressionante de Jesus, que legasse à humanidade um tesouro do incalculável valor do seu Evangelho, que fizesse profecias que se cumprissem com a precisão matemática das predições de Jesus, que visse o seu nome crescer de geração em geração como o de Jesus.

Desde a mangedoura à cruz não houve um só momento de sua vida que não se traduzisse em um exemplo ou ensino da mais elevada moral. Nascendo numa mangedoura, quando podia nascer em um berço feito de ouro maciço e recamado de bordados, deu uma lição de humildade, porque é desta excelsa virtude que as creaturas têm urgente necessidade como o pão de cada dia, afim de apressarem seus passos na senda da perfeição e poderem receber o adjutório dos Bons Espíritos. Lavou os pés aos discípulos, suportou os apôdos dos indiferentes, as perseguições tenazes dos sumos sacerdotes e dos doutores da lei que viram em sua doutrina o começo da derrocada de sua influência política e dos seus mesquinhos interesses materiais, urdindo as maiores mentiras com o objetivo de lançarem contra Êle, como lançaram, a massa ignara; carregou aos ombros, sem proferir uma só palavra de revolta, pesada cruz de madeira, na qual foi crucificado, e nos seus últimos momentos de vida, lançando um olhar de misericórdia e amor sôbre os seus algozes, disse: «Pai, perdôa-lhes, porque não sabem o que fazem». Isso tudo constitúe exemplos de humildade, e é precisamente desta virtude que as creaturas precisam, se pretendem, efetivamente, que a verdadeira paz desfralde a sua bandeira branca no mundo.

Jesus foi o maior reformador. A sua doutrina causou uma verdadeira revolução sobretudo nos meios religiosos. A lei de Moisés, embora não fôsse revogada, de vez que Jesus mesmo afirmara que não viera revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento, foi profundamente modificada. «Ôlho por ôlho, dente por dente» foi substituido pelo perdão das ofensas, pelo amor fraterno, pela tolerância, enfim, pela prática da caridade em todas as suas modalidades. «Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos insultam. Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te tira a capa, não lhe negues a túnica», decretou Jesus na sua grande reforma de ordem moral. Porisso afirmou o insigne reformador: «Vim lançar fogo à terra, e que mais quero, se êle já está aceso?»

Realmente, o fogo da sua doutrina alastra-se cada vez mais e as suas crepitantes labaredas vão reduzindo a cinzas tudo o que constitúe obstáculo à evolução das creaturas na senda da perfeição espiritual. E' preciso que os corações fiquem limpos de maldades e os pensamentos purificados pelo desejo da prática do Bem e do amor ao próximo.

A reforma iniciada por Jesus ainda não estacou os seus passos, e só o fará quando a humanidade estiver completamente evangelizada, tendo por escudo o amor e por bússola a imortalidade da alma. E o Espiritismo veiu pôr mais lenha na fogueira, para que o fogo cresça em volume e profundidade afim de abreviar os tempos, acelerando o progresso moral, espiritual da humanidade, como Paracleto da Promessa de Jesus.

No próximo dia 25 a cristandade comemorará, como de costume, o nascimento de Jesus Cristo. «Revista Internacional do Espiritismo» associa-se ao júbilo de todos os cristãos pelo maior acontecimento registrado na história do cristianismo, prestando, com o presente artigo, uma justa homenagem áquele que, na afirmativa de Simeão foi posto para quéda e para levantamento de muitos — Jesus Cristo.

Jesus e os Essênios

(Ao brilhante escritor,
PEDRO GRANJA)

Como é do conhecimento de todos, a vida normal dos Espíritos, é no Espaço, na situação de desencarnados. Nesse estado, êles devem fazer a sua evolução. Creados simples e ignorantes, pelo Pai, no sentido de não possuirem sabedoria e serem puros de coração, êles exercitam-se para a vida imortal, pondo em prática as suas faculdades latentes, em germe, no seu perispírito. Nem todos, porém, fazem bom uso do seu livre arbítrio, mesmo naquela situação, vindo a errar, sendo necessário, então, baixarem a um mundo inferior como o nosso, para aquí, em contacto com a dôr e com as provações dolorosas, resgatarem o seu débito, e tomarem novas resoluções para o futuro, enfim. E' a misericordia do Pai que se manifesta. E negar à dor o seu transcedente papel na reeducação do homem, é invalidar a justiça das provações, e assim a sábia lei das reencarnações sucessivas, que é a porta larga a abrir para êle as amuradas do seu destino, em busca daquele que é — O Caminho, a Verdade e a Vida!

Encontrar, por suposto discernimento ou argúcia, meios mais eficazes para a recondução do homem aos carreiros divinos, é negar a própria onisciência de Deus; é vanglória, vaidade, estultícia.

Supõe-se, entretanto, com fóros de verdade, que tenha havido espíritos que, por não terem errado nunca, jamais tiveram necessidade de descer a mundos inferiores, realizando toda a sua evolução em linha reta ascencional, ou seja, para a frente e para o alto, estando Jesus neste caso. Razão por que recebêra do Pai a gloriosa missão de presidir a formação do novo planeta, bem assim crear-lhes as leis respectivas, daí Ele afirmar que já existia antes dêle, planeta.

«Jesus — diz Emanuel, em luminoso trecho do seu livro a sair — *Roma e a Humanidade* — cuja perfeição se perde na noite imprescrutável das éras, personificando a sabedoria e o amôr, tem orientado todo o desenvolvimento da humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos. aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu a formação do orbe, dirigindo, como Divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geològica do planeta e dá disseminação da vida em todos os laboratórios da natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a idéia da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do espìrito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.»

Contou para o bom êxito da sua missão com dedicados companheiros e colaboradores, que vieram à Terra antes do *Verbo se fazer carne*, grangeando o justo título de missionários de Cristo, tais como—prossegue Emanuel—«Fo-Hi», os compiladores dos Vedas, Confúncio, Hermés, Pitágoras, Guatama, os seguidores dos mestres da antiguidade, todos foram mensageiros da sabedoria que, incarnados em ambientes diversos, trouxeram ao mundo a idéia de Deus e das leis morais a que os homens se devem submeter para a obtenção de todos os primores da evolução espiritual. Todos foram mensageiros d'Aquele que era o Verbo do principio, emissários da sua doutrina de amôr. Em afinidade com as características da civilização e dos costumes de cada povo, cada um dêles foi portador de uma expressão do «amai-vos uns aos outros». Compelidos, em razão do obscurantismo dos tempos, a revestirem seus pensamentos com os véus misteriosos dos símbolos, como os que se conheciam, dentro dos rigores iniciáticos, foram os missionários do Cristo, preparadores dos seus gloriosos caminhos.»

Podem, portanto, ser estabelecidos como base da Evolução, até hoje realizada no terreno religioso, seis religiões ou Revelações, cada qual trazendo o seu coeficiente de conhecimentos ou esclarecimentos aos homens, ou melhor, cada uma abrindo a brecha por onde a Verdade deveria vir até nós: Brahma, ou a Sabedoria; Zoroastro, ou a Pureza; Buda, ou a Misericórdia; Moisés, ou a Justiça; Mahomé, ou a Unidade, e Cristo, o Sacrificio de si mesmo e o amor ao próximo.

Segundo nos é dado saber, Jesus pertencia a uma falange de Espíritos da mais alta hierarquia, possuidor de uma alma imensa, cheia de luz e de amor, para nela sorver os elementos para a sua gloriosa missão. Uma serenidade celeste, envolvia-lhe a fronte. Nêle se uniam tôdas as perfeições para formarem um tipo de pureza ideal, de inefável bondade. Havia em seu coração imensa piedade pelos humildes, pelos desherdados. Todas as dôres humanas, todos os gemidos, todas as misérias, encontravam nêle um éco. Espírito puro, em toda a extensão de termo, possuidor de toda a sabedoria e de toda a ciência, não carecendo, portanto, de qualquer inciação, a tal ponto que a Terra jamais viu passar por ela maior Espírito!

Todavia, na opinião de alguns escritores, Jesus teria passado inúmeros anos, em iniciação com os Essênios, praticantes de uma seita judia, fundada cerca de 150 anos antes da sua vinda, ao tempo dos macabeus, estudando com eles os segredos da natureza, exercitando-se na ciência oculta ou esotérica, e aprendendo a dominar completamente os sentidos, período êsse que é — segundo eles — precisamente aquêle sôbre o qual os Evangelhos silenciam acerca do Messias.

Baseiam esses mesmos escritores a sua afirmativa na semelhança existente entre a doutrina ensinada pelos essênios e a que pregára Jesus.

Um deles houve, o Snr. *Edouard Schuré*, que escreveu um livro — OS GRANDES INICIADOS, mais com o intuito de exaltar a sua seita, e diminuir Jesus, do que mesmo esclarecer os homens.

Dá êste escritor, no livro citado, os seguintes pontos comuns entre a doutrina dos Essênios e a de Jesus: «O amor ao próximo, considerado como o primeiro dever; a proibição de jurar, para atestar a verdade; o ódio à mentira, à humanidade; a instituição da ceia imitada dos ágapes fraternais dos Essênios, mas com um sentido novo — o sacrifício».

«Por certo—diz-nos Kardec —Jesus há de tê-la conhecido, mas nada prova que se lhe houvesse filiado, sendo hipotético tudo quanto se escreveu a êsse respeito. A *Morte de Jesus*, livro supostamente escrito por um essênio, é obra inteiramente apócrifa, cujo único fim foi servir de apôio a uma opinião. Ela traz em si mesma a prova de sua origem moderna».

«Os Essênios — diz-nos Josefo — eram de uma moralidade exemplar; esforçavam-se por reprimir a paixão e o momento de cólera; sempre benevolentes nas suas relações, pacíficos, de bôa fé. A palavra valia mais que um juramento; assim, na vida ordinária o juramento era por eles considerado supérfluo e perjúro. Suportavam com admirável fôrça de alma e com sorrisos nos lábios as mais cruéis torturas, de preferência a violar o menor preceito religioso». (GUERRA DOS JUDEUS).

Formavam entre si uma como associação moral religiosa e destinguiam-se pelos costumes brandos e austéras virtudes. Ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição.

Habitavam uma espécie de Mosteiro e viviam em celibato. Condenavam os dissídios e querelas. Punham em comunhão os seus bens. Tinham sua residência habitual nos Montes Moab, na ribeira oriental do Mar Morto, e aí o Grande Conselho dos Setenta Anciãos condutores da Fraternidade Essênia, até onde chegavam, de ano em ano, muitos sêres humanos para subirem de gráu ou tomarem conhecimento das provas designadas para cada gráu, uma vez que as indagações de menor importância, eram atendidas pelos essênios dos pequenos santuários.

Na ordem dos Essênios, a iniciação era feita por meio de gráus, depois de preenchidas as necessárias formalidades do ritual essênio, para que pudesse o iniciado subir na hierarquia, como sòe acontecer na Maçonaria.

Constituia o 1.° gráu — *A Hospitalidade e o Silêncio*; o 2.° — *O Desprendimento e a generosidade.*

O ritual da *ablução das mãos*, iniciava a entrada no segundo gráu, como a *ablução da face*, era a iniciação do primeiro gráu que já havia passado.

Apenas a titulo de curiosidade e como motivo de estudo, vamos transcrever uma das cênas do ritual que constituia a iniciação essênia, propriamente dita, deixando sem referência a descrição do ambiente e cênas preliminares da iniciação, afim de não alongar por demais este trabalho.

Áquele que chegava, era perguntado: «De que gráu sois, na Ordem?» — «Faz seis anos que ingressei no primeiro: — *hospitalidade e silêncio.* Confesso que sò uma vez ei faltado com a hospitalidade. Foi quando me veiu parar á porta um foragido da Torre Antonia, procurado pela Justiça, vivo ou morto: Dei-lhe pão e frutas, mas lhe pedi que passasse ao largo, para não ser obrigado a entregá-lo aos seus perseguidores. Ainda vivia minha esposa e minha filha não era casada e acreditei que a minha vida lhes era necessária...»

— «Não pecaste perante Deus — disse o ancião Servidor — nem pecaste perante a Fraternidade. Porque, irmão, a ninguem é permitido sacrificar-se aos demais, sacrificando-se com êles!...»

O iniciado continua — «Certa vez vim a faltar ao silêncio regulamentar, num caso no qual não me foi possível exercer domínio sôbre mim mesmo.»

Houve, certa vez, uma desinteligência entre dois pastores, por minha causa, e se não fôra a minha própria intervenção e de alguns vizinhos, teria que lamentar uma morte. Há muito tempo, vinha observando que um pastor retirava o leite das cabras da criação do seu vizinho, enfraquecendo as suas crias e que por esta razão, morriam nas épocas de frio. O infeliz pastor lamentava a sua pouca sorte, dizendo-se atingido pela injustiça de Deus, porque só os seus cabritos eram lânguidos e raquíticos, quando êle tanto se esforçava por bem alimentar as suas mães. E como já havia passado um ano a prender a lìngua, um dia não pude mais, e disse ao pastor prejudicado: «Vem, observa do meu quintal. E desde então, êle viu o que eu via há mais de um ano! Foi quando ocorreu o drama, ao fim do qual, o máu vizinho foi condenado a indenizar os danos causados, com a ameaça de ser expulso da Comarca, caso viesse a repetir a sua vergonhosa ação.»

— «Tão pouco hás pecado contra Deus — disse o ancião Servidor — nem contra a Fraternidade, irmão, porque havia dano de terceiro, e esse terceiro tìnha esposa e filhos para sustentar. Todos êles padeceriam miséria e fome se aquela situação se prolongasse, indefinídamente. O falar quando é justo, não é pecado. O falar sem necessidade, nem utilidade para cousa alguma, isto sim, é proibido pela nossa lei.» — E prosseguindo: — «E como estamos autorizados neste Santuário para conduzir-te ao terceiro gráu, passa ao Santuário onde receberá do Altíssimo o dom que hás conquistado!»

Seguiam-se as cerimônias do ingresso, as quais terminavam com a prestação do juramento do ritual essênio, e inclinados, servidor e iniciado, a beijarem as lages do pavimento, exclamando: — «Se bendito por todos os séculos, dos séculos, ô Santo dos Santos, Deus misericordioso, que me hás permitido penetrar neste sagrado recinto, onde escuto a tua voz!»

Realmente interessante a história da iniciação essênia, mas que nos respondam todos aqueles que tem suposto haver Jesus dela carecido para a prática da sua Doutrina, se não vale mais que tudo isto, aquele :—«Amarás ao teu próximo como a ti mesmo ; faze aos homens tudo o que queres que êles te façam»—resumindo toda a Lei e os Profetas, num grandioso e novo mandamento—que vos ameis uns aos outros, como eu vos tenho amado ? !...

J. B. CHAGAS

Nova Iguaçú—Outubro de 1949.

Revelações e Manifestações do Mundo Espiritual através da extraordinária mediunidade do famoso Dr. James J. Dickson de São Francisco da Califórnia

Por AMY B. MARSHALL *Trad. P. C. N.*

— A razão do lento progresso da humanidade claramente reside em vosso provérbio: «O medo e a superstição são gêmeos, cuja mãe é a ignorância» — disse êle, quando perfeitamente materializado se achava em frente da cortina da« cabine», onde estava sentado um dos melhores médiuns do mundo em assunto de materializações, o Dr. James J. Dickson, Pastor da Igreja Espiritualista da Revelação (The Spiritualist Church of Revelation, Inc.), de São Francisco da California.

— Esse provérbio me é muito familiar — respondi —, mas, por que não pode o mundo dos Espíritos fazer mais alguma coisa para auxiliar os mortais a expulsar de si êsses monstros que os escravizam ?

— Porque — explicou meu Guia — a grande maioria da humanidade ainda não tem suficientemente desenvolvida a percepção espiritual, de modo a ver a beleza ou a entender a simplicidade da vida terrena, qual foi planejada.

E, deixando seu lugar em frente à cortina, caminhou para onde eu estava sentada. Continuou, então :

— A verdade que aprendeste e viveste por todos estes muitos anos, desde o primeiro contacto que conosco tiveste pela mediunidade do Dr. Dickson, pode alcançá-la qualquer pessoa no mundo.

Enquanto falava, abriu os braços num gesto largo e fez com eles um círculo. Prosseguindo, disse :

— A glória celestial e o amor do Mundo Espiritual abrangem a terra inteira, envolvendo todo mortal vivente, sem distinção de raça, credo ou nível de civilização.

Mais uma vez ouvia eu as palavras de ânimo, sempre tão úteis neste mundo onde exuberam luta e perseguições.

— Bem — perguntei —, como há-de a humanidade emergir do pântano da ignorância ?

— Exatamente como o fizeste, minha querida — disse êle. A gente o consegue quando ao verdadeiro conhecimento chega, pessoal e diretamente o recebendo dos lábios de Espíritos materializados de entes queridos.

Retirou-se, então, em direção á cortina, dizendo ao passo que caminhava :

— Bem sabes que o conhecimento que tu e outros recebeis de nós, do Mundo Espiritual, se baseia em factos e pode ser provado. E, lembra-te, anseamos por transmiti-lo a qualquer pessoa, tão depressa quanto possa ele ser percebido e compreendido.

No mesmo instante em que se ia ocultar por trás da cortina, disse :

— Adeus, minha querida, toda a minha afeição !

E desapareceu.

Conforme de certo já advinhastes, não foi a um mortal, como nós, que estive falando na sala particular de sessões da bela residência do Dr. Dickson, à 19-a Avenida 2940, em São Francisco da Califórnia ; foi ao meu anjo guardião, ou Guia, êsse nobre Espírito que me acompanha todos os passos da minha vida terrena, desde que nasci, e que me foi revelado pelos maravilhosos poderes psíquicos do Dr. Dickson.

Tendo-me produzido tão profunda e duradoura impressão, posso recordar-me, como se fora ainda ontem, da primeira sessão de materialização, a que eu há anos assisti, a cargo do Dr. Dickson, na Igrêja Espiritualista da Revelação, em São Francisco. Era eu apenas uma dentre cinquenta ou mais pessoas duma feliz e amistosa assembléia. Findos os serviços preliminares da Igreja, amorteceram-se as luzes, permanecendo, contudo, perfeitamente discerníveis os nossos rostos naquela meia-luz. O Dr. Dickson entrou, então, na «cabine», que era meramente um canto da sala separado por uma cortina estendida duma parede à outra do ângulo. Feito isso, os presentes em tons suaves cantaram um hino espírita, até que os interrompeu uma voz, que saudou:

— Boa noite, amigos!

Cessou o canto e o auditório jovialmente respondeu:

— Boa noite, Minnie!

Nesse momento a cortina se afastou e o Espírito, Minnie Brown, Guia da «cabine» do Dr. Dickson, surgia sob a forma duma menina de sete anos. Suas delicadas feições eram nítidas e a bela cabeleira lhe pendia em cachos soltos. Na borda da cadeira, eu estava perplexa e com a respiração suspensa enquanto falava Minnie à assembléia sôbre atividades da Igreja e uma conferência que ia ser feita. Eu soube depois naquela mesma noite, que essa palestra ia fazê-la, independentemente, outro Guia do Dr. Dickson, um habitante da antiga Atlântida, chamado Juanita. Minnie em seguida pediu ao auditório que cantasse outro hino, o que se fez, e, enquanto isso, retirou-se para a «cabine».

Foi apenas questão de segundo, quando vi afastar-se a cortina e, cessado o canto, surgir linda mulher com um vestido de fazenda finissima, semelhante a uma película, que declinou todo o seu nome e disse:

— Boa noite, José!

Imediatamente a reconheceu um senhor do auditório, o qual lhe respondeu:

— Boa noite, minha mãe!

Por alguns momentos conversaram os dois em voz audível ao grupo; e tendo o vulto dito: «Lembranças de «Yellow Rose», de teu pai e de todos os demais», dirigiu-se, de volta, à «cabine».

Disse, então, Minnie Brown:

— Por trás da cortina está uma pessoa que lhe quer falar, Dr. Lehner.

Mal foram pronunciadas estas palavras, eis que se afasta a cortina e outra bela figura se encaminha para o nosso lado, dando o nome «Lanea Venhold». O doutor cumprimentou efusivamente aquele seu ente querido, e, enquanto palestravam, notei que, diferente da figura que o precedera, esse Espírito usava um vestido muito justo com largo cinto e mangas curtas. Após conversarem, Lanea esvaneceu-se ante os nossos olhos, literalmente fundindo-se e sumindo-se no espaço.

Um em seguida a outro, vieram homens e mulheres, felizes, dando seus nomes completos, sendo reconhecidos por pessoas da assistência e trocando palavras de amor e de regosijo; por fim apareceu um belo Espírito, cujo nome, que ele revelou, era o de minha avó! Podem todos imaginar a minha surprêsa e a minha alegria, sendo eu saudada por alguém da família. Vovó me declarou estar muito contente com a oportunidade de me dizer que ela e os outros membros de nossa família, que já haviam partido para o Além, ainda e sempre estavám conosco, auxiliando-nos de toda a maneira, e que todos enviavam carinhosas saudações a cada um de nós; depois disso, levemente agitando a mão, disse: «Adeus!» e desapareceu. Comovidissima e satisfeita, continuei a apreciar as materializações seguintes, até que Juanita, em graciosa dignidade, apareceu para encerrar a sessão. Agradeceu-nos termos comparecido à reunião do Dr. Dickson e convidou-nos a futuros encontros como aquele. Depois de ter Juanita penetrado na «cabine», Minnie mais uma vez nos falou e, a pedido de um dos presentes, encerrou a sessão com uma linda canção que nos acenava com as vindouras alegrias do Além. Sim, literalmente falando, eu ouvi um anjo cantar!

E assim, a convite de Juanita, por muitos destes últimos anos voltei de vez em quando, a aprender a verdade, ouvindo-a dos Espíritos de meus entes caros, e a testemunhar muitas manifestações maravilhosas de fenômenos espíritas através da notável mediunidade do Dr. Dickson.

Certa noite, numa sessão de materialização, imaginem minha surprêsa ao sair da «cabine» um antigo imperador inca exibindo magníficos adornos! Era o Guia de um dos presentes. Disse eu «imaginem minha surprêsa» porque, embora um tanto familiarizada com civilizações antigas, através de conferências de Juanita, era a primeira vez que me via face a face com um representante duma delas. Esse antigo regente trazia na cabeça um alto adorno no que se assemelhava a um grande timbre de brazão de família, do qual emergiam longas penas coloridas. Esse adorno se fixava num capacete de ouro reluzente, que se estendia por cima das orelhas, continuando pelas faces até por baixo do queixo. Nesse ponto amoldava-se de tal forma que se esparramava constituindo vistoso peitilho, como que uma réplica, em menor escala, do timbre. Esse esplêndido adorno era incrustado de turquesa e jade, em pedras de várias dimensões, que resplendiam de tão polidas.

A parte superior do busto estava desnuda, mas da cintura até aos joelhos o envolvia, justo como uma bainha, uma fazenda dourada. Em torno da cintura êle tinha larga faixa, da qual pendia, bem na frente e atrás, um pano do mesmo tecido dourado, bordado em vermelho, verde e azul. Esses panos eram franjados à toda a volta, pendendo-lhes, dos lados e das extremidades, contas de turquesa e jade que balouçavam quando êle passeava diante da cortina. Em comprimento, os panos iam além do debrum da vestimenta, até à barriga das pernas, rente ao canhão metálico, enfeitado de joias, das sandálias de ouro e de sola grossa. Na mão direita empunhava um bastão cinzelado de ouro, ou ceptro, o qual, a pedido de seu afilhado, na assistência, nos mostrou, podendo nós ver a singular figurinha engastada na cabeça do bastão. Enquanto mantinha estendido o braço, pudemos observar-lhe o espetaculoso bracelete de ouro, largo e cravejado de pedras preciosas, que tomava desde o pulso até quasi o cotovelo. Era extasiante o esplendor daquele Espírito. Informou-nos que seu povo acreditava descendesse êle diretamente dos deuses, e que a civilização de seus coevos era, a todos os respeitos, comparável ao que sabemos do antigo império da Grécia em arte, arquitetura e outras formas de cultura e de instrução superior. Contou que as mulheres de seu reino eram muito bonitas, muito mais do que em nossos dias participando, em pé de igualdade com os homens, de todas as classes sociais em que se dividia a sua civilização. Eu poderia ouví-lo indefinidamente e custava-me deixá-lo ir embora, mas outros Espíritos já esperavam para falar a seus amigos na assistência; assim não houve outro remédio senão terminar aquela maravilhosa experiência.

Durante os anos em que usufruí o privilégio de assistir ás sessões do Dr. Dickson, muitos Espíritos antigos e históricos se materializaram e referiram suas situações e experiências na Terra. Todas as diversas eras da Terra, desde os primórdios da vida humana no planeta, passando pela idade da pedra, do homem das cavernas, do habitante lacustre, até ao nosso tempo, foram afinal reveladas por Juanita, Espírito encarregado das conferências e da parte artística dos trabalhos do Dr. Dickson, em suas preleções que, todos os mêses, regularmente fazia em nossa Igreja, a Igreja Espiritualista da Revelação. As preleções de Juanita duravam de hora e meia a duas horas, abrangendo os temas versados desde a antiguidade até aos tempos modernos de nossa Terra e de outros planetas, e também interessantes incursões nas atividades do Espírito, assim no mundo espiritual, como neste e em outros planetas. Nestas festas celestiais aprendemos acerca dos povos de Marte, de Jupiter e de Plutão, bem como a respeito dos habitantes dos perdidos continentes da atlântida, de Mu e de Oceanes, para citar apenas uns poucos. Soubemos dos diversos estádios das civilizações, por que decairam e se perderam, e do que serão as civilizações do futuro.

E' nas sessões de materialização que os nossos entes queridos, que se acham no mundo espiritual, têm o ensejo de nos instruir, podendo assim corrigir as errôneas idéias terrenas, durante séculos aceitas como factos, mas apoiadas sómente na tradição. E quando é possível conseguir do Dr. Dickson uma sessão de materialização em nossa própria residência, como eu mesma tive essa grande fortuna, atingimos o cúmulo da alegria! Reunirmo-nos no recesso de nosso lar, apenas os membros da família, e recebermos a visita de amigos e parentes queridos já desencarnados, é arrebatador!

Nunca, enquanto durar minha vida na Terra, olvidarei como em minha casa se matarializou, jovem e afável, minha muito querida amiga Emília. Em seu vestido de finíssima fazenda amarela, atado á cintura com uma fita de matiz mais escuro, ela ia e vinha, falando a cada um de nós e rindo ao recordarmos ocorrências do passado. Era qual se fosse um mortal da Terra! Ainda hoje como que a ouço dizer:

— Como vocês vêem, não mudei nem um pouquinho. Lembro-me de todos os maravilhosos tempos em que estivemos juntos e de todas as coisas que fizemos. Nunca se esqueçam de que nós, no mundo espiritual, simplesmente nos alijámos dos corpos terrenos, os quais, por força da idade, de doença ou de acidente, se nos têm tornado inúteis: exatamente como vocês, na Terra, se desfazem de algum objeto que esteja velho, gasto ou estragado.

E quando em sessões de materialização, que o Dr. Dickson realiza em nossa casa, vemos os membros mais velhos da família que partiram, já debilitados na vida terrena, não só mental, como físicamente, materializar-se e dançar com a graça e a agilidade de moços, e os ouvimos fluentemente conversar, com o entusiasmo e a vivacidade de pessoas jovens, é como se estivessemos presenciando o que poderiam chamar «milagres» os que ainda não tiveram a grande fortuna de encontrar o Espiritualismo puro.

Pensai no que seja, vindo dum pretérito longínquo, um nome há muito esquecido e que é declinado por um belo Espírito materializado, que afável e precisamente recorda incidentes e factos que o identificam, demonstrando, assim, que a memória sobrevive ao túmulo!

Oh, que maravilha! Que alegria e comoção nos produz o recebermos, muitas e muitas vezes, por fenômenos mediùnicos, os nossos entes queridos desencarnados, aos quais o mundo erradamente denomina «mortos»! *E essa alegria extasiante é o direito de nascença de todo mortal.* Não há morte, não há mortos — eis a verdade. O mundo espiritual possui avenidas rasgadas através de todo o Universo, onde quem procure, pode achar, pois *é do plano divino que o trôpego mortal pode encontrar o bordão do Espírito, no qual se apoie e confie sem temor por toda a senda de sua jornada terrena.*

E agora, algumas palavras relativas ao exraordinario médium, pelo qual me veio esta grande verdade.

O Dr. James J. Dickson esteve realizando sessões públicas e particulares na região da baía de São Francisco, durante os últimos cincoenta anos e, há vinte e seis anos, é Pastor da Igreja Espiritualista da Revelação. Essa Igreja conta com mais de quatrocentos membros. O Dr. Dickson é mundialmente conhecido por sua mediunidade de materialização e de voz direta, tendo suas reuniões o testemunho de médicos, advogados e cientistas. Uma vez que outra encontramos, em suas sessões, pessoas vindas de toda a parte, inclusive a realeza. Suas notáveis faculdades de médium são raras e assombrosas, e nós nos consideramos muitíssimo felizes de ter alguém, como ele, que dissemine a verdade do Espiritualismo puro em um mundo que a aguarda.

---

2. CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

Salve a América
Salve o Brasil

(Rio de Janeiro — 3 a 12 de Outubro de 1949)

1) Qual palmeira que domina ufana os altos topos da floresta imensa tal bem presto há de ser no Mundo Novo o Brasil bem fadado.

(José Bonifácio, o patriarca da Independência do Brasil, em «Ode aos Bahianos — 1825)

—

2) Regenerar é a missão da América nos destinos da Humanidade. Foi para êsse fim que Deus estendeu, de um polo a outro, êste vasto continente, rico do tôdos os climas, fértil em tôdos os produtos e o escondeu por tantos séculos sob uma prega do seu manto inconsutil. O gênero humano pressentiu esta alta missão regeneradora da América, dando-lhe a designação de Novo Mundo. De feito, é nas aguas lustrais do Amazonas, do Prata e do Mississipi que o mundo velho e carcomido há de receber o batismo da nova civilização e remoçar.

(José de Alencar, em «O Gaucho», liv. III, cap. II, 1870)

—

3) A América será o berço da no-

va civilização cristã, o fóco que irradiará a luz do puro Cristianismo, a fonte onde os povos decadentes virão beber a luz e a esperança. Estas terras benditas terão de florescer amanhã, ao clarão do sol dêsse Cristianismo que hoje se chama Espiritismo.

E' daquí de Santa Cruz, debaixo do signo bendito, que há de irradiar a nova fé, despontar o novo sol que iluminará o mundo inteiro.

A América vai cumprir a sua missão, aproxima-se a hora em que êste continente assumirá a atidude que lhe será imposta pelas condições em que, de um instante para outro, se encontrará o planeta. A América será a Pátria de uma nova Humanidade e a terra de Santa Cruz será o novo Calvário onde a cruz divina marcará o rumo aos novos navegadores que demandarem estas paragens, em busca de Luz, de Justiça e de Amor.

(Cristovão Colombo, em mensagem recebida pelo médium Isaltino Barboza em Março de 1917).

—

4) A árvore do Evangelho, plantada há dois mil anos na Palestina, eu a transplanteí para o rincão de Santa Cruz, onde o meu olhar se fixa, nutrindo o meu espirito a esperança de que breve ela florescerá, estendendo a sua fronde por toda parte e dando frutos sazonados de amor e perdão.

(Espirito da Verdade, comunicação recebida pelo médium Albino Teixeira em 9 de Março de 1920).

—

5) Não resta a menor dúvida de que as bacias do Amazonas e do Prata, com o decorrer do tempo, selarão, em suas margens, os destinos do mundo, quando a estrela, que hoje brilha no zênite da América do Norte, se aproximar do ocaso do seu poderio.

(Mário Roso de Luna, teósofo espanhol em uma das suas conferências).

—

6) Brasil, como nova Canaan ou terra de promissão para todos os povos da Terra, acossados pelos terríveis vendavais de seus próprios êrros de um passado imprevidente, tu és o Santuário da Iniciação do gênero humano a caminho da sociedade do futuro!

(Diretor-Chefe da Sociedade teosòfica Brasileira, 1935/6).

7) Na abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda.

(Humberto de Campos, mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier e contida em «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho»).

—

8) O Brasíl não está sómente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas também a fornecer ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e fé raciocinada, representando o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro.

(Emmanuel, em mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

—

9) A' frente do mundo, no tocante à organização espírita de assistência pública, vem o Brasil. O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação. São gigantescas as suas proporções em comparação com o nosso Espiritismo francês, tão esquelético.

Tenho entusiástica admiração pelo Espiritismo do Brasil. Não conheço segundo na Terra tão sincero, tão devotado.

(Gabriel Gobron, em «Le Fraterniste» artigo sòb o titulo «O Espiritismo no Mundo em 1940).»

—

10) A humanidade passa por uma transição.

Um dia novo romperá no horizonte do Mundo, dando início a uma nova era. Não mais haverá então a preocupação pela liberdade, porque ela será a base de todos os sistemas legislativos.

O amor e a fraternidade cristã marcarão nova etapa evolutiva na humanidade do porvir.

Á América caberá liderar o soerguimento do mundo em ruinas.

Nesta hora decisiva, imprescindível se torna a solidariedade de todos aqueles que vivem sob um mesmo céu americano e, enviando-lhes a minha mensagem «Os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância da paz», finalizo, rogando a Deus guarde as Américas e proteja o Mundo.

(Franklin D. Roosevelt, comunicação recebida pelo médium Pedro Machado, em Abril de 1948.)

(Coletânea feita por Francisco Klörs Werneck.)

Fenômenos de Materialização

XXXIII (1)

(Conclusão da série de crônicas da 1.a faze dos trabalhos do Grupo Espírita «André Luiz»)

A sessão anterior de efeitos físicos, com fenômenos de materialização, neste Grupo, deveria ter sido a última nesta faze, em virtude da projetada ida do médium principal para uma cidade paulista, removido por motivo de promoção, como sub-tenente do Exército Nacional, o ques e verificou no dia seguinte. Devia mas não foi. E o não foi porque o Alto assimo determinou. E' que a afluência de assistentes era em número demasiado grande, prejudicando o serviço de assistência aos enfêrmos, o que levou os guias espirituais a convocarem uma reunião extraordinária para o dia seguinte, domingo, dia 18, recomendando estivessem presentes todos os doentes em tratamento espiritual, com um número reduzido de companheiros. As determinações de ordem superior foram cumpridas e os resultados magníficos, estupendos não se fizeram esperar.

Havia um tom de indeciso e vago no ambiente, talvez ocasionado pela perspectiva da perda temporária do concurso eficiente do médium, justamente horas antes da sua partida com a sua digna esposa Baby e de seus seis filhinhos. Pairava no vácuo um sentimento nostálgico de saudade acre. Todavia eram robustas as convicções e sólidas as esperanças no êxito dos trabalhos. Uma voz amiga e oculta segredava aos componentes do Grupo, em função naquela memorável noite, a dizer-lhes que confiassem nas bençãos que desceriam ao recinto para bafejar os trôpegos e estropiados, os portadores dos males mais diversos e graves !

E a voz não mentiu. Todos puderam ver com os próprios olhos da carne, coisas maravilhosas, tão maravilhosas que a minha pena tremia e a minha mão vacilava ante a gravidade da responsabilidade em tentar efetuar um relato sucinto. Ainda presa de emoções concomitantemente veementes e subtís, experimentadas nas últimas sessões do «André Luiz», onde a culminância dos factos e a eloquência das demonstrações fenomenológicas, de permeio ás consolações morais e ás bençãos engalanadas de santidade e pureza, que se hão notado e sentido, desde o fortalecimento de convicções á cura de mazelas morais e fisicas, se tem ápossado de mim, uma como que debilidade, um resfriamento no entusiasmo de relatar o que tem ocorrido nas sessões, sentindo-me esmagado ao peso da enorme responsabilidade, diante do dever de retirar a lâmpada de debaixo do alqueire e de coloca-la no velador, para que todos contemplem as maravilhas da luz que sintetiza as bençãos celestes que teem descido ao meio rústico e simples dos colaboradores, do plano físico, de André Luiz. Aos poucos, a custo, consegui dominar êsse sentimento e eis-me aqui, procurando transmitir. áqueles que me honram com a sua atenção, lendo-me estes toscos relatos, na eloquência natural de sua fidelidade, tudo o que me foi dado assistir, não obstante reconhecer as minhas deficências e os meus apoucados dotes de inteligência e saber.

Mas devo declarar, em sã conciência, que me tenho guiado mais pelo cérebro, às vezes inesquecível e glacial, do que pelo coração, proverbialmente generoso e sentimental. E' assim que, ardoroso espiritista, tão ardoroso que às vezes me considero um adepto apaixonado da Doutrina dos Espìritos, tenho propositadamente cingido os meus relatos á exposição fria e rude dos factos, embora eloquentes pela sua autenticidade e naturalidade, em vez de divulgar êsses factos com os encantos da literatura burilada ou mesmo com os atrativos naturais de que se teem, efetivamente, revestido os fenômenos no campo subjetivo do deslumbramento e do êxtase, produtor de emoções consoladoras e inebriantes.

Deixemos por agora a digressão, e entremos no conhecimento dos factos desta última sessão, na expressão singela e rude da sua naturalidade, através da minha áspera, mas sincera narrativa.

A reunião teve início ás 21 horas, sob a presidência da senhorinha Lais

Teixeira Dias. Da assistência faziam parte os seguintes confrades visitantes : José Garcia, de Macaé e Inocencio Noronha Dias, de Campos, E. do Rio de Janeiro; Maria Coimbra de Oliveira e Farmacêutica Maria de Lourdes, de Pirapetinga, Estado de Minas Gerais e Alfredo Miguel, beletrista e redator do jornal, «Luz da Verdade». de Salvador, Estado da Bahia. Ainda não havia chegado o médium Lins, quando a sessão teve começo, procurando os assistentes firmar uma sólida e inefável ambientação, com o proferirem preces sinceras e comovidas e com o entoarem mimosos hinos. Logo que o Lins chegou, este toma assento á mesa, faz-se absoluto silêncio e a presidente profere uma oração e recomenda recolhimento espiritual. Um espírito amigo manifesta-se por meio de incorporação e brinda os circunstantes com uma comovente exortação, terminando por fazer as mais comezinhas recomendações para que todos colaborassem com pensamentos de amor e fraternidade, afim de que os doentes fossem beneficiados. O medium vai deitar-se no tálamo preparado no gabinete mediúnico, passando-se mais de meia hora sem que aparecesse um único fenômeno. Nesse interim os assistentes se mantinham atìvos no serviço de vigilância espiritual, orando, entoando hinos e tecendo comentários acerca de palpitantes màximas evangélicas, alternadamente. Faz-se, providencialmente, ligeiro e absoluto silêncio, interrompido por uma vóz enérgica que recomendava fossem apagadas todas as lampadas: a obscuridade firmou-se de uma espessura quasi integral. Nisto, aparece um espìrito materializado, que não foi identificado, empunhando um painel com caracteres luminosos, formando a palávra *amor*, percorrendo o recinto em todas as direções e recolhendo-se á cabine. Dali se apresentavam várias explosões de luz, á maneirá de suaves relâmpagos, fendendo as trevas com os seus raios de luz. A Lenice profere uma alocução evangélica, exaltando o sentimento do amor. E, enquanto a jovem académica de Medicina tecia os seus comentários doutrinários, um quadro luminoso, onde se lia, em letras garrafais, a mesma palavra amor, e parecia suspensa e móvel, no espaço, girando da direita para a esquerda, de um lado para o outro, por sôbre as nossas cabeças, rodopiando como que ao impulso de mãos invisiveis e desaparecendo logo que a Lenice se calou. A irmã Maria Coimbra de Oliveira óra com fervor e emoção espiritual, em intenção dos doentes. Aparece á entrada do lado esquerdo da cabine, um vulto que penetra na sala e se coloca no meio dos assistentes, olhando fixamente os doentes que haviam sido colocados em plano destacado. A entidade em aprêço permanece silenciosa, vestindo uma túnica bordada com cinco letras luminosas, prefazendo aida, o vocábulo *Amor!* Recolhendo-se ao gabinete, vem um outro espírito, vestindo roupão branco, suspendendo um painel luminoso em que se lia a palavra *Amai-vos*. Também não foi identificada a aludida entidade. Cabeme, então, fazer um comentário evangélico, detendo-me a apreciar a frase do Cristo : «A tua fé te salvou», que a Lais gentilmente lembrou : Durante a minha peroração, João de Deus surge no recinto com vestes luminosas, parecendo de um tecido de gaze de luz a frio, fosforescente, deixando transparecer as formas dos membros inferiores. Nas suas mãos segurava um pequeno aparelho luminoso, com o qual aplicava, nos doentes, uma espécie de diatermia, de preferência nas partes afetadas do corpo. Dêsse aparelho via-se nitidamente, partir raios de luz, ora de côr alaranjada, ora de côr sanguínea.

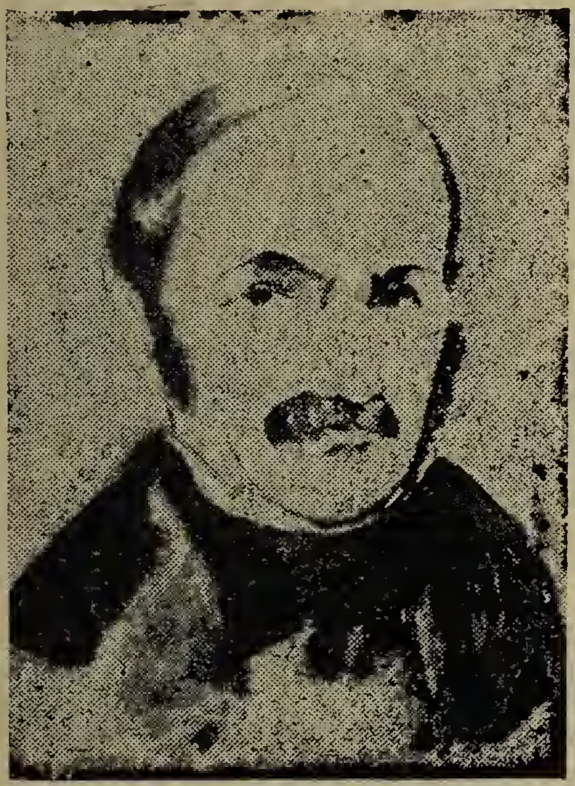

ALLAN KARDEC

O Garcia, o Noronha, o Danùbio, a Maria de Lourdes e outros companheiros doentes, foram assistidos carinhosamente. Confabulou com o Inocêncio, em frente do qual se deteve alguns instantes, bem junto ao lugar onde eu me achava. Percebi-lhe as recomendações, e as advertências, que êle prescrevia numa dicção clara.

Depois de percorrer o salão de um ao outro lado, recolhe-se silenciosamente á cabine. Alfredo Miguel profere um rápido e brilhante improviso, abordando palpitante tema evangélico. O José Grosso dirige-se-nos com enternecido carinho, respondendo prontamente a repetidas perguntas de varias pessoas presentes, que o cumulavam de pedidos.

Como eu lhe dissesse que estranhava ter demorado a falar-nos, êle respondeu que era porque estava entregue aos deveres de assistência aos enfêrmos. Nina Arneira aparece á entrada esquerda do gabinete, perfeitamente materializada, com uma véstia luminosa e quasi transparente, penetrando no recinto, cuidando também dos doentes, tratando-os com um aparelho idêntico ao que trouxera João de Deus. Acaricia a Lenice e fala-lhe, e á Lais, enternecidamente, recomenda-lhes dedicarem-se ao trabalho de encaminhar e instruir a Juventude.

José Garcia faz uma comovida prece. E' cantado o hino «Maria de Nazaré».

A Madalena pronuncia uma breve alocução. O espírito de Margarida, também com traje luminoso surge do lado esquerdo do gabinete, avançando por entre os assistentes e indo quedar-se junto ao companheiro Afonso Pinto da Fonseca, confortando-o e dizendo-lhe: «O teu lugar é aquí, no *«André Luiz»*; persevera e porfia até ao fim». Em seguida recolhe-se, saudando aos presentes. Neuza Magaldi fala-nos, em voz diréta, mandando pelo Fonseca, recados aos seus pais. O José Grosso volta a nos falar, ofertando-nos as duas seguintes quadrinhas:

«Digo aos moços desta casa:
Dedicai-vos ao Evangelho;
Vestí roupa de homem novo
E despi a do homem velho.

Seja sempre abençoado
Quem aqui pratica o bem,
Pois terá felicidade
Na outra vida, no Além».

O Fonseca faz uma prece, em soluços, agradecendo a Deus o ter-lhe permitido rever a «sua Margarida», nas suas fórmas distintas, fazendo-o com vizível contrição. A querida Scheilla, materializada e luminosa, fazendo iluminar as formas do seu perispírito, vem ao recinto e começa a assistir aos doentes, um por um. As suas mãos seguravam um aparelho, sendo que este era diferente do que trouxeram os outros espíritos citados. No último a assistir, desmembrou com as mãos o aparelho, transformando-o em uma espécie de gaze grossa, totalmente fosforescente, com ela envolvendo a cabeça dum enfêrmo. Feito isto, tece novamente o aparelho, com êle tocando o doente, vendo-se dele partirem raios luminosos de várias côres, que iluminavam intermitentemente, o ambiente. Eu vi produzir-se uma como explosão, lançando chamas de côr vermelha e amarela. Depois foi á cabine e logo, regressando, dirige-nos a sua palavra em sotaque característico, insistindo em nos recomendar assistência aos moços. Por sôbre os ombros, viam cair-se-lhe grossas madeixas. Recolhendo-se, ainda nos fala de dentro do gabinete, entretendo-nos com salutares advertências e oportunos ensinamentos. O Fidelinho aparece, luminoso, na sua estatura minúscula, cantando, em côro com a assistência, a «Canção Materna». Pede ao Inocêncio para levar um beijo seu á sua mãezinha, de Campos. Fala-nos ligeiramente, desaparecendo após, deixando-nos viva impressão, pois a sua

FIDELINHO

aparição se me afigurava de aparência brilhante, espécie de luz interna a se refletir no exterior ou de luz indiréta, projetada por um fóco desconhecido, inlocalizavel.

A Lais faz uma prece procurando envolver, com a assistência, os doentes em pensamentos superiores.

Garcês, com a sua vóz incisiva e volumosa, prende os assistentes durante alguns minutos, detendo-se a apreciar aspectos culminantes da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus, terminando por anunciar a agradável nova de que o trabalho de conforto aos doentes tinha sido profícuo, eficiente e objetivo, recomendando fossem encerrados os trabalhos e mandando que eu fosse despertar o médium. Como Lais titubeasse sôbre a escolha do hino que deveria ser entoado, ao término da sessão, a Scheilla interpela: «posso escolher?»

— Sim, respondemos em côro.

— Pois então cantem *Pai do Céu.*

Entoado êsse hino e proferida a prece derradeira, é declarada encerrada a importante sessão, precisamente ás 24 horas.

Concluindo êste relato, tenho hoje a ressaltar o facto seguinte: o confrade Vicente Viola afirmou, diante de todos os circunstantes, peremptoriamente, que vira David, perfeitamente materializado, distante um pouco do médium, tendo visto também a êste, na ocasião em que tivera necessidade de entrar na cabine. Isto vale por uma resposta antecipada, aos que, porventura, pensem na aventura de uma hipótese de fraude achando, mesmo em pensamento, que o médium fosse capaz de dar-se ao ridículo criminoso de se fantasiar de espírito materializado!

(As fotografias de Kardec e do Fidelinho, apensas, foram encontradas, em pintura artística, no Gabinete mediúnico).

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

---

(1) — E' curioso notar que esta série de crônicas, sôbre os Trabalhos de Materialização do Grupo «André Luiz», sem que isso fosse objeto da minha cogitação, terminou com o número profundamente simbólico de *trinta e três*, que lembra a idade com que Jesus Cristo foi imolado num madeiro infamante, no Monte das Caveiras! Não estivesse escrevendo sôbre assuntos científicos do Cristianismo Redivivo! Feliz coincidência. — O autor.

Notas Elucidativas

(Irradiada na Festa Nacional do Livro Espírita)

O primeiro livro espírita publicado em lingua portuguesa no Brasíl e na América do Sul, foi: «OS TEMPOS SÃO CHEGADOS».

Seu autor, Casimír Lieuteaud, era professor de francês e autor de obras didáticas desta língua.

Apareceu no Rio de Janeiro em 1860.

* * *

Allan Kardec tomou conhecimento do movimento espírita no Brasil, escrevendo sôbre o Espiritismo entre nós, em 1863.

Diário da Bahia publicou, então, uma transcrição pejorativa contra o Espiritismo de uma folha francêsa, a *Gazette Medicale.*

Três destemidos—dr. Luiz Olimpio Teles de Menezes, Joaquim Carneiro da Cunha e José Alvares do Amaral, assinaram substanciosa peça de defesa e explicação da Doutrina Espírita no mesmo jornal, enviando-a, naturalmente, ao Codificador, que escreveu sôbre o caso interessante artigo em *Revue Spirite*.

* * *

Já havia espiritismo no Brasil antes que a palavra Espiritismo fôsse criada, antes que o mundo conhecesse Allan Kardec.

E o Espiritismo entrou no Brasil interessando, primeiro, o cérebro. Como, de resto, entre todos os povos.

Depois, é que desceu ao coração, passando a interessar mais ao povo do que as camadas cultas.

E entrou o Brasil praticando a caridade.

Integrado, portanto, na sua legenda máxima: «Fóra da Caridade não existe Salvação», porque a curar, aliado a homeopatia, males do corpo e da alma.

Entrou o Brasil pelas mãos de dois estrangeiros: um, filho de Portugal, da terra que descobriu e colonizou o Brasil, João Vicente Martins. O outro, filho da França, da terra pátria do Codificador e que emprestou seu belo idioma para a codificação, Bento Mure.

Ambos chegaram ao Brasil em 1849, aliando-se na cura a passes e gotas de homeopatia, sob a invocação de Deus, Cristo e Caridade.

Aquí estão factos que comportariam muitas análises e estudos psicológicos substanciosos!

* * *

Vitor Hugo, num estudo substancioso e sintético do «milágre» da multiplicação dos pães, apresenta o livro como prova objetiva do prodígio operado pelo Cristo.

O Livro é, evidentemente, o pão que se multiplica ao infinito, desalterando sempre a fome espíritual. Aliás, a pior fome, porque se chama ignorância.

E' pão espiritual que alimenta sem perder nenhuma de suas substâncias alimentícias. E, ao contrário do pão material, quem se alimenta dêsse pão do espírito, nunca mais sentirá a mesma fóme.

Glória, pois, ao Livro.

Glória ao livro espirita, aliás, o mais eloquente porta-voz da Doutrina, a sua propaganda mais alta.

* * *

Que o 18 de Abril seja consagrado o Dia do Livro Espírita.

Coube à Liga Espírita do Brasil a iniciativa da consagração do *Livro aos Espíritos* nesta data.

Cabe ao *Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil* a iniciativa da Festa do Livro Espírita. E, consequentemente, de lançar o 18 de Abril como o Dia do Livro Espírita.

Que espírita esclarecido e de bôa vontade se oporá a isto?

E o CCMEB marca, com a dupla iniciativa, um grande e inestimável serviço prestado à Doutrina.

Começa, portanto, bem, porque começa trabalhando e realizando coisas úteis e objetivas.

Leopoldo Machado.

Mais dois Livros de Carlos Imbassahy

Os médicos psiquiatras, principalmente os que se deixam escravizar pelas teorias da Igreja Romana, afirmam alto e bom som, que o Espiritismo tem produzido número enorme de loucos, aumentando assustadoramente a população dos manicômios. Entretanto, o Dr. Carlos Imbassahy, jurista, escritor e polemista do melhor quilate, estudioso que é do assunto, possuidor ainda de vasta cultura científica e filosófica, contesta de modo irretorquível a todas essas afirmativas, apontando nomes de fama universal que provam o contrário, pondo diante do leitor os mais irrefutáveis argumentos que são os dados estatísticos.

E, para mais enriquecer o seu trabalho, já valiosissimo—Espiritismo e Loucura—transcreve várias opiniões de médicos e juristas patrícios que afirmam de experiência própria que o Espiritismo, como doutrina ou ciência experimental, não produz distúrbios cerebrais.

* * *

Enquanto a Livraria editora Allan Kardec, de São Paulo, lançava à luz da publicidade o ESPIRITISMO E LOUCURA, a Gráfica Mundo Espírita, desta Capital, expunha, quase ao mesmo tempo, à venda, outro magnífico livro de Imbassahy — CIÊNCIA METAPSIQUICA.

Neste último trabalho, o autor se confirma um grande e erudito divulgador. Ainda desta vez a nossa gratidão ao ilustre confrade é bem maior, pois, se em seus livros anteriores até ESPIRITISMO E LOUCURA muito temos aprendido, em CIÊNCIA METAPSIQUICA, que focaliza matéria transcendente e quase desconhecida da maioria dos espíritas, aprendemos muito mais.

A conferência do grande professor Charles Richet, não fosse a tradução de Imbassahy e consequente inclusão nas páginas de seu livro, talvez nos passasse despercebida.

Sempre divulgando, o autor orienta o seu trabalho, argumentando com lógica e clareza, bem ao alcance de todas as inteligências, os assuntos mais elevados relativos à ciência experimental.

No capítulo — Pelos Campos da Psiquiatria — o erudito polemista volve a tratar do assunto contido no livro anterior, provando assim, que as duas obras se entrosam e que o seu autor é um sábio apaixonado desse ramo da psicologia transcendental.

Imbassahy escreve sempre, mas não publica seus livros por conta própria, nem os vende aos amigos e confrades; entretanto, as suas edições se esgotam e seu nome, nas letras espíritas do Brasil, é incontestavelmente, um dos que se impõe à admiração geral de milhões de leitores, ultrapassando as fronteiras da Pátria.

Com a oferta que nos acaba de fazer o querido confrade, enriquecendo a nossa ainda tão pobre estante, e, mais do que isso, os nossos parcos conhecimentos, com esses dois estupendos livros, outra coisa não nos cabe, não sabemos e nem podemos dizer ao erudito autor de ESPIRITISMO E LOUCURA e CIÊNCIA METAPSIQUICA, pelo muito que lhe devemos ao lermos os seus últimos trabalhos, que não sejam estas duas palavras que são ouvidas pelo Brasil inteiro através das ondas radiofônicas de certa emissora nacional: Obrigado, doutor.

Pereira Guedes.

Rio, em 15/X/949.
Rua Sampaio Ferraz, 33

NA HORA DA MALA

MANOEL QUINTÃO

Pereira Guedes — nesta: — Já houve quem nos averbasse de sagitário incorrigível, quando, afinal, não nos propomos mais que obedecer honesta e francamente aos ditames da consciência doutrinária. E, ainda assim, quando á liça chamados e nunca, jamais, de motu próprio.

Flechas sem alvo intencional e veniais, portanto.

No que tange a esta sua consulta, sempre tivemos para nós que uma coisa é crer na sobrevivência e manifestação dos espíritos, e outra coisa é crer em tudo quanto nos dizem os espíritos.

A comunicação dos espíritos é um fato positivo e inconcusso de todos para todos os tempos; e as ilações e teorias dele decorrentes, são condicionais e condicionadas ao progresso intelectual e moral da humanidade.

Conclusivo, então, que, para uma *Verdade* absoluta (com maiúscula), temos um número indefinito de verdades relativas e contingentes, de tempo e meio. Dai, a efemeridade dos sistemas filosóficos, científicos e religiosos, que passam, e a perenidade do problema imanente, que remanesce penhorante de argúcia e esfôrço humano.

Allan Kardec em nos dizendo preferível *rejeitar noventa e nove comunicações verdadeiras a aceitar uma falsa*, atesta de sobejo o critério rigorista com que devemos acolher as novidades do plano espiritual.

E, se impende tudo passar pelo crivo da moral e da razão, tambem não ha como desconvir que, entre nós, humanos incarnados, a moral e a razão são personalissimamente pessoais e relativas.

Tudo pois, que aberra do consenso geral, não diremos deva ser sistematicamente recusado, mas acolhido com reserva e discreção.

Que interfiram no processo doutrinário inovações ou dilatações de prismas, é natural, porque decorrente mesmo do acendente progressivo, retro mencionado; mas não há que daí aceitar senão o que nos cala em fôro íntimo, e muito menos pretender impor opiniões, atento a que o Divino Mestre jamais o fez, quando dizia: *quem tiver olhos de vêr, veja.*

Nós, em doutrina, abstraindo os cegos que não podem ver e os piores cegos que não querem ver, também temos os míopis, presbíopes, hemíopes, daltônicos, etc.

Daí, a disparidade de prismas — apanágio daquela *zona lúcida*, de que nos fala Paulo Gibier.

* * *

No livro em apreço, de fonte mediúnica, por identificar a ficha autoral, não podemos omitir, nem subestimar, elementos de análise capazes de integrar uma sólida e robusta convicção.

Certo, do ponto de vista hermenêutico, nada encontramos de heterodoxo e abstruso em suas páginas; mas, menos certo não é que nada nos oferece de original, condizente com a personalidade humana que na terra conhecemos. Categorizada como achega ou adminiculo de ensinamento, achamo-la aceitável e plausível, muito semelhante ás que nos têm facultado as personalidades de Emmanuel e André Luiz. Com estes, porém, não ha que encarecer características de estilo e atitudes mentais, ou episódios de que nos não deixaram rastro.

Já com Humberto de Campos e com os poetas de *Parnaso de Além Túmulo*, a caracterização pelo estilo é evidente e dispensa elementos outros de maior convicção, tal como vemos também na obra *Do País da Luz*, do médium português Fernando de Lacerda. E que dizer, então, de *Edwin Drood*, o romance de Charles Dickens, ultimado pelo médium James, simples operário mecânico desprovido de cultura literária ? Nada menos de 400 páginas póstumas, fundidas de um só jacto, ademais apresentando notável semelhança com o autógrafo do romancista inglês ?

* * *

Por dar um ensinamento de ordem geral, num estilo impessoal, ou mais própriamente falando — do *médium* e, de lambugem, por mestraços e apedoutas Mirandolas cá de baixo, não vale a pena mobilizar tantos sineiros e sinaleiros, em atoarda de epinicios e louvaminhas.

Em suma : nós não temos elementos para recusar, tanto quanto para aceitar incondicionalmente essa obra. Não duvidamos se esbata nela o pensamento do inculcado autor, haurido e moldado nos ensinamentos de Emmanuel e André Luiz, e filtrado na dialética do médium, cuja probidade paira acima de qualquer suspeita.

Do homem, porém, do crente impulsivo, abnegado e diligente ; do cronista mesmo, do homem enfim, que aquí conhecemos íntima e demoradamente, num convívio de quatro décadas, nada encontramos de positivo e atestante de perfeita identidade.

E' pois, como de início ressalvamos, uma questão de fôro intimo, concitando-nos a ponderar mais profundamente as relações com Além, que não são tão simples e fáceis como a muitos se afiguram. Referimo-nos, é claro, às boas relações, para não dizer que as outras vão na pauta do nosso *cruzeiro*, embora ufanos de o contemplarmos tão luzentes lá no céu, e tão fôsco e desvalorizado nesta nossa — *Pátria do Evangelho e Coração do mundo.*

Mas, em suma, se perquirimos a Verdade com maiúscula, cabe perguntar : ubi veritas ? e considerar evangélicamente que o seu reino é de fôro intímo, qual o afirmou Jesus : *regnum Dei intra vos est.*

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.° ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00

Um Éco do «Segundo Congresso Espírita Pan-Americano»

Assistimos, além das cerimônias de instalação e encerramento, apenas a uma sessão plenária do «Segundo Congresso Espírita Pan-Americano», que, sob os melhores auspìcios, se reuniu no Rio de Janeiro. A referida sessão, consoante a respectiva agenda, constaría de duas partes: a primeira para os trabalhos da ordem do dia, a segunda em homenagem ao «dia da Imprensa», efemérides que, por coincidência, transcorria naquela data. Anunciaram, jornais e rádio, que falariam representantes da Imprensa e o Dr. Carlos Imbassahy, êste para produzir uma conferência subordinada ao sugestivo título: «A Influência do livro e da imprensa no movimento espìrita».

Ante a perspectiva de uma noite transbordante de conforto espiritual, que a palavra mágica dêsse ilustre homem de letras proporciona sempre aos seus ouvintes, os confrades acorreram, de tôda parte, e superlotaram salão e galeria da Liga Espìrita do Brasil. Todavia, a conferência, tão ansiosamente esperada, não se realizou. O simpático presidente, Dr. Postiglioni, apressou-se em explicar a causa dessa desconcertante mutilação no programa da noite: «o adiantado da hora». Os Srs. congressistas se haviam empenhado em uma contenda, tão viva e prolongada, a respeito de matéria vencida em sessão anterior, que deixaram para a segunda parte apenas dez minutos, cinco para os representantes da imprensa e cinco para a conferência.

Um único jornalista falou, e, ao atingir o limite do seu prazo, pulou a cêrca e continuou falando durante mais 15 minutos, sem, todavia, dizer algo sôbre o papel da imprensa na campanha que o Espiritismo desenvolve em pról da regeneração moral do homem, como se esperava; contentou-se em falar, todo tempo, das excelências do seu jornal, que, segundo êle, é o único trabalhado por jornalistas profissionais e, por isto mesmo, único, também, em condições de satisfazer as necessidades dos espíritas, no terreno da publicidade.

O Dr. Imbassahy utilizou os seus cinco minutos demonstrando, com a elegância que o caracteriza na tribuna, a impossibilidade de comprimir-se, na exiguidade de 300 segundos de tempo, um assunto que demandaria mais de uma hora para ser convenientemente desdobrado.

E os assistentes retiraram-se, sob o peso de uma decépção arrasadora.

Agora, na calma reconfortante das colunas desta revista, examinemos o assunto que levou o plenário a discussões tão longas e, por vezes, tão estranhas à cordialidade, que devê ser apanágio das reuniões espíritas. Tratava-se de *religião*, problema antigo como o próprio homem, e que êste, empenhado em resolvê-lo, tem atravessado séculos e milênios, e ainda está longe de o conseguir. O plenário, em sessão da véspera, havia deliberado, por unanime consenso dos seus pares, retirar da pauta dos seus trabalhos todas as teses que abordassem o aspecto religioso do Espiritismo no Brasil, para evitar choques inoportunos, e sempre desagradáveis, entre representantes brasileiros e os estrangeiros, de vez que, estes só admitem o Espiritismo como doutrina científica e filosófica. Um delegado nacional, que não estivera presente ao plenário, quando se tomou tal medida, ressuscitou a questão, e foi um Deus nos acuda!

Para nós a retirada das teses religiosas não correspondeu a finalidade do 2.º C. E. P. A. que estava alí reunido precisamente para esclarecer dúvidas, e traçar diretrizes claras à difusão e prática do Espiritismo. Havia toda conveniência em discutir-se amplamente, com serenidade e na ausência de quaisquer «parti-pris», êsse assunto, de insofismável importância para a cordialidade continental entre os espíritas, de vez que, não julgamos impossível que os debates dessem lugar a uma resolução, semelhante a experiente e cuidadoso pomicultor, capaz de podar todas expanções exageradas das duas correntes espíritas, que se defrontam antagônicas, e estabelecer um meio termo justo, lógico e em condições de ser aceito por toda gente que não está presa a fanatismos mórbidos. Tenhamos em vista que, se o Espiritismo não é uma religião, com todos os matadores, como o desejam inúmeros confrades nossos, também não se póde divorciá-lo do Messias, porque a sua cúpula é a doutrina que o Cristo vem lançando no mundo, desde os primórdios da civilização humana; de início por intermédio de prepostos seus, que, para isto, criaram religiões, sistemas, doutrinas, por toda parte, e, mais tarde, vindo êle próprio, referendar e ampliar os ensinamentos daqueles reformadores, quando, há dois mil anos, tomou um corpo e o nome de Jesus.

Os nossos bons amigos e confrades das outras nações americanas repudiam a denominação «Espiritismo cristão» porque emprestam à êsse qualificativo uma significação errada, como seja a de *misticismo cego*, e o confundem com lemas de certas seitas e crendices, que proliferam por aí, umas arremedando o Espiritismo, para poderem viver á sombra da lei, outras pelo impulso de um misticismo atávico, doentio, cujas raizes, assentando no solo católico-romano, ou nas fantasias orientais, tão do agrado das almas emotivas, escapam aos primeiros golpes da razão e do raciocínio. Disto nos convence um jornalzinho espírita, que temos diante dos olhos, editado na província de Rosário, República Argentina, onde se lê substancioso artigo, assinado por confrade de alto valor na esfera espírita daquêle país, a julgar pelos elogios da redação, o qual, através uma filigrama de frases brilhantes e escorreitas, reduz a quasi zero a mentalidade dos que adotam a fórmula, que êle chama, enfaticamente, *Espiritismo cristiano*... Sua argumentação gira em redor de uma publicação feita por um Centro espírita cristão de lá, onde se exalta uma afirmação de certo chefe da seita esotérica *Rosacruz*. Eis o tópico da publicação que escandalizou o escritor: «Por isto, com «Max Heindel», reconhecemos que si o Buda é a luz da Ásia, o Cristo é a luz do Mundo». Diante disto, êle encheu-se da convicção de que todos os espíritas que se dizem cristãos têm, a respeito da personalidade de Jesus, a mesma concepção rosacruziana. E nós sabemos que a definição rosacruz sôbre o assunto é a mais absurda fantasia que se conhece.

Ora, se o caso fosse levado à debate no II Congresso, testemunhariamos o espanto dos delegados estrangeiros, ante a multiplicidade de concepções sôbre a figura, tão simples e fácil de definir, do Divino Mestre, que nós importamos e alimentamos aqui, ou criamos por nossa conta, para satisfazer pendores místicos e, quiçá, nossa ignorância também, decorrente de uma evolução ainda precária. Por outro lado, êsses delegados ficariam sabendo, pelas explanações brilhantes, de brilhantes confrades nossos, que no Brasil há uma corrente numerosa que compreende o Espiritismo na sua feição legítima, sem fantasias místicas, mas, também, sem snobismos científicos, que o reduzem a condição de simples energia, que se procura controlar através dos fenómenos mediúnicos, num arremedo grotesco ao que faz a ciência clássica, quando se empênha em domar as energias que se escapam do átomo desintregrado.

O Espiritismo não pode deixar de ser cristão. Achamos mesmo supérfluo êste adjetivo, uma vez que Allan Kardec, o codificador, tomou a doutrina do Cristo para cúpula do edifício da codificação e, na elucidação da verdade, seguiu as diretrizes do Evangelho cristão. Sò Allan Kardec? Não! Também os Espíritos que o auxiliaram no trabalho da codificação fiseram o mesmo, resultando dessa impressionante unanimidade a incontestável autoridade da Doutrina Espìrita que, sem choques nem atropêlos, ha de vencer as controvérsias e afastar os tropêços, que surgem-lhe à frente, para poder brilhar na sua ùnica e verdadeira significação: roteiro da perfeição moral do homem.

O «Segundo Congresso Espìrita Pan-Americano» bem podía ter sido o vanguardeiro dessa cruzada, e, então, seu nome ficaria fulgindo, como um marco de luz, na história do Espiritismo.

Alfredo d'Alcantara.

A vossa dedicação para com os pobrezinhos é a melhor prova que podereis dar do amor que dedicais a Jesus. Benditos aqueles que procuram cumprir o santo Evangelho. — MARIQUINHAS.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

OS PROBLEMAS VITAIS DO ESTADO DO RIO, — *José Pedroso*, Rio.

Não somos fluminense, que tivemos a dita de nascer em terras baianas.

Mas, desfrutamos a dita sem nome de viver em terras fluminenses, de alguns lustros para cá. Além do mais, somos brasileiro, sentindo que estamos em nossa terra em qualquer lugar do Brasil em que nos encontramos.

Amando a terra fluminense, como a amamos, e contribuindo, embora em parcela mínima, para a sua grandeza e ilustração, é óbvio que tudo que se refere ao E. do Rio nos deve interessar.

Interessou-nos, por isso mesmo, o «PROBLEMAS VITAIS DO ESTADO DO RIO», de José Pedroso. Mormente, seu ilustre autor dizendo-nos, a nô-lo oferecer, que gostaria de saber a nossa opinião livre e franca sôbre seu trabalho.

Nem nós, sem franqueza e liberdade, emitiriamos opinião sôbre coisa alguma!

* * *

Lemos de uma assentada o volume.

E' lógico, substancioso, bem argumentado e bem escrito, porque em linguagem simples e convincente, incisiva e clara; em estílo jornalístico, o que é seu ilustre autor.

De sua leitura sai-se apreensivo e triste da situação do Estado do Rio.

Mais triste e apreensivo, se se tratasse de uma obra completa.

Não o é. Falta-lhe, talvez, o melhor capítulo; o capítulo sôbre a Instrução.

Como professor e diretor do ginásio mais antigo de uma cidade que tem quatro ginásios, um excelente grupo escolar e algumas vinte escolas primárias a serviço, tudo isto, de uma população infantil-juvenil de uns cinco a seis mil crianças em idade escolar, claro que a lácuna, a grande lácuna não nos podia escapar. Mormente, sentindo que todos os nossos êrros e precalços derivam daí: da falta de escolas, de instrução eficiente, de professores capazes e patriotas à frente da instrução e das escolas.

Um povo de ignorantes e inativos ha de ser, eternamente, um povo sofredor.

* * *

José Pedroso sugere, como recurso supremo para solucionar a agonia lenta do Estado, um emprestimo vultoso feito pela Caixa Economica ao Estado, a exemplo do que já sucedeu com outros Estados.

Recurso infalível?

Não o cremos.

O capital por si só não resolve os grandes problemas.

Antes, póde complicá-los, se caír em mãos deshonestas ou inhabeis.

E' preciso ajustar-se-lhe o trabalho organizado, eficiente e honesto, que é da harmonia inteligente entre o capital e o trabalho de que decorre a fortuna, o fastígio, a prosperidade de uma nação, de um povo.

Onde, ainda, êste trabalho?

O nosso trabalhador, a despeito de nossas leis trabalhistas generosas, porque conferem mais direitos do que deveres ao trabalhador; o trabalhador entre nós ainda se ressente de educação técnica e de consciência trabalhista, exatamente por falta da instrução necessária, da cultura precisa para bem orientar-se.

Mormente, nas zonas rurais, nos campos agro-pecuários, embora o plano das escolas rurais seja obra de um grande fluminense: Alberto Torres!

Venham capitais para o Estado! Venha o grande emprestimo alvitrado — que ha, em quem o alvitra, maior conhecimento e mais capacidade do que em nós! — mas, não deixe de vir a instrução necessária, as escolas necessárias, os mestres e técnicos capazes para a sua aplicação, a benefício do Estado.

E mais do que para um Estado, para a União, de vez que o fenômeno observado em nosso infeliz e generoso Estado do Rio, é o mesmo fenômeno do Brasil inteiro.

E José Pedroso poderia ampliar seu opúsculo oportunissimo — que engenho e arte não lhe faltam para tanto — ajustando-lhe dados estatísticos dos outros Estados da União, com rarissimas exceção, que seu volume comportaria, então, outra amplitude e outro título: *Problemas Vitais do Brasil.*

Não sabemos se conseguimos satisfazer o autor.

Mas, sabemos que o que aquí vai, reveste-se de muita sinceridade, franqueza e liberdade, como o autor o desejara.

Crônica Estrangeira

Será Doloroso o Momento da Morte?

Aqueles que estão morrendo, e aqueles que reviveram depois de morrer, dão-nos testemunho de que nossos ultimos momentos serão suaves.

Por Lester Howard Perry

Diretor do «Pensylvania Medical Journal»

De «Seleções» do Reader's Digest

Algum dia, leitor, você terá que morrer, e, se for como o comum dos mortais, provavelmente tem mêdo da morte, pensando que ela é um penoso transe. Garanto-lhe que não há fundamento para êsse mêdo.

Não há sensação desagradável na morte. O moribundo perde consciência sonolentamente, do mesmo modo pelo qual tantas vezes adormecemos.

Não há dôr no fim. Os médicos o dizem. Igualmente aqueles que se aproximam da morte. Os moribundos, e os raros entes que retornam da morte, concordam com esta afirmação.

Não negamos que haja sofrimento antes da morte. Contudo, a lenta sufocação da pneumonia, a luta do afogado para respirar—todas as dores das doenças ou ferimentos mortais—tudo isso faz parte da vida e não da morte. Mas a palavra «agonia» nos assusta a todos, e faz acreditar que os últimos instantes, quando deixamos esta vida para sempre, devem ser horríveis. Ouçamos o testemunho de Sir James F. Goodhart, grande médico inglês, que, quando clinicava no Guy's Hospital, acudia de propósito à cabeceira de todos os moribundos. Chegou êle à conclusão de que, «para quem vai morrer, não há nada de terrível na morte em si. O véu entre dois mundos não é senão uma nuvem, que se atravessa sem o perceber». Esta opinião é sustentada também por outros grandes médicos, Sir Benjamin C. Brodie, por exemplo, e Sir William Osler.

«Morrer», diz o dr. Alfredo Worcerter, antigo professor de Higiene em Harvard, «é sempre fácil no fim».

O cancer, em suas últimas fases, é dolorosíssimo; no entanto, o dr. Shelton Horsley, conhecido cancerologista de Richmond, Estado de Virgínia, disse: «A morte do canceroso, aparentemente, não é acompanhada por nenhuma dôr ou sensação de desconfôrto». Um dos factos que realmente nos consolam na vida é êste: as cousas que mais tememos, quando realmente acontecem, perdem todo o seu horror. Isto é verdade também a respeito da morte. Quando se aproxima, não vem como inimiga.

Há quinze anos, Irvín S. Cobb, homem forte e jovial, caíu gravemente enfêrmo num hotel de Boston, quando fazia uma turnê de conferências. Sofrera uma hemorragia interna e fôra desenganado,

«Compreendí enfim, — disse o conhecido humorista—que estava muito perto da fronteira entre a vida e a morte. Comecei a ter uma sensação de afundamento, sensação lenta, suave e fácil, que me fazia caír numa escuridão, numa nuvem que subia ao meu encontro. Havia algo de calmo e quasi atraente nessa escuridão. Quasi estava envolvido nela quando uma fôrça se afirmou em mim. «Se desistir agora, sou um covarde. Estou deixando tantas cousas inacabadas!» Devagar, cansado, conseguí arrastar-me à luta, para viver de novo. Alguns contemplam a morte com terror e repugnância em suas almas. A todos êsses, eu, que passei pelo Vale das Sombras, digo que nos encontraremos com ela sem mêdo e sem amargor, sem sofrimento, físico ou mental. Será uma transição pacífica, mudança eterna mas misericordiosa».

Bruce Barton nos fala de um drama semelhante. Num quarto de hospital, um homem culto, de meia idade, jazia morrendo de pneumonia. Veio a crise. Nem o doutor, nem a enfermeira, que segurava a mão do enfêrmo, como para prendê-lo à terra, sabiam bem se estava morto ou vivo. Passou o grande momento, o homem escapou.

«O doutor disse que o sr. esteve quasi passando desta para melhor», contou-lhe Bruce Barton algum tempo depois. «Que foi que sentiu ou pensou?» Êle respondeu: «Nada! Não tinha interêsse algum em viver ou morrer. Estava apenas muito cansado, e pensei: agora vou dormir.»

Esses pacientes viveram bastante para contar as suas experiências. E que dizer dos que não o puderam fazer? Foi feita uma análise cuidadosa das «últimas palavras» de 1.229 individuos de alguma importância: no máximo um, em cada 60 dizeres, poderia ser interpretado como de mêdo ou dor, os outros 59 seriam desde a indiferença até o êxtase.

Estudo fóra do comum foi o do dr. Edward Hammond Clark em seu livro «Visões». Um de seus doentes concordou em descrever as suas sensações durante a descida para o inconciênte da morte. Um sistema de sinais pelos movimentos dos dedos foi combinado para que o paciente pudesse responder quando não fôsse mais capaz de falar ou sacudir a cabeça. Até o fim, mesmo depois de aparentemente ter perdido a consciência, respondeu «não» ao dr. Clark quando êste lhe perguntava: «Está sofrendo?»

Milhares de pessoas que agora vivem já estiveram mortas—legal, biológica, e verdadeiramente! E' o que afirma o dr. Alexis Carrel, famoso cientista e cirurgião, detentor do prêmio Nobel e autor do livro O *Homem, êsse Desconhecido.* «A morte, diz êle, não é instantânea. Tem duas fases: geral, ou morte do indivíduo, e local, ou morte dos órgãos. A morte geral dá-se com a última pulsação do coração, porque então todas as funções vitais cessam e a personalide desaparece. Mas cada órgão morre a seu tempo. O cérebro morre em minutos, os rins vivem mais de uma hora ainda».

Carrel chama à primeira fase «morte reversivel», porque a vida póde ser de novo insuflada por socorros de urgência se os órgãos vitais não estiverem doentes. A segunda fase é a «irreversível».

Um nadador é trazido para a praia sem sentidos, um motorista encontrado caído sôbre o volante, com o motor funcionando e as portas da garage fechadas: o médico não sente pulsação, mas pede que seja aplicado um pulmotor; ás vezes a vida retorna.

Entretanto, segundo Carrel, aquelas vítimas já tinham, de facto, morrido... Haviam passado a fronteira da vida, — pelo menos no que se refere à totalidade de seu corpo, inclusive os sentidos e a percepção. As pessoas que volvem à vida pela respiração artificial só diferem das que permanecem mortas pelo facto de que os órgãos vitais não foram destruídos.

Que nos contam aqueles que reviveram depois do afogamento? Quasi sempre dizem que não experimentaram sofrimento algum depois da luta inicial. Êsse sofrimento do começo logo se transforma numa sensação de confortável sonolência. Assim é que um deles, Grant Allen, conhecido escritor inglês, escreve: «O conhecimento que tive da sensação da morte é a causa da minha total indiferença física por ela. Morrer é tão indolor quanto adormecer. Sòmente a luta preliminar, a sensação de sua proximidade, é um pouco desagradável, mas mesmo assim muito menos do que arrancar um dente ou quebrar um braço. Não tive nenhum impulso para recuar covardemente».

A razão sã e científica explica a nossa atitude em relação à morte quando ela se aproxima. O simples processo de degenerescência fisiológica é o responsável. Cada pulsação do coração impele o sangue com um pouco menos de fôrça que a precedente. Enquanto a pressão arterial baixa cada vez mais, o cérebro é adormecido pela suave anestesia da queda da vitalidade. A onda turbulenta da vitalidade individual vai em maré descendente para o mar da vida universal de onde veio, fluxo que se dirige para o fundo tão tranquilo, bem lá debaixo da superfície agitada. Descansamos, e nêsse repouso encaramos com serenidade a maior aventura da vida.

Um Espírito repete, palavra por palavra, um texto escrito em vida

«Spiritualisme» de «Psychic News»

Foi esta certamente a mais bela mensagem fornecida numa sessão pública de voz direta, realizada em 23 de Abril último em Kingsway Hall, Londres, com o célebre médium Leslie Flint.

O espírito-guia dá ao microfone o nome dum espírito feminino, «Beatriz May Strude» que deseja falar à Laura.

Uma senhora presente à sessão responde: «Aqui está Laura».

«Sou eu, Beatie», diz a entidade.

«Oh! que felicidade poder falar-te».

A assistente responde: «Dize-me alguma cousa», a que a voz responde: «Eu faço o melhor possível» e acrescenta, certamente a título de prova: «Minha morte ocorreu a 6 de Fevereiro de 1945».

«E' exáto», responde Laura.

«Eu contava 57 anos de idade, não seriam 58?» (Mencionemos que após a sessão, Laura revela ao correspondente de *Psychic News*, que Beatriz era sua prima e que sempre foi indiferente a sua idade. (Ela morreu aos 57 anos)

Laura faz nova pergunta ao espírito: «Donde vens tu?»

«De Nova-Zelandia e tu, Laura, voltarás logo para lá?»

«Sim», responde Laura.

A entidade prossegue: «Vais, por vezes, a Bradford? Foi lá que estivemos juntas pela ultima vez! Lembro perfeitamente das palavras que escreveste em teu cartão de visita».

As duas primas estiveram juntas em Bradford e foi nessa cidade que fôra sepultado o corpo de Beatriz.

«Podes repetir o que escreví no cartão?»

«Vou tentar», responde o espírito e na pausa que se segue, reina na sala impressionante silêncio.

Em seguida, lentamente, o espírito diz:

«Ela não está morta, ela não pode morrer, um dia ainda nos encontraremos, pois que uma alma tão bela e tão intrépida não pode se extinguir. Mesmo não podendo vê-la, sinto-a a viver junto a mim, em plena felicidade da imortalidade!»

Um murmúrio eleva-se da assistência, quando Laura confirma:

«Tudo o que disseste, Beatie, é perfeitamente exato».

O espìrito prossegue: «Lembras-te de Helty Court?»

Laura recorda-se da pessoa citada.

O espìrito continua: «Agora ela está comigo, Ela teve que mudar de parecer, tu sabes, porque ela era Christian Scientist».

«Exato».

«Todos os dias estou contigo e mais do que nunca estamos unidas uma á outra. A propòsito, Spurgeon está aqui». (Celebre pregador protestante, morto em Menton em 1892)

Laura responde: «Nós somos descendentes diretas de Charles Spurgeon».

Depois, o espírito faz referência a uma medalha pertencente à Laura. Esta alusão, á primeira vista insignificante, é considerada de alto valor probante, pela assistente, Com efeito, quando frequentava o centro de Harry Edwards, em que recebeu tratamento num joelho contundido, seguido de cura, Laura comprou a medalha e era ela a única conhecedora do facto.

Terminada a sessão, Laura declarou que nenhuma possibilidade havia de poder o médium (Leslie Flint) estar ao par das provas fornecidas.

Aviso Premonitório?

Uma revista ingleza forneceu, sôbre a ùltima sessão a que assistiu W. T. Stead, detalhes inéditos e chocantes, O autor afirma que Stead não recebera nenhuma premonição, quando êle embarcou no *Titanic*, de trágica memória, mas a sessão de 3 de Abril foi caraterística. Produziu-se uma mensagem nestes termos: «Eu exprimo o pensamento solene que, a partir desta noite, o nosso circulo bem amado não mais reunirá todos os seus membros, ao menos por algum tempo. Desejo particularmente que o chefe (Stead) presida a reunião de hoje». W. T. Stead assumiu a presidência e, segundo a praxe, abriu a Bìblia, para ler uma passagem antes do começo das experiências. Casualmente êle caiu sôbre o capitulo 17 de São João e as últimas palavras que pronunciou, foram: «Eu terminei o trabalho que tu me deste a cumprir».

Alguns dias depois, precisamente no dia 15 de Abril, Stead morreu no naufrágio do *Titanic*.

A moralização dos costumes não depende do número de pregadores da boa moral. Ela será tanto mais rápida, quanto maior fôr o número dos que se esforçarem para moralizar-se. — OSCAR F. CARNEIRO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Correspondência da Capital Federal

Um Fenômeno Musical

Gianella de Marco, a graciosa bambina fenômeno que vem regendo a grande orquestra do Teatro Municipal, arrancando delirantes aplausos de multidões de espectadores e provocando sérias divergencias em torno do facto, é, possivelmente, um dos grandes acontecimentos da hora que passa.

Varias são as opiniões, julgando o fenômeno. Uns acreditam tratar-se de intuição musical, memória prodigiosa; mas, ha, dentre os cronistas da grande imprensa, os que acreditam no fenômeno mediúnico.

A menina conta apenas cinco anos de idade, não sabe uma nota musical, mas sabe de cór e conduz, como se fôsse um grande maestro, uma orquestra sinfônica de oitenta e duas figuras, isto é, de oitenta e dois professores.

Seja o que fôr, a menina é realmente um fenômeno interessante e digno de um registro pelo cronista leigo, mas, atendendo a curiosidade de multidões de leigos, não apareceu ainda um só dos grandes luminares da ciência para explicar o facto.

O fenômeno Gianella de Marco é o grande acontecimento dêsse fim de ano, para o povo carioca, tido e havido como um dos mais exigentes auditórios, que tem, com verdadeiro entusiasmo, aplaudido êsse pinguinho de gente, regendo uma grande orquestra.

Do Correspondente.

*

Confederação Espiritista Argentina

No dia 14 de Junho do próximo ano, a Confederação Espiritista Argentina completará cincoenta anos de existência. Para comemorar o auspicioso acontecimento, será realizada de 11 a 18 de Junho a *Semana da C. E. A.*

A Comissão encarregada de programar os atos comemorativos, está assim constituida: pres. Hugo L. Nale; 1.º vice-pres. Manio Rinaldini; 2.º vice-pres. Horacio Sacierain; secretário geral, José Cáceres; pro-secretário, Carlo Guerrero. *Comissão de Propaganda:* Vicente Bianco, Juan Dotta, Rosa H. de Garcia Romanó, Carlos Fortunatti. *Comissão de Atos Públicos:* Humberto Mariotti, Juan Graner, Horacio Sacierain, Cesar Rogo. *Comissão de Finanças:* Laureano Fanjul, Antonio Melo, Felipe Gallegos, Cayetano Guagliardo. *Comissão de Relações:* Nicolás Galasso, Manio Rinaldini.

A Comissão já elaborou o seguinte esboço de programa, sujeito a modificações: realizar uma galeria de obras espíritas e imprensa espírita; programar conferências alusivas ao ato; preparar números artísticos, musicais, etc.; imprimir estampilhas alegóricas. Para que os delegados das Sociedades adesas do interior possam assistir as comemorações, haverá Assembléia de Delegados dentro da aludida Semana. Confeccionar um folheto com a história da C. E. A. e do Espiritismo Argentino com uma galeria dos presidentes e biografias sintéticas dos mesmos.

*

Distribuição de Auxílios por conta da verba N. 2-8.93.4, Item N. 489, do Orçamento de 1949

Associação Espírita—Americana, cr. $ 10.000 00; Sociedade Beneficente «Obreiros do Bem» — Araraquara, cr. $ . . 10.000.00; Centro Espírita «Padre Zabeu» —Assis, cr. $ 5.000.00; «Instituto Difusão Espírita» - Assis, cr. $ 5.000.00; «Templo Espírita» — Avanhandava, cr. $ 5.000.00: Centro Espírita «Caminho de Damasco» —Avaré, cr. $ 5.000.00; Associação Espírita de Barirí, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Calvário do Bem» — Bebedouro, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Caminho da Luz»—Botucatú, cr. $ 10 000.00; Centro Espírita «João Moreira» — Capivarí, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Caridade e Fé»—Jaboticabal, cr. $ 10.000.00; Associação Humanitária «Amor e Caridade» — Jacareí, cr. $ 5.000.00; Associação das Senhoras Espíritas «Alan Kardec» — Limeira, cr. $ 5.000.00; União Espírita de Lins «Deus Cristo e Caridade» — Lins, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Dr. Adolfo Bezerra de Menezes» — Lins. cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Francisco Xavier» — Mineiros do Tietê, cr. $ 10.000.00; Centro Espírita «Pai Jacob» — Mocóca, cr. $ . . 5.000 00; Associação «São Vicente de Paulo — Pinhal, cr. $ 5.000.00; Grupo Espírita «Luz e Verdade» — Piracicaba, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Dr. Bezerra de Menezes» — Porto Feliz, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Euripedes Barsanulfo» — Ribeirão Preto, cr. $ 10.000.00; Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense — Rio Claro, cr. $ 20.000.00; Sociedade de Estudo Espírita «João Batista» de São João da Bôa Vista, cr. $ 5.000.00; Associação de Beneficência Espírito Consolador — São José do Rio Preto, cr. $ . . . 10.000.00; Sociedade de Cultura Psíquica «Francisco Sodré» — Sorocaba, cr. $ . . . 5.000.00; Centro Espírita «Flamarion» — Sorocaba, cr. $ 5.000.00; União Municipal Espírita — Tupã, cr. $ 10.000.00; Casa da Criança — Caçapava, cr. $ 5.000.00; Centro Espírita «Fraternidade» — Jundiaí, cr. $ 5.000.00.

Sala das Sessões, 21 de Novembro de 1949.

(a) Castro Carvalho.

⁂

Livros Novos

Umbanda em Julgamento

O nosso prezado confrade Alfredo d'Alcantara, residente na Capital Federal, nos ofertou, com expressiva dedicatória, um exemplar de *«Umbanda em Julgamento»*, de sua autoria.

Trata-se de um livro realmente importante que, como uma dádiva dos céus, chegou em momento oportuno, justamente quando a Umbanda procura se difundir nos arraiais espíritas, procurando desviar, com as suas práticas esdrúxulas, os que buscam a Verdade no caminho da espíritualidade.

Apesar de pouco se ter escrito sôbre Umbanda, o autor conseguiu adquirir abundante material sôbre o assunto, de maneira que a leitura dêste esplêndido livro torna-se indispensável aos estudiosos, principalmente áqueles que ainda não conseguiram compreender a Doutrina Espírita tal como nô-la ensina Allan Kardec.

«Umbanda em Julgamento» demonstra com clareza que as práticas e ritos do culto de Umbanda nada têm a vêr com a Doutrina Espírita.

O livro, que contém 200 páginas aproximadamente, foi editado pela Gráfica «Mundo Espírita S. A.» Impressão nítida e tipo grande.

«Umbanda em Julgamento» é o livro do momento, razão por que temos a grande satisfação de recomendá-lo aos estudiosos, aos que se interessam pelos assuntos espiritistas.

Gratos pela oferta.

⁂

A Nova Era

Esta nossa brilhante colega, fundada por José Marques Garcia, que foi um dos mais legítimos trabalhadores da seára cristã, pelo seu espírito de filantropia e amor à Doutrina e ao próximo, completou vinte e dois anos de existência no dia 15 de Novembro último.

Seguindo o mesmo programa do seu fundador, «A Nova Era», que tem como Diretor o Dr. Tomaz Novelino, como redator o Dr. Agnelo Morato e como gerente Vicente Richinho, conquistou as simpatias dos espíritas em geral pela firmeza com que vem difundindo e defendendo a Doutrina.

A' distinta colega, o nosso abraço congratulatório, com os melhores votos de crescente progresso.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletaneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,		20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		40,00
	Semestre —	,, ,,		23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2512unse

O XXV—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Janeiro de 1950 — N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

30 de Janeiro	*Redação*
Aquí está o decantado livro . . .	*Pereira Guedes*
Entre dois mundos	*Arnaldo S. Thiago*
Trinta anos entre os mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
O Pacto Áureo	*Leopoldo Machado*
A Lição dos Factos	*Sousa Ribeiro*
Um confronto necessário	*Alfredo d'Alcantara*
O Espiritismo é	*J. B. Chagas*
Na Hora da Mala	*Manoel Quintão*
As Máximas de Sócrates	*Milton Taciano Fantucci*
Reino Espiritual	*Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Lázaro Redivivo
Luz Acima
Obreiros da Vida Eterna
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Voltei
Libertação
Agenda Cristã
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Paulo e Estevão
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1950 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

30 DE JANEIRO

FOI no dia 30 de Janeiro de 1938, que o fundador desta Revista, o nosso amado companheiro Cairbar Schutel, libertou-se dos liames terrenos de regresso à Pátria Espiritual, onde, como missionário de Deus, ocupou o lugar que lhe estava reservado na Milícia Celestial pelo seu trabalho perseverante e ativo em pról da difusão da Verdade a bem de seus semelhantes. Faz, portanto, doze anos que os espíritas viram abrir-se em suas fileiras um grande claro com o passamento de um dos mais dedicados companheiros de ideal, que tudo fez e tudo deu em favor da Doutrina, sem medir sacrifícios, num verdadeiro espírito de renúncia em que a própria saúde foi afastada de suas principais cogitações, temeroso de não cumprir até o fim a sua tarefa, a exemplo dos Apóstolos.

O seu trabalho na seára espírita não podia ser mais produtivo relativamente à propaganda. Fundou esta Revista e «O Clarim», lançou a lume onze obras entre livros e opúsculos, fez conferências radiofônicas e sempre que se lhe oferecesse oportunidade, realizava conferência nas cidades circunvizinhas, em obediência ao «Ide e pregai» do Mestre. E apesar de contar quasi setenta anos de idade, não fraquejou ao pêso do trabalho e parecia até que a potência do seu espírito dava ao seu corpo físico o vigor necessário ao cumprimento de sua elevada missão.

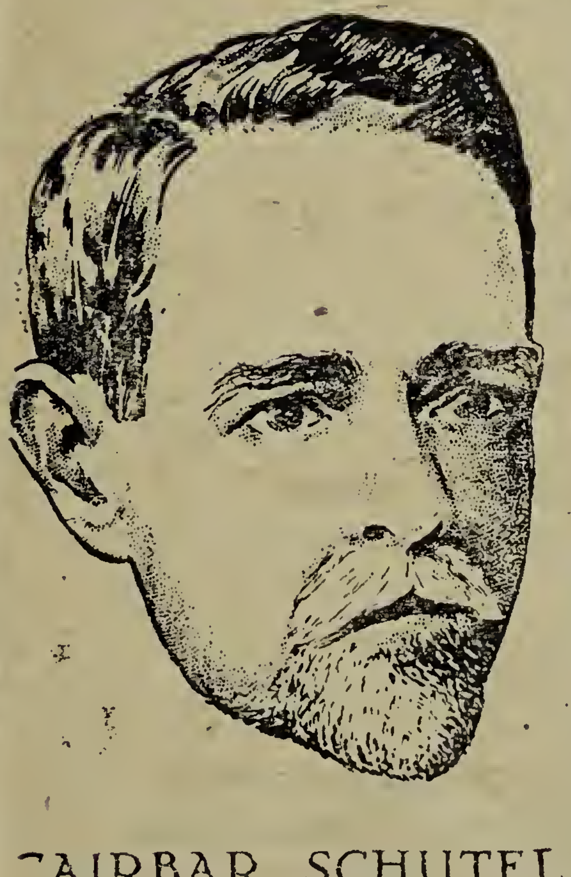
CAIRBAR SCHUTEL

Espírito varonil, comunicativo, afável para com todos, a sua palestra confortava sobremaneira. Todos sentiam-se tomados de um grande bem estar ante a sua presença.

Intransigente no cumprimento dos seus deveres cristãos, não dava a menor importância ás cousas do mundo. A Doutrina, para êle, estava acima de tudo. Certa vez nos disse: «Pela propaganda da Doutrina, se preciso fôr, venderei tudo o que possuír, até a minha casa e os meus trastes».

Nos dias que atravessamos, em que a ambição pelo dinheiro e as cousas terrenas parece dominar até os que se afirmam verdadeiros seguidores de Jesus, raros são aqueles que têm êsse gesto, de venderem tudo o que têm, até os próprios trastes, para herdarem a vida eterna, ou seja, o reino de Deus.

Ao registrar a passagem do 12 º aniversário do desincarne do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, solicitamos a Jesus que lhe proporcione ainda mais luzes, maiores probabilidades de progresso, muito embora saibamos que êste nosso pedido é inoportuno, de vez que a felicidade, a paz e o salário divino são dados na razão direta do merecimento de cada um.

Cairbar, amigo e companheiro: com a permissão de Jesus, dá-nos fôrças e ajuda-nos através da influência dos teus pensamentos no sentido de cumprirmos até o fim a tarefa que nos confiaste, e aceita, mais uma vez, as nossas homenagens, num gesto de amor e admiração

Aquí está o decantado Livro

Alfredo d'Alcântara, o velho e erudito confrade que há longos anos vem se dedicando ao estudo das religiões africanistas, oferecendo nos um exemplar do seu magnífico livro — UMBANDA EM JULGAMENTO — assim se expressou: «Aqui está o decantado livro. Vejo agora que o lancei quando já passara a minha época, razão por que êle está cheio de senões».

Vamos começar por discordar da opinião do ilustre autor. Cheio de senões?! Porque? Não atinamos com o motivo por que classificar desse modo tão bela quão esmerada obra.

O trabalho gráfico, com pequenos cochilos de revisão, está distinto e recomenda muito bem as oficinas e artistas da Gráfica Mundo Espírita que o confeccionaram. Bom papel, boa disposição dos capítulos e bem cuidada impressão, assim como a simplicidade e distinção da capa.

Decantado sim, pois, desde o dia em que os seus originais nos vieram ter ás mãos, proporcionando-nos o grande prazer de os ler, da primeira à última página, com satisfação redobrada, hà um ano mais ou menos, êsse livro tem sido para nós motivo da mais justa preocupação. Dêle, por várias vezes temos falado, em artigos e conferências de natureza doutrinária, aguardando a sua publicação com a máxima ansiedade, por considerá-lo necessário em meio a tanta confusão nos arraiais espíritistas do Brasil. Sim, porque, UMBANDA EM JULGAMENTO, é um livro para o Brasil, visto que só o Brasil poderia ter fornecido matéria para um trabalho dessa ordem.

Alfredo d'Alcântara, não quís, para julgar Umbanda, como o faz com tanta clareza e belo estílo, lançar mãos apenas dos seus próprios recursos intelectuais, descrevendo o que sabe e como sabe; perlustrando as páginas brilhantes de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edson Carneiro e outros valores intelectuais dedicados ao estudo de antropologia e folclore, alicerçou com pedra de ótima qualidade e argamassa de boa liga, as bases de sua esplendorosa construção.

Em primeiro lugar, argumenta, provando que a palavra umbanda é de origem africana, destruindo a vaidosa afirmativa de que ela procede do sânscrito, conforme constou de certa tese discutida em um congresso umbandista em 1941.

O atavismo justifica para o autor

de UMBANDA EM JULGAMENTO, a razão pela qual tanta gente culta frequenta as cerimônias de certas seitas, como acontece ao candomblé mais estilizado, que é Umbanda, hoje do agrado até de espíritas, isto é, de alguns espíritistas afoitos, que andam por aí a confundir Espiritismo com mediunismo, questão aliás muitissimo bem definida pelo ilustre julgador de Umbanda.

Julgador sim, pois, julgar não é condenar, é ao invés formar juizo, formar conceito de alguma cousa.

Alfredo d'Alcântara julgou, ajuizando bem o papel, não só do Espiritismo na evolução humana, separando o joio do trigo, como o de Umbanda, mostrando que o mediunismo umbandista nada tem de comum com a Doutrina kardecista. Julgou porque apreciou através dos tempos, arrimados em valiosas opiniões, em estudos insuspeitos, para concluir que Umbanda não é Espiritismo, parecendo-nos ter sido êsse o maior e melhor objetivo de seu livro — UMBANDA EM JULGAMENTO.

Que julguem também os seus leitores, aceitando ou recusando a tese do autor.

O «não julgueis para não serdes julgados», conforme Matheus, cap. VII, V. 1 e 2, não se aplica ao caso da apreciação de alguma coisa devidamente estudada, sôbre a qual se deva opinar. Quando Jesus recomendou que não julgassemos para não sermos julgados, estava em jôgo a sorte de uma infeliz mulher que, segundo a lei de Moisés, deveria ser apedrejada em praça pública.

Em se tratando de seita, principalmente de uma seita que invade a seára alheia, ou seja, que pretende se passar por uma coisa que realmente não o é, o julgamento pode e deve ser exercido pela autoridade competente. Alfredo d'Alcântara possui essa autoridade. Julgou e julgou bem: Umbanda não é Espiritismo.

Sôbre êsse assunto, ninguém disse mais e melhor, pois, d'Alcântara, por espaço de muitos anos, pisou com frequencia os terreiros umbandistas e é por isso que êle sabe o que diz.

Se arrastados pelo atavismo, muitos espíritas praticantes rolaram até os esdrúxulos rituais africanistas, ao som de excentricas fanfarras, essa influência, felizmente, não envolveu o autor dêsse estupendo livro que, tanto para os espíritas como e especialmente para os umbandistas, se recomenda.

Alfredo d'Alcântara, ainda moço, inteligente e forte de espírito; quando Umbanda era ainda quasi desconhecida, êle já se entregava ao estudo dessa modalidade folclórica, penetrando a fundo nos meandros da complicada seita afro-católica.

Transcrevendo de Kardec um pequeno trecho do livro dos Médiuns, acentuando que a exageração é sempre nociva, diz o julgador de Umbanda que, «nem todos podem, com facilidade, compreender o verdadeiro objetivo do Espiritismo, e esta situação leva muitos presidentes de Centros, almas simples e de pendores místicos, a desdobrarem suas atividades do campo doutrinário para os «terreiros» umbandistas, sob o falso pretexto de que estão praticando a caridade de modo mais positivo. Isto, porém, não é caridade, é confusão prejudicial ao progresso espiritual dos que são atingidos por tal orientação».

Por fim, atenuando em parte o seu juizo, acredita o autor na evolução de Umbanda até sua incorporação definitiva ao Espiritismo; protestando entretanto, contra a idéia esdrúxula que se levanta e toma vulto nos arraiais umbandistas: «a absorção do Espiritismo por Umbanda, que alí se apregoa ser mais forte pelo número de adeptos no plano terreno e pelas fôrças astrais que podem movimentar». (1) E, parecendo-nos intencionalmente voltado para o espírito de fraternal harmonia com a corrente umbandista, conclui o autor de UMBANDA EM JULGAMENTO, que, «o Espiritismo e a Linha Branca de Umbanda são dois setores diferentes do trabalho do Divino Mestre, ambos honrosos, mas não há como confundí-los. O primeiro, é como uma escola de curso secundário, onde se ministra a mais recente instrução do Alto aos homens da Terra, que tem base intelectual para compreendê-la e já se preocupam com o próprio progresso moral. A segunda é escola primária; luta-se aí pela satisfação dos anseios materiais dos homens, presas do egoísmo que não lhes permite ainda a compreensão nítida de Deus e sua obra. Todavia evolue também, como já demonstrámos e, na faina pelo bem, caminha, cada dia um pouco, ao encontro do primeiro, onde, afinal, será diluida. Esperemo-la de braços abertos, pois, é preciso que em breve, neste mundo, só haja um rebanho para um único pastor, o Cristo de Deus, tão nosso conhecido através o doce nome de Jesus».

---

(1) página 177.

Aquí, sómente nêste final, discordamos da opinião do autor de UMBANDA EM JULGAMENTO. O Espiritismo evangélico, científico e religioso, é uma doutrina universalista, cuja finalidade é a de conduzir o homem, em ascensão permanente, para a compreensão nítida de todos os problemas da vida do espírito, encarnado ou desencarnado, variando apenas quanto à natureza do corpo do Cristo, de carne humana para uns e de carne fluídica para outros; ou ainda quanto a reencarnação que alguns espíritas europeus não aceitam. Umbanda, ao contrário, não é uma doutrina, isto é, não apresenta qualquer das modalidades do Espiritismo, científica, filosófica e religiosa, porque Umbanda é simplesmente um ritual retrógrado, e por isso não podemos classificá-la como setor «diferente do trabalho do Divino Mestre», como, complacentemente admite o confrade d'Alcântara. Umbanda não foi, não é e não será jamais Espiritismo, porque, Umbanda é misticismo Afro-católico-brasileiro e nada mais. E, discordamos também da conclusão atenuada do autor (mas sómente nesta parte), em admitir Umbanda como alicerce do Espiritismo, dando-lhe a classificação de escola primária. Quanto ao mais, o livro de Alfredo d'Alcântara merece ser lido, não só por espíritas, mas também por todos quantos se interessem por estudos dessa natureza e, de preferência o folclóre brasileiro.

Pereira Guedes.

Entre Dois Mundos

A preferência do pùblico espírita pelas obras de cunho realístico-descritivo, provindas, por via mediúnica, de irmãos desencarnados, patenteia a época de transição em que vivemos: transição de um estado mental de nível perfeitamente adaptado ás idéias materialistas que se implantaram no mundo, graças principalmente aos efeitos perturbadores das últimas guerras totais sofridas pela humanidade, áquele estado mental que caracterizava os primeiros conversos ao Espiritismo e que oferecia tanta analogia com o dos primeiros cristãos, cuja fé inabalável constituiu a pedra angular sôbre a qual pôde erigir-se a Igreja do Cristo. Assim, a mais recente e a mais apreciada literatura de além-túmulo, é aquela que, descrevendo os factos verificados no umbral, isto é, nas camadas fluídicas mais próximas da Terra, *onde ainda se vive como se tivessemos corpos e bem materiais*, pode melhor ser compreendida por esta geração que, no contundente dizer de Isaias, «chega-se para o Senhor, com a bôca, e com os lábios o procura honrar, porém o seu coração afugenta para longe o Senhor, a Quem teme sómente em mandamentos de homens, em que foi instruida». IS. XXIX—13).

No mundo espiritual, plano augusto de altas vibrações fluídicas (mundo espiritual, entenda-se e não êsse de desencarnados que sómente podem conhecer-se mediante vibrações análogas ás da carne), as cousas passam-se muito diferentemente do que nos vem descrito nas obras realístico-descritivas, tão do agrado de uma grande maioria de homens que assim se expressam: «Vamos continuar a desfrutar do melhor modo possível, os bens cá de baixo, porque os lá de cima ainda não sabemos bem como sejam». Oh! geração incrédula e perversa!

Objetiva a literatura em apreço, isto sim, chamar a atenção de todos os homens, e especialmente dos espíritas, para os exatos valôres espirituais que se não confinam ás formas e aos efeitos, nem a certas preocupações demasiado personalistas, que nos solicitam constantemente os esfôrços no plano em que nos encontramos. Quem tiver «olhos de ver» há de descobrir certamente nessas caridosas informações de ultra-tumba o salutar aviso do que nos espera, ao desencarnar, se continuarmos a adotar os processos de uma vida de relação em que predominam as tendências mundanas, para modificação das quais exatamente o divino Mestre fez o ingente sacrifício de descer ao nosso planeta expiatório.

Jamais poderemos, entretanto, dispôr de tais olhos, aptos a vêr as cousas do Espírito, se continuarmos a pensar segundo as injunções de um ambiente eivado de velhos e rígidos preconceitos de uma moral social apenas de aparência, que contrasta de modo tão flagrante com a moral militante e viva das consciências esclarecidas pela celeste luz do Evangelho.

Não podemos fugir à evidência da fundamental religiosidade do Espiritismo: pensar e proceder de outro modo é permanecer no quadro das atuações de baixo nível, por efeito das quais assiste a humanidade a luta entre duas fôrças que a solicitam constantemente: DEUS e MAMON.

A atuação do espírita há de ser, portanto, cem por cento orientada no sentido do desapêgo ás miragens e aos fogos fátuos das investiduras mundanas, dos artifícios mundanos, de tudo aquilo que nos deslumbra os sentidos, mas que não nos fala profunda e nobremente ao coração.

O domínio do conhecimento científico prepara-nos para o melhor discernimento filosófico, pois o ignorante não sabe raciocinar com lógica; mas sómente a *atuação* moral, a intensidade das fôrças religiosas poderão trazer à humanidade o bem maior, a que aspiram todos os homens de consciência enobrecida pelas influências superiores que promanam do Evangelho.

Qualquer desvio desses rumos, para os espíritas, é de efeitos perniciosissimos. O alarde de estimativas pessoais, com a preocupação de normas orientadoras, sómente póde trazer desvirtuamentos perigosos da Doutrina, para fazer-nos recaír nos velhos métodos da egolatria, que tão fundamente abismaram a religião nos vórtices da megalomania e da prepotência.

O aviso do mestrado divino é bastante clarividente, para que o destituamos de seu intrìnseco valor, com o pretender transferí-lo para outras exigências de mais autoridade que se possa conceder à evolução das idéias. Devemos saber que estas sempre se movem dentro do pensamento superior de Jesus e segundo a administração da verdade que êle conceitua proporcional ás capacidades de entendimento humano: donde inferir-se que o Evangelho está sempre muito acima de todas as exigências de atuação moral dos homens. «A ninguém chameis Mestre, porque um só é o vosso Mestre, a saber — o Cristo».

Adquirir o máximo de conhecimento científico que nos seja possível; alargar constantemente o horisonte de nossa penetração filosófica, para que o influxo religioso de nossa parte, na sociedade em que vivemos, seja profícuo—eis a regra a que todo bom espírita deve obedecer.

Fóra dêsse procedimento, sómente confusão encontraremos; confusão de que resultam atentados à dignidade de trabalhadores honestos, desprêzo de valores, incoerência de procedimento, com o fazermos aos nossos irmãos o que não desejariamos que nos fizessem.

Que a literatura mediúnica realístico-descritiva, tão abundante nos dias que correm, nos sirva de bússola nos mares tormentosos que vamos singrando...

Arnaldo S. Thiago.

Rio de Janeiro, Outubro de 1949.

Os homens sempre se empenharam a fundo pela conquista dos bens temporais, mas chegou o tempo em que eles começam a compreender que a felicidade só a encontrarão nos bens espirituais, que são eternos. E essa compreensão não lhes é dada pelas religiões humanas, mas pelo Espiritismo, que esclarece consciências obscurecidas pelos dogmas de toda a espécie e conforta as criaturas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena. Portanto aumentai os vossos esforços na seára.

— *CAIRBAR.*

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

O caso da Sra. G. que, por muitos anos, sofreu de intensa e esquisita dor na espinha, é um tipo incomum de invalidez psíquica devido à influência espiritual, caso que zombou da habilidade de todos os médicos.

Após estar a Sra. G. já há algum tempo sob os nossos cuidados, conseguimos afastar e fazer incorporar na Sra. Wickland o espírito de um homem que desincarnara com a espinha e o pescoço quebrados.

Os espíritos guias explicaram que êle havia penetrado na aura da paciente quando ela era ainda criança e tinha influido no seu sistema nervoso, transferindo, assim, à sua vítima, a condição física com a qual falecera e da qual pensava ainda estar sofrendo.

Com o afastamento do espírito, a enfêrma ficou curada e não mais sofreu de dôr nas costas.

Sessão de 4 de julho de 1923.

Espírito: James Hoxen—Paciente: Sra. G.

Médium: Sra. Wickland

A entidade comunicante parecia sofrer de paralisia, apresentando-se com a cabeça virada para um dos ômbros. A princípio incapaz de falar, apontou para o pescoço e gemeu continuamente como se sob o domínio de uma grande dôr.

Com tais indicações, o Sr. e a Sra. G., que estavam presentes, se mostraram grandemente interessados.

Méd. — Abandonai, meu amigo, os hábitos da vida terrena, esquecei-vos das vossas dores. (Sacudindo-lhe as mãos e os braços). Vêde, vossos braços não estão duros agora. Podeis estendê-los: não sois paralítico. Vamos auxiliar-vos. Compreendei que já perdestes o vosso corpo material. Sois agora espírito e não deveis errar pela terra fazendo mal aos vossos semelhantes. Falai, dizei-nos quem sois. De onde viestes?

Esp. — Oh! (Fazendo grande esfôrço para alcançar a Sra. G. e estendendo-lhe as mãos em atitude de súplica).

Sra. G.—Não, não podeis ficar aquí! Não quero saber de vos!

Esp. — Oh! (Começando a gemer e fazendo outro esfôrço para alcançar a Sra. G)

Méd. — Não podeis mais proceder assim. Deveis ouvir o conselho dos espíritos que querem auxiliar-vos. Só podeis ser feliz se abandonardes vossa presente condição. Espíritos amigos vos levarão para o mundo espiritual. Gemidos e gritos não resolvem nada.

Sra. G — O senhor que vos está falando é médico e êle vos ajudará.

Méd. — Procurai falar.

Esp. — Não quero mais aquêle fogo. (Tratamento elétrico aplicado à enfêrma).

Méd. — Se continuardes aquí, tereis mais daquêle fogo.

Esp. — Não, não quero mais (Debatendo-se). Oh, que fogo!

Méd. — Ouví-me. Algo deve ter-vos acontecido há tempos. Podeis lembrar-vos do que sucedeu?

Sra. G. — Respondei ao médico.

Méd. — Compreendei vossa situação. Provavelmente morrestes há muito tempo.

Esp. — Oh! minhas costas, minhas costas!

Méd. — Que aconteceu com as vossas costas?

Esp. — Estão partidas.

Méd. — Que vos aconteceu?

Esp. — Caí de um cavalo.

Méd. — Onde vivieis?

Esp. — Não sei dizer agora. Pensei que estivesse morrendo, mas vi que tal não aconteceu. Minhas costas bem como minha cabeça e meu pescoço foram feitos em pedaços. Minha cabeça foi arrancada do tronco (A paciente sofria continuamente a sensação de lhe estar a cabeça sendo deslocada da espinha dorsal).

Méd. — Quando se deu o acidente?

Esp. — Não sei. A pancada foi aquí. (lado esquerdo do pescoço)

Méd. — Esquecei-vos do que aconteceu; não deveis mais sentir tal sensação. Este corpo, que estais usando, não tem nada. Sabeis que sois invisível a nós?

Esp. — Não quero saber daquele fogo. Fez doer muito meu pescoço.

Méd. — Êle foi necessário para afastar-vos, porque influenciaveis aquela senhora e lhe causava incômodos.

Esp. — Ai meu pescoço, minha cabeça. Doem tanto que não posso aguentar mais.

Méd. — Há quanto tempo que estais assim?

Esp. — Há muitos anos, sim, há muito tempo.

Sra. G. — Ereis crescido ou pequeno quando caistes do cavalo? Sois rapaz ou moça?

Esp — Sou rapaz. Quebrei meu pescoço há muito tempo, mas êle dói ainda.

Sra. G. — Onde aconteceu isso? Foi na California?

Esp. — Não, longe, muito mais longe. Não me lembro onde.

Méd. — Pensai novamente e vossa memória voltará.

Sra. G.—Foi no Illinois ou no Iowa?

Esp. — Peço-vos esperar um pouco. Minha cabeça doi tanto, e meu pescoço também. Meu pescoço está partido e minha cabeça foi arrancada da espinha.

Sra. G. — Não tendes mais cabeça, nem corpo físico.

Esp — Mas aquele fogo foi bem encima dela!

Sra G. — Foi bom para vós.

Esp. — Mas foi fogo, fogo.

O Pacto Áureo

Leopoldo Machado

Julgamos assim, o Pacto que fôra assinado, a 5 de Outubro—data que ficará na História do Espiritismo no Brasil como o da Santa Aliança Espirítica! — na Federação Espírita, entre seus ilustres diretores e a comissão promotora do alto serviço de Unificação Espírita, apoiada por muitos confrades de bôa vontade e clarissimo discernimento, entre os quais pedimos venia para colocar nosso nome.

E o fazemos, gratissimo aos irmãos invisíveis que, certamente, quiseram nos proporcionar a grande satisfação, arrastando-nos a ela!

Estamos à vontade para dizê-lo, que nenhum espírita, nesses últimos dias, mais separados de muitos confrades com assento marcante na memorável assembléia do que nós. Separados, apenas, por simples pontos-de-vista contrariados, que somos dos que não compreendem ódios e rancores, propósitos sistemáticos e oposição irremovível no coração de espíritas sinceros.

E tudo isso aquí vai como prova de nossa confiança e nosso desejo de cooperar, dentro da fraqueza de nossas fôrças, para que o *Pacto Áureo* seja uma realidade positivissima, grandiosa.

Porque o dizemos?

E' que não compreendemos que, depois de tantos ânceios purissimos e trabalhos porfiados, possa haver confrade esclarecido e de bôa vontade que, por êsse ou aquêle motivo, desconfia da realidade do Pacto, nega-se a colaborar para tanto e espera, até, seu fracasso, para bater ao ombro dos confiados e crédulos de mais, entre os quais, já fomos apontado.

— E' cêdo para julgá-lo. Veremos mais tarde quem baterá no ombro um do outro, — ouviramos de ilustre confrade, como uma repetição, mais ou menos, de que, antes dêle, dois nos haviam dito.

Argumentamos, assim, com os três:

— Eu, de mim, antes prefiro amargar uma decepção a mais, caso se registre o fracasso para qual não quero contribuir nem por pensamento, do que de torcer e desejar — que o pensamento e o desejo feito vontade são fôrças respeitáveis! — pela vitória em contrário.

Com efeito, assim será.

Assim, caso algum confrade nos bata, futuramente, ao ombro, vangloriado por nossa derrota, menos do que a derrota nossa que lhe deu vitória, do que sua vitória, e êle mesmo, terá a nossa piedade e nossa prece. E' que poderemos pensar se não teria sido êle, como tantos de igual compreensão e apaixonamento que, vibrando e desejando o fracasso, não o forçará, em vista das fôrças do mal, em nosso *grão de areia astronômico*, ainda encontram, dado seu atraso enorme, campo mais propício do que as fôrças do bem.

—Não, irmãos e amigos de bôa vontade: vamos colocar de lado nossos pontos de vista, por mais alto que palpitem, que «ninguém na Terra póde estar certo de que possúe toda a verdade!» Vamos ceder um pouco, de parte a parte, renunciando cada qual o que poder renunciar, todos com o pensamento no Cristo e desejosos de que se apague de uma vez a única sombra, para nós, que empana o Espiritismo na única terra em que existe de facto espiritismo: a desunião, embora aparente, reinante no meio espírita!

Estamos à vontade para o apêlo, que ninguém, de um lado e de outro, mais impulsivo e menos inquieto nas fileiras espiríticas. Inquietação e impulsividade de quem, de anos a esta parte, aceitou e vem vivendo a legenda: *Primeiro o Espiritismo*...

A Lição dos Factos

As leis da Natureza devem ser estudadas dentro da própria Natureza. Ela nos apresenta sempre os factos, que são coisas brutais na sua evidência, comprovantes de todas as leis.

Forjadas nas oficinas da vaidade e do orgulho, aí estão milhares de teorias contraditórias, que se chocam contra a realidade dos factos, muitas vezes, claros, evidentes. Os homens não gostam da luz, preferem as trevas, como não gostam do bem e preferem o mal. Têm sempre a tendência para snbstituir a verdade pela mentira. Dão-se melhor com esta de que com aquela. Vibram mais ódio do qúe amor, mais discórdia que concórdia, motivo pelo qual ainda constitúe um sonho a harmonia entre as nações. Se tem havido progresso no terreno material, não o tem havido na mesma intensidade no campo espiritual. Os homens arregalam os olhos para as coisas da Terra, e até demasiadamente, mas fecham-nos para as coisas dos céus. Têm mêdo, quasi que pavor de levantar ligeiramente o véu que separa o nosso mundo do Outro Mundo... Procuram repelir tudo que nos chega do Lado de Lá, na tola pretensão de extinguir o Outro Mundo... Imbuídos de idéias falsas, bebidas nas escolas e nas religiões de seus pais, querem a todo custo que estas idéias se conservem de pé, que elas aniquilem os factos naturais que as aniquilam! Demasiada tolice! Não podendo mais negar os factos que contradizem as idéias dominantes, factos que pululam em toda parte, criam hipóteses e mais hipóteses, as mais absurdas, como se dar a mão à palmatória diante da evidência de um êrro concebido fôsse alguma indignidade! Se os factos são factos, se eles representam efeitos de causas preexistentes, se representam verdades, leis da Natureza, tolos e muito tolos são aqueles que os pretendem negar, aqueles que temem enfrentá-los, ou que, para se sustentarem nas concepções errôneas em que vivem, que estão de acôrdo com o tradicionalismo supersticioso, vaidoso e orgulhoso, pretendem dar para eles falsas explicações... Os factos que comprovam uma verdade, uma lei da Natureza, jamais deixarão de ser o que são, de representar o que realmente representam, para serem ou representarem o que os homens desejam... Melhor fôra que ninguém tivesse medo da verdade, estivesse ela onde estivesse, viesse de onde viesse. Como todo edifício sem alicerces, toda teoria falsa ruirá por terra, mais cedo ou mais tarde.

Suscitam-me no momento estas afirmativas, Gladys Le Bas, Giannella de Marco, ambas de cinco anos de idade. Caio Luiz Vergueiro, pianista que conta com apenas oito anos e José Mauro, de três anos, residente em Niterói, o qual, segundo o noticiário dos jornais do Rio, está se manifestando um verdadeiro gênio musical.

Uma chusma de gênios musicais de crianças prodigios surge no momento para despertar a atenção dos homens para o estudo de duas grandiosas leis da Natureza, negadas pelo tradicionalismo e pelos preconceitos humanos — *a lei da* *reencarnação e a lei da comunicabilidade dos espíritos.*

Gladys Le Bas, verdadeiramente prodigiosa, sem saber música, tocou no nosso Teatro, mas a sua professora pretendendo empanar uma verdade e dar expansão à própria vaidade, negou-lhe todos os méritos, declarando ser ela uma criança comum, como as demais crianças. O milagre estava no seu método de ensino! Deveria ter apresentado ao público, tocando, as outras suas alunas...

Gianela de Marco, no Rio e em S. Paulo, com cinco anos, sem saber música, no Teatro Municipal, com a batuta na mão, rege orquestras, surpreendendo os críticos que se manifestaram pela imprensa verdadeiramente admirados, tais como: Souza Lima, Spartaco Rossi, Italo Izzo e outros.

Gianella, com a batuta na mão, não faz um movimento de dissonância. Rege a orquestra como um velho maestro bem treinado! E' a lembrança, apenas a lembrança do que foi apreendido em vida anterior, que vem à tona, causando em todos a sensação de um profundo mistério.

— No momento, na Rádio Tupí, o menino Caio Luiz, de oito anos, interpreta mùsica clássicas diversas.

— José Mauro, o pirralho de Niterói, que também já toca músicas clássicas em festas, declara que vê espìritos e que ouve vozes do além.

Como os tempos são chegados e o materialismo campeia insolentemente em toda parte, o Além está mesmo fazendo questão fechada de se manifestar ~~no~~ nosso Aquém, neste nosso vale de lágrimas, neste mundo de cáos.

Para suscitar a méditação em muita gente, vamos transcrever aquí, do «O Estado de S. Paulo», de 11-11-49, o seguinte telegrama:

«PINTOU TREZE QUADROS EM DUAS HORAS» — ROMA, 10 (AFP) — O cidadão italiano Natale Carane, de Varese, nunca teve um pincel entre os dedos. Isso, contudo, não impediu que, há alguns dias, pintasse treze quadros, no espaço de duas horas.

Trata-se, como se vê, de um autêntico recorde. Mas, o que é ainda mais notável é que esse pintor improvizado não possuia sequer a mais elementar noção de desenho.

Convem ainda assinalar que Natale Carane realizou essa proeza quando se encontrava em transe, pois é um «médium» bem conhecido em Varese, onde seus treze quadros causam atualmente sensação.

Uma de suas obras representa a catástrofe aérea de Superge, onde, como se sabe, os jogadores de futebol do Torino encontraram a morte recentemente. E' claro que Natale Carane não assistiu a essa cotástrofe».

Maravilhas do Além! Os homens mandam aquí, mas do Lado de Lá são os do Lado de Lá...

SOUSA RIBEIRO.

De «O Correio Popular» de Campinas, de 14-12-949.

A CURIOSIDADE NOS ANIMAIS

Esta faculdade é muito desenvolvida, mesmo nas espécies menos inteligentes, quais os peixes, os lagartos, as calhandras. Ela cresce de ponto nos patos selvagens, nos cabritos montezes, nas vacas.

Superabunda, irresistível nos macacos, indiciando já uma característica da curiosidade humana, ou seja, o desejo de compreender, de penetrar o sentido das coisas. O macaco possúe a faculdade do «exame atento».

O macaco, como bem advertiu M. H. Fol, sabe de facto, absorver-se completamente no exame de um objeto, passando horas a fio para compreender um mecanismo e chegando, mesmo, a esquecer o alimento e tudo que o rodeia.

Ora, observa Romanes — quando um macaco assim procede, não ha que admirar seja o homem um científico. Essa faculdade de exame atento, tem, evidentemente, como base primária a curiosidade, mas já de muito lhe sobreleva: — é uma das mais altas expressões da inteligência, a que visa o próprio aperfeiçoamento.

(Do livro «A Evolução Anímica», de Gabriel Delanne).

Um Confronto Necessário

O Espiritismo no Brasil, parecendo o mais firme, pelo número de adeptos que ostenta e pelo barulho que faz nas suas lides de caráter social, é, todavia, o menos sólido e consistente, em confronto com o que se vê, a respeito, no resto do continente americano.

Não adianta arregalarem os olhos, espantados, aquêles que nos leem. Nós buscamos a verdade e, embora seja ela cruél como uma espada núa, na frase lapidar de Guerra Junqueiro, havemos de proclamá-la, sem rebuços, para que ela indique os rumos certos aos espíritas brasileiros.

As multidões que são tidas como espíritas, nas terras de Santa Cruz, quase que podem ser divididas em duas únicas porções: uma que se compõe de escravos da fé cega e irrefletida; a outra, dos que pretendem auferir, da crença nova, qualquer vantagem de ordem material.

De um lado vemos proliferar as tendas pseudo espíritas, de cunho africanista ou indiano, quando não formam «cocktail» de ambos, de portas escancaradas, a acenar para as criaturas aflitas e incautas que são milhões, com a possibilidade de lhes resolver todos os problemas da vida; de outro, muitos Centros, rotulados de kardecistas, mas alheiados de quaisquer preocupações filosóficas, a espalharem aos quatro ventos, uma doutrina exdrúxula, amálgama de muitas outras, de vez que a do Cristo é interpretada como apraz a cada um dos que se arrogam a função de pregadores, e o fazem, valha-nos Deus, quase sempre em conflito com os ensinamentos da Codificação Kardeciana.

A exagerada religiosidade que ao Espiritismo, em nossa Terra, imprimiram os seus pioneiros, encaminhou-o para o sincretismo com a religião dominante; a mal compreendida tolerância dos seus seguidores leva-o ao cáos, em cuja borda se encontra. Uma Doutrina que é a expressão perfeita do Espírito de Verdade, prometido por Jesus; que veio talhada para corrigir a nossa formação ultra-mística, resultante de um demorado mergulho nas caldeiras clericais, foi transformada em campo propício à proliferação das nosssas velhas fantasias. Eis porque, aliando ao nosso estado dalma doentio a escassez de cultura intelectual, rolamos com ela para o sincronismo absurdo com ritos bárbaros, na ânsia de ir além do suborno aos santos, por meio de promessas, afim de obtermos favores extra-normais, sem que alguém opuzesse qualquer obstáculo a essa quéda suicida. Agora sim, já é possível estabelecer intercâmbio de interêsses, direto e pessoal, com o próprio «demônio», que no caso é Exú, para conseguirmos plena satisfação das nossas ambições insensatas.

Isto não é o verdadeiro Espiritismo, bem o sabemos, mas tais práticas são inexplicavelmente toleradas e, quiçá, acoroçoadas, por certos líderes da Doutrina, quando, por sua vez, rotulam seus Centros com nomes de santos católicos e dependuram, nas paredes das salas destinadas ás sessões, imagens desses santos, chegando, não raramente, a completarem êsse estranho modo de servirem à Terceira Revelação, fazendo baixar ostensivamente falanges de caboclos e africanos, para empregá-los nas chamadas visitas de limpeza psíquica, em domicílios dos assistentes.

Nas demais nações americanas o Espiritismo é encarado de modo muito mais sério, muitissimo mais elevado. Não se diviniza Jesus, o Cristo, é certo; ninguém imagina para êle um corpo fluídico de natureza especial, aberrando dos ensinos da Revelação, numa explosão de lisonja incontida; mas, também, não há por alí quem ouse rebaixá-lo à condição de um Oxalá, chefe de bandos de Espíritos inferiores, a baixar nos «terreiros» para praticar uma sórdida magia, tão do agrado dos brasileiros.

Jesus, para os nossos irmãos do resto do continente é simplesmente o Cristo, isto é, um Espírito igual a qualquer de nós, apenas, criado muitissimo antes de nós, e, por isso, já tendo alcançado a meta das perfeições, que o levaram à mais alcandorada posição hierárquica nas regiões siderais, foi-lhe cometida a missão de governar o planeta Terra, êste cadinho ardente onde estamos a purificar nossas almas, como acontece aos metais preciosos que precisam libertar-se dos cascalhos aderentes.

Com o Espiritismo eles não têm preocupações místicas; estudam-no na sua feição puramente filosófica, onde é possível encontrar diretrizes certas para o aperfeiçoamento moral humano, escôpo divino. Encaram a Terceira Revelação como uma instrução, a mais recente e a mais completa, dada pelo Cristo, que, para isso, aproveitou as nossas conquistas no terreno da Lógica e da Ciência, mas, a rigor, não passa ela de simples explicação da Doutrina Cristã, que por sua vez consubstancia os ensinamentos de todas as outras, pregadas desde os primórdios da civilização, pelos grandes instrutores da humanidade, mandatários do Cristo.

O século em que vivemos, com a sua luminosidade irradiante, já não comporta as fantasias místicas que alimentaram as almas a tatearem nas trevas da ignorância. Todavia, ainda se vê, para tristeza dêstes brasís, grandes organizações espíritas, incumbidas de orientarem as massas na direção do progresso moral, combinarem entre si a troca do Evangelho Segundo o Espiritismo, uma das peças mais necessárias ao mecanismo da Codificação, por um livro de Humberto de Campos, o Conselheiro XX, que apenas ensaia seus primeiros passos na espiritualidade. E isto para manter, a todo transe, uma opinião pessoal, puramente humana.

Nem por ter custado tal preço, devemos lamentar a bandeira branca que se desfraldou, em 5 de outubro, nos arraiais antagônicos do Espiritismo. Não nos recomendou o Mestre que se alguém nos quisesse arrebatar a capa, entregassemos também a túnica, para não entrarmos em conflito com o nosso irmão? Aguardemos o triunfo da verdade, que há de vir, de cima para baixo, intemerata e fecundante, como os raios do Sól.

Alfredo d'Alcantara.

O Espiritismo é...

A — Religião sem Culto

Quando se tratou no Brasil da reforma do Código Penal, um dos principais argumentos apresentados para entravar a marcha da doutrína espírita, foi o de que não possuindo o Espiritismo «culto organizado», não podia invocar em seu favor os favôres da lei, como Religião, achando-se, portanto, fóra das garantias constitucionais capituladas no artigo 72.° da Constituição de 91, e que a Constituição de 10 de novembro de 937, manteve.

Estabelecida essa preliminar, aduziu-se que cercear a liberdade das reuniões espìritas, não era contrariar *a liberdade de cultos!* .. , sob o fundamento, já referido acima, de que o Espiritismo não era uma Religião organizada...

Os legisladores do Còdigo Penal procuraram, por todos os meios e modos, entravar a prática espirita, sobretudo a aplicação do *passe espírita*, e apesar da liberdade de cultos preceituada pela Constituição, muitos centros, que são os nossos templos, foram varejados pela policia, ficando essa prática á mercê da complascência das autoridades policiais. Procurou-se excluir a prática espìrita da liberdade religiosa, sob a alegação de que, também, o *passe* não é parte integrante do culto, quando êle, na realidade, é, de facto um ato de fé. Procurou-se, ainda, confundir o *passe espírita* com o *passe magnético*, quando é flagrante a diferença entre ambos. No primeiro, há apenas fluídos magnéticos extraídos do organismo do agente e que são transmitidos ao paciente—é puramente humano; o outro requer ambientação, silêncio e recolhimento, portanto, e, sobretudo, fé do paciente, com o indispensável concurso dos espìritos.

Todavia, os legisladores do Còdigo, de espírito preconcebido, procuraram separar da questão o aspecto da crença, para fazer valer a sanção contra o Espiritismo, em flagrante contraste com a letra da Constituição.

Havia, portanto, uma obstinada tendência para considerar o Espiritismo uma *simples* ciência, e assim considerá-lo fóra do amparo concedido na Carta Magna aos «cultos religiosos», não podendo, pois, por essa razão, ser invocada a proteção constitucional !

Invalidada que fosse, por ventura, a preliminar defendida pelos espíritas, a regalia ou direito á «liberdade de cultos», preceituada pela Constituição, não teria, no caso em jogo, cabimento, por não ser o Espiritismo uma «confissão religiosa»...

Apoiados em tais argumentos, pretendiam fechar definitivamente os Centros Espíritas, sem que houvesse qualquer atentado á «líberdade de cultos...»

Venceu, por fim, o critério da Razão, continuando os Centros, amparados na perseverança e bôa vontade de alguns, a prestar os seus inestimáveis serviços.

* * *

Há os que negam os postulados religiosos do Espiritismo baseando os seus argumentos nas próprias afirmações de *Allan Kardec*, porque, por vezes, o Codificador, ora o classificava como Religião, ora como Ciência, quando ocorria se referir a qualquer dos assuntos aos mesmos aspectos correlatos. (V. *Livro dos Médiuns* e *Livro dos Espíritos)*

Todavia, em várias ocasiões, nas suas obras, êle tivéra oportunidade de procurar estabelecer o verdadeiro paralelo entre um e outro, como veremos nestes maravilhosos trêchos :

— «A Ciência e a Religião são os dois instrumentos da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral ; mas como ambas *têm o mesmo princípio, que é Deus*, não se podem contradizer. Se uma fosse a negação da outra, necessariamente que uma estaria fóra da razão e a outra com ela. A incompatibilidade que se supôs entre essas duas ordens de leis proveiu da falta de observação de cada uma das partes. Daí o conflito que gerou a incredulidade e a ignorância.» *(Evangelho S/ O Espiritismo)* — Cap. I, n. 8).

Mesmo porque, prossegue o Codificador, «se a Religião está nalgumas das suas partes em contradição com a ciência, a culpa não é da ciência, que não pode negar o que existe, mas dos homens, por terem prematuramente fundamentado dogmas absolutos, fazendo deles questão de vida ou de morte, sôbre hipóteses suscetiveis de ser desmentidas pela experiência». *(Genesis)* — Cap. IV, n. 98). Considerando mais que «a missão da ciência é descobrir as leis da natureza e como essas são obras de Deus, não podem ser contrárias às religiões fundadas sôbre a verdade». (Ob. cit. n. 9). Por isso, o «homem foi impotente para resolver o problema da Creação até o momento em que a ciência lhe forneceu a necessária senha». (Idem n. 3).

Mas, segundo o conceito materialista, «as ciências assentam nas propriedades da matéria e do que póde experimentar e manipular livremente. Os fenômenos espíritas, porém, repousam na ação das inteligências dotadas de vontade própria, e que provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. A ciência propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo. Querer submetê-lo aos processos ordinários de investigação é estabelecer analogias que não existem. (V. Introdução — *Livro dos Espíritos)*

Afirmou, ainda, o grande Mestre de Lion, que a nova doutrina revelada pelos espíritos, «exclusivamente apoiada em leis naturais, não poderia ser mais variável que essas leis, mas que se uma nova lei fôsse descoberta, ela, a doutrina, deveria modificar-se para harmonizar-se; que não deveria jamais fechar a porta a qualquer progresso, sob pena de suicidar-se ; que assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem, física ou metafísica, ela nunca seria posta à margem, sendo esta uma das principais garantias de sua perpetuidade». *(OBRAS PÓSTUMAS* — pag. 340).

As igrejas, não há negar, apesar das suas práticas antiquadas, e do seu espírito retrógrado, ainda hoje agrupam em torno de si muitas almas simplórias, todavia, elas são impotentes para dar uma definição precisa quanto ao destino humano, fazendo, antes, a humanidade mergulhar no materialismo e na indiferença religiosa.

Assim, ao Consolador prometido pelo Cristo, competia dizer a última palavra nêsse palpitante assunto.

E contra essa evidência, falhos ou baldádos, serão todos os golpes e astúcias dos inimigos da luz.

(Continua).

Na Hora da Mala

B. D. (São Paulo) — Com sua cartinha de 26 de Novembro p.p., muito lhe agradeço a atenção, e venho respondê-la, não, prevejo, como desejaria obtê-la, mas, de acôrdo com a minha consciência de espiritista cristão, e com os conhecimentos que tenho da doutrina. Nesta, de facto, nada encontro que autorize sua pretenção. Nenhum médium, cônscio de suas responsabilidades, se arriscaria a resolver um tal problema, por não incidir naquela sentença evangélica dos *cegos condutores de cegos, destinados ao barranco.* O que a Doutrina prescreve e a razão sanciona, é que cada qual deverá resolver suas dúvidas com os meios que a Providência a todos faculta, sem transgredir a lei do *Livre arbítrio* e fugir à própria responsabilidade. Que, de outro modo, a criatura humana não passaria de simples autômato, a mercê de todos os remoinhos, no maelstrom das paixões temporais. Não se infira daí, porém, que devamos subestimar o socorro espiritual dos bons espíritos, maximé, do nosso Guia, por Deus preposto à consumação dos nossos destinos. Mas, para vingar êsse escopo com relativo êxito e segurança, há que o fazermos na intimidade do ego, com os recursos que ensejam, em espírito e verdade, *o jejum e a oração.*

* * *

E, pois que o seu caso é o da escolha, entre duas candidatas, daquela que deva constituir o seu lar, nós não duvidamos que encontre um, dez ou cem médiuns, ou pretensos médiuns, dispostos a atendê-lo... E talvez conviesse mesmo experimentar, para certificar-se da incongruência e variedade de opiniões, Mas, ainda que assim não fôra, perguntamos: qual a garantia do recurso, quando sabemos que, de absoluto, uma só coisa no universo existe? — Deus.

* * *

O que por fim nos permitimos aconselhar, é que estude a sério e medite a fundo a fundo o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, e os Evangelhos de J. B Roustaing, no concernente à constituição da família, a escolha das provas e o exercício do livre arbítrio. E releve-me de bom grado, igualmente, a extensão e o tom algo sentencioso destas linhas, tendo em conta o seu alvo a outros muitos irmãos enliçados nas mesmas malhas.

E creia-me cordialmente seu

Irmão em Cristo.

Casal A. M. (Espírito Santo). Paz e bom ânimo espiritual, em nome do Divino Mestre e Senhor. De posse de sua carta de 18 do p.p. sinto que meu precário estado de saúde e míngua de tempo não permita maior desenvolvimento à tese de sua consulta. Resumindo-a, apenas direi que não há motivo para maiores preocupações, uma vez que, jovens e sadios, nada experimentam de anormal. A fecundidade, como a esterilidade das famílias não depende de arbítrio humano e se rege por determinismo divino, consoante as provações preeleitas ao encarnarmo-nos. Estas, como não ignoram podem ser temporárias, aleatórias, (haja vista o advento do Precursor) ou definitivas e inelutáveis para todo o curso da existência terrena.

De qualquer fórma, porém, o que importa é agir com prudência e esperar confiado na palavra evangélica que diz: — pede e se te dará, bate e se te abrirá.

A Jesus, Distribuidor das graças do Pai, é que devemos entregar nossas causas. Para maior e melhor elucidação do assunto, queiram recorrer ao 1.º volume dos Evangelhos de Roustaing, pág. 132 a 151 e pag. 142 no que diz com o mistério da fecundação; e também no 3.º volume, página 174 a 188, referentes a constituição da família.

Grato pela prova de sua confiança, aquí me detenho com reiterados votos de paz e iluminação espiritual como quem se preza em ser

Irmão em Cristo

M. Quintão.

Que o Evangelho seja o vosso guia, porque sem êste guia sereis sempre cegos.—CALIXTO.

As Máximas de Sócrates

COMO ninguém deve ignorar, Sócrates foi um dos filósofos gregos que mais se distinguiu na civilização grega, e consequentemente na Romana até a nossa.

A Grecia foi o bêrço da civilização do Império Romano no período de 600 a 400 anos antes da «Civilização Cristã», que é a nossa.

A democracia foi herança dos Helênicos com a fundação dos Ateneus, persistindo sua conservação nos «Ginásios» dos cursos superiores. Tudo isso foi de lá, da Grecia de Pitágoras, grande matemático, de Arquimedes e Aristóteles, único rival de Leonardo da Vinci.

Como vimos, a história está pontilhada de figuras inapagáveis, que foram o motivo do progresso da civilização dos nossos tempos.

Não vamos aqui fazer a biografia de Sócrates, mas trazer à baila o resumo da sua filosofia,

Para nossa meditação, vamos transcrever as máximas mais conhecidas de Sócrates:

«Mais vale a pena receber do que cometer uma injustiça».

Concluiremos que não devemos nunca fazer justiça por nossa conta, mas sim, esperar que esta venha do Pai.

«Devemos cuidar não de parecer, mas de ser homem de bem»

Está contida nessa máxima uma séria advertência aos homens que não são sinceros dentro da doutrina de Jesus.

«E' pelos frutos que se conhecem as árvores »

E' grande o valor dêsse ensinamento, pois cada um se revela por si mesmo. De acôrdo com as obras que fazemos, poderemos ser nosso JUIZ, para saber o que realmente somos.

«A riqueza é um grande perigo, todo o homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu, ama a uma coisa que lhe é ainda estranha do que lhe pertence».

Quanta luz contém este conceito. Meditemos bem sôbre a luz que o filósofo grego derramou sôbre nós. Sócrates quer dizer que não devemos amar as riquezas do mundo.

«Chamo homem vicioso a êsse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma».

Nós somos anormais com referência à harmonia do cumprimento da Lei Divina. Essa anormalidade constitue os vícios que nos desviam da senda reta que deveriamos percorrer. Vivemos na ilusão do mundo da matéria e desprezamos a Alma, que neste caso é o nosso Espírito.

A virtude não pode ser ensinada porque ela é mérito de quem a possúi.

Para sermos perfeitos, não podemos dar ou receber esta virtude, que só se conquista com o trabalho. A virtude é a harmonia da vida e nasce da luta entre o Bem e o Mal. Tinha razão o filósofo quando afirmou que ela é mérito de quem a possúi.

«Conhece-te a ti mesmo».

Na luta entre o bem e o mal, nasce o desenvolvimento da consciência, da Razão.

«De uma coisa sei, que nada sei».

Não ignorando que é Infinita a sabedoria, quís Sócrates deixar patente nesta máxima o seguinte: «Ensinar o que sabemos, sem contudo deixarmos de aprender outras coisas.»

* * *

Si nós praticarmos essas máximas, ficaremos automaticamente dentro do Evangelho e como tal, junto do Cristo, porque Sócrates foi um preparador do caminho daquele que é o Nosso Único Modelo — Jesus Cristo.

Milton Taciano Fantucci.

Jesus vos ensinou como deveis viver no mundo e foi muito explícito nas suas lições, que se resumem em fazerdes aos outros aquilo que desejais que vos façam. Portanto, fóra dêste preceito baldados serão os vossos esforços no sentido de alcançardes o reino de Deus. — CAIRBAR.

Reino Espiritual

TESE dedicada à memória impoluta de Allan Kardec, Adolpho Bezerra de Menezes, Andrew Jackson Davis, Cosme Mariño e de todos os grandes trabalhadores da Doutrina dos Espíritos, apresentada pela «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro» ao 2.° «Congresso Espiritista Pan-Americano».

O PARECER

Eis o teôr do parecer que aprovou a tese: SEGUNDO CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

Tese — REINO ESPIRITUAL

Parecer da Comissão de Estudos, composta dos Srs. Carlos Imbassahy, Dr. Levindo Melo e Manio Rinaldini, 1.° Vice-Presidente da Confederação Espiritista Argentina e chefe de sua Delegação:

«A tese apresentada pela Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro versa sôbre um 4.° reino da natureza, que a Autora denomina REINO ESPIRITUAL.

Na impossibilidade de se lêr tôda a tese deveríamos, de começo, para que se fizesse idéia do valor do trabalho, dizer do merecimento do seu autor. Mas o A. não só não se nomeia como não gostaria do panegírico. Diremos, portanto, apenas da Tese: O QUE ELA PROCLAMA é a aceitação do Reino Espiritual, ou seja de um quarto reino ao lado dos três que já conhecemos. O que forma êsse 4.° reino é o conjunto de sêres espirituais de tôdas as categorias: «São, pois, os Espíritos, das fórmas mais rudimentares às mais aperfeiçoadas, que constituem o quarto Reino. Seu progresso vai de quasi zero ao infinito».

E', assim, a mais perfeita doutrina da evolução que se conhece.

«A teoria de Darwin — diz a tese —Não poderia circunscrever-se ao Reino Animal». Mostra a Autora que os reinos se confundem e vamos, muitas vezes, encontrar num os caracteres dos outros. Daí a sua conexão.

«A vida não póde ser considerada apenas na terra» Apresenta, então, a tese várias definições de vida e conclúe pela seguinte: — «A vida é o progresso incessante do Espírito através dos Quatro Reinos da Natureza».

Sendo o progresso moral uma das finalidades da vida, a Sociedade de Medicina e Espiritismo considera insuficientes os conceitos «Fóra da Igreja não há salvação» ou «Não há salvação fóra da Fé», para adotar o de que Fóra da Moral não há Salvação.

Esta é a síntese rápida, fugitiva, acanhada e mesmo canhestra de um dos mais bem elaborados trabalhos que já vimos em tal sentido. A Comissão a adota sem restrições. Apresenta-a como tese aproveitável, conscienciosa, erudita, de cunho estritamente científico e de notável contribuição para os estudos espiríticos.

E é como simples contribuição que a Autora a apresenta, matéria de estudo, fruto de meditação e não como questão fechada e definitiva. E assim nô-lo diz:

«Tôdas as idéias apresentadas nesta tese o são sem caracter dogmático, mas como simples hipótese de trabalho».

Aí tem. Ela é oferecida como estudo. E' o que fazemos também, deixando a decisão ao Plenário, como de lei, embora a perfilemos e aconselhemos a sua aceitação integral».

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1949. — (a) Carlos Imbassahy, Relator. (a) Manio Rinaldini (após ter tido vista do parecer). Absteve-se de votar o dr. Levindo Melo, na qualidade de Presidente da entidade apresentante da tese.

Despacho: «Aprovada». (a) Dr. M. Santiesteban, Outubro, 8/1949.

—

Em Sessão Plenária, extraordinária, de 8 de Outubro, sob a Presidência ocasional do 3.° Vice-Presidente do Congresso, dr. Miguel Santiesteban, Delegado de Cuba, México e Estados Unidos, foi aprovada por unanimidade, sob uma salva de palmas.

REINO ESPIRITUAL

Tese apresentada ao 2.° «Congresso

Espiritista Pan-Americano» reunido na Cidade do Rio de Janeiro, de 3 a 12 de Outubro de 1949, pelo Dr. Levindo Mello, em nome da «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», de que é Presidente.

E' uma instituição civil, científica, religiosa, propagadora de Moral, apolítica, filantrópica, de duração ilimitada, com séde nesta Capital, à Avenida Rio Branco n. 4, 15.° andar, salas 1504/6, registrada conforme as leis do País. Não hostiliza nenhuma Religião, e até se bate pelo ideal da unidade religiosa. E' essencialmente científica, pois de acôrdo com o eminente Codificador *Allan Kardec*, sábio médico francês do século passado, pensa que «O Espiritismo será científico, ou não subsistirá».

A Sociedade apresenta as bôas vindas aos ilustres senhores embaixadores das Nações Americanas, que se fizeram representar nêste Congresso de Espiritismo, desejando a todos muita felicidade; e aproveita êste feliz ensejo para congratular-se cordialmente com a insígne e dedicada Comissão Organizadora desta memorável assembléia.

* * *

Estudemos o «Reino Espiritual», ou «Quarto Reino da Natureza», em os seguintes 33 itens:

I — Tudo que existe nos Universos: — mundos, Espaços siderais, Espíritos, Princípios Espirituais, E'ter, Matéria, Energia, etc., constitúe a Natureza, que é, assim, a Criação de Deus.

II — A Ciência, que é materialista, considera a Natureza dividida em três Reinos: o Mineral, o Vegetal e o Animal. A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que põe em ação a Ciência Espiritualista, proclama a existência dum quarto reino: o Reino Espiritual.

Reino é o conjunto de sêres, que têm caracteres comuns.

O Espírito é um sêr.

Os Espíritos, não obstante a multiplicidade de fórma que apresentam, de acôrdo com os respectivos gráus de evolução, têm caracteres comuns, tais como a imaterialidade relativa, a capacidade de orientação (inteligência, em gradações infinitas) a ação através do E'ter e por vibração, e a possibilidade incessante de progresso.

O conjunto dos Espíritos constitúe o Reino Espiritual.

O «habitat» dos Espíritos é o Espaço interplanetário, na situação de Espíritos puros (sêres independentes, definitivamente), de desincarnados (sêres independentes, temporáriamente, vivendo fóra do corpo humano), de desinanimalizados (sêres independentes, temporáriamente, vivendo fóra do corpo Animal), de desinvegetalizados (sêres ou fórmas espirituais independentes, temporáriamente, vivendo fóra do Vegetal) e desimineralizados (sêres ou formas espirituais independentes, temporáriamente, vivendo fóra do Mineral); e também é o corpo humano (na situação de incarnado), o corpo animal (na situação de inanimalizado), o vegetal (na situação de invegetalizado) e o mineral (na situação de imineralizado).

De todos os Reinos, o mais importante é precisamente o espiritual, até agora ignorado como Reino, porque abrange todas as inteligências, desde a que governa o Infinito, até as que animam ou comandam a vida dos sêres dos demais Reinos. São pois os Espíritos, das fórmas mais rudimentares às mais aperfeiçoadas, considerado que seu progresso se faz de quasi zero a infinito, que constituem o Quarto Reino da Natureza, o Reino Espiritual.

Na escalada evolutiva, o Espírito vive ora no Espaço interplanetário, ora a dar vida ao mineral, ao vegetal, ao animal, de que se utiliza como instrumento de progresso. E sempre progredindo, cada vez que retorna do Espaço se utiliza de ser mais evoluido, até passar ao Reino imediato, e assim sucessivamente.

São característicos dos Quatro Reinos da Natureza os seguintes: do Mineral, a imobilidade; do Vegetal, a clorofila; do Animal, a deslocação; e do Espiritual, a imaterialidade (relativa).

III — A Teoria de Darvin, da selcção natural das espécies, com a sobrevivência dos mais aptos, demonstrativa de que os animais provêm uns de outros, e de que o homem provém do macaco, deixa entrever que na Natureza o progresso é incessante, e que não há ilogismo na teoria de que a evolução do Espírito se processe nos Quatro Reinos da Natureza: o Mineral, o Vegetal, o Animal e o Espiritual.

Hoje, a teoria de Darwin não pode circunscrever-se ao Reino Animal, tem de invadir os Reinos Vegetal e Mineral, porque já se verificou que não há separação entre êles. Si não existe separação, como se deter na fórma animal mais elementar? E qual essa fórma? Há seres difíceis de classificar, seja no Reino Animal, seja no Reino Vegetal, porque possuem característicos de ambos. A Euglena, por exemplo, é um protozoário, flagelado, aquático, que se nutre pela boca, como animal, e possui clorofila, elemento característico do vegetal. O fungo, por sua vez, dotado de organização mais típica de vegetal que de animal, não possui, contudo, clorofila. As bactérias em geral (bacilos, cocus e espirilum) são sêres intermediários dos Reinos Animal e Vegetal, que se nutrem pela fotosíntese e, portanto, estão mais próximos do Reino Vegetal, que do Reino Animal; há bactérias, não obstante, que se deslocam e nutrem como os animais.

Assim como os sêres provêm uns de outros, através dos milênios, os Espíritos, que são as fôrças inteligentes que os governam, inconsciente ou conscientemente, deles se utilizam, em sua graduação infinita, para progredir, nos Reinos Mineral, Vegetal e Animal, até que fiquem em condições de evolver sósinhos, independentemente deles, no Reino Espiritual.

Essa é a verdadeira vida — a do Espírito, da qual a terrena é apenas uma fração; mas... que é a vida?

A Ciência, materialista, considera a vida apenas na Terra, embora se utilize de instrumentos de ótica, potentíssimos, para devassar o Espaço interplanetário e os astros; a Ciência Espiritualista considera-a, entretanto, no Espaço interplanetário e nos planetas, para ela de regra habitados — neste e em todos os demais sistemas solares, existentes no Infinito. As duas definições de vida, tidas por melhores, dentre as materialistas, são a de Lewes e a de Blainville. Lewes definiu que «A vida é uma série definida e sucessiva de transformações, tanto na estrutura quanto na composição, que se operam no indivíduo, sem destruir-lhe a identidade»; e Blainville, que «A vida consiste em duplo movimento de composição e decomposição, ao mesmo tempo geral e contínuo, entre o organismo e o Meio».

A essas definições da fração, a Ciência Espiritualista contrapõe esta (do todo) — «A vida é o progresso incessante do Espírito, através dos Quatro Reinos da Natureza: o Mineral, o Vegetal, o Animal e o Espiritual».

IV — Deus não tem fórma humana. Tal como o Espírito, que é uma inteligência a governar o corpo humano, através do Perispírito, em contacto com todas as células do organismo, Deus é a inteligência que governa o Infinito, com os milhões de sistemas solares, que o integram. E por essa razão é que se diz, com acêrto, que Deus está em toda parte. Êle não vive a se deslocar, duma parte para outra. Ele já está, em toda parte.

Há duas espécies de fôrça, na Natureza; a que não é capaz de se orientar — energia; a que é capaz de se orientar — inteligência.

A vida do Espírito começa em quase zero. Em começo, o Espírito é a menor fração da inteligência divina, que pode viver independentemente dela. Sendo fôrça, pode deslocar-se; sendo inteligente, pode orientar-se. Deslocando-se, age no meio; pondo-se em ação, tende a sofrer reações. A resultante das ações e das reações é o progresso. A reação pode ser de ordem intelectual, ou moral, trazendo, pois, conhecimento ou experiência, para o sêr.

Para regrar as relações entre os corpos físicos, no Infinito, Deus estabeleceu leis físicas; para reger a vida, onde houvesse, no Espaço interplanetário, ou nos astros — leis morais. A vida de todos os sêres, do micróbio, ao homem, na Terra, no Espaço interplanetário e nos astros, está sujeita a leis, eternas e imutáveis, que, em conjunto, constituem a Moral Pura. Uma das leis da Moral Pura, que rege a vida do Espírito, em todo o seu ciclo, é a da *ação e reação:* «A cada ação corresponde uma reação contrária e igual, imediata ou mediata, mas fatal». Cada ação má provoca reação má; cada ação boa, reação boa; cada ação mista, reação mista. A reação má dá experiência, e faz com que se não volte a provocá-la. O mal dá experiência ao Espírito: faz com que renegue o próprio mal, e busque o bem. E' sôbre o mal que floresce o bem.

O Espírito evolve à custa do que adquire, em conhecimento, pela observação e pelo estudo; e em experiência, pelas reações que recebe, das ações que pratica — más, boas ou mistas.

E sendo o progresso moral uma das duas finalidades principais da vida do Espírito, a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro considerou insuficientes os conceitos de que «Fóra da Igreja não ha salvação» e «Fóra da fé não há salvação», para adotar o, de todos, mais completo — «Fóra da moral não há salvação».

Por fôrça de propagar que a evolução do Espírito se processa nos Reinos Mineral, Vegetal, Animal e Espiritual, teve, também, de ampliar devidamente a regra que encerra o mandamento de «Amai o próximo como a vós mesmos» para «Amai os sêres vivos».

(Continua).

Crônica Estrangeira

Notável Sonho Premonitório

Em sua obra «Antes da Morte», Camille Flammarion relata o caso que transcrevemos, depoimento da própria protagonista:

«Uma senhora residente em Paris (Madame Marichal) acordou certa noite, —26 de Março de 1914—sob a impressão de um terrível pesadelo. Uma espécie de espectro vago, sem forma, estava diante dela, junto ao leito, apertando-lhe o braço e ordenando-lhe que escolhesse entre duas ameaças atrozes: «O teu esposo ou a tua filha, um dos dois deve morrer. Escolhe!»—dizia-lhe. «Escolher? — pensava, entre meu marido e minha filha é impossível. Nem um nem outro» — respondeu, presa dum grande tremor. —Has de escolher—replicou a aparição —Um deles deve morrer. Decide! Qual dos dois há de ser sacrificado?» Presa da mais dolorosa angústia, durante grande espaço de tempo, a paciente recusa-se a responder. Que indescritível sofrimento atenaza sua alma! Compreende-se. O marido está alí, são; conta quarenta e cinco anos de idade. A' filha, que foi com a mãe relatar a Flammarion a estranha alucinação, é naquêle momento (Junho de 1918) uma formosa criatura de dezessete anos. Concebe-se o estado de agitação da sra. Marichal, pois sentia pelos dois o mesmo carinho. Enfim, vencida por uma vontade mais forte que a sua, que insistia em obter uma resposta, acabou por dizer a si mesma que o amor materno deve dominar tudo e que sacrificaria o marido antes que a filha. Cinco dias mais tarde, o sr. Marichal, a quem tivera o cuidado de ocultar aquêle pesadêlo e que nunca estivera enfêrmo, sentiu-se fatigado ao regressar de seu trabalho e deitou-se. O médico, chamado na quarta-feira, não descobriu sintoma de enfermidade alguma e diagnosticou uma leve gripe. Na quinta-feira, o enfêrmo piorou. No sábado, tinha morrido. «Paralisía do coração», declarou o médico, e nunca indicio algum de enfermidade do coração se havia manifestado nêle».

Êste caso de sonho premonitório, se é que o fantasma agoirento não passou de alucinação, é dos mais impressionantes que se podem respigar na vasta seára da fenomenologia psíquica. Mas do ponto de vista fantasmático, êle demonstra que fóra do nosso mundo, isto é, fóra do espaço e do tempo, os fantasmas, com ou sem o carácter cruel daquêle que a senhora Marichal pretende ter visto, possuem o dom de conhecer o passado, o presente e o futuro dos vivos...

⁂

Um caso de aparição

O conhecido engenheiro e escritor espírita relatou em *«Psychica»* o que segue:

«M. E., farmacêutico, viveu durante trinta anos num prédio de que eu era procurador no momento de sua morte, em 1922. Eu conhecia o interêsse apaixonado que êle dedicava à sua profissão, o enorme espaço que em seu coração ocupava a sua farmácia, e a profunda afeição que êle votava a seu cão, que durante anos fôra seu companheiro fiel—(havia em sua farmácia uma fotografia dêsse animal sôbre a qual o defunto escrêvera: «quanto mais conheço os homens, mais amo meu cão», é o que eu sempre dizia à minha mulher). Eu apostava que M. E. frequentemente voltaria do outro mundo para rever sua farmácia, seu apartamento e seu cão. Ora, visitando recentemente sua viúva, ela me disse, em seguida a um ajuste de contas: — Senhor, por vossos artigos sei que vos interessais pelas questões psíquicas e quero contar-vos um facto estranho que se passou nêste apartamento, após o falecimento de meu marido.

Certo dia, achava-me eu na cozinha, com o espírito absorvido pela metragem de certa fazenda e o preço de um vestido que pretendia confeccionar, quando meu olhar, dirigindo-se na direção duma mesa, junto à qual estava uma cadeira, vi uma massa pardacenta sentada na cadeira e cotovelos apoiados num móvel próximo, Grande foi a minha surprêsa ao reconhecer nessa fórma imprecisa, a pessoa de meu marido, em que eu estava tão longe de pensar nêsse instante. Apesar de meu terror—que foi grande— dirigi-me para o fantasma, o qual voltando a cabeça para o meu lado, fixou-me durante alguns instantes, depois, levantando-se, dirigiu-se para um armário, onde desapareceu.

Foi essa a única aparição «visível» de meu marido, mas, ajuntou a interlocutora, diversas vezes nos aconteceu, à minha filha e a mim, quando sentada nêste aposento, e enquanto a porta do aposento estava aferrolhada e os outros quartos desocupados, ver o cão de meu defunto marido, levantar-se, rosnar, depois latir, como se alguém houvesse penetrado em nossa casa.

Esses estranhos factos pareciam-me entrar no quadro de vossas pesquisas, e aproveitei a ocasião que se me oferecia—disse-me Mme. E.—para vô-los relatar. Talvez possam eles interessar aos leitores de *Psychica*.

⁂

A Mão da Providência

Por Frederico Duarte — Manchester

Deram-se durante a última guerra, não só na Gran Bretanha como em muitos outros países, certos casos simplesmente extraordinários que levaram a pensar a muita gente terem ocorrido os ditos como se fossem um «aviso» evidente de existir uma Entidade Suprema.

Durante o bombardeamento aéreo de Manchester em Dezembro de 1940, pelos aviões inimigos, encontrava-se numa casa do bairro pobre de Hulme uma mulher prestes a dar à luz. A criança nasceu com a ajuda duma vela de cera acesa, e na presença de duas mulheres vizinhas.

Precìsamente uma hora depois do parto o telhado da casa foi destruído por uma bomba que matou doze pessoas naquela localidade.

Umas horas depois foram mãe e filha transportadas para o Hospital de Hope, e dentro de 24 horas de estarem alí foi o edifício também bombardeado. Como a sua casa, por ter sido derrubado o telhado, ficasse inabitável, havia alí perto duas casas vasias por se terem seus inquilinos retirado para fóra da cidade. Tinham elas os números 22 e 32 respectivamente. Resolveram ir para a de número 22, para onde levaram consigo os móveis e o mais que puderam salvar da sua casa atingida.

Ora, precisamente uma hora depois de estarem dentro da dita casa, uma nova bomba caíu na casa de número 32 estilhaçando-a.

A petiza cujo nome é Anne Margaret, é o ídolo da vizinhança da cidade contígua a Stretford, para onde foram viver ela e seus pais.

Conhecem essa felizarda pelo sobriquét de «Blitz Girl».

* * *

Um outro caso ocorrido recentemente na cidade de Leeds, merece ser mencionado pela sua fórma trágica e que, quem sabe lá? teria sido evitado se fôsse cuidado a tempo.

Não só êste como casos semelhantes nos fazem pensar que a negligência de muitos indivíduos em não procurarem alívio aos seus sofrimentos uma vez que se encontram com os seus sintomas, lhes traz a morte mais cedo do que a que lhe foi destinada. Eu acredito nisto meus estimados leitores, por ter provas cabais disso.

A esposa do coronel aposentado Daniels, empresário do Grand Theatre de Leeds, há bastantes meses que se encontrava recolhida no leito sem poder mexer as pernas.

Aconteceu que em princípios de setembro do corrente ano, estavam naquela cidade o missionário Martz acompanhado de sua filha de nove anos, os quais a convite do marido da enfêrma a visitaram no seu quarto.

Depois de terem rezado ferventemente, a senhora levantou-se da cama e andou quatro vezes dum lado ao outro do quarto. Levantou-se no dia seguinte de manhã sentindo-se bem disposta e podendo andar sem ajuda de ninguém, mas... três horas depois faleceu subitamente.

⁂

O Fantasma de Lord Kitchner?

O seguinte episódio foi registrado pelo capitão Neurome e atestado por numerosos sub-oficiais e soldados:

«Desencadeia-se um vivo ataque alemão, e antes que a massa inimiga tenha alcançado a rêde de arame farpado, vê-se surgir uma figura espectral dum buraco de obus ou detrás dum monte de terra. Essa espécie de fantasma percorre as linhas de uma à outra extremidade, indiferente ao fogo de barragem; aproxima-se das trincheiras britânicas como para inspecioná-las (nêsse momento, os homens acreditam reconhecer Lord Kitchner ou Lord Roberts), depois volta-se para o lado dos alemães que recuam em desordem.

⁂

O Testamento Desaparecido

La Revue Spirite reproduziu de *Wahresleben* o seguinte facto ocorrido à sra. L. H. V. R.:

Meu pai morreu subitamente e para entrar na posse da herança, necessário era encontrar um testamento cujo paradeiro era desconhecido. Passavam-se os dias e não havia meios de o encontrar. Certa noite, estava reunida a família, aflita, quando retiniram golpes como se um objeto pesado estivesse a golpear o soalho. Esses ruídos se repetiram até o dia em que certa família foi visitar a sra. L. H. V. R., e esta lhe confiou sua aflição falando-lhe dos golpes misteriosos. A amiga não revelou surprêsa, prometeu esclarecer a situação e voltou pouco depois com o *escritoscópio* de Arnold, aparelho destinado a entrar em comunicação com espíritos. Realizaram a sessão, o aparelho trabalhava com uma velocidade doida: «O testamento está na escrivaninha que tu vendeste, vai procurá-lo amanhã». Efetivamente, a mãe se lembrou de ter vendido dito móvel a uma conhecida. Foi a casa desta pessoa, as gavetas foram abertas, mas do testamento, nada! Novamente voltaram a casa, mas o testamento não aparecia! Organizaram outra sessão espírita: «O documento continua na escrivaninha, socega e trata de o encontrar!»

Novamente a mãe rumou para a casa do comprador. Mas, ainda na rua, surpreendeu-se ao ver que êste último vinha ao seu encontro entregando-lhe o testamento. Declarou que, inquieto, pôs-se a folhear mais uma vez nas gavetas da escrivaninha, descobrindo uma gaveta secreta em que encontrou o testamento em questão. Desde êsse dia, cessaram os golpes na casa da família desolada.

⁂

A Partida de uma Alma

Mrs. Sarah Underwood, em seu livro: «Automatic, or Spirit Writing, menciona uma doutora em medicina que nestes termos se exprime a respeito de um desdobramento de que foi testemunha, junto ao leito de um moribundo:

«Diversos meses atrás — conta a doutora — foi transportado à minha clínica, um senhor que eu não conhecia e em estado tão grave que não dava lugar a esperança alguma.

Definhava êle havia dois dias, e entrou em agonia quando eu estava à sua cabeceira, desolada por nada poder fazer em seu benefício.

Vendo eu que só lhe restavam alguns instantes de vida, pensei no modo de prevenir a família, e, de repente, experimentei a sensação de uma pessoa a meu lado. Voltando-me, fiquei como fulminada ao perceber bem perto de mim, o enfêrmo em pessoa, que acabava de morrer. Essa forma espiritual parecia não ter consciência de minha presença, e olhava seu próprio corpo com expressão de grande espanto mesclado de terror. Pús-me, também eu, a observar o corpo rígido, e quando me voltei, a forma havia desaparecido. Mas ficou-me a convicção de ter visto a partida de uma alma».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sem Fundamento Científico

Um comunicado da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro sôbre o livro do Dr. Silva Mello, «Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo»

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica, apolítico, que não combate religiões e visa, acima de tudo, o apuro intelectual e o aprimoramento moral do homem, com personalidade jurídica e séde própria à Avenida Rio Branco, 4 (15.° andar — Salas 1.504/5/6), em cumprimento de seu Estatuto (Art. 2.°, letra «y»), o qual comete à Sociedade a responsabilidade de defender o Espiritismo, com serenidade, sem propósito de polêmica, e sempre em plano elevado, isto é, com o objetivo único de esclarecer, toda vez que atacado por instituição científica ou cientista, sente-se no dever de se dirigir ao público, sôbre o último livro do Dr. Silva Mello, editado com o título de «Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo».

O autor declara, a págs. 6 e 7 do prefácio, que a obra representa sua experiência na questão; e contém coisas que todos precisam saber, «GARANTIDAMENTE». E conclue afirmando, à pág. 609, no entanto, que «o próprio autor reconhece ser» (o livro), «debaixo do ponto de vista científico, de extraordinária insignificância...»

Não apresenta o autor, na obra, o resultado de investigações científicas, que houvesse realizado pessoalmente. Não é lícito ao homem de ciência garantir, em questões científicas, o que não tem base na Ciência. Que base idônea adota, pois, ao proclamar que a obra contém coisas que «garante», para conhecimento do leitor?

O autor ainda não empreendeu, com caracter sistemático, a investigação da fenomenologia anímica e espírita, ou supra-normal, ou metapsíquica, ou parapsicológica. Pelo que expôs no livro, fica-se sabendo que buscou inspiração em tudo que já se disse não apenas contra as investigações sérias, procedidas por cientistas de renome, sôbre a fenomenologia paranormal, mas, igualmente, contra os médiuns em geral; que ainda não tomou conhecimento imparcial das modernas investigações parapsicológicas; e, finalmente, que sua experiência consiste em haver comparecido, de regra uma vez, como consulente, ou espectador, ou curioso, perante algumas cartomantes, quiromantes, grafólogos e médiuns. Trata-se, assim sendo, de observações esporádicas, superficiais, incompletas, que não podiam conduzir a conhecimento exáto, porque lhes faltou o critério próprio da investigação científica.

O que dá caracter científico à investigação é o método, a continuidade, a pesquisa sistemática. Edison realizou mais de 5 000 experiências, com toda espécie de material, até encontrar o fio de bambú carbonizado, capaz de transformar a energia elétrica em energia luminosa, na lâmpada de sua invenção. Cesar Lattes experimentou incessantemente nos ciclotrons da Inglaterra e dos Estados Unidos, até produzir o meson artificial. O Dr. Rhine, professor de Parapsicologia da Duke University, na América do Norte, realizou mais de 100.000 experiências, até que considerasse dados científicos a telepatia e a clarividência. O Dr. Silva Mello limitou-se a consultar aquí uma cartomante, alí uma quiromante, acolá um grafólogo, e, excepecionalmente, um médium. Não submeteu qualquer deles a pesquisas repetidas, demoradas, sistemáticas, sob estritas condições de contrôle, isto é, à prova de fraude.

William Crookes, o sábio inglês que descobriu o thalium, e Charles Richet, o médico francês que descobriu a anafilaxia e a quem foi conferido o Prêmio Nobel de Fisiologia, procederam investigação sistemática da fenomenologia espírita, submetendo numerosos médiuns, cada qual de per si, a experiências de rigorismo científico, até sob contrôle elétrico. Chegando à conclusão de que os fenômenos eram reais, preferiram, como expoentes da ciência materialista, em vez de atribuí-los a Espíritos, que não admitiam, apresentar o médium como capaz de atuar à distância, por via de uma «fôrça psíquica», ou «sexto sentido». Desde então numerosos cientistas se puseram a investigar a sério os fenômenos espíritas, destacando-se, entre eles, os que os submeteram a MÉTODOS DE LABORATÓRIO, como Botazzi, médico italiano, professor de Fisiologia da Universidade de Nápoles; Gatty, cientista e psiquista inglês; Grünewald, engenheiro e psiquista alemão; lord Charles Hope, investigador psíquico britânico; Hoper, físico inglês; Imoda, cientista italiano; Mosso, médico e fisiologista italiano; Osty, médico francês, diretor do Institut Métapsychique International, que fez experiências sob contrôle de raios infra-vermelhos; Geley, neurólogo francês, primeiro presidente do Institut Métapsychique International, de Paris; Harry Price, investigador psíquico inglês, que fundou o «London Psychical Laboratory», depois transferido ao «University of London Council for Psychical Research»; Barão Von Schrenck-Notzing, psiquiatra alemão, que examinou ao microscópio um pedaço de ectoplasma, nêle encontrando pêlos do nariz e células da pituitária. (O ectoplasma proviera do nariz do médium); Troland, psicólogo americano, que submeteu a telepatia a testes de laboratório; Tyrrell, cientista e psiquista inglês; Watters, físico norte-americano, diretor da «Dr. William Bernard Johnston Foundation for Biophysical Reseach»; e Winther, cientista dinamarquês. Com Crookes e Richet, surgiu a Metapsíquica, que é a Ciência acadêmica investigando a fenomenologia espírita e anímica, sem abrir mão do preconceito materialista, e que nos Estados Unidos e na Alemanha é denominada Parapsicologia. Dados estatísticos, recentemente divulgados, revelaram que, das 38 universidades existentes nos Estados Unidos, 36 já criaram a cadeira de Parapsicologia.

Para que se possa fazer juizo exáto da obra do Dr. Silva Mello, transcrevamos o que diz, à pág. 605: «A telepatia, como hipótese, mesmo como simples hipótese de trabalho, é extremamente grave, porque implica na existência de elementos fóra do corpo, que devem entrar em relação com as células cerebrais, sem participação de nossos sentidos!» Depois de realizar mais de 100.000 experiências de telepatia e de clarividência — como vulgarizou até a revista «Seleções», do mês de Novembro de 1946 — cujos resultados expõe nas obras «Extra-sensory Perception» e «New Frontiers of the Mind» (Nova York, 1937), escreveu o Prof. Rhine na última (Págs. 288/9): «The research itself represents a critical testing of this dogma of the inviolability of the mind's sensory frontier». «That new frontier has now been established unless all of us who have been exploring it by years of testing and many hundreds of thousands of trials have been completely and continuingly self-deluded or incompetent, not only at the Duke laboratory but elsewhere as well. Either delusion is the explanation of our results or else we have found proof that the mind of man does indeed have an extra-sensory way of perceiving...» (Versão: «A pesquisa em si vale por uma experiência crítica de que é um dogma a inviolabilidade da fronteira sensória da mente». «A nova fronteira tem agora sido estabelecida, a menos que todos nós, que temos estado a explorá-la durante anos de experiências, com muitas centenas de milhares de testes já efetuados, hajamos nos enganado completa e continuadamente, ou, então, hajamos sido incompetentes — e não apenas no laboratório da Duke, mais ainda em outros lugares. Ou a fraude é a explicação de nossos resultados, ou, então, encontramos a prova de que a mente humana é, realmente, dotada de via de percepção extra-sensória...»). Huxley e os dois Wells, corifeus da ciência materialista, na obra de vulgarização científica «Science of Life» (Man's Mind and Behaviour), vertida para o brasileiro sob o título «A Nossa Vida Mental», por Almir de Andrade, professor de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, referem-se aos testes efetuados pelo Prof. Rhine como «conscienciosas experimentações». (Pág. 280).

A

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, contribuintes, colaboradores e auxiliares, um Ano Novo cheio de prosperidades espirituais, muita paz e fraternidade.

1-1-1950.

Em matéria de telepatia e de clarividência, Rhine, nos Estados Unidos, realizou mais de cem mil testes: e Tyrrell, na Inglaterra, apenas com o principal de de seus pacientes, fez 48.000 testes. O Dr. Silva Mello não indica, na obra, que haja feito, em qualquer tempo, pelo menos um teste, seja de telepatia, seja de clarividência; não obstante, julga-se grande autoridade no assunto, capaz de fazer passar por crédulos, ingênuos e simplórios os sábios, cientistas e psiquistas que investigaram os factos, e se convenceram de que são reais.

Como se verifica, à luz do exposto, não tem base científica a obra do Dr. Silva Mello, sôbre «os mistérios e as realidades dêste e do outro mundo», conquanto o autor GARANTA o que afirma.

Pela Diretoria da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,

DR. LEVINDO MELLO.
Presidente.

D. F., 26 de Outubro, 1949.

Ecos do 2.º CEPA

A Palavra do Presidente da F. E. C.

Ouvido pela reportagem o confrade Osvaldo Mello, Presidente da Federação Espírita Catarinense e seu Delegado junto ao 2.º CEPA, teve as seguintes expressões:

«O Congresso Espírita Pan-Americano, além de todas as vantagens apresentadas, ainda deu margem a que os representantes de países estrangeiros verificassem o alto grau de progresso do Espiritismo no Brasil e a sua prática imediata, integrada nas inúmeras obras de assistência social, disseminadas em todos os seus setores. Foi sem dúvida, êsse panorama inconfundível, que levou uma das mais eminentes figuras da representação estrangeira a afirmar — «Nós trocariamos todo o nosso trabalho espiritual da América por dez por cento do Espiritismo do Brasil». — Só isso diz tudo».

Adeus ao Brasil

Como el eco final de las voces que se escucharon en el Congresso Espírita Pan-Americano, viene hoy mi palavra al microfono de la Hora Espiritualista João Pinto de Sousa, para saludar a los espiritistas brasileños. Y ha querido el destino que sea la voz de Cuba la que diga la ultima palabra de despedida. Con acento tierno que transciende el dolor, yo os digo ADIOS!...

He vivido unos dias en el Brasil, disfrutando de la amable hospitalidad de la familia espiritista; participe en el magno acto del Congreso continental y llevo en mi el recuerdo inolvidable del afecto que me brindaron mis hermanos del Brasil. Mi conciencia de espiritista, se ha ensanchado ante el panorama de estudo y reflexión que he contemplado. Mi pensamiento se ha esforzado por volar hasta la cumbre de la intelectualidad para bañarse en la luz de saber que se desprende del movimento espiritista del Brasil.

He estudiado junto a vosotros y he comulgado con vuestros entusiasmos llenos de sincero sentimiento. Con el recuerdo de vuestros trabajos al servicio de la más pura espiritualidad, me llevo en las pupilas la vision luminosa de vuestra hermosa ciudad de Rio de Janeiro. Ciudad de luces, que son destellos de harmonia que penetran por los ojos y van rumbo al corazón; luces como canciones de amor, que al vibrar, nos llenan de encanto.

Y ese encanto es el que tengo en mi, que arrobado de ensueños, proclamo la gracia desta tierra de promission, donde la actividad humana tiene su asiento. Tierra de trabajo, tierra de amor, que brindas oportunidades a todos los hombres del planeta, para que vengan aqui, levanten su tienda, cultiven el campo, y con sudor y sangre de su cuerpo, se confundan con la tierra, para produzir y ser utiles a la humanidad.

Vinimos a Rio de Janeiro, los representantes de las organizaciones espiritistas de América, trajendo a estos lares, el saludo de nuestros pueblos en un anelo fervoroso de paz continental, para que cada nación americana pueda realizar la misión que le ha dado el destino. Brasil se unió a nuestro deseo y por la palabra y el gesto de cada espiritista brasileño, nos revele que tiene la misma aspiracion de paz de todos los pueblos del continente! El Brasil nos enseñó que trabaja por la paz, educando a su pueblo en el conocimiento de los poderes del espirito, para que pueda ser realizada la unica función de hombre sobre la tierra — que es servir al bién.

El Congreso Espirita Pan-Americano encontró tierra abonada, cooperacion en el pueblo y las autoridades y se desarrolló con el apoyo unanime de los espiritistas brasileños. Mi voz, que es la ultima palabra deste Congreso, hoy se despide y proclama que el Brasil ha sido el paiz cordial y alentador, para el desorrolló de la dotrina espiritista en todos los paizes de América. Ha sido el centro impulsor y el foco de luz para el avance de nuestra obra. Gracias por ello, Brasil espírita!

Y mi voz. con aciento tierno de gratitud y despedida, dice: «Hermanos, un hermano de Cuba os abraza com fe y esperanza de que seguireis siendo el faro americano que oriente a la nao del movimiento espirita universal!!!»

(Despedida do Dr. Miguel Santiesteban, representante de Cuba, México e Estados Unidos, no 2.º CEPA — pelo microfone da R. R. A-3 Rádio Clube, no programa da Hora Espiritualista João Pinto de Souza, em 23-10-49).

Revista Espírita

Conforme já dissemos, A EDIPO — Edições Populares Limitada, da Capital, está publicando mensalmente, em língua portuguêsa, a revista original que foi escrita por Allan Kardec — «Revista Espírita» (Revue Spirite).

A Livraria «O Clarim» tem à venda os números 1, 2 e 3, já publicados, a Cr. $ 5,00 cada exemplar.

Os que desejarem assinatura anual devem se dirigir a EDIPO — Edições Populares Limitada — Caixa Postal, 5.138 — São Paulo.

O Espiritismo em Cuba

Os nossos prezados confrades cubanos nos ofertaram um opúsculo da XV Concentração Nacional Espiritista realizada na Cidade de Santiago de Cuba nos dias 29, 30 e 31 de Março de 1949.

O opúsculo, que contém 140 páginas aproximadamente, constitue um arquívo espiritual, moral e intelectual de inestimável valor. Além de dar um relato pormenorizado dêsse grande certame, uma das maiores concentrações espíritas realizadas nas Américas ultimamente, enfeixa artigos dos escritores espíritas de mais evidência no cenário espírita cubano, artigos de palpitante atualidade.

Lendo o opúsculo em apreço os espíritas brasileiros terão a satisfação de notar que o Espiritismo em Cuba se difunde maravilhosamente, contribuindo apreciavelmente para o estabelecimento da paz, da justiça e da fraternidade no mundo sob a égide do Espírito de Verdade.

Agradecendo a valorosa oferta, aproveitamos a oportunidade para enviar aos nossos irmãos cubanos, o nosso abraço fraterno, com os melhores votos de progresso na senda da espiritualidade.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Na minha última excursão realizei palestras nas seguintes cidades:

Araxá: Fiz duas palestras no Centro Espírita «Caminheiros do Bem». O'timos companheiros. A Juventude Espírita está em franca atividade. A propaganda em Araxá avança sempre.

Ibiá: Fiz palestras.

Araguarí: Realizei palestras no Centro Espírita «Jardim da Luz», que está sob a direção do confrade José Cançado, mas cansado só no nome, porque na propaganda da Doutrina é incansável. O «Jardim da Luz» possue amplo salão, que fica à cunha nos dias de sessões. Anexo ao Centro, o confrade José Cançado levantou novo prédio para a Aula Espírita, que conta com 100 alunos aproximadamente e está empenhado em novas construções.

Guará: Falei no Centro Espírita local, que está sob a direção do confrade João de Carvalho, vereador da Câmara Municipal local.

Jaciguara: Falei no Centro Espírita dirigido pelo confrade José Pinheiro Filho e sua exma. esposa. Usou também da palavra o confrade Jonas Alves Costa, vereador da Câmara Municipal de Franca. O confrade Jonas Alves Costa levantou uma tenda espírita na sua fazenda, onde já fiz palestras.

Cristais: Falei no Centro Espírita dirigido pela confreira Ana Maria Barbosa.

Franca: Passei algumas horas com o companheiro J. Russo. A Casa de Saúde Allan Kardec está superlotada. Falei numa reunião da Juventude Espírita. Nessa ocasião usaram da palavra os Drs. Tomaz Novelino e Agnelo Morato, bem como jovens e outros confrades. A Juventude Espírita de Franca está em franco progresso.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 25.° ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1949 a Janeiro de 1950)

N.° 1 — FEVEREIRO DE 1949

		Pag.
O nosso 24.° aniversário	Redação	1
Uma justa homenagem	Campos Vergal	2
A Verdade Profética	J. B. Chagas	3
Samaritanos modernos	Max Kohleisen	6
Pontos de vista	Leopoldo Machado	7
Respostas do Espírito de Emmanuel a perguntas feitas por um espírita de Petrópolis	Spártaco Banal	9
Mandamentos Espíritas	Fernando Pereira de Morais	10
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	11
Livros e Autores	Leopoldo Machado	12
Confraternizemo-nos	De Emmanuel	14
Os animais e o homem	H. Magalhães	15
O Espiritismo e a Manifestação dos Espíritos Mercantilizados	Pereira Guedes	16
O Estado e a Filantropia	Rodolfo dos Santos Ferreira	18
Crônica Estrangeira	Redação	19
Espiritismo no Brasil	«	22

N.° 2 — MARÇO DE 1949

O Espiritismo em seu tríplice aspecto .	Redação	25
Importância da Sessão Medianímica . .	Natalio Ceccarini	27
Prismas	Arnaldo S. Thiago	29
Reminiscências	Walter Radamés Accorsi	30
Pontos de vista	Leopoldo Machado	31
Trinta anos entre os mortos . . .	Dr. Carl A. Wickland	33
Técnica de Jornalismo	Amadeu Santos	35
Aplicação de passes magnéticos . .	H. Magalhães	37
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	38
Livros e Autores	Leopoldo Machado	39
A Fenomenologia Espírita . . .	Spártaco Banal	41
Lendo e relendo Imbassahy . . .	Pereira Guedes	42
Crônica Estrangeira	Redação	43
Espiritismo no Brasil	«	46

N.°s 3 e 4—ABRIL e MAIO de 1949

Os Problemas Humanos e a Instrução Espiritual	Redação	49
Monografia	Arnaldo S. Thiago	51
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	53
Egressos de Capela	J. B. Chagas	55
Casamento entre espíritas	Leopoldo Machado	57
Respigas e Comentários	M. Quintão	58

Promiscuidade não é fraternidade . .	Pereira Guedes	59
O demorado beijo de uma boca gelada .	Spártaco Banal	61
Fenômenos de Materialização . .	Amadeu Santos	62
Livros e Autores	Leopōldo Machado	65
Visitando os confrades de Buenos Aires .	Walter R. Accorsi	66
Crônica Estrangeira	Redação	67
Espiritismo no Brasil	«	70
Bibliografia	«	76

N.º 5 — JUNHO DE 1949

O Espìritismo nas Igrejas	Redação	77
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	80
O Consolador	Arnaldo S. Thiago	81
Trinta anos entre os mortos . . .	Dr. Carl A. Wickland	84
Credo Espìrita	Spártaco Banal	86
Uma quinta coluna dentro do Espiritismo	Pereira Guedes	87
Pontos de vista	Leopoldo Machado	88
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	91
Cinzas do meu Cinzeiro	M. Quintão	93
Crônica Estrangeira	Redação	95
Espiritismo no Brasil	«	97

N.º 6 — JULHO DE 1949

Luta intrinseca e extrínseca . . .	Redação	101
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	103
A Dôr através dos tempos . . .	J. B. Chagas	104
Rumo Certo	Pereira Guedes	106
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	108
Respigas e Comentários	M. Quintão	111
Meras Coincidências...	Oscar Nilsson	112
A luz mais brilhante do Século das Luzes	Leopoldo Machado	114
Dialética do Espírito	Rita R. de Ruão Rabelo	116
O Curso Verbal	De Agostinho	118
O Sentimento Estético — nos animais .	Gabriel Delanne	119
Crônica Estrangeira	Redação	120
Espiritismo no Brasil	«	123
Necrologia	«	124

N.º 7 — AGOSTO DE 1949

As Faculdades Intelectuais e o Sentimento	Redação	125
Ressurreição	Arnaldo S. Thiago	127
A Dôr através dos tempos . . .	J. B. Chagas	129
Estudos Evangélicos	Dr. Luiz Martucelli	131
Pontos de vista	Leopoldo Machado	133
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	134
Mistificação	Pereira Guedes	137
Crônica Estrangeira	Redação	140
Espiritismo no Brasil	«	143

N.º 8 — SETEMBRO DE 1949

O Espiritismo em marcha	Redação	149
Porcos precipitados	J. B. Chagas	150

Divagações Espíritas	Dr. Luiz Martucelli	152
Cairbar Schutel	Redação	154
Homenagem de José Bonifácio aos espíritas	Spártaco Banal	154
Livros e Autores	Leopoldo Machado	155
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	156
Trinta anos entre os mortos . . .	Dr. Carl A. Wickland	160
Pela vitória do Espírito	Pereira Guedes	162
Pontos de vista	Leopoldo Machado	165
O Homem Colaborador de Deus . .	M. Quintão	166
Crônica Estrangeira	Redação	168
Espiritismo no Brasil	«	170

N.º 9 — OUTUBRO DE 1949

Allan Kardec e a Codificação do Espiritismo	Redação	173
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	178
Allan Kardec, um Símbolo . . .	Leopoldo Machado	180
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	181
Ciência Metapsíquica	Pedro Granja	183
Mediunismo e Espiritismo	Pereira Guedes	185
Livros e Autores	Leopoldo Machado	188
Crônica Estrangeira	Redação	190
Espiritismo no Brasil	«	193

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1949

«A Morte é a porta da Vida» . . .	Redação	197
A Vidente de Prevorst	Dr. Justino Kerner	199
Das Sessões Medianímicas . . .	Tito Bancéscu	201
Curso de Espiritismo	J. B. Chagas	203
Mais Academias...	Leopoldo Machado	205
O Ano Santo e o Dia de Graças . .	Pereira Guedes	206
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	208
Em Consciência	M. Quintão	209
Livros e Autores	Leopoldo Machado	210
Crônica Estrangeira	Redação	213
Espiritismo no Brasil	«	215

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1949

Homenagem a Jesus pelo seu natalício .	Redação	221
Jesus e os Essênios	Pedro Granja	222
Revelações e manifestações do Mundo Espiritual através da extraordinária mediunidade do famoso James J. Dickson de São Francisco da California . . .	Amy B. Marshall	225
2.º Congresso Espírita Pan-Americano .	Dr. Klörs Werneck	228
Fenômenos de Materialização . . .	Amadeu Santos	230
Notas Elucidativas	Leopoldo Machado	233
Mais dois livros de Carlos Imbassahy .	Pereira Guedes	234
Na Hora da Mala	Manoel Quintão	235
Um Éco do Segundo Congresso Espírita Pan-Americano	Alfredo d'Alcantara	237
Livros e Autores	Leopoldo Machado	239
Crônica Estrangeira	Redação	240
Espiritismo no Brasil	«	243

N.º 12 — JANEIRO DE 1950

30 de Janeiro . . . . Redação 245
Aquí está o decantado livro . . . Pereira Guedes 246
Entre dois mundos . . . . . . Arnaldo S. Thiago 248
Trinta anos entre os mortos . . . Dr. Carl A. Wickland 250
O Pacto Áureo . . . . Leopoldo Machado 251
A Lição dos Factos . . . . . . Sousa Ribeiro 252
Um confronto necessário . . . . . Alfredo d'Alcantara 254
O Espiritismo é... . . . . . . J. B. Chagas 255
Na Hora da Mala . . . . . . M. Quintão 257
As Máximas de Sócrates . . . . Milton Taciano Fantucci 258
Reino Espiritual . . . . . . Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro 259
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 262
Espiritismo no Brasil . . . . . « 265

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletaneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 829
02-06-07 32180 XL

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2611unse

ANO XXVI—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Fevereiro de 1950 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Nosso 25.º Aniversário . . . . *Redação*
Reino Espiritual . . . . *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Trinta anos entre os mortos . . . *Dr. Francisco Klörs Werneck*
O Espiritismo é. . . . . *J. B. Chagas*
Pontos de vista . . . . *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Procurando Fenômenos na Rua . . *J. Herculano Pires*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
A Nossa Opinião . . . . *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

INSTITUTO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO

AV. IRRADIAÇÃO, 152
(SÉDE PROVISÓRIA)
S. PAULO

Prezado confrade:

A necessidade de criarmos um sistema de educação nos moldes espírita é cada vez mais evidente. As fileiras espíritas crescem constantemente em nosso Estado, e as crianças e os jovens espíritas não encontram estabelecimentos de ensino onde possam formar a sua cultura e a sua personalidade dentro dos sadios principios do Espiritismo. Não podemos, em sã consciencia, descuidar desse grave problema. A educação da infância e da juventude constituem a base do mundo futuro. Se não cuidarmos, o quanto antes, de educar os jovens na moral espírita, e de lhès dar uma formação cultural espírita, não poderemos desejar, para as gerações de amanhã, um conhecimento maior e mais sólido da consoladora Doutrina dos Espíritos.

Foi assim pensando que o I Congresso Educacional Espírita Paulista, reunido nesta capital em principios deste ano, resolveu criar o INSTITUTO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO do Estado de São Paulo, destinado a instalar no interior numerosos colégios espíritas, e um grande instituto central na capital.

Os membros da Diretoria do Instituto, eleitos pelo Congresso, resolveram aceitar a tarefa, certos de que é ela, no momento, o mais urgente dos problemas espíritas em São Paulo. Que nos digam os pais espíritas, se estamos ou não com a razão. E todos os que pensarem como nós, em todo o Estado, que nos deem o quanto antes o seu apoio, - pois a tarefa é de todos e só poderemos resolve-la em conjunto.

EDUCAÇÃO É SALVAÇÃO

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletaneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1950 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Nosso 25.° Aniversário

ESTAMOS festejando hoje o vigésimo quinto aniversário de «Revista Internacional do Espiritismo» E o fazemos com a alma transbordando de alegria, não só porque conseguimos vencer mais uma etapa, fincando mais um marco na senda da propaganda, como também porque a obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel continua avançando sempre no desempenho da sua tarefa, o que muito nos conforta e estimula no trabalho. Entretanto, se nos tivesse faltado o sempre oportuno auxilio dos Bons Espíritos e a cooperação decidida dos nossos prezados colaboradores, assinantes, viajantes e auxiliares, estamos certos de que esta Revista não teria alcançado, como alcançou, vinte e cinco anos de existência, num trabalho árduo e ininterrupto que sempre exigiu e exige, muita ponderação para a manutenção do programa que lhe traçou o seu fundador.

Temos feito o possível para que tal programa, que se resume no estudo do Espiritismo sob o seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, fosse cumprido à risca. Se não o foi, se houve falhas, se não podemos contentar a todos num só tempo, pedimos excusas, mas uma cousa é certa e ninguém poderá contestar : fizemos, de boa vontade, o que nos foi possível fazer para que esta Revista se tornasse cada vez mais digna do conceito que sempre gozou entre os espíritas em geral, do país e do estrangeiro.

Como os nossos leitores sabem, esta Revista conta com os melhores escritores espíritas do país, quasi todos da Capital Federal, e ultimamente vem sendo ainda mais enriquecida com substanciosos e oportunissimos artigos de apreciados escritores argentinos, que se fizeram admirados e estimados no Brasil pelos grandes serviços prestados á difusão da Doutrina Espírita, esclarecendo os retardatários e se empenhando a fundo pela confraternização dos povos sob a égide do Espiritismo. E' assim que a Confederação Espírita Pan-Americana, fundada em Buenos Aires, já realizou dois importantes Congressos, com a participação dos espíritas das duas Américas, o primeiro, que foi a pedra fundamental, em Buenos Aires, e o segundo no Rio de Janeiro. Ambos os Congressos atingiram em cheio os seus objetivos, e os seus resultados, embora não sejam imediatos, irão se fazendo sentir à medida que a Doutrina avançar, facilitando sobremaneira o trabalho dos que se propuseram a servir a humanidade na senda da espiritualidade.

Estamos plenamente de acôrdo com êsses Congressos, aos quais sempre demos e daremos o nosso fraco apôio, considerando que o Espiritismo não poderá se propagar mais amplamente se os espíritas se conservarem entre quatro paredes. O momento é de ação, de trabalho e desprendimento, porque estamos justamente na hora H, em que a humanidade, desnorteada pelo materialismo e pelos falsos dirigentes dos povos, anda à procura de um Condutor que satisfaça as suas justas aspirações, de vez que doutrinas, ideologias e religiões, só lhe proporcionaram amargores, decepções, deixando-a à borda do abismo da descrença, a debater-se contra a miséria física e moral.

Não precisamos encarecer o valor do Espiritismo na solução dos magnos problemas humanos. Ele é e será o verdadeiro Condutor dos povos para as nobres realizações que transformarão o mundo num vasto celeiro de paz, com o império da justiça e da confraternização, sôbre as bases do véro Cristianismo. Aos espíritas, portanto, compete lançar os seus «talentos» num trabalho decidido, coordenado para que o Espiritismo possa abreviar os tempos com a sua implantação definitiva no mundo.

Procurando cumprir fielmente o programa desta Revista, temos nos esforçado, na medida do possível, para pôr os nossos leitores a par dos acontecimentos mais importantes que se verificaram no cenário espírita. Avessos ao sensacionalismo, que muitas vezes chega a desfigurar a verdade, temos dado a lume as notícias e escritos vindos de fontes insuspeitas. Neste caso estamos com Allan Kardec: E' preferivel recusar uma notícia verdadeira do que publicar noventa e nove notícias que não mereçam crédito.

No prosseguimento do nosso trabalho, temos encontrado mil dificuldades, que foram vencidas, graças ao Alto. Todos sabem que a manutenção de uma Revista, como esta, não é tarefa fácil, considerando-se o alto custo da mão de obra e das matérias primas. Temos entretanto, mantido em dia as edições, sem nos valermos dos anúncios remunerados, o que significa que o pouco que tem vindo tem sido bem aproveitado.

Terminando estas breves linhas, agradecemos, com todas as fôrças da nossa alma, aos Bons Espíritos pelo inestimável auxílio que nos prestaram e, em particular, ao nosso amado companheiro Cairbar Schutel, fundador desta Revista, agradecimentos que tornamos extensivos aos nossos distintos leitores, colaboradores, viajantes e auxiliares, desejando a todos paz e progresso espiritual.

Reino Espiritual

TESE dedicada à memória impoluta de Allan Kardec, Adolpho Bezerra de Menezes, Andrew Jackson Davis, Cosme Mariño e de todos os grandes trabalhadores da Doutrina dos Espíritos, apresentada pela «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro» ao 2.º «Congresso Espiritista Pan-Americano».

V — Para a Ciência materialista, o Reino Mineral é constituido de seres brutos, ou sem vida; e os Reinos Vegetal e Animal, de seres vivos. A Ciência Espiritualista proclama os minerais, enquanto na rocha, seres vivos.

Na acepção materialista, o que caracteriza o organismo vivo é a existência de protoplasma (A' base de carbono, ou de compostos carbônicos: hidratos, gorduras e proteinas; água e sais minerais). O que caracteriza a vida, para a Ciência Espiritualista, no entanto, é a existência, no sêr, duma fôrça dirigente. Os minerais nascem, crescem e decompõem-se. No conceito da Ciência materialista, o mineral cresce por adição, superposição, ou conjugação de partículas de idêntica substância, e de acôrdo com as leis da Cristalogenia. O crescimento, contudo, não é arbitrário; é dirigido. A fórma natural do mineral é o cristal. O cristal está para o mineral como a célula para o vegetal e para o animal. Todo mineral é constituido de minúsculos cristais, da mesma fórma geométrica e do mesmo tamanho. As leis da Cristalogenia não foram mero produto de invenção, mas induzidas pelo mineralogista, à observação dos factos. A Mineralogia adquiriu fóros de ciência no século passado, graças à contribuição de Haüy, em Paris, interpretando as fórmas cristalográficas e publicando o «Essai d'une Théorie sur la structure des cristaux» (1784), o «Traité de Minéralogie» (1801-4 vols.) e o «Traité de Cristallographie» (1822) ; de Werner, em Freiberg, descrevendo e classificando os minerais ; e de Weiss, em Berlim, estabelecendo a relação entre a posição das faces e os eixos dos cristais, com a «Lei de racionalidade dos índices». Se é exato que podemos obter a cristalização pela fusão, sublimação, dissolução e evaporação, dissolução a quente, e resfriamento, e, ainda, por efeito de correntes elétricas, essa não é a fórma natural da substância, mas provocada, artificial. A forma cristalina é propriedade geral do Reino Mineral. Se o crescimento do mineral se operasse por simples adição, superposição ou coujugação de partículas, mas arbitráriamente, o mineral acabaria disforme ; há, sempre, uma fôrça a assegurar as mesmas fórmas, tamanho, coloração e pureza para os cristais, evitando, principalmente, a adição, superposição ou conjugação excessiva e, portanto deformante. Além disso, essa fôrça, entre várias substâncias, só permite que adiram as que convém. Como se verifica, há uma fôrça controlando, orientando, dirigindo o crescimento do mineral. Dizem os leigos que o crescimento obedece às leis. Apenas por si, todavia, as leis não bastam. Tal como no campo do Direito, em que as leis, para produzir efeito, precisam de um poder coator, ou de fôrça, que as imponha, no mineral tambem há uma fôrça, fazendo com que se observem determinadas leis, durante seu crescimento. E essa fôrça, com capacidade de orientar, embora muito limitadamente, é o Espírito, nos estágios primários de seu ciclo evolutivo. Provindo da inteligência divina, e sendo Deus perfeito, o Espírito, em comêço de vida, é uma inteligência perfeita ; como seja infinitesimal, entretanto, suas possibilidades são mínimas, sua potencialidade é infinitésima. E dêsse primevo é que ela se desenvolve, expande e agiganta, à custa de conhecimento e de experiência adquiridos, através dos Reinos Mineral, Vegetal e Animal, até conseguir a sabedoria necessária, isto é, saber e moral em alto gráu, para passar a progredir unicamente no Reino Espiritual.

VI — Julian Huxley e outros cientistas, expendendo conceitos sôbre o comportamento animal, afirmam que o primeiro êrro é admitir que os animais sejam dotados de faculdades superiores do Espírito humano, como a inteligência, a vontade, estados emotivos complexos, como a esperança, o temor, ou ainda capacidade de rápida aprendizagem, de imitação, de memória, etc. Haveria êrro, evidentemente, em admitir tais faculdades nos animais, em gráu de desenvolvimento igual ao do homem, ou pelo menos, dêle aproximado. Cada animal possúi inteligência, vontade e paixões da alma proporcionalmente a seu gráu de desenvolvimento, considerado o ciclo evolutivo total do Espírito. O homem tem gráu de inteligência tal, que basta ver um fio elétrico, para lhe não tocar, supondo que possa levar choque. E' conhecida, contudo, a experiência com a minhoca, que possúi cérebro rudimentaríssimo e levou quarenta choques, até que aprendeu a subir na haste vertical dum tubo de vidro em T. ao invés de continuar a caminhar, mais comodamente, pela haste horizontal, cuja extremidade se achava obliterada por uma placa, carregada de tênue corrente elétrica. E' notório que o cão é susceptível de amizade, de ciúme e de cólera. E não são paixões da alma ?

Sôbre o comportamento vegetal e sôbre o comportamento celular, têm sido realizados estudos interessantes. Sir J. C. Bose, de Calcutá, em experiências que realizou, informa ter verificado que as plantas podem pulsar e transmitir sensações como se fossem dotadas de coração e nervos.

O Dr. R. R. G. Canti, filmando células dissociadas, a grande velocidade, para depois projetar em câmara lenta, verificou que a célula rasteja ; sente-se atraida por outra célula ; e caminha para a outra, passando por cima dela, ou pondo-se a movimentar em sua volta — evidenciando a irritabilidade, e contratilidade e a coordenação de que é dotada.

VII — A Ciência materialista, oficial ou acadêmica, estuda a Natureza em três grandes Reinos materiais — o Mineral, o Vegetal e o Animal (êste com uma sub-divisão — «Reino Hominal») ; a Ciência espiritualista, porém, lhe acrescenta logicamente mais um — o «Reino Espiritual» ou «Quarto Reino da Natureza», assunto da presente *Tese;* indubitavelmente o mais importante de todos, pois é nêle que existem Deus, Jesus, os Espíritos, os Princípios Espirituais Rudimentares, em gradação infinita.

A existência do Reino Espiritual está implicitamente revelada no Evangelho do Divino Mestre, nos dois Testamentos, em todas as Religiões antigas e modernas, principalmente no Espiritismo científico, bem como nas melhores obras sôbre Teologia, Cosmogonia, Filosofia, Metafísica, Astronomia, etc.

VIII — Deve ser êle estudado explicitamente, com método científico e filosófico, por todas as inteligências livres e cultas, emancipadas de preconceitos, a fim de produzir bons frutos, benéficos e necessários á compreensão segura de muitos problemas, até agora insolúveis ao saber humano.

IX — E' um Reino eterno, independente, leve, livre que existe por si mesmo, e orienta e governa os três Reinos da Matéria, que são de vida passageira e transitória, e cujos fenômenos lhe são determinados pelo Reino Espiritual — bem como a vida, o destino, a fórma, a duração, a evolução, etc., dos seus elementos componentes.

E' o Reino da energia de alta vibração, ao passo que os outros Reinos são da energia condensada, de baixa vibração material, cativa e pesada. Poderiamos afirmar que os elementos mais evoluidos do Reino Espiritual vêm e conhecem não só os sêres que o constituem como os dos demais Reinos, sendo que os componentes destes não podem ver, nem conhecer, os do primeiro, que lhes são invisíveis e desconhecidos.

X — Os sêres inteligentes do Reino Espiritual, Espíritos e Princípios Espirituais vivem em todos os planetas, bem como nos Espaços interplanetários. E' um Reino que tem existência real, tangível para o seu meio vibratório, sempre em atividade e evolução, com a sua paisagem própria, cheia de luz, paz, harmonia, perfumes, felicidade, espiritualidade, elevação.

XI — No futuro, com o progresso que há de vir para a Ciência, não mais haverá necessidade de se dividir o estudo da Natureza em Quatro Reinos, mas apenas em «Dois», que serão o «Espiritual» e o «Material»; o «Espiritual» com duas subdivisões — a dos «Espíritos» e a dos «Princípios Espirituais» (ou «Almas Fragmentárias») — segundo seu gráu de evolução espiritual, seu progresso moral, sua consciência, sua inteligência, etc.; e o «Reino Material», com três subdivisões — a dos «Mineirais», a dos «Vegetais», e a dos «Animais».

XII — Quando a verdade do Reino Espiritual fôr admitida pela Ciência oficial, o Materialismo terá deixado de existir, e a Humanidade, com isso, terá realizado um progresso glorioso na estrada larga da evolução moral e espiritual.

XIII — Êle escapa á percepção dos nossos cinco sentidos, mas nos é evidenciado pelo Espiritismo científico, pela Metapsíquica, pelo sexto sentido, pela intuição, pelas faculdades mediúnicas em geral, pela consciência esclarecida da criatura em relação ao Criador, que é Deus.

XIV — E' o Reino Espiritual que liga e religa, entre si, moral e espiritualmente, o homem e os espíritos a Deus, bem como os seres dos quatro Reinos entre si, pêla sintonização das suas vibrações; e também liga, uns aos outros, os diversos planos etéreos da vida, nos Espaços siderais e nos biliões de mundos habitados.

(Continua)

As predições do nosso amado Jesus estão se cumprindo em toda a sua extensão. Os exercitos se movimentam, e, na luta, cairá vencido aquele que não estiver bem intencionado, porque é necessário que prevaleça a vontade de Deus. No campo do pensamento, dois exercitos tambem se movimentam: o que defende o patrimônio espiritual da humanidade e o que pretende destruir esse patrimônio a golpes de orgulho, de preconceito e de um materialismo maldoso. Prevalecerá a vontade de Deus e a Verdade, erguerá a sua cátedra em todos os cérebros e corações, á luz do Evangelho.

CAIRBAR

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Sra. G. — Vosso pescoço não dói mais agora.

Esp. — Dói, sim.

Méd. — Não, não dói.

Esp. — Estou paralítico. Minha espinha! Não posso mover-me, oh, meu pescoço! Não posso mover-me! Meu pescoço está quebrado.

Méd. — Podeis compreender que o vosso pescoço quebrado já foi para a sepultura? Vosso corpo físico já não existe mais. Êste corpo está em boas condições, mas só o usareis um breve instante.

Esp. — Não podeis saber como tudo dói.

Méd. — E' porque conservais tal idéia na mente. Como póde doer tal parte do vosso corpo quando êle já foi para o túmulo?

Esp. — Como sabeis disto?

Méd. — Porque êste corpo não é o vosso.

Esp. — Como sabeis que meu corpo já foi para o túmulo?

Méd. — Porque estais agora aquí. O corpo por meio do qual estais falando não vos pertence.

Esp. — E como sabeis disto?

Méd. — Não quereis compreender. Sois teimoso. Bem sabeis que é verdade.

Esp. — Também ia à igreja e sei alguma coisa a respeito de Jesus Cristo.

Sra. G. — A que igreja ieis?

Esp. — A igreja Mennonita. (A Sra. G. fora criada entre os Mennonitas).

Sra. G. — Em que lugar?

Esp. — No Kansas, há muito tempo. (A Sra. G. vivera alguns anos no Kansas).

Sra. G. — Em que cidade?

Esp. — N. (nome).

Sra. G. — Qual o vosso nome?

Esp. — Esqueci-me. Meu pescoço dói tanto!

Sra. G. — Vivieis na cidade?

Esp. — Não, numa fazenda cerca de u'a milha ao norte de College.

Sra. G. — Mas qual é o vosso nome?

Esp. — Tinha um nome, mas há muito tempo que não o ouço.

Sra. G. — Como vos aconteceu caír do cavalo?

Esp. — Estavamos subindo uma colina e o meu cavalo se espantou com alguns coelhos. Então êle caíu, pois não segurei bem as rédeas.

Sra. G. — Não ereis então um bom cavaleiro.

Esp. — Não tinha sela. Como podia eu manter-me firme?

Sra. G. — Evidentemente não ereis um perfeito cavaleiro.

Esp. — Eu era apenas um assalariado.

Sra. G. — Que idade tinheis?

Esp. — Creio que tinha 16 ou 17 anos.

Sra. G. — Como a vossa mãe vos chamava?

Esp. — Não me recordo.

Méd. — Era Mabel?

Esp. — Homem não tem êste nome. Meu ombro e minhas costas estão partidos. Meu pescoço está quebrado há anos e anos.

Méd. — Não quereis mesmo compreender que já perdestes o vosso corpo físico? Qual é o vosso nome?

Esp. — Chamo-me James.

Méd. — Era só assim que vos chamavam? Esta mão é vossa? (Indicando a mão da médium).

Esp. — Não, Jimmie nunca usou anel.

Méd. — Esta mão não vos pertence; é do corpo que estais usando temporáriamente e que é de minha esposa.

Esp. — Muitas vezes vi que as minhas mãos se haviam tornado pequena. Meu nome é James Hoxen.

Méd. — Deveis ter morrido após aquêle incidente.

Esp. — Minha cabeça ficará separada?

Méd. — Teremos que recolhê-la. Sois um espírito ignorante e estivestes importunando aquela senhora.

Esp. — Que é espírito?

Méd. — E' aquilo a quem estou falando.

Esp. — Mas eu sou James.

Méd. — Vejo minha mulher quando olho para êste corpo. Perguntai-o a qualquer um dos presentes.

Esp. — Então eu pertenço a mais alguém.

Méd. — A quem?

Esp. — (Estendendo os braços em direção à Sra. G.) Quero voltar para vós. Gosto de vós.

Sra. G. — Nunca mais voltareis para mim. Deveis é ir para o mundo espiritual.

Esp — Onde é isso?

Méd. — E' o mundo invisível que circunda o plano terreno.

Esp. — (Aflitivamente). Quero ver Jesus Cristo.

Méd. — Porque gemeis?

Esp. — E' meu costume. Curareis meu pescoço?

Méd. — Sim, fazendo-vos compreender vossa verdadeira situação. Como espírito ignorante que sois, estivestes importunando aquela senhora. Usando o «fogo», como o chamais, conseguimos afastar-vos dela. Estais temporariamente usando o corpo de minha esposa. Perdestes o vosso corpo físico e agora deveis saber algo do mundo invisível em que estais agora.

Sra. G. — Sabeis meu nome? Conheceis alguém com o sobrenome de G.?

Esp. Eles moravam mais longe.

Sra. G. — Conheceis alguém chamado K.? (Sobrenome de solteira da Sra. G.)

Esp. Eram de outra cidade.

Sra. G. — Nascestes na localidade em que sofrestes aquêle acidente?

Esp. Nasci no interior da região.

Sra. G. — Em que ano pensais que estamos.

Esp. — Não sei.

Méd. — Quem é o Presidente atual?

Esp. — Nunca soube dessas coisas. Vivi numa fazenda e fazia os trabalhos pesados. Isso foi há muito. Depois puseram aquêle fogo em cima de mim.

Méd. — Fui eu quem vos aplicou aquêle «fogo»; é eletricidade.

Esp. — Eu vi o fogo, não é eletricidade. Seguráveis um aparelho em vossa mão e dalí sáia o fogo.

Méd. — Fui eu mesmo quem projetou o «fogo».

Esp. — Vós! Que vergonha. Vós! Fazer isso com um pobre coitado como eu! Que maldade.

Méd. — Estáveis importunando aquela senhora e ela não podia continuar a viver assim tolhida. Pús aquêle «fogo» em cima de vós e então a deixastes em paz. Olhai em tôrno de vós e vereis os espíritos amigos que aquí estão para auxiliar-vos.

Esp. — Há muita gente aquí (Subitamente espantado, passou a exclamar). Mamãe! Oh, minha mãe!

Méd. — Ela veio aquí para ajudar-vos.

Esp. — Oh, minha mãe, porque morrestes? Eu era apenas um rapazinho, fiquei desamparado e tive que aprender tudo sózinho.

Méd. — Que é que a vossa mãe diz?

Esp. — Ela diz: «Oh, Jimmie, onde você esteve?» Ela tem andado à minha procura, mas não pôde achar-me.

Méd. — Foi porque estivestes obsedando aquela senhora. Agora deveis ir-vos em companhia de vossa mãe.

Esp. — Há muito tempo que não via minha mãe.

Méd. — Estamos agora em 1923.

Esp. — Não foi nêste ano.

Méd. — Estamos no dia 4 de Julho de 1923 na cidade de Los Angeles, California.

Esp.—Não, parece que foi em 1893.

Méd. — Então foi há trinta anos.

Esp. — Mas eu ainda estava vivo em 1896, depois do acidente estive internado durante anos. O último de que me recordo é 1896.

Méd. — Então foi há vinte e sete anos.

Esp. — Como se passaram tantos anos? Estive eu dormindo?

Méd. — Um pouquinho, mas principalmente importunando pessoas.

Esp. — Estive trancado anos e anos (Preso na aura da paciente). Pensei que estivesse morrendo, mas depois que fiquei preso um instante, senti-me diferente. Tinha roupas femininas e parecia que era mulher, mas meu pescoço me incomodava e a minha cabeça estava como que arrancada do tronco.

Méd. — Penetrastes na aura magnética daquela senhora e a obsedáveis. Quando morrestes, levastes convosco a idéia de que o vosso pescoço ainda estava quebrado, quando o corpo havia ido para o túmulo.

Esp. — Mas meu pescoço doía sempre.

Méd. — Conservastes no vosso pensamento a idéia de que tínheis o pescoço partido. «Como um homem pensa em seu coração, assim é êle». Vosso pensamento estava concentrado no vosso pescoço partido e assim não verificastes a modificação que se operou na vossa vida. Êste corpo, que pertence à minha esposa, não tem o pescoço partido.

Esp. — Vossa esposa? Onde está ela?

Méd. — Adormecida. Olhai para os vossos pés; eles não são realmente vossos.

Esp. — Então sou mulher?

Méd. — Só por um instante. Agora deveis ir-vos com a vossa mãe.

Esp. — Mamãe, quer levar-me consigo?

Méd. — Que diz ela?

Esp. — Ela diz que sim, mas que eu devo pedir perdão àquela senhora alí. Mas eu não podia fazer nada, eu não podia saír. Estava preso e me sentia fraco. Agora irei com minha mãe. Oh, mamãe, vem levar-me consigo. Serei um bom rapaz.

Méd. — Agora sereis esclarecido.

Esp. — Sinto que estou morrendo. Minha cabeça está zonza de novo.

Méd. — E' uma sensação momentânea. Pensais que estais morrendo, mas isto é porque estais desincorporando da médium. Não morreis, porque ninguém realmente morre. O espírito nunca morre.

Esp. — Terei um corpo melhor?

Méd — Sim. Agora esquecei-vos do vosso pescoço partido e de vossas dores.

Esp. — Vou com minha mãe. Queira perdoar-me, minha senhora.

Sra. G. — Está bem, James. Esquecei-vos do passado.

Méd. — Espíritos amigos vos acompanharão e ensinarão coisas maravilhosas. Pensai em vossa mãe e na Falange do Bem. Adeus.

Esp. — Adeus.

O Espiritismo é...

B — Religião sem Dogmas

Em tôdas as religiões há dogmas e culto. Quasi tôdas assentam as bases na crença do maravilhoso e do sobrenatural, com as místicas promessas de uma vida paradisíaca no Reino dos eleitos! E por essa razão muitos se escandalizam, quando afirmamos que o Espiritismo é também Religião, não possuindo, contudo, dogmas para impôr nem se apoiando no maravilhoso ou no sobrenatural. Assim é, com efeito. De algum tempo para cá viemos procurando demonstrar essa evidência.

O Espiritismo sendo uma religião-científico-filosófica, como tal, essencialmente evolutiva, não podia ter dogmas.

Dogma, dizem todos os léxicos, é o ponto fundamental de doutrina, em religião ou filosofia, e dogmatizar é afirmar em tom autoritário: é dar às suas afirmações um valor incontestável e indiscutivel.

O dogma, portanto, é a petrificação do ensino e a própria morte da religião. O dogma é contrário ao progresso e à evolução, e caracteríza-se pelo absurdo inerente às suas concepções. E assim, um dogma não se discute. É, portanto, indiscutível. É duro, é rígido, é impenetrável. Senão vejamos: È de uma monstruosa imoralidade e panteismo revoltante, o dogma do Budismo, que limita a vida humana à existência terrena, negando ao homem a imortalidade pessoal, para absorvê-lo no grande *Todo!* Não menos insinceros são os dogmas da religião Mahometana, que têm por base as sentenças do seu fundador, reunidas no Alcorão, consideradas como revelações divinas! Menos incoerente não é o dogma do judaísmo, que se baseia na vinda, em vão esperada, do seu Messias salvador! Menos ilógico e injusto não é o dogma do catolicismo do pecado original! Esse dogma faz todo o gênero humano culpado por pretendida falta cometida, há muitos milênios, por um homem e uma mulher — ou sejam — Adão e Eva! Não menos irracional é o dogma da santíssima trindade, dos três em um! E muitos outros, de religiões várias, que seria enfadonho enumerar todos.

O dogma é, portanto, indigesto e

não se coaduna com o espírito investigador da época. Por isso, o Espiritismo, que veiu na sua época, não tem dogma para impôr a ninguém. Ao contrário, a todos oferece amplas oportunidades para estudar e pesquisar tudo o que predica e ensina. Nada impondo, portanto, como objeto de fé, que possa derrogar o livre arbítrio e o raciocínio do adepto. Não sanciona a fé cega.

«Longe de fazer aceitar cegamente —como bem acentuou *Léon Denis* na sua admiravel obra «O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR» — ensina a distinguir o verdadeiro do falso, o possivel do impossivel, mediante as leis que nos revela com relação à constituição e à função do elemento espiritual».

O Espiritismo é religião, como a que melhor o seja, porque tem por fim, de facto, religar todas as creaturas num só laço de amôr fraterno, sem dogmas, sem misticismo e ritual, de qualquer espécie ! A sua maior preocupação é a Caridade, nas suas variadas manifestações, difundindo e interpretando os ensinos do Divíno Mestre, em *espírito e verdade*.

Como religião, é um refrigério da alma. Enche todo o vasio dos corações humanos, porque ensina que só se deve aceitar aquilo que se compreendeu, matando, assim, o fanatismo, a fé céga, e estimulando a fé raciocinada, com a explicação de Deus e das cousas.

Explica, ainda, todas as anomalias aparentes da vida e mostra à creatura a vida por um novo prisma.

* * *

O próprio século XIX viu serem promulgados alguns dogmas dos mais contestados e controvertidos : — os da imaculada conceição e da infalibilidade papal, dos quais disse um padre católico de grande merecimento : «inspiram muito pouca veneração, quando se viu como são feitos» (Padre Marchal, O ESPÍRITO CONSOLADOR, pag. 24).

O da Trindade, por exemplo, definida pela igreja «um só Deus em três pessôas», compreende-se hoje como sendo o conceito do espírito representando a Divindade sob três aspéctos essenciais : a Lei, viva e imutavel, é o Pai ; a Razão, ou sabedoria eterna, é o Filho ; o Amôr, potência creadora e fecunda, é o Espìrito Santo.

Chegamos assim a verificar que o Cristianismo moderno, resultou de um incômodo legado de religiões extintas ou quasi extintas, cheias de fórmas materializadas e envelhecidas, opondo sérias dificuldades a que hoje se reconheça o pensamento do seu fundador.

No Evangelho não há qualquer previsão sôbre dogmas, culto ou sacerdócio. O contrário, é o que se percebe. Jesus não possuía espírito sacerdotal e nem era afeiçoado às fórmas e práticas exteriores. Nêle, tudo era elevação, pureza de coração, humildade e simplicidade.

A Religião Espírita, sendo uma doutrina de liberdade, como o próprio Cristianismo redivivo, não podia estabelecer dogmas, deixando de observar preceitos como estes : «Examinai tudo ; abraçai o que é bom» (Thess. V, 21) : «Onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade». (II, Cor. III, 17).

O direito de pensar é o que há de maior em nós. Mas, ao homem sempre obrigaram a : «crê e não raciocines ; ignora e submete-te ; fecha os olhos, e aceita o jugo ! . . .»

Muitos séculos de trévas, impuseram ao homem a prostergação humilhante do sagrado direito de pensar e usar a Razão em todos os atos de sua vida. A razão, que é de de facto o instrumento seguro que Deus concedeu à criatura para descobrir a si mesmo ; essa mesma Razão que, segundo Fenelon, é sinônimo de Deus, levando-o a dizer, num momento de profunda inspiração — «O' Razão !» — não és tú o Deus que procuro ?» — tem sido menosprezada miseravelmente, desde todos os tempos, imperando um dilema «entre dois erros : um que afirma e outro que nega ; um que diz ao homem : crê sem compreender ; o outro que lhe grita ; morre sem esperar !» (L. Dénis — CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — pag. 171).

Tais foram os exageros teológicos, que arrastaram a humanidade à dúvida e à negação. O milagre ardilosamente explorado produziu uma série enorme de malifícios.

A experiência e a razão têm hoje demonstrado a impossibilidade do milagre, porque Deus a si mesmo não se contradiz, e que as leis da Natureza são leis divinas, e como tal não poderíam sofrer alteração, porque são elas que regulam a harmonia do Universo.

* * *

A crença na imortalidade que, modernamente, a Religião Espírita veiu tornar acessivel a todos, já afirmava *Platão* — é o laço que une toda sociedade; despedaçai êsse laço e a sociedade se dissolverá.

A principal finalidade da Religião Espírita é restituir aos homens a fé perdida, incutindo-lhe no ânimo e na consciência um novo alento para poder suportar a vida com todos os seus altos e baixos.

E assim, senhor das novas luzes projetadas por essa Religião, deixou o homem de ser para si um mistério vivo.

A morte, o eterno pesadêlo de todas as gerações, deixava ao seu alcance a porta larga, pela qual poderia conseguir a imortalidade, através das sucessivas reencarnações, na Terra e nos vários mundos habitados!

J. B. Chagas.

(Continua)

PONTOS DE VISTA — LEOPOLDO MACHADO

O Espirítismo não se presta, nem apareceu para mistificação e exploração de ninguém. Só procura explorá-lo e místificar em seu nome quem não o conhece suficiêntemente, conhecido, claro.

Quando foi do desaparecimento do menino Carlos Alberto, em Copacabana, houve «tendas espíritas»; que se valeram de seus caboclos e pretos velhos para saberem do paradeiro do garoto. «Uma da gávea, recebeu um *irmão* do Espaço que deu o serviço. Disse onde estaria vivo o infortunado pequeno; em tal canto, assim... assim...», noticiou um jornal. Entretanto, o pequeno já não existia mais, tragado que fôra nas ondas...

Desmoralização para o Espiritismo?

De modo nenhum, que o Espiritismo de verdade, que é aquele codificado por Allan Kardec, requer estudos sérios, escrupulosos métodos de trabalho, muito raciocínio e muita análise. Não póde assim, ficar a mercê de ignorantões e mistificadores, que andam abarrotando «tendas espíritas», que, de espíritas só têm o nome e as incipientes práticas mediúnicas.

* * *

A Mediunidade, que é aquele batismo do Espìríto Santo de que nos fala o Evangelho, está penetrando tudo: a Vida em si mesma, a poesia e a prosa, as novelas de rádio e as peças teatrais, a literatura e a música. Trata-se de um filão ainda por explorar. E que, um dia, explorado, inspirará mais artistas e mais obras de arte do que todos os outras filões.

Penetra, agora, a ópera, inspirando um lindo drama musical, O MÈDIUM.

O MÉDIUM é ópera, de Giancarlo Menotti, recem-representada no *Teatro Cinderela*, do Ministério da Educação.

O enredo: um médium que se acostumara a roubar dinheiro com falsas sessões espìritas. *Vade retro*, médium das Arabias! Mas, numa das suas reuniões, dá de frente com uma autêntica manifestação espìrita: a voz da filha morta de um casal de clientes seus, que o desmascara. Que bom que, em todas as reuniões mistificadoras e a todos as exploradores da Doutrina aparecesse, sempre, um espìrito, que desmascarasse o embuste.

O crítico diz que as partituras são belissimas, os cenários lindos e a peça digna de ser ouvida e vista.

* * *

Os fenômenos espìritas são de todos os tempos.

Caligula, um dos cesares de mais triste memória, aquele monstro humano que desejava tivesse a humanidade uma só cabeça para êle decepá-la com um só golpe, morreu, para a felicidade do povo romano. Não teve, tal o ódio do povo, as pompas reais. O Espìrito, atirado assim no Espaço, protestou. E tantas fez, e tais assombrações provocou, e apareceu, indignado, a tanta gente, que foi preciso desenterrar-lhe o corpo, promover-lhe a honraria devida por sua posição de imperador, para tudo normalizar-se.

Ora, factos históricos como este, conforme nos conta Suetonio, que a coisa com os Espíritos que desencarnam não é bem como está na Escritura: «Depois de morte, vem o julgamento.»

* * *

O Problema do Café

O quilo do Café estava a Cr. $ 2,40 em pó. A Cr. $ 1,80 em grão, quando a política do Estado Novo achou por bôa medida econômica proibir a sua plantação, incinerar milhões de sacas para valorizar o produto. Isso, no mesmo passo em que milhares de familias não tinham recurso para tomar, regularmente, um cafezinho a horas certas.

A saca do café já subiu a mais de Mil Cruzeiros.

O café miúdo vai para Cr. $ 25,00. E o cafezinho, que se toma, hoje, de pé, sem o palito e o copo dágua, vai para 0,50 centavos...

Quem isto escreve, passando pelo município de Dobrada, que produzia o melhor café de S. Paulo, de uma cultura de 167.000 cafeeiros, viu, apenas, uns 6.000 mal tratados.

A Natureza vinga-se agora, dolorosamente, de nossa falta de critério administrativo e de humanidade.

Ora, se isso se passa na Terra que é a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo... que dizer das outras terras?

Coração do Mundo e Pátria do Evangelho... concordamos que para isso tenha sido preparado o nosso país. Mas, não será para o futuro, quando essa gente cheia de politiquices e de ambições fôr precipitada ás trevas exteriores, onde ha chôro e ranger de dentes, para que, então, o Brasil e a Terra sejam habitadas por Espíritos mais perfeitos e humanitários?

Pelo menos, Emanuel já ditou da Espiritualidade que, já agora, só Espíritos que tenham permissão especial do Pai podem reencarnar na Terra.

* * *

O Censo de 1950

Vem aí mais um recenceamento decenal.

O Brasil vai saber quantos somos.

E o Espiritismo, o número exáto de profitentes com que deve contar, que são os que tiveram a coragem e o escrúpulo de declinar o Espiritismo como a religião que professam.

A coisa está, justamente, na religião, de vez que, para muitos «espíritas», espiritismo não é religião. E' ciência e filosofia, sómente. Acontece, entretanto, que a filosofia espirítica e a ciência dos Espíritos são ainda negados pela civilização oficial, que é puramente materialistas, enquanto até os poderes públicos já reconhecem o Espiritismo como religião, pelas obras humanitárias que êle mantém por roda parte.

O espírita, para quem o Espiritismo é sómente ciência e filosofia, que religião declinará como sua, quando fôr recenceado?

* * *

Levas de Ex-homens

Diariamente passam, rumo a S. Paulo e Minas, em caminhões incômodos, levas e levas de retirantes. Viajam sem o mìnimo confôrto e sem a menor higiene, ao longo de viagens estúpidas, capazes de aniquilar frades de pedras. São mulheres, homens, crianças e moços, verdadeiros rebutalho humano, á míngua de todo o amparo e proteção oficiais. Verdadeiros êxodos de filhos de uma mesma pátria. Filhos de uma pátria que entretanto, manda buscar no estrangeiro deslocados de outras raças e de outros climas, sob mil e uma garantias oficiais, com todo o confôrto, hospedando-os oficialmente. Melhores trabalhadores do que nossos nordestinos? Não o cremos. E quem lê o que é o sertanejo nordestino em Euclides da Cunha, e quem o conhece *in loco*, como nós, também não o acreditará.

Está direito, isso?

Parece que nem direito, nem humano, nem cristão.

Vamos amparar estranhos, filhos de outras terras e de outros climas.

Mas, deixar que viva e morra a mingua de tudo irmãos nossos, para cercar de garantias, dar trabalhos e assistência de toda sorte e advenas de outras terras e de outros climas,,.

* * *

Estão me desenterrando!

A historia é longa e triste, e está em A MANHÃ, de 11 de Dezembro.

Trata-se de uma irmã muito infeliz, que se acusa de ser, teoricamente, a causadora da morte do irmão.

Com sacrificios inauditos, comprou a *carneiro* perpétuo do irmão, no cemitério de Jacarepaguá. Mas, há, na quadra 12, cova 6268, o nome de outro defunto. Ela reclamou. O administrador, encolerizado, respondeu-lhe: «O que se perdeu alí? Um monturo de ossos, uma podridão. Aquilo, eu botei no monturo!»

Foi, exatamente isso que o Espirito viu, no Espaço, e veio protestar, dizendo à irmã: «Bela, vai ao cemitério: estão me desenterrando».

Conta a propria írmã, d. Jurema, ao jornalista: «Certa vez, meu marido pulou da cama, pois ouvimos perfeitamente uma voz alta, dizendo: «Bela, vai ao cemiterio, estão me desenterrando.» Sendo eu de formação católica, não acreditei, julgando que fosse qualquer alucinação minha. Mais tarde, porém, viemos a saber, pelos factos, que era mesmo um aviso do Ary.»

«São segredos, estes, da Natura», como diria o poeta, que só o Espiritismo explica satisfatoriamente.

⁂

Uma lição de defunto.

Oscar Withenack, redator-chefe de um jornal de Denver morreu.

Seu cadaver metido no esquife, aguardava-se a cerimonia da encomendação do cadaver. Mas, nem o padre, nem o côro chegavam.

As pessoas. que o esperavam, ouviram distintamenie a voz do morto, por fenômeno de voz direta: «Êste entêrro é o meu, e tem-se que fazer o que eu mandar. O clero é uma corja. Não quero padres, nem cánticos religiosos. Estes funeraís hão de ser perfeitamente racionais. Sou ateu ha muitos anos, e continúo sendo-o depois de morto.»

E a voz do defunto, que se ouviu distintamente sem sair dos labios do defunto estendeu-se ainda mais, desancan a Igreja, a religião, a Biblia, a crença em Deus. E concluiu, depois de leve pausa, distintamente: «Isto é tudo que eu tenho a dizer».

O telegrama está no Díario de Noticias, de 5 de Novembro.

As lições a tirar de tudo isso: I) Que os factos espìritas se sucedem, a despeito de tudo, e até provocado por espìritos que, mesmo depois de desencarnados, confessam seu ateismo; II) Que o morto não muda de opinião com a morte, apenas; III) Que as formalidades religiosas não passam de simples formalidades religiosas; IV) Que não ha igreja, nem clero que possa, já agora, impedir que os Espiritos voltem como querem e entendem, numa prova concreta dos sinais dos Tempos...

Fenômenos de Materialização

INTRODUÇÃO

Nunca me passou pela mente a idéia de vir, um dia, a assistir à produção de fenômenos da inconteste relevância dos que relatei nesta série de trinta e três crônicas, as quais foram insertas na «Revista Internacional do Espiritismo». Defeituoso ainda, e bastante, julgava não merecer tão sublime graça, que só a posso conceber por obra de misericórdia e de acréscimo, do Alto. Sem pretensões outras que não as de dedicar-me ás lides do Espiritismo, trabalhando, quer como assistente, quer como explicador da Doutrina e quer como médium, que o sou de algumas modalidades, mercê de Deus, não podia alimentar tal pretensão.

Na minha peregrinação espírita, que data da adolescência, não se me apresentára, até ser fundado o Grupo Espírita «André Luiz», para o que me honro de haver concorrido, uma oportunidade de assistir a trabalhos de efeitos físicos, a não ser de simples sessões de mesas girantes, aliás com resultados positivos, pois delas surgiu, pelo menos, uma conversão valiosa, na Cabana Espírita «Abel Gomes», em Astolfo Dutra, Minas Gerais, que também me ufano de ter ajudado a fundar, e uma sessão no Grupo Espírita «Pedro», em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, onde tive oportunidade de assistir á produção de fenômenos de voz direta e de modelagem, em parafina, de que guardo indeléveis lembranças, pois foi aí que o espírito garrido de Jesuino, que os espíritos guias dizem já haver reincarnado, me fez oferta de uma luva de cera, que trouxe e guardei, por muito tempo, com invulgar carinho, contrariando minha filha que, então, chegava a chorar de medo da relíquia, queixando-se de a ver, em sonhos, a assustá-la, esta mesma filha que, aliás, mais tarde, havia de, como eu, sentir indescritíveis emoções com a produção de fenômenos semelhantes e de maior envergadura, à nossa vista, como os hei relatado.

Entreguei-me ao afã de produzir algo no Grupo, sem maiores preocupações, na doce espectativa do cumprimento de um dever. Os fenômenos foram-se produzindo numa escala ascendente e progressiva, em número e importância, ocasional, expontânea e naturalmente. E eu os fui assistindo natural e quasi displicentemente. Só decorridas algumas semanas, quando a relevância dos próprios fenômenos já se me afigurava flagrante é que se apoderou de mim o pensamento de registrar e divulgar o que ia assistindo e verificando, nêsse campo fenomênico verdadeiramente transcendente, aliás advertido pelos próprios espíritos, que mo sugeriram, por voz direta. Data daí o meu pálido trabalho, representado na coordenação dêstes rudes e despretenciosos relatos. Tratei de me aparelhar, como pude, das cautelas e dos recursos disponíveis para pesquisar, sem afetação científica a natureza e a autenticidade dos factos, colocando-me muitas vezes num plano de espectativa, dentro do qual me fôsse possível usar, simultaneamente, o coração e o cérebro. Fiz os possíveis ensaios nêsse sentido e trabalhei como era humanamente possível trabalhar. De algum modo procurei exercer um aconselhável contrôle dos fenômenos, embora não lhe possa chamar, em linguagem rigorosamente científica, uma perfeita pesquisa. Faltam-me recursos materiais e dotes culturais para tanto. Não dispunha de um gabinete de alta aparelhagem, rica e moderna, nem meios de obtê-lo. Nem preocupação maior com êsse intuito, evidentemente, me empolgava. Nêsse campo complicado e misterioso estava quasi tranquilo. Chegava mesmo a considerá-lo quasi que inteiramente desnecessário, por confiar na probidade moral dos médiuns e na elevação e sinceridade do ambiente, formado por uma plêiade de assistentes valiosos e decididos, postos acima da mínima suspeita.

A hipótese de fraude estava assim *in limine*, como que posta à margem. Se não conhecesse os médiuns, de ha bastante tempo, e não tivesse a garantia de companheiros de inegável ciso, que os conhecem «como a palma de minhas mãos», certo me bastaria, para desviar a hipótese de trapaça, a eloquência dêste raciocínio. Com efeito, ha fraude, subôrno ou embuste, parece-me, quando e onde esteja em jôgo a idéia de ganho, de lucro, de vantagens e benefícios materiais, direta ou indiretamente! Não ha, nêste particular, nenhum interêsse, ao que presumo, de ordem monetária ou simplesmente material a salvaguardar. Portanto, penso não ser êsse o caso. Prefiro arredada semelhante suposição, sumamente ofensiva à dignidade dos médiuns e dos componentes do Grupo, pessoas conceituadissimas não só nos meios espíritas como em todos os setores sociais, alguns deles, ao demais, portadores de títulos científicos. Além disso, os fenômenos, conforme tenho confirmado, repetidas vezes, são um mero corolário do objetivo real das sessões do Grupo, que é, indiscutivelmente, o alívio e a cura das enfermidades físicas alheias, coisa que, para alegria minha, tem sido amplamente constatada, em casos específicos. A causa primacial dos trabalhos a que me estou reportando é a cura, por processos diferentes e incompreendíveis, por enquanto, para as deficientes luzes da ciência oficial. O objetivo dos fenômenos propriamente ditos, é de ordem secundária embora, como sou o primeiro a reconhecer, sejam de grande valia, quando suficientemente comprovados, doutrináriamente falando. Aliás, os cuidados maiores dos guias espirituais do Grupo sempre foram conduzidos por êsse caminho e tomados nêsse exáto sentido e com o caracter dessa compreensão. Por isso mesmo o maior desvêlo sempre tem sido endereçado, preferentemente, com finalidades de alívio das dores humanas, comportamento perfeitamente compreensível, porque justo e lógico. E quando se dava a eclosão dos fenômenos e o espírito de vigilância e oração dos assistentes era invadido pelo natural espírito de curiosidade fascinadora, os mesmos guias espirituais os advertiam, responsabilizando-os pela falta de êxito, na assistência aos sofredores, caso se viesse a constatar.

Em Espiritismo, o facto, comprovado pela experiência, pela observação e pelas deduções lógicas e concludentes, ainda é matéria de 1.ª ordem. De nenhuma maneira póde, em sã consciência, substituir-se. Todavia, quando o facto se verifica e comprova, aliado ao benefício comum, ocasionando a realidade da eclosão simultânea de acontecimentos que reunam o útil ao agradável, o seu valor e a sua importância aumentam muito de significação e o seu alcance é muito mais profundo e objetivo.

Os fenômenos descritos são de molde a impressionar, ainda que não possam representar, por falta de um contrôle mais positivo, ao serem reduzidos à expressão científica, a última palavra em matéria rigorosamente incontestável. Mas, verificadas às condições precárias do ambiente material em que se produziram e a relevância dos benefícios dêles decorrentes, refletindo surpreendentes e benéficos efeitos, ficará provado que a coisa muda completamente de figura. Com efeito, dos relatos constam casos relevantes de cura de enfêrmos, de conversão, de algumas edificações e de outras tantas confirmações de fé. Isto só, isoladamente, justificaria o valor das sessões em que se deram e constataram tais coisas e atestariam a oportunidade da sua divulgação. Ainda que os fenômenos de materialização pudessem dar margem a dúvidas e a contestações — e nem porisso, talvez, seriam inverídicos — a beleza das suas ressonâncias benéficas e consoladoras bastaria para compensar as fadigas suportadas e os possíveis sacrifícios dispendidos, honestamente e com o pensamento puro de amor ao próximo, visando o bem estar geral e não apenas a satisfação de um pensamento traiçoeiro de méra curiosidade.

Quem quer que tenha umas tinturas de Espiritismo sabe, ao demais, que os fenômenos de materialização são, não apenas de possível constatação, mas também e simplesmente normais e quasi vulgares e corriqueiros como comprovadores da sobrevivência do espírito.

Quem poderá ignorar, evidentemente, os factos observados e positivamente comprovados por William Crookes, o famoso físico inglês, com o concurso da célebre médium Florence Cook, fenômenos esses que, como se sabe, foram constatados por Ernesto Bozzano?

Que maravilha não foi, realmente, as materializações sucessivas, durante dois anos, do espírito de Katie King?!... E os fenômenos produzidos por Elizabethe d'Espérance, quem poderá desconhecê-los hoje em dia?

Que perfeição as materializações de Yolanda, de Ana, e de Maria a *Dansarina!...*

Mas... para que ficar, apenas, na citação dos casos considerados clássicos, ocorridos no estrangeiro?

Entre nós e com gente nossa há coisa apreciável. Basta recorrermos ao manuseio de «Fenômenos e Materializações», de M. Quintão, de «Trabalho dos Mortos», do Dr. Nogueira Faria para que fiquemos deslumbrados com o tomar conhecimento dos factos produzidos através da médium Mme. Prado, em Belém do Pará!

Frederico Figner não escondia, quando em vida, o seu entusiasmo, pessoalmente e pela imprensa, ao narrar o facto da materialização de sua filha Raquel.

Pedro Granja, no seu vitorioso «Afinal, Quem Somos?», cita um punhado de factos notáveis, dêsse teor, verificados no nosso país, por pessoas credenciadas e insuspeitas.

Antonio José Trindade, no seu curioso «Factos-subsídios para a história do Espiritismo», põe-nos vibráteis e oprêssos com a narrativa implícita no capítulo intitulado «Uma noite pavorosa», à página 107, descrevendo nos estranhos e grandiosos fenômenos de materialização múltipla e concumitante.

Os jornais de grande tiragem, circulantes no país, «Diário da Noite» e «A Noite», do Rio, teem publicado numerosas reportagens sôbre fenômenos de efeitos físicos, ilustrados com copioso documentário fotográfico, cuja autenticidade ninguém, em sã consciência, poderá invalidar.

Haverá quem desconheça os casos de materialização, em S. Paulo, dos espíritos da Irmã Noiva e do Padre Zabeu?!...

Ainda ha pouco tempo saíu do prélo o livro do Dr. Carlos Inglez de Sousa, precisamente intitulado «Padre Zabeu Kauffman—espírito missionário do Além», em que se relata, de forma a não admitir dúvidas, a reprodução desses curiosos fenômenos.

No Centro Espírita «Iniciantes da Verdade», em Niterói, por intermédio de Olavo Alves da Silva, ao que nos asseguram pessoas de confiança, teem-se produzido inúmeros casos dessa natureza.

O médium Cosme, também de S. Paulo, tem assombrado os que teem assistido os fenômenos que a sua mediunidade produz, tanto no seu Estado Natal, como fóra de lá.

Para que prosseguir? Seria um desfilar interminável de acontecimentos notáveis...

Provado está, à saciedade, que tais fenômenos não representam simplesmente hipóteses, mas realidades positivas, demonstráveis e demonstradas.

A possibilidade de fraude houve-a em todos os tempos, a respeito e a propósito dos mais variados assuntos. Mesmo no que tange ao nosso caso, eu mesmo já o constatei. Isto se deu com o «médium» Sebastião de tal, num Centro dos nossos subúrbios, cuja diretoria — diga-se de passagem e para fazer justiça — não era conivente com o trapaceiro, profusamente divulgada pelo matutino «A Manhã» e pelo vespertino «A Noite». O referido indivíduo não trepidou em disfarçar-se, grosseiramente, com umas barbas postiças e outros objetos, com que tentou ludibriar a boa fé dos que lhe assistiam a pantomina. Tal embuste, tão grave quanto grotesco, chegou é verdade — a impressionar os menos avisados.

Os que privam mais de perto com o caricato espertalhão, chegaram a protestar contra o que eles chamavam de difamação e calúnia! Todavia, observado, o sujeito, por alguns cientistas da Sociedade de Medicina e Espiritismo, o resultado redundou negativo, pois o espírito, não se animou a «materializar-se...» E' bem de ver-se, portanto, que não pretendo destruír a possibilidade de fraude por aí além.

Os fenômenos que assisti no «André Luiz» e que andei relatando, pareceram-me autênticos e, nada tendo de que duvidar, não relutei em divulgá-los. Limitei-me a descrever aquilo que vi, constatei e senti, sem fantasias nem artifícios.

Depois desses factos que aí estão registrados, nenhum outro mais, dessa natureza, assisti que deveras merecesse divulgação: uns por serem destituidos de importância, quasi bisonhos, orçando pela vulgaridade; outros, por se me afigurarem duvidosos, à falta de meios de comprovação, embora de aparente singularidade e transcendência.

Eu só vulgarizo o que me parece certo e útil. Foi com êste pensamento que escrevi esta série de crônicas. Oxalá alcance o objetivo visado: servir de esclarecimento aos cépticos e de ilustração aos crentes. Essa a maior recompensa que, porventura, possa almejar, em favor da humanidade vacilante que aí está, o meu fragílimo esfôrço de cooperação espiritual.

Amadeu Santos.

Rio, Agosto de 1949.

Lembrai-vos de que ninguém póde servir a dois senhores ao mesmo tempo e que o reino de Deus só pertence aos que cuidam das cousas de Deus. Porisso fazei tudo com o pensamento voltado para a vida do espírito, se realmente desejais ser felizes quando ingressardes no mundo espiritual —C.

A Insignificância de um Livro e de uma Atitude

Procurando Fenômenos na Rua

Estranha posição de um homem de ciências, que foge aos métodos científicos e procura condenar ao ridículo os que os praticaram

(Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»).

EM palestra proferida na Federação Espírita do Estado de S. Paulo, em Dezembro último, o conhecido jornalista e experimentador espírita, sr. Odilon Negrão, classificou o recente livro do prof. Silva Melo, «Mistérios e Realidades Dêste e do Outro Mundo», como, «de certa maneira, um tratado de injúrias à dignidade mediúnica de Eusápia Paladino». De facto, o incrível livro do prof. Silva Mello reune tudo quanto de mais inverossímel se disse contra a grande e notável médium, e, o que é pior, sempre de maneira vaga, dessa mesma maneira contra a qual já tiveram de lutar, no passado, os defensores da realidade da fenomenologia espírita. Mas não é só. O livro é uma tentativa de reduzir a simples trapaceiros todos os médiuns conhecidos e desconhecidos, e a simples beócios todos os pesquisadores, sejam eles cientistas de comprovada capacidade ou não, todos os que até hoje se interessaram pelo Espiritismo e todos os que, de futuro, venham a cuidar da matéria. Parece que uma única idéia norteou as intenções do Prof. Silva Mello: a de ridicularizar de uma vez por todas o Espiritismo e os seus adeptos e simpatizantes, a de colocá-los numa tal situação, que o Espiritismo, por fôrça do ridículo, se tornasse, dóravante, uma espécie de grosseira superstição, inteiramente indigna da menor consideração.

Não queremos acreditar que o prof. Silva Mello estivesse a serviço dos inimigos da Doutrina dos Espíritos, ao escrever o seu volumoso livro. Conscientemente êle não devia estar servindo aos interesses subalternos de todos os que, desde Kardec até aos nossos dias, tudo fazem para negar ou ridicularizar, para, enfim, de qualquer maneira, condenar o Espiritismo e torná-lo um réprobo no mundo civilizado. Não obstante, o serviço prestado pelo prof. Silva Mello, no seu livro, foi unicamente a essa gente, a esses indivíduos e a essas organizações que tremem diante do Espiritismo, e que precisam, custe o que custar, afastá-lo das cogitações humanas. Investindo embora contra todos os fenômenos ou possíveis fenômenos supranormais, contra todas as escolas de ocultismo e exoterismo, numa aparência de homem de ciência a esmiuçar superstições e tolices, na verdade o alvo principal do seu livro é o Espiritismo, a grande Doutrina que a pouco e pouco vem se assenhoreando do mundo, em que pese as invectivas dos teologos e dos sábios, das igrejas e das academias, dos púlpitos e das cátedras. Aliás, é êsse o único ponto coerente do trabalho do prof. Silva Mello. Porque é o Espiritismo, de facto, o único corpo de doutrina espiritualista perfeitamente organizado, estribado em experiências científicas, baseado numa ampla fenomenologia catalogada e analisada de maneira positiva, e por isso mesmo capaz de enfrentar o materialismo face a face, discutindo com êle em pé de igualdade, sem fugir para o terreno vago das hipóteses ou para a tangente dos dogmas religiosos.

A Doutrina dos Espíritos é a refutação, ponto por ponto e item por item, das doutrinas materialistas que, em meados do século passado, tentaram dominar o mundo. Por isso mesmo que ela surgiu em igual época, numa espécie de reação à aridez das idéias materialistas, restabelecendo o prestígio da fé nos corações e reafirmando a crença intuitiva na vida do além-túmulo. Até o momento em que o Espiritismo surgiu no mundo, as religiões se baseavam apenas na intuição humana, com relação à continuidade da vida. Podemos assim dizer, à maneira do que fazem os materialistas com as teorias socialistas, que o Espiritismo veio pôr um ponto final no empirismo religioso. Se com Marx e Engels nasceu o materialismo científico aplicado à história e à sociologia, com Kardec e Delanne nasceu o espiritualismo científico aplicado igualmente à história e aos movimentos sociológicos, dando forma positiva àquilo que o homem vislumbrava tão somente através das suas intuições. Não é de admirar, portanto, que os doutores materialistas, como o prof. Silva Mello, tudo façam para negar a realidade do Espiritismo. Até o momento em que êste apareceu no mundo, eles, os materialistas, estavam numa posição cômoda, arrancando de suas trincheiras frágeis, a poderosos golpes de razão e de lógica, todos os espiritualistas empiricos do passado. O Espiritismo foi um contra-golpe inesperado, o ataque à baioneta dirigido ao próprio interior das fileiras materialistas. Enquanto os religiosos e ocultistas de toda a espécie debandavam espavoridos, refugiando-se no Empireo de Ptolomeu, ocultando-se nos claustros solitários da fé pela fé, os espíritas apareceram em cena empunhando as mesmas armas da razão e da lógica, que os materialistas, usando os mesmos processos de análise e investigação dos factos e das coisas, empregando a mesma dialética de ação e reação no estudo dos processos humanos e históricos. Deus, negado simplesmente pelo materialismo, ou convertido numa auto-ilusão humana, passou a ser estudado de maneira racional, consequente, através das interpretações que lhe haviam sido dadas pelo homem em tais ou quais circunstâncias históricas, e por fim proclamado pelos espíritas como uma realidade objetiva e não subjetiva, pois que objetiva é a existência de um centro de fôrças dirigindo os movimentos cósmicos, embora não se lhe dê a existência antropomórfica das religiões. O prof. Silva Mello mesmo reconhece, no seu livro, que os espíritas criaram um sistema engenhoso, que parece muito lógico, e do qual é difícil desvencilhar-se um observador imparcial. Ele mesmo, durante anos,—não realizando experiências, como o devia ter feito, mas lendo publicações e livros espíritas, — esteve enleado, sem saber para onde ir, se ficar no seu triste e árido materialismo ou se caminhar para a alvorada de luzes que o Espiritismo desfraldava aos seus olhos, embora numa distância que êle não teve coragem de vencer.

Gastou o prof. Silva Mello mais de seiscentas páginas impressas, para refutar os fenômenos espíritas. Chegou ao cúmulo de ignorar as últimas atitudes de Richet e afirmar que o sábio, até o fim, se mantivera contrário aos princípios espíritas. Catalogou e reuniu o que pôde, contra médiuns e fenômenos. Citou fontes possíveis e deixou de citar a maioria, por impossível fazê-lo. Aplicou todas as suas energias no afã de negar, numa verdadeira obsessão negativista, que de tudo se utilizou para isso, inclusive de inverdades como aquela da paixão de Crookes e da realização de sessões no quarto da médium. Mas tudo isso está plenamente justificado pelo sentido do seu livro, que é o sentido da luta, a qualquer prêço, contra o Espiritismo.

Perguntemos agora, diante dêsse insano trabalho, o que oferece o autor àqueles que, levados pelas sua argumentação, se desviarem do Espiritismo. Êste oferece, como se sabe, aos seus adeptos, uma visão harmoniosa e perfeita do Universo, uma clara e confortadora visão da vida e dos seus objetivos. Negando tudo isso, apresenta o prof. Silva Mello alguma coisa de nobre, de justo, de belo, de satisfatório, ao espírito humano ? Não, muito pelo contrário. O que êle nos apresenta é um mundo caótico, sem sentido, em que os homens vivem sem objetivo, e em que sómente existe,—segundo a sua concepção de existência, — aquilo que os cinco sentidos podem registrar a todo momento, independente de condições especiais, de condições próprias, como as requeridas pelos fenômenos mediúnicos. Seu ardente desejo é o de despojar o homem da confiança na vida, para levá-lo ao mesmo árido materialismo das suas pretenções científicas. E tão ardente é êsse desejo que êle terminou, para realizá-lo, contradizendo a própria ciência, que tanto exalta. Foi assim que, para refutar Richet, Crookes, Ochorowsky, Zoellner e outros, ao invés de empregar o método científico de experiências semelhantes, preferiu lêr alguns livros e revistas, e visitar, aquí e alí, videntes profissionais e médiuns curadores de idoneidade duvidosa. Não saberá o prof. Silva Mello que as próprias e corriqueiras experiências de física e de química só podem ser feitas e observadas, com critério científico, em condições determinadas e laboratórios apropriados? Deve sabê-lo. Não obstante, em se tratando dos fenômenos metapsíquicos e espíritas, êle os prefere procurar na rua, e como não os encontra, acha-se autorizado a negá-los e a chamar de beócios os que os obtiveram de outra maneira. Por outro lado, é curiosa a atitude de um homem de ciências que, para aniquilar a crença no espírito, invoca a todo o momento a ciência, e termina afirmando que o seu livro, *«debaixo do ponto de vista científico, é de extraordinária insignificância»*.

J. Herculano Pires
(Do Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo)

Livros e Autores

Leopoldo Machado

UMBANDA EM JULGAMENTO — *Pedro D'Alcantara* — Gráfica Mundo Espírita. Rio.

Não somos infenso aos trabalhos mediúnicos de caboclo, indio e preto velho. Em nossos trabalhos mediúnicos destinados, exclusivamente, a dessobsessão, aliás, com resultados apreciaveis o concurso desses espíritos é inestimavel. A nossa policia espiritual, para os casos graves, é dirigida por um ìndio e um preto velho: Rampa e Jacó. De tal modo são conscios de que não podem fazer tudo, que, casos que fogem a sua alçada, porque passiveis de doutrinação e esclarecimentos, eles mesmos dizem: «Isto é trabalho para o padre». Isto é: para o espìrito esclarecido de um padre amigo, lugar-tenente, por assim dizer, do alto espìrito de Luiz Gonzaga.

Substituir, portanto, o trabalho dos pretos velhos e caboclos, nunca!

Mas, pensar daí que eles podem fazer tudo, grimpar e campar como guias absolutos? Nunca! Mas, aceitar a umbanda, tanto quanto da Umbanda conhemos—e da Umbanda conhecemos o que, entre nós, se tem publicado—; aceitar a umbanda como espiritismo? Tambem não.

Não vimos ainda, até o presente, nada que contrarie o que pusemos, estudando a Umbanda, em nosso *Cruzada do Espiritismo de Vivos.*

Umbanda é, repetimos, mediunismo, com dez por cento, apenas, de espiritismo, e o restante de catolicismo, de fanatismo e praticas afro-indianismo. O mediunismo é, portanto, o unico ponto de contacto entre a Umbanda e o Espiritismo. Donde concluir que uma tenda de Umbanda apresentar-se como espírita está errado, embora seja um preito de inferioridade ou imitação rendido á Terceira Revelação. *Tenda umbandista tal, ou tal*... devia ser a sua denominação...

Isto, aqui, fica sem nenhuma ofensa á seita afro-brasileira e a seus adeptos, entre os quais, contamos bons irmãos e amigos. Nem por isso, nem por suas fileiras andarem se engrossando com adeptos de alto coturno e do cardecismo, mudamos de opinião, que *amicus Plauto*...

Umbandistas egressos do cardecismo... como póde ser isto?

Como póde uma criatura de Deus deixar de ser médium, intermediário entre dois mundos, entre as potências do Alto e os homens, para ser *cavalo* de indios e pretos velhos? Como deixar de pertencer ao grupo humano para pertencer a um grupo cavalar, e ser, por isso mesmo, cavalgado por pretos africanos, caboclos e indios, sómente?

Entretanto, cresce o número dessa nova fauna humana.

Por certas leis de atavismo espiritual, como bem esfrolou o Líns de Vasconcelos, o espírito póde ter renascido num corpo branco, póde ter sido trabalhado por outra cultura e civilização sem se libertar, entretanto, do atavismo que o prende à raça negra, a que pertenceu em outras vidas, a suas práticas e usanças...

De outro modo, impossível compreender o fenômeno.

Não desconhecemos que há coisas apreciáveis na Umbanda.

Mas, negamos a fortaleza de sua corrente, que os umbandistas coloca superior ao cardecismo, pois nenhum trabalho, por mais forte que seja, resolvido no umbandismo, ficará sem solução no cardecismo. E sua solução aqui será mais completa, porque implica, ao mesmo tempo, o esclarecimento de obsidiados e obsessores.

Das coisas apreciáveis da Umbanda, salientamos a disciplina mediúnica.

Claro que é mais fácil, ás vezes, dominar, disciplinarmente, um *cavalo*, que não raciocina, do que uma criatura racional, conscientemente livre. Assim, a disciplina dos médiuns de Umbanda, no cardecismo, seria uma perfeita maravilha, por ser uma disciplina consciente, porque sem medos à fiscalização de seus guias, ao chicote de seu protetor.

A humildade de seus guias, eis outra coisa apreciável. Seria verdadeiramente louvável, se se tratasse de uma coisa generalizada, que a superioridade espiritual é sempre modesta, nunca humilha ninguém, mesmo advertindo, admoestando. Assistimos numa tenda de umbanda, aliás das mais bem frequentadas, o guia espiritual, um indio poderoso, dizer a ilustre dama, esposa de advogado de nosso conhecimento, que foi ao terreiro calçada, receber passes: *«Sua bura, ocê num sabe qui não se entra ni terrêero carçada? Lá fóra, sua bura tirar sapatos»*. E, depois de nossa preleção aí, nós de costas para o altar da santa padroeira e de frente para a enorme assistência, chamando a atenção de todos para o Espiritismo, que não comporta idolatrías nem ritualismos de espécie alguma, o mesmo guia, chamando-nos luminar, disse a sua gente; *«Ele tá cum a razão: Inspritismo é isto mêmo, qui ele tá dizendo. Mas, este inspritismo é munto fino pra ocês, que precisa, ainda, de chicote de caboclo e de preto africano»*.

A consciência da inferioridade de suas práticas ás práticas cardecistas, eis outra coisa apreciável. Inferioridade de tal monta que muitos umbandistas esclarecidos, dos dois planos, são acordes a justificar a existência de umbanda dado o atraso em que vivemos e, por isso mesmo, precisar, ainda, o homem do freio de sujeições e disciplinas rígidas para avançar alguma coisa na escalada da Espiritualidade.

Tudo isto à mente nos veio em consequência da leitura do UMBANDA EM JULGAMENTO, do Pedro D'Alcantara.

O autor e seu volume, foram uma revelação para nós.

Velho conhecido nosso, não o sabiamos escritor.

E que escritor: claro, lógico, preciso, analista.

Seu volume é, para nós, pois, o mais completo que já se escreveu sôbre o assunto.

Um tratado substancioso daquilo, que apresenta através da História e dos estudos autorizados do assunto, de uma análise profunda e de um senso invulgar que a gente lê aprendendo, deliciando-se intelectualmente, recreiando o espírito, ganhando tempo e cultura. Trata-se, inegavelmente, de um trabalho tão profundo e claro, que vai interessando a gregos e troianos, que são, no caso, cardecistas e umbandistas.

Será pena se o seu volume não fôr lido por toda gente interessada em tais estudos.

O livro é edição da *Gráfica Mundo Espírita*. Uma obra que honra, aliás, a Emprêsa que o editou.

E somos grato ao volume que nos coube, por gentileza sem nome do autor ilustre e generoso irmão e amigo.

NOTA: Muitos volumes que me foram enviados, aguardam leitura, sôbre nossa estante e, consequentemente, nossa opinião. O fim de 1949 e êste princípio de 1950, têm sido para nós cheios de trabalhos que nos têm tomado todo o tempo com coisas inadiáveis. Tivemos, assim, de adiar a leitura dos volumes recebidos. Pedimos a seus autores, consequentemente, que nos perdôem e esperem que, a seu tempo, trataremos deles.

A maior riqueza que possuí no vosso mundo foi o conhecimento do Espiritismo. E dessa riqueza estou tirando tudo aquilo de que necessito para o meu sustento aqui. E quanto mais tiro mais aumenta o meu tesouro.

MARIQUINHAS.

A Nossa Opinião

Inúmeros confrades pediram á nossa opinião sôbre a natureza do corpo de Jesus, velha e debatida questão que tanto vem ocupando o precioso tempo de muitos espíritas, mas que não toma o nosso tempo porque temos muito que fazer, no vasto campo da Doutrina, cousas de maior importância, tanto mais que o que nos interessa é o corpo da doutrina de Jesus e não a natureza do seu corpo, se material, se fluídico, o que de nenhum modo alterará a marcha do nosso aperfeiçoamento na senda da evolução.

Como os demais espíritas, temos também, sôbre a já debatida questão, o nosso ponto de vista, o nosso modo de pensar, que não procuramos mostrar publicamente e sim particularmente, e mesmo assim somente quando abordado a respeito, com o propósito de não aumentar o volume da confusão e tomar tempo que póde ser aplicado em leitura ou estudo mais produtivo.

Assim, a nossa opinião é que Jesus teve um corpo material porque, completados os oito dias do seu nascimento foi circuncidado e a circuncisão só poderia ser feita em corpo físico. E nos mantemos firmes nêste propósito até que possamos encontrar argumentos capazes de nos convencerem do contrário. E se os encontrarmos, nos renderemos à evidência porque não queremos estar acorrentados ao nosso modo de pensar ou pontos de vista, de vez que somos amigos da Verdade.

Tanto os que defendem a tese do corpo material, como os que defendem a do corpo fluídico podem buscar material dentro do Evangelho para sustentarem seus pontos de vista.

A nossa opinião aquí fica, mas sôbre ela nunca entramos e nem entraremos em debates, porque julgamos que seria tratar do endro, do cominho e do hortelã e deixar o trabalho principal, que é a pregação da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho, à luz do Espiritismo.

Respeitamos, por princípio, as idéias de todos, não só porque é um dever, como também porque gostamos que respeitem as nossas. Se Deus deu o livre arbítrio a todos os seus filhos, cada um póde pensar como quer, e não seremos nós que vamos tolher essa liberdade, que também é nossa.

Desde que não sejam afetados os fundamentos da Doutrina, que são as obras de Kardec, cada espírita póde ter o seu ponto de vista e ser *Delanista, Richista, Crookista, Roustainguista* etc. Devemos estudar tudo e abraçar o que for bom, tanto mais que a Doutrina Espírita se distingue entre as demais pelo seu espírito de liberdade, fraternidade e tolerância.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	. . 50,00	Do 7.° ano	. . 50,00	Do 8.° ano	. . 50,00
Do 10.° ano	. . 50,00	Do 11.° ano	. . 60,00	Do 12.° ano	. . 60,00
Do 13.° ano	. . 60,00	Do 14.° ano	. . 60,00	Do 15.° ano	. . 70,00
Do 16.° ano	. . 80,00	Do 17.° ano	. . 60,00	Do 18.° ano	. . 60,00
Do 19.° ano	. . 60,00	Do 20.° ano	. . 60,00	Do 21.° ano	. . 60,00
Do 22.° ano	. . 60,00	Do 23.° ano	. . 60,00	Do 24.° ano	. . 60,00

Crônica Estrangeira

Enquanto dorme em Londres faz curas no Canadá

O sr. Charles V. Stromberg publicou no semanário inglês *The Two Worlds* um curioso artigo acerca das faculdades curadoras do médium Steabben, muito apreciado pelas suas curas surpreendentes. Analisando as histórias clínicas deste incansável trabalhador, verifica-se que muitas desordens patológicas, desde o reumatismo à cegueira total, são atribuidas a deslocações ósseas e desarticulações casuais.

Os *Guias Espirituais* do terapeuta são o espírito do poeta James Macbeth Bain e o espírito de um especialista francês muito versado em estrutura óssea que auxília poderosamente os diagnósticos.

O médium F. W. Nuthall fala assim, a respeito do sr. Steabben: «Este sr. visitou-me uma tarde no hospital, quando eu estava inconsciente. Mas durante o tratamento tive a percepção do curador e senti-me penetrado por nova vida. O alivio e a tranquilidade que me sobrevieram não se podem traduzir em palavras. Por isso, considero aquela tarde como início do meu restabelecimento».

Hemorragia mortal — Uma cura extraordinária de hemorragia interna causada por um deslocamento de ossos é a da sra. Paton. Os médicos diziam que só uma operação maior a poderia salvar. Ela, porém, recusou-se e visitou o sr. Steabben que lhe descobriu um osso deslocado; e como o caso era urgente, aconselhou a mulher a procurar um osteópata, para a devida operação. O osteópata confirmou o diagnóstico e reajustou-lhe três ossos! Entretanto, Steabben tratava-a a distância e declarou que a hemorragia cessaria dentro de uma semana, o que se verificou rigorosamente. A doente está inteiramente curada.

Além do mal provir de deslocação óssea, a enferma tinha razão em depositar confiança no médium, embora os médicos afirmassem que a sua hemorragia era de morte.

A forma etérica de Steabben—Crianças imbecis, corcundas, e doentes de paralisia crônica, restabeleceu alguns, depois de terem sido desenganados. Também no caso seguinte a origem do mal estava na deslocação ou na avaria de um ôsso. Tratava-se de uma paralìtica do Canadá, que oito anos esteve retida em casa por não poder andar. Dotada de faculdades que lhe permitiam ver as formas etéricas de um dos Guias e de Steabben, ao cabo de um mês ficou restabelecida. Ao regressar à Inglaterra, visitou Steabben para confirmar a sua cura. E depois de reconhecer o médium, exclamou:

— O sr. já me viu e, no entanto, nunca me viu (sic).

Isto explica-se, porque o curador não se lembra dos tratamentos quando atua em espírito, pois acha que se deve respeitar a intimidade do doente.

Um pescoço deformado — A sra. Driver—continua o articulista—declara que há um ano se sentiu muito mal e consultou distintos médicos especialistas sem o minimo resultado.

— Parece-me que fui inspirada a vir aqui—disse ela—. Eu conhecia o sr. Steabben, mas já o não via há muitos anos. Logo que me viu, disse imediatamente: *Isso è do acidente que a senhora sofreu há dois anos.*

Esta senhora caíra sôbre troços de carvão e ficou com as pernas torcidas e o pescoço deformado. Uma noite, enquanto caminhava, teve sensação de morte: «A minha segunda vértebra do pescoço —disse ela—deslocou-se e se não fosse o sr. Steabben não poderia contar estes factos. Por isso lhe agradeço profundamente o perfeito diagnóstico e o tratamento.

Curas à distância—Poderia dar muitos exemplos de cúras de doenças semelhantes e de outras, desde o cancro às enfermidades crônicas do estômago—continua a escrever o sr. Charles V. Stromberg—O número de casos patológicos devido ao estado dos ossos devia fazer reflectir sèriamente os que exercem terapêutica, sejam médicos ou heterodoxos. Fica tambem ilustrada a relação estreita entre as curas espirituais e o estado fìsico. Os ossos são objetos materiais, mas as suas desordens e deslocações podem diagnosticar-se mentalmente sem nenhum contacto fìsico, bem como fazer ir os ossos ao seu lugar e curar a doença sem usar de meios físicos. Eis porque as curas não se limitam, a tratamentos *por contrato,* mas também *á distância.* As curas constituem a prova mais directa e maravilhosa e o que se acaba de relatar demonstra quão perto de nós está o mundo dos espíritos.

⁂

O Testemunho dos Factos

De «Além»

África Ocidental — Chicuma, 25 de Maio de 1949.

Exmo. Senhor Manuel Cavaco
Porto

Venho, com a presente, relatar um caso passado comigo e com dois amigos meus que, se entender que tem algum interêsse, poderá publicar na querida Revista «Além».

Na noite de 22 para 23 do mês passado, durante o sono, vi, em sonho, que ia de viagem, em camionete, para Vila Mariano Machado — que dista daquí 75 quilómetros — com os meus amigos Joaquim Martins e João Henriques Pereira, proprietário e condutor da camionete em que viajávamos.

A certa altura da viagem, ao passarmos em cima duma ponte, vi, nítidamente, esta abater com o pêso e ir tudo para dentro do rio; mas, verifiquei, com grande satisfação, que nenhúm de nós tinha sofrido absolutamente nada. No dia seguinte veio-me visitar um desses amigos —o Joaquim Martins e, em conversa, eu contei-lhe o meu sonho, comentando êle o caso com algumas piadas alegres — ora o que é certo é que, nessa ocasião, nenhum de nós pensava em fazer tal viagem.

No dia 25, inesperadamente, tivemos que ir a Mariano Machado os três e, pelo caminho, fomos contando o meu sonho ao João Henriques Pereira, que ia conduzindo a dita camionete em que viajávamos, dizendo êle: isso são sonhos, não têm importância e eu respondi: quem sabe? às vezes são avisos.

Ao chegarmos à ultima ponte, a três quilómetros do términus da viagem, repentinamente esta abateu e, de uma altura de três metros, foi tudo para dentro da água, tal como eu vi em meu sonho; mas, também, como eu tinha visto, nenhum de nós sofreu absolutamente nada!

As primeiras palavras desses meus amigos, depois de recuperar a serenidade, foram estas: — afinal o sonho deu mesmo certo.

Creio que isto é um autêntico sonho premonitório.

Já agora, vou relatar outro sonho que reputo muito interessante.

Em Outubro, do ano passado, sentindo-me bastante doente, andava muito preocupado com o futuro de meus filhos, se eu lhes viesse a faltar, e, uma noite, deitei-me muito apreensivo com o caso, mas, claro está, nada disto eu dizia a meus filhos para os não entristecer e, pelo contrário, na presença deles eu mostrava-me alegre, para os animar.

Na manhã seguinte, fiquei muito admirado ao dizer-me minha filha: Paisinho, esta noite tive um lindo sonho; vi a Mãesinha—falecida em 1935—acompanhada por uma senhora muito linda, envolta por uma cruz azul celeste, e essa senhora levantou a mão e disse: viemos aquí por Deus mandadas, e depois, a Mãesinha disse-me: Maria, minha filha, diz ao teu Paesinho, que o futuro dêle e dos filhos está nas mãos de Deus, que não desanime porque o desânimo aumenta o sofrimento que já é grande.

Queria te dizer mais alguma coisa mas fica para outra vez.

Depois voltaram a subir, sempre a dizer adeus com as mãos, até desaparecerem.

Ora, minha filha, como já disse, nada, absolutamente nada, sabia das preocupações que me estavam afligindo, e é isto que eu acho interessantissimo.

Se julgar que qualquer destes casos tem interêsse para os leitores da querida Revista «Além», póde, se assim o entender, publicá-los na mesma — pois são autênticos — é claro, depois de os compor que, para isso, me falta competência e engenho.

Aproveito a ocasião de enviar a V. Ex.ª os meus sinceros agradecimentos pela recepção da nossa querida Revista, que aguardo sempre com ansiedade e me tem dado um grande confôrto na minha vida atribulada.

Muito e muito obrigado à S. P. I. P.
Com o máximo respeito e consideração

Américo de Lemos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

José Papa e o Teatro Espírita

Agnelo Morato.

De ha muito, no meio espírita, abria-se lacuna das mais sensíveis.

Faltava-nos elementos próprios para nossos festivais beneficentes e para nossas festas comemorativas e evangélicas.

Surgiram mocidades espíritas em quasi todas as cidades do Brasil.

Os moços com sua tendência para os movimentos artísticos sempre encontraram dificuldades para adquirirem músicas apropriadas em poesias que falassem de nossa Doutrina, com a referência de que ela carece naturalmente.

Os quadros e cênas para teatro, ao desenvolvimento de assuntos cristãos, sempre foram raros. Porisso mesmo, assistiamos, a miúde, a certos festivais litero-musicais, em centros espíritas, com cunho de tudo o que existia nos meios profanos.

Antes que o prof. Leopoldo Machado desse seu grito de alarme contra a infestação de «pouco gosto» nos arraiais espíritas, publicando seu vitorioso livro «Teatro Espiritualista», já em Ribeirão Preto, o irriquieto José Papa, escrevia peças teatrais que iam preenchendo essa lacuna.

E por falar em José Papa, quem não conhece êsse dinâmico soldado de nossas fileiras ?

Mentor da Mocidade Espírita «Emanuel», presidente do «Centro Espírita Euripedes Barsanulfo», dirigente «número um» da «UME» da Capital d'Oeste, a inegualável Ribeirão Preto, tem sido êle dessas legitimas expressões de trabalho e despreendimento, elevando sempre o programa de ação do Espiritismo no BRASIL CENTRAL.

Convivendo com moços idealistas, compreendeu êle a necessidade de melhor carinho para êsse lado da arte de representar.

Em nossa região, José Papa tem sido incansável movimentador das chamadas «Semanas Espíritas» e, talvez, porisso, foi o que sentiu mais de perto as constantes dificuldadades para a parte recreativa desses conclaves, quando não se tem à mão peças teatrais de alta moral cristã.

Em face desse problema, começou então a escrever trabalhos dessa natureza, enriquecendo, assim, a biblioteca de sua mocidade e seu «grupo teatral de amadores». E veio, por êsse meio, para todos nós: «Fantasia do Filho Pródigo» — «Médico dos Póbres» — «O Obsessor» — «Passo Errado» e inúmeros outros trabalhos dentro de princípios espíritistas.

Soubemos agora que José Papa, ao contrário de ser egoista e que viésse guardar essas preciosidades da arte de Melpômene e Tália, resolveu enfeixar em volume suas melhores concepções cênicas.

E dentro de breves dias, pois, teremos em letra de fôrma: «O Médico dos Pobres»», realização de grande fôlego, onde salientam-se personagens fiéis e que se conduzem ao Espiritismo pela lógica de factos interessantes: «Fantasia do Filho Pródigo»—peça de fundo evangélico, onde o exemplo se faz doutrina, assunto no qual vemos a relação admirável da bondade paternal, vencendo rancores e ódios; «O Obsessor» — obra de coragem e arrôjo, real e forte e de ensinos palpáveis. Climax perfeito que nos mostra a ação do espírito perseguidor. Argumento integral de Espiritismo.

A próxima edição do «Teatro Espírita» do confrade José Papa, residente em Ribeirão Preto, temos certeza, vai encontrar aceitação, não só no meio espírita como, também, no profano.

E isso porque suas peças são facilmente adatáveis para qualquer modalidade de teatro, de vez que possuem senso humano, ensino apostolar, exemplo e advertências profundas.

Não ha dúvida que si o teatro, em sentido geral, se encaminhasse para êsse lado de ajustar os elementos da própria vida ás lições e aos ensinos que vêm dela mesma, pela experiência, faria trabalho de educação . . .

Enfim, seria movimentação de arte objetiva, meritória aos olhos de DEUS!

* * *

Somos dos que podemos falar de José Papa muito à nossa vontade. Sempre estivemos coerentes em pontos, com vistas ao «Teatro Espírita», tão útil quanto necessário à família cristã...

Nosso modo de crítica e, até, de aspiração tem encontrado correspondência no alento dêsse querido companheiro de lides doutrinárias.

Eis porque, sabemos de antemão, que seu livro, onde ficarão editadas suas três melhores peças teatrais, alcançará êxito. Suas três obras principais, temos certeza, sairão para o Brasil como presente de valor aos cultores do teatro pela sã moral.

Que os nossos confrades saibam prestigiar o esfôrço do abnegado irmão de lutas. mesmo porque o produto dessa edição reverterá em benefício de uma instituição de caridade.

E, assim, duas coisas igualmente santa estaremos fazendo ao adquirir o livro de nossa referência nesta exposição: dar solidariedade e trabalho de assistência social e amparar os festivais artísticos de nosso meio para vencer mais essa etapa na emancipação de costumes.

Da «Cidade», de Ribeirão Preto.

Contestação á psicografia de Francisco Xavier

Carta de um estudioso a O GLOBO, em defesa do famoso «médium»

A propósito das declarações concedidas a O GLOBO pelo sr. Osmar Barbosa, o sr. Ismael Gomes Braga, estudioso da psicografia e que examinou toda a obra do famoso «médium», Francisco Xavier, escreveu-nos a seguinte carta:

«Rio, 23 de Janeiro de 1950. — Sr. redator d'O GLOBO — Com o mais vivo interêsse li em sua primeira edição de hoje a inteligente entrevista com o Sr. Osmar Barbosa, autor do livro inédito «Psicografia ou imitação de estilo?». Como sou estudioso do assunto há mais de trinta anos, tenho passado sistematicamente minhas férias em Pedro Leopoldo, nestes dez anos mais recentes, para estudar com paciência as faculdades de Francisco Candido Xavier. Talvez não desagrade, portanto, aos seus leitores o depoimento a propósito da hipótese do Sr. Osmar Barbosa. O professor do Ginásio S. João, de Boa Esperança, é culto e talentoso imitador de estílos de grandes poetas, como consequência, como diz, do constante manuseio das obras desses autores. Prova o alegado com primorosas imitações de sua lavra e chegou à convicção que pretende transmitir aos seus leitores, por meio do livro, de que o mesmo faz Francisco Candido Xavier, não existindo, por isso, necessidade de recorrermos à psicografia para explicarmos a obra dêste moço de Pedro Leopoldo, cujas faculdades tanto têm agitado a imprensa, o rádio e até os tribunais nestes últimos vinte anos. Vamos examinar serenamente a hipótese de S. S. e estendê-la um pouco, a fim de verificarmos até aonde podemos chegar com ela. Dentre uns quarenta volumes publicados por Francisco Candido Xavier, os mais lidos e apreciados no Brasil, em Portugal, na África e na Argentina não são os de autores conhecidos no mundo, são, ao contrário, assinados por nomes ou pseudônimos absolutamente desconhecidos, como Emmanuel, André Luiz, Neio Lucio, Veneranda e outros. De onde teriam vindo os modelos para esta série de uns vinte volumes já muito famosos e sempre reimpressos? Além de uns 60 (sessenta) poetas conhecidos pelos seus estílos, cujos versos se acham impressos em «Parnaso de Além Túmulo», «Lyra Imortal», «Cartilha da Natureza», «Jardim da Infância», em revistas e jornais, Francisco Candido Xavier tem produzido muita coisa de poetas totalmente desconhecidos do público, sem obras impressas, de parentes ou amigos de visitantes, em sessões privadas ou públicas. Por exemplo: numa das visitas que fiz ao «médium», recebeu êle dois lindos sonetos do Dr. João Baptista da Silva, meu parente, inteiramente desconhecido do mundo, porque seus versos nunca foram publicados e só nós da família os conhecemos e podemos dizer da identidade de estílo, Nestes casos de poetas desconhecidos do «médium» e só conhecidos do visitante, e dos quais há numerosas pessoas a atestar como nós o facto, de onde teria colhido o rapaz o estilo a imitar? Mas não é só, Sr. redator. Todos os dias do ano Francisco Candido Xavier é visitado por pessoas desconhecidas, vindas de todos os pontos do Brasil e até do estrangeiro, e estas pessoas recebem mensagens de parentes e amigos, em estílo totalmente desconhecido do «médium». Eis alguns exemplos: Certa feita, num passeio pelas ruas de Pedro Leopoldo, disse-nos o «médium»: «Está aquí uma moça que me dá o nome de (permita-me não publicar o nome) e diz que deseja escrever-te uma carta». Ao chegarmos à casa do «médium», tomou êle de lápis e papel e recebeu missiva muito íntima, com letra, idéias, mau português, assinatura de distinta amiga que não víamos há uns 30 anos. Nessa mensagem recordava com saudade páginas de nossa juventude, já quasi totalmente apagadas de nossa memória, e nos relatava sua vida na superfície da terra e no mundo espiritual. Anunciou-nos o «médium» a presença de veneranda parenta que igualmente desejava escrever. Veio a mensagem, perfeitamente identificável pela grafia, pelos erros de português, expressões regionais e assinaturas daquela anciã, tratando de assuntos muito íntimos de família. Poderiamos citar muitos outros factos semelhantes, o que seria enfadonho para o leitor, e sabemos que centenas de outras pessoas podem fazer depoimentos semelhantes ao nosso. Os modismos especiais, os erros de linguagem, a letra e firma de parentes, como provas de identidade para o visitante, valem mais do que toda a argumentação de sábios. Portanto, se para o estílo público de famosos escritores e poetas poderiamos admitir a hipótese do Sr. Osmar Barbosa, como explicação, essa hipótese cairia fragorosamente ao ser aplicada aos casos de estílos inferiores, desconhecidos, e quanto às grandes obras anônimas, como «Há dois mil anos...», «50 anos depois», «Paulo e Estevão», «Renúncia», «Nosso Lar», «Missionários da Luz», «Mensageiros», «Obreiros da Vida Eterna», «No Mundo Maior», «Libertação», «Jesus no Lar» e outras, assinadas por nomes ou pseudônimos totalmente desconhecidos no mundo, mas que revelam talento superior, profundos conhecimentos científicos, alto padrão moral e valor artístico. Parece-nos, pois, Sr. redator, que o Sr. Osmar Barbosa pretende refutar uma obra, na qual S. S. conhece sómente uma parte muito pequena e a menos importante. Tivessemos autoridade para fazer uma sugestão a S. S. e lhe diriamos que, antes de publicar o livro, faça estudo mais profundo do tema, visitas ao «médium», procure ouvir as pessoas que conhecem as numerosas mensagens íntimas, leia os livros de autores desconhecidos, porque talvez tenha que escrever mais de um volume. Ficar-lhe-ia agradecido pela publicação desta e sou de V. S. patrício e admirador — *Ismael Gomes Braga*».

De «O Globo», de 27/1/50.

J. Herculano Pires

Afim de gozar as férias regulamentares distante da vida agitada da Capital bandeirante, esteve entre nós 15 dias, acompanhado de sua exma. família, hospedado em casa do confrade Urbano de Assis Xavier, o conhecido jornalista e velho amigo, José Herculano Pires, secretário do «Diário de S. Paulo» e redator do «Diário da Noite».

O distinto visitante, que chegou a Matão no dia 31 de Dezembro, regressou no dia 15 de Janeiro, deixando em todos os corações que com êle tiveram a ventura de privar durante êsse curto tempo, gratas recordações.

Enquanto o homem pensar que a morte é o fim da vida será sempre escravo da matéria, porque não sabe como se libertar dos seus êrros, vícios e imperfeições morais, não terá fé, nem esperança e nem forças para exercitar a caridade, base do amor fraterno. Dizei ao homem, e provai com os factos imortalistas, que êle não morre, que é um espírito imortal em demanda aos altos píncaros da felicidade, afim de que êle possa descobrir em si mesmo o amor de Deus, fundamento da vida eterna e de todas as cousas. Só assim apressareis o império da paz no vosso mundo.

CAIRBAR.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Paulo e Estevão
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

**Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
Matão — E. S. Paulo**

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,		20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		40,00
	Semestre —	,, ,,		23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2621unse

No. 1 [illegible]

NO XXVI—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1950 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

31 de Março	*Redação*
Cairbar Schutel	*Pereira Guedes*
Sôbre o Batismo	*Pal*
Mensagem de Amor	*Augusto Pacheco*
Reino Espiritual	*Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
O Espiritismo é...	*J. B. Chagas*
S. Paulo, o precursor da Sociologia do 1.º Século	*Amadeu Santos*
Pontos de vista	*Leopoldo Machado*
Ciência Metapsíquica	*Luiz Dantas*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil.	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Cincoenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Paulo e Estevão
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
Històrìa de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
Historia de Catarina

**Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
Matão — E. S. Paulo**

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1950 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

31 de Março

FOI em 31 de Março de 1869 que desincarnou em Paris, na idade de 65 anos, Leon Hyppolite Denizard Rivail, Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, um dos maiores missionários que Deus enviou ao mundo para conduzir a humanidade ao seu reino. Allan Kardec póde ser considerado o primeiro da falange do Espírito da Verdade, do Paracleto, que Jesus, o nosso único Mestre, prometeu enviar para nos ensinar todas as cousas e nos fazer lembrar de tudo o que nos disse.

Depois de Jesus Cristo até agora não conhecemos nenhum Enviado maior do que Allan Kardec. A' medida que o tempo avança fincando marcos na senda do progresso moral, intelectual e espiritual da humanidade, mais avulta o nome de Allan Kardec nas almas que buscam a Verdade, que almejam alcançar o reino de Deus e a sua justiça para serem realmente felizes na eternidade. Efetivamente, depois de Jesus Cristo nenhuma luz iluminou tanto as consciências como a luz das obras que Allan Kardec, com a participação ativa dos seus companheiros da falange do Espírito de Verdade, legou à humanidade, com o objetivo precípuo de livrá-la das cadeias da materialidade para conduzí-la ao suntuoso templo da espiritualidade.

As obras de Allan Kardec são, portanto, o fundamento da Doutrina Espírita, porque são o resultado do trabalho conjunto dêste excelso missionário e dos Espíritos encarregados da espiritualização da humanidade. Todos os enviados de Deus tiveram uma falange de Espíritos ao seu lado. As táboas da lei foram dadas a Moisés no Monte Sinai pelos Espíritos. Ao mando de Jesus, os Espíritos multiplicavam pães e peixes, levantavam paralíticos, davam vista aos cegos de nascença, ressuscitavam mortos e iam longe curar os enfêrmos, conforme sucedeu com o servo do Centurião. Assim também Allan Kardec foi assistido pelos Espíritos encarregados de acompanhar os Enviados de Deus. As obras de Allan Kardec, não são, portanto, o produto de um homem e de um espírito apenas e sim o produto dos Espíritos da falange do Paracleto. Allan Kardec foi apenas o codificador dos ensinos dos Espíritos, e para êsse fim tinha todas as qualidades

ALLAN KARDEC

exigidas por uma tarefa de tamanho vulto como foi a sua.

Se não fossem as obras de Allan Kardec não seriamos espíritas, não conheceriamos a Verdade, não saberiamos o que hoje sabemos relativamente às cousas do espírito. Os fenômenos espíritas continuariam a nos passar pelo cérebro como cousa sem a menor importância, porque continuariamos a ignorar o seu objetivo, que é despertar a atenção das creaturas para a realidade da outra vida. Se não fossem as obras de Allan Kardec não conheceriamos o Evangelho em espírito e verdade e estariamos ainda no túmulo das arcáicas e erradas religiões de nossos pais. Finalmente, se não fossem as obras de Allan Kardec, que são as amplas portas da Verdade, a solução de todos os problemas humanos, Gabriel Dellanne, Aksakof, Richet, Camillo Flammarion, Crookes, Lombroso, Bozzano não teriam se interessado pelos fenômenos psíquicos e não teriam, portanto, nos apresentado o produto de seus trabalhos experimentais com médiuns insuspeitos que se submeteram ao mais rigoroso contrôle científico, contribuindo notadamente para enriquecer o patrimônio espiritual, para o levantamento do suntuoso edifício da Espiritualidade, como tijolos sôbre fortes alicerces, que são as obras kardecistas.

Nesta hora aflitiva por que passa a humanidade, em que a confusão parece estender os seus tentáculos até sôbre a colmeia espírita, precisamos defender, não apenas o Cristo, mas também os demais enviados de Deus, como Allan Kardec, para que os alicerces de tão monumental obra não sejam minados pelos falsos profetas, espíritos orgulhosos e presunçosos, alunos rebeldes que pensam saber mais que o Mestre, quando não passam, na realidade, de instrumentos das trevas.

Assinalando a passagem do 81.º aniversário do passamento de Allan Kardec, rendemos ao excelso missionário as nossas sinceras homenagens num preito de grande estima e consideração, solicitando-lhe mais uma vez que continue a esclarecer esta humanidade para que o Véro Cristianismo desfralde a sua bandeira branca no mundo.

Cairbar Schutel

Há nomes que se conservam limpos a existência inteira, impondo-se ainda ao respeito e à admiração da posteridade. Outros há, entretanto, que se enlameiam, vivendo, por conveniência própria na sujeira moral, com aparência de alvura. São os sepulcros caiados por fora, escondendo podridões.

Na ânsia incontida de acumular fortuna, quantos indivíduos inteligentes, e mais que isso, audaciosos, conseguem, pisando a dignidade e desestimando os mais comesinhos preceitos morais, adquirir, às vezes em plena mocidade, a fama de cidadões ilustres, com destacada posição social, só porque souberam com arte e treta iludir em benefício próprio os que vivem e passam a existéncia para além da morte, cheios de boa fé e que medem pela sua a consciência alheia.

Quantos nomes tidos como ilustres beneméritos da humanidade, respeitados e até venerados por homens e mulheres de credos diferentes, existiram e existem, que poderiam ser arrolados entre os mais vís, que viveram e vivem á sombra da lei, em perfeita harmonia e quase comunhão e afinidade espirituais com tartufos charlatães.

Perlustrando as páginas dos Evanlhos, vamos encontrar de azorrague em punho, o Messias de Nazaré expulsando os vendilhões do Templo. Mas, se olharmos em tôrno, ha dois passos apenas, depararemos ainda hoje, tal como no passado, com os mercadores anatematizados, conspurcadores das coisas santas, os vedilhões da própria consciência enxovalhando as alheias.

Na indústria, no comércio, nas profissões liberais, na política, na ciência, na filosofia, na religião, como em todas as atividades onde possa o homem intrometer-se com o espìrito de suas conveniências, no exercício de quase todas as funções, noventa por cento estará incurso no anatema do Cristo, e, caso fossem providos da sensibilidade moral, teriam que sentir na pele os laivos produzidos pelo divino açoite.

O ardil é sempre a melhor arma de combate em mãos de lutadores inescrupulosos na grande batalha da vida; entretanto, os que conseguem astuciosamente a liberdade econômica, jamais conseguirão com a brevidade com que conquistou a fortuna, a mais real das liberdades, e por isso concreta — a liberdade espiritual — porque, ficarão impotentes para a obtenção de uma alforria da mais negra das escravidões, que é a da própria consciência.

Aqueles que cumprem, naturalmente, os ditames dos Evangelhos, acumulando virtudes no curso de uma existência, são em número tão insignificante que desaparecem ante a multidão dos exploradores da miséria dos que nasceram marcados pela provação.

Se em todas as profissões ou confissões religiosas, existem verdadeiros sacerdotes, o número de tartufos, entretanto, supera o daqueles, e, de tal modo que impedem aos que os buscam por necessidade ou fé, a acreditar na sinceridade que deveria caracterizá-los, principalmente aos que prestam serviços aos seus semelhantes, como profissionais das ciências, das artes, do trabalho comum ou das religiões, visto que o valor do homem na sociedade, moralmente esflòrada, é sempre aferido de acôrdo com as suas posses materiais e a posição que ocupa na vida de relações; nunca porém, pelo seu valòr moral, patrimônio de eternidade.

O Espiritismo, como doutrina liberal que é, não poderia escapar-se a esta regra. Mas, se consideramos a Nova Revelação como mensagem divina, a exigir de todos nós, não mais a tolerância criminosa dos que se calam ante o crime; a fé cega e a cega genuflexão a qualquer ídolo, mesmo do plano espiritual, não devemos também fechar os olhos a tudo quanto aparece deturpando os postulados da Doutrína, conspurcando os Evangelhos.

Se há quem diga pelas colunas de orgão de responsabilidade doutrinária, que «o problema do Espiritismo neste momento, por mercê de Deus, é de natureza puramente material», não tenhamos dúvida que, infelizmente, a responsabilidade da propaganda do Espiritismo no Brasil, vai, dia a dia, perdendo aquele vigor que os grandes paladinos ostentaram por muitos anos, mas que, caindo em mãos inescrupulosas de adventícios, é hoje, desgraçadamente, «problema de natureza puramente material.»

Cairbar Schutel, o valoroso apóstolo de Matão, é um nome que se conservará para a posteridade, porque, foi êle, em toda a sua vida de cidadão espirita, pregador e exemplificador do Evangelho não como pregador somente, mas, como cidadão do mundo, pela pauta messiânica.

Farmacêutico que era, assim viveu por muitos anos.

Ninguem o chamou doutor, entretanto, como poderoso instrumento do bem, foi duas vezes médico: do corpo e da alma. Nunca se apresentou quando chamado ou por vontade própria, com dois nomes, duas personalidades; quer como médium de excelentes qualidades curadoras, quer como proprietário de farmácia, era sempre o mesmo cidadão, Cairbar Schutel a serviço do bem.

Diziam antigamente, que o farmacêtico que não fizesse um conto de réis num barril de água, deveria ser considerado um insensato.

Cairbar Schutel desencarnou, em 30 de janeiro de 1938, estava pobre de bens materiais, mas, a sua riqueza espiritual é hoje para os seus abnegados continuadores, os bravos seguidores de sua obra, o maior de todos os patrimônios.

Assim como viveu entre nós, sem deslises em toda a sua longa tragetória terrena, hoje, no espaço, como espírito de imaculada alvura, Cairbar Schutel, o grande paladino das idéias renovadoras, continua inspirando aos combatentes que, na luta pela boa causa prosseguem sem vacilação, cônscios de seus deveres.

Rio, fevereiro de 1950.

PEREIRA GUEDES.

Avante, amigos! A jornada já vai além do meio dia; as vossas fadigas serão reparadas e o vosso salário anotado. — *CAMARGO.*

Sôbre o Batismo

Tecendo considerações acerca do batismo, o sr. A. P. V., que escreve na coluna católica inserta no «Diário de São Paulo», finaliza a sua breve exposição, publicada no dia 10 de Janeiro de 1950, com o seguinte trecho:

> «E' lamentável que haja tantas criancinhas que morrem sem batismo, e não poderão ver a Deus. Não se sabe qual o seu destino. S. Agostinho pensa que há um lugar chamado Limbo para recolher essas almas, e que melhor seria não houvessem nascido».

Como vemos, a Igreja Católica se confessa impotente para resolver cabalmente a questão do batismo. Fôrça é reconhecer-lhe sinceridade. A única explicação por ela dada a respeito das criancinhas que morrem «pagãs», consiste numa hipótese atribuida a S. Agostinho: a suposta existência de um lugar chamado Limbo.

Não quís a Igreja caír na imprudência de acrescentar como verdade de fé não sancionada pelas revelações, mais um paradeiro de almas na obra divina. E fez bem. Mas se ela andou bem avisada nêste ponto, não se houve com igual acêrto quanto ao seu pretenso postulado de que as crianças mortas sem batismo não poderão ver a Deus.

Ora a visão de Deus — diz Monsenhor Cauly, autor católico — é o bem supremo do homem, e o fim último de sua existência. Logo, a privação dêsse BEM SUPREMO tem de ser forçosamente uma desgraça imensa. Aliás, o mesmo Cauly acrescenta que é essa a principal pena do inferno.

Eis, portanto, o que, segundo a Igreja, está reservado áquelas tenras e cândidas criaturinhas, flores de inocência que ao Jardineiro Celestial aprouve colher antes de serem batizadas!

Como se há de conceber que Deus, Pai Amantissimo, lhes permita tamanho infortúnio, pelo qual muitas vezes nem mesmo seus progenitores são responsáveis, como acontece quando elas morrem antes que haja tempo de providenciar a administração do imprescindível sacramento? A Deus, então, Senhor da vida e dos destinos, é que caberia a culpa da inominável desdita?

E' desnorteante.

Mas não só no que tange às criancinhas o Catolicismo se equivoca. Há também o caso dos selvagens adultos, que, perante a civilização, não deixam de ser uma espécie de crianças de idade. Quantos existem e quantos existiram aos quais ainda não chegou a luz do Cristianismo. A êsse respeito, defronta a Igreja terrível dilema:

Ou ela abre exceção abolindo a indispensabilidade do batismo para os selvícolas ainda não catequizados, contrariando dessa maneira a sua própria interpretação das palavras de Jesus que não excluem ninguém: «Não póde ver o reino de Deus senão aquêle que renascer outra vez» e que segundo a sua opinião se referem ao batismo;

ou, então, se não quiser contradizer-se, preferindo sustentar a necessidade abluta do banho lustral para *todas as almas mortas pelo pecado original*, não poderá fugir ao contra-senso ainda maior de que Deus impõe a obrigatoriedade de uma prática ritual áqueles a quem Êle mesmo não deparou ensejo de a conhecer.

Não há por onde fugir, e a própria Igreja reconhece a dificuldade, pois acaba por admitir a salvação das almas não batizadas, pela prática de boas obras Logo, se vê obrigada a abrandar o rigor do batismo, fazendo por sua conta e risco, uma ressalva que o Cristo não fez. E isto sem esclarecer a possibilidade de um gentio, envolto nas trevas da impiedade, conseguir, ainda mais num meio de todo em todo desfavorável, observar os preceitos cristãos!

E assim se emaranha ela cada vez mais num cipoal inextricável de incoerências e mais incoerências...

E tudo por teimosia. Teimosia em insistir numa falsa premissa: a errônea interpretação do cap. 3 do Evang. de S. João, que seus exegetas dogmatizam como uma revelação do batismo pela água.

Compreende-se que os teólogos antigos—entre eles o glorioso filho de Santa Mônica — em face dos incipientes conhecimentos cosmológicos do seu tempo, encontrassem, por falta de base, dificuldade para definir com lógica o verdadeiro sentido da aludida passagem evangélica.

Hoje, porém, diante das estupendas conquistas da ciência que nos vêm revelando os mais surpreendentes aspectos do mundo orgânico e inorgânico até há bem pouco desconhecidos, já não se justifica tanto o afêrro da Igreja a uma interpretação inconsistente e ilógica, quando poderia satisfazer perfeitamente a razão conciliando aquêle ensinamento divino com as ilações científicas no campo biológico, desde que se dispusesse a capacitar-se da veracidade das pesquisas que, no terreno ultra-físico, vêm sendo levadas a efeito em todo o mundo nestes últimos tempos, com o testemunho insuspeito de renomados sábios.

Bem sei que é utopia esperar da rica e poderosa organização religiosa de Roma uma decisão como essa, que antes de mais nada lhe acarretaria a auto-negação do dogma da infalibilidade. Isto seria tão difícil quanto a conversão de Satanaz...

No entanto, a verdade é que o Mestre dos mestres, procurando atender aos anseios de Nicodemos, doutor em Israel, que O procurou sequioso de luz, não lhe falaria apenas de um único sacramento e muito menos atribuiria à água virtudes maravilhosas por efeito de algumas palavras mágicas, como pretende a Igreja, essa mesma que increpa os espíritas de prática de sortilégios.

Não. A lição é muito mais racional. Muito mais profunda e vasta. E ao contrário de nos conduzir aos absurdos que analisamos mais atrás, abre-nos perspectivas deslumbrantes de sabedoria, de justiça e de amor:

«Em verdade, em verdade te digo, quem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.» Nestas breves palavras Jesus, com o seu incomparável poder de síntese, resumiu a Nicodemos a lei soberana que rege os destinos da humanidade, a lei da evolução bio-psíquica a que todos nós, grilhetas da carne corruptível, somos sujeitos.

Que função tem a água nessa lei?

Aquela a que se refere Wells em sua História Universal:

«Até onde ia a linha da praia ia a vida. E a vida ia e vinha com a água que era a sua casa, o seu meio, a sua NECESSIDADE FUNDAMENTAL». E ainda: «Nenhuma criatura pode respirar, nenhuma criatura pode digerir seus alimentos sem água. Falamos em respirar o ar, porém o que todos os seres vivos fazem realmente, é respirar o oxygénio dissolvido nagua.»

De facto. A parte líquida do globo que o cobre na proporção de 2/3 de sua superfície—é o elemento básico da vida material que vem possibilitando a elaboração da parte física de todos os seres orgânicos através dos tempos, desde as primeiras manifestações vitais no seio do mar, no perìodo paleozóico primitivo, até o conglomerado celular do indivíduo racional, feito de protoplasmas cuja atividade química depende da suficiente quantidade de água que os supre, contribuindo esta, segundo os entendidos, até com 97 % do seu peso.

E mais: o composto de hidrogenio que constitui a substância essencialmente vitalizante do corpo humano já formado, é também o seu primeiro receptáculo no ventre materno, onde o feto, evocando-nos, em determinada fase da gestação, as épocas primevas de nossa evolução através das águas marinhas, flutúa no líquido amniótico ou águas como um peixe «com brânquias, coração e rim semelhantes aos do peixe, e segue por fases que lembram o anfìbio e o réptil e recapitula, finalmente, as estruturas dos mamíferos inferiores, tendo cauda por algum tempo.»

E este corpo que se desenvolve na água, surge da água e vive pela água, este corpo animal, este nosso corpo é o veículo do corpo espiritual, pois também há corpos espirituais — di-lo S. Paulo aos coríntios, 15: 44, 1.ª epístola. E o corpo espiritual (ou psíquico) é, por seu turno, o cofre, por assim dizer, da alma humana. E quando já não houver água neste planeta, também deixará de haver corpo animal, e os homens «que forem julgados dignos de alcançar o século futuro» (novo ciclo) continuarão a viver neste mundo tendo por aparelho de manifestação da alma, apenas o corpo espiritual, ou como dizem os espíritas — corpo perispiritual, que é o mesmo corpo revestido de incorruptibilidade e imortalidade, a que se refere S. Paulo (I Cor. 15: 53).

Isto o que espera a humanidade redimida, se dermos crédito ao que nos informa o Profeta vidente no cap. 21, vers. 1 do Apoc.:

«Vi um novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra já se foram. E JÁ NÃO HAVIA MAR.» E no vers. 4: «E Deus lhes enxugará todas as lágrimas. E JÁ NÃO HAVERÁ MORTE, nem luto, nem clamor, nem dôr, porque as primeiras coisas são passadas.»

Donde se segue que do desaparecimento do mar,—fonte da vida orgânica—resultará o desaparecimento da carne e, consequentemente, o de suas companheiras inseparáveis,—a morte e a dôr.

Será o termo do presente ciclo evolutivo, ciclo êste que constitui o verdadeiro purgatório, o velho problema que tanta celeuma tem levantado entre católicos e protestantes, aqueles proclamando-lhe a necessidade por exigência da razão, estes repelindo-o por não lhe encontrar ponto de apôio nas revelações.

Em verdade, não só é necessário, como também foi revelado quando Jesus declarou que temos de renascer de novo para entrar no reino de Deus. Necessário sem dúvida, não como um lugar delimitado, mas, sim, como um processo evolutivo, mediante o qual os dois corpos componentes do homem—o corpo animal e o espiritual, na expressão de S. Paulo—cooperam em interação constante no aperfeiçoamento da alma, a qual, ora no plano visivel (onde a água lhe fornece o corpo animal), ora no plano invisível (onde o Espìrito (*) lhe fornece o corpo espiritual), vai lutando através de experiências sucessivas, encarnando e desencarnando tantas vezes quantas necessárias, até a libertação final.

Resta agora, em face desta doutrina, colocar o batismo em seu verdadeiro lugar.

João batizava por imersão na água, não porque esta possúa propriedades remissivas que atuem de modo presentâneo e direto na alma. O ato era apenas simbólico e significava precisamente a necessidade de um processo regenerativo, no qual a água, ao mesmo tempo que representava o papel de lavacro aos olhos da massa ignara, inculcava o sentido de servir de meio àquele objetivo, como base física que é da vida terrena, onde a alma tem de purificar-se.

Mas, qual a finalidade do batismo de João, se nenhum efeito produzia na alma? O de preparar os caminhos do Senhor. João foi o Arauto, o Precursor enviado pelo Alto e o batismo constituia o expediente de que se utilizava para anunciar e identificar o Messias, de Quem lhe impedia dar testemunho verdadeiro. O Espírito Santo que se corporificou em forma de pomba e a voz que veio do céu selaram essa missão do Batista. Por outro lado, era uma forma de reunir e predispôr a multidão para as prègações do Mestre.

Mas, além de sua feição purgatorial, simbolizada pelo batismo da água, o processo evolutivo oferece ainda o aspecto de iluminação íntima pela aprendizagem de todas as coisas (João 14:26) porque a ignorância não tem ingresso no reino de Deus, reino de Sabedoria.

E aquí comparece o batismo do céu, que o de João era da terra. E' quando o Senhor derrama do seu Espírito sôbre a carne (Atos 2:17) promovendo ambiente e condições psíquicas adequados à atuação do Espírito de Verdade prometido para ensinar toda verdade aos interessados no seu conhecimento (João, 16:13).

Disse Jesus, momentos antes da Ascensão:

«João, na verdade, batizou com água, porém vós sereis batizados com o Espírito Santo daquí a poucos dias».

E, com efeito, pouco depois, no dia de Pentecostes, o Espírito Santo, que é o mesmo Espírito de Verdade, Paráclето ou Consolador, descia sôbre os discípulos, revelando-se por meio de chamas de fogo e por discursos em várias línguas que eram articulados pelas bôcas dos apóstolos, tal como ocorre presentemente nas sessões espíritas de caracter sério e elevado.

Cumpria-se, assim, a promessa do Pai (João, 14:26 e outros) «que ouvistes (disse Jesus) de minha bôca» (Atos, 1:4).

Desde êsse momento, passou o batismo a traduzir benção iluminativa. Ao seu influxo, a mente desperta para as primeiras claridades da Luz, que é Amor, e o coração se abre para as primeiras chamas do Amor, que é Luz.

Por meio dêle, graças à presença sensível do Espírito de Verdade (falange celeste de Emissários de Jesus unidos no

---

(*) *Segundo Kardec, os espíritos designam por «fluido universal» o elemento imponderável de que é feito o corpo espiritual ou perispírito.*

Espírito de Deus), presença que o instrúe, que o deslumbra, que o envolve em ardores santificantes, o homem, renovado no Senhor, enceta sua marcha ascensional, rumo à evolução mais alta.

E' a sagrada iniciação.

Parecerá estranho, todavia, que o Espírito Santo, que nos primórdios do Cristianismo se manifestava frequentemente para batizar, cessasse depois êsse ministério.

E' certo. E S. Paulo profetizou: «Porque já o mistério da iniquidade opéra: *sómente há um que agora resiste até que do meio seja tirado*». (II Tes. 2:7).

E assim aconteceu. Nos primeiros tempos, para estabelecer o alicerce, o Espírito de Verdade operava entre os cristãos, detendo o exército dos que *tinham prazer na iniquidade*. Mas cumprida a sua parte, afastou-se, e com êle, à medida que os missionários escolhidos desde antes da fundação do mundo (Ef. 1:4) se foram desencarnando, também se retirou a genuina Igreja de Jesus, que se transferiu para o plano espiritual—O SEU LUGAR. (Apoc. 12:14).

Entretanto, aquí ficaram as bases sólidas implantadas pelas lições, exemplos e sacrifícios de Jesus e dos seus apóstolos.

Aos homens de boa vontade, capazes de perceberem que os superiores interesses da humanidade não residem no espírito de lucro, nas competições em torno de vantagens efêmeras com que se materializa a expressão aquisitiva do dinheiro «no sombrio edifício da iniquidade»; aos corações que sofrendo aprenderam a desprezar as honras vãs do mundo; aos que não confundem a fé com aspirações de prestígio e domínio—a esses, cumpre, agora, tudo fazer pelo retorno, ao plano da carne, da Igreja que há tanto tempo perdemos, e do Parácleto, que a ilumina e já nos acena com novas esperanças...

Já é tempo, senhores, de construirmos sôbre os fundamentos legítimos dos sagrados Evangelhos, o tabernáculo de paz e de justiça, onde deverão congregar-se, em tôrno do Filho do Carpinteiro, que não tinha de propriedade sua nem uma pedra onde repousar a cabeça, todos aqueles que sentem palpitar nas aflições da terra — como a fôrça salvadora da Civilização ás bordas do abismo — «a alma imortal do Cristianismo redivivo».

PAL.

* * *

MENSAGEM DE AMOR

Sem temor de qualquer juizo temerário e obedecendo à vontade de Deus, convido tôdas as criaturas profitentes de qualquer Religião, Filosofia e de fora de qualquer delas, ao trabalho da Vinha do Senhor, mansa e humildemente, praticando a fraternidade em tôdas as ações, para realizarmos, *todos*, a finalidade do Apostolado de Jesus no mundo.

Porque ?

Quando o Anjo do Céu anunciou o nascimento do Senhor aos pastores de Belém, estes a seguir ouviram as Coortes Celestiais que entoavam louvores a Deus, dizendo: «Glória a Deus nas alturas e Paz e Boa Vontade aos homens na terra». Como cristãos, portanto, cumpre-nos atentar sôbre o significado desta dádiva do Céu.

Que diz a toda gente a Voz do Anjo ? Hoje nasceu na cidade de David, o Salvador, que é Cristo, o Senhor!!!

Nada mais, nada menos que todos devemos receber a maior graça de Deus, obedecendo e praticando o ensino dispensado por Nosso Senhor, afim de glorificarmos a Deus nas alturas e gozarmos Paz na terra, segundo a Sua Vontade.

E, o que mais é, por Êste Beijo da Misericórdia Infinita do Pai, para o Seu Gôzo e nosso gôzo, Êle só quer de nós: «boa vontade»!!!

Desta forma obedecemos o Ensino de Jesus, cumprimos o nosso dever que a tanto importa fazer a vontade de Deus.

Como ?

Obedecendo a Vontade de Deus, oferecendo esta Mensagem a toda gente, êste servo do senhor, que sou eu, procuro estabelecer uma ponte de comunicação entre todas as criaturas num único entendimento de ação: «A Fraternidade».

Sabendo que o entorpecente da Fraternidade na terra é o particularismo de todas as espécies, com esta ponte procuro unir os separados *religiosos, filósofos, sábios, ignorantes*, etc., convidando todos a conduzirem os seus atos para consigo ou para com a coletividade de acôrdo com a Lei Moral: «fazei aos outros homens o que desejais que os outros homens vos façam».

Possibilidade do Objetivo

a) A Moral Pura é a base de todas as Religiões, de todas as Filosofias, de todas as doutrinas espiritualistas, materialistas e cientistas e que mais existam, e por todas, é condição obrigatória dos seus profitentes a obediência irrestrita aos seus princípios ou postulados; e em nenhuma existe um só postulado que liberte o profitente *dessa obediência*.

b) Abstraindo da chamada civilização oriental e considerando sómente o que conhecemos como civilização ocidental, *sabem todos os homens* que desde o século IV da nossa éra, esta se conduz sob o Lábaro do Cristianismo, cuja Moral tem por fundamento Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, só obedece ao Evangelho do Reino, segundo a Vontade de Deus.

c) Si a base da *nossa* civilização é o Evangelho e mandando Êste que *todos* os homens se amem, que é a expressão mais legítima e mais superior da Fraternidade na terra, claro fica que os profitentes de quaisquer religiões, doutrinas ou filosofias de conformidade e obediência aos seus preceitos morais podem e devem gostosamente atender ao nosso apêlo fraternal, pois assim obedeceremos todos o Ensino de Nosso Senhor, e constituiremos com humildade e boa vontade o Rebanho que O terá como Pastor, como é do Seu agrado.

Qual o resultado da situação estabelecida?

a) Vivendo *vida fraternal* o homem quererá ainda ser egoísta, argentário, mentiroso, exaltado, maldizente, concupicente, vaidoso, orgulhoso, rico, avarento, ladrão, guerreiro, etc.?

Não, pois cada qual procurará ir sufocando gradativamente estes sentimentos inferiores que constituem o apanágio das *nossas virtudes*, todas negativas!

b) Cada qual de nós terá sempre o desejo de conhecer mais e melhor o Evangelho de Nosso Senhor, e se esforçará de praticá-Lo, iniciando em seu interior a verdadeira guerra (esta a única guerra santa de que todo o homem deve ser partidário, bom guerreiro, sem gregos nem troianos) de sua reforma moral, até derrotar todas as suas inferioridades, e patentear sua Fraternidade, dentro e fóra do seu lar, dando assim testemunho do Senhor!

c) Os homens se convencerão que precisam viver em oração e vigilância, para não caírem em todas as tentações que *tão bem* conhecem e precisam mesmo ter Jesus à vista e só obedecerem ao Seu comando.

d) E com Jesus à vista, todos procurarão se reconciliar, o Amor ocupará o lugar do ódio, visto que nenhuma criatura póde comungar com Deus, sem coração limpo.

e) Familiarizados com o Evangelho, os homens observarão que em cada nova leitura dêsse Livro, único de Sabedoria, descobrirão sempre um novo faról a guiá-los no Caminho Eterno da Vida.

f) Por fim, todos saberão que pelo seu Evangelho, é o Senhor mesmo quem diz: «Eu o sou Caminho, a Verdade e a Vida»; está dito por toda a Eternidade que *ninguém* vai ao Pai sinão pelo *Filho*, nosso Irmão maior, Jesus!!...

g) Possuídos os homens desta convicção, quem terá dúvida do caminho a escolher para a conquista da Felicidade, por todos almejada, e para a qual Deus criou a todos os seus filhos?

h) E convencidos da excelência do Caminho, os homens não sentirão o desejo sincero de serem fraternos, patenteando assim a Verdade do ensino de Jesus?

i) E chegados os homens ao extremo desta Estrada Luminosa, cuja Lâmpada, única, é Nosso Senhor, não se sentirão todos confortados, em Paz e Felizes e não se julgarão aptos nêsse gôzo, para enfrentarem por fim a última batalha; «A Prova da Pureza», cuja Vitória lhes dará o galardão da Perfeição?

j) Sim, para isso fomos criados, essa é a Santa Vontade de Deus.

k) Então, os homens já realizaram em seus corações: «Deus e a Sua Justiça», viverão em Fraternidade, todos obedecerão o Divino Pastor, sem preocupação do seu futuro que pertence só a Deus.

Conclusão

Nesta resolução de convidar todos os meus Irmãos para o Banquete da Fraternidade, não obedecerei a Jesus?

Sim! Êsse o dever de todos os homens; está cumprido o meu, Graças a Deus.

O pequeno servo,

Augusto Pacheco.

Rua São Joaquim, 105 — São Paulo.

Reino Espiritual

TESE dedicada à memória impoluta de Allan Kardec, Adolpho Bezerra de Menezes, Andrew Jackson Davis, Cosme Mariño e de todos os grandes trabalhadores da Doutrina dos Espíritos, apresentada pela «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro» ao 2.º «Congresso Espiritista Pan-Americano».

(CONCLUSÃO)

XV—A nossa «Tése do Reino Espiritual» explana doutrina valiosíssima, por seu teor de realidade, por seus aspectos novos, por sua existência na eternidade do tempo, por sua extensão no infinito dos Espaços; e também por ser ignorada pela grande maioria dos homens, devendo, por tudo isso, ser estudada com dedicação por todos, principalmente pelos intelectuais espiritistas.

XVI — Os sêres livres do Quarto Reino se deslocam através do Éter, segundo a sua evolução, com a velocidade do pensamento, isto é, muitissimo superior à da luz, para os Espíritos de grande projeção moral e espiritual.

XVII — Há caracteres comuns aos sêres dos Quatro Reinos da Natureza, tais como: — a «paternidade única» de Deus, para todos os Espíritos e Princípios Espirituais; o «destino único» de todas as criaturas que, conseguida grande evolução espiritual, oútorga a todos igual felicidade, igual sabedoria, iguais encargos, iguais deveres e responsabilidades; o «élo comum» do amor fraternal, que une, inconscientemente, todos os sêres, uns aos outros.

XVIII — A ideoplastia, a formação do pensamento e a sua transmissão ou telepatia, a prece, a monição, a premonição, a visão do futuro, a criação fluidicamente de quadros, objetos, sêres, etc., bem como o preparo espiritual das sessões espíritas, a formação e o desenvolvimento das faculdades medianímicas, a inteligência, os sentidos espirituais, o progresso moral e espiritual, as invenções, as descobertas, a cura moral, a reincarnação, etc., tudo, todos esses factos pertencem ao Reino Espiritual.

XIX—*Allan Kardec*, em a sua valiosíssima Codificação, há quasi cem anos atrás, recebeu dos Espíritos o ensinamento de que, durante o sono, normal, ou provocado, ou patológico, a vida orgânica do corpo físico se mantém à custa de uma corrente espirítica, que parte do Espírito e vai atuar no corpo material — através de um «cordão fluídico», que liga inevitavelmente um ao outro durante a vida terrena, e cujo rompimento provoca o chamado fenômeno da «morte» ou desincarne; bem sabemos que o Espiritismo é doutrina científica, evolutiva, dinâmica, e jamais retardatária ou estática; hoje, quasi um sêculo após o advento da Codificação, os Espíritos de luz nos ensinam que a expressão «Cordão fluídico» deve ser compreendida como significando uma «corrente vibratória espirítica», em jacto contínuo e em ondulações de altíssima frequência; à maneira do conhecido aparelho «rádio-emissor» de ondas hertzianas, que só são recebidas pelo aparelho «rádio-receptor com êle sintonizado», — o Espírito emite continuamente copiosa torrente de vibrações, que percorrem o Espaço em ondulações concêntricas, a grandes distâncias e em todas as direções—mas que só podem atuar no seu aparelho receptor sintonizado, isto é, no cérebro e no sistema nervoso do corpo físico por êle modelado e criado, e que dormem em qualquer local dos Universos, sintonizados, de modo perfeito e absoluto com o Espírito emissor.

XX—Existe naturalmente, também, no Quarto Reino, a «Medicina», a dos Espíritos dedicados à essa Ciência e à caridade, por ação direta sôbre os doentes incarnados, ou desincarnados, com a aplicação consciente e científica de todos os recursos da Terapêutica espirítica, tais como os «fluídos curadores do Espaço», a prece, o passe, o magnetismo, a luz, a água «magnetizada», etc.; e assim se explicam claramente as curas prodigiosas do Espiritismo, das demais religiões e também as aparentemente inexplicáveis curas espontâneas, em casos graves e mortais, tão comuns à observação médica.

XXI — O Reino Espiritual existe junto de nós, como os outros Três Reinos, uns ao lado dos outros, em perfeita harmonia psíquica, em evolução espiritual de um para outro, sempre progressivamente.

XXII—Como vimos anteriormente, o Éter pertence ao Quarto Reino, e é através dele que se propagam (como é logico supor) as ondulações ou vibrações do altíssimo pensamento de Deus, bem como, em gráu menor, as dos Espíritos livres, dos homens, dos animais, da luz, da eletricidade, do magnetismo, das ondas hertzianas, da irradiação dos corpos materiais, da gravidade, da gravitação, etc.

XXIII—«Amar todos os seres» é uma consequência lógica do estudo do Reino Espiritual, bem como não maltratar os animais, não matá-los para devorar-lhes as carnes e as vísceras.

XXIV—Pela enorme diferença que existe entre as vibrações do Espìrito livre e as do homem (Espìrito incarnado), este não pode agir sobre aquele senão pelo pensamento, pela prece, pela superioridade moral e nunca, absolutamente, por «meios materiais», tais como vélas, pólvora, defumadores, impropérios, etc.

XXV—Quando estamos «dormindo», passamos a viver mais no Reino Espiritual, que no Material ou Animal; quando «mortos» ou desincarnados, só existimos no Quarto Reino; «acordados», vivemos nos dois planos: pelos atributos do Espírito, no Reino Espiritual e pelos do corpo físico — no Material, sujeitos às sensações da dôr, do calor, frio, fome, sêde, fadiga, vìcios, doenças, etc.

XXVI — Todos os fenômenos da Mediunidade, que é a melhor base do Espiritismo científico, quer se trate de «fenômenos subjetivos e inteligentes», quer de «fenômenos objetivos e materiais», tais como materialização de Espiritos, transposição da matéria através da matéria, levitação e transporte de objetos, etc.—são do domínio exclusivo do Reino Espiritual.

XXVII—A lei, que preside ao estado e à situação dos Espíritos no Espaço, é enunciada da seguinte maneira: «No Reino Espiritual, quanto menor fôr a massa fluídica, tanto maior será a sua frequência vibratória, bem como a sua pressão de irradiação.

XXVIII—O «Perispirito» é um elemento importantíssimo na vida e na elevação dos «seres», sejam «livres no Espaço», sejam «incarnados» ou «ligados á matéria bruta», pois além de constituir o seu organismo semi-material, é tambem evolutivo, plástico, séde e arquivo da memoria, morfológico, fluìdico, aura reveladora do nível moral, modelo do corpo fisico, séde do instinto, do inconsciente ou sub-consciente, regulador gradativo da luz irradiadora do Espírito e que se vai adelgaçando progressivamente, conforme a elevação do princípio espiritual, possibilitando assim a sua luz brilhar cada vez mais; nos «incarnados», ele é o elemento animador do »fluìdo nervoso» e do «fluidò vital», permitindo ao Espírito agir sôbre o corpo fisico; participa, por sua composição físico-química, das propriedades inerentes aos Reinos Espiritual e Material; é o elemento de que o Espirito precisa para viver e atuar em diversos planos, principalmente, no da existência terrena; a realidade perispirital pertence aos Quatro Reinos da Natureza, precedendo rigorosamente ao nascimento, ou à geração dos corpos físicos, e voltando a viver nos planos etéreos, depois do «desincarne»—no Reino Animal, da «desinvegetalização» e da «desimineralização»—nos Reinos Mineral e Vegetal, respectivamente.

XXIX—O Perispírito, com o evolver incessante da moral e da sabedoria do Espírito que o anima, perde, depois de atingido um altissimo gráu de evolução, como Espírito puro, as suas características semi-materiais, tão necessárias à existência dos sêres terrenos e extraterrenos, e se confunde, tal a delicadeza da sua trama específica, com o próprio Espírito, em um só elemento espiritual, fluídico, harmônico, luminoso, irradiante.

XXX — Enquanto que o Quarto Reino contém em si todos os sêres espirituais, os outros três Reinos, animadores da matéria bruta, possuem apenas uma fração do todo, do conjunto de todos os elementos vivos da Criação, isto é, sómente a parte que se acha «incarnada» — no Reino Animal, «invegetalizada»—no Reino Vegetal e «imineralizada» — no Reino Mineral, mas que, mesmo assim, pertence também ao Reino Espiritual — por seus elementos espiríticos imortais.

XXXI — E' mister estejamos sempre atentos para não confundir o «Reino Espiritual», que é absolutamente «natural», com a velha concepção do «Reino de Deus», ilógicamente considerado «sobrenatural», pois não há o «sobrenatural»: tudo que existe é regido por leis naturais.

XXXII — Em 1.° de Janeiro de 1944, «Mundo Espírita», publicou um longo artigo, explanando idéias recebidas psicográficamente por um médico brasileiro, a respeito do «Reino Espiritual», ou «Quarto Reino da Natureza», sendo o primeiro estudo conhecido sôbre o assunto — ao que sabemos.

XXXIII — Todas as idéias ventiladas nesta *Tése* são apresentadas pela «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro» como simples hipóteses de trabalho, pontos de partida, base para futuros exames mais profundos, investigações científicas, que tragam aos homens provas definitivas de sua realidade, ou irrealidade.

Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1949.

Dr. Levindo Mello.
Presidente.

Livros e Autores

UMBANDA — Florisbela Maria de Souza Franco — Rio.

Um escrito nosso com que procuramos logicar que Umbanda não é espiritismo, quasi uma repetição do que puseramos em nossa CRUZADA DO ESPIRITISMO DE VIVOS, repercutiu desagradavelmente em certos meios umbandistas, desagradando alguns irmãos queridos dessa prática mediúnica.

E resultou daí que recebemos, significativamente, o livro acima; que fomos, especialmente, a uma sessão de Umbanda, onde proferimos uma conferência sintética, sobre o espiritismo cardecista.

O livro chegou-nos com expressiva dedicatória do confrade Diamantino Coelho Fernandes, assim concebida: «Ao distinto confrade L. M., oferece, cumprindo determinação de Pai João».

Pai João, Mãe Maria da Serra e o Aleijadinho teriam sido os Espíritos que ditaram as páginas e lições que se contêm no UMBANDA, recebidas pelo médium cujo nome figura como autor.

Temos pressa em confessar que a leitura do volume, feita, aliás, com vivo interesse, foi de grande proveito para nós, porque confirmou, eloquentemente, nossos pontos de vista, os estudos que nos arrastaram ao asserto acima.

Dissemos que Umbanda não é espiritismo, sem dizer, absolutamente, que suas práticas sejam fraudes, mistificação, inverdades.

São verdades que, entretanto, não se enquadram no Espiritismo, mas no mediunismo. E mediunismo sempre existiu antes que existisse o Espiritismo. E Umbanda existe, feito mediunismo primitivo, africano, antes que existisse Alan Kardec, antes que Alan Kardec criasse o termo *Espiritismo.*

Argumentamos assim: 1) Mediunismo é coisa diferente do Espiritismo feito o corpo de Doutrina que o dr. Denizard Rivaill codificou gloriosamente; 2) O Espiritismo é Doutrina que requer estudos sérios, porque dele «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última» e na Umbanda nada se estuda, suas práticas de hoje, exatamente por falta de estudos, não evoluiram, são as mesmas de séculos atrás; 3) Não póde haver espiritismo de verdade sem a codificação de Allan Kardec, o missionário que lhe deu diretriz e normas, e os livros de Kardec são desconhecidos nas práticas de Umbanda; 4) O Espiritismo é, indiscutivelmente, o Consolador prometido pelo Cristo, exigindo, portanto, o conhecimento teórico e prático do Evangelho, o que não se dá na Umbanda, que não preceitua êsse estudo; 5) Não há no Espiritismo ritualismos e encenações exteriores de que Umbanda está cheia; 6) O Espiritismo não se mistura, é íntegro e uniforme e nas práticas de Umbanda, afóra o mediunismo, também comum ao Espiritismo, há mais catolicismo do que Espiritismo; 7) O Espiritismo tende a espiritualizar as coisas materiais e em Umbanda se materializa as coisas espirituais; 8) O Espiritismo respeita no homem o direito de ser livre, que «onde há liberdade aí está o espírito do Senhor», entretanto, o rigor disciplinar na Umbanda—o que aceitamos, até certo ponto — chega a cercear essa liberdade...

Assim, repetimos agora mais do que nunca, depois da leitura de Umbanda e da sessão que assistimos em uma das tendas mais bem organizadas de Umbanda— a mais perfeita, como disse seu guia caboclo—que Umbanda é verdade, não mistifica nem frauda, mas não é espiritismo.

O prefácio de André Luiz, apresentando o volume em que pese o muito que apreciamos o grande espírito e o médium por quem se manifesta, em nada modificou nosso ponto de vista a propósito.

* * *

A leitura do volume fez-nos grande bem.

Confirmou, repetimos, integralmente, nosso modo de vêr, logicísssimo.

Suas sessões superlotam mais do que as kardecistas.

Porque são melhores?

Porque não há estudo—e muita gente foge ao estudo das coisas—; pelo interêsse imediato dos que as procuram, sempre à cata de receberem auxílio e mercês dos caboclos e pretos velhos e pela facilidade que espíritos atrasados, pretos velhos e caboclos encontram para manifestarem-se, o que não se dá com espíritos de luz, adiantados e puros, dada a atmosfera da terra, planeta de provas e expiações...

Aquí está a prova do que afirmamos: «A grande maioria das pessoas que comparecem aos terreiros de Umbanda em busca de caridade pertencem, de ordinário, a seitas as mais diversas, não possuindo a menor noção de Espiritismo; e, no entanto são sempre beneficiadas pelas entidades dirigentes dos terreiros. Os guias de Umbanda, os quais não as aconselham a estudar o Espiritismo, nem as forçam a se tornarem adeptas, pedindo-lhes, apenas, que tenham fé em Zambi— deus dos pretos africanos ou Tupã, Deus dos caboclos», lê-se na introdução do livro.

Ora, em Espiritismo só se deve admitir nos trabalhos práticos a quem já conheça a Doutrina, aconselhando-se a todos que a estudem conjuntamente com o Evangelho, e muita fé no Cristo e em Deus...

Não desconhecemos que Umbanda só trabalha para o bem, ao contrário da Quimbanda. Lá está no livro, à pag. 35: «Não deveis jamais, prevalecer-vos das faculdades mediúnicas que possuirdes para fazer o mal, nem mesmo aos que julgardes vossos inimigos». E mais adiante, na mesma página: «há mais caridade no médium que recebe um obsessor do que naquêle que recebe vários guias».

De plenissimo acôrdo. E, há dezesseis anos que presidimos uma sessão mediúnica a que não baixam, felizmente, Espíritos de luz para darem comunicações «luminosas», cheias de lugares comuns, a que só baixam espíritos atrasadissimos, obsessores terríveis. E servimo-nos até dessa oportunidade para felicitar as reuniões de Umbanda que assim procedem e estimular ainda mais os dez abnegados que conosco trabalham a receber esses pobres perturbados da Espiritualidade, que, depois de esclarecidos, se tornam bons e diligentes amigos e cooperadores.

Há no livro muito o que aprender e elogiar.

Vimos, por exemplo, à pag. 32: «E' preciso notar que os exús atrasados aparecem aos videntes até em formas de bichos hediondos, cujas formam mentalizam para atemorizar os encarnados. E' assim que se explica a existência dos Lobis-homens, sacís, mulas sem cabeça, etc., etc.

Há uma modéstia em Umbanda que é preciso reconhecer e salientar: a consciência de que Umbanda é prática primitiva, inferior ao kardecismo. Umbanda confessa isto, modestamente, conscientemente. Ora, se assim é, quem já sentiu e compreendeu bem o kardecismo — que é o nosso caso, modéstia à parte — que necessidade tem de procurar mais Umbanda?

Ficamos grato à oferta do volume, não só ao Diamantino, como ao Pai João, que o induzira ao oferecimento e pelas sensações que sua leitura nos proporcionou, que somos dos que lêem de tudo, retendo sómente o que se lhes afigura bom, em harmonia com a sua sensibilidade e compreensão.

Leopoldo Machado.

O Espiritismo é...

C — A Religião do Futuro

As diferentes religiões, analizadas na sua sucessividade, poderiam, até certo ponto, ser consideradas os degráus da escada que o pensamento utiliza em busca de concepções mais amplas da vida futura e do ideal divino.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível compreender a obra da Creação. E' êsse o ponto de partida de todas as religiões. Ocorre, porém, que a inteligência do homem é limitada e só pode abranger o que está contido dentro dos limites restritos dessa mesma compreensão. Deus é infinito, logo não pode ser compreendido pelo homem que é finito. O mais que lhe é permitido, é conceber a existência de Deus pelo conhecimento dos seus atributos, que lhe compete descobrir na obra da Creação.

Allan Kardec, dá-nos, em *A GENESIS*, sôbre os atributos de Deus, esta admirável síntese:

— *Deus* é a suprema e a soberana inteligência e a causa primária de todas as cousas. A inteligência do homem sendo limitada não pode compreender o que è infinito.

— *Deus* é eterno, isto é, não teve princípio e nem terá fim.

— *Deus* é imutável. Se ele fôsse sujeito a mudanças, as suas leis não teriam estabilidade alguma.

— *Deus* é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo quanto *chamamos matéria.*

— *Deus* é todo poderoso. Se assim não fôra, poderia conceber-se outro mais poderoso.

— *Deus* é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas revela-se nas menores como nas maiores coisas, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça, nem da sua bondade.

— *Deus* é infinitamente perfeito, porque é impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições.

— *Deus* é único. A unidade de Deus resulta como uma consequência do infinito absoluto das suas perfeições.

A ignorância dos verdadeiros atributos de Deus, foi que levou o homem ao politeismo, culto de todos os povos primitivos, atribuindo divindade a todo poder que julgavam acima da sua compreensão.

A questão religiosa está intimamente ligada ao sentimento místico de cada indivíduo. Chegámos, assim, a concluír que a idéia religiosa foi a primeira fórma dêsse espírito místico.

Tão logo puderam compreender a essência dos atributos divinos, excluiram os símbolos das suas crenças.

A origem da tendência mística perde-se na noite dos tempos. E' a primeira atitude do homem grosseiro, no sentido de compreender Deus. Só mais tarde, é que êle despreza a investigação da causa primária e passa a estudar positivamente os fenômenos como eles se apresentam aos nossos sentidos materiais.

Ora, a religião tem por objetos factos que escapam ao exame positivo. Interdiz mesmo, ordinariamente, os meios do livre exame, quando se quer examinar e contra-provar as suas origens mais profundas.

Com tal atitude não se conforma o

Espiritismo, que se compraz em tudo submeter à lógica racional, desprezando o caracter de misticismo das investigações.

Todavia, não deve ser confundido espírito místico com espírito religioso, uma vez que constatamos muitos espíritos ateus místicos, e isto por afirmar coisas cuja realidade desconhecemos.

O matemático dá um valor absoluto a axiomas, que não passam de concepções tradicionais — a símbolos, a cálculos, simples ideiação do nosso espírito;

O físico, deixando-se iludir pelas suas hipóteses, que não resultam de uma determinação direta, como por exemplo, os movimentos dos átomos da matéria, raciocina como se elas explicassem positivamente os factos que estuda ;

O biologista que, para demonstrar os fenômenos da hereditariedade, chega a acreditar, sem qualquer verificação, na existência real dos elementos imaginados para representar materialmente a transmissão aos descendentes dos caracteres dos pais;

O fisiologista que explica os fenômenos mais característicos do ser animado pela presença de uma força especial, a vida ;

O psicólogo que estabelece faculdades intelectuais simples, rigorosamente definidas e distintas, como a vontade, a sensibilidade e a inteligência;

O metafísico que disserta fóra de toda a experiência sôbre as idéias de causa, tempo e espaço;

O sociólogo que, sem saír do seu gabinete, determina a evolução das fórmas sociais nos povos primitivos; do mesmo modo o historiador que, descrevendo as sociedades já desaparecidas, as reconstróe imaginariamente, segundo concepções subjetivas absolutamente arbitrárias;

O médico que atribúe a forças desconhecidas ou mal definidas — irritação, inflamação, intoxicação — a causa definitiva dos processos mórbidos;

Nos meios literários, o artista que acredita mais na inspiração, força benfeitora e misteriosa que transfigura o poeta, em vez de procurar, por um bom método, a regra e as circunstâncias favoráveis ao trabalho.

Na vida prática ninguém deve se deixar levar pelas impressões, afim de que não venha a afirmar aquilo que não passa de aparência.

Tiradas, porém, ás religiões as explicações gerais sôbre os fenômenos que pertencem hoje ou amanhã à investigação positiva, não lhes restariam senão construções do mundo incognoscível, transformando a sua atividade cheia de encantamentos para os espíritos e até certo ponto inofensiva, uma vez que não lhe dessem maior valor positivo que ás ficções literárias.

Mistér se fazia, portanto, que surgisse para a humanidade qualquer coisa mais consistente, sem qualquer caracter místico, mas que, ao contrário, no seu relativo positivismo, pudesse esclarecer o homem sôbre o transcendente problema da divindade, e quiça da própria razão de ser do seu aparecimento á face do planeta.

Essa nova religião teria por missão mostrar ao homem a relação existente entre êle, o mundo invisível e Deus, libertando-o de todo o sentimento mìstico para que pudesse vêr tudo claro, racional, sem o caracter miraculoso ou sobrenatural.

Religião que teria que se inspirar nas modernas descobertas da ciência, desembaraçada das fórmulas absoletas e arcáicas, tais como aquela que explicava o Alto e o Baixo da Terra. Demonstrou-se, hoje, científicamente, que não há nem alto nem baixo, sabendo-se que a Terra gira sobre si mesma,

Essa religião veiu a seu tempo pela revelação dos espíritos. Chegou-se a compreender que, paralelamente aos conhecimentos científicos, deviam marchar os esclarecimentos de uma religião racional, que satisfizesse ao raciocínio e à razão, esclarecendo, até certo limite, a idéia de Deus.

Ela surgiu, como uma natural consequência da evolução do espírito humano, que sentia necessidade de crêr, mas sabendo porque devia crêr. Hodiernamente, não basta dizer *eu creio,* mas é preciso dizer — *eu sei porque creio.*

E esse objetivo foi, felizmente, alcançado, graças as luzes trazidas pelo Espiritismo.

O Espiritismo é a Religião que consola e conforta. Dizendo que não há felicidade e sossêgo e harmonia onde só domina o vício e o pecado; que a paz resulta da ordem perfeita. A felicidade é a paz perfeita. O que melhor souber sofrer, de maior paz desfrutará.

O fiel cumpridor dos seus deveres,

o humilde, o honesto, vive sempre tranquilo, porque de nada a sua consciência o acusa. E quando se tem as alegrias de Deus, nunca é difícil desprezar as alegrias do mundo. Para tanto, preciso é que o homem lute contra as suas próprias imperfeições, para vencer-se a si mesmo, confiando apenas em Deus, o que não conseguirá sem lutar e sem sofrer.

Não devemos esquecer de que todos os que «semeiam em lágrimas, com regosijo colherão». (Ps. 125/5).

Quem não sofrer pelo Cristo, não é digno d'Êle!

Deus dá a paz aos seus filhos amados, mas não lhes tira as lutas e as tentações, para que aprendam a vencer com valor e coragem as adversidades mais duras. Porque só na dôr a virtude se aperfeiçôa. Ninguém obterá a paz e a felicidade, sem dôr e sem lágrimas.

Todos almejam a felicidade, a salvação, enfim, mas poucos querem solver o cálice que Jesus sorveu, ou carregar a cruz que Êle carregou. Todos dizem que O amam, mas desde que o Mestre comece a pedir o testemunho dêsse amor, expondo a sua fé e fidelidade, logo se perturbam e desanimam. «Eu não sou o Cristo!» dizem.

Ninguém poderá carregar, portanto, a cruz que o Cristo carregou grandemente preocupado com o seu pêso... embora Êle mesmo tenha afirmado—«o meu fardo é leve, e o meu jugo suave!»

J. B. Chagas.

S. Paulo, o precursor da Sociologia do 1.° Século

São Paulo, sôbre ser o maior divulgador do Cristianismo, de todos os tempos, foi o notável precursor da Sociologia do 1.° século da nossa éra.

Antes dêle, na Idade Antiga, já Platão, com os seus livros República, Leis e Cidade, e Aristoteles, com suas obras Politica, Metafísica, Moral e Economia firmavam a sua reputação como os primeiros e mais sérios precursores da Sociologia.

S. Paulo, com as suas famosas epístolas, dirigidas às Igrejas que fundou pela Asia e pela Europa Meridional, nada lhes ficava a dever, como pioneiro desta admirável ciência, como que preparando os elementos para a estrutura de seus fundamentos, realidade só alcançada ao tempo do genial Augusto Comte, seu fundador.

S. Paulo era natural de Tarso, cidade da Cilicia, na Ásia Menor, descendente de uma família hebráica de potentados. Recebeu esmerada educação de seu aio Gamaliel, presidente do Sinédrio, aquêle que disse sôbre o cristianismo, esta verdade: «Se essa obra fôr dos homens, fenecerá; se de Deus, viverá», e a quem mais tarde haveria de substituir, na qualidade de *doutor da lei.* Seu nome era Saulo de Tarso, só passando a denominar-se Paulo depois da sua conversão na estrada de Damasco. Êle ia em perseguição aos primeiros cristãos, com poderes especiais. Mas o Cristo lhe aparecera, resplandecente de luz, a dizer-lhe: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» — Quem és, Senhor? indaga. — «Eu sou Jesus, a quem persegues».

Saulo caíu de joelhos em terra, ofuscado pelo brilho do clarão emanado do Cristo, só recuperando a vista em Damasco, com o auxílio do venerável cristão Ananias. E desde então se transformou no Paulo que o mundo inteiro admira. O seu apostolado tem começo nessa época, retirando-se para o deserto afim de meditar e retemperar suas energias, trocando a toga pelo tear, exercendo o ofício que aprendera na infância e recusando as regalias advindas do invejável cargo que desempenhára e renunciando ás vantagens da fortuna paterna, para que não tivesse de traír as suas novas concepções religiosas. Os seus feitos admiráveis datam daí. As Doutrinas do Cruxificado haviam-no transformado. Êle podia, então, crêr num Deus-Justiça, num Deus-Clemência, num Deus-Amor e não no Jehová colérico, terrível e vingativo.

As premissas cristãs passaram a dar-lhe uma fôrça estranha, capaz de lhe possibilitar meios e modos de vêr as coisas por um prisma diferente. E assim, o seu imenso trabalho de Socialização se desenvolve num crescendo admirável. Pregando nas sinagogas e na praça pública a solidariedade cristã, baseada no amor fraternal e fazendo dos convertidos que todos são iguais perante Deus, S. Paulo, pouco a pouco, cimenta os fundamentos duma Sociologia religiosa verdadeiramente revolucionária, na boa acepção do vocábulo.

Fundando igrejas cristãs em toda parte, com elas mantém estreito intercâmbio espiritual, fazendo prosélitos e até discípulos, entre os quais Timóteo, Filemon, Tito e Barnabé.

Sua atração ganha maior envergadura com as suas famosas 14 cartas, dirigidas ás igrejas e aos discípulos. Através delas a própria Filosofia sofre modificações profundas. Muitas de suas palavras parecem rejeitar completamente a Filosofia, no que se infere à concepção do conhecimento, quer em se tratando do Senso Comum, quer do Estetismo.

Tal é o que se depreende dos seguintes excertos de suas Epístolas: Corintios, cap. 1, vrs. 19: «Porque escrito está: «Destruirei a sabedoria dos sábios e provarei a prudência dos prudentes»;

Colossenses 2-8: «Estai de sobreaviso para que ninguém vos engane com filosofias e com os seus falazes sofismas, segundo a tradição dos homens, segundo o elemento mundo, e não segundo Cristo»;

1 Timóteo 6-20: «O' Timóteo, guarda o depósito, evitando as profanas novidades de palavras, e as contradições de uma ciência»;

1 Corintios 3-18; «Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio nêste mundo, faça-se insensato para ser sábio»;

11 Timóteo 2-14: «Admoesta estas coisas, dando testemunho diante do Senhor. Foge de contendas de palavras, que para nada aproveitam senão para perverter aos que as ouvem»;

11 Timóteo 2-16: « Mas evita as práticas vãs e profanas; porque servem muito para a impiedade»;

11 Timóteo 2-23: «Evita igualmente desavisados, e que não servem para instrução: sabendo que produzem contendas».

Semelhantes teorias se vêem implícitas nas epístolas aos Galatas, aos Romanos, aos Efesios, aos Filipenses, aos Tessalonicenses, a Tito e a Filemon, que a premência do Espaço não permite expôr aqui.

Sua obra é verdadeiramente considerável tanto do ponto de vista filosófico, quanto do Sociológico.

Entrementes, é mister ressaltar a sua atuação em favor dos pagãos, num trabalho digno de um sociólogo legítimo, donde lhe proveio o título de «apóstolo dos gentios».

Amadeu Santos.

Rio de Janeiro, 29/9/949.

Pontos de Vista

LEOPOLDO MACHADO

Um confronto impreciso

Afinámos cento por cento com o Alfredo D'Alcantara a propósito de seu grande livro, UMBANDA EM JULGAMENTO. E desafinámos cincoenta por cento a respeito de seu artigo nesta Revista, titulado UM CONFRONTO NECESSÁRIO.

Arregalámos, sim, os olhos, lendo sua afirmativa desfundamentada, esperando, entretanto, as provas do que afirmou, que não vieram.

A afirmativa do ilustre amigo e prezadissimo confrade é que a despeito do número de adeptos que ostenta e do barulho que se faz nas lides de caracter social, o espiritismo é menos solido e consistente no Brasil, em confronto com o que se vê, a respeito, no resto do continente.

Onde, em que país do resto do continente?

E ficámos de olhos arregalados esperando a análise concreta.

Estados Unidos? Argentina? Cuba? Porto Rico?

Só aí, afora o Brasil, ha, praticamente, espiritismo.

— E Espiritismo ajustado a um só aspecto – que arranca do articulista elogios: o aspecto filosófico.

Ora, por mais errado que seja nosso espiritismo, só pelo fato de abranger, bem ou mal, muito menos mal, a despeito de tudo, do que bem — os trés aspectos distintos do Espiritismo, afora seuaspecto artístico e humanitário, pedagogico e social, terapêutico e moral; só por isso, o Espiritismo no Brasil leva enormes vantagens sôbre quaisquer outras espécies de espiritismo do resto do planeta.

Seus exagêros religiosos? Sua deturpação e práticas exóticas com o seu nome?

Há-os, também, na Argentina e em Cuba, sem as compensações que se vê por cá. Ouvimos do Dr. Santesteban o que são as *santarias* de Cuba, que correspondem a nossa macumba, ao nosso espiritismo de terreiro. Práticas com o nome de espiritismo, com fins especulativos e até francamente libidinosos...

Felizmente, são grandes ainda nossos êrros, em matéria de Espiritismo,

Há muita especulação e exploração por aí com o nome de Espiritismo.

Reina, ainda, muita ignorância nos meios espíritas.

A questão Roustaing agita, ainda, muitos ânimos entre nós, como diz o ilustre confrade, até exagerando um pouco, como no caso do livro do Conselheiro XX ser colocado em plano de superioridade comparado ao Evangelho Segundo o Espiritismo...

Mas, dizer que, a despeito de tudo isto, levamos desvantagens aos outros meios espíritas do resto do continente... é avançar de mais.

Podemos, contudo, estar errado.

Pois que venham argumentos concretos que afirmem nosso erro!

Personalismos

Empresta-se, geralmente, ao termo *Personalismo* um sentido exclusivista; a ânsia de aparecer na obra que realiza, para que a pessoa e o nome do autor fiquem em foco.

Esta, uma forma de personalismo, não ha negar, que revela vaidosos ensinamentos.

Ha, porém, outras manifestações de personalismos.

Emprestar, por exemplo, um cunho próprio, muito pessoal, porque imanente de quem possue personalidade, não será, por exemplo, uma forma distintissima de personalismo?

Não será, também, personalista aquele que, por não encontrar quem o auxilie como devia, já por ser isto parte de sua prova, já por displicência de companheiros; não será personalista sem o querer aquele que, deste jeito, é arrastado a fazer, sozinho, as coisas?

Ha também os personalistas que, por índole exclusivista, afastam os companheiros do trabalho, para ficar sozinhos, a queixar-se, por vezes, de que ninguem os ajuda, de que não recebe auxílio de ninguem...

Somos personalista de duas espécies de personalismos aí em exposição.

Mas, nosso personalismo, certo ou errado, bom ou mau, só a nós interessa, sòmente a nós beneficia ou prejudica...

A Batalha do Rio de Janeiro

Batalha contra a vida miserável das *favelas* do Rio, levantada pelo Correio da Manhã, com a adesão de outros matutinos e vespertinos.

Batalha de jornal, seria? de vez que não se falou mais disso?

Até a Igreja aderiu a ela, andando o Cardeal a galgar morros, seguido pelo reporter de O CRUZEIRO, para que se veja que S. E. se interessa pela miséria alheia! Que andou a tomar café, democraticamente, em cortiços miseráveis, para que se veja na fotografia quanto S. E. é simples!

E a verdade é que, se a imprensa e a Igreja quisessem levar a sério o problema da miséria no Rio — e até no Brasil inteiro — acabariam com a miséria.

Não falta a ambas importância e recursos, influência e autoridade para tanto, de vez que todo mundo tem prazer em atender a uma e a outra...

O Cardeal fundou, para logo, a *Fundação Leão XIII*, para atender aos pobrezinhos das favelas.

E a Prefeitura subvencionou a *Campanha* com *Doze Milhões de Cruzeiros*.

Apesar da inflação, da desvalorização da moeda papel, DOZE MILHÕES

DE CRUZEIROS é alguma coisa para agitar a *Batalha.*

E continúa ela?

Não se falou mais nela, eis a verdade...

Mas, que é feito dessa dinheirama toda, que a Prefeitura concedeu?

Com a palavra a vereadora Sagramor de Scuvero, que, entrevistada pelo «O GLOBO», edição de 18/11/48, 2.ª página, linha 6.ª, procurando defender-se do *leilão de prendas empregos* da Camara Municipal, disse ao reporter:

Há Coisas Piores.

Causa-me estranheza que a restruturação da Camara e a aprovação de alguns projetos, um pouco apressadamente, tenham causado tanta celeuma e seja o relógio da Camara o maior cartaz do momento, quando factos como o da doação à Fundação Leão XIII, de 8 milhões para resolver o problema das favelas, consignada ao Departamento de Assistência Social da Prefeitura tenha passado desapercebido, como passou a minha palavra de protesto pelo facto. Essa Fundação gastou 2 milhões de cruzeiros, num ambulatório no Parque Proletário do Vasco. E o que lá está, eu faria com menos de 300 mil cruzeiros e ainda sobraria dinheiro... A Fundação Leão XIII *(Obra do S. E. o Cardeal)* tem o dôbro da verba da repartição do Governo cujo objetivo é construír casas, resolver o problema das favelas e manter em bom estado os parques proletários. Como póde essa repartição realizar o seu trabalho, se a sua verba vai quasi toda para essa Fundação? E além dessas, há coisas piores, muito piores...»

E o Cardeal, só com uma percentagem mínima dos recursos, de sua Igreja, poderia, sem absorver tantos milhões da Prefeitura, fazer tudo.

A Igreja, entretanto, toda poderosa, embora seja a Religião dos Brasileiros, deixa a sua gente morrer e viver na miséria, pois até o dinheiro que o governo destina, por seu intermédio, para isso, ela o desvia.

Até quando, meu queridissimo Brasil, tua terra e tua gente serão espezinhados e enganados assim?!

Ciência Metapsíquica

LUIZ DANTAS

Acabo de lêr o último livro de Carlos Imbassahy — «Ciência Metapsíquica». De livros como êsse é que estamos sempre a precisar. Livro que é um verdadeiro roteiro aos que procuram se familiarizar com a metapsíquica, essa ciência que tão profundamente nos fala ao espírito, à nossa consciência, e, consequentemente, à nossa vída.

Apesar de ser um leitor de minguados recursos intelectuais, e, portanto, incapaz de julgar obras do porte dêsse grande livro, considero-o magnífico. Magnífico, sim, em todos os ângulos por que se o encare: análise percuciente, lógica inquebrantável, argumentação segura, admirável concisão de linguagem.

Para o mestre do «Espiritismo à Luz dos Factos» não existem segredos na ciência a que Richet deu o nome de metapsíquica. Abre o volume que estamos comentando, uma palestra do mestre francês, na Sorbone. O'tima idéia de Carlos Imbassahy, essa de transcrever na entrada do seu livro a conferência do erudito professor da terra de Kardec.

Richet nessa palestra analisa percucientemente os fenômenos denominados metapsíquicos mas lhe faltou a necessária coragem para chegar às conclusões que só o Espiritismo oferece. Carlos Imbassahy, reunindo nêsse volume um farto repositório de fenômenos que se enquadram na ciência que Richet oficializou, explicou-os, claramente, à luz interpretativa e analítica do Espiritismo.

Os espíritas têm, agora, com êsse novo livro de Carlos Imbassahy, mais uma base, de indubitável segurança, para se firmarem contra as arremetidas de certos zoilos, grandemente arrogantes e supinamente ignorantes, que ainda teimam em querer derribar um monumento do porte da doutrina que Kardec codificou.

Baldado intento desses pseudocientistas, vasios de bom senso e cheios de orgulho, indefinidamente enfincados em velhas teorias que nada explicam e atravancando cada vez mais o cérebro de pobres leitores, como nós, com uma nomenclatura complicadissima, de têrmos que a língua pêrra de tabaréos do meu feitio dificilmente pronuncia.

* * *

Repito: de livros como êsse é que estamos sempre a precisar. A literatura espírita já é bastante vasta; mas muitos livros se espraiam por aí, ou melhor, atravancam as prateleiras das livrarias sem nenhum conteúdo apreciável e vasios de substância doutrinária. Ultimamente, porém, tivemos três livros que valem por centenas que circulam por aí afóra: «O Espiritismo e os Problemas Humanos», de Deolindo Amorim, «Cientismo e Espiritismo», de Leopoldo Machado e «Ciência Metapsíquica», de Carlos Imbassahy. São, não há dúvida, três livros que estabelecem e firmam uma doutrina. Sem querer fazer crítica, pois para isso não temos autoridade e nem ao menos credenciais, achamos inteiramente inócua certa literatura espírita que se derrama por aí, em profusão, por vezes de duvidosa origem mediúnica, outras vezes atravancada e envolta na nebulosidade de textos bíblicos e de um misticismo estafante e por vezes ridículo.

Precisamos encarar a Doutrina em consonância com os problemas que a vida a todo momento nos oferece, com os seus dramas de angústia e sofrimento.

Carlos Imbassahy e os dois autores que nomeamos linhas acima não se filiam a certo grupo de escritores que se embuçam em assuntos e teorias que, como a neblima ao calor do sol, se desfazem ao contacto da lógica e da análise.

* * *

Não conheço escritor que trate de assuntos por vezes áridos com tanta leveza e harmonia de linguagem como Carlos Imbassahy. A gente chega ao final dos seus livros sem o mais leve sinál de enfado, seja lá qual fôr o assunto que êle focalize. E as lições que deles colhemos gravam-se, indeléveis, em nossa mente.

«Ciência Metapsíquica», uma esmerada edição da Gráfica «Mundo Espírita», é um volume que todos nós devemos ter sempre à mão, pois é um verdadeiro roteiro nessa grande ciência que é a metapsíquica — «a maior construção de todos os tempos, o maior templo que verão olhos humanos», dizemos, encerrando estas ligeiras apreciações com as palavras finais do livro que acabamos de lêr, verdadeiramente maravilhados.

Crônica Estrangeira

Segredo de Confissão

De «Reformador»

No número 223 de Maio e Junho de 1948, da revista de Lisboa «Cruzada do Rosário», órgão da Cruzada do Rosário, aprovada e recomendada pelo venerando Episcopado Português, «cum permissu superum», de que é proprietário e diretor P. H. O'Sullivan, redator principal e editor D. João de Saldanha Oliveira e Souza (Marquês de Rio Maior), lemos a páginas 8 a seguinte narrativa:

«SEGREDO DE CONFISSÃO»

Com que maravilhosas tintas de frescura ideal, dadas em sábias pinceladas, aprouve à Natureza pintar em certa manhã de Maio, havia muito desejado, êsse recanto da Velha Inglaterra! Quão lustrosa relva, longa e macia, pastavam tranquilamente as vacas mansinhas, tão bem vestidas de branco, tão bem malhadas de louro! De vez em quando interrompiam a sua faina de máquinas geradoras de bom leite e punham, nas coisas e nos homens que lhes passavam perto, seus olhos meigos e sonhadores.

Ao fundo do extenso prado, transpostos os pesadíssimos portões que se abriam de par em par, avistavam-se, rodeadas por árvores multisseculares, as paredes veneráveis, enegrecidas pela idade e pela neblina—então, por acaso, ausente—de palácio, cujo aspecto, a um tempo real e acolhedor, permitia classificá-lo entre os que se construíram na primeira época do domínio dos Tudors.

Inebriados com a aragem e claridade capitosas, os cavalos trotavam tão ligeiros que pareciam literalmente ter azas nos pés. Chegaram, portanto, adiantados, e o Conde não se achava na sala para receber o seu ilustre hóspede, Mons. Vaughan, irmão do Cardeal do mesmo nome, e filho, como êle, dessa nobre senhora que tivera a coragem de pedir com fervor e constância ao Céu vocações religiosas para todos os seus filhos. Foi ouvida quasi à letra. Seis rapazes e seis meninas fizeram-se respectivamente padres e freiras. Apenas dois filhos permaneceram no mundo e continuaram, assim, a família de tão altas tradições.

Era a primeira vez que Mons. Vaughan visitava o Conde no seu solar; mas tinha com êle, havia muito, relações de amizade, não obstante a diferença de religião que entre ambos existia. Levados, provavelmente, como tantos outros fidalgos ingleses pelo receio de verem os seus bens confiscados e pela esperança de alcançarem mais subida situação na côrte da Rainha Isabel, os antepassados do Conde haviam renegado a fé católica; e os representantes da família eram hoje, por consequência lógica, protestantes. Viúvo e pai de dois filhos que estavam na índia, o atual senhor da opulenta casa possuía todas as qualidades do verdadeiro *gentleman*, lhaneza de maneiras e cultura de espírito, que o haviam tornado bibliófilo distinto.

Apreciava os homens pelas qualidades que neles observava e simpatizou desde logo com o futuro Bispo, que tinha gostos muito semelhantes aos seus. Daí, o convite que lhe fizera para vir passar alguns dias naquêle solar.

O hóspede olhou de relance os campos que se estendiam quasi desertos até perder de vista.

Só para um dos lados se aninhava junto ao monte uma típica aldeia, que apresentava ser tão velha como a casa à sombra da qual os seus moradores viviam.

Toda aquela região fôra em tempos teatro de acerbas perseguições religiosas; e Mons. Vaughan não pôde deixar de pensar que bem difícil deveria ter sido a fuga de algum padre que dalí se tivesse visto obrigado a saír.

Nisto ouviu pronunciar o seu nome pelo Conde; e com o bom acolhimento, e durante a palestra amigável que seguiu passaram-lhe da idéia os pensamentos que no primeiro instante o assaltaram. Depois do almoço, servído na amplíssima e curiosa sala de jantar, os dois amigos passearam pelo parque, onde Mons. Vaughan pôde apreciar as magnificas árvores e o belo roseiral. Nessa noite deitou-se cedo e no dia seguinte disse missa numa pequena capela católica situada a dois quilômetros de distância.

Mas o cenário mudara por completo. Desaparecera o Sol e caía do céu chuvinha fria e triste, que imprimia cunho de severidade à paisagem, ontém sorridente. Nas salas fundas, nem sequer ao meio-dia se puderam apagar as luzes.

— Estou desolado por o tempo lhe fazer tão má cara — disse o dono da casa—; mas para homens do nosso feitío há sempre o recurso da leitura. Recomendo-lhe a obra de que ontem falámos. Está aqui; e, se quiser consultar os livros nela citados, tem aqui também o catálogo da biblioteca. Terá apenas o trabalho de os tirar das estantes. Quanto a mim, apesar do mau tempo, vejo-me obrigado a ir à cidade e sò tornarei a vê-lo à hora do jantar.

Mons. Vaughan agradeceu e principiou a ler. A obra interessou-o. Foi tomando notas, percorrendo páginas até que se resolveu seguir o conselho do Conde, procurando na biblioteca certo livro que lhe dissiparia as dúvidas. Cada vez escurecia mais; no entanto, ainda não anoitecera. Mons. Vaughan meteu à galeria e, entrando na vasta biblioteca, pousou sobre a mesa o candeeiro que trazia na mão. Consultou o catálogo e deu fàcilmente com o volume desejado, preparando-se então para se retirar. Mas logo de entrada tivera sensação de não estar alí só. E, quando, tendo-se afastado da estante, se dirigia para a porta, a impressão aumentou a ponto que o obrigou a levantar o candeeiro e a inspecionar o salão que a penumbra invadia quasi totalmente.

Havia alí alguém, com efeito; e êsse alguém era um padre que aparentava uns cincoenta a cincoenta e cinco anos de idade. Conservava-se sentado perto de uma alta janela e parecia rezar; mas de repente levantou a cabeça e olhou em direção ao prelado que o cumprimentou afavelmente. O padre retribuiu, respeitoso, o cumprimento; mas havia nêle qualquer coisa de tão reservado, de tão impenetrável e invulgar que Mons. Vaughan não se atreveu a dirigir-lhe a palavra. Tornou a saír, fechou a porta e voltou para a primeira sala onde expementou lêr, mas sem coordenar bem as idéias.

Só depois de jantar disse em ar de gracejo para o seu amigo:

— Meu caro Conde, não me tinha dito que houvesse outro hóspede cá em casa.

O Conde olhou-o fixamente, mas sem responder.

— De mais a mais um padre — continuou Vaughan. — Ainda agora na bibliotéca...

O Conde estendeu a mão, como para cortar a frase.

—Hóspede muito antigo—disse solenemente. — Já o foi de meu pai e de muitas gerações antes dêle.

Um arrepio percorreu a espinha de Monsenhor Vaughan.

—Quer então dizer que... ?

—Sim. Êsse padre, que o meu amigo viu hoje, é espírito que há séculos aparece de quando em quando na bibliotéca dêste palácio e tem sido visto em todas as épocas por alguém da nossa família ou amizade. Nunca nos fez mal; antes pelo contrário, temos a impressão de que êle quer bem à nossa casa; e nós respeitamos o seu silêncio e evidente santidade.

Mons. Vaughan fez mais algumas perguntas e retirou-se profundamente impressionado com o que vira e ouvira. Não o atormentavam, após o primeiro choque, medos pueris; mas custava-lhe a crêr que algum espírito voltasse à Terra com tal persistência sem motivo grave. Como se póde calcular, custou-lhe muito a adormecer.

Dois dias passaram sem que o facto se repetisse. Os dois homens saíram juntos, voltaram tarde e conversaram muito; mas o futuro bispo não se esquecia do que vira e, quando, na véspera da sua partida, o Conde teve de se ausentar por algumas horas, sentiu que havia chegado o momento decisivo.

Rezou durante muito tempo; depois dirigiu-se à bibliotéca e entrou, traçando logo à entrada o sinál da cruz. Olhou para o ponto *habitado* e sentiu um baque no coração: o padre estava no mesmo lugar e levantou-se, cumprimentando-o com solenidade.

Mons. Vaughan fez então apêlo a toda a sua coragem e fé e disse, levantando o crucifixo:

— Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo peço-lhe, meu irmão, que me diga se deseja alguma coisa desta casa.

Os lábios do padre abriram-se e uma voz grave murmurou audivelmente:

— Peço-lhe que tire o volume tal da prateleira tal daquela estante e procure uma carta que está dentro dêle.

Mons. Vaughan fez o que lhe diziam e encontrou realmente uma carta amarelecida pelo tempo. O padre tornou ainda:

— Peço-lhe que a queime — o que foi feito.

—Era um segredo de confissão — explicou o padre cuja figura parecia entrar pouco a pouco na sombra do seu canto habitual. — Estive refugiado nesta casa e soube que me vinham prender. Já não tinha tempo para fugir e receei que encontrassem sôbre mim a carta. Meti-a portanto nêsse livro que arrumei; e Deus permitiu que eu aquí voltasse até encontrar quem a destruisse. Obrigado.

Mons. Vaughan deixou de vêr o padre. Tornou a colocar o livro na estante, saíu da sala e voltou para o seu quarto onde, demoradamente, deu graças a Deus.

Só muito mais tarde contou esta história estranha, a que a sua alta categoria dá autenticidade incontestável».

Ex. de *Luz e Caridade*.

Nota de «Reformador» — Aí têm os nossos leitores um facto de que nenhum católico poderá duvidar. Facto espírita, perfeitamente espírita e que confirma o ensinamento do Espiritismo: os mortos vivem, comunicam-se com os homens, continuam com as suas crenças terrenas, com seus hábitos, e muitos até se supõem vivos, rodeando-nos, acotovelando-nos, sem que os percebamos.

⁂

Uma notável experiência

Por Frederico Duarte, Manchester

Julgo ser muito possível a que muitos dos meus leitores do Brasil ainda se recordem do médium Joseph de Santos, natural das Guianas Inglesas, e que esteve por alguns anos no Rio de Janeiro, e educado num Seminário de São Paulo.

Desenvolveu as suas excelentes faculdades psíquicas na Federação Espírita Brasileira, situada então no ano de 1919, na Avenida Passos.

Muita água tem passado por debaixo do seu moínho até á data, e por indicação de amigos e guias espíritos viemo-nos ambos a encontrar em 15 de Janeiro do corrente ano.

Na terça-feira anterior à essa data, Joseph de Santos veiu do Sul de Inglaterra ocupar uma boa posição que lhe foi oferecida numa importante fábrica de Conservas, num arrabalde distante de Manchester por uns 10 quilómetros. Não conhecendo ninguém foi inspirado a comunicar com um tal senhor Birch, e do «Além» deram indicações sôbre a casa onde morava. Mandou áquela localidade uma mulher de recados lá da fábrica, a qual pôde logo encontrar a casa.

Mas... Eis o mais interessante de tudo!

O senhor Birch é um espiritualista de muitos anos e assinante do «TWO WORLDS». O Joseph de Santos ao abrir um dos números deparou alí com a minha Secção «New from Abroad», e resolveu escrever-me em inglês.

De minha parte fui também inspirado a ir visitá-lo no domingo, 15 de Janeiro.

UMA SURPRÊSA ADMIRÁVEL

Passei o dia todo na sua companhia e ao anoitecer veiu visitar-nos um moço sofrendo com dôres reumáticas. Depois de termos comido, fomos para a sala de visitas, o Joseph (a quem chamamos Joe), o Mister Birch, eu e o paciente. O quarto foi posto ás escuras, com exceção duma vela de cêra que ficou acêsa para me poder ajudar a colher as minhas notas.

Devo desde já informar os leitores que Joe é cidadão inglês, e que fala português com o sotáque brasileiro e não como o meu que aprendi no Pôrto. Isto é importante saber-se de antemão.

Doutor Lopo de Almeida. Transfigurou-se um ente que deu o nome de doutor Lopo de Almeida, dizendo ter sido médico no Pôrto. Devo confessar porém que não estou absolutamente seguro ser Lopo o nome. Lobo, ou Lopes, inclinando-me que seja LOPO.

Falou em português, como se fôsse um portuense nato! Admirável! Saudou-me para no final da sèance pedir desculpa ao senhor Birch e ao paciente por não lhes falar em inglês.

Deu uns passes no paciente, receitou um xarope para tomar e um preparado com ervas, etc., para cozinhar e depois friccionar por todo o corpo. Despediu-se dizendo que «teremos outras oportunidades de falarmos na bela língua de Camões, caro amigo Duarte, e vou-me embora, pois está aquí um mestre que deseja falar-lhe».

Francisco Sá de Miranda. Aparece-me êste espírito, tendo falado dum modo inteligente, dando-me imediatamente a entender que estava em frente dum escritor português.

Falou-me muito «intimamente» sôbre tópicos, entre os quais o «médium» Joseph de Santos ignorava por completo o que se passou comigo, e aconselhou-me a continuar a ter coragem e continuar a trabalhar pela Causa Espírita.

Que me poderia assegurar ter amigos muito íntimos no «Além», os quais me desejam muito bôa sorte.

Falou sôbre a situação política em Portugal e das «Beatas» e outros quejandos os quais são uns hipócritas, não sabendo seguir a genuina Religião de Jesus Cristo. E terminou assim:

— Olhe, Duarte, eu gosto muito dêste médium, pois é uma bela criatura, e quero que você arranje a verem-se frequentemente, pois isso lhe dará a oportunidade de poder comunicar com alguns dos bons amigos daquí, inspirando-o de modo a poder escrever as suas crônicas em português. Você está há perto de 40 anos na Inglaterra, mas nunca perdeu, nem perderá os seus conhecimentos referentes à sua língua materna».

Muito obrigado, senhor Francisco Sá de Miranda, dando-me hoje a «inspiração» para rabiscar estas linhas!!!

—

Confissão — Para mim é tão natural, vêr, falar e ouvir os espíritos como os mortais. Isto é a minha maior fortuna cá na Terra!

ESPIRITISMO NO BRASIL

Aviso

Avisamos aos nossos prezados assinantes, que em virtude das férias que vamos conceder ao nosso pessoal de redação e oficinas, esta Revista não circulará no próximo mês de Abril, circulando juntamente com a edição de Maio, n.ºs 3 e 4.

A REDAÇÃO

Recenseamento Geral do Brasil — 1950

Em 1.º de Julho do corrente ano será feito em todo o território nacional o Censo Demográfico. No «Boletim de Família», que terá de ser preenchido e assinado em cada casa ou apartamento de residência, há 12 colunas verticais, numeradas de 1-a a 12-a, cada uma destinada a uma pessoa da família, compreendendo-se como pessoa da família também os empregados, pensionistas e hóspedes que tenham pernoitado no prédio de 30 de Junho para 1.º de Julho. Caso o número exceda de 12 pessoas, serão usadas folhas suplementares.

Em 25 linhas, numeradas de 1 a 25, acham-se os quesitos a serem respondidos, na seguinte ordem:

1 — Nome (apenas o nome de batismo, ou prenome).

2 — Sexo.

3 — Condição no domicílio em relação ao Chefe da família.

4 — Se é morador do domicílio e está ausente, etc.

5 — Se não é morador e está presente, etc.

6 — Onde nasceu?

7 — É brasileiro nato, naturalizado brasileiro, ou estrangeiro?

8 — Côr.

9 — Data do nascimento.

10 — Se não sabe a data do nascimento, quantos anos de idade supõe ter?

11 — Religião.

Observação. Sôbre êste quesito as «Instruções ao Recenseador para Preenchimento dos Questionários do Censo Demográfico» esclarecem:

«A resposta a êste quesito deve indicar precisamente a religião professada pelo recenseado, como: Católica Romana, Anglicana, Maometana, Luterana, Espírita, Batista, Congregacional, Israelita, Metodista, Presbiteriana, Positivista, Budista, Ortodoxa, etc.

«Para as pessoas que não têm religião, a resposta deverá ser Sem Religião. Convém notar que, também para os menores, êste quesito deve ser respondido».

Portanto, os filhos menores de espíritas serão recenseados como espíritas. Nessa linha 11 o nosso confrade tem que escrever sómente a palavra «espírita», sem nada mais. Se acrescentasse alguma coisa, como «cristão», «kardeciano», ou outra palavra, iria para a relação das minorias incontáveis «e outras religiões», isto é, não seria contado como espírita. Também não podem ser usados os termos «espiritista», «espiritualista», pela mesma razão: não seriam contados como «espíritas».

12 — Estado civil. (E assim por diante até 25).

Noite da Mulher Espírita

No Centro Espírita Gabriel, Discípulos de Maria Madalena

Entre as realizações marcantes, que hão de sempre lembrar o nome por todos querido de D. Marilia Ferraz de Almeida Barbosa, registra-se o programa da NOITE DA MULHER ESPÍRITA, realizada, de dez anos a esta parte, a 19 de Fevereiro, no *C. E. Gabriel, Discípulos de Maria Madalena*...

A última *Noite da Mulher Espírita*, no Gabriel, foi um bonito programa, cheio de arte, sentimento, vibração e originalidade. Presidiu a sessão, d. Antonia Rodrigues de Oliveira, que substituiu a fundadora do programa. A parte artística esteve a cargo da Mocidade Espírita do Gabriel. A oradora foi d. Adalgisa de Paiva. Coube ao esposo da criadora do programa descerrar o pano que velava a fotografia de d. Marilia, então inaugurada. E o prof. Leopoldo Machado, aclamado por último para falar como a única voz masculina ouvida naquela festa de vozes femininas, disse, emocionado, de suas sensações alí experimentadas, salientando que, se é difícil seguir a Cristo, porque não é fácil tomar sua cruz para tanto, cruz de quatro hastes distintas : Renúncia, sofrimento, resignação e fé absoluta, que se procurasse, então, seguir as Marilia, as Maria Maximo, as Benedita Fernandes, mulheres diferentes, que viveram mais para seu ideal do que para elas mesmas, do que para as futilidades da Vida e do Mundo.

Duas crianças do Lar de Jesus tomaram parte no programa : uma, lendo uma expressiva saudação e a outra, declamando a poesía descritiva do Lar de Jesus.

Notas Espíritas

Leopoldo Machado

NOTAS ESPÍRITAS era a secção que saia, ás quintas-feiras, no matutino A MANHÃ, sob nossa direção e do desenhista daquele matutino Gil Ribeiro, ilustre e diligente confrade.

Constava, apenas, de ligeiro estudo da história do Espiritismo, um fenômeno espírita, um conceito de vulto ilustre da ciência e da sociedade, sôbre o Espiritismo, um preceito espìrita e noticiário. Tudo muito sintético.

Dr. Ernane Reis, ainda na direção daquele jornal, havia resolvido repetir «Notas Espìritas» ás terças e sabados também, por ter compreendido, naturalmente, embora sem ser espìrita, o serviço de elucidação que a secção estava prestando aos leitores de A MANHÃ.

Saiu dr. Ernâne Reis.

Repetimos, então, ao companheiro o que lhe dissemos, assim recebemos a sugestão para criar «Notas Espìritas»:

—A MANHÃ, jornal governista e, como toda nossa imprensa, clericalizada, sem independencia jornalística de opinião... Não creio «Notas Espíritas» permaneça por muito tempo em suas colunas. Em todo o caso, enquanto não nos vier o *bilhete azul*, por imposição do clero . . . iremos fazendo a secção.

Veio, e já veio tarde, a bilhete azul.

Elementos do clero teriam dito era uma vergonha para a Igreja que suas notas, o noticiário católico saissem sem destaque nenhum, contrastando com a secção espìrita. Assim, que A MANHÃ se decidisse : ou a secção espìrita ou o seu apôio...

A decisão não se fez esperar, claro:

—Se «Notas Espìritas» se conformasse com o noticiário somente, bem. Nada de doutrina, de fatos espìritas,..

O que vale dizer ; nada do que pode esclarecer, elucidar, instruir...

Claro que noticiário sómente não interessou aos organizádores de NOTAS ESPÍRITAS que, por isso mesmo, deixou de saír ás quintas-feiras, com merecido destaque, em A MANHÃ.

Toda doutrina que opõe argumentos e doutrina, a opressão e a fôrça, fôrça e opressão de que ainda desfruta em consequência de primitividade de educação e mentalidade dos povos, é doutrina racional e lógicamente morta, fóra de sua época e de suas finalidades...

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	50,00	Do 7.° ano	50,00	Do 8.° ano	50,00
Do 10.° ano	50,00	Do 11.° ano	60,00	Do 12.° ano	60,00
Do 13.° ano	60,00	Do 14.° ano	60,00	Do 15.° ano	70,00
Do 16.° ano	80,00	Do 17.° ano	60,00	Do 18.° ano	60,00
Do 19.o ano	60,00	Do 20.° ano	60,00	Do 21.° ano	60,00
Do 22.° ano	60,00	Do 23 ° ano	60,00	Do 24.° ano	60,00

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletaneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além-mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	40,00
	Semestre —	,,	,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2634unse

NO XXVI—Brasil-E. S. Paulo - Matão, 15 de Abril-Maio de 1950 - N. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo no Brasil	*Redação*
Afinal, que Somos ?	*Pereira Guedes*
Os Fenômenos Espíritas e os Milagres	*J. B. Chagas*
Trinta Anos Entre os Mortos . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Espiritismo Cristão ou Cristianismo Espírita ?	*Delphus Villar*
Imitação e Autonomia	*Deolindo Amorim*
Uma Vela a Deus, outra ao Diabo .	*Alfredo d'Alcântara*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
Historia de Catarina

**Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
Matão — E. S. Paulo**

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1950 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O ESPIRITISMO NO BRASIL

JÁ se tornou facto indiscutível que o Espiritismo, sob o seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, é a única doutrina que satisfaz plenamente os justos anseios das creaturas. Responde a todas as perguntas relativas à alma e aos problemas humanos. Ilumina e conforta. Esclarece e desfaz dúvidas. A sua palavra não é dirigida apenas ao ignorante, mas também ao sábio, afim de que o ignorante fique sábio e o sábio ainda mais sábio. A sua missão é mostrar a Verdade tal como ela é, sem aparatos, sem cultos externos, sem dogmas científicos, filosóficos ou religiosos, sem preconceitos. Não veiu derrogar nenhum dos estudos oficiais, pelo contrário, ampliá-los ainda mais, rompendo o estreito círculo dos conhecimentos humanos com o dar-lhes bases mais sólidas, estrutura mais firme para vôos mais altos do pensamento, enfim, para novos surtos de progresso intelectual, moral e espiritual das creaturas.

Como ciência, veiu enriquecer o patrimônio científico com os testemunhos da sobrevivência individual, quebrando os grilhões com que os sábios materialistas pretendiam prender a ciência, na ignorância da existência e sobrevivência do espírito após o tombo do corpo somático, julgando que, se alma existisse de facto, o besturí encontrá-la-ia no corpo. Com o advento do Espiritismo, a Ciência tomou assento no lugar que lhe compete como alavanca do progresso.

Como filosofia não se limita a fazer suposições. Prevalece-se dos factos para demonstrar a Justiça Divina e esclarecer a vida da alma.

Como religião, esmiuça o Evangelho em espírito vivificante, confortando as creaturas no trabalho do seu aperfeiçoamento moral e espiritual.

Encarado sob estes três aspectos, o Espiritismo no Brasil vem avançando maravilhosamente, surpreendendo gregos e troianos com as importantes obras de assistência social levantadas pelos espíritas, no país, muitas das quais, dado o seu vulto e grande utilidade pública, recebem subvenções dos governos. Milhares de doentes, inválidos, crianças e velhos desamparados, são sustentados, tratados e guiados, com carinho verdadeiramente paternal, pelos espíritas, que chegam ao ponto de sacrificar os seus interesses e os seus momentos de folga, num espírito de renúncia que só encontra paralelo nos cristãos primitivos. Desde as metrópoles aos lugarejos e sítios, o Espititismo assentou uma cátedra e uma tenda de trabalho em que o preceito máximo do Evangelho, o amor fraterno, é o artigo primeiro dos estatutos espíritas. Ricos e sábios, pobres e iletrados, brancos e pretos, sem distinção de raça, unem-se nesta santa cruzada de redenção, de confraternização, em demanda da perfeição sob a égide do Espírito de Verdade.

Estamos plenamente certos de que ninguém terá argumentos para nos contradizer ao afirmarmos que o Brasil avança para o Alto e para a frente na vanguarda das nações mais espiritualizadas. Qual o motivo dêste facto ? E' que no Brasil os espíritas colocaram o Evangelho à sua frente, como lâmpada a iluminar-lhes o caminho que devem percorrer no sentido espiritual. Se os espíritas brasileiros tivessem relegado o Evangelho para um plano secundário, o Espiritismo no Brasil estaria marcando o mesmo passo que está marcando em muitos países, perseguido até o ponto de ser impedido o seu livre funcionamento. Mas com o Evangelho à frente, côncios dos seus deveres de fraternidade, os espíritas brasileiros puseram-se ao trabalho sem mais tardança, levantando obras de assistência social, como anteparo a eventuais investidas do clero e seus súditos, muitos dos quais tomam assento em altas cátedras, de onde procuram tolher o livre exercício de todas as idéias que visam o bem coletivo, só porque não rezam pela mesma cartilha.

Não podem andar mais bem inspirados os espíritas quando se lançam a empreendimentos de assistência social. Esta inspiração vem do Alto, justamente porque eles colocaram o Evangelho à sua frente. E como não existem argumentos contra factos, o Espiritismo no Brasil é respeitado pelos seus próprios opositores, não pela sua doutrina, porque não a conhecem, e se a conhecessem, de opositores passariam a francos cooperadores, mas pelas obras de assistência social que os espíritas erguem numa disputa de quem deseja fazer mais e melhor. Daí a razão por que o Espiritismo é pregado pelo rádio, pela imprensa profana e nas praças públicas sem impedimentos. E é digno de menção o facto de um grande número de católicos, e mesmo protestantes, participarem dos Congressos e Semanas Espíritas.

Porisso estamos firmemente convictos de que, se os espíritas de todo o mundo fizerem o mesmo, alcançarão o mesmo êxito que estão alcançando os espíritas brasileiros, que estão certos da realização da seguinte profecia de Jesus: «E será pregado êste Evangelho do reino por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim». O fim do egoísmo, do orgulho, das baixas ambições, dos vícios, com o império do Espírito, diremos nós.

Não discutiremos o aspecto religioso do Espiritismo, porque, para o espírita, religião é o Evangelho interpretado e seguido em espírito vivificante. O que anda por aí com o nome de religião não são religíões, mas sim seitas humanas, que criaram dogmas e cultos externos segundo os seus interesses. Se religião é ligar a creatura ao Creador, o Espiritismo está cumprindo à risca a sua tarefa, os espíritas brasileiros também, ao encará-lo como tal, além dos seus aspectos de ciência e filosofia.

Portanto, sempre para a frente e para o Alto !

Afinal, que Somos ?

Monteiro Lobato, um dos maiores prosadores vivos, até então, em terras do Brasil, prefaciando o belo livro de Pedro Granja, AFINAL, QUEM SOMOS ? — esbarra logo com o título da obra, que, para êle seria, AFINAL, QUE SOMOS ?

«O «quem» da primeira pergunta indica que somos gente», diz o erudito autor de «Urupês», e, prosseguindo indaga: «mas seremos gente, Pedro Granja ?» Sim, respondemos nós. Não queremos entretanto, discutir a beleza do prefácio da obra nem tampouco o valor de tão estupendo livro que é o AFINAL, QUEM SOMOS ? de Pedro Granja.

O nosso objetivo, servindo-nos do título que Monteiro Lobato poria na obra, como êle próprio o diz, é apenas o de filosofar, dentro das nossas parcas possibilidades, em tôrno do espírito e da matéria.

O cidadão, homem ou mulher, é aquêle que nasceu em qualquer parte do mundo, com todos os direitos assegurados pelo simples facto de ter nascido. Ninguém vem ao mundo senão para viver, continuando a vida que ninguém sabe quando teve início.

«Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei», diz o Sr. Allan Kardec, mas, poderiamos ainda acrescentar: lutar e lutar sempre, com todas as fôrças orgânicas e espirituais, para conquistar apenas uma pequena parcela de todos os seus direitos, eis em que consiste a vida do espírito na Terra.

A primeira manifestação da criança ao nascer, é chorar ! E' o sinál evidente do espírito enclausurado, dando o primeiro passo na peleja que se prolongará pela existência em fóra, em busca da liberdade — a conquista suprema.

Logo após é a manifestação do instinto a procura do alimento, a primeira necessidade do cidadão terrícola, garantindo instintivamente o instrumento do espírito, que é o corpo, para o seu aperfeiçoamento ininterrupto, ontem como cidadão do Espaço, hoje como cidadão da Terra.

Pouco a pouco, a consciência vai se despertando, sobrepondo as manifestações instintivas da matéria, comandando as fôrças da natureza orgânica.

Enquanto o corpo se desenvolve, crescendo em tamanho e pêso, o espírito cresce em conhecimentos, desenvolvendo todas as suas faculdades, principalmente a do raciocínio.

Defeituosa tem sido, entretanto, a educação da humanidade, afastada inteiramente dos princípios que norteavam os homens nas primeiras madrugadas da civilização em seu gregárismo, mais tarde praticados pelos cristãos primitivos, em cuja grei não se conhecia a necessidade de uns nem a fartura de outros, reinando paz no seio da comunidade.

Viver a minoria em detrimento da maioria, tem sido, no curso dos séculos, o lema da humanidade corrompida ; entretanto, os mestres e profetas de todos os povos recomendam o contrário, aconselhando a fraternidade que é a mais eloquente manifestação de superioridade do espírito no comando supremo da vida instintivamente manifestada.

Jesus, para nós o maior dos mestres, na oração dominical, acentuou : «o pão nosso de cada dia nos dai hoje», mostrando assim, em tão poucas palavras, que o alimento de cada dia, necessário à vida do corpo é, por isso, uma necessidade do espírito encarnado, zeloso como deve ser pela conservação da casa em que mora, o instrumento de suas provas e meio de evolução, lutando entre duas naturezas (espiritual e material), pela sua própria vitória — a do espírito sôbre a matéria.

«Está escrito que nem só de pão viverá o homem». (Lucas, cap. 4, v. 4), Estas palavras saidas dos lábios do Mestre na hora da tentação, dizem bem que o homem, espírito investido na qualidade de cidadão da Terra, necessita de alimento para viver, mas, acentua Jesus : «Nem só de pão vive o homem». Ora, se o alimento é a principal razão da permanência do homem na face da Terra, e se a vida do corpo é uma necessidade do espírito na condição de envolucrado, cabe aquí perfeitamente a pergunta de Monteiro Lobato — Afinal, que somos ?, em substituição do título do admirável livro de Pedro Granja.

Somos gente, sim, isto é, espíritos encarnados, que precisam de pão para viver a vida orgânica tão necessária quanto a vida espiritual enquanto aquí permanecermos, porque ambas conjugadas, no cumprimento da Lei, formam o cidadão terrícola.

Afinal, que somos ? espírito, ou matéria ? Somos espíritos revestidos de um corpo material ; somos cidadãos do mundo ; somos gente.

Se o ato de se ter nascido implica no direito à vida, por que razão, no uso do livre arbítrio não se esforçam todos os homens da terra, no sentido da fraternidade ?

E' que, o egoísmo, como bem o classifica o espírito de Emanuel, colaborador de Kardec na feitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, essa chaga da humanidade, enquanto caracterizar a inferioridade do homem, o carro do progresso moral há de permanecer emperrado, e, tudo quanto alguns idealistas tentarem no interêsse da comunidade, será frustrado esfôrço no interêsse dêsse egoísmo que vem fazendo, no curso dos séculos, a infelicidade da maior parte das criaturas humanas, sob o domínio da exploração do homem pelo homem.

O Espiritismo, evangelicamente praticado, deve conduzir os novos cristãos no sentido da liberdade.

Os partidos políticos, quaisquer que eles sejam, desta ou daquela ideologia, estão cheios de promessas, as mais tentadoras. O melhor deles, entretanto, será aquêle que vier solucionar, não só o problema econômico, arrancando da miséria o homem que trabalha, mas, o que sobretudo desfraldar a bandeira da Liberdade, facultando a todos os filhos da terra, indistintamente, o direito à Educação em todos os graus, integrando o espírito na posse de todos os seus direitos.

Afinal, que somos, senão espíritos encarnados! Lutemos pois, decididamente para a reivindicação de todos os direitos que nos são devidos; direitos que o cidadão adquire ao nascer e que a sociedade lhes nega no curso da existência.

Conquistemos o pão nosso de cada dia, pão do espírito e pão do corpo.

Preparemo-nos espiritualmente, sem nos esquecermos um instante sequer dos cuidados do corpo, o instrumento do espírito nas lutas contínuas em que o cidadão se empenha no cumprimento dos seus sagrados deveres no período de cada encarnação.

Pereira Guedes.

Os Fenômenos Espíritas e os Milagres

— I —

Ao ser o dr. Léon Hipolite Denizard Rivail, convidado a opinar sôbre o original fenômeno das *mesas girantes* ou *dansas das mesas*, a sua atenção se projetou para o agente ou causa geradora do mesmo, encarando-o pelo aspecto científico.

Como todos sabem, êle era um grande estudioso das coisas ligadas ao magnetismo. A movimentação de objetos diversos poderia muito bem pertencer ao domínio dos factos puramente físicos ou fisiológicos. Nada havia, portanto, que pudesse explicar a ação de um agente físico invisível. Assim, conclúe êle as suas primeiras observações: «Se os fenômenos, de que nos estamos ocupando, houvessem ficado restritos ao movimento de objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas, assim não sucedeu: estava-lhes reservado colocar-nos na pista de factos de ordem estranha. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma fôrça mecânica cega; mas que havia nêsse movimento a intervenção de uma causa inteligente».

Haverá, com efeito, no caso, uma potência inteligente? Tal a pergunta que a si mesmo formulou, dando curso ao raciocínio. Se essa potência existe, qual é, quais a sua natureza, a sua origem? Encontrar-se-á ela acima da humanidade? Eis a questão que decorreu da anterior.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de pancadas, de antemão convencionadas, respondendo *sim* ou *não*. O sêr misterioso que assim respondia, interrogado sôbre a sua natureza, declarou que era um espírito. O certo é que ninguém imaginou os espíritos como meio de explicar o fenômeno: foi o próprio fenômeno que revelou o fenômeno, facto que lhe causou espécie, pois em se tratando de ciências exátas, se formulam primeiramente hipóteses para dar base ao raciocínio. Cria-se a imagem mental da cousa ideada e trabalha-se, através da lógica e da razão, para conseguir a materialização da cousa.

No caso do fenômeno espírita ocorreu, como vimos, o contrário; deu-se o inverso — o fenômeno manifestou-se em primeiro lugar, deixando sinais evidentes de identificação e facilitando grandemente a procura e a busca, e, assim, evitando delongas e insucessos.

Daí ter o dr. Hipolite concluído *apriori* tratar-se de um fenômeno puramente científico, uma vez que obedecia a determinadas regras, embora impulsionadas por um agente oculto, firmando um raciocínio de ter encontrado os fundamentos de uma nova ciência.

O efeito, pois, resultava de uma causa. E como todo efeito tem causa, de uma causa inteligente só poderia resultar um efeito inteligente. Não era, pois, produto de milagre, como se fazia supôr, de início.

Deus porém não viola as suas Leis

Mas, vejamos, com justa razão, a opinião dos mais entendidos do que nós neste assunto.

«Afirmar que Deus tem poder contra as leis naturais, é também afirmar que póde violar as de sua própria essência». *(David Frederico Strauss. Nova Vida de Jesus).*

«Toda intervenção milagrosa de Deus, no curso da natureza, seria uma retificação da Creação e, portanto, uma prova da imperfeição desta obra e uma ofensa à sabedoria divina». *(Wolf).*

Milagre — Derrogação da Lei

«O caracter de um facto miraculoso é ser insólito e excepcional; é ser uma derrogação das leis da natureza. Desde que um fenômeno se reproduz em identidade de condições, é porque obedece a uma lei, e portanto, não é miraculoso. Essa lei póde ser desconhecida, mas nem por isso deixa de existir, competindo ao tempo fazê-la conhecida. O movimento do Sol, ou antes da terra, parado por ordem de Josué, seria um verdadeiro milagre, por ser uma derrogação manifesta da lei que regula o movimento dos astros; se, porém, o mesmo facto se reproduzisse, em dadas condições, é porque obedeceria a uma lei e deixaria de ser um milagre.

«A Igreja não tem razão de se indignar por se ir estreitando o círculo dos factos miraculosos: Deus afirma muito mais a sua grandeza e poder com o admirável conjunto das suas leis, do que com a infração delas; tanto mais atribuindo ao demônio o poder de fazer prodígios, o que implica ser o demônio tão poderoso quanto Deus, uma vez que tenha a faculdade de interromper o curso das leis divinas». (Allan Kardec — Obras Póstumas — pag. 13/4).

O sentido teológico do milagre

«O caracter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma exceção ás leis da natureza e, por conseguinte, inexplicável por estas leis. Desde que um facto possa ser explicado e decorra de uma causa conhecida, deixa de ser milagre. E' assim que as descobertas da ciência teem feito entrar no domínio do natural certos efeitos considerados milagres, por serem ignoradas as suas causas». (id. idem, pag. 100).

«Em sua acepção etimológica, a palavra milagre *(de mirari,* admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, prodigiosa,* como já ficou dito. A Academia assim define esta palavra: *um ato do poder divino contrário ás leis conhecidas da natureza». (GÊNESIS* — pag. 293).

«Assim, um dos caracteres do milagre propriamente dito, é o de ser inexplicável, por isso que se efetúa fóra das leis naturais. Conhecida a causa determinante, deixa de ser miraculoso. A ciência faz, todos os dias, milagres aos olhos dos ignorantes». (idem, idem, pags. 293/4).

Deus nada faz inútil

«A questão do milagre, propriamente dito, não é da alçada do Espiritismo; mas, apoiando-se sôbre o raciocínio de que Deus nada faz inútil, êle admite esta opinião: *Não sendo os milagres necessários à glorificação de Deus, nada no Universo se afasta das leis gerais. Deus não faz milagres, porque sendo perfeitas as suas leis, Êle não tem necessidade de derrogá-las.* Se existem factos que não compreendemos, é porque nos faltam ainda os conhecimentos necessários. Os *médiuns,* por conseguinte nada absolutamente produzem de sobrenatural, nem fazem portanto *milagre algum;* as próprias curas instantâneas deixam de ser maravilhosas, assim como os outros efeitos, por serem devidos à ação de um agente fluídico, que pratíca o ofício terapêutico, cujas propriedades, embora desconhecidas até hoje, não são menos naturais». (id. id. pags. 301/304),

A Ciência descobre, cedo ou tarde

«Póde comprovar-se a existência dessas faculdades nos *médiuns* de nossos dias, não agrupadas, reunidas de modo a constituirem uma poderosa personalidade como a do Cristo, mas dispersas, distribuidas por um grande número de indivíduos. As curas de Jesus não são milagres, mas a aplicação de um poder fluídico e magnético, que novamente se encontra, mais ou menos desenvolvido, em certos curadores da nossa época.

«O que se denomina milagres são fenômenos produzidos pela ação de fôrças desconhecidas que a ciência descobre cêdo ou tarde. Não póde existir milagre no sentido da postergação das leis naturais. Com a violação dessas leis a desordem e a confusão penetrariam no mundo. Deus não póde ter estabelecido leis, para em seguida as violar. Êle nos daria assim o mais pernicioso exemplo, porque se violamos a lei, poderemos ser punidos, ao passo que Deus, fonte da lei, terá atentado contra ela ?» *(Léon Dénis*—CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — pag. 89).

«A nova revelação se efetua sob inesperadas fórmas, ou antes, sob fórmas esquecidas, idênticas, que revestiram as primeiras manifestações do Cristianismo. Êste havia começado pelo milagre. Foi sôbre a prova material e a sobrevivência que a religião do Cristo se fundou. O moderno espiritualismo se revela com o concurso do fenômeno. Ora, milagre e fenômeno são duas palavras para exprimir um só e mesmo facto. O sentido diferente que se lhe atribúe dá a medida do caminho percorrido pelo espírito humano em dezenove séculos. O milagre é superior à lei natural. O fenômeno se submete a ela. Não ha mais que o efeito de uma causa, a resultante de uma lei. A experiência e a razão têm demonstrado que o milagre é impossível. As leis da natureza, que são as leis divinas, não poderiam ser violadas, porque são elas que regulam e mantêm a harmonia do universo. Deus não póde desmentir-se a si mesmo». (idem, id. pags. 181/82).

O Milagre não tem explicação

«O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam racionalmente. Não são, pois, milagres, mas simples efeito, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais». *(Allan Kardec* — LIVRO DOS MÉDIUNS — pag. 31).

«O maravilhoso nada mais é do que o impenetrado; um milagre nada mais é do que um fenômeno inexplicado». *(Cel. Biottot* — «LES GRANDS INSPIRÉS DEVANT LA SCIENCE»).

Segundo BERTHETOT, o grande sábio francês: — «A Ciência desempenha um papel capital na educação intelectual e moral da humanidade. Pelo conhecimento das leis de física, a ciência, desde dois séculos, renovou a concepção do Universo e derrubou, para sempre, as noções do Milagre e do sobrenatural».

J. B. CHAGAS.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor : Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

No verão de 1923, o Snr. I. nos consultou sôbre o estado de saúde de sua esposa, que guardava o leito havia nove meses, por sofrer de intensa dôr de cabeça, diagnosticada como tumôr cerebral, e de paralisía em um braço, que permanecia inerte.

Fomos várias vezes à casa da inválida para lhe aplicar tratamento elétrico, até que a Sra. Wickland viu, clarividentemente, o espírito de um homem com horrível ferida na cabeça e uma mulher com o braço ferido, a rondar aquela senhora.

Em nossa seguinte sessão mediúnica, o espírito dêsse homem se incorporou na Sra. Wickland e ficámos sabendo que êle fôra pintor de casas, que caíra de um andaime e que, como narrou, «esborrachara» a cabeça.

Êle não sabia que desincarnára e nos declarou que estava sofrendo angustiosas dôres de cabeça, mas que ultimamente encontrára u'a muito confortável cama para repousar. Cientificado de sua verdadeira situação, o espírito se afastou e desde então a Sra. I. não padeceu mais de dôres de cabeça. Permanecia, entretanto, de cama, sentindo-se fraca e sofrendo com o braço paralítico. Após outro tratamento, voltámos para casa, convidando o Snr. I. para assistir à sessão daquela noite.

Logo que chegou, nos disse êle que, depois de nossa partida, sua esposa se sentira bem melhor, se tinha levantado e, pela primeira vez naqueles nove meses, passára o dia fóra da cama.

O Sr. I. assistiu à sessão com grande interêsse, pois o espírito se queixava de dôres justamente no braço enfêrmo de sua esposa.

Sessão de 17 de Julho de 1923.

Espírito: Sra. Lizzie Davidson.

Paciente: Sra. I.—Médium: Sra. Wickland

O espírito conservava o braço muito junto ao corpo e gemia continuamente.

Médico — Boa noite. Temos então um doente aquí? E' alguém que desincarnou com alguma doença e ainda conserva o seu sofrimento na mente. O que é que há?

Espírito — (Gemendo). Meu braço! Oh, meu braço!

Méd. — O que é que há com êle?

Esp. — Dói-me muito.

Méd. — Que lhe aconteceu?

Esp. — Onde está minha cama? Estou doente.

Méd. — Estais com sôno?

Esp. — Estou enfêrma. Quero deitar-me.

Méd. — Já não estivestes bastante tempo de cama?

Esp. — Estou muito doente.

Méd. — Há quanto tempo estais doente?

Esp. — Há muito, muito tempo.

Méd. — E há quanto tempo morrestes?

Esp. — Morrestes? Eu estou é doente. Eu não morri. Disse «doente». Não me conheceis. Eu estou muito doente.

Méd. — Vejo que estais doente só mentalmente. Ou por outra, não estais doente.

Esp. — Oh! Oh! Sou u'a mulher muito doente. Meu braço! Meu braço!

Méd. — Então êle dói?

Esp. — Porque me expulsastes quando eu estava tão bem na cama? Que cama confortável! (Ao Sr. I.) Êle (o Dr. Wickland) me carregou justamente quando eu ia deitar-me para dormir.

Sr. I. — Estimo muito ver-vos aquí.

Esp. — Êle me carregou consigo quando eu ia dormir. Sou u'a mulher muito doente.

Méd. — Vamos curar o vosso braço.

Esp. — Oh, quero ir para cama. Que cama boa e confortável! E' uma cama excelente e há um belo senhor que me espera.

Méd. — Nunca mais voltareis para aquela cama.

Esp. — Sou u'a mulher muito doente. Deveis chamar um médico.

Sr. G. — Êste senhor é médico.

Méd. — Há quanto tempo que estais doente?

Esp. — (Reconhecendo o Dr. Wickland). Ah, sois um daqueles que me jogaram aquelas fagulhas. Afastem-me dêle!

Sr. G. — Foi apenas um tratamento elétrico.

Esp. — Êle disse que eu devia ir com êle. Êle falou: «Alguém que se acha junto desta senhora, vinde comigo» e assim saí com êle. Porque me disse para ir com êle e me mantém assim? (Ao Sr. I.) Não podeis fazer nada para proteger-me?

Sr. I. — Estais muito bem aquí.

Esp. — Achais? Porque deixastes que êste homem me trouxesse para aquí?

Sr. G. — Êle não deseja que a mulher dêle fique inválida por vossa causa.

Esp. — (Ao Sr. I.) Não podeis dizer a êste homem para me deixar só?

Sr. I. — Não, acho que estais em boas mãos.

Esp. — Não! Não e não! Não quero ficar aquí. (Sapateando furiosamente).

Méd. — Quereis viver junto da esposa dêste senhor e arruinar-lhe a vida?

Esp. — Gosto dela e quero ficar alí. (Batendo com os pés).

Sr. I. — Trataremos de vós aquí.

Méd. — Não estais doente, mas tendes um gênio violento.

Esp. — Estou com o braço enfêrmo.

Méd. — Enfêrmo só na vossa mente.

Esp. — Posso voltar para aquela cama. (Ao Sr. I.) Vós me tratais tão bem!

Todos os factos e fenômenos espíritas que desde tempos imemoriais vêm se verificando no vosso mundo, visam unicamente demonstrar aos homens que eles são almas imortais e que, dentro desta realidade, devem basear todos os seus atos e a sua vida, afim de alcançarem os degraus superiores da infinita escada da perfeição. Isto significa que a morte não é mais do que uma breve transição, não devendo, portanto, ser encarada com mêdo e pessimismo, como fazem os incientes. — CAIRBAR.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

MATÉRIA OU ESPÍRITO ? — *Carlos Imbassahy e Pedro Granja*—Edição Lake, S. Paulo.

A Montanha dos Fantasmas...

Trata-se de uma lenda, para nós, muito interessante.

Era uma grande montanha, que ficava fóra da cidade, a que se tinha de ir. Dela, projetavam-se raios penetrantes, que davam o que falar. Que era aquilo ? A explicação, palpites, que ninguem se animava a ir ver de perto. «Artes do demo», diziam os crentes. «Ilusão dos sentidos», para certos sábios. «Coisas sem importância», para os cépticos. «Loucuras, perturbação de sentidos de quem se ocupa com aquilo», para outros indiferentes. «E fica louco o que lá vai», diziam muitos.

Um grupo de destemidos, gente que gosta de ver as coisas de perto, para julga-las com consciência de causa, foi até a montanha. Examinou o fóco da luminosidade, estudou seus raios penetrantes e voltou dizendo o que era. Tratava-se, efetivamente, de uma enorme pedra preciosa, um grande diamante rarissimo, a projetar tais raios, tais luminosidades...

Foi um horror na cidade !

Que enorme celeuma se levantou então, entre o grupo que foi ver de perto e os palpiteiros. Estes, não mudaram de opinião sobre a Montanha que não foram ver de perto, sôbre os raios que dela se projetavam.

* * *

O Espiritismo é bem esta Montanha colocada fòra da cidade das letras e sabedorias profanas, das religiões e ciências oficiais.

Os espìritas, aquele grupinho que, corajosamente, foi até a Montanha, para ver de perto o fenômeno. Os outros, que têm medo de ir ver de perto, ou interesse em lá não ir ; todos quantos, à distancia, atacam o Espiritismo, os factos espìritas, quer se chamem Leonidio Ribeiro ou Xavier de Oliveira, da Silva Melo ou Léo Vaz, padre Negromonte ou Vicente Zioni...

* * *

A història ou lenda que aì está, recordamo-la diante da impressão que o *Matéria ou Espírito ?* de Imbassahy e Granja nos deixou.

Matéria ou Espìrito ? é um livro elaborado sem propòsitos.

Pedro Granja publicou um grande livro, o maior livro de sua época, AFINAL, QUEM SOMOS ? com prefácio de Monteiro Lobato. Seu livro teve, para logo, quatro edições sucessivas, sem carecer de preconìcios pomposos na imprensa ou no rádio, a despeito de pregar abertamente as superioridades do Espiritismo e da escassez de amor ao estudo e à leitura dos espìritas.

Um escritor e jornalista, Léo Vaz, sai-se contra o livro, a escrever, num jornal de S. Paulo, absurdos e análises insustentáveis contra o AFINAL, QUEM SOMOS ?

Carlos Imbassahy,—esse velho polemista que ainda não abandonou, como nós mesmo, a polêmica esclarecida e educada—provocado por um admirador seu, bota-se contra os artigos do publicista de S. Paulo. Pedro Granja já fez o que devia : refutou, ponto por ponto, a argumentação insustentável de Léo Vaz. A refutação dos dois escritores é que aparece no volume. Donde, trata-se de um livro sem propósitos...

Ambos os escritores são unânimes em elogiar o estilo do escritor adversário. Generosidades de ambos, visto como, Carlos Imbassahy, que é, para nós, nosso maior escritor espìrita, e o estilo mais bonito que possuimos na literatura espìrita : claro, leve, sútil, simples, suavemente irônico e profundamente luva-de-pelica, nada tem a invejar do estilo de escritor nenhum do Brasil, vivo ou morto. Pois o estilo do Granja nada fica a invejar do outro. Um e outro levam, além do mais, a vantagem de argumentar com segurança e objetívação, o que falta ao Léo Vaz, cujo estilo, não passa de um estilo como tantos.

O livro é edição da LAKE.

LAKE ? Uma nova emprêsa editora de obras espìritas, ou a mesma Allan

Kardec, com novo prefixo editorial, por assim dizer?

A impressão é primorosa. Impõe-se, tambem, por sua confecção. Principalmente, os volumes distribuidos em papel *Westerledger*, de que nos coube primoroso exemplar.

LA REVUE SPIRITE — em vernáculo.

Dr. Julio de Abreu Filho e João Leite Filho estão publicando, em S. Paulo, a REVISTA ESPIRITA, tradução da fundada e dirigida por Allan Kardec durante 12 anos.

Em edições populares da EDIPO, editora, que não conheciamos.

Edições em bom papel, muito bem impressas, em volume sugestivo e leve.

Aì está um empreendimento digno de todos os louvores, que bem merece ser auxiliado por todos espìritas esclarecidos e estudiosos.

Ademais, trata-se, também, do preenchimento de uma lacuna.

Nem se alegue que, aproveitando, posteriormente, Allan Kardec, o material de sua *Revue Spirite* nos seus livros, sua tradução fôra dispensável.

Absoultamente.

Ainda que Kardec se tivesse servido dos trabalhos da Revue Spirite para compor os seus volumes magistrais, nem por isso se justificaria. Pelo menos, seria muito agradável e interessante aos estudiosos analisar e assinalar os reparos e a correções que aqueles trabalhos sofreram passando da Revista para o livro.

Ademais, nem 50 % da matéria da REVUE SPIRITE aparece em livro.

Mormente, os fenômenos, e certas particularidades do ambiente espirita do momento, que é bem interessante conhecer.

Os editores estão de parabens.

E também os leitores, e o meio espìrita brasileiro, por mais esta realização, digna, na verdade, de todos os encômios.

Espiritismo Cristão ou Cristianismo Espírita?

Escreveu DELPHUS VILAR.

Quando os Espíritos ditavam a Allan Kardec (consoante, lembremonos sempre, a questionários préviamente preparados, estudados, e aceitamos plenamente que inspirados) o aspecto filosófico — que o científico positiva — da Doutrina Espíritica, a que foi dado o nome ESPIRITISMO, (não Kardecismo), o indiscutível missionário, por vezes ofereceu problemas que só o eram em virtude da deficiência de nossa linguagem, quer por escassez de termos apropriados a idéias novas, quer por dualismo de seu significado, etc. Em todas essas ocasiões os Espíritos replicaram ao Mestre: «Deem os homens ás cousas os nomes que quiserem, desde que se entendam». (Livro dos Espíritos, 2.a questão subordinada ao item 153, p. ex.)

Ao encarar, pois, as questões surgidas no meio espirítico, tenhamos sempre isto em lembrança, mormente em se tratando de assunto interpretativo de doutrina. Conjuguemos a esta atitude o testemunho de nossa compreensão do lema, hoje patrimônio do Espiritismo: *Trabalho, Solidariedade* e *TOLERANCIA*, de par com a sentença de Jesus, que, *feita* «cristã», é, não obstante, UNIVERSALISTA: «*Amai-vos uns aos outros*», sentença que cumpre ser bem analisada, para melhor obedecida, impondo-se, para isto, transpôr os limites vulgares do amor-afeto, mesmo da filantropia, para uma expressão mais ampla, quiçá infinita, mixto de renúncia, tolerância indulgente, face, mesmo, a uma alta compreensão da imortalidade do espírito através incomensurável e progressiva sucessão de existências.

No número de nossas especulações mentais muitas questões avultam além das justas proporções de seu real valor, e que, no fundo, entanto, um pouco de bôa vontade, um esfôrço modesto de compreensão, uma tentativa de equilíbrio do intelectualismo com o sentimento, simples conjugação de cérebro e coração, solucionariam INTELIGENTEMENTE.

E' clássica, universal, pois, a afirmativa de ser o Espiritismo uma doutrina tríplice: Ciência, Filosofia e Religião.

Jamais se pôs em dúvida, ou pelo menos se discute, se é realmente Ciência. Ou se Filosofia. Constitúe, entanto, estimado motivo de polêmica se é, ou não, Religião...

Não parece isto incoerente? Não é, absolutamente estranhável?

Haverá razão, de facto, para tal discussão?

Pensamos que não.

Por que, então, se discute?

E' que outros temas afloram... E afirma-se: o Espiritismo não tem dogmas. Não tem culto.

Então não deverá também ser ciência, nem filosofia, dado que ambas teem seus dogmas... E, talvez mesmo seu culto...

Deixemos, porém, isto para outra oportunidade que se ofereça. Vejamos, antes, outro problema, não menos exdrúxulo: O ESPIRITISMO E' CRISTÃO, ou, O ESPIRITISMO NÃO E' CRISTÃO.

Poderiamos começar por buscar fazer compreender o universalismo do Cristianismo ante a concepção do CRISTO CÓSMICO. Não o faremos, todavia, de vez que afirmam ser tal concepção *produto* teosófico, estranho ao Espiritismo, não obstante Kardec haver ensinado não se repelir nada sem exame, e, mesmo depois de examinado, se julgado inaceitável, deixar-se de lado, aguardando a ação do tempo. Assim, se o hoje inaceitável se tornar aceitável amanhã, nossa Doutrina, porque não repeliu, não condenou, poderá assimilá-lo, absorvendo-o ao em vez de ser por êle absorvida. (Obras Póstumas: «Constituição do Espiritismo»; II *Dos Cismas).*

E' universal o conceito que deve ceder o de mais altos sentimentos de nobreza. Preferimos dizer de compreensão. Mórmente entre espíritistas. Ceder, todavia, em termos. Dentro justamente dessa compreensão da Doutrina que, mesmo sem Evangelho, mesmo sem Jesus, é deista, imortalista e, sobretudo reencarnacionista e põe a convergência de todas as leis divinas ou naturais na do AMOR, JUSTIÇA E CARIDADE. (L. E. Parte III, Cap. XI)

Dentro do exposto, nos meios onde os espiritistas (o que práticamente não ocorre no Brasil, daí a insopitável expansão do Espiritismo em todo o seu vasto território, através a prática da assistência social — caridade — construida com o Evangelho regenerando caractéres e abrindo corações à prática do bem, da fraternidade), nos meios, diziamos, onde os espiritistas se dividem em duas correntes, inexplicavelmente, a dos partidários do Espiritismo cristão e a dos espiritistas, sem designação alguma, como resolver?

Os da segunda corrente, que no fundo, digamos de pronto, não estão errados, defendem seu ponto de vista, na consideração de ser UNIVERSALISTA o Espiritismo, e, daí, não se dever limitá-lo à prisão de uma determinada seita qualquer, principalmente dita religião. Se o Espiritismo é cristão, alegam, não poderá servir aos israelitas, mussulmanos, budistas, shintoistas, etc.

Poderiamos, se nos quisessemos colocar na corrente oposta, argumentar que, sendo o Espiritismo deista, espiritualista, não poderá servir aos materialistas, aos positivistas, etc., tambem... e, assim, seu «universalismo» de algo se diminuiria. Não o queremos fazer. Nosso objetivo é outro: PROPUGNAR ENTENDIMENTO E UNIÃO.

Não nos propomos, destarte, modificar idéias de ninguém. Apenas pedir MEDITAÇÃO. Não dizemos, como nos ia ocorrendo, ESTUDO, para não sermos mal compreendido.

Os CRISTÃOS, que pensem no comportamento que teria Jesus, no caso. Que se lembrem que o Divino Mestre exemplificou amor, tolerância, renúncia. Que, tendo, realmente, afirmado que se envergonharia dos que, naturalmente crendo nele, o negassem, não disse palavra sôbre os que, para melhor servi-lo, servindo à Causa da Doutrina, que é de Paz, Cooperação, Sacrificio, o tirassem um pouco do cérebro, pondo-o mais dentro do coração... Não foi êle que ensinou não ser o Reino dos Céus dos que mais bradem SENHOR! SENHOR? Certos, seguros, portanto, da verdade do universalismo do Cristo, e, pois, do Cristianismo; e, ao demais, crentes de que o Espiritismo é o CONSOLADOR (como doutrina...) que êle, Jesus, prometeu, e, que viria, portanto, ratificar, retificar e ampliar ao infinito a doutrina que pregou pessoalmente, CONSINTAM em ver na *nova fórma*, o Espiritismo, uma fórma nova do Cristianismo.

Os UNIVERSALISTAS, que meditem sôbre o comportamento de Kardec, o Missionário do Espiritismo, seu emérito Codificador; que considerem que, afinal, dentro do geral concenso, Espiritismo é a Doutrina que se expõe na obra kardeciana, e que esta não póde ser antagônica ao espírito do próprio Codificador, escolhido missionariamente por Deus. Que, assim, o Espiritismo é a continuidade histórica, doutrinária, sociológica do Cristianismo: que, portanto, são igualmente universalistas um e outro, dado que um e outro são UM.

TODAVIA, para não haver vencidos nem vencedores, E MESMO POR MOTIVO DE ORDEM POLÍTICA, que abracem a solução das *Conclusões* do 2.o CEPA: Não haverá um Espiritismo cristão, sim um CRISTIANISMO ESPÍRITA. (Transposição de termos de uma mesma expressão pleonástica.)

Parece-nos uma solução harmoniosa, hábil, que em nada afeta os princípios fundamentais do Espiritismo nem do Cristianismo, com a qual este recebe uma corrente nova, e, aquele, se mantém ilimitado, sem nada perder, não obstante, de sua essência cristã.

Não podemos, de público, ser mais claro...

Rio de Janeiro, 22/2/1950.

Imitação e Autonomia

DEOLINDO AMORIM

TEM-SE dito, aliás com a melhor intenção possível, que o movimento espírita brasileiro deve imitar algumas práticas observadas em determinados países onde se entende e propaga o Espiritismo de maneira muito diferente, sem qualquer semelhança com os hábitos brasileiros. Cita-se, por exemplo, o Espiritismo nos Estados Unidos, onde há igrejas espìritas, pastores, cerimônias especiais, etc. Não vejo razão para se fazer no Brasil, sem espírito crítico, sem observação cuidadosa, tudo quanto se faz nos Estados Unidos, na Inglaterra ou em qualquer outro país em matéria de prática espírita. Todos nós reconhecemos que a imitação de costumes é um fenômeno inevitável, principalmente agora, no século do avião e do radio, uma vez que a propria convivência social se encarrega de estimular, nos indivíduos como no grupo, o espírito de imitação recíproca. O fenômeno estende-se às relações internacionais, porque os povos vão imitando hábitos alheios à medida que se desenvolvem as conveniências comerciais, científicas, intelectuais. Não há povo, por mais acentuado que seja o seu espírito conservador ou tradicionalista, que não tenha necessidade, neste ou naquele ponto, de copiar alguma coisa de outros povos, a não ser que se trate de um povo isolado, completamente alheio ao resto do mundo, o que é impossível, hoje em dia. Mas a imitação deve ser prudente, porque nem tudo se deve imitar. Neste particular, o Brasil pode oferecer vasto campo de experiência.

Durante muito tempo, imitou-se neste país tudo o que se via na França. (Minha geração ainda alcançou a influencia francesa.) Copiava-se tudo quanto aparecia nos figurinos franceses. A influencia do espírito francês entre nós não se fez sentir apenas na supremacia da *moda* de París, mas na literatura, na vida social, no jornalismo, etc. Conta-se, até, naturalmente como anedota, uma passagem curiosa este a respeito. Certo Ministro da Agricultura, no tempo do Império, ao receber uma comissão de lavradores, que fôra pedir providências contra a alastração de uma praga no interior de Minas, onde as plantações estavam sendo destruidas, virou-se para o seu Secretário, com muita ênfase, e disse: *faça o favor de verificar se existe algum tratado francês sôbre pragas, para vermos como é que se resolve este problema na França!* De facto, apesar de muito devermos à inteligência francesa, exagerou-se bastante entre nós, a imitação dos costumes da França. De tal exagero também se queixava Eça de Queiroz, com a ironia que lhe era peculiar. Dizia êle que estudou em compêndios francêses, teve professores francêses, recebeu educação francêsa, etc., pouco faltando para aprender a pensar pela cabeça de preceptores francêses. Foi grande, realmente, a influência francêsa no mundo latino. Na vida comercial, tanto no Império como ainda na Republica, imitou-se muito o padrão inglês, em virtude, é claro, da projeção financeira da Inglaterra. Gilberto Freyre, sociólogo patrício, escreveu ultimamente um livro intitulado *Ingleses no Brasil*, aliás muito criticado. Vê-se, por esse livro, que os ingleses tiveram, também, muita influência na vida brasileira. E' natural, pois, que o espírito de imitação de nosso povo esteja a pender, ora para um lado, ora para outro. A influência que mais se fez sentir na vida intelectual do Brasil, fora de qualquer dúvida, foi a francêsa.

De certo tempo a esta parte, principalmente depois da II Guerra Mundial, o centro de interesses deslocou-se da França para os Estados Unidos, por fôrça do intercâmbio comercial, político e científico. Hoje, portanto, tal como se fazia anteriormente em relação à França, imita-se muito a vida norte-americana. Talvez seja por êste motivo que já se pensa na imitação, também, do movimento espírita. Neste terreno, acho a imitação muito delicada. Precisamos ver, antes de tudo, se o modo de compreender e praticar o Espiritismo nos Estados Unidos ou em qualquer outro país está de acordo com as tendências do movimento espírita brasileiro. O Espiritismo é universal por natureza, mas o movimento espírita de cada país tem características próprias. Não podemos deixar de reconhecer esta realidade. Não ha Espiritismo brasileiro, como não ha Espiritismo norte-americano, francês, africano, etc., porque o Espiritismo não tem nacionalidade. Entretanto não podemos negar o seguinte facto: cada povo tem a sua maneira de encarar o Espiritismo.

Temos, portanto, movimento espírita brasileiro, movimento espírita argentino, norte-americano, etc. A doutrina é a mesma, indivisível, universal, mas os prismas pelos quais o Espiritismo é compreendido e praticado são diferentes. Não se pode dizer que o movimento espírita brasileiro tenha, por exemplo, a mesma orientação do movimento espírita inglês. A imitação, às vezes, é necessária; mas só se deve imitar depois que se verificam as vantagens de imitação. O movimento espírita dos Estados Unidos é muito diferente do brasileiro. E' verdade que lá existem espíritas de procedencia latina, notadamente espanhois, cuja orientação se filia à concepção kardeciana. Mas o grosso, por assim dizer, do movimento espìrita norte americano segue o exemplo inglês e vice-versa. O movimento espírita brasileiro é sentimental e humanitário, tem propensão, aliás muito franca, para a assistência social. Sob êste ponto de vista, é mais prático do que teórico. Ha, ainda, a considerar uma razão muito importante: o movimento espírita brasileiro segue a codificação de Allan Kardec, adota o código de moral o *«Evangelho segundo o Espiritismo»*, ao passo que os espíritas dos Estados Unidos preferem os textos bíblicos. Algumas igrejas espíritas ainda fazem de versículos do Velho Testamento a sua regra de fé. Como se vê, os espíritas do Brasil e os dos Estados Unidos têm concepções muito diferentes. Como, pois, justificar a imitação? Penso que não devemos fazer isto ou aquilo apenas *porque* é assim que se faz neste ou naquele país. Não! Imitar pelo prazer de imitar, sem examinar se a imitação serve ou não serve para o nosso caso, é abrir mão da autonomia. Estamos repetindo que a doutrina é a mesma, inalterável, una, integral, mas o que é verdade é que os processos de ação variam muito. Os espíritas latinos, como se sabe, tanto na Europa como da America, adotam a codificação de Allan Kardec, e por isso aceitam a reencarnação como fundamento de sua filosofia, o que não acontece com os espíritas do ramo anglo-saxão (inglêses, norte-americanos, etc.), em cujas fileiras apenas existe minoria reencarnionista. Daí a divergência doutrinária. Basta considerarmos uma questão simples, questão de palavra apenas. Os espíritas de origem latina, porque seguem a codificação de Kardec, adotam a palavra *Espiritismo*, enquanto os espíritas norte-americanos e ingleses fazem questão de dizer simplesmente *Espiritualismo.* Os americanos criaram a designação de neo-espiritualismo *(new spiritualism)* mas não usam, de maneira alguma, a palavra Espiritismo. Por aí se vê que existe autonomia de país para país. Assim, pois, não parece lógico pretender a uniformidade, a padronização dos processos de trabalho, uma vez que o movimento espírita do Brasil tem a sua maneira própria de encarar o Espiritismo, o que ocorre, também, nos outros países. Dentro da America Latina, onde todos estão de acordo em seguir a orientação kardeciana, existem certas divergências nos modos de ver, na maneira de trabalhar. No Brasil dizemos *espírita ;* na Argentina, Cuba, Porto Rico, etc., diz-se *espiritista.* Até nisto, como se observa, não ha uniformidade absoluta. Logo, o problema da imitação, em se tratando de Espiritismo, é muito mais sério do que parece, justamente porque o movimento espírita, quer do Brasil, quer dos Estados Unidos, quer de qualquer outro país está sujeito a certos factores psicológicos inevitáveis, como o temperamento do povo, os antecedentes religiosos, a educação de origem, sem se deixar de levar em conta, até certo ponto, a influência das condições geográficas de cada país. Tudo isso influe, de algum modo, na atitude, nas atividades sociais dos espíritas, que são homens, que são, enfim, o material humano, e por isso não podem fugir completamente às imposições do meio. Aqui mesmo na America, por ocasião do II Congresso Espìrita Pan-Americano, houve discordância quanto à interpretação da palavra religião, tanto assim que a matéria religiosa foi retirada do plenário. No fundo, somos todos cristãos, mas o que está provado é que entre nós mesmos, espíritas da America Latina, ha interpretações diferentes a respeito do sentido religioso do Espiritismo. O Brasil definiu-se claramente pela existência do aspecto religioso do Espiritismo. Tudo isso demonstra que existe, de facto, autonomia. Há, no movimento espírita brasileiro, aspectos que são inerentes ao Brasil, ao nosso povo. Do mesmo modo, estamos vendo que o movimento espírita dos Estados Unidos (com exceção apenas do elemento latino radicado naquele país) ainda não se desligou da influência protestante. Lá existem coisas que não existem no Brasil : título de *reverendo,* cerimônia de ordenação de pastores espiritas, etc. Nota-se, pois, que o Espiritismo nos Estados Unidos ainda está no período a bem dizer de transição do Protestantismo.

Lá existe, realmente, a parte mediúnica, aliás muito desenvolvida, mas existe a parte religiosa, baseada na Bíblica, com hinos, pastores, etc. Eis aí a prova de que o Espiritismo na grande Nação de Roosevelt ainda está muito ligado ao Protestantismo. No Brasil as características do movimento espírita são diferentes, não há dúvida alguma. Não quero dizer que haja o Espiritismo *do* Brasil, o Espiritismo *dos* Estados Unidos, *da* Inglaterra, etc. Não, absolutamente ! O Espiritismo não é deste ou daquele país, mas universal. Podemos dizer, entretanto, que a prática do Espiritismo *no* Brasil é diferente da prática do Espiritismo *nos* Estados Unidos, como *na* Inglaterra, etc.

O movimento espírita da Alemanha, da Checoslováquia, por exemplo, ainda não ultrapassou o campo da pura investigação metapsíquica Na Itália, o movimento espírita é mais propenso ao terreno experimental, tem características mais científicas. No Brasil o movimento espírita apresenta aspectos especiais. Na Inglaterra onde a atividade mediúnica está muito adiantada, o movimento espírita segue, também, orientação religiosa como nos Estados Unidos. Mas o movimento espírita inglês tolera médiuns *profissionais,* o que seria verdadeiro escândalo no Brasil. Um dos mais antigos e conceituados jornais espíritas ingleses — *Two Worlds* — publica frequentemente anúncios de consultórios mediúnicos. Isto no Brasil seria o maior dos absurdos. Logo, há concepções diferentes. E' verdade que existem médiuns caridosos na Inglaterra, lá tambem se faz caridade espiritual, mas tambem é verdade que se admite, alí, o que nunca se admitiu no movimento espírita brasileiro : mediunidade profissional ! São maneiras diferentes senão antagônicas de ver as coisas, de sentir o Espiritismo. Então, está de pé, uma mais vez, a tese que serve de base a êste artigo : O MOVIMEN-

TO ESPÍRITA DE CADA PAÍS TEM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS. Não podemos negar êste facto, que está à vista de todos os observadores. Aquilo que é natural, muito comum para os espíritas inglêses, como os anúncios de consultórios mediúnicos, é espantoso, anti-evangélico, absurdo para os espíritas brasileiros, o que prova, portanto, que na Inglaterra e no Brasil, sob certos aspectos, não são idênticas as maneiras de compreender e praticar o Espiritismo. Se assim é, não se deve imitar sistematicamente tudo quanto se faz nos outros países, porque há muita coisa que a formação moral e cultural do movimento espírita brasileiro repele instintivamente, prontamente. Antes de querermos imitar sistematicamente algumas práticas existentes no estrangeiro, devemos dizer aos Irmãos de outros países sempre que se nos ofereça oportunidade, o que se faz no Brasil, como os espíritas brasileiros entendem a missão do Espiritismo etc. Nossos Irmãos estrangeiros precisam saber, também, quais são os nossos hábitos, qual a nossa concepção do Espiritismo.

Em 1948, quando se realizou em Londres o importante Congresso Espírita Internacional, a Liga Espírita do Brasil, tendo sido convidada, mandou um relatório com fotografias, livros etc. sôbre o movimento espírita brasileiro. Pois bem, nesse relatório, quando tratou da mediunidade no Brasil, a Liga disse textualmente que «no Brasil não há médiuns profissionais»; quando um médium se desvirtua do Evangelho, ísto é, passa a industrializar a mediunidade, a própria coletividade espírita se incumbe de pô-lo á margem. Foi esta a informação prestada pela Liga, para que os espíritas europeus, africanos etc., reunidos no Congresso de Londres, ficassem conhecendo melhor o Espirítismo no Brasil. Devemos dizer o que fazemos, como pensamos, antes de imitarmos os hábitos alheios. Há costumes dignos de imitação, mas devemos considerar, ao mesmo tempo, que certos costumes não se adaptam ao movimento espírita brasileiro. Nos Estados Unidos, como se sabe, adota-se o título de *reverendo*, há liturgia, etc. O meio brasileiro já é por si mesmo propenso ao sincretismo religioso. Caso tivéssemos de imitar o movimento espírita dos Estados Unidos, adotando organização coral, criando o pastorado espírita etc., iríamos cair no cáos, porque em pouco tempo teríamos hierarquia sacerdotal dentro das fileiras espíritas. Já ouví dizer que se o movimento espírita brasileiro tivesse organização religiosa semelhante ao movimento norte-americano, o Espiritismo no Brasil seria mais coeso etc. Tudo isso é problemátíco. Não há vantagem alguma na imitação de costumes que estão em desacôrdo com a concepção e os hábitos de nosso movimento. Cabe aquí uma pergunta, para terminar: o movimento espírita brasileiro teria porventura, algum benefício com a criação de pastores ou *reverendos* espíritas, cerimônias de *sagração* pastoral como se usa nos Estados Unidos? Creio que não. Antes de imitarmos, devemos examinar se a imitação nos convém. Quero crer que os espíritas norte-americanos e os de outros países tenham alguma coisa que mereça imitação no Brasil; mas quero crer, também, que eles devem imitar alguma coisa do que se faz no Brasil. Sou partidário da imitação, quando necessária; mas penso que não devemos imitar tudo o que existe nos outros países, em matéria de Espiritismo. E' assim, finalmente, que considero o problema ventilado no presente artigo.

O verdadeiro sábio é humilde, porque sabe que a sua sabedoria nada é em face da sabedoria divina. O sábio orgulhoso é um cego de espírito e, na sua presunção de tudo pretender saber, vai infelicitando o seu próximo com as suas errôneas concepções. Por isso disse o Apóstolo que a ciência da terra incha. A verdadeira sabedoria se resume no amor fraterno e está muito bem definida e esclarecida nos postulados evangélicos

CAIRBAR.

Uma Vela a Deus, outra ao Diabo

Alfredo d'Alcântara

Êste provérbio, quasi tão antigo como o próprio mundo, nunca serviu tão bem para sintetizar uma situação moral como agora, em relação ao Espiritismo, que muita gente, com responsabilidade doutrinária, passou a olhar por prismas estranhos, a ponto de confundí-lo com seitas bizarras, que por aí proliferam impressionantemente, sem, talvez, dar-se conta do mal que suas atitudes, menos claras, acarretam à doutrina que Kardec codificou, única que, legitimamente, cabe apresentar-se sob a denominação de «Espiritismo», de vez que êste termo é um neologismo criado pelo Codificador para rotular a sua obra.

Deixemos que escorra pelo bico da nossa pena a profunda estranheza que nos causou a leitura de um artigo, sob o título «O Aspecto Científico de Umbanda», publicado, em Janeiro último, por certa revista de grande projeção nos meios espíritas e que, entre os seus orientadores, conta com figuras inconfundíveis de vanguardeiros das batalhas da inteligência a pról da preservação da pureza do Espiritismo. Tal artigo faz-se proteger por um habeas-corpus, que diz, mais ou menos, assim: «esta publicação é feita a pedido de distinto confrade». Mas, isto é a confusão, em pêlo e a disparada, para desorientar as hostes kardecistas! Se os defensores naturais do Espiritismo ajudam, agora, aos que procuram levá-lo de roldão para o cáos, torna-se alarmante o perigo que o ameaça.

Não se compreendendo que um órgão da imprensa espírita, com programa traçado sob as rígidas normas morais da Codificação, ponha, sob qualquer pretexto, as suas colunas à disposição da propaganda de seitas que se empenham em deturpar o Espiritismo, esperavamos que uma reação do bom senso, tão duramente ferido, surgisse no próprio meio em que o despautério teve lugar. Infelizmente o silêncio que se fez em tôrno do caso póde ser traduzido como aplausos dos confrades e, talvez, quem sabe? como uma clarinada, conclamando novas hostes de guerreiros para o combate decisivo ás veleidades moralizadoras da Doutrina Espírita.

Permitam, então, ao mais insignificante espiritista, o direito de lançar êste protesto, que viza alertar os crentes de boa fé para o cêrco que, dia a dia, mais se estreita em tôrno da Codificação, com o evidente intuito de asfixiá-la. Si orgãos destinados à defesa da nossa Doutrina solidarizam-se com seus inimigos na obra destruidora do seu prestígio, cumpre-nos empunhar as armas da razão e correr em seu auxílio, nós, que só conhecemos um Espiritismo, última e a mais completa instrução, que aos homens, seus tutelados, houve por bem ministrar o Divino Mestre, por intermédio da coórte de Espìritos iluminados, seus auxiliares, cuja ação conjunta homogênea, precisa e luminosa, nos persuadiu ser a do próprio «Espírito de Verdade», prometido nos Evangelhos.

—

A assinatura «Pai Gregorio», aposta ao artigo «Aspecto Científico de Umbanda», é simples véu com que cobriu a sua personalidade o distinto confrade que se empenhou pela sua publicação. Esse trabalho classificado de «estudo», não consegue definir o aspecto científico de coisa nenhuma, de vez que não passa de um amontoado de fantasias místicas, onde semearam alguns termos cientificos para impressionar os incautos, ou embelecar os pacaus, como diria Ruy Barbosa.

As próprias entidades africanas com com que o autor do «estudo» em questão compôs a sua *Trilogia Suprema*, não correspondem à verdade histórica ligada á religião negra que as trouxe para o Brasil e, na preocupação absorvente de fazer ciência, S. S. acabou colocando as energias divinas dessa Trilogia no fim da coluna vertebral, zona sagrada, como êle diz, certamente impressionado com o nome «sacro» dado ao osso que forma o fundo da bacia, no esqueleto humano.

Umbanda é uma seita mística, resultante do sincretismo natural de religiões negras, que os escravos trouxeram nas almas torturadas, com o Catolicismo Romano, que eram levados à cultuar pelos «Senhores» intolerantes. Foram diversas as religiões vindas da A'frica, porque, também, diversas foram as raças selvagens apanhadas nas tarrafas dos traficantes de escravos. As entidades citadas por «Pai Gregório», como componêntes da *Trilogia Sagrada*, pertencem todas á mitologia Nagô, religião dos filhos de Yorubá. A classificação, feita por êle, para imitar a trilogia católica: Pai — Filho — Espírito Santo, é que não dá certo. Sinão, vejamos:

Na África, Olorúm é que era o deus supremo, deus aboboda celeste, não tinha culto porque não descia à Terra. As súplicas que lhe dirigiam eram-lhe levadas pelos «Orixás», espécie de ministros, que viviam em comunhão com os homens, mas podiam subir às nuvens onde estava Olorúm. Para dirigir o grupo de «orixás» havia um chefe, que gozava do título de «Orixá-lá», que quer dizer o maior dos ôrixás. Seu nome particular era Oubatalá. Vê-se assim que Orixá-lá e Oubatalá são nomes da mesma entidade nagô. O termo Oxalá é simples corruptela de Orixá-lá, como Emanjá e Amanjá o são de Yê-Man-Já, verdadeira palavra yorubana para designar a Senhora das águas ou deusa do Mar. Exú e Emonolú, eram dois orixás do mal, pertencentes ao mesmo grupo nagô. O primeiro foi identificado pelos escravos como o Demônio católico e o segundo com São Lucas e as vezes com São Lázaro, porque na África êle se divertia desencadeando epidemias de varíola, que dizimavam as tribus em várias regiões. Hoje, nos «terreiros», Exú foi multiplicado, há um sem número dêles. Emonolú, por corruptela, passou a chamar-se Emolú ou Amolú. Ambos são entidades da Magia negra, mas os africanos envolviam todos, sem distinção, nas mesmas homenagens, do culto: os bons porque eram venerados, os maus porque eram temidos. Acendiam uma velo a Deus e outra ao diabo, por via das dúvidas, como fazem hoje alguns espíritas.

A identificação dos deuses africanos com os santos católicos foi obra da confusão mental dos pobres escravos, que não conseguiram compreender a doutrina católica e se deslumbraram com as pompas da sua liturgia. Daí por diante seus descendentes, sem abrirem mão dos deuses e cultos regionais africanos iam incorporando às suas seitas tudo que, das outras crenças, lhes passavam ao alcance. Dessa mistura heterogênea e arbitrária, surgiram várias modalidades sectaristas, algumas delas com fumaça de induismo e pigarro de ciência. Isto, porém, é vaidade de africano com pigmento branco, adquirido depois da leí áurea.

—

Lemos, algures, que um escritor ùngaro, lançara um livro lamentando a decadência do Cristianismo, onde a certa altura, diz, numa linguagem repassada de tristeza e desolação: «Vai-se o Cristo; aos poucos deserta das consciências, onde não soube firmar-se. A cruz, que fôra um símbolo luminoso de fé, não passa agora de sombrio obstáculo no caminho da vida, punhal ferrugento cravado no solo, a guisa de espantalho para os passarinhos que se locupletam das seáras alheias . . . hoje, porém, nem pássaros nem homens temem os espantalhos!»

Como se engana êsse escritor, que não conseguimos identificar. Decadente não é o Cristianismo, é o homem, que passou a olhar o Martir do Gólgota através de prismas talhados na sua própria decadência moral. O Cristo procura firmar-se nas consciências; o homem é que se furta ao seu domínio, de vez que a presença do Divino Mestre impõe condições de pureza que seu espírito, chagado pela onda de sentimentos corrosivos que o inunda, não pode preencher.

A cegueira moral mergulha o homem na treva mental que o impede de vislumbrar a luminosidade da cruz. No campo tenebroso da inconsciência de um criminoso é lógico que a cruz tome a forma de punhal, que o sangue maculou e cobriu de ferrugem. Todavia, ela, que fôra instrumento de morte e opróbio, do alto do qual o Cristo lançou ao mundo o seu grande perdão, transformando-o em faról que ilumina os caminhos da alma, continua brilhando para os que têm olhos de vêr.

Também é assim com o Espiritismo, que é a mais perfeita forma do Cristianismo. Os que encontram deficiências na sua doutrina, e pensam melhorá-la com fórmulas exdruxulas, assemelham-se ao indivíduo que estivesse, em pleno dia, num recinto com as portas e janelas hermeticamente fechadas e, sem atentar em que o sól brilhava lá fóra, riscasse um fósforo para fazer alguma luz, quando bastaria abrir uma das janelas para que a claridade, entrasse em jôrros inundando tudo. A reforma da alma é essa janela aberta.

Ainda não nos conformamos com a Doutrina Espírita, tal como a codificou Allan Kardec, porque a luz que jorra dos seus postulados ilumina na direção da espiritualidade e nós queremos satisfazer a nossa condição de vermes da Terra, entregando-nos como escravos aos instintos animais. Todavia, não será «acendendo uma vela a Deus e outra ao Diabo» que havemos de conseguir que o Espiritismo desça até nós, transigindo com as nossas inferioridades morais. Nós é que teremos de ir até êle, galgando as escadas do estudo, da meditação e da renúncia.

Crônica Estrangeira

O Fantasma de Massenet no Teatro de «la Gaîté Lyrique», de Paris

«Revista de Metapsicologia» de «Annales des Sciences Psychiques»

O correspondente, em Paris, do *New York Times* enviou áquele jornal, com a data de 20 de Abril de 1913, a seguinte notícia:

«O interêsse que Paris artístico manifesta pelo acontecimento mais importante da estação, isto é, pela representação da obra *Panurge*, última produção do ilustre compositor Massenet, que o Teatro de *la Gaîté Lyrique* prepara nêste momento, foi acrescido extraordinariamente em consequência das afirmações dos cantores e do pessoal da cena, os quais asseguram ter visto o fantasma do compositor durante todos os ensaios.

«Êste extraordinário acontecimento manteve-se em segredo durante uma quinzena, mas como o facto se propalou, o teatro foi invadido por músicos, discípulos e amigos de Massenet, desejosos de conhecerem os pormenores da pretensa aparição:

Eis o caso:

O barítono Marcoux contou que vira a aparição, pela primeira vez, no final do segundo ensaio do segundo acto, ao lado direito da cena. Primeiramente julgou que se tratasse de uma alucinação sua, conquanto não tivesse podido desviar os olhos da figura que via com a maior nitidez, envergando o fato cinzento que tão familiar lhe era. O fantasma batia o compasso com as mãos e movia a cabeça em sinal de aprovação ou reprovação. Com receio do ridículo, nada disse, e como o fantasma não tornasse a aparecer naquêle dia, limitou-se a tomar uma dose de brometo para acalmar os nervos.

No dia seguinte, porém, a senhorinha Lucy Arbell, que desempenhava o papel principal, pegou no braço do barítono, durante o dueto do segundo ato, e disse-lhe em voz baixa e aterrorizada: «Olhe! Olhe!». De facto, no mesmo local lá estava a figura estranha, sempre ocupada com gestos de quem dirige uma orquestra.

O barítono confessa que as vozes de ambos tremiam quando recomeçaram a cantar.

Num dos intervalos, muitos membros do pessoal da cena aproximaram-se do encenador e disseram-lhe que viam o fantasma de Massenet.

Em todos os ensaios foi vista a aparição, sempre no mesmo sítio, mas nem sempre no mesmo ato.

O que é estranho é que as pessoas que não tinham qualquer ocupação no teatro não conseguiam ver o fantasma.

O diretor do teatro, um dia mandou assestar a objetiva de uma máquina fotográfica para o sítio onde se manifestava a aparição; o operador abriu a obejectiva no momento preciso em que se via muito bem o fantasma; mas o negativo, depois de revelado, não deu nenhum resultado.

O diretor contou que a história do teatro de *la Gaitê Lyrique*, que já data de alguns séculos, compreende muitos acontecimentos extraordinários, justamente de aparições fantasmáticas.

Marcel Simond, Secretário Geral do Teatro, foi uma das testemunhas destas manifestações.

Contou êle que, no primeiro momento o elemento feminino foi atingido por forte comoção; houve até crises histéricas. Os tenores, os barítonos, os baixos estavam nervosos como rapariguinhas nos bancos de escola, e os empregados evitavam aproximar-se do sítio onde aparecia o fantasma. Mas decorrido certo número de dias, acabaram por se habituar à aparição e os ensaios continuaram sem nenhum obstáculo.

⁂

O Fantasma da Abadia Westminster

Edwin Falstead narra em «Two Worlds» a porfiada observação que realizou, durante uma tarde inteira, nos claustros da velha abadia, a-fim-de ver o fantasma que alí costuma aparecer, entre as 17 e as 18 horas. Acompanhado de um amigo, internou-se nos claustros e, num dos recantos mais sombrios, esperou que o espectro surgisse. Em dado momento, depois de terem orado, apareceu uma senhora que pediu indicações a-cêrca da localização do altar-mór. Quando prestava a informação solicitada, o fantasma apareceu.

Era uma figura de monge, alta, delgada, um gôrro na cabeça. Devagar, como quem passeia, ia andando, ao longo do claustro, imerso em impressionante penumbra. Parecia encaminhar-se para as três pessoas que, paralisadas pelo assombro (embora os dois homens alí estivessem para ver o fantasma, impossível era não se sentirem assombrados em presença da misteriosa aparição), o olhavam fixamente.

Um dos dois homens, católico de crença, disse, então: «Minha senhora: não vê aquele monge dirigir-se para nós? Respondeu a visitante: «Vejo sim. Quem é ele? Julgava que a Abadia era uma igreja protestante. Parece querer falar-nos...»

A pergunta tinha por fim verificar se a presença do fantasma fôra notada, também, pór ela. Como ela o vira, demonstrava-se não haver alucinação por parte dos observadores. O fantasma era um sêr visível para todos, áquela hora vespertina, no recinto sombrio do claustro.

A' curta distancia dos presentes, o estranho monge deteve-se. E foi então que puderam notar que os pés da aparição não tocavam no sólo, uma polegada acima do pavimento. A primeira impressão foi de tétrico espanto. Depois refeitos um pouco do susto, esperaram que o fantasma falasse. E o fantasma falou. E contou a sua vida.

Quem era? Um frade que, tendo levado vida pouco edificante, morrera no reinado de Henrique VIII, o Barba-Azul britânico. Trágica fôra a morte do frade. Certo dia, a Abadia de Westminster sofreu o assalto de um bando de fascínoras, que, para depredar e roubar, não recuaram ante as maiores barbaridades. Varado pelo punhal dos assassinos, o monge, guardião dos tesouros da Abadia, tombou inânime, para só se erguer no outro mundo.

O Padre Benedito — assim disse o monge que se chamava—desde então não cessa de percorrer a velha Abadia, insinuando-se por corredores, galerias, naves, claustros, à hora em que, habitualmente, fazia a sua ronda solitária e meditativa.

Edwin Felstead, que teve o ensejo de observar várias vezes, o fantasma do monge, nunca o viu e ouviu com tanta nitidez como naquela ocasião.

Outra testemunha, sra. Florence Morde, escreveu interessante carta com esta declaração confirmativa:

«Vi-o muitas vezes, quer passeando vagarosamente ao longo do claustro, quer olhando para o relvado, por uma das aberturas arqueadas. Só uma vez pareceu notar minha presença. Encontrei me face á face com êle e pude notar nos seus olhos sombrios uma surpreza muito acentuada. Infelizmente, ia comigo um amigo não espírita, de modo que não pude entrar em comunicação com o monge, que é de altura razoavel, cabelos e os olhos pretos, tez macilenta, aparentando 35 anos de idade. Usava um hábito castanho. Não me deu a impressão de um espírito assombrador, antes me pareceu que o retinha alí a beleza da velha Abadia.»

A Snra. F. E. Matthews também faz alusão as aparições da Abadia de Westminster, que ela havia visitado em Junho de 1926. Sensitiva e clarividente, essa senhora observou perfeitamente «o fantasma dum homem alto que parecia ressentir-se da presença dos clarividentes.» Magro, rosto anguloso, mento aguçado, olhos prescrutantes e profundos. Hábito castanho, justo ás espáduas. Capuz descido, deixando ver a tonsura. O fantasma, quando viu a visitante, perguntou-lhe quem era, mostrando-se irritado com a visita, fulminando-a com olhares ameaçadores. Voltando aos claustros, a Sra. Matthews orou, esforçando-se por ver mais uma vez, o espectro do monge, sem que a presença dela o excitasse. Conseguiu revê-lo ao cabo de algum tempo de divagação pelo claustro. Cabisbaixo, o capuz a velar-lhe o rosto, as mãos cruzadas sôbre as costas, o P.e Benedito caminhava e parecia rezar. E, dessa vez, o fantasma não repeliu a corajosa creatura.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Solenemente comemorada, em S. Paulo, o «Dia do Livro Espírita»

O Clube dos Jornalistas Espìritas de S. Paulo realizou, a 18 de Abril, uma solenidade comemorativa do «Dia do Livro Espìrita» no Teatro Municipal da capital paulista. Na ocasião, foi empossada a primeira diretoria da Caixa do Livro Espìrita, departamento do Clube, destinada a editar as obras básicas da Doutrina a preços populares, sem objetivo de lucro, e lançada a «Campanha do Livro Espìrita», com o fim de arrecadar contribuições para a Caixa e organizar o quadro social da mesma.

Representado o mundo oficial

A' mesa, além dos diretores do Clube e da diretoria empossanda, sentaram-se os oradores da noite e os representantes dos srs. Governador do Estado, Prefeito Municipal de S. Paulo, Presidente da Camara Municipal, Comandantes da Fôrça Policial e da Guarda Civil. O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado endereçou ao Clube um telegrama, justificando a sua ausência. Foi lido ainda, no expediente da sessão, um oficio do presidente Marrey Junior, da edilidade paulistana, congratulando-se com o Clube pela passagem da data.

Falta de lugares

A solenidade não foi gratuita, mas realizada em benefício da «Campanha do Livro Espírita». As frizas custavam duzentos cruzeiros, os camarotes de primeira, cento e cincoenta, as poltronas, vinte e cinco, e as entradas de preço mais inferior, anfiteatros e galerias, dez cruzeiros. A lotação total do Teatro Municipal é de mil e seiscentos lugares. Não obstante, a casa esteve completamente lotada e cerca de quinhentas pessoas tiveram de voltar da porta do teatro, sem conseguir lugar. Os diretores do Clube mobilizaram os representantes oficiais presentes á solenidade, no sentido de conseguir a entrada daqueles confrades, para assistirem em pé ao desenrolar dos trabalhos. Não foi possível, entretanto, conseguir-se a entrada dos mesmos, em virtude de lei municipal que proibe o excesso de lotação nas casas de espectaculos da Paulicéia.

Números Artísticos e Conferências

As associações espíritas da capital e numerosas entidades do interior fizeram-se representar. Inicialmente, foram apresentados números de canto e música, a cargo da senhorinha Diva Alves e da professora Elza de Oliveira Dertonio. A segunda parte da solenidade constou da posse da primeira diretoria da Caixa do Livro Espírita, confrades Domingos Antonio D'Angelo Neto, presidente, prof.ª Luiza Pessanha de Camargo Branco e dr. Hugo de Freitas Cunha, secretarios, srs. Heitor Giuliani e Galileu Liberatori, tesoureiros, e escritor Pedro Granja, diretor técnico. Falaram, a seguir, o confrade Pedro Granja sôbre «Kardec e o Espiritismo», D'Angelo Neto, sôbre «Chico Xavier, élo de luz entre o céu e a terra», e Campos Vergal, sôbre «A guerra fóra da lei e fora da humanidade».

Vendidos mil exemplares do «Evangelho»

Em frente ao Teatro Municipal, como marco inicial da «Campanha do Livro Espírita» e demonstração prática do que poderá fazer a mesma em favor do barateamento das edições doutrinárias, foi colocada uma banca de venda do «Evangelho segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, com mil exemplares encadernados, da recente edição da Livraria Allan Kardec. Esses livros, vendidos nas livrarias a 24 cruzerios, foram colocados ao preço popular de dez cruzeiros. Mil volumes expostos desapareceram rapidamente da banca, o que, por si só, representaria a mais eficiente e feliz comemoração do «Dia do Livro Espírita».

Faixas de Propaganda em frente ao Teatro

Pormenor curioso, que despertou grande entusiasmo entre os espíritas e curiosidade popular, foi a colocação de duas grandes faixas de pano ao largo de toda a frente do Teatro Municipal, em letras vermelhas e pretas, durante quatro dias, anunciando a solenidade comemorativa do dia 18.

Interêsse pela Campanha do Livro

Foram distrìbuidos ainda, em frente ao Municipal, mil e setecentos exemplares do segundo nùmero do órgão do Clube, o jornal «O Kardecista», com noticiário da Campanha e fichas de inscrição na Caixa. O interêsse despertado foi imediato, sendo grande o número de pedidos de inscrição dirigidos ao Clube.

Colaboração da Guarda Civil de S. Paulo

Deve-se mencionar ainda, uma das notas mais simpáticas da noitada; a preciosa colaboração oferecida pelo Exmo. Snr. Diretor da Guarda Civil que gentilmente, enviou a Banda dêssa distinta corporação à solenidade e, durante hora e meia, coloriu os festejos, através de belissimos números musicais. E, é de ressaltar-se, a execução no início da sessão solene, do Hino Nacional Brasileiro, ouvido com profundo respeito e reverência, pela enorme assistência que, de pé, prestou seu tributo espiritual de civilidade.

* * *

Notícias de S. Paulo

A 4 de Março último realizou-se na séde do Centro Espírita «Nova Revelação», á Rua Silva Telles, 24, sobrado, uma belissima reunião em homenagem ao confrade Prof. Romeu Campos Vergal, Deputado Federal.

Marcado o início para as 20,30 horas, muito antes estava o salão superlotado. Como de costume, o elemento feminino ornamentou com sua graça e fidalguia, dando, juntamente com um numeroso grupo de crianças, um colorido especial ao ambiente.

Minutos depois, o homenageado chegou ao salão acompanhado por numerosa comitiva, sendo ovacionado entusiasticamente pela assistência.

O Presidente da mesa, Manoel Laburú, convidou os mesmos a tomarem assento. Os lugares foram tomados pelos confrades: Domingos Antonio Dangelo Neto, jornalista, Heitor Giuliano, Diretor da Liga Espírita do Estado; Dr. João Pedro Matta, médico na capital; Flavio Riperti, Presidente do «Nova Revelação»; Prof. Anselmo Gomes, professor da Faculdade de Filosofia da Capital, e outras pessoas de realce no meio espírita.

Em seguida, teve início maravilhoso programa artístico sob a direção do jovem Maestro Vanucci, que dirige, de início, o Orfeão de Moças do Centro, onde as vozes jovens encantam o auditório com músicas elevadas e cheias de beleza espiritual, letra de G. Martins e música de sua autoria. Seguindo-se após, o programa completo com a apresentação dos sopranos Snrtas. Niobel Cabral e Henriqueta Moreira, e dos tenores Snrs. Aldo Mantovani e Felippe Grecco, que cantam trechos de operas «La Boheme», «Mme. Butterflay» e canções italianas.

O tenor José Biancardi, o cantor Orlando Jacomino e a Snrta. Antonia Morrone também se exibiram a contento. Na parte declamatória tivemos a colaboração das meninas Ruth Afonso, Noemi Riberti, bem como do pequenino de 3 anos, Ricardo Martins, que fez a sua «premiére» com o número «Trem de Ferro» sendo muito aplaudido. Ao violino esteve Gilberto Ferreira e ainda, deu sua nota de destaque, o Coral infantil do Centro.

Na 2.a parte, saudou o conferencista em nome do Centro, o confrade Gilberto Ribeiro Gonçalves, que, de maneira brilhante, demonstrou seus magníficos conhecimentos doutrinários.

A seguir foi á tribuna o confrade Vergal que, durante uma hora e 10 minutos, prendeu a atenção do seleto auditório, descortinando, numa linguagem facil e atraente, aspectos espíritas e focalizando com minúcias, os fundamentos da 3.a Revelação. Tanto o orador como os artistas foram ovacionados delirantemente e como complemento da noitada ainda ocupou a tribuna, rapidamente, o Prof. Anselmo Gomes, dizendo da satisfação e da alegria que essa noitada deixara no coração e na alma de todos os que ali se encontravam.

Durante o transcorrer da conferência, o confrade Vergal homenageou a figura veneranda de Manoel Laburú, companheiro de 40 anos de lutas na doutrina, rendendo sua sincera saudação ao mesmo.

A's 23 horas, entre risos e alegrias, terminou, dentro da maior cordialidade, a linda festa cristã, do Centro Espírita «Nova Revelação».

Estiveram presentes também o confrade Antonio Rodrigues Monte-Mór, Diretor da Federação Espírita do Estado e «Revista Internacional de Espiritismo» pelo cronista desta reunião.

Vicente S. Neto.

A CEPA está no Brasil

Está no Brasil, a CEPA.

Veio da Argentina, de Buenos-Aires; está no Rio de Janeiro e, daquí a três anos, irá para Cuba.

Que é a CEPA ?

É a organização espirítica do Continente americano, que saíu do 1.° Congresso Espírita Pan-Americano, realizado, há dois anos, em Buenos Aires.

Com o último Congresso Pan-Americano, realizado em Outubro, no Rio de Janeiro, a CEPA passou a funcionar na *Pátria do Evangelho.*

E dentro de imperativos apreciáveis e com finalidades marcantes, para os quais não póde prescindir da colaboração e cooperação de todos os espíritas esclarecidos e idealistas, mais cônscios de seus deveres e de suas responsabilidades.

A CEPA, brasileira, tem um programa de ação e realização, bem compatível com as responsabilidades dos espíritas do Brasil, das diretrizes que o Espiritismo aquí processado tem que traçar para o mundo.

Como fenomenologia, o Espiritismo, sabem-no todos, veio da América do Norte. Tomou corpo de Doutrina na França. Fez-se aí, principalmente, doutrina filósofica. Entre os povos anglo-saxões, principalmente ingleses e alemães, afirmou-se como ciência. Mas, religião, só entre nós. E é êste seu aspecto, o que mais interessa, via de regra, aos espíritas do Brasil. Por isso mesmo, talvez, escrevesse o Espírito de Humberto de Campos que era o *Brasil a Pátria do Evangelho, o Coração do Mundo.* Coração do mundo, pelas características humanitárias, genuinamente expontâneas, de seu povo. Pátria do Evangelho restaurado em espírito e verdade, porque à luz forte e bela do Espiritismo...

Se o aspecto do espiritismo no Brasil é diferente, diferente deve ser, claro, a orientação da CEPA no Brasil.

Deve começar por afirmar-se aos espíritas do Brasil, como ela é, o que ela espera de todos.

É um órgão de arregimentação continental, que deve começar arregimentando valores e colaborações, cooperações e atividades no país.

Traçou, assim, e de início, um programa, que abrange:

I) Uma série de palestras culturais-sociais, com o objetivo de esclarecer o público sôbre suas atividades.

A primeira conferência, realizou-a seu presidente, na Liga Espírita do Brasil com o concurso artístico de elementos das Mocidades Espìritas.

Colimado seu objetivo, a despeito da tarde chuvosa.

A segunda conferência realizou-se na séde da Federação Espìrita Brasileira, a cargo do primeiro vice-presidente, no primeiro domingo de Março.

II) Elaborou um Livro de Ouro, para a assinatura de altruistas e abnegados, para etender a suas despesas de expediente e organização.

III) Criou sua secretaría, que funcionará na Liga Espírita, para a articulação do movimento.

IV) Articulação do movimento continental, por meio de avisos na imprensa dos paìses americanos, concitando os espíritas desses países a estabelecer correspondência com os irmãos de outros países, por intermédio da CEPA. As cartas enviadas á diretoria da CEPA, ela se incumbirá de estabelecer a correspondência, enviando endereços a quem os pedir.

V) Excursão de propaganda de suas finalidades, primeiro, no país e, depois, em outros países sul-americanos e da América central, de propaganda do Espiritismo, da aproximação espirítica continental e da própria CEPA.

VI) Organização do 3.° Congresso Pan-americano, que será em Cuba, no ano de 1952.

A CEPA colimará estes objetivos, certamente, que não estão em jôgo somente seus créditos, mas os créditos do Espiritismo mesmo no Brasil ou do Brasil.

Os próprios créditos de espírita do leitor, claro.

Por isso, a tua cooperação e colaboração, leitor amigo, não lhe faltarão, claro.

* * *

Novos Rumos á Medicina

Prosseguindo na sua elevada missão de estudar o Espiritismo no seu aspecto científico, o Dr. Inácio Ferreira acaba de lançar a lume o 2.° volume de sua obra «Novos Rumos à Medícina», um trabalho de fôlego que não deixará de confundir os sábios materialistas pelos seus argumentos, seus confrontos, suas deduções e seus estudos experimentais em que a sobrevivência individual é posta à frente do céptico mais renitente como um facto consumado.

Se o Dr. Inácio Ferreira não tivesse escrito as diversas obras que escreveu, todas de palpitante interêsse e atualidade, esta — «Novos Rumos à Medicina» em seu segundo volume, bastaria para elevar bem alto o seu nome como médico e cientista a serviço da Verdade.

O livro é de formato grande e contém perto de 300 páginas impressas em ótimo papel, bem encadernado, o que muito recomenda a Gráfica «A Flama». E' ilustrado com desenhos e clichés elucidativos dos textos. Trata-se de um trabalho realmente importante, que recomendamos aos estudiosos com a maior satisfação. E' um trabalho posto a serviço da Verdade.

Agradecemos a oferta do volume que nos coube, acompanhado de expressiva dedicatória.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 40,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

* * *

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar durante o mês de Março de 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Fevereiro	112	
Doentes de ambos os sexos que entraram durante o mês	23	135
Doentes de ambos os sexos saídos com alta durante o mês		24

Passam para o mês de Abril, 1950:

Gratuítos	59	
Pensionistas	52	111

Tratamento:

Injeções Intramusculares	402
Injeções venosas	702
Convulsoterapia elétrica	387
Malarioterapia	1
Extrações de dentes	80
Exames de sangue	30
Receitas aviadas	77
Doentes que já passaram pelo Hospital desde sua inauguração	530

Marilia, 1.° de Abril de 1950

HOSPITAL ESPÍRITA DE MARILIA

Maria Lucia de Lara. — Secretária.

* * *

Espiritista do Brasil!!

(Primeira Proclamação da CEPA no Brasil)

O Espiritismo na América se arregimenta colimando constituir-se uma fôrça moral que, porém, só a união poderá realizar e garantir.

Esta arregimentação no Continente Americano está a cargo da Confederação Espírita Pan Americana (CEPA), ora sediada no Rio de Janeiro, e que conta, entre todas as Entidades Federativas Nacionais de todos os países do Continente onde existe Espiritismo organizado, com a Federação Espírita do Brasil (FEB), a cuja bandeira, por tanto, se devem acolher todas as sociedades Espíritas brasileiras através Filiação às Entidades Federativas Estaduais a ela adesas, numa expressão clara e inteligente, do necessário espírito defensivo de federalismo.»

(Pede-se reprodução em todos os periódicos, principalmente espiríticos. E repetição.)

Preparativos para a Realização do II Congresso Espírita do Estado

Estando se aproximando a data marcada para a realização do II Congresso Espírita do Estado de São Paulo, a U. S. E., vem a presença das Uniões Municipais, Centros e confrades em geral solicitar o seguinte:

1.º) As Uniões Municipais, a quem cabe grande responsabilidade no movimento de unificação, por serem já membros diretores da U. S. E., compete desenvolver o maior esfôrço possível no sentido de uma aproximação mais perfeita entre todos os Centros das cidades do Interior.

2.º) Aos Centros adesos, cabe-lhes a grande tarefa de auxiliar as Uniões relacionando endereços dos demais Centros que ainda não são adesos, remetendo-os a U. S. E., para facilitar, dessa forma, a maior aproximação entre eles.

3.º) Aos confrades, principalmente os da Capital, a U. S. E. solicita uma propaganda mais direta no sentido de esclarecerem os Centros para que tenham maior conhecimento do programa de unificação, já esboçado em todo o território nacional.

Durante o II Congresso a realizar-se em Junho próximo, os Centros adesos, por intermédio das Uniões Municipais, irão opinar sôbre a maneira mais eficiente de se conduzir o movimento espírita estadual.

Como é do conhecimento de todos, o mandato dos órgãos diretivos da USE, encerrar-se-á em Junho próximo, resultando, então, a escolha de novos órgãos diretores e a reforma dos Estatutos, caso a Assembléia do Congresso julgue necessário.

Por se tratar de uma deliberação de maioria absoluta, a USE solicita o trabalho de todos para que a totalidade dos Centros existentes no Estado possa tomar parte em tão auspicioso acontecimento espírita.

Todas as informações de Centros ou Grupos que ainda não estejam adesos, poderão ser comunicados à Secretária da USE, Av. da Irradiação n.º 152 (Antiga Rua Maria Paula), Capital.

Retificação

Por equívoco, em a circular n.º 30 recentemente distribuida pela U. S. E. à Imprensa, sôbre a convocação do Congresso em referência, consta os dias 3, 5 e 6 de JUNHO p. futuro para a sua realização, ao envés dos dias 2, 3 e 4 daquele mês que foram os dias designados.

Pedimos, pois, aos centros e espíritas em geral o obséquio de anotarem esta alteração.

UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA
A Diretoria Executiva

Proclamação aos Espíritas

O «Conselho Federativo Nacional», órgão da «Federação Espírita Brasileira», surgido do «Pacto Áureo» de 5 de Outubro do ano próximo findo, ratificado pelas Entidades Espíritas, representadas por seus signatários e aprovado sincera e entusiásticamente por todas as demais Federações, Uniões e Ligas de âmbito estadual, que tiveram a oportunidade de examiná-lo, jubilosamente se dirige aos ESPÍRITAS espalhados por todos os quadrantes da nossa amada Pátria, levando-lhes cordial e afetuosa saudação.

Instalado oficialmente a 1.º de Janeiro deste ano, funciona o Conselho normalmente, achando-se empossados e em pleno exercício das respectivas funções os seguintes Conselheiros:

Prof. Ismael Gomes Braga (Rio

Grande do Norte); Dr. José Augusto de Miranda Ludolf (E. da Paraíba); Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro (Pernambuco); Dr. Ubaldo Ramalhete Maia (E. do Espírito Santo); Dr. Miguel Timponi (Minas Gerais); Dr. Carlos Imbassahy (E. do Rio de Janeiro); Farm.° Carlos Jordão da Silva (S. Paulo); Prof. Arnaldo Claro S. Tiago (Santa Catarina); Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes (Paraná); Ten. Cel. Severino Antonio da Cunha (Río Grande do Sul); Sr. Aurino Souto (Distrito Federal).

Consciente da grave responsabilidade que assumiu como depositário da confiança com que o honraram as nobres Entidades Espíritas que o compõem, empenha-se abnegadamente na obra de fortalecimento dos laços de solidariedade que as unem, a fim de que possam estabelecer sôbre base sólida de compreensão e trabalho o clima da verdadeira e legítima FRATERNIDADE, que é a síntese sublime de amor, ensinada e exemplificada pelo DIVINO MESTRE.

Tarefa tão nobilitante, é fóra de dúvida que não pode ser levada a bom termo sómente por um ou alguns grupos espíritas, por mais numerosos e bem orientados que sejam. Carece de apôio de todos os CONFRADES, sem distinção de raça, nacionalidade e condição social ou econômica, porque as realizações duradouras no campo da FRATERNIDADE têm que ser obra comum, executada à sombra do EVANGELHO.

AVISO

Os nossos prezados assinantes residentes na Capital podem procurar os nossos representantes Vicente e Arlindo S. Neto à Alameda Cleveland n.° 724, Telefone 52-8865, tanto para efetuarem pagamento como para regularizarem seus endereços.

Mundo Espìrita

Completou 18 anos de existência no dia 4 de Abril último, o nosso distinto colega «Mundo Espírita», um dos mais conceituados órgãos da imprensa espírita.

Ao «Mundo Espírita», que se publica na Capital Federal, sob a esclarecida orientação do Dr. Lins de Vasconcelos, o nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

D. Maria Gonçalves Duarte Santos

A conhecida e apreciada revista «Estudos Psiquicos», que se publica em Lisboa, Portugal, revista que conta com apreciável número de assinantes no Brasil, em sua edição de Janeiro ultimo publica a notícia do passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, querida esposa do nosso amigo e confrade Isidoro Duarte Santos, Diretor de referida revista.

Não tivemos a ventura de conhecela pessoalmente, mas através do noticiário ficamos sabendo que D. Maria Gonçalves Duarte Santos prestou grandes serviços à Doutrina. Espírito invulgar, culto, inteligente, serviçal, não media sacrifícios no cumprimento dos seus deveres cristão. Fundadora de «Estudos Psíquicos» e diretora do Centro Espiritualista Luz e Caridade, teve oportunidade de pôr em atividade, em benefício da difusão da Doutrina e dos seus semelhantes, o vasto cabedal espiritual, moral e intelectual que possuia, razão por que tornou-se estimada de todos quantos tiveram a felicidade de conhecê-la.

Com o passamento de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, ocorrido no dia 4 de Janeiro último em sua terra natal, Cebolais de Cima, um grande claro abriu-se na fileira espírita, claro que dificílmente será preenchido em face da escassez dos bons trabalhadores, o que quer dizer que., de facto, como disse Jesus, a seára é grande e poucos os trabalhadores.

Que Jesus proporcione a este Espírito Superior, maiores probabilidades de progresso, permitindo-lhe que nos ilumine e nos ajude na tarefa que nos é comum — a difusão da Verdade.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletaneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2651unse

NO XXVI—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1950 — N. 5

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
HEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e seu surto progressista *Redação*
Lei da Evolução Espiritual . . . *Viriato Carneiro Lopes*
O que é um médium? . . . . . . *J. B. Chagas*
Pontos de Vista . . . . *Leopoldo Machado*
O Homem Colaborador de Deus . . *Pereira Guedes*
Dá Licença, Professor? . . . . . *Alfredo d'Alcântara*
A Propósito de uma Carta . . . . *Pal.*
O Duplo Humano—Alguns Casos . *Oscar Hernández*
Salva da Morte por um Espírito . *Spártaco Banal*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

Todas estas obras acham-se á venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 — Matão — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1950 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e seu surto progressista

SE não fosse para provar e pregar a existência do espírito e sua sobrevivência após a chamada morte, o Espiritismo estaria marcando passos como marcando passos estão as primitivas doutrinas e as atuais religiões tidas como oficiais. O seu advento seria, então, inoportuno e a humanidade continuaria ignorando o verdadeiro sentido da vida, com exceção de poucas criaturas que tiveram a rara felicidade de compreender e sentir o cristianismo em espírito vivificante.

Os fenômenos espìritas sempre se produziram, desde o começo do mundo, multiplicando-se com o avançar do tempo e não passariam ainda de casos de assombrações se o Espiritismo não viesse lançar luz sôbre o caso. O vulgo os comentava a seu bel prazer, uns arrepiados, outros com risos e chacotas, enquanto que os sábios e cientistas os encaravam com indiferentismo ou incredulidade. A maioria destes ainda continua francamente incrédula, mas chegará o dia em que se renderá à evidência como aconteceu a milhares de cépticos e indiferentes, cujos nomes enriquecem agora, os anais do Espiritismo.

Ao mesmo tempo que esta doutrina prova, prega e estuda a sobrevivência individual, alicerçada nos factos, esclarece o Evangelho no seu sentido verdadeiro para que os estudiosos, praticando-o, se tornem dignos de um lugar feliz no mundo espiritual. A sua missão é, portanto, a mesma de Jesus, que mostrou a existência e imortalidade da alma quando ressuscitou mortos e expeliu espìritos imundos, quando lhe apareceram os espíritos de Elias e Moisés e quando, ele próprio, apareceu aos seus discìpulos com os quais esteve depois da sua morte durante 40 dias.

Compreendendo e sentindo a magnitude dos ensinos espìritas, movidos pela fé que adquiriram na certeza absoluta da vida vindoura e convencidos de que só pela prática dos preceitos evangélicos é que se libertarão das suas imperfeições, vícios ou defeitos, os espíritas, de norte a sul deste vasto paìs, considerado pelos espiritos cômo sendo o coração do mundo e pátria do Evangelho, puseram mãos no arado sem olhar para trás. E' assim que, com júbilo incontido, noticiamos, a miude, movimentos de real importancia na seára espírita. Ultimamente, além das Semanas Espíritas realizadas em diversas cidades do paìs, um movimento de grande amplitude realizou-se na Capital bandeirante, ao qual compareceram representantes dos Srs. Governador do Estado, Prefeito Municipal, Presidente da Camara, Comandantes da Força Policial e da Guarda Civil, além de outras personalidades de destaque no comércio, na indústria e nas altas esferas governamentais. Não mencionamos o comparecimento dessas personalidades por espirito de grandeza, mas com o intuito de mostrar que o Espiritismo já é bem considerado em nosso país.

Foi o Clube dos Jornalistas Espìritas o promovedor de referido movimento que lotou completamente o Teatro Municipal no dia 18 de Abril último em comemoração do «Dia do Livro Espírita». O Teatro comporta 1.600 pessoas. Aproximadamente 500 pessoas tiveram que voltar para suas casas por não encontrarem lugar. Mil exemplares do «Evangelho segundo o Espiritismo desapareceram rapidamente da banca ao preço popular de dez cruzeiros, encadernados, edição da Livraria Allan Kardec.

Como vemos, o Espiritismo avança maravilhosamente em nosso país, indiferente ás ameaças dos seus poucos detratores, inimigos da Verdade. Os movimentos espíritas alcançam grande repercussão pela sua magnitude. Os espíritas se empenham a fundo, não medem sacrificios na realização dos seus empreendimentos, que sempre alcançam o mais completo êxito, tanto mais que são orientados e auxiliados notavelmente pelos Espìritos encarregados da espiritualização da humanidade.

Enquanto as diversas seitas religiosas, de pura concepção humana, acham-se paralisadas como água estagnada, porque o que tinham de fazer já o fizeram, não mais satisfazendo as novas e altruìsticas aspirações da humanidade, sedenta de Verdade e paz, o Espiritismo chama a atenção de todos para a Imortalidade através dos factos psíquicos que se multiplicam à medida que o tempo avança, confundindo descrentes e materialistas obstinados e alegrando os que aguardam o mundo vindouro. E ao mesmo tempo convida todos para o trabalho evangélico, sob a égide do espírito de fraternidade, um trabalho de renovação capaz de conduzir as creaturas ao Aprisco do Senhor.

Estribado nos factos espíritas e trazendo à destra o facho da luz do Evangelho, o Espiritismo constituiu-se o guia seguro da humanidade.

Lei da Evolução Espiritual

A Léon Hippolito Denizart Rivail — Allan Kardec, pela sua grande obra espiritual, sempre as homenagens de seus discípulos da cidade de Santos.

Para a marcha á evolução, o espírito sempre trás o seu programa preestabelecido para tal fim; programa esse preso ao perispírito, onde existe o laboratório com todo o material adquirido nas jornadas já empreendidas, em suas diversas fases. E, em cada etápa vencida são manipulados os antidotos que neutralisam os venenos armazenados no perispírito desde éras remotas; e, daí, sua transformação em forças ao espírito para a marcha á perfectibilidade;

assim, pois, vemos a inteligência — que é o espírito — aprimorar-se; a força centralisadora — o perispírito — recebendo o combustivel; e a maquina — o corpo material — agindo no plano físico, dentro dessa harmonia para a evolução;

porque, as correntes pesadas que o espírito armazena em seu perispírito, por longos anos ou, talvez, séculos, vão se desagregando para dar entrada à ação benéfica que muito contribuirá para novas lutas e novas conquistas, sujeitas á essa evolução.

Os espìritas sabem perfeitamente, que não se consegue o maná e a água, batendo apenas na pedra, como nos tempos de Moisés, não. Hoje, que a Terceira Revelação, demonstrou ao mundo, por intermédio de Kardec, que é de seus esforços, de seus trabalhos, de suas lutas, morais e físicas, que os espíritos adquirem conhecimentos e aperfeiçoamentos á sua evolução, é que precisamos enfrentar essas lutas com coragem precisa, sempre tendo a certesa que elas são justas e por nos solicitadas.

Deus é bom e não castiga nenhum de seus filhos, dá-lhes os meios para evoluirem dentro de seus próprios méritos, assistindo-nos por intermédio de seus mensageiros e nossos amigos mais evoluidos, que nos confortam, sem, entretanto, tolherem o nosso livre arbítrio, porque eles não tiram esses nossos méritos. Se erramos, choram por deixarmos de ouvi-los e se acertamos, elevam hinos ao Senhor pelo progresso que vamos fazendo.

Tudo depende, portanto, de nós e de nossos esforços. Se buscarmos as boas ações, chamamos para junto de nós as influências benéficas, que formarão o círculo impenetrável ás más sujestões.

Tudo está sujeito á evolução, desde a pedra bruta aos minúsculos seres viventes, em todos os reinos da natureza, como também nos próprios problemas sociais.

O planeta em que vivemos atualmente, tem que obdecer a essa lei e, aqueles que não aceitarem os conselhos e desejarem permanecer alheios á divindade, terão que seguir para outros planetas, mais inferiores. E' preciso que a terra seja habitada por espíritos mais evoluidos e compenetrados da fraternidade e do equilíbrio da honestidade, em todos os ramos, inclusive da administração pública e familiar.

Não é possível continuarmos no cáos em que vivemos. Adquiram os homens a fortuna material pelos meios lícitos e regulares, na mesma porcentagem da doutrina cristã, para que o ouro não seja amanhã, a fornalha onde deverão purificar os seus êrros. Isso é velho conselho do Evangelho e que os homens esquecem...

porque gostosamente passam de simples plebeu, com um pequeno cargo eletivo á transformação de nababos da época. Outros, vivendo nas portas dos xadrezes das cadeias publicas, solicitando pequenos serviços profissionais, hoje dispõem de meios para constantes viagens aéreas e luxuosas residências em países estrangeiros;

pelo que, lembramos da pergunta tantas vezes feitas pelo impoluto General Manoel Rabelo, de saudosa memória: «Quanto tem e de onde provém?»

Essa resposta será falha para nós que estamos presos ás leis materiais, mas será convenientemente esclarecida e paga diante da lei de Deus, que é infalível e justa.

Assim, vamos procurar sempre ter um momento por dia os nossos pensamentos voltados para esses conselhos, formando em torno do nosso EU o BELO e o SUBLIME de uma moral CRISTÃ que se resume em desejarmos ao nosso próximo o que unicamente desejamos para nós.

Aí conseguiremos etapas à evolução espiritual.

Esta é a verdade e esta é a LEI.

Viriato Carneiro Lopes.

Santos, 18/4/950.

O QUE É UM MÉDIUM?

J. B. CHAGAS

O *médium* é todo o indivíduo que sente a influência dos Espíritos e transmite os pensamentos dêles. Quem quer que sinta aquela influência, em qualquer gráu, é por isso mesmo, *médium*. Essa faculdade é inerente ao homem, por conseguinte não constitúe privilégio exclusivo: também poucos são os que não a possuem, ainda que rudimentarmente. O agente de todos os fenômenos espiritas, é o fluído perispítal, e aqueles fenômenos, não se podem dar senão pela ação recíproca dos fluídos do *médium* e do Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispìrito do *médium*, e da assimilação dêste, mais ou menos fácil com o dos Espíritos. A predisposição mediúnica não depende do sexo, idade ou temperamento; encontram-se *médiuns* em todas as categorias de indivíduos, dêsde a mais tenra idade até a mais avançada». (ALLAN KARDEC. OBRAS PÓSTUMAS pags. 28/29.

Entende-se, assim, por *médium* todo aquele indivíduo da nossa espécie que serve de intermediário entre o mundo invisível e a terra, ou seja, a pessoa por intermédio da qual os espiritos podem se comunicar.

Dessa mesma opinião partilham vários sábios experimentadores, embora com outras palavras designando a mesma coisa:

Maxwell — denomina *médium* a pessoa em presença da qual podem ser observados fenômenos psíquicos.

Para *Myers* — é o intermediário entre as comunicações do mundo material e o espiritual; para Albert de Rochas, Lodge e outros — é *sujet.*

Gustave Geley define como *médium* todo indivíduo cujos elementos constitutivos são capazes de ser momentaneamente descentralizados.

Charles Richet diz que o *médium* é o medianeiro entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Boirac, dá-lhe o antipático nome de *metagnomo.* Esta foi também a designação adotada por *Osty.*

Mediumshipis a delicate Gift — (Dádiva delicada) — dizem os inglêses, contrariando o seu espírito pouco poético.

É uma preciosa faculdade

«Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos: suprem, nestes últimos, a falta dos órgão materiais pelos quais transmitem suas instruções. Daí vem o serem dotados de faculdades para êsse efeito. Nos tempos atuais, de renovação social, cabe-lhes uma missão especialissima; são árvores destinadas a fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número para que abunde o alimento: há-os por toda parte, em todos os países, em todas as classes sociais, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, afim de que em nenhum ponto faltem e ,afim de ficar demonstrado aos homens que *todos são chamados.* Se, porém, êles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade, que lhes foi concedida, se a empregam em coisas futeis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos sazonados dão máus, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil nêles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem prêsas dos Espíritos maus.» — ALLAN KARDEC.

Graças ao impulso que em cada século, vem recebendo o saber humano, ao mesmo tempo que belas teorias, vêm caindo, por si mesmas em desuso, muito concorrendo para isso a curiosidade científica, que não tem limites, não se conformando a Ciência com o saber as cousas de modo superficial e nem estacionando como uma doutrina apriorística ou dogmática, qualquer que seja a tese que defenda, outras se têm estabelecido definitivamente.

O século passado conheceu o lançamento de certas sentenças que chegaram a ter laivos de dogmas.

E' bem conhecido o aforisma de *Carlos Vogt* — «O cérebro segrega o pensamento, como o fígado, a bilis». E este outro, não menos grosseiro, materialista, atribuido a Taine — «Entre a inteligência e o cérebro, há a mesma relação que entre a bilis e o fígado ou a urina e as vìsceras».

Luiz Buchner, comentando seu êmulo *Vogt*, opôs a sua concepção da alma, outra, ainda que não tão grosseira, não menos gratuita: — «O cérebro — disse — é o princípio e a fonte, ou melhor dito, a causa única do espírito e da inteligência».

Mas, apesar disso, o homem levado pela curiosidade, que é uma propensão natural da alma, fôrça propulsora, invìsível, a investigar o princípio e a origem, a elevar-se dos Efeitos ás Causas, do conhecido ao desconhecido, em busca sempre de novos conhecimentos, com o fim de saciar a sua infinita sêde de saber e de conhecimentos, conseguindo desbravar novos campos do saber humano.

Até o século XVII, a Ciência da alma se achava compreendida nas ciências filosóficas e o seu estudo não foi considerado sinão como um preâmbulo da moral, da lógica e da metafísica. O mesmo nome de psicologia foi introduzido pela primeira vez em linguagem filosófica pelo filósofo *Goclenio de Marburgo*, que o adotou como título de uma obra sôbre a perfeição moral.

Mas, como o progresso não pára nunca, dia haveria de chegar em que êsse importante problema viria a ser devidamente esclarecido, de molde a ser bem compreendido por todas as criaturas, até as de mediana inteligência.

Embora os fenômenos espíritas, chamados também metapsíquicos, existissem desde tempos remotos, sendo tão antigos como o próprio homem, a êle, hodiernamente, competia dizer a última palavra.

Os oráculos perderiam seu sabôr de mistérios e hoje os espíritos se manifestam em clarividência, psicocronometrica (ou pragmática, como classificou Richet) e se expressam, ás vezes, em idiomas desconhecidos dos médiuns.

O velador atual, substituiu a trípode da antiguidade, e as consultas deixaram de ser motivo de entretenimento passagiero, mas, ao contrário, obedecem ao desejo de instrução e para descobrir a causa inteligente que os movem.

Contra essa evidência, uma onda de incrédulos se levanta, engendrando fórmulas, criando sistemas complicados, para aquilo que facilmente seria compreendido, admitida a hipótese espírita.

Aos factos surpreendentes do Espiritismo não faltaram cépticos que dissessem, com certo ar de ironia, repetindo o paradoxo já muito conhecido: — «Será verdade tanta mentira?» Ao que os homens estudiosos e refletidos contestaram, tendo diante dos olhos a visão dos factos comprovados: — «Será mentira tanta verdade?»

Tudo, enfim, passou a girar em torno de um personagem, indispensável para que os fenômenos se realizassem — o *médium*, chegando a provocar do Dr. Léon Hipolite Denisard Rivaíl, a seguinte sentença: — «Não há manifestação sem médium», embora os espíritos possam atuar á sua revelia. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos espíritos. Deles haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitam, embora estando o mesmo á distância.

O que é por êle próprio confirmado, quando diz: — «Para que o fenômeno se produza, faz-se místér a intervenção de uma ou mais pessoas dotadas de especial aptidão, que se desígnam pelo nome de *médium*» (L. MED. pag. 77).

Por mais de uma vez, Allan Kardec afirmou que os *médiuns* são as pessoas dotadas de especial aptidão ou predisposição, indispensável para que os fenômenos se dêem.

«A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espìritos superiores. E' apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espìritos em geral. O bom *médium*, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espìritos e sómente têm assistência. Unicamente neste sentido *é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sôbre a mediunidade*». A. KARDEC — O EVANG. S/ESP. pag. 300.

Falando sôbre a participação do *médium* na produção dos fenômenos de efeíto fìsico, diz-nos Allan Kardec, que o seu concurso é puramente material e as suas aptidões são antes um predicado fisico do que indício de elevação espiritual. E aludindo a respeito das pessoas inspiradas, afirmou que a inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Ela se aplica em todas as circunstâncias da vida, ás resoluções que devemos tomar. dizendo mais: — «Sob êsse aspecto, pode-se dizer que todos são *médiuns*.

O Senhor Comandante Edgard Armond, ao abordar o assunto da mediunidade em uma obra que tomou o mesmo tìtulo, dá a êle uma maior elasticidade, dizendo que a mediunidade não é um fenômeno individual restrito ao homem, privilégio de uns e outros, mas um facto universal, comum a toda criação divina, patrimônio comum de todos», embora reconheça que a teoria espírita, «segundo a qual indivíduos denominados *médiuns* possuem uma aptidão especial para servirem de intermediários entre os mundos físico e espíritual, é uma teoria, que hoje em dia domina as atenções, explica a maioria dos factos e é plenamente confirmada pela realidade». (pag. 22), depois de aludir ás quatorze teorias e explicações sôbre a mediunidade, tais como: 1) a da mistificação; 2) a da ilusão; 3) a demoníaca; 4) a dos elementais; 5) a dos cascões astrais: 6) a da loucura; 7) a da emoção; 8) a do automatismo psicológico; 9) a da fôrça psìquica; 10) a de S. Martinho; 11) a do *dom*. 12) a do batismo do Espírito Santo; 13) a do personismo: 14) a do animismo.

Não quìs fazer alusão a do *reser-*

vatório cósmico e do *nervo rangedor*, ou *estalante*, creação do Snr. *Schiff*.

Prestou o autor dessa obra um grande serviço aos estudiosos das causas da Doutrina, ao estabelecer diferenciação entre a mediunidade, que é aquele patrimônio comum a todos os indivìduos, cuja percepção espiritual aumenta à medida que o espírito encarnado evolue e se moraliza, adquirindo faculdades fisicas, que lhes permitem o conhecimento das cousas e o intercâmbio com as entidades superiores, sem necessidade do trabalho mediúnico obrigatório, e a mediunidade de prova. Peculiaridade, aliás, que não escapou à argucia de Kardec, quando afirmou que, por vezes, «a excelência das qualidades morais se torna onipotente sôbre a mediunidade». Compreende-se, assim, que todo individuo que mesmo vivendo num mundo inferior, como a Terra, cheio de imperfeições, póde pairar acima das cousas mesquinhas do próprio mundo, vivendo uma vida de certo recato e pureza relativa, terá adquirido aquela adaptidão e assim predisposto o seu organismo para servir de veìculo ou instrumento, por intermédio do qual os Espìritos podem se comunicar.

Concorda o confrade Comandante Armond, «que a mediunidade é faculdade que todos possuem», embora reconheça que «a faculdade, em si mesma, é toda espiritual, e jamais orgânica», apoiando a sua opinião na afirmativa de André Luiz, quando disse: — «que a mediunidade não é disposição da carne transitória e sim expressão do espírito imortal. (MISSIONARIOS DA LUZ).

Ele também reconhece que «a mediunidade é um problema complexo no que se refere às manifestações e aspectos, podendo, por isso, ser encarada sob vários pontos de vista. Aduzindo mais: —«Quanto à sua razão de ser, todavia, afeta sómente dois aspectos que são fundamentais e originariamente opostos, a saber: ou é faculdade própria do espìrito, conquista sua, quando já adquiriu possibilidades maiorès, quando atingiu gráus mais elevados na escala evolutiva, ou é capacidade trasitória, de emergência, obtida por graça, com auxilio da qual o espírito pode apressar sua marcha e redimir-se.» (pag. 34).

Somos, também, de opinião que a mediunidade não seja um *dom* ou uma *graça*, porque se assim fôra, representaria um privilegio concedido por Deus a determinados indivìduos em detrimento de outros, e que não sejam «os *médiuns, na sua generalidade*, missionários», como bem acentuou Emanuel.

Mas, aquí faz-se mister estabelecer uma premissa, dizendo que a mediunidade não é um privilégio do Espiritismo, embora tivesse por direito cabido a êle colocar a questão nos seus devidos termos, porque *médiuns*, (intermediários entre o Céu e a Terra — conforme querem os observadores), sempre existiram, desde que o Mundo é Mundo. E assim, vamos encontrar em todos aqueles que tiveram por missão vir à Terra, para alargar a brecha por onde a Verdade devia chegar até aos homens, chamem-se êles Zoroastro, Brahma, Budda, Mahomé, Moisés, Sócrates, Platão, Jesus, extraórdinários *médiuns*, segundo a extensão do têrmo.

E é facílimo estabelecer a destinção entre o *missionário-médium* e o *médium por provação*. Apenas alguns exemplos: Missionários, Kardec, Roustaing, Francisco Candido Xavier, e todos os que geralmente cumprem rigosoramente a missão que trouxeram, deixando-se, por vezes, imolar aos seus ideiais superiores, nas mãos dos energúmenos, de todas as épocas; os outros, pelo contrário, ao primeiro obstáculo, ao primeiro impecilho, abandonam a luta, fogem covardemente da refrega, e quando, por ventura, assim não procedem, arrastam a sua prova, entre um constante lamuriar, dizendo-se sempre esquecidos e desamparados de Deus!

O assunto é atraente e ainda comportava outras considerações, mas urge parar por aqui à espera de uma nova oportunidade.

Nova Iguaçú, Março de 1950.

E' por causa da vossa perseverança, boa vontade, humildade e sacrificio que tendes obtido o auxilio do Alto. Continuai com o mesmo propósito até o fim, tanto mais que está próximo o romper do dia. — **Mariquinhas.**

Pontos de Vista

Leopoldo Machado

O Censo e os Espíritas

O novo censo decenal bate-nos à porta.

Em Julho próximo, teremos de declinar, com sobranceria e convicção, a nossa qualidade de espírita.

E' um dever, a que nenhum espírita ciente e consciente de suas responsabilidades e da grandeza e beleza do Espiritismo, fugirá.

Mas, revelará, porventura, on úmero alto de espíritas, que o censo apresentar, a grandeza e a beleza do Espiritismo ?

Decorrerão ambas da quantidade, ou da qualidade de seus profitentes ?

* * *

Há dez anos, houve uma exaltação geral de confrades nossos, decepcionados com o número exíguo de espíritas que o censo revelou.

Menos de quatrocentos e setenta mil, para uma massa humana de trinta e nove milhões de católicos.

Além do mais, vimos o Espiritismo classificado entre as «seitas não cristãs», como aconteceu.

Decepcionante, não há negar, para quem esperava cinco milhões, nove milhões, dez milhões de espíritas recenceados no Brasil.

* * *

Fomos dos que não se decepcionaram com a cifra.

Dos que até gostaram da insignificância do número, em face dos desmandos em que se debatia o país, desmandos que aumentaram nêste decênio, que devem correr, e correm, naturalmente, à conta da formação religiosa do povo, de vez que «a religião tende a preparar o homem a prática do Bem».

Ora, fossemos a cifra respeitável de dez milhões no Brasil, e correria, também, à nossa conta :

a) A indecência que grassa por aí, na imprensa e no rádio, no teatro e na sociedade, a ponto de se verem, abertamente, por toda parte, cenas existencialistas, como se toda parte pudesse servir de alcova e lugares para tête-a-tête amorosos. Donde, a necessidade de fundar-se a *Legião da Decência*.

b) O jôgo campeando livremente por toda parte, sem que os poderes competentes tenham fôrça para acabar com êle, nem com o jogo do bicho, como se o país fôsse, a despeito do primeiro decreto do Presidente acabando com o jogo, um enorme cassino.

c) A roubalheira dominando em tudo, em todas as coisas.

d) As cadeias abarrotadas de criminosos e os crimes se sucederem impunemente por aí alhures.

e) Os manicômios abarrotados, apenas do estado maior, que o grosso da loucura anda cá por fóra.

f) O câmbio negro construindo fortunas de uma hora para a outra.

g) A política asfixiando as energias combalidas do país, a despeito de ver-se cristos crucificados em todas as câmaras municipais, estaduais e federal, e capelães nas escolas e nos quarteis, ensinando as crianças e os soldados.

i) Leituras e filmes deseducativos, contribuindo para deseducar as nossas crianças, preparando-lhes, portanto, um futuro tenebroso. Um futuro ainda mais triste para elas e para a pátria.

h) A dissolução da família e da sociedade à falta de bons costumes e de exemplos dignos que partam de cima.

j) O ensino anarquizado, pela dificuldade de formar-se homens de bem, cultos e trabalhadores, de vez que um chutador de bola, que levou a vida batendo bolas nas ruas despoliciadas, a quebrar vidraças e a atropelar pedestres, recebe centenas de contos por passes e fortunas mensais, no mesmo passo em que professores mal ganham para viverem mal.

Poderiamos enumerar mais coisas, que só podem correr por conta da maioria, pois é a maioria que governa e dita leis.

* * *

Entretanto, das três religiões dominantes no país, é a espírita que, a estas alturas, a despeito de «seita não cristã», de sua minoria desabastada e desunida, vai realizando obras de assistência que apavoram, a maioria, a ponto de padres como Ascanio Brandão, Vicente Zioni e Pla temerem, apavorados, o progresso do Espiritismo, concitando sua gente a atacar o Espiritismo por aí, fazendo a caridade que eles, os espíritas, fazem...

* * *

Confessemos, com nobreza e lealdade, nossas convicções espiritistas.

Mas, não esperemos, pelo amor de Deus, a maioria, que ficariamos comprometidos, diante da situação geral do país, eis a verdade!

A Graça e a Ingratidão

Um alto funcionário da Fazenda procurou, decepcionado com os recursos da Medicina, a Umbanda, para o estado de saúde da esposa.

Tratava-se de forte obsessão.

Fôra escolhido um médium, simples e humilde, para ir a casa do alto funcionário dar passes na esposa.

O rapazinho, um preto de alma branca, botava-se da Penha, todas as noites, à Tijuca, para cumprir seu dever.

Sempre recebido com satisfação pelo alto funcionário. Satisfação que aumentava a medida que a esposa ia sarando.

A cura total, absoluta, veio em menos de dois meses depois.

Que reconhecimento do alto funcionário e sua exma. esposa!

Levou-a, até, à tenda de Umbanda, apresentou-a reconhecidissimo, fez importante profissão de fé e prometeu que, mensalmente, alí apareceria para uma conferência, grande tribuno que é.

Ao *médium*, que podia procurá-lo quando quisesse e dêle se servir à vontade, como entendesse.

Menos de um ano depois, morre um amigo do médium humilde e simples, deixando filhos menores na indigência e orfandade.

— Se êle fôsse pedir a intervenção do alto funcionário, cuja esposa se curara com seus passes...

Foi procurar seu beneficiado de menos de um ano.

Que dificuldade para falar-lhe, agora, para ser recebido; na importante repartição de que é chefe, que no lar, outróra franqueado a ele, agora não podia abrir-se facilmente!

E o pobrezinho do médium, e o mais pobrezinho ainda do menino órfão, andaram quasi um ano seguindo, atrás do *hoje* e *amanhã*, fiado na promessa sempre adiada do alto funcionário, pára a internação do segundo.

A Ingratidão humana é sem limites.

Também o Cristo só fez o bem e era o Cristo!

Nem por ser o Cristo, escapou do flagelo e da cruz!

A abastança o desviou

Era um simples professor, e médium.

Desenvolveu sua mediunidade num centro e aí ficou, frequentando assiduamente. A' medida que trabalhava, na procura do Reino de Deus e sua justiça, melhorava de situação em tudo. Até de situação financeira.

Abriu importante estabelecimento de ensino e prosperou.

Meteu-se na política e progrediu, chegando a importante cargo eletivo.

Mas, à medida que progredia, ascendendo na política e abastando-se de recursos financeiros, esquecia os deveres espirituais, olvidava o Espiritismo, o centro espírita em que se libertára de provável obsessão dolorosa, por desenvolver aí sua mediunidade.

Foi ao centro, contudo, ultimamente, desculpar-se e prometer.

Desculpou-se por não aparecer mais, que outros compromissos maiores e mais importantes o atraiam a outros pontos. E prometeu que, a despeito de tudo, estaria sempre disposto ás ordens dos velhos companheiros.

Um espírito o pegou. Deu com êle no chão, rasgou-lhe e sujou-lhe a roupa branca de linho caro, caprichosamente passada, arrepiando-lhe os cabelos.

Saíu dalí desapontado. E alí não voltará, naturalmente.

O Ano Santo

A imprensa profana já tem salientado a *santidade* de 1950, ano que, a despeito de privilegiado, está transcorrendo cheio de desastres, descontentamentos e alarmes.

Beneficiado por êle, só os felizardos que dispuseram de navios reformados, bem aparelhados, para irem passear a Roma, pagando uma tutameia de passagens —os que pagaram, certamente!—cabendo aos funcionários públicos privilegiados —

certamente porque trabalham demais, coitadinhos!—uma licença de seis meses com todos os vencimentos, para provarem sua *religiosidade!*

Ora, numa fase como a que estamos vivendo, em que nossa frota marítima não dispõe de navios para passageiros que precisam viajar por fôrça de seus negócios; numa época em que o trabalho escasseia dolorosamente, por isso mesmo que a vida encarece cada vez mais; numa época em que os papeis dormem nas repartições públicas por falta de quem os toque—mormente se não se passa alguma coisa a funcionários—numa época de crise nacional em tudo, é doloroso, é tristissimo tudo isso!

O Estado está clericalizado.

Entretanto, já Augusto Comte dizia, e o nosso Ruy repetia que o casamento da Igreja com o Estado só produz filhos híbridos.

Êste ano santo, que só beneficia a Igreja, a Roma e a algumas emprezas de turismos, é bem um desses filhos, se não fôr o maior...

Umbandismo e Espiritismo

Ilustre confrade, e amigo dos mais caros, que se esconde por detrás do pseudônimo de Silvio Roberto, refuta nossas observações sôbre Umbandismo e Espiritismo, insertas em nossa apreciação crítica do livro UMBANDA EM JULGAMENTO, de Alfredo D'Alcantara, insertas em *Revista Internacional do Espiritismo.* A refutação de Silvio Roberto está no *Jornal de Umbanda.*

Dissemos que em Umbanda só se encontra 10 % de Espiritismo, que está no mediunismo comum ás duas doutrinas. E mantemos nossos pontos de vista, em face do que conhecemos, até o presente, de Espiritismo e de Umbandismo. Silvio Roberto, depois de descobrir, generosissimo, em nós valor e virtudes exagerados por sua bondade, fica sem saber como os umbandistas devem fazer declaração, no próximo censo de julho, da religião que professam. E sugere, suavemente irônico, que só se puserem *espírita 10 %.*

Seria mais lógico, então, que declarassem pertencer á religião a que se assemelham 50 ou 70 %, que é a maioria, ainda, que manda. Sinão, que declarem *umbandistas*, de vez que, sob o ponto de vista religioso, para muita gente, a religião assenta em dogmas, rituais, culto externo e sacerdotes, essas coisas que existem em Umbanda e não existem em Espiritismo; sinão, que declarem umbandistas, pois, sob tais características, Umbanda é mais religião do que o Espiritismo...

O Homem Colaborador de Deus

Foi a 30 de janeiro de 1925 que fizemos a primeira visita a Leopoldo Cirne, no Bêco das Cancelas onde então trabalhava o ilustre confrade.

A visita que foi curta, apenas de 30 minutos, perdura até hoje com a mesma intensidade de afeto. De suas mãos e com fraternal dedicatória, recebemos nesse dia a sua primeira obra publicada, em dois volumes — «Doutrína e Prática do Espiritismo».

Anos depois, em 1935, viajávamos de bonde, pela linha Lins Vasconcelos, distraido com a leitura do livro que tínhamos em mão, o fiél companheiro e mestre de todos os dias, não prestávamos a minima atenção aos passageiros que entravam e saiam, passando a nossa frente. A certa altura sentimos alguém tocar-nos o braço. Era Leopoldo Cirne.

Naquela conversa de alguns minutos apenas, ficamos sabendo que outro lívro estava sendo elaborado e que seria, tal como o primeiro, um grande repositório de conhecimentos doutrinários que o erudito evangelizador em breve nos colocaria às mãos. E assim foi.

Em 2 de outubro de 1936, às primeiras horas da manhã, ao chegarmos à repartição, a esse tempo o Departamento do Material da Estrada de Ferro Central do Brasil, lá estava à nossa espera o querido Cirne, que nos fôra levar o seu segundo livro — «O Anticristo—Senhor do Mundo»,

Agora, em homenagem ao seu velho e dedicado companheiro, Dona Marieta nos oferece a terceira obra de Leopoldo Cirne, publicada sob sua responsabilidade, pela Gráfica Mundo Espírita.

«O Homem Colaborador de Deus». é um livro profundamente evangélico.

Fiel aos textos das escrituras, o autor nos conduz, alertando-nos o espírito para a mais alta compreensão dos nossos deveres morais.

Mostrando que o homem, a princípio ignorante, iluminado e consciente por último, é sempre um colaborador de Deus, cooperando na realização dos seus designios em relação ao mundo e aos seres que nele habitam, Cirne, tão bem cognominado por Leoni Kaseff, o ilustre prefaciador da obra — o Leon Denis brasileiro, e que foi, entre os grandes espíritas do Brasil, depois de Bezerra de Menezes, quem mais e melhor produziu, concluiu brilhantemente a tese escolhida para nos legar mais um grande livro, completando a obra do exegeta cristão.

Rio, Maio de 1950.

PEREIRA GUEDES.

Dá Licença, Professor?

Desejariamos não fazer qualquer referência aos reparos que Leopoldo Machado, êsse ilustrado escritor que, nas letras, espíritas e profanas, se projeta, como astro de primeira grandeza, houve por bem tecer em tôrno do nosso artigo «Um confronto necessário», publicado nesta revista, em janeiro último, porque somos avêssos às discussões jornalísticas, sempre desagradáveis, maximé, quando está em causa a doutrina espírita. Consentimos em retirar dos escaninhos, para retaliar, úm assunto já arquivado e quase esquecido, embora sempre oportuno, graças ao respeito que nos infunde a credencial de lider do Espiritismo, que o citado confrade conduz com tanto brilho, e, o que nos é mais grato ao coração, a sua qualidade de nosso amigo dileto.

Não agradou a Leopoldo Machado havermos dito que o Espiritismo no Brasil é mais deturpado que nas outras nações do continente americano, e nos intima a exibir provas concretas do que afirmamos. Falta-nos geito para polemista e, o que é pior, talento também, para poder enfrentar, em tal terreno, tão ilustre contendor. Aqui nos encontramos, não para revidar, apanhando no ar a luva do desafio, à guisa de cavaleiro da idade média, mas para tentar uma explicação que melhor esclareça o nosso pensamento, exarado no malsinado artigo, de vez que reconhecemos caber ao nosso estílo «meia lingua» a maior culpa de não nos ter compreendido o preclaro Mestre, apesar de tão traquejado no desbravamento de florestas virgens da inteligência humana, bandeirante que é da cultura intelectual.

Dá licença, Professor? — Das vossas próprias lições, difundidas por todos os rincões de nossa Terra, aprendemos que no Brasil se cultiva, preferencialmente, a feição religiosa da Terceira Revelação. Também é vossa a opinião de que a ignorância é culpada da confusão que reina por aí, em matéria de Espiritismo. Os psicólogos, por sua vez, dizem que indivíduo de tendências religiosas, mas despido de cultura, descamba com facilidade para o fanatismo, empurrado pela fôrça atávica de um misticismo dominador, que dorme no fundo do seu inconsciente, se o empregaram na formação moral da sua alma, e lá se encontra, latente, à espera de um estímulo, que o desperte para a luta. Se o portador desse recalque encontra tal estímulo nos fenômenos espíritas, torna-se um adepto fervoroso do Espiritismo, mas, não tendo capacidade para libertar-se da dominação atávica, procurará torcer a doutrina, que lhe traça limites ao fanatismo, afim de torná-la propícia aos seus pendores.

Acreditamos, todavia, não ser a falta de cultura e a influência afroameríndia os únicos culpados dessa corrida desenfreada para a transformação do Espiritismo em colcha de retalhos. O atavismo religioso, de modo geral, incluindo o que impera nas classes refinadas, é a fonte dêsse descalabro. Se alguns Centros, tidos por kardecistas, ostentam imagens de santos católicos, ou macaqueiam a liturgia dessa religião, outros imitam os protestantes, cantando hinos sácros, e vão para a publicidade, com a ufania dos galos que vencem na rinha, batendo palmas e gritando que fazem um Espiritismo diferente, como se isso engrandecesse a Terceira Revelação. Ao contrário; serve muito bem para propiciar a eclosão de cismas em tôrno dela, como aconteceu à reforma luterana, que aí está, dividida em inúmeros pedacinhos, sem expressão nem eficiência reformadora nas massas humanas.

O autor do «Pontos de Vista», mesmo achando exagerados nossos conceitos e impreciso nosso confronto, dignou-se oferecer-nos o seu testemunho valioso, para que não se diga que argumentamos fóra da verdade. Isto dá a medida exata do seu espírito de justiça. São seus os seguintes trechos:

> «Ha muita especulação e exploração por aí com o nome de Espirtismo»
>
> «Reina, ainda, muita ingnorância nos meios espíritas»
>
> «A questão Roustaing agita ainda muitos ânimos entre nós, etc., etc.»

Desde que assim é, deixai que repitamos: não se vê nada disso nos países vizinhos, porque lá se estuda Espiritismo na sua feição filosófica, e a filosofia não confunde, esclarece, de vez que para explicar se vale da razão. Deu-nos testemunho dessa verdade os dois congressos panamericanos realizados, o primeiro em Buenos Aires, assistido pelo respeitável confrade coronel Delfino Ferreira, hoje presidente da C E P A, e o segundo aquí no Rio de Janeiro, às nossas barbas, onde, por sinal, teve início um desentendimento, de prognóstico sombrio, felizmente contornado pela boa educação da maioria, consequência da divergência entre delegados estrangeiros, partidários da feição filosófica, e nacionais, defensores da predominância religiosa.

As *santarias* de Cuba, como outras de quaisquer nomes, existentes na Argentina, Uruguai, Porto Rico, México, Estados Unidos, etc., são simples macumbas, como as tivemos nós outróra, fruto lógico da escravatura africana disseminada por todo o continente americano. Fóra do Brasil, porém, elas não tem a menor ligação com o Espiritismo; não ostentam, como as nossas, rótulos de Tendas ou Centros espíritas, nem são admitidas à filiação nas entidades espíritas de caracter federativo. Estes informes nós bebemos na mesma fonte que dessedentou o nosso amigo e mestre.

Parece, pois, que tem cabimento e lógica o nosso confronto, mau grado ser desfavorável ao Brasil. Nós contamos maior número de adeptos que qualquer dos países citados, mas em grande parte possuídos de fé inconsistente, porque adquirida sem base filosófica. Um simples fenômeno que os deslumbre, ou a perspectiva de uma vantagem, de ordem material, com que lhes acenem organizações exdruxulas, os levam a desprezar a doutrina e mergulhar, de olhos fechados, nos mistérios da macumba, ou mesmo atirar-se, ébrios de encantamento místico, nos braços de grosseiras imitações de velhas religiões, que já teriam desaparecido da face dêste planeta não fôsse a tradição uma raíz tão profunda, que mantém de pé essas arvores estéreis. O mais grave é que continuam, depois disso, a se considerarem espíritas, robustecendo a teoria, profundamente falsa, de que toda prática mediúnica é Espiritismo.

Que nos perdôe o Mestre não poder concordar com êle desta vez.

Alfredo d'Alcântara.

O personalismo gera a confusão e a desharmonia. Sêdes humildes para serdes grandes diante de Deus. — L. B.

A Propósito de uma Carta

PAL.

Li a judiciosa missiva que o confrade Max Kohleisen dirigiu, pelas colunas d'A Nova Éra, ao Revmo. Bispo Diocesano D. Manuel da Silveira D'Elboux. E, como eu, inúmeros companheiros do mesmo ideal cristão.

Mas quem, sem dúvida, não a deve ter lido, será precisamente o seu destinatário. E se, por um bambúrrio, o fez, bem certo estou que nem acatará as suas considerações, nem se dignará de repelir o convite de paz com Jesus, nela contido.

Isso de tolerância e de liberdade de consciência, é cousa que não interessa absolutamente ao exclusivismo do Clero romano. Não soubessemos ser êle — salvo honrosas e raras exceções individuais — uma expressão viva, conquanto dissimulada do imperialismo autocrático, com sua aristocracia de batina, suas cabeças coroadas, suas ordens militares, etc., a estender o poderio régio-eclesiástico sôbre «toda tribu, e língua, e nação» !

Nunca, é óbvio, aceitaria o Revmo. Bispo de Ribeirão Preto o gesto invitatório de nossa mão amiga para uma conciliação fraterna sem adesão irrestrita ao Sumo Pontífice. Pouco lhe importa a êle, infelizmente, que o nome de Deus, o de Jesus e o do Espírito de Verdade estejam inscritos na bandeira branca com que lhe acenamos. Não recomendou o vigilante Prelado a suas ovelhas que nos fugissem a bom fugir, ainda que ensinamentos salutares ouvissem de nossa bôca ? O que atúa sôbre os sacerdotes hodiernos, é aquêle mesmo espírito que induzia os sacerdotes de Israel a perseguirem os Cooperadores do Cristo. Paciência ..

Por tudo isso, o Educandário Pestalozzi, que constitúe uma das mais promissoras realizações culturais da família espírita brasileira e que se edifica na cidade de Franca, não podia deixar de representar para a Igreja Romana uma «grave ameaça» ; temos de considerar o desfalque que a grei papalina poderá sofrer por influência daquela instituição de ensino de cunho kardeciano. Lembremo-nos da profecia de Pedro (Ped. 2:3), segundo a qual, «falsos doutores» viriam, no decorrer dos séculos, a fazer comercio dos interessados na salvação. Pois não estamos vendo, espalhadas pelo mundo em nome do Senhor, tantas paróquias classificadas em categorias consoante a renda monetária produzida pela quantidade de fiéis ? Quererá acaso alguém que os padres cruzem os braços indiferentes diante de um «perigo» que lhes ameaça reduzir a freguezia ? Sejamos compreensivos, e respeitemos-lhes, é justo, o direito de reagir... Apenas, não lhes temamos a íra. Enquanto nos atacam, cuidemos, calmamente, da seára do Senhor, trabalhemos com ardor crescente exemplificando a humildade e a renúncia, amando e perdoando, e deixemos ao Protetor Divino a incumbência de amparar-nos a tarefa ante as investidas dos perseguidores, das quais Êle saberá tirar o melhor proveito para o nosso progresso espiritual.

Traz à baila o irmão Max Kohleisen o apêlo de Pio XII ultimamente endereçado ás diversas correntes cristãs, para resistência comum à Russia Soviética. Póde ser muito patético êsse apêlo, mas... se existe fé, se Jesus Cristo está com a Igreja Romana, por que receia ela a invasão vermelha ? Por que, para se defender do perigo comunista, procurar o apôio de outro «perigo» que ela mesma proclama existir no contacto com protestantes e espíritas ? Teria perdido a confiança no seu Guia e Chefe invisível ? Nada lhe significam estas palavras do Salvador: «Eu rogarei ao Pai, e Êle vos dará OUTRO CONSOLADOR, para que fique convosco para sempre» ? E estoutras: «Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós» ? E mais estas: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vô-la dou *como o mundo a dá.* Não se turbe o vosso coração, NEM SE ATEMORIZE» ? (João, 14:16, 18, 27).

Como tudo isso é claro : O sacerdócio organizado de Roma está atemorizado por sentir que o flagelo comunista lhe põe em risco o que de mais caro tem : o prestígio perante os homens e a opulência da Igreja, edificada sob os auspícios da glória mundana com flagrante olvido dos preceitos evangélicos. Êle, que a envolveu no fausto e a consolidou pelos atrativos da riqueza e magnificência terrenas, percebe agora que todo êsse esplendor, toda essa grandeza ilusória e perecível está periclitando. Que fazer? Só uma resposta é cabivel: Renunciar aos seus tesouros e repartí-los entre o pobres, conforme o conselho do Divino Mestre ao homem rico que desde a mocidade observava os dez mandamentos, os quais, todavia, eram insuficientes para lhe proporcionar o céu, isto é, a paz perfeita. A Igreja, porém, à semelhança desse homem, se afasta do Senhor, entristecida, porque é muito rica e não tem fôrças para renunciar...

Já os espíritas não se atemorizam, visto como não se escravizam a pêias materiais. A ajuntar riquezas na terra, preferem êles acumular os «tesouros que a traça não rói e os ladrões não roubam». Se assim é, se o seu patrimônio mais precioso não pode ser consumido nem arrebatado, que têm a recear dos homens? A privação da liberdade? Mas a verdadeira liberdade é a espiritual. «Onde há o Espírito do Senhor, aí está a liberdade», escreve Paulo aos coríntios. Francamente, é até risível aspirar à liberdade quem, pelo apêgo aos bens terrenos, se esforça por sujeitar-se cada vez mais à piór das escravidões que se possa imaginar: a da carne corruptível e mortal! Quem somos nós, senão míseros detentos, pelo corpo físico, nesta vastíssima penitenciária, que é o nosso planeta? E' a libertação deste que nos interessa, a nós espíritas, e a opressão dos homens só nos pode servir de oportunidade para atingirmos mais depressa êsse objetivo, pois quanto mais duros os obstáculos que transpusermos, maior o nosso mérito perante o Pai. Demais, quando Êle quer, não há grilhões nem cárcere que detenham seus servos. Bem sugestivo é o episódio de Pedro solto da prisão por um anjo.

E não nos falem também na perversão moral dos comunistas, quando as próprias autoridades do nosso País, que se diz totalmente católico, oficializam as bacanais carnavalescas! Por outro lado, não nos consta seja de origem vermelha o imoral e importado existencialismo, que anda por aí a exibir livremente o seu cinismo de índole notoriamente materialista. No entanto, por não se opor ao egoísmo humano, nem entrar em choque com a plutocracia...

Não quer isto dizer, porém, que não devamos repudiar a tudo quanto seja motivo de escândalo. Se o comunismo está incurso no artigo, é preciso resistir-lhe, não há dúvida, mas nunca pelas armas, como ainda há pouco, segundo os jornais (V. «O Estado de São Paulo de 24-2-950), o preconizou a Igreja Romana «considerando perfeitamente legítimo o uso da fôrça a serviço do direito e da justiça», como se o NÃO MATARÁS estabelecesse alguma excepção. Ó Cristo de Deus, será ainda preciso que volvas a este mundo e Te deixes imolar de novo para a Igreja aprender que o único recurso contra o mal é, ainda e sempre, a paciência, a renúncia, o amor do próximo, o perdão — enfim, o Evangelho? que o Evangelho é a nossa fortaleza? e, revestidos com «a armadura de Deus», cobertos com «a couraça da justiça», protegidos com o «escudo da fé» e brandindo «a espada do Espírito, que é a palavra de Deus», confirmada, lembrada e desenvolvida pelo Prometido, não há nenhum poder das trevas que nos vença? que a resistência armada sempre foi e sempre será uma solução anti-cristã, e constitúi o meio diabólico de que o egoísmo e o orgulho humanos inutilmente se servem para repelir as consequências de suas próprias iniquidades? Inutilmente, sim, porque o emprêgo de recursos mortíferos renova o êrro e, mais dia, menos dia, teremos de provar os seus frutos amargos. Não somos nós quem o diz, mas as Sagradas Escrituras:

«Se alguém matar á espada, NECESSÁRIO É que à espada seja morto. Aí está a paciência e a fé dos santos». (Ap. 13:10)

«Quem tiver ouvidos, ouça», lá diz o Profeta de Deus.

Março de 1950.

Podemos vos afirmar que vos estão reservadas grandes cousas, que serão tidas como desgraças por muitos, mas que para vós serão a manifestação do reino de Deus em todo o seu esplendor. Dai graças a Deus que, por intermédio do seu Filho Amado e do Espiritismo, vos ensinou o verdadeiro caminho que conduz ao seu reino. Ensinai êsse caminho aos vossos semelhantes, para que o vosso gôzo seja completo. — CAIRBAR.

O Duplo Humano — Alguns Casos

(Citado por Hugo Rocha) — *Por Oscar Hernández — De «Constancia»*

O duplo humano, doutrina segundo a qual o homem propriamente dito, é o produto da ação de dois entes bem diferenciados e distintos, isto é, o homem de carne e osso viria a ser a combinação, ainda que de pouca importância, de substâncias mortas que nada têem a ver com a própria vida, a esta só servindo de arcabouço, sendo todas as funções devidas à ação de um duplo, ente fluídico que não é matéria, mas tampouco éter e cuja sutilissima raizada penetra até a última partícula do organismo, ensinos estes enunciados na mais remota antiguidade. Nos mesmos papiros e monumentos do Egito antigo, foram encontradas representações gráficas e plásticas que permitem apreciar esta singular concepção da constituição e da vida do homem. As figuras foram realizadas por duplicação: em primeiro plano, a própria pessoa e atrás dela a imagem fiél até o mínimo detalhe, ou seja, o duplo. Este duplo é o ente real e em determinadas circunstâncias, no sonho normal ou magnético, o duplo pode separar-se do corpo. Enquanto o corpo permanece estendido, privado do conhecimento, da sensibilidade, da mobilidade, o duplo se desprende como vapor e consigo leva todas as funções vitais, atravessando parede ou qualquer corpo sólido e pode aparecer simultaneamente em lugares diferentes. Mas, por muito que se distancie, sempre está em comunicação com o corpo. A interrupção desta comunicação, seja por qualquer motivo, impossibilitaria o regresso, o que significa a cessação de todas as funções vitais: a morte.

E' esta a essência e em linhas gerais a concepção, não só dos egípcios, mas também de todos os povos civilizados da antiguidade. Formava parte dos chamados «grandes mistérios» e, por isto, reservada para os iniciados, que não só deviam estudá-la teóricamente como na prática, quer dizer, provocar em si mesmos, por um ato voluntário e consciente, a separação do duplo de seu corpo físico, separação que no homem normal sómente se produz ocasionalmente e acompanhada pela perda de conhecimento.

Não interessa aquí destacar qual a função e destino que davam a este duplo, o que poderia fornecer matéria para outro estudo, por exemplo, o do conceito reencarnacionista. Abordamos aqui a questão essencial para que possamos apreciar alguns «milagres» atribuidos a homens excepcionais, que se tornaram fundadores de religiões e que nada têem de estranho, se considerarmos que foram discípulos e iniciados de antigas ordens secretas, que já naquele tempo possuiam o segredo de acôrdo com o qual era possível determinar, à vontade, esta classe de fenômenos.

Em realidade, graças á intervenção de um agente fluídico, todavia desconhecido em sua essência, é que se realizam todos os fenômenos.

Uma noção elementar do Espiritismo se refere, precisamente, ao modo de conceber a natureza do homem que esconde uma realidade trifásica composta: pelo espírito, entidade pensante e imortal; o perispírito, entidade semi-material com a qual opera e que vem a ser o corpo do espírito, verdadeira emanação do princípio vital e finalmente, o corpo físico propriamente dito.

Em verdade, não existe uma separação completa. Atuam em uma interpendência absoluta, como se fossem uma mesma realidade, a três níveis ou fazes distintas e unidas por vínculos de derivação recíprocas, efetuando-se a passagem de uma á outra por evolução. Desta fórmula nasce uma concepção cósmica e espiritual dos sêres e as coisas, que só por si se constitue no mais formidável fundamento capaz de provocar a total retificação do pensamento humano e conduzí-lo efetivamente até a inteligência das coisas.

A constatação da existência deste corpo está provada pela mesma natureza dos fenômenos que caracterizam o Espiritismo. Patenteia-se pela observação e demonstração em diferentes situações e aspectos. Inúmeros trabalhos e conscienciosos multiplicam em todo o sentido o histórico dos factos espíritas. Em sua busca e estudo os investigadores conseguiram, — feitos de acôrdo com as regras do mais rigoroso cientifismo, — separar nos médiuns essa fonte da sensibilidade e motilidade, demonstrando que corresponde aos contornos da figura humana; que é o portador da inteira sensibilidade observável no indivíduo desperto, porquanto, ao tocar o fantasma, o corpo do médium reage em movimentos involuntários, mas quando se toca ou fere o corpo do medium, este não reage. Tais reflexos foram produzidos valendo-se de diversos *sujets* e métodos, em sessões perfeitamente controladas e documentadas.

Em fim, já não há dúvida quanto a sua realidade, mas bom é frisar que o nome e explicação que possuimos não é invenção dos homens, mas provém dos espíritos, conduto pela qual foi formulada.

Tudo o que se pode dizer a respeito das propriedades do perispírito depois da morte, se aplica ao perispírito dos vivos. Pela combinação dos fluídos produzem-se no perispírito disposições particulares, que não têm analogia entre os fenômenos conhecidos e que o torna perceptível. Só a rudez (grosero) de nosso invólucro material e a pouca elevação moral, é que torna difícil e rara a percepção deste corpo etéreo.

Diremos também que tudo se passa nêsse mundo de um modo extranho e sugestivo. Empregamos os termos estranho e sugestivo, enquanto nos encontramos no mundo de manifestações energéticas, com uma impressão mais ou menos semelhante à que atualmente enfrentam os sábios em suas investigações com a energia atômica, onde é dado observar multidão de efeitos misteriosos e inquietantes que revelam a presença de outro mundo. E trata-se justamente dêsse mundo intermediário, todavia inexplorado, mas cujos efeitos justificam plenamente as teorias e princípios fundados desde a antiguidade.

Desde já renunciamos a descobrir como tiveram lugar os fenômenos de aparição de sêres vivos em outros lugares ou simultaneamente em vários. Que: Quer sejam as da Salette, Fátima, Jesus e de outros santos e pessoas que a história humana registrou através das religiões, ou como factos sucedidos fóra delas, o fundamento é que se realizaram, que existem e que ocorrem sempre onde haja uma necessidade, uma circunstância ou ambiente que os reclamem.

Depois de tudo, valem como fenômeno, tanto como qualquer outro dos muitissimos acessíveis aos nossos sentidos que incessantemente produz a vida, em mil formas, em mil aspectos e em mil circunstâncias, cada uma das quais são outras tantas «provas» que ferem nossa sensibilidade e advertem sôbre o verdadeiro carácter e natureza do nosso sêr.

(Continua).

Salva da Morte por um Espírito

Do norte ao sul e do éste ao oéste do universo, continúa incessante e insistente a reprodução dos fenômenos espíritas. Os espíritos dizem que são chegados os tempos para a renovação das velhas teorias e crenças.

Há 50 anos passados, quando se ouvia falar das aparições de espíritos materializados, a risóta era quasi geral, com raras excepções de alguns homens estudiosos e mais sensatos que as encaravam de modo diverso do comum. Hoje, porém, o facto é por demais conhecido, estudado e confirmado o fenômeno dentro das leis naturais.

Não há dúvida, têm sucedido, não raro, casos de mistificações, mas que em nada afetam a realidade do fenômeno, visto como não se póde impedir a uma pessôa mal intencionada que, para desvirtuar os factos espíritas, use de processos falsos, imitando certos fenômenos.

Quando as experiências são feitas com *supostos médiuns*, os resultados são nulos e o fracasso é certo. Mas, nem por isto, o facto espírita deixa de ser real, e merecer a atenção a que tem direito.

Os mistificadores não conseguem realizar nenhum dos seus embustes, sem um preparo prévio e, mais cedoo u mais tarde, a fraude aparece para a sua plena condenação,

Contudo, nem todos os fenômenos espíritas se prestam à imitações.

Gostaria, por exemplo, de vêr um dêsses *charlatães de feira*, imitar o caso que a «Revista Psíquica», deu à publicidade, há tempos, e que é como segue: «Um discípulo do Ginásio Real de Berlim, que se dedicava assiduamente aos seus estudos, um dia em que se achava só, em seu quarto, viu-se induzido por um ruído a volver seu rosto, e notou à porta uma figura que o chamava por sinais.

Como a aparição desaparecesse quasi imediatamente, acreditou êle tratar-se de uma alucinação, e continuou a trabalhar. Mas de novo, impressionou-lhe o mesmo ruído, que se repetiu em idêntica maneira, sómente que a figura o chamava com mais vivacidade. Indeciso sôbre o que devia fazer, vê a pessoa retirar-se pela porta, fazendo-lhe, pela terceira vez, e com as mãos, sinais insistentes para acompanhá-la. De súbito, crê reconhecer sua defunta mãe.

Salta de sua cadeira, corre para a porta e, neste mesmo instante, cái uma viga justamente sôbre a mesa, que êle acabava de deixar.»

Combater o fenômeno espírita, atualmente, é confessar ignorância, é ofender a verdade.

SPÁRTACO BANAL.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

A Lake e as Obras de Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo, tradução de Julio de Abreu Filho — *O que é o Espiritismo*, tradução de Wallace Leal V. Rodrigues — *Preces Segundo o Espiritismo*, por A. Kardec

Registram as Escrituras que ao *fiat lux*, do Creador, fez-se a Luz para a Creação.

Foi, talvez, lembrando-se disso que Goethe, um médium, sem o saber, de várias faculdades, morreu a pedir «Luz! mais luz!»

Luz, que é sabedoria, esclarecimento, cultura, ensinamento.

Fócos divinos desta luz são os bons livros.

Escrever livros bons, disseminá-los e propagá-los, é semear luz, muita luz. Daí, o brado de Castro Alves, que já vale superior apoftegma: «Livros... livros a mancheias...»

Para os espíritas, os livros de Kardec são, ainda, os fócos de luz espiritual mais apreciáveis, já por serem os primeiros, já pelo senso e lógica com que expõem a Doutrina Redentora,

Por isso mesmo, são os que mais se vendem. Os que estão, por sua procura, sempre com edições esgotadas, sempre em falta.

Por assim, naturalmente, compreender e sentir, a Empresa Editora da FEB., incontestavelmente, a maior de que dispõe o Espiritismo aquí e fóra daquí, teve de aumentar suas oficinas, aumentando, assim, suas edições,

Nem por isso tem saciado o público do suficiente pão espiritual, que é o livro espírita sempre à hora, em condições e a preço convidativo.

Donde a necessidade de mais edições, mais livros.

Foi compreendendo assim, certamente, que a *Livraria Allan Kardec Editora*, de S. Paulo, lançou a público três obras do Codificador, dois volumes em excelente encadernação e o opúsculo de preces.

Os volumes que se vêem acima,

que não os lemos, por bem os conhecermos. E aqui só os nomeamos, através destas considerações, para traçarmos os comentários que aquí vão, para agradecermos o generoso oferecimento de um exemplar de cada, que a Editora nos enviou.

Trata-se, para nós, de um louvável empreendimento da ALLAN KARDEC, que deve ser incentivado por todos os espíritas, esclarecidos e ansiosos de maior difusão da Doutrina, através de livros ao alcance de todas as bolsas.

Empreendimento com o propósito de fazer concorrência à outra Editora, maior, mais antiga, mais conhecida e, mesmo, mais acreditada ?

Não o cremos. E pensamos que não o crêem, também, os diretores esclarecidos da Editora da FEB, que não seria digno das duas Empresas, de seus dirigentes, pois estamos em que, uns e outros, não editam livros apenas por comércio, mas para servirem ao alto serviço da difusão da Doutrina. Assim, colocando a Doutrina acima de lucros pecuniários, a propaganda do Espiritismo e, muito principalmente, dos livros de Allan Kardec acima de idéias de ganho maior, as duas Editoras, ao em vez de se hostilizarem — o que não seria admissível dentro do Espiritismo e entre espíritas de responsabilidades e alto descortino doutrinário — em vez de se hostilizarem, as duas editoras dar-se-ão, evidentemente, mãos de amigos e de irmãos, e marcharão, «ombro a ombro e lado a lado» na obra gloriosa da difusão da DOUTRINA.

Ademais, se houve mister que mais uma editora editasse as obras de Allan Kardec, prova isto que o Espiritismo está se difundindo, apesar de tudo; que, embora se conclame por aí alhures — e nós temos sido, também, desses concladores! — que os espíritas não lêem como deviam, que o Espiritismo é, principalmente, obra de cultura, as edições constantes das obras de Kardec, obras que já teriam caído no domínio público, são motivo de desvanecimento e encorajamento para nós, espíritas. Mórmente, na hora que passa, em que estamos empenhados todos nós, na mais séria e simpática das campanhas: a campanha da unificação, decorrente do Pacto Áureo de 5 de Outubro.

Há mais: que as editoras espíritas dêm livros a mancheias, que os espíritas diligentes manifestem exemplos, dignificantes, que as entidades sociais apresentem obras dignas e exemplos claros, para que o Espiritismo não seja computado pelo oficialismo como *seita não cristã*, a classificação que lhe coube no senso de 1930; para que os espíritas deixem de ser para os governantes do País, «homens de bem, mas, que não se entendem», como Getulio Vargas nos classificou em conversa com Leal de Souza, conforme êste nos afirmou . . .

Crônica Estrangeira

Valha-me Deus !

Por Frederico Duarte — Manchester

Devem recordar-se os estimados leitores dum artigo publicado nesta Revista durante o ano passado, relacionando-se com o velho meu vizinho que desincarnou em casa de sua filha e genro.

Era êste conhecido por Bill, sendo um comunista e ateu, gostando muito de me atiçar, tratando sempre de me convencer que uma vez mortos, somos transformados em pó e nada mais. Existir um Deus e o Outro Mundo eram, no seu modo de ver, coisas inventadas pela Igreja, etc. etc. Era dos tais sujeitos caturras, teimosos, posto que fôsse amigo do seu amigo.

Uns dias depois da transição do sogro caíu doente e a conselho dum especialista entrou no Hospital Christie onde foi submetido a uma melindrosa operação, tendo sido o diagnostico um cancro malígno no estômago e com ramificações.

A operação foi bem sucedida, tendo ficado por uns mêses no Hospital e levado depois para casa, para ser cuidado pela esposa. Via-o eu quasi todos os dias, não lhe faltando nada, sendo visitado regularmente pelo seu médico assistente e por uma enfermeira e muitos dos seus companheiros de trabalho lhe traziam comezainas e cigarros e trataram sempre de conservá-lo de bom humor.

Um belo dia manifestou o desejo de se levantar e ir sentar-se no jardim de sua casa. Ali ficou por menos de duas horas sendo levado de novo para a cama, alegando estar satisfeito por ter sido levado lá e que seria essa a última vez a faze-lo.

Revelação

Encontrando-me no quarto, pediu-me para me sentar a seu lado pois desejava falar-me confidencialmente. A esposa saiu para a casa contígua onde reside uma irmã casada dele e o Bill assim me falou:

Amigo Fred. Ontem à noite esteve aqui a minha mãe com quem falei por algum tempo. Apareceu-me como se estivesse em carne e osso. Dìsse-me para não me afligir e ter paciência pois breve me veria livre dos meus sofrimentos. Roguei, assim, a minha esposa para me levar ao jardim a fazer-lhe a minha última despedida.

Começamos os dois a fumar um cigarro tratando eu de mudar de assunto, mas o homem, fitando-me e com seriedade exclamou:

Válha-me Deus! Válha-me Deus! Só esse Ente Divino é quem sabe dos grandes sofrimentos pelos quais tenho passado!

A esposa entrou subitamente na sala e ouviu o que o marido tinha dito. Fiz um sinal para sair de novo e desculpei-me para seguir também para minha casa. Entran dona casa vizinha tratei de consolar a esposa e esta disse-nos: — O Bill está preparado para morrer. Pediu-me para que seja enterrado no lindo cemitério de Cheadle, e que me não afligisse pois Deus olharia por mim. Havia ali na sala umas cinco pessoas pensativas e resignadas. Uns dias depois às onze horas da noite o Bill desincarnou. As suas últimas palavras foram as seguintes: — Dando a mão à esposa murmurou: — Good bye my dear and God Bless you. I am happy.» (Adeus minha querida, Deus te abençôe. Estou feliz).

Francamente que é uma tristeza haver nêste Mundo muita e muita criatura que só se compenetra de que existe um Sêr Supremo quando se vê em dificuldades ou às portas da morte!

⁂

Visão Trágica

Em 17 de março de 1863, a Baronesa Boiléve oferecia um banquete a diversas pessoas em sua casa, à rua Pasquier. Entre os distintos convivas figuravam o general Fleury, escudeiro-mór do Imperador Napoleão III; os r. Devienne, presidente da Côrte de Relação, e o snr. Delewaux, presidente da Câmara do Tribunal Civil do Sena.

Durante o banquete falou-se com frequência da expedição do México, que seguira há um ano.

O filho da baronesa, Honorato Boiléve, tenente de caçadores, cavalaria, fazia parte da expedição e sua mãe não cessava de perguntar ao general Fleury, se o governo tinha noticias dele.

Não as tinha. «Há falta de noticias, boas notícias».

Terminou o banquete alegremente, permanecendo na mesa os convidados até ás nove da noite. A esta hora, a baronesa levantou-se e foi para o salão, mandando servír o café. Apenas entrou no salão, um grito terrível alarmou os convidados. Precipitaram-se todos para o referido lugar, encontrando a baronesa desmaiada, caída sôbre o tapete.

Ao voltar a si contou-lhes uma história extraordinária. Disse-lhes que ao transpor a porta do salão, viu seu filho Honorato, de pé, na outra extremidade do aposento, em uniforme, mas sem quepe. Tinha o rosto pálido e ensanguentado. Tanto a emocionou a visão que julgou morrer.

Todos procuraram tranquilizá-la dizendo que ela fora vítima de uma alucinação, que sonhara acordada, etc.

Em vista do estado de fraqueza em que se achava a baronesa, chamaram o Dr. Nelaton, médico da família. Ciente do que se passara, o facultativo prescreveu um calmante e retirou-se.

Dia seguinte estava a baronesa fisicamente restabelecida, mas moralmente depauperada.

A partir dessa ocasião, mandava

duas vezes ao dia, pedir notícias de seu filho, ao Ministro da Guerra.

Depois de uma semana, recebeu a notícia oficial de que, no dia 17 de março de 1863, ás duas horas e cincoenta minutos da tarde, no assalto a Puebla, Honorato de Boilève caiu morto, uma bala mexicana penetrou-lhe no olho esquerdo atravessando a cabeça.

Três mêses mais tarde, o Dr. Nelaton transmitiu aos seus colegas da Academia de Ciências, uma comunicação da ocorrência, escrita pelo próprio punho do Presidente Devienne e assinada por todos os convivas do famoso banquete.

⁂

As Premonições nos jogos de azar

Jules Dubay publicou em *Revue Spirite*, uma série de artigos sob o título acima, de que extraimos êste caso enviado pelo conde Joseph Valentinis à *Revista de Estudos Psíquicos.*

«No dia 8 de Dezembro de 1894, ao caír da noite, o alfaiate João Pian estava junto ao fogão, a meditar, sobretudo preocupado por certa dívida vencível dez dias mais tarde que não podia saldar por falta do necessário numerário. Completamente absorvido por pensamentos tão inquietadores, não tardou por adormecer. Precisamente êle não podia calcular o tempo que durou seu sonho; em todo o caso foi breve, visto que de súbito foi sacudido por forte sôpro de ar, ao mesmo tempo que uma voz lhe dizia: «Joga: 3, 15, 18».

O alfaiate reconheceu perfeitamente a voz—que lhe produziu calafrio. Era a voz de sua nora, Eliza Pian, falecida oito dias antes.

O percipiente adquiriu três bilhetes de números 3, 15, 18, todos premiados na próxima extração da loteria de Monfalcone, e na ordem anunciada pela voz misteriosa...»

⁂

Visões em leitos mortuários

Light

De todas as provas da Sobrevivência, a mais notável é a que descreve a cena da partida dêste mundo. Ela se refere ao comportamento e à convicção do moribundo, à fuga da alma e à experiência de pessoas que estão na iminência de morrer. Sobretudo os casos em que crianças de tenra idade vêem fórmas de outras crianças em volta de suas camas. O seguinte facto foi citado por Stainton Moses:

«Miss H., filha de um eclesiástico, velava uma criança que morria. Seu irmão, de três a quatro anos dormia numa cama vizinha. Quando o primeiro estava morrendo, o irmãozinho despertou e apontando seu dedinho, disse com grande expressão de alegria: «vêde as bonitas senhoras que rodeiam meu irmão. Como são amáveis, elas querem levar ò maninho» — a criança faleceu no mesmo instante.

Interessante é notar que é esta a classe de casos que o Prof. Richet achou impossível explicar a não ser pela hipótese da sobrevivência.

O Rev. Moses aduz estes comentários:

Em vista da crítica que prevalece contra os fenômenos mediúnicos, seria de grande importância colecionar casos análogos, porque as crianças de tenra idade e as de mama não podem, certamente, ser consideradas como prestidigitadores e trapaceiros.

A fome, a nudez, o saque, o desrespeito, enfim, as misérias físicas e morais por que está passando a humanidade são atestados frisantes de que as religiões que se afirmam cristãs, mas que no fundo são essencialmente materialistas, nenhum benefício moral, espiritual e mesmo material prestaram aos descrentes e sofredores. Foi para suprir essa lacuna que o Espiritismo montado em alvo corcel, que é o conjunto de fenômenos e mensagens espirituais, desceu ao vosso mundo. E podeis ficar certos de que o seu corcel correrá por todos os cantos da terra, afim de arrebanhar todas as criaturas para o Senhor. — CAIRBAR.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Instituição Modelar

(De «O Imparcial» de Araraquara)

W. M. CAMPOS

Acertando o papel na máquina para rabiscar a impressão da visita feita ao Albergue Noturno de Araraquara, de onde viemos momentos antes, uma frase feita ocorreu-nos para entrar no assunto: Nem tudo está perdido nesta E'ra dos Tubarões e da Bomba Atômica. Melhor expressão para resumir a obra dos «Obreiros do Bem», só mesmo a concisão da palavra mágica que tem servido de lema áqueles idealistas responsáveis por tão esplêndida realização — o Albergue Noturno de Araraquara: CARIDADE.

Segundo informações que nos deram, data de 31 de outubro de 1948 a existência da instituição de que falamos. Entusiasmados, naturalmente, por só agora tomar conhecimento de tal obra nesta terra onde moramos ha mais de dois anos, fomos mais longe colher dados para divulgar honestamente e assim contar à gente orgulhosa de sua cidade uma história verdadeira, envaidecedora, do que é capaz um punhado de seus conterrâneos imbuidos da intenção de fazer o bem.

Assim é que contamos, em primeiro lugar ser uma iniciativa exclusivamente particular, mantida exclusivamente por particulares, sem qualquer auxílio do Governo. O confortável prédio, construido para o fim a que se destina, onde está instalado o Albergue, é parte de um plano que a Instituição está pondo em prática, o qual abrange: Assistência médica, dentária e farmacêutica, ensino de corte e costura, bordado e datilografia; distribuição permanente de roupas ás crianças pobres, além de uma séde onde se realize regularmente, reuniões de caracter associativo.

Não pensem os leitores que tudo isso é miragem de gente maníaca, não! Lá está, para quem quiser ver, na rua 7, o edifício em construção já bem adiantada onde penetrámos e nos foi dado acreditar na viabilidade dos projetos de que falamos. Dois andares compõe o prédio com amplas salas no térreo e salão no superior.

Queremos registrar por hoje, a impressão que tivemos da visita ao Albergue Noturno; o conjunto de obras assistenciais da Sociedade Beneficente Obreiros do Bem, merece crônica especial o que faremos no futuro.

Quem não conhece o tratamento e sobretudo as instalações da maioria dos nossos hotéis de regular categoria? (não falando das sórdidas pensões que existem por ai). Pois bem, o Albergue de Araraquara, embora não forneça refeições a lacarte, não tenha apartamentos individuais com rádio e ar condicionado, telefone, etc., oferece um pouco mais que certos hotéis que conhecemos.

Lá estão para quem quiser ser recebido, a partir das 19 horas, dois salões independentes, um para homens e outro para mulheres: ambos dispõem de venezianas, são forrados e assoalhados; cada divisão conta com um quarto de banho (agua quente e fria!!). As vinte e cinco camas, tipo patente, preparadas com roupas de brancura imaculada, dão mais a impressão de dormitório de colégio interno que pouso de miseráveis desherdados da sorte.

Uma pergunta curiosa vem á mente nesta altura da descrição: Quem zela por tudo isso? Como se consegue manter tal «serviço público», sem pelo menos uma centena de «efetivos, diaristas, extra numerários, tarefeiros»? A resposta não pode ser outra; O espírito de filantropia simplesmente, a vontade de fazer o bem, nada mais.

Em cada cama de homem ha pijamas e chinelas e do regulamento faz parte um item digno de destaque, ou seja a obrigatoriedade do banho antes da ocupação do leito. As mulheres, por sua vez, encontram camisolas. Ao levantarem, os hóspedes recebem seu café com leite, que tantas vezes não se acha nos «bons hotéis» de que falamos.

Abrindo o Livro de Registro do Albergue, que dá a idéia das fichas existentes nos hoteis e pensões de pagantes, encontramos, entre outros, os seguintes dados:

De 31-10-948 até 12-5-950 entraram

1641 pessoas, das quais 731 homens, 470 mulheres e por incrível que pareça 440 crianças. Entre os dados, ha um que pergunta a religião do freguês. Fizemos os cálculos e constatámos 95 °/o de católicos, 2 °/o de espìritas e o restante de diversas.

Filantropia foi o que vimos. Mas a Filantropia como explica Caldas - Aulete no seu dicionário.

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar referente ao mês de Abril de 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Março	111	
Doentes de ambos os sexos que entraram durante o mês	19	130
Doentes de ambos os sexos, saídos com alta no mês		19

Passam para o Mês de Maio :

Gratuítos	58	
Pensionistas	53	111

Tratamento :

Injeções intramusculares	444
Injeções venosas	599
Convulsoterapia elétrica	228
Extrações de dentes	42
Exames de sangue	17
Receitas aviadas	53
Doentes que já passaram pelo Hospital, desde sua inauguração	549

Donativos :

Recebido de diversos	4.211,00
Recebido do Sr. Martins Galson, 1, saco de arroz	
Do Sr. Clemente Godoy, 1 saco de arroz	

Marilia, 1.° de Maio de 1950.

Hygino Muzzi Filho.

A Semana Espírita de Cruzeiro

Seus pontos culminantes
As impressões mais fortes

Nossa volta à direção total do Colégio cerceou-nos, claro, a liberdade de ir a toda parte a serviço da propaganda da Doutrina, esta coisa que tanto nos sabe ao espírito.

A amigos, entretanto, que, pelo *milagre* que realizam de fazerem e conservarem amizades — que *é* o caso dos irmãos de Cruzeiro, com o Antenor de Souza à frente — nada se póde negar.

A um imperativo de amizade deles, fomos a Cruzeiro.

E conosco, dezesseis companheiros do movimento de cá: jovens, senhoras e companheiros de direção do F. E. C.

— Uma crônica sôbre a 5.ª Semana Espírita Cristã? Impossível, que seria muito longa. Apenas, algumas impressões de seus pontos culminantes — foi o compromisso assumido com o Antenor.

E dêste compromisso aquí nos desobrigamos.

A primeira impressão: a viagem.

Horrível. O trem ultra repleto. Tomamo-lo já em movimento, só Deus sabe com que ginástica, que já não somos homem para tais violências.

— E o Vitorino?! Ficou, naturalmente, que pachorrento só êle—disse-nos d. Laura, sentindo-lhe, como nós, a falta.

Mas, o Vitorino Santos só nos apareceu em Rezende, de palito à bôca, na digestão do almoço, a pensar que nós houvessemos perdido o trem.

Adiante, depois de Lavrinhas, um descarrilamento. Coisas do Ano Santo, ou prenúncio mau da Semana Espírita?

E só duas horas depois, todos cansados e moídos, em Cruzeiro, que não é para graças viajar de Iguassú a Barra Mansa de pé, só Deus sabe com que sacrifícios!

—

Assistimos a oito programas, que as Semanas Espíritas de nosso programa exigem três programas diários: reabastecimento espiritual pela manhã, recreio espiritual, programa de moços, à tarde, e à noite, conferências...

Logo no programa da noite, a segunda impressão: o serviço de propaganda do livro espírita que realiza a Mocidade Espírita de Cruzeiro, sob a responsabilidade do jovem Benedito Caetano de Abreu. Um belo incentivo para outras *Mocidades*, se houvesse, efetivamente, nas Mocidades Espíritas menos parolagem e mais amor ao estudo, e mais vontade de trabalhar utilmente.

Mórmente, agora, que aí está a comemoração do Livro Espírita e a necessidade de o jovem espírita estudar para conhecer melhor a Doutrina, afim de substituir com vantagem, os mais velhos, quando se forem ...

—

A terceira impressão, no Sanatório Jesus, na tarde seguinte, consagrada ao lanche da fraternidade.

— Você vai dirigir o programa — pede-nos o Antenor.

— Certo. E o programa?

Seria programa engendrado áquela hora. Fôrça improvisá-lo, portanto.

E foi o que fizemos, servindo-nos do acordion do Oli de Castro, da musa esfusiante em quadrinhas admiráveis do Sebastião Lasneau, da verve comediográfica do Imbassahy, da graça da Maria Luiza e da Marina Quintanilha em números de canto e de teatro, dos números de canto e declamação de muitas jovens de outras Mocidades Espíritas.

E os livros iam saindo à medida que saiam os números de arte, alegres e doutrinários, os testes evangélicos, os postais das afinidades.

Três horas voaram assim sem que ninguém désse por isso!

—

O fenômeno extraordinário de reminiscência de outras vidas, em que fôra comico teatral, que o Carlos Imbassahy provoca, eis outra grande impressão.

Todos nós conhecemos o grande escritor espírita como autor dos melhores livros de defesa do Espiritismo que já se escreveram entre nós; como o polemista inimitável, como o conferencista de real mérito, como o jornalista de fina ironia servida a luvas de pelica. Mas, como autor cômico, capaz de improvisar isquetes admiráveis de graça e de vivacidade! Pois, quatro desses isquetes, que nos serviu com o concurso de Benedito Honorato, do Madureira e da Marina Quintanilha, ali estavam confirmando o grande fenômeno de reminiscência da vida ou das vidas de ator cômico que já vivera ...

—

A noite da Mulher Espírita foi outra grande impressão. Mórmente, pela página belissima que d. Sara Costa leu, assinalando sua profissão de fé. Pela justeza dos conceitos e das observações, pela franqueza e sinceridade, pelo vernáculo e por seu estilo leve e convincente, a profissão de fé da senhora Lázaro Costa foi o ponto culminante do programa que, por sua vez, já era culminante. E, para surprêsa nossa e da assistência, a presidente da sessão passa-nos a palavra para dizermos algo sôbre a significação do dia: Sexta-feira da Paixão. Uma desnecessidade, de vez que a noite e o programa poderiam ter ficado com a página de d. Sara. Página que deveria ser impressa para leitura e meditação de outras senhoras com a mesma cultura e o mesmo coração da ilustre oradora.

—

A peça da Isa Quintanilha, extraída do romance... *E as Vozes Falaram,* foi outra surprêsa. Uma peça em dez atos — caspité! — a pedir uma sessão sómente para ela. Entretanto, aparecendo no fim de outro programa e numa noite imprensada entre outras grandes noites, certo que é para não ser suficientemente apreciada. E foi o que sucedeu, naturalmente, a partir de nós mesmo, cujá carcassa já estava a pedir o justo repouso depois de três programas cheios de um dia cheissimo.

Mas, a nota original ficou: dez atos, ou quadros sintéticos!

—

A *Festa da Criança,* outra grande impressão.

Pirralinhos e pirralinhas com assento à mesa da presidência, enchendo um programa doutrinário. E com que naturalidade a presidente — um pedacinho de gente de oito a nove anos — distribuia funções aos companheiros: o irmão F. faz a prece... a irmã S. lê a sua página... a irmãzinha X faz o seu comentário, etc. etc. Vendo-os e ouvindo-os assim, lembramo-nos de Emanuel: aqueles espíritos tiveram passaportes para descerem afim de preparar a humanidade e o mundo do terceiro milênio...

Depois, uma chuva de testes formados pelos grandes, que eram respondidos com absoluta precisão pelas crianças, e chuva maior de pedido de autógrafos por eles aos mais velhos!

Não fôsse o Sanatório em si mesmo, que, por si mesmo, vale uma maior impressão, seria a Festa da Criança, o ponto culminante da Semana Espírita de Cruzeiró.

—

Mas, que é, finalmente, o Sanatório Jesus?

Só indo a Cruzeiro, visitando-o, conhecendo-o, para saber o que êle é.

Leopoldo Machado.

Espiritistas ! !

A CEPA. empenhada em seu programa de UNIFICAÇÃO E FRATERNIDADE pretende estabelecer uma rêde de comunicações epistolares entre espiritistas de todo o Continente. Se sois idealistas e quereis colaborar com ela, escrevei para a Rua Uruguaiana, 141, sobrado, pedindo endereços e nomes de confrades dos vários países do Continente, que a CEPA vo-los enviará pelo Correio bem como os vossos endereços e nomes aos irmãos desses países. Essa correspondência cria e fortalece amizades pessoais, cuja soma será a amizade continental. Não há melhor trabalho pró-paz.

Conselho Federal da CEPA

Acha-se constituido com representantes devidamente credenciados das Entidades, o Conselho Federal da CEPA.

A Confederação Espírita Pan Americana (CEPA) está com seu Conselho Federal assim constituido:

Delegado da Federação Espírita Brasileira: Sr. Francisco V. da Rocha Garcia; Delegado da Confederação Espírita Argentina, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes; Delegado da Federação dos Espiritistas de Porto Rico, Dr. Henrique Andrade; Confederação Nacional Espiritista de Cuba, Dr. Amadeu Santos; União das Mulheres Espiritistas, de Cuba, Sra. Idalina Aguiar Matos; Sociedade Espiritista Constancia, (Argentina), Dr. Diogenes Pereira da Silva; Sociedade «Te Perdono», de La Plata (Argentina), Snr. José Ribeiro Guimarães.

O Ginásio Leopoldo

A comemoração de seu 20.º aniversário de fundação — Uma Semana de intensa vibração cívico-pedagógica

A volta do prof. Leopoldo Machado à direção definitiva do Estabelecimento de Ensino que êle fundou, está assinalando eventos apreciáveis.

O primeiro, foi a ascese do Ginásio a Colégio, passando, assim, a ser o terceiro Colégio do Estado do Rio.

E o ALVORECER, o jornal escolar nos moldes primitivos e modernos, cujo primeiro numero de sua terceira fase, eis outro acontecimento.

Como o ALVORECER a reextruturação da LIGA PRO'-EDUCAÇÃO E BONDADE, a instalação do Gabinete Dentario e da Cantina, higienicos e modernos ambos.

O Colégio comemorou, com uma Semana de festividades pedagógicas, seu 20.º aniversário, a programas magníficos.

Foram seis palestras, seguidas de seis partes artístico-teatrais, que agradaram a todos.

Diariamente, era hasteado e deshasteado o Pavilhão Nacional, com Saudação à Bandeira por um professor, e cantado o Hino Nacional.

As comemorações, visto o Ginásio ter três turnos, foram duas para o Turno da manhã—Ginasial e Colegial—duas para o Turno da tarde—Primário e Admissão — e um para o Turno da noite, Comercial e Básico. O dia 21 de Abril, que foi o dia do Colégio, consagrado todo êle à comemoração.

A Diretoria ofereceu um almoço aos professores e funcionários, em que falaram representantes dos três Turnos e da Congregação de professores, sendo a reunião da noite a solenidade maior. Além de homenagem ao Tiradentes e ao Ginásio da parte de professores, falando, então, os professores Las Casas de Brito e José de Almeida Simões, houve a posse solene das diretorias da Congregação, da LEB e do Grêmio Esportivo, terminando o programa com original desafio de dois cantores do nordeste — Domingos Fonseca e Bandeira Lima—um número que interessou, por sua extraordinária originalidade, a toda gente. Os dois grandes poetas rústicos glosaram em 220 versos de sete sílabas, o mote — O BRASIL É UM PARAÍSO QUE AOS BRASILEIROS PERTENCE, dado pelo diretor do Colégio. E com 180 versos, outro mote, que, homenageando a esposa do diretor, a fundadora falecida do Colégio, lhes deu o dr. F. Manoel Brandão: A DONA MARILIA FOI PERFEITA FLOR DE BONDADE.

Cada programa das comemorações era uma consagração. Á Arte, como fator de educação, falando então, o prof. José Soares de Matos; o dia do Mestre, o do Grêmio dos ex-alunos do Ginásio, e do aluno e dos pais dos alunos, falando em cada dia um orador. Falaram, então, Alziro Zarur, radialista da Rádio Globo, o jornalista Luiz Azeredo, prof. José Jorge, prof.a Nicia Soares do Couto, dr. F. Manoel Brandão...

Os alunos veteranos, em vez de trotes, sempre antipáticos e grosseiros, receberam os novos alunos com um cartão muito significativo, representando a chave simbólica do Colégio, com estes versos:

Um teu colega veterano
Esta chave simbólica te entrega.
Abre com ela as portas,
Nêste primeiro ano,
Do *Colégio Leopoldo:*
Sê bem vindo, colega!

Parabens ao Colégio Leopoldo, que viveu dias de festividades originais, que poderão servir de modelo a outros estabelecimentos de ensino que sejam dirigidos por idealistas, como é o seu fundador e diretor.

Aí vem o Censo!

O Censo, a realizar-se em 1.° de Julho de 1950, em sua pergunta 11 (onze) pedirá que declares a tua religião.

Deverás escrever: ESPÍRITA.

Se colocares outras palavras ou acrescentares qualquer designação, não serás contado como espírita, mas como pertencente ao grupo de religiões diversas.

Concorre com o teu esfôrço, espalhando essa recomendação entre todos os teus conhecidos.

Nós te pedimos e o próprio Governo te pede: escreva simplesmente — Espírita, quer para a tua pessoa, quer para os teus filhos.

Jornalistas, locutores de rádio e oradores espíritas: unamo-nos em torno dessa propaganda, proclamando a necessidade de se escrever simplesmente — Espírita.

NOTA: — De acôrdo com a Lei, as declarações prestadas terão caráter confidencial e não poderão ser objeto de divulgação que as individualize ou identifique.

Tudo nos diz que o Censo de 1950 será muito mais perfeito que o anterior.

Teatro da Mocidade

TEATRO DA MOCIDADE é o terceiro volume de teatro espírita de Leopoldo Machado, edição da Gráfica «Mundo Espírita», que está a ultimar-se.

Trata-se de um volume com mais de duzentas páginas, contendo mais de 60 peças de vários gêneros: dramas, comédias, isquetes, sainetes, alegorias, caipiradas, canto e disparates teatrais, peças para pensar e para rir, graves e leves, mas, todas elas espiritualistas, de propaganda da moral, das virtudes e do Espírito. Prova o autor, com seu terceiro volume de teatro, que se póde fazer bom teatro espírita, que se póde fazer teatro espírita até através da anedota e do disparate teatral, da comédia e da caipirada.

Teatro da Mocidade vem incentivar, ainda mais, a propaganda do Espiritismo pela arte pura, alegre e séria, abrindo caminho—quem sabe?—a outros autores, talvez jovens e entusiastas, para êste gênero difícil e belo de literatura espírita, de propaganda, divertindo e instruindo, do Espiritismo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.° ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00
Do 22.° ano . .	60,00	Do 23.° ano . .	60,00	Do 24.° ano . .	60,00

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Vários assuntos:

A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Uma Nova Ciência
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
Historia de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor : José da Costa Filho — *Redator : A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2661unse

NO XXVI—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1950 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV. 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

2.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo . . . . *Redação*
Imortal é o Homem ! . . . . . . *Max Kohleisen*
Geração Expontânea . . . . . . *J. B. Chagas*
Um Documento . . . . *Carlos Imbassahy*
Pontos de Vista . . . . *Leopoldo Machado*
Orgulho e Humildade . . . . . *Pereira Guedes*
Livros e Autores . . . . *M. Quintão*
Eutanásia . . . . *Tenente Amantéa*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1950 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

2.° Congresso Espírita do Estado de São Paulo

NO artigo de abertura da nossa edição do mês passado, referindo-nos aos grandes movimentos espíritas, registrámos, com grande satisfação, o promovido pelo Club dos Jornalistas Espíritas da Capital, movimento esse que teve grande repercussão e que lotou completamente o Teatro Municipal no dia 18 de Abril último, em comemoração do «Dia do Livro Espírita». Hoje a nossa satisfação duplicou ao registrarmos aqui, a realização do II Congresso Espírita do Estado de São Paulo nos dias 2, 3 e 4 de Junho último, na Capital.

Para que os nossos prezados leitores façam uma idéia exáta da importância desse conclave. transcrevemos, a seguir, de «A Noite» de 8 de Junho ùltimo, a entrevista que o Com. Edgard Armond concedeu à reportagem desse importante jornal da Capital bandeirante :

«A propósito da realização do II Congresso Espìrita Estadual, procurámos ouvir ontem o sr. Edgard Armond, secretário geral da Federação Espírita de São Paulo e quem irá presidir aquele conclave.

— Como presidente que foi desse congresso pode v. s. nos dizer alguma coisa sôbre seu funcionamento ?

— «Pois não. Este congresso, reunido nesta Capital nos dias 2, 3 e 4 do corrente, foi mais uma brilhante demonstração de fraternidade cristã, das muitas que o espiritismo vem dando, nos ùltimos tempos, em nosso Estado.

E' o segundo que a União Social Espìrita convoca.

O primeiro reuniu-se nesta Capital em 1947 para estabelecer as bases do movimento de unificação, em pleno andamento, e este, alem de proceder a uma tomada de contas de gestão dos membros eleitos pelo congresso anterior e que terminaram seu mandato, estudou e aprovou inúmeras resoluções de alto interesse doutrinário e social».

— Pode v. s. nos dizer que elementos compareceram à esse certame ?

— «Compareceram representantes e delegações da Capital e do interior do Estado, em nùmero superior a duzentas, além de delegações amistosas, de solidariedade, como por exemplo a enviada pela Federação do Rio Grande do Sul que acompanhou os trabalhos em todo o seu desenvolvimento ; essas representações eram de centros espìritas. mocidades espìritas, uniões municipais espíritas, orgãos de imprensa e editores».

— Quais as decisões do Congresso ?

— «Elas constaram de duas resoluções finais, documento este que foi lido ao público, na sessão solene de encerramento, na noite do dia 4 e que, em resumo, são as seguintes : declaração de que as Uniões Municipais Espìritas não podem ter personalidade jurìdica para que não se transformem em entidades federativas regionais — o que viria aumentar a dispersão, ao envez de unir as hostes espíritas em torno a um só organismo central; aprovação de várias moções dentre as quais citamos: a que pede o prestigiamento da imprensa espìrita com a criação de novos orgãos e incrementação de assinaturas dos já existentes, bem como a criação de colunas espìritas nos jornais leigos.

— Pode dizer qual sua opinião sôbre o último tòpico desta moção?

— «Julgo que é inteiramente justo. Os espírtas contam-se por milhares em todo o Estado e têm grande influência na vida social e econômica da sociedade: milhares deles assinam jornais leigos e gostariam de encontrar alì publicações doutrinárias e noticias de interesse de sua religião, como acontece com as demais».

— Julga então v. s. que o espiritismo é uma religião?

— «Sem a menor dùvida e o próximo Censo nacional vai dar a prova disso, quando centenas de milhares de confrades preencherem o item religioso do requisitório oficial.

Prosseguindo, quero referir-me à moção, também aprovada, referente ao mesmo Censo Nacional do corrente ano. O Congresso recomenda a todas as instituições e aos espíritas em geral que prestigiem em toda linha tal providência, buscando ligação com as autoridades pùblicas encarregados de sua execução e alertando aos espìritas para que no referido item destinado à «religião» declarem simples e unicamente «espírita», sem nenhuma outra especificação, para evitar que seja sua declaração classificada com «Religiões diversas».

De todos as propostas apresentadas todavia, avultou, como a de maior expressão e importância, a subscrita pela União Municipal Espírita de Baurú, concordante com outras apresentadas pela União das Mocidades Espíritas da Lapa e União Distrital Espìrita-Braz-Belem, propondo que as atuais entidades federativas estaduais a saber: Federação Espírita do Estado, Liga Espírita e União Federativa abrissem mão desse caráter federativo para permitir que todas as adesões e filiações e instituições espìritas da Capital e do Interior se viessem a dar unicamente nos quadros da USE, que passaria a ser, assim, a ùnica entidade federativa de S. Paulo. Essas moções, após rápido e apaixonantes debates, foi aprovada tendo sido cometido ao novo conselho eleito, promover as demarches necessárias à sua efetivação.

—A USE então a partir de agora é a única entidade que aceita filiação e adesão de centros de S. Paulo?

—«Por enquanto ainda não. A aprovação da proposta não tem fôrça realizadora; o conselho da USE, empossado na noite de 4 na sessão de encerramento do Congresso, vai entrar em entendimentos com as três citadas entidades federativas, estudar os meios de realizar tal transformação, de pleno acôrdo com elas que, aliás, já, em princípio, concordaram com a proposta; essa mudança não implica absolutamente em fusão de entidades, de patrimónios, de administrações, mas, unicamente, de prerrogativas federativas isto é, deixarão de ser órgãos de ação estadual para se tornarem órgãos de ação local, e isso após os acôrdos a serem firmados com o conselho da USE, oportunamente, e após também consulta prévia a se fazer aos centros espíritas adesos ou filiados a essas entidades.

E bastaria sómente esta proposta, se se tornar efetiva, para consagrar como fecunda e utilissima a atuação dêste congresso porque tal medida vale por uma verdadeira conquista de ordem material e moral no campo da unificação do espiritismo, tanto em nosso Estado como em todo o país, porque a atitude de S. Paulo repercutirá profundamente, servindo de exemplo aos outros Estados da Federação brasileira. Que haja, pois, bôa vontade entre os homens para que tal coisa se consiga, eis os votos que sinceramente aquí deixamos formulados».

Como vemos, o movimento espírita no Estado de S. Paulo, não póde ser mais animador e podemos aguardar novas e mais importantes realizações espíritas, que são, na verdade, o fruto da fôrça evolutiva da Doutrina, que se estriba nos fenômenos comprobativos da sobrevivência individual e no espírito do Evangelho, que representa o templo da verdadeira fraternidade.

IMORTAL É O HOMEM!

Prova-se hoje que a vida não é uma ironía da sorte, nem o resultado de um acaso estúpido, mas sim a consequência de uma LEI justa e equitativa, lei essa que existe desde que o mundo é mundo habitado por sêres vivos!

As pesquisas feitas, até em laboratórios, desde há um século por inúmeros homens da ciência moderna, verdadeiros gigantes do pensamento, provam hoje categóricamente que a vida nêste plano material não se resume unicamente no ciclo passageiro que se inicía no berço e termina no túmulo.

Entre incontáveis exemplos de pesquisadores, desejamos citar hoje o nome de um dos mais ilustres cientistas, o inglês Sir William Crookes, Presidente da Real Academia de Ciência, em Londres (falecido em 1919), descobridor do quarto estado da matéria (Radiação), que lhe valeu a inscrição do seu nome no ról dos maiores homens da ciência.

Depois de 3 anos de pesquisas e experiências, debaixo de um contrôle e rigorismo, apanágio dos grandes e verdadeiros cientistas, afirmou Crookes com decisão assombrosa, perante o congresso dos cientistas da Inglaterra, que a vida depois da morte não é apenas possível, mas sim uma realidade, um facto!

Ridicularizada, de início, esta afirmativa de Crookes, com julgamentos precipitados da parte de alguns dos muitos cientistas presentes, retrucou o luminar da Real Academia, que se achava perfeitamente ciente e consciente de estar em jôgo, com a exposição que acabava de fazer, a reputação do seu nome como cientista. Entretanto, diante daquilo que foi pesquisado por êle e assistido pelos seus colaboradores, também cientistas de categoria, durante 3 anos de árduas labutas nos laboratórios e que redundou em resultados das mais evidentes provas, nenhum cientista do mundo inteiro seria capaz de provar o contrário, sem correr o risco de caír num grande ridículo...

«A pecha lançada, de termos sido vítimas de uma alucinação imperdoável, cai por terra, fragorosamente, diante de mais de uma centena de fotografias de vários aparelhos fotográficos, cujas chapas foram sempre rubricadas ao início das nossas pesquisas».

«Estas provas, meus ilustres colegas, disse Crookes, se encontram aquí, presentes, afim de que possam ser examinadas, provas, onde o espírito materializado de Katie King foi fotografado simultaneamente por vários aparelhos fotográficos e debaixo de vários ângulos. Ainda mais, o espírito materializado foi rigorosamente analisado, pesado, apalpado por mim e por outros, auscultando o coração; o espírito de Katie King, em plena luz meridiana, formou-se diante de nós, a partir de uma nebulose inicial até a formação completa de um verdadeiro corpo feminino. Katie brincava com as minhas crianças, tocou piano; permitiu que cortassemos uma mecha dos seus cabelos lindos de côr aloirada; idem de um pedaço do seu longo vestido branco, relíquias essas que guardamos; e ela, notando o nosso pesar em relação aos danos causados, demonstrou a imedíata reparação dos supostos danos, com a simples passagem da mão sôbre os cabelos e o vestido. Diariamente, depois de longas e exaustivas pesquisas, que duraram muitas horas, Katie despede-se de todos, desfazendo lentamente aquêle corpo, que possuía todos os requisitos de um corpo humano».

«Porventura, existe aquí nesta solene assembléia, um único colega que quer afirmar ser possível deixar impressa numa chapa fotográfica uma imagem alucinatória?!...»

«Admitimos que um céptico endurecido póde negar tudo à priori; entretanto, diante de semelhantes provas não há mais possibilidade de negação, provas essas que, além de mais, foram testemunhadas pelos numerosos assistentes, presentes ao estudo do fenômeno durante dias, semanas e meses seguidos».

— Seguiu-se então um profundo e prolongado silêncio, no vasto salão do congresso. Depois, com um singular respeito se aproximam de Crookes os mais eminentes cientistas, afim de examinar o material comprovante e o respectivo «dossier» de Crookes. Alguns deles, mal escondiam a emoção diante de semelhante bomba científica, que acabava de estourar na Real Academia da Inglaterra..

O alcance desta pesquisa científica repercutiu em todas as camadas sociais e nas rodas da ciência do mundo inteiro.

*
* *

— Singularmente, naquela época o VATICANO se fechou num silêncio tumular. Porque?!— Tremeu por certo! E com razão. O Vaticano se apercebeu que os tempos modernos não mais admitiam as ameaças medievais de excomunhão ridícula, torturas, nem as fogueiras nas praças públicas, com as quais outróra se castigavam os «atrevidos» Giordano Bruno, João Huss, Kepler, Galileu e muitos outros.

Calar-se-há mais e mais o Vaticano frente ás contínuas revelações do mundo científico que prova, agora, cientificamente, a verdade das luzes que ressurgem e que foram escondidas religiosamente durante muitos séculos, debaixo do alqueire,.. pelos componentes do Vaticano.

Assim, a ciência vem auxiliando o renascimento do vero-cristianismo, enterrado pelo Vaticano no pó dos séculos, e êste Vero-cristianismo é representado hoje pela Doutrina Espírita que é a um tempo ciência, filosofia e religião, ou seja, o dedo do Todo-Poderoso, indicando à humanidade contemporânea o verdadeiro destino da vida.

Salve, Allan Kardec! Salve, William Crookes e outros cientistas; Salve, ó homens de bôa vontade, pois o Reino de Deus vem se aproximando.

MAX KOHLEISEN.

Piracicaba.

Geração Expontânea

(Ao Irmão David Grossvater, Venezuela)

O que desde logo denuncía o gráu de inteligência no sêr humano, é a curiosidade que dêle se apodera, levando-o a investigar o *porque* das coisas. E pode-se mesmo assegurar que tem sido essa predisposição, quasi ináta nas criaturas, que tem impulsionado o progresso do mundo. Porque, na infância da Humanidade, o homem só aplicava a sua inteligência à cata do alimento, dos meios de evitar as intempéries e de se defender das feras e dos seus inimigos. Deus, porém, lhe deu, a mais do que outorgou aos animais, o desejo incessante do melhor. E êsse desejo que o impele à pesquisa dos meios para melhorar a sua situação na terra, é que o leva ás descobertas, ás invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, porquanto é a Ciência que lhe proporciona aquilo de que êle sente falta. E assim, pelas suas pesquisas, a inteligência se engrandece, o moral se lhe depura, por fim.

Chegamos, então, a concluír que as descobertas da Ciência, por mais estranhas que pareçam, resultaram da curiosidade do homem, em pesquisar o desconhecido. Não fôsse o homem curioso, e tudo quedaria como dantes, no cáos do pélago mais profundo, como si um manto negro envolvesse todo o orbe. Mas, Deus não quís que assim fôsse. Deus deu ao homem essa virtude maravilhosa, que o transforma de um simples pigmeu, num gigante poderoso, a dominar com a sua inteligência a própria Natureza!

Uma cousa, porém, tem obstado a vertiginosa marcha da Evolução—a presunção dos presunçosos sábios mirins, de todas as épocas que, no dizer de *Camilo Flamarion — têm a pretenção de balizar a estrada do progresso.*

Apesar disso, sentimos todos que já avançamos muito na estrada larga do saber humano, e muito longe já nos encontramos do marco zero. E assim as coisas, aparentemente mais absurdas que o gênio dos sábios tem descoberto e arquitetado, ao comum das criaturas tem parecido inexequíveis, impossíveis, tornam-se corriqueiras ás gerações do presente que possuem inteligência. Por exemplo — o giro da Terra, o telefone, o rádio, a vacina, a existência dos micróbios, a *geração expontânea*, etc.

No que diz respeito a esta última, ainda hoje pairam dúvidas nos espíritos, porque muitos custam a crêr na sua realidade, só admitindo a procreação dos indivíduos com a aproximação dos contrários. E para estes a geração expontânea, em todos os setores da Natureza, será sempre uma coisa absurda.

O facto de ter Jesus nascido de uma mulher que, no dizer dos Evangelhos, foi virgem antes e depois do parto, tem dado margem a comentários os mais desencontrados e, por vezes, irreverentes. Não vemos o porque do motivo de tal celeuma ou mal entendido, nem o absurdo que tal facto possa conter. Hoje, sabe-se, através dos ensinos difundidos pelo Espiritismo, que os Espíritos, prepostos do Senhor, não encontram na matéria bruta, quaisquer obstáculos, por isso êles a atravessam, desmaterializando-a, recompondo-a, imediatamente. Ademais, a própria Ciência oficial já constatou a possibilidade do que ela mesma denominou de *partenogênese*, que é a reprodução virginal entre os animais. Conhecida há mais de 150 anos, no fim do século passado tornou-se matéria controvertida. Alguns cientistas afirmavam que era impossível provocar o desenvolvimento de um óvulo por processo físico-químico. A partenogênese artificial, veiu provar que isto era possível. Assim, já foram criados sapos, coelhos e certos mamíferos. E' um interessante campo de investigações que se abre para a biologia moderna.

Augusto Forel e outros sexuologistas de renome, chegaram a comprovar partos sem contacto carnal, e muitos deles ocorridos em conventos, onde não havia, nem podia penetrar qualquer *espécimen* do sexo oposto!

Pelos livros sácros do Thibet, da Índia, da Persia, da Babilônia, verifica-se que muitos legisladores nasceram de mulheres virgens. Assim acontecendo a *Tsong-kaba, Crisna, Zoroasto, Sargão I, Lau-Tseu*, etc.

Em Origines (L. I.—XXXVII)—lê-se: «O côrvo produz sem o concurso do macho». (V. JESUS E SUA DOUTRINA—A. Letere — pag. 80).

As inúmeras experiências de *partenogêneses*, encetadas e incessantemente prosseguidas por *Tichemirob, Loeb, Yves, Delages, M. Goldsmit* e outros, não deixaram dúvida sôbre a procreação sem o concurso do sêr do sexo oposto, não só no reino animal como no vegetal. O escaravelho, por exemplo, nasce de si mesmo! (*La Parthenogenèse* — Paris, 1918).

Segundo a História, *Rómulo*, o fundador de Roma, nascera de uma religiosa que não conhecera varão!

Simão, o mago, que revoltou os discípulos de Jesus pelos milagres que praticava, curando enfêrmos, dizia: «Não cuideis que eu sou filho de Antonio, pois, Rachel, minha mãe, me concebeu antes de dormir com êle, estando minha mãe virgem». (*Vie Esotérique de Jesus de Nazareth*).

Diante de factos dessa natureza, nada há a estranhar de ter Maria concebido, *sem trato carnal*, como está em Mateus, Cap. I, versículo 25, por essa razão foi ela considerada virgem antes e depois do parto.

Graças, porém, ás modernas descobertas da Ciência, sabe-se hoje que a matéria perdera o *tabú* da sua impenetrabilidade. Essa descoberta veiu explicar muita cousa que até ontem era controversa, dando lugar a interpretações duvidosas, porque admitia-se que o Sol pudesse passar através do vidro da vidraça, sem fazer dano, mas que um corpo sólido o fizesse, isso não, não era possível!...

Um sábio houve, no entanto, que dedicou toda a sua existência ao estudo dos fenômenos desta natureza, cujo objetivo maior foi demonstrar que a penetralidade da matéria era um facto comprovado. E das experiências que realizou, com grande êxito, aliás, êle consignou numa obra, exgotada, por certo, já agora, e que intitulou — FÍSICA TRANSCENDENTAL, livro êste prefaciado na sua edição inglêsa, por J. Simmons, recebendo críticas severas e elogios sensatos. E' o seu autor o Dr. João Carlos Frederich Zöellner, professor de Astronomia e Física da Universidade de Leipzig, membro destacado da Real Sociedade Saxonica de Ciências e correspondente de inúmeras outras sociedades científicas da Europa.

Êste sábio relatou na obra citada as experiências que fez e os resultados que obteve com a verificação de fenômenos, classificados pelos incientes, como insólitos, mas cuja realidade foi observada e comprovada no espaço de quatro dimensões, todos revogando os princípios conhecidos da Física, tais, como por exemplo; nós produzidos em uma corda com as extremidades à vista e lacradas juntas, impressões num espaço de «três dimensões», aberto a sêres de «quatro dimensões», nós numa corda sem pontas, materializações de mãos; aparecimento e desaparecimento de objetos sólidos, elevação do sólo ao teto, de móveis pesados, tais como mesas, pianos, etc., sem contacto manual, em plena luz; passagem da matéria, através da matéria, além de outros, também interessantes e originais.

Aludiremos nêste estudo, de preferência, porque é o que nos interessa, no momento, ao fenômeno da penetração da matéria, ou seja, ao da sua desmaterialização, relatando a experiência realizada por Zöllner, com o auxílio do médium Slade: — «Passo a descrever — diz êle — algumas modificações físicas efetuadas em objetos «sem que fossem tocadas por Slade». Em 3 de Maio dêste ano, ás 8 1/2 da noite, durante uma sessão, na qual eu e Herr von Hoffmann tomámos parte, achavam-se sôbre a mesa, além de outros objetos, dois caracóes. Eu comprára ambos, nessa mesma manhã, a um mercador ambulante italiano, que negociava na feira de Leipzic. O caramujo menor encontrava-se facilmente aquí, o outro porém pertencia a uma espécie que, segundo o vendedor, só era achado nas praias do Mediterrâneo. Êle, a meu pedido, escreveu o nome do mesmo — *Cápo Turbus* (Lt. Caput Turbo). A abertura quasi circular dêsse caramujo tinha um diâmetro de cerca de 43 milímetros, ao passo que o menor apenas media 32 milímetros na sua maior extensão. Nessa noite, sem intenção, pus o caramujo maior sôbre o menor, ficando êste totalmente coberto. Isto se deu em uma sessão, durante a qual se sucederam fenômenos completamente diferentes. Quando Slade, segundo o seu hábito, segurou em baixo da mesa uma louza, ouviu-se imediatamente um ruído, como o da quéda de um corpo sólido sôbre a dita louza. Sendo retirada a louza, sôbre ela estava o caramujo, que apenas um minuto antes estivera sôbre a mesa coberto pelo outro. Desde que êste fenômeno se tinha produzido sem o concurso de nossas mãos, aí estava o que se chama «penetração da matéria», que tem sido tantas vezes observada e desta vez tão inesperadamente. Logo depois de ter Mr. Slade retirado a louza de sob a mesa, eu segurei no caramujo, com o fim de verificar qualquer alteração física que por acaso pudesse ter tido lugar. Surpreendeu-me achá-lo *quente* quasi tornando-se-me impossível conservá-lo entre os dedos. Passei-o imediatamente ao meu amigo, que verificou essa extraordinária mudança de temperatura». (Ob. cit. pags. 83/84).

Diante do exposto, chegamos a conclusão de que muitas ocorrências contidas nos Evangelhos e nas proposituras nos ensinos espíritas, jamais seriam compreendidas, sem o concurso das descobertas da Ciência, que viria também trazer luz sôbre os pontos considerados obscuros. E não se pense, por ventura, que o Espiritismo seja incompatível com a Ciência, porque assim previra que teria de acontecer no futuro quando sentenciou, afimando as bases evolutivas da Doutrina: — «Se novas descobertas lhe demonstrarem que está em êrro sôbre um ponto, êle se modificará sôbre êsse ponto; se uma nova verdade se revelar, êle a aceitará». GÉNESIS — Cap. 1 - n.º 55), porque só assim viria a ser o Espiritismo uma *ciência religiosa.*

Diante de argumento tão convincente, de uma cousa devemos estar bem seguros, como acentuou *Gœthe,* ao se referir aos mistérios da Natureza, dizendo: — «E o que ela por sua livre vontade não quiser sem convite, à vossa alma desvendar, vós não conseguireis arrancar com alavanca ou saca-rôlha.»

De facto, não conhecemos melhor comparação para explicar o modo por que o Destino conduz o homem para a revelação inesperada e sucessiva dos chamados mistérios da Natureza.

Uma coisa, porém, nos enche o coração de alegria, já que estamos divagando em assunto tão delicado, é saber: — «longe, porém, não está o dia em que o ensino dos Espíritos será por toda parte uniforme, assim nos detalhes, como nos pontos principais.» — L. MED. Cap. XXVIII — ns. 301/4).

E é isto, precisamente, o que nos tem estimulado e animado para prosseguirmos nessa empreza à qual, expontâneamente, viemos, já de algum tempo, empregando um pouco de esfôrço e *bôa vontade.*

J. B. CHAGAS.

Nova Iguaçú, Maio — 1950.

Morre um tuberculoso cada 5 minutos. O B. C. G. constitue a medida mais importante de defeza da criança contra a tuberculose. (Liga Paulista Contra a Tuberculose).

UM DOCUMENTO

CARLOS IMBASSAHY

Leopoldo Machado, nos seus apreciados pontos de vista, refere-se à mistificação e ignorância das «tendas», que se valeram de caboclos e pretos velhos para saberem do paradeiro do garoto.

Como se sabe, pois é facto que repercutiu nos quatro cantos do país, um garoto, de nome Carlos Alberto, desapareceu na Praia de Copacabana.

Logo surgiram, de facto, as tais tendas, caboclos e pretos para dizerem o que era feito do pequeno, e as vidências e previdências redundaram num doloroso insucesso.

Disto se aproveitaram os adversários da doutrina espírita para proclamarem a falência do Espiritismo como se o Espiritismo encampasse todas as falsificações e mistificações que correm por êsse mundo afóra.

Para provar, entretanto, a realidade e autenticidade do fenômeno, ha sempre uns factos que desmentem os nossos antagonistas, quando asseguram que tudo é fraude e engano. E basta um facto positivo para provar que não é no terreno das mistificações que viajamos, e que estas são verberadas pelos próprios espíritas, como o fez Leopoldo Machado.

Apresento, pois, para que fique registrado nas páginas desta Revista, o que publicou o vespertino «Diário da Noite», que se publica na Capital Federal, em data de 28 de Novembro de 1949:

Numa reunião espírita

Quando ainda perdurava no espírito público a dúvida que envolvia o desaparecimento do inditoso menino Carlos Alberto, a reportagem do DIÁRIO DA NOITE empenhada como estava em encontrar uma solução para o mistério, foi atraída, no dia vinte e quatro p.p., a uma reunião espírita. Nessa oportunidade os promotores da sessão se propunham a indagar dos espíritos sôbre o paradeiro da criança desaparecida, no desejo de cooperar na busca da solução tão desejada por toda população carioca. O comunicado que nos chegou, por intermédio do espírito baixado na sessão, por motivos obvios deixamos de divulgar. Todavia, agora que o corpo da infortunada criança apareceu, nada mais nos impede a revelar.

Afogado e preso no fundo do mar

Depois dos preparativos iniciais, coube ao reporter indagar sôbre o paradeiro de Carlos Alberto. Escrevendo, disse o médium cujo nome não registraremos por se tratar de pessoa infensa à publicidade:

— O menino Carlos Alberto morreu afogado e o seu corpinho se encontra preso no fundo do mar.

Como um dos vespertinos carioca anunciasse que Carlos Alberto estava vivo e perto da casa de seus pais, retrucou o repórter, ao que o médium escreveu:

— Não é verdade. A médium que disse isso estava enganada. Carlos Alberto está morto e o seu cadáver aparecerá no sabado.

Como morreu Carlos Alberto

Em face da resposta tão decisiva, perguntou novamente o reporter como teria morrido Carlos Alberto. E a resposta foi a seguinte:

— Depois que os seus amiguinhos se foram, Carlos Alberto viu qualquer coisa boiando na beira do mar e foi apanhá-la. Desequilibrou-se e foi arrastado pelas ondas. Não houve grito.

Na verdade ninguém póde dizer que foi isso exatamente o que se passou. Mas em face da extraordinária coincidência de ter sido o corpinho de Carlos Alberto expulso do mar no sabado, também não se póde sustentar o contrário. Na tentativa de reconstituir os factos, o DIÁRIO DA NOITE revela agora o que tomou conhecimento na quinta-feira passada, dia vinte e quatro, setenta e duas horas do desaparecimento do corpo da infortunada criança.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo Machado

Clamando no Deserto

O deputado Campos Vergal, na sexta-feira, depois do Carnaval, pediu a palavra na Camara Federal, para falar sôbre a miséria infantil, a falta de hospitais e sanatórios no Rio de Janeiro diante da massa imensa de crianças abandonadas e de doentes sem recursos de qualquer natureza para ampara-los.

E estabeleceu uma pálida comparação com o que se gastou no Carnaval, oficial e publicamente, com o que se poderia gastar—muito menos, aliás, — para atenuar, de algum modo, a miséria reinante...

Falava no deserto, pois nenhum deputado lhe dava a merecida atenção.

Tratava-se de problemas que não agradavam os srs. deputados.

Por isso mesmo, o deputado Campos Vergal lamentou e justificou :

— E' pena, senhores, que eu esteja falando num deserto de corações.

Eu sei que o assunto não interessa à casa.

Se se tratasse, entretanto, de questões políticas, a casa estaria agitada e eu quasi sem poder falar de tantos apartes. Fui, entretanto, eleito pelos eleitores que me trouxeram a esta Casa para tratar, exatamente, destas coisas.

A Câmara Federal, entretanto, não quer tratar de coisas tais, que interessa ao povo, pois, os senhores deputados põem os próprios interesses e os interesses de seu partido acima de tudo...

Campos Vergal diz-se, entretanto, em plena Camara, espírita.

Se tivessemos uma câmara federal composta sómente de representantes espíritas do povo, por pior que fosse, deveria ser bem melhor do que a que aí está...

Touradas

Vamos ter touradas no Brasil, embora vozes já gritassem, na Câmara Federal, que as touradas são contra a letra de nossa Constituição.

Diz-se que o Prefeito quer inaugurar o Estádio Municipal com touradas espanholas, no alto rigor ético, e é o que convém.

Sem fundamento, portanto, a letra da Constituição e os protestos dos srs. deputados e vereadores contrários aos pontos-de-vista do Prefeito.

Nosso povo gosta de sensações fortes, violentas.

Couces e pontapés sómente, nas pugnas esportivas não lhe satisfazem.

Quer mais. Quer vêr touro morto, ou toureiro estripado, sangrando, em pleno Estádio.

Assim, que ao Carnaval e Futebol que os governos lhe concedem, numa imitação imperfeita do *Panem e Circenses* dos velhos tempos romanos, só lhe fará bem, se se ajuntar, vez por outra, uma touradazinha cheia de complicações sanguinolentas, com mortes épicas e bravuras toureiras.

Ademais, que mal póde haver para o país, que haja touradas de touros, se as há, humanas, diárias ? Basta que se procure tomar um *elétrico* alí, na Central, até nas horas comuns do dia, para vêr que são touradas humanas.

E não queremos falar nas touradas políticas, na Câmara e fóra dela, tão comuns !

Aí vem mais uma, a eleição para presidente da República.

Enquanto o país, a despeito de suas legiões de Decência, de seus congressos eucarísticos e maioria religiosa, e da laurea que se lhe concede de ser «o Coração do Mundo», não se espiritualizar de verdade... não se lhe póde pedir e exigir outras coisas afóra touradas de toda natureza...

Que somos, mesmo ?

Para os Espíritos de luz, «o Brasil é a Pátria do Evangelho e o coração do mundo». E Ismael está transplantando para êle o Evangelho do Cristo restaurado em espírito e verdade.

Para os espíritas cristãos do Brasil, é daquí que sairá o Cristianismo redivivo para o resto do mundo.

Para os católicos, o Brasil é o maior país cristão, porque católico, do Planeta, que «foi nos braços da Igreja que êle nasceu e nos seus braços amorosos se desenvolveu».

O Brasil é o campo mais propício para a difusão do protestantismo, e para outras religiões, venham de onde vierem.

Chega, entretanto, o Carnaval e estraga tudo!

Se o Carnaval fôsse uma religião, e o deus-rei Momo, um rei e um deus de verdade, aí estão a religião e o deus-rei que nossa gente levaria a sério, eis uma verdade dolorosa...

Para mudar êste aspecto doloroso do país e de sua gente, só uma consciência espiritualista diferente, que nenhuma religião ainda lhes emprestou...

Os tremendos contrastes

Diz-se que D. Jael de Carvalho anda a curar em Bomsucesso, sem ser médico, sem ser Santa e espírita, sem explorar ninguem.

Cura, ao que se diz, a preces e a passes, sendo, por isso mesmo, procurada por multidões de sofredores, explorados, inutilmente, pela medicina oficial, ou decepcionados de milagres de suas religiões.

A polìcia deu em cima de D. Jael, proibindo-lhe a ação meritoria, pois só procura tais processos de cura, quem não póde procurar médicos caros, medicamentos complicados e quem tem fé...

Elvira Pagã é jovem, bela, artista de rádio, tentadora.

Rainha do Carnaval. Eleição que lhe carreou, para benefício material, seu, sómente, uma fortuna. Disse um carnavalesco que, no suntuoso baile da Rainha, quando entrou, quasi em tanga, embora tanga existencialista, um gaiato enfiou os dedos, arrancando-lhe a tanga, deixando-a núa, completamente. Daí, o charivari que deu trabalho à policia. Nem por isso deixou de atravessar, quasi núa, a Avenida, no dia gordo do Carnaval, para aplausos de carnavalescos, garantida, naturalmente, pela polícia.,.

Entretanto, quem foi intimada, por estar fora da Lei, foi D. Jael.

E nossas leis são zeladas por gente de alto coturno, pertencente à *Legião da Decencia*, sôbre sermos de uma civilização cristã.

Contrastes tremendos, não há duvida!

A Igreja Anglicana e o Espiritismo

Em 1937, a Igreja Anglicana — a religião oficial da Inglaterra, — botou-se, alarmada com os progressos do Espiritismo, a estudá-lo.

O Arcebispo de Canterbury, a maior autoridade da referida Igreja, nomeou uma comissão de dez membros autorizadissimos, sob a presidência do dr. Francis Underhill, desencarnado em 1943, para estudar os fenômenos espíritas.

A comissão acima, de que faziam parte mais: dr. W. R. Matthews, cura da catedral de San Pablo de Londres, rev. Harold Anson, conego e mestre do templo, cônego L. W. Greented, professor de religião na Universidade de Oxford, o médico William Brown, célebre psicólogo, o advogado P. E. Sandlans e lady Gewendolen Stephenson.

A Comissão acima chegou à conclusão seguinte:

«Cremos que não há nenhuma razão para a Igreja desdenhar da realidade e do engrandecimento de suas doutrinas (do Espiritismo). Os milagres de suas curas são admitidos paralelamente ás curas obtidas pelos médiuns, devendo-se chegar à convicção profunda de que, se nossos espíritos não aceitarem os fenômencs espíritas modernos, não podemos aceitar os factos do Evangelho...»

Dispensa qualquer comentário.

O Depoimento de um grande médico americano

O Dr. Carl Wickland, da Sociedade de Medicina de Chicago, da S. M. de Illinois y de La A. A. do Progresso da Ciência daquela cidade, estudou, com sua esposa, durante trinta anos, os fenômenos espíritas.

Sueco de nascimento, fez-se americano por conveniência e espiritualista espiritista à fôrça dos factos.

Chegou, depois de tantos estudos, à certeza de que «as influências das entidades desencarnadas é causa de muitos atos inexplicáveis e obscuros na vida terrestre. Eis a causa, provada em milhares de vezes, transformação das pretendidas demências, em obsessões. A intercomunicação entre os dois mundos, o visível e o invisível é um facto natural, que se estabelece com a ajuda de uma pessoa de constituição psíquica particular, capaz de obrar como intermediário (o médium), pelo qual as inteligências desencarnadas podem entrar, prontamente, em contacto com o plano físico, etc.

Eutanásia

A Eutanásia não tem defesa, por qualquer prisma por que seja encarada.

Mas, nem por isso é para deixar de reconhecer sentimento de piedade da parte do médico sem fé, sem espiritualismo, que vê na morte o ponto final de sofrimentos materiais.

O caso desesperador de hoje, póde ser a primeira cura de uma terapêutica mais poderosa, recem-descoberta. Além do mais, com os anestésicos aí em curso, a dôr física foi debelada. Assim, porque antecipar a morte, se a medicina, ainda que fôsse uma ciência positivissima, em vez da «arte de curar» que é, ainda, não disse, e nem dirá a última palavra sôbre as enfermidades e os tratamentos?

Sob o ponto de vista espiritual e espirítico, vale a pena considerar que a morte antecipada talvez seja a interrupção do pagamento de uma grande dívida do passado, levando o espírito a voltar à carne para viver algum tempo mais, — o tempo que lhe restava viver — sofrendo como criança. E o sofrimento da criança dói sempre mais no coração da gente!

E mais: se se atenúa o sofrimento alheio por piedade, quem mais piedoso: o eutanasista ou Deus? Deus é o suprassumo da caridade e da piedade? Ora, se pôs no mundo um sofredor, claro que houve razões fortes, sem quebra de seu espírito de piedade e caridade, para tanto.

Estas pálidas razões aquí ajustamos em face do processo por que passa ilustre médico que, por piedade, praticou a eutanásia em um doente seu.

Existencialismo

Existencialismo? Para nós, diante do que temos lido da *filosofia* do Sr. Jean Paul Sartres, trata-se de um ismo a mais, debochado e modernista, para atrapalhar, ainda mais, as coisas sérias da Vida, que são pouquissimas. E de uma doutrina a mais, que são preceitos dos homens, como se diz no Evangelho «planta que o Pai não plantou, por isso que será cortada e lançada ao fogo». Mais uma doutrina exótica, dessas que estão assinalando os tempos apocalípticos que aí estão. Porque, entretanto, vai o existencialismo se estendendo tanto? Porque vem da França, país estrangeiro, que ainda domina, a despeito dos Estados Unidos lhe arrebatarem a hegemonia até na moda e nas futilidades, depois de suplantá-la nos costumes, e é agradabilissimo aos espíritos primitivos e tacanhos copiarem coisas de fóra. E por sua licenciosidade, por seus desbragamentos em coisas de moral que a velha e bôa d. Moral vai passando — coitadinha! — por essa gente cheia de exotismos e de modernidades, por uma velha carcomida e desprezível. E por tratar-se de mais um culto à Carne, aos Mamons desenfeiados desses tempos apocalípticos.

Existencialismo e epicurismo se confundem, ficando, entretanto, para o epicurismo vantagens e desculpas. As vantagens: Epícuro foi, realmente, um filósofo e os tempos eram outros: dominava o paganismo. Entretanto, somos uma civilização cristã e o Cristianismo é uma Doutrina dominadora, na sua interpretação católica, da França e do Brasil...

Teatro Espírita

A arte espírita, embora nascente, ainda nos seus primórdios, é um facto.

Está a afirmar-se em todos os setores: na poesia e música, na pintura e no canto, nos filmes e nas novelas. Em tudo!

E' no teatro, entretanto, que o Espiritismo vai se afirmando no seu aspecto artístico. O teatro espírita agrada e convence, difunde a Doutrina e espairece, esclarecendo e iluminando. O teatro e o canto. O Espiritismo é um filão copiosissimo ainda por explorar em qualquer setor astístico. Principalmente no canto e no teatro. Haja quem escreva — e inspiração não faltará a quem, de bôa vontade, o queira fazer — haja quem interprete as peças espíritas escritas, e estamos certos que a todos agradarão. E' uma balela o que se diz por aí: que o público profano só quer coisas profanas no teatro. Dê-se-lhe coisa espiritualista, que distraia e eduque, que alegre e ensine, que comova e espiritualize, e a aceitação virá, temos disso a certeza. De resto, cabe à imprensa, ao rádio e ao teatro trazer o povo até eles, reeducando-os, educando-os, e não correrem a seu gosto depravado, depravando-o ainda mais...

Essas considerações, decorrem da atuação que moços espíritas tiveram na primeira conferência da CEPA, realizada na Liga Espírita...

Orgulho e Humildade

E' comum observar-se em criaturas de origem humilde, de apoucados recursos intelectuais e principalmente morais, embora ricas de recursos econômicos, que se dedicam aparentemente à prática da caridade, enquanto que, no fundo do coração, conservam o mais terrível orgulho.

Quando religiosas, ou mesmo convertidas a qualquer ramo de alta filosofia, como o Espiritismo, fingindo o mais elevado gráu de pureza espiritual, jamais se conformam com a obscuridade; e, inclinadas, pelo orgulho (não o orgulho da origem que preferem esquecer, ou em consequência do saber que caracteriza a cultura do homem inteligente, mas, pelo orgulho da riqueza que possuem, quantas vezes à custa de muitos sacrifícios alheios), tornam-se algozes dos que vivem do trabalho honesto, na humildade e na pobreza, forçados pelas circunstâncias a se tornarem seus dependentes, aqueles que recebem em troca de dedicados esforços e penosos trabalhos, além de um salário de fóme, a permanente vigilância e ameaça do senhor de escravos, o tirano que se oculta sob a capa do santarrão.

Dizem que, a rigor, dentro da lógica, sómente os poderosos, os milionários, os sábios, os gênios e os artistas, deviam ter veleidades e propensões orgulhosas; entretanto, tal não acontece, pois, os orgulhosos são, em regra geral, os ricos ignorantes.

Os poderosos, na sua maioria, com rarissimas exceções, são os que ignoram de facto que o poderio que os faz orgulhosos, de um momento para outro póde ruír como tem acontecido. As riquezas também desmoronam, e, aqueles que orgulhosamente se estribam em pedestais dessa fragilidade estão em situação idêntica à dos poderosos: morrem roídos pelo orgulho que tão alto os colocara.

Os gênios, os sábios, os artistas e todos os idealistas, vivem para as coisas da genialidade, da sabedoria, das artes e dos ideais que os empolgam, fazendo desses predestinados entes superiores, alheios ao poder e à fortuna, mas, como sempre acontece, explorados pelos tiranos de todos os tempos, representados pelos ricos e poderosos.

Os poderosos e os ricos (é a história que nô-lo narra), vêm escrevendo no curso dos séculos as páginas mais tristes dos acontecimentos humanos, cometendo os mais bárbaros crimes, e, quantas vezes o fazem em nome da civilização cristã, em nome de Deus e dos bons costumes!

Os que trabalham sob a vigilância dos poderosos, vão no anonimato construindo as riquezas particulares dos grãos senhores; sofrendo as mais duras provações, mas, sem orgulho e nem a falsa humildade, conscientemente sentindo que são homens explorados pelos homens seus irmãos, pouco a pouco vão lutando, lutando e sofrendo, conquistando o direito à vida.

Os pseudo-humildes, que se enriqueceram por processos tantas vezes indignos, explorando em proveito próprio o trabalho dos grandes sacrificados e aos próprios consumidores dos produtos de sua industria, são os que se arvoram em benfeitores, praticando nesse caso a caridade de *molagem*, não porque houvesse pedido para dar, mas tirando por processos indiretos, e forçando mais ainda o sacrifício alheio, para poderem distribuír em seus próprios nomes.

Caridosos dessa natureza, quantos sabemos capazes de, à frente de uma instituição religiosa ou mesmo filosófica, desdobrarem-se em trabalhos de ordem administrativa a ponto de a conduzir ao maior surto de progresso, fazendo da instituição de fundo puramente cultural, beneficênte ou filantrópico, uma empreza industrial ou comercial, colocando acima dos principais objetivos da organização, os pendores revelados do homem de negócios.

Se a instituição fôr de orientação cristã, o grupo que a dirige sob a supervisão do administrador tirano, que até então vivera recalcado ou acocorado nos absconsos escaninhos do subconsciente, se manifésta coeso, e, os servidores subordinados, aqueles que no anonimato mais produzem, e que teriam razão bastante para confiar na nobreza de caráter dos que lhes são superiores, passam a sofrer as mais terríveis ameaças, e caindo no desagrado de um apenas dos senhores que os administra, administrando a empresa, passam, desde logo, à situação de iminentes desempregados.

E' deveras alarmante o que se observa a cada passo ! Os orgulhosos não se conformam com a evolução espiritual do mundo ; enquanto os humildes crescem no sentido orientador da vida, para a conquista de melhores dias no futuro, os grãos senhores da Terra se esforçam para não pederem a posição de donos do mundo e das consciências. Será possìvel que haja, da parte desses *maiorais*, o propòsito de menosprezar o Evangelho do Cristo, desobedecer aos ensinos dos Espíritos, colocando em seu lugar a vaidade tola. o orgulho idiota que os leva a se arvorarem em ditadores das principais normas de vida para os outros, os pequenos, quando são êles os mais pobres e miseráveis de qualidades espirituais ? Que tristeza ! Que espécie de humildade é essa, cujo prazer consiste em trazer encarcerada a consciência alheia, subordinada aos caprichos de milionários e poderosos ? Além de explorar o trabalho dos humildes e lançar mão de todos os ardís para mais entesourar milhões, do alto de supeitas dignidades, se julgam inatacáveis, e, se alguém lhes aponta os crimes, reclamam dizendo serem farpas vivas a feri-los, são insultos e difamações ; são os espalhadores de òdio, do veneno da discórdia, do desamor ; fel da maldade e inspirações maléficas. Porque ? Simplesmente por se julgarem êles os intocáveis, os empanturrados de orgulho, que olham com desdém a plébe e fazem do poder e da fortuna as armas da tiranía, com as quais continuarão eternizando a escravidão.

Francamente, não sabemos até quando iremos assistir, e participar dos mesmos sofrimentos dessa pobre humanidade, principalmente dos que se dizem cristãos, fingidos e enfatuados de humildade, pregando o Evangelho ?

Jesus, o grande reformador e personagem da maior história de todos os tempos, cujo moral tanto nos interessa, dizia então a seus discípulos : «Digo-vos em verdade que bem difícil é que um rico entre no reino dos céus.—Ainda uma vez vos digo ; É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus». (S. Mateus, cap. XIX, v. 16 a 24).

Quantos há por aí que estudaram o Espiritismo, ouviram as instruções dos Espíritos, correram a vista pelas páginas do Evangelho, mas não entenderam nada e ficaram de coração vasio e a mente perturbada, conservando no recesso íntimo da alma o tirano acocorado, sempre pronto ao oportuno avanço na satisfação de seus pendores escravagistas.

O Espiritismo entretanto, nos mostra o caminho certo da regeneração. O grande mal porém, não está em ser rico ou pobre de bens materiais, mas sim, em não ser cuidadoso em sua conduta, procurando por todos os meios e ardilosamente, desviar-se da pauta do Evangelho, deixando de ser irmão de seu semelhante.

O patrão que maltrata o empregado, que o explora, trazendo-o em constante sobressalto, mesmo sendo cristão ou fingindo que o seja, não passa de um algoz. E, quantos há que, até mesmo sem motivo justificado demitem impiedosamente o chefe de família, atirando-o a mais dura prova, fazendo tantas vezes de um homem útil, trabalhador e morigerado, um infeliz e desgraçado, nos braços da miséria que o conduz ao crime.

* * *

O excesso de tolerância com a maioria dos pseudo-líderes do Espiritismo; esses que andam a confundir humildade com submissão e com bajulação; que confunde Espiritismo com clericalismo, onde imperam os *sacerdotes*, os comendadores e os subordinados incondicionais do beatério, estão maculando a pureza da codificação kardecista em pactos de promiscuidade, confundindo também Umbandismo com Espiritismo.

* * *

Tenhamos pois, o máximo cuidado; o mundo é a grande escola da vida. Pobres e ricos, sábios e ignorantes, todos temos deveres perante Deus.

Até mesmo as mediocridades, com

títulos ou sem títulos; quer se arvorem em críticos de um tartufo ou charlatão, quer se abespinhem contra os que lhes apontam as mazelas, todos, indistintamente, representam no cenário do mundo o seu papel, responsabilizando-se por tudo que haja feito.

PEREIRA GUEDES.

Rio, Maio de 1950.

Livros e Autores

M. QUINTÃO

Leopoldo Machado, que já realizou, pela palavra escrita, toda sorte de propaganda do Espiritismo, não podia deixar de experimentar a novela.

DESTINOS foi a novela que escreveu há anos, ainda inédita.

A apreciação crítica de DESTINOS, da pena de M. Quintão, que Leopoldo Machado o tem, e a José Petitinga, como os dois irmãos queridos que o trouxeram para o Espiritismo; é a apreciação crítica de DESTINOS que se vai lêr.

NÃO É PREFÁCIO

Leitor amigo:

Temos aquí DESTINOS, e eu que sempre ojerizei prefácios, «destinado» a prefaciá-lo.

A razão da minha ojeriza, tem-na tú, se bem ponderes, na superfluidade de um feito menos consentâneo com os rígidos princípios da nossa bôa ética doutrinária.

E' que, em Espiritismo não há dogmas, nem cânones, nem sacramentos formalisticos.

Jesus predicou: «a cada um segundo suas obras», e mais, que: «digno é o trabalhador do seu salário».

Vale pois, toda obra, pelo que vinga no conceito do leitor e não, e nunca, pelo panegírico, quasi sempre suspeito, do prefaciador.

Formalidade inútil e quiçá contraproducente a título batismal, deixa quantas vezes mal, padrinhos, afilhados e testemunhas.

Esboçado a preceito imparcial, se lisonjeiro e veraz, suscita dúvidas e prevenções, acera o gume da crítica zoila e focaliza para o autor correntes de vibração pessimista; se, menos benévola e intransigente, por sincera faísca e aponta nugas e falhas, não lhe faltarão tachas de catonismo pedante.

Tudo para que ainda aquí se valorize a palavra evangélica, que diz impossível «servir a Deus e a Mamon».

* * *

De manifesto, então, que, confrontado no limiar desta obra, não me invisto de paramentos clássicos, em ofício que aberra da minha competência e dos meus pendores.

Venho, sim, por incoercível, evidencial dever de solidariedade e amizade, tomar a parte que me coube na gênese e surgimento dêste livro, tal como sucinta e claramente explica o autor, no «Post-Fácio».

Contribuição fraterna, sem gangas de apologia convencional, venho apenas externar uma opinião pessoal, para que melhor, e só por aí, julgue o leitor de mim, do autor, e da obra.

E, como o verdadeiro, senão único estalão para aferir o valor da planta está no fruto, fio em que, no fim de contas, estaremos todos justificados e acordes, sob a égide de Jesus.

* * *

Na minha inópia congênita de literato abortivo, sempre me despreocupei de classificações específicas. Conto, poesia, teatro, novela, romance, o que me importa e cala, são as emoções que nos transmite o autor. Tanto mais vivas quanto mais vividas, elas tanto podem caracterizar, abranger uma época, um ambiente social, como retraçar e reviver tipos e costumes que a esponja da evolução vai apagando à entrevisão e juizo dos pósteres. E é nêste sentido que me atrevo a estimar as obras de ficção como documentário precioso de alto teor histórico.

E' através delas que conseguimos reconstituir episódios, quadros e personagens pristinos.

Assim que, com Emmanuel em o «Há Dois Mil Anos», podemos nos transportar e sentir em Roma ou na Palestina de antanho, ou surpreender em «Renúncia», o Paris e a côrte de Luiz XIV.

Nêsse condão de sugestibilidade, colorido e fôrça evocativa, é que assentam, a meu vêr, os méritos reais do escritor ficcionista.

* * *

Isto posto, devo confessar que me revi, pleno de gôzo, alí no Largo da Lapa de 40 anos atrás, onde começa a enovelar-se esta novela. Quem se lembrará, hoje, do velho hotel de três andares, com restaurante «à la carte» (uma novidade) assomando o umbroso «Passeio Público», gradeado e cujo terraço se alagava em dias de forte ressaca? Convento d'Ajuda, barracos e banhistas de Santa Luzia, onde estais? O Club dos Boêmios existiu e chama-se agora Cassinos. Cabaréé «Boite» e botequim é simplesmente bar A boemia noctívaga denominava-se «jeunesse dorée», e o elegante «almofadinha» graduou-se em granfino, trocou o fraque e o chapéu côco pelo tropical cintado e a cabeça nua, mas bebe, joga e farreia como dantes ou mais talvez, com achegas de salários mínimos, férias remuneradas e novisqueiras outras de turismo e importação cabotina.

Existencialismo. Epicurismo. Hedonismo. Sambismo ou batucada, que sabemos nós? DESTINOS... Sim: Orlando, Juvêncio, Valter, Eva, Faní, D. Tereza, aí estão vivinhos da silva e podemos configurá-los nas tragédias e melodramas que a imprensa aproveita e nos serve, todos os dias, como prato de fina culinária.

Policarpos é que não haverá muitos. E' tipo exótico, na ordem inversa dos Duartes, graduados em rádio-patrulheiros, menos filosofantes e mais truculentos e sádicos. Excluír Policarpo, entretanto, seria desmontar a peça. E' a fina flôr do elenco. E' nêle e com êle que entrosa a finalidade desta obra.

Haverá quem a acoime de escabrosa, (e seria talvez por forragear em antros de vício e prostituição, que ela só agora vem à luz).

Sabido que sempre houve moralistas pitosgas, zelotes de sacristia, incapazes de compreender que «naturalia non sunt turpia».

Ninguém dirá, contudo, que êste livro *venha tarde*, porque todo tempo é tempo de curetar bicheira. Hoje mais que nunca, em fastígio de deliquescência moral, a humanidade imprescinde de remédios heróicos.

Técnicamente falando, vê-se que Leopoldo não forjou aquí um só personagem impraticável ou inconcebível em nosso ambiente social.

Conjugando-os e movimentando-os, êle o faz com absoluta naturalidade, sem derrames de prolixidade nem soporíferas digressões e rebuscas psicológicas.

Não se inculcando analista profundo, a Freud, apresenta o doente e deixa a cada qual a escolha do remédio que o deva curar por si e de si mesmo.

Sob êste prisma, também ouso afirmar que temos aquí uma obra ortodoxa e de seguro alcance, porque, escrita com símplicidade, e das que instruem deleitando.

Há nela muito o que sentir e aprender. Filosofia dinamizada, por assim dizer.

* * *

Conheci Leopoldo Machado há bons 32 anos, na Bahia, em casa do saudoso José Petitinga. Foi uma noite, num velho sobrado da rua Carlos Gomes, por sinál. Seu tipo moreno de tabareu desconfiado e observador, para logo me flexou fundo a bossa da curiosidade. E da simpatia. Acaso? Coincidência? Não. Afinidades remotas, DESTINOS...

Um dia, cansado da sua cátedra e da sua boemia provincianas, êle me apareceu aquí no Rio de Janeiro, encarecendo um emprêgo no comercio.

— Estás louco? Tu, marçano nessa idade? Nasceste para o magistério e ninguém foge ao seu destino.

Apresentei-o ao Paim Pamplona e o «Colégio Nacional» foi o seu proscênio, o «abre-te Sézamo» da sua carreira espiritualista.

Após o estágio em Paraíba do Sul, quiseram ainda os fados, fôsse eu encaminhá-lo a Nova Iguassú.

E o mais é o que aí tens, confrade e leitor amigo, em frutos opimos de uma atividade proteiforme.

Doutrinador, polemista, teatrólogo, jornalista, «conteur», propagandista dos mais queridos e populares, no âmbito do Espiritismo em nosso país.

Há dias, agradecendo-lhe a oferta do seu volume de contos — «Para o Alto», nem por sombras lembrando o que lhe dissera há 23 anos, abancado no «Café Portuense» no Méier, repetí: «qualquer destes teus contos desenvolvido a preceito, dará excelente novela», pelo que, tenho para mim, que, tua veia literária genuina, é de novelista, antes do mais e «quand méme...»

Com a hombridade e desassombro que o caracterizam, revidou êle que eu lhe conhecera e «torpedeara» esta obra.

Como?! Já me não lembrava... Que ma enviasse, então, e, se de facto não pudesse justificar embargos, comprometia-me a apresentá-la, em que pesasse a minha inidoneidade.

* * *

Aquí tens, pois, canhestro; e aí tens leitor amigo, porque aquí me encontro como pobre em casa de parente rico.

Mas, bem ou mal avindo nêste recado, satisfeito em consciência, não quero que julgues se não por ti mesmo.

O resto é comigo, com Leopoldo, e com Jesus, para que a todos nos possa Êle perdoar e abençoar.

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1948.

EUTANA'SIA

Tenente AMANTÉA

Segundo o dicionário enciclopédico de Simões da Fonseca, Eutanásia significa «boa morte, sem sofrimento».

Na «Folha da Manhã» de 2 de Abril último, saiu publicada a fotografia do Dr. Hermann N. Sander, mostrando um sorriso pouco significativo, pois não era um sorriso de quem tem a consciência tranquila e logo abaixo escrito o seguinte: «MANCHESTER, Estado Unidos — Ladeado por sua esposa, o Dr. Hermann N. Sander entra no Tribunal de Justiça de Manchester, para ser julgado pelo crime de eutanásia. O Dr. Sander é acusado de ter abreviado a vida de uma vítima do cancer».

* * *

Meus senhores, não há religião nenhuma no mundo que determine o emprego de processos tão bárbaros e próprios de creaturas deshumanas, incultas e desprovidas de quaisquer sentimentos de piedade.

A vida é um bem divino, é uma graça que Deus concede a seus filhos para, por meio de provas, as vezes as mais cruentas e insuportáveis, poderem se lapidar de suas próprias imperfeições e galgarem assim a planos mais elevados mercê de seus próprios esforços e méritos.

Ora, si Deus dá vida a um ser humano, é natural e lógico que só e unicamente a ELE compéte destruir ou acabar também com essa vida e nunca a simples mandatários da terra. Porém os homens, querendo se assenhorear do planeta terra cada vez mais julgam-se grandes chefões quando na realidade não passam de simples vérmes a rastejar no lodo de suas próprias imperfeições. Acham, pensam e determinam leis absurdas como si pudessem arcar com a responsabilidade das vidas de outrem.

Oh! homens insensatos, até quando a vossa cupidez de mando conterá os vossos ignobeis impulsos?... Não vêdes que as vossas atitudes tornam-se as vezes até repugnantes perante os próprios homens quanto mais perante Deus — o Pai Creador?...

O de que necessitais, as vezes, é de uma melhor dose de reflexão e de sentimentalidade para que vós, médicos da terra e que desejais ultrapassar o limite de vossas concepções (com a graça de Deus em número bem reduzido), possais vos empregar com toda a vossa alma, com todo o vosso coração, com toda a vossa abnegação e altruísmo em SALVAR uma vida e NUNCA dar-lhe cabo. Aí sim, estareis de facto concretizando um ideal renovador e purificador de sentimentos nobres e elevados e nunca deveis vos deixar levar pelos impulsos menos dignos de exterminar, de «liquidar» quando ainda restar um sopro de alento.

Será que olvidastes o sagrado juramento que fizestes (refiro-me aos doutores Sanders que andam por aí) ao receberdes o pergaminho de Benfeitores da Humanidade?...

Si sois médicos, é porque fostes escolhidos por Deus para o desempenho de tão nobre e divina missão e ELE em vós deitou uma grande dóse de responsabilidade e em vós confia para prestardes, em quaisquer situações, a necessária assistência àqueles que necessitam.

Ser médico é ser humano, porque a profissão de médico é a mais nobre e elevada, é a mais humanitária de todas quantas se conhecem, porque o médico trás sempre aceso, na sua própria alma, uma fagulha da Luz de Deus a lhe clarear sempre o caminho e a ajudá-lo intuitivamente a perscrutar muito mais além afim de descobrir novos meios e métodos afim de melhorar as angústias dos que se vêm a braços com as doenças incuráveis. E quantas não têm sido as descobertas...

Médicos, vós não sois humanos, vós sois divinos quando vos empregais de corpo e alma para salvar uma creatura, para amenisar sofrimentos, pois sois sempre assistidos pelos Anjos do Senhor!

Os médicos, mais do que ninguém, são necessários aqui na terra, pois que Deus neles depositou uma parcela de suas esperanças para cicatrizar as feridas do mundo e dar coragem de viver aos desiludidos, aos que perderam completamente a fé em Deus e que aguardam seus últimos dias terrenos...

* * *

E a vós, Dr. Sander, a quem julgo um homem sensato e semelhante aos demais médicos portanto, bem sei que o vosso intento era o de amenisar o sofrimento de vosso paciente e por isso lhe abreviastes a vida terrena. Julgaveis, bem sei, que com isso praticaveis um ato meritório, caritativo aos olhos de Deus e não pudestes conter o vosso impulso de piedade Cristã.

Puro e infantil engano, Dr. Sander. Si ao invés da Eutanásia, tivesseis vos devotado de corpo e alma para salvar o vosso paciente, talvez que Deus, que tudo póde e tudo prevê e provê, houvesse vos ajudado a salvá-lo porque a ELE nada é impossível. Porém, quisestes dar vazão ao vosso próprio instinto e não perscrutastes o que a vossa alma condenava cem por cento.

E o pior, Dr. Sander, é que vos tornastes agora um criminoso perante Deus e segundo as Leis que jamais serão derrogadas: «Cada um receberá conforme as suas obras» e «Quem com ferro fére com ferro será ferido», sofrereis o castigo a que fizestes jús, para o vosso próprio bem, não sómente dos homens da terra que já querem vos cassar o diploma de médico, mas também do próprio Deus.

⁂

Conforme noticiou o «Reporter Esso» de 10/3/950, das 12,55, a Sociedade de Medicina de New York está cogitando de cassar o diploma de médico do Dr. Sander.

Itú, 1950.

Crônica Estrangeira

R. I. P.

De «Além» — Pelo Dr. Acílio Carvalhal

— Diga-me, doutor: meu pai morre?...

— Pelo amor de Deus, doutor, salve meu marido!...

E o médico, chamado à pressa, aparentemente calmo, confrange-se ante tanta dôr, tão sentida e tão expressiva, vendo-se impotente para debelá-la, posto que o caso se lhe apresenta desesperado. Não sente o pulso do doente, o ponteiro do oscilómetro não se desloca, a auscultação torácica (que o moribundo aceita com um esgar, dir-se-á misto de desgosto, aflição, impaciência, desilusão e tédio), revelando a respiração estertorosa própria do agonizante, mascarando completamente os ruídos cardíacos já de si naturalmente enfraquecidos, dão ao clínico a certeza do que, de antemão, já admitira: a aproximação iniludível de um desenlace. Pende-lhe o fonendoscópio ao longo do peito; o seu olhar cái desanimado sôbre o rosto do enfêrmo, pálido, coberto de suor, com os olhos muito abertos, sem brilho, inexpressivos, pupilas dilatadas que já não reagem à luz. O pobre é preso, então, de uma agitação enorme, dando a impressão de querer afugentar visões que muito o atormentam. Chega a esboçar gritos cujos sons se misturam com os provocados pelas mucosidades e serosidades que se acumulam na laringe, porque não podem ser expulsas; esbraceja; pretende dizer algo que ninguém compreende. O espectáculo é tal, que a esposa, já atormentada pela certeza da perda iminente e irreparável, agora horrorizada, foge do quarto. O mesmo sucede a outras pessoas que junto da porta aguardam angustiadas a sentença inútil da ciência materialista. Apenas uma pessoa fica: a filha sentada aos pés da cama, chorando em silêncio, mas contorcendo as mãos, figura dinâmica do Amor, do Desespero, da Tortura infinita do «Adeus, para nunca mais!...»

Nisto, o médico decide-se. Já de nada valem injeções. Senta-se na beira da cama, toma a mão do agonizante que aparenta sofrer imenso, agarrado à vida terrena como um náufrago a qualquer massa flutuante. Será ouvido? Ignora. Mas fala-lhe em voz pausada e branda:

— Meu amigo, nada tema. Se a hora é chegada, conforme-se. Procedeu o melhor que pôde e soube. Cometeu erros, bem sei; mas quem há que não os tenha cometido? Acalme-se. Sei que não veio junto de si um sacerdote, porque foi sempre essa a suà vontade (os seus o confessam e na hora suprema receiam e não querem desgostá-lo). Seja. Mas o Materialismo, além de dissolvente, é desencorajante e aniquilador quando o perigo nos cerca. Espírito forte — se o é — curve-se nêste momento ante a certeza de um Deus onipotente, infinitamente bom e justo. Não creia que Êle queira o sofrimento inútil de seus filhos. Tudo se passará num momento, que mais do que isso não é a nossa passagem por êste Planeta de expiação, em confronto com o Tempo inexaurível. Êste seu corpo, tornado desnecessário ao seu desenvolvimento espiritual, será abandonado, como sucederá com todos nós, como já sucedeu com todos os nossos ancestrais. Mas, não duvide um instante, ante o segundo que se avizinha: Deus existe e a Alma é imortal! Vai reconhecer em breve parte desta verdade! Quando sentir, quando tiver bem a sensação de que a escuridão o envolve, de que nada vê, nem o seu corpo, mas que, apesar disso, tem consciência nítida de que existe, erga o seu pensamento para Deus, implore o Seu perdão por suas faltas, manifeste o seu desejo de reviver, progredir e cumprir, e Luz se fará! Terá conhecimento de seu novo estado e o temor que tanto o assalta agora, ter-se-á dissipado. Renda, então, graças ao Todo-Poderoso. Vá... E seja feliz.

Por estranho que tal possa parecer a quem não milita nesta santa e abençoada doutrina, o que se passa é deveras surpreendente: o moribundo sossega; uma palidez imensa o envolve e, passados poucos instantes, expira, ficando a expressão do seu rosto nimbada de tranquilidade, de esperança, de ventura.

O médico levanta-se e vai para os pés da cama, à qual se encosta, apoiando as mãos e contemplando os despojos mortais do que acaba de desincarnar. A filha dá livre curso ás lágrimas. Beija a mão exangue do que foi seu pai. Por entre soluços, diz:

— Obrigado, doutor.

E, já mais conformada e aliviada (momentâneamente, embora):

— Meu pai morreu, mas morreu confortado; conseguiu incutir-lhe no último minuto uma Fé que lhe faltava e que tanto me fez sofrer. Era muito nosso amigo, mas recusou-se sempre a admitir que algo haja para além da Morte. Que repouse em paz.

— A paz de Deus, minha senhora, deve andar sempre conosco. Repousar, sim, para continuar; repousar, para haurir forças, novas energias; repousar, para lutar; repousar, para não parar jamais na senda do Progresso, caminho da Virtude, caminho da Perfeição, caminho da Verdade, caminho da Luz. Caminhada longa, que a Estrada é Infinita. Na altura própria, Deus se nos patenteará.

— Quando a dôr nos esmaga, que abençoado lenitivo!

— Felizes daqueles, minha senhora, que adquirem tal crença.

— Não falta, porém, quem a ridicularize e aos seus adeptos...

— Não a conhecem. Alguns não querem mesmo conhecê-la porque a temem, freio que seria a seus apetites. Há insensatos que julgam que a ignorância os livrará de sentirem o peso da Lei. Quanto a troças, remoques e até ofensas, que me perdoem os dissidentes honestos e respeitadores (que o dito a eles não se refere): «O ladrar sempre tem sido o «leit-motiv» das caravanas que passam...» De resto, V. Ex.ª tem conhecimento de qualquer batalha na qual os vencedores não deixassem no campo mortos e feridos?...

Porto, 4 de Novembro de 1949.

(Em memória de meu pai, Antonio Carvalhal, desincarnado aos 4 de Novembro de 1942).

*

Harry Kerry

Por Frederico Duarte — Manchester

O conhecido médium educado no Brasil, Joseph de Santos, cidadão inglês, nascido na Guiana Inglesa, e que se encontra a trabalhar numa fábrica aqui perto de Manchester, reside com um conhecido Espiritualista, Mr. Birch.

Vou vê-los regularmente aos domingos sendo testemunha de excelentes provas sôbre a sobrevivência.

De Santos tem um guia chamado Harry Kerry, um rapazinho dos seus 12 anos, que passou para o «Além» vítima dum atropelamento de automóvel quando ao atravessar a rua.

Numa das minhas visitas, o «little Harry» falou-me dizendo:

Vou acompanhá-lo até sua casa. Agradeci-lhe, e nunca mais pensei no assunto. Três dias depois De Santos escreve-me o seguinte:

O little Harry acaba de regressar de sua casa, tendo-me falado sôbre a sua pessoa. Você tomou café antes de se deitar, tendo lavado a chicara e o pires e depois posto êstes em diferentes lugares. (correto).

Você anda muito ás pressas pelas ruas, mas muito vagarosamente quando ao subir escadas. De facto little Harry foi com você a um escritório situado num último andar, onde deixou lá qualquer coisa (um livro) e teve de regressar novamente para ir buscá-lo. (correto — o edifício não tem elevador e o escritório fica no último andar que é o quarto)!

Viu você depois entrar num banco buscar dinheiro. (correto). Depois viu você numa livraria onde discutiu a sua visita aquí a minha casa. (correto. A Livraria é a do «Two Worlds»).

Falou depois com um seu amigo com cabelo loiro, discutindo a sua visita aquí. (correto).

O little Harry acompanhou-os depois a um lugar onde você tomou café, mas não gostou nada desse lugar que não considera próprio para pessoas como você frequentarem. (Coisa extraordidária! Fui de facto a um muito manhoso Saloon bar, onde tive que tomar o café de pé por não haver alí mesas). O little Harry irá buscá-lo no domingo para o acampanhar e protegê-lo quando atravessar as ruas.»

Aquí temos um caso digno de estudo, e vou submeter o little Harry a várias experiências, não acreditando desde já que haja comunicação telepática entre mim e o médium De Santos, pois nunca me preocupo com coisas espíritas durante o dia onde minha mente está sempre ocupada com «coisas materialísticas». A chamada... luta pela vida!

—

Epitáfios

Na maior parte dos Cemitérios da Gran Bretanha há várias lápides com inscrições um tanto graciosas, epitáfios esses que foram preparados de antemão por aqueles cujos cadáveres se encontram naqueles lugares a reduzir-se a pó.

Houve um tempo em que me entretinha a visitar nos fins de semana os cemitérios, passando alí uns tempos agradáveis com a leitura dos epitáfios. Cheguei à conclusão de que houve e continua a haver nesta terra muito gracioso.

De facto, semelhantes epitáfios servem para os estudiosos se compenetrarem da futilidade de haver Cemitérios, que só servem para sustentar umas certas classes de indivíduos.

A mentalidade humana é deveras enigmática! No caso, por exemplo, de Espiritistas, há milhares e milhares que, posto que estando convencidos da futilidade dos Cemitérios preferem todavia, quando mortos, que as suas carcaças sejam comidas por minhócas, em vez de ser cremádas.

Por várias vezes que tenho acompanhado os restos mortais de alguns amigos até ao Crematório, e confesso que julgo ser êsse o melhor lugar sagrado para dispôr dos ditos.

Estive alí recentemente, e uns dias depois fui visitado pelo espírito do meu amigo, o qual me apareceu por intermédio duma médium, e me revelou o seguinte:

— Fred — foi-me permitido acompanhar o meu cadáver até ao Crematório. Estive muito perto de ti, e gostei muito da simplicidade do «Service» e minutos depois assisti à cremação do meu corpo. Mas acredita-me, Fred, que não me doeu nada! E o espírito começou a rir.

Natural que entre os meus estimados leitores haja alguns que se encontrem um tanto «enervados» com esta minha narração, e receiosos de ter um pesadêlo quando se deitarem. Perdoem-me pelo meu modo de encarar a vida, e para terminar êstes meus rabiscos dou a seguir a tradução dum epitáfio cujo original em inglês se encontra numa campa de um dos cemitérios de Stockport, perto de Manchester. Ei-lo:

Lembra-te ao passares por aquí desgraçado,
Que como tu és agora, eu fui no passado.
Mas como sou hoje, tu virás a ser também.
Assim, prepara-te para me seguires no [«Além».

Recentemente um gracioso escreveu a giz em baixo dêste Epitáfio, o seguinte:

Para te seguir, faria isso com agrado,
Mas não sei qual o caminho por ti to- [mado

Tem sem dúvida alguma muita graça e não ofende ninguém.

⁂

Um calculador extraordinário

De «Estudos Psíquicos»

A propósito do calculador citado pelo Dr. Xavier de Brito na Gazeta de Física e a que aludimos no penúltimo número desta revista, escreve-nos D. Ana Bárbara de Brito Colaço Guerreiro, dedicada sócia do Centro Espiritualista Luz e Amor:

«Li com grande interêsse em «Estudos Psiquicos» uma notícia a respeito de um calculador extraordinário. Como conheço pessoalmente um indivíduo com iguais aptidões, vou falar-lhe do grande matemático alentejano, como é designado.

«Chama-se Eduardo Camacho, tem poucos estudos, reside na Amadora e é empregado numa Caixa, creio que na Avenida Manuel Damaia. Resolve os mais difíceis problemas em curto espaço de tempo e diz que não sabe como aquilo é, mas parece-lhe que vê os algarismos a dançar na sua frente. Era empregado no Grêmio da Lavoura, em Castro Verde, onde o conheci; e enquanto lá esteve não usaram a máquina de calcular do referido Grêmio, por ser desnecessária. Todas as pessoas do Baixo Alentejo o conhecem e falam dele com admiração, mas ninguém sabe explicar aquelas faculdades.

«Pode fazer o uso que quiser desta carta, pois o sr. Camacho é sobejamente conhecido e os seus cálculos extraordinários andam na boca das pessoas que com êle têm privado».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Educandário «Euripedes» do Centro Espirita «Alan Kardec»

Uma obra extraordinária a serviço da instrução e de amparo à infância campineira

«Palmeiras» teve o prazer de visitar, há dias, as novas e moderníssimas instalações do Educandário «Euripedes», situado à rua Irmã Serafina n.° 674, entre as ruas Ferreira Penteado e Morais Sales, em Campinas.

Não está ainda terminada tôda a construção, mas, pelo que pudemos ver, dentro em breve será um estabelecimento modelar que muito honrará os fôros de cultura da terra campineira.

Basta notarmos que a área construida é de 1.440 metros quadrados, em uma gleba de 1550 metros quadrados.

São dois andares sólidamente construidos, com ampla ventilação e iluminados com farta distribuição de «vitraux» do sistema basculante, abrindo claros amiudados pelas paredes, permitindo, assim, perfeito arejamento e ensolação.

Tôda a construção está a cargo da Firma Leônidas Franco & Filho e é feita de tijolo e cimento armado, coberta de telhas tipo francês, num estilo sòbrio e imponente.

Diga-se á puridade que a firma construtora vem orientando as obras, desde a legalização da planta até a ùltima demão de tinta, sem cobrar honorários de qualquer espécie.

E' digna também de registro a atividade extraordinária que vem desenvolvendo o sr. Antonio Jordan, como encarregado geral e do pessoal na construção aludida.

Êsse gesto honra sobremaneira a firma construtora, evidenciando sua perfeita compreensão das necessidades da Criança Pobre, e demonstrando sua capacidade de altruismo e filantropia.

O pavimento térreo comporta: ampla Portaria; confortável Secretaria; duas salas, perfeitamente mobiliadas, para o Curso de Corte e Costura, com capacidade para mais de 50 alunos cada sala; uma sala para Datilografia com 24 maquinas de escrever, funcionando ininteruptamente das 7,30 às 21,30 horas; 7 salas com ótimo material escolar, destínadas aos diversos cursos diurnos e noturnos.

Cada sala dessas está de acôrdo com os requisitos didáticos, comportando mais ou menos 40 alunos em carteiras individuais.

As instalações sanitárias podem ser consideradas perfeitas, de acôrdo com todos os requisitos necessários para um estabelecimento escolar.

Na parte superior, depois de subirmos amplas escadas, largas, com fácil escoamento, encontramos um grande e maravilhoso salão medindo 24 metros de comprimento por 16 de largura, destinado a conferências, sala de exposição ou salão para exibições cinematográficas, para o que já foi construida a respectiva cabina de projeção; comporta ainda o andar superior 6 salas destinadas a: Gabinete Dentario, Gabinete Médico, Laboratório, Farmácia, sala para trabalhos de cura, sala para trabalhos científicos.

Tôda essa assistência médica, dentária, científica, será inteiramente gratuita.

Já se encontram em pleno funcionamento os seguintes cursos: Jardim da Infância, 1.° e 2.° anos primários, curso de Preparatórios e Admisão ao Ginásio e à Escola do Comércio, 1.°, 2.° e 3.° anos Comerciais, Curso de Datilografia e Curso de Corte e Costura.

O Educandário, como uma colmeia, trabalha e zumbe sem parar, sucedendo-se os cursos diurnos e noturnos num ritmo de trabalho e dinamismo promissor de grandes conquistas.

E, tudo isso, convem frizar e aplaudir, todos os cursos acima citados, não cobram alem de 20 cruzeiros mensais. O Jardim da Infância e curso primário são inteiramente gratuitos e todo aluno reconhecidamente pobre é recebido com imenso prazer, sem pagamento de qualquer taxa.

E' incrível, é fantástico: a taxa máxima cobrada pelo Educandário «Eurípedes», para todo e gualquer curso, é de VINTE cruzeiros!...

Os cursos em apreço, que funcionam sob a denominação de Instituto Popular «Humberto de Campos», estão a cargo dos abnegados professores: Curso de Preparatórios: Profa. D. Hilda Krun; Jardim da Infância: Profa. D. Julieta Marques Rocha; Curso de Corte e Costura: Profas. D. Maria de Castro e D. Maria Geremonte; Curso de Datilografia: Profas. D. Irma Berto e D. Gení Pagaiani. Professores do Curso Noturno: Srs. Giovani Valente e Arnaldo Penteado.

A secretaria está a cargo da Senhorita Tereza Berto, que vem se desincumbindo de suas mùltiplas tarefas com dinamismo ímpar.

A Diretoria eleita para reger os destinos do Centro Espìrita «Allan Kardec», e, consequentemente, do Educandário anexo, está assim constituida:

Pres. sr. Gustavo Marcondes; Vice, sr. Miguel Marques: Secretario Geral, sr. Servilio Marrone; 1.o Secr., sr. Angelo Santoni; 2.o Secr., sr. Mafaldo Martinelli; Tesoureiro geral, sr. Horacio Bento; 1.o Tes., sr. Antonio M. Serra; 2.o Tes. sr. Osvaldo Limoli; Oradores: Srs. Dr. Paulo B. Camargo e Geraldino T. da Silva.

Essa Diretoria vem realizando sua difícil tarefa com raro brilhantismo, construindo essa obra magnífica de real valor como benemerência e assistência à Infância.

Da visita que fizemos ás novas instalações do Centro Espìrita «Allan Kardec» e Educandário «Euripedes» trouxemos um como sentimento de euforia e satisfação, ao constatarmos que, ainda e sempre, a iniciativa particular tem conseguido realizar verdadeiros impossìveis.

Assistência Social gratuita, Assistência Escolar por preço irrisório, carinho, cultura, saber, tudo isso encontra a criança no Educandário «Euripedes»; tudo isso é feito por meio de donativos; tudo isso vem do óbulo modesto e anônimo daqueles que ajudam o Centro Espìrita «Allan Kardec».

«Palmeiras» apresenta aos realizadores de obra de real valor seus votos entusiásticos para um progresso sempre maior, para que saibam continuar na luta em pról da Infancia Desvalida.

Avante, pois, senhores!

Resta, agora, que os poderes públicos, compreendendo essa belissima iniciativa, auxiliem também com qualquer subvenção o trabalho dinâmico e empreendedor dessa plêiade de abnegados, para que possa ela levar a têrmo tão importante obra humanitária.

Aì fica a idéia para os dirigentes constituidos que sabem avaliar, com justiça e amor, os grandes empreendimentos particulares que visam beneficiar uma coletividade, principalmente quando se trata de algo fazer em proveito da infância desprotegida.

Da Revista «Palmeiras», de Campinas

Academia Espírita «Nova Jerusalém»

A 3 de Junho último, foi solenemente inaugurada na séde da SINAGOGA ESPÍRITA NOVA JERUSALÉM, à Rua Casemiro de Abreu, no Bairro do Braz, a primeira Academia Espírita do País.

Coincidindo essa data com a realização do 2.º Congresso Espírita Estadual convocado pela USE, e estando a noite livre para os Congressistas, deliberou o seu Presidente, confrade A. J. Trindade, convidá-los antecipadamente para a solenidade em questão.

Marcado para as 19 horas o início da festividade, só as 21 horas teve ela início, de vez que uma colossal assistência visitava os diversos compartimentos da novel entidade de estudos e aperfeiçoamento espiritual.

Finalmente, e no meio de vivo interêsse, o confrade A. J. Trindade, convida a tomarem lugares à mesa, o Capitão Genesio Nitrini, nosso estimado confrade e Representante oficial do Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Adhemar de Barros e os seguintes Congressistas:

Roberto Previdello, de Baurú; Caetano Previdello, de B. de Campos; José Papa, de Ribeirão Preto; Apolo Oliva Filho, da União da Mocidade Espírita da Capital; D. Luiza Pessanha Camargo Branco, Diretora do Instituto Espírita de Educação; Dra. Anita Carrijo, Dr. Otavio de Oliveira, médico da Sinagoga, escritor e poeta; Dr. Amadeu Santos, Representante da CEPA e da Federacion Espírita de Habana, jornalista, escritor e poeta; Prof. Anselmo Gomes, adeso à Reitoria da Capital e Prof. da Faculdade de Filosofia do Estado; Francisco Spinelli, Dr. Pompilio de Almeida e mais o confrade Mattos, Representantes da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, da Federação Espírita do Paraná e demais pessoas do mundo intelectual de S. Paulo que o cronista não poude registrar. Pouco depois, chegava ao recinto, vindo especialmente do Rio, o estimado confrade Prof. Romeu Campos Vergal, Deputado Federal por S. Paulo; Dr. Luiz Monteiro de Barros e mais congressistas. Após a prece de abertura, fala o Presidente da Academia que expõe à numerosa assistência o que representava a Academia para os espíritas do Brasil e do mundo e, como orador oficial da mesma, fez-se ouvir eloquentemente, o irmão Amadeu Santos, do Rio de Janeiro, Diretor da Revista «Alvorada de Uma Nova Éra» e que lecionará na Academia. Sua palavra vibrante, foi abafada no final da peroração por estrondosa salva de palmas.

A seguir, fez-se a apresentação dos nomes dos Professores que compõem o Corpo Docente da Academia, e a cada nome apresentado, as palmas de saudação vibravam no auditório.

Segue com a palavra o Prof. Anselmo Gomes, eletrizando os presentes com uma de suas peças magistrais, demonstrando seus profundos conhecimentos culturais e doutrinários. Uma palavra das mais brilhantes do País e do meio Espírita, na terra do Cruzeiro.

Depois, o confrade José Papa, D.

Luiza Peçanha C. Branco e D. Anita Carrijo e por fim, rapidamente, o confrade Campos Vergal, externam a sua satisfação pelo que haviam observado através dos anos de lutas do confrade Trindade e seus mais imediatos colaboradores. O confrade Vergal prestou significativa homenagem à D. Branca Trindade, esposa do irmão fundador da Academia Espírita. Todos foram ovacionados.

Precedendo à reunião oficial, foi apresentado à casa, um suntuoso programa lírico, tomando parte no mesmo, figuras destacadas nos meios artísticos da Capital e do País.

Todas as solenidades foram filmadas pelos operadores cinematográficos presentes, e em breve o filme será exibido nos cinemas da Capital.

No final da inesquecível reunião, o presidente ofereceu aos convidados, lauta mesa de doces e salgados, águas de mesa, refrescos, etc. ficando todos encantados com as demonstrações carinhosas recebidas do confrade Trindade e demais Diretores.

A Imprensa Espírita esteve representada pelos seguintes orgãos: «Mundo Espírita», do Rio de Janeiro; «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão; «O Kardecista», de S. Paulo; «A Nova Era», de Franca. Alguns elementos do Club dos Jornalistas Espíritas de São Paulo estiveram presentes, bem como o delegado da União Municipal Espírita de Catanduva e o representante do Centro Espírita «Amantes da Pobresa, de Matão, além de Centros da Capital, conforme vimos no livro de presença.

A' uma hora e 30 da madrugada de domingo, em meio da mais intensa alegria, todos retiravam-se para seus lares, certamente meditando no que lhes fora proporcionado na maravilhosa noite de 3 de Junho último, com a inauguração de mais uma escóla doutrinária do Espiritismo no Brasil, a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo, no sabio dizer de Humberto de Campos.

Que a «Academia Espírita Nova Jerusalém possa produzir em breve, frutos sazonados na senda do Espiritismo, são os nossos sinceros votos.

Do nosso correspondente em S. Paulo —
VICENTE S. NETO

* * *

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar referente ao mês de Maio de 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Abril	111	
Doentes de ambos os sexos que entraram no mês	28	139
Doentes de ambos os sexos que saíram com alta no mês		40

Passam para o Mês de Junho de 1950:

Gratuitos	55	
Pensionistas	44	99

Tratamento:

Injeções Intramusculares	516
Injeções venosas	610
Convulsoterapia elétrica	266
Malarioterapia	1
Extrações de dentes	29
Exames de sangue	28
Receitas aviadas	75
Doentes que já passaram pelo Hospital desde sua inauguração	577

Donativos recebidos:

Snr.	Emiliano Ortega	500,00	
«	Belmiro Mendonça	600,00	
«	José Faria	100,00	
«	João Carlos Martins	600,00	
«	Americo G. de Paiva	200,00	
	Diversos	450,00	2.450,00

Snr. Candido Fortes — 2 sacos de feijão

Marilia, 1.° de Junho de 1950.

* * *

José Dias em Portugal

José Dias, nosso velho amigo e companheiro, funcionário aposentado da Companhia Paulista, residente em Rio Claro e um dos mais esforçados pregadores espíritas, afim de rever sua terra natal, embarcou para Portugal em princípios de Maio último, onde pretende permanecer alguns meses. Foi êle incumbido de visitar, em nome da redação de «O Clarím» e «Revista Internacional do Espiritismo», os confrades portugueses, transmitindo-lhes o nosso abraço fraternal. E José Dias desobrigou-se da incumbência, tendo visitado já diversos confrades, entre os quais o Isidoro

Duarte Santos, Diretor de «Estudos Psiquicos»; Augusto Grave, Diretor do Grupo Espírita «Jesus Cristo», ambos residentes em Lisboa; Federação Espírita Portuguêsa; Manoel Cavaco, residente no Porto; Silvino Cunha e Joaquim Rocha, residèntes em Braga, sendo alvo das maiores gentilezas da parte de todos os confrades.

José Dias na carta que nos escreveu de Travanca de S. Pedro de Alva e datada de 24 de Junho último transmite as saudações fraternais dos confrades portugueses aos espíritas brasileiros, o que registramos aqui com a maior satisfação, augurando a este nosso amigo e companheiro felicidades na sua visita a Portugal

José Dias, agradece sensibilizado, por nosso intermédio, as atenções e as gentilezas sem par que os espíritas portugueses lhe vêm dispensando. De nossa parte fazemos nossos êsse agradecimento, aproveitando a aportunidade para enviar, mais uma vez, o nosso abraço fraterno aos confrades lusos.

II Congresso Espírita do Estado de São Paulo

Resoluções Finais

Entre outras, apresentamos as que julgamos de maior interêsse:

1.º) A USE, para efeito do seu trabalho, dividirá o Estado em regiões menores em relação à divisão anterior, aumentando o número de membros regionais;

2.º) a eleição dos membros regionais será feita por uma concentração em cada zona, assumindo os centros o compromisso de colaborarem eficientemente na unificação;

3.º) será acrescido um parágrafo ao artigo 18.º dos Estatutos, determinando que a USE só aceitará a adesão de centros espíritas após o parecer da União Municipal local; na falta dessa União na localidade, o centro ou centros espíritas adesos, prestarão os esclarecimentos necessários;

4.º) o artigo 12.º passará a ter a seguinte redação: aprovação por 2/3 dos presentes, ao envez de por maioria absoluta;

5.º) as Uniões Municipais continuarão como órgãos regionais sem caráter jurídico;

6.º) ao artigo 11.º dos Estatutos será acrescentado: excepto os representantes de entidades patrocinadoras; com referência ao mesmo artigo será ainda acrescentado: quando o Conselho não puder se reunir por falta de número, os conselheiros presentes assinarão no livro de presença, sendo contado ou considerado a falta para os demais;

7.º) ao mesmo artigo será acrescido um parágrafo assim redigido: não é permitida a procuração para efeito de «quorum» do Conselho;

8.º) o presidente da Diret. Executiva não poderá pertencer à Diretoria de nenhuma das entidades federativas, salvo se se desincompatibilizar;

9.º) as entidades federativas espíritas deixarão à USE o encargo de federar os centros espíritas do Estado; após a conclusão das demarches que ficarão a cargo do Conselho Deliberativo da USE, será convocado um Congresso para tomar conhecimento do facto em caráter definitivo.

S. Paulo, 4 de Junho de 1950.

Mais um projeto do deputado Campos Vergal

Como todos sabem, o deputado Campos Vergal, sempre que se lhe oferece oportunidade, não deixa de empregar os seus esforços no sentido de beneficiar as instituições espìritas que desenvolvem suas atividades no setor da assistência social. E' assim que esse incansável trabalhador da seára espírita apresentou á Camara Federal mais um projeto que concede subvenções a diversas instituições espíritas.

Eis o projeto:

CAMARA DOS DEPUTADOS

Projeto — N.º 5 — 1950

Abre ao Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de novecentos mil cruzeiros (Cr $ 900 000 00) para, a título de auxilio, ser distribuido ás Instituições de Assistência Social que menciona.

Do Sr. Campos Vergal:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º E' o Poder Executivo autorizado a abrir ao Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de Cr$ . . . . 900.000,00 para, a título de auxilio ser distribuido da seguinte forma às Instituições de Assistência Social abaixo mencionadas:

1 — Sociedade Espírita «Vicente de Paulo» (Sanatório Espìrita), na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, Cr.$ 100.000,00;

2 Centro Espírita «Luiz Gonzaga», na cidade de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais Cr.$ 100.000,00;

3 — Fundação «Educandario Pestalozzi,» na cidade de Franca, Estado de São Paulo, Cr.$ 100.000,00;

4 — Santa Casa de Misericórdia e Maternidade de Promissão, na Cidade de Promissão, Estado de São Paulo, Cr.$ 200.000,00;

5 — Centro Espìrita «Rodrigo Lobato,» sito á rua Rubião Junior n.º 466, na cidade de Santos, Estado de São Paulo, Cr.$ 100.000,00;

6 — Sociedade Cultura Psíquica «Francisco Sodré» sita á rua Comendador Oeterer n.º 789, na cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, Cr.$ 100.000,00;

7 — Asilo Creche Nazareno, sito á rua Pontes Leme, n.º 1 Campo Grande, Rio, Cr.$ 100.000,00.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 16 de Março de 1950. — CAMPOS VERGAL.

Justificação

As instituições beneficiadas pelo projeto foram criadas para a prática do bem e da caridade. Diariamente socorrem grande número de desprotegidos da sorte. Além disso, mantem escolas para a educação das crianças, ambulatórios permanentes; e, a exemplo das Santas Casas, hospitalizam os mais doentes.

Os auxílios aos menos favorecidos demonstram à evidência o meritório serviço que prestam à Nação, justamente por ajudar e socorrer inúmeros brasileiros, que devem ser amparados. Crianças deixam de ser analfabetas; doentes curam-se de seus males; mães, assistem-nas cuidadosos médicos; pobres recebem roupa e alimento; e os desesperados encontram nas palavras confortadoras lenitivos ás suas desesperanças. Êste o grande objetivo dessas instituições de assistência social, cujos diretores abnegados permanecem, quasi sempre, desconhecidos, verdadeiros heróis anônimos, mas sua obra grandiosa segue, pelo tempo afóra, como atestado evidente de solidariedade humana e cristã.

A egrégia Câmara, ao conceder subvenções a essas instituições de benemerência, irá ao encontro dos benfeitores da humanidade.

A ajuda material, o apôio do Estado constituirão incentivo ás suas realizacões, e a obra assistencial, iniciada com tanto altruísmo, é devidamente beneficiada pelos poderes constituídos.

Que dêsse grande banquete econômico, político e social da nação não se neguem as migalhas acima ás obras assistenciais mencionadas.

Sala das Sessões, 16 de Março de 1950. — CAMPOS VERGAL.

Confederação Espírita Argentina

Transcorreu a 14 de Junho último o cinquentenário da Confederação Espiritista Argentina. Comemorando o auspicioso acontecimento, «La Idea», seu órgão de publicidade, circulou nêsse dia em edição especial, com farta e escolhida colaboração de apreciados escritores espíritas argentinos e brasileiros, além de bem desenvolvido noticiário.

Aos queridos irmãos da Confederação Espiritista Argentina, o nosso abraço congratulatório por motivo do jubileu de ouro dessa grande instituição, almejando-lhes felicidades na grande missão de difundir a 3.ª Revelação, o Espiritismo, Doutrina essencialmente cristã.

D. Silvia Ferreira Borba

Regressou à Pátria Espiritual, na Capital Federal, no dia 4 de Maio último, a exma. sra. d. Silvia Ferreira Borba, prendada filha do nosso distinto amigo e colaborador, Cel. Delfino Ferreira, um dos mais apreciados escritores e jornalistas espíritas.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, alêm dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— ,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2671unse

NO XXVI—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1950—N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O motivo das guerras . . . . . *Redação*
O Espiritismo não é... . . . . . *J. B. Chagas*
«A fé que salva e o Espírito que vivifica» . . . . *Juin Selva*
A Calúnia e a Dignidade . . . . *Pereira Guedes*
Filosofia . . . . *Arnaldo S. Tiago*
Mediunidade e Espírito . . . . . *Pal*
Pontos de Vista . . . . *Leopoldo Machado*
Três Médiuns . . . . *Ismael Gomes Braga*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1950 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O motivo das guerras

ENQUANTO não se cumprirem as predições de Jesus, o maior missionário que o mundo já viu, e as visões proféticas do vidente de Patmos, que já estão se realizando integralmente, a humanidade continuará empenhada em lutas fratricidas que dia a dia mais aumentam em brutalidade, a pônto de nos darem a impressão de que não estamos vivendo entre sêres humanos, dotados de regular educação e com inteligência suficiente para resolverem todos os seus problemas por mais intrincados que sejam, com equidade e espírito de mansidão, mas sim entre verdadeiras feras, que sendo da mesma espècie, não se destróem mutuamente como os homens estão fazendo. Espíritos completamente materializados, pensam resolver os seus problemas à fôrça, jogando a humanidade em guerras pavorosas, diante das quais o inferno creado pela imaginação de Dante, não passa de um brinquedo infantil.

As guerras constituem o sinál caraterístico do atraso moral e espiritual dos povos. As ambições de ordem material, pessoal e ideològica é que originam as lutas fratricidas, semeando o luto, a miséria e a destruição indescriminada entre as populações, que ficam reduzidas a mais completa penúria física e moral, vendo de todos os lados destroços e ouvindo de cada canto, lamentações que ferem em cheio o mais insensível.

Os homens nunca se contentam com o suficiente para viverem uma vida honesta e humilde, embora saibam que a única cousa que podem levar consigo após a morte é o bem que semearem através da prática das virtudes, que constituem o único cartão de apresentação a Deus. Querem mais dinheiro, mais herdades, querem mandar como soberanos absolutos, sem a mínima consideração pelos seus semelhantes, como se a vida realmente se resumisse na abastança dos bens temporais. E no seu egoìsmo desmedido, vão muito longe, ao forjarem uma política complicada em que cada qual, sem o menor pudor, lança mão de meios escusos para satisfazer suas ambições. E' nisto precisamente que reside o facto de nunca poderem chegar a um entendimento definitivo. Choques de interesses pessoais, ideològicos e materiais os tornam muito mais cegos que os pròprios cegos.

A causa disso tudo está em que os homens desconhecem totalmente o Evangelho de Jesus no seu espírito vivificante, porque se o conhecessem, certamente teriam outra orientação, visariam o bem coletivo, plenamente compenetrados de que o Evangelho é a base da verdadeira vida, da equidade e da fraternidade.

Enquanto não se humilharem e não

se estribarem nos postulados evangélicos, todos os seus esforços no sentido de evitarem as guerras e beneficiarem a humanidade, serão sempre infrutíferos tanto mais que Paulo, o Apóstolo, afirmou que não há outro fundamento além daquele posto pelo Cristo de Deus. Isto quer dizer que os fundamentos lançados pelos homens, fundamentos que se sucedem ininterruptamente pela sua fragilidade, jamais serão capazes de satisfazer as justas aspirações da humanidade.

E a prova disso está em que, decorridos já quasi 20 sèculos da vinda de Jesus a este mundo, o ùnico fundamento que está prevalecendo e que dia a dia mais se amplia e fortalece, é o que foi lançado por Jesus: o seu Evangelho.

A sabedoria dos homens sempre foi e será impotente para fazer imperar no mundo a paz, a equidade e a compreensão entre si. A sabedoria, para ser tida como tal, precisa estar aliada ao sentimento. O cérebro que funciona sem a sanção do coração é morrão fumegante; não ilumina, não desfaz a densa escuridão do orgulho e do egoismo, pelo contrário, torna-a ainda mais densa.

Podem ficar convencidos os mais incientes que não estamos divagando. Não estamos interessados em navegar num mar de ilusões em busca de imaginação literárias. Estamos frente a realidades cada vez mais duras e precisamos, portanto, falar o que sabemos da Verdade, no cumprimento do dever.

O Espiritismo, esclarecendo os factos chamados supranormais, comprobativos da existência e imortalidade de alma, e com a divulgação do Evangelho em espírito vivificante, veio obrigar os homens, pela fôrça dos seus argumentos, a tomarem o verdadeiro caminho que os conduzirá ao suntuoso templo da fraternidade cristã.

Só assim as guerras terão fim, e cada qual, conscio dos seus deveres, se esforçará no sentido do bem coletivo, certo de que a sua felicidade está condicionada à felicidade que proporcionar aos seus semelhantes.

Os próximos dias serão de extrema amargura para todos, mas que cada um procure andar segundo os ditâmes cristãos para que a paz estenda sôbre todos a sua bandeira branca, seu símbolo.

O Espiritismo não é...

I

— para adivinhações, sortilégios, magias, cartomancias;
— para meios de vida de ninguém;
— muito menos para satisfazer vaidades pessoais;
— ainda menos para ser feito em torno de pessoas;
— doutrina de comodistas, indiferentes, desocupados, nem de incapazes morais.

1) — *NÃO É* bibliófilo e nem adota nenhuma das Bíblias existentes no mundo, seja a preferida pela Igreja ou pelos protestantes. A Bíblia para os espíritas, assemelha-se a uma grande colcha de retalhos, cujos remendos tiveram várias origens. Muitos foram os colaboradores. Nem tudo o que nela existe é de origem divina, sem contudo negarmos a porcentagem que possúe aquela origem. Os reformadores protestantes, baseiam-se no princípio de que a Bíblia é a suprema autoridade, sendo os seus 66 livros que compõem o Antigo e o Novo Testamentos, a expressão da palavra de Deus!...

Como é do conhecimento geral, há na Bíblia ou seja no Velho Testamento, três grupos de livros—Pentateuco—(Gênesis, Exodo, Levítico, Neemias-Doutores); profetas e hagiógrafos, relativos à Religião, à História, às instituições e aos costumes dos hebreus, livros estes anteriores a Jesus Cristo.

Constituem o Novo Testamento, os livros sagrados posteriores a Jesus Cristo — os quatro evangêlhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas e o Apocalípse de João. Originariamente, foi escrito em grego, à exceção do evangelho de Mateus, que foi escrito em hebráico. No reinado de Ptolomeu Filadelfo, o antigo testamento, foi traduzido em grego por 72 sábios hebreus. Esta tradução é conhecida por *versão dos setenta.* No século IV, a Bíblia, já toda traduzida em latim da versão dos setenta, foi revista por Santo Agostinho. Esta tradução, a única admitida pela Igreja, é chamada VULGATA. A versão dos setenta contém várias obras consideradas como apócrifas, pelos israelitas, entre outras os cinco *livros dos macabeus,* dos quais só os dois primeiros são considerados autênticos pela Igreja romana. Há em português, várias traduções da Bíblia, entre outras a de João Ferreira de Almeida e a de Antonio Pereira de Figueiredo. Esta última, feita sôbre a Vulgata latina, é a geralmente adotada. Existem em Portugal bíblias manuscritas da Idade Média. Na Bibliotéca Nacional de Lisbôa há bíblias dos séculos XII e XIII, existindo alí também uma bíblia hebráica com iluminuras em estílo mosárabe, que é uma preciosidade. Na Torre do Tombo, em Lisbôa, está guardada a *Bíblia dos Jeronimos,* que é um monumento de arte florentina, iluminada pela miniatura atarante.

2) — *NÃO É...*

...docetista, porque aceita Jesus como tendo possuído um corpo constituido de matéria, que não era totalmente igual à nossa, nem tão pouco, completamente aeroforme, fluídica ;

— uma religião, na expressão literal do termo, como explicam as Academias e os seus dicionários, mas a Religião—científico-religiosa do futuro, porque tudo explica e esclarece às criaturas sequiosas de saber ;

— paulino, juanino, nem nicolaita, nem marcionista ;

— nem unionista nem trinitário;

— partidário da adoção de nenhum dos apocalipses, seja de Paulo ou de João ;

— nem outras coisas mais, como veremos :

A Igreja católica aceita do Velho Testamento, os seguintes livros : *Os canônicos* — Gênesis, Exodo, Levítico, Números, Deuteronomio ; — os *Históricos* — Josué, Juizes, Samuel, Reis, Chrônicas, Esdras, Macabeus, Job, Ruth, Judith, Ester, Tobias ; — *os Filosóficos ou morais :* Psalmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sapiência e os dezesete profetas. Entretanto, o Concílio de Trento, em 1546, declarou que a Bíblia integralmente tem Deus como autor e deve ser recebida com respeito, amor e piedade...

O Espiritismo, como Nova Revelação, enviada a seu tempo aos homens, jamais poderia adotar a Bíblia, nos seus cursos de Doutrina, pois, se assim o fizesse, usaria a mesma atitude daqueles homens que em pleno século XX, dispondo dos meios fáceis de transporte, como sejam, o trem elétrico, o avião, preferissem o carro de bois !...

O próprio Jesus, sentiu o passadismo do Velho Testamento, daí ter êle lançado o Novo, todavia, o seu trabalho maior, foi aproveitar as lições magistrais dos ensinamentos contidos nas partes que êle considerou de origem divina, construindo as suas admiráveis parábolas, todas com um sentido figurado ou oculto, mas que deveria ser compreendido, em *espírito e verdade,* no futuro, por aqueles que tivessem *olhos de vêr...*

Senão vejamos—não precisamos ter o espírito de exegeta, para encontrar prontamente a correlação da passagem bíblica de Jonas no ventre da baleia, com o ensinamento das reencarnações sucessivas, ou seja das vidas após vidas, da necessidade de *nascer de novo,* dada por Jesus a Nicodemus. Assim, como no sonho do rei Nabucodonosor, de que fala o profeta Daniel, com o sublime ensinamento — *dos que se exaltam, serão humilhados,* etc., etc. Teriamos que exgotar rios de tinta, caso pretendessemos, numa despretenciosa crônica, procurar demonstrar todas as correlações de muitas passagens do Velho Testamento, com as do Novo.

O Novo Testamento, subsidiariamente, é aproveitado no estudo espírita como simples fonte de consulta na tradução do Padre Antonio Pereira de Almeida, não se levando em conta a sua veracidade ou não, pelas dificuldades oriundas que um trabalho de verificação traria áquele que desejasse a ele se entregar.

Com o objetivo de aproveitar, o que é mais essencial ao ensino religioso espirita, na parte moral dos textos, quer bíblicos, quer evangélicos, o Dr. Léon Hipolite Denizard Rivail, ou seja o *mestre Allan Kardec,* empreendeu com grande descortínio e inteligência um trabalho afanoso e delicado de selecionar desses mesmos ensinamentos evangélicos, que houve por bem explanar com farta dose de comentários, merecendo a graça de contar com o auxìlio e a ajuda dos Espiritos Superiores, que se tornaram prestimosos instrutores ; desse trabalho resultou o livro que intitulou — O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, que muitos dos nossos irmãos, acham que deveria ser ao contrário — o ESPIRITISMO SEGUNDO O EVANGELHO. Completam, assim, o mágico *dossier* da doutrina Espírita, as demais obras, mais conhecidas como da *Codificação cardecista* e as outras subsidiárias ou complementares, as quais já formam uma coletânea respeitavel.

Professor emérito que era e figura de grande prestígio e cultura invejável, na França da sua época, soube o Dr. Rivail, como ninguem o faria melhor, submeter os novos estudos da Doutrina nascente, para a sua melhor difusão e propaganda, ao método, o mais rigoroso, que é o apanágio de todo docente, e isto o realizou da fórma mais original possivel, conseguindo ela vencer o tempo e o espaço, e chegar até nòs, íntegra e coêsa, na sua admirável contextura, por isso que o Espiritismo não possuindo Faculdades, formadora de doutores, tem conseguido se impor por si mesmo, sôbre outras que têm surgido, e ao mesmo tempo desaparecido, na voragem do tempo.

J. B. CHAGAS.

"A fé que salva e o Espìrito que vivifica"

"Revue Spirite" — *JUIN SELVA*

«Toma êste remédio enquanto êle cura», declara o céptico ao interlocutor, em busca de um lenitivo a seus padecimentos. Em seguida acrescenta com sorriso mais ou menos espiritual:

«Além de tudo, é a fé que salva!»

Se o cavalheiro céptico pudesse suspeitar a profundidade deste adágio, dele falaria com menos leviandade.

Os sábios que não têm o hábito do gracejo fácil, compreenderam perfeitamente que o instinto do povo não se engana. De tempos a esta parte, alguns dêles têm admitido a ação da sugestão na cura de enfêrmos. Recentemente os trabalhos notáveis de Bernheim, da escola de Nancy, e sobretudo de Emilio Coué, convenceram mais de um negador que punham em dúvida o valor curativo das «idéias-fôrça». Bastam as provas pela leitura atenta de três livros de valor, de que faremos breve análise.

O primeiro se intitula: «A cura pelo Espírito. — A fantástica existência de Maria Baker Eddy», por Stépham Zweig.

O segundo traz o seguinte título: «A Verdade sôbre Lourdes». Foi escrito por um médico alienista da Algéria, o Dr. Rouley.

Quanto ao terceiro, saiu da pena de um especialista, Dr. Charles Baudouin, professor na Faculdade de Letras de Genebra, e no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Intitula-se: «Sugestão e auto-sugestão».

O primeiro nos conta a extraordinária existência da americana Maria Baker Eddy, fundadora da «Christian Science.».

Eis o que diz o autor:

«Nem bela, nem sedutora, pouco inteligente, sem grande instrução, sem fortuna, sem amigos e sem relações». Tudo contra si: a Religião, a ciência oficial, sem excetuar o senso comum.

Ela só tem uma idéia no cérebro; mas que idéia, e com que obstinação a propaga!

E o resultado? perguntareis. Ei-lo: Em vinte anos, ela construiu templos luxuosos; fundou jornais e Universidades; criou nova medicina, cujos resultados fazem refletir os médicos mais eminentes e os filósofos mais sutís. Ela morre aos 90 anos em atmosfera de apoteose.

Tais são os resultados de uma idéia-fôrça.

Qual foi então essa famosa idéia, que para a humanidade foi uma «Nova Revelação ?»

Para bem compreende-la, necessário é volver à segunda metade de século XIX.

Pelo ano de 1832, certo Dr. Poyen,

de origem francêsa e discípulo de Mesmer, percorria os Estados Unidos e, em público, fazia experiências de hipnotismo. Ora, êle notou um relojoeiro de nome Quimby, que atentamente seguia suas sessões. Chamou-o a sua presença e nele reconheceu grande poder magnetizador. Foi quando Quimby abandonou seus relógios e se uniu a uma jovem médium de 15 anos, Lucia Burgmayr. Em transe, a médium descobria a moléstia do cliente e indicava o remédio. Certo dia, Quimby observou uma cousa muito curiosa. Havia dado a um pobre certo remédio barato, e não o medicamento caro prescrito pela médium. O resultado foi o mesmo, e o doente ficou curado. Quimby descobriu (e justamente) que o paciente sarou porque tinha a máxima confiança em seu remédio. Por outros termos, a doença foi curada pela sujestão. Assim sendo, que deverá fazer o curador? Êle afirmará ao enfêrmo que a sua doença é ilusória e vigorosamente insistirá nêste sentido. Se o cliente chegar a crêr fortemente, estará curado. Foi o que aconteceu, e mais de uma vez.

Em 1862, mencionada Maria Baker, após haver pedido recursos a pessoas caridosas, foi encontrar Quimby que se achava em Portland. Atacada de paralisia medular, apenas conseguindo arrastar-se, chegou ela quasi morta a casa do taumaturgo. Êste falou-lhe docemente, confortou-a e a tratou de acôrdo com seu método. E eis o milagre! Uma semana após a entrevista, estava ela completamente curada. Zombando do veridito condenatório dos médicos, Mary Baker circulava em Portland. Aos 50 anos, possuia energia física e exuberância de uma americana à flôr da idade. Mas a cousa não parou aí. Em toda cidade, e em casa dela, anunciou sua cura, exaltando o curador. Ela não via embaraços, se bem que o marido, importunado por tanto barulho, se divorciou e partiu para longe. A irmã a abandonou e toda família voltou-lhe as costas.

A despeito de todas as privações, Maria Baker continuou suas prédicas. Algumas pessoas caridosas socorreram-na e e impediram sua morte pela fome. Entre duas magras refeições, em seu miserável tugúrio, trabalhava ela, sem descanso na redação de seu famoso manuscrito. Êste, sem cessar aumentado e corrigido, tornar-se-ia o novo Evangelho de milhões de homens.

Assim, passaram-se quatro anos. Enfim, apresentou-se seu primeiro discípulo, um jovem operário de 21 anos. A quinquagenária passou um contrato com o adolescente; ela o instruiria em sua doutrina; êle curaria os enfêrmos, e lhe entregaria a metade de seus honorários. Tais foram os modestos começos da «Cristian Science», fadada a tão brilhante futuro.

Foi em 1875 que Maria Baker Eddy publicou seu famoso livro: Science and Health» (Ciencia e Saude»).

Stéphan Zweig pondera justamente: Esta obra «reune em um só sistema a ciência de três faculdades: Teologia, Filosofia e Medicina.» Tornou-se para milhões de homens o que a Bíblia é para os cristãos e o Alcorão para o Islamismo. Essa primeira edição, hoje muito rara, é o resultado do manuscrito começado em 1867, sem cessar corrigido e enriquecido de novos comentários até 1874, época em que a autora o mandou imprimir.

A primeira edição nos interessa mais que todas as outras que foram corrigidas e edulcoradas por princípios prudentes; o que tirou o vigor primitivo ao original. Lá se encontra, em toda sua integridade o comentário da célebre fórmula: «Unidade de Deus e não realidade do Mundo».

Segundo Maria Baker, «Deus é o Bem, e sendo o Bem, não pode existir o Mal.» Por consequência a dôr e enfermidade, de facto, são inexistentes. Não existem senão em aparência, não passam de ilusão. Quem se convencer desta Verdade estará salvo, curado.

«Absurdo e loucura!» dir-se-á. Talvez assim seja. Mas a nossa profetiza assim não pensa e estende sua teoria ao extremo. Ela chega a ponto de negar a existência da matéria e portanto, do corpo. Só existem moléstias do espírito e não da carne, pela simples razão da inexistência desta.

Tal é resumida em poucas linhas, a quintessência da doutrina de Maria Baker. Não nos apressemos a ridicularizar esta doutrina, porque essa ignorante não foi a única a sustentar a irrealidade do mundo sensível.

Em pleno século 18, o célebre filósofo Berkeley afirmou a realidade única do espírito e o caráter ilusório da matéria.

Seja qual fôr a verdade ou o êrro desta doutrina, dois factos são indubitáveis para todo o espírito sincero. Primeiro, Maria Baker fez milhões de adeptos, o que já é um facto apreciável. Depois, operou curas famosas, tanto ela como seus colaboradores; facto bem sugestivo.

O autor que analisamos, e que não é precisamente adepto da «Christian Science», afirma os factos em muitas passagens de seus estudos. Ajuntemos que uma revista bem positiva, «A Ciência da Vida», se não nos falha a memória, outróra se ocupou das curas dessa seita, cuja realidade assegura claramente. Pessoalmente, estamos disso convencidos, porque, com muitos outros, admitimos a cura pela fé, seja qual fôr essa fé. Igreja ou médium curador.

Não é só na América que encontramos êste estranho fenômeno. A nossa velha Europa, nada lhe fica a dever, sob êste ponto de vista. Assim é que em 1910, o Dr. Rouley, médico alienista na Algéria, publicou um livro de crítica cerrada sôbre as curas miraculosas em geral, particularizando as de Lourdes. Aquí não se trata de religião nova, mas do catolicismo, que não data de ontem.

O autor evita prudentemente negar sistematicamente todas as curas de Lourdes. Chega mesmo a declarar que muitas são explicáveis quer pela hetero-sugestão quer pela auto-sugestão. A sua precaução vai a ponto de esboçar impressionante quadro das moléstias curáveis em Lourdes, ou em outra parte.

A obra do Dr. Rouley termina por um curioso apêndice sôbre as curas miraculosas na antiguidade. Fala-nos do deus curador Asclepiades, ou Esculápio. Nos dois templos a eles consagrados, em Epidauro e no Asclepian de Atenas, os sacerdotes viam acorrer, de muito longe, enfêrmos os mais diversos. As inscrições relatam longamente os «milagres» operados por Asclepiades. Duas mencionam uma vintena de casos. Havia curas de cegos, paralíticos, hidrópicos, como em Lourdes, e pelas mesmas razões. Provavelmente tratava-se de oftalmias, paralisias e hidropesias de origem histérica, moléstias estas curáveis pela hetero-sugestão e auto-sugestão. O autor também fala dos *ex-voto*, que enfêrmos reconhecidos ofereciam a Asclepiades. Encontraram oferendas numerosas: joias de ouro e prata, vasos para perfumes, placas comemorativas, estatuetas, etc. Eis porque razão teem aqueles que pretendem nada de novo haver debaixo do sol!

Desejariamos fazer a análise abreviada da terceira obra, a mais importante a nosso vêr; mas esta análise nos levaria muito longe. Vamos mencionar sumariamente o seu fim e alcance. Esta obra, intitulada «Sugestão e Auto-Sugestão», nos familiariza com os resultados obtidos pelo método Coué e pela nova escola de Nancy. Êle trás como emblema estas palavras de Vitor Hugo: «Todo pensamento é uma fôrça». O livro foi dedicado a Emilio Coué, o fundador do método francês, desembaraçado, diz o autor, «do reclamo e dos postulados místicos». Evidentemente está a aludir à «Christian Science» e a outras seitas da América, país que expressamente nomeia no prefácio. O escritor passa em revista os diversos tipos de sugestão: espontânea, refletida e provocada. Nestas três categorias, cita êle casos surpreendentes. Mencionamos alguns relatados em mencionada obra. Vemos, por exemplo, o Dr. Bonjour, de Lausanne, regular, à sua vontade, um parto por sugestão hipnótica. Por objeto de experiência, havia êle escolhido mulher jovem, cujo filho deveria nascer normalmente, três semanas mais tarde. Ora, 21 dias antes dessa data, o Dr. Bonjour sugeriu à futura mãe, que adormecesse na quinta-feira seguinte, ás 14 horas. Êle mesmo iria vê-la sexta-feira ás 7 hs. da manhã, e ao meio dia nasceria a criança. Ora, grande foi a estupefação do diretor da Maternidade e dos internos, informados da experiência, ao constatarem o nascimento ás 13 horas. Pela sugestão o parto se verificára 17 dias antes da época normal.

Eis outro caso, que parece mais simples, que todavia tem alta importância teórica. Trata-se da cura de verrugas O mesmo Dr. Bonjour «acumulou» observações sôbre êste caso. Êle acabou por concluír que, em 50 por 100 de factos observados, as verrugas desaparecem sob a influência de 2 minutos de sugestão.

Êste gênero de curas nos parece de grande importância para a tese que defendemos. Efetivamente, muitas pessoas acreditavam (e nós também) que a sugestão só poderia ser eficaz contra moléstias dependentes estreitamente do sistema nervoso. Mas parece provado que seu poder se estende mais longe, como o mostra o caso das verrugas...

Eis agora um exemplo cómico de cura por sugestão espontânea. E' a história de um asmático atingido por acesso súbito, e que sufocava em seu quarto de hotel. Em sua aflição, procura em vão, seus fósforos. Não os encontrando, procura, ás apalpadelas, encontrar uma abertura qualquer. Descobre uma superfície de vidro, mas nada existe para abrí-la. Talado pelo mêdo, quebra o vidro com um formidável sôco Uma corrente de ar puro banha-lhe o rosto; está salvo! Na manhã seguinte, com assombro descobre que está hermeticamente fechado em seu quarto, e que havia quebrado o vidro da caixa de um relógio.

Também poderiamos citar certos casos de sugestão espontânea, em que a imaginação da mãe inflúe sôbre o organismo da criança que trás no seio. Desde muito se conhece o exemplo, citado por Liébeault, de certa mulher que se impressionára com o aspecto de uma estátua de santo, em sua igreja paroquial. Durante a vida toda, o filho conservou curiosa semelhança com a dita estátua. Os casos dêste gênero são numerosos e bem estudados.

Igualmente haveria interessante estudo a fazer sôbre o *dermografismo* e particularmente sôbre o estranho fenômeno da *estigmatização.* O autor cita o caso pouco banal de certa mocinha nervosa que procurava a solução de um problema. Esta estava claramente inscrita em sua pele. Não nos esqueçamos dos místicos, antigos e modernos, que receberam nos pés e nas mãos as chagas da paixão do Cristo. E nos países mussulmanos, não vimos marabutos e derviches em estado de transe, voluntária e metódicamente provocado, permanecerem insensíveis ás queimaduras pelo fogo e aos ferimentos por espadas? Quanto aos faquires da Índia, diariamente os vemos operar prodígios semelhantes.

O que de mais extraordinário há nêste domínio, é que para curar nem mesmo necessário é ser sugestionado por outrem. Póde-se mesmo dispensar a prática de exercícios de hipnotismo sôbre a própria pessôa. Consegue-se, com tenacidade, a cura em si próprio por processos assás simples. Coué conta que um químico de Nancy, sr. Jacquemin, sofria de reumatismo crônico, que nenhum remédio conseguia curar. O paciente resolveu por em prática os conselhos de Coué. Todos os dias, sobretudo no momento de se deitar, êle repetia com obstinação: «Não estou doente; caminho sem dificuldade». A melhora foi imediata e, ao fim de alguns dias, o químico estava radicalmente curado.

Eis agora um caso para encorajar os candidatos a curas. Uma jovem aluna da Escola Normal Superior de Fontenay, deixou-se invadir pela neurastenia, ressentindo-se seu trabalho e saude. A jovem resolveu empregar o método de auto-sugestão do Dr. Coué. Ao fim de algum tempo, ela escreveu-lhe para agradecer e comunicar os resultados obtidos. Eram surpreendentes. A neurastenia quasi desaparecera. A tristeza vaga, o desânimo sem razão, a lassidão geral haviam dado lugar à prodigiosa vontade de trabalhar. Naturalmente, ela conheceu o sucesso e as alegrias resultantes da cura....

Não iremos mais longe, porque seria isso estender, à vontade, a lista de casos suficientemente explicados pela sugestão. Demais, muitos não ultrapassarão à fase da consulta pura e simples. Forçados a admitir os factos, terão a franqueza de os confessar. Mas farão como o matemático que, ao saír do teatro onde ouvira uma peça de Racine, exclamara: «O que é que isso prova?»

Para nós, os fenômenos da sugestão provam alguma cousa e essa «alguma cousa» é de suprema importância para a humanidade. Sob todas as suas formas, a sugestão demonstra mais uma vez, o poder do espírito sôbre a matéria. A idéia é fôrça. E' bem o que vemos nêste domínio, ainda um tanto misterioso. A parte invisível e material do homem, o Pensamento, faz retroceder mais ou menos a doença, na razão direta de sua intensidade, e na inversa do poder do mal. O Pensamento mata, assim como vivifica. Segundo seu real capricho, semeia o prazer ou a dôr, no mundo dos sentidos. E' êle que cria a matéria e não a matéria que o engendra. Como o Creador no começo dos tempos, êle diz: «Faça-se a luz!» e aparece a luz. «Haja saude!» e a saude esplende. Se o corpo é um mecanismo maravilhoso, o Espírito e o genial mecânico, porque êle mesmo fabricou a sua máquina, e quando lhe apraz, a repara (conserta).

Eis porque com simpatia nos inclinamos para os trabalhos de todos aqueles que conscientemente ou não, contribuem para revelar ao mundo, o poder e a supremacia do Espírito.

A CALÚNIA E A DIGNIDADE

A calúnia é a difamação infundada, ferindo a dignidade de outrem, a honra.

Ninguém está livre dela; mas, assim como existem na profilaxia biológica processos de imunização contra os males do corpo, também, na profilaxia moral a imunização contra os males da calúnia e da injúria, está no equilíbrio da dignidade — a honra.

«A honra», dizia o grande J. J. Rousseau, «jamais fica à mercê de outrem, está na própria pessôa e não na opinião pública: não se defende com espada nem com escudo, mas com a vida íntegra e irrepreensível».

Quando sôbre alguém se lança uma calùnia, basta que a dignidade se erga para que a pecha desapareça; e, aqueles que assistiram ao lançamento da «bomba» injuriadora e que estáticos aguardam o trágico efeito de tal petardo, assistem com redobrada emoção, á poderosa eficácia da honra ultrajada, por alguns instantes, anular os mortìferos efeitos da calúnia.

A dignidade é o antìdoto da calúnia.

A boa conduta eleva o homem, qualquer que seja a sua posição social, à mais alta dignidade, não só perante o juizo do mundo, mas também e com justificada razão, ao da sua própria consciência.

O caluniado não se deixa abater pelo silêncio. Para defender-se lança mãos de todos os recursos dignos: se é pequeno, torna-se grande; se é fraco, torna-se forte. Mas, não basta dizer-se caluniado para que a sua defesa se consolide perante a opinião pública, é preciso provar que tudo quanto lhe atribui o caluniador é falso, é mentira, é CALÚNIA.

O homem que vive às claras, sem ardís e nem maquiavelismo, não pode e nem deve temer a língua maldizente do caluniador.

Assim deve ser o espírita.

Se vivemos vida irregular, isto é, desrespeitando os comesinhos preceitos da moral, iludindo o próximo e, por processos ardilosos, acumulando fortuna em detrimento dos nossos semelhantes, como poderemos chamar caluniador a aqueles que nos apontam à execração do mundo, apontando também as nossas criminosas falhas?

Allan Kardec, o provecto codificador da Doutrina, perguntou aos espìritos reveladores:

«Haverá casos em que seja útil patentear o mal de outrem?»

Eis a resposta:

«Esta questão é muito delicada, e aquí é que convém fazer apêlo à caridade bem compreendida; se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nunca há utilidade em patenteá-la; mas se podem prejudicar a outrem, convém preferir o interêsse do maior número ao de um só. Conforme as circunstâncias, pode ser um dever desmascarar a hipocrisia e a mentira: porque é preferìvel a quéda de um só homem a consentir-se que muitos venham a ser joguete e vítimas dêle. Em semelhante caso, é prudente contrabalançar o peso das vantagens e dos inconvenientes». (S. Luiz, Paris. 1860 — O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO).

Ora, se por ventura afirmarmos documentadamente, que no exercício de sua profissão (principalmente se no caso fôr a medicina) o médico X, exerce êsse sacerdócio, conspurcando os fundamentos morais da arte de curar, de comum acôrdo com determinados laboratórios de produtos farmacêuticos e o faz visando, acima de tudo, o lucro exorbitante, que êsse facultativo é charlatão, porque explora a boa fé e a ignorância do público para quem receita produtos, quantas vezes de qualidade duvidosa, estaremos caluniando? E nesse caso que compete ao caluniado fazer? Provar o contrário ou processar o caluniador. Não basta pois, dizer-se caluniado.

Se aquêle que se julga caluniado silencia, nêsse caso quem poderá acreditar no silêncio como resposta à calúnia?

«O silêncio é de ouro», dis o provérbio, mas, há ocasiões na vida do homem em que é também consentimento, outras vezes indignidade, e, quase sempre cobardia, capitulação ou morte.

Refutar a calúnia acocorado atrás do anonimato é cobardia.

O anonimato é próprio dos cobardes. Aqueles que se julgam feridos em seus interêsses ou melindres e se ocultam sob a capa do anonimato para mais à vontade objurgar o adversário, procedem como os cobardes que se acocoram atrás da moita para não serem vistos e atingir o alvo, atacando o inimigo.

Cobardia é sinônimo de pusilanimidade ou mêdo. O cobarde é morto moral, em estado de putrefação moral.

O cadáver só nos atinge pela exalação das carnes e decomposição. O cobarde só nos atinge traiçoeiramente, armando a mão do sicário ou escondendo-se para não ser visto ao atirar a pedra, detonar a arma ou embeber o punhal no corpo do adversário.

«A melhor resposta à calúnia, é o silêncio». disse Volpone, mas, se o suposto caluniador exibir provas de tudo quanto afirma, a verdade aparece e o silêncio não servirá jamais como arma de defesa.

A calúnia é injúria, é mentira.

A honra é o bom conceito, é a bôa reputação, é a limpidez de caráter, é a virtude.

O máu pode tornar-se bom, desde que tenha dado o primeiro passo na estrada do aperfeiçoamento moral e queira prosseguir sem vacilação, olhando para a frente e para o alto, praticando obras dignificadoras.

PEREIRA GUEDES.

Rio, Julho de 1950.

Modesto de Abreu:

FILOSOFIA

Biblioteca de Ensino Moderno (1945)

O nosso colaborador Arnaldo S. Thiago leu, perante a Sociedade Brasileira de Filosofia, a seguinte apreciação:

«O professor Modesto de Abreu, publicando o seu excelente tratado sôbre filosofia, prestou à educação da juventude brasileira inestimável serviço. O nosso abalizado consócio, Snr. Manuel Carlos, em substancioso estudo, apreciou como filósofo a obra de Modesto de Abreu, dando-nos, de acôrdo com a sua nobre orientação filosófica, uma crítica do mesmo tratado, que prima pela excelência dos conceitos e elevação do julgamento.

De nossa parte, encontramos em Modesto de Abreu o sentido altruístico e a noção de imparcialidade, indispensáveis ao escritor que se consagra à produção de obras destinadas à educação da mocidade. Em sua «Filosofia», essas qualidades sobrelevam a quaisquer outras inspirações pessoais, quanto ao modo de vêr e de sentir os assuntos em debate.

A aludida noção de imparcialidade revela-se nas suas referências ao Espiritismo, a que tantos autores se furtam, dando, assim, evidente demonstração de espírito sectarista que se não coaduna, de modo algum, com as exigências da moderna investigação filosófica. Felicitamos, por isso, o autor e congratulamo-nos com a Sociedade Brasileira de Filosofia, agremiação essencialmente eclética, a cujo liberalismo esclarecido ficará sempre devendo a educação nacional a possibilidade do exame e da livre crítica que sofreram, na atualidade, rude golpe por parte da orientação política e social do país.

Essas referências ao Espiritismo encontram-se em várias páginas do livro em aprêço. No capítulo que trata da Psicologia, ao examinar as diferentes Escolas Psicológicas Modernas, alude ao

Espiritismo nos seguintes têrmos (pag. 13): — ESCOLA METAPSÍQUICA — (Conan Doyle, Richet, Flammarion, Édison): preocupa-se com os fenômenos de transmissão do pensamento, televisão, mediunidade e irradiação das fôrças mentais, a respeito das quais muitas investigações se vem fazendo na Índia, desde tempos imemoriais e, nos países ocidentais, a partir dos estudos realizados por Allan Kardec, William Crookes, Oliver Lodge, Léon Dénis, Lombroso e outros experimentadores do espiritismo». No capítulo VII—«VIDA ATIVA—Reflexo e Instinto — Hábito e Vontade — Temperamento—Caráter— Hereditariedade—Psiquismo Anormal» — o autor faz referências à contribuição do Espiritismo para o estudo dessa parte da Filosofia, nos seguintes têrmos (pag. 63): METAPSIQUISMO. — E' o estudo dos fenômenos que não podem ser explicados pelas leis que regem comumente os fenômenos psíquicos. — Toma também a denominação de *para-psicologia.* — Os principais fenômenos metapsíquicos são: Telepatia, transmissão do pensamento à distância; TELEVISÃO, transmissão de imagens visuais à distância; MEDIUNIDADE, comunicação com espíritos; UBIQUIDADE, faculdade de transportar o espírito para longe do corpo, como se estivesse ao mesmo tempo presente nos dois lugares; *tiptologia,* comunicação de espíritos por meio de pancadas convencionais dadas com auxílio de «mesas falantes»; LEVITAÇÃO, suspensão de corpos pesados, no espaço, contra as leis comuns da física, por intermédio de fôrças sobrenaturais». (Melhor diria o autor, para estar de conformidade com a Doutrina: *fôrças espirituais,* seja-nos permitido observar).

No capítulo que trata da METAFÍSICA (pag. 122)—«Teorias do conhecimento», assim se externa: TEORIA DA REMINISCÊNCIA — (Platão): o conhecimento atual é uma reminiscência das idéias adquiridas pela alma em suas existências anteriores.—Essa mesma teoria é aceita pelas modernas correntes metapsíquicas». Diz bem o autor: essa teoria, esposada pelo insigne Platão, que é a doutrina da Reincarnação, constitúe uma das bases do Espiritismo, sendo necessário apenas esclarecer que, admitindo os Espiritas o progresso eterno e constante, vem a ser o conhecimento atual uma reminiscência das idéias adquiridas pelo Espírito em suas anteriores existências, acrescido eternamente, êsse conhecimento, das novas idéias que o Espírito continua adquirindo pelo estudo e pelo trabalho constantes, através dos infindos ciclos da evolução espiritual.

* * *

Além dessas referências diretas ao Espiritismo, encontramos no livro do professor Modesto de Abreu outras alusões a princípios e idéias que, constituindo objeto de cogitação para os espíritas, merecem-nos peculiar atenção.

E' assim que temos, no capítulo I de METAFÍSICA, à pag. 124, o seguinte: *Intuicionismo* (Bergson): a intuição é uma parcela do psiquismo, a inteligência é outra. — A inteligência alcança apenas a compreensão dos fenômenos; a intuição penetra os domínios do sêr e da vida». Esta doutrina, esposada por Bergson, é oriunda do Espiritismo. Acha-se exposta em todas as obras espíritas, a começar pelas fundamentais, de Allan Kardec, culminando na «Grande Síntese», de inspiração mediúnica, recebida por Pietro Ubaldi, com uma essencial diferença, porém: é que o intuicionismo, para os espíritas, decorre da sintonização da inteligência do homem com a de outros Espíritos que, por sua elevação, se constituem guias da humanidade, ao passo que, para Bergson, segundo Modesto de Abreu (pag. 161), filia-se ao princípio de que o «*instinto* decide dos nossos atos mais que a inteligência».

No capítulo II de METAFÍSICA, situando Descartes entre os dualistas, com inteira propriedade, Modesto de Abreu atribue-lhe o conceito de que «a alma, distinta do corpo, aloja-se na glândula *pineal* ou *epífise,* de onde se comunica com todo o corpo por meio de fluídos sutis denominados espíritos animais». (Filosofia, pag. 127).

André Luiz, um Espírito que se manifesta últimamente pelo notável médium Francisco Cândido Xavier e que muitos supõem ser o Dr, Miguel Couto, de saudosa memória, em recentes estudos sôbre a epífise ou glândula pineal, localisa na mesma a faculdade mediúnica, tendo o Dr. Guilhon Ribeiro Filho realizado estudo interessante a respeito, em uma conferência pública na Federação Espírita Brasileira. Comparando esta versão científica com o princípio filosófico de Descartes, vê-se que foi êste um admiràvel precursor do Espiritismo. De facto, «Descartes, partindo do *cógito, ergo sum* de Santo Agostinho, adotou como lema o axioma *penso, logo existo,* para demonstrar a imaterialidade do Eu, ao contrário do que entendia o bispo de Hipona». (Modesto de Abreu — FILOSOFIA — pag. 152),

Se tal é o sentido do lema cartesiano, o seu autor elevou-se, evidentemente, a um alto gráu de penetração psicológica. Para o comum dos homens, o que se depreende do lema: «Penso, logo existo», isto é, a idéia a que podem atingir, é a de que, tendo uma forma, existem dentro dessa *forma.* Para pensar como Descartes, é preciso que o sêr inteligente se tenha elevado à categoria de puro Espírito.

No mesmo capítulo, pag. 128, citando Cudworth: «entre a alma e o corpo existe um elemento de ligação, o *mediador plástico,* a que os Espíritas dão o nome de *perispírito* e mediante o qual pode, em certas circunstâncias, o espírito materializar-se».

No cap. III da HISTÓRIA DA FILOSOFIA, citando Leibniz, assim se externa: Leibniz (1646-1716) que na teoria das *mônadas* afirmou a existência de uma harmonia preestabelecida entre a alma e o corpo; descobriu com Newton as bases do cálculo infinitesimal; tentou com Bossuet a fusão das igrejas católica e protestante; adotou em tudo um ponto de vista sempre otimista, o que lhe valeu ser satirizado por Voltaire no CÂNDIDO, no qual se acha retratado na figura do Dr. Pangloss.» (pags. 152 — 153).

Por último, à pag. 154, respigamos ainda esta referência a um dos grandes filósofos das Escolas Modernas; Georges Berkeley (1684-1753) é o fundador do idealismo inglês; para éle a matéria existe apenas em nosso espírito; as únicas realidades exteriores são as idéias, o espírito e Deus. — Publicou trabalhos científicos e políticos; sua obra filosófica está contida no *Alciphron* ou *Pequeno Filósofo,* livro de apologia cristã. — Era irlandês; morreu como bispo de Cloyne».

Para quem, como o professor Modesto de Abreu, parece estar filiado ou à escola ateista ou à positivista, pelo que se depreende de suas próprias palavras no capítulo II de METAFÍSICA — Provas da existência de Deus, na crítica que faz das diferentes provas *(gnoseològicas, cosmológicas e psicològicas),* da existência de Deus, é sobremodo honroso produzir obra de tanto alcance filosófico, dando-nos, a respeito do pensamento dos grandes filósofos espiritualistas, uma noção tão clara do que aceitaram como verdade.

Essa imparcialidade e êsse critério altruístico do Dr. Modesto de Abreu, ficarão como exemplo à posteridade, entretecendo-lhe nobres lauréis que o colocam entre os grandes servidores das boas idéias na Humanidade.»

Mediunidade e Espírito Santo

Em sua crônica de 28 de Maio p.p., no «Diário de São Paulo», o sr. A. P. V., sem dùvida um padre, foi pouco justo e ainda menos amável para com os espíritas.

Debatendo a questão do Espírito Santo, aquêle irmão, ao invés de provar o nosso equívoco apontando e interpretando os textos bíblicos ante os quais viessem a esboroar-se as nossas convicções, tal como conviria a quem professa e difunde o cristianismo, pôs-se a doestar-nos desabridamente, qual fossemos uma súcia de irresponsáveis e cretinos a cometer sacrilégios por toda parte.

Pois o que a S. Revma. não aprouve fazer, ouso fazer eu: procurarei com a prova dos Sagrados Documentos mostrar qual das doutrinas a mais errada nêste ponto — a nossa ou a sua.

Transcrevo o seguinte trecho do seu escrito:

> «O Espírito Santo quando fala pela bôca dos seus profetas e apóstolos, não lhes tolhe a razão nem lhes

aniquila a personalidade. Êle apenas os ilumina desvendando-lhes a Verdade e deixando que estes, no estílo próprio, perfeitamente conscientes do que estão fazendo, espontaneamente comuniquem aos outros aquilo que aprenderam nos arcanos da divina sabedoria».

Dizendo isto, passa o cronista a enxovalhar a mediunidade, increpando-a de «animalização da pessoa humana» pelo facto de sujeitar os médiuns à perda da consciência.

Revela, assim, o ilustre clérigo desconhecimento da matéria, visto que os maiores médiuns são precisamente os que conservam plena lucidez nas comunicações espirituais, haja vista o incomparável Chico Xavier.

Mas o articulista não sabe disso e continua a meter os pés pelas mãos tachando-nos, a nós espíritas, de aviltadores do Espírito Santo por admitirmos, como de facto também admitimos, a possibilidade da manifestação do Espírito Santo em médiuns inconscientes.

Não se apercebe S. Revma. que é êle quem está ofendendo o Paráclito, uma vez que essa possibilidade é real, como podemos verificar nos Atos dos Apóstolos, na passagem que relata a visita de Pedro ao centurião Cornélio. Vemos aí o Espírito Santo descer sôbre os gentios ou idólatras alí presentes, obrigando-os a falar em LÍNGUAS ESTRANHAS e a glorificar ao Deus único e verdadeiro que eles não conheciam, já que até aquêle momento sómente rendiam culto aos deuses do paganismo. Logo, não usaram o ESTÍLO PRÓPRIO, fôra-lhes tolhida a RAZÃO ou a CONSCIÊNCIA, suprimira-se-lhes a PERSONALIDADE e, por fim, NÃO COMUNICARAM o que haviam aprendido. Aí está. Achará o bravo porta-voz católico que o Paráclito se envileceu nessa passsagem ? Alíás, nas próprias manifestações de Pentecostes, que lhe serviram de tema à citada crônica, os apóstolos reunidos entraram a falar em lìnguas por eles ignoradas nas quais exalçavam a glória de Deus. E de tal forma o Espìrito Santo atuou sôbre os discìpulos que chegaram a dar a impressão de estarem embriagados ou «cheios de mosto», segundo a pitoresca expressão do autor do Livro. Houve também aí «animalização da pessôa humana ?» Para o sr. A. P. V. deve ter havido, pois os onze de Jesus sofreram naquêle momento privação de consciência.

Mas, que vem a ser êsse Espírito Santo què se manifestava naqueles tempos de maneira tão singular e surpreendente ?

Ensina o Espiritismo que é o conjunto angelical de entidades enviadas a operar na Terra em benefìcio dos homens de bôa vontade, ou seja, cooperadores da divina Luz (sob êste aspecto denominado, por Jesus, de Espìrito de Verdade) ou missionários do Amor divino (nêste sentido denominado Espìrito Consolador ou Paráclito). Pelo acôrdo de vontades, de inteligências e sensibilidades representam um só Espírito, integrado no Senhor em razão de conquistas evolutivas. Embora habitantes dos planos celestes, já viveram na carne. Como Espíritos, a sua ação sôbre os incarnados se exerce já subjetiva (por inspiração), já objetivamente (por meio de comunicações exteriores).

De que se trata de espíritos desincarnados ou de mortos, encontra o Espiritismo fundamento inabalável nos Livros Sagrados. Não houvesse certos factos, alì relatados, que nos falam da interferência, entre os vivos, de mortos *gloriosos*, tais como Samuel em Endôr, Elias e Moisés no Tabôr, bastaria citar as palavras de Paulo em I Corintios, 15 : 29:

«De outra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se realmente os mortos não ressuscitam ? Pois por que se batizam por eles ?»

Sabe a Igreja Romana que o grande Apóstolo, com estas palavras procurava, aos negadores da vida além-túmulo, provar a realidade da ressurreição individual, isto é, que as almas despertam e agem num outro plano de vida após a morte do corpo fìsico. Mas o que confunde os católicos é o argumento aduzido por Paulo : o batismo (efusão do Espìrito Santo), levado a efeito com a participação dos mortos. Quer dizer : No momento em que o batismo era administrado, manifestavam-se entidades do Além que se identificavam como ESPÍRITOS EX-INCARNADOS, provando, destarte, a sobrevivência da alma. De facto : Uma vez que os agentes invisíveis do batismo, falando pela bôca dos batizados, se apresentavam, em nome do Espìrito Santo, como ESPÍRITOS DE MORTOS, é irretorquìvel que há ressurreição particular. Não há negá-lo, senão por turra ou cegueira voluntária.

Como se vê, a luta dos primeiros cristãos contra a incredulidade humana em face da prova dos factos é idêntica à em que hoje se empenham os espìritas. No entanto, o sr. A. P. V. procura degradá-la em nome de Jesus. Tenhamos paciência e que o Mestre o perdôe.

PAL.

Pontos de Vista

LEOPOLDO MACHADO

Lobishomens

Existem *lobishomens, mulas-sem-cabeça?*

Os Espíritos adiantados plasmam no fluído universal as imagens que desejam: o que foram em encarnações pretéritas, as coisas que desejam nós vejamos, as imagens e visões que impressionam os médiuns videntes, claridades e sons harmoniosos.

Os Espíritos atrasados, imperfeitos, a quem é vedado tanto, plasmam, por sua vez, fórmas horríveis, animais fantásticos, coisas horripilantes. Ora, entre tais coisas, animais e formas, podem aparecer alguns bichos fantasmas, que tomem o nome de sacís, mulas-sem-cabeça, lobishomens...

E' bem isto que se lê no livro, UMBANDA, de Florisdalva M. S. Franco, ditado pelos espíritos Pai João e Mãe Maria, prefaciado pelo espírito de André Luiz: «...os exús atrasados, mesmos (exús atrasados é pleonasmo!) aparecem aos videntes até em fórma de bicho hediondos, cujas fórmas mentalizam para atemorizar os encarnados».

Ora, desde que mentalizem *lobishomens, mulas-sem-cabeça* e *sacis pererês* aparecem tais bichos, claro.

Vampiros Humanos

Como o Vampiro de Dusseldolf, o Vampiro de Londres vai ser enforcado por seus crimes mais do que selvagens.

John Jeorge Haigh era, entretanto, um belo tipo de beleza e elegância. E profundamente versado em religião em que se educou, que fôra, até, seminarista. Atravessou a infância «numa atmosfera intensamente religiosa». Uma senhorinha de fino gosto confessou que nunca viu criatura mais delicada e adorável. Entretanto, depois de um desastre de que saiu ferido na cabeça, adquiriu o gosto de sangue humano. «O gosto do sangue humano fascinava-o, atraia-o, enlouquecia-o.» E êle era arrastado, não sabia como, a matar e beber o sangue, sugado talvez da carotida, de sua vítima.

Um monstro? Uma féra humana?

E porque não um obsidiado, como o fôra Pieter Reeuter, o Vampiro de Dusseldolf?

Um sanatório espírita, em que se atraísse o obsessor, que o dominara tanto, seria o melhor meio de solucionar o caso, em vez de sua morte por enforcamento. De futuro, quando a psiquiatria for espiritualista e espiritualizada a justiça humana baseada nos moldes cristãos em que se encontra o «Não matarás», casos como o do infeliz John George Haigh serão resolvidos sem penas de morte...

A Tragédia Euclides da Cunha

Está sendo revivida, no vespertino mais sensacionalista, a tragédia dolorosíssima que tragou a vida de Euclides da Cunha, nosso maior escritor, e de seu filho.

As maiores vítimas da tragédia?

Não foram, certamente, o escritor e o filho, que, talvez, resgatassem faltas antigas, ou a falta cometida com a provocação do assassínio.

As maiores vítimas foram os matadores, e quem deu causa, por sua leviandade ou arrastamento, á tragédia.

O martírio de 40 anos de sofrimentos morais, assinalados pelo matador, atesta o que afirmamos.

Uma coisa ficou demonstrada na publicação: Euclides da Cunha era *médium* descontrolado, exatamente, por não conhecer ao Espiritismo.

Este facto o atesta:

Teve um vizinho de sua antipatia, que morreu de varíola. Euclides passa a ver o morto por toda parte. Quando lhe aparecia qualquer apontamento, ou papel, lançava a culpa ao Espírito do vizinho. E atirava-lhe, chamando-o *barbeirinho de uma figa*, livros e descomposturas. Passava-lhe rasteiras, a gritar: «Pulapraquí, que te quero arrebentar a cara», etc. etc.

Desorganização psìquica? diz o jornal.

Não lhe damos outro nome. Apenas vislumbramos nela a verdadeira causa.

Nuvem na Glória de Goethe

Dois séculos depois, a glória de Goethe, se não é a mesma, aumentou, cristalizou-se.

Lemos, porém, a nuvem que empana, perante os Espíritos retos, a glória do maior gênio da Alemanha e um dos maiores do mundo, que é a seguinte:

Goethe pesava o pão que se comia e dormia com a chave da despensa debaixo do travesseiro. A morte da esposa foi uma coisa horrível. «Inteiramente só e abandonada, ás mãos de impiedosas enfermeiras, ela morreu sem cuidados. Mão amiga alguma lhe fechou os olhos. Goethe não teve coragem de chegar junto dela. O féretro de Carlota Stein passa, afinal, sob as janelas do gênio.

— Que barulho é este? — pergunta o poeta ao criado.

— E' o cortejo fúnebre da senhora Carlota.

— Ah! diz Goethe e continua, indiferente, seu trabalho».

Se «só os puros e os sábios subirão até Deus», esta nuvem na glória de Goethe mostra que a bondade e a sabedoria não estavam aliadas na sua vida.

Voltará, se já não voltou, talvez num desses filósofos e cantadores do nordeste, analfabetos, mas inteligente, bom, inculto.

Sôro da Juventude

O *sôro da Juventude*, que já está sendo fabricado no Rio, para transformar velhos e macróbios em jovens e crianças, é o velho sonho do dr. Fausto, a questão velhissima da água de juventa, do retôrno á mocidade.

Mais um Voronoff, um Asuero em cena, e levado muito a sério pela medicina e imprensa, por muitos velhos saudosos da mocidade perdida.

Será desta vez?

E valeria, mesmo, a pena, a prolongação da vida neste *vale de làgrimas?* Mesmo sem conhecer os esplendores da Vida Espiritual, êsse paraíso que Jesus prometeu a Dimas estariam *hoje mesmo* nele, não ha nada de realmente grande e belo na Terra que valha a pena uma existência indefinida, qualquer que seja a idade.

Voltaremos á Terra e á carne, acriançados e juvenilizados. Mas, em outro corpo, com outro nome, por obra e graça da reincarnação.

Os restos de S. Pedro

Os espojos de S. Pedro, o discípulo do Cristo, que teria sido o primeiro papa, diz-se que foram descobertos a menos de seis metros abaixo dos alicerces da basílica de S. Pedro, em Roma, valendo isto por importante contribuição histórica para o Cristianismo.

O cristianismo do Cristo alicerça-se em valores espirituais, morais e científicos, que não em ossadas, sejam de quem foram, que, para o Cristo, «o Espírito é tudo, a carne para nada aproveita».

Ademais, como se prova que S. Pedro estivesse em Roma?

Sua presença em Roma, não é nem histórico nem evangélico, que o perdamos de vista quando êle sai da prisão, solto pelos espíritos, segundo Atos, cap. 12.

Ademais, que ossos seriam estes que suportaram dois mil anos, sem se transformarem em pó, pois presume-se que nenhum processo químico seria empregado para a conservação dos ossos de um peregrino e renegado, que deveria ser Pedro naqueles tempos.

S. Pedro, que, por ser vero discípulo do Cristo, nunca seria papa, impõe-se a todos que bem o conhecem por seu espírito e por sua fé e mediunidade, pois foi o maior médium dos discípulos do Cristo.

Agruras do Brasil

O Brasil é, para Espíritos de luz, *o Coração do Mundo.*

E um país essencialmente agrícola, cujas terras, produzem sem se lhes plantar, quanto mais, atirando-se-lhes as sementes.

E nossas leis trabalhistas, de molde a segurar os trabalhadores, são magníficas e oportunas no tocante a beneficiar os empregados e trabalhadores.

Entretanto, vemos nos jornais que estão chegando alho da Itália e o Brasil está importando cebola do Egito.

A Itália corresponde em superfície ao Piauí e saíu de uma grande guerra!

E o Egito fica nos confins da África e em superfície, um pouco maior que Minas Gerais!

Uma calamidade, não há dúvida, que só será sanada quando nosso povo tiver consciência trabalhista, por compreender que sem amor ao Trabalho, sem educação e produção conscientes, não há sentido religioso, rótulos pomposos e leis trabalhistas que nos consertem.

«Como da religião deriva tudo», como escreveu eminente eclesiástico, o amor ao trabalho ainda não derivou da religião da maioria dos brasileiros.

Ainda bem que o Espiritismo já está transmitindo outra consciência trabalhista, aí estão as obras espíritas, de assistência social, por êle inspiradas, frutos de trabalho redentor, porque expontâneo e sem visar lucros materiais.

União de Credos

Pio XII lança um apêlo angustioso aos profitentes de outras religiões, afim de que católicos, protestantes e judeus formem uma frente única contra o comunismo.

Ainda bem que a *quelque chose malheur est bon*...

A tolerância entre as religiões espiritualistas—monoteistas—dizemos tolerância e não união — é, ainda, um problema de dificilima solução. E, quanto mais poderosa é uma casta e infalível se julga uma religião, menos tolera os outros e as outras.

Um papa fazer tal apêlo serve, ainda, de lição magnífica para os seus subalternos que andam, no Brasil como entre povos em que se julgam poderosíssimos, hostilizando intolerantemente as crenças alheias, os outros credos.

Ainda há dias passado, um jornal do Rio, entregue, agora, aos padres, cobriu de insultos e labeus o DIÁRIO TRABALHISTA por causa do Joãozinho da Goméa e de suas práticas religicsas, que são, em tudo — tintas a mais ou a menos — semelhantes ás da Igreja...

O CARIDOSO

Oferecido a José Bento de Carvalho,
DE SANTOS

Nasci ontem, morri hoje, vivo amanhã,
Naquela «vida» conhecida pela verdade,
Que nem todos esperam com anciedade,
Viver nela, unidos á união cristã.

Ela, a mais bela, a mais pura, a mais sã,
Vida consecutiva, fruto, Eternidade!
Onde nós gozamos a luz da Felicidade,
Porque na terra «ela» fôra uma vida vã.

Amanhã pois, numa nova esfera viverei.
Eu, entre os justos, os humildes, os Mestres,
Como um naufrago que acaba de se salvar.

Junto a eles, lições do Bem aprenderei,
Para um dia mais tarde aos irmãos terrestres
o «Amor da Salvação» lhes possa eu ensinar!

FIALHO DE ALMEIDA.

Por escrita automática do médium J. de Santos, e enviado a Frederico Duarte, Manchester, pelo correio, em 20-7-1950.

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr. $50,00	Do 4.º ano	Cr.$ 50,00	Do 5.º ano	Cr.$ 50,00
Do 6.º ano	50,00	Do 7.º ano	50,00	Do 8.º ano	50,00
Do 10.º ano	50,00	Do 11.º ano	60,00	Do 12.º ano	60,00
Do 13.º ano	60,00	Do 14.º ano	60,00	Do 15.º ano	70,00
Do 16.º ano	80,00	Do 17.º ano	60,00	Do 18.º ano	60,00
Do 19.º ano	60,00	Do 20.º ano	60,00	Do 21.º ano	60,00
Do 22.º ano	60,00	Do 23 º ano	60,00	Do 24.º ano	60,00

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

I

HÁ presentemente no Brasil muitos médiuns notáveis e se aquí vamos ocupar-nos sómente de três deles, é porque tivemos a fortuna de estudar mais demoradamente estas três mediunidades que bastariam a produzir uma transformação completa na mentalidade e, consequentemente, na vida de um povo inteligente e estudioso, como é o povo brasileiro.

São da mesma idade: todos têm aproximadamente quarenta anos, o que demonstra terem vindo à Terra para uma missão simultânea. O gráu de instrução igualmente é o mesmo: todos tiveram sómente instrução primária. Vivem em Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro e São Paulo.

Os nomes são: Francisco Cândido Xavier, Nelson Rocha e João Cosme. O primeiro é psicógrafo, vidente, audiente, de incorporação. Os outros dois produzem efeitos físicos: materialização, voz direta, telecnésia, etc.

Todos três são cristãos e só fazem sessões com preces, com bôa doutrina cristã, com muita seriedade.

Com Francisco Cândido Xavier já tivemos a fortuna de assistir a uma centena ou mais de sessões, nestes dez anos mais recentes, sendo algumas públicas, com grande assistência, outras íntimas só com um ou dois assistentes. Nessas sessões recebemos copioso material de estudo, de valor inestimável: mensagens de Espíritos superiores, em prosa e versos, de estílo elevadíssimo; comunicações pessoais de Espíritos familiares dos mais diversos graus de instrução e cultura, desde grandes poetas e pensadores até parentes de pequeníssima instrução literária, em estílo familiar, com erros de linguagem e idéias limitadíssimas.

Essa variedade infinita de estílos, graus de instrução e cultura ou incultura, modismos, frasear conhecido que identifica os comunicantes, constitúe uma documentação inatacável para demonstrar os princípios básicos do Espiritismo: 1) A alma humana sobrevive à morte do corpo, conserva os mesmos conhecimentos e sentimentos que possuía antes da morte; 2) Póde comunicar-se com os vivos, em circunstâncias especiais que são mais ou menos raras; 3) Os depoimentos dos Espíritos de diversas categorias morais e intelectuais nos revelam seu estado feliz ou infeliz e formam um conjunto de ensinamentos que nos podem orientar a conduta.

Além das comunicações que nos foram dirigidas, muitas delas destinadas à publicidade e que foram publicadas e outras de natureza demasiado íntima que não foram publicadas, tivemos ocasião de ouvir a leitura de muitíssimas comunicações recebidas no momento para outros assistentes, muitas delas com perfeito cunho de identidade para as pessoas que as receberam das mãos do médium em nossa presença. Assistentes inteiramente desconhecidos do médium, chegados à cidade no momento da sessão, por muitas vezes receberam comunicações de parentes que declinavam nomes de família e de amigos, tratavam de assuntos particulares, dando conselhos, fazendo sugestões, apresentando críticas ou repreensões que identificavam completamente o comunicante. Muitas vezes, diante de tais mensagens, o assistente ou a assistente se emociona até ás lágrimas ou o pranto violento.

Vimos, igualmente, o médium receber mensagens de fino lavor literário, destinadas a livros, sempre ao correr do lápis, uma após outra, poesias e prosa sôbre os mais diversos assuntos, diante de poucas ou de muitas pessoas. Ouvimos-lhe a descrição minuciosa de personalidades espirituais presentes, reconhecíveis pelos assistentes ou por algum deles mediante o relato do vidente. Tais entidades citam muitas vezes seus nomes, anunciam a quem se dirigem por intermédio da audiência do médium, declaram o que pretendem, funcionando o médium como um intérprete entre pessoas de línguas diferentes. Por vezes a entidade que se apresenta à vidência do médium e por seu intermédio nos fala, promete uma comunicação escrita, que posteriormente, no mesmo dia ou no dia seguinte, é recebida. Não raro na mensagem escrita a letra ou a assinatura é claramente reconhecível. Outras vezes não são reconhecíveis.

Diariamente êsse médium recebe visitas dos pontos mais diversos do país e até do estrangeiro. Quasi sempre são pessoas em sofrimento que desejam conselhos ou consolação. Quasi todas essas pessoas recebem mensagens de seus parentes, amigos, Guias, protetores. O médium recebe uma correspondência muito volumosa, de muitas centenas de cartas por semana, fazendo-lhe pedidos e a todos — ou quasi todos — atende.

Dentre os pedidos há também os que não podem ser atendidos, por encerrarem assuntos proibidos pela moral ou pelos princípios superiores da Doutrina cristã.

Em mais de dezoito anos do exercício da mediunidade, Francisco Cândido Xavier já recebeu muitos milhares de mensagens destinadas a particulares, atendendo a pedidos ou espontâneamente recebidas. Esta é a parte mais volumosa de seu trabalho mediúnico, mas não é a mais conhecida, porque em via de regra fica sem publicidade. Outra parte menos volumosa é a destinada à publicidade. Já produziu um pouco mais de quarenta volumes de literatura, alguns dos quais tiveram diversas edições, outros ainda se acham em preparação ou em primeira edição. Essa produção de livros abrange os mais variados temas: romances, novelas, história, fisiologia, religião, moral, literatura para crianças e jovens, em prosa ou poesia, mas principalmente formam uma pregação evangélica de raro ou incomparável valor. Os Autores que assinam com o seu nome ou pseudônimo essa imensa produção são todos de língua portuguêsa, reconhecíveis pelo estílo, pelo vocabulário e pelo frasear que usavam em vida, quando seus nomes são conhecidos e a verificação póde ser feita. Alguns, porém, se achavam ainda ocultos por um pseudônimo e só os amigos mais íntimos do médium ou êle mesmo sabe quem tenham sido em vida.

Ao lado desses quarenta e tantos volumes que já formam uma bibliotéca cristã de incalculável valor, há uma imensidade de comunicações impressas em cartões postais, folhas soltas, brochuras de distribuição gratuita entre conhecidos e amigos do médium

Reportagens de grandes diários e um processo judicial conhecido pelo nome de «O Caso Humberto de Campos», que agitou toda a imprensa do país e chegou até ao estrangeiro, determinaram uma divulgação do Espiritismo no Brasil sem precedentes na História, graças à obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, discutida com paixão desde 1932, quando apareceu a primeira edição de *«Parnáso de Além Túmulo»*, obra poética ímpar na literatura espírita mundial. Seu aparecimento agitou todos os meios literários do país numa discussão acêsa que até hoje não foi encerrada e já conta com 18 anos de debates.

Se a obra poética, as crônicas e novelas dêsse médium agitaram os meios literários do país e são hoje lidas por toda a gente, as obras de natureza científica, mais notadamente os livros assinados por André Luiz, despertaram o interêsse dos homens de ciência, principalmente dos médicos, porque revelam conhecimentos científicos profundos e demonstram que o Autor se acha a par das mais recentes descobertas científicas dos nossos dias. (*)

A obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier já é uma revolução completa na mentalidade brasileira, mas se acha apenas iniciada: o médium conta quarenta anos de idade e está em crescente produtividade.

Póde imaginar-se que ainda produza durante trinta ou quarenta anos, em escala sempre mais elevada e impressionante.

Pessoalmente, Francisco Cândido Xavier é muito atraente, afável, de maneiras simples e cativantes, alegre, de moral irrepreensível, mantém imensa correpondência pessoal. Responde com solicitude a todas as perguntas que recebe por escrito ou oralmente.

Não temos que insistir sôbre a personalidade dêsse médium perante os leitores espíritas, porque êle já é conhecidíssimo de todos os espíritas do país. Estamos sómente fazendo um registo do que todos já sabem.

Em outros artiguetes trataremos dos outros dois médiuns que completam o trio do nosso modesto estudo para os leitores desta revista.

(*) A propósito dêsse interêsse dos médicos brasileiros pelos fenômenos espíritas, convèm lembrar aquí uma ruidosa operação de apendicite realizada em

plenas trevas, no Grupo Espírita «Luiz Gonzaga», de Pindamonhangaba, em 6 de Janeiro de 1945, sob a fiscalização rigorosa de médicos, jornalistas, delegado de polícia e outras pessoas.

Depois, mistificadores tentaram explorar o caso com fraudes que lançaram dúvidas no espírito público; mas a famosa operação realizada em Pindamonhangaba acha-se registrada num livro de um homem sério e passará à posteridade como precioso documento. No livro «Trabalhos Post-Mortem do Padre Zabeu», *Urbano Pereira registra essa preciosa documentação, salvando-a do aluvião de mistificações e dúvidas que se seguiram. Êsse livro póde ser encomendado à Caixa Postal N.º 21, Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, ao preço de Cr. $ 20,00.*

Crônica Estrangeira

Não «saíram» aos pais

Com esta epígrafe «Diário de Notícias» de 19 de Fevereiro, publica uma nótula, na página do *Documentário*, em que o noticiarista se mostra partidário dos cientistas que não crêem que o talento musical (porque só musical?) seja resultado de hereditariedade. E cita como elemento de prova: Arturo Toscanini, filho de um alfaiate e de uma modesta dona de casa que nunca manifestaram a menor tendência para a música, bem como qualquer dos avós, tios ou irmãos; e o célebre violinista Yehudi Menuhin que também não teve antepassados artistas, o mesmo tendo acontecido a Artur Rubinstein.

A estes talentos musicais podemos ajuntar Yole Catera, moça italiana que, cerca dos 22 anos de idade, se revelou espontâneamente médium musical extraordinário, produzindo composições inéditas de grandes compositores, entre as quais avultavam as de Bellini, cuja autenticidade foi reconhecida „por musicistas categorizados.

Mas quantos grandes homens tiveram igualmente proveniência humilde, sem que a exuberância do seu talento, do seu gênio, possa encontrar explicação na sua ascendência direta ou colateral?...

Dou uma pequena lista, em seguida:

—O astrônomo Copernico era filho de um pobre padeiro polaco.

—O matemático e astrônomo francês Laplace era filho de um componês.

—O astrônomo alemão Kepler, era filho de um taverneiro; êle próprio foi caixeiro de uma taverna.

—O escritor, filósofo e matemático francês d'Alembert, era engeitado: encontrado numa noite de inverno na escadaria de uma igreja, veio a ser educado pela mulher de um vidraceiro.

—O químico inglês Humphry Davy foi criado de um farmacêutico.

—O químico e físico inglês Faraday foi encadernador.

—Colombo era filho de um cardador de lã, de Gênova.

—Cook, o viajante inglês de explorações científicas, foi caixeiro de mercearia.

—O Papa Gregório VII, era filho de um carpinteiro.

—O Papa Sixto V era guardador de porcos quando foi recolhido pelos franciscanos.

—O Papa Adriano VI, na sua mocidade, estudava as lições à luz dos lampeões das ruas por não ter dinheiro para comprar uma vela.

—O naturalista inglês John Ray, era filho de um ferreiro.

—James Watt, mecânico escossês, era filho de um operário de navios.

—O americano Franklin, inventor do pára-raios, era filho de um fabricante de velas de cebo.

—Jean Datton, físico, químico e naturalista inglês, era filho de um tecelão manual.

—O físico alemão Fraunhafer, era filho de um vidreiro.

—O naturalista sueco Lineu, era filho de um pobre pastor.

—Lamark, naturalista francês, era filho de um empregado bancário.

E quantos, quantos mais se poderiam citar!

⁂

Premonição de morte

Uma das «Notas do Dia» do «Diário de Noticias» de 21 de Maio, refere o caso de uma pequenita de seis anos de idade ter tido a intuição da sua morte próxima.

Como uma manhã se sentisse mal disposta, a mãe insistiu com a filha para que não fosse à escola, mas a pequena replicou que queria *despedir-se de todos os seus companheiros; que lhe vestisse o seu vestido novo e a penteasse bem, pois «queria ir bonita».*

Ao despedir-se da mãe, disse-lhe: «Adeus, mãezinha! Tornaremos a estar juntas ao pé de Nosso Senhor!»

A mãe, passado algum tempo, foi á escola saber da filha, onde a professora a informou de que a conduta daquela aluna era perfeitamente normal.

Decorridas umas duas horas, repentinamente, deslocou-se da parede uma grande pedra, com mais de quinhentos quilogramas, que foi esmagar a criança: teve morte imediata.

Este caso não pode ser atribuido a auto-sugestão. Tem todos os visos de um autêntico fenômeno de premonição.

⁂

Um doído pianista prodigioso

Num manicômio dos Estados Únidos está internado um homem de 45 anos de idade, contabilista de profissão, tido como louco incurável, sujeito a ataques violentos, que antes de adquirir a doença mental que o conduziu ao manicômio, tocava piano nas horas vagas, por mera distração.

Pois um belo dia, êste louco revela-se um verdadeiro gênio musical que interpreta impecavelmente obras de Chopin, Mozart e Beethoven. Normalmente é incapaz de coordenar duas idéias com nexo. O seu espírito só encontra descanso na música. Apenas é preciso que alguém, a seu lado, vá voltando as folhas da partitura; de contrário, o pobre louco tocará dezenas de vezes a música da mesma página.

Relata o jornalista no *Documentário* do «Diário de Notícias» de 7 de Maio, donde extracto esta nótula: «Quando se senta ao piano, o seu rosto sempre impassível, o seu olhar distraído e longínquo modificam-se por completo, logo que passa as mãos sôbre o teclado. Num momento, dir-se-ia tomado por uma fôrça desconhecida («sobrenatural» lhe chama o noticiarista) e os seus dedos adquirem uma ligeireza enorme, tirando ao instrumento acordes de uma perfeição extraordinária».

Não há fôrça sobrenatural porque tudo se passa dentro das leis naturais; o que há, sem dúvida, em meu parecer, é uma fôrça supra-normal: a da personalidade desincarnada de um gênio musical que se apodera do corpo daquêle doente mental.

De resto, não são todos os gênios desiquilibrados seja qual fôr a modalidade da manifestação?

O equilíbrio está em a «fôrça espiritual» não ser nem de mais nem de menos. Desde que assim não seja, o equilíbrio não subsiste.

⁂

Fôrça de vontade

Por Frederico Duarte, Manchester

Vou hoje narrar um caso muito interessante, desafiando os meus leitores a experimentarem por si mesmos se possuem efetivamente a «fôrça de vontade» que confessam talvez em certas ocasiões possuirem.

Ravenswood Spiritual Fellowship. Existe na vizinha cidade de Altrincham êste notável Instituto sob a direção do distinto psicologista, senhor R. S. Corbett. Esta organização é composta de membros de ambos os sexos, estudantes da vida espiritual, do Oculto, ciência mental e cura por passes (Healing). Os casos curados ali teem sido já bastantes e eu por uma méra curiosidade resolvi-me em 3 de setembro do corrente ano ir visitar esse Instituto.

Telefonei á secretária eram 4 horas da tarde, tendo-me ela dito que seria impossivel para o senhor Corbett ver-me, pois que não só êle como os seus assistentes (quatro enfermeiros e seis enfermeiras) estariam muito ocupados até ás onze horas da noite, e que, de facto, tinham já uma lista de doentes tão longa à espera de entrar em tratamento que receiava eu não poder ser atendido.

Mas... o diabo estava-me no corpo! Teimoso, não sei porque, disse à secretária que estaria lá ás sete horas.

Naturalmente que lhe dei a minha identidade, estando de facto a falar para ela da redação do «Two Worlds».

Meti-me num ônibus e notei que tinha sómente um cigarro na algibeira. Resolvi fumá-lo, quando ao seguir a pé por um quilómetro da estação do ônibus à rua do Instituto.

Entrei no grande salão onde havia mácas-camas, e alí estavam diversas pessoas e a fazerem os tratamentos.

Eram nove horas quando anunciaram um intervalo, tendo-nos sido servida uma chávena de chá. O mister Corbett veiu cumprimentar-me dizendo que receiava muito não haver tempo para podermos falar ou mesmo dar-me alguns passes (healing).

Mal tinha êle falado, quando uma médium que alí se encontrava, ficou em transe e dirigindo-se a mim disse: —

You there! (Você alí). Vai ter um tratamento ántes de regressar a sua casa e vai ficar surpreendido com o seu resultado. Passou a dar outras mensagens aos presentes. Retomando o seu estado normal saíu do salão dando bôa noite a todos, e ao vir na minha direção disse: — Adeus amigo, vê-lo-ei aquí na próxima terça-feira. Ora, eu nunca na minha vida tinha visto ou ouvido falar desta senhora, que, segundo soube depois, vem duas vezes por semana ao Instituto da vizinha cidade de Maclesfield.

Fez-se o ról de chamada dos doentes e... faltava um. O mister Corbett chamou-me para receber tratamento em seu lugar! Coincidências? Não sei, meus amigos. Recebi um tratamento e fui convidado a voltar lá na seguinte terça-feira.

Fôrça de vontade ou o que?

Quando o mister Corbett com a ajuda dum enfermeiro me fizeram vários passes, aquêle começou a dizer-me que fumava demasiado, e começou a dar-me um discurso sôbre o mal que faz a nicotina à saúde. Pediu-me para ficar o mais tranquilamente possível e usar da minha fôrça de vontade. Uns momentos passados ouvi êle dizer-me: — Fumo? Santo Deus! Coisa porca, o cheiro parece de couves podres e o sabor na boca e estômago precisamente o mesmo! Não vou fumar mais, não vou fumar mais, dizia êle.

Passada uma hora, levantei-me, bem disposto, e prometi voltar lá na terça-feira seguinte.

Um fenômeno inexplicável

Há anos que fumava bastante, a um tempo não só cigarros como cachimbo. Fui para casa chegando tarde, seguindo logo para a cama. No dia seguinte de manhã era meu costume fumar um cigarro, mas naquela ocasião notei que efetivamente tinha no meu nariz um cheiro nauseabundo de couves podres e um sabor idêntico na boca e estômago!

Aconteceu também que não tinha um único cigarro em casa.

Segui para a cidade e andei por várias partes e notei que não tinha vontade de fumar. Deixei assim de comprar cigarros.

No dia seguinte de manhã tinha-me passado o tal cheirete e sabor, e estou escrevendo esta crônica em 23 de Setembro, garantindo sob a minha palavra de honra que desde quando vi o Mr. Corbett não fumei um único cigarro, encontrando-me muito bem disposto, não me fazendo falta nenhuma. O meu caso está a dar que falar entre muitos amigos meus os quais, como eu, não podem compreender como eu tivesse dum momento para o outro deixado de fumar.

Dá-se todavia um caso curioso. Quando fumava não comia tanto, mas agora aprecio uns extras de frutas, tais como, maçãs, peras, laranjas, todavia isso está-me a fazer muito melhor do que o fumo!

Na terça-feira seguinte mencionei ao Mr. Corbett o que se tinha dado e êle riu-se.

Olhe amigo Duarte, eu também fumava muito, e vai para cinco anos que deixei isso e não precisei de ninguém para me ajudar a acabar com êsse vício. Fôrça de vontade, meu amigo, fôrça de vontade . . .

Fé não é uma virtude passiva e abstrata: é o resultado do conhecimento das leis divinas em sua real pureza. — L. B.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar referente ao mês de Junho de 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Maio	100	
Doentes de ambos os sexos entrados durante o mês	39	139
Doentes de ambos os sexos, saídos com alta, durante o mês		13

Passaram para o mês de Julho:

Gratuitos	71	
Pensionistas	55	126

Tratamento:

Injeções intra-musculares	478
Injeções venosas	445
Convulsoterapia elétrica	410
Malarioterapia	3
Extrações de dentes	55
Exames de sangue	35
Receitas aviadas	80

—

Doentes que já passaram pelo Hospital desde sua inauguração	616

Donativos recebidos êste mês:

Snr. Juca	200,00	
« Natali Bessoni	250,00	
« Vital dos Reis	50,00	
« Otoniel Pereira	100,00	
Diversos	46,00	646,00

Francisco Soares, Francisco Troncon, Otavio Vernaschi, 1 saco de arroz cada; Osiris Bicudo, 1 cadeira de dentista; Lolo Clementoni, 1 cuspedeira para gabinete dentário; Dental Ramos, diversos objetos para gabinete dentário.

Marilia, 1.º de Julho de 1950.

* * *

5.a Semana Espírita de Franca

O conclave acima, realizado de 16 a 23 de Julho p.p. constituiu verdadeira apoteóse de âmbito espiritual.

Durante 8 dias e noites, a cidade francana reviveu jornadas de intenso esplendor, dando aos espíritas e crentes de outras religiões, um atestado eloquente das realizações que os adéptos e militantes da 3.a Revelação Divina vêm oferecendo aos homens de boa-vontade.

Um punhado de consagrados e competentes oradores, como; Dr. Wilson Ferreira de Melo, Dr. Odilon Ferreira, Dr. Domingos Antonio D'Angelo Neto, Capitão Genesio Nitrini, Prof.ª Corina Novelino, Deputado Estadual Dr. Francisco C. de Castro Neves, Prof.ª Clotilde Veiga de Barros, Prof.ª Carlota Steagall, Dr. Inácio Ferreira, Prof. Anselmo Gomes e outros oradores das mais reuniões, brindaram todas as noites, as assistêucia que acorreram ávidas, ao Teatro Santa Maria, local escolhido para êsse fim.

A Comissão Organizadora da 5.a Semana Espírita de Franca, não medindo esforços, recebeu 3 centenas de caravaneiros de diversos Estados do Brasil, prestando-lhes todo o carinho e assistência que se fez necessária.

As solenidades de maior vulto foram:

a) Abertura oficial da Semana, no salão de estudos da M. E. F., anexo à redação do jornal «A Nova Éra».

b) Inauguração oficial do Albergue Noturno de Franca, com a presença do mundo oficial local, representado pelos Snrs. Prefeito Municipal, Dr. José Barbosa; Deputado Estadual, Dr. Vicente de Paula Lima; Membros da Camara Municipal; a Imprensa local pelos jornais «Correio de Franca» e «Diário da Tarde»: Dr. Tomaz Novelino, diretor-fundador do Educandário Pestalozzi; Dr. Agnelo Morato, Mentor da MEF: Dr. Rui Camargo, DD. Delegado Regional de Polícia; Representante da Loja Maçonica local, Professores, Advogados, Jornalistas, Representantes de Centros de diversas cidades, etc.

Fez a apresentação dos oradores, o confrade Agnelo Morato. Eufrosino Moreira fez o histórico do Albergue e José Russo, idealizador e fundador do mesmo, terminou agradecendo a presença de todos, autoridades e o povo que cooperaram tão generosamente para dotar a «cidade das 3 colinas» de tão útil quão necessária obra de assistência social. Disse José Russo que o Albergue Noturno de Franca serìa dali por diante — *A Casa de Toda Gente* — de vez que foi construída para todos os que dela necessitarem.

Naquele mesmo dia, ali se hospedaram de passagem, os dois primeiros viajores anônimos. Foi êsse, um acontecimento de grande alcance na terra que, segundo a expressão de alguém, está fadada a ser «Um canto do Divino Paraíso e o Berço da Doçura e da Bondade», sendo agora 3, as casas educativas e de assistência a saber: Educandário Pestalozzi, a Casa de Saúde Allan Kardec e, o atual Albergue Noturno de Franca. Como vemos, os confrades francanos não esmorecem em seus propósitos de transformar a cidade, tanto quanto depender de sua colaboração material e espiritual, procurando dest'arte, apregoar em espírito e verdade, os ensinamentos do Mestre da Galiléia, que manda amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos.

c) A *3.ª Concentração de Mocidades Espíritas* do Estado de S. Paulo, Brasil Central e Triângulo Mineiro, contou com a presença de 300 jovens das seguintes cidades: Sacramento, Araraquara, Baurú, Cassia, Sta. Rìta do Sapucaí, Sta. Rita do Passa Quatro, Barretos, Santos, S. Paulo, Bebedouro, S. Sebastião do Paraìso, Monte-Santo de Minas, Ubêraba, Uberlândia, Araguarí, Ituverava, Amparo, Guaxupé, Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Pinhal, Santa Bárbara d'Oeste e outras cidades convidadas.

Os trabalhos foram presididos pelos casais Novelino e Agnelo Morato, e a Mocidade local pelo seu presidente Olavo.

Foí um dia inesquecível, havendo um interessante torneio Evangélico-doutrinário, cujos téstes eram respondidos pelos jovens adredes designados pelas suas cidades. Nos debates para a cidade que fará a 4.a Concentração de Mocidades para 1951, foi escolhida a linda cidade de Araraquara.

d) No domingo — 23 — ultimo dia, após diversas visitas pela cidade, foi realizada a reunião do lançamento da pedra fundamental do futuro Centro Espírita «Judas Iscariótes», anêxo ao prédio do Albergue e também do Salão Teatral para a MEF.

Diversos oradores fizeram-se ouvir no meio de intensa alegria, sendo cantados diversos hinos e proferidas preces ao Senhor dos Mundos.

Ás 12 horas, realizou-se na Casa de Saúde Allan Kardec, o Almoço da Cordialidade, tomando parte mais de 350 convivas.

Ás 16 horas, na séde da AEC (Associação dos Empregados do Comercio) gentilmente cedida, realizou-se a *Tarde do Moço Espírita,* sendo entregues os prêmios aos vencedores do dia anterior, que foram aplaudidos delirantemente.

A seguir, as Mocidades visitantes, tiveram a seu cargo a parte artística que decorreu brilhantemente. Pianistas, cantores, declamadores, humoristas de fina verve e demais apresentantes, deram ao ambiente um encanto de grande elevação.

Mais de 200 senhoritas espíritas ornamentaram essa magnífica festividade de fraternidade e beleza cristã.

Ainda os casais Novelino e Agnelo Morato, foram, juntamente com o jovem Olavo, Presidente da MEF, os anfitriões dessa tarde de gala.

Lembretes comemorativos, livros e cartões de amisade, foram oferecidos e trocados entre todos, como recordação da 5.a Semana.

Nas últimas 3 noites, após as conferências, foram ofertadas aos visitantes no salão do Centro Esp, «Fé, Esperança e Caridade», chás, mesas com doces, salgados e refrescos e saudações em versos, que calaram profundamente no coração dos presentes.

Não podemos deixar de comentar rapidamente, o quadro significativo que na noite de 6.a feira a MEF prestou aos vultos do Espiritismo no mundo. Antes das conferências, 200 jovens de todas as cidades, entoaram o Hino Brasil e Juventude, letra de Agnelo Morato e Música do Maestro Claudio Junqueira, Diretor do Orfeão Artístico de Franca. Uma linda bandeira do Brasil ornamentava o grande palco do Teatro e a assistência que superlotava o salão, em número de 1.600 pessoas de pé, prestou um minuto de silêncio áqueles que hoje militam nas esferas mais altas da espiritualidade. Esse quadro de civilidade á Patria e de gratidão aos pioneiros do Espiritismo. repercutiu satisfatoriamente.

Durante a Semana, estiveram em atividade permanente, os seguintes órgãos da Imprensa Espìrita: «O Kardecista», «O Clarim», «Revista Internacional de Espiritismo», «A Nova Era», «O Mensageiro do Órfão», O Club dos Jornalistas Espìritas de S. Paulo e a Livraria Allan Kardec Editora de S. Paulo, que fez funcionar na ante-sala do Teatro Sta. Maria, uma exposição de Livros Doutrinários à venda.

Foram recebidos de diversas partes do Paìs, telegramas e cartas de solidariedade.

Êsse pois, um resumo da 5.a Semana Espìrita de Franca.

Que Jesus, em nome do Pai Universal continue a espargir sempre do Alto, as luzes e as fôrças necessárias aos homens de bôa-vontada na Terra, são os nossos votos.

Do Correspondente em S. Paulo na 5.a Semana Espírita de Franca.

VICENTE S. NETO

Realizações da Mocidade Espírita «Bosque-Vila Mariana»

Prossegue em suas atividades, nos bairros Bosque e Vila Mariana visando ao entrelaçamento mais estreito das várias entidades, á arregimentação dos moços, à difusão da doutrina e à construção de uma escola, a Mocidade Espírita daquele nome. Nêsses empreendimentos, conta atualmente com a colaboração dos Centros Boa Nova, Bonfim, Irmã Iracema Inca, situados no Bosque da Saúde, Pedro e Anita, José Bonifácio, e Grupo Espírita Cairbar Schutel, em Vila Mariana. Continua tambem a cuidar da educação espírita da infância, ministrando aulas doutrinárias, semanalmente, nos Centros acima.

Campanha Pró Escola

Promovendo a campanha prò construção de uma escola de alfabetização, tem, para a concretização da mesma, pedido a colaboração dos confrades, com a venda de «selos». Solicita, àqueles que receberam tal apelo, a remessa da importância correspondente ou a devolução dos «selos».

Toda correspondência destinada a esta entidade deve ser enviada para a Caixa Postal, 6454, ou entregue pessoalmente nos seguintes endereços: — Rua Ambrosina de Macedo, 194 (Vila Mariana), Rua Martim Peres, 179 (Bosque da Saúde).

Livros Novos

«Voz Interior»

O nosso particular amigo, confrade Dr. Wilson Ferreira de Mello, residente em Barretos, e um dos mais ativos trabalhadores da seára espírita, acaba de nos ofertar um exemplar de «Voz Interior», de sua autoria.

E' o primeiro trabalho que o Dr. Wilson lança à publicidade, como primeira tentativa, segundo o seu pensamento, para obras mais importantes de divulgação ou exegese religiosa. E nessa tentativa, foi bem sucedido, porque «Voz Interior» insere máximas de fundo moral e filosófico do mesmo valor das de André Luiz em «Agenda Cristã», o que constitúe a melhor recomendação ao trabalho do Dr. Wilson.

«Voz Interior» contém 160 páginas aproximadamente, bem impressas, tipo graúdo.

Gratos pela oferta.

«Sinos da Vida»

E' êste o título de um opúsculo contendo máximas e pensamentos de fundo moral e filosófico, ditados pelo Espírito de Marta através da mediunidade do nosso prezado amigo Antonio L. Flôres. Trata-se de um trabalho bom que, com satisfação, recomendamos aos estudiosos da doutrina.

Gratos pela oferta de um exemplar.

«O Espiritismo e a Igreja»

O nosso distinto companheiro, Dr. Francisco Klörs Werneck, nos ofertou um exemplar da 2.ª edição de «O Espiritismo e a Igreja» da autoria do Rev. Haraldur Nilsson, professor de Teologia na Universidade da Islândia.

O livro foi composto e impresso na Gráfica Mundo Espírita S./A. Contém cento e poucas páginas, é impresso em ótimo papel, tipo graúdo, formato grande, bem apresentável, o que muito recomenda a empreza editora.

A tradução desta importante obra, que não póde faltar nas estantes espíritas, é do Dr. Francisco Klörs Werneck, tradutor de inúmeros livros de interêsse para os estudiosos da Doutrina.

Gratos pela oferta.

Um Projéto oportuno

Graças a um projéto do Deputado Campos Vergal, o Congresso Nacional concedeu uma pensão de Cr. $ 2.000,00 à D. Marieta Cirne, viúva de Leopoldo Cirne, que foi um dos mais dedicados trabalhadores da seára espírita.

Leopoldo Cirne nasceu em Cabedelo, Paraíba, em 13 de Abril de 1870. Fez os seus estudos com brilhantismo, dedicando-se, ao comércio. Posteriormente ingressou no Serviço Público Federal. Os seus méritos, como funcionário público cumpridor de seus deveres, só agora é que foram reconhecidos com a aprovação do projéto do Deputado Campos Vergal pelo Congresso Nacional.

Nosso colaborador e companheiro, Leopoldo Cirne assumiu a presidência da Federação Espírita Brasileira após o passamento do Dr. Bezerra de Menezes, em 11 de Abril de 1900, nela permanecendo até fins de 1913. Na sua gestão foi construída a séde da F. E. B. e instalada a Livraria. Tinha a seu cargo a direção do «Reformador» e as sessões públicas de propaganda. Escritor de vastos recursos, deixou 3 obras, «Doutrina e Prática do Espiritismo», «O Anti-Cristo Senhor do Mundo» e «O Homem Colaborador de Deus».

No dia 31 de Julho último transcorreu o 9.º aniversário do seu passamento.

NECROLOGIA

Prof. Djalma M. de Farias

Mais um claro abriu-se na fileira espírita com o passamento, em Recife, no dia 6 de Maio último, do Prof. Djalma M. de Farias, nosso amigo e colaborador e um dos mais apreciados escritores espíritas. Era presidente da Federação Espírita Pernambucana e do Instituto Espírita «João Evangelista» e Diretor da nossa distinta colega «A Verdade», revelando-se sempre um batalhador denodado pela Doutrina.

Nasceu a 9 de Outubro de 1900 em Recife, tendo desincarnado, portanto, com 50 anos incompletos. Era filho do professor público Delmiro Sérgio de Farias e D. Maria Leopoldina M. de Farias, deixando diversos irmãos. Contraíu matrimônio a 22 de Dezembro de 1928 com D. Dulce Lira de Farias, não deixando filhos. Fez os seus preparatórios no Ginásio Pernambucano, tendo colado gráu de Professor em 1920 pela Escola Normal Oficial. Durante um período lecionou em várias escolas da capital e do interior. Foi professor da Escola de Agronomia. Cursou o 1.º ano da Faculdade de Medicina, não tendo concluído o curso devido ao desaparecimento de seu pai e mesmo pelo seu estado de saúde. Não querendo, porém, continuar no Magistério ingressou na Prefeitura do Recife, por concurso, alcançando a primeira colocação. Graças aos seus esforços e conhecimentos, chegou ao cargo de Contador dessa mesma repartição. Substituiu o Diretor da Fazenda e o Prefeito da Capital provisóriamente e fazia parte da classe de contabilistas do Brasil.

Como se vê, o Prof. Djalma M. de Farias teve uma larga folha de serviços prestados à coletividade, folha que se tornou ainda maior pelo seu fecundo trabalho na seára espírita. Além de Presidente da Federação Espírita Pernambucana e de Diretor de «A Verdade», teve atuação destacada em todos os grandes movimentos espíritas pernambucanos.

Ao esclarecido espírito dêste companheiro de ideal cristão almejamos paz e maiores possibilidades de progresso espiritual.

* * *

Jesus é o médico das almas e o Evangelho é o remédio. — DALVA.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM» — Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

ANO XXVI—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1950—N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Hora do Espiritismo	*Redação*
Materializações com o Médium Dickson	*Amy B. Marshall*
O Iapurú Português	*Alfredo d'Alcântara*
O Espiritismo não é..	*J. B. Chagas*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
Umbandismo e Espiritismo	*Pereira Guedes*
Hermenêutica Religiosa	*Arnaldo S. Thiago*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1950 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Hora do Espiritismo

O advento do Espiritismo indica que a humanidade está mais ou menos preparada para receber novas e mais importantes revelações, o que está plenamente de acôrdo com a seguinte afirmativa de Jesus: «Tenho ainda muito o que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que estão para vir.»

Efetivamente, o Espiritismo, que é o Espírito da Verdade, desvendou à humanidade novos e amplos horizontes ao esclarecer com precisão, todas as questões referentes à existência do espìrito e sua sobrevivência após a chamada morte. Não deixa sem resposta nenhuma pergunta. Responde a todas as indagações através da palavra dos Espìritos encarregados da espiritualização da humanidade e com o testemunho dos factos observados. experimentados e estudados por sábios de renome na ciência.

Entretanto, o espirito de sistema, preso às tradições e à rotina dos antepassados, tem se constituido o maior obstáculo à marcha do Espiritismo que, se tem avançado, é porque tem fôrça própria, como fôrça pròpria tem tudo o que vem do Alto. Mas isso não nos surpreende porque a História está abarrotada de inumeráveis factos dessa natureza. Galileu, Giordano Bruno, Stephenson, por exemplo, foram vìtimas da sanha dos seus contemporâneos, que lhes infligiram os maiores castigos. Mas o resultado de suas descobertas abriu caminho no obscurantismo da inteligência atè alcançar, como alcançou, o seu objetivo.

O Espiritismo não podia, portanto, escapar ileso. Contra ele e seus profitentes levantou-se o espírito de sistema com todas as suas armas. Mas se as descobestas ou revelações de caráter humano vingaram e se firmaram definitivamente no conceito geral, o Espiritismo, que é uma Revelação divina, se firmará ainda mais fortemente, porque tem a seu favor o testemunho dos factos supranormais, que são muito mais importantes que todas as descobertas humanas que se fizeram ou que se venham a fazer. E a sua fôrça é tão imponente que em menos de um século fez muito mais em prol da humanidade que todas as religiões seculares, doutrinas e ideologia juntas, o que nos leva a acreditar que num futuro não muito distante, o Espiritismo terá uma cátedra em todos os cérebros e corações.

As criaturas independentes, livres dos preconceitos religiosos e sociais nota, sem o menor esfôrço, que há uma grande distância entre o Espiritismo e as religiões mundanas. Enquanto estas se alicerçam nos dogmas, sacramentos e cultos externos cerceando a razão e prendendo a liberdade de pensar num estreito círculo de rìgida disciplina, o Espiritismo avança pelo seu caráter liberal, sancionando o livre arbitrio que Deus concedeu a cada um. Porisso que no Espiritismo não há sacerdotes, nem pastores, nem sumos pontifices. Cada espirita é um sacerdote, porque a palavra de Deus não é privilégio de ninguem, pelo contrário, aquele que a conhecer assume a responsabilidade de passá-la para a frente, seja ou não letrado. E' por esta razão que embora lamentando, não censuramos aqueles que não sabem praticar o Espiritismo no seu verdadeiro sentido, de vez que enxertam nele rudimentos de suas velhas e agora inoportunas religiões, fazendo o que se pode chamar de verdadeira salada. Aos mais entendidos é que compete esclarecer, orientar com paciência, a exemplo do professor que ministra as primeiras lições a um menino. Si se aventurar a implantar uma disciplina rígida como fazem as religiões, doutrinas e ideologias, que por esta razão desaparecem a curto prazo, o Espiritismo perderia o seu caráter liberal e, em vez de avançar, viria, aos poucos, ao ponto de partida até o seu total desaparecimento.

Na seára espírita há trabalho para todos, ricos e pobres, para sabidos e iletrados. A cada um basta desempenhar a sua tarefa na medida de suas possibilidades, competindo aos mais capazes auxiliar os menos hábeis, esclarecendo-os, instruindo-os com dedicação,

Pode-se dizer que a humanidade está no começo de sua espiritualização. E como no começo tudo é difícil para o indivìduo adaptar-se a um novo ambiente, programa, diretriz, trabalho, daì a confusão que parece haver na seára. Mas tudo entrará no seu devido eixo a seu tempo. Não ha confusão, mas sim, falta de compreensão da parte de muitos que ainda não tiveram fôrças para sentir o Espiritismo em toda a sua plenitude. Realmente, o Espiritismo é tão esplendoroso que os olhos de muitos ficam cobertos de escamas ao brilho de sua luz, como Paulo na Estrada de Damasco. Mas os «Ananias» lhes tirarão as escâmas da visão espiritual com os seus esclarecimentos.

E assim o Espiritismo, a 3.ª Revelação do Alto, embora com lentidão, irá se firmando com segurança no conceito geral, tanto mais que chegou o tempo da humanidade passar para um novo ciclo — o do Espírito — em demanda do seu aperfeiçoamento moral e espiritual. E' a lei de Deus que se cumpre à risca, sendo, portanto, inúteis todas as tentativas do espírito de sistema no intuito de obstar-lhe a marcha, agora triunfante,

E' a hora do Espiritismo.

Sem a conjugação de esforços não pode haver uma propaganda eficiente da Doutrina. Uma andorinha só não faz verão. Foi da conjugação de esforços dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, que enfrentaram com estoicismo todas as dificuldades, sem medir sacrificios, que a Doutrina de Jesus rompeu as muralhas da praça forte do materialismo, deixando campo aberto para os futuros cristãos prosseguirem, sem grandes dificuldades, na difusão da Doutrina. Que isto vos sirva de incentivo e orientação, para bem poderdes cumprir a parte que vos toca na propaganda.

CAIRBAR.

Os vossos pedidos serão atendidos na medida do cumprimento dos vossos deveres fraternais, ensinados e exemplificados por Jesus.

MARIQUINHAS.

Materializações com o Médium Dickson

Perfeitamente coloridas! Admiráveis! Dançavam sem ruídos de pés, nem o farfalhar de vestidos, nem o tilintar de braceletes.

Por AMY B. MARSHALL :—: Traduzido por ISMAEL GOMES BRAGA

Em sessões públicas ou particulares, com a mediunidade de materializações mundialmente conhecida do Rev. James J. Dickson, Espíritos materializados se punham diante da cortina que separa da assistência o médium e davam nomes e outros informes para se identificarem. Cada um tentando demonstrar a sobrevivência e a conservação de sua própria memória, por meio de palavras e gestos que os identificavam.

Para as pessoas de mente aberta e sem preconceitos provam assim os Espíritos que apesar de haverem transposto os limites estreitos dos nossos sentidos terrestres, ainda vivem, conservam a memória e os traços característicos de sua personalidade.

Por uns vinte anos

Nossos amigos espirituais que se libertaram do corpo e com êle de êrros e limitações inerentes ao corpo humano, continuam conquistando pelo progresso a perfeição espiritual. Podemos confiar na veracidade de seus relatos e seguir os conselhos que nos proporcionam.

Portanto, o contacto com os nossos caros amigos espirituais e com os nossos bem amados, que nos proporcionam as sessões do Reverendo James J. Dickson, constitúe o início para nós de um conhecimento real.

Por uns vinte anos tenho recebido os inestimáveis benefícios da orientação e do conhecimento da verdade sôbre a vida de aquém e além túmulo, por depoimento direto do Mundo Espiritual. Essa orientação e êsse conhecimento têm-me sido ministrados nas sessões públicas de materializações com o Reverendo Dickson, na Igreja da rua Grove, n. 2139, em S. Francisco da Califórnia, e em sessões privadas em seu lar, à Avenida Dezenove, n. 2940. Constituem realmente uma verdadeira graça essas belas sessões, nas quais se póde claramente ver e conversar com os seus bem amados.

Em perfeita forma

Minnie Brown, o Espírito guia da cabine do Rev. Dickson, (1) superintende sempre as sessões e abre os trabalhos de materialização tomando a forma de uma criança. Os caros Espíritos materializam-se em perfeita fórma, não raro três ou quatro de uma vez. Dão seus nomes e muitos falam como o faziam sôbre a Terra. Estão sempre dispostos a dar respostas completas com respeito ao mundo espiritual, ás suas próprias atividades, e nos falam também da vida sôbre outros planetas, das civilizações prehistóricas e futuras da Terra, etc.

Há alguns anos estava eu muito preccupada com uma tosse renitente que atacára meu filhinho, tosse rebelde a qualquer tratamento, e pedi ao Rev. Dickson para informar-se numa sessão o que se poderia fazer em benefício do menino. O Espírito Guia de meu filho materializou-se e me relatou pormenorizadamente o que causava a tosse e como deveria eu combatê-la. Seguindo eu rigorosamente as instruções, em pouco tempo a tosse desapareceu e o menino ficou bom. Seguimos os conselhos recebidos e o pequeno nunca mais teve tosse.

Não somos marionetes

De outra feita nossa família foi envolvida num pleito judiciário. Como é natural, pedimos conselhos aos nossos caros e eles traçaram para nós os caminhos a seguir. Seguimos-lhes as sugestões, que aconselhavam caminhos inteiramente diferentes das praxes forenses, com grande surprêsa para nossos opositores, e assim chegamos a uma solução simples e satisfatória para todos.

No entanto, devemos sublinhar que nós, os mortais da Terra, não somos marionetes manejados pelos nossos caros do mundo espiritual. E' sempre possível obter-se o auxílio amoroso deles, mas nós nos achamos sôbre a Terra para adquirir experiências e, quanto possível, estas têm que ser o resultado de nossas próprias escolhas e decisões.

O Rev. Dickson não se limita a sessões públicas em sua igreja ou a sessões privadas em seu lar. Frequentemente é êle convidado a dar sessões nas residências de diversas pessoas. Uma das minhas maiores alegrias é realizar uma sessão em meu próprio lar, onde se efetua uma reunião da nossa família, na qual tomam parte igualmente aqueles membros que já partiram de nosso mundo.

Nossa herança é a felicidade

Numa de nossas sessões domésticas, materializaram-se cêrca de vinte pessoas queridas e conversaram jubilosamente com a família. Fomos todos tocados das vibrações da mais pura alegria naquela noite, por manifestações grandiosas e empolgantes. Não existia tristeza, nada sombrio, todos os nossos amigos espirituais estavam jovens, alegres e felizes. Realmente tomavam tão belo aspecto que pareciam mais jovens do que muitos de nós, se bem que muitos houvessem passado para o mundo espiritual em idade muito avançada. Todos os Espíritos amados nos falaram de seu grande empenho de nos ajudarem a levarmos sôbre a Terra a vida mais feliz possível, porque «é o brilho do sol, não são as nuvens, que tornam melhor a vida».

Outra experiência digna de menção é o sermos convidados, com três ou quatro pessoas mais, para entrar na cabine e assentarmo-nos com o Rev. Dickson, numa das sessões públicas de materialização. No silêncio da cabine assistimos a todas as fazes da operação de materialização até o Espírito desenvolver plenamente sua luminosa fórma.

A princípio é apenas uma pequena mancha sôbre o sólo. Dessa mancha forma-se primeiramente a cabeça, depois os ombros e os braços, e assim se vai construindo a fórma humana até vermos o Espírito, de pé, em tamanho natural, diante dos nossos olhos. Depois o Espírito caminha para a cortina e sái para a sala, dá seu nome completo, mantém conversação com um amigo da Terra, depois se evapora no ar.

Eu desejava saber

Observámos a formação das materializações uma após outra, assentados dentro da cabine, ao lado do médium, quando por fim abriu-se amplamente a cortina, de modo que da sala todos os assistentes pudessem ver-nos e ao mesmo tempo verem o Rev. Dickson e os Espíritos materializados que se achavam dentro da cabine. Tais manifestações põem fóra de dúvida a eternidade da vida.

Hoje, quando tanta gente se sente apavorada da bomba atômica que póde vir, sinto vibrações fortes de tranquilidade que me libertam do terror que senti durante a segunda guerra mundial. Aquí no Ocidente ouvimos pelo rádio e lemos nos jornais, notícias de tentativas de um submarino inimigo, na costa, perto de Santa Bárbara, e de uma espécie de bombas que cairam no Oregon.

Temendo que S. Francisco da Califórnia pudesse ser metralhada ou bombardeada, desejei mudar-me com minha família para longe desta região. Contudo, arranjamos uma sessão privada de materializações, com o Rev. Dickson, e os Guias nos acalmaram os receios dando-nos a certeza de que se houvesse perigo próximo, dar-nos-iam êles aviso com tempo para nos mudarmos. Fui para casa convencida de que êles cumpririam a palavra, e continuei firmemente apoiada na promessa dêles até o fim da guerra.

Tratam dos problemas humanos

O amor e o cuidado do mundo espiritual atinge a todos nós — não há sómente uns poucos favorecidos entre os homens. Não se passa dia sem uma prova tangível do auxílio e da presença de meus amigos espirituais, mas não fossem as maravilhosas sessões com o Rev. Dickson, nas quais posso vê-los e conversar com êles, e muito eu perderia da significação dêsse carinho.

Não se confinam, porém, sómente à solução dos problemas humanos os trabalhos do mundo espiritual. Nossos amigos espirituais trabalham ativamente nos domínios da arte, da música, do teatro, da ciência, das invenções, etc., dando inspiração e conselhos a quantos estão ajudando a construção de um mundo melhor.

Mas o trabalho dêles em favor da arte, por exemplo, póde ser melhor apreciado quando nos fornecem uma prova tangível, tal como belos desenhos coloridos, feitos diretamente, sem intervenção de mãos humanas, em plena luz do dia, por Juanita, Guia artístico do Rev. Dickson, ou quando se reunem para produzir o maravilhoso espetáculo conhecido pelo nome de «Bailado Espiritual».

Há algum tempo fui convidada por um membro da Igreja do Rev. Dickson, a Igreja Espírita da Revelação, para passar uma tarde em sua casa. Aceitei o convite e reuniram-se na casa médicos, advogados, professores, comerciantes e outros profissionais, formando grande grupo.

Quando reunidos todos os hóspedes, a dona da casa nos disse que havia pedido ao Rev. Dickson para fazer em seu lar naquela noite um Bailado Espiritual e que êle concordara, e êsse era o seu projeto para o serão. Nós que já conhecíamos um Bailado Espiritual ficamos jubilosos.

Enquanto o Rev. Dickson conversava por uns momentos com os convidados sôbre materializações e o Bailado Espiritual, dois cavalheiros, dentre os convidados, estenderam uma cortina num ângulo do grande salão formando assim uma cabine. Quando pronta a cabine e diminuidas as luzes, o Rev. Dickson tomou seu assento por trás da cortina e imediatamente o Espírito Minnie Brown abriu a cortina e nos apareceu materializado.

Descrição de um Espírito

O Espírito Minnie Brown nos apareceu como uma menina de sete anos de idade, de cabelo cacheado, andando pela sala e cumprimentando os hópedes que se achavam assentados em semicírculo, formando três filas de cadeiras, em frente, mas afastados do ângulo em que se improvisara a cabine. Por causa da natureza da manifestação, foi deixado livre um grande espaço entre os assistentes e a cortina.

Depois que Minnie retornou à cabine, apareceu a primeira bailarina espiritual. Era uma jovem esbelta com um vestido côr de rosa claro. O corpinho estreito lhe retraçava as formas do busto e era preso por alças aos ombros, enquanto a sáia, muito rodada, era formada de três ordens de babados, cada uma bordada com um desenho de brilhantes que cintilavam, enquanto ela rodopiava, ao compasso de uma música doce em surdina.

Materializam-se índios

A graça delicada com que ela executou seu número de dança suplantava em perfeição o mais requintado profissional do Ballet. Para terminar o número ela se curvou profundamente e desapareceu na cabine.

Então Minnie Brown anunciou que o segundo número seria um bailado de guerra indígena. Mal havia ela acabado de falar e já nos aparecia um magnífico Chefe de Índios, alto, de grandes olhos negros, de traços harmoniosos e profundos. Esperou um momento por uma suave música indiana com a qual, marcando o compasso, iniciou um sapateado. Foi logo seguido por um segundo Chefe e êste por um terceiro!

Os Chefes Índios serpenteavam de um lado para outro, curvando-se para a frente ou lançando a cabeça para trás, repetindo incessantemente êsses movimentos. O Chefe dirigente trazia um cocar de penas, do qual pendiam vários ornamentos de penas, de comprimentos diversos, dos quais os mais longos lhe tocavam as costas e os ombros de sua jaqueta de pele de veado. Bordados de contas lhe ornamentavam as mangas da jaqueta e as calças.

Como se materializam os índios

No braço esquerdo ostentava êle um escudo com o desenho de uma rôla, de um cavalinho e de uma cobra e na mão direita uma lança ornamentadas de franjas em todo o seu comprimento. O segundo Chefe trazia um cocar de penas fixado à cabeça por uma fita coberta de penugem branca. Do cocar pendiam abas que lhe batiam sôbre as faces enquanto êle dançava. Também êle usava calças de pele de veado e uma jàqueta sem mangas. Densas franjas de uns vinte centímetros de comprimento lhe cobriam as espáduas.

Também êle trazia uma lança e um escudo. O terceiro chefe trazia na cabeça uma correia simples, na qual se achavam prêsas seis penas. Só usava calças, de modo que exibia ao dançar seu corpo perfeitamente proporcionado, iluminado pela luz tênue do salão. Terminados seus números de dança, os Chefes voltavam em fila para a cabine, como é moda entre os índios.

Desmaterialização à vista

Quando se havia dissolvido no ar o último índio, Minie Brown abriu as cortinas e disse que a dança a seguir era chamada «O Passamento de uma alma». Então apareceu pela cortina uma índia vestida de pele de veado ornada de franja branca. Lentamente, com suas sandálias brancas, movimentava-se ela de um lado para o outro da pista de dança, elevando os braços, em aparente angústia.

Finalmente, chegou diante do auditório e lentamente, cada vez mais lentamente, foi curvando-se para o solo até ajoelhar-se. Então, crispando suas belas mãos, vai cambaleando para a esquerda, para a direita, para diante e para trás. Da posição ajoelhada vai-se abaixando mais e mais para o assoalho até desapaparecer de nossa vista.

Segue-se um número grego pré-histórico, executado por dois Espíritos amigos de membros da Igreja do Rev. Dickson, os quais se acham presentes no auditório. Sairam simultâneamente da cabine, vestidos de púrpura bordada a ouro. Seu número consistia em tomarem posturas ou atitudes clássicas, mais do que propriamente de dança. Pousavam formando quadros vivos de pintura sôbre o fundo escuro da cortina da cabine, doutras vêzes, quando a luz lhes dava mais relêvo às formas tomavam aspecto de figuras esculturadas de mármore.

Uma sessão durou duas horas

Uma das últimas danças foi executada por uma princeza do Antigo Egito, vestida com um costume em forma de um envelope com abas que se levantam horizontalmente enquanto ela rodopiava em espirais diante de nós. Sua touca, justa na cabeça, formada de penas, é ornada aos lados por azas de aves. Logo que a exótica princeza estava concluindo sua dança, uma forma masculina muito grande saiu da cabine, e quando ela terminou o número, êle segurou a cortina para que ela pudesse entrar; depois a seguiu para o interior da cabine.

Durante cerca de duas horas assistimos a êsse maravilhoso espetáculo, até que Minnie Brown concluiu o espetáculo de danças com seu próprio número. Finalmente encerrou ela a sessão com uma linda canção espiritual, cantada com sua doce voz de criança.

Não foi uma realização humana

Rico de coloridos! Jubiloso! Nenhum som produziam os pés que dançavam, nem o farfalhar de sedas, nem tilintar de braceletes. Havia profundo silêncio. Só a música em surdina, com a qual dançavam, rompia o silêncio. Longo tempo depois de terminada a sessão, ainda permanecíamos assentados, embevecidos, em jubiloso êxtase. Todos concordávamos que embora a arte humana possa alcançar alto nível, nenhuma realização humana poderia ultrapassar o Bailado Espiritual a que havíamos assistido.

Do «Psichic Observer», de 10 de Março de 1950).

---

(1) No Brasil damos o nome de «operador» ao Espírito materializado que realiza os trabalhos físicos, como escolher discos para a vitrola, graduar a luz vermelha, cuidar do médium adormecido, pedir que se faça prece ou que se guarde silêncio. Estas funções são exercidas quasi sempre por um Espírito masculino. Ao Espírito que dirige intelectualmente a sessão de materializações, damos o título de Guia. Portanto, não conhecemos bem as funções dessa adorável criança, Minnie Brown, nas sessões com o médium Dickson. — Nota do tradutor.

TESOUROS IGNORADOS

Muitos tesouros Deus dá ao homem de que êle se não sabe aproveitar. Ao preguiçoso, dá tempo de que se não utiliza, e de que desconhece o valor; ao mau, dá coração, de que não sente o afeto, nem compreende os ditames bons; ao inteligente, dá, na inteligência, cabedal de que nem sempre sabe tirar proveito; ao tolo, dá cérebro de que não tira siso; e a todos dá exemplos de que não sabem colher exemplo.

(Conceitos Póstumos de VIEIRA.)

O Iapurú Português

(OBLATA A GUERRA JUNQUEIRO)

QUANDO o mundo intelectual, daquém e dalém mar, enfeita almas e corações, com as flores mais garridas do afeto e da saudade, para comemorar o primeiro centenário de nascimento do maior poeta da língua portuguêsa em todos os tempos, o genial Guerra Junqueiro, não podemos fugir ao doce dever de dizer alguma coisa a respeito dêle, de vez que formamos entre os mais ardentes entusiastas da obra ciclópica do cantor-missionário, cuja palavra, cascateando harmonias e esperanças, ecôa ainda pelas quebradas do mundo, onde houver miséria e pranto a consolar, hipocrisia e ódio a combater.

Abilio, era êsse o prenome do poeta, nasceu em 17 de setembro de 1850, na vila de «Freixo de Espada á Cinta», província de Traz os Montes, em Portugal. Foram seus pais José Antonio Junqueiro Junior, lavrador e comerciante, e dona Ana Guerra. Ficou orfão de mãe aos três anos de idade, valendo-lhe isto o ter sido criado fora da influência clerical, que se exercia então através da mulher portuguêsa.

Guerra Junqueiro estudou em Coimbra, onde se diplomou em Direito. Aos 14 anos publicava seu primeiro livro «Duas Páginas»; em 1866 o segundo, «Vozes Sem Eco» e em 1868 «Batismo de Amor», todos editados na célebre cidade universitária, quando ainda estudante. Na linguagem hesitante dêsses primeiros versos irrompiam, por vezes, frases heróicas, como coriscos riscando de luz nuvens e penumbras, ribombando ao longe num prenúncio de grandes tempestades. Ensaiava os primeiros trinados a avesinha implume, mandada do Parnaso astral para ser o Iapurú português, no cumprimento de uma missão sublime que se ligava, de algum modo, ao passado longínquo do seu formoso espírito.

Iapurú é um pássaro canoro do Brasil, que habita as regiões amazônicas. Dizem os naturais daquelas plagas que o Iapurú quando se dispõe a cantar, todos os pássaros que por ventura se encontrem nas redondezas, e entre êles às vezes maviosíssimos cantores, se aquietam, mudos, para ouví-los, e assim se conservam, presas dum encantamento estranho, até que êle emudeça.

Guerra Junqueiro foi assim entre os poetas do seu tempo e, quiçá, de todas as épocas portuguêsas. E' opinião de um dos seus mais ilustres biógrafos que não se devia analisar a obra do insigne poeta, para não quebrar o encanto da riqueza e harmonia da sua linguagem, a serviço de uma imaginação vulcânica, no contacto frio de algumas de suas fraquezas e hesitações.

Não pensamos assim; Guerra Junqueiro precisa ser defendido da acusação de haver sido o demolidor da sua própria obra, quando o sol da sua glória já tocava o zenite, acusação lançada como uma vingança póstuma pelo seu mais feroz inimigo, o ultramontanismo. Alardearam que o poeta, nos últimos instantes da sua fulgurante existência, havia recebido de bom grado os sacramentos religiosos, numa integral reconciliação com a Igreja de Roma. Como não fôra possível fazer seu corpo estrebuchar atado ao poste Inquisitorial, envolto nas labaredas purificadoras, satisfazia-lhe ao ódio sopitado, atirar a memória do seu grande inimigo na mentira histórica de uma retratação ultrajante.

A ação demolidora do autor da «Velhice do Padre Eterno» contra a Igreja e os costumes sociais, fruto sazonado da educação clerical, foi exercida com a dignidade dos antigos cirurgiões, que aplicavam ferro em brasa nas feridas gangrenadas, com a alma a sangrar pelo sofrimento que causavam ao paciente que era preciso salvar.

Guerra Junqueiro jamais odiou. Era um Espírito idealista que a Providência aproveitou para anatematizar uma instituição secular e poderosa que, em nome do amor, fazia a sementeira do ódio.

Ainda na adolescência, Guerra Junqueiro escrevia:

Eu sinto um vácuo imenso que me [oprime,
Um sonho, um aspirar não sei a [quê . . .
O riso nos meus lábios ninguém vê...
Não sei que dôr me verga como [um vime.

Era a consciência da sua missão que despertava. Êle encarnava a justiça do céu e tinha que desfraldar a flâmula da esperança entre os sofredores da Terra.

Nós esposamos a idéia, plausível por todos os aspectos, de que o espírito de Guerra Junqueiro animara, um século antes, o corpo do poeta brasileiro Antonio José da Siva que, vivendo em Portugal, fôra acusado de judaismo, e queimado na fogueira da Inquisição, em 18 de outubro de 1739, barbaridade clerical agravada pela torpeza de haverem queimado na mesma fogueira a esposa e a progenitora do poeta, pela simples acusação de serem membros da família do condenado. E a sociedade de então, em vez de profligar êsses crimes, aplaudia-os, e, decorridos mais de cem anos, conservava ainda, como coisa preciosa, a crença de que tão hedionda organização religiosa fosse a ponte que dá passagem da Terra para o Céu.

A linguagem de Guerra Junqueiro na «Velhice do Padre Eterno» foi justa, verdadeira e necessária. Pena é que êle não tivesse concluido sua obra publicando a «Morte do Padre Eterno» e o «Prometeu Libertado», conforme planejara. Seria o coroamento lógica de uma épica batalha pela verdade. Êle, porém, estava exausto: combatera sózinho contra fôrças poderosas e em vários setores. O cansaço chegara acompanhando a idade. O amor da família fez o resto. Aos rogos da esposa, que idolatrava, aquieceu em cessar a luta e receber, em visita cordeal, uma elevada autoridade da Igreja. Sansão também tombou vencido pelo amor de Dalila...

No último quartel da vida, crente em Deus mas sem saber como encontrá-lo, agarrou-se ao deus católico-romano. São dêle estas palavras, tansmitidas do além por intermédio de Francisco Cândido Xavier: «Como experimentar essa tranquilidade risonha da infância? Crendo? Mas... como? No entanto, era preciso crer e se havia que me habituar a afervorar-me a um deus, escolhi o Deus de minha mãe. Preferí-o assim, mas não sem repugnância das mãos que m'o traziam, requintando-se o meu asco aos entronizadores da mentira e da ignorância».

Em um livro do poeta, «Prosas Dispersas» editado após a sua morte, há um artigo dêle sôbre o Sacré-Cœur, contendo uma nota do autor, cuja autenticidade repugna aceitar, como acontece a célebre frase «Pai, porque me abandonaste?», atribuida a Jesus no último instante do seu auto-sacrifício. Ei-la: «Este artigo foi escrito em 1888. Corrigí-o, creio, em 1904 e publiquei-o depois na «Alma Nacional». Agora emendei-o de novo, eliminando várias passagens. umas inúteis ou deficientes, outras condenadas hoje pelo meu espírito, Eu tenho sido, devo declará-lo, muito injusto com a Igreja. A «A Velhice do Padre Eterno» é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Animou-o meu espírito cristão, mas cheio ainda dum racionalismo desvairado, um racionalismo de ignorância, estreito e superficial. Contendo belas coisas, é um livro mau, e muitas veses abominável. Há na grandiosa história do catolicismo páginas de horror, mas a Igreja com os Evangelhos cristianizou e salvou o mundo. No catolicismo existem absurdos, mas no âmago da sua doutrina resplandecem verdades fundamentais, verdades eternas, as verdades de Deus. A fôrça moral do cristianismo é hoje imensa, não pode negar-se».

Na época em que se deu o seu primeiro contacto amistoso com a Iqreja, entrevistou-o um reporter de «O Século» de Lisboa. Procurando justificar-se, Guerra Junqueiro dizia ao jornalista que resolvera modificar a sua atitude contra a Igreja após a leitura da «Vida e Obra de São Francisco de Assis», que fizera a instâncias de sua esposa, quando esta deu entrada na sala. O poeta, apontando-a ao reporter, concluiu: como poderia recusar um pedido a esta santa?

Que o estimado vate interrompeu a sua demolição do clericalismo vencido pelo sentimentalismo familiar, não pode sofrer duvida, de vez que logo ao verse livre das pêias materiais, voltou a manejar o gládio com que castigara impiedoso a hipocrisia religiosa e social.

Guerra Junqueiro não se reconciliou com a Igreja romana, apenas consentiu em assinar um armistício provisório. Dizer-se que, ao morrer, recebera os sacramentos da religião católica não é verdade. A sua própria família deu testemunho disso. Ademais, o poeta-missionário não precisava dêles, porque não morreu. Estava dormindo e passou serenamente para o outro lado da vida. Sua dileta filha Maria Isabel, ao dar com êle inanimado, exclamou: «Era um santo, morreu dormindo. Parece um passarinho»

Sim, um passarinho. O Iapurú brasileiro que fôra cantar no velho Portugal, pátria dos seus avós, e está de volta nas plagas brasileiras, de onde lança, através da mediunidade espírita, os dardos de luz que farão o fecho da sua obra messiânica.

Que Deus continue abençoando o seu trabalho fecundo e heróico.

ALFREDO D'ALCANTARA.

O Espiritismo não é...

II

3) — Passadista, portanto, não poderia ficar acorrentado ás coisas do Passado. Aceitando a Evolução constante, incessante, em todos os ramos do saber, quer sejam na ordem material, espiritual, moral, como das ideias, sociais ou religiosas. Sendo assim, aquilo que serviu, como bom, ás gerações passadas, já não serve ás do Presente! A isso chama-se, hodiernamente — Evolução do Pensamento! E o Pensamento é a Força Creadora, Revolucionária, por excelência, Cada época teve uma revelação, ou uma dose de conhecimentos compatìveis com o seu avanço ou seu poder de apreensão das coisas. Assim tem sido desde tôdos os tempos, e assim continuará sendo, até a consumação dos tempos!

As águas de um rio, nos dão uma imagem materializada do que seja a Evolução das idéias — as águas de um rio, jamais voltam á sua origem!... Para cada tempo um ensinamento, para cada época uma revelação, proporcionada ao tempo. E assim tem sido desde o princìpio dos tempos! Nenhuma Revelação, por essa razão, vem paralela á outra!...

Assim, os vedas tiveram, como revelação, os livros — Agrouchada e o Parikchai, inspirados nos livros da Kabala, o Talmud, o Macaba, o Zohar; os mahometanos, o Koran; os Brahamanes, o Bagavagita; os hebreus, a Bíblia. O Espiritismo, ao contrário das outras revelações, não tem livros sagrados, porque os ensinos espíritas, pela sua natureza e origem, cáem do alto, pelos quadrantes da Terra, por meio das *virtudes do Céu*, que são os Anjos do Senhor, mensageiros de Deus, que vão por todos os recantos, sem olhar fronteiras, raças, ou línguas, lançando com o concurso dos homens de bôa-vontade, que são os *mèdiuns*, intermediários divinos, tudo aquilo que de muito alto transmitem, quando se torna premente e necessário!

O conjunto desses ditados, fórma um corpo de doutrina. Tal a sua elevação, tal a transcendência, e os elevados conceitos que emite, interessando muito de perto ao homem, ou seja ao espírito encarnado, em todas as situações que se apresente na vida, encarando com superioridade tudo aquilo que lhe atinge nos setôres da moral, da filosofia e da religião; tudo tornando claro, como, ao mesmo tempo, o instrue nos segrêdos do além-túmulo, eterno tormento dos nossos antepassados, no *porque* das desigualdades humanas, que por estas razões, o Espirítismo é, sêm nenhum favôr — *Ciência, Filosofia* e *Religião* ao mesmo tempo.

Muitos se escandalizam quando afirmamos que o Espiritismo sendo Religião, não possua hierarquia ou casta sacerdotal, nem dogmas absoletos, nem culto organizado, nem templos, nem ritual, nem livros sagrados, sob o argumento infantil de que tôdas as religiões têm seus livros reputados sagrados, todos muito antigos, que lhes servem de base, argumento e fundamento da Fé. Argumento tôlo, que seria semelhante ao daquele homem que negasse a existência da gasolina sintética, sob o fundamento de que toda gazolina é oriunda do petróleo e seu sub-produto — ou daquele outro que recusasse ingerir o leite condensado sob a alegação de que êsse precioso alimento, não é produto animal!...

Os espíritos retrogados não admitem a Evolução em nenhum setôr das atividades humanas. Eternos toupeiras ou caramujos, nada mais concebem além da sua tóca ou da sua casca...

O ensino espírita não está adstrito a programas préestabelecidos, por vezes enervantes e estafantes, não possuindo também, pela mesma razão, corpo docente organizado, polpudamente remunerado. Esta particularidade em nada deprecia o mérito do trabalho espírita, todo êle escudado na abnegação dignificante dos seus trabalhadores. Apesar disso, observa-se que há unidade na diversidade aparente, com apenas ligeiros modos de vêr, quanto á sua interpretação, faculdade esta, aliás, peculiar a cada personalidade, consciente do seu livre arbítrio. No fundo, há um elo só ligando a todos num só corpo de doutrina — as obras fundamentais da Codificação Cardeciana!

E ao termo destas considerações, chegámos a conclusão de que:

O ESPIRITISMO É:

— o mesmo Cristianismo do Cristo, interpretado em espírito e verdade;

— doutrina de renúncias, de sacrifícios, de abnegações;

— doutrina que anula o homem dentro de suas realizações em proveito dela;

— graça divina, que dominará «com os homens, sem os homens e apesar dos homens»;

— a coisa mais séria e maravilhosa dêste século de maravilhas e também de futilidades, improvisadas em coisas sérias;

— doutrina só para os capazes morais, que seus maiores inimigos são os que, pregando a sua moral, não a praticam!

J. B. CHAGAS.

Nova Iguassú, Março/1950.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo Machado

Com toda licença, confrade!

A despeito da longa e bela argumentação do ilustre confrade e bom amigo Alfredo d'Alcantara, continua de pé nossa tese, fruto de nossa observação: o movimento espírita no Brasil não tem similar nos países platinos, nem em parte alguma, até o presente.

Aliás, irmãos platinos, que aquí estiveram, são acordes na afirmativa, quer por cartas, quer em artigos.

Se outros irmãos cuidam mais da parte filosófica e da parte científica, isoladamente, nenhuns cuidam tanto da parte evangélica, humanitária, social e cristã. E cuidando, com extraordinário carinho desta última parte — que é, para nós, brasileiros, a que mais interessa — não nos descuidamos tampouco, dos outros aspectos da Doutrina.

Se não se registrassem as sombras e nódoas que somos o primeiro a reconhecer nos meios espiritas de nossa terra, de que o ilustre confrade citou algo, então, o Brasil seria já, a estas alturas, o verdadeiro paraiso do movimento espiritistico do mundo...

Ademais, tais nódoas e sombras, que são comuns em todos os ambientes, até mesmo os elogiados pelo confrade ilustre, se desmerecem certos meios espíritas, onde o estudo e a lisura doutrinaria não entraram, em nada diminúe o brilho e a marcha ascencional da Doutrina entre nós, felizmente.

E não o dizemos por nacionalismo barato, a despeito de gostarmos bastante de nossa terra e nossa gente, gue o espìrita é e deve ser como o Espírito: universal! Dizemo-lo por amor à verdade e á justiça. Justiça e verdade de quem já se libertou, felizmente, do feio veso de achar tudo o que é seu ruim e imprestável...

Espiritismo e futebol

Não compreendemos espírita que torça desesperadamente, pelo futebol. Que haja, por isso mesmo, arrancado os cabelos porque os brasileiros perderam na *Copa do Mundo*. Derrota, para nós, providencialissima! Por isso mesmo, nos últimos cinco minutos e para a nação menor de quantas compareceram.

«Os que se exaltam...» E os jogadores brasileiros, e suas loucas *torcidas* haviam já atingido à exaltação máxima. Ràdio e imprensa haviam proclamado, com antecípação, sua vitória. O MUNDO chegara a publicar, em manchete vistosa a fotografia dos heróis da pelota: «Eis os campeões do mundo».

A par disso, o crime inominável que a construção do estádio registra!

Mais de setenta mil crianças no Rio de Janeiro sem escola, ao desamparo da instrução e do amparo oficial. Metade, abandonadas, por falta de asílos que as recolham. O SAM, constantemente arrastado pela rua da amargura por copiosas reportagens e *conversas em família*, dos rádios, tal a falta de recursos, a despeito de tudo, para a sua manutenção. O juizado de menores a confessar a miúde, sua falta de recursos para atender a enormidade de pedidos; enfêrmos, loucos e túberculosos a perambularem pela cidade por falta de hospitais e manicômios e, constróe-se, contudo, um novo *Circo de Roma*, para o futebol, importando em mais de *Cem Milhões de Cruzeiros*!

Dos trinta e seis milhões apurados — e duvidamos muito que se volte a apurar tanto, de futuro, por falta do sabor da novidade! — nenhum real retirado em benefício da pobreza e da indigência. Antes, pelo contrário: mais de dois milhões para uma festa veneziana, em honra aos heróis do dia!

E não queremos comentar aquí as cênas de espancamentos, as desordens e mortes, daí decorrentes!

Providencial, para nós, a derrota, que nos causou, por sentimento de bemquerer ao Brasil, tanto bem quanto causaria sua vitória aos *torcedores*.

Grande glória, na verdade para um povo recordista no aumento do alto custo da vida, na falta de recursos para tudo, na indolência ingênita e em outras inferioridades decorrentes de nosso ingênito primitivismo; grande glória a do *talento* na ponta-dos-pés!

Espíritas metidos em loucuras futebolescas!

Só se o forem de fancaria!

Esta a nossa opinião, franca e sincera, embora escandalize e dôa, mau grado nosso!

Mais uma vez: Umbanda e Espiritismo

Ilustre umbandista vê, principalmente na resposta sintética ao prezadíssimo Silvio Roberto, que somos sistematicamente contrário á Umbanda.

Somos contrário à confusão da Umbanda com o Espiritismo, que não é a mesma coisa. E o somos, por falta absoluta de lógica na confusão que se faz das duas doutrinas, que são tão distanciadas uma da outra como a sombra o é da luz.

Concluimos que a confusão deriva do fenômeno mediúnico, apenas.

Mas, o Espiritìsmo não é o fenômeno mediúnico, a única ligação que há, séria, entre Umbanda e o Espiritismo.

Fenômeno que sempre existiu antes que existisse Espiritismo; que se encontra a dentro de todas as doutrinas religiosas, que talvez seja, até, o elemento genésico das religiões. Não exageramos afirmando que as religiões, como os factos principais da Vida, como os princípais fenômenos da História tiveram sua origem na interferência dos mortos nas lides dos vivos. Daí, o asserto oportunissimo de Augusto Comte, que póde ser levado, também, para o terreno psíquico; que «os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos».

E foi, até, a tese que estavamos desenvolvendo nas aulas do Curso de Espiritismo, na *Sociedade de Medicina e Espiritismo*.

Ora, o fenômeno psíquico, mediùnico, supranormal ou espírita, existe de todos os tempos. Mas, o Espiritismo existe de Allan Kardec para cá. Foi o codificador que criou e lhe deu a designação e, assistido por Espíritos de luz, o corpo de Doutrína, excepcional e magnífico, que aí está.

Assim, Espiritismo não é o fenômeno apenas.

E' uma Doutrina definida e definitiva, com suas bases sólidas e admiráveis, sem dogmas e sem mistérios, sem sacerdócio e sem ritual, sem explorações da fé alheia e sem encenações, sem imagens e adorações a *santos* e sem pontos cantados e dansas simbólicas, essas coisas que, infelizmente, se encontra a miúdo, na Umbanda.

Não hostilizamos, sistematicamente, a Umbanda, na consciência de que, se ela existe, e se existe quem a leve a sério, é porque há razões fortes, justificativas de sua existência.

Ademais, aceitamos as comunicações verificadas em Umbanda.

São reais e, muitas, dignas de nota e relevo.

É uma religião como tantas, de vez que lhe sobram as características — aliás, falsas para nós — que os dicionaristas e o vulgo emprestam à religião. E como religião, digna de todo respeito e acatamento.

Mas, que Umbanda fique em seu lugar, sem querer ser o que não é.

«Ordem é disposição de lugar e tempo para todas as coisas».

E Umbanda querendo ser Espiritismo, é querer fugir à ordem.

Dê ela o que quiser e puder, a quem apelar para ela, em seu nome, que não em nome do Espiritismo. E seus centros se chamem *centros umbandistas tal e tal*, e não centros espíritas, a que lhes falta 99% para serem, em nôme da lógica e da verdade.

Não vai nisto, cremos, nenhum ataque sistemático à Umbanda.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

II

O segundo médium a quem temos de referir é o Sr. Nelson Rocha, residente em Niterói, homem muito afável, serviçal, caridoso, de pouca instrução doutrinária espírita.

Assistimos com êle a uma série de sessões de materializações que abrange o período de um ano: iniciado em junho de 1949 até agora. Assistimos ás sessões com um bloco de nota e um lápis, registando o mais pormenorizadamente possível os acontecimentos para redigir atas minuciosas.

Essas atas, destinadas à nossa reflexão e ao confronto com fenômenos da mesma natureza que conhecemos na literatura espírita, observados e publicados em diversas línguas e vários países, não poderiam ser publicadas, porque formariam uma literatura insuportavelmente enfadonha pelas minúcias e repetições com que as redigimos exclusivamente para nosso uso e estudo. Temos que resumi-las, condensar os relatos, de modo a reduzir-lhes a extensão aos limites de artiguetes breves.

Por exigência dos Guias, o médium se submete a um rigoroso contrôle: seus dois braços, cruzados, são algemados por um assistente e a algema é ligada à cadeira. Seus pés, igualmente, ficam atados aos pés da cadeira. A chave da algema fica em poder de um dos assistentes até o fim da sessão.

As sessões se realizam ora em um barracão nos fundos da residência do médium, em Niterói, ora em casa de algum amigo nosso do Rio de Janeiro. Algumas em casa do Sr. Alfredo Cavalcanti, no Leblon, outras na residência da família Bittencourt, na Tijuca, em ambientes preparados pelos anfitriões.

Em qualquer dessas casas, improvisa-se uma cabine escura para o médium, coloca-se uma vitrola com alguns discos fóra do alcance de suas mãos, ainda que estas estivessem livres, um graduador de luz vermelha que permite três gráus de intensidade e, algumas vêzes, um objeto coberto por uma tinta fosforescente e visível no escuro.

A porta da improvisada cabine escura é formada por uma cortina de pano preto. Partindo dos dois lados dessa cortina colocam-se cadeiras destinadas aos assistentes, formando um círculo que deixa livre o centro da sala.

Os assistentes quase nunca são menos de 15 ou mais de 20 pessoas, na maioria senhoras.

Na maioria das sessões recebi ordem de presidir à reunião. Presidência que consistia em fazer recomendações de não acenderem luzes, não cruzarem os braços nem as pernas, não sairam de seus lugares durante a sessão, não tocarem nas entidades materializadas sem permissão delas, fazer uma prece de abertura e outra de encerramento, declarar aberta ou encerrada a sessão.

As portas e janelas da sala são cobertas por panos ou jornais, de modo a vedar a entrada da luz do exterior. Quando apagadas as luzes, a escuridão interna é absoluta, mas por iniciativa das entidades materializadas é acêsa a luz vermelha de vez em quando. Algumas materializações trazem em seu corpo fócos de luz que se ascendem e apagam sucessivamente; uma tem luz difusa pelo corpo todo; outras acendem a luz vermelha para se tornarem visíveis.

Em via de regra, logo depois de declarada aberta a sessão, uma entidade materializada escolhe um disco, o coloca na vitrola e faz funcionar o aparelho, produzindo música.

Os assistentes conversam entre si ou cantam, acompanhando a música da vitróla. As entidades recomendam que se produza vibração por meio de conversação ou canto. Justamente o contrário é recomendado com o terceiro médium de nosso modesto estudo, como veremos mais tarde.

Antes de ser posta em movimento a vitróla, quando isto retarda, os assistentes cantam um hino de autoria de um dêles, como preparação para a materialização.

Antes de aparecer alguma entidade materializada e mesmo antes de ser posta em movimento a vitróla, vemos relâmpagos dentro da cabine. Êsses relâmpagos se percebem através do tecido preto da cortina e por baixo dela projetam luz na sala. Quase sempre, o primeiro disco escolhido é a «Ave Maria», de Soma.

Com excepção de uma única entidade que fala, as outras são mudas. Quando querem dar alguma instrução, dão pancadas pedindo o alfabeto e se fazem compreender pela tiptologia. A única entidade que emite sons, tem uma voz sibilante, como assobios, difícil de entender para quem não está acostumado. Dá o nome de Ismael Souto.

Quando soam êsses *raps* (pancadas) pedindo o alfabeto, faz-se absoluto silêncio por parte dos assistentes, e um dêles vai ditando as letras do alfabeto, lentamente, até chegar à letra desejada pela entidade que a marca com uma pancada na madeira. Uma pancada significa «sim» e duas valem por «não». E' um processo lento que só se emprega para mensagens muito breves.

Dois assistentes são considerados médiuns auxiliares. Ficam na sala, mais próximos da cabine e por vêzes adormecem durante algum tempo das sessões que duram de uma a duas horas.

O controle do médium, a confiança que nos inspiram os assistentes e o médium mesmo, as mudanças de ambientes a convite de um dos assistentes para sua residência e outros pormenores afastam qualquer pensamento de fraude.

Numa sessão na casa da família Bittencourt, não havia algemas. Fizeram-se tiras de pano e com elas se atou o médium firmemente na cadeira. Uma entidade comunicante disse que não estavam bem feitas as ligaduras e que iria fazê-las de novo, mas antes tiraria o paletó do médium, já adormecido, porque estava muito sufocante o ar da cabine. Findas as manifestações, foi-nos recomendado que fizessemos uma prece breve, porque o médium iria despertar e acharia muito incômoda a posição em que havia sido posto. Assim procedemos. Encerramos logo a sessão e o médium despertou, gemendo, na cabine. Acendemos as luzes e fomos encontrá-lo numa posição realmente incômoda: fortemente ligado o pescoço aos braços e aos pés, com o corpo arqueado, e as tiras de linho lhe penetrando na carne da nuca. Reclamou, contrariado, contra o contrôle, mas os nós estavam muito apertados e não os pudemos desfazer. Tivemos que cortar as tiras que haviam sido retorcidas, formando cordas.

As entidades haviam zombado de nosso contrôle e demonstrado que podiam desfazer os nós, no escuro, e fazê-los de novo, muito contra o confôrto do medium adormecido.

Parece que a visibilidade dos Espíritos materializados, em plenas trevas, é perfeita. Dão disso muitas provas. Certa vez um assistente pediu que tocassem um disco determinado e a entidade respondeu, das trevas da cabine: «Estou procurando». O disco pedido era «A Dança das Horas». O Espírito interrogou: «Primeira ou segunda parte?» O assistente respondeu: «Segunda». Êle respondeu: «Achei» e pôs o disco certo.

Em outra sessão foi feita uma obra irrepreensível de escultura em parafina. A êste propósito, encontramos, num livro contra o Espiritismo, um relato de fenômeno com Eusápia Paladino que também demonstra perfeita visibilidade no escuro. Vem relatado no livro «A Ilusão Espírita» e em resumo é o seguinte: Um assistente pediu a uma entidade materializada que lhe preparasse um refresco. Movimentaram-se garrafas no escuro, depois o copo lhe foi colocado delicadamente aos lábios e êle bebeu sem perder uma gota.

Uma entidade distribui flôres pelos assistentes, em plena escuridão, entregando-lhas nas mãos. Outra me põe nas mãos um disco, como terei ocasião de relatar mais tarde. Essa segurança de movimentos nas trevas absolutas é uma das provas contra a louca hipótese de que tudo é fraude, porque nenhum ser humano poderia proceder com segurança absoluta, praticando atos que reclamam perfeita visão. Os opositores simplistas que tudo atribuem ao embuste, esquecem este pormenor: como produzir escultura perfeita no escuro, distribuir flôres, escolher um disco e ler-lhe o título, colocar um objeto nas mãos ou nos lábios de alguém e outros atos que reclamam visão perfeita?

Quando as condições estão favoráveis, isto é, o médium não está doente nem muito esgotado e a noite está quente, há um fenômeno de refrigeração do ar: na sala hermèticamente fechada e sufocante pela presença de muitas pessoas, sentem-se fortes correntes de ar frio e perfumado que não se sabe de onde vem.

Ondas de ar perfumado ou a quéda de uma neblina de líquido perfumado durante a sessão é ainda mais frequente do que as correntes de ar frio.

Nos fenômenos de materialização produzidos pelos dois médiuns que temos de estudar nestes artiguetes, há diferenças de pormenores que merecem especial menção. Com Nelson Rocha a entidade Atanásio é muda: aparece ricamente paramentada, solene, ora, abençoa, acaricia os rostos dos assistentes, deixa-nos examinar e apalpar suas vestes, ilumina-se ricamente por uma luz lampejante, ora branca, ora azul, mas não diz uma palavra. Com João Cosme, a entidade que diz ser o mesmo Atanásio, é invisível, não se ilumina, não tem atitudes de Guia, e conversa muito, diz pilhérias aos assistentes, dirige os trabalhos físicos da sessão, é um ajudante dos Espíritos elevados que se manifestam. Pelas manifestações, são duas entidades completamente diferentes, com funções muito diversas, mas dizem ser o mesmo Espírito de um excelente rapaz que desincarnou em Niterói aos 16 anos de idade, em consequência de um jôgo de foot-ball.

Para acreditarmos que realmente seja o mesmo Espírito, teríamos que imaginá-lo em duas encarnações distanciadas uma da outra; numa teria êle sido um sacerdote e na outra um jovem popular. Talvez que Atanásio seja um nome simbólico, pois que a palavra grega da qual origina o nome, significa «imortalidade».

A entidade que se manifesta pela mediunidade de Nelson Rocha e que se parece pela conversação com o Atanásio de João Cosme, dá o nome de Ismael Souto. A conversação de ambos é sibilante, quase de assobios, difícil de compreender para quem não esteja habituado com êles, mas suficientemente clara para quem está acostumado.

Em outro artiguete entraremos no estudo dos fenômenos, resumindo alguns pontos das atas das sessões.

UMBANDISMO e ESPIRITISMO

CERTA instituição espírita do Estado do Rio de Janeiro, por proposta de sua diretoria, submetida à apreciação de uma assembléia geral, desejou convidar para se representarem entre os espíritas, junto à instituição, as sociedades devidamente legalizadas ou organizadas, e que se orientam pela chamada «linha de umbanda».

Ora, dizem os estatutos da sociedade, em seu artigo 2.° que, «são seus fins principais:

a) Orientar sua atividade civil e personalidade jurídica, dentro da mais completa ordem e dos sentimentos de Paz e Fraternidade;

b) estudar, praticar e propagar o Espiritismo nos moldes cristãos e codificação kardecista;

c) unificar os espíritas residentes no Estado do Rio de Janeiro, e congregar em torno de si todas as Associações Espíritas legalmente organizadas;

d) praticar a caridade sob todos os aspectos e na medida de suas posses;

e) corresponder-se fraternalmente

com todos os espiritualistas em geral;

Parágrafo único — É vedada à Sociedade filiar-se ou dar adesão a qualquer organização estranha à sua finalidade, bem como permitir em sua séde, ou nas de suas sessões, reuniões ou ajuntamentos políticos partidários».

Aí temos transcritos, os principais preceitos estatutários que impedem as adesões de organizações, que não sejam genuinamente espíritas, à Sociedade, que veladamente estamos focalizando.

Os fins a que ela se propõe, no terreno doutrinário, são os de estudar e praticar o Espiritismo. Ora, o Espiritismo não é um agrupamento de indivíduos na pratica do mediunismo. A mediunidade, em seus múltiplos aspectos, é tão velha quanto o mundo; o Espiritismo não. Este, como Doutrina organizada, data da publicação do primeiro livro de Allan Kardec — O Livro dos Espíritos — em 1857.

Quando Allan Kardec codificou a Doutrina, não deixou o seu trabalho confundido entre os vocábulos *espiritual, espiritualista* e *espiritualismo,* criou o vocábulo próprio — ESPIRITISMO. E, êste nome se aplica sómente à *Doutrina dos Espíritos,* codificada por Allan Kardec.

Em «O Livro dos Espíritos» está contida a Doutrina Espírita e, fóra desse monumental tratado de filosofia, não há Espiritismo.

Não obstante a prova inconcussa da manifestação do espírito entre os incarnados, o maior objetivo do Espiritismo consiste em conduzir a humana criatura pela trilha da evolução, onde repousa o princípio substancial da fraternidade, na pluralidade das existências, pela incarnação e a reincarnação.

Êsse magnífico livro nos ensina a conhecer Deus e o Infinito, dando-nos a prova de sua existência, através os atributos da Divindade; elementos gerais do Universo, conhecimentos e princìpios das coisas. Fala-nos da Criação, do Princípio Vital; da emancipação da alma, da Lei Divina ou Universal; das Leis do trabalho, da reprodução, da conservação, da destruição, da sociedade, do progresso, da igualdade, da liberdade, da Justiça e da Caridade. Fala-nos das penas e gozos terrenos; das penas e gozos futuros.

Como vemos, «O Livro dos Espíritos» é o mais completo manancial filosófico, interessando a existência do espírito, ora no mundo físico, ora no mundo espiritual.

Não há pois, quem possa afirmar-se espírita fóra dos princípios que norteiam os conhecimentos filosóficos e científicos da Doutrina — «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns». Este, em sua feição científica e experimental.

Quanto à parte moral, calcada nos Evangelhos, segundo os discípulos do mestre, temos verificado o quanto o Espiritismo se distancia das igrejas até então chamadas cristãs! Nessa parte o Espiritismo restabelece, arrancando dos escombros dogmáticos e ritualísticos das igrejas que abastardaram os Evangelhos, a essência do cristianismo.

Os sacramentos instituidos pela igreja católica, em número de sete: batismo, confirmação, comunhão, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio — não foram recomendados na codificação da Doutrina Espírita, e são patrimônio exclusivo da igreja romana.

A missa e outros cerimoniais, que em nada se parecem com as reuniões cristãs, na comunhão espiritual do Cristo com os seus discípulos, tiveram a origem, afirmam os historiadores independentes, nas cerimônias da Etiópia, do Egipto e que ainda hoje se praticam nas ilhas da Oceânia.

O Espiritismo é uma doutrina emancipada dêsses formalismos, e as crenças religiosas que a êles se apegam não passam de mistifórios, de sincretismos esdrúxulos, tal como se verifica na prática de «Umbanda».

Há, mais ou menos um quarto de século, apareceram na Capital Federal os profetas de «Umbanda», propensos à organização de sociedades dêsse gênero de mediunismo, defendido por Nóbrega da Cunha, e combatido veementemente por José Tosta, pelas colunas da «Gazeta de Notícias».

O maior surto dessa ordem de trabalhos, até então pouco conhecidos por carência de publicidade, veio com as reportagens de Leal de Sousa que, sendo católico, aceitou o *umbandismo* em face da caracterìstica religiosa, em tudo arremêdo, desvirtuado embora, da igreja romana, e mescla de africanismo; não do africanismo evolutivo que marcha com a civilização do seu próprio povo; mas, do africanismo atávico que emerge das profundezas da alma em seus recalques religiosos, dos absconsos escaninhos da sensibilidade.

Foi por isso que, em 1941, quando surgiu a idéia de um «congresso espírita de «Umbanda», Alfredo d'Alcântara (talvez o mais profundo conhecedor das varias modalidades de *umbandismo* no Brasil, porque, além da sua brilhante inteligência e cultura filosófica, foi, no curso de muitos anos, como estudioso do assunto, freqüentador de terreiros), autor do magnífico livro «UMBANDA EM JULGAMENTO», tendo ido ao encontro daqueles que então organizavam o «Congresso de Umbanda», não conseguiu, por muito que indagasse, quem lhe dissesse ao certo, o que era «Umbanda». Daí a sua bela conferência profundamente documentada, pronunciada na Federação Espírita Brasileira, ao tempo em que era presidente dessa instituição o Dr. Guillon Ribeiro, e publicada no «Reformador» de novembro de 1941.

O único ponto de contacto existente entre «Umbanda» e Espiritismo, é a manifestação dos espíritos; entretanto, nessa aproximação ainda existe uma enorme divergência; enquanto a «Umbanda» que é a «macumba» estilizada, recebe em seu seio apenas os espíritos de certa ordem hierárquica e primitiva, selecionando assim uma determinada classe de entidades, o Espiritismo, em seus trabalhos de ordem experimental, não exclui ninguém, e a todos, em igualdade de condições, ministra, quando ainda ignorantes se manifestam, os mesmos ensinamentos no sentido do bem comum, na pauta do Evangelho.

Sob o ponto de vista doutrinário, a diferença entre o Espiritismmo e a «Umbanda» é enormíssima.

Enquanto o Espiritismo está codificado, constituindo um curso as suas obras fundamentais, abrangendo os três aspéctos: Científico, Filosófico e Religioso, a «Umbanda» não tem apoio doutrinário. É um misticismo afro-católico. A doutrina dos *umbandistas*, dos cangeristas e macumbistas, é a Religião Católica! Êles se batizam, se crismam, se casam, frequentam missas e muitos se confessam e comungam.

O que existe num plano mais elevado, com o nome de Espiritismo de «Umdanda», é sincretismo religioso.

A Tenda Espírita «Mirim», a maior organização dêsse gênero, está perfeitamente enquadrada em um belo artigo de Leopoldo Machado, publicado nesta Revista do mês de fevereiro do corrente ano, focalizando o livro de Alfredo d'Alcântara — «Umbanda em Julgamento».

O antigo Centro Espírita «Caminheiros da Verdade», do qual já nos ocupámos pelas colunas deste órgão, hoje transformado em «tenda Umbandista», onde o rebelado bispo de Maura préga as suas mistificações católicas, está preparando agora uma grande orquestra de batucadas africanas, com o seu típico instrumental.

O Centro Espírita «Fé pela Razão», do qual também já nos ocupámos de outra feita, não só aceita o catolicismo do ex-bispo de Maura, como também celebra em sua séde missas e outros atos religiosos e realizam procissões pelas ruas de seu bairro.

Agora, perguntaremos a nós mesmos, quando foi que os grupos, centros, tendas e cabanas *umbandistas* começaram a adotar a denominação de *espíritas?*

Eis a resposta: quando, em plena ditadura o chefe de Polícia de então, convencido de que o Brasil caminharia para a horda totalitária, tendo em vista a tendência do governo, exigiu, após o fechamento das instituições espíritas, que todos se registrassem, e, como não lhe parecia bem o registro de «Umbanda», exigiu que o fizessem com a denominação de «Centros Espíritas de Umbanda». Daí o abastardamento do Espiritismo no Brasil, por imposição de um chefe de Polícia a serviço de execranda ditadura.

Digna do nosso apôio, é realmente, a ânsia fraternista que empolga o presidente dessa instituição. Êle não admite a confraternização parcelada e todos nós estaremos com a sua orientação, mas, a confraternização ampla, não é *Coligar* os *umbandistas* aos espíritas, é, ao contrário, viver como temos vivido em boa vizinhança. *Umbandistas* de qualquer *linha*, e até sem *linha*; «esoteristas», «teosofistas», «ocultistas», de quaisquer das escolas existentes; católicos, protestantes, enfim, todos os espiritualistas merecem e devem estar presentes na comunhão universal das nossas afirmações de fraternidade; entretanto, convidá-los para ficarem à margem das nossas instituições, que obedecem a um plano doutrinário do qual eles não participam, é tolice de nossa parte.

Assim como pretendem alguns espíritas se organizar em tôrno de um Conselho Federal, tendo a Federação Espírita Brasileira por cúpula, êles, os *umbandistas* também estão se organizando em tôrno da *Confederação Espírita Ubandista*, cujos estatutos acabam de ser registrados e publicados no «Diário Oficial» de 6 de Maio de 1950, página n. 7077.

Ora, se «Umbanda» não é Espiritismo como está cabalmente demonstrado; se o *umbandismo* está se organizando, embora erradamente, com a denominação de espiritismo; com orientação própria, sem qualquer obediência aos postulados doutrinários do Espiritismo, porque razão havemos de insistir em complicar mais a Doutrina que, dia a dia vai se impregnando de práticas espiríticas de inovações espúrias, tais como as que conspurcaram o Cristianismo no correr dos anos?

Não, cuidemos do Espiritismo, tão sòmente. Que se agreguem as instituições menores em tôrno das maiores, deixando que os *umbandistas* também se organizem, praticando como pensam e entendem, os seus rituais, à margem do Espiritismo.

PEREIRA GUEDES.

Hermenêutica Religiosa

Os povos antigos não tiveram pròpriamente Religião, mas apenas crendices, pavores que lhes inspiravam certos fenômenos insólitos da natureza, como os trovões, as tempestades, o desencadear dos ventos, etc. Mais tarde, o Politeísmo, sob a inspiração de certos princípios filosóficos que desabrochavam na mente humana, deu um caráter mais elevado a essas crendices e superstições—e tivemos então a Mitologia greco romana e as diversas modalidades do Politeísmo egípcio, caldeu, assírio, etc.

Aquí e alí, em meio dessa mentalidade universalmente escravisada à *forma* e, por conseguinte, ao império dos sentidos, despontava, como ilhota perdida no oceano imenso, um iniciador da Verdade Religiosa, que levava para o invisível, ao desencarnar, o archote de sua «divina ciência», porque era cedo ainda para passá-lo a outras mãos.

A Religião pròpriamente dita foi revelada ao homem pelo Monoteísmo. Sòmente quando o Espírito evoluiu suficientemente para poder conceituar a Divina Paternidade, por meio de outro instrumento que não o da sua própria mente obumbrada pelas limitações que lhe são inerentes, acendeu êle ao plano da imortalidade consciente, para alcandorar-se ao conceito da Verdade Absoluta, sabendo humildemente que jamais lhe será dado alcançá-la integralmente! Essa a suprema razão por que o homem religioso é sempre humilde. O Modêlo Divino dêsse homem teve por berço a mangedoura; por leito de motre, os braços de uma cruz. O Nazareno é, por isso, o «caminho, a verdade e a vida»: com êle, marchamos nas veredas da Verdade e somos possuídos da vida moral, que é alguma cousa mais do que a vida animal que desfrutamos.

Nesse estágio elevado da sua evolução planetária, o homem recebeu a primeira Revelação — o DECÁLAGO, através do qual Jesus, o único Mestre da humanidade, nos ensinou a conhecer o Pai: «EU SOU O SENHOR TEU DEUS, QUE TE TIREI DA TERRA DO EGITO, DA CASA DA SERVIDÃO» («que te tirei da servidão da ignorância em que permanecias a respeito da MINHA PATERNIDADE, prestando culto a falsos deuses criados pela tua própria imaginação, inclinada ainda às tendências ancestrais da animalidade, de que és oriundo».) Por isso, sobraçando as táboas da Lei, antes de revelá-la aos hebreus, Moisés os encontra adorando o bezerro de ouro...

A essa primeira Revelação, adequada à mentalidade primária do primeiro grupo humano suficientemente evoluido, contudo, para recebê-la, sucede a segunda Revelação, trazida pessoalmente por Jesus às ovelhas do seu rebanho terrestre. Não obstante, ainda os próprios discípulos, para se tornarem homens religiosos, precisaram do testemunho dos sentidos: o Mestre viu-se constrangido a se lhes mostrar, na ressurreição, segundo os atributos da carne, materializando-se aos olhos dêles, para que se capacitassem de que, depois de morto, continuava a viver. A-pesar-de toda a sublime eloquência dos testemunhos de Jesus respeito ao sentimento religioso, os seus discípulos só se tornaram homens verdadeiramente religiosos depois da Ressurreição. Destarte, se tornaram capazes de afrontar o martírio e a morte, para resguardarem das contaminações da mentira a sua fé inabalável. Então o Cristianismo, isto é, a Religião implantou-se definitivamente no coração humano. O edifício estava construido sôbre a rocha, no dizer de Jesus: sopraram os ventos, rugiram as tempestades e êle permaneceu de pé, porque estava construido sôbre a rocha da Fé.

A Terceira Revelação veio, a seu tempo, confirmar os Ensinos de Jesus: é o Consolador prometido.

Nessas três Revelações repousa o templo da Religião; todas as demais obras de cunho religioso, são-lhes subsidiárias, não assentando, pois, princípios religiosos, mas sómente servindo para esclarecer os espíritos e orientá-los no sentido de melhor poderem compreender tais princípios contidos nas três Revelações mencionadas: o DECÁLOGO, os EVANGELHOS e as OBRAS FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO, codificadas por Allan Kardec.

Nestas condições, as obras de todos os profetas que medeiam entre o Sinái e o Tabor; as de todos os Padres da Igreja e intérpretes do Cristianismo até a vinda do Consolador; as de todos os escritores espíritas, desde Léon Denis até os modernos tratadistas, inclusive os de além-túmulo, como Humberto de Campos, André Luiz, Emanuel, — respeitabilíssimos irmãos que nos procuram fraternalmente iniciar nas Verdades reveladas por Jesus, *antes* e *depois* da sua vinda pessoal ao planeta, têm de ser consideradas subsidiárias, esclarecedoras, nunca fundamentais, nelas não havendo princípios firmados, mas apenas maneiras de interpretar os princípios.

Eis que, desta forma, a nossa Fé encontra apôio inamovível e não andamos ao sabor de todos os ventos. Enquanto não temos a necessária clareza de entendimento para a nítida compreensão das verdades que nos foram reveladas por Jesus e que se acham contidas naqueles três sustentáculos do templo da Religião, procuremos nas obras que lhes são subsidiárias os esclarecimentos de que necessitarmos para a boa compreensão dos textos escriturísticos e espíritas, a que temos aludido, gratos ao Senhor que nos suscita amigos de boa vontade, dispostos aos trabalho de se abeberarem nas fontes legítimas da Revelação, para nos trazerem em suas palavras e em seus escritos a interpretação dos princípios religiosos, por vêzes ocultos sob o véu da letra que mata. Não nos afastemos nunca da fonte original: sómente ela contém a água de que nos fala Jesus, quando a ofereceu à Samaritana — aquela água que mata a sêde para a vida eterna. Jamais deixemos de ler e meditar o Decálogo, os Evangelhos e as obras básicas do Espiritismo, que são as de Kardec. *Tôdas as demais, de quem quer que sejam, são-lhes apenas subsidiárias:* não assentam doutrina, procuram esclarecer princípios, formulam hipóteses, presumem encontrar, pela interpretação, a verdade. Esta sempre está no Pensamento de Jesus, expresso no Decálogo, nos Evangelhos, nas Obras Fundamentais do Codificador — e à proporção que a nossa mente fôr se aperfeiçoando na exegese religiosa, mais transcendentes ensinamentos iremos recebendo dêsse manancial sempre vivo da Revelação tríplice, sempre e cada vez mais deslumbrados pela divina luz que êle projeta sôbre a nossa mente, até que se torna inamovível a nossa fé e tornamo-nos, então, livres propugnadores do Cristianismo, tudo sofrendo por amor aos nossos ideais que, justamente como os dos primeiros cristãos, sacrificados ao ódio feroz do paganismo, nos advém da firmeza das nossas convicções — pois que o Cristo ressurgiu dentre os mortos e os seus discípulos, com Êle, também ressurgirão para a Vida eterna, livre e consciente, não mais obumbrada pelas vicissitudes da corporeidade material, a que estamos obrigados enquanto a «morte» religiosa, isto é, a ausência de fé e de princípios, predominar em nossa mente.

Alicerce inamovíveis do Templo augusto da Religião: o Decálogo, os Evangelhos, as Obras Fundamentais do Espiritismo, codificadas por Allan Kardec, repitâmo-lo; todas as demais obras dos profetas que foram antes de Jesus, dos interpretadores da Doutrina, que a procuraram esclarecer a benefício da humanidade, são portas e janelas por onde penetramos no templo augusto da Religião e pelas quais podemos receber luz que nos ajude a discernir a verdade; mas digâmo-lo, por fim e para terminar êste pequeno estudo, a Verdade está, firme, nos alicerces da nossa Fé: os ensinos e os exemplos de Jesus.

Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1950.

ARNALDO S. THIAGO.

Rua da Universidade, 53, ap. 102. RIO.

Crônica Estrangeira

Falando com os Mortos

Por Frederico Duarte — Manchester

Revelações Sensacionais

Há uns anos que se deu um caso comigo, o qual parecendo-me muito íntimo deixei de o revelar na imprensa.

Chegada é agora a ocasião em que me insistem os amigos do «Além» a saír do meu silêncio e revelar os factos, dizendo-me serem no interêsse daqueles que abraçam o Espiritualismo.

Não desejando de modo algum ir contra a sua vontade, afirmo aos meus leitores que as revelações por mim colhidas nestas últimas semanas são tão extraordinárias, que realizo ser o meu dever pô-los ao facto do que se passou, está passando e... passará!

Numa bela noite de 1945 fui visitado no meu quarto de dormir por um espírito o qual não revelou a sua identidade, mas me falou em português.

Assim disse: —

Todos os mortais teem um dever a cumprir enquanto andam pelo vosso planeta. Tu tivestes que saír de Portugal não por uma méra coincidência, mas sim para seres instrumento durante uns anos de propagandista da nossa pátria e sua língua, assim como a colheres provas absolutas sôbre a Sobrevivência.

Fostes o único português a dar um filho a favor da libertação do mundo do nazismo diabólico.

Mas não o perdestes pois está mais vivo do que nunca!

A tua pessoa foi selecionada para revelar pela imprensa inglêsa, brasileira e portuguêsa, fenômenos e relatórios relativos ás tuas observações. Durante os últimos trinta anos da tua existência fostes espiritualista, todavia, a principiar em 1950, receberás provas e mensagens de grandes espíritos; os quais comunicarão contigo falando na sua própria língua. E's pois protegido por o nosso Sêr DIVINO, e, como durante esses anos não recebestes um penny pelo teu trabalho, a tua recompensa a terás aquí, e durante os poucos anos que viverás na Terra, serás visitado por espíritos privilegiados».

Estava bem acordado quando ouvi o que fica acima exposto. Em Dezembro de 1949 vim em contacto com o distinto médium natural da Guiana Inglêsa, Joseph de Santos, e a seguir exporei aos meus leitores revelações admiráveis e que confirmam absolutamente aquilo que me foi dito em 1945, ou seja, cinco anos antes.

Como investigador de muitos anos, só revelo qualquer acontecimento se estou plenamente satisfeito com aquilo que ouço ou observo. Assim pois o que vou expôr naturalmente que em muitos casos causará pena a não ter acontecido em Portugal ou Brasil.

No domingo 29 de Janeiro do corrente ano, fui passar o dia na aldeía Boothstown, em casa do Mr. Birch onde se encontra atualmente a viver o médium Joseph de Santos.

De Santos tem como guia uma interessante criança, rapazinho de 12 anos que viveu em Nova York, tendo sido atropelado por um automóvel, sendo o seu nome Harry Kerry. De Santos obteve estas informações da irmã quando esteve naquela cidade. Depois de ter aparecido a ela, não mais voltou a aparecer até umas semanas depois, e pediu ao médium para o deixar acompanhar, Little Harry como o chamamos com carinho, simpatizou com o Mr. Birch e a minha pessoa, sendo agora todos uns grandes amigos! Depois de termos tomado o «five o clock tea,» fomos para a sala de visitas, o médium, o Mr. Birch, um amigo seu e eu. O little Harry transfigurou-se logo e disse-me:

Tio Frederico (uncle Fred) — Vai hoje haver uma grande revelação.

Vou traçar o programa:

Virá primeiro o espírito do doutor Mc Coy, de Nova York, para dar uns passes a êste senhor que está doente.

A seguir virá a surprêsa para o tio Fred.

O poeta João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro.

Depois a velhinha que o curou quando esteve tolhido em criança, a qual revelará pela primeira vez o segredo do unguento que empregou.

Depois virá e falará em inglês o senhor Stead que morreu no desastre do Titanic.

Finalmente falará em espanhol o senhor Ferrer de la Guardia, natural que foi de Barcelona.

O little Harry parou por uns momentos e falou novamente: — Tio Fred, tio Fred: — Antes da velhinha lhe falar, acaba de chegar aquí, do Brasil, o Padre Zabeu que vai também saudá-lo.

* * *

Ponham-se agora os estimados leitores no meu lugar.

A lista acima é tão «imponente» que se não tivesse eu e os outros amigos absoluta confiança no médium, que é uma belissima criatura e muitissimo honesto, de minha parte trataria tudo isto como uma bambochata! Mas... impossível ir contra factos, os quais revelarei conforme os colhi, com a luz duma vela de cêra.

O Doutor Mc Coy, falando num tom de voz de tenor, saudou-nos e foi em direção ao nosso amigo, que, digamos desde já, o seu médico lhe disse estar atacado de paralisia infantil.

Deu-lhe uns passes, e aconselhou-o a continuar com o tratamento das ervas. O nosso amigo confessou que passou muito bem durante a semana passada e agradeceu alí a êsse belo espírito pelo que estava fazendo.

— Não é a mim, disse o Dr. Mc Coy a quem tem de agradecer, mas sim ao Sêr Supremo. Continue a ter fé e reze com toda a sinceridade, e vá tomando o medicamento e daquí ha pouco tempo ficará restabelecido.

João de Deus

Numa linda voz portuguêsa ouvimos:

De que choras tu anjinho?
Tenho fóme e tenho frio, etc.

Ao terminar de recitar os versos que eu muito gostava quando era criança, disse:

Sabe quem sou eu?

— Perfeitamente.

— Olhe, Duarte, o Francisco Sá de Miranda disse-me a mim e aos outros que me seguiram, haver aquí uma excelente oportunidade para podermos regressar à Terra e falarmos a um português. Eu já falei por mais de uma vez lá no Brasil, mas aquí hoje o caso é interessante. Você estudou até ao sétimo ano de letras no Liceu do Pôrto, antes de vir para a Inglaterra.

—Bom amigo João de Deus: — Como sabe disso?

— Ora, ora! Está aquí perto de mim um dos seus professores que o estimava muito.

— Quem é êle?

— Não lhe digo. O Duarte vai ter a ocasião de falar com êle.

Por agora, saudo-o e como não quero gastar o tempo, vou deixá-lo até outra vez.

Antero de Quental

Despedimo-nos e imediatamente se transfigurou o Dr. Antero de Quental.

— Que diabo, que diabo! Soubesse eu o que sei hoje que não teria praticado aquela asneira lá nas Ilhas...

Você não é parvo e sabe ao que me desejo referir.

Esta é devéras uma notável sensação. Imagine-se eu a falar com a ajuda das guelas dum sujeito a quem nunca vi ou conheci! e começou a rir-se.

— Olhe lá, senhor Duarte, êsses dois seus amigos é pena não saberem falar português, mas eu pesco alguma coisinha do inglês e vou-lhes dirigir umas palavrinhas:

O Dr. Antero de Quental falou em inglês, cumprimentando o Mr. Birch e o nosso amigo, despedindo-se com um «I hope to see you again».

Guerra Junqueiro

Enquanto os outros se dirigiram a mim na terceira pessoa, o Dr. Guerra Junqueiro começou a tratar-me por tu.

Confesso com toda a honestidade que tenho comunicado já com muitos bons amigos do «Além», mas esta minha experiência com o Dr. Guerra Junqueiro é positivamente das mais admiráveis.

O médium desconhecia por completo de qualquer incidente ocorrido comigo durante a vida de estudante no Pôrto.

O espírito que me falou foi absolutamente, sem hesitação alguma, o do Dr. Guerra Junqueiro. Há certas passagens muito íntimas que não tenho objeção em indicá-las, pois a verdade deve dizer-se sempre.

Foi um verdadeiro «pratinho de meio» esta interessante palestra que tive com o celebérrimo autor da «Velhice do Padre Eterno».

Começou assim:

— Como vais passando tu, Frederico, nesta tua terra adotiva?

— Menos mal. Presumo que estou a falar com o Dr. Guerra Junqueiro.

— Sou eu mesmo. Olha lá, tu lembras-te do dia 5 de outubro de 1910, quando estavas à porta da Tabacaria Teixeira? Fostes um maganão! Até meses depois te metestes a Carbonário!

Naturalmente que comecei a rir-me e o amigo do Além continuou:

— Quem é êste homem de cuja garganta estou te falando?

Parece-me ser muito boa pessoa e é muito fácil para eu falar. Esta é de facto uma sensação impossível de poder descrevê-la.

Respondi à pergunta que me fez e prosseguiu:

— Queres provas da minha identidade?

— Caro doutor, fale e diga-me coisas, pois já estou certo sôbre a sua pessoa.

Começou a rir e continuou: Lembras-te daquele chapeusito que eu costumava usar e tu trouxeste um idêntico aquí para a Inglaterra que te custou quinze tostões? Olha que eu sei quem te deu o dinheiro.

— Diga-me doutor quem foi.

— Foi o teu tio, casado com a irmã do Conde de Felgueiras, professor que foi da Universidade de Coimbra. Chamava-se ela Dona Julia, e já está aquì e o marido.

Esta resposta foi tão extraordinária que por uns momentos fiquei «mudo e quedo como um penedo»!

O Dr. Guerra Junqueiro falou de novo:

Ficaste admirado. Olha, Frederico, lembras-te daquele famoso Restaurante Romero Paz da rua Entre Paredes, onde foste muitas vezes comer uns belos petiscos? E aquele celeberrimo Café «Primavera» do Laranjal, onde ias tomar café? E aquele Restaurante do Largo do Carmo onde ias comer tripas? E aquelas festanças do Senhor de Matozinhos, do Senhor da Pedra, e lembras-te do Sebastião que tinha o Quiosque na Praça D. Pedro IV?

Que belos tempos aqueles da minha e da tua mocidade. Confesso-te que estou muito satisfeito por ter esta oportunidade de te falar. De facto quando o Sá de Miranda estava falando com o João de Deus e o Antero, eu estava duvidoso e por curiosidade vim com êles. Não me arrependí, Frederico, pois esta é sem dúvida uma magnífica sensação. Olha, Frederico, queres fazer-me qualquer pergunta?

— Sim senhor. Quem foi o seu informador sôbre as minhas rapioquices?

Aquì me revelou o nome de dois íntimos amigos que deixo de indicar por me constar que suas famílias não veem com bons olhos o Espiritualismo.

O doutor Guerra Junqueiro esteve precisamente uns 10 minutos a falar comigo, e além do que fica acima exposto, disse-me que continua a trabalhar muito, assim como os outros, e quando possam vir de novo visitar-me o farão, mas que eu me riria bastante se pudesse naquele momento ver a quantidade de amigos meus todos anciosos por experimentar a sensação de poderem falar comigo!

Para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de ouvir falar os mortos, deve causar-lhes uma certa «perplexidade» o que fica aqui exposto, mas garanto-lhes sob a minha palavra de honra que tudo se deu e as vozes eram, isto é, foram completamente diferentes uma da outra.

Eu sinto-me profundamente sensibilizado com estas oportunidades que DEUS me dá em poder comunicar com os chamados «Mortos» e só tenho pena a que hajam ainda tantas criaturas no Mundo que não acreditem na pura verdade dos factos.

Ferrer de la Guardia

Veiu saudar-nos êste belo espírito que quando na terra viveu em Barcelona. O senhor Birch que por uns três anos esteve no México como gerente duma fábrica de tecidos, teve uma conversação animada com êle.

Padre Zabeu

O little Harry pediu-me para saír da minha cadeira onde me encontrava a tirar notas sôbre uma mesinha, e disse para me sentar noutra em frente ao médium.

O PADRE ZABEU transfigura-se!!!

Fez uma magnifica prece em português, mas um português falado no Brasil, e depois passou as suas mãos pelos meus olhos e deu-me a seguinte receita:

Agua calcinada. Oleo de amendoa doce. Lavar todos os dias de manhã e ao deitar os olhos com a água calcinada e antes de deitar pôr uma gota do óleo na vista.

Analisou bem o olho direito alegando não ter alí catarata e que seguindo à risca o tratamento, eventualmente aquêle «véu» que existe na córnea se deslocará e desprenderá.

Que espera dentro de algumas semanas vir de novo ver-me. Por agora que está satisfeito a não haver cataratas nos olhos!

Quem vencerá? A Medicina ou o Espiritualismo?

Fui em principios de Setembro de 1949 ao Hospital dos Olhos, onde um especialista fez a diagnose de ter duas cataratas, e que a do olho direito estava já «madura» para ser extraída.

O meu nome foi inscrito no livro dos doentes para ser operado durante o mês de Janeiro de 1950.

Estou escrevendo estas linhas em 30 de Janeiro e ainda não recebi o aviso para me apresentar no Hospital onde deveria ficar durante três semanas!

Abençoado seja NOSSO SENHOR, e a bela alma do PADRE ZABEU!!

Não será preciso submeter-me à operação.

Qual deverá ser a minha gratidão por estes favores recebidos do «Além»? Continuar a trabalhar e propagar a justa causa do Espiritualismo.

A Bruxa

Há já alguns anos que tive ocasião de escrever sôbre o caso de ter sido acometido aos sete anos de idade de paralisia infantil, e que depois de alguns meses, uma mulher de aldeia me curou em menos de três dias.

Essa mulher passava como bruxa, mas de facto, não era nem mais nem menos do que possuidora do poder de curar por meio de passes.

Ora posto que já tivesse transfigurado na Madame Bullock, nunca se ofereceu a oportunidade de poder conseguir saber como ela me tratou. Ora em 29 de Janeiro passado, essa bôa mulher veiu ver-me e falou-me por uns cinco minutos.

Contou-me a história da sua vida. As peripécias por que passou, e a vida bem atribulada que teve.

Mencionou-me o casebre onde vivia, chamava-se Maria do Rosário, tendo vindo da Povoa do Lanhoso para a cidade de Lamêgo onde foi criada duma família que vivia perto da Ponte, e depois viveu sózinha, ganhando a vida a fazer recados e uns dezreisinhos que lhe davam.

Pelo exposto notei que era de facto uma mulher pobríssima, não tendo tido educação alguma. Todavia possuía um belo dom de poder aliviar as dôres dos aflitos.

Contou-me como a criada a meteu no meu quarto de dormir e onde alí ela fez um unguento, da seguinte forma:

Enxundia de ganso, tendo fervido primeiro por uma hora, flôres de sabugueiro e alecrim. Deitou fóra alguma água e depois ferveu de novo com a enxundia, fazendo uma pasta, que quando quente, a passou por todo o meu lado direito, e me embrulhou num cobertor de flanela. Fez êsse tratamento por duas vezes e seguiu para casa dizendo à criada que dentro de 10 dias voltaria, esperando ver-me já fóra da cama. Mas, louvado seja Deus, em três dias me foi possível mover o braço e a perna e dias depois a poder brincar de novo com os meus irmãos. A Maria do Rosário disse-me que rezou muito e assim o fizeram a criada de sala e a cozinheira, e que, os bons espíritos com a ajuda de DEUS me livraram de ter ficado tolhido para os restos da minha vida.

Ao terminar a sua narração disse: Quando o deixei na casa de Lamêgo, despedi-me dando-lhe muitos beijos e afirmando que — Enquanto viva e depois de morta olharia sempre pelo «Frederiguinho»!

E lá se foi a bela criatura, mas sei muito bem que cumpre com a sua palavra e espero poder ter ainda mais do que uma oportunidade de lhe falar e dar-lhe um beijo de amor e gratidão!

ESPIRITISMO NO BRASIL

Dr. Jaime Monteiro de Barros

O nosso particular amigo e confrade, Dr. Jaime Monteiro de Barros, residente em Ribeirão Preto, deu-nos o prazer de sua visita no dia 10 de Agosto último, mantendo conôsco agradável e fraternal palestra durante algumas horas.

Espírita militante, muito conhecido e estimado nos meios espíritas pelo ardor com que prega e defende os postulados da 3.ª Revelação, tem sido um dos impulsionadores de grandes movimentos espíritas, tendo sempre atuação destacada nos mesmos. Presidente de diversas associações espíritas e de assistência social de Ribeirão Preto, é incansável em atender os necessitados, prestando, gratuitamente, aos menos favorecidos da sorte, os seus serviços de profissional competente e humanitário.

O Dr. Jaime Monteiro de Barros é, pela sua conduta cristã, muito estimado na sociedade de Ribeirão Preto, tanto assim que foi, durante dois anos, Presidente da Câmara Municipal, pedindo exoneração do cargo em meado do ano passasado, em virtude dos seus muitos afazeres, sobretudo na seára espírita.

Aproveitando a sua curta, mas proveitosa visita aos espíritas matonenses, o Dr. Jaime fez substanciosa palestra nêsse mesmo dia, à noite, no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», perante numeroso auditório, abordando assuntos evangélicos e filosóficos à luz do Espiritismo. O orador foi muito aplaudido.

Agradecendo a êste velho amigo a gentileza da visita, almejamos-lhe completo êxito na sua excursão de propaganda.

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar — Julho de 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Junho	126	
Doentes de ambos os sexos entrados durante o mês	23	149
Doentes de ambos os sexos, saídos com alta, durante o mês		37

Passaram para o mês de Agosto de 1950:

Gratuitos	65	
Pensionistas	47	112

Tratamento:

Injeções intramusculares	322
Injeções venosas	514
Convulsoterapia elétrica	370
Malarioterapia	3
Extrações de dentes	95
Exames de sangue	25
Receitas aviadas	91

Doentes que já passaram pelo Hospital desde a sua inauguração	639

Marília 1.º de Agosto de 1950.

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 15 de Agosto último, ás 20 horas, com o seu salão à cunha, uma sessão comemorativa do 45.º aniversário de «O Clarim», seu órgão de publicidade, fundado pelo nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Fez a prece de abertura a companheira Zélia Perche. A seguir, o nosso companheiro Campêlo explicou, em breves palavras, o motivo da reunião, agradecendo, em nome de «O Clarim», a presença de todos os que compareceram a êsse ágape espiritual e, em particular, aos confrades que, residindo em cidades distantes, nos vieram trazer os seus abraços congratulatórios.

Usaram da palavra os seguintes confrades: Francisco Volpe, José Augusto Camargo, Aparecido Augusto da Silva e Pedro Volpe, todos de Jaboticabal; Rogerio Arlanch, de Brotas; João Marchesi, de Penápolis; Guilherme Rocco, de Nhandeára; André Alonso, da Vila Ida Iolanda, e os companheiros Carlos Vital Olsson e Costa Filho que, em breves palavras, encerrou a sessão.

Nos intervalos das palestras dos confrades, recitaram lindas poesias, as seguintes crianças: Elvira Perche Campêlo, «Quinze de Agosto»; Inocência Camargo, «Uma coleta para os pobres»; Janice Gandolfi, «A «O Clarim» no seu aniversário»; Dulce Soares Ferreira, «Palingenesia»; Alice Coelho, «Quinze de Agosto»; Irineia Casedei Oliveira, «Relíquia»; Edith Sales Bueno, «O Clarim»; Elza Catarina Olsson, «Salve 15 de Agosto»; José Casadei Oliveira, «Salve «O Clarim»; Sebastião Casadei de Oliveira, «Ilusões».

— Participaram da sessão confrades das seguintes cidades:

De Brotas: Rogerio Arlanch e Aldo Arlanch.

De Jaboticabal: Pedro Volpe, representando o Grêmio Espírita «Caridade e Fé», Francisco Volpe, Benedito Pereira dos Santos, Vicente Gerbasi e sra. D. América Gerbasi, José Siqueira, Vicente Damato, Pedro Guarila, José Augusto Camargo e sra. D. Jovita Cardoso de Camargo, Aparecido Augusto da Silva e sra. D. Carolina Camargo da Silva, Acacio Augusto da Silva, Benedito Augusto da Silva, José Augusto Filho, Maria Camargo, Inocência Camargo, Nancí Volpe, Nidia Bastos Volpe, Iracema Brochieri, Luiz Gerbasi, Renato Soares e sra. D. Nívea Volpe Soares.

De Alto Alegre: Giacomo De Bernardo.

De Mirassol: Hugo Bortoluci, Adolpho, Neide e Nadir Bortolucci e Aurelio Rodrigues.

De Nhandeara: Guilherme Rocco.

De Vila Ida Iolanda: André Alonso e sra. Ana Thomaz Alonso.

De Tanabí: Antonio da Silva Sapateiro.

De Penápolis: João Marchesi, vice-presidente do Centro Esp. «Discípulos de Jesus».

De Taquaritinga: Mario Soares Ferreira, Silvia, Nair, Aida, Dulce, Iara, Renato e Paulino Soares Ferreira.

De Toriba: Carlos V. Olsson, Leticia M. Olsson, Elza C. Olsson, Carlos E. Olsson, Gildo A. Olsson, José da Silva, João Américo, Vicente Mazon, José Mazon, José dos Santos Alves, Dolores dos Santos Alves, Rosa F. Fratini, Anita S. Minifesse, Manoel P. Prado, Calixto Prado, Elvira Prado, Maria H. Prado, Salviano Rosalino e Marlene Fratini.

De Araraquara: José Balbino Cardoso.

Comunicado da USE ás instituições adesas e aos espíritas em geral

Aproximando-se as competições eleitorais, a União Social Espírita, como sempre fez nessas ocasiões e para salvaguardar sua tradicional linha de conduta, e de conformidade com o artigo 4.° dos seus Estatutos, declara ás instituições adesas e aos espíritas em geral o seguinte:

1.°) Não recomenda nem prestigia partido ou candidato político algum, mesmo pertencendo êste último aos seus quadros direcionais;

2.° — Membro algum de seus quadros ou fóra deles está autorizado a, em seu nome, agir nêsse sentido.

Aconselha aos Centros não tomarem atitude política nem permitirem em suas sédes propaganda de natureza partidária.

Entretanto, recomenda a todos os confrades que, obedecendo os ditâmes de sua consciência, levem seus votos ás urnas cumprindo, dessa forma, seus deveres cívicos.

A Diretoria Executiva.

Lembrai-vos sempre da humildade, que é um dos caminhos mais curtos que conduzem a Deus. — LUCIPAZ.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVI—Brasil – E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1950 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

No 146.º Aniversário do Mestre . . — *Redação*
O Espiritismo no quadro das Ciências — *Deolindo Amorim*
A Fábrica de Milagres . . . . . — *J. B. Chagas*
Três Médiuns . . . . — *Ismael Gomes Braga*
Pontos de Vista . . . . — *Leopoldo Machado*
Só o Espiritismo Resolverá o Problema... . . . . — *Max Kohleisen*
Trinta Anos entre os Mortos . . . — *Francisco Klörs Werneck*
Livros e Autores . . . . — *Leopoldo Machado*
Palestra proferida no «Lar de Jesus» — *D. Leopoldina Machado de Barros*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . — *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.
Paz em Jesus

Aproxima-se o Natal. Nesse dia a cristandade, depois de mais um ano de lutas, sofrimentos e alegrias, volta o seu pensamento, num culto de respeito, veneração e amor, para Aquêle que Deus enviou ao mundo com a missão de conduzir a humanidade ao seu reino, Jesus Cristo, que é a bússola da nossa vida, a esperança dos aflitos e o bálsamo para todas as dôres.

Nêsse dia as famílias, os parentes e os amigos mais intimos presenteiam-se reciprocamente, muitos empreendem longas viagens, afim de, reunidos aos que lhes são mais caros, comemorarem o magno acontecimento, geralmente com mesa farta. Entretanto, há inúmeros pobres que não podem fazer o mesmo porque lhes falta tudo, às vezes até uma codea de pão e uns farrapos para se cobrirem.

Jesus não pode ficar alegre com tal contraste, Êle que sempre andava no meio dos pobres e afirmava que sò os humildes e os caridosos é que alcançariam o seu reino. Portanto, a melhor maneira de comemorarmos o Natal é satisfazer o desejo de Jesus, isto é, amparar os pobres e consolar os aflitos, o que podemos fazer, ofertando, em seu nome, nêsse dia, aos necessitados, o que estiver ao nosso alcance. Só assim completaremos as nossas homenagens a Jesus.

Nêsse sentido, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», infra assinada, vem solicitar-lhe uma dádiva para os pobres, que pode ser em gêneros alimentícios, dinheiro ou roupas, mesmo usadas, afim de que os mesmos tenham tambem um Natal relativamente farto e feliz.

Jesus que tudo vê lá de cima, saberá agradecer-lhe, proporcionando-lhe um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de saude, paz e prosperidades.

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Leticia M. Olson
Isabel Perche Camargo
Elvira Prado
Valeria Dias de Lima
Edméa Costa
Jenny Perche
Joselina Dias de Lima
Ana Coelho
Cleide de Barros Perche
Manoelita Torres
Zélia S. Perche
Donata C. Oliveira
Clotilde Cunha
Leonor Cruz
Maria Zilda B. Cunha
Carmen Torres
Olga Coelho
Edna Gonçalves

Matão, 6 de Outubro de 1950.

ANO XXVI - E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1950 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

No 146.° Aniversário do Mestre

AO expressarmos nossa gratidão a Allan Kardec pelos benefícios imensos que nos proporcionou, libertando-nos da escravidão pesada da superstição e do êrro, sentimos o anseio de lançar uma vista d'olhos sôbre o caminho percorrido pelos continuadores da grande obra de restauração do Evangelho que se achava sepultado sob aluviões de areia das interpretações teológicas e da crítica materialista que o desnaturavam.

Oitenta e um anos nos apartam do momento em que a mão material de Allan Kardec deixou caír a pena que tanta luz distribuiu pelos caminhos da Terra. Muitas obras que parecem possuír a seiva da vida eterna, morrem com seus autores; só a prova do tempo decide se a construção foi inspirada de mais Alto; se as sementes lançadas traziam fecundação de vida eterna ou apenas da vida efêmera do semeador.

Bastariam 81 anos para nos assegurar que a obra de Kardec está enraizada para sempre e tem produzido frutos e sementes que reproduzem a mesma espécie num crescendo sem limites?

Abstenhamo-nos de contemplar o panorama planetário e lancemos a vista sómente sôbre esta parte da América que nos é mais conhecida, afim de reduzirmos os limites dêste artigo e colocarmos os factos ao alcance dos nossos patrícios que os poderão facilmente verificar.

A sistematização do serviço de estudar as obras de Allan Kardec no Brasil foi iniciada em 1884 com a fundação da Federação Espírita Brasileira. Era então o Brasil um Império, com religião oficial, com uma população de nobres, plebeus e escravos e um clero onipotente. A tarefa iniciada pelos 12 espíritas (nove homens e três senhoras) que fundaram a Casa de Ismael na Côrte do Império, reclamava uma bravûra que mal podemos hoje conceber.

Publicar em língua vernácula os livros de Allan Kardec, lê-los e comentá-los em reuniões públicas e pelo seu órgão oficial, «Reformador», era o programa ousado daqueles poucos apóstolos, e reclamava muita proteção do Alto para não ser sufocado pelo fanatismo e pela incompreensão dos homens. Hoje, decorridos 66 anos, podemos dizer com júbilo que tal proteção não faltou e a Federação não se afastou uma linha do seu programa primitivo.

O mesmo programa foi-se reproduzindo nos grupos que foram surgindo aos poucos em todo o Império e depois no território da República. Os livros foram traduzidos e sempre reimpressos; as traduções imperfeitas foram substituidas por outras melhores, por pessoas mais instruídas e chegaram a um grau de correção que se tornaram modelos de linguagem. «Reformador» serviu de padrão para outros periódicos que se foram fundando com a mesma missão de comentarem as obras do Mestre.

Livros novos foram aparecendo igualmente explanando a Doutrina, em perfeita afinidade com os trabalhos fundamentais.

Já está impresso o Relatório do Presidente da Federação Espírita Brasileira, prestando contas da administração do ano social iniciado em 1.º de julho de 1949 e terminado em 30 de junho de 1950. Dêsse documento podemos extrair as cifras referentes aos livros publicados durante o exercício pelo seu Departamento Editorial. Publicou 633.100 exemplares de livros e folhetos e entre êles 155.000 são de obras de Allan Kardec, os demais são ampliações e comentários das mesmas obras; portanto, igualmente literatura kardeciana.

A qualquer ponto mais remoto que se visite do imenso território nacional brasileiro, lá se encontra algum livro do Mestre e algum comentador do Evangelho sob o ponto de vista espírita.

Se «Reformador» se tornou modêlo para muitos outros jornais e revistas que hoje aparecem no país, a editôra da Federação igualmente se reproduziu em diversos lugares, inclusive na mesma Capital Federal, onde a Gráfica «Mundo Espírita» S. A. publica muito livros com a mesma orientação da Casa Mater e aqui em Matão faz-se o mesmo, continuando a tradição deixada por Cairbar Schutel, sempre naquêle mesmo sentido kardeciano ou evangélico da Doutrina espírita. O Senhor da Seara enviou trabalhadores para Sua obra; Kardec encontrou continuadores fieis e entusiastas aqui no Novo Mundo e a sua sementeira caíu em terreno fértil, está produzindo frutos e novas sementes.

Surgiram os grandes médiuns que receberam de Altos Espíritos a confirmação dos ensinos de Kardec e enriquecem dia a dia as letras espíritas em língua vernácula.

Ao prestarmos nossa homenagem reverente ao Mestre, não queremos ter a ingratidão de esquecer seus continuadores em Terras de Santa Cruz. Pelo menos dois grandes nomes devem ser lembrados com o nosso carinho na preparação dêsse resultado que eternizou em nossa Pátria a obra de Allan Kardec: Antonio Fonseca, cuja fortuna foi sempre aplicada na obra da divulgação do livro espírita na Federação, e Guillon Ribeiro, cuja profunda erudição de latinista e vernaculista primoroso deu forma literária modelar ás traduções de Kardec, elevando-as ao nível de literatura clássica de nosso idioma.

Ao lado da Doutrina propriamente, a literatura espírita brasileira se tornou fonte de cultura literária, formando escritores e oradores que hoje brilham por toda a parte.

Pela fidelidade ao programa e pelos aumentos que estão imprimindo cada ano mais à divulgação das obras de Allan Kardec, os atuais diretores da Federação Espírita Brasileira merecem a gratidão de todos os espíritas brasileiros, porque se revelam dignos continuadores da missão do Mestre; por isso mesmo gozam do respeito dos homens, até dos adversários da Doutrina, e estão recebendo as bençãos do Alto.

A Instituição de Cairbar Schutel que colabora fraternalmente com a Federação Espírita Brasileira e lhe presta todo o seu apôio, aproveita esta oportunidade para expressar-lhe sua integral solidariedade, fazendo votos para que continuem cumprindo fielmente o dever, sem se deterem um momento diante das arremetidas das trevas exteriores que os não têm poupado, como nunca pouparam os bons servidores do Evangelho de Jesus.

A sementeira de Kardec germinou, deu frutos e sementes no sólo brasileiro e venceu a prova de fogo do tempo, porque está em pleno crescimento nos corações nêste dia em que comemoramos piedosamente o 146.º aniversário de Allan Kardec; portanto, essas sementes traziam em si o germen da Vida Eterna.

Em 3 de Outubro de 1950.

O espírito forte não teme as dificuldades, pelo contrário, procura vencê-las afim de alcançar os seus objetivos. Assim deve ser tanto no trabalho material como no espiritual. Poisso, tende sempre coragem na luta contra os obstáculos, nunca vos esquecendo da paciência, que constitúe uma solicitação no sentido de obterdes o auxilio do Alto, que é certo para aquêles que são animados por bons propósitos.

CAIRBAR.

O Espiritismo no quadro das Ciências

DEOLINDO AMORIM

— I —

Qual o verdadeiro lugar do Espiritismo no quadro das ciências ? Esta pergunta que não é original, porque tem sido feita em diversas oportunidades, não é destituida de cabimento, uma vez que ainda se discute a posição do Espiritismo entre as ciências. Não se fixou bem, até agora, o ponto que o Espiritismo ocupa na escala dos conhecimentos humanos, como ciência definida. Não se fixou bem—repito—porque as opiniões, a este respeito, ainda não chegaram a conclusões unânimes, o que, aliás, não acontece por deficiência do Espiritismo e, sim, pela divergência de conceitos e dos pontos de vista em que se colocam os que opinam sôbre esta questão.

Podemos dividir as opiniões em três grupos:

I — os que negam o caráter científico do Espiritismo, e por isso afirmam que o Espiritismo não tem direito a um lugar definido no esquema das ciências ;

II — os qne entendem que o Espiritismo, quando muito, deve ser enquadrado na Psicologia experimental como ramo desta ciência ;

III — os que afirmam que o Espiritismo é *uma* ciência e, como tal, autônoma.

Diante de tais divergências, é natural que se formule a questão: qual o verdadeiro lugar do Espiritismo no quadro das ciências ? E' um ramo da Psicologia ? Pertence ao grupo das ciências morais ? Constitue, por si mesmo, uma ciência ? Antes de tudo, convém examinar os argumentos de cada um daqueles grupos.

Os que negam o caráter científico do Espiritismo e, muito menos, se inclinam a admitir que o Espiritismo seja *uma* ciência, chegando a dizer, por conseguinte, que o Espiritismo não tem o direito de figurar no ról das ciências, argumentam, em linhas gerais, da seguinte maneira ; a) o *Espiritismo não é reconhecido oficialmente como ciência, nem é citado nos compêndios oficiais ;* b)—o *Espiritismo não tem a organização das ciencias experimentais como a Física, a Química* etc. ; c) — o *Espiritismo não está incluído na classificação das ciências*. Logo, no entender dos que assim pensam, o Espiritismo não é nem póde ser *uma* ciência. O 2.° grupo, isto é, o grupo que considera o Espiritismo apenas um ramo da Psicologia e não propriamente uma ciência autônoma, apresenta as seguintes razões ; a) — *sendo a Psicologia, por excelência, de acôrdo com a sua etimologia, a ciência da alma, os factos espíritas podem e devem muito bem ser estudados naquela ciência, sem necessidade, portanto, de uma ciência especial, uma vez que a Psicologia abrange todas as manifestações da alma ;* b) — *sendo o fenômeno espírita a prova experimental da existência da alma, é natural que esses fenômenos devam ser incorporados aos factos da Psicologia experimental como objeto de estudo e não como base de uma ciência nova*. Logo, para êste grupo, o Espiritismo não é ciência autônoma da alma. O 3.° grupo, finalmente, pensa de outro modo e, por isso mesmo, não admite meio termo: o Espiritismo tem autonomia, é *uma* ciência. Para defender o seu ponto de vista, isto é, o de que o Espiritismo é *uma* ciência, o 3.° grupo toma por base os seguintes argumentos : a)— *o Espiritismo tem as características de uma ciência organizada : factos, leis, terminologia e técnica próprias, princípios definidos ;* b)—*embora seja a Psicologia a ciência da alma, o Espiritismo não pôde ser considerado um ramo desta ciência, porque os fenômenos espíritas escapam à esfera da Psicologia ;* c) — *conquanto não seja reconhecido oficialmente como ciência, o Espiritismo tem o seu lugar entre as ciências, em função de suas características especiais e não em virtude do beneplácito ou da tolerância do Estado ;* d) — *assim como o Estado não tem competência para decidir em matêria de fé, não tem atribuições para dizer o que é e o que não é ciência ;* e) —*ciência não é criação do Estado, mas um conjunto de factos e leis independentes de qualquer poder político*. Logo, na opinião do 3.º grupo, é *uma* ciência e, por conseguinte, ocupa um lugar certo no quadro das ciências.

Entre os dois últimos grupos, há os que entendem que o Espiritismo estaria muito bem colocado na Ciência Metapsíquica, naturalmente como capítulo desta ciência. Outros ainda, por serem muito sumários, consideram apenas a existência da Ciência Metapsíquica: desaparece o Espiritismo para ceder o lugar à Metapsíquica. Neste caso, o Espiritismo, isto é, a doutrina, passaria a ser questão de fé, enquanto a fenomenologia (parte experimental do Espiritismo) seria absorvida pela Metapsíquica. E' êste, sem dúvida, o panorama geral do assunto.

Tudo se resume em saber se o Espiritismo é ou não é *uma* ciência. Para uns, é uma ciência, com toda autonomia, como quaisquer outras ciências; para outros, é simples ramo da Metapsìquica, da Psicologia, etc. O assunto pode e deve ser dividido em duas partes: a) — *conceito de ciência*; b) — *verificar, à luz do conceito de ciência, se o Espiritismo é, de facto, uma ciência*. Antes de entrar no conceito de ciência, convém levar em consideração a diferença entre duas expressões comumente usadas: «O Espiritismo é ciência» e «o Espiritismo é *uma* ciência». Estas expressões não são equivalentes. A expressão «Espiritismo é ciência» dá ideia muito geral e não determina o gênero de ciência. Tomada em sentido vago, pode significar apenas que o Espiritismo tem alguma coisa de ciência ou faz parte da ciência em geral. Não é, portanto, uma expressão exata para definir o Espiritismo, ao passo que a expressão o Espiritismo é *uma* ciência determina, individualiza, particulariza. Quando se diz que o Espiritismo é *uma* ciência, determina-se esta ciência, dá-se-lhe autonomia. O simples enunciado *uma* ciência já traz consigo a idéia de quantidade, querendo dizer que existem algumas ou muitas ciências, e o Espiritismo é *uma* delas. Poder-se-á dizer que tudo isto não passa de mera subtileza verbal. Mas é indispensavel comprender bem o valor conceitual de certas expressões, para que as idéias se tornem claras. Uma palavra, por exemplo, pode ter um sentido na linguagem comum ou popular e, no entanto, ser empregada em sentido muito diferente quando usada na linguagem técnica. Nem sempre as definições literárias coincidem com as definições cientìficas. A expressão «o Espiritismo é *uma* ciência» encerra uma tese. Para que se possa defender bem uma tese, é necessário colocar as palavras e as expressões em seus devidos lugares, para evitar ambiguidades muito prejudiciais à compreensão de certos assuntos. Vamos, portanto, procurar saber se o Espiritismo é *uma* ciência, além das muitas ciências que já existem. E' este o tema da questão aqui levantada. Resolvida esta parte do problema, virá lógicamente a outra parte: o lugar do Espiritismo entre as outras ciências. **(Continua)**

A Fábrica de Milagres

J. B. CHAGAS

«A fabrica de milagres faliu por ter o catolicismo abusado dos materiais de primeira ordem de que dispunha nos cláustros e entre a massa ignára e crédula, fabricando o artigo, tão mal imitado e em demasia, a ponto de perder seu valor na conciência geral. E' bem verdade que de vez em quando, a igreja católica tenta fazer funcionar essa fábrica, apregoando pela imprensa, factos para impressionar a imaginação do povo ignorante e delès tirar partido, já obtendo esmolas para edificar-se alì um templo, sob uma invocação qualquer oportuna, mas nunca uma escola, já mantendo escravisada essa massa fanatizada; mas, a ciência de quem o Vaticano é irreconciliavel inimiga, não tarda a desmascarar o embuste paralizando o movimento ascendente de tão perniciosa propaganda. E' o que sucede presentemente com a célebre Manoelina, Santa de Coqueiros; o próprio clero católico ilustrado e sincero, destacando-se Monsenhor João Pio, reprova e condena semelhante exploração de certa imprensa carioca (Diário da Noite de 18-V-931). E' o que ia sucedendo novamente em Janeiro de 1932 com a apresentação de um padre milagreiro, na estação da Piedade, pelo mesmo vespertino «A NOITE»; êsse padre, felizmente, foi proibido de continuar na sua exploração. Tal notícia chegou a indignar a imprensa européia, da qual basta citar o jornal «A Fraternidade», de Lamêgo (Portugal). Êste jornal corava de vergonha por nós» (Léon Dénis. JESUS E SUA DOUTRINA, pag. 181).

WASHBURN, escreveu: «Para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente e um imbecíl que nêle creia».

O Padre Antonio era um médium

O caso, porém, do padre Antonio Ribeiro Pinto, da localidade de Rio Casca, em Urucania, no Estado de Minas Gerais, é diferente dos outros. Êle curava realmente. Não fazia portanto, milagres.

Há, todavia, uma grande diferença entre os outros milagres alardeados pela Igreja e as curas psíquicas operadas por intermédio do dito sacerdote. Dizemos por intermédio do padre, porque servia êle, apenas, como agente do espírito ou espíritos que utilizavam a sua predisposição psíquica, ou seja a sua mediunidade para realizar tais curas.

O Padre Pinto era um caso típico de *médium* curador. Êste gênero de mediunidade consiste na faculdade que possuem certos indivíduos para curar pela simples imposição das mãos sôbre a cabeça dos enfermos, até sem contacto direto, sem gestos de qualquer espécie, e sem emprego de medicamentos de qualquer natureza!

As doenças, como todos sabem, resultam de um desequilíbrio funcional de certos e determinados órgãos do organismo humano, desequilíbrio êste que o *mèdium* curador faz voltar ao seu rítimo normal, com o auxìlio do seu magnetismo próprio, grandemente ajudado pelo influxo dado pelos bons espìritos.

«Esta faculdade é incontestavelmente efeito da fôrça magnética, de que, entretanto, se destingue pela energia e instantaneidade da ação, ao passo que as curas magnéticas, exigem tratamento metódico, mais ou menos longo. Todo magnetizador é, em tése, apto para curar, se souber haver-se convenientemente e adquirir a ciência. Os *médiuns* curadores teem a faculdade expontânea e alguns sem jamais terem ouvido falar em magnetismo. A faculdade de curar pela aposição das mãos tem, evidentemente, princípio em uma fôrça excepcional de expansão, suscetível de ser aumentada por várias causas, entre as quais teem primazia a pureza dos sentimentos, o desinterêsse, a benevolência, o ardente desejo de aliviar, a prece e a confiança em Deus, todas as qualidades morais, em suma». (A. Kardec. OBRAS PÓSTUMAS — pags. 37/38).

A todas estas prerrogativas, que o padre preenchia naturalmente, êle aduziu os cantos sácros, para a indispensável ambientação fluídica do meio, a água fluidificada e os amuletos, estes representados por crucifixos, imagens de santa milagreira, bençÕes, etc.

Tudo isto era necessário, em virtude da diminuta fé dos romeiros, pois, como todos sabem, a confiança do doente auxilia poderosamente a ação fluìdica, e Deus, muitas vezes, recompensa essa fé pelo sucesso.

O coeficiente fé entra com um grande contingente da auto-sugestão para que o paciente obtenha a cura que almeja.

Acontece, todavia, que a maldade humana, sempre disposta a desviar o curso da Verdade, atribuindo às curas praticadas pelos padre Antonío Ríbeiro Pinto, a interferência da nossa senhora das Graças, a santa mílagrosa, enquanto, às realizadas pela *médium* de Recife, madame Jael, à conta da manifestação de Satanaz! Dois factos idênticos, duas atitudes diferentes.

O assunto é delicado e pela sua delicadeza, não escapou à argùcia do Divino Mestre. quando advirtiu aos seus discìpulos:—«Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas, que farão prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzir os próprios escolhidos!»

«Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fòra das leis da natureza. Sendo estas, *exclusivamente,* obra de Deus, pòde Êle, sem dùvida, derrogá-las, se lhe apraz.

«Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecída passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso : uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação de uma lei da Natureza. Assim, o círculo dos factos sobrenaturais se restringe à medída que o da Ciência se alarga.» A. Kardec.

Nova Iguassú, Setembro—1950.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

III

Sejam quais forem as manífestações físicas que se verifiquem durante a sessão com Nelson Rocha, nos últimos 10 ou 15 mínutos há uma «transmissão» de mensagem evangélica e instruções. Ouvem-se raps na cabine e vem pelo alfabeto a notícia de que o médium está sendo preparado para a «transmissão». Depois de alguns momentos de silêncio, ouve-se a voz do médium, por um processo que nos parece o mesmo da encorporação, mas insistem em dizer que é outro e por isto lhe dão o nome de «transmissão».

São preleções morais elevadas, de cunho evangélico, mas não revelam muito conhecimento das Escrituras ; parecem conhecer bem sómente a moral de Jesus. O português é corrente e só raramente se nota um deslise de gramática ou uma palavra mal acentuada. Quase sempre o tom é muito gentil para os assistentes, animando-os a prosseguir no estudo e na prática da Doutrina cristã. Além da pregação, são dadas então instruções quanto ás sessões e, seja dito de passagem, o médium nem sempre obedece a essas instruções de seus Guias.

Relemos a ata da sessão realizada em 24 de Julho de 1949, em casa do Sr. Alfredo de Azevedo, no Leblon, para extrair dela alguns tópicos.

A cabine foi improvisada num ângulo da sala de visitas. Não tem porta para os fundos, sómente a entrada e a saída para o lado dos assistentes, coberta por um pano preto. Dentro dela se acha uma poltrona, à qual é ligado o médium pelo tronco, ao espaldar, por dois cordéis que partem da algema, pelos pés, aos pés da poltrona; A chave da algema fica em poder do Dr. Bulhões que nunca assistiu a materializações. Além da poltrona, há ainda na cabine uma trombeta de alumínio com um botão fosforescente que nos permite vê-la no escuro, uma vitróla com alguns discos, o comutador da luz vermelha.

A prece de abertura e a de encerramento são feitas por D. Maria Cavalcanti. Logo que termina a prece de abertura, os assistentes cantam um hino. A vitróla está silenciosa. Depois ouvimos ruídos nos discos e na vitróla e começa a soar a «Ave Maria», de Somma, que alguns assistentes também cantam. Sentimos uma onda de delicioso perfume. Através do pano preto da cortina vemos relâmpagos que iluminam também o tecto, porque a parte superior da cabine é aberta.

Todos os presentes são convidados dos esposos Cavalcanti, inclusive o médium que compareceu inteiramente só, sem acompanhamento algum. Devemos registrar êste pormenor, porque a crítica que vê fraudes por toda a parte, sempre imagina um comparsa que teria entrado na cabine para produzir aqueles relâmpagos, ligar a vitrola, escolher discos, etc.

Depois de alguns momentos de relâmpagos dentro da cabine, abrem-se as abas da porta improvisada e nos aparece uma entidade materializada. Pessoas que já assistiram a sessões com aquêle médium, reconhecem a entidade: é Atanásio, um jovem amigo do médium, desencarnado aos 16 anos de idade. Traz o peito e os braços até os punhos cobertos por uma delicada renda de seda branca bordada. De dentro dessa blusa de renda partem os relâmpagos que o iluminam. Da cinta para baixo e por todo o lado de trás está coberto por um manto de espêsso cetim roxo. Essa luz que se acende e apaga é bastante intensa para que possamos distinguir muito nitidamente o peito, os braços e as mãos da entidade materializada; mas não lhe podemos observar os traços do rosto, porque a luz parte de seu peito, de modo que o queixo faz sombra sôbre o rosto. Estamos assentados em semicírculo e Atanásio se detem diante de cada um de nós, acariciando-nos as frontes. Traça sôbre a minha testa uma cruz, parece-me que com seu dedo polegar. Suas mãos são macias e quentes. Depois de distribuir suas gentilezas mudas, volta à cabine. Da porta curva-se numa saudação muda e desaparece nas trevas da cabine.

A seguir ouvimos os *raps* pedindo o alfabeto. Forma a frase: «A luz vermelha está muito forte; diminuam».

Um dos assistentes, o Sr. Gumercindo, levanta-se e envolve a lâmpada com um lenço, diminuindo a intensidade da luz vermelha. Interroga se assim está bem e recebe resposta afirmativa.

Fica acesa a luz vermelha com bastante intensidade para nos podermos reconhecer uns aos outros. Abre-se a cortina e aparece outra entidade. Dizem ser Ismael Souto, desencarnado aos 26 anos de idade.

Sua vestimenta é muito diferente da precedente: toda branca, como um pijma de sêda, bem assentado ao corpo, sem nenhum ornamento ou rendado. Não traz o fóco de luz relampejante; só o podemos ver sob a luz vermelha. E' alto e esbelto. Canta-se de novo o hino. No interior da cabine mudam o disco e sôa outra música, fazendo silenciar os improvisados cantores.

Ismael fala de modo sibilante. Declaro-lhe que sou seu homônimo, ao que êle responde: «Eu já sabia». Volta ao interior da cabine, traz a trombeta (megafone) com o botão fosforescente e me põe nas mãos. Toma um bouquet de flores de uma jarra, o entrega a D. Maria Cavalcanti e lhe pede que as distribua com os assistentes depois da sessão. Da porta da cabine ergue as mãos ao céu, rendendo graças, e a seguir prepara o médium para a «transmissão». Pela voz do médium faz linda e gentil preleção evangélica.

Terminada a sessão e reacesas as luzes, o médium é encontrado ligado do mesmo modo à cadeira e algemado, sendo então libertado pelo Dr. Bulhões que conservou a chave da algema em seu bolso.

A sessão de 27 de Julho realizou-se no barracão, nos fundos da residência do médium, em Niterói. Sou eu o encarregado de algemar o médium e ligá-lo à cadeira. A algema tem três furos. Determina-me êle que ponha no último. Fica um pouco apertado demais, mas obedeço. Ao fim da sessão, quando vou libertá-lo, noto que o metal da algema lhe entrou um pouco nas carnes dos punhos fazendo profundo sulco, mas não chegou a ferir. Com um pouco de massagem desaparecem os sulcos.

E' aniversário da desencarnação de Atanásio e do nascimento do médium. As Senhoras do grupo lhes levam flores.

Logo que são apagadas as luzes sentimos ondas de delicioso perfume que nos é desconhecido. Movimenta-se a vitrola tocando um lindo côro religioso. Os mesmos relâmpagos da sessão precedente.

Atanásio nos aparece mais luminoso do que na sessão anterior. Somos 19 assistentes, na maioria Sras. Atanásio acaricia o rosto de cada um. Quando êle se aproxima de mim, D. Esmeralda Bittencourt me sugere lhe peça permissão para lhe apalpar o manto de cetim. Depõe-me êle logo sôbre as mãos e braços uma larga aba do manto. E' um cetim espêsso, macio, agradável ao tacto. A blusa, no peito e nas mangas, é do mesmo rendado de seda branca que já vimos antes. Não sei se é blusa, túnica ou sobrepeliz. Suas vestes parecem os paramentos de um sacerdote católico na Missa. Enquanto eu estava apalpando e olhando atentamente aquela rica blusa, ele curvou a cabeça, elevou-me a mão esquerda aos lábios e a osculou gentilmente. Repreendi-lhe o ato exclamando: «Atanásio, não se beija a mão de um pecador!»

Êle elevou as mãos ao céu numa prece muda e depois repetiu o rito do ósculo, beijando as mãos de todos os assistentes, talvez como agradecimento pela homenagem que lhe faziamos, em comemoração do aniversário de sua desencarnação.

Atanásio ajoelha-se e ora em silêncio, com os braços abertos e a cabeça curvada. Uma assistente ao seu lado imita-lhe o exemplo: ajoelha-se também. Assim permanecem alguns minutos, bem visíveis para todos nós sob a luz vermelha. Depois faz profundas reverências aos assistentes e desaparece por trás da cortina da cabine.

Aparece Ismael, acaricia os rostos dos assistentes e fala em sua voz sibilante. Os que melhor entendem, traduzem para os outros. Acha-se a entidade junto de uma assistente e a luz vermelha apaga-se. Como não traz os fócos luminosos de Atanásio, fica em escuridão absoluta e diz áquela dama: «Vou tirar um pouco da luz do teu coração». Toca levemente o peito da assistente e aparece com uma lâmpada de luz branca na mão direita. Procede do mesmo modo com a sra. ao lado e aparece com outra lâmpada na mão esquerda. Com êsses focos de luz que diz haver extraído de dois corações femininos, ilumina-se passávelmente; mas essa iluminação dura pouco, porque a luz vermelha se reacende e as suas lâmpadas mágicas desaparecem-lhe das mãos. Continua seu passeio à luz vermelha.

Ao meu lado encontra-se a menina Neide, de sete anos de idade, filhinha do médium, e diz a Ismael: «Leva-me contigo, Ismael». Êle dá o braço à criança e faz com ela uma volta pela sala, entregando-a, depois, à avozinha que se acha no outro ângulo da sala. Diante de uma linda jovem que se acha entre as assistentes, a entidade se detem e exclama: «Como estás linda hoje!»

De dentro da cabine Ismael exclama à dona da casa: «Miquita, você estragou completamente êste disco». Ela responde: «Só se foi com as suas mãos, porque só você tem pegado nele.» Ao que êle protestou:

—Acusar um inocente é pecado!

—Então você está pecando muito hoje em me acusar! responde a Sra. e acrescenta; «Mude a agulha, talvez que melhore»; mas a entidade respondeu: «Mas eu não acho agulhas aqui.»

—«Dentro da gavetinha, numa caixinha redonda, há agulhas novas», diz a Sra. A luz vermelha está apagada, a escuridão é absoluta, mas Ismael encontra a caixinha, muda agulha e a execução melhora. Como que para nos demonstrar que aquela escuridão não lhe prejudica a visão, a entidade interroga: «Que música vocês querem agora?» Um de nós escolhe: «A Dansa das Horas». Ismael interroga: «Primeira ou segunda parte?—«A primeira», respónde o assistente. Ismael diz: «Estou procurando.» (*)

Ouvimos o ruído dos discos que são retirados de uma pilha e postos em outra. Finalmente exclama: «Achei!» e logo ouvimos os sons do disco escolhido.

Dois Espíritos falam pelos órgãos vocais do médium; Atanásio, em palavras repassadas de carinho, agradece a manifestação que lhe foi feita, e Ismael faz uma bela preleção evangélica que termina num gracejo: «Estou ansioso é pela mesa de doces que se vai seguir a esta sessão! Vou esperá-los na sala dos doces; até já!»

Essa sessão, cuja ata resumimos aquí para não enfadar o leitor, foi longa, durou mais de duas horas.

Como os fenômenos são semelhantes, não nos referiremos a todas as sessões, mas no próximo artiguete trataremos da sessão de 12 de Outubro, que foi muito brilhante.

(*) *No excelente livro do Prof. Urbano Pereira, «Trabalhos post-mortem do Padre Zabeu», fica registrada esta mesma observação que aqui fazemos, quanto à capacidade de verem na escuridão absoluta que revelam os Espíritos materializados. Sò depois de escritos estes artigos veiu ter ás nossas mãos aquêle ótimo trabalho, senão poderiamos ter melhorado um pouco nossa redação, imitando o modelar estílo daquêle erudito autor.*

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por êsse facto, médium. Essa faculdade é inherente ao homem; não constitue, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns intendimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediùnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E' de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente os médiuns teem uma aptidão para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. — ALLAN KARDEC.

Pontos de Vista

LEOPOLDO MACHADO

O Espiritismo em síntese...

Se «à luz da razão não é possível crêr», como se diz, à miude, em nome da Ciência; se «a fé da qual a razão fornece a prova não tem mérito», como afirma S. Tomaz de Aquino em sua *Suma Teologica*, claro que só uma Doutrina que invalide, a atos e factos, os dois assertos, reconciliando a Razão com a Fé e demonstrando que «a Fé só tem mérito quando encara a Razão face a face em todas as épocas da Humanidade». Esta será, no asserto de Camilo Flamarion, a *Religião do Futuro*. Esta religião já existe, ampla, acreditada, positiva e magnifica no presente: é o Espiritismo.

Duvidais?

A dúvida vem de cientista?

Pois, estudai o Espiritismo como ciência, e concluireis que êle é a Ciência mesma, porque a Ciência da Imortalidade.

Filósofo, quem duvida?

Estudai o Espiritismo como filosofia, e vereis que êle é a própria Filosofia da Vida e da Morte, explicando, cientificamente, o Universo e a Vida, como ainda não foram explicados por ciência nenhuma, por nenhuma filosofia.

Religioso, quem apresenta duvidas?

Que estude o Espiritismo como religião, que verá êle é a Religião, pois religa sempre a criatura a seu Criador, sem carecer de sacerdotes e mistérios, de ritualismos e dogmas.

Cristão, quem duvida?

Pois, estude o Espiritismo à luz do Cristianismo puro, e verá que êle é a consubstanciação da promessa do Cristo feita à humanidade, que voltaria à Terra, que lhe enviaria o Consolador, para que não ficassemos órfão de seu amor e de sua assistência.

O Espiritismo não pede outra coisa, a quem quiser conhecê-lo de verdade, sinão que o estude a frio e a sério, para bem compreendê-lo e melhor assimilá-lo; para bem sentí-lo e melhor vivê-lo em atos e factos dignos de espíritos e corações trabalhados pelas coisas mais sérias da Vida.

Respondendo a um inquérito

Acha que a energia atômica deve ser empregada para fins de guerra?

Não. Mas, acho, também, que já era tempo — se realmente houvesse espiritualização na Ciência e nas artes, nas religiões e nas doutrinas sociais — de a guerra deixar de existir. Assim, mais responsável do que o emprêgo de instrumentos de guerra, deve ser a própria guerra.

A energia atômica é fator, tambem, do progresso.

E veio na sua época, como a dinamite e a eletricidade, o avião e o rádio.

Mas, dado o atraso espiritual em que ainda se encontra o homem, e, consequentemente, o desenvolvimento de sua inteligência desservida de um coração bom e justo, essas coisas, que vieram para que o Planeta e sua humanidade progredissem mais, têm servido — mau grado nosso — mais para a destruição do próprio homem.

Tudo está, infelizmente, subvertido, a despeito de vivermos a «Éra das Maravilhas», o Século das Luzes. É a falência triste e dolorosa de nossa civilização, a despeito de suas cinco a seis mil crenças religiosas, de seus mil e um sistemas filosóficos, de suas doutrinas sociológicas — e a sociologia é ciência de nosso tempo! — de seus inventos maravilhosos e suas descobertas científicas. Nada disso teve poder e fôrças para acabar com a guerra, para estancar, ao menos, o passo destruidor da guerra.

O que aí está, assinala a falência de nossa civilização ultra materializada e egoísta. Daí, o emprêgo de uma fôrça que veio, naturalmente, para que o homem se poupe de muita energia muscular, de vez que o trabalho é uma coisa penosissima para quasi toda gente, em fôrça destruidora de cidades e multidões, como aconteceu, em minutos, com Hirosima e seus 100.000 habitantes!

A energia atômica será um mal sem justificativas a serviço da guerra.

Todavia, mal maior é, não ha dúvida, a própria guerra.

Amoc, isto ?

Oito açougueiros, na Barra da Tijuca, aproveitaram-se do carnaval e foram-se ao banho de mar.

Outros banhistas lá estavam, inclusive um coronel e um capitão com a esposa.

A páginas tantas, *sem que nem para que*, o capitão sai do banho, apanha de seu revolver e *tac! tac! tac!* nos açougueiros. Três caem gravemente feridos, morrendo a seguir. E mais açougueiros abateria, se o coronel não lhe tomasse a arma. Cai, então, o assassino em si, abre a chorar dolorosamente, a gritar que não sabia como fizera aquilo com pessôas que não conhecia, que nunca vira. E trata-se, ademais, de um alto caráter e um temperamento calmo e sóbrio...

Que seria isto ?

— Amoc — diz-se, atualmente, com ciência e não sabemos se consciência também.

Que é o amoc ?

Uma coisa assim... Uma loucura de minutos, que leva a crimes como o que aí está.

O Espiritismo apresentaria, entretanto, outra hipótese :

A hipótese de um espírito inimigo rancorosissimo dos oito açougueiros, ansioso de vingança. Por não poder obsidiá-los, naturalmente por não serem médiuns, e por já não poder manejar uma arma, andava a seu encalço, espreitando-os. Encontrou um médium inconsciente e ignorante de sua mediunidade e, então, serviu-se dela, pôs-lhe na mão um revolver e tac! tac! tac! abateria todos os desafeiçoados, ou odiados...

«Não nos deixe caír em tentação, mas, livra-nos Senhor, do mal», ensinou o Cristo no Pater, e não o ensinou sem motivos...

O Espírito brincou o carnaval

A mocinha carnavalesca estava de passeio num abrigo de crianças.

Veio o carnaval e ela preparou sua fantasia de tirolesa.

— Não, minha filha: daquí você não sái fantasiada. Se você quiser se fantasiar, vá para casa de sua família e, então, de lá, sairá como entender...

A mocinha não gostou.

Meteu-se no quarto, a chorar.

Daí a pouco, o baque no quarto de um corpo que cái. Era a mocinha. Foram vê-la : tudo normal : pulso, respiração, sanguinidade Oraram, então, pela mocinha. Um *médium* cái em transe e um espírito carnavalesco :

— Não quiseram que a mocinha fosse brincar o carnaval, não é? Pois, ela irá comigo, ouviram? E só voltará quando eu bem quiser...

E a mocinha ficou desacordada uma hora e vinte minutos. Desperta, uma fortissima dôr de cabeça e muita moleza no corpo. Mas, perfeitamente lembrada de que andou muito vendo o carnaval por vários lugares do Rio de Janeiro e de outras cidades desconhecidas.

Que, afinidade carnavalesca dos dois espíritos !

E vá se pensar que com a morte, o Espírito perde suas preferências e seus gostos. Essa perda, só virá com sua autoreeducação, sinão com uma doutrinação convincente de outro Espírito...

Fruto do Carnaval

Um *moço bonito*, carnavalesco e mau à margem da linha de bonde, como quem espera o veículo, uma navalha aberta na mão e toca a navalhar os pingentes que lhe passam, o bonde em marcha, perto. O golpe de navalha não é sentido, nem dói imediatamente. Daí a pouco, uma duzia de navalhados no Pronto Socorro, para curativos. A Rádio Patrulha pega o brincalhão. Era por carnavalismo que êle se divertia assim, retalhando todo mundo.

Como o carnaval tudo permite...

Mas, de futuro, nesta existência ou em outra, quando uma criatura andar a se cortar, a se ferir, a se machucar a torto e a direito, sem propósito, dirá, então: «Sou *pesado!* Não sei que mal fiz a Deus, para acontecer tanta coisa ruím comigo».

«Quem com ferro fere...»

Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria; o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual.

KARDEC.

Só o Espiritismo Resolverá o Problema...

MAX KOHLEISEN

CIÊNCIA materialista a granel, aliada com as religiões também materialistas, baniram quasi todos os sentimentos nobres da face da Terra. Sem dúvida alguma, cabe a culpa máxima à cegueira e à hipocrisia religiosas, que transformaram a religião em firma comercial. Ambas, ciências e religiões, conduziram a humanidade para o bêco escabroso do materialismo.

Os resultados foram, a começar, as incríveis e sangrentas guerras das Cruzadas, sancionadas «em nome de Cristo» pela vaidosa e orgulhosa igreja de Roma, seguindo-se guerras e mais guerras religiosas até o século XVII, em que a última durou 30 anos (1618-1648) ensopando a terra com muito sangue, sem falar do corolário de misérias e fome, de viuvez e orfandade, de chôro e lágrimas por toda a parte.

O virus materialista, cultivado pelas religiões até hoje, fez enfermar a humanidade toda; a lei do mais forte, o egoísmo, o orgulho e o domínio sôbre os povos fracos, deitaram raízes profundas.

Também a ciência unilateral e puramente materialista, tem grande responsabilidade, porque, em vez de beneficiar a humanidade com as suas grandes descobertas, preferiu os fins estratégicos, isto é, tendo por objetivo a destruição de vidas humanas e mesmo de cidades inteiras.

Não se podia esperar mais. A má orientação e o péssimo exemplo partiram dos chefes religiosos desde o 3.° século depois de Cristo. A fraternidade, o perdão e o altruismo foram virtudes desprezadas constantemente pelos príncipes da igreja de Roma. A degradação da igreja oficial desceu até a mais horrenda criminalidade, torturando e exterminando «em nome do Cristo» dezenas de milhares de vítimas, durante os séculos mais negros da Idade Média. O sangue das inocentes vítimas clamou para os céus, sem que os verdugos satânicos, trajando hábitos religiosos, refreiassem aquêle extermínio em massa. Inventavam de contínuo novos e mais diabólicos instrumentos de tortura, inclusive a fogueira, onde queimaram vivos, homens, mulheres, moços inteligentes, donzelas honestas, que recusaram ceder aos apetites ferozes e animalescos dos elementos jesuíticos.—Isto é histórico e não apenas uma víl acusação! Nós outros lamentamos sinceramente que tal se désse na espécie humana, numa instituição religiosa, cuja cabeça o papado, se arroga audaciosamente o direito de «santidade» até os presentes dias, dizendo-se «representante de Cristo na Terra...» Si isto não é blasfêmia, será então arrogância desmedida de um dominador de consciências...

Tremendamente grande é a responsabilidade que cabe ao romanismo que se desviou do caminho cristão, mantendo os fieis no obscurantismo, proibindo categoricamente a leitura do Evangelho; assim tem-se conseguido perpetuar uma exploração cômoda, cujo objetivo é o de garantir à classe portadora de batinas uma vida cheia de confôrto e regalias, classe, cuja maioria nada produz, colhe onde não semeiou, vende o que não existe, mediante taxas ou tarifas vendem a bemaventurança do céu ou fazem saír almas penantes do purgatório e outras coisas ainda mais disparatadas e ridículas para os tempos modernos, do século da luz. Não é isto o verdadeiro e legítimo conto do vigário?

O grande despertar da humanidade progride, no entretanto. São contados os dias das religiões petrificadas, que ostentam unícamente fachadas vistosas, estando por dentro, já tudo ôco e carcomido, cheirando a mistério e a dogmas, representando o cúmulo do absurdo, tais como a transubstanciação, as penas eternas. a rídicula «infalibilidade» papal etc. —(Esta última: si non é vero... é bene trovato!)

Todos estes desvios, abusos e degenerescências por parte dos dirigentes eclesiásticos teem contribuido para a auto-eliminação de tôda e qualquer espiritualidade, abrindo as portas largas da perdição para as próprias igrejas, outróra chamadas cristãs, porque transmutaram-se do espiritualismo para o materialismo.

A lição é tremenda! E, se a igreja primitiva permanecesse com firmeza no caminho inicial do 1.° e 2.° séculos, o mundo se encontraria hoje mais ou menos cristianizado, livre, sem dúvida, dos atrozes sofrimentos da atualidade!

Mas, o que não é possível aos homens, é possível a Deus! Para os grandes males, há também, grandes remédios. A providência e a misericórdia divinas são grandiosas e infinitas. Por isso, louvado seja o PAI, nosso Creador, e, também o incomparável Mestre, Jesus!

«Não vos deixarei órfãos»... foram as esperançosas palavras do divino Mestre, porque, naqueles tempos, Êle antevia o desastroso desvio, que a humanidade ia tomando, mau grado as constantes e reiteradas recomendações para que permanecessemos nÊle e Êle em nós, tal como está recomendado nos ensinos do livro de ouro O Evangelho.

Aparentemente venceu o «Maligno» depois que êle foi solto por mil anos. A humanidade, seduzida pelo «Maligno» foi se entregando, na sua maioria, ao império do materialismo.

Mas chegou finalmente a hora prefixada. No século passado, desceu das alturas um missionário, Allan Kardec, com o objetivo de por-se às ordens do Espírito da Verdade, o Consolador prometido, com a finalidade de restaurar as coisas, isto é, o cristianismo em sua pureza original!

O toque dos clarins está chamando desde há quase 100 anos, os homens pecadores e os de boa vontade para regenerarem-se. Muitos estão obedecendo, empunhando o cabo do arado, embora sejam os trabalhadores da última hora, mas que farão jús ao salário merecido. Grandiosa é a obra daqueles que já trabalham na vinha do Senhor; eles transformam o materialismo em espiritualismo, ou seja, realizam aos poucos, mediante os ensinos deixados pelo Paracleto o verdadeiro milagre: A vitória do Espírito sôbre a Matéria.

Marcha triunfalmente o Espiritismo! Diariamente engrossam as fileiras espíritas desde o homem mais humilde até ao homem portador de pergaminho. O Espiritismo já começa a agigantar-se, cada vez mais, pois, os tempos são chegados...

Todas as doutrinas começam a rolar por terra e nenhuma resistirá ao furacão que começou a soprar, por serem doutrinas ilusórias e frágeis, de homens cheios de orgulho e de vaidades. Só o Espiritismo resolverá os problemas... pois, é a doutrina que possúe um cerne, não é ôca como as doutrinas dos homens. E' a doutrina das Verdades Eternas! e é, por isso que ela foi transmitida a Allan Kardec pelo Espírito da Verdade, também denominado: o Paracleto ou Espírito Consolador.

Vem chegando o dia em que se curvarão todas as ciências, filosofias e religiões dos homens — diante da VERDADE verdadeira, ensinada pelo Espiritismo.

Piracicaba, 30 de Maio de 1948.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd. — Estivestes importunando a mulher dêle. Este senhor está tratando de sua esposa e acidentalmente tratou de vós também. Sois agora um espírito e êle não vos quer mais alí.

Esp. — (Dirigindo-se, suplicante, ao Snr. I.) Não quereis mais cuidar de mim?

Sr. I. — Não.

Esp. — Pensai bem nisto! (Gritando).

Méd. — Deveis compreender o vosso estado. Sois uma criança chorona?

Esp. — Não, não sou nenhuma criança chorona. (Batendo com os pés novamente).

Méd. — Então é teimosa. Comportai-vos e compreendei que perdestes o vosso corpo mortal.

Esp. — Não perdi meu corpo.

Méd. — Perdestes o vosso corpo físico, que está na sepultura.

Esp. — Não estou na sepultura!

Méd. — Mas o vosso corpo físico está.

Esp. — Meu corpo sou eu mesmo. Não, não estou em nenhum túmulo. Este corpo é meu.

Méd. — Olhai para as vossas mãos; elas não vos pertecem.

Esp. — Onde arranjei êstes anéis? Tinha muitas pedras, não tinha? (Ao Sr. I.)

Sr. I. — Minha esposa tinha.

Esp. — Destes-me um belo anel.

Sr. I. — A vós, não, á minha esposa.

Esp. — Sim, me destes sim.

Sr. I. — Não, a vós não dei.

Méd. — Sois um espírito bem teimoso.

Esp. — Espírito? Não sou espìrito. Sou uma boa mulher, uma mulher religiosa. Amei a Jesus.

Méd. — Então porque não estais junto dêle? Com certeza morrestes há muito tempo.

Esp. — Digo-vos que não morri. Ai, meu braço, meu braço!

Sr. G. — Esquecestes de que tendes um braço doente, pois o movestes ainda agora.

Esp. — Sim, esqueci-me, mas eu sei como são as minhas dores (Batendo com os pés).

Méd. — Quando ficais com raiva vós vos esqueceis das vossas dores.

Esp. — Não, sinto as dores da mesma maneira. Então não sabeis disto?

Méd. — Sei é que sois geniosa.

Esp. — Sou uma boa cristã. Amei a Jesus de todo o coração e alma. Ele é o meu Salvador.

Méd. — Para vos salvar de que?

Esp. — Do pecado.

Méd. — Se tendes pecados, não podeis ser uma boa cristã.

Esp. — Então é assim? Estamos numa igreja? Vejo uma porção de gente. Trouxestes-me para alguma igreja?

Méd. — Este é um lugar onde esclarecemos espíritos errantes.

Esp. — Espíritos errantes? Que quereis dizer? Quereis orar e cantar «Jesus, Senhor de minh'Alma»?

Méd. — Não queremos. Donde viestes?

Esp. — Fico louca quando penso naquela cama. Porque me tirastes dela? Minhas costas e meu braço me doem muito. Estou com o braço paralítico. Fui picada no braço.

Méd. Quem vos fez isso?

Esp. — Perguntai a eles.

Méd. — Eles usam seringa hipodérmica?

Esp. — Sim, penso que sim. Gostaria de receber mais uma agulhada. Quereis dar-me um pouquinho? Oh, por favor, só um pouquinho. Dai-me uma picadinha no braço.

Méd. — Fostes viciada em drogas?

Esp. — Estive muito tempo doente e não podia dormir, então eles puseram alguma coisa em meu braço. Puseram tantas vezes que o meu braço acabou duro, parecendo ter ficado paralítico. Puseram muitas vezes mesmo.

Méd. - Bem, estamos com urgência, já vai ficando tarde.

Esp. — Por que pressa? Para onde ides agora?

Méd. — Vamos ajudar-vos a compreender o vosso estado espiritual. Perdestes o vosso corpo mortal e sois agora um espírito. Êste corpo não vos pertence.

Esp. — Então é isto? Assim pensais vós.

Méd. — Êste corpo absolutamente não é o vosso; estais usando êle temporáriamente.

Esp. — E como sabeis disto?

Méd. — Porque é o corpo de minha esposa.

Esp. — Nunca fui casada convosco.

Méd. — Não dizei semelhante coisa.

Esp. — Dissestes que eu era vossa esposa. Sim, dissestes. Ouvi com os meus ouvidos.

Méd. — Disse que estais falando por meio do corpo de minha esposa.

Esp. — Já ouvistes falar em alguém falando por intermédio do corpo de outra pessoa?

Méd. — Dizei-nos quem sois.

Esp. — Segurai a minha mão, não é meu braço.

Med. — Trataremos do vosso braço, então êle ficará bom. (Esfregando o braço).

Esp. — Oh! Que homem elétrico!

Méd. — Agora o vosso braço não está mais paralítico. Olhai para este vestido. E' vosso? Onde o conseguistes?

Esp. — Então não comprastes êste vestido?

Méd. — Foi minha esposa. Qual é o vosso nome?

Esp. - Lizzie.

Méd. — Lizzie de que?

Esp. — Sra. Lizzie Davidson; não

gosto de ser chamada Lizzie! Quando falardes comigo, chamai-me de Sra. Davidson.

Méd. — Agora prestai-me atenção. Estava vos falando uma verdade quando vos disse que perdestes o vosso corpo, mas ainda não verificastes isto. Estivestes perturbando a esposa dêsse senhor (Sra. I.), durante muito tempo. Fizestes com que ela ficasse inválida.

Esp. — Não sou mulher dêle.

Méd. — Não, mas estivestes atuando sôbre a mulher dêle.

Esp. — (Graciosamente para o Sr. I.) Sois um belo enfermeiro e eu gosto de vós. Gostais de mim?

Sr. I. — Não!

Esp. — Não quero que a vossa esposa vá dormir, porque, quando ela dorme, eu não posso ficar, e eu gosto de dormir naquela linda cama e que trateis de mim.

Méd. — Estais fazendo com que ela não durma a noite inteira.

Esp. — Porque, quando ela dorme, tenho que me ir embora.

Méd. — Isto é egoísmo.

Esp. — Não tenho lar, de modo que tenho que morar com ela, que é uma excelente senhora.

Méd. — Agora tendes que arranjar um lar para vós no mundo espiritual.

Esp. — Onde é isso?

Méd. — E' no mundo invisível que cerca o plano terráqueo. Acreditais no céu?

Esp. — Sim, onde está Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Então eu vou para o céu.

Méd — Raciocinai um pouco. Perdestes o vosso corpo físico há muito tempo.

Esp. — Onde o perdi?

Méd. — Não vos podemos dizer onde.

Esp. — Então como o achasteis?

Méd. — Verificareis vós mesma. Já observastes que é a mão de minha esposa que estou segurando?

Esp. — Estais segurando a minha mão e eu não sou vossa esposa! (Batendo com os pés).

Méd. — Estou segurando a mão de minha esposa e vós estais falando por intermédio dela.

Esp. — Não ireis segurá-la mais!

(Continua)

Livros e Autores

Leopoldo Machado

NOVOS RUMOS Á MEDICINA, 2.º volume — *Dr. Inácio Ferreira* — Uberaba — Minas

O Espiritismo, que é tudo, não podia deixar de ser também medicina.

E o é, evidentemente.

Medicina da alma, porque a única psiquiatria que cura de facto, de vez que as loucuras são, numa proporção talvez de uns 80 °/o, simples obsessões; medicina que curando os males do espírito, cura também males do corpo.

Ninguém hoje ignora que o Espiritismo cura.

E pouquissimas as pessoas que, qualquer que seja a sua crença, não tem apelado para o Espiritismo, pedindo lhe uma receitazinha, alguns passes mediúnicos, umas gotinhas de homeopatia, ou de água fluída.

Por tudo isto, o Espiritismo seria o mais útil e mais belo aliado da medicina, se a medicina já houvesse deixado de ser a arte de curar para ser a verdadeira ciência de sarar males físico-psíquicos.

Quando a medicina houver compreendido que, aliada ao Espiritismo, só teria a lucrar — e lucrar muito! — com isso, lucrariam ainda mais os médicos e os doentes. A humanidade, em suma...

E será isso o que se dará, de futuro, não tenhamos dúvidas.

E quando isso se dér, os médicos — e não muitos, ainda, infelizmente! — que tiveram trabalhando para tanto, serão, devidamente, glorificados. E apontados como verdadeiros pioneiros do consórcio magnifico da medicina com o Espiritismo.

Nêsse dia, então, se fará justiça ao Dr. Inácio Ferreira. Nêsse dia, então, êsse prezado irmão espiritual e grande amigo, de Uberaba, será apontado como pioneiro dessa causa gloriosa, como Crookes é apontado em face do Espiritismo Científico e Richet perante o da Metapsíquica.

* * *

O 2.º volume de sua grande obra *Novos Rumos à Medicina*, que acabamos de lêr, a despeito de faltar-nos lugar e tempo para tudo, inspira-nos estas considerações:

Não nos lembramos de lêr qualquer referência ao grande livro. Principalmente de médicos, seus colegas e espíritas, que os há, e cultos, e plumitivos, e articulistas, e escritores, e jornalistas.

Porque ?

Coisas que não compreendemos, mas que ainda existem nos meios espíritas...

* * *

O volume é dedicado a uma sombra amiga e a seus modestos auxiliares do Sanatório Espírita de sua terra. Só por sua dedicatória, portadora de muito reconhecimento e muita justiça «a uma parcela mínima de abnegados médiuns que, no Brasil inteiro, vela pelos sofredores», é de molde a predispor os espíritos bem formados para a sua leitura.

Entra-se, a seguir nas «Duas Palavras» de abertura do livro, que nos revela um belo estudo do cérebro, de suas funções e seus fenômenos, cujo conhecimento é de molde a elucidar grandemente aos que, como nós mesmos, não tiveram oportunidade para estudos oficiais do assunto.

Seguem-se, depois, os factos resolvidos pela terapêutica espirítica. Factos que são, todos êles, verdadeiras tragédias, verdadeiros dramas que poderiam ser explorados — em nome da arte difícil de escrever, — pelos Hoffmam, os Edgard Pöe, os Shakespeare...

E, em cada capítulo, aprende-se, a par de conhecimentos interessantíssimos da Doutrina, mórmente no seu aspecto terapêutico, muita coisa da filosofia espirítica; da religião dos Espíritas, que é o mesmo Cristianismo interpretado em espírito e verdade, e de outros conhecimentos humanos necessários.

* * *

O volume que é cartonado, 22x16, tem bela apresentação gráfica. Impresso em bom papel, com 292 páginas. Edição das *Oficinas Gráficas* de *A Flama*.

Ao autor, amizade de que muito nos desvanecemos, aquí deixamos com os nossos agradecimentos, pelo exemplar que nos coube, as nossas desculpas por não conseguirmos dizer do seu grande livro o que êle é e vale realmente.

Salve-se nossa intenção, que foi bôa.

Palestra Proferida no LAR DE JESUS

No DIA DAS MÃES, por D. Leopoldina Machado de Barros, irmã do Prof. Leopoldo Machado, nosso companheiro de labor doutrinário.

Irmãos em Jesus:

Muita paz.

Há três anos, nesta mesma data, tive o prazer de falar ás mães espiritistas, deste mesmo lugar. Em mim, mudança completa entre aquela data e hoje. Então, meu coração não sangrava, meus olhos não choravam: minha mãe me ouvia, sorridente e alegre, com minha filhinha ao cólo, de uma das janelas do dormitório desta casa, que é a casa de Marilia. Hoje, a saudade, esta saudade enorme e que não finda, mas que, todavia tanto me consola, sangra minh'alma, transbordando em lágrimas pelos olhos: não mais vejo mamãe, alegre e sorridente, a beber minhas palavras a ela dedicadas, um de meus filhos nos braços maternais e venerandos, como sempre andava.

Conforta-me, porém, a idéia de que ela me ouça, veja e sinta, sabendo que sua falta será, sempre, impreenchível na minha vida e na vida dos netinhos que idolatrava de maneira intraduzìvel.

Minha saudade, hoje, porém, é dupla: meu coração, como o vosso, também lamenta a falta de Marilia, a quem me ligam laços de afeição e parentesco...

O dia das mães de 1950 é bem diverso dos anteriores para a família do Lar de Jesus que é, também, repito, a casa de Marilia. Não a vemos, hoje, corajosa e entusiasta, à frente da obra que concebeu e fundou. Todo o Lar amarga sua ausência física. Já no ano passado, ela aquí não esteve. Foi a Lourdes, sua dedicada irmã, quem leu sua página, seu último escrito, dedicado aos pais, simbolizados na pessôa de seu velho progenitor. Mas, todos a vimos, depois, já acamada, em sua casa, desconhecedora ainda e desconhecedores todos nós, de que estava perto seu resgate de culpas na Terra. Hoje, tudo é diferente: não é vista por nossos olhos carnais. Seus filhos adotivos não a veem. Chico não a sente junto dêle, para o defender contra tudo e contra todos que o molestem. Ela, entretanto, presidirá, por certo, esta reunião, sentindo toda a gratidão e saudade que se lhe tributam e continuará, sempre, a amparar, talvez mais do que na Terra, a obra de seu cérebro e de seu coração.

Mas, eu vim falar-vos sôbre a função da mulher mãe e aquí me fico a discorrer sôbre duas mães que estiveram de perto ligadas a minha vida...

Acontece, porém, que se falo sôbre as mães, concretizo na que tive, a total e verdadeira personificação da maternidade. Ser mãe é amar e sofrer, sorrir e chorar, temer e confiar; é dar sem receber, distribuir sem recompensa, devotar-se, sacrificar saúde, vida, mocidade, tudo, pelos entezinhos que são carne de sua carne, vida de sua vida, alma de sua alma, E' das angústias fazer um paraíso em que cristaliza o ideal máximo da existência, toda a ânsia de viver.

Não está em tudo isso, porém, a tarefa mais árdua das mães. A função mais difícil da maternidade, é a educação dos filhos. Ausente o esposo, o dia todo para a conquista do pão material e de tudo que se relacione ao material confôrto do lar, é à mãe que cabe a orientação da alma dos filhos. Infeliz daquela que se não desobrigar bem desta missão. Desgraçada a que julgar só será bôa mãe se consentir em todos os desejos dos filhinhos, sejam razoáveis ou não estes desejos. Enérgica, mas justa, severa, mas piedosa, exemplificando tudo que exige, eis o modêlo ideal de mãe. Cabe-lhe o estudo dos caracteres dos filhos, para a educação individual de cada alma. Mãe que recebeu de Deus a dádiva de quatro filhos, quatro temperamentos completamente diversos, fala-vos de cadeira, porque é nesta parte que encontro o maior obstáculo a meus mistéres maternos. E nós, mães espiritistas, temos maior responsabilidade do que as outras mães pela conduta futura dos nossos filhos, «porque mais se pedirá a quem mais houver recebido». Não nos esqueçamos nunca de que nas mãos de nossos filhos estará o mundo de amanhã...

Compreendendo assim a verdadeira mãe, é que, repito, não me posso referir ao maior amor da Terra sem prestar, primeiro, o meu tributo de gratidão e de saudade, àquela de quem me orgulho de descender.

Heroina que foi, apagada e sozinha, não conheceu adolescência nem mocidade. Sonhos de moças? Jamais soube o que foi isso.

Casada, mal entrara nos catorze anos, viu-se cedo, sem marido, escoar-se a mocidade num mar de renúncias, amor, devotamento e altruísmo, na criação dos filhos. Sua velhice que poderia fazer descansada, se foi num mundo de altruismo, devotamento, amor e renúncias aos netinhos que eram, como do meu, um pedaço de seu raro coração.

Tivesse sido a minha mãe um gênio de cultura, um modêlo de beleza física ou senhora de respeitável fortuna, não teria eu tanta honra e tanto orgulho como tenho de ser sua filha.

* * *

Falar sôbre as mães no Lar de Jesus, é recordar Marilia que, não tendo filhos, dedicou os últimos anos de sua vida, aos filhos alheios. Uma grande filharada, da qual foi o Chico o filho mais velho e, — por que não dizê-lo? — talvez o mais querido. Chiquinho, — assim o chamava — poderá dizer, mais do que ninguém, se ela foi ou não verdadeira mãe para seus filhos adotivos, Toda mãe dedica sempre, mais carinho e atenção ao filho que demonstra qualquer deficiência fisica, moral ou intelectual. Marília, até nisto, provou suas qualidades maternais aos filhos que não nasceram de seu ventre, dedicando ao Chico o melhor de sua ternura e piedade femininas. Era o seu anjo de guarda (e o continuará sendo, de vez que já foi vista ao lado dêle — e com que satisfação êle nô-lo afirmou) e ai de quem o tentasse humilhar ou aborrecer, por mais insignificantes que fossem os aborrecimentos.

Se ela foi ou não verdadeira mãe, falem as criancinhas do Lar que, em copioso pranto, levaram seu corpo à última morada...

* * *

Perdoai, prezados irmãos que me ouvis, se levei mais tempo a falar de minha mãe e de Marilia ao envez de analizar mais detalhadamente os deveres da maternidade, já tantas vezes comentados por outros e por mim mesma, nesta casa.

Fi-lo na certeza de que, relembrando-lhes os feitos, eu vos falei mais à alma, principalmente à alma feminina, na convicção de que os exemplos calam mais que as palavras por mais belas que sejam, por mais eloquente que seja o orador.

Terminando, congratulo-me com todos os que me ouvem, num preito de profunda homenagem a todas às mães do Universo e digo convosco, prezadas mães que me ouvís, os versos mais lindos que conheço sobre a maternidade:

Nas carícias que a mãe faz ao filhinho,
Aconchegando-o, santamente, ao seio,
Nesse morno carinho,
Nesse mimoso enleio,

A mulher bem merece o louro e a palma
Da santificação dos sonhos seus!
E, feliz, acarinha a própria alma
Sob as bençãos de luz e amor de Deus!

Crônica Estrangeira

O Espírito falou em Esperanto

Por Ismael Gomes Braga.

No «Psychic News» de 10 de Junho de 1950 aparece o resumo de uma conferência realizada pelo Sr. Stanley Curran, Secretário da S. N. U. (Spiritualist National Union) da Inglaterra, sôbre a necessidade do Esperanto para os Espíritas. O título e subtítulo do artigo são: «Quatro nacionalidades numa sessão espírita — todos entenderam, porque o Espírito comunicante falou em Esperanto». Começa grifando: «Assistiam à sessão um polaco, um belga, um francês, um holandês, e pessoas de diversas outras nações e todos entenderam tudo que estava ocorrendo, porque a única língua usada foi o Esperanto».

Trata-se de uma sessão promovida pela LESS (La Esperanto-Spiritista Societo — Sociedade Espírita Esperantista) por ocasião do Congresso Universal de Esperanto realizado em Bournmouth, em agosto de 1949, quando se achavam em Londres alguns milhares de esperantistas de todos os países e entre êles alguns espíritas esperantistas. Todos os trabalhos da LESS são em Esperanto. Diz o Sr. Curran que a LESS tem sócios em 24 países.

A conferência foi realizada em Nottingham. O conferencista mencionou o trabalho que já vai sendo feito pelos espíritas a favor do Esperanto em diversos países, no sentido de dotar o movimento espìrita mundial com uma língua ao alcance de todos. Quanto ao Brasil, disse: «No Brasil os esperantistas são tão fortes que têm publicado em Esperanto tradução de obras de célebres espìritas inglezes e franceses».

Quanto à tradução de obras inglesas, provavelmente faz alusão a um opúsculo de Conan Doyle traduzido para o Esperanto pelo Prof. Porto Carreiro Neto. Essa tradução foi revista na Inglaterra e por isso é conhecida de espìritas esperantistas ingleses, mas ainda não está publicada.

Como o «Psychic News» é o jornal espírita mais lido no mundo, e o resumo está bem feito, a conferência foi uma excelente propaganda para o Esperanto entre os espíritas de língua inglêsa e de outras línguas. De passagem queixa-se o conferencista de que a S. N. U. tenha sómente 17.000 sócios, quando há na Inglaterra um milhão de espíritas. Coisa muito parecida poderiamos dizer no Brasil quanto à F. E. B. que corresponde em nosso pais à S. N. U. na Inglaterra.

⁂

Mágica Espírita?

por Frederico Duarte — Manchester.

Dão-se na nossa vida peripécias que muitas vezes nos envolvem num manto de completo mistério não nos sendo possível decifrar a causa e sua origem.

Descrevo hoje aos meus estimados leitores duas ocurrencias que são curiosas, tendo uma delas ocorrido com a minha pessoa.

Um copo mágico

Em Leytenstone, Essex, Sul de Inglaterra, vive uma família chamada Allan Etchells, composta de pai, mãe e filha de maior idade.

Tendo a mãe ido um dia a Londres fazer compras trouxe consigo alguns copos de vidro que colocou, depois de lavados, numa prateleira da cozinha. Estando no dia seguinte sozinha em casa, por o marido e filha se encontrarem a trabalhar, decidiu-se a tomar um copo de cerveja e escolheu entre os copos um que estava mais polido e pô-lo em cima da mesa. Saiu por uns segundos ao quarto contiguo para buscar a garrafa de cerveja, mas ao regressar notou com surpresa que o copo tinha desaparecido. Muito intrigada procurou por toda a parte e como não o visse, teve que usar um outro.

Depois de ter bebido, lavou esse copo e colocou-o no seu lugar.

Ao regressarem a casa o marido e filha, contou-lhes o sucedido, mas êles naturalmente que se riram, mas antes de ir para o andar de cima deitar-se, fecharam a porta da cozinha à chave.

No dia seguinte de manhã o copo misterioso apareceu no seu lugar da prateleira. A esposa ia para estilhaçar o copo quando ambos, o marido e filha lhe pediram para não fazer isso, pois talvez lhes trouxesse mau agoiro. Lá se encontra o copo misterioso a «aparecer e a desaparecer» em certos intervalos, causando isso à familia Etchells não poder solver semelhante mistério!

O Alfinete de gravata

No caso acima indicado o copo aparece e desaparece, enquanto que com o que se deu comigo, o objeto desapareceu como por encanto.

Esteve em Manchester a passar uns dias comigo, um dos meus irmãos mais velhos, que trouxe consigo como presente um alfinete de ouro com uma Joaninha, e o qual usei por alguns anos.

Era meu sistema, de todas as vezes que tirava o colarinho e a gravata, espeta-lo na dita e deixa-los em cima duma cadeira ou mesa de cabeceira.

Em 1940 durante a visita dos aviões inimigos que destruiram uma boa parte do centro de Manchester, estava eu ocupando um quarto em casa duma família amiga. Tendo ouvido o alarme de aproximação dos aviões, saí para a rua em direção a um refúgio, onde fiquei até às duas horas da madrugada. Não havendo sinal de novo alarme fui para casa, tirei as botas, e o colarinho e gravata e o alfinete deixando êstes três objetos no logar do costume.

A's seis e meia horas da manhã levantei-me e quando precisava de pôr o colarinho e a gravata notei que o alfinete não estava na dita como o tinha feito horas antes. Procurei por um lado e outro e não o pude encontrar. Uma mulher que trabalhava aos dias a fazer a limpeza, veiu nessa manhã às oito horas e meia como do costume, e eu ofereci-lhe uma libra se pudesse encontrar o alfinete.

A pobre mulher procurou por toda a parte, tendo até levantado o tapete, e linoleo, virado as cadeiras de pernas para o ar, etc., mas não o encontrou. Eu antes de saír para a rua tive o cuidado de procurar pelo meu fato se alí se teria escondido, mas sem resultado.

Não era uma questão do valor do alfinete, mas sim por sentimento que muito gostaria não o ter perdido.

Na segunda-feira seguinte fui assistir ao Rainbow Harmony Circle e tendo-se transfigurado o meu guia FENC perguntei-lhe o que tinha acontecido e êle respondeu-me: — Eu não sei onde está mas tu podes muito bem passar sem êle, evitando assim furares as gravatas!

E assim, meus caros leitores, fiquei sabendo que, nem mesmo os nossos amigos do «Além» podem decifrar enígmas sôbre o que se passa por êste mundo, o que é muito natural, pois é impossível que eles se encontrem sempre ao nosso lado.

⁂

Testemunhos Históricos

The Two Worlds deu uma série de «testemunhos», verdadeiros documentos da «história do Espiritismo anterior ao Kardecismo», testemunhos cumulativos que demonstram, aos que ainda duvidam, que a verdade em que militamos foi de todos os tempos.

— Depois da morte de Dante, seu filho quis completar o *Paraiso*, pois pensava ter o pai deixado essa obra inacabada. Mas não conseguiu encontrar as notas e materiais que o teriam auxiliado nêsse trabalho. Por fim, e no decorrer de uma noite, o pai lhe apareceu e o conduziu a um compartimento secreto onde estava encerrado, todo completo, e sem necessidade de retoques, o manuscrito do *Paraiso*.

— Bernardino de Sena (1430) pregava na catedral de Milão quando viu a seu lado o espírito de um primo, Tobias. Vencendo a emoção, deixou o púlpito e, terminado o serviço, foi percorrer a cidade à procura de seu parente. Soube então que Tobias morrera repentinamente e no mesmo instante em que se produziu a aparição.

— Santa Teresa de Avila (1570) era admirável clarividente, e existem numerosos testemunhos de suas faculdades. Numerosos espíritos se lhe manifestavam. Num caso que se tornou célebre citam o de Pedro de Alcantara.

— O deão da catedral de São Paulo, em Londres, Rev. Donne, escreveu em 1620: «Vi passar diante de mim, no quarto, o espírito de minha inolvidável esposa; nos braços trazia uma criança. Estou certo disto: ela estacou e me fixou nos olhos». Ora, nêsse momento, Donne estava de viagem, distante de sua casa. Pouco depois, recebeu notícia de ter falecido sua esposa ao dar à luz a uma criança já morta.

— Milton (1670) escreveu: «Milhões de criaturas espirituais vão e veem invisivelmente sôbre a terra, e nós as encontramos, quer estejamos acordados ou adormecidos.»

— Swedenborg (1750): «Quando cessa a relação entre o corpo físico e o espìrito, este espírito se afasta e continua sua vida no mundo espiritual. Lá essa vida pode ser tão semelhante à sua existência terrestre que a princípio o espírito não percebe que abandonou a vida neste mundo inferior.» Swedenborg dialogava com os espíritos.

— William Blake dizia que sua maior honra era «poder conversar com os amigos do outro mundo.» Sua clarividência e suas visões simbólicas eram tão notáveis como as de Swedenborg.

— Daniel de Foe (1720), no fim de sua vida, recordava que frequentemente havia estado em contacto com Entidades vindas a êle para o aconselhar, e deplorava não ter assás docilmente seguido suas instruções, porque maior obediência ter-lhe-ia evitado muitos infortúnios.

— Benjamin Franklin (1740) assim comenta a morte de um amigo: «Perdemos um bem caro e digno companheiro. Mas é esta a vontade de Deus e é este o destino de nossos corpos perecíveis: que sejam deixados de lado quando a alma se dispõe a entrar no domínio da verdadeira vida. Nós somos espìritos.»

Citemos ainda Vitor Hugo: «O inverno está sôbre minha cabeça, mas a primavera eterna está em meu coração. Quanto mais me aproximo do meu fim, mais plenamente ouço as sinfonias imortais do mundo que me convida. Os que saem desta vida ainda permanecem perto de nós. Ainda que invisíveis para alguns, eles não estão ausentes. Doce é a sua presença, santa a conversação que temos com eles.»

E Thackeray, o ilustre romancista inglês (1850): «Os que nos deixaram ainda nos amam, como nós os amamos. Em realidade eles não partiram. Somente passaram para o aposento vizinho».

E Harriet Beecher, autor de «O *caso do tio Tom*» (1870): «Hoje é tão absurdo negar os factos do espiritismo, como pueril era, na idade média, atribuí-los à origem do Diabo!»

E o presidente Th. Woodrow Wilson: «Todos nós acreditamos, assim o espero, que os espíritos desses homens (os mortos na guerra) não estão sepultados com seus ossos. Esses espíritos vivem! Estou certo de sentir sua presença e, melhor ainda, compreendo a significação dessa presença».

Em fim, Sir Alfred Turner: «Lastimemos aqueles que teem olhos para não ver e ouvidos para não ouvir. Hoje afirmo que a aproximação ao espiritismo, com respeito, é, para o homem, uma benção que ultrapassa toda compreensão.» E são estas as poucas citações entre milhares e milhares, que se poderiam facilmente respigar, no pensamento humano, desde a origem dos tempos.

⁂

Manuscrito de Schumann descoberto pelos espíritos

Referimo-nos há pouco a problemas científicos resolvidos pelos Espíritos, a propósito dos satélites do planeta Urano. Hoje vamos referir-nos a informações dadas por um diplomata cubano acerca do último concêrto do famoso violinista Schumann, descoberto em circunstância especiais.

O caso foi narrado pela revista *Psiquis*, de Habana, e transcrito por *Consuelo*, de Santurce, Porto Rico, donde o trasladamos para estas colunas.

«Há pouco, os periodistas encarregados das atividades da nossa Chancelaria — diz a *Psiquis* — falaram numa informação do representante cubano em Londres e que, pelo inusitado do assunto, foi glosado por toda a imprensa. Refere-se a um caso de investigação no Além para determinar o paradeiro dum valioso manuscrito. A metapsíquica objetiva e, portanto, os investigadores desta ciência, têm ao seu alcance um novo dado de rigorosa identificação, cujos antecedentes constam oficialmente no Ministério de Estado de Cuba, dada a personalidade do informador.

«O Encarregado de Negócios A. I. de Cuba, na Grã-Bretanha, Doutor Gabriel Suárez Solar, informou a Secretaria de Estado de que a imprensa e a rádio londrina teceram diversos comentários em torno do achado do último «concerto» para violino composto por Schumann, o qual será executado em primeira audição no *Queen's Hall*.

«A explicação deste fenômeno encontra-se num livro que acaba de ser publicado sob o título de «Horizontes da Imortalidade», da autoria do Barão Erik Palmerstierna, Ministro da Suécia em Londres.

«Este diplomata tem relações de estreita amizade com a famosa violinista Jelley d'Arany e com a sua irmã, a sr.ª Adila Fachiri.

«No livro citado, o Ministro declara que êle e os seus amigos (nenhum dos quais tem crenças espíritas, nem jamais assistiram a qualquer sessão) tentaram um dia certa experiência com o auxílio da prancheta de cristal sôbre um alfabeto de forma circular e ficaram surpreendidos com o significado da tradução da «mensagem» que receberam. Nessa altura, a sr.ª Fachiri descobriu em si faculdades telepáticas em plena vigília — nunca em transe — que lhe permitiam transmitir estas comunicações por meio do cristal indicador.

As mensagens começaram a ser recebidas em Março de 1933 e quem as enviava disse chamar-se Robert Schumann, declarando que desejava que Miss Jelly d'Arany encontrasse e tocasse um seu trabalho póstumo para violino.

«Fez-se uma busca minuciosa com auxílio doutras mensagens que continuaram a ser obtidas, uma delas referindo-se ao professor Donald Tovey, que lembrou o facto de num livro de Moser intitulado «Vida de Joachim», se aludir à obra póstuma de Schumann. Miss d'Arany e suas irmãs são sobrinhas de Joachim e não estavam inteiradas da referência feita naquele livro. Então o «comunicante» disse que procurassem no Museu de Berlim.

«O Barão Palmerstierna visitou Berlim e encontrou na Biblioteca Nacional da Prússia um «Concerto» para violino de Schumann — que até hoje se desconhecia —, o qual tinha a seguinte inscrição: *inacabado.*

«A pesar de tudo, o «comunicante» insistia em que o «concerto» estava concluido; e depois de muitas dificuldades, investigações e novas mensagens do Além, encontraram-se naquela Bibliotéca quatro manuscritos do referido «concerto», um dos quais estava acabado pela própria mão de Schumann. Foi encontrado em Fevereiro de 1937.

«Não obstante as condições impostas pelos herdeiros de Joachim ao depositarem os manuscritos no dito Museu, de que não fossem publicados ou executados, a não ser cinco anos após a morte do grande compositor, conseguiu-se licença especial para tocar o «concerto» Schumann deixou de existir em 1856.»

Vai sem comentários. Qualquer palavra que juntássemos a êste relato de nada serviria, tão claro e expressivo êle é na sua linguagem despretenciosa.

⁂

Uma Aparição Identificada

La Presse, grande diário de Paris, publicou, segundo «Revue Spirite», um interessante artigo sôbre «A curiosa visão de uma noiva». Trata-se, diz referido periódico, de um facto de comunicação entre um defunto e pessôa ainda viva, que conhecemos particularmente e que à viva voz nos relatou o seguinte:

«Esta moça contratara seu casamento com um amigo nosso, cuja mãe falecera quando êle ainda estava no berço. Quer dizer que nenhuma recordação êle guardava da mãe.

Ora, uma noite, a moça—que contava 24 anos — era presa de insonia prolongada. Repentinamente uma forma se esboçou no quarto. Era a de pessôa ainda moça, de estatura acima da mediana, vestida à moda de camponêsa romana, do princípio do último século.

Gradualmente, a forma se definia e dirigia palavras à jovem que lhe pareciam atingir diretamente o cérebro, sem o intermédio do ouvido.

«Tu vais, disse a aparição, desposar meu filho. Eu te agradeço, porque és a mulher de que êle precisa para corrigir seus defeitos (e a voz de ultra-tumba indicou os defeitos do noivo), e lhe fazer tirar vantagens de seus predicados.

Juntos, atravessarei duas provas. Outras pessoas perderiam a coragem. Tú, pelo contrário, saberás fortificar o moral de meu filho, que mais tarde te recompensará.

Dia seguinte, quando recebeu a visita do noivo, contou-lhe o que supunha ser sonho ou alucinação. Dissemos que o nosso amigo não conhecera a mãe, portanto a descrição nada lhe podia significar. Porém, êle relatou as cousas ao tio materno, e êste lhe confirmou a exatidão dos detalhes: estatura, vestuário, côr dos cabelos, tudo igual aos da falecida...

Nosso amigo e sua esposa vivem ainda e de novo nos contaram o facto, a propósito de histórias de ocultismo de que estão se ocupando a imprensa dos dois mundos».

⁂

Desdobramento fluídico no leito de morte

O Prof. Ernesto Bozzàno, em sua monografia — «Fenômenos de Bilocação» — citou a crença das tribus selvagens de Taiti (Polinesia), relato publicado em *The Metaphisical Magazine*, por um missionário que de lá regressou em 1896. E do seguinte teor:

«... Êles crêem que, no momento da morte, a alma se concentra na cabeça, afim de aí sofrer um lento e gradual processo de reabsorção em Deus, de quem ela emanaria.

... Curioso e interessante o facto dos taitanos acreditarem na saída de uma substância real que tomaria a forma humana e o crêem por fé nalguns deles dotados de clarividência os quais afirmam que, apenas o moribundo deixa de respirar, se lhe desprende da cabeça um vapor que se condensa pouco acima, a pequena distância do corpo, e a êste permanece ligado por uma espécie de cordão formado da mesma matéria. Essa substância — afirmam êles — aumenta rapidamente de volume e ao mesmo tempo se torna semelhante ao corpo donde emana. Quando, afinal, êste último fica gélido e inerte, dissolve-se o cordão que a êle prendia a alma e esta, libertada, vôa para o alto, aparentemente assistida por mensageiros invisíveis...»

A propósito, comenta o Prof. Bozzano:

Temos aquí uma descrição que corresponde, nos mínimos detalhes, ás dos videntes modernos. Diante disso, não parece lógico, nem sério pretender-se explicar fenômenos tão impressionantes por meio da hipótese das «coincidências fortuitas». Por outro lado, como os taitanos não podem ter ido buscar suas crenças aos povos civilizados, nem êstes tampouco podem ter tirado as suas das dos taitanos, forçoso se torna reconhecer que de tais concordâncias ressalta uma valiosíssima presunção em apôio da objetividade do fenômeno, que os videntes de todas as épocas hão assinalado, no seio de todos os povos.

— PRATICAR O BEM É VENCER O MAL —

ESPIRITISMO NO BRASIL

Hospital Espírita de Marilia

Movimento Hospitalar — Agosto, 1950

Doentes de ambos os sexos que vieram do mês de Julho	112
Doentes de ambos os sexos entrados durante o mês	34
	146
Doentes de ambos os sexos, saídos com alta, durante o mês	31

Passaram para o mês de Setembro, 1950

Gratuitos	67	
Pensionistas	48	115

Tratamento:

Injeções intramusculares	443
Injeções venosas	499
Consulsoterapia elétrica	458
Malariaterapia	3
Extrações de dentes	67
Exames de sangue	24
Receitas aviadas	67
Doentes que já passaram pelo Hospital desde sua inauguração	673

Donativos recebidos êste mês:

Snr.	João de Campos	50,00	
«	Clemente Godoy	100,00	
«	Setsue Tagawa	50,00	
«	Nobuko Okobaychi	20,00	
«	Risuki Yoshita	20,00	
«	Towaiti Suzuki	20,00	
«	Tadochi Ogazawa	20,00	
	Associação Japoneza de São Manoel—Villa Queiroz	100,00	380,00

Serviços de mecânica e materiais fornecidos gratuítamente, pelo Snr. Joaquim dos Santos e seus filhos.

Marilia, 1.º de Setembro de 1950.

«Unidos Seremos Fortes»

Presados confrades:

A USE vai incrementar a formação de «Uniões Distritais» no interior, nas principais cidades do Estado onde elas ainda não foram instaladas e de «Uniões Distritais» na Capital.

Para o bom êxito dêsse inadiável empreendimento é indispensável a colaboração e a bôa vontade de todos os dirigentes de Centros Espíritas, no sentido de apoiarem as «Uniões» já formadas e de promoverem entendimentos entre as diretorias das instituições de uma mesma localidade (no interior) ou de um mesmo Distrito (na Capital), onde essas «Uniões» ainda não estejam organizadas, para que possamos colimar os nossos comuns objetivos de união e confraternização.

A USE confia na alta compreensão e no espírito de bôa vontade de todos aqueles que foram chamados à direção de instituições espíritas, para que assim procedendo, estejamos todos correspondendo à confiança do Senhor e Mestre e ao grande amor do Senhor nosso Deus.

Unidos uns aos outros e todos a Jesus, seremos aquêle «feixe de varas» inquebrantável, capaz de suportar e vencer as intempéries que crescem e se avolumam em todos os continentes.

Que Deus e Jesus facultem-lhes suas bençãos, inspirações e amparo.

Fraternalmente,

«União Social Espírita»
Dir. Executiva
Carlos Jordão da Silva,
Secretário Geral.

A Academia Espírita «Nova Jerusalém»

Dr. Luiz Monteiro de Barros.

Nosso irmão Antonio José Trindade acaba de fundar em São Paulo, a, talvez, primeira academia espírita do mundo.

O empreendimento notável recebeu de alguns espíritas amplo apôio e de outros, a repulsa ou o sorriso irônico.

Essa má vontade de certos correligionários corre por conta, segundo penso, de três fatores, a saber:

a) — a ignorância acerca do empreendimento;

b) — o nome de «academia espírita»;
c) — o organizador e mantenedor dela.

Quanto ao primeiro item convém esclarecer, ainda uma vez, que a academia visa única e exclusivamente preparar os pregadores do Espiritismo, dando-lhes uma cultura geral maior, uma base mais sólida não só de Doutrina Espírita como daqueles conhecimentos necessários para uma visão mais ampla da vida, tais como os contidos no programa, a saber:

Português — Literatura — História da Civilização — Geografia física e humana — Filosofia — Sociologia e Política — História ética e técnica jornalísticas — Oratória — Religiões comparadas — Espiritismo teórico e prático e exegése evangélica.

Quem, em sã consciência, ousará não aplaudir tal programa, tão avançada, altruística e sábia orientação a ser ministrada aos futuros pregadores espíritas! O que não se deverá esperar de tal organização mórmente sabendo-se que tudo será ministrado gratuítamente!

Quisera eu ter tempo suficiente para ser aluno de tal escola, para beber nessa fonte cristalina e cristã, conhecimentos que não possúo e que tanto me poderiam auxiliar em minhas palestras e em meus artigos sôbre a Doutrina!

Em relação ao segundo item, penso que o empreendimento teria tido mais fácil aceitação si ao envez de se denominar «Academia» recebesse o nome de «Instituto de Cultura Espírita», e isso porque, Academia «cheira» a diploma, a título de «doutor em espiritismo». Na realidade, a Academia não tem e nunca teve essa finalidade balofa, que sae, constantemente, da perversa ironia dos lábios de alguns espíritas: «Então, agora vamos ter os doutores do Espiritismo?» Nada disso, amigos; não desvirtuemos as elevadas finalidades da Academia que o Trindade teve a felicidade e a glória de inaugurar, num momento psicológico de capital importância para a humanidade.

Quanto ao terceiro item, devo afirmar que muitos espíritas repudiam a novel instituição apenas porque ela é fruto de Antonio José Trindade, de quem não gostam, com ou sem razão, por êsse ou aquele motivo.

O homem vale pelas suas obras e não pelo seu nome, e é pelas obras que seremos julgados pelo Pai, através de nossa própria conciência.

A obra do Trindade aí está, pronta para ser vivida e para servir aos de bôa-vontade. O que nos pede êle? Apenas isto: a nossa colaboração cultural e mesmo esta será paga, si for preciso. Por que, então, virar-lhe as costas e zombar do seu idealismo? Creio que é nosso dever incentivar os trabalhadores de boa-vontade e que querem servir ao Senhor na implantação do Reino de Deus na Terra.

Não cuidemos de nomes e de formas, mas saibamos viver sempre no espírito que vivifica, dando nosso apôio decidido a todas as realizações humanas espíritas ou não espíritas, mas que visem libertar a humanidade das garras nefandas da ignorância, do orgulho, do egoísmo e da maldade.

A Academia Espírita Nova Jerusalém, é uma dessas realizações audaciosas e elevadas que muitos benefícios prodigalisará aos homens da Terra, si os espíritas souberem dar ao Trindade, pelo menos na realidade desse setor, o seu indispensável apôio intelectual e moral.

S. Paulo, 27 de Junho de 1950.

Um grande movimento de Moços espíritas

O que foi a 1.ª Semana Espírita dos Moços de Minas Gerais
O médium Francisco Candido Xavier e o prof. Leopoldo Machado, os grandes animadores do certamen.
O Espiritismo vibrando dentro e fóra das instituições espíritas e instituições oficiais.

A 1.ª Semana Espírita dos moços de Minas Gerais, realizada de 20 a 25 de Julho de 1950, marcará, com certeza, uma fase distintissima da História do Espiritismo no Estado montanhês do Brasil.

Foram seis dias de intensa vibração espiritual-social, que ficarão indelevelmente na memória e no coração de quantos tiveram a satisfação de tomarem parte do grandioso certamen.

Uma copia exatissima do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil!

A todos os programas compareceram o grande médium F. Candido Xavier e o maior animador do movimento júvenil espirítico, prof. Leopoldo Machado, aclamado, por unanimidade Presidente de Honra do certamen. O médium fechava cada reunião com uma comunicação do Alto, que vale bem por admirável «chave de ouro» de cada reunião, em prosa ou verso, subscrita por Pedro de Alcântara, João de Deus, Casimiro Cunha, Nina Arueira, Olavo Bilac, Emanuel.

As reuniões foram na séde da União Espírita Mineira (a de abertura); nos Centros Amor e Caridade e Oriente ; no Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, no Conservatório de Música e no Instituto de Educação. E todos, sem espaço para uma pessoa mais, de superlotadíssimos. Em todas elas, uma oratória de moço e de mais velho, além de uma parte artística bem cuidada.

Compareceram representantes de muitas «mocidades» do Estado e delegações do Rio de Janeiro, de Nova-Iguassú, Cruzeiro entre outras localidades. Todos, hóspedes de confrades, na intimidade dos lares cristãos.

Entre as delegações, salientaram-se as de Juiz de Fóra, Lavras e Iguassú. Esta, só pelo presidente de honra do certamen e pelo Oli de Castro, que «vale, por si só, um programa inteiro»..

Prof. Leopoldo Machado, além da distinção de que foi alvo, por parte dos moços e confrades de Belo Horizonte, e das emoções fortíssimas que experimentou, encontrou no admirável certamen a maior paga para suas trabalheiras em toda a sua vida de lidador sem tréguas : a sessão em Pedro Leopoldo, em que a querida esposa lhe envia expressívissima Mensagem de amor e de carinho, além do grande espírito de Emanuel consagrar-lhe os trabalhos da noite, constante, ainda, de mais sete mensagens.

A Doutrina Espírita agitou, dentro do pograma de espiritismo de vivos, toda Belo-Horizonte, a despeito dos últimos jogos da Copa do Mundo, e da política. Foi uma coisa inédita para a cidade. Tanto que o clero local, por sua mais alta autoridade teria dito : «Enquanto o Espiritismo só interessava a velhos, o perigo não era muito grande. Mas, agora, que está interessando, também, os moços...»

O Futuro

Com êste título, acaba de aparecer na arena da imprensa espírita, na Capital Federal, uma revista que se destina a difundir os postulados da 3.ª Revelação, o Espiritismo. A sua diretoria está assim constituida : Diretor-proprietário, E. Póvoa Santos ; Diretor-gerente, Amadeu Santos ; Diretores-comerciais, Antonio Fariuolo, Humberto Corrêa de Sá e João Scizinio Linimbau ; Redatores, Abstal Loureiro e Samuel Linimbau ; Reporters, Enéas Dourado, Dulce Santos e Dulce de Fátima Oliveira.

O seu número de apresentação, que contém 32 páginas impressas em ótimo papel, publica bons artigos e diversos clichés.

A' nossa distinta colega «O Futuro», votos de felicidade e vida longa.

Sublimes Receitas

E' êste o título de um trabalho ditado pelo Espírito de José Geraldo Rosso através da mediunidade de Antonio Loreto Flores.

«Sublimes Receitas» contém, de facto, diversas receitas para a cura infalível das enfermidades do corpo e da alma, de maneira que cada um póde preparar o seu remédio e fazer finas iguarias sem gastos e trabalho, com resultados certos.

Gratos pela oferta de um exemplar.

Na sua marcha para a conquista do reino de Deus, a vida do homem sujeito ao plano terreno, é laboriosa, incerta e cheia de imprevistos. E isso sucederá até que o homem, percebendo a inutilidade das concepções materialistas, procure em Jesus o caminho reto que o conduzirá a Deus. Foi para ensinar-lhe êsse caminho traçado por Jesus, que o Espiritismo, portador das credenciais de Deus, está no vosso mundo. E ficai certos de que a sua missão será cumprida da mesma fórma que Jesus cumpriu a sua. Que isto vos sirva de estímulo nos vossos labores cristãos.

CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2610unse

NO XXVI—Brasil—E. S. Paulo— Matão, 15 de Novembro de 1950—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Renovação Incessante . . . . . . *Redação*
O Espiritismo no quadro das Ciências *Deolindo Amorim*
Duas respostas ao pé da letra . . *Alfredo d'Alcântara*
Pontos de Vista . . . . *Leopoldo Machado*
Sublime Fonte de Inspiração . . . *J. B. Chagas*
Três Médiuns . . . . *Ismael Gomes Braga*
Trinta Anos entre os Mortos . . . *Francisco Klörs Werneck*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Fantasmas e Casas Assombradas . . *Coronel Faure da Rosa*
D. Gracinda Batista . . . . . . *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1950 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

RENOVAÇÃO INCESSANTE

NO Universo não existe estagnação, formas finais e definitivas. Tudo é movimento e transformação, renovando-se incessantemente. A rocha que nos parece eterna é um agregado de matéria que em certo tempo não existia e terá que se desagregar de novo para criar outras formas, outras expressões. A semente que germina, cresce, floresce, reproduz, e desaparece, é vida e transformação constante. Nosso corpo é um composto de número incalculável de células que vivem e morrem numa sucessão constante de movimentos. Cada átomo é um pequeno sistema solar em movimentação metódica e incessante. A morte não traz repouso, como parece, mas precipita os movimentos em direções diferentes: a parte material entra em movimentos de decomposição e a espiritual adquire novas formas de vibração mais intensa, rumo a renascimentos. Os planetas giram em torno dos sóis, em movimentos de transformação e aperfeiçoamento.

Também as nossas teorias, por mais duradouras e obstinadas que sejam, alteram-se, morrem, para renascerem melhoradas, mais completas, com menor percentagem de erros. Os nossos sistemas políticos, econômicos, sociais, são todos passageiros, sujeitos à lei universal das transformações, mortes e renascimentos, através dos milênios.

O que parece eterno a uma geração, torna-se caduco em outra e por fim é renovado, por vezes penosamente, com dôres imenas, mas se transforma para corresponder a outras necessidades que a evolução engendra sem cessar. Os dogmas mais caros das religiões e irreligiões, correspondem a necessidades passageiras e envelhecem, morrem, dando lugar a outros mais elevados. A luta do homem para conservar velhas formas é penosa, mas inútil, porque êle próprio se renova através das existências materiais sucessivas, passa a compreender e a sentir de modo diferente e refaz suas obras do passado, tentando sempre melhorá-las, divinizá-las, para que se eternizem.

As religiões ortodoxas, estabelecendo princípios eternos e inalteráveis, enganam-se e tentam o impossível: impedir o progresso universal.

A Revelação que se fixa em livros e tenta eternizar-se, corresponde a um período evolutivo da humanidade ou de um povo, e, findo êsse, se torna improdutiva e vai sendo reformada pela própria vida das sociedades humanas, até ser substituida por outra mais nova que melhor corresponda à situação já então criada pelo progresso. Das antigas crenças pagãs que correspondiam a necessidades existentes há cinco mil anos, só nos restam algumas figuras mitológicas inoperantes hoje. Foram substituidas pelo monoteismo revelado por intermédio *de Moisés, e dêste monoteismo, que é um grande avanço em comparação com o antigo politeismo, já só a essência está de pé: era a concepção de um deus demasiado humano e racista que a pouco e pouco foi sendo divinizado e universalizado pela compreensão crescente do homem. A Revelação cristã rompeu as limitações de raças e fronteiras; é eterna em sua essência; mas não podia revelar tudo e tomou vestes passageiras que vão sendo despidas pelo caminho do progresso que a sujeita a novas interpretações.*

Finalmente, o Espiritismo revelou que a Revelação é permanente, progressiva e corresponde ás necessidades e ao grau de evolução de cada época, por isto mesmo que êle não revela senão a parte da verdade necessária e assimilável em cada tempo. Em sua essência êle é eterno: sempre os Grandes Espíritos desencarnados serão executores dos desígnios de Deus e guiarão os homens, mas saberão o que compete revelar em cada época, para que não lancem confusão inútil e prejudicial na mentalidade humana: não ensinarão a crianças da escola primária os altos problemas de matemática reclamados pelo sábio para compreender a Teoria da Relatividade, de Einstein. Senão, poriam loucas inutilmente as crianças do curso elementar. Aguardam os momentos evolutivos em que o conhecimento possa ser assimilado e aplicado, para então revelá-lo.

No curto espaço de um século, já revelaram muito, mais até do que a humanidade póde aceitar; por isto mesmo é muito pequeno o número dos que estudam com profundeza tudo que a fenomenologia espírita nos vem ensinando na multiplicidade de suas manifestações que invadem os domínios da física, da química, da mecânica, da psicologia, da geologia, da astronomia, da medicina, do direito, da zoologia, da sociologia, e, acima de tudo, da moral e da religião.

Só o que já nos foi revelado e se acha registrado em livros e revistas, reclama muito tempo para ser assimilado e altera quasi todas as teorias de nossa ciência humana: reclama revisão profunda na biologia, na teoria da origem das espécies e em todos os outros ramos do saber provisório do homem.

A humanidade tem muito que estudar e progredir para entender e explicar satisfatóriamente só os fenômenos físicos do Espiritismo: materializações, interpenetração dos corpos sólidos, telecnésia, formação de agêneres, desmaterialização e rematerialização de organismos vivos. Só esta parte mais material dos fenômenos, quando fôr aceita pelas Universidades e sériamente estudada pelos cientistas, será uma revisão total da ciência oficial, pondo-a sôbre outras bases, das quais ela, ciência oficial, ainda não começou a cogitar: as bases espirituais da vida cósmica. Mas esta parte — os fenômenos de efeitos físicos — é sómente o A B C da Terceira Revelação.

Quando êste A B C fôr compreendido e o homem souber lêr um pouco, surgirão para êle novos horizontes: ruirão como inúteis quasi todos os castelos do passado; novos altares serão construidos, mas também estes, como até o sólo que lhes servirá de base, serão provisórios, destinados a serem um dia substituidos por outros mais perfeitos.

Nova luz será projetada sôbre os mandamentos da moral ideal: «Ama a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo», porque Deus, o próximo e o indivíduo mesmo estarão interpenetrando-se sem limitações de tempo e espaço, na eternidade e no infinito, talvez fundidos numa concepção única de manifestações da Vida Universal.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo nêste século de declive da sua história; só êle póde, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da fôrça e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a água cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova-éra.

EMMANUEL.

O Espiritismo no quadro das Ciências

DEOLINDO AMORIM

— II —

Não se pode discutir se o Espiritismo é ou não *uma* ciência sem esclarecer o que é que se entende por ciência. O conceito de ciência pode ser interpretado em dois sentidos: geral e particular. Diz-se, por exemplo, ciência no sentido geral, quando se pretende abranger o conhecimento universal, o todo, porque a palavra ciência, como se sabe, vem de saber. Sob este aspecto, não há propriamente ciências, como não ha filosofias, como não há verdades: há unicamente *a* Ciência, *a* Filosofia, *a* Verdade. Sendo a Ciência uma só, o que existem não são propriamente ciências, mas divisões ou ramificações da Ciência. Temos aqui a palavra ciência no sentido amplo ou geral, dando a idéia de unidade e universalidade. Mas o próprio desenvolvimento da Ciência e as necessidades da inteligência humana criaram ciências particulares, com as suas divisões e sub-divisões. Não é possivel, hoje em dia, no século das especializações e da técnica, adotar o espírito de generalização, tal como procediam os gregos em relação á Filosofia. Ainda assim, Aristoteles dividiu as ciências, como veremos adiante, separando as ciências positivas e a Filosofia ou Metafísica. A' proporção que se aperfeiçoam os métodos de investigação e a técnica científica, vão surgindo ciencias novas, e estas, por fôrça da evolução, desdobram-se cada vez mais, dividem-se e, por fim, dão lugar á formação de outras ciências.

Assim, pois, o conceito de ciência tem, aqui, sentido particular, porque estamos tratando de ciências, isto é, da existência de muitas ciências, e queremos ver se o Espiritismo é parte de alguma delas ou se é mais *uma* delas. Empregada a palavra ciência no sentido particular, temos ciências exatas, ciências morais, ciências experimentais, ciências sociais, etc. etc. Em que lugar se enquadra o Espiritismo? Entre as ciências experimentais, entre as ciências sociais? Qual é, enfim, o seu grupo de ciências? Antes de chegar a este ponto, é imprescindivel completar a primeira parte do assunto: é o Espiritismo *uma* ciência? Agora, sim, podemos examinar este ponto de discussão, porque partimos da premissa de que existem ciências particulares. Resta saber, depois disto, se o Espiritismo tem as características de *uma* ciência. De que se formam as ciências? De facto e relações. O Espiritismo tem factos, mas os factos isolados não formam ciência. Quais são os factos do Espiritismo? Os fenômenos produzidos pelos espíritos, através dos médiuns. Os fenômenos constituem a base, o alicerce da ciência. Mas nos fenômenos espíritas, como em todos os fenômenos das ciências experimentais, temos: o fenômeno, sua lei e seu agente. Da coordenação dos factos, conhecida a lei e seu agente. Da coordenação dos factos, conhecida a lei que rege cada categoria de fenômenos, encontrada, finalmente, a relação entre o agente e o consequente, isto é, entre o fenômeno e o médium, surge a ciência.

Entende-se por ciência tudo aquilo que encerra um conjunto de factos com leis e características próprias. Enquanto não se descobrem as leis, não há ciência, mas fenômenos apenas. No Espiritismo — convém repetir — há fenômenos e leis. Ciência não é exclusivamente a de laboratório. Se quiséssemos restringir o conceito de ciência até êste ponto, admitindo que só existe ciência no laboratório, teríamos de negar o caracter científico da Sociologia, do Direito e de outros campos do conhecimento, onde não é possível fazer experiências práticas como nos laboratórios de Física, por exemplo. Se quiséssemos levar a tanto o nosso rigorismo experimental até a Matemática, que se baseia em símbolos, ficaria descolocada na escala das ciências. Justamente porque não pode ser assim, o conceito de ciência torna-se cada vez mais elástico. Temos ciências exatas, ciências puramente especulativas ou abstratas, ciências morais, etc. As ciências agrupam-se, dividem-se, como se vê, em departamentos. E' claro que tais departamentos representam secções do conhecimento universal. Foi, com a marcha dos tempos, a própria necessidade da ciência que deu motivo á criação dos grupos de ciência afins ou correlatas. Embora se saiba que *a* Ciência, como *a* Verdade, é universal, é una, as ciências dos diversos grupos apresentam diferenciações inevitáveis quanto aos objetos e os métodos. Justamente por este motivo, cada ciência tem as suas caraterísticas, seus processos particulares.

Para sabermos se o Espiritismo é ou não *uma* ciência, impõe-se que procuremos saber, antes de tudo, o que é que caracteriza uma ciência, quando é e porque é que determinado ramo do conhecimento deve ser considerado uma ciência.

Em linhas gerais, são as seguintes as principais características de uma ciência:

a) — ter uma ordem de fenômenos que lhe sejam peculiares, fenômenos que não pertençam a outra ciência;
b) — mostrar a relação de seus fenômenos com a causa que os produz;
c) — distinguir-se das outras ciências, apresentando feição própria, embora possa ter pontos de relação ou afinidade com qualquer outra ciência.

Enquanto a ciência não se distingue das outras, não apresenta elementos próprios, não ocupa lugar especial no conjunto das ciências, embora possa fornecer elementos para muitas outras. Mas a ciência só se torna autônoma quando se distingue, quando tem caracter próprio, quando os seus fenômenos e suas leis não se ajustam a outras ciências. Quando isto se verifica, surge forçosamente mais uma ciência, porque surge nova ordem de factos. Chega, portanto, a vez do Espiritismo.

Encarado sob o ponto de vista científico, o Espiritismo tem as seguintes características:

a) — os fenômenos do Espiritismo, embora tenham por origem a alma independente da matéria, não se confundem com os fenômenos da Psicologia;
b) — se não se confundem com os fenômenos estudados por outra ciência, é claro que tais fenômenos constituem uma categoria especial, e devem ser estudados á luz de uma ciência própria: Espiritismo.
d) — embora tenha relação com o magnetismo, a telepatia e outros assuntos que lhe são correlatos, o Espiritismo estuda fenômenos que não se enquadram na classificação de qualquer uma das ciências que lhe são afins.

Se, portanto, os fenómenos estudados pelo Espiritismo têm leis próprias, é óbvio que o Espiritismo, neste particular, se distingue das outras ciências. Mas ciências é conjunto e não factos. Não é apenas o fenômeno — convem repetir — que forma a ciência. A formação de uma ciência parte dos factos particulares para chegar á generalização. Exemplo: toma-se um fenômeno, verifica-se qual é o agente deste fenômeno, a lei em virtude da qual pode êle ser produzido, e, por indução, chega-se á conclusão de haver uma lei geral. Os factos particulares, estudados separadamente, ainda não constituem a ciência. É necessário que haja relações entre os factos para que se possa conhecer a lei geral. Pergunta-se agora: o Espiritismo, cientificamente falando, atende a tais exigências de método? É o que vamos, sumariamente, verificar.

Temos, no Espiritismo, três elementos indispensáveis a qualquer ciência experimental: *fenômeno, lei* e *agente*. Existem leis fundamentais, como a afinidade, a de repulsão, aderência, etc. O agente do fenômeno é o médium. Mas, através do médium conhece-se a causa do fenômeno: espírito. Até aí apenas o facto particular, isto é, o fenômeno tal ou qual. Depois de estudados diversos fenômenos (levitação, psicografia, pneumatofonia, tiptologia, etc. etc), cada qual com o seu mecanismo, faz-se a coordenação. Que vem a ser, neste caso, coordenação? Reunir fenômenos diferentes, examinar a lei que rege um por um (lei particular, porque se aplica a determinado fenômeno) e, depois, procurar a causa geral. Qual é, então, a causa geral? O espírito. Examinados os diversos tipos de fenômenos, chega-se á conclusão de que existem leis gerais, porque se aplicam a todos os fenômenos, quaisquer que sejam as suas formas e mecanismo. Uma destas leis, por exemplo: *não ha fenômeno sem médium*. Esta lei é geral, porque rege toda a fenomenologia espírita. Mas o que é verdade é que só se chegou ao conhecimento desta lei depois do estudo particular de cada fenômeno, separadamente. E não é assim que se procede nas ciências de observação ? Logo, o Espiritismo tem os traços de uma ciência organizada, embora não o reconheçam, ainda, como tal, os departamentos oficiais

Se, finalmente, o Espiritismo estuda uma ordem de fenômenos especiais, se êsses fenômenos se regem por leis gerais, segundo o método normal da Ciência (do particular para o geral) é natural que o Espiritismo tenha direito a um lugar certo, definido, no quadro das ciências. Diante disto, que posição ocuparia o Espiritismo na classificação das ciências ? Este ponto será objeto do próximo artigo.

(Continua)

Duas Respostas ao Pé da Letra

Alfredo d'Alcantâra

CERTA vez um padre católico, vigário de paróquia importante, desceu da alta dignidade sacerdotal para honrar com a sua presença um humilde Centro espírita que funcionava, lá num rincão do Meier, sob a nossa modesta direção. Ia, em visita de cordialidade, ofertar-nos um opúsculo de sua autoria intitulado «Resposta à um folheto espírita».

Como não estivessemos presente, o que sinceramente deploramos, mas sensibilizados com a gentileza do ilustre prócer da Ingreja, á nós mesmo prometemos ler o seu trabalho com o máximo de atenção, e assim o fizemos. Tratava-se de uma série de comentários aos ensinos contidos no livrinho «Lições de Espiritimo para crianças» que, ha tempos, a Federação Espírita Brasileira distribuia gratuitamente.

Nesses comentários o reverendo, empunhando o escalpelo da intolerância, mas fazendo uso de uma linguagem que procura tornar piedosa, destaca os pontos evangélicos em que as interpretações católica e espírita divergem mais fundamente, para concluir classificando de «adulteração criminosa do Evangelho» o que os espíritas pregam por aí. Admite S. Rev. que muitos católicos são frequentadores de centros espíritas, o que leva a fazer um apelo paternal às suas ovelhas incautas para que fujam do pecado mortal que as ameaça se continuarem fazendo parte, simultaneamente, de dois credos tão antagônicos e inimigos, de vez que um, o dele, é de Deus e o outro, o Espiritismo, é do demônio. Para êle os espíritas são os únicos culpados da desorientação da sua gente, porque lançam mão de engodos desleais, como o uso de imagens e cerimônias da liturgia católica, para atrair prosélitos.

Já de outra feita, um bispo brasileiro, em pastoral que teve larga divulgação, de vez que foi publicada em folhetos distribuidos gratuitamente, referindo-se ao facto de algumas agremiações, que se dizem espíritas, se rotularem com nomes de santos católicos, fez sibilar como uma chicotada o seguinte conceito : «Os espíritas nem se apercebem da contradição e ridiculo que isto representa para o Espiritismo».

Não ficamos zangados com as objurgatórias, menos justas, que o opúsculo do vigário nos endereça porque o achamos, em suas conclusões, perfeitamente lógico. Sendo doutrina da Igreja que o Espiritismo é arte do diabo, não se justifica a frequencia de católicos aos Centros, como se faz mais estranho ainda que pessoas tidas como espíritas procurem os templos e tomem parte em atos do culto religioso. O fenômeno que alarmou o Sr. Vigário só é explicável da seguinte forma : os que frequentam, ao mesmo tempo, as Igrejas e os Centros, não são católicos nem espíritas, uma vez que se desinteressam do estudo das respectivas doutrinas. São, sim, criaturas tangidas pela dor que buscam socorro, material ou moral. Não é justo que sejam repelidas, nem de um lado nem de outro, a não ser que desejassemos reviver, ampliando, o episódio bíblico do forasteiro, ferido e abandonado na estrada, para que novos samaritanos surgissem, dentre os crentes de outra fé, mais sensatos que nós, e corressem à dar-lhe o auxílio que nos competia e recusamos.

Quanto ao ridículo a que se refere o prelado em sua pastoral, podemos afirmar que nêle não está mergulhado o verdadeiro Espiritismo e seus adeptos conscientes. A tendência para o emprego de nomes de santos em títulos de Centros e o uso de imagens e altares enfeitando as sédes, caracteriza seitas que surgiram no Brasil muito antes da divulgação do Livro dos Espíritos, primeiro da série que constitue a doutrina em cujo pórtico Allan Kardec escreveu um nome nunca antes empregado por quem quer que fôsse: ESPIRITISMO. Tais seitas resultaram de outras vindas da África, trazidas pelos escravos, cuja liturgia se baseava no intercâmbio com entidades desencarnadas, em sincretismo com o catolicismo romano, que lhes impingiam obrigatoriamente nas capelas das fazendas onde mourejavam.

O Espiritismo não usa imagens porque faz questão de honrar a proibição contida no 1.° mandamento do Decálogo; não toma de emprestimo nomes de santos para designar seus Centros porque não se ofusca com a luz que, por ventura outrem haja conquistado, de vez que é êle o próprio Paracleto, a própria Verdade, a própria Luz que, consoante a promessa do Divino Mestre, veio e ficará conosco para sempre, a iluminar o Evangelho afim de que os homens não mais o deturpem. Entretanto, compreende porque muita gente frequenta as seitas pseudo-espíritas que por aí proliferam. Não seriam capazes de dirigir uma prece ao céu com a mesma ardorosa fé com que o fazem diante de qualquer imagem, em virtude de um imperativo atavico que tem suas raízes profundamente implantadas no catolicismo romano.

Quem faz do próprio coração o templo onde ajoelha a alma para homenagear Jesus Cristo, já está liberto da idolatria. Estes são os verdadeiros espíritas. Os que alardeiam a crença espírita, mas se detém em êxtase diante das imagens de santos, são como os cristãos novos da velha Roma, egressos do paganismo. Tinham a nostalgia dos ídolos, que os levou a influirem para que o Concílio de Nicéa consentisse na exposição de imagens nos templos cristãos.

A evolução iluminará tudo. Ela é lenta, mas fatal. O africanismo que arremeda o catolicismo e se diz espírita, é uma demonstração dessa teoria. Está caminhando francamente para o fóco central, que é o Espiritismo, onde afinal será diluída. As próprias religiões dogmaticas, que não podem progredir porque dormem um sono eterno à sombra das suas doutrinas arcáicas e se escudam na infalibilidade dos seus pontos de fé, como arvores estéreis que são, já têm o machado posto junto aos troncos e serão cortadas, para que, em seus lugares, se faça a sementeira da Terceira Revelação que ha-de cobrir de frutos do Evangelho Cristão toda superfície da Terra.

Pontos de Vista

LEOPOLDO MACHADO

Ex-Homens nossos patrícios

Já tratamos do assunto doloroso, que é a expatriação, dentro da própria pátria, de irmãos nossos que, à cata de melhor destino, se botam de seu Estado para outros.

Aquí está, transcrito da pena de J. Duarte, de um jornal baiano, que vale a pena meditar nos crimes que infelizes apatacados perpetram, sem se lembrarem que há Deus e uma Justiça Divina.

São trechos, apenas, que mostram até que ponto leva a desespiritualização da vida:

«Há, todos vêem, o caso dos nordestinos chamados baianos», infelizes que arrastam misérias das catingas ao Estado de S. Paulo, numa odisséia de dôres, num êxodo sem fim em demanda de uma falsa Canaã.

Nos vapores do S. Francisco, nos trens da Central, nos caminhões, nas estações, vítimas da fóme, atacados de desenteria ou impaludismo, aqueles nossos patrícios sofrem sem protestos — estoicos e simples — na esperança de dias melhores que não chegam !

Nas estradas poeirentas do nordeste, cruzes toscas assinalam a passagem dos retirantes, marcando cóvas rasas que guardam cadaveres ressequidos dos que tombaram antes da decepção final da tragédia.

Em Montes Claros e Pirapora, eles mendigam maltrapilhos, escaveirados, sujos e se amontoam na estação, oferecendo quadros dignos do pincel de Goya, inspirando poemas como o «Navio Negreiro», se ainda existissem poetas e patriotas que soubessem amar e sentir como Castro Alves ! Gente sem crença e sem coração explora dos mais fortes o trabalho ; outros, mais desalmados e cínicos, compram a preço víl a virgindade daquelas que não perderam com o martírio os encantos de menina e moça, e tudo isso sem que a opinião pública se manifeste ou desperte a atenção das autoridades, porque uma flageladinha nada merece, é carne nova para os antros de prostituição.

Assassino profissional

Mascote, um vagabundo como tantos, que foge ao trabalho, nessa época em que se luta para encontrar-se um bom operário, mata por dinheiro. E baratinho, que trezentos cruzeiros não é dinheiro, nesta época de inflação, pela vida de um homem.

O facto foi alí, em Duque de Caxias, município vizinho.

Cemonidas, negociante na vila Iberé, namorou-se de uma jovem casada.

E manda Mascote matar o marido da jovem, Manoel Cosme, a soldo.

A morte efetuou-se no pindoba, terreiro coberto, durante uma festa. Mascote, ou Braz Americo, enfia a faca nas costas da vítima, em cima do coração, matando-o instantaneamente.

O resto, agora, com a justiça dos Homens e de Deus.

Ha criminosos, até piores, que fogem, facilmente, da justiça dos homens.

Mascote e Cemonidas serão desses?

Não é crime, embora seja verdade, que ainda se mate, em pleno Rio de Janeiro, por dinheiro ! Que haja, ainda, dentro da civilização da «Pátria do Evangelho» quem empregue tais processos de conquistar a mulher dos outros !

E são esses infelizes que, na Espiritualidade, são capazes de, espíritos imundos, acorrerem aos terreiros da quimbanda e aí receberem prebendas dolorosas, à fôrça de despachos e *cangerés*.

Dolorosissimo, não há dúvida, para uma civilização que se diz cristã, para um país que «nasceu nos braços da Igreja e nos braços da Igreja tem progredido» como dissera, uma feita, d. Leme !

Lobos entre Ovelhas

Luiz Costa, mecânico, residente em Olaria, andou metido entre espíritas, dizendo-se espírita. Enganou muita gente, o infeliz ! E muitas instituições espíritas. Entre as instituições espíritas, o Lar de Jesus. Uma falcatrua tão bem armada e benfeita, que três juizes e três advogados andaram julgando o crime, a falcatrua, de quinze mil cruzeiros, que embolsou daquela instituição de Nova-Iguassú, sem poder chamar o criminoso à responsabilidade. Pobre justiça a que não encontra meios de chamar à responsabilidade um trapaceiro, um criminoso réles e miserável !

Tantas fez, o infeliz Luiz Costa, mecânico, residente em Olaria, onde é muito conhecido, que acabou conquistando outra infeliz, como êle, uma mulher casada. Assassinou-a. Preso, acaba de pegar 15 anos de cadeia, sem apelação.

Êste, o castigo da justiça terrena, que Deus permita sirva para regenerá-lo.

E aquí fica um aviso para as instituições de caridade, seja qual fôr o credo que as tenha inspirado, afim de observarem maior vigilância contra os Luizes Costa de toda parte.

E advertência e consolação maior : ninguém faça o mal na suposição de que, cêdo ou tarde, não lhe suceda a punição devida.

Mudança de Raças

Walter White é um negro americano, secretário da Associação Americana pelo progresso dos homens de côr, essa coisa a que se opõe a grande nação americana, cuja oposição marca o seu maior crime contra a doutrina do Cristo, perpetrado na pátria do protestantismo moderno.

W. White acaba de descobrir o processo dos negros ficarem brancos, é a grande novidade que anuncia na revista *Look*.

Com um produto químico, que a notícia não diz de que inventor — o menobozyl — a côr da pele, o cabelo, as características mais feias da raça se modificam, igualando o negro ao branco. E' uma operação que terá de ser renovada todos os anos, até o preto retinto ser transformado no branco americano.

Maravilha da ciência?

Flamarion diz que a palavra *impossível* deve ser riscada dos dicionários.

Mas, será infelicidade ou crime ser negro?

No Brasil não existe, felizmente, preconceito de raças, graças a Deus. Por isso, não cremos que nenhum preto brasileiro use menobenzyl de W. White.

E ficamos, além do mais, na convicção de que para o preto ficar branco e pertencer à raça de epiderme clara ou morena, deve procurar viver sua vida de preto, honestamente, resignadamente, preparando-se, assim, para que seu desejo se realize na próxima existência...

Sublime Fonte de Inspiração

POR ocasião da jornada de luz e de espiritualidade pura que foi o 2.º Congresso Espírita Pan-Americano que, infelizmente, não teve o condão de agradar a todos, e cuja mágua não escondem, descontentes, os congressistas tiveram oportunidade de discutir, embora, ás vezes, com algum calôr, a questão do tríplice aspéto da Doutrina Espírita, como Ciência, Filosofia e Religião, ou moral-religioso. E como o aspéto social-religioso, é o aspécto pelo qual o Espiritismo é mais aceite e praticado por nós brasileiros, era lícito e justo que êle constituisse motivo de tése e fosse submetido á plenário.

E assim fizeram muitos congressistas. Porque todo o padrão de glória do Espiritismo pátrio, reside justamente nessa circunstância. E foi precisamente esta faceta que despertou a admiração dos congressistas que nos visitaram em Outubro de 49. Foram êles unânimes em constatar a exuberância e expansão do movimento espiritista brasileiro, através da observação direta, daquilo que lhes fôra dado conhecer em obras de assistência social, enquanto em seus países, essa faceta do Espiritismo era quasi desconhecida.

Apesar disso, para que os trabalhos do Congresso pudessem chegar a bom têrmo fôra mister deixar de lado a discussão do assunto, vindo-se, por fim a saber, através da palavra esclarecida do culto representante de Cuba, México, Porto Rico e Estados Unidos, ilustre confrade Dr. Miguel Santiesteban, que o Espiritismo que êsses países praticam obedece a mesma classificação, um pouco alterada — Ciência, Filosofia e Moral. Questão apenas de terminologia e do sentido literal que davam ao vocábulo Religião.

O certo é que o Espiritismo praticado no Brasil é *sui-generis* no Mundo, e esta particularidade não escapou aos nossos ilustres visitantes, na sua breve estada entre nós. Um dêles, o irmão Manio Rinaldini, escreveu nas suas *Impressões de viagem:* — «Caracteriza o conjunto dos espíritistas do Brasil, o profundo apêgo ao critério evangélico, *tendo como fonte de inspiração*, a obra de A. Kardec — «O Evangelho Segundo o Espiritismo». A modalidade basicamente religiosa do povo brasileiro, têm predisposto aos dirigentes deste movimento a difundir as noções claras e luminosas de Jesus, contidas e comentadas nessa obra em colaboração com os ensinos do mundo espiritual». («LA IDEA» N.º de Dez. 49) E' nosso o grifo.

E foi precisamente *essa fonte de inspiração*, que os congressistas, num feliz momento de iluminação, tiveram de deixar à margem das discussões para que não viesse a ser subestimada, sabendo de antemão que não praticavam uma heresia, muito menos uma ofensa á memória de A. Kardec, como soezmente pessôas mal intencionadas procuraram fazer crêr.

Agora, vejamos com quem está a razão. Peçamos ao bom senso de Erasto, que nos auxilie nesse esfôrço: — «Crêde que, se nem sempre — diz êle — os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínsico de ambos, verificando qual dos dois encontra mais écos e simpatias. *Fôra, com efeito, ilógico, admitir-se que uma doutrina cujo número* *de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que a outra que veja o dcs seus em contínuo aumento».*

Apliquemos as palavras de Erasto, que foram escritas há cem anos, e teremos o mesmo critério: — Se o Espiritismo praticado no Brasil é aquele que apresenta a maior exuberância e «se caracteriza pela sua modalidade basicamente religiosa», porque razão iriamos abandoná-la por outra, meramente especulativa ou meramente filosófica?

Esta circunstância de modo algum nos envaidece, pelo contrário, é do nosso desejo que todos aquêles que nos visitarem, levem para as suas terras, tudo o que de bom observarem em matéria de Espiritismo, para um dia, em toda a América, e quiçá, no mundo inteiro, possa ser realmente, uma fôrça organizada no sentido do Bem, que não apenas um pálido reflexo daquelas pessoas que, aquí e acolá, o impulsiona. Que a todos seja dada a oportunidade de serviço para a conquista do apostolado, e não apenas a alguns privilegiados...

Se outro mérito não teve o 2.º C. E. P. A. para muitos, prestou todavia ao Espiritismo brasileiro um grande serviço — representou o fiel pelo qual, nos foi dado saber ou medir a pressão barométrica do movimento espiritista de outros países.

Em 1952, teremos um novo CEPA e o Brasil, lá estará, com os mesmos propósitos, para levar aos nossos irmãos espiritistas dos demais países americanos, toda a pujança do seu Movimento, através dos elementos que forem escalados para constituir a nossa Delegação áquele *certamen.*

Segundo nos foi dado saber, através da entrevista concedida a um jornal de Cuba, pelo Dr. Miguel Santiesteban, este distinto confrade, acaba de fazer um veemente apêlo aos espiritistas dos paizes centro-americanos para que se organizem em unidades federativas, afim de facilitar os trabalhos do 3.º CEPA. Ele sabe, perfeitamente. o que isso representa para a unidade espiritual da America. E marchando juntos, em cada CEPA, com os mesmos propósitos de confraternização e unificação, e padronização, teremos, por certo, em menos de dez anos, o ambiente espiritista mundial grandemente melhorado.

Nova Iguassú, Fevereiro/1950.

J. B. CHAGAS.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

IV

No começo da sessão de 12 de Outubro de 1949, acendeu-se a luz vermelha e nos apareceu o vulto esbelto de Ismael, conversando e percorrendo o semicírculo de asssistentes. Quando se deteve em minha frente, perguntei-lhe, porque não traz fócos de luz como Atanásio. Em resposta, tomou-me a mão esquerda, amparou-a com uma das suas e roçou lenta e fortemente a palma da mão que tinha livre na palma da minha, dizendo: «Com licença!» Depois mostrou-me a palma de sua mão fosforescente, produzindo uma bela luz difusa, de um lindo azul, e exclamou: «Quanta luz você tem nas mãos!»

Respondi: «Você está nos mistificando; de minhas mãos não sái luz alguma, porque eu sou um simples pecador».

— Você é inocente como um cordeiro. Vocês aquí estão todos sem pecado, respondeu êle e se afastou, mostrando aos outros sua palma da mão irradiando luz azul.

Depois apareceram dois árabes ou orientais que nos pareciam árabes. Traziam à cabeça uma fêz branca com uma cruz luminosa e ao peito um grande crucifixo igualmente luminoso. Vestiam túnicas com largas abas brancas. Prendendo nas pontas dos dedos as abas ou véu que traziam, estenderam largamente os braços horizontalmente para nos mostrarem a largura imensa dessa peça de vestuário. Curvaram a cabeça até à terra diante de mim, numa saudação; supús ser «*Salam Alek!*», embora não pronunciassem palavra, e respondi: «*Mahá Salam!*», ao que eles fizeram nova saudação muda e puseram-se em oração no centro da sala, com a fronte e o tronco curvados para o solo.

Ismael nos explicou, a respeito de uma dessas figuras orientais, que teria sido um profeta e filósofo muito respeitável, mas não lhe sabia pronunciar o nome, por isso poderiamos chamá-lo de Raimundo, apenas.

Depois nos apareceu uma entidade angélica. Uma jovem de uns 17 anos, de cujo vestido branco partia uma luz azul, difusa, suficientemente intensa para lhe percebermos toda a beleza. Vestida de noiva, com véu e vestido de longa cauda, trazia ao braço um ramalhete de flôres. Apoiou-me a mão sôbre a cabeça por um momento numa prece ou benção silenciosa e repetiu êsse rito com todos os assistentes. Era Albertina, muito conhecida de outros assistentes. As Sras. presentes exclamavam embevecidas: «Nunca se viu noiva tão bela! E' um anjo descido dos céus!»

Um dos assistentes era um oficial reformado, cego, acompanhado da esposa que exclamava com entusiasmo: «Que pena você não ver, Jaime! E' divina!»

A entidade se aproximou do cego, acariciou-lhe o rosto, deu-lhe passes sôbre os olhos, e de suas mãos saíam centelhas de luz azul que tocavam os olhos do cego. Finalmente tomou-lhe as mãos e fê-lo apalpar-lhe o cólo, os cabelos, numa atitude de filha carinhosa, ao que êle exclamou emocionado: «Albertina, Deus te abençõe!»

Foi longa a sessão e esgotou muito o médium, por isso, já no momento de encerrar, Ismael Souto recomendou à mãe do médium: «Miquita, faça o Nelson tomar um caldo quente logo que desperte e ficar em repouso amanhã; porque êle vai acordar com dôr no estômago».

A Sra., compadecida, interroga: «É uma dôr forte, Ismael?!» Ao que êle responde em tom de zombaria: «Sei lá!»

Realmente o médium se achava abatido, ao fim da sessão, como se houvesse sofrido longa enfermidade.

Na sessão de 4 de Novembro de 1949, Atanásio com a mesma rica indumentária do costume, não traz no peito o fóco de luz, mas na mão um aparelho que relampeja luz vermelha. Ismael Souto aparece de calças escuras e paletó branco, e não de roupa toda branca como nas sessões precedentes. Uma assistente faz-lhe essa observação, ao que êle exclama surprêso: «Não me lembrei disso! O Nelson também está de calças escuras; vocês vão pensar que eu sou êle! Esperem um momento que vou mudar de roupa; e as Sras. não tenham curiosidade de olhar para dentro da cabine». Entra na cabine e pouco depois reaparece, todo vestido de branco. Foi longa a sessão, mas os fenômenos não diferem muito de outros já relatados.

Para a sessão de 18 de Novembro o médium chega muito atrasado e cansadissimo do trabalho, por isso diz: «Em homenagem ao nosso Presidente que já se restabeleceu de sua enfermidade e compareceu hoje, peço que me deixem sem algemas, ainda que por isso não haja fenômeno algum».

Não haverá mesmo, comentam alguns assistentes. Fazemos a prova. O médium ficou inteiramente livre e houve mesmo assim alguns fenômenos e dentre eles um que êle não poderia produzir, apesar de sua liberdade: a entidade José de Castro nos apareceu flutuando no espaço, com os pés descalços a um metro do solo, afastados um do outro uns 60 centimetros, vestido de túnica branca, bem visível por uns relâmpagos que lhe saem das costas e do peito. E' um fantasma autêntico. Ainda outros fenômenos ocorrem nessa sessão, mas não os vamos relatar, porque a crítica poderá atribuí-los ao médium que se achava inteiramente livre, na cabine.

A sessão de 6 de Janeiro de 1950 é quase toda tomada por uma interessante palestra doutrinária, por Manuel, um Espìrito amigo da família do médium, desincarnado em 1918.

Na sessão de 30 de Dezembro de 1949, Ismael Souto passeia pela sala à luz vermelha, palestrando, como de costume com sua voz sibilante. Ao aproximar-se de D. Maria Cavalcanti que tem nas mãos um bloco de papel e um lápis, porque está tomando notas para as atas, diz-lhes a entidade: «Maria, o que está fazendo aí?»

— Estou tomando apontamentos; responde ela.

— Deixe-me ver. Toma o bloco e o lápis e os examina atentamente.

— Escreva seu nome e alguma coisa para nós, Ismael. Pede ela.

— Vou tentar, Maria, mas a minha materialização está muito fraca; o Nelson anda muito esgotado. Passa duas folhas do bloco e escreve de pé, à vista de todos nós, no verso de uma página: «Ismael, meu coração para vocês».

A escrita está perfeitamente visível, com letra delicada e leve. Desculpa-se de não haver podido escrever melhor e promete em outra sessão escrever alguma coisa.

O cunho de todas as sessões com o Sr. Nelson Rocha é de muita caridade. Há sempre preleções de muito alcance doutrinário, como já dissemos. Por amor à brevidade, não temos tratado da vida das personagens que se manifestam. Vamos apenas lembrar que a jovem Albertina, filha de mãe extremamente pobre, foi mártir do cancer. Com muitos focos cancerosos, teve uma perna amputada inutilmente. Suportava com resignação de santa suas terríveis dôres. Só quando já muito grave o seu estado veiu a ser descoberta sua situação pela família do Sr. Nelson Rocha que procurou todos os meios de suavizar-lhe as dôres nos últimos dias de vida, dando-lhe tôda a assistência médica e confôrto. Daí a grande amizade que êsse Espírito dedica á família.

Atanásio igualmente era íntimo da família, vivia como irmão do médium e lhe devota grande amizade, protegendo-o sempre como Espírito.

Albertina, ricamente iluminada, passeava pela sala com o seu lindo ramalhete de flôres apoiado ao braço. Quando começou a dar passes nos olhos do oficial cego, com ambas as mãos, notei que o *bouquet* da noiva havia desaparecido, misteriosamente.

Noutra sessão, Atanásio tirou, não vimos de onde, uma rica mantilha de seda branca bordada, colocou-a sôbre a cabeça de uma Sra., afastou-se alguns passos e projetou sôbre a assistente uma luz intensa que partia de sua mão direita. Assim se conservou alguns momentos para que todos pudéssemos ver bem o lindo efeito do véu ou mantilha. Depois retirou a mantilha, colocou sôbre a cabeça de outra dama, e novamente projetou intensa luz sôbre ela para que todos pudéssemos admirar a beleza do quadro. Repetiu ainda com uma terceira assistente. Finalmente desapareceu misteriosamente a bela peça de seda branca.

Numa sessão a que não assisti, uma entidade materializada cortou fragmentos de seu véu e deu como lembrança aos assistentes. Todos êles conservam com muito carinho essa lembrança e pude examiná-la. E' um filó finíssimo, de matéria desconhecida para mim. Parece amianto. Nem sempre, portanto, desmaterializam tudo que materializaram. Já em sessões realizadas na Europa, lemos a narração de facto semelhante: uma entidade feminina materializada deu madeixas de cabelos e pedaços de seu vestido aos assistentes e êsses objetos continuaram existindo depois de desmaterializado o Espírito. Nunca tive ocasião de presenciar a êsse fenômeno de materialização permanente. Suponho que seja muito raro. Sua significação teórica é imensa e merece atento registo das pessoas que tenham assistido a tal experimento.

Noutro artigo começaremos a examinar os fenômenos obtidos com o médium João Cosme.

Os grandes antigos, quando queriam revelar e propagar as mais altas virtudes, punham seus estados em ordem. Antes de porem seus estados em ordem punham em ordem suas famílias. Antes de porem em ordem suas famílias, punham em ordem a si próprios. Antes de porem em ordem a si próprios, aperfeiçoavam suas almas. Antes de aperfeiçoarem suas almas, procuravam ser sinceros em seus pensamentos e ampliavam no máximo os seus conhecimentos. Essa ampliação dos conhecimentos decorre da investigação das coisas, ou de vê-las como elas são. Quando as coisas são assim investigadas, o conhecimento se torna completo. Quando os pensamentos são sinceros, a alma se torna perfeita. Quando a alma se torna perfeita, o homem está em ordem. Quando o homem está em ordem, sua família também fica em ordem. Quando sua família está em ordem, o estado que êle dirige também póde cair na ordem. E quando os estados caem em ordem o mundo inteiro goza de paz e felicidade.

Kung-fu-tse. (Confucio).

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd. — Estamos vos falando, mas não nos vemos. Sois invisível a nós. Quem está aquí vê que êste corpo é de minha esposa.

Sr. I. — Seguistes o Dr. Wickland esta manhã aquí?

Esp. — Êle pôs aquela coisa horrível em cima de mim. (Eletricidade). Depois disse: «Agora vinde comigo!» (Para o Dr. W.): Por que fizestes aquilo e me forçastes a saír? E aquela moça índia! (Estrela de Prata, um dos guias da Sra. Wickland, que se havia incorporado nela aquela manhã, contando histórias alegres para distrair a atenção do espírito). Ela me fez rir até eu me sentir tão fraca que, antes que o notasse, já estava afastada daquela senhora. Estou tão contrariada que, se apanhasse a tal índia, eu lhe torceria o pescoço.

Méd. — Não me dissestes que sois cristã?

Esp. — Sim, sou. Que Deus me perdôe por dizer isto? Deixai-me rezar. Cometi uma falta.

Sr. I. — Dizieis que o médico vos trouxe aquí.

Esp. — Êle não trouxe aquí nêste corpo.

Sr. I. – O corpo esteve aquí o dia inteiro; viestes com o médico e sua esposa, esta manhã, em seu automóvel.

Esp. — A que chamais automóvel?

Méd. — Não sabeis o que é automóvel?

Esp. — Que é?

Méd. — E' um carro que corre por si mesmo. Há milhões deles em uso no momento. Evidentemente perdestes vosso corpo há muitos anos.

Esp. — Estais certo disto? Quando o perdi?

Méd. — Não sei. Não vos conheci em vida.

Esp. — Já vos disse que me chamo Lizzie Davidson. Oremos!

Méd. – Penso que tendes duas caras.

Esp. — Também ás vezes penso que sim. A's vezes eu tenho cabelo escuro, outras claro. (A paciente tem cabelo escuro).

Méd. — Como podeis explicar isto?

Esp. — Não sei, nem quero saber. Amo apenas a Jesus.

Méd. — Donde viestes? Sabeis onde estais? Estamos em Los Angeles, na California.

Esp. — Eu nunca, nunca estive alí. Não tinha dinheiro para a passagem.

Méd. — Então aonde vivieis?

Esp. — Em New York.

Sr. I.—Era na Rua Twenty-seventh?

Esp. — Não era não.

Méd. — Deve ter sido há muito tempo, porque nunca vistes os automóveis que correm sem cavalos.

Esp.—E' o diabo que faz corrê-los?

Méd. — Não, combustão interna.

Esp.—Bah, bah! Combustão interna!

Méd. — Em que ano pensais que estamos? Acho que é 1923.

Esp. — Estais muito adiantado. E' 1883.

Méd. — E o Presidente quem é?

Esp. — Então não sabeis?

Sr. G.—Sim, nós sabemos, mas queremos ver se sabeis.

Méd. — Penso que era Harding.

Esp. — Esperai um pouco, preciso pensar. Era Arthur, Garfield foi assassinado em 1881, em Julho.

Méd. — E' a última coisa de que vos lembrais? Podeis lembrar-vos de algum Presidente depois dêle?

Esp. — Não, só Arthur. Êle se tornou Presidente depois que Garfield foi morto.

Méd. — Tivemos muitos presidentes depois dêle: Cleveland, Harrison, Taft e muitos outros.

Esp. — Eu tinha um cunhado que se chamava Cleveland.

Méd. — E era o Presidente?

Esp. — Que o que! Êle não sabia grande coisa. Que espécie de gente sois vós?

Méd. — Somos todos pesquisadores. Sabeis o que acontece com os mortos?

Esp. — Eles vão para o céu e vêm o Cristo e o Espírito Santo com o Pai sentado no trôno, e o povo sentado a seus pés. Amo a Jesus! Nunca amei a ninguém tanto quanto a Jesus!

Méd. — Dissestes que era 1883, isto é, quarenta anos passados. Estamos agora em 1923. Porque não estais no céu desde que morrestes há tanto tempo?

Esp. — Eu não estou morto.

Méd. — Morrestes apenas para o mundo terreno, isto é, perdestes o vosso corpo físico há quarenta anos.

Esp. — Como o sabeis?

Méd. — Por vossas próprias palavras. Estamos ouvindo uma pessoa a que se chama «morta». Estais falando por intermédio do corpo de minha esposa.

Esp. — (Vendo um espírito). Que é isto alí?

Méd. — Perguntai-lhe quem é.

Esp. — E' Cleveland, o meu cunhado. Diacho! Que quereis?

Sr. G. — Olá, Cleveland! Como vai você?

Esp. — (Com raiva, para o Sr. G.) Ficai quieto! Não conheceis êle.

Sr. G. — Que negócio tinha êle?

Esp. — Era sapateiro.

Sr. G. — Com certeza foi uma bôa pessoa.

Esp. — Êle não era bom para a minha irmã. Não gosto de você, Cleveland. Você sempre fazia barulho.

Méd. — Prestai atenção no que diz êle.

Esp. — (Para o espírito de Cleveland). Você, peste, você!

Méd. — Que bela maneira de uma cristã falar!

Esp. — Que Deus me perdôe, me perdôe!

Méd. — Sede sensata e perdoai a Cleveland.

Esp. — Nunca lhe perdoarei, nunca! Êle foi-se embora e levou minha irmã consigo. (Para o espírito). Você, peste. Você levou minha irmã e partiu meu coração com isto. Nem agora, nem no outro mundo eu lhe perdoarei, não, nunca. Sái daquí!

Méd. — Isto é caridade cristã? E' isto o que o Cristo ensinou?

Esp. — A gente muitas vezes se esquece dêle.

Méd. — Deveis perdoá-lo e pedir-lhe que vos perdôe também.

Esp. — Pedirei perdão ao Cristo, mas a Cleveland, nunca.

Méd. — Jesus disse: «Perdoai e sereis perdoados».

(Continua).

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

DEUS PARA AS CRIATURAS — *psicografado por D. Helena Moreira Valente. Recife, Pernambuco*

Os médiuns são os porta-vozes das graças de Deus para as criaturas.

Mormente, se são médiuns de manifestações inteligentes, que é o caso dêsse admirável e modesto Francisco Candido Xavier, cuja produção mediúnica vale, para nós, por todos êsses fenômenos de materializações, que se registram por aí, multiplicadas por cem. Cujas produções valeriam por todos êsses fenômenos assim multiplicados, ainda que tais fenômenos envaidecessem menos, enchessem de menos convencimento e pretenções os que são dêles instrumentos, os que se agrupam para provocá-los...

Deus para as Criaturas, já em 2.º volume, 1.ª edição, que encontráramos na Secretaria da F.E.B., com honroso oferecimento da ilustre médium que recebeu as comunicações atribuidas ao espírito de João Evangelista «dedicadas aos que sofrem e aos que têm sêde e fome de Sabedoria Celestial».

Do primeiro volume, que conhecemos ainda na sua confecção, quando passamos em 1942, por Recife, dissemos algo em nosso *Ide e Pregai*.

Pois, o que dissemos daquele volume, dizemos do que acabamos de manusear, que traz longo prefácio de Djalma de Faria, recem-desencarnado e expressiva apresentação do espírito que o ditou.

O livro saiu das Oficinas do *Diário da Manhã*, de Recife e com suas 494 páginas compactas, 38 capítulos, ou Mensagens, destina-se, humanitariamente, á Construção do Hospital João Evangelista, de Recife.

—

REENCONTRO NO CÉU — *Osvaldo Polidoro — S. Paulo.*

Somos atraídos para os simples e os humildes, talvez para aprender com êles a simplicidade e a humildade, que ainda nos faltam.

Se os humildes e simples são, ademais,cultos e diligentes, nossa inclinação aumenta ou requinta-se.

Foi uma impressão assim que Osvaldo Polidoro nos transmitiu, assim o conhecemos no lar desse varão de Plutarco que é José Cerqueira, em S. Paulo.

Apalpamos, então, aí, em conversa, a cultura e, mais do que sua cultura, que chamaríamos de instintiva e intuitiva o poder de logicar e filosofar de Osvaldo Polidoro.

Seus dois opúsculos — *Um Ateu Além do Túmulo* e *Reencontro no Céu,* — vêm atestar, eloquentemente, o conceito que firmamos de Osvaldo Polidoro.

São dois volumes modestos, como seu autor. E, graficamente, de apresentação menos sugestiva. Se se tratasse de obras de melhor apresentação gráfica, que aparecessem depois de retumbantes preconicios, seriam livros que aí estariam a impressionar todos os leitores.

«Reencontro no Céu» trouxe-nos, ainda, uma dedicatória, que nos falou profundamente á sensibilidade, que é a seguinte:

> «Eu não quis, prezado confrade, apresentar meus sentimentos, pela partida de Dona Marilia, por carta, Queria fazê-lo pelo envio dêste livrinho, para que o título, sugestivo que é ou julgo ser, constitua minha apresentação de sentimentos. vindo a constituir, tambem, os meus votos de paz e felicidade, sob a égide do Divino Mestre.»

—

SEM BATISMO EXISTEM CRISTÃOS? *de Noraldino de Mello Castro.*

Palavras de Leopoldo Machado

O livro nasceu desta história:

São dois irmãos que se querem muito: um sacerdote e o outro espírita. Ambos fiéis as suas convicções religiosas. Ambos agarrados, por conhecimentos e atos, ao Evangelho.

—

O Espirita, casado, ganhou uma filhinha. Ganhou um espírito, que Deus lhe deu, confiadamente, pois os filhos são legados divinos, por isso mesmo confiados àqueles que inspiram mais confiança à Divindade.

Eis a razão por que não fomos pai.

O espírita não quer batisar a filha, fiel aos seus princípios religiosos, por bem conhecer, espiritisticamente, o que significa o batismo.

Perfeitamente justo e sensato.

O Sacerdote, fidelíssimo também ás suas convicções católicas, penaliza-se, como bom parente e bom cristão, por ver a alma da sobrinha candidata ao inferno, ciente de que «aquele que não for batisado será condenado». E desejoso de ser compadre do irmão e padrinho da menina, leva-a a batisá-la em sua igreja, à revelia do pai.

Quem poderá julgá-lo errado por isso?

Perfeitamente sensato e justo, em face de suas convicções religiosas.

Celebra, ainda, missa em intenção do compadre à fôrça, visionando, naturalmente arrancar o irmão do êrro, da heresía, reconduzindo-o à Igreja.

Numa carta, cristã e sincera, diz tudo ao irmão, como régio presente de aniversário.

—

Claro que o Espírita não gostou.

E sobraram-lhe razões para tanto.

Impugna-lhe então o ato do Sacerdote, analisando-lhe a carta e o batismo à luz do Evangelho. Em nome dêsse mesmo Evangelho que o irmão invocara para batisar, a fôrça, a sobrinha.

Vai assim travar-se uma polêmica original.

Mais original que a de Bezerra de Menezes, com o irmão, que não era Padre. E tão rica de ensinamentos evangélicos e de análises substanciosas como a daquele grande Espírita Brasileiro.

Pelo lapis mágico do maior médium do Mundo, que é êste modesto seareiro do Senhor, de Pedro Leopoldo, a mãe de ambos, reconhecendo que ambos são cristãos de verdade, envia ao Espírita uma comunicação que é um gozo espiritual lê-la e meditar os seus conceitos.

—

Além dêsses factos inéditos na história do Espiritismo no Brasil, trata-se de um livro leve, substancioso, necessaríssimo, de vez que a falta de conhecimentos e de convicção vai levando muita gente, que se diz Espírita, a práticas absurdas, inconscientemente, de errônias católicas.

Como estudo e análise do batismo — «SEM O BATISMO EXISTEM CRISTÃOS ? — é livro que estava faltando à bibliografia espirítica.

Parabens, pois, ao autor, aliás um grande amigo, cuja inteligência e coração acostumamos a admirar, sem interrupção, dêsde 1936.

É parabens maiores ao leitor, que irá bendizer o custo e o tempo gastos na aquisição e leitura do livro.

—

Nota — O livro «*Sem o Batismo existem Cristãos ?*» será editado pela Gráfica Mundo Espírita, com a apreciação acima á guisa de prefácio. Sairá brevemente.

Fantasmas e Casas Assombradas

Da «Revista de Metapsicologia» — Lisbôa, Portugal — Coronel Faure da Rosa

De vez em quando, jornais e revistas nacionais e estrangeiros referem vários fenômenos de casas assombradas por espíritos alvorotadores.

Selecções de Fevereiro de 1946 refere um dos casos mais perturbantes relatado por «uma pessoa de indubitável idoneidade, que ocupa um cargo de importância em uma das maiores universidades dos Estados Unidos.»

Recentemente, «Diário de Notícias» de 19 de Janeiro, dá desenvolvida notícia de um caso aparecido numa casa do Entroncamento, notícia também publicada no «Jornal de Notícias» do Porto, de 25 do mesmo mês.

Como é habitual em fenômenos desta categoria, ouvem-se ruídos, gemidos lúgubres, passos, estrondos, choque de objectos, abertura de portas e janelas... enfim, toda a espécie de motins. O caso, portanto, nada teria de notável se os noticiaristas de ambas as gazetas não nos dissessem que um lençól tinha desaparecido lentamente por uma estreita fenda no soalho, onde mal cabia uma moeda! E, segundo contam, houve até quem visse ainda uma ponta do lençól a fugir pela tal nesga! Isto parece mais sortilégio que fenômeno metafísico ou espírita.

Noto que, ultimamente, certos noticiaristas de jornais portugueses procuram confundir os fenômenos supranormais com as mirabolantes manigâncias do ilusionismo e até da bruxaria. Eles lá sabem o fim que têm em vista, se é que não são pregadores de sermão encomendado, sem medirem o alcance dos propósitos daqueles que tenham feito a encomenda.

Os fenômenos das «casas assombradas» são de capital importância para a demonstração da sobrevivência da personalidade humana. Também assim o entende o escritor Kerousseaux. (1) Diz êste confrade que as «casas assombradas» provam materialmente a existência da alma e a sua sobrevivência.

O *«Daily Mail»* — jornal inglês de grande tiragem — de 2 de Dezembro de 1936, publicou um artigo acerca de «casas assombradas» *sem lhe acrescentar nenhum comentário desairoso para o Espiritismo.*

Intervenção de um experimentador

O Dr. Nandor Fodor foi incumbido, oficialmente, pelo *The International Institute for Psychical Research* de estudar a questão das «casas assombradas».

Escreve o doutor: «Existem em Inglaterra centenas de «casas assombradas» por fantasmas, visíveis ou invisíveis, cuja presença, ás vezes, torna a vida impossível».

Compra-se ou aluga-se uma casa — em Inglaterra—que parece convir sob todos os aspectos e o comprador ou alugador instala-se nela ignorando que a casa é assombrada.

Pouco tempo depois, ouvem-se ruídos insólitos, cuja proveniência não se consegue determinar, tais como: pancadas nas paredes e nos tectos; roçaduras e passos de pessoas que andam; campaínhas tocando por si; portas que se abrem e fecham sem que se saiba por quem; arras-

---

(1) Revue Spirite, 1937, pag. 97.

tamento de cadeiras, por vezes; mais raramente aparecimento de fantasmas só visíveis para certas pessoas que desempenham determinadas missões, sempre as mesmas, e que, depois, sem falarem e parecendo não verem as pessoas presentes, desaparecem sem deixar rasto da sua passagem.

Aqueles que não acreditam em fantasmas e menos ainda em «casas assombradas», afastam-se dos que crêem. Os incrédulos consideram os crentes como alucinados e comprazem-se em os meter a ridículo.

Só existe um meio para formar uma opinião segura; assegurarem-se, pela observação, de que as manifestações produzidas não são obra de farsantes vulgares ou de pessoas interessadas, e que têm por origem a presença de uma alma desencarnada sob a influência de um sofrimento moral *(a tormented soul)*, a que nós costumamos chamar «alma penada». Em seguida, procurarem descobrir a causa do sofrimento e, depois, dissipá-lo. Essa alma sofredora, então, retirar-se-á e as manifestações deixarão de se produzir.

Maneira de agir

Para se conseguir este resultado é preciso dispor de um bom médium de transe que, com o investigador, devem entrar na casa assombrada. Depois do médium cair em transe, pedir o auxílio dos guias tutelares que se incumbirão de descobrir o fantasma, a causa do seu sofrimento e o hão-de compelir a encorporar no médium.

O experimentador interroga, então, a entidade encorporada, fazendo todas as diligências para que ela compreenda que a sua presença é prejudicial na casa que deixou de ser sua, por êle já não pertencer a este mundo.

Se a entidade não acreditar, põe-se-lhe um espelho diante da cara do médium e pede-se-lhe que veja a imagem refletida. O choque que deverá sentir ao ver-se num corpo estranho tirar-lhe-á a ilusão.

Explique-se-lhe que êle é vítima de um êrro de imaginação; que deve renunciar a qualquer idéia de vingança (se fôr essa a obsessão, o que é o caso mais frequente); que peça, suplique que, de futuro, o guiem no mundo espiritual de que faz parte. Se o obsidiado for incapaz de fazer o pedido sózinho, o experimentador deve orar juntamente com êle.

As respostas do obsidiado hão-de revelar a emoção crescente da alma sofredora, que, libertada da obsessão, se desprenderá, pouco a pouco, do corpo do médium.

Em apôio da sua tese, o Dr. Nandor Fodor cita os dois casos notáveis de que vou dar resumo.

Primeiro caso

Passou-se no velho solar do Condado de Surrey.

O fantasma andava pela casa toda; era barulhento e de visibilidade tão real a primeira vez que apareceu, que os proprietários da casa — mulher e marido — o tomaram pelo vagabundo que pouco antes lhes entrara em casa. Apostrofaram-no, e, como êle não respondesse, bateram-lhe; mas a emoção do marido foi tão intensa que perdeu os sentidos e caiu no chão. A mulher, para não cair, também, teve que agarrar-se à ombreira da porta, em frente da qual se conservava o fantasma; aterrorizada, deitou a fugir.

Com estas informações, o Dr. Nandor Fodor, acompanhado por um bom médium *(a famouse transe médium)*, foi habitar o solar durante três noites, à espera da aparição do fantasma.

O rosto do médium, no estado de transe cataléptico, sofreu uma transformação terrível, as faces cavaram-se; o queixo distendeu-se; o rosto contorceu-se, tornou-se hediondo. O médium tomara o aspecto de um homem cujos tormentos lhe tivessem apagado a razão. O experimentador fez sinal aos dois proprietários para se aproximarem. Um deles — o homem — profundamente emocionado, declarou que o rosto do médium era tal qual o do fantasma, e a mulher, ao vê-lo, esteve prestes a desmaiar.

Depois de muito interrogada, a entidade encorporada articulou umas palavras ininteligíveis, após o que caiu de joelhos e pediu perdão. Agarrou a mão do Dr. Nandor e apertou-a com tanta violência que o doutor a teve inchada durante dois dias e a dor persistiu nas duas semanas seguintes.

Usando uma linguagem estranha, difícil de seguir o espírito comunicante contou a sua história pouco a pouco: havia sido traído por Buckingham — portanto cerca de 400 anos atrás; tinha sido preso, torturado e morto. Desde então, nunca mais pensara senão em se vingar de Buckingham. Não podia acreditar que tivesse morrido.

Por muito tempo, o Dr. Nandor discutiu com êle. Por fim, por amor de sua mulher e do filho, o doutor conseguiu que êle renunciasse à sua premeditada vingança.

A veracidade da história não está averiguada, mas o certo é que *os proprietários da casa, desde a intervenção do Dr. Nandor, puderam viver tranquilos sem jamais terem sido incomodados por qualquer alma do outro mundo.*

Segundo caso

Um S O S de uma antiga casa de campo, certo dia, pediu o auxílio do Dr. Nandor.

Tratava-se de umas velhas campainhas que só era possível fazer tocar quando se puxassem com bastante força os grossos fios metálicos a que estavam ligadas. Entretanto, tais campainhas, durante cinco dias sucessivos, soaram com intermitências, sem que se pudesse saber quem as fazia vibrar.

Dois dias depois das campainhas terem tocado, duas criadas, sem que uma soubesse da outra, viram uma aparição fantasmática: uma mulher a olhar e a debruçar-se sôbre um antigo berço de criança.

Depois de ter ouvido estas explicações e de verificar que, a casa era habitada por pessoas inteligentes, sãs de espírito e equilibradas, o Dr. Nandor certificou-se de que nada havia de anormal no funcionamento das campainhas.

Interrogou os cinco criados e, tendo-se convencido de que estava, realmente, em presença de um mistério, voltou àquela casa de campo acompanhado por um reputado médium muito conhecido. O doutor esperava ter que enfrentar uma alma do outro mundo, mas grande foi a sua surpresa ao verificar, com o auxílio do médium, que tinha que se haver com três entidades diferentes.

Uma delas, uma mulher, era constantemente atraída para um berço pertencente a um seu filho que lhe fora roubado, caso que fôra levado aos tribunais. Meteram-na em uma prisão donde só saíra morta; mas, sem que desse por isso, desde então, ela andava, constantemente, à procura do filho.

A segunda entidade era uma mulher que devia ter vivido na casa onde envenenara o marido e onde matara, também, o filho.

A terceira entidade era um rapaz aleijado, disforme em consequência de uma paragem do desenvolvimento físico. Era êle quem fazia tocar as campainhas.

A' medida que as entidades encorporadas no médium desvendavam a sua origem, o seu estado mental transformava-se; o véu de obscuridade que as envolvia dissipava-se pouco a pouco.

O rapaz aleijado teve a visão de que o pai e a mãe lhe faziam sinál para se juntar a eles num lindo jardim; uma *nurse* veio ver a mãe que perdera o filho numa intriga de substituição; a envenenadora, depois de uma prece fervorosa, acalmou o desespêro manifestado durante a conversação com o experimentador.

A entidade envenenadora escreveu o seu nome quando o Dr. Nandor deu um lápis e um papél à médium.

De regresso a Londres, o Dr. Nandor entregou êsse papél a uma dama muito conhecida pelas suas faculdades mediúnicas. Sem o ler, levou o papel à testa, e, tendo entrado num estado de abstracção próximo do transe, forneceu numerosas indicações simbólicas acompanhadas de frases entrecortadas, inteiramente desprovidas de senso para ela, mas que tinham aplicação à história contada pelo espírito comunicante sem a menor discrepância.

E o Dr. Nandor Fodor termina por declarar que estes estranhos incidentes o levaram a concluir que estivera em contacto com realidades mais espantosas do que seria de admitir ao poder de «dramatização dos médiuns».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

D. Gracinda Batista

No dia 28 de Setembro último transcorreu o 4.º aniversário do desincarne de D. Gracinda Batista que, juntamente com o seu companheiro de vida terrena, Onofre Batista, fundou, na próspera cidade de Itapira, o Sanatório «Américo Bairral», hoje uma das maiores e mais bem organizadas instituições espíritas, onde milhares de doentes mentais e obsedados encontraram a cura que a medicina dos homens não lhes poude dar.

Compenetrada dos postulados espíritas, que são a revivificação do Cristianismo primitivo em espírito, lançou-se ao trabalho sem olhar para trás, isto é, para as conveniências terrenas, com aquela perseverança caraterística do verdadeiro cristão. Apesar de causticada por pertinaz enfermidade, a morte a surpreendeu no trabalho, tal a têmpera do seu espírito, que nunca se curvou ao peso das provações.

Além de fundar e dirigir o Sanatório até os últimos momentos de vida terrena, tinha sob os seus cuidados uma dezena aproximadamente de órfãos desamparados, cumprindo assim o que se contém na Parábola do Bom Samaritano, que constitúe o programa da vida das creaturas que esperam alcançar o reino dos céus.

Antes de fundar o Sanatório «Américo Bairral», D. Gracinda havia fundado na Vila Izaura, em Itapira, o Azilo Luiz Gonzaga, entregando-o depois a um pugilo de companheiros. Referido Azilo abriga atualmente dezenas de velhinhos desamparados.

A' D. Gracinda, por motivo do 4.º aniversário do seu passamento, as nossas homenagens, com votos de felicidade e crescente progresso espiritual.

Crônica Estrangeira

Espírito que dita a sua última vontade, descurada pelos herdeiros

De *«Estudos Psíquicos»*

A *Região de Leiria*, publica um interessante caso espírita narrado pelo nosso colaborador Faure da Rosa e que vamos transcrever, tão convincente e indubitável é o seu conteúdo, com a particularidade de nêle tomar parte o Arcebispo Tomaz Réggio:

«Ferdinand de Rio e Joseph Borgazzi, italianos, fixaram residência em Paris depois de terem estado em Buenos Aires.

Ferdinand de Rio publicára obras notáveis de ocultismo filosófico e dirigia, ao tempo (1900-1901), a revista de estudos psíquicos e espíritas — *Il Mistero*, que se publicava em Milão.

Um ano depois de estarem instalados em Paris, Borgazzi revelou, de repente, a sua faculdade mediúnica, até então ignorada, e, em alguns meses, atingiu uma rara perfeição de «escrita mecânica», em estado de transe completo.

Na tarde de 2 de Março de 1901 o médium escreveu:

«Em face da minha nova existência, tudo desaparece: rancores, ódios, cóleras da vida. Tudo abandono e limito-me, apenas, a invocar a clemência de Deus para os meus inimigos e para todos aqueles que me amarguraram a existência terrestre.

«Vós sois as únicas pessoas dêsse mundo com quem consegui pôr-me em contacto depois do meu falecimento.

«Penosamente perturbado com o meu novo estado, peço-vos que não me abandoneis, antes me ajudeis no meu desejo de reabilitação.

«É-me permitido comunicar convosco para vos encarregar das diligências precisas para que tenha cumprimento a minha última vontade que eu expressei quando aí vivia e que os meus herdeiros descuraram».

Seguia-se a indicação da sua última vontade de natureza familiar, que, por motivos de delicadeza, Ferdinand de Rio omitiu.

O experimentador — Ferdinand de Rio — perguntou ao espírito comunicante se essa sua vontade constava do testamento.

Que não — respondeu. O caso passara-se com a única pessoa presente no momento do seu trespasse.

A instâncias de Ferdinand de Rio, o espírito comunicante declarou:

«Eu sou Vincent Reggio, Presidente do Tribunal da Relação de Gênova, onde faleci em 27 de Outubro de 1900, ás seis e meia horas da manhã. Residia em Corso Paganini, 16. Meu irmão é Tomás Reggio, Arcebispo de Gênova. Escreva-lhe. Adeus».

Ferdinand de Rio escreveu a seguinte carta ao Arcebispo de Gênova em 3 de Março de 1901:

«Monsenhor Tomás Reggio, Arcebispo de Gênova: — Perdôe-me V. Ex.ª a liberdade que tomo de lhe escrever. Eis o que me leva a fazê-lo:

«Eu cultivo, com seriedade e ponderação, a ciência que se propõe examinar os mistérios da continuação da vida da alma individual em outras existências, depois da morte, ou, para melhor dizer, depois da destruição do corpo terrestre. Nas minhas experiências de penetração do invisível, acontece-me, muitas vezes, receber pedidos de personalidades desconhecidas pará eu transmitir comunicações a pessoas vivas que me são, igualmente, desconhecidas.

«Um desses pedidos de comunicações foi-me feito na tarde de 2 de Março corrente, por uma individualidade que afirmava ser Vincent Reggio, Presidente do Tribunal da Relação, irmão de Tomaz Reggio, Arcebispo de Génova. Disse ter falecido nessa cidade em 27 de Outubro de 1900, Corso Paganini, 16, às seis e meia horas da manhã.

«Acrescentou que V. Ex.ª era a única pessoa presente no momento da sua morte e que lhe expressara, então, uma vontade que se lhe impunha à consciência e de que o seu testamento não tratava. Ora, o defunto queixa-se de que essa sua vontade não foi executada.

«Por prudência e por uma reserva, facilmente compreensível limito-me a fornecer a V. Ex.ª as primeiras indicações do facto. Por agora calo a parte restante da comunicação. Transmiti-la-ei, porém, a V. Ex.ª, se me afirmar que os elementos transcritos são exactos e deseja conhecer o seguimento da mensagem.

«A minha fé não é cega. Desejo passar tudo pelo crivo da verdade; nas minhas pesquisas não me deixo alimentar por ilusões, mas por verdades positivas.

«Ligo a êste facto um interêsse extraordinário se me fôr confirmado por uma personalidade da categoria elevada e especial de V. Ex.ª.

«Quero acrescentar que me comprometo, sob palavra de honra, a jamais revelar a quem quer que seja o objeto da comunicação. Quanto ao fenômeno probatório, só o darei a conhecer se V. Ex.ª me permitir que o faça».

O Arcebispo Tomás Reggio respondeu na volta do correio — 7 de Março de 1901 — em carta registada.

Ferdiand de Rio reproduziu a carta autógrafa, pela fototipia, na sua revista *Il Mistero*, bem como a fotografia do sobrescrito com os selos da época carimbados na estação postal de Génova.

A carta do Arcebispo Reggio rezava assim:

«Senhor: — A sua carta acusoume um sentimento ao mesmo tempo de surprêsa e de curiosidade. Agradeço-lhe, calorosamente, a comunicação que me transmitiu. Os elementos que me indicou são exatos. Terei muito prazer em receber a outra carta que me promete e que deve conter as palavras importantes ditadas pelo meu saudoso irmão. Sendo possível, desejaria saber, também, como evocou o seu espírito, ou como se manifestou sem ser evocado.

«É êste um caso que, como muito bem disse na sua carta, me interessa sobremaneira. Estou-lhe muito reconhecido por me ter escrito e peço-lhe que não deixe de completar o que começou e, portanto, me comunique quaisquer outras informações que possua a tal respeito.

«Agradecendo antecipadamente, etc... — † *Tomás Arcebispo*».

De Rio respondeu à carta do Arcebispo dando-lhe conhecimento da comunicação do defunto. Não recebeu mais carta alguma do Arcebispo, mas, em compensação, teve a seguinte comunicação do falecido Vincent Reggio, a última :

«Meu irmão, reconhecendo a sua falta ou inspirado pelo vosso Espírito protector, remediou o mal feito. Sinto-me feliz com esta intervenção superior; assim, tranquilizado, posso prosseguir no caminho do meu aperfeiçoamento.

«Tive discussões com o meu irmão prelado àcêrca do Espiritismo. Ambos nós admitíamos esta doutrina na sua estrutura, mas nunca quisémos estudá-la a fundo. Se êle me ouvisse, eu encaminhá-lo-ia, agora, de maneira segura, no verdadeiro caminho; poderia, assim, abrir um debate interessante no elemento católico.

«Presentemente, conheço a diferença existente entre a justiça do mundo em que me encontro e a daquêle a que nos submetemos aí na terra. Conheço, agora, os numerosos êrros em que caí sob a égide do Código Judicial. Bem desejaria empreender, agora, a reforma que se impõe para a Legalidade e a Justiça.

«Muito tempo vivi no meio judicial: respeitei profundamente a moralidade imposta pelas suas leis; mas, presentemente, reconheço os seus defeitos.

«Legislatura e clerezia, eis as instituições que importa reformar».

⁂

O Mundo ás Escuras

Por Frederico Duarte — Manchester

Em 24 de Agosto passado fui com o editor do «Two Worlds», Ernest Thompson e Mr. Russell, o inventor do aparelho de emissão dos Raios Supra, a casa do meu médium Joseph de Santos.

Levei comigo um exemplar do «Two Worlds» onde vinha na primeira página um artigo referente ao dogma do Papa sôbre a Ascenção da Virgem Maria, e pedi alí em frente dos meus amigos que o ex-bispo do Pôrto, Dom Antonio Barroso, viesse lêr êsse e dar-me uma resposta para eu publicar nesta Revista e a sua tradução em inglês no «Two Worlds».

O editor que me conhece muito bem e do modo como eu me dirijo aos espíritos, comunicando com eles como se estivessem de facto ao meu lado, começou a rir-se e ao regressarmos a Manchester disse-me: Você Fred, se conseguir do pobre bispo escrever contra o Papa, será um caso interessante.

Pois muito bem. Nessa mesma noite o Dom Antonio Barroso, deu por psicografia ao médium a seguinte mensagem:

Deus, Nosso Pai, quando é que os homens cessarão de trespassar as Vossas Leis ?

O Mundo escureceu, com a pesada ignorância dos homens que sôbre êle deploravelmente ofuscaram a sua luz e esconderam todas as verdades para satisfazerem as suas ações, inaceitáveis por quasi todos os vossos Filhos na terra. Enviai-lhes, PAI, um raio, uma centêlha do Vosso Divino Amor e Caridade para que eles abram os seus olhos e semeiem a Verdade, não a mentira. Tende pois piedade para com eles ! Amen.

A Igreja treme. Os seus alicerces deslocam-se e para evitar a quéda desastrosa após tantos séculos, ela tenta aplicar uma cunha fantástica para a sua segurança. A Ascenção ao Céu do Corpo físico da Virgem Maria ! Milhões de habitantes dêste Globo-Terra, revoltam-se contra tal imaginação. Com aquela faísca papal a Igreja creou mais inimigos. Positivamente que é um absurdo no Século Vinte tolerar-se semelhante crença. «Se o não acreditar é um pecado mortal» ?! Nós, os Espíritos, *não acreditamos* pois ! Terá o Papa autoridade de nos classificar de pecadores e excomungar-nos, quando nós vivemos na Verdadeira Casa do Pai??

O homem tem direito de errar, por sua vontade, mas não terá o direito de impor os seus êrros aos outros com ameaças e com penas expiatórias *em mundos que êle não conhece!* Há dois corpos. O astral e o físico. O corpo astral ou etéreo, é independente do corpo físico ou material. O astral vai a toda a parte, enquanto que o material não ascende além da terra a não ser que vá num balão e mesmo assim terá que voltar para a terra!

A Virgem Maria é reconhecida por todos como a Mãe material de Jesus Cristo. Fôra escolhida por Deus para aquela sagrada missão.

Todos nós veneramos e amamos eternamente isso.

Ela vive no céu sim, *num corpo astral,* cedido por Deus aos seus escolhidos. A Igreja, pois, com a introdução daquêle novo dogma deitou a última pá de terra sôbre o seu caixão!

A mocidade moderna com as evoluções do avanço progressivo, recusará frequentar as igrejas e templos, justamente pelos seus dogmas serem contrários ao Progresso.

Para mais agouro, todas as vezes que um novo dogma é posto no mercado, um cataclismo sucede na terra. Por exemplo, a submissão da França a Bismark em 70. Qual será o cataclismo que vos espera, pois?

Acreditar naquêle absurdo é negar os verdadeiros ensinamentos de Cristo, quando na Terra.

A Deus nada é impossível, mas tem um só comando.

As suas leis devem ser obedecidas à letra segundo as Escrituras.

Trespassar as suas leis é cometer uma infração.

Não disse o Mestre:—O que nasce da carne é da carne, e o que nasce do espírito é do espírito? Não disse Êle: — Deixai que os mortos enterrem os mortos?

Naturalmente, porque a importância devia ser ligada ao espírito e não à carne!

A carne não é nada. Há só uma infalibilidade—DEUS! Também os seus filhos que o rodeiam, e que não estão na terra.

Nos 113 Cardeais, 2.500 Bispos e 82.000 padres, em seus corações *não acreditam, nem toleram ou aceitam semelhante dogma.*

E aqueles que o aceitam não estão conscientes disso.

Devem assim pedir a Deus perdão por essa sua ofensa.

A Virgem, Mãe Santissima, Ela mesma poderá salvar tanta ignorância de ser submergida pela ação daquêle dogma.

Portanto, meus amigos, acreditar na Ascenção do corpo físico da Virgem, é ir contra todas as leis da Natureza criada por Deus!

Antonio Barroso.

MAS... QUE CHIPAMZÉ!

Tenho recebido por várias vezes provas de que os animais continuam a viver no «Além». Uma das que me convenceu mais do que qualquer outra foi quando uma médium me delineou perfeitamente a fisionomia do velho Joaquim Ferreira, caseiro da Quinta do Olho Marinho, da Avenida da Boa Vista, Pôrto, assim como não só me deu também o seu nome JOAQUIM corretamente, mas também o do seu cão ADAMASTOR!

Vejo esses seus amigos, disse a médium, a andar em direção a um lugar onde está armazenada palha, e o seu amigo está a apontar para uma trave em cima da porta de entrada. Diz êle que o senhor sabe muito bem o que é ao que êle se refere. Diz que êle assim como o cão continuam a ser seus amigos.

Uma mensagem simplesmente admirável!

Vivia eu então perto daquela quinta e costumava visitar os meus amigos e entretinha-me a observar um casal de andorinhas que todos os anos visitava aquêle lugar e habitava o seu ninho, que alí estava sempre sem ser tocado por ninguém.

Não me admiro por conseguinte em receber mensagens ou pessoas que se encontrem num Circle, também obter essas em relação a animais. Tem porém havido casos em que tais mensagens, como a acima indicada, serem simplesmente extraordinárias e hoje vou escrever sôbre um caso dado na minha presença.

Estive presente num «Circle» onde

havia alí um moço dos seus 22 anos o qual depois de terminada a sessão me disse que esteve durante quatro anos completamente entrevado e de cama.

Vai para alguns meses que está recebendo tratamento por passes (Healing) e já não precisa encostar-se a uma bengala.

O moço arrasta um pouco uma das pernas, e não póde de modo nenhum correr. Ora, tem como guias um chinês e... um chimpanzé!

Estávamos todos muito tranquilos quando subitamente ouvi ao meu lado o guinchar dum chimpanzé e olhando para o moço fiquei admirado em vê-lo todo curvado e com as mãos a arrastar no chão e a fazer caretas. Saltou dum lado para o outro, começou a bater fortemente com as pernas no chão, a mover os braços, exatamente como um macaco. O suor caía profusamente pelo rosto do moço, e depois de uns três minutos passados, um médium veiu ao seu encontro e pediu ao chimpanzé para se ir embora. De tempos a tempos é êste moço controlado pelo chimpanzé, com o fim de desenvolver-lhe os músculos, especialmente da perna esquerda, assim como das costas.

Démos ao moço uma chávena de chá e eu perguntei-lhe se podia levantar-se e saltar por cima da pequena mesa em frente de nós.

—Impossível, disse êle, mas eu sei que o chimpanzé e o chinês estão trabalhando muito para me curar.

Eu tenho que acreditar também nisso, pois as palhaçadas feitas pelo moço quando estava em trance foram positivamente dum macaco e não dum sêr humano.

MISÉRIAS DA VIDA

O senhor Lyndoe, conhecido astrólogo, cujas profecias e horóscopos são publicados no importante semanário «The People», anunciou em Outubro passado o seguinte:

— «A Russia não principiará a guerra atómica. Semelhante conflito não duraria uns cinco minutos como muita gente pensa, mas sim um mínimo de *nove anos*. Calcula-se isso do seguinte modo: — Na História quanto mais científica se torna uma guerra tanto mais dura ela.

As guerras científicas são conflitos econômicos, e a economia soviética não poderia suportar uma tragédia dessas por tanto tempo, A meu ver a Rússia perderia qualquer guerra que fizesse entre o corrente ano e 1960. No entretanto as nações aliadas vão-se desenvolvendo, aumentando suas fôrças em armas, pois essa é a melhor garantia contra as guerras.»

Eu nada percebo de Astrologia, não sabendo por conseguinte como o senhor Lyndoe chegou à sua conclusão.

Na primeira guerra européa afirmaram-me e li mesmo na imprensa, que não havia perigo dum conflito começar em julho/agosto e assím em princípios de agosto fui ao Sul do País de Gales com tenções de passar umas duas semanas de férias. Jamais me esquecerei das peripécias e dos assados em que me vi quando ao tratar de conseguir um meio de transporte para me conduzir a Manchester!

Realizei desde então e muito mais ainda com o segundo conflito mundial que as guerras não são conflitos econômicos, como afirma o sr. Lyndoe, mas sim engendradas pelos políticos e os militaristas. A classe trabalhadora detesta guerras e conflitos, desejando viver em paz e harmonia.

A opinião pública, se conduzida duma fórma absolutamente solidária, é a única ação eficaz de evitar guerras. Mas infelizmente essa nada poderá solucionar de definitivo, a não ser que fosse universal.

A Rádio é sem dúvida um meio eficaz de educar as massas e assim se em todas as nações houvessem indivíduos de reputação, a prégar a amizade internacional e incitar os ouvintes a reagir contra o militarismo, a trabalharem para o bem comum, isso produziria um bom efeito. Mas haveria sem dúvida uma certa desconfiança da parte de muitos pois infelizmente não somos todos perfeitos.

Enquanto a ciência estiver nas garras dos militaristas e políticos, haverá sempre uma guerra ou conflito. Enquanto a mocidade for educada a «matar», continuaremos a ter militarismo.

Assistí num certo dia a uma demonstração feita pelos recrutas do exército. Houve entre outros um exercício de ataque com baionetas. Os rapazes, novos, sem experiência, foram «incitados» pelo sargento instrutor a «ir para a frente», espetar a baioneta num saco cheio de palha pendurado a uma certa distância, representando o corpo dum dos inimigos. Ouvi distintamente o homem dizer-lhes: — «Mata, mata, ataca, ataca, mesmo que tenhas de fechar os olhos. Olha que se tu não matas, serás morto!»

Saí enojado, mal pensando que meses depois iria perder o meu único filho! Que acontecerá se dentro de poucos meses todas as nações se encontrem bem armadas, e a ser ensinado aos seus mancebos exercícios como o mencionado acima? E a ser-lhe incutida na sua mente aquela frase bestial: — Olha que se tú não matas, serás morto!!

ESPIRITISMO NO BRASIL

Assembléia de Educadores Espíritas do Estado de S. Paulo

O Instituto Espírita de Educação do Estado de São Paulo, dando cumprimento aos seus Estatutos, está convocando uma Assembléia Geral de Educadores, sócios e interessados em assuntos educacionais a ser realizada na Capital do Estado, nos dias 26 a 28 de Janeiro próximo.

Esta Assembléia tem por finalidade reunir o maior número possível de Educadores espíritas, afim de serem discutidos vários assuntos de importância como:

1.º) Discussão e aprovação de um programa de uniformização do ensino nos colégios espíritas;

2.º) Aprovação de um programa definitivo que regulamente o ensino religioso nos colégios espíritas;

3.º) Indicação de livros espíritas e espiritualistas, a serem registrados no Departamento de Educação Estadual para livros de leitura e outros nos diversos cursos mantidos pelos colégios espíritas;

4.º) Reforma dos Estatutos do Instituto;

5.º) Assuntos diversos sôbre Educação.

O Instituto conta com a colaboração dos Educadores, Uniões Municipais, Distritais, Centros Espíritas em geral, no sentido de comparecerem a esta significativa Assembléia. Sabemos que a educação é a base da reforma que se processa nos arraiais espíritas, mas, sem normas precisas que visem dar aos espíritos encarnados o verdadeiro senso de Educação, a humanidade permanecerá sempre recalcitrante e rebelde.

Ao par das obras de Assistência Social, tão necessárias também, a Obra Educacional.

Se conseguirmos dar agasalhos ao velho, saúde e trabalho ao moço, educação à creança, teremos resolvido o problema da humanidade de acôrdo com as recomendações do Divino Mestre.

Certos da bôa vontade por parte dos confrades de todos recantos do Estado, aguardamos a comunicação dos que desejem participar da grande Assembléia de Educadores.

Quaisquer informações podem ser solicitadas por carta, à Avenida Irradiação, 152. (Antiga Maria Paula).

Pelo Instituto Espírita de Educação
Pedro Camargo (Vinicius)
Presidente.

Semana Espírita Cristã de Três Rios

Sob o patrocínio do «Grupo Espírita Fé e Esperança» e colaboração dos espíritas trirrienses, realiza-se entre 15 e 22 do corrente a SEMANA ESPÍRITA DE TRÊS RIOS, movimento confraternativo espírita-cristão que se realiza nesta cidade desde 1932, objetivando unir cada vez mais os profitentes espíritas e fazer conhecido com mais amplitude os elevados ensinamentos da 3.ª Revelação, o Espiritismo.

Êsse magno certame obedece ao seguinte programa:

Dia 15 — A's 16 horas inauguração da exposição de trabalhos de agulhas executados pelas internas do Lar Manoel Pessoa de Campos, na séde da mesma instituição. A's 19,30 horas, solenidade de abertura dos trabalhos da SEMANA ESPÍRITA na séde do Grupo, quando serão recepcionadas as representações de Juiz de Fóra e Cascatinha.

Dia 16 — Quinta-feira — Noite dedicada a Niterói e Barra do Piraí.

Dia 17 — Sexta-feira — Serão recebidos os confrades de Itaperuna e Pinheiral.

Dia 18 — Sábado — Serão recebidas as representações de Nova Iguaçú e Cruzeiro.

Dia 19 — Domingo — A's 13 horas, Almoço da Fraternidade. Noite do moço espírita, quando serão recepcionadas as Mocidades que se fizerem representar.

Dia 20 — Segunda-feira — Serão recebidos os confrades de Astolfo Dutra e do Distrito Federal.

Dia 21 — Terça-feira — Noite da mulher espírita. Palestras a cargo de interpretes da mulher: filha, esposa, mãe, mestra e espírita.

Dia 22 — Quarta-feira — Dia da criança, 21.° aniversário do Lar Manoel Pessoa de Campos. Encerramento da SEMANA ESPÍRITA. Despedida dos visitantes. Agradecimento dos visitados. Palavra franca.

As reuniões terão início ás 19,30 horas.

Após a parte doutrinária haverá sempre uma parte artística a cargo das Mocidades locais e das que se fizerem representar, cultivando-se dessa forma a arte espiritualizada.

Durante o dia haverá sempre passeios e tertulias-espiríticas-evangélicas.

De Votuporanga

O Centro Espírita «Caminho de Damasco», comemorando o 146.° aniversário do nascimento de Allan Kardec, ocorrido no dia 3 de Outubro último, realizou, durante 3 dias, sessões especiais com o seu salão à cunha. Usaram da palavra os confrades Antonio Casemiro, André Trujilho, Henrique Catalani e José Procópio. Recitaram poesias: Arita Casemiro e Flausina Catalani. *(Do Correspondente)*

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viágem, sr. Onofre Batista:

Na minha excursão ao Paraná fiz palestra radiofônica em Cambará.

Na excursão que acabo de terminar visitei as seguintes cidades:

Machado: Falei no Centro local, que está sob a direção dos confrades Manuel Mendes e Francisco Soares.

Varginha: Falei no Centro «Amor e Caridade», que mantém a sopa dos pobres.

Lavras: Falei no Centro Esp. de Lavras e no «Allan Kardec». Ambos foram aumentados. Tanto os diretores de referidos Centros como a Mocidade Espírita de Lavras estão em grande atividade na propaganda.

Perdões: Falei no Centro local.

São Lourenço: Falei no Centro Esp. «Auxiliador Espiritual», do qual é Presidente o confrade Antonio Negreiros. Muito em breve vai ser inaugurado o Azilo para a velhice desamparada, obra que engrandecerá São Lourenço. A Mocidade Espírita local está também em grande atividade.

Itajubá: Falei no Centro Esp. «Fé, Esperança e Caridade», que está sob a direção do confrade Manoel Vieira, bem como no «Allan Kardec», dirigido pelo confrade Luiz Gonçalves Ribeiro. Os espíritas de Itajubá tiveram a felidade de ouvir a palavra, nos dias 29 e 30 de Setembro último, dos confrades Dr. Celio de Andrade, Promotor Público de Pouso Alegre, e mais dois companheiros, e do Prof. Leopoldo Machado. Todos falaram nos Centros locais. O Prof. Leopoldo Machado fez uma palestra radifônica em Itajubá, agradando sobremaneira a todos quantos o ouviram.

Em Santa Rita do Sapucaí não pude falar devido forte aguaceiro que desabou sôbre a cidade um pouco antes da hora marcada, o que farei na próxima viágem.

Não esqueçamos que estamos incessantemente projetando uma imagem que fará a volta aos mundos e nunca parará nem se apagará jamais.

E' possivel, se transpusermos a morte, que encontremos esta imagem no espaço eterno. — MAETERLINCK.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVI—Brasil – E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1950—N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A propósito do natalício de Jesus .	*Redação*
Richet e Lombroso testemunham a mediunidade de Eusápia Paladino	*J. Herculano Pires*
O Grande Mal	*Leopoldo Machado*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
Um Prêmio sem Ganhador ! . . .	*J. B. Chagas*
Meu Filho Voltou (Conto de Natal)	*Alfredo d'Alcântara*
O Espiritismo no quadro das Ciências	*Deolindo Amorim*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
A Guerra	*Redação*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1950 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A propósito do natalício de Jesus

A História da Humanidade está pontilhada de sábios de renome em todos os ramos do conhecimento humano, muitos dos quais, pelo seu saber e pelas suas virtudes, operaram verdadeiras maravilhas. Profétas, filósofos, cientistas, matemáticos, literatos, poétas, artistas na mecânica, na pintura, na música, enriquecem o patrimônio intelectual, moral e espiritual da humanidade, mas nenhum deles operou prodigios semelhantes aos de Jesus e nem legou à humanidade um código de moral mais pura que a de Jesus, que pregou e provou a imortalidade da alma, lançando-a como fundamento de sua Doutrina. Jesus deu vista a cegos de nascença, levantou paraliticos, expeliu espìritos imundos, ressuscitou mortos, curou doenças que zombavam dos recursos da medicina, transformou água em vinho, multiplicou pães e peixes, acalmou tempestade, tudo isto fazendo com meia duzia de palavras, patenteando assim o seu poder, o poder que Deus lhe dera com o objetivo de conduzir o grande rebanho humano ao suntuoso templo da Verdade, que tem por alicerce a imortalidade da alma e por cúpula o amor fraterno, que encerra ou resume todas as virtudes. E esse rebanho, embora lentamente, vai se dirigindo para o divino aprisco, agora mais aceleradamente, porque o Espiritismo veiu reavivar a luz da lâmpada do véro cristianismo, que as religiões humanas estavam tentando apagar com os seus dogmas, sacramentos e cultos externos.

A vida de Jesus, da mangedoura à cruz, foi um exemplo de fé, amor e perdão. Nascendo numa mangedoura, quando podia nascer em um berço ricamente ornamentado, cravejado de ouro, quís dar uma lição de humildade, lição semelhante àquela em que aparece lavando os pés aos seus discípulos. Mas, infelizmente essa lição, dada há quasi dois mil anos, ainda não foi posta em prática, nem mesmo pelos que se dizem cristãos, porque se tivesse sido exercitada conforme Jesus no-la ensinou e exemplificou muitas vezes, a humanidade não estaria passando momentos tão calamitosos e tão cheios de negras perspectivas. Os horizontes cobrem-se de densas e pesadas nuvens, prenunciando tremendas tempestades, e isto porque a humanidade desviou-se dos preceitos de Jesus, buscando os prazeres, as comodidades e os bens terrenos, empregando, muitas vezes, meios fraudulentos para alcançar os seus objetivos.

A' medida que o tempo avança mais a humanidade vai se convencendo de que a única táboa de salvação é o Cristianismo praticado em sua pureza. Ideologias, credos filosóficos e religiosos vão se sucedendo por não se alicerçarem na justiça, no amor e no perdão. Mas o

Cristianismo amplía cada vez mais o seu raio de ação na razão direta das necessidades da humanidade, que agora mais do que nunca, quer luz para o entendimento, quer justiça e espírito de fraternidade, cansada como se acha de duras lutas, de longas e exaustivas experiências e provações. E o Cristianismo, agora revivificado pelo Espiritismo, o Paracleto da Promessa, em breve terá uma cátedra em todos os corações, e então a paz, o espírito de fraternidade, o amor e a justiça reinarão entre as creaturas e as nações como soberanos absolutos.

No próximo dia 25, a cristandade comemora o natalício de Jesus, cada qual segundo as suas possibilidades e a sua compreensão; é um dia de confraternização, de união em Cristo, portanto a maior data registrada na História da Humanidade, porque foi nesse dia, há quasi dois mil anos, que o mundo recebeu a visita daquele que até agora é conhecido como o maior missionário de Deus, daquele que, na frase de Simeão, foi posto para queda e para levantamento de muitos em Israel — Jesus Cristo.

«Revista Internacional do Espiritismo», associando-se às justas homenagens que os cristãos de todas as partes do mundo rendem, nesse dia, ao Meigo Carpinteiro da Galiléia, numa prece fervorosa, sentida, em pról da paz, solicita ao Mestre mais trabalhadores para a sua seara, trabalhadores perseverantes e de boa vontade, afim de que este imenso rebanho humano possa ser conduzido ao seu Aprisco, definitivamente.

Richet e Lombroso testemunham a mediunidade de Eusápia Paladino

J. HERCULANO PIRES

(Para «Revista Internacional do Espiritismo»)

Em fins do século passado, no laboratório do prof. Giorgio Finzi, á rua Monte do Socorro, em Milão, a médium Eusapia Paladino submeteu-se a nada menos de dezessete sessões experimentais, de que participaram os maiores sábios da época, desejosos de verificar a realidade dos fenômenos espíritas. Entre eles, podemos lembrar os nomes de Aksakoff, Ermacora, Richet, Lombroso, Bottazzi, Lapponi, Giolfi e Bozzano. Essa médium, que aturdiu os homens de ciência do seu tempo, era aquela mesma que Ercole Chiaia, de Napoles, «corajoso e perseverante», como o classifica Richet no «Traité de Metapsychique», assim descrevia, em carta a Cesar Lombroso: — «Trata-se de uma mulher quase invalida. pertencente á classe mais humilde da sociedade. Tem cerca de trinta anos, e é muito ignorante. No seu aspecto, nada há de fascinador.»

Essa mulher ignorante e pobre trazia consigo a mensagem da imortalidade, para a ciência materialista da época. E sôbre ela foram escritos tantos livros, tantos artigos, folhetos, pareceres e observações, que chegou-se a formar toda uma bibliotéca, denominada «Bibliografia Paladiniana». Nada possuia ela, aparentemente, que pudesse dar motivo a tamanho interesse: não era dotada de inteligencia excepcional, nem de cultura, nem de beleza, nem de riqueza ou de linhagem. Era apenas uma mulher comum. Mas trazia o dom misterioso da mediunidade, a missão de instrumento de comunicação entre o céu e a terra. E por isso foi estudada, observada, analisada, elogiada, calumiada e difamada.

Entre os metapsiquistas da época, surgiu o criador de uma teoria de fraudes-sistemáticas, de nome Paul Heuzé, — condenado até pelos que não aceitavam a teoria espírita, como René Sudre e Charles Quartier, — para lançar sobre Eusapia as mais infundadas acusações. E ainda hoje, principalmente em nosso país, quando alguem deseja combater Eusapia, e consequentemente negar a realidade dos fenomenos espíritas, o testemunho falso de Heuzé é sempre evocado das cinzas.

Eusapia Paladino foi e continua a

ser, por isso mesmo, uma das grandes mártires da ciência da imortalidade, no século do materialismo científico. Não obstante, Charles Richet, o grande fisiologista, laureado na sua especialidade com o «Premio Nobel» de 1913, assim se refere á médium, no «Traité», pagina 633: «As materializações produzidas por Eusapia Paladino são diversas e frequentes. Elas foram abundantemente observadas por muitos experimentadores competentes.» E depois de declarar que assistira cerca de duas centenas de sessões com a médium, afirma, á pag. 641, publicando ao lado impressionante fotografia psíquica: «As materializações de Eusapia não foram demonstradas somente pela fotografia, mas tambem pelas moldagens metapsíquicas.»

Cesar Lombroso descreveu, na revista «Luce e Ombra», de junho de 1908, a aparição do fantasma de sua própria mãe, numa sessão com Eusapia, em Turim. Lombroso não era idiota, nem doente, nem mentiroso ou leviano, nem alucinado, embora os negadores sistemáticos, ao detratar Eusapia, indiretamente o classifiquem dessa maneira. Foram estas as palavras do grande psíquiatra e criminalista, a respeito do fácto: «Quando revi minha mãe, senti no intimo uma das comoções mais suaves da minha vida, um prazer que chegava a se transformar em intensa dor, e diante da qual eu não me sentia angustiado, mas cheio de gratidão por quem a lançava, depois de tantos anos, entre os meus braços. E ante o grande acontecimento eu teria olvidado, não uma, mas mil vezes, a posição obscura de Eusapia, que fizera por mim, fosse embora automaticamente, aquilo que nenhum gigante da força e do pensamento teria podido fazer.» Essa aparição repetiu-se varias vezes, em Milão e Genova.

A esta mulher, de cujas faculdades Lombroso nos dá o mais completo testemunho, e que desafiou a argucia dos sábios e dos pesquisadores, continuam a ser assacadas as «fraúdes de Heuzé». Não obstante, há também quem a defenda, recolocando-a no seu verdadeiro lugar, como o fez Odilon Negrão, em recente conferência pronunciada na Federação Espírita do Estado, e como o fazem neste momento os escritores Carlos Imbassahy e Pedro Granja, no excelente volume «*Fantasmas, Fantasias e Fantoches*», que a Editora Édipo acaba de publicar, refutando o livro «Misterios e Realidades Deste e do Outro Mundo», do prof. A. da Silva Mello. A mentira continua a correr pelo mundo, nas páginas amarelas de Heuzé e de Max Dessoir, mas, sempre de perna curta, é facilmente alcançada e desmascarada pela Verdade.

* * *

O Grande Mal

LEOPOLDO MACHADO

O materialismo é o grande mal.

«Combater o bom combate», como diria Paulo de Tarso, é combater o materialismo de frente e pelos flancos.

Nunca pelas costas, que atacar pela retaguarda é de covardes, e o Espiritualismo não carece da mentira e da covardia para ferir de morte, e aniquilar o terrível adversário.

O mal da Vida não é, como diz eminente escritor patrício, materialista: o anseio de ser feliz. E' o materialismo, que não permite a colimação em realidade deste justo anseio. Anseio que não se colima, exatamente, porque o homem fugiu do Espiritualismo consciente e sincero, entregando-se, de corpo e alma, ou disfarçadamente, porque em nome de religiões, ao materialismo.

Se um espiritualismo puro e nobre, que prepara o homem para felicidades terrenas, garantindo-lhe, depois delas, venturas maiores em outros mundos melhores e a dentro de uma Vida Eterna, não tiver poder e fôrça para conduzir o homem ao seu ideal de ventura terrena, muito menos os terão as doutrinas materialistas, que restringem a Vida á hora que passa, aniquilando-a, terminantemente, á beira da sepultura.

Não é possível que a vida termine á beira da cova!

Não é possível que sómente a Terra — essa poeira de astro, 1.400,000 vezes menor do que o Sol, que é uma ínfima estrelinha de 5.ª grandeza! — seja habitada.

Não é possível que a Vida e o Universo sejam obra exclusivas da Fôrça e da Matéria, conforme a concepção dos Le Dantec e Haeckel, dos Le Bon e Buchner!

Não é possível que uma Inteligência Suprema, a que chamamos Deus, não tenha criado o que existe e não oriente Sua obra!

Não é possível que essa Inteligência Suprema tenha feito a Sua obra para entregá-la a si mesma, atirando o homem, a Sua imagem e semelhança, a este purgatório de dores e maldades, que é a Terra; a este Inferno de dúvidas e incompreensão, que é o nosso mundo!

— Porque existe o mundo, afligindo tanto a humanidade? — perguntareis.

Deus, mais do que qualquer ser humano, respeita no homem seu livre-arbítrio. E o homem abusando mais do que usando seu livre-arbítrio, reduziu seu mundículo e sua vida a isto que aí está: um pandemônio de inquietações e desassocegos. de lutas e dôres até mesmo a dentro de religiões que se agitam em nome de Deus!

O que aí está, de dores e lutas, de desassocegos e inquietações são obras transitórias do homem, não tenhamos dúvidas!

— Se Deus é Deus e um só existe, como diria o poeta, porque essa diversidade e numerosidade de religiões?

— Porque uma só não é a inteligência humana nem um só o seu livre arbítrio; porque um só não é o entendimento e sentimento humanos...

Aliás, o próprio Cristo justifica a exisiência e necessidade mesmo de muitas religiões, a dizer: «tenho outras ovelhas que não são deste rebanho, elas também ouvem minha voz e eu as apascento»...

De resto, o mal não está na existência de muitas interpretações das coisas divinas, nem nos muitos caminhos que levam a Deus. O mal está na intransigência, pretensão e intolerância de religiões e religiosos, que pensam que Deus e Suas verdades e misericórdias são obra sua, estão sómente com êles...

Aproximar religiosos e religiões dentro do mesmo programa de fraternidade humana, respeitando em cada religioso e em cada religião o livre direito de crer e de sentir, eis uma grande obra do Sentido Espiritualista.

Pois, é uma coisa assim que nos cai, neste momento, sob o convite delicado, lógico e oportuno, que recebemos.

Lemos no convite, entre outras verdades, estas:

«Quem nos garante que a desorganização sensível do mundo moderno sujeitando o homem a práticas dissolutas e iniquas não é consequência do abandono, por parte da Humanidade, dos sublimes princípios oriundos da Vontade Divina?»

Para nós, é a única causa, por obra e graça do materialismo aí imperando.

«Quem nos póde assegurar que a desgraça que envolve a Terra, com o seu cortejo nefando de dôres e lágrimas, não é filha diréta do mau emprego das faculdades que Deus ofereceu ao homem como capital maravilhoso e inesgotável?

Para nós, a desgraça do século não tem outra causa, como decorrência lógica do poder absorvente do materialismo.

«Hoje, a fome campeia os lares, as lágrimas amargas substituem os sorrisos mesmo nos rostos juvenís e se encontra até no olhar das criancinhas uma luz de malícia e dúvida diante das grandes afirmações da existência indubitável do Ente Superior».

Entretanto, nunca a humanidade teve em suas mãos os recursos, que as ciências lhe conferem, para que todos fossem felizes, pois a Terra produz o suficiente, e até mais, para todos serem felizes!

E os estudos experimentais do Espiritualismo feito ciência de observação e demonstração, aí estão para comprovar a existência de Deus, a existência e imortalidade da alma.

O convite que recebemos foi para o Dia de exaltação e glória ao Espírito de Deus, realizado no dia 7 de Agosto, no Largo da Carioca.

«Com uma palavra podeis lançar vosso irmão no mais profundo abismo e com uma palavra podeis alçá-lo à glória.» — SHOLEN ASCH.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

V

Acha-se presentemente no Rio de Janeiro o médium João Cosme, residente em S. Paulo, realizando uma série de sessões de materializações em casas de amigos. Vem acompanhado de um parente, o Sr. Luiz Ladeira, a quem faltam a perna e o braço direitos. Foi vítima de um acidente aos 21 anos de idade e perdeu os dois membros.

Já assistimos a onze sessões, mas só redigimos dez atas até o momento em que escrevemos êste artigo, porque uma das sessões foi quasi totalmente negativa. As sessões continuam e possivelmente lavraremos outras atas.

A sessão de 16 de Junho atrazou duas horas por uma dificuldade de trânsito ocasionada por obras da Prefeitura. Além disso, a pessoa encarregada de trazer de sua residência as algemas, esqueceu-as em casa. Os assistentes emprestam seus cintos para de alguma sorte substituirem as algemas. O médium é ligado à cadeira em plena luz, depois a cadeira com êle é carregada para o corredor que servirá de improvisada cabine escura.

A conselho do médium, uma assistente, D. Maria Cavalcanti que também possúe mediunidade de efeitos físicos, é igualmente ligada por cintos à cadeira e *algemada* por algumas Sras., sob orientação do médium. Fica prêsa ao espaldar da cadeira, mas na sala, junto dos outros assistentes. O Sr. João Cosme receia que ela venha a caír da cadeira e toma essa providência. Seus braços cruzados foram ligados por cintos de couro, à guisa de algemas, e o tronco atado ao espaldar da cadeira.

Antes de ser ligado à cadeira, João Cosme faz uma prece e uma preleção moral muito sentimental, lembrando as dôres pelas quais passa a humanidade e a insegurança da vida do homem. Notamos que seus conhecimentos de Doutrina são maiores do que os de grámatica. Nem sempre sua linguagem é muito literária, mas as suas idéias são sérias e profundas.

A vitrola fica a meu lado, na sala, à direita do corredor que vai funcionar como cabine escura. Luiz Ladeira, o acompanhante de João Cosme, fica à esquerda, no ângulo da sala, afastado da entrada do corredor.

Um assistente arrecada as caixas de fósforos, isqueiros, cigarros e outros objetos dos demais circunstantes.

Apagadas as luzes, Ladeira faz uma prece e declara aberta a sessão. Ao contrário do que se recomenda nas sessões com Nelson Rocha, nestas com João Cosme recomendam não se conversar: ou se ora, ou fica-se em silêncio. Ladeira toma a iniciativa das preces: ou êle mesmo ora, ou pede a outra pessoa para fazer uma prece.

Logo depois de declarada aberta a sessão, ouvimos ruído nos envelopes dos discos, depois o de um disco no diafraggma da vitrola que até então se achava em silêncio. A vitrola é posta em movimento e a agulha toca exatamente o começo da gravação, demonstrando que o operador vê bem no escuro o que está fazendo. A música está muito alto, mas é logo diminuido o volume do som.

Ouve-se uma voz sibilante, em tudo semelhante à de Ismael Souto nas sessões com Nelson Rocha, mas informam-nos que é Atanásio quem fala.

Dirigindo-se à D. Maria Cavalcanti que se acha ligada à cadeira, graceja: «Maria, o que foi que te aconteceu ?»

Informa que o Vigario não poderá vir, porque está assistindo ao desencarne de um membro do grupo em S. Paulo, que se acha presente, Galileu. Referindo-se a um disco que lhe foi levado por uma assistente, diz: «Seu maridinho não tem gosto! Vou tocar êste disco, depois enrolá-lo e mandar de presente a quem o escolheu».

Toca. E' um tango argentino: «Ai de mim !»

Logo depois o disco, enrolado pelos dois extremos, de sorte que se póde lêr o título no rótulo, de cada lado, é entregue, em plena escuridão, ao circunstante mencionado que agradece.

Uma assistente põe-se a fazer pedidos a Atanásio que a princípio responde com gentileza, mas por fim parece enfadar-se e impacientar-se com a importunação.

Atanásio anuncia: «Frei Mario de Sá está aquí». Acende-se a luz vermelha e vemos uma entidade de túnica branca, de capuz, com os braços abertos. Aproxima-se de D. Maria Cavalcanti, dá-lhe passes e regressa à cabine. Atanásio fala sempre. Entre outras coisas diz: «Nêste momento o Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, tem os olhos cobertos de lágrimas, no trabalho mediúnico. Vocês orem por êle. Êle sofre muito, porque as entidades sofredoras esforçam-se por se manifestarem pelas faculdades dêle, mas não lhe é permitido recebê-las; por isto êle lhes sofre as dôres».

Era uma segunda-feira, ás 11 horas e meia, mais ou menos, da noite. As sessões públicas do Centro Espírita «Luiz Gonzaga», de Pedro Leopoldo, realizam-se ás segundas e sextas-feiras. Remetemos cópia da ata a Francisco Cândido Xavier que em carta confirmou: realmente uma multidão de Espíritos sofredores se achavam empenhados em comunicar-se na sessão, mas não tinha êle permissão de recebê-los. Outro era o programa da sessão.

Referindo-se ao Padre Zabeu, Atanásio diz: «Vou pedir ao Vigário para vir aquí um momento». Logo depois ouvimos uma voz grave, abençoando. Dizem ser o Padre Zabeu.

Um quadro fosforescente que se achava em cima da mesa desceu e pôs-se a caminhar a poucos centimetros de altura, percorrendo o semi-círculo dos presentes. Os videntes disseram que se tratava da materialização de uma criança, mas os outros não vimos nada.

O fenômeno mais interessante da sessão foi o enrolarem o disco a frio.

A sessão seguinte, na mesma residência, realizou-se em 22 de Junho e novamente atrazou muito. Havia mais convidados do que comportava a casa de família. Cincoenta pessoas, na maioria Sras. Por traz das duas filas de cadeiras, ficam de pé alguns cavalheiros. Encima da mesa acha-se uma jarra grande, de cristal, cheia dágua filtrada, um quadro com a cabeça de Jesus Cristo, pintada por uma tinta fosforescente, visível no escuro. O megafone, ou trombeta de alumínio com botões fosforescentes, para ser vista nas trevas. Fazem-se os mesmos preparativos e João Cosme faz a mesma preleção. Depois é algemado: os braços cruzados são presos por uma algema de metal, com cadeado de segurança, uma perna é presa por outra algema ao pé da cadeira. Seu tronco é atado ao encosto da cadeira e esta é transportada para o corredor que serve de cabine escura. Faz-se a leitura da ata da sessão anterior, o que depois sempre se repete nas dez sessões subsequentes.

A' minha direita acha-se D. Maria Cavalcanti, sem o contrôle que teve na sessão precedente. Durante as sessões ela tem crises de soluços profundos e convulsivos.

Antes de terminar Ladeira sua prece de abertura, ouve-se na sala a voz sibilante de Atanásio que cumprimenta e segue-se o costumeiro ruído nos envelopes dos discos, no diafragma, no pick up, e a vitrola se põe em movimento. João Cosme está em vigília, conversa com Atanásio na cabine, depois regressa a entidade à sala e exclama:

— Cosme, você convidou muita gente!

— Não fui eu, não, Atanásio, protesta o médium de dentro da cabine, ao que Atanásio responde irônico:

— Então fui eu quem convidou! Vocês não devem convidar tanta gente para ficar de pé!

A entidade determina a Ladeira que faça uma prece para harmonizar o ambiente, é atendida, e exclama: «Está melhorando! Frei Mario Sá está aquí!»

Ouve-se gemido profundo do médium na cabine, ao que Atanásio comenta com irônica piedade: «Coitado do Cosme! Já está no outro mundo!»

Parece que para obter todo o ectoplasma necessário à materialização de Frei Mario Sá simultâneamente com outros efeitos físicos, foi necessário pôr o médium em transe profundo, por isso êle gemeu.

Acende-se a luz vermelha e aparece a entidade materializada, com braços abertos, vestida de túnica branca. Caminha hesitante até quasi o centro da sala, mas regressa à cabine. Reaparece e novamente caminha um pouco, mas retrocede de novo para a cabine. Há entusiasmo. Cumprimentam as Sras. com júbilo o religioso materializado, fazem comentários em voz baixa, mas Atanasio repreende:

«Deixem os cochilos para depois!» e prossegue: «Peçam a presença do Vigário». Ladeira faz uma prece implorando a presença do Padre Zabeu. Um assistente pede permissão para dar uma explicação a pessoas que estão assistindo pela primeira vez ás sessões e esclarece: «Desde que foram apagadas as luzes, todo o trabalho material está a cargo de entidades materializadas: são elas que escolhem discos, põem em movimento a vitrola, acendem, graduam, ou apagam a luz vermelha, etc.»

Depois de mudar de pilha todos os discos, Atanásio interroga, se não há outros discos. A filha da família responde que no armário, no outro ângulo da sala, há mais discos. Ouvimos logo correrem as portas do armário sôbre suas carretilhas e a crítica mordaz de Atanásio: «Que mexida! Aquí há de tudo!» A filha da família se desculpa do desarranjo do armário, mas a entidade vai remexendo em tudo ruidosamente, depois exclama: «Aquí está um disco que serve!» e o põe na vitrola.

Ouve-se a voz de basso do Padre Zabeu que cumprimenta e conversa em voz baixa. Entre outras coisas diz: «Na próxima sessão vocês me verão à luz vermelha».

Atanásio avisa que a água já está fluidificada e acrescenta:

«Vocês poderiam assistir a uma sessão muito mais interessante, mas não procuram contribuir e isto me entristece; eu vou chorar muito! Mas Jesus não quer tristeza».

O médium desperta e emite uma opinião sôbre a falta de colaboração dos assistentes, mas Atanásio observa: «Não dê palpite, Cosme!»

Uma circunstante que tem sempre um rosário de pedidos a fazer, diz:

— Atanásio, eu queria lhe fazer um pedido... Mas êle interrompe:

— «Adeus! Adeus! Eu já vou embora!» Mas passado o perigo dos pedidos, Atanásio retorna à sala bem humorado e diz: «Vou mostrar a vocês como é que a Maria Rosa vai entrar no mundo espiritual, quando ela morrer...» D. Maria Cavalcanti interrompe: «Isto será breve, Atanásio?»

— Sim; cincoenta anos é pouco tempo!

A entidade põe na vitrola um disco de dança e com o quadro luminoso marcando o compasso no ar, num bailado sempre para a frente, sempre alegre, representando a entrada daquela circunstante na vida espiritual. Depois diz: «Agora vou mostrar como vai entrar o Ladeira no céu». Põe outro disco na vitrola, mas corrige: «Êste não serve!» Escolhe outro disco, um samba agitado. Êste disco não se destinava à sessão; a entidade foi escolhê-lo no armário, agindo com segurança em plenas trevas.

Fazendo ouvir o samba, figura com o quadro luminoso a entrada de Ladeira no Paraíso, dando saltos imensos de alegria. Esta brincadeira foi alusão à dificuldade com que se move Ladeira que só dispõe de uma perna natural; a outra é artificial e lhe dificulta muito a marcha.

Atanásio interrompe precipitadamente essas brincadeiras e exclama:

— Aí vem o Vigário! Vamos parar! Muda rapidamente o disco da vitrola; põe música sacra e aguarda a entrada do Padre Zabeu, cuja voz grave se faz logo ouvir, dando instruções para as próximas sessões.

Ladeira pede a D. Maria Cavalcanti que faça uma prece, mas eu lhe respondo que ela se acha em transe profundo, ressonando a meu lado direito e não ouve o pedido. Então Ladeira me determina que eu faça a prece.

Encerrada a sessão e reacesas as luzes, encontramos a água do vaso com vivo perfume e acentuado gosto de flôres de laranjeiras.

Noutro artigo examinaremos outras atas.

Não procureis DEUS nos templos de pedra e de mármore, ó homem que queres conhecê-LO, mas no templo eterno da natureza, no espetáculo dos mundos a percorrer o infinito, nos esplendores da vida que se expande em sua superfície, na vista dos horizontes variados: planicies, vales, montanhas e mares, que tua morada terrestre te oferece. Por toda a parte, à luz brilhante do dia ou sob o manto constelado dos montes, à margem dos oceanos tumultuosos como na solidão das flores, se tu sabes recolher-te, ouvirás as vozes da natureza e os subtis ensinamentos que ela murmura ao ouvido daqueles que frequentam suas solidões e estudam seus mistérios.

LÉON DÉNIS.

Um Prêmio sem Ganhador!

J. B. CHAGAS

A *hipótese espírita,* que para os profitentes da Doutrina já é considerado ponto pacífico, continua ainda interessando os investigadores materialistas e, assim, vez por outra, surgem na imprensa os comentários, os mais desataviados sôbre aquilo que está mais do que demonstrado e comprovado pelos experimentadores de bôa vontade.

Notícias que nos chegam dos Estados Unidos dizem que até agora o prêmio de 15.000 dolares oferecido pela «Scientific American», continua sem ganhador, ou seja, ainda não foi ganho por nenhum médium ou personalidade espírita. O que quer dizer, segundo o noticiário, que nenhum médium conseguiu provocar os fenômenos, chamados sobrenaturais de ordem física, por um processo que resistisse a uma análise científica imparcial, que não envolvesse fraude, podendo os mesmos ser duplicados ou repetidos por outros meios que não os teoricamente atribuidos aos médiuns.

Isso disse a notícia.

Ora, depois que ficou demonstrada a faculdade que possuiam as entidades do plano invisível, ou seja os espíritos, de se manifestarem aos chamados encarnados, ou sejamos nós, atuando ainda ostensivamente no meio ambiente, cogitou-se, desde logo, de saber se êles podiam produzir ou reproduzir tais fenômenos ou manifestações em dias e horas previamente determinados, ao bel prazer do primeiro curioso. Ora, pretender produzí-los ou reproduzí-los em dias e horas determinados, fôra dar prova da mais profunda ignorância. Dêsse modo, em puro engano laboram essas pessoas, nem mesmo quando oferecem polpudas quantias, para conseguir o seu intento.

Os Espíritos, a todo instante provam que têm vontade própria e que agem quando e como bem entendem; que jamais ninguém deveria supôr que um Espírito, medianamente elevado embora, pudesse estar a todas as horas do dia e da noite às ordens de um emprezário de sessão e submisso ás suas exigências, para satisfazer á curiosidade do primeiro que apareça.

Essa é uma forte razão por que infunde profunda aversão aos Espíritos evoluidos tudo o que cheira a banalidade.

Cumpre, ainda, não esquecer que as manifestacões físicas, tanto quanto as inteligentes, Deus só as permite para a nossa instrução.

As reuniões instrutivas revestem caráter muito sério. Uma reunião só é verdadeiramente séria quando se ocupa unicamente de coisas úteis. Afasta-se, portanto, do seu objetivo toda reunião séria em que o ensino seja substituido pelo divertimento ou visa concorrer a prêmios, por mais valiosos que sejam êstes. Aos espíritos pouco interessam as disputas de caráter financeiro...

As manifestações físicas têm a sua utilidade prática, com visos ao progresso que concorre para que a Evolução se realize, no vasto campo da investigação científica, do chamado fenômeno mediúnico.

Vão ás reuniões experimentais os que querem vêr; vão às reuniões de estudo os que querem compreender. E' desse modo que uns e outros lograrão completar sua instrução espírita, tal qual fazem os que estudam medicina, os quais vão, uns aos cursos, outros ás clínicas.

Arguiu-se como prova contrária ao facto espírita, a impossibilidade apresentada pelos espíritos de não se prestarem a ser submetidos a testes, nem mesmo em troca de polpudas quantias, e que seria um meio prático, na opinião dos que assim procediam, de conseguirem adeptos.

Mas ao contrário, a evidência provou que os incrédulos saem, dessas reuniões provocadas a tanto por cabeça, mais admirados do que convencidos O simples bom senso diz que os Espìritos elevados não comparecem ás reuniões com objetivos de curiosidade, em que os espectadores são meros espectadores e em seus espíritos não existe nenhum anseio de aperfeiçoamento. Ademais, é preciso considerar que os primeiros fenômenos espíritas se deram expontâneamente, e que não ocupa o primeiro lugar nas cogitações dos espíritos, o fazerem proselitismo. O Espiritismo não precisa dos homens para progredir, os homens, sim, é que precisam dêle. E por esse motivo não se prestarem a, sob contrato remunerado ou não, produzirem fenômenos para satisfazer á curiosidade dos sábios mirins da Terra, ou mesmo para conquistar adeptos.

O Espiritismo é coisa muito séria. Convençam-se disso, já o fazem tarde...

A faculdade mediúnica — diz Allan Kardec — mesmo restrita ás manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros de feira, e quem quer que pretenda ter ás suas ordens os Espíritos, para os exibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos habil prestidigitador». (L. M. n.º 308).

A mediunidade estaria reduzida a um poço de água estagnada, caso não fosse afeiçoada ao serviço de ajuda ao semelhante — afirmou com muita razão Emanuel. Ao surgirem os primeiros fenômenos espíritas, no Mundo, pensou-se, realmente, que a nova descoberta prestava-se maravilhosamente aos engôdos e aos ganhos fáceis. O tempo e a seriedade das comunicações obtidas, lograram, todavia, desfazer essa suposição. E os próprios espíritos, aconselharam, alhures, que se fazia mister não aceitar cégamente tudo tudo o que tivesse essa origem; que tudo devia ser minuciosamente observado, porque no Espaço abundam os espíritos levianos que não levam muito a sério, serem descobertas suas trapaças, e que seria preferível «repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea».

Difícil é, com certeza, distinguir o verdadeiro do aparente, o verdadeiro do enganador, o verdadeiro do duvidoso, enfim, a verdade do êrro e da mentira.

Um sofista grego houve que assegurou que a verdade não existia, que tudo podia ser verdadeiro ou tudo podia ser falso, segundo as pessoas, o momento, as intenções e as circunstâncias. E como todos sabem, os filósofos haviam afirmado que até os nossos sentidos podiam nos enganar; que a inteligência é, consequentemente, sujeita a êrro e que a própria razão é quasi sempre impotente para conquistar o verdadeiro.

O próprio famoso sábio romano Lúcio Annaeus Séneca, assim se pronunciou sôbre a verdade: — «Ninguém, enquanto vivo, pode saber o que é a verdade, e como distinguir o verdadeiro do falso. Enquanto a alma do homem está encerrada no cárcere opaco do corpo, é incapaz de perceber a substância do ser, o segredo do Universo, o puro, e divino absoluto. Depois da morte, o espírito readquire sua plena lucidez e as virtudes que hoje estão obscurecidas ou sufocadas».

Platão afirmou, com justa razão, que «filosofia é sinônimo de morte. Para saber o que é a verdade, é necessário morrer!»...

A morte, portanto, não é o fim de tudo, como muitos supõem. A morte é o meio providencial de que Deus se serve para conduzir as criaturas à posse da Verdade, como na antevisão gloriosa desses dois grandes vultos da História, acima mencionados. A morte abre, pois, aos espíritos largos horizontes; novas terras e novos céus aos seus olhos atônitos, se descerram, todavia, não os torna sábios, de um momento para outro, só porque morreram! Cada qual leva para o além-túmulo, tudo aquilo quanto houverem adquirido, em ciência e em sabedoria, e que somado ao que adquiriu nas vidas passadas, formam o seu patrimônio de conhecimentos atuais. Na vida espiritual, as possibilidades de estudo aumentam consideravelmente, podendo ir livremente ás faculdades, às academias, aos laboratórios, ás fábricas, e onde quer que haja trabalho, podendo aí auferir novos cabedais de conhecimentos. Cada um, porém, só saberá aquilo que aprendeu! E quando na situação de Espírito, são consultados sôbre assuntos nos quais não são versados, buscam o concurso dos que o são. Só os fúteis e os insensatos respondem levianamente a todas as perguntas que lhe são feitas.

O assunto é atraente, mas vamos ficar por aquí.

Nova Iguassú — Outubro/1950.

"O Espiritismo, como oficina de sabedoria e amor, aperfeiçoamento e iluminação, é instituto mundial de trabalho incessante, onde não ha palanque para espectadores ociósos." — *IRMÃO X.*

Meu Filho Voltou

(Conto de Natal)

O Natal inflúe de tal forma no espírito cristão que nos parece partir dêle o motivo dessa transformação que se nos afigura operar-se no ambiente do mês de Dezembro. Tudo nesse mês resplandece ao revérbero de uma luz nova, diferente da que ilumina o resto do ano. Nos países frios vemos a neve que cai, petrificar-se e transmudar-se em diamantes lapidados, ou em pérolas orientais, arrumadas em fios pendentes dos ramos das árvores esquálidas ou dos beirais dos telhados, cintilando na sua riqueza fantástica. Nas zonas em que a neve é escassa, ou ao calor dos trópicos, as folhas verdes é que se transformam em esmeraldas, as rosas rubras em rubís ; há fulguração de diamantes nas florinhas brancas que atapetam os prados, e toda uma gama imensa de pedras preciosas e lindas, tremula nas asas multicores das borboletas, que, anjos pintores, munidos de palhetas mágicas, vêm, à noite, colorir.

Há, todavia, um fator que empresta ao Natal, em qualquer parte do mundo, um encantamento igual e dá ao seu colorido a mesma vibração de vida : é o concurso das crianças com a sua alegria, a sua alacridade, o seu alarido ! Elas são as flores vivas que rodeiam o presépio, miniatura do estábulo em que nasceu Jesus, o enviado do céu. Lá se encontra o festejado recem-nascido, na sua figurinha de porcelana ou madeira esculpida, a sorrir para elas, riso que todo bando infantil traduz sempre como uma promessa igual : a de mandar Papai Noel visitá-los, um a um, na noite mais feliz da cristandade.

Não fugia dêsse encantamento místico, o dr. Salustiano, advogado ilustre e homem de abastados recursos. Êle mesmo, num alvorôço igual ao dos demais membros da sua família, que se compunha da esposa e dois filhos : — Cotinha, de 14 anos, e Carlinhos, de 7 — se entregava ao preparo da festa natalina, que se acostumara realizar, todos os anos, desde que lhe nascera o filho, num 25 de Dezembro.

Tudo fôra previsto : a árvore de Natal já estava, pejada de brinquedos, no centro da sala, em cujo ângulo principal fizera armar o custoso presépio, que mandara vir da Alemanha, com figuras de vinte centimetros, rios, cachoeira, carros tirados a bois, moinhos de vento, tudo movido por maquinismo especial e engenhoso que se escondia por baixo do estrado. Ao centro, bem em frente, via-se o estábulo, onde a Virgem Mãe, resplandecente de glória pela maternidade que lhe coube como prêmio na distribuição das graças divinas, estava atenta à mangedoura em que se encontrava, deitado na palha dourada, o seu filho dileto, a sorrir para o ingrato mundo onde acabara de penetrar. José, o patriarca, apoiado ao seu bordão, quedava-se um pouco além, e os três reis magos, montados nos seus camelos ricamente ajaezados e carregados dos bíblicos presentes : ouro, incenso e mirra, chegando de tão longe, moviam-se devagar, impulsionados pelo mecanismo do conjunto.

A meninada afluìa trêfega, irrequieta, numa algazarra terrível. Queriam vêr o presépio, mas a sala estava interdita. «Não tenham pressa», dizia-lhes o dr. Salustiano. «Faltam apenas três dias e todos terão ingresso ali». Essa promessa acalmava a turba curiosa.

No dia 21, pela manhã, Carlinhos aparecera triste ; tinha os olhos brilhantes e espirrava a cada passo. O calor e vermelhidão das suas faces denunciavam febre alta. A solicitude dos pais ocorreu pressurosa : foi chamado o médico da familia, aliás um grande professor, que constatou, de pronto, uma gripe pneumonica de forma grave. Tôda alegria que reinava antes apagou-se como por encanto ! Um véu de desolação abateu-se sôbre aquela casa e sua gente passou a viver a inquietação mortificante de uma desgraça ameaçadoramente iminente, só compensada por tênue fio de esperança na realização de um milagre.

A sala onde estava armado o presépio não se abriu mais. O dia de Natal passou sem que alguém atentasse nisso, presos que se achavam todos à preocupação de salvar aquela bruxoleante vida, que ameaçava extinguir-se a todo instante, como a chama da vela acesa diante da imagem da Mãe do Menino Jesus, onde a mãe de Carlinhos se prosternava em súplicas pela preservação da vida do seu ídolo.

Vencera afinal a resistência física da criança na luta contra o micróbio invasor, dissera o médico ; mas a mãe de Carlinhos proclamava que fôra a intervenção da Virgem Maria que lhe salvara o filho.

A convalescença de Carlinhos, todavia, estacionara num estado de abatimento alarmante. Tardava a volta da saúde integral que acende o olhar e alegra o coração. O médico aconselhou uma estadia prolongada em clima de altitude e abalaram todos para a Suiça, onde internaram o menino em magnífico sanatório. Ali o especialista descobriu a devastação que a moléstia fizera nos pulmões da criança que, aliás, sempre os tivera fracos, verdadeiro campo aberto à tuberculose, por uma predisposição hereditária. Era gravíssimo o caso, mas o cientista, empunhando as suas armas, travou a batalha. Ao cabo de alguns meses de improfícuos esforços a ciência foi vencida. Morreu Carlinhos, numa tarde fria de dezembro suiço, a olhar, na hora extrema, através das vidraças, a neve que caía em flocos, a sorrir serenamente, como sorria o menino Jesus do seu presépio . . .

A família, sob o peso esmagador da tristeza, voltou ao Brasil, já nas malhas de nova e crudelíssima prèocupação. A Cotinha, precisamente no período de transição da infância para a puberdade, viveu a angústia tremenda que resultou da enfermidade e desenlace do seu irmãozinho. Isso dera causa ao aparecimento de crises nervosas periódicas que a prostravam em estado de inconsciência mais ou menos prolongada. Consultaram médicos europeus, mas êles prescreveram calmantes e distrações, sem resultados apreciáveis.

Ao penetrarem no palacete residencial, onde tudo se conservara como deixaram, tiveram a atenção voltada para a data. Naquele dia fazia um ano que Carlinhos inesperadamente adoecera. Por uma sucessão de idéias lembraram-se de que faltavam 48 horas para a festa do Natal. O dr. Salustiano, no entrechoque de tantas recordações pungentes, perdeu o contrôle sôbre os próprios nervos e explodiu numa crise de revolta : com um ponta-pé arrombou a porta da sala onde brilhavam os ouropéis do presépio e da árvore de Natal, que havia um ano Carlinhos ajudara a colocar ali. Aos gritos, ordenou aos criados : «retirem tôda essa quinquilharia inútil e ponham-na no lixo. Depressa ; não quero mais lembrar-me do dia de Natal . . .

Com o choque emocional daquele episódio violento, Cotinha caíra nos braços maternos, acometida de uma de suas crises, mas desta vez de forma extranha. Imóvel, de olhos fechados, começou a falar :

Meu pai, não perturbe com seu desespêro a minha evolução que se processa tão serenamente. Eu sou Carlinhos que volta para lhe dizer isto : a morte não nos aniquila. Quando o corpo cai vencido pela morte, a alma que o animava fica de pé e continua a marcha para o seu destino. A minha desencarnação prematura não foi um acidente ; estava prevista no mapa da minha existência. Hoje não sou mais um menino, de vez que a infância das almas perde-se na noite dos tempos, em nome da amizade que selou nossa passagem pela Terra, eu lhe peço : não destrúa nada. Conserve a sala do presépio como está. Depois de amanhã, na efeméride cristã mais jubilosa, abra-lhe as portas e deixe entrar a criançada alegre. Distribua com ela todos os brinquedos que lá estão, porque êles têm a virtude de abrandar a aspereza de certas almas rebeldes e que, entretanto, animam corpos infantis. Faz isso com alegria certo de que estarei ao seu lado quando a garotada o rodear, instante em que nos devemos sentir felizes, lembrando as palavras de Jesus : «Deixai vir a mim os pequeninos, que o reino do Céu é dos que a êles se assemelham».

⁂

Apenas um ano transcorrera da morte de Carlinhos e a casa do dr. Salustiano se abria festiva para comemorar o Natal. Algumas pessoas de suas relações, todas da alta roda social, umas católicas, outras materialistas, compareceram, por curiosidade ou por terem oportunidade de dar pasto à maledicência. Aos indiscretos que o interrogavam porque a sua tristeza se transmudara em alegria, o dr. Salustiano respondia com uma convicção impressionante: «Porque meu filho voltou e pediu-me para realizar a festa».

A turba de gozadores insensatos, que só atentam para a superfície das coisas, cochichava entre si: «Coitado do Dr. Salustiano; a morte do filho transtornou-lhe o juizo . . .»

Alfredo d'Alcântara.

O Espiritismo no quadro das Ciências

DEOLINDO AMORIM

— III —

Já vimos que o conceito de ciência póde ser tomado no sentido geral e no sentido particular. Resta, agora, procurar o lugar que, logicamente, cabe ao Espiritismo no quadro das ciências. Que o Espiritismo tem características científicas, não há dúvida alguma, porque está apoiado em factos, e os factos espíritas não são comuns a outras ciências, ainda que estas lhe sejam correlatas. Os factos que constituem o objeto da ciência espírita formam, por si mesmos, com as suas leis, um conjunto de conhecimentos sôbre uma ordem especial de fenômenos, porque são fenômenos independentes da vontade humana, visto serem produzidos por espíritos desencarnados, vulgarmente chamados *mortos*. Logo, o Espiritismo tem características próprias. Mas o que é verdade é que as classificações até agora aceitas não tomaram conhecimento do Espiritismo, o que, todavia, não lhe tira o caráter científico.

Não percamos de vista, desde o início, o seguinte: as classificações das ciências não podem ser definitivas. Jamais o foram. Desde a antiguidade, sábios e filósofos têm procurado organizar a escala dos conhecimentos humanos, mas até agora nada se fez de imutável, permanente, mesmo porque as ciências, com a marcha do tempo, desdobram-se, subdividem-se à medida que se dilata o campo das investigações, da experimentação. Haja vista, por exemplo, o que se deu com a *Psicologia*. A classificação de Augusto Comte, a mais aceita até hoje, em relação ás outras, a mais completa, não incluíu a ciência da alma no conjunto das ciências. Hoje, porém, apesar de ainda gozar de prestígio a classificação de Comte, a *Psicologia* é uma ciência autônoma, tem o seu lugar determinado no esquema geral das ciências. Mais tarde, não tenhamos dúvida, acontecerá o mesmo com o Espiritismo.

Notemos ainda que a organização das ciências foi, a princípio, muito simples em comparação com o que se verifica hoje. Os gregos, que deram os primeiros passos nêste sentido, estavam muito longe das especializações, das subdivisões das ciências. Justamente por êste motivo, Aristóteles encarou-as simplesmente pelo fim a que se destinam. O filósofo grego partiu de três faculdades básicas do espírito humano: *pensar, agir, produzir*. A classificação de Aristóteles, que foi, sem a menor dúvida, a primeira tentativa de organização dos conhecimentos humanos, póde ser assim resumida: 1.° grupo (Ciências especulativas); 2.° grupo (Ciências práticas); 3.° grupo (Ciências da imaginação). Estes grupos correspondem à seguinte divisão:

a) — *Ciências especulativas*
(Conhecimento puro)
Matemática — Física — Metafísica

b) — *Ciências práticas*
Moral — Política — Economia

c) — *Ciências da imaginação*
Poética — Retórica — Dialética

Para o tempo de Aristóteles, tal classificação era bem adiantada. Logo depois, entretanto, vieram outras classificações. Vê-se, por aí, que o conceito de ciência ainda se apresenta sob aspecto muito geral, porquanto Aristóteles inclúe entre as ciências até mesmo a retórica e a poética. Mais tarde, com o próprio Aristóteles, separaram-se os dois campos: a Ciência e a Filosofia, chamada metafísica ou filosofia primeira. Antes disto, como estamos vendo, o conceito de ciência era muito geral. Na opinião de Aristóteles o homem, antes de tudo, tem necessidade de *conhecer*. Daí as ciências especulativas (matemática, física, metafísica), que formam o que êle chamou conhecimento puro. Mas o conhecimento por si só não basta para realizar o bem supremo; é necessário que haja o sentimento do dever, porque o homem tem, também, necessidade de *agir*. Vem depois o grupo de ciências práticas, correspondendo ao dever, ao modo de agir na sociedade e na direção da coisa pública: moral, que dirige o homem, economia e política. Mas, depois de *conhecer* e *agir*, o homem precisa *criar*. Daí as ciências da imaginação: poética, retórica, dialética, também chamadas ciências da memória.

A Escolástica (Filosofia da Idade Média) modificou o esquema de Aristóteles, porque dividiu as ciências do seguinte modo: *Trivium* (gramática, dialética e retórica) e *Quatrivium* (música, aritmética, geometria e astronomia). Incompleta, como a outra, a classificação dos escolásticos. Meu intúito, ao citar estas classificações, é apenas o seguinte: demonstrar que, á medida que se desenvolvem os conhecimentos humanos, vão surgindo novas ciências, e por isso as classificações não podem ser definitivas. Se, portanto, o Espiritismo ainda não está na classificação geral das ciências, tal omissão não autoriza a afirmar que o Espiritismo não seja uma ciência.

Francis Bacon, «o pae do método experimental» (1561-1626) rejeitou a classificação adotada pelos escolásticos e criou uma divisão baseada nas faculdades intelectuais. Para BACON, portanto, a divisão das ciências devia partir das faculdades intelectuais. Coerente com o seu modo de ver, Bacon classificou as ciências em três grupos:

a) — *Ciências da mémória*
História Natural — História Civil — História Religiosa

b) — *Ciências da Imaginação*
Poética, narrativa, dramática e parabólica

c) — *Ciência da Razão*
Filosofia, naturalmente abrangendo a Lógica.

A classificação de Bacon, apesar de haver sido êle o arauto da experiência, isto é, da ciência positiva, baseada no método experimental, é muito pouco objetiva. A de Aristóteles parece até mais concisa e mais prática. AMPÉRE também fez uma classificação das ciências, aliás mais simples do que as anteriores. A classificação de Ampére divide as ciências em dois grupos apenas: material e espiritual, correspondendo a: Matemática, História Natural e Física (I) e Filosofia, Linguistica etc. (II). A classificação de SPENCER é diferente, porque divide as ciências em *abstratas, concretas* e *abstrato-concretas*. Houve ainda outras classificações. Mas a que prevaleceu, por ser, como já se disse, a mais completa, foi a de COMTE. Mas a ciência da alma não entrou na classificação de Augusto Comte, porque êste filósofo, criador do *Positivismo*, não aceitava a existência da alma, tal como nós entendemos o significado da palavra alma. Para nós, a imortalidade da alma, na vida espiritual, depois da *morte*, é facto provado; para a filosofia positivista, porém, a imortalidade é apenas subjetiva, isto é, a imortalidade resume-se na simples *lembrança*, na veneração dos mortos. Temos, como se vê, concepção oposta, porque aceitamos a imortalidade da alma como facto objetivo, demonstrado. Assim pois, é óbvio que Augusto Comte jamais poderia dar um lugar á ciência da alma em sua classificação das ciências. Para nós, entretanto, a Psicologia é uma ciência fundamental, porque tem por objeto a alma, o princípio substancial do ser. É verdade que os partidários da escola experimentalista (psicologia experimental) entendem que a alma não é o princípio espiritual, porque negam a existência dêsse princípio. Neste caso, teremos uma psicologia materialista, o que é contrasenso, porque psicologia quer dizer ciência da alma. O Espiritismo, como já vimos, vai muito além da Psicologia. Vejamos, porém, a orientação que Augusto Comte deu á classificação por êle organizada, classificação que substituiu as anteriores: *Matemática-Astronomia-Física-Química-Biologia-Sociologia-Moral*. A biologia, ciência da vida ou dos sêres vivos, abrange a Psicologia, porque a classificação de Comte subordina os fenômenos psicológicos (fenômenos da alma) ás leis do organismo. Agora, depois disto, é o caso de perguntar : quál o lugar do Espiritismo? O Espiritismo é ciência da alma, mas não está subordinado á Psicologia, e a classificação de Comte não chegou a incluir a Psicologia entre as ciências. Neste caso, não tem definição no quadro das ciências. É o que dizem todos aqueles que tomam por base de argumento apenas o facto de não estar o Espiritismo na classificação das ciências. Mas já vimos que as classificações das ciências não podem ser absolutas. De Aristóteles a Comte, por exemplo, a divisão das ciencias sofreu muitas modificações. Hoje, por exemplo, com os estudos da desintegração atômica, já se admite muita coisa que não era nem podia ser admitida no tempo de Comte. Além de tudo, na época de Augusto Comte, a doutrina espírita ainda estava no ar, por assim dizer. Refiro-me á doutrina, isto é, á codificação de Allan Kardec. Comte partiu da negação do princípio espiritual e imortal. Tendo partido desta premissa é claro que nunca o criador do Positivismo poderia dar autonomia á ciencia da alma em sua classificação. Mas atualmente já se tenta, por exemplo, considerar a *Metapsiquica* ciencia autonoma. De que trata a Metapsiquica ? Dos fenômenos que ultrapassam a esfera do psiquismo humano. Os fenômenos estudados pela Metapsiquica (termo criado em 1905 pelo Prof. Charles Richet) são precisamente os fenômenos espíritas, vistos por outro prisma. Mas os fenômenos são os mesmos : fenômenos supra-normais, para-normais etc.

Convém notar que muitos autores não citam o Espiritismo por simples preconceito acadêmico. Merece, neste particular, os maiores encômios o professor Modesto de Abreu, ilustre homem de letras, antigo professor de Filosofia, Secretário da Academia Brasileira de Filologia, pois é também filólogo, e membro da Academia Carioca de Letras. No interessante compêndio de *Filosofia* que publicou em 1945, o prof. Modesto de Abreu, sem ser espírita, faz referência diréta ao Espiritismo e a Allan Kardec. E', ao que parece, o primeiro trabalho, entre os compêndios escolares, que inclúe o Espiritismo e a Metapsíquica no ról das doutrínas psicológicas. Já se vê, portanto, que, aos poucos, o Espiritismo vai tomando lugar ao lado das outras ciências. As classificações chamadas oficiais, aliás impropriamente, não podem ser imutáveis, observação que deve ser sempre repetida. Diz o prof. Modesto de Abreu, ao tratar da Metapsíquica : *Escola Metapsíquica (Conan Doyle, Richet, Flammarion, Edison) — Preocupa-se com os fenômenos de transporte do pensamento, televisão, mediunidade e irradiação das fôrças mentais, a respeito dos quais investigações se vêm fazendo na Índia desde tempos imemoriais, e nos países ocidentais, a partir dos estudos realizados por Allan Kardec, William Crookes, Oliver Lodge, Léon Denis, Lombroso e outros experimentadores do espiritismo.* Note-se que o Autor coloca o Espiritismo entre as escolas modernas de Psicologia. Não opina, expõe o assunto, apenas. Embora não seja bem uma escola psicológica, porque os fenômenos espíritas — como já foi dito — pertencem a outra categoria, o Espiritismo póde elucidar muito as escolas psicanalítica, reflexológica etc., citadas pelo Prof. Modesto de Abreu. O Espiritismo abrange a Psicologia sob dois aspectos : experimental e racional. Experimental, quando investiga os fenômenos para demonstrar a existência e, consequentemente, a imortalidade da alma; racional, quando discute a existência da alma como princípio espiritual, como ser pensante e responsável, como base da teoria da vida futura, ponto de apôio da crença em Deus. Como se vê, um livro atual, o do Prof. Modesto de Abreu, rompendo o preconceito intelectual dos autores antigos e modernos, cita o Espiritismo entre as escolas modernas, o que quer dizer que o Espiritismo já começa a ser compreendido no quadro da ciência e da filosofia.

(Continua).

Sem esperar o veridito definitivo da ciência, eu confesso que acredito na objetividade dos fenômenos espíritas. — P.e MAINAGE.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

VELHAS DOUTRINAS — *Lafaiete Belo* — Maceió.

Velhas Doutrinas? Quais, considerando-se que «nada ha de novo sob o sol», como diria o velho Salomão, rei hebreu?

E o que existe com o nome de velha, seria mesmo, imprestável?

Em arte «as velhas doutrinas e os velhos moldes são, ainda, os melhores, os que impressionam mais. E, em ciência, as doutrinas novas», diz eminente pensador e observador.

Assim é, efetivamente.

Que ha, hoje, no campo da arte pura, da filosofia e da moral, que se compare com as velhas doutrinas, já não direi dos aureos tempos gregos, mas da Renascença?

Onde as manifestações artistícas, dentro de nosso orgulhoso Século das Luzes, que se comparem ás realizações artísticas de um Da Vince e Miguel Angelo, de um Rafael e Rubens, de um Shakespiere e Camões?

A arte moderna não acompanhou, evidentemente, o desenvolvimento da Ciência. Não apresenta nada, absolutamente nada, que se compare ao avião e à televisão, ao rádio e ao cinema. E' que, fóra da Lei — e a semetria é uma grande lei artística — nada se faz, nada póde existir de grande e de belo. Enquanto a Ciência descobre novas leis físico-químicas e não se afasta das leis naturais, a arte moderna—(arte, ela?)—salta por cima da Lei — e nem o Cristo desrespeitou a Lei! — e da simetria, abusando de uma liberdade *maugostosamente* criminosa que ela, a tal arte moderna, a si mesmo se concedeu. Donde, isso que por aí vai, manchando colunas de jornais e revistas, sujando telas e azucrinando nossos ouvidos, com o nome de arte moderna.

Poesia, isso que se lê por aí, sem métrica, sem rima, sem gramática, sem sentido e sem graça? Pintura, esses amontoados de tintas sem expressão e sentido, sem beleza e sem graça, embora tragam a assinatura de quantos Portinaris existam? Música, essas descombinações de sons gritantes e sem melodia, que nos entontecem os ouvidos?

De nós, talvez por sermos velho e *ranzinza*, preferimos a arte que, velha ou moça, nos fale à alma, nos agrade, possamos compreender. Se «o Belo é aquilo que agrada», como dizia Platão, é óbvio que não póde haver beleza naquilo que desagrada e até apavora.

Mas, porque pomos isto aquí?

E que tem o VELHAS DOUTRINAS, do Lafaiete Belo, com essas coisas todas?

Nós mesmo não o sabemos.

Mas, se estas coisas nos saltam, quasi que a nossa revelia, do teclado de nossa *Underwood* ao papel, é porque algo existiu, naturalmente, para tanto.

* * *

Conhecemos Lafaiete Belo em Maceió, quando por lá andamos, precisamente ha oito anos. E foi uma bôa e grande amizade que nos ficou na terra no *sururú*. Dêle, já tratamos, recepcionando outro volume, nestas colunas.

VELHAS DOUTRINAS são páginas que dão vida a seu último volume. São, antes, estudos oportunos do que doutrinas em desuso. Estudos que, certamente, apareceram, antes, nos jornais, para a existência de um dia, como é a existência do próprio jornal. E ha tanta coisa nos jornais que devia ter existência mais duradoura nas páginas menos efemeras do livro! João do Rio e Coelho Neto, entre outros, por assim compreenderem, enfeixavam posteriormente, em volumes suas crônicas, muitos estudos seus...

Foi o que teria feito Lafaiete Belo, no seu VELHAS DOUTRINAS, páginas que a gente lê com agrado e deleite. Dentre elas, queremos destacar, principalmente, pela justeza de sua argumentação e pela oportunidade da doutrina focada, *A influência da mulher na formação do caráter*. E haverá caráter que se forme sem a influência da mãe de verdade e da esposa dedicada? *A Infância e a uniformidade no ensino*. E o ensino que aí está continua — ai, de nós, que somos um velho professor á frente de um colégio! — tão desoniformizado, atravancando, por isso mesmo, o cérebro da infância! *Procuremos a alegria*. E a alegria é tônico poderoso da alma, que ajuda a viver. Tão santa, que Paulo chega a aconselhá-la até na prática da caridade: «Dai, mas, dai alegremente, porque Deus só vê a esmola dos que dão com alegria».

Parabens ao Lafaiete Belo, por seu VELHAS DOUTRINAS e agradecimentos pela generosa lembrança de nos enviar um exemplar, com honrosa dedicatória.

—

VOZ INTERIOR — *Wilson Ferreira de Melo* — Barretos, S. Paulo.

Conhecemos o dr. Wilson Ferreira de Melo em Barretos, sua cidade, no alto interior de S. Paulo, precisamente ha cinco anos.

Só o seu conhecimento valeu bem a longa viagem e a visita á sua cidade. Ficamos amigos sinceros, o que era de esperar-se de dois temperamentos que se conjugaram admiravelmente, de dois entusiasmos vivos pela Doutrina que nos irmanou.

Wilson Ferreira de Melo é médico humanitário e cristão, jovem ainda e talentoso. Alma e inteligência abertas ás lides doutrinárias.

Seu entusiasmo e nossa conjugação de temperamentos levaram-nos a viajar até Frutal. A querida esposa e uma bôa amiga, nós e êle. E foram quatro horas de viagem em três espécies de condução, que passaram sem sentirmos, porque animadas de conversa ininterrupta dentro de assuntos puramente doutrinários; coisas e vultos do Espiritismo, interpretações doutrinárias e planos de ação. Ao fim da viagem, fôrça foi que um perguntasse ao outro:

— Interessante: viajamos mais de quatro horas sem parar de conversar sôbre coisas da Doutrina. E conversariamos, ainda, outro tanto, que o filão de assuntos é inexgotável.

— «Milagres» do Espiritismo. Entretanto, dois católicos se encontram, por exemplo, e conversam sôbre tudo, menos sôbre coisas do catolicismo...

— E' facto. Mas, nem podem. Que sabem êles, na verdade, do Catolicismo?

* * *

Lendo seu VOZ INTERIOR, que acabamos de receber, não sabemos por que á lembrança nos veio o facto acima. Talvez porque, nas páginas do VOZ INTERIOR, sentimos a presença intangível do querido amigo, como que a ouvir-lhe a voz, os conceitos substanciosos e consoladores, que tem muito, muitissimo mesmo, do queridissimo Emanuel...

VOZ INTERIOR é volume de bolso, como o AGENDA CRISTÃ, impresso com muito gosto. Tem a grande vantagem de apresentar conceitos e legendas, preceitos e máximas admiráveis do próprio autor. E tem a desvantagem de ser obra de pequena edição, publicada no interior, sem preconicios e retumbancias das grandes edições.

E é uma pena, creia o leitor!

Suas 160 páginas, riquissimas de textos sintéticos e objetivos — desses que dizem mais em uma frase e expressão do que muitos autores e oradores em páginas inteiras e discursos de legua e meia,— a gente as lê, deleitando o espírito, enriquecendo a inteligência e sensibilizando o coração.

Que mais será preciso para acreditar um livro e seu autor?

Citar capítulos que mais agradaram, expressões mais incisivas?

Impossível, a menos que se transcrevesse o opúsculo inteiro.

Se o leitor quiser, por si mesmo, tirar a prova do que afirmamos, é só escrever ao autor — Barretos, S. Paulo — solicitando um exemplar pelo reembolso. Tanto mais sendo livro editado com finalidades filantrópicas.

—

TEATRO DA MOCIDADE — *Gráfica Mundo Espírita*

Não se trata aquí de apreciação e louvor de autor a sua obra.

Nem teria graça nenhuma, além de passarmos, se assim pensassemos e agissemos, por mais *vaidoso* e *cabotino* do que *já somos*.

Trata-se de fazer justiça à *Gráfica Mundo Espírita* pelo capricho e gosto com que está apresentando suas edições. E edições de obras de vários autores, todos livros de oportunidade e finalidades doutrinário-culturais apreciáveis.

Os espíritas de gosto literário, principalmente as Mocidades Espíritas bem dirigidas, que o TEATRO DA MOCIDADE lhes é dedicado, que enviem seu pedido pelo reembolso á Editora, e terão a prova do que afirmamos.

A GUERRA

O Espiritismo estuda a guerra sob diversos aspectos:

1. Como flagelo que impulsiona o progresso dos povos pela dôr, evitando estagnação: os culpados pelo seu desencadeamento sofrem horrorosas consequências, mas a massa dos Espíritos progride pelo sofrimento.

2. Como forma primitiva de barbarismo, do tempo em que só prevaleciam a fôrça e a violência.

3. A guerra civil para impôr à coletividade princípios novos que só uma parte dos cidadãos ainda aceita.

Juntamente com a Guerra o Espiritismo estuda a pena de morte que fatalmente existe no estado de guerra; e declara que ambas as coisas desaparecerão com o progresso moral da humanidade. (*Livro dos Espíritos*, N.os 742 a 756)

Recentemente esteve reunida no Rio de Janeiro a 1.ª Conferência Nacional das Organizações Não-Governamentais do Brasil, promovida pela Organização das Nações Unidas, para tratar da colaboração da iniciativa privada na manutenção da paz. Reconhece a ONU que para edificar a paz nos espíritos não bastam os governos soberanos reunidos numa associação de nações; mistér se faz obter a colaboração direta e permanente dos povos por meio de suas organizações privadas, sejam estas de religião, educação, beneficência, arte, economia, classe ou quaisquer outras. As reuniões plenárias realizaram-se nos dias 21, 22, 23 e 24 de Outubro no auditório do Ministério da Educação e Saúde, e as Comissões reuniram-se em outros edificios públicos.

Compareceram entidades espíritas, católicas, protestantes, israelitas, teosofistas, bahaistas, ocultistas, artísticas, culturais, sindicatos, câmaras de comércio, rotary clubes etc. etc.

Falaram oradores muito autorizados, como Osvaldo Aranha, ex-presidente da ONU, Paul Vanorden Shaw, representante da ONU no Brasil, o General Rómulo, representante das Filipinas na ONU, e outros perfeitos conhecedores da ONU.

Todos foram concordes em afirmar que a paz tem que ser criada pelos povos, não pelos governos; que os povos nunca fizeram a guerra, só a fazem os governos. Uma associação de governos, como a ONU, sem a colaboração constante dos seus povos, será incapaz de conservar sempre a paz.

Certa vez Loyd Georges, então chefe do Governo britânico, disse numa solenidade promovida pelas igrejas cristãs em sua homenagem, que aquelas igrejas poderiam confessar sua falência, se não encontrassem os meios de abolir a guerra da face da Terra. Depois desse discurso, veiu a Segunda Guerra Mundial; portanto, as igrejas poderiam ter confessado sua falência, se aceitassem o conselho do grande estadista; mas na verdade elas nada podem fazer pela paz, porque todos os seus direitos ficam revogados pela decretação do estado de guerra. Cada igreja, cada escola filosófica, cada associação pacifista, seja nacional ou internacional, é formada de um número de cidadãos que só têm direitos individuais e liberdade de consciência em estado de paz. Em estado de paz cada um pertence a si mesmo e póde livremente aderir a esta ou áquela instituição, com ela colaborar de acôrdo com sua consciência; mas desde que seja decretado o estado de guerra, todos êles passam a pertencer aos seus governos, aos quais têm que obedecer cegamente.

Em estado de paz o cidadão X do país católico A é um irmão de crença do cidadão Y do país catolico B. Ambos obedecem ao mesmo Soberano religioso que é o Pontífice Romano; ambos seguem uma doutrina que lhes proibe o homicídio: «Não matarás». Nem a doutrina nem o Chefe religioso dos dois lhes permitiria matar um ao outro. Mas se o governo de um desses países, seja o A ou o B, declarar-se em estado de guerra contra o outro, esses dois indivíduos perdem todos os seus direitos civis e religiosos: já não podem obedecer ao seu Soberano em religião nem à sua doutrina, têm que obedecer únicamente ás leis de guerra de seu país, sem discutir se o seu governo tem ou não razão. A proclamação do estado de guerra restabelece o despotismo primitivo das clãns: o chefe é senhor da vida e da morte para todos. Ao indivíduo só cumpre obedecer ou morrer, e como o instinto de conservação é muito forte, pelo menos na imensa maioria dos homens, o povo é levado à guerra, mesmo que a guerra esteja inteiramente em desacôrdo com os interêsses da pátria, como era a situação da Alemanha em 1914 e 1939: tinha tudo a perder com a guerra; os alemães mais inteligentes o compreendiam, mas não se podiam fazer ouvir. Os que se opunham à vontade do govêrno alemão foram mortos ou recolhidos a campos de concentração que eram pior do que a morte rápida.

Fizeram as duas guerras e as perderam: sacrificaram a vida e os bens de milhões de concidadãos; levaram o país à ruína absoluta. As igrejas cristãs nada puderam fazer, porque todos os seus direitos desapareceram durante o estado de guerra. O mesmo fenômeno dá-se em todos os países: o estado de guerra nos faz retroceder séculos de progresso. Voltamos ao tempo da mais despótica servidão dos vassalos ao senhor feudal, *«Senhor de baraço e cutelo»*, como então lhe chamavam.

O ideal espírita é abolir a guerra, a pena de morte, a pobreza, a injustiça (mesmo aparente), a opressão e tudo mais que possa engendrar ódio; e promover o progresso pelos esforços voluntários e conscientes dos indivíduos; portanto, nos interessou muito o espírito reinante na 1.ª Conferência Nacional das Organizações Não-Governamentais do Brasil. Alí vimos os membros das mais diversas ideologias trabalhando juntos na edificação do bem comum sem partidarismos ou sectarismos estreitos.

Não só aceitamos os princípios expostos na Conferência, pelos oradores das Nações Unidas, como vamos ainda mais longe: a paz efetiva só existirá no mundo, quando fôr edificada em todos os corações humanos. O Espiritismo será uma das suas vigas mestras, quando bem compreendido, por dois motivos:

1.º — Dificultará a decretação do estado de guerra, porque criará a coragem de oporem-se os indivíduos à vontade dos governos belicosos; e 2.º — Embaraçará a execução da guerra, porque fará o homem compreender que lhe é mais conveniente deixar-se matar do que matar a outrem.

Para fazer-se a guerra é necessário colocar a idéia de pátria ou de partido (muitas vezes a guerra é feita por um partido contra outro, dentro da mesma pátria) acima do sentimento de humanidade; mas o Espiritismo coloca o sentimento de humanidade acima de todos os outros.

Sejam quais forem os resultados da 1.ª Conferência Nacional de Organizações Não-Governantais do Brasil, vimos nela um anseio honesto e louvável de construção da paz para os homens. Se forem prematuros e falharem esses esforços, pelo menos não se perderão para as pessoas bem intencionadas que estão trabalhando como pioneiras de um estado que terá um dia de existir no mundo. Pensamos que a Conferência conte com a aprovação integral de todos os espíritas que tenham acompanhado seus trabalhos e compreendido o seu ideal.

Crônica Estrangeira

O Espanto do Fotografo

«*The Two Worlds*»

Country Life publicou interessante foto obtida em Raynham Hall, Norfolk, residência do Marquês Townshend. A chapa fôra exposta em Setembro último pelo Capitão Provand, que se achava em companhia de Mr. Shira.

Eles já haviam fotografado a casa e pátio e então resolveram obter um retrato da bela escadaria de carvalho. Enquanto o Capitão estava focalizando a câmara, Mr. Shira viu uma figura etérea e velada que descia lentamente pela escada. A forma era tão transparente a ponto de Mr. Shira poder vêr os degraus da escada através do fantasma que, todavia era perfeitamente nítido ao observador. O Capitão riu-se e assegurou que Mr. Shira imaginára o fantasma, pois para êle nada havia de visível. A exposição durou um quinquagesimo de segundo. Enquanto a chapa estava no revelador, nela ia aparencendo uma forma sombreada bem distinta que descia pela escada. De facto, distingue-se mesmo um rosto fracamente esboçado.

O Capitão Provand estava certo de que nada apareceria na negativa, porém, ainda imersa na substância reveladora eles viram, com espanto, aparecer uma forma estranha sôbre a chapa. Mr. Shira desceu rapidamente escadas abaixo, a procura do químico, Mr. Jones, que subiu velozmente e viu a negativa, ao ser ela retirada do revelador. Estas três testemunhas garantem o facto de não ter a negativa sido retocada por qualquer deles.

Anos atrás a imprensa espiritualista divulgou diversos relatos de assombramento em Raynham e, entre estes, diversos registros de data antiga.

Pelo ano de 1840, Lord e Lady Charles Townshend convidaram muitos amigos para a comemoração do Natal. Naquêle tempo havia uma tradição no seio da família, de um fantasma conhecido por «Dama Morena».

O Coronel Loftus (irmão da Marquêsa) e Mr. Hawkins, depois de jogarem até tarde, subiram juntamente ao andar superior e se despediram quando Hawkins perguntou, «Quem é a senhora que está em pé à porta de vossa irmã ? Como é esquisito o seu vestuário».

Em noite subsequente o especto de novo se apresentou a Mr. Hawkins e êste, para desta vez evitar o engano, foi ao patamar da escada, o que o poria em presença da dama. Alí estava ela de pé em plena luz, uma figura em ricos brocados e, sôbre a cabeça, uma espécie de coifa, com as feições claramente definidas, porém desprovida de olhos, vasias as cavidades orbitárias.

⁂

Uma casa assombrada

De «Estudos Psíquicos»

A Agência Reuter espalhou pela imprensa a seguinte notícia:

«A polícia francesa investiga misteriosos acontecimentos que se assinalam há semanas numa «fazenda assombrada» nas vizinhanças de La Poirinière, em Rochetrejoux, na França Ocidental.

Segundo as informações prestadas por pessoas da família Briant, dona da propriedade rural, os móveis, as louças, as panelas e os sapatos passeiam pelo interior da casa. O dinheiro, quer em notas, quer em moedas, recusa-se a ficar nas gavetas e espalha-se por todos os cantos.

«O mais curioso é que as dentaduras do sr. Briant não querem permanecer dentro do copo de água e saltam para fóra. O seu pincel de barba destina-se a fim para que não foi comprado. Sempre que o sr. Briant quer fazer a barba, o pincel salta-lhe das mãos, para o armário do banheiro.

«Há poucos dias, os cães da fazenda uivaram toda a noite. Ao amanhecer estavam soltos e as coleiras tinham desaparecido.

«Todos os dias, às 8h,20m da manhã, os relógios param.

«Os Briant são huguenotes, mas em desespero de causa chamaram o padre católico local que lhes deu uma estatueta da Virgem Maria e uma pequena medalha benta.

«Centenas de pessoas já visitaram a «fazenda assombrada», sem resultado. Todavia, quando em casa só estão os proprietários, estes factos sempre se repetem. Por outro lado, quando os guardas lá permanecem, nada acontece. Quando estes saem, parece que os objetos rejubilam e passeiam nos seus aposentos.

⁂

A Visita do Padre

The Two Worlds — Por John Justice

«. . . E fechadas as portas — subitàmente Êle estava entre seus discípulos.»

Talvez não seja esta uma citação literal, mas é suficientemente exata para mostrar a similaridade de dois factos separados pelo intervalo de 2.000 anos.

Posso compreender o assombro, admiração que o inesperado acontecimento produziu nos antigos discípulos. Igual fenômeno ocorreu há pouco em minha presença.

Cinco pessoas vulgares, mentalmente equilibradas, reunidas em casa do Capitão Hewett, comerciante de Nottingham e investigador destituido de preconceitos, casualmente conversavam sôbre assuntos diversos, quando, de súbito, sem perceptível pausa na conversação — OUTRO HOMEM ESTAVA CONVERSANDO CONOSCO NAQUELA SALA.

«Posso entrar?» exclamou uma voz tipicamente masculina e, imediatamente, estavamos envolvidos em amistosa discussão e argumentavamos com uma personalidade vigorosa, enérgica, exuberante de vitalidade, possuidora de todos os característicos vigorosos de «bonne cameraderie» sadia e bondosa. O nosso «visitante do Além», tratou, por mais de uma hora, de teologia, mitologia. as antigas e modernas filosofias, isto, com elevado pensamento e ideologia, que só poderia provir do «Outro Lado».

Nunca me sentí seduzido pelo «tipo eclesiástico» e tenho por vezes, expressões um tanto rudes para com o clero ortodoxo, mas «O Padre» era admirável parceiro. Sentia-se a *presença in loco* do melhor tipo de bom camarada — um «Clérigo tipicamente esportivo», para usar uma frase comum empregando expressões de homem educado e moderno, mostrando vasto conhecimento dos clássicos que não estavam no conhecimento da médium, em cuja companhia passamos muitas horas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

União Espírita de Piracicaba

De 3 a 8 de Outubro p. p. realizou-se em Piracicaba uma semana festiva pró-inauguração da nova séde social da U. E. P.

Durante 6 dias fizeram-se ouvir na tribuna espírita local, os seguintes confrades: Pedro de Camargo (Vinicius), Dr. Jony Doin, Dr. Thomaz Novelino, Dr. Walter R. Accorsi, Dr. Julio de Abreu Filho, Prof.ª srta. Carlota Steagall e outros oradores convidados.

Notamos a presença ainda de confrades de Campinas, S. Paulo, S. Barbara d'Oeste, entre os quais, Servilio Marrone e Dr. Carlos Steagall. Entre as reuniões de maior destaque, cumpre mencionar a da inauguração oficial, no dia 8, ás 20 horas: A Tarde das Violetas e das Papoulas, sob a orientação artística dos jovens da Mocidade Espírita local. O Teatro Infantil foi dedicado aos pequeninos de Jesus. Houve outras festividades de caráter íntimo, proporcionadas aos visitantes pelos espíritas da Mocidade Universitária. Notamos em todas as noites e tardes, numeroso grupo de senhoras e srtas. que se esmeraram em dar um brilho ímpar nesses dias inesquecíveis.

O Dr. Walter Accorsi, D. D. Eugenia, Jaçanã, Belinha, a família Salatti e inúmeros confrades revezaram-se de modo a dar a todos e à tudo, um caráter distinto de fraternidade, com bom gosto, bôa-vontade e atenções de cortezia espiritual. Estão pois, de parabens, os confrades de Piracicaba por mais êsse notável empreendimento, onde não ha nomes a destacar. Todos os que colaboraram devem estar contentes, visto como digno é o trabalhador do seu salário.

Digna de menção foi a cooperação do Quarteto Vocal da Igreja Protestante local, apresentando-se diversas vezes com seus números de canto sacro. Foram eles aplaudidos com amôr e carinho. Esta nota de solidariedade nos faz lembrar a expressão do Mestre: «Quem não é contra nós é por nós». Também foi inaugurado na séde um belissimo e valioso órgão musical, tendo como solista, a distinta confreira D. Jaçanã, acompanhada pelo Grupo Artístico do Côro Orfeônico da U. E. P.

E assim, aquí temos em rápido resumo a maravilhosa semana de 3 a 8 de Outubro último, em Piracicaba.

A Imprensa Espírita esteve presente pelos seguintes órgãos: «Revista Espírita» e jornal «Édipo», de São Paulo; «A Nova E'ra», de Franca; «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão; Clube dos Jornalistas Espíritas e «Lake» Editora, de S. Paulo.

—

Honra ao Mérito

A 2 de Outubro último, realizou-se na Rádio Tupí de S. Paulo, a homenagem com o título supra que a conceituada firma «Standard Oil Company Of Brasil» faz realizar todas as segundas feiras às 21 horas pela emissôra do Alto do Sumaré. Em tais programas, são homenageados todos os que fazem algo a bem do seu próximo e, no programa da data supra, coube tal honra ao Dr. Tomaz Novelino, Fundador-diretor e administrador do Educandário «Pestalozzi», de Franca, Est. de S. Paulo. Essa festividade teve ampla repercussão nos meios espíritas e leigos do Estado e do País. Na hora marcada iniciou-se o desenrolar da vida do grande educador, que viu pessoalmente a sequência dos atos mais significativos de sua vida e do seu estabelecimento modelar educativo, interpretados por uma equipe numerosa de artistas da Rádio Tupí, supervisionados pelos Diretores e locutores do Programa «Honra ao Mérito».

Durante 20 minutos o auditório ouviu silenciosamente e com a maior atenção as fases preliminares das lutas do Dr. Novelino. Em seguida, o locutor anuncia: «Agora, temos a honra de apresentar o Dr. Tomaz Novelino!» Todos dirigem seus olhares para a primeira fila. Este, emocionado, sóbe ao palco, sendo cumprimentado pelos locutores. Dirige-se pelo microfone ao auditório e público de S. Paulo e do País, dizendo da satisfação em que se encontrava a sua alma, não por ser merecedor de tão alta deferência, mas porque tinha a oportunidade de, através desse programa tão altruístico, dizer que a humanidade só será feliz si o homem se dispusesse a colaborar eficientemente a pról de seus semelhantes. Em seguida dísse que não poderia terminar sem declarar alto e bom som que, sem a cooperação anônima e inestimável de sua querida esposa, Prof. Dna. Maria Aparecida Rebello Novelino, o Educandário certamente seria ainda um sonho e não uma realidade.

Tais palavras calaram fundo no coração dos presentes. Na verdade, foi feliz o Dr. Novelino ao render á sua exma. esposa, as suas homenagens, de vez que a mesma tem participado ativamente na vida do Educandário ao lado do esposo amado.

Ao fim de sua rápida fala, um dos altos funcionários da firma patrocinadora do programa, colocou na lapela do ilustre médico e educador, a «Medalha de Ouro», sendo o mesmo nêsse momento ovacionado delirantemente pelos presentes. Cremos que o Alto, os Emissários de Jesus, também o ovacionaram, visto como o ambiente, segundo nossa impressão, permitia se observasse e sentisse uma sensível e delicada vibração de espiritualidade.

Encerrado o programa, o Dr. Novelino é acompanhado até o «hall» da referida emissôra onde o fotografo da «Standard» aproveita tirar algumas chapas como lembrete dessa inesquecível noite. Cumprimentos, abraços, risos de alegria, troca de amabilidades, agradecimentos reciprocos, encerraram a homenagem que em tão bôa hora a «Standard Oil Company Of Brasil» instituiu em nossa Capital, não só ao Dr. Novelino como a todos quantos procuram trabalhar por um mundo melhor.

Foi também ofertado ao Dr. Novelino o diploma de «Honra ao Mérito», a que fez jús por suas virtudes.

— Dias depois, num ato de reconhecimento público, o Dr. Novelino foi homenageado pelo «Rotary Club de Franca», sendo saudado na ocasião por diversos oradores.

Tudo o que Franca possúe de mais representativo em seu meio intelectual, compareceu ao ato como prova de reconhecimento.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim» que se fizeram representar, associam-se de coração ás homenagens prestadas ao ilustre confrade, bem como à sua exma. esposa.

Vicente S. Neto.

«Umbanda em Julgamento»

E'-nos grato transcrever nas colunas desta Revista a opinião da crítica literária a respeito dêsse livro editado pela «Gráfica Mundo Espírita», do Rio de Janeiro. O seu autor recebeu do ilustre e conhecido crítico Agrippino Grieco a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1950.

Alfredo d'Alcântara:

Católico que sou, não desejo discutir a essência da doutrina do seu livro «Umbanda em Julgamento». Mas uma coisa devo dizer-lhe: é que V. escreve com clareza e elegância e não mostra nenhum fanatismo contundente naquilo que expõe.

Já o sabia um cultor atento e desinteressado das belas-letras, mas não o sabia assim um perfeito dominador do vernáculo. Vejo agora que a sua maturidade de prosador oferece brilhantes aspectos aos que estimam a leitura.

Percorri seu trabalho sem cansaço e ao volver das páginas, fui sentindo que a alegria de escrever está sendo seu consôlo, num momento em que um baixo materialismo corruptor subverte os espíritos e afasta os homens dos textos substanciosos.

Trabalhe sempre, querido confrade, e conte com o sincero apreço do leitor ás ordens,

Agrippino Grieco.

Opúsculos

Recebemos de «The Two World's Publishing C.º, Ltd.», dois folhetos da autoria de E. Thompson, editor, com os seguintes títulos:

Dialectical Spiritualism

Uma nova interpretação filosófica do Espiritismo.

—

Electronic Comunication With the Spirit World

Uma nova Base Científica para o Espiritismo.

Gratos pela oferta.

Comunicado do Instituto Espírita de Educação

O Instituto Espírita de Educação está convocando uma Assembléia Geral dos sócios, educadores, membros de Uniões Municipais e diretores de Centros, a ser realizada nos dias 26 a 28 de Janeiro de 1951, na Capital do Estado de São Paulo.

A diretoria do Instituto solicita dos confrades que se interessarem pelos assuntos educacionais, a comunicarem sua adesão o mais breve possível.

As teses ou sugestões deverão ser encaminhadas até o dia 31 de Dezembro.

Quaisquer informações poderão ser solicitadas à Secretaria do Instituto, à Rua Maria Paula, n.º 152.

Um Caso Dramático de Amnésia

A jovem desconheceu o marido e os próprios filhos e vive no seu lar como se fôsse uma estranha

LONDRES — Setembro, (Agência Latina) — Aconteceu em Devonshire, na Inglaterra. Uma jovem passeava com o marido e os filhos numa praia. Subitamente, sente-se mal e cái na areia. Transportada para o hospital de Paddington, a sra. Snell dorme durante doze horas. Finalmente, ao despertar, ocorre algo de extraordinário. No curso de seu sono a jovem esquecera seis anos de sua vida. Julga-se em plena guerra, ainda mobilizada no Corpo Auxiliar Feminino da RAF. Pede a sua farda. Uma enfermeira a interroga e ela responde:

— Chamo-me Srta. Mamie Smith. Tenho dezoito anos.

A enfermeira lhe diz:

— A senhora tem 24 anos, não é mais Srta. Smith, está casada e se chama agora sra. Snell. A guerra terminou há vários anos. Estamos em 1950. A enfêrma se recusa a acreditar.

O marido é chamado, mas ela não o reconhece. Entram também os seus filhos, a pequena Margot, que tem três anos, e Brian, com dois anos. Os médicos acreditavam que desta maneira a jovem recuperaria a memória. Não era possível que uma mãe desconhecesse os próprios filhos. Os dois garotos, um tanto assustados com o ambiente do hospital, avançam timidamente em direção ao leito. A mãe os fita, admirada, e diz:

— Lindas crianças...

Como se as visse pela primeira vez. A cena arranca lágrimas de todos os presentes, mesmo dos médicos mais endurecidos pelo espetáculo da miséria humana.

A sra. Snell, a fôrça de tanta insistência, acabou por acreditar no que lhe explicavam que ela havia perdido a memória, que era a esposa de um jovem metereologista, e a mãe daquelas duas lindas crianças. Agora ela sabe disso tudo, porém não sente. Vive no seu lar como uma estranha. Fala sempre de um jovem aviador que dançava com ela em 1944.

Há alguns dias, como seu marido acendesse a luz da sala, a jovem se pôs a gritar e mandou baixar a cortina, por causa da defesa passiva.

Os médicos investigam, atualmente, que choque, que obsessão a teria feito voltar à época anterior ao seu casamento. Algumas semanas antes do acidente, ela havia recebido diversas cartas anônimas. Os médicos esperam curá-la um dia. Enquanto isto, a jovem erra dentro de sua própria casa como uma estranha e repele, surpreendida, as duas crianças que não reconhece e que lhe estendem os pequenos braços chamando: «Mamãe!»

Condenados pela Santa Sé o capitalismo e o comunismo

O papa Pio XII dirigiu a todo o cléro católico uma encíclica fazendo advertência contra as crescentes ameaças á religião — Perigos atuais

CIDADE DO VATICANO, 25 (R.) — Em encíclica de 12.000 palavras, hoje dirigida a todo o clero católico, o Papa Pio XII condenou tanto o comunismo como os efeitos maléficos do capitalismo.

«Não deve haver incertezas em face do comunismo», declara a incíclica.

O pronunciamento de hoje é considerado como um dos mais importantes feitos pelo Sumo Pontífice em seu reinado de 11 anos. Exorta os padres católicos a se adaptarem aos tempos modernos com renovada devoção, em face das crescentes ameaças á religião.

A encíclica foi dividida em dois capítulos — um sôbre a atitude do clero em relação ao próprio trabalho outro a respeito dos modernos perigos a que está exposta a religião.

Disse o Papa ao clero que este «não deve mostrar-se timido e incerto em face do sistema economico conhecido como capitalismo e cujas graves consequencias a Igreja jamais deixou de denunciar». Acrescenta: «A Igreja não só tem indicado os abusos do capitalismo e dos direitos de propriedade que tal sistema promove e defende, como tem ensinado que o capital e a propriedade devem ser instrumentos de produção, vantajosos para toda a sociedade, e meios de sustento e defesa da liberdade e dignidade da pessoa humana».

O COMUNISMO

A encíclica adverte os padres contra o comunismo. Diz: «Alguns se têm mostrado timidos e incertos em face da iniquidade do comunismo, que visa a destruir a fé daqueles a quem prometem bem-estar material. Mas a Sé Catolica mostrou, claramente, em recentes documentos, o caminho a seguir, o caminho do qual ninguem deve afastar-se se não deseja faltar ao cumprimento do dever».

Durante o ano passado, o Papa baixou decreto excomungando todos os militantes comunistas.

Disse o Sumo Pontífice que um dos princípios fundamentais para o padre moderno é a adatação aos tempos modernos. Ao mesmo tempo, chamou a atenção para perigos inerentes a certas modernas opiniões. Declarou: «As coisas novas não representam nunca o critério da verdade, simplesmente por serem novas. A idade em que vivemos sofre de graves erros em todos os terrenos: sistemas filosóficos que nascem e morrem, sem melhorar a moral; a monstruosidade de certa arte, que tem mesmo a audácia de denominar-se cristã; critérios de governo que, em muitos lugares, levam antes à opressão do cidadão do que ao bem comum; maneiras de viver, e relações sociais e econômicas, que antes favorecem a astúcia do que o comportamento honesto».

OS PERIGOS MODERNOS

Pio XII advertiu os padres no sentido de que:

1) estejam atentos aos perigos das novidades, particularmente em matéria de filosofiia, arte, regimes de governo e sistemas econômicos e sociais;

2) se mantenham vigilantes em defesa da castidade, em face da deterioração da moral e da liberdade das relações entre os sexos, e evitem qualquer familiaridade quando na direção de associações femininas;

3) promovam o desenvolvimento da segurança social para a proteção de clerigos em caso de doença ou invalidez por velhice.

Ao fim da encíclica o Papa enviou benção especial a todos os padres, que «sofrem perseguições, prisão e exílio, em defesa dos direitos e da liberdade da Igreja».

Do «Diário da Noite».

II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul

Manifesto aos Espíritas do Estado

O «Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Rio Grande do Sul», em sua sessão ordinária de 12 de Julho do ano em curso, por unanimidade de votos, resolveu convocar o II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, a reunir-se aos 13 de Maio de 1951 próximo vindouro, nesta cidade.

Constituiu fator preponderante dessa deliberação federativa o desejo de rever e aprimorar os rumos atuais do Espiritismo no Estado, não só na parte doutrinária, como ainda no domínio das realizações de toda espécie, distribuidas nos vários setores das suas atividades próprias, e nas das entidades ligadas ao círculo da sua ação de órgão coordenador.

No campo do detalhe o futuro Congresso objetivará, em caráter de predominância, o problema educacional, visando a reforma das criaturas pela assimilação dos princípios da Moral do Cristo de Deus.

Versará ainda, o próximo certame :

a) — a Unificação Espírita dentro do Estado, em torno da Federação ;

b) — o estudo da Doutrina dos Espíritos à luz das obras básicas, com a preocupação de preservar-lhe a pureza ;

c) — a uniformização, tanto quanto possível, das práticas do Espiritismo ;

d) — a moderna estruturação de uma associação espírita ;

e) — a evangelização dos lares ;

f) — a orientação educacional da infância, da juventude e da mocidade;

g) — o amparo ás crianças e mães socialmente abandonadas ;

h) — a assistência aos psicopatas.

Para articular as atividades do Congresso, foi constituida pelo Órgão Federativo Estadual uma Comissão Executiva, integrada pelos confrades que subscrevem o presente.

Solidarizados nos alevantados propósitos traçados para o futuro Congresso, os membros da aludida Comissão Executiva vêm solicitar aos Espíritas do Estado, individualmente ou sob organização coletiva, federados ou não, com o mais vivo empenho, a colaboração que se faz mistér ao atingimento das superiores finalidades dessa significativa parada de fé e de trabalho, tendo como fanal a Consoladora Doutrina dos Espíritos, a quem cabe a sublimada missão de apressar o advento de um Mundo Melhor.

Pôrto Alegre, 31 de Outubro de 1950.

A Comissão Executiva :

Helio de Castro, Presidente de Honra ; João Pompilio de Almeida Filho, Presidente ; Enapino Brusque Borges de Andrade, 1.º Vice-Presidente ; Francisco Spinelli, 2.º Vice-Presidente ; Rodolpho Lemos de Mello, 3.º Vice-Presidente ; Roberto Pedro Michelena, 4.º Vice-Presidente ; José Carvalho, Secretário-Geral ; Aldo Flores Ferreira, 1.º Secretário ; Moab Zanelli Caldas, 2.º Secretário ; Gabriel Leite de Oliveira, Tesoureiro ; Antonio Teixeira Ellwanger, Conrado Ferrari, Dinah Fagundes, Damião Alves, Delfina Gonçalves, Ecy Borba Barbedo, Felisberto do Amaral Peixoto, Francisco Jayme, Honório Fialho Peixoto, Inácio Alfredo Leite Cerqueira, Ipanema Schaff, José Simões de Mattos, Maria de Lourdes Proença, Pedro Artur Merch, Pedro Viero, Valter da Costa Fontoura.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano	Cr. $50,00	Do 4.º ano	Cr.$ 50,00	Do 5.º ano	Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . .	50,00	Do 7.º ano . .	50,00	Do 8.º ano . .	50,00
Do 10.º ano . .	50,00	Do 11.º ano . .	60,00	Do 12.º ano . .	60,00
Do 13.º ano . .	60,00	Do 14.º ano . .	60,00	Do 15.º ano . .	70,00
Do 16.º ano . .	80,00	Do 17.º ano . .	60,00	Do 18.º ano . .	60,00
Do 19.o ano . .	60,00	Do 20.º ano . .	60,00	Do 21.º ano . .	60,00
Do 22.º ano . .	60,00	Do 23 º ano . .	60,00	Do 24.º ano . .	60,00

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Princípes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM» — Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVI - Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1951— N. 12

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel	*Redação*
O Espiritismo no quadro das Ciências	*Deolindo Amorim*
As Supostas Fraudes Espíritas . .	*J. B. Chagas*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
A Maior Conquista	*Pereira Guedes*
Prêmios e Recompensas	*Carlos Imbassahy*
Com os Demônios	*Pal*
Trinta Anos Entre os Mortos . . .	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Banquete de Manjares Espirituais .	*Leopoldo Machado*
Lar	*Fiori Amantéa*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

ANO XXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1951 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cairbar Schutel

FAZ, no próximo dia 30, trêze anos que partiu para o plano espiritual, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, um dos componentes da grande falange dos Espíritos Superiores, incumbidos da espiritualização da humanidade. Se o colocamos entre os Espíritos Superiores, não o fazemos sem motivo, mas sim estribados nos muitos testemunhos que êle deu do seu grande devotamento à Doutrina, no seu espírito de renúncia, de justiça e de fraternidade, pois dispensava aos pequeninos, aos humildes, as mesmas atenções dispensadas aos seus amigos e ás pessoas de representação social. Além disso, foi um dos mais denodados difundidores e defensores da Doutrina, arrebanhando para o Aprisco do Senhor, milhares de almas que viviam nas trevas da ignorância relativamente ás cousas do espírito.

Alma nobre, coração bonissimo, seguindo os preceitos cristãos à risca, socorria os necessitados com a maior dedicação, ao ponto de ser chamado «Pai da Pobreza». A sua casa era o celeiro dos pobres, dos famintos. Aí, êle não só dava o pão do corpo como também o do espírito através das suas palavras de confôrto, de esperança e de vida eterna. Fazia questão fechada de que pobres e ricos, sábios e ignorantes soubessem que a vida continuava além da chamada morte, num mundo melhor, o espiritual, onde cada um recebe segundo as suas obras.

Sabendo, através de acurados estudos das obras básicas da Doutrina Espírita que eminentes personalidades da ciência oficial aceitaram, após prolongadas experiências, a sobrevivência individual e a comunicação entre os vivos e as almas dos chamados mortos, entusiasmado pelas experiências que a seu turno fizera a respeito, convicto já da Verdade, lançou-se com todas as fôrças da sua alma e do seu entendimento ao trabalho espiritual, com a idéia de levar ao conhecimento de todos a bôa nova que lhe desvendára os mistérios da vida e lhe apontára o caminho da Verdade e da eterna e suprema felicidade. Foi assim que fundou «O Clarim» em 15 de Agosto de 1905, um dos mais antigos órgãos da imprensa espírita e, em 1925, a «Revista Internacional do Espiritismo», ambos com grande circulação por todos os Estados do Brasil, contando com apreciável número de assinantes nas Américas do Sul, Central e Norte, bem como em diversos países da Europa, Portugal, Espanha, Inglaterra e França, onde Matão se fez conhecido através desses dois órgãos. Escreveu diversas obras que já atingiram regular número de edições.

Cairbar Schutel pelo trabalho que desenvolveu na seára espírita e pelos seus exemplos de amor ao próximo e de desapêgo aos bens do mundo, é, sem o menor favor, um dos verdadeiros Apóstolos do Cristianismo.

Pela passagem do 13 ° aniversário do seu desincarne, rendemos ao Espírito dêste nosso querido companheiro, as nossas sinceras homenagens, num preito de amor e consideração, solicitando-lhe a continuação do seu indispensável adjutório, sem o qual não poderemos dar conta da tarefa que nos confiou.

CAIRBAR SCHUTEL

O Espiritismo no quadro das Ciências

DEOLINDO AMORIM

Quando se procura o lugar do Espiritismo no quadro das ciências, é claro que o conceito de ciência não envolve apenas o fenômeno, mas o fenômeno e a lei. Ora, o Espiritismo tem o fenômeno, que é o seu elemento experimental, e a respectiva lei, que lhe dá caráter científico. E' sempre necessário ter em vista a diferença entre o conhecimento vulgar e o conhecimento científico, porque o primeiro se satisfaz apenas com o fato, enquanto o segundo parte do fato para a lei, o que equivale a dizer que induz do conhecido para o desconhecido. E' êste, precisamente, o método científico do Espiritismo, segundo Allan Kardec. Diz o codificador do Espiritismo : *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não possam ser explicados pelas leis conhecidas, êle os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos ás causas, chega á lei que os rege ; depois deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis.* (Allan Kardec — *A GÊNESE*, tradução de Guillon Ribeiro, cap. 1. n.° 14). O Espiritismo — ainda ensina Kardec — não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida.

Pelas suas características, por seu processo de investigação, o Espiritismo tem direito a um lugar no quadro das ciências. A dificuldade, porém, está em situar bem o Espiritismo no grupo de ciências que lhe estão mais próximas, uma vez que, como diz o próprio Kardec, o ESPIRITISMO TOCA NA MAIORIA DAS CIÊNCIAS, justamente porque se não limita ao fenômeno puro como simples instrumento de prova ou de certeza. Não! Do fenômeno, tira o Espiritismo conclusões que ultrapassam o âmbito da ciência experimental, porque sobem á esfera da Filosofia e da Moral. Desde, porém, que encaremos o Espiritismo *exclusivamente* pelo fenômeno, poderemos colocá-lo no grupo das ciências psicológicas, ao lado da Metapsíquica, da Metapsicologia, etc. Mas o que é verdade é que o Espiritismo, a rigor, não pode ser enquadrado nas ciências como ramo da Metapsíquica, porque esta última é que deve, em boa lógica, ser considerada ramo do Espiritismo. Qual a razão? Naturalmente a razão histórica, uma vez que o Espiritismo é muito anterior á Metapsíquica. Mas êste argumento é discutível, porque a razão histórica, na ordem das ciências, nem sempre é tão forte como parece. Haja vista, por exemplo, o que ocorreu com a Alquimia e a Química, a Astrologia e a Astronomia. Mas no caso do Espiritismo e a Metapsíquica, a razão histórica não deixa de ter significação, porque a Metapsíquica, sendo posterior ao Espiritismo, tem por objeto os mesmos fenômenos que constituem o objeto do Espiritismo. Logo, a Metapsíquica não inovou, propriamente, no campo fenomenológico; trouxe, isto sim, terminologia nova, mas os fenômenos são os mesmos. Em conclusão: a Metapsíquica estuda precisamente os mesmos fenômenos que são estudados pelo Espiritismo, dividindo-se em Metapsíquica *objetiva* (fenômenos de efeitos físicos) e Metapsíquica *subjetiva* (fenômenos intelectuais) tal como se lê no LIVRO DOS MÈDIUNS, de Allan Kardec, com denominações mais simples. Há nomes diferentes, interpretações diferentes, mas os fatos, em si, são os mesmos: fenômenos produzidos por agentes invisíveis, acima do psiquismo humano. A escola metapsiquista, entretanto, fica no fenômeno puro, e por isso, apesar de ter, como já vimos, terminologia diferente para os mesmos fenômenos, não deixa de ser um ramo do Espiritismo. O Espiritismo vai muito além, porque indaga do *porquê* da existência, da primeira causa do fenômeno e, finalmente, de suas consequências filosóficas, religiosas, morais e sociais.

Há quem pretenda colocar o Espiritismo na dependência da Metapsíquica, mas o que se dá, na realidade, é precisamente o contrário: o Espiritismo, no quadro das ciências, abrange a Metapsíquica. Onde, finalmente, encontrar o Espiritismo no conjunto das ciências? E' ciência de labaratório como a Física e a Química? E' ciência social como a Sociologia? E' ciência normativa como a Moral? E' ciência de demonstração, mas não é da mesma natureza que a Física e a Química, porque estas duas ciências, baseadas em leis gerais, lidam com elementos passivos, sem inteligência, e os seus fenômenos dependem da vontade humana. O Espiritismo é diferente, mas não deixa de ser uma ciência experimental.

Diferente, porque no fenômeno espírita não se verifica a passividade com que se realizam os fenômenos químicos, por exemplo. O espírito (agente do fenômeno) é inteligente, tem vontade própria; o médium (a não ser nos casos de médium inconsciente) tambem não é passivo, porque é inteligente. E' uma ciência, portanto, diferente. Não está enquadrado nas ciências sociais, porque, embora tenha relação com a Sociologia, tenha mesmo influência na vida dos grupos sociais, não se restringe ao campo social, uma vez que o seu verdadeiro objeto não é a sociedade humana, mas o espírito. De qualquer forma, sem ser exclusivamente Sociologia, o Espiritismo toca na ciência social, assim como, sem ser exclusivamente Metapsíquica, abrange os fenômenos chamados Metapsiquicos, porque são os fenômenos extra-humanos, produzidos por espíritos desencarnados.

Diz bem Allan Kardec: *O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência,* *faltariam apôio e comprovação.»* Neste caso, o Espiritismo, segundo as próprias palavras de Kardec, não é *uma* ciência, mas um conjunto de conhecimentos capaz de tocar em quase todas as ciências. Como, pois, fixar o lugar do Espiritismo no quadro das ciências ? E' ou não é *uma* ciência ? Não é uma ciência de âmbito limitado, circunscrita a um ponto. Mas o Espiritismo não pode deixar de figurar no quadro das ciências, porque :

a)—tem características cientìficas ;

b)—estuda uma ordem especial de fenômenos com leis próprias e gerais ;

c)—adota o método indutivo, comum ás ciências experimentais, porque parte do conhecido para o desconhecido, isto é, do fenômeno para a sua causa.

Que vem a ser ciência de âmbito limitado ? Toda ciência cujo campo de ação termina com a demonstração dos fenômenos que lhe são próprios. Não se dá isto com o Espiritismo, porque ele tem relação com a maioria das ciências. Mas, para terminar, podemos dizer que o lugar do Espiritísmo no quadro das ciências, na ordem de extensão, está acima de todas as ciências cujo campo de estudo é a alma humana. Temos, pois, o seguinte esquema :

ESPIRITISMO	*Metapsíquica*	Fenômenos de origem extra-normal, independentes dos sentidos humanos
	Metapsicologia	Fenômenos da alma humana, mas pertencentes a outra esfera, acima da esfera comum
	Psicologia	Ciência da alma. Fenômenos normais, ocorridos habitualmente, enquanto a criatura está incarnada.

Como se vê, o Espiritismo compreende todos os campos em que se estuda o princípio espiritual do homem. Logo, tem um lugar definido no quadro das ciências. Não é Metapsíquica, não é Metapsicologia, não é, finalmente, Psicologia. Que é, então, o Espiritismo ? É tudo isto, porque abrange todas estas ciências, englobadas, sem ficar limitado a qualquer uma delas. Qual a conclusão a tirar de tudo isto ? A de que o Espitismo, no quadro das ciências, ocupa o lugar de um conjunto de conhecimentos, envolvendo, ao mesmo tempo, a Psicologia (fenômenos de inteligência, vontade, reações humanas etc.) Metapsíquica (fenômenos extra-terrenos, embora interpretados sob critérios diferentes) Metapsicologia (fenômenos da alma, porém, ocorridos em esfera superior, o que vem a ser o mesmo que fenômenos metapsíquicos). Moral (ciência normativa, porque impõe regras de procedimento na vida individual e coletiva). Tudo isto está contido no Espiritismo. Há, como já dissemos, nome novos, interpretações novas. Mas o que é verdade é que todas estas ciências ou todos estes ramos da Ciência partem de um princípio : a alma humana. O Espiritismo abrange tudo quanto se refere à alma humana. Logo, sendo a ciência da alma por excelência, o Espiritismo deve ter, fóra de qualquer preconceito, um lugar definido e respeitável no quadro das ciências.

(Conclusão)

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

As Supostas Fràudes Espíritas

— «Nas sessões promovidas pelos candidatos ao prêmio de 15.000 dolares oferecido pela «Scientific American», houve rumores num dos fenômenos classificados entre os de natureza física. — O rumor, como o de raspar alguma coisa sôbre madeira, pôde ser atribuido ao hábil manejo de um dedo da mão de um «médium», que estava munido de anel. — A «médium», recusou-se terminantemente a tirar o anel, alegando ter feito a promessa de nunca se separar dêle. — As pancadas foram geralmente produzidas por pêsos, habilidosamente introduzidos no salto ôco de um dos sapatos. — Uma das «médiuns», não permitiu que lhe examinassem o sapato, alegando que o rigor científico não devia violar as fronteiras do cavalheirismo». (Diário de Notícias — Rio).

* * *

Ora, os Espíritos, a cada passo, repetem que si Deus permitiu que os sêres desincarnados viessem a instruir os homens, foi para o fim do esclarecimento dos seus deveres, e para lhes mostrarem o caminho por onde poderão abreviar suas provas, consequentemente, apressarem o seu progresso.

Como tudo o que está afeto à Humanidade pode tornar-se objeto de exploração, nada haveria de surpreendente que também quisessem explorar os espíritos. A cada instante, repetem que se afastam de todo ambiente, onde percebem desejos de exploração e á trapaça, baseados no princípio de que não há charlatanismo desinteressado. Essa uma razão por que têm sido absolvidos pela Justiça do país, todos os médiuns que, apanhados na prática da mediunidade caritativa, não fica provado que o faziam para explorar o seu semelhante, como prevê o Código Penal. E arrematam com a seguinte interrogação: — «Qual, pois, o fim que objetivam os que usam de embuste sem proveito, sobretudo quando a honorabilidade os colocasse acima de toda suspeita?...»

As criaturas levianas, possuem sempre a tendência para tudo adulterar, nem por isso devemos chegar ao extremo de negar, aprioristicamente a existência dos ditos fenômenos, só porque há charlatães que preconizam drogas nas praças, ainda mesmo de haver médicos que, sem irem á praça pública, iludem a confiança dos seus clientes, só por isso seguir-se-á que todos os médicos sejam charlatães, e que a classe médica haja perdido a consideração que lhe tributam? Só porque há individuos que vendem tintura por vinho, deve-se concluir de que todos os negociantes sejam falsificadores de vinho, e de que não há vinho puro? Só porque certo leiteiro foi pilhado pelo agente da Saúde Pública a vender leite adulterado, deve-se afirmar levianamente que não há leiteiro honesto? Absolutamente, não! De tudo se abusa, sencerimoniosamente, até das coisas mais respeitáveis, mais sérias.

Realmente, a princípio, quando surgiram os primeiros fenômenos espíritas no Mundo, julgou-se, mesmo, haver sido descoberto um excelente brinquedo, um ótimo passa-tempo. Não tardariam, porém, de chamar a atenção dos homens sérios que, desde logo entreviram a inevitável influência que viriam a ter sôbre o estado moral da Sociedade.

E assim, o Espiritismo, como a coisa mais séria de que o Mundo jà tivera conhecimento, não poderia deixar de sofrer os efeitos dessa influência maléfica, dessa tendência inferior das criaturas.

Os que não admitem a realidade das chamadas manifestações físicas, geralmente, atribuem á fraude os efeitos produzidos. Fundam-se no princípio de que prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem lhes não conhece os segrêdos, donde concluirem que os médiuns não passam de hábeis escamoteadores! Argumento tolo e facilmente refutável. Ora, um dos pontos, considerado pelos que negam a realidade dos fenômenos físicos, como vulnerável, é que necessário se torna para que os mesmos se produzam com êxito que haja escuridão ou, então, semi-obscuridade. Consideram que a escuridão dificulta um rigoroso exame e possibilita a fraude ou o embuste. A primeira vista parece, mesmo, um argumento forte, respeitável, mas não o é, como iremos demonstrar.

Como é sabido, os cinematografistas, sem a escuridão dos salões de projeção não conseguiriam focalizar a tela as suas películas... os técnicos em fotografias, não revelariam as suas chapas ou filmes, a não ser no interior das câmaras escuras, ou apenas parcialmente iluminadas por luz vermelha, refratária!

Seria, então, o caso de um indivíduo que, desconhecendo a técnica empregada, por um e outro, viesse a negar a possibilidade do cinema e da fotografia, só porque os resultados satisfatórios só podem ser obtidos na escuridão!...

E cometeria uma grande leviandade, aquele que pedisse ao cineasta que exibisse o seu filme á luz do Sol, e fosse abolida a câmara escura na técnica fotográfica. Assim também se daria com os que exigissem que os fenômenos espíritas, das manifestações físicas, fossem produzidos á luz meridiana!

Há ainda a considerar outros fatores que são também indispensáveis, para o êxito de tais realizações. Assim como o operador do cinema regula os carvões da lanterna e fica atento ao desenrolar do filme no *écran;* assim como também o revelador da chapa ou filme fotográfico, prepara as soluções, e toma as devidas e necessárias precauções e cautelas para que a luz solar não venha a penetrar no recinto da cabine, assim também, o investigador espírita, carece de tomar as precauções, que são os próprios espíritos que aconselham e que poderiam ser resumidas, assim:

Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprime o desejo de satisfação da curiosidade;

Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as confabulações com os Espíritos;

União de todos os assistentes, pelo pensamento, no apêlo feito aos Espíritos que sejam evocados;

Concurso dos médiuns da assembléa, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amôr próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis.

Serão condições difíceis de serem conseguidas? Por vezes sim. Por exemplo, numa assembléa que se reuna com o objetivo de assistir a uma disputa ou com o fim preconcebido de descobrir fraude nos trabalhos, numa reunião, assim, faltarão quasi todas as condições indispensáveis, e acima enunciadas.

Importa, portanto, a todos aqueles que desejarem receber comunicações sérias, que observem as regras acima mencionadas, e que, de ante-mão, tenham se preparado para receber êsse favor do Céu, pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de se instruirem, e fazer o bem, com vistas ao progresso geral. Porque, é preciso não esquecer que Deus só permite que algum dentre nós receba o sôpro daqueles de seus filhos que, pela sua conduta e merecimento, souberam fazer-se merecedores de lhe compreender a infinita bondade, sendo do seu desejo, dar-nos os meios de avançarmos no caminho que a Êle conduz!

Será, então, possível, crêr-se que os Espíritos Superiores, que condenam a cobiça, consintam em prestar-se a especulações e, como comparsas, se ponham à disposição de um emprezario qualquer de manifestações espíritas? Não, absolutamente, não! E é por essa razão que os prêmios oferecidos, por mais valiosos, continuarão sem ganhadores!

Mas, objetarão os teimosos investigadores — nesta hipótese, ficámos, nós outros impossibilitados da comprovação real dos ditos fenômenos, tendo de nos conformar com a desistência do nosso intento, ou então, tornar-mo-nos espíritas para merecermos a graça de constatá-los?!... Será sempre para nós um fruto proibido...

E a esses que assim conjeturassem, poderiamos responder:—Não é bem assim. Os Espíritos não condenam as manifestações físicas só porque a sua realização exige cuidados especiais, pois, se elas si realizam é com a permissão de Deus para um fim proveitoso. Dizendo mais que elas formam o vestíbulo da ciência espírita, a sua pedra angular, sobre a qual se estrutura, assinalam-lhe a categoria que verdadeiramente lhe compete comprovando a sua utilidade para o bem da Humanidade. Condenam, tão sòmente, os que fazem disso objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem o ensinamento que delas decorrem.

O Espiritismo germinou, deitou raizes profundas e vai extender sôbre a Terra inteira a sua ramagem benfazeja. Mas, para que sejamos dignos da graça de propulsores dessa graça, mistér se faz que sejamos indulgentes e tolerantes até mesmo com aqueles que nos procuram diminuir, mais por ignorância, do que por maldade. Da nossa atitude no presente, muito dependerá a situação do Espiritismo no futuro.

Voltaremos ao assunto, pela sua oportunidade.

J. B. CHAGAS.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

VI

Com os mesmos preparativos e na mesma casa de família realizou-se a sessão de 25 de junho de 1950.

Logo depois que Atanásio põe em movimento a vitrola, o quadro luminoso eleva-se no espaço borboleteando no ar escuro da sala, muito acima das nossas cabeças, e Atanásio esclarece: «E' Breno quem está trabalhando com o quadro». Uma circunstante pede que Breno toque o tecto com o quadro e é logo atendida: o quadro, qual gigantesca borboleta, bate diversas vezes no fôrro da sala, produzindo ruído característico, enquanto o vemos nas alturas. Depois desce à altura das nossas cabeças e se detem por um momento diante do rosto de cada um de nós, revelando que o operante está nos vendo muito bem. Atanásio está bem humorado e diz sempre pilhérias: «Cheguei atrazado por dificuldade de condução... Gosto muito dêste disco» e outras. Depois anuncia: «Galileu está aquí!»

Vemos acender-se a luz vermelha e diante de nós aparece um homem de estatura média, de túnica branca, com uma faixa de côr à cinta, de braços abertos. Observamos que todas as materializações nos aparecem de braços abertos, talvez para se distinguirem bem do médium na cabine que se acha algemado com os braços cruzados. A entidade caminha pelo semi-círculo de circunstantes, diante de cada um se detem por um momento, põe-lhe a mão na cabeça. D. Esmeralda Bittencourt, à minha esquerda, recebe essa carícia ou benção de Galileu e me observa que a mão da entidade é anormalmente grande. Não pude notar isso. Depois dessas visitas, o fantasma se põe diante da mesa e superpõe ambas as mãos acima do vaso dágua por alguns segundos, talvez um minuto, imóvel, parecendo orar em silêncio. Atanásio diz:

— O Cosme está em transe. Galileu foi visitar a menina doente.

Apaga-se a luz vermelha e voltamos ás trevas absolutas. Atanásio desperta o médium e conversa com êle. Ladeira me determina fazer uma prece. Enquanto estou orando, caem no ambiente gôtas de um líquido perfumado e adocicado. Algumas gôtas me caem dentro da bôca e outras sôbre o rosto. Todos agradecem o perfume recebido.

Atanásio anuncia: «O Vigário deve chegar agora.» Depois acrescenta: «Vou ver se tiro as dôres das costas do Cosme, porque Galileu já foi embora».

Ladeira faz inspirada prece pelo médium Francisco Cândido Xavier, implorando amparo dos céus para que êle possa continuar sua missão de inspirar e consolar os homens.

D. Esmèralda Bittencourt pede a Atanásio que enrole para ela um disco, como lembrança das sessões, ao que êle responde:

— Eu não sei enrolar discos; só os professores é que sabem fazer isso! A seguir diz muitas pilhérias sôbre os médicos.

Ouvimos a voz grave do Padre Zabeu, dando instruções sôbre as próximas sessões, depois diz: «Eu vou falar com o Cosme». Ouvimos fortes pancadas do megafone, dentro da cabine, e a voz de João Cosme que exclama: «Ái! quer quebrar a minha cabeça!» Ouvimos o diálogo do Padre Zabeu com o Cosme dentro da cabine. O Padre Zabeu se despede e Atanásio se dirige a Cosme que lhe responde mal humorado: «Pelo amor de Deus, Atanásio, deixe-me socegado, eu estou fazendo uma prece!»

Atanásio se estende longamente em brincadeiras e conversas alegres com os circunstantes. O médium desperta nervoso, chorando, reclamando a Atanásio que volte e a Ladeira que acenda as luzes. Finda a sessão nos explica que teve receios de que as pilhérias de Atanásio abrissem as portas a Espíritos atrazados que quebrássem móveis e promovessem desordens; como observasse isso a Atanásio, êste se aborreceu e retirou-se abruptamente, sem encerrar a sessão, daí o nervosismo de Cosme na cabine.

A água fluidificada tem ativo perfume e gosto de rosas.

A sessão de 28 de junho de 1950 foi a 4.ª que assistimos na mesma residência familiar, no apartamento 1004, do 10.º andar do edifício N.º 2 da Praia do Flamengo. Leitura de ata, preparativos, preleção inicial, sempre as mesmas. Apenas a quantidade dágua sôbre a mesa foi muito aumentada: há um pote enorme de vidro cheio dágua e alguns frascos.

Atanásio nos aparece mais sério, e diz a D. Maria Cavalcante: — Maria, concentre para ajudar.

O quadro luminoso eleva-se no ar qual imensa borboleta. Como se acham duas filas de cadeiras ocupadas em semi-círculo, impossibilitando a aproximação à porta de saída da sala, pedimos a Breno que toque com o quadro aquela porta, depois de haver tocado o fôrro. Prontamente o quadro vôa para a porta e lhe toca varias vezes a madeira, a uma altura de uns dois metros. Fala Atanásio: «Estou pondo na vitrola o disco de que o Breno gosta», e prossegue: «Ana, hoje quem vai falar é o Vigário... Lourdinha, você hoje trouxe um vasilhame grande!» Sentimos ativo perfume de rosas. Atanásio diz: «Eu queria falar com o Cosme». Dialogam em voz alta na cabine: «Cosme, eu te peço perdão do ocorrido na outra sessão». Cosme responde: «Nada tenho que te perdoar, e, ao contrário, sou eu quem te pede perdão». Atanásio exclama: «Cosme, nós somos mesmo dois errados!...»

O quadro luminoso desce à altura dos nossos rostos e começa suas visitas individuais. Atanásio diz: «Hoje eu não vou conversar mais com o Cosme, porque êle começa logo a chorar!» Ladeira comenta:

— Você lhe mostrou um esqueleto horrendo, Atanásio!

— O corpo esconde muitas feiuras! Eu fui me desmaterializar diante dêle e êle teve medo, assustou. Materializado eu sou bonitinho... Se o sr. Alfredo não se zangasse eu diria uma coisa...

O sr. Alfredo Cavalcanti: «Póde dizer, Atanásio; não me aborreço».

— A Maria é uma boneca, não é? Pois um dia ela vai ser uma caveira como eu!... O Cosme teve medo que as minhas brincadeiras abrissem a sala a outras visitas, mas não tinha perigo. Já foram feitas aquí várias sessões e as paredes estão protegidas; até as cadeiras aquí já têm uma vibração muito linda! Minhas brincadeiras são inocentes e só pretendem alegrar os corações de vocês... O Vigário já está aquí...

Ouve-se a voz grave do Padre Zabeu que diz: «Boa noite, meus filhos. Façam uma precesinha enquanto eu vou falar com o Cosme». Ladeira põe-se a orar, enquanto na cabine ouve-se o diálogo do Padre Zabeu com o Cosme. Cosme havia perguntado: «Atanásio, o Padre Zabeu já está aí?» Ao que a entidade respondera: «Está; depois êle vai te atender».

O Padre Zabeu conversa com Ladeira, dando diversas instruções e finalmente diz: «Não se prolongue esta sessão, para não esgotar o médium, porque amanhã temos outra sessão e de muita responsabilidade».

Atanásio põe um disco na vitrola e interroga: «O que é isto?»

D. Maria Cavalcanti responde: «Saudades de Matão», «é o disco que D. Esmeralda pediu seja enrolado para ela, como lembrança». Atanásio põe o outro lado do disco, que se chama «Debulhando milho», e informa: «Vou pedir ao Frei Mario Sá para enrolar o disco nas mãos do taquígrafo», e me bate fortemente na cabeça. Logo depois uma carícia forte na minha fronte, em plenas trevas, me avisa da presença do operador. Meto no bolso o lápis, prendo o bloco de notas debaixo da perna direita e estendo as mãos, nas quais me é posto um disco que seguro fortemente, interrogando: «Assim?» Duas mãos invisíveis juntam as minhas uma à outra num só lado do disco. Decorrem uns três segundos e puxam fortemente o disco, girando-o em minhas mãos. Noto que o outro lado está enrolado até o meio. Tomo êste lado enrolado e seguro-o fortemente. Alguns segundos depois noto que o outro lado igualmente foi enrolado até o meio, com o disco inteiramente frio e sem me saír das mãos. Exclamo, emocionado, que realmente o disco foi enrolado sem me saír das mãos, por algum processo misterioso, inteiramente a frio, e agradeço a Frei Mario Sá a interessante prova. Novamente me acaricía a fronte e me deixa boqueaberto com o disco entre as mãos. Parece-me que está um pouco mais pesado, mas inteiramente frio.

Outros circunstantes confirmam a minha suposição de que o disco esteja mais pesado, mas não foi pesado antes e depois e póde ser ilusão nossa. Quando reacesas as luzes, lemos os rótulos dos dois lados, o disco é o mesmo que foi tocado na vitrola pouco antes.

A vitrola, que é ligada ao rádio, está desarranjada e põe-se a dar guinchos, urros, assobios ensurdecedores. Atanásio está em apuros e exclama: «Como hei de fazer com esta jeringonça?! O Vigário vai chegar e encontra isto berrando assim!!... Maria, você sabe concertar isto?!»

D. Maria Cavalcanti responde: «Eu não, Atanásio, e ainda muito menos no escuro!» Atanásio exclama desalentado: «A Judith vai danar-se comigo!» Quanto mais êle mexe, mais furiosamente uiva a vitrola descontrolada.

Exclama: «Eu não posso mexer nisto, porque dá choque e reflete no Cosme que já anda danado comigo!... Judith, manda isto pro concêrto! Maria, vê se dá um jeito nisso!!»

Ladeira observa: «Amanhã nós vamos precisar dessa vitrola, Atanásio!»

Chega o Padre Zabeu e começa a falar em voz grave, mas não podemos ouvir, porque a vitrola continua irreverentemente seus guinchos e uivos furiosos. Atanásio exclama desalentado:

— Eu não tive culpa nenhuma, Padre Zabeu; ela atrapalhou, porque tocou muito tempo seguido!

Finalmente a vitrola se acalma e toca um disco quasi normalmente.

O Padre Zabeu despede-se: «Boas noites; o Atanásio encerra a sessão». Uma assistente pede a Atanásio para lhe obter uma receita, ao que êle mesmo responde, como se entendesse do assunto: «Tome cardiosol».

Chovem outros pedidos de Sras., nos sentidos mais desencontrados; mas Atanásio não responde e exclama: «Vocês me fazem perder o trem! Adeus!» E acrescenta: «Vocês façam uma sessão de encorporação, à qual poderão assistir todos que quiserem».

As sessões seguintes foram em outros locais e requerem um novo artigo.

A Maior Conquista

PEREIRA GUEDES

NOS ásperos caminhos da existência, quantas vezes somos levados ao desespero! Entretanto, do fundo da alma de cada ser humano emerge, nos instantes mais difíceis, a inspiração salvadora.

Por mais desesperada que se torne a situação do homem na face da Terra, vendo ruir um a um todos os seus castelos de esperanças, um instante apenas bastará para que tudo se modifique, transformando a maior desgraça em benefício. Basta, para isso, que tenhamos nos convencido de que a vida, antes considerada sopro divino a animar um corpo físico, com o advento do Espiritismo, é hoje luz eterna, chama que se não apaga com o extinguir da vela.

A imortalidade da alma em sua evolução permanente, assegura ao homem a esperança da vitória em meio aos mais duros e encarniçados combates; qualquer que seja a posição social do homem no mundo, é sempre de experiência e aprendizado o seu estágio como espírito ergastulado em carne.

Como se operaria a evolução permanente do espírito, se a vida estivesse limitada entre os primeiros vagidos da criança e o último suspiro do moribundo? Mas, felizmente, a resposta não se faz necessária, pois, o período de uma existência no mundo físico, é, apenas, um período escolar.

Enquanto aquí permanecemos, na escola comun a todos os espíritos, uns menos e outros mais adiantados, vamos desenvolvendo no curso do aprendizado as nossas faculdades mentais e morais. No recesso íntimo de cada um de nós há um crescente anseio de liberdade e de triunfo!

Desde que em nós se inicia a ação do livre arbítrio, o anseio de liberdade nos desperta para as aventuras do triunfo que o espírito, servindo-se da predisposição instintiva e comum a todos os sêres pensantes, mesmo antes da encarnação, busca incessantemente em todas as fases de sua peregrinação.

Pela conquista da felicidade lutam todos es espíritos; entretanto, a maior conquista, a que mais entusiasma o homem na Terra, é a da Liberdade, a Conquista Suprema.

O facto de estar o homem em constante luta pela liberdade, evidencia o estado de presidiário em que vive o espírito encarnado.

Dizem que o homem feliz não existe, mas, por mais favorecido que êle seja, possuindo perfeita saude, fortuna, saber e posição de destaque no seio da sociedade em que vive, há em seu espírito um desejo imenso de conquistas!

Viver eternamente humanizado, gozar saúde inextinguível, fortuna inesgotável e desvendar todos os segredos da natureza, eis a ambição do homem!

E porque deseja o espírito tanta coisa? porque não compreende devidamente a sua condição de manietado, e, tantas vezes, pela porta fácil do livre arbítrio, sái, impensadamente, malbaratando êsse grande patrimônio de energia, que, posto a serviço da maior de todas as conquistas, as ambições deixariam de existir, porque, o grande triunfo que o colocaria na condição de herói de todas as batalhas, seria o ter vencido a si mesmo em primeiro lugar, rompendo as férreas cadeias que o prendem aos preconceitos mundanizados e ás ambicões mais vís.

As maiores conquistas para o espírito na Terra, são, em primeiro lugar a de si mesmo, frèiando todas as ambições desmedidas, depois vem a conquista suprema — a Liberdade — sem a qual todos os anseios humanos constituirão eternos e insolúveis problemas.

E' da conquista da Liberdade que está dependendo a felicidade humana. Mas, se a felicidade não existe porque tentá-la? Ora, se ela não existisse ninguém a buscaria com essa ansiedade comum a todas as criaturas! Ela virá um dia, e, nesse dia feliz, a princípio na aparência, a sua conquista será integral e definitiva Depois do século atômico, êste que se inicia atemorizando o mundo, todos os obstáculos serão vencidos e a unificação, não dos espiritas, mas do gênero humano sem qualquer filiação a princípios filosóficos, politicos e religiosos, preconceitos de raças ou pátrias, será uma realidade fraterna positivando a comunhão de todos os povos.

O direito à vida e a penetração de todos os segredos que a natureza encerra; fruir todos os prazeres próprios da natureza humana em suas manifestações superiores, eis o supremo ansêio.

Este será o século de materialidades as mais grosseiras, mas será o fim. Depois teremos a Conquista, a Suprema Conquista pela qual se batem todos os espíritos em crescente evolução. As guerras desaparecerão da face da Terra e os homens se entenderão. As dívidas contraídas no passado serão saldadas e os homens serão livres e haverá Paz na consciência do mundo.

Rio, 25/XII/950.

Premios e Recompensas

Enviaram-nos um recorte de jornal onde há um artigo com o título *«Espiritismo»*. E' uma série de ataques à sua parte experimental, sem que se venha a saber quem por eles se responsabiliza: o artigo não é assinado.

Principia o anônimo declarando que a *«Scientifican American»* estabeleceu um prêmio de 300 mil cruzeiros para o médium que produzisse fenômenos *«sobrenaturais»*, e os médiuns que apareceram só conseguiram aquilo que poderia ser provocado por outros meios.

Em primeiro lugar, não sabemos se o caso é verdadeiro. Notícias que tais costumam surgir de onde em onde, com uma fonte tão segura como a do recorte que nos remetem. Conviria também indagar se houve prêmios, se não houve fenômenos...

Já por várias vezes, e em vários escritos, temos demonstrado que a instituição de prêmios monetários, as recompensas em dinheiro, provocam uma atmosfera contrária à produtividade do fenômeno psíquico ou metapsíquico. Os Espíritos prepostos à demonstração da imortalidade e de suas consequências têm especial aversão a tudo aquilo onde entra o dinheiro; o interêsse pecuniário os afugenta. Deixam, pois, de emprestar a sua colaboração quando há prêmios e outros fatores de cubiça. O desejo do ganho material, a ambição, a cupidez formam para eles uma aura impenetrável.

Os interessados, ou não sabem disso, ou aproveitam o momento para lançarem, a propósito, suas virulentas apóstrofes, notáveis pela retumbância, porém lamentáveis pela falta de critério de que dão testemunho.

O facto, porém, de não se realizarem fenômenos em determinadas circunstâncias impedientes não quer dizer que não os haja. Essa tolice de negar os factos globalmente porque eles não se verificaram aquí ou alí, demonstra o nenhum conhecimento de tão importante matéria ou a flagrante má-fé dos gratuítos adversários da doutrina.

Fala ainda o artigo em rumores que se ouviram, mas que poderiam ser produzidos pelas raspagens e por intermédio de um anel da médium; e que, convidada a retirar o anel, ela recusou-se. A história parece mal inventada. Como raspava ela a mesa ou não sei que, e ninguém viu isso? E, retirado o anel, se houvesse fraude, não poderia ela continuar as raspagens com a unha?... Um tão banal embuste, diante de tão cega assembléia, é fácil de ser continuado por qualquer outro processo. Mas, dado que o houvesse; quem conhece os prodigiosos fenômenos de toda ordem, produzidos por inúmeros médiuns, em todas as épocas e em todas as partes do mundo, há de achar imensamente risível a notícia, a dúvida ou a negação

Conta-se mais, no artigo anônimo, o caso de uns olhos que o médium dizia ver no espaço; bateram-se as chapas e não apareceram os olhos. Se houve isso, se não se viram os olhos, o mais que se poderia ver no caso era um fenômeno negativo. Existe pelo universo inteiro, e sempre houve, milhões ou bilhões de casos negativos, em todos os ramos da atividade humana. Concluir que não ha tal ou qual facto, que nunca existiu tal ou qual fenômeno porque em certa ocasião, certo indivíduo, sob certas circunstâncias não conseguiu produzir isso ou aquilo; ou porque certos cidadãos não puderam verificar o que queriam, é de uma puerilidade que só pode impressionar um fanático ou um tolo.

Em suma, todo o artigo é desse jeito. Quem o escreveu não se sabe, quais as provas do que afirma ninguem apresenta, e o que mostra é de fazer sorrir o mais medíocre dos experimentadores.

Carlos Imbassahy.

Com os Demônios

Timbram as religiões oficiais em colocar os fenômenos espíritas nêste dilema: ou são produto de fraude ou obra de demônios, isto é, anjos decaídos. Não há fugir. Se não é uma cousa, é outra. Manifestações de espíritos desincarnados é que, em absoluto, não admitem possam ser. No entanto, na Biblia, em que procuram (ainda bem) apoiar as respectivas doutrinas, não faltam referências comprobatórias de que os mortos se comunicam com os vivos.

Está no caso o episódio relatado por Mateus, Marcos e Lucas e intitulado o «Possesso de Gérasa», sôbre o qual, como aliás não podia deixar de acontecer, a exegese ortodoxa passa muito pela rama, e ligeiramente, afim de não se ferir nos perigosos espinhos que alí ameaçam picar muito amor próprio e rasgar muitas vestes talares...

Com algumas discordâncias entre si, mas de fácil conciliação, contam os referidos evangelistas que, certa vez, em suas peregrinações de amor, de fé e esperança, apareceu Jesus nas proximidades de um cemitério em Gérasa, defronte da Galiléia. Ao vê-lo, correu-lhe ao encontro um endemoninhado que tinha morada naquela necrópole, e sempre, dia e noite, andava pelos sepulcros e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras, e já nem com cadeias podia alguém atá-lo, pois as despedaçava todas. Alcançando o Rábi, prostou-se diante Dêle, e o adorou. Entende-se que quem praticou a ação consciênte de achegar-se a Jesus, de ajoelhar-se-lhe aos pés e adorá-lo, não foi propriamente o possesso, mas o espírito que o possuia e subjugava, utilizando-lhe o corpo como instrumento inconsciênte e dócil à sua vontade. O Messias, porém, não podia aceitar aquela adoração partida de quem oprimia e lacerava um sêr humano, do mesmo modo que não aceita a dos homens que oprimem e exploram outros homens. Razão pela qual ordenou ao «espírito imundo» que saisse do infeliz.

Ante o império irresistível daquela voz, disse a entidade obsessora:

— «Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus Altissimo? Rogo-te, não me atormentes».

Limitou-se o Mestre a perguntar-lhe:

— «Qual o teu nome?»

— «Legião», foi a resposta, porque muitos eram os demônios que se apoderaram do homem.

Na verdade, para conhecer o nome do espírito que lhe falava, possuia o Divino Taumaturgo o dom de penetrar o pensamento alheio, não precisando, porisso, indagar-lho. Mas houve por bem fazê-lo, sem dúvida para patentear o risco a que se expõem certos individuos dotados de faculdades supra normais (mediunidade segundo o Espiritismo) e, todavia, não têm o necessário cuidado e vigilância para promover a higiene íntima da alma e, por consequência, da mente: sujeitam-se a ser escravizados por toda uma multidão de sêres espirituais abomináveis que se lhes acomodam na atmosfera mental propícia.

Forçados pelo poder da vontade do Filho de Deus ao abandono da presa, suplicaram os obsessores lhes consentissem *entrarem* na vara de porcos que pastava, alí, num monte vizinho, e não os mandasse para o abismo. Aquiesceu Jesus ao pedido, mas a manada dos porcos, por efeito da atuação em massa daqueles espíritos, se precipitou pelos despenhadeiros, impetuosamente no lago e se afogou.

Nesta passagem evangélica, vários pormenores impedem admitir sejam as entidades expulsas por Jesus mandatários de Lucifer ou que outro nome se dê aos supostos anjos rebelados no Céu contra o Criador.

Em primeiro lugar, afirmam tanto os católicos como os protestantes, os asseclas do Malígno se caracterizam por extrema soberba. Como se explica, então, que eles se prosternassem ante Jesus, reverenciando-o como Filho de Deus ALTISSIMO, vindo-lhe à presença expontâneamente, sem nenhuma coação ou dolo, para o adorar? Demais, os diabos são inimigos odiosos de Jesus e não tão ingênuos ao ponto de supôr que o Celeste Nuncio ignore essa inimizade. Por que, pois, lhe perguntaram: «Que temos nós contigo?» se estão perfeitamente cônscios de que o Senhor os repele por terem por apanágio o lhe serem hostís?

O mais curioso, porém, é que se conferem aos gênios do mal, atributos de grande inteligência e astúcia. Ora, como reconhecer inteligência e astúcia em espíritos que, tendo por objetivo a perdição dos homens, permanecem na solidão dos sepulcros? Que procurariam alí, entre cadáveres e esqueletos, os súditos de Satan? Se o seu intento era perder a alma do homem de quem se apossaram, por que cargas dágua o forçariam a viver em ambiente de todo o ponto adverso ao fim em mira, sobretudo porque a salvo das tentações mundanas, e além disso, mantendo-o em estado de alienação mental, o que inculca irresponsabilidade da vítima?

Mas, ainda que o Preconceito e a Intransigência procurem, no terreno dos sofismas, uma pretensa explicação para tudo isto afim de defender o dogma dos demônios imperfectíveis, restará esclarecer o motivo por que, ao se verem compelidos a deixar o corpo do possesso, suplicaram os seus possessores permissão para viver nos corpos de animais irracionais? Pretendiam, acaso, arrebatar também para o inferno as almas dos pobres bichos?

Como se vê, impõe-se uma explicação mais lógica, e esta, dá-nos o Espiritismo elucidando que aquelas entidades não eram outra cousa senão infelizes almas desincarnadas ainda sob forte jugo das impressões materiais.

Mesmo em nossos dias é comum espíritos dêsse jaez infestarem os cemitérios, onde aguardam a chegada de cadáveres afim de lhes haurir os resíduos vitais que trazem em si. Trata-se de uma exigência psíquica, por assim dizer viciosa e inerente ás suas condições de excessivo apêgo à vida física. Na ilusão de que tais energias lhes aumentam as fôrças, atiram-se sôbre os cadáveres indefesos até esgotar-lhes os últimos remanescentes fluídicos deixados pelos espíritos recem-desincarnados. Verdadeiro vampirismo, contudo sem consequências perniciosas para os vivos. Pior é quando esse vampirismo se perpetra nas pessoas incarnadas, como acontece frequentemente nos casos de possessão, de que é impressionante exemplo o que ora analisamos e para os quais deviam os médicos dirigir vistas mais atentas.

Vimos que, expelidos os obsessores do corpo alheio que de algum modo lhes confortava a animalidade, rogaram a Jesus permissão para entrarem no rebanho porcino que se achava alí perto, no qual cuidavam poder suprir aos recursos vitais de que iam ser privados. De nada lhes adiantou porêm, na satisfação de seus desejos ou tendências, o consentimento obtido, pois os animais, sacudidos e alucinados pelo choque, se precipitaram na água, afogando-se. Donde é licito concluir que o Senhor assentiu no estranho pedido por saber, de antemão, o que aconteceria aos suinos, desfecho êste duplamente justificável: de um lado não comprometia a evolução espiritual das entidades postulantes, pois sem corpos orgânicos onde se arrimarem, teriam de suportar a necessária adaptação ás regulares condições de vida imaterial — de outro, infligia um castigo aos proprietários do rebanho visto estarem transgredindo a Lei, que proibia aos judeus o uso da carne de porco a que era atribuida a origem de numerosos casos de lepra.

Eis como o Espiritismo concilia, ponto por ponto, a citada passagem com os reclamos da razão, destruindo, com as próprias provas do Evangelho, a absoleta doutrina dos sêres infernais predestinados *ab initio* e por toda a eternidade, à sedução e perdição dos homens. E prova também por meio de factos concretos, que não existem demônios assim considerados. O que na realidade existe na obra divina, são espíritos bons e maus, uns incarnados (todos os viventes do plano material), outros desincarnados (todos os viventes do plano imaterial), compondo uma sucessão infinita na gama evolutiva dos sêres inteligentes, desde o instante em que são criados até o último degrâu da ascensão para Deus, destino de toda criatura, para o qual ela existe e se encaminha livremente entre mésses de júbilos, e por isso mesmo mais depressa, nos círculos do bem, ou é compulsóriamente conduzida pelos aguilhões do sofrimento, com mais lentidão, nos círculos do mal, porém sempre progredindo através dos renascimentos e sob a vigilância discreta, constante e infalível da Justiça e do Amor de Deus.

PAL.

Itapolis, Novembro de 1950.

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor : Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Esp.—Sim, mas ninguém o pratica. Eu orarei e isto me ajudará.

Méd.—Não, não ajudará. O orar não adiantará nada neste caso. Estais em trevas há quarenta anos.

Esp.—Algumas vezes sou homem, outras vezes mulher.

Méd.—E' que tendes estado a obsedar os mortais.

Esp.—Você, Cleveland, não tinha nada que vir aqui e me aborrecer de novo. Que fêz você de minha irmã, seu demonio ?

Méd.—Eu pensei que pertencieis ao Santo dos Santos.

Esp.—Cora! (Espìrito). Minha irmã! Porque veio com este homem ? Eu nunca o perdoarei. Sofri muito. Pensei que você ficaria comigo o resto da vida. Prometi à nossa mãe que tomaria conta de você a vida inteira e você se foi com êste coisa! Você partiu meu coração.

Méd.—Que diz ela ?

Esp.—Ela diz que o amava e que não ha nada como amar a um homem. Olhem, David também aqui ! Nunca o perdoarei também !

Méd.—Quem é David ?

Esp.—Meu marido.

Méd.—Que houve com êle ?

Esp.—Foi um louco.

Méd.—Por se casar convosco ?

Esp.—Parece que o mundo vai se acabar. As pessoas andam tão cheias de pecados que Deus não sabe o que fazer delas. Ele terá que corrigi-las de qualquer forma. Oremos ! Eu quero ir para o ceu.

Méd.—Achais que tendes probabilidade de chegar até lá ?

Esp.—Orarei por você. Você sabe, David, que você não era bom. Tive muitas lutas.

Méd.—E vós, não cometieis faltas ?

Esp.—Não, eu rezava a Deus.

Méd.—A vossa consciência não vos acusa de nada ?

Esp.—Minha consciência ?

Méd.—Sim. Não vos faz sentir culpada de alguma coisa ?

Esp.—Cora, você sempre me amou e me disse que ficaria comigo o resto da vida. Então porque se foi com este coisa ?

Méd.—Que diz ela ?

Esp.—Cora diz : «Você não me deixava ir à parte alguma. Era sempre igreja, igreja, e queria que eu rezasse todo o tempo. Fiquei cansada disto e então Cleveland apareceu e prometeu dar-me um lar. Ele era muito bom para mim.» Mas eu não o perdoarei de modo algum.

Méd.—Ve-se que ereis uma religiosa fanática e a vossa irmã não poderia ficar assim.

Esp.—Ela devia amar a Jesus.

Méd.—Mas vós mesma não achastes a Jesus.

Esp.—Eu não achei a Jesus porque ainda não morri.

Méd.—Então não acreditais no que a vossa irmã vos diz ? Onde é que ela morava ?

Esp.—Ela morava em New York depois se mudou para Chicago.

Méd.—Perguntai-lhe se ela não é agora um espírito.

Esp.—Ela diz que já morreu. (Para a irmã). Voce morreu e bem que o merecia, porque acabou ficando espírita, você, sua maluca. Fiquei indignada quando soube que voce andava frequentando reuniões espíritas, que Cleveland a levava ali porque acreditava nos espìritos.

Méd.—Estou sentado aqui com a minha esposa, e vós, um espìrito invisivel, nos estais falando por intermédio dela. Diz vossa irmã mais alguma coisa ?

Esp.—Ela diz : «Lizzie, raciocinai um pouco.» Você não precisa dizer-me tal coisa ! Fóra com você. Eles me amarguraram.

Méd.—Fostes sempre egoista ?

Esp.—Não, David às vezes era bom. Ele sempre trabalhava e tomava conta de mim. Eu tinha um bom lar, mas ele não queria que eu fosse muito à igreja. Não dava dinheiro á igreja e assim eu o chamei de sovina. Eu lhe disse que, se ele não fosse à igreja e não desse dinheiro para o Senhor, iria para o inferno. E ali está ele !

Méd—Mas ele não está no inferno.

Esp.—Sim, está, mas não sei como se escapuliu. David, você morreu ha muito tempo e eu rezei por você, porque pensei que você estava no inferno e ali ficaria porque não dava dinheiro para o Senhor.

Méd.—Perguntai-lhe se ele esteve no inferno.

Esp.—Ele diz : «Tal lugar não existe.» Voce, idiota, está no inferno !

Méd. — Vós é que estais num inferno de ignorância. Estais presa pelo egoismo e pela ignorância.

Esp. — Agora, David, não me aborreça. Vá para o inferno, porque seu lugar é ali. Você não ia à igreja.

Méd. — Jesus disse : «Não julgueis para não serdes julgados».!

Esp. — Nasci novamente no sangue de Jesus. Paguei todo o dinheiro que podia à igreja.

Méd — E ficastes na ignorância.

Esp. — Fui batizada, imersa, e sou uma das mais santas. Fui um bom membro da igreja. Trabalhei duramente para ganhar dinheiro e sofri bastante, de modo que irei para o céu quando morrer.

Méd. — Nunca morrereis na verdade.

Esp. — David já é morto.

Méd. — Se êle fosse «morto» não vos poderia falar.

Esp. — Cora morreu em Chicago.

Méd. — Se êles estão «mortos» como poderiam conversar convosco ?

Esp. — (Espantada). Porque — êles são fantasmas ! Esqueci-me de que êles morreram.

Méd. — Fantasmas como vós. Sois um fantasma.

Esp. — Mas êles já morreram.

Méd. — Parecem êles mortos ?

Esp. — Não, têm melhor aparência que dantes. Pensei que estivessem no céu. (Para os espíritos). Vocês viram o Cristo e Deus ? Estiveram no céu com Êles ?

Méd. — Que dizem êles ?

Esp. — Dizem : «Não !» Então, penso eu, estiveram no inferno. Estiveram ? Êles respondem que não.

Méd. — Perguntai-lhes se o corpo de que vos estais servindo é vosso.

Esp. — (Para os invisíveis). Bem, para o que estais olhando ? Não me conhecem ? Êles dizem que não sou eu. Como é isto ?

Méd. — Já não vos disse que sois invisível a nós e que estais usando o corpo de minha esposa ?

Esp. — Como ?

Méd. — É que os espíritos podem utilizar-e dos corpos dos mortais, como estais fazendo agora. Jesus expulsou espíritos impuros.

Esp. — Impuros ? Não sou impura. Insultais-me de novo.

Banquete de Manjares Espirituais

Contribuição da Caravana Espiritual

D. Adelaide Ferreira foi o *médium* vidente mais completo que já conhecemos, conforme pusemos em nosso IDE E PREGAI.

Dez anos depois, de passagem por Maceió, encontrámo-la com as faculdades mediúnicas mais aprimoradas.

Foi na tarde de 9 de Novembro, que nos recebeu — a nós e aos companheiros da *Caravana da Fraternidade* — intimamente, na sala de refeições de sua residência. Conosco, irmãos alagoanos: Fernando Malta de Campos, de quem eramos hospedes; d. Noeme Barbosa, diretora do *Grupo Escolar Antonio Pombo*, entre poucos mais...

Fomos, efetivamente, esperando algo.

Mal sabiamos, entretanto, que nos seriam servidas iguarias espírituais das mais finas e saborosas. Iguarias, ou flores celestiais despetaladas sôbre nós, por irmãos queridos da Caravana invisível, através da mediunidade de d. Adelaide e do Ary Casadio, companheiro de Caravana.

Contaremos, embora superficialmente, como isso foi.

Tratava-se, apenas de uma visita ligeira, alegre e fraterna. Assim, não houve nenhuma preparação natural, nem a concentração exigida nas sessões espíritas, normais.

Conversas sôbre o programa da véspera, e troca de impressões sôbre o primeiro contacto da Caravana com os irmãos alagoanos.

Diz-nos, então, o médium, naturalmente :

— D. Marília esteve lá, ao seu lado, durante a conferência. Veio até mim, sorrindo, abraçou-me, dizendo que já me conhecia...

E, noutro tom, comovida :

— Está chegando agora, muito satisfeita, com sua mãe, uma velha simpática, d. Luiza Ferraz de Almeida, a Mãe Iza da família, e sua grande amiga, d. Maria Gonçalves Duarte Santos, espôsa de seu grande amigo de Lisboa, sr. Isidoro. E de seu irmão, Anisio Almeida, que é muito seu amigo...

— Todos, gente muito de meu coração. Nem sei como agradecer a Deus e a êles tantas graças.

— D. Marília diz que assistiu as palavras no ato de seu enterramento. Principalmente as do sr. Amadeu Santos. Gostaria que você tivesse falado.

— Eu ?! Com que fôrças, ai de mim ! Quer perguntar ao Anisio se êle pode ditar, agora, as quadrinhas que fez para mim, na sessão de Pedro Leopoldo, que não pode ditá-las, pelo Chico Xavier, por ter estoirado o tempo?

— Não quer. A ocasião não é para isto. Enviar-lhas-á a seu tempo.

E continuou, precisando muito as palavras:

— Agora, um padre e seu sacristão: padre Diogo e o Miguel.

O padre diz que veiu cumprir a promessa feita há dez anos de que, um dia, lhe daria provas de sua gratidão. E' o padre que andava malassombrando a *Escola Brasil*, de Santa Cruz, de um professor que procurou o sr., pedindo auxílio, lembra-se?

Lembravamos, sim.

— Está dizendo que, na sua ignorância e desregramento, raptara a mulher do sacristão, a Marta Joana. E que o Miguel, por saber da ligação ilícita dos dois...

— Roubava-lhe as moédas, o dinheiro. E' facto. Atendendo ao pedido angustiado do professor, que não podia lecionar, apavorado por tanta assombração, doutrinámos os três, que se tornaram bons amigos. O padre, então, prometeu-nos que, um dia, daria mostras do seu reconhecimento. Alí estava o cumprimento de sua palavra, dez anos depois...

A seguir, enche-se a sala de Espíritos amigos. Uns desconhecidos e outros, afins conosco e com os outros confrades. D. Adelaide entra a nomeá-los: José de Souza Gaia, de Cafelandia; Benedito Bezzi; o padre Frederico do Amor Divino, um de nossos melhores amigos na Espiritualidade; Bittencourt Sampaio e Frederico Junior; Frederico Figner e Antonio Lima. Este, manda-nos um recado: «Diga ao Leopoldo que meu telégrafo, agora, é sem fio». Referia-se ao seu último livro, *Pelo Telégrafo Sem Fio*». Aura Celeste e a poetisa Carmem Cinira...

Agora, manjares do Céu para a Caravana da Terra.

D. Adelaide descreve a presença de um espírito, grave e discreto, que chegara, cumprimentando, sereno, todos. E' Guillon Ribeiro. O médium Ary Casadio sente-lhe a aproximação. Encorpora-o. O Espírito dá, então, linda mensagem. Os modos comedidos, a maneira de expressar-se, as palavras e o estilo, as expressões e os conceitos, tudo, tudo, do ex-presidente da *Federação Espírita Brasileira!* Diz, então, que a *Caravana da Fraternidade* fôra articulada na Espiritualidade, que há outra Caravana, invisível, de que é êle um dos caravaneiros. Anima e felicita, emocionando os caravaneiros, augurando-lhes sucessos sôbre sucessos. E põe-se á nossa disposição para qualquer explicação e esclarecimento...

Tomámos para nós o oferecimento do ilustre Espírito.

E' que o Carlos Jordão nos havia dito era o grande Espírito um dos que haviam articulado, na Espiritualidade, nossa Caravana. Pusemos nossas dúvidas, em face de seu espírito muito reservado, sempre fechado a idéias e planos que viessem de fóra, decorrendo, talvez, daí, a falta de afinidades que sempre existiu entre nós, embora sempre nos tratassemos respeitosamente, afetuosamente. Alí estavam as provas de que via, agora, melhormente as coisas,por as ver de mais alto, integrando a Caravana invisível para a missão gloriosa de confraternizar, unir e sociabilizar mais os espíritas. Agradecemos sua oportuníssima e bela mensagem, confessando-nos satisfeitissimos e esclarecidos...

E se viessem os outros Caravaneiros da Espiritualidade? — perguntou-se. D. Adelaide descreve, agora, outro Espírito, que encorpora o Ary. E' o Cairbar Schutel, querido irmão e amigo, que consideramos o maior espírita do Brasil até o presente. Frisa que será breve. Sua mensagem, com o mesmo espírito de síntese, com a mesma objetividade de seus escritos. Termina, desejando que, «por onde passe a Caravana, fique em cada canteiro uma flôr do vosso trabalho».

Satura-se o ambiente de mais suavidade e doçura.

Agora, outro Espírito desconhecido do *médium*, manso e bom, que encorpora, facilmente, o Ary Casadio. Ergue-se, caminha até nós e fala com voz diferentissima, pausada e ponderadamente. Salienta que, «quando se vai à casa de estranhos, pára-se e bate-se á porta. Mas, em casa de amigos, entra-se com familiaridade. Foi o que êle fez. E profere palavras de animação e conforto, focando a grandiosidade da obra da Caravana, modesta e humilde na sua aparência, e talvez por isso mesmo, todavia, de resultados admiráveis, como se verá. Era José Petitinga, o querido irmão e amigo que nos empurrou, há trinta anos, para o Espiritismo. Tudo: a descrição da vidente, sua voz suave, suas palavras pausadas e pensadas, a maneira de dizê-las, certa atitude que, ao falar, suas mãos assumiam ; tudo identificava o grande espírito, de cuja familiaridade desfrutáramos.

— Chegou Humberto de Campos : — diz a grande vidente.

O Ary Casadio encorpora-o.

O querido Espírito começa dizendo que vem fechar o desfile de sombras amigas. Refere-se, com precisão, á vida de escritor nos dois planos. E reitera o que já disseram os companheiros da Caravana invisível, a respeito da missão da Caravana da Fraternidade e dos frutos que produzirá, num próximo futuro. Entra, depois, em maravilhosa descrição, no seu grande estilo, da Cachoeira de Paulo Afonso, que os caravaneiros visitaram com outra Paulo Afonso espiritual, que começara a rolar. A Paulo Afonso do S. Francisco era desconhecida, até o dia em que fôra descoberta. Passou a princípio, a beneficiar, modestamente, uma região. Depois, passou a ser conhecida de toda gente. Agora, entretanto, grandes obras se realizam alí, para levar-se seus benefícios mais longe. Essa, a obra da Caravana da Fraternidade, dos que estão lutando, sincera e intensivamente, pela unificação.

Maravilhosa, a Mensagem do grande Espírito que não conhecemos pessoalmente, embora andassemos — quando êle, feito o Conselheiro XX, andou escrevendo galantarias — enviando-lhe colaborações no gênero para a sua A MAÇÃ, que êle publicava com destaque.

E toda a Caravana invisível, menos o querido Emanuel, viera quasi até nós, por misericórdia e de acrescimo, e pela mediunidade de dois médiuns excepcionais, trazer-nos confiança do Céu e bençãos espirituais.

Graças a Deus!

Carlos Jordão profere sentida prece de graças.

Saímos dalí mais leves, saturados de espiritualidade, mais animados e mais compensados de tudo.

Leopoldo Machado.

LAR

OS LARES DO MUNDO HÃO DE SER SEMPRE A ESPERANÇA DE DEUS E DA HUMANIDADE! É A FALTA DE COMPREENSÃO E DE ENTENDIMENTOS MÚTUOS QUE DESMORONAM MUITOS LARES!

MUITO se tem falado com referência ao casamento. Muito se tem divulgado quanto ao modo pelo qual duas creaturas se unem e, depois de um lapso de tempo vêem-se romper essas cadeias que as prendiam. Muito se tem comentado esses desastres matrimoniais os quais redundam, na maioria das vezes em prejuizo para os rebentos de tão desastrosa união, quer no sentido material, moral e espiritual principalmente. Porém, até hoje, ao que julgo, nenhum escrito foi ainda publicado, nenhuma voz ainda se levantou, quer pelo rádio, quer pela imprensa, tentando explicar o Porquê desses desastres matrimoniais.

Lamentavelmente temos notado, em quasi todas as partes do mundo, uniões que pareciam indissolúveis, dissolverem-se da noite para o dia, como se essas uniões fossem simples joguetes nas mãos daqueles que, perante Deus, juraram fidelidade perene, laços esses que só poderiam ser rompidos por Aquêle que os uniu e Nunca por simples mandatários da terra !

—

O matrimônio não é um simples contrato ou ajuste como muitos julgam. Daí os desmoronamentos conjugais. O casamento é uma instituição humana, Divina, para todos os sêres.

Quando dois sêres desejam se unir pelos sagrados laços matrimoniais, eles dão essa satisfação à sociedade.

Louvada e bendita portanto é essa instituição humana, porquanto ela representa o melhor meio de se preservar a Virgindade e a Família.

—

Casamento e mortalha no céu se talha, diz o rifão popular. E todos sabem que essa frase encerra uma grande verdade.

Quando um casamento é projetado pelo Céu, não existe fôrça humana que o possa impedir.

As mulheres são os verdadeiros sustentáculos dos lares. A elas está confiada, não sómente a sublime missão de serem mães, mas também a de serem amigas devotadas, verdadeiros anjos tutelares de seus esposos e filhos, porque os vícios os espreitam a cada passo.

Elas são luzes a brilhar constantemente no lar e por isso devem acalentar e guiar com essas luzes os seus companheiros de lutas quotidianas.

Os homens devem fazer de suas esposas as confidentes únicas de suas alegrias e de suas angústias. Eles nada lhes devem encobrir. As mulheres devem merecer sempre a sua confiança e amizade e eles devem fazer delas as suas melhores conselheiras.

—

Não julgueis que para serdes felizes, homens e mulheres, torna-se necessário serdes ricos. Não, não vos iludaes com isso. O que traz a única e verdadeira felicidade é a Paz de Espírito, é a Compreensão e Entendimentos Mútuos que devem existir entre dois sêres. Fazei dessa compreensão e entendimentos a vossa melhor arma, o escudo seguro da vossa felicidade, porque a felicidade existe !

—

Homens e mulheres, recebei sempre com resignação e coragem os sofrimentos porque eles são necessários à evolução das creaturas. E quem não sofre nêste mundo ? Todos sofrem ; seja aquêle que possúe honrarias e riquezas como aquêle que nada possúe.

O sofrimento, sendo por vezes necessário, torna-se uma dádiva divina o sofrer, pois, por meio dêle a creatura chega à compreensão das cousas com mais clareza e acerto. O sofrimento assemelha-se sempre a luzes divinas que em profusão descem sôbre todos.

Só quem sofre é que póde gabar-se de ter vivido realmente.

Aquela sextilha de Francisco Otaviano, poeta brasileiro, vem muito a propósito :

ILUSÕES DA VIDA

Quem passou pela vida em brancas nuvens
E em plácido repouso adormeceu ;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu ;
Foi espectro de homem — não foi homem,
Só passou pela vida — não viveu.

—

Quando duas creaturas se unem, abençoadas pelas luzes de Deus, recebem dêsse mesmo Deus a compreensão e o entendimento necessários de como poderão afastar os pedregulhos e os espinhos dos caminhos que elas precisam palmilhar sem se deixarem ferir. Porém, a melhor diretriz para o homem e a mulher que se uniram pelos sagrados laços do matrimônio é deixar que os seus corações sangrem com os espinhos que fatalmente deverão surgir, mas eles deverão evitar que esses mesmos espinhos firam o coração um do outro.

Homens, compreendei as vossas companheiras. Elas são as vossas melhores conselheiras e de suas sábias orientações, nunca podereis prescindir.

Mulheres, sêde sempre indulgentes e recebei com um sorriso as incompreensões de vossos companheiros.

Mulheres, vós sois divinos faróis a iluminar as estradas escuras da vida dos homens. Em vós repousa a esperança de Deus para o reerguimento moral e espiritual do mundo. Deveis portanto envidar todos os esforços afim de manterdes sempre íntegros os vossos lares, porque êles representam a Sociedade em Miniatura, porque êles foram edificados debaixo do olhar de Deus !

Que êles jamais se desmoronem.

Ás vezes mulheres, por uma futilidade qualquer, essas cadeias de luzes que vos prendiam aos vossos esposos se rompem. E como vos arrependeis mais tarde quando a compreensão chegar ao sentir . . .

Fazei, mulheres, de vossos lares, templos de fé, que êles haverão de se encher também de amôr.

—

Não póde haver pior vida que a falta de paz e de entendimento. Embora exista muita riqueza e amizade entre os conjuges, si não houver entendimento e compreensão não haverá felicidade.

Por isso, a primeira cousa que os esposos devem cultivar para que haja paz dentro de um lar é o Entendimento Constante.

Homens, deveis procurar sempre no vosso lar, ao lado da esposa e filhos, a Paz de espírito que em nenhuma outra parte poderá ser encontrada ! Serenai de festas e de cousas ruidosas e efêmeras. Tudo isso não passam de méras ilusões e que só poderão vos causar atraso moral e espiritual. A hora pede quietude, silêncio e aconchego no lar.

Homens, voltai cêdo para os vossos lares si desejardes de facto ser felizes. Deitai cêdo afim de poupardes fôrças e levantai-vos cêdo para o beijo do sol. Orai e vigiai afim de que a fé em Deus permaneça sempre acêsa em vossos corações e despertai a amizade de vossos filhos para os Ensinamentos do Cristo.

Homens e mulheres, Despertai Para Os Vossos Lares. Procurai fazer de vossos lares não sómente um lugar para descanço e meditação, mas também um lugar de prece e trabalho. Fazei de vossos lares ninhos de paz Edificados Sôbre a Base da moral mais sólida.

—

Mães e pais, a vossa missão é sagrada, porque é Divina. Cabe a vós, principalmente no momento atual em que a inquietação impera no mundo, a grandiosa e nobre tarefa da educação aprimorada de vossos filhos. Vós deveis preparar uma geração mais sólida para o amanhã que se aproxima, calcada dentro do *Vêro Cristianismo*, porquanto a moral decai cada vez mais e vós estais vos esquecendo de que a vossa missão é a de devotar-vos com amor aos vossos filhos e guiá-los para Jesus, porque sómente em Jesus poderão êles encontrar a verdadeira Fonte da Vida!

—

Lar!... Quereis saber, homens e mulheres, o que é um lar? É o refúgio e o consolo nas horas de aflições e de dôres; é o aconchego onde sempre encontramos mãos amigas a nos guiarem e a nos consolarem; é a alegria que eleva as almas quando se houve o balbuciar dos filhos; é o bálsamo purificador á volta do trabalho; é o recanto amoroso onde as esposas aguardam anciosas o regresso dos maridos; é o regaço onde, depois de combalidos pelo peso dos anos, encontramos sempre um cantinho saudoso a nos recordar momentos ditosos de áureos tempos; é a cura nas horas amargas das doenças; é o beijo terno, carinhoso e divino das mães nas horas de tristezas; é o conselho amigo e docil dos pais nas horas dos êrros; é a esperança máxima de Deus para o reerguimento moral e espiritual da humanidade; é a luz rosada da aurora após a treva do desespêro; é a paz dentro da alma; é o dia primaveril a enfeitar os corações das rosas espalhadas por Tereza de Jesus; é a Felicidade Máxima da Terra! Homens e mulheres, si desejardes possuir a verdadeira felicidade, si quiserdes paz e sossego, Casai-vos Espiritualmente afim de manterdes incólumes os vossos lares.

Casando-vos Espiritualmente, compreendereis que a felicidade se resume na sucessão do riso e da lágrima, da chuva e do sol, de noites estreladas e de noites trevosas, do céo e da terra, das dôres e dos prazeres.

Casando-vos Espiritualmente, tereis almas fortes para sorrir nos dias de tristezas e sonhar nas noites chuvosas; tereis fôrças armazenadas para vencerdes as enxurradas terrenas; tereis a coragem para triunfardes nas noites trevosas, de vigília e de agonia.

Homens e Mulheres, Casai-vos Espiritualmente!

FIORI AMANTÉA.

Crônica Estrangeira

Hilda Simms numa Casa Assombrada

«Estudos Psíquicos» — Por Fred Archer

A atriz Hilda Simms será lembrada durante muito tempo pelos londrinos, que não esquecerão o papel que ela desempenhou em «Anna Lucasta». Após longa série de representações, Hilda e seu esposo Richard Angarola partiram para Paris e alugaram uma casa próxima da cidade, nas margens do Marne, com um jardim, um lago e uma fonte, aromatizados por rosas de todas as côres.

Alí viveram felizes algum tempo. No andar superior vivia um casal francês muito alegre. Os quatro jovens gozavam o jardim, onde se entretinham a jogar o «cricket».

Lembrança de uma Profecia

Foi na contemplação dêste cenário, através da janela, que Dick teve súbita recordação. Chamou Hilda e perguntou-lhe se aquilo lhe não fazia lembrar qualquer coisa. Ela compreendeu a alusão e por que a mesma lembrança lhe ocorrera quasi ao mesmo tempo.

Um ano antes, certo médium inglês dissera-lhes que habitariam uma casa perto de um rio, com um belo roseiral, onde encontrariam pessoas alegres. A descrição era perfeita.

O pior foram as coisas estranhas que começaram a suceder. O jardim tinha um muro muito alto e a entrada fazia-se por um forte portão de ferro que se conservava sempre fechado. A casa era de alvenaria e sólida como uma rocha. As janelas eram revestidas por férreas portas interiores. Contudo, sentiam abrir uma porta ou ouviam passos que deviam proceder de qualquer ser vivente. Os dois esposos ocultavam estas coisas um do outro. O que é certo é que Hilda começou a duvidar da sua imaginação, até que falou com Dick e viu que êle notára os mesmos fenômenos.

Dick ficou acordado, atento à porta, e quando ela se abriu atravessou o quarto e espreitou para o corredor. Depois viu se o fecho estava corrido e voltou para a cama. Minutos depois, ouviram-na abrir-se novamente.

Hilda ouviu passos no andar superior, os quais se extinguiram antes de chegarem ao fim da escada.

— Quem está lá? — perguntou.

Entrou no corredor e não encontrou viva'lma. Tentou explicar o caso por meio da acústica. Ou talvez fôsse a senhora de cima ao descer as escadas. Mas ficou desapontada, quando a senhora lhe disse que naquêle momento estava a casa deserta.

Um domingo de manhã encontraram no chão a carne que ficára na geleira e atribuiram isso ao gato, embora a explicação fôsse inverossímil. Na semana seguinte, Dick tomou precauções contra a repetição da proeza. Fechou a pesada tampa da geleira, colocou-lhe tijolos em cima e verificou se o gato ficára de fóra com a porta cerrada. Deitaram-se. Quando se levantaram viram a tampa da geleira derrubada e a carne espalhada no pavimento e cortada aos bocados. Na terceira semana tentaram vencer a situação, cozinhando a carne no sábado à noite. Pois na manhã seguinte, ao levantarem a pesada tampa da panela de ferro, viram que a carne estava retalhada...

Com as hortaliças sucedia a mesma coisa. Hilda encontrava-as em diferentes lugares e até no jardim.

Depois foi o incidente com a manteigueira. A tampa fôra tirada e a manteiga apresentava vestígios de ter sido tirada à mão e espremida.

A noite ouviam passos à volta do jardim, com intervalos de uma hora, como de pessoa que andasse com dificuldade. Dick ficára na varanda, de pistola em punho, esperando vêr surgir o intruso. Mas no jardim não estava pessoa alguma. Os muros e o portão de ferro eram defesa bastante contra qualquer visitante «físico». Todos estes factos, ligados entre si, pareciam indicar uma direção especial.

Era também significativo o facto do senhorio nunca ter vivido naquela casa e demonstrar excessivo interêsse pelo bem-estar dos inquilinos, a ponto de lhes telefonar, indagando se tudo corria bem.

Pouco depois, Hilda adoeceu. Parecia um ataque de sinusite. Mas sentia-se oprimida, como se toda a casa lhe pesasse nos ombros. Dick tinha que ficar alí a tratar da esposa. Certo dia, afim de aproveitar bem o tempo, desceu à cave, onde havia um compartimento cheio de toros de lenha. Queria empilhá-los segundo o tamanho, mas à medida que trabalhava sentia uma impressão desagradável, como se algo de terrível estivesse atrás da lenha. Disposto a não ceder a essa impressão, agarrou num pau comprido e espalhou rapidamente a pilha de toros. Em poucos minutos descobriu a parede, onde se via um nicho coberto por um saco. Arrancou-o e notou que tinha manchas de sangue coagulado. Olhou para a parede ao lado do nicho. Estava esburacada com sinais de balas. As manchas apareciam por entre pinceladas de cal mal dadas. Certamente pretenderam esconder os vestígios do crime.

Naquêle sítio, a terra parecia mais mole e estava coberta com ramagem. Dick teve então uma forte suspeita e quis investigar melhor, mas nada disse à esposa. O seu maior desejo era sair daquela casa o mais depressa melhor.

A carta

No dia seguinte chega carta de uns amigos de Londres com a notícia de que tinham arranjado uma nova peça para Hilda e sugeriam a sua presença na altura das negociações. Dick encorajou-a, mas a fraqueza e a depressão eram profundas. Entretanto melhorou e quando chegou a Londres sentia-se diferente. Depois encontraram-se com a médium que lhes descrevera a casa, para lhe dizer que a visão se realizara.

— Mas essa casa não é bôa — disse a médium.

E acrescentou:

— Alguém lá foi assasinado. Está lá o espírito de uma jovem muito agarrado à terra.

Esta médium fez várias previsões a Dick, que se realizaram depois.

Dick voltou a Paris e encontrou um velho amigo chamado Babe Wallace, um cantor que ia trabalhar consigo. No decurso da conversa, este aludiu a um médium amigo, com quem gostava que Dick falasse.

O Molho de Chaves

Dick estava naturalmente interessado e combinaram uma reunião. Nessa tarde, entregou um molho de chaves à médium — as chaves da casa do Marne —. Quando lhes tocou, disse:

— Vieram de uma casa em que uma rapariga de 15 ou 16 anos foi brutalmente assassinada

Estas palavras ditas em francês foram exatamente as mesmas que a médium inglesa pronunciara. A mediúm acrescentou que o espírito do pai de Dick estava intimamente ligado àquele lugar e que fora êle que lhe intuira a idéia de tirar Hilda da referida casa.

— Mas eu sou americano. Que relação pode ter o espírito de meu pai com essa casa? — perguntou Dick.

Mas a seguir lembrou-se de que seu pai tinha falecido muito novo, de desastre de automóvel, perto de Paris. Ainda que isto lhe não tivesse ocorrido antes, todavia, ao localizar o lugar provável do acidente, viu que tinha ocorrido na estrada principal que ladeava aquela casa. A médium acrescentou que seu pai queria que êle lá voltasse. Então Dick pediu a Babe Wallace que o acompanhasse, ao que êste acedeu prontamente.

Entraram na cave; e quando Babe chegou ao tal sítio da terra mole, sentiu que alguma coisa lá estava enterrada. Notaram que as manchas de sangue e a marca das balas na parede condiziam mais ou menos com a altura da jovem citada pela médium. Depois, enterrado na terra mole e misturado com pequenos ramos, encontram um pequeno tamanco que deveria ter servido precisamente a uma rapariga de 15 ou 16 anos, aproximadamente. E ficaram por ali, com o mistério na sua frente. Não podiam ir além nas suas investigações... Babe tinha compromisso de cantar nessa noite. Dick queria ficar, mas Babe persuadiu-o a voltar alí mais tarde com a médium.

Evitou a identificação exáta da casa por razões especiais. A aldeia próxima fora abandonada quando os alemães invadiram a França. A casa serviu então às atividades da «resistência».

Na sua clarividência, a médium afirmara que a rapariga tinha sido assassinada por quatro rapazes para evitar a divulgação das atividades da «resistência». Talvez que o espírito vingativo da rapariga, ainda muito agarrado à terra, não pudesse conceber a idéia de ver gente nova e feliz de onde ela tivera destino tão cruel. Devia ser esta a razão dos distúrbios provocados, bem como da influência opressora exercida em Hilda.

E o caso não acaba aqui. Hilda teve em Inglaterra um sonho notável relacionado com a casa de França. O rapaz que lá vivia no andar de cima dera entrada num sanatório com tuberculose adiantada, apesar de parecer uma pessoa forte e saudável. Era inspetor da Prefeitura de Paris. Pois Hilda sonhou que êle tinha voltado para casa às 6 horas da manhã de domingo e que, ao tocar a campaínha do portão fora visto pela esposa, que estava à janela.

— Vim passar o domingo contigo — disse êle.

Depois montou na bicicleta para ir comprar carne, acabando por desistir devido ao seu estado de fraqueza.

Em regra, Hilda nunca se lembra do que sonha, mas desta vez viu aquele indivíduo tão fraco, que lhe parecia que êle não podia voltar para casa. Ficou tão impressionada, que telefonou a Dick para Paris, pedindo-lhe que se pusesse em contacto com a esposa do doente e lhe perguntasse o que se tinha passado. Dick assim fez, embora ocultando o motivo por que telefonava. Imediatamente a esposa, usando as mesmas palavras de Hilda, lhe disse que seu marido chegara inesperadamente. Ela tinha-o visto da janela depois da campaínha soar, e êle informou:

— Vim passar o dia contigo.

Acrescentou que o esposo mostrara desejos de comer *rosbife* ao jantar e saíra para o adquirir. Montou na bicicleta, mas desistiu, por se encontrar muito fraco.

A ação de Hilda Simms nas duas peças aqui representadas, «Anna Lacusta» e «The Gentle People», revelou-a como grande atriz dramática.

O que se segue faz-nos acreditar que Eleanora Duse, a grande atriz italiana da famosa «Dama das Camélias», esteja interessada na carreira de Hilda, que, por sua vez, sempre se tem também interessado por Duse, a quem dedica verdadeira admiração.

Quando Richard Angerola se encontrou com a médium francêsa acima referida, viu em casa desta uma boneca dançante javanesa. A médium disse-lhe que a boneca pertencera ao poeta Gabriel D'Anunzio, amigo e compatriota da Duse, que gostava muito de a fazer dançar, puxando-lhe os cordéis. D'Anunzio dera-o a um médium muito idoso e que, por sua vez, lha oferecera. Gostava que a boneca pertencesse à esposa de Dick, sem saber que se tratava de Hilda Simms, nem se esta admirava a Duse. A boneca está agora no vestiário de Hilda, onde a vi a semana passada.

Outro incidente pouco vulgar sucedeu há muito em Nova York. Encontraram numa pequena loja, «em Greenwich Village», a última fotografia da Duse, com a seguinte inscrição: «A atriz dos olhos mais tristes do mundo».

Apesar das ofertas de famosos atores e produtores, o velho dono do estabelecimento nunca a quisera vender. Hilda e Dick, embora interessados, não tinham esperança de a poder comprar e muito menos nessa altura em que não estavam preparados para isso. Pois o velhote prometeu guardá-lo para eles, exclamando, dirigindo-se à atriz:

— Julgo que lhe pertence.

Quando foram buscar a «Eleanora», o velhote despediu-se com os olhos rasos de água.

(Do *Psychic News*, de Londres).

ESPIRITISMO NO BRASIL

Caravana da Fraternidade

Regressou do Nordeste e Norte do País, a «Caravana da Fraternidade», da qual fizeram parte os confrades Prof. Leopoldo Machado, Dr. Lins de Vasconcelos Lopes, Dr. Francisco Spinelli, Sr. Carlos Jordão da Silva e Sr. Ary Casadio, representando os Estados do Rio, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, respectivamente.

A Caravana realizou um cruzeiro a serviço da Unificação e Confraternização da família espírita brasileira, e da divulgação da Doutrina Espírita.

Recepcionada em todas as Capitais da Pátria do Evangelho, entusiàsticamente, por confrades representantes das instituições espíritas daquelas regiões, receberam os componentes da Caravana as mais expressivas provas de carinho e de solidariedade. Todos os caravaneiros foram hospedados em casas de confrades, cujos lares amigos, tornaram-se prolongamento de seus lares.

Visitaram, também, a cidade de Parnaíba, no Estado do Piauí, que se acha incluída na rota da «Aérovias do Brasil S/A.», de cuja Companhia os Caravaneiros também sempre receberam as maiores atenções.

Da Bahía ao Amazonas, reinou o mais vivo entusiasmo pelo empreendimento e os resultados obtidos bem demonstram o êxito alcançado por essa realização.

De volta, os Caravaneiros portaram em Belo Horizonte, onde receberam vivas demonstrações de simpatia e solidariedade dos Diretores da União Espírita Mineira e da família espírita de Belo Horizonte que os aguardavam no aeroporto. Visitaram o médium Francisco Candido Xavier, tendo por essa ocasião recebido expressivas mensagens de Emanuel e do poeta Amaral Ornelas. Outras mensagens já tinham recebido em Recife, Parnaiba e Maceió, do Dr. Bezerra de Menezes, Humberto de Campos, Cairbar Schutel, Viana de Carvalho, Guillon Ribeiro, José Petitinga e de outras entidades do espaço.

A Caravana foi acompanhada de outra constituida por Entidades do Invisível, que sempre lhe deram provas de que estavam assistidos em sua tarefa pela misericórdia Divina.

Passamos a relatar os resultados obtidos, o que bem demonstra que todos os confrades têm desejos de trabalhar e de acertar; pontos de vistas e lacunas que, porventura, desuniam entidades e confrades foram afastados e sôbre eles foram sobrepostos os interêsses da nossa magna Doutrina.

Todos compreenderam o imperativo da hora que passa e que exige de todos os homens de bôa vontade os maiores esforços, afim de que o Espiritismo no Brasil possa realizar sua gloriosa missão de doutrina consoladora e restauradora dos postulados evangélicos.

Êsse significativo e oportuno empreendimento conseguiu reunir todas as instituições do Nordeste e do Norte em torno do Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira.

Assim, do Rio Grande do Sul ao Amazonas, com exceção de Goiás e Mato Grosso, que, estamos certos, logo virão fazer causa comum com os demais Estados da União brasileira, todas as instituições do País estão unidas para um trabalho comum, em pról da comunidade humana.

Bahia: Foi fundada a União Social Espírita da Bahía, que reune as 4 entidades federativas, local, e as demais instituições organizadas da Capital. A Baía já está representada no Conselho Federativo Nacional.

Sergipe: Foi fundada a Federação Espírita Sergipana, com o apôio de todas as instituições do Estado. Integrou-se a nóvel instituição no «pacto áureo» e já indicou os nomes de confrades para ser escolhido seu representante no C. F. N.

Alagôas: A Federação Espírita de Alagôas, ainda não representada no Conselho Federativo Nacional, deu seu apôio ao «pacto áureo» de 5 de Outubro de 1949 e designou uma relação de nomes para a escolha de seu representante no C. F. N.

Pernambuco: Todas as instituições de Recife se integraram na Comissão Estadual de Espiritismo de Pernambuco, já representada no C. F. N.

Recife possúe grandes obras de educação e assistência, mantidas por espíritas, sobressaindo-se entre elas, o Instituto Espírita João Evangelista, a Casa de Saude João Evangelista, a Casa dos Espíritas, a Campanha do Quilo e outras.

Paraíba: A Federação Espírita Paraibana, já representada no C. F. N., reiterou seu apôio ao movimento de Unificação.

Rio Grande do Norte: Foi dissolvida a Liga Espírita do Rio Grande do Norte, numa louvàvel demonstração de renúncia dos seus diretores e as instituições que lhe eram adesas passaram a apoiar a Federação Espírita do Rio Grande do Norte, á qual aderiram, também, a Cruzada dos Militares Espíritas e a União da Mocidade Espìrita do R. G. do Norte. Já é representada no C. F. N.

Piauí: Foi fundada a Federação Espírita Piauiense, com o apôio das duas instituições espíritas existentes em Parnaíba e de todos os Centros de Terezina. Apôio ao «pacto áureo» e indicação de representante ao C. F. N.

Ceará: Foi fundada a União Espírita Cearense, com o apôio da Confederação Espírita Cearense, da Federação Espírita Cearense e demais instituições Espíritas de Fortaleza. Apôio ao «pacto aureo» e indicação de representante ao C. F. N.

Maranhão: Foi fundada a Federação Espírita do Maranhão, com a adesão de todas as instituições espíritas de S. Luiz. Apôio ao «pacto áureo» e indicação de representante junto ao C. F. N.

Pará: Foram reunidas todas as instituições em tôrno á União Espírita Paranaense, com excepção de uma que prometeu dar seu apôio em tempo oportuno. Apôio ao «pacto áureo» e índicação de representante para o C. F. N.

Amazonas: Reorganização da Federação Espírita Amazonense com o apôio de todas as instituições espìritas de Manáus. Foi dado apôio ao «pacto áureo» e feita uma relação de nomes para a escolha do representante para o C. F. N.

De todas as reuniões foram lavradas as respectivas atas que foram assinadas pelos representantes de todas as entidades espíritas presentes, bem como pelos componentes da Caravana.

Em todas as Capitais foram organizadas «Comissões» especiais, compostas por representantes de organizações espíritas, escolhidos pelos representantes dos centros de cada localidade, para concretizarem as deliberações.

Os Caravaneiros tiveram ocasião de visitar inúmeras instituições espíritas de educação e assistência social, em Aracajú, Maceió, Recife, Natal, Fortaleza e Belém.

Está, pois, de parabens a família espírita brasileira por mais êsse grande passo, para que em futuro próximo, por um trabalho mais amplo, possam se unir todas as criaturas sob a paternidade de Deus, sob um só pastor, constituindo um só rebanho.

Representante em Ribeirão Preto

E' nosso representante em Ribeirão Preto o sr. José dos Santos Cabral, que está autorizado a angariar e receber assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», podendo os interessados procurá-lo à Rua Conde F. Matarazzo, 433.

Necrologia

Coronel Faure da Rosa

A nossa brilhante colega «Estudos Psíquicos», de Lisboa, Portugal, em seu número de Novembro último, publica a notícia do passamento, dia 8 do mesmo mês, do grande vulto do Espiritismo em Portugal, Coronel Faure da Rosa, sem dúvida um dos mais ativos difundidores do Espiritismo.

Escritor, polemista e conferencista de vasta cultura, o Coronel Faure da Rosa se fez admirado de todos quantos leram os seus notáveis escritos sôbre a Doutrina Espírita. Colaborou em todas as revistas portuguêsas da especialidade, dirigiu publicações e foi presidente da Federação Espírita Portuguêsa.

Ultimamente dirigiu o «Mensageiro Espírita» e depois a «Revista de Metapsicologia», órgão da Federação Espírita Portuguêsa.

«Revista Internacional do Espiritismo» transcreveu inúmeros artigos do Coronel Faure da Rosa, artigos de importância capital para a divulgação e estudo dos fenômenos espíritas.

Com o desincarne dêste grande obreiro, mais um claro difícil de preencher abriu-se na fileira espírita.

Que Jesus ilumine ainda mais o espírito recem-liberto, proporcionando-lhe paz e felicidade no mundo espiritual, são os nossos ardentes votos.

—

Raoul Montandon

Conforme notícia do «Spiritualisme Moderne», de Liège, após uma vida de trabalho e de dedicação à causa espírita e ás ciências ocultas, acaba de desincarnar o conhecido propagandista Raoul Montandon. Contribuiu notavelmente para a difusão do Espiritismo, através de suas obras — «A Morte, Essa Desconhecida», «Formas Materializadas» e «Mensagens do Além».

Paz e progresso espiritual a êste obreiro da seára espírita, é o que pedimos ao Senhor.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 26.° ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1950 a Janeiro de 1951)

N.° 1 — FEVEREIRO DE 1950

		Pgs.
O Nosso 25.° Aniversário	*Redação*	*1*
Reino Espiritual	*Sociedade de Medicina*	*2*
Trinta anos entre os mortos	*Dr. Carl A. Wickland*	*5*
O Espiritismo é...	*J. B. Chagas*	*7*
Pontos de vista	*Leopoldo Machado*	*9*
Fenômenos de Materialização	*Amadeu Santos*	*11*
Procurando fenômenos na rua	*J. Herculano Pires*	*15*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*17*
A Nossa Opinião	*Redação*	*19*
Crônica Estrangeira	»	*20*
Espiritismo no Brasil	»	*22*

N.° 2 — MARÇO DE 1950

31 de Março	*Redação*	*25*
Cairbar Schutel	*Pereira Guedes*	*26*
Sôbre o Batismo	*Pal*	*28*
Mensagem de Amor	*Augusto Pacheco*	*31*
Reino Espiritual	*Sociedade de Medicina*	*33*
O Espiritismo é...	*J. B. Chagas*	*37*
S. Paulo, o precursor da Sociologia do 1.° Século	*Amadeu Santos*	*39*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*40*
Ciência Metapsíquica	*Luiz Dantas*	*42*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*43*
Espiritismo no Brasil	»	*47*

N.°s 3 e 4 — ABRIL-MAIO DE 1950

O Espiritismo no Brasil	*Redação*	*49*
Afinal, que Somos ?	*Pereira Guedes*	*50*
Os Fenômenos Espíritas e os Milagres	*J. B. Chagas*	*52*
Trinta anos entre os mortos	*Dr. Carl A. Wickland*	*54*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*56*
Espiritismo Cristão ou Cristianismo Espírita ?	*Delphus Vilar*	*57*
Imitação e Autonomia	*Deolindo Amorim*	*59*
Uma vela a Deus, outra ao diabo	*Alfredo d'Alcântara*	*63*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*65*
Espiritismo no Brasil	»	*67*

N.° 5 — JUNHO DE 1950

O Espiritismo e seu surto progressista	*Redação*	*73*
Lei da Evolução Espiritual	*Viriato Carneiro Lopes*	*74*
O que é um médium	*J. B. Chagas*	*75*

Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*79*
O Homem Colaborador de Deus	*Pereira Guedes*	*81*
Dá licença, Professor ?	*Alfredo d'Alcântara*	*82*
A propósito de uma carta	*Pal*	*84*
O Duplo Humano — Alguns casos	*De «Constancia»*	*86*
Salva da morte por um Espírito	*Spártaco Banal*	*87*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*88*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*89*
Espiritismo no Brasil	»	*92*

N.º 6 — JULHO DE 1950

2.º Congresso Espírita do Est. de São Paulo	*Redação*	*97*
Imortal é o Homem !	*Max Kohleisen*	*99*
Geração Expontânea	*J. B. Chagas*	*100*
Um Documento	*Carlos Imbassahy*	*103*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*104*
Orgulho e Humildade	*Pereira Guedes*	*107*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*109*
Eutanásia	*Tenente Amantéa*	*111*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*112*
Espiritismo no Brasil	»	*115*

N.º 7 — AGOSTO DE 1950

O motivo das guerras	*Redação*	*121*
O Espiritismo não é...	*J. B. Chagas*	*122*
«A fé que salva e o Espírito que vivifica»	*Juin Silva*	*124*
A calúnia e a dignidade	*Pereira Guedes*	*128*
Filosofia	*Arnaldo S. Thiago*	*129*
Mediunidade e Espírito Santo	*Pal*	*131*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*133*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*	*136*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*138*
Espiritismo no Brasil	»	*141*
Necrologia	»	*144*

N.º 8 — SETEMBRO DE 1950

A Hora do Espiritismo	*Redação*	*145*
Materializações com o médium Dickson	*Amy B. Marchall*	*147*
O Iapurú Português	*Alfredo d'Alcântara*	*151*
O Espiritismo não é...	*J. B. Chagas*	*153*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*154*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*	*156*
Umbandismo e Espiritismo	*Pereira Guedes*	*158*
Hermenêutica Religiosa	*Arnaldo S. Thiago*	*161*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*163*
Espiritismo no Brasil	»	*167*

N.º 9 — OUTUBRO DE 1950

No 146.º Aniversário do Mestre	*Redação*	*169*
O Espiritismo no quadro das Ciências	*Deolindo Amorim*	*171*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*	*174*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*177*
Só o Espiritismo resolverá o problema...	*Max Kohleisen*	*179*
Trinta anos entre os mortos	*Dr. Carl A. Wickland*	*180*

Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*182*
Palestra proferida no Lar de Jesus . .	*Leopoldina Machado de Barros*	*183*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*185*
Espiritismo no Brasil	»	*190*

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1950

Renovação Incessante	*Redação*	*193*
O Espiritismo no quadro das Ciências . .	*Deolindo Amorim*	*195*
Duas respostas ao pé da letra , . .	*Alfredo d'Alcântara*	*197*
Pontos de Vista	*Leopoldo Machado*	*198*
Sublime Fonte de Inspiração	*J. B. Chagas*	*200*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*	*201*
Trinta anos entre os mortos	*Dr. Carl A. Wickland*	*204*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*205*
Fantasmas e Casas Assombradas . . .	*Da «Revista de Metapsicologia»*	*207*
D. Gracinda Batista	*Redação*	*210*
Crônica Estrangeira	»	*210*
Espiritismo no Brasil	»	*215*

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1950

A propósito do Natalício de Jesus . .	*Redação*	*217*
Richet e Lombroso testemunham a mediunidade de Eusápia Paladino	*J. Herculano Pires*	*218*
O Grande Mal	*Leopoldo Machado*	*219*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*	*221*
Um prêmio sem ganhador !	*J. B. Chagas*	*224*
Meu Filho Voltou	*Alfredo d'Alcântara*	*226*
O Espiritismo no quadro das Ciências . .	*Deolindo Amorim*	*228*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*231*
A Guerra	*Redação*	*233*
Crônica Extrangeira	»	*234*
Espiritismo no Brasil . , . . .	»	*236*

N. 12 — JANEIRO DE 1951

Cairbar Schutel	*Redação*	*241*
O Espiritismo no quadro das ciências . .	*Deolindo Amorim*	*242*
As supostas fraudes espíritas	*J. B. Chagas*	*245*
A Maior Conquista	*Pereira Guedes*	*249*
Prêmios e Recompensas	*Carlos Imbassahy*	*250*
Com os Demônios	*Pal*	*251*
Trinta anos entre os mortos	*Dr. Carl A. Wickland*	*253*
Banquete de Manjares Espirituais . . .	*Leopoldo Machado*	*255*
Lar	*Fiori Amantéa*	*257*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*259*
Espiritismo no Brasil . , . . .	»	*262*
Necrologia	»	*264*

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 828
02-06-07 32180 XL
HF Group

[illegible]

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2711unse

ANO XXVII—Brasil – E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1951— N.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

26 Anos	*Redação*
O Espiritismo e as Classes Armadas	*Rui Alencar Nogueira*
Espiritismo e Metapsíquica	*Genaro Pucci*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Mais dois livros e uma dupla respeitável	*Pereira Guedes*
O Divórcio	*Pal*
Civilizações que Morrem — Civilizações que Nascem	*Arnaldo S. Thiago*
Trinta Anos Entre os Mortos	*Dr. Francisco Klörs Werneck*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Leopoldo Machado*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1951 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

26 Anos

«Revista Internacional do Espiritismo» completa hoje 26 anos de existência, disposta a prosseguir, com a mesma boa vontade, que nunca lhe faltou, nem mesmo nos momentos mais críticos, no cumprimento de sua elevada tarefa, que se resume no estudo e difusão da Doutrina Espírita.

Vinte e seis anos de atividade ininterrupta não pode deixar de constituir uma das maiores recompensas, sobretudo quando, com espírito de tolerância, procuramos remover montanhas de obstaculos e dificuldades, transformando decepções em estímulos, tanto mais que sabemos de sobejo o quanto Jesus e os Apóstolos sofreram na pregação da Verdade, sem nunca se desviarem do espírito de humildade, fraternidade e renúncia, sinais característicos dos Espíritos Superiores.

Os nossos esforços têm sido fartamente recompensados com o adjutório decidido dos nossos prezados colaboradores, assinantes, auxiliares, representantes e, sobretudo, com a assistência dos Espíritos que orientaram o nosso querido companheiro Cairbar Schutel na fundação desta Revista, recompensa que se torna ainda maior ao vermos o progresso da Doutrina em todas as direções, sinál de que os trabalhadores de cá e de lá, conjugando os seus esforços, sem perda de tempo, estão em grande atividade, empregando com inteligência os «talentos» que lhes foram confiados.

Temos nos esforçado o mais possível para agradar os nossos prezados leitores e para cumprirmos as nossas obrigações, publicando matéria enquadrada no programa traçado pelo fundador desta Revista, bem como todas as notícias e factos espíritas chegados ao nosso conhecimento.

O movimento espírita no Brasil não pode ser mais auspicioso. As editoras e livrarias espíritas não vencem os pedidos de livros, o que constitue prova de que a fileira espírita aumenta sempre com o ingresso de neófitos e de que o estudo das obras básicas da Doutrina está sendo levado a sério. A imprensa espírita vê surgir de todos os pontos do Brasil novos orgãos de propaganda. Congressos, palestras pelo rádio, caravanas, semanas espíritas já se tornaram «pão de cada dia». De outro lado, as obras espíritas, de assistência social, aumentam cada vez mais, e são tão úteis que os poderes governamentais lhes destinam verbas apreciáveis.

No decurso de 1950 os espíritas fizeram farta colheita. E como ninguem pode fazer colheita abundante sem fazer boa semeadura, o trabalho dos espíritas foi realmente produtivo na seara, excedendo a nossa expectativa.

Isso tudo se deve, em grande parte, aos Espíritos encarregados de espiritualizar a humanidade. Eles é que orientam as creaturas de boa vontade e preparam as cousas, para que a tarefa dos obreiros se desenvolva firmemente, sem interrupção.

Que o ano de 1951 proporcione aos trabalhadores da seara espírita uma colheita ainda maior que a de 1950 é o que solicitamos, de coração, a Jesus, nosso amado Mestre.

Aos Espíritos que nos vêm auxiliando decididamente no cumprimento da tarefa, entre os quais o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, aos nossos distintos colaboradores, assinantes, representantes, viajantes e auxiliares de redação e oficinas, o nosso «Deus lhes pague», e a Jesus, os nossos fracos prestimos ao seu labor.

O Espiritismo e as Classes Armadas

Rui Alencar Nogueira

(Da «Cruzada dos Militares Espíritas»)

Muita gente pensa, certamente, que os militares, entregues à tarefa diuturna das casernas, vivem um ambiente puramente materialista, esquecidos de que possuem um espírito eterno, partícula divina em contínua caminhada para a evolução e para o aperfeiçoamento.

Tal não acontece. Preocupam-se, e bastante, os nossos homens de farda, com os problemas relacionados com o sobrenatural, e isto desde longos anos passados.

Quando ainda existia no Brasil uma religião oficial, o então major Ewerton Quadros, que atingiu, depois, o alto posto de marechal, militar impoluto e que tanto brilho emprestou ao Exército, fundou, em 1884, a Federação Espírita Brasileira, sendo, também, o seu primeiro presidente. Juntara-se, assim, a outros dedicados espiritualistas, homens de pensamento e de cultura, da estirpe do grande Bezerra de Menezes.

Por êste motivo, teve êle de peregrinar pelas diversas guarnições, sofrendo transferências continuadas, o que lhe dava ensejo para a fundação de novos Centros Espíritas, nos quais permanecia pregando o amor e a caridade exemplificados pelo Mestre Jesus.

As idéias positivistas, lideradas pelo valoroso Benjamin Constant, e que impregnaram a mocidade militar nos primeiros tempos da república, não conseguiram destruir o germen espiritualista, que fôra colocado em terra fecunda e boa, frutificando nos nossos dias nesta explendida afirmação de fé, que é a Cruzada dos Militares Espíritas.

Aos poucos, o Espiritismo ia ganhando terreno, como verdade irretorquível que é, suplantando todos os preconceitos, todas as vicissitudes e contratempos, apresentando-se sempre como a doutrina cristã da tolerância, do entendimento, do amor e da fraternidade.

Os militares interessavam-se cada vez mais pelo estudo do Espiritismo, conquanto não levassem para os Quarteis as suas idéias, obedientes ao preceito regulamentar e por acharem que o problema religioso só deveria ser tratado nas casas de oração.

Embora assim procedessem, os opositores que «não combatem o bom combate» temiam o conhecimento das verdades e tudo faziam para impedir que as Fôrças Armadas entrassem para a seara do Mestre.

Assim é que, com surpresa geral, em 1901, a autoridade superior baixava o Aviso Ministerial de 18 de junho, em que dizia textualmente: *«O Oficial que se der à prática do Espiritismo é passível de censura e devem ser tomadas providências para a repressão de tais factos, que de nenhum modo devem ser tolerados».*

Eis aí, em poucas palavras, a tradução da mentalidade dominante naquela época em que se censuravam os que buscavam a verdade!

Mas, dizia S. Paulo — : «Não vos metais com êsses homens, mas deixai-os; porque se êste conselho ou esta obra for de homens, se desfará; mas, se é de DEUS, não podereis desfazê-la, para que não sejais, porventura, achados pelejando contra DEUS» (Atos, 5:38 e 39).

Efetivamente, o Espiritismo não é obra de homens, pois que dia a dia mais se desenvolve e se consolida no consenso gerál, em todos os setores da atividade humana e nas mais diversas classes sociais, empolgando as criaturas de todas as idades e sexo.

Militares das mais variadas graduações interessavam-se pelo Espiritismo, o que provocava novos sustos em quantos pretendiam exercer o domínio religioso no nosso país.

Nova tentativa de coersão da conciência, traduz-se no Acordão que o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, fez publicar em 16 de Agosto de 1917 e nos seguintes termos: «A celebração de sessões espíritas é proibída *e com toda a razão* pelos arts 156 e 157 do C. P., e a polícia cumpre uma de suas obrigações proibindo tais sessões e práticas.» (Consultor Jurídico Militar — 1928.

O término da primeira guerra trouxe novo surto ao espiritismo no meio militar, enchendo-se os Centros de quantos estavam ávidos de sabedoria divina.

Viam-se, já, alguns livros nas bibliotecas dos Quarteis, muito embora alguns comandantes mandassem colocar na lata de lixo grande parte, pois viam alí a arte do demônio.

Que adiantava a campanha? Não é certo que a verdade paira acima de tudo?

E os militares cada vez mais se aprofundavam nos estudos da Terceira Revelação, buscando beber na verdadeira fonte novos conhecimentos.

Os opositores do espiritismo não perderam, porém, as esperanças, permanecendo fóra do «bom combate», procurando impor uma religião que está afastada completamente do cristianismo puro, cheia de arcaismos e em desacôrdo com a evolução da humanidade.

Aproveitando-se da nossa participação direta no último conflito mundial, influenciando-se junto ao Governo Provisório de então, conseguiram os que pretendiam o retôrno à vida dos tempos do Império, a instituição do «Serviço Religioso nas Classes Armadas» e, os capelães «dentro do espírito de liberdade religiosa», perceberiam, para a sua manutenção pessoal, uma *côngrua* correspondente aos vencimentos de 1.º Tenente e fariam jús ás vantagens a êstes conferidas nos diferentes casos previstos em Lei.»

Não satisfeitos, conseguiram os capelães, pelo Dec. Lei, n.º 9.505, de 23 de junho de 1946, um aumento no valor da *côngrua* (no fim é dinheiro) correspondente aos vencimentos de Capitão!

Parece que êstes factos concorreram para um maior incremento do Espiritismo, no seio das nossas Fôrças Armadas.

Assim é que um grupo de militares espíritas-cristãos, desejosos de afirmarem publicamente a sua crença, fundaram no Rio de Janeiro a «Cruzada dos Militares Espíritas», sob a inspiração do ALTO, tendo por patrono o iluminado espírito de Maurício — martir do Cristianismo no ano 286 — obedecendo aos postulados da nossa Carta Magna.

Com êstes objetivos fraternais, ela se extende por tôdas as guarnições militares do nosso país, sem criar dissenções, questiúnculas ou partidarismos, sem travar discussões com irmãos de outros credos religiosos e sem impor a doutrina a quem quer que seja.

Funcionam, presentemente, os Núcleos de *Belém*, *Natal*, *Rio de Janeiro* (séde), *Curitiba*, *Juiz de Fóra*, *Bagé*, *Campo Grande*, *Aquidauana*, *Ponta Porã*, *Itajubá* e *Escola Militar de Rezende*, estando em organização os de *Cuiabá*, *S. Luiz de Cáceres* e *S. Paulo*.

Seus delegados estão em quasi todos os Corpos de Tropa, Navios de guerra, Bases aéreas e Estabelecimentos, obedecendo aos mesmos princípios legais.

Congrega militares de tôdas as graduações, Almirantes, Generais, Brigadeiros, Coroneis, Oficiais Superiores, Capitães, Tenentes, Sargentos, Cabos, Soldados e, também, reservistas, civis e Senhoras cooperadoras, formando um conglomerado harmônico que trabalha, em todos os recantos da nossa terra, pela propagação sadia do Espiritismo.

O atual Presidente — Almirante Borges de Faria, é figura exponencial da nossa Armada, espírita convicto e trabalhador destacado, lidando ha mais de 40 anos nos nossos Centros, onde vem se destacando pela cultura e pela bondade, não medindo sacrifícios pelo bem dos nossos semelhantes.

Não ha como negar: o Espiritismo invadiu as classes armadas e à «Cruzada dos Militares Espíritas», mercê do Alto, está reservado um papel destacado no processo de difusão do Evangelho entre os nossos soldados de terra, mar e ar, para a grandeza sempre crescente do Brasil e felicidade do seu povo.

Demos graças a DEUS por tudo isto.

—

Espiritismo e Metapsíquica

(Ao confrade e irmão GENARO PUCCI — Buenos Aires).

NÃO negar sem provas, devia ser a atitude coerente de todos aqueles que se dedicam ao estudo e observação de factos ou pesquisas de toda ordem. Todavia, temos observado, como são levianas as afirmações daqueles que observando as coisas, parcial e precariamente, fazem, sem levar em conta o ridículo a que se expõem, ao emiti-las. E uma delas se prende muito de perto a chamada *hipótese espírita*. Essa objeção, em geral, consiste em afirmar que os espíritas não passam de uma méra aglomeração de «místicos»; que pretendem fundar uma religião baseada nos fenômenos metapsíquicos, não podendo, portanto, os seus argumentos prevalecerem no meio científico. Objeção esta, tão vaga, quão impertinente.

O célebre professor francês Charles Richet, chegou mesmo a atribuir o pouco progresso da metapsíquica a essa particularidade, quando afirmou: — «Sou de opinião que, se a metapsíquica não tem progredido mais, se deve isto a um defeito de método; quiseram dela fazer uma religião cheia de ardôr, ao em vez de uma ciência serena e modesta». (Journal of the American S. for P. R.», Set. 43, pag. 400).

Um outro sábio, não menos ilustre, dr. William Mackenzie, dirigindo-se a Ernesto Bozzano, a êsse respeito, assim se expressou: — «Se os espíritas querem conferir aos fenômenos metapsíquicos fóros de religião, deles não poderão esperar mais do que se consegue daquela, isto é, pouco para o sentimento e nada para a ciência».

Objeção que o próprio Bozzano julgou de pouca utilidade destruir como deplorável prevenção, filha de uma observação estranhavelmente parcial, e superficial do movimento espírita *encarado em seu conjunto*. Se é verdade — disse mais o sábio professor italiano — que o Espiritismo seja *tomado num sentido religioso por uma multidão, aliás muito respeitável*, de almas simples, não quer dizer que êle seja religioso, mas tão sómente que as conclusões rigorosamente experimentais e, portanto, científicas, a que conduzem as investigações medianímicas, têm a virtude de reconfortar um grande número de almas atormentadas pela dúvida. Daí dizermos nós que o Espiritismo é, de facto, o Consolador prometido por Jesus.

Mas, os opositores não deviam esquecer que, culminando sôbre essa multidão, *em que prevalece o sentimento*, existe uma coorte numerosa de experimentadores exercitados nos métodos científicos, também homens de ciência, *em que prevalece a fria razão*, e que estes examinaram os factos com o fim exclusivo de pela Verdade procurar a Verdade. Se por fim acabaram por aderir à hipótese espírita, não quer isso dizer que se tenham tornado místicos, mas ao contrário se convenceram, experimentalmente, que essa hipótese era a única capaz de explicar o conjunto da fenomenologia examinada. E nada mais científico, portanto. Do mesmo modo que nem Myers, nem Hodgson, nem Barret, nem Mrs. Verrall, nem Lodge, nem Zollner, nem Du Pret, nem Alexandre Aksakof, nem Broffério e nem Ernesto Bozzano, tinham tendências místicas, pelo contrário, quasi todos eram dominados por convicções positivo-materialistas. O que mais lhes tocou à razão e ao bom senso, foi a eloquência irresistível dos factos e, sobretudo, a constatação imponente da convergência admirável de todas as provas — anímicas e espiríticas — para a demonstração da existência e da sobrevivência da alma, que os levaram a concluir definitivamente em favor da hipótese espírita. São, pois, rigorosamente científicas as conclusões a que chegaram.

Todavia, estas manifestações não se deram, e nem foram permitidas por Deus, para satisfazerem ao desejo de curiosidade dos investigadores. Elas tiveram, e tinham uma outra e grande finalidade. Tanto assim que elas representam para a Filosofia do Espiritismo — diz o espírito de São Luiz — o que a gramática é para a literatura, e quem haja chegado a certo gráu de conhecimento numa ciência, já não perde o tempo em lhe repassar os elementos. Passa, porventura, o sábio a repetir o *a, b, c*, da ciência ?

Elas se deram, principalmente, para despertar os secretos movimentos da alma humana, acordando-as para as coisas sublimes da vida, e que os homens, deveriam descobrir nelas, os seus fundamentos morais.

Tal particularidade, deu lugar a serem as manifestações consideradas como o vestíbulo da ciência espírita, desde quando foi possível alcançar o alto sentido moralístico dos ensinamentos ditados pelos próprios espíritos.

O compulsar, e o concatenar desses ditados, deram lugar ao lançamento das bases de uma doutrina que, uma vez provinda dos espíritos, teria de ser denominada Espiritismo, incluindo nos seus fundamentos, os princípios científico, filosófico, religiosos ou morais. Quem quer que procure separar qualquer desses aspectos, cometerá um grande êrro.

Temos sustentado sempre, em várias oportunidades, o trìplice aspecto do Espiritismo — ciência, filosofia, religião, procurando demonstrar, com farta dóse de argumentos, já expostos, pelos mais doutos que abordaram o assunto, chegando mesmo a patentear a impossibilidade de ser isolado cada um deles.

Com êsse modo de vêr não têm concordado muitos confrades, principalmente aqueles que o encaram sómente no seu aspecto científico ou metapsíquico. E para não desgostar-nos, e até certo ponto, contentar-nos, surgiu agora uma nova hermenêutica, para interpretar Espiritismo e Metapsíquica : — «Espiritismo é uma doutrina filosófica, científica, moral, e Metapsíquica é a denominação científica dos fenômenos de ordem extrasensorial».

Surge, agora, contentando a todos, como verdadeiro *tertius* — Ernesto Moog, sábio e culto confrade chileno, a previsionar o despontar de um movimento, de creação e reajuste, no desejo de reunir ciência e espiritualismo. Dizendo mais que dessa fórma se desenvolve uma filosofia científica e evolutiva, com tendência espiritualista, e uma ciência filosófica de aspecto idealista racional, isto é, uma expressão gnoscológica ampla, livre. Para concluir o seu pensamento, dizendo mais — chegámos, assim, a conclusão de que, como síntese dessas tendências, o espiritualismo científico, representa hoje uma etapa superior do espiritualismo, despojado de dogmas, especulações, puramente metafísicas e divagações aprioristicas ; da ciência em suas novas modalidades e conceitos, no seu aspecto avançado, não materialista. E que o espiritualismo científico, é certo, não abrirá passagem ao conhecimento absoluto, pretensão inteiramente imprópria para quem vive num mundo — finito e relativo — condicionado a limitações materialistas e sensoriais. Moog, como os nossos irmãos americanos do Norte, prefere a denominação espiritualismo, em vez de Espiritismo. (Consultar a respeito: O QUE É ESPIRITISMO? fls. 24 e 25).

Provada a impossibilidade do homem penetrar a fundo o segredo de todas as coisas, de tudo esclarecer, temos, forçosamente que dar razões ao Professor Charles Richet, quando escreveu que «o mundo real admite, em torno de nós, vibrações. Percebemos umas pelos nossos sentidos; outras, não são perceptíveis por eles e se revelam por meio de aparêlhos da Física, mas existem ademais, não percebidas pelos nossos sentidos nem por dispositivos da Física, que atuam sôbre determinadas inteligências humanas, revelando-lhes fragmentos da realidade. Existem, seguramente, ademais, outras, que nem nossos aparelhos físicos, nem sexto sentido algum dos sensitivos, será capaz de revelar. O mundo mecânico que conhecemos: átomos, eléctrons, planetas, animais, micróbios, reações químicas, calôr, eletricidade, tudo em conjunto, não é provavelmente mais que uma mínima parte da realidade. Outras fôrças de ordem absolutamente distinta se agitam em torno de nós! Quem sabe si esses outros mundos imateriais não regem os nossos destinos!»

Ao expôr estes conceitos, não desejamos, de modo algum, invalidar o esfôrço daqueles que estudam, e possuem a devida ombridade de dar a conhecer ao público em geral o seu modo de entender as coisas.

Sem pesquizas sérias e sem investigações, não haverá progresso.

Visamos, apenas, fazer sentir que, em face das limitações acima apontadas, nada devemos negar, sem estudo prévio e meticuloso, e cada um traz com o seu concurso, algum contingente ou parcela, ao esfôrço geral de todos os que trabalham com o santo objetivo de atingirem a Verdade.

Respeitemos, pois, as opiniões alheais, até mesmo quando são contrárias ás nossas..

J. B. CHAGAS.

Nova Iguaçú, Novembro de 1950.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

VII

A sessão de 29 de junho de 1950 realiza-se na séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, à Avenida Rio Branco, n. 4, 15.º andar, no Rio de Janeiro.

É lida a ata da sessão realizada na noite de 28, no edifício à Praia do Flamengo, N.º 2. A salinha de secretária, contígua à sala de reuniões da Sociedade, vai funcionar como cabine escura. Ela fica ligada por uma porta, coberta por uma cortina verde, por trás da mesa da Presidência, com a sala de reuniões. Esta é um plano inclinado, como as platéias de teatros, para que de todas as cadeiras se veja bem o estrado. As cadeiras do auditório são fixas em seus lugares e unidas umas às outras, como nos cinemas e teatros; só o assento é móvel e póde elevar-se para dar acesso às demais cadeiras da mesma fila. Há três corredores estreitos de entrada: um no centro e dois nos extremos do auditório. Para a sessão de 29, bem como para a de 8 de julho a que nos referiremos mais tarde, depois de ocupados os lugares no auditório, foram colocadas cadeiras na entrada dêsses três corredores, de modo a ficar fechada a saída aos circunstantes. Os circunstantes que ocupam a primeira fila de cadeiras dão-se as mãos, formando uma corrente contínua, só interrompida em mim que tenho as mãos ocupadas pelo lápis e o bloco de notas. Os cavalheiros se acham à esquerda e as Sras. à direita do corredor do centro do auditório. Aos lados do estrado são colocadas cadeiras que se acham todas ocupadas, formando extensões da primeira fila, a uns dois metros da mesa da Presidência, cujas cadeiras foram retiradas. Ninguém fica próximo da mesa, por trás da qual se acha a cortina verde que vai servir de porta à cabine escura. Encima dessa mesa acha-se uma vitrola e o graduador de luz vermelha, vasos de vidro com água fresca, o quadro fosforescente com a cabeça de Jesus Cristo, a trombeta ou megafone de alumínio, uma pilha de discos fonográficos.

João Cosme faz uma preleção sob luz vermelha, reacendem-se depois as luzes brancas para o contrôle, numa cadeira, ao lado da mesa de Presidência. E' algemado com os braços cruzados, um pé fica algemado ao da cadeira, o tronco atado ao respaldar da cadeira. Terminado o processo de contrôle, a cadeira com o médium é carregada para a cabine escura por um circunstante musculoso que regressa da cabine, retoma seu lugar na primeira fila, dá as mãos aos seus vizinhos e então se apagam as luzes. Ladeira inicia a prece de abertura. Terminada a prece decorrem alguns minutos com a vitrola em silêncio, depois vemos pequenas centelhas que saem da cortina e se dirigem para a vitróla, acendendo e apagando uma luzinha minúscula. Ruidos nos discos, na vitrola e começa uma música. Ouvimos a voz sibilante de Atanásio: «Boas noites!» e interroga: «Vocês não conhecem a minha luz?» Repete: «Boa noite! Boa noite! Ladeira, eu quero que todos respondam: Boa noite!» todos atendem e respondemos em côro: «Boa noite, Atanásio».

Dirigindo-se a uma Sra., diz: «Você está chorando? As lágrimas tiram os pecados. Quando eu passei para cá, chorei como um danado, mas não aditei nada!» Após um momento de silêncio diz: «Ladeira, faça uma prece em favor de um assistente que está com o pensamento contrário. Deus tenha piedade dêle!» Ladeira põe-se a orar e, quando termina sua prece, ouve-se de novo a voz de Atanásio: «Vocês não reparem as minhas brincadeiras. Ninguém deve levantar-se de seu lugar».

Ladeira ora, implorando a proteção do Céu para a Federação Espírita Brasileira, para Sociedade de Medicina e Espiritismo, pelas Sociedades, Centros e Grupos espíritas, pelos trabalhadores intelectuais, pelos médiuns, pelos dirigentes de instituições, para todos pedindo a proteção necessária a que vençam suas missões. Acende-se a luz vermelha e o ângulo direito (esquerdo em relação aos assistentes) da cortina ergue-se um pouco, mas fecha-se logo. Parece que há excesso de luz vermelha; o gradoluz está com defeito e só acende o grau mais intenso. Para remediar, cobriram a lâmpada com um papel vermelho que diminui um pouco a luz. O papel que envolve a lâmpada está ligado ao suporte e como a lâmpada não está em posição vertical, mas tem uma inclinação de uns 45.°, a sombra da junção do papel torna menos claro o outro lado da sala. Levanta-se o outro extremo da cortina e sai uma entidade vestida de túnica branca para o lado menos claro da sala. Não vejo bem, porque estou do lado mais iluminado. As Sras. assentadas daquêle lado da mesa exclamam: «E' o Vigário!»

O Padre Zabeu fala, dando instruções sôbre as futuras sessões.

Ladeira me ordena que faça uma prece. Enquanto oro, repete-se o fenômeno da chuva de líquido perfumado, já registado em outra sessão.

O quadro luminoso eleva-se da mesa e vôa pelo ar, lentamente, junto do tecto. Percorre toda a sala, sempre a uma altura de uns dois metros, finalmente desce ao nível de nossos rostos e vem pousar nas mãos do Dr. Telémaco Gonçalves Maia que se acha à minha direita. Como se achava fechada entrada para os corredores que ficam entre as cadeiras, nenhum sêr humano poderia ter realizado aqueles movimentos com o quadro. Um dos médicos presentes, que só em parte pôde observar o fenômeno, porque se achava numa das últimas filas de cadeiras do auditório, depois da sessão nos disse que se poderia imitar o fenômeno por meio de um espelho, posto diante de um fóco de luz e assim refletindo no ar. Esta hipótese não suporta um estudo mais sério, porque a luz assim projetada teria sua estria no caminho percorrido, o que não se deu com o quadro, e porque êste desceu à altura dos nossos rostos e finalmente pousou entre as mãos de um dos circunstantes, o Dr. Gonçalves Maia, onde permaneceu até o fim da sessão.

Atanásio diz muitas piadas. Reaparece o Padre Zabeu para dar instruções e despedir-se, e encerra-se a sessão com uma prece de Ladeira. Reacesas as luzes, vamos à cabine e encontramos o médium algemado como o deixamos duas horas antes.

A sessão de 7 de Julho de 1950 realiza-se na residência do Sr. João Galindo, em Niterói, com a presença de 35 pessoas formando semicírculo como sempre. O corredor de entrada funciona como cabine escura. Encima da mesa acham-se os mesmos objetos — trombeta, quadro fosforescente, vaso dágua — e uma estatueta de S. Sebastião, coberta de uma substância fosforescente que nos permite vê-la nitidamente no escuro. Á minha esquerda acha-se o nosso anfitrião, Sr. João Galindo.

Em sua preleção inicial, João Cosme dá explicações sôbre as formações ectoplásmicas, além de pregação moral. Contrôle e preparativos como nas sessões anteriores. Antes de terminar a prece de abertura, de Ladeira, aparecem os relâmpagozinhos de Atanásio e a vitróla é posta em movimento. Logo que termina a prece, Ladeira tem que escutar piadas de Atanásio: «Ladeira, você está cada vez mais cada vêz. Você precisa é de mais uma perna!» Faz breve pausa e prossegue: «Ladeira, que coisa esquesita foi esta explicação do Cosme sobre materializações, hein!»

Da cabine protesta Cosme: «Atanásio, aqui ha pessoas que nunca assistiram a sessões de materializações!»

—Sim, mas estes já estão mais cristianizados do que vocês! Todos os assistentes aqui têm compreensão. Se vocês nos ajudarem e Deus permitir, todos vão sair daqui satisfeitos hoje.

Uma Sra. diz: «Atanásio, eu peço uma visita para meu netinho que se acha em Nova Friburgo».

—Não é preciso pedir; o Vigário o visitará sem pedido. A seguir, Atanásio põe-se a assobiar, acompanhando a música da vitróla, e o quadro fosforescente eleva-se no ar, marcando com movimentos exagerados o compasso da música, depois cai abandonado sôbre o solo, mas, passados alguns momentos, reergue-se e continua seu borboletear. Também a estatueta de S. Sebastião, ou imagem do Martír S. Sebastião, como lhe chamam, ergue-se da mesa, vem flutuando para o nosso lado e pousa na mão esquerda do Sr. João Galindo, e aí fica, não volta mais à mesa. Nunca é demais insistir que os objetos que são levitados no escuro vem parar na mão certa da pessoa que os têm de receber, não são lançados ao acaso, caindo em qualquer lugar, não há tatear nas trevas; porque estes pormenores revelam um agente que vê claramente no escuro. Se um de nós tentasse imitar tais movimentos, como distribuir flôres, fazer carícias nos rostos, entregar o quadro ou a estueta a alguém, numa sala absolutamente escura, teria que apalpar até encontrar a pessoa, depois, pelo tacto, procurar-lhe a mão ou a cabeça; seria um processo lento e inseguro. Se lançasse as flôres ao acaso, umas cairiam por trás das cadeiras, outras sôbre a cabeça ou o ombro do circunstante, mas raramente iria a flôr ter na mão da pessoa visada. Esta visão perfeita no escuro não poderia ser imitada por uma criatura humana, como teria de ser na opinião leviana dos opositores que tudo atribuem à fraude. Vemos a insegurança com que procedem os cégos, apesar de sua longa experiência e do desenvolvimento do ouvido e do tacto por falta da vista, quando querem tomar de um objeto, abraçar ou apertar a mão de alguém. Os negadores sistemáticos têm pouca observação dos factos, por isto caem em tremendo ridículo para quem conheça bem os fenômenos metapsíquicos ou espíritas, por longa observação nas sessões.

Atanásio informa que foi Breno quem fez essas levitações de objetos, depois acrescenta: «Frei Mario Sá está aquí». Ladeira pede a diversas pessoas para fazerem preces especiais: D. Maria Cavalcanti, pelas crianças sofredoras; a outro assistente, pelos Chavantes; a Ismael, pela preservação da paz universal que se acha ameaçada pela guerra na Coréa, etc. Enquanto estamos orando, acende-se a luz vermelha e a entidade Frei Mario Sá se põe de pé em minha frente com a mão esquerda sôbre a minha cabeça e a direita elevada ao céu. Está bem visível à luz vermelha que logo depois se apaga.

Fala Atanásio: «O Vigário ainda não chegou... Frei Mário vai agora visitar os vossos lares, cada um pense em sua família... Dois assistentes aqui estão com pensamentos muito esquisitos». Após um momento de silêncio, diz a uma Senhorinha que lhe ofereceu um disco: «Você gosta dêste disco; pois eu não gosto; mas fique quietinha!... O Cosme está dormindo e o Irubí está aquí!»

Ladeira explica quem é Irubí: um índio de muita fôrça e que deu muito trabalho nos primeiros tempos; quebrava discos, carregava o médium com sua cadeira para cima da mesa e desfazia violentamente os processos de contrôle, causando pânico nos assistentes. Em certas sessões a cadeira do médium se achava aparafusada ao solo, mas êle arrancava-a violentamente. Tem melhorado muito nos últimos tempos, mas mesmo assim a sua presença causa certo pavor...

Atanásio repete: «O Irubí está aquí, façam uma prece em favor do Cosme». Acende-se a luz vermelha e aproxima-se de mim um índio alto, bronzeado escuro, com um cocar de penas e o tronco nú; bate-me fortemente no ombro esquerdo, curva seu corpo enorme e esfrega várias vêzes na minha cabeça as penas de seu cocar, deixando-me todo despenteado. Repete essas *amabilidades* com outros assistentes, inclusive Sras., ás quais causa pavor. Depois da sessão, uma delas comenta que êle não usa bom perfume debaixo do braço.

Tomando das mãos do Sr. João Galindo a estatueta de S. Sebastião, Irubí, na minha frente a contempla por alguns segundos, depois parte-lhe a cabecinha e lança sôbre o assoalho e vai partindo entre os dedos o lindo objeto de arte e lançando pelo chão os fragmentos luminosos perto dos nossos pés. Repreendo-lhe o desrespeito pelas crenças dos católicos presentes, mas não me dá resposta e vai picando como se fosse miolo de pão o gêsso endurecido da linda imagem luminosa. Por toda a parte sôbre o piso há focozinhos de luz azul: é o pobre S. Sebastião em migalhas!

Foi uma exibição de fôrça e da irreverência dos nossos selvícolas pelos objetos do culto católico: em vez da piedade que inspira aos católicos o corpo ferido pelas setas, para êle seria apenas um homenzinho vencido e desprezível que não merecia atenção alguma! A mentalidade primitiva só dá atenção à bravura, à fôrça, não sente piedade.

Durante as manifestações de fôrça de Irubí, Atanásio se manteve no mais absoluto silêncio, por isso Ladeira interrogou, depois da saída do índio: «Atanásio, você também ainda tem mêdo dêle?»

— Diante dêle eu fiquei pequenino como a imagem que êle quebrou e me escondi dentro da vitrola. Ele nem me viu! explica Atanásio.

Uma Sra. presente, mãe aflita, pergunta o que será de sua filhinha enfêrma. E' uma criança inteligente, adorável, de nove anos de idade. Padre Zabeu responde em tom grave:

— A Carlotinha é um Espírito muito evolucionado; está completando a sua experiência sôbre a Terra; já não pertence a vocês, passará para o nosso lado e será muito feliz por isto, minha filha.

A pobre mãe, ao ouvir esta notícia chora convulsivamente, mas o Padre Zabeu a repreende: «Eu disse ao Cosme que você não deveria assistir a esta sessão, porque você é muito fraca e não deveria estar aquí!»

Atanásio aparteia: «Também eu passei para aqui na adolescência...»

... Quanta saudade tua mãe há de sentir de ti, Atanásio, interrompe a Sra. por entre soluços. Mas Atanásio prossegue:

... E hoje tenho mais mêdo da reencarnação do que um católico tem mêdo do inferno!...

Desejamos muito que a predição do Padre Zabeu estivesse errada! A Carlotinha era uma pequena tão adorável e seu estado em 7 de julho não parecia desesperador; mas, infelizmente, no dia 20 de julho se cumpriu a penosa previsão e aquêle luminoso Espírito partiu de nosso meio, deixando os parentes e amigos desolados pelo golpe!

Noutro artigo trataremos de aspectos mais alegres das sessões.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

DOIS MUNDOS, Isidoro e Maria Gonçalves Duarte Santos — *Estudos Psíquicos* — Lisbôa, Portugal.

Os dois Mundos — o material e o espiritual — se interpenetram. E completam-se, a seu tanto, de vez que o Espírito carece da Escola da Carne, para sua evolução, para seu aprendizado. E o Espírito inflúe mais do que se póde pensar na vida material. Nada existe, por isso mesmo, de grande e belo, de nobre e elevado na vida, que não seja — ousamos afirmá-lo generalizadamente — obra dos Espíritos. A Terra é, na verdade, muito pequenina e atrasada para que sua gente, seus sábios e seus santos, possam fazer alguma coisa extraordinária por si mesmas. Só acionados por fôrças lá de cima, que nos veem e nos observam de mais alto, podemos realizar grandes coisas. As coisas grandes que a humanidade executa são inspirações do Alto e de mais alto. Todas as religiões sérias — e ainda há religiões sérias, a despeito de tudo! — são obras dos Espíritos. Haja vista as três grandes Revelações, todas elas, absolutamente ditadas pelos Espíritos. Inspirados por Espíritos foram, também, todos os gênios e poetas, missionários e artistas, os grandes nomes e grandes homens têm, todos eles, factos espíritas, orientando sua vida, do mesmo jeito que 90 % dos infelizes que enchem os manicômios são vítimas dessas fôrças espirituais ainda desconhecidas, porque gente mais obsidiada do que louca.

Não foi sem motivo que o Cristo advertiu: «O Espírito sopra onde quer...» E mais: «O Espírito tudo póde, até penetrar a obra oculta de Deus». E João Evangelista: «Carissimos, não creiais em todos os espíritos, mas provais se os espíritos são de Deus». E Allan Kardec, aconselhando se prefira recusar noventa e nove comunicações verdadeiras a aceitar-se uma só mentirosa, reconhece, como João, e como o Cristo, que o destino humano, em nosso grão de areia astronômico, depende mais, talvez, dos Espíritos do que dos homens; que o Mundo Material é mais acionado do que lhe parece pelo mundo espiritual. Confirmação, aliás, clara e lógica do conceito positivista de Augusto Comte, assinalando que «os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos».

Todas essas considerações superficiais se nos afloraram à mente, assim tivemos o *Dois Mundos*, de dois Espíritos queridissimos: Isidoro Duarte Santos, o captador das páginas que se lêem, e Maria Gonçalves Duarte Santos, sua esposa, que as ditou.

* * *

Estamos chegando de uma longa excursão, que nos consumiu 46 horas de vôo e 25 de rodagem. Depois de tanto tempo no ar, ainda estamos no ar, a propósito das prebendas e responsabilidades que 45 dias de ausência nos reservaram. Nem por isso, deixamos *Dois Mundos* para leitura posterior, a despeito de mais de vinte volumes sôbre nossa mesa de livros por lêr esperarem por nós, pacientemente. Explica-se: entre nós e os dois grandes Espíritos, existe uma enorme afinidade. Maior afinidade entre os dois espíritos queridissimos, desencarnados, o da sua Maria e o de nossa Marilia...

Fomos, pois, ao livro, deixando outros afazeres para depois. E, no trem e no ônibus, na barca e nas sestas, *Dois Mundos* andou enchendo todos os nossos instantes disponíveis e supostamente vagos.

* * *

Dois Mundos enfaixa impressões e doutrina, descrições e maravilhas do mundo espiritual em que se encontram nossas queridas.

E são páginas repassadas de tal doçura cristã, de tal suavidade literária, que a gente as lê e as relê. Por isso, e pelo estílo leve e sutil, conciso e objetivo, a períodos curtos que não forçam a atenção para sua contextura sintática, nem o cérebro para a compreensão do texto.

* * *

E a gênese de *Dois Mundos?*

Explica-a Isidoro Duarte Santos. Inicia assim: «E' a primeira vez que subscrevo um livro que não é meu». Escreveu-o, alheio a sua gênese, gravando afirmações que colidem com seus pontos de vista. Em vinte anos de atividades doutrinárias nunca sentiu manifestações mediúnicas intuitivas. Foi até refractário a esta mediunidade. Tudo isso, nos dias cheios de sol e de ar puro que viveu ao lado da esposa querida. Nesses dias, entretanto, lhe dizia ela: «Eu morro primeiro. Mas, hás de ter notícias minhas».

Foi-se a companheira. Deu, no dia do seu transpasse, a primeira prova mediúnica de que a vida continua. Depois, o aviso: «Quero ditar uma obra».

O companheiro encolhe, céptico, os ombros aos avisos, porque fôram vários, mal sabendo que era por êle mesmo que a obra, que as obras seriam ditadas, de vez que, já agora, mais dois já estão prontos.

Do mérito e da significação da obra, diz o Espírito que a ditou:

— Não te importes que haja críticas e polêmicas.

O meu testemunho é inteiramente

pessoal. Sou responsável pelas minhas afirmações».

Aí está feita a apresentação da obra que, embora sendo pessoal, interessa a quantos o leiam, pela beleza da forma e suavidade de estílo, pelas impressões e descrições da sua chegada à Espiritualidade, de casos e coisas que aí mais a impressionaram. Por tudo, finalmente.

Destacar capítulos ?

Qual, dos cincoenta que dão fôrça e calor, luz e vida à obra ?

Mais dois livros e uma dupla respeitável

PEREIRA GUEDES

Mal acabávamos de ler, em 2.a edição, «MATÉRIA OU ESPÍRITO ?» de Carlos Imbassahy e Pedro Granja, eis que nos chega «FANTASMAS, FANTASIAS E FANTOCHES» também de coloboração da dupla respeitável.

Como polemista, capaz de opôr-se aos adversários mais temìveis, sabendo esgrimir com arte e certeza a pena, tal como a espada e o florete o sabem os melhores discìpulòs de Sansão, mestre exìmio em manejar queixada, Carlos Imbassahy, lutando contra tantos bravos e destros gladiadores, esteve até então quase sósinho. Agora, porém, são dois valentes e destemidos lutadores ; duas forças conjugadas para as grandes e arriscadas batalhas do pensamento, em defesa do ideal.

Carlos Imbassahy uniu-se a Pedro Granja ; são duas forças poderosas a serviço de uma grande causa.

Os dois livros por eles publicados, são dois evangelhos de alta sabedoria, onde o amor ao ideal se manifesta resplendente através de argumentos lógicos.

* * *

Criticando a obra de Pedro Granja, «AFINAL, QUEM SOMOS ?, pelas colunas de um jornal da grande imprensa paulista, o Sr. Leo Vaz resolveu não ficar apenas na crítica ao livro hoje famoso do escritor patrício, mas, estendeu-se para além das suas 382 páginas, atacando o Espiritismo. Carlos Imbassahy, sempre alerta, corre em socorro do confrade e mais ainda, em defesa da Doutrina malsinada, e, sacando a espada com a qual se tornou herói de tantas batalhas (a pena), e escreveu nas costas do Sr. Leo Vaz, com aquele estilo admirável de hércules polemista, seis substanciosos capítulos que, com mais oito de Pedro Granja, completam as respostas mais necessárias aos artigos do Sr. Leo — MATÉRIA OU ESPÍRITO ? — livro que se pode ler por muitas vezes, com proveito e prazer redobrados.

* * *

Também o Dr. A. da Silva Melo, autor de vários livros em que são abordados assuntos de sua especialidade sôbre nutrição, principalmente, depois de pesquisar tudo e conhecer tudo, escreveu, para provar que o Espiritismo é uma mentira e mentiras são todos os seus fenômenos, um grosso volume que, talvez por ter saído de pena tão famosa e encimado por nome tão ilustre, esgotou-se em poucos mêses a primeira edição. Nêsse livro, entretanto, o Dr. Silva Melo esborrachou-se todo. Carlos Imbassahy e Pedro Granja cairam-lhe em cima, e que tunda !

Imbassahy, o escritor consagrado, polemista de extraordinários recursos, ardoroso defensor da codificação kardeciana e autor de uma dezena de admiráveis livros que o mundo conhece e proclama, continua, como se vê, produzindo muito e bom.

Pedro Granja que surgiu em 1948 com o seu primeiro livro «AFINAL, QUEM SOMOS ?», prefaciado por Monteiro Lobato, cujas edições se exgotam, atestando o valor da obra, é hoje, ao lado de Imbassahy, pela substância de seus argumentos e leveza de seu estilo agradável e refutações convincentes, um dos grandes valores de intelectuais da nova geração, que muito honra as letras espíritas, assim como vem fazendo, colocando a sua pena a serviço do Espiritismo, tantas vezes conspurcado até mesmo por aqueles que se dizem espíritas.

Aos dois intemeratos, isto é, imaculados defensores do Espiritismo em nossa terra, almejamos maiores triunfos em futuros trabalhos em que a dupla valorosa, conjugando maior potencial de energias morais e intelectuais nos venha oferecer.

Rio, Janeiro de 1951.
Rua Sampaio Ferraz, 33.

O Divórcio

PAL.

QUESTÃO de magna importância no panorâma social brasileiro é, sem dúvida, a do divórcio, que está a exigir uma campanha permanente levada á efeito pelos expoentes culturais do nosso movimento doutrinário, especialmente pelos que se assentam nas cômodas poltronas das assembléias legislativas, no sentido de fazer éco intenso e constante que leve ás regiões oficiais os protestos do bom-senso e da razão contra as deturpações dos textos evangélicos atinentes ao assunto.

Induziu-me a estas considerações lamentável facto recentemente ocorrido com pessoas do meu conhecimento e que, afinal, não sendo senão um entre milhares, vem atestar a vassalagem mental que em nossa terra ainda se rende ao senhorio do Vaticano, a cuja influência devemos a injustíficável situação imposta neste país pelas leis que regulam a matéria estatuindo a indissolubilidade irrestrita do vínculo matrimonial, nos casos de desquite. Justamente por se tratar de caso corriqueiro é que me surpreende a indiferença ou cegueira dos nossos legisladores a respeito.

Em princípios do ano passado em certa cidade circunvizinha, foram mortos, pelo marido ultrajado, a esposa infiél e seu amante, colhidos em flagrante adultério. Submetido a júri, foi o assassino absolvido e, decorrido menos de um ano, contraiu legalmente segundas núpcias com o beneplácito da sociedade e as bençãos da Igreja Católica. Qual o sentido ético desse acontecimento? É transparente: pelo facto de o esposo enganado haver transgredido um mandamento divino — NÃO MATARÁS — desfrutou o direito de casar novamente. Mas, se ao contrário, o tivesse respeitado, limitando-se ao repúdio ou ao desquite, ver-se-ia inpossibilitado de constituir novo lar dentro dos estatutos civís e dos cânones católicos, e portanto tolhido, por obedecer áquela lei divina, de atender a estoutra, igualmente divina: «Frutificai e multiplicai-vos»!

Pode haver incoerência maior? Pois é a isto que nos obriga a *proteção* clerical neste incrível Brasil. Onde, porém, encontra a Igreja Romana base para introduzir entre nós semelhante aberração jurídica que tamanho escândalo suscita? Na Bíblia? Claro que não. Pelo menos, em Mateus 19:9, o Senhor permitiu o divórcio no caso de infidelidade, com a faculdade de passar a novas núpcias. Lê-se alí ás escâncaras:

«Eu, porém, vos digo, que todo aquele que abandonar sua esposa, EXCETO POR CAUSA DE INFIDELIDADE, e casar com outra, comete adultério».

Logo, desde que haja infidelidade de sua mulher, o marido pode dela divorciar-se e tomar outra mulher sem quebra de seus deveres cristãos.

Entretanto, porque o Divino Mestre completou a sua lição dizendo: «... e quem casar com a abandonada comete adultério», concluiram os padres que nem mesmo nos casos de infidelidade é permitido o divórcio, pois, uma vez ilícito o casamento com a repudiada, segue-se que o vínculo permanece.

Eis como o Clero romano, em seu materialismo camouflado de espiritualismo, força o sentido das passagens evangélicas, a ponto de lançar confusão nas palavras de Jesus. Pela sua exegese, cái o Redentor em contradição, pois ao mesmo tempo que estabelece uma exceção, acaba revogando-a, visto acharem os doutores tonsurados que, proibindo à esposa repudiada outro matrimônio, o Nazareno implicitamente inclúi, nessa mesma proibição, também o esposo traído. Quer dizer, o impedimento daquela importa no impedimento deste. Por que, não sei. Só vejo aí notória contradição que, de resto, redunda numa iniquidade, já que, segundo o entender dos intérpretes católicos, Jesus envolve na mesma cominação o inocente e a culpada.

Como se vê, mais outro absurdo, do acervo de absurdos que o dogma da infalibilidade tem reunido. No entanto, um elementar raciocínio solucionaria cabalmente a questão :

Se a morte do corpo é eficaz para a dissolução do vínculo, por maior razão o devêra ser a morte da alma acarretada pela violação da fé conjugal. A morte física não tem o poder de destruir os laços espirituais que constituem o verdadeiro liame do matrimônio aprovado e abençoado pelo Céu, e, nêste caso, o conjuge apartado do outro pela viuvez, irá reunir-se-lhe no Além-túmulo, talvez em breve tempo, o que significa separação transitória. Na morte moral consequente à prática do adultério, já não acontece a mesma cousa. A desunião, aí, patenteia a fragilidade dos élos engendrados por tendências inferiores, de modo que o reatamento no plano do espírito é pouco provável. Logo, a quebra do vìnculo convém mais ao adultério do que à viuvez.

Por outro lado, inteiramente admissìvel é que dos efeitos liberatórios do divórcio não possa, como disse Jesus, beneficiar-se a esposa deshonesta, quando menos por estas óbvias razões : insuficiência moral para o casamento, de que deu prova, e existência do labéo que colide com o decôro e santidade inerentes ao matrimônio agradável a Deus. Nestas condições, será sempre maculado o tálamo que se partilhar com ela.

Significa tudo isto um castigo natural e justo a que se condena a mulher adúltera. Até aquì, muito bem. Mas dizer que pela Justiça Celeste o esposo ultrajado está sujeito à mesma sanção, que o coloca em pé de igualdade com a esposa delituosa no terreno da expiação, é positivamente tresvariar.

Deve-se entender, contudo, que o impedimento da mulher para contraír novo casamento, só diz respeito à repudiada que cometeu infidelidade, pois se estiver sem culpa e fôr abandonada assim pelo marido, poderá, por sua vez, se quiser, divorciar-se legitimamente e casar com outro. Esta é também uma ilação extraída do referido texto. Realmente, se a infidelidade da esposa póde ser invocada pelo marido como motivo para o divórcio, é de justiça que, por igualdade de direitos, o possa ser também pela esposa cujo esposo lhe seja infiel por abandoná-la e se ligar a outra, como, de facto, o seria se assim procedesse, visto que, de acôrdo com o ensinamento do Mestre, incorreria em adultério. Aliás, o simples abandono, pelo esposo, da mulher honesta, embora não mantenha êle nenhuma outra união marital aparente, deve ser qualificado como infidelidade, ainda que presuntiva.

De modo que, seja qual fôr o cônjuge, esposo ou esposa, vítima da infidelidade ou abandono do outro, adquire o direito, lidimamente cristão, de requerer o divórcio com a faculdade de convolar núpcias novamente, direito êste do qual fica excluída, pelas razões expostas, a parte faltosa.

Não póde ser outra a norma indicada pelos Evangelhos. Adotando-a, colimariamos perfeitamente e dentro da mais estrita justiça e sã moralidade, o objetivo que todos visamos de defesa da instituição da família, com a ponderosa vantagem de reduzir a probabilidade de tragédias conjugais, que as leis vigentes incentivam.

Itápolis, Dezembro, 1950.

Nunca perderemos nada em olharmos as coisas por seu melhor aspecto, antes, pelo contrário, ganharemos muito em felicidade e na faculdade de tornar os outros felizes. A' medidade que a nossa simpatia e o nosso amor aumentarem, seremos capazes de permanecer serenos e satisfeitos, da mesma forma como o oceano que, sem se transbordar, recebe as águas dos rios.

LEADBEATER (Da «Vida Interna»)

Civilizações que Morrem

Civilizações que Nascem

MORREM as civilizações que se afastam de Deus, reduzindo a vida a uma série de convenções e de formalismos que aviltam as consciências e, com o levarem os homens a regredir às contingências inferiores dos irracionais, impõem à sociedade os mesmos estigmas da animalidade: o predomínio dos mais fortes sôbre os mais fracos, que é o em que consiste o princípio materialista da seleção natural, tão contrário à grande Lei DO AMOR A DEUS SÔBRE TÔDAS AS COUSAS E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO !

As civilizações que tomam êsse rumo, quaisquer que sejam os seus esplendores, terminam em montões de ruínas; foi assim que sucumbiram as civilizações caldaica, egípcia, grega e romana. Sobrevivem, contudo, e mantêm-se até ao presente, zombando das fôrças contra elas congregadas pelas civilizações materialistas, as civilizações religiosas, como as da índia, do Thibet, da China, etc., sendo que esta última atravessa um ciclo definitivo da sua história: ou manterá o seu índice milenário e sobreviverá, ou se deixará infiltrar pelo materialismo que procura avassalar o país — e então será o seu fim como Nação livre.

Defendemos, evidentemente, uma tese baseada na experiência que nos é transmitida pela História, tese fundamentalmente contrária ao conceito científico-materialista do progresso. Os campeões do oficialismo universitário, *iluminados* pelo fogo fátuo da inteligência orgulhosa, alheiada aos ditames da Religião, provavelmente hão de rir-se daquilo que devem chamar de «pretensão da ignorância supersticiosa» . . . Que perseverem nos seus propósitos, continuando a praticar seus horrendos crimes de lesa-divindade, e chegarão a ver o que lhes reserva a inexorável lei de causa e efeito ! !

No momento em que escrevo estas linhas, tenho sob os olhos um quadro melancólico das ruínas do templo de Zaghouan, na Tunísia, acompanhado de subsídios históricos devidos á sabedoria do Snr. V. Guerin: «As ruínas pitorescas do templo são conhecidas no país sob o nome de *Henchir-ain-el--Kasbah* (ruínas da fonte da fortaleza), supondo os indígenas que êste edifício é um antigo castelo fortificado». Está situado a dois quilómetros e meio a sudoeste da cidade. Edificado sôbre uma plataforma, está como que arrimado ao monte Zaghouan. Compõe-se de um santuário, antes de tudo, cuja cela retangular tem o comprimento de sete metros e vinte centímetros e a largura de quatro metros e trêze centímetros. Ao alto da porta desta cela, sobressái uma arquitrave encimada outrora por um frontão triangular, hoje destruido. Havia lá, muito provavelmente, uma inscrição que desapareceu com a frisa que a encerrava. Ao fundo do santuário, distinguem-se os restos de um altar e de um largo nicho onde devia estar colocada a estátua principal da divindade à qual o templo era consagrado».

Em seguida a outros preciosos detalhes sôbre a construção do templo, informa-nos o sábio: «Tudo o que se pode dizer a respeito da data aproximativa dêste edifício, é que ela é provavelmente a mesma que a do aqueduto, cuja fonte êle continha e consagrava. Ora, segundo a opinião geralmente admitida, um dos trabalhos mais grandiosos que os Romanos executaram na África, fôra empreendido sob Adriano e terminado sob Septimo Severo: êsse trabalho é o citado aqueduto. Desgraçadamente os subsídios que possuimos são falhos no determinar com certeza êste facto importante, sôbre o qual a história silencia. Sabemos apenas que na época de Adriano, a África suportou, durante cinco anos consecutivos, uma sêca aterradora e que êste imperador, para consolar a província, veio pessoalmente a Cartago. Por uma feliz coincidência, à sua chegada, sobrevieram a chuva e a abundância e, com elas, as bençãos do povo.

Como o principal biógrafo, conhecido, de Adriano, Spartianus, informa que êste príncipe fez construir sôbre tôda a superfície do Império um grande número de aquedutos, supõe-se que, para prevenir a volta da tremenda expiação que Cartago sofrera, em virtude da sêca, resolveu Adriano dotar para sempre a mesma cidade das águas distantes do Zaghouan e das águas ainda mais longínquas do Djougar». A glória do acabamento da obra, diz ainda o mesmo autor é devida Septimo Severo. (Édouard Charton : *«Le Tour du Monde»*, pags. 24 a 31, *passim.)*

Esta referêncica história é apenas para chamar a atenção dos nossos contemporâneos, solicitando-lhes um amplo raciocínio, baseado no seu próprio saber, sôbre o vasto panorama da História do Mundo. Se o fizerem, imparcial e sinceramente, convencer-se-ão de que tôdas as civilizações que se subtraem à idéia de Deus e tomam rumos de acôrdo com a prepotência dos homens materialistas e ateus, se destinam ao aniquilamento, sejam quais forem o seu brilho e a sua grandeza : os elementos de destruição, ideados pelo homem, estão em correspondência com a solidez material da civilização que constróem e uma vez que se afastem das determinantes históricas traçadas ao progresso pela Divindade, tais elementos de destruição automaticamente pôem-se a funcionar, mesmo à revelia da vontade dos seus autores!

A Europa contemporânea, com o *Positivismo* de Comte aliado ao *ateísmo* dos Enciclopedistas ; o *comunismo* de Marx e de Enghel, agindo na alta sociedade pelo veículo do *existencialismo* de Sartres... voltou ao *paganismo*, agora em piores condições, pelos disfarces em que se abroquela, do que o da Roma orgulhosa e ateísta dos Césares. Os seus dias, por isso estão contados! Mas ainda é tempo de uma salvação coletiva, se houver quem consiga fazê-la sinceramente voltar-se para os rumos de Deus.

Extremamente pletórico de multidões esfaimadas e materializadas por máus condutores e tiranos iníquos, o ventre da Ásia está prestes novamente a romper-se, para que suas hordas imensas e ainda selváticas, transbordem para a parte ocidental do antigo continente, como outróra os bárbaros de Alarico, de Átila e de tantos outros tiranos sanguinários, invadiram o império romano destruindo-lhe a civilização abastardada pelos vícios e pelas paixões más do paganismo, que tornaram os corações impermeáveis à Doutrina do Cristo.

O Brasil emerge de uma civilização claudicante, da qual recebeu a sua parte de agnosticismo científico e de superstição sectarista, com uma fôrça de reação correspondente aos índices etnológicos que colaboram na formação social dêste grande país, não sendo para desprezar, nesta ordem de considerações, o contingente demográfico do autóctonismo nacional, cuja eficiência naquela formação a que aludimos, absolutamente não póde ser negada à luz da história.

Conservar tais índices etnológicos que estruturaram a Nação, dando-lhe fisionomia psicológica singular entre os povos livres do mundo, é trabalho essencial de que devem estar capacitados todos os que têm responsabilidade e a percebem nitidamente em meio das conjunturas de uma existência terrena ainda tão eivada de futilidades e desregramentos lamentáveis.

Principalmente aos espíritas e a todos os homens que dispõem de sólida compenetração religiosa, o problema se apresenta em têrmos de solução histórica incoercível, em face das afirmativas do Divino Messias, confirmadas pelos seus prepostos à Terceira Revelação.

Uma simples observação do panorama internacional, revela às inteligências capazes de descortino filosófico, a distinção que já vai sendo feita, embora de uma forma ainda confusa, como acontece ás organizações embrionárias, entre povos que se acham em ciclo expiatório e povos em que já se esboça o novo ciclo de regeneração que abrangerá sem muita tardança todo o nosso planeta. Em o número destes últimos, feita a classificação pelo método comparativo, encontra-se evidentemente o Brasil.

Semelhante índice regeneratório, conquanto suscetível de ser observado, com aquêle aspecto ainda confuso, de que acima falámos, mais claramente acentua-se na benéfica reação que se opera em nossa Pátria contra a ação dissolvente que elementos e princípios alienígenas tentaram implantar no país, com relação ás nossas belas tradições de família.

Catolicismo e Protestantismo, aliados benéficamente ao Espiritismo, nêsse particular, e também — justiça seja feita! — ao Positivismo, estão cooperando solidariamente para restituir à família brasileira (já agora sem aqueles exclusivismos absoletos, engendrados por sentimentos de orgulho genealógico, destituidos de lógica e de consideração à lei divina da Fraternidade) a solidez e a tranquilidade que ela requer, para o bom êxito da sua grande missão regeneradora dos Espíritos.

O nosso futuro «Mundo de Regeneração» vai sendo esboçado no ambiente de muitas famílias brasileiras e nalguns orfanatos, nos quais a suprema preocupação é educar evangélicamente.

Nada mais é necessário dizer-se para demonstrar o quanto nos devemos interessar pela organização dos lares brasileiros e o quanto nos deve merecer respeito todo núcleo familiar compenetrado de sua missão regeneradora.

Católicos e protestantes, espíritas e positivistas, inspirados nos altos princípios do amor conjugal, podem sem receio algum unir-se para a bôa organização das famílias, no Brasil, desde que saibam compreender-se pelo coração. As deficiências doutrinárias de uns, serão satisfatoriamente preenchidas por outros: do amálgama resultará o ambiente moral de regeneração, que é o que importa à família; do transbordamento dos bons exemplos do Lar para a sociedade, a maior amplitude do ambiente de regeneração, que, por fim, alcançará todo o orbe.

Como se vê, é uma civilização nova que nasce à face da Terra.

Preservar o Brasil das superfetações que levaram às contingências expiatórias a raça humana, no curso dos milênios pregressos e que ainda estão comprometendo muitos povos irmãos, pela incúria que revelam relativamente às questões primaciais de ordem religiosa (o reconhecimento da nossa origem divina, de cuja Paternidade decorre o sentimento fraterno que nos deve ligar uns aos outros), é dever essencial de todos os que se sentem, como homens, responsáveis, para os quais a vida não é apenas a luta pela existência transitória de um corpo de carne, mas a grande pugna do Espírito pela sua emancipação das tendências que o escravizam ás formas materiais.

Tem características regeneradoras a civilização brasileira; estas já se esboçam claramente nos lares, em cujos corações erigem-se altares para a constante adoração de Deus. Satisfaçam os dirigentes da República, os responsáveis pela bôa marcha dos negócios públicos, a estas nobres aspirações da brasilidade, evitando a infiltração de normas contrárias à índole sentimental do povo brasileiro, em nossos costumes, amparando todos os movimentos de solidariedade humana, recomendados pela sua honestidade, partam de que instituições partam, uma vez que possam satisfazer ás exigências legais.

Quanto aos espíritas, cujas convicções se fundamentam numa visão superior dos destinos humanos e cujas responsabilidades aumentam individualmente, à proporção que se lhes eleva o gráu de discernimento e de sentimentalidade, por maior elevação espiritual conquistada na eficiente escola da prática das virtudes, capacitem-se definitivamente de que os núcleos familiares são os primeiros delineamentos, no planeta, do mundo de regeneração que aguardamos e pelo qual estamos, com Jesus, trabalhando.

Sem a família bem organizada; sem a família organizada como escola fundamental de educação dos espíritos, nada adiantam instituições para uso externo.

Não se educa aquele que lê, mas aquêle que extrái das suas leituras a fôrça viva para a bôa prática dos princípios essenciais ao progresso espiritual: essa capacidade de assimilação da experiência de outrem, vasada nos livros, é dada pela disciplina moral dos lares em que se trabalha pensando em Deus, agindo sob a inspiração dessa Fôrça Divina que é o Amor.

A Família, bendita escola de regeneração espiritual, para que execute a missão de conduzir o mundo ao gráu superior que lhe está assinalado pela Divina Providência, tem de estar sempre bafejada por êsse sôpro bendito que desce dos altos céus e varre dos lares as baixezas terrenas, fazendo com que todos reconheçam que «o espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita».

Orar e vigiar incessantemente, nos Lares, é regra essencial e esta nos foi recomendada pelo Verbo de Deus.

Arnaldo S. Thiago.

Rio de Janeiro, Janeiro de 1951.

Índice dêsse esfôrço de preservação, que acima preconizamos, da civilização brasileira, é a orientação doutrinária contida nos tópicos abaixo transcritos, do discurso pronunciado pelo Dr. Polydoro Ernani S. Thiago, nosso ilustrado confrade e médico muito estimado, ao empossar-se no cargo de Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Florianópolis. Por essa razão achamos útil incluí-lo nêste pequeno trabalho.

«Meus Senhores. Na escalada bem áspera da terrena existência, a que está adstrita a criatura, contorce-se o espírito na eterna busca de um esteio para a grande e dolorosa incerteza de sua insólita predestinação.

Nêsse «verde mar perdido nas distâncias», o humílimo sêr que possúe a rutilante luz do pensamento e da razão, como apanágios de sua imensa dôr, procura sempre uma trave flutuante, em que possa agarrar-se na sua ânsia de náufrago agonizante. No epílogo dessa luta sem tréguas em busca de uma Verdade, muitos ficam no caminho, emaranhados na teia da dúvida e da desilusão e uma pesada camada de chumbo algema e aniquila o seu espírito; outros buscam o seu Deus, o Deus de outros que já se haviam também perdido nas distâncias e fazem dêle o seu consôlo e o sentido mesmo de sua existência, confortados pela transcendente noção da imortalidade; outros, ainda, se entorpecem ou se aviltam na aceitação de doutrinas sintéticas, oriundas da agnóstica materialista.

Há uma classe de homens totalmente alheia a essa busca, alicerçando-se sua paradoxal ventura na obscuridade de sua inconsciência; neles, essa felicidade é apanágio da própria ignorância ou da inocente visão limitada do selvícola, que descortina a verdade no tosco boneco de sua idolatria e encontra motivos de íntima conformação e alegria na multicôr nuance de seu penacho de penas. O cultivo da inteligência distancia o homem dessa classe e o coloca no seio daquela outra, que busca a explicação do seu destino. Troca êle o comodismo da insciência pela multiforme preocupação de desvendar o desconhecido e pela dolorosa e perene expectativa do futuro da própria espécie; troca a paz íntima, egoística, pela luta em pról da felicidade dos seus semelhantes; rouba de si mesmo para espalhar em redor; troca o egocentrismo pelo coletivismo. A sociedade hodierna exige êsse holocausto. Profunda foi a revolução social de idéias e conceitos dêstes últimos tempos e profunda se fez sentir a sua influência nas classes universitárias. A cultura superior passou a desempenhar um papel mais amplo e profundo, no que toca à posição do indivíduo como unidade social. Enquanto antes o universitário representava simplesmente um futuro diplomado, pronto para vencer economicamente, hoje alberga o embrião precioso de um elemento social decisivo na luta contra fatores socialmente deletérios. Êsses fatores se apresentam, no ciclo de desapontamento social em que nos movemos, sob três aspectos principais: 1.º) O analfabetismo, declarado ou disfarçado; 2.º) a descrença absoluta, quer se manifeste ou não sob o aspecto do materialismo oficializado; 3.º) o anarquismo e a prepotência, saborosa prenda de doutrinas exóticas que elegeram êste século para seu macabro festejo e conseguiram transformá-lo na era mais desmoralizada e sangrenta da história do mundo.

A sociedade deposita, e é forçada a depositar, a sua grande esperança de reforma e de felicidade nas gerações que desabrocham habituadas ao raciocínio da ciência e da arte e que jogarão amanhã com a luminosa razão, que lhes concede a multiforme sabedoria, na solução dos grandes problemas coletivos. O universitario de hoje não representa apenas o futuro bacharel, engenheiro, cirurgião-dentista, médico ou farmaceutico; porém, conduz em seus ombros a grande responsabilidade de próximo herdeiro das elites culturais de amanhã. A estas competirá demonstrar ao mundo civilizado que o analfabetismo é factor deletério e é veneno mortal, sendo que o analfabetismo disfarçado avilta e torna o espírito sobremodo maleável e apto à aceitação de doutrinas sociais escravizadoras da consciência. A elas, às elites culturais de amanhã, competirá também a luta contra o agnosticismo que transforma o homem em um ente intimamente infeliz, triste e desesperançado, quando não cruél e prepotente. Nêsse sentido, caberá a demonstração de que todo indivíduo deverá guardar como preciosa relíquia, para toda a sua existência, a formação doutrinário-religiosa que herdou de seus antepassados, através dos ascendentes mais próximos. Essa formação lhe servirá de esteio moral na orientação de seus atos futuros, nos momentos decisivos a que lhe obriga o chamamento da sociedade e da Pátria.

A elas ainda, ás futuras elites culturais, de que ás Universidades são berço específico e natural, caberá a continuidade do movimento geral, seguro e profundo, nas órbitas mais superiores do pensamento e da ação, contra a implantação de credos sociais e políticos deturpadores e desmoralizadores da consciência e da liberdade humanas. Em verdade, bastaria esta missão dos depositários da cultura, para que justíssimo se fizesse o movimento em pról da sadía educação político-filosófica dos universitários. Neste particular, as Universidades do mundo ocidental têm redobrada a sua responsabilidade e justíssimo seria um movimento tendente a orientar o espírito da mocidade no sentido de que se mantenha vigilante contra a infiltração de demagogias oriundas de coletividades intoxicadas de odio e vingança e embriagadas de prepotência, forjadas sobretudo no Oriente da terra.

No Brasil, que essa mocidade receba dos seus mestres, nos bancos universitários, o influxo de amôr e apêgo pelas nossas tradições político-filosóficas, as mais sólidas da latinidade, acalentadas durante séculos por antepassados que se sublimaram no culto do respeito pela vida e a consciência do próximo, no culto da tolerância e do amôr.

Que a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, célula pequenina, confundida na espêssa rêde universitária do nosso vasto País, possa englobar também estas premissas, para conseguir o total desempenho de sua enorme missão».

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor : Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Méd.—Influenciáveis a esposa dêste senhor, perturbáveis-lhe a vida e a tornastes inválida.

Sr. I — Não me reconheceis ?

Esp. — Sim, sois um bom enfermeiro e estimaria que tratasseis novamente de mim.

Méd. — Ele não estava tratando de vós e sim da esposa dêle.

Esp. — Tinhamos uma esplendida cama e eu gosto muito dela. Queira dizer à vossa esposa para não se levantar, porque, se ela fizer isso, eu não poderei ficar.

Méd. — Nunca mais ireis alí.

Sr. I. — Minha senhora tem estado levantada o dia inteiro.

Esp. — Quero ela na cama.

Sr. I. — Levantou-se desde que o médico saiu de lá hoje de manhã. Já teve que permanecer de cama nove mêses.

Esp. — Aquela moça índia me fez rir tanto que não pude ficar com aquela bonita senhora, e isso me pôs louca ! Estava prestando a atenção ao que ela contava e ri tanto que perdi o contacto com ela. (Para o Sr. I.) Para que viestes aquí ?

Méd. — Êle precisava ficar livre de vós.

Sr. I. — Vim aquí para ver-vos hoje à noite.

Esp. — (Modestamente). Estáveis com saudade de mim ?

Sr. I. — (Com firmeza). Não !

Esp. — Gostaria de voltar convosco, posso ?

Sr. I. — Não, não póde.

Méd. — Sois muito teimosa e não quereis certificar-vos disto.

Esp. — Aquí estão minha irmã Cora e seu marido, Clevenland, e também David, meu esposo. Não, não ! Oh, minha mãe também veio ! Mãe, viestes do céu ? Sois feliz no céu, minha mãe, com Jesus e com Deus ?

Méd. — Que diz ela ?

Esp. — Ela diz : «Lizzie, raciocine um pouco». Ora, mamãe, eu sempre fui uma bôa filha para vós. Mamãe responde: «Você sempre foi muito teimosa, Lizzie».

Méd. — Quem fala é a vossa própria mãe. Vossa consciência vos diz a mesma caisa. Tinheis mau gênio.

Esp. — Mamãe, viestes do céu ? Eu não morri ainda, de modo que não posso ir para o céu. Preciso morrer primeiro.

Méd. — A Biblia diz: «Sois o templo de Deus e o Espírito de Deus móra em vós». Onde achais que Deus está fóra de vós?

Esp. — Diz-se na Biblia que Deus está sentado num trôno, com o Cristo à sua mão direita.

Méd. — A Biblia diz: «Deus é Amor e aquêle que móra no Amor reside em Deus». Onde achareis um Deus assim?

Esp. — No céu.

Méd. — Jesus disse: «Deus é Espírito e aqueles que O adoram devem adorá-lo em Espírito e Verdade». Procedestes assim? Não, simplesmente aceitastes um dogma e pretendestes que ficastes santificada, porém a vossa consciência vos condenou todo o tempo, não é?

Esp. — Eu não era feliz.

Méd. — Vossa consciência vos diz que éreis hipócrita.

Esp. — Como sabeis disso?

Méd. — Vossas ações o demonstram. Vossa mãe vos diz mais alguma coisa?

Esp. — Ela diz: «Lizzie, reflita um pouco». Que quer dizer com isso? Ela andava sempre atrás de mim, porque dizia que eu tinha a língua grande.

Méd. — Deveis modificar vossa atitude ou então as fôrças espirituais vos levarão e colocarão num calabouço escuro.

Esp. — Que Deus me perdôe! Eu orarei.

Méd. — Não sois sincera.

Esp. — (Para o Sr. I.) Podeis perdoar-me?

Méd. — Se sois sincera, êle o fará.

Esp.—David, você sempre foi bom para mim, mas eu não fui uma bôa esposa para você. Pensei que você fôsse um demônio e sempre falei de você, sim. (Gemendo).

Méd.—Gemidos não resolvem nada.

Esp. — David, de qualquer modo eu o amei. Você gosta de mim, David? Eu fui sua mulherzinha. Ele diz: «Vergonha sôbre você» e que eu era bôa quando não estava com raiva.

Méd. — Agora deveis ir-vos depressa.

Esp. — Antes, porém, eu quero pedir a êste senhor para perdoar-me. Quereis perdoar-me?

Sr. I. — Sim.

Esp. — Cleveland, procedi bem com você. Você era bom para a minha irmã, mas porque foi-se embora? Porque foi para Chicago e separou ela de mim? Êle diz que tinha um emprego alí. (Para o Sr. I.) Quereis perdoar-me? Nunca precisou dêle antes, mas agora preciso. Mamãe, quereis também perdoar-me? Amo-vos. Sei agora que não era bôa. Posso vê-lo agora; vejo tudo agora. vejo tudo agora. Meus olhos foram abertos. Oh! Oh! (Chorando).

Méd. — Não chorai que não adianta nada, Prestai atenção ao que vos dizem os vossos parentes.

Esp.—Posso ir com êles para o céu?

Méd. — Esquecei-vos do «céu» e sede razoável! Nunca vereis a Deus como imaginastes.

Esp. — Nunca, em toda a minha vida, fui tão humilhada como hoje. Você me perdôa, David? E vocês, Cora e Cleveland, também?

Méd. — Sabeis que estais na Califórnia?

Esp. — Como vim parar aqui?

Méd. — Falecestes há uns quarenta anos e andastes errante. Ninguem morre na verdade, mas perde o seu corpo físico.

Esp. — Andei anos errante, mas já há algum tempo que me achava naquela cama.

Méd. — Sim, pertubando a esposa dêste senhor.

Esp. — Mas êle era tão bom para mim, tão delicado!

Méd. — Não vos envergonhais de tê-la feito ficar inválida?

Esp. — David, você quer levar-me consigo?

Méd.—Agora deveis ir-vos embora.

Esp. — Já me vou. (Levantando-se)

Méd. — Não podeis ir-vos desta forma.

Esp. — Como então irei? Aquela moça índia não quererá ajudar-me?

Méd. — Ela vos ensinará belas coisas.

Esp. — Êle sorriu para mim.

Méd. — Agora, pensai que estais com os vossos parentes e ali estareis.

Esp. — Agora eu vou mesmo. Verei a Deus?

Méd. — Esquecei-vos disto. Ainda não podeis compreendê-lO.

Esp. — Adeus!

Depois desta sessão, a Sra. I. recuperou a saúde e breve poude andar.

Crônica Estrangeira

Aparição de Gandhi

Da revista argentina «La Fraternidad», de Março de 1950, extraímos a notícia abaixo, transcrita por sua vez do periódico «La Razon», de 26 de Março de 1950:

Londres (U. P.) — O Doutor Diwan Singh, cirurgião indú que há 15 anos exerce sua profissão em Birmingham, declarou hoje que manteve em sua residência, em 2 de Março último, uma conversação com o Mahatma Gandhi. Singh tem 50 anos e disse que, após haver residido mais de vinte anos na Inglaterra, se transferirá agora para a Índia, de acôrdo com as instruções que o assassinado lider indú lhe transmitiu na visita que lhe fez.

«A's três da madrugada de 2 de Março, estava dormindo, quando fui despertado por alguém que me chamava à porta de entrada — disse Singh. Levantei-me, não de muito bom humor, supondo que se tratasse de algum doente que carecesse de atenção urgente. Quando abrí a porta, fiquei sem poder articular uma palavra sequer. A' minha frente, inclinado sôbre o seu bastão, imóvel, com sua longa túnica habitual, estava Mahatma Gandhi. Eu me achava gelado de terror. Gandhi, porém, se adiantou e me disse: *Porque tens medo? Não vim para fazer-te mal.* Em seguida me deu umas pancadinhas no ombro, as quais pude sentir materialmente».

Explicou Singh que sempre fôra partidário das doutrinas de Gandhi, mas que 10 dias antes do seu assassínio lhe havia escrito uma carta criticando-o pela aprovação de muitos aspectos da divisão da Índia (1).

Singh continuou relatando o que Gandhi lhe disse: *Recebi tua carta. Nela te dizias patriota; não obstante aquí permaneces, vivendo no meio do luxo. Não sabes o que está ocorrendo na Índia? Deves ir até lá para terminares o trabalho que eu deixei incompleto.*

«Eu estava como que hipnotizado — prosseguiu Singh — mas finalmente pude perguntar-lhe o que devia fazer. Respondeu-me que eu deveria ir à Índia e estudar a situação, e que posteriormente me daria conselhos. Depois, tal como havia vindo, êle se foi e, embora lhe pedisse que ficasse, não me atendeu. Entretanto, declarou que voltaria a visitar-me».

Singh informou que não se viam em Gandhi os sinàis das feridas que lhe provocaram a morte (2), e que o defunto falou, durante todo o tempo, em inglês:

«Sou um homem prático e muito materialista — disse Singh — e pelos meus conhecimentos médicos estou convencido de que não fui vítima de uma alucinação. Tudo que eu relatei é absolutamente verdadeiro. E, como prova disso, abandonarei minha profissão e partirei para a Índia, afim de cumprir o que se me ordenou».

---

(1) Certamente Singh se refere à lei aprovada pelo parlamento inglês, em 15 de Julho de 1947, na qual Gandhi colaborou, lei que dava a independência ao Império das Índias, mas o dividia entre dois novos Estados (domínios): União Indiana e Paquistão. Tal divisão ocasionou tremenda fúria popular, com sanguinolentas lutas intestinas e perda de dezenas de milhares de vidas. — *(Nota de «Reformador»).*

(2) Gandhi foi assassinado a tiros, em 30 de Janeiro de 1948, em Deli, quando fazia a sua campanha de pacificação interna.

De «Reformador».

⁂

«Eu tenho falado com os mortos»

De «Estudos Psíquicos»

Segundo conta *Two Worlds*, de Manchester, o reverendo C. MacDonald Hobley, vigário de Old Parish Church, Hove, Sussex, declarou há pouco que tenciona continuar nas suas investigações psíquicas, apesar da oposição da igreja. E, assim, manterá quinzenalmente sessões de cura divina, destinadas aos doentes crônicos. O reverendo permitiu uma vez que Harry Edwards fizesse demonstrações de cura psíquica na sua igreja.

— Espiritismo é uma palavra infeliz — disse êle ao *Sussex Daily News*. Eu prefiro a palavra crente. Como crente, estou inteiramente convencido de que os mortos vivem num mundo desconhecido que nos cerca. *Com vista, fala e ouvido, estão sempre conosco.* Nós só os vemos, quando estamos sintonizados com as suas vibrações. Da mesma forma, não vemos as asas de um moscardo ou os dentes de uma serra circular. *Mas eu creio, porque tenho falado com eles; tenho-os visto materializados e provarem a sua existência.*

O reverendo Hobley é de opinião que a investigação psíquica, do ponto de vista científico, tão oposta ao carácter religioso do Espiritismo, significa precisamente a pesquisa da alma. Portanto, — diz êle — os padres que não promovam êste ensino não cumprem a sua missão.

⁂

Fenômeno de aparição

Allan Kardec

O «Constitutionnel» e o «Patrie» relataram, há algum tempo o facto seguinte, tomado dos jornais dos Estados Unidos:

«A cidadezinha de Lichtfield, no Kentucky, conta numerosos adeptos das doutrinas do espiritualismo e do magnetismo. Um facto incrível, que acaba de suceder lá, sem dúvida não contribuirá pouco para aumentar o número dos partidários da nova religião.

«A família Park, composta do pai, da mãe e de três filhos que já estão em idade de razão, era fortemente imbuída das crenças espiritualistas. Ao contrário, a irmã da Sra. Park, Miss Harris, não acreditava nos prodígios sobrenaturais de que incessantemente falavam em casa. Ela era para toda a família um verdadeiro motivo de pesar e mais de uma vez a boa harmonia das duas irmãs foi perturbada.

«Há poucos dias a Sra. Park foi atacada de repente por um mal súbito que os médicos declararam não poderem conjurar. A paciente era presa de alucinações e terrível febre a atormentava incessantemente. Miss Harris passava as noites inteiras a velar por ela. No quarto dia de sua doença, a Sra. Park sùbitamente se assentou na cama, pediu algo para beber, e começou a conversar com a irmã. Circunstância singular, a febre a tinha deixado de repente, seu pulso estava regular, ela se expressava com maior facilidade, e Miss Harris, muito contente, achou que a irmã desde então se achava fóra de perigo.

«Depois de haver falado a respeito do marido e dos filhos, a Sra. Park aproximou-se ainda mais da irmã e lhe disse:

«— Minha pobre irmã, vou deixar-te; sinto que a morte se aproxima. Minha partida deste mundo servirá, porém, para te converter. Morrerei dentro de uma hora e me enterrarão amanhã. Toma todo o cuidado de não acompanhares meu corpo ao cemitério, porque o meu Espírito, revestido de seu despojo mortal, aparecer-te-á ainda uma vez antes que o meu ataúde seja coberto de terra. Então crerás enfim no espiritualismo.»

«Depois de haver pronunciado estas palavras, a doente recostou-se tranquilamente. Mas, uma hora depois, como havia predito a enferma, Miss Harris percebeu com dôr que o coração da irmã havia cessado de bater.

«Fortemente emocionada pela coincidência espantosa que houve entre este evento e as palavras proféticas da defunta, ela se decidiu a seguir-lhe a ordem e, no dia seguinte, ficou só em casa, enquanto todos tomavam o caminho do cemitério. Depois de haver fechado os póstigos das janelas da câmara mortuária, ela se acomodou numa poltrona colocada perto do leito de onde acabava de sair o corpo da irmã.

«Decorreram apenas cinco minutos — contou mais tarde Miss Harris —, quando vi como que uma nuvem branca desprender-se do fundo do apartamento. Pouco a pouco essa forma se desenhou melhor: era a de uma mulher meio velada; ela se aproximou lentamente de mim; eu ouvia o ruído de passos leves sôbre o assoalho; por fim, meus olhos, espantados, encontraram-se frente a frente com minha irmã...

«Seu rosto, longe de ter aquela palidez fosca que impressiona tão penosamente nos mortos, estava radiante: suas mãos, das quais eu sentia muito bem a pressão nas minhas, haviam conservado todo o calor da vida. Fiquei como que transportada a uma esfera nova por essa maravilhosa aparição. Crendo já fazer parte do mundo dos Espíritos, eu me apalpava o peito e a cabeça para certificar-me de minha existência; mas nada havia de penoso naquêle êxtase.

«Depois de haver assim permanecido diante de mim, sorridente, mas muda, durante alguns minutos, minha irmã, parecendo fazer um violento esfôrço, disse-me com uma voz doce;

«E' hora de eu partir: meu anjo condutor espera-me. Adeus! Cumpri minha promessa. Crê e tem esperança!»

«O jornal, acrescenta o «Patrie», do qual extraímos esta narração maravilhosa, não diz gue Miss Harris se haja convertido às doutrínas do espiritualismo. Supomos que sim, porque muitas pessoas pelo menos se deixariam convencer!»

Acrescentamos nós, por nossa própria conta, que esta narração nada tem que deva espantar os que estudam os efeitos e as causas dos fenômenos espíritas. Os factos autênticos dessa natureza são bastante numerosos e encontram sua explicação no que temos dito sôbre o assunto em diversas circunstâncias; teremos ocasião de citar outros que vêm de menos longe do que este.

(Revue Spirite, Outubro de 1858)

«De Reformador»

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Caravana da Fraternidade em Salvador

Leopoldo Machado.

A's quatro horas, os cinco caravaneiros — Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva e Ary Casadio, de S. Paulo, Francisco Spineli, de Porto Alegre e nós—no aereo-porto, a postos para o primeiro vôo.

O A V W, da Aerovias, decolou ás 4,35, dentro de espessa neblina, tempo meio chuvoso. Antes das dez, com ligeira aterrissagem em Vitória, chegavamos a Salvador. Uma vintena de confrades, com o Abilio Silva Lima e o Veriano Raul Pedrão, com Eusinio Lavigne e d. Raquel Ribeiro, Raul Guimarães e outros velhos amigos à frente, a nossa espera.

Os primeiros abraços e as primeiras fotografias...

E rodamos de *marineti* especial (ônibus na Bahia é *marineti*) por Itapoan e Amaralina, Rio Vermelho e Barra para a cidade.

Diante do panorâma admirável que se desdobrava aos nossos olhos e dos lugares cheios de tradição e de poesia, diziamos, fingindo um bairrismo que não sentimos, aos companheiros sulinos «*Seu* Jordão e *seu* Spineli, isto aquí é Bahia...»

O primeiro almoço, com o Eusinio Lavigne, de quem seriamos hospede.

E foi um banquete de alegrias e iguarias raras e caras, tudo bem baiano e bem espirítico. Doze confrades à mesa. Os doze apóstolos? Não, que ninguém desempenharia o papel do pobre Escariotes, alí.

O Alfredo Miguel, que em almoço igual, ha anos, procurára imitar os apóstolos a beber vinho, *confirmou,* dessa vez, o ensinamento evangélico: Muitos primeiros serão os últimos. Foi o primeiro e o último a pegar e largar os talheres.

* * *

Á noite, o primeiro contacto com o grande público, na Associação Comercial. Salão repletissimo e muito interêsse de parte a parte. Dr. Pedro Ribeiro preside a sessão e Abilio Silva Lima faz a saudação aos caravaneiros. Carlos Jordão agradece e Lins de Vasconcelos faz uma síntese do movimento espirítico no sul. Nós, a conferência focando a situação atual da humanidade à luz do Espiritismo. Coube ao Spineli a prece de encerramento. Foi assim a primeira noite da concentração...

* * *

Pela manhã do dia seguinte, a visita a CEB (Confraternização Espírita Baiana) para uma conversa com as crianças e com os jovens.

Era o início do segundo dia da Concentração Espírita Baiana, que iria até o dia 5; movimento de molde a aproximar e confraternizar mais os espíritas de meu Estado. Veriano Pedrão dirige o programa. A parte das crianças e dos jovens, animada com páginas doutrinárias e declamação. Falamos, depois, áquela gente miuda e moça, contando-lhes histórias, fazendo-a, pelos métodos da escola ativa, tomar parte ativa na conversinha pedagógica e doutrinária. Animação e alegria. E com a *Canção da Alegria Cristã,* encerrou-se o programa...

* * *

O almoço, com o Veriano Pedrão.

Cosinha à baiana, legítima, a que se atiraram, com apetite, os irmãos sulinos. Principalmente, ao vatapá. Comeram-no, dando a impressão que «só de pão vive o homem...»

O programa da digestão foram duas visitas; ao *Forum Ruy Barbosa* e ao confrade Ricardo Machado, que fôra acidentado.

O *Forum Ruy Barbosa* é uma verdadeira maravilha de arte, de confôrto, de suntuosidades, superior aos recursos do Estado.

— Será que a Justiça precisa, mesmo, de tudo isto para ser Justiça?

— Sua construção, acima dos recursos e das possibilidades do Estado, parece que é prova em contrário. A verdadeira justiça deve ser, por si mesma, simples modesta e reta. Para tanto, precisa menos de foruns extra-suntuosos de que de Juizes integrais...

Ricardo Machado, um dos grandes nomes do Espiritismo baiano, recebe-nos com efusão de jubilos. E enche-nos longos minutos com casos e coisas da Doutrina, dizendo versos e bôas *piadas* como êle os sabe dizer, admiravelmente, a lembrar os dias aureos da mocidade...

* * *

Á tarde, a reunião substancial, com os espíritas de mais responsabilidade, na séde da União Espírita Baiana. Os caravaneiros fizeram aos irmãos baianos a exposição dos fundamentos e planos do movimento unificador, seguindo-se animada discussão fraterna. De tudo saiu, entretanto, a USE baiana, com a cooperação e os aplausos até de irmãos reservados, como o Álfredo Miguel e o Eusinio Lavigne, que chegaram a dizer: «Assim, o caso muda de figura. E todos os espíritas de responsabilidade apoiarão, necessariamente, o movimento»...

Á noite, na reunião pública, ainda na *Associação Comercial,* é empossada, solenemente, a comissão criada para a organização definitiva da USE da Bahia, sucedendo-lhe mais um programa da Caravana: uma palestra do Francisco Spineli, e palavras nossas sôbre *Finados,* estudando o *dia dos mortos* á luz da Doutrina. De início, o poeta Paulo Alberto, com a palavra, profere vibrante saudação aos caravaneiros e entra a comentar, liricamente, versos de nossa pobre ILUMINAÇÃO. Ainda hoje estaria dizendo versos nossos e comentando-os generosamente e entusiasticamente, se o irmão da presidência, Carlos Jordão não lhe chamasse a atenção para o tempo...

* * *

A sessão na U. E. B. consagrada aos moços.

Falou, primeiro, a jovem Maria Luiza, dizendo das dificuldades do empreendimento e dos propósitos da Juventude Espírita da terra. Depois, Alfredo Miguel, com substanciosissimo estudo que dedicou aos moços. O médium Ary Casadio encorpora uma entidade espiritual que profere longa mensagem fraterna e expressivissima. E nós, a despeito do adiantado da hora, tivemos que dizer algo...

* * *

Domingo cedo, passeio ao Bonfim, que os irmãos sulinos desejavam conhecer a famosa igreja. Pagamento de alguma promessa? Só se o desejo de conhecer casos e coisas tradicionais da terra que foi berço da nacionalidade e do Espiritismo entre nós vale alguma promessa feita ao Senhor do Bomfim...

Percorremos todo o templo, a sala dos milagres, a sacristia. Aí, o reverendo deu-nos o livro de impressões para deixarmos nêle nossa assinatura, o que fizemos respeitosamente...

Rodamos, depois, para Itapagipe, ao aereo-porto dos hidros-aviões,— uma obra admirável — dos Tainheiros. Diante, Plataforma, a terra em que viveramos, como operário modestíssimo, cujo salário maior foi cr. $ 6,40, a trabalhar de sól a sól, na fábrica de calçados e tecidos!

— Vamos a Plataforma, que lhes quero mostrar a casinha em que passei os dias mais torturados de minha vida? — convidamos os companheiros.

Fomos. Atravessamos o quilômetro de braço de mar nas mesmas canoas de 50 anos passados, que o progresso ainda não chegou, como devia até ali. E em Plataforma, à Rua dos Artistas, 77, batemos uma chapa fotográfica. Exatamente à porta da casinha, pequenina e pobre, em que moramos tantos anos!

* * *

A volta, rápida, para o almoço com o Silva Lima.

De passagem, ligeira visita à escola «Constança Medeiros», mantida pelo C. E. Estrela de Jacó. O Silva Lima, a trechos adiante, chama-nos a atenção, dizendo: «Leopoldo, mostre aos companheiros estas coisas, dizendo que isto aquí é Bahia!» Mau bairrista que é o Abilio, pois chamou a atenção dos companheiros para coisas que não dignificam terra nenhuma. E muito menos a terra mais tradicional do Brasil!

* * *

Despedidas, na sessão da noite.

E muita emoção, por parte dos irmãos que partiam, felizes pelo acolhimento recebidos, pois todos ficaram hóspedes em lares de confrades, no esfôrço elevado de levar o Espiritismo aos lares, e pela colimação dos objetivos unificativos. E, também, dos confrades que ficavam, mercê de Deus.

Na manhã seguinte, voávamos para Aracajú, levando a promessa do Eusinio Lavigne de reunir-se, em Recife, à Caravana, e os corações tocados das mais suaves recordações e das melhores emoções fraternas.

Livros Novos

Sinál da Vitória

O Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira acaba de lançar a lume um belíssimo romance da época romana intitulado — «Sinál da Vitória», ditado através da mediunidade de W. Krijonowsky pelo esclarecido espírito de J. W. Rochester e traduzido por Yolanda de Araujo Costa.

O romance contém 432 páginas e agrada sobremaneira pelo seu enredo e fundo espiritual.

Gratos pela oferta do volume que nos coube.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 30,00, só brochura, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Silva Mello e os seus Mistérios

Acaba de saír do prélo esta importante obra de autoria do Dr. Sergio Valle. Contém 400 páginas aproximadamente, prefácio do conhecido e apreciado escritor Pedro Granja, formato grande. Trata-se de uma oportuna e bem argumentada resposta ao livro do Dr. Silva Mello — «Mistérios e Realidades dêste e do Outro Mundo». Edição da LAKE, S. Paulo.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 50,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

A Grande Síntese

A LAKE, da Capital, acaba de lançar a lume a monumental obra recebida através da mediunidade de Pietro Ubaldi — «A Grande Síntese». Contém 400 e poucas páginas. Formato grande e ótima encadernação.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 120,000 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

«Educar os nossos filhos nas escolas e juventudes Espíritas, não é sómente preparar os verdadeiros cristãos, para o engrandecimento de uma futura pátria Evangélica; mas, é prepará-los também para que, em futuras reencarnações sejam os nossos verdadeiros pais, e nossos verdadeiros mestres».

Geraldo T. de Morais.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Perdôo-te
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	35,00
	Semestre —	,, ,,		20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		40,00
	Semestre —	,, ,,		23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2721unse

AP
NO XXVII—Brasil - E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1951 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Três Igrejas no mesmo Templo . .	*Redação*
Porque o Espiritismo não será uma Religião	*J. B. Chagas*
Um Equívoco...	*Pereira Guedes*
«Parábola dos Carreteiros»	*Odilon Negrão*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
Ofensiva Espiritual Pró-Paz . . .	*Natalio Ceccarini*
Estímulo e Trabalho	*Deolindo Amorim*
Teatro Espiritualista	*Carlos Imbassahy*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Cartas de uma Morta
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postál, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1951 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Três Igrejas no mesmo Templo

O «Farm Journal», dos Estados Unidos, traz-nos um artigo e belos clichés de um templo muito original em Pickstown, no Estado de Dakota do Sul, e um pensador amigo nos sugere escrevermos um artigo registando o facto nas rodas espíritas do Brasil.

Pickstown é uma cidade militar, levantada pelo Governo dos Estados Unidos durante a recente guerra mundial, com finalidades de mobilização e defesa. Os militares tinham diversas crenças religiosas, principalmente católicos, luteranos e membros de outras igrejas evangélicas. Todos têm igualdade de direitos religiosos. Construír um templo para cada culto seria muito caro e Tio Sam é prático: construiu um templo só, com um cenário rotativo, como o de certos teatros, de modo que basta tocar em um botão para que um dispositivo mecânico mude o cenário: desaparece o altar católico com suas imagens e aparece um altar luterano sem imagens; mais outro toque e desaparece o altar luterano, ficando sómente o estrado com o púlpito para a pregação dos membros das outras comunidades evangélicas.

Portanto, cada comunidade de fiéis comparece em hora marcada e encontra o templo perfeitamente aparelhado para seu culto.

Êsse facto tão material e simples é um passo para a convergência dos crentes das diversas confissões a um mesmo local sagrado para todos, promovendo certa aproximação de pessoas que se acham divididas pelo espírito de seita que é diametralmente oposto ao sentimento da religião. Tem significação muito particular para os estudiosos de Espiritismo que creem na salvação universal e sabem que todos os caminhos materiais são passageiros, consequências de nossa compreensão limitada, porque tudo vem na Unidade e ruma novamente para a Unidade.

Uma das fases da evolução espiritual dos sêres é a sua individualização, o desenvolvimento da consciência e do livre arbítrio individuais. A princípio toda a criação é unida inconscientemente; mais tarde os sêres vivos formam raças, famílias, espécies, ligados uns aos outros pelo instinto; depois tomam consciência de sua individualidade e tendem a formar pequenos mundos apartados, ou microcosmos. Nesta fase podem caír em muitos erros de penosas consequências, porque cultivam a ilusão de completa independência. Continua, porém, a evolução sua marcha lenta, mas firme. Surge a consciência de classes, nas quais os indivíduos são partes de grupos que em certos limites diminuem a ilusão de universos à parte. Começam os mais adiantados a perceber uma interdependência dos indivíduos e de seus grupos, interdependência de origem superior e necessária à segurança e à felicidade de cada indivíduo. Inicia-se, então, o despertar da consciência de solidariedade universal dos sêres e toma diversas formas mais ou menos incompletas: à idéia de classes se sobrepõe a de Pátria, de fraternidade internacional e assim vai lentamente a evolução rumando para a Unidade consciente dos indivíduos. Surge o combate contra o egoísmo demolidor; aparecem as idéias de caridade, serviços sociais, socialismo, religião universal, etc.

O Espiritismo, baseando toda a sua Doutrina no combate ao egoísmo e ao orgulho e à edificação do amor e caridade entre todos os sêres, carecteriza uma fase mais avançada dessa evolução rumo à unidade. Simultâneamente com êle vieram à Terra Missionários para realizar trabalhos de várias naturezas, com a mesma finalidade de unir: progressos da mecânica aplicados aos transportes, como aviação, telefone, rádio, Esperanto e outros trabalhos que fazem parte do mesmo Plano Divino de unificação consciente e voluntária dos homens, como já profetizára Isaias.

Se na fase antiga de individualização tudo trabalhava para a divisão, na fase presente, de unificação, tudo começa a trabalhar para a unidade. A falta de transportes na antiguidade forçava a dialetização das línguas: o latim, no Império romano, dividiu-se pela dialetização, formando o português, o castelhano, o italiano, o francês, o catalão, o provençal, o romaico e outros dialetos que se elevaram a verdadeiras línguas autônomas de regiões inteiras. A descoberta da imprensa, no século 15, iniciou o problema de fixação das formas de cada uma dessas novas línguas; o aparecimento do rádio, no século vinte, pôs fim ao processo antigo de dialetização e começou uma fase nova de evolução da linguística: os diversos idiomas começam a interpenetrar-se e lentamente a se confundirem num imenso dialeto planetário que poderá vir a ser, com a passagem de muitos milênios, o nascimento de uma língua planetária única. Muitos milênios antes disso, porém, as necessidades humanas reclamaram uma unificação mais consciente, mais cientificamente elaborada, e surgiu o Esperanto que vai conquistando terreno e estabelecendo bases para a compreensão e colaboração dos filhos de todas as pátrias. O Esperanto é uma das manifestações dessa nova fase evolutiva que surge em nossos dias, de conformidade com um Plano Divino, tão grandioso que nossa compreensão limitada não o póde abranger todo, mas póde vislumbrar pormenores.

Contra a nova fase de evolução, as formas do passado reagem, temerosas, receiando o desconhecido, a perda dos bens adquiridos, sem perceber que esses bens são incompletos, inseguros, precários e terão que ser substituidos por outros mais sólidos, mais universais.

Essa reação se manifesta na oposição que as igrejas fazem ao Espiritismo, como outróra a Igreja dominante na Judéia reagiu contra o aparecimento de um ideal religioso mais universal, qual era o Cristianismo. Essa reação não impediu totalmente a marcha da idéia cristã, mas se manifestou novamente dentro do Cristianismo, dividindo-o em seitas e assim prejudicando um pouco sua universalidade. A luta contra o Espiritismo tem aquela mesma origem e parte, igualmente, das mesmas fontes: 1.° das igrejas constituidas, 2.° do materialismo enraizado. Nalguns países o Espiritismo parece em eclipse, mas isto será passageiro. Coisa semelhante e da mesma origem ocorre contra o Esperanto: os imperialismos linguísticos temem perder sua hegemonia e se opõem ao Esperanto de modos diferentes. Nuns lugares pela proibição violenta, noutros pela indiferença cética ou pela campanha do ridículo.

Mas a evolução é uma lei fatal e se cumpre, embora muito retardada pela incompreensão humana. Aquêle simples facto de as diversas igrejas concordarem com Tio Sam e adorarem no mesmo templo, em Pickstown, demonstra uma diminuição apreciável dos ódios de seita; revela o aparecimento de uma tolerância que já promete melhor compreensão no futuro e finalmente o regresso ao Cristianismo primitivo, sem seitas, todo formado de amor e serviço, de caridade e perdão.

Assim considerando, percebemos que seria êrro grave os espíritas estabelecerem no Espiritismo um espírito fechado de seita que formasse nova divisão entre os homens. As polêmicas, os ataques a dogmas errados das igrejas por parte de espíritas irrefletidos, seriam um mal imenso prestado à causa da Terceira Revelação, porque estabeleceriam barreiras de ódio e reação que tenderiam a perpetuar as divisões. Só o amor póde construír para o bem geral. Nossa missão não é demolir altares, mas edificar o amor, novos altares nos corações, e toda a tolerância é necessária à nossa tarefa.

A cidade de Pickstown deu inconscientemente um belo exemplo e um grande passo rumo ao futuro. No porvir as casas de oração poderão ser edifícios públicos, construídos para todos, mantidos pela coletividade, e não pelas seitas religiosas. No mesmo edifício poderemos reunir espíritas, católicos, protestantes, a princípio em horas diferentes, mas, mais tarde, na mesma hora, em preces e pregações neutras quanto ás minúcias de dogmas que dividem, mas tratando só dos princípios gerais que unem, do espírito que vivifica.

É verdade que estamos ainda longe dêsse ideal, mas já estamos mais perto do que estavamos no tempo em que levávamos ao cavalete da tortura e à fogueira os que pensavam de modo diferente do nosso.

Pickstown poderá ser um desses marcos que o homem coloca inconscientemente na longa rota da evolução.

Porque o Espiritismo não será uma Religião

J. B. Chagas

O que está ocorrendo no momento em tôrno dêsse importante tema, corresponde, verdadeiramente, a um reajuste ideal, e que vem provar que no ânimo dos estudiosos lateja um desejo ardente de vêr e sentir as coisas que dizem respeito à Doutrina, de um plano mais alto, mais condizente com os seus grandiosos destinos com vistas ao futuro.

Belo é ver-se como essas pessoas, cada uma no seu setor de atividades e conhecimentos, procuram trazer para o cômputo geral, o pouco daquilo que ja conseguiu apreender, em meditações e estudos sérios.

Não fôra a característica com a qual apareceu no mundo o Espiritismo, de ser uma doutrina esclarecedora, por excelência, de nada adiantaria a sua eclosão. Êle vale, portanto, pelo valor inestimável, que não repousa nos conhecimentos dos homens falíveis da Terra, mas nas inteligências emancipadas, que do *mais alto*, projetam as suas luzes sôbre a humanidade indecisa e vacilante. Assim, o que ôntem era nebuloso, agora torna-se claro, opalino, graças ao Espiritismo.

Como é de origem divina, terá de vencer todos os óbices e cumprir o seu destino: que é renovar o mundo velho, implantando uma nova ordem de cousas, para o bem estar da humanidade de espíritos encarnados na Terra, em cumprimento das determinações da Pai.

O nosso Mundo já atingiu a sua maioridade, todavia, continua com as idéias de crianças, reveladas nas atitudes infantis dos seus habitantes. E para que se operasse a reforma ou reajuste, veiu até nós o Parácleto, prometido aos homens por Jesus, representado pela Doutrina Espírita. Como havia patente desigualdade das *idades* dos espíritos que vieram habitá-lo, assim como desigualdade de conhecimentos, em cada um dêles mister se fazia um *denominador comum* para estabelecer a uniformidade do ensino, de tal modo que pudesse preencher a lacuna existente. Êsse o trabalho maior e mais delicado que está afeto ao Espiritismo. Reajustar ! Mas, para o conseguir teria de encontrar e vencer mil e uma dificuldades, representadas em primeiro lugar pelas barreiras linguísticas, na imensurável extensão territorial, que reparte os homens, entre si, assim como as idéias próprias de cada um. Cada homem é um ser pensante, dono de um cérebro que, embora idêntico na conformação fisiológica, está fadado a aprimora-se pela cultura e aquisições dos sentimentos primorosos, ditados pelo coração, até o ponto de sublimar o seu possuidor ! . . .

E assim, o que a muitos parece confusão, não passa precisamente da necessidade do reajustamento. O que para um parece bom, a outro parece sofrível. Isto é natural, e para que isso se desse, necessário se fazia que cada um expressasse com sinceridade e destemor o seu modo de entender.

E' precisamente o panorama que estamos assistindo com o desenvolvimento das idéias espiritistas, na hora presente.

De nossa parte, têmos afirmado, apoiado nas considerações adiante expostas, que de modo algum o Espiritismo póde prescindir do sentido moralístico-religioso, sem contudo afetar-lhe a estrutura, no que diz respeito aos outros aspéctos, científico e filosófico.

Religião, como está definido nos dicionários das Academias é: — «Culto prestado á divindade. Respeito ou reverência ás coisas sagradas: fé, piedade. E figuradamente, é aquilo que se considera um dever sagrado ou obrigação indeclinável — p. exemplo — tinha a religião do trabalho». (J. Seguier).

Como facilmente poderá ser verificado, o Espiritismo não presta culto a divindade nenhuma e nem reverencía coisas sagradas.

Apenas, o Espiritismo aproveita do que se convencionou chamar de *religião,* o sentido moralístico, que ela encerra.

Doloroso é, porém, confessar que muitas vezes temos topado em a nossa caminhada á face da Terra, com criaturas cheias de conhecimentos científicos e filosóficos, e completa ausência dos delineamentos da moral, denunciada pelas atitudes por êles assumidas, contrárias á Moral. Preciso é esclarecer que falamos em tese, sem visionar pessoas determinadas

Allan Kardec, dando largas a profundeza do seu espírito poude prevêr que chegaria o dia em que certos adeptos, deslumbrados pelos fenômenos, descurariam os outros aspectos, os pertinentes ao seu progresso espiritual, daí afirmar, por mais de uma vez, que o verdadeiro espírita será conhecido pelo esfôrço que fizer para a sua melhoria, reafirmando o seu pensamento dizendo mais claramente — os maiores inimigos do Espiritismo não são os que o atacam abertamente, mas sim aqueles que conhecendo a moral, não a praticam . . .

Os espiritistas brasileiros deram preferência à moral cristã, porque de tôdas as doutrinas é a do Cristianismo a mais pura, razão pela qual, de todas as seitas religiosas existentes no Mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência, e disso deram exemplos bem edificantes de sublime grandeza e despreso pela vida, em épocas primevas.

Cada qual pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar á vontade as religiões conhecidas; mas, daí a constituir nova Igreja, a distância é grande... (O QUE É O ESPIRITISMO — Ed. FEB — 9.ª pag. 85).

Todas as Babilônias do passado jazem no pó dos tempos, com as suas glórias reduzidas a um punhado de cinzas. Sôbre essas ruínas, sôbre os escombros das civilizações mortas e dos templos desmoronados, o homem viverá eternamente! Uma lei soberana e justa, íntegra e misericordiosa, preside os destinos.

Devemos guardar conôsco o sagrado patrimônio das crenças, principalmente no que elas têm de belo e grandioso, como moral salvadora do homem, porque sabemos que acima de todas as coisas transitórias do mundo, de todas as dúvidas e incertezas, páira uma sabedoria integral, que é Deus!

E o Espiritismo, veiu precisamente para salvar o homem do êrro do seu descaminho, aparando as arestas agudíssimas do seu espírito imperfeito e faltoso das outras vidas, prometendo-lhe o Paraíso, não aquele parazidiágo da imagem bíblica, mas aquele Reino que Jesus assegurou que estava dentro de nós mesmos! Cumprindo ao homem alcançál-o pela prática das bôas obras, por uma vida, vivida na relativa santidade daqueles que já sentiram o elevado sentido da vida, em só fazerem o bem, até mesmo áqueles que nos perseguem e caluniam. São todos, como nós, irmãos de jornada terrena, calcetas do pecado, comparsas do crime em eras passadas!

E no dia em que a evolução dispensar o concurso religioso para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem, a humanidade inteira estará integrada na religião, que é a própria verdade, encontrando-se unido a Deus, pela Fé e pela Ciência, então irmanadas.

Em cada século o progresso científico renova a sua concepção acerca dos mais importantes problemas da vida. Raramente, os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinál evidente de que a Ciência evolve sempre, elas atestam, igualmente, a fraqueza e inconsistência dos seus conhecimentos e a falibilidade humana. (EMANUEL — pags. 34/5).

E assim, é preciso compreender o sentido das palavras, uma vez que aceitamos a evolução em todos os setores do conhecimento humano. Religião, como o mundo entende, é o que acima ficou definido, segundo a opinião dos entendidos.

O Espiritismo, como cousa nova, veiu a ter o sentido religioso, sem contudo possuír templos ou igrejas; nem culto, nem casta sacerdotal organizada, nem dógmas inderrogáveis, para impôr a ninguém.

E essa cousa, ou seja êsse sentido religioso, que vem escandalizando a muitos confrades, daquí e dalém mar, não escapou á argúcia do Codificador, quando afirmou: «O Espiritismo é ciência e filosofia de consequência religiosa»!...

Para que não nos julguem, unicamente, apoiados no que afirmou Kardec, vamos citar a opinião abalizada de um abalizado investigador, o Dr. M. Maxwell, doutor em medicina e substituto do Procurador Geral junto à Côrte de Apelação de Paris, que já dizia há alguns anos passados: — «O Espiritismo vem a seu tempo e corresponde a uma necessidade geral... A extensão que essa doutrina está tomando é um dos fenômenos mais curiosos da época atual. Assistimos ao que me parece ser o nascimento de uma verdadeira religião, sem cerimônias, rituais e sem clero, mas com assembléias e práticas. Pelo que me diz respeito, acho extremo interêsse nessas reuniões e sinto impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso fadado para grande destino.» *(Les Phenómenes Psychiques)*. O Dr. Maxwell, afirmava uma verdade, hoje patente aos olhos de todos, os que *têm olhos de vêr*...

E essa particularidade das consequências futuras que estaria fadado o Espiritismo alcançar, não escapou ao espírito arguto de *Allan Kardec*, prenunciando até a união da Religião com a Ciência, dêsse modo: «Os factos que a ciência demonstra peremptoriamente, não podem ser negados por qualquer crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em todos os seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome do que jamais poderá prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anuladas». (Revue Spirite — 1880 — pag. 303)

Nova Iguassú — Janeiro — 1951.

Um Equívoco...

PEREIRA GUEDES

Os fenômenos sôbre os quais o Espiritismo assenta as suas bases, datam da mais remota antiguidade.

Os livros ditos sagrados estão refertos de narrações, e, em todos os povos, desde as primeiras auroras das mais variadas civilizações, encontramos, nítidamente, as provas inequívocas de aparições que nos levaram à crença na existência de sêres espirituais, agindo inteligentemente fóra do corpo físico, após o inevitável fenômeno da morte, cujas manifestações, por vezes insistentes, deram motivos à interpretações várias, criando-se em torno de tais observações uma infinidade de escolas que vão, desde a crendice obscura que conduz ao fanatismo, até a comprovação científica dos fenômenos.

Quem quer que seja, imbuído de bôa-fé, poderá acreditar em narrações de fenômenos de natureza espiritual, mas, para os rigoristas, isto é, para os que se apegam ao rigor da confirmação científica, nem mesmo as aparições mais perfeitas os convencem. Engrimponados, como se fossem arautos do saber, supondo-se talvez colocados na mais alta dignidade científica, quantos sabemos, enfatuados, mas incapazes de uma capitulação honesta; mesmo que não haja da parte do observador a menor dúvida quanto ao que vira, a sua preferência será sempre a de emprestar ao facto uma interpretação até absurda, desde que em nada se pareça com as que a crendice consagrou.

Vamos ao facto que nos foi narrado por um cidadão culto e uma das mais brilhantes inteligências, cujos trabalhos, quer abordando assuntos de ordem social, quer econômicos, transcendem os mais escorreitos mestres da matéria, que, lendo-os deixam no mais exigente leitor a satisfatória certeza de que aprendeu. Trata-se de uma aparição real, tão real que aos olhos do culto e perspicaz observador, o fenômeno se deu com a mais perfeita naturalidade.

Raimundo Carvalho, o querido Raimundo, materialista da melhor têmpera, foi o personagem principal da pequena e expressiva história que passaremos a contar, procurando, tanto quanto nos fôr possível, reviver a sua própria narrativa.

«Trabalhava eu então no Posto da Assistência Municipal do Meier, quando ao término do plantão rumei para a cidade», disse-nos o Raimundo, «e, na estação do Engenho Novo entre vários passageiros, entrou e veio sentar-se junto a mim, uma senhora, toda de preto, a semelhança de mortalha, apoiada em duas muletas; mal sentou-se fixando o olhar em meu rosto, reconhecendo-me, pois que eramos velhos amigos, saudou-me com manifesta expansão de alegria, pronunciando claramente o meu nome de guerra (Baiano), dos velhos e bons tempos de esportista. Conversamos animadamente, perguntei pelos filhos, também meus amigos, e, abordando o caso de sua saúde, ela, sempre no mesmo tom de vóz e plena lucidez, disse-me dos seus sofrimentos após a morte do marido; que estava completamente abandonada pelos parentes e vivendo de esmolas. Tive pena da velha! Não pude suportar aquilo sem manifestar o meu desejo de filho, pois assim me considerei sempre, dizendo-lhe que no dia imediato, que era o do meu pagamento, passasse lá pela repartição para que assim pudesse também prestar-lhe a minha contribuição. E disse-lhe mais: para hoje só lhe poderei dar dois cruzeiros, mas ela não aceitou e, por muito que eu insistisse ela os recusou difinitivamente. Nisso o trem chegou à estação de São Cristóvão. Abriram-se as portas, ela levantou-se em absoluto silêncio, apoiada em suas muletas, sem dizer palavra, caminhou pela plataforma enquanto o trem partia, e foi-se embora.

«No dia imediato», continua o querido irmão materialista, «de posse dos vencimentos, fui à casa da velhinha, isto é, da familia, a procura daquela pobre criatura a quem prometi e daria pequena mas sincera contribuição. Cheguei, batí à porta e veio um dos filhos com quem falei expondo o ocorrido e ao mesmo tempo rogando-lhe me desculpasse. O rapaz ouviu-me atentamente e, depois de alguns instantes de silêncio, falou-me: — Raimundo, a minha mãe é morta há três anos! — Não acreditei. O nosso encontro tinha sido real; conversamos e só ela poderia responder, como respondeu, a todas as minhas perguntas. Mas o rapaz deu-me a data do falecimento, indicou-me o cemitério em que fôra sepultada a genitora. Era o cemitério de São João Batista. Corrí à portaria da necrópole para melhor certificar-me. Era verdade, a velhinha havia falecido, mas, era verdade também aquilo que narrei. Eu não minto! eu não minto, e o nosso encontro foi real!»

E Raimundo, o super-Tomé, alma emotiva, coração de ouro e sempre preocupado com os grandes problemas do mundo, escrevendo e lutando na linha justa do marxismo; com os olhos da alma atentos aos acontecimentos políticos do mundo que explora o mundo explorando o homem em benefício de outro homem; este mundo que é nosso e que nos é negado; mundo de provas e de expiação; certo de que está certo pela estrada que o conduz: lutando pela solução do problema econômico que tanto nos aflige, sem se aperceber que o principal e humano é o problema moral, causa nefasta de todos os desacertos que infelicitam a humanidade, olhando-nos fixamente, repetiu: «Pereira Guedes, eu não minto!» Mas como então explicar o facto, fóra da manifestação da morta que se apresentou perfeitamente materializada, se você não admite a existência do espirito?

— UM EQUÍVOCO... — respondeu-nos.

Enquanto orares pedindo ao Pai a satisfação de teus desejos e caprichos, é possível que te retires da prece inquieto e desalentado. Mas, sempre que solicitares as bençãos de Deus, afim de compreenderes a sua vontade justa e sábia, a teu respeito, receberás pela oração os bens divino do consôlo e da paz. - «A Boa Nova»

"Parábola dos Carreteiros"

ODILON NEGRÃO

Especial para «Revista Internacional do Espiritismo»

NARRA-NOS a História que a igreja de Roma, depois da adesão do imperador Constantino ao cristianismo, transformou-se em crédo estatal. Por essa época — lá pelos meiados do ano 325 da nossa Éra, cada núcleo cristão, quase que cada igreja, possuía o seu evangelho particular.

E' sabido que o Mestre foi orador. Jesus não nos legou nenhum documento escrito e as suas palavras, repetidas de bôca em bôca, através de vários decênios, foram se desfigurando, perdendo o ar da legitimidade original e a força persuasiva do tribuno que as enunciára nos comícios populares da Galiléa!...

Assim acontece com todas as tradições orais, isto é, com todo e qualquer ensinamento que não seja posto, de início, em letra de fôrma.

«Quem conta um conto, acrescenta ou diminue um ponto» é o que diz o velho brocardo. E esta sentença da sabedoria do povo é tão certa — talvez por ser profundamente humana — que ao tempo de Constantino existiam para mais de 60 evangelhos do Cristo! Como é natural imaginar-se agora, esse documentário da vida e da obra de Jesus, deveria ser o mais contraditório possível. Quando os evangelhos chegaram a ser escritos — e isso depois de muitos anos do desaparecimento do Nazareno — já não representavam, em toda a sua pureza, as verdadeiras lições do Mestre, mas eram um trabalho de colaboração, de enxertos e de falhas, de algumas centenas de homens, dos mais variados feitios psicológicos e culturais. Cada um deles — como é lógico pensar-se — teria dado um caráter pessoal à narrativa cristã, contando-a e passando-a aos seus visinhos de acôrdo com a sua maior ou menor qualidade imaginativa.

Foi assim, desfigurada em seus detalhes, que a vida de Jesus chegou ao conhecimento dos homens que sabiam ler e escrever.

Narra-nos a História, ainda, que a igreja, no intuito de conservar a unidade necessária á sua sobrevivência, resolveu selecionar essa quase centena de evangelhos. Jerónimo foi incumbido dessa tarefa extraordinária. E depois de discussões exaustivas, a escolha de Jerónimo recaiu sôbre os 4 evangelhos que hoje conhecemos — o de Marcos, de Lucas, de Mateus e de João — que acredito sejam uma síntese, em seus fundamentos, da vida de Jesus narrada por aqueles outros 60 escribas relegados pela igreja. E' claro que Jerónimo na obra seletiva que realizou, defendeu os interêsses de Roma... Essa defeza, no entanto, não foi tão perfeita como se poderia imaginar, pois que, outros doutores da igreja, tempos depois, nos vários concílios gerais, introduziram adulterações nos textos sagrados, para colocá-los dentro dos postulados católicos.

Os demais documentos sôbre a história do Nazareno foram julgados apócrifos, falsos, inverídicos e, porisso mesmo, anatematizados pelos teólogos clericais. No entanto, nem todo o material evangélico caído em desgraça se perdeu. Restam-nos ainda alguns fragmentos, que conseguiram sobreviver, através dos séculos, à sanha destruidora dos silabus papais!

Num dos evangelhos apócrifos, atribuido a Nicodemus — encontramos a *parábola dos carreteiros*, que encerra uma das mais altas e esclarecedoras lições do Cristo, sôbre a solidariedade, assim como o seu pensamento sôbre a luta, o trabalho e a iniciativa humana como elemento de evolução.

Narremo-la.

— Jesus e seus discípulos iam por uma estrada, em demanda de determinada povoação. Chovêra na véspera e a lama se afundava nos caminhos da paisagem sombria. Mestre e apóstolos caminhavam em silêncio. Êle, amargurado com os espetáculos da velha incompreensão humana: eles, procurando advinhar-lhe a causa da amargura. Em certo trecho da estrada, onde a terra era mais negra, jazia, enterrada na lama, uma carreta. Á margem, sentado numa pedra, o carreteiro, humilde e triste, deitava, às vezes, os olhos para os céus, talvez rogando a Jeová que operasse o milagre de safá-lo daquela situação embaraçosa.

Jesus cumprimentou o homem e seguiu a sua jornada. De novo, como chumbo, o silêncio caiu sôbre os andarilhos.

Mais adiante, também onde a terra era mais negra, outra carreta se achava enterrada na lama. E o carreteiro, ao contrário do colega humilde e triste, blasfemando e ganindo impropérios, lutava desesperadamente, com todas as fôrças, para livrar a carreta do atoleiro.

Jesus, então, dirigindo-se aos discípulos, convidou-os a que auxiliassem o carreteiro a liberrar o veículo, cujas rodas estavam sepultadas no lamaçal até ao eixo. Os apóstolos obedeceram o Mestre. Arrebanhando os mantos de pano pobre, enterrando os pés no atoladouro pegajoso e móle e à fôrça de braços e de bérros, conseguiram libertar a carreta. E depois dos agradecimentos engrolados do carreteiro, enquanto os apóstolos se refaziam do esfôrço muscular dispendido e se limpavam do barro que lhes sujava as véstes e as pernas núas, Pedro aproximou-se de Jesus. E falou ao Rabí, entre acanhado e triste:

— Mestre! Não entendo o vosso gesto.

Jesus, sereno, fixou-lhes os olhos mansos.

— Porque, Céfa! Diga o que sente!...

E o rude pescador, mais encorajado pelo convite, prosseguiu:

— Há pouco, encontramos na estrada um pobre e humilde carreteiro, que olhava tristemente para a sua carreta atolada na lama. O Mestre saudou-o, apenas, continuando a jornada....

— Sim. Continue, Céfa, pediu Jesus.

— Agora, vimos um bruto, um estúpido, um verdadeiro selvagem nas mesmas condições. A sua revolta era patente e as suas palavras ofendiam ao nosso Deus e vosso Pai. E o Mestre, não sei porque, pediu-nos que ajudassemos o bruto a libertar a carreta...

Fez-se um longo silêncio. E como Jesus, absorto, baixára a cabeça, Pedro insistiu:

Porque? Porque essa diferénça de tratamento, Mestre?!

E o Cristo, tomando nas suas, as mãos calejadas do velho pescador, disse em voz alta, para que todos ouvissem:

— E' que meu Pai, Pedro, está com aqueles que porfiam.

* * *

A lição contida nessa parábola dos evangelhos apócrifos, é das mais edificantes.

O Mestre dos Mestres, na sua filosofia, na sua sabedoria de homem do povo, deu-nos nessas passagens um grande ensinamento, mostrando-nos que a vida é ação, a vida é luta, a vida é movimento constante.

Agora é o caso de se perguntar: — porque a igreja jogou à margem da legalidade canônica a *parábola dos carreteiros?*

Porque essa parábola é a condenação da existência contemplativa, da existência conventual! Que fazem os monges e as freiras nos mosteiros? — Vivem isolados do mundo, afastados da sociedade, longe das misérias humanas, rogando a Deus, em rezas intermináveis, que se apiede das nossas provações e nossas dôres. Mas, a verdade, é que ninguém consegue alimentar-se com versículos da Bíblia, nem cobrir a nudez com páginas de catecismo!... E essas rezarias contemplativas nada adiantam se não forem acompanhadas de ação, de trabalho e de exemplos. Viver vida de santo longe da lama do mundo não é difícil. A grande dificuldade é viver santamente dentro da lama do mundo!

Onde mais mérito, onde maior virtude? — Naquele que espera o milagre dos céus, para libertar a carreta do lamaçal, aguardando, naturalmente, que o sol, com o calor de sua luz, transforme a lama em pó... ou naquele que luta, que forceja — sem se entregar à indolência e ao êxtase — para se safar das imperfeições da existência?

E que fazem os monges e as freiras senão rogar a Deus que envie o calor da luz do sol para secar a lama da terra? Jesus, no entanto, pensou de maneira diversa e oposta. Êle não esperou pelo sol, como o 1.º carreteiro da parábola. Não aguardou o milagre da transformação da lama em pó para iniciar a sua luta. Pôs mãos à obra, desde o início, isto é, desde o momento em que o esfôrço próprio se fez necessário, como tão bem exemplifica a passagem evangélica do 2.º carreteiro. Daí a conclusão de que os contemplativos, os rezadores, aqueles que agem apenas em função da fé e que, por indolência, não procuram agir através de obras edificantes, não compreendem o sentido divino da solidariedade humana! Se o compreendessem agiriam de maneira diferente, ou melhor, procurariam resolver os seus problemas com ação e resolver também os problemas alheios, ombro a ombro, com todas as creaturas de boa vontade, metendo os pés nos lamaceiros da terra e fazendo fôrças para libertar a humanidade dos abísmos em que ela se encontra!

A linguagem das parábolas é simbólica. Jesus, como o fazem todos os espíritos iluminados, dirigiu-se aos homens através do simbolismo. No caso comentado, por exemplo, a lama é o mundo; a carreta, a humanidade, como expressão coletiva; e os carreteiros, os homens, como expressões individuais.

Assim equacionado, o problema nos parece facil e esclarecedor, principalmente pela sua extraordinária atualidade. Nunca, como agora, a carreta humana esteve mais atolada na lama! As incompreensões, os egoísmos exacerbados e virulentos, a falta de solidariedade, de fé construtiva e consciente, transformaram o mundo num tremedal insondável! Há lama por toda parte, desde os palácios, onde os pesadêlos deixam insônes os potentados, até às choupanas, onde a miséria revoluciona os párias! E essa lama cresce mais e mais, assumindo algumas vezes e em alguns lugares proporções diluvianas! A pobre carreta — que é a humanidade — já se encontra sepultada nesse lameiro de angústias, que são as nossas imperfeições. E que fazem os homens para salvá-la?

De um lado, vemos os que esperam o milagre... Os que aguardam, de braços inertes, na indolência contemplativa, sentados à margem do caminho, que o calor da luz solar, espontaneamente, venha secar a lama, para que a sociedade, desafogada e livre, possa, vencendo óbices e provações, continuar a sua marcha para a frente e para o alto. Para isso, no entanto, não dão um passo, não se agitam, não lutam, não porfiam. Esperam, apenas, olhos postos nos céus, murmurando rezas sem altura e agarrando-se em textos decorados. São os marginais, os que não sentem a solidariedade, os que imaginam que a fé é uma virtude estática...

— De outro lado, observamos, todavia, os que sabem que o maior milagre reside no trabalho. Esses não esperam o sol, porque são capazes de converter suas forças no dinamismo solar! São os inconformados, os que não se adatam às misérias e à lama do mundo, mas que lutam para se libertarem das garras dilacerantes dos desequilíbrios econômicos e das injustiças sociais, tentando libertar, nessa porfia magnífica, a própria humanidade dos abísmos de treva que a obscurecem e inferiorizam.

E diante dessa situação desesperante, que devemos fazer, os espíritas? Qual deve ser o nosso combate? De que lado deveremos ficar? — Sentarmo-nos à beira da estrada, esperando que o calor do sol, por milagres divinos, venha sanear o atoleiro dos problemas humanos? Não. Tal atitude seria anti-cristã, anti-evangélica, porque estaria em oposição a todos os fenômenos da natureza, desde os mais primários e simples, aos mais elevados e complexos, porque a vida — seja qual fôr o plano em que se desenvolva — é luta, é trabalho, é porfia incessante, infinita e eterna! Luta, que se observa desde os organismos invisíveis dos átomos, que constituem a materia e que são, em última análise, a própria essência da matéria... e luta que se desenrola nos espaços siderais, nos lares onde os espíritos desencarnados residem, a começar pelos territórios do humbral e a terminar no derradeiro céo da Perfeição!

O céo dos espíritas não é o céo festivo dos católicos, onde os eleitos, na indolência das pasmaceiras edênicas, contemplam as paisagens divinas, alheios às coisas que acontecem aquí nas sargetas da Terra! O céo dos espíritas não se assemelha também à mansão dos maometanos, onde os fulgores de Alá se confundem com as fórmas luxuriantes das sarracenas capitósas! O céo dos espíritas não é tão pouco o nirvana de Buda, que simboliza a inatividade perpétua, o não-ser, o não-querer, o não fazer e onde os crentes e os privilegiados passam uma existência de paz absoluta!

O nosso céo, o nosso paraíso, o edem dos espíritas é dinâmico, é operante, é construtivo! O trabalho não cessa nunca. A porfia jamais termina, o espírito de solidariedade não desaparece. E porque? — Porque Deus é a síntese do trabalho, é o exemplo da luta e é o símbolo máximo da solidariedade! E enquanto existir no universo uma creatura necessitando de amparo, de justiça, de amor e de verdade, a tarefa dos homens — encarnados ou desencarnados — não póde cessar. Essa é a lei e os profetas, porque essa lei repressenta a suma de toda filosofia, de toda sociologia, de toda ciência e de toda Moral do universo!

A inação é imoral! Os inativos são creaturas inermes que se aboletam — acobertando a covardia sob a máscara da humildade — à beira dos caminhos do mundo, no silêncio tumular das célas conventuais ou nos tranquilos páteos dos monastérios, longe dos turbilhões e das tormentas humanas!...

A terra — planeta de provações e e de aperfeiçoamento do espírito — não está circunscrita aos muros e aos limites estreitos de um convento. E o espírito não admite pêias, nem amarras, uma vez que as suas vibrações atravessam todas as cadeias e penetram em todos os espaços.

O Espiritismo nasceu para dar um sentido novo à luta humana. As armas dos espíritas não são essas que ferem, que aniquilam, que arruinam e que só servem para destruir, ensandecer e assassinar. As armas que usamos são aquelas que edificam, que norteiam, que iluminam, que esclarecem, que elevam e que libertam, pois que a liberdade, no sentido social e moral, é a última aspiração e a razão de ser de toda creatura digna.

O homem livre — livre de tutelas opressivas de outros homens; livre para pensar e para agir; livre de preconceitos, de prejuizos e de pavores sociais, morais e econômicos — o homem livre é o ideal do Espiritismo, porque a Doutrina de Kardec, por ser profundamente revolucionária, deu ao mundo novas fôrças e novos ímpetos para que os homens tivessem energias capazes de combater todas essas mesquinhas fórmas de escravidão que ainda nos embaraçam e aniquilam.

Nesse combate, é claro que não podem nos animar o despotismo e a prepotência do super-homem de Niethsche, que foi, de certo modo, o precursor do nazismo prussiano. A verdade, no entanto, é que o conceito do super homem — não como entidade metafísica, mas como organismo nitidamente humano — é o coroamento natural do nosso esfôrço em favor do aperfeiçoamento da humanidade. Se não aceitamos as conclusões filosóficas do sábio germânico, não podemos fugir de acatar e de glorificar o super-homem de Pietro Ubaldi, que não é um opressor, nem um déspota, porque êle, dentro da consciência de sua fôrça, tem a consciência da fraqueza daqueles que o cercam. E o seu dever, por ser mais forte e mais sábio, será o de orientar o frágil rebanho humano para o aprisco — que é a segurança e para a liberdade — que é a redenção!

A revolução espírita, portanto, não é, como muita gente pensa, a revolta dos humildes. A nossa revolução caracteriza-se pela inexistência da revolta, mas é uma conquista da inteligência a serviço da liberdade. A nossa revolução não destróe para construír depois. Constróe, apenas, porque jamais semeou ruínas. E' uma construção que os homens vêm levantando há milênios — alguns sem saber, outros sem sentir — mas levantando sempre, porque a nossa intuição de construtores não é aquela, falível, de acumular cimento e pedra, mas aquela outra, imortal, de alinhar parcelas de valores morais e intelectuais para a soma esplendorosa do espírito!

Para a realização dessa luta o Espiritismo não se serve de dogmas, de sílabus, de excomunhões, de cléros opressivos, de polícia, de fôrças materiais e de caprichos humanos. Serve-se, e tão sómente, da inteligência e da liberdade, porque os homens só poderão compreender o Reino de Deus, em sua grandeza total, no dia em que forem livres e sábios.

Essa a nossa revolução e a nossa luta! Revolução do espírito da luz contra o espírito das trévas, revolução de esclarecimentos. Luta constante, diária, luta infinita, da compreensão, da tolerância, da fraternidade e do amor, contra a ignorância, o despotísmo, o egoísmo e a perversidade! Luta de todas as horas, de todos os instantes, luta que travamos há milênios em todos os planos da vida! Sim, meus senhores e meus amigos! Se o Espiritismo não é de hoje, o primeiro espírita surgiu quando o primeiro homem consciente impediu com sua fôrça moral que a clava do primeiro bruto se abatesse sôbre a cabeça da primeira vítima! E a nossa luta e a nossa revolução teve início nêsse momento longínquo da pré-história humana!

E' preciso, entretanto, que compreendamos o sentido dessa batalha moral que estamos travando na terra e no espaço, desde os primeiros vagídos da humanidade. E' preciso que nos capacitemos dessa responsabilidade tremenda que nos pésa sôbre os ombros, pois que somos espíritas, não de hoje, não de agora, mas desde as mais afastadas épocas humanas, isto é, desde o aparecimento da primeira idéia construtiva no cérebro ainda informe do troglodita das cavernas!

Somos, portanto, o resultado da elaboração milenar do pensamento edificante! Somos a síntese — a grande síntese — de todas as generosidades humanas! Somos as luzes, humildes e broxuleantes, dos fógos-fátuos que iluminaram os confins do mundo anti-deluviano... e somos as luzes poderosas e ardentes de hoje, que iluminam os céos e as profundezas da terra!

E seremos — se continuarmos nessa luta e nessa revolução espiritual — os fachos imorredouros que iluminarão as trevas do universo, abrindo para os homens que hão de vir, de par em par, as portas da liberdade!

Todos verão a luz do sól! Não dêsse sól físico, que é um ponto de referência nos espaços siderais, mas dêsse sól do espírito, que é a fonte perene da divindade, porque é o próprio Deus!

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

VIII

A sessão de 8 de Julho de 1950 realiza-se na séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, com a presença de 72 assistentes, igualmente separados, os caravaneiros à esquerda e as Sras. à direita da sala, como em 29 de Junho. Além dos preparativos empregados nas sessões anteriores, houve mais os seguintes: em cima da mesa há um caldeirão com água fria e outro com parafina fervendo num fogareiro elétrico que só é retirado no momento de se apagarem as luzes: diversos instrumentos para escultura sôbre parafina; além de algemar o médium com os braços cruzados, no último momento um circunstante, o Sr. Hernani Lomba, propõe um controle inteiramente novo: traz êle no bolso selos metalicos de seu laboratório e um carimbador patenteado para fixação de tais selos. Se o médium concordar, fará êle, Sr. Lomba, uma nova prova: selará o médium à cadeira a que já se acha ligado, por êsse processo inviolável, e conservará consigo o carimbador até o fim da sessão, de modo que mais ninguém no mundo poderia substituir os sêlos. O médium aceita imediatamente a prova. O Sr. Lomba desce, ata novamente o médium com fios de algodão e aplica os sêlos metálicos com o aparelho próprio. Se alguém sair de detrás daquela cortina sem romper os sêlos, não há de ser o médium. Todos entendem a importância dessa prova e a aplaudem. Assim «selado» à cadeira o médium é conduzido para a cabine. As entradas para as filas de cadeiras estão ocupadas, como na sessão de 29 de junho, por assistentes. Todos os circunstantes que se acham assentados à primeira fila de cadeiras são ligados entre si por um cordel de algodão que passa pela botoeira da roupa e pelo espaldar da cadeira, de modo que nenhum poderá levantar-se de seu lugar, sem que os outros percebam. A mesa se acha a uns dois metros de distância que ocupamos a primeira fila, de sorte que nenhum de nós poderá tocar na parafina e outros objetos que se acham em cima da mesa.

Temos duas atas a ler: uma da sessão de 29 de junho neste mesmo local e a outra da sessão de 7, em Niterói. O Dr. Gonçalves Maia propõe que só se leiam as atas depois da sessão, porque a hora já está adiantada. Ladeira concorda com essa proposta.

Ás nove horas e trinta e cinco minutos apagam-se as luzes e Ladeira inicia a prece de abertura. A vitróla está muda e, terminada a oração de Ladeira, um silêncio pesado cái sôbre as trevas da sala, porque a vitróla continua seu sôno mortal. Depois de um momento de silêncio, Ladeira recomeça a orar. Vemos então os minúsculos relâmpagos característicos da presença de Atanásio e logo depois ouvimos os ruídos nos discos, no diafrágma, no pick up e os sons de um disco enchem o ambiente. D. Maria Cavalcanti soluça profundamente. Na cabine João Cosme geme baixo. O quadro luminoso que se achava em posição horizontal e invisível para nós, toma posição vertical e assim permanece. Ouvimos a voz de Atanásio: «Graças a Deus! Boa noite! estava esperando melhorar o ambiente.».

O Dr. Gonçalves Maia faz perguntas e recebe respostas desinteressantes para o leitor. Depois Atanásio diz: «Breno vai fazer a tentativa de trabalhar com a parafina e manda dizer a vocês que é sómente uma experiência, porque cada um recebe de conformidade com seu mérito. Êle pede que alguém faça a «Prece de Ismael».

Ladeira interroga quem sabe a linda oração conhecida por êsse nome. Uma Sra. presente a sabe e recita muito bem a longa e expressiva prece. Ouvimos ruído nos instrumentos de escultura. É Breno quem entra em ação. Em dado momento uma dessas ferramentas cai ruidosamente sôbre o vidro da mesa. Ouvimos o murmúrio da água. Nosso único sentido é o ouvido, por isso acompanhamos tudo pelos sons, como fazem os cegos, e de quando em vez Atanásio informa sôbre os progressos da obra de Breno, o escultor maravilhoso que opera no escuro absoluto da sala:

— Ladeira, o Breno está tentando fazer um busto; vocês podem ajudar muito pela concentração.

Ladeira explica em que sentido deve ser tomada a palavra *concentração*: não desviar o pensamento, por exemplo, da prece. Põe-se a orar e no fim Atanásio exclama: «Graças a Deus!». Todos acompanham a «Prece de Cáritas» que é recitada por Ladeira. Acende-se a luz vermelha no gráu mais intenso, depois passa para o segundo gráu que ainda permite boa visibilidade. Abre-se a cortina no ângulo direito (para os assentados em frente a ela), e surge um vulto branco, com os braços abertos, uma faixa de côr lhe cinge a cintura. Algumas assistentes que se acham mais perto da cortina cumprimentam com ardor: «Padre Zabeu! Boa noite!» A voz grave responde: «Boa noite, meus filhos». A entidade materializada sai para a sala.

Atanásio esclarece que é preciso melhor seleção dos assistentes. Para futuras sessões faça-se uma lista completa de nomes e deixe-se em cima da mesa. Todos que êle marcar com cruzinha não podem tomar parte na primeira corrente, porque prejudicam com seus pensamentos a realização dos fenômenos. Padre Zabeu diz: «Vou fluidificar a água. Maria, faça uma prece». D. Maria Cavalcanti faz uma prece ardente e comovida. Apaga-se de novo a luz vermelha e os instrumentos de Breno produzem barulho acima da mesa, ouvimos o som de algo mergulhado na água do caldeirão. Interpretando o pensamento de Breno, diz Atanásio:

— «O Breno manda avisar a vocês que a cabeça esculturada por êle na parafina não é do Cristo, como pode parecer, é de Tiradentes; mas há alguma semelhança».

Atanásio informa que além do busto, o Breno esculturou duas florzinhas e as oferece ao cavalheiro que selou o Cosme na cadeira. Hernani Lomba agradece; mas Atanásio informa desalentado: «Fui examinar as florzinhas: o cabinho de uma já quebrou!»

O Dr. Gonçalves Maia pede que a obra de escultura seja oferecida à Sociedade, ao que Atanásio responde com um trocadilho: «Em sociedade dá briga!»

Atanásio reclama respeito para os trabalhos:

— Isto aquí é uma igreja, deve ser tratado com o mesmo respeito de uma igreja.

Ouvindo um disco, Atanásio exclama: «Êste disco é bonito!» E o Dr. Gonçalves Maia diz em tom imperativo: «Atanásio, enrola êsse disco para mim». Atanásio responde malcriadamente: «Não; porque não sou seu empregado!» Ao que o Dr. Gonçalves Maia ri gostosamente.

Atanásio informa que o Dr. Pedro Ernesto, com os olhos cobertos de lágrimas, acha-se à cabeceira da mesa implorando o progresso moral para o Rio de Janeiro. Espera poder mostrar-se materializado, à luz vermelha, se a situação ambiente permitir. Quando foi acesa a luz vermelha, porém, não o vimos.

O Padre Zabeu faz uma preleção evangélica em favor dos descrentes, recomenda pacientes esforços por eles e conclui; «Quem está com saúde não necessita de médico. Temos que trabalhar é pelos enfêrmos». Depois transmite uma mensagem política de Pedro Ernesto: «Votem na espiritualidade para serem os eleitos de Deus».

Padre Zabeu vai conversar com o

Cosme na cabine. Ouvimos as pancadas do megafone e o diálogo. Atanásio diz: «O Vigário já foi: façam uma prece». Da cabine vem a voz de Cosme: «Acendam a luz! Ao que Atanásio responde:

— Cosme, não dê palpite! Está me atrapalhando! Ladeira, póde encerrar.

Ladeira inicia a prece e de novo a voz de Cosme reclama luz, mas Ladeira, interrompendo a oração, responde: «Espere um pouco».

Reacendem-se as luzes às 10 horas e 55 minutos da noite: portanto, a sessão durou uma hora e vinte minutos. Verifica-se que o cordel que liga a primeira fila de assistentes está intacto, logo, ninguém saíu do seu lugar. Rompem-no e vão verificar na cabine o contrôle do médium. Transportam a cadeira com o médium para a sala e o Sr. Hernani Lomba, em plena luz, examina os sêlos, acha-os intactos e explica aos circunstantes a segurança do contrôle por êle idealizado; tem no bolso o carimbador e os sêlos metálicos estão intactos, portanto, quem saiu daquela porta não foi o médium, porque êste não saíu de sua cadeira.

Vamos examinar os caldeirões. Boiando na água fria acha-se um bloco de parafina, fingindo um bloco de mármore tosco e nêle, esculturada com magistral perfeição, uma cabeça com cabêlos longos e barba cerrada que mais parece a cabeça de Jesus Cristo do que a de Tiradentes. Além da cabeça, flutuam duas flôres, uma das quais tem falta da haste, como prevenira Atanásio.

Reclamamos atenção para a leitura das atas e as lemos.

Todos comentam que foi uma sessão excelente, porque o trabalho de parafina, executado no escuro, é obra de arte que poucos produziriam em plena luz. Fica marcada outra sessão para o dia 13, em casa do Sr. Alfredo Cavalcanti, à rua Dias Ferreira, n.o 340, e desta trataremos em outro artiguete.

Ofensiva Espiritual Pró-Paz

Por NATALIO CECCARINI — (Argentina)

O clima internacional em que se desenvolve a sociedade planetária neste momento, está denso, cheio de incertezas e acontecimentos, cujas consequências, na hipótese de se materializarem, podem afetar a mesma substância do mundo e tudo que é sua manifestação, em multiplicidade de formas e sêres.

Referida situação não é outra coisa que o resultado de um errôneo conceito do que é o homem e a vida, elaborado sôbre uma montanha de sofismas, interêsses e mentiras que a atual civilização engendrou e utiliza na consecução de falsos atalhos.

Todas as contingências que afetam o sêr humano e originam sua dôr e angústia, é o fruto dêsses sofismas e interêsses, que cobertos por rótulos vistosos e doutrinas sociais mais ou menos avançadas, mais ou menos retrógradas, proclamam seu amor ao homem e a seu sofrimento para serví-lo e libertá-lo de seus padecimentos, mas, em verdade, conduzem-no ao abismo moral que nos é dado observar nestes momentos dolorosos de espectativa e destruição.

A continuar na cegueira turbulenta e falaz que a sociedade segue, não é difícil prever desenlace. Os horrores e sofrimentos que são o saldo das duas últimas conflagrações mundiais, serão centuplicados, durante séculos de custosa recuperação material e moral do planeta e sua população.

Por isso urge tomar um rumo diferente, heróico, o único eficaz que possa deter esta quéda vertical do homem, que já está envolto consciente e inconscientemente nesta paranóica extrema e belecista, insinuando-se nos diferentes setores ideológicos, que prometem sua salvação a preço de morte e devastação.

Êste rumo é empreender uma poderosa ofensiva espiritual em favor da Paz. Como? Começando por restaurar a paz interna de cada um e exteriorizando pensamentos de paz, de amor e de fraternidade.

Deve o homem opor-se totalmente a que em seu espírito surja o mínimo pensamento e sentimento de ódio, de inimizade, de agressão ao seu próximo, levantando-se contra todas as barreiras e sofismas que os interessados em quebrantar a harmonia humana, elaborem e ponham em circulação. Os nacionalismos negativos, as ambições de poderío e conquista, as paixões de hegemonia política e social, e muitos outros «slogan» da época presente, devem ser rejeitados, e em seu lugar, gerar sentimentos de amor e solidariedade com todos os países e homens do orbe, sobrepor-se ás diferenças naturais e interpretar as leis sociais e acontecimentos que promovem a atividade dos individuos e fundam suas relações entre si.

Não nos esqueçamos que tudo que o homem é, em sua projeção geral ao integrar-se na coletividade, também o é a sociedade, tudo nada mais é do que consequência do que os homens têm pensado e sentido. Quando o indivíduo pensa e sente em termos de amor e solidariedade, justiça, paz, só póde dar-se bem numa sociedade que fórma pensamentos e sentimentos de justiça, amor e paz.

Sejamos corajosos e observemos com toda severidade o nosso interior e, descobriremos que só temos pensado e sentido em termos de incompreensão, desamor e desarmonia. Lógico, pois, que o compêndio da exteriorização humana seja panorama incerto, cheio de injustiças, de predomínio, que ameaça a Paz e quer edificar sôbre a morte e a desolação.

Se um homem falar e se comportar com um pensamento de maldade, o sofrimento o seguirá inevitavelmente, tal como o estabelece a lei de causas e efeitos, de ação e reação. Ao contrário, se um homem fala ou atua com um pensamento puro e nobre, a felicidade o seguirá e será, como a Lei ensina, sua mais estimada compensação espiritual.

Eis aquí, pois, a nossa ofensiva. Examine o homem todas as nuvens que ensombram o horizonte, difunda correntes de pensamentos amorosos, de pacificação, de unidade com todos seus semelhantes. Proiba a si mesmo fazer côro a todos êstes sofismas que a desmedida ambição e o êrro empoleirado fazem circular, e em vez de comentar em tom pessimista os acontecimentos atuais e enrolar-se num ou outro partido, ou fazer cálculos sôbre quem poderá vencer na circunstância, procure espargir sentimentos e idéias favoráveis à paz, mas sentindo-se, em verdade, em paz consigo mesmo e com o mundo, de que é parte solidária.

Em família, no trabalho, no clube, em todo lugar em que haja oportunidade de realizar êste imenso Bem, seja o nosso falar e nosso atuar uma presença contínua de realização espiritual pró Paz e amor fraterno de todos os sêres.

Sejam temperados nossos juizos, sinceros, plenos de amor e compreensão, indulgentes com o êrro do próximo, severos com os próprios. Abra-se a nossa mente só para as belas e puras solicitações da solidariedade e justiça humanas e seja o centro de irradiação de pensamentos nobres e construtores, de harmônicas relações entre todos. Ninguém é mais do que outro e também ninguém é menos do que outro; todos somos úteis e indispensáveis. A colaboração e o entendimento recíproco fazem mais do que mil doutrinas, ideologias e sistemas que nos prometem a felicidade terrena e divina. Por tudo isso, comecemos esta ofensiva espiritual, estendendo pontes entre todas as almas do planeta, sem discernir (discriminar) sôbre a côr da pele, seu credo ou posição social. Pontes espirituais e amorosas, que destruirão todas as confabulações que as fôrças do mal, aliadas em secreto, têm criado esta densa situação internacional, angustiosa, desesperadora.

E se, em verdade reconhecemos que a Vontade de Deus ampara e vela por êste mundo Terra que é parte de sua creação, torna-se evidente para quantos nêle transitoriamente moram, que a hora difícil que se atravessa, nada mais é que o fruto do que temos pensado e sentido.

Certos disto, reabilitemo-nos do nosso êrro e iniciemos esta ofensiva espiritual pró Paz, seguros de nos estarmos recuperando de todas nossas transgressões morais.

O Espiritismo é fonte inesgotável de luz e consôlo para a humanidade. — JÓTA

Estímulo e Trabalho

O estímulo é uma forma de solidariedade. Muita gente confunde estímulo com elogio, mas o que é verdade é que há muita diferença entre o chamado «elogio de engrossamento, e o aplauso sincero com o nobre intuito de estimular o trabalho alheio. A produção intelectual é das que mais carecem de estímulo, porque é a produção do espírito, é a produção em que o indivíduo põe o que êle tem de mais intocável, mais inerente ao próprio ser: o sentimento, a convicção. Mas o que se verifica, notadamente no meio espírita, é que o trabalho intelectual não recebe o estímulo que seria de esperar. Parece que a causa de tal desinterêsse está na falsa concepção de humildade: muita gente não aplaude o trabalho alheio com o receio de despertar a vaidade. Há nisto engano flagrante. O estímulo é necessário, e até indispensável, porque é uma espécie de tônico espiritual.

Vou citar, por exemplo, um facto recente. O livro do prof. Silva Melo (*Mistérios e realidades dêste e do outro mundo*) está no *cartaz* da imprensa como espetacular vitória do esculápio patrício contra o Espiritismo. Carlos Imbassahy e Pedro Granja, em colaboração, escreveram um trabalho notável, um livro de fôlego, com um esfôrço incalculável para rebater as impropriedades que o prof. Silva Melo afirma contra o Espiritismo. A emprêsa ÉDIPO, de S. Paulo, também com esfôrço incalculável, publicou o livro em edição das melhores que conhecemos, muito bem apresentável, enfim um primor de arte gráfica. Livro possante no fundo e na forma. Mas a repercussão, no próprio meio espírita não está correspondendo, até agora, ao valor da obra. Esta é que é a verdade, infelizmente! Pouco se escreveu sôbre o livro de Pedro Granja e Carlos Imbassahy. Parece até que o grosso da coletividade espírita nem tomou conhecimento do grande trabalho daqueles dois abnegados e cultos confrades... É preciso ser idealista de verdade para trabalhar e produzir sem ser compreendido. A indiferença, a falta de estímulo ou de palavras animadoras pode matar o entusiasmo de um escritor.

Outro exemplo. O livro do prof. Silva Melo provocou o aparecimento, na seára espírita, de um valor que estava, até ha pouco, em silêncio, e acaba de lançar outro livro de alta significação doutrinária. É um médico, e nesta qualidade, responde ao seu colega, autor dos «*Mistérios*». Refiro-me ao livro do Dr. Sérgio do Vale, intitulado *Silva Melo e seus Mistérios*, publicado pela LIVRARIA ALLAN KARDEC, de S. Paulo. Ótima apresentação, trabalho esmerado, conteudo profundo. Mas também não tem sido aplaudido como merece... É lamentável que um livro tão instrutivo, tão consistente, escrito por ideal, com o intuito de defender o Espiritismo, não provoque, no seio da coletividade espirita, um movimento de solidariedade, um pronunciamento, quando muito dos intelectuais, pelo menos para estimular o Autor, dando-lhe coragem para escrever mais. O livro do prof. Silva Melo deu motivo á publicação de dois grandes livros, no meio espírita: *Fantasmas, Fantasias e Fantoches*, de Carlos Imbassahy e Pedro Granja (Edições EDIPO) e *Silva Melo e seus mistérios*, de Sérgio do Vale (Edição da LAKE).

Ao mesmo tempo, Julio de Abreu lança, com esfôrço digno de menção, um livro igualmente instrutivo e necessário: *As Profecias de Daniel e o Apocolipse*, de Isaac Newton. Poucos sabem que a EDIPO, editora espírita, de S. Paulo, é obra de mérito, sobretudo porque representa o sacrifício de um pugilo de espíritas abnegados, sob a direção de Julio Abreu Filho. Mas esses confrades não recebem, de nosso meio, todo o estímulo moral e material de que necessitam. Como se vê a produção intelectual é tarefa ingrata. Um escritor espírita, sem pensar em lucro ou remuneração, perde noites e dias pesquisando, meditando para publicar um livro e, depois de certo tempo, observa, com tristeza, que o seu trabalho, as suas horas de sacrifício não foram bem compreendidos...

Mais um exemplo, para terminar.

A Livraria Allan Kardec (LAKE) publicou ha pouco, depois de muito trabalho, excelente edição d'A GRANDE SÍNTESE, a conhecida e profunda obra mediúnica recebida por Pietro Ubaldi, da Itália. Pode-se calcular facilmente o sacrifício daquela Editora (ainda nova) para organizar e publicar uma edição de obra tão importante. Mas o aparecimento da nova edição d'*A Grande Síntese* não foi «saudado», no meio espírita, como «acontecimento literário». No entanto, os confrades que realizaram tão grande tarefa necessitam de estímulo. Agora mesmo a LAKE acaba de tomar outra iniciativa simpática: publicar em português a obra do criminalista cubano Dr. Fernando Ortiz, sob o título «La Filosofia Penal de los espiritistas». Tudo isto, em suma, é trabalho meritório, representa amor á Causa espírita, e por isso deve ser bem compreendido, deve ser auxiliado pela palavra e pela ação dos confrades. Em *Jesus no Lar*, livro mediúnico bem interessante e oportuno, há uma recomendação sôbre a necessidade do estímulo ao trabalho alheio. Em matéria de produção intelectual, o estímulo deve ser compreendido como solidariedade e não como simples elogio. Precisamos e devemos, pois, estimular o esfôrço de nossos confrades!

DEOLINDO AMORIM.

TEATRO ESPIRITUALISTA

CARLOS IMBASSAHY

Ha muito estou para escrever sobre o livro que, com este titulo, publicou Leopoldo Machado. Toda a dificuldade estaria em fugir aos lugares comuns, às frases banais, ás frivolidades com que costumamos anunciar as obras dos amigos e que, por vezes marcaram a nossa falta de entusiasmo pelo livro que nos cai nas mãos.

Outra dificuldade: tudo o que disséssemos estaria aquém do êxito provocado pela obra.

Também é muito comum falarmos do grande sucesso de um livro, da enorme concurrência de uma palestra, dos muitos leitores de um artigo, quando o livro não se vende, a palestra teve o salão vazio e o jornal onde saíu o artigo não se lê.

O êxito, porém, do *Teatro Espiritualista* está tão patente, que os nossos comentários serão inúteis. E isto por uma razão simples: é que, onde quer que estejamos, em se tratando de reuniões espíritas, vemos sempre representada uma peça de Leopoldo Machado, extraída do *Teatro Espiritualista.*

Se ha alguém que inveje o nosso prezado amigo, damos-lhe de conselho que não visite os nossos Estados, que não se meta em excursões de propaganda, que não frequente centros espíritas, que não vá a festividades espíritas, porque se terá que ralar vendo em cena um trabalho dramático do Leopoldo. E o que é pior: verá a platéia comovida, ora a sorrir, ora a chorar...

Naturalmente, dirá êle, que a platéia não entende nada de arte. Mas, é a platéia que faz o autor!

Certo técnico foi a uma casa comercial e achou de corrijir os defeitos de uns tantos artigos. E o dono da casa lhe disse: Não posso aceitar os seus conselhos, porque o freguês gosta assim, e quem manda aquí é o freguês.

Pois é! Nas peças do Leopoldo quem manda é o público.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

Uma Casa Assombrada

Por Frederico Duarte — Manchester

Existem aquí na Gran-Bretanha muitas casas e castelos assombrados por espíritos, uns benéficos e outros maléficos.

Muitas obras se teem publicado sôbre o assunto da autoria de conhecidos escritores.

Acaba de aparecer à luz um interessante trabalho da autoria do reverendo protestante A. C. Heming, reitor de Borley-cum-Liston. Vale bem a pena lerse esse livro pelo modo como está escrito. Aponta ser a Reitoria de Borley uma das mais assombradas da Inglaterra, expondo suas experiências de ter observado por diversas vezes passos, o tocar misterioso do orgão sem estar qualquer pessoa na igreja, e a haver grandes fumaças de insenso.

Alega que está convencido não ter sido isso a obra de qualquer pessoa gracejosa. Se fosse, como alguem alega, diz o autor, obra da garotada da aldeia, positivamente que haveria em qualquer ocasião os indícios da sua brincadeira, notando-se vidros das janelas partidos, ou outros estragos feitos pelos ditos.

Ora o reitor afirma que a sua congregação é das melhores que tem tido na sua carreira, e os moços são bem comportados. Naturalmente que ao estar êle de vigia, sózinho, dentro da igreja, se tais acontecimentos fossem motivados pelos rapazes, teria havido sem duvida entre êles uns «murmurios ou risos», etc., mas o fenômeno, por exemplo, do orgão começar a tocar hinos, etc., com toda a maestría, não se póde assim pensar que isso seja o trabalho de inexperientes.

Ora, esta reverenda criatura que é honesta e muito respeitada pela sua congregação, sem dúvida que se não atreveria a perder o seu tempo a escrever sôbre um assunto dêstes.

Todavia, êle não se compromete, expondo sómente o que tem observado, e fosse êle convertido ao Espiritismo e manifestasse abertamente sua convicção, isso é muito natural que o colocasse numa situação tal que obrigaria mesmo a ter de renunciar a sua carreira de ministro da Igreja Protestante.

Eu conheço um caso muito característico, onde um ministro protestante tendo começado a incluir nos seus sermões considerandos sôbre a Sobrevivência, foi chamado á ordem pelo seu Bispo, e a situação sua perante êste e a sua congregação tornou-se tão intolerável que se decidiu a renunciar a sua carreira, estando há anos já a dedicar o seu tempo escrevendo para a Imprensa Espírita e a visitar e falar nos Centros e igrejas onde os seus ouvintes o ouvem com toda a atenção e o estimam muito, por ser um homem de caráter e consciencioso.

—

O MEU NATAL ENTRE OS ESPÍRITOS

O meu 39.º Natal passado fóra de Portugal, foi positivamente o mais belo de todos êles.

O meu médium Joseph de Santos convidou-me, por saber que vivo sósinho, a ir passar as festas do Natal na sua companhia e de seus filhinhos.

Alí fiquei desde sábado até terça-feira à noite.

Menú à Portuguêsa

O Jantar do Natal foi de acôrdo com o Menú dado pelo espírito do meu ex-companheiro do Pôrto, Dr. Sá Gomes. Não desejo mencioná-lo todo para não abrir a bôca a alguns dos meus leitores, mas tivemos as famosas Rabanadas, arroz dôce, cozido à portugueza, etc. etc. Mas o melhor pratinho de todos foi, quando ao finalizar o jantar, os petizes foram passar algum tempo fóra de casa e ficámos ambos sós na sala de jantar. O Bocage manifesta-se. Falou-me por mais de uma hora e meia, enchendo-me de rir a valer com as suas piadas. Estavam alí também o poeta Quevedo, espanhól. O Dr. Sá Gomes, Harry Kerry, e muitos outros espíritos, apreciando os gracejos do belo Bocage. O Bocage começou a «atiçar» o Quevedo, começando assim ; Foi um galego o inventor do melhor e mais prático Despertador que havia no meu tempo quando vivia na terra. Consistia do seguinte:

Num quarto sem mobília alguma havia uma corda atada de lado a lado. Á noite os galegos aguadeiros, vinham-se deitar, debruçando-se sôbre a corda. De manhã muito cedo vinha o patrão e com uma navalha cortava o lado que estava amarrado perto da porta e a galegada caia toda ao chão, acordando aos sobressaltos. Pagavam meio pataco cada um.

Um dia eu e o Tolentino estávamos «depenados». Vestindo eu a minha farda de oficial de Marinha fui com êle ao Chafariz de Alfama falar com o «patron de los gallegos» o senhor Xuché. Disse-lhe que precisava de 40 pipas de água no meu barco de guerra, que deveriam encher-se a começar na manhã do dia seguinte. O homem aceitou o contrato e deu-me em adiantado uma comissão de uma libra. Fomos para o Nicólas onde comemos uma bela ceia e no dia seguinte de manhã, estando eu vestido à paisana, seguimos para a baixa e ali vimos mais de trinta galegos a berrar «áu, áu, áu» e a procurarem pela Náu Catrineta que foi o nome que dei ao Xuché como sendo do meu barco de guerra».

Olha, Frederico, eu estou muito bem ao facto do que se vai passando pela terra e vou dar-te conta doutro despertador original inventado por um oficial de marinha da República Portuguêsa.

Lembrou-se alguém em Lisboa de mandar construir um barracão de amianto e madeira numa das localidades da África, tendo umas caminhas, em vez de os pretinhos dormirem nas suas cubatas.

O pretinhos usavam argolas nos narizes. O oficial mandou suspender no této uma corda, a qual tinha outras mais finas espaceadas, e na extremidade de cada uma havia uma espécie de anzól.

Quando os pretinhos estavam a dormir, um dos oficiais colocavam um anzól em cada argóla. Á alvorada, içavam a córda e os pretinhos viam-se obrigados a levantar das camas ao mesmo tempo.

Enquanto que no meu tempo os galegos caiam ao solo, os pretinhos eram içados pelas argolas que tinham nos narizes.

Impossível me é dar aquí todas as graças e partidas a mim contadas pelo belo Bocage.

*

Sonhos Impressionantes

Crônica de Lisbôa — Por Jorge Ramos

Os cientistas se têm preocupado muito com os sonhos e já fizeram revelações sensacionais sôbre o assunto. Contudo, toda gente não se cansa de perguntar: — Terão os sonhos, de facto, significação? Levando em conta a pergunta, responde conhecido cronista:

— Para o faraó citado pela Bíblia e para a grande maioria dos mortais, isso é coisa que não se põe em dúvida.

Não pretendemos discutir se se trata de superstição ou do reconhecimento de fenômeno ainda sem explicação. Vamos apenas revelar alguns casos em que os sonhos serviram para o descobrimento ou esclarecimento de crimes.

Ha pouco tempo, foi encontrado morto, em sua residência de Londres, o comerciante Stockden Moors. Não havia nenhum vestígio de crime e o caso teria sido encerrado se uma vizinha do morto, Mrs. Creenwood, não tivesse estranho sonho, no qual Mrs. Stockden lhe apareceu e lhe revelou onde vivia um de seus assassinos. Mrs. Creenwood não ligou importância a êsse sonho. No fim de algumas noites, porém, voltou a sonhar com Stockden, que lhe *mostrou* o retrato de um indivíduo chamado Maynard, assegurando-lhe que fora êle seu assassino. Impressionada, Mrs. Creenwood foi relatar seu sonho à polícia. Graças à descrição que ela fez do retrato, Maynard foi detido e, após curto interrogatório, confessou tudo, indicando um cúmplice. O caso, porém, não terminou aí. No terceiro sonho Stockden mostrou à Mrs. Creenwood o retrato de outro cúmplice, e, finalmente, os três assassinos, convictos e confessos, foram condenados. Na noite seguinte ao julgamento, a senhora voltou a sonhar com a vítima, que lhe apareceu para agradecer o trabalho que tivera.

Êste facto registrado por jornais ingleses e confirmado pelo testemunho do décano da catedral de York, Dr. Alex, e outras pessoas dignas de fé, só pode ser comparado com os incidentes que cercaram o assassínio de um indivíduo chamado Noerawy, cujo cadáver foi encontrado em um matagal, nos arredores de Wadebridge, no condado de Cornvall.

Os detetives não lograram descobrir

o menor rastro dos criminosos até que, meses depois, um marinheiro, irmão do morto, se apresentou à polícia de Wadebridge e contou uma história espantosa. Na noite do assassínio do irmão, estando êle em alto mar, rumo da Austrália, teve um sonho, no qual viu Noerawy caminhando por uma estrada solitária. De repente, dois homens atiraram-se a êle, matando-o para roubar. Em seguida os criminosos dirigiram-se para Wadebridge e entraram em uma casa, que êle descreveu com grande nitidez e minúcias. Guiado pelas recordações deste sonho, o marinheiro conduziu a polícia à casa em questão e nela encontraram dois homens que o denunciante identificou como os assassinos de seu irmão. Impressionados e amedrontados por tão inesperada denúncia, os malfeitores confessaram o crime.

Outro caso impressionante é o de Murdock Grant, escossês, vendedor ambulante, cujo assassínio não ficou impune, graças a outro sonho. Um rapazola dos arredores de onde ocorreu o crime muito auxiliou a polícia, em suas investigações, porém o diretor da agência local dos Correios preveniu o magistrado de que aquêle expontâneo auxiliar da justiça trocara uma nota de dez libras esterlinas pouco antes de ter a polícia descoberto o corpo. Achava estranho que um rapazola sem ocupação nem emprêgo tivesse tanto dinheiro. Mac Leod, o detetive voluntário, foi preso mas não se encontrou em seu poder nada que tivesse pertencido ao morto. Iam dar-lhe liberdade quando outro indivíduo se apresentou, declarando à polícia haver sonhado com a casa de Mac Leod e ouvido uma voz, que lhe dissera, em escossês, estar ali oculta a bagagem do assassinado. Deram nova busca no local indicado. Pelas informações do homem que sonhara, as autoridades encontraram os objetos roubados.

Verdade indiscutível ou simples coincidência, o certo é que, a despeito dos profundos estudos que se tem feito sôbre os sonhos, eles continuam a ser, para os homens em geral, desafiador enígma...

Da revista «Careta».

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Caravana da Fraternidade em Aracajú

Leopoldo Machado

O Lins de Vasconcelos fôra á frente, de Salvador,

Dir-se-ia o precursor da Caravana, caso houvesse caminhos ásperos a aplainar.

O A. X. D. da *Aerovias,* fizera um verdadeiro vôo-família.

No aereo-porto de Aracajú, confrades que encheram um ónibus especial, com diretores da União Espirita Sergipana, do Irmão Fêgo e da Mocidade Espírita Sergipana á frente. Fidalga e alegre recepção aos caravaneiros. E hospedagem, como é dos moldes de nosso movimento excursionativo, nos lares de confrades. Nòs e o Francisco Spinelli, com o Elson Fontes; o Carlos Jordão, com o Dalio Mendonça e o Arí Casadio, com o José Gonçalves.

A' noite, o primeiro contacto doutrinário com os irmãos sergipanos, na U. E, S. Séde e aspéctos, os mesmos de dez anos passados. E um calor de abafar, em consequência da estação e do número de assistentes. Francisco Oliva, presidente da União, passa a presidência ao Carlos Jordão. Dalio Mendonça faz, vibrante e expressiva, a recepção aos caravaneiros, que o Francisco Spinelli agradece, extendendo-se em considerações sobre as finalidades da Caravana em particular e aspectos do Espiritismo em geral. Nós, em seguida fizemos uma síntese da história e evolução do Espiritismo, concluindo que a hora é da união de todos para a vitória difinitiva da Doutrina. D. Neide Mesquita profere, em nome da mulher espirita sergipana, a prece final. Agrado geral, felizmente, para todos.

A União Espírita Sergipana não filiava centros. União de confrades que se lhe associavam para o estudo da Doutrina, sómente. Passou, entretanto, em face dos entendimentos com a Caravana, a filiar centros espiritas, aderindo ao *Pacto Aureo*. E ficou criada a comissão organizadora do movimento federativo no Estado, composto de confrades dos mais dedicados á Causa Sagrada da Unificação.

Outros programas doutrinários se sucederam, agradando sempre e cada vez mais, felizmente. Mórmente o do dia seguinte, no Cine-Teatro Rio Branco, o mais central e mais moderno da cidade, que fôra irradiado pela PRJ6, *Radio Difusora de Sergipe*, para o interior e Estados vizinhos. O tema que aí abordámos: Evolução da Verdade Religiosa. Se toda a assistência ouviu com atenção e prazer a conferência, vale salientar dois ex-reverendos, que foram dos que mais a aplaudiram. Ambos, homens de bem, hoje professores, deixaram a batina para constituírem família legalmente, coisa que irritara o sr. bispo, que preferia, naturalmente, continuassem padres, como tantos, pouco se lhes dando desrespeitassem as famílias alheias. Um deles, o prof. Jugurta Franco, leu-nos a carta criteriosa e enérgica, que enviara ao bispo, revidando suas insinuações cavilosas e o outro, prof. Gileno de Jesús, ainda hoje freme de indignação, quando se lembra que vestira batina...

O clero de Aracajú assanhou-se contra a conferência irradiada, contra o Espiritismo e o conferencista. Salientou-se principalmente, o revererndo do bairro de Cerqueira Campos, na manhã mesma em que teriamos de ir ao Irmão Fêgo. Entre os argumentos de pêso, que jogou contra o conferencista, nossa meia gagueira, que se acentua mais quando nos entusiasmamos, quando procuramos, mentalmente, escolher expressões e termos. E o padre berrou ao alto-falante possante, para ser ouvido á distância: «Estudamos oito anos para não ga... ga... gaguejar na tribuna...» Saiu-lhe, assim, o feitiço contra o feiticeiro».

O domingo, 5 de novembro, foi todo do IRMÃO FÊGO, que é, até o presente, a obra espírita de mais vulto de Aracajú, ainda por concluir. Pronto, o salão de conferência, com 29x30. A concluir, o albergue noturno e gabinete dentário, o consultório médico, a *Escola de Corte* e *Costura Marília Barbosa*, toda enfeitada de moldes e vestidinhos. A criançada da idade escolar encontra no Irmão Fêgo sua escola ideal.

O primeiro programa com os moços e as crianças. Programa animadissimo, nos moldes da Escola Ativa, em que tomaram parte, animadamente, grandes e pequenos, crianças, jovens e mais velhos; que terminou com interessante derrame de «livros... livros a mancheias para o espírita estudar»...

Seguiu-se o Almoço da Fraternidade, farto, suculento e alegre, que prostrou os que, como o Spinelli e o Jordão, não dispensam soneca á sesta.

Á tarde, a reunião de mesa redonda para a finalidade maior do programa: a obra da unificação, que foi, mercê de Deus, coroada de pleno êxito. Quem mais falou e discutiu, José Elson Fontes, que recebeu, por isso mesmo, de *línguas perversas* o cognome de *Malagueta*: Nós como o Elson, processariamos o Carlos Jordão!...

Á noite, conferência. O Francisco Spinelli, o conferencista, seguindo-se bela mensagem mediúnina do Arí Casadio. Nós dissemos, mau grado nosso, algo sôbre o batismo nos meios espíritas, atendendo, assim, um pedido de irmãos queridos.

A última conferência, no *tatwa* A. O. Rodrigues.

Seria uma conferência pedagógica, dedicada a professores e alunos estudiosos. Entretanto, tendo aparecido poucos alunos e professores, a despeito da assistência que lotou a grande séde, o conferencista alterou o tema da conferência, passando a focar aspectos apocalípticos dos dias em curso, Primeiro, a cerimonia do culto da Casa, recepcionando os caravaneiros e entregando a séde do *tatwa* aos espíritas. Uma coisa bonita, dirigida pelo irmão Marceonilio Neves da Silva, que teve palavras generosíssimas para os espìritas e para o Espiritismo. O jovem Dalio Mendonça profere palavras de despedida, que foram respondida pelo Carlos Jordão e pelo Francisco Spinelli. O programa terminou com novo derrame de «livros... livros a mancheias...». tanto fôra o agrado do da véspera.

⁂

Programas paralelos, sociais e recreativos?

Muitissimos. E cada qual mais interessante.

Interessante entre os mais interessantes, foi a excursão á Cachoeira de

Paulo Afonso. Como se trata de qualquer coisa que a gente vê, sente e não pode descrever, é assunto que deve ficar para crônicas á parte.

* * *

Os dias que passamos, sem tempo para nada, em Aracajú, é dessas coisas que não se podem esquecer nunca. E aqui repetimos o que deixáramos dito a irmãos de lá: «Se a passagem da Caravana da Fraternidade foi, para os irmãos de Aracajú, um presente do Céu, graça maior do Alto fôra, naturalmente, para nós, caravaneiros, o conhecimento e o contacto de irmãos tão dedicados e gentís.

E é pena que, na estreiteza de uma crônica ligeira, sómente de aspéctos marcantes da visita, não haja lugar para impressões outras, alegres e expressivas, que trouxemos e que teríamos, também, deixado. Muitas, naturalmente. Tantas, que sómente numa série de crônicas dignas de estudo e espairecimento espiritual.

Como palavra do fim: que os irmãos sergipanos saibam levar por diante, «para a frente e para o Alto», o ideial da confraternização e da unificação, eis o que continuamos desejando.

Grande concentração para lançamento da Campanha do Livro Espírita na Alta Paulista

Presentes os representantes das cidades da região — Venda de livros a preços de custo — Visita ao Hospital Espírita de Marília

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo promoveu em Marilia, com a colaboração dos Centros Espíritas «Luz, Fé e Caridade», «Luz e Verdade», «Vicente de Paulo», «Amantes da Pobreza», e do Hospital Espírita de Marília, uma grande concentração dos espíritas da região, para lançamento da «Campanha do Livro Espírita». Dia 22 de Janeiro último, segunda-feira, como trabalho preparatório, o confrade Irmão Saulo, cronista espírita do «Diário de S. Paulo», iniciou uma série de palestras, falando no Centro «Vicente de Paulo». Dia 24, pronunciou uma conferência no Centro «Luz e Verdade». Dias 25 e 26, em companhia do confrade Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Centro «Luz, Fé e Caridade», de Marilia, esteve em visita ás associações espíritas de Pompeia, Oriente, Padre Nobrega, Vera Cruz e Garça, pronunciando uma palestra no Centro Espírita Trilha da Verdade, de Vera Cruz, e outra no Centro Luz Fé e Caridade, em Marilia. Dia 27, nesta cidade e ainda no mesmo Centro, falou sôbre «O Espiritismo como Síntese do Conhecimento».

Obras de Assistência Social

Em Oriente, os confrades J. Herculano Pires, presidente do Clube, e o confrade Manoel Pinto Ribeiro, tiveram a satisfação de visitar as obras do orfanato «Asilo Esp. Maria Tereza de Jesus», recem-inaugurado, funcionando em magnífico edifício próprio, construido graças aos esforços da confrade dona Maria Reis Pantaroto. Em Garça, visitaram o «Orfanato Nosso Lar», outra bela obra em fase de franco desenvolvimento, já instalado em prédio que deverá passar por serviços de adaptação, e abrigando desde já numerosas crianças desvalidas. O confrade Rolando Ramaciotti, diretor da instituição, acompanhou os visitantes. Durante a concentração, em Marilia, os confrades vindos de outras cidades fizeram uma demorada visita ás dependências do Hospital Espírita local, sendo-lhes por fim oferecido um lanche, nos amplos refeitórios daquela instituição.

Venda de Livros

Dia 28, domingo, ás 14 horas, realizou-se a concentração, na séde do Centro «Luz Fé e Caridade», cujo salão esteve repleto. Os confrades de Garça compareceram em numerosa caravana, conduzida numa jardineira da linha de propriedade do confrade Agostinho Mana, que deu, assim, valiosa colaboração ao movimento. Os confrades de Tupã vieram de automóvel, e os de Pompeia, Quintana, Oriente, Vera Cruz, Adamantina, Padre Nobrega e outras cidades, viajaram de trem. O confrade Irmão Saulo expôs as finalidades da «Campanha do Livro», que são as de edição e venda das obras de Allan Kardec a preços de custo e a formação dos «Grupos do Livro Espírita» em cada cidade, para um trabalho constante de difusão dos verdadeiros princípios do Espiritismo, contidos na codificação kardecista. Disse que o Clube dos Jornalistas considera necessária essa campanha, não só para que os livros básicos da doutrina estejam mais facilmente ao alcance de todos, espíritas e não espíritas, como também para o combate eficiente e racional aos desvios e prejuizos místicos, oriundos do roustainguismo, do umbandismo, das várias formas de africanismo, e até mesmo das mais recentes influenciações de outras doutrinas, como o exoterismo, o rosacrucianismo e a teosofia, que ameaçam abrir verdadeiras cisões no movimento espírita, verdadeiras brechas na mentalidade doutrinária, que deve apresentar, pelo contrário, a homogeneidade, a firmeza e a clareza da codificação de Allan Kardec. Insistiu na necessidade de promoção de palestras sôbre o livro espírita e de cursos doutrinários na séde dos Centros, para que as pessoas pouco afeitas à leitura e ao estudo, e até mesmo as analfabetas, possam receber os princípios espíritas em sua verdadeira pureza, sem deturpações perigosas. Afirmou que os dogmas de fé, oriundos da maneira mística e irracional de encarar os problemas do espírito, podem gerar verdadeiros fanatismos, levando o movimento espírita para os caminhos tortuosos do ritualismo, da liturgia, e tirando-lhe o caráter essencialmente espiritual, que lhe deu o Espírito da Verdade. Daí a necessidade imprescindivel de firmarmos os nossos conhecimentos na sólida base dos livros de Kardec, pois o codificador, fiel ao cumprimento da sua missão, não deixou nas suas obras qualquer germen desses princípios ameaçadores. Finda a palestra, foram vendidos duzentos volumes de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», encadernados, a doze cruzeiros, e trinta e cinco volumes do livro «Silva Mello e os seus Mistérios», de Sergio Valle a trinta cruzeiros. Os confrades João José Sabonge, de Tupã, e José Bernardes, de Vera Cruz, ofereceram ás pessoas que não estivessem em condições de adquirir os livros, 25 exemplares de «O Evangelho», gratuítamente.

Sessão de Encerramento

No mesmo dia, ás 20 horas e meia, realizou-se no Centro Luz e Verdade a sessão de encerramento dos trabalhos, com a presença de verdadeira multidão. O confrade Urbano de Assis Xavier pronunciou magnifica palestra subordinada ao tema «Provas da Imortalidade», relatando fenômenos de voz-direta observados com os médiuns Hilda Negrão e Luiz Parigot de Sousa, e interpretando-os à luz do Espiritismo. O confrade Irmão Sauló discorreu sôbre «Um homem novo para um novo mundo». No dia seguinte, segunda-feira, ás 18 horas e dez minutos, o confrade Irmão Saulo pronunciou uma palestra de 15 minutos, ao microfone da Rádio Clube de Marilia, sôbre «As origens mediúnicas da religião». Tanto a estação radiofônica quanto os jornais diários de Marilia, em número de três, deram amplo noticiário dos trabalhos da concentração.

* * *

José Dias

Conforme já tivemos oportunidade de noticiar, o nosso velho companheiro José Dias, residente em Rio Claro, depois de mais de 40 anos de permanência no Brasil, sentiu ardente desejo de visitar sua terra natal, Travanca de São Pedro de Alva, Portugal, onde reside seu pai, que conta a avançada idade de 84 anos.

Assim foi que, em princípios de Maio do ano passado, José Dias empreendeu a viagem a Portugal, onde permaneceu quasi nove meses, chegando de volta ao Brasil no dia 31 de Janeiro último.

Poucos dias depois, em 10 de Fevereiro, José Dias nos visitou, não só porque sentia saudades dos seus velhos companheiros, como também porque queria retribuir a visita que lhe fizeramos na véspera de sua partida e prestar contas da incumbência que lhe demos e que com a maior satisfação aceitou, isto é, levar as nossas saudações e abraços fraternais aos confrades portuguêses e representar, durante a sua estada em Portugal, «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo». E José Dias desincumbiu-se perfeitamente do encargo, excedendo mesmo ás nossas expectativas.

Esteve em Lisboa, Porto e Braga, onde foi recebido carinhosamente pelos confrades, que lhe dispensaram as maiores atenções e dos quais nos trouxe saudações e apertados abraços fraternos, o que muito nos sensibilizou.

Em Lisboa, esteve com o incansável trabalhador Izidoro Duarte Santos, Diretor da apreciada revista «Estudos Psíquicos», jornalista e escritor espírita de projeção, muito admirado e apreciado no Brasil pelas suas produções evangélicas e doutrinárias.

Visitou a Federação Espírita Portuguêsa que, num gesto de grande amabilidade e consideração, marcou dia e hora para receber o visitante, o que se verificou no dia 14 de Janeiro último, ás 18 horas. Foi recebido pelos confrades Antonio Castanheira de Moura, vice-presidente da Federação; Joaquim Julio da Silva Lagarto, tesoureiro e bibliotecário; Joaquim Ferreira Alves Junior, 1.º secretário; Manoel Caetano de Souza, jornalista, chefe da secretaria da Federação e secretário da «Revista de Metapsicologia» e Dr. Antonio J. Freire, ilustre médico e publicista, autor de várias obras e conferencista espírita dos mais apreciados. O Dr. Antonio J. Freire, nos enviou, por intermédio de José Dias, com expressiva dedicatória, 3 exemplares de obras da sua autoria — «A Margem do Espiritismo», «Da Fraude no Espiritismo Experimental», sôbre os quais já tivemos ocasião de fazer apreciação, e «Da Alma humana», recentemente lançada a lume e da qual falaremos oportunamente. A oferta dos exemplares muito nos alegrou, e aqui deixamos consignados os nossos agradecimentos ao prezado confrade Antonio J. Freire.

A direção da «Revista de Metapsicologia», orgão da Federação Espírita Portuguêsa, solicitou ao companheiro José Dias que fizesse chegar ao conhecimento dos espíritas brasileiros o seu pedido no sentido de lhe serem enviadas colaborações para a referida Revista, à Rua São Bento, 640, Lisboa. As colaborações não devem sair do terreno estritamente doutrinário, visto como qualquer referência, por leve que seja e que transpire algo que possa melindrar um dogma ou um culto religioso, é o bastante para que a *Censura* faça a sua habitual póda. Aquí fica transmitido aos escritores espíritas brasileiros o pedido da Federação Espírita Portuguêsa.

No Porto, José Dias visitou o confrade Manuel Cavaco, de quem recebeu muitas gentilezas. Falou duas vezes na séde da Revista «Além» dirigida por êsse esforçado trabalhador da seára.

Em Braga, foi carinhosamente recebido na séde do Centro Espírita «Bom Jesus» pelo confrade Silvino Cunha, que, por intermédio de José Dias, também nos ofertou um exemplar do livro «De Maria para as suas Filhas», que agradecemos, prometendo fazer, oportunamente uma nota a respeito.

No dia 25 de Dezembro fez uma palestra em família, na sua terra natal, de onde voltou verdadeiramente encantado.

Disse-nos José Dias que os dirigentes da Federação estão vivamente interessados em manter um intercâmbio espiritual mais estreito com os espíritas brasileiros, para os quais olham com simpatia, solicitando aos publicistas brasileiros que remetam à Federação folhetos, opúsculos, jornais e revistas de propaganda para serem distribuidos.

O confrade Augusto Grave, residente em Lisboa, foi quem apresentou José Dias aos confrades lusos, aos quais agradecemos de coração as atenções e amabilidades dispensadas ao companheiro José Dias, que regressou de Portugal plenamente satisfeito por ter aproveitado bem a viagem tanto para o corpo como para o espírito.

* * *

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Aos nossos prezados assinantes residentes no Rio de Janeiro que necessitem regularizar a sua situação com êste orgão, solicitamos-lhes o obséquio de procurarem o nosso representante sr. Haroldo Marques, à Rua Moncorvo Filho, 27 - sobrado, facilitando-lhe assim o trabalho, pelo que agradecemos sinceramente.

* * *

Livros Novos

Dois Mundos

Com expressiva dedicatória, o estimado confrade Isidoro Duarte Santos, Diretor da nossa brilhante colega «Estudos Psíquicos», de Lisboa, Portugal, autor de diversas obras, acaba de nos ofertar um exemplar de «Dois Mundos», obra constituida de narrações do Além

Aviso

Avisamos aos nossos prezados assinantes, que em virtude das férias que vamos conceder ao nosso pessoal de redação e oficinas, esta Revista não circulará no próximo mês de Abril, circulando juntamente com a edição de Maio, n.ºs 3 e 4.

---

ditadas pelo esclarecido Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos.

E' um livro profundamente filosófico e espiritual, com mensagens de elucidação da vida espiritual, enriquecidas de fina e suave literatura, que revela o elevado grau intelectual do espírito que nos trouxe do Alto tão preciosa dádiva. A sua leitura conforta sobremaneira os que temem a morte ou choram a partida de um ente querido para o Além, Contém 280 páginas bem impressas.

Agradecemos a oferta do volume.

Da Alma Humana

O Dr. Antonio J. Freirè, médico, residente em Lisboa, Portugal, conferencista, jornalista e escritor espírita dos mais apreciados, autor de diversas obras espíritas de caráter filosófico e cientifico nos ofertou por intermédio do nosso companheiro José Dias, com expressiva dedicatória, um exemplar de sua recente obra intitulada — «Da Alma Humana».

Nesta obra que contém 320 páginas impressas em ótimo papel, o autor, como nas demais obras, revelou-se mais uma vez profundo conhecedor do psiquismo. Dotado de vasta cultura, numa linguagem escorreita e accessivel ás inteligências, estuda a alma sob o ponto de vista filosófico e cientìfico do Espiritismo, apresentando provas frisantes da imortalidade da alma. Se fossemos citar os principais estudos que o Dr. Antonio J. Freire faz sôbre a alma, cremos que iriamos muito longe. Mas o leitor interessado nos estudos dos magnos problemas da alma, poderá conhecê-los ao compulsar a importante obra, que reputamos de grande valor filosófico e sobretudo científico, capaz de satisfazer o mais exigente estudioso.

Gratos pelo exemplar que nos coube.

De Maria para as suas Filhas

O Centro Espírita «Bom Jesus», de Braga, Portugal, nos remeteu por intermédio do nosso amigo José Dias, como oferta, um exemplar do livro «De Maria para as suas Filhas», trabalho mediúnico ditado no Centro Espírita de Braga pelo Espírito Julieta do Céu.

E' um trabalho que enfeixa mensagens de fundo moral ás mães, esposas e moças.

Gratos pela oferta.

Deputado Campos Vergal

Como os nossos leitores devem saber, o Deputado Campos Vergal, um dos mais ativos representantes do povo na Câmara dos Deputados Federais e que mais de perto conhece e sente as necessidades dos seus semelhantes, apresentou, em 10 de Novembro do ano passado, um projeto de lei concedendo auxílio de Natal aos leprosos do Brasil, autorizando para isso o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de . . . . . , 1.200.000,00 cruzeiros.

Dois meses depois, ou seja em 8 de Janeiro dêste ano, apresentou mais um projéto, que tomou o n.º 1124, abrindo o crédito de Cr. $ 400.000,00 como auxílio a diversas associações de beneficência neste Estado, entre as quais a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão, que já deu começo à construção da Vila dos Pobres «Cairbar Schutel».

Se o projeto for sancionado, referida Mocidade contará com a importância de cr.$100,000.00 (cem mil cruzeiros), podendo assim construir diversos grupos de casas para pobres.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» agradece profundamente sensibilizada por nosso intermédio, ao Deputado Campos Vergal, o seu gesto altamente filantrópico, de verdadeiro cristão, formulando votos para que o seu trabalho em prol dos interêsses coletivos encontre éco no coração dos seus companheiros, na Câmara dos Deputados Federais.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
A E'ra do Aquário
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM» — Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	40,00
	Semestre —	,, ,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2734unse

ANO XXVII—Brasil – E. S. Paulo—Matão, 15 de Abril-Maio de 1951—N. 3-4

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Propósito da Reencarnação . .	*Redação*
Iniciação Espírita	*Arnaldo S. Thiago*
A Assombrosa História do Menino que não estava presente	*Franz Niesert*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
As Supostas Fraudes Espíritas — O Músculo Rangedor	*J. B. Chagas*
Os Novos Missionários	*Viriato Carneiro Lopes*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Mediunidade e as Vibrações Intensificadas	*Max Kohleisen*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrológio	*Amadeu Santos*

Aos Nossos Prezados Assinantes

Em virtude da grande alta verificada ultimamente no preço do papel e dos demais materiais necessários à impressão, somos forçados a aumentar o preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo» afim de podermos sustentar a propaganda da Doutrina, condicionada ás possibilidades de ordem econômica, portanto, de ordem material, como todos sabem.

Vimos lutando com grandes dificuldades financeiras para manter êste órgão, dificuldades agora agravadas com a inesperada e enorme alta do preço do papel e dos materiais tipográficos, e não temos outro remédio sinão aumentar o preço das assinaturas, única e pequena fonte de renda de que podemos lançar mão para a manutenção da propaganda.

E' provável que alguns assinantes não concordem com o aumento do preço das assinaturas, ignorando o nosso trabalho e espírito de sacrifício em face das dificuldades, mas os que duvidarem dêste nosso apêlo, poderão vir a esta redação afim de se certificarem da verdade com os seus próprios olhos.

Cremos que o espírita que realmente deseje cooperar para a marcha da propaganda, agora mais acelerada do que nunca, não nos negará o seu estímulo concordando com esta nossa justa determinação. Muitos jornais, pela mesma razão, já aumentaram o preço das assinaturas, e os que o não fizerem terão que fatalmente desaparecer mais hoje ou mais amanhã, a menos que tenham outras fontes de renda além das assinaturas. Não publicamos anúncios para reservar espaço aos artigos e nem cobramos notícias, e se o fizessemos não seria necessário aumentar mais o preço das assinaturas.

O novo preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo», desta data em diante, é o seguinte :

Porte Simples : por ano, Cr. $ 40,00 ; Por semestre, Cr. $ 20,00. Porte Registrado : por ano, Cr. $ 50,00 ; Por semestre, Cr. $ 25,00.

Contamos, portanto, com o beneplacito dos nossos prezados assinantes.

A REDAÇÃO.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1951 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Propósito da Reencarnação

A reencarnação não é um dogma criado pela imaginação do homem, não saiu de concílios humanos como artigo de fé. E' uma lei tão natural como a da procreação. O Espiritismo veiu revelar essa lei desconhecida pelas religiões dominantes, portanto, por aqueles que, seguindo ditas religiões, são indiferentes aos problemas vitais do espírito, confiando a sua salvação, que no sentido espírita quer dizer *evolução*, aos dogmas, sacramentos e cultos de suas religiões. Por isso não procuram a Verdade, não estudam, não perquirem e ainda se insurgem contra aqueles que, ávidos de saber, buscam a solução dos magnos problemas da vida, entre os quais o da religião. Quando se lhes fala em reencarnação, mostram-se escandalizados como escandalizados se mostraram até muitos discípulos de Jesus, os quais diziam: «Duro é êste discurso, quem o póde ouvir?» E' que as palavras de Jesus, que teve por tarefa revelar a Verdade através de seus ensinos, exemplos e feitos, não tinham cabimento em seus corações e cérebros. E eram discípulos de Jesus. Que dizer então dos judeus e saduceus fanáticos? Por isso não nos surpreende certa corrente espiritualista ao não aceitar a reencarnação.

Aos que não admitem a reencarnação perguntamos: como explicar então as desigualdades humanas, as idéias e aptidões inatas, não se aceitando, é claro, a velha válvula de escapamento chamada «mistérios de Deus», porque não existem mistérios, mas sim leis naturais desconhecidas? Temos certeza de que, além dos espíritas, não existem teólogos, cientistas e filósofos capazes de nos darem uma resposta convincente, baseada em factos realmente admissíveis. A interrogação ficará de pé desafiando os que tudo pretendem saber mas nada explicam, porque na realidade nada entendem da questão. E por não entenderem, limitam-se a negar, ou quando muito apresentam suposições, que se esvaem como bôlhas de sabão quando a lógica e o raciocínio entram em ação.

Se não ha reencarnação e sendo Deus, nosso Creador, nosso único e verdadeiro Pai, infinitamente justo, equitativo, devendo portanto amar todas as creaturas, seus filhos, indistintamente, como cria Êle nêste mundo uns filhos bons, outros maus; uns ricos, outros pobres e até muitos na mais completa miséria; uns vendendo saude a granel, outros doentes a vida inteira, muitos sem se poderem mexer na cama, sofrendo as maiores dores; uns brancos, outros pretos? Qual o pai terreno que, se lhe fôsse possível, como possível tudo é a Deus, não daria a todos os filhos indistintamente, riqueza, sabedoria e saude? Para falar a verdade, nêste caso o pai terreno revela-se muito mais justo e amoroso do que Deus, que ainda erra mais quando já tem preparado um inferno eterno para os filhos que, por ignorância, são maus ou perversos, porque não tiveram a ventura de ser criados como muito dos outros irmãos, isto é, inteligentes, bons, caridosos. E perguntamos: qual o pai terreno capaz de jogar o filho numa fornalha sem lhe dar oportunidade para rehabilitar-se? Onde está êsse pai desalmado? E no entanto afirma certa religião dominante, a chamada religião da maioria, que Deus, que é amor, segundo afirma o Apóstolo Paulo, castiga eternamente as creaturas recalcitrantes, seus filhos, jogando-os nos caldeirões de um inferno igualmente eterno. Considerando que nêste mundo ha mais pecadores do que justos, por exemplo noventa e nove pecadores para um justo, o inferno deve estar abarrotado e o céu quasi vazio. Quer dizer que o diabo tem mais fôrça do que Deus, que sendo onipotente, onisciente e presciente não podia ter criado o diabo. E se não o criou, de onde veiu o diabo, como poude êle burlar a vigilância de Deus? Poderão nos apresentar o conhecido argumento muito infantil segundo o qual o diabo é um anjo decaído. E' paradoxal! Um anjo para ser anjo precisa ter todas as virtudes, «uma doçura angélica de suma bondade ou beleza: que faz tudo com a maior perfeição», diz o Dicionário. Se faz tudo com a maior perfeição, como póde o anjo proceder de modo a tornar-se um diabo? Seria o mesmo que admitir que o nosso século, chamado «século das luzes», se transformasse, de um momento para outro, nas éras primitivas da creação, o que seria um absurdo, considerando-se que o progresso deixaria de ser progresso se tivesse efeito retroativo.

Quer queiram quer não os obstinados opositores, a reencarnação é um facto, e um facto tão natural como o progresso. Ela constitue oportunidades que Deus dá aos seus filhos para se reabilitarem. Jesus disse que Deus não quer a morte do ímpio, mas sim, que êle se converta e se salve. E a Nicodemos afirmou: «Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não póde entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: É-vos necessário nascer de novo». Esta proposição de Jesus ficou ainda mais clara com esta outra de Allan Kardec: «Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei».

A reencarnação é a única prova da justiça de Deus. Sem esta prova não se compreende as desigualdades humanas, considerando-se que Deus não póde agir com parcialidade, criando sêres votados ao bem e outros ao mal, uns felizes e outros infelizes, tanto mais que o raciocínio nos diz que ninguém pediu para ser creado. Agora sim, com a reencarnação, sabemos que o espírito tem oportunidades para se reabilitar, para se aperfeiçoar, para buscar Deus através das virtudes que forçosamente ha de adquirir nas encarnações, até o ponto de não lhe ser mais necessário reencarnar nêste mundo, a não ser como missionário, como Jesus o foi. Mundos realmente felizes, dos quais não podemos fazer siquer uma pálida idéia, tal a sua grandeza, mundos que representam as «muitas moradas da casa do Pai», segundo Jesus, o esperam no seio da eterna e suprema felicidade, que representa, a seu turno, aquela «medida recalcada, transbordando» com que Deus recompensa os que ao seu reino chegarem pelo amor.

A reencarnação, ainda que não existissem provas, está dentro da lógica, visto como nos poucos anos que a creatura vive nêste mundo, o escasso tempo não lhe dá tempo para livrar-se dos seus defeitos, vícios ou imperfeições, de maneira a ingressar no reino de Deus, quando deixar êste mundo. A's vezes, nem mesmo o simples vício de fumar, que só a ela prejudica, a creatura não encontra fôrças para abandoná-lo. Imagine-se, agora, os vícios maiores, os defeitos e imperfeições, tais como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a inveja, etc. Quantas reencarnações não são necessárias ao espírito para poder libertar-se disso tudo! Quantas reencarnações não lhe são necessárias para resgatar faltas passadas! Entretanto, as reencarnações podem ser abreviadas com a bôa vontade e esfôrço do espírito no sentido da prática do Bem, segundo a moral evangélica.

A reencarnação obriga o espírito a fazer o seu aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual, tanto mais que o progresso é uma fôrça, uma lei de Deus, por isso ninguém jamais estacionará na estrada da evolução. O facto do indivíduo não se recordar do que passou nas vidas passadas é mais uma prova do amor e da sabedoria de Deus. Imagine-se a situação da creatura ao se recordar por exemplo, que na última existência perseguiu e matou um seu desafeto, que agora é seu pai ou filho, ou amigo ! Os miseráveis, os pobres, os párias têm faltas a resgatar, e no resgate dessas faltas é que está a aquisição do aperfeiçoamento moral. O rico que faz bom uso da sua fortuna em proveito dos seus semelhantes, não será o pária, o pobre, o miserável de amnhã. Mas o rico que faz mau uso da sua riqueza, empregando-a no mal, será isso tudo. O mesmo sucederá aos poderosos da terra, aos sábios, aos orgulhosos, aos egoistas, aos avarentos, aos que se lucupletam com o suor alheio, usando de meios escusos.

Não faltam testemunhos a favor da reencarnação. As idéias, as aptidões, os conhecimentos inatos que os gênios precoces, «meninos prodígios» revelam e que tanto têm confundido os sábios de todos os matizes, constituem provas da reencarnação. Onde um menino foi buscar conhecimento de música, como por exemplo Mozart, que aos 6 anos já era um prodígio de execução, e tantos outros meninos mais ou menos da mesma idade ? Se nunca aprenderam música, mesmo porque a sua idade não o permitiria, e regiam orquestras famosas, como explicar o facto a não ser pela reencarnação ? E' que recordaram-se do que aqui aprenderam na ultima existência terrena. As aptidões e idéias inatas, que creanças e adultos possuem, intuição do que aprenderam na última existência, constituem, como dissemos, provas da reencarnação.

Oportunamente estudaremos outros aspectos de tão importante questão.

Iniciação Espírita

Arnaldo S. Thiago

Das mãos da presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», nesta tricentenária cidade de São Francisco, recebí para ler o interessante livro cujo titulo encima esta página. Por êle tive conhecimento do que se está fazendo em São Paulo a respeito dessa obra, a que se propõe o Espiritismo, de manter viva, nos espíritos encarnados, a chama sagrada da espiritualidade, constantemente abafada pelos prejuisos de uma civilização abastardada pela descrença e desprêzo às boas regras da verdadeira religiosidade.

Batendo-nos como leões por êsse critério espírita, o que nos valeu tremendas provações que culminaram no conclave espírita da CEPA, reunido na capital da Republica, foi com imenso júbilo que tomámos conhecimento do que se processa na capital bandeirante e que consiste em superar, na prática, a ação dissolvente, exercida em larga escala na sociedade hodierna (e mesmo encampada por alguns dos nossos) contra a eficiência das Santas Escrituras, no que concerne ao bom discernimento das cousas do Espírito.

Sem Evangelho não há iniciação espirita ! Bem o compreenderam os nossos irmãos paulistas, lançando-se à pugna com aquele valor de que deram exemplo os bandeirantes, em pugnas arrojadas e tenacidade sem par.

No «Tereza de Jesus», do Rio de Janeiro, a serviço dos internados naquele orfanato, estamos desde alguns anos realizando um curso das Sagradas Letras, acompanhado tambem por alguns irmãos de boa vontade, que nos prestigiam com o seu comparecimento, entre os quais os diretores do estabelecimento. Os resultados dêsse curso, para nós, pessoalmente, têm sido admiráveis ! Dúvidas, objeções, carências de entendimento, que nos torturavam, foram desaparecendo à luz sublime dos ensinamentos contidos nesse manancial imenso de religiosidade, que é a Bíblia — e hoje fruimos uma certeza íntima das cousas espirituais, que é como que o vestíbulo dessa vida isenta de constrangimentos carnais, em que dentro em breve teremos, de novo, de imergir, para a satisfação de íntimos propósitos de labôr mais intenso do que êste que desempenhamos como encarnados.

Damos o nosso testemunho pessoal, a bem da verdade, porque o dos outros irmãos que nos acompanham, só êles o poderão dar. Damo-lo, para certificar, com conhecimento de causa, do importantissimo trabalho que estão desempenhando os nossos irmãos paulistas e a que se propôs a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, felizmente ainda em atividade no Rio de Janeiro. O nosso «Comentário à História das Religiões», foi, exatamente como a «Iniciação Espírita», consequência do exercício dêsse ministério suave de expôr os belos ensinamentos da Religião aos que têm sêde de conhecer as eternas verdades, que realizarão na humanidade, hoje conturbada pelo flagelo do materialismo, o Reino de Deus, isto é, a união fraterna de todos os homens para o cumprimento das promessas do Cristo.

O corpo docente da Escola de Iniciação Espírita, no qual figuram Vinicius, Edgard Armond, Carlos Jordão, Godoi Paiva, Manso Vieira, Iracema Martins, vem demonstrando esfôrço abençoado no bom desempenho de seus encargos. Uma ou outra objeção que se poderia fazer a certas conclusões, aparentemente adotadas como axiomáticas e que ainda devem permanecer no terreno das conjeturas, não inquinam de cerebrinas tais conclusões, porque a feição didática do curso exige que o ensino seja assim ministrado. Tais objeções cabem simplesmente à critica bem intencionada. Abalançamo-nos, por isso, a fazer restrições a alguns principios como, por exemplo, o de que «os espíritos são emanações da Divindade», o que, aliás, corresponde ao modo de dizer de Gabriel Delanne. A nossa restrição significa, porém, simplesmente, que interpretamos o têrmo *emanações* (pag. 28), não no sentido científico restrito que se dá à palavra, mas no sentido de «criação pela Vontrade de Deus, sublime fonte do infinito Amor». Conjetura apenas é a de que a humanidade terrestre ascende ao numero de 7 bilhões de sêres. Nós preferimos o de mais ou menos o duplo dos que se acham encarnados, atendendo a razões de estatística.

A questão dos antepassados do homem, está exposta com algumas contradições: Se «as fôrças espirituais, que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo do seu acrisolamento em marcha para a racionalidade» (pags. 37 a 38), não vemos porque tenha sido «a criação da raça humana, iniciada com a PRIMEIRA RAÇA-MÃE, consumada fóra da Terra» (pag. 39), em contradição com a afirmativa plausível de João, citada à pag. 42: «Meu espírito não via o homem do Paraíso; via muito menos que o homem, coisa pouco mais que um animal superior», etc. Essa importante comunicação do Evangelista, é digna de ser considerada como revelação oportuna, objetivando dirimir antiga controvérsia nesses domínios da Ciência. Aceitando-a, teremos de concordar, em princípio, com as doutrinas de Darwin e dos seus defensores, doutrina que a Revelação Espírita veio ampliar e esclarecer fundamentalmente, nunca, porém, contradizer.

Há uma dolorosa consideração a fazer, a respeito do estado em que se encontrava o homem primitivo, segundo o mesmo depoimento de João:

«A família existe pela carne; a sociedade existe pela fôrça» (pag. 43).

Essa dolorosa consideração é a de que chegámos, por efeito do aviltante materialismo do século e sofisticação do princípio religioso, a um estado social a que se póde aplicar o mesmo conceito: a família existe pela carne; a sociedade existe pela fôrça.

Sôbre a humanidade, assim restituida à idade dos homens primitivos, estende o Divino Mestre o seu manto de misericórdia, conclamando os de bôa vontade ao trabalho árduo e estenuante de restaurar, nos corações, pela educação, os eternos princípios da moral evangélica. A Escola de Aprendizes do Evangelho está desenvolvendo seus esforços no sentido de propugnar por essa grande obra de salvação, que é de educação, segundo todos o entendemos, com o circunspecto Vinicius.

Essa obra tem a sua máxima eficácia nos lares, especialmente pelo instrumento divino do coração da mulher.

A mãe de família é a grande responsável pela formação moral dos sêres racionais que lhe são confiados. Desgraçadamente, os costumes alienígenas implantaram na sociedade brasileira o mau vêzo de conduzir as construtoras de lares para fóra do seu ambiente próprio, induzindo-as a concorrer com os homens nos misteres da conquista econômica que se elevou à categoria de função primacial da espécie, no conjunto dos deveres que pesam sôbre os sêres inteligentes, tendo como consequência a regressão à vida instintiva, na qual sobrelevam as funções de conservação e reprodução da espécie.

Nada é possivel fazer de prático, em sentido espiritual, numa sociedade que regride voluntariamente aos primórdios da vida racional, quando é a razão ainda aplicada exclusivamente a essas duas funções iniciais da espécie.

O quadro é aterrador ! Chamados a operar, para iluminação do Espírito, num meio social que, a seu livre arbítrio, recuou tantos milhões de séculos no passado, o trabalho dos pioneiros modernos do ideal do Divino Mestre, só pode ser comparado ao de Sisifo. Daí amarguras íntimas, que só não as sentem os que, sectaristas apenas, nenhum interêsse moral têm nos bons resultados da obra que executam, obra conturbada, nos lares, por elementos que dificultam a ação benfazeja em pról da restauração do lídimo espírito do Evangelho ; na sociedade, pela subversão completa dos valores, prestigiados os que dispõem de recursos econômicos para explorarem as massas e corromperem as consciências ; desprezados os que se mantêm firmes e intransigentes no respeito às Leis de Deus e aos desìgnios sublimes do seu Emissário Celeste.

Aplaudo, com tôdas as fôrças da minha alma, a iniciativa oportuníssima dos novos bandeirantes espìritas que propugnam, agora, pelo desbravamento da *selva selvática* do coração humano, inçada de vìboras venenosas e feras truculentas, para descobrirem nele o dourado filão das energias latentes do Espírito ; aplausos que desejo acentuar com esta crítica bem intencionada, através da qual acrescentarei, ao que ja foi dito, o seguinte, relativamente às passagens que passarei a enumerar. Paginas 50 a 51 : «A êsse tempo os espíritos prepostos do Divino Mestre já haviam conseguido estabelecer nas tribus da 3.a raça em várias regiões do Globo, nucleos selecionados, apurados, de homens apropriados a receberem êsses espíritos exilados que, por serem mais desenvolvidos intelectualmente, exigiam corpos fisicos apropriados. Nesses corpos selecionados começaram então os capelínos a encarnar.»

Não esqueçamos que a inteligência do enunciado deve ser dada pela doutrina evolucionista, à luz do Espiritismo : o Espìrito é quem apropria o organismo às suas necessidades.

Pag. 51 : «Os antigos da nossa era os chamavam de pre-selenistas porque no seu tempo ainda não havia surgido a lua como satélite da Terra». Parece-me que, segundo a teoria de Laplace, adotada pelo Comandante Edgard Armond (Formação do sistema planetário, pag. 25), a formação do nosso satélite foi contemporânea do desprendimento, da nebulosa central, daquela porção de massa gasosa que produziu o nosso planeta. Visto isso, por ser a sua massa muito menor, a lua atingiu ao seu completo resfriamento em uma data muito anterior à da Terra.

Pag. 84 : Os 40 anos de peregrinação pelo deserto, foram necessários ao povo hebreu para habituar-se ao culto do Deus único, pois que praticava no Egito o Politeismo popular, embora monoteista fosse a Doutrina secreta dos Iniciados, vedada ao conhecimento do vulgo.

Estas pequenas observações indicam o grande valor que atribuo à obra ingente dos irmãos paulistanos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Assombrosa História do Menino que não estava presente!

«The Two Worlds» — Por FRANZ NIESERT.

Apareceu num grupo fotográfico de família, um «extra» de espírito, de admirável nitidez, que os enterneceu!

O fotógrafo que obteve o surpreendente retrato aquí reproduzido, era um negociante comum. Êle mora e tem seu estabelecimento em Tarutino, Bessarábi, no Sudoeste da Russia, onde também exerce outros misteres, entre os quais o de fotógrafo.

O CHAMADO

Quando entregue a seus afazeres comerciais, a esposa de um fazendeiro convidou-o a tirar o retrato de três crianças, suas três filhas.

O fotógrafo não podia incluír o pequeno menino no grupo, e não o podia fazer porque êsse outro filho não podia estar presente em corpo e isto pelo facto de ter «morrido» algum tempo antes!

O fotógrafo simplesmente tirou o retrato das três meninas pelo processo habitual, exatamente como o faria ao executar qualquer incumbência do gênero.

Mesmo ao desenvolver a chapa, êle não percebeu qualquer ocorrência estranha.

E porque devia notá-la?

Além de tudo, êle era um fotógrafo e havia fotografado inúmeros grupos, no decurso de seu trabalho – não havia razão para que se lembrasse de qualquer detalhe particular referente ao grupo em aprêço.

O retrato foi remetido aos pais que, depois de examiná-lo, deram com a maravilha do ocorrido.

ENTERNECIDOS

Os pais sentiram-se enternecidos (lassitude)! A princípio queriam devolver a fotografia, recusá-la. Inenarrável o seu assombro — pois, entre as três meninas estava uma quarta figura, a semelhança perfeita do filho mais novo, que deixára a vida material havia algum tempo

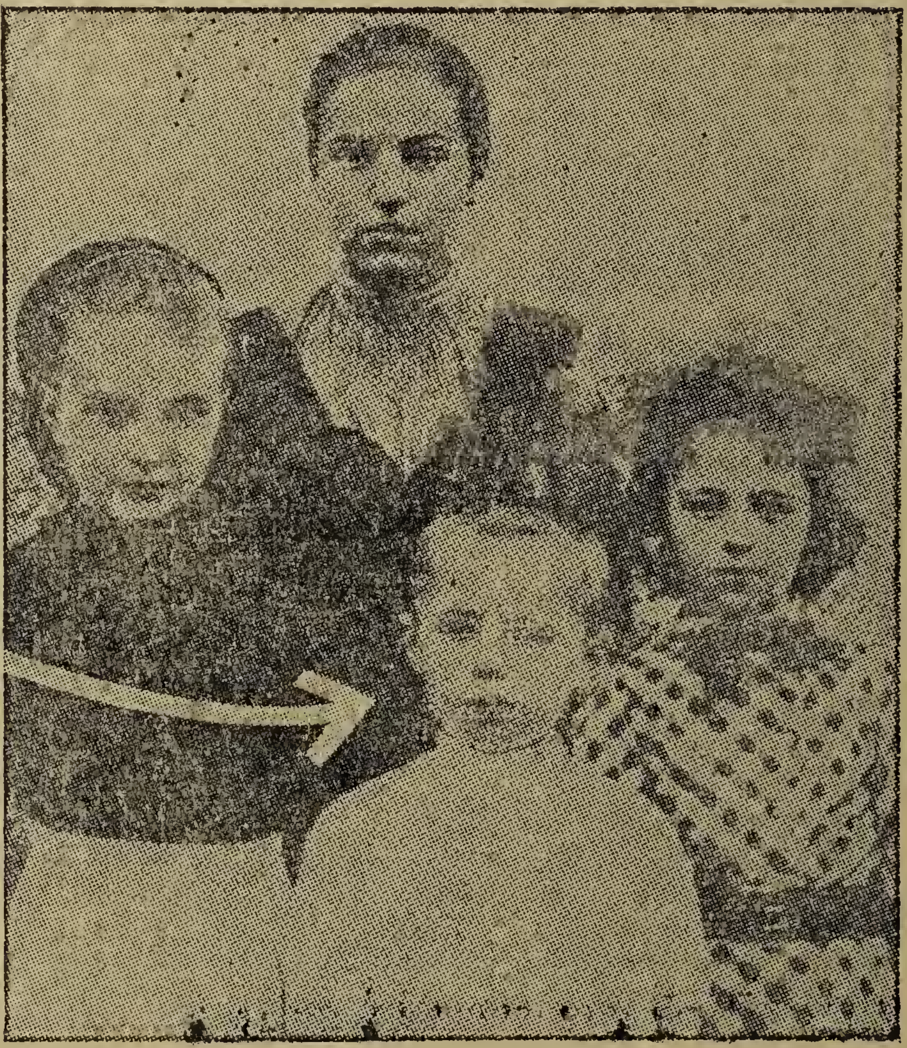

Toda família sentiu-se chocada. Três foram as crianças, todas meninas, colocadas diante da objetiva, mas apareceram quatro, sendo o quarto o menino já falecido!

(Nota — E' preciso mencionar que a fotografia e o ocorrido foram submetidos a rigoroso exame por um físico e um Juiz).

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

IX

A sessão de 13 de Julho de 1950 realiza-se no lar dos esposos Cavalcanti com a presença de 15 Sras. e 9 homens. Os mesmos preparativos, inclusive parafina e água que não foram tocadas pelas entidades.

Terminada a prece, ouvimos a voz de Atanásio que diz: «Graças a Deus! Depois interroga: «Maria, como se liga isto?»

—Ora, Atanásio, é apertando o botãozinho. Você já ligou essa vitrola.

—Sim; mas a gente esquece! Maria, foi você quem escolheu os discos? Pois não sabe escolher!

—Pois você escolha outros. No armário ha muitos.

—Já estou escolhendo; retrucou Atanásio e, no fim da sessão, os discos que se achavam no armário encontram-se espalhados por tôda a parte. Um cavalheiro diz:

—Atanásio, eu já estava com saudades de você.

— Com saudade de mim? Então porque não me escreveu?

Uma Sra. pede a Atanásio para ir fazer uma visita, porém êle interrompe impaciente: «Já sei onde é, é lá onde o Cosme vai fazer sessão»...

A dama corrige: «Não»; e dá um endereço.

—Será que eles lá me recebem? interroga Atanásio.

—Sem dúvida, e com muito carinho.

—Não sei se o Vigário virá hoje. Se não vier, teremos que encerrar a sessão. Depois, terça-feira, faremos sessão aqui e quinta-feira na casa do Ismael. O Cosme tem que descansar três dias, porque êle está muito esgotado e está fazendo sessões sem ordem do Vigário. Êle é muito teimoso e desobediente. Vou tocar um disco que representa a vida do Cosme.

A vitrola põe-se a tocar um Fox Trot que canta: «Gi-ri-bi-ri-bi! Gi-ri-bi-ri-bi!» E Atanásio interroga: «O que é isto?» Ninguém responde.

—Agora vou escolher um disco para o Sr. Alfredo. Soa um disco com um canto sacro, de que o Sr. Cavalcanti gosta muito.

Foi colada à trombeta de aluminio uma espiral de esparadrapo recoberto por uma substância fosforescente, de modo que o megafone fica muito visivel no escuro. Atanásio se acha materializado e quando se interpõe entre mim e a trombeta, me impede de ver a espiral luminosa. Dir-se-ia um homem de carne e ossos como qualquer de nós, mas com a faculdade maravilhosa de ver no escuro absoluto.

A entidade faz-me carícias sôbre a fronte e pede a D. Maria Cavalcanti para rezar o «Pai Nosso» e a «Prece de Cáritas». Enquanto ela ora, o quadro luminoso se eleva no ar marcando o compasso da música de dança que está sendo executada pela vitrola. Toca o tecto em diversos pontos, depois desce e é entregue a um assistente que agradece. Eleva-se a trombeta de alumínio com sua espiral de luz e flutua no ar, marcando com exagero o compasso; igualmente ela bate repetidas vêzes no forro da sala, produzindo o ruído característico. Quando o megafone termina sua dança pelo espaço, volta para a mesa e fica em posição vertical; mas ergue-se de novo alguns centimetros, põe-se horizontalmente, e por êle soa a voz grave do Padre Zabeu: «Boa noite, meus filhos! Deus vos abençoe!» Dá instruções a Ladeira sôbre futuras sessões e dirige-se a um trabalhador do Espiritismo, cujo aniversário é naquela noite; faz-lhe um discurso carinhoso, com expressões como estas:

—Tu és uma das sementes que germinaram no jardim do Divino Cultivador. Toda semente que germinou, o Celeste Jardineiro a recolhe para o seu jardim e a cultiva com amor. Quando todos os habitantes da Terra já fizerem o que tu fazes, êste mundo será transformado em paraiso terrestre. Prossegue sempre com a mesma fé na obra do Mestre e Senhor, porque nunca estarás desamparado das graças de Jesus.

O assistente, emocionado, agradece: «Sim, tenho recebido muita misericórdia, Padre Zabeu; mas a vossa bondade me atribui méritos inexistentes nos trabalbos da Seara...» O Padre Zabeu o interrompe com novas expressões de sublime amor e acrescenta:

—Agora vou conversar com o Cosme.

Vemos a trombeta caminhar lentamente para o corredor, detem-se um momento diante da cabine e desaparece por trás da cortina. Ouvimos as pancadas do alumínio e segue-se o diálogo entre a entidade e o médium.

O Padre Zabeu promete uma visita aos nossos lares e despede-se, depois de haver dado instruções sôbre as próximas sessões. Atanásio retoma a palavra:

—Vocês transmitam ao Cosme as ordens do Vigário, porque êle não liga atenção ao que eu digo.

Dentre as ordens do Padre Zabeu cumpre destacar esta: «Nenhum convidado haverá na próxima sessão. Tomarão parte sómente os presentes e mais o Ladeira».

Luiz Ladeira se achava enfêrmo e não compareceu. Quem fez as preces foi D. Maria José que abriu e encerrou a sessão.

Durante suas palestras, Atanásio disse uma frase que ninguém entendeu. Interrogado sôbre o que queria dizer, respondeu: «Mas isto não é português; eu falei em alemão». Comenta-se que um dos assistentes fala o alemão e poderia conversar com Atanásio nessa língua, ao que êle diz: *«Ich kann aber nicht deine deutsche Sprache verstehen, mein lieber Freund Atanásio!* (Mas eu não posso entender a tua língua alemã, meu caro amigo Atanásio!)

A luz vermelha permaneceu sempre apagada. A parafina, como já dissemos, não foi tocada.

Contrariamente ás ordens do Guia no sentido de repousar o médium, foi logo marcada outra sessão para o dia seguinte, 14 de Julho, em casa do sr. Mario Silva, à Rua das Laranjeiras, n. 550, apartamento 1104.

Para a sessão do dia 14 de Julho de 1950 foram convidadas várias pessoas, além daquelas que o Padre Zabeu determinou tomassem parte.

Quando foi iniciada a prece de aberrura, o médium reclamou que estava entrando luz na cabine. Interrompeu-se a prece e reacenderam-se as luzes para novos arranjos. Isso ocasionou novo atraso.

A' leitura da ata foi sublinhado que aquela sessão era irregular, porque não foram respeitadas as ordens do Guia quanto ao repouso do médium nem quanto aos assistentes. Mesmo assim o Padre Zabeu compareceu generosamente para dizer: «Boa noite, meus filhos! As horas estão avançadas. Para mim, nêste horário, eu não posso permanecer. Jesus vos abençôe!»

Toda a sessão foi de pilhérias de Atanásio e dos circunstantes. Na longa ata que regista essas piadas, nada encontramos que possa interessar ao estudioso. Tudo muito banal. Ficou-nos a impressão penosa de que o sr. João Cosme não tem clara compreensão dos perigos a que se expõe ao desobedecer instruções formais de seu generoso Guia.

A sessão do dia 18 de Julho de 1950, realizou-se em casa do sr. Alfredo Cavalcanti, à rua Dias Ferreira, n. 340, no Leblon.

Além dos preparativos normais, houve uma tentativa de concertar o gradoluz que se achava desarranjado e assim a sessão atrasou mais de uma hora.

Atanásio não compareceu; foi substituido por Geraldo, que não fala: faz-se compreender por tiptologia.

Geraldo bate, pedindo prece. Ladeira ora, e ouve-se pelo megafone a voz do Padre Zabeu que cumprimenta: «Boa noite!». O megafone volta ao seu lugar encima da mesa, mas depois de alguns minutos reergue-se e sôa a voz do Padre Zabeu: «Ladeira, as sessões precisam ter horário certo e também o Cosme deve escolher um lugar definitivo para realizar as sessões. Eu vou falar com o Cosme».

Lentamente encaminha-se a trombeta para a cabine e desaparece por trás da cortina. Não distinguimos as palavras do diálogo. A luzinha volta para a sala e novamente fala o Padre Zabeu: «Ladeira, o Cosme está meio tonto e não póde entender bem o que eu lhe disse; diga-lhe que fica cancelada a sessão que estava marcada para quinta-feira. Depois, quando êle voltar da viagem, marque um lugar certo e definitivo para as sessões».

— E a sessão marcada para a casa do Ismael, não se efetua? Interroga Ladeira.

— Quando o Cosme voltar, realize lá essa sessão e depois escolha um lugar definitivo.

Depois de outras instruções, a trombeta se dirige a um assistente, a quem o Padre Zabeu repreende com delicada firmeza por certo procedimento. Tomamos nota de suas palavras pelo precioso ensino que encerram mas a trombeta volta-se para nosso lado e ordena:

— Ismael, isto não conste da ata.

— Obedecerei, respondemos, e o facto não consta mesmo da ata; aquí só fica registada a extrema delicadeza do Padre Zabeu pela recomendação. Alguém emite um juizo e o Padre Zabeu observa: «Não julgueis para não serdes julgados».

Encerrada a sessão notamos que a água tem gosto de flor de laranjeiras muito vivo. A parafina não foi tocada. Foi breve e pobre de fenômenos essa sessão.

As Supostas Fraudes Espíritas — O Músculo Rangedor

Das hipóteses inventadas pelos negadores das manifestações espíritas, sem falar mesmo nas menos absurdas, tais como a da *alma coletiva*, do *reservatório cósmico*, e outras, avulta, porém, dentre todas, por ser a mais absurda, a do chamado músculo estalante ou rangedor.

Com o propósito de invalidar a hipótese espírita, a mais fácil de, racionalmente, ser aceita, inventaram uma série enorme de sistemas preconcebidos, sem a menor cerimônia. Não levaram em conta, certamente, tais negadores, o ridículo a que expunham os seus nomes, ao inventarem essas proposições, as quais, com a mesma facilidade, caíam por terra, ao primeiro sôpro de uma análise fria e concienciosa. E tantos são, que se poderiam formar com eles um rosário, um rosário de inverdades!...

A essas oposições, que Allan Kardec, houve por bem de classificar de *sistemas de negação*, dedicando-lhes até um capítulo inteiro da sua monumental obra — O *Livro dos Médiuns*, ele as subdividiu em: — do charlatanismo; da loucura; da alucinação; do músculo estalante (a que estudaremos hoje mais desenvolvidamente); a das causas físicas; do reflexo; da alma coletiva; do sonambulismo; pessimista, diabólico ou demoníaco; otimista; unispírita ou menospírita; multispírita ou polispírita e o da alma material.

A todos os argumentos apresentados, e que constituiam os sistemas de negação, acima enumerados, foram prestados esclarecimentos e aduzidas considerações de ordem técnica pelo Snr. Allan Kardec, em confronto com os insuficientes conhecimentos das ciências físicas e naturais, no seu tempo, pelos quais muitos fenômenos poderiam ser explicados. Chegou mesmo a lastimar, sinceramente, que homens de ciência se afoitassem a dar, do que não conheciam, explicações que os factos podiam desmentir, aduzindo mais — que o próprio saber que possuiam devera torná-los tão mais circunspectos em seus juizos, quanto é certo que êsse saber afasta deles as raias do desconhecido.

E assim, constatada que foi a realidade dos fenômenos espíritas, a primeira idéia que acudiu, naturalmente, aos cérebros das pessoas que os assistiram, foi a de atribuir os movimentos observados ao magnetismo, à electricidade, ou à ação de um fluído qualquer, a uma causa inteiramente física ou material. De modo algum essa suposição poderia parecer absurda ou irracional, e teria, realmente, prevalecido no consenso geral si, por sua vez, o fenômeno houvera ficado adstrito a efeitos puramente mecânicos. Havia mesmo uma circunstância, concorrendo para corroborá-la: a de que o aumento do número de pessoas presentes, produzia o aumento da fôrça atuante, na razão direta dêsse número! Chegou-se, então, a pensar, que cada uma delas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana, contribuindo com o seu coeficiente próprio, para que eles se realizassem.

Mas, o contrário foi o que se verificou mais tarde, obrigando os experimentadores a abandonar a ação *exclusiva* de um agente material, porque os movimentos e as pancadas deram sinais inteligentes, parecendo obedecer à vontade e respondiam ao pensamento!... Outra, por certo, tinha de ser a causa produtora dos mesmos, desde que o efeito deixava de ser puramente de ordem física, e foi por isso que não tardou em reconhecer-se, afirmando o seu descobrir, categóricamente: Todo efeito tem causa, e de uma causa inteligente só póde resultar um efeito inteligente.

Armado, assim, com um tal raciocínio, poude Allan Kardec, derrubar todos os sistemas de negação apresentados por aqueles que tinham o propósito deliberado de os invalidar.

Como díssemos, de início, hoje toca-nos estudar apenas um desses sistemas e que, dentre todos, nos pareceu o mais interessante pelo absurdo da sua ideiação.

Todo estudioso dos fenômenos espíritas sabe, à saciedade, que foi por meio de pancadas e batimentos que os espíritos manifestaram a sua presença, entre os homens, em diversas oportunidades, daí serem apelidados os espíritos que assim procediam, de *batedores*. Sendo que ficaram mais célebres, marcando época, as que se produziram num humilde *chalet*, onde residia um pastor protestante com a sua esposa e filhas, em Hydesville, obscura localidade de Rochester, América do Norte, e foram consideradas também, como as que denunciaram o fenômeno. Essa foi a particularidade que levou certo médico a dar dêsse fenômeno uma explicação, no seu modo de entender, perremptória: — «A causa, argumentou êle — reside nas contrações voluntárias, ou involuntárias, do tendão do músculo curto peroneo». O inventor dessa monumental descoberta foi o Snr. Schiff, mas quem lhe deduziu as consequências perante a Academia, foi o Snr. Jobert de (Lamballe), julgando dar assim o golpe de morte nos espíritos batedores, o qual desceu ás mais completas minúcias anatômicas para demonstrar por que espécie de mecanismo, póde êsse tendão produzir os ditos ruídos, assim como imitar os rufos do tambôr e, até executar árias ritmadas... Assim, os que julgam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação, ou de uma ilusão...

Poderiamos, ainda, tecer mais alguns comentários em tôrno dos estalidos do músculo curto perôneo, para explicarem as pancadas e batimentos que os espíritos produziam, como que partindo o éco, como puderam constatar todos os observadores, de dentro da madeira da mesa. Os estudiosos encontrarão, porém, na *Revue Spirite*, do mês de Junho de 1859 pormenorizadamente a explicação do Snr. Jobert.

Estas pancadas ou batimentos, todavia, iriam mais tarde formar o método usado durante muito tempo para as comunicações espíritas, conhecido, hodiernamente, pelo nome de tiptologia.

Com o avançar do tempo, os espíritos foram aperfeiçoando os processos de comunícação. Das pancadas passaram à prancheta, desta à cesta, e desta aos cursores alfabéticos; destes ao lápis, empunhado pela mão do médium. Processos estes que também foram postos à margem.

E como a demonstrar aos homens que os batimentos representavam o *a. b. c.* de uma ciência, que mal despontava, a qual devia ser estudada e meditada pelos estudiosos de bôa vontade, uma vez que, já agora utilizam um novo e original processo chamado de *voz direta*, dispensando toda sorte de aparelho ou utensílio, provando com isso de que quem póde o mais póde o menos...

Contudo, apesar disso, o método usualmente preferido pelos espíritas para as suas mensagens, é o denominado psicografia, ou o oral, através da incorporação no médium ou *aparelho*.

Mas, até que os *sábios das escrituras*, dos nossos tempos se convençam dessas verdades, muita gente terá ainda de criar calos e muita tinta terá de ser gasta... com o Silva Melo à frente.

E ainda hoje poderiam os repetir — «*Stultorum infinitus est numerus...*» (EC. I/15).

J. B. Chagas.

Nova Iguaçú, Janeiro, 1951.

Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria, o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual. KARDEC.

Os Novos Missionários

OS nossos espíritos ficam confortados no conforto moral e material que assistimos serem distribuidos de modo eficaz e discreto, pela palavra e por átos de irmãos abnegados á doutrina, pregada e praticada pelo grande Mestre Jesus.

Conforta-nos sim, principalmente quando esses átos partem de jovens que deixam os prazeres mundanos para, em horas certas de suas folgas de trabalho cotidiano, entregarem-se ao estudo e à dissertação do Evangelho.

Graças, portanto, podemos render a Deus por essa esmola do céu: abençoando esses jovens missionários encarregados de guiarem os velhos estraviados e orientar a mocidade futil que foge do progresso espiritual.

Foi o que observamos em uma das cidades da Central do Brasil, banhada pelas águas mansas do velho rio Paraíba, em cuja cidade encontramos ainda arraigadas tradições religiosas dos nossos antepassados, presas ás visões tétricas de um inferno eterno ou as delicias de um paraíso de contemplação muda e inerte, que a mocidade de hoje procura esclarecer com as lições do Evangelho e pelo conhecimento da doutrina codificada por Allan Kardec, pela qual provam que o trabalho e a luta sempre existiram e sempre continuarão na conquista da evolução, afim de que, cada espírito possúa o seu paraíso nas emanações de seu próprio EU.

Assim, esses jovens que surgem como missionários, amigos e tolerantes, dentro e fóra de seus lares, vão tocando a todos os corações ao conhecimento da VERDADE CRISTÃ.

No Centro Espírita localizado na cidade e alí fundado ha anos, em ótimo prédio próprio, encontramos em sua parte terrea o Albergue Noturno modesto, porém decente e higienicamente organizado para o fim a que se destina. E, em outro ponto da cidade, em uma extensa área de terreno, vamos encontrar, instalado em prédio próprio, com confôrto relativo, o Asilo com diversos velhinhos de ambos os sexos alí internados e caridosamente tratados, com a assistência dos jovens espíritas, e o auxílio material da sociedade local e sob os cuidados clínicos de um médico moço, produto dessa nova geração, pronto para atender os asilados a qualquer hora do dia ou da noite, com a bondade de um apóstolo do BEM.

Aí, nêsse Asilo, observamos também o cumprimento exáto de uma das grandes virtudes da doutrina espírita, permitindo a presença de um sacerdote católico apostólico romano para confessar e comungar a um asilado que havia pedido essa providência à Diretoria, que agiu, alias, com acerto, dentro do respeito à crença alheia e à tolerância cristã.

No Centro Espírita, em dias determinados da semana, é destacada uma dessas abnegadas creaturas para a dissertação de um tema do Evangelho e, em dias subsequentes da mesma semana, outros jovens para o estudo da doutrina em seu conjunto filosófico e científico, permitindo, no decorrer desses estudos, a arguição de qualquer dos assistentes no intuito de esclarecer as dúvidas surgidas.

Aos domingos o catecismo espírita é administrado por professoras espíritas à infância da localidade e com grande aproveitamento e entusiasmo.

Como velho observador dessas campanhas em pról da doutrina, a que mais falou ao meu espírito, com grande alegria, foi o que assistimos nessa cidade, porque alí eles, educando, aprimoram-se aos conhecimentos dos «porquês» da doutrina, sem descuidarem, porém, da CARIDADE, fonte de irradiação do AMOR DIVINO ás suas creaturas.

Assim, vai-se estendendo essa juventude espírita, dentro desses princípios e dessa lógica, em todos os recantos de nosso Brasil, já fadado a ser uma pátria do AMOR e do Evangelho.

Viriato Carneiro Lopes.

O testemunho da vossa fé só o podereis dar através das vossas obras.—*Camargo.*

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

Publicações do Dr. Julio de Abreu Filho — São Paulo

Repetimos mais uma vez e sempre: em Espiritismo só admiramos os que produzem, os que trabalham, pensam e sintam como nós, ou diversamente; tenham ou não os nossos pontos-de-vista.

Procedendo assim, nunca negamos nossa contribuição, modesta embora; nosso apôio ainda que exíguo, à obra dos que trabalham e produzem no desejo de servir à Doutrina.

Assim continuaremos, dentro de um programa definitivo.

Os que trabalham, eficientemente, na difusão da Doutrina, não aspiram outra coisa. E serão, ademais, absolutamente verdadeiros nossos pontos-de-vista, ou os pontos-de-vista do outro confrade? Deus que paira muito acima de nós, que nos julgue...

Haja labor honesto, e sinceridade nos atos e propósitos, que o mais está certo.

Nem nos cabe, tampouco, julgar da sinceridade e honestidade dos que vão trabalhando e produzindo a seu modo, de vez que só vemos a obra, e não a intenção da obra.

Julgando os outros por nós mesmos, razões não temos para duvidar da sinceridade e honestidade de ninguém. E sobram-nos motivos para aplaudir e incentivar a obra alheia, desde que venha beneficiar à Doutrina, para cooperar com os que realmente trabalham e produzem.

Fiel, ademais, a nossa diretriz: colocar a doutrina acima dos agrupamentos sociais; estes acima dos homens, os pontos-de-vista dos confrades, se forem mais claros e lógicos do que os nossos, acima de nós — claro que só nos cabe é colaborar com os que trabalham, e cooperar com os que produzem...

* * *

Dr. Júlio de Abreu Filho é dos espíritas que, embora não afinemos em tudo, merece nossa admiração e cooperação, porque sentímo-lo trabalhando e produzindo.

Estamos à vontade para dizê-lo, de vez que entre nós há muita divergência. Negar, porém, ao confrade ilustre, mérito e capacidade de trabalho só por isso? De modo algum, que não é isto de nosso feitio...

Vemos, efetivamente, com profunda simpatia sua atual capacidade de trabalho, que aumenta aos nossos olhos, levando-se em conta sua idade

Já nos pronunciamos, pela «Revista Internacional do Espiritismo», sôbre a tradução de seu *Evangelho Segundo o Espiritismo* dizendo, com lealdade e franqueza, o que sentimos a propósito de sua atitude e da bela edição de a LAKE.

Sua tradução da REVUE SPIRITE, — que era uma lacuna a preencher na literatura espírita entre nós — é outro serviço que o meio ficará devendo ao confrade ilustre. Com efeito, não era possível continuar desconhecida de tanta gente que não sabe ler o francês, a REVISTA ESPÍRITA que o Codificador manteve durante onze anos.

A REVISTA ESPÍRITA já está no seu 13.o número.

ÉDIPO é seu mensário de doutrina e de combate.

Trata-se de um jornal muito bem feito, bem impresso, que vale a pena ser lido. *Jornal de Cultura Espírita*, como se apresenta. E o é, efetivamente, já no 6.o número, a despeito de seus artigos de análise e de combate ao que adversa seu ilustre diretor, serem enérgicos, incisivos veementes.

Edições EDIPO são volumes que o confrade ilustre escreveu e está editando.

São livros de análise dura, combativa, em que nosso autor se revela tal como é: seguro nos princípios que defende, em que se julga certissimo. São livros de polêmica, de leitura agradabilissima, para quem, como nós, ama o gênero de literatura, que passa, para muita gente, por inútil ou inóquo. Julio de Abreu Filho argumenta com segurança e proficiencia, analizando ponto por ponto, razão a razão o que escreveu o adversário, sem discrepar da boa ética, da compostura próprias dos homens educados e espiritualizados. Aliás, dentro da diretriz de Santo Agostinho, que pôs na abertura de seu POEIRA DA ESTRADA: «Abraçai os homens, mas profligai os seus êrros». Acontece, porém, que os adversários devem pensar, exatamente, do mesmo modo, julgando, sentindo e analizando aquilo que entende por êrros no autor.

Com qual dêles a razão? Se, neste mundo sublunar não há ninguém que se possa vangloriar de estar com a verdade... Só o leitor lendo os argumentos pró e contra, julgando-os com os dons espirituais que Deus lhe deu.

Foi isso o que fizemos, devorando seus dois volumes, POEIRA DA ESTRADA, que lembra, pelo título, o belo volume de versos de Humberto de Campos, e ÊRROS DOUTRINÁRIOS.

O POEIRA DA ESTRADA estuda, analisa, escalpela e comenta o Congresso Paulista de Unificação, em que nos conhecemos pessoalmente, primeiro movimento social para o Pacto Aureo, que aí está.

O ERROS DOUTRINÁRIOS estuda, escalpela e procura arrazar a tese roustainguista, que nos ELOS DOUTRINÁRIOS, Ismael Gomes Braga, indiscutivelmente, outro grande valor cultural na Doutrina, defende e justifica.

Dizemos com o padre Leonel da Franca, outro grande polemista, que é um prazer intelectual assistir dois homens de inteligência, de cultura e de espírito discutirem, polemizarem. Confessamos que gostamos de sentir este prazer. Eis por que lemos todos os volumes, e recomendamos a sua leitura, a todos os irmãos de boa inteligência e bom gosto.

Claro que não estamos cento por cento com o JULIO DE ABREU, de cuja amizade nos desvanecemos. Mas, negar-lhe mérito real, e nosso apoio, modesto embora às suas realizações culturais, contrárias que sejam a nossos pontos-de-vista?

Isso, nunca!

E' assim que aguardamos suas novas publicações. Entre as quais, a tradução das Profecias de Daniel e do Apocalipse de S. João, de Isaac Newton, prometida para muito breve.

—

TEATRO DA MOCIDADE

Edição da Gráfica «Mundo Espírita».

Crítico de nós mesmos? Absolutamente.

Mas, para anunciar que está na rua nosso terceiro volume de teatro espiritualista, — O TEATRO DA MOCIDADE — e proclamar a excelência da edição da Gráfica «Mundo Espírita.

Pedidos ao Lar de Jesus, à emprêsa ou à Livraria de «O Clarim».

—

«DOIS MUNDOS»

(Editora Estudos Psíquicos — Rua do Salitre, 149 1.º — Lisboa) — *Amadeu Santos.*

Dois mundos! Desde o admirável Parmênides — o descobridor do Princípio da identidade — que a teoria dos dois mundos tem empolgado os espíritos empenhados no estudo dos segrêdos da Metafísica. O divino Platão desenvolve magnificamente a teoria dos mundos *sensível* e *inteligível* (o ilusório e o real), admitindo e sustentando a possibilidade e da atividade espiritual em ambos. O mundo das idéias seria o verdadeiro e no qual os espíritos viveriam na convivência com os deuses na posse de toda luz, gozando da plenitude do conhecimento. Com a decadência, os espíritos seriam forçados a viver no mundo sensível, que é o nosso, só percebendo a realidade parcial, através da reminiscência.

De Platão aos nossos dias o assunto nunca foi inteiramente descurado, girando sempre em tôrno dos mais diversos temas, tendo em vista o *ser* e o *não ser*, o *físico* e o *psíquico*, o *cognoscível* e o *incognocível* (Comte), o *real* e o *ideal*, o *amanual* (Heideggar) e o *problemático*...

Com Allan Kardec devia fazer-se — e fez-se — uma distinção última e definitiva. Existem de facto, dois mundos: o *material* e o *espiritual.* Do material constam todos os planetas, conhecidos e desconhecidos, habitados por espíritos *encarnados*, isto é, possuidos de um corpo carnal; do espiritual consta o Espaço infinito habitado por almas ou espíritos *desencarnados.*

«Dois Mundos», que o espírito de Lia inspirou ao humanista português Isidoro Duarte Santos, é um livro singular que nos fala não apenas dêsses dois mundos kardecianos, mas que nos revela coisas estupendas, nos faz verdadeiras revelações acêrca da vida dêles... Revela-nos coisas de concepção quasi inatingível, mas preciosas, do mundo espiritual e, por incrível que pareça, mostra-nos coisas importantes do mundo material a que pertencemos, que desconheciamos, e que gente boa, para não dizer muito sábio de fancaria, ignora ainda!

Maria Gonçalves Duarte Santos, em muitas passagens da sua excelente obra, faz-nos lembrar André Luiz, espírito lúcido que, por intermédio do nosso Chico Xavier, tão conhecido e justamente apreciado pela excelência de suas obras psicográficas numerosas, nos tem brindado com profundos conhecimentos de caráter científico-religioso.

Alguns dêsses livros, a princípio, custaram a ser compreendidos até por espíritas de renome. Verdadeiras restrições foram feitas às teorias sustentadas nêsses soberbos mananciais de saber. A mesma sorte coubera ao livro «A vida além do véu», de G. Vale Owen!

Admitamos, com efeito, que nesses livros se sustentam téses legitimamente revolucionárias, na boa acepção do vocábulo. Téses que, já agora, não podem ser ignoradas e muito menos rejeitadas pelos que se jactam de possuírem *olhos de ver* e entendimento de entender! Os espíritos retrógrados só tardiamente identificam a evidência dos factos. O retardamento psicológico, aliás, não é apanágio apenas dos espíritos medíocres. Ha espíritos atilados e clarividentes que se deixam dominar pela névoa dos preconceitos. E não se diga que o nosso meio prima por uma objetividade integral! Ha, pelo contrário, quem prefira a subjetividade. A's vezes ela se torna mais cômoda, mais conveniente... Nem todos gostam de fazer fôrça e porisso preferem o servilismo.

O comodismo é uma das quiméras da vida que desfrutam de incontestável prestígio e exercem profunda influência nos espíritos rotineiros. Se já possuímos uma meia-verdade, eminentemente consoladora, para que buscarmos uma verdade-integral?!...

Eis porque as idéias simplesmente avançadas são ás vezes combatidas e julgadas aprioristicamente.

«Dois Mundos» é um livro de incontestável mérito. Nêle ha conceitos de profunda objetividade. Ha filosofia verdadeira, exposta em têrmos de singeleza comovedora; ha ciência legítima, que entra pelos olhos com uma expontaneidade maravilhosa; ha princípios religiosos de pura moral, que transcendem à mais franca e natural sensibilidade. O texto da obra fala-nos, todo êle, de problemas sérios, de temas singulares, de postulados e regras de conduta que bem dizem da sua utilidade prática e objetiva. As idéias são expostas com cativante clareza de linguagem, num estílo próprio e quiçá agradável. Os assuntos primam pela ordem e coerência dos conceitos, evitando-se os escolhos da fantasia e da metáfora que, se por um lado emprestam um indisfarçável colorido literário, por outro arrastam, não raro, o leitor desprevenido ao cipoal da ficção e do fantástico, capazes de levá-lo aos perigos da dúvida céptica.

Os vários capítulos da obra, conquanto versem assuntos heterogênios, formam, no entanto, um conjunto harmônico, homogênio, um maciço de beleza doutrinária do ponto de vista moral, capaz de impressionar as pessoas mais desavisadas.

«Dois Mundos» é livro que merece ser lido por quem realmente se interessa pelos problemas fundamentais da Vida e quer aprimorar conhecimentos relacionados com a Terceira Revelação.

Mediunidade e as Vibrações Intensificadas

Do semanário inglês de 21/10/50 «The Greater World» e publicado em Londres pela Liga Espírita «O Mundo Maior», extraímos uma interessante advertência, dada pelo Espírito Zodiac e destinada àqueles que ainda desconhecem certos PERIGOS, a que se acham expostos, não sómente os médiuns, especialmente os de transe profundo (sonâmbulos), como também o assistente descuidado.

Não é demais repetir aqui o conselho de Allan Kardec: «de nenhuma forma deve ser tocado, nem de leve, um «aparelho» (médium) em transe profundo». — Porque? Simplesmente porque um toque inadvertido num dêstes delicados aparelhos de sonambulismo pode causar até a desincarnação do espírito do médium, pelo rompimento do cordão fluídico; pode, também, causar graves disturbios (até cegueira) na saúde do médium, pelo choque de retôrno violento do espírito. Basta o mais das vezes, um leve toque com a mão de qualquer assistente dos trabalhos mediúnicos, embora se trate do próprio presidente da mesa ! Pois, sabemos que ha neste Brasil afóra muitos «presidentes»... (!) que ignoram ainda o perigo que acabamos de expor ! E por que o ignoram ? Unicamente por falta de estudo ! !

Assim informa «The Greater World» de Londres, com referência a um acontecimento ocorrido num templo espírita, com o seu próprio presidente (The National Spirit. Church) na cidade da Carlisle, quando o Espírito ZODIAC dirigiu a uma grande assistência uma das suas muito importantes pregações por meio do seu médium sonâmbulo Miss Winifred Moyes.

Num dado momento, ao fim quasi do serviço religioso (sermão), Zodiac costuma descer do púlpito, geralmente para dirigir a um ou outro dos presentes, no vasto salão, uma palavra particular de conforto e de ânimo.

O presidente, nessa ocasião, por gentileza, querendo auxiliar o médium ao descer os degraus da escada, estendendo para isso a mão, imediatamente Zodiac adverte-o rigorosamente : «Touch not the instrument I use !» ou seja «não toque o instrumento de que estou me servindo» ! E ao retirar a mão novamente, o presidente sem querer, roçou de leve a mão do instrumento... e assustou-se, pois ficou queimado como si fosse com fogo, o lugar onde tocou inadvertidamente no médium ! Neste instante disse Zodiac : «Não foi minha intenção em queimá-lo !»

— Posteriormente, a médium Miss Winifred Moyes, ao saber do ocorrido, expressou o seu pesar ao presidente e explicou que aquela sensação de queimadura, como fogo vivo, é causada devido à tremenda aceleração das vibrações, quando um médium se encontra debaixo do contrôle de um espírito altamente evoluido !

* * *

Nota interessante :

A médium inglesa Miss Winifred Moyes sofre desde há alguns anos de uma paralisia completa (prova por ela escolhida antes de reincarnar ! Assim mesmo, ela não falta a nenhuma das reuniões semanais e é conduzida para os respectivos templos espíritas (até fóra de Londres) em uma cadeira de rodas ou numa padiola quando em viagem de trem, e é sempre assistida por duas enfermeiras.

Iniciada a prece de abertura do serviço religioso, Zodiac toma o seu aparelho (médium) que deixa então de ser um corpo paralítico, durante todo o tempo que Zodiac se utiliza dêle para transmitir o seu sermão e muitas vêzes, ao terminar a pregação, ele desce sem qualquer auxilio pelos corredores das cadeiras da assistência para dizer algo, geralmente assuntos de familiares «do outro lado» a esta ou aquela pessoa no meio da sempre grande assistência, sem que os visados esperassem tão agradável surpresa.

Em seguida caminha Zodiac ao seu púlpito para abençoar todos os presentes com os braços abertos. No momento que Zodiac deixa o corpo da médium, descem também, instantaneamente, os braços. Naquele mesmo instante, cai o corpo já desocupado por Zodiac, nos braços das duas enfermeiras já postadas atrás do corpo de Miss Moyes e em seguida acomodam a paralìtica em sua cadeira de rodas.

* * *

Os diversos taquìgrafos entregam em seguida ao presidente as folhas de notas sôbre a pregação de Zodiac para fins de publicação posterior no semanário da Liga «O Mundo Maior». Também os médiuns videntes (autorizados !) entregam as suas notas sôbre as observações feitas antes, durante e ao terminar do «Serviço Zodiac», observações que geralmente tocam em sublimidades maravilhosas ...

* * *

A assistência, desde o momento de entrar num templo espìrita, mesmo que se trate do menor Centro, — guarda um silêncio respeitoso, e isto, em qualquer templo espìrita em toda Inglaterra, (contrário à muitos centros do Brasil, onde a assistência julga precisar debater as ocorrências do dia, até que comece a abertura dos trabalhos . . ., o que produz, em geral, péssimos ambientes e onde os pregadores lutam para poder desenvolver os assuntos evangélicos!)

Não é, por ventura, um Centro Espìrita um templo sagrado?... tal como o é qualquer templo, seja católico ou protestante? Em todos êles se observa o silêncio num recolhimento de prece, favorecendo assim um ótimo ambiente para aquêle que deseja desenvolver uma pregação evangélica.

Max Kohleisen

Piracicaba, Dezembro de 1950.

Crônica Estrangeira

Descoberta de Relíquias Históricas por meio de comunicações espíritas

«De Two Worlds»

Foram desenterradas, na localidade de Longniddry, Haddington, relíquias pre-históricas, algumas do mais alto valor arqueológico. A descoberta foi o resultado direto da intervenção do Mundo Espiritual.

Escavações feitas obedecendo a certas indicações da presença dessas relíquias, não tiveram sucesso, mas quando vieram instruções dos espíritos indicando os pontos a escavar, apareceram as relíquias, foi o que afirmou recentemente o Snr. Scott Harrisson aos membros da Associação Central de Espiritualistas de Glasgow.

Operários abriam valetas para alicerce de uma casa de campo, quando deram com um ataúde de pedra, que o arquiteto, presente no local, reconheceu pertencer à éra pre-histórica.

O facto foi por êle comunicado ao Dr. Graham Callender, do Museu de Antiguidades de Edinburgh. Êste, acompanhado pelo Dr. Ritchic, da Universidade de Edinburgh, visitou o local e afirmou pertencer a sepultura à primitiva Era do Bronze (1.700 anos anterior à Era Cristã).

Cemitérios Pictográficos

O Dr. Callender lastimou não dispôr de verba para escavações, pois acreditava ser o local antigo cemitério pictográfico!

O arquiteto, snr. Harrison sugeriu a idéia de se obter a colaboração de um grupo de escavadores voluntários, se o Dr. Callender se prontificasse a dirigir o trabalho.

Isto assentado, catorze homens começaram à escavação,

As perfurações eram feitas a esmo, pois não se podia supôr um arranjo metódico de sepulturas. Os trabalhadores abriram duas trincheiras de dezoito metros de comprido por dois de largo.

Nada foi encontrado

Desapontado, o snr. Harrison, que a êsse tempo realizava com dois amigos, sessões experimentais de tiptologia, perguntou na próxima sessão se no «Outro Mundo» havia alguém capaz de indicar onde escavar.

A resposta, pela tiptologia, foi um positivo «Sim», e após uma longa série de perguntas, receberam precisas instruções.

Para começo de nova trincheira, o espírito deu medidas iniciais, de um extremo da trincheira já aberta, de uma cêrca e de uma muralha, escavação que deveria estender-se para o sul e então voltar à esquerda. As distâncias eram em *passos;* falharam todas as tentativas para obter as medidas em jardas ou pés.

O comunicante afirmou que seriam descobertas três sepulturas.

Informação Confirmada

O relato dessa sessão, no dia seguinte transmitido por telefone ao Dr. Callender, foi recebido a gargalhadas. «Bem», disse o cientista, «escavai à vontade, alí ou em qualquer outro lugar!»

No domingo seguinte os trabalhadores, já em número mais reduzido, começaram no ponto indicado e a um metro abaixo da superfície, os enxadões bateram numa lage funérea.

Pouco depois e na distância exáta encontaram outra lage. A trinta ou sessenta centímetros desta á esquerda, uma terceira, esta uma cinerária bastante quebrada.

Não encontraram outros restos nessa trincheira. Os arqueólogos se bem que surpresos, insistiram em atribuir as descobertas à pura coincidência.

Mais sepulturas indicadas

A seguir realizaram outras sessões e houve indicação de outras sete sepulturas, grandemente separadas e irregularmente colocadas.

Também houve menção de uma sepultura isolada que conteria bronze; mais ainda, outras seis apresentavam curiosa formação, estas em sentido diagonal relativamente á primeira trincheira.

Natural era o excitamento entre os assistentes nas sessões subsequentes e provavelmente devia a isto e ao facto de serem grandes as distâncias — quarenta passos ou mais — as escavações próximas aos pontos indicados ; foram baldadas e as sessões foram suspensas, pois o inverno se aproximava e as escavações só eram feitas aos domingos e á tarde.

Confirmação ulterior

No ano seguinte o trabalho proseguiu sistematicamente e apareceram as sete sepulturas indicadas, localizadas bem próximo ás escavações já feitas, e em alguns casos distavam apenas algumas polegadas, de modo que, se mais extensas fossem as escavações anteriores, todas as sepulturas seriam indubitavelmente descobertas.

Não existem outras no local. A sepultura isolada, suposta conter bronze, não apresentou êste metal, mas a cinza dos ossos cremados e apresentava vestigios indicativos de terem existido objetos de *cobre*, porém desintegrado.

Estas últimas eram sepulturas de pedra, urnas cinerárias de barro cozido e algumas abertas.

Esta variação, bem como os objetos encontrados de mistura com os ossos cremados sugere, na opinião dos peritos, que êsses sepultamentos abrangeram no mínimo, um período de 200 anos.

Um achado de grande valor

Os objetos achados são uma faca de pederneira de Dussex, diversas raspadeiras de osso e pederneira, panelas de barro cozido e um par de ornamentos da espécie de vidro crú produzido quando intenso fogo é aceso sôbre areia.

Êsses ornamentos, presumivelmente brincos, eram perfurados e certamente um par, — um achado do maior valor arqueológico, visto só existir outro ornamento semelhante. Todos os restos agora estão no Museu de Antiguidades de Edinburgh, doados pelo Conde de Wemyss, em cujas terras fizeram as descobertas.

Evidentemente, a entidade espiritual foi capaz de ver objetos existentes na superfície, enxergar sepulturas através da terra e medir as distâncias em normais passos humanos.

⁂

Visões em leitos mortuários

«Light»

De todas as provas da Sobrevivência, a mais notável é a que descreve a cena da partida dêste mundo. Vamos citar um caso em que a moribunda foi a única a perceber a entidade espiritual junto ao seu leito. O Dr. Paul Edwards escrevia, em Abril de 1903, ao diretor da Light :

Lá para o ano de 1887, quando habitava na California, fui chamado à cabeceira de uma pessoa cara e que se achava em seus últimos momentos, em consequência de doença pulmonal. Todos sabiam que esta mulher pura e nobre, esta mãe exemplar, estava condenada à morte iminente. Também ela acabou por se aperceber disso e quís preparar-se para o grande instante. Tendo chamado seus filhos para perto da cama, abraçou-os alternativamente, depois do que os fez voltar. Seu marido aproximou-se por último, afim de lhe dar e receber o último adeus. Êle a encontrou em plena posse de suas faculdades intelectuais.

Começou ela por dizer-lhe : «Newton, (era o nome do marido) não chores, porque eu não sofro e tenho a alma confiante e serena. Amei-te sôbre a terra; amar-te-ei ainda depois de minha partida. Espero vir a ti, se isso me fôr possível; não o podendo, velarei do céu por ti, por meus filhos, aguardando a vinda de todos. Agora, o meu maior desejo é ir-me embora... Vejo várias sombras que se agitam em torno de nós... todas vestidas de branco... Escuto uma deliciosa melodia... O'! eis aquí minha Sadie! Está perto de mim e sabe perfeitamente quem sou». (Sadie era uma filha que ela havia perdido dez anos antes).

— «Sissy—, lhe disse o marido, — minha Sissy, não vês que sonhas?

— Ah! meu querido — respondeu a enfêrma — porque me chamaste? Terei agora mais trabalho para voltar. Sentia-me tão feliz, no Além; era tão delicioso, tão belo!»—Cerca de três minutos depois a agonizante acrescentou:—«Volto de novo e desta vez não tornarei, ainda mesmo que me chames».

Esta cena durou oito minutos. Via-se bem que a doente gozava de completa visão dos dois mundos, ao mesmo tempo, porque falava das figuras que se lhe moviam em torno no Além, e na mesma hora, dirigia a palavra aos mortais dêste mundo...

Nunca me sucedeu assistir a um trespasse tão impressionante, tão solene.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Segunda Semana Espírita de S. Sebastião do Paraíso

Alcançou êxito invulgar a Semana acima, realizada no período de 18 a 25 de Fevereiro pp. Nada menos de 200 caravaneiros estiveram presentes á essa solenidade, representando as seguintes cidades: São Paulo, Franca, Ribeirão Preto, Cassia, Monte Santo, Guaxupé, Guardinha, Altinopolis, S. Tomaz de Aquino, Passos e outras localidades vizinhas. Revezaram-se na tribuna os confrades, Dr. Tomaz Novelino, Jony Doin, Prof. Raimundo Macedo Filho, Wagner de Castro, Dr. D'Angelo Neto e Vicente S. Neto.

As reuniões foram realizadas na séde da Liga Operária Beneficente. Durante a Semana, o salão, que comportava 800 pessoas, foi pequeno pelo entusiasmo que contagiou a «Princeza do Sudoéste Mineiro», visto como, em todas as noites, inúmeros foram os visitantes locais que voltavam a seus lares pela falta de acomodações. Prometeram os organizadores da Semana, tomar providências para as futuras festividades no ano próximo no sentido de conseguirem local mais adequado para êsse fim. Passando ao comentário desses 8 dias diremos ter sido os mesmos de uma vibração «sui generis» de vez que, não só os temas e conferências abordados pelos oradores escalados, como o Teatro da Mocidade Espírita local, com artistas próprios, agradaram sobremaneira em todos os sentidos.

Deram ainda sua presença nesse conclave de fé viva, mais os confrades: Dr. Agnelo Morato, José Russo, Prof^{a} Maria Aparecida Rebelo Novelino, o irmão Genésio, da Livraria «Nova Era», de Franca, Vicente Russo, Ari Lima, o inspirado e notável poéta local, e ainda, devidamente autorizadas, as Mocidades Espíritas das cidades acima citadas. Dentre os programas de maior realce cumpre assinalar o Torneio Evangélico promovido pela Mocidade Espírita de Franca, tendo á frente o seu novel presidente, o jovem Eusvaldo.

A Snrta. Glaucia Costa, da Mocidade Espírita de Monte Santo, Vicente S. Neto, de S. Paulo e Snrta. Maria Aparecida, de Guardinha, foram os vencedores dessa interessante luta, recebendo livros autografados gentilmente pelos disputantes.

Antes e após o termino das reuniões, todos os jovens, «a una voce», entoavam, de coração, inumeros hinos conhecidos nos arraiais espíritas.

Numa das noites, ainda atendendo a especial convite, a Mocidade da Igreja Presbiteriana incorporada, assistiu ao programa lítero-musical, e segundo impressões obtidas, confessaram-se encantados com o mesmo. Oxalá que em futuro, tais convites se repitam de modo fraterno e amistoso.

Os promotores da 2.a Semana foram pródigos em tudo, acolhendo em seus lares todos os visitantes, gesto êste que se vai alastrando de maneira comum em nossos meios. No último domingo, 25, foi proporcionado um pic-nic na localidade de Termopólis ou Aguas Quentes. Saindo ás 7 horas, os turistas alertaram os moradores do percurso e depois de horas cheias de encantamento espiritual, voltavam à cidade para a última jornada. Cumpre salientar, com destaque, que o casal Pompeu e Maria Giubilei e demais familiares, foram os leais e denodados obreiros dêsse conclave, e a eles rendemos os nossos agradecimentos.

A imprensa Espírita esteve presente pelos seguintes órgãos:

«Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», de Matão; «A Nova E'ra», de Franca; «O Caminho», de Guaxupé; Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo; Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo e mais centros espíritas de diversos lugares.

A Editora LAKE de S. Paulo apresentou uma Exposição de livros. Colaboraram gentilmente por diversos meios, a Federação Espírita do Estado de S. Paulo, União Social Espírita e a Liga do Estado de S. Paulo. A Orquestra «Amantes da Arte» e o Teatro Artístico da Mocidade Espírita local, foram também um dos pontos altos do inesquecível conclave.

Êsse, pois, o resumo do que assistimos em São Sebastião do Paraíso.

Vicente S. Neto.

II Congresso Educacional Espírita

A instalação do II Congresso Educacional Espírita que reuniu educadores de todo o Estado, teve lugar no dia 26 de Janeiro do corrente ano, para discussão e solução do importante problema educacional.

O certame foi convocado pelo Instituto Espírita de Educação, entidade criada pelo I Congresso Educacional Espírita, promovido pelo Departamento de Educação da União Social Espírita, em Janeiro de 1949.

O II Congresso Educacional teve a duraçao de três dias e obedeceu ao seguinte temário:

Dia 26 — ás 19 hs., assinatura do livro de presença e entrega de credenciais aos congressistas, na séde da Federação Espírita; ás 20 hs. apresentação do relatório das atividades do Instituto; leitura dos nomes dos participantes do certame; saudações aos presentes; constituição das comissões de: tése, revisão dos Estatutos, redação final, pedagogia e doutrina.

Dia 27 — A's 10 hs., na séde da Federação Espírita, reunião plenária, para leitura e discussão do Boletim n.º 1, que trata da regulamentação legal do ensino no Estado; 2) discussão do Boletim n.º 2, que trata do Regimento Interno, para funcionamento de colégios em geral; 3) apresentação de sugestões sôbre o Instituto; ás 14 hs. na séde da União Federativa, reunião plenária para reforma dos Estatutos e leitura e discussão do Boletim n.º 3, que trata da Regulamentação do Ensino Religioso; ás 20 hs. na séde da Sinagóga Nova Jerusalém, reunião litero-musical, oferecida pelo Instituto aos congressistas.

Dia 28 — A's 10 hs. na séde da Liga Espírita prosseguem as discussões do Boletim n.º 3; leitura de mensagens recebidas e constituição de uma comissão para elaborar um memorial a ser enviado ao Congresso Nacional, afim de se definir a posição religiosa do Espiritismo nas Escolas Públicas.

Eleição do Conselho

A eleição do conselho ficou a cargo da Assembléia Geral de sócios, convocada em reunião extraordinária no dia 11 de Fevereiro, e foram eleitos com mandato de seis anos os confrades: Pedro de Camargo (Vinicius), J. Herculano Pires, J. Gonçalves Pereira, Carlos Jordão da Silva, E. Manso Vieira e Lauro de Almeida Carneiro; com mandato por 4 anos os confrades: Haydée Guedes dos Santos, Luiza P. C. Branco, Edgard Armond, Aliomar B. de Andrade, Américo Mantagnini e D. R. Azeredo; com mandato por 2 anos: Patricio Penhas, Amelia Anháia Ferraz, Tuany Valdetaro, Jony Doin, Wenefredo de Toledo e Reinaldo Martinelli; foram eleitos suplentes: Maria Candida Xavier, Iracema Martins de Almeida, Maria Marcondes Arouca, José Andreucci, Euclides de Oliveira Marques, Ary Lex, José Graciano e Cid Orlandi.

Eleição da Diretoria

A eleição de diretoria teve lugar no dia 18 de Fevereiro e ficou assim constituida: Presidente, Pedro de Camargo (Vinicius); Vice, Emilio Manso Vieira; Secretário-Geral, J. Gonçalves Pereira; 1.° Secretário, Reynaldo Martinelli; 2.° Secretário, Wenefredo de Toledo; Tesoureiro Geral, Aliomar B. Andrade; 1.ª Tesoureira, Amelia Anháia Ferraz.

Pelo exposto verificam os confrades que os educadores espíritas enxergaram a necessidade de solucionar o problema educacional dentro de muito pouco tempo.

Espíritas — mãos à obra de Salvação! O trabalho é de todos!

Amelia Anháia Ferraz.

(Do Departamento de Propaganda do Instituto Espírita de Educação).

II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul

Da Comissão Executiva do II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, recebemos a seguinte circular:

Pôrto Alegre, 15 de Março de 1951.

Prezado irmão,

Levamos ao vosso conhecimento que a Comissão Executiva, por unanimidade de votos, atendendo a motivos relevantes, entre os quais os compromissos decorrentes do início do ano, que absorveram a quasi totalidade dos seus componentes em outros setores da Seára Espírita e mais ainda, pelo desejo de homenagear o excelso missionário coodificador da Terceira Revelação, Allan Kardec, resolveu fazer dilação da data do «II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul» para 3 de Outubro do corrente ano.

Nêsse dia, será realizada a Sessão Solene de Abertura, ás 21 horas, no Teatro São Pedro, seguindo-se as sessões plenárias nos dias 4, 5 e 6, fazendo-se o encerramento no dia 7.

Como consequência do adiamento, foi fixado o dia 31 de Agosto como último do praso, dentro do qual devem ser apresentados os trabalhos do Temário Oficial, e bem assim o dia 15 de Setembro como final para a inscrição de Congressistas, individuais ou coletivos.

Teremos especial agrado em receber sugestões sôbre a programação, para submete-las à Comissão Executiva, que organizará, dentro em breve, a definitiva estruturação dos trabalhos do Congresso.

Fazemos votos pelo vosso progresso, sob a égide dos princípios iluminadores do Cristo de Deus.

Pela «Comissão Executiva»
(a) *José Carvalho.*
Secretário Geral

Caravana da Fraternidade

Um movimento nobre a prol de maior entendimento entre os espíritas de boa vontade.

Leopoldo Machado.

A ULTIMA ETAPA

A ultima etapa da *Caravana da Fraternidade* foi em Belo Horizonte e Pedro Leopoldo.

Terminou onde devia.

De um congresso mineiro, saiu o primeiro movimento de unificação.

Em Pedro Leopoldo, seria justo ouvissem os caravaneiros, de irmãos seus, maiores, que veem de mais alto, como se teriam desobrigado das tarefas redentoras que lhes foram cometidas do Alto.

⁂

O «Espírito Santo», da *Aerovias*, levantou vôo, ao amanhecer, de S. Luiz do Maranhão. Depois de dez horas incompletas de vôo, em Belo Horizonte. E à noite, depois dos caravaneiros repousados cinco horas, em Pedro Leopoldo.

Milagre da civilização do Século XX, que não realizou, ainda, o milagre maior e mais facil de acabar com as guerras, de propiciar à humanidade a solução do problema de sua felicidade mesma!

⁂

Na Pampulha, irmãos queridos, a despeito do quasi imprevisto da chegada, que lotaram um onibus e quatro automoveis, a nossa espera.

E mais abraços e cordialidades, bem

iguais aos que, por toda parte, andaram os caravaneiros recebendo. Confrades e irmãs queridas, jovens e mais velhos, todos, ansiosos de entrar no conhecimento dos pormenores da excursão. Principalmente, no tocante aos propósitos dos irmãos visitados com respeito aos altos objetivos da unificação.

—Os melhores propósitos, não ha negar. Todos anseiam a mesma coisa, ainda que perlustrem caminhos aparentemente dessemelhantes...

* * *

A sessão no *C. E. Luiz Gonzaga*, em Pedro Leopoldo, foi longa. Aliás, como soe acontecer sempre. Só depois de tiradas umas quinhentas receitas pelo Chico Xavier e seu irmão André, vieram as mensagens para a Caravana. Apenas, duas: a mensagem do Emanuel e um belo soneto do Amaral Ornelas. Duas coisas muito significativas a assinalar: sómente os dois grandes Espíritos não estiveram em contacto, através de médiuns insuspeitíssimos, com os caravaneiros, durante a excursão. Os outros, que compõem a Caravana Invisível, como afirmaram e demonstraram eloquentemente—Guillon Ribeiro e Cairbar Schutel, José Petitinga e Humberto de Campos, Viana de Carvalho e Bezerra de Menezes, Fred Figner e Catulo Cearense—encontraram oportunidade para trazer-nos seu incentivo. E no belo soneto de Ornelas, — irmão querido com quem mantivemos a maior cordialidade no plano material — frisa o autor o 40.º dia de atuação da Caravana. Quarenta dias exatissimos, em que nenhum de nós havia posto atenção!

* * *

No dia seguinte, um almoço muito íntimo e fraterno, na SOPA DOS POBRES. Uma gentileza sem nome e uma alta prova de pura fraternidade que os queridos irmãos mineiros oferecem aos três caravaneiros. E foram completadas quatro grandes mesas. Coube-nos a prece de graças por aquêle derradeiro ágape do extraordinário programa da Caravana da Fraternidade. O Noraldino de Castro faz o oferecimento do almoço, em nome de seus companheiros e a saudação aos caravaneiros. Francisco Spinelli agradece. Batem-se algumas chapas, para maior fixação material do acontecimento. Ambiente em tudo à alta do alto ideal que nos reunia alí, aguardando reunião maior, logo mais, à noite, na *União Espírita Mineira*.

* * *

E na reunião da noite, o primeiro relato de público do que fôra a Caravana da Fraternidade ao longo do Norte, desde Salvador a Manaus, com pousada e demora em todas as capitais e mais em Parnaíba.

A presidência da reunião, que atraiu assistentes para repletar, completamente, a séde da U. E. M coube ao venerando dr. Camilo Chaves. A prece inicial coube ao Carlos Jordão da Silva, que faz o primeiro relato, abrangendo as quatro primeiras cidades visitadas. Depois, Francisco Spinelli e nós. Entre um e outro relato, a atuação dos moços com números de arte, declamação e canto. Aliás, números apreciabilissimos, na escolha e na dição, essa coisa nem sempre comum em em programas semelhantes. O jovem Newton Boechat profere a prece de encerramento, com muita emoção e encerra-se a sessão.

* * *

Agora, a Mensagem de Emanuel e o Soneto de Amaral Ornelas.

Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, em sessão no Centro Espírita «Luiz Gonzaga» a 11 de Dezembro de 1950, por intermédio de Francisco Candido Xavier, e destinados aos caravaneiros presentes:

Meus amigos, muita paz.

Jesus é o centro divino da verdade e do amor, em torno do qual gravitamos e progredimos.

Por se guardarem leais em torno d'Êle, unidos, não só nas plataformas verbalísticas, mas também na fraternidade real e no espírito de sacrifício, os cristãos da epopéia evangélica inicial, sofreram, lutaram e amaram, durante trezentos anos, esperando a renovação do mundo.

Hoje, o espetaculo é diferente. Não mais tronos da tirania na governança dos povos e não mais os circos de lama e sangue, exigindo a renúncia extrema nas angústias da sombra e da morte, mas, prevalecem dentro de nós, as fôrças escuras da perturbação e da desordem, reclamando o exercício de toda a nossa capacidade de trabalho restaurador no mundo de nós mesmos.

Ha uma Terra diferente aguardando-nos os corações e as mãos na restauração da Vida e o Espiritismo Cristão, pelos espiritistas, é a luz que deve resplandecer para os tempos novos.

Daí, o imperativo de nossa unificação nos alicerces do serviço. Claro que a sintonia absoluta de todas as interpretações doutrinárias num fóco único de visão é realização impraticável e, por agora, impossível. Cada criatura contempla a natureza e o horizonte do ângulo em que se coloca. O semeador do vale não verá o mesmo jogo de luz no Céu, suscetível de ser identificado pelo observador do firmamento situado no monte.

Que os trabalhadores do bem sejam honrados na posição digna em que se colocam. O jovem é irmão do velho, e aquêle que ampara o alienado é companheiro do missionário que escreve um texto consolador. A Doutrina Redentora dos Espíritos é um edifício divino na Terra, e o servidor que traça paisagem simbólica e sublime no altar mais íntimo dêsse domicílio sagrado de fé, não póde ironizar o cooperador que empunha a picareta, nas bases da casa para sustentar-lhe a higiene, a segurança e a beleza, muitas vezes, com suor e lágrimas.

Cultuemos, acima de tudo, a solidariedade legítima. Nossa união portanto, ha de começar na luz da boa vontade.

Guardemos boa vontade uns para com os outros, aprendendo e servindo com o Senhor, e felicitando aos companheiros que se confiaram à tarefa sublime da confraternização, usando o próprio esfôrço.

Rogo ao Divino Mestre nos fortaleça e ajude a todos nós.

EMMANUEL.

Esta mensagem foi dirigida aos membros da «Caravana da Fraternidade», presentes à sessão: Prof. Leopoldo Machado, Carlos Jordão da Silva e Francisco Spinelli.

—

União

Aos queridos irmãos Leopoldo Machado, Francisco Spinelli, Carlos Jordão, no 40.º dia de nossa tarefa de unificação fraternal.

Unamo-nos, irmãos, enquanto fulge o dia,
Guiando o arado à frente, em plena primavera
Pela Fraternidade, a fé nobre e sincera
Edifica, entre nós, o Reino da Harmonia.

O Espiritismo é a luz que se eleva e anuncia
A Nova Humanidade ao sol da Nova Era,
No Evangelho do Amor, que salva e regenera
Para a renovação da perpétua alegria.

De mãos dadas a Cristo, unidos venceremos,
Na excelsa direção dos Páramos Supremos
Onde a Vida Imortal é fúlgido destino!

O Céu espera em nós, para a glória do mundo,
Um rebanho sómente em trabalho fecundo,
Uma fé soberana e um só pastor Divino.

Amaral Ornelas.

Psicografada por F. Candido Xavier — Pedro Leopoldo, em 11/11/1950.

Necrológio

Antonio Alves Ferreira

Desincarnou Antonio Alves Ferreira. Foi um acontecimento a bem dizer prematuro, pois que a sua idade não era avançada.

A crise, de ha tempos, porque passou a sua saúde, atenuara-se sobremaneira, entrando em franca e visivel convalescença. Por duas vezes adoecera gravemente, sob a ameaça de um derrame cerebral. O perigo tinha sido afastado, com os cuidados médicos, as preces dos seus parentes, amigos e confrades e com a sua fé amadurecida. Ha mêses que sofria. No dia 25 de setembro, já melhor e denotando boa disposição, desejou passar uns dias em Nova Iguassú, em casa de uns parentes e amigos, a pretexto de repouso. Uma semana depois ou seja no dia 1 de Outubro, domingo, quís ouvír o programa Hora

Espiritualista «João Pinto de Souza, da Rádio Club do Brasil que, como se sabe, é irradiado pela manhã. Em seguida entrou no banheiro para barbear-se. Como estivesse se demorando, alguém tratou de ver o que havia de anormal. Não respondendo aos insistentes chamados, tratou-se de arrombar a porta. Êle estava caído, em estado de côma, Chamada a assistência, uma ambulância o transportou, sem esperança de êxito, para a sua residência, em Vila Izabel, no Distrito Federal, onde veio a perecer, na quarta-feira seguinte, dia 4 do corrente. vítima da moléstia que o ameaçara.

A notícia do seu desenlace, nas primeiras horas do dia, não deixou de nos surpreender, mesmo sabendo-o em estado gravíssimo. E' que não podíamos conceber a sua partida tão cêdo, desta vida em que êle mesmo julgava ter ainda muito que fazer. Partiu serenamente, sem lamentações nem apreensões. Êle estava mais ou menos seguro do itinerário que teria de percorrer daí para o futuro... Sabia, com certeza, que a vida não seria interrompida, que continuava: que muitas tarefas o esperavam, em outro setor ignorado, mas inevitável, pois que onde ha vida ha luta e trabalho redentor. Antes da sua crise suprema, só externou uma aspiração veemente: trabalhar, de novo, no «André Luiz». Certamente que não estará privado de realizar êsse seu sincero desejo. De lá, onde se encontra, poderá ter êsse feliz ensejo!

O Ferreira era um espírita convicto, com uma folha larga de serviços prestados à Causa e à humanidade. Foi um dos esteios, do plano visível, do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, de que foi presidente por várias vezes. Ajudou a fundar e a erigir o «Asilo da Velhice Desamparada», daquela cidade fluminense. Foi um grande idealista e um enamorado da fraternidade humana. Não concebia Espiritismo sem fraternidade. Quando se apresentou um esbôço de congraçamento, dentro dos arraiais espíritas, o Ferreira se esforçava, tanto quanto podia, para que o entendimento e a harmonia imperassem nos redutos da 3.a Revelação. Foi um dos primeiros que se bateram pela unificação dos Centros Espíritas da terra que tanto amou e serviu, cujo resultado magnífico correspondeu à fundação da União Espírita Macaense, entidade que reune a totalidade das agremiações espíritas locais, a cuja diretoria pertenceu.

Desde os primórdios do movimento das Mocidades Espíritas, o Ferreira foi sempre um dos elementos mais entusiastas, colaborando de boa vontade para a consecussão dêsse desideratum. Deu também, todo o apôio e solidariedade á eclosão das Semanas Espíritas, tomando parte ativa, ainda que á custa de sacrifícios, nêsse admirável certame de confraternização espírita, projetado em múltiplas cidades brasileiras, havendo mesmo quem afirme ter sido êle um dos que primeiro se lembraram de tão simpático e útil movimento.

Forçado a residir no Rio de Janeiro, por fôrça de impositivos superiores, inclusive os profissionais, o Ferreira, espírito irrequieto e serviçal, que era, pensou logo em fundar um novo centro espírita a que pudesse entregar-se, com algumas afinidades, dedicada e abnegadamente, procurando fazer algo de benéfico e de alcance coletivo. A essa altura já nos queriamos muito. Haviamo-nos encontrado pela primeira vez, nesta vida, quando da minha atuação gerindo a Livraria da Federação. Foi numa tarde de um dia feliz, o nosso fortuito encontro! Já lá vão nove anos. Oportuna coincidência. Quisemo-nos bem desde o primeiro contacto. Êle foi-me dizendo parecer-lhe que me conhecia de outras vidas. Eu lhe respondi parecer-me conhece-lo de ha séculos! Desde êsse reencontro nunca deixamos de entender-nos. Até nas horas de agitação e tumulto nos compreendiamos!

Combinamos fundar uma igreja doméstica no seu lar—o Culto Bezerra de Menezes. O Jacques Aboab aderiu logo à idéia e com êle a Laís e a Lenice Teixeira Dias e outros mais excelentes companheiros. Eramos poucos, a princípio, mas o número foi aumentando... aumentando sempre. As entidades espirituais começaram a pôr-se de permeio, expontâneamente, ás nossas atividades. Pensamos, de início, estudar apenas. Depois as coisas se foram complicando e... transformando, sem o sentirmos! Os guias foram-nos dizendo que a nossa missão não estava circunscrita áquêle recesso familiar... Resolvemos fundar um centro. A idéia corporificou-se e dela saíu o «André Luiz», à rua Moncorvo

Filho, 27, sobrado, a transferir-se, dentro em breve, para a sua séde própria, que tanta dor de cabeça tem dado aos que hoje estão à frente dessa instituição, localizada na Praça da Bandeira, à rua Jetibá. Todos sabem do elevado conceito que essa casa de oração e aprendizado espiritual alcançou. Pois bem, essa casa era a menina dos olhos do Ferreira! Foi êle o seu principal fundador e também o seu primeiro presidente. Serviu em várias diretorias, sem se importar com a natureza dos cargos: presidente, vice-presidente, secretário, conselheiro-fiscal e membro do Conselho Deliberativo.

O Ferreira foi um exemplar chefe de família. Sua esposa, nossa estimada confreira D. Euridice, adorava-o. Seus filhos e genros respeitavam-no e idolatravam-no ao mesmo tempo. Era um homem simples, calmo e refletido. Quando opinava, fazia-o sem afetação. Era um homem de bem, no sentido exáto do vocábulo. Fazia da modéstia um verdadeiro primado.

Desambicioso, viveu sempre moderada e acrimoniosamente, ás expensas exclusivas do seu trabalho honesto e cotidiano. Exercia a profissão de guarda-livros. Tinha uma desenvolvida noção do cumprimento dos deveres humanos. Possuía um índice razoavel de cultura geral, embora não fosse um douto. Escrevia corretamente. Dirigiu, com sucesso, o periódico doutrinário «Macaé Espírita». Exerceu a oratória.

O Ferreira não deixou fortuna material, mas legou um patrimônio moral, de virtudes e exemplos dignificantes, aos seus familiares, aos amigos e aos pósteros.

Soubemos que já se comunicou com os amigos que deixou na Terra, em reunião íntima. Isto prova suficientemente a sua situação favorável no plano em que se encontra e o seu razoável grau de adiantamento espiritual.

Que o Senhor das Bençãos o abençôe; que o Mestre dos mestres o ilumine e guie, *omnia seculo seculárum. Amen.*

Amadeu Santos.

Rio, 22 de Outubro de 1950,

João Batista Chagas

A fileira espírita acaba de ser novamente desfalcada com o passamento de um dos mais devotados propagandistas da Doutrina Espírita,—o nosso estimado companheiro João Batista Chagas, que desincarnou na madrugada do dia 4 de Março último.

A notícia nos causou surprêsa, porque ha uns cinco dias antes, receberamos um bilhete seu nos recomendando a publicação de uma notícia escrita por um confrade a respeito da Quinta Semana Espírita de Nova Iguassú, o que fizemos na edição de «O Clarim» do dia 10 do mesmo mês.

João Batista Chagas era assíduo colaborador de «Revista Internacional do Espiritismo». Os seus artigos, que o apontavam como um dos mais profundos conhecedores da Doutrina, eram geralmente apreciados. Seu estílo, sua argumentação, seu senso de crítica, o faziam marchar na vanguarda dos mais cultos escritores espíritas. Na arena da imprensa espírita foi um dos que mais produziu, pois os seus artigos eram vistos em quasi todas as publicações do país e do estrangeiro. Tomava parte saliente em todos os movimentos espíritas da Capital Federal e cidades circunvizinhas. Foi um trabalhador incansável na difusão da Doutrina, razão por que o seu passamento abriu na fileira espírita um claro difícil de ser preenchido.

Em Mesquita, Estado do Rio, fundou o Centro Espírita «Estrada de Damasco», que dirigiu com eficiência e invulgar carinho.

Residia em Nova Iguassú, onde desincarnou.

O féretro, que saiu de sua residência, à Rua Antonio Carlos n.° 186, foi acompanhado por centenas de confrades que alí foram num testemunho eloquente e inequívoco de solidariedade cristã.

Deixa viuva a exma. sra. d. Aurea Chagas, com dois filhos: Auriléa, de 12 anos, e Aureo, de 22 anos de idade.

Elevando nossos pensamentos, numa prece fervorosa, solicitamos a Jesus que envolva em seu manto de luz o espírito do nosso estimado companheiro J. B. Chagas, proporcionando-lhe paz, progresso e felicidade.

A vossa felicidade tem por pedestal a felicidade dos vossos semelhantes. — L. B.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2751unse

ANO XXVII—Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Junho de 1951 — N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Incredulidade e negação sistemática *Redação*
Três Médiuns . . . . *Ismael Gomes Braga*
Espiritismo e Liberdade . . . . . *Pereira Guedes*
A Instrução do Médium e sua Importância Social . . . . . . *J. B. Chagas*
Ensinando . . . . *Lucas*
A Verdadeira Escola do Carácter . *Arnaldo S. Thiago*
A Ressurreição de Jesus . . . . *Romulo Matovani*
«As Profecías de Daniel e o Apocalípse» . . . . *Lima Filho*
Onde encontrar Alívio . . . . . *Maj. Levino Cornelio Wiscral*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1951 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Incredulidade e negação sistemática

NÃO podemos e nem devemos censurar o incrédulo, de vez que ninguém pode aceitar uma idéia sem o devido conhecimento. Mas entre a incredulidade e a negação sem um estudo prévio de certos problemas, questões ou idéias, a distância é tão grande que não se pode medir. O incrédulo que não aceita uma idéia tida como facto sem o necessário estudo, pesquiza ou observação, demonstra possuir bom senso e capacidade de compreensão de suas responsabilidades morais. Mas o incrédulo que nega sem o devido conhecimento, por sistema, não é digno da consideração dos homens cultos, assemelha-se aos debeis mentais e cae no ridículo, como cairia no ridículo quem se aventurasse a negar que a terra move-se à roda do sól.

Estas considerações vêm a propósito de certos negadores dos fenômenos psíquicos, fenômenos proclamados, demonstrados e estudados pelo Espiritismo. E o que mais nos espanta é que os mais obstinados negadores são justamente pessoas cultas, que alisaram os bancos das Academias e que são tidas como orientadoras da opinião pública.

Quando nos chega ao conhecimento que esta perigosa classe de negadores (perigosa porque a maioria lhes dá crédito) afirma que o Espiritismo é uma fábrica de loucos e que os espíritas são débeis mentais, fanáticos ou místicos, nos vem à mente aquela conhecida frase do filósofo Giordano Bruno que, ao ver uma velhinha com um feixe de lenha destinada à fogueira em que havia de ser queimado, exclamou: «Santa ignorância !» Mas quer queiram quer não, os factos e fenômenos espíritas se reproduzem em escala cada vez maior, desafiando os sábios de todos os matizes.

Ninguém, por mais sábio que seja, terá a coragem, a ombridade moral de provar doença mental ou loucura, por exemplo em William Crookes, o descobridor do talium, do estado radiante, da polarização da luz, que durante três anos presenciou a materialização do Espírito de Katie-King e do que resultou provas incontestáveis da sobrevivência do espírito após a morte; em Lombroso, um dos maiores criminalistas italianos e ferrenho adversário da teoria espírita, rendido à evidência dos factos; em Oliver Lodge, da Sociedade Real de Londres, reitor da Universidade de Birmingham; em Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris. Finalmente, para não alongarmos a lista de centenas de sábios de renome em todos os ramos da atividade humana, em Fechner e Weber, professores na Universidade de Leipzig.

O Dr. Souza Couto, que foi um dos mais notáveis escritores espíritas, conhecedor profundo de tudo quanto se relaciona com o psiquismo, assim escreveu sôbre os negadores sistemáticos dos fenômenos psíquicos:

«Cada um faz a apreciação de qualquer assunto pelo prisma personalissimo do seu critério.

Ora, o critério de cada um, como função de elementos variadissimos, noções, interêsses, organização lógica, etc., diverge de indivíduo para indivíduo, numa incontável variedade de fórmas.

Para uns, o pleito é dirimido *à priori:* tratando-se de um facto que reputam impossível, como tal altamente o proclamam, e, ou não entram em controvérsia sôbre êle, ou recorrem sempre a essa impossibilidade dogmática, pondo de parte a adversa afirmação positiva.

Esta forma de raciocínio tem inúmeros prosélitos entre os comodistas, os pertinazes, os pretenciosos de todas as idades e posições que se envaidecem na presunção de possuirem a onisciência.

Em seu entender, a natureza desvendou o último mistério e a ciência disse a última palavra.

Há indivíduos considerados doutos, e o que é mais, cultores de uma especialidade, que julgam encontrar nela a chave de todos os enigmas e solução a todos os inquéritos.

Com este modo de julgar, o progresso nunca teria dado um passo, nem teria vencido os obstáculos, que em todas as épocas lhe levantou a pobreza de tais conjecturas.

Para outros, a dúvida sistemática, esta dúvida que podemos chamar imprudente, no sentido originário do termo, satura-lhes todas as faculdades mentais, e com ela, como numa ambiência suspeita, o raciocínio não se aclara, a dedução nítida não se produz.

Para estes, os factos não são realidades; todos os investigadores mentem; todos têm interêsse ou falta de probidade; os nomes mais ilustres, as capacidades mais provadas, se deixam sugestionar por uma idéia, embora falsa, e não podem aniquilar a sua influência.

O que podemos afirmar é que uns e outros, os que negam e os que duvidam, nenhum esfôrço fazem para adquirir uma convicção fundamentada sôbre tal assunto.

Discutem-no e julgam-no segundo os preconceitos ou segundo as noções que constituem o fundo da sua mentalidade, imaginando-se habilitados a formar um juizo seguro ou ter um voto decisivo no problema.

Mas se os interrogamos sôbre as obras especiais que leram, declaram categoricamente que nada têm lido ou que não querem lêr. Sôbre experiências pessoais, a mesma resposta: não as têm feito, nem pretendem fazê-las; têm receio de se desorientarem; temem ficar dominados, subjugados nas suas faculdades intelectuais. Outros há ainda que supõem estes fenômenos sobrenaturais, e por isso os não estudam. É preciso reagir contra esta falsa idéia.

A ninguém afugente a idéia do sobrenatural. Milhares de vezes se há afirmado que o sobrenatural não existe: tudo é natural, subordinado a leis imutáveis da natureza, que não tem caprichos, que nunca os teve nem os terá.

Sempre assim sucedeu; enquanto um fenômeno parece contrariar ou derrogar as leis naturais, classifica-se de sobrenatural, mas desde que se reconhece que as leis reguladoras dele são constantes, deixa perder aquele carácter.

É por isso que os modernos investigadores, que têm estudado os fenômenos psíquicos e suas condições, repelem completamente a denominação de sobrenaturais.

As experiências que se têm realizado sôbre a transmissão do pensamento, nos estados propícios, quer a perto, quer a distância, a influência que alguns indivíduos podem exercer sôbre certas pessoas sensitivas, a visão a distância, as manifestações da fôrça psíquica pela percussão, levitação, os fenômenos de materializações, de aports, de escrita direta, etc., revelando uma inteligência são hoje do domínio da ciência positiva, de um ramo da biologia, já que sôbre eles se podem exercer os sentidos e os processos de investigação.

Não há pois sobrenatural.

Temos lido um grande número de crítica sôbre os fenômenos psíquicos, quer em livros, quer em artigos dispersos e várias publicações; e bem dolorosa é a impressão sentida perante a incompetência acusada em todos êsses trabalhos.

Um grande e comum defeito em todos eles: sempre a mesma falta de cultura específica, a mesma ausência de experimentação pessoal.

Não seria muito mais razoavel estudar bem um assunto antes de formular sôbre êle prematura convicção? Não será este o caminho naturalmente indicado pelo bom senso; pela própria necessidade científica, que prefere os factos ás negações, pois é sôbre êles que tem de fundar o seu edifício?»

O único meio prático, natural, do incrédulo ou do negador sistemático sair da sua situação precária relativamente aos fenômenos psíquicos é estudar os livros básicos da doutrina espírita e fazer experiências psíquicas, estudando-as sem aquêle espírito de preconceito acadêmico ou religioso, com o propósito de encontrar a verdade, como o fizeram inúmeros dos mais notáveis sábios.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

X

O médium é um missionário e está sujeito a quedas como todos os outros. Os três médiuns que formam objeto dêste nosso modesto estudo têm suportado tremendas acusações das trevas e as têm vencido com humildade até o momento em que escrevemos, em Julho de 1950. Praza a Deus continuem vitoriosos sempre até o fim de suas gloriosas e dolorosas missões. Mas se assim não for, se tiverem a desventura de falharem no futuro ou de serem obscurecidos pelos ataques dos adversários, tais factos já não afetariam a realidade presente, sôbre a qual nos baseamos.

Nosso dever era sómente de juntar nosso depoimento a tantos outros de pessoas mais autòrizadas do que nós, em todos os países e em todos os tempos, a fim de lembrarmos que o Espiritismo é a Revelação perene que se renova sempre e por isto mesmo nunca será um corpo de teorias velhas, baseadas em textos antigos e inseguros. Êle se funda sôbre factos bem observados e que se repetem sempre, como as teorias científicas mais sólidas, que podem ser alteradas em seus pormenores pelo conhecimento de novos aspectos dos mesmos factos, têm que ser enriquecidas sempre, por novas descobertas, mas nunca serão anuladas em sua própria estrutura. Vemos, por exemplo, a Astronomia: quantas descobertas já foram feitas depois que Copérnico publicou o livro «*De Revolutionibus Orbium Coelestium*» (Das Revoluções dos Corpos Celestes), no ano de 1543! Nestes quatrocentos anos as descobertas dos astrônomos são imensas, mas a teoria de Copérnico vem sendo sempre confirmada, porque foi baseada em factos eternos e bem observados que se reproduzem sempre no Universo; é uma teoria científica, sempre verificável pelos estudiosos.

O Espiritismo igualmente se baseia em fenômenos naturais, ainda que de natureza completamente diferente dos factos da mecânica celeste, estudada pelos astrônomos, porque os fenômenos do Espiritismo dependem de vontade livre, de livre arbitrio dos Espíritos, como as obras de arte dependem da vontade dos artistas, mas são factos inegáveis, porque têm existido muitos artistas que produziram e produzem obras de arte. Ninguém póde negar a existência da escultura, embora a imensa maioria dos homens não sejam escultores. Ninguém póde negar, diante dos factos, a existência da mediunidade superior, por serem raros os grandes médiuns.

Já dissemos, no início dêste trabalho, que há presentemente no Brasil muitos outros médiuns notáveis, e se mencionamos aqui sómente factos de nossa observação pessoal com três médiuns contemporâneos, é porque pretendemos apenas registar nosso depoimento e não passar em revista a mediunidade e muito menos preparar uma nova *codificaçãozinha* à imagem e semelhança da obra de nosso Mestre.

Pelos factos registrados nêste trabalho, contudo, podemos encontrar a confirmação de uma literatura imensa que lemos em perto de quarenta anos de estudo de Espiritismo. Lemos obras de estudiosos sérios e respeitáveis do Brasil, da França, da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Argentina, da Rússia, da Polônia, do Japão, das Índias, da Islândia etc. e neles encontramos confirmação de factos antigos registados na Bíblia e em outros livros sagrados, factos que serviram de fundamento ás religiões tradicionais.

Os três aspectos do Espiritismo — ciência, filosofia e religião — ficam confirmados pela obra dos três médiuns aquí tão rapidamente mencionada: vemos que os factos observados são de natureza científica e têm que ser estudados com o rigor da experimentação; que eles nos dão o corpo de conhecimentos necessários à compreensão de numerosos fenômenos da vida e do universo, como precioso sistema filosófico; que nos conduzem à adoração do Criador, à moral evangélica, á prece, como a Religião.

Quando os homens compreenderem toda a imensa significação do Espiritismo, será êste o ramo de saber mais entusiástica e cuidadosamente estudado por todos nós, porque revela ao homem os seus verdadeiros interêsses, passando para segunda plana todos os outros interêsses como segundários e passageiros, indígnos de grande atenção. Compreenderá o homem, então, o único meio de evitar os seus males, exterminando-lhes as raizes do terreno do seu próprio sêr, pela moralização de sua própria conduta; não combaterá mais ilusóriamente os sintômas externos, no anseio infantil de fugir aos efeitos, conservando as causas. O progresso é a lei e essa alta compreensão dos fenômenos espirítas há de chegar um dia e nêsse dia se transformará a Terra em mundo feliz.

Não somos pessimista, mas temos de confessar que essa compreensão ainda não existe senão para raros indivíduos. Ao contacto com os três médiuns que mencionamos nestes modestos artigos, sofremos a dor imensa de verificar como são recebidas essas dádivas do céu pela maioria dos nossos contemporâneos. Uns duvidam de tudo e tentam os processos mais ingênuos e ridículos de explicar os factos sem a intervenção dos Espíritos, admitindo hipóteses as mais absurdas e que só poderiam, quando muito, aplicar-se a uma parte limitada dos fenômenos e deixariam sem explicação alguma uma infinidade de pormenores que tais críticos não conseguem vêr, dado o seu estado de cegueira intelectual. A maioria não ambiciona mais das sessões do que tratar de seus interêsses aparentes e imediatos: cura de enfermidades, consolação pela perda de parentes, informações sôbre determinados assuntos materiais, ajuda em seus negocios e projétos, conselhos e orientação para aplicação prática, isto é, combater efeitos sem atacar nem pretender conhecer as causas. Outros, precipuamente nas sessões de materializações, só querem divertir-se: palestrar com Espíritos, dizer e ouvir gracejos, receber uma flôr da mão de uma entidade materializada, palestrar com Espíritos de pouca elevação.

Raríssimos são os que se sentem diante de uma sublime Revelação, descida de altas esféras para salvar a humanidade, e compreendem com o devido respeito o sacrifício que fazem os Espíritos superiores em mergulhar nas trevas da Terra, caridosamente, para nos ajudarem a nos libertarmos do materialismo reinante no mundo.

Aos caridosos Espíritos que se submetem a descer às sessões, por vêzes constituidas quase só de levianos e zombeteiros, de desconfiados ou egoistas, com a finalidade superior de nos demonstrar as grandes verdades da vida, exclusivamente em nosso benefício, a êsses Sêres abnegados, fique aqui registada nossa imensa gratidão, nosso eterno reconhecimento pelas esmolas que sua generosidade nos tem trazido tantas vêzes na vida, sem nenhum merecimento nosso. Nosso agradecimento também aos médiuns que têm sido canais para êsses benefícios.

Se é penosa verdade que a maioria dos homens ainda quer do Espiritismo sómente o que êste não lhes pode dar, porque seria dar-lhes sua própria ruína, alguns já compreendem que se acham diante da maior revolução que se poderá processar na superfície do Planeta e serão êstes poucos que hão de conservar e passar às vindouras gerações os tesouros que em nossos dias os Espíritos superiores estão trazendo à Terra.

A dôr fará a sua obra salvadora, nos despertará para a grande realidade da vida eterna, para a lei de causa e efeito, e virá o tempo em que toda a humanidade receberá com o devido respeito os ensinos dos nossos Maiores da espiritualidade. Talvez que êsse tempo não esteja tão longe como parece. Deus dispõe de recursos e processos que nós não podemos prever.

A sobrevivência da alma humana está rigorosa e sobejamente demonstrada em nosso século de materialismo desenfreado. Se assistimos à derrocada de velhas crenças que já dominaram o mundo e ao domínio do materialismo ateu dos nossos dias, assistimos igualmente ao nascimento de uma nova Era de conhecimentos inabaláveis da verdade espiritualista que há de salvar o mundo.

Os depositários humanos da Revelação falharam em sua missão, descambaram pelo abismo das negações e lançaram o mundo nas trevas do ódio dos diversos sistemas materialistas que se degladiam pela conquista da humanidade. Bastaria que às igrejas cristãs no século passado refletissem um pouco mais sôbre os fenômenos espíritas para que compreendessem que êles eram a continuação da Revelação que lhes constitui os alicerces, a fonte de sua própria vida, para que a História houvesse tomado caminho diametralmente oposto ao que tomou. Cumpria às igrejas incorporar os factos espíritas aos seu ensinos antigos, qual nova seiva vivificante, para salvarem o mundo: mas o orgulho não lho permitiu; negaram por todos os modos os fenômenos, sem perceber que estavam minando sua própria fortaleza já meio arruinada. O resultado não poderia ser outro: morreram, tornaram-se múmias com aparência apenas material de éxistência, mas sem vida alguma espiritual, sem nenhuma fôrça para conter o furor da tempestade materialista que crescia. A condenação dos fenômenos espíritas, por parte das igrejas cristãs, foi o suicídio delas. Tudo terá que ser feito de novo lenta, e penosamente; mas a misericórdia divina não abandonou os homens: a paciência dos nossos Maiores parece ilimitada e eterna: ei-los trabalhando sempre e cada vez mais visivelmente para salvar o homem.

A sobrevivência está sobejamente demonstrada e com ela a responsabilidade de todos os nossos atos, palavras e pensamentos. Reflitamos sôbre isso e ponhamos ponto final nestes artigos que já se tornaram demasiado longos.

Espiritismo e Liberdade

PEREIRA GUEDES

Carls Marx publicou o célebre Manifesto Comunista em Janeiro de 1848, oferecendo ao mundo o que há de mais substancial em matéria de política revolucionária, e, a partir dessa data teve início a maior acusação à sociedade burgueza, pondo em perigo a sua existência.

A doutrina de Marx, de fundo puramente materialista, cuja concepção de vida, sem outra indagação fora da existência única do ser, limitou-se à preocupação econômica exclusivamente, por considerar o homem apenas um animal social, com direito à vida circunscrita ao período biologico da existência, do nascimento à morte. Dentro dessa filosofia, perpetrou-se o plano de ação para a igualdade econômica dos povos, preparando-se nas massas proletárias, onde se encontra a maioria dos sacrificados, o movimento revolucionário para a posse do poder político com a implantação do governo pela ditadura do proletariado.

Em 1917, teve início a experiência comunista, nos moldes marxistas, por cuja consolidação ainda hoje se esforçam os maiorais do império soviético, onde tudo é limitado, menos o dever de obediencia, que se torna quase absoluto.

Mais tarde, em 18 de abril de 1857, Allan Kardec lançou à publicidade o «Livro dos Espíritos», tal como o Manifesto de Marx, como base filosofica de uma doutrina também revolucionária na esfera social da humanidade cristã, principalmente.

Surge com o «Livro dos Espíritos» uma nova concepção filosófica da vida, vista através de um plano superior, que é a imortalidade e a comunicabilidade dos espíritos, após a morte do corpo, com os chamados vivos da Terra.

Se Kardec tivesse, no entusiasmo de sua mocidade, acompanhado as pégadas de Carlos Marx, com a codificação da doutrina espírita, teria abandonado o Mestre, deixando-o na retaguarda da nova concepção, visto que as provas das existências sucessivas e a comunicabilidade dos espíritos teriam feito ruir os castelos idealizados pelos que acreditavam na solução de problemas, cujas razões se estendem a muitas existências e que impossivel se tornaria realiza-los num só periodo de vida biológica, na escala da evoção.

«NAS DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS, A TERRA PERTENCE A' DOS MUNDOS DE EXPIAÇÃO E PROVAS, RAZÃO POR QUE AÍ VIVE O HOMEM A BRAÇOS COM TANTAS MISÉRIAS», disse Allan Kardec, e, sofrendo, acrescentamos nós, as consequencias provindas da insolubilidade de inúmeros problemas, fora da concepção da multiplicidade das existências, como seja, o econômico que tantas lutas doutrinárias vem provocando no seio de todas as comunidades.

Não vemos por onde se possam apegar para contestar que não seja realmente a Terra, um planeta de provas e expiação. Tudo indica, entretanto, que estamos evoluindo ; não obstante as tentativas realizadas no sentido da igualdade econômica, os fracassos imediatos comprovam a impossibilidade desse objetivo. Por que ? Simplesmente porque a vida não está circunscrita ao insignificante período de uma existência. Passo a passo, porém, havemos de acumular reservas morais suficientes para o equilíbrio social, estabelendo-se então, no seio da comunidade terrena, a ordem que repousará sôbre os alicerces do direito conquistado.

Quanto a desigualdade das riquezas é um dos problemas, diz «O Evangelho Segundo o Espiritismo», página 211, edição de 1923, tradução de Antonio Lima :

> «A desigualdade das riquezas é um dos problemas que se procurará em vão resolver, enquanto se admitir sómente a vida atual. A primeira questão que se apresenta ao raciocínio é a seguinte : Por que não são todos os homens igualmente ricos ? Pela muito simples razão *de não serem igualmente ativos, inteligentes e laboriosos para adquirir, sóbrios e previdentes para conservar.*
>
> Além disso, é ponto matemáticamente demonstrado que a fortuna repartida igualmente daria a cada pessoa uma parte mínima e insuficiente ; que, supondo essa divisão feita, o equilíbrio se romperia em pouco tempo pela diversidade dos caracteres e das aptidões ; que, supondo-a possível e duradoura, tendo todos apenas os meios necessários para a subsistência, a partilha produziria o aniquilamento dos grandes trabalhos ; supondo que tal distribuição désse o necessário a cada um, desapareceria o aguilhão que impele o homem para as emprezas úteis e grandes descobrimentos».

Para que se compreenda o alcance do que acima transcrevemos, é necessário que não nos afastemos do senso comum, e, considerando a época em que se esboçavam os primeiros movimentos de reação contra o capitalismo escravizador, combatido, teoricamente, pela doutrina marxista.

Aqueles que só compreendem a vida limitada ao curso de uma só existência, não poderão aceitar que se admita justiça na desigualdade das riquezas, se somos todos irmãos; por isso, voltados para os princípios de igualdade, fraternidade e liberdade, se atiram ás lutas fratricidas, pressupondo concretizar, pela violência, o que só pela evolução lenta e por isso segura, se conseguirá. Porém, aqueles que assim procedem, muito embora retardem a própria caminhada, cooperam sempre no sentido de despertar o mundo para maior compreensão da vida em comum, quanto aos direitos a tudo que a natureza indica ser propriedade de todos.

Uma vez demonstrado que as riquezas repartidas igualmente para todos os habitantes da Terra, não promoveriam a felicidade do gênero humano, resta-nos tomar, definitivamente, orientação contrária, isto é, incentivar no espírito de todos os povos a necessidade da melhor e mais perfeita compreensão da vida que, em um mundo de expiação, só teremos, realmente, solucionados os nossos problemas, quando houvermos adquirido, pela evolução espiritual, os necessários recursos morais que só se efetivam pelo trabalho e pelo estudo, sofrendo e lutando, em vidas sucessivas, porque tal é a lei.

Admitimos, com toda convicção, que o Estado virá a ser no futuro o patrão de todos os cidadãos, mas, sómente quando atingirmos um gráu superior de evolução e nunca pela violência, como aconteceu na União Soviética, conforme relata André Gide, em seu interessante livro «DE VOLTA DA U. R. S. S.», neste curioso período, página 47:

> «Na U. R. S. S., está resolvido, de antemão e definitivamente, que sôbre todas as coisas, sejam quais forem, não poderá haver mais de uma opinião. De resto, as criaturas têm o espírito talhado de tal geito que o conformis-

mo para elas se torna fácil, natural, insensível. Não creio que o aceitem por hipocrisia. Foram, então, aquelas criaturas que fizeram a revolução? Não; a revolução foi feita para aquelas criaturas. Todas as manhãs, a PRAVDA lhes diz o que convem saber, pensar, acreditar. E não é bom exigir mais! De modo que quando se conversa com um russo, é como se se conversasse com todos. Não que cada um obedeça a uma palavra de ordem; mas tudo está arranjado de maneira que não é possível nenhuma disparidade. Imaginem que a preparação do espírito começa desde a mais tenra infância...»

Não queremos de modo algum, fazer do Espiritismo uma bandeira política; mas, queremos e por isso devemos provar que a Doutrina Espírita só poderá ter ação real e eficiente, num clima de liberdade.

Se amanhã, por exemplo, tivessemos a desventura de nos ver governados por um regime autoritário, e que as nossas opiniões tivessem que ser bitoladas por um órgão sob a orientação do governo, não gozariamos a relativa liberdade a que já estamos habituados, não obstante estarmos sob a ação de uma pseudo democracia, ou seja, a tão malsinada *«democracia-cristã-ocidental»*, mas, onde todos, felizmente, podem pensar e agir diferentemente, até do próprio governo.

A Doutrina Espírita, apesar de revolucionária, como filosofia, contrária, sob todos os pontos de vista, aos preconceitos religiosos e aos estreitos cânones doutrinários do materialismo enfatuado de ciência, será sempre pacifista, pois, só em ambiente de paz poderá o espírito alcandorar-se a planos superiores, libertando-se, tanto quanto lhe é possível das amarras que ainda o prendem ao pelourinho da prova e da expiação, que é o mundo em que vivemos e no qual havemos de progredir.

Façamos do Espiritismo a nossa bandeira de liberdade, e, nêsse dia que já vem perto, o da nossa libertação espiritual, teremos solucionados todos os problemas, inclusive o da nossa maior preocupação — o da LIBERDADE.

A Instrução do Médium e sua Importância Social

J. B. Chagas

NO estudo do Espiritismo, é de capital importância a instrução do médium, uma vez que nenhuma manifestação se opera sem o seu concurso. Faculdade soberana, é qual faca de dois gumes, que pode elevar a criatura aos páramos celestes, como pode também conduzí-la ao cadinho das dôres mais atrozes, caso não lhe dê o devido apreço e consideração.

A Antiguidade, ignorando a transcendência da faculdade e da sua própria essência e grandeza; o seu alcance divino, e julgando pelas aparências, considerou muitos médiuns como deuses ou semideuses, tais as coisas que se realizavam por seu intermédio. Enquanto outros foram considerados feiticeiros e bruxos, pagando com a vida, o terem escolhido vir à Terra para o desempenho dessa abnegada missão.

Competia, portanto, ao Século XX, pôr as coisas nos seus devidos têrmos e por intermédio dos médiuns revelar aos homens um grande segrêdo, até então ignorado — o segrêdo da imortalidade! A princípio, manifestações insólitas, ruídos disparatados, movimentos de móveis, tais como pianos, mesas, sofás, etc., sem causa aparente, assombrando as pessoas tímidas; depois, a descoberta da causa produtora dos fenômenos, porque como é sabido — *todo o efeito tem causa,* e a consequente descoberta, afiinal, das leis que os regiam, com a sua subordinação a regras e métodos judiciosos, por último. Os médiuns seriam os intermediários entre os dois planos; seriam o élo a ligar as duas humanidades, a visível e a invisível—a ponte admirável, por meio da qual viria a se estabelecer a permuta de emoções, idéias e pensamentos, entre os vivos e os supostos mortos. Supririam nos Espíritos a falta dos orgãos materiais para a transmissão das suas instruções, mensagens e ensinamentos. Caberia-lhes, nos tempos atuais de renovação social e moral, especialíssima missão; seriam quais árvores, destinadas a fornecer alimento espiritual aos seus irmãos, como êles, encarnados no Planeta. Essa uma das razões porque se multiplicam em número por toda parte, em todos os paízes, em todas as classes sociais, entre os ricos e os pobres, afim de que por toda parte, abunde o alimento e em nenhum ponto faltem, patenteiando assim a misericórdia de Deus para com os seus diletos filhos desterrados, momentaneamente, neste grande *vale de lágrimas*, que é a Terra!...

Como toda coisa séria, estaria sujeita a mediunidade a ser desviada do seu objetivo providencial, carecendo por isso ser tratada, cultivada com amôr e carinho. Incipiente, a princípio, cheia de tropeços, perigos e escolhos, mortificando sempre os que a possuem, quando a empregam em coisas fúteis, prejudiciais ou a põem a serviço dos interesses mundanos; só dará frutos máus em vez de sazonados.

A mediunidade pareceu a muitos uma enfermidade, uma psicose, consequente a um distúrbio orgânico do *de cujus*, suposição que ainda não desapareceu de todo. Muito concorreu para êsse julgamento a mediunidade expontânea ou explosiva, isto é, quando ela surgia inesperadamente em pessoas que nada sentiam antes, até em débeis crianças, como nos casos ultimamente noticiados pela imprensa, considerados prodígios. E como tudo que é explosivo, ela careceria de ser disciplinada, com o auxílio de um trabalho difícil e acurado levando em consideração as tarefas a cada um atribuida, ou seja a faceta da mediunidade, que teriam os médiuns a desempenhar nos tempos modernos de renovação social que estamos vivendo.

A êsse trabalho felizmente não tem faltado o concurso prestimoso dos espíritos instrutores, carinhosos guias e mentores. Valem-se êles de processos bem originais, ora atuando sôbre o cérebro, ora sôbre as córdas vocais, por meio de sinais, símbolos ou ruídos, cada um com uma significação própria.

As *chamadas escolas de médiuns*, nada mais fazem do que coordenarem e, disciplinando essa instrução, educarem os mediuns preparando-os para o desempenho da sua delicada quão preciosa faculdade. Trabalho delicado e dificílimo, porque cada indivíduo é possuidor de um temperamento, que lhe é característico, próprio, variando ao Infinito as sutilidades da mediunidade. Por essa razão que a mesma instrução não serve igualmente para todos. Para cada um, não será exagero afirmar, um método especial, cabendo ao que instrue a escolha preferencial para cada caso particular.

E do seu concurso prestimoso junto às criaturas, resultará um grande proveito para todos em geral, auxiliando, enfim, o progresso do mundo, no terreno das descobertas, porque por seu intermédio se realizarão fenômenos que jamais poderão ser negados ou sofismados, tal a sua evidência, muito especialmente pelos materialistas que continuam não encontrando, na *ponta do bisturí*, a alma ou espírito...

O médium não será jamais considerado um ser aparte na sociedade, mas sim, pelo contrário, elemento de regeneração e de progresso, respeitado e procurado por todos, porque surgiram no Mundo como colaboradores de Deus, e porque por seu intermédio descerão até nós *as virtudes do céu* — os espíritos do Senhor! Não vieram para combater nem a Religião nem a Medicina, mas sim dar um novo sentido a ambas, consentâneo com o estado de adiantamento espiritual que já atingiu a humanidade da nossa época.

Quando fôr perfeitamente compreendida a missão do médium, o mundo terá entrado num período de paz, de progresso e de prosperidade, porque a vontade do Pai se fará sentir aos homens mais claramente, do que não o fôra no passado.

E', não resta dúvida, o derrame do «Espírito do Senhor sôbre toda a carne», como preceituam as Escrituras.

Nova Iguaçú, Agosto, 1950.

A fé inabalável é sómente aquela que póde encarar a razão face a face, em toda as épocas da humanidade; á fé precisa uma base e esta é a inteligência perfeita do que se deve crêr; para crêr, não basta ver, é preciso compreender; a fé cega não é mais dêste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos, por querer impor-se, exigindo a alienação das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbitrio. — ALLAN KARDEC.

Ensinando

(NOTA — para o leitor: pedi ao meu Guia que me désse uma explicação, ainda que sucinta, sôbre o progresso dos espíritos no Espaço e uma idéia geral de um dos mundos físicos imediatamente acima da terra na escala evolutiva).

⁂

O progresso no Espaço é muitissimo mais rápido que na terra; poder-se-á fazer aquí, em dez anos, o que não se faria aí em cem; a condição é que já se tenha alcançado determinado nível moral e espiritual e que o espírito se submeta, sem tergiversações, aos conselhos e lições de seus Protetores e sempre trabalhando e estudando muito.

Há, entretanto, certas dívidas e faltas que têm que se pagar aí na terra porque dependem de provas materiais e ás vezes de reparações que se devem áqueles que foram por nós prejudicados. Saldadas essas, o necessário progresso para a promoção a outros mundos melhores póde ser obtido aquí no Espaço com muito maior rapidez e facilidade.

Certas imperfeições e defeitos de que ainda não se despojou o espírito serão facilmente corrigidos aquí.

E' trabalhando e estudando muito que o espírito obterá conhecimento e méritos que o habilitarão a reincarnar em mundos melhores e mais adiantados, onde não há as mesquinhas competições da terra nem as dôres e os sofrimentos físicos e morais que por aí campeam. Tudo é paz e felicidade e todos se esforçam ao máximo para cumprir seus deveres e para se auxiliarem mutuamente. As preocupações e as ambições são muito nobres, pois cifram-se numa só coisa: aperfeiçoar-se.

A vida material é fácil, todos têm o suficiente para viver a coberto de privações porque a organização social é adiantadissima e não há injustiças embora haja a indispensável gradação hierárquica; mas lá os postos mais elevados são ocupados exclusivamente pelos mais capazes, pois não há injustiças nem proteção. E quando digo capazes me refiro à capacidade intelectual, moral e espiritual.

O trabalho toca a todos e não há desocupados, todos o compreendem como uma benção de Deus e como uma necessidade.

O corpo é muito semelhante ao vosso aí na terra, apenas a matéria que o constitúe é muito menos grosseira, os órgãos são muito mais aperfeiçoados, de sorte que não há moléstias como aí na terra; as pequenas enfermidades que aparecem são rapidamente curadas por meio de remédios aperfeiçoadissimos, de passes e de água fluidificada.

A alimentação sadia e a pureza do ar garantem muita saúde e muito bem estar físico a todos, mesmo porque ninguém pratica os excessos que, aí em vosso planeta, tanto prejudicam vossa saúde e também porque já não é mais um mundo de provas mas de aperfeiçoamento.

Os princípios morais e espirituais que regem êsse mundo são muito elevados, de sorte que todos compreendem claramente seus deveres e todos o cumprem religiosamente, de maneira que não há prisões, nem há os desviados e enfêrmos físicos, morais e espirituais que enxameiam pela terra.

Póde-se ter uma idéia geral dêsse mundo considerando que a organização da terra é uma cópia muito mal feita e cheia de imperfeições do que lá existe.

E êsse mundo a que me refiro, que é a primeira escala acima da terra, muito longe está da maravilhosa perfeição que apresentam outros mundos mais adiantados.

Há milhões e milhões de mundos pelos Universos que Deus criou; de uma mesma categoria há vários, na mesma condição da terra, há muitos, como muitos há iguais ao que descrevi.

A' proporção que o espírito se aperfeiçoa, vai adquirindo o direito de habitar cada vez mundos mais e mais adiantados; entretanto, na sua infinita bondade, Deus permite que a variação de felicidade entre um mundo e o que lhe é imediatamente superior seja imensa.

Assim, os que deixam a terra, depois de cumpridas suas indispensáveis incarnações, por já terem chegado a um determinado nível de evolução moral e espiritual, têm autorização para reincarnar num mundo imediatamente superior, onde vão ocupar um lugar modesto e humilde (mas que é muito superior ao que há de melhor na terra); por meio de várias reincarnações vão se aperfeiçoando até atingir uma elevada posição espiritual e moral. Já agora se terão habilitado a uma nova promoção para um mundo ainda melhor e assim por diante.

O número de incarnações em cada mundo depende exclusivamente do esfôrço que o espírito faz para melhorar-se e aperfeiçoar-se.

Há os que se incarnam muitas e muitas vezes na terra e, porque nada progridem, têm que voltar a um mundo inferior para melhor se prepararem e como é triste e doloroso êsse degrêdo!

Há os que só após dezenas de reincarnações na terra conseguem obter os necessários progressos que lhes confiram o direito a uma promoção a um mundo melhor.

E há, finalmente, os que porque muito trabalharam pelo seu progresso, bem depressa atingem o nível mìnimo exigido e ao fim de poucas incarnações recebem o venturoso prêmio que é a autorização para nunca mais voltar à terra, sendo-lhes designado um mundo da categoria do que descreví.

Mas entre a última incarnação na terra e primeira no mundo imediatamente acima, medeia um largo espaço de tempo, em que o espírito permanece aqui no Espaço despojando-se de certos defeitos e imperfeições, adquirindo novos conhecimentos, para que possa então seguir o seu feliz destino.

Aliás êsse estágio aqui no Espaço sempre se verifica entre duas incarnações sucessivas, quer sejam no mesmo mundo, quer em mundos diferentes.

Que Deus, na sua infinita misericórdia, permita que cumprais sempre o vosso dever, por penoso e dificil que seja, para que bem depressa vos liberteis de vossos débitos e vos possais forrar a novas incarnações aì na terra.

Lembrai-vos sempre que o gênero de vida que cada um escolheu (refiro-me aos que já conquistaram o privilégio de escolher) é o caminho mais curto que o espírito encontrou para ressarcir suas dívidas. O mais curto mas nem sempre o mais facil.

Lembrai-vos também que a infinita bondade de nosso Pai Celeste sempre multiplica por mil o mérito de nossas intenções puras e elevadas.

Que a graça de Deus e de Jesus e o auxílio de vossos protetores possam sempre inspirar-vos e guiar-vos de sorte a que nunca fujais ao vosso dever e ao cumprimento das promessas que fizesteis antes de reincarnar.

A graça de Deus, por Seus Emissários, a todos ajuda, mas lembrai-vos que apenas podemos aconselhar e sugerir porque é sagrado o livre arbítrio de cada um; e porque todos nós dispomos de liberdade de escolha, temos tambem a responsabilidade de todos os nossos atos.

Louvados e benditos por todos os séculos sejam o santo nome de Deus e de Jesus Cristo.

LUCAS.

1950.

(Comunicação recebida pelo médium P. L.)

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr. $50,00	Do 4.º ano	Cr.$ 50,00	Do 5.º ano	Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . .	50,00	Do 7.º ano . .	50,00	Do 8.º ano . .	50,00
Do 10.º ano . .	50,00	Do 11.º ano . .	60,00	Do 12.º ano . .	60,00
Do 13.º ano . .	60,00	Do 14.º ano . .	60,00	Do 15.º ano . .	70,00
Do 16.º ano . .	80.00	Do 17.º ano . .	60.00	Do 18.º ano . .	60.00
Do 19.o ano . .	60,00	Do 20.º ano . .	60,00	Do 21.º ano . .	60,00
Do 22.º ano . .	60,00	Do 23 º ano . .	60,00	Do 24.º ano . .	60,00

A Verdadeira Escola do Carácter

ARNALDO S. THIAGO

TEM-SE dito inúmeras vêzes que a reforma de base da sociedade terrena, a reforma que realmente trará como consequência a passagem para mundo de regeneração, do nosso atual inferno de expiações dolorosas, que é a terra, consistirá exclusivamente na regeneração individual, isto é, importa que cada um de nós se reforme intimamente, para que se verifique, então, *a posteriori*, a reforma da sociedade.

Êste conceito é axiomático a dentro do Espiritismo.

Como se poderá conseguir, é o caso de perguntarmos, essa regeneração individual, se o mundo ainda é constituido em sua tremenda maioria de indivíduos que só cuidam de seus interêsses individuais, interêsses que em sua quase exclusividade limitam-se à conquista dos gozos materiais, do confôrto, da boa alimentação, dos prazeres da carne, das festas, da boa roupa, etc., etc., ?

Nêsse meio social envenenado por preocupações obsidiantes dessa natureza, o pobre espírito que se encarna, para expiar faltas do passado, na Terra só encontra fôrças que o procuram adaptar aos costumes inferiores que ainda caracterizam tal meio social. Ou adatar-se ou morrer; ou adatar-se ou definhar; ou adatar-se ou ser considerado excêntrico, cismático, *idealista*, *poeta*, no sentido pejorativo que se dá a estas últimas expressões grifadas.

Tenho-me aplicado últimamente, depois que totalmente abri os olhos para ver a horrível desgraça do mundo, não mais apenas para cair no cepticismo que a princípio, quando eu era ainda moço, causou-me tal constatação, mas para conhecer a verdade e, conhecendo-a, saber pronunciar-me a respeito do problema, saber agir em benefício dos meus irmãos; tenho-me aplicado, dizia, ultimamente à observação e à análise do índice mental, conscencial dos nossos irmãos terrenos. A minha verificação, referindo-se já a milhares de casos, permite-me uma conclusão pouco satisfatória: a consciência é asfixiada, regra geral, entre os homens que, mais do que nunca, *tratam de parecer e não de ser.*

Nada se poderá construir de prático, em têrmos de regeneração, sôbre essa base.

Ou a família, com a mulher á frente, salva o gênero humano, ou a justiça de Deus procederá com a humanidade como ao tempo de Sodoma e Gomorra. A bomba atômica aí está, bem nitidamente, para dirimir o problema. Nunca se fez sentir de modo tão claro como hoje em dia, a verdade do prolòquio salomônico: «O temor de Deus é o princípio da sabedoria». Esta humanidade não sabe nem de longe ainda amar a Deus! Só se lhe pedem benesses materiais! A vida, na carne, é o que preocupa, na família e na sociedade: daí o dinheiro continuar a ser o «deus ex-maquina» que tudo resolve! Conquistá-lo é a preocupação máxima do homem moderno.

A primeira incumbência, aquela que deve preterir a todas as outras, do espírita, é a educação da prole. Se não a tiver de seu próprio sangue, reuna alguns órfãos e constitua com êles a sua família. Esta questão de consanguinidade, para os espíritas, se não é secundária, porque dizê-lo seria afirmar uma inverdade e ir contra a natureza, é, pelo menos, de importância relativa. A prova está em que, nas famílias espíritas, o adotivo goza das mesmissimas prerrogativas do filho legítimo.

Constituida a prole de uma ou de outra forma, o essencial é dar-lhe educação — e esta repousa exclusivamente no amor: o amor de salvação e não de perdição; o amor que sacrifica os bens fungíveis para que se prevaleçam os eternos.

Se me perguntarem com que autoridade digo estas cousas, responderei: com a autoridade da minha condição de chefe de numerosa família, malbaratada, é certo, pela organização social, na qual jamais encontrei estímulos para a realização do trabalho que Deus me confiou, mas amparada pela misericórdia divina que sempre, no instante necessário, acudiu aos meus sentidos apêlos. E se hoje posso volver os meus olhos em tôrno e vêr os meus doze filhos aplicados ao trabalho melhor e mais frutuoso, em espírito, que a Terra nos oferece e que é êsse da educação, sob a égide do Espiritismo, que lhes inoculei nas almas com os arrebatamentos da minha fé sincera e humilde, devo-o à resistência constante, extremada, violenta, por vezes, que sempre opús à terrível atração do meio humano em que o demônio do mesquinho interêsse imediato, material, tudo supera.

Preferi dar-lhes uma existência doméstica pobre e sem grandes atrativos materiais. Nem sempre operando, talvez, rigorosamente, graças à minha exclusiva vontade, mas sempre graças ao princípio do amor que nos liga a todas as criaturas de Deus, por toda a eternidade; princípio que age sob o influxo da Divina Providência, através de circunstâncias que independem da vontade móvel do homem, pude prodigalizar-lhes, sôbre a base dos ensinos evangélicos à luz do Espiritismo, instrução superior, cada um de acôrdo com as suas tendências, de modo que, ao se sentirem aptos à formação do lar, isso o fizeram, reconhecendo que o primeiro dever do espírita é fazer algum sacrifício pelo bem real do próximo, que é salvá-lo das baixas atrações mundanas — o que só a família sabe-o fazer com pleno êxito.

Só a família, exclusivamente a família, educa para a eternidade. Isso decorre da circunstância de que só na família o homem de bem pode dizer tudo o que sente e usar de absoluta franqueza, *sem desligar-se dos que o ouvem.*

Neste sistema de falar com absoluta franqueza, tal como o Cristo nos ensinou («Seja o teu falar sim, sim, não, não»), é que repousa a educação. Os pais que dissimulam ou que ocultam dos filhos o seu modo de proceder, não são educadores. Organizam apenas associações de auxílio mútuo, quasi que apenas limitadas às cousas terrenas.

A família, no sentido espiritual do têrmo, não é uma organização humana, por isso que ela se amplia indefinidamente pela eternidade afóra.

Que importa que eu e minha esposa tenhamos hoje um lar paupérrimo, no sentido material e que êsse lar, se necessário fôr, passe a funcionar à sombra do lar amigo de um dos filhos? O que importa é que tenhamos afinidade mental e sentimental suficiente para permanecermos unidos por toda a eternidade — e isso o teremos, conservando o vínculo sagrado do amor que só a educação torna resistente a todas as desagregações insinuadas pelas paixões, tão estimuladas no convívio envenenado do meio social.

Se outro houvesse sido o rumo seguido; se tivessemos acumulado bens terrenos, conservando os filhos o quanto mais nos fôsse possível, egoísticamente, para se firmarem economicamente primeiro e só depois constituirem família, hoje talvez tudo estivesse subvertido e trocados os objetivos espirituais do progresso pelos mesquinhos fins da conquista mundana.

Sofrem, lutam. Mas o sofrimento e a luta revigora-lhes o espírito. Rodeados de numerosa prole, ainda no verdor dos anos, medem suas responsabilidades, fixam orientação, reconhecem mais facilmente os objetivos divinos da existência dos homens, aplicam suas fôrças na educação e prometem velar pelos filhos como soubemos velar por êles. Assim compreendemos a família.

Dentro das suas próprias atividades profissionais encontram meios de servir aos outros membros da comunidade humana. Quanto benefício pode um médico concencioso e altruísta fazer ao seus semelhantes! Quantas dôres morais pode um advogado lenir, se êle não quiser ser indiferente aos problemas humanos dos *outros* e compreender que o Direito deve ser orientado pela moral!

E assim por diante, ao mesmo tempo que cumprem o dever primordial de educar eficientemente os filhos — eficiência educativa que sómente na família se pode encontrar, repitamo-lo — os homens de bem vão fazendo o máximo que lhes é possível pelo bem da humanidade, outro dos grandes deveres dos espíritas.

As hecatombes aniquilam corpos. Os males físicos — a lepra, o cancro, a tuberculose... causam inauditos sofrimentos que nos cumpre aliviar a todo o transe, pensando que se fôssemos nós os padecentes desejariamos que outros nos assistissem. Com quanto maior empenho devemos curar das chagas dos espíritos que nos são confiados, pois que todos pertencemos à raça de pecadores, não em consequência do *pecado original* de Adão e Eva que, ao que parece, não passou da satisfação de uma necessidade biológica, mas em virtude de nossos próprios desfalecimentos em anteriores encarnações e mesmo nesta...

EDUCAR — eis a palavra de ordem de todos os espíritas dignos de tão sagrado título. O trabalho e a verdade são dois tèrmos que se equiparam.

VITAM IMPENDERE VERO!

Rio, 20 de Novembro de 1950.

A Ressurreição de Jesus

Por Romulo Mantovani

I

O presente estudo é um dos mais importantes que apresentaremos sôbre o verdadeiro Cristianismo, porque não se trata de interpretação mais ou menos exáta de uma moral ou de uma filosofia qualquer, nem de simples curiosidade histórica e muito menos de um ato de fé cega.

Este estudo põe-nos em face de factos que são a base central de todas as manifestações após a morte; porque devemos estar convencidos de que sem a Ressurreição de Jesus, o Cristianismo, mesmo com a Cruz, ficaria uma simples e sublime moral que se diferençaria muito pouco de certas outras.

Eis porque o nosso estudo é de importância capital. Êle deve revelar-se na verdade. Jesus nos trouxe uma simples moral de vida que êle viveu até à morte, ou se nos trouxe algo de novo: a revelação da *vida eterna para todos.*

A Ressurreição é o que há de mais novo e de mais supra-normal e que pode parecer inverossímil no Evangelho.

Nós a estudaremos, pois, sob todos os seus aspectos, livres de qualquer idéia preconcebida, sustentando-a honestamente com o apôio do conhecimento dos fenômenos supra-normais.

O primeiro facto espirìtico que encontramos nos documentos históricos depois da morte física de Jesus, é a aparição de dois anjos.

Três Apóstolos dentre quatro nos contam que, na noite de Sábado os guardas do Sepulcro, após terem ouvido um tremor de terra, viram dois anjos descer do céu, aproximarem-se da pedra do sepulcro, virarem-na e sentarem-se em cima.

Dizem-nos também que os guardas foram tomados de pavor e ficaram mudos, que fugiram, foram a Jerusalém e contaram ao Príncipe dos Padres o que se havia passado.

É preciso notar que não se trata de pobres mulheres enfraquecidas pela tristeza e susceptíveis de alucinação, mas de homens, de soldados, e os soldados da época eram mercenários que faziam tal coisa por profissão, por consequência homens fortes, treinados para todas as fadigas, homens brutais, que não podiam ter sensibilidade de mulher histérica.

Eles tinham instruções severas de guardar o túmulo de Jesus, a fim de impedir que os discípulos viessem roubar o cadáver. Pois bem, estes soldados tiveram de assistir impotentes à manifestação espirítica dos Anjos. Estes não entraram pela porta, mas apareceram subitamente. Trata-se de uma verdadeira aparição de Espíritos. A Escritura diz: «Sua fisionomia era como o clarão, e sua vestimenta como a neve». Isto nos confirma ainda mais que se trata de sêres espirituais e não de sêres humanos.

Para nós, eis incontestavelmente uma aparição de dois espíritos de luz.

No caso de que nos ocupamos, não houve sómente aparição. Estes anjos viraram sem fadiga aparente a pesada pedra do sepulcro e sentam-se em cima. Isto é um facto material que não se pode considerar como alucinação. Esta pedra que normalmente, só podia ser removida por quatro homens reunidos, foi virada por dois sêres fluídicos e o interior do sepulcro ficou vazio.

São factos incontestáveis. De outro modo seria necessário admitir que foram os próprios guardas que o fizeram, o que é inadmissível; porque eles tinham justamente o encargo de vigiar o sepulcro. A escritura não diz que os soldados se apavoraram e fugiram.

Que os espíritos possam deslocar um peso enorme, como a grande pedra de um sepulcro, não nos espanta; estamos habituados em nossas sessões espiríticas a ver móveis muito pesados deslocados pela vontade dos espíritos. O nosso piano, por exemplo, que são precisos, pelo menos, dois homens para o deslocar, tem-se movido muitas vezes pela única vontade de um espírito durante as sessões de materialização. É muito fácil para nós, portanto, admitir o deslocamento da pedra pelo Anjo ou pelos Anjos.

Nós damos muita importância a este primeiro fenômeno espirítico após a morte de Jesus, porque nos ocupamos aqui de pessoas que não tiveram nenhuma relação com Êle, que não se podem portanto considerar como alucinadas, nem como cúmplices, que, além disso, são soldados e que se trata de factos materiais verificados; a ação acha-se provada pelo deslocamento da pedra do sepulcro.

Naturalmente, esses factos encerram um grande ensinamento, que é o seguinte:

O Cristo preocupou-se em dar-nos um ensinamento espiritual e para isso teve o cuidado de nada deixar após si do que é material. Mesmo o seu corpo — isso para auxiliar os homens a compreender que ele era sobretudo «espírito», que seu ensinamento era «espiritual» e que o material deve ser sempre dominado pelo espírito.

A pedra do sepulcro simboliza o apego às coisas materiais e todas as preocupações materiais que envolvem a Humanidade.

Ora, é sómente o anjo que pode erguer a pedra. O anjo é o Espírito. E' pois sómente pelo Espírito que a Humanidade poderá desembaraçar-se de todas as suas preocupações materiais e viver na verdadeira felicidade.

Três Evangelistas contam-nos que, nesta mesma manhã, de madrugada, Maria Madalena, Maria, Mãe de Jerónimo, Joana e outras mulheres, encaminharam-se em piedosa peregrinação ao túmulo de Jesus para perfumar o seu corpo.

Num certo ponto do trajeto, Maria Madalena, mais impaciente que as outras, corre adiante para chegar mais depressa e nota que o sepulcro está vazio e vai com rapidez prevenir os discípulos.

As suas companheiras chegaram e Mateus e Marcos nos falam da aparição de um jovem, de um anjo, ao passo que Lucas nos diz:

«E enquanto em suas almas elas estavam consternadas (por encontrarem o túmulo vazio) eis que, perto delas, apareceram dois homens vestidos com hábitos resplandescentes. E como, presas de pânico, elas abaixassem a face para a terra, eles lhes disseram: «Porque procurais entre os mortos Aquêle que está vivo. Êle não está aquí. Êle ressuscitou. Lembrai-vos de que Êle vos disse, quando estava ainda na Galiléia: *É preciso que o Filho do Homem seja abandonado entre as mãos dos pecadores, que êle seja crucificado, e que, ao terceiro dia, ressuscite*». Elas recordaram-se então dessas palavras de Jesus.

Aquí, estamos ainda em presença de uma aparição com voz direta. O jovem, ou os dois, não entraram pela porta, mas foram vistos «aparecer» instantâneamente; são, pois, na verdade, Espíritos. Além disso, as suas vestes confirmam, porque estavam vestidos com roupa branca «resplandescente».

Sem dúvida, nenhum ser humano poderia estar vestido dessa maneira, que é própria dos Espíritos elevados, vindos certamente para preparar os Apóstolos para a aparição de Jesus.

De facto, Mateus diz-nos que as mulheres «sairam em seguida do sepulcro e correram a levar a nova aos discípulos». Enquanto as mulheres iam prevenir os outros Apóstolos, Maria Madalena chegou de novo com Pedro e João, que entraram um após o outro no sepulcro, mas Maria mortificada de dôr parou perto da entrada. Chorando também, curvou-se e olhou para o sepulcro Viu então dois anjos que lhe disseram: «Mulher, porque choras?» Ela respondeu: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram».

Tendo dito isso, voltou-se em direção ao jardim e viu Jesus de pé, mas ela não sabia que era Jesus. Êle disse-lhe: «Mulher, porque choras? A quem procurais?».

Ela, pensando que era o jardineiro, disse-lhe: «Senhor se sois vós que o haveis levado, dizei-me onde o haveis posto e o carregarei».

Jesus chama-a então pelo seu nome: Maria.

Ela, voltando-se, exclamou: «Rabboni», o que significa Mestre. Mas Jesus lhe replicou: «Não me toques: Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus».

Notemos de passagem que, «mesmo depois de Sua morte corporal, Êle não se considerou como sendo Deus», porque é lógico que, se Êle se considerasse como Deus, não teria afirmado que ia a «Seu e Nosso Deus». E' portanto um êrro tomá-lo por Deus, ao menos no sentido que se lhe dá geralmente.

Êle disse que era Filho de Deus e chamou-nos seus irmãos. Logo, Deus está dentro de nós todos. Entre Êle e nós, não há necessidade de intermediário.

Mas estudemos a aparição, que é notável.

Notemos em primeiro lugar que Jesus não se mostra de chofre.

Faz-se proceder de dois espíritos de luz. Em seguida, não se apresenta diante de Maria Madalena, para não assustá-la, mas faz com que ela volte: «Ela viu Jesus de pé, e ela não sabia que era Êle». Os que conhecem as aparições espiríticas podem compreender a significação dessas palavras que, melhor que outra coisa, nos provam a veracidade da aparição de origem incontestávelmente espirítica.

Quando uma entidade se nos apresenta antes de a reconhecermos pela visão, *sente-se* por irradiação, se se trata de tal ou qual espírito.

Maria Madalena não podia fixá-lo; sentia que era Jesus. A verdadeira revelação não vem do exterior. E' sempre interior, mas a sua razão recusava-se a crer, porque a considerava impossível.

O que não nos engana é a palavra. Foi suficiente que Êle pronunciasse o nome de Maria com a sua voz e o seu magtismo pessoal para que ela não tivesse mais dúvida alguma, e lhe respondesse: «Rabboni».

Jesus foi mais facilmente reconhecido pela palavra que pela aparição. Isto é importante, porque, reconhecido como aparição, poder-se-ia tratar de uma alucinação; mas ser reconhecido pela «sua voz» não nos podemos enganar, temos de admitir que não se trata de alucinação (sobretudo porque Maria, como as outras, julgam isso impossível), mas de materialização de um espírito falante.

Jesus recomenda-lhe expressamente que lhe não toque. Isto nos confirma que esta aparição não é fantasmagórica, mas muito delicada e susceptível de dissolver-se, se lhe tocasse. A mesma recomendação nos é igualmente dada pelos espíritos que se manifestam a primeira vez em nossas sessões; mas em seguida, quando a materialização toma mais consistência e solidez, deixa-se tocar, exatamente como fez Jesus nas aparições que se seguiram.

(Continua).

De «Estudos Psíquicos».

"As Profecias de Daniel e o Apocalípse"

Por LIMA FILHO

«Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação». (2.º Pedro, 1:20).

Assim pensando procedemos a leitura do livro supra e perguntamos:

— «Quem escreveu êste livro foi por acaso um Deus?»

Goethe escreveu no «Fausto», depois de ler as profecias de Nostradamus.

Quando se lêem profecias e se verifica a realização do que, tanto tempo antes, fôra predito, surge, na nossa mente, a pergunta exclamativa de Goethe a exprimir séria admiração e até espanto, perplexidez!

O genial Goethe não achou nas profecias um motivo para sorrir, pelo contrário, como homem positivo, estudioso, perito e pesquisador erudito achou sobre-humano o assunto.

O mesmo podemos afirmar com o livro supra e com razões mais convincentes, irrefutáveis, pois é a soma de factos, em sua grandeza, no passado e no presente.

«O poder que vem do alto tem um conteúdo todo diverso do concedido de baixo. E' dever e não direito, função e não conquista; ordem e não arbítrio; é sacrifício e missão. A investidura desce sôbre o super-homem que vê o infinito e não admite abusos; entrelaça-se indissolúvel no seu destino; o seu prêmio é eterno, além da vida. A mão de Deus o guia, e êle no seu próprio comando obedece, não procurando mais do que dar para realizar-se a si mesmo. Entrosa o seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, pois que nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Ativa na sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos, precedentes e subsequentes, a eterna evolução social, amadurecendo o passado, antecipando o porvir». Esta a obra de Sir Isaac Newton.

«Newton formulou então a lei da gravitação universal, segundo a qual, a atração entre dois corpos varia diretamente com o produto das massas e inversamente com o quadrado da distância entre eles. A lei de Newton aplica-se não sómente ao movimento dos planetas, mas ao movimento de todos os corpos celestes e também ao movimento dos corpos que se acham na superfície da terra. Ela é universal em sua aplicação a problemas de movimento e é uma das maiores vitórias da inteligência humana».

Onze Professores da Faculdade da Universidade de Rochester afirmam isto no livro — «Uma Orientação na Ciência» por estes escrita, na página 7 da obra que — a descoberta de Newton: «é uma das maiores vitórias da inteligência humana». E isto após três séculos!

Um grande filósofo e cientista — Grove Wilson—afirmára sôbre Isaac Newton o seguinte: «Não resta dúvida, entretanto, que, para quem tenha tempo de lê-las» — as profecias — «com atenção, mostram ser o fruto de uma mentalidade luminosa e invulgar». Sim, Newton, «um velho que havia banido o cáos e estabelecido a ordem no Universo». «No dizer de Grove Wilson, formava com Kepler e Galileu «o trio que havia forçado o Sol e as estrelas a contarem aos homens sua verdadeira história». E' êste o autor do livro que trata das profecias de Daniel e do Apocalípse, em tradução primorosa do Dr. J. A. F., da edição de 1733 e aquí é o Dr. Afrânio Peixoto quem fala — «O novo é velho, mas se é justo, será sempre novo». O feliz e bem inspirado tradutor nos adverte que na leitura dêsse livro—«cuja compreensão requer, na Verdade, um certo apêgo ás coisas espirituais e uma isenção de ânimo raramente encontradiça nos religiosos vulgares, via de regra limitados e intolerantes», sim, é preciso um intenso amor à Verdade e — «Aquêle cujo espírito não se elevar acima das cousas vulgares, siga seu caminho: isto não foi escrito para êle». «Os que absolutamente não sentem estas coisas, os que não estão maduros, fiquem de lado; voltem, mesmo, a envolver-se na lâma de suas baixas aspirações e não procurem o conhecimento. Êste é prêmio concedido sómente a quem o tenha merecido». «Não sabeis que todas as descobertas humanas nasceram da profundidade do Espírito que atingiu o além? De onde vem o lampejo do gênio, a criação da arte, a luz que guia os condutores dos povos, senão dêsse mundo de que vos falo?» Grande Síntese.

Na Bíblia há muitas profecias e entre estas a de Daniel e o Apocalípse são de uma compreensão e profundidade sobrehumana, as quais só pela revelação do além serão, para nós, compreensíveis; a profecia é um dom (1: Cor. 12:4 a 12), Paulo o Apóstolo nos adverte – «Não desprezeis as profecias», (1.° The. 5:20), pois «o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação», isto porque a profecia é «ainda a palavra mais firme dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma lucerna que alumia num lugar escuro, até que venha o dia, e a estrêla da manhã nasça em vossos corações» (1.° Cor. 14:3; 2.° Pedro, 1:19 a 21). Sim, «...a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens Santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo». — «Qual a posição da Bíblia no quadro de valores da educação religiosa do homem? — No quadro de valores da educação religiosa das criaturas, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou cómo a fonte-mater da revelação divina.»—Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem? — Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo da primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus». — «A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo? — Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Êle poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados para sondar, com precisão, as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus». «O Consolador», n.os 267, 275 e 276, por Emmanuel. Qual o motivo do Apocalípse? O Apocalípse de João - «Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina» do Cristo, «já as fôrças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir. Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de exgotamentos. O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito de João, que ainda se encontrava prêso nos liames da Terra e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalípse. Todos os factos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interêsse para a história da humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental estão ali pormenorizadamente entrevistos. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos».

Hoje, quando — «No banquete dos povos ilustres da atualidade terrestre, lêem-se as três palavras fatídicas do festim de Baltazar» (Daniel, Capítulo 5). Quando «uma fôrça invisível gravou novamente o «MANE-THECEL-PHARES» na festa do mundo», sim é nescessário um livro como este — «As Profecias de Daniel e o Apocalípse», livro que «é o fruto de uma mentalidade luminosa e invulgar», e agora perguntamos: «Se o passado já se realizou, porque não se realizará o futuro?»

«Vê-se, pois que o Apocalipse de João tem uma singular importância para os destinos da humanidade terrestre» e o mesmo sôbre Daniel os quais se identificam.

«Que Deus, em sua misericórdia, ampare os humildes e os justos» («A Caminho da Luz», capítulo 14 e «Emmanuel», capítulo 19).

Onde Encontrar Alívio

Major Levino Cornelio Wischral

Quem penetrasse aquêle recinto, ouvindo a palestra cordial de pessoas amigas, julgaria estar na intimidade de um doce lar, nunca porém num centro espirita. Tudo no ambiente irradiava intensa paz e harmonia.

Entre médiuns e assistentes contavam-se, quando muito, umas vinte pessoas.

Previa-se para essa noite um aprendizado de grande valor, pois, os componentes da assembléia, encarnados e espíritos, perfeitamente irmanados, uns ansiosos por aprenderem, outros por ensinarem, permaneciam mergulhados em profundo bem estar, no meio de vibrações luminosas e sutís.

Os irmãos do espaço viam nêsse conjunto homogêneo um ponto luminoso sôbre a face da Terra, representado por suave e atraente claridade, chamariz de espíritos ignorantes e sem rumo.

Após as preces do presidente do grupo, rogando comovido a Deus mais luzes e humildade, incorporou-se o mentor espiritual para tratar dos últimos retoques necessários à uma boa sessão.

Inicialmente foi explicado aos encarnados que a pequena e simples salinha que ocupavam fôra, pela graça do Pai, transformada fluídicamente e, num instante, em um anfiteatro de colossais proporções, alteração essa sómente visível aos espíritos e aos médiuns videntes.

Próximo à entrada e em frente aos assentos em fórma de escadaria, aguardava o momento de falar, em atitude serena, o irmão instrutor chefe, ladeado por aprendizes de categoria, trajando todos túnicas brancas.

Nas arquibancadas comprimiam-se além de seis mil espíritos, na sua maioria recém desencarnados e aí levados pelos seus protetores ou atraídos pela luz dos bons pensamentos do «Centro Espírita Carinhoso Abrigo». Havia-os católicos, protestantes, espíritas, esoteristas, ateus, enfim, representantes de todas as religiões e credos.

Uma vez acomodados nos seus lugares, fizeram-se sinájs luminosos indicativos de que era necessário silêncio, o que aliás de imediato foi conseguido.

Não demorou e os alto-falantes transmitiam as palavras doutrinárias do instrutor, sendo êste alvo de olhares atentos de todos os presentes ávidos por adquirirem conhecimentos novos e valiosos conselhos.

Ouçamos também o orador que falava pela bôca do médium aos encarnados e, concomitantemente, aos milhares de assistentes desencarnados abordando o tema: «INCOMPREENSÃO».

«Quasi todas as criaturas julgam e disso teem convicção de que após o túmulo tudo está acabado; no entanto, graças ao boníssimo Deus aquí estamos mais vivos que nunca. Tudo em nós é energia e incessante atividade.

«Examinai nêsse instante o vosso divino e eterno corpo espiritual isento da carne. Vêde que maravilha».

No espaço repercutiram milhares de «Oh!» e «Como ?» ditos pelos circunstantes em grande admiração.

Dos inúmeros cérebros presentes, aflitos por estabelecerem contáto com os familiares e parentes na Terra, após as últimas palavras do instrutor, via-se partir como um fio luminoso, riscando espaço afóra, a fim de transmitir-lhes em viva voz esta verdadeira boa nova: «Olhem, aqui estou e não estou morto, o sepulcro é porta bendita para outro plano da vida».

Todos os desencarnados, que ignoravam a sua situação, receberam a graça do Pai Amantissimo, pelo esclarecimento de que aí não mais estavam presentes em carne e osso e sim em espírito.

Calou fundo em cada assistente essa surpreza feliz e sentidas preces de agradecimento foram levantadas aos Céus.

Caros irmãos, muitos procuram ansiosos os confessionários das igrejas na infantil suposição de lhes ter receitado um anestésico contra a dôr aguda produzida pelo grito incômodo da consciência.

Pobres e incautas criaturas, até hoje ninguém conseguiu semelhante omissão, no entanto, teimosos, continuam a se iludirem em vez de se confessaram a si mesmas ou a Deus.

Ajustem desde já a norma de vida para que, quando tiverem de passar para o «outro mundo», não necessitem esconder cousa alguma. No plano espiritual não é nem nunca será possível ocultar o menor defeito; tudo fica à mostra, tudo ás claras, pois é a nossa própria consciência que toma configuração e é visível a todos; mostramo-nos tal qual somos, é a lei do Pai, todo justiça.

Muitos outros, após perambularem de séca a méca, batem às portas de algum centro espírita ou de algum médium, na suposição de se lhes fazer sumir chaga fétida e profunda com um milagroso impôr de mãos.

Sim, almas aflitas e infortunadas, estes são realmente os portais da exáta compreensão dos sofrimentos até então incompreendidos, mas nunca as portas onde imaginais residam os derrogadores das eternas leis do mais sábio dos juizes.

Outros ainda, em penosas romarias, vão buscar em aldeias distantes, as curas de suas mazelas nas almas boníssimas e santas do padre de Poá, padres Antonio e Germano e outros tantos missionários de batina que sabem interpretar o verdadeiro sentido do amor pelo próximo.

Exultai cristãos, por existirem almas puríssimas, dessa índole, entre a classe mais numerosa «dos que não querem vêr».

Procurai constantemente afinar vossos espíritos sintonizando na mesma onda vibratória dos que não se dizem representantes de Deus na Terra. O povo conhece-os instintivamente.

Atopetam outros, consultórios e hospitais desejosos de explicações circunstanciadas dos fenômenos que sabemos primórdios da mediunidade: são os convidados pela Providência para serem os arautos do Pai junto à humanidade sofredora, são os futuros sensitivos ou médiuns.

Depois de transformarem, por muitos anos, essas cobaias em experimentadores inúteis de toda sorte de drogas e testes, desenganam-os com a irrevogável nota: «E' defeito orgânico». E lá se vão penando, desconsolados e tristes os candidatos designados para a sagrada difusão da voz do Cristo-Médico. Revoltam-se contra Deus que os fez nascer doentes. Sim, para eles Deus é um injusto e mau.

Oh vós, cientistas e médicos que vos tenhais como infalíveis aplacadores do sofrimento, estendei vossas vistas além, muito além do acanhado palpável e só assim descobrireis instantaneamente o medicamento para o corpo e até para a alma.

Perdei a noção de que sois semi-deuses, afastai esta louca presunção, a fim de que a sinceridade construtiva não encontre dificuldade de alojar-se em vossos corações.

Volvei vosso pensamento em direção diferente que não seja a estúpida rotina e haveis de notar que espíritos abnegados e impacientes até, pelo vosso progresso, vos ajudarão a dilatar as vistas e a ativar o raciocínio.

Paes desorientados, lembrai-vos que o Espiritismo esclarece tudo. Êle é ciência, filosofia e religião. Experimentai.

Há os que julgam encontrar alívio no satânico alcool. Embriagando-se acreditam reduzir ao nada as suas máguas, por afundá-las na ilusão do esquecimento transitório impelidos pelo destruidor narcótico que desempenha papel encorajador e estimulante de almas já falidas.

Procuram outros, nos entorpecentes, em raras ocasiões de lucidez ou vergonha, afastar de suas memórias as asquerosas e bestiais lembranças da corrupção sexual, mergulhando-se cada vez mais no lodaçal pútrido.

Raros são os olhos humanos capazes de suportarem quadros tão repugnantes. Treme-nos o íntimo de imensa compaixão. Como podem almas humanas caír tanto ?

Desditosos que teem destino certo a pestilenta sargeta, última acolhedora amiga dos resíduos humanos...

Ainda há tempo, ó viciados, para o retorno à rota desviada ; volvei, desgraçados, os vossos olhos lacrimejantes para o puríssimo e angélico Mestre, amigo dos infelizes. Não vos envergonheis, Êle vos compreende.

Lembrai-vos do tempo de infância quando com o coração juvenil e sem mácula entraveis na igreja e lá, de joelhos ante Deus, recitáveis o «Não nos deixeis entregues à tentação, mas livrai-nos do mal».

Continuai com essa reconfortante reminiscência e não duvidai porque os amigos do espaço vos ajudarão a subir os degraus para um plano melhor.

Até agora e sempre o problema capital que deve preocupar o Governo e o homem é o lar e a educação dos filhos. Os paes ainda estão muito distantes da nítida compreensão do amor na aplicação aos seus rebentos, por isso mesmo, nós aquí do plano espiritual, verificamos profundamente condoídos que grande número de filhos, nem bem criam as asas da maioridade deixam-se conduzir para a senda do crime.

Apenas separam-se do convívio paterno e lá se encontram metidos nas sombrias e tristonhas masmorras da justiça.

Transmudam-se, por assim dizer, do lar ao cárcere.

Longos anos passam esses jovens no medonho isolamento, tendo apenas por companhia os sentimentos de revolta, de vingança e ódio que lhes enegrecem mais ainda a débil e hesitante alma que deveria ter por campo evolutivo, não as quatro paredes, porém o horizonte azul e sem fim.

Por culpa de quem tudo isto ? É-me penoso dize-lo : Por falta de amor dos pais.

Extravia-se também, pela mesma razão, a filha querida para o lupanar, afim de servir de pasto aos incontidos e carnais desejos dos homens.

Oh vós, oh pais que sois os verdadeiros culpados! a justiça dos homens ainda não está aparelhada para vos julgar, mas a justiça divina vos aguarda implacavel.

E' imprescindivel sanar, aplainar, corrigir e resgatar, a custo de pesadas e sangrentas lágrimas o condenavel menosprezo das almas que Deus vos confiou.

Ide, fazei uma visita aos detentos, aos abandonados nos hospitais, sondai-lhes as origens de seus males e após rapida meditação verificareis que a essência sublime, o amor, com relação aos filhos, foi miseravelmente deturpada e esquecida.

Procurai ver e sentir em qualquer homem, por mais repelente que vos pareça, um vosso irmão ou filho e, exercitai-vos desde já, afim de que, em cada mulher, mesmo na decaida, possais ver uma irmã ou uma vossa filha.

Que cada lar seja um paraíso do amor e da compreensão.

Dos homens sereis, no entanto, o mais infeliz se nem no lar encontrardes um pouco de tranquilidade.

Ide, alma eterna e divina! abrí os vossos braços e amai intensamente a todo mundo e a tudo.

Crônica Estrangeira

Facto Telepático

«Psychica»

J. H. Bisson comunicou à citada revista, o seguinte facto:

«Encontrando-me de visita em casa de um amigo, ouvi a narrativa de uma ocorrência pela pessoa interessada e pedi permissão para dar-lhe publicidade, o que me foi amavelmente concedido.

«Mme. D... tinha o hábito de tomar banho todas as tardes pelas 6 horas.

Certa tarde, após sua entrada no banheiro, Mme. D... sentiu-se incomodada. Uma fuga de gás do encanamento, ou da torneira mal fechada, era a causa do mal-estar. Mme. D... fez esforços para acionar a campaínha de alarme. Apenas o conseguiu, sentiu-se mergulhada na água da banheira. Quando o pessoal acorreu, Mme. D... havia perdido conhecimento.

Foi retirada, fizeram-lhe as clássicas fricções e, felizmente, retornou à vida.

Quando em estado de responder ás questões do marido, êste perguntou:

— E' verdade que um asfixiado, no momento em que perde a consciência, torna a ver todo seu passado, e isto em seus mínimos detalhes, como sempre ouço dizer?

— Mme. D... respondeu: Absolutamente não, o que mais me surpreendeu, foi não sómente não ter passado pela revisão de minha existência, mas o facto de não ter pensado em ti, nem na minha filha, nem em nossos queridos filhinhos, enfim em todos vós que sois toda minha ventura. Vi diante de mim, sem poder afastar sua imagem, nossa amiga J. Ela estava perto de mim, olhava-me tristemente, impossível, nesses poucos minutos, arredá-la de meus olhos e pensamento (Mme. J. não passava de uma relação mundana do casal D...)

Passou-se o dia, Mme. D... se restabelecia lentamente.

Dia seguinte de manhã, chega uma carta para Mme. D.., carta esta escrita pela filha de Mme. J. e anunciando a desgraça súbita que acabava de os atingir:

Sua mãe tomava um banho ás 6 horas da tarde, foi intoxicada e morreu afogada na banheira, sem ter tido o tempo de chamar por socôrro.

Mme. D... não explica, ela sómente relata.

Êste facto, junto a algumas premonições pessoais, tornam Mme. D... quasi crente numa fôrça dirigente, independente de nossa vontade.

Mme. D... é senhora extremamente perspicaz, inteligente, de grande bom senso, e pouco apta a se iludir.

*

«Êle veio me buscar»

Mrs. Joy Snell, notável «vidente» e enfermeira inglêsa, relata o que segue:

«Um de meus amigos foi atacado de congestão pulmonar; internado no hospital, morreu pouco depois. Era excelente homem, a quem a morte não infundia terror. Sua mulher, muito religiosa, permaneceu constantemente à sua cabeceira, esperando resignadamente o desenlace fatal. Uma hora antes de morrer, o enfêrmo dirigiu-se à esposa e, com a mão indicando algo no alto, disse: «Olha, olha; aí está Bennie! Êle veio me buscar. Agora êle me estende suas mãozinhas e sorri. Tu o estás vendo?» — A mulher respondeu: «Não, querido; não posso vê-lo; mas sei que aí está porque tu o vês».

Bennie era filho único do casal, morto pouco antes, aos seis anos de idade. Também eu percebia nitidamente a sua forma. Era um anjinho encantador, cabelos encaracolados, olhos azuis, envolto em branca túnica. Era criança gentil, normal, mas glorificada, etérea, radiante, como igual não existe no mundo dos vivos. Pouco depois, o enfêrmo adormeceu placidamente, assim permanecendo durante uma hora. Durante êsse tempo, o anjinho permaneceu constantemente junto ao pai moribundo, o rosto radiante de alegria, devido à reunião iminente. De vez em quando, dirigia afetuoso olhar para a mãe, que nada via. A respiração tornava-se penosa, o enfêrmo enfraquecia visivelmente, e, enfim, expirou. Nêsse momento, percebi o fenômeno habitual, que tão familiar me era, da formação do «corpo etéreo» acima do corpo físico inanimado. Quando a forma se tornou completa e animada, o anjinho tomou a mão de seu pai, que, por sua vez, se transformou num anjo, e vi os dois mirarem-se amorosamente e um a sorrir ao outro com expressão da mais pura afeição e da mais viva felicidade; em seguida ambos se elevaram e desapareceram a meus olhos. Glorioso espetáculo, êsse! Graças a êle, a morte que é encarada com terror e considerado o mais horrendo mistério, apresentava-se bela e benfazeja, como a maior reveladora do Amor infinito que o Pai Eterno mostra a suas creaturas...

Depois, quando assistia a enfêrmos particulares, sempre vi, junto aos que morriam, uma ou mais formas angélicas acorrerem para receber o espírito liberto, afim de conduzí-los ás novas moradas.

⁂

Coisas espantosas

Por Isidoro Duarte Santos

Na verdade, são profundamente espantosas as coisas que passamos a contar, sem que, para ela encontremos razão suficientemente explicativa.

Sabemos que, em muitos pontos, os vivos são governados pelos *mortos* e que o «visivel» é minúscula partícula do universo, quási todo êle oculto aos nossos sentidos físicos. Por isso, não comentaremos os factos. Deixaremos o comentário a cargo do leitor interessado, que, de-certo, não deixará de meditar no assunto.

Foi no princípio da Grande Guerra que os fenómenos começaram a desenrolar-se, segundo relato do grande semanário alemão *Woche*, que publicou a notícia, em termos absolutamente imparciais.

Após uma manobra difícil, alguns barcos de guerra alemães aprisionaram determinados vapores ingleses, entre as quais se encontrava o «Dundee», que se empregava no transporte de carga e que imediatamente se tranformou em guarda-costas, tripulado por marinheiros germânicos e encorparado numa esquadrilha, de que fazia parte o «Weser», como navio chefe.

Logo que o «Dundee» içou a bandeira alemã, deram-se a bordo coisas espantosas. Primeiro, desinteligências e equívocos na transmissão e execução de ordens, não obstante a competência do comandante e o adestramento da tripulação, o que motivou êrros inevitáveis de manobra, cuja origem ficou sempre envolta em mistério. Uma vez, os submarinos ingleses aproveitaram a noite para minar certo local, onde passaria o combóio a que pertencia o «Dundee». Pois, na altura do campo de minas, êste cargueiro abandonou inesperadamente o rumo que seguia, contornou o perigo e só voltou ao rumo, quando ultrapassou o campo. Os restantes navios atravessaram o local, sem nada pressentir e um deles explodiu. Ninguém pôde averiguar a causa da manobra. A-pesar-de ter havido aparentes desobediências e algumas punições, tudo ficou na mesma.

A tripulação andava inquieta e intrigada. Por pouco não houve abalroamentos com o «Weser», contra o qual parecia recair a estranha «fúria» do «Dundee».

No fim da guerra, o «Dundee» foi entregue à Inglaterra, juntamente com outros navios mercantes; e, muito antes dêstes últimos largarem de Heligoland, largou o «Dundee», cujas caldeiras, por estranho mal-entendido, foram mandadas acender pelo capitão. O mais interessante é que o misterioso navio ficou inopinadamente desgovernado ao deixar o pôrto e descreveu uma volta, durante a qual passou ameaçadoramente junto do «Weser», em ar de desafio.

Estas informações foram dadas pelo capitão do «Weser», que, por sua vez, as transmitiu a Hans Friederich Bunck, autor do rélato.

Mais tarde, cada navio seguiu o seu destino, na faina de servir a economia geral dos povos. O capitão do «Weser», ao passar um dia pelo «Dundee», sentiu não poder cumprimentar o seu «inimigo». O «Dundee», porém, foi ao seu encontro, passou-lhe por bombordo e o capitão do «Weser» sentiu em tôrno de si uma forte rajada de vento que lhe atirou o boné ao mar. De repente, a rajada extinguiu-se. O capitão diz que nunca lhe aconteceu semelhante coisa, na sua longa carreira de marinheiro. Tem o crâneo possante e os marujos costumam puxar o boné até ás orelhas. O fenômeno deu-lhe a impressão dum indivíduo que lhe tirasse o boné e o lançasse ao mar.

O capitão do «Weser» conta outro caso ainda mais espantoso. Passados anos, o «Weser» vinha do Levante com mercadorias, teve que fazer escala por Gravesand e subiu o Tamisa, com a preamar. Ao passar o Regent Canal, sobreveio a baixa-mar e fundeou perto do cais, precisamente quando o «Dundee» descia, com a maré baixa.

A despeito da boa visibilidade e da calmaria, êste último mudou subitamente o rumo e avançou sôbre o «Weser», abalroando com êle.

Feito o necessário inquérito, verificou-se que não houvera êrro de navegação, nem defeito nas máquinas e que o espaço era suficiente para a passagem.

O capitão do «Dundee» e o tribunal de justiça encontraram-se em frente dum enígma insolúvel. Pouco depois, o «Dundee» naufragava na Biscaia, arrastando consigo mais de metade da tripulação.

Aquí está, em síntese, uma série de peripécias bem difíceis de explicar, sobretudo para os materialistas, antigos e modernos, que apenas acreditam naquilo que diretamente os impressiona. Embora, como dissemos acima, não pretendemos explicar o fenômeno, não nos repugna admitir a influência de entidades desencarnadas que, em certas condições, podem agir sôbre a matéria, quer movendo objétos, quer deixando marcas indeléveis. No caso em aprêço, o cérebro e os braços dos tripulantes teriam sido influenciados para dirigir e executar manobras involuntárias e contraditórias, em obediência a desígnios e vontades incompreensíveis. Duma forma ou de outra, trata-se realmente, de coisas espantosas, que confundem a razão humana.

Visita-os pelo Natal

«Constancia» de «La Nacion» (17-6-943)

Em 1930, Herbert Neff, residente em Knoxville, Tennesse, levou para sua casa um inteligente exemplar canino, chamado Gyp, o qual logo se transformou, quasi, em membro da familia. Dois anos depois, o cão desapareceu misteriosamente e, após buscas inúteis durante várias semanas, os Neff deram-no por perdido. Mas, certo dia—era véspera de Natal—ouviram arranhar à porta do serviço. Aí se encontrava Gyp, o pródigo. Permaneceu com a familia toda essa noite e o dia seguinte. Mas a 26 de dezembro tornou a desaparecer. Durante nove anos repetiu suas visitas de igual modo, mas nunca, durante esse lapso de tempo, puderam os Neff localizar o sitio em que vivia o animal. Só em 1941 um jornalista interessado no caso, conseguiu descobrir o paradeiro do cão, seguindo-o até uma casa situada a dois quilómetros de distancia de sua morada anterior. Seu outro dono, J. R. Jones, declarou que durante esses nove anos não conseguira explicar-se os desaparecimentos de Gyp. Em 24 de Dezembro último a senhora Neff preparou, como sempre, a comida do cão, mas este não apareceu. Vinte e quatro horas depois, Gyp, que agora conta treze anos de idade, fez, o que talvez seja, a sua última visita a seus antigos donos. A' sua crescente debilidade deve, seguramente, ser atribuido o seu atraso. O que até agora não se poude explicar é como Gyp percebe a chegada do Natal.

Que o Evangelho seja o vosso guia, porque sem êste guia sereis sempre cegos. —Calixto.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Caravana da Fraternidade

Impressões de sua passagem por João Pessoa, conforme o relato do jornalista, seu autor.

Excursionou, durante o mês de novembro último, pelas capitais nortistas, em missão de confraternização, uma caravana espírita, constituida de Artur Lins de Vasconcelos Lopes, Leopoldo Machado, Francisco Spinelli, Carlos Jordão da Silva e Ary Casadio. Artur Lins esteve nesta cidade, no dia 10, realizando à noite uma palestra na séde da Federação Espírita Paraibana, durante a qual historiou os acontecimentos que preludiaram a concretização do Pacto Áureo. O ilustre centralizador de todo o movimento confraternista retornou ao Rio, antes da Caravana, atraído por imperiosos deveres.

No dia 16, a Caravana visitou a cidade de João Pessoa. Foi um dia de intenso júbilo para a família espírita da Paraíba. Pelas dez horas, aproximadamente, os arautos da Caravana foram recebidos na séde da Federação Espírita Paraibana. Após os cumprimentos fraternais, todos os presentes sentaram-se em torno de uma mesa, seguindo-se uma prece que foi proferida pelo Professor Leopoldo Machado. Concluida a prece, foi transmitida aos presentes, por incorporação, através de Ary Cassadio, uma mensagem de Bezerra de Menezes. O tom comovente em que falou o mensageiro celeste emocionou a assistência. Todos sentiram a magnificência do ambiente, plenamente dosado de reconfortante espiritualidade. Bezerra de Menezes, após enaltecer a concórdia existente no seio da família espírita de João Pessoa, concluiu a sua mensagem, exortando a todos, para que se mantivessem dentro das linhas de fraternidade.

Em seguida, a Caravana acompanhada de vários espíritas da cidade, fez uma visita à praia de Tambaú. Alguns membros da Caravana lançaram-se às águas do Atlântico, pondo-se em contacto com as ondas acolhedoras do litoral paraibano. Leopoldo Machado recusou-se a receber o abraço fraternal das ondas, preferindo colher algumas fotografias do aprazível local. Ás 11 horas a Caravana retornou à cidade afim de se entregar a ligeiro repouso.

Ás 14 horas iniciaram-se as visitas aos Centros Espíritas «Bezerra de Menezes»; União Espírita «Deus, Amor e Caridade» e ao Albergue da mesma União, em construção; Centros Espìritas «Discìpulos de Jesus» e «Leopoldo Cirne».

Ás 20 horas, teve lugar a festa no Teatro «Santa Rosa», cedido pelo Governador do Estado. Aberta a festividade com uma prece, proferida por Carlos Jordão da Silva, usou da palavra Francisco Spinelli, que fez uma excelente discertação doutrinária, dentro dos rígidos princípios da moral evangélica.

Em seguida teve lugar a monumental conferência do Professor Leopoldo Machado, ardentemente ansiada pela família espírita da Paraíba e até mesmo por numerosos profanos.

A conferência de Leopoldo Machado empolgou todo o auditório que enchia as dependências do Teatro. O orador foi ouvido sob religioso silêncio, de momento a momento interrompido por calorosos aplausos. Foi um momento feliz. Em todas as fisionomias se estampavam a surpreza e o entusiasmo, provocados pelas sábias palavras do orador. Encerrada a conferência, o presidente da festividade proferiu as seguintes palavras; «As paredes dêste Teatro nunca ouviram palavras tão saturadas de espiritualidade, tão verdadeiras e tão em harmonia com o pensamento divino».

Ao sair do Teatro, ouvi entusiásticas referências acêrca da Professor Leopoldo Machado. Muitos lamentaram a conferência não se ter prolongado por toda a noite.

Soube, com fundamento, que até católicos e protestantes aplaudiram o conferencista.

Ainda perduram, pela cidade, os comentários em tôrno da apoteótica festividade do Teatro. Muitas pessoas ainda hoje me interpelam a respeito da possibilidade do retôrno do Leopoldo Machado a esta cidade. E' que o «gigante» de Nova Iguassú soube conquistar corações e despertar consciências adormecidas. Soube dizer com elegância e autoridade, o que é, na realidade, o Espiritismo.

A's 23 horas, realizou-se na séde da Federação uma reunião, na qual tomaram parte os integrantes da Caravana da Fraternidade e todos os Presidentes dos Centros Espíritas de João Pessoa. A reunião constituiu uma reafirmação da união existente entre os espíritas da Paraíba.

Encerrada a reunião, foi lavrada uma ata por Francisco Spinelli, a qual foi assinada por todos os presidentes de sociedades espíritas presentes.

Pela madrugada do dia 17 de Novembro, a Caravana da Fraternidade retornou à cidade do Recife, afim de prosseguir em sua jornada evangelizadora até o extremo Norte do País, deixando no coração dos que ficaram, impressões que transcendem do que se póde dizer através da palavra escrita ou falada.

José Augusto Romero.

João Pessoa, 5 de Dezembro de 1950.

A Serviço da Doutrina

Do nosso representante em viagem. sr. Onofre Batista, recebemos o seguinte comunicado :

Cafelandia: E' presidente do Centro Espírita «Amor e Caridade» o confrade Arthur Gennari, reeleito diversas vezes para o mesmo cargo, devido ao seu trabalho perseverante na seára, dispensando a todos indistintamente, ricos e pobres, as mesmas atenções e o mesmo carinho. O Centro está sempre à cunha, o que constitúe prova de que a sua Diretoria está também sempre em atividade. Cafelandia é séde de Bispado, mas a Doutrina, graças aos esforços dêsse e de outros companheiros, avança maravilhosamente.

Tapiratiba: Fiz duas palestras no Centro Espírita «Francisco de Paula Vitor», que está sob a direção dos confrades José Rosa Pereira e Venancio Pereira Dias. A propaganda marcha bem, pois esses confrades não medem sacrifícios.

São João da Bôa Vista: Acaba de ser fundada outra tenda. Fiz duas palestras com o salão à cunha. Brevemente voltarei para atender a convites no sentido de falar em outros Centros locais.

— Fiz palestra no Centro Espírita «Guilhon Ribeiro», de Botelho. Os confrades trabalham ardorosamente pela Doutrina. Já construiram um ótimo prédio próprio e, anexo ao Centro, mantêm um pequeno asilo que dá abrigo a diversas pessoas inválidas. Brevemente voltarei a Botelho para, atendendo a convites, fazer mais palestras. A propaganda nesta próspera cidade avança a passos largos.

Édipo

Ingressou no segundo ano de existência em Janeiro último, o nosso brilhante colega «Édipo», incontestavelmente um dos mais importantes órgãos espíritas do país e que se publica na Capital, sob a competente direção e redação do incansável difundidor da 3.ª Revelação, Dr. Julio Abreu Filho.

Noticiando o auspicioso acontecimento enviamos ao distinto colega o nosso abraço congratulatório, formulando os melhores votos para que o Alto continue a dispensar-lhe o mesmo auxílio de sempre.

Deus em sua infinita bondade dá a vista ao cego, a fôrça ao fraco e a vontade ao desanimado para que possam todos partilhar da bemaventurança eterna pela luz de seus espíritos ; que alcançarão, um dia, após as lutas e dores cruciantes aceitas com verdadeira paciência e resignação, na certeza da justiça de Deus. Ouvi-nos, irmãos e amigos, guardai e exemplificai os ensinos que vos trazem aqueles que, já em caminho da Luz, não vos deixam desemparados... Que Jesus os abençôe.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Écos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2761unse

NO XXVII—Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Julho de 1951 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Imortalidade e Evangelho	*Redação*
A Verdade tem que triunfar . . .	*Ismael Gomes Braga*
Artur Ramos e o Espiritismo . . .	*Deolindo Amorim*
Psicognomia	*Arnaldo S. Thiago*
A Ressurreição de Jesus	*Romulo Mantovani*
Esclarecendo	*(Comunicação)*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
Caridade sem moedas	*J. B. Chagas*
O Novo Mundo	*Maj. Levino Cornelio Wischral*
Colonias Agrícolas Escolares em terras devolutas do Estado	*Viriato Carneiro Lopes*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM» — Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo Matão, 15 de Julho de 1951 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Imortalidade e Evangelho

ENTRE as tarefas principais do Espiritismo aparece como faról a iluminar o roteiro do navegante, a imortalidade da alma, o maior dos problemas humanos. Resolvido este problema, todos os demais problemas encontram solução rápida, a começar da situação moral da humanidade. O Evangelho de Jesus, que é o código da mais pura moral e cujos ensinos constituem a base da perfeição, perderia o seu real valor porque sem a certeza da sobrevivência individual e do mundo futuro, as creaturas pouco se incomodariam com os preceitos, ensinos e feitos do maior Enviado de Deus ao nosso mundo—Jesus Cristo—convencidas de que a vida se limita do berço ao túmulo. E teriam razão para dizer: «Comamos e bebamos porque amanhã morreremos», ou, «que vale a prática das virtudes se a vida termina com a morte?»

Se as religiões tivessem pregado a imortalidade da alma apresentando como testemunho os factos que abarrotam os anais do psiquismo desde o Velho Testamento o Evangelho, que constitue a norma de conduta, o guia seguro na senda da perfeição, teria medrado em todos os cérebros e corações, e então a situação da humanidade não seria precária como atualmente é, parecendo que a moral decretou bancarrota.

As religiões se ergueram sôbre a «arêia movediça» de cultos e dogmas, não assentaram alicerces que no caso é a Imortalidade. E como uma casa não pode se sustentar sem alicerces, daí a razão por que elas vão aos poucos desaparecendo, de vez que a ignorância vai cedendo terreno ao surto progressista da inteligência que, cada vez mais apurada, quer se identificar com os factos, com a verdade, com a realidade da vida.

As gerações vão se sucedendo. E cada geração aparece na terra com o sentimento e a inteligência mais apurados. A História vem em nosso apôio. Os homens da caverna, os adoradores do «deus trovão», do «deus sol» cederam lugar aos adoradores do «bezerro de ouro» e das «imagens de faiança». Estes estão cedendo lugar aos adoradores de Deus em espírito e verdade, porque além da vida material, que não representa mais que uma fase da evolução da creatura para a perfeição, existe outra vida, a verdadeira, a vida espiritual. O sacrifício de creaturas e animais em homenagem aos «deuses» desapareceu, foi trocado por este outro sacrifício — o sublime sacrifício de amar a Deus sôbre todas as cousas e ao próximo como a nós mesmos.

Estamos na Era do Espírito. Esta Era teve começo com o advento do Espiritismo, o Paracleto da Promessa de Jesus Cristo. É a Terceira Revelação, e talvez a última neste mundo, o que quer dizer que as etapas evolutivas da humanidade no plano terreno estão dando os *últimos sinâis de despedida. E como o aproximar da despedida é sempre doloroso, a humanidade passará, como está passando, pelos mais terríveis momentos de sua longa e dolorosa história, como o enfêrmo que, acossado por terríveis dôres, percebe, agonizante, os derradeiros momentos de vida. É a realização integral das profecias do Vidente de Patmos.*

A missão do Espiritismo é pregar a Imortalidade da Alma, documentando-a com os factos espíritas que se reproduzem sem cessar desde tempos imemoriais, e agora mais do que nunca, conforme observamos, pois não são apenas os livros, jornais e revistas espíritas que relatam os fenômenos psíquicos, mas também a imprensa profana, a começar dos mais importantes órgãos mundiais. E enquanto de um lado o Espiritismo prega a Imortalidade, estudando os fenômenos psíquicos, de outro esclarece os ensinos evangélicos em espírito, para que todos os estudiosos das cousas do Espírito se convençam de que a morte é apenas, como disse o Prof. Charles Richet, a Porta da Vida e, convencidos desta verdade, encontrem no estudo e na prática dos preceitos evangélicos o caminho da felicidade, num trabalho ativo, perseverante, que possa constituir aquela fé que remove montanhas e transplanta sicômoros.

Foi, aliando a Imortalidade ao Evangelho, que Allan Kardec afirmou sabiamente que o Espiritismo é uma ciência de consequências religiosas.

Será esta ciência que, num futuro próximo, conduzirá a humanidade ao lugar que lhe compete no concerto universal, de vez que todos os seus magnos problemas serão solucionados sem «mesas redondas», sem longos e intempestivos debates e ameaças á paz, conforme vem sucedendo de longa data, em que os estadistas só terminam a solução das questões internacionais pela força das armas, para fazerem prevalecer os seus pontos de vista unilaterais, em detrimento dos interêsses dos demais países.

Imortalidade e Evangelho representam, portanto, o alfa e o omega da vida, os números capitais da solução de todos os problemas humanos.

A Verdade tem que triunfar

Para «Revista Internacional do Espiritismo» — **Por Ismael Gomes Braga**

«O homem é um produto inacabado», dizia-nos certa vez o Espírito de um caro amigo que nos precedeu no regresso à Pátria Espiritual, e nos expunha quanto nos falta para alcançarmos o saber, a virtude, a energia dos Espíritos elevados que ainda continuam lutando sempre em seu próprio burilamento, por se sentirem igualmente produtos inacabados.

Vendo o homem tão ignorante, tão mau e apesar de tudo tão orgulhoso, Camilo Castelo Branco exclamou: «A maior calúnia que se póde assacar a um Ente Perfeito é imputar-lhe a criação do homem!»

Se o homem houvesse que ficar como está hoje, seria realmente um fiasco a criação; mas já sabemos que não é assim; já temos visto algumas «amostras» encantadoras, mesmo aquí nêste lúgubre hospício, porque de tempos a tempos descem ás nossas trevas alguns habitantes de luminosas esferas. Também notamos que, lentamente embora, todo o gênero humano tem melhorado através dos séculos: o que fazia o encanto das multidões no circo romano, há 1900 anos, já não seriam tolerado hoje. O entusiasmo com que a multidão assistia, há 300 anos apenas, ao espetáculo de queimarem um homem vivo na praça pública, já nos repugna a todos.

O comercio de escravos que parecia tão natural no século passado, hoje nos parece um pesadelo incrível.

O homem progride, desenvolve o senso moral, alarga seus conhecimentos, aprende a distinguir o mal do bem, vai adquirindo compreensão da justiça, vai tornando-se menos mau e menos ignorante. O progresso é uma lei fatal, como nos ensinam nossos Maiores da Espiritualidade e no-lo demonstra a História.

Há um século ainda se achava encarnado na superfície da Terra um desses Espíritos encantadores pela bondade e pelo saber, mas sujeito a erros humanos. Elaborou um sistema de filosofia de imensa beleza moral. Estabeleceu normas de conduta capazes de criarem um mundo harmonioso e feliz. Reagindo contra o fanatismo religioso desumano do passado, criou êle a Religião da Humanidade, porque tinha sêde de fraternidade e era um crente no homem. Se a ignorância criara a desumanidade da religião, o saber deveria criar a religião da humanidade, o que de certo modo concordava com as palavras de Jesus: «O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado». (Marc. 2: 27). Êsse homem boníssimo e eruditíssimo chamou-se Augusto Comte e partiu da superfície da Terra em 1857, ano tão grato para nós espíritas, por ser o do aparecimento do primeiro livro espírita de Allan Kardec.

Baseando toda a sua teoria na Ciência Positiva, em factos bem verificados pelos nossos falhos sentidos, Augusto Comte cometeu um pecado mortal para sua bela ideologia: negou a sobrevivência da alma, supondo que a crença na sobrevivência era simples dogma de fé, sem base nos factos. Ao seu tempo não eram bem estudados os factos espíritas que sempre existiram, e êle os atribuiu à superstição. Com êsse êrro fundamental, todo o belo edifício tinha que ruir; por que a crença na existência objetiva e sobrevivência da alma é eterna e se acha no subconsciente de nossos espíritos, manifestando-se em forma de intuição de uma verdade que se confirma pela observação dos factos.

Com essa negação, o Positivismo se tornou paradoxalmente Negativismo. Ficou circunscrito a pequenos núcleos de estudiosos, mas em número tão limitado que lhe não permite realizar uma obra social apreciável. Pelo Recenseamento de 1940, só havia no Brasil mil e noventa e nove positivistas e nêsse número sòmente trezentas mulheres (799 eram homens). Um movimento religioso que conta sòmente com 30 % de mulheres e 70 % de varões, só por isto estaria morto, ainda que o número absoluto fôsse muito maior.

Estamos informados que no Recenseamento de 1950 os positivistas estão sendo contados na rúbrica «De outras religiões», por ser estatisticamente insignificante o seu número. Estão sendo apurados, segundo soubemos, sòmente os seguintes grupos: «Católicos», «Protestantes», «Ortodoxos», «Israelitas», «Maometanos», «Budistas», «Xinteistas», «Espíritas», «De outra religião», «Sem religião» e «Sem religião declarada». Se êste quadro — que é incompletissimo — não fôr alterado, não ficaremos sabendo quantos positivistas há no Brasil.

Mas o Positivismo é demasiado belo para morrer! Nossa esperança é que êle se reforme, corrigindo a parte negativa e ainda dê belos frutos em sua nova apresentação. Dá-nos esta esperança um livro recente, publicado em Rio Claro, Estado de S. Paulo, pelo Sr. Agenor Correia, com o título «A Objetividade da Alma».

O venerando autor é positivista há meio século, mas estudou o Espiritismo e reconhece que hoje existem factos suficientes para que a objetividade e sobrevivência da alma se torne uma conquista do saber positivo, isto é, uma verdade cientificamente demonstrável. Copiemos alguns tópicos de seu livro; ás páginas 14 e 15, diz:

«*...a zona doutrinária que divide em dois campos, positivistas e espíritas, é incontestavelmente a crença na objetividade da alma; e aproveitamos todas as ocasiões para declarar que, uma vez comprovada essa objetividade, tal qual nos parece provada, positivistas e espíritas devem entrar em estreita e confiante colaboração, no sentido de dar à Religião a maior amplitude possível...*»

Na pag. 47:

«*E' que, no estudo teórico e prático do Espiritismo, no conhecimento do progresso alcançado ultimamente pela Química, encontramos elementos convincentes da sobrevivência objetiva da alma*».

Na pag. 82:

«*...se o espírito humano não póde desistir de uma idéia sôbre a essência das coisas e de suas causas primárias e finais, terá forçosamente de adotar a Doutrina Espírita*».

Desejariamos que todo o espírita estudioso e todo positivista estudasse o belo livro do Sr. Agenor Correia, porque dessa leitura se depreende que a Verdade tem que triunfar e por isto mesmo o Positivismo terá que ser reformado, conservando tudo que êle tem de *positivo* e abolindo o que tem de negativo e que seria sua morte. Êle tem de positivo coisas belissimas, cujo estudo será utilissimo a todos nós. Não tenhamos o sectarismo de desejar apenas que os positivistas se tornem espíritas, que os budistas, os bramanes, os xintoistas se tornem espíritas e sejam como nós, espíritas vindos do Catolicismo romano. Podemos desejar muito mais: que tudo que de belo e bom possuem as religiões e as filosofias do Ocidente e do Oriente, venha a reunir-se no futuro, formando um patrimônio imenso para a Humanidade.

Se a nossa ignorância ou meia ciência só sabe encontrar divergências e motivos de divisão em seitas e partidos, de ódios e paixões, de raças e nações, de castas e classes, uma ciência maior e uma moral mais aprimorada hão de saber descobrir os pontos convergentes, uma sublime unidade que a tudo e a todos reuna num todo harmonioso e belo. Proclamando-se simultâneamente Ciência, Filosofia e Religião, o Espiritismo já deu um grande passo rumo à unidade.

Uma Humanidade muito mais adiantada do que a nossa, de posse de uma língua mundialmente usada por todos, de meios de transporte mais rápidos e mais acessíveis do que os de hoje, de uma técnica mais eficiente, de uma ciência mais completa, com a mediunidade mais divulgada, há de rumar para uma unidade ideal que realmente existe em germe nos espíritos e é a essência mesma de tudo.

A Verdade tem que triunfar e nos libertar das divisões. Está prometido: «conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará» (João, 8 : 32).

Artur Ramos e o Espiritismo

I

Os livros do Professor Artur Ramos, principalmente os que tratam do fenômeno de animismo, são muito interessantes para quem estuda as fases evolutivas da mediunidade. O Prof. Artur Ramos citou o Espiritismo em diversas oportunidades. E' lamentável, porém, que o tenha feito de modo incompleto senão unilateral, porque, como Afrânio Peixoto, Alcântara Machado e outros homens de responsabilidade intelectual, limitou as suas observações e experiências ao *mediunismo*, assim mesmo, deturpado. Diga-se, pois, a verdade: Artur Ramos confundiu o Espiritismo com a *macumba!* Para êle, no que, aliás é apoiado por outros autores, que não tomaram conhecimento da parte doutrinária do Espiritismo, o fenômeno mediúnico não merecia estudos especiais, a não ser como objeto de pesquisa nos *terreiros* do Rio e nos *candomblés* da Bahia. Todavia, a despeito dos equívocos a que fôra levado no julgamento do Espiritismo, Artur Ramos prestou grande serviço á Ciência. E' justo, pois, que lhe rendamos sincera homenagem na introdução destes artigos. (1) Seus livros sôbre cultura negra, matéria em que se especializou, tendo-se tornado uma das maiores autoridades no hemisfério americano, constituem, hoje, a mais opulenta e mais consultada bibliografia científica, no Brasil, sôbre tudo quanto se refere a êste assunto: religião, costumes, organização social, *folk-lore*, etc.

Tendo estudado, e muito, as religiões de procedência africana, o saudoso mestre da ciência antropológica dedicou parte de seus estudos ao *animismo fetichista*, ao *mediunismo* e, ainda, a outros aspectos daquelas religiões, o que lhe permitiu deixar, sôbre o assunto, livros indiscutivelmente notáveis. Hoje, por exemplo, não se escreve sôbre o negro no Brasil, em qualquer terreno — vida social, crenças, tendências artísticas, etc., sem recorrer à obra de Artur Ramos. É, sem dúvida alguma, a fonte mais procurada, tanto pela opulência como pela honestidade. O inesperado falecimento dêsse ilustre homem de ciência abriu um claro cujo preenchimento será, talvez, bem difícil, por muitos anos, na cultura brasileira. Talvez ainda seja necessário *preparar* o verdadeiro substituto de Artur Ramos... Tive a honra e o prazer de ouvir, no Ministério da Educação, creio que a última conferência do Prof. Artur Ramos, pouco antes de sua viagem com destino a Paris. Vi-o robusto, sereno como sempre, retalivamente moço, discorrrendo com a segurança que lhe era habitual, muito satisfeito, e no entanto aquela aparência forte e sadia estava bem próxima da queda fatal, pela violência de um colapso cardíaco. Pode-se dizer, sem exagêro, sem cair no lugar comum, que a desencarnação de Artur Ramos foi o que se pode chamar, com propriedade, «uma perda nacional», embora saibamos que o espírito é imortal. Perda nacional, sim, dentro da relatividade dos conceitos humanos.

Quero, agora, pedir a atenção dos leitores para uma faceta da formação cultural de Artur Ramos. Sem haver afirmado convicção espiritualista, tendo trazido dos bancos da Faculdade muita influência freudiana, porque a escola psicanalista se enraizara fortemente no espírito de sua geração, o mestre brasileiro, sem qualquer apêlo a crenças religiosas, pois não era homem de fé, combateu tenazmente o preconceito de côr e de raça. Fê-lo em nome da ciência, sôbre cujos princípios sustentou sempre, com desassombro, que o preconceito de cor ou de raça é anti-científico, está apoiado sôbre base falsa. Precisamente quando, não faz muito tempo, o mito da *raça pura* e a chamada preponderância do arianismo eram convertidos em perigosa «razão de Estado» para justificar, como se sabe, perseguições e crimes, por motivos raciais, no Velho Mundo, Artur Ramos saiu a campo, com as armas da Ciência e, com a dedicação de um apóstolo, combateu os dogmas raciais, fulminou o preconceito de côr abertamente, á luz da verdade científica. Todos ainda se lembram daqueles factos, que são de ontem, a bem dizer. Ainda em nome da Ciência, sem ser homem de côr, sem ter, portanto, motivos que o vinculassem ao elemento negro, Artur Ramos condenou veementemente a suposta *inferioridade* do negro através de livros, artigos, aulas, conferências durante grande parte de sua fecunda atividade científica. Esta tese, sempre franca e clara, sem subterfúgios, sem acomodações nem subtilezas, foi o ponto central de seu apostolado científico: *o preconceito de raça não tem base científica.* Tendo colocado a Ciência ao serviço da Verdade, nunca deixou, fosse onde fosse, de bradar energicamente contra o preconceito de côr, sem descer á demagogia nem ao verbalismo vasio. Nunca saiu da posição de homem de ciência. Lembro-me bem de uma conferência por êle pronunciada, no estílo de aula, na *Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*, com a presença de representantes de instituições de cultura negra da Capital da República. Guardei bem êste ponto, que foi a síntese da magistral conferência: *a superioridade ou inferioridade do homem está no espírito, não está na côr.* Eis aí um princípio que coincide perfeitamente com a doutrina espírita.

Apesar de adversário do Espiritismo, o Prof. Artur Ramos afirmou, sem o saber, um princípio espírita. Não é possível harmonizar, á luz da reencarnação, o preconceito de côr ou de raça com a doutrina espírita. Infelizmente, porém, o ilustre antropólogo não compreendeu o Espiritismo: viu o «animismo fetichista» nos *terreiros* da Bahia, o sincretismo afro-católico nas *macumbas* do Rio, e concluiu pela aceitação de tais práticas como Espiritismo. Para êle, como para os que lhe seguiram os passos, Espiritismo, feitiçaria, macumba, etc., são a mesma coisa!

Lamentamos, apesar de nossa grande admiração, que o consagrado mestre da ciência antropológica, tão rigoroso, tão honesto em suas pesquisas e deduções, tenha revelado, em diversas passagens de sua obra, o flagrante equívoco de nivelar o Espiritismo com a bruxaria, a macumba, por exemplo. Queremos crer, todavia, que o Professor Ártur Ramos, cedo ou tarde, desde que tivesse estudado bem o Espiritismo em sua parte científica ou filosófica, terminaria mudando de opinião. Seria, possivelmente, questão de tempo. Analisemos, agora, dois evidentes enganos do Professor Artur Ramos, o que vem provar, portanto, que aquele culto pesquisador brasileiro não conhecia o Espiritismo nem a história do movimento espírita; conhecia, sim, impelido pela curiosidade científica, o *animismo* dos terreiros, o *mediunismo* dos «candomblés» ou «macumbas», em cujo meio colhera importante material de estudo. No livro intitulado «Guerra e Relações da Raça», publicado em 1934, sob os auspícios da União Nacional dos Estudantes, disse o Professor Artur Ramos:

> *Cartomantes, videntes e charlatões não existem apenas nesta heroica cidade de S. Sebastião. Constituem um produto da industria urbana de todos os paises. Há trinta anos passados, João do Rio revelava que, em Londres, os «fortunetellers» (2) tinham uma clientela muito maior do que a de que se supunha existir entre nós. Jornais especiais como «Light», dedicavam suas secções de anúncios a apregoar as virtudes miríficas desses manipuladores do sobrenatural. (3).*

Até aquí, não há objeção a fazer. A existência de *cartomantes, videntes, charlatães*, etc., não é novidade, mas um fenômeno muito comum, de preferência nas grandes cidades. Afirmou, porém, o Prof. Artur Ramos o seguinte: *«A TÉCNICA DO ESPIRITISMO E' UM PRODUTO DE EXPORTAÇÃO AMERICANA»*. Nêste passo, como se vê, o Prof. Artur Ramos pisou em falso, porque o movimento espírita brasileiro não tem ligação com a influência norte-americana. A inexatidão de tal afirmativa é, aliás, incompatível com os créditos intelectuais de um homem de ciência. Dentro da ordem de idéias em que sustenta aquela proposição, adianta: *Nas minhas peregrinações pelos estados do sul e do oeste dos Estados Unidos, colhi uma infinidade de fórmulas, orações mágicas, medicina popular, receitas de erva, esconjuros de amor, de felicidade, de doença, exportados pelas grandes casas atacadistas de Chicago, e com agentes disseminados pelo imenso território.* O livro é de 1934, mas o Prof. Artur Ramos, apesar de seus trabalhos posteriores, não mudou de opinião. O Espiritismo, como se sabe, não prescreve fórmulas, orações mágicas, esconjuros etc., mas quem lê a obra do Professor Artur Ramos sem ter, pelo menos, leitura do assunto, fica na persuasão de que tudo isso faz parte do Espiritismo. Vamos, pois, em refutação à tese do autor de *«Guerra e Relações de Raça»*, dividir o assunto em duas partes:

a) — a prática espírita não se confunde com a prática de fórmulas, orações mágicas, esconjuros, etc.

b) — o Espiritismo, no Brasil, não é produto de origem norte-americana.

Eis aí, finalmente, os dois pontos que mais se nos afiguram passiveis de retificação no livro do Professor Artur Ramos.

DEOLINDO AMORIM.

---

(1) — O Prof. Dr. Artur Ramos faleceu em Paris no dia 31 de outubro de 1949, quando se achava a serviço de nosso país, no Departamento de Ciências Sociais da Organização das Nações Unidas (ONU). Tombou repentinamente, no trabalho, em conseqüência de um colapso cardíaco. Artur Ramos de Araujo Pereira era o seu verdadeiro nome. Nascido em Pilar, Estado de Alagoas, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde iniciou a sua carreira científica. Foi discípulo e continuador do grande alienista Nina Rodrigues, precursor dos estudos científicos do elemento negro no Brasil. Tendo deixado a Bahia, o Prof. Artur Ramos fixou-se no Rio de Janeiro, há muito tempo. Era catedrático de Antropologia *da Faculdade Nacional de Filosofia. Lecionou, a convite, em Universidades Norte-Americanas, tomou parte em diversos Congressos científicos. Escreveu seguramente vinte trabalhos sôbre psicanálise, folk-lore, sociologia, antropologia etc. Dois de seus livros, por exemplo, são indispensáveis a quem estuda religiões e costumes de origem negra:* «O Negro Brasileiro» *e* «As Culturas Negras no Novo Mundo».

(2) — Fortunetellers: adivinhadores, indivíduos que se dizem reveladores da sorte, etc.

(3) — João do Rio é o pseudônimo de Paulo Barreto, jornalista carioca.

Só é considerado espírita de verdade aquele que põe em prática os mandamentos de Deus no lar, na sociedade, nos cargos de responsabilide e nas tendas de trabalho. E quem assim não fizer não pode ser espírita. — CONSTANÇA.

Psicognomia

DEPOIS da proclamação, pelo Papa Pio XII, do novo dogma da assunção da Virgem Maria, isto é, da subida ao céu em corpo e alma, era lógico esperar-se uma nova declaração filosófica por parte da igreja de Roma, em favor da Fisiognomástica do Estagirita, que é, conforme a afirmativa peremptória do Diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil, Padre Afonso Rodrigues S. J., a mesma Psicognomia, ou seja «a ciência e a arte de conhecer a alma, com suas múltiplas capacidades, pela configuração do corpo». Assim, «a verdade constatada pelo filosófo pagão foi firmada e robustecida pelo dogma católico» — conclama-o explícitamente, com a sua autoridade de teólogo, o mesmo Padre Afonso Rodrigues.

São argumentos positivos em favor da doutrina aristotélica, aceita hoje pela igreja em sua integralidade, todos os que foram postos pelo Estagirita, porquanto (diz ainda o Padre Rodrigues), «a Filosofia da Igreja Católica como se pode verificar pelos documentos dos Romanos Pontífices, pelas publicações de suas Universidades e livros manuais de seus Seminários, é a de Aristóteles — a que a Igreja chama de Filosofia perene».

Tirando dela os seus argumentos, conforme a própria expressão do ilustre sacerdote, é doutrina da Igreja a da Fisiognomônica aristotélica, a qual «estabelece que as almas estão em relação transcendental para seus corpos, de tal sorte que, não são substância *à parte* ou entidades independentes das modificações de seus corpos». Por isso a Igreja Católica repele a Filosofia de Platão que define o homem do seguinte modo (ainda segundo a citação do Padre Rodrigues) : «O homem é um espírito usando de um corpo, de modo idêntico como um artista usando de um instrumento», sendo, portanto, «para Platão, a alma uma substância completa ; o corpo outra substância completa, ajuntados carnalmente. Dai aceitar êle a metempsicose — transmigração de uma alma para outro corpo como um ser completo que se locomove no espaço e muda de casa».

«Na Metafísica de Aristóteles — escreve o Padre Afonso Rodrigues — a metempsicose é um absurdo, porque a alma é princípio de substância e não substância ; a matéria outro coprincípio substancial. A substância é o homem. O homem é uma cousa só : basta analisar, como fez o filósofo, o poder assimilativo que está sujeito a um único princípio vital, que age em toda a parte do modo mais variado e uno, para bem do todo uno».

Destarte a doutrina da igreja com relação ao Homem, graduado superior de tôda a natureza vivente do nosso planeta, o Homem em cuja fronte o Criador imprimiu o sêlo divino da CONSCIÊNCIA, é a mesma do filósofo pagão Aristóteles, que viveu trezentos anos antes de Jesus, desprezando a mesma igreja a filosofia de Platão, também anterior ao Cristo. É notório, entretanto, que Jesus confirmou a doutrina de Platão, quando disse claramente a Nicodemus que «aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus». (João III, 3).

Tese — A igreja católica, para ficar com Aristóteles contra Platão, insurge-se, ipso facto, contra a Doutrina do Cristo, que também disse : «O que é da carne é carne, o que é do Espírito é Espírito», análoga, na letra e no sentido espiritual, ao princípio, firmado pelo discípulo de Sócrates, segundo o qual «a alma é uma substância completa ; o corpo outra substância completa, ajuntadas casualmente».

Percebe-se bem qual o objetivo dêste cuidado da igreja em restaurar, quase ao início do 3.o milênio da vinda do Cristo à Terra, a Fisiognomástica aristotélica. Esfôrço extemporâneo e inútil !

A doutrina da existência da alma em sua plenitude, independente do corpo, está de acôrdo com a evolução científica. Na era da Física das vibrações é muito arrojada essa tentativa de restaurar, neste ponto, a doutrina do Estagirita. Só mesmo um representante graduado da igreja católica, prestigiado, graças a circunstâncias fortuitas, pelos grandes da terra, seria dado forçar as portas do absurdo e mesmo assim fazer-se ouvir...

A estática da matéria, que emprestava tanto realce à concepção pseudo filosófica da «forma», foi substituida pela dinâmica das vibrações. Não mais vivemos, senão ilusóriamente, graças à precariedade dos nossos sentidos humanos, no mundo das estruturas estáveis e concretas: passamos a viver no amplo universo das «ondas» e das vibrações, da portentosa dinâmica dos vórtices atômicos!

Para que a Fisiognomônica pudesse novamente fazer escola nas Universidades, travestida de Psicognomia, necessário seria impôr aos meios científicos o dogma da abstenção compulsória de toda e qualquer investigação no campo da Física nuclear.

Voltariamos então a uma nova idade média com uma inquisição que levasse ás fogueiras e aos calabouços, não mais as pobres feiticeiras ignorantes de outrora, mas sim os maiores homens da Ciência contemporânea.

Que se acautelem os nossos César Lates, Costa Ribeiro, Alvaro Alberto, Edmundo de Macedo Soares e tantos outros que fazem, no Brasil, prestigiando-nos perante o mundo civilizado, a glória da Ciência Brasileira! A não ser — o que nos parece absurdo — que tais cientistas se desinteressem tanto das questões suscitadas pelos bons Padres, que tudo aceitem, displicentemente, do que lhes possam êles dizer, sem um pequeno exame, sequer, das incongruências e das heresias científicas, em que envolvem as suas investidas contra o espírito religioso do seculo vinte, que se desenvolve e progride par e passo com as novas aquisições da Ciência.

A aceitação da Metafísica de Aristóteles, pela igreja, contra a de Platão, decorre da circunstância de aceitar esta e aquela repelir a metempsícose, que é, para o Estagirita, diz o Padre Afonso Rodrigues, um absurdo, porque a alma é principio de substância e não substância ; a matéria outro coprincípio substâncial.

Mas, se a metempsicose dos antigos pode ser contestada, porque admitia a possibilidade, *que nunca foi comprovada,* de vir uma alma de homem animar um corpo de irracional — o que importaria numa retrogradação, a dos modernos espiritualistas tem de ser admitída como *um fato de comprovação científica evidente ;* e contra factos não há argumentos. Se a metempsicose generalizava até as espécies inferiores do reino animal, ou seja até os irracionais, a transmigração das almas dos homens de uns para outros corpos, a reencarnação revelada pelo Cristo (1) e predicada, como restauração dos veros princípios do Cristianismo, pela Filôsofia Espírita, não admite essa retrogradação e se acha firmada em abundantissimas investigações de ordem científica, que não deixam margem a dúvida alguma e podem ser estudadas nas obras do ESPIRITISMO, desde as fundamentais, de Allan Kardec, até as dos seus seguidores, Leon Denis, Coronel de Rochas, Gabriel Delanne, William Crookes, Robert Dale Owen, Camille Flammarion, Paul Gibier, E. Gyel, Stainton Moses, Johan Carlos Friedrich Zöllner, Bittencourt Sampaio, Ewerton Quadros, Bezerra de Menezes e tantas outras, que constituem vasta bibliografia à disposição dos estudiosos de boa vontade e suficientemente imparciais, para se não deixarem escravizar a sectarismos absurdos.

Aceitamos o argumento aristotélico, segundo o qual «a matéria é o princípio individuante da Forma, isto é, lhe confere as notas características de sua individualidade», pois que «a forma substancial se configura e se conforma à configuração da sua potencia receptiva, a matéria»; mas, aceitando-o, conceituamo-lo, de acôrdo com o pensamento implícito nessa proposição, dentro do princípio espírita da tríplice composição do homem: Espírito, Perispírito e Corpo, para admitir que a *forma substancial,* a que se refere o Estagirita, certamente iniciado nesse transcendental conhecimento, já admitido pelos Egípcios, é a do segundo elemento — o Perispírito — o qual serve de envólucro ao Espírito, quando despojado do corpo físico.

Embora essa *forma substancial precedente à configuração da sua potência receptiva, a matéria* — e sôbre a mesma prevalecente, seja de natureza vibratória, é ela que guarda a característica individual de cada sêr dentro da sua espécie. Daí o poder dizer Santo Tomaz : «A nobreza da alma se segue da boa compleição do corpo» (In «De Anima», I-III. 19), conforme citação do Padre Afonso Rodrigues, sendo aquela expressão «seguir-se» entendida na significação de inferir-se.

Evidentemente! *Mens sana in corpore sano.*

De um modo relativo e não absoluto, a perfeição do corpo indica perfeição da alma. Dizemos relativamente porque há aleijados, enfermos de moléstias deformantes e mesmo, até certo ponto, verdadeiros casos teratológicos que, por exceção (e sabemos que as exceções confirmam a regra), dispõem de boa alma: são os Espíritos em provação na terra, expiando faltas do passado. Mas quase sempre, tratando-se de um Espírito adiantado, submetido a provas passageiras, a sua superioridade há de revelar-se naquela região em que se reflete a alma, segundo Aristóteles, isto é, «a região perto dos olhos, a fronte, a cabeça e a face» — segundo ainda a citação do Padre Afonso Rodrigues.

Como se vê, há na Filosofia dos grandes homens que precederam o Cristo e dos que se seguiram ao Mestre supremo da humanidade, cousas aceitáveis e outras que não resistem ao avanço das idéias. Só o Cristo nos trouxe a verdade absoluta, por vêzes sob o véu da letra, afim de ser adequada às mentes de uma época, para ser desvendada em épocas mais adiantadas («E com muitas parábolas tais lhes falava a palavra, segundo o que podiam ouvir. E sem parábolas nunca lhes falava; porém tudo declarava em particular aos seus discípulos» — Mar. IV, 33 e 34).

Cristalizar princípios, quando o Espírito humano ainda não está suficientemente amadurecido para as concepções definitivas da Verdade, é que não é possível!

Eis porque discordamos da Psicognomia, a que o ilustre Padre Afonso Rodrigues veio agora emprestar o fulgor da sua inteligência, tão mal empregada, infelizmente.

Nas artes humanas, o espírito pode estar implícito na matéria; na divina Arte da Criação, porém, o que é do Espírito é espírito, o que é da carne é carne.

«Deus finxit corpus hominis e limo terrae: dedit illi animam viventem: fecit illum ad similitudinem suam».) (Epitome Historiae Sacrae, pag. 1). Esta semelhança do homem com Deus decorre não do corpo, mas dessa alma que Deus lhe deu: *dedit illi viventem.* Esta é que é divinamente substancial, porque à semelhança de Deus feita: DEUS É ESPÍRITO E SÓ EM ESPÍRITO O PODEM ADORAR OS QUE O ADORAM. O corpo é acessório, um acidente passageiro no infinito da vida do Homem. «Quereis saber o que é uma alma, dizia o Padre Vieira, vêde um corpo sem alma».

ARNALDO S. THIAGO.

Rio, Maio de 1951.

---

(1) João. III, 3;

A Ressurreição de Jesus

Por Romulo Mantovani

II

Sabemos também que um espírito não pode materializar-se sem presença de um ou vários médiuns. Certamente Pedro e João, médiuns, sentados sôbre o sepulcro e chorando, forneceram a Jesus os meios de manifestar-se. E' interessante observar como a materialização espirítica de Jesus segue as mesmas regras que as materializações de nossas sessões, e devemos deduzir que se trata, portanto, duma mesma lei da Natureza.

Porque essa proibição de tocá-lo feita por Jesus a Maria, quando pouco depois, ele ia exigir que seus discípulos, ansiosos por saber se não se tratava de um fantasma, apalpassem suas mãos e seus pés, afim de lhes assegurar que não era um fantasma?

Certamente para dar também um ensinamento espiritual.

«—Noli me tangere!»

«—Não me toques!

— Dizes amar-me e procuras um pobre corpo morto. Só crês no que vês com teus olhos e ainda não crês nas minhas palavras.

« — Procuras-me como «um morto» e esqueces o que vos disse: «Eu sou a Vida, sou Eterno, porque estou unido a meu pai. Sou o Amor».

« — «Noli me tangere».

« — Não és digna de tocar-me, de unires-te a mim, porque ainda não crês em minha ressurreição. Surda a minhas palavras, procuras um corpo físico e eu te disse que sou Espírito, que «sou a resressurreição e a vida».

«—Procuras-me num túmulo, quando deverias sentir-me em tua alma, em tua vida.

« — Não te retardes em teus sentidos. Apoia-te na minha palavra de vida. Crê em mim. Tem a fé que não precisa dos sentidos. Quando creres em minha ressurreição, quando creres que «estou sempre convosco», então não me procurarás mais, porque sentir-me-ás vivendo em teu coração, em tua alma e então poderás tocar-me, porque estarás unida a mim».

Que sublime ensinamento espiritual ele nos deu com essas três palavras!

Essas palavras! Melhor: essa severa ordem — «Noli me tangere» — não é dirigida a Maria Madalena, «pessoa humana», como a um único ser, mas a essa parte da humanidade que permanece ainda cega à realização do Espírito.

Vós todos que vos dizeis «cristãos», que credes amar o Cristo, mas que recusais crer em «sua palavra», reconhecer a sua ressurreição, isto é, a sobrevivência após a morte e sua possibilidade de manifestar-se no mundo físico; vós todos que vos recusais a reconhecê-lo vivendo em vosso coração e no da humanidade inteira como Espírito, vivendo em todos, lembrai-vos de que é para vós que ele dirige êsse severo aviso: *Noli me tangere*. Sois indignos de tocar-me.

No mesmo dia, isto é, o terceiro após a morte, como havia predito, apareceu a dois outros Apóstolos. Eis aqui a descrição que nos dá Lucas, confirmada por Marcos:

«E eis mesmo nesse dia, dois discípulos iam a uma aldeia chamada Emaús, afastada de Jerusalém sessenta estádios e eles conversavam sôbre tudo o que se havia passado. Enquanto eles falavam e discutiam, Jesús aproximou-se e jornadeou com eles. Mas qualquer coisa impedia que seus olhos o reconhecessem.

«Êle lhes diz: de que falais caminhando, para que estejais tão tristes? Um deles chamado Cleófas respondeu-lhes: «És o único que, estacionando em Jerusalém, não sabes o que aconteceu nestes dias? — Que! — lhes diz êle. E eles lhe responderam: O que aconteceu a respeito de Jesus de Nazaré, que era um profeta poderoso em obras e em palavras diante de Deus e diante de todo o povo, e como os principais sacrificadores e nossos magistrados entregaram-no para fazê-lo condenar à morte e o crucificaram.

«Esperávamos que seria êle que libertaria Israel: mas com tudo isso, eis chegado o terceiro dia...

«É verdade que algumas mulheres dentre nós nos espantaram bastante havendo ido na grande manhã ao sepulcro e não tendo encontrado seu corpo, elas vieram dizer que os anjos lhes apareceram e o anunciaram vivo.

«Alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres o haviam dito: mas a Êle não o viram absolutamente.

«Então Jesus lhes diz: Ó homens sem inteligência, e cujo coração é lento em crer em tudo o que disseram os profetas. Não era preciso que o Cristo sofresse essas coisas, e que êle entrasse em sua glória? E começando por Moisés e por todos os profetas, êle lhes explicou em todas as Escrituras o que lhe concernia.

«Quando eles estavam perto da aldeia aonde eles iam, êle parecia querer ir mais longe. Mas eles lhe solicitaram dizendo: «Fica conôsco, porque a noite se aproxima, o dia está em seu declínio». E êle entrou para ficar com eles.

«Então seus olhos abriram-se, e eles o reconheceram; mas êle desapareceu de diante dêles.

«E eles disseram um ao outro: «Nosso coração não nos queimava dentro de nós quando êle nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras»? Levantando-se no mesmo momento, eles voltaram a Jerusalém; e eles encontraram os onze, e os que estavam com eles, reunidos e dizendo: «O Senhor realmente ressuscitou, e apareceu a Simão».

«E eles por sua vez, contaram o que lhes havia acontecido «no caminho, e como eles o haviam reconhecido à divisão do pão».

Este relato é contado com tal sentimento de espontaneidade e de poesia, que se o advinha escrito por alguém que teve a testemunha ocular dele. De facto a Escritura fala-nos de «Simão e o outro». O outro é certamente Lucas que, por modéstia, não se revela. É por isso que damos grande importância a este relato.

Esta manifestação espirítica de Jesus é uma das mais belas. Não sómente êle se há materializado, mas caminhou e falou com eles, senta-se à mesa com eles se revela por seu ensinamento mesmo, isto é, «agradeceu e partiu o pão». Nêsse momento é que seus olhos se abriram e reconheceram Jesus. Nenhum outro humano poderia realizar identidade para toda pessoa de boa fé.

Como, nestes casos, podemos admitir uma alucinação de dois discípulos? Impossível? Talvez para a aparição durante a marcha e o discurso, mas o facto de «agradecer» e de partir o pão, é um gesto que Êle só podia fazer dessa maneira. Estes dois apóstolos não criam na possibilidade da aparição após a morte. Ser-lhes-ia impossível alucinarem-se reciprocamente sôbre um facto que não sómente eles não criam possível, mas que não esperavam absolutamente da parte dum passeante encontrado ocasionalmente.

É preciso considerar todos esses pormenores, que nos provam a veracidade da manifestação.

Notemos que, segundo a Escritura, «alguma coisa impedia que seus olhos o reconhecessem». Isto prova-nos ainda mais que não se trata de uma aparição interior, duma visão fantasmagórica porque então eles o haveriam visto e reconhecido em seguida. E' evidente que mesmo neste caso Jesus impede que o reconheçam para ter a possibilidade de manifestar-se por tempo mais longo e poder realizar o ato de dividir o pão.

Notemos a sincera exclamação dos dois discípulos que disseram um ao outro: «Nosso coração não queimava dentro de nós, quando êle nos falava e nos explicava as Escrituras »

A melhor prova de que era verdadeiramente Jesus, seu Mestre, não foi dada por essa bela contestação espontânea?

Dizem-nos que êle «desapareceu diante dos olhos deles». Ora, até aquele momento os dois apóstolos criam falar com um companheiro de viagem encontrado ao acaso, um homem feito em carne e osso, nada de anormal, de tal modo em nada anormal, que ao momento de se separarem eles o convidam para entrar e comer com eles, porque a noite chega.

Êle aceita, entra com eles, senta-se á mesa, etc.; trata-se pois de um Espírito completamente materializado. Não obstante, logo que foi reconhecido, «êle desapareceu diante dos olhos deles» E' este desaparecimento súbito, diante de seus olhos, que é a prova mais indiscutível de que eles se encontravam em face da materialização espirítica de Jesus. E' mais que evidente que se se tratasse dum homem normal, êle não teria podido desaparecer num instante diante dos olhos deles.

Por outro lado, em nossas sessões espiríticas, os espíritos que se materializam desaparecem ás vezes instantâneamente. Eles permanecem o tempo que lhes é possível e, finalmente, faltando a fôrça, são obrigados a desaparecer inopinadamente.

Um outro facto que nos prova a indiscutível identidade de Jesus nessa manifestação, é que aquele desconhecido falou sôbre as Escrituras aos dois apóstolos e lhas explicou de maneira que *sómente* «Jesus» era capaz, pois nenhuma outra pessoa poderia dar as mesmas explicações.

O Apóstoló Lucas continua e nos diz que êsses dois discípulos... «levantando-se no mesmo momento, voltam a Jerusalém, onde eles encontraram os onze reunidos, e os que estavam com eles, que lhes dizem: O Senhor ressuscitou verdadeiramente, porque apareceu a Simão».

Eles por sua vez, contaram o que lhes havia acontecido no caminho, e como eles o haviam reconhecido à partição do pão. Mas as Escrituras dizem-nos que os discípulos eram incrédulos. Sabemos que eles todos eram almas simples, sem cultura. Como fazer com que esses homens aceitassem a realidade da Ressurreição, da Sobrevivência da alma? Não bastava que Jesus a houvesse várias vezes ensinado e profetizado. (Continua)

Que o Evangelho seja o vosso guia, porque sem este guia sereis sempre cegos. Calixto.

Esclarecendo

(NOTA: atendendo a uma consulta, o comunicante explica porque os espíritos atrasados não podem, normalmente, ver e ouvir os espíritos adiantados.)

Como sabeis a vida do espírito se concentra no cérebro (a vida de relação) e as comunicações se fazem por meio das vibrações de cada um, isto é, pelo pensamento, que é uma forma de energia vibratória.

Como acontece para os vossos ouvidos em relação ao som, cada espírito pode apenas registar e emitir vibrações dentro de uma certa escala que é função do seu adiantamento; os espiritos, entretanto, que já atingiram certo gráu de desenvolvimento podem registar tôdas as vibrações superiores e inferiores, de sorte que por mais elevada que seja a categoria de um espírito, outro espírito, já de certo nìvel, percebe suas vibrações, vê-o e pode com êle falar à vontade.

Agora, os espíritos devotados ao mal têm um padrão vibratório muito baixo; porisso mesmo só recebem e só emitem ondas de «comprimento» muito restrito. Continuando com a analogia direi que como as «válvulas» são de um aparelho «fraco», não podem registar as delicadas vibrações dos espíritos de certa hierarquia e portanto não podem — normalmente — vê-los nem ouví-los.

Mas quando é necessário o espírito se faz visível aos infelizes irmãos presos ao mal, «sintonizam» sua onda com o «aparelho» dêles e, então, transmitem suas ordens.

Quando, por exemplo, vou atender a um enfêrmo que se ache cercado de entidades inferiores, faço-me visível e elas logo fogem, que o mal sempre foge ao bem.

Quando alguém está orando emite irradiações que o defendem contra êsses espíritos, defêsa que se torna tanto mais constante quanto maiores forem a fé, os bons propósitos do incarnado.

Todo o verdadeiro médium está constantemente defendido por uma espécie de cortina fluídica; e quando entre êle e seus protetores hà profundas ligações, o médium está sempre guardado, qualquer que seja a distância a que se encontrem o seu guia e os seus protetores, porque se algum infeliz quisesse aproximar-se, antes de fazê-lo já o organismo mediúnico do médium perceberia e automáticamente irradiaria uma mensagem para seus protetores que, de onde se encontrarem, irradiariam as fôrças fluídicas e magnéticas necessárias à sua defesa.

Refiro-me aos médiuns realmente dignos dêsse nome, corretamentes desenvolvidos e que fazem de sua mediunidade um verdadeiro sacerdócio e uma oportunidade de servir aos que precisam.

Todo incarnado tem o direito e o dever de desenvolver suas defêsas espirituais e isso pode fazer por meio da oração sincera, da meditação elevada e do cuidado de manter sua mente elevada e escoimada de qualquer pensamento máu.

Também a invocação habitual a seus protetores, não apenas na hora do perigo ou da dor, muito e muito ajuda a todos.

Jean Thibaud Ferrier.

(Comunicação recebida pelo médium P. L.)
1950

A Luz é o tudo para a vida terrestre: a Luz é indispensável à vida moral e à vida espiritual. Sem Luz não ha vida; a vida é a Luz quer na esfera física, quer na esfera psíquica. Apague-se o sól, fonte das luzes materiais e o mundo deixará, incontinente, de existir. Esconda-se a luz da sabedoria, e da religião sob o MODIO da má-fé ou do preconceito, a humanidade não dará mais um passo, ficará estatelada se debatendo em trevas.

CAIRBAR.

VOZES AUTORIZADAS

O Espiritismo, porque é uma ciência experimental e que se impõe pelos factos, tem atraído e convertido as inteligências mais cultas da terra que com êle se têem ocupado. Seria, por isso, temeridade negar-lhe o seu valor científico, filosófico e moral, a menos que se quisesse incorrer no mais vergonhoso descrédito perante as maiores autoridades científicas. E não únicamente estas, mas também poétas, altas patentes militares, inventores, filólogos, estadistas, lexicógrafos, dramaturgos, eclesiásticos, naturalistas, historiadores, astrônomos, físicos e químicos, pregadores de fama mundial, poliglótas e gênios, como, por exemplo: Marconi, Edson e outros, que dêle se tornaram adeptos fervorosos, confirmam as suas declarações:

I

As investigações psíquicas são a obra mais importante que se póde fazer no mundo.

Gldstone.

(O grânde estadista inglês)

II

Oh! quando penso, meu Deus, nestas desigualdades revoltantes, nestas anomalias pavorosas, e me convenço de que são fatais e irremediáveis, convenço-me também, ao mesmo tempo, de que este pobre globo que habitamos é simplesmente o presídio do universo, a penitenciária do infinito, onde cada um de nós vem cumprir as penas correspondentes aos crimes que praticámos noutros mundos.

Guerra Junqueiro.

(Umas das maiores vozes da poesia portuguêsa moderna)

III

O Espiritismo é a mais sublime expressão da moral na humanidade, a mais racional das concepções filosóficas; e, com tão diversos títulos é chamado a reunir debaixo da sua bandeira num porvir mais ou menos próximo, a imensa maioria das nações do globo.

Mauricio Lachâtre.

(Em seu «Dicionário Universal»)

IV

Evitar o fenômeno espírita, fazer-lhe a bancarrota da atenção a que tem direito, é fazer a bancarrota à verdade! Os mortos são invisíveis, e não ausentes.

Victor Hugo.

(O mais ilustre poéta francês do século XIX.)

V

Temer a morte é ignorar as suas belezas, e os esplendores do infinito espaço, cujas portas ela descerra à alma, fatigada das provações terrestres; é esquecer, que nada se perde e que tudo se transforma.

Edison.

(O grande inventor americano e um dos homens mais eminentes do século em que viveu, pelo seu gênio.)

VI

As investigações espíritas confirmaram uma das bases fundamentais da religião: a imortalidade.

Reverendo Dr. Herbert Newton.

(Notável sacerdote americano)

VII

O Espiritismo é uma ciência experimental e fornece o único fundamento sólido de uma verdadeira filosofia e de uma verdadeira religião.

Alfredo Russel Walace.

(Conhecido naturalista inglês)

VIII

O Espiritismo é o Cristianismo puro de seus primitivos tempos.

Mauricio Lachâtre.

(Distinto historiador contemporâneo)

IX

O Espiritismo há de ser o grande sucesso dêste século.

Padre Secchi.

(O maior dos astrônomos, italiano, do seu tempo)

X

Referindo-se aos factos reais do Espiritismo, confirma o sábio W. Crookes: «Eu não disse que era possível, disse que era real.»

William Crookes.

(Sábio inglês descobridor do thálio, inventor do radiómetro e dos tubos chamados de Crookes. O maior físico e químico da Inglaterra.)

XI

A revista «Constância», de Buenos Aires, há tempos, transcreveu da «Gazzeta del Popolo», publicação turinense, o seguinte:

Marconi, espírita

«Guilherme Marconi, além de ser um grande inventor, é também, um grande encantador (feiticeiro). A sociedade romana mais seléta se compraz em prodigalizar-lhe convites para jantares e recepções. Marconi aceita de bom grado e em poucos dias tornou-se o menino querído da aristocracia romana, tanto da negra como da branca. E ao encanto da sua pessoa se ajunta o facto de confessar-se *espírita.*

«Em alguns salões tem havido já, debaixo de sua direção, várias *sessões espíritas,* e até se assegura que Marconi descobriu extraordinárias faculdades de *médium* numa grande dama, princeza autêntica.»

(Marconi fôra, como se sabe, o imortal inventor do telégrafo sem fios)

XII

Os fenômenos espíritas são verdadeiros, mas é impossível dar-lhes uma interpretação. A ciência fisiológica é absolutamente impotente para isso; mas a ciência humana tem limites bastante restritos.

Quem não riria há poucos anos dos fenômenos que hoje todos verificam: os raios Roentgen?

Cesar Lombroso.

(Sábio bastante conhecido pelo mundo)

XIII

Os factos espíritas são indiscutivelmente verdadeiros; repito, *sono in-discu-ti-bil-menti veri;* e, devo acrescentar: ao fazer esta afirmação não fala o amigo, e sim o homem de estudos.

Prof. Dr. Quêirolo.

(Insigne médico italiano)

SPÁRTACO BANAL.

(Continua)

* * *

O homem não pode continuar a ser um autómato nas mãos de aventureiros e insensatos. Deus deu-lhe a razão para que êle pense e procure tornar-se livre, governando-se de modo a alcançar as esferas superiores, como sêr imortal. O Espiritismo faz o homem pensar nas cousas superiores aos bens temporais, convencendo-o, com os testemunhos dos factos e da lógica, de que uma vida superior o aguarda após a morte do seu corpo físico. Por isso, o estudo desta Doutrina pode ser tido como o passo inicial da conquista da verdadeira felicidade.

CAIRBAR.

Caridade sem moedas

J. B. CHAGAS

A miúde, estamos ouvindo estas expressões, saídas dos lábios de certas pessoas: —«Sou tão pobre que não tenho o necessário para mitigar a fome dos meus, e como hei de praticar a caridade?»

Mesmo assim, podeis praticá-la. Deus que é a suprema bondade e suprema justiça, não deixaria, por certo, aos homens essa obrigação, ficando ela sómente adstrita aos que têm posses, aos abastados, negando-a, ao mesmo passo, aos que a não poderiam cumprir.

E aquelas mesmas pessoas, que se encontram na segunda hipótese, indagam: «Como poderíamos praticar a caridade, sem ter o que dar ao que pede?»

A essas dizemos nós: — «Si não tendes nada, absolutamente nada para dar áquele que vos pede uma esmóla, fazei, do fundo do vosso coração uma fervorosa prece, pedindo a Deus, que melhore a sorte daquela criatura. Se a prece fôr sincera, ungida do desejo santo de beneficiar o vosso próximo, ela será ouvida por Deus, que a atenderá!

Paulo, o apóstolo dos gentíos, foi quem melhor definiu a caridade, como pode ser verificado na sua admirável 1.ª Epístola aos Coríntios, Cap. 13, versículos 1 a 8. E se praticardes a grande virtude, que é um sentimento, e se perseverardes um grande número de vezes, nêsse procedimento, encontrareis o caminho da Verdade que vos conduzirá aos pés de Deus, embora sejais o mais pobre e o mais miserável dos homens!

Não será preciso falar a língua dos anjos e dos santos. Não será preciso ter o dom das profecias... E nem distribuir todos os bens, mesmos que esses sejam minguados...

Porque a Caridade é paciente, é benigna; não é invejosa, não obra temerária, nem precipitadamente; não se ensoberberbesse... não é ambiciosa, não se irrita, nem suspeita mal de ninguém! Não folga com a injustiça, mas se rejubila com a Verdade! Tudo sofre, tudo tolera, tudo crê, tudo espera!

Porque a Caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecías ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência!

Assim dizem os Evangelhos: — Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque a «Caridade vem de Deus. E todo o que é nascido de Deus, conhece a Deus». —«Aquele que não ama a Deus não conhece a Deus, *porque Deus é caridade!*» (João. VI. vv. 7 e 8).

E sempre que agirdes assim, estareis praticando a caridade, sem necessidade do chamado vil metal.

Conta-se que a famosa cantora Joana Lind indo uma vez de passeio com uma amiga, deparou com uma pobre velhota que, com passo vacilante, se dirigia para o asilo onde estava albergada. Joana Lind, compadecida, acorreu a ampará-la, ajudando-a a caminhar. Agradecendo o carinho da cantora a infeliz mulher exclamou: — «Já estou demais nêste mundo, e a única coisa que eu desejava, antes que Deus me levasse, era ouvir Joana Lind.»

— «E’ só isso que desejais?» — perguntou a célebre cantora.

— «Sim, — Os pobres, como eu, não podem ir ao teatro, e eu nunca a ouvirei...»

— «Quem sabe!» — disse a cantora – «Sentai-vos e escutai...» E em seguida, Lind cantou uma das suas melhores canções. A pobre velha escutava-a encantada, e muito maior foi ainda a sua surpreza quando a cantôra, ao terminar, lhe disse: — «Acabasteis de ouvir Joana Lind...»

E para concluir, achamos que a razão está com Kardec, quando afirmou que todo aquele que sinceramente deseja ser útil aos seus irmãos, mil ocasiões encontrará de realizar o seu desejo. Procure-as e elas se lhe depararão, se não fôr de um modo, será de outro, porque ninguém há que, no pleno gôso de suas faculdades, não possa prestar qualquer serviço, prodigalizar um consôlo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esfôrço útil. Não dispõem todos, à falta do dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, «o óbulo da viuva» — termina de fórma brilhante o Codificador êsse esclarecimento sôbre o palpitante tema que é a Caridade.

Vêdes, por conseguinte, que não é só com o ouro que se pratica a caridade, e que Deus dando-nos essa obrigação, também nos deu os meios necessários para podermos cumprir a sua vontade.

Preciso é, apenas, Bôa Vontade!

Nova Iguaçú / Fevereiro / 1950.

O Novo Mundo

Para onde vamos? Que nos espera?

Major Levino Cornélio Wischral

DE todos os países do Globo, foi o nosso querido Brasil escolhido pela Vontade Suprema como ponto de intensa irradiação da Bôa Nova por intermédio de uma maior permuta entre o plano dos incarnados e o espiritual, precisamente pela necessidade urgente que tem êste planeta de progredir, a fim de não embaraçar a harmoniosa evolução do conjunto de corpos celestes que nos acompanham na estrada ascencional.

Para tanto, desde séculos atrás, vem êste País recebendo o impulso preparador do Alto, e, para aqui têm sido encaminhados, como atraídos por fôrça estranha, os humildes e os simples de outras nações, a fim de serem submetidos à contínua tarefa purificadora das reencarnações, medida essa destinada à formação de novos missionários de Deus para trabalhos neste e em outros planetas mais atrasados.

Reunem-se assim, desde há muito, sob a guarida da bandeira auri-verde os «humildes de coração» vindos de todos os recantos do orbe sob o contrôle divino. São escravos africanos, fugidos da justiça, desterrados, perseguidos de regimens políticos, espoliados de guerras, imigrantes necessitados, estampando todos a dôr em suas faces, porém todos amadurecidos no sublime aprendizado do sofrimento.

Graças a Deus, aqui têm desenvolvimento pleno todas as religiões, seitas e credos, formando-se, sem o percebermos, um conjunto bem intencionado, intimamente entrelaçado, do qual, necessariamente, sobressairá em época próxima, à vista de todos e sem choques, a verdade que a todos congraçará no amor que Jesús tanto pregou e exemplificou.

A linha mestra do programa compete, por óra, ao Espiritismo, pelo convívio amplo e natural já estabelecido com os invisíveis.

Enquanto outras nações estudam a doutrína exclusivamente pelo prisma científico, nós estudamos principalmente o setor religioso e com vontade de aplicá-lo.

Grande é a misericórdia divina. Em breve e gradativamente serão abolidos, por desnecessários, os hospitais, as cadeias, os manicômios, os asilos, apesar de tudo parecer indicar o contrário.

Serão, pela justiça do Creador, isolados e afastados para esferas mais atrasadas os espíritos contumazes no mal, os que até agora não resolveram cooperar para o bem comum, para que a obra sagrada do progresso não seja perturbada.

Essa momentosa hora de transição, êste fechar de ciclo renovador encontra explicação lógica e convincente na codificação de Kardec; progredir e progredir sempre é a lei de Deus.

E então, nesta bendita terra do Cruzeiro do Sul, serão vístos pseudos-milagres que, de início, deixarão boquiaberta a humanidade e, pela qual em seguida se espalharão.

Eis o que nos será dado assistir num futuro próximo:

Materializando-se uma mãezinha há tempos desencarnada, apresenta-se e diz a seus filhos incarnados: «Hoje, dia de meu aniversário, resolvi festejar ceiando convôsco. Fui atraída pelas vossas vibrações amorosas».

Com a maior naturalidade e sem sombras de tristeza diz o papai idoso à sua família reunida: «Chegou a hora de deixar êste corpo cansado e inútil, por isso, antes de partir para cima, desejo despedir-me de todos vós. Recebei o meu adeus até a nossa próxima reunião lá no espaço».

Até, vejam só, em negócio de pouca sinceridade apresenta-se instantâneamente e no momento propício um irmão do espaço declarando delicado: «Não meu amigo, não é isso o que diz a sua consciência, faça-lhe aquela outra proposta mais viável por óra».

Tomando corpo aparece o espírito da filha querida ante os pais saudosos e lhes diz: «Pela graça de Deus aqui estou por alguns minutos. Abraçai-me e beijai-me pois devo partir em missão de auxílio a irmãos ignorantes».

E nessa feliz conjuntura, pela entrosagem contínua dos dois planos, construir-se-á mais um degráu nos levando à perfeição; e, em relação a vida eterna dará a humanidade mais um insignificante passinho à frente.

Então, o Mestre dos Mestres lá do alto, fixando o seu planeta pupilo, mostrará em seu semblante grave um raro, porém, significativo sorriso de contentamento,

S. Paulo, 2-VI-951.

Colonias Agrìcolas Escolares em terras devolutas do Estado

Ao douto professor Deputado Campos Vergal

Muitos falam e escrevem sôbre a ASSISTENCIA SOCIAL, mas o problema aí está a desafiar os nossos intelectuais, legisladores e os dirigentes dos Estados e da República. Porque, como vemos, as cidades vivem abarrotadas de pedintes, menores abandonados, viciados na embriaguez e nas diversas modalidades de entorpecentes. E, daí, a luta dos dignos magistrados do interior do nosso Estado, na campanha preventiva e repressiva a menores, falsos mendigos e viciados incorrigíveis, pela falta de abrigos adequados a esses menores sujeitos a sindicâncias ou a processos criminais e pela benignidade de penas previstas àqueles que se afastam da comunidade social, na prática de atos prejudiciais à formação de um povo forte de corpo e de espírito.

Por essa razão torna-se necessário um aumento de penalidade nas Contravenções das Leis Penais e, bem assim, do Cod. de Proc. de Menores, visto ser este último o espantalho da Polícia na ajuda precisa à Magistratura, devendo simplificar-se a atual organização processual para uma ação mais rápida e pronta, logo após a infração prevista pelo Código. Assim evitaremos as cenas a que estamos habituados assistir, como jornalistas, nas delegacias, onde menores presos como delinquentes, assumindo atitudes hostis e, com ênfase, dizem ao delegado: «Dr., somos menores e não podemos ser recolhidos ao xadrez e nem permanecer aqui entre soldados...» E o delegado, prudentemente, não dispondo de lugar para recolher os menores, dá-lhes a liberdade ou os encaminha ao Juiz de Menores da Comarca. Este, por sua vez coloca-os no ABRIGO improvisado ou nas chamadas CASAS DE ESTAR, de onde êles fogem com a máxima facilidade. E, nesse círculo vicioso, dias depois, encontramos os mesmos menores delinquentes nas Delegacias, fazendo assim a evolução na escala ascendente do crime, sob os olhares cautelosos das autoridades policiais e judiciárias.

Diante, disso, ocorre-nos a pergunta: de quem a responsabilidade e por que deixam o interior do Estado nessa luta contra a infância delinquente e contra os abandonados, sem qualquer diretriz para melhores dias?

Finalmente, todos sabem e todos conhecem, desde os dignos magistrados até os seus mais humildes subalternos, que lutam com toda sorte de sacrifícios e até mesmo com a falta de papéis para os processados mas não protestam, conservam a serenidade dessa majestade sublime que envolve suas togas e a integridade do carácter, porém, com grave prejuizo da VERDADE que é preciso ser dita e conhecida.

Tal coisa, no entanto, não acontece conôsco, que estamos misturados com a plebe e com os capitalistas e nêsse caldeirão constantemente a ferver, caldeamos a nossa vontade e o nosso querer, auscultando aqui e acolá, para escrevermos, enquanto a nossa pena puder concretizar o que nos diz a inteligência, isto é, o espírito, descobrindo as nossas chagas a fim de curá-las ou, pelo menos, evitarmos a sua contaminação.

Estamos certos, todavia, que não é a falta de sentimento dos brasileiros que faz perdurar essa situação deprimente a que assistimos de poltrona, mas, sim, a falta de coragem de enfrentarmos um plano de ação, quer particular, quer governamental, para curarmos essas chagas que nos infelicitam como povo culto e cristão.

Os especialistas aí estão na plêiade desses jovens que formam o novo GOVERNO do nosso Estado, principalmente na Secretaria da Justiça, á qual estão afetos os serviços sociais.

Haja vista, portanto, que nem tudo está perdido para um país relativamente novo, porém rico de sentimentos e de aprimorada inteligência, como é o nosso Brasil. E, êsses sentimentos, que os corações vibram, são reflexos das emanações de almas já caldeadas em sucessivas reincarnações, cujos benefícios elas desejam concretizar em abrigos, creches, asílos e hospitais, uns arrastando ainda a vaidade de levar seus nomes como doadores, outros anônimos abnegados e, finalmente, pobres mendigando para pobres. Isso tudo, porém, é uma gota de água no grande mar da miséria humana, que nos obriga a ação pronta e imediata em defesa de uma sociedade que caminha para o cáos da degradação moral, com a complacência dos responsáveis e da usura dos beneficiados da fortuna, que se retraem à colaboração indispensável ao governo do Estado e ao dos Municípios.

Como se faz necessário *deve-se criar,* em cada região do Estado, *uma colonia agrícola,* não como presídio e sim como ESCOLA DE TRABALHO, com método racional e científico na educação de menores delinquentes, abandonados, falsos mendigos e viciados na embriaguez, com grande proveito do trabalho desses internados, talvez, sem onus para o governo ou sociedades beneficentes, visto poderem auferir lucros dessas colonias para os hospitais, asilos e casas de caridade, com um pequeno estímulo de uma cota mensal àqueles que ali trabalharem, tudo dentro de uma disciplina *justa e honesta.*

Dest'arte podemos limpar nossas cidades, mostrando aos visitantes de outras plagas as nossas avenidas movimentadas, grandes e ricos monumentos, museus artísticos e arquitetônicos arranha-céus, sem nos envergonharmos da presença dos mendigos, dos vadios e dos menores abandonados nas praças públicas, porque aí provamos que somos um povo BOM, CULTO e CRISTÃO, preparando os indivíduos transviados para uma sociedade de amanhã. É bem verdade que em São Paulo já temos feito algo para êsse *desideratum,* quer com o auxílio do governo, quer com a boa vontade de criaturas abnegadas.

Mas, torna-se preciso a criação de colónias agrícolas e o Estado possui grandes áreas de terras devolutas que bem poderiam ser aproveitadas para êsse fim útil e caridoso. E, isso tudo, sem o fantasma das despesas que apavoram os homens do governo mas que se faz preciso à comunidade paulistana e ao próprio país, cujas verbas não serão atômicas e poderão sair da Assistência Social, na organização dessas colónias agrícolas, as quais, honestamente administradas, farão amanhã parte integrante da própria Assistência com vantagem ao seu belo programa de ação.

E, aqui, deixamos o nosso lembrete aos homens de boa vontade, pedindo a Deus para inspirá-los nessa virtude sublime — A CARIDADE.

(a) VIRIATO CARNEIRO LOPES.

De «Folha da Manhã» de 1/4/1951.

Crônica Estrangeira

Uma terça-feira de Entrudo

Por CURRO VARGAS

De «O Mensageiro Espírita»

Uma advertência ao leitor. A alucinante aventura que vou relatar, não é um conto literário, nem uma fantasia, mas um episódio real. Figura num livro muito curioso que se intitula «Madrid há cinqüenta anos aos olhos dum diplomata europeu», obra alemã, anónima, escrita e publicada por alturas de 1854 e traduzida em inglês em 1856, sob o título «The attaché in Madrid. São as memórias íntimas dum jovem diplomata germânico, impressões escritas ao correr da pena, com sinceridade e concisão, referidas sempre a pessoas e a acontecimentos, tudo real, sem mistura, sem nada de fabuloso nem fingido, o que aumenta o interêsse da terrível página vivida, a que o autor alude no seu diário de memórias.

Lendo-a, hesitamos entre o sorriso e a meditação, como se fôra um enigma que nos embargasse o passo, num gesto de esfinge.

Diz assim o narrador :

Fevereiro. Terça-feira de Entrudo. —Estive no baile de máscaras. Cheguei lá muito tarde, com M... e quatro ou cinco rapazes espanhóis da «alta roda», depois duma deliciosa ceia em casa de S...

Tive uma tão notável aventura; que, por si só, me basta para toda a temporada. Contei-a, sómente, a uma pessoa, porque receio que se riam de mim e me tomem por objeto dalguma brincadeira de entrudo. O caso foi, verdadeiramente, impressionante, e não é brincadeira nenhuma.

Fui para o baile à uma hora da manhã. Cerca de uma hora, estive entretido, olhando as máscaras que me passavam ao lado e ouvindo os dichotes que me dirigiam, alguns graciosíssimos, dada a minha qualidade de estrangeiro bem conhecido. Sobretudo, uma máscara que me parecia andalusa pelo acento, fez-me passar um bom bocado. Já cansado dos eternos «¿ conheces-me ? », refugiei-me no camarim de S... e sentei-me no *divan*, junto à porta. Sem dúvida que não há nada mais aborrecido do que um baile de máscaras em que se não tenha interêsse particular ou ao qual se não vá com qualquer objeto determinado.

Meia hora, pouco mais ou menos, teria eu estado sentado, a fumar, tranquilamente, quando a porta se abriu de súbito e deu passagem a uma máscara, que ficou imóvel, em frente do reposteiro. Vinha tôda de negro até ao anteface, que estava orlado por um encaixe da mesma côr. Só os guantes eram brancos, assim como a rosa formosissima que trazia na mão direita.

Fez-me um sinal imperioso e eu levantei-me, galante, esperando o consabido «¿ conheces-me ?». Proferiu esta frase, mas acrescentou em voz baixa : ¡ «Segue-me !» Obedeci, indo atrás dela, corredores em fora, até ao salão de baile. Ali, tomou-me o braço e passeámos alguns minutos, em completo silêncio . . , Por fim, resolvi-me a falar-lhe : « ¿ Sois a marquesa de Tal, a duquesa de qual, Fulana ou Sicrana ?» E a todas as minhas perguntas a estranha máscara respondia negativamente, movendo a cabeça. Intrigado, observei-a uns momentos. Tinha os olhos brilhantes as mãos pequenas e uns pés notáveis, por diminutos. Toda a sua figura era vaporosa, alada, como se debaixo do dominó não existisse corpo . . .

De improviso, e quando passávamos diante duma porta do salão, deteve-se e, com um acento que nunca mais esquecerei, disse-me :

— ¿ Atreveste a acompanhar-me ?

Respondi-lhe que sim, como era natural.

— ¿ Tens carruagem ? — perguntei.

— ¡Amanhã terei a carruagem mais luxuosa de Madrid — respondeu — ; mas esta noite vou a pé.

— Faz frio.

— Eu não o sinto ; ¡ estou mais fria do que a noite !

A resposta deixou-me desconcertado e comecei a sentir uma vaga inquietação, à medida que íamos andando. Parecia-me que ia com um espectro e a frialdade da sua cútis fez-me estremecer, quando uma vez lhe toquei nas mãos.

— ¿ Não levaste agasalho ao baile,

mascarinha?—disse-lhe eu, querendo sorrir.

— Já encontro agasalho na minha morada e para sempre.

Detive-me e ensisti em que me dissesse quem era e para onde íamos. Não fez caso e arrastou-me, com uma espécie de fascinação. ¡Oh, aqueles olhos, detrás daquele anteface!

Andámos por várias ruas. Ao entrar na Rua de Alcalá, parámos em frente da Igreja de S. José, cujas escadas de pedra subimos, para maior assômbro meu. Estremecendo, disse-lhe, sêcamente:

— ¡ Acabemos com isto! ¿ Que brincadeira é esta, de tão mau gôsto? Suponho que não irás para um templo, a estas horas e com um traje dêsses...

As portas da fachada principal estavam cerradas. Sem me responder, a desconhecida desceu os degráus, prêsa ao meu braço e conduziu-me por uma porta lateral que dava para uma rua apertada e escura. Recusei-me a avançar e fi-lo bruscamente.

— ¡Um momento... um momento! exclamou ela com veemência — Não te demorarei muito.

Cruzamos por um corredor sombrio, que nos levou à igreja. No meio da nave central, havia um catafalco coberto com panos negros e fracamente alumiado, para o qual a máscara, lentamente, se encaminhou, enquanto eu caía, de joelhos, espantado. Pensei, então, que aquela infeliz estava louca e avancei para ela, a-fim de evitar um sacrilégio. Mas, no mesmo instante, voltou o rosto pálido, já sem máscara, e disse-me, apontando para o túmulo:

— ¡ Chiu!... Não digas a ninguém... ¡Puseram-me ali esta manhã! Adeus!

Olhei, ávidamente, e só vi trevas à minha volta. A máscara tinha desaparecido, deixando nas minhas mãos a rosa formosíssima e um pedaço de tule negro do seu dominó. Sai da igreja, cambaleante, transido de frio e cheio de horror. Esfreguei os olhos, para me convencer de que não era vítima dum pesadêlo; pensei, raciocinei, para me convencer de que não estava louco, nem embriagado. Por último, fugí, — é o termo –, Rua de Alcalá acima, para a Puerta del Sol...

Passavam muitas máscaras, que saíam dos bailes.

Desfalecido e aterrado, entrei num restaurante para me serenar e confortar. Amanhecia, quando saí e me meti numa carruagem, dando ao cocheiro o meu endereço. A carruagem passou em frente da igreja de S. José e, obsediado por um pensamento, disse ao auriga que parasse. Apeei-me e entrei no templo, onde já penetrava a claridade, em luta com as sombras. Vi o túmulo com o ataúde e uma corôa de rosas brancas... Perguntei a uma mulher, que ajoelhara próximo de mim, de quem seria aquêle ataúde. Mas não soube dizer-mo. Entrei na sacristia e perguntei a um menino de côro.

— E' da senhora condessa de X..., que morreu anteontem, domingo, — respondeu o rapaz.

Eu conhecia muito bem a condessa, com quem dançara, uma noite, na Legação; mas não sabia que ela tinha morrido.

Tremendo de comoção entrei na carruagem e segui para minha casa. Senti-me doente. Chamei um dos criados e disse-lhe que fosse, a correr, avisar o doutor H... um dos médicos mais famosos de Madrid. Veio, reconheceu-me, receitou e despediu-se dizendo:

— E' um simples resfriamento. Felizmente, não é uma pneumonia... madrilena. Deixo-o, por que vou ao entêrro da Condessa de X..., que morreu anteontem, repentinamente. ¡Pobre rapariga! Tão bonita e tão divertida! ¡O que ela sonhou com o baile de máscaras que os condes iam dar no dia de Entrudo!...

— «¡Eu creio que, mesmo morta, ainda me havia de mascarar e dançar.» — disse-me ela, a rir, a última vez que a vi.

— ¿ Ela.. disse... lhe... is... so..., doutor?... — exclamei, assombrado, sentando-me na cama.

O doutor ficou confuso, ao ver a minha atitude.

— ¡Já vai ver! — acrescentei — E' que me sucedeu, há poucas horas, um lance horrendo. já vai ver...

E contei-lhe tudo, mostrando-lhe a rosa branca, igual ás da corôa mortuária e o pedaço de máscara...

— ¿Que diz você, doutor, desta aventura? — perguntei ao terminar o meu relato.

E o médico, que me tinha ouvido meditabundo e espantado, quis, em vão, esboçar um sorriso, e acabou por dizer, muito sério:

— Brincadeira não foi... Os mortos não vão aos bailes de máscaras...

Você não está embriagado, nem perturbado... ¡O melhor é não pensarmos em tal aventura!... ¡Ah, e... eu, francamente, desisto de assistir ao entêrro!

⁂

Uma jovem morta percorre as ruas num taxi!

De «Two Worlds»

Uma reportagem expedida da cidade de Guatemala, America Central, afirma que recentemente uma moça morta, falecida e sepultada duas semanas antes, percorreu as ruas num taxi, deixando provas irrecusáveis.

A autenticidade da história foi rigorosamente atestada pelo Dr. Carlos F. Secord, de Pamplona, cidade de Guatemala que afirma ter provocado a ocorrência considerável emoção entre os habitantes de Guatemala.

Chamou um Taxi

Chamando um taxi estacionado junto ao cemitério local, afirma o relato, a jovem foi conduzida, como o ordenára, a diversas Igrejas Católicas Romanas, e depois de volta, ao portão do cemiterio.

Lá ela disse ao motorista que a mãe dela pagaria as corridas, e despregando um broche de seu vestido, entregou-o ao chofer como «garantia» da importância devida.

Quando a mãe recebeu o broche e ouviu a historia, exclamou : «Minha filha — falecida e sepultada há duas semanas!»

A Sepultura foi Aberta

Devidamente informadas as autoridades da estranha ocorrência, foi aberta a sepultura da jovem morta, em presença do Juiz.

Confirmação

Aberto o túmulo, assim o afirmam, constataram que o vestido com que a moça foi sepultada estava rasgado precisamente no lugar em que fôra preso o broche.

Naturalmente, o próprio broche não foi encontrado no vestido, visto que fôra entregue ao motorista e depois passou ás mãos da mãe da falecida.

«Chuva de Tomates»

De «Estudos Psíquicos»

O nosso confrade José Luiz do Carmo enviou-nos o seguinte comunicado:

«Na propriedade do sr. Desidério Teresa, hortas de Vila Real de Santo Antonio, andaram duas raparigas a apanhar tomates, quando foram surpreendidas por uma chuva de tomates vindas de todas as direções, sem haver alguém que os pudesse arremessar.

«Prevenido o proprietário, este, vendo coisa tão estranha, chamou o seu vizinho, que se encontrava perto com outras mulheres a fazer a colheita e combinaram trocar as mulheres para ver se o fenômeno se não repetia. Mas nem isso obstou a que se desse o mesmo. Na casa deste sr. têm-se notado outros fenômenos. Assim, o telhado da sua casa têm sido destelhado várias vezes e ainda se encontra revolto, coisa que sucede logo após a reparação.

«Não são espíritas, mas já vão acreditando que isto só poderá suceder pela ação dos desencarnados».

⁂

Falam os físicos...

De «Revista de Metapsicologia»

Dizem de Londres que o professor de física, dr. Glazewski, declarou, numa conferência que há pouco realizou, perante uma assembléia de sábios, entre outras, estas coisas espantosas: *que num futuro não muito distante os homens poderiam, sem necessidade de abrir portas, atravessar as paredes de um aposento; que seria simples, sem necessidade de «asas», a levitação do homem, no espaço; que seria possível desintegrar um homem na Europa e voltar a integrá-lo na América.*

E o dr. Glazewski, professor de física, acabou por revelar, *que as ondas mentais emitidas por uma multidão de peregrinos a rezar, em Lourdes, tinham penetrado numa caixa metálica fechada, ficando gravadas numa chapa fotográfica!*

...Claro que os nossos *ajuizados* materialistas vão dizer, que este professor de física está maluquinho de todo!...

⁂

O ultimo «milagre» de Frank Leah

De «Estudos Psíquicos»

E' assim que *Psychic News* intitula um curioso artigo acêrca de nova prova de sobrevivência obtida pelo médium inglês Frank Leah.

Na realidade, o que êste extraordinário clarividente tem conseguido é susceptível de causar espanto aos mais incrédulos.

Trata-se de H. Wharton-Wells, um inglês que, nove meses antes de falecer, escreveu as seguintes palavras:

— Quando abandonar a terra, esforçar-me-ei por cá voltar.

E o caso é que cumpriu a sua promessa, como se verificou através da mediunidade de Frank Leah e do médium de vóz direta, Lesbie Flint.

O indivíduo em questão escreveu uma carta à senhora Vera Jefries, de Augustus Road, Wimbledon Park, South-West, Londres, em casa de quem vivera durante 12 anos, como pessoa de familia. Vera tentou interessá-lo no Espiritismo, mas êle era organista da igreja de Parish Putney e tinha idéias muito ortodóxas acêrca da religião.

Um dia, porém, adoeceu-lhe o filho repentinamente e conduziu-o ao hospital, onde foi operado na tarde do mesmo dia. Ás 18,45, o doente exclamou:

— Ás 23,45, virão buscar-me.

A enfermeira não ligou importância à frase, afirmando que se tratava de delírio febril. O certo é que êle desencarnou à hora marcada. Êste incidente foi o primeiro golpe vibrado na ortodoxia do sr. Wells.

Três meses depois, o pai inconsolável resolveu visitar a sepultura do filho, em Buckinghamshire, e Vera Jefries acompanhou-o. Colocaram flôres na campa e saíram sem nada contarem do ocorrido.

No dia seguinte, quando esta última assistia a uma sessão na companhia do sr. Wells e espôsa, o filho materializou-se e aproximou-se de seu pai, dizendo-lhe:

— Olá, meu pai! Estive hontem consigo na minha sepultura e agradeço á Vera as flôres que me levou.

Estes fenômenos, aliados a cuidadoso estudo da nossa doutrina acabaram por convencer o organista ao Espiritismo, convicção que manteve até a sua desencarnação.

Há pouco tempo, e sr.ª Vera Jeffries sentiu vontade de telefonar a Frank Leah, embora nenhum conhecimento existisse entre êles. Telefonou e disse-lhe que esperava entrar em relação com algumas entidades do Além.

Leah respondeu-lhe telefonicamente e deu-lhe a descrição exata de Wharton-Wells, acrescentando que se tratava de um acadêmico muito conhecido e que estivera ligado à igreja. Tudo isto era verdadeiro. Depois, descreveu-lhe o físico, esclarecendo que usava barba crescida, castanho-escura, o que também era verdadeiro.

No próximo dia, quando a sr.ª Jeffries chegou ao gabinete de trabalho de Frank Leah, viu que êste tinha desenhado o retrato do falecido. E o médium disse que o indivíduo cujo retrato desenhara estava ansioso por lhe falar a ela por *vóz direta.*

Decorrida uma semana, alguém telefonou a esta senhora, perguntando-lhe se gostaria de uma sessão com Leslie Flint. Ela aceitou e o Espírito-guia do médium declarou estar alí um homem que desejava falar com ela.

Era Wells quem lhe falava; e embora ela duvidasse do retrato, êle afirmava que era dêle. A sr.ª Jeffries tinha, realmente, duvidado. E' que lhe «parecia demasiadamente maravilhoso para ser verdadeiro».

O comunicante acrescentou que ela tinha nove fotografias dêle na carteira, além de «outra coisa» dêle. Era verdade. A «outra coisa» era um lápis.

Finalmente, disse: Eu vou muitas vezes à loja». Ela, porém, respondeu que não compreendia o que êle queria dizer.

— Compreende, compreende — replicou êle. — Vou à loja e vejo o Jack.

Jack é o marido da sr.ª Jeffries e trabalha num grande armazem de West-End.

Wells disse também que seu filho estava com êle.

A sr.ª Jeffries tem um retrato de Wells de que nunca gostou. Êle tinha-lhe prometido uma fotografia para por na campa. Desenhou-a Leah com o maior rigor.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Súmula dos Trabalhos Realizados em 2 de Junho de 1951

Ausência justificada — Justificaram sua ausência os Conselheiros Carlos Jordão da Silva, Prof. Leopoldo Machado e Prof. Arnaldo S. Tiago.

Raoul Montandon — Foi comunicado ao C. F. N. pelo consócio Zêus Wantuil que em sua recente viagem pela Europa encontrou na Suiça as edições recentes das obras do Dr. Raoul Montandon, há pouco desencarnado, que é reputado na Europa como um dos maiores escritores espíritas contemporâneos.

A Unificação no Amazonas — O Dr. Carlos Imabssahy esclarece que, segundo informes que recebeu do confrade Orlando Sobreira, o trabalho de unificação no Estado do Amazonas se acha concluido, com perfeita harmonia e espírito de fraternidade dos nossos irmãos daquele Estado.

A Unificação no Pará — O Dr. Lins e Vasconcellos comunica que, segundo minucioso relato que leu «O Consolador», a obra de Unificação no Pará está perfeitamente concluida e reina a máxima cordialidade e o mais fraterno espírito entre os nossos confrades daquele Estado, e propõe que o C. F. N. oficie à União Espírita Paraense, manifestando a esperança de que em breve se ache aquele Estado representado no C.F.N.

Reunião em São Paulo — O Dr. Lins e Vasconcellos retifica que as duas reuniões em S. Paulo realizaram-se em 31 de Março e 28 de Abril e não como consta na ata.

Estatística — E' lido substancioso ofício do Sr. José Antônio Emígdio, presidente do «Núcleo Cientifico Cristão», de Itajubá, Minas Gerais, informando sôbre o movimento naquela grande cidade do Sul de Minas Gerais, e solicitando da F. E. B. formulários estatísticos.

Comunicados à Imprensa — E' aprovada uma proposta do Dr. Lins e Vasconcellos, no sentido de serem remetidas a todos os orgãos de publicidade espírita do país as mesmas súmulas de atas que vêm sendo publicadas sómente em três orgãos do Distrito Federal, porque outros jornais podem querer publicá-las ou arquivá-las em suas redações.

Definições do Espiritismo — O Dr. Carlos Imbassahy apresenta ao C. F. N., num preâmbulo que redigiu para as «*Instruções para Estudo e Pratica do Espiritismo*» que estão sendo elaboradas, as definições da Doutrina, em seu tríplice aspecto: Científico, Filosófico e Religioso. Se algum desses aspectos for descurado, o Espiritismo ficará deformado. O trabalho será copiado e distribuido para estudo, aprovação e inclusão nas «instruções».

Colaborações para as «Instruções» — O Cel. Severino Cunha entrega ao C. F. Sul, como colaboração para as «Instruções» que estão sendo elaboradas.

Renuncia — Pelo Conselheiro Dr. Carlos Imbassahy, o representante da Bahia, Prof. Leopoldo Machado, comunica sua renúncia ao cargo por motivo de enfermidade que o impede de tomar parte nos trabalhos do C. F. N. O Presidente manifesta a esperança de que tal impedimento seja passageiro e que o C. F. N. e o movimento não fiquem privados por muito tempo dos inestimáveis serviços que esse grande pregador da Doutrina e valoroso organizador sempre e cada vez mais vem prestando á causa. Todos os Conselheiros presentes se expressam consternados com a notícia e se declaram solidários com os sentimentos enunciados pelo Presidente.

Guerra Junqueiro, Poeta-Filósofo — Os Conselheiros presentes recebem com muito agrado exemplares do excelente trabalho do representante de Santa Catarina, Prof. Arnaldo S. Tiago, publicado em Lisboa, como separata da revista «Estudos Psíquicos», trabalho encaminhado com atencioso ofício ao C. F. N. pelo ilutre Autor. O Conselhiro Dr. Miranda Ludolf fica encarregado do fazer uma visita ao Prof. Arnaldo S. Tiago que se acha enfermo.

Mensagem aos espíritas francêses — Em seu ofício já referido acima, o representante de Santa Catarina manifesta o desejo de conhecer os termos da mensagem que por sua proposta o C. F. N, remeteu aos nossos confrades da França. Com a palavra o Dr. Miguel Timponi, declara que o lindo trabalho redigido pelo Dr. Carlos Imbassahy, como execução daquela proposta do Prof. Arnaldo S. Tiago, causou ótima impressão, Como o Autor da proposta não tomou parte nas sessões que trataram do assunto, posteriormente à sua proposta, a Secretaria do C. F. N. deve dar ciência em ofício ao Conselheiro Arnaldo S. Tiago, o que será fácil, porque tudo se acha pormenorizadamente registado em atas.

Pietro Ubaldi vem ao Brasil

Espiritualistas, cientistas e intelectuais brasileiros estão promovendo a vinda ao Brasil do ilustre cientista e filósofo italiano, Prof. Pietro Ubaldi, para o fim de aqui realizar conferências científico-filosóficas e debates sôbre os princípios exarados em a «*A Grande Síntese*».

O renomado escritor italiano, autor de doze monumentais obras de ciência e filosofia, considerado por muitos como o mais extraordinário pensador espiritualista da atualidade, segundo a opinião do Prof. Enrico Fermi, cientista e grande pesquisador da energia atômica, universalmente famoso, marcou a sua chegada ao Brasil em Julho deste ano, devendo realizar conferências nas principais capitais e cidades do país.

12.a Semana Espírita de Macaé

A União Espírita Macaense realizará de 15 a 22 do mês em curso, a Décima segunda Semana Espírita de Macaé, com um programa de palestras e conferências evangélicas à luz da Revelação Espírita.

4.a Semana Cristã Espírita de Taubaté

Sob o patrocínio da Família Espírita de Taubaté, através do Centro Espírita «União e Caridade», realizar-se-há de 15 a 22 do corrente, nessa cidade, a 4.ª Semana Espírita, com um amplo programa em que serão homenageadas diversas cidades e entidades espíritas.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

Juiz de Fóra, Minas; Visitei o Instituto Jesus em companhia do seu fundador Ali Halfeld. O prédio, que é assobradado, ocupa uma área de 2.300 metros quadrados e vai além de três milhões de cruzeiros. O Instituto, que é para crianças, possúe um terreno de 4 alqueires. O confrade Ali Halfeld construiu outra obra importante — a Fundação João de Freitas, que está abrigando 98 velhinhos desamparados. Esta obra êle entregou a outros companheiros para poder dedicar-se ao Instituto Jesus.

O confrade Ali Halfeld trabalha sem fazer alarde, e é mesmo contra a sua vontade que faço esta nota, mas se o faço é por um dever de consciência, e também para que outros sigam o seu exemplo para grandeza da Doutrina.

— O Centro Esp. «União e Caridade» possúe um belo e amplo prédio que abriga dezenas de pobrezinhos, bem como um Albergue Noturno, ambos dirigidos por pessoas abnegadas.

— O Centro Espírita «Ivon Costa», funciona em amplo prédio próprio e possúe uma indústria para custear as despesas, estando a cargo de confrades abnegados.

— Disse-me um confrade que Juiz de Fóra conta com 9 instituições de caridade e 62 Centros e Grupos Familiares. A marcha da Doutrina em Juiz de Fóra está fazendo a *pedra rolar da montanha.*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor : José da Costa Filho — *Redator : A Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2771unse

NO XXVII--Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Agosto de 1951 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2005
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Convite Fraternal	*Redação*
Artur Ramos e o Espiritismo . . .	*Deolindo Amorim*
Em Defesa do Espiritismo	*Pereira Guedes*
A Alma dos Animais	*Ismael Gomes Braga*
A Ressurreição de Jesus	*Romulo Mantovani*
Minha «Delenda Cartago»	*Alfredo d'Alcântara*
O Mundo Invisível	*Leopoldo Machado*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
Origem Divina	*G. de Mendonça Henriques*
Notícias do Plano Espiritual sôbre a Catástrofe de Nova Iguaçu . . .	*Maj. Levino Cornelio Wischral*
Combate Vitorioso	*Ego*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1951 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Convite Fraternal

ESTAMOS escrevendo o presente artigo com o pensamento voltado principalmente para os não espíritas, para aqueles que embora se afirmem religiosos, são indiferentes ao espírito ou que não acreditam na existência do espírito, e menos ainda na sua imortalidade, não aceitando, portando, uma outra vida — a espiritual, a verdadeira vida.

Absorvidos pelas cousas do mundo, dominados pelos seus negócios terrenos, nem ao menos vêem o movimento espírita que se amplia cada vez mais, semelhante à farinha em fermentação. São cegos de espírito e entendimento, o que está de acôrdo com o que Jesus disse: «Têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem».

Ora, uma Doutrina que se alastra prodigiosamente, não pela fôrça das armas, mas pelo amor fraterno, espalhando o Bem por todos os meios, sem distinção de côr, raça e condição social, deveria merecer não apenas a atenção, mas sim, apôio irrestrito, incondicional, tanto mais que o movimento espírita é um grande, notável auxiliar dos Governos, de vez que, do seu programa, que abrange todas as necessidades das creaturas, sobretudo no sentido espiritual, que é o seu campo de ação, consta a assistência social, um dos principais e até agora insolúveis problemas de todos os governos.

O trabalho precípuo do Espiritismo não é resolver as questões de ordem material com o proporcionar assistência social, isto é, dar abrigo aos desamparados, sanatórios aos débeis mentais e aos enfêrmos, etc., mas se o faz é para mostrar que até no campo material a sua ação se estende como o sól sôbre todos, numa demonstração positiva do seu poder e do seu valor, que supera a tudo quanto podemos imaginar de grandioso e útil. O seu trabalho é, isto sim, demonstrar por todos os meios ao alcance das creaturas, a existência do espírito e sua sobrevivência após a morte do corpo e a realidade da outra vida, a espiritual, pregando ao mesmo tempo, em espírito, o Evangelho, que constitue a estrela que, à nossa frente, nos aponta o caminho do reino de Deus, o reino da verdadeira felicidade.

Se os indiferentes e os que se julgam alguma cousa na ordem do dia, ou porque tenham muito dinheiro, ou muito saber, ou porque ocupem cargos de evidência nos diversos ramos da atividade humana, meditassem um pouco sôbre o movimento espírita, teriam, forçosamente, de ficar intrigados ao notar que pessoas de destaque na medicina, no exercito, no magistério, na jurisprudência, no Governo, pregam abertamente o Espiritismo. E admitir que essa plêiade de homens ilustres se deixe levar pelo misticismo, seria rematada loucura. Mas mesmo assim, *êsse misticismo, se de facto o fosse, ainda seria útil, de vez que os espíritas têm por objetivo exclusivo a prática do amor fraterno, o que nos leva a pensar que, se todos os homens que têm nas mãos as rédeas do governo das nações, cultivassem êsse misticismo, o mundo estaria passando por dias felizes, a que se poderia denominar — reino dos céus, o que não acontece atualmente, como todos sabem, apesar da sapiência dos homens.*

A verdade, porém, é que esses homens ilustres não aceitaram o Espiritismo ás cegas. Cimentaram sua crença nos factos que se reproduzem diariamente em toda a parte do mundo, no seio das próprias religiões, no tugúrio do pobre como no palácio do rico, sim, os factos comprobativos da imortalidade da alma, os fenômenos psíquicos que se vêm reproduzindo desde tempos imemoriais. Não é justo que se taxe de místicos ou visionários homens de renome como William Crookes, Camille Flammarion, Charles Richet, Cezar Lombroso e tantos outros da mesma envergadura intelectual e moral que tantos benefícios proporcionaram à humanidade.

Aqueles que nos lerem e que nada compreendem da Doutrina Espírita, que meditem um pouco mais na realidade da vida — seja pobre, rico, sábio ou ignaro — pois amanhã ou depois a morte os levará, isto é claro, e certamente ficarão em difícil situação ao sentirem-se vivos e nada sabendo explicar, o que lhes causará grandes torturas. Então, lembrar-se-ão que já estiveram uma vez com os lábios na fonte para matar a sêde mas não o quiseram, porquê lá mais adiante havia uma fonte que lhes agradava mais pela sua aparência, mas a água era turva.

A missão desta Revista é pregar e demonstrar a imortalidade da alma, estudando todos os fenômenos psíquicos, para que todos entrem na posse da Verdade e sejam felizes. Eis a razão deste artigo, que constitue um convite fraternal aos homens de todas as correntes da atividade humana.

Artur Ramos e o Espiritismo

II

Um dos equívocos do Professor Arthur Ramos, a respeito do Espiritismo, consiste, como vimos no artigo anterior, em colocar a prática espírita no mesmo plano em que se colocam as práticas de adivinhação, macumba, etc. Do Espiritismo propriamente dito, o ilustre homem de ciência investigou apenas um elemento, e êste, o mais popular no Brasil: o mediunismo. Entretanto o fenômeno mediúnico estudado pelo Professor Artur Ramos não foi observado em sessões espíritas de carácter científico, mas nos *candomblés* da Bahia e nas *macumbas* do Rio de Janeiro. O campo mediúnico, como se sabe, é vastissimo. Muita diferença, até mesmo de técnica, existe, por exemplo, entre a prática mediúnica dos *terreiros* seja nos *catimbós* (Pernambuco), seja nos *candomblés* (Bahia) ou nas *macumbas* (Rio) e as sessões mediúnicas em que se observa o método espírita, segundo Allan Kardec. E' verdade que o Professor Artur Ramos estudou a cultura negra sob todos os aspectos, e o fez com o mais rigoroso espírito científico, o que se póde verificar pela leitura de três de seus livros básicos sôbre o assunto: *O Negro Brasileiro, O Folk-lore negro no Brasil* e *As Culturas Negras no Novo Mundo*. A preocupação científica levou-o, sem dúvida, a um campo exclusivo do mediunismo, quando poderia ter ampliado as suas experiências fóra dos *terreiros*, em sessões experimentais de outro carácter. Começou, porém, o Professor Artur Ramos a estudar o mediunismo apenas pelas manifestações de fetichismo nas seitas afro-católicas. Quem o diz é êle mesmo, no prefácio do livro «O Negro Brasileiro»: *Foi em virtude de minha profissão de médico legista e clínico, que me pus em contacto, na Bahia, com as classes negra e mestiça de sua população, indo surpreender a muito custo e após tenaz e paciente esfôrço, todos os mistérios das religiões negro-fetichistas e as formas de todo êsse cerimonial mágico-religioso de origem africana.* Apesar de haver desenvolvido largamente as suas pesquisas e observações, não saiu da área dos terreiros, em cujas formas de culto encontrou, como encontraria qualquer outro pesquisador do mesmo tipo, os mais curiosos fenômenos de animismo e mediunismo. Vê-se, pois, que o seu material de estudo, no terreno mediúnico, proveio de práticas afro-católicas, muito diferentes, como se sabe, das práticas que, na realidade, caracterizam as sessões espíritas de feição experimental. O Professor Artur Ramos associou *Espiritismo, totemismo* e *fetichismo* na mesma ordem de considerações, quando escreveu isto: *O culto dos mortos e dos antepassados, dos deuses dos lares, entidades benfazejas e malfazejas, a crença na trasmigração das almas, o totemismo, originam práticas fetichistas especiais, muito aproximadas do atual Espiritismo.* Eis aí outro êrro, e êrro flagrante do Professor Artur Ramos. Não há, não póde haver associação entre Espiritismo, *totemismo* e *fetichismo*. Entretanto, como aí se lê, o Professor Artur Ramos englobou tudo, procurou fazer ligação entre coisas distintas, dando a idéia, ao leitor leigo, de que Espiritismo, fetichismo e totemismo são ramos da mesma árvore. Vamos por parte.

Não se pratica, no Espiritismo, o «culto dos mortos»; cultiva-se a crença na vida futura, na vida após a morte, tendo por base a imortalidade da alma, o que é muito diferente do primitivo «culto dos mortos». Não há termo de equivalência entre a crença imortalista do Espiritismo, isto é, a crença na imortalidade da alma, e o «culto dos antepassados», com os seus deuses ou entidades divinizadas, a exemplo de *Shiva, Yama, Yami,* na Índia ou *Woda, Odhin* entre os antigos germanos. A crença imortalista do Espiritismo decorre de fenômenos pelos quais se prova experimentalmente a existência da alma. Não é, portanto, a sobrevivência de um culto primitivo ou de uma tradição religiosa. O Professor Artur Ramos, em que pese o respeito à fama de seu glorioso nome, estudou o mediunismo em função de práticas religiosas de origem africana, práticas amalgamadas, fusionadas, como êle próprio disse, com o Catolicismo. Outra impressão, é claro, teria colhido o Professor Artur Ramos se tivesse estudado o fenômeno mediúnico em campo neutro, sem a influência de religiões fetichistas. Nas cerimônias de tais religiões, encontrou o infatigável e culto pesquisador brasileiro inevitáveis remanescentes do velho «culto dos antepassados», cuja tradição não tem qualquer ponto de coincidência com o Espiritismo. O «culto dos antepassados» varia de acôrdo com os estados de cultura. Segundo G. Schmidt, um dos maiores conhecedores na História das Religiões, e, como tal, reconhecido e acatado no consenso geral, apesar de sua formação teológica, êsse culto póde ser dividido pelas suas gradações, passando de ciclo para ciclo de cultura: *primitivo, primário, matriarcal, totêmico, secundário* e *terciário*. De acôrdo com a classificação de Schmidt, que é, aliás, muito lógica, podemos separar muito bem as seguintes manifestações do «culto dos antepassados»: a) — ciclo primitivo, com a prática de oferendas, objetos no túmulo dos mortos queridos; b) — ciclo primário, com cerimônias especiais, inclusive a passagem do «morto» para o «estado de espírito», na pira sagrada; c) — ciclo matriarcal, com oferendas e comidas para os mortos; ciclo totêmico, com «ritos mágicos» para a comunicação com os antepassados; d) — ciclos secundário e terciário, com o culto do pae da tríbu, do herói, rei etc. Diz ainda Schmidt: *Uma forma especial do culto dos antepassados e dos mortos é a necromancia ou adivinhação ou obtenção de oráculos por meio dos antepassados, dormindo em seus túmulos; ou mediante ritos que se fazem com seus esqueletos, ou mediante sacrifícios que se lhes oferecem.* (Guillermo Schmidt: «Compendio de História Comparada de las Religiones—«Barcelona, 1932). Nenhuma destas práticas tem relação com o Espiritismo. A crença imortalista do Espiritismo não é oriunda, como supõem alguns Autores, do «culto dos antepassados». Já dissemos que o fundamento da crença espírita na sobrevivência da alma está no fenômeno, na prova experimental dos factos. E' êrro, portanto, filiar o Espiritismo aos primitivos cultos mágicos, totêmicos ou fetichistas. A idéia reencarnacionista, sim, é encontrada nos povos mais antigos, bem como em diversas formas de culto. Ainda assim, não se infere disto que o Espiritismo, pelo facto de ter assentado a sua filosofia sôbre a reencarnação, seja um desdobramento de religiões primitivas. Entretanto, pela transcrição acima, verifica-se que o Professor Artur Ramos enquadrou o Espiritismo no esquema dos cultos mais antiquados, sem ter levado em consideração as características próprias, o carácter progressivo do Espiritismo. Nunca, portanto, o Espiritismo poderia ser equiparado ao *totemismo*, já pela falta de filiação histórica, já pela profunda e flagrante divergência de concepções. Que é Espiritismo? Um corpo de doutrina que, sem ritual, sem culto material, afirma a imortalidade da alma, a comunicação dos espíritos a existência de Deus e a reencarnação.

Que é totemismo? Culto primitivo, baseado no poder de objetos ou animais sagrados. O *animal totêmico* personifica a união da tribu ou do grupo com os seus antepassados. É uma variante, aliás muito remota, da teoria animista, na classificação geral da História das Religiões. Diz Frazer: *Totem é uma classe de objetos materiais, respeitados supersticiosamente pelo selvagem, crente de que entre êle e cada um dos membros dessa classe de objetos existem relações íntimas e muito especiais.* Não há, nem é cabível, como se vê, qualquer aproximação entre Espiritismo e totemismo. Na opinião de Frazer, que dedicou estudos especiais ao totemismo, os selvagens cultivavam a crença de que os seus antepassados, ao morrerem, deixavam as suas almas em determinados animais. (G. Frazer—«O Totemismo). O Professor Artur Ramos não se apoiou apenas em Frazer, mas ainda em Freud, muito mais moderno. Entretanto, seja qual for a escola de sua preferência, o Professor Artur Ramos deixa bem claro o engano em que incorreu quando disse que as práticas de totemismo, fetichismo, etc., estão «muito aproximadas do atual Espiritismo». Onde estão os traços de aproximação?

Para Tylor, autor muito citado na matéria, o *totem* é o ponto de união e parentesco entre uma espécie de animal e uma tribu. Não cabe aqui discutir a atualidade ou não de Frazer, Tylor, Lubbok e outros, que estudaram a teoria animista, o totemismo, o fetichismo e, com as suas investigações, muito enriqueceram a História das Religiões. Êste artigo deve cingir-se a um objetivo: deixar bem claro que o Espiritismo não se inspirou nos cultos primitivos. Naturalmente o Professor Artur Ramos viu na doutrína da «transmigração das almas», aceita pelos grupos fetichista, embora mal compreendida, o ponto de afinidade entre aqueles cultos e o Espiritismo. De qualquer forma fica patente o equívoco. O Espiritismo, segundo a codificação de Allan Kardec, tem por fundamento doutrinário a reencarnação, mas é indispensável distinguir a reencarnação da metempsicose. Os partidários da metempsicose, muito antes da codificação do Espiritismo, admitiam a transmigração da alma do homem para o animal. A doutrina espírita veio até reformar aquela crença com o sustentar que à passagem da alma do homem para o animal seria contrária á própria natureza humana. Logo, a doutrina da transmigração da alma, tal como foi aceita entre povos primitivos, não é, não pode ser o ponto de afinidade entre o Espirítismo, totemismo, etc. Veja-se o que ensina a doutrina espírita sôbre a crença na transmigração das almas: *Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado inferior a outro superior, onde adquirisse desenvolvimento que lhe transformasse a natureza. É, porém, falsa no sentido de transmigração da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a idéia de uma retrogradação ou de fusão.* (Allan Kardec—O *Livro dos Espíritos*, Cap. XI n.º613). Está bem claro, portanto, que a concepção do Espiritismo a respeito da transmigração da alma é bem diferente da concepção encontrada nos cultos fetichistas de que trata o douto Professor Artur Ramos. A reencarnação, que é, segundo o Espiritismo, a mais lógica, mais sensata explicação da justiça divina, porque o princípio das vidas sucessivas exclue a idéia de inferno, purgatório, «penas eternas» etc., entra no sincretismo de algumas crenças de procedência fetichista; mas o que é verdade é que, em determinados casos, a idéia reencarnacionista ainda se encontra confusa, porque aliada á primitiva crença no totemismo, na metempsicose, por exemplo. É muito diferente — convém repetir — a interpretação que o Espiritismo dá à teoria das vidas sucessivas, aliás, muito mais antiga do que a própria doutrina espírita.

Quando o Professor Artur Ramos se empenhou em suas proveitosas pesquisas dêste gênero, logo se lhe deparou o sincretismo religioso, fenômeno observado em diversos países americanos. Dentro do sincretismo há, como se sabe, um pouco de tudo: mediunismo, culto católico, fetichismo, astrolatria, etc. Tendo partido, pois, do sincretismo religioso, o Professor Artur Ramos generalizou muito as suas conclusões, no que, infelizmente, fez mal. Eis aqui mais um trecho de seu interessante livro intitulado «O Negro Brasileiro»: *As macumbas pululam no Rio e Estado do Rio, em centros de macumbeiros conhecidos e até famosos...* ... Continuando, disse: *sobrevivência dos cultos de procedência bantu existem, como vimos, mas de difícil identificação, tão amalgamados se acham com elementos do fetichismo gêge-nagô, do espiritismo, do catolicismo.*». Não temos dúvida em reconhecer a existência do sincretismo. O Professor Artur Ramos proclamou uma verdade quando afirmou de uma feita que não existe mais no Brasil o culto africano em estado puro. Todo êle, em qualquer de suas modalidades, sofreu e vem sofrendo a influência, aliás inevitável, de outros cultos. Fenômeno semelhante ocorre em Cuba. Disse-nos, a propósito, em carta de 21 de fevereiro dêste ano, o Dr. Fernando Ortiz, estudioso do assunto, citado pelo próprio Artur Ramos: *Li o seu livro* («Africanismo e Espiritismo», edição da Gráfica Mundo Espírita S. A., Rio de Janeiro) *e tomei notas de interêsse, pois em Cuba também se dá o curioso processo sincrético das idéias, desde as crenças africanas até as teorias espiritualistas destes tempos. Aqui em Cuba temos várias seitas, cujo estudo é muito interessante, como expressões filosóficas no processo das transculturações religiosas de uns povos a outros (4).* O sincretismo é comum nos países da América Latina. O Brasil, inegavelmente, por fôrça de sua formação religiosa, é um país sujeito ao sincretismo afro-católico, no qual também se faz sentir o elemento indígena, sem preponderância, entretanto. O mediunismo faz parte da fusão, aliás notória, das crenças que se amalgamaram com o Catolicismo. Neste particular, o Professor Artur Ramos observou bem, porque realmente ninguém seria capaz de negar um facto que está á vista de todos. Entretanto o Professor Artur Ramos não separou ou não teve elementos que lhe permitissem separar convenientemente o que é apenas mediunismo e o que é, na realidade, Espiritismo. Não houve má fé. As observações e conclusões do Professor estão bem de acôrdo com a sua orientação científica, com o seu plano de trabalho: não lhe interessava estudar o Espiritismo em si, mas estudar as religiões negras, em cujas cerimônias existe a prática da mediunidade. Infelizmente, porém, o Professor Artur Ramos generalizou, como já dissemos, e as suas generalizações confundiram o Espiritismo com as diversas modalidades do mediunismo de *macumbas* e *condomblés*.

O Professor Artur Ramos não tomou conhecimento do verdadeiro carácter científico do Espiritismo, exposto pelo codificador desta doutrina, em linhas gerais: *As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se póde experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos.* ALLAN KARDEC — «O Livro dos Espíritos» — (Introd.) Estando o fenômeno espírita, como se vê, na dependência de sêres inteligentes (espíritos), que têm vontade, o Espiritismo rejeita o uso de exorcismo, *esconjuros*, fórmulas, etc. Nenhum destes elementos póde obrigar o espírito a fazer aquilo que êle, como ser inteligente, não quer fazer. Não há termo de comparação, portanto, entre a prática espírita e o uso de exorcismo, esconjuros ou coisa que o valha. Ensina ainda Allan Kardec: *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente como as ciências positivas, aplicando o método experimental.* («Gênese», cap. I, n. 14). Tem o Espiritismo — quem no-lo diz é o próprio Kardec — seu método científico, sua técnica especial, sem recorrer a fórmulas, rituais, etc. O facto de haver médiuns e de se exercitar a mediunidade nos cultos afro-católicos não autoriza a concluír que o Espiritismo seja o prolongamento da *macumba* ou de qualquer seita primitiva. Convém transcrever mais algumas observações de Allan Kardec: *Acusam-no* (Espiritismo) *de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da*

Alquimía, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. Diz ainda Kardec: *O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente á magia e á feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou.* Que conclusão tirar daí? A de que aquelas concepções tiveram sua época no estado de ignorância em que se achava a humanidade, mas não têm mais razão de ser depois que se passou a conhecer o Espiritismo.

Para provar, finalmente, que o Espiritismo não se confunde com as práticas fetichistas, não admite superstições nem adota ritual de espécie alguma, visto como as suas práticas são naturais, seus atos são muito simples, citamos ainda as seguintes palavras textuais de Allan Kardec: *Nenhum objeto, medalha ou talismã, tem a propriedade de atrair ou repelir espíritos, pois a matéria ação alguma tem sôbre eles.* («Livro dos Médiuns» — ref. «Obras Póstumas», cap. X). Quanto a êste ponto, a doutrina espírita é categórica: *Não há fórmula sacramental para evocar espíritos. Quem quer que pretendesse estabelecer uma fórmula, poderia ser tachado de usar charlatanismo, visto que para os espíritos puros a fórmula nada vale. A evocação deve, porem, ser feita sempre em nome de Deus.* («Livro dos Médiuns» cap. XVII). Apesar disto, naturalmente porque não teve contacto com a codificação de Allan Kardec, o Professor Artur Ramos, tendo-se baseado apenas no mediunismo observado nas práticas afro-católicas, disse que o «culto dos mortos», com os seus deuses, seu ritual primitivo, suas manifestações fetichistas de origem totêmica estão muito próximas «do atual espiritismo». Sob êste ponto de vista, a obra do Professor Artur Ramos, grande obra de cultura e análise, deixou erros de observação a respeito do Espiritismo. Já se sabe que o Espiritismo NÃO TEM LIGAÇÃO COM O TOTEMISMO NEM COM OS RITUAIS AFRO-CATÓLICOS. Reconhece-se a existência de médiuns e a ocorrência de fenômenos mediúnicos em todas as práticas religiosas, sejam primitivas, sejam adiantadas; mas êste facto não constitúe argumento favorável à tese do Professor Artur Ramos, porque o Espiritismo—conjunto de mediunidade e doutrina—não tem ritual nem segue a orientação dos cultos fetichistas. Outro engano cometeu o Professor Artur Ramos quando afirmou que a técnica do Espiritismo, no Brasil, é um produto de «exportação americana». Deixamos êste ponto para o próximo artigo.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua).

---

(4) — O Dr. Fernando Ortiz é professor da Universidade de Cuba e autor de muitos trabalhos científicos. Apesar de não aceitar as idéias espíritas, publicou há pouco um livro notável, sob o título: *A Filosofia Penal dos Espiritistas*, edição «Vitor Hugo», de Buenos Aires. Neste livro, como criminalista, discípulo da escola de Lombroso, com a responsabilidade, aliás muito honrosa, de professor de Direito Penal, o Dr. Fernando Ortiz sustenta a tese de que o Direito Penal moderno precisa das luzes da filosofia espírita. O livro é, como se vê, revolucionário. A Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, (LAKE) tomou, em boa hora, a feliz iniciativa de publicar, em português, uma edição do livro do Dr. Ortiz, tendo sido o escritor Carlos Imbassahy encarregado da tradução.

Todos os acontecimentos que se verificam no vosso mundo têm, como principal objetivo, fazer imperar entre os homens o espírito de fraternidade e de justiça Porisso, ficai certos de que chegou o tempo do Evangelho ser pregado até de cima dos telhados, conduzindo os homens ao conhecimento de suas responsabilidades para com os seus semelhantes e para com Deus. Sim, chegou o tempo, pois até os detratores da doutrina estão sendo, sem o saberem, instrumentos úteis e oportunos à sua divulgação. Deus sabe o que faz. – CAIRBAR.

Em Defesa do Espiritismo

PEREIRA GUEDES

OS espíritas, em sua maioria, não se cansam de afirmar que o Espiritismo é a terceira revelação, e como tal se destina a conduzir as almas terrenas às conquistas superiores do espírito, como à liberdade e o direito de vida digna, quer econômica, quer socialmente, mas, são também os que menos se esforçam nesse sentido, prêsos como se encontram aos preconceitos de toda ordem, chumbados à Terra.

Como cristãos novos, não deveriam, sob qualquer pretexto, apresentar-se aos olhos do mundo, imitando aqueles que, dentro e fora do templo, conspurcaram a doutrina do Cristo.

Não somos daqueles que professam um Espiritismo dogmatizado, arrastado em *kardecismo*, com base exclusiva nas obras que fundamentaram a codificação, mas, também, e com forte razão, não assistiremos sem protesto, que se faça do Espiritismo, mistificando-o na exploração de seus fenômenos mediunicos, para embelecar papalvos, um mistifório repugnante as vezes, de práticas detestáveis e só admitidas entre fanáticos.

O «umbandismo», por exemplo, e convém repetir sempre, é um conjunto místico de catolicismo e africanismo, servindo-se dos fenômenos mediúnicos que o Espiritismo explica sem os considerar propriedade sua, pois, desde a mais longínqua antiguidade, no seio das tribus primitivas, já os espíritos se manifestavam, dando aos homens as provas da imortalidade da alma.

O «umbandismo» que se alastra pelo Brasil inteiro, é uma religião originária da crendice católica, cheio de mistérios e sem base doutrinária ou filosófica, disvirtuando, parece-nos, as duas correntes que lhe servem de pedestal —catolicismo e africanismo—denigrando também, por outro lado, os postulados do Espiritismo.

Não são, porém, os «umbandistas», os mais perniciososos inimigos da doutrina evolucionista do Espiritismo. Os charlatães, principalmente quando doutores em medicina, são os mais perigososos, porque, muitas vezes cultos e portadores de um diploma apelidado de científico, fazem de sua dupla condição, a de médico e a de médium, um verdadeiro talisman, atraindo com vantagens sôbre todos os charlatães e em benefício próprio, a multidão dos desprevenidos sofredores e em sua maioria ignorantes.

Urge, entretanto, por parte dos espíritas esclarecidos, um movimento de reação salvadora, no sentido de impedir a marcha conspurcadora, evitando, por todos os meios plausíveis que pseudos lideres e médiuns corrompidos façam do Espiritismo um vasto campo de ignóbeis explorações.

Rio, Julho de 1951.

Rua Sampaio Ferraz, 33.

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

I

Há uns vinte anos ou pouco mais tomava Cairbar Schutel o mais vivo interêsse pela obra da Sra. Cárita Borderieux, editôra da revista *Psíquica*, mantenedora de um hospital para animais desamparados. Recordamo-nos ainda da colaboração que êle prestava econômica e intelectualmente àquela dama que tomara a seu cargo a defesa dos nossos irmãos inferiores e o estudo da alma dos animais.

Não sabemos que outro espírita de nossa terra tenha colaborado com aquela Sra. na obra, da qual não ouvimos mais falar desde que Cairbar Schutel partiu de nosso meio físico. Acossados por tantas lutas e problemas urgentes que reclamam nossa atenção imediata, os espíritas brasileiros nos temos desinteressado de um estudo mais aprofundado do Espiritismo; permanecemos muito na superfície. Um dos temas que não temos ousado enfrentar é o da psicologia dos animais, que evolveu tanto depois dos dias de Kardec.

Homenageando o grande trabalhador que foi Cairbar Schutel, vamos recordar o assunto nuns dois ou três artiguetes para a «Revista». Talvez que outros estudiosos lhe retomem a pista abandonada, para prosseguir.

Durante milênios o homem negou existência de alma imortal aos outros sêres da criação; só êle homem tinha êsse privilégio divino da imortalidade. Esta idéia estava muito radicada nas convicções dos contemporâneos de Allan Kardec, e os Espíritos acharam oportuno adiar o assunto, contornando-o, porque êle seria demasiado revolucionário naquêle tempo.

A obra de Roustaing foi um pouco mais longe do que a de Kardec nêsse domínio: afirmou que *«Desde o estado de encarnação primitiva até a forma humana, não há outra coisa senão um tipo único em germen, a desenvolver-se»* (Vol. I, p. 315); confirmou a existência de vidência nos animais; empregou com todas as letras as palavras *«o espírito do animal»* (tomo II, pag. 80); disse que em certos casos a vidência do animal póde ser proveitosa para o homem, isto é, declarou:

«O animal goza de uma faculdade que lhe é peculiar. É vidente, mas não médium. Todavia, em certos casos ao alcance da vossa percepção, a faculdade que o animal possui de ver *pode servir, especialmente pelo terror que dêle se apodera, para da presença do espírito prevenir o homem, quando coisa alguma material existe, visível ou tangível para êste, capaz de justificar aquêle».* (vol. II, pg. 81).

Mas os tempos não eram chegados e não se podia ir mais longe. Logo a seguir, na mesma página recomendam:

«Não pergunteis por que meios e processos o espìrito obsessor atua sôbre a faculdade de visão do animal, para se lhe tornar visìvel. Entrareis em particularidades inoportunas. A cada dia o seu labor. Afastando-vos do quadro que se vos traçou, porieis sôbre os ombros pesadissimo fardo que ainda nenhum homem pode carregar.»

Estas palavras foram escritas há quase noventa anos, no tempo de Kardec, e demonstram que seria então demasiado revolucionário um estudo mais completo sôbre a alma dos animais; seria entrar em «particularidades inoportunas» que dificultariam muito a aceitação do Espiritismo, e a alta sabedoria dos Espíritos achou conveniente não aprofundar o assunto, deixando-o para mais tarde. A quantidade de factos reunidos durante êstes noventa anos, porém, parece indicar que hoje já se podem ousar mais alguns passos por êsse caminho, sem lançar confusão nos espíritos.

O assunto merece especial estudo, porque inconscientemente o homem é cruel para com os animais, tratando-os como coisas inanimadas, das quais se serve tranquilamente para sua alimentação, e atormenta-os impiedosamente em vez de protegê-los e educá-los, ajudar-lhes o progresso.

Possuímos hoje uma multidão de factos, registados na literatura espírita, mais notadamente na de língua inglêsa, que parecem, tais factos, convidar-nos a estudar melhor a vida espiritual dos animais e a mudarmos de atitude a seu respeito.

Observa-se nos animais, do mesmo modo que no homem, uma evolução espiritual que demonstra graus muito diferentes de progresso individual: há animais que revelam uma inteligência mais desenvolvida do que outros da mesma espécie, sentimentos afetivos mais aprimorados, vontade mais forte; alguns dos quais podem aprender a calcular, a lêr e a expressar pensamentos por meio de um alfabeto convencional de pancadas ou latidos, muito engenhoso e que demonstra raciocínio.

Lemos numerosos relatos de observadores sérios e insuspeitos, que nos dão notícia de cães que aprenderam a calcular, em lições pacientes dadas por seus educadores e instrutores, e chegaram a resolver rápidamente problemas de aritmética que lhes são apresentados e a expressarem os resultados por meio de batidas com as patas dianteiras: dando com a pata direita as pancadas correspondentes ás dezenas e com a esquerda batendo as unidades; quando o número a expressar é muito grande, batem cada algarismo em separado, dando entre eles uma pausa; por exemplo, para dizerem o ano de 1934, batem, sempre com a pata esquerda, uma pancada, dão uma pausa, batem nove, outra pausa, depois três, finalmente quatro.

Quem não haja acompanhado o processo lento de ensino do animal e não conheça os limites do que êle já aprendeu, poderá supôr que se trate de mediunidade; mas não é assim, porque o aprendizado é lento, feito dia a dia, durante anos, e em todas as fases o animal só aprendeu o que lhe foi ensinado, são conquistas do seu próprio espírito, como as de qualquer aluno humano de nossas escolas, privado de livros.

Outra hipótese foi admitida, mas os factos bem observados a eliminaram: pensaram que poderia o animal possuír uma faculdade telepática e lêr a solução de um problema no pensamento de quem o haja formulado. Propuseram-se problemas, cuja solução não era conhecida, em diversos cartões tirados ao acaso de envelopes, sem que o experimentador soubesse qual o cartão apresentado, por achar-se voltado para seus olhos apenas o lado em branco do cartão, e a parte escrita voltada para o cão que no caso tinha que lêr o problema; as respostas corretas anularam a hipótese e demonstraram que o animal realmente faz a operação aritmética.

Outra demonstração que torna evidente a capacidade de raciocínio no animal foi a seguinte: cães, aos quais se ensinou a expressarem o pensamento por meio de letras do alfabeto, indicadas por meio de pancadas ou latidos, não se limitam a responder a perguntas. Em certos casos dão apartes judiciosos em conversações que estão ouvindo, emitindo idéias inteiramente inesperadas. Por exemplo numa casa onde havia um dêsses cães educados, havia uma gatinha chamada *Dasy*. Certo dia a família recebeu participação de contrato de casamento de um amigo íntimo, com uma senhorita chamada Dasy de tal. Leram e comentaram o contrato, sem pensar na presença do cão que os estava ouvindo, mas êste entrou na conversa, batendo uma frase: *«O doutor vai ter uma moça que tem o nome da gatinha Dasy»*. Ninguém se havia lembrado de tal homonimo; a idéia era inteiramente do animal.

A quem desejar um estudo mais profundo deste assunto, recomendamos a obra de um dos espíritas mais cultos e virtuosos do nosso século, o Dr. Raoul Montandon, desencarnado em 4 de setembro de 1950, em Onex (Suiça), com a idade de 73 anos. E' um livro sério, de um sábio de fama mundial, repleto de factos bem comprovados, com o título *«De la Bête à l'Homme»*, publicado pela Editions Victor Attinger, 7, Pl. Piaget, Neuchatel, e 4, rue la Goff, Paris V.

Nossos artiguetes não são de estudo, pretendem muito modestamente despertar o interêsse dos estudiosos para a vasta documentação já existente sôbre o assunto.

Ismael Gomes Braga.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Ressurreição de Jesus

Por Romulo Mantovani

III

Suas aparições às mulheres, a Maria Madalena, e aos dois discípulos de Emaús, maravilharam-nos, confundiram-nos, mas deixaram-nos incrédulos. Para eles era uma coisa incrível; não obstante, em seu coração eles esperavam poder ainda uma vez rever seu Mestre bem amado.

E' por este motivo que Jesus, ao fim desse mesmo dia, o terceiro após sua morte, acha necessário aparecer aos discípulos.

Eis como Marcos nos conta o acontecimento:

«Finalmente Ele apareceu aos onze enquanto eles estavam à mesa, e Ele lhes repreendeu sua incredulidade e a dureza de seu coração, porque eles não haviam crido nos que o haviam visto ressuscitado.

«Depois Ele lhes diz: Ide pelo mundo todo e pregai a boa nova a toda a Criação. Aquele que crer e que fôr batizado será salvo, mas aquele que não crer será condenado.

«Eis os milagres que acompanharão aqueles que tiverem crido: em meu nome espantarão os demônios; êles falarão novas línguas, eles agarrarão as serpentes; se eles beberem alguma beberagem mortal ela não lhes fará mal algum; imporão as mãos aos doentes e estes serão curados».

Infelizmente, nesta passagem, o Evangelista não nos entretem muito tempo nessa aparição. Mas podemos reconhecer Jesus sem dúvida alguma pelas palavras que Ele pronuncia. Sente-se que é o Mestre que fala.

Vejamos antes o que diz Lucas sôbre o assunto:

«Enquanto eles conversavam — isto é, enquanto eles discutiam a possibilidade da aparição — Jesus *apareceu* no meio deles».

Notemos bem que nos dizem que Ele «apareceu», isto é, que Ele não entrou pela porta ou pela janela, mas enquanto eles estavam reunidos à mesa discutindo, viram-no aparecer instantâneamente entre eles.

Uma tal aparição não pode ser feita por uma pessoa normal, mas sómente por um espírito que se materializa, no local e no próprio momento. Isto lhe foi fácil de conseguir, porque Ele encontrava-se num ambiente muito favorável e não faltaram médiuns para auxiliá-lo a materializar-se, pois sabemos que todos os seus discípulos se tornaram curadores espírituais, portanto eram médiuns.

Ele foi reconhecido pela sua palavra, porque Ele lhes diz: «A Paz seja convosco». Vendo que eles estavam perturbados pela sua aparição, êle lhes certificou «sou eu, não vos assusteis». Eles, cheios de perturbação e mêdo, criam ver um espírito.

Notemos que o Evangelista diz claramente que eles «criam ver um espírito».

Já o facto de ver um espírito os perturbava profundamente. Certamente eles tinham conhecimento da crença popular que os espíritos tinham o poder de manifestar-se como fantasmas, sem, apesar de tudo, serem sêres vivos, reais, sómente fantasmas, sêres irreais, a maior parte criados por alucinação ou desvario. E' por isso que Ele lhes diz: «Porque vos turbais, porque tais pensamentos se elevam em vossos corações? Vêde minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo; tocai-me e vêde. Um espírito (um fantasma) não tem carne nem osso, como vêdes que tenho. E, dizendo isto, mostrou suas mãos e seus pés».

Êle fez-lhes, pois, verificar, convidando-os a tocá-lo, que não se tratava de aparição efêmera, fantasmagórica, ilusória, mas de uma realidade, de uma presença real em carne e osso. Êle quer que não fique dúvida alguma neles e que eles fiquem bem convencidos de que sua ressurreição *é real;* que Ele está sempre vivo».

Era por isso que Ele se empenhava em convencê-los da sua ressurreição real, que Ele considerava como a parte mais importante de seu ensinamento.

Mas os discípulos apesar da autorização que lhes era dada para tocar nêle, não estavam convencidos. Na Escritura está escrito: «Como em sua alegria êles não criam em nada ainda e estavam pasmados. Jesus lhes diz: Tendes aqui algo para comer? Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe grelhado e um favo de mel. E após ter comido diante deles, êle lhes deu».

Para convencê-los ainda mais de que não era um fantasma ilusório, mas um sêr vivo e real, Ele comeu com eles.

A questão de saber se um espírito materializado pode comer, tem sido fortemente debatida nos anais do Espiritismo, mas é uma coisa definitivamente resolvida por nós, porque os espíritos que se materializam em nossas sessões, que nós tocámos, nos deram várias vezes a prova clara e irrefutável de comer e beber.

E Ele lhes diz: «E' o que eu vos dizia, quando eu estava ainda convosco».

Com esta afirmação êle confirma a sua morte e sua presença entre eles como «espírito materializado». Afirmação extremamente importante.

«Que era preciso que se realizasse o que foi escrito por mim na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos. Então êle lhes abriu o Espírito para que eles compreendessem as Escrituras».

João nos confirma o mesmo facto nestes termos:

«Nêsse mesmo dia, o seguinte ao sábado, como era tarde, e as portas do local onde os discípulos estavam reunidos estavam fechadas, de medo dos Judeus, Jesus veio, e de pé no meio deles, lhes falou».

Mas nessa assembléia faltava Tomé. E, logo que Ele voltou, os discípulos lhe disseram que tinham visto o Senhor. Mas Tomé lhes disse: «Se eu não vir em suas mãos os buracos dos pregos, e não meter minha mão em seu flanco, *não crerei.*

Aquí é preciso pararmos um momento e considerar seriamente essa incredulidade de Tomé, porque ela é muito importante. Os discípulos eram homens simples, pescadores, muito atraídos pela doutrina de Jesus que eles não compreendiam bem, e por seus milagres, que o faziam considerar como um homem maravilhoso, mas mesmo no seu fanatismo por Jesus, eles não podiam aceitar a ressurreição; isso era uma coisa que os ultrapassava. Eles não podiam admitir que um morto pudesse viver e manifestar-se. Não obstante é precisamente êsse ensino que Jesus queria dar-lhes.

Essa persistente incredulidade dos Apóstolos deve afastar duma maneira clara toda a suspeita de alucinação coletiva, porque esta é sempre uma visão fantasmagórica. Jesus materializou-se bem, como um sêr humano normal, por várias vezes, justamente para convencê-los. E' por isso que João nos conta:

«Oito dias depois, seus discípulos estando ainda no mesmo local, e Tomé com eles, Jesus veio; as portas fechadas e de pé no meio deles, lhes diz: a Paz seja convosco. Depois diz a Tomé: Ponde vosso dedo, e vede minhas mãos. Aproximai vossa mão e ponde-a no meu flanco; e não sejais incrédulo, mas fiel».

Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus». Jesus diz: «Porque me vistes, Tomé, me crestes. Felizes os que nada viram e que creram».

Desta vez, temos uma outra materialização de Jesus, que chega a convencer Tomé absolutamente incrédulo sôbre sua sobrevivência. Aquí ninguém póde objectar que poderia tratar-se de uma alucinação, porque Tomé não cria, mas quando êle tocou, foi forçado a render-se à evidência dos *factos.*

A aparição seguinte realiza-se sôbre o lago de Tiberíades.

Aquí a Escritura não é bastante pormenorizada sôbre a aparição; pelo contrário, mas o que revela Jesus aos Apóstolos, é o milagre realizado, que é o facto mais evidente de toda a aparição.

Em seguida êle aparece aos 500 discípulos reunidos sôbre a montanha (Mat. XXVIII, 16-20) I Cor. XVI; depois a Jerônimo (I Corr. XV-7) e, finalmente, sôbre o monte das Oliveiras para a sua ascensão, explicada aos discípulos por essas poucas palavras do Evangelista.

Ascensão, de Jesus. «E após lhes haver falado, o Senhor Jesus foi elevado ao Céu, onde êle se acha sentado à direita de Deus. E eles tendo partido, pregaram por toda a parte, o Senhor cooperando com eles e confirmando a palavra pelos milagres que os acompanhavam. (Marc.)

Podemos aceitar as Aparições póstumas de Jesus como reais.

Afirmemos, sinceramente, que, para nós, são um facto histórico incontestável. Ou se aceitam os Evangelhos como verdades ou então não se admitem.

Devemos observar que a idéia de aparição não foi desenvolvida no pensamento dos discípulos após a morte do Mestre, mas que Êle mesmo a ensinou e profetizou pelo menos dez vezes em sua vida, de modo que não deixasse nenhuma dúvida, justamente para preparar seus discípulos a aceitar essa realidade, para eles inconcebível.

Os próprios profetas do Antigo Testamento anunciaram a ressurreição de Jesus.

Ela é igualmente confirmada fóra dos Evangelhos pelos escritos de vários Apóstolos. Os primeiros cristãos criam todos na sobrevivência da alma e em sua possibilidade de manifestar-se sôbre o plano material. Ela deve pois ser aceita como um facto real, incontestável para o verdadeiro cristão.

Mas como explicá-la ?

Alguns, não sabendo dar-lhe uma explicação qualquer, procuraram simplificar a coisa até admitir que Jesus não estava morto sôbre a cruz, que êle havia simplesmente caído em catalepsia, depois havia acordado e havia continuado a viver e a apresentar-se aos discípulos em seu corpo físico.

Parece-nos evidente que essa tese não é sustentável.

Primeiro, porque foi provada, como vimos em nosso estudo precedente à «Luz do Gólgota», que Ele estava bem morto sôbre a cruz.

Em seguida, porque as manifestações de Jesus após a morte corporal não são reconhecidas sob a forma de homem físico normal, mas como «aparições». Êle aparece e desaparece subitamente, o que é absolutamente impossível para um homem normal, vivendo em seu corpo físico.

Trata-se de alucinações coletivas ?

Demasiadas provas materiais foram dadas, como vimos em nosso estudo, e podemos afastar esta hipótese, de maneira categórica. Um iluminado vê e ouve no sentido de suas idéias favoritas; ora os discípulos não crêem na ressurreição de Jesus.

Outros querem aceitá-la, mas sòmente como um «milagre» feito por Deus.

Segundo o nosso ponto de vista, essa tese é muito menos sustentável.

Porque Jesus havia já profetizado a sua ressurreição, várias vezes, no curso de sua vida.

Porque se se admite que Deus é o autor da Natureza e por consequência das leis que a regem, êsse Deus seria de facto muito imperfeito se Ele houvesse dado à Natureza leis tão pouco divinas que, para mostrar-se Deus, lhe seria necessário violá-las. Êle daria no mínimo um mau exemplo, seria um Deus injusto. Segundo a razão e a lógica, Deus não saberia agir contrariamente a suas próprias leis.

Minha "Delenda Cartago"

Alfredo d'Alcântara

Na Avenida Passos, aquí na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, há uma casa que vende sementes, plantas vivas, ferramentas agricolas e, também, estatuetas de barro, ou coisa que o valha, vivamente coloridas, representando entidades astrais de seitas afro-brasileiras, que se teima em designar falsamente como modalidades do Espiritismo.

Lá estão na vitrine, como chamariz para os fanáticos, vultos de satanaz, uns rubros como chamas crepitantes, outros pintados de treva, todos com os seus chavêlhos caracteristicos, cada um deles na atitude condizente com o nome gravado no respectivo pedestal: Exú-tiriri, Exú-sete cruzes, Exú da encruzilhada, e outros tão exóticos como estes. Em promiscuidade com tais figuras infernais encontram-se os caboclos Rompemato, Vira-mundo, Sete-flechas; os pretos velhos Pai-Ambrósio, Pai-Cambinda, e, o que ressalta a falta de lógica, o velho orixá Ogún, que nos «terreiros» se cultua como São Jorge, apresentando a configuração de um índio, quasi preto, montado em garboso cavalo branco, e Yê-man-já, na forma de sereia, monstro mitológico que é mulher na parte superior e peixe da cintura para baixo. As que se vende na Avenida Passos descançam recostadas dentro de conchas prateadas, com reflexos esmeraldinos...

Quando, diante daquela montra, eu olhava os ídolos, achando infinita graça na infantilidade de quem os imaginou, ao mesmo tempo que lamentava o fracasso artístico que aquilo representava, um episódio banal intercorrente veio despertar o estado de alarme que me assaltou quando afundei no pélago, profundamente místico, das seitas selvagens em sincretismo com o Catolicismo romano, na caça de elementos para escrever o livro «Umbanda em Julgamento», que veio à luz da publicidade em 1949: — Passava um casal de mestiços, de apresentação distinta, quando atentou na vitrine sugestiva e parou. O homem, solícito, entrou a explicar à companheira: «aquêle é Exú-tiriri; o outro, o caboclo que tem uma flexa na mão, é o nosso «Rompe-mato». A moça observou-lhe, num tom de súplica: «nós precisamos comprar os dois...»

Entrei no estabelecimento para indagar do respectivo gerente se aquelas estatuetas eram vendáveis e obtive a seguinte resposta: «Sim, senhor; são muito procuradas pelos espíritas...» Tive ímpetos de gritar-lhe: não seja insensato! Que espíritas são esses que compram ídolos para manter viva a própria fé? Lembrei-me, porém, de que, infelizmente, grande número de confrades, dentre eles vários lideres do movimento nacional de propaganda espírita, por inexplicável tolerância, deixam medrar em paz, quando não insentivam com a sua presença ás solenidades que se realizam nos arraiais da macumba, a pretenção absurda dos adeptos do africanismo em apresentar suas seitas como parte integrante do Espiritismo.

O mercador de ídolos não comprenderia o meu protesto. Deixei-o ruminando a satisfação de me haver confundido, e corri a empunhar a pena, arma fraca em minhas mãos, mas a única de que posso utilizar-me para combater a hidra da ignorância, que procura, a todo transe, levar, de roldão, para trás, para um passado sombrio, que já devia ter sido esquecido, o homem moderno que estaciona à beira da estrada da vida, indiferente ás belezas do progresso que passa, triunfante, iluminando o mundo.

O Espiritismo, saibam os que sonham fazê-lo bandeira das suas crenças exóticas, nada tem de comum com ídolos e fetiches. Leiam, por favor, esta magistral página de Leopoldo Cirne, que se encontra em sua obra «Doutrina e Prática do Espiritismo», volume II — página 167:

> «O Espiritismo — insistimos nisso — não comporta símbolos. Vindo para restabelecer, em toda a sua pureza e integridade, o pensamento de Jesus, contido no Evangelho, e espiritualizar todas as crenças, tem, entre outras coisas, por missão emancipar os homens de preconceitos e superstições, como das escravisadoras restrições dos emblemas e alegorias, instituindo aquêle culto, puramente espiritual, anunciado à Samaritana pelo Cristo. Nada será, portanto, mais contrário à essência doutrinária do que a obstinação de certos crentes em transplantar para suas práticas a bagagem ritualista de outras religiões, de que ainda não conseguiram libertar-se».

As pessoas que adquirem imagens de satan, para seus oratórios domésticos ou para os canzóis das suas tendas, não são espíritas e sim umbandistas, da linha branca ou da negra, indiferentemente, de vez que em ambas precisam dêle e lhe dedicam culto destacado, na primeira como defesa, para lhe acalmar as iras, na segunda por interêsse vital, pois ali se sevam no mal de que Exú é o símbolo.

Afinal, o que vem a ser Exú? Um deus bárbaro da África, impiedoso e cruel. Tem êsse nome na religião nagô, dos filhos de Yorubá. Cada povo o batizou com um nome particular. Entre os bantus ou cafres é Elêgbará; na antiga Persia, Arimã. Os hebreus, por intermédio de Moisés, criaram o Demônio para representante da treva e da maldade, e o fizeram pela transmutação do anjo da luz, Lucifer, que se rebelara contra Deus.

O Catolicismo, que assenta suas bases no cristianismo deturpado, adotou essa fantasia oriental para amedrontar os seus prosélitos e sugeitá-los à sua tirânica vontade. Foi, pois, na igreja romana, que mantinha uma capela, assistida por um padre, em cada fazenda do sul e em cada engenho do norte, que os yorubanos importados das selvas africanas como escravos, foram encontrar o seu Exú na figura do demônio. Não se tornaram católicos como pretendiam os padres, mas incorporaram a imagem sinistra do rei dos infernos à seita nagô, uma vez que o haviam identificado com o seu Exú. O mesmo aconteceu as demais entidades religiosas dos africanos, que eram cultuadas sob o titulo de *Orixá,* vocábulo que, entre nós, fôra logo traduzido por *Santo*. Yê-man-já, orixá das águas e mãe da maioria dos orixás, passou a ser vista na figura representativa da mãe de Jesus, e êste entrou no culto nagô como Orixá-lá, que quer dizer o maior dos orixás, título que, na África, cabia à Obatalá, deus da abóboda celeste. Ogún, a divindade das demandas guerreiras, foi, como é óbvio, reconhecido na figura mavórtica de São Jorge. Yê-man-já como serêia é influência da mitologia clássica, que ainda rola pelo mundo em fragmentos, mas Ogún como índio cavalgando um ginete branco, é deturpação das deturpações!

As crenças africanas, que assentavam seus princípios no mais radical fetichismo, passaram, no Brasil, à idolatria, graças ao contácto com a igreja romana. Não acho que tenham evoluído com isso, pois a religião nagô, pelo menos, trouxe da África uma filosofia rudimentar, mas revestida de certa lógica; com o sincretismo realizado entre o chicote do feitor e o altar católico, tornou-se verdadeira barafunda, onde até o senso comum não tem guarida. Todavia as suas tendas regorgitam de assistentes.

Urge que o Espiritismo se desdobre em uma campanha intensiva de evangelização para opor-se, como um dique, à onda de misticismo grosseiro que ameaça envolver toda população menos culta do nosso país, num recúo insensato às éras primárias da civilização. Não nos esqueçamos de que os brasileiros, em geral, pela sua formação étnica, são, e continuarão sendo por muito tempo ainda, escravos de imperativos atávicos que levam, com facilidade, suas almas ingênuas a confundirem a voz do chefe de «terreiro» de Umbanda, entoando cânticos onomatopaicos, com a dos sacerdotes bizonhos das suas seitas selváticas, em existências pretéritas, cultuando, no próprio altar da natureza, os deuses da sua fé.

Principiemos por procurar convencer essa gente de que africanismo não é Espiritismo, de vez que êste vocábulo é neologismo lançado por Allan Kardec para rotular a doutrina que codificou, e que, digamos sem rebuços, constitue o mais formidável avanço no progresso mental da humanidade no que concerne a filosofia e a religião; pertence-lhe exclusivamente. Não é lícito, pois, que o empreguem para indicar tudo que se relacione com Espíritos e suas manifestações mediúnicas, que é coisa conhecida desde os primórdios da civilização por outros nomes, mas que, modernamente, ficaria bem acomodada dentro do termo genérico «espiritualismo».

Esta tem sido a minha «Delenda Cártago» no livro, na imprensa e na tribuna doutrinária. Poucos confrades tenho eu deparado ao meu lado nessa campanha gloriosa e ultra-necessária à depuração do Espiritismo em nossa terra, mas dentre êsses poucos não é favor destacar as figuras inconfundíveis dos intemeratos batalhadores Pereira Guedes, Deolíndo Amorim, Leopoldo Machado, Delfino Ferreira e Henrique Andrade, a cujo insentivo devo a pertinácia com que me mantenho nas trincheiras da primeira linha, na idade em que não mais se protesta, apenas se abençoa . . .

Julho de 1951.

O Mundo Invisível

CIÊNCIA VERSUS ESPIRITISMO

O mundo que não vemos, nem sentimos; o mundo invisível portanto, é, incontestavelmente, o verdadeiro mundo.

Dí-lo e prova-o, cientificamente, Camille Flamarion.

Quem vê a fôrça que impele as marés? a energia que faz crescer, florecer e frutificar a planta? o poder que empresta calor e vida a nosso organismo?

Nós, os sêres da criação, as ondas e marés, são, para o sábio de Juvisy, o mundo aparente.

O mundo real, absoluto, positivissimo, é o mundo invisível.

E' o mundo espiritual, o Espírito.

* * *

O Espiritismo não inventou o Espìrito.

Nem coisa alguma do que ensina e estuda.

Estuda e ensina fôrças que sempre existiram, coisas tão velhas como a própria humanidade.

Ensina e estuda o que está no bojo de todas as religiões, explicando-as racionalmente, naturalmente, sem dogmas nem mistérios, que não existem para o Espiritismo, nem milagres e sectarismos, que não se enquadram na sua índole mesma.

E por que existe, então, o Espiritismo ?

Primeiro, veio a religião, para, aproximando os homens entre si, aproximá-los de Deus. *Religá-los a Deus,* que não é outro o sentido da palavra religião.

Mas, falhou a sua finalidade, que «não há ódio pior do que o ódio religioso», afirma Ruy Barbosa. E as cruzadas, inquisições e guerras religiosas afirmam o asserto ultra-verdadeiro do ilustre patrício.

Veio, depois, a Filosofia. E debochou da Religião, a estudar e a explicar o Universo e a Vida a seu modo. De sua importancia, basta ajuizar da civilização grega, essencialmente filosófica, a maior civilização que já tivemos.

Falhou, também, por seu orgulho, que foi o orgulho da sabedoria humana, que «por sabedoria, ninguém chegará a Deus», diz Paulo de Tarso.

Falhou, porque se fez atéa, agnóstica, pretenciosa.

E a prova está no século passado, que ficou chamado o «Século Filosófico», em que, entretanto, não se resolveu nenhum problema de absoluta felicidade para o homem.

A Ciência veio depois. E aí está enfeitando de suas luzes, nosso século, chamado, por isso mesmo, o «Século das Luzes».

E' mais feliz o homem do século aì em curso, do que o *troglodita ?*

A ciência resolveu muitos problemas, sem resolver, entretanto, o problema da felicidade humana.

Tão impotente para tanto que, por vezes, se debruça sôbre um enfêrmo à morte, sem poder para chamá-lo à vida, no mesmo passo em que, com uma granada, uma descarga de metralhadora, a bomba atômica, ceifa, em minutos, milhares de vidas.

O que vale dizer que a ciência progrediu mais no sentido da morte do que da vida, confirmando, assim, a natureza do planeta atrasado, em evolução, que é a Terra.

Assim, isoladamente, nenhuma das três é suficiente para levar o homem à solução do problema que mais o aflige: o problema de sua felicidade mesma.

E temos umas oitenta grandes religiões e uns 6.000 credos, ceitas e cismas !

E temos mil e um sistemas filosòficos !

E a Ciência está resolvendo, materialmente, todos os problemas humanos!

* * *

Ora, o Espiritismo apresenta-se com as três características em cita, como um fenômeno que veio na sua hora justa, para mostrar que as três, isoladamente, pouco valem e podem pouco; que as três reunidas, valem muito e muito podem.

Por isso êle é ciência. A Ciência da Imortalidade.

«O Espiritismo será científico, se não quiser suicidar-se», diz seu codificador. E, como ciência, não impõe fé cega, nem dogmas a ninguém, agindo sempre dentro daquele conceito de Paulo, que manda se examine de tudo para aceitar o que fôr bom. E ajustado ao conceito inexclusivista de Allan Kardec que apresenta feita «fé verdadeira a que póde encarar face a face a razão em todas as épocas da humanidade.»

E é também filosofia. A Filosofia do Espírito. A única de molde a explicar os altos e baixos da Vida, as desigualdades sociais, sem ferir nenhum dos atributos da Divindade.

Filosofia tão profunda que matou, racionalmente, a morte; que fechou, cristãmente, o inferno; que expulsou satanaz dos espíritos e corações que raciocinam e sentem as verdades divinas.

É a Religião. A verdadeira religião do Cristo, porque, religiosamente falando, o Espiritismo não exorbita uma linha do Evangelho do Cristo, não contraria em nada a Ciência, está nos factos e nas lições objetivas da História, vive dentro da própria Vida.

É a Religião, porque religa sempre, que outro não é o sentido da palavra, de vez que deriva de *religare*, que quer dizer, *ligar outra vez*.

Ora, o homem, obra prima da Criação, imagem e semelhança de Deus, filho deste Pai amantissimo, tem que voltar ao Pai, ao original, a seu Criador.

Esta, a obra da Religião.

Mas, se a religião concebe satanaz, inferno, penas eternas, para tormentos sem fim dos filhos de Deus, de sua imagem e semelhança, da obra do excelso Criador e Artista, deixa de ser religião, perde sua semântica.

O Espiritismo, religando sempre, porque conduzindo sempre, mais hoje mais amanhã, para Deus, é a única doutrina religiosa, de quantas vão por aí desunindo mais ainda os homens, digna do nome.

Afirmativa ousada, pois não?

Mas, facil de demonstrá-lo com factos concretos.

Houvesse espaço e tempo, e ficaria, de uma vez, a demonstração feita.

Leopoldo Machado.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XIV

Já passou o tempo dos dogmas.

A natureza abarca o universo, e o próprio Deus que outróra se considerava feito a imagem do homem, não pode agora, ser definido pela metafísica, senão como *um espírito na natureza*. Não existe o sobrenatural.

As manifestações obtidas pelos *médiuns*, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural e devem ser rigorosamente submetidas ao cadinho da experiência. Não há milagres. Assistimos ao romper da aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prevêr a que consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

Camille Flamarion.

(O maior astrônomo francês do seu tempo).

XV

Porque assustar-se com a palavra «Espiritismo»? Espiritismo significa «ciência da natureza espiritual do homem»; e essa ciência merece certamente, que lhe consagremos nossas investigações.

Agrada-me essa palavra «Espiritismo». Sou espírita, e o vocábulo não me assusta.

A Russel Wallace.

(O grande e ex-naturalista inglês, êmulo de Darvin)

XVI

Em todos os tempos houve modos, mais ou menos, raros de comunicar com os espíritos, apenas dantes *se fazia mistério* do que se faz agora, em fórmula popular. Talvez com essa divulgação se propõe Deus para que o homem não se esqueça que existem dois mundos; o dos corpos e o dos espíritos.

Padre Lacordaire

(Célebre pregador francês — 1802-1861).

XVII

Seguindo as máximas e conselhos do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, póde-se chegar a ser um grande santo sôbre a terra.

Padre Lacanú.

(vide sua «História de Satan»).

XVIII

A doutrina espírita encerra em si os elementos de uma transformação das idéias, e por êsse título ela merece a atenção de todos os homens de progresso. Sua influência estendendo-se já sôbre todos os países civilizados, dá ao seu fundador uma importância considerável, e tudo faz prever que, em um futuro, talvez próximo, Allan Kardec será tido como um dos reformadores do século XIX.

Maurício Lachâtre

(Autor do novo «Dicionário Universal»).

XIX

Como todo o mundo, ri-me do Espiritismo, mas o que eu tomava pelo riso de Voltaire não era mais do que o riso do idiota.

Eugéne Bonnemére.

XX

Devemos reconhecer que a hipótese espírita já conquistou a imensa maioria dos homens inteligentes e de bôa fé.

Charles Lomon.

(Autor de «Jean Dacier»)

(Continua)

Origem Divina

Gilson de Mendonça Henriques

Quando a humanidade bem refletir sôbre os principais problemas da vida espiritual ou anímica, encontrará a solução de muitas incognitas ou indagações que há séculos atormentam os seus dias.

O homem julga-se sempre um desherdado, um desprotegido da sorte. E êste pensamento é comum à choupana do pobre como ao palácio do rico. O primeiro inveja a fortuna, o dinheiro, o confôrto, a mesa farta e rica. O segundo almeja a tranquilidade, a pãz doméstica, ou o goso placido da existência.

O que é certo, vive ainda o homem a busca da felicidade que não encontra apesar da grande evolução, do enorme progresso material que os nossos dias registram.

E' que as concepções sôbre as quais a humanidade tem fundamentado o seu desenvolvimento espiritual, encontram-se em conflito com as verdadeiras aspirações ou anceios da sua própria alma.

O homem—considerado em sua vida social—até hoje não teve e não tem ainda a coragem moral de lutar pela implantação dos bons princípios da moral e deixa-se seduzir pelo êrro, acostuma-se com os vícios e transforma o delito em norma social de bem viver.

Sempre o homem se esquece de Deus. Raros são aqueles que se compenetram da sua origem divina e se desprendem da concepção humana de vida. Sentir a primeira, procurando penetrar nos seus arcanos e compreender a finalidade da segunda, eis o segredo que póde proporcionar a felicidade tão almejada.

No dia em que todos compreenderem a lei das vidas sucessivas, a face da Terra sofrerá modificações magestosas e a humanidade, corrigindo os grandes defeitos, preenchendo as lacunas do seu atual entendimento social, erigirá, dentro de si mesma, em seus corações, a fonte luminosa a irradiar amor e felicidade.

Convencendo-se de que o corpo perecível, representa o agasalho transitório de um espírito imortal em um dos transes de sua evolução eterna, compreenderá que a riqueza, a fartura material. pertencem ao nosso Pai Universal — Deus.

O que aqui desfrutamos, a posse de bens que chegam ás nossas mãos, veem-nos por empréstimo, são dádivas de Deus, instrumentos que a Sua infinita sabedoria entrega aos nossos cuidados para que os utilizemos com a mesma magnanimidade com que Êle nos aquinhôa.

A riqueza constitue uma das maiores provas dentre as muitas a que estão sujeitos os espíritos incarnados. O rico tem oportunidade de, a todo momento, demonstrar, por atos e por palavras, o gráu do seu sentimento de fraternidade, o principal elo que nos une a Deus que não nos quer isoladamente, e que a todos ama com igualdade.

A concepção da riqueza terrena está fundamentalmente errada. Ela prende o homem à Terra, limita os seus horizontes e restringe as aspirações do espírito, tornando-o, na maioria das vezes, insatisfeito pela saciedade e descontente pela desmedida ambição.

Pensemos apenas no seguinte: as riquezas deste planeta perecem para o espírito com a morte do corpo, o que nos demonstra ser de uso ou de utilização transitória, ou um meio de progresso para o próprio espírito.

Ser rico não é ser feliz e ser pobre não é ser desherdado.

Ampliemos as nossas vistas. Descerremos os véus que nos cobrem a visão majestosa dos mundos superiores, contemplemos o Sol na sua grandiosidade, irradiando vida, fecundidade e energias renovadoras, e concluamos que acima da Terra e do próprio Sól, outros planetas existem encerrando melhores tesouros e que Deus, o grande criador, nos convida à conquista dessas riquezas em mundos onde a matéria seja mais própria à vida eterna do espírito.

Jesus nos indicou o caminho quando disse: «Ama a Deus sôbre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo».

Notícias do Plano Espiritual sôbre a Catástrofe de Nova Iguaçu

OS órgãos de publicidade esgotaram com chocantes pormenores as tremendas e indescritíveis tristezas ocorridas no desastre ferroviário na manhã do dia sete de Junho em Nova Iguaçu.

Em sómente quinze minutos, dentro daquela fria e melancólica madrugada, tudo no local do acidente reduzia-se ao nada.

Mais uma lúgubre vitória sôbre cincoenta e tantas vítimas foi inscrita a sangue no livro das tarjas pretas pela traiçoeira foice da morte.

O homem viu e sentiu perplexo e acabrunhado, sem poder intervir, aquilo que julgou não suportar.

Logo em seguida porém, pela bondade de Deus entrou em ação de consôlo o nosso magnânimo amigo, o Tempo, que, incumbido pela vontade divina tudo resolve com sabedoria e sempre a contento de todos. E' êle o médico que transforma as maiores dôres em confortante esquecimento. Agora, já as lágrimas secaram e os rostos vão se alegrando.

Que repercussão, no entanto, teria tido no plano espiritual essa imensa tragédia? Eis a pergunta que aguça nosso pensamento.

Ouçamos a respeito mãe Uliana e pai Joaquim, ambos irmãos do espaço, em curtos e esparsos relatos.

«As sirenas do posto «Vigilância» de certa colónia situada sôbre os céus da Capital Federal, espalharam insistentes e angustiosos sons, em sinál de alarme, para convocar apressadamente os irmãos socorristas, pois, acontecimento de suma importância iria efetivar-se dentro de poucos minutos, conforme foi dado ver na Sala do Diretor da colonia em nítida tela destinada a receber impressões do que está para suceder.

Como as sirenas sómente são ouvidas em raras ocasiões, de imediato, compreendemos que algo muito grave e de enormes proporções estava se delineando.

Sem demora formou-se verdadeiro exército salvacionista de espíritos abnegados, atraídos dos mais diversos setores espaçais, bem aparelhado para tarefas árduas de auxílio urgente. Todos nós recebemos fluídos diferentes e adequados ao ambiente onde iriamos operar afim de bem suportar a difícil tarefa.

Num fechar dolhos tinhamos volitado para junto dos passageiros do trem em movimento, aí em baixo, acercandose das criaturas, nossas irmãs, que em breves segundos desencarnariam; ampará-las nessa tremenda fáse da morte corporal foi nossa missão.

Interessante o que observamos: A fisionomia dos passageiros, momentos antes da tragédia, contraiu-se ao mesmo tempo em que todos se entreolhavam temerosos, de sobrolhos carregados, parecendo decifrarem algum prenuncio, algo confuso que pairava no ar.

Nessa fração de segundos, quantas imagens sombrias teriam captado o aparelho receptor de cada irmão presente? Falta-nos o saber para a exáta concepção do fenômeno que se processa na transmissão das visões premonitórias, sempre acompanhadas aliás, de turbilhões de pensamentos que assaltam os sêres nos segundos que antecedem ás grandes calamidades.

Vimos, perto da cancela da estação de Nova Iguaçu, diversos irmãos de elevada categoria espiritual, relutando nos derradeiros segundos, intuindo poderosamente os incarnados culposos, numa desesperada tentativa para impedir a imensa desgraça.. Infelizmente, porém, estes se comportavam como escafandristas revestidos de fluidos grosseiros e impenetráveis às sugestões salvadoras.

E, como a ninguém é permitido intervir no livre arbítrio alheio, após estrondosa explosão e no meio de dantescos sofrimentos já narrados pela imprensa, iniciou-se o dolorosso processo de desencarne em massa dos sêres humanos que, no dizer de Leon Denis se reuniram num ponto pela fôrça do destino, para sofrerem, numa morte trágica, as consequências dos átos que têm relação com o passado anterior ao nascimento — é o que o grande filósofo e cientista ensina sôbre mortes coletivas.

No meio daquela babel de labaredas, entre gritos ensurdecedores e lancinantes, corriam loucamente dentro dos vagões fechados as tochas humanas banhadas em gasolina. Nós os espíritos insensíveis à fornalha e habituados a quadros confrangedores, por pouco não fraquejamos, pois era de estarrecer o que se passava.

Não existem aí na terra palavras humanas suficientes em colorido capazes de descreverem tamanhos padecimentos; a própria pena ficaria, na certa, petrificada.

De apenas uma passageira vimos elevar-se uma espécie de cordão fluídico muito brilhante partindo do coração. Tinha forças ainda para, de olhos para o Alto, balbuciar uma prece suplicando auxílio a Deus para os outros e para si, parecia resignada; vimos aliás junto dela o seu anjo da guarda transferindo-lhe valioso lenitivo; era humilde e compreendia claramente não só a sua passagem para o outro plano como também a razão de se vêr presente nêsse desastre; pela sua fé auxiliou os que se achavam próximos dela.

A tarefa mais dolorosa, quão difícil para nós socorristas, consistia em separarmos os espíritos recem-desencarnados de seus corpos que jaziam inanimes e aos quais ficavam agarrados com todas as suas fôrças.

O momento exigia ação férrea para impormos a ordem, não podiamos titubear nessa tarefa que o Mestre confiou.

Intervimos na luta titânica que os espíritos mantinham para conseguirem o que nunca será possivel, — reanimar, levantando do chão seus próprios corpos, já hirtos que as labaredas estavam devorando.

Era de lamentar ver-se desperdiçadas tantas energias na inútil ânsia de arrastarem seus corpos semi-carbonizados para local isento de fogo.

Em benefício dessas almas sofredoras fomos forçados a utilizar o estratagema antepondo nossos espiritos aos seus corpos em chamas, recurso êsse que os fazia retrocederem confusos e hesitantes; enquanto isso se passava, os demais irmãos socorristas aplicavam passes de prostração e de sonolência para, nesse estado de torpor, serem acomodados em macas e conduzidos aos hospitais para espíritos.

Graças a Deus conseguimos auxiliar as criaturas cuja missão ainda não estava terminada na Terra, guiando-as, dentro do trem, sem se aperceberem disso, 'para locais onde a morte não as colhesse.

Alguns irmãos sofreram profundas queimaduras, cujas cicatrizes deformantes levarão consigo até o fim de suas vidas.

Estava, por assim dizer, predestinado a outros o passar pelo violento e impetuoso choque da morte do corpo físico, submetidos e obrigados a presenciarem, de olhos arregalados a queima de suas próprias carnes, sentindo, além do mais, o cheiro acre e nauseabundo dessa transformação. Que duras provas escolheram.

Hoje, na nova condição de espíritos e já passados muitos dias, alguns se vão conformando; outros sob nenhuma hipótese admitem êsse estado; todos porém estão recebendo carinhoso tratamento, para dentro em breve obterem os esclarecimentos essenciais.

Há-os, ainda, passado já um mês, clamando por socorro em altas vozes invocando suas mãesinhas ou seus pais; ouvem outros, continuamente, desde aquele dia, o crepitar do fogo sôbre suas entranhas como se o acidente estivesse ocorrendo até agora.

Nos hospitais da colonia muitos gritam e gemem quando algum irmão médico do espaço lhes passa sôbre o corpo espiritual o bálsamo restaurador dos tecidos dilacerados.

Eis como foi visto do plano espiritual o desastre».

Leitor amigo, imaginamos seu coração entristecido diante de tanta dor. Enviai, a pedido dos nossos guias, aos desencarnados de Nova Iguaçú, em prece amorosa, vibrações de paz e saúde com o pensamento voltado a Jesus.

Não tenha dúvida, as suas preces serão por eles captadas.

Major Levino Cornélio Wischral.

Combate Vitorioso

Por EGO

O Espiritismo afirma-se e impõe-se ás esferas oficiais dos grandes povos do Mundo

A vitória não é de hoje mas de sempre, que as sombras e os revezes não são mais do que estímulo na alma dos bons combatentes, e a Verdade tem o seu triunfo assegurado através do deflagrar das paixões e dos ódios, pois só ela é valor ativo no inventário dos acontecimentos da vida!

De nada valem o sorriso ignorante ou a preguiça mental dos que negam os factos sem os haver observado e estudado. A ciência da Alma e da sua imortalidade, como a da comunicação entre o Mundo Físico e o Mundo Espiritual, tomam relêvo cada vez mais nítido e impressionante. De tal forma os fenômenos se sucedem; de tal maneira as dúvidas abalam a ciência oficial, perante a qual só contavam as leis físicas, que várias são já as Universidades e Academias do Mundo onde o lado psíquico do homem começa a ser objeto de particular estudo e de especialissima atenção...

Um facto a juntar a tantos outros, acaba de vir confirmar quanto de importante e de sério reside na doutrina, na filosofia e no experimentalismo espíritas. Dêle se fizeram éco, já, a imprensa espiritualista e profana de vários países: *na Câmara dos Comuns, da velha e tradicionalista Inglaterra, 40 deputados, sem uma palavra de combate por parte de qualquer dos membros que a compõem, acabam de apresentar um projéto de lei em que se altera uma lei velha e injusta, e em que se reconhece a liberdade e honestidade das práticas espíritas, distinguindo nobremente, os verdadeiros médiuns e as sérias experiências, do charlatanismo e embuste de alguns, que os espíritas são os primeiros a combaterem.*

Vários foram os oradores que falaram sôbre o projéto em referência, dando-lhe o seu inteiro apôio. Entre eles: o trabalhista Mr. Walter Monslow; Mr. J. Brooks; Mr. Jorge Rogers; Mr. Arthur Collegate; o judeu Mr. L. M. Lever; Mr. Gordon Lang, etc.; que aos nossos leitores mais deve interessar o facto em si do que o nome dos deputados que usaram da palavra, para afirmarem, na Câmara dos Comuns, que o Espiritismo merece o respeito da velha Nação Inglêsa.

Basta que digamos, nêsse capítulo, que um dos oradores que apoiou o projéto foi Mr. Chuter Ede, Ministro do Interior britânico.

Regosijamo-nos, naturalmente, com o acontecimento. A Inglaterra é um país de justas liberdades e de espírito humano. Basta lembrar o sistema de segurança que inaugurou em 1948, libertando o seu povo de torturantes incertezas, pois todos os inglêses passaram a estar seguros contra o desemprego, contra a miséria e contra a doença. Isto é pura doutrina cristã, que os espíritas procuram servir, como já no n.º 143 do *Além*, na sua *Crônica Estrangeira*, daquêle mesmo ano, acentuava o sr. dr. Antonio J. Freire.

E' de prever, que o projéto de que nos estamos ocupando tenha idêntico acolhimento na Câmara dos Lords... Mas se o não tivesse, nem por isso o acontecimento de agora perderia o seu significado. Venceremos! O Espiritismo não carece de favores, como o Sol não carece da luz artificial dos homens.

...Mas nem só em Inglaterra os factos se afirmam pela forma por que vimos de descrevê-los.

Na Argentina, em 2 de Fevereiro de 1950, *o Ministro do Interior deliberou que todos os Institutos Metapsíquicos do seu país se inscrevessem na Direção da Psicopatologia Médica, afim de se introduzir um contrôle científico nêste campo de pesquisas.*

Não traduzirá esta deliberação daquêle sr. Ministro do Interior, o reconhecimento oficial da nossa Doutrina por parte do Governo da Argentina?!

Terminamos, como principiámos... A vitória não é de hoje, mas de sempre; que a Verdade tem o seu triunfo assegurado através do deflagrar das paixões e dos ódios, pois só ela é valor ativo no inventário dos acontecimentos da Vida!

Revista de «Metapsicologia» — Lisbôa.

Crônica Estrangeira

Convencido!...

Por Julio de Sousa e Costa — De «Além»

Entre muitos papéis reveladores de atividades psíquicas de além túmulo, encontrei uma carta da senhora D. Marta de Vasconcelos que, nesse ano de 1901, fui conhecer pessoalmente em Lisboa.

Essa carta revelou-me uma forma singular de admitir a teoria anímica sob aspectos interessantes que me darão motivo para análise; não acreditava nas manifestações do Além e aduzia razões espirituosas, forçoso é dizê-lo. Sabendo ela que eu sou espírita convicto, enviava uma comunicação que seu tio, outro combatente contra a doutrina codificada por Allan Kardec, lhe havia dirigido por intermédio de certa senhora que — no dizer dela — tinha imensa habilidade em falar com os mortos.

— *Esse tio afinava pelo mesmo diapasão,* — comentava a senhora D. Marta — *e como V. gosta dessas coisas, remeto-lhe a missiva que veio pelo éter. Meu tio, que foi um grande homem de bem; caridoso, digno, não acreditava no Céu, no inferno, no Limbo; em Deus, no Diabo, no Espiritismo e nas grandes conversas com os mortos. Cumpriu com o seu dever social e moral! Quanto a mim a Morte acaba com tudo e o nosso corpinho transforma-se dando à terra o que dela vem. Nada mais! Essa comunicação é fantasia!...*

Vamos agora ler a comunicação do Sr. Joaquim Gregório da Cunha, sem lhe alterar uma vírgula que seja!... Como *fantasia* ver-se-á...

* * *

«*Marta! como eu vivia cego!... Como me caiu esta venda que me toldava a compreensão!... Sabes muito bem o que eu pensava da Vida e do Espírito!... Pois bem, lê estas linhas que tracei, socorrendo-me de mão alheia.*

Como sabes, conheci a minha hora final. Não a temi. A Consciência não me acusava de delitos morais e materiais. Quando retomei a minha lucidez vi-me... no cemitério e junto de uma cova. Então o meu olhar profundou-a... Ví o caixão... Reconheci as minhas feições... O que senti não sei explicar-te!.., Então eu vivia?... Vivia o meu espírito, se é que era espírito?... Sonhava?... Seria um delírio?... Olhei em redor de mim... Vi fantasmas junto a outras sepulturas... uns em atitudes dolorosas, outros espantados ao máximo; outros chorando... Vi outros fantasmas de aspecto brilhante e de semblante risonho, dizer palavras carinhosas que nem todos recebiam de boa sombra... Ouvi distintamente um deles dizer, com voz amargurada: — Oh! meu querido José, meu amado Marido, que *não te vejo!... Onde estou?... Onde estou eu?...*

Perto da sepultura onde o meu corpo estava enterrado, havia um jazigo imponente. Vi outro fantasma sentado na soleira desse monumento, chorando, estorcendo as mãos, balbuciando frases cortadas... E dizia: — Quero o meu corpo!... Quero ir para casa!... Não quero estar aqui!...

Isto constrangeu-me dolorosamente!... Pois quê?!... Então nós vivíamos depois de deixar a Terra?... Sim, Marta, eu estava, nessa altura, perfeitamente convencido de que, afinal, coisa alguma tinha terminado para mim, e, consequentemente, para todos que tinham deixado esse Mundo...

Senti que me impeliam... Corri muitas ruas do cemitério a que chamam o campo do repouso... Repouso!... Palavra errada! O repouso desejado é o do espírito... A matéria inerte só às vezes dá reflexos ao espírito que não se julga ainda desligado!...

Vi muitos fantasmas junto das suas sepulturas ouvindo, comovidos, as preces dos que iam ali numa piedade dolorosa, rogar pelo eterno descanso das suas almas!...

Mas, afinal, o que há a este respeito? Isto perguntava eu. Uma fôrça irresistível me impulsionava naquela ronda pelo campo dos mortos... Desorienteime... Mas era eu, eu que via, pensava, raciocinava!... Tinhamos, então, a sobrevivência?... Que problema!... De repente lembrei-me... Ah! eu ja tinha vivido neste Mundo... Lembro-me... Lembro-me agora!...

Depois seguiu-se uma grande lição!... Porque tinha negado a existência de Deus Augusto e Santo, quando eu, antes de reincarnar, havia tido ocasião de ver as maravilhas dos mundos?... Caí em mim! De facto o Céu, o Inferno, o Purgatório, eram fantasias arranjadas para meter medo aos espíritos timoratos!... Alusões para espantar!... Mentiras grosseiras com objetivos hipócritas!... Vi muito, muito!... A mão de Deus estava alí; potente, criadora, infinita, maravilhosa, única, intraduzível, de majestade poderosa!...

Não sofri muito no meu renascimento espiritual. Eu cumprira na Terra a doutrina *de Jesus, cuja ida aí fôra miraculosa, como a seu tempo se desvendará!...*

Hoje estou preparando a minha nova reincarnação. E já são tantas!... Tantas!... Desempenhei tantos papéis!...

Pensa e medita... Lê: mas não te deixes deslumbrar!... Assim como na Terra em que estás exilada, há também cá no Outro Mundo quem se divirta com a credulidade humana e não há poucos!!... Deus, o Pai Augusto, é uma Verdade Eterna; a Reincarnação é outra verdade e a única fórmula de Progressão, de Avanço e de Perfeição!...

Há quem zombe destas verdades, até mesmo neste lugar onde estou!... Mas a Luz, a Grande Luz lhes virá um dia!... Faze tu a caridade que puderes; educa os teus filhos com as máximas da Razão, da Justiça e da Caridade, na crença de Deus e no respeito pela Humanidade!...

Até breve, Marta!... Eu voltarei! O meu guia, que foi o teu bisavô, prometeu-me auxílio, amparo e proteção. Um abraço amigo do teu Tio que muito te quis na Terra e ainda muito e muito te quer!»

José.

A senhora D. Marta é que não se conformou com as novas que lhe mandavam do Além.

Passaram-se muitos meses. Certo dia escreveu-me dizendo que andava bastante preocupada. A senhora, a quem o falecido tio se manifestara primeiramente, enviara-lhe uma comunicação para que a sobrinha se acautelasse; informou-a de que se projetava um assalto à sua casa, facilitado por criatura muito conhecedora dos cantos do seu lar; que essa pessoa era baixa e gorda. Ora uma das servas da senhora D. Marta tinha esses sinais. E como ela troçava imensamente do Espiritismo, a ama supôs ser uma forma trocista e para alarmar.

Não fez caso. Uma noite, quando as duas servas se preparavam para deitar, ouviram um rumor de conversa no quarto das malas e rouparia. Escutaram. Foram prevenir a senhora D. Marta. Apanharam as boas pessoas que se preparavam para o assalto planeado pela mulher a dias, *uma mulher baixa e gorda* que se fazia acompanhar por um gatuno de marca.

Meses depois a mesma senhora foi

prevenida de que estava a passar deste mundo sua tia D. Jesuina. Aconselhou-a a vir assistir à moribunda que a chamava sem cessar. Foi, e muito a tempo de salvar o que lhe pertencia por legítima sucessão.

Cessou o antagonismo da senhora D. Marta. Numa carta se penitenciou da grande troça que fazia dos espíritas que classificava de lunáticos e mais adjetivos amáveis, tendo eu tido ocasião de verifcar a sinceridade com quem seguiu os conselhos provindos do Além, sempre conducentes a guiá-la no bom caminho da Caridade e da Paz, qualidades estas que, aliás, estavam no seu íntimo.

O espírito de Joaquim Gregório da Cunha, manifestou-se a última vez em 1905. Inteligente e tendo seguido sempre os ditâmes da honradez, probidade e de boas ações em prol de seu semelhante quando viveu sôbre este pobre planeta de vida moral tão cruciada, não lhe foi difícil trilhar novo caminho, o caminho da Luz que leva à Perfeição Máxima.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viágem, sr. Onofre Batista:

«Na minha última excursão visitei as seguintes cidades:

Paraíba do Sul — Falei no Centro Esp. «União e Caridade», que é dirigido pelo confrade Manoel Vaz. Brevemente voltarei para fazer palestras no C. E. «Antonio de Pádua», tenda nova, mas que não comporta mais a assistência, tanto assim que os confrades vão levantar novo prédio.

Cachoeira — A União Espírita Cachoeirense está instalando tendas pelos bairros da cidade, sob a orientação de confrades conhecedores a fundo da Doutrina. A U E. Cachoeirense tem asilo para inválidos, escolas e aulas de catecismo para crianças, Mocidade Espírita, etc., isso tudo em todos os bairros da cidade. Falei numa tenda dessas. Têm as Ligionárias Espíritas que, como a Mocidade Espírita, conta com diversos professores. Todas as semanas estes confrades saem para levarem aos necessitados não só o pão material, roupas, gêneros alimentícios, etc., mas sobretudo a palavra evangélica. E é assim que se propaga a Doutrina.

Lorena — Falei no Centro Espírita dirigido pelo confrade Francisco Leite. Na próxima viágem falarei no C. E. Fraternidade.

Mogi das Cruzes — Falei no C. E. «Antonio de Páuua», que está sob a direção dos confrades Alvaro Carneiro e Rafael Garcia.

Guará — Falei no Centro Esp. «Luz e Amor». Os amigos do além muito me auxiliaram na palestra.

S. José dos Campos — Falei no C. E. «Divino Mestre». Ha mais 4 sociedades, todas em atividade.

Santa Branca — Falei no C. E. «Vicente de Paula», que está sob a direção do confrade Rafael Conte.

Santos Dumont—Falei no C. E. «Paz e Amor». Os seus diretores vão dar começo à construção de novo prédio. O C. E. «João Batista» vai também em grande progresso.

Ubá — Falei nos Centros Espíritas «Ismael» e «João Ernesto». Os confrades dêste último Centro vão construír novo prédio.

Cataguazes — Falei no C. E. «Paz e Amor», que está sob a direção do confrade José Lacerda Filho e outros companheiros. O nosso companheiro José Lacerda passou para o Além, mas o seu lugar ficou bem preenchido pelo seu filho.

Leopoldina — Falei no C. E. «Amor ao Próximo».

Três Rios — Falei no C. E. «Esperança e Fé», que está sob a direção do confrade Alcides Faria.

Petrópolis — Falei no C. E. «Bezerra de Menezes», que é dirigido pelo confrade Arnaldo de Azevedo, vereador da Camara Municipal.

Cascatinha — Falei na União Espírita Allan Kardec e na Mocidade Espírita «Cairbar Schutel».

Barra do Piraí — Falei no Grêmio Espírita local.

— Agradeço de coração, a todos os

confrades que me dispensaram boa acolhida nesta minha longa excursão a serviço da Doutrina, almejando a todos muita paz e felicidade.

Conselho Federativo Nacional

Súmula dos Trabalhos realizados em 7 de Julho de 1951.

Posse de Representantes — Por motivo de fôrça maior não compareceu, para tomar posse do cargo de representante de Alagôas, o novo conselheiro Geraldo de Aquino. Tomou posse da representação de Sergipe o confrade Atlas de Castro

Congresso de Stokolmo — Foram lidos dois ofícios, convidando a F. E. B. para comparecer ao Congresso Espírita Internacional que será realizado no começo de Setembro próximo, em Estocolmo, capital da Suécia, e ficou deliberado que a Diretoria da F. E. B. deverá nomear representante para comparecer ao certame.

Revue Spirite — Foi lido um tópico em que a velha revista fundada por Allan Kardec declara rejubilar-se com o movimento espírita brasileiro, conforme memorial que o C. F. N. lhe remeteu em ofício de 3 de Março dêste ano.

Recenseamento — Foi lido um ofício do Diretor do Serviço Nacional do Recenseamento, prometendo dar ao Secretário do C. F. N, dentro de algumas semanas, notícias do movimento religioso da Capital da República, conforme resultados censitários de 1950.

Música e cantos — Foram lidos dois ofícios sôbre música, cantos, números de arte em festas espíritas. Segundo os missivistas há uso e abuso de números de arte em certa cidade do interior do país, e eles desejariam conhecer o pensamento do C. F. N. sôbre o tema. Como se trata de caso relevante de princípios, a Presidência deu a palavra a cada um dos dez representantes presentes, para expressar o pensamento da Entidade representada ou seu próprio. Como o assunto foi levantado no momento, nenhum tinha instrução de sua representada e se limitou a emitir sua própria opinião. Foram debatidos vários aspectos do problema, como elucidação de pontos interessantes para as «Normas» que estão sendo elaboradas pelo C. F. N. A propósito, um dos conselheiros presentes lê parte de um artigo publicado em «A Verdade», órgão da Federação Espírita Pernambucana, de Março dêste ano, sôbre amálgamas esterilizantes de princípios doutrinários irreconciliáveis, como Politeísmo romano, o Judaismo e o Cristianismo, que, numa fusão infeliz, se tornou Religião oficial do Império romano no quarto século de nossa éra, e semelhante mescla de Xintoísmo, Confucionismo e Budismo realizada no Japão, um pouco antes. Ainda sôbre o mesmo assunto o Presidente comunica que a F. E. B. fez uma terceira edição do livro «Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo — Organização de Grupos — Métodos de trabalho», de Aurélio A. Valente, e remeteu um exemplar a cada membro do C. F. N., porque êsse livro poderá fornecer subsídios para elaboração de «Normas», de que está tratando o C. F. N.

Sanatório Jesus, de Cruzeiro

Comunicado do nosso representante em viágem, sr. Onofre Batista:

«Visitei o Sanatório Jesus, de Cruzeiro, em companhia do nosso companheiro Antenor de Souza, fundador do mesmo e incansável trabalhador da seára espírita, que, como operário, está fazendo mais do que muita gente endinheirada, com o seu esfôrço. O Sanatório possúe uma grande área de terreno, com 5 mil pés de eucaliptos bem formados, prédio enorme, com todos os requisitos da higiene, possuindo um reservatório para vinte mil litros de água. O prédio está situado no melhor ponto da cidade. O prefeito municipal, sr. Fernandes de Oliveira Pimentel, está abrindo uma rua diréta do Jardim ao Sanatório, e para êste fim está desapropriando casas e terrenos. O Sanatório tem água e luz em abundância.

Passei horas na quermesse que se realiza no centro da cidade em benefício do Sanatório. Notei grande concurrencia do povo da cidade e da roça.

Enquanto o Governo auxilia bastante no levantamento de algumas obras, faltando só a mobilia para funcionarem, as quais inexplicavelmente fecham as portas, os espíritas de Cruzeiro se entregam a fundo na construção do Sanatório Jesus, dando um belo exemplo de perseverança.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jàrdim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1951 —N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel . . . . *Redação*
Pródomos de Paz . . . . *Arnaldo S. Thiago*
A Alma dos Animais . . . . . . *Ismael Gomes Braga*
"Cristo, o Maior dos Anarquistas" *Pereira Guedes*
O Fenômeno Espírita . . . . . *Leopoldo Machado*
Vozes autorizadas . . . . *Spártaco Banal*
Astro Humano . . . . *Maj. Levino Cornelio Wischral*
Conhece-te a ti mesmo . . . . . *Genésio Nitrini*
Confirmando a Teoria Espírita . . *M. Lemoine*
Ainda o Pensamento . . . . . . *(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller)*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.
Paz em Jesus.

Em Dezembro, dia 25, a efemerides registra a maior data da cristandade — a passagem de mais um aniversário natalício de Jesus Cristo, o maior de todos os Profetas e Enviados de Deus, que reinará por séculos sem fim nos corações que aguardam a realização das suas promessas de vida eterna. Nêsse dia, a cristandade, como de costume, num preito de gratidão, veneração e amor, prestará as suas homenagens a Jesus, nosso único Mestre, cada um de acôrdo com as suas possibilidades, com a sua fé e compreensão. Os ricos e os remediados, para festejarem o magno acontecimento, não medem gastos. Suas mesas se enchem de finas e abundantes iguarias, acompanhadas de bebidas variadas, de música e grande alegria. E' uma maneira toda material de se render homenagem a Jesus, que sempre, nos seus ensinos, nos despertava a atenção para as cousas do espírito. Das mesas fartas nêsse dia, muitas iguarias, num desperdício insensato, vão abarrotar as latas postas nas sargetas. E enquanto isso, milhares de famintos e esfarrapados não têm uma chicara de café para festejarem, embora palidamente o Natal. Jesus poderá ficar contente diante dêsse triste contraste, Êle que andava acompanhado sempre de multidões de pobres e enfêrmos? Pensemos bem nêste facto chocante e procuremos, nêsse dia, satisfazer a vontade de Jesus, que se resume em voltarmos as nossas vistas para os pobres, ofertando-lhes dádivas dos nossos corações, pelo menos nêsse dia, o que sem a menor dúvida é a melhor maneira de festejarmos o Natal, uma vez que sabemos ser esta a vontade de Jesus.

Para êsse fim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», vem, por êste meio, à sua presença, para solicitar-lhe uma dádiva para os pobres, a qual póde ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, cumprindo assim, um dever de solidariedade cristã.

Certa da sua preciosa atenção, a Comissão agradece-lhe antecipadamente, almejando-lhe saúde, paz, feliz Natal e um próspero Ano Novo.

Matão, Setembro de 1951.

A Comissão:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Leticia Vital Olson
Izabel Perche Camargo
Zelia Silveira Perche
Joselina Dias de Lima
Jenny Perche
Valéria Dias de Lima
Leonor da Cruz Jorge

Clotilde Ferreira da Cunha
Donata Casadei Oliveira
Ana Coelho
Cleide de Barros Perche
Maria Zilda Benassi
Evany Gonçalves
Edeny Pedro Gonçalves
Manoela Torres
Odete Conceição Pinto

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1951 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cairbar Schutel

NO próximo dia 22 o nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel completaria mais um aniversário natalício se estivesse ainda neste mundo, e receberia nesse dia abraços congratulatórios dos seus familiares, companheiros de trabalho e inúmeros amigos pela auspiciosa data. Mas como a morte é um termo imprópriamente aplicado aos que deixam este mundo, de vez que o Espírito é imortal, o nosso caro companheiro Cairbar continua vivo no seio da Eternidade, prosseguindo nas suas atividades, no seu trabalho perseverante em pról da Doutrina, ajudando por todos os modos possíveis aos que, neste mundo, dão prosseguimento à sua obra, aos que, enfim, com as melhores intenções e boa vontade trabalham na seára espírita ou cristã, que constituiu e constitue o principal objetivo de suas cogitações. Não podemos apertá-lo num amplexo afetuoso, peito a peito, coração a coração, como o faziamos nesse dia, mas os nossos pensamentos traduzem, num demorado abraço espiritual, todo o afěto, toda a estima que lhe dedicamos de coração e alma,

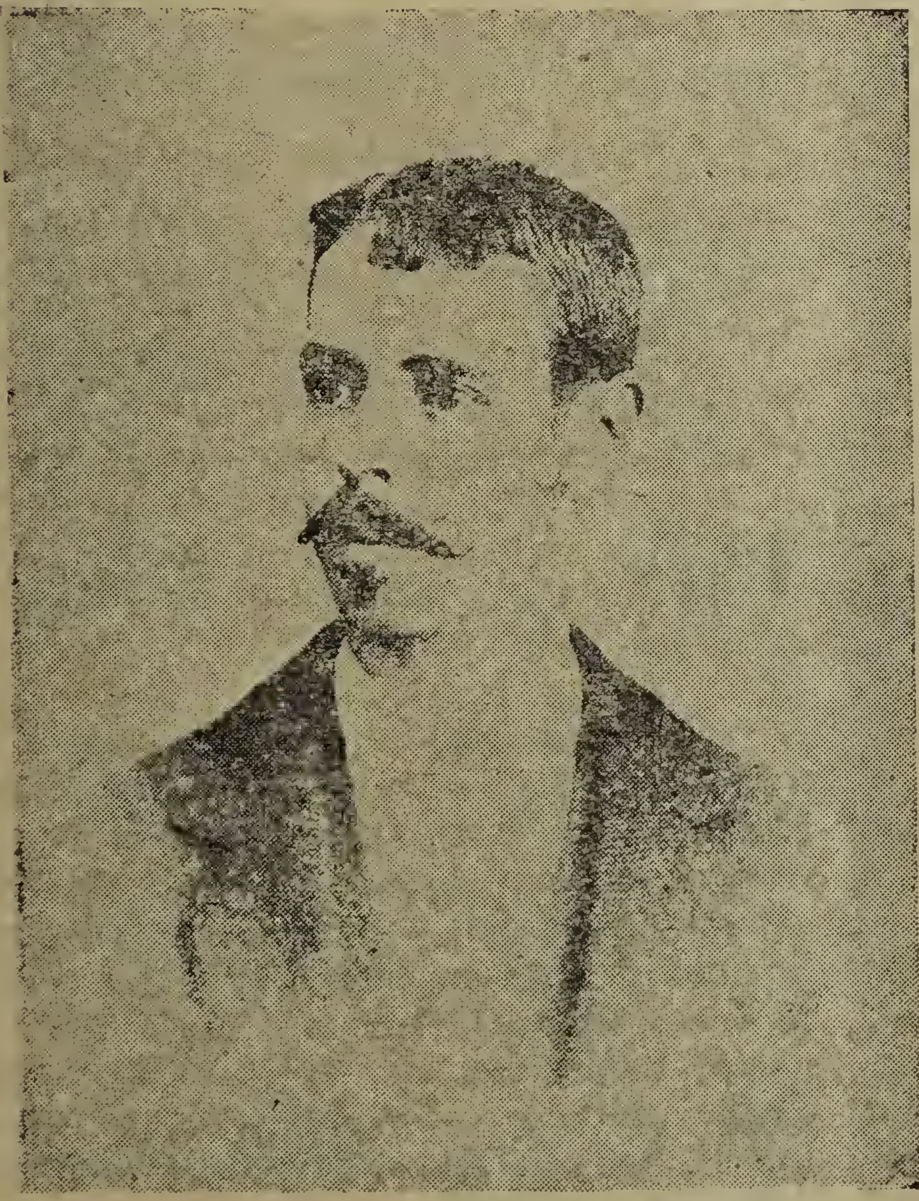

CAIRBAR SCHUTEL aos 25 anos de idade

almejando-lhe felicidade e progresso, tudo aquilo, enfim, que podemos desejar para nós. E temos a plena certeza de que os pensamentos que amorosamente lhe dirigimos não se perdem na amplidão, que são por Êle captados e retribuidos no mesmo diapasão, com aquela mesma meiguice que tanto conforto e satisfação proporcionava aos que dele se acercavam.

Quando meditamos sôbre o grande movimento espírita, — Congressos e Semanas espíritas, importantes obras de assistência social, Centros que se fundam em todas as cidades e até nos sítios, numa silenciosa e significativa disputa com todas as religiões juntas, em que o Espiritismo vai ganhando uma distância que já não se pode medir; quando vemos as facilidades com que os espíritas realizam os seus movimentos e empreendimentos, voltamos os nossos pensamentos para os pioneiros do Espiritismo no Brasil, entre os quais se encontra o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que enfrentaram as maiores dificuldades, — perseguições, despreso, calúnias, etc.

Graças a êsses pioneiros e aos Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade, o Espiritismo é agora uma fôrça que dia a dia, de hora em hora, aumenta o seu raio de ação, levando a todos palavras de conforto e de esperança e luzes para todas as consciências, sob a égide da Imortalidade da Alma. E a nossa satisfação é tanto maior quanto é facto que todos, gregos e troianos, não vêem agora no Espiritismo obra diabólica, mas sim, uma doutrina digna de respeito, de vez que espalha o Bem a mancheias para todos indistintamente.

Cairbar Schutel foi um dos que prepararam o terreno, como Bandeirante da Espiritualidade, afim de que os futuros trabalhadores encontrassem, como estão encontrando, facilidades na difusão e prática da Doutrina.

A Cairbar Schutel, pelo dia que registra o seu aniversário natalício, mais um forte abraço e um ósculo de gratidão.

Pródromos de Paz

Arnaldo S. Thiago.

PAZ, em sua efetividade social, estimulando o trabalho, fecundando os espíritos para a frutificação da inteligência, dispondo os corações para a conquista de virtudes que levam às relações fraternas, homens e povos. Dessa paz é que estamos aqui tratando, e não dêsse arremêdo hipócrita de pacifismo, que tem por fim desfibrar os indivíduos, materializando-lhes as tendências e enfraquecer as nações, desaparelhando-as de elementos para a sua defeza, em um escaldante mundo de guerras e de rivalidades econômicas, como o em que ainda vivemos.

De dois planos que se interpenetram, é constituido o nosso planeta: um físico, outro moral, com analogias profundas em sua formação e no seu desenvolvimento cosmogônico, os factos da Sociologia processam-se cronològicamente como os da Geologia: daí o paralelismo fisio-psíquico, incontestàvelmente observado na evolução planetária. O orvalho da paz, que Deus faz constantemente descer à superfície do nosso mundo moral, opera lentamente, como operaram as torrentes pluviais, sôbre a superfície escaldante da terra, nos períodos geológicos, a princípio nem lhe podendo chegar à superfície, porque o próprio calor atmosférico as evaporava, mas pouco a pouco, no curso de milênios, conseguindo permanecer no solo, até se transformarem em rios caudalósos, mansos regatos, fontes subterrâneas, que fertilizam os campos e alimentam a beleza da vida, por tôda a parte, no orbe.

O processo geológico parece ter-se realizado mais rapidamente do que o moral; lembremo-nos, porém, de que as suas diferentes fazes remontam a épocas multimilenárias, ao passo que o aparecimento do homem no meio cósmico planetário, com toda certeza, sómente pode ser contado do início do quaternário. Ainda há vulcões em alguns pontos da terra, em cujo interior o magma ocupa espaços imensamente mais amplos do que os da superfície sólida. Assim o coração humano: já possúi uma leve camada exterior de paz; todo o seu interior, porém, ainda é ocupado pelas desinteligências e pelo espírito de conquista, que é o estopim dos conflítos entre os homens e das guerras entre os povos,

Três quaternários de paz acabamos de ver aflorar no imenso arqueano, que apenas recobre o magma social, de que irrompem os vulcões das guerras; a nota de primeiro de julho último, distribuida pela Secretaria da Presidência da República Brasileira à imprensa, concebida nestes têrmos: «O Govêrno da República, em face da comunicação do Snr. Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, reafirma os principios da sua política tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos e reconhece todos os seus compromissos com a sociedade internacional de que foi um dos fundadores, inclusive o da cooperação econômica, política e militar.

Não dispondo, neste momento, de outras fôrças militares, além das destinadas à defesa do território nacional e carecendo ainda dos contingentes adestrados e treinados para a guerra moderna, de que trata a Resolução n. 377 da V Assembléia Geral das Nações Unidas, o Conselho de Segurança Nacional, reunido sob a presidência do Chefe da Nação, deliberou recomendar ao Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, o estudo das medidas preliminares de colaboração técnica e planejamento que permitam a efetivação em tempo útil das nossas obrigações internacionais».

Já é, segundo a linguagem do Evangelho, «estar no mundo sem ser do mundo»: o que o Brasil reafirma é a sua política tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos; isso é o que o Brasil quer; propugna pela sua efetivação no mundo; sabe, porém, que não pode ainda obstar, com o orvalho de paz que fertiliza a sua gleba quaternária, a erupção dos vulcões que ameaçam irromper por todo o imenso arqueano social que o circunscreve — e então prepara-se para a sua defeza.

Mas, nós falámos em três quaternários de paz: quais são os outros dois? Os da Índia e dos Estados Unidos. No primeiro acabam de aflorar estas idéias (cf. telegrama de Nova Delhi, inserto no J. C. de 12 do corrente): «Não haverá guerra com o Paquistão», declarou notadamente, hoje, no Parlamento, shri Nehru. Definindo a política externa, afirmou: «A nossa política externa não é negativa, não é neutra, nem passiva, mas é ativa e boa, etc.» Falando da situação mundial, Nehru afirmou: «Quando um estadista começa a pensar militarmente, deixa de ser estadista e torna-se um soldado vendo sómente objetivos militares, e tremo ao pensar no que aconteceria ao mundo se irrompesse uma guerra mundial». (Nehru empregou o tempo verbal *irromper)*. No segundo, a propósito da sucessão presidencial que ocorrerá em 1952, assim se manifesta o bispo evangélico Homer Tomlinson, anunciando sua candidatura ás referidas eleições: «Já é tempo que tenhamos para presidente um homem de Deus, cuja principal preocupação seja a virtude». O prelado, cuja congregação de Nova York possúe cerca de 123.000 fiéis opinou, com efeito, que os Estados Unidos tiveram até agora, em geral, como presidentes, «apenas soldados cuja preocupação é a guerra, homens de negócios que são mais particularmente preocupados com as disputas». «Terá, termina o telegrama publicado na edição do Jornal do Comercio, acima citada, por emblema uma bandeira «de todas as nações», desenhada pelo falecido seu pai».

Brasil, Índia, Estados Unidos, três quaternários de paz! que o orvalho santo das idéias generosas que em vós se forma, fecunde todas as glebas da terra, para o florescimento da fraternidade entre os homens!

Rio, Agosto de 1951.

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

II

Em artigo precedente referimo-nos a cães instruídos em leitura e aritmética; outro tanto se póde dizer de diversos cavalos que igualmente aprenderam a expressar pensamentos tiptológicamente, isto é, batendo as letras do alfabeto. Há também cães e cavalos absolutamente estúpidos, què não aprendem o que se lhes ensina e se revoltam contra as lições, o que demonstra graus de evolução e carácter.

Outros cães, que não receberam instrução literária, demonstram inteligência, raciocínio, deliberação, por sua própria iniciativa. Mencionemos um facto colhido do livro do Dr. Raoul Montandon, dentre muitos similares que lhe enchem as páginas.

Certo lavrador possuía um cão pastor que guardava inteligentemente o gado bovino no pasto durante o dia; marcava um limite sábio, do qual os bois não tinham direito de passar; impelia o gado ao bebedouro em horas determinadas; à tarde forçava todo o gado para o curral e, depois de o ter reunido junto da porteira, entrava em casa ladrando significativamente para que lhe fossem abrir a entrada, e só ia repousar depois que todo o gado se achava recolhido ao aprisco.

Um dia o lavrador se havia comprometido de ir trabalhar em certo serviço de colaboração com outros amigos numa casa da cidade próxima; abriu a porteira do curral, entregou o rebanho ao seu pastor quadrúpede e partiu tranquilamente para a cidade. Depois de meio dia, surge-lhe o cão na casa do amigo, na cidade; trazia olhar lacrimoso e demonstrava ansiedade; puxou-o energicamente pela roupa, indicando que era preciso partir com urgência.

O homem se assustou; a casa estava só e teria acontecido algo de grave para que o fiel pastor abandonasse o dever e corresse à cidade a chamar ansiosamente o amo. Desculpou-se de ser obrigado a interromper o trabalho e correu para casa. Os bois haviam arrombado a cêrca que separava a pastagem da lavoura e penetraram no trigal; devoravam as tenras espigas, e se o cão sozinho tentasse reunir o gado e compeli-lo a passar de novo pela limitada abertura feita na cêrca e regressar ao pasto, o resultado seria contraproducente, porque provocaria uma correria interminável dos bois no trigal, arruinando toda a seára com as patas. Tornava-se indispensável a colaboração de diversas pessoas; o cão o compreendeu e correu a pedir socorro ao lavrador.

Procedeu com raciocínio, prudência e lógica, como faria um pastor humano na mesma situação. Muitos casos semelhantes demonstram em certos animais a existência de espírito muito semelhante ao humano.

Numerosos casos são registrados de auxílio inteligente de animais e aves, nos quais se verifica compreensão e piedade.

Aves que conduzem no bico alimento para outra que perdeu a vista e a tratam com o mesmo carinho com que tratariam seus filhotes implumes; uma gata que ouvindo os chorosos lamentos de outra, cuja ninhada fôra afogada, na casa vizinha, carregou na bôca um de seus gatinhos recem-nascidos e o deu à mãe desolada que o criou como seu próprio filho e ficou consolada; um cão furtava de uma quitanda diariamente um molho de cenouras e o levava para um cavalo de sua casa; outro cão, propriedade de um restaurante, recolhia à noite todos os restos de comida que lhe davam e os distribuia pelos cães famintos da vizinhança; êsse serviço êle o executou caridosamente durante cerca de dez anos, em favor dos necessitados.

Há nêsse sentido de auxílio muitissimos casos bem observados e registrados. Há igualmente casos de vingança planejada e executada com inteligência, como esta: um elefante muito dócil e trabalhador obedecia fielmente ao seu guia; mas êste, certo dia, colheu um côco duríssimo e o partiu na cabeça do elefante, em vez de procurar uma pedra ou tronco de árvore. Passado algum tempo, depois do trabalho do dia, conduzia êle o elefante para o repouso através de uma aldeia. Ao passarem diante de uma barraca, onde se vendiam côcos, o elefante se deteve, escolheu um côco bem duro, tomou-o com a tromba, e deu com êle tão rijamente na cabeça do seu condutor que lhe despedaçou o crâneo e ocasionou morte instantânea.

Numa secção do jardim zoológico de Viena, numa jaula muito espaçosa, havia diversas espécies de macacos e algumas raposas novas. Certa macaquinha se acamaradou com uma raposa e brincavam sempre uma com a outra; a macaquinha cavalgava a raposa e esta fazia alegremente as mais extravagantes corridas para divertir sua amiguinha. Um dia houve que separar os macacos das raposas por uma grade divisória da jaula. A macaquinha desesperou com a decisão e, em pleno desespero, se lançou no tanque dágua para pôr fim à vida. O guarda tentou retirá-la, mas foi mordido. A solução foi abrir a grade, para evitar o suicídio. A alegria das duas amigas foi imensa: saltaram e divertiram-se o resto do dia; mas «ordens são ordens», e à tarde o guarda cumpriu as instruções que tinha, apartando novamente os macacos das raposas. A macaquinha manifestou o mesmo desespero e na manhã seguinte foi encontrada morta na caixa dágua da jaula. Suicidou por paixão amorosa contrariada!

Os factos observados demonstram a existência no animal de uma alma muito semelhante à humana, capaz de atos inteligentes, de aprendizagem, de deliberações, de virtudes e crimes e até de suicídio.

Pelo comportamento dos animais, vemos que eles não se guiam sempre sómente pelo instinto cego: procedem igualmente com raciocínio e deliberação, com um pouco de livre arbitrio, em muitos casos. O mesmo que se observa com os animais de grande porte e com aves, nota-se, embora com menos individualidade, nos insétos, pelo menos nas abelhas e formigas.

Certo criador de abelhas relata uma experiência que vamos resumir.

Num estudo semelhante aos que inspiraram a Maurício Maeterlinck os livros célebres, «Vida das Abelhas», «Vida das Formigas», «Vida dos Termitas», um criador de abelhas construíu com vidraças de observação as casas para suas abelhas. Notou que, num perfeito serviço de limpeza, elas retiram da colmeia qualquer matéria estranha que lá apareça. Quando a substância indesejável seja demasiado pesada para uma só trabalhadora, elas se reunem em grupo bem orientado e pela conjugação das fôrças individuais numa só direção, realizam a obra. O experimentador lançou naquela casa de apartamentos, ou pequena república, uma moeda de niquel; elas não a puderam retirar e lá a deixaram ficar, como coisa irremediável. Lançou êle então no cortiço um ratinho morto. Reuniram-se muitas abelhas numa tentativa de retirar de lá o monstro, mas não conseguiram. A putrefação do pequeno cadáver seria condenável pela «Saúde Pública». Elas tomaram outra deliberação para remediar o mal: cobriram o ratinho por uma densa camada de cêra, de modo que êle teve que se mumificar, sem exalar mau cheiro para as habitantes da casa, e lá o deixaram, porque assim envôlto em cêra êle se tornou inofensivo. Sabendo que a moeda de niquel não apodreceria, não a recobriram de cêra.

Infelizmente, no caso de sêres tão pequenos, não nos é possível estudar-lhes o carácter individual, como nos animais maiores: só observamos o que eles fazem como coletividade e ficamos sem saber se entre eles haverá graus individuais de evolução, como nos cães, gatos, cavalos, elefantes. Percebemos inteligência, deliberação, planejamento, execução, mas sempre do conjunto dos sêres, não podemos ainda estudar cada indivíduo.

Quanto aos animais superiores, verificamos com segurança que possuem individualidade bem definida, graus diferentes de evolução, alma individual muito semelhante à humana, e só por isto já seria lógico lhes atribuirmos a sobrevivência da alma à morte do corpo; mas as provas da imortalidade do espírito dos animais se baseiam em dados de observação mais positiva, como veremos em outro artiguete.

Ismael Gomes Braga.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

"Cristo, o Maior dos Anarquistas"

PEREIRA GUEDES

Cristo, a mais discutida das personagens terrena, serviu de tema ao ilustre e consagrado escritor mineiro Anibal Vaz de Melo, para o seu último e também discutível livro — «CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS».

Com uma dedicatória que muito nos honra, Anibal Vaz de Melo, já nosso muito aplaudido escritor, profeta e revolucionário da melhor têmpera, e que grande confôrto espiritual nos proporcionou através das páginas maravilhosas de «A Era do Aquario», nos oferece o seu livro, sôbre cuja leitura vamos emitir o nosso pálido e quasi nulo parecer, visto que, livros que abordam assuntos de tão alta magnitude, são dos que passam à posteridade, dividindo opiniões, simplesmente por focalizarem de modo humano e profundo, a personalidade do maior revolucionário que o mundo conheceu e o mais incompreendido dos missionários.

Agora, após termos discutido com outros ilustres confrades, defendendo a tese que nos parece lógica, da imprópria comunhão de duas doutrinas antagônicas: o Comunismo marxista que é o único, em ação política, e o Espiritismo que, como doutrina deísta é fundamentalmente contrário ao materialismo, vamos falar dêsse Livro-Bomba, lançado sem prévio aviso, ás mãos de desprevenidos espiritualistas, provocando verdadeira confusão entre os aplausos de uns e as repulsas de outros.

Para Anibal Vaz de Melo, o Cristo, o *maior dos anarquistas*, teria tido em Lenine, o grande revolucionário e a maior cabeça da revolução russa, o continuador da sua grande obra, hoje representada por Stalin, em quem reconhece igual valor, visto (na sua opinião), ter transformado «em realidade o sonho milenário que viveu nos lábios do Cristo»; acrescentando: «E Cristo teve uma esplêndida visão... A Terra toda estava dividida e retalhada pela ambição e pela crueldade dos homens. E viu Lenine pregando no bôjo de uma revolução o plasma novo da futura Humanidade... E viu Gandhi esquelético lutando com um império poderoso e cheio de metralhas, acenando aos párias explorados a bandeira de Liberdade... E viu, na Nova Iorque espetacular dos arranhacéus, da Bolsa e dos magnatas do petróleo e do ouro dos nossos dias, Roosevelt, em comicios populares, pregando a divisão da riqueza para a restauração do ritmo social... E sentiu-se murmurando pelos jovens lábios de Krishnamurt que toda a filantropia social é um ato de restituir à vítima um pouco daquilo que se lhe roubou pela astúcia e pela violência, e que a verdadeira filantropia social está em dar confôrto e palácios a todos os que trabalham, e não em remendar as espeluncas existentes...» Mas, exaltando o Cristo, quando disse: «Bemaventurados os que teem fóme e sêde de justiça, porque eles serão fartos», diz o autor que «o Revolucionário Divino encheu-se do fogo da indignação e, com voz máscula, onde dardejavam raios de revolta», pronunciou aquelas palavras! E, prosseguindo, parece concordar com o mistério do nascimento do «Anarquista de Nazaré», chamando-o de humilde filho adotivo de um pobre carpinteiro!...

Do mirante em que se coloca o autor independente e profundo observador dos factos históricos, o Cristo aparece aos seus olhos de lince, como o maior revolucionário de todos os tempos, e, citando Lenine e Gandhi, essas duas poderosas resistências que, em campos opostos lutaram pela liberdade humana, não há como concordar com êle quanto a influência de todos os que, a caminho da evolução, lutaram em pról dos direitos postergados dos homens explorados por outros homens.

«Em face da Física Moderna», diz o eminente escritor, «o conceito de matéria é outro: — Matéria é energia condensada, como energia é matéria liberada em desintegração. Portanto, a própria alma, o próprio espírito é, em última análise, uma forma sutil da matéria, como ensina Engels — é a própria matéria divinizada. Daí a razão por que Farias Brito poude falar nas *bases físicas* do Espírito, corroborando assim o pensamento de São Paulo: «Tudo que é manifestado é luz», isto é, energia, vibração, movimento, matéria e vida. Assim, a desintegração atômica gera a energia; a degradação dinâmica gera a vida e a vida gera o psiquismo».

Depois, referindo-se ao aparecimento de Moisés e Elias, no alto do monte, materializados, (página 153), conclúe que «a alma, o espírito, o próprio Deus é matéria radiante—porque tangivel, palpável, perceptivel à visão como as fosforescências do radium e ocupa lugar no espaço». Eis, pois, em que discordamos profundamente da opinião do insigne beletrista. O fenômeno da materialização do espírito, como aconteceu com a aparição do Tabor, não quer dizer que o espírito seja matéria, mas, que revestiu-se de matéria adequada para tornar-se visivel. E, se o próprio Cristo afirma que ninguém viu a Deus, como poderemos afirmar que Deus mostrou-se, tornou-se visivel e palpável? E não é Deus a causa primária de todas as coisas? Como, pois Deus é matéria? Não é o Espírito o princípio inteligente do Universo?

Quando estacamos ante os conceitos emitidos em «A Grande Síntese», sem que nos seja possível alcançar uma dedução lógica quanto a *degradação da energia,* Anibal Vaz de Melo, em linguagem mais acessivel ao nosso espírito, esclarece que Deus também é matéria.

«Cristo, o Maior dos Anarquistas», não obstante as conclusões do autor, em face da Física moderna que tudo materializa, contrariando os postulados da Doutrina Espírita, é o mais empolgante livro que temos lido nestes últimos tempos.

A começar pela capa, onde aparece a figura de um rebelado que tenta arremeçar contra um edifício a bomba que traz na destra, tem-se nítida impressão, antes da leitura de suas 267 páginas, que a obra do escritor patricio é de fundo revolucionário e que deve escandalizar a muita gente; entretanto, os comentários do autor em torno da personalidade do Cristo, o mais discutido dos cidadãos da história humana, são perfeitamente razoáveis; pelo menos, o Cristo visto e admirado por Vaz de Melo, não é aquêle diante do qual se curvam os beatos em atitudes de genuflexão, mas, ao contrário, é um Cristo humano, ao lado de quem estamos lutando desassombradamente, em pról da Fraternidade Universal.

A concepção de Anibal Vaz de Melo, considerando o Cristo o maior dos anarquistas, é, até hoje, a nosso ver, a mais avançada porque a mais revolucionária de quantas conhecemos; mas, a de que Deus também é matéria, como considerá-la, não sabemos.

Concordamos que se aceite doutrinariamente os postulados do comunismo como perfeitamente análogos aos princípios sociológicos do Cristianismo, excluida que seja a concepção de vida estabelecida pelo marxismo, entretanto, não vemos onde a semelhança ontre a doutrina do Cristo e o comunismo stalinista, a ponto de se admitir que *Lenine e Stalin transformaram em estupenda realidade o sonho milenário que, concebido na cabeça de Buda, viveu nos lábios do Cristo.*

Nem mesmo o Deão de Cantuaria que escreveu dois grandes livros sôbre a Russia Soviética, teria afirmado, avançando tanto, que Lenine e Stalin tivessem transformado em realidade, «em estupenda realidade», a doutrina do Cristo.

O livro do erudito confrade mineiro sucita divergências entre os seus leitores, visto tratar, sobretudo, da personalidade tão discustida que é a do rebelado filho do carpinteiro, elevado pelas igrejas à categoria de Deus, diante de cuja imagem petrificada, de joelhos e mãos postas, oram beatificamente os seus adeptos, e que, destronado, agora, por Vaz de Melo, é, além de comunista, O MAIOR DOS ANARQUISTAS.

Deus, a causa primaria de todas as coisas, continua para nós, indefinível!

Cristo, o portador da mensagem da libertação; o divino rebelado, continua a expulsar os vendilhões do templo e os tubarões da praça; enquanto o Espiritismo, a doutrina que nos exalta para as maiores conquistas, vai dia a dia clareando os horizontes do futuro, mais fortes nos sentimos para as pugnas difinitivas entre a Matéria e o Espírito, em busca da Liberdade, clarão divino na escuridão dos nossos destinos, para a FRATERNIDADE UNIVERSAL.

Rio, Julho de 1951.
Rua Sampaio Ferraz, 33

O Fenômeno Espírita

Todos os grandes missionários, fundadores de religiões, foram grandes médiuns.

Maomé não podia fugir à regra geral. De tal maneira era atormentado por visões e espíritos, que chegou a dizer à esposa, à bôa Khadija:

— Tenho medo de ficar doido! Sinto em mim todos os sintomas dos possessos.

E, sôbre o sêr invisível, que o perseguia:

— Que sêr é êste que, incessantemente, me procura? Que sêr é êste que me não diz seu nome, e do qual eu não posso fugir?

E angustia-se. Seus olhos dilatam-se, seu rosto empalidece e ruboriza-se alternativamente. Treme e angustia-se, a dizer:

— Ei-lo! é êle! aí está!

Sabe que está bem acordado, que não dorme, nem sonha.

A esposa corre a êle e o conforta, docemente. «E agora?» pergunta-lhe:

— Não o vejo mais, nem o sinto. Foi-se embora — responde. Não é um gim impudico; não é um demônio. Não póde ser sinão um anjo de Deus.

Êsse anjo de Deus se lhe apresenta, mais significativamente, certa noite, estando Maomé em retiro espiritual, na caverna. E diz-lhe:

— Ugrá, lê, (e mostra-lhe os salmos sagrados).

— Não sei ler — responde Maomé.

O Espírito repete mais duas vezes, sufocando-o e soltando-o, a ordem.

Maomé não lê, mas, repete o que ouve do anjo. Depois, sai com a impressão de que tem um livro escrito no coração, corre e tropeça, galga o cimo do monte e ouve aí uma voz que lhe diz é êle o enviado de Alá. Ergue os olhos e vê no horizonte o Arcanjo Gabriel sob forma humana, envolto numa luz tão brilhante, que resplandece e se oculta.

Eis a visão mediúnica que antecedeu o aparecimento do islamismo.

Um fenômeno francamente mediúnico, espírita,

* * *

O padre João Batista Corneglioto, larazista, ex-diretor do Seminário de Mariana, conta o fenômeno em seu livro, Leituras Quaresmais:

— Um criminoso entra em uma casa pedindo proteção, que havia assassinado um homem. A dona da casa, mulher de coração e fé, acolhe-o. Chega a policia no encalço do criminoso e diz à mulher que o entregue, pois o criminoso acabára de assassinar o filho dela. Trava-se no espírito da mulher a luta entre o dever cristão de perdoar e o dever policial de castigar o criminoso, maximé, o criminoso do próprio filho. Vence, porém, a Doutrina do perdão. Ela nega que o fugitivo esteja ali. A policia sai e ela cai ao supedaneo do oratório, rezando. Chega-lhe, então, o espírito do filho, recem-assassinado, e materializado, agradecendo-lhe, a dizer que se ela tinha sido mãe bôa na sua criação e educação, agora, com o seu ato de perdão, sublimava-se, santificava-se...

Fenômeno de materialização perfeito, de confissão insuspeitissima.

* * *

— O fenômeno está no Memórias do Século IX, de Lord Meath:

O bispo de Wilbesforce trabalhava em sua bibliotéca. Aparece-lhe um fantasma desconhecido que lhe diz ter sido o capelão privado de uma família antiga, residente naquêle castelo. E citou que, naquêle lugar, recebera, ha tempos, uma pobre mulher que lhe fôra confessar um pecado mortal, tão grande que não podia receber imediata absolvição. Êle escreveu a natureza do pecado, dizendo à mulher voltasse depois. E colocou o escrito entre as páginas de um livro. Morrera o padre aquela mesma noite. E o escrito ainda se encontrava tal como êle o pusera, dentro de um de seus livros, que ali estava, empoeirado, esquecido numa estante.

Fenômeno de materialização em pleno dia e entre pessoas para as quais *spiritus que vadit non redit.*

* * *

D. Viçoso, Bispo de Mariana, sentiu

profundamente a morte do conego Manoel Julio, seu grande amigo. Mormente por sentir que a presença de um morto, embora amigo e santo, causa sempre terror... (Menos aos que têm educação espiritística, dizemos nós).

— Felizmente, spiritus que vadit non redit, acudiu, confortando D. Viçoso, o Conego Rosario, que levara ao superior a notícia da morte do outro conego.

— Volta, sim. Volta quando Deus permite! consertou D. Viçoso.

E contou, sem subterfúgios:

— Quando eu era lente do Caraça, ali por 1921, aconteceu morrer um moço do Tejuco. O cadáver foi para a igreja, para a sentinela. A' noite, eu trabalhava no meu quarto, que ficava parede e meia com o quarto do superior, padre Rogerio.

Entre nove e dez horas, ouço bater à porta. Levantei-me e fui abri-la. Batiam, entretanto, no quarto do superior. Foi alguém que esteve conversando com o padre Rogerio. Pensei fôsse algum empregado a tratar de negocios e continuei meu trabalho.

Padre Rogerio procurou-me, então, perguntando:

— Ouviu bater na porta do meu quarto?

— Ouvi, sim, senhor. Pensei até que era no meu. Vendo que era no quarto do padre superior, fechei a porta.

— Sabe quem bateu? Foi o moço do Tejuco, cujo cadáver está exposto na capela. Eu estava escrevendo para a familia dêle uma carta, que vou mandar amanhã cedo, quando me apareceu. Disse-me «que, estando eu escrevendo para a familia dêle, vinha pedir-me a caridade de transmitir certas recomendações que mas ditou e eu escrevi. Depois retirou-se sem me deixar temor algum...»

Obra de anjo, ou de demônio, para a Igreja, que nega a comunicação dos Espíritos?

* * *

Nossa História está cheia de fenômenos espíritas interessantes.

Pudéra! Não fôsse o *Brasil, a Pátria do Evangelho!*

Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Caneca) vai morrer, condenado à morte pelo grave crime de sonhar, em 1817, com uma pátria livre.

Mas, o carrasco, o sentenciado Agostinho Vieira, negou-se a enforcar o padre.

Dois negros, também sentenciados, escusaram-se à execução da sentença, a despeito de espadeirados, surrados a coices de armas.

Frei Caneca foi, assim, arcabuzado, por não ter quem o quisesse, em nome da lei, executá-lo.

Contaram, então, os três candidatos a carrasco que viram perto do padre uma linda mulher, que a tomaram por Maria Santissima, que se opunha, a gestos serenos de mão, sorrindo para eles.

Isso passa por lenda.

E porque não podia ser verdade, uma expressiva intervenção espiritual?

Leopoldo Machado.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XXI

Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro, cujo conhecimento êles mesmos adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina.

Santo Agostinho

(Célebre doutor da igreja. Vide edição beneditina — tit. VI — cal. 527.)

XXII

Considero o aparecimento do Espiritismo como o acontecimento mais importante do século XIX.

Victor Hugo.

(Sábio, poeta e dramaturgo francês).

XXIII

Entrei numa casa de estudos espíritas, profundamente materialista, não crendo na existência depois da morte, e hoje digo simplesmente : *Creio. A demonstração foi-me feita por fórma a tirar mesmo, a possibilidade duma dúvida ! !*

Dr. Ricardo Hodgson.

(Grande físico inglês).

XXIV

Por sua elevação moral Jesus não precisava de intermediários, recebia diretamente a inspiração divina.

Assim, nós vemos que tudo no passado teve a sua razão de ser, tudo concorreu para o progresso da humanidade. Com o desenvolvimento da mentalidade humana e a luz que nos traz o Espiritismo, as trevas se dissiparão e a verdade surgirá brilhante, mostrando-nos que neste degredo, a que nos conduziram nossas faltas, nós nos agitamos e Deus por seus enviados nos conduz.

Francisco Raimundo Everton Quadros.

(Marechal do exercito brasileiro, autor das obras "*As manifestações do sentimento religioso atravez dos tempos*", "*Historia dos povos da antiguidade*" e "*Os astros*", jornalista e poliglóta.

Foi o primeiro presidente da «Federação Espírita Brasileira», do Rio de Janeiro).

XXV

Quando se tem setenta e cinco anos, não se póde deixar de pensar algumas vezes na morte. Este pensamento me deixa perfeitamente calmo, porque tenho a firme convicção que o nosso espírito é uma essencia de natureza absolutamente indestrutível ; continúa a agir de eternidade em eternidade ; é como o sól que não desaparece senão para o nosso olho mortal ; na realidade, êle nunca desaparece e em sua marcha ilumina sempre.

Goethe.

(Um dos maiores genios, que a Alemanha tem produzido).

XXVI

Deus que nos lançou uns nos braços de outros, não ha-de separar-nos para sempre... Ver-nos-emos em uma outra vida ; onde os que sofreram nesta serão compensados; onde o que muito amou na terra retornará a encontrar as almas amadas num outro mundo sem lágrimas e sem morte.

Edmundo de Amicis.

(Em sua obra – «Coração»).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	50,00	Do 7.° ano	50,00	Do 8.° ano	50,00
Do 10.° ano	50,00	Do 11.° ano	60,00	Do 12.° ano	60,00
Do 13.° ano	60,00	Do 14.° ano	60,00	Do 15.° ano	70,00
Do 16.° ano	80,00	Do 17.° ano	60,00	Do 18.° ano	60,00
Do 19.o ano	60,00	Do 20.° ano	60,00	Do 21.° ano	60,00
Do 22.° ano	60,00	Do 23 ° ano	60,00	Do 24.° ano	60,00

Astro Humano

Em visita, acha-se entre nós, para difusão de uma série de conferências de fundo espiritual o grande médium italiano Pietro Ubaldi, sábio de invulgar cultura.

Por estranho contraste vem êsse homem, humildemente simples da capital mundial da religião, onde as luxuosas magnificências eclesiásticas se confundem com a presunção e a vaidade.

E' o nosso visitante de excessiva modestia e de renúncia absoluta das coisas terrenas; pelo seu extraordinário saber retrata êsse erudito dos nossos tempos o Moisés dos remotos séculos.

Seria Pietro, pelas suas concepções científicas, religiosas e filosóficas o apóstolo S. Pedro encarnado, trazendo à Patria do Evangelho, nosso querido Brasil, a chave epistolar da salvação humana?

Por ventura, estaria Ubaldi designado pelo Onipotente para transformar o Planeta em Templo de compreensão e de luz irradiante da châma eterna do amor divino?

Em que escola celeste de alquimia e onde conseguiu o espírito dêsse estranho missionário amalgamar em um só blóco coêso e indestrutivel a ciência com o amor, a filosofia com a humildade e a religião com a simplicidade?

Nos seus escritos em três trilogias êle conseguiu o quimérico testemunhando o verdadeiro congraçamento da razão com a fé e tornando úno os planos material e espiritual. Tudo é apresentado em linguagem de máxima pureza e elevação que o homem assimila aliás com certa hesitação justamente pela assombrosa clareza com que Ubaldi expõe as coisas tidas como obscuras.

Traz-nos Pietro a solução exáta para todos os problemas, abrangendo seus volumes desde o mais ínfimo dos átomos que vivificam o cristal ao mais sublimado e puro amor de Deus, única razão de ser da incessável criação de Universos.

E' êle o sábio, sem par, algo melancólico e profundamente meditativo que concebe o ainda incompreendido Deus; fala com Jesus e habitualmente convive com os espíritos de luz. E'-lhe, por isso, penoso sacrifício viver na vestimenta carnal.

Quando integrado no corpo somático é para, solitário, escrever nas silenciosas madrugadas, as mensagens que suas antenas vão captar nas fontes sublimes do saber. Sintoniza-se, para isso, e ao seu bel prazer com as mais altas correntes cósmicas. Invulgar mediunidade e, quem sabe, única esta que tem o poder de escolher a onda e a potência vibratória que deseja.

Para que o humano pudesse ingressar no próximo terceiro milênio, conscio de ser uma centelha divina, redigiu o sábio italiano, mediunicamente, «A Grande Síntese» livro apontado pela imprensa mundial como devendo ocupar o segundo lugar, logo após a Biblia. Antecipou-se o autor anunciando a desintegração atômica, que só mais tarde, aliás, veio a ser descoberta. Apresentou novos conceitos filosóficos baseados na teoria da relatividade de Einstein o que, logo em seguida, foi comprovado por via matemática. As sentenças emitidas nêsse livro são assim profundas e variadas que causam assombro de como é possível um cérebro humano abordar temas tão diversos.

Isso, no entanto, não impediu que «A Grande Síntese», obra revolucionária do pensamento humano, fôsse condenada pelo Vaticano em 1939 e mandada inscrever no índice dos livros proibidos, sem nenhuma motivação a respeito, apesar das insistentes súplicas do seu autor.

Outros livros dêsse escritor estão sendo agora traduzidos em uma variedade de idiomas, inclusive o arabe.

Eis aí uma pequenina mostra da obra ubaldiana.

Recentemente transportou-se Pietro Ubaldi, via aérea, para a nossa Pátria em missão de esclarecer e amparar seus irmãos dêste continente. A espectativa dos que então o aguardavam no campo de aterrisagem foi, póde-se dizer, de deliciosa surprêsa: pois, quem vemos descer da escadaria do avião? — Uma criatura aparentando sessenta anos, tipo «homem do interior» em vestimenta domingueira. Porém, nos primeiros contactos com essa criatura bondosa e humilde, recebemos de Ubaldi vigorosa irradiação de simpatia e de imenso bem estar, envolvendo os presentes em fluídos de divina suavidade.

Se os olhos humanos pudessem perceber a brilhante recepção feita pelos espíritos, nossos irmãos do espaço, ficariam atônitos ante o deslumbramento festivo dêsse indescritivel áto social em homenagem a êsse astro humano que, do Alto, recebia as bôas vindas com uma chuva fluídica de pétalas de rosas e de amores-perfeitos. Êle bem que notou essa chuva de bençãos.

Informou-nos o professor sôbre as dificuldades que atravessa sua querida Itália. Contou-nos, algo constrangido, de sua necessária pobreza pessoal, chegando a declarar que a sua alimentação, lá na península, provinha do estoque que seus alunos lhe presentearam, por ocasião do último Natal.

Em recente palestra com Ubaldi pudemos verificar que em oito dias apenas, aprendeu êle, de modo surpreendente, a língua portuguêsa. Agora faz as suas conferências em nosso idioma e com ótima dicção.

Vejamos o que escreveu essa nobre alma a um seu amigo no estrangeiro: «A bondade que em outros países se mede pelo padrão centímetro, aquí no Brasil é medida por quilometros».

Quem estabelece contacto pessoal com êste grande amigo da humanidade sente-se entristecido ao separar-se de tão valiosa amisade. E' justo pois, que roguemos ao Pai conserve entre nós por muito tempo ainda, êste benemérito e iluminado missionário.

Que o nosso amplexo de simpatia e gratidão seja para Pietro Ubaldi tão grande quanto o abraço do Cristo do Corcovado.

Major Levino Cornelio Wischral.

Conhece-te a ti mesmo

A oração de Sócrates, virtuoso sábio grego, «conhece-te a ti mesmo» (Nosce te ipsum), encerra maravilhosos ensinamentos a todo homem dotado de bôa vontade e sinceridade que se proponha a galgar o cimo da espiritualidade superior.

E' a chave para o aperfeiçoamento moral. Aliás, Jesus com palavras diferentes e de significado mais extensivo convidou-nos a nos examinarmos, quando disse: «E por que vês tu uma arésta no olho do teu irmão, e não reparas na trave que tens no teu olho? Ou, como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do teu olho uma arésta, quando tu tens no teu uma trave? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como has de tirar a arésta do olho de teu irmão». (Mat. 7, 3-5).

Como em todos os seus ensinamentos, foi o Mestre mais profundo, pois que nos indicou, além da necessidade de nos conhecermos, a preocupação do homem em observar os defeitos apenas no seu semelhante, esquecendo-se de que também não é perfeito.

Nós somos assim. Estamos sempre prontos para atirar a primeira pedra, até que nos mostrem a mesma falta em nós mesmos.

Então perguntamos: por que o homem não observa os seus defeitos, quando vê tão bem os de seus semelhantes? Por que não procura o homem conhecer-se a si mesmo, quando sabemos que o aperfeiçoamento moral caminha de dentro para fóra?

Parece-nos que por dois motivos fundamentais:

— o primeiro é porque procuramos ver apenas com os olhos do corpo, colocando-nos num plano de falsa superioridade, examinando o mundo exterior, esquecidos do nosso mundo interior. Cada um de nós vemos e observamos a Vida ou o próximo de acôrdo com o aferidor que somos nós mesmos.

Então vemos todos os defeitos de fóra, isto é, dos outros, ignorando ou fingindo ignorar os que estão dentro de nós. A nós que assim procedemos, se fôsse possível vermos num espelho, não a nossa máscara carnal, mas o nosso retrato psiquico, isto é, nosso corpo perispirital, poder-se-ia dar o caso de nos sentirmos horrorisados ante a visão real. Quantos belos rostos não se veriam à semelhança do «retrato de Dorian Grey».

— o segundo motivo porque assim procedemos é o medo ou a covardia que temos de encarar nossas mazelas íntimas Procurando o caminho que nos parece mais fácil, a estrada larga de que nos fala Jesus, jogamos para um canto do cérebro, afim de deixar no esquecimento, todo ato mau, confiando no tempo a sua extinção. Mais uma vez nos esquecemos do Mestre quando nos ensinou, ao dar a missão aos apóstolos: «Nada há encoberto que se não venha a descobrir; nem oculto, que se não venha a saber». (Mat. 10,26).

Tantas cousas erradas vamos depositando nêsse canto do cérebro ou, como se diz em psicanálise, no subconsciênte, como se houvesse nessa maravilhosa séde da inteligência, do Espírito, um cesto para lixo, até que um dia, saturado de tão mau conteúdo, opera-se no subconsciênte uma reação igual e em sentido contrário ás ações passadas, trazendo à tona todo o material que julgávamos extinto, à semelhança do estômago que, cheio de alimentos indigestos, em convulsões, lança para fóra aquilo que não deveria estar dentro, afim de que cesse o mal-estar físico. Conclúe-se que também não haverá saúde mental, paz espiritual, enquanto houver erros ocultados de nós mesmos.

E' preciso que o homem não ignore que no altar de cada consciência há um mundo regido por leis divinas que não podem ser transgredidas sem dôres profundas; que na consciência de cada homem funciona o mais perfeito tribunal, inapreciável à inteligência humana, por ser uma centelha divina com elevados atributos de justiça, bondade, inteligência e perfeição em potencial, cujo polimento se efetua através da evolução mental ou espiritual; que há nêsse tribunal sagrado vozes que acusam, vozes que defendem e vozes que julgam os nossos atos; que todo julgamento imperfeito constitúe tentativa de suborno, fuga à verdade, ruptura de equilíbrio, em palavras mais claras: dôres, muitas dôres, que sómente serão estancadas com a justa revisão do processo, isto é, com a vitória da justiça e da bondade. A derradeira vitória sempre será do bem e da verdade, pois o destino das creaturas é subir e não descer.

Irmãos que me ouvis! Pensemos o mais cedo possível no «conhece-te a ti mesmo». Tenhamos a coragem de enfrentar nossos erros—a causa de nossas dôres—num exame sereno de nossa consciência, de nossa vida.

Querer que cessem os efeitos sem atacar as causas é absurdo, é desenvolver a mentalidade de milagres, é ignorar que as leis morais são leis tão científicas como as leis da química, da física e de todas as ciências naturais.

Não devemos ter a pretenção de revogar as leis divinas, mas sim de nos colocarmos em sintonia com elas para obtermos a felicidade, que nada mais é que uma consciência tranquila.

Se sofreis, indagai das causas. Toda doença é efeito, cuja causa reside na desobediência de leis morais, comumente pelo abuso. A doença é da alma e não do corpo; existe porque a sua função para o desenvolvimento moral corresponde à do livro para o desenvolvimento intelectual. A lepra carnal de hoje é o efeito da lepra moral de ontem. Aplicando êsse raciocínio, poderemos descobrir as causas de outras moléstias. Pensar de outra maneira seria duvidar, ou melhor, negar a justiça divina.

Ninguém sofre sem dever.

Assim como nos tribunais terrenos se estudam os antecedentes do réu, também se acha latente no tribunal sagrado de nossa consciência a contabilidade do «deve» e «haver», razão pela qual Jesus, bondosamente, nos ensinou a procurarmos o «superavit» dizendo, no sermão da montanha:

«E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles». (Mat. 7,12).

Todo mal praticado figura no «deve» e, nas partes em «deficit», estaremos enquadrados na «lei do retorno» ou «lei de consequências». Nestes casos, não devemos ignorar que os efeitos são proporcionais ás causas, razão pela qual póde uma criatura sofrer seguidamente muitos meses ou anos, uma existência toda ou em mais de uma encarnação. Assim poderemos entender Jesus, quando disse:

«Em verdade te digo, que não sairás de lá enquanto não pagares o último ceitil». (Mat. 5,26).

Se realmente desejamos conhecer a nós mesmos, vejamos qual, dentre todas, a principal falha a atacar, a que mais denuncia nossa inferioridade.

Consultando Allan Kardec em «O Livro dos Espiritos» — obra através da qual se acha codificada a filosofia espiritualista, pergunta o missionário:

«Dentre os vícios, qual o que se póde considerar radical?»

A resposta é a seguinte:

«Temô-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-lo, enquanto não atacardes o mal pela raiz e não lhe houverdes destruído a causa. Tendam, pois, todos os esforços para essa causa, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Êle neutraliza todas as outras qualidades».

Dêsse ensinamento concluimos que a árvore do mal tem como tronco o egoísmo e as outras falhas morais formam os galhos que, embora cortados, podem crescer de novo.

De outro lado, jamais poderemos nos conhecer se não aplicarmos o princípio que orientou a inteligência humana à descoberta de todas as leis científicas conhecidas, isto é, conhecer primeiro os efeitos para, através da observação e da experimentação, chegar-se ás causas. Assim, para nos conhecermos, é necessário que primeiramente conheçamos nossos atos, nossas obras: se praticamos maldade — somos maus; se tratamos com bondade e justiça nosso semelhante — somos bons e justos; se roubamos—somos ladrões; se assistimos aos necessitados—somos caridosos, e assim por diante.

Êsse ensinamento acha-se sintetizado nas seguintes palavras de Jesus, mostrando-nos os falsos profetas:

«Assim, toda árvore bôa dá bons frutos, porém, a árvore má dá maus frutos. Uma árvore bôa não póde dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. Logo, pelos frutos os conhecereis». (Mat. 7, 17-20).

Ao finalizar, lembremo-nos de que é fundamental colocarmos, através do esfôrço próprio, nossa consciência em paz, em harmonia com os desígnios divinos, paz que não custa nem um real, mas que não há dinheiro no mundo que a compre, pois a verdadeira e imorredoura felicidade só é adquirida pelo padrão luz. As portas do céu não se abrem a pêso de ouro, porque Deus é Criador do Cosmos e Pai das criaturas e não comerciante.

E, aquêle que vencer a si próprio, terá conquistado uma vitória tão significativa que não póde ser comparada ás maiores vitórias dos maiores generais, na feliz expressão de Emmanuel.

Genésio Nitrini.

(Palestra pronunciada na «Hora Espiritual» da Rádio Tupi, no dia 26 de Novembro de 1950).

Confirmando a Teoria Espírita

Por M. LEMOINE *(Tradução de Haydi de Thebelen)*

NO tempo de Allan Kardec quasi todos os fenômenos psiquicos supranormais podiam ser considerados como provenientes da intervenção dos espíritos, e não é sem razão que desde a «Odisseia», de Homero, até à «Atalá», de Racine, a literatura nos dá numerosos exemplos de fenômenos espíritas.

Todo o enredo do «Hamlet», de Shakespeare repousa sôbre a aparição dum fantasma. O rei defunto aparecendo a seu filho, a quem reclama vingança.

Êste drama, em que o gênio de Shakespeare magnificamente se manifestou, leva-nos a compará-lo com um facto espírita ocorrido antes da última Guerra Mundial e no qual, é protagonista um pastor grego, cujo falecimento provocou suspeitas, e motivou a prisão de dois inocentes, e que depois revelou o nome do seu assassino!

O que foi o sonho de «Atalá», essa obra-prima do imortal Racine, senão um sonho premonitório, em que o espírito duma morta tem o papel principal?

«Ma mère Jézabel devant moi s'est montrée,
Comme au jour dessa mort pompeusement parée :
Ses malheurs n'avaient point abattu sa fierté;
Même elle avait encor cet éclat emprunté
Dont elle eut soin de peindre et d'orner sou visage
Pour réparer des ans d'irréparable outrage,
«Tremble, m'a-t-elle dit, fille digne de moi,
Le cruel Dieu des Juifs l'emport aussi sur toi».

Quer seja Shakespeare no «Hamlet» ou «Macbeth», Corneille em «Poliento», com o sonho de Paulina, Racine na «Athalie», os maiores nomes da literatura não esperaram pelo século XIX para introduzir nas suas mais belas obras, como uma inegável realidade, a possibilidade das comunicações entre êste mundo... e o outro.

Bem sabemos que há sessenta anos se formou uma escola que, se bem que admitindo os fenômenos supra-normais, entendeu atribuí-los unicamente ás extraordinárias faculdades de certas pessoas vivas:—é a escola dos metapsiquistas. Esqueceu-se ou simula ela esquecer-se muita vez que o contacto com o conhecimento do supranormal, indica êle próprio a sua origem, que, semelhante à frase de Victor Hugo sôbre a calúnia, que vem muito a propósito citar aquí:—«Eu saio do espírito de Fulano, e êle é um morto que vem fazer-se lembrar ás nossas recordações».

Longe de mim a idéia de negar à metapsíquica o seu real valor.

Escrevi, já lá vão trinta anos, na «Revista Científica e Moral do Espiritismo», de Gabriel Delanne — «Se a metapsíquica não existisse, tinha de se inventar».

Indubitavelmente que há fenômenos supranormais como a psicometria ou visão através dos corpos opacos, que parecem constantemente indicar que eles se produzem sem a intervenção dos espíritos.

Mas que em nome da ciência os metapsiquistas entendam anexar os factos que proclamam a sua origem espírita é uma tendência anti-científica contra a qual me insurjo. Nenhuma das suas teorias justifica o aspecto que então toma o fenômeno, e por consequência nenhuma delas póde pretender dar explicações acerca do seu valor.

No seu belo livro «A Sobrevivência Humana», livro que todos os espíritas deviam conhecer, o grande físico inglês Oliver Lodge, uma das glórias do Espiritismo, apresentou a hipótese dum registo cinematográfico, à medida que eles se fossem desenrolando. Demonstrou que se póde obter explicações satisfatórias acerca de acontecimentos supranormais do passado, incluindo mesmo os retratos morais dos desencarnados.

Mas esta engenhosa concepção não explica os factos premonitórios, nem os casos de persistência da personalidade para além da morte, nem os exemplos de atividade póstuma das pessoas falecidas. Devido à sua própria natureza nenhuma teoria metapsíquica nos póde dar a explicação satisfatória da sobrevivência da personalidade dum morto, ou da sua atividade póstuma.

Como poderia a metapsíquica explicar esses fenômenos, se a sua teoria entende atribuir ás faculdades dos vivos o que nós atribuimos aos mórtos?

Por consequência, é na descoberta dos casos de atividade póstuma ou de persistência de personalidade, que se encontra a prova irrefutável da sobrevivência, e são os casos dêste gênero, que vos quero recordar, ou dar-vos a conhecer.

I — Depois da morte de Dante Alighieri em 1321, verificou-se que os treze últimos cantos da sua imortal obra-prima, a «Divina Comédia», tinham desaparecido. Procuraram-nos inuitimente durante oito meses, e já tinham renunciado a todos as esperanças de os encontrar, quando Jacopo, filho mais velho do poeta, viu em sonho seu pai todo vestido de branco. Jacopo perguntou-lhe se êle ainda vivia».

—«Sim! respondeu-lhe o poeta, mas vivo a verdadeira vida, e não a vossa!» Então o filho perguntou-lhe pelos treze cantos que faltavam. Pareceu-lhe que seu pai o levava para o quarto onde êle dormia, e batendo em certo sítio da parede disse-lhe: — «Eis o lugar aonde se encontra o que há tanto tempo procurais».

Quando Jacopo acordou foi a casa de Pietro Girardino, amigo de Dante, e contou-lhe o seu sonho e eles resolveram dirigir-se à antiga residência do poeta. Deslocaram uma esteira pregada na parede, e que ocultava um esconderijo, de todos ignorado. Encontraram-lhe vários papeis entre os quais os treze últimos cantos da «Divina Comédia».

O escritor Boccacio, que ainda vivia quando Dante faleceu, soube dêste acontecimento por Pietro Girardino que foi a testemunha ocular dêsse facto, e foi o próprio Boccacio que o relatou na sua «Vida de Dante Alighieri».

II — Duma velha obra, «O Gênio de Petrarca», editada em Parma, em 1778, e que encontrei em casa de meus pais, extraio (da pag. 94) estas linhas:

«O abade de Gombez, Jacques Colonne, estava na sua diocese quando Petrarca foi coroado em Parma, pelos seus poemas. Petrarca que era seu amigo viu em sonho o prelado a quem perguntou: —Aonde ides?—«Volto para Roma», respondeu-lhe o sacerdote. Eu acompanho-vos disse Petrarca. O arcebispo impelindo-o brandamente, replicou-lhe: — «Não! ainda não é tempo». Notei que a sua fisionomia tinha a palidez da morte... Soltei um grito que me acordou. Marquei essa data, e escrevi o sonho a amigos meus, e soube por fim que Jacques Colonne tinha morrido precisamente no dia em que apareceu em sonho.

Petrarca não era supersticioso; este caso singular não o tornou mais crédulo do que Cícero, pelo facto de ter tido um sonho que se realizou.

Na página 156, da mesma obra, encontrei o relato dum outro sonho. Sabe-se que Petrarca amou apaixonadamente uma mulher, Laura de Noves, que êle imortalizou nos seus poemas. Laura vivia em Avignon, onde morreu bruscamente, vitimada pela peste, em abril de 1348.

No principio de 1348, diz-nos a mesma obra, estando Petrarca em Verona, teve um estranho sonho. Viu uma mulher duma rara beleza que ao mesmo tempo que suspirava, lhe estendia a mão, e lhe perguntava — «Reconheceis-me? —.Sim! respondeu Petrarca, como poderia eu não reconhecer Laura? Tranquilisai o meu coração apaixonado. Dizei-me se ainda viveis. — Já não vivo na Terra — replicou lhe ela, e, ao morrer, a saudade que senti, foi a de ter de vos deixar».

— Ah! Laura! exclamou Petrarca, em nome do meu amor e da minha fidelidade esclarecei uma dúvida que me atormenta: eu tinha a felicidade de ser amado por vós? A vossa meiga austeridade, as vossas ternas cóleras, os vossos leves favores, tudo isso mantinha a minha alma numa incerteza. Laura sorriu. «O meu coração pertence-vos; mas eu desconfiava dos vossos juramentos, e desconfiava de mim mesma. A cólera brilhava nos meus olhos, e o amor ardia no meu coração. Vós descobrieis a vossa chama amorosa, e eu ocultava a minha; eis a diferença. «Ah! Laura! interrompeu Petrarca, amais-me, nada mais desejo na Terra». O fantasma desapareceu, e Petrarca despertou.

Laura de Noves morreu no dia antecedente a este sonho, conforme o soube Petrarca dias depois, por uma carta enviada por um dos seus amigos de Avignon.

Laura foi subitamente arrebatada pela peste negra, em Avignon, aos quarenta e dois anos. Se esta idade já não lhe permitia ter a frescura da juventude, dava-lhe ainda o esplendor duma radiosa beleza.

Creio que não constitue falta de respeito para com o poeta, se pensarmos que o talento de Petrarca tivesse poetizado o seu sonho, e talvez mesmo embelezado o diálogo com a sua bem-amada, de quem até então êle tinha ignorado os sentimentos a seu respeito. Injúria seria sequer supor, que o grande poeta tivesse inventado o sonho com todos os seus impressionantes detalhes, anunciando-lhes uma morte imprevista que o deixaria inconsolável, e esquecer que Petrarca já tinha tido um outro sonho da mesma natureza.

Laura casou aos vinte anos com o Marquês Hugo de Sade, e foi quando Petrarca a viu pela primeira vez. Apesar de seus deveres de esposa, e em breve de mãe, ela não repeliu os suspiros do homem que mais tarde imortalizaria a sua beleza. Nada lhe concedeu, e nada lhe prometia; evitava os encontros a sós, mas não os vulgares e quando Petrarca procurou em vão nas viagens um remédio para a paixão em que talvez fosse compreendido, Laura censurava-lhe meigamente ter deixado a cidade onde para sempre ela tinha fixado residência. Esta espécie de galanteio virtuoso que ela conservou até a morte, e que para sempre prendeu o coração do poeta, e talvez mesmo que o seu sonho premonitório, tivesse contribuido para que Petrarca fosse o homem dum só e único amor. Foi-lhe tão fiél na saudade, quanto em vida tinha sido fiél à sua beleza.

Petrarca teve na sua vida dois grandes afetos: o seu melhor amigo, Jacques Colonne, ao qual prestou relevantes serviços, e a bela Laura. Teve conhecimento da morte de ambos da mesma surpreendente maneira. Não era médium, e parece que nunca mais teve nenhum sonho mediúnico.

Sôbre o ponto de vista da explicação dos factos, esta constatação não deixa de ter o seu valor.

III — Um caso de atividade póstuma foi conhecido em sonho e verificado pelo Dr. Tanagras, Presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos helénicos, que o publicou no número de Novembro de 1937, da «Psychica», e que transcrevemos:

«Em 28 de Outubro de 1923, foi encontrado morto num sítio chamado Kapoutsidés, o cadáver dum pastor, guardado pelos seus quatros cães. As suspeitas cairam sôbre dois indivíduos, que foram presos. Alguns dias depois, o irmão da vítima sonhou que viu o morto coberto de sangue, dizendo-lhe: — Não foram aqueles que prenderam que me mataram; foi Servos com um pastor, e roubaram-me vinte napoleões que tinha comigo. Mas ainda levará algum tempo até que eles estejam curados das dentadas que lhe deram os meus cães».

O irmão comunicou êste sonho ao juiz de instrução, que mandou prender o homem acusado pelo morto, e com surprêsa ouviu-o confessar o seu crime.

(Continua).

«Revista de Metapsicologia»

Ainda o Pensamento

«O pensamento é vibração e se transmite por onda, que só excita as vibrações das ondas afins». — (A GRANDE SíNTESE).

Não é por outra razão que os Espíritos de luz tanto insistem sôbre a necessidade de policiarmos com o cuidado máximo a nossa mente; ela é uma poderosa estação emissora-receptora que sempre atrae para recepção ondas da mesma natureza daquelas que emite.

Os pensamentos puros, luminosos, claros, bons, são vibrações que provocam a recepção de ondas afins, da mesma natureza e que condensam em tôrno de nós essa delicada atmosféra de bem estar e de felicidade que nos invade o coração sempre que mantemos nossa mente em alto padrão vibratório, particularmente quando oramos ou quando entramos em sintonia com os luminosos Arautos da Bondade Divina.

A Espiritualidade Superior é manancial inesgostável de bençãos, um imenso repositório das mais puras e elevadas vibrações de luz, de amôr e de bondade.

Está sempre à vossa disposição («Buscai e achareis») mas só podereis dessedentar-vos se puserdes vossa mente em sintonia com o grande mandamento da Caridade.

Se os pesados grilhões do ódio ou do ressentimento turvam vosso coração, a mente só poderá emitir pesadas e escuras vibrações; se o pensamento maldoso se dirige contra alguém provoca nêle violenta reação psìquica, desde que êsse alguém ainda não tenha aprendido a defender-se contra o ataque de tão insidioso quão pérfido inimigo.

Mas sempre e em qualquer circunstância, um mau pensamento, ainda que não provoque o revide daquêle contra quem se dirige, provoca as ondas afins que, em número infinito, se espalham pelo Espaço emitidas por bilhões de mentes dos infelizes que perambulam, desesperados, pela terra como pelo Espaço.

A cada momento, portanto, tendes ao vosso dispor dois imensos reservatórios: um constituido de todos os detritos mentais produzidos pelas mais soezes vibrações do ódio, da inveja, da ambição, da cobiça; outro, tecido de suaves vibrações de luz, de paz,de amôr, concórdia e de harmonia.

O primeiro sobe das trevas que a milenar maldade teceu e onde tantos e tantos irmãos infelizes se aprisionam por séculos e séculos.

O segundo desce do Alto, dos harmoniosos páramos celestiais, hábitação de Deus e moradia dos benditos Espíritos de luz e bondade.

Vibrai, pois, sempre e invariavelmente, de sorte a sintonizar com as refulgentes claridades que descem do Alto como o suave rocio do Senhor e como o bálsamo que Jesus oferece a todos os que buscam.

E de cima, se assim fizerdes, descerá sempre uma suave onda de consolação e de Espiritualidade que há de fazer vossas dôres menos agudas, vossos sofrimentos menos angustiosos e que acenderá em vosso coração a radiosa luz da linda Esperança, que nem mesmo os vendavais da vida conseguem apagar.

Que maravilhosos tesouros põe Deus à vossa disposição para a triste jornada de redenção e como são poucos aqueles que querem e sabem beber dessa maravilhosa fonte !

Que Deus a todos nos inspire para que jamais nos desviemos do caminho do Dever, afim de que nunca nos falte a água da Vida.

Amem, em nome de Jesus, nosso bem-amado Mestre e Amigo.

(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller ao médium P. L.)

Rio de Janeiro, em 12 de Fevereiro de 1951.

Crônica Estrangeira

Revista Espírita

ANCONA, Itália, 11 (Ro) — Uma nova revista será posta em circulação brevemente na Itália, com um corpo de redatores integrados por oito vivos e oito mortos.

O Organizador da original publicação, professor Giugappe Stoppoloni, da Universidade de Camarino, anunciou que os artigos principais da revista serão escritos, alternadamente, pelos redatores vivos e pelos espíritos dos mortos, inclusive Shakespeare, Milton, Dante e Roosevelt.

A revista, que se chamará «Aurora» será órgão de um amplo movimento espírita na area de Ancona, que vem dividindo a população local em duas facções.

«O espiritismo é obra do diabo», exclamou, furioso, o bispo de Ancona, monsenhor Mario Biggminil escrevendo na revista católica de Ancona. «As sessões devem ser proibidas», acrescentou.

Os espíritas, declarando que seu trabalho os conduz para mais perto de Deus, anunciaram que as sessões continuariam.

Os espíritas fizeram realizar recentemente uma Conferência Internacional do Espiritismo, à qual compareceram delegados vivos e fantasmas. Presidiu-a o prof. Stoppoloni, tendo sido a vice-presidência exercida por um espírito. Os delegados do Além ocuparam várias vezes o microfone, tendo revelado «grande erudição», segundo seus colegas cá da terra.

*

Vi !

«Revista de Metapsicologia» — Lisboa

Por M. C. S.

O facto passou-se há poucos dias, nesta cidade de Lisboa. O protagonista, longe de ser espírita, longe de acreditar na sobrevivência da alma, era, antes — não sabemos se continuará a sê-lo nêste momento — profundo materialista. Trabalhador honesto, com idéias próprias, tinha, para si, que a morte era um ponto final na vida humana. Não revelamos, por enquanto, o seu nome, porque não estamos autorizados a fazê-lo, muito embora ao descrever-nos o que lhe havia sucedido, o protagonista declarasse estar pronto a narrar o acontecimento na presença de quem quer que fôsse. O autor destas linhas, pois, põe-se à disposição do leitor incrédulo que queira certificar-se.

Narremos o caso :

De há longos dias que o espírito do nosso protagonista vinha sendo torturado com um delicado problema de honra —. Em sua casa, a aflição da família era enorme.

Em determinada e recente noite, deitou-se, não podendo reconciliar-se com o sono. O seu pensamento povoava-se de idéias sombrias, pretendendo arrastá-lo para soluções extremas.

De repente, sentado na sua cama e mergulhado no seu desespero, viu que um homem se erguia junto do leito, cabeça acima da sua, sôbre êle se debruçando e com o braço direito o envolvendo, a dizer-lhe em clara linguagem do seu gesto:

— Coragem! Alguém vela por ti.

Surprêso, não compreendendo o que se passava, ergueu os olhos para ver a face do estranho personagem, visto que se não tratou duma visão fugidia.

E o protagonista poude observar que a figura estranha e protetora lhe virou a nuca, escondendo a face, diluindo-se e deixando o quarto, perante os olhos abismados do Irmão em causa.

Êle, porém, julgou reconhecer seu padrasto, que o estimou e lhe queria como pai e que há muito faleceu.

Uma nova confiança começou a invadi-lo. No dia imediato recebeu a consolação da visita materna, que estava longe de esperar; e o delicado problema da sua vida começou a suavisar-se, até à solução desejada.

Ao despedir-me dêle, em plena rua, o protagonista falou-me assim:

— Tinha os olhos bem abertos. Vi! Sou capaz de o dizer na praça pública!

⁂

Não é medo; não é dúvida; é uma coisa estranha...

No Algarve fui, uma vez, com um amigo rijo como uma pedra, valente como um leão, que troçava dos que acreditavam em alma do outro mundo, velar um cadáver de um outro amigo.

O quarto mortuário era estreito e escuro. Em dado momento, apenas os dois estávamos de vela ao pobre defunto. A família fôra descansar, e só no outo extremo do edifcio três ou quatro pessoas conversavam ou dormiam.

Por minha vez, resolvi ir fumar um cigarro para o aposento afastado onde estavam as três ou quatro pessoas que conversavam ou dormiam, e disse ao meu amigo:

— Fica aí um bocadinho, que eu volto já... Pareceu anuir à minha proposta. Saí...

Saí mas, passados dez minutos, se tanto, o meu amigo valente como um leão e trocista como poucos, veio ter comigo. Disse-lhe:

— Então deixas-te o pobre sózinho?!

Resposta exata:

— O quarto é muito escuro e muito sózinho; mete pavor! Pareceu-me vêlo mexer...

— Essa agora!!! disse-lhe eu, em voz baixa.

Tu que *tens a certeza* de que os mortos não voltam, que troças de quem acredita em almas do outro Mundo, duvidas, apavoras-te, tens medo do pobre morto, frio e quêdo como uma pedra?!

Com voz confusa, que mal podia disfarçar, teve ainda coragem para me dizer:

— Enganas-te! Não é dúvida, não é medo! E' uma coisa estranha, que ninguém explica...

E' nestas coisas estranhas que morrem *certas certezas*, digo eu...

⁂

O momento é que faz as convicções...

Estive nas trincheiras da Flandres, na guerra de 14-18, com um camarada que, em Portugal, sempre eu conhecera como ateu e avesso a tudo quanto lhe cheirasse a divindade.

Em certa noite, como em tantas sucedeu, os alemães começaram a bombardear a 1.ª linha, onde nos encontrávamos, com granadas e morteiros.

O rebentar dos foguetões que iluminavam o campo, a trovoada da artilharia, o estampido aterrador dos morteiros pesados e o matraquear das metralhadoras varrendo a *terra de ninguém*, faziam das linhas um verdadeiro inferno.

A pé firme, como não podia deixar de ser naqueles tempos, aguardavamos o desenrolar dos acontecimentos, pois que à primeira linha cabia aguentar e aguardar ordens...

Nisto, ouço do meu aludido camarada êste desabafo:

— Valha-nos Deus! A nossa artilharia demora na resposta...

Olhei-o, e tentei gracejar, com pouca vontade:

— Mudaste de opinião?! Acreditas em Deus?!

— Eu te digo—respondeu-me ele—: Penso que o momento é que faz as convicções!..

⁂

Conversando com os seus botões...

Na vizinha vila do Seixal existe uma casa assombrada, cujos moradores já se habituaram ao abrir súbito das portas, aos passos ressoando na escada ou nos aposentos, aos gemidos, etc.

Certo dia a família que mora na referida casa recebeu a visita dum cavalheiro, que lá teve de pernoitar. Casa modesta, deram-lhe um leito asseado num pequeno sotão, com mesinha de cabeceira e vela na «palmatória» — para a leitura da noite.

Logo que se deitou, vela acesa, regaladamente encetou a leitura, enquanto o sono não chegava.

Pouco tempo depois, sentiu passos na escada de madeira que dava para o sotão.

— Quem será? Pensou... Alguém da casa certamente. E ficou-se a aguardar...

...Quando os passos chegaram aos últimos degraus fez-se um curto silêncio, êle suspendeu a leitura, olhou, não viu ninguém e ficou, naturalmente, intrigado... Ficou intrigado e dispunha-se novamente a ler, quando sentiu um sopro que apagou a vela e lhe tocou o rosto. O sangue arrefeceu-lhe nas veias mas acendeu um fósforo, espreitou para a escada e, não vendo novamente ninguém, forçou a coragem, voltou a acender a vela e pegou no livro, para continuar a leitura. Nisto, um sopro mais forte insiste: apaga-lhe a luz e movimenta-lhe as páginas do livro.

Não pôde mais. Vestiu-se também como pôde e como pôde desceu a escada e foi para a rua conversar com os seus botões...

⁂

O mais cômodo...

Em notícia de Paris disseram os jornais de 28 de Janeiro findo, que numa quinta perto de Saint Prejet Armandin, no sul da França, se passam casos supranormais, como êste: Uma entidade ou entidades que ninguém vê e que a polícia não consegue descobrir, entram na casa e no redil do Caseiro Jean Jourd, tosquiam-lhe as ovelhas, atiram-lhe objectos que caem nos aposentos sem se saber por onde entram nem de onde vêm, e cometeram esta audácia inaudita: num dia em que o Caseiro e sua mulher, já assustados com o que lhes acontecia, deliberaram saír, pregando portas e janelas e barricando com tábuas o ventilador da cave, sem destruir nenhuma das defesas construídas pelos moradores, e sem bolir nos tectos, revolveram todo o recheio da moradia, espalhando roupas, louças, mobiliário, etc.

Alguns jornalistas que publicaram a notícia, riram em tom chocarreiro.

...E' o mais cômodo. Isto de pensar um pouco e procurar uma explicação séria, para as coisas, é uma maçada!

⁂

O Espiritismo na Inglaterra

O Parlamento inglês acaba de aprovar, por unanimidade, a revogação da lei antiquada que proibia as práticas espíritas e confundia os verdadeiros médiuns com os vulgares charlatães. Doravante, na Gran-Bretanha os verdadeiros médiuns têm a proteção oficial e as práticas espíritas são livres. Todos os jornais trouxeram a notícia da aprovação do referido Decreto, a que *Revista de Metapsicologia* fez referência no seu número de Janeiro, último, a propósito da sua apresentação na Câmara dos Comuns.

Simultâneamente ciência experimental, filosofia e moral, o Espiritismo traz-nos uma concepção geral do mundo e da vida, baseada na razão, no estudo dos factos e das causas, concepção mais vasta, mais esclarecida, mais completa que aquelas que a precederam.

O Espiritismo abre novas vias à humanidade. De todos os sistemas é o único que fornece a prova objetiva da sobrevivência do sêr. Perpetuidade da vida, solidariedade eterna das gerações, justiça, igualdade, ascenção e progresso para todos, tais são os princípios da nova fé e estes princípios apoiam-se no granito do método experimental.

LEON DENIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Pietro Ubaldi no Brasil

Anciosamente esperado pelos circulos espíritas do País, deveria chegar a 15 de Julho último o Prof. Pietro Ubaldi, autor de «A Grande Síntese» e de inúmeras obras já conhecidas em diversos recantos do planeta. Todavia, o ilustre pensador, filósofo e cientista italiano, sómente a 22 aportou ao Rio de Janeiro, sendo festivamente recebido pela «Comissão Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil». Desde o momento que pisou o sólo, o admirável discípulo do Senhor, tem conquistado os corações de quantos se aproximam de sua alma simples, afetiva e enternecedora. Após permanecer uns dias na Capital da República e de ter visitado a Federação Espírita Brasileira, onde foi acolhido fraternalmente, dirigiu-se Ubaldi à cidade de Campos, Estado do Rio, para se aclimatar e descansar, ao lado do Prof. Clovis Tavares, Diretor da «Escola Jesus Cristo» naquela cidade, inclusive para um maior contacto com o nosso idioma.

No dia 30 de Julho, sempre acompanhado do Prof. Clovis Tavares e Batista Lino, Diretor da LAKE-Editora, chegava à Capital Paulista.

De 1 a 3 de Agosto visitou oficialmente a Assembléia Legislativa do Estado, sendo recebido por uma comissão de Deputados nomeados pelo Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Dr. Diogenes Ribeiro de Lima. Introduzido no plenário, o Sr. Presidente convidou-o a tomar assento a seu lado, sendo em seguida saudado em nome da casa, pelo Exmo. Sr. Deputado Dr. Cid Franco. Em seguida, o Prof. Ubaldi respondeu à saudação e depois de agradáveis minutos de palestra com inumeros deputados, deixava o recinto sob intensa salva de palmas de todos os presentes, inclusive da numerosa assistência. Nos seguintes dias, o Prof. Ubaldi, sempre acompanhado pelos membros da Comissão, esteve em visita de cordialidade no Palácio dos Campos Eliseos, sendo recebido com toda a simpatia pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. e Prof. Lucas Nogueira Garcez, com quem manteve longa e amistosa palestra. A visita ao Exmo. Sr. Dr. Ernesto Leme, Reitor da Universidade de S. Paulo, também foi admirável, onde as manifestações se sucederam, em sequência ás anteriores. O ilustre visitante está comovidissimo por tudo quanto tem recebido na Pátria do Evangelho. Na noite de 4, finalmente, deu-se a primeira apresentação de Ubaldi ao público espírita e espiritualista da Capital, no salão nobre da «Comunhão do Pensamento». Uma assistência numerosa superlotou o grande auditórium. Presidiu a reunião, o Exmo. Sr. Dr. Murilo Mattos Faria, D. D. Juiz Corregedor do Tribunal de Justiça da Capital, mais os diversos representantes oficiais das altas autoridades do Estado.

Na manhã do dia 5, ocupou o microfone da Radio Tupi, na Hora Espiritual mantida pela Liga Espírita do Estado, fazendo uma saudação aos espíritas da capital e do País. Em-seguida, esteve em visita à Aula Dominical na séde da Federação Espírita do Estado. Casa completa. Vinicius cedeu a palavra ao Prof. Ubaldi e Prof. Clovis Tavares.

Na noite do dia 6, no Teatro Municipal, realizou Ubaldi a sua anunciada conferência: «O Atual Momento Histórico e a Nova Civilização do Terceiro Milênio», sendo apresentado pelo confrade Julio de Abreu Filho, diretor da Editora Édipo. Não podemos, em sã consciência, dar os detalhes mínimos do que foi essa noitada. Excedeu a tudo o que se podia esperar.

O público aclamou-o no final, intensamente, e não poucos foram os comentários sôbre a figura do «Grande Místico da Umbria».

Na tarde do dia 7, uma caravana de 6 automoveis seguiu com Ubaldi para a cidade de Campinas, terra do imortal Carlos Gomes.

E, ás 20,30 horas com a presença oficial do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito local, Dr. Hermann Cunha Campos, Exmo. Sr. Consul Geral da Itália, Dr. Fratelli, Capitão Genésio Nitrini, Pedro Granja, Dr. Mario Corbiòli, Servilio Marrone, Dr. Bruno Furchi, Representantes de Centros Culturais e demais elementos espíritas da sociedade local, o Prof. Ubaldi dirigiu eloquente saudação ao povo e assistência e, por motivo de fôrça maior, a conferência foi lida pelo Prof. Clovis Tavares, pelo espaço de hora e meia. No final da mesma, ambos foram aplaudidos delirantemente, inclusive o confrade Batista Lino, que fez as devidas apresentações.

Em todas as festividades colaboraram de maneira brilhante: o orfeão Pedro de Camargo com 40 vozes, sob a direção do seu fundador Dr. Luiz Wetterlê e colaboração da Prof.ª Lidia Piro Bassi. No Municipal de S. Paulo, o Coral Paulistano de 22 vozes sob a direção do Maestro Arquerons e em Campinas, na abertura do programa, fez-se ouvir, o Rouxinol Campineiro, soprano Eliphas Chinellato Mila, acompanhada ao piano pelo Prof. Mario de Tulio.

No domingo, 12 de Agosto, a Caravana seguiu com o Prof. Ubaldi para Belo Horizonte, onde permanecerá 8 dias fazendo diversas conferências nas Alterosas. Em seguida voltará a Campos, onde estará até o dia 30.

No próximo número daremos notícias sôbre as futuras atividades de Pietro Ubaldi no País. Desejamos apresentar aquí, as nossas felicitações à D.D. Comissão que promoveu a vinda ao País, do ilustre pensador, e que tem trabalhado incansavelmente, não tendo nomes a destacar.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, Agosto de 1951.

Sanatório «Américo Bairral»

Temos sôbre a mesa de trabalho, enfeixado num belo opúsculo ilustrado com diversas fotografias, o relatório do Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, referente ao ano de 1950.

Analisando o relatório com a devida atenção, nota-se que o movimento do Sanatório durante o ano de 1950 foi um dos maiores registrados nesse estabelecimento de caridade, que tantos e assinalados serviços vem prestando aos débeis mentais, num testemunho eloquente do perseverante e inestimável trabalho dos espíritas no campo da assistência social, o que prova, de outro lado, o valor do Espiritismo, que tendo como tarefa exclusiva a espiritualização da humanidade, não deixa de estender a sua ação aos que, no terreno material, necessitam do auxilio das almas caridosas, fazendo o que Jesus fez, que além de dar conforto e luzes espirituais, multiplicava pães e peixes para saciar a fome das multidões que o ouviam, multidões compostas de famintos, esfarrapados e enfêrmos.

A Diretoria do Sanatório não mede esforços no desempenho de sua tarefa. As centenas de enfêrmos ali abrigados e tratados com aquela mesma dedicação que um pai dispensa ao filho, constituem a melhor prova do que afirmamos.

Progredindo sempre em todos os sentidos, o Sanatório «Américo Bairral» realizou reformas e melhoramentos diversos durante o ano de 1950, ampliando o escritório, padronizando os dormitórios com novas e confortáveis camas, montando novo gabinete médico com acesso para duas secções, feminina e masculina, e já iniciou mais três páteos, um todo arborizado, outro com um Belvedere ao lado, e outro para esportes. Mas o melhoramento mais importante é o que resolveu em definitivo o problema da água, graças ao operoso prefeito municipal. sr. Virgolino Oliveira, que fez uma ligação direta desse precioso líquido de uma fazenda ao Sanatório. Não dando essa nova ligação para levar a água a torre distribuidora, foi construido um reservatório ao pé desta, com capacidade para 25.000 litros e assentadas duas bombas centrífugas, uma delas sobressalente.

Foi concluido um pavilhão medindo 30 x 7,70 mts., com capacidade para 25 leitos. Enfim, foram tantos os melhoramentos que iriamos longe se fossemos apontar todos. Mas o leitor interessado poderá se certificar do resto, lendo referido relatório.

Não queremos terminar esta breve nota sem mencionarmos o apreciável trabalho de arrecadação de donativos pelo nosso dinâmico companheiro Onofre Batista, num montante de cr. $ 102.000,00.

Que Jesus proporcione aos esforçados dirigentes e auxiliares do Sanatório muita saúde e coragem para poderem dar conta da árdua taréfa.

«Comentários à Divina Comédia»

Com este título, o nosso prezado colaborador Arnaldo S. Thiago, autor de diversas obras importantes, publicará em breve um livro de cerca de 400 páginas de texto sôbre a «Divina Comédia» de Dante, o genial poeta florentino, cujo 630.° aniversário de desincarnação em Ravena, Itália, comemorou-se ontem dia 14.

Sociedade Brasileira de Filosofia

Comemoração do 120.° aniversário do nascimento de Bezerra de Menezes

Em comemoração ao centésimo vigésimo aniversário de nascimento do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, patrono do nosso confrade Arnaldo S. Thiago, na Sociedade Brasileira de Filosofia, realizou êle no dia 29 de Agosto último uma conferência na séde da mesma sociedade, em que expôs os traços biográficos do seu patrono. Presidida a solenidade pelo Snr. Comandante Feliciano Cesar Xavier, ocuparam lugar à mesa os Srs. Dr. Polydoro Ernani de S. Thigo, diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Capital de Santa Catarina, Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Professor Levasseur França, Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil.

Discorrendo durante uma hora sôbre a vida e as obras do seu patrono, pôs o conferencista em relêvo a ação social do médico, do político, do administrador de larga visão e de nobre enfibratura moral, que foi o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, bem como do filósofo e do homem de crença, devotado afinal inteiramente à Doutrina Espírita, ao ponto de ser cognominado «Allan Kardec brasileiro».

Terminou o conferencista, nos seguintes têrmos: «Assim termina Bezerra de Menezes a carta a seu irmão dirigida (Publicada em livro com o título — «A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica»): «Pois bem. A nova revelação não altera a moral da Igreja, que todo mundo acata, não altera a Teodicéia da Igreja que só meia dúzia de infelizes repele — e, isso por causa da tal história do inferno e das penas eternas; mas altera exatamente o que só o fanatismo abraçou e à humanidade repugna: a Teogonia, os dogmas da vida única e das penas eternas». Agora, em sua homenagem e como lábaro de amor e de paz, que desfraldamos: O homem de bem, o homem que sabe honrar e dignificar a espécie, tem sempre um sentimento de respeito e de justiça para com o semelhante, mesmo quando lhe falte a caridade. Nestas condições, católicos, protestantes, espíritas, positivistas, todos, de mãos dadas, podem viver em paz, na terra sob as bençãos de Deus.

A assistência, na qual se encontravam o Cel. Delfino Moreira, presidente da CEPA, Dr. Lauro de S. Thiago, diretor do Departamento de Filosofia da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Dr. Argolo Ferrão, e muitos outros membros da sociedade e exmas. senhoras, ao terminar o orador a sua conferência, aplaudiu-o calorosamente, dirigindo-lhe o Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao declarar encerrada a sessão, palavras de vivo encômio pelo trabalho realizado.

Comunicado da U. S. E.

A União Social Espírita (U. S. E.) prossegue em suas atividades, dentro do seu programa, como órgão orientador e de unificação da família espírita no Estado. Vem colaborando nos trabalhos do Conselho Federativo Nacional, realizando palestras doutrinárias, mensais, nas Entidades Federativas e Centros Espíritas, além das representações que tem enviado a todas as Semanas Espíritas do interior. O seu Departamento de Mocidades também vem dando cumprimento ao seu trabalho no setor das Mocidades, promovendo a realização de Concentrações periódicas nas diversas zonas do Estado, procurando unir e confraternizar os jovens espíritas e incentivar o estudo da Doutrina.

Conselho Federativo Nacional

Súmula dos Trabalhos realizados em 4 de Agosto de 1951.

Posse de representantes. Por motivo de fôrça maior não compareceu, para tomar posse do cargo de representante de Alagôas, o novo conselheiro Geraldo de Aquino. Tomou posse da representação de Goiás o confrade Dr. Francisco Nogueira.

Congresso em Estocolmo. Foi lida a resposta ao ofício da Federação Espírita Internacional, declarando que a F. E. B. tomará parte no Congresso Internacional a realizar-se na Capital da Suécia em Setembro próximo.

Pará. Foi lido o ofício da União Espírita Paraense, comunicando que está providenciando o registro de seus Estatutos para completar o processo de sua representação no C. F. N., conforme decisão unânime tomada em assembléia geral realizada em 19 de Dezembro de 1950.

Goiás. Foi trazido ao conhecimento do C. F. N. que a União Espírita Goiana, fundada ha pouco, está realizando obra notável de construção de um abrigo noturno na Capital do Estado.

São Paulo. O C. F. N. tomou conhecimento da inauguração da *Fundação Pestalozzi*, em Franca, em 22 de Julho recem-findo, com a presença do Vice-Governador do Estado. Trata-se de obra monumental e a sessão aprovou um voto de congratulações aos criadores da Fundação.

Paraná. Foi comunicado ao C. F. N. que merece especial menção a fundação e manutenção da Escola pertencente ao Centro Espírita «Luz e Caridade», em Foz do Iguaçu, há pouco visitada pelo Governador do Estado, que expressou viva simpatia pela obra.

Distrito Federal. O Conselheiro Aurino Barbosa Souto, representante da Liga Espírita do Distrito Federal, trouxe ao conhecimento do C. F. N. o ato de desassombrada convicção do confrade Dr. Telemaco Gonçalves Maia que, num debate na Câmara Municipal do Distrito Federal, declarou sua qualidade de espírita.

Bahia. Com a renúncia do representante, Prof. Leopoldo Machado, a Bahia está sem representante no C. F. N., mas está reorganizando a entidade de âmbito estadual para normalizar sua situação.

Minas Gerais. O Segundo Secretário do C. F. N. visitou a União Espírita Mineira em 15 do mês recem-findo e lá realizou uma conferência sôbre os trabalhos de Unificação do Movimento.

Comemorações. Foi aprovada a seguinte proposta do representante do Paraná: «O Conselho Federativo Nacional, reunido em sessão plena, considerando que em 3 e 5 de Outubro, ocorre a data natalícia de Allan Kardec e a data da assinatura do Pacto Áureo de Unificação do Movimento Espírita do Brasil, sugere ás Entidades Estaduais, não sómente que promovam comemorações de maior evidência naqueles dias do corrente ano, mas que também recomendem idêntico procedimento a todas as sociedades que lhes sejam adesas».

Passamento

Deusdedit Fontes

Deu-se em Aracajú, Estado de Sergipe, em julho último, o desincarne do confrade Deusdedit Fontes, ex-diretor de «O Luzeiro» daquela Capital, dedicado e laborioso colaborador de todos os empreendimentos levados a efeito pelos espíritas de Aracajú, cuja vida constituiu alto padrão de exemplificação e obras cristãs. Era tio do confrade Elson Fontes, elemento de destaque no Espiritismo local e Presidente da Federação Espírita Sergipana, recentemente fundada.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Em 8 de Abril último, realizou-se em Limeira com a presença do Deputado Campos Vergal, o lançamento da pedra fundamental da instituição «Nosso Lar», abrigo de menores. O prédio conta com 380 metros quadrados, numa área de terreno de 100 x 75 metros e já esta recebendo o madeiramento. Acha-se situado num lugar aprazível, o mais alto da cidade; possúe cômodos espaçosos e porões habitáveis. A inauguração da instituição deve realizar-se em Dezembro próximo. É provável que o Deputado Campos Vergal seja orador oficial.

Os confrades Ernesto Kühl, D. Lucinda Kühl e os demais companheiros de Diretoria estão de parabens pela realização desse notável empreendimento.

D. Lucinda Kühl é presidente da Associação das Senhoras Espíritas «Allan Kardec», associação que confecciona enxovaisinhos para as parturientes pobres. É também diretora do Albergue Noturno, onde já pernoitaram mais de cinco mil pessoas até o presente.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples Cr.$	40,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1951 —N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel	*Redação*
Pródomos de Paz	*Arnaldo S. Thiago*
A Alma dos Animais	*Ismael Gomes Braga*
"Cristo, o Maior dos Anarquistas"	*Pereira Guedes*
O Fenômeno Espírita	*Leopoldo Machado*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
Astro Humano	*Maj. Levino Cornelio Wischral*
Conhece-te a ti mesmo	*Genésio Nitrini*
Confirmando a Teoria Espírita . .	*M. Lemoine*
Ainda o Pensamento	*(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller)*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.
Paz em Jesus.

Em Dezembro, dia 25, a efemerides registra a maior data da cristandade — a passagem de mais um aniversário natalício de Jesus Cristo, o maior de todos os Profetas e Enviados de Deus, que reinará por séculos sem fim nos corações que aguardam a realização das suas promessas de vida eterna. Nêsse dia, a cristandade, como de costume, num preito de gratidão, veneração e amor, prestará as suas homenagens a Jesus, nosso único Mestre, cada um de acôrdo com as suas possibilidades, com a sua fé e compreensão. Os ricos e os remediados, para festejarem o magno acontecimento, não medem gastos. Suas mesas se enchem de finas e abundantes iguarias, acompanhadas de bebidas variadas, de música e grande alegria. E' uma maneira toda material de se render homenagem a Jesus, que sempre, nos seus ensinos, nos despertava a atenção para as cousas do espírito. Das mesas fartas nêsse dia, muitas iguarias, num desperdício insensato, vão abarrotar as latas postas nas sargetas. E enquanto isso, milhares de famintos e esfarrapados não têm uma chicara de café para festejarem, embora palidamente o Natal. Jesus poderá ficar contente diante dêsse triste contraste, Êle que andava acompanhado sempre de multidões de pobres e enfêrmos? Pensemos bem nêste facto chocante e procuremos, nêsse dia, satisfazer a vontade de Jesus, que se resume em voltarmos as nossas vistas para os pobres, ofertando-lhes dádivas dos nossos corações, pelo menos nêsse dia, o que sem a menor dúvida é a melhor maneira de festejarmos o Natal, uma vez que sabemos ser esta a vontade de Jesus.

Para êsse fim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», vem, por êste meio, à sua presença, para solicitar-lhe uma dádiva para os pobres, a qual póde ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, cumprindo assim, um dever de solidariedade cristã.

Certa da sua preciosa atenção, a Comissão agradece-lhe antecipadamente, almejando-lhe saúde, paz, feliz Natal e um próspero Ano Novo.

Matão, Setembro de 1951.

A Comissão:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Leticia Vital Olson
Izabel Perche Camargo
Zelia Silveira Perche
Joselina Dias de Lima
Jenny Perche
Valéria Dias de Lima
Leonor da Cruz Jorge

Clotilde Ferreira da Cunha
Donata Casadei Oliveira
Ana Coelho
Cleide de Barros Perche
Maria Zilda Benassi
Evany Gonçalves
Edeny Pedro Gonçalves
Manoela Torres
Odete Conceição Pinto

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1951 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cairbar Schutel

NO próximo dia 22 o nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel completaria mais um aniversário natalício se estivesse ainda neste mundo, e receberia nesse dia abraços congratulatórios dos seus familiares, companheiros de trabalho e inúmeros amigos pela auspiciosa data. Mas como a morte é um termo impròpriamente aplicado aos que deixam este mundo, de vez que o Espírito é imortal, o nosso caro companheiro Cairbar continua vivo no seio da Eternidade, prosseguindo nas suas atividades, no seu trabalho perseverante em pról da Doutrina, ajudando por todos os modos possíveis aos que, neste mundo, dão prosseguimento à sua obra, aos que, enfim, com as melhores intenções e boa vontade trabalham na seára espírita ou cristã, que constituiu e constitue o principal objetivo de suas cogitações. Não podemos apertá-lo num amplexo afetuoso, peito a peito, coração a coração, como o faziamos nesse dia, mas os nossos pensamentos traduzem, num demorado abraço espiritual, todo o aféto, toda a estima que lhe dedicamos de coração e alma,

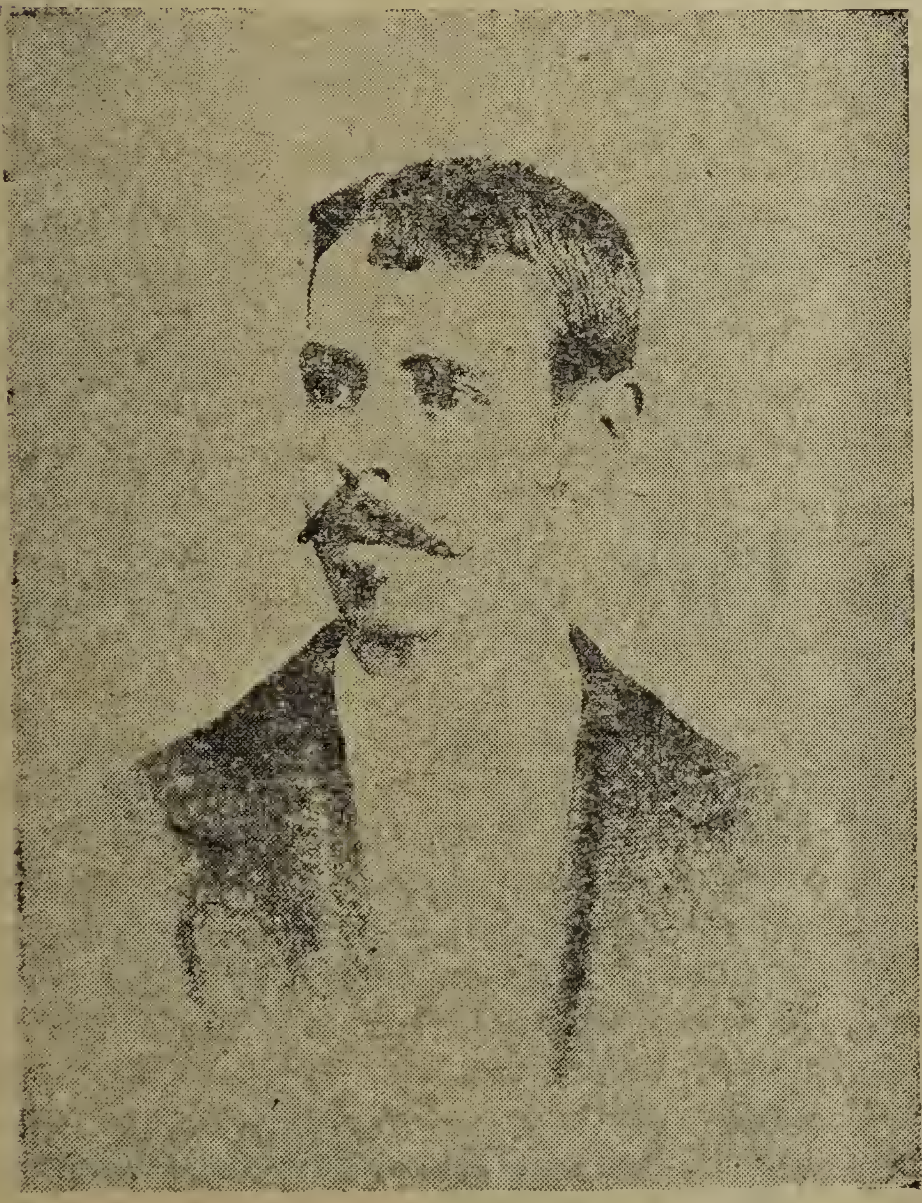

CAIRBAR SCHUTEL aos 25 anos de idade

almejando-lhe felicidade e progresso, tudo aquilo, enfim, que podemos desejar para nós. E temos a plena certeza de que os pensamentos que amorosamente lhe dirigimos não se perdem na amplidão, que são por Êle captados e retribuidos no mesmo diapasão, com aquela mesma meiguice que tanto conforto e satisfação proporcionava aos que dele se acercavam.

Quando meditamos sôbre o grande movimento espírita, — Congressos e Semanas espíritas, importantes obras de assistência social, Centros que se fundam em todas as cidades e até nos sítios, numa silenciosa e significativa disputa com todas as religiões juntas, em que o Espiritismo vai ganhando uma distância que já não se pode medir; quando vemos as facilidades com que os espíritas realizam os seus movimentos e empreendimentos, voltamos os nossos pensamentos para os pioneiros do Espiritismo no Brasil, entre os quais se encontra o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que enfrentaram as maiores dificuldades, — perseguições, despreso, calúnias, etc.

Graças a êsses pioneiros e aos Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade, o Espiritismo é agora uma fôrça que dia a dia, de hora em hora, aumenta o seu raio de ação, levando a todos palavras de conforto e de esperança e luzes para todas as consciências, sob a égide da Imortalidade da Alma. E a nossa satisfação é tanto maior quanto é facto que todos, gregos e troianos, não vêem agora no Espiritismo obra diabólica, mas sim, uma doutrina digna de respeito, de vez que espalha o Bem a mancheias para todos indistintamente.

Cairbar Schutel foi um dos que prepararam o terreno, como Bandeirante da Espiritualidade, afim de que os futuros trabalhadores encontrassem, como estão encontrando, facilidades na difusão e prática da Doutrina.

A Cairbar Schutel, pelo dia que registra o seu aniversário natalício, mais um forte abraço e um ósculo de gratidão.

Pródromos de Paz

Arnaldo S. Thiago.

PAZ, em sua efetividade social, estimulando o trabalho, fecundando os espíritos para a frutificação da inteligência, dispondo os corações para a conquista de virtudes que levam às relações fraternas, homens e povos. Dessa paz é que estamos aqui tratando, e não dêsse arremêdo hipócrita de pacifismo, que tem por fim desfibrar os indivíduos, materializando-lhes as tendências e enfraquecer as nações, desaparelhando-as de elementos para a sua defeza, em um escaldante mundo de guerras e de rivalidades econômicas, como o em que ainda vivemos.

De dois planos que se interpenetram, é constituido o nosso planeta : um físico, outro moral, com analogias profundas em sua formação e no seu desenvolvimento cosmogônico, os factos da Sociologia processam-se cronológicamente como os da Geologia : daí o paralelismo físio-psíquico, incontestávelmente observado na evolução planetária. O orvalho da paz, que Deus faz constantemente descer à superfície do nosso mundo moral, opera lentamente, como operaram as torrentes pluviais, sôbre a superfície escaldante da terra, nos períodos geológicos, a princípio nem lhe podendo chegar à superfície, porque o próprio calor atmosférico as evaporava, mas pouco a pouco, no curso de milênios, conseguindo permanecer no solo, até se transformarem em rios caudalósos, mansos regatos, fontes subterrâneas, que fertilizam os campos e alimentam a beleza da vida, por tôda a parte, no orbe.

O processo geológico parece ter-se realizado mais rapidamente do que o moral; lembremo-nos, porém, de que as suas diferentes fazes remontam a épocas multimilenárias, ao passo que o aparecimento do homem no meio cósmico planetário, com toda certeza, sómente pode ser contado do início do quaternário. Ainda há vulcões em alguns pontos da terra, em cujo interior o magma ocupa espaços imensamente mais amplos do que os da superfície sólida. Assim o coração humano: já possúi uma leve camada exterior de paz; todo o seu interior, porém, ainda é ocupado pelas desinteligências e pelo espírito de conquista, que é o estopim dos conflítos entre os homens e das guerras entre os povos,

Três quaternários de paz acabamos de ver aflorar no imenso arqueano, que apenas recobre o magma social, de que irrompem os vulcões das guerras; a nota de primeiro de julho último, distribuida pela Secretaria da Presidência da República Brasileira à imprensa, concebida nestes têrmos: «O Govêrno da República, em face da comunicação do Snr. Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, reafirma os principios da sua política tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos e reconhece todos os seus compromissos com a sociedade internacional de que foi um dos fundadores, inclusive o da cooperação econômica, política e militar.

Não dispondo, neste momento, de outras fôrças militares, além das destinadas à defesa do território nacional e carecendo ainda dos contingentes adestrados e treinados para a guerra moderna, de que trata a Resolução n. 377 da V Assembléia Geral das Nações Unidas, o Conselho de Segurança Nacional, reunido sob a presidência do Chefe da Nação, deliberou recomendar ao Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, o estudo das medidas preliminares de colaboração técnica e planejamento que permitam a efetivação em tempo útil das nossas obrigações internacionais».

Já é, segundo a linguagem do Evangelho, «estar no mundo sem ser do mundo»: o que o Brasil reafirma é a sua política tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos; isso é o que o Brasil quer; propugna pela sua efetivação no mundo; sabe, porém, que não pode ainda obstar, com o orvalho de paz que fertiliza a sua gleba quaternária, a erupção dos vulcões que ameaçam irromper por todo o imenso arqueano social que o circunscreve — e então prepara-se para a sua defeza.

Mas, nós falámos em três quaternários de paz: quais são os outros dois? Os da Índia e dos Estados Unidos. No primeiro acabam de aflorar estas idéias (cf. telegrama de Nova Delhi, inserto no J. C. de 12 do corrente): «Não haverá guerra com o Paquistão», declarou notadamente, hoje, no Parlamento, shri Nehru. Definindo a política externa, afirmou: «A nossa política externa não é negativa, não é neutra, nem passiva, mas é ativa e boa, etc.» Falando da situação mundial, Nehru afirmou: «Quando um estadista começa a pensar militarmente, deixa de ser estadista e torna-se um soldado vendo sómente objetivos militares, e tremo ao pensar no que aconteceria ao mundo se irrompesse uma guerra mundial». (Nehru empregou o tempo verbal *irromper)*. No segundo, a propósito da sucessão presidencial que ocorrerá em 1952, assim se manifesta o bispo evangélico Homer Tomlinson, anunciando sua candidatura ás referidas eleições: «Já é tempo que tenhamos para presidente um homem de Deus, cuja principal preocupação seja a virtude». O prelado, cuja congregação de Nova York possúe cerca de 123.000 fiéis opinou, com efeito, que os Estados Unidos tiveram até agora, em geral, como presidentes, «apenas soldados cuja preocupação é a guerra, homens de negócios que são mais particularmente preocupados com as disputas». «Terá, termina o telegrama publicado na edição do Jornal do Comercio, acima citada, por emblema uma bandeira «de todas as nações», desenhada pelo falecido seu pai».

Brasil, Índia, Estados Unidos, três quaternários de paz! que o orvalho santo das idéias generosas que em vós se forma, fecunde todas as glebas da terra, para o florescimento da fraternidade entre os homens!

Rio, Agosto de 1951.

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

II

Em artigo precedente referimo-nos a cães instruídos em leitura e aritmética; outro tanto se póde dizer de diversos cavalos que igualmente aprenderam a expressar pensamentos tiptológicamente, isto é, batendo as letras do alfabeto. Há também cães e cavalos absolutamente estúpidos, que não aprendem o que se lhes ensina e se revoltam contra as lições, o que demonstra graus de evolução e carácter.

Outros cães, que não receberam instrução literária, demonstram inteligência, raciocínio, deliberação, por sua própria iniciativa. Mencionemos um facto colhido do livro do Dr. Raoul Montandon, dentre muitos similares que lhe enchem as páginas.

Certo lavrador possuía um cão pastor que guardava inteligentemente o gado bovino no pasto durante o dia; marcava um limite sábio, do qual os bois não tinham direito de passar; impelia o gado ao bebedouro em horas determinadas; à tarde forçava todo o gado para o curral e, depois de o ter reunido junto da porteira, entrava em casa ladrando significativamente para que lhe fossem abrir a entrada, e só ia repousar depois que todo o gado se achava recolhido ao aprisco.

Um dia o lavrador se havia comprometido de ir trabalhar em certo serviço de colaboração com outros amigos numa casa da cidade próxima; abriu a porteira do curral, entregou o rebanho ao seu pastor quadrúpede e partiu tranquilamente para a cidade. Depois de meio dia, surge-lhe o cão na casa do amigo, na cidade; trazia olhar lacrimoso e demonstrava ansiedade; puxou-o energicamente pela roupa, indicando que era preciso partir com urgência.

O homem se assustou; a casa estava só e teria acontecido algo de grave para que o fiel pastor abandonasse o dever e corresse à cidade a chamar ansiosamente o amo. Desculpou-se de ser obrigado a interromper o trabalho e correu para casa. Os bois haviam arrombado a cêrca que separava a pastagem da lavoura e penetraram no trigal; devoravam as tenras espigas, e se o cão sozinho tentasse reunir o gado e compeli-lo a passar de novo pela limitada abertura feita na cêrca e regressar ao pasto, o resultado seria contraproducente, porque provocaria uma correria interminável dos bois no trigal, arruinando toda a seára com as patas. Tornava-se indispensável a colaboração de diversas pessoas; o cão o compreendeu e correu a pedir socorro ao lavrador.

Procedeu com raciocínio, prudência e lógica, como faria um pastor humano na mesma situação. Muitos casos semelhantes demonstram em certos animais a existência de espírito muito semelhante ao humano.

Numerosos casos são registrados de auxílio inteligente de animais e aves, nos quais se verifica compreensão e piedade.

Aves que conduzem no bico alimento para outra que perdeu a vista e a tratam com o mesmo carinho com que tratariam seus filhotes implumes; uma gata que ouvindo os chorosos lamentos de outra, cuja ninhada fôra afogada, na casa vizinha, carregou na bôca um de seus gatinhos recem-nascidos e o deu à mãe desolada que o criou como seu próprio filho e ficou consolada; um cão furtava de uma quitanda diariamente um molho de cenouras e o levava para um cavalo de sua casa; outro cão, propriedade de um restaurante, recolhia à noite todos os restos de comida que lhe davam e os distribuia pelos cães famintos da vizinhança; êsse serviço êle o executou caridosamente durante cerca de dez anos, em favor dos necessitados.

Há nêsse sentido de auxílio muitissimos casos bem observados e registrados. Há igualmente casos de vingança planejada e executada com inteligência, como esta: um elefante muito dócil e trabalhador obedecia fielmente ao seu guia; mas êste, certo dia, colheu um côco duríssimo e o partiu na cabeça do elefante, em vez de procurar uma pedra ou tronco de árvore. Passado algum tempo, depois do trabalho do dia, conduzia êle o elefante para o repouso através de uma aldeia. Ao passarem diante de uma barraca, onde se vendiam côcos, o elefante se deteve, escolheu um côco bem duro, tomou-o com a tromba, e deu com êle tão rijamente na cabeça do seu condutor que lhe despedaçou o crâneo e ocasionou morte instantânea.

Numa secção do jardim zoológico de Viena, numa jaula muito espaçosa, havia diversas espécies de macacos e algumas raposas novas. Certa macaquinha se acamaradou com uma raposa e brincavam sempre uma com a outra; a macaquinha cavalgava a raposa e esta fazia alegremente as mais extravagantes corridas para divertir sua amiguinha. Um dia houve que separar os macacos das raposas por uma grade divisória da jaula. A macaquinha desesperou com a decisão e, em pleno desespero, se lançou no tanque dágua para pôr fim à vida. O guarda tentou retirála, mas foi mordido. A solução foi abrir a grade, para evitar o suicídio. A alegria das duas amigas foi imensa: saltaram e divertiram-se o resto do dia; mas «ordens são ordens», e à tarde o guarda cumpriu as instruções que tinha, apartando novamente os macacos das raposas. A macaquinha manifestou o mesmo desespero e na manhã seguinte foi encontrada morta na caixa dágua da jaula. Suicidou por paixão amorosa contrariada!

Os factos observados demonstram a existência no animal de uma alma muito semelhante à humana, capaz de atos inteligentes, de aprendizagem, de deliberações, de virtudes e crimes e até de suicídio.

Pelo comportamento dos animais, vemos que eles não se guiam sempre sómente pelo instinto cego: procedem igualmente com raciocínio e deliberação, com um pouco de livre arbitrio, em muitos casos. O mesmo que se observa com os animais de grande porte e com aves, nota-se, embora com menos individualidade, nos insétos, pelo menos nas abelhas e formigas.

Certo criador de abelhas relata uma experiência que vamos resumir.

Num estudo semelhante aos que inspiraram a Mauricio Maeterlinck os livros célebres, «Vida das Abelhas», «Vida das Formigas», «Vida dos Termitas», um criador de abelhas construíu com vidraças de observação as casas para suas abelhas. Notou que, num perfeito serviço de limpeza, elas retiram da colmeia qualquer matéria estranha que lá apareça. Quando a substância indesejável seja demasiado pesada para uma só trabalhadora, elas se reunem em grupo bem orientado e pela conjugação das fôrças individuais numa só direção, realizam a obra. O experimentador lançou naquela casa de apartamentos, ou pequena república, uma moeda de niquel; elas não a puderam retirar e lá a deixaram ficar, como coisa irremediável. Lançou êle então no cortiço um ratinho morto. Reuniram-se muitas abelhas numa tentativa de retirar de lá o monstro, mas não conseguiram. A putrefação do pequeno cadáver seria condenável pela «Saúde Pública». Elas tomaram outra deliberação para remediar o mal: cobriram o ratinho por uma densa camada de cêra, de modo que êle teve que se mumificar, sem exalar mau cheiro para as habitantes da casa, e lá o deixaram, porque assim envôlto em cêra êle se tornou inofensivo. Sabendo que a moeda de niquel não apodreceria, não a recobriram de cêra.

Infelizmente, no caso de sêres tão pequenos, não nos é possível estudar-lhes o carácter individual, como nos animais maiores: só observamos o que eles fazem como coletividade e ficamos sem saber se entre eles haverá graus individuais de evolução, como nos cães, gatos, cavalos, elefantes. Percebemos inteligência, deliberação, planejamento, execução, mas sempre do conjunto dos sêres, não podemos ainda estudar cada indivíduo.

Quanto aos animais superiores, verificamos com segurança que possuem individualidade bem definida, graus diferentes de evolução, alma individual muito semelhante à humana, e só por isto já seria lógico lhes atribuirmos a sobrevivência da alma à morte do corpo; mas as provas da imortalidade do espírito dos animais se baseiam em dados de observação mais positiva, como veremos em outro artiguete.

Ismael Gomes Braga.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

"Cristo, o Maior dos Anarquistas"

PEREIRA GUEDES

Cristo, a mais discutida das personagens terrena, serviu de tema ao ilustre e consagrado escritor mineiro Anibal Vaz de Melo, para o seu último e também discutível livro — «CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS».

Com uma dedicatória que muito nos honra, Anibal Vaz de Melo, já nosso muito aplaudido escritor, profeta e revolucionário da melhor têmpera, e que grande confôrto espiritual nos proporcionou através das páginas maravilhosas de «A Era do Aquario», nos oferece o seu livro, sôbre cuja leitura vamos emitir o nosso pálido e quasi nulo parecer, visto que, livros que abordam assuntos de tão alta magnitude, são dos que passam à posteridade, dividindo opiniões, simplesmente por focalizarem de modo humano e profundo, a personalidade do maior revolucionário que o mundo conheceu e o mais incompreendido dos missionários.

Agora, após termos discutido com outros ilustres confrades, defendendo a tese que nos parece lógica, da imprópria comunhão de duas doutrinas antagônicas: o Comunismo marxista que é o único, em ação politica, e o Espiritismo que, como doutrina deísta é fundamentalmente contrário ao materialismo, vamos falar dêsse Livro-Bomba, lançado sem prévio aviso, ás mãos de desprevenidos espiritualistas, provocando verdadeira confusão entre os aplausos de uns e as repulsas de outros.

Para Anibal Vaz de Melo, o Cristo, o *maior dos anarquistas*, teria tido em Lenine, o grande revolucionário e a maior cabeça da revolução russa, o continuador da sua grande obra, hoje representada por Stalin, em quem reconhece igual valor, visto (na sua opinião), ter transformado «em realidade o sonho milenário que viveu nos lábios do Cristo»; acrescentando: «E Cristo teve uma esplêndida visão... A Terra toda estava dividida e retalhada pela ambição e pela crueldade dos homens. E viu Lenine pregando no bôjo de uma revolução o plasma novo da futura Humanidade... E viu Gandhi esquelético lutando com um império poderoso e cheio de metralhas, acenando aos párias explorados a bandeira de Liberdade... E viu, na Nova Iorque espetacular dos arranhacéus, da Bolsa e dos magnatas do petróleo e do ouro dos nossos dias, Roosevelt, em comicios populares, pregando a divisão da riqueza para a restauração do ritmo social... E sentiu-se murmurando pelos jovens lábios de Krishnamurt que toda a filantropia social é um ato de restituir à vítima um pouco daquilo que se lhe roubou pela astúcia e pela violência, e que a verdadeira filantropia social está em dar confôrto e palácios a todos os que trabalham, e não em remendar as espeluncas existentes...» Mas, exaltando o Cristo, quando disse: «Bemaventurados os que teem fóme e sêde de justiça, porque eles serão fartos», diz o autor que «o Revolucionário Divino encheu-se do fogo da indignação e, com voz máscula, onde dardejavam raios de revolta», pronunciou aquelas palavras! E, prosseguindo, parece concordar com o mistério do nascimento do «Anarquista de Nazaré», chamando-o de humilde filho adotivo de um pobre carpinteiro!...

Do mirante em que se coloca o autor independente e profundo observador dos factos históricos, o Cristo aparece aos seus olhos de lince, como o maior revolucionário de todos os tempos, e, citando Lenine e Gandhi, essas duas poderosas resistências que, em campos opostos lutaram pela liberdade humana, não há como concordar com êle quanto a influência de todos os que, a caminho da evolução, lutaram em pról dos direitos postergados dos homens explorados por outros homens.

«Em face da Física Moderna», diz o eminente escritor, «o conceito de matéria é outro: — Matéria é energia condensada, como energia é matéria liberada em desintegração. Portanto, a própria alma, o próprio espírito é, em última análise, uma forma sutil da matéria, como ensina Engels — é a própria matéria divinizada. Daí a razão por que Farias Brito poude falar nas *bases físicas* do Espírito, corroborando assim o pensamento de São Paulo: «Tudo que é manifestado é luz», isto é, energia, vibração, movimento, matéria e vida. Assim, a desintegração atômica gera a energia; a degradação dinâmica gera a vida e a vida gera o psiquismo».

Depois, referindo-se ao aparecimento de Moisés e Elias, no alto do monte, materializados, (página 153), conclúe que «a alma, o espírito, o próprio Deus é matéria radiante—porque tangivel, palpável, perceptivel à visão como as fosforescências do radium e ocupa lugar no espaço». Eis, pois, em que discordamos profundamente da opinião do insigne beletrista. O fenômeno da materialização do espírito, como aconteceu com a aparição do Tabor, não quer dizer que o espírito seja matéria, mas, que revestiu-se de matéria adequada para tornar-se visivel. E, se o próprio Cristo afirma que ninguém viu a Deus, como poderemos afirmar que Deus mostrou-se, tornou-se visivel e palpável? E não é Deus a causa primária de todas as coisas? Como, pois Deus é matéria? Não é o Espírito o princípio inteligente do Universo?

Quando estacamos ante os conceitos emitidos em «A Grande Síntese», sem que nos seja possível alcançar uma dedução lógica quanto a *degradação da energia*, Anibal Vaz de Melo, em linguagem mais acessivel ao nosso espírito, esclarece que Deus também é matéria.

«Cristo, o Maior dos Anarquistas», não obstante as conclusões do autor, em face da Física moderna que tudo materializa, contrariando os postulados da Doutrina Espírita, é o mais empolgante livro que temos lido nestes últimos tempos.

A começar pela capa, onde aparece a figura de um rebelado que tenta arremeçar contra um edifício a bomba que traz na destra, tem-se nítida impressão, antes da leitura de suas 267 páginas, que a obra do escritor patricio é de fundo revolucionário e que deve escandalizar a muita gente; entretanto, os comentários do autor em torno da personalidade do Cristo, o mais discutido dos cidadãos da história humana, são perfeitamente razoáveis; pelo menos, o Cristo visto e admirado por Vaz de Melo, não é aquêle diante do qual se curvam os beatos em atitudes de genuflexão, mas, ao contrário, é um Cristo humano, ao lado de quem estamos lutando desassombradamente, em pról da Fraternidade Universal.

A concepção de Anibal Vaz de Melo, considerando o Cristo o maior dos anarquistas, é, até hoje, a nosso ver, a mais avançada porque a mais revolucionária de quantas conhecemos; mas, a de que Deus também é matéria, como considerá-la, não sabemos.

Concordamos que se aceite doutrinariamente os postulados do comunismo como perfeitamente análogos aos princípios sociológicos do Cristianismo, excluida que seja a concepção de vida estabelecida pelo marxismo, entretanto, não vemos onde a semelhança ontre a doutrina do Cristo e o comunismo stalinista, a ponto de se admitir que *Lenine e Stalin transformaram em estupenda realidade o sonho milenário que, concebido na cabeça de Buda, viveu nos lábios do Cristo.*

Nem mesmo o Deão de Cantuaria que escreveu dois grandes livros sôbre a Russia Soviética, teria afirmado, avançando tanto, que Lenine e Stalin tivessem transformado em realidade, «em estupenda realidade», a doutrina do Cristo.

O livro do erudito confrade mineiro sucita divergências entre os seus leitores, visto tratar, sobretudo, da personalidade tão discustida que é a do rebelado filho do carpinteiro, elevado pelas igrejas à categoria de Deus, diante de cuja imagem petrificada, de joelhos e mãos postas, oram beatificamente os seus adeptos, e que, destronado, agora, por Vaz de Melo, é, além de comunista, O MAIOR DOS ANARQUISTAS.

Deus, a causa primaria de todas as coisas, continua para nós, indefinível!

Cristo, o portador da mensagem da libertação; o divino rebelado, continua a expulsar os vendilhões do templo e os tubarões da praça; enquanto o Espiritismo, a doutrina que nos exalta para as maiores conquistas, vai dia a dia clareando os horizontes do futuro, mais fortes nos sentimos para as pugnas difinitivas entre a Matéria e o Espírito, em busca da Liberdade, clarão divino na escuridão dos nossos destinos, para a FRATERNIDADE UNIVERSAL.

Rio, Julho de 1951.
Rua Sampaio Ferraz, 33

O Fenômeno Espírita

Todos os grandes missionários, fundadores de religiões, foram grandes médiuns.

Maomé não podia fugir à regra geral. De tal maneira era atormentado por visões e espíritos, que chegou a dizer à esposa, à bôa Khadija:

— Tenho medo de ficar doido! Sinto em mim todos os sintomas dos possessos.

E, sôbre o sêr invisível, que o perseguia:

— Que sêr é êste que, incessantemente, me procura? Que sêr é êste que me não diz seu nome, e do qual eu não posso fugir?

E angustia-se. Seus olhos dilatam-se, seu rosto empalidece e ruboriza-se alternativamente. Treme e angustia-se, a dizer:

— Ei-lo! é êle! aí está!

Sabe que está bem acordado, que não dorme, nem sonha.

A esposa corre a êle e o conforta, docemente. «E agora?» pergunta-lhe:

— Não o vejo mais, nem o sinto. Foi-se embora — responde. Não é um gim impudico; não é um demônio. Não póde ser sinão um anjo de Deus.

Êsse anjo de Deus se lhe apresenta, mais significativamente, certa noite, estando Maomé em retiro espiritual, na caverna. E diz-lhe:

— Ugrá, lê, (e mostra-lhe os salmos sagrados).

— Não sei ler — responde Maomé.

O Espírito repete mais duas vezes, sufocando-o e soltando-o, a ordem.

Maomé não lê, mas, repete o que ouve do anjo. Depois, sai com a impressão de que tem um livro escrito no coração, corre e tropeça, galga o cimo do monte e ouve aí uma voz que lhe diz é êle o enviado de Alá. Ergue os olhos e vê no horizonte o Arcanjo Gabriel sob forma humana, envolto numa luz tão brilhante, que resplandece e se oculta.

Eis a visão mediúnica que antecedeu o aparecimento do islamismo.

Um fenômeno francamente mediúnico, espírita,

* * *

O padre João Batista Cornegliotto, larazista, ex-diretor do Seminário de Mariana, conta o fenômeno em seu livro, Leituras Quaresmais:

— Um criminoso entra em uma casa pedindo proteção, que havia assassinado um homem. A dona da casa, mulher de coração e fé, acolhe-o. Chega a policia no encalço do criminoso e diz à mulher que o entregue, pois o criminoso acabára de assassinar o filho dela. Travase no espírito da mulher a luta entre o dever cristão de perdoar e o dever policial de castigar o criminoso, maximé, o criminoso do próprio filho. Vence, porém, a Doutrina do perdão. Ela nega que o fugitivo esteja ali. A policia sai e ela cai ao supedaneo do oratório, rezando. Chega-lhe, então, o espírito do filho, recem-assassinado, e materializado, agradecendo-lhe, a dizer que se ela tinha sido mãe bôa na sua criação e educação, agora, com o seu ato de perdão, sublimava-se, santificava-se...

Fenômeno de materialização perfeito, de confissão insuspeitissima.

* * *

— O fenômeno está no Memórias do Século IX, de Lord Meath:

O bispo de Wilbesforce trabalhava em sua bibliotéca. Aparece-lhe um fantasma desconhecido que lhe diz ter sido o capelão privado de uma família antiga, residente naquêle castelo. E citou que, naquêle lugar, recebera, ha tempos, uma pobre mulher que lhe fôra confessar um pecado mortal, tão grande que não podia receber imediata absolvição. Êle escreveu a natureza do pecado, dizendo à mulher voltasse depois. E colocou o escrito entre as páginas de um livro. Morrera o padre aquela mesma noite. E o escrito ainda se encontrava tal como êle o pusera, dentro de um de seus livros, que ali estava, empoeirado, esquecido numa estante.

Fenômeno de materialização em pleno dia e entre pessoas para as quais *spiritus que vadit non redit.*

* * *

D. Viçoso, Bispo de Mariana, sentiu

profundamente a morte do conego Manoel Julio, seu grande amigo. Mormente por sentir que a presença de um morto, embora amigo e santo, causa sempre terror... (Menos aos que têm educação espiritística, dizemos nós).

— Felizmente, spiritus que vadit non redit, acudiu, confortando D. Viçoso, o Conego Rosario, que levara ao superior a notícia da morte do outro conego.

— Volta, sim. Volta quando Deus permite! consertou D. Viçoso.

E contou, sem subterfúgios:

— Quando eu era lente do Caraça, ali por 1921, aconteceu morrer um moço do Tejuco. O cadáver foi para a igreja, para a sentinela. A' noite, eu trabalhava no meu quarto, que ficava parede e meia com o quarto do superior, padre Rogerio.

Entre nove e dez horas, ouço bater à porta. Levantei-me e fui abri-la. Batiam, entretanto, no quarto do superior. Foi alguém que esteve conversando com o padre Rogerio. Pensei fôsse algum empregado a tratar de negocios e continuei meu trabalho.

Padre Rogerio procurou-me, então, perguntando:

— Ouviu bater na porta do meu quarto?

— Ouvi, sim, senhor. Pensei até que era no meu. Vendo que era no quarto do padre superior, fechei a porta.

— Sabe quem bateu? Foi o moço do Tejuco, cujo cadáver está exposto na capela. Eu estava escrevendo para a familia dêle uma carta, que vou mandar amanhã cedo, quando me apareceu. Disse-me «que, estando eu escrevendo para a familia dêle, vinha pedir-me a caridade de transmitir certas recomendações que mas ditou e eu escrevi. Depois retirou-se sem me deixar temor algum...»

Obra de anjo, ou de demônio, para a Igreja, que nega a comunicação dos Espíritos?

* * *

Nossa História está cheia de fenômenos espíritas interessantes.

Pudéra! Não fôsse o *Brasil, a Pátria do Evangelho!*

Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Caneca) vai morrer, condenado à morte pelo grave crime de sonhar, em 1817, com uma pátria livre.

Mas, o carrasco, o sentenciado Agostinho Vieira, negou-se a enforcar o padre.

Dois negros, também sentenciados, escusaram-se à execução da sentença, a despeito de espadeirados, surrados a coices de armas.

Frei Caneca foi, assim, arcabuzado, por não ter quem o quisesse, em nome da lei, executá-lo.

Contaram, então, os três candidatos a carrasco que viram perto do padre uma linda mulher, que a tomaram por Maria Santissima, que se opunha, a gestos serenos de mão, sorrindo para eles.

Isso passa por lenda.

E porque não podia ser verdade, uma expressiva intervenção espiritual?

Leopoldo Machado.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XXI

Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro, cujo conhecimento êles mesmos adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina.

Santo Agostinho

(Célebre doutor da igreja. Vide edição beneditina — tit. VI — cal. 527.)

XXII

Considero o aparecimento do Espiritismo como o acontecimento mais importante do século XIX.

Victor Hugo.

(Sábio, poeta e dramaturgo francês).

XXIII

Entrei numa casa de estudos espíritas, profundamente materialista, não crendo na existência depois da morte, e hoje digo simplesmente : *Creio. A demonstração foi-me feita por fórma a tirar mesmo, a possibilidade duma dúvida ! !*

Dr. Ricardo Hodgson.

(Grande físico inglês).

XXIV

Por sua elevação moral Jesus não precisava de intermediários, recebia diretamente a inspiração divina.

Assim, nós vemos que tudo no passado teve a sua razão de ser, tudo concorreu para o progresso da humanidade. Com o desenvolvimento da mentalidade humana e a luz que nos traz o Espiritismo, as trevas se dissiparão e a verdade surgirá brilhante, mostrando-nos que neste degredo, a que nos conduziram nossas faltas, nós nos agitamos e Deus por seus enviados nos conduz.

Francisco Raimundo Everton Quadros.

(Marechal do exercito brasileiro, autor das obras "*As manifestações do sentimento religioso atravez dos tempos*", "*Historia dos povos da antiguidade*" e "*Os astros*", jornalista e poliglóta. Foi o primeiro presidente da «Federação Espírita Brasileira», do Rio de Janeiro).

XXV

Quando se tem setenta e cinco anos, não se póde deixar de pensar algumas vezes na morte. Este pensamento me deixa perfeitamente calmo, porque tenho a firme convicção que o nosso espírito é uma essencia de natureza absolutamente indestrutível ; continúa a agir de eternidade em eternidade ; é como o sól que não desaparece senão para o nosso olho mortal ; na realidade, êle nunca desaparece e em sua marcha ilumina sempre.

Goethe.

(Um dos maiores genios, que a Alemanha tem produzido).

XXVI

Deus que nos lançou uns nos braços de outros, não ha-de separar-nos para sempre... Ver-nos-emos em uma outra vida ; onde os que sofreram nesta serão compensados; onde o que muito amou na terra retornará a encontrar as almas amadas num outro mundo sem lágrimas e sem morte.

Edmundo de Amicis.

(Em sua obra -- «Coração»).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano . .	50,00	Do 7.° ano . .	50,00	Do 8.° ano . .	50,00
Do 10.° ano . .	50,00	Do 11.° ano . .	60,00	Do 12.° ano . .	60,00
Do 13.° ano . .	60,00	Do 14.° ano . .	60,00	Do 15.° ano . .	70,00
Do 16.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	60,00	Do 18.° ano . .	60,00
Do 19.o ano . .	60,00	Do 20.° ano . .	60,00	Do 21.° ano . .	60,00
Do 22.° ano . .	60,00	Do 23 ° ano . .	60,00	Do 24.° ano . .	60,00

Astro Humano

Em visita, acha-se entre nós, para difusão de uma série de conferências de fundo espiritual o grande médium italiano Pietro Ubaldi, sábio de invulgar cultura.

Por estranho contraste vem êsse homem, humildemente simples da capital mundial da religião, onde as luxuosas magnificências eclesiásticas se confundem com a presunção e a vaidade.

E' o nosso visitante de excessiva modestia e de renúncia absoluta das coisas terrenas; pelo seu extraordinário saber retrata êsse erudito dos nossos tempos o Moisés dos remotos séculos.

Seria Pietro, pelas suas concepções científicas, religiosas e filosóficas o apóstolo S. Pedro encarnado, trazendo à Patria do Evangelho, nosso querido Brasil, a chave epistolar da salvação humana?

Por ventura, estaria Ubaldi designado pelo Onipotente para transformar o Planeta em Templo de compreensão e de luz irradiante da châma eterna do amor divino?

Em que escola celeste de alquimia e onde conseguiu o espírito dêsse estranho missionário amalgamar em um só blóco coêso e indestrutivel a ciência com o amor, a filosofia com a humildade e a religião com a simplicidade?

Nos seus escritos em três trilogias êle conseguiu o quimérico testemunhando o verdadeiro congraçamento da razão com a fé e tornando uno os planos material e espiritual. Tudo é apresentado em linguagem de máxima pureza e elevação que o homem assimila aliás com certa hesitação justamente pela assombrosa clareza com que Ubaldi expõe as coisas tidas como obscuras.

Traz-nos Pietro a solução exáta para todos os problemas, abrangendo seus volumes desde o mais ínfimo dos átomos que vivificam o cristal ao mais sublimado e puro amor de Deus, única razão de ser da incessável criação de Universos.

E' êle o sábio, sem par, algo melancólico e profundamente meditativo que concebe o ainda incompreendido Deus; fala com Jesus e habitualmente convive com os espíritos de luz. E'-lhe, por isso, penoso sacrifício viver na vestimenta carnal.

Quando integrado no corpo somático é para, solitário, escrever nas silenciosas madrugadas, as mensagens que suas antenas vão captar nas fontes sublimes do saber. Sintoniza-se, para isso, e ao seu bel prazer com as mais altas correntes cósmicas. Invulgar mediunidade e, quem sabe, única esta que tem o poder de escolher a onda e a potência vibratória que deseja.

Para que o humano pudesse ingressar no próximo terceiro milênio, conscio de ser uma centelha divina, redigiu o sábio italiano, mediunicamente, «A Grande Síntese» livro apontado pela imprensa mundial como devendo ocupar o segundo lugar, logo após a Biblia. Antecipou-se o autor anunciando a desintegração atômica, que só mais tarde, aliás, veio a ser descoberta. Apresentou novos conceitos filosóficos baseados na teoria da relatividade de Einstein o que, logo em seguida, foi comprovado por via matemática. As sentenças emitidas nêsse livro são assim profundas e variadas que causam assombro de como é possível um cérebro humano abordar temas tão diversos.

Isso, no entanto, não impediu que «A Grande Síntese», obra revolucionária do pensamento humano, fôsse condenada pelo Vaticano em 1939 e mandada inscrever no índice dos livros proibidos, sem nenhuma motivação a respeito, apesar das insistentes súplicas do seu autor.

Outros livros dêsse escritor estão sendo agora traduzidos em uma variedade de idiomas, inclusive o arabe.

Eis aí uma pequenina mostra da obra ubaldiana.

Recentemente transportou-se Pietro Ubaldi, via aérea, para a nossa Pátria em missão de esclarecer e amparar seus irmãos dêste continente. A espectativa dos que então o aguardavam no campo de aterrisagem foi, póde-se dizer, de deliciosa surprêsa: pois, quem vemos descer da escadaria do avião? — Uma criatura aparentando sessenta anos, tipo «homem do interior» em vestimenta domingueira. Porém, nos primeiros contactos com essa criatura bondosa e humilde, recebemos de Ubaldi vigorosa irradiação de simpatia e de imenso bem estar, envolvendo os presentes em fluídos de divina suavidade.

Se os olhos humanos pudessem perceber a brilhante recepção feita pelos espíritos, nossos irmãos do espaço, ficariam atônitos ante o deslumbramento festivo dêsse indescritivel áto social em homenagem a êsse astro humano que, do Alto, recebia as bôas vindas com uma chuva fluídica de pétalas de rosas e de amores-perfeitos. Êle bem que notou essa chuva de bençãos.

Informou-nos o professor sôbre as dificuldades que atravessa sua querida Itália. Contou-nos, algo constrangido, de sua necessária pobreza pessoal, chegando a declarar que a sua alimentação, lá na península, provinha do estoque que seus alunos lhe presentearam, por ocasião do último Natal.

Em recente palestra com Ubaldi pudemos verificar que em oito dias apenas, aprendeu êle, de modo surpreendente, a língua portuguêsa. Agora faz as suas conferências em nosso idioma e com ótima dicção.

Vejamos o que escreveu essa nobre alma a um seu amigo no estrangeiro: «A bondade que em outros países se mede pelo padrão centímetro, aquí no Brasil é medida por quilometros».

Quem estabelece contacto pessoal com êste grande amigo da humanidade sente-se entristecido ao separar-se de tão valiosa amisade. E' justo pois, que roguemos ao Pai conserve entre nós por muito tempo ainda, êste benemérito e iluminado missionário.

Que o nosso amplexo de simpatia e gratidão seja para Pietro Ubaldi tão grande quanto o abraço do Cristo do Corcovado.

Major Levino Cornelio Wischral.

Conhece-te a ti mesmo

A oração de Sócrates, virtuoso sábio grego, «conhece-te a ti mesmo» (Nosce te ipsum), encerra maravilhosos ensinamentos a todo homem dotado de bôa vontade e sinceridade que se proponha a galgar o cimo da espiritualidade superior.

E' a chave para o aperfeiçoamento moral. Aliás, Jesus com palavras diferentes e de significado mais extensivo convidou-nos a nos examinarmos, quando disse: «E por que vês tu uma arésta no olho do teu irmão, e não reparas na trave que tens no teu olho? Ou, como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do teu olho uma arésta, quando tu tens no teu uma trave? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como has de tirar a arésta do olho de teu irmão». (Mat. 7, 3-5).

Como em todos os seus ensinamentos, foi o Mestre mais profundo, pois que nos indicou, além da necessidade de nos conhecermos, a preocupação do homem em observar os defeitos apenas no seu semelhante, esquecendo-se de que também não é perfeito.

Nós somos assim. Estamos sempre prontos para atirar a primeira pedra, até que nos mostrem a mesma falta em nós mesmos.

Então perguntamos: por que o homem não observa os seus defeitos, quando vê tão bem os de seus semelhantes? Por que não procura o homem conhecer-se a si mesmo, quando sabemos que o aperfeiçoamento moral caminha de dentro para fóra?

Parece-nos que por dois motivos fundamentais:

— o primeiro é porque procuramos ver apenas com os olhos do corpo, colocando-nos num plano de falsa superioridade, examinando o mundo exterior, esquecidos do nosso mundo interior. Cada um de nós vemos e observamos a Vida ou o próximo de acôrdo com o aferidor que somos nós mesmos.

Então vemos todos os defeitos de fóra, isto é, dos outros, ignorando ou fingindo ignorar os que estão dentro de nós. A nós que assim procedemos, se fôsse possível vermos num espelho, não a nossa máscara carnal, mas o nosso retrato psiquico, isto é, nosso corpo perispirital, poder-se-ia dar o caso de nos sentirmos horrorisados ante a visão real. Quantos belos rostos não se veriam à semelhança do «retrato de Dorian Grey».

— o segundo motivo porque assim procedemos é o medo ou a covardia que temos de encarar nossas mazelas íntimas Procurando o caminho que nos parece mais fácil, a estrada larga de que nos fala Jesus, jogamos para um canto do cérebro, afim de deixar no esquecimento, todo ato mau, confiando no tempo a sua extinção. Mais uma vez nos esquecemos do Mestre quando nos ensinou, ao dar a missão aos apóstolos: «Nada há encoberto que se não venha a descobrir; nem oculto, que se não venha a saber». (Mat. 10,26).

Tantas cousas erradas vamos depositando nêsse canto do cérebro ou, como se diz em psicanálise, no subconsciênte, como se houvesse nessa maravilhosa séde da inteligência, do Espírito, um cesto para lixo, até que um dia, saturado de tão mau conteúdo, opera-se no subconsciênte uma reação igual e em sentido contrário ás ações passadas, trazendo à tona todo o material que julgávamos extinto, à semelhança do estômago que, cheio de alimentos indigestos, em convulsões, lança para fóra aquilo que não deveria estar dentro, afim de que cesse o mal-estar físico. Conclúe-se que também não haverá saúde mental, paz espiritual, enquanto houver erros ocultados de nós mesmos.

E' preciso que o homem não ignore que no altar de cada consciência há um mundo regido por leis divinas que não podem ser transgredidas sem dôres profundas; que na consciência de cada homem funciona o mais perfeito tribunal, inapreciável à inteligência humana, por ser uma centelha divina com elevados atributos de justiça, bondade, inteligência e perfeição em potencial, cujo polimento se efetua através da evolução mental ou espiritual; que há nêsse tribunal sagrado vozes que acusam, vozes que defendem e vozes que julgam os nossos atos; que todo julgamento imperfeito constitúe tentativa de suborno, fuga à verdade, ruptura de equilíbrio, em palavras mais claras: dôres, muitas dôres, que sómente serão estancadas com a justa revisão do processo, isto é, com a vitória da justiça e da bondade. A derradeira vitória sempre será do bem e da verdade, pois o destino das creaturas é subir e não descer.

Irmãos que me ouvis! Pensemos o mais cedo possível no «conhece-te a ti mesmo». Tenhamos a coragem de enfrentar nossos erros—a causa de nossas dôres—num exame sereno de nossa consciência, de nossa vida.

Querer que cessem os efeitos sem atacar as causas é absurdo, é desenvolver a mentalidade de milagres, é ignorar que as leis morais são leis tão científicas como as leis da química, da física e de todas as ciências naturais.

Não devemos ter a pretenção de revogar as leis divinas, mas sim de nos colocarmos em sintonia com elas para obtermos a felicidade, que nada mais é que uma consciência tranquila.

Se sofreis, indagai das causas. Toda doença é efeito, cuja causa reside na desobediência de leis morais, comumente pelo abuso. A doença é da alma e não do corpo; existe porque a sua função para o desenvolvimento moral corresponde à do livro para o desenvolvimento intelectual. A lepra carnal de hoje é o efeito da lepra moral de ontem. Aplicando êsse raciocínio, poderemos descobrir as causas de outras moléstias. Pensar de outra maneira seria duvidar, ou melhor, negar a justiça divina.

Ninguém sofre sem dever.

Assim como nos tribunais terrenos se estudam os antecedentes do réu, também se acha latente no tribunal sagrado de nossa consciência a contabilidade do «deve» e «haver», razão pela qual Jesus, bondosamente, nos ensinou a procurarmos o «superavit» dizendo, no sermão da montanha:

«E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles». (Mat. 7,12).

Todo mal praticado figura no «deve» e, nas partes em «deficit», estaremos enquadrados na «lei do retorno» ou «lei de consequências». Nestes casos, não devemos ignorar que os efeitos são proporcionais ás causas, razão pela qual póde uma criatura sofrer seguidamente muitos meses ou anos, uma existência toda ou em mais de uma encarnação. Assim poderemos entender Jesus, quando disse:

«Em verdade te digo, que não sairás de lá enquanto não pagares o último ceitil». (Mat. 5,26).

Se realmente desejamos conhecer a nós mesmos, vejamos qual, dentre todas, a principal falha a atacar, a que mais denuncia nossa inferioridade.

Consultando Allan Kardec em «O Livro dos Espiritos» — obra através da qual se acha codificada a filosofia espiritualista, pergunta o missionário:

«Dentre os vícios, qual o que se póde considerar radical?»

A resposta é a seguinte:

«Temô-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-lo, enquanto não atacardes o mal pela raiz e não lhe houverdes destruído a causa. Tendam, pois, todos os esforços para essa causa, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Êle neutraliza todas as outras qualidades».

Dêsse ensinamento concluimos que a árvore do mal tem como tronco o egoísmo e as outras falhas morais formam os galhos que, embora cortados, podem crescer de novo.

De outro lado, jamais poderemos nos conhecer se não aplicarmos o princípio que orientou a inteligência humana à descoberta de todas as leis científicas conhecidas, isto é, conhecer primeiro os efeitos para, através da observação e da experimentação, chegar-se ás causas. Assim, para nos conhecermos, é necessário que primeiramente conheçamos nossos atos, nossas obras: se praticamos maldade — somos maus; se tratamos com bondade e justiça nosso semelhante — somos bons e justos; se roubamos—somos ladrões; se assistimos aos necessitados—sómos caridosos, e assim por diante.

Êsse ensinamento acha-se sintetizado nas seguintes palavras de Jesus, mostrando-nos os falsos profetas:

«Assim, toda árvore bôa dá bons frutos, porém, a árvore má dá maus frutos. Uma árvore bôa não póde dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. Logo, pelos frutos os conhecereis». (Mat. 7, 17-20).

Ao finalizar, lembremo-nos de que é fundamental colocarmos, através do esfôrço próprio, nossa consciência em paz, em harmonia com os desígnios divinos, paz que não custa nem um real, mas que não há dinheiro no mundo que a compre, pois a verdadeira e imorredoura felicidade só é adquirida pelo padrão luz. As portas do céu não se abrem a pêso de ouro, porque Deus é Criador do Cosmos e Pai das criaturas e não comerciante.

E, aquêle que vencer a si próprio, terá conquistado uma vitória tão significativa que não póde ser comparada ás maiores vitórias dos maiores generais, na feliz expressão de Emmanuel.

Genésio Nitrini.

(Palestra pronunciada na «Hora Espiritual» da Rádio Tupi, no dia 26 de Novembro de 1950).

Confirmando a Teoria Espírita

Por M. LEMOINE *(Tradução de Haydi de Thebelen)*

NO tempo de Allan Kardec quasi todos os fenômenos psíquicos supranormais podiam ser considerados como provenientes da intervenção dos espíritos, e não é sem razão que desde a «Odisseia», de Homero, até à «Atalá», de Racine, a literatura nos dá numerosos exemplos de fenômenos espíritas.

Todo o enredo do «Hamlet», de Shakespeare repousa sôbre a aparição dum fantasma. O rei defunto aparecendo a seu filho, a quem reclama vingança.

Êste drama, em que o gênio de Shakespeare magnificamente se manifestou, leva-nos a compará-lo com um facto espírita ocorrido antes da última Guerra Mundial e no qual, é protagonista um pastor grego, cujo falecimento provocou suspeitas, e motivou a prisão de dois inocentes, e que depois revelou o nome do seu assassino!

O que foi o sonho de «Atalá», essa obra-prima do imortal Racine, senão um sonho premonitório, em que o espírito duma morta tem o papel principal?

«Ma mère Jézabel devant moi s'est montrée,
Comme au jour dessa mort pompeusement parée :
Ses malheurs n'avaient point abattu sa fierté ;
Même elle avait encor cet éclat emprunté
Dont elle eut soin de peindre et d'orner sou visagé
Pour réparer des ans d'irréparable outrage,
«Tremble, m'a-t-elle dit, fille digne de moi,
Le cruel Dieu des Juifs l'emport aussi sur toi».

Quer seja Shakespeare no «Hamlet» ou «Macbeth», Corneille em «Poliento», com o sonho de Paulina, Racine na «Athalie», os maiores nomes da literatura não esperaram pelo século XIX para introduzir nas suas mais belas obras, como uma inegável realidade, a possibilidade das comunicações entre êste mundo... e o outro.

Bem sabemos que há sessenta anos se formou uma escola que, se bem que admitindo os fenômenos supra-normais, entendeu atribuí-los unicamente ás extraordinárias faculdades de certas pessoas vivas:—é a escola dos metapsiquistas. Esqueceu-se ou simula ela esquecer-se muita vez que o contacto com o conhecimento do supranormal, indica êle próprio a sua origem, que, semelhante à frase de Victor Hugo sôbre a calúnia, que vem muito a propósito citar aquí:—«Eu saio do espírito de Fulano, e êle é um morto que vem fazer-se lembrar ás nossas recordações».

Longe de mim a idéia de negar à metapsíquica o seu real valor.

Escrevi, já lá vão trinta anos, na «Revista Científica e Moral do Espiritismo», de Gabriel Delanne — «Se a metapsíquica não existisse, tinha de se inventar».

Indubitavelmente que há fenômenos supranormais como a psicometria ou visão através dos corpos opacos, que parecem constantemente indicar que eles se produzem sem a intervenção dos espíritos.

Mas que em nome da ciência os metapsiquistas entendam anexar os factos que proclamam a sua origem espírita é uma tendência anti-científica contra a qual me insurjo. Nenhuma das suas teorias justifica o aspecto que então toma o fenômeno, e por consequência nenhuma delas póde pretender dar explicações acerca do seu valor.

No seu belo livro «A Sobrevivência Humana», livro que todos os espíritas deviam conhecer, o grande físico inglês Oliver Lodge, uma das glórias do Espiritismo, apresentou a hipótese dum registo cinematográfico, à medida que eles se fossem desenrolando. Demonstrou que se póde obter explicações satisfatórias acerca de acontecimentos supranormais do passado, incluindo mesmo os retratos morais dos desencarnados.

Mas esta engenhosa concepção não explica os factos premonitórios, nem os casos de persistência da personalidade para além da morte, nem os exemplos de atividade póstuma das pessoas falecidas. Devido à sua própria natureza nenhuma teoria metapsíquica nos póde dar a explicação satisfatória da sobrevivência da personalidade dum morto, ou da sua atividade póstuma.

Como poderia a metapsíquica explicar esses fenômenos, se a sua teoria entende atribuir ás faculdades dos vivos o que nós atribuimos aos mórtos?

Por consequência, é na descoberta dos casos de atividade póstuma ou de persistência de personalidade, que se encontra a prova irrefutável da sobrevivência, e são os casos dêste gênero, que vos quero recordar, ou dar-vos a conhecer.

I — Depois da morte de Dante Alighieri em 1321, verificou-se que os treze últimos cantos da sua imortal obra-prima, a «Divina Comédia», tinham desaparecido. Procuraram-nos inultimente durante oito meses, e já tinham renunciado a todos as esperanças de os encontrar, quando Jacopo, filho mais velho do poeta, viu em sonho seu pai todo vestido de branco. Jacopo perguntou-lhe se êle ainda vivia».

—«Sim! respondeu-lhe o poeta, mas vivo a verdadeira vida, e não a vossa!» Então o filho perguntou-lhe pelos treze cantos que faltavam. Pareceu-lhe que seu pai o levava para o quarto onde êle dormia, e batendo em certo sítio da parede disse-lhe: — «Eis o lugar aonde se encontra o que há tanto tempo procurais».

Quando Jacopo acordou foi a casa de Pietro Girardino, amigo de Dante, e contou-lhe o seu sonho e eles resolveram dirigir-se à antiga residência do poeta. Deslocaram uma esteira pregada na parede, e que ocultava um esconderijo, de todos ignorado. Encontraram-lhe vários papeis entre os quais os treze últimos cantos da «Divina Comédia».

O escritor Boccacio, que ainda vivia quando Dante faleceu, soube dêste acontecimento por Pietro Girardino que foi a testemunha ocular dêsse facto, e foi o próprio Boccacio que o relatou na sua «Vida de Dante Alighieri».

II — Duma velha obra, «O Gênio de Petrarca», editada em Parma, em 1778, e que encontrei em casa de meus pais, extraio (da pag. 94) estas linhas:

«O abade de Gombez, Jacques Colonne, estava na sua diocese quando Petrarca foi coroado em Parma, pelos seus poemas. Petrarca que era seu amigo viu em sonho o prelado a quem perguntou: —Aonde ides?—«Volto para Roma», respondeu-lhe o sacerdote. Eu acompanho-vos disse Petrarca. O arcebispo impelindo-o brandamente, replicou-lhe: — «Não! ainda não é tempo». Notei que a sua fisionomia tinha a palidez da morte... Soltei um grito que me acordou. Marquei essa data, e escrevi o sonho a amigos meus, e soube por fim que Jacques Colonne tinha morrido precisamente no dia em que apareceu em sonho.

Petrarca não era supersticioso; este caso singular não o tornou mais crédulo do que Cícero, pelo facto de ter tido um sonho que se realizou.

Na página 156, da mesma obra, encontrei o relato dum outro sonho. Sabe-se que Petrarca amou apaixonadamente uma mulher, Laura de Noves, que êle imortalizou nos seus poemas. Laura vivia em Avignon, onde morreu bruscamente, vitimada pela peste, em abril de 1348.

No principio de 1348, diz-nos a mesma obra, estando Petrarca em Verona, teve um estranho sonho. Viu uma mulher duma rara beleza que ao mesmo tempo que suspirava, lhe estendia a mão, e lhe perguntava — «Reconheceis-me? —. Sim! respondeu Petrarca, como poderia eu não reconhecer Laura? Tranquilisai o meu coração apaixonado. Dizei-me se ainda viveis. — Já não vivo na Terra — replicou lhe ela, e, ao morrer, a saudade que senti, foi a de ter de vos deixar».

— Ah! Laura! exclamou Petrarca, em nome do meu amor e da minha fidelidade esclarecei uma dúvida que me atormenta: eu tinha a felicidade de ser amado por vós? A vossa meiga austeridade, as vossas ternas côleras, os vossos leves favores, tudo isso mantinha a minha alma numa incerteza. Laura sorriu. «O meu coração pertence-vos; mas eu desconfiava dos vossos juramentos, e desconfiava de mim mesma. A cólera brilhava nos meus olhos, e o amor ardia no meu coração. Vós descobrieis a vossa chama amorosa, e eu ocultava a minha; eis a diferença. «Ah! Laura! interrompeu Petrarca, amais-me, nada mais desejo na Terra». O fantasma desapareceu, e Petrarca despertou.

Laura de Noves morreu no dia antecedente a este sonho, conforme o soube Petrarca dias depois, por uma carta enviada por um dos seus amigos de Avignon.

Laura foi subitamente arrebatada pela peste negra, em Avignon, aos quarenta e dois anos. Se esta idade já não lhe permitia ter a frescura da juventude, dava-lhe ainda o esplendor duma radiosa beleza.

Creio que não constitue falta de respeito para com o poeta, se pensarmos que o talento de Petrarca tivesse poetizado o seu sonho, e talvez mesmo embelezado o diálogo com a sua bem-amada, de quem até então êle tinha ignorado os sentimentos a seu respeito. Injúria seria sequer supor, que o grande poeta tivesse inventado o sonho com todos os seus impressionantes detalhes, anunciando-lhes uma morte imprevista que o deixaria inconsolável, e esquecer que Petrarca já tinha tido um outro sonho da mesma natureza.

Laura casou aos vinte anos com o Marquês Hugo de Sade, e foi quando Petrarca a viu pela primeira vez. Apesar de seus deveres de esposa, e em breve de mãe, ela não repeliu os suspiros do homem que mais tarde imortalizaria a sua beleza. Nada lhe concedeu, e nada lhe prometia; evitava os encontros a sós, mas não os vulgares e quando Petrarca procurou em vão nas viagens um remédio para a paixão em que talvez fosse compreendido, Laura censurava-lhe meigamente ter deixado a cidade onde para sempre ela tinha fixado residência. Esta espécie de galanteio virtuoso que ela conservou até a morte, e que para sempre prendeu o coração do poeta, e talvez mesmo que o seu sonho premonitório, tivesse contribuido para que Petrarca fosse o homem dum só e único amor. Foi-lhe tão fiél na saudade, quanto em vida tinha sido fiél à sua beleza.

Petrarca teve na sua vida dois grandes afetos: o seu melhor amigo, Jacques Colonne, ao qual prestou relevantes serviços, e a bela Laura. Teve conhecimento da morte de ambos da mesma surpreendente maneira. Não era médium, e parece que nunca mais teve nenhum sonho mediúnico.

Sôbre o ponto de vista da explicação dos factos, esta constatação não deixa de ter o seu valor.

III — Um caso de atividade póstuma foi conhecido em sonho e verificado pelo Dr. Tanagras, Presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos helénicos, que o publicou no número de Novembro de 1937, da «Psychica», e que transcrevemos:

«Em 28 de Outubro de 1923, foi encontrado morto num sítio chamado Kapoutsidés, o cadáver dum pastor, guardado pelos seus quatros cães. As suspeitas cairam sôbre dois indivíduos, que foram presos. Alguns dias depois, o irmão da vítima sonhou que viu o morto coberto de sangue, dizendo-lhe: — Não foram aqueles que prenderam que me mataram; foi Servos com um pastor, e roubaram-me vinte napoleões que tinha comigo. Mas ainda levará algum tempo até que eles estejam curados das dentadas que lhe deram os meus cães».

O irmão comunicou êste sonho ao juiz de instrução, que mandou prender o homem acusado pelo morto, e com surprêsa ouviu-o confessar o seu crime.

(Continua).

«Revista de Metapsicologia»

Ainda o Pensamento

«O pensamento é vibração e se transmite por onda, que só excita as vibrações das ondas afins». — (A GRANDE SÍNTESE).

Não é por outra razão que os Espíritos de luz tanto insistem sôbre a necessidade de policiarmos com o cuidado máximo a nossa mente; ela é uma poderosa estação emissora-receptora que sempre atrae para recepção ondas da mesma natureza daquelas que emite.

Os pensamentos puros, luminosos, claros, bons, são vibrações que provocam a recepção de ondas afins, da mesma natureza e que condensam em tôrno de nós essa delicada atmosféra de bem estar e de felicidade que nos invade o coração sempre que mantemos nossa mente em alto padrão vibratório, particularmente quando oramos ou quando entramos em sintonia com os luminosos Arautos da Bondade Divina.

A Espiritualidade Superior é manancial inesgostável de bençãos, um imenso repositório das mais puras e elevadas vibrações de luz, de amôr e de bondade.

Está sempre à vossa disposição («Buscai e achareis») mas só podereis dessedentar-vos se puserdes vossa mente em sintonia com o grande mandamento da Caridade.

Se os pesados grilhões do ódio ou do ressentimento turvam vosso coração, a mente só poderá emitir pesadas e escuras vibrações; se o pensamento maldoso se dirige contra alguém provoca nêle violenta reação psìquica, desde que êsse alguém ainda não tenha aprendido a defender-se contra o ataque de tão insidioso quão pérfido inimigo.

Mas sempre e em qualquer circunstância, um mau pensamento, ainda que não provoque o revide daquêle contra quem se dirige, provoca as ondas afins que, em número infinito, se espalham pelo Espaço emitidas por bilhões de mentes dos infelizes que perambulam, desesperados, pela terra como pelo Espaço.

A cada momento, portanto, tendes ao vosso dispor dois imensos reservatórios: um constituido de todos os detritos mentais produzidos pelas mais soezes vibrações do ódio, da inveja, da ambição, da cobiça; outro, tecido de suaves vibrações de luz, de paz, de amôr, concórdia e de harmonia.

O primeiro sobe das trevas que a milenar maldade teceu e onde tantos e tantos irmãos infelizes se aprisionam por séculos e séculos.

O segundo desce do Alto, dos harmoniosos páramos celestiais, habitação de Deus e moradia dos benditos Espíritos de luz e bondade.

Vibrai, pois, sempre e invariavelmente, de sorte a sintonizar com as refulgentes claridades que descem do Alto como o suave rocio do Senhor e como o bálsamo que Jesus oferece a todos os que buscam.

E de cima, se assim fizerdes, descerá sempre uma suave onda de consolação e de Espiritualidade que há de fazer vossas dôres menos agudas, vossos sofrimentos menos angustiosos e que acenderá em vosso coração a radiosa luz da linda Esperança, que nem mesmo os vendavais da vida conseguem apagar.

Que maravilhosos tesouros põe Deus à vossa disposição para a triste jornada de redenção e como são poucos aqueles que querem e sabem beber dessa maravilhosa fonte!

Que Deus a todos nos inspire para que jamais nos desviemos do caminho do Dever, afim de que nunca nos falte a água da Vida.

Amem, em nome de Jesus, nosso bem-amado Mestre e Amigo.

(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller ao médium P. L.)

Rio de Janeiro, em 12 de Fevereiro de 1951.

Crônica Estrangeira

Revista Espírita

ANCONA, Itália, 11 (Ro) — Uma nova revista será posta em circulação brevemente na Itália, com um corpo de redatores integrados por oito vivos e oito mortos.

O Organizador da original publicação, professor Giugappe Stoppoloni, da Universidade de Camarino, anunciou que os artigos principais da revista serão escritos, alternadamente, pelos redatores vivos e pelos espíritos dos mortos, inclusive Shakespeare, Milton, Dante e Roosevelt.

A revista, que se chamará «Aurora» será órgão de um amplo movimento espírita na area de Ancona, que vem dividindo a população local em duas facções.

«O espiritismo é obra do diabo», exclamou, furioso, o bispo de Ancona, monsenhor Mario Biggminil escrevendo na revista católica de Ancona. «As sessões devem ser proibidas», acrescentou.

Os espíritas, declarando que seu trabalho os conduz para mais perto de Deus, anunciaram que as sessões continuariam.

Os espíritas fizeram realizar recentemente uma Conferência Internacional do Espiritismo, à qual compareceram delegados vivos e fantasmas. Presidiu-a o prof. Stoppoloni, tendo sido a vice-presidência exercida por um espírito. Os delegados do Além ocuparam várias vezes o microfone, tendo revelado «grande erudição», segundo seus colegas cá da terra.

*

Vi!

«Revista de Metapsicologia» — Lisboa

Por M. C. S.

O facto passou-se há poucos dias, nesta cidade de Lisboa. O protagonista, longe de ser espírita, longe de acreditar na sobrevivência da alma, era, antes — não sabemos se continuará a sê-lo nêste momento — profundo materialista. Trabalhador honesto, com idéias próprias, tinha, para si, que a morte era um ponto final na vida humana. Não revelamos, por enquanto, o seu nome, porque não estamos autorizados a fazê-lo, muito embora ao descrever-nos o que lhe havia sucedido, o protagonista declarasse estar pronto a narrar o acontecimento na presença de quem quer que fôsse. O autor destas linhas, pois, põe-se à disposição do leitor incrédulo que queira certificar-se.

Narremos o caso:

De há longos dias que o espírito do nosso protagonista vinha sendo torturado com um delicado problema de honra —. Em sua casa, a aflição da família era enorme.

Em determinada e recente noite, deitou-se, não podendo reconciliar-se com o sono. O seu pensamento povoava-se de idéias sombrias, pretendendo arrastá-lo para soluções extremas.

De repente, sentado na sua cama e mergulhado no seu desespero, viu que um homem se erguia junto do leito, cabeça acima da sua, sôbre êle se debruçando e com o braço direito o envolvendo, a dizer-lhe em clara linguagem do seu gesto:

— Coragem! Alguém vela por ti.

Surprêso, não compreendendo o que se passava, ergueu os olhos para ver a face do estranho personagem, visto que se não tratou duma visão fugidia.

E o protagonista poude observar que a figura estranha e protetora lhe virou a nuca, escondendo a face, diluindo-se e deixando o quarto, perante os olhos abismados do Irmão em causa.

Êle, porém, julgou reconhecer seu padrasto, que o estimou e lhe queria como pai e que há muito faleceu.

Uma nova confiança começou a invadi-lo. No dia imediato recebeu a consolação da visita materna, que estava longe de esperar; e o delicado problema da sua vida começou a suavisar-se, até à solução desejada.

Ao despedir-me dêle, em plena rua, o protagonista falou-me assim:

— Tinha os olhos bem abertos. Vi! Sou capaz de o dizer na praça pública!

⁂

Não é medo; não é dúvida; é uma coisa estranha...

No Algarve fui, uma vez, com um amigo rijo como uma pedra, valente como um leão, que troçava dos que acreditavam em alma do outro mundo, velar um cadáver de um outro amigo.

O quarto mortuário era estreito e escuro. Em dado momento, apenas os dois estávamos de vela ao pobre defunto. A família fôra descansar, e só no outo extremo do edifcio três ou quatro pessoas conversavam ou dormiam.

Por minha vez, resolvi ir fumar um cigarro para o aposento afastado onde estavam as três ou quatro pessoas que conversavam ou dormiam, e disse ao meu amigo:

— Fica aí um bocadinho, que eu volto já... Pareceu anuir à minha proposta. Saí...

Saí mas, passados dez minutos, se tanto, o meu amigo valente como um leão e trocista como poucos, veio ter comigo. Disse-lhe:

— Então deixas-te o pobre sózinho?!

Resposta exata:

— O quarto é muito escuro e muito sózinho; mete pavor! Pareceu-me vê-lo mexer...

— Essa agora!!! disse-lhe eu, em voz baixa.

Tu que *tens a certeza* de que os mortos não voltam, que troças de quem acredita em almas do outro Mundo, duvidas, apavoras-te, tens medo do pobre morto, frio e quêdo como uma pedra?!

Com voz confusa, que mal podia disfarçar, teve ainda coragem para me dizer:

— Enganas-te! Não é dúvida, não é medo! E' uma coisa estranha, que ninguém explica...

E' nestas coisas estranhas que morrem *certas certezas*, digo eu...

⁂

O momento é que faz as convicções...

Estive nas trincheiras da Flandres, na guerra de 14-18, com um camarada que, em Portugal, sempre eu conhecera como ateu e avesso a tudo quanto lhe cheirasse a divindade.

Em certa noite, como em tantas sucedeu, os alemães começaram a bombardear a 1.ª linha, onde nos encontrávamos, com granadas e morteiros.

O rebentar dos foguetões que iluminavam o campo, a trovoada da artilharia, o estampido aterrador dos morteiros pesados e o matraquear das metralhadoras varrendo a *terra de ninguém*, faziam das linhas um verdadeiro inferno.

A pé firme, como não podia deixar de ser naqueles tempos, aguardavamos o desenrolar dos aconrecimentos, pois que à primeira linha cabia aguentar e aguardar ordens...

Nisto, ouço do meu aludido camarada êste desabafo:

— Valha-nos Deus! A nossa artilharia demora na resposta...

Olhei-o, e tentei gracejar, com pouca vontade:

— Mudaste de opinião?! Acreditas em Deus?!

— Eu te digo—respondeu-me ele—: Penso que o momento é que faz as convicções!..

⁂

Conversando com os seus botões...

Na vizinha vila do Seixal existe uma casa assombrada, cujos moradores já se habituaram ao abrir súbito das portas, aos passos ressoando na escada ou nos aposentos, aos gemidos, etc.

Certo dia a família que mora na referida casa recebeu a visita dum cavalheiro, que lá teve de pernoitar. Casa modesta, deram-lhe um leito asseado num pequeno sotão, com mesinha de cabeceira e vela na «palmatória» — para a leitura da noite.

Logo que se deitou, vela acesa, regaladamente encetou a leitura, enquanto o sono não chegava.

Pouco tempo depois, sentiu passos na escada de madeira que dava para o sotão.

— Quem será? Pensou... Alguém da casa certamente. E ficou-se a aguardar...

...Quando os passos chegaram aos últimos degraus fez-se um curto silêncio, êle suspendeu a leitura, olhou, não viu ninguém e ficou, naturalmente, intrigado... Ficou intrigado e dispunha-se novamente a ler, quando sentiu um sopro que apagou a vela e lhe tocou o rosto. O sangue arrefeceu-lhe nas veias mas acendeu um fósforo, espreitou para a escada e, não vendo novamente ninguém, forçou a coragem, voltou a acender a vela e pegou no livro, para continuar a leitura. Nisto, um sopro mais forte insiste: apaga-lhe a luz e movimenta-lhe as páginas do livro.

Não pôde mais. Vestiu-se também como pôde e como pôde desceu a escada e foi para a rua conversar com os seus botões...

⁂

O mais cômodo...

Em notícia de Paris disseram os jornais de 28 de Janeiro findo, que numa quinta perto de Saint Prejet Armandin, no sul da França, se passam casos supranormais, como êste: Uma entidade ou entidades que ninguém vê e que a polícia não consegue descobrir, entram na casa e no redil do Caseiro Jean Jourd, tosquiam-lhe as ovelhas, atiram-lhe objectos que caem nos aposentos sem se saber por onde entram nem de onde vêm, e cometeram esta audácia inaudita: num dia em que o Caseiro e sua mulher, já assustados com o que lhes acontecia, deliberaram saír, pregando portas e janelas e barricando com tábuas o ventilador da cave, sem destruir nenhuma das defesas construídas pelos moradores, e sem bolir nos tectos, revolveram todo o recheio da moradia, espalhando roupas, louças, mobiliário, etc.

Alguns jornalistas que publicaram a notícia, riram em tom chocarreiro.

...E' o mais cômodo. Isto de pensar um pouco e procurar uma explicação séria, para as coisas, é uma maçada!

⁂

O Espiritismo na Inglaterra

O Parlamento inglês acaba de aprovar, por unanimidade, a revogação da lei antiquada que proibia as práticas espíritas e confundia os verdadeiros médiuns com os vulgares charlatães. Doravante, na Gran-Bretanha os verdadeiros médiuns têm a proteção oficial e as práticas espíritas são livres. Todos os jornais trouxeram a notícia da aprovação do referido Decreto, a que *Revista de Metapsicologia* fez referência no seu número de Janeiro, último, a propósito da sua apresentação na Câmara dos Comuns.

Simultâneamente ciência experimental, filosofia e moral, o Espiritismo traz-nos uma concepção geral do mundo e da vida, baseada na razão, no estudo dos factos e das causas, concepção mais vasta, mais esclarecida, mais completa que aquelas que a precederam.

O Espiritismo abre novas vias à humanidade. De todos os sistemas é o único que fornece a prova objetiva da sobrevivência do sêr. Perpetuidade da vida, solidariedade eterna das gerações, justiça, igualdade, ascenção e progresso para todos, tais são os princípios da nova fé e estes princípios apoiam-se no granito do método experimental.

LEON DENIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Pietro Ubaldi no Brasil

Anciosamente esperado pelos circulos espíritas do País, deveria chegar a 15 de Julho último o Prof. Pietro Ubaldi, autor de «A Grande Síntese» e de inúmeras obras já conhecidas em diversos recantos do planeta. Todavia, o ilustre pensador, filósofo e cientista italiano, sómente a 22 aportou ao Rio de Janeiro, sendo festivamente recebido pela «Comissão Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil». Desde o momento que pisou o sólo, o admirável discípulo do Senhor, tem conquistado os corações de quantos se aproximam de sua alma simples, afetiva e enternecedora. Após permanecer uns dias na Capital da República e de ter visitado a Federação Espírita Brasileira, onde foi acolhido fraternalmente, dirigiu-se Ubaldi à cidade de Campos, Estado do Rio, para se aclimatar e descansar, ao lado do Prof. Clovis Tavares, Diretor da «Escola Jesus Cristo» naquela cidade, inclusive para um maior contacto com o nosso idioma.

No dia 30 de Julho, sempre acompanhado do Prof. Clovis Tavares e Batista Lino, Diretor da LAKE-Editora, chegava à Capital Paulista.

De 1 a 3 de Agosto visitou oficialmente a Assembléia Legislativa do Estado, sendo recebido por uma comissão de Deputados nomeados pelo Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Dr. Diogenes Ribeiro de Lima. Introduzido no plenário, o Sr. Presidente convidou-o a tomar assento a seu lado, sendo em seguida saudado em nome da casa, pelo Exmo. Sr. Deputado Dr. Cid Franco. Em seguida, o Prof. Ubaldi respondeu à saudação e depois de agradáveis minutos de palestra com inumeros deputados, deixava o recinto sob intensa salva de palmas de todos os presentes, inclusive da numerosa assistência. Nos seguintes dias, o Prof. Ubaldi, sempre acompanhado pelos membros da Comissão, esteve em visita de cordialidade no Palácio dos Campos Eliseos, sendo recebido com toda a simpatia pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. e Prof. Lucas Nogueira Garcez, com quem manteve longa e amistosa palestra. A visita ao Exmo. Sr. Dr. Ernesto Leme, Reitor da Universidade de S. Paulo, também foi admirável, onde as manifestações se sucederam, em sequência ás anteriores. O ilustre visitante está comovidissimo por tudo quanto tem recebido na Pátria do Evangelho. Na noite de 4, finalmente, deu-se a primeira apresentação de Ubaldi ao público espírita e espiritualista da Capital, no salão nobre da «Comunhão do Pensamento». Uma assistência numerosa superlotou o grande auditórium. Presidiu a reunião, o Exmo. Sr. Dr. Murilo Mattos Faria, D. D. Juiz Corregedor do Tribunal de Justiça da Capital, mais os diversos representantes oficiais das altas autoridades do Estado.

Na manhã do dia 5, ocupou o microfone da Radio Tupi, na Hora Espiritual mantida pela Liga Espírita do Estado, fazendo uma saudação aos espíritas da capital e do País. Em-seguida, esteve em visita à Aula Dominical na séde da Federação Espírita do Estado. Casa completa. Vinicius cedeu a palavra ao Prof. Ubaldi e Prof. Clovis Tavares.

Na noite do dia 6, no Teatro Municipal, realizou Ubaldi a sua anunciada conferência: «O Atual Momento Histórico e a Nova Civilização do Terceiro Milênio», sendo apresentado pelo confrade Julio de Abreu Filho, diretor da Editora Édipo. Não podemos, em sã consciência, dar os detalhes mínimos do que foi essa noitada. Excedeu a tudo o que se podia esperar.

O público aclamou-o no final, intensamente, e não poucos foram os comentários sôbre a figura do «Grande Místico da Umbria».

Na tarde do dia 7, uma caravana de 6 automoveis seguiu com Ubaldi para a cidade de Campinas, terra do imortal Carlos Gomes.

E, ás 20,30 horas com a presença oficial do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito local, Dr. Hermann Cunha Campos, Exmo. Sr. Consul Geral da Itália, Dr. Fratelli, Capitão Genésio Nitrini, Pedro Granja, Dr. Mario Corbióli, Servilio Marrone, Dr. Bruno Furchi, Representantes de Centros Culturais e demais elementos espíritas da sociedade local, o Prof. Ubaldi dirigiu eloquente saudação ao povo e assistência e, por motivo de fôrça maior, a conferência foi lida pelo Prof. Clovis Tavares, pelo espaço de hora e meia. No final da mesma, ambos foram aplaudidos delirantemente, inclusive o confrade Batista Lino, que fez as devidas apresentações.

Em todas as festividades colaboraram de maneira brilhante: o orfeão Pedro de Camargo com 40 vozes, sob a direção do seu fundador Dr. Luiz Wetterlê e colaboração da Prof.ª Lidia Piro Bassi. No Municipal de S. Paulo, o Coral Paulistano de 22 vozes sob a direção do Maestro Arquerons e em Campinas, na abertura do programa, fez-se ouvir, o Rouxinol Campineiro, soprano Eliphas Chinellato Mila, acompanhada ao piano pelo Prof. Mario de Tulio.

No domingo, 12 de Agosto, a Caravana seguiu com o Prof. Ubaldi para Belo Horizonte, onde permanecerá 8 dias fazendo diversas conferências nas Alterosas. Em seguida voltará a Campos, onde estará até o dia 30.

No próximo número daremos notícias sôbre as futuras atividades de Pietro Ubaldi no País. Desejamos apresentar aquí, as nossas felicitações à D.D. Comissão que promoveu a vinda ao País, do ilustre pensador, e que tem trabalhado incansavelmente, não tendo nomes a destacar.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, Agosto de 1951.

Sanatório «Américo Bairral»

Temos sôbre a mesa de trabalho, enfeixado num belo opúsculo ilustrado com diversas fotografias, o relatório do Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, referente ao ano de 1950.

Analisando o relatório com a devida atenção, nota-se que o movimento do Sanatório durante o ano de 1950 foi um dos maiores registrados nesse estabelecimento de caridade, que tantos e assinalados serviços vem prestando aos débeis mentais, num testemunho eloquente do perseverante e inestimável trabalho dos espíritas no campo da assistência social, o que prova, de outro lado, o valor do Espiritismo, que tendo como tarefa exclusiva a espiritualização da humanidade, não deixa de estender a sua ação aos que, no terreno material, necessitam do auxilio das almas caridosas, fazendo o que Jesus fez, que além de dar conforto e luzes espirituais, multiplicava pães e peixes para saciar a fome das multidões que o ouviam, multidões compostas de famintos, esfarrapados e enfêrmos.

A Diretoria do Sanatório não mede esforços no desempenho de sua tarefa. As centenas de enfêrmos ali abrigados e tratados com aquela mesma dedicação que um pai dispensa ao filho, constituem a melhor prova do que afirmamos.

Progredindo sempre em todos os sentidos, o Sanatório «Américo Bairral» realizou reformas e melhoramentos diversos durante o ano de 1950, ampliando o escritório, padronizando os dormitórios com novas e confortáveis camas, montando novo gabinete médico com acesso para duas secções, feminina e masculina, e já iniciou mais três páteos, um todo arborizado, outro com um Belvedere ao lado, e outro para esportes. Mas o melhoramento mais importante é o que resolveu em definitivo o problema da água, graças ao operoso prefeito municipal. sr. Virgolino Oliveira, que fez uma ligação direta desse precioso liquido de uma fazenda ao Sanatório. Não dando essa nova ligação para levar a água a torre distribuidora, foi construido um reservatório ao pé desta, com capacidade para 25.000 litros e assentadas duas bombas centrífugas, uma delas sobressalente.

Foi concluido um pavilhão medindo 30 x 7,70 mts., com capacidade para 25 leitos. Enfim, foram tantos os melhoramentos que iriamos longe se fossemos apontar todos. Mas o leitor interessado poderá se certificar do resto, lendo referido relatório.

Não queremos terminar esta breve nota sem mencionarmos o apreciável trabalho de arrecadação de donativos pelo nosso dinâmico companheiro Onofre Batista, num montante de cr. $ 102.000,00.

Que Jesus proporcione aos esforçados dirigentes e auxiliares do Sanatório muita saúde e coragem para poderem dar conta da árdua taréfa.

«Comentários à Divina Comédia»

Com este título, o nosso prezado colaborador Arnaldo S. Thiago, autor de diversas obras importantes, publicará em breve um livro de cerca de 400 páginas de texto sôbre a «Divina Comédia» de Dante, o genial poeta florentino, cujo 630.° aniversário de desincarnação em Ravena, Itália, comemorou-se ontem dia 14.

* * *

Sociedade Brasileira de Filosofia

Comemoração do 120.° aniversário do nascimento de Bezerra de Menezes

Em comemoração ao centésimo vigésimo aniversário de nascimento do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, patrono do nosso confrade Arnaldo S. Thiago, na Sociedade Brasileira de Filosofia, realizou êle no dia 29 de Agosto último uma conferência na séde da mesma sociedade, em que expôs os traços biográficos do seu patrono. Presidida a solenidade pelo Snr. Comandante Feliciano Cesar Xavier, ocuparam lugar à mesa os Srs. Dr. Polydoro Ernani de S. Thigo, diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Capital de Santa Catarina, Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Professor Levasseur França, Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil.

Discorrendo durante uma hora sôbre a vida e as obras do seu patrono, pôs o conferencista em relêvo a ação social do médico, do político, do administrador de larga visão e de nobre enfibratura moral, que foi o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, bem como do filósofo e do homem de crença, devotado afinal inteiramente à Doutrina Espírita, ao ponto de ser cognominado «Allan Kardec brasileiro».

Terminou o conferencista, nos seguintes têrmos: «Assim termina Bezerra de Menezes a carta a seu irmão dirigida (Publicada em livro com o título — «A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica»): «Pois bem. A nova revelação não altera a moral da Igreja, que todo mundo acata, não altera a Teodicéia da Igreja que só meia dúzia de infelizes repele — e, isso por causa da tal história do inferno e das penas eternas; mas altera exatamente o que só o fanatismo abraçou e à humanidade repugna: a Teogonia, os dogmas da vida única e das penas eternas». Agora, em sua homenagem e como lábaro de amor e de paz, que desfraldamos: O homem de bem, o homem que sabe honrar e dignificar a espécie, tem sempre um sentimento de respeito e de justiça para com o semelhante, mesmo quando lhe falte a caridade. Nestas condições, católicos, protestantes, espíritas, positivistas, todos, de mãos dadas, podem viver em paz, na terra sob as bençãos de Deus.

A assistência, na qual se encontravam o Cel. Delfino Moreira, presidente da CEPA, Dr. Lauro de S. Thiago, diretor do Departamento de Filosofia da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Dr. Argolo Ferrão, e muitos outros membros da sociedade e exmas. senhoras, ao terminar o orador a sua conferência, aplaudiu-o calorosamente, dirigindo-lhe o Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao declarar encerrada a sessão, palavras de vivo encômio pelo trabalho realizado.

* * *

Comunicado da U. S. E.

A União Social Espírita (U. S. E.) prossegue em suas atividades, dentro do seu programa, como órgão orientador e de unificação da família espírita no Estado. Vem colaborando nos trabalhos do Conselho Federativo Nacional, realizando palestras doutrinárias, mensais, nas Entidades Federativas e Centros Espíritas, além das representações que tem enviado a todas as Semanas Espíritas do interior. O seu Departamento de Mocidades também vem dando cumprimento ao seu trabalho no setor das Mocidades, promovendo a realização de Concentrações periódicas nas diversas zonas do Estado, procurando unir e confraternizar os jovens espíritas e incentivar o estudo da Doutrina.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Súmula dos Trabalhos realizados em 4 de Agosto de 1951.

Posse de representantes. Por motivo de fôrça maior não compareceu, para tomar posse do cargo de representante de Alagôas, o novo conselheiro Geraldo de Aquino. Tomou posse da representação de Goiás o confrade Dr. Francisco Nogueira.

Congresso em Estocolmo. Foi lida a resposta ao ofício da Federação Espírita Internacional, declarando que a F. E. B. tomará parte no Congresso Internacional a realizar-se na Capital da Suécia em Setembro próximo.

Pará. Foi lido o ofício da União Espírita Paraense, comunicando que está providenciando o registro de seus Estatutos para completar o processo de sua representação no C. F. N., conforme decisão unânime tomada em assembléia geral realizada em 19 de Dezembro de 1950.

Goiás. Foi trazido ao conhecimento do C. F. N. que a União Espírita Goiana, fundada ha pouco, está realizando obra notável de construção de um abrigo noturno na Capital do Estado.

São Paulo. O C. F. N. tomou conhecimento da inauguração da *Fundação Pestalozzi*, em Franca, em 22 de Julho recem-findo, com a presença do Vice-Governador do Estado. Trata-se de obra monumental e a sessão aprovou um voto de congratulações aos criadores da Fundação.

Paraná. Foi comunicado ao C. F. N. que merece especial menção a fundação e manutenção da Escola pertencente ao Centro Espírita «Luz e Caridade», em Foz do Iguaçu, há pouco visitada pelo Governador do Estado, que expressou viva simpatia pela obra.

Distrito Federal. O Conselheiro Aurino Barbosa Souto, representante da Liga Espírita do Distrito Federal, trouxe ao conhecimento do C. F. N. o ato de desassombrada convicção do confrade Dr. Telemaco Gonçalves Maia que, num debate na Câmara Municipal do Distrito Federal, declarou sua qualidade de espírita.

Bahia. Com a renúncia do representante, Prof. Leopoldo Machado, a Bahia está sem representante no C. F. N., mas está reorganizando a entidade de âmbito estadual para normalizar sua situação.

Minas Gerais. O Segundo Secretário do C. F. N. visitou a União Espírita Mineira em 15 do mês recem-findo e lá realizou uma conferência sôbre os trabalhos de Unificação do Movimento.

Comemorações. Foi aprovada a seguinte proposta do representante do Paraná: «O Conselho Federativo Nacional, reunido em sessão plena, considerando que em 3 e 5 de Outubro, ocorre a data natalícia de Allan Kardec e a data da assinatura do Pacto Áureo de Unificação do Movimento Espírita do Brasil, sugere ás Entidades Estaduais, não sómente que promovam comemorações de maior evidência naqueles dias do corrente ano, mas que também recomendem idêntico procedimento a todas as sociedades que lhes sejam adesas».

Passamento

Deusdedit Fontes

Deu-se em Aracajú, Estado de Sergipe, em julho último, o desincarne do confrade Deusdedit Fontes, ex-diretor de «O Luzeiro» daquela Capital, dedicado e laborioso colaborador de todos os empreendimentos levados a efeito pelos espíritas de Aracajú, cuja vida constituiu alto padrão de exemplificação e obras cristãs. Era tio do confrade Elson Fontes, elemento de destaque no Espiritismo local e Presidente da Federação Espírita Sergipana, recentemente fundada.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Em 8 de Abril último, realizou-se em Limeira com a presença do Deputado Campos Vergal, o lançamento da pedra fundamental da instituição «Nosso Lar», abrigo de menores. O prédio conta com 380 metros quadrados, numa área de terreno de 100 x 75 metros e já esta recebendo o madeiramento. Acha-se situado num lugar aprazível, o mais alto da cidade; possúe cômodos espaçosos e porões habitáveis. A inauguração da instituição deve realizar-se em Dezembro próximo. É provável que o Deputado Campos Vergal seja orador oficial.

Os confrades Ernesto Kühl, D. Lucinda Kühl e os demais companheiros de Diretoria estão de parabens pela realização desse notável empreendimento.

D. Lucinda Kühl é presidente da Associação das Senhoras Espíritas «Allan Kardec», associação que confecciona enxovaisinhos para as parturientes pobres. É também diretora do Albergue Noturno, onde já pernoitaram mais de cinco mil pessoas até o presente.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

ANO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1951—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Fenômenos Psíquicos	*Redação*
Determinismo e Livre Arbítrio . .	*Gilson de M. Henriques*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
"O Espiritismo e a Igreja" . . .	*Lima Filho*
A Alma dos Animais	*Ismael Gomes Braga*
Terceiro Milênio	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Ler nas Nuvens	*Arnaldo S. Thiago*
A Morte, Indústria dos Vivos . .	*Coronel Faure da Rosa*
Mais nicanorbarretismo insubsistente	*Leopoldo Machado*
Almas Gêmeas	*Pereira Guedes*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1951 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Fenômenos Psíquicos

Os anais do psiquismo estão abarrotados dos mais variados factos comprobativos da sobrevivência individual, pesquisados e estudados a fundo por sábios de comprovada idoneidade, muitos dos quais, convencidos de que se tratava de refinado embuste, puseram-se a investigá-lo sob o mais rigoroso controle científico com o fito de desmascarar os supostos embusteiros ou fraudulentos, mas terminaram as suas investigações rendendo-se à evidência dos factos, como por exemplo o grande criminalista italiano, Cesar Lombroso, que fez a seguinte declaração: «Envergonho-me de ter ridicularizado os fenômenos do Espiritismo. Tenho hoje a certeza de que são um facto, e eu sou escravo dos factos».

O Espiritismo, que não é uma doutrina humana, mas sim dos Espíritos Superiores, encarregados de espiritualizar a humanidade, não só apresenta factos sôbre factos, que não podem ser negados nem mesmo pela má fé dos negativistas sistemáticos, como também os estuda e esclarece à luz da razão, do raciocínio, da lógica.

Muitos pretendem menosprezar os estudos espiritas atribuindo-lhes o carácter de demasiado misticismo, ignorando por completo a finalidade desta doutrina e os objetivos da maioria dos experimentadores, que visam encontrar o maior número possível de provas a favor da Verdade, afim de que todos, indistintamente, entrem na posse da verdadeira felicidade, que deve ser uma aquisição do espírito através dos conhecimentos adquiridos em todos os ramos da atividade humana e sobretudo no campo espiritual, em que a prática da moral evangélica é a base do aperfeiçoamento do espírito.

Demonstrando através dos fenômenos ou factos espíritas a existência do espírito e sua sobrevivência após o tombo do corpo somático, o Espiritismo deu o tiro de misericórdia na morte, êsse espantalho que anda amendrontando os fracos de espírito, os descrentes, em suma os que por ignorância medem a vida do berço ao túmulo.

Ernesto Bozzano, um dos maiores experimentadores e estudiosos dos fenômenos psíquicos, autor de diversas obras científicas e filosóficas espíritas, entre as numerosas e variadas provas da existência e sobrevivência do espírito, cita uma série de casos de aparições de defuntos no momento da morte, dos quais transcrevemos a seguir alguns, dando assim cumprimento ao programa desta revista, que se resume a estudar e propagar todos os factos espíritas.

Ei-los:

—

Na vida do Rev. Dwight Moody, dos Estados Unidos, escrita por seu filho (pag. 485), encontra-se a seguinte narração dos seus últimos momentos:

«Súbito ouviu-se murmurar: «A terra vai se afastando, abre-se o céu diante de mim; já entrei nas suas fronteiras; Deus espera-me.

Não me chameis; tudo isto é belo; dir-se-ia uma visão de extase. Se a morte assim é, como ela é doce!...»

A sua fronte reanimou-se, e com uma expressão de inefável arrebatamento — «Dwight! Irene! vejo os meus meninos» (aludia a dois de seus netos que eram mortos).

Depois voltando-se para sua mulher, lhe disse: «Sempre foste para mim uma boa companheira». Proferidas estas palavras, perdeu a conciência».

—

O professor A. Pastor, do Liceu Real de Genova, num interessante artigo publicado na «Fanfulla d'ella Domenica», n.º 36, de 1887, refere de si mesmo, o seguinte:

«Tive uma doença muito grave. No período da crise, em que tinha perdido completamente a consciência da dôr física, o poder da imaginação tinha aumentado extraordinariamente em mim, e numa confusão bem distinta (duas palavras que parecem inconciliáveis e que todavia são as únicas que podem traduzir o meu pensamento) via nitídamente a mim mesmo quando creança, mancebo, adulto, nas épocas de minha existência: num sonho, mas um sonho mais forte, mais intenso, mais vivo. *E neste espaço imenso, azul, luminoso, minha mãe vinha ao meu encontro — minha mãe morta ha quatro anos. E' uma expressão inexprimível. Depois disso, lendo* Phédon, *pude melhor compreender Sócrates.»*

—

Hudson Tutte refere assim um outro caso, vindo ao seu conhecimento:

«Ha alguns anos produziu-se na cidade de Hartford um facto bem comovente. Quem m'o comunicou estava de tal modo convencido da natureza supranormal do que tinha presenciado, que a impressão lhe ficou bem gravada na memória.

Vive ainda no Estado de Ouest; é um homem prático, positivo — a pessoa mais incapaz de deixar-se levar por fantasia.

Na circunstância de que me ocupo, velava êle à cabeceira dum moribundo, tipógrafo de profissão. Na última hora o agonizante ia-se extinguindo pouco a pouco. A respiração, cada vez mais oprimida, tornara-se muito lenta e muito difícil. Enfim chegou o momento em que o assistente o julgou morto.

Mas de repente as pálpebras se lhe abriram, animados por uma impressão de grande surpreza, como reconhecendo alguém; com o rosto iluminado pela embriaguez da alegria, exclamou: «Vós, vós minha mãe!» E caiu morto sôbre o travesseiro.

Ninguem jamais poderia persuadir-me — disse o relator deste facto — que este homem não apercebeu realmente sua mãe diante dêle.»

—

Eis aì três casos interessantes, aliás muito comuns, porque conhecemos inúmeros casos em que os moribundos viram os seus parentes e amigos mortos ha tempos, sobretudo seus pais. E embora comuns, constituem prova cabal da continuidade da vida em outro plano, o espiritual, para onde todos nós temos que ir impreterivelmente, a qualquer momento.

Determinismo e Livre Arbítrio

TEMOS feito parte de algumas interessantes palestras de cunho doutrinário e, em uma delas, com a presença do nosso prezado confrade Ozorio Pacheco, firme batalhador pela difusão dos grandiosos ensinos do Mestre—tratou-se, especialmente, do tema acima: o determinismo e o livre arbitrio.

Fazia parte do nosso grupo, entretanto, um desses espíritos teimosos que apesar de ser portador de cultura e ciência, ainda não penetrou nas subtilezas reveladas pelo espiritualismo.

Depois de debatermos vários assuntos, a palestra ficou bastante animada e se firmou quando o nosso amigo teimoso, sacando a espada da sua palavra facil e rica de conhecimentos, nos disse: não posso compreender como vocês espíritas, ás vezes, homens inteligentes, proclamam e defendem, com ardor, duas coisas inteiramente incompatíveis — o livre arbítrio e o determinismo.

Dizia-nos: vocês emprestam ao livre arbítrio uma função muito importante. Dizem que por ele o homem manifesta o seu grau de evolução dentro do conceito universal do Bem e do Mal. Argumentam que cada um de nós tem livre escolha de agir segundo a sua própria vontade pelo que nos tornamos responsáveis diretos pelos átos que praticamos. Ora, se vocês reconhecem que o homem, sêr inteligente, tem a faculdade de assim proceder, como podem, vocês espíritas, reconhecer o determinismo? Segundo este não está tudo prescrito, preestabelecido, devidamente definito e determinado por um poder superior à nossa vontade? Deus, não é assim que pensam vocês, tudo vê, sabe e dirige? Portanto, Deus dirige a vontade do homem e, mantendo ascendência sôbre êle, controla o seu livre arbítrio, não sendo, por isso, o homem, o único responsável pelos seus atos. O poder que tem Deus de controlar e de tudo dirigir segundo a sua vontade, isenta a humanidade de seus erros e de suas culpas.

Gostaria de transmitir ao leitor o entusiasmo, o grande calor dos debates. Isto não nos sendo possível, sintetizaremos os exemplos que foram invocados para a bôa elucidação da tese.

Assim é, argumentou-se, que necessitamos estabelecer a distinção entre um e outro, e saber até onde vai o determinismo e onde começa o livre arbítrio. As definições pouco esclarecem, mas os factos sempre ilustram, razão pela qual fugiremos das primeiras e buscaremos os exemplos:

O espírito tem que evoluir e progredir, isto é determinismo, mas o tempo que levará para atingir os graus mais elevados do conhecimento humano, dependerá do seu esfôrço e dos meios de que lançar mãos para atingir aquele fim, isto é livre arbítrio.

O homem, no transcurso de sua vida terrena, passa por três fases principais do seu desenvolvimento físico: infância, mocidade e velhice; isto é determinismo.

Na primeira fase ha pouca responsabilidade porque, nela, justamente, estão se desenvolvendo os orgãos da razão e da inteligência; na segunda, desponta a personalidade e com esta manifesta-se o livre arbítrio.

Daí por diante, com a bagagem que o espírito trouxe de outras encarnações e com os conhecimentos já adquiridos nesta, inicia-se a sequência de atos em que o livre arbítrio prepondera, conduzindo-se, pois, o próprio espírito para o Bem ou para o Mal, para o aproveitamento edificante ou para a queda comprometedora.

A reencarnação é determinismo, mas o aproveitamento, por parte do encarnado, dessa oportunidade, conduzindo-se ou não para a sua própria elevação moral e espiritual, é livre arbítrio.

Quando o espírito tem que passar por uma prova, como por exemplo, a da riqueza, é determinismo o ter que se enriquecer, mas, quanto a sua vitória ou a sua derrota espiritual, segundo os meios e os modos com que empregou ou aplicou os bens recebidos — isto é livre arbítrio.

Quando os espíritos afirmam que os tempos estão chegados, relembrando as predições dos profetas e mesmo as palavras de Jesus, anunciando modificações no planeta após o ano 2.000, isto é determinismo.

Se os espíritos encarnados creem nessas comunicações e se procuram evitar a repetição, para consigo mesmos, do que aconteceu aos «Egressos de Capela», que por não terem alcançado a evolução superior, tiveram de reencarnar na Terra, planeta inferior, isto é do livre arbítrio de cada um.

Os espíritos deverão se despojar dos seus impulsos e de suas paixões materiais para poderem alcançar melhores regiões celestiais, isto é determinismo, mas, se permanecem obstinados e endurecidos, e não se esforçam para se libertarem dos seus véus materiais, isto é livre arbítrio.

Toda encarnação tem uma finalidade para o espírito e êste, lançado no mar da vida, tem que enfrentar a tempestade e aproveitar a bonança.

Todos temos, senão muitas, alguma cousa a corrigir; uns conservam o instinto da ambição, do poder, revelam egoísmo, vaidade e orgulho; outros, mostram-se abnegados, cheios de renúncias, indiferentes aos altos humanos, revelam humildade e simplicidade.

A Divina Providência a todos fornece os meios e os instrumentos para o combate aos maus impulsos e à purificação dos sentimentos, isto é determinismo, mas, se todos sabem compreender e usar tais instrumentos, é livre arbítrio.

O determinismo é uma Lei Divina que se aplica a todos os sêres e a todas as cousas, ao passo que o livre arbítrio é um dom do espírito, uma qualidade inherente a cada um de nós.

Enquanto o primeiro é universal, o segundo é pessoal, de âmbito restrito; aquêle está destinado a cumprir um inexoravel dever de progresso coletivo, quais ponteiros de relógio perfeito a assinalar ou a disciplinar os acontecimentos; êste, o livre arbitrio, é variável, instável, imperfeito, cheio de dúvidas e de enganos, até que, após inúmeros atritos, aprende a distinguir, a sentir, a meditar e a decidir com acerto, sem ferir e sem prejudicar a harmonia das leis eternas de Deus.

O determinismo quando faz sentir os seus efeitos ou o seu império, quer seja no geral como no particular, assinala, indiferentemente, uma fase de evolução coletiva ou individual, ao passo que o livre arbitrio jamais perde o seu característico de individualidade.

Pelo determinismo Deus revela a sua vontade suprema e pelo livre arbibrio o espírito aprende a respeitar essa vontade, a compreender as leis universais e adquire a vontade de voltar a Deus, amando-O.

Notamos, leitor amigo, que os espíritas que compunham o grupo ficaram contentes e mostravam-se satisfeitos com os resultados da longa palestra e que o espírito teimoso ficára um tanto meditativo. Terá sido bôa a semente? Deus queira.

Gilson de Mendonça Henriques.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XXXVII

Grande número de indivíduos consideram escandaloso discutir a realidade dos fenômenos maravilhosos do Espiritismo; entretanto, seria impossível exagerar-lhes a importância científica se pudessemos sómente demonstrar a décima parte dos seus testemunhos dignos de fé.

Henry Sidgwick.

(Eminente professor, já desencarnado).

XXXVIII

Oh! que pureza de alma e que talento sólido.
Que de afeições divinas devia ter o homem, cujo pensamento
Quizesse falar uma hora com os mortos!

Tennyson.

(Poeta de fama mundial).

XXXIX

A visão exterior se apaga ante a visão interior.
Da qual nem credos, nem cânones, dão a chave,
Mas nós sentimos que já fomos
E seremos eternamente.

Bayard Taylor.

(Idem, idem).

XL

O ser ocupa um ponto isolado no espaço;
Erga o homem um dedo ou solte um ai
E a multidão de sêres limitrofe,
Nesses mundos sem nome,
Por simples condição o espaço e o tempo,
De alegria estremecem,
Vibram como écos vivos...
E através das extensas profundezas,
Vida responde à vida,
Côro antifônico
De inspiração comum.

Mistress Browning.

(Idem, idem).

XLI

Entre as numerosas formas que revestem as manifestações mediúnicas de natureza inteligente, não nos devemos esquecer das que consistem na produção de obras literárias, ás vezes bem volumosas, ditadas psicograficamente por entidades que dizem ser espíritos de mortos.

Dr. Ernesto Bozzano.

(Grande cientista italiano, considerado o talento fenomenal).

XLII

Julgamos a educação da infância a maior obra do Espiritismo.

Leopoldo Machado.

(Inteligente escritor brasileiro).

XLIII

A série de provas demonstrativas que até agora temos aduzido, e com que acreditamos ter evidenciado a pluralidade de existências da alma, 1.° pelo testemunho dos Evangelhos, 2.° pelos factos de observação geral da vida humana, analisados à luz da justiça divina; 3.° pelos fenômenos da psicologia experimental, 4.° pela recordação de outras vidas em alguns indivíduos, no estado normal, embora com casos excepcionais, mas nem por isso menos probatórios e dignos de exame, tudo isso nos dispensaria por ventura do trabalho, de alguma sorte tornado superfluo, de tomar em consideração as objeções pessoais formuladas contra essa lei admirável.

Leopoldo Cirne.

(Um dos maiores escritores espíritas do Brasil).

(Continua).

"O Espiritismo e a Igreja"

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo» — Por LIMA FILHO.

«Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas» (1.° Cor. 14: 32).

O Dr. Nielsson continua a dizer: «E' possível que alguns sacudam a cabeça em sinal de incredulidade, mas devemos primeiramente representar com clareza o que eram as reuniões dos primeiros cristãos, muito diferentes do culto divino que se celebra hoje nas igrejas. Delas nos deu o apóstolo Paulo, em suas epistolas, uma clara descrição, principalmente na 1.ª Epístola aos Coríntios, a qual, certamente, conheceis. Naqueles tempos não havia nenhum pregador preparado que pregasse ás assembléias com vestes sacerdotais, mas se escutava atentamente o que tinham a dizer os profetas ou outros homens possuidores de dons espirituais. E os dons celestes dessas pessoas inspiradas podiam ser e eram de várias espécies. A seu respeito assim se exprime Paulo: «A um é dado pelo espírito a palavra da sabedoria; a outro porém a palavra da ciência, segundo o mesmo espirito; a outro o dom de curar enfermidade em um mesmo espírito; a outro a operação de maravilhas; a outro a profecia; a outro o discernimento dos espíritos; a outro a variedade de línguas, e a outro a interpretação das palavras (1.° Coríntios, XII : 8, 9 e 10)» E não devemos esquecer que êsses homens inspirados, na maior parte das vezes, se achavam em um estado particular. Pessoas que vinham ouvi-los acharam tão estranho tal estado que julgavam estivessem êles loucos ou ébrios. Acontecia em suas reuniões que, uns após outros, sofressem essas influências; por vezes mesmo, uma terrível confusão se produzia por que vários dêsses inspirados falavam ao mesmo tempo, por isto teve o apóstolo necessidade de fixar regras para conservar a mais completa disciplina. Vêde o que êle diz; «Que fareis, pois, meus irmãos? Se, quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem língua estranha, tem revelação, tem interpretação» 1.° Coríntios, XIV 26). Assim êle fixou regras para que, numa mesma comunidade, fosse apenas permitido a dois ou, no máximo, a três, falarem diversas linguas, um após o outro, devendo um outro interpretar os discursos. E, para os profetas a mesma ordem: «Que só dois ou três falem e que os outros julguem o que ouvirem.»

Mas que é que se devia julgar? A coisa não era assim tão simples. Os primeiros cristãos acreditavam que eram verdadeiros espíritos que falavam por êsses indivíduos especiais, sejam êles designados pelo nome de profetas ou por outro nome. Os gregos tinham um nome comum para todos: *Pneumáticos*, aqueles que eram dirigidos pelo espírito, ou, talvez, mais exatamente: aqueles que estavam sob a influência de um espírito ou de um anjo. Paulo exprime-se tão claramente em dois versículos que não se pode deixar de compreendê-lo. Diz êle que é possível manter a boa ordem nas reuniões, com facilidade, porque «os espíritos dos profetas estão submetidos aos profetas» (1.° Coríntios, XIV, 32).

No texto grego está — *Espíritos e não dons espirituais* — (o grifo é meu) como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver a menor dúvida quanto à verdadeira significação dos têrmos grêgos do texto original: *Epei Zelotai Este Pneumaton.*

Os tradutores e os revisores da Bíblia nem sempre têm tido a coragem de traduzir, exatamente as Escrituras Sagradas, o que não nos causa espanto. Os teólogos prenderam os seus sistemas dogmáticos em pesadas e estreitas cadeias. Por outro lado, leigos ortodoxos, em muitos países, não podem suportar a verdadeira tradução por julgarem que ela destrói os seus dogmas.

«Tenho alguma experiência sôbre o assunto e falo do que conheço». Sim, continua o Dr. Nielsson: «Segundo a concepção dos tempos apostólicos, os espíritos podiam ser bons ou maus, isto é, muito evoluidos ou inferiores e atrasados.» (páginas 51 a 54 do referido livro). «Sei que conversei com sêres do Além, bons e amorosos, e que muitas dessas horas foram as mais santas da minha vida. Os infelizes, também, com os quais me entretive, me enriqueceram com grande ensinamento: Aprendi estender meu coração até êles. Oh! Quanto esta grande experiência quebrou os estreitos laços dos preconceitos e do dogmatismo da Igreja, que se encerravam em minha alma! E quanto minhas concepções de Deus e do Cristo se elevaram! Perdoai-me não poder crêr noutra coisa: O que enriqueceu a minha vida em tão alto gráu pode servir também para enriquecer a dos outros.» (Páginas 109 a 110). *Assim seja!*

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

IV

Em seu magistral livro *«De la Bête à l'Homme»*, Raoul Montandon alinha um número surpreendente de casos de premonição observados em animais, quando nada existia que pudesse revelar ao homem o acontecimento futuro.

Por ocasião do terremoto que destruíu no Chile a cidade de Talcahuano, em 1935, todos os cães fugiram antecipadamente da cidade e nada sofreram. Nos frequentes tremores de terra do Japão, um sinál da aproximação do desastre é dado pela agitação nervosa que demonstram os cavalos. Três horas antes do terremoto que arrazou a Calábria em 1905, os cães puseram-se a uivar chorosamente, como fazem por ocasião da morte de um amigo.

Na véspera da catástrofe de Fourvière, em Lião, quando muitos imóveis construidos ao pé da colina ficaram soterrados, os cavalos violentamente recusaram-se a entrar para as suas cocheiras e estribarias, nos lugares sinistrados; foram conduzidos para outros locais e assim salvaram a vida. Pouco antes daquele desabamento da colina, um gato, muito apegado ao seu amo, saltou de sua casinha, agarrou-se ao dono, depois fugiu em disparada, fazendo que o amo o seguisse, o que salvou a vida de ambos.

Nos Alpes, onde há frequente avalanches de gêlo, muitas vêzes se têm salvo vidas, observando a orientação de vacas, cavalos e cães que fogem com antecipação do lugar onde se vai dar o acidente.

Num dos lugares mais perigosos dos Alpes, um cavalo que fazia normalmente o trabalho de tirar uma charette, por fôrça alguma penetrava no logar onde iria caír uma avalanche. Tornou-se o orientador dos cocheiros para evitarem o risco de sua própria vida.

A Sra. Kennedy conta que certa vez ia a Hempdall apanhar sua correspondência, numa charette tirada por um burrinho muito dócil. Em certo momento o animal estacou e não houve fôrças que o fizesse prosseguir a viagem. Poucos minutos depois caíu sôbre a estrada, que êle tinha de percorrer, uma enorme árvore.

Muitíssimos casos de previsão de morte de pessoas sãs no momento da previsão, estão registados. Noutros casos o animal percebe a morte de um amigo a grande distância, e põe-se a uivar lugubremente na hora da morte.

E' uma documentação tão completa que não podemos pôr em dúvida que os animais possuam previsão do futuro em muitos casos. Nota-se mais êsse dom nos cães, mas também em outros animais, como nas breves notas acima.

Está perfeitamente demonstrado, pelos factos bem observados, que os animais possuem uma alma com as mesmas características do espírito humano, que possuem certas faculdades supranormais tão raras no homem, como a vidência desenvolvida, visão do futuro, vista dupla, telepatia ativa e passiva, fôrça magnética, sentimentos de solidariedade e piedade, etc. e sempre em graus os mais diversos que revelam evolução individual maior ou menor, justamente como notamos no homem.

Ao adquirirmos êstes conhecimentos, nossa responsabilidade cresce ao infinito em relação aos animais, que Montandon chama de «nossos irmãos inferiores». Começamos a perceber que temos para com êles deveres semelhantes aos que temos para com as crianças : devemos-lhes amor, instrução, carinho, defesa, proteção, como irmãos um pouco mais velhos que somos.

A falta de cumprimento dêsse dever é uma das causas de haver tantas desditas em nosso mundo, e prova sobejamente nossa própria inferioridade. Nossos moralistas realmente ainda não começaram a escrever o capítulo referente às nossas relações com os sêres que se acham acima e abaixo de nós da escala infinita da evolução espiritual ; limitaram-se até agora a esboçar a moral relativa únicamente ás relações sociais entre os homens, como se êstes fossem o Alfa e o Ômega da vida universal, de toda a criação. No entanto, o Espiritismo nos vem revelando que a Humanidade, em sua fase evolutiva sôbre a Terra, a única da qual conhecemos um pouquinho bem limitado, é uma fração ínfima da vida universal, um degrauzinho inexpressivo na evolução de uma partícula do todo, porque a Terra mesma é um grãozinho de pó vagando no Infinito, todo habitado de mundos incomparavelmente maiores e mais adiantados do que o nosso.

Acima de nós há sêres, cuja superioridade, em relação a nós, é realmente divina, inconcebível à nossa inteligência. Para termos conciência disso basta lembrarmos que de toda a eternidade Deus criou Espíritos que progridem incessantemente e quando começou a formar-se nosso sistema solar, um dos mais modestos do Universo, já existiam Espíritos com bilhões de séculos de progresso realizado e que continuam progredindo sempre.

Igualmente abaixo de nós existe uma escala imensa de sêres espirituais, todos em evolução, dos quais os mais próximos de nós são os animais postos sob a nossa guarda e proteção, mais particularmente, os animais domésticos.

Nesse sentido Raoul Montandon é um pioneiro, um precursor, e seu excelente livro será compreendido e obedecido num futuro talvez afastado, por gerações muito mais adiantadas do que a nossa atual que tão cruelmente trata os animais.

Cumpria-nos registrar o aparecimento dêsse volume, lembrar que êle existe em língua acessível aos brasileiros medianamente instruídos. Com êste simples registro em quatro modestos artiguetes, damos por terminada nossa obscura tarefa, deixando a outros mais autorizados continuar o estudo.

Ismael Gomes Braga.

Uma cousa vos asseguramos : o Espiritismo é o caminho que conduz ao aprisco do Senhor.

Terceiro Milênio

COM a aproximação do terceiro milênio, enérgicas e inteligentes fôrças do bem abalam, em gráu crescente, os espíritos desejosos de permanecerem invigilantes em improducente contemplação das vitórias conquistadas em renhidas lutas, através do lento rolar dos séculos.

Queda-se nossa pobre alma exausta ante o contínuo vai-vem das dolorosas reencarnações sem proveito; desanimada, não sente vontade de prosseguir, julgando no atual estacionamento, ter chegado ao fim; no entanto, está apenas no limiar de outro cíclo do progresso infinito; enfraquecida, não está em condições de divisar a bruxoleante luz que acena de longe, convidando-a ao reinício da marcha interrompida. Eis o quadro contristador da maioria dos encarnados e desencarnados.

E' espantoso imaginarmos que o reino animal poderia até, nessas condições, alcançar-nos um dia!

A nobre e restauradora missão desempenhada pela dor e o sofrimento estará por pouco tempo mais amadurecendo os milhões de retardatários, estimulando-os para não se abismarem na inércia.

Com todo o auxílio dos Céus sente-se a alma atraída a deter-se estática sôbre os louros das interminadas lapidações.

Impossível permanecer inativo o mais ínfimo fragmento do Universo. Evoluir e sempre é a lei de Deus.

Por isso, mais uma vez, pela misericórdia do Pai, ressoam as trombetas celestes pelo espaço afóra, reboando em sons estridulosos o imperioso despertar dos espíritos preguiçosos mergulhados no injustificável torpor.

Difundem os clarins a última oportunidade para nos libertarmos das baixas paixões, antes de sermos conduzidos às portas do tão próximo milênio, dito de compreensão fraterna.

Tudo nos induz a que não deixemos passar sem proveito êsse grandioso momento. Candidatemo-nos ao título de «discípulos» de Jesus, sem o que não nos será dado assistir o fulgurante porvir.

Anuncia-se para antes do fim desta época a transformação completa dêste orbe. Serão afastados para planetas bem mais inferiores aquêles que, passados como são quasi dois mil anos, continuam alheios e embaraçando o conceito divino do «amai o vosso próximo como a vós mesmo». Processado êsse afastamento ficará nosso astro livre das barreiras que o impediam de evoluir com mais rapidez. Aqui tendes o significado objetivo da Bôa Nova quando diz: Os tempos são chegados.

Não desprezeis, almas de Deus, os séculos de sofrimentos premiados que em fração de segundos podeis perder; procurai não integrar êsse infeliz turbilhão de espíritos que irá povoar mundos bem mais atrasados.

Deus fixou leis imutáveis e entrelaçadas harmonicamente, pelas quais se desenvolve o progresso material, isto é, sem choques e, o que é essencial, sem ferir o livre arbítrio de quem quer que seja.

Ficariamos perplexos se pudessemos avaliar o ingente trabalho empregado pelos nossos irmãos do espaço, especialmente agora, para impulsionarem a humanidade à frente. Auxiliemo-los, meditando profundamente, no silêncio da noite, emitindo vibrações de ajuda.

Prestes está a Terra a deixar o seu envoltório plúmbeo, resultante aliás, dos condensados aspéctos formados pelas emanações dessa mente humana desprovida da moral do Cristo.

Necessário é, atingir, com a ajuda do Eterno, mais um degráu na infinda hierarquia dos mundos.

Patenteia-se essa ajuda pelo afloramento mediúnico com incontida fôrça por todos os lados, atingindo sem distinção, qualquer criatura, de qualquer categoria social. É a interpenetração incisiva do espìrito divino no plano material, nivelando obstáculos para sublimar gradativamente a matéria pesada.

Surgem, por isso, a todo instante e em proporção crescente mediuns curadores, videntes, psicógrafos e tantos outros.

Em profusão vemos literatura de transcendentais conhecimentos filosóficos, cientìficos e religiosos, intimamente enlaçados, disseminando-se com a rapidez do vento, como que a acelerar o magno acontecimento.

São fontes inesgotáveis do saber e da verdade; são um convite sincero de aprimoramento das nossas luzes internas. Deixai que a vossa insôfrega alma se ilumine no proveitoso contáto desses que procuram imitar o Cristo; lêde-os, aì estão Allan Kardec, Pietro Ubaldi, Léon Dénis, Bozano, Einstein, Delane, Todeschini, Geley e tantos outros luminares.

E que belìssimos volumes nos tem presenteado a mediunidade do nosso querido patrício Chico Xavier!

Como se tudo isto não bastasse é-nos ainda facultada outra graça destinada especialmente aos indiferentes, aos hesitantes e céticos — a materialização.

Ide buscar, se sois incrédulo, o necessário estimulante para aclarar vossas dúvidas nos testemunhos palpáveis, visìveis, das sessões de materialização.

Lemos em São João 20, versìculo 26 e seguintes que São Tomé só acreditava numa coisa sabida senão depois de a ter examinada e tocado com o dedo. Imitai o apóstolo Tomé, o incrédulo, o que duvidou das curas e dos pseudos-milagres do Mestre, apesar de tê-lo acompanhado por três longos anos.

Nas mãos do Crucificado queria êle apalpar as marcas dos cravos; introduzir nas feridas causadas pelos golpes da lança o seu dedo perscrutador da verdade insofismável.

Prezado irmão, proceda também, em última instância, como São Tomé — não negue antes de ter meditado e investigado; lembre-se, no entanto, das palavras de Jesus: «Bem-aventurados os que não vêem e crêem».

Sôbre a face da terra não há mais lugar para os indiferentes.

Sigamos, pois, firmes com o Salvador, ao encontro do milênio da luz e do amor.

Major Levino Cornélio Wischral.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

GRANDE SÍNTESE E GRANDES MENSAGENS—*Pietro Ubaldi*— Lake, S. Paulo

Lêr é o nosso esporte predileto.

Agora, entretanto, só podemos lêr coisas leves, que não forcem muito o raciocínio, que até descansem a inteligência tão cansada e o cérebro já tão gasto.

Por isso mesmo, uma bôa vintena de volumes aguardam vagar e tempo, em cima de nossa estante de cabeceira...

Batista Lino, o diretor da LAKE, nos envia, com honrosa dedicatória, a *Grande Síntese* e *Grandes Mensagens*, de Pietro Ubaldi. Obras distribuidas, exatamente, na vigência da estadia do grande místico italiano no Brasil.

Não podemos tomar conhecimento perfeito de sua presença no Brasil. Nem, tampouco, do conteúdo de seus dois volumes.

Confessamos que não os lemos desta vez, porque já conheciamos seu conteúdo, quando a *Grande Síntese* e o *Mensagens* foram publicadas pela Federação. Nem aquí estamos, tampouco, para fazer ou desfazer créditos lítero-doutrinários de ninguém. Não estamos à altura de tanto, nem para tanto nos sobra autoridade... Em verdade, com que engenho e arte, poderiamos nós contrariar a apreciação geral dos livros do espiritualista italiano? E em que poderia a nossa arte e o nosso engenho aumentar o valor das duas obras?

Outro é, pois, o nosso propósito, ao traçar, com certo método, pausadamente, estas linhas: a) salientar o esfôrço inteligente e criterioso dêste grande editor paulista e de sua laboriosa editora, que é Batista Lino e a *Livraria Allan Kardec;* b) aplaudir o bom gosto e o capricho das duas edições. Um estudo, portanto, crítico da empresa e não das obras.

A *Grande Síntese* está, indiscutivelmente, um livro que se póde comprar e guardar. Obra em bela e discreta encadernação, protegida de interessante sobrecapa desenhada. Papel superior, impressão segura e nítida, derramada por 420 páginas compactas, nítidas, elegantes.

O *Grandes Mensagens*, em formato diferente, de 27 x 18, páginas, enfeitadas a duas côres, branca na periferia e amarela na parte impressa. O livro agrada a vista, satisfaz, perfeitamente, os bibliofilos, corresponde ao bom gosto de toda gente. São oitenta páginas caprichosamente bem impressas, que contém todo o ensinamento das seis Mensagens — do Natal, da Ressurreição, do Perdão, dos Cristãos, aos homens de bôa vontade e da Paz — além do substancioso prefácio do tradutor, que é Clovis Tavares.

Nós já sabiamos que seu eminente autor não era espírita, mas espiritualista universal, talvez ecletico, quem sabe? Tão ecletico que se lhe afigurou — disse-o nas suas impressões de chegada — o Cristo de cimento armado do Corcovado abria os braços para recebê-lo. Nem por isso, deixamos de observar a originalidade de ver o *Grandes Mensagens* com o *Imprimatur* de um bispo católico de Foligno, D. Stefano Corbino, com o visto de outro magnata da Igreja, D. Luigi Faveri. Imprimatur e *non obstat* dessa mesma Igreja que, em 1939, havia arrastado a seu Index a *Grande Síntese* e a *Arcese Mística.*

Obras geniais, por isso mesmo que satisfazem a outras crenças. Principalmente, a mais intolerante das religiões. Mas, para que teria o Cristo falado na reunião de um só rebanho para um só pastor?

Ilustre confrade paulistano, que foi dos grandes cooperadores de sua vinda ao Brasil, na honrosa visita que nos fez, dizendo de suas impressões, salientando o que mais o teria interessado — a humildade de grande místico — disse-nos: «êle diz que não é espírita, não está filiado a nenhuma religião sectarística (o Espiritismo, sectarístico?) Que é espiritualista universal. Mas, se o espiritismo é isto que se faz no Brasil, que êle está vendo e sentindo, êle é espírita».

Ouvimos, no Maranhão, quando foi de nossa excursão ao Norte, de ilustre confrade, culto e bibliofilo, que os livros espíritas impressos no Brasil são desajeitados, em mau papel e pior brochura ou cartonação, impressão deficiente. E carissimos. Mostrou-nos, até obras brasileiras e espanholas, armando comparações judiciosas. Nem abriu excepção para os nossos livrecos, achando menos maus o «Para o Alto» e o «Cientismo e Espiritismo», edições da LAKE e da Estudos Psíquicos. — «Que não são, aliás, dos mais caros», adiantamos.

Não sabemos do preço dos dois livros aquí em análise. Mas, podemos afirmar que são obras de molde a contrariar a análise crítica do prezadissimo confrade.

E está nisso o melhor conceito nosso dos dois volumes.

E com isto, nosso agradecimento sincero ao Batista Lino...

Ler nas Nuvens...

De todos os tempos constituiram as nuvens, com a sua extraordinária plasticidade, um dos elementos da natureza mais propícios à exaltação do sentimento estético.

Com o concurso dêsse elemento plástico, os quadros da natureza adquirem movimento e vida que, sem êle, ficariam de muito reduzidos, por vezes mesmo tornando-se fastidiosos pela sua monotonia.

Servem, além disso, as nuvens, mesmo silenciando a respeito do seu grande papel meteorológico, para nos ministrar advertências preciosas sôbre as modificações atmosféricas, não raro subitâneas, livrando-nos, assim, de muitos perigos.

Quantas vezes, garbosas velejando ao sôpro de ventos propícios, viam-se as antigas náus subitamente despojadas de suas azas propulsoras, sempre ocasionando o facto grande surprêsa aos marujos de primeira viagem: é que o piloto observara ao longe, na linha do horizonte, embora azul estivesse e límpido todo o céu, uma nuvenzinha que subia com desusada vertiginosidade. «Ferrar panos» — era a ordem incisiva do experimentado piloto, e mal se encontrava a nau derivando, em árvore sêca, ao sabor das vagas, eis que a tormenta desabalava, tudo convulsionando!

Não é, porém, dêsse aspecto meteorológico oferecido pelas nuvens, que desejamos tratar; mas simplesmente do sentido alegórico que elas encerram, em sua extrema mutabilidade de formas, de acôrdo com os índices mentais de cada indivíduo: com tendência, uns, à superstição; outros à exaltação artística, e ainda outros à materialização, se assim se póde dizer, das suas íntimas elocubrações, que podem ser da ordem dos interesses personalíssimos, como também podem revestir-se da circunspecção das conjecturas filosóficas.

Observei frequentemente, na minha adolescência, o grande fascínio que exerciam, sôbre as pessoas habituadas ao jogo do bicho, principalmente com relação ás velhas, as formas com que aos seus olhos as nuvens se apresentavam, na ocasião em que iam fazer o seu joguinho e em que ávidamente procuravam palpites. Então apareciam no firmamento elefantes, galos, avestruzes, águias... docemente conformando-se as nuvens aos múltiplos desejos dos inveterados jogadores do bicho...

A arte encontra manancial tão amplo às suas inspirações no elemento em questão, que seria ocioso tentar demonstrá-lo com factos.

No caso de que nos vamos ocupar, não se trata nem de superstição, nem de arte, mas do sentido alegórico que podem ter, por associação de idéias de natureza filosófica, as imagens da admirável paisagem atmosférica formada pelas nuvens.

Já decorrera algum tempo da hora solene do Ângelus, tão propicia à meditação e à fuga do nosso espírito ao ramerrão cotidiano. Estávamos em «Governador», na parte ocidental da ilha. Os tons do firmamento carregavam-se de cinzento escuro, sôbre o qual se estendia uma faixa rósea, formando o fundo geral da paisagem, na qual se deslocavam mansamente nuvens brancas como algodão e alguns cúmulus mais espessos e escuros.

Meditávamos nos problemas angustiosos da sociedade internacional hodierna, sentindo, ao contemplar aquelas multidões que iam abandonando a extensa praia, depois de todo um domingo passado na liberalidade folgazã dos banhos de mar, uma piedade imensa pela comunidade humana, por sabê-la ainda exposta a perder, de um momento para outro, o bem estar e a tranquilidade que já desfruta nos meios sociais como o do Brasil, de tão belas tradições democráticas!

O sofrimento dalma levou-nos, em um gesto natural, a olhar para o céu.

Dois enormes blocos de nuvens nossos olhos vislumbraram, nêsse instante, defrontando-se na mesma linha do horizonte: o da direita parecia um desses monstros alados da éra secundária, erguendo sôbre um enorme pescoço erecto, a cabeça em atitude de ataque; o da esquerda tinha as formas assustadoras de um «ceratosauro», ou espécie semelhante daqueles tempos remotos.

Bem distantes um do outro quando o vimos, começavam agora a aproximar-se em atitude de desafio, prestes a se engàlfinharem em luta de morte.

Sôbre o dôrso do que estava à direita, alteou-se uma grande balança. A' proporção que os contendores se aproximavam, ia-se a balança dissipando no céu, para de todo sumir-se quando apenas alguns metros separavam os contendores. Nêsse momento, a parte superior do monstro à direita colocado, foi se transformando em um homem e por fim o seu vulto ergueu-se, todo de branco, tornando-se, por efeito da luz, a figura central do firmamento. Começou então para o monstro da esquerda, uma fase de rápida mutação: de sombrio que se mostrava, passou a empalidecer, perdendo o aspecto agressivo. As duas formações foram se dissipando e todo o horisonte por fim imergiu nas delicadas nuances da luz crepuscular.

Essa visão trouxe-nos ao espírito uma grande calma. As nossas idéias iluminaram-se de esperança e tivemos fé nos destinos superiores da Humanidade!

Oxalá se realizem tão belos prognósticos! Assim o pedimos a Deus!

Arnaldo S. Thiago.

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1951.

O homem não póde continuar a ser um autómato nas mãos de aventureiros e insensatos. Deus deu-lhe a razão para que êle pense e procure tornar-se livre, governando-se de modo a alcançar as esferas superiores, como sêr imortal. O Espiritismo faz o homem pensar nas cousas superiores aos bens temporais, convencendo-o, com os testemunhos dos factos e da lógica, de que uma vida superior o aguarda após a morte do seu corpo físico. Por isso, o estudo desta Doutrina pòde ser tido como o passo inicial da conquista da verdadeira felicidade.

CAIRBAR.

A Morte, Indústria dos Vivos

Pelo Coronel Faure da Rosa

MAX Nordau não incluiu o luto e outros exibicionismos de *pesar* na sua longa lista de mentiras convencionais. Contudo, talvez o uso generalizado do luto seja a matéria prima mais rendosa da «indústria da morte».

Na Europa — segundo Becherelle — a côr do luto é preta. Na Turquia, azul ou violeta; no Egipto, amarela ou côr de fôlhas mortas; na Etiópia, cinzenta; no Japão, branca; na Birmânia, amarela...

Como se vê, côres que para uns povos denotam alacridade, para outros exprimem, ou querem exprimir, tristeza, dôr.

Na Inglaterra, no tempo do tristemente célebre Henrique VIII e de Eduardo VI, os ricos-homens e aios nobres usavam vestuario de púrpura em sinál de luto, ao passo que as chamadas «classes inferiores» punham um laço de fita encarnada no ombro.

Depois do trespasse, a primeira personagem que se apresenta com indumentária preta é o cangalheiro que, a custo, mal disfarça o contentamento interno de ter sido o preferido naquêle negociozinho do carrêto para o cemitério. Mostra os preços da tabela nas clássicas três classes, como se se tratasse duma viagem em comboio ou paquete.

Se o transporte preferido fôr o da 1.ª classe, até as bestas do carro funerário e das que conduzem o do sacerdote, envergam compridos balandraus negros, em tudo semelhante ao *trajo de dor* dos homens.

Antigamente, os préstitos fúnebres eram acompanhados por carpideiras, choronas de profissão, mulheres alugadas para prantearem os defuntos... desde que lhes pagassem o oficio. Países havia em que o mister de chorar era exercido por ambos os sexos. Os romanos foram buscar esta usança aos hebreus.

Os «chorões» encorporavam-se no cortejo a seguir aos filhos do môrto, naturalmente porque tal situação lhes facilitava a choradeira... por contágio.

Entre os romanos, quando terminava a cerimônia fúnebre, os profissionais do chôro voltavam-se para os restos mortais do defunto e exclamavam:

Adeus! nós te seguiremos, quando a Natureza quiser!»

Os primitivos cristãos faziam da morte uma idéia muito diferente da que faz a maior parte da gente. Acreditavam que o falecido continuava a viver. Para êle, a comunhão com os desencarnados não se rompia; consideravam a morte como uma elevação, uma honraria, uma magnificência, porque acreditavam que a individualidade do desincarnado subsistia.

Pode-se ler em livros dos padres da Igreja que era costume dos cristãos primitivos celebrarem o dia da morte, como celebravam o dia do nascimento, porque entendiam que o falecido ingressara em nova vida e essa eterna.

Nessa época, um entêrro cristão estava em oposição direta ao luto e à nota sombria que caracteriza qualquer funeral de hoje.

Os primitivos cristãos levavam palmas e ramos de oliveira nos cortejos fúnebres, banindo os de cipreste por esta árvore ser considerada como símbolo de tristeza. Junto do cadáver entoavam cânticos, mas rejeitavam as cerimônias funéreas dos judeus, tais como: amortalhar o cadáver com vestes lutuosas, espalhar cinzas sôbre a cabeça, rasgar o vestuário...

Os primitivos cristãos reprovavam, em termos enérgicos, o costume romano do uso de roupa preta em sinál de luto. Falavam dos seus mortos nas suas preces e oravam por êles.

Agora, e desde há muito tempo, dominam os símbolos lutuosos. O costume pagão-romano do uso de vestes negras durante meses e até anos, é o que adota quasi toda a cristandade, inclusive quasi todos os espíritas.

Raros, muito raros serão os espíritas que tenham coragem de contrariar os «usos e costumes». É que se tal fizerem «gente há de falar» — como se diz na India Portuguesa — frase que muito bem exprime o temor da «opinião pública».

O luto é uma das maiores mentiras da sociedade que só aproveita àquêles que sabem explorar a costumeira. É uma espécie de mostruário de mágoas para o «respeitável público» tomar conhecimento e um ou outro perguntar ao lutuoso:

— Que lhe aconteceu?

E o rosto do interrogante — ouvida a resposta que *obrigava* ao luto — de prazenteiro que estava, descamba em carrancudo, como gesto mais adequado à *tristeza* da notícia.

Se o trajo de preto, como sinál de luto, fôsse realmente «traje de dor», o prêto deveria, também, ser a côr preferida na roupa íntima. como, porém, tal roupa não é destinada a mostrar ao «respeitável público», o tal «trajo de dor» é só para uso externo. Tudo fachada.

A convenção — tácita, pelo menos — admite duas exceções: o sobretudo e a *gabardine* podem ser de qualquer côr. Pessoas há que estendem o luto ao lenço branco com barra negra, à semelhança do papel tarjado em que escrevem e dos bilhetes de visita que distribuem. E tudo isto custa dinheiro... mas agrada ao «respeitável público».

Tão acreditado está a côr preta como símbolo de dor, que há homens que a adoptam nas próprias camisas com que vão à rua.

Há mulheres de «sociedade» a quem o traje preto dá tanto realce, que não se lhes dava de prolongarem o prazo marcado nos «usos e costumes», ou terem um lutozinho de vez em quando...

«Peraltas e sécias» da denominação antiga, ou «gente de bem» da denominação «bestial» moderna, têm tal preocupação com a impecabilidade da elegância que nada lhes importaria que massas de pessoas morressem de fome e de frio, contanto que êles pudessem ter os meios de morrer com elegância — segundo o comentário irônico de Bernard Shaw.

É êste escritor quem, assim, descreve o funeral duma rica dama:

«O caixão estava coberto com uma profusão de flôres de preço. O cangalheiro tinha recebido ordem de não poupar as despesas e de arranjar cavalos pretos com longas caudas, cujo dorso desaparecia debaixo de compridos panos mortuários negros, cujas cabeças ostentavam altos penachos pretos. Os cocheiros tinham laços de crepe nos ombros, calçavam botas de joelheiras e sentavam-se em almofadas negras, envergando mantos e calçando luvas pretas».

Os pais da falecida é que tinham exigido aquêle «brilhante» funeral que, em tôda a parte, constitue um espetáculo gratuito para a vizinhança e para os transeuntes e moradores das casas situadas ao longo das ruas do trajecto. Mas o viúvo respeitava tal exibicionismo, dizia de si para si.

— Eu não podia, de maneira nenhuma, tomar parte, a sangue frio, numa mascarada grotesca e pagã, atrás do seu esquife. Aceitei o monumento fúnebre, se bem que, na minha opinião, não haja prova mais amargamente ridícula da vaidade humana do que êsses blocos de mármore erectos para anunciarem à posteridade que o senhor fulano de tal nasceu, viveu e morreu, deixando dinheiro bastante para pagar a um canteiro, afim de distinguir os seus ossos dos de milhões de sêres.

A vaidade dos viventes na Terra a querer eternizar-se!

Depois das drogas que, em regra, contribuem para a passagem a defunto, segue-se a certidão de óbito, o registo civil, o cangalheiro com a aparelhagem correspondente à classe tomada para o transporte do corpo, o serviço religioso que, igualmente, é feito por classes, as flôres, os carros com os amigos ou pretensos amigos que assim — dizem êles — vão prestar ao morto a última homenagem... a maior parte das vezes a primeira. Se o morto foi pessoa de tomo, à beira da sepultura fala um senhor a enaltecer-lhe virtudes esgravatadas em casa e que, em vida, nunca se dera ao trabalho de procurar. Se tem jazigo, próprio ou emprestado, lá vai para um gavetão semelhante a beliche de paquete, revertido ao pó donde veio.

Todos os empresários da morte se pagam dos seus serviços o melhor que podem... que preços não os discute, em lances tão dolorosos, a família do morto, que, de resto, também entende que é a maneira de prestar a «última homenagem» ao ente querido. Quando falece em hospitais um fulano que «não tem onde cair morto» — e a expressão não pode ser mais apropriada — os jornais de «grande circulação» anunciam que o *cadáver de fulano de tal aguarda quem lhe faça o funeral*... até parece que há cangalheiros metidos nas empresas jornalísticas, as quais têm um bom quinhão na *Indústria* com a publicação de participações de falecimentos, de há tempo para cá fortemente avolumado com a inserção do retrato do morto: e isto sem o menor risco de capital. Então, se se trata de defunto que em vida tivesse sido pessoa «graúda», com mesa posta em várias emprêsas industriais ou comerciais ou estabelecimentos do Estado, as participações do falecimento multiplicam-se. Já cheguei a contar oito participações de várias entidades ou corporações do mesmo falecimento. Que gáudio para os jornais! Em todas elas se afirmam que «cumprem o doloroso dever», inclusive aquêles que com o desaparecimento do fulano intimamente rejubilam, porque subiram na hierarquia burocrática, industrial ou comercial, com os respectivos proventos, ou lhe herdaram os avultados bens.

Que fartura de hipocrisia em tudo isto!...

Charles David Ley conta que vivera uma temporada com uma família que habitava uma quinta em uma serra de provincia portuguêsa. «Era motivo naquela família — escreve David Ley — não só a dureza com que os seus membros encaravam a vida, mas também o seu trato franco e estoico, quer entre êles, quer com os outros, e, sobretudo, a sua indiferença perante a morte. A morte para êles era um incidente sem importância; hoje êste, amanhã aquêle. Ninguém deve afligir-se ou queixar-se por isso; não vale a pena lutos nem lágrimas, mesmo quando morre quem nos é mais próximo».

Ora aqui está uma família que pratica atos de verdadeiro espírita... embora o narrador não diga que os seus membros fôssem partidários da doutrina:

«A morte é um facto e um facto a aceitar com toda a calma»... da mesma maneira que se aceita o facto do nascimento. São duas crises iguais e contrárias.

Na opinião de teósofo Leadbeater, é à ignorância e à incredulidade que se devem atribuir as exageradas manifestações de pena pelo desaparecimento da Terra dum ente querido. Tais lamentações constituem um êrro de mais flagrantes.

Para êle, os atavios sinistros e grotescos de que a maior parte da gente rodeia a sua dor, representam um anacromismo absurdo e a revivescência da superstição medieval.

Não se compreende que o cristão — aquêle que geralmente acredite que o fenômeno da morte é o caminho do espírito desencarnado para a felicidade eterna — *não se compreende que celebre o acontecimento com o uso de trajes pretos e crepes e que escreva em papel tarjado de negro.*

O que se aplica ao cristão tem inteira aplicação ao espírita e ao teósofo que muito bem sabem que o ente querido apenas desapareceu do nosso convívio para passar a uma existência superior no plano astral ou, na pior das hipóteses, menos infeliz, por se ter libertado das aflições carnais. E isto ainda não é tudo, afirma Leadbeater. A dor a que as gentes se abandonam pela morte duma pessoa amada não só se fundamenta num êrro crasso, mas também representa uma acumulação considerável de sofrimento completamente inútil. O caso ainda é mais sério, porque essa incontinência de tristeza, essas lamentações intermináveis e inconsoláveis produzem sempre um efeito muito penoso no desencarnado, naquele por quem sentimos afeição tão profunda e que, afinal, fazemos sofrer com o nosso sofrimento. E isto acontece, com maior intensidade, em regra, precisamente na ocasião em que o desencarnado, o ente querido, se encontra no estado de inconsciência que precede o despertar no Astral, bruscamente tirado dos sonhos felizes em que talvez estivesse mergulhado. Tais manifestações provocam no seu *corpo de desejos* vibrações correspondentes, causando-lhe mal-estar violento e prostração prolongada que retardam o seu progresso.

Essa falta de domínio de si mesmo da maior parte dos sobreviventes da Terra, é um dos maiores obstáculos com que deparam os espíritos amigos habitantes do Astral que desejam auxiliar os recém-chegados. Os próprios desencarnados não raro reconhecem os entraves que para êles constitui a dor sem tréguas a que se abandonam seus parentes e outros amigos.

Os crentes religiosos sobreviventes, garantem pela vida a fora um pequeno rendimento: muitas vezes, até uma geração inteira fica sendo contribuinte voluntária da «indústria da morte» com a realização de comemorações fúnebres, sufrágios periódicos préviamente anunciados nos jornais a um tanto por linha.

O morto, dêste modo, é, afinal um capital de rendimento certo para os intervencionistas dos sufrágios...

Mas, que valor podem ter as preces mercenárias?... Cortamente, o mesmo que tinham dantes as lágrimas das carpideiras.

Luto e mais exibicionismos ostentados no «mostruário de pesar»... são outros tantos elementos demonstrativos de que a *morte é indústria dos vivos*.

Mais nicanorbarretismo insubsistente

Reagimos, felizmente, depois de sete mêses de cama, entre a vida e a morte. Derrubou-nos o coração que passou, depois de tanto tempo, a reagir.

Consequência de nossa excursão ao Norte?

E' possível, com tantos *nicanorbarretismos* pela frente...

E o de 4 de fevereiro, inserto em *O Dominical*, é d'arromba!

Salientam-se na longa muxinifada do padre com ou sem batina, pontos muito interessantes, que são: I) Seus conceitos e os da Igreja sobre o Espiritismo; II) Que o Espiritismo não é religião; III) Nossa fraqueza em tudo, até na gagueira; IV) Liçõesinhas de gramática; V) Sua urbanidade fôrçada, que nos chama de preclaro lá em cima, e, cá em baixo, diz que merecemos asco; VI) Nossa cultura negativa; VII) Negativa de que o papa não é a besta do Apocalípse, etc.

Ora, cada item desses bem mereceria um artigo à parte.

Mas, ainda nos falta saude e fortaleza para tanto.

Englobamos, portanto, num artigo só, *currente calamo*, uma resposta. Mesmo porque, suas razões superficialíssimas e seu arrojo clerical, não merecem, na verdade, mais.

O item I vale zero, porque S. S., e sua Igreja, nada sabem do Espiritismo, não estão à altura de emitir conceitos sôbre êle. Mormente, confundindo manifestações de espíritos, que sempre existiu, que existia entre os israelitas, proibido por Moisés aquí e permitido alí, com o Espiritismo, que é uma doutrina definitiva, formada e fundada a regras lógicas, do Livro dos Espíritos para cá. Livro que, há 95 anos aí está, com suas 118 perguntas e respostas, desafiando todos os *nicanorbarretismos* de padres sectaristas e sábios materialistas...

Supondo-se dogmas, templos e sacerdotes como elementos fundamentais da religião, o Espiritismo, não é, efetivamente, religião. Ninguém póde explorá-lo *nicanorbarretamente*, explorando a fé alheia. Nem entupir seus altares de calungas e manipanços bentos, douradinhos, milagreiros. E é isto, exatamente, que explora o povo. E' nisso que está a exploração das massas. Ora, o Espiritismo, felizmente, nem altares tem...

Mas, se religião é a arte de ligar os homens entre si, para religá-los a Deus, ao Cristo, o Espiritismo é a Religião...

Somos, realmente, fraco em tudo, até na gagueira. Mas, nossa fraqueza geral não nos permitiu que continuassemos nicanorbarretamente, nos pés dos padres, engulindo suas hóstias, levando a sério suas falsidades do Cristianismo puro, achando que seu *paganismo cristianizado* seja, realmente, a religião d'Aquêle que ensinou «só em espírito e verdade devemos adorar a Deus». E preferimos gaguejar, *psicologicamente*, na palavra, do que na fé, do que nos princípios cristãos, do que nos ensinos do Cristo. Essa gagueira fica para os *nicanores barretos* de todos os tempos...

Obrigado ás liçõesinhas de gramática. Se, entretanto, se tratasse de discussões gramaticais havia muito o que dizer. Mas, com licença e perdão para o latinonio: *de minimus non curat praetor*...

Não lhe agradecemos tampouco, sua urbanidade forçada. Nem póde agradecê-la um homem que não atacou ninguém, que pregou e pregará suas convicções religiosas livre das peias católicas, dentro da liberdade que as leis de seu país lhe permite. Não fossemos, portanto, espírita, diriamos que asco causou-nos, *nicanorbarretamente*, a figura do articulista, que não o conhecemos pessoalmente, em Teresina, porque não podem causar outra coisa, sinão asco, as pessoas que se metem, nesciamente, ignorantemente, nicanorbarretamente, naquilo para que não foram chamadas...

Que sabe S. S. de nossa cultura ?

E, se a apalpou aí, porque não nos procurou para uma conversa ou discussão fraterna ou católica ?

E levaria vantagens, de vez que S. S. não deve ser gago, pois não ? Mas, êsse negocio da cainçalha grunir depois que a caravana passa...

Que o magnata do Vaticano, a cidade das sete colinas, é a besta do Apocalipse, o 666 da visão de João Evangelista, e a Igreja, a grande prostituta que tem se aliado aos grandes da Terra para humilhar os fracos e pequeninos, só póde negá-lo quem não conhece a História da Igreja, quem não procura examinar de tudo para aceitar, sómente, o que lhe convenha. E, a frase latina, *vicarius fili Dei*, que S. S. impugna tão nicanorbarretamente, lá está, inteirinha, no grande livro, *As Quatro Babilônias*, do engenheiro Marius Celi, que não é adventista ; lá está no admirável *Sinais dos Tempos*, de Anibal Vaz de Melo, obras que, pelo sucesso extraordinário que provocaram, se esgotavam facilmente. Obras que a *cultura espantosa* do Sr. Nicanor Barreto desconhece.

E, para terminar, não é demais chamar a atenção do inculto, tapeador e igrejífero adversário para o último apêlo do papa, que S. S., a despeito de toda sua cultura, desconhece.

Apêlo concitando todos os espiritualistas, qualquer que seja seu credo, para a formação de uma barreira intransponível aos propósitos negativistas do comunismo. Só ignora, atualmente, que o mundo está dividido, naturalmente, em duas correntes — o comunismo ateu e o Espiritualismo — quem tudo, *nicanorbarretamente,* ignora. Por isso, só entra a atacar, nicanorbarretamente, os credos alheios, quem igonra esta realidade flagrante.

O Espiritismo, na sua pobreza e simplicidade bem iguais à simplicidade e pobreza do Cristianismo no 2.º século de sua história, procura fazer o que póde e até o que não póde, no serviço, de que tanto se descura a Igreja, de aclarar consciências e cristianizar corações.

Se a Igreja persiste em defender seus postulados e fundamentos de 17 séculos que nenhum benefício positivissimo trouxe à humanidade, isso é com ela, com os seus nicanores barretos, com a sua nunca desmentida intolerância e pretensão.

Leopoldo Machado.

—

Almas Gêmeas (Fusão ou Confusão ?)

Consta que o piedoso califa Omar escreveu no Corão : «Queimem as bibliotécas, porque nêste livro está tudo». E que Emerson aplicou as mesmas palavras referindo-se à República de Platão.

Nêsse maravilhoso livro do filósofo grego, encontramos metafisica, teologia, ética, psicologia, educação, arte, estatismo e quanta coisa mais, abordando transcendentes assuntos como o feminismo, contrôle da natalidade, comunismo, democracia, aristocracia, eugenía e educação libertária.

Seus diálogos são repositórios das maiores preciosidades legadas ao gênero humano.

O primeiro e mais completo sistema de filosofia espiritualista produzido pelo pensamento humano, é o platonismo.

O seu método, chamado dialética, consistia em eliminar as diferenças dos indivíduos para ir ás semelhanças, subindo, em espiritualidade até Deus.

«E' preciso que a alma toda inteira vá, nas asas do amor, até ao princípio do seu bem».

Parecer-se com Deus, eis toda a moral do platonismo.

O platonismo exerceu grande influência sôbre os maiores vultos do pensamento filosófico, desde Aristoteles até os neo-platonicos, como sôbre a poesia da renascença que tanto empolgou os séculos XV e XVI.

Vitor Hugo, poeta lírico e espírito profundamente sentimental, dedicou-se também ao estudo e à prática do Espiritismo. Talvez por isso, o eterno enamorado da beleza espiritual, viesse mais tarde em seus poemas mediúnicos focalizar a teoria platonica das «almas gêmeas», através da psicografia de Zilda Gama.

Allan Kardec, o sábio codificador do Espiritismo, procurando esclarecer os assuntos, já então objetos de sua preocupação, não se esqueceu de ouvir também, sôbre a teoria das «almas gêmeas», a opinião de seu mentor, formulando-lhe as seguintes perguntas:

«P. — 298. As almas que devem unir-se então, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós, tem, nalguma parte do universo, sua *metade*, à que fatalmente um dia se reunirá?

R. — Não; não há união particular e fatal de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em gráus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade».

Depois, em seu comentário pessoal, diz o insigne codificador, recusando a idéia:

«A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem de certo a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Necessariamente limitado sendo o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem estado separados por tempo mais ou menos longo».

Quando Emmanuel, respondendo as perguntas que lhe foram feitas, em número de 410, que constituiram o magnífico livro — «O CONSOLADOR» — a Federação Espírita Brasileira, como sentínela avançada, resguardando o grande patrimônio doutrinário constante das obras fundamentais, apresentou, por intermédio do médium receptor, as suas razoáveis objeções aos conceitos emitidos pelo Espírito orientador, sôbre a teoria das «almas gêmeas», rejeitando a inovação que viria alterar profundamente os postulados da Doutrina.

Hoje ainda, parodiando Emerson, que fez suas as palavras do califa Omar, podemos afirmar, sem receio de contestação, que, nas obras fundamentais da codificação está tudo quanto se faz necessário para orientar os homens no sentido da sua evolução espiritual, para a Fraternidade Universal.

Por mais que queiramos ressaltar as obras dos escritores cristãos, não poderemos jamais substimar o Evangelho, fonte de onde jorra, para toda a humanidade a linfa cristalina de toda a sabedoria cristã.

Assim são também os livros que fundamentaram a Doutrina dos Espíritos, ditados pelos missionários da Revelação.

A principal missão do Espiritismo é a reforma do homem, visando a Fraternidade Universal.

Amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, eis o grande ensinamento.

As afeições particulares, são todas de natureza humana; representam ajudas na escalada do progresso, mas, na proporção que o Espírito caminha, desenvolvendo todas as suas principais virtudes, os seus raios de afeição crescem na mesma proporção, até que possa atingir a humanidade inteira.

Essa é a Doutrina do Cristo. São esses os postulados do Espiritismo em marcha para a confraternização de todos os povos, na Terra e no Espaço.

As teorias platonicas de Vitor Hugo, como as de Emmanuel, não formam bases doutrinárias; são devaneios de Espíritos enamorados da beleza, em busca da perfeição maior.

Quando a Federação Espírita Brasileira, côncia de sua grande responsabilidade como orientadora que é do Espiritismo no Brasil, recusou a teoria das «almas gêmeas», o fez, não só amparada nas obras basilares, como também orientada por aqueles que do plano espiritual traçam rumos à propaganda do Espiritismo em nossa Terra.

São do próprio Emmanuel, as seguintes palavras, respondendo à Federação Espírita Brasileira, quando de sua recusa à teoria das «almas gêmeas»:

«Devo a pequena confusão observada, concedendo à matéria certos ascendentes que só pertencem ao espírito, a perturbações do método de «filtragem mediúnica», onde o meu pensamento foi prejudicado». («O Consolador», pág. 208).

Embora tenha o Espírito insistido em conservar a tese das «almas gêmeas», e que outros classificam de «fusão», podemos, ainda com êle, recusar a teoria que tanta confusão vem provocando no seio da confraria.

De nossa parte, ainda parodiando Emerson, preferimos ficar com o Evangelho, com as obras basilares e com a Federação Espírita Brasileira.

Pereira Guedes.

Crônica Estrangeira

A Previsão do Futuro

> *O conhecimento da alma humana como entidade psíquica e física, será a ciência de amanhã.* — C. Flammarion.

Será possível prever o futuro?

Todo o neo-espiritualista sabe que o futuro está inscrito no nosso Karma. Portanto, para os indivíduos dotados de faculdades supra-sensíveis é possível a leitura dêsse Karma ou destino, e até indicar aonde e quando a nossa vontade e o nosso livre-arbítrio devem intervir, dentro da nossa liberdade condicionada por êsse mesmo Karma. O pensamento tem a sua forma, o seu volume e a sua côr, factos estes observados pelos cientistas Lancelin, Lombroso, Karl du Prel, e constatados por clarividentes.

A leitura do futuro por qualquer forma que ela se faça não constitúe um atentado ao nosso livre-arbítrio, porque há circunstâncias e factos que nos dominam tão fortemente que não lhes podemos fugir. E' porque, nesses casos, existem forças Kármicas em ação contra as quais não podemos reagir. E' o caso que cita o ditado — «O Homem põe e Deus dispõe».

O futuro é o nosso destino que nos arrasta como um turbilhão, porque êle faz parte das fôrças universais de que somos ínfimas engrenagens.

Dentro do destino temos o nosso livre-arbítrio mas livre-arbítrio relativo e não absoluto. O livre-arbítrio é o contrôle que nos dá a alma-consciência; é o fiel da balança dos nossos próprios atos emanando da nossa vontade.

O futuro é, pois, o resultado do *uso* em bem ou em mal que dessa vontade fizemos em precedentes encarnações.

A Natureza sempre pródiga, distribue equitativamente os seus «dons» por todos. Assim, as faculdades supranormais revelam-se em médiuns que, por vezes, são acusados de pacto com o Demônio, ou então, se se trata de pessoas votadas ao catolicismo, como Catarina Emmerich e outros médiuns, passam à categoria de inspirados pelo Senhor, e chegam até a fazer «milagres».

Conta-se a respeito do abade Vierney, o famoso cura d'Ars, que viveu entre 1786-1859, o seguinte caso:

Numa manhã encontravam-se na sua igreja, três religiosas dispostas a ouvirem missa, quando o cura d'Ars se lhes dirigiu dizendo: — Partam imediatamente! Senhor cura, respondeu uma delas; nós queríamos primeiro ouvir a santa missa. — «Não, minha filha, partam já, porque uma de vós vai adoecer, e depois têm de ficar aquí».

Com efeito, a pouca distância da localidade onde residiam, uma das freiras sentiu-se subitamente indisposta, a ponto de as suas companheiras terem que a levar em braços até à séde da confraria. Foi o começo duma doença que nada fazia prever.

O cura d'Ars era, portanto, dotado de faculdades psíquicas transcendentes; mas, quando as suas manifestações lhe desagradavam, atribuia-as ao Diabo, se bem que nem êle, nem ninguém jamais o tivessem visto.

O que não é menos curioso é que esses relatos são feitos por um sacerdote, o abade Alfred Monnin, no seu livro intitulado — «O Cura d'Ars».

Como já disse, o futuro póde ser lido com o auxílio de diversas mediunidades.

A quiromância, que é uma autêntica ciência, necessita do auxílio dum sensitivo de grande intuição.

Nesta outra modalidade psíquica, está comprovado o caso passado em 1879 com *Monsieur* de Ch. quando duma sua consulta à celebre *M.elle* Lenormand, que, ao examinar-lhe as linhas das mãos, lhe disse: — «Seu pai, morrerá de hoje a um ano, e o Sr. em breve será militar, (o consulente tinha então 19 anos), mas pouco tempo estará no exército. Casará cedo e dêsse matrimônio terá dois filhos. Morrerá aos 26 anos».

Como todos os factos se cumprissem com matemática exatidão, *Mr.* de Ch. ao ver aproximar-se a data fatal caíu numa grande neurastenia e foi consultar o Dr. Liebault (que já citei em artigo precedente, e que nessa época era muito conhecido em Paris) e perguntou-lhe se não haveria meio de conjurar a fatalidade anunciada.

Êste especialista hipnotizou o consulente afim de dissipar do seu espírito tão grande preocupação.

Mr. de Ch. julgava que o terrível acontecimento devia realizar-se em 1 de Fevereiro, dia do seu aniversário natalício.

O Dr. Liebault, querendo ainda operar por sugestão, aconselhou o seu cliente a ouvir um velho conhecido pelo «Profeta» a quem perguntou quando morria. «O sr. morre... morre... (não podia dizer-lhe a verdade) daquí a quarenta anos».

O efeito destas palavras foi maravilhoso, mas em Outubro dêsse mesmo ano, o Dr. Liebault recebeu uma carta comunicando-lhe a morte de *Mr.* de Ch. aos vinte e seis anos, conforme a profecia de *M.elle* Lenormand.

Eu própria fui testemunha dum caso do mesmo gênero.

Certa noite de 1927, após um banquete comemorativo, onde se cruzaram opiniões sôbre a previsão do futuro, foi-me pedido por algumas pessoas que lhes lesse nas linhas da mão.

Uma delas, *Madame* G..., diretora dum liceu feminino dessa cidade, do Norte da África, onde então me encontrava, e ela gozava de excelente reputação, com um sorriso de superior incredulidade, estendeu-me a mão para a «profética» leitura.

Depois de lhe citar vários factos que *M.me* G. confirmou, «aconselhei-lhe que modificasse a sua maneira íntima de viver, (que eu desconhecia) pois correria o risco de se ver envolvida num processo de tristes consequências para ela e que, talvez a levasse a cometer uma muito grave e mesmo fatal imprudência».

M.me G. acentuou o seu irónico sorriso para me mostrar que não tomava a sério a minha discreta advertência, pois pelas suas mãos acabara de conhecer os seus segredos.

Decorridos, porém, três anos, fui informada de que, em consequência do divórcio que contra ela fôra intentado por irregularidades conjugais, pelo que também perdera o seu cargo de diretora, *M.me* M. G. partira para Paris, aonde se suicidara com um tiro de revolver na bôca.

Adelaide Ivone de Sousa.

De «Revista de Metapsicologia».

⁂

Um banqueiro holandês sonha com a Esfinge

«Two Worlds»

Arqueólogos egipcios grandemente impressionados. — Encontrada debaixo da areia uma escadaria oculta

Os membros do governo egipcio, particularmente os do Departamento do Ministério da Educação, recentemente ficaram aturdidos pela clarividência, em sonho, de um banqueiro holandês, sr. H. J. Kerkhof, relacionada a certos tesouros ocultos aos pés da Esfinge.

Segundo o *Journal Edmontou*, do Canadá, o banqueiro, que nunca esteve no Egito, escreveu ao governo egípcio pedindo permissão para verificar a exatidão de certos sonhos seus referentes à Esfinge. As autoridades locais condescenderam com o inocente capricho, e permitiram ao banqueiro satisfazer sua fantasia.

De acôrdo com a autorização, chegou êle ao Cairo, acompanhado da esposa, de um colega e respectiva mulher e um fotografo-artista, munido de uma série de informações que, segundo sua afirmativa, lhe fôra dada em sonho por

Akhenaton (Akhenaton fôra Rei da 18.ª dinastia — cerca de 1375 anos antes da Éra Cristã).

Outro Sonho

Acampado, em tendas, aos pés da Esfinge, o grupo foi, após algumas noites, presenteado com outro sonho, do qual resultou conduzir o banqueiro e os componentes da sua comitiva a um lugar debaixo do qual êle afirmou existir uma escadaria de 77 degraus que conduzia à base da Esfinge.

Subsequentes escavações encontraram vestígios de uma escadaria, durante séculos oculta sob as areias — e o Ministério se interessou pelo caso. Eles desenterraram-na quasi por completo.

O banqueiro, assim afirmam, em seguida predisse o encontro de uma câmara no fim da escadaria, na qual serão descobertas as múmias de um príncipe egípcio, sua mulher e quatro filhos, e igualmente grande quantidade de objetos de ouro.

Impressão dos Membros do Governo

As últimas notícias revelam que o Ministério está empenhado na escavação para a descoberta da câmara oculta, tão forte foi a impressão causada pelas faculdades clarividentes do banqueiro e cogitam mesmo nomeá-lo «adivinhador oficial»!

Ainda não chegaram novas notícias e, portanto, não sabemos se as últimas predições foram confirmadas.

⁂

Estranha Aventura

«Constancia»

«Em uma autobiografia — «*África Drums*» — Richard St. Barbe Baker, outróra funcionário florestal em Kenya e Nigeria meridional, cita uma das aventuras mais estranhas que podem ocorrer ao homem. Vivendo entre os africanos, conheceu muitos casos de transmissão do pensamento. Os naturais conheciam e ainda «viam», cousas que ocorriam a vários quilómetros de distância, por um misterioso poder de comunicação. Pergunta o autor se não são os tambores africanos os que criam a atmosfera propícia para a transmissão das mensagens mentais e a visão à grande distância que anulam o tempo e o espaço. De regresso a Londres, St. Barbe Báker não poude olvidar seus amigos africanos e os chefes com os quais tivera relações. A miudo, de noite, parecia-lhe estar mui perto daqueles homens, por cuja felicidade e bem-estar havia se preocupado, enquanto éra funcionário florestal. Certa tarde foi ao bairro de Temple, em Londres, para tratar com Lord Lymington, de um plano de reflorestamento da Gran Bretanha. Lord Lymington residia em 2 Paper Buildings e dispondo o autor de alguns minutos antes do encontro, entrou na casa de 6 Crown Office Row, onde vivia uma senhora amiga.

«Antes de ter tempo—relata o autor — de tocar a campaínha, a senhora abriu a porta e saudando-me apenas, fez-me entrar na sala, onde se encontrava uma senhora idosa que eu não conhecia. Mas tive a surprêsa de ouvir esta senhora falar-me com a voz de um velho chefe africano, a quem eu visitava a miudo nas serras de Kenya. Falava no dialéto do distrito, cheio de inquietude e veemência. Compreendi que havia dificuldades, algum êrro do governo que acarretava prejuizo para a tribu e creava descontentamento entre os indígenas mais jovens e revoltosos. Era evidente que, em consequência disto, poderia produzir-se grave situação. O chefe pedia o meu auxílio para sua tribu em um momento de crise. Respondi na mesma língua, apertando a mão da senhora, de acôrdo com o cerimonial da tribu dos Kiama, assegurando ao chefe que faria o possível para tirá-lo dos apuros Em seguida, como era preciso ir à conferência com Lord Lymington, retirei-me sem ocupar-me com a médium. Nessa mesma tarde, pus-me em comunicação com um amigo, funcionário do Ministério das Colonias, a quem forneci todos os dados que me havia proporcionado o chefe. Manifestei a êle o desejo de não revelar a fonte de minha informação, que lhe assegurei ser fidedigna, e pedi-lhe que sanasse a dificuldade criada à tribu dos Kiama. Assim o fez, e dois dias depois, recebí telegramas que confirmavam a mensagem que me fez chegar o velho negro».

⁂

Identidade de um Espírito

Um membro da S. P. R., Inglaterra, publicou interessante caso de identificação de um espírito que se resume no seguinte:

— «Pouco tempo depois do meu nascimento, diz o autor, um certo Joe Somers, casou-se com minha tia, Ana Wilder. Aparentemente Joe foi mau esposo, pois, três anos após seu casamento, abandonou a mulher e filhos, e nunca mais deu notícias de si.

Certa tarde, há poucas semanas, conversava eu com o sr. John Ticknor, sôbre negócios, quando êste, mudando de assunto, disse: «Um homem que diz chamar-se Joe Somers, está atrás de você».

John Ticknor que é notável psicómetra, ou metagnomo, recebeu u'a mensagem de Joe Somers, por via auditiva, em que êste tendo entrado no Regimento de Voluntários, na Comp. D., foi um dos primeiros a ser morto.

Em vista destas declarações, foram feitas investigações no Estado Maior, mas não foi encontrado o nome de Joe Somers na lista de soldados que pertenceram a êste regimento.

Dias depois, Somers deu outra mensagem a Ticknor. Nesta, foram transmitidos maiores detalhes.

«Você não poude encontrar meu nome na lista, porque eu me inscrevi em 16 de Abril de 1861, sob o nome de Carlos E. Thompson. Fui morto em 19 de Abril de 1861, pelos revolucionários, em Baltimore».

Recorreu-se novamente ás autoridades militares. A resposta foi:

«Boston, Abril 30, 1924. O nome de Carlos E. Thompson se acha nos arquívos da Comp. D. Sixth Mass, alistado em 16 de Abril de 1861. Morto em 19 do mesmo mês e ano, em Baltimore, Maryland».

Em outra comunicação, Somers refere as condições de sua nova vida.

Aprendi muitas cousas depois do meu desencarne. No começo, achava-me em estado de grande perturbação. Parecia-me não compreender o que me rodeava. Nada me era familiar. Achava-me desorientado. Senti a necessidade de desembaraçar-me de minhas aflições, afim de me habilitar para uma mudança de ordem superior em minha espiritualidade: daí a razão das mensagens a Ticknor».

De outra feita, êste mesmo espírito deu outros testemunhos, e depois, disse: «Voltei, eu tinha fechado o livro, mas desejava adicionar outra página. Fomos quatro a morrer ao mesmo tempo: Newton, Lang, Whitting e eu. Caimos com um intervalo de cinco minutos e à distância de 20 metros, uns dos outros».

Fez-se nova investigação e a Secretaria da Guerra de Massachussets, informou:

— «Lutero A. Lang e Ernesto E. Whitting, eram componentes da Comp. D. Ambos foram mortos em Baltimore, aos 19 de Abril de 1861.

— «Carlos E. Thompson (Joe Somers) caíu no mesmo lugar e na mesma ocasião.

— O nome do outro soldado, parece ser desconhecido, mas um Cabo chamado W. J. Needham foi morto juntamente em Baltimore com os mencionados soldados».

Possivelmente o espírito comunicante se referia a êste nome. De qualquer modo, a impossibilidade de obter o verdadeiro nome do último soldado, não tira o valor desta enorme série de identificações espíritas.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	. . 50,00	Do 7.° ano	. . 50,00	Do 8.° ano	. . 50,00
Do 10.° ano	. . 50,00	Do 11.° ano	. . 60,00	Do 12.° ano	. . 60,00
Do 13.° ano	. . 60,00	Do 14.° ano	. . 60,00	Do 15.° ano	. . 70,00
Do 16.° ano	. . 80,00	Do 17.° ano	. . 60,00	Do 18.° ano	. . 60,00
Do 19.° ano	. . 60,00	Do 20.° ano	. . 60,00	Do 21.° ano	. . 60,00
Do 22.° ano	. . 60,00	Do 23 ° ano	. . 60,00	Do 24.° ano	. . 60,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da reunião de 6 de Outubro de 1951

Por haver-se comemorado no dia anterior o segundo aniversário do «Pacto Áureo de Unificação do Movimento Espírita no Brasil», a reunião tratou exclusivamente das comemorações, porém muitos representantes ainda não haviam recebido relatórios dos respectivos Estados e o noticiário registrado em ata ficou muito incompleto.

Distrito Federal — A F. E. B. comemorou a data em sessão pública e fez o lançamento do romance «Ha dois mil anos...» em Esperanto, em primorosa tradução levada a efeito pelo representante de Pernambuco, e comemorou o natalício de Kardec com o lançamento do livro «Vade-Mecum Kardequiano», lançado com o prefácio datado de 3 de Outubro de 1951 e posto nas livrarias na mesma data. A Liga Espírita do Distrito Federal dirigiu convite à todas as sociedades adesas, para uma sessão solene que se realizou em 5, sob à presidência de Aurino Souto e como orador o confrade Dr. Miranda Ludolf.

São Paulo — Com a casa repleta, foi realizada sessão solene da U. S. E. com o concurso de todas as entidades federativas do Estado. A solenidade foi presidida pelo Dr. Castro Neves, presidente da U. S. E., e foram oradores: sôbre Allan Kardec, o Prof. Manso Vieira; sôbre o «Pacto Áureo», o Dr. Luiz de Oliveira Bastos, que relatou pormenorizadamente todas as atividades do C. F. N. Compareceu o Prof. Pedro Ubaldi, que se acha em visita ao nosso País, então realizando uma conferência doutrinária. A U. S. E. dirigiu apêlo a todas as entidades espíritas do Estado, para que comemorassem as duas datas.

Pernambuco — O Prof. Porto Carreiro Neto recebeu minucioso relatório de todos os trabalhos realizados nêsse Estado durante os quatro anos mais recentes na obra de unificação, notando-se que muito já foi feito no grande Estado nordestino.

Rio Grande do Norte — O representante deu notícia das atividades no Estado, onde com entusiasmo está sendo preparado o 2.º Congresso de Mocidades Espíritas do Nordeste, a realizar-se em Fevereiro de 1952, em Natal.

Paraná — A Federação Espírita Paranaense realizou sessão solene em Curitíba e providenciou para que todas as suas adesas comemorassem as duas datas.

Rio Grande do Sul — As comemorações solenes se realizaram no quadro do 2.º Congresso Espírita do R. G. S., reunido de 3 a 7 do mês, em Porto Alegre. A F. E. B. se fez representar pelo Cel. Felisberto Amaral Peixoto e remeteu, em discos fonográficos, saudações do seu 1.º Secretário e do 1.º Secretário do C. F. N. Do 2.º Congresso Espírita do R. G. S. foi recebida a seguinte mensagem telegráfica: «O 2 º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, em sessão plenária, ontem, por proposta da Delegação da Federação Espírita do Paraná, aprovou por unanimidade, de pé, com calorosa salva de palmas, a seguinte moção: «O 2.º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul considera data de hoje 5 de Outubro de 1951 como dia festivo, porque lembra que, em igual data no ano de 1949, se realizou, na Federação Espírita Brasileira, a solidariedade das Federações Espíritas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais, unificação espírita. Aproveita ensejo congratular-se pelo acontecimento memorável, assinalando do Pacto Áureo. — Pompilio, Presidente, Duilio, Secretário Geral».

Congresso de Estocolmo — O Presidente comunica que não recebeu resposta ao ofício dirigido à Federação Espírita Internacional e por isto a F. E. B. ficou impossibilitada de comparecer ao Congresso Internacional realizado na Suécia, em Setembro dêste ano.

Sessão em Ajabe — O 2.º Secretário dá conhecimento de atencioso ofício recebido do Japão, para uma grande sessão em benefício dos Espíritos desencarnados na Segunda Guerra Mundial, muitos dos quais ainda se acham em grande perturbação e cultivando ódios de nacionalidade, raças e partidos. A grande sessão realizada em Ajabe, no dia 1.º de Novembro pelo meridiano de Tóquio, ou seja, na noite de 31 de Outubro para 1.º de Novembro pelo meridiano do Rio de Janeiro. O convite pede que, em caso de não poder remeter-se representante, remeta-se mensagem para ser lida na solenidade. O 2.º Secretário adianta que êle mesmo e o representante de Pernambuco já enviaram mensagens dirigidas aqueles Espíritos.

Pietro Ubaldi no Brasil

Após intensa atividade nos arraiais de Piratininga, seguiu o Prof. Ubaldi para Belo Horizonte em companhia de seus assistentes imediatos, Prof. Clovis Tavares e Batista Lino, inclusive uma comitiva expontânea de senhoras e amigos.

Durante 10 dias teve o «Místico da Úmbria» de atender a uma série de compromissos imperiosos nos Institutos de Educação, Engenharia, Faculdades, visitas oficiais ás autoridades governamentais, entidades espíritas e espiritualistas, culminando a sua estada em sólo mineiro com a visita a Pedro Leopoldo, onde encontrou-se com o médium psicógrafo Francisco Candido Xavier. Durante os trabalhos alí realizados, ambos receberam páginas de inestimável valor doutrinário e de orientação que oportunamente serão publicadas.

Os trabalhos que alí se realizaram foram de caráter público no C. E. Luiz Gonzaga e também na Fazenda-Residência do Dr. Romulo Joviano.

De 20 a 30 de Agosto, a Caravana seguiu para Campos, Macaé, etc. no Estado do Rio, e a 1 de Setembro, já na cidade de Santos, ás 20,30 horas, no Auditórium do Ginasio Santista, após ser recepcionado condignamente, teve início a reunião, ouvindo-se de início, a palavra do Prof. Mario Alcantara, Presidente da Camara Municipal de Santos. Respondeu à saudação, em italiano, o Prof. Ubaldi, dizendo-se encantado sobremaneira por tudo que vinha recebendo dos amigos do Brasil. Em seguida o Prof. Clovis Tavares leu a conferência da noite em português e, após 90 minutos, discorridos fluentemente pelo mesmo, palmas vibrantes coroaram os trabalhos oferecidos, dentro de uma atmosféra sadia e que deixou a todos encantados.

Na manhã seguinte, deixava a Caravana a terra de Braz Cubas, e entrando no Estado, visitou: Piracicaba, Catanduva, Rio Preto, Araraquara, Franca, Ribeirão Preto, Baurú, Pinhal, Jundiaí, Taubaté e Guaratinguetá. De volta novamente a São Paulo, teve ocasião o Prof. Ubaldi de apresentar-se no Instituto Caetano de Campos, onde, sob o patrocínio do Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo, presentes os Srs. Representantes do Governador do Estado, Magnifico Reitor e Prefeito da Capital respectivamente: Tenente Auro Champanham, Capitão Djalma Ramos Arantes e Capitão Genesio Nitrini. A reunião esteve sob a orientação do Presidente do Grêmio, Academico José Resstel, coadjuvado pelas Srtas. Maria Sabina Kaundman e Maiah Pinsard, Diretoras do Grêmio.

A saudação da noite ao Prof. Ubaldi, foi feita pelo Sr. Dr. Murilo Matos Faria, Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado.

Na noite de 3 de Outubro, sob o patrocínio do Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, perante um seléto e numeroso público, inclusive médicos de renome, foi o Prof. Ubaldi apresentado, através da palavra esclarecida do Dr. Sergio Vale, em magnifica oração. Em sequência, o Prof. Ubaldi agradeceu em italiano e o tema da reunião foi lido pelo confrade Farmacêutico Carlos Jordão da Silva.

A's 20,30 horas da noite de 4, conferência no Instituto de Engenharia. Apresentação do Prof. pelo ilustre confrade, Engenheiro Plinio Branco e leitura, em português, da conferência pelo Prof. Clovis Tavares.

Finalmente, na noite de 5 de Outubro, em comemoração à Semana de Kardec, sob os auspícios da Federação Espírita do Estado, no salão nobre Bezerra de Menezes, houve uma solenidade especial, fazendo-se ouvir diversos oradores. Ao Prof. Ubaldi, pelo grupo dirigido pelo confrade Julio Abreu Filho, foi oferecido delicado e original mimo ou seja: um quadro do Messias, todo bordado a mão e recebido por via mediúnica, através de distinta médium pintora, cuja apresentação, causou uma impressão altamente significativa. Nessa noite, a palestra foi lida por Batista Lino. Como de costume, o Prof. Ubaldi tomou a tribuna para deixar gravada no coração da numerosa assistência, a sua palavra já conhecida, sincera, vibrante e cheia de fé cristã. Não sabia, disse, traduzir mais as gentilezas e carinhos que se acumulavam em sua alma, através de inequivocas demonstrações recebidas no país.

Na semana seguinte, dirigiu-se o Prof. Ubaldi para o Norte do país, visitando os Estados da Bahia, Ceará, etc., e voltando do norte, seguiu a 13 do mês p.p. para as visitas finais aos Estados do Sul, ou seja: Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A 30 de Outubro regressava a S. Paulo para um merecido descanso, e após 4 meses e tanto de atividades ininterruptas, deverá nos meados de Novembro, retornar à Itália. Como naturalmente ha muito interêsse e ansiedade para um relato claro do que foi a estada no país do Prof. Ubaldi, devemos esclarecer aos leitores, assinantes e amigos da Revista que os patrocinadores da vinda do Prof. Ubaldi ao Brasil, darão dentro em breve à publicidade, um relato completo enfeixado em volume, satisfazendo assim aos numerosos confrades que não tiveram oportunidade de poder, por vários motivos, conhecer-lhe as conferências realizadas, etc., etc.

Certos de que procuramos, dentro de nossas possibilidades, cooperar nas páginas desta Revista, com êsse minúsculo trabalho em duas modestas crônicas, pedimos escusas aos que desejariam uma reportagem completa de Pietro Ubaldi, pedindo pois, dirigirem-se à «Comissão Patrocinadora Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil», para assim obterem maiores esclarecimentos sôbre o que será oportunamente publicado.

A «Revista Internacional do Espiritismo», formula votos ao Prof. Pietro Ubaldi de um feliz retorno à pátria de Dante, e eleva ao Alto seus pensamentos e vibrações de reconhecido agradecimento, pelos maravilhosos trabalhos que daquí por diante mais unificarão os homens sob a legenda do Amor Universal.

Aos ilustres patrocinadores, membros de Comissões, que não mediram esfôrços, cooperando por todos os meios para que a visita de tão ilustre hóspede repercutisse de maneira tão intensa em terras de Santa Cruz, deixamos aquí expressos nossos sinceros cumprimentos e votos de perene progresso espiritual.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, 2 de Outubro de 1951.

Aos nossos prezados Assinantes e Representantes locais

Em vista das grandes dificuldades por que estamos passando em virtude da falta de pagamento das assinaturas desta publicação, da parte de inúmeros assinantes, onde os nossos representantes-viajantes não chegam, solicitamos aos mesmos, encarecidamente, o obséquio de saldarem seus débitos, procurando os nossos representantes locais ou nos remetendo as respectivas importâncias pelo correio, por vale postal ou sob registro, com valor declarado,

Solicitamos também aos nossos representantes locais, o obséquio de procurarem receber as assinaturas e enviar-nos as importâncias recebidas, sem as quais não podemos dar cumprimento à tarefa que nos é comum — propagar a Doutrina.

Certos de sermos atendidos nêste justo pedido, nos subscrevemos agradecidos,

A Redação.

Muito embora a bomba e o canhão tenham parte ativa na evolução das creaturas, não será o temor que conseguirá fazer com que os homens se amem fraternalmente. O amor fraterno, que é o amor que Jesus ensinou e exemplificou, só poderá existir entre os homens pela compreensão e prática dos preceitos evangélicos. E o Espiritismo, com a vossa cooperação e boa vontade, fará imperar entre os homens o amor fraterno, que é a porta que dá entrada para o reino dos céus.

CAIRBAR.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

ANO XXVII- Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1951 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Propósito do Natalício de Jesus — *Redação*
Artur Ramos e o Espiritismo . . . — *Deolindo Amorim*
A Única Justiça Perfeita . . . . — *Alfredo d'Alcântara*
A' Quelque Chose... . . . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Vozes autorizadas . . . . — *Spártaco Banal*
Como o Vaticano explica o Metapsiquismo . . . . — *Manoel J. Silva Pinto*
Sempre Eles, os retrógrados... . . — *Leopoldo Machado*
A Mediunidade nos Templos Bíblicos — *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Tudo foi Buscado... . . . . . . — *Max Kohleisen*
A Desaparição de Katie . . . . — *Djalma Farias*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . — *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1951 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Propósito do Natalício de Jesus

REVENDO a história da humanidade desde os primórdios de sua civilização, em que os homens começavam a se libertar das imundas cavernas, com o propósito de encontrarmos um nome destacado entre os milhares de nomes que se empenharam a fundo pelo progresso humano em todos os ramos do conhecimento, passando pelos profétas da Antiga Dispensação, por nomes de relevo na Filosofia, na Ciência, nas Artes e nos Governos, não encontramos uma personalidade que, pelos seus feitos, suas obras, sua sabedoria e seu poder se assemelhasse a Jesus Cristo.

Efetivamente, quem, como Jesus, foi capaz de curar enfermidades que ainda hoje zombam dos recursos da medicina? Quem foi capaz de dar vista a um cego de nascença, por exemplo? Quem foi capaz de multiplicar pães e peixes para saciar a fóme de uma multidão? Quem foi capaz de transformar água em vinho? De ressuscitar mortos?

Só uma personalidade conhecemos que fez isso tudo—Jesus Cristo, um nome que está sôbre todos os nomes e que, à medida que os tempos avançam, mais venerado e amado se torna, porque a sua Doutrina, que é a exposição da Lei de Deus, é o único refúgio dos aflitos, dos sobrecarregados de provações. Por isso dizia Êle: «Carregai o meu fardo que é leve e o meu jugo que é suave, e achareis descanso para as vossas almas».

O seu fardo e o seu jugo constituem os seus preceitos de amor fraterno, de solidariedade humana. Entretanto a humanidade, apesar de decorridos quasi dois mil anos da vinda de Jesus, prefere carregar o seu próprio fardo de imperfeições e duras provações, prefere submeter-se ao jugo das cousas terrenas, temporais, dando pasto aos seus vícios e baixas paixões, numa corrida desenfreada para a conquista dos tesouros mundanos, fazendo-se de surda ao preceito máximo de Jesus, o amor do próximo.

A sua Doutrina conseguiu medrar apenas em alguns corações, que a sentem e compreendem em espírito. A maioria da humanidade continua com os mesmos defeitos característicos das creaturas daquêle tempo, que assinala vinte séculos. Se em vinte séculos a humanidade deu apenas alguns passos na senda da evolução moral e espiritual, quantos séculos lhe serão necessários para libertar-se de suas imperfeições e praticar a solidariedade humana, baseada no amor fraterno!

A' custa de duras provações ela ha de atingir o objetivo da vida, mas são tão lentos os seus passos na senda da evolução espiritual que nos sentimos pequenos para fazer uma idéia dos séculos que lhe serão ainda necessários para alcançar os mundos dos sêres superiores.

As religiões mundanas, que se afirmam representantes de Deus na terra, contribuem, com seus dogmas e cultos externos, para aumentar a onda do materialismo que avassala o mundo, cultivando a descrença nuns, o fanatismo e a superstição em outros. São os edificadores que, na afirmativa de Jesus, regeitaram a «pedra angular», que representa a Revelação da Verdade, que tem por base a Imortalidade da Alma, a comunicação com os Espíritos e a Reincarnação.

Falando de Jesus Cristo, lembramo-nos do seu natalício, que a cristandade comemora todos os anos no dia 25 de Dezembro. Nasceu Êle numa mangedoura, símbolo da humildade, para nos dar uma lição dessa excelsa virtude, que não conseguiu ainda medrar nos corações, lição repetida quando lavou os pés aos discípulos, dizendo: «Se eu, pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros; porque vos dei o exemplo, afim de que, como eu fiz, assim façais vós também».

Os cristãos comemoram nêsse dia o Natal. Mas o fazem de modo material, comendo, bebendo, dançando e cantando, exterioridades essas que Jesus pouco considera. O que Êle quer é que êsse magno acontecimento seja comemorado espiritualmente, em todos os momentos, através da prática dos seus preceitos de amor fraterno, que resume todas as virtudes.

Rendamos, portanto, as nossas homenagens a Jesus estudando e exemplificando as suas lições.

«Revista Internacional do Espiritismo», sentindo e compreendendo o alto significado do nascimento de Jesus Cristo, não podia deixar de dedicar-lhe êste pálido artigo, como uma sincera homenagem partida do fundo da alma.

Salve, 25 de Dezembro!

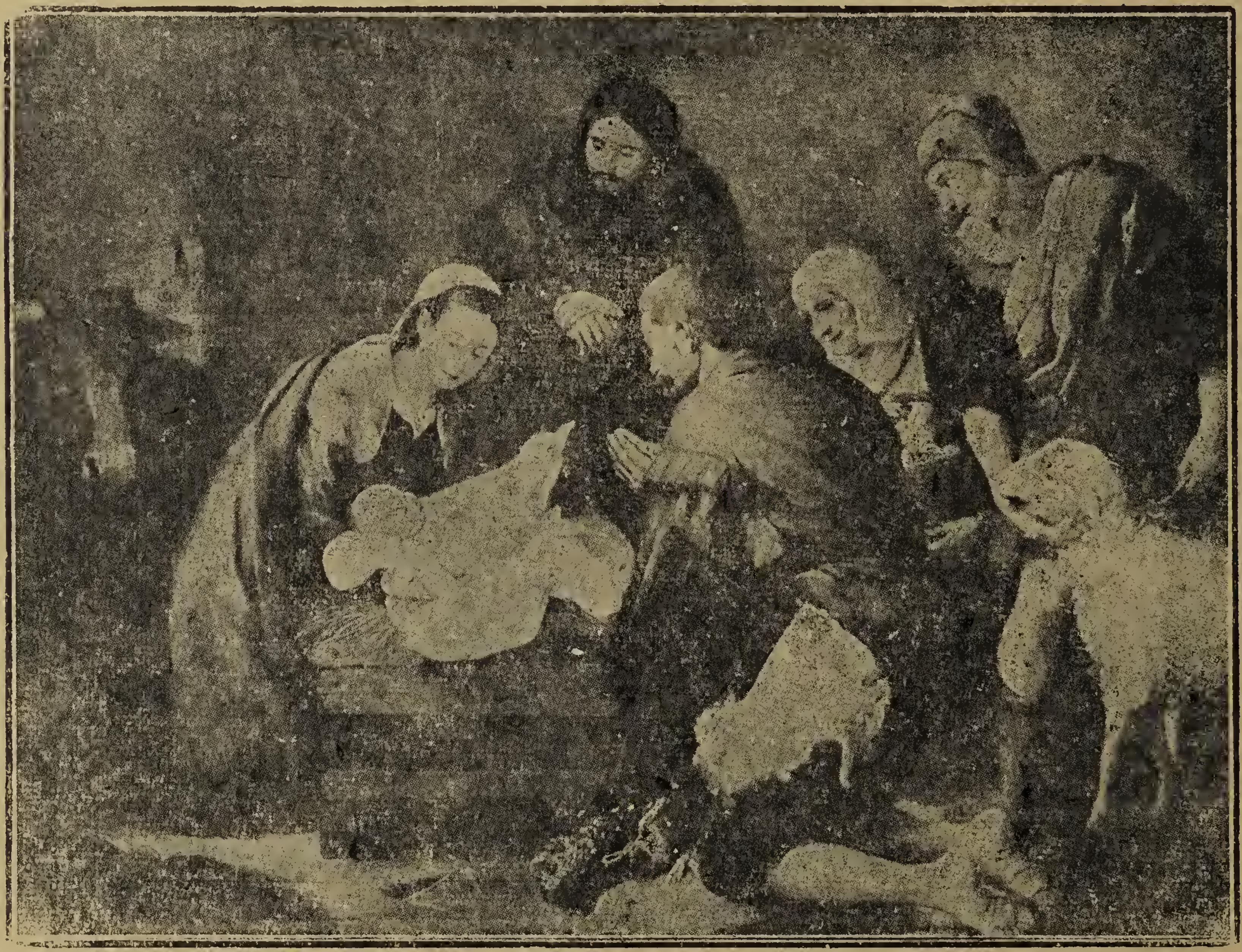

ADORAÇÃO DOS PASTORES EM BELÉM

Jesus tem sob os seus olhos aqueles que com amor cultivam a sua doutrina, nada lhes deixando faltar nas horas de necessidade. — MARIQUINHAS.

Artur Ramos e o Espiritismo

III

Disse o Professor Artur Ramos, no livro «Guerra e Relações de Raça», que *a técnica do Espiritismo é um produto de exportação americana*. Não! O Professor Artur Ramos desconhecia as raízes do movimento espírita brasileiro. Faz-se mister conhecer um pouco da história do Espiritismo, no Brasil, para verificar o engano do ilustre homem de ciência. O movimento espírita brasileiro nunca recebeu e não recebe influência dos Estados Unidos. Tanto na teoria como na prática, os espíritas brasileiros não seguem, em matéria de comunicação entre *vivos* e *mortos*, o sistema norte-americano: o que se faz nos Estados Unidos, neste terreno, é muito diferente do que se faz no Brasil. O fenômeno rege-se, como se sabe, pelas mesmas leis, em qualquer parte do mundo, mas a técnica varia muito. Não apenas a técnica, mas as próprias concepções tambem variam.

O movimento espírita organizado na maior parte, está dividido em dois grandes grupos: latino e anglo-saxão. Organizado, sim, porque em determinados países existem apenas sessões mediúnicas, sem unidade doutrinária, sem sociedades federativas. Entre os dois grupos há concepções diferentes, conquanto ambos partam da mesma base: o fenômeno. E' verdade que o Espiritismo ou, como querem os norte-americanos, o *moderno espiritualismo* se irradiou dos Estados Unidos. Ninguem ousaria negar êste fato histórico. Entretanto, logo depois de lançada a obra de Allan Kardec, o Espiritismo tomou rumo diferente nos países de origem latina. Coube aos Estados Unidos, neste particular, a primazia do movimento espírita em virtude, como se sabe, dos fenômenos de Hydesville. Em todos os tempos, em todos os povos sempre ocorreram fenômenos mediúnicos, mas o que é verdade é que foi realmente depois dos famosos «raps» de Hydesville, na cabana da família Fox, em consequência dos fatos registrados no dia 31 de março de 1848 (grande data para o Espiritismo) que o movimento espírita começou a tomar corpo. A gênese do moderno espiritualismo, mais tarde denominado *Espiritismo*, por Allan Kardec, está, inegavelmente, nos Estados Unidos. Apezar desta circunstância, grande parte dos espíritas, na Europa e na América, não aceita o padrão norte-americano. Convém acentuar, desde já, que dentro dos Estados Unidos existem duas correntes organizadas: a evangélica, chefiada pela Associação Nacional Espiritualista, e a científica, declaradamente anti-evangélica, encabeçada pela Associação Espiritualista Espano-Americana. Pratica-se o mediunismo em ambas, mas os meios e as concepções são até opostos. A Associação Nacional Espiritualista tem orientação bíblica, prepara pregadores, dá diploma, *ordena* pastores e pastoras, adota hinário semelhante ao das igrejas protestantes; a Associação Espano-Americana (muito mais nova) discorda francamente da orientação geral do moderno espiritualismo norte-americano, porque chega a sustentar que o Espiritismo nada tem a ver com o Cristianismo. E' verdade que esta última organização tem expressão muito menor do que a *National Spiritualist Association*, cuja séde fica em Chicago, ao passo que a *Spanish American Association* tem sua séde em New York. A Associação Nacional Espiritualista foi fundada em consequência da Convenção espiritualista de 1893; a Associação Espano-Americana é constituida de elementos de lingua espanhola, realiza convenções anuais, promove cursos de conferências, etc., mas rejeita a prece e os ensinos evangélicos. (5). Existem outras organizações mediúnico-evangélicas nos Estados Unidos. Uma delas, e muito prestigiosa, é a União das Igrejas Espiritualistas. Deixemos de lado as correntes espiritualistas existentes nos Estados Unidos, porque o que nos interessa neste trabalho é apenas sustentar, em oposição ao Professor Artur Ramos, que o movimento espírita brasileiro nada tem de parecido com o moderno espiritualismo norte americano, a não ser quanto ao fenômeno, que é comum a todos os movimentos desta natureza. Vejamos, pois, os pontos mais característicos do Espiritismo, no Brasil, em paralelo com a organização do moderno espiritualismo, nos Estados Unidos.

— I —	— II —
a) O Espiritismo, no Brasil, tem por base a codificação de Allan Kardec ;	a) O moderno espiritualismo norte-americano segue a orientação de Jackson Davis, médium e místico (1826-910), cuja doutrina é aceita pela maioria, em combinação com a Bíblia. Não obedece, portanto, à orientação de Allan Kardec ;
b) O Espiritismo no Brasil, é reincarnacionista ;	b) O moderno espiritualismo, nos Estados Unidos, não é reincarnacionista, embora afirme a sobrevivência da alma, com base no fenômeno extra-terreno ;
c) O Espiritismo, no Brasil, não tem pastores, não faz da Bíblia «regra de fé» ;	c) O moderno espiritualismo tem pastores, adota a Bíblia em seus estudos básicos, como «regra de fé», tem seus hinos sacros ;
d) Os espiritistas brasileiros adotam a palavra *Espiritismo,* segundo Allan Kardec, e os qualificativos *espírita* e *espiritista.*	d) Os espiritualistas norte-americanos, geralmente chamados *espíritas,* não empregam a palavra *Espiritismo* nem os adjetivos espírita e espiritista, porque fazem questão da designação de moderno-espiritualismo.

Há ou não há diferença entre o Brasil e os Estados Unidos, quanto ao campo doutrinário-espírita ? Até na própria designação de nosso movimento podemos provar a diferença : nos Estados Unidos diz-se *modern spiritualism* enquanto no Brasil, apesar de certas divergências doutrinárias, a palavra *Espiritismo* é usada sem restrição. Existem, é verdade, como elementos isolados, alguns núcleos de experimentação denominados neo-espiritualista, mas o que é notório é que o grosso de nossa população espírita prefere, como sempre, o termo criado por Allan Kardec : *Espiritismo.* O Professor Artur Ramos quís filiar o Espiritismo, no Brasil, ao moderno espiritualismo dos Estados Unidos, o que, à luz da verdade histórica, não tem cabimento, porque o movimento espírita brasileiro, pela sua origem doutrinária, está vinculado á França, ao tronco latino, portanto, e não, ao tronco anglo-saxão.

A Associação Nacional Espiritualista, cujo 1.° presidente foi Harrison D. Barrett, de 1893 a 1906, em sua *Declaração de Princípios,* firmada em 1899, sustentou apenas a imortalidade da alma e a comunicação entre mortos e vivos : não fez referência à reincarnação. Na *Declaração de Princípios* de 1899, reconhecida pelas Convenções de 1909 e 1944, afirmou-se, não há dúvida, a responsabilidade espiritual após a morte (princípio reincarnacionista), mas a Convenção silenciou sôbre o problema das vidas sucessivas, a pre-existência do espírito, por exemplo. Logo, a reincarnação, que é ponto fundamental para os espíritas do grupo latino, não entrou na *Declaração de Princípios* norte-americana. Para provar que os espiritualistas dos Estados Unidos ainda estão muito voltados para a Bíblia, basta citar um dos pontos da *Declaração de Princípios : Afirmamos que as palavras da Profecia, contidas na Bíblia, estão cientificamente provadas através da mediunidade.* Sabe-se que o Espiritismo explica muitos factos da Bíblia como de outros livros religiosos. Para os espiritualistas norte-americanos, porém, a Bíblia é fonte de estudos, no Liceu, no curso de pastorado. Na *Declaração de Princípios* de 1914, a Associação Nacional Espiritualista, de Chicago, afirmou que o *Espiritualismo é ciência, filosofia e religião.* Estes princípios estão de pé ainda hoje. Entretanto, embora tenha por base o fenômeno mediúnico, embora afirme a vida futura, o movimento espiritualista norte-americano, de fundo nitidamente bíblico, não se declara reincarnacionista. (6)

A orientação doutrinária do moderno espiritualismo estendeu-se à Inglaterra, naturalmente por influência da língua, do factor étnico e da origem inglêsa da grande República norte-americana. A chamada *escola inglêsa* também não é reincarnacionista. Sabe-se muito bem que os ingleses, apesar da grande projeção de Conan Doyle, nunca foram muito favoráveis à tese reincarnacionista. Já Leon Denis, em *O Problema do Sêr do Destino e da Dôr* falava sôbre a resistência que a doutrina reincarnacionista encontrára na Inglaterra, no século passado. Atualmente, porém, a situação, nêste particar, modificou-se um pouco. Provam-no documentos recentes. Ainda em 1934, quando se realizou o Congresso Espìrita Inernacional de Barcelona, os representantes do grupo anglo-saxão estavam em posição irredutivel em face da questão reencarnacionista. Nosso Confrade e brilhante escritor espírita Isidoro Duarte Santos, atual diretor da revista *Estudos Psíquicos*, então diretor do periódico «*O Mensageiro Espírita*» fez, a propósito da atitude da delegação inglesa, alguns interessantes comentários, dos quais destacamos os seguintes : *Uma particularidade interessante do Congresso de 1934 : A viva polêmica travada entre latinos e saxônios sôbre o tema reincarnacionista, optando por ele os primeiros e os segundos discordando, firmados em que a demonstração era insuficiente para estabelecer aquela teoria. Apesar disto souberam harmonizar-se, estabelecer uma conciliação digna de homens cultos e que agradou a gregos e troianos.* «O Mensageiro Espírita» — Lisbôa, n.° 36, nov. dez. 34). Hoje, porém, já se encontram, na Inglaterra e nos Dominios Britânicos, elementos reencarnacionistas, embora tais elementos não passem, por enquanto, de minoria pouco apreciavel. Todavia, os ingleses tiveram, no Congresso de 1948, atitude muito diferente, em comparação com o procedimento que tiveram no Congresso de 34. Em 34, a corrente anglo-saxônia não cedeu um passo á reincarnação ; em 48, não aceitou a reincarnação, mas deixou o assunto no domínio do fôro íntimo, não rejeitou a tese reincarnacionista. O novo estatuto da Federação Espírita Internacional, aprovado por delegados oriundos da Inglaterra, França, Belgica, Australia, Holanda, Suécia, Estados Unidos, África do Sul, etc., formando uma assembléa muito heterogênea em matéria doutrínária, não afirmou a reencarnação, mas abriu as portas da Federação a quaisquer espíritas, ainda que sejam reincarnacionistas. Enfim, a Federação Internacional, embora sob a influência inglesa, não considera a reencarnação motivo de separação entre as diversas correntes espíritas ou espiritualistas. (7). Podemos dar testemunho a respeito porque, como Secretario Geral da então Liga Espìrita do Brasil, hoje do Distrito Federal, tivemos ocasião de pedir esclarecimentos, em caracter oficial, á Federação Internacional sôbre a posição daquela entidade perante a questão reencarnacionista. Em resposta, recebemos circunstanciada carta do Dr. David Bedbrook, Secretário Geral da Federação Espírira Internacional, ha pouco tempo. Dizia, a certa altura, o Secretário Geral da Federação Internacional : *Noto que os espíritas do Brasil são reincarnacionistas.* Continuando, informava, com toda lealdade e espírito de fraternidade : já existem, na Inglaterra, muitos adeptos da reincarnação ; para evitar choque, porém, o novo estatuto da Federação Espírita Internacional deixou o assunto à margem, a critério de cada um, preferindo afirmar a sobrevivência da alma, o intercâmbio entre os dois mundos, princípios geralmente aceitos, sem conflito. (8) Já se vê, portanto, que atualmente existem, na Inglaterra, muitos partidários da reincarnação. No conjunto, porém, o movimento espírita inglês, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, não é reincarnacionista. Há reincarnacionistas espalhados em diversos países do ramo anglo-saxão, escandinavo, etc., mas não formam grupo definido. Na Holanda, por exemplo, não se aceita a reincarnação. Entretanto, como depoimento puramente individual, recebemos uma carta procedente de Amsterdam, na qual o informante nos relata um caso provado de reincarnação, mas esclarece que naquele país ainda não se aceita a doutrina das vidas sucessivas. Diz o signatário da carta : *Nós* (ele e a familia) *cremos na reincarnação, mas muitos dos espiritistas ou espiritualistas dêste país não aceitam aquela doutrina. Há um facto de reincarnação, ocorrido em minha* *própria família.* (9) Trata-se de um espírito que, tendo vivido na Espanha, como dançarina, voltou à terra justamente no seio da família Van El. Todas as informações foram confirmadas a respeito da última existência do espírito, na Espanha, segundo a descrição feita na carta citada, em nosso poder. De tudo isto, como refutação à tese do Professor Artur Ramos, o que fica provado é que o grupo anglo-saxão, de que fazem parte os Estados Unidos, não é reincarnacionista, conquanto haja adeptos da reincarnação em diversos países daquele e de outros grupos. Sendo, pois, o Espiritismo, no Brasil, essencialmente reincarnacionista, claro é que não está filiado històricamente, como pensava o Professor Artur Ramos, ao movimento espiritualista dos Estados Unidos.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua)

---

(5) — Veja-se o que, a respeito da última Convenção de New York, publicou a REVISTA ESPÍRITA DO BRASIL, do Rio de Janeiro, em sua secção intitulada «Notícias Estrangeiras», de Fevereiro dêste ano.

(6) — Fontes de consulta: SPIRITUALIST LYCEUM MANUAL — ED. CHICAGO; SPIRITUALIST MANUAL (corpo de religião), adotado pela National Spiritualist Association; THE NATIONAL SPIRITUALIST (órgão oficial da N. S. A.)

(7) — A Federação Espírita Internacional tinha a sua séde na França. Em Novembro de 1948 passou a sua séde para Londres, em consequência do Congresso Espírita Internacional realizado na Capital inglêsa. Os diretores da Federação, entretanto, residem em diversos países e se reunem, uma vez por ano, em determinado país previamente escolhido. A Secretaria Geral, porém, fica instalada, obrigatoriamente, na séde da Federação, em Londres.

(8) — Carta do Secretário Geral da Federação Espírita Internacional ao Secretário Geral da Liga Espírita do Brasil.

(9) — Carta de Gerald van El, de 1.º de fevereiro de 1951, em inglês, procedente de Amsterdam, Holanda.

A Única Justiça Perfeita

Em certo dia de lazer fomos assistir a uma sessão do Jurí. Talvez alguém precise perguntar: que vem a ser o Jurí? — E' um tribunal da Justiça, um dos muitos órgãos criados para defesa da sociedade e cuja precípua finalidade consiste em promover a reclusão, em presídios próprios a recuperação moral, dos indivíduos que se tornem nocivos à comunidade. E' presidido por um juiz técnico, um sacerdote do Direito, mas os julgamentos, pròpriamente ditos, são exercidos por sete membros leigos, sorteados entre certo número de pessoas, não só de cultura intelectual, capaz de garantir discernimento na apreciação das provas, como, também, portadoras de classificação social em condições de assegurar independência e elevação moral ás suas decisões. Êsse caráter popular lhe adveio do espírito inglês que lhe deu vida, numa elevada concepção da liberdade e dos direitos do homem.

Quando transpusemos os umbrais daquêle magestoso areópago realizava-se uma das suas mais imponentes cerimônias: Todos de pé, guardando absoluto silêncio, ouviam o presidente que, revestido da sua toga negra, singido por uma faixa rubra e coberto por um gorro circulado de arminho, ditava a fórmula de um juramento, que os sete membros repetiam, palavra por palavra, com a contrição e recolhimento de quem diz uma prece. Por trás do juiz, acima da sua cabeça, ostentava-se uma grande imagem do Cristo na cruz, já morto. Em vez daquilo deviam ter posto alí, em letras de ouro, a divina advertência evangélica: «Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei».

Apregoado o réu a ser julgado, apresenta-se, ladeado por dois guardas armados, uma pobre mulher sexagenária, tipo clássico da mestiça brasileira, que nasceu na miséria e sempre viveu no desconfôrto físico e moral. Falei aos meus botões: «Se a tivessem posto, quando menina, em algum sanatório pedagógico, vulgarmente chamados escolas, onde se higieniza a mente e se cultiva a inteligência; ou, já mulher, em qualquer hospital psiquiátrico para restabelecer o contrôle dos seus nervos, em visível distúrbio, não a teriamos hoje aquí, nêste templo augusto da Justiça, onde se cultua a fôrça do Direito, guardada por dois soldados, que representam o direito da Fôrça, num paradoxo desconcertante para os que proclamam êste país coração do mundo e pátria do Evangelho...

Acusavam-na, de que? A leitura dos autos, feita pelo juiz, respondeu a nossa interrogação mental, que não obedecia a simples curiosidade, mas, superando-a, tornara-se interêsse sentimental, fôrça incoercivel que invade e domina os corações, quando estes se defrontam com os grandes infortúnios: assassinára outra mulher, atirando-lhe sôbre o corpo uma porção de alcool inflamado.

O facto ocorrera assim: a casa em que residia a acusada dava fundos para um pátio, onde existiam outras residências. Ela estava na cozinha preparando um café para o esposo, que se encontrava ao seu lado. Lá fóra, no referido pátio, uma vizinha discutia acaloradamente com um vendedor ambulante, trocando insultos e ameaças. Isto perturbou, de modo violento, o seu sistema nervoso, reconhecidamente enfêrmo. Tentou intervir na contenda, mas o marido, ponderado, dissuadiu-a: «Não compre questões alheias...» Num dado momento, a mulher que brigava agrediu o contendor e êste pôs-se em fuga perseguido por ela que, ao passar em frente a porta da cozinha, viu-se atingida por certa quantidade de líquido em chamas, que lhe atirara a ré, incendiando-lhe as véstes e produzindo queimaduras tão graves que lhe causaram a morte quase extantânea.

Os circunstantes, emocionados até o enfurecimento, tentaram linchar a criminosa, mas a polícia livrou-a da multidão desvairada. Na delegacia uma única testemunha disse tê-la visto atirar o alcool em labaredas; a acusada, porém, não se esquivou em confessar o crime: «Fôra ela, sim, quem atirara o fogo». Por que o fizera? — «Por nada; não gostava da outra, queria matá-la». Esse depoimento era insensato. Só se encontrava explicação plausivel para tão hediondo delito em um acesso de loucura. Mandaram-na a exame de sanidade mental no Manicômio Judiciário, onde, durante mais de dois mêses, foi submetida a constantes pesquisas e observações, do que resultou o seguinte laudo: «Distúrbios mentais que a tornam semi-irresponsavel pelos seus próprios atos». Perante o juiz formador da culpa a ré não manteve a confissão feita no inquerito policial. Disse apenas que não se lembrava de nada.

O presidente do Tribunal do Júri, depois da leitura dos autos, interrogou a acusada, e esta contou a seguinte história que discorda por completo dos seus depoimentos anteriores: «Ia pôr um pouco d'agua a ferver para fazer o café, mas perturbada com a discussão no pátio, despejou na vazilha, em vez de agua, uma porção de alcool, que estava ali perto em uma garrafa, e levou-a ao fogo. As chamas comunicaram-se ao liquido da vazilha, e ela, descontrolando-se pelo pavor do inesperado acontecimento, abriu a porta e atirou ao pátio o alcool em chamas, na ocasião em que, por desgraça, passava a correr a sua desventurada vizinha».

E' dada a palavra ao promotor para fazer acusação. Principiou prevenindo aos sete jurados: «Não vos deixeis impressionar pelas declarações que, só agora, a ré se lembrou de fazer, naturalmente obedecendo a nova orientação do seu advogado para arrancar de vós um veredicto contrário aos interesses da Justiça. Ela já confessou o crime. Mesmo levando em consideração a sua semi-irresponsabilidade verificada pela pericia médica, a acusada deve ser condenada a pena de 16 anos de prisão com trabalho...»

O apêlo impiedoso contido naquelas palavras produziu o efeito arrazador de um petardo que estourasse no crânio da infeliz acusada. Alheiou-se do respeito devido à magestade do Tribunal e entrou a gritar como louca: «Não matei ninguém! Não me condenem, malvados... malvados...» E deixou-se rolar pelo chão, entregue a uma crise semelhante a da epilepsia. Foi suspensa a sessão e chamada a assistência, cujo facultativo declarou ao juiz presidente ser a ré portadora de antiga lesão cardíaca que lhe causaria morte súbita ao menor estímulo emocional. Resolveram então retirá-la da sala e prosseguir o julgamento sem a sua presença.

A defesa não esteve a altura da importância da causa. Respondendo ao promotor, o advogado declarou, da respectiva tribuna, que para êle também fôra uma surpreza a nova versão atribuida ao delito pelo depoimento da ré perante o Júri; ela nunca lhe falara nisso. Em resumo: condenaram-na a seis anos de prisão, assim mesmo por terem levado em conta certas circunstâncias atenuantes que a lei especifica.

Terminara a sessão; sairam todos. Ela, a pobre condenada, foi levada para o presídio, onde, durante seis longos anos, passaria a nutrir-se da bóia repugnante dos cárceres e curtiria cruél saudade dos seus entes queridos; o promotor e os sete juizes de facto seguiram para suas residências confortaveis, onde os esperava mesas fartas e a presença carinhosa das esposas e filhos. Eles bem o merecem, pois haviam acabado de lutar contra um monstro que ameaçava a integridade da civilização e o prestígio da lei, e o haviam vencido. Um dos julgadores com quem conversamos mais tarde, expendeu a opinião de que o seu dever era julgar diante das provas materiais do crime, sem nenhuma interferência do sentimentalismo, e êle o cumprira integralmente, ficando com a consciência perfeitamente tranquila. Esse moço atribuiu a mesma convicção a todos os seus colegas.

Nós divergimos. Habituados a aquilatar do valor moral de qualquer lei humana pelo que resulta do seu confronto com o código divino, que é o Evangelho do Cristo, achamos que houve dureza demasiada naquela sentença. O julgamento teria atingido a Justiça com maior precisão se houvesse feito o seu trajeto por um caminho mais humano e algo psicológico. Quando a indiciada confessou o crime estava sob o guante de um choque emocional violentíssimo que lhe obliterava razão e o raciocínio. O espetáculo terrífico que lhe invadira a alma pelo orgão da visão: as chamas envolvendo o corpo da vítima e esta, no chão, estertorando nas vascas da agonia, agravado pela visão sinistra da própria morte que se avizinhava, esboçada na atitude da multidão querendo linchá-la, produziram êsse fenômeno de auto-sugestão, muito conhecido da Ciência. Não há tantos exemplos de pessoas, tidas até então como normais, que procuram a policia para acusar-se da autoria de crimes de morte, que só chegaram ao seu conhecimento pela leitura do noticiário sensacional dos jornais?

O repouso de dois meses, a que fôra obrigada no manicômio, determinou uma sensível modificação no cérebro da acusada; tudo se transmudou em simples amnésia, que levou-a a declarar no sumário: «Não me lembro de nada». No Jurí, entretanto, a sua pobre cabeça fôra iluminada. Os diversos elementos cerebrais haviam reconquistado, talvez pelo repouso mais prolongado, a integridade das suas funções. De tudo se lembrava agora, e pôde descrever, com precisão e minúcias, a cena macabra, e raciocinar sôbre suas causas e consequências. A última versão era a verdade, que estivera recalcada nos refolhos do inconsciente e vinha à tona, clara como um raio de sol. O Tribunal, porém, falho e presumido como tudo que é humano, repeliu-a como se fôra a mentira lançada pela defesa, como isca, para embair a bôa fé da Justiça.

Êsse novo êrro judiciário não chegou a produzir os seus efeitos crueis porque Deus não permitiu, e êste juiz julga sempre em última instância. Oito dias depois de estar na prisão para o longo cativeiro, que a lei dos homens lhe impuzera, fôra libertada pela morte. O mesmo anjo que lhe sorrira no berço, voltara agora para buscá-la, de vez que havia findado sua prova terrena.

Quando chegou ao nosso conhecimento a notícia do belo desfecho dêste drama pungente, erguemos os olhos para o alto e exclamamos contrito: Senhor Deus, a única justiça perfeita é a vossa. Como são cegos os homens! Perdôa o orgulho dos que já conhecem, mas desprezam, a sentença divina que brilha no Evangelho: «COM A MEDIDA QUE MEDIRDES SEREIS MEDIDOS».

Alfredo d'Alcântara.

O caminho mais curto que conduz a Deus é o amor, e a luz que o ilumina chama-se Imortalidade. Isto quer dizer que, com a prática do amor e o conhecimento da Imortalidade, tereis alcançado a verdadeira felicidade. — DALVA.

A' QUELQUE CHOSE...

Também nós tivemos oportunidade de lêr os «Mistérios e Realidades dêste e do outro mundo», do dr. A. da Silva Mello, graças à bôa vontade de um confrade que nô-lo mandou por empréstimo.

Vivamente nos interessou o seguinte tópico da obra: «Uma bôa parte da nossa população é conduzida por espíritas e adivinhos, por médiuns e videntes, por quiromantes e cartomantes. Há inúmeras pessoas que nada empreendem, seja em matéria de amor ou de dinheiro, sem que, primeiramente, consultem as fôrças ocultas, indaguem do que opinam astrólogos e hierofantes. Com as mulheres, as coisas são ainda mais graves, por serem mais crentes e supersticiosas. Se nas questões de dinheiro já é assim, nas de amor é o sobrenatural ainda mais temido e invocado. Conheço ministros e diplomatas, políticos e advogados, médicos e engenheiros, homens de letras e de negócios que vivem sob a tutela de médiuns ou de simples cartomantes. Sei mesmo de um Presidente da República que se deixou guiar por tais influências, sendo natural que a sua política andasse cheia de manobras incompreensíveis, tanto para êle próprio, quanto, principalmente, para os auxiliares que o cercavam». (Pags. 11 e 12).

Bem dizem os francêses: «à quelque chose malheur est bon». O *mal que o dr. Silva Mello quís fazer aos espiritas resultou num bem para todos, porque esclareceu a opinião a respeito do que valem, nas mãos de pessoas inhábeis, tesouros de luz e de verdade! Já o Divino Mestre dizia: «Não atireis as vossas pérolas aos porcos». Agora, culpar a Doutrina dos Espíritos pelo rebaixamento a que a relegam todos esses que só apreciam as cousas pelo seu lado material interesseiro, é que constitúe um juizo temerário, em nada condicente com a superior cultura de um grande médico, como o autor do livro em aprêço.*

O Espiritismo é um tesouro inexgotável de luz e de felicidade, para todos os que se absorvem nos ensinamentos superiores que êle encerra e procuram, pela virtude e pela cultura, galgar as eminências do céu. Para os que buscam sómente a satisfação de seus baixos e miseráveis desejos materiais, de qualquer espécie, êle só póde se converter nisso mesmo: um auxiliar da baixeza e perversidade humana...

Tudo é assim na vida, Dr. Silva Mello! O Snr. bem sabe disso: até na sua quasi divina profissão há exploradores; mas ninguém se lembra, por êsse motivo, de condenar a Medicina.

Ninguém, do mesmo modo, condenará o Espiritismo pelo mau uso que dêle fazem os que só têm espírito de porco...

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 18 de Agosto de 1951.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XLIV

Desde que as provas dadas sejam dignas de fé, creio que em condições muito raras, para não interromper verdadeiramente o curso das leis naturais e não sermos reduzidos a confusão intelectual, o *espírito póde, ás vezes, exercer acção diréta inconsciênte na matéria inerte.*

Barrett.

(Professor Barrett.)

XLV

Os efeitos do magnetismo e Espiritismo parecem milagrosos, porém são naturalissimos; bem que extraordinários, não excedem nem estão fóra das leis da Natureza.

Padre D. Salvador Pons y Torres.

(Ex-Sábio sacerdote católico e prof. de Filosofia na «Universidade Hokana.»)

XLVI

Dizem outros que um fenômeno não é realmente científico, senão quando se póde repetì-lo à vontade. Estes confundem as ciências de experimentação com as de observação. Não se póde produzir uma aurora boreal, nem observá-la à vontade dentro do gabinete de trabalho, o que não impede o fenômeno de existir,

Coronel Alberto de Rochas.

(Um dos mais considerados no mundo científico.)

XLVII

Não há nenhuma contradição entre os factos e as teorias do Espiritismo e os factos positivos estabelecidos pela ciência.

Prof. Charles Richet.

(Ex-Sábio de reputação européa e bastante conhecido pelo mundo.)

XLVIII

Os espìritos do outro mundo pódem, com a permissão de Deus, tomar uma fórma sensível e aparecer aos vivos? Sim, isto é certo. Todos os teólogos afirmam, sem hesitar, esta possibilidade.

Se Deus permite aos seus anjos e aos seus santos de aparecer aos vivos, deve dar aos vivos o meio de reconhecer a realidade dessas aparições. Se esses meios não existissem, a aparição seria sem objeto.

Monsenhor Elias Mêrie.

(Doutor em Filosofia e Letras, Doutor em Teologia e Prof. na Sorbonne.

XLVIX

Foi-me perguntado, para os leitores de um livro que breve aparecerá, o que penso eu acerca do *Espiritismo.*

Eis aqui a minha resposta:

Creio poder dizer que, fazendo intervir a experimentação no estudo dos fenômenos psíquicos, o Espiritismo nos revelou, com a existência de fôrças quasi geralmente ignoradas ou mal compreendidas, a verdadeira constituição do sêr humano, trazendo-nos como consequência dêste descobrimento, a solução do grande problema da imortalidade.

Dr. I. Th. Chazarain.

(Cientista de renome universal).

Como o Vaticano explica o Metapsiquismo

Uma Súmula de «O MUNDO INVISIVEL» do Cardeal Alexis Lépicier

Por Manoel J. Silva Pinto

São cerca de 350 pags. precedidas de uma carta encomiástica do Papa Bento XV (datada de 1921). Reportamo-nos à tradução lusitana, da Livraria Tavares Martins, 2.ª edição, de 1945.

E' obra sólida, densa, vigorosamente encadeada, de exposição completa do assunto — se considerado pelo ângulo católico, está claro. Como tal, é realização magistral. A teologia da Igreja romana vem sábia e sóbriamente sintetizada, abarcando todos os aspectos essenciais da questão. Esteia-se o autor diretamente nas «escrituras» e em São Tomás de Aquino, — quasi únicas autoridades invocadas.

Visà êle expôr o modo como o Catolicismo encara os fenômenos supra-normais, em geral. E para tanto dá as concepções católicas sôbre a natureza e aptidões dos anjos, quer dos bons quer dos maus; sôbre o estado da alma humana após a morte, seus atributos nessa situação e seus poderes. Só então aborda os fenômenos preternaturais, rematando com um capítulo sôbre o hipnotismo e a telepatia — fenômenos não havidos oficialmente na ciência còmo daquêle grupo, e já quasi universalmente admitidos como genuinos

A argumentação é por via dedutiva nas tradições invariáveis da Igreja. Com ponto de partida nos textos bíblicos, havidos como Verdade Revelada, o raciocínio dedutivo se espraia infrene, dando como certezas incencussas toda sorte de conjeturas. Aceita a Revelação como tal, aceito o teôr da Bíblia como verdades indubitáveis, não se póde negar a fôrça lógica dessa teologia, e sua amplitude. E' um imponente maciço de «infalibilidades», arquitetado sôbre aqueles documentos de credibilidade relativissima...

O Cardeal não nega, em absoluto, os fenômenos espíritas. Mostra-se mesmo bem informado a respeito. A sua solução, radical, é atribuí-los todos aos Espíritos das Trevas. Para ser consequente, não hesita em apontar essa gênese até para a telepatia, e para os fenômenos hipnóticos mais complexos, que excedam o mero sono sugestivo, com anestesia e efeitos médicos estritamente limitados. Passou daí, tudo é trabalho de demônios.

O poderio reconhecido aos anjos, bons ou maus, é colossal. Aliás excede bastante o que de mais portentoso se viu até hoje na Metapsícologia. Veja-se que margem lhe concede a teologia católica pela pena do Cardeal: «Pode um anjo voltar cidades de baixo para cima, provocar terremotos, parar a corrente dos rios, dividir as águas do mar»... (pag. 75). O mais afoito dos psiquistas não iria tão longe!

Naturalmente os anjos bons nada farão de tudo isso, dessas faculdades quasi ilimitadas, a não ser por ordem de Deus ou em implícita obediência aos desígnios dêle. Porém aos maus anjos, capitaneados por Satanás, Deus pode permitir as maiores tropelias, quer como castigo aos homens que o mereçam, quer como meio de lhes pôr à prova a fôrça das virtudes...

O autor nega terminantemente ao espírito humano, enquanto encarnado, qualquer possibilidade de conhecimento extra-sensorial. E portanto é forçado a ver ação demoníaca no caso mais elementar de transmissão de pensamento.

Com maior razão vê essa origem em tudo quanto seja ação de médiuns sôbre a matéria sem contacto, já que nega a possibilidade do corpo fluídico, ou mesmo qualquer irradiação com tais dons, no homem.

Corpo e alma são substâncias diretamente ligadas na vida terrena, asseverando o Cardeal ser impossivel qualquer «mediador plástico», como o perispírito ou corpo astral, pois êsse teria que ser de matéria mais sútil, e a alma após a morte, sendo puro espírito, não comportaria tal aliança (Pag. 111/112), porquanto é desprovida de todos os atributos de extensão, figura, etc. De modo que quando Dante, embora católico, representou os mortos com corpos análogos aos da Terra, foi por mera ficção poética, imitativa dos escritores grego-romanos, e acorde com a crença popular. (Pag, 112/113).

Posto isso, é óbvio que no inferno os condenados não têm, por ora, sofrimentos sensoriais, já que não teriam como os receber: O «fogo» das Escrituras é apenas agente de aprisionamento; as almas sofrem só pela privação da locomoção, — além, é claro, dos tormentos morais da má companhia e definitivo isolamento de Deus e dos bons. (Pag. 112/113). Isso até o dia do Juizo Final, quando haverá a ressurreição dos corpos: Então as almas, premiadas ou condenadas, voltarão ao uso dos sentidos, e portanto de prazeres e dores desse gênero.

Antes dessa ressurreição dos corpos, «por mais feliz que possamos julgar uma alma desencarnada, não tem ela a perfeição da sua natureza, pois conserva certo anseio pelo corpo. Só terá contentamento completo depois da ressurreição da carne». (Pag. 122).

Por conseguinte, as aparições de mortos, sejam em sessões espíritas, em qualquer grau de densidade, sejam expontâneas, são ilusórias, arranjos de diabos, que tudo podem simular com seus enormes poderes sôbre a matéria. Excetuam-se, é claro, intervenções miraculosas, de Deus diretamente, ou de anjos bons por sua ordem — casos demasiado raros, e com alta finalidade especial. E está bem visto que esses só ocorrem dentro da Igreja...

De resto, as almas separadas dos corpos não estão jamais na Terra, vão imediatamente para o Paraíso, Purgatório ou Inferno. Só do Purgatório podem saír, excepcionalmente, por permissão especialíssima, com missão adrede (pag. 249).

Naqueles sítios, desprovidas dos sentidos, elas não têm conhecimento do que se passa nêste mundo. Conhecem-se a si mesmas, a Deus, o que adquiriram de conhecimentos na vida terrena, e aquelas pessoas ou aqueles objetos «(?) pelos quais possam ter certo interêsse e com os quais estejam de qualquer forma ligadas» (Pag. 148). Podem adquirir novos conhecimentos por intermédio dos anjos, ou de outras almas igualmente separadas dos corpos. Mas, não tendo corpo algum nem qualquer poder sôbre a matéria, seu aparecimento com a configuração material — por muito etérea ou sutil que seja — é impossível sem interferência miraculosa. Donde serem quasi sempre obra de embuste satânico os fantasmas e fenômenos congêneres. Precisam ficar bem informados a respeito tantos católicos que têm visto parentes defuntos...

A habitual necessidade de pessoas especialmente dotadas, os chamados médiuns, para que ocorram tais fenômenos, o Cardeal a explica como mais um ardil despistatório dos demônios, — cujos dotes de ação nêsse campo independem de qualquer sêr humano, sendo apenas *favorecidos* por uma disposição passiva das criaturas, como sucede, diz êle, nas sessões espíritas. (Pag. 213). Naturalmente, nada impede que, nas manifestações supranormais de aspecto físico, os demônios utilizem matéria ou energia extraída aos corpos dos presentes, como o fariam aos corpos inanimados. (Pag. 214).

Os casos de «desdobramento» são também simulação daquelas tremendas potestades, que fabricam os duplos. (Pag. 321). Não confundir com os raríssimos casos de bilocação e de santos (santos católicos, é claro...)

Aí houve milagre: um anjo bom, por especial ordem divina, copiou as exterioridades do santo, parecendo que êle estaria realmente em dois lugares, com dois corpos semelhantes.

Isso para os fenômenos de ação material.

Para os puramente psíquicos, a proscrição eclesiástica não é menos completa, nem menos completa a atribuição às artes diabólicas. O autor nega o inconsciênte da moderna psícologia (Pag. 123), na latitude que esta lhe atribúe: Aceita apenas «as manifestações inconsciêntes que são o efeito de um hábito prévio». Alega ser inaceitável pela teologia tudo quanto se pareça com afirmação de desdobramento da personalidade.

E, como já anotei, toda a telepatia é abrangida no anátema: só os anjos podem transmitir pensamentos de um homem a outro sem o intermédio dos sentidos dêles... (Pag. 331 e seguintes) Aparentemente se poderia admitir que fôssem bons êsses anjos, pois em geral essas transmissões não têm carácter nocivo evidente. Pois não, são outra vez os capetas em ação: «Os bons anjos nunca trabalham senão por ordem de Deus, suas manifestações só se produzem em casos extraordinários... Ora, tais comunicações telepáticas, em vez de serem acompanhadas por aquela dignidade que distingue as obras de Deus, trazem a marca da leviandade e da desordem. Trata-se quase sempre, (sic) de indivíduos de pouca ou nenhuma religião. (?!) Além disso, tais comunicações efetuam-se sem qualquer invocação a Deus, e nelas não há vestígios daquele fim de bondade e virtude sobrenatural», etc. (Pag. 335).

A atuação dos diabos nas criaturas humanas cinge-se, aliás, aos sentidos e à imaginação, não podendo atingir a vontade (pag. 277). Podem eles atacar-nos pela parte externa, ou instalar-se no corpo humano. No primeiro caso há *obsessão*: o demo pode aparecer sob forma de visões horriveis, dar-nos pancada, produzir barulhos medonhos, etc. No segundo caso há *possessão*, podendo o «tinhoso» privar-nos do uso de tal ou qual sentido (ou de todos), ou servir-se dos membros como instrumentos seus: obrigar a língua a soltar blasfêmias contra a vontade do possesso, causar nele estranhas e incuráveis doenças, e por aí além. (Pag. 277).

O Cardeal logo adverte que seria ingênuo supor que só os pecadores ficam sujeitos a essas estrepolias. Também os pios podem ser atormentados, como ensejo de apuração espiritual. Assim Job, no Velho Testamento, e tantos outros em todos os tempos. (Pag. 278).

Pelo que parece, a doutrina é antiquíssima na Igreja, nas suas linhas mestras. Cita o autor Tertuliano, que na famosa «Apologética», no século II, já descrevia a natureza dos demônios e seus formidáveis poderes. «Havia então, como hoje, médiuns que operavam inumeráveis prodígios, atuavam sôbre mesas, revelavam acontecimentos ocultos». (Pags. 246, 247).

Rematamos esta súmula da obra com um extrato do seu Prefácio: «E' de crêr que as afirmações verdadeiras feitas pelos espíritos evocados sejam meio de induzir à crença noutras afirmações, contrárias estas às máximas do Evangelho e à tradicional doutrina da Santa Igreja. Procedem os espíritos dessa maneira para captar a simpatia pelas práticas por cujo intermédio são tais informações obtidas. Assim, lemos nos Atos dos Apóstolos (XVI, 17) que S. Paulo se indignou porque certa rapariga, que tinha o espírito de Piton, seguia os Apóstolos gritando: «Esses homens são os servos de Deus Excelso, que vos pregam o caminho da salvação». A afirmação era verdadeira. No entanto, era feita por inspiração de qualquer espírito mau, tanto que S. Paulo lhe ordenou em nome de Deus que deixasse o corpo da rapariga».

* * *

A' parte alguns chefes de fila de lata cultura, os espiritistas, mesmo dos mais devotados, não estão enfronhados de ordinário nas verdadeiras concepções da Igreja quanto à fenomenologia espirítica. Mas será bom ter segura noção do assunto, — mesmo porque não se combate com êxito o que não se conhece bem.

De resto, a teologia católica é nêsse terreno mal conhecida mesmo do grosso do clero, — ao menos em nosso país. Livros de padres e verberações na imprensa eclesiástica quasi só falam em prestidigitações dos médiuns. Já êste Cardeal, gabado por Bento XV, longe disso: proclama a plena possibilidade de todos os factos dêsse gênero.

A interpretação católica, como se acaba de vêr, é, *dadas as suas premissas*, firmemente concatenada. Para combatê-la importa ir aos seus alicerces.

Sempre Eles, os retrógrados...

Leopoldo Machado

Sempre eles, os retrógrados, os misoneistas, os agarrados não à letra que mata das Escrituras, mas à adulteração das coisas sagradas dos ensinamentos evangélicos.

Eles proliferam por toda parte, pensando que a humanidade do século XX é, ainda, toda ela, composta de nicanores barretos. Entre as massas que menos estudam os problemas da Espiritualidade, seu domínio é, ainda, quasi absoluto...

E' o caso do domínio da Igreja de Roma no Brasil. E, principalmente, no Norte do País.

Tivemos pelos calcanhares alguns deles, quando de nossa excursão ao Norte.

Principalmente, em Aracajú, Natal, Terezina e Manaus.

Pelos calcanhares, porque nenhum só suportaria discussão à altura, nem pela imprensa, nem verbal... a despeito de nossa gagueira.

E foi, de todos os argumentos que apresentámos, para a demonstração de que, se tudo evolve no tempo e no espaço, a verdade e o sentimento religioso não podem estacionar; foi a nossa gagueira o argumento que soou mais forte a retrógrados de Aracajú e de Terezina.

Pelo jornal católico, O DOMINICAL, de Terezina, sai-se um dos tais, um tal de nicacio barreto, a criticar-nos, descobrindo (diriamos psicanalíticamente, se o tal conhecesse o Freud!) em nosso gagueijar, argumentos fortes contra nós, contra, o que dissemos. E o que dissemos em Terezina, por quatro vezes, a hora e meia, no mínimo, em cada vez, foi coisa que desafia de gente culta e sensata, contestação, porque coisas que se contêm na História e nas Escrituras, na lógica dos factos e nos factos da ciência!

Se êle, o tal retrógrado, soubesse que nós foramos totalmente gago, enquanto andamos debulhando contas de rosários, deturpando, clericalmente, o *Pai Nosso*, (porque a rezar *Padre Nosso*, que é enxerto de padres, para valorização do artigo, contrariando, duplamente o *Pater)*, pois, no Evangelho, o Cristo proibe, claramente, que se chame a alguém pai... E padre, ou papa, quer dizer pai...

Ora, se atualmente, só gaguejamos nos pontos psicológicos de nossa exposição, progredimos até fisicamente, no Espiritismo, é óbvio...

Já fomos, sim, católico e protestante, mercê de Deus.

E não nos arrependemos disso, como não se arrepende o estudioso que chega à gramática, depois de passar pelo primeiro e segundo livros.

E só chegámos à gramática, depois que estudamos bem o 1.° e 2.° livros. Livros que não estão, ainda, bem estudados pelos que ainda leem por eles. Assim não fôsse, e não sairiam, misoneisticamente, contra irmãos seus, cristãos de outros caminhos, por bem saberem que o Cristo ensinou: «Tenho outras ovelhas que não são dêste rebanho...» Houvessem estudado bem seus livros — principalmente os que ainda não sairam, nicanorbarretamente, do primeiro livro, e não se atreveriam a vir de público contra o que não conhecem, não podem compreender e muito menos sentir, de vez que o tatú e a formiga só sentem e compreendem bem o que está dentro de sua toca, de seu formigueiro, porque no formigueiro nascem, no formigueiro ou na toca hão de morrer.

Admitir inferno e céu teológicos em pleno século XX, essa coisa em que nem os padres acreditam a sério, é, não ha dúvida, permanecer estagnado em matéria de espiritualização.

Dissemos que nem os padres acreditam a sério, porque se a sério acreditassem, bem diferente seria a vida que levam, os exemplos de cristandade que dão. Assim, seus atos e sua vida destroem, nas menores coisas, essa crença. Por isso mesmo, aí está, ha vinte séculos, sua Igreja e, contudo, nem o problema da paz humana resolveu. E, contudo, não preparou, nem prepara, a humanidade para ser feliz. E a Idade Média, em que foi toda-poderosa, em que mandou sem entraves de outras crenças, foi, indiscutivelmente, o período da História em que reinou maior ignorância, em que mais se brigou. E até se matou *ad majorem Dei Gloriam*...

E' o que provaremos, se houver mister, à gente culta e sensata, que deseje provas concretas.

Nós, de nós mesmos, é que não desejariamos galgar o Céu teológico, se êle, de facto, existisse. Bem nos saberia o exemplo do murubixaba da história de *Bartolomé de Las Casas*, que respondeu aos jesuitas catequistas da América Central: «Se os senhores também vão para o Céu, eu prefiro ir para lugar bem diferente!»

Céu significa lugar de delícias.

Estivesse nosso crítico tatibitate — e é preferivel tatibitateiar na palavra, do que na inteligência, no entendimento, na razão — estivesse nosso crítico tatibitate menos escravizado aos grilhões dos dogmas da Igreja, de vez que nenhuma prática e nenhum ensinamento do clero se enquadra na letra e no espírito do Evangelho! — e teria compreendido que o conferencista, invalidando lógica, evangélica e racionalmente, o Céu do Catolicismo, substituiu-o por três Céus logicissimos, indiscutíveis: o estado de alma, que o Cristo ensinou em várias passagens de Seu Evangelho; os lugares em que reine paz e harmonia; em que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em Seu nome, e os mundos superiores, que gravitam no Espaço Infinito, outras tantas moradas da Casa do Pai, de que nos falou o Cristo.

Mas, isso é outra história.

E' história para inteligência e entendimentos que já passaram do 1.° livro, que já chegaram à Antologia e à Gramática.

A Mediunidade nos Templos Bíblicos

Pela leitura do «No Invisível» de autoria do insigne mestre Léon Dénis é nosso espírito tomado de incontida ânsia para desbravar o após-túmulo, êste pesquisado e insolúvel ponto de interrogação que persiste desde o aparecimento do sêr humano sôbre a face da Terra. Baseado nessa obra filosófica teço alguns comentários.

Habitualmente, quando nós, os espíritas, falamos de mediunidade, a idéia que logo nos ocorre é a chamada mediunidade de incorporação e os fenômenos de efeitos físicos, justamente pela razão de impressionarem vivamente nossos sentidos. No entanto, a mediunidade acha-se amplamente difundida. Todos, sem exceção, somos condutores dessa propriedade pela simples razão de abrigarmos no íntimo a centelha divina, êsse fragmento vivo de Deus que eternamente nos ligará a Êle. Somos, pois, em maior ou menor grau de desenvolvimento, intermediários entre o mundo espiritual e o material.

Podemos mesmo afirmar que o Universo está inundado de mediunidade, pois, a matéria e o espírito cada vez mais se entrelaçam e se interpõem com o objetivo consciênte de se sublimarem cada vez mais, pois que, a matéria é veículo indispensável ao aperfeiçoamento do espírito.

Êste influxo celeste que semeia suas bençãos de progresso é absolvido através da psique do mineral, do vegetal, do animal e da alma no homem, impulsionando a todos pela estrada que conduz à sabedoria eterna. Por isso, todos lutam nos mais diversos setores, todos para lá se encaminham sem cessar, todos enfim aspiram pela chegada, afim de se integrarem conscientes no Reino Divino.

Aos indolentes e cansados que desejam repousar à margem, deles se encarregarão a dôr e o sofrimento, recurso bendito e necessário da Providência para salvar suas ovelhas.

Impossível o viver isolado, nem tão pouco póde ser concebida semelhante e tola pretenção. Conjugadamente tudo se movimenta sob harmonioso, exáto e construtivo sistema de permutas de energias, acionado pela vontade do Supremo Construtor. Projeta Êle ininterruptamente luz e amor sôbre o Universo em forma de verdadeira catarata, tal qual gigantesco amplexo envolvendo desde ás culminâncias deslumbrantes das montanhas douradas pelos raios do sol às mais horrendas e glaciais trevas dos profundos abismos.

Tudo é vibração, por conseguinte, vida. Tudo é mediunidade, pois que, mantém em incessante ligação a obra de Deus. Na atual contingência de cáos a benção que nos vem do Altíssimo é recebida com enorme dificuldade por ter que romper a compacta e trevosa atmosfera circundante do Planeta. Êsse auxílio do Alto, dentro dessa escura atmosfera, produz verdadeiros canais de luz socorrista à humanidade hesitante e sem rumo.

O benefício é amplo e mútua a ajuda. São as próprias esferas superiores que promovem a educação dos mundos inferiores com resoluta alegria de colaborar. A união com Deus cada vez mais se fortalece; as últimas dificuldades já se vão distanciando, não havendo mais diques de preconceitos sociais que as possam reter; cada dia, mais espontâneo é o vaivem das comunicações espíritas.

Ao homem coube a responsabilidade de ser o agente dêsse sagrado intercâmbio pelo qual se manifesta a Vontade Suprema. E' na Bíblia que encontramos preciosas referências desses intermediários de Deus, dos chamados profetas, sinônimo de médium.

Vejamos porém, alguns médiuns dos templos bíblicos: Jesus, o maior, o excelso, médium de Deus, único incarnado cuja alma mais viveu no plano espiritual que no terreno; o Novo Testamento é a sua biografia repleta de áureos conceitos nunca dantes conhecidos pelo mundo.

Moisés foi vidente e auditivo como se lê em Números VII, 89; escrevente mecânico das Tábuas da Lei; médium de transfiguração e magnetizador; sua fronte trazia a auréola de luz dos espíritos superiores.

A Samuel relatavam os espíritos o futuro.

Diferentes graus e formas de mediunidade possuía Esdras que foi encarregado de reconstituir a própria Bíblia que se tinha extraviado.

Job teve as maiores inspirações mediúnicas; suas visões eram perfeitas materializações. Sofria muito por se ver atormentado por espíritos maus. O Livro de Job merece ser estudado.

Em I Samuel XVI, 14, são relatadas as terríveis obsessões de que foi vítima o sensitivo Saul que aliás perdeu suas faculdades mediúnicas após ser um dos médiuns «do Senhor».

Joel anuncia a difusão do Espiritismo no seu livro II, 28 e 29.

Sôbre visões veja-se Números capítulo XII, 6; sôbre a fala dos espíritos encorporados aos médiuns veja-se Deut. XVIII, 18; sôbre levitação consulte-se Ezequiel III, 14; sôbre o dom dos espíritos se comunicarem leia-se Mateus X, 19 e 20.

Samuel fundou em diversas cidades escolas para seus discípulos se iniciarem nos mistérios das comunicações fluídicas.

E assim, de progresso em progresso, será dentro em breve, descerrado o véu que ainda dissimula a verdade, transformando após, pela vontade do Eterno, cada lar num autêntico centro espírita de amor e caridade.

Major Levino Cornelio Wischral.

Tudo foi Buscado...

MUITAS das enfermidades que surgem no meio da humanidade são consequências de abusos e de vícios, cujas causas ou origens podem ser constatadas com relativa facilidade. Entretanto, a maior parte das enfermidades é surprêsa para os próprios enfêrmos, e não raras vezes representam um problema para os melhores médicos.

Geralmente os médicos combatem os «efeitos», sem descobrir, o mais das vezes, a «causa». E por que não encontram a «causa»?... Claro porque para eles só regula a matéria! Não admitem, com teimosia, o verdadeiro «dono» da matéria «O ESPÍRITO»! Mesmo, quasi em geral, nem o próprio enfêrmo se preocupa, indagando afinal das razões porque está sofrendo. Vêem a cinza... e não recordam o incêndio que a produziu... ou seja — a verdadeira causa!

O Irmão «X», por intermédio de Francisco Candido Xavier (o bem conhecido médium mineiro) afirma numa das suas mais recentes mensagens, ter reencontrado amigos de outras éras que, individados perante os Tribunais da Justiça Divina pelas fogueiras que atearam no passado nas praças públicas, queimando vivas as vítimas da sua perseguição e do seu desafeto, padecem HOJE do «Fogo Selvagem»...; êste fogo consome lentamente os seus corpos físicos com sofrimentos incríveis... Também aqueles que outróra eram os protagonistas nas horripilantes câmaras de torturas, onde eram torturadas e dilaceradas as carnes das suas vítimas, pelo simples prazer de ferir e fazer sofrer os que não comungavam os seus postulados doidos, ou os seus dogmas absurdos, contemplam, HOJE, a ruína do seu próprio corpo nas aflitivas amarguras dos leprosários e dos sanatórios!...

Assim, a fogueira que extingue hoje, a dívida dos Inquisidores, chama-se «Pênfigo Foliáceo», e os que torturaram até morrer, as carnes dos seus semelhantes, têm que assistir, hoje, ao apodrecimento dos seus corpos pelo bacilo de «Hansen», sendo, além disso, ainda rejeitados do convívio na sociedade humana...

Todos os infringimentos contra as leis eternas do Supremo Creador, sejam as leis de ordem moral ou as do amor ao próximo, sempre castigam, automáticamente, pela lei de retôrno os respectivos autores do infringimento! Quem prova isso? Respondo: o próprio Evangelho! Quem tem olhos de ver e entendimento para entender, que procure então a passagem onde está escrito: «A enfermidade é a herança do pecado» (erro). Aqueles que se acham castigados por enfermidades, pecaram, ou erraram (o que é o mesmo) no passado remoto ou no presente. Erraram contra as leis do código eterno, e o mais das vezes contra as leis do amor ao próximo. E, querer recorrer a negação, seria infantil.

Também, ninguém tem o direito de alegar «ignorância»! Pois, foi para salvar e para chamar ao caminho a humanidade, que o Pai enviou o seu bem-amado Filho, seu Cristo, aquêle Cristo que, em trôco da sua obra de salvação foi sacrificado na cruz infamante. Sim, isto foi o triste pagamento da humanidade! — Dirão: a culpa cabe à humanidade daqueles tempos!... Responderemos: Ainda existem muitos reencarnados em nosso meio... retardatários, (!) aqueles que, outróra acompanharam o brado da massa do povo: «Crucificai-o!...» Talvez indivíduos que, antes tinham acompanhado e implorado àquêle divino Enviado, Jesus, para receber a cura das suas enfermidades...

Quereis mais provas? Então convido que se leia no Evangelho uma das muitas provas que o Mestre deu e onde ressalta, claramente, ser a enfermidade motivada pelo pecado (ou erro). O evangelista Lucas, no cap. 5, assim descreve a cura do paralítico: «Mas Jesus percebendo-lhes os pensamentos disse-lhes: que discorreis nos vossos corações? Qual é mais fácil, dizer: «Perdoados são os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?!» Logo, a enfermidade foi causada pelo pecado! — Perguntamos agora: Quem se atreverá dizer que o Mestre está errado?... (!)

Portanto, se depreende destes exemplos, que todo sofrimento é BUSCADO! Sim, buscado livremente e deliberadamente por todos aqueles que sofrem. As nossas ações fóra da LEI trazem fatalmente o sofrimento, cedo ou tarde, e não falha! porque nas nossas ações sempre entra em jogo a maravilhosa lei de Causa e Efeito. Nada póde ser praticado ás escondidas porque cada ação condiciona uma reação, tanto na química, na física ou no campo moral e, até no Cosmos.

Isto se aplica, também, no simples pensamento, pois, hoje sabemos que o pensamento é uma fôrça que se irradía e está cientificamente comprovado. Mais uma vez recorro à passagem evangélica, onde o glorioso Mestre ensina e explica que, já é considerado como pecador aquêle que olha com intenções deshonestas para uma mulher!... E porque duvidar dos ensinos do Mestre? Êle mesmo representa a LEI. Êle, só Êle, podia falar com esta autoridade: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém irá ao Pai senão por MIM». E mais: «Passará o Céu e a Terra, mas não passarão as minhas palavras».

Daí concluímos que dos nossos pensamentos sem freios, surgem os nossos erros ou, o que é o mesmo, o pecado. Do pensamento passamos à ação. E' portanto de suma importância que aprendamos a educar a nossa mente mediante uma rija auto-educação. «Mens sana, in corpore sano» (uma mente sã, condiciona um corpo são!), eis o que podemos aprender desta frase lapidar da antiga Grécia.

Pela vontade do Pai estamos aquí nesta grandiosa escola de aprendizagem, na qual somos apenas «principiantes»! Só aquêle que se esforçar, enquadrando-se na Lei, alcançará a sua salvação. Mas, os «aprendizes» preguiçosos, serão finalmente também despertados pela grande «amiga» DÔR, pois, são eles os esbanjadores, apegados exclusivamente nas coisas materiais. Sim, esbanjadores dos recursos materiais do Planeta, esses aprendizes de muito pouca bôa vontade que, na sua grande maioria sempre repetem a mesma classe...

Bem poucos se apercebem que estamos vivendo já no meio daqueles «últimos tempos» preditos no Evangelho. Em breve, as grandes tribulações chegarão no auge, na sua fase final. A grande e espetacular ceifa está em andamento; processa-se também já a seleção ou separação do joio e do trigo. — Aqueles que demonstraram boa vontade, aquí, nesta grandiosa escola de aprendizagem e por isso progrediram, representam o trigo e por recompensa ingressarão numa vida muito melhor. Os que representam o joio da parábola, irão para a fornalha do fogo... (fogo do remorso). Serão os rebeldes (aprendizes) lançados nas trevas exteriores (fóra da Terra), isto naturalmente como espíritos desencarnados e lá haverá choro e ranger de dentes. Mas, chegando nêste ponto, já será muito tarde, pois, esbanjaram o seu tempo durante preciosos séculos entregues às coisas futeis do mundo material, sem vontade de educar o espírito nas virtudes ativas.

Pois, «cada um receberá segundo as suas obras», ou, cada um colherá o que semeou!... A quem caberá a culpa se a colheita redunda em decepções? Quem não quer ouvir, terá que sentir, aprende-se já desde criança. No mais o Pai deu absoluta liberdade aos seus filhos, para escolher se desejam viver dentro da Lei ou fóra da mesma!

Daí, uns preferem os gozos materiais e passageiros; iludem-se a si mesmos. Serão os infelizes de amanhã. Mas aqueles que optaram a viver segundo os ensinos evangélicos, caminharão para a bemaventurança.

Sim, TUDO FOI BUSCADO... pela livre vontade de cada um!

Max Kohleisen.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Desaparição de Katie

O dr. Alexandre Aksakof, diretor do «Pychische Studien», de Leipzig, conselheiro de Estado do Império russo, comentando a desaparição do espírito de Katie King, estudada e observada por William Crookes, escreve, em sua magnifica obra «Animismo e Espiritismo», o que se segue, cujo conhecimento parece-me muito necessário aos carissimos leitores: «Desde as suas primeiras aparições, Katie King tinha anunciado que não poderia se materializar senão durante três anos e que na expiração dêsse têrmo, sua missão estaria terminada: que ela não poderia mais manifestar-se física, visível e tangivelmente, que, passando a um estado mais elevado, não poderia comunicar com o seu médium senão de maneira menos material. O prazo anunciado expirava em Maio de 1874; a última sessão foi fixada por Katie King para 12 de Maio; ela realizou-se em casa do snr. W. Crookes. Eis de que modo, segundo as palavras dêsse último, operou-se a desaparição de Katie: «Ao aproximar-se o momento em que Katie devia deixar-nos, eu pedi-lhe que se fizesse ver por mim, no último momento. Convidou umas após outras todas as pessoas presentes a aproximar-se dela e disse a cada uma algumas palavras; depois deu certas indicações gerais sôbre a proteção e cuidados de que deviamos no futuro rodear Miss Cook (o médium). Terminadas essas recomendações, Katie convidou-me a acompanhá-la ao gabinete e autorizou-me a ficar até o fim. Puxou a cortina e falou-me durante algum tempo ainda; depois atravessou o aposento até o lugar em que Miss Cook estava deitada sem conhecimento no soalho. Inclinando-se para ela, Katie disse-lhe: «Desperta, Florie, desperta. Agora devo deixar-te». Miss Cook despertou e rogou a Katie, chorando, que ficasse ainda por um pouco.—«Não posso, minha cara, minha missão está cumprida. Deus te abençôe», respondeu Katie, e continou ainda a falar com Miss Cook. Essa conversação prolongou-se por muitos minutos; as lágrimas sufocaram Miss Cook.

Então, conformando-se com as recomendações de Katie, aproximei-me de Miss Cook para ampará-la, pois, ela tinha caído no chão com um acesso de soluços histéricos. Quando olhei em roda de mim, Katie tinha desaparecido». O snr. Harrison, editor do «Spiritualist», que fez parte dessa sessão, acrescenta os pormenores seguintes: «Katie disse-nos que nunca mais poderia falar nem mostrar o rosto, que os três anos durante os quais produzira essas manifestações físicas tinham sido para ela um tempo penoso, uma triste expiação de seus pecados, e que naquela ocasião ia passar a um estado de existência espiritual mais elevado. Ela declarou que não poderia daí em diante comunicar com o médium senão a intervalos longos, e isso pela escrita, mas que o médium poderia divisá-la a qualquer hora, desde que se deixasse magnetizar». Não posso insistir bastante sôbre a significação moral dêsse facto.

Como explicar, de maneira racional, no ponto de vista das teorias da transfiguração, da alucinação e mesmo pela impostura essa cessação voluntária da aparição de Katie King?

Se a produção desses fenômenos só dependesse do médium, por que motivos teria êle posto têrmo a suas manifestações?

—

Miss Cook, o médium, estava nessa época no apogeu de sua nomeada; o amor próprio dos médiuns sobretudo quando eles entram nêsse caminho especial — desenvolve-se mui naturalmente até um grau muito elevado, pois que sua extraordinária faculdade lhes abre as portas da mais alta sociedade, e tornam-se o objeto da atenção geral, o que não póde deixar de lisongear a sua ambição. Miss Cook era então o único médium com o qual se produzia a materialização de figuras inteiras.

Por que motivo, então, teria ela voluntariamente descido do pedestal sôbre o qual a elevavam, para caír de novo no esquecimento? Ela não podia conhecer a sorte reservada a suas faculdades mediúnicas, prever se atingiria aos mesmos resultados, e por que motivo além disso teria ela trocado o certo, pelo incerto? O snr. Crooks por seu lado, dava grande importância a essas experiências e só desejava completar suas observações.

Pergunto de novo qual podia ser o motivo bastante poderoso para decidir o médium a tomar essa resolução? Se as manifestações só dependessem da vontade, era bastante continuá-las para colher novos louros.

Poder-se-ia atribuir essa resolução a um enfraquecimento das faculdades mediúnicas de Miss Cook e não ver nas despedidas de Katie King — ainda que elas tenham sido previstas três anos antes — mais do que um meio de evitar um insucesso penoso para o seu amor-próprio.

Mas, nós sabemos que, pelo contrário, os fenômenos foram progredindo e que eram mais perfeitos, mais decisivos ainda nos últimos tempos; sabemos, também, que depois da desaparição de Katie King as faculdades mediúnicas de Miss Cook não enfraqueceram e que, pouco tempo depois, uma nova figura apareceu com igual perfeição — como no-lo informa a carta do snr. Crooks publicada no «Spiritualist», de 1875.

Finalmente, êsse facto da cessação de uma materialização de figura aparecida durante um certo lapso de tempo não é único nos anais do Espiritismo.

Em minha opinião, declara Aksakof, tudo isso demonstra perentóriamente que, nesses diversos casos, ao menos, tratavamos com uma vontade diferente da do médium e que o fenômeno tinha, por si mesmo, uma realidade objetiva.

Essas considerações de Alexander Aksakof foram formuladas em respostas ás absurdas concepções do dr. Von Hartman, que pretendeu sustentar que essas materializações dependiam tão sómente da vontade dos médiuns, o que não é nem nunca foi exáto.

DJALMA FARIAS.

Crônica Estrangeira

Dormir... Sonhar

Pelo Coronel **FAURE DA ROSA**

De «Estudos Psíquicos»

Demócrito — 460 anos antes de Cristo — dizia que o sono era causado por um certo número de átomos que se desprendiam. Quando esse número fosse muito grande, o desprendimento de átomos produzia um estado semelhante à morte. Se todos os átomos se desprendessem, morreriamos.

Em 1931, o Dr. Lhermite publicou um livro em que apresenta a teoria de o sono ser devido à *hipnotoxina*, toxina que seria o veneno do sono produzido durante a vigilia. Não diz, porém, o doutor como é que atúa êsse veneno, como, de resto, nenhum cientista explica porque é que os narcóticos fazem dormir o corpo físico e conservam desperto o corpo espiritual, por vezes, a maior parte das vezes até, muito mais fulgurante que no estado de vigilia. O Dr. Lhermite afirma ainda que os factos anatômico-clínicos demonstram que existe, realmente, na região base do terceiro ventrículo um ponto sensível do dispositivo regulador da função do sono. Não ficamos mais adiantados com esta explicação do que estavam os contemporâneos de Demócrito, 460 anos antes de Cristo.

A duração e a profundeza do sono é inversamente proporcional à idade: o recem-nascido dorme 21 a 22 horas em cada período de 24, e o velho dorme 4 a 6 horas.

Há grandes e pequenos dormidores como há grandes e pequenos comedores.

Entre os pequenos dormidores figura Edison que só dormia 3 horas em cada período de vinte e quatro.

E' já muito conhecido o caso de Paul Kern que o *New-York*, de 16 de Janeiro de 1930, referiu. Êste homem depois de ter sido atingido por uma bala na grande guerra de 1914-18, nunca mais dormiu. Apesar disso, faz a vida normal de qualquer outro homem sadio.

O Dr. Bret, que também entende que a *hipnotoxina* é o veneno do sono, não explica como é que ela deixa de exercer a ação soporífera no caso de Paul Kern. Limita-se a dizer que aquela vigilia permanente, depois dum traumatismo cerebral, deve aproximar-se da mediunidade de Tereza Neumann, a qual, como se sabe, sofre de insônias que duram desde sábado de manhã até a 6.ª feira seguinte, mantendo-se em jejum permanente. Ficamos na mesma. Terminado o êxtase, Tereza fica muitas horas numa quietude como se o êxtase ainda durasse; depois tiram-lhe a roupa ensanguentada, enxugam-lhe o sangue e o suor, e dorme toda a noite como uma criança. Salvo êste sono da 6.ª feira, Tereza nunca dorme.

Esta comparação nada nos adianta porque Bret não dá explicação mais satisfatória da mediunidade de Tereza do que dera da insônia supranormal de Kern.

Para Freud—o grande psicanalista—todo o sonho é a realização dum desejo. O que enormemente choca, é ver o papel preponderante, para não dizer único, que Freud atribúe à sexualidade humana. Para êle, quasi todos os sonhos de adultos são originados pela sexualidade e exprimem desejos eróticos. Isto é rebaixar a humanidade aos instintos mais animalescos; é tão grande o exagero de Freud que até os materialistas estão em desacôrdo. Assim, a inteligência só serviria para o requinte sexual.

SONHAR

Nas suas longas noites de St.ª Helena, Napoleão I costumava recordar o sonho célebre do seu irmão mais novo, que mais tarde veio a ser o rei Luiz da Holanda.

Napoleão Bonaparte, em 1785, era simples 2.º tenente em um regimento de artilharia de guarnição em Valence. Êste oficial corso era pobre, mas acreditava firmemente no seu futuro. Apesar das dificuldades financeiras com que lutava, Bonaparte, sem recear os novos encargos que ia contraír, chamou para junto de si seu irmão Luiz, o mais novo do rancho, que então tinha nove anos, para cuidar da sua educação.

Os dois irmãos ocupavam dois quartos, cada um em seu pavimento, precisamente um por cima do outro. Logo ao amanhecer o oficial de artilharia, Napoleão, acordava o irmão batendo com um pau no tecto do quarto. Luiz obedecia sempre da melhor vontade. Mas um dia foi preciso que Napoleão o fizesse saír da cama. A cara de Luiz estava tão transtornada que Napoleão não teve coragem de lhe ralhar.

— Estás doente? — perguntou-lhe.

— Oh! estava a sonhar um sonho lindo! Porque o vieste interromper?

— Que sonhavas tu? — perguntou Napoleão a rir.

— Sonhava que era rei.

— E de mim não sonhaste nada?

— Sim; tu... eras imperador.

O moço oficial de artilharia encolheu os ombros, ao mesmo tempo que um clarão lhe perpassou pelo olhar.

— Bom; basta de tolices. Vamos à tua lição que já estás atrasado.

No final da sua prodigiosa carreira, o imperador também teve, por sua vez, um sonho profético. Em 17 de Junho de 1815, viu por duas vezes, dois exércitos avançarem um contra o outro em ordem de batalha. Êle hesitava acerca da conduta a adotar, quando viu um enorme gato preto correr dum para outro exército e introduzir o pânico no segundo corpo de tropas.

Em 18 de Junho de 1815, dia seguinte ao do sonho, dava-se a batalha de Waterloo...

Outro sonho premonitório, pouco conhecido: No começo do ano de 1793, a raínha Maria Antonieta estava presa na Conciergérie, incomunicável. Na noite de 20 para 21 de Janeiro do mesmo ano, Maria Antonieta viu, em sonho, um sol escarlate erguer-se por cima duma coluna cujo capitel caíu quasi em ato contínuo.

Em 21 de Janeiro de 1793, Luiz XVI foi decapitado.

No livro «Reminiscências do Tenente-Coronel Tren», conta o autor que durante a campanha do sudoeste africano, certa manhã, estava o general Smuts com um filho de 16 anos, a cavalo, observando um grupo de revoltosos que galopava à distância, quando, a galope também, se aproximou do general um homem escuro e alto, tendo atado no braço o lenço que, em tais pelejas, costumavam usar as tropas do Governo.

O homem entabulou conversação com o general Smuts e, repentinamente, sacou dum revólver e fez pontaria ao general. Em ato contínuo, o jovem Smuts, que estava atrás do pai, puxou o gatilho da carabina que trazia sôbre os joelhos, e atravessou o homem com uma bala.

O rapaz suspeitara das intenções do cavaleiro desde que êle se apresentara, e, por isso, não o tinha perdido de vista. A bala do assaltante apenas furou o casaco de Smuts, debaixo do braço.

Dias depois, o general Smuts relatou esta ocorrência ao general Botha que lhe fez ver a imprudência de se deixar acompanhar por um rapaz tão jovem e delicado.

Smuts replicou que fôra sua mulher quem insistira para que êle levasse o filho em sua companhia, dizendo-lhe que vira o rapaz em sonho salvando a vida do pai.

SONHOS PREMONITÓRIOS

Um caso contado por escrito ao professor Dr. Hyslop, caso rigorosamente documentado: «Em 14 de Agosto de 1935 tive um sonho extremamente vivaz que dizia respeito a um dos meus sobrinhos com 6 anos de idade. Durante êsse sonho, vi que o retiravam debaixo das rodas dum veículo, cuja natureza eu não podia precisar. A pessoa que socorrera o pequeno e dava informações do desastre, ficara muito maltratada, embora as feridas não parecessem de perigo de morte. O sonho impressionou-me tanto que o contei imediatamente a minha irmã e a uma das minhas sobrinhas ás quais recomendei que vigiassem atentamente o seu irmãozinho, porque a passagem frequente de automóveis pela rua onde residiam, constituia um perigo sério. Decorridos dois dias, estando eu em casa de minha irmã mais velha, que é mãe do rapazinho, acudiu-me tão vivamente a lembrança do sonho que de novo insisti nos cuidados a ter e mais uma vez recomendei que não consentissem que a criança brincasse na rua.

Cerca de duas semanas mais tarde, minha irmã comprou uma pequena carruagem. Uns dez dias depois, quando regressava a casa com a família, terminado o passeio de carro pelas imediações, o meu sobrinhito, rolando do interior da carruagem para o estribo, foi caír junto duma das rodas de trás que lhe passou por cima do corpo e de que resultou fratura da perna, muito perto do fémur. Os médicos declararam que se a roda tivesse passado uma polegada mais acima, a criança teria morrido logo...

Êste caso, como tantos outros, não póde ser explicado pela hipótese do subconsciênte origem de *todas* as premonições, como pretendem os sábios. Para o *eu* subconsciênte não podem existir *proibições superiores* que impeçam de salvar da morte ou dum acidente a pessoa designada, revelando-lhe o que soube.

E a não querer aceitar a hipótese *fatalista*, terão que admitir ou a *reincarnacionista* ou a *pré-natal*.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Pietro Ubaldi no Rio Grande do Sul

O Brasil hospeda desde 22 de Julho o homem que está trazendo ao mundo a maior mensagem de todos os tempos: Pietro Ubaldi. E o Rio Grande do Sul, compartilhando da excepcional oportunidade, teve a alegria e a honra de sua visita, de 21 a 27 de Outubro.

Em sua companhia e formando a comitiva visitante, estiveram os ilustres confrades Dr. Clovis Tavares, professor, jornalista, escritor e tribuno, residente na cidade de Campos, Estado do Rio, e A. J. Batista Lino, escritor e tribuno, residente em S. Paulo.

O Prof. Pietro Ubaldi apresentou quatro conferências, nesta Capital e uma na cidade de Caxias do Sul, com os seguintes títulos: «O Pensamento Social do Cristo», «O Atual Momento Histórico e a Nova Civilização do III Milênio», «Problemas do Destino e do Imponderável» e «Problemas Humanos e da Hereditariedade».

As primeiras duas conferências foram realizadas no Teatro São Pedro, gentilmente posto à disposição pelo Governo do Estado, através de S. Excia. o Sr. Secretário da Educação; a terceira na séde do «Ateneu Espírita Cruzeiro do Sul», e a última no «Instituto de Educação», também cedido pelo Governo. Em Caxias do Sul, a conferência teve lugar no salão da Bibliotéca Pública Municipal.

Na segunda noite, após realizada a conferência, no Teatro São Pedro, foi inaugurada uma placa de bronze, com dois ramos de louro entrelaçados, sôbre os quais está «A GRANDE SÍNTESE», tendo, no fundo, os seguintes dizeres: «Aquí falou o eminente Prof. Pietro Ubaldi — Homenagem da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e das demais correntes espiritualistas do Estado» — 22-X-1951».

Ubaldi foi recebido oficialmente pelo General Ernesto Dorneles, Governador do Estado e pela Assembléia Legislativa Estadual, onde foi saudado pelo Deputado Dorly Chaves, ministro da Igreja Protestante. Foi igualmente recebido pelo Prefeito da cidade Sr. Dr. Eliseu Paglioli e pela Câmara Municipal, onde recebeu a saudação do vereador Dr. Elbio Hervé.

Realizou-se no Restaurante Rennor, na véspera de sua saída, um almoço de confraternização, quando lhe foi oferecido um cartão de prata com os seguintes dizeres: «A Pietro Ubalbi a homenagem e a gratidão dos espíritas riograndenses» — 26-X-1951».

O Prof. Ubaldi foi entrevistado pela imprensa local, sendo noticiada sua atuação, fartamente, tanto pelos jornais como pelas nossas estações de rádio.

Muitos milhares de pessoas ouviram e aplaudiram Pietro Ubaldi, tendo-se tornado acanhados os recintos para conter as verdadeiras avalanches humanas que acorreram ás conferências.

Foi, pois, um acontecimento extraordinário, a vinda de Pietro Ubaldi ao Rio Grande do Sul.

Nós que fomos os primeiros a verter para o português, trabalho de Pietro Ubaldi, («A Mensagem do Perdão» — 1933) e que, desde então não mais perdemos de vista as suas lições, cultuando e admirando seus ensinamentos, sentimo-nos contentes e satisfeitos ao notar a alegria e a gratidão que envolveu Pietro Ubaldi em sua rápida visita ao Rio Grande do Sul.

O contacto que a gente tem com êle, representa uma nova lição, ou melhor, ajuda interpretá-lo na sua obra. Simples, modesto, de alma nostálgica; humilde e taciturno; entregue inteiramente à sua missão; firme inabalavelmente nos princípios que prega, ensina-nos a sentir e a ver a vida pelo cérebro e pelo coração, tendo como roteiro de todos os caminhos que convergem para Deus, o sublime Código que é o Evangelho do Cristo.

Espírito iluminado, vem de longas jornadas, de períodos milenares, seguindo as pegadas do Mestre, para reafirmar, agora, nesta sua trajetória, a Misericórdia de Deus na distribuição do pão para o espírito faminto nesta hora decisiva para o mundo.

A nossa Doutrina é grandiosa, mas, forçoso é confessar que é incomensurável a sua mensagem. Servimo-nos de inspirada conceituação de querido confrade ao estabelecer confronto com os nossos princípios. «Prof. Ubaldi — disse êle — nós, cremos que o Espiritismo caiba todo dentro de SUA CASA, mas SUA CASA não cabe toda, por agora, dentro de nossa Doutrina».

Ubaldi retornou levando e deixando saudades. Deixando saudades e esperanças de sua volta ao Brasil onde concluirá sua obra de amor e de entendimento que impulsionará a humanidade para DEUS.

Francisco Spinelli.

2.º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul

Constituiu um acontecimento sem precedentes a realização do *2.º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul*, ocorrido de 3 a 7 de Outubro do corrente ano, em Porto Alegre, Capital do Estado.

Após uma preparação por um período superior a um ano, em que a Comissão Executiva do Congresso, envidou o máximo esfôrço para que o certame se revestisse do maior brilhantismo e obtivesse êxito excepcional, foi dado constatar um feito verdadeiramente histórico para a vida da Doutrina Espírita no sul do Brasil, com profunda projeção no âmbito nacional.

E' que os problemas ventilados não ficaram adstritos intrinsecamente aos estudos da Doutrina, em sua característica teórica e prática, propriamente ditos, mas, penetraram maiores horizontes da vida humana, numa consciênte interpretação dos destinos universalistas que o Espiritismo traz no plano de suas realizações. Por isso penetrou fundo na obra de Educação e de Assistência, a ponto de criar para o Congresso o expressivo dístico: EDUCAÇÃO-REDENÇÃO.

Basta atentar para os temas programados e desenvolvidos com proficiência nas teses oficiais para termos a fisionomia do espírito que preocupou a família espírita riograndense, no memorável movimento.

No dia 3 teve lugar a sessão solene de abertura, no Teatro S. Pedro, gentilmente cedido pelo Governo do Estado, quando o Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Cel. Helio de Castro proferiu magistral discurso inaugural, em que, após homenagear a memória do eminente codificador Allan Kardec, pela passagem de seu 147.° aniversário de nascimento, procede exaustiva e brilhante exposição de sua história e de sua evolução.

Nessa mesma sessão foi apresentada a tese «Educação Evangélica da Infância», para, nas sessões subsequentes, serem apresentadas as demais teses oficiais, assim intituladas: «Evangelização dos Lares», «Educação Evangélica da Juventude e da Mocidade», «Moderna Organização de uma Sociedade Espírita», «Doutrina Espírita», «Assistência à Juventude e à Mocidade Desajustadas», «Assistência aos Psicopatas» e «Assistência às Mães e à Infância Socialmente Abandonadas». Além do temário oficial, constou da pauta do trabalho, mais a apresentação e aprovação das seguintes teses apresentadas por congressistas individuais: «Religião», pelo Dr. Djalma de Mattos, «O Esperanto como Língua Auxiliar do Espiritismo», pelo confrade Alberto Flôres, «A Infância, a Juventude e o Cinema», pelo confrade Roberto Barbosa Ribas, e «Exercício da Atividade Espírita», pelo Dr. Paulo Hecker.

Independentemente do estudo das teses, o plenário apreciou, também, várias moções, indicações e proposições, dentre as quais destaca-se a apresentada pelo congressista individual Cel. Helio de Castro, pela qual o Congresso aprovou um voto de louvor e de caloroso e sensibilizado agradecimento aos órgãos de Administração Pública sediados no Estado, representados por seus dirigentes, por terem criado um ambiente de serenidade, livre de quaisquer restrições ao exercício da atividade Espírita e pelo espírito arejado e despido de sectarismo, com que vêm examinando as pretenções das entidades coletivas da Doutrina, sejam de natureza cultural, assistencial ou educacional.

Não é possível condensar nas colunas de um noticiário onde há limite de espaço, o que representou para a vida do Espiritismo no extremo sul do Brasil o magnífico movimento que foi cognominado o «Segundo GRANDE Congresso Espírita do Rio Grande do Sul». Os «Anais», que serão publicados em breve, dirão em detalhes e com documentário ilustrado, a grandiosidade do feito. Por agora, a título de curiosidade, ressaltaremos nesta nota que o Congresso em aprêço registrou um facto ainda inédito em certames de identica natureza, no que diz respeito ao número de congressistas nêle inscritos, visto que elevou-se a cerca de 150 o de congressistas coletivos e a mais de 1.200 os de congressistas individuais.

E' justo o júbilo que invade a alma daqueles que labutaram, que cooperaram, que se esforçaram, para dar o público testemunho da pujança de nossa Doutrina, da Doutrina do Cristo, no Estado do Rio Grande do Sul.

João Leão Pitta

Acha-se gravemente enfêrmo, internado no Hospital 9 de Julho, quarto 307, 3.° andar, rua Peixoto Gomide, Capital, o nosso estimado companheiro de trabalho, João Leão Pitta que, como todos os espíritas devem saber, é um dos mais esforçados e ativos propagandistas da Doutrina, pois nas suas longas excursões a serviço da propaganda, em diversos Estados, êste incansável trabalhador leva o Evangelho até nos sítios, sem medir distâncias e nem meios de transporte, numa verdadeira prova de renúncia em pról da Doutrina.

Solicitamos a Jesus que proporcione ao nosso companheiro João Leão Pitta a assistência de que necessita, afim de ficar completamente restabelecido e poder prosseguir na sua elevada missão de difundir a Doutrina de Jesus, agora revivificada pelo Espiritismo.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão de 3 de Novembro de 1951

Congresso de Estocolmo — O Presidente dá notícias do Congresso Internacional Espírita, realizado em Setembro, na Capital da Suécia, o qual tratou dos fenômenos e provas da sobrevivência da alma, conforme noticiário publicado em um grande diário de Hamburgo.

Mês de Kardec — O Dr. Miranda

Ludolf comunica que representou o C. C. N. nas solenidades realizadas no Instituto Lafayette e no Teatro «João Caetano», nesta Capital, havendo trazido excelente impressão do trabalho que vem sendo realizado pelo rádio, pelos programas «Hora Espiritualista João Pinto de Souza» e «Seleções Espiritualistas», promotores daquelas solenidades. Outros representantes comunicaram como foram comemoradas nos Estados as datas de 3 e 5 de Outubro.

Juventudes Espíritas — O representante do Distrito Federal e outros informaram como vão correndo os serviços das mocidades espíritas em diversos lugàres, em via de regra melhorando sempre os seus serviços.

Pernambuco — O Prof. Porto Carreiro lê pormenorizado relatório dos serviços de unificação realizados no Recife, onde já se vai alcançando o ideal de unificação e colaboração de todas as forças espíritas do Estado.

Representante do Ceará — O Presidente deu posse da representação do Ceará ao confrade Henrique Alves da Cunha Magalhães que expressou sua intenção de visitar o Estado afim de auscultar as necessidades e aspirações dos nossos Irmãos do grande Estado que lhe fez a honra de confiar-lhe a representação, e sugeriu que haja frequentes visitas do C. F. N. aos Estados.

Construção de Sédes — O Prof. Arnaldo S. Thiago comunicou que já foram inauguradas sédes próprias, construídas para instituições espíritas em quatro cidades de Santa Catarina, e o Dr. Lins de Vasconcellos retatou que em diversas cidades de S. Paulo, do Paraná e de outros Estados, foram inauguradas novas instituições, todas com sédes próprias, para serviços de beneficência, ensino e trabalhos sociais, com grande simpatia do público em geral, sem distinção de credos nem escolas. E' muito animador o trabalho que vão realizando os nossos confrades em todo o território nacional brasileiro em obras de instrução, educação e assistência social. Há instituições que formam professores e dirigentes para esses serviços, com elementos jovens por elas instruídos e educados em seus próprios trabalhos de ensino, educação e assistência.

Nêsse sentido não se acha apenas iniciado, mas em pleno progresso, um trabalho imenso que vem conquistando para o Espiritismo o respeito de todas as classes sociais, de todos os partidos e credos. Como Diretor do Departamento de Assistência Social da F. E. B., o Dr. Lins de Vasconcellos dirige um apêlo a todas as instituições espíritas, no sentido de comunicarem ao Departamento os trabalhos que vão realizando nos Estados, para registo e colaboração.

Congresso em Porto Alegre — Foi uma grande realização o Segundo Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, sôbre o qual «Mundo Espírita» publicará pormenorizado relatório em seu próximo número.

Educandário Pestalozzi

Comunicado do nosso representante sr. Onofre Batista:

«Visitei novamente o Educandário Pestalozzi, que conta atualmente com 200 alunos. O nosso confrade Dr. Tomaz Novelino está lutando para levar avante essa grandiosa obra, principalmente agora que o Educandário entrou a funcionar, acumulando muito as despezas. Algumas pessoas, conhecendo o sacrifício do Dr. Tomaz Novelino, pediram-me para lhe entregar donativos, incumbência que não tenho aceitado em virtude da minha tarefa, já pesada nêsse campo. Como a obra é grandiosa e digna do apôio de todos, os donativos devem ser endereçados diretamente ao Educandário Pestalozzi, Franca.

Aqueles que deixaram alguma obra cristã no vosso mundo nada mais fizeram que cumprir o seu dever, que nem sempre foi cumprido à risca. Portanto, se ha efetivamente algum mérito em vossas e em nossas obras, que seja louvado Jesus, o nosso Mestre querido. Continuai na tarefa com perseverança até o fim da jornada, para que o vosso trabalho seja completo e possais ser dignos do salário divino. Avante, pois!

— *CAIRBAR.* —

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Janeiro de 1952 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

30 de Janeiro	*Redação*
A Alma Humana, onde se aloja ? .	*Alfredo d'Alcântara*
Artur Ramos e o Espiritismo . . .	*Deolindo Amorim*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
Livros e Autores	*Carlos Imbassahy*
A Deus o que é de Deus	*Arnaldo S. Thiago*
Umbanda, Quimbanda e Contrabanda	*Pereira Guedes*
O que vi no Umbandismo	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Espiritismo	*Gumercindo Lopes Coimbra*
O Sentido Espiritualista da Vida .	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1952 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

30 DE JANEIRO

A efemérides registra no próximo dia 30 o 14.° aniversário do passamento do nosso muito amado companheiro Cairbar Schutel. Foi nesse dia em 1938, ás dezesseis horas aproximadamente, rodeado dos seus familiares, companheiros e amigos, que Cairbar Schutel empreendeu a grande viagem que tão anciosamente aguardava, rumo ao reino de Deus, onde ingressou, não como um desconhecido, mas como quem era considerado membro de uma família, que êle, a seu turno, conhecia de sobejo, tal a sua fé na existência e sobrevivência do Espírito, que jamais se cansara de prègar, com aquela fé e estoicismo do Apóstolo das gentes, Paulo.

Na véspera do seu passamento, num momento de convulsão, em que todos já o consideravam liberto dos liames terrenos, eis que Cairbar volta e diz: «Eu já estava do outro lado da barreira, sem dores e sem aflições. Voltei atendendo ao chamado dos bons amigos. Mas tenho que passar novamente por isto», dando a entender que a sua partida se verificaria no dia seguinte, o que de facto se realizou.

Logo após o seu desincarne, o povo matonense se dirigia à sua casa e inúmeros amigos e confrades começaram a chegar de diversas cidades do Estado. Notava-se um ar de tristeza em todos os semblantes. Uma preta velha chorando copiosamente e fincando os olhos no corpo inerme do grande morto, exposto à visitação, balbuciou amargamente : «Lá se foi o pai da pobreza». Cairbar, além de continuar a viver, porque a morte é a «Porta da Vida», na ajustada expressão do grande filósofo e pensador Charles Richet, vive também em todos os corações que com êle tiveram a ventura de travar relações, dele recebendo o pão material e o pão espiritual, o remédio para o corpo e o remédio para a alma.

As almas nobres, verdadeiramente cristãs, vivem sempre na lembrança da humanidade porque têm o poder de atravessar gerações, e à medida que o tempo avança mais se firmam no conceito de todos pelos seus exemplos, pela sua fé, pelos benefícios prestados a gregos e troianos, em que o espírito de caridade, de amor ao próximo aparece como nota saliente na vida de uma creatura pura.

Quando observamos o surto progressista do Espiritismo em todos os meios sociais e intelectuais, lembramo-nos logo dos vultos espíritas do país, entre os quais aparece em linha paralela, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, vultos que enfrentaram com destemor as maiores dificuldades, lutando quasi sosinhos para vencerem, como realmente venceram, o espírito de sistema que não se cansa de perseguir os ideais alevantados, as idéias nobres que visam beneficiar a humanidade em todos os sentidos, como no caso da Doutrina Espírita, que não é criação humana, de concílios e conchavos, mas sim, a exposição das leis divinas, cujo conhecimento é indispensável a todos quantos aguardam um futuro melhor, baseado na justiça e no espírito de fraternidade.

Lá da Pátria Espiritual, que era o objetivo das suas principais cogitações, Cairbar continua no mesmo trabalho, dando cumprimento à sua tarefa de espiritualização e evangelização das almas, incarnadas ou desincarnadas, como Mensageiro da Falange dos Espíritos Superiores, incumbidos de conduzirem as creaturas ao reino de Deus.

Por motivo da passagem do 14.° aniversário do seu passamento, rendemos a Cairbar as nossas homenagens, num culto de amor e veneração, almejando-lhe felicidade, paz e contínuo progresso.

CAIRBAR SCHUTEL

O Espiritismo não se resume apenas na crença nas comunicações com as almas dos mortos. Êle é uma das maiores revelações do Alto e, como tal, sua missão é instruir e guiar os homens na senda da espiritualidade. O seu advento no mundo significa que a humanidade está prestes a transpor as barreiras da materialidade rumo aos altos píncaros da felicidade, o que deve alegrar àqueles que depositaram suas esperanças nas promessas de Jesus.

CAIRBAR.

A Alma Humana, onde se aloja?

ALFREDO D'ALCANTARA

ESTA pergunta paira no ar desde os primórdios da civilização. O próprio Espírito tem dúvidas quanto ao lugar que ocupa no corpo do homem e atira-se à investigações que, até hoje, em vez de resolver o problema, geram controvérsias que retardam o conhecimento da verdade.

O século XIX realizou descobertas tão prodigiosas no terreno da ciência que os sábios resolveram cognominá-lo «século das luzes». Todavia, mesmo ao seu clarão deslumbrante, não conseguimos localizar com precisão a alma no seu esconderijo corporal. O vigésimo século já vai em meio e permanecemos como na alvorada do mundo, com os braços estendidos ao longo do corpo, na atitude dos desanimados, perdidos na floresta sombria das conjeturas e fantasias.

Para a ciência oficial, profundamente materialista, a alma, que não é mais que um conjunto de reações químicas, reside no cérebro. Essas reações, de modo geral, tem lugar do seguinte modo: as impressões externas, captadas pelas terminações da rêde nervosa sensitiva, sobem até as localizações cerebrais correspondentes e aì se transformam em energias especializadas para as funções orgânicas e intelectivas, voltando, para a ação, pela rêde motora. Eis tudo.

Todo portentoso poder do espírito humano, diante disso, se reduz a uma sêrie de reflexos nervosos, sem nenhum contrôlo de uma alma independente, de vez que ela é também, um dêsses reflexos. Consideram-na como uma abstração, efeito e não causa de todo trabalho físico-químico das células gigantes que se distribuem pelos dois hemisférios cerebrais. O pensamento e a memória, as duas mais belas funções da alma humana, são apenas secreções do cérebro, na insensata teoria materialista.

Os espiritualistas, indo mais longe, admitem que há no corpo do homem, controlando-o e presidindo as suas funções intelectuais e sensitivas, um princípio imaterial superior e independente. Como corolário, acham que é imprescindível um lugar de junção entre êsse princípio, que é a alma, e o organismo material em que ela se encontra. Depois de Pitágoras, Platão e Aristóteles, que se perderam no cipoal das divagações em tôrno da «Alma tríplice», teoria antiquissima que a ciência moderna aceita como germe da descoberta das localizações cerebrais, os maiores filósofos e os melhores anatomistas dos séculos XVII e XVIII empenharam toda glória do gênio que lhes incendiava a mente na pesquisa dêsse lugar de eleição.

Sempre foi crença pacífica, entre os espiritualistas que a alma se localizava na cabeça; mas em que ponto? A curiosidade do homem inteligente não tem limites, e muitos se atiraram á tarefa espinhosa de resolver a incognita. Descartes julgou encontrá-lo na glândula pineal, porque é o único orgão médio e ímpar do encefalo, e o cirurgião La Peyronie viu-o no «corpo caloso», substância branca que liga os hemisférios, isto por ter verificado, em experiências e observações, que qualquer lesão dessa parte se faz acompanhar de perturbações do sentimento e da razão.

As religiões de todos os tempos, com excepção do Positivismo que se enquadrou no materialismo ateu, alheiaram-se dessas cogitações. É mais cômodo afirmar a existência da alma, de natureza imaterial, controlando o corpo durante a vida e sobrevivendo-o na morte, sem explicar como se opera êsse domínio do imponderável sôbre a matéria bruta, ou, ao menos, dizer em que ponto essa alma toma posição para dirigir o veículo de carne em que viaja pelo mundo.

O Espiritismo, que, a rigor, não pode ser catalogado como uma ciência, uma filosofia ou uma religião, porque é uma doutrina que abrange, pelos seus aspéctos, as qualidades e funções de todas três, deixa á margem qualquer revelação que lhe facilitaria o desiderato, e estuda a questão através do raciocínio e da lógica, podendo desde já enunciar as suas conclusões, embora alguns detalhes, que não prejudicam o conjunto, ainda escapem à observação positiva.

É indubitável que a alma se encontra na cabeça. Estão aí todos os aparelhos de contrôlo do organismo. A alma é o princípio inteligente, permanentemente envolto por um corpo fluídico, formado de matéria tão quintessenciada que se confunde com a própria alma. Os espíritas chamam-no «Perispírito» e o apóstolo Paulo de Tarso chamou-o «corpo espíritual». Êsse envoltório transporta, na sua própria natureza, o «sub-consciente», tão procurado pela ciência nos refôlhos do cérebro humano, e constitúe o molde onde se plasma o corpo material. Reunidos, alma e perispírito, em liberdade, tomam o nome de «Espírito; ao incarnar a alma ocupa a parte superior e o perispírito se espalha por todo corpo, interpenetrando-lhe as células e os orgãos. Daí por diante essa prisioneira não mais terá relações com o mundo exterior sinão por intermédio dos orgãos sensoriais do corpo em que está abrigada.

A psicologia moderna, que poderemos chamar «psicologia-fisiológica», de mãos dadas com a Metafísica e o Espiritismo, na sua feição científica, pôde trazer-nos a estas conclusões que, se não são definitivas, não nos fazem corar diante da Razão e da Lógica.

O aparelho cerebral se nos afigura uma mesa telefônica, diante da qual se posta a alma para receber as impressões externas e transmitir as suas ordens quanto às funções orgânicas que dependem da sua direção. A ciência chama a isso reflexos nervosos conscientes, e inconscientes aos que se realizam sem a intervenção inteligente e volitiva do espírito, como sejam os que se relacionam com os movimentos peristálticos do estômago e intestinos, os do coração e dos pulmões. Estamos de acôrdo com isto porque sabemos que a alma interfere apenas com a vontade controladora; os fenômenos orgânicos resultam de reações químicas da própria matéria de que se compõe o corpo e da que o cerca em forma de gazes. Em uma pilha geradora, fechado o circuito, não se forma uma corrente elétrica? Isso significa que certas reações imprimem movimento à matéria inerte, transformando-a em energia. Pois a fôrça nêurica que percorre a rêde nervosa não passa de uma forma de eletricidade gerada na intimidade do organismo animal.

O comandante de um barco, mesmo que seja o maior dos transatlânticos, não precisa saír da câmara de comando para dirigí-lo, de vez que tem à mão todos os aparelhos náuticos e de contrôlo. Com a alma, revestida do seu perispírito e incarnada em um corpo qualquer, acontece o mesmo, porque dispõe de toda crôsta cerebral, sêde das localizações, de onde partem os nervos sensitivos e motores, que se cruzam no bulbo, descem pela medula espinhal e se espalham por todo o organismo na direção da periferia.

Ilustremos o assunto para torná-lo mais claro; se alguém, descalço, piza uma brasa ou a ponta eriçada de um prego, instantâneamente sente uma dôr viva e defende-se encolhendo a perna. Isto, que não gasta um décimo de segundo para completar-se, depende do seguinte complicado mecanismo: a noticia da queimadura ou espetadela subiu por um nervo sensitivo até o centro correspondente no cérebro. Aí, através das vibrações perispiritais, a sensação dolorosa atingiu a alma, que dá ordem para a defesa, descendo esta, em forma de energia, por um nervo motor, afim de obrigar o músculo da perna a contrair-se.

Antes do acidente, se houvessem seccionado o nervo sensitivo citado não teria havido dôr, porque a alma, não tendo recebido a comunicação do facto, ficaria isenta de qualquer sensação. Nêste caso poderia o paciente, em vez de pizar uma brasa, ter metido o pé em uma fogueira crepitante, até destruí-lo, que não sentiria nada. O mesmo acontece em relação aos demais orgãos sensoriais: da visão, da audição, do olfato etc., que todos estão ligados ao cérebro por nervos sensitivos, destinados a por a alma em contácto com o mundo exterior. Quando um desses nervos sofre uma lesão grave, a alma fica privada das sensações que o orgão respectivo lhe proporcionava.

Vê-se, portanto, que todas as sensações, dolorosas ou emocionais são privilégio exclusivo da alma. Observemos os vegetais: desfrutam uma vida vegetativa igual a nossa, mas não experimentam sensações de qualquer natureza porque não têm alma nem sistêma nervoso.

Conclue-se que a alma não fica adstrita à um determinado ponto do cérebro, mas estende o seu império sôbre o conjunto da massa cinzenta, nos dois hemisférios, onde estão as inserções nervosas. O seu perispírito, unido, molécula a molécula, no organismo, além de servir de parachoque entre a brutalidade da matéria carnal e a sutileza da alma, utiliza-se das vibrações das rêdes nervosas que o atravessam em todas as direções, para capitar tudo que deve ser armazenado no sub-consciente, que se encontra em sua própria natureza.

Curvêmo-nos, pois, diante do cérebro, porque êle é um misto de templo sagrado, onde se cultua o amor e a razão, e laboratório misterioso em que se processam as mais estranhas e sutís transformações da matéria. Nêsse lampadário augusto foi que Psyche baixou e fez morada, de vez que, no consenso deísta, ela é partícula da inteligência divina, e inteligência é luz que se desdobra em sabedoria e bondade.

Artur Ramos e o Espiritismo

IV

Para os que se orientam pela Codificação de Allan Kardec, espírita ou espiritista é aquêle que aceita a doutrina em seu conjunto, está de acôrdo com os princípios gerais do Espiritismo: imortalidade, comunicação dos espíritos, reincarnação, crença em Deus. Há espíritas, porém, que não admitem a reincarnação ou teoria das «vidas sucessivas», como já vimos. Poderiam chamar-se, nêste caso, *espiritualistas*. Todavia são denominados, de um modo geral, espíritas ou espiritistas todos os que, esposando a crença em Deus, aceitam a comunicação dos espíritos, fazem experimentação mediúnica, embora os ingleses, como os norte-americanos, por exemplo, se intitulem simplesmente espiritualistas.

O movimento espírita mundial (sem alusão à parte oriental) está dividido em correntes, cuja distribuição geográfica, sem o rigor de um critério definitivo, póde ser assim resumida:

— I —

GRUPO LATINO

I — Europa	França Espanha Portugal	
II—América Latina	Brasil Argentina Cuba Porto Rico etc.	*Allan Kardec*

— II —

GRUPO ANGLO SAXÃO

Estados Unidos Inglaterra Canadá (parte) Austrália África do Sul etc.	*Jackson Davis*

— III —

GRUPO ESCANDINAVO

Dinamarca — Suécia — Noruega

(Nêste Grupo não existe organização sólida e tradicional como nos principais países dos grupos latino e saxão. A Suécia, entretanto, já tem movimento apreciável, mas não segue a orientação kardeciana).

Vê-se que a influência de Allan Kardec prepondera no grupo latino, enquanto o grupo anglo-saxão prefere a orientação de Jackson Davis. Não incluímos o grupo eslavo ocidental (Polônia, Checo-Slovaquia, etc.) porque as informações a êste respeito são muito imprecisas. O grupo escandinavo sofre, de algum modo, a influência de Swedenborg, vidente e mistíco sueco (1688-1772), homem de grande cultura, cuja doutrina tem partidários até mesmo fóra da área escandinava (10). O pensamento de Swedenborg, notável médium vidente e clarividente, inspirou a formação de seitas e movimentos de tendência religiosa, embora não seja tão grande a percentagem de seus adeptos (12). São diferentes, portanto, a técnica e a orientação doutrinária dos grupos em que se divide o movimento espírita. Na Itália, país originariamente latino, prevalece contudo, a escola metapsiquista! fenômeno puro, sem preocupação de ordem religiosa.

O movimento espírita brasileiro, por influência dos livros de Allan Kardec, inclinou-se desde cedo para a França, de onde se irradiara a doutrina codificada, a partir de 1857, com a publicação do *Livro dos Espíritos*. Antes mesmo de se tornarem conhecidos no Brasil os livros de Allan Kardec, já se faziam sessões mediúnicas no Rio de Janeiro, sob a inspiração da divisa: «Deus, Cristo e Caridade». A circunstância de estarem ligados a êsse movimento inicial um médico francês (Bento Mure) e um cirurgião português (João Vicente Martins) dá acentuada expressão latina à gênese da divulgação do Espiritismo nêste país. Factos posteriores vieram confirmar a tendência do Espiritismo, no Brasil, para a fonte francêsa, e não, para os Estados Unidos. Bento Mure chegou ao Brasil pouco antes da segunda metade do século XIX, segundo Carlos da Silva Araujo, em *Farmácia Carioca* (Rio, 949), antes dos fenômenos de Hydesville, que deram causa ao movimento espírita. Praticou-se o mediunismo, no Rio de Janeiro, antes de se conhecer a doutrina, mas o que está provado històricamente, é que a doutrina espírita começou a ser conhecida na Bahia, onde se fez a primeira tradução do *Livro dos Espíritos,* assim mesmo, da Introdução.

A coleção de *Éco d'Além Túmulo* (1.º jornal espírita publicado no Brasil) prova as ligações do movimento espírita brasileiro com a corrente francêsa. Quando Luiz Olimpio Teles de Menezes publicou, na Capital da Bahia, o *Éco d'Além Túmulo*, em julho de 1869, deu áquele órgão de imprensa orientação nitidamente reincarnacionista, o que se pode verificar pelos artigos nêle publicados. A introdução d'O *Livro dos Espíritos* serviu de argumento a Luiz Olímpio para defender a tese reincarnacionista em face das reprovações do Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira (12) — Luiz Olímpio tentou conciliar a teoria da reincarnação com a doutrina da Igreja Romana, no que foi severamente censurado pelo Arcebispo. Desde a sua fase inicial, na Bahia, o movimento espírita brasileiro procurou inspiração na fonte kardeciana apesar da orientação católico-espírita de Luiz Olimpio. Basta dizer que no ano de 1900, por ocasião de um congresso Espiritualista, na França, a Bahia chegou a ser chamada de «berço da doutrina espírita» no Brasil, tais e tantos eram os laços de aproximação de nosso movimento com a França. A correspondência de Luiz Olímpio, da Bahia, com A. Deliens, de Paris, dá idéia muito clara do verdadeiro carácter do Espiritismo no Brasil. A formação religiosa de Luiz Olimpio, (oriundo da Igreja Católica), teve certa influência no movimento espírita nascido na Bahia, o que levou Deliens a dizer, em carta de 11 de outubro de 69, de Paris, que se devia evitar que o Espiritismo no Brasil tomasse feição religiosa. Eis aí uma prova de que o Espiritismo, no Brasil, manteve relações com os espíritas francêses precisamente na fase em que se começou a implantar a doutrina neste país. É verdade que, hoje, o Espiritismo no Brasil não tem mais as características da corrente francesa, a não ser em teoria, porquanto na prática o movimento espírita brasileiro tem características próprias: menos filosófico, menos propenso à experimentação pura; mais evangélico, mais realizador no campo de assistência social. Apesar disto, o Espiritismo, no Brasil, está vinculado ao grupo latino, sob a influência de Allan Kardec, por três motivos: histórico, étnico, doutrinário. São justamente estes os motivos que não aproximam os espíritas brasileiros da escola inglesa ou do moderno espiritualismo norte-americano. Existem, sim, relações de amisade, intercâmbio, correspondência epistolar, notadamente nestes últimos tempos, em virtude da vulgarização da língua inglesa. Quanto á origem, porém, do movimento espírita brasileiro, sua índole, sua orientação doutrinária, não há ligação com os Estados Unidos.

Conclusão

Sem modificar, de maneira alguma, o alto conceito em que temos o nome do Professor Artur Ramos, cuja memoria é digna de culto espiritual e cívico no Brasil, porque êle foi um brasileiro dos mais ilustres, um brasileiro que muito honrou o Brasil no estrangeiro, concluimos esta série de artigos com a seguinte afirmação: o Professor Artur Ramos não compreendeu bem o Espiritismo. Em primeiro lugar, o eminente homem de ciência confundiu o Espiritismo com macumba, feitiçaria, totemismo etc.; em segundo lugar, afirmou que a técnica do Espiritismo no Brasil, «é um produto de exportação americana». Nenhuma das duas opiniões é exata. Assim, pois, podemos dizer, finalmente, que o Professor Artur Ramos não tinha razão, porque:

a) — embora o fenômeno mediúnico seja comum às práticas de *terreiro*, aos cultos de origem totêmica ou feitichista, o Espiritismo não se enquadra nestes cultos, porque é um corpo de doutrina com princípios e características próprias;

b) — tendo sido, desde o começo, orientado sob a influência de Allan Kardec tanto na teoria como na prática, de acôrdo com a propensão do grupo latino, o Espiritismo, no Brasil, *NÃO É «UM PRODUTO DE EXPORTAÇÃO AMERICANA»*.

Com estes argumentos, procuramos deixar patente que o Professor Artur Ramos estava enganado a respeito da origem e do caráter do movimento espírita brasileiro.

Deolindo Amorim.

Rio de Janeiro, junho de 1951.

---

(10) — O Boletim da Federação Espírita Internacional (Londres), relativo ao Congresso Espírita Internacional de 1948, publicou a relação de todos os grupos que se fizeram representar no referido Congresso,

(11) — Existe no Rio de Janeiro, no bairro de Fátima, uma igreja dedicada a Swedenborg. Afirmou um jornal, em reportagem, que o general Mendonça Lima, ex-Ministro da Viação e Obras Públicas, ex-diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, era ou é sacerdote da citada igreja. Podemos acrescentar mais uma informação. Quando servia no Rio de Janeiro, o Dr. Vicente Trujilo, Embaixador da República do Equador, costumava comparecer ás reuniões da Sociedade Brasileira de Filosofia. Certa vez, depois de uma conferência em cujo debate fôra citado o Espiritismo, disse-nos S. Excia. que não conhecia ainda Allan Kardec, porque em seu país se falava apenas em Swedenborg,

(12) — Veja-se a documentação citada na Revista Espírita do Brasil *de abril de 1950 (número comemorativo do 93.º aniversário do* Livro dos Espíritos.)

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

L

Trechos duma notável conferência, realizada em Weimouth (La Mancha) perante o Congresso da Igreja Anglicana, pelo Venerável Arcediago Colley — Arcebispo de Canterbury, ex-Reitor da cidade de Stockton, diocese de Natal (Inglaterra).

O arcediago pergunta se Tomé seria assás céptico para não acreditar, se tivesse, como êle, assistido, uma noite, ao facto seguinte:

O médium recebeu de novo a estranha fórma feminina que estivera por algum tempo entre nós. Eu mesmo a conduzi até êle, que estava pronto para receber de minhas mãos êsse maravilhoso *olon*, ou emanação humano-espiritual. Quando a minha dócil companheira chegou perto do *médium*, o fio gazoso tornou-se de novo visível; o ponto onde êle encolhia e se evaporava era como anteriormente na altura do coração.

Mergulhado na mais profunda admiração, verifiquei como, por meio daquêle cordão vaporoso, a figura psíquica era de novo absorvida no corpo do *médium*.

Era como que uma pequena tromba marinha, horizontal em vez de ser vertical, por meio da qual a potência vital do nosso *médium* parecia atrair e absorver a fórma espiritual; porém, a meu pedido, isto se realizava tão lentamente, que tive tempo bastante de observar todo o processo. Com efeito, apoiando-me no *médium*, e encostando a minha mão esquerda nas suas costas e o ouvido esquerdo no peito, de modo a poder escutar o coração que batia com violência, eu vi que recolhia na sua pessoa robusta e corpórea, êsse amável produto das esféras invisíveis. E enquanto eu contemplava êsse rosto tão dôce do espírito, que se desintegrava, a três ou quatro polegadas, apenas de mim, notei uma vez ainda os seus belos lineamentos—olhos, cabelos, a complexão delicada — e beijei a sua mão tão macia, no mesmo instante em que passava pela obra da dissolução, e que era reabsorvida, com o restante do corpo, através do pano da roupa preta do *médium*, para dentro do corpo dêste...

(O título da conferência é—«Como se fazem as materializações»).

LI

Padrão eterno de enigualável sabedoria, o Evangelho é que há de nortear a humanidade para seus altos destinos. Cumpre, porém, que sejam desentranhados da montanha de êrros, falsidades e superstições sob que o enterravam, durante o império da letra, afim de que o seu espírito, que é a sua luz, brilhe para todas as consciências, para todas as inteligências, para todos os Espíritos. Essa a tarefa, grave e difícil, cheia de responsabilidades, que toca aos espíritos.

Ai dos que a menosprezam! Melhor fôra não houvessem visto a luz que lhes trouxe o Espiritismo.

Dr. Guillon Ribeiro.

Afim de cientificar o leitor da vasta cultura do Dr. Luiz Olimpio Guillon Ribeiro, ex-presidente do «Centro Espírita de Cascatinha» e da «Federação Espírita Brasileira», do Rio de Janeiro, transcrevemos uma nota importante, aposta à pág. n. 4, do «Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, assim redigida:

Nota da Editora

A nossa tradução da obra «O Evangelho Segundo o Espiritismo» foi feita da terceira edição francêsa, ou seja, daquela que foi revista, aumentada e completamente refundida por Allan Kardec (Revue Spirite, ano de 1865, pág. 356).

Encarregou-se dessa tradução o saudoso presidente da «Federação Espírita Brasileira» — Dr. Guillon Ribeiro, engenheiro civil, poliglota e vernaculista.

Ruy Barbosa, em seu discurso pronunciado na sessão de 14 de outubro de 1903 (Anais do Senado Federal, vol. II, pág. 717) em se referindo ao seu trabalho de revisão do Projeto do Código Civil, trabalho monumental que resultou na *Réplica*, e que lhe imortalizou o nome como filólogo e purista da língua disse:

«Devo, entretanto, snr. Presidente, desempenhar-me de um dever de consciência — registrar e agradecer da tribuna do Senado a colaboração preciosa do Snr. Dr. Guillon Ribeiro, que me acompanhou nêsse trabalho com a maior inteligência, não limitando os seus serviços à parte material do comum dos revisores, mas, muitas vezes suprindo até a desatenções e negligências minhas.»

«Como vemos, Guillon Ribeiro recebeu, aos vinte e oito anos de idade, o maior prêmio, o maior elogio a que poderia aspirar um escritor, e a Federação Espírita Brasileira, vinte anos depois consagrou-lhe o nome, aprovando unanimemente as suas impecáveis traduções de Kardec.

Jornalista emérito, Guillon Ribeiro foi redator do *Jornal do Comércio* e colaborador dos maiores jornais da época. Exerceu, durante anos, o cargo de Diretor Geral da Secretaria do Senado e foi diretor da «Federação Espírita Brasileira», no decurso de 26 anos consecutivos, tendo traduzido, ainda, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese* e *Obras Póstumas*, todos de Allan Kardec».

Agora, para finalizar, vejamos o que diz a maior das *«Vozes Autorizadas»*:

«O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo». — Allan Kardec.

Bem louco seria, portanto, aquele que tentasse classificar entre os loucos, êsses benfeitores da humanidade acima firmados.

(Conclusão)

Livros e Autores

GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, de Leopoldo Machado. Livro dividido em 4 partes expressivas:

Graças do Céu, série de comunicações dirigidas ao autor e recebidas por F. Candido Xavier; *In memoriam* do Espírito de D. Marilia, com escritos do autor e da falecida; *Graças da Terra e do Céu*, graças e comunicações a propósito da *Semana do Moço Espírita de Belo Horizonte*; *Graças redivivas*, comunicações recebidas ha 13 anos, pelo mesmo médium e dos mesmos espíritos, destinadas ao autor.

Prefácio de Carlos Imbassahy.

A idéia dêste prefácio nasceu de um conluio entre o Pedro Granja e o Leopoldo Machado. Quero crer que o primeiro, dedicado amigo, resolveu associar-me ás glórias literárias do segundo, e daí lembrar-se do meu nome, para o pórtico do livro, ao que Leopoldo, prazeirosa e generosamente, aquiesceu.

Eis-me, pois, em luta íntima, luta entre os deveres de amigo e a consciência da minha desvalia para a empreza de que me incumbem.

Venceram os deveres. A amizade *super omnia*. E' o mais belo dos nossos sentimentos; conservemos-lhe o primado.

E' comum aos prefaciadores dizerem do Autor e da obra. Mas o velho e indefesso batalhador, que é Leopoldo Machado, conhecido no Brasil inteiro como o destemeroso pugilista da palavra, o ardoroso propagandista, o maior dos nossos excursionistas em benefício do Ideal, dispensa a minha apresentação. Falar do livro é falar daquilo que se vai ler, é antecipar o juizo, é dizer o que em breve todos saberão. E isto só se justificaria, quando se pretende sugestionar o leitor. Não é o caso, já se vê. E o sentem todos que conhecem a vasta obra do nosso eminente amigo.

Destarte, prefiro aproveitar uma das faces do carácter do escritor, sobejamente demonstrada em toda a sua vida de propulsor de idéias, para apresentá-la como um exemplo à ninhada dos nossos confrades *in fieri*, cujas asas começam a despontar para os embates do futuro.

Dirijo-me, sobretudo, à mocidade, a essa mocidade que êle formou, preparou e consolidou, para substituir aqueles que o tempo, as desilusões ou a sepultura afastaram das lides da propaganda terrena.

⁂

Remontemos a um período trágico da História Universal, o da Revolução Francêsa.

Principiou com um lema sagrado, o da liberdade, da igualdade e da fraternidade. E seus filósofos diziam: «que eles pensem, digam, escrevam tudo o quiserem contra nós. Oporemos nossos pensamentos aos seus, nossas verdades a seus erros, nossa caridade a seu ódio».

Mas tudo que é bom, tudo que vem limpo do alto, como que fica conspurcado ao tocar a lama humana. E a Revolução Francêsa, degenerou numa temível mortandade.

Por essa ocasião, existiu em França um sujeitinho magro, pequeno, um tanto gago, que passeava sua figura inteiramente despercebida em meio ás multidões agitadas.

Foi no tempo de Luiz XVI. Êsse rei havia acumulado sôbre sua cabeça os erros dos seus antecessores. O povo guardava no recesso da alma os rancores acumulados pelo descaso, pela opressão e pela miséria do longo reinado dos Luizes.

A côrte vivia no fausto, no luxo e na beatice. Os reis não perdiam missa e não faltavam aos sacramentos. Os nobres andavam rezando, batendo nos peitos e citando trechos sagrados, tal como fazia Cronwell, antes de ordenar uma grande matança. Parece que os monarcas quanto mais «tementes a Deus», menos escrupulosos.

As nações onde o fervor religioso assumia o aspecto de fanatismo, foram aquelas em que era acentuada a dissolução dos costumes, e a maldade dos homens não tinha freio. Veja-se a Espanha de Felipe II, a França dos Luizes, a Europa inquisitorial, a colonização da América, com as atrocidades do México e do Perú. Não era sem razão que dizia Maigre: «onde os homens aparecem com o seu Cristianismo, aí teremos a tortura e a fogueira».

E' extraordinário, mas é verdade, que onde o carolismo domina, não importa a forma religiosa que possa assumir, os nobres sentimentos da alma como que desaparecem. Dir-se-ia que cada qual se supõe salvar com as homenagens que presta à divindade, e deixam que os outros se arranjem como puderem. O culto e a religiosidade não eram mais que formas de egoísmo e ostentação.

Era assim a rutilante côrte francêsa e os vassalos não saiam dos templos, do mesmo passo que a indigência não lhes saía dos lares. A crise foi tomando vulto; e, enfim, como águas até então represadas, veio romper os diques no infortunado reinado de Luiz XVI e Maria Antonieta.

Preocupado com a sorte de seus concidadãos, com as disparidades sociais, a cabeça cheia de idéias, o coração cheio de esperanças, o nosso sujeitinho magro procurava melhorar a vida do povo. A revolução veio de encontro ás suas aspirações. E êle, que passava despercebido, subia à tribuna para trazer a sua palavra e o seu apôio ao movimento libertador. E então, com o verbo inflamado, verberava os abusos do poder, a tirania da realeza, as dissipações da nobreza, as calamidades do país.

E se transformava, e se transfigurava, e o pequenino se fazia gigante, e no ardor da sua eloquência, arrastava as multidões tomadas de entusiasmo. Estas o seguiam para onde êle fôsse e lhe obedeciam consoante êle mandava.

Êste rapazinho se chamava Camilo Desmoulins.

Nasceu em Guise, em 1760. Em Julho de 1789 reuniu o povo nos jardins do *Palais Royal;* mais tarde marchou para a Bastilha. Foi o herói da quéda dessa fortaleza, heroicidade essa maculada com a falta de palavra dada aos vencidos e a traição que se seguiu. Prometeram a vida aos que se rendessem, e mal entraram no forte assediado, trucidaram barbaramente seus defensores. Não se sabe a parte que cabe a Desmoulins nessa infâmia. Talvez não pudesse sofrear os ímpetos dessa féra que é o homem. Também lhe atribuem o movimento de 10 de Agosto, onde se matou muita gente. Fundou e dirigiu vários jornais. Foi advogado, jornalista, escritor, orador fluentissimo e arrebatador, membro da Convenção, um dos principais deflagradores da Grande Revolução. Humanizou-se, por fim, com a marcha tenebrosa dos revolucionários e quís deter a onda de sangue. O que êle desejava era a reforma social, os direitos do homem, os benefícios para o seu semelhante e não o extermínio. Fundou então, o *Vieux Cordelier,* onde manifestou a necessidade imperiosa de sofrear o «terror»; pediu que se criasse uma comissão de clemência. Mas, quando a fúria se desencadeia, os que desejam quebrar os ímpetos da ferocidade são considerados criminosos. Sua benignidade o perdeu. Foi preso como suspeito de moderantismo, e levado ao cadafalso, decapitaram-no, em Paris, no ano de 1794.

Sua mulher, Lucilia Duplessis, procurou salvá-lo e por isso também foi presa e guilhotinada.

⁂

Disseram-me um dia que Leopoldo teria sido Camilo Desmoulins, e eu, geralmente infenso a êsse passado, em que todos nós fomos quasi sempre figuras célebres, não deixei de achar certa analogia entre o demagogo francês e o nosso agitado e agitador tribuno patrício.

Destemeroso, vibrante, eloquente, sugestivo, incansável, conseguindo arrastar os prosélitos, fundando instituições, derrubando velharias, elogiado, aplaudido, atacado; a princípio polemista intimorato, mais tarde moderado, simples, construtor.

Na Revolução, a mulher o vê morrer, vítima da condenação dos homens, baldando-se-lhe todos os esfôrços para a sua salvação. Aquí, é êle que vê partir a mulher, vítima da condenação da natureza, sem que a luta prolongada que sustentou por libertá-la da doença produzisse qualquer efeito.

⁂

Há quem veja nos elogios propósitos subalternos, motivos interesseiros, e, na melhor hipótese, um incentivo à vaidade.

Penso, muito ao contrário, que, por vezes, a frieza com que recebemos e analisamos os trabalhos de nossos amigos prejudica os amigos e o trabalho.

Ela mata todo o estímulo. E' como o silêncio da platéia diante do ator. As mãos inertes e geladas com que o acolhem são o epitáfio de sua carreira.

Muitos desanimam com a atmosfera social que os rodeia. E' preciso, aquí, seguir o aforismo de que *in medio consistit virtus*.

Há, ainda, um reparo importante, é que eu e o Leopoldo estamos numa fase e numas condições em que o elogio é inteiramente anódino. Eu, pelo tempo, êle pelos seus distúrbios cardíacos; eu, ultimando os preparativos para a grande viagem, êle, na esperança, a meu ver ilusória, de que se vai juntar à esposa. Deixemos, pois, falar o sentimento, e mantenhamos uma das raras fortunas que levaremos para o Espaço, que é a estima que dedicamos uns aos outros.

Chego à face do carácter do nosso autor e de que falei na abertura destas linhas. E só me refiro a ela porque vale por um estudo: é a sua tolerância para com as idéias alheias, ou melhor diria, para com os portadores dessas idéias.

Parecerá um paradoxo. O escritor quasi pambletário, o discutidor denodado, o polemista que não rejeitava parada, o tribuno veemente, o apontador de erros e heresias, transformado no palinuso da tolerância. Pois é.

Pois é, porque todo o seu calor é um fôrno das idéias. E se por vezes os seus escritos ou os seus discursos se inflamavam era na réplica a ataques violentos, a injustiças flagrantes, a dispauterios imperdoáveis. Mas a pessoa do contendor era inviolável.

Nunca se zangou com ninguém por não pensar como êle; nunca negou a sua mão a um adversário; não guardou jamais o menor ressentimento após o debate. Deixemos passar os exemplos.

Numa época em que os nossos correligionários e, muitas vezes, amigos usam até de represálias materiais, por não compartilharmos do seu modo de pensar, às vezes em questões de uma desanimadora puerilidade, essa superioridade espiritual que vemos em Leopoldo é muito para admirar.

⁂

Vitor Hugo, na sua obra *William Shakespeare*, descrevia assim um lar:

«Seus moradores formavam um grupo, ou melhor, uma família. Eram proscritos. O de maior idade era um dêsses homens que em determinado momento, estão sobrando em sua pátria. Havia saído de uma assembléia; os outros, ainda jovens, saiam de uma prisão. Haviam escrito e por isto tinham sido presos. Aonde o pensamento haveria de levar senão ao cárcere?»

A doutrina espírita, com sua luminosa filosofia, faz que tenhamos como sagradas tôdas as liberdades, e delas faz parte a do pensamento. A imposição da idéia é falta grave que toma o caracter de crime. Enche-nos de assombro, verifica as violências de que eram vítimas as criaturas, quando seu modo de ver se não acolchetava perfeitamente ao dos que estavam de cima. E se, hoje em dia, no seio de uma doutrina liberal, e nos tempos que correm, manifesta-se a violência, de maneira mais ou menos disfarçada, o que verificamos é que os sêres ainda não estão preparados para a grande Reforma. Não admira, portanto, que todas as suas aspirações se movam no terreno da exegese escriturística, em tôrno da qual os homens vêm girando como *chapon à la broche*, sem que êste esfôrço na interpretação de textos nos tenha feito dar um passo à frente na Espiritualidade.

E aí temos o planeta ferido pelas guerras, cheio de uma humanidade infeliz e má, em que a luz do Alto não encontra onde se refletir. E, às vezes, penso como Bulhão Pato, que nos dizia na sua obra «*Sob os Ciprestes*»:

> «Uma das condições do ignorante é ser crente. A luz do saber, ao passo que ilumina o espírito, vai desenganando o coração».

Parece difícil ver transformar-se o temperamento humano. E há dois mil anos o Cristo trouxe à terra o seu Evangelho de perdão e de amor! E por mais que desejemos a concórdia e a paz, o que notamos é a criatura sempre pronta a ferir, ou abertamente, ou velhacamente.

Dizia Eduardo Ramos que há muita gente em que a hostilidade assenta perfeitamente, como assentaria ás ostras se oporem ao arrasamento dos penedos.

E os nossos amigos, ás vezes por uma simples questão da coesão molecular do corpo do Cristo, passam logo a inimigos, por maneira que nós tivemos que pensar como êles, queiramos ou não. Como havemos de achar um jeito de pôr as idéias de acôrdo, é que não sei. É difícil arranjar aí a fonte da harmonia. Assim, por não desgostá-los, só nos resta um remédio: — a mais deslavada hipocrisia. Temos de fingir acreditar no que eles acreditam, para não lhes perder a amizade ou o benefício.

Quando vemos, portanto, um espírito como o de Leopoldo, nesse terreno acima da crareira comum, quando sabemos que êle continua amigo do seu amigo, não importa o abismo ideológico que haja entre ambos, impossível será deixar de unir a amizade à admiração.

Apresento-me como exemplo do facto, que melhor diria do fenômeno.

Temos tido grande discussões, a ponto de declarar o Leopoldo que vivemos brigando. E vivemos. As nossas idéias se chocam, as nossas palavras fazem o efeito da fuzilaria. Mas, em meio do prélio, sôa uma gargalhada cristalina, franca, sincera e amiga. É que um de nós bate em retirada. Leopoldo ri-se do epílogo. Às vezes é uma pilhéria que surge no mais aceso da contenda. E saímos da controvérsia tão amigos ou ainda mais do que quando nela entramos.

Por que não serão assim todos os discordantes?

* * *

Reparo que nada disse sôbre o livro. É. Eu não ia, mesmo dizer nada. Seria fraco como comentador, e pretencioso como crítico.

Quero, porém, neste fecho, deixar as minhas homenagens àquela que foi a companheira de todos os instantes de Leopoldo Machado. Era a sua consorte, a sua amiga no lar, a sua auxiliar nos trabalhos e nas lutas da Causa, a sua colaboradora na construção do gigantesco edifício da Caridade.

O autor destas linhas sempre teve a fortuna de sua estima. Usufruiu-a, apesar do pouco tempo de convivência, nesta grande cidade, onde as distâncias e os afazeres da vida nos separam, como se vivessemos em continentes antípodas.

Mas, nas páginas de saudade dêste livro, quero deixar também as minhas, depondo neste altar de afeto o tributo de minha gratidão à grande benfeitora, que tantas lágrimas de reconhecimento deixou nos corações maleáveis, vibrantes, e por isso mesmo sinceros, dos orfãos e desvalidos da vasta zona de Nova Iguaçú.

Carlos Imbassahy.

A Deus o que é de Deus

ESTÁ a nossa encantadora e sublime Doutrina Espírita sofrendo nas mãos dos homens as mil contrafações que sempre acompanham a difusão, na terra, de quaisquer princípios religiosos, filosóficos e mesmo científicos. Não é de nossos dias o desespêro de Santos Dumont por ver o seu grande invento da dirigibilidade aplicado à destruição, em massa, dos homens?

Essa a triste contingência humana! Mais triste, contudo, quando se verifica ter chegado a tal ponto a lassidão da alma humana, em virtude da contrafação dos bons princípios, que não mais sequer existe quem proteste contra a desorientação.

Começou assim a *debacle* religiosa do Catolicismo que hoje, para manter seu prestígio, precisa do fausto, das distinções hierárquicas, da transigência com os processos mèramente convencionalistas das boas relações sociais.

O Espiritismo, que já era tão deturpado pelos que o temperavam com o môlho de tôdas as crendices remanescentes do fanatismo igrejeiro, do fetichismo indígena ou africano, do materialismo científico, está agora sofrendo, nas organizações que o praticavam com a simplicidade dos primeiros cristãos, exigida para a restauração da Igreja do Cristo, uma desnaturação que o levará à ruina, se não mais for possível encontrar o bom senso espírita acolhida na consciência dos adeptos responsáveis pela existência de tais organizações e aos quais cumpre impedir a deturpação que se esboça, fazendo-se permeáveis a estas advertências fraternas, porquanto, para isso, beberam os bons princípios da doutrina nas melhores fontes do Evangelho.

Escutem-nos, tendo em vista o ideal que nos move, abstraindo o nome de quem a estas advertências se abalança, com o risco de desagradar, sem o querer.

Pior do que o falso Espiritismo dos «candomblés» e das macumbas, dos «terreiros» e dos caboclos; muito pior do que o dos metapsiquistas, é o dos que vão deturpando o sentido histórico da Terceira Revelação, a pureza do Neo-Espiritualismo, obedientes ao instinto de adaptação, — que, no caso, deve ser refreado — ás novas modalidades da vida de relação, atendendo sómente à preocupação de que os seus atos, as suas atitudes se enquadrem à ordem social, aos bons princípios da ética profissional, segundo os cânones do bom senso preconceituoso que outorga as benesses do mundo aos que os estimam como elementos benéficos de ação, mesmo no campo religioso.

O problema a resolver entende com a orientação das coletividades espíritas, no que concerne à maneira de se conduzirem nas suas relações com o meio humano em que têm de agir, em prol da regeneração dos costumes.

Somos guiados neste trabalho por um intuíto altruístico de beneficiar. A êste esfôrço, superior quiçá à nossa posição no âmbito das responsabilidades doutrinárias, nos entregamos movidos por um sentimento de lealdade para com o Divino Mestre e para com os nossos companheiros de ideal, a nenhum dos quais, individualmente, queremos recriminar, entendendo, pelo contrário, que cada um, segundo acreditamos, tem a convicção de que está agindo bem e procura trilhar o melhor caminho que lhe é dado seguir. O problema, repetimos, não é de ação individual; trata-se de cousa muito mais grave e muito mais séria, pois trata-se de orientação coletiva.

À luz da História está claríssimo que a desorientação da igreja começou pela inclinação, que move hoje as organizações espíritas, a se fazerem notadas pelo Poder Público; mais do que isso, a ter as benesses dêsse Poder, havendo como que uma certa satisfação das corporações espíritas em contar, no mundo oficial, com elementos de destaque: deputados, senadores, generais, Almirantes, Governadores, se possível o próprio Presidente da República.

Dir-se-á que essa tendência é humana; concordamos, mas ousamos afirmar que não é religiosa, dadas as condições de puro convencionalismo, orgulho de posições a sustentar, satisfação de mil e uma condições personalissimas de amor próprio, vaidade, justo renome social que cada um a si mesmo impõe, conforme a graduação hierárquica que desfruta, etc., — tudo absolutamente contrário às normas naturais da vida em suas relações de pura espiritualidade, a que as mesmas devem estar condicionadas, quando se palmilha o terreno religioso, segundo as determinantes do Cristianismo.

Temos de dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de Cesar, como ensinou Jesus, pois ainda subsiste no mundo, é claro, a diferenciação que o Mestre estabeleceu entre Deus e Cesar. Um dia, em um mundo regenerado, para o qual evidentemente evoluimos, não será assim, pois haverá de prevalecer Deus sôbre Cesar, nesse mundo feliz de amanhã. — Quando? Não o sabemos: «*L'avenir c'est à Dieu*», na expressão do Poeta de «*La Légende des Siècles*».

Quando os irmãos que escalarem o Poder, graças ao movimento de opinião, que se acentua nas massas, de ir levando os espíritas — que se destacarem pela sua bondade, pela sua clarividência, pelo seu desapêgo a todos os sectarismos — aos postos de representação e de direção; quando êsses irmãos vierem ao nosso encontro, recebamo-los com as atenções que todos nos merecem. Se uns quiserem prestar serviços não os recusemos, pois que jamais nos exigirão compensações como aquelas que o oficialismo de Roma pediu à igreja nascente e que a levou ao afastamento do Cristo. Só isso!

Em nossas relações com o Estado, com o mundo oficial, guiemo-nos pelo exemplo do Divino Mestre: sejamos respeitadores integérrimos da lei, paguemos os nossos impostos, curvêmo-nos, como Jesus se curvou, aos ônus que Cesar nos impõe. Mas não nos possuamos de júbilos pagãos ao sentirmos que o Estado *nos dá importância.* O que devemos querer é que o Estado nos respeite dentro da lei: e isso nos basta.

A nossa esfera de trabalho é a da reforma dos costumes, no sentido de capacitar o homem a viver moralmente bem, mesmo sem o policiamento do Estado; procuramos «estados de consciência» e não simples aparências de conformidade com a decência e a dignidade.

Estaremos mal se começarmos a nos deixar conduzir por cegos condutores, no que respeita ao aparelhamento das organizações espíritas. Estas não podem estruturar-se *apenas* a exemplo daquelas que no mundo visam a objetivos estatais ou méramente econômicos.

Alerta, espíritas! Êsse caminho já está sendo trilhado — e êle conduz ao vale das lamentações. Antes prevenir que punir!

Nada temos que ver com o carácter, o temperamento, a maneira de ser dos nossos irmãos. Acreditamos que todos, sem excepção, estejam, como também estamos, inspirados pelos mais dignos e melhores propósitos; mas, coletivamente, há sintomas de dissolução das normas espíritas.

Voltemos à singeleza e simplicidade exigidas pela prática religiosa, sob a sublime inspiração do fraterno Amor — eis o que Jesus nos pede, segundo o eterno clamor dos seus Evangelhos.

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 26 de outubro de 1951.

Umbanda, Quimbanda e Contrabanda

Em companhia do confrade e amigo Alfredo d'Alcântara, fomos certa vez visitar, em sua residência, o ilustre confrade deputado Campos Vergal.

A nossa conversa girava em torno de assuntos doutrinários, focalizando, de preferência, o livro então em vias de ser publicado — UMBANDA EM JULGAMENTO — de autoria do nosso companheiro e que é indiscutivelmente, um trabalho completo sôbre a história do «Umbandismo».

Estavamos, pois, no melhor da conversa, quando fomos surpreendidos com a chegada de mais outras visitas; eram dois «sacerdotes», o chefe da «Igreja Brasileira», D. Carlos Duarte Costa, o ex-bispo de Maura e seu acólito o «padre» Morais.

Ao sermos apresentados aos ilustres visitantes, Campos Vergal não quís apenas mencionar os nossos nomes, simplesmente como amigos, e, referindo-se ás qualidades de cada um de nós, falou também a de escritor do companheiro Alcântara, inaltecendo o valor da obra — UMBANDA EM JULGAMENTO — cujos originais estavam em seu poder.

O «padre» Morais nos foi apresentado então pelo seu superior, como espíta, para mostrar-nos dêsse modo, que a sua igreja não excluía, pelo contrário, disse-nos o sr. D. Carlos Duarte, aceita, até como sacerdote, o profitente espiritista.

O «padre» Morais não se conteve. Falastrão, empertigou-se todo, como se fôsse realmente uma grande figura da nova «Igreja» e disse:

— «Sim! Sou espírita e maçon; pratíco a «Umbanda» e conheço a «QUIMBANDA» e a «Contrabanda». Tudo é Espiritismo».

Foi nêsse dia que tivemos conhecimento de mais essa modalidade de seita espiriteira — o «Contrabandismo».

Já sabiamos que «Umbandismo» era uma criação recente, considerada como nova modalidade do Espiritismo, segundo a opinião dos próprios «umbandistas» o que Alfredo d'Alcântara contesta com profundo conhecimento de causa.

O «Quimbandismo» é uma criação de Lourenço Braga, como definição de magia negra e terceira modalidade da doutrina espírita que êsse moço anda pregando, fazendo proselitismo e enxovalhando o Espiritismo.

Quanto ao «Contrabandismo», é criação exclusiva do «padre» Morais.

A «Quimbanda» de Lourenço Braga, é pura invenção sua, pois, Quimbanda é, na verdade, uma espécie de sacerdote dos bantús.

«O «Quimbanda» na sua aldeia», diz Alfredo d'Alcântara, «manda mais que o rei. E' tudo: pontífice, médico-feiticeiro, oráculo, conselheiro, juiz. Todos o acatam e se sentem honrados com a sua benção, desde a criança imbele ao mais valente e destemido guerreiro». Mas, para o sr. Lourenço Braga, «Quimbanda» é uma seita, ou modalidade mágica onde atuam os espíritos voltados à prática do mal. «E' Lei de «Quimbanda».

O «padre» Morais, porém, não nos explicou ainda o que significa a sua «Contrabanda». Para êle, como «Quimbanda» para o sr. Lourenço Braga, tudo é Espiritismo.

Diante de tudo isso que por aí anda, de boca em boca, não encontramos razões que justifiquem o silêncio de tanta gente responsável pela propaganda do Espiritismo. E como poderiamos concordar com aqueles que apoiam indistintamente todas essas modalidades de mediunismo e animismo, incorporando ao Espiritismo seitas tão esdruxulas e retrógradas?

Não. O Espiritismo é, em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, uma Doutrina evolucionista e tende a realizar no mundo uma obra de aperfeiçoamento geral dos homens, por isso, nenhum espírita consciênte poderá cruzar os braços ante tão grande quão perniciosa penetração de seitas, as mais primitivas e grosseiras, nos arraiais espíritas.

No Espiritismo doutrinário ou mesmo em sua prática, não há lugar para «umbandismo», «quimbandismo» e muito menos para «contrabandismo».

Pereira Guedes.

O que vi no Umbandismo

CAMINHAVA o grupo rua afóra, palestrando sôbre o Evangelho e o tema «dai de graça o que de graça recebestes» estava em discussão. Logo mais paramos junto ao número 590, onde íamos assistir, pela primeira vez, uma sessão de «terreiro» em salão. Penetramos e feitas as apresentações fomos gentilmente acomodados.

Quando os trabalhos de benefício já iam adiantados foram ouvidas fortes pancadas à porta. Atendido ao chamado apresentou-se em vistoso uniforme um chofer sobraçando volumoso pacote entrando logo a perguntar:

— Está aquí o sr. Jonas, médium de um tal índio Itamar?

— Sim, queira porém arrear êsse pêso no chão, sente-se e preste atenção ás caridades que se realizam — disse o porteiro cochichando no ouvido do recemchegado.

Meia hora depois foi a reunião encerrada com o costumeiro ritual; fez-se mais claridade e muitos fiéis já se dispunham a sair quando Nestor, presidente do Centro pediu à assistência se mantivesse nos lugares, pois, algo o intuía de que a tarefa ainda não estava finda.

Nesse ínterim vimos o chofer entregando o embrulho ao médium Jonas acrescentando:

— E' meu patrão, aquele lá das «Tecelagens» quem lhe manda estes doze cortes de finíssima casimira pela gratidão e em pagamento do «trabalhinho» feito pelo senhor e um certo índio Itamar. Mandou êle dizer que o negócio antes entravado agora vai a galope, não mais lhe atormentando a idéia de falência; o capital agora cresceu. Tudo se realizou. Esta casimira o senhor poderá vender para apurar uns cobres. O patrão não quís mandar dinheiro, ficou acanhado.

Evidente que benefício de tal natureza não se enquadra dentro dos inúmeros e sublimes recursos aconselhados pelo Evangelho de Jesus; continuemos porém a observar.

Instintivamente o médium fixou ávido e com brilho nos olhos o régio presente, impulsionando seu cérebro a encadear imagens de lindos castelos nessa época de amargas aperturas financeiras.

Mas, apenas terminada a conversa entre os dois, eis que Jonas começa a demonstrar certas contrações e estremecimentos pelo corpo; seu rosto transfigurou-se com rapidez tomando feição de pessoa idosa; esfregava as mãos sem cessar e com fôrça; já agora começava o médium a expressar-se em nossa língua, porém, com sotaque de índio, acompanhado da mímica peculiar.

Incorporado ao médium, o índio, cujo valôr e vontade de ajudar, a par de sua franqueza rude eram por todos conhecidos, levantou bem alto as mãos em sinál de silêncio. Invocou, algo contríto, o seu deus — Tupã — para presidir êsse trabalho complementar. Seu rosto apesar das profundas rugas demonstrava um sublime mixto de bondade e energia, próprio dos bons indígenas.

Sua presença manifestada através do médium denotava intimidade e alegria por parte dos assistentes, pois, sem se fazer esperar, inúmeros «Benção Itamar» foram ouvidos e já se iniciava confuso peditório quando o índio acocorou-se para desatar os cordões do pacote espalhando seu conteúdo no chão à vista de todos. Em seguida, levantou Itamar a mão direita aberta horizontalmente sôbre os olhos, como se com êsse gesto e nessa atitude procurasse melhor distinguir algo longe ou imperceptível; no entanto, o que reparamos foi Itamar selecionar entre os presentes, trazendo para junto de si pessoas necessitadas e humildes; a cada uma, até a última, presenteou pelas próprias mãos do médium um dos belos cortes de casimira. Para os olhos daquelas pobres criaturas aquilo foi uma festança de enorme contentamento.

Antes desse bom espírito se retirar, pediu que transmitissem ao médium, pelo qual, aliás, falava, as devidas desculpas pela apropriação indébita da valiosa oferta, além do que Jonas deveria ser avisado para não se aborrecer, pois, os cinco ternos que tem guardadinhos em casa eram mais que suficientes. Se necessário, que désse até a última túnica...

Finalizou Itamar sua presença entre nós com uma veemente e muito gesticulada exortação recomendando aos umbandistas presentes que distribuissem com os menos favorecidos, não só as sobras como também aquilo que pudesse causar-lhes certa necessidade. Pediu que os ricos ampliassem as quotas destinadas aos pobres, aos que sentiam as intempéries do tempo; Tupã tudo restituiria triplicado.

Um vidente, todo emocionado, relatou-nos depois: «Vi nitidamente Itamar, índio autêntico, chefe robusto, bronzeado, irradiando claridade. Seu corpo translúcido trazia à cabeça soberbo penacho; delicadas pulseiras de penas multicôres enfeitavam-lhe pernas e pulsos; e, de tanga à cintura, em chocante contraste com o ambiente distribuia com indescritível alegria a seus irmãos brancos, o agasalho de que êle, da inóspita natureza não necessitava».

Bela virtude que no indígena continua ináta; e no civilizado? Teria êste desaprendido para acumular egoísticamente?

Jonas, após o transe, de semblante desapontado, tal criança contrariada, vendo seu cobiçado presente em mãos alheias, julgou melhor solidarizar-se com o contentamento reinante, exclamando refeito: «Graças a Deus, pratiquei uma caridade».

Major Levino Cornélio Wischral.

Espiritismo

Gumercindo
Lopes
Coimbra

Que é ESPIRITISMO? É a ciência que trata da vida dos espíritos e da sua manifestação entre nós.

E Espírito é a manifestação expressa da vida inteligente e racional, projetada no UNIVERSO, caracterizada na individualidade consciente do HOMEM, quando habita entre nós.

Na sua peregrinação entre nós, o Espírito identifica-se na *forma característica* de sua personalidade. Essa forma externa característica de sua personalidade, expressão do corpo espiritual, é o que chamamos de perispirito.

Por que o espírito é a manifestação expressa da vida inteligente e racional projetada no UNIVERSO? Porque é a manifestação da VIDA ENCERRADA NA «MENTE», que o projeta no espaço UNIVERSAL, testemunhando a presença do Creador na sua peregrinação evolutiva!

Olhemos em torno de nós mesmos e veremos que da semente de uma planta projetada na terra, surge uma outra planta da mesma espécie e formação, a identificar na sua forma externa característica a manifesta personalidade de uma planta conhecida entre nós. É a *célula vital*, a semente, a projetar na face da terra a manifestação de uma vida!

No reino vegetal é assim. No Espírito a *célula vital* é a *Mente*, sendo o Espírito a manifestação da vida inteligente e racional a perpetuar a espécie na personalidade encarnada pelo Espírito: O HOMEM!

O HOMEM, é portanto um TODO, onde a MENTE é a *célula vital*; o Espírito a manifestação expressa da vida inteligente e racional e o Perispírito a forma externa característica da personalidade do Espírito!

TEM O ESPÍRITO SEXO? Não! Não é o Espírito que tem sexo; o espírito, já o dissemos, é a manifestação expressa da vida inteligente e racional projetada no UNIVERSO, na personalidade característica do HOMEM, quando habita entre nós.

Quando habita entre nós, vejam bem!...

Sim, porque quando habita o MUNDO DAS TREVAS, tanto pode ser êle a figura de um monstro como de simples esferóides dominados por entidades perversas, como, ainda, tendo atingido mundos superiores na sua marcha evolutiva se projeta na figura de anjos celestes.

Projetado no UNIVERSO vem o Espírito em obediência ao determinismo de sua peregrinação em busca da espiritualidade evolutiva, e na passagem pelo planeta TERRA, cumpre-lhe atender a multiplicação da espécie. Daí o *sexo inerente* não ao espírito, mas sim, á personalidade, ao HOMEM, o espírito encarnado!

O espìrito é, inicialmente, projetado em mundos inferiores e no curso de sua trajetória evolutiva vai, à medida que atinge mundos superiores, aprimorando sua personalidade característica ao novo Habitat, modificando suas necessidades de alimentos e a transformação de seus instintos, perdendo, gradativamente o sexo.

S. Paulo, 13/12/1951.

O Sentido Espiritualista da Vida

A Fôrça das Religiões

57 Crônica para a Hora da Bôa Vontade, irradiada.

«As religiões são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo, que é Deus», diz velho rifão, que já tem fôrça de chavão.

Que levam ao alvo-Deus, se ensinarem e praticarem o Bem, ajustamos nós.

Ha, entretanto, exclusivismos religiosos que ajustam a tais ou quais religiões características de infalibilidades, levando-as a condenarem os outros caminhos, como se Deus, que criou todos e tudo, fôsse Pai e Criador sómente dos que as professam.

Ora, se a Verdade é só uma e única, e ha muitas religiões mentirosas, a se hostilizarem odiosamente—que não ha ódio maior e pior do que o ódio religioso, como demonstrou Ruy Barbosa —importa dizer que, no *mare magnum* das religiões e crenças que vão por aí, separando os homens ao em vêz de aproximá-los, aproximando-os, crentes e tolerentes de Deus; se é uma e única a Verdade, é para perguntar-se: qual a religião verdadeira que salva?

Em bôa lógica, só poderia ser uma religião que viesse das origens da humanidade, para não admitirmos que Deus tenha feito muitos filhos seus antes da religião salvadora, condenando-os assim, lógicamente, à perdição.

Para Deus, que é AMOR SUPREMO E SUPREMA JUSTIÇA, formas e exterioridades religiosas nada valem. O que deve valer muito é a essência mesma do Bem.

E' isto o que está, implicitamente, no mais alto dos livros religiosos, o Evangelho do Cristo, que nos ensina que «a cada um segundo as suas obras».

Por êste critério, sente-se que é

verdadeira toda religião ou crença que traga, no seu bôjo, o Bem por princípio, o Amor por base e a Perfeição por finalidade.

Assim, a fôrça da religião deve ser as obras, o Amor, o Bem.

E sem bôa vontade, ninguém realiza obras meritórias, ninguém se aproxima do Amor e do Bem.

Bocacio, o glorioso escritor italiano do começo do século XIV, tem uma linda alegoria sôbre a verdade religiosa, que vale a pena recordá-la e analisá-la.

Estava-se no tempo em que o Judaismo, o Cristianismo e o Islamismo se degladiavam hostilmente em nome do mesmo Pai de infinito amor e misericórdia, que é Deus. E cada uma dessas religiões a supôr-se a verdadeira.

Um homem herdára do pai um anel preciosissimo, que vinha de seus maiores e devia transmitir-se aos descendentes.

Nascem-lhe três filhos, todos, bons moços, todos muito dignos, todos capazes.

A qual dos três filhos transmitir o anel precioso?

Aos três, que todos o mereciam igualmente, não seria possível.

Que fez, então, o pai?

Mandou fazer, por joalheiro perito, de sua absoluta confiança, dois aneis iguais, perfeitas imitações do verdadeiro. Prontas as duas joias, eis os três belos aneis em tudo semelhantes. Deu, então, cada anel a um dos filhos.

Um deles ficou com o anel verdadeiro, e dois, com as imitações.

Mas, qual a joia verdadeira? Com que filho teria ficado?

Eis o que, depois, ninguém soube, sinão o dono dos aneis, a despeito de cada possuidor jurar que verdadeiro é o seu anel...

Eis a história de Giovani Bocacio, o criador do romance moderno, admirável de lógica e sutilidade.

E termina o escritor a sua fantasia: «assim tem acontecido com as três religiões que nos foram legadas por Deus, nosso Pai... Como cada qual se julga o verdadeiro herdeiro de Deus... Mas, como no caso dos aneis, não ha certeza sôbre qual de nós anda no caminho certo, e como nenhum de nós póde estar certo da preferência exclusiva de Deus, importa-nos a todos termos a certeza de que estamos incluídos na parceria dos homens. Nações do mundo, uní-vos na prática da bôa vontade».

Com a boa vontade, unem-se as nações e os povos, os homens e as religiões.

Vale dizer, portanto, que é a Boa Vontade a maior força de união que se conhece. Daí, a confiança que se deve pôr na L. B. V., cuja finalidade não é outra sinão aproximar homens de religiões diferentes, até que possam irmanar as religiões mesmas, transmitindo-lhes a consciência de que todas elas são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo.

Difícil tarefa?

Tudo no início é árduo e difícil. Mas a perseverança a serviço da boa vontade pode realizar prodígios. Daí, o «perseverai até o fim»... do cristo de Deus.

Leopoldo Machado.

Crônica Estrangeira

Um episódio da guerra de 14/18

De «Revista de Metapsicologia»
Por M. C. S.

Em França fiz os primeiros dias de treino na 1.ª linha com Infantaria 11. Servi, depois, sucessivamente, em Infantaria 4 e 15. De todas as unidades onde servi conservo, naturalmente, lembrança de alguns episódios, tão naturais numa guerra.

De Infantaria 11 guardo a recordação do alferes Stone, camarada que foi meu companheiro de viagem para França e que tombou no próprio dia em que, na linha, assumiu o comando do seu pelotão; de Infantaria 15, a par do espírito compreensivo da unidade e da impressionante camaradagem que lá encontrei, recordo o gesto do major Ferreira do Amaral, de rosto amarelecido, de olhos fundos, doente, a responder com a linguagem de Cambronne ao médico que o aconselhava a baixar ao hospital, em certo dia em que o 15 seguia para o *front*, em missão voluntária, pois toda a unidade se havia oferecido; de Infantaria 4, além do episódio do alferes Neto que, a sós com a sua ordenança, aprisionou uma patrulha alemã, de 8 combatentes devidamente comandados, guardo êste que passo a contar:

Em certa manhã, o 4 ia render o 17 na 1.ª linha. Seguiamos, ziguezagueando nas trincheiras de comunicação, cautelosamente, pois a rendição era sempre uma operação perigosa, dado que os observadores inimigos, sempre alerta, logo que davam pelo movimento de tropas comunicavam o facto aos comandos, e as granadas, os morteiros e as rajadas das metralhadoras varriam as trincheiras de comunicação e a 1.ª linha. Tinhamos atingido já a 2.ª linha e parecia não haver novidade... De súbito, as metralhadoras alemãs romperam no seu enervante matraquear. Dobrámo-nos o mais que pudemos sôbre o fundo das trincheiras e continuamos a marcha. Momentos depois são os morteiros pesados que fazem a sua aparição, rebentando estrondosamente um pouco mais adiante. O João Serra, minha ordenança e meu saudoso amigo, homem do mar que não temera nunca as barras assoreadas dos portos de Olhão e da Fuzeta, que tantas vezes tinha atravessado desafiando as ondas e a morte; que parecia nada temer senão os morteiros, que alguns dias depois dêste episódio lhe esfacelaram a cabeça, roubando-o ao meu convívio e ao convívio de todos os que o estimavam, começou de se enervar, aconselhando-me a que ordenasse um *alto* e a que mandasse abrigar o pelotão. Tentei sossegá-lo, lembrando-lhe que os morteiros caíam ainda um pouco distante do local onde nos encontrávamos... E a marcha continuou, cautelosa...

...Iamos a dobrar um cotovelo da linha e passar junto de uma sentinela dupla do 17, que aguardava rendição... Nisto, surge na minha frente um vulto estranho de homem desarmado, do qual apenas distingo com precisão o tronco. Tem nos olhos uma expressão aflitiva; e, suas mãos erguidas, de palmas voltadas para mim, eram uma intimação de *alto!* Instintivamente paro e me abrigo no fundo da trincheira, o mesmo fazendo todo o pelotão, ao mesmo tempo que do outro lado do *través* um morteiro explodiu como um ribombar do trovão! O vulto estranho de homem desarmado tinha desaparecido. Nem só eu o vira, pois que o João Serra indagou:

— Que homem esquisito era aquêle?!

— A salvação, lhe respondi.

Salpicados pela lama que o morteiro atirara sôbre nós ao rebentar, e alguns momentos depois do acontecimento, retomámos a marcha, dobrando o cotovelo da trincheira onde surgira o homem ou o fantasma salvador. A linha estava obstruída por um monte de terras sangrentas. Os dois homens do 17, que estavam de sentinela, tinham desaparecido, pois o morteiro caíra e rebentara no local exáto onde se encontravam. E, — caso curioso! — quando os seus camaradas de unidade procederam à piedosa recolha dos pedaços de carne ainda quente e espalhados no local da tragédia, puderam verificar que os restos mortais recolhidos não bastavam para recompôr dois cadáveres, muito embora houvesse a certeza de que dois homens, quasi colados, estavam no mesmo local onde o morteiro rebentara!

...A estranheza do facto levou a novas pesquisas e, a alguns metros de distância e apenas desmaiado, surgiu, intacto, o outro soldado, para quem a hora final, nêste mundo, não chegara ainda!

⁂

Aparição após a morte

Os casos de aparição após a morte foram numerosos, no decurso da grande guerra. Todas as narrações se assemelham e os factos aparecem em circunstâncias análogas; contudo, é preciso distinguir duas sortes de aparições, uma formada por uma condensação elétrica, verdadeira, fac-simile daquele que representa, isto é, que ocupe um lugar irreal no espaço; a outra não passa de uma visão mental criada pelo pensamento.

Occult Review forneceu em 1924, um exemplo da segunda forma.

A testemunha comunicou o seguinte facto:

«Não escrevo com a intenção de

reforçar os postulados espiritualistas, e nenhuma preferência especial tenho pelos que crêem na realidade do mundo psíquico, vou expor simplesmente, tão claramente quanto possível, as circunstâncias de um facto pessoal, que pode interessar os estudantes do ocultismo.

A 11 de abril de 1918, meu amigo H. W. H. foi morto num combate, em certo lugar da França. Só um mês depois é que vim a saber do ocorrido, porém o que surpreende é que a primeira notícia de sua morte foi-me trazida pelo meu próprio amigo.

Estava eu contemplando a maravilhosa cena de um pôr do sol, observando de tempos a tempos, o comportamento de um morcêgo saído do orifício de uma árvore. Certamente, nesse momento, o meu estado de consciência estava bem distante das locubrações referentes à morte e ao outro mundo.

No momento em que me encontrava no estado referido, uma idéia me invadiu subitamente: A beleza é uma revelação parcial do sentido oculto da vida; ela se revela no sentido de capacidade da compreensão.

— Sim, respondeu uma voz, a beleza é também o dom precioso do entusiasmo. O otimismo está junto ao coração das cousas; você compreenderá isto, quando tiver visto o que eu vi.

Voltei-me. Aquí, a meu lado, eu via a forma do meu amigo; para mim, o facto de sua sobrevivência após a morte, não deixava a sombra de uma dúvida. Contudo, nesse momento, eu não sabia que êle estava morto.

— Muito bem, exclamei, como H., ei-lo livre, e donde vem?

Estendi a mão para apertar a do meu bom amigo, que me vinha surpreender de maneira tão misteriosa e inesperada, porém minha mão se fechou no vazio. Eu havia falado a um espírito intangível a nossos sentidos físicos.

Antes de me recompor do espanto, a voz ajuntou: — Aquí é a morada permanente. Acabei para sempre com as contingências terrestres; a massa carne e sangue, que você denomina corpo, voltou ao pó, há diversas semanas. Eis a grande liberdade, maior do que aquela pela qual combatemos.

Seu sorrisso foi, então acompanhado por um cântico alegre e ligeiro como a brisa celeste. Era uma canção que jamais ouvi e de cujas palavras já não me recordo.

Tudo recaiu no silêncio que não mais foi interrompido a não ser pelo vôo dos pássaros noturnos.

Glifford W. Greatorex.

⁂

Duplo materializado visto numa igreja

Reproduzimos aquí um fenômeno cientificamente importante, porque corroborado por uma documentação que nada deixa a desejar. Relata-o William Stead, o eminente escritor, jornalista espírita inglês, e a êle mesmo ocorrido em uma igreja, onde percebeu o «perispírito materializado» de pessoa ìntima, então enfêrma. A relação é bem longa, pelo que a resumimos. Em seguida o caso como o relatou W. Stead:

«Minha família e eu haviamos tomado lugar na primeira fila, eu pensei: «É curioso. Afigura-se-me que essa mulher é a nossa amiga! Mas, está claro, isso é impossìvel!» A recem-vinda parecia muito sofrer. O rosto, muito pálido, lívido, de aparência espetral. Vestida de preto, com grande chapeu negro, que eu reconheci, porque nossa amiga quasi sempre o usava em Londres... Comecei a sentir-me inquieto pela senhora que então acabava de reconhecer. Ela apresentava aspecto tão doente, olhos tão pisados que eu receiava vê-la caír desmaiada antes de terminar o serviço religioso. Durante o cântico, ela não se levantou... e o diácono lhe ofereceu um livro de orações que ela pegou, mas não abriu.

Então, uma senhora adida ao serviço, deu-lhe outro livro que ela tomou com ar distraído e depôs sôbre o banco. Assim permaneceu sentada até cantarem o último hino que escutou de pé. Durante os segundo e terceiro versos, com suas mãos apanhou o livro, mas não me pareceu que cantassse com os presentes. Durante o sermão, ela estava tão lívida que acreditei prêsa de uma crise. Procurei atrair a mim seus olhares, mas inutilmente. No momento da coleta, o coletor também a ela apresentou a sacola, porém nada deu. Durante o último hino, ela depôs bruscamente o livro, rapidamente atravessou a nave e desapareceu. Tive o tempo de fixá-la bem e reconhecê-la sem equívoco possível. Porém ela não pareceu ter me reconhecido.

Corri imediatamente à estação da estrada de ferro, pensando encontrá-la no trem, de partida, mas lá não estava. Não a encontrei na rua, não a vi em parte alguma.

Voltei á igreja, supondo encontrá-la na sala de orações: Nada... Ela fôra vista por toda minha família, exatamente como por mim fôra vista, e foi reconhecida por todos, uns independentemente dos outros...»

Foi só na manhã seguinte que W. Stead recebeu uma carta da senhora A... comunicando-lhe ter estado muito mal no dia precedente, e então compreendeu subitamente ter assistido a um fenômeno de desdobramento. O relator ainda aduz o seguinte:

«Nem por um só momento podia eu duvidar da identidade daquela que eu havia visto. Era efetivamente ela, em seu aspecto, corpo, modo de andar e maneira de se vestir simplesmente, mas com originalidade. Múltiplas lâmpadas iluminavam o templo, e durante hora e um quarto, a senhora A... permaneceu diante de mim, bem iluminada, em meio a uma centena de pessoas. E, mais ainda, ela atravessou a nave antes de findar o serviço, portanto passou diante de todos, de cabeça erguida, perfeitamente reconhecível.»

Segue-se na relação a extensa lista de atestados pessoais pelo relator colhidos para validar o fenômeno...

⁂

Fenômeno Telepático

Mlle. Gustelink escreveu para a redatora de *Psychica*:

«Nunca fui sujeita à auto-sugestão. Nunca tal cousa me aconteceu, nem mesmo em sonho, porém durante dias tive quasi a certeza de uma manifestação de ultra-tumba.

Em Junho de 1915 estava eu casada, mais distante que nunca do ocultismo. Meu marido, bem como minha mãe, são testemunhas do facto que vou expôr.

Meu primo irmão Pierre Fabeyre partira em 1914 com sua classe (14) e incorporado no 69.° de infantaria. No momento de sua partida, seus pais mostraram grande otimismo, pensando que essa classe não entraria em ação. Para os socegar, meu primo cuidadosamente ocultava sua ida para o front. Êle afirmava estar na segunda linha e escrevia estar livre de perigos.

Ignoravamos, pois, que em Yser, Pierre combatia nas trincheiras mais expostas. Assim chegou êle a Neuville-St-Vast sem que tivessemos idéia exáta da situação.

Certa manhã de Junho, exatamente o dia 18, despertei sob a impressão de um sonho que imediatamente referi a minha mãe e a meu marido.

Vi minha tia em pesado luto, com véu de crepe que me dizia: «Pierre está ferido, mas não em estado grave. Dentro de pouco estará curado». Meu marido gracejou: «E' preciso tomar o inverso do sonho, quer dizer que Pierre não terá qualquer ferimento». O que me inquietava era o véu de crepe.

Pelas quatro horas da tarde, chegou-nos um envelope azul de Asnières, onde moravam nossos parentes, anunciando que Pierre estava ferido, comunicado feito por um camarada.

Após o primeiro choque, voltou-nos o otimismo.

Meu primo fôra ferido no peito ao deixar a trincheira. Transportaram-no para a ambulância de Haute-Avesne.

Dia seguinte, chegou-nos carta dêle, escrita a lápis.

«E' o bom ferimento, breve irei convalecer em casa».

Eu estava plenamente socegada e havia tomado o sonho à letra, deixando de lado o espírito, isto é, o véu de crepe que, infelizmente, eu deveria tornar a ver sôbre a fronte de minha tia.

Não experimentavamos, eu o repito, nenhum pressentimento sinistro, quando nos chegou a notícia da morte de meu pobre primo, ocorrida a 18 de Junho, na ambulância de Haute-Avesne.

Em consequência dêsse meu sonho impressionante, meu marido, cujo irmão desaparecera em Setembro de 1914, pediu-me tentasse vê-lo. Se bem que eu frequentemente me absorvesse nêste pensamento, nenhuma vidência me voltou.

⁂

Bela identificação de um espírito

De «Estudos Psíquicos»

«Two Worlds» de 5 de Maio último publica o seguinte relato que demonstra a realidade da sobrevivência e o interêsse dos desincarnados em provar a sua presença...

O Dr. F. H. Wood, professor de música na Universidade de Liverpool, contou na Sociedade de Investigações Psíquicas de Leeds como o seu falecido irmão escreveu pela mão de nm médium uma composição musical de que só êle, Wood, tinha conhecimento.

O irmão caira de um auto-carro de Marble Arch e faleceu no mesmo dia. O Dr. Wood ficou muito impressionado e da casa mortuária de Paddington jurou que havia de encontrar o irmão, se êle, de facto, existisse.

Afinal, foi o irmão que o encontrou!

Certo dia deparou com um desconhecido que lhe perguntou:

— Conhece alguém chamado Dennis Wood?

— Conheço. Mas por que? Era meu irmão.

O desconhecido pediu desculpa da liberdade que tomara e explicou que sua esposa era médium psicográfica e alguém, ao comunicar-se, pedíra o seguinte:

— Digam a meu irmão que venha falar-me. Sou Dennis Wood.

Na verdade, encontrar o irmão da entidade espiritual era o que se chama meter uma lança em África.

No domingo seguinte, o Dr. Wood foi a casa da médium. Depois de fazer algumas perguntas ao espírito comunicante que dizia ser seu irmão, e obter respostas satisfatórias, falou nestes termos:

— Se, realmente, és meu irmão, dá-me prova concludente.

O espírito desenhou rapidamente cinco linhas paralelas com um sinál de clave e preencheu-as com as notas musicais de uma melodia. O Dr. Wood executou-a ao piano e disse:

— Era uma pequena ária que eu e meu irmão compusemos, quando andávamos na escola. Como ninguem mais a conhecia, foi a melhor prova que me podia dar.

Contando mais algumas experiências, o Dr. Wood referiu-se a numerosas sessões que realizara com o conhecido médium Tom Terryl. Numa delas, apresentou-se um espírito que dizia ser Johannes Brahms. O orador e um amigo seu que era violinista tocavam juntos, no momento em que Tom caiu em transe dizendo: «Sou Johannes Brahms». E a seguir. «Oh, guerra, maldita guerra! Infeliz Áustria!»

Isto foi durante a primeira grande guerra. O Dr. Wood tocou alguns trechos de Brahms, julgando auxiliar o espírito comunicante, que exclamou:

— Toque o meu sexteto em *si-bemol.*

O Dr. Wood ficou surpreendido. Conhecia bem o sexteto em ré, mas outro nunca o tinha ouvido.

Mais tarde descobriu então que o sexteto em *si-bemol* fora escrito em Viena, em 1862, já no fim da vida do compositor, que o considerava a sua obra mais valiosa.

Depois do médium despertar do transe, o Dr. Wood perguntou-lhe se sabia o que era um sexteto.

— O que é um sexteto?

Tom ficou um pouco atrapalhado; mas pensando um momento disse:

— Não é um instrumento de bordo?

Referia-se a um *sextante* e não fazia a mais pequena idéia do que era sexteto.

Como é que o médium falava de uma peça musical que o próprio Dr. Wood desconhecia, embora fosse perito no assunto?

O Dr. Wood é um investigador muito conhecido no tocante à antiga linguagem egípcia, pois realizou numerosas experiências, descritas no seu livro, intitulado «Ancient Egipt Speaks» (Fala o Antigo Egito).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsèquio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Inauguração da Vila «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», dando cumprimento ao seu programa de assistência social, inaugurou no dia 23 de Setembro último, ás 15 horas, a Vila Cairbar Schutel, que já possúe um grupo de duas casas para quatro famílias pobres.

Compareceram ao ato, alem dos espíritas locais, as Mocidades Espíritas de Catanduva, Taquaritinga e Araraquara.

A fita simbólica foi desatada pelo Dr. Jony Doin, da Capital. A seguir, a Mocidade Espírita de Araraquara cantou o hino espírita «Salve, Allan Kardec».

Usaram da palavra, os confrades Vicente Giglio, de Catanduva ; Dr. Jony Doin, os companheiros Costa Filho e Carlos Vital Olson, que deram por inaugurada a Vila e agradeceram a presença dos que, num gesto de solidariedade, compareceram àquêle ato cristão. A seguir, a Mocidade Espírita de Matão cantou o hino espírita «Amor e Fraternidade».

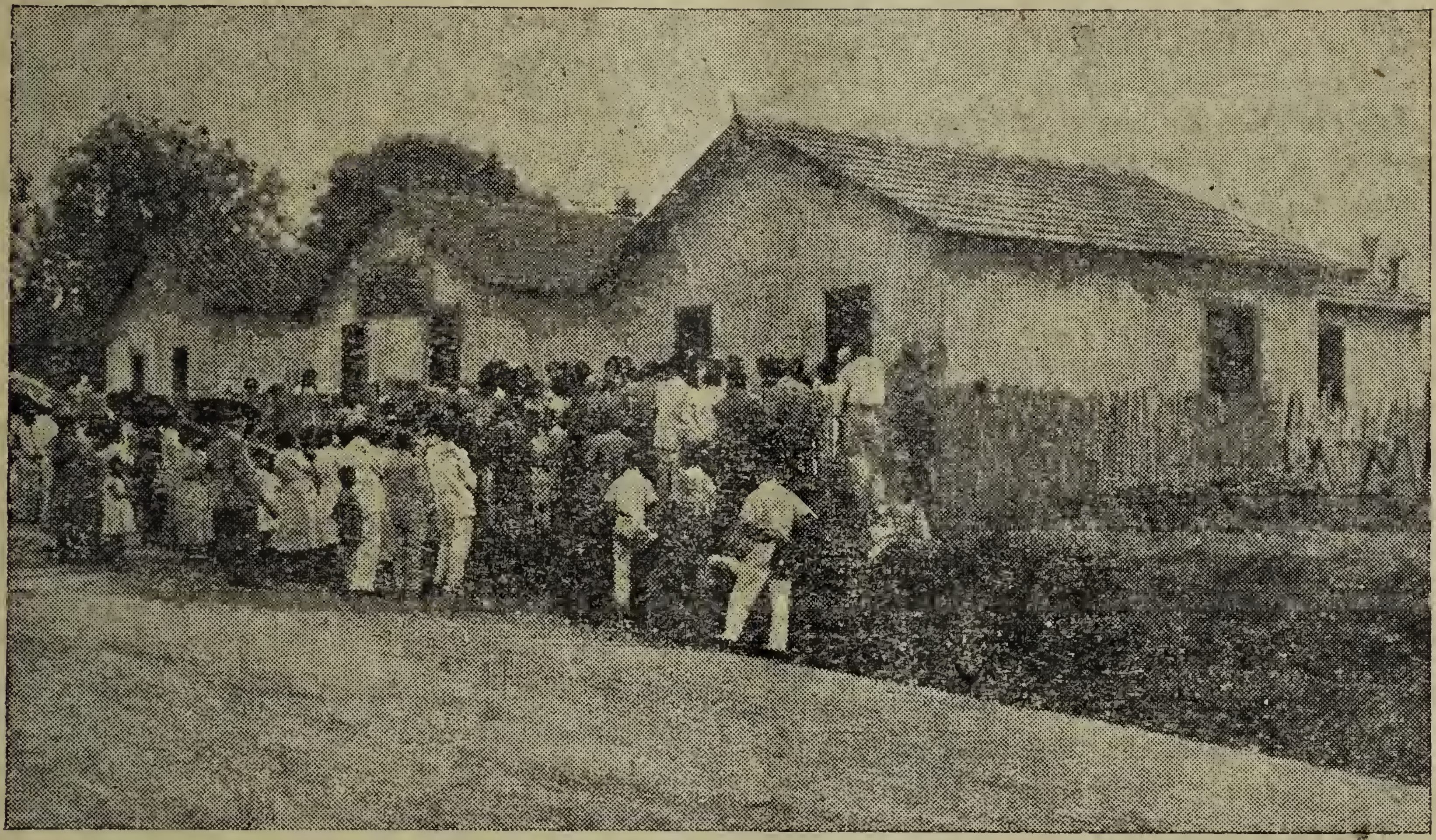

Fotografia tirada no momento em que falava o Dr. Jony Doin

Aos nossos assinantes

O nosso companheiro João Leão Pitta, achando-se enfêrmo, e não podendo por êste motivo prosseguir na sua excursão de propaganda da Doutrina, nomeou provisoriamente, até que possa reiniciar a sua tarefa, como representantes locais nas seguintes cidades, os srs.:

Em Itapetininga, Achiles Brochieri.
Capão Bonito e Guapiara, Antonio Bernardes de Freitas.
Itapeva, Mauricio de Oliveira.
Ribeirão Branco, Domingos Martins.
Itaberá, D. Josefina Silva Mello.
Itararé, Jorandir Pimentel.
Ponta Grossa, Alvaro Holzmann.
Reserva, Herval de Baixo e S. Wenceslau, Placido Rodrigues Filho.
Rebouças, João Laurindo.
Palmeira, Arthur Krembeck.
S. Mateus, Nortemio Bastos.
Iratí, João Dulka.
Lapa, Pedro Alvares Paquete.
Antonina, D. Maria José Wanderlei.
Paranaguá, René Rizental.
Morretes, Antonio José G. Filho.
Curitíba, Olegário Ayres de Arruda.

João Eugenio, D. Leopoldina G. Cordeiro.

Aos nossos assinantes em atraso, residentes nas cidades acima mencionadas, solicitamos o obséquio de procurarem os representantes indicados para regularizarem a sua situação para com êste órgão, o que muito agradecemos.

Apêlo aos nossos assinantes em atraso

Solicitamos encarecidamente aos nossos prezados assinantes em atraso, onde os nossos representantes-viajantes não chegam, o grande obséquio de nos remeterem a importância de suas assinaturas da Revista, pelo correio sob registro com valor declarado, vale postal ou cheque, ou procurarem os representantes locais, se existirem na localidade.

Um número muito elevado de assinantes em atraso, está nos pondo em sérias dificuldades na manutenção dêste órgão, o que nos obriga a fazer êste apêlo, que esperamos ser atendido, não pelos que já estão em dia com esta Redação, mas sim pelos que estão atrasados no pagamento de suas assinaturas, ás vezes em mais de um ano.

Cada assinante cumprindo o seu dever, a nossa tarefa será menos árdua.

A Redação.

O Natal em Matão

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», seguindo o programa do seu fundador, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, realizou no dia 25, ás 14 horas, o tradicional Natal dos Pobres.

Usou da palavra nessa ocasião, o companheiro Watson Campêlo. A seguir recitaram poesias as seguintes meninas da Aula de Moral Cristã Cairbar Schutel: Janice Gandolfi, «Quem é meu próximo»; Natie Prudencio, «A lenda dos Miosótis»; Ignez Alvez, «A Fé», e o jovem Sebastião Casadei de Oliveira, «Credo».

A seguir foram distribuidos gêneros alimentícios e roupas a 184 famílias pobres, bem como sanduiches aos presentes.

— A' noite, ás 20,30 horas, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou uma sessão comemorativa do Natalício de Jesus. Usaram da palavra os companheiros Costa Filho e Carlos Vital Olson. A srta. farmacêutica Zelia Silveira Perche leu um trecho evangélico referente ao dia e a Prof. D. Izabel Perche de Camargo leu um oportuno escrito.

Goiaz Espírita

Entrou no seu quinto ano de circulação, em Outubro último, o nosso prezado colega «Goiaz Espírita», que se publica em Goiânia, Capital do Estado de Goiaz.

Aos seus distintos diretores e auxiliares, o nosso abraço congratulatório.

De Itapira

A Associação Espírita Centro «Luiz Gonzaga», realizou no dia 2 de Novembro último ás 20 horas, um festival espírita no qual foi desenvolvido o seguinte programa:

I—Prece; II — Poesias, alocuções e pontos; III — «História de Cegos»; dramatização em um ato, de Leopoldo Machado, com as seguintes personagens: 1.º cego, Olivio Momesso; 2.º cego, Rubens Raimundo; 3.º cego, Antonio Pugina. IV — «Conversão da Rica», dramatização em um ato, de Leonardo Severino, com as seguintes personagens: Rica, Zilda R. Lopes; Centro, Alzira Fragoli; Evangelho, Luiza A. Nicolai. V — Encerramento.

Do Correspondente.

De Bebedouro

Realizou-se no dia 18 de Novembro último, o lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Albergue Noturno desta cidade, a ser construído em terreno do Centro Espírita do «Calvário ao Céu».

O Albergue terá 10 leitos e contará com dois quartos, um para homens e outro para mulheres.

A campanha pró-construção dessa obra iniciou-se em Agosto último e espera-se que o Albergue fique pronto em Dezembro.

Do Correspondente.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL 827
PA
02-06-07 32180 XL

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1[illegible] 200[illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2811unse

NO XXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1952 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mais um passo para a frente . .	*Redação*
Hereditariedade Psíquica	*Carlos Imbassahy*
Patrimônio Sagrado	*Pereira Guedes*
Felicidade ás Avessas	*Leopoldo Machado*
Significação da Obra Mediúnica .	*Arnaldo S. Thiago*
Vamos Meditar ?	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Sandra Helena	*Amadeu Santos*
O Espiritismo transpõe o Atlântico	*Dr. Antonio J. Freire*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1952 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Mais um passo para a frente

COM o presente número, «Revista Internacional do Espiritismo», ingressa no seu 28.° ano de existência, disposta, como sempre, a prosseguir, sem medir esforços e sacrifícios, na sua tarefa de proclamar a Imortalidade da Alma, estudando, à luz da razão e dos factos, tudo quanto se acha registrado nos anais do psiquismo, afim de que a Verdade esclareça as consciências emaranhadas nas dobras da dúvida e da descrença.

«Revista Internacional do Espiritismo» já conseguiu fincar vinte e sete marcos no seu caminho. Cada marco representa uma vitória conquistada em lutas renhidas contra os teimosos opositores ou detratores da Doutrina Espírita, que quanto mais combatida, mais estende o seu raio de ação, mais se firma no conceito de todos não só pelo seu inesgotável cabedal de ensinamentos morais e espirituais, como também pelos factos ou fenômenos espíritas que se sucedem diariamente, de hora em hora, em toda a parte do mundo, no seio de todas as famílias, professem a crença religiosa que professarem.

No prosseguimento do programa traçado pelo seu fundador, temos nos empenhado a fundo para trazer os nossos prezados leitores a par dos acontecimentos verificados no cenário espírita, publicando notícias e artigos oportunos, e para êsse fim muito têm contribuido os nossos distintos colaboradores, entre os quais aparecem, em primeira linha, pela sua assiduidade, os esclarecidos confrades — Deolindo Amorim, Major Levino Cornelio Wischral, Leopoldo Machado, Arnaldo S. Thiago, Spártaco Banal, Ismael Gomes Braga, Pereira Guedes, Alfredo Alcântara, e outros da mesma envergadura intelectual, que de vez em quando nos brindam com seus artigos culturais e doutrinários, todos altamente apreciados e estimados pelos espíritas em geral.

Com o adjutório destes nossos colaboradores e dos Espíritos que nos orientam, temos conseguido levar avante a tarefa que nos confiou o nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel, que estimulado e financeiramente amparado por Luiz Carlos de Oliveira Borges, espírita militante, que soube movimentar os seus talentos materiais com sabedoria, fundou esta Revista em 15 de Fevereiro de 1925, com um programa definido — de estudos anímicos e espíritas, que têm por fundamento a Imortalidade da Alma.

Altamente cultural, esta Revista vai se difundindo cada vez mais pelo critério que imprimiu ao seu programa, o que lhe valeu plena aceitação no país e no estrangeiro, onde conta com inúmeros assinantes e alguns colaboradores de projeção no cenário espírita.

Registrando a passagem do seu 27.º aniversário, somos muito gratos a todos quantos nos têm auxiliado na sua manutenção, aos nossos prezados assinantes, colaboradores, viajantes-representantes, auxiliares de redação e oficinas, representantes locais e em particular aos Espíritos que nos vêm dispensando a sua assistência, sem a qual não poderiamos encontrar fôrças e estímulo para levar avante a nossa tarefa. E a Cairbar, que do plano superior nos presta inestimável concurso, a nossa profunda gratidão e os nossos fracos préstimos ao seu labor, solicitando-lhe assistência em todos os momentos difíceis.

Hereditariedade Psíquica

Carlos Imbassahy

Dizia ilustre biologista, contrariando a doutrina da reencarnação:

> *«Ninguém pode negar como coisa patente a herança psíquica».*

E porque falassem os espíritas nas experiências de De Rochas e outros sôbre a regressão da memória, experiências pelas quais, em transe hipnótico, revela o indivíduo as suas vidas passadas, revida, escudado no que dizem os postulados científicos:

> *«O indivíduo conserva no seu subconsciente a memória dos ancestrais.*
>
> *«A lei de Mendel informa que um carácter pode permanecer oculto.*
>
> *«Os médiuns podem descrever factos passados em civilizações anteriores, como por exemplo, a vida entre os homens da caverna.*
>
> *«O indivíduo herdando os desiquilíbrios glandulares herda as correspondentes deficiências morais».*

Não me parece o assunto tão facil de resolver.

Ninguém desconhece, em Espiritismo, que uma pessoa possa apresentar os caracteres de pais ou avós. Dizem os Espíritos, entretanto, que esses caracteres não se produzem pela lei de hereditariedade, mas por outra lei, igualmente científica, a da afinidade. Os sêres espirituais se atraem em razão de suas tendências; daí a semelhança psíquica entre ascendentes e descendentes. O que continua patente é o facto da semelhança, não a herança.

Quanto ao se atribuirem à mediunidade os factos que se não podem encaixar na herança, como faz o ilustre biologista, é lamentável baralhada. É preciso ter em vista a «classificação». Torna-se necessário estremar o fenômeno da memória latente do de incorporação e manifestação de Espíritos. Aquele é um fenômeno anímico; êste um fenômeno medianímico.

Na mensagem espírita o comunicante revela a sua personalidade, diz que é uma entidade estranha ao médium, identifica-se. Na criptomnesia o encarnado evoca recordações do passado, nesta ou em outras existências. São casos estes conhecidos de todos os psiquistas.

Se Rosemary fala sôbre o antigo Egito e se diz sob a influência de Lady Nona, há aí a incorporação. Mas quando Helena Smith se reporta aos episódios da côrte de Luiz XVI ou da época do príncipe Sivrouka e assegura ter sido Maria Antonieta ou a princesa Simandini, trata-se de reencarnação.

Muito difícil seria acreditar que os factos que Helena descreve jouveram em determinado antepassado e daí por diante vieram saltando sigilosamente de indivíduo em indivíduo, e passassem de raça em raça, e de nação em nação, e de continente em continente, e atravessassem ocultamente os séculos, sem dar o menor sinál de vida em todo êsse transcurso, para desabrocharem, afinal, nos lábios da moça de Genebra, depois de uma viagem milenária. Corrida espantosa e maravilhoso incógnito.

Porque o caso se deve resumir nisso, segundo a doutrina do nosso distinto biólogo: Um avoengo da Senhorita Helena viveu na Índia muito antes do descobrimento da América. O que êle sabia passou ocultamente para os descendentes. E veio percorrendo as gerações, os países, as idades até chegar às experiências da Suiça. A história começa à sombra do Himalaia e surge cinco séculos depois diante dos lagos helvéticos.

E' êsse fantástico pulo hereditário o que teremos que aceitar diante dos comezinhos princípios da genética.

O biólogo, que também é espírita, apela para o mediunismo, ou seja, para a ação dos Espíritos, em vez da memória subconsciente. Mas por que a sensitiva, tão rigorosamente exáta nos informes, salvo pequenos anacronismos, viria mentir nêsse caso particular de suas vidas transactas, e mentir reiterada e obstinadamente?

Como vemos, o que se opõe à clareza das existências sucessivas são hipóteses várias, aventadas segundo as circunstâncias.

* * *

Afirma-se que os filhos apresentam as qualidades morais paternas. Ainda não houve, porém, microscópio que lhes revelasse a transfusão. Há conclusões por analogia.

Demonstrou o nosso amigo Mario Cavalcante, numa conferência magistral, que se vêem em alguns indivíduos umas tantas qualidades que não só não se encontram nos pais como não se percebem nem se podem perceber em qualquer antepassado. Há sêres inteligentes em contraste com a inteligência e conhecimento paternos. Cavalcante aduziu exemplos. Apresentou pretos ilustres, notáveis pelas suas faculdades mentais, filhos de pais ignorantes, algumas vezes escravos. E quanto mais se aprofundava a sonda mais embrutecidos se iam encontrar os seus ancestrais.

Não nos parece, entretanto, que os mestres em hereditariedade estejam tão seguros e convencidos como seria de supor.

Poderiamos estender-nos sôbre os debates e controvérsias científicas a respeito da mesma, o que mostra quanto a mobilidade dos conceitos torna precária a firmeza dos conhecimentos em tal matéria. Fiquemos, porém, em alguns exemplos.

Diz Caetano Venticinque:

«La herencia psicológica aparece desprovida de una base real». (1)

O grande filósofo Bergson declara:

«Estamos imbuidos de preconceito de que as aquisições intelectuais e morais da humanidade, incorporando-se à substância dos organismos individuais transmitiram-se hereditariamente.» (2)

Castellano ensina:

«La investigacion de la herencia psíquica tropieza con muchas dificultades.» (3)

E pensa com Boven:

«Segundo as observações efetuadas até o presente, parece provavel que as condições de genes e cromosonos, como também da herança recessiva e dominante não estão demonstradas quanto às qualidades psíquicas.» (4)

---

(1) Constância. 1951

(2) Bergson — Les Deux sources de la Morale et de la Religion.—a. ed. Paris 169.

(3) Dr. Temistocles Castellano — Herencia Normal e Patológica en el hombre. 1945. Pg. 79

(4) Idem. idem.

Gottschalk acha que não se devem tomar no caso, com muito entusiasmo, as investigações do psiquismo por meio de tests, pois que na herança psíquica é muito difícil saber o que corresponde à herança e ao meio ambiente. (5)

Carrell, que ensina a transmissão dos caracteres, acha, porém, que as leis atualmente conhecidas da hereditariedade e as teorias apresentadas pelos geneticistas não nos trazem ainda luz completa sôbre o assunto.

«Certes, les caractères des parents se transmettent par le noyau. Mais les lois actuellement connues de l'hérédité, et les théories présentes des généticistes, ne nous apportent pas encore une lumière complete». (6)

Demos, entretanto, a palavra a Gustavo Geley, que nos poderá elucidar sôbre o assunto :

> *«Como compreender as capacidades inatas? O revés das tentativas de interpretação, quer pela hereditariedade, quer pela conformação cerebral, é hoje definitivo».*
>
> *«Os exemplos de hereditariedade psíquica bem nítida e bem estabelecida são hoje inteiramente excepcionais.*
>
> *«O que é extraordinário não é que se encontrem aqui e alí alguns casos da chamada hereditariedade psíquica; é antes que se encontrem tão poucos, em relação, sobretudo, com a frequência e a banalidade da hereditariedade física.*
>
> *«As diferenças entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica são muito importantes para estarem ligadas a causas fisiológicas... Como explicar que dois irmãos possam assemelhar-se fisicamente e nada ter de comum moralmente?*
>
> *«As desigualdades psíquicas tão consideráveis entre os sêres visinhos pelas condições de nascimento, de vida e de educação não se acham em nada correlativas às desigualdades físicas». (7)*

Já no século passado dizia o ilustrado Boismont:

> *«A hereditariedade nada tem de fatal. Não é raro nascerem de pais alienados, hipocondríacos, filhos bem organizados. As excessões não destróem as consequências de um facto geral e a hereditariedade pertence incontestavelmente a essa ordem de factos. (8)*

Riant, que se dedicou ao estudo da irresponsabilidade, afirmava:

> *«A hereditariedade é uma presunção. Não seria nunca a última palavra.» (9)*

Odin procurou verificar na formação do caráter humano a ação da hereditariedade, do meio físico, da etnologia, da religião, da situação econômica e concluiu pelo fator da educação. (10)

Poyer que estuda longamente a matéria, trata dos caracteres morfológicos mas acrescenta «que as dificuldades aumentam quando as mesmas regras se aplicam aos caracteres psicológicos».

Afirma, ainda, «que não há critério seguro, verdadeiramente objetivo sôbre o gênio e o talento e, qualquer que seja o inegável interêsse das pesquisas sôbre a hereditariedade, nesse domínio elas não nos poderia trazer uma convicção absoluta.»

Referindo-se a Ribot que reuniu vários factos sôbre a herditariedade psíquica, declara que êsses problemas mudaram completamente de aspecto : É muito discutível que os caracteres adquiridos se transmitam. Pelo menos é uma hipótese difícil de provar». (11)

Pende, um dos maiores, senão o maior endocrinologista, talvez mesmo o padrinho da doutrina, destarte se expressa :

«Tratando do sistema da vida

---

(5) Gottschalk — Ueber die Vererbung.

(6) Dr. Alexis Carrel — L'Homme cet Inconnu — 1935, pag. 105.

(7) Gustave Geley — De *l'Inconscient au Conscient* — 1920, pag. 135-136.

(8) Bierre de Boismont. — *Annales d'higiène et de médicine légale*. 1874, X L I.

(9) A. Riant. — *Les Irresponsables devant la justice*. 1888, p. 185.

(10) E. Odin. — *Genève des grands hommes*. Paris, 1895.

(11) Dr. Georges Poyer. — *Les Problèmas généraux de l'hérédité psychologique*. Paris, 1921. Pgs. 189, 204.

de reprodução, completaremos o estudo, a propósito das manifestações humanas psìquicas mais elevadas e mais especificadamente humanas; demonstramos como a genética de pessoa não pode ser sómente biológica e hereditária, mas biológica-espiritual-hereditária e criacionista ao mesmo tempo, explicando o que somos, tendo consciência de renascer com a liberdade moral.» (12)

E acrescenta mais adiante:

«Apesar das demonstrações sôbre herança psíquica é sempre sumamente dificil decidir quando um caracter é devido a predisposições hereditárias». (12)

Se é *sumamente difícil* saber-se quando um carácter é devido a predisposições hereditárias, imagine-se com que segurança se poderá afirmar que o indivíduo herda as deficiências morais, em virtude dos desiquilíbrios glandulares.

Não temos dúvida, entretanto, que há indivíduos que possuem, mais ou menos, certas qualidades morais e intelectuais, não só dos pais como de outros parentes. O problema, porém, está eriçado de dificuldades. A afirmativa, de que tais qualidades surgem das células é impossível de demonstrar.

Estariamos, portanto, pelo menos no mesmo pé de igualdade, em matéria de provas, quando antepomos a afinidade à hereditariedade. Felizmente, ha outras, que robustecem a nossa tese.

---

(12) Nicolas Pende. — *La Ciencia Moderna de la Persona humana.* — Buenos Aires. 1949. Pags. 189, 420.

Patrimônio Sagrado

PEREIRA GUEDES

NÃO nos agrada convelir a obra de quem quer que seja, entretanto, jamais calaremos ante a exploração do patrimônio alheio ou coletivo, em nome do Espiritismo.

As instituições de assistência social, de caridade ou religiosa, são obras de benemerência, nascidas de sentimentos que se elevam bem acima das condições comuns dos homens, tendo por princípio o amor ao próximo.

Para que possamos lutar contra a horda perniciosa dos que exovalham a Doutrina Espírita, temos que rogar a Deus que nos invalesça, dando-nos todos os recursos necessários ao trabalho eficiente e constante no sentido de mantermos de pé e incólume o edifício doutrinário do Espiritismo, que representa para o mundo cristão-livre o maior e mais rico patrimônio conquistado até hoje pelo homem, graças ao permanente intercâmbio dos espíritos, entre a Terra e o Espaço.

Não somos dos que exigem dos espíritas conduta absolutamente irrepreensível, ao contrário, dentro das condições humanas, é necessário que haja, para melhor equilíbrio, o espírito de tolerância; mas, não concordamos tampouco que a tolerância se exceda a tal modo que nos leve a cerrar os olhos a umas tantas misérias, apenas para que aos olhos dos que nos observam sejamos classificados de bons cristãos, pelo espírito da tolerância. Não! As nossas atitudes caracterizam perfeitamente o nosso estado de espírito em luta pelo bem comum. Preferimos, muitas vezes, o espírito da intolerância pois, sabemos que só assim nos será dado evitar imediatos crimes e quase sempre o enxovalhamento da Doutrina. É por isso que não permitimos a intromissão do «umbandismo» no Espiritismo, isto é, não admitimos que as «tendas umbandistas» sejam denominadas «tendas espíritas de umbanda», desvirtuando um postulado doutrinário.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica e cientificamente elaborada dentro dos princípios rígidos da moral evangélica, bem ao contrário dos rituais exdrúxulos e selvagens saracoteios de terreiros em estilizados catimbós.

Não subestimamos qualquer dos cultos religiosos que se apresentam com características cristãs e espiritualistas; a todos prestamos respeitosas homenagens tendo em vista o objetivo de elevada espiritualidade com que se manifestam, em permanente convite ao amor fraterno entre todos os homens.

Todas as instituições organizadas e conduzidas honestamente, merecem o nosso franco e decidido apôio.

A balbúrdia entre os espiritualistas, entretanto, é tremenda, mas, entre espíritas, isto é, entre os que professam a doutrina espírita, é tremendamente confusa, cuja confusão redunda sempre em favor de sórdidos exploradores; sendo que tudo isso devemos ao espírito de falsa tolerância da maioria dos que fazem do Espiritismo a condição essencial de sua vida, esquecidos porém de que são dominados pelo beaticismo pernicioso, cujo virus jamais deveria medrar entre profitentes de uma doutrina libertadora e profundamente fraternista que é a codificação sabiamente lançada ao mundo em 1857, com a cooperação valiosissima do grande mestre de Lion.

Para nós, o Espiritismo é patrimônio sagrado.

Viver para a Doutrina, deve ser condição essencial do bom espírita, mas, viver da Doutrina sob qualquer pretexto, é patentear mau carácter.

Sabemos de muitos que à sombra da mediunidade vivem do Espiritismo, conspurcando o patrimônio sagrado! Contra êsses estamos sempre alertas e não nos calaremos jamais; e tanto quanto nos for possível os combateremos, visto não admitirmos que se viva economicamente de uma doutrina, principalmente se essa Doutrina é a Espírita.

Ao sentarmos à nossa mesa, embora pobre, á hora da refeição, imenso prazer invade o nosso espírito, satisfação imensa nos domina! É que tudo que comemos e bebemos; o pão nosso de cada dia, representa o fruto de um trabalho honesto e constante. Esta é a conduta do cristão-livre.

Os que vivem à sombra do Espiritismo e fazem dêle balcão de mercador, maculam a Doutrina que professam e enxovalham os seus princípios.

E haverá quem viva da Doutrina, fazendo dela meio de vida? Perguntará o leitor. Sim, responderemos nós, infelizmente sim!

O maior mal, porém, no Espiritismo, presentemente, não está naquilo que tantas vezes temos acentuado — a infiltração do «umbandismo» — tão do agrado daqueles que se deixam envolver nas malhas do misticismo afro-católico, em busca de benefícios hipotéticos de promessas tendentes a realização de milagres em sua vida econômica ou social; mas, o mal realmente pernicioso e bem maior, está em fazer-se do Espiritismo meio de vida, tablado de exibicionismo e balcão de mercador ou bodega de tartufo.

Em nossa, felizmente bem longa jornada, acompanhando de perto os maiores valores que no Brasil sempre estiveram a serviço da Doutrina, destacamos sempre, entre os mais humildes, o grande exemplificador Cairbar Schutel, que dizia: «A religião dos homens não tem espírito, para ela o Evangelho é letra morta, não tem a palavra de Jesus; os seus santos são de pau e barro; suas virtudes de incenso e alfazema; suas obras são folguedos, festança, com alaridos de sinos, de foguetes, de fanfarra; seus ornamentos de fitas e papéis de cores».

E não há entre os espíritas os que procedem do mesmo modo, fazendo do Espiritismo uma religião de festas, de folguedos, de foguetes, barraquinhas e ornamentos de fitas e papéis de côres?

Contra os que assim procedem estaremos sempre de pé, em defesa do Patrimônio Sagrado — O ESPIRITISMO.

Janeiro de 1952.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Felicidade ás Avessas

Resumo das atividades de um enfêrmo, durante um ano.

Um dos meus dois médicos, registrando, no dia 3 de Janeiro, que o coração se nos descompensava novamente, desejou, generosissimo :

— Espero que o sr. passe um 1952 muito mais feliz.

— Mais feliz do que me foi 1951 ? !

O médico arregalou os olhos, sem nos compreender a pergunta exclamativa. E nós lhe explicamos algumas razões por que, a nosso modo, julgamos que 1951 foi um dos anos que nos correu feliz. Talvez até o mais feliz...

E aquí o confirmamos para maior público, focando todas as razões que militam para nossa felicidade às avessas :

1.º) Todo o ano enfêrmo, com o coração *pára, não pára,* tanto póde ser o pagamento de velha dívida, como o resgate de erros, temeridades e falta de cautelas da vida em curso.

No primeiro caso, o pagamento de velha dívida.

No segundo, consequência natural de invigilância, valendo por sério aprendizado.

De qualquer modo, um grande bem!

O médico concordou conôsco nêste passo e em três ou quatro que se sucederam.

2.º) A amisade sua e de seu companheiro, ambos hoje quase espíritas, que a enfermidade nos ofereceu como um régio presente, é outro benefício da enfermidade.

3.º) E os lares amigos que disputaram nossa carcassa velha e enfêrma para dela tratarem ? Tivemos dias com o Alberto de Barros, em Cachoeira Paulista, na *Casa de Luciá,* (Boca do Mato), em Icaraí, com o Carlos Imbassahy e com o casal Alcebiades e Ilza.

4.º) E os outros lares — de Salvador, Maceió, Recife, Juiz de Fóra, Belo-Horizonte, Cruzeiro e S. Lourenço — que quebraram lanças para aceitarmos igual convite ?

5.º) Os votos e desejos de restabelecimento que de todos os Estados do Brasil, menos um, recebemos, valendo, naturalmente, as preces que todos fizeram por nós como o remédio mais poderoso de nossa cura ?

6.º) As cartas que, aquí e alí, andamos respondendo a amisades queridas, de ôntem e de hoje...

7.º) Ainda procuramos ser justo — essa coisa tão difícil! — elaborando artigos a propósitos de pessoas e coisas dignas de relevo : a morte de Mãe Ritinha, de Três-Rios; as edições da LAKE, motivado por dois volumes de Pietro Ubaldi; nosso reconhecimento a Carlos Imbassahy, que tomou, generosamente, nossa defesa, em *Jornal dos Debates,* contra um tal de Torres, artigo saído em *Edipo*...

8.º) O prefácio que elaboramos para a obra de José Jorge, a única coisa séria e digna, para nós, que se fez, no terreno mental-cultural das Mocidades Espíritas, depois do Congresso.

9.º) Coordenação de dois livros — *Uma grande vida,* biografia de Cairbar Schutel, já entregue à editora de O *Clarim,* e *Graças sôbre Graças,* a ultimar-se em S. Paulo.

10.º) E elaboramos, muito lentamente, as crônicas e impressões de viagens da *Caravana da Fraternidade,* publicadas no jornal profano de cá, que aparecerão, depois, em volume definitivo — se o coração deixar — a seu tempo.

11.º) As obras do Lar de Jesus, já em ótimo começo, supervisionadas por nós.

12.º) E se fossemos passível de decepções e desilusões, até uma volumosa coleção de desilusões e decepções teriamos colecionado. Muitos, dos confrades bem de perto, que tem a fraternidade e os princípios de humanidade nos lábios, mas, na hora de dar-lhes exemplificação...

Um confrade do norte nos escreve : «Viva das emoções dos grandes dias em que seu verbo, de cidade em cidade, propagando as verdades da vida superior, iluminou, esclareceu e aproximou corações, mas, atualmente, suas últimas energias devem ser economizadas em favor do Lar de Jesus».

O confrade viu, à distância, aquilo que haviamos resolvido, aquilo que a companheira querida nos dissera do Além.

E' mais uma lição para toda gente: a enfermidade não é, de tudo, entrave para quem fez do «Trabalho o seu refúgio».

E aí fica uma lição de felicidade ás avessas.

Leopoldo Machado.

Significação da Obra Mediúnica

O campo do Espiritismo ainda está muito semeado de jôio, para que se possa esperar que tôda a semente nele recolhida, seja bom trigo e sirva para alimento de almas. Ora o campo do Espiritismo, como sabemos, é constituido de dois planos superpostos e que se interpenetram, de modo que se caracterizam ambos pelos mesmos contrastes de beleza e fealdade, ignorância e sabedoria, saúde e doença, pretensão e verdadeira autoridade, diferençados para nós únicamente pela circunstância de ser-nos um visível e outro invisível. Donde inferir-se que tôda obra mediúnica tem de sofrer crítica severa, como a que sái das mãos dos homens, para que seja escoimada de êrros e contrafações da verdade.

Mas a crítica deixou de existir como elemento de orientação indispensável à obtenção da verdade. O facto é também observado, lastimavelmente, no domínio das letras mediúnicas. Os pseudo-críticos de obras espíritas limitam-se a noticiar-lhes o aparecimento, ao passo que as editoras sómente se preocupam, como é natural, em noticiá-las com os mais laudatórios conceitos, ávidas apenas de divulgação, satisfeitas em tornar os livros espíritas conhecidos, com o nobre intento, aliás, de propagar idéias, mas tendo em desconsideração, infelizmente, o sublime critério do Codificador: «Preferível recusar 99 comunicações boas a aceitar uma que o não seja».

A crítica das obras de Francisco Cândido Xavier teria de ser feita rigorosamente à luz do conceito kardeciano -- o que em absoluto, não se tem querido fazer, sendo isso um mal de consequências perigosíssimas para a ação evangélica a que visa o Espiritismo, na sociedade terrena.

Como se sabe, Cândido Xavier é um grande espírito, acreditamos mesmo de planeta muito superior ao nosso, no qual se acha encarnado em cumprimento de uma providencial missão, anteriormente exercida por Fernando Lacerda, Zilda Gama e tantos outros médiuns, com repercussão universal muito menor, diga-se a verdade, do que a que se tem dado à do nosso atual porta-voz do invisível, ainda que, quanto ao valor intrínseco da obra mediúnica, a dêstes médiuns não lhe seja inferior: haja vista os três livros monumentais ditados por Vitor Hugo e a admirável coletânea de Lacerda. Mas a época é de novidades — e as editoras valem-se dessa tendência ao modernismo, que é o estigma da decadência em que mergulhou a humanidade e preferem as obras mais recentes, porque mais assimiláveis, de acôrdo com a tendência ao materialismo, em cujo campo o progresso da ciência é assombroso, pois a decadência é na arte, e na filosofia, tanto quanto na religião. A última bienal de S. Paulo concedeu prêmios a pintores e escultores que apresentaram obras semelhantes às das inscrições rupestres e mesmo inferiores de muito às da cerâmica dos autóctones brasileiros . . .

Mas, deixemos o terreno alheio e perlustremos aquele que nos pertence *«par droit de conquête»*, pois que, de facto, o conquistámos com acurados estudos, muita meditação e usando dos ótimos instrumentos da crítica e da auto-crítica — porque não basta, para chegarmos á verdade, fazer a crítica dos outros, sendo imprescindível fazermos a de nós mesmos, critério infelizmente bem pouco seguido pelos homens, quase sempre *remplis de leurs mêmes* . . .

O objetivo essencial da obra mediúnica, tanto de Cândido Xavier, como dos seus antecessores, é trazer ao nosso infeliz companheiro de jornada terrena, que se mostra contumaz em desacreditar o Espiritismo, no que concerne à verdade das comunicações, uma demonstração irretorquível de que essa comunicação é um facto: daí a identificação dos autores desencarnados pelo estílo que tiveram como escritores ou poetas, pois que «o estílo é o homem». Basta essa noção que *à fortiori* é preciso que se tenha do valor das comunicações espíritas, pois que do contrário estaremos expostos a transviamentos dolorosos da verdade, para sabermos que tais comunicações não podem valer como obras doutrinárias do número das que contêm os princípios sôbre os quais se estrutura a nossa Doutrina, porquanto estas obras consistem nas Sagradas Escrituras e nas fundamentais do Espiritismo, codificadas por Allan Kardec. Todas as demais têm o valor pessoal dos seus respectivos autores, encarnados ou desencarnados: podemos aceitá-las ou não, segundo o conceito do nosso raciocínio, que de tal aceitação ou rejeição nenhum dano resulta para a nossa iniciação no conhecimento da Religião.

O contrário se dá com relação ao Decálogo, aos Quatro Evangelhos e às obras de Allan Kaadec, nas quais tudo é verdade, sendo o nosso raciocínio que tem de aprimorar-se para que essa verdade possamos ir pouco a pouco descobrindo por nós mesmos.

A diferença, bem se vê, é fundamental.

A prova está no que nos afirmou Ismael Gomes Braga. Êste irmão nos disse que, perguntado Emanuel, o Guia de Cândido Xavier, quanto ao valor duvidoso, no que concerne a princípios, de certas obras de autores que na terra conhecemos como bem pouco inclinados às cousas sérias, respondeu: «Mas eu não posso interferir no domínio da consciência. Nós aqui somos muito democratas: cada um escreve sob a sua responsabilidade». Sábio Guia! Ponderadas palavras! Cabe-nos separar o jôio do trigo.

Que Nosso Senhor Jesus Cristo não nos abandone neste «mare magnum» da hora presente!

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 10 de novembro de 1951.
Rua da Universidade, 53, ap. 102—Tijuca.

Vamos Meditar?

Major Levino Cornelio Wischral

Já observou como se agiganta nossa responsabilidade com os ensinos extraídos do Espiritismo?

Por isso mesmo, em se tratando das nossas ações, consideramos bem maiores as pequeninas pedras de tropêço e muito mais ponteagudos os espinhos encontrados nos nossos caminhos.

Sem dúvida, há outros sistemas religiosos comodamente flexíveis, incapazes no entanto, de mostrarem claramente ao homem as magníficas oportunidades desperdiçadas em sua já atrasada evolução.

* * *

Porventura já foi você indesejavel alvo de algum palavrão desprezível ou mesmo de alguma frase de imprecação?

Caso afirmativo, aí está o Evangelho a lhe pedir contas, passados já dois mil anos, indagando de você se obteve grau de aprovação na questão de exame proposta pelo Mestre e que dizia: «Bendizei os que vos maldizem».

* * *

Toda vez que você tiver de empregar o egoístico «eu» convém refletir se essa palavrinha de apenas duas letras poderá ser causa de ridículo e tolo enaltecimento de qualidades que não possui.

Eleve-se bem alto subindo porém pelos sólidos degraus da humildade. Certo evitará vergonhosa quéda ocasionada pelo fragoroso esboroamento dos arrogantes castelos construídos sôbre os frágeis alicerces de nossas hipócritas e estimadas amigas — a presunção e a vaidade.

* * *

Não interprete o ajutório material ou moral ministrado ao próximo como significando nobreza de alma; êle é apenas comesinho dever fraterno; é tão só exercício preliminar consagrado a transformar a rígida obrigação em futura virtude ináta.

* * *

Feliz daquêle que consegue nunca lembrar beneficios distribuidos; a verdadeira filantropia nasceu cega e muda de pais caridosos.

Póde acontecer que tenha de renascer em condições de cego e mudo, para lapidar-se nessa dura prova, aquele que na Terra fracassou por se ter vangloriado de doação posta em mãos suplicantes.

* * *

O êxtase é atributo de espírito em evolução. Comover-se contemplativo, porém, ante a infelicidade alheia não é suficiente; a ninguém beneficía.

Procure ser útil harmonizando êsse sublime estado de alma à ação construtora, auxiliando o irmão em dificuldade.

* * *

Atenda de pronto e pessoalmente ao que à sua porta bater. Atenda quer esteja à mesa de refeição ou em trabalho edificante, quer esteja em doce lazer ou ainda em repouso restaurador.

A ninguém é dado antever a gradação do sofrimento daquêle que à sua presença vai para, constrangido, expôr tragédia íntima.

Não é de todo impossível que algum dia tenha você que bater à porta alheia, ansiado para ser ouvido com paciência e bondade.

* * *

E' louvável o irradiante entusiasmo do iniciado na Terceira Revelação, querendo transformar êste mundo de lágrimas, da noite para o dia, num autêntico paraíso de compreensão e amor, esquecendo-se, porém, que êste Planeta é preciosa e indispensável escola onde as almas maculadas vêm obter brilho, purificando-se através do bendito filtro da dôr.

Nem sempre a nossa férrea vontade de afastar de outrem os obstáculos, a dôr e o sofrimento coincide com os soberanos designios do Senhor.

Fatalmente será concluído o ciclo evolutivo iniciado pelo sêr humano; e, em qualquer fase dêsse desenvolvimento colher-se-á exatamente o que se semeou, não importando a época nem tão pouco dependendo fundamentalmente de intercessão alheia a feliz ou a amarga colheita que se processará durante a jornada.

Antes pois, que a ilusão ou a incredulidade possam maguar esses apressados salvadores de bôa vontade, que ponderem sôbre o seguinte conceito, expresso alhures, por espírito de muito saber: «Não guarde o homem a insensata presunção julgando poder agradar a todos. Nem Jesus, o purissimo, teve essa pretensão; Êle tinha certeza que seria pregado à cruz pela incompreensão humana».

Portanto, o supremo bem que cada um póde e deve proporcionar à coletividade é regenerar-se, preliminarmente, a si próprio.

Sandra Helena

Amadeu Santos

O relógio marcava precisamente meio dia, hoje, quando a «mulher sem nome» teve afinal um túmulo. Depois de permanecer 50 dias no gêlo, o seu cadáver desceu à sepultura. O cortejo fúnebre saiu do Instituto Médico Legal, rumo ao cemitério de S. Francisco Xavier, tendo à frente a Banda de Música dos Bombeiros. Uma verdadeira apoteose, o entêrro. Enorme massa humana participou, contrita e emocionada, daquele ato de piedade. Não faltaram, até, os clássicos discursos; a cargo de criminalistas, parlamentares e jornalistas . . .

Quem seria, afinal, a extinta? Uma alta personalidade, porventura? Uma heroína ou uma martir?

Não se sabe. Nem siquer se conhece, ao certo, a sua identidade. Deve ter nascido em um lar rico, de brazões e títulos nobiliárquicos, onde, talvez, imperasse o mito das tradições ou a fatuitade do poderio . . .

O que se sabe é que era uma criatura jovem, bela, uma anônima, sofredora, infeliz. Tivera sonhos, esperanças, amara muito e fôra vítima do próprio amor!

Não se lhe conhecem os parentes nem os amigos, talvez ocultos nas sombras do egoismo doentio, do preconceito social, da vaidade e do orgulho. Dir-se-ia que toda a sociedade a hostilizava.

Dissemos que amou. Amou, sim, um homem, ela mesmo o confessára, nas poucas linhas que lhe consagrara, antes do suicídio. Êle a esquecera, a abandonára. O mundo mau, que aí está, só lhe reservava ciladas, perigos e humilhações. Os últimos lampejos de uma reabilitação possível, de uma imprescindível recuperação moral, sentia-os, ela, extinguirem-se subtilmente.

Eis porque procurara um romance na própria morte. Seria um suicídio *sui generis*, no éter, no recinto estreito de um avião em pleno vôo.

Os jornais abriram colunas ao relato pormenorizado do drama. Houve um pouco de comoção entre os estranhos, mas entre os íntimos parece ter restado, apenas, a insensibilidade humana.

O corpo da inditosa mulher estaria fadado a um enterramento próprio dos indigentes !

O «Diário da Noite», com a anuência do provedor da Santa Casa de Misericórdia, Ministro La-Fayette de Andrade, custearia uma mortalha condigna. O cativante gesto foi bem recebido no seio do povo, prestigiando desde logo a feliz iniciativa.

Sandra Helena — êsse o pseudônimo com que a desventurada senhora escondia o seu verdadeiro nome — foi afinal sepultada.

Que razões teria ela para acautelar-se, assim, ocultando a sua identidade ? O que todos sabem é que motivos muito fortes houve para envolver o facto em impenetrável mistério.

Qual a natureza desses motivos ? Aí é que deve residir o misterioso e o desumano que causou o sucedido.

Que espírito estaria enclausurado naquêle corpo de mulher, cuja peregrinação terrena se extinguira assim, abruptamente, violando uma lei divina ?

Que teria êle desempenhado no palco da vida invisível, antes de imigrar para êste mundo ilusório, fugidio e tão cheio de misérias ?

Não se o póde precisar. O que é rasoável é que se deve tratar de um espírito em vias de evolução, debatendo-se nos estertores da desventura, da dôr.

Ah ! a reincarnação ! Só ela nos póde explicar racionalmente certos mistérios, desfazer terríveis dúvidas, solucionar tremendos problemas. Muitas coisas aparentemente incompreensíveis se esclarecem convenientemente. Não ha automatismos inexoráveis nem fatalismos irremissíveis.

Ha, isso sim, leis eternas e universais, imutáveis e irrevogáveis. O que hoje se nos apresenta como absurdo póde amanhã tornar-se uma coisa natural e compreensível. E' questão de compreensão, que só se nutre através da evolução.

A lei natural da reincarnação, a que estão sujeitos todos os espíritos, desanuvía todos os panoramos psicológicos, proclamando e justificando a Justiça Divina nas diversas «*moradas*» do Altissimo.

Sandra Helena foi uma sofredora e ainda o é, por certo. Amargou rudes provações. Infeliz no amor, abandonada e desprezada, até depois de morta, pelos entes mais queridos ao seu machucado coração, talvez seja, em última análise, uma vítima dos tolos preconceitos sociais de uma época pervertida como a nossa. E' verdade que não venceu todas as provas terrenas, capazes de a redimirem de um provável passado de culpas. Tentou fugir de algumas, recorrendo ao suicídio, que é, por sinál, um crime contra a lei natural da vida. Terá que voltar para reparar os erros. O escândalo, no entanto, ficou. Mas ai dos que forjaram a causa dêle ! Poderão fugir à sanção humana, mas da de Deus jamais escaparão. Os seus atos estão registrados no arquívo eterno da Vida !

Sandra Helena, minha irmã em Jesus, que o Pai Celestial se apiede de ti e de quantas homônimas tuas ha por êste mundo afóra. Misericórdia, também, para os que te abandonaram, na vida e depois dela.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1952.

A vida é cheia de dificuldades, mas tende bom ânimo para poderdes vencê-las, certos de que de outra maneira não conquistareis a perfeição espiritual. Tende por modêlo os verdadeiros cristãos, entre os quais muitos companheiros vossos, que removeram as dificuldades que lhe surgiam a cada passo com a mesma paciência do agricultor que limpa a sua plantação de hervas daninhas. As dificuldades são próprias do mundo em que viveis, mas Deus dará uma corôa áqueles que as vencerem com perseverança, paciência e humildade.

CAIRBAR.

O Espiritismo transpõe o Atlântico (1)

De «Revista de Metapsicologia» — Pelo Dr. ANTONIO J. FREIRE

Em volta de 1850, o Espiritismo penetrou em plena Europa nas asas das mais violentas controvérsias e das perseguições mais acintosas e sangrentas, que lhe moveu o fanatismo religioso de algumas seitas protestantes norte-americanas, depois dos memoráveis sucessos ocorridos na casa assombrada da Família Fox, em Hydesville, estado de Nova-Yorque, em 1847-1849, cujo centenário foi celebrado recentemente em todos os países cultos pelas respectivas Federações e Associações espíritas. (2)

*

A Inglaterra, fleugmática e circunspécta, serena e refletida, recebeu o Espiritismo com simpatia e aprazimento, vendo, desde logo, na sua apresentação multiforme e complexa, objeto digno de estudo profundo e de meditada ponderação. Comissões de sábios de reputação consagrada mundialmente foram eleitas, afim de verificarem pela observação e experimentação a veracidade dos fenômenos inerentes ao Espiritismo e deduzir as leis e a mecânica da sua produção e desenvolvimento, sua origem e finalidade.

O Espiritismo, apresentando uma nova psicologia que, pelo seu carácter positivo, essencialmente objetivo, saia dos moldes arcáicos e obsoletos da bafienta e carcomida Metafísica racionalista, teológica e subjetiva, abria novos, fecundos e largos horizontes em estudo da alma humana no campo positivo da observação e experimentação.

Foram consagrados sábios inglêses, desde A. Russel Wallace, o precursor e êmulo de Darwin, a W. Crookes, um dos maiores químicos contemporâneos, que inauguraram o período científico do Espiritismo.

Atualmente, é ainda na Inglaterra que se encontra a mais completa e criteriosa bibliografia da fenômenologia ligada ao Animismo e Espiritismo, observada, diferenciada e experimentada com superior talento, invulgar cultura e fina argúcia, pelos sábios inglêses.

A Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas, fundada em 1882, e a sua congênere Norte-Americana, fundada em 1884, são mais do que suficientes para fundamentar o Espiritismo em bases científicas, sólidas e irrefutáveis. Os seus trabalhos de observação e de experimentação, de análise e de crítica, são memoráveis e modelares, através de muitas dezenas de volumes. *(Proceedings).*

*

A França, exuberante e entusiástica, fútil e humorística, por vezes, céptica e agnóstica; mas sempre criadora e original, mercê do seu gênio latino universalista e renovador, recebeu o Espiritismo entre o desdem olímpico dos seus homens de ciência, no rígido aprumo do seu mórbido egotismo, entrincheirados no seu Positivismo comteano, contrastando com o frívolo entusiasmo do mundanismo aristocrático e burguês, que delirava de prazer e de curiosidade perante a estranha acrobacia dos *gueridons*, e das melodias dos violinos e concertinas, flutuando na atmosfera. Foi um delírio de loucura e de entusiasmo, que, felizmente, não teve consequências funestas e graves, devido, talvez, à defesa dos bons espíritos, pois estava determinado por Fôrças Superiores que o Espiritismo se difundisse em bases científicas, para combater o maior inimigo da Humanidade — *o ateismo expresso no materialismo da Ciência oficial.*

*

De facto, o Espiritismo fez moda nos melhores salões parisienses. Era como que um fruto exótico criado nas regiões do mistério, de fragrância capitosa e esquisita, que embriagava pela imprevista novidade os *peraltas* e as *sécias* da sociedade *«smart»* do Paris de 1853.

---

(1) Transcrição do livro — *Da Evolução do Espiritismo* — a saír brevemente, edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas.

(2) Dr. Waku, médico, — *Le Spiritisme* — 2 vols., Paris. Carlos Luis Chiesa — *Origem del Espiritismo y su Doctrina* — Editorial Constancia, Buenos Aires, 1946.

Durante os seus inícios, o Espiritismo era o complemento obrigatório das partidas de voltarete e dos chás protocolares das reuniões elegantes do galante mundanismo francês. Os *gueridons* (mesas de pé de galo) voltejavam nos salões aristocráticos como loucas e irrequietas mariposas pelos Jardins de Versalhes. E quantas vezes — *na inconsciência dos perigos (obcessão, fobias, possessões, etc). que só a ignorância desculpa* — os *gueridons* foram consultados sôbre assuntos de amores, em elegantes e recatados *boudoires*.

O delírio dessa época atingiu as raias duma epidemia tiptológica. As mesas, na sua trepidação alucinante e misteriosa, foram o oráculo de muitos corações amorosos atribulados na dúvida e na incerteza.

Realmente, o Espiritismo apresentava-se duma forma inédita, estranha, proteiforme: mesas e pranchetas, rebeldes às leis fundamentais da Mecânica oficial, ditavam e escreviam automáticamente uma extravagante e heteróclita literatura, umas vezes chocarreira e gracejante, grosseira e incoerente; outras vezes, dissertando sôbre elevados conceitos filosóficos e da mais pura moral cristã. Com frequência, bandolins, harmônios, concertinas, sem o devido respeito pela Lei da gravitação, libertando-se da atração newtoniana e do quadrado das distâncias, deslizavam pela atmosfera, baloiçando-se em revoadas melodiosas, tangidos por mãos ocultas e invisíveis, mergulhadas no mais profundo e desconcertante mistério. Aparições e fantasmas, mais ou menos materializados sem a devida consideração e respeito pelos cânones da Biologia oficial, perpassavam por entre os assistentes atónitos e estarrecidos, tremendo de mêdo e de pavor em calafrios arripiantes. As máquinas fotográficas, as impressões e moldagens na parafina, no negro de fumo, na argila e noutras substâncias plásticas, provavam irrefutavelmente que estes invulgares fenômenos não se adaptavam à categoria das alucinações individuais e coletivas.

Era um novo mundo, moldado em formulas inéditas e imprevistas, que abria amplos e dilatados horizontes, fecundos e luminosos, às ciências, filosófias e religiões. Era uma nova Psicologia *positiva*, liberta das confusões e emaranhadas especulações metafísicas e teológicas que trazia, no íntimo da sua estrutura, as melhores e mais positivas soluções para o eterno problema da alma humana, e o mais formal e lógico desmentido a todas as fórmulas e concepções materialistas.

O Espiritismo, na sua multiplicidade e variedade da sua fenomenologia, quer objectva de ordem física, quer subjectiva de ordem intelectual, e na orgânica da sua Doutrina filosófica, social e cristã, representa, dentro do método positivo oficial, a decisiva e triunfante supremacia do espírito sôbre a matéria, que o Espírito domina, orienta e condiciona no sentido do seu progresso e evolução, em infindos ciclos palingenésicos, alternando de mundo para mundo, quer terrestres, quer astrais e celestes, numa íntima, justa e lógica coordenação e solidariedade do passado com o presente e do presente com o futuro.

*

Os cientistas franceses, na sua maioria, circunspectos e graves, olimpicamente cépticos e sarcásticos, impregnados de autolatria, fecharam os olhos à realidade.

Nos primórdios do Espiritismo, ao invés dos sábios ingleses, os homens da ciência, francêses, quase na sua generalidade, foram hostis a todas as manifestações espíritas. O dogma materialista comteano foi o *colete de fôrças* que paralisou a atividade da ciência francesa no estudo do Espiritismo. A Metapsíquica, criada pelo eminente professor Charles Richet, em 1905, não redime a ciência francesa de ter feito táboa rasa do preceito proclamado por um dos mais célebres físicos contemporâneos, William Thompson: *«a Ciência é obrigada pela eterna lei da honra a enfrentar, sem receio, todo o problema que possa apresentar-se ao seu estudo e observação».*

*

Eugène Nus, conceituado literato e ensaista francês, foi um dos observadores que, desde a entrada do Espiritismo em Paris, soube compreender a influência que a sua doutrina viria a exercer na renovação espiritual da Humanidade, através daquela fenomenologia bizarra e incongruente que fazia delirar de entusiasmo os salões parisienses. Com rara coragem, reunindo a um estilo primoroso um sentido crítico apurado e profundo, escreveu algumas obras que muito concorreram para a divulgação do Espiritismo (1). De uma das últimas, escrita no fim do século passado *(A la Recherche des Destinées)*, transcrevemos alguns trechos: «Um Mundo acaba; um Mundo começa. Este século que viu a transformação da técnica material da Humanidade, assiste, nos seus últimos dias, à transformação das idéias. Nós estamos no início duma evolução que marcará nos nossos Anais. Eis, dum lado, o antigo Oriente que se põe em marcha, saindo dos seus Santuários, trazendo-nos a chave dos seus mitos, pais dos nossos, reitengrando as nossas análises na sua grande síntese, onde, depois das nossas religiões, se afundam as nossas filosofias»

«Entre nós, fóra e acima do velho molde religioso, político, social e *imoral*, composto de judaismo, paganismo e de tão pouco Cristianismo, no qual as raças ocidentais se debatem ainda, um movimento curioso se opera dominando a cegueira dos seus mentores: sacerdócios, academias e governo.»

«... Fôrça psíquica, nêurica, ódica, espírita, seja como fôr, as mesas rodopiam; *si muovono*, como dizia Galileu. As pequenas mesas falam, nem mais nem menos, nem melhor nem pior, que os professores de Antropologia e os membros da Faculdade.»

«Os móveis dão estalidos; os muros ressoam; as poltronas avançam para as visitas; os harmônios tocam sem contacto; as caixas de música voltejam no ar; ramos de flores caem dos tectos, e mãos, visíveis ou invisíveis, vão depô-las nos vestidos das senhoras ou na lapela dos homens; lápis, correndo sôbre o papel ou deslizando entre duas ardósias, escrevem em variados idiomas, sentenças filosóficas, verdades de la Palisse ou divisas de confeiteiro. O pêso dos corpos, a impenetrabilidade da matéria, todas as leis clássicas são ultrajosamente violadas por estas energias impudentes que desafiam os dinamómetros e se riem da Mecânica, sem falar dos fantasmas que passeiam no meio da assistência, deixando fotografar-se, moldando-se na parafina, ou, como sucedeu no laboratório de W. Crookes, dançando uma valsa com o dono da casa e contando histórias a seus filhos.»

«Como os tempos têm mudado depois de que eu contei, pela primeira vez, ás populações embasbacadas *estas coisas do outro mundo!*»

«Por ter narrado rigorosamente o que eu tinha visto com os meus olhos, reproduzindo, citando os nomes dos que tinham visto igualmente com os seus olhos, e ligeiramente beliscado os nossos sábios de Panurgio que riam, como basbaques vulgares, destes factos certos e verdadeiros que recusam examinar, corri o risco de ser lançado à fogueira pelo tribunal da inquisição das Ciências. Se eu pertencesse a alguma douta Academia, teria sido expulso pelos meus colegas. Simples literato, não me tomaram a sério, e os meus melhores amigos contentaram-se de proclamar que eu fazia livros ridiculos».

«A reviravolta começa a produzir-se como eu já tinha anunciado de princípio, mais cedo ainda do que eu esperava. Salvo um *stock* de doutores e de jornalistas enfatuados e casmurros, petrificados na rotina, no ramerrão, o riso tem cessado e já não se tenta mais negar a realidade dos factos do Espiritismo. Os testemunhos têm-se tornado demasiado numerosos.»

Eugène Nus, de quem fizemos esta longa transcrição criteriósa e humorística, pertence à gloriosa falange dos vanguardistas da primeira hora.

Paris — *a cidade Luz* — assistia então atónita e estarrecida, a este turbilhão fantástico de fenômenos imprevistos e impressionantes que, para a maioria, só alucinadas imaginações poderiam criar e produzir, mas que a realidade objetiva impunha, de certeza, aos mais frívolos e cépticos.

*

E. Nus foi um dos mais ilustres e destemidos pioneiros dos tempos heróicos do Espiritismo.

Os espiritistas têm em aberto uma dívida de grata homenagem a êste corajoso campeão da velha-guarda e a alguns sábios inglêses e norte-americanos que, com rara coragem e nobre intrepidez, enfileiraram na *vanguarda de choque* nos primórdios do Espiritismo, em que o combate tomou proporções assustadoras contra o fanatismo materialista e religioso.

---

(1) E. Nus — *Les Dogmes Nouveaux; Les Grands Mystéres; Choses de l'Autre Monde: Nos Bêtises; Les Nouveaux Horizons.*

Ciências e Religiões arregimentaram-se nêste monstruoso e sacrílego conluio.

Com o seu estílo empolgante, finamente humorístico, E. Nus foi um dos escritores francêses que melhor soube compreender, de entrada, o valor científico e filosófico do Espiritismo, prevendo a sua futura e renovadora ação social, moralizadora e cristã. A sua profecia realizou-se plenamente, tal é a marcha acelerada que o Espiritismo tem tomado em todos os países civilizados, em todas as camadas sociais. Os seus partidários contam-se hoje por dezenas de milhões, e são precisamente as nações anglo-saxônicas, sempre refletidas e ponderadas nas suas decisões, refratárias à estuante, impulsiva e entusiástica exuberância latina, onde o Espiritismo integra os seus melhores elementos representativos.

E' próprio da natureza humana uma formal oposição a tudo quanto colida com o seu estatismo mental e moral. Realmente, desmobilar para guarnecer de novo um cérebro ou um coração — inteligência e sentimento — é, por vezes, um violento trabalho de Hércules e um doloroso sacrifício ás nossas quimeras mais queridas. Mas é precisamente nêsse valoroso esfôrço, nessa renúncia e desapêgo ao comodismo estático, que reside um dos fatores mais preciosos e determinativos para a nossa evolução, essencialmente dinâmica, renovadora e progressiva.

Mal vai a todos aqueles que não sabem aproveitar todas as boas oportunidades para impulsionar a sua evolução, porque só muito mais tarde e em mais difíceis condições de realização poderão obtê-las. A justa emanência da ação kármica, no seu complexo mecanismo, assim o impõe no turbilhão infindo de causas e efeitos, de ações e reações, no seu ritmo equitativo e justiceiro de carácter universal, pois domina sêres e coisas, homens e deuses, todo o Cosmo. (1)

---

(1) Dr. Léon Wauthy, médico — *Science e Spiritisme*, ed. Leymarie, Paris, 1923; Prof F. W. Myers—*La Personalité Humaine*, ed. F. Alcan, Paris, 1919; E. Bozzano — (trad. português): Introdução à «Metapsíquica Humana»; «A Crise da Morte»; «Os Enígmas da Psicometria e os Fenômenos da Telestesia».

LIVROS E AUTORES

(Um pouco de recordação e de saudade)

APRESENTAÇÃO DO PARA' ÀS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL

José Jorge conheceu-nos em Vitória, capital de seu Estado, quando por lá andamos em 1938, em nossas peregrinações doutrinárias.

Depois, procurou-nos em nosso Ginásio, há uns dez anos, precisamente.

Queria trabalhar, ser professor.

Atendemo-lo.

E êle trabalhou, muito tempo conosco. E fez-se professor.

* * *

Quando foi do movimento intensivo das *Mocidades Espíritas*, não tivemos a sua cooperação eficiente e vibrátil, como esperávamos.

Êle havia casado e já era pai.

* * *

Terminado o movimento, feito o *Congresso de Mocidades* e morto o *Conselho das Mocidades Espíritas*, seu trabalho de agora, para estímulo dos moços, orientação de mentores e desenvolvimento cultural dos jovens é, indiscutivelmente, a única coisa seríssima que se fez.

Outros hostilizaram companheiros, discutiram leizinhas e regulamentos inaproveitáveis, acastelaram-se em camarotes de importâncias orientadoras sem nada orientar.

Êle trabalhou.

E produziu bem e bom.

* * *

Sentimos a grandeza e a importância de seu trabalho, assim que nos expôs seu plano.

E lhe prometemos nossa cooperação, essa coisa que, a despeito de tudo, nunca negamos a ninguém.

Cooperaríamos assim:

I) Colocando seu nome em cima de sua produção, pois êle queria, — e parece que ainda quer, — entregar a outro o fruto de seu trabalho.

II) Ajustando ao mapa duas a três efemérides de valor, que não lhe ocorreram, naturalmente.

III) E cooperação valiosa, na distribuição de sua obra.

IV) E apresentá-lo de público e ao público.

Além destas, estimulá-lo quanto podemos, para a publicação do trabalho, o que teríamos feito, por nossa conta, não fosse a enfermidade que nos surpreendeu.

⁂

Quando, impresso o mapa, nos procurou para dizer-nos, que confrades seus, jovens e mais velhos, lhe sugeriram nos procurasse, reagimos:

— Não. A obra deve sair com seu nome e distribuida por você. Eu, e seus amigos, auxiliaremos sua distribuição.

Mas, êle insiste. E apelou para o *Conselho Nacional Federativo*...

Demos-lhe um cartão para o Aurino Santos e o Miranda Ludolf, da Comissão de Mocidades, no Conselho, apresentando-o, mas, dizendo, claramente, nossos pontos de vista. E que achamos só o autor tem autoridade para distribuí-lo. Autoridade nascida do trabalho e da obra, bem maior, na verdade, do que a de grupinhos e grupelhos que se arvoraram a tanto, sem obra e sem trabalho...

⁂

Mas, voltemos à obra de José Jorge.

— Primeiro, o mapa. Depois, os testes inteligentes da obra do excelso codificador, a explicação para o mentor, orientando-o, dirigindo-o. A seguir, virão os livros indispensáveis para o conhecimento integral da Doutrina, completando assim, a obra, porque tudo ainda está por se fazer e o que se tem feito, tem sido mal feito. Muito mal feito mesmo...

Parabens, pois, ao José Jorge!

E aos Moços espíritas que lhe aceitarem a orientação cultural, segura, clara, objetiva...

—

REVISTA SANSÃO — *Industrias Sansão*, S. Paulo.

Carlos Jordão da Silva foi nosso companheiro de *Caravana da Fraternidade*.

E que companheiro!

Não desmentiu a alteração que lhe ajustamos ao sobre-nome, quando foi do Congresso de Unificação de S. Paulo: Amazonas.

Carlos Amazonas da Silva, tanto foi o labor e a capacidade de trabalho desenvolvida pelo companheiro ilustre, considerando-se que Amazonas, como rio, tem mais pujança do que o pequenino Jordão.

Nossa admiração pelo Carlos Amazonas, aumentou mais durante a *Caravana da Fraternidade*. E também, nossa amisade. Sua atuação, durante a excursão ao Norte, foi mais de diplomata. Até parece que, ao seu convivío, nós, que nada temos de diplomata e contemporizador, andamos lucrando algo.

Se Deus quiser, e o coração não parar até lá, ainda poremos em volume as lides e impressões que a *Caravana da Fraternidade* teria exigido e provocado em todos nós, caravaneiros...

⁂

Acabamos de receber a *Revista SANSÃO*, de sua indústria.

Antes de mais nada, aquí nos apressamos a conferir ao Jordão e a seus companheiros de trabalhos, os nossos maiores aplausos, sinceros e cristãos.

Trata-se de uma *revista espírita*, como poucas, a despeito de seu rótulo comercial. Aspecto excelente, papel *couché* e texto apreciável, confecção cuidada, espiritualizada, educativa e superior. A capa, de um azul e branco excelentemente combinados. Sob o *Revista SANSÃO*, do titulo, a legenda bem nossa, *Trabalho, Solidariedade* e *Tolerância*. No corpo da Revista, só coisas que espiritualizam: *descrição do Natal, educação moral*, um exemplo edificante, assinado por Amelia S. Oliveira, chefe da cozinha da emprêsa; *nem só de pão vive o homem, uma lenda*, substancioso escrito de Pietro Ubaldi, sôbre a distribuição da riqueza, muitas frases oportunas de André Luiz, curiosidades filosóficas e comerciais, muitas fotografias do almoço oferecido a seus auxiliares, etc. etc., etc.

Ora, ha por aí tantas revistas espíritas que talvez servissem melhor à Causa deixando de saír, pois nem comerciais são. De modo que, deparando-se-nos um caso como o da *Revista Sansão*, é para a gente aplaudir, gostar muito e ficar admiradissimo.

Foi, exatamente, o que sucedeu conosco.

Quando mudamos de residência para Nova-Iguassú, conhecemos, no Centro Espírita, um confrade que dizia, para justificar certas irregularidades suas: «Eu só sou espírita dentro do Centro».

A verdade é que, um espírita assim, nem dentro do centro é espírita.

Parabens, pois, ao Jordão, e seus dedicados companheiros, que provam, assim, servir à Doutrina até dentro de suas industrias, com a sua excelente revista comercial, no trato de seus auxiliares, em todos os atos de sua vida.

Leopoldo Machado.

Crônica Estrangeira

Um caso de premonição em Portalegre

«*De Estudos Psíquicos*»

Deu-se em 31 de Maio e 1 de Junho de 1932 com uma pessoa de família, o meu concunhado J. M. C., que foi oficial principal dos C. T. T., nesta cidade.

Partiu cêdo. Foi um excelente caráter e, enquanto lhe não faltou saúde, um homem alegre, interessante e comunicativo. O seu cavaco dispunha bem pela nota alegre, que lhe imprimia, e jamais ninguém lhe ouviu uma palavra desprimorosa. Era estimado e os amigos bem lhe manifestavam o seu aprêço e consideração. Por vezes, tentei falar-lhe de assuntos espíritas, no desejo de levá-lo a pensar um pouco no destino da alma humana. Baldado intento, porque J. M. C. não só me não atendia, como se mostrava contrariado. Mas, sempre que se me oferecia oportunidade, insistia no meu propósito, embora sem resultado.

Veio um dia a doença, a que sucumbiu, não procurando eu então falar-lhe mais de um assunto, que o desgostava e aborrecia.

Na véspera do desprendimento, pela tarde, diz à esposa:

— M. R., está aquí a tua mãe. Já lhe falaste?

— Sim, já lhe falei.

— Está bem! Mas olha, também aquí está o mano Elisário (na Terra seu cunhado e amigo). Já o cumprimentaste?

— Sim, também já o cumprimentei!

— Está bem! Mas olha, M. R., não me deixes, porque eles me querem levar!

No dia imediato repetiu-se, em termos idênticos, o mesmo diálogo, estando eu informado pela esposa de que o doente esteve lúcido durante estes diálogos. Dado o seu desinterêsse e até a sua descrença pelos assuntos espíritas, que, para mim, afastam a hipótese de uma sugestão, fiquei com a convicção de que o meu concunhado viu, de facto, junto de si, na véspera e no dia da sua desencarnação, os espíritos das entidades supracitadas.

J. A. Costa.

⁂

Ruy Barbosa e o Espiritismo

De «Estudos Psíquicos»

É sabido que Ruy Barbosa, o grande orador jurisconsulto brasileiro, simpatizava com o Espiritismo.

«Na imensa comemoração de Ruy Barbosa, toda a sua vida pública e particular foi examinada e aclamada a sua figura apostolar do direito. Nenhum detalhe do seu talento deixou de ser examinado. Rui estudante, sabendo aos cinco anos de idade conjugar todos os verbos regulares; Ruy sem idade para matricular-se na Faculdade, dedicando-se, durante um ano, ao estudo do alemão; Ruy, orador desde moço; escritor primoroso, enriquecendo a língua portuguesa; advogado de todos os perseguidos, jornalista insigne, parlamentar, diplomata, internacionalista; Ruy poeta, religioso e crente no Espiritismo, e Ruy com conhecimentos de medicina. Espanta realmente caber numa cabeça tanta inteligência e num coração tanta bondade!

«Falaram do seu amor às rezas, mas nada disseram do seu interêsse pela pintura e pela música.

«Na oração aos Moços», Ruy falou nas relações humanas com os nossos amigos de «além-vida».

O deputado Ataliba Nogueira, na conferência feita sôbre «Ruy Barbosa em Campinas», publicada no *Jornal do Comércio* de 8 de Novembro p. p., contou o seguinte:

«Ainda na aprazível estância hidromineral, ocorreu facto curioso, recordado pelos íntimos com certo acento de graça. Estava em voga, àquele tempo, uma espécie de distração, à noite, de modo algum consoante com as leis religiosas, porém que as senhoras praticavam como se fosse inocente jôgo de damas. Consistia em colocar sôbre uma mesinha de três pés um grande círculo de papelão com as letras do alfabeto, escritas, uma a uma, em recorte dentado, Lalá, Úrsula, Carlota, Baby Ruy Barbosa e a filha de um redator do *Jornal do Comércio*, do Rio, sentavam-se em redor da mesa e colocavam a ponta dos dedos sôbre um cálice que por ação misteriosa — segundo diziam — parava ante esta e aquela letra. Alguém ia anotando as letras num papel. Formavam-se, assim, palavras e frases, àvidamente lidas pelos circunstantes. Resta lembrar que tudo correspondia às perguntas formuladas por alguma das moças presentes, quase todas versando sôbre qual delas se casaria primeiro, as iniciais do noivo, seus traços fisionômicos, se era loiro ou moreno, se era solteiro ou viúvo, fazendeiro ou não. No geral as respostas provocavam mais que risos, gargalhadas e comentários alegres.

«Certa noite, porém, Baptista Pereira, que assistia à «sessão», de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando com isto ter que revelar algum segredo. Sentou-se à mesa e também colocou a ponta do dedo sôbre o cálice de cristal, o qual, de maneira rápida, começou a percorrer o alfabeto, com algo de nervosismo por parte das moças e senhoras que participavam da operação. Ao lado, outra moça apontava letra por letra, dizendo nada entender; porém, várias vezes havia o nome de Ruy, no apanhado gráfico.

«O conselheiro já se havia recolhido muito cedo, feita a leitura dos jornais de São Paulo, que chegavam após o jantar.

«Terminado o escrito, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum «espírito» ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarrecidos e, diante da indecisão geral, Baptista Pereira opinou que deviam levá-la imediatamente a Ruy. Batem à porta, o conselheiro de pijama recebe o papel e fica emocionado: «É o estilo dêle, o estilo perfeito. E o assunto! O mesmo que conversámos em nossa despedida em Haia. Mas, é possível... Trata-se de William Stead, — explica Ruy — o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam, hoje, no afundamento do navio «Titanic». E ele acreditava nestas histórias de Espiritismo!».

Ele e muitos outros vultos da ciência e da filosofia, que se jactam de «fortes» e no íntimo ajoelham contritos...

⁂

Um sonho profético

A revista *Okkulte Welt*, de Kassel, publicou o seguinte em 13 de Março de 1950:

«A senhora Gabriela de L. inforforma-nos que ao fazer 18 anos estava noiva do capitão H. v. W. em Praga, um homem de 30 anos, cheio de saúde e apegado à vida. Numa noite de Fevereiro de 1890 — diz ela — sonhei que estava com minha mãe no cemitério militar de Praga em frente de uma pomposa campa ornamentada com uma cruz de mármore cinzento e fiquei assustadíssima quando li no mármore o nome e apelido do meu noivo e, a seguir à idade, o dia da sua morte — 6 de Maio de 1890.

«Contando o sonho a meus pais, disseram-me que era um sonho sem importância. Depois contei-o também ao meu noivo e esbocei a cruz como a tinha visto. Este riu-se e disse-me que gostava muito da cruz. Nem eu nem êle ligámos importância ao sonho, visto nos parecer absurdo semelhante pressentimento, em virtude de ele se encontrar cheio de vida e saúde.

«Passou o inverno e chegou a primavera. No dia 5 de Maio o meu noivo adoeceu de úlcera no estômago e no dia seguinte morreu de hemorragia interna.

«Após o enterro ausentei-me com meus pais para outro lugar e quando voltámos, semanas depois, fomos imediatamente à campa do meu defunto noivo e qual não foi o nosso espanto ao ver ali uma cruz de mármore exatamente igual à que eu tinha visto em sonho!»

⁂

Enterrado Vivo?

Jornal Espírita, do Rio de Janeiro, publica um relato de Isaura Cavalcanti Diniz que passamos a transcrever por nêle se encontrar um caso de sonho verídico digno de menção, ocorrido em 1924:

Minha família é muito grande—diz a articulista.—Só minha avó parterna teve 25 filhos. Todos se casaram e foram bastante prolíficos, excepto minha tia Isaura, que não teve nenhum filho. E resolveram adoptar um menino que, de físico e de carácter, herdára muito da sua progenitora.

Ao perder minha mãe fui residir com os pais adoptivos de Manuel,— era êsse o nome do menino. — Nessa altura conheci a mãe do garoto, baixa, feia, estrábica e preguiçosa, de palavriado grosseiro e pornográfico. Seu filho que tomou o apelido dos pais adoptivos também era feio e estrábico, mas de inteligência viva e criadora, com vocação para o desenho artístico e para a declamação.

Eu e minha família somos da religião católica e meu tio é o mais católico de todos. Desta sorte, a educação do molequinho foi entregue ao catolicismo, tendo o rapaz vivido constantemente com freiras e padres. Não obstante, o molequinho não se aprumava e bebia, dava passeios, tomava banhos no rio, e num destes afogou-se.

Molequinho foi enterrado. Dias depois, aparece em sonhos à minha tia e à freira do convento de Patos, ignorando eu se apareceu simultâneamente ou alternadamente. O facto é que, no sonho, dizia que *não tinha morrido* e *que* o *mandassem desenterrar.*

Minha tia, mulher de idade avançada, sentimental e nervosa, se já não tinha sossego com a morte do filho adoptivo, só faltou perder o juizo após aqueles sonhos; e quando soube que a freira também sonhára, resolveu desenterrar Molequinho. Era um absurdo. Ninguém poderia estar vivo, enterrado dentro de um caixão. Mas minha tia não se conformava com isso. E não se arredou do projéto macabro de desenterrar o filho. Conseguiu a licença necessária e procedeu à exumação do cadáver.

Abriu-se o caixão: o corpo estava em decúbito abdominal, encolhido como era possível e a mais feia expressão no rosto, já em decomposição.

Tenho uma tia no Rio (Nina Cavalcanti) e outros parentes, católicos praticantes, que não se negarão a confirmar a veracidade destes factos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo em Campos do Jordão

Lançamento da Pedra Fundamental do «Sanatório Espírita 3 de Outubro»

Após uma intensa propaganda através da imprensa leiga de S. Paulo, pela Hora Espírita da Rádio Tupí e demais meios de difusão, deixava a Capital Paulista ás 6 horas de 29 de Dezembro último, rumo aos campos jordanenses, a Caravana Fraterna composta de 40 confrades de S. Paulo, sob o comando do «velho condotieri» Dr. D'Angelo Neto, idealizador dessa mesma Caravana que inúmeras vezes tem percorrido Pedro Leopoldo, Poços de Caldas e outros recantos do Estado e do País.

Tudo a postos, o «Especial Passaro Marron», zarpou em meio a grande alegria. A's 8,30 horas arribavamos em Campos do Jordão e logo mais abraçavamos o querido confrade e amigo Deputado Federal Prof. Campos Vergal que, saindo na noite anterior da Capital da República viera ao nosso encontro.

Em seguida ao café na cidade, rumamos para a Suissa Brasileira e ás 11,30 horas abraçavamos no local da chegada, ao incansável soldado da Terceira Revelação, o irmão Marcos Marcondes, exemplo vivo «da fé que transporta montanhas».

Após a passagem obrigatória pelo «exame clínico», dividiu-se a Caravana em duas turmas, uma para o «Everst Hotel» e a outra no «Refugio Alpino». Dêste último local, pudemos apreciar belezas indiscritíveis, onde a Natureza põe à mostra, painéis de suaves coloridos, cujo espetáculo poético e musical, fala ternamente ao homem, ao coração e ao entendimento, da Onisciência, da Onipotência e do Amor de Deus.

Um rápido descanso, um almoço leve e visitas constituiram o programa da tarde. A's 20,30 horas entramos no salão do Centro Espírita «Fé, Esperança e Caridade» e, feitas as apresentações de praxe, por Dna. Anita Brisa, Presidente da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro» de S. Paulo, o Sr. Alvaro Abrantes, Presidente do Centro em questão, convida para comporem a mesa, o confrade Campos Vergal e outros elementos da Caravana. A rogativa ao Alto pelo cronista e, a seguir, pelo ilustre jornalista e brilhante advogado D'Angelo Neto, explanada a conferência anunciada: «A Cidade de Pedro Leopoldo».

Depois faz-se ouvir o confrade Campos Vergal, e no final das mesmas, soube a numerosa assistência tributar aos oradores, as palmas a que fizeram jús.

A's 23,30 horas estava encerrado o trabalho da primeira jornada e, em meio ás manifestações e ósculos de alegria, retiravam-se todos para o descanso necessário, a que têm direito os trabalhadores da Seára do Mestre.

Domingo, 30 — 9 horas. Chega à cidade, o Exmo. Snr. Dr. Leoncio Renault de Castro, Diretor Regional dos Correios e Telegrafos de S. Paulo, acompanhado pelo Snr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado e mais uma graciosa comitiva de distintas jovens, altas funcionárias da mesma Repartição:

A's 9,30, incorporadas, é feita uma visita de cortezia ao Exmo Snr. Prefeito Municipal da cidade, Snr. Dr. Paulo Cury, que enfêrmo e no leito, recebe da numerosa Caravana, os cumprimentos e votos de feliz restabelecimento. Lá nos demoramos até 10,30 horas e logo, em ônibus, perúa e autos de praça, chegamos ao local, onde erguer-se-á, mercê de Deus, o Sanatório Espírita 3 de Outubro, casa que acolherá os necessitados pobres do terrível mal que anualmente aniquila e ceifa milhares de vidas. Oxalá as DD. Autoridades que dirigem os destinos da Patria do Evangelho, possam através da Boa-Vontade, auxiliar-nos nessa realização elevada, cujo único escôpo é minorar o sofrimento do nosso próximo. Dna. Anita Brisa anuncia o início da solenidade e mais de 4 centenas de convidados agrupam-se em redor do local. Anotamos a presença das seguintes autoridades e pessoas de destaque: Vereador Luiz Ribeiro do Vale, representando a Camara Municipal; Vereador Floriano Rodrigues Pinheiro, Dr. Hildebrando de Araujo, Dr. Silvestre Ribeiro, Médico do Centro de Saúde local; Dr. Domingos Pimentel, Presidente da Loja Maçonica «Cônego Januário da Cunha Barboza»; Humberto de Aquino, Diretor e Representante da Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», da Casa de Lázaro e Hospital Pedro de Alcantara, do Rio de Janeiro; Bernardo Pedroso, Coudilac Chaves de Andrade, Agente da «Folha da Manhã» de S. Paulo; Gustavo Adolfo Sellberg, construtor do Sanatório «Deputado Campos Vergal»; Dr. Leoncio Renault de Castro, Luiz Ismar D'Angelo Neto, Cicero Pimentel, Representante da União da Mocidade Espírita de S. Paulo.

Pelo construtor Snr. Gustavo Sellberg, é apresentada a planta com dados e referências ao plano. As datas do nascimento e desincarne de Allan Kardec, do Auto de Fé de Barcelona e outros dados referentes ao Coodificador, serviram de pretexto para que o ilustre projetista na sua exposição de motivos realçasse curiosos detalhes do que será o futuro Sanatório.

Vêm a seguir as palavras, exortações, etc., dos Representantes devidamente credenciados. Batem-se inúmeras chapas fotográficas. Do Alto vem uma mensagem afetiva através da irmã Celina, religiosamente ouvida. Em homenagem, são dados a 6 Salas do Sanatório, os nomes de Emanuel, André Luiz, Arnaldo Briza, Bezerra de Menezes, Osvaldo Cruz e outro nome que não nos ocorre no momento, sendo os dois últimos por sugestão de Humberto de Aquino.

Ás 12,30, ato final. Uma caixa de madeira com recordações significativas dos presentes, desce ao fundo da terra, como marco de mais uma realização dos espíritas da terra de Santa Cruz, servindo de exemplo aos futuros habitantes do Terceiro Milênio.

13 horas. Os visitantes e caravaneiros reunem-se em diversos locais para o «Almoço da Cordialidade».

Das 15,30 ás 17 horas, nova e última reunião no Centro, para a palestra de Humberto de Aquino. Palavras de despedida entre os irmãos, votos de Paz e Prosperidade, e em meio a manifestações das almas e dos corações, partiam ás 18 horas, de volta à Capital Bandeirante, ao Rio de Janeiro e a outras localidades do Estado, os componentes das diversas entidades representativas. Não poderiamos encerrar esta rápida e despretenciosa crônica, sem enaltecer os nomes de Marcos Marcondes, José de Melo e D'angelo Neto que, com Dna. Anita Briza á frente, tudo tem feito e vem fazendo para que muito em breve o «Sanatório Espírita 3 de Outubro», de Campos do Jordão, possa agasalhar em seu seio, centenas de irmãos sofredores. Para isso também, far-se-á mister de muita cooperação. Qualquer donativo dos que puderem e desejarem contribuir, pode ser enviado para: Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro — Caixa Postal, 8272 — Av. Rangel Pestana, 271 — S. Paulo, a/c. de Anita Briza.

Cumpre-nos ressaltar nesta, a valiosa cooperação da Liga Espírita do Estado de S. Paulo, que proeficientemente vem prestando seu apôio, através da supervisão esclarecida do seu Presidente, Snr. Antenor Ramos.

Vicente S. Neto.

4-1-952 — S. Paulo.

Saudação lida pela Snra. D. Anita Briza, Presidente da «Sociedade Espírita 3 de Outubro», de S. Paulo, no lançamento da pedra fundamental do «Sanatório Espírita 3 de Outubro» de Campos do Jordão:

Aquí estamos hoje para a cerimônia da pedra fundamental do «Sanatório Espírita», destinado a amparar o tuberculoso pobre, iniciativa essa de ha muito esperada pela família espírita, que aquí se encontra representada por vários confrades.

Sabemos que esta obra assistencial, de que tanto se ressente o nosso Estado, devido à deficiência de leitos para tuberculosos pobres, ha de ser concretizada sob os moldes verdadeiramente cristãos, onde o enfêrmo encontrará o carinho e o tratamento de que necessita.

Sentimo-nos encorajados por Jesus, o Mestre incomparável do amor que nos anima com suas palavras de vida eterna: «Quem tiver fé como um grão de mostarda transportará montanhas», e nós temos essa fé e a perseverança necessária para transpormos as montanhas de dificuldades e lutas que se nos apresentarem.

Sabemos que a tarefa é árdua, que exige de todos nós o máximo de esfôrço e boa vontade; entretanto, esperamos vê-la concretizada para benefício dos que dela necessitam.

Aproveitemos a oportunidade que o Pai nos deu da peregrinação pela Terra e deixemos obras boas e úteis que venham beneficiar o nosso semelhante. Os dias e os anos se sucedem rapidamente. Quando menos esperamos, nos defrontamos com a vida do além-túmulo e aí então é que vamos colher o prêmio das nossas ações e obras aquí na terra, ou a punição pelo descaso e negligência em benefício da família universal.

Jamais nos sentiremos felizes, quer como encarnados ou desencarnados, enquanto houver irmãos que sofram e necessitem de amparo; enquanto houver doentes sem abrigo e sem assistência, contaminando o são.

Trabalhemos enquanto tivermos saúde e oportunidade; façamos algo para colaborar na tarefa de Jesus, que é implantar, na face da terra, a paz, a felicidade e a harmonia, através do «amai-vos uns aos outros».

Tenho certeza de que aquí se encontra também, nêste momento, aquêle que veio ao mundo por meu intermédio e que cedo partiu, deixando saudades infindas e a doce lembrança de um filho bem amado. Sei, também, que êle nos anima nêsse propósito cristão.

Quando êle partiu, senti necessidade de distribuir com a família de Jesus, ou seja, com os nossos semelhantes, parte daquêle grande amor que me sufocava. Sim, eu não poderia deixar-me consumir pelo desânimo ou pela tristeza, se havia ao nosso lado, no mundo, tantos filhos necessitados de amparo e carinho maternal, e assim eu o estava contentando, pois que êle já tem a felicidade de haver despertado para os conhecimentos cristãos.

Muitos irmãos não compreendem a nossa arrojada atitude, talvez seja por não terem ainda sentido toda a grandeza que emana dos Evangelhos de Jesus e não poderem amar ao próximo como a si mesmos, por insensíveis à dôr alheia.

Iniciamos, pois, hoje, uma obra para a qual rogamos as graças do Senhor e colaboração de todos os corações generosos afeitos ao amor e à caridade. Deus nos ampare e Jesus nos inspire e ilumine, é o que suplico nêste momento.

Campos do Jordão, 30 de Dezembro de 1951.

—

Saudação lida pelo Snr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado de S. Paulo, no lançamento da pedra fundamental do «Sanatório Espírita 3 de Outubro», de Campos do Jordão:

Disse certa vez o eminente jurisconsulto Ruy Barbosa—a «Águia de Haia», que: «O ideal enxerga-se por clareiras que dão para o Infinito!»

A cerimônia que óra presenciamos com os nossos corações exultantes de alegria e com os nossos espíritos impregnados de magnificências, nada mais significa do que lançar em prática, pôr em execução o maior dos ideais, que é o da Caridade!

No dia em que toda a criatura humana estiver nas condições de compreender o valor imensurável da Caridade, o mundo transformar-se-á e as criaturas sentir-se-ão unidas com o Cristo de Deus — o símbolo do amor e da Caridade.

Paulo de Tarso, o Apóstolo dos gentios, aquêle vulto de primeira grandeza, cuja capacidade intelectiva estava submetida ao influxo dos deuses mitológicos, entre os quais figurava Jupiter como o Supremo, depois de sentir a magnificência caritativa de Cristo, na Estrada de Damasco, e conhecer Deus em Espírito e Verdade, cantou esta hosana à Caridade:

«A Caridade é o supremo dom. Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que sôa, ou como o címbalo que retine. E se eu tiver o dom da profecia, e souber todos os mistérios e toda a ciência; e se tiver toda a fé, a ponto de remover montes, e não tiver caridade, nada sou. E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, isto nada me aproveita. A caridade é longâmina, é benigna, a caridade não é invejosa, não se jacta, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não se regosija com a injustiça, mas regosija-se com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, o que é em parte desaparecerá. Mas agora permanecem a fé, a esperança, a caridade, estas três; porém a maior destas é a caridade».

Meus Amigos:

A presente cerimônia não imortaliza os seus realizadores perante os homens. Ela os imortaliza perante as suas próprias consciências, o que importa dizer-se: perante o próprio Deus, que é todo amor, justiça e caridade.

Estamos num mundo cuja máxima preocupação é a de nos tornar cada vez mais elevados, em sentimentos e em realizações cristãs. Portanto, não vacilemos diante de todas as intempéries; de todas as acrimoniosidades, porque a fortaleza do espírito reside precisamente na coragem de enfrentar as demagogias dos que não fazendo cousa alguma de nobre e edificante, procuram interceptar os passos daqueles que alimentam em seus corações o sacrosanto desejo de servir os semelhantes, que é, na linguagem de Jesus, a própria humanidade.

A origem do mal está na debilidade moral e na ignorância de cada criatura, por isso, Jesus voltando as suas vistas para os céus, clamou: «Pai, perdoa-lhes, porque êles não sabem o que fazem.»

Sejamos, pois, sinceros nos nossos propósitos e realizações, porque a sinceridade, disse Maeterlink, é como o fogo que purifica tudo o que toca.

Todo o trabalho útil é serviço prestado à Humanidade e deve ser executado com os olhos voltados para o alto, com a alma livre, disse Sir Oliver Lodge.

Esta realização envolvente, em que se comprometem o Centro Espírita «3 de Outubro» e a Liga Espírita do Estado de São Paulo, com a generosidade incomparável de Paulo Cury, coração magnânimo a serviço do bem estar da Humanidade, nasceu; é um fruto, não sómente da grande e prodigiosa árvore do ideal, como do coração de mãe de Dona Anita que, em lágrimas profundas, noites e dias contemplou a enfermidade de seu filho Arnaldo, cuja existência, em plena flor da mocidade, foi-lhe cortada por essa terrível moléstia que obriga buscar este magnífico recanto denominado «Suiça Brasileira»!

Assim sendo, amigos, é com o maior júbilo de minh'alma que lanço mão a esta pá, que está sempre na mão dos operários, para levantamento de edifícios, implorando a Deus que, muito em breve, possamos aqui voltar novamente para inaugurar o Sanatório Espírita, como mais um recanto de amor, de consagração ao bem, porque, ser-se espírita, é ser verdadeiramente seguidor do postulado de Jesus, o Mestre dos mestres, que ao mundo veio para nos remir e salvar!

* * *

Conselho Federativo Nacional

Súmula das atas de 1-12-51 e 5-1-52

Arquivos por Estados. Foi aprovado que os representantes solicitem das entidades de âmbito estadual informações sôbre todas as atividades espíritas do Estado, mais especialmente dos serviços de assistência social, para formar-se, por Estado, um registo no Departamento de Assistência Social, em colaboração com o diretor deste, que presentemente é o Dr. Lins de Vasconcellos. Uma estatística perfeita de todas as obras de assistência, será base para as novas realizações e para defesa do movimento, quando necessário.

Súmula dos trabalhos do ano. Foi igualmente aprovado que se faça um levantamento dos trabalhos realizados pelo C. F. N. durante o ano de 1951, para ser enviado às entidades estaduais e divulgado pela imprensa.

Juventudes espíritas. A Liga Espírita do Distrito Federal prestou informações sôbre a obra que vem sendo realizada por ela na organização e harmonização das mocidades espíritas no Distrito, trabalho que promete um grande futuro.

Congresso nordestino de juventudes espíritas. O Dr. Lins de Vasconcellos prestou pormenorizadas informações dos passos que deu para que o 2.° Congresso das Juventudes Espíritas do Nordeste, a realizar-se em Fevereiro, em Natal, se enquadre na organização estadual, tudo sendo feito dentro do quadro da Federação Espírita Riograndense do Norte. De tais demarches resultou a criação do Departamento da Juventude Espírita naquela Federação, cuja Comissão Diretora já ficou constituida.

Academia Profissional «Antonia Rocha». O Diretor do Departamento de Serviço Social comunica, que em 3 de Novembro foi diplomada a primeira turma de alunas, no Palácio da Educação, em S. Luiz do Maranhão, com grande assistência, pela escola fundada e mantida naquela Capital pelo «Seára Deus, Cristo e Caridade».

Lar Espírita «Francisca de Lima». O mesmo Diretor informa também que vai em progresso, em Goiânia, a construção da séde para o Lar Espírita «Francisca de Lima», e que a Câmara Municipal concedeu um auxílio de quatrocentos mil cruzeiros, para desenvolvimento daquela instituição de amparo a meninas pobres.

Regulamento e Regimento do C. F. N. O Presidente distribúe pelos representantes exemplares impressos do Regulamento e Regimento do Conselho Federativo Nacional.

Cincoentenário da Federação Espírita do Paraná. O Representante do Paraná lembra que em 24 de Agosto de 1952 festeja-se o jubileu de ouro da fundação da Federação do Estado e recorda as obras que estão sendo construídas em diversas cidades do Estado, das quais o Amparo «Hercilia Vasconcellos», em Ponta Grossa, que tem sua construção na fase de acabamento.

Novo Representante de Santa Catarina. Para representante dêsse Estado, foi nomeado o confrade Dr. Manoel Bernardino, que tomou posse em 5 de Janeiro de 1952. Havendo o Presidente expresso ao novo Conselheiro as esperanças de eficiente trabalho pelo grande Estado meridional, respondeu o novo representante, em termos repassados de modéstia, prometendo tudo fazer para bom desempenho do mandato.

Novo Secretário. Foi nomeado Terceiro Secretário do C. F. N. o Conselheiro Dr. Manoel Bernardino.

Comissão de «Normas». O Relator desta Comissão, confrade Carlos Jordão da Silva, comunica que dá por terminada sua tarefa, já havendo entregue ao 1.º Secretário do C. F. N. o Relatório da Comissão, para ser datilografado e discutido no plenário.

Lar de Jesus

Comemoração de seu 10.º aniversário — Um dia chuvoso, mas cheio de vibrações — Um belo programa festivo

A madrugada chuvosa e o dia indeciso e chuvoso também teriam prejudicado de muito o «Lar de Jesus», se a instituição não tivesse amigos e cooperadores que já sabem enfrentar mau tempo em tais circunstâncias.

Por isso mesmo, coisa de umas trezentas pessoas compareceram ao décimo aniversário do «Lar de Jesus», cuja comemoração constou :

Hasteamento, pela manhã, da Bandeira Nacional, cantando as crianças o Hino Nacional.

A's 15 horas, o programa comemorativo, que começou com a «Canção da Alegria Cristã», cantada pelas crianças, falando, a seguir, para empossar a nova Diretoria, o presidente do Conselho, Vitorino Eloi dos Santos, que leu expressiva página.

A Diretoria se empossou, assinando os empossados o Têrmo de posse : D. D. Maria de Lourdes Pereira, Ilza Chaves de Almeida Machado, Aurora Souza Marques, Laura Babo, Herminia de Sá e Zaira Waingartner.

Falaram, então, D. D. Ilza e Zaira em nome da Diretoria empossada.

As crianças cantaram, então a «Prece a Jesus», e prof. Leopoldo Machado, mesmo sentado, porque ainda enfêrmo, falou, homenageando os irmãos que desencarnaram, dizendo que êle mesmo esteve a pique de tanto, e sôbre as obras já quasi construídas e ainda a construir-se, e sôbre seu novo livro, «Graças sôbre Graças», que desejaria distribuir nêste dia, em homenagem a esposa desencarnada.

Depois o «Bolo de Aniversário», com 10 velas, que foram apagadas pela menina Angélica, também de 10 anos, que andou e falou no «Lar de Jesus». O Bolo foi cortado e as fatias distribuidas entre espectadores e internadas.

Muitas Senhas, Unidos para o Bem, a benefício da construção da obra, foram distribuidas.

O derrame de livros... livros a mancheias coube ao Vovô Vitorino, que distribuiu muitos volumes com que fôra agraciado na tômbola.

As crianças do «Lar de Jesus», e jovens da M. E. I. e da Casa de Jesus, de S. Cristovão, executaram acompanhadas por conjunto musical, vários números de arte.

Depois, visita ás obras em construção e a Exposição de trabalhos de agulha das crianças.

O programa foi animado pelos confrades Ilza Machado, A. Paiva Melo e José Lucena. A Prece de encerramento foi do J. A. Marques e o bar, entregue a Alcebiades Machado e Waldemiro Pereira.

O Iluminador

Acaba de aparecer na arena da imprensa espírita em S. José do Rio Preto, «O Iluminador», orgão de propaganda espírita, científico, filosófico e noticioso editado pela Associação Espírita «Allan Kardec» dessa cidade.

O seu número de apresentação publica ótimos artigos. É bem impresso.

É seu diretor responsável o nosso amigo sr. Osvaldo Tonello, um dos mais esforçados trabalhadores da seára.

Ao distinto colega, votos de longa vida e prosperidades.

Lourenço Bianchi

O nosso viajante representante, sr. Lourenço Bianchi, está visitando os confrades residentes nas zonas da Noroeste e Alta Paulista, a serviço da Doutrina.

Aos confrades residentes nessas zonas solicitamos dispensarem boa acolhida a este nosso companheiro, o que muito agradecemos desde já.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2821unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1952 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O Perispírito ou corpo espiritual .	*Redação*
Uma Serva de Jesus	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Comparando — Ontem e Hoje . .	*Pereira Guedes*
Descrucifiquemos o Cristo	*Leopoldo Machado*
Os Mortos Falam	*Wanderley Cabral*
Úlceras Fantasmas	*Odilon José Ferreira*
Será nossa Alma uma glândula á parte em nosso corpo ?	*Gumercindo Lopes Coimbra*
O Corpo Astral Fotografado no Momento da Morte	*U. P. Wan Walt*
Salve, Grande Missionário ! . . .	*Max Kohleisen*
Evangelho e Paz	*Lima Filho*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1952 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Perispírito ou corpo espiritual

LÉON DENIS, um dos mais notáveis escritores espíritas, em sua monumental obra — «Depois da Morte», dedica um capítulo ao estudo do perispírito, ou corpo espiritual.

Ao transcrever referido capítulo, temos por objetivo esclarecer os menos versados no assunto. Léon Denis emprega uma linguagem clara, acessível a todas as inteligências e entra logo no estudo, sem rodeios, satisfazendo plenamente os estudiosos.

Diz êle :

«Os materialistas, em sua negação da existência da alma, muitas vezes têm apelado para a dificuldade de conceberem um sêr privado de fórma. Os próprios espiritualistas não sabem explicar como a alma imaterial, imponderável, poderia presidir e unir-se estritamente ao corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontram solução nas experiências do Espiritismo.

Como precedentemente já o dissemos, a alma está durante a vida material, assim como depois da morte, revestida constantemente de um envoltório fluídico, mais ou menos sutil e etéreo, que Allan Kardec denominou *perispírito* ou corpo espiritual. Como participa simultaneamente da alma e do corpo material, o perispírito serve de intermediário a ambos ; transmite à alma as impressões dos sentidos, e comunica ao corpo as vontades do espírito. No momento da morte, destaca-se da matéria tangível, abandona o corpo ás disposições do túmulo, porém, inseparável da alma conserva a fórma exterior da personalidade desta. O perispírito é pois um organismo fluídico ; é a fórma preexistente e sobrevivente do sêr humano, sôbre a qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla e invisível, constituida de uma matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos por mais impenetráveis que estes nos pareçam.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. O perispírito é que garante a manutenção da estrutura humana e dos traços fisionômicos, e isto em todas as épocas da vida, desde o nascimento até à morte. Exerce assim a ação de uma fórma, de um molde contratil e espansivel sôbre os quais as moléculas vão incorporar-se.

Êsse corpo fluídico não é entretanto imutável ; depura-se e enobrece-se com a alma ; segue-a através de suas inumeráveis encarnações ; com ela, sóbe os degraus da escala hierarquica, torna-se cada vez mais diafana e brilhante, para resplandecer, em algum dia, com essa luz radiante de que falam as Biblias antigas e os testemunhos da história a respeito de certas aparições. E' no cérebro dêsse corpo espiritual que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes, e é sôbre essas linhas que, na reencarnação, se modéla e se fórma o cérebro da criança. Assim, o intelecto e o moral do Espírito, longe de se perderem, capitalizam-se e aumentam-se com as existências dêste. Daí, as aptidões extraordinárias que trazem, ao crescer, certos sêres precoces, particularmente favorecidos.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispiritais, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutís, as mais delicadas.

Por efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sôbre o perispírito, o tornam mais pesado, denso e obscuro. A atração dos globos inferiores, como a terra, exerce-se de um modo irresistível sôbre esses organismos espirituais, que em parte, conservam as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos Espíritos que sentem tais necessidades sucedem-se rapidamente, até que o progresso pelo sofrimento venha atenuar suas paixões, subtraí-los ás influências terrestres e abrir-lhe o acesso de mundos melhores.

Estreita correlação liga os três elementos constitutivos do sêr. Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutíl, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sôbre o perispirito, tornando-o mais harmônico em fórmas e mais etéreo ; revelam-se até sôbre o próprio corpo : a face então se ilumina com o reflexo de uma chama interior.

E' pelas correntes magnéticas que o perispírito comunica-se com a alma. E' pelos fluìdos nervosos que ele está ligado ao corpo. Esses fluìdos, posto que invisìveis, são atilhos poderosos que a prendem à materia, do nascimento à morte, e mesmo nos sensuais, assim a conservam, até a dissolução do organismo. A agonia nos representa a soma de esforços realizados pelo perispírito afim de se desprender dos laços carnais.

O fluido nervoso ou vital, de que o perispírito é a origem, exerce um papel considerável na economia organica. Sua existência, seu modo de ação podem explicar bastantes problemas patologicos. Ao mesmo tempo agente de transmissão das sensações externas e das impressões ìntimas, ele é comparável ao fio telegráfico, transmissor do pensamento, e que é percorrido por uma dupla corrente.

A existência do perispírito era conhecida dos antigos. Pelas palavras — *Ochéma* e *Féroner*, os filósofos gregos e orientais chamavam o invólucro da alma «lúcido etéreo, aromático». Segundo os persas, assim que chega a hora da reencarnação, o *Féroner* atrae e condensa em torno de si as moléculas materiais que são necessárias à constituição do corpo, e, pela morte deste, as restitue aos elementos que, em outros meios, devem formar novos invólucros carnais. O Cristianismo tambem conserva vestígios dessa crença. S. Paulo, em sua primeira epistola aos corintios, exprime-se nos seguintes têrmos :

«O homem está na terra com um corpo animal e ressuscitará com um corpo espiritual. Assim como tem um corpo animal, tambem possue um corpo espiritual.»

Embora em diversas épocas tenha sido afirmada a existência do perispíriro, foi ao Espiritismo que coube determinar o seu papel exato e a sua natureza. Graças às experiências de Crookes e de outros sábios ingleses, sabemos que o perispírito é o instrumento com cujo auxilio se executam todos os fenômenos do magnetismo e do Espiritismo. Esse organismo espiritual, semelhante ao corpo material, é um verdadeiro reservatório de fluìdos, que a alma põe em ação pela sua vontade. E' ele que, no sono natural como no sono provocado, desprende-se da matéria, transporta-se a distancias consideráveis e, na escuridão da noite, como na claridade do dia, vê, percebe e observa coisas que o corpo não poderia conhecer por si.

O perispírito tem portanto sentidos análogos aos do corpo, porém muito mais poderosos e elevados. Ele tudo vê pela luz espiritual, diferente da luz dos astros, e que os sentidos materiais não podem perceber, embora esteja espalhada em todo o universo.

A permanência do corpo fluídico, antes como depois da morte, explica tambem o fenômeno das aparições ou materializações de Espíritos. O perispírito, na vida livre do espaço, possue virtualmente todas as fôrças que constituem o organísmo humano, mas nem sempre as põe em ação. Desde que o Espírito se acha nas condições requeridas, isto é, desde que póde retirar do médium a matéria fluìdica e a fôrça vital necessárias, ele as assimila e reveste pouco a pouco as aparências do corpo terrestre. A corrente vital circula então, e, sob a ação do fluìdo que recebe, as moléculas físicas se coordenam segundo o plano do organismo, plano de que o perispírito reproduz os traços principais. Logo que o corpo humano fica reconstituido, o seu organismo entra em funções.

As fotografias, os moldes obtidos na parafina, nos mostram que esse novo corpo é identico ao que o Espírito animava sobre a terra; mas essa vida só póde ser temporária e passageira, porque é anormal, e, os elementos que a produzem, após uma curta condensação, voltam às fontes donde foram emanados.

Uma Serva de Jesus

Major Levino Cornelio Wischral

Tina é o apelido de uma serva de Jesus que, em plena cidade barulhenta, entre òs soberbos arranha-céus, no meio de pessoas de todas as categorias sociais exercita-se no aprendizado do Evangelho, aliviando com passes os enfermos do corpo e amparando com palavras confortadoras os que impensadamente se atolaram no lôdo da perdição.

Procuram-na desde o muleque do cortiço até a virtuosa dama palaceana. Todos são atendidos em nome de Deus, uns são curados, outros esclarecidos e consolados.

Quando o espìrito protetor, um preto velho, se incorpora à médium Tina, ouço enternecido suas sábias sentenças. E' ele conhecido na intimidade como pai Joaquim; para os outros é apenas «um irmão do espaço». Seus conselhos são de causar admiração pela profunda filosofia que encerra e pelo modo singelo por que expressa opiniões exemplificadas.

Para cada cliente que dele se vem socorrer, tem o remedio apropriado na ponta da lingua; de relance, tudo vê e tudo sabe; conhece os pensamentos que desejariamos ocultar. E' espìrito de longa experiência; foi escravo africano em Minas, por ocasião de sua última vestimenta carnal. Em longíquas encarnações passadas fôra branco e tambem médico na Europa em outra ocasião.

Hoje consideramo-lo nosso familiar; não o vemos é verdade, tanto faz, mas sentimo-lo sempre presente.

Os que dele vêm receber fluidos vitais ou conselhos pedem logo, ou melhor, chegam a impor à medium sem cerimonias ou rodeios: «Queremos pai Joaquim, não queremos outro espìrito.» Sentem-se íntimos desse humilde guia.

E' interessante observar como cada consulente nutre a persuasão de que pai Joaquim trabalha exclusivamente para si; que a qualquer momento está à sua disposição. Ainda bem que todos o compreendem e praticam religiosamente o que o bom preto lhes recomenda. A fé é grande, por isso as curas vão se processando; os sofrimentos são amenizados, os obstaculos vão sendo contornados, tudo naturalmente sem invadir o livre arbìtrio alheio.

Constantemente, centenas de enfêrmos e necessitados permanecem a ele vinculados pelo pensamento, ligação essa que no espaço aparece em fórma de tênues e luminosos fios magnéticos, dando isso ensejo a que se forme um intercâmbio de paz e harmonia, altamente propìcio à recepção de energias restauradoras por parte dos doentes. Podemos comparar esse sistema de permutas, ainda pouco conhecido, como uma autêntica transfusão de sangue.

Expressa-se pai Joaquim através da médium em sotaque de preto velho dos tempos de antanho e, inconfundìveis gestos peculiares de pessoa alquebrada acompanham suas palavras. Como é lógico, nessa circunstância, transforma-se radicalmente a fisionomia e os modos de Tina que então tomam todas as caracterìsticas do irmão comunicante.

Já por duas vezes, ante uma assembléa espírita disse ele: «Vou falar agora diferente, falarei como branco»; e, instantaneamente toma posìção ereta e atitude peculiar de civilizado culto. Em seguida, tal qual cascata, sólta aos borbotões o verbo fluente como se fosse eximio orador das massas. Terminada sua eloquente oração, muda num lampejo, retomando a habitual fala de preto humilde. E' impressionante a rápida mudança que se processa na pessoa da médium, especialmente quando passa do falar de um escravo submisso ao tom de um exaltado orador.

Dirigindo-se certa vez a uma pessôa que se apresentava de semblante sisudo pelas vicissitudes, disse, enquanto lhe transmitia passes: «Meu filho, nada, absolutamente nada se perde na imensidão do Universo. Ainda que seja o mais raro e fugaz desejo de ajudar o pròximo é este desejo aproveitado pela divína alquimia que transforma essa — apenas intenção — em benefício para a pessôa a quem é emitido o pensamento.

Até o próprio autor de pensamento prejudicial, uma vez completado o ciclo dessa força destruidora lançada contra seu rival, recolherá para si valiosos proveitos, estes porém, advindos, infelizmente, como é lógico, pelo canal do sofrimento e gerados pela imutavel lei do choque de retorno.

Como vê, dentro do livre arbìtrio, podem uns alcançar a perfeição avançando sôbre os alvos e macios tapetes do entendimento fraterno, enquanto outros preferem rastejar morosamente sôbre os calhaus ponteagudos da discórdia.

Já escolheu você, meu amigo, o material para forrar o seu caminho? Lembre-se que, desejar ardentemente o bem aos outros é adquirí-lo para si próprio.

Aquele rosto sisudo iluminou-se de entendimento. Por quanto tempo? Quem o sabe!

De outra feita, enquanto o mensageìro celeste transmitia passes a uma senhora, ouvia-se o seguinte: «pai Joaquim, lá no hotel onde sou governanta, uma das empregadas olha para minha filha com muita inveja; eu não gosto dela e venho pedir um trabalhinho para arreda-la do nosso caminho; tenho medo que a criança adoeça.» Após pequena meditação o espírito respondeu: «Sim, vamos evitar maior mal induzindo aquela empregada a encontrar outra ocupação mais rendosa.» Julguei difícil o impasse, no entanto a solução foi cristã e totalmente imprevista; magistral saìda!

Um outro dia apresentou-se aflita pessoa desejosa de livrar-se de persistente e velha enfermidade na garganta, já lhe dificultando a fala e a respiração. Médicos explicavam diagnósticos complicados; curativos penosos já haviam sido aplicados e aviado o receituário de drogras caras.

A moléstia avançava com escârneo; e, por desencargo de consciência foi lembrado por alguém a médium lá do arranha-céu, não se fazendo esperar para o socorro o irmão invisível.

Foi uma luta titânica que se desenvolveu no plano espiritual em torno da enfêrma. Os médicos e enfermeiros do espaço tiveram de mobilizar certos apetrechos e aparelhos ainda nem imaginados pelo homem e, após laboriosa transmissão de passes horizontais e transversais, tudo se normalizou como por encanto. A doente que não falava e mal respirava, articulou, de pronto, palavras fortes e firmes. Em seguida, com humildade fez-se ouvir o guia: «Foi um irmãozinho desencarnado que se entranhou nas carnes da doente pela razão desta se referir ao morto com palavras de desrespeito. Graças a Deus êste espiríto já foi afastado e internado num sanatório do espaço. Muitos paralíticos e aleijões apresentam casos análogos».

Em outra ocasião e com relação ao facto narrado o tutor invisível esclareceu: «Há pessoas tão afastadas do amai-vos uns aos outros que vivem em negra e densa atmosfera de tamanho sofrimento e desequilíbrio psíquico que os espíritos inferiores se comprazem acompanhando-as como verdadeira chusma, famintos de torpes emoções. Naturalmente essa coabitação se faz por fôrça da lei de afinidade. Êsse lúgubre séquito é composto de espíritos das trevas, de formas mal definidas, de feições horripilantes, apresentando monstruosas carrancas».

Algumas vezes pela misericórdia do Pai, são essas pessoas, sem se aperceberem, encaminhadas a algum médium ou levadas a algum centro e oh! que ingentes esforços para isolar esses espíritos agarrados aos encarnados tal qual limalha ao imã, pois, o auxílio deve processar-se dentro do divino sentimento fraterno. Afastar, esclarecendo e conjugar a energia e o amor é algo difícil. Já experimentou?

Que fazer se há pessoas que cultivam e até com carinho êsse consórcio? Eis a razão por que, após os passes essas pessoas sentem-se aliviadas de alguma coisa que não sabem exprimir. Outros ficam leves e consolados com as bençãos do Alto.

Dai graças a Deus não terdes a vidência para não serdes aterrorizados por essas figuras hediondas. Não suportarieis. Necessitam de compaixão e muitas preces.

Nos dias de passes ou de trabalhos mediúnicos, afluem para o local, sob vigilância dos guias, dezenas, ou mais acertado, centenas de espíritos ansiosos por suavisar seus padecimentos em contacto com os médicos e enfermeiros da região etérea. Nem a pequenez do local, nem as paredes constituem obstáculo para os irmãos de cima. Falanges desses irmãos são acomodados onde normalmente não caberiam vinte pessoas encarnadas. Os espíritos do bem criam e ampliam fluídicamente com a rapidez do pensamento; seu desejo é um ato realizado.

A título de ajutório aos encarnados de boa vontade que se entregam sinceramente à doutrina, costumam os emissários divinos fazer postar à entrada das residências dos médiuns ou dos centros, quando necessário, um espírito amigo, tal qual sentinela de Cristo, incumbido de velar para que o aprendizado da seára de Jesus não seja perturbado por espíritos maus ou galhofeiros.

Entre os que se vem retemperar auferindo novas forças para seus corpos físicos e luzes mais brilhantes para suas almas são observados casos interessantes.

Há os que se ofendem e não mais voltam à presença dos guias, por destes ouvirem delicadamente verdades, incomodas na certa, porém, benéficas e necessárias.

Observa-se que cada um constrói seus cruciantes problemas ligando-os porém, mau grado, a mil outros obstáculos de pessoas de suas relações. Enorme relutância encontram os espíritos para desfazer êsse confuso emaranhado tecido através longo tempo pelas vibrações negativas. Se os encarnados cooperassem um pouquinho mais com o Alto, empregando de vez em quando ações fraternas, os abnegados mensageiros do Pai transformariam em lírios as pedras semeadas no sólo da nossa existência.

Com pesadas dificuldades plantam outros em seus corações a rara árvore do discernimento. Logo após, porém, apenas lançadas suas debeis raízes, arrancam-na violentamente por pretextos tão fúteis que chegariam até a pasmar ao irracional.

Ainda ressoam em nossos ouvidos os últimos ensinamentos dêsse bondoso espírito. Ouçamo-lo: «Cada pensamento perverso ou imoral posto em movimento contra alguém, injeta no autor dêsse pensamento, como indesejável herança, certa dose de perigosa toxina. Estes pensamentos indignos causam a enfermidade do corpo que assim permanece enquanto não se restabelecer a concórdia ou enquanto não perdoarmos áquele que nos ofendeu».

A procurada chave do segredo para a boa saúde é pois, projetarmos sempre ao redor de nós pensamentos puros e sublimes; enfim, pensamentos cristãos.

A verdadeira paz não está condicionada a interesses humanos. Ela está estribada na Justiça, salvaguarda do direito comum. E a justiça nos manda fazer sómente tudo que desejamos que os outros nos façam. Êste é o fundamento do amor fraterno pregado e exemplificado por Jesus durante a sua peregrinação na Palestina.

CAIRBAR.

Comparando

Ontem e Hoje

O ano de 1920 já vai longe; entretanto, jamais nos esqueceremos das grandes emoções que tivemos em janeiro dêsse ano, ao ouvirmos, em Realengo, no Centro «Amor e Caridade», a palavra de um grande orador espírita que tanto nos empolgou.

O conferêncista dêsse dia, sob a presidência do então brigada José Carvalho de Medeiros, foi o ex-frade Gustavo de Macedo (Frei Solanus), que nos provou, com abundancia de argumentos, tirados dos próprios Evangelhos, a inexistência do diabo.

Um ou dois anos depois, ao lado de Viana de Carvalho e de Manoel Quintão, em fraternal assembléia realizada na rua Camerino, fomos encontrar de novo o Frei Solanus que, perfeitamente identificado com os dois companheiros defendia a sublime tese das confraternizões entre espíritas então dispersos.

Ontem, unidos pelos mesmos ideais de confraternização, os maiores valores intelectuais do Espiritismo no Brasil, se empenhavam no sentido de congregados em torno de um objetivo comum, realizar, em defesa do Patrimônio Sagrado, um movimenio que pudesse defender a Doutrina das garras de possíveis vilipendiadores, tal como aconteceu ao Cristianismo no passado.

Em 1926, inesperadamente, vitimado por rebelde enfermidade, tomba entre os mortais, em perene luta pela imortalidade, o destemido e valoroso tribuno Viana de Carvalho.

Gustavo de Macedo, saudoso da sacristia, instala-se como pastor de uma nova igreja e vai assim, (até hoje), pregando como entende e como pode a sua religião, estendendo, no final das suas cerimônias, a destra que abençôa e recebe os beijos beatíficos da multidão de fiéis que comparece, aos domingos, à igreja da rua da Conceição em busca do único pastor do único «templo» dêsse gênero espiritualista.

Manuel Quintão, o mais digno padrão de honra dentre os muitos que ainda vivem e passaram pela Federação Espírita Brasileira, é hoje um solitário venerado pelos irmãos que o procuram na própria residência, afeiçoados ás suas atitudes de defensor intransigente do Evangelho do Cristo, o maior dos patrimônios.

Da cidade de Matão, repercutindo pelo Brasil inteiro, a voz do ardoroso apóstolo Cairbar Schutel, em «Parábolas e Ensinos de Jesus», definindo a religião dos homens, nos alertava contra o perigo da conspurcação a que estava ameaçada a Doutrina.

Hoje... nem é bom falar!

O Espiritismo agora é diferente. Sim, diferente daquêle que então pregaram os nossos maiores.

O Espiritismo de hoje é bem semelhante à religião dos homens da qual tanto nos falára Schutel. Confirmam as nossas palavras, tudo que vemos e ouvimos: os programas de rádio, as festas com foguetórios, músicas e bandeirinhas de papel de côr.

Em grande parte, o Espiritismo de hoje segue a trilha do cristianismo enxovalhado e transformado em religião dos homens.

Resta-nos, porém, uma esperança! E' que o Patrimônio Sagrado será defendido pelas fôrças do bem conjugadas e postas a serviço da Doutrina.

Aqueles que hoje, sem quaisquer credenciais se apresentam como lideres, fazendo do Espiritismo tablado de exibicionismo e sem nenhum respeito aos veneráveis paladinos que nos legaram, na conduta de cada um, tão rico patrimônio de virtudes, compreenderão por certo o valor da dignidade, e, embora relutando, hão de certificar-se da utilidade da nossa intransigência em não emprestarmos apôio aos que, em nome do Espiritismo malbaratam de novo o maior legado — o Cristianismo.

PEREIRA GUEDES.

A humildade não dissimulada é o caminho mais curto que nos conduz ao aprisco do Senhor. O maior sábio é aquêle que sabe ser humilde. — Camargo.

Descrucifiquemos o Cristo

Ao Padre Nonato Pinheiro
Da Academia Amazonense de Letras

SOMOS grato, duplamente reconhecido ao ilustre padre acadêmico, por nos ouvir pela *Rádio Baré* e nos honrar com a coluna de O JORNAL de Manáus, de 10 XII. Por honrar-nos com os hierogrifos de sua prosa a propósito da cruz, que lhe é um hierogrifo divino.

Atira-nos o reverendo Nonato com a responsabilidade do convite para descrucificarmos o Cristo! Entretanto, o convite parte de gente mais autorizada do que nós ambos, porque de um padre francês, Pierre Lange, cujo nome devia ter ouvido pronunciado por nós, conforme escrito seu, traduzido, inserto em A NOITE, do Rio, precisamente há uns dez anos. Crônica que possuimos arquivada; que aparecerá se houver mister. Gostariamos de assumir, para gaudio nosso, a autoria do convite, que o aceitamos, exatamente por sermos espírita, porque o Espiritismo está descrucificando o Cristo.

Concordamos com o Padre Nonato em que o Cristo dignificou a cruz. E, dignificou-a tanto, que afirmara: «Quando eu fôr alevantado na cruz, atrairei todos a mim». Mas, ser alevantado na cruz, não quer dizer Sua permanencia eternamente crucificado, o que tem feito, infelizmente, a Igreja de Roma. Continua crucificando-O duplamente: na Sua Doutrina, que adulterou dolorosamente, reduzindo-a à admirável organização temporal que aí está, «a obra política mais genial da inteligência humana», como afirma Augusto Comte; e no seu corpo simbólico. E' Roma aquela Sodoma apocalíptica: «onde também o Senhor foi crucificado», como se vê no Apocalípse (cap. XI-8).

O reverendo acadêmico, que se esparramou copiosamente, no jornal, com sua literatice hierogrífica, aproveite-se de espaço igual para desmentir-nos, provando que sua Igreja é a Igreja do Cristo. Faça-o, que nos encontrará para demonstração em contrário, folheando a História e as Escrituras, os factos e as ensinanças do Catolicismo...

Ficamos-lhe agradecido, também, por haver descoberto serenidade e nobreza até mesmo nos ataques à Igreja, na exposição que proferimos no *Teatro Amazonas*, irradiado pela *Baré*. Exposição que o ilustre reverendo classifica de discurso e conferência. Entretanto, nem conferência, nem discurso, que essas coisas xaroposas e vazias são próprias de políticos e reverendos. Somos mais objetivos, porque somos professor embora fóra de sua época. Assim, o que proferimos alí foi uma exposição didática, para os poucos que, nesses dias politicamente clericalizados, já têm olhos de ver, ouvidos de ouvir e inteligência de compreender. «Objeções mil vezes apresentadas e mil vezes respondidas», como diz o ilustre padre acadêmico? Duvidamos muito. O que ouviu pela *Baré*, foram argumentos que não se destróem facilmente, porque pela primeira vez coordenados e concatenados assim. E a prova é que, de todos os argumentos que encheram hora e meia, S. S. só se preocupou com a Cruz, em crucificar ainda mais o Cristo, porque não compreendeu nem sentiu o sentido que seu colega francês emprestou aos termos *descrucificar o Cristo*, que é realizar, em nome do Cristo. obras de piedade Cristã, de caridade e humanitarismo, o que a Igreja não faz, absolutamente. Agora mesmo na Igreja de Nazaré, em Belém, ouvimos do padre de lá que só a porta principal do templo reformado vái ficar em mil e duzentos contos... Ora, isso em nome do Cristo, e numa terra de pobreza e miséria, com o dinheiro arrancado à miséria e à pobreza, é, não há negar, crucificar, ainda mais, o pobrezinho do Cristo de Deus! E foram exatamente devido a crucificamentos como tais que a Igreja de Roma, toda poderosa durante «a noite de dez séculos» que foi a Idade Média, para Michelet, não fez a humanidade feliz, não conseguiu a espiritualização e a cristianização da humanidade, não evitou que surgisse a Reforma e é impotente para impedir o surto do Espiritismo. E, a despeito de ainda poderosa entre os povos primitivos em cultura religiosa, como o nosso povo, não tem fôrça para evitar que outras doutrinas se formem no seio de *sua cristandade*, oferecendo mais consolações e vantagens...

Se não existisse a dentro da Igreja e da Idade Média, um Tomaz de Aquino, seria fôrça admitir que, então, tal noite fôra, além de longuíssima, profundamente caliginosa. E a justiça que o expositor espírita fez ao grande vulto da Igreja, é prova de que o Espiritismo não precisa guerrear religião nenhuma para propagar-se. Não tivemos, assim, ataques ao Catolicismo. Comparamos, apenas, na consciência de que só se póde conhecer o melhor, pondo-o em confronto com o pior. Ademais, uma Doutrina que «não veio para afastar ninguém de sua crença, desde que se sinta bem nela», que reconhece «todas as religiões são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo», por isso mesmo que o Cristo ensina «tenho outras ovelhas que não são dêste rebanho»; uma Doutrina assim, não tem interêsse em atacar crença, e religião de ninguém. Mormente, se não tem sacerdote assalariado para pregá-la; se não consente que ninguém viva a explorar a fé alheia, que é o caso do Espiritismo.

Reconhecemos o grande papel que a Igreja desempenhou no passado. Negá-lo, seria crime que nenhum homem culto e de bem cometerá. Principalmente, por paixão sectaristica. Foi ela, não há negar, a depositária do ideal do Cristianismo. Principalmente, nos primeiros séculos, em que o Bispo de Roma ainda não tinha se arvorado a papa. Mas, admitir que, em pleno século XX, é ela o único caminho certo e curto de levar a criatura ao Criador; que sómente nos braços de sua cruz póde o homem chegar ao Cristo de Deus, é outra questão. Aliás, se bem ouviu pela *Baré* nossa exposição, devia ter sentido a lógica da argumentação que desafia contradicta de quem quer que seja, ainda que tenha maior graduação na hierarquia clerical e pertença a academias mais altas.

E ás suas prezadas ordens, Pe. Nonato Pinheiro, d. d. Membro da Academia Amazonense de letras!

Leopoldo Machado.

OS MORTOS FALAM

Wanderley Cabral

NO capítulo do progresso humano, é interessante notar, duas grandes correntes põem-se em campo e entrechocam-se.

De um lado, o labor redentor dos que propulsionam o rôlo evolutivo; do outro, a inércia neutralizadora dos indiferentes. Desta luta universal surgem os momentos atuais, onde as conquistas humanas se nivelam, como soma algébrica das derrotas e das vitórias. Como troféu dos tempos, afloram-se as parcelas progressivas do conhecimento.

Do movimento de uma tampa de chaleira e da queda de uma fruta, o homem concluiu as máquinas possantes e as leis imutáveis que regem as órbitas dos mundos. As impressões e sugestões do passado foram e continuam sendo aprimoradas.

O homem cresce, tudo sabe, tudo explica, tudo equaciona.

No entanto, que sabe êle de sua origem, de sua função, de seus destinos?

O que se tem é um amontoado de complicados princípios filosóficos que não nos levam a conclusão alguma.

A êsse respeito, pudemos, há dias, lêr, num vespertino carioca, uma crônica bastante expressiva em que Tristão de Ataíde, nome de todos conhecido, relata a sua decepção ao verificar o desentendimento e desproveito das conferências filosóficas a que foi assistir no estrangeiro. Verdadeiro cáos — afirma êle. E' acabrunhadora essa afirmação e não temos a pretensão de ratificá-la.

No domínio das cousas imateriais, não temos avançado muito.

Se, hoje, século das formas aero-dinâmicas e atômicas, inquirirmos acerca da alma, um grande silêncio sucederá, salientando o nosso descaso pelas cousas eternas.

Destas muitas dúvidas que o nosso desinterêsse gerou, aquí almejamos citar o problema da comunicação dos que já trasladaram as fronteiras do sepulcro. O que nos admira, nêsse particular, é a ignorância, não nos amedrontamos de dizer, que os nossos irmãos manifestam.

Desde os pródomos de nossa civilização houve a inter-comunicação entre os «vivos» e os «mortos», não constituindo novidade para ninguém a influência que exerceram as pitonisas e os oráculos nos governos antigos.

A Bíblia está repleta de fenômenos e comunicações e até mesmo Moisés nos fala do abuso dessas manifestações, obrigando-o a proibí-las os fins ilícitos para que o povo as usava.

Não desejamos, em verdade, retroceder tanto. No século passado, quando a nossa memória e a nossa razão podem, sem erros, atingir, encontramos o testemunho inalienável de uma plêiade de estudiosos, de cientistas, como Richet, Crookes, Bernard, Lombroso e tantos outros; que afirmou, depois de anos tormentosos de pesquisas; conscia e coesa: «Atrás das «mesas falantes» atua uma fôrça imperecível das almas imortais, despertando o mundo para Deus».

A célebre sentença — Sapiens nihil affirmat quod non placet —estava satisfeita.

Mas pouco adiantou o trabalho criterioso e sublime daqueles homens. A vaidade muito depressa lançou-o ao esquecimento. Ninguém, agora, o procura conhecer, discutir-lhe o mérito ou autoridade.

O importante, pensam uns, é negarmos tudo que não conhecemos e taxarmos de loucos aos que abraçaram as verdades que nossos olhos não querem, ou têm mêdo de ver.

Outros existem que, sem noções do assunto, afirmam serem as comunicações obras satânicas.

Aos primeiros receitaríamos um pouco mais de boa vontade, de interêsse, porque, ao menor desejo deles, elas se tornariam tão tangíveis, que nem mesmo os Tomés de hoje poderiam desacreditá-las.

E a questão merece respeito, eu acho, pois, como dizia Pascal, «é uma coisa que nos toca tão profundamente que é preciso ter perdido todo o sentimento para permanecer indiferente diante dela.»

Os outros convidaríamos para assistirem a uma «Sessão Espírita» e se integrassem dos ensinamentos divinos que delas emanam e dos propósitos bondosos dos Espíritos que através delas se comunicam e que bem se definem:

«O nosso propósito», fala a voz do além, «na atualidade, é cooperar convosco pela obtenção da paz e da concórdia no seio da coletividade humana.

Agora, filhos, já não são mais os homens os donos do trabalho, os senhores absolutos da tarefa. Tomando por seus companheiros os de boa vontade que se acham aí no planeta, buscando o aprimoramento anímico e psíquico onde aí se encontrem, são os gênios do espaço que, sob a égide do Divino Mestre, vem proclamar, por entre as sociedades terrenas, as consoladoras verdades, as grandiosas verdades.

Já agora, não mais se poderá abafar o ensinamento no silêncio escuro dos calabouços, porquanto uma nova concepção do direito e da liberdade felicita as criaturas.

É em razão disso que os túmulos falam, que os mortos voltam da sombra e do amontoado das cinzas, para vos dizer que a vida é o eterno presente e que a imortalidade, dentro dos institutos da justiça incorruptível, que nos observa e julga, é um facto incontestável.

Conclamando os homens, nossos irmãos, trazemos a todos o fruto abençoado de nossas penosas experiências, asseverando a cada um que o problema da paz e da felicidade está solucionado no estatuto divino. Tôdas as nossas atividades objetivam a revivescência do Cristianismo, na Terra, de modo que um templo se levante em cada lar e um hostiário em cada coração».

Se os homens procurassem no Evangelho orientação para todos os seus empreendimentos e para bem cumprirem as suas tarefas, o Espírito do Cristianismo ha muito já teria desfraldado a sua bandeira em toda a parte do vosso mundo, onde existisse uma alma pensante e anciosa por progredir e alcançar a verdadeira felicidade. Porisso que pregar o Evangelho em espírito e verdade é orientar com acerto aqueles que, à margem da estrada da vida, esperam quem lhes indique um lugar realmente bom. — CAIRBAR.

ÚLCERAS FANTASMAS

Odilon José Ferreira

OS médicos estão colocados diante de um problema que irá dar-lhes muito que pensar, estudar e trabalhar: a constatação das chamadas «úlceras fantasmas» em vários pacientes submetidos a tratamento, os quais apresentam todos os sintomas de úlceras gástricas e duodenais, e que, entretanto, não são portadores de tais enfermidades. Há poucos anos ocorreu em São Paulo um caso que intrigou profundamente os esculápios. Um *doente* apresentou-se em certo hospital queixando-se de fortes dores indicativas de úlcera no estômago. Tirada uma radiografia com todos os cuidados técnicos, nela estava a figura de grande úlcera localizada no estômago do paciente. Impunha-se urgente operação a que se submeteu prontamente o *doente*.

Abertos o abdome e o estômago, neste, entretanto, não foi encontrada a úlcera radiografada. Uma úlcera fantasma... E o *doente* continuou sofrendo as dores terríveis ocasionadas por uma úlcera de que não era portador!

Como poderão os médicos definir semelhante facto?

Os médicos espíritas possuem a chave do problema, que está no Espiritismo — ciência, filosofia, religião — mas os médicos materialistas só poderão engendrar teorias não concludentes, por faltar-lhes a possibilidade de explicarem aquele fenômeno que se prende à existência do perispírito e fluídos que todos nós possuimos, mas a Medicina não quer investigar. O problema, no entantto, é gritante, e mais cêdo ou mais tarde terá de ser resolvido, embora já o esteja agora pelos médicos espíritas, considerados pelos seus próprios colegas materialistas como portadores de *macaquitos no sotão*...

Incontestavelmente, porém, os *malucos* de hoje é que poderão dar aos negadores do espírito mais uma grande lição de patologia isenta da peia materialista. E assim acontecerá, para que o progresso da ciência médica avance cada vez mais até que volva sua atenção para os fenômenos espíritas que afetam profundamente as funções fisiológicas da criatura humana.

Problemas como êsse, os casos de obsessão e tantos outros cuja causa reside na ação que os espíritos desincarnados podem exercer sôbre os incarnados, só poderão ser resolvidos à luz do Espiritismo, a Terceira Revelação das Leis de Deus, que os cientistas precisam e devem estudar para não permanecerem encerrados na sua torre de marfim de orgulho e preconceitos absurdos. Nós, os espíritas, tão malsinados pelos que à luz do mundo são considerados doutos, sabemos de há muito tempo que a «úlcera fantasma» e muitas outras manifestações mórbidas nada mais são que o efeito da atuação consciente ou não de espíritos cujos corpos somáticos morreram vitimados por úlcera gástrica ou outras enfermidades que continuam no outro plano da vida a existir nos seus perispíritos, reproduções fluídicas dos corpos carnais. Por que processo? Um espírito em sofrimento, quando se aproxima de um sensitivo, incarnado, consciente ou inconscientemente pode ligar seu perispírito ao dêste, transmitindo-lhe as sensações que experimenta, até mesmo ao ponto de imprimir no seu corpo a configuração de feridas, manchas, como no caso da úlcera. Haverá, então, como que uma entrosagem dos perispíritos que se aproximam, se assim me posso expressar, e daí localizar-se a úlcera perispíritica radiografável mais ou menos no ponto onde ela existiu no corpo morto. Para um materialista, essa concepção nada mais significa que um erro crasso de interpretação desses fenômenos; mas, para nós espíritas, é a única que pode solucionar o problema em estudo. Sem embargo dessa maneira de interpretar o fenômeno — úlceras fantasmas — os médicos materialialistas continuarão a constatar outros casos, contestar a teoria espírita, sem apresentarem uma solução ao problema.

O pior cego...

A felicidade é o fruto da nossa paciência, amor e perseverança. E' o fruto, enfim, das virtudes ativas e não dos bens temporais. — GREGORIO.

Será nossa Alma uma glândula á parte em nosso corpo?

Não! Hoje, podemos dizer que não! Alma ou Espírito são uma só e a mesma cousa, apenas as palavras são diferentes. E já dissemos que nós é que somos espíritos, apenas com a diferença que estamos encarnados. Somos, portanto, ESPÍRITOS ENCARNADOS, e a ALMA é o nosso ESPÍRITO DESENCARNADO! Óra sendo o nosso CORPO ESPIRITUAL um corpo organizado, tão real e verdadeiro quanto o nosso CORPO HUMANO, tem aquêle, tanto quanto êste, sangue em suas veias, nervos, carne e óssos; apenas, o que o torna diferente é que, para os sentidos de que dispomos quando ENCARNADOS, não o sentimos como o vemos com os olhos de nossa ALMA, porque nossos sentidos dentro da matéria física terrestre, quando encarnados, perde a sensibilidade própria do nosso CORPO ESPIRITUAL, para só dispôr da sensibilidade das matérias — TÃO PESADAS COMO AS DENSIDADES DO PLANO EM QUE HABITAMOS. Isso, sim, é o verdadeiro!

Não é a nossa ALMA uma glandula que se localize em alguma parte de nossos corpos, quer ESPIRITUAL quer HUMANO! Não! ALMA ou ESPÍRITO, já o dissemos, são uma só e a mesma cousa! Somos nós! Se assim não fôsse poderiamos extraír *essa glândula*, nossa ALMA, e transplantando-a enxertá-la em outro corpo e ELA, de novo, o animaria, e êle, de novo, viveria em toda plenitude de seus sentidos humanos!... E, no entanto, desde que nos conhecemos como humanidade habitantes dêste planeta, jamais foi dado ao Homem o poder de realizar essa transplantação, a não ser nas tentativas sonhadoras daqueles que, ainda, desconhecem que a ALMA que anima todo nosso CORPO é NOSSO CORPO ESPIRITUAL; que dá vida, faz sentir e chorar; faz amar e odiar, nosso CORPO HUMANO! Afastado nosso CORPO ESPIRITUAL, pelo desencarne, cessa, por completo, todo poder sensitivo de nosso organismo, o que nos permite afirmar que é nosso CORPO ESPIRITUAL que sente, em todos os orgãos de seu organismo de ESPÍRITO ou ALMA.

Afastado o ESPÍRITO, ficam os despojos mortaes, para serem devolvidos á terra, na afirmação da máxima de LAVOISIER: «*na terra*» nada se perde, nada se cria; tudo se transforma!»

Admitamos a hipótese de um corpo cujo desenlace se tenha dado a minutos e que os Homens de Ciência quisessem provar que é numa glândula que reside toda nossa faculdade de viver! Então, rapidamente, tomando de um corpo humano em toda extensão de suas faculdades de corpo vivo, retiram essa glândula e tansportando-a para aquele corpo — já inanimado, enxertando-a, aguardariam que êle, de novo vivesse! Êsse milagre se realizaria? Por certo que não! Mas, se, de novo, o CORPO ESPIRITUAL ali voltasse, êsse corpo viveria, novamente, com todas as manifestas expressões de seus sentidos, como o fez o MESTRE, ressuscitando LÁZARO! Não lhe enxertou o MESTRE nenhuma glândula, mas, sabemos, apenas, pelo seu poder, fez que, de novo, voltasse o seu CORPO ESPIRITUAL!

Vejamos no reino vegetal! Tomemos, para figura mental desta nossa crônica, um exemplar de uma planta muito conhecida entre nós: a Mangueira. Examinemos-lhe a sua semente, o caroço de manga, como dizemos, e abrindo a sua cápsula não veremos alí, nada que represente: raiz, tronco, galhos flôres e frutos. E, no entanto, lançada essa semente á terra, dias depois, surgem as primeiras folhinhas, tenras, pequeninas, para se transformarem, gradativa e progressivamente, na planta cujo grosso tronco, coberto de numerosos galhos, tornam frondosa a copa verdejante, repleta de flôres e frutos! Da semente que vimos, ontem, contemplamos, hoje, bela e frondosa mangueira! E, perguntamos: onde reside a vida naquela árvore? nas suas raízes, agarradas firmes, ás entranhas da terra? na magestosidade da grossura de seu tronco? na soberba imponência de seus galhos? ou no explendor de suas flôres? Ou, quem sabe, se no recôndito de seus deliciosos frutos?

Raiz, tronco e galhos, todas as partes da planta sofrem quando são feridos. Mas, não desconhecemos que a *raiz* é a *séde* onde se projetam todos os danos causados em seu organismo celular. Mas, a manifestação expressa da VIDA, está em toda a sua estrutura, tanto nas flôres como nos frutos. Cada galho que cortarmos, cada flôr que arrancarmos é um pedaço de VIDA que tiramos! No HOMEM, também, cada pedaço de seu corpo que lhe tirarmos é um pedaço de VIDA, que lhe extraimos! A VIDA, no HOMEM como nas PLANTAS, está no TODO!

A SÉDE DA VIDA, sim! Essa, em todas as creaturas, no HOMEM ou nas plantas, têm um centro que age segundo as determinações do PÁI, no ato da CREAÇÃO! No HOMEM êsse centro é o CÉREBRO; nas plantas, a RAIZ! Córte-se a cabeça de um HOMEM e a raiz de uma PLANTA e ambos morrerão! Córte-se quaesquer uma de suas partes, e, apenas, lhes arrancamos um pedaço de VIDA!

Gumercindo Lopes Coimbra.

O Corpo Astral Fotografado no Momento da Morte

«Revista de Metapsicologia» — Por U. P. Wan Walt

Tradução de Antonio Castanheira de Moura

Senhoras e Senhores: Permitam-me que chame a vossa preciosa atenção para uma das mais recentes experiências, realizada no passado mês de Setembro (1933), pelo Dr. R. A. Watters, F. R. S. A., diretor da Fundação para as investigações psíquicas do Dr. Wm. Bernard Johnston (E. E. U. U.), cujas experiências provam, de uma maneira concludente, ter sido descoberto o ponto onde se localiza a alma no corpo vivo. Tal facto reveste-se de uma grande importância, se considerarmos que tais trabalhos têm sido levados a cabo, em bases estritamente científicas, por um sábio iminente.

O objetivo de todos os sábios tem sido, sempre, determinar qual a forma ou princípio responsável da matéria animada; porém, até 1933, nenhum pôde resolver êste problema de vital importância. Há no entanto duas hipóteses que se defrontam: — a hipótese mecanicista e a vitalista.

A teoria mecanicista pretende que a *vida* é uma série de fenômenos elétricos, químicos e mecânicos.

A teoria vitalista sustenta, em contra-partida, que os fenômenos elétricos e a atividade química são inerentes à *vida* e que o organismo, com a sua complexidade, está dirigido por uma *fôrça interna* ou *princípio diretor*, que é, em úlma análise, a *alma*.

A escola mecanicista diz que, quando a *vida* tenha deixado o corpo, tal facto não significa outra coisa do que os fenômenos fisiológicos e psicológicos terem igualmente deixado de produzir-se. O organismo, por conseguinte, nêste caso, morreu, se considerarmos que os fenômenos que produziam a vida, tenham deixado de ter lugar; em resumo, a filosofia mecanicista pretende que *nada abandona* o corpo no momento da morte.

A hipótese vitalista afirma que *algo* abandonou o corpo, quando êste morre. Agora surgem os meus prezados confrades srs. Matla e Zaalberg van Zelst que nos vêm dizer que pesaram o corpo astral dos vivos, tendo concluído que êste pesa aproximadamente 2,5 onças; quer dizer, umas 60 gramas.

O Dr. Duncan Mac Dougall de Haverhill Mass (E. E. U. U.), confirmou êste resultado, tendo-se assim comprovado uma perda de pêso de mais de 60 gramas no momento da morte.

Ainda que a escola vitalista prove que tem razão, dado, todavia, os factos expostos, não pôde dar a prova da sua teoria quanto à causa da perda do pêso referido. A escola vitalista baseia-se mais na fé que nos factos, vendo-se, por conseguinte, os seus partidários, obrigados a apoiarem-se em teorias onde a escola mecanicista se refugia, ou seja, nas observações de laboratório.

Antes que os vitalistas possam desacreditar a hipótese mecanicista, devem provar que a alma existe e que a sua existência é necessária à *vida*. A Ciência não presta ouvidos a uma alma hipotética; — quer, antes, qualquer coisa de mais tangível.

Agora Gaskell reuniu as duas teorias num livro intitulado: «Que é a Vida?» Ela (Gaskell) considera que a *vida* e a *alma* são uma mesma coisa. Observa a vida e alma como uma *quantidade*, e como tal, uma *intra-atômica*, e, dêste modo, alguma coisa há que abandona de facto, o corpo físico, no momento da morte.

No ano passado, a maior parte do mundo científico admitia, com razão, a teoria mecanicista, posto que esta teoria podia, pelo menos, apresentar factos, podendo mesmo continuar as suas investigações empíricas.

Porque nos levaria muito longe citar todas as experiências que têm contribuido amplamente em apôio da teoria mecanicista, citaremos sómente algumas:

Jacques Loeb F. I., descobriu que os ovos de certas formas de vida podiam desenvolver-se sob a ação de certos métodos físico-químicos.

Gerge Rohn realizou expêriências similares com a ajúda de emanações de rádio.

O filósofo russo Kuljabko colocou corações de frangos mortos em determinadas soluções salinas, e logrou fazê-los palpitar de novo.

Camel isolou algumas células do tecido conjuntivo do coração de um embrião de frango; estas culturas de células vivas, nutridas de extractos de embriões de frango, têm-se podido conservar vivas durante mais de vinte anos.

Os Drs. Wheeller e Kirby, demonstraram igualmente que a secção da iris no tecido vivo do olho vive e desenvolve-se mesmo fóra do corpo do animal.

Porém, as mais notáveis experiências, sem dúvida, foram as levadas a efeito por Crile. Tais experiências pareciam provar, de modo concludente, a hipótese mecanicista. Crile chegou a *criar* a vida, pois obteve algumas células de uma mescla de tecidos e estas comportaram-se como organismos *unicelulares* vivos. Designam-se estas por *células autosintéticas*. Assim mostraram uma ação paralela à dos organismos vivos; quer dizer: que a falta de oxigênio as destrói e quasi todos os agentes que prejudicam as células vivas atingem igualmente as *bélulas autosintéticas*. Crille parecia assim ter provado que a vida é um resultado da atividade química e elétrica e que, quando da sua ausência, a vida deixava de existir; por outras palavras: «que a aludida atividade é o fenômeno responsável da vida.»

A base dos trabalhos de Crile, fundamentava-se sôbre a natureza física da morte, a qual consiste em medir o potencial elétrico dos animais, plantas e frutos, durante os diferentes estados das suas condições de vida e de morte, pois, segundo o seu critério, a vida é assim considerada: «A vida, diz; pode definir-se como um potencial que se mantém, sendo a morte a perda daquele mesmo potencial.»

Como é natural, e perante este resultado, o mundo cientifico ficava, de certo modo, obrigado a submeter-se à teoria mecanicista, a qual se apoiava sôbre todos estes factos. Por conseguinte, e perante tais factos probatórios, que podiam fazer os vitalistas, se não tivessem esperança de provar as suas idéias antes de chegarem a poder demonstrar e provar a existência da *alma*; se tal prova não se fundamentasse, em parte, no domínio da psicologia e, de algum modo, na física, posto que depois de tudo, o organismo vivo é a *matéria?* A única diferença nos dois estados físicos é que a matéria animada possui *algo*, que, uma vez perdido, a matéria é *morta*. Uma é *animada* e a outra é *inanimada*.

No entanto, e depois da descoberta dos raios x e do rádio, temos podido adquirir informações definidas acerca da constituição da *matéria*. O estudo dos universais radioactivos e ainda as análises das estruturas atômicas, têm-nos levado à compreensão do plano de trabalho da matéria.

Nos princípios do século atual definia-se a matéria como sendo composto de átomos, os quais julgávamos que representassem as mais pequenas partes em que se podia dividir uma substância. Agora sabemos, porém, que os átomos estão compostos de electrões (cargas negativas de eletricidade) e de protões (cargas positivas de eletricidade). *Toda a matéria* está formada por atomos, quer seja um livro, uma pedra, uma flor, ou um ser humano; esta a composição última da matéria que é de natureza atómica.

Este átomo pode ainda dividir-se em duas partes: o núcleo e o electrão.

O núcleo, o protão, é uma carga positiva de eletricidade, e os electrões são cargas negativas, como já acima tinhamos dito. Podemos ainda representar o átomo como um sistema solar; quer dizer: um sól (ou núcleo), ao redor do qual giram os electrões.

A distância entre o núcleo e o electrão anda à volta de uma *milionésima* do milímetro. O electrão gira ao redor da sua órbita minúscula, com uma velocidade enorme, computada numas 1.400 milhas por segundo. Para poder dar uma idéia desta rapidez, é interessante recordar que numa *milionésima* de segundo o electrão dá *sete mil milhões* de voltas em redor da sua pequena órbita. Se um átomo perde um de seus electrões, a carga positiva do núcleo sobrepassará a carga negativa dos electrões e o átomo será então positivo, ou o *ion positivo*.

Em contrapartida, se um átomo toma outro electrão, ou melhor, perante outro electrão a carga negativa dos electrões será maior que a carga positiva do núcleo e teremos, assim, um átomo negativo ou *ion negativo*. Um *ion* é, em resumo, um átomo desequilibrado.

Agora, porém, com a descoberta da relatividade, temos conhecimento do átomo e, assim, encontramos uma melhor compreensão da estrutura atômica.

E porque é que temos conseguido está melhor compreensão? Sensivelmente porque um mineral radioàtivo passa constantemente por um processo de rutura atômica e de transmutação, em virtude das estranhas emissões de raios radioactivos.

Estas emanações radiotivas são os raios *alfa* e os raios *gama* e, é, graças aos minerais radioativos que podemos explorar as estruturas dos outros átomos. O raio *alfa*, por exemplo, é um projetil que atiramos sôbre o átomo; e conforme a maneira de proceder, assim temos aprendido alguma coisa, quanto à estrutura do átomo.

Os efeitos dos raios *alfa* e *beta* sôbre os outros átomos, observam-se por meio de um invento engenhoso chamado *câmara de expansão de Wilson*. Trata-se de um aparelho que torna possível o estudo dos movimentos das emanações radioactivas durante a sua passagem através de um gás. A câmara de expansão Wilson compõe-se de um cilindro de bronze, vidrado na sua parte interior, formando uma caixa que se introduz, algumas polegadas abaixo, no cilindro principal. Esta caixa é circular e pode acionar-se por cima e por baixo; chama-se câmara de observação, onde há um recipiente para amostras, no qual se pode colocar os minerais radioactivos e amostras biológicas, etc. Em ângulo recto com o recipiente das amostras, há uma poderosa lâmpada que ilumina as operações. Ao dar algumas voltas ao volante produz-se, automaticamente, uma nuvem de neblina artificial.

Agora sabemos que quando uma nuvem se forma, tem a tendência de se condensar sôbre *algo*, pelo menos se existe alguma coisa sôbre a qual o possa fazer.

Introduz-se um fragmento de rádio, e logo se projetam através da nuvem citada, os raios *alfa* e *beta*. A velocidade dos raios *alfa* é tal, que não rompem o ar como o faz uma bala de artilharia, mas sim lança-se diretamente através da *frota*, estrutura atômica do ar, sem fazer outra coisa do que tirar um dos electrões do átomo.

Como já temos visto, os átomos do ar desiquilibrados pela perda de um electrão, transformam-se em *ions* positivos ou negativos. É o que se chama processo de ionização. Estes *ions* atraem então a humidade, formando a neblina ou nuvem artificial, a qual se condensa sôbre estas ínfimas partículas que refletem a luz, de modo tal que, quando os raios *alfa* atravessam a nuvem, deixam atrás de si uma estrela luminosa a qual se pode fotografar. E, assim, chegamos agora à fotografia da alma. A propósito, irei em seguida, desenvolver, com certa amplitude, o problema da fotografia dos *ions*, o que constitui uma experiência de física muito conhecida a fim de ressaltar o princípio em que se baseia a fotografia da alma, e também para que se possa compreender de que maneira se tem podido fotografar o corpo astral.

A base de todo o processo é a seguinte: Se a neblina se condensa sôbre as partículas infinitamente pequenas dos *ions*, os quais se podem fotografar, graças à humidade que se condensa sôbre eles, seria completamente possível, e de modo algum absurdo, que esta neblina se fixasse igualmente, aderindo ás partículas dessa *quantidade* — chamemos-lhe quantidade — do corpo astral que se separa do corpo no momento da morte.

Esta experiência tem sómente por objeto estabelecer, que o facto de uma determinada quantidade se separar do corpo, num trabalho de laboratório, equivale à prova concludente de que esta quantidade que se desprende é a vida.

O postulado de Gaskell, apoiado em assuntos físicos, prova que todas as formas de vida, todos os organismos complexos, possuem uma quantidade intra-atómica.

Os experimentadores arguiram que, se a alma existe, deve albergar-se nos espaços intra-atómicos dos átomos de que se compõe a estrutura celular.

Eldugton disse: «Se todos os átomos de um corpo humano se pusessem juntos, ocupando um pequeno espaço, o homem inteiro não seria maior que um ponto, semelhante à ponta mais fina de um *lápis*. Se isto é assim, o corpo físico de um organismo está, por conseguinte, composto, sobretudo, por espaços intra-atómicos ou entre-atómicos; e se nestes existe a alma, temos de a procurar. E se as quantidades infinitesimais, como os *ions* positivos e negativos, se podem localizar, e fotografar os seus fenômenos por meio de um aparelho, parece provável que o aparelho em questão poderá, igualmente, descobrir os fenômenos intra-atômicos».

O resultado destas experiências levam-nos á comprovação de que, na realidade, um *corpo imaterial* se desprende do corpo físico no momento da morte, tornando-se, assim, visível por meio do vapor da água, deixando-se, dêste modo fotografar, como demonstrarei mais adiante.

Watters escolheu os moluscos como a forma mais ínfima da vida, para proceder ás suas experiências, as quais foram ensaiadas, primeiramente, sôbre uma corpulenta lagosta.

Próximo dos laboratórios havia uma grande quantidade destes animais. Tomou-se uma centena destes moluscos para amostras. Separaram-se cincoenta, colocando-as na câmara de experiência, e as outras cincoenta deixaram-se, para, assim, se poder determinar a melhor maneira de lhes produzir a morte; finalmente foi escolhido o éter como agente mortal.

Ainda que tomando todas as precauções, era impossível predizer, com precisão absoluta, qual o momento exato da morte real porque, em diversas amostras, a morte produzia-se em momentos diferentes. Compreender-se-á muito facilmente, que êste gênero de experiências nem sempre assegura, em cada caso, um êxito completo, pois é preciso adivinhar quando se produz o momento ideal para a exposição fotográfica.

Primeiramente, a lagosta é colocada na câmara de ensaio, num dos extremos desta, onde se coloca, em seguida, um bocado de algodão saturado em éter e, no momento preciso, que calculamos ir dar-se a morte, dispara-se o aparelho fotográfico.

Agora temos de fazer ressaltar um facto muito interessante, relacionado com as experiências, que é o seguinte:

Enquanto se fazia a exposição fotográfica, retirava-se a lagosta da câmara, injetando-se-lhe adrenalina que, como é sabido, é uma espécie de revivicante do organismo.

Nalguns casos, depois desta injeção, a lagosta dava sinais de vida, provando assim que a fotografia se havia realizado antes do agente moral ter tido tempo de produzir a morte.

Em todos os casos em que uma lagosta deu sinais de voltar à vida, ainda que depois de algumas horas, a fotografia não acusava qualquer sinál de sombra suplementar ou sombra astral.

E nos casos em que a fotografia mostrou sombras características, ou formações de corpos imateriais, *os moluscos nunca mostraram a mais pequena prova da volta à vida, ainda que tivessem recebido injeções de adrenalina* e sido conservados em cuidadosa observação durante períodos de tempo que variam de 8 a 14 horas.

De 50 provas, em 14 apareceu o fantasma do molusco sôbre a chapa fotografica; e em nenhum destes 14 casos qualquer voltou à vida; quer dizer que o molusco estava realmente morto.

Quero ainda mencionar um ponto interessante, para assim impedir aos cépticos e aos nossos antagonistas que declarem que estas formas nebulosas podem ser provocadas pelo acaso de formações acidentais de gás. Quero fazer fincapé na circunstância da aparição dos *fantasmas*, que, segundo a teoria, deviam aparecer. Por outras palavras, quando as experiências são levadas a efeito com lagostas, é uma forma de lagosta que se faz visível nesses *fantasmas*, sendo estes *sempre* de acôrdo com os contornos da forma física. Que cada caso e em cada repetição, as provas, quanto ao corpo astral, eram as características do corpo físico do objeto sujeito. Nada foi deixado à casualidade; nunca uma *contrapartida* imaterial de um rato, por exemplo, se formou quando o objeto sujeito era uma rã.

De uma rã emanava o fantasma de uma rã; de um rato, o de um rato. Fizeram-se centenas de experiências e os resultados fotográficos foram sempre de resultados positivos, quanto ao que respeita à correlação fantasmal com os contornos da amostra — objeto. Teremos de ter em conta a deformação do fantasma, devido às condições físicas que existiam na câmara de vapor.

Os experimentadores crêm, assim, haver demonstrado que um corpo imaterial, se desprende do corpo físico, no momento da morte real, da mesma maneira que se sai de um vestido, concluindo que parece evidente que se obterão resultados similares com as formas superiores da vida, entre elas o homem, em condições experimentais adequadas, posto que, até agora os experimentadores se tenham limitado a operar com animais que representam a mais baixa forma de vida.

Pessoalmente, não creio que exista, entre os fenômenos que constituem a grande cadeia de provas sôbre o que se baseia a verdade do Espiritismo, outro que demonstre de uma maneira tão convincente, da sobrevivência após a morte, como os fenômenos de bilocação, nos quais se demonstra a separação do corpo astral do corpo físico.

Os próprios alemães, Dr. Uans Driesch e Mattiensen, que são, até certo ponto, de opinião oposta ao Espiritismo, têm admitido que se chega a provar que o organismo vivente está composto de um corpo fisico e de um corpo imaterial, o qual pode existir independentemente e fora do corpo físico; assim, o Espiritismo teria então uma base firme, levando a Ciência a aceitar a hipótese espiritista como lógica.

Este é, por conseguinte, o mérito das experiências do Dr. Waltters, as quais demonstram em condições experimentais, que *morrer* quer dizer, praticamente, que uma contra-parte do corpo físico se liberta, e a morte não afeta mais que a parte física do organismo vivo.

Dadas as experiências de Waltters, é lógico e razoável atribuir e esta *contra-parte imaterial*, a *quantidade imaterial*, que se liberta depois da morte, e a produção de centenas milhares de fenômenos supranormais, que têm preocupado a Humanidade, pois dada a sua origem têm constituido um verdadeiro quebra cabeças para a Ciência, desde há longos anos.

E, assim, é muito mais lógico e razoável atribuir essas mensagens misteriosas que recebemos... de alguma parte, a esta *contra-parte astral*, uma vez demonstrada a sua existência, sem a sombra de uma dúvida, que inventar toda a classe de teorias e de hipóteses complicadas, pseudo-científicas, frequentemente ridículas, para assim negar esta grande, santa e maravilhosa verdade, que é:

> os nossos mortos estão ativos,
> são tão vivos como nós, encontram-se em nossa volta, vivendo
> conosco em todo o sempre.

Esta é a conclusão final a que se pode chegar, depois das experiência do Dr. Waltters.

(Palavras proferidas no Congresso Internacional de Espiritismo de 1932, em Barcelona).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Salve, Grande Missionário!

Após uma noite tenebrosa, surgiu a aurora bendita, espargindo uma luz suave para uma nova jornada... Aos homens de boa vontade ela veio iluminar o roteiro e representa mais um derrame do Amor e da Misericórdia Divina.

Aurora, sim ! pois, cumprindo a sua promessa feita na Palestina, o glorioso Mestre enviou realmente, no século passado, o seu embaixador, longamente esperado, «O ESPÍRITO DA VERDADE». E recebeu a incumbência de restaurar e relembrar não sómente TODAS AS COISAS (ensinadas no passado), mas viria ainda com o fim de nos inteirar daquilo que a humanidade do passado não podia comportar devido ao seu estado evolutivo.

Assim despontou, há cerca de cem anos, a bendita aurora depois de uma noite tenebrosa e multi-secular. Para esta finalidade e com a necessária antecedência, o querido Mestre mandou que se estabelecessem os alicerces no mundo material, escolhendo o vaso (missionário) que futuramente deveria colaborar com o ESPÍRITO DA VERDADE no plano material e com a função de coordenar tudo, nos moldes de uma organização completa e adequada. Êste missionário encarnou-se em 3 de Outubro de 1804, na cidade de Lion, na França. Ao iniciar a sua grandiosa missão já era médico e doutor em ciências e letras. Seu nome foi: Dr. Léon Hyppolite Dénizard de Rivail. O seu pseudônimo: ALLAN KARDEC. — Era a figura de um homem destemido e capaz de enfrentar, de vizeira erguida, o mundo da ciência em meiados do século passado.

Sim, espírito destemido era Allan Kardec, pois, não temia ser vilipendiado e ridicularizado pelos dardos venenosos, não só por parte dos homens de ciência, como também, teria de esperar uma tremenda reação do clero dos vários credos religiosos, que o atacariam sem piedade e com o máximo furor.

Aliás, sempre foi assim nêste mundo semi-selvagem e cheio de ignorantes orgulhosos! Todas as inovações e descobertas, antes que beneficiassem a humanidade inteira, eram recebidas com rijos ataques, isto é, com asperas censuras e críticas malevolas; principalmente pela classe chamada de «intelectuais...» e pelo clero. Citaremos apenas: Galileu, João Huss, Martin Luthero, Galvano, e os descobridores: do para-raio, da circulação do sangue, da caldeira a vapor, da estrada de ferro, do telefone, da arte de voar, etc. etc.

As coisas, no correr dos séculos, pouco se modificaram. Ainda hoje vemos a reprodução clássica do «apedrejamento» pela palavra, tal como nos tempos do Mestre existia o apedrejamento real... Sem dúvida, ambas as maneiras de «apedrejamento» revelam tristemente a ignorância e o atraso. Vejamos bem: outróra a estupidez andava despida, e hoje, ela faz uso de uma capa «cientificamente» ou «religiosamente» talhada e confeccionada... eis a diferença.

Mas, voltemos ao assunto. O ESPÍRITO DA VERDADE, com as credenciais do querido Mestre Jesus, supervisionou a transmissão das Revelações que o glorioso Mestre e Salvador, cheio de amor e, com muita pena das suas ovelhas transviadas para o abismo do materialismo puro pelos lobos camuflados em péles de carneiro, mandou derramar por meio dos Seus mensageiros celestiais.

E Allan Kardec, também, espírito circunspecto, estudou, analisou e coordenou estas dádivas do céu, que os Espíritos lhe ditaram por médium escolhido.

Daí surgiu a nova Doutrina, e, em se tratando de uma doutrina que não representava o produto do cérebro dos homens carnais, e sim, de uma grandiosa REVELAÇÃO trazida pelos Espíritos do Senhor, Allan Kardec ponderou muito bem e decidiu: Considerando ter sido trazida a doutrina da Terceira Revelação pela graça do ESPÍRITO DA VERDADE e, tratando exclusivamente das coisas do espírito, ela será chamada doutrina espírita ou Espiritismo, simplesmente.

Desincumbiu-se assim O ESPÍRITO DA VERDADE da sua missão, dando execução à promessa do glorioso Mestre, Jesus, e destinada aos espíritos encarnados, que somos nós, os homens, a humanidade, simples aprendizes, mergulhados na matéria e «matriculados» na grandiosa escola «Planeta Terra», uma das muitas moradas da incomensurável casa do Pai...

E encerrando estas singelas linhas de reflexões, não o faço sem levar o pensamento para o Alto, louvando a Providência Divina, por ter cumprida a promessa dada no Evangelho, não nos deixando órfãos, por ter enviado o ESPÍRITO CONSOLADOR, ou ESPÍRITO DA VERDADE! — Assim sendo: Graças te damos, querido Mestre, Jesus! e graças também a ti, destemido e valoroso espírito de Allan Kardec!

MAX KOHLEISEN.

EVANGELHO E PAZ

LIMA FILHO

«O problema da paz é questão de fraternidade, em todas as latitudes. E o Evangelho do Cristo constitúe o manancial divino, em cujas correntes de água viva póde o coração renovar-se para a vitória do legítimo entendimento. Guerras, discórdias, crises, representam a resultante da *grande desharmonia* que a *ausência* do *Amor estabeleceu* no *caminho* da *inteligência.* A concórdia real jamais será incubada por decretos políticos ou por princípios apressados de filosofia salvacionista, nas relações dos homens entre si, e para a *harmonia individual não valem tão sómente a argumentação da psiquiatria e as descobertas preciosas da ciência médica.* (*) *A incompreensão das criaturas torna sombrios todos os caminhos da terra e o viajor da carne sofre a influenciação da angústia que êle mesmo projeta.* Outro recurso não nos resta, além daquêle que condiz com a justa retificação. O Grande Médico e Sublime Renovador do Mundo é ainda o Cristo, que revelou o mistério do sacrifício pessoal por lição inesquecível de ressurreição e triunfo. «Ajuda ao que te persegue e calunia. Ora pelos que te odeiam. Serve sem aguardar retribuição. Renuncía a ti mesmo, toma a cruz da abnegação em favor dos que te cercam, e segue, de ânimo robusto, para diante. Se procuras o primeiro lugar, sê o dedicado servo de todos. Áquêle que te pede a capa, dá igualmente a túnica. Ao que te exigir a jornada de mil passos, caminha com êle dois mil.» *Semelhantes ensinamentos pairam sôbre a fronte da humanidade, concitando-a á vida nova. A organização mental é um instrumento que, ajustado ao Evangelho, deixa escapar as vibrações (* *) do amor, sem cujo domínio a vida em si prosseguirá desequilibrada, fóra dos objetivos superiores a que indiscutivelmente se destina.* Há produção de pensamentos no mundo, como existe *a produção de flores e batatas. Criamos,* em tôrno de nós, a *atmosfera de ordem ou perturbação,* quando incentivamos a seára de trigo ou *suportamos, por relaxamento, a colheita compulsória de hervas daninhas.*

Convidando-nos ao trabalho construtivo com bases no devotamento pessoal pelo bem de todos, a *mensagem de Jesus compele-nos a irradiar fé e paciência, serenidade e bom ânimo, com atividade plena e infatigável a benefício da alegria comum.* Habituamo-nos, assim, a compreender as *necessidades do vizinho, guardando um coração educado para auxiliar sempre,* cedendo de nosso egoísmo ao alheio contentamento. Sob tais moldes, a *experiência do lar é mais sadia e nobre,* o *clima de confiança possibilita sólidos alicerces à felicidade e caminhamos para a frente de espírito arejado,* prontos a socorrer todas as dôres e a contribuir na equação dos problemas de quantos procuram a benção do progresso junto de nós A comunhão com Jesus sublima as secreções ocultas da alma, proporcionando-nos acesso fácil ao manancial de fôrças renovadoras do sêr ou de *hormônios espirituais da vida eterna.* Afeiçoando-nos ao Mestre Sublime, *seremos verdadeiramente irmãos uns dos outros. Em nosso coração e em nossa mente reside a sementeira da luz.* Auxiliando-a com a bôa vontade, sob a inspiração ativa e constante da Boa-Nova, no esfôrço mútuo de compreensão das nossas necessidades e problemas que exigem o concurso incessante do *Amor,*

(*) Vêr as obras do Dr. Inácio Ferreira — Novos Rumos à Medicina.

(*) «Armônicas do amor».*

alcançaremos, mais cedo, a vitória da saúde e da alegria, do aperfeiçoamento e da redenção.» EMMANUEL — «Reformador» de Fevereiro de 1951.

Até aquí falou o nosso Irmão Emmanuel, êsse Vivo do além! Agora, nos fala também uma viva ilustre, ainda quando na terra, sim, ela nos fala com o coração, vivo e cheio de amor e luz. De Lá e de Cá são as vozes que constituirão êsse artigo, feito para essa hora tremenda!

Quem nos vai também falar? Quem já terá vivido ou pelo menos pensado nêsse amor tão puro? Quem, como Sociólogo eminente, hoje em dia nêsse baixio de poeiras odiosas, sangrentas e produtoras de lágrimas, conheceu, compreendeu êsse problema tão superprofundo? Quem ainda na terra e terrena falou para a terra em linguagem *Divina? Adir o coração à mente, sim, absorvendo o espírito proficionalista e abstrair do meio seu espírito para escrever com o coração, sentindo a Lei Divina do Amor, em páginas de Luz?*

« — Por mais que se tenha vivido o Amor puro dos eleitos, quem será capaz de esboçar, de leve, a maravilhosa lei do Amor, do Alfa e do Ômega da Fôrça Universal?

Só no silêncio, só no profundo mistério do silêncio o amor póde ser decifrado. Só quem chega a amar assim, conhece a «Perpétua Alegria de Viver», de renovar-se, de renascer muitas vezes em cada instante. Só quem sabe amar no silêncio, sente como a beleza universal canta no coração humano.

⁂

Só para amar foi feita a vida. Cristo, o supremo individualista de uma moral só de ternura, *perdoou a pecadora*, não porque ela se arrependesse, mas, porque amou muito...

⁂

Viver é projetar, na tela de si mesmo, a fantasmagoria de um mundo de sonhos e de rítmos e substitui-los e transformá-los, em cada instante, e iniciar novas projeções após cada *amortalhar de uma ilusão desfeita. A dor vem para avivar a nossa consciencia e nos indicar as veredas de uma verdade inédita. Deveriamos abençoar as amarguras como o marujo fita o faról luminoso da sua única esperança.* A Dôr e o Prazer, os dois polos opostos, se confundem na mesma emoção, ambos elevando, ambos dignificando, ambos contribuindo para o *despertar interior.* A Dor nos ensina o meio de nos libertarmos das limitações, das próprias contingências da vida. É através da Dôr que aprendemos a ser lívres. Até nas mais inomináveis baixezas vela a Dor, e ela constitue degráos para a perfectibilidade e para o individualismo. A Dor abre as portas da nossa alma aos doces sonhos do Amor e ás contemplações da Beleza em todas as manifestações da Arte criadora.

. . . .

É por isso que as mulheres e os homens teem de reintegrar-se na sua Ressurreição...

. . . .

«E não há alma alguma, por mais simples que nos pareça a sua estrutura mental, que não sinta, que não experimente impressão de um *Quid* estranho, que não entreveja que a Energia Infinda *propagou irradiações sonóras no éter, nas águas, na terra, no côncavo de uma pétala, beijo miraculoso do Amor Universal!*

Beijo heróico da fecundação pela dor, busca incessante da beleza, volúpia das almas eleitas, música divina dos corações sensíveis, escalada portentosa na espiral das verdades, fragmento arrebatador do sonho inefável dos nossos deuses interiores, salve! Ó beijo incomensurável de Amor Universal!»

⁂

Essa é a *«Religião do Amor e da Beleza»* que nos faz sentir as páginas de Maria Lacerda de Moura em seu livro com êsse mesmo título, publicado pela *Tip. Condor — Rua do Carmo, 23 — S. Paulo — 1926.* Páginas 250, 251 e 254. Ainda em 1.ª edição!!!

Sim, Religião do amor e da beleza é o que nos ensina Emanuel, nos ensinou o Cristo e Maria Lacerda de Moura, sentiu e escreveu para nós e já nos escreveu também pela pena mágica de Francisco Cândido Xavier, no Grande Livro — «Falando à Terra», *publicado pela Federação Espírita Brasileira, em 1951.*

É isso que os Espíritos de Luz nos ensinam hoje e é isso que é preciso *agora*! É isso que *é Espiritismo em Espírito e Verdade, agora quando o mundo velho se esboroa sob as enérgicas irradiações da bomba atômica! Que Jesus nos abençoe o espírito!*

Crônica Estrangeira

Alguns meses depois da sua morte reaparece Maria Montez

Factos estranhos se desenrolam em sua antiga casa na França — As luzes se apagam de súbito, há rumores espantosos, aparece inexplicavelmente uma faixa de claridade em plena escuridão que toma, pouco a pouco, a forma humana da grande e saudosa artista, falecida repentinamente em Setembro do ano passado!

PARIS, (Janeiro) — Em todos os meios desta capital estão sendo comentados, com o maior interêsse, os factos estranhos que estariam se passando na antiga residência da conhecida e saudosa artista de cinema Maria Montez, que faleceu subitamente em Setembro do ano passado, vítima de um colapso cardíaco no momento em que estava na banheira. A morte de Maria Montez, como é sabido, consternou o mundo inteiro. Era ela, sem dúvida, um dos grandes nomes da téla. Ademais, mulher de extraordinária beleza, possuía, também, um espírito privilegiado. E seu falecimento repentino encheu de dôr todos quantos, mesmo através da téla, estavam acostumados a ver e a ouvir a grande «estrela» cinematográfica. Agora, alguns meses depois da morte de Maria Montez, seu nome volta, novamente, ao cartaz, monopolizando a atenção de toda gente. E por que? Exatamente porque num dos prestigiosos semanários que se editam aquí, o «Ici Paris», apareceu, recentemente, uma ampla reportagem, assinada por Jany Casanova, sôbre os factos estranhos que estão se verificando na antiga residência da saudosa «estrela». Maria Montez era casada com Jean Pierre Aumont e tinha uma linda filhinha, Maria Cristina, em cuja companhia residia na propriedade «Les Copeaux», em Suresnes. Nesta casa é que estão se verificando os factos estranhos. Três meses após a morte da «estrela», verificou-se seu aparecimento diante dos vivos! A notícia, como é natural, tem provocado discussões. Os espíritas acreditam firmemente no que revela Jany Casanova, ao passo que os materialistas, com sorrisos irônicos, afirmam que os factos estranhos não passam de fantasias. Seja como fôr, a verdade é que, segundo a sensacional reportagem, na casa em que morava Maria Montez, estão acontecendo factos curiosos inexplicáveis. Êste, por exemplo: desde o dia em que Maria Montez fechou os olhos para sempre, as lâmpadas de seu quarto de deitar jamais se acenderam, apesar dos esfôrços dos eletricistas, que não encontram explicações para o fenômeno. Mas, não é só. Há, realmente, os que afirmam, com a maior segurança, já haverem visto a aparição de Maria Montez, em sua antiga residência. Naquela mesma casa de Suresnes, onde Maria Montez viveu, enchendo o ambiente de risos e alegrias, estão sendo apurados factos assim: as luzes se apagam subitamente, registram-ss sussurros estranhos em plena escuridão, aparece uma faixa de claridade que toma pouco a pouco a forma humana de Maria Montez. Os fenômenos espíritas, continuam desafiando a argúcia de leigos e de entendidos dos que crêem e dos que não crêem. Tais fenômenos existem. Resta saber, apenas, a verdadeira causa dos estranhos fenômenos, que para os espíritas não passam de felizes comprovações de que o espírito sobrevive à morte...

⁂

Meu filho Gabriel

Por Frederico Duarte — Manchester

Como já é do conhecimento dos meus prezados leitores foi no Rainbow Circle, que se reune todas as segundas-feiras em casa da conhecida médium de transfigurações, Madame Bullock, que meu filho e o espírito de Cairbar Schutel, se transfiguraram e me falaram por mais duma vez. Tive a oportunidade de ser apresentado a um conhecido médium, o qual me surpreendeu bastante ao manifestar-me que meu filho tinha aprendido a língua portuguêsa com o espírito dum meu ex-companheiro e para poder obter uma confirmação disso, intrevistei-me com outros médiuns, tendo por seu intermédio o Gabriel me dito que não era isso verdade. Para poder ficar mais certo disso, decidi comunicar com o espírito de Rainbow, o Guia Principal do Rainbow Harmony Circle, o qual me deu a seguinte explicação:

«Você procurou a Fantasia, a Ilusão! Deixou a Substância para caçar a Sombra! Nós ajudamos o Gabriel na sua chegada aqui, assim como Cairbar e me alegro em dizer-lhe que ambos estão fazendo grandes progressos.

Com respeito a Línguas, ao Gabriel de nada lhe interessa o português, espanhol, italiano ou chinês! Isso de nada lhe serve, pois a sua língua que falou enquanto andou pela Terra lhe basta para poder manifestar-se por intermédio de qualquer médium. Nós aqui temos só uma língua com a qual comunicamos uns espíritos com os outros.»

Isto é interessante, e quando alguém nos diz, por exemplo, que ouviram um chinês (espírito) falar em inglês, só temos a crêr que êsse se assim se manifestou foi por meio do inglês que aprendeu e conheceu quando andou cá por êste Mundo. Geralmente tais comunicações são feitas com o tom e expressão peculiar do espírito no que nós chamamos aqui «Broken English».

Tenho recebido diversas comunicações do Gabriel por intermédio da psicografia, por trance dos médiuns, por clarividência, mas sempre na língua inglesa. Manifestei isso ao médium e lhe pedi para que se submetesse a ficar em transe e eu pediria ao seu «control» para permitir ao espírito de meu filho vir falar comigo em português.

Êsse médium recusou-se a fazê-lo, e porque?

Naturalmente devido ao facto de recear a que eu o «apanhasse talvez despercebido», e reconhecesse logo a voz de meu filho!

Todos aqueles que se dedicam às investigações de fenômenos psíquicos, devem empregar o seu «tacto» e nunca aceitarem uma mensagem como genuina, sem primeiramente dissecá-la!

Esta questão de «linguas» é perplexa para aqueles que começam a entrar nas suas investigações sôbre a Sobrevivência. De minha parte tenho recebido mensagens em várias línguas, mas em alguns dos casos, foram incompreensíveis e sem valor nenhum para mim.

Ontem à noite o espírito do Gabriel me falou por clarividência duma médium honesta e bem conhecida na Inglaterra, dizendo-me para não me descuidar dos amigos do Brasil, e a enviar-lhes as minhas crônicas!

Aquí fica feita a sua vontade!

⁂

Enterrada viva, volta a relatar o ocorrido

«Two Worlds»

O espírito de uma mulher manifestou-se recentemente numa sessão em Ancona, cidade italiana, com o estranho pedido de exumação de seu corpo do lugar em que fôra sepultado, segundo noticía *Chimes*, mensário psíquico americano.

O espírito assegurou ser o de Rosa Menichelli, que residira na pequena cidade de Castelraimando, província de Ancona, que fôra enterrada viva no cemitério Camerino e que a verdade seria descoberta se exumassem o corpo.

O Professor Stoppoloni, presente à sessão, obteve a permissão das autoridades para abrir a sepultura.

Aberta esta, com grande surprêsa de todos os presentes, verificaram que Rosa Menichelli realmente fôra enterrada viva.

O corpo estava retorcido, com as pontas dos dedos metidas na bôca. As pernas, repuxadas para trás e comprimidas contra a tampa do caixão, numa posição de desespêro.

Rosa Menichelli falecera em 1939, aos 28 anos de idade. Os médicos supuseram ter ela sido vitimada por síncope cardíaca.

O Prof. Stoppoloni, que investigou a matéria, declarou que seu grupo recebera a mesma comunicação diversas vezes antes, antes de decidir-se a investigar.

Êle disse que o espírito pediu a propaganda contra sepultamentos logo após a morte, para evitar sofrimentos desnecessários a pessoas que realmente não passaram pela morte.

O processo comum na Itália é o sepultamento 24 horas após a morte. Não praticam o embalsamento. Essa mulher, supõe o Prof. Stoppoloni, foi enterrada em estado de catalepsia, de que mais tarde despertou.

⁂

Ernest W. Oaten

«Two Worlds»

Com a passagem de Ernest W. Oaten à Vida Superior, a 3 de Janeiro p. p., no Hospital Real de Bristol, perdeu o Espiritismo a presença física de um notável condutor.

Durante seis anos exerceu êle a presidência da União Espiritualista Nacional e sua ação no campo espírita estendeu-se a vários setores, inclusive a direção, durante vinte e seis anos, do semanário «Two Worlds».

Entre outros notáveis empreendimentos, podemos mencionar ter sido êle o primeiro inglês a propagar o Espiritismo pelo rádio.

Em 1928 foi eleito presidente da Federação Espírita Internacional, cargo que exerceu durante seis anos.

Sua estreita associação com Sir Arthur Conan Doyle está na memória de muitos espíritas que os conheceram. Conan Doyle dedicava grande estima a Oaten e confiou-lhe a organização dos programas de suas viagens de propaganda.

Durante mais de 50 anos dedicou-se êle à causa com zelo e devoção.

Ao substituir Esnest Oaten na direção de «Two Worlds», escreveu o atual diretor:

«Poucos tiveram o privilégio de deixar sua marca num grande movimento histórico e Ernest Oaten é um exemplo brilhante para os que aspiram a ser um espírita de escól.»

Em 1889 entrou êle numa tipografia e foi aí que, em conversa com seus companheiros, pela primeira vez ouviu referências ao Espiritismo. Ele era contrário á idéia e resolveu descobrir os truques.

Com êste propósito, assistiu á primeira sessão em fevereiro de 1892. Seu espírito crítico e analítico o convenceu que êsse Espiritismo exigia acurada investigação.

Seu interêsse despertára e êle assistiu a conferências que, naquele tempo, eram proferidas por Emma Hardinge Britten, J. J. Morse, Florence Marryat e Ellen Green.

Estes eminentes pioneiros deram ao jovem Oaten algo para reflexão. Mais tarde uniu-se a dois círculos semanais e, durante oito anos, assistiu a sessões.

O Centro de Cardiff teve a honra de primeiro inscrevê-lo como seu membro em 1894. No mesmo ano os espíritos desenvolveram sua mediunidade, pois, ao dirigir uma sessão no Liceum, êle sentiu-se controlado, quando de pé sôbre o estrado. Seu contacto com seus amigos espíritos e guias foi permanente.

Em 1896 êle se tornara médium de transe e sua primeira conferência pronunciada em Barry.

Foi este o começo de uma vida longa e valiosa de serviços prestados a causa do Espiritismo, e centenas de milhares foram conquistados para o Espiritismo através de seus ensinos profundos.

Em 1903 foi E. Oaten elevado a presidente de Portsmouth Temple. Na conferência da S. N. U. em Halifax, julho de 1910, êle falou numa sessão compacta ao lado de W. T. Stead. No ano seguinte foi êle promovido para o National Council na Conferência de Newcastle, de que se tornou presidente em 1915.

Durante sua permanência em Manchester, como diretor de «Two Worlds», êle causou profunda impressão no movimento da cidade que é rica com Espiritismo histórico. Lá êle organizou mais de 100 reuniões de propaganda mensal no célebre Ardwick Hall, que tem sido o estrado de eminentes espíritas, desde a primeira pioneira, Emma Hardinge Britten, em Manchester.

O tributo dos espíritas

Vasta foi a afluência de espíritas, representando vasta área, presentes ao serviço funerário, no Crematório de Bristol, quarta-feira. O serviço foi dirigido por Mr. Percy Wilson, presidente da S. N. U. O conhecido escritor Maurice Barbanell rendeu a E. Oaten, o seu tributo pessoal.

AVISO Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês de Abril, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da sessão de 2 de Fevereiro de 1952

Rio Grande do Norte. O «Diário de Natal», tem publicado longas e interessantes crônicas espíritas do confrade Cristóvam Marques Pessoa, alcançando assim a propaganda o grande público leigo. O C. F. N. tomou conhecimento do facto, através do atencioso ofício que lhe dirigiu o autor dessas crônicas.

Enviado Especial. O Presidente cocomunica que o confrade Atlas de Castro, representante do Sergipe, conforme deliberação do C. F. N., seguiu em missão especial ao Norte do País, afim de tomar parte no 2.° Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas, a realizar-se em Natal, e visitar todas as Capitais, de Salvador a Manáus, a serviço da Unificação.

O Programa de Santa Catarina. O Dr. Manoel Bernardino lê um ofício do confrade Osvaldo Melo, comunicando-lhe que o programa da Federação Espírita Catarinense é a Carta Magna de 5 de Outubro, redigida pelo mesmo presidente da F. E. C., como Secretário que foi da Assembléia daquela data, e por isto nenhuma instrução especial tem a dar à sua representação.

Inauguração de Séde Própria. O mesmo Conselheiro lê um telegrama convidando para a solenidade da inauguração da nova séde da Federação Espírita Catarinense, em 15 de Fevereiro corrente. Ficam encarregados de representar o Conselho nessa inauguração o próprio representante de Santa Catarina e o Dr. Lins de Vasconcellos.

Concentração de Juventudes. O Presidente da Liga Espírita do Distrito Federal comunica que se realizou com grande êxito a concentração de mocidades espíritas promovida pela Liga.

União Espírita Goiana. O Dr. Francisco Nogueira, representante de Goiás, comunica que foi reeleita por unanimidade a mesma Diretoria daquela entidade de âmbito estadual.

Assistência Social. Como Diretor do Departamento de Assistência Social, o Dr. Lins de Vasconcellos faz as seguintes comunicações ao C. F. N.:

1.° — Estão em franco desenvolvimento as obras do «Lar Infantil» de Paranaguá, no Paraná.

2.° — Recebeu um relato histórico do Asilo Legião do Bem, instalado nesta Capital em 25 de Dezembro de 1926, o qual continua prestando bons serviços.

3.° — Recebeu o balanço de 1951 do Departamento de Assistência Social «Dom Bosco», de Barbacena, Minas Gerais, cuja finalidade é dar assistência ás mães e ás crianças.

4.° — Recebeu os estatutos da «Cidade dos Menores Desamparados», a ser construída pela «Fundação Allan Kardec», em Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

5.° — O Governador do Maranhão sancionou a Lei votada pela Assembléia Legislativa do Estado, que considera de «Utilidade Pública» a Seára Espírita «Deus, Cristo e Caridade», mantenedora da Escola de Corte e Costura «Antonia Rocha».

Projeto de «Normas». O Representante do Ceará propõe seja adiada a discussão do projeto de «Normas» em virtude de lhe ter faltado tempo para fazer um estudo atento, de vez que se trata de trabalho longo e de responsabilidade, sendo presumível que a outros Conselheiros o mesmo se tenha dado.

Um fenômeno curioso que se positiva

«A Época», desta capital, publica a seguinte interessante noticia, enviada pelo seu correspondente em Lindoia:

— Uma estranha ocorrência registraram as autoridades de Termas de Lindoia, a qual está provocando os mais desencontrados comentários entre a população local. No bairro denominado Tanque, que fica entre Lindoia e Socorro, residiu há tempos o lavrador Lourenço Alves Domingues, falecido em Setembro do ano que se foi. Deixou na orfandade oito filhos, a saber Maria, Sebastião, Antonia, Benedita, Ana, João, Avelina e Albertina, a quem legou onze alqueires de terra cultivável e pequena quantidade em dinheiro.

VERDADEIRO MILAGRE

Agora, uma das filhas do falecido Lourenço, Maria Alves Domingues, acaba de relatar um facto que se envolve numa penumbra de profundo mistério. Uma noite, dormindo na casa onde o lavrador cerrara seus olhos para sempre, ela observou que uma estranha claridade invadia seu quarto, aparecendo-lhe, em seguida, a figura do pai que lhe apontando o fogão, fazia outros gestos, em direção à propriedade.

Quando a imagem desapareceu Maria não mais conseguiu conciliar o sono. Levantou-se pela manhã, e indo a procura do mano Sebastião, pediu-lhe que demolisse o fogão, após fazer o relato do acontecido. Não dando crédito ás palavras da irmã, Sebastião recusou-se a atender seu pedido.

Não desanimando, Maria procurou as autoridades do município de Socorro, logrando que alguém se interessasse pelo assunto.

Ela não havia mentido. Algo foi encontrado no chão, sôbre o qual foi erguido o fogão.

DINHEIRO

Posto abaixo o fogão, junto aos tijolos Maria e demais pessoas encontraram um caixão totalmente cheio de moedas de prata, que circulavam antigamente, no tempo do império, no valor de um mil réis, dois mil réis e quinhentos réis, oitenta notas de quinhentos mil réis, além de outras em papel parcialmente destruído.

Noutro local, também cuidadosamente escondido, havia um jacá contendo oitenta quilos de dinheiro de cobre, dez mil moedas atuais de um cruzeiro e quinhentas moedas de 50 centavos.

Procedida a repartição do «tesouro», coube a cada filho de Lourenço, seis quilos de prata antiga.

D. Maria, a autora do achado, desconhecendo o valor histórico das pratas que lhe couberam, vendeu-as por seis mil cruzeiros.

De «A Centelha».

* * *

Cairbair Schutel

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou no dia 2 de Fevereiro último, ás 20,30 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do 14.° aniversário de desincarne do seu patrono, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que regressou à Pátria Espiritual no dia 30 de Janeiro de 1938.

Usaram da palavra os companheiros Watson Campêlo, Costa Filho e Edo Mariani, presidente da Mocidade. Recitaram poesias os juventinos Sebastião Casedei de Oliveira, «Credo»; Janice Gandolfi, «Lamentos de órfão»; Donata Casadei de Oliveira, «Kárma», e a menina Elvirinha Perche Campêlo, «30 de Janeiro».

* * *

A convite da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», o nosso particular amigo e confrade, Dr. Jony Doin, residente na Capital e um dos oradores mais ativos da seára espírita, realizou no dia 3 de Fevereiro último, ás 20,30 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma brilhante e bem aproveitada conferência sôbre diversos aspectos do Espiritismo, agradando em cheio a assistência.

* * *

«Constancia»

A nossa brilhante colega «Constancia», uma das mais antigas revistas espíritas, que se publica em Buenos Aires, completou no dia 9 de Fevereiro último, 75 anos de existência, tempo êsse que constitúe a melhor prova de perseverança e bôa vontade dos confrades argentinos no trabalho da seára espírita.

Festejando o auspicioso acontecimento, «Constancia» circulou em 1.° de Fevereiro em edição especial, publicando muitos e belos artigos referentes ao seu aniversário e diversos clichés das figuras mais destacadas da Sociedade «Constancia».

A' distinta colega, o nosso abraço congratulatório, com votos de contínuo progresso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$	40,00
	Semestre	— ,, ,,		20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada		50,00
	Semestre	— ,, ,,		25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples		45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada		60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2834unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, Abril-Maio de 1952 — N. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade	*Redação*
Lutando pela Paz	*Pereira Guedes*
A' Allan Kardec	*Leopoldo Machado*
A Dupla Personalidade — Regressão da Memória	*Carlos Imbassahy*
Prodígios do Pensamento	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Dr. Lins de Vasconcelos	*Alfredo d'Alcântara*
Os «Poltergeister»	*Max Kohleisen*
«Em uma só palavra : AMOR» . .	*Natalio Ceccarini*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa	*Deolindo Amorim*
Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco . .	*Redação*
Uma Grande Perda ?	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Ares
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, Abril e Maio de 1952 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade

ALICERÇADO no seu tríplice aspecto — Ciência, Filosofia e Religião — o Espiritismo, que é um conjunto de ensinos dos Espíritos Superiores, da Falange denominada Espírito de Verdade ou Paracleto, segundo a afirmativa de Jesus, vai, aos poucos, colocando as cousas no seu verdadeiro lugar, pregando simultaneamente a imortalidade da alma e o Evangelho em espírito vivificante, apoiado nos factos ou fenômenos psíquicos que se reproduzem das mais variadas formas em toda a parte, confirmando a profecia de Joel, segundo a qual chegaria o tempo em que o espírito seria derramado sôbre tode a carne, nos mancebos e nos velhos.

Estamos sendo testemunhas oculares da plena realização dessa profecia, pois os factos espíritas se reproduzem cada vez mais a miudo, a ponto de despertarem o interêsse de obstinados materialistas e até dos detratores desta Doutrina, muitos dos quais fazem ocultamente as suas sessões, porque também querem ouvir a palavra dos chamados mortos, à semelhança de Nicodemos, que procurou Jesus à noite para não ser visto e depois censurado pelos fariseus. Nicodemos queria conhecer a Verdade, mas era escravo dos preconceitos religiosos e sociais.

Ninguém que observe o movimento espírita póde negar que o Espiritismo está avançando cada vez mais em todas as direções. A imprensa profana, que até ha pouco tempo não publicava factos e notas espíritas, escrava dos preconceitos e dos interesses pecuniários, hoje faz questão de publicar em primeira mão os factos psíquicos ou espíritas que se reproduzem no seio de todas as religiões, factos que se verificam com pessoas de todas as camadas sociais, sem distinção de raça, côr e idade. A maioria de tais factos entra nos anais espíritas por intermédio da imprensa profana.

As estações radiofônicas, que também não cediam o microfône aos espíritas, hoje o cedem e até organizam expontaneamente programas em que relatam os factos psíquicos que chegam ao seu conhecimento, confirmando assim as predições de Jesus, segundo as quais o Evangelho seria pregado até de cima dos telhados. E o que o Evangelho prega ? — A imortalidade da alma e a sua comunicação com os vivos, e o amor fraterno, que resume todas as virtudes, sem as quais ninguém, por mais poderoso e sábio que se julgue, conseguirá subir os degraus da Escada da Perfeição, que começa nos mundos inferiores e se dirige aos mundos superiores destinados aos sêres que, pela prática do Bem, deles se tornam dignos.

A prova de que o Evangelho prega a imortalidade da alma ressalta quando Jesus estabeleceu contacto com os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor. Estas duas altas personalidades foram dois dos profétas do Velho Testamento, que reapareceram para dar testemunho da sobrevivência individual, não a Jesus, que já o sabia, mas aos três discípulos que o acompanharam, Pedro, Tiago e João, que deveriam propagar êsse acontecimento, como de facto o fizeram.

Outros factos narrados no Evangelho, como por exemplo, a ressurreição de Lázaro, o simples facto de Jesus expelir espíritos imundos, provam categoricamente a imortalidade da alma, prova que Jesus ratificou quando Êle mesmo, logo depois da sua morte, apareceu aos seus discípulos diversas vezes e por último permanecendo no meio deles durante quarenta dias.

O Evangelho, ao mesmo tempo que préga e prova a imortalidade da alma, para que a luz da fé e da esperança se acenda em todos os corações e ilumine todos os cérebros, préga os preceitos de Jesus, baseados no amor do próximo, como condição primordial para a creatura ser realmente feliz no futuro que a aguarda.

O Espiritismo está cumprindo à risca a sua missão de Paracleto, e à medida que o tempo avança, maior será a sua influência nos destinos da humanidade, que encontrará nêle a ancôra da salvação. E muitos já tiveram a ventura de encontrá-la e estão plenamente convencidos de que estão perto da porta do reino da felicidade, que é o Reino de Deus.

LUTANDO PELA PAZ

Jamais seremos apanhados lutando contra a paz, visto que não pleiteamos apenas uma paz espiritual, mas total, quer para as emoções espirituais, quer para a tranquilidade do homem no cumprimento dos seus deveres como colaborador da humanidade.

Não repudiamos nenhuma forma de paz, quer seja a de Varsóvia, a de Stocolmo, a da Rússia ou do Vaticano. A «paz» que escrevemos entre aspas; não é religiosa nem social, mas, política. Esta é, na opinião de um verborrágico dialeta marxista, uma espécie de cantiga de embalar crianças. Enquanto todos os povos amantes da concórdia pregam a paz do «Apêlo de Stocolmo», num verdadeiro equívoco, ante um perfeito «SI VIS PACEM, PARA BELLUM» uma sexta parte da terra, sob a autêntica pressão reacionária da mais violenta das ditaduras, se arma com o mais poderoso exército do mundo, e as mais aperfeiçoadas armas de guerra, inclusive a bomba atômica, para a arrancada definitiva e o domínio absoluto do mundo então escravizado, como pretende.

O Cristo, realmente, foi tido como falso Messias, mas nem por isso seriamos capaz de colocar no mesmo plano de igualdade, o Cristo e o Koba, ou Soso, o frio e trunculento dominador do povo russo, onde a opinião de um é a opinião de todos, como nos descreveu o insuspeito André Gide ao regressar da U. R. S. S.; onde fôra falar e falou à mocidade russa.

A paz que deve merecer a confiança de todos os povos, não poderá ser política nem religiosa. Estas têm objetivos partidários e serão, quando o objeto fôr político, obtida pela fôrça; quando religioso pela subordinação à fé; mas, a paz que buscamos e que há de vir, não pela imposição, apêlo ou convenção política, em ação deturpada como acontece com o célebre Apêlo de Stocolmo; a paz que buscamos, repetimos, virá com a colaboração de todas as correntes, filosóficas, religiosas e políticas, porque será o fruto do esfôrço fraternal da humanidade, no cadinho purificador dos sofrimentos terrenos. Não será a paz de Varsóvia, nem de Stocolmo, nem da União Soviética e nem do Vaticano. Será a paz da Humana raça, ao atingir as culminâncias de sua evolução social.

O Cristo estará por certo, solidário com todos os movimentos honestos em pról da paz, apoiando os que sinceramente lançaram a idéia no Conselho Mundial; estará, sem dúvida, com os filósofos, os religiosos, os espiritualistas e os materialistas, desde que se esforcem nêsse sentido, mas, não estará, certamente, com os simuladores, sejam eles democratas ou comunistas, «trumanistas» ou «estalinistas», e não poderá estar também, nem com o Estado e nem com o homem que, pregam a paz e exploram os homens, econômica e espiritualmente.

Somos e lutaremos sempre e cada vez mais em favor da paz entre todos os povos, quaisquer que sejam os seus pontos de vista religiosos, filosóficos e políticos. Lutamos em favor da paz e desfraldamos, como principal argumento, a bandeira do Evangelho, ressaltando o seu dístico sagrado — Amai-vos uns aos outros.

PEREIRA GUEDES.

A' Allan Kardec

Justa e pequena homenagem ao 83.º aniversário de seu desincarne, a 31 de Março de 1952.—Para a solenidade da U. D. J., no «Teatro João Caetano».

Há 83 anos, desencarna-se o sr. Leon Hipólite Denizard Rivaille, o Coodificador do Espiritismo!

Desencarne esperado, de quem levara enfêrmo anos e meses, metido na sua cama, cercado de pessoas amigas?

Nada disso, que, parece, nem tempo para ficar enfêrmo êle teve!

Densencarne de homem de ação, de verdadeiro espírita que, conscio de seus afazeres de toda sorte, nunca tem tempo para descansos, para férias, para doenças. Nem para morrer! Por isso mesmo é que falecera agitadissimo, no meio de seus trens caseiros, na perspectiva de nova mudança.

Belo desencarne o seu!

* * *

Elaborava êle o *Livro dos Espíritos* — essa obra que, repetimos, num futuro próximo, será a Terceira Parte da Bíblia, pela explicação lógica que ajusta aos fenômenos espíritas do Velho e do Novo Testamento; elaborava êle o *Livro dos Espíritos*, quando seu guia espiritual lhe abre uma nesga da cortina de seu passado...

Diz que êle havia sido, precisamente na prehistória gaulesa, um sacerdote druida, chamado Allan Kardec.

O Allan Kardec druida, que pregava a reincarnação e confabulava com os Espíritos, teria que vir, talvez quatro mil anos depois, consolidar suas crenças, cristianizar sua prégação, abrir novos horizontes espirituais à humanidade.

Dr. Leon Hipólite Denizard Rivaille assinaria seus livros com o pseudônimo, que já lho fôra nome próprio, de Allan Kardec.

* * *

O Cristo de Deus andava pregando sua doutrina.

Doutrina Nova?

Absolutamente! A mesma Lei Antiga, interpretada em moldes modernos, para a época, que o Cristo não veio revogar a Lei. Veio, — isto, sim! dar-lhe cumprimento!

Á sua interpretação chamava Boa Nova.

Nova, sómente, no sentido humano e espiritualista da Lei.

Um doutor da Lei, ansioso de conhecê-Lo, de perto, a quem chegaram os écos da Doutrina do Divino Amigo, procurou-o á noite.

Preconceitos, para que o mundo profano e os homens de sua seita não o soubessem?

Naturalmente.

Queria o Doutor da Lei saber, em verdade e definitivamente, o que se deve fazer para chegar-se à Glória.

«Muito pouco», diz lhe o Divino Amigo. «Apenas nascer de novo.»

E admirou-se o Mestre que o Doutor da Lei, um Mestre em Israel ignorasse essas coisas.

Ignorava-as, efetivamente.

Ora, se, no tempo do Cristo, um Mestre em Israel, um Doutor da Lei ignorava essas coisas...

Nicodemos volta para casa meditabundo.

E não se resolveu seguir o Mestre, que seria sacrificar as honrarias de sua casta, de seu prestígio, de sua carreira.

Conhecemos uma revelação do Além

que diz Allan Kardec havia sido Nicodemos.

E aceitamos, sem afirmá-lo em definitivo, que elementos não temos para tanto.

Aceitamos que um Doutor da Lei do tempo do Cristo tenha sido, 19 séculos depois, muitas vezes doutor de outras leis, que desprezou, para pregar aquela mesma reincarnação que, 19 séculos antes, não pudera, ou não quisera compreender.

Mestre em Israel, Doutor da Lei, não teve coragem de sacrificar seu doutorismo por uma verdade que lhe saltava aos olhos, à inteligência.

Dezenove séculos depois, médico e bacharel, escritor e professor, contabilista e didata, sacrifica tudo isso, põe tudo isso em fogo para que uma verdade nova, outra Boa Nova, ficasse, definitivamente, cravada a ouro de Lei, nas páginas da História da Humanidade.

Perfeitamente natural e aceitável, justo e oportuno!

* * *

Aos extertores da Idade Média, quatrocentos anos depois do Cristo, um sacerdote acreditado, de Praga, capital da Bohemia, insurge-se contra sua religião. E protesta contra seus erros, contra sua prepotência, contra seu fastígio.

Sem o saber e o sentir, se faz, ao mesmo tempo, precursor do Protestantismo e do Espiritismo.

Escreve coisas que desagradam o clero, prega verdades que ofendem a Igreja, agita idéias, que se chocam com os ensinos de Roma.

Nem por ser clérigo — e dos mais acreditados! — nem por ser o confessor prediléto da Raínha de Bohemia, João Huss consegue fugir à íra clerical.

O Concilio de Niceia arma-lhe a destruidora fogueira inquisitorial, em que João Huss é transformado em churrasco humano, *ad majorem Dei Gloriam.*

Uma velhinha, tremula e fraca, aproxima-se dêle com uma tocha acêsa na mão.

— Para que isto, vovozinha!

— Para queimar o hereje.

— Santa simplicidade! — lamenta o herói.

Allan Kardec teria sido João Huss.

Eis outra revelação sabida de todos.

* * *

Seis séculos depois, é a época do dr. Leon Hipólite. E' a época do mesmo homem com a autoridade do Allan Kardec druida, com a cultura, mas destemerosa, de Nicodemos hebreu, com o arrojo dessassombrado do João Huss bohemio. E' numa palavra, o homem preparado e espiritualizado para o cumprimento da missão grandiosissima.

* * *

Diz ilustre exegeta que a humanidade, dá, de dois em dois mil anos, saltos extraordinários, abre fileiras respeitáveis no coração do Mundo.

Principalmente, no sentido espiritualista da Vida.

Allan Kardec teria sido o sacerdote druida muito antes do Cristo.

E, talvez, até antes, de Abraão, o tronco do judaismo organizado.

Abraão existiu dois mil anos antes do Cristo.

No tempo do Cristo, foi Nicodemos uma das figuras, a despeito de tudo, mais simpática.

Catorze séculos depois do Cristo, João Huss viria marcar época luminosa na História, através dos séculos.

Quem teria sido o mesmo Espírito entre Abraão e Jesus?

E talvez, a dentro do mesmo povo hebreu, incontestavelmente, o único povo monoteista da antiguidade?

E' uma pergunta que deixamos aos mestres e pesquisadores, aos exegetas e estudiosos do passado.

E, com esta pergunta, o *finis* à nossa pálida e exigua homenagem a Allan Kardec.

Leopoldo Machado.

Assim como sem esfôrço ninguém póde fazer uma obra realmente bôa, assim também não sereis felizes se não vos esforçardes no sentido de alijar de vós as imperfeições e vícios, que são os maiores obstáculos à obtenção da paz e da felicidade.

GREGORIO.

A Dupla Personalidade — Regressão da Memória

I

Tratava-se de reencarnação. Como eu dissesse que o valor da Ciência está na demonstração e o da Filosofia na lógica, revida, nos seguintes termos, o ilustrado biologista Dr. Otilio Machado:

«*Parece a quem lê, que o Sr. C. I. é um defensor denodado das verdades demonstradas pela Ciência e tem uma lógica de ferro nas suas dissertações filosóficas. Puro engano. A frase transcrita é mera demagogia de literato capaz de escrever o que não faz e dizer o que não sente.*»

Se o honrado catedrático dissesse que eu não sei nada de Ciência e que pouco entendo de Filosofia, estaria mais no certo e pouparia seu esclarecido espírito à mácula de um injustificável e lamentável aleive, qual o de afirmar que escrevo o que não faço ou digo o que não sinto.

Salientando a minha literatice de demagogo, estabelece o mestre o seguinte dogma científico, que apresenta entre outros, talvez por demonstrar quanto me falta a razão no sustentar a necessidade das provas.

«*Fatos de regressão da memória os psicólogos de todo mundo têm registrado bem como os de desdobramento da personalidade. São fenômenos psíquicos sem a mínima relação com os fenômenos espíritas e nada provam quanto à reencarnação.*» *(Him. 26-1-52.)*

Parece que o Professor, por me evitar o trabalho de defender a minha tese, apressou-se em fornecer-me um exemplo que me poupa a grandes canseiras. Aqui temos um postulado onde se faria necessária a demonstração a que me refiro, para que pudessemos ter a convicção de que «*fatos da regressão da memória e do desdobramento da personalidade nada têm com os fenômenos espíritas e nada provam quanto à reencarnação.*»

Porque o que se sabe até agora, fora do terreno espírita, é que nada se sabe do assunto. Ainda mesmo naquele terreno, torna-se necessário um grande trabalho de pesquisa e um critério estritamente científico, para discriminar os fenômenos que temos diante dos olhos. Por maneira que é de a gente ficar perplexa quando ouve dizer que já está tudo claro, que as dúvidas se varreram das mentes científicas, que o prato já pode ser servido a qualquer hora e a qualquer freguês.

Da regressão da memória ja estou cuidando alhures; a matéria é vasta e as provas da reencarnação desafiam a argucia e os saltos estratégicos dos mais afamados adversários. Tratarei de mais vagar do desdobramento da personalidade.

Veremos, então, como foi imprudente e prematura a declaração categórica do ilustrado biologista, a de que se trata de fenômenos que nada têm com a reencarnação, e, sobretudo, a de que não possuem nenhuma relação com os fenômenos espíritas.

Se, aliás, aproveito a tirada, não é tanto por provar o desacêrto do mestre, senão por tratar de um assunto que poucos ainda conhecem e sôbre o qual, entretanto, discorrem, fazendo as mais categóricas afirmativas como, se de fato, estivessem diante «*daquelas verdades demonstradas pela Ciência*», de que fala o Dr. Otilio Machado.

Ora, não só não se faz demonstração nenhuma, como existe, por vezes, uma verdadeira salgalhada, onde se misturam fenômenos aparentemente idênticos, mas absolutamente diversos em suas causas.

Fursac, por exemplo, encaixa nos casos de desdobramento os de autoscopia, bem como os de paranoia e os de incorporação de espíritos, que êle não sabia o que era. (1)

Por seu turno, Marchand considera tais fenômenos como perturbações da personalidade e os engloba: um doente diz ao mesmo tempo que é êle e o demônio, que se chama X e é imperador da China... Outros declaram que têm dois corpos, dois pensamentos; outras vezes as personalidades se alteram; um alucinado terá consciência de sua personalidade em momentos de calma e se dirá rei nos de agitação... (2)

---

(1) Roques de Fursac — *Manuel de Psychiatrie*, 1917.

E tudo vai correndo por conta das personalidades alternantes e entrando na «desintegração» como um fenômeno único.

O Dr. Austregésilo também enfeixa a matéria e a resolve numa desarticulação entre consciente subconsciente. Nessa desarticulação vão de roldão todos os fenômenos psíquicos subjetivos. (3)

Ribot refere-se a uma delirante que se dizia Maria Stuart e a uma doente da Salpetrière que se recusava a ouvir falar de sua vida presente e só se lembrava da vida anterior. (4)

Muitos pensam elucidar o caso rotulando-o. Outros mais esclarecidos já percebem a dificuldade da caminhada e a ilusão dos rótulos. Binet nos diz: — «*Expression commode qui n'explique rien, mais ne compromet personne*». *(5)*

O Dr. Vallejo Nagera, professor de Psiquiatria da Universidade de Madrid, estudando certa espécie das alterações da personalidade, acha que «*elas emergem sem motivo e resultam incompreensíveis*». *(6)*

Desconhecedores da vasta gama da fenomenologia supranormal, costumam aquêles que tratam do assunto, afastar sistematicamente de seus estudos qualquer hipótese que os contrarie ou que se oponha aos princípios firmados; daí a confusão reinante, a que não pôde fugir o professor de Biologia. E' necessário distinguir, naquilo a que se dá o nome genérico de desintegração, os casos de incorporação de Espíritos, desde a simples manifestação medianímica às obsessões e possessões; a intromissão de entidades espirituais, extrinsecas, alheias ao psiquismo do paciente, ou seja a intervenção patente de Espíritos juntamente com a emersão das camadas profundas do sêr; os casos de regressão da memória, desde a simples emergência de lembranças até o afloramento de vetustos sedimentos da alma, lançados à superficie como as rochas magmáticas, em consequência de uma erupção; os casos de perturbação mental, onde o facto do individuo julgar-se rei da China, imperador do Japão, papagaio do Brasil ou chimpanzé da Africa, nada tem que ver com o que jaz nos recessos da alma.

Não me demorarei nesses casos, ja por sobejamente conhecidos, como porque não tropeçam neles os psiquiatras mais ou menos perspicazes.

A regressão já não é novidade. Ha até um nome especial para a regressão da mentalidade aos estados primitivos da vida, isto é, a volta à infancia no ponto de vista psìquico, que é o de *puerilismo mental paroxístico*. Veja-se Garnier e Dupré.

Frederico Myers refere-se ao caso de Louis Vivé, estudado por Camuset e varios outros doutores. (7)

Vivé reproduzia numerosas e variadas fases de sua personalidade, quer espontaneamente, quer em consequência de experiências, com o auxilio da metaloterapia, executada por seus médicos assistentes. Tais experiências produziam reversões aos diferentes periodos de sua vida. E não só voltavam à memória do paciente os estados passados e esquecidos, como também as impressões físicas dessas variações. E' de notar que nas primeiras experiências os médicos nada conheciam da vida do «enfêrmo», ou de toda a sua história, a qual foram desvendando aos poucos, e destarte concluiram que as diferentes fases que êle apresentava eram tomadas à sua própria vida.

---

(2) L. Marchand — *Manuel de Médicine Mentale*, 1908.

(3) Murillo e Ribeiro — *O Esp. no Brasil*, e outros trabalhos do Autor

(4) Ribot. — *Les Maladies de la personalité*. Paris. F. Alcan.

(5) Alfred Binet. — *Les Altérations de la personalité*, 1902, p. 102.

(6) Vallejo Nagera. — *Tratado de Psiquiatria*, 1944.

(7) Frederico Myers, *Human Personality*, p. 60. — M. Camuset, *Annales médico-psychologiques*, 1882, p. 15. — M. Voisin, *Archives de neurologie*, set. 1885. — M. Berjon, *La grande hysterie chez l'homme*, Paris, 1886. — Bourru et Barot, *De la sugestion mentale*, Paris, 1887.

Foi de Rochas o primeiro experimentador que ousou levar mais longe a experiência e conseguiu que o paciente regredisse a uma vida no espaço e a uma época ou a épocas remotas da existência espiritual, trazendo, assim, a prova experimental das vidas sucessivas.

Êsse encadeamento lógico passa despercebido a alguns e é negado por outros. Se um indivíduo, em transe, revela factos da sua existência presente, *isto «todo o mundo tem registrado»*. Mas, se pelo mesmo processo, com o mesmo fenômeno, com o mesmo indivíduo, num transe mais profundo, o que se revela cai no ciclo de outras existências, aí ninguém os conhece, e passam a ser riscadas dos *Anais da Psicologia* os trabalhos dos Rochas, dos Tartarugas, dos Lacostes, dos Bertrand, dos Maratas, dos Bouviers, de tantos quantos seguiram as pegadas do notável engenheiro e psiquista, o pioneiro desses descobrimentos. Tal a lógica adversa.

Na segunda parte do fenômeno, para os contraditores, as conclusões já não dependem das provas ou da evidência, senão de opiniões particulares. Não importa o que o fenômeno diz, quem diz é o interessado em determinados pontos doutrinários. E assim, o que o *sujet* declara, expõe ou mostra «é proveniente, ou das idéias do experimentador, ou das próprias idéias, ou de épocas primitivas, transmitidas hereditariamente». As hipóteses surgem às apalpadelas.

Donde de tudo se infere que, apresentando o fenômeno tal como êle é, da maneira por que o descrevem, concluindo de acôrdo com os factos e com a lógica que eles impõem, estarei a dizer e fazer o que não sinto, numa demagogia de literato. Os que se firmam, porém, em duas hipóteses flagrantemente falsas e numa premissa de impossível verificação, esses é que dizem o que sentem; e no que toca às *verdades demonstradas* não se poderia achar maior e melhor palinuro que o impugnador.

CARLOS IMBASSAHY.

Prodígios do Pensamento

QUE vem a ser um pensamento? Como definir aquilo que podemos perscrutar com os olhos da alma, enxergando mentalmente à distância, revolvendo séculos atrás, descortinando milênios à frente e meditando sôbre êsses vôos pelo infinito e pelo tempo?

Perplexos ficaríamos se procurassemos meditar sôbre a grande realidade, única razão de ser do Todo Absoluto, ei-la: «O Universo é produto de um pensamento de Deus.»

Nosso cérebro ainda não está amadurecido. Martiriza-nos essa concepção que não podemos penetrar; acovardamo-nos para detalhar.

Que excelsa e sublime energia tem o pensamento transportando-nos pela prece às puras esferas da luz, colocando-nos à presença do Mestre Amado?

Que satânico poder destruidor tem o pensamento ao fulminar, mortalmente, com um simples olhar, a delicada flôr do jardim ou combalir a criancinha no seu berço de rodas?

Por que estranho veículo envia o indú em transe suas fôrças fazendo crescer em minutos, uma pequena semente, transformando-a em arbusto?

Que perseverantes pensamentos fazem o faquir suportar por semanas o leito de pregos?

Que dôce enlêvo cerca o sereno místico que se abandona em contemplativo êxtase ou aquele que se transporta pelo pensamento à terra longinqua tal Santo Antônio de Padua?

Quantos pensamentos de ódio, negros e ferinos não são projetados como lanças violentas pelo triste recluso do fétido cubículo?

As mais horrendas lutas se travam em campo invisível para nós, ao se entrechocarem, como lanças afiadas e sangrentas, os próprios pensamentos de vingança ou rancor de pessoas que se repelem.

Um pensamento de cólera, desforra

ou ódio produz efeito maligno pior que uma frase proferida em voz alta para ofender.

Pensariam também o verme repugnante, o delicado musgo que pisamos e a pedra que nos sustenta o lar? Sim, pensarão um dia, por que não? Nada há que não agasalhe a centelha divina. São nossas queridas almas irmãs em ansiada ascensão; «serão deuses também!»

Definem o pensamento como sendo um atributo do espírito; dizem outros — uma operação da inteligência através do cérebro. Para nós, pensamento é vibração. E' a base das relações espirituais dos sêres entre si. E' a linguagem universal dos espíritos que se comunicam por silenciosas vibrações estabelecendo contacto instantâneo em qualquer momento e com qualquer sêr. Para tal lança suas linhas de ligação com a imprevisivel rapidez da própria emissão do pensamento no fluído cósmico universal, veículo apropriado à sua transmissão.

Poderiamos compará-lo a uma potentissima estação de rádio. O pensamento desconhece obstáculos e distâncias.

A mente é energia estática; o pensamento é energia dinâmica, isto é, de movimento, de atividade, de fôrça criadora, de difusão e expansão.

Um pensamento bem dirigido, firme, amoroso e sincero fará levantar, não tenhamos dúvida, qualquer enfêrmo. Por idêntica razão, a prece de súplica da mãezinha confiante, criará impenetrável couraça envolvendo seu filho querido que combate na guerra.

Um pensamento gerado ou que nos tenha sido inspirado, mesmo na mais remota encarnação, continua indelevelmente gravado nas páginas do nosso «livro da vida». Sabemos ser o perispírito êste implacável registrador do que pensamos, seja há dois ou três mil anos atrás. Nada, absolutamente nada passará desapercebido.

Não nos cause isso espécie; basta lembrar que em esferas próximas à Terra, existem aparelhos tão sensíveis que registrariam até o inouvido suspiro de contentamento que exala a rosa ao desabrochar para cumprimentar o Criador.

O pensamento é fôrça criadora e, como é natural, cada pensamento tem a sua côr adequada. Tem êle o poder de modificar a matéria, ampliando e criando justamente com os recursos e as substâncias que encontra no chamado «espaço vasio».

Os espíritos de luz pensando criam o que julgam necessário. Um seu pensamento é ato realizado. Eles lêem nossos pensamentos e não só isso, eles os lêem mesmo antes de serem «pensados» por nós.

Nós, os encarnados, se firme pensarmos nalguma coisa, esta coisa focalizada vai tomando corpo, isto é, cria-se, toma contornos, configura-se, materializa-se enfim, com matéria fluída pairando sôbre nós por tempo variável.

Nítidas fotografias de pensamentos já foram conseguidas. Inúmeros clarividentes vêem os objetos criados pelo pensamento e sua respectiva coloração.

Quantas vezes nas igrejas, enquanto são balbuciadas as santas preces, viram os clarividentes, sôbre cabeças respeitáveis, configurações exátas do que pensavam os fiéis postados em contrita atitude! Julgam vocês, naturalmente, que foram vistas formas ou figuras lembrando uma vela acêsa, um rosário em mãos aflitas, algum santo ou mesmo algum anjinho de asas? Não; viam-se maços de notas de cruzeiros; cavalos a correr num hipódromo; salão com casais rodopiando; iguarias domingueiras e até a disputa de uma partida de futebol.

Coloridos e contornos apresentavam-se com extraordinária nitidez.

Mui raro poderá ser observado, aquí ou acolá, um jacto luminoso de luz partindo da região do cérebro a se elevar, conduzindo no seu facho azulado o maravilhoso efeito de um Pai Nosso partido das profundezas sentimentais de algum humilde crente.

O pensamento ao se tornar visivel pela substância fluídica que o compõe, toma sempre a conformação adequada, interpretando exatamente o objetivo pensado.

Exemplifiquemos com Leadbeate: Formulando-se desejos de paz e auxílio a um enfêrmo, forma-se graciosa figura alada, côr de rosa e amarelo viajando espaço afóra a procura do doente. O amor egoísta, a cobiça do alcool pelo viciado e o seu desejo sexual de baixa categoria aparecem como terríveis ganchos de côr lamacenta: Amor puro e intenso pela humanidade é um sol brilhante. Renúncia e devoção apresentam-se como um botão de flôr em azul. A prece eleva-se tal qual cône azul e branco. Ódio e cólera aparecem como um estilete de fogo bem fino e comprido penetrando as carnes do desafeto.

Todos os personagens criados pelos novelistas ou romancistas, têm realmente vida própria no espaço. São figuras que os autores vivificam enquanto lembradas pelo correr da pena. Dissipam-se após, só se restabelecendo novamente ao serem fantasiadas pelos seus leitores prediletos.

Informa-nos certo pesquisador que o egoísmo, a avareza e a inveja atuam sôbre o figado e o baço; que os pensamentos de ódio e cólera afetam os rins e que o ciume prejudica o coração.

Que criações fluídicas exibirão os que julgam sofrer de cancer, de tuberculose ou de lepra? Estas tristes e mortificantes idéias materializando-se não poderão se transferir para habitarem o corpo que tais pensamentos emite? Atraímos o que gostamos pensar.

Em qualquer campo de atividade humana realizam-se incessantemente fenômenos semelhantes. Efetua-se a conversão do pensamento em matéria; corporificam-se as formas imaginadas. Tudo é pura verdade devendo ser afastada qualquer idéia de ficção.

Se fossemos consultar o Anjo da Saúde, por estarmos doentes, certamente que veriamos recomendado no receituário: «Uso constante de pensamentos puros e elevados, alternados com meditações em Jesus».

Major Levino Cornelio Wischral.

Livros e Autores

(Muitos volumes e nenhum tempo e nenhuma oportunidade para os lêr).

Lêr sempre foi nosso esporte predileto.

E, sempre que liamos obras cuja leitura nos impressionava fortemente, — principalmente quando seus autores nos ofertavam — corriamos a dar nossas impressões escritas. Claro que sem a intenção de glorificar ninguém, de *arrazar* a obra alheia que, para tanto, sempre «nos faltou engenho e arte».

Vem de longe êsse vêso nosso.

Vem de Salvador, alí por 1918, quando então rabiscavamos no *Diário da Bahia.*

Foi nessa época que conseguimos duas grandes amisades, que teriam de atravessar o tempo: a do Amaral Ornelas e a de Carlos Imbassahy.

Do primeiro, enaltecemos sua obra poética, de cujo poeta, até hoje, não vimos igual, no Espiritismo, com ressalva de Sebastião Lasneau!

Do segundo, apreciamos seu romance de estréia, *Leviana.*

E já nos conhecemos brigando. E brigando, mas sempre amigos, temos atravessado esses anos todos.

E — coisa interessante! — numa de suas cartas de 1918, em que já defendiamos o Espiritismo, escrevia-nos Carlos Imbassahy: «Não sou espírita e Deus me livre de Espiritismo!» Mal sabia êle que já era, naturalmente, o vaso escolhido para ser «o maior escritor e polemista espírita do Brasil».

* * *

Agora, velho e enfêrmo, — e a velhice também é doença, que *senectus est morbus;* agora, falta-nos disposição e vagar para lêr tudo que nos apetece, que nos enviam.

Além disso, as fôrças minemonicas já nos estão faltando e vemos, com tristeza, como nos minguam, dia para dia, todas as fôrças.

Eis por que, mau grado nosso, vemos sôbre a mesa da cabeceira tantos livros ainda por lêr.

Aqui reunimos os títulos dos volumes, o nome de seus autores, e dos ilustres confrades que nô-los ofertaram, aguardando, naturalmente, nossa pronunciação:

Ismael, obra mediúnica, de Francisco Luciano, oferta de Raul Pedrão, da Bahia.

Passes e Radiações, opúsculo, e *A Vida de Jesus,* tomo II, ambos de Edgard Armond, de S. Paulo.

Lágrimas e Sorrisos, miscelânia literária, de S. L. Guedes de Souza, oferta do autor.

Pruebas Concluyentes de la Existencia del Alma, de Cosme Mariño, *edi-*

ção de Constancia, oferta de seu diretor, de Buenos Aires.

Meu Fanal, versos, de Ramiro Gama, oferta do autor.

No Meu Santuario, estudos, de Albertina Angelo Silveira, oferta da autora.

Angelus, versos de Sebastião de Abreu, oferta de Rosalia Sandoval, a poetisa irmã do autor.

Cristo, o Maior dos Anarquistas, estudo filosófico, de Anibal Vaz de Melo, oferta do autor.

Almas Errantes, romance mediúnico recebido pelo autor, Isidoro Duarte Santos, que nô-lo ofertou.

Problemas dêste Mundo e *Realidades do Outro*, de M. da Nobrega, resposta ao Sr. Silva Melo, oferta do autor, de Recife.

Silva Melo e *os Seus Mistérios*, prefaciado por Pedro Granja, obra do dr. Sergio Vale, oferta do autor.

Fantasmas, Fantasias e Fantoches, de Carlos Imbassahy e Pedro Granja, resposta ao livro do dr. Silva Melo, oferta de Carlos Imbassahy.

O Evangelho dos Humildes, interpretação do Evangelho, de Eliseu Rigonatti, oferta do autor.

Ritmos da Nova Fé e *Renascença da Alma*, ambos de Nogueira de Faria, oferta do autor.

Rumos Novos, (poesias, miscelânia) de Luiz Ferreira Karl, oferta do autor.

As Profecias de Daniel e o *Apocalipse*, de sir Isaac Newton, tradução de Julio Abreu Filho.

Cartas de uma Morta, ditado da mãe do grande médium, F. Candido Xavier, oferta do editor, Batista Lino, da L. A. K. E.

Pietro Ubaldi, sua vida e sua obra, de Clovis Tavares, edição L. A. K. E., oferta do editor, Batista Lino.

O Espiritismo à Luz dos Fatos, de Carlos Imbassahy, oferta do autor. Já conheciamos o livro. Aliás, o grande livro. Uma nota, à pag. 250, deu-nos a entender que se trata de uma 2.ª edição. Página em que o autor responde ao *Espiritismo à Luz da Razão*, dos padres Lecroix e Bueno de Siqueira. Entretanto, nada, na capa, que revele nova edição. Será para que o Imbassahy não se empavone com um livro em 2.ª edição? Sabemos lá! Mas, sabemos que a brochura está mal apresentada. Dir-se-ia uma edição da Quaresma, livro para vender-se em porta de charutaria. E veio-nos à mente o asserto oportuno do confrade do Maranhão, sôbre livros espíritas impressos no Brasil...

Cingo. E' um poema mimeografado da poetisa Rosalia Sandoval, que se dignou de oferecer-nos. Coisa que se lê de um fôlego. E a poetisa é um nome por todos os títulos respeitado nos meios espíritas.

Dircurso em homenagem às vitimas da Intentona de 1935, de R. Pedro Michelena. O autor, aliás um grande amigo e confrade entusiasta, de Porto Alegre, profere seu discurso em frente de altas autoridades, inclusive o arcebispo, d. Vicente Scheiroso, que não gostou da peça. Pudera! Nem era para gostar, pois o Coronel, seu autor, vale-se tambem de sua autoridade militar para pregar a reincarnação perante o Arcebispo e em face de altas autoridades! Dos nossos, pelo arrôjo, o Michelena. Salve!...

Lira Azul, de Elmira Lima... o Espírito, oferta da «Mocidade Espírita de Belém, Pará.» Versos e, no término, *O Livro d'Alma*, novela espírita. Livro de bela apresentação gráfica, apresentado em bom papel, em boa impressão.

Graças sôbre Graças. E' o nosso pupilo, com prefácio de Carlos Imbassahy. E vale uma grande compensação para este confrade ilustre, que o livro está, realmente, primorosamente impresso. Escreve-nos até seu editor: «...se toda *mãe coruja* sempre elogia e enaltece as qualidades morais e materiais do filho, claro que eu não vou ficar à margem desse conceito. Daí, então, achar o livro perfeito em tudo, sôbre tudo a capa com aquele fundo azul, que veio realçar o vermelho do título!»

E está mesmo, valha a verdade, primoroso!

E' um livro de saudade e de justiça, tanto nosso, como do medium, F. Candido Xavier, como dos moços de Belo Horizonte, como dos espíritos comunicantes.

E destribuido, ademais, a benefício das obras do *Lar de Jesus*, para onde se deve enviar pedidos.

Como se vê, esta é uma nota que vale mais um anuncio.

Por isso vem no fim.

Leopoldo Machado.

Dr. Lins de Vasconcelos

Alfredo d'Alcântara

OS selvícolas do ramo tupí-guaraní, senhores da nossa terra ao tempo do descobrimento, usavam o vocábulo «texagaú», cuja significação só foi compreendida quando eles, já familiarizados com o linguajar da nossa gente, puderam explicar que essa palavra tão simples tinha o valor de uma sentença, pois queria dizer: «eu te vejo de mentira». E logo os lexicólogos traduziram-na para a língua portuguêsa por esta outra, tão decantada pelos poetas, SAUDADE.

Não há dúvida de que a imagem da pessoa a quem nos prende afeto ou gratidão, quando se ausenta, temporária ou definitivamente, levada por demorada viagem ou mergulhada na Morte, que é uma terrível incognita para muitos e esperança redentora para os espíritas, se fixa em nossa mente como se fôra microscópico clichê, que se amplia sempre que nos lembramos dela, e vêmo-la, animada da mesma vibração de vida com que, pela derradeira vez, esteve diante dos nossos olhos. Isto é, de fato, vê-la de mentira, e essa ilusão, em vez de trazer confôrto ao coração, aumenta a mágua que o oprime e faz-nos experimentar um travo amargo, misto de dôr e ternura, a que chamamos saudade.

Esta divagação veio a propósito da desencarnação do Dr. Lins de Vasconcelos, ocorrida há dias, inesperadamente, em São Paulo. Habituei-me a vê-lo, desde muitos anos, no seu dinamismo proveitoso e, agora que se foi, tenho-o na mente, num «texagaú» constante, porque o estimava e era-lhe grato por haver editado, na «Gráfica Mundo Espírita», o meu livro «Umbanda em Julgamento», quando todo mundo se negára a fazê-lo. Esta crônica eu dedico à êsse paladino da fraternidade. E' muito pálida porque sou um escritor sem brilho, pouco vibrante por ser eu espírita sem projeção nos meios doutrinários, mas imprimo-lhe tanta fôrça da minha sinceridade que ela, aos olhos de Deus, hade ascender ao valor de uma prece.

O Dr. Lins de Vasconcelos foi uma figura destacada no Espiritismo, que lhe deve um sem número de realizações. Idealista, lutou, com o ardor dos antigos pugilistas pelo seu ideal, que era a fraternização dos espíritas, e algo parece haver conseguido através do chamado *pacto áureo*, que é obra sua. Só não atingiu a perfeição que êle sonhava por fôrça da resistência oposta pela ignorância, vaidade e orgulho de grande número dos homens que giram na orbita da novel instituição. A pedra fundamental da grande obra aí está; foi lançada pelo Dr. Lins de Vasconcelos. O tempo se encarregará de reajustar outros trabalhadores para continuarem a edificação iniciada, afim de que a Fraternidade, condição «sinequá-non» da obra de Jesus Cristo, se torne, material e moralmente, uma realidade luminosa.

Muitos anos antes desta vitória o Dr. Lins de Vasconcelos imaginou uma organização que teria o mesmo fim do pacto aureo, e deu-lhe o nome de «Élo Espírita» Fracassou, mau grado o denodo com que lutou para fazê-lo vencer, porque faltou-lhe ambiente propício a um movimento fraternal dessa natureza. Tudo tem a sua época pre-estabelecida.

O Dr. Lins de Vasconcelos deixou traços da sua passagem em todos os setôres da seára espírita. No norte do país, em São Paulo, no Paraná, em todo o Distrito Federal, êle se multiplicava no afan de socorrer necessidades de Centros, asílos, creches e organizações sociais de toda ordem. A sua pena brilhou na imprensa doutrinária e sua palavra eloquente fulgurou nas tribunas de maior responsabilidade do Espiritismo. O seu padrão de glória, porém, é a sementeira de exemplos de cordura, altruismo, abnegação, tolerância e fraternismo, que soube lançar por toda parte, possibilitando-lhe a trajetória terrena sem o desgosto de um único inimigo pessoal. Essa riqueza, a maior que êle possuia, deixou-a, por herança, aos companheiros de ideais espíritas. Cumpre-nos honrá-la.

Rio de Janeiro, Março de 1952.

Os "Poltergeister"

«Poltergeist» é hoje um têrmo de uso universal. De origem germânica, significa, «espírito causador de barulho». Quando mais de um espírito, então é «Poltergeister».

Poltergeister sempre houve e continua havendo em qualquer parte do nosso planetazinho Terra. Eles não só «assombram» muitos castelos, burgos, conventos de frades e de freiras, como também casas e residências isoladas ou mesmo situadas dentro das cidades.

São espíritos de pessoas falecidas que se sentem atraidos ainda aos sítios onde habitaram, cujos motivos, geralmente são de natureza múltipla, principalmente em se tratando de crimes, cometidos em segredo, tal como os houve em velhos castelos e conventos; e estes crimes os prendem, por assim dizer, naqueles lugares. Existem também espíritos (poltergeister) que são espíritos brincalhões, produzindo fenômenos, quando o ambiente é propício, afim de impressionar os «espíritos incarnados», com o intuito de se divertirem à sua custa. A propósito desta última categoria de espíritos «Poltergeister» vamos relatar um acontecimento tragi-cómico.

Percorrendo as grandes revistas e jornais quotidianos, oriundos da Alemanha de post-guerra, nossa atenção foi atraída para o número de casas «mal assombradas» pelos Poltergeister, e impressionando-nos o abundande material fotográfico que as revistas germânicas dedicaram ao assunto. Tudo isto vem provando a sobrevivência da alma humana.

Vamos relatar um destes casos, aliás bem interessante, por se achar envolvido nêle um alto dignatário da igreja romana.

«Os Poltergeister têm trazido tremendos sobresaltos e transtornos aos inquilinos de um prédio numa cidade no sul da Alemanha.

Foi, finalmente, chamada a polícia (secreta). Os dois investigadores presenciaram, quasi no momento de se retirarem, um barulho violento, primeiro, e, em seguida, voaram a esmo muitos objetos no ar, aparentemente sustentados por mãos invisíveis... razão por que os dois policiais, aos poucos, ficaram nervosos, pois nada podiam fazer, nem prender o autor invisível! Avisaram então, por telefone a Central da Polícia. Esta achou melhor enviar logo um psiquiatra, médico experimentado em assuntos criminais. Os dois secretas recebe-ram o médico na porta da rua. Junto vieram também reporteres fotográficos de dois grandes jornais. O médico animou os secretas, pois, notou-lhes aquela palidez indisfárçavel. Subiram todos. Mal entraram numa sala, ouviram-se vários estalos, fortissimos, no assoalho e no forro que pareciam tiros de carabina. Os reporteres imediatamente ligaram os seus aparelhos portateis de gravação de som. Mais alguns estalos e as duas portas da sala se abrem como movidas por mãos invisíveis. Nêsse momento, viram os presentes, como os objetos do quarto começaram a se deslocar, subindo no ar; outros objetos vieram voando pelas portas, agora abertas. Enfim, começou um pandemônio doido de objetos, entrecruzando-se no ar, finalmente passando bem rente das cabeças dos presentes, de forma ameaçadora, sem que houvesse pessoa alguma capaz de produzir tudo aquilo.

O primeiro a retirar-se dêste ambiente foi o médico... muito nervoso (medo!) Parece que o nervosismo do médico contagiou os demais componentes!... No fim degenerou tudo numa vêrdadeira e geral fuga.

Os inquilinos do prédio imploraram então a presença do páraco do bairro. Êste veio solicitamente com o sacristão, afim de se proceder ao benzimento. Mal tinha iniciado o padre as fórmulas de exorcismo em latim e alemão, quando, de repente, ressoaram tremendos estalos no quarto e em seguida o deslocamento de objetos que dançaram no ar; até linguiças vindas do defumador, apareceram no ambiente... Isto foi o bastante para que o zeloso padre encerrasse o expediente mais depressa do que de costume. Sem se despedir de ninguém tratou de alcançar a rua; por um pouco não tombou pela escadaria abaixo; seguiu de passos «acelerados», levando o fato logo ao conhecimento da chancelaria do arcebispado.

Sua Eminência não deu muita fé àquela historia e deliberou chamar os inquilinos do predio em fóco.

Depois de tudo relatado pelos inquilinos, Sua Eminência refletiu por alguns momentos e recomendou a celebração de uma série de missas solenes em favor daquelas «almas penantes...», como ele se expressou.

De nada adiantaram as missas e aquela gente torturada tornou a queixar-se ao snr. arcebispo. Êle, o arcebispo, resolveu, então, ir ver pessoalmente o que por lá ia se passando.

No dia marcado, apeou cedinho o prelado da sua fina limousine, sem que a numerosa reportagem da cidade soubesse daquela augusta visita.

Precedido pelo chanceler do palacio episcopal, ambos subiram pela escadaria. Bem recebidos na casa, estranharam até, por encontrar tudo em calma e sem novidade. Palestrando, atravessaram os quartos, inspecionando tudo. Calma absoluta no prédio! Estavam já se aprestando a se retirar, quando surgiram as duas filhas da casa, vindas da cidade, uma com 11 e a outra com 14 anos. Cumprimentaram o nobre visitante e, neste momento ouviu-se um estrondo, seguido por outro, no soalho e no fôrro, e o pandemônio dos objetos esvoaçando dentro daquela casa começou, roçando alguns deles (pratos de louça), de leve a cabeça e o hombro do snr. arcebispo.., que tratou de retirar-se imediatamente. Apenas poude dizer aos inquilinos: venham amanhã conversar comigo... e desapareceu rápidamente pelas escadas abaixo...

Assim fizeram; compareceram no palacio episcopal. Levados à presença de Sua Eminência, êste falou ao casal em voz baixinha: «Já sei de que se trata. Vocês vão procurar, hoje mesmo, um bom centro espírita..., sem muito alarde. É um caso que só assim pode ser resolvido. O que exijo, é muita reserva. E é só para o momento.»

Despediram-se e, ao passar pela secretaria, gentilmente o chanceler entregou uma papeleta ao casal com a observação: — «Este endereço pode, talvez ser-lhes de utilidade para não bater muito em portas erradas».

Realmente, o casal procurou e encontrou tudo certo. Uma matrona, senhora muito bondosa os esclareceu, depois de ouvir o corolário de sofrimentos por que tinham passado. — No dia e hora marcados chegou uma pequena caravana de 6 ou 7 pessoas para os trabalhos de sessão, que com toda calma se processaram. As entidades (espíritos) que se apresentaram, com brandura e bondade foram esclarecidas que deviam abandonar o caminho, até então trilhado, entrando, em seguida, por outra estrada: a do progresso e da evolução. Concordaram e prometeram abandonar a casa. — Tratava-se de uma legião de espíritos brincalhões (poltergeister) que agiam com os fluídos hauridos das duas meninas, sem que elas disso tivessem conhecimento.

Assim se divertiram os Poltergeister com a polícia e o médico psiquíatra, com o padre exorcista ... e finalmente também com o Arcebispo da cidade «X» na Alemanha.

— É o caso de dizer-se: Louvado seja o snr Arcepispo que orientou bem e certo o casal atormentado. Mas, já que o príncipe da igreja romana sabia tão bem qual era o verdadeiro remédio que devia ser empregado em semelhante caso, por que razões recomendou êle, de início, celebração de missas solenes?? pois, essas missas com aparato não são baratas!... e o resultado foi nulo. Valeram, finalmente, as preces dos espíritas, porque se revestiram com aquela fé de remover montanhas de tormentas e de perturbações. Fracassaram: a polícia, o cientista (médico), o padre e o arcebispo. E os espíritas não se ufanam por produzirem um «milagre», convencendo os Poltergeister que se retirassem em paz.

Max Kohleisen.

Piracicaba, março de 1952.

Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo que não é obra dos homens e a vossa razão vos responderá: achareis Deus.

"Em uma só Palavra: AMOR"

A incompreensão que se nota na sociedade humana, e causa daqueles antagonismos ideológicos, políticos que a dividem, emerge de uma única fonte: a IGNORÂNCIA.

Esta ignorância não se refere nem significa desconhecimento do progresso intelectual alcançado pela humanidade, do qual temos evidência em todos os progressos que a ciência e a tecnica tem facilitado e permitido.

O progresso material cobre todos os aspectos do existir e conseguiu concretizar as utopias de nossos avós, quer no encurtamento das distâncias, aproximando os povos; quer nas medidas de higiene e prevenção que produziu o melhor estado sanitário dos países, extirpando as causas de epidemias e flagelos que açoitaram os mesmos em diferentes épocas da história; seja reduzindo o índice de analfabetos, concitando os indivíduos a aproveitarem os dons da inteligência; seja na construção de grandes obras de bem coletivo: edifícios, canais, diques, portos, linhas férreas, rádio, transportes, etc. A técnica e o desenvolvimento das indústrias orgulham o habitante dêste século XX e ainda o estimula a emprêsas maiores, talvez quiméricas no presente, mas realizáveis no futuro. A ambição do habitante terrícola, vemô-la, por exemplo, traçando planos para que seus pés pisem o solo de outros mundos planetários; alcançar a lua e descobrir o que lá existe, é êste um de seus sonhos.

Isto e tudo o mais que deixamos de mencionar, parece desautorar-nos em nossa afirmativa de residir a raíz do padecimento da atual sociedade antagônica, infeliz, cheia de angústia e incerteza, ausente de paz e de pureza, na sua grande IGNORÂNCIA.

¿Como, sendo nos dado contemplar por toda parte o fruto de sua inteligência altamente desenvolvida? — ¿Ignorante? quando podemos apreciar em múltiplas realidades a aplicação de um saber imenso. Sim! Não vacilamos em repetí-lo. Em seu grande SABER, tomado êste como soma de todos os conhecimentos de que dispõe e possúe a população terrestre, observa-se uma grande ignorância, traduzida em seu mal-estar, em sua desconformidade contínua; na falta de conciliação do homem consigo mesmo e com seu próximo; nos conflitos sociais e morais que a comovem; e nas contendas bélicas que a dessangram impiedosamente.

Ignorância de que, se tanto é o que sabe e possúe? Exceto uma minoria espargida por todas as latitudes do globo, que luta denodadamente para fazer a Luz na maioria dos seus semelhantes, ignora o verdadeiro sentido da vida; ignora a realidade espiritual do sêr, sua imortalidade; ignora a causalidade moral e cósmica (Karma) que rege os acontecimentos humanos e universais; ignora a lei da reencarnação (palingenesia); ignora tudo quanto em rigor, afastaria de suas almas a angústia, a dôr, o desespêro e concretizaria por cima das realizações materiais da inteligência, à base de cimento e aço, o único positivo, o realmente útil, o permanente: a compreensão, a paz, a justiça, a fraternização dos povos; em uma palavra: o AMOR.

Estéreis se tornarão todas as construções jurídicas, sociais, politicas e doutrinárias que se estabelecerem sôbre o globo, enquanto a sociedade humana continuar ignorando suas realidadeses senciais; desconhecendo o sentido da existência e a verdade das vidas sucessivas; negando a lei de causas e efeitos e a imortalidade da alma. Continuará edificando, em consequência, sôbre o êrro, o transitório, o mutável, e outros não serão seus efeitos sinão o palpitar do nosso mundo moderno, antagônico, cheio de rivalidades e supremacias, de rancores e sentimentos negativos.

Daí a impreterível obrigação de trabalhar para fazer desaparecer esta enorme ignorância de que ainda sofrem os povos, esclarecendo-os nestes ensinos que há de restituir a suas almas, a paz, a fé e a compreensão; o compromisso de apoiar todos os esforços encaminhados a esta suprema aspiração, sem nos determos a considerar o rótulo que a augura.

Devemos estar seguros do propósito e nele unidos; se êste é bom e apressa a destruição da ignorância, fonte de dôr e separação, como também busca a restauração do amor, então unamo-nos a êle e façamos sua cristalização na mente e coração de todos os homens. E' preciso espiritualizar, esclarecer moralmente, nutrir com sentimentos de pureza, esta orgulhosa e vasta inteligência que possibilitou nossa atual civilização.

Conheça o homem sua estrutura psíco-física, sua natureza e destino espiritual; sua responsabilidade individual e coletiva nas contigências da existência; sua contribuição na elaboração do futuro planetário do qual será beneficiário.

Conheça em si mesmo um espírito encarnado, sujeito á lei da reencarnação, da evolução e kármica, e parte do imenso organismo da criação, cumprindo dentro dela uma função e um fim em si mesmo. Substitua esta IGNORÂNCIA que tolda sua visão e sua mente e extravia sua vereda, pela SABEDORIA, luz que alumiará o caminho, purificará sua vida e formará seu progresso.

O SABER Espírita edificado sôbre os ensinos do mundo invisível traz sua grande quota nesta luta para destruir a ignorância, origem de tanta dôr e incompreensão humanas, e reune suas fôrças e suas luzes para que a vinda de uma Nova Era, anunciada pelos grandes Mestres espirituais, se plasme, e o Terceiro Milênio que se avizinha inaugure um ciclo superior para os moradores da Terra. Nova Era cuja divisa está expressada, numa só palavra: AMOR.

E neste anseio pelo cumprimento de tais desígnios, nesta sinalação da causa principal de um mundo que não se reconcilia e vive em permanente atitude de ataque e defesa, expressamos nossa firmeza no triunfo do AMOR, que causará a derrota da IGNORÂNCIA, e o afloramento das mais esquisitas virtudes do espírito do homem, e sua passagem, pela Terra, em cada jornada, meritórias realizações. Numa só palavra, o AMOR imperando e transformando a inteligência em sabedoria, a serviço do Espírito.

NATALIO CECCARINI.

Los Ceibos, 97 — El Palomar

R. Argentina.

O Espiritismo e a Assistência Religiosa

I — Igualdade de cultos.

Discutiu-se na Assembléia Legislativa da Bahia (Câmara dos Deputados), faz pouco tempo, um projeto relativo à criação do cargo de *capelão* católico, na Polícia Militar do Estado, com o pôsto e os vencimentos de capitão. Não sabemos se o projeto foi aprovado na íntegra, o que, aliás, é muito provável, em virtude da inclinação da maioria da Assembléia, segundo lemos no *Diário da Assembléia Legislativa* da Bahia (anexo ao «Diário Oficial» do Estado) de 17 de Novembro do ano passado. O projeto em si não nos interessa, porque o Espiritismo, como se sabe, não tem organização religiosa. Não tendo, portanto, culto organizado, embora seja, como afirma Allan Kardec, «uma filosofia de consequências religiosas», o Espiritismo não tem elementos que lhe permitam instituir a função espiritual de *capelão* ou qualquer outra dignidade equivalente, nos moldes, por exemplo, da Igreja Católica. Todavia, por mais que nos esforcemos para desprezar o aspecto religioso do projeto, não podemos deixar de levar em consideração um ponto que, de qualquer forma, interessa ao Espiritismo: a igualdade religiosa perante a Constituição Federal.

O Espiritismo — convém repetir — não tem «organização religiosa», porque não prescreve culto material com ritual, sacerdote, hierarquia, etc. Entretanto o Espiritismo, assim como todas as religiões estabelecidas no Brasil, sempre que se faz necessário, invoca o princípio da liberdade de cultos, previsto na Constituição Federal, quando se sente ameaçado no exercício de suas práticas ou na livre exposição de seus ensinos doutrinários. Logo, ainda que seja apenas para efeito de garantias constituicionais, o Espiritismo enquadra-se nos cultos religiosos, embora não tenha as características de um *culto* material. Se não tivessemos amparo na «liberdade de cultos», mantida até hoje na Constituição do país, as sociedades espíritas poderiam ser fechadas a qualquer momento, desde que uma autoridade entendesse de proibir as atividades espíritas no Brasil. Seja ou não seja religião, o Espiritismo desfruta da liberdade religiosa que a Constituição Federal assegura a todos os cultos. Foi precisamente êste aspecto que levou o Deputado Ebenezer Cavalcanti, relator do projeto, a sustentar o princípio da igualdade religiosa para impugnar a exclusividade conferida à Igreja Romana, quando se sabe que em todas as corporações militares do Brasil há católicos, espíritas, protestantes, agnósticos, etc. O brilhante deputado bahiano escreveu um parecer notável, verdadeira peça jurídico-doutrinária. Examinemos o assunto.

A Constituição Federal permite a assistência religiosa nos quarteis (Art. 141 § 3.º) mas não estabelece preferência para religião alguma. Pretendeu-se, porém, criar um *capelão* na Polícia bahiana, com base na Constituição Federal, mas o capelão seria exclusivamente da Igreja Católica, um padre, portanto, como se não houvesse protestantes, espíritas, etc., entre os oficiais e praças da Corporação... A Constituição da República é muito clara:

> *Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro assistência religiosa ás forças armadas... (§ 9.º).*

Veja-se bem a expressão constitucional: a assistência religiosa será prestada *SEM CONSTRANGIMENTO.* Ninguém, portanto, será obrigado a receber assistência contra a sua vontade. Êste o verdadeiro espírito da Lei Magna, inspirado, aliás, no sábio princípio da liberdade de consciência. Com a sua penetrante e segura interpretação o deputado Ebenezer Cavalcanti pôs a questão nos seguintes termos:

a) — em princípio, não se justifica a existência de um *capelão* na Polícia Militar, porquanto a assistência espiritual ou religiosa deve ser prestada quando o indivíduo pede essa assistência, de acôrdo com a sua consciência;

b) — uma vez, porém, que se pretende criar o serviço de assistência religiosa na Corporação, que se respeite o princípio da igualdade de todas as religiões perante a Constituição Federal.

Se todas as religiões são IGUAIS perante a Lei básica do país, não se compreende a existência *apenas* de capelão católico na Polícia bahiana, quando é notório que as outras religiões têm adeptos em todos os graus da hierarquia militar. Por que, pois, sómente capelão católico? Eis aí, em linhas gerais, o ponto-de-vista do ilustre parlamentar bahiano. Ponto-de-vista lógico, seguro, à luz da mais clara e mais honesta hermenêutica constituicional. Resumamos: seria melhor não haver *capelão* de espécie alguma, porque toda e qualquer forma de assistência religiosa deve ser prestada mediante solicitação dos interessados; como, porém, a Assembléia Estadual resolveu incluir capelão no quadro de oficiais da Polícia, então que se estenda a mesma providência ás outras religiões. Diz muito bem o deputado Ebenezer Cavalcanti:

> *Em tese, somos contra a creação do posto de Capelão-Militar. Entretanto, entendemos que, se há-de ser creado, não se justifica a exclusão de outras igrejas ou confissões religiosas. O Estado não reconhece a nenhuma determinação religião como oficial. Todas as religiões são perfeitamente iguais perante o Estado Brasileiro, salvo aquelas que contrariem a ordem pública ou os bons costumes.*

O relator do projeto, em seu admirável parecer, defende, como se vê, o princípio da equidade: se existem capelães católicos na Corporação, é natural que haja capelães de outras religiões. Nada mais lógico, mais claro, mais equitativo, à luz da Constituição Federal. Vamos transcrever um dos trechos em que o corajoso deputado bahiano sustenta, de maneira irrespondivel, a sua luminosa tese:

> *«Entendemos que qualquer espécie de assistência religiosa deve ser*

procurada pelos indivíduos, espontâneamente, nas igrejas ou instituições religiosas ou filosóficas de sua preferência. Não cabe ao Estado prestar essa espécie de serviço, nem custeá-la. Nada mais pessoal e íntimo do que o sentimento religioso. Cremos que os homens que integram as nossas fôrças armadas têm bastante madureza para se orientarem, na matéria, de acôrdo com os ditames de sua própria consciência.

Uma vez, porém, que o Estatuto Magno do País faculta essa assistência, impõe-se a exáta inteligência do dispositivo, afim de evitar interpretações exclusivistas.

Assistência religiosa, *no texto constitucional, não significa necessária e,* exclusivamente *assistência religiosa de tipo católico-romano.*

Não alude o texto à assistência religiosa como antidoto para quaisquer doutrinas ou ideologias filosóficas, econômicas ou políticas. Não cogita o texto da maior ou menor percentagem de adeptos desta ou daquela unidade do território nacional. Nem mesmo se refere a igreja ou igrejas, como também não alude a rabís, padres, pastores ou a quaisquer outros chefes ou guias religiosos. Declara simplesmente que assistência ressalva o intangível princípio da inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença quer religiosa, quer filosófica ou política (Art. 141, parags. 7.º e *8.º), ressalvando que essa assistência se prestará «sem constrangimento dos favorecidos». Ora, desde que haja constrangimento, não haverá favorecidos. Alguns dispensarão o «favor». Outros suportarão o constrangimento. Mas desde que «constrangimento» se manifeste, por qualquer forma, cessará a assistência religiosa para os que não na encomendaram, nem pediram. Não será isto uma forma indireta de constrangimento, uma vez que não tenha sido feito a prévia consulta aos que desejam ser «favorecidos» pela assistência religiosa desta ou daquela igreja ?»*

Muito bem ! Não conhecemos as idéias religiosas, filosóficas ou políticas do deputado Ebenezer Cavalcanti. Estamos de acôrdo, mas de inteiro acôrdo, porém, com a sua tese, com a sua maneira de interpretar a igualdade religiosa em face da Constituição do Brasil. Subscrevemos integralmente a seguinte afirmativa : *Nada mais pessoal e íntimo do que o sentimento religioso* Ainda a respeito da igualdade dos cultos religiosos, o legislador bahiano, com o intuito, é claro, de reforçar a tese da equidade, citou, também, os espíritas, uma vez que existem adeptos do Espiritismo nas fileiras da tradicional milícia bahiana. Fê-lo em termos claros e coerentes, dentro da doutrina constitucional em que se apoiou :

> *«E não se argumente com números, argumento estranho ao dispositivo constitucional e de consistência bem vulnerável. O atual efetivo da P. M. é de 3.089 homens. Cogita-se de aumentá-lo para 3.968, do ano de 1952. Assim, haverá uma diferença de 896, para mais. Do atual efetivo, quantos não são católicos romanos ? Quantos que o sendo, não desejam ser «favorecido» com a assistência religiosa ? Quantos são* espiritistas ? *Quantos protestantes ? Quantos não adotam religião alguma ? E quem póde assegurar que os* novos *militares, em número de 896, previstos para o próximo ano, serão todos católicos, ou que o serão na sua maioria ?»*

Vimos, até aqui, apenas os aspecto constituicional do projeto. Vamos entrar, agora, no aspecto religioso, não mais em face da Constituição, mas em relação à posição do Espiritismo. Pode o Espiritismo ter capelão ? Já se sabe que a própria índole da doutrina é infensa a qualquer forma de hierarquia sacerdotal. Entretanto, como acabamos de vêr, o deputado Ebenezer Cavalcanti colocou a questão em termos tais, que não podemos deixar de fazer alguns comentários a respeito. A tese que o ilustre parlamentar bahiano defendeu sugere muita reflexão a respeito dêste problema. E' claro, é notório que o Espiritismo não comporta sacerdote nem capelão. Então, como deveria ser prestada a assìstência espiritual aos adeptos do Espiritismo nas Fôrças Armadas, caso essa assistência fôsse solicitada ? Esta parte fica para o próximo número.

(Continùa)

DEOLINDO AMORIM

Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco

Admirável sessão na França

A nove de Dezembro apareceu no grande jornal de Turim «La Stampa», um sensacional artigo de coluna e meia, que repercutiu na França, pois La Liberté de Paris, reproduziu a figura psíquica e relatou os factos à mesma ligados.

O reporter da «Stampa» entrevistou o Snr. Luigi Bellotti, arquiteto, escultor, pintor e médium, residente em Veneza. O Snr. Bellotti é reputado um dos melhores médiuns da Europa. Êle é membro honorário da Sociedade Psíquica de Paris. Celebres artistas, espíritos, como Maggioli, Ciardi e Segantini pintaram figuras através da mediunidade em transe do Snr. Bellotti. Muitos outros espíritos de fama mundial escreveram pela sua mão.

O jornalista perguntou si era certa a notícia da comunicação de Napoleão por meio dêle.

Bellotti respondeu :

«A mensagem em questão é parte de um conjunto de manuscritos de importância indubitável. O senhor quer que lhe fale sôbre um acontecimento dos mais interessantes da nossa vida. Êle teve começo nesta casa (residência de Bellotti em Veneza) e teve o seu desfecho em Nice. Ouça !

Certa noite senti subitamente não estar só. O Imperador estava presente e desejava comunicar-se. Minha mão foi compelida a interromper o trabalho de cálculos e diagramas apenas começados e escreveu algumas sentenças com grande rapidez, grafadas segundo a característica de Napoleão. O espírito predisse sua aparição em Nice, alguns dias depois, e seria visto sôbre um cavalo branco. Êle precisou o dia e hora da sua manifestação.

O senhor póde imaginar minha surprêsa e excitação ! Escrevi imediatamente à admirável médium, Mme. Gal, a incansável leader do Círculo «Fiat Lux» de Nice, informando-a da mensagem automática, para que ela fizésse os arranjos no sentido de conseguir a presença de todos os membros proeminentes do círculo à próxima sessão...

Mme. Gal respondeu, sem demora, estar de acôrdo com a reunião e me informaria do resultado.

«Aquí vai o relatório completo da sessão realizada na Rua Cais de Pierlas, Nice. E' muito interessante e o senhor póde lê-lo, se desejar».

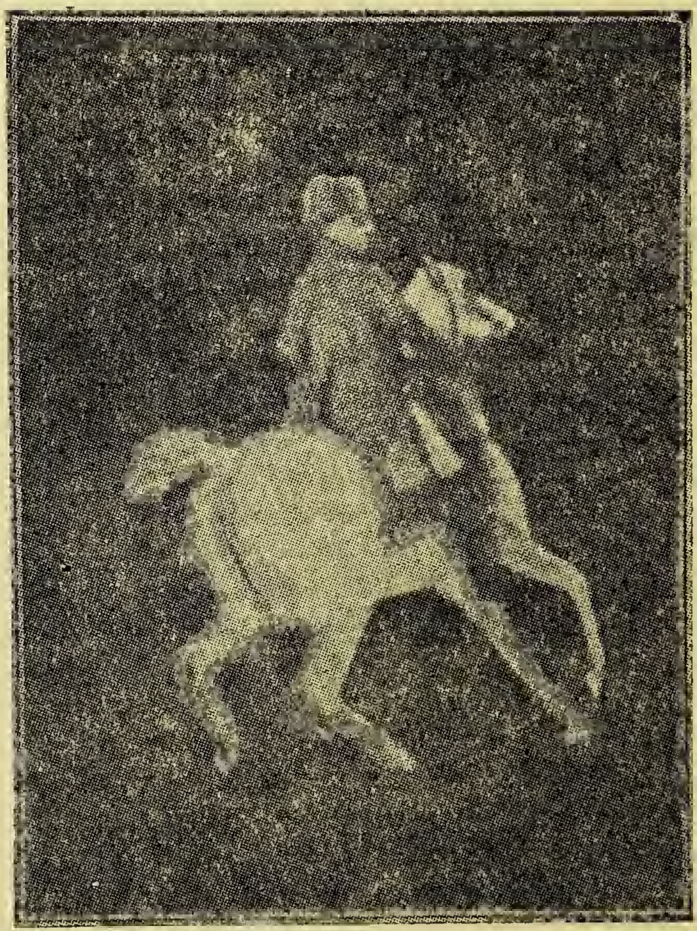

A Fotografia psíquica obtida no Círculo de Nice, «Fiat Lux», reproduzida de uma figura publicada por «La Stampa» de Turim.

Os fatos, segundo as notas do relator, foram presenciados por dezesete assistentes, entre os quais Mr. Gariges, presidente do Grupo.

Pregar o Espiritismo é o mesmo que libertar do êrro e. da ignorância aqueles que resumem a vida aos bens materiais. — *L. B.*

Uma Grande Perda ?

Leopoldo Machado

(DESENCARNE DE ARTUR LINS DE VASCONCELOS LOPES)

Tivemos a notícia, de primeira mão, pelo rádio, que classificou o desencarne do Lins de Vasconcelos de «uma grande perda».

Perda ? Mas, se o Cristo afirmara que «nada se perde no reino de meu Pai ?»

A volta, apenas, de um grande Espírito ao Espaço, depois de ter vivido a pior de todas as provas: a prova da riqueza, do muito dinheiro, conjugada a muita inteligência, a uma grande capacidade de trabalho...

E volta até protelada, como a nossa, afim de que ultimasse o que devia fazer.

Mais pecador do que êle, aquí estamos, ainda — êle, que, a estas alturas, devia ter escrito sôbre nosso desencarne ! — mais pecador do que êle, estamos aquí para sofrer mais, jungido a mais trabalhos, que ainda temos o que fazer !

Nosso primeiro sentimento foi o de inveja, acreditem !

Inveja, sim, embora seja um grave pecado para o espírita.

A protelação de sua partida foi de pouco mais de um ano...

A nossa, de quanto tempo?

* * *

Não temos idéia de haver convivido com outro espírita como êle.

De haver conhecido um temperamento igual, um carácter tão firme, uma amisade tão útil e desprendida. Alguém que recebeu tanto e tanto soube tanto !

Para nós, foi o maior obreiro desses últimos tempos.

Foi, numa palavra, o servo lealissimo dos *Cinco Talentos,* os quais soube colocar, a juros altissimos, em circulação.

* * *

Enfêrmo, e cardíaco, como nós, sua falta de saúde não lhe serviu de estorvo para realizar tantas coisas que outros, com mais saúde e tempo, podia fazer.

Milionário, soube aplicar seus milhões como poucos, como nenhum dos que temos conhecido, na causa do Bem, a benefício da difusão maior da Doutrina.

Exemplos ? Mas, são tantos, santo Deus !

Uma feita, aparece-nos um *espírita* dos de maior projeção, pedindo dinheiro emprestado. Nós haviamos saído da construção onerosa de nosso colégio...

— Se você não póde, talvez possa abonar um emprestimo por seis meses com o Lins de Vasconcelos...

Só dois anos depois, soubemos que o emprestimo não fôra pago.

Corremos ao Lins de Vasconcelos para resgatar, em parcelas, o emprestimo.

— Não. Com o seu dinheiro, não ! Se êle, que já me deve tanto, viesse pagar... Eu sabia que êle não pagaria. Mas, você se desembolsar para pagá-lo ! Ora, desembolso por desembolso, eu, que posso mais do que você, já desembolsei...

Quando, pela terceira vez, resolvemos transformar nosso colégio num estabecimento francamente espírita, por fôrça de uma sociedade por cotas,—o único gênero de propaganda que nunca podemos realizar, que não creio, ainda se realize integralmente ! — a absoluta boa vontade de Lins de Vasconcelos, entre os espíritas endinheirados, foi quasi o único estímulo forte que tivemos.

Parece que não ha, no Brasil, instituição espírita de amparo social que não tenha sentido reflexos do Lins de Vasconcelos.

E pergunte-se aos *exploradores* da caridade espírita — e são tantos, tantos ! — se o Lins de Vasconcelos não lhes foi das prêsas mais fáceis...

Diplomata, deixou-nos a impressão forte e bela de que consagrara seus últimos anos ao serviço de aproximar os espíritas e as entidades espíritas mais sérias, de ação mais eficiente e equilibrada.

Foi nosso *braço forte* no «Congresso de Mocidades Espíritas», movimento que nos fôra sugerido pelo Campos Vergal, endossado por êle. Sua cooperação, sôbre ser a mais eficiente, não nos faltara uma só vez. E sua diplomacia chegara ao ponto de conseguir interrompessemos a série de artigos que vinhamos escrevendo contra os opositores gratuítos do Congresso, e de conseguir a séde da FEB. para o encerramento do Congresso, recebendo, até, com admirável dignidade cristã, o diploma da FEB., na falta de diretor seu.

Dedicadissimo à Doutrina, salvara a *Gráfica Mundo Espírita* de desastrosa falência.

— Por que, se você sabe que é um mau negócio ?

— Pior negócio para a Doutrina será sua falência. Está em jôgo o nome do Espiritismo e é preciso preservá-lo contra os azares de maus espíritas.

E sacrificou mais de um milhão só na *Gráfica Mundo Espírita !*

* * *

Salientamos aquí, sómente, os pontos altos de sua ação de espírita milionário e dinâmico, culto e bom, amigo e excelente companheiro. Tudo isso, e mais sua cultura geral, e mais seu tino jornalistico, e mais sua capacidade de ação construtiva, a serviço da Doutrina...

Deixámos, para último, o PACTO AUREO, a obra por que mais se batia, ultimamente.

Por sua interferência direta quasi, a Liga irmanou-se à Federação.

E o Conselho Federativo enviou ao Norte a Caravana da Fraternidade, indo êle até Recife.

E nós interrompemos tudo — em atenção a seu pedido insistente — para tomarmos parte da Caravana, e irmos até Manaus, com a passagem paga pelo Conselho, cujo pagamento, em verdade, saíra de sua bolsa.

Depois, nossa enfermidade grave.

Visitou-nos na CASA DE LUCIÁ, almoçando lá conosco.

E, diante do pouco caso que descobrimos na imprensa espírita de cá, fóra MUNDO ESPÍRITA, ao esfôrço herculeo da Caravana — na imprensa, é óbvio, que devia estar fremindo ao nosso lado ! — foram ainda seus *panos quentes* que sustiveram nossa explosão pela imprensa, depois de mais de meia hora de conversa ao telofonio inter-urbano...

* * *

Diz-nos a consciência, querido irmão e amigo, que lhe não demos nenhum prejuizo material ; que sempre soubemos cultivar sua amisade e admirar seus predicados de espírita rarissimo, na hora que passa.

O maior espírita desses últimos tempos.

Só isto, nos consola sobremodo, e nos põe em condição para êste preito !

Só isto, te deve falar profundamente à sensibilidade.

E até logo, Artur Lins de Vasconcelos Lopes !

Crônica Estrangeira

O Coveiro

Um capítulo de novo livro ditado pelo espírito de Lia.

Papel ingrato e triste o de fechar o livro da vida terrena ! Dobrar a última página, numerar a fachada, catalogar o volume... Nada mais. A bibliotéca fica para os minutos ou para os séculos, assinalada pelo coveiro, sob cuja enxada se verga a glória do mundo. A terra que deita sôbre o livro não é vernis que preserva, é acidez que ajuda a transformar. Daí a tempos, o número continua a indicar um infólio que não existe. Em vão se poderá lêr a obra...

Êsse homem taciturno tem nas mãos a história dos corpos, como o cronista a história das almas. E' o escultor da natureza morta. Todas as vaidades lhe caem aos pés lodosos, todos os triunfos, todas as vitórias E não tem uma palavra de crítica para a vida que tombou. E' igual a outras tantas vidas que se exercem e acabam na vala comum, termo de jornadas interrompidas que o ponto final marcou. Sim, para êle são todas iguais. A boca que mordeu é igual à que abençoou. A mão que lapidou é igual à que demoliu. A mesma algidez envolve o corpo da cortesã e o da raínha. A morte é a rasoira no alqueire. Tudo se nivela no pórtico sombrio. Que importam os féretros puxados a oito cavalos ? Que importam os ricos mausoleus ? O destino é comum e dos interstícios da pedra escorre o mesmo fio de água verde. Qual será mais belo: apodrecer na pedra ou apodrecer na argila? No fim de contas, tudo é apodrecer.

O coveiro olha para isto em silêncio. Não diz uma palavra. Mas cogita no seu infólio, perguntando a si mesmo quem o arrumará no subterrâneo, apontando o número aos curiosos que passem. Será mais um bloco submerso no arsenal das podridões. E encolhe os ombros ao pensar na sua vez... E' o calidoscópio celular que o impressiona. E começa a evocar:

— Êste Petronio tinha bolor nos lábios e os olhos comidos pela morfeia. O aprumo, o donaire, a jactância, esconderam-se num corpo encarquilhado que os vermes roerão. Aquêle rotundo agiota morreu especado a contemplar as moedas reluzentes que o não livraram da papeira. O ministro agaloado trocou os pulmões pelo jazigo. O ricto zombeteiro que ainda conserva, talvez se dirija aos que o adularam em fingidas curvaturas...

E a fileira estende-se, diferente e variada. Lavradores, industriais, funcionários públicos, generais, operários, homens sem profissão, mulheres de luto, salteadores, mendicantes, tudo pertence à história do coveiro. Dêle é sempre a última palavra... O seu olhar enigmático encara o despôjo e percorre-lhe os escaninhos. Nada fica por vasculhar na mirada inquiridora. As virgens mirradas ficam ao lado das matronas. Crianças imberbes, ao lado de velhos centenários. Tudo arrumadinho na bibliotéca. A vala é o lugar das brochuras desfeitas, cujas páginas meio delidas ostentam pétalas murchas que tiveram aroma. O granito é a percalina do cemitério. O mármore é a encadernação luxuosa de grandes parangonas. Mas em brochura, carneira ou percalina, o olor é sempre o mesmo. O estojo não altera a medalha. E' o pó amassado em glória ou amassado em lágrimas, subordinado à enxada do coveiro que tudo nivela, sem contemplação ou resquício de piedade.

Que haverá nos silêncios tenebrosos de sua alma inquieta? Que filosofia será a do homem que enterra os outros? Que noções terá do Além e do Aquém? E' governador de uma cidade estranha, onde cada um fala por escrito e outros emudeceram para sempre. De noite vigia o bairro Choupanas, palácios, casebres, tudo é objeto de seu reparo, nada escapa ao seu olhar de lince. Não tem chave, tem gazúa. Os mortos receiam-no. Quando se aproxima, encolhem-se para que os não veja. E' que seria horrível voltar à terra...

Nessas jornadas noturnas, o coveiro medita e compara. Pensa nas castas, no sangue azul, nas hierarquias, e um sorriso irónico lhe emoldura o rosto parado. Emblemas... distintivos... insígnias... paramentos... Que é isso, senão pó que a vaidade emoldurou? Na estranha cidade tudo se amalgamou, sob o signo da enxada. As honrarias tombaram, como folhas ressequidas. O orgulho rolou no pântano alimentado pela vaga. Só o coveiro se ergue no meio da voragem, hirto e silencioso, criador de legendas e numerador de corpos... E' senhor de um mundo exótico que inspira receio e tanto lhe obedece o mausoleu como o jazigo.

Todos os homens têm horror à cova. Queriam ser imortais e vêem com pesar o enfraquecer das células e o rolar dos anos. E se soubessem que a todas as horas, minutos e segundos se abrem covas em seu organismo sempre a decompor-se... A combustão orgânica crepita sem parar. As células não se extinguem: dão lugar a novas células. Só o espírito... O coveiro sabe... O enterramento da matéria deu-lhe noções perfeitas da vida. Êle sabe que o espírito é imortal e que a Terra é morada transitória. E ri-se da cidade de mármore que governa, atira-lhe o seu desdém, porque — diz êle — tudo é podre e nauseabundo na bibliotéca que arrumou. Da pompa dos féretros e da elegância da percalina só estrume resta devolvido à cova. A flôr é pó; o fruto é dejecto. A condição humana sumiu-se na argila com a filáucia e a basófia. Adeus, jactância, adeus vanglória! Agora, o organismo é um relógio paralizado. Ninguém lhe póde dar corda. E como as peças são intransmissíveis, não servirão mais a outros. Cova com elas, terra em cima e um número ao alto. «Aquí jaz um fautor de impérios que a desgraça arrasou». Além outro relógio desconjuntado que em vez de número tem um pórtico: «Aquí jaz um arquiduque». Gloríola vã que nada acrescenta ao valor do homem!

— O berço doirado — pensa o coveiro — amimou-lhe o corpo e embotou-lhe o espírito. Mas os despojos são iguais. Os epitáfios são anúncios a tanto por tabela. O mármore consente os maiores opróbios.

Ha títulos ao contrário. E' quando

a alma é lama. Isto diz o coveiro e talvez esteja perto da verdade. Há almas torvas, sombrias como calabouços. Irradiam pus, humor pestilento. E quando o corpo se arquiva, legendas o enfeitam de rosas. O bondoso e o angélico se irmanam no mesmo epitáfio. O coveiro sabe... o coveiro sabe tudo isso. E anda silencioso e taciturno. Se êle tivesse fôrças para recalcitrar ! Se pudesse caldear o mármore e o granito e substituir as legendas, que coisas espantosas não surgiriam !... Mas não póde. A humanidade continuará a manter o coveiro e êle a enterrar a humanidade...

Gosta mais dos mortos, que dos vivos, tão preso está ao seu mister ! Aqueles não recalcitram, estão sempre de acôrdo com êle. Não aceita reclamações... Só tem que vigiar os ossos...

Cidades mortas... cidades vivas... todas têm o seu coveiro operoso e solícito. Onde é preciso enterrar, aparece de enxada ao ombro, com o mesmo ricto, o mesmo esgare duvidoso. Olha, ouve, cogita e lança qualquer coisa sôbre a morte. Umas vezes, terra ; outras vezes, lodo.

E sôbre a vida, que lança êle ? Que enxada empunha, que covas abre, que peitos quebra o coveiro ? Todos o sentem e desejariam enterrá-lo primeiro. Todos o vêem, todos lhe tocam... e fingem ignorá-lo.

Há coveiros de homens e coveiros de impérios, coveiros de corpos e coveiros de idéias. Cada um brande a sua enxada na cola do objetivo. Quando uma cova se fecha, duas se abrem no cenário da vida. As almas assistem ao entêrro, ouvem o *requiem*. Imprecações, revoltas, críticas acerbas, nada vem à superfície do rosto, que encara o fenômeno como coisa imanente.

Quem há aí que não tenha aberto uma cova ? Que não tenha brandido a enxada, zurzindo alguém ? Ou lançado terra ou lama sôbre um vencido ? Ou denegrido ou vituperado ?... Coveiros de ofício ou coveiros amadores, todos são coveiros de enxada na mão para o arranque final.

E odeiam o coveiro, fogem de seus passos como de peste negra, quando melhor fôra fugirem de si próprios. Assim haveria coerência.

Em certos campos há coveiros a mais e corpos a menos. As obras estiolam, as fôrças quebrantam e as covas surgem a cada passo, aliciantes e traiçoeiras. Vem a enxada e arrasa tudo. Outras obras se erguem, outros monumentos se constroem ; e os coveiros, que pareciam ausentes, aproximam-se de olhar álgido e entram em função. Obras acima, obras abaixo. Covas que se fecham, covas que se abrem, porque o coveiro é necessário à criação.

Extraí o véu da letra para entender esta parábola. Grandes mistérios e grande sabedoria se concentram na alma do coveiro ! Não é marco miliário, é pedra angular do edifício humano, que adora a vida e zomba da vida, da comédia de uns e da tragédia de outros. E' o ponto final de todos os dramas dêsse mundo.

Aquí, os coveiros são diferentes. Um dia os conhecereis. Por enquanto interessa-vos a matéria falaz, que é felicidade ou desgraça de muitos. Por isso é preciso abrir covas, hoje e sempre, para enterrar os mortos da vossa morte. E lembrai-vos que depois de morta a humanidade, o coveiro ficará de enxada ao ombro a contemplar a sua bibliotéca...

De «Estudos Psíquicos».

(De um novo livro ditado pelo espírito de LIA e recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	50,00	Do 7.° ano	50,00	Do 8.° ano	50,00
Do 10.° ano	50,00	Do 11.° ano	60,00	Do 12.° ano	60,00
Do 13.° ano	60,00	Do 14.° ano	60,00	Do 15.° ano	70,00
Do 16.° ano	80,00	Do 17.° ano	60,00	Do 18.° ano	60,00
Do 19.° ano	60,00	Do 20.° ano	60,00	Do 21.° ano	60,00
Do 22.° ano	60,00	Do 23.° ano	60,00	Do 24.° ano	60,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

Visita à Confederação Espiritista Argentina

Tivemos a felicidade de visitar os nossos irmãos de ideal, diretores da Confederação Espiritista Argentina e trouxemos a mais carinhosa recordação dos momentos de fraternidade e entendimento que desfrutámos junto aos batalhadores da Terceira Revelação na bela Capital Portenha.

Pudemos observar que aproveitam bem a oportunidade de estudar e evoluír dentro da doutrina codificada por Kardec.

A Confederación Espiritista Argentina, localizada na Rua Sanchez Bustamante, 463, está bem instalada, possuindo amplo salão para palestras e conferências, além de belissima bibliotéca de obras espiritualistas. Essa conceituada instituição vem mantendo há dois anos o «Curso de Ensino Espírita», que é muito frequentado e procura orientar o Espiritismo na Argentina sob os princípios Kardecistas.

Explicou-nos o Sr. Manio Rinaldini, mui digno Presidente daquela casa, que a preocupação máxima no momento era a de orientar e educar devidamente os espíritas por intermédio do Instituto de Ensinos Espíritas, aprimorando-lhes os sentimentos, afim de que possam estar preparados para o conhecimento da grande mensagem da vida universal, com relação ao Todo e para difundir com maior clareza e profundidade os múltiplos aspectos do Espiritismo. Estão, pois, de parabens esses esforçados irmãos, com o seu modo de pensar, em procurar primeiro estudar e capacitar-se, antes de penetrar na parte prática da doutrina. Exemplo êste que muito lucrariamos se também o adotassemos.

Cumprie ressaltar aqui o trabalho da «Federação Argentina das Mulheres Espiritistas», que, com igual coragem, incentiva nossas confrades a lutar pelo seu aperfeiçoamento moral e intelectual a bem da humanidade.

A Confederação Espírita Argentina mantém o Ateneo Espírita de Letras e Artes, assim como o Grupo Juvenil, destinado a unir toda a juventude espírita, e também publica a revista mensal «La Idea».

Segundo nos declarou o Sr. Presidente, estes órgãos estão animados do fogo sagrado que irradia dos ensinamentos espíritas e existem bons indícios de que poderão no futuro estender por todo o país a influência redentora e renovadora do movimento espírita em benefício da coletividade.

Explicou-nos mais o Sr. Rinaldini que o número de espíritas na Argentina é superior a 100.000, havendo 150 sociedades espíritas, das quais 50 já se encontram confederadas.

Deixámos Buenos Aires muito bem impressionados com a obra da Confederación Espiritista, que em clima adverso tanto tem feito pela propagação da doutrina espírita.

Anita L. Briza.

Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro»

Durante os mêses de Março e Abril p.p., o salão da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», sito à Av. Rangel Pestana, 271, sobr.°, na Capital Paulista, recebeu em seu seio centenas de confrades que, ávidos de conhecimentos, ali foram para presenciar ocorrências importantes na História do Espiritismo Brasileiro.

Primeiro: A Mesa Redonda para os debates sôbre «Os Fenômenos de Poços de Caldas», em que falaram diversos confrades sôbre o momentoso caso que tem apaixonado a opinião pública do Estado e do País.

Segundo: A 31 do mesmo mês, aniversário do desencarne de Allan Kardec. Ocupou a tribuna daquela casa a ilustre conferencista Prof.ª Luiza Pessanha Camargo Branco, que deliciou o numeroso auditório, proferindo maravilhosa dissertação sôbre o ilustre e sábio Codificador da Doutrina dos Espíritos.

Terceiro: A 3 de Abril, de passagem pela Capital, fez-se ouvir ainda, o nosso querido e estimado irmão, Prof.

Romeu de Campos Vergal, Deputado Federal no Parlamento Nacional que, de acôrdo com sua proposta, transformou essa reunião numa homenagem ao sempre amado trabalhador da Seára Cristã e Universal, o ilustre confrade Dr. Augusto Militão Pacheco que, devido a sua idade, não poude comparecer, todavia fazendo-o através da presença de dois membros de sua família.

Enalteceu o orador as qualidades dêsse Apóstolo do Bem e do Amor, exaltando, com justeza, em belissima biografia, a fé, a devotação e o carinho do grande médico patrício.

Finda a sua preleção, o confrade Vergal foi aplaudido intensamente e, em meio as manifestações de júbilo e alegria, após a reunião, uma caravana de confrades, Diretores da Sociedade e amigos do homenageado, incorporados, seguiram para a residência do casal Pacheco, e de surprêsa, foram cumprimentá-lo bem como aos seus queridos familiares.

A família Pacheco ofertou doces, café, etc., aos presentes.

D'Angelo Neto e Vergal declamaram, a pedidos.

A reunião fraterna transformou-se numa festa espiritual, onde a poesia envolveu o coração de todos.

Eis pois, um resumo, dessa noitada de encantamento.

Desejamos apresentar aquí, votos de felicidade espiritual à nossa querida confreira, D. Anita Briza, que vem procurando na Presidência da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», imprimir uma série de trabalhos proficientes, tanto no setor da Assistência Social como no campo da divulgação e cultura evangélica. Que Deus abençôe os seus passos e de seus companheiros na jornada encetada, dando assim à Capital Paulista mais um Posto de Trabalho, a Serviço do Espiritismo.

—

CENTRO ESPÍRITA «MARIA EMILIA DE ALMEIDA»

Inauguração oficial da nova Séde — Rua da Liberdade, 688

A 5 de Abril p. p., realizou-se na Capital, a solenidade oficial da inauguração da nova séde social, sendo convidado para orador da mesma, o Deputado Romeu de Campos Vergal. Desde as primeiras horas da tarde dêsse dia, uma agitação de alegria invadia os confrades e irmãos daquela casa de trabalhos e, com início ás 20,30, assumiu a direção da mesa, o irmão José Garcia.

Entre membros e pessoas ilustres notamos as seguintes: D. Rita D'Orneles Bitar, representando o Exmo. Sr. Dr. Aguinaldo da Veiga Fernandes, Dr. Riscala Bitar, Redator do «Correio da Manhã», da Capital Federal, Dr. Anisio Sabbag, Dr. Elias Zaidan, Dr. Fernando D'Alessio, Dr. João Batista Dinóla, representantes da imprensa, diretores de Centros e Sociedades Espiritualistas.

A Banda Oficial da Guarda Civil de São Paulo, executa o «Hino Nacional» e a numerosa assistência, de pé, ouve com profundo e religioso silencio, os acórdes da música de Duque Estrada.

Após os aplausos, José Garcia diz das finalidades daquela noite e narra claramente o trabalho de mais uma filial, ligada ao C. E. Rodrigo Lobato de Rio Preto com um programa onde se incluem: Maternidade, Curso Primário Oficial, Doações de Enxovais para recem-natos, sendo fundador o confrade Campos Vergal.

O irmão Rachid, de Rio Preto, a convite preside a reunião e depois de breves palavras, ditas com o coração, dá a palavra ao irmão Silva, que faz a saudação e apresentação do orador.

A seguir, faz-se ouvir por uma hora e 40 minutos, o conferencista que, numa noite inspiradissima, deixa os ouvintes em suspenso.

Abordando assuntos de magna importância no setor educacional, Campos Vergal trouxe para a tribuna, páginas da Grécia, do Egito e da Europa, referente à «Vida dos Grandes Homens do Universo».

Socrates, Platão, Buda, Confúcio, Gandhi, Jesus, etc., foram revelados na palavra fluente do insigne professor de Serra Negra.

Com sua sinceridade peculiar, soube o orador gravar no coração de todos, as diretrizes para um mundo de Paz e Amôr.

O orador prestou ainda, uma delicada homenagem ao «Lar da Família Universal», ali representado pelo seu Presidente vitalício, o confrade e amigo Dr. João Batista Dinóla.

Uma outra homenagem foi prestada, e esta ao espírito de Bento Guedes Tavares, hoje na espiritualidade.

A oferta da séde foi feita pelo irmão Natalino, que também leu uma saudação aos presentes e aos Diretores da Casa. Por último, em nome da «Revista Internacional do Espiritismo» e da imprensa espírita do Estado, falou o cronista desta, que também disse da alegria e do contentamento de todos, ouvindo nessa inesquecível noitada, algo de belo e sublime, na palavra conceituada do ilustre orador.

Assim pois, avança a Doutrina dos Espíritos na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo.

Parabens pois, aos profitentes da 3.ª Revelação.

Vicente S. Neto.

V Concentração de Mocidades

Conforme noticiámos amplamente, realizou-se em Campinas, de 10 a 13 de Abril último, a V Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a qual constituiu um dos mais notáveis movimentos de confraternização dos espíritas jovens e velhos.

Os trabalhos foram intensos, notando-se vivo interêsse de todos. Iniciados pela manhã, prosseguidos à tarde e arrematados à noite com vibrantes sessões públicas, onde compareceram, além da família espírita campineira, os integrantes das 36 cidades credenciadas, os trabalhos alcançaram o mais completo êxito, constituindo mesmo um rumo seguro para as futuras Concentrações.

Das teses apresentadas foram lidas as três primeiras classificadas na seguinte ordem: 1.º lugar, Mocidade Espírita de Barretos; 2.º lugar, Mocidade Espírita de Araraquara; 3.º lugar, Mocidade Espírita de Juiz de Fóra.

Durante a Concentração realizou-se torneios evangélico-doutrinários e foram apresentados artísticos números de cantos e declamações, momentos de grande alegria e vibração espiritual.

Uberlândia foi a cidade escolhida para a VI Concentração de Mocidades, visto que êsse movimento necessita ser deslocado desta vez, para a zona do Triângulo. O seu Conselho Diretor ficou assim constituido: Presidente, Dr. Wilson Ferreira de Melo; secretário, Aidar Peres; tesoureiro, Emmanuel Chaves; membros: Antonio Fassina e Orlando Ayrton Toledo.

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Avisamos aos nossos assinantes residentes na Capital Federal que o confrade Thales Pereira é o nosso novo representante, estando autorizado a angariar e receber as assinaturas novas e atrasadas desta publicação.

O escritório de representação do confrade Thales Pereira, que em breve visitará os nossos assinantes, é na Rua Juan Pablo Duarte, 19, 2.º andar, sala 2, telefones 22-5300 e 48-0612.

Solicitamos aos nossos distintos assinantes da Capital Federal, aguardarem, portanto, a visita dêste nosso representante, dispensando-lhe bôa atenção, pelo que antecipadamente agradecemos.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão realizada em 1.º de Março de 1952.

Ausência Justificada — Entre os que justificaram sua ausência, acha-se Antonio Wantuil de Freitas, que presidiu a todas as sessões anteriores, mas teve agora que se ausentar da Capital, para tratamento de saúde. A sessão foi presidida por F. V. Rocha Garcia, Vice-Presidente.

Rio Grande do Norte — Realizou-se com muito êxito o segundo Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas, em Natal, no qual o nosso Departamento da Mocidade esteve representado por Atlas de Castro.

Pernambuco — Realizou-se de 9 a 16 de Fevereiro dêste ano o 13.º Congresso Brasileiro de Esperanto, no qual a F. E. B. esteve representada por Ismael Gomes Braga que presidiu o conclave e realizou cinco palestras doutrinárias espíritas nas sédes das grandes instituições espíritas de Recife, havendo posto em evidência em seu relatório as excelentes impressões do movimento espírita naquela grande metrópole. Há modelares serviços de assistência social, órgãos doutrinários bem orientados, e reina perfeita harmonia doutrinária com a F. E. B. No quadro do 13.º Congresso de Esperanto realizou-se uma sessão espírita doutrinária exclusivamente na língua simbólica da confraternização universal, sob a presidência de nosso consócio Allan Kardec Afonso Costa, na qual se fizeram ouvir dez oradores espíritas esperantistas dos mais diversos pontos do País, ficando demonstrado que o nivel cultural dos espíritas está se elevando no Brasil.

Paraíba — Foi adquirido um excelente prédio de dois pavimentos pela Federação Espírita Paraibana, no melhor ponto de João Pessoa, entre a Catedral e o Seminário católico, para cujo pagamento a Federação Espírita Paraibana recebeu um donativo do Dr. Lins de Vasconcelos, de duzentos e sete mil cruzeiros. O presidente da Federação, José Augusto Romero, dirige pelo rádio um programa doutrinário semanal. Todo o movimento no Estado progride rapidamente, conforme informações do representante Dr. Miranda Ludolf.

São Paulo — Carlos Jordão da Silva informa que a U. S. E. já se dirigiu a todas as organizações espíritas do Estado, solicitando os dados sôbre seus serviços em geral e serviços de assistência social em particular, para atender ao Departamento de Assistência Social, conforme deliberação do C. F. N.

Santa Catarina — Nos dias 15, 16 e 17 de Fevereiro dêste ano, realizaram-se as solenidades de inauguração do novo prédio da Federação Espírita Catarinense, solenidades em que o C. F. N. esteve representado pelos Drs. Manoel Bernardino e Lins de Vasconcelos que presidiu à inauguração. Há manifesta bôa vontade dos Poderes Públicos do Estado pelos serviços de assistência social da F. E. C.

O Governador do Estado esteve representado e o Prefeito da Capital tomou parte pessoalmente na inauguração.

Alagôas — O representanie de Alagôas comunica que se acha nesta Capital o Secretário da entidade de âmbito estadual, mas ainda não tiveram os encontros necessários a tratar de assuntos do movimento espírita do Estado, o que espera realizar-se em breve.

Goiás — O Dr. Francisco Nogueira, representante da entidade de âmbito estadual de Goiás, comunica que se inaugurou solenemente a séde própria do Centro Espírita «Cristo Redentor», na velha e rica cidade de Itaberaí, a 132 quilómetros da Capital. Uma representação dos espíritas de Goiânia, com o título de «Caravana Ismael da Fraternidade» compareceu à inauguração. Acrescenta o relator que o movimento espírita naquela cidade nasceu em consequência de retumbantes fenômenos físicos espontâneos que abalaram a população e despertaram interêsse pelo estudo do Espiritismo; foi obra dos Espíritos, porque quando os homens se calam até as pedras falam e gritam que os tempos são chegados.

Enviado Especial — Atlas de Castro elaborando bem documentado relatório de sua viágem ao Norte e Nordeste do País, acompanhando-o de numerosas fotografias colhidas em capitais visitadas, e já poude adiantar que o serviço de unificação acha-se em bom caminho e o movimento é muito promissor. Se bem que, por motivo de fôrça maior, realizasse apenas uma parte da viágem, tem muito a relatar na próxima sessão.

Súmula da Ata da Sessão de 5 de Abril de 1952.

Lins de Vasconcelos — Iniciou-se a sessão orando-se pelo querido companheiro que acaba de regressar à Pátria Espiritual, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, e a primeira peça de correspondência lida no expediente foi um telegrama dêle, recebido com atraso, nos seguintes termos: «Impossibilitado de viajar, peço justificar minha ausência sessão do C. F. N. amanhã, pedindo o favor de constar de ata auspiciosos trabalhos assistenciais nas cidades de Rio do Sul, Laguna, Santa Catarina, e Abrigo Espírita Santa Maria, Rio Grande do Sul e outros lugares. — Lins de Vasconcelos». Prosseguindo a leitura do expediente, o segundo secretário dá conhecimento de telegramas exprimindo pesar pelo passamento do representante do Paraná, recebidos de Salvador, Belo Horizonte, Recife e outros lugares. Jordão comunica que representou o C. F. N.

nos funerais do grande trabalhador, em nome da U. S. E. propõe que conste na ata um voto de louvor e gratidão pela dedicação e eficiente colaboração que êle sempre prestou à obra de unificação e ao movimento espírita do Brasil, e comunica que cinco membros da U. S. E. visitaram a viúva e lhe hipotecaram sua solidariedade no transe penoso pelo qual acaba de passar, oferecendo-lhe os serviços que possa desejar. Atlas relata que em nome do C. F. N. fez uma visita ao saudaso amigo em seus últimos dias de encarnação. Outras mostras de carinho e saudade foram expressas a Lins na sessão, e, por fim, na prece final, foi seu nome novamente incluído em nossas súplicas.

São Paulo — Jordão repete o convite já feito em ofício para o 3.º Congresso Espírita Estadual e para a 5.ª Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de S. Paulo, a realizar-se nos dias 11, 12 e 13 dêste mês; em Campinas. O Presidente nomeia Atlas de Castro para representar a F. E. B., o C. F. N. e o Departamento da Juventude, na Concentração a realizar-se em Campinas.

Estado do Rio — A Secretaria encaminha ao Dr. Imbassahy um ofício do Centro Espírita «Flora de Araujo», de Rezende, sôbre assuntos de unificação e o C. F. N. ouve esclarecimentos do representante sôbre os trabalhos de unificação que se vêm processando em Niterói.

Paraíba — Ludolf apresenta pormenorizado relatório das atividades da Federação Espírita Paraibana, conforme prestação de contas da Diretoria no fim do exercício concluído em 28 de Fevereiro dêste ano. Foram reeleitos para o novo exercício os mesmos diretores, sob a presidência do confrade José Augusto Romero. Durante todo o ano realizaram-se as sessões públicas doutrinárias de terças e sextas-feiras, nas quais foram estudados os livros de Allan Kardec e J. B. Roustaing, e aos domingos realizaram-se sessões de evangelização na Casa de Detenção, de João Pessoa. No correr do ano a Federação recebeu dois donativos, um de um prédio e outro de um terreno, num valor total de Cr. $ 357.000,00, ambos doados por Lins de Vasconcelos.

Santa Catarina — O Dr. Bernardino dá um relatório de como estão funcionando os serviços assistenciais na nova séde da Federação Espírita Catarinense, conforme ofício recebido do Presidente Osvaldo Melo.

Espírito Santo — O Dr. Francisco Gonçalves transmite noticiário recebido do Presidente Dídimo Moraes sôbre o funcionamento da Federação do Espírito Santo e das grandes e tradicionais instituições espíritas existentes naquêle Estado, algumas das quais conhecidas em todo o País pelas suas sólidas realizações. Doutrinariamente há perfeita unidade na prática do Espiritismo em todo o Estado. Se alguma divergência houver, será de opiniões pessoais, nunca doutrinárias.

Ceará — Henrique Magalhães informa que estão sendo colegidos os dados sôbre os serviços de assistência social existentes no Estado, para serem fornecidos ao C. F. N., conforme informações recebidas de Fortaleza.

Pernambuco — O Prof. Porto Carreiro comunica que foi inaugurado em Recife o «Lar Espírita João Evangelista», destinado a recolher os órfãos desamparados desde zero dias até a emancipação ou o casamento, ou enquanto viverem, caso em maior idade prefiram continuar pertencendo ao Lar; e que em 7 de Março, em comemoração do 10.º aniversário do Instituto Espírita «João Evangelista» foi inaugurado o curso ginasial do Educandário «João Evangelista». D. Helena Moreira Valente completa as informações já publicadas nos diários de Recife a propósito do aviso mediúnico por ela recebido sôbre o perigo de ruír em que se achava o teto de um hospital espírita. Examinadas as traves, verificou-se o eminente perigo e tiveram que ser retirados com urgência todos os doentes e empregados do hospital, para ser reparado o edifício. Sem o reiterado aviso, teriam corrido perigo muitas vidas.

Eutanásia — A U. S. E. propõe que o C. F. N. se manifeste à O. N. U. contra a eutanásia, num inquerito mundial que as Nações Unidas promoveram. O Presidente nomeia os Drs. Francisco Gonçalves e Miranda Ludolf para redigirem o memorial que terá de ser enviado à O. N. U.

Substituições — Jordão comunica que pela exoneração do Prof. Leopoldo

Machado e pela desencarnação de Lins de Vasconcelos é necessário proverem-se duas vagas em comissões: na Comissão de Propaganda e Unificação tem que ser nomeado substituto para Leopoldo Machado e na de Assistência Social, à de Lins de Vasconcelos. Ismael observa que também na direção do Departamento de Assistência Social da F. E. B. deu-se vaga pela desencarnação, possivelmente o diretor a ser nomeado poderá exercer as duas funções, como o fazia Lins. O Presidente comunica que aguardará que os respectivos Estados — Paraná e Bahia — preencham as vagas em suas representações, para depois fazer as nomeações.

Projeto de Normas — Ficou adiada a discussão do projeto, por se achar completamente esgotado o tempo e o assunto ser de muita importancia para ser tratado apressadamente. Ismael e o Dr. Francisco Gonçalves tomam a palavra para fazer breves considerações de principios gerais, para os quais pediram a meditação dos Conselheiros no estudo que estão fazendo do projeto apresentado pela Comissão. O primeiro pediu refletir-se que as normas serão obrigatórias para a F. E. B., por terem de ser por ela emitidas, e como a F. E. B. para certo numero de sessões já tem normas estatuárias inalteráveis, nestes pontos as Normas não se poderão afastar do que já existe em prática desde a fundação da F. E. B., conforme os artigos 1.° e 2.° dos seus Estatutos. O segundo faz considerações sôbre o perigo de cursos pormenorizados para doutrinadores e médiuns, como se acha no projeto. São questões gerais que devem ser bem meditadas pelos representantes que terão de discutir e votar o projeto nas proximas reuniões.

NECROLOGIA

Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes

Mais um grande claro acaba de abrir-se na fileira espírita com o passamento dia 21 de Março último, na Capital, quando em viagem para Curitíba, do nosso confrade Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, um dos mais ativos obreiros da seára espírita e um dos maiores propagandistas da Doutrina pela imprensa, onde o seu trabalho o apresentou como um verdadeiro jornalista espírita, um jornalista de vastos recursos intelectuais, espirituais e morais.

O Dr. Lins de Vasconcelos nasceu em Pernambuco a 27 de Março de 1891. Cedo transferiu-se para Curitíba, onde morou até 1930, e desta data em diante, no Rio de Janeiro.

Tornou-se sócio da Federação Espírita do Paraná em 31 de Janeiro de 1912. Já em 1913 era diretor do jornal «Monitor Espírita», depois de passar pelos cargos de tesoureiro e secretário.

Membro da Federação Espírita do Paraná desde 1914 e presidente da mesma nos anos de 1916 e de 1923 e 1926; atual presidente honorário.

Membro do Conselho Federativo Nacional e da Federação Espírita Brasileira. Membro efetivo da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Diretor do «O *Mundo Espírita*» brilhante órgão da imprensa espírita do Rio de Janeiro.

Não faz muito integrou a «Caravana da Fraternidade» que, partindo do Rio visitou vários Estados do norte, em procura de maior união entre os nossos irmãos daqueles Estados.

O corpo material foi transferido para Curitíba, ficando exposto à visitação pública, até ás 9 horas do dia 22. Nêsse momento, perante grande número de pessoas fez o sr. Nogueira dos Santos, comovente prece.

De acôrdo com o pedido feito por Lins de Vasconcelos, e, de acôrdo com a Prefeitura local, seu corpo foi enterrado no Sanatório «Bom Retiro», uma de suas obras. Momento antes falaram:

Pela Federação Espírita do Paraná: Dr. Lauro Schleder. Em nome da Sociedade Socorro aos Necessitados: Dario Zebin. Pelo Centro Espírita Jesus de Nazareth: A. Modar Ferreira. Pelo Centro Espírita Francisco de Assis, de Ponta Grossa: Alvaro Holsmann.

Elevando os nossos pensamentos para Jesus, numa prece fervorosa, solicitamos-lhe proporcionar ao espírito dêsse nosso companheiro, felicidade e paz.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2851unse

NO XXVIII —Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1952 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Um Grande Movimento	*Redação*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa	*Deolindo Amorim*
Ainda e Sempre na Defesa do Espiritismo	*Pereira Guedes*
Vida Orgânica e Vida Anímica . .	*Alfredo d'Alcântara*
Cíclos do Silêncio	*Arnaldo S. Thiago*
Isto também é Caridade	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
A' Bezerra de Menezes	*Leopoldo Machado*
Pelas Sendas do Mistério	*Dr. J. W. Vedor*
Um Caso de Possessão	*Arnaldo S. Thiago*
Mais um Fenômeno de «Poltergeist»	*Max Kohleisen*
Finalidades Cristãs dos Congressos	*J. B. Chagas*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1952 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Um Grande Movimento

O progresso da Doutrina Espírita em quasi todo mundo, e sobretudo no Brasil, considerado pelo esclarecido Espírito de Humberto de Campos Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, não pode ser mais auspicioso, o que quer dizer que num futuro próximo a sua difusão alcançará uma altura tão elevada que as religiões mundanas, tidas como oficiais pelos seus sacerdotes, desaparecerão como bolhas de sabão, em face dos fatos e da lógica, que constituem o que as creaturas honestas e sinceras podem almejar — a Verdade.

Chegou o tempo da humanidade compreender os seus erros e tomar o rumo certo de uma existência digna de ser vivida. As obras dos nossos ancestrais, suas crenças, seus hábitos, defeitos e virtudes devem nos servir de experiências para escolhermos o melhor ou o verdadeiro caminho que nos conduz aos tabernáculos eternos. E essa tarefa não está unicamente afeta à Doutrina Espírita, mas sobretudo às creaturas, que devem procurar o melhor, o que está de acordo com a razão, com os fatos e com a lógica, nunca se esquecendo que Deus concedeu o raciocínio a todas as creaturas, afim de que, pelos seus próprios esforços, subam os degraus da Escada Infinita da Perfeição, concedendo-lhes ainda, o livre arbítrio, do que resulta o mérito ou demérito de suas obras.

O movimento espírita no Brasil está ultrapassando a nossa espectativa, pois ha poucos anos atrás não supunhamos que o Espiritismo avançasse tanto em tão pouco tempo. Sabiamos, como sabemos, que sendo êle obra do Alto, mais cedo ou mais tarde teria que conquistar milhares de almas para Deus, mas não em tão pouco tempo como o está fazendo.

As creaturas de boa vontade, numa ação conjugada com os Espíritos incumbidos de espiritualizar a humanidade, estão se empenhando a fundo para que o Espiritismo avance sempre e cada vez mais em todas as direções, em cumprimento das profecias de Jesus. Sem tirar, é claro, o livre arbítrio de cada um, os Espíritos do Senhor inspiram os bons obreiros, os quais estão sabendo aproveitar as dádivas do Alto. E' assim que, enquanto os Espíritos provocam ou reproduzem os mais variados fenômenos, aproveitando-se de excelentes mediunidades, como por exemplo a de Francisco Candido Xavier e outros, as creaturas elaboram planos, programas, etc., afim de que a Doutrina se difunda por todos os meios possiveis, pelo estudo, pelas obras assistenciais, pelo rádio, pela imprensa, pelo livro e até pelo teatro, uma nova modalidade para mostrar o seu valor na moralização da Arte, elevando os sentimentos e alargando a inteligência.

Um dos movimentos mais notáveis

realizado ultimamente foi o da Quinta Concentração de Mocidades Espíritas em Campinas, movimento que teve ampla repercussão nos meios espíritas não só pela sua grandiosidade como pelos objetivos alcançados e pelo espírito de fraternidade e compreensão que reinou entre todos os que participaram desse importante certame, o que podemos chamar de autêntico festim espiritual. Os profanos e os indiferentes tiveram a oportunidade de verificar mais uma vez a fôrça do Espiritismo, que não é medida pelo número, mas sim pelos seus exemplos de fraternidade e solidariedade, pela sua cultura, enfim pelas suas obras, que se não são maiores é porque provavelmente já atingiram o ápice do que de bom se póde realizar no plano terreno.

Tivemos a oportunidade de observar que nessa concentração, um movimento de vulto pela sua magnitude e finalidade, compareceram, além da mocidade espìrita do Brasil Central e do Estado de São Paulo, destacados lideres do Espiritismo no Brasil, os chamados velhos, que de maneira brilhante prestaram decidido apôio aos moços com a sua experiência e o seu entusiasmo sempre moço e cheio de vida.

A proxima Concentração será em Uberlandia, quando então teremos a oportunidade de registrar mais um grande movimento Espírita, que fincará mais um marco no caminho do progresso da Doutrina Espírita, o Paracleto da Promessa de Jesus.

O Espiritismo e a Assistência Religiosa

II — Capelão espírita ?

No artigo anterior, depois de havermos transcrito, em parte, o parecer do deputado Ebenezer Cavalcanti sôbre a criação do cargo de capelão católico na Polícia Militar da Bahia, fizemos a seguinte pergunta : «pode o Espiritismo ter capelão ?» Naquele artigo apenas tratamos do aspecto constitucional da questão, á luz do brilhante parecer do deputado relator da matéria ; neste artigo, porém, vamos apreciar o aspecto religioso em suas relações com o Espiritismo. Parecenos necessário explicar, em resumo, a origem do assunto. Foi apresentado à Assembléia Legislativa da Bahia um projeto em que se criava o lugar de capelão católico na Polícia Militar daquele Estado. O Deputado Ebenezer Cavalcanti, relator do prejeto, não concordou com a preferência dada à Igreja Católica, em detrimento de outras religiões, por entender que, sendo todos os cultos religiosos *iguais* perante a Constituição Federal, o projeto deveria criar também capelães de outras comunidades. Em tese, como já vimos no artigo anterior, o deputado bahiano tem opinião absolutamente contrária á existência de capelães militares de qualquer espécie ; desde, porém, que se resolve admitir um capelão católico, então que se admitam, ao mesmo tempo, capelães de outras religiões, porque a Constituição Federal não faz distinção entre os diversos cultos, uma vez que todos eles são iguais perante a Lei Magna do país. Dentro dêste argumento, aliás muito lógico, o parlamentar baiano fez referências aos espíritas, protestantes, etc., para sustentar a tese de que os outros credos têm direito a reclamar capelães nas Corporações Militares. A tese está certa em face da Constituição. Não se pode fugir dêste raciocínio : se todas as religiões são iguaes, segundo a Constituição da Republica, se existem crentes de outras religiões na Corporação, não é justo que haja capelão exclusivamente de uma religião. Até aqui, o lado constitucional do problema ; agora, o lado religioso.

De que forma deve ser prestada a assistência religiosa aos espíritas, nas corporações militares ? Por intermédio de capelães ? Eis aí o ponto nevrálgico da questão. Ainda que se negue ao Espiritismo o carácter de religião, por não ter sacerdote, nem ritual, os espíritas não podem nem devem, na condição de militares, ficar em situação inferior aos outros homens de crença. Apesar disto, a situação é muito mais difícil do que parece, porque a organização do Espiritismo não constitue uma forma de culto em que se possa instituir *capelão*, por duas razões principais :

1.ª — porque não existe, no movimento espírita, instituição tipo seminário para formar capelão equiparado aos padres e pastores protestantes;

2.ª — porque o capelão militar tem um título (padre ou pastor), devidamente formado nos quadros de sua religião, enquanto o Espiritismo, pela própria índole da doutrina, repele qualquer forma de organização sacerdotal.

Diante disto, cabe uma pergunta: a quem, nêste caso, deveria ser dada a incumbência de prestar assistência aos soldados espíritas nos quarteis? O Espiritismo não tem *capelão*. Como resolver o problema? Vamos admitir, como simples hipótese, que amanhã ou depois, por uma questão de equidade, o Congresso resolva criar capelães espíritas nos quarteis, considerando que existem muitos soldados e oficiais espíritas nas diversas guarnições do país. Posta em termos de lei a hipótese, qual a instituição que estaria autorizada a fornecer ou indicar os capelães espíritas? Temos aí apenas um aspecto. Há porém mais dois aspectos importantes: o doutrinário e o financeiro. Vamos por partes. Sob o ponto-de-vista estritamente doutrinário, já se sabe que o Espiritismo, por sua natureza, é incompatível com a hierarquia sacerdotal, o que lhe impede, portanto, de adotar *capelães* para a assistência espiritual aos seus adeptos. Sabe-se muito bem que o Espiritismo não confere títulos de espécie alguma. Logo, seria difícil senão impossível encontrar um espírita que quisesse usar o título de *capelão*, ainda que a tanto fôsse obrigado por disposição legal. Há países onde seria muito natural a existência de *capelão* espírita, como a Inglaterra, os Estados Unidos, por exemplo, visto como nesses países há Igrejas e *pastores* espíritas. No Brasil, entretanto, a situação é outra, porque nêste país o Espiritismo não tem feição de igreja, não forma *pastores* nem *reverendos* e, justamente por êste motivo, o título de capelão, para nós, espíritas, seria uma aberração.

Se, como estamos vendo, pelo lado doutrinário é impossível admitir a existência de *capelão* no Espiritismo, pelo lado moral a questão ainda se torna mais grave, porque todos os serviços espirituais, segundo o Espiritismo, devem ser prestados *gratuitamente*, ao passo que os capelães militares são pagos pelos cofres do Estado. A função de capelão oferece duas vantagens que estão em desharmonia com a orientação do Espiritismo no Brasil: a) honras e regalias equivalentes ás de oficial (capitão); b) vencimentos iguais aos de oficial do posto equivalente. Em primeiro lugar, não ficaria bem para um espírita, de acôrdo com o Evangelho, desfrutar de distinções especiais, honras e regalias apenas porque presta assistência espiritual a seus irmãos, serviço que constitúe simplesmente um *dever* e nada mais; em segundo lugar, a moral espírita, que é a própria moral do Evangelho, repele incondicionalmente qualquer forma de pagamento por serviços de ordem espiritual. Como poderia, em face destes princípios, um espírita, na qualidade de *capelão* (caso existisse capelão espírita), conciliar o ensino evangélico e as vantagens financeiras decorrentes da função religiosa de capelão? Ninguém, em nome do Espiritismo, póde receber dinheiro por serviços espirituais. Não encontramos, portanto, argumento que justifique a existência de *capelão* no Espiritismo.

Como, então, seria prestada a assistência religiosa ou, para dizer melhor, a assistência espiritual aos militares, adeptos do Espiritismo, quando estes necessitassem de assistência ou conforto espiritual? Qualquer espírita compenetrado de seus deveres morais, devidamente identificado, poderia e poderá prestar assistência a seus irmãos, nos quartéis, sem ser necessário o título de capelão, nem insígnias, nem honras militares. Simplesmente como espírita, como um cidadão comum, qualquer um de nós, quando houver necessidade, póde prestar assistência, póde levar conforto espiritual a seus irmãos e, assim, cumprir um dos mais nobres deveres morais: o exercício da caridade espiritual. Se a Constituição do Brasil assegura a igualdade de cultos, se a Constituição prescreve sabiamente o respeito a todas as crenças, os espíritas devem ter direito de, sempre que houver necessidade, entrar nos quarteis, nos hospitais, etc., para levarem assistência espiritual àqueles que participam de suas idéias, que professam a sua crença. E' nisto que consiste o princípio da IGUALDADE de todos os cultos perante a Constituição. Assim como o soldado católico ou protestante tem direito de pedir a assistência espiritual do padre ou pastor de sua religião, o soldado espírita, por equidade, também deve ter o direito de pedir essa assistência a um representante de sua doutrina. Para isto, porém, não é necessário que se dê a esse representante título de *capelão* espírita ou que se lhe pague qualquer importancia para desempenhar uma função espiritual que já é inerente à condição de espírita. Todos nós sabemos que, para prestar assistência espiritual a quem quer que seja, para levar uma palavra de confôrto a alguém, seja onde fôr, o espírita não carece de situação especial, e, muito menos, da qualidade de capelão.

Agora, para concluir, vamos repetir a pergunta inicial dêste artigo: — de que modo deve ser prestada a assistência religiosa aos espíritas, quando nas corporações armadas, uma vez que o Espiritismo não tem capelães? Simplesmente por intermédio de qualquer espírita de boa vontade, que possa ir aos quarteis ou hospitais levar as luzes da doutrina a quem dela tiver necessidade. Para isto, que é um ato natural, comum, e até rotineiro na atividade espírita, não é necessário que haja capelão espírita, tanto mais que todos os serviços espirituais — e assistência moral é o maior deles — *devem* ser prestados gratuitamente, como ensina o Evangelho. Para que e por que, nêste caso, capelão espírita, se, em face da Constituição, podemos levar assistência espiritual aos nossos irmãos militares, desde que êles desejem receber a nossa assistência? Dentro do princípio da *Igualdade* de cultos, tão brilhante e seguramente defendido na Assembléia Legislativa da Bahia pelo Deputado Ebenezer Cavalcanti, podemos muito bem, quando necessário, prestar assistência espiritual nos quarteis, desde que reclamada a nossa presença, sem qualquer outra qualidade a não ser a de espíritas.

DEOLINDO AMORIM.

(Conclusão).

Ainda e Sempre na Defesa do Espiritismo

PEREIRA GUEDES

O Espiritismo está hoje, no Brasil, atravessando uma fase de decadência avassaladora. Por maiores que sejam os nossos esforços no sentido de impedir a conspurcação a que está sendo levado, mesmo ante o crescimento, como se verifica nestes últimos tempos, do número dos que se incorporam às nossas fileiras, o dos que lutam realmente e com tenacidade pela defesa do patrimônio sagrado, que a Doutrina para êles representa, é muitíssimo menor.

Velhos pregadores, homens de responsabilidade, que há longos anos vêm se dedicando ao estudo, à prática e a propaganda do Espiritismo; que acompanharam como nós, bem de perto, as maiores figuras representativas dêsse movimento em nossa terra, são hoje instrumentos de cabotinos e de aventureiros semianalfabetos, que, conscientemente enxovalham a Doutrina.

Ontem eram uns poucos, médiuns e médicos, que exploravam à sombra da Doutrina, as criaturas de boa fé.

Hoje, além desses, cresce o número dos insensíveis que, a pretexto de servirem à Doutrina, servem, ao contrário, aos que exploram o povo em nome da Doutrina.

A conduta exemplar de sábios modestos como Bezerra de Menezes e de outros que lhe seguiram os passos e fizeram da maior instituição — a Federação Espírita Brasileira — uma fortaleza inexpugnável, quem ousará ressaltá-la, ante tanta falta de pudor?

Quem poderá recordar os discursos demostenianos do paladino invicto Viana de Carvalho, sem cair na antipatia de todos aqueles que prestigiam hoje os vilipendiadores do Espiritismo?

Quem dos espiritas de agora, em mais evidência, se poderia comparar à humildade e ao valor moral de um Pedro Richard?

Quem, como médium ou como espirita, fez mais do que Francisco Cândido Xavier, o mais humilde e o mais cortejado e tentado de todos os homens do Brasil ? Entretanto, Chico Xavier não saiu pedindo para dar, não construiu hospitais, creches, asilos ; não organizou nenhum programa de rádio, nem distribuiu donativos de Natal, mas, nem por isso deixou de ser a maior fonte de ensinamentos evangélicos, o maior exemplo de virtudes cristãs ! Imitá-lo quem há-de, nesta hora de tanto cabotinismo ?

Quem seria capaz de conduzi-lo ao microfone de uma estação de rádio e consagrá-lo com o título pomposo de «honra ao mérito» ? Ninguém !

Para a defesa do Espiritismo, hoje malbaratado, a nossa pena de modesto cronista independente, qual espada de lutador convicto, não será jamais vencida sem que outras mais destemidas e poderosas, em golpes mais seguros e mortais, venham espedaçá-la, provando que tudo quanto temos dito não passa de ilusão ou despeito, como sussurram atrás da pôrta. Mas, que venham !

Não fizemos nada até hoje, é certo. Em trinta e dois anos de estudo e pregação da Doutrina, ininterruptamente, nunca pensamos que, depois de quasi velho, tivessemos que nos empenhar em luta contra aqueles que hoje fazem do Espiritismo cristão uma esterqueira ,fazendo-a passar por um novo estábulo de Belém.

Mas, não importa. Havemos de lutar com o mesmo ardor com que temos lutado para a defesa do patrimônio sagrado, tal como temos lutado para a divulgação da mais libertadora de todas as doutrinas.

Esta é a nossa maior tarefa, embora estejamos em minoria. Outros virão depois incorporar-se ao nosso bloco de libertadores, que há de crescer e tornar-se maioria para a vitória que se avizinha.

O Espiritismo que teve e tem em suas fileiras, homens e mulheres valorosos que viveram e vivem para a Doutrina, não poderá circunscrever-se aos que vivem da Doutrina, como se o Espiritismo fôsse palanque de saltimbancos que, em circos de cavalinhos, recebem da claque adredemente instruída para os primeiros aplausos que pouco a pouco vai contaminando os auditórios, para a consagração do palhaço.

Exemplo de capacidade moral, intelectual e sobretudo de trabalho, tivemos na figura varonil do apóstolo de Matão — Cairbar Schutel — o espírita de maior independência do seu tempo e organizador da mais perfeita instituição propagadora do Espiritismo no Brasil, sem desmerecer a obra da Federação.

Desde quando se propala que a Federação Espírita Brasileira é um carro do século passado, emperrado em meio do caminho, a impedir o avanço dos que desejam progredir ? Entretanto, a sua conduta se impõe como roteiro do Espiritismo no Brasil.

Em mais de três decênios de atividades espiríticas, temos assistido de perto, não só o movimento das instituições como as atitudes dos homens. Podemos, pois, falar do que estamos observando.

A Federação, como instituição de responsabilidade na difusão da Doutrina e com o seu passado limpo a defender e resguardar, não emprestará jamais nenhum apôio aos que, à frente de outras instituições enxovalham o Espiritismo, preferindo é certo, parecer-se com o carro de bois em marcha lenta a desvirtuar-se em arrojados empreendimentos contrários ao seu programa.

Não importa, repetimos, que aparentemente estejamos pregando no deserto e que estejamos em minoria com o nosso bloco de defensores da Doutrina ; pois, amanhã outros hão de vir engrossar as nossas fileiras e juntos lutaremos para a reconstrução do Templo conspurcado, e, nêsse dia todos compreenderão o acêrto daqueles que preferem a lentidão dos passos seguros e precisos, aos vôos incertos ou as aventuras denunciadoras de propósitos malsãos.

Do nosso mirante de observador independente, estamos alertando, e, amanhã, quando soar a hora das decisões supremas, as nossas palavras constituirão a denuncia antecipada aos que, ao invés de conservarem, dilapidaram o patrimônio sagrado.

Sêde perseverantes no estudo e prática da doutrina, mantendo assim sempre ligado com o Alto o vosso espírito, lembrando-vos sempre da humildade, da paciência e da caridade, que constituem poderosa corrente. — *CAMARGO.*

Vida Orgânica e Vida Anímica

ALFREDO d'ALCÂNTARA

«Póde existir o corpo sem a alma ?», perguntou Allan Kardec a um dos Espíritos instrutores que se empenhavam na construção dêsse monumento de filosofia que se chama «Livro dos Espíritos». E êle respondeu: «Sim, e, todavia, logo que o corpo cessa de viver, a alma o abandona. A vida orgânica póde animar um corpo sem alma, mas a alma não póde habitar um corpo privado da vida orgânica».

Isto vem a propósito de um telegrama de Roma, que os jornais publicaram no princípio dêste mês, dando conta de uma façanha médica ali realizada, que logrou grande repercussão por ser a primeira que na Itália se pratica, mas, de certo modo, banal em outros países, como América do Norte, França, etc., Leiamos o citado telegrama :« Roma, 6- O Professor Emanuel Scavo, diretor do Instituto de Anatomia, estava amputando uma perna do Sr. Arthur Seeber, suiço, de 51 anos, quando o coração dêste parou por efeito de uma síncope inesperada. O operador, incontinenti, abriu a caixa toraxica e fez massagens diretas no coração que, ao cabo de 15 minutos, recomeçou seus batimentos normais, mas a respiração só se restabeleceu 45 minutos depois». Infelizmente, no dia seguinte, outro despacho da mesma procedência anunciava que o redivivo não recuperara a consciência, parecendo aos médicos, que as células cerebrais estavam morrendo, e, de facto, algumas horas depois seu coração parou definitivamente.

Em Novembro de 1949, um outro caso da mesma natureza, despertara atenção do mundo científico. Em Lille, na França, o Dr. Soulier, do hospital local, reduzia uma fratura de um paciente cardíaco, quando êste foi fulminado por uma síncope. Aberto o torax, o operador aplicou-lhe massagens no coração e as pulsações recomeçaram depois de dez minutos. O operado foi colocado em um pulmão de aço e alimentado a sôro glicosado, mas nenhum dos seus órgãos sensoriais funcionou e sua cabeça parecia não ter voltado à vida com o resto do corpo. Os clínicos do hospital declararam logo que êle estava com encefalite, portanto, cientificamente morto. E tinham razão, pois, decorridos três dias, aquêle coração parou para nunca mais bater.

Estudemos estes casos em face das duas modalidades científicas: a materialista e a espírita.

O que é Vida ? A ciência materialista não sabe. Conhece-a como um fenômeno fisio-quìmico, porque nas suas investigações constatou que há uma energia, não definida, fazendo parte integrante do protoplasma das celulas, que desaparece quando o protoplasma se extingue. Em vista disso, lançou o seguinte axioma : «Sem protoplasma não há vida, sem vida não há protoplasma». E ficou nisto até hoje.

A ciência espírita vai mais longe e identifica a vida com o fluido vital, que é uma modificação do fluído universal, elemento energético, onde os mundos e as coisas se encontram mergulhados. Admite mesmo que o protoplasma não é mais que o próprio fluído vital, numa forma particular, circundando o núcleo da célula, o que a faz concordar com o axioma materialista citado. Como, porém, êsse fluído vital não póde agir sem o concurso da célula, e esta precisa nutrir-se para manter-se em atividade, os globulos vermelhos, que são células volantes arrastadas na torrente de plasma, incumbem-se de apreender os alimentos e o oxigênio necessários para levá-los à intimidade dos tecidos. O coração é o órgão encarregado de impulsionar o sangue contendo tudo isso, pelas artérias, fazendo as vezes de bomba premente, e trazê-lo de volta, pelas veias. exercendo as funções de bomba aspirante, para que se reabasteça de princípios alimentares, se liberte das impurezas transformadas em gaz carbônico e readquira nova porção de comburente destinado a queimar as substâncias que produzem o calor necessário ás vibrações moleculares. Se êsse trabalho é interrompido, as células de todo o organismo podem manter uma atividade decadente por algum tempo, aproveitando as energias acumuladas, mas logo caem em deliquio e morrem.

A técnica de massagens no coração, para restituir-lhe o funcionamento, acidentalmente interrompido, representa uma grande conquista da ciência moderna. Todavia, é raro que o êxito integral corôe o resultado de uma operação dessa ordem. Quasi nunca o paciente volta à plenitnde da vida. A sua ressurreição fica adstrita a vida vegetativa e sempre de forma precarissima. Por que ?

A ciência materialista não responderia a esta pergunta porque não cogita de outra coisa além do que diz respeito a vida orgânica. Ela fala em alma, em sub-consciente, em vida vegetativa e animal porque sente a existência dessas coisas, mas não as póde definir nem explicar de modo convincente porque não as viu, não as pôde submeter a pesquisas de laboratório. De escalpêlo em punho insiste em rebuscar os refolhos do cérebro para conhecer como se realizam as reações químicas que se transmudam em pensamento e inteligência no homem, segundo a sua inconseqüente teoria.

Nós, entretanto, poderemos afirmar que esses mistérios não serão devassados enquanto ela não se dispuser alcançar a inteligência suprema do universo, que é Deus, e, tomando-a por ponto de partida, prosseguir nas suas pesquisas.

Além da vida orgânica temos uma outra que palpita em nós, não sofre modificações de espécie alguma, nem se extingue ; brilha perenemente como a luz do Sól. E' dela que emana o pensamento, o raciocínio, a inteligência e a energia volitiva. Não precisa da matéria para entretê-la, de vez que faz parte integrante da substância sutíl de que se compõe a Alma e, como esta, é eterna. Não é demais, portanto, denominá-la «verdadeira Vida».

Quando a Alma abandona o corpo, êste pode conservar um arremedo de vida, uma vida puramente vegetativa, porque, aos animais, do protozoário ao homem, se destina uma vida integral, vegetativa e de relação, que se conjugam durante o ciclo terráqueo. Só o vegetal tem, como normal, a vida simplesmente vegetativa, de vez que não lhe cabe possuir Alma, entidade independente, com personalidade e relativo livre-arbítrio, que já existia desde muito quando surgiu o organismo animal que ela se encarregou de dirigir, e a êle sobrevive para novas etapas de progresso em encarnações sucessivas.

Está, pois, compreendido porque as massagens no coração quase nunca reintegram o paciente na plenitude da vida. Para que o operador consiga, pela vibração, produzir calor e consequente eletricidade que movimente o coração, decorre sempre o tempo suficiente para que as células do cérebro gastem a energia vital acumulada em seu protoplasma, caiam em delíquio e morram, por falta de nutrição que o sangue não pôde, a tempo, conduzir até lá. Nesta altura a Alma abandonou o corpo, e a êle não mais voltará, porque sentiu que a vida orgânica se exaure e morre precisamente no ponto em que ela se aloja para exercer o seu comando : o CÉREBRO.

Quando a têcnica se aperfeiçoar a ponto de permitir que o operador, em casos tais, consiga fazer funcionar o coração antes que a Alma, a «verdadeira vida», tenha abandonado o corpo, teremos o prazer de apreciar a ressurreição completa, quase igual as que Jesus, o Cristo, realizou durante sua perigrinação pela Judéia.

O orgulho da ciência oficial precisa ser contido, para que o progresso intelectual da humanidade se faça mais depressa.

Abril de 1952.

CICLOS DO SILÊNCIO

No silêncio do Cosmos, ab eterno,
Milhões de mundos turbilhonam, correm,
Transpondo espaços siderais, concorrem
Para o concêrto universal, superno.

Em nosso mundo, qual no escuro averno,
Lavas ardentes no seu imo escorrem
E à superfície os dias maus transcorrem,
Na balbúrdia da dôr, do cáos interno !

Partícula do Cosmos, silenciosa,
E' a Terra, entretanto, uma ruidosa,
Uma tremenda forja incandescente !

Uma forja onde, ao rubro da amargura,
Vai o sêr procurando alçar-se à altura,
Ao silêncio do Cosmos, eternamente.

Arnaldo S. Thiago.

Isto também é Caridade

Estavamos nos minutos finais de uma sessão espírita. O mentor invisível já se despedia com o seu costumeiro «que Deus nos abençôe», quando da assistência partiu retardada pergunta, causando certo murmúrio de descontentamento, pois, a noite já ia alta.

«Como devo praticar a caridade ?» foi a pergunta feita por pessoa humilde, cujo semblante denotava não se satisfazer com as usuais explicações.

Contrariando habilmente a vontade dos presentes, julgou o guia espiritual propício o momento e bem oportuna a pergunta ; por isso mesmo, sem delongas, entrou a responder. Ouçamo-lo :

«Grande parte dos que aboletam igrejas, templos e centros espíritas, rouba, a si mesmo, precioso tempo. Mais úteis seriam se, amando instruissem e educassem os familiares no santo apostolado doméstico. Comparecem com religiosa assiduidade às reuniões para atenderem, tão só, a mero e instintivo hábito de consequências tediosas. Com isso sacrificam o convívio no mais sublime ponto de reunião criado por Deus sôbre a face da terra — o lar. Fogem dêsse divino ambiente como criminosos se afastam apressados de suas vítimas. Se ao menos nos santuários vibrassem com bons e puros pensamentos... Fazei no lar a vossa sagrada igreja e praticai aí o Evangelho. Caridade pois, para os enfastiados do lar já que os dogmas, de ordem social, os retêm à mesa do jôgo e nos salões de «boites» e cabarés. Sobrarão alguns minutos para o lar ?

Desde vidas transátas, isto é, de recuadas encarnações, vem o nosso espírito ouvindo, sem cessar, imperturbável e indiferente, os ensinos do Mestre. Hà perto de dois mil anos, bate o Evangelho na mesma tecla a ponto de nos tornar insensíveis os órgãos auditivos.

Contudo, nada aprendemos até hoje. Nunca levamos a sério o «amai-vos uns aos outros» a não ser para exigí-lo de outrem. Nas igrejas e centros, quando êsse tema é esplanado, imaginamo-nos logo, entre os fieis presentes, os únicos cordeirinhos inocentes. Chegamos a nos sentir, oh, crassa presunção ! como níveos sêres alados superiores até aos próprios arcanjos.

Aí fóra porém, nas ruas e praças públicas, no justo lugar do aprendizado fraterno, em contáto com os nossos irmãos em luta pelo progresso, confessamo-nos hienas que se entredevoram num louco apostar de quem mais queira mal ao próximo.

Até quando Deus nos suportará assim ? Acaso aguardamos novos nascimentos de Jesus ?

Sofrimento e dôr merecemos, a título de caridade, para nossa estúpida incompreensão.

Há os que desperdiçam valiosas oportunidades mortificando-se em cipoais sem fim, julgando poder pelo chamado justo raciocínio, escolher e professar a verdadeira religião capaz de restaurar o tremendo período caótico em que mergulhamos. Assistimos aos últimos estertores da moral. Nunca houve período histórico tão desordenado.

Digo-vos : Ide depressa acudir a humanidade agonizante.

Que nenhuma religião vos seja estôrvo. Segui e professai a síntese das religiões, a que Jesus exemplificou. Ela não tem ritos, nem dogmas, nem liturgias e nem é de culto externo. E' tão humilde que nem possúe nome, o Divino chamou-a simplesmente — Amor.

Se cumprirdes o significado desta palavra podereis até renunciar o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo ou outra qualquer crença ou doutrina. Sêde até, se o desejais, materialista ou ateu, não importa. Ouvi, porém ! que nunca se apague de vossa memória o amor pelo próximo, afeição essa que vive eternamente no ímo de qualquer sêr. Esta fórmula milagrosa tudo resolverá e é plenamente suficiente. Assim procedendo sereis caridoso. Jamais o Pai necessitou tanto da volta urgente de seus filhos pródigos.

Tristemente nos acena o terceiro milênio a cujas portas estamos. No lento escoar do tempo, continua ressoando, sem nenhum proveito, dos púlpitos assetinados e das tribunas em destaque a oratória sagrada da doutrina de Cristo.

Homens de Deus! não mais pregai o Evangelho. Não desperdiceis vosso tempo em terreno estéril. A palavra evangelizadora não mais encontra éco, petrificaram-se os corações. Que fazer? Experimentai modalidade diferente; ide, isto sim, ao encontro dos homens em todas as direções para observardes se, pelo exemplo das vossas boas ações, podeis conseguir o que através estudados discursos não pôde ser alcançado durante séculos.

Estamos na época de transformar em ações as palavras do Divino. Caridade para os moucos e os amarrados a cânones religiosos.

Ao folheardes os vespertinos repugna-vos, conforme sempre ouvimos, os detalhes de crimes asquerosos, impressos em letra vermelha que mais parece o sangue das vítimas.

Ao progresso veloz da ciência não pôde acompanhar a moral que, penosamente, continua rastejante.

Do modesto noticiário de então relatando transgressões do 5.° Mandamento, ostentam-se hoje páginas e mais páginas repletas de satânicos pormenores do «Não Matarás». E' o vivo retrato diário destes dias conturbados.

Dizeis, por serdes cristãos, que isso vos repugna. Mas, não vos repugna, por acaso, o «não matarás» o cabrito ou o perú natalino? Não vos repugna, porventura, a pulga ou o piôlho que astutamente perseguís para estalar, com satisfação, entre as unhas?

Que instrutores religiosos, sábios ou cientistas, teriam se aventurado a estabelecer gradações relativas a ampla lei de Deus que determina: «Não Matarás?»

E' só ao semelhante que se não deve matar? Meditai; pedi luzes e caridade para os interpretes das Escrituras.

Caridade é também deixarmos o confôrto do lar para sentirmos de perto o desconfôrto do irmão triste e desalentado recluso em sombria cela de manicômio ou penitenciária.

Caridade é consolarmos sem palavras ao leproso, pois, são inexistentes para seu sofrer.

Caridade é enxergarmos nossa irmã na megera que se confunde com o lodo da sargeta e na que mercadeja o amor.

Mas, perguntareis: «Pequeninos como somos conseguiremos tudo isso?» E por que não? respondo eu! Nem aos maus falta o auxílio dos céus; que fará aos que bons desejam ser.

Se o desânimo vos magoar algum dia, colocai-vos concentrados em meditação afim de auferirdes novas energias do Alto. Falai então, não aos homens que vos confundirão mas, às flores, aos animais, às ondas do mar, aos astros e eles vos alegrarão com sua linguagem muda e sábia.»

Assim finalizou o guia espiritual a sua preleção, considerada algo revolucionária pela assistência.

Dir-se-ia: Ferir para despertar? Contestar para obrigar a meditar? Será isto também caridade?

Confortou-nos apreciar, a mesma pessôa humilde, causadora da «importuna» pergunta, receber felicitações da assembléia, numa atmosféra de indefinivel júbilo.

Major Levino Cornelio Wischral.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr. $50,00	Do 4.° ano	Cr.$ 50,00	Do 5.° ano	Cr.$ 50,00
Do 6.° ano	50,00	Do 7.° ano	50,00	Do 8.° ano	50,00
Do 10.° ano	50,00	Do 11.° ano	60,00	Do 12.° ano	60,00
Do 13.° ano	60,00	Do 14.° ano	60,00	Do 15.° ano	70,00
Do 16.° ano	80,00	Do 17.° ano	60,00	Do 18.° ano	60,00
Do 19.° ano	60,00	Do 20.° ano	60,00	Do 21.° ano	60,00
Do 22.° ano	60,00	Do 23 ° ano	60,00	Do 24.° ano	60,00

A' Bezerra de Menezes

LEOPOLDO MACHADO

No 52.º aniversário de seu desincarne

HÁ trinta anos, quando aceitamos o Espiritismo, foi Bezerra de Menezes o nome e a figura que mais nos impressionaram. Chegamos a chamá-lo o «Velhinho de ouro do Espiritismo no Brasil».

Há, em nosso Colégio, desde sua instalação, a *Sala Bezerra de Menezes.*

Houve um tempo em que andamos dirigindo uma série grande de operações fluidicas, com cinco médiuns curadores apreciáveis, de absolutos resultados, trabalhos realizados do Alto por Bezerra de Menezes.

O LAR DE JESUS tem o Velhinho de Ouro como o seu médico espiritual, trazendo no dormitório a efigie de *Vovô Bezerra,* como o chama a criançada.

E, na longa excursão da *Caravana da Fraternidade,* que nos levou até Manaus, sua assistência espiritual e suas comunicações foram as melhores provas do excelente caravaneiro espiritual que ele foi.

Somos, parece, velhos conhecidos de outros tempos. Ele, claro, num plano superior e nobre...

* * *

Nascera abastado e de familia acreditada no Ceará.

Mas, fôra menino pobre, ao entrar, aos cinco anos, para a escola.

Aos 13 anos ensinava latim, com eficiência, no colegio em que aprendera.

Chegava, aos 20 anos, ao Rio, com trinta e oito mil réis a custo ajuntado, para fazer o curso médico.

Fê-lo, só Deus sabe com que sacrifício, a estudar na Biblioteca Nacional e a trabalhar. Na epoca dos exames, que é do dinheiro da taxa para paga-los? Foi quando lhe surgiu um aluno inesperado, que toma com ele um curso de matemática, pagando adeantado, exatamente a importancia dos exames a pagar no dia seguinte, para nunca lhe aparecer ás aulas...

Nunca teve facilidades de vida.

Mesmo assim, fez-se médico. Um médico diferente, porque para ele o «médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto». O que não procede assim, continua dizendo, «é o desgraçado que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita...«

Daí, naturalmente, o «Médico dos Pobres», por que ficara chamado.

E o era, efetivamente.

No seu consultorio, quando aparecia a clientela, misturada de damas elegantes, altos funcionários, politicos e militares ilustres, suas atenções se voltavam, de preferência para os humildes, os simples, os pobrezinhos, perguntando: «E você, meu filho, passou bem? Acabou o remedio? E sua dieta?» Era a essa clientela que nada lhe pagava e ainda lhe dava despesa, que primeiro atendia.

Bezerra de Menezes

* * *

Médico, fez-se militar e politico.

Foi Presidente da Camara Municipal, portanto Prefeito. E deputado.

No fastígio de suas conquistas, morre-lhe a esposa.

Emotivíssimo, ficara inconsolavel, desgostoso da Vida.

Foi, então, que se lhe deu o *Livro dos Espíritos* para ler.

Mas, como ler um livro condenado pela Igreja, ele, um bom católico e temente do inferno?

Leu, contudo, o livro no bonde, rumo da Tijuca.

Ao concluir a leitura, havia perdido o respeito ao Catolicismo e o medo ao Inferno.

Fez-se espírita, colocando na balança da difusão da Doutrina, o pêso de sua projeção político-social-cultural.

Escritor e jornalista, corre ás colunas de O PAÍS e, assinados por MAX, lança a série de artigos substanciosos—os mais substanciosos e oportunos que já se escreveram em língua portuguêsa—naquêle maravilhoso despertar de Bezerra para o Espiritismo, e do Espiritismo no Rio de Janeiro.

Valeu-lhe o santo esfôrço, a gloriosa alcunha de o ALLAN KARDEC BRASILEIRO, que vem conservando através dos anos.

E como o Allan Kardec francês, teve, também, as suas desilusões e as suas decepções com os espíritas e com o meio espírita, a ponto de, por duas vezes, afastar-se do meio e dos espíritas, sem, entretanto, nunca se afastar da gloriosa Doutrina.

* * *

Alvorecia o século XX:

A 1.º de Janeiro de 1900, uma congestão cerebral atacava o Médico dos Pobres.

Sua casa da Rua 24 de Maio passou, então, a ser a Méca de contínua parada de almas gratas e emotivas.

Um amigo que o visitou, êle ainda falava, antes da paralisia geral, ouviu-lhe, ambos em lágrimas: «Peça a Jesus por mim! Não para tirar-me o sofrimento, que, se me veio, porque foi justo, mas para dar-me as forças suficientes para eu suportá-lo».

Reinava no seu lar a tristeza e a indigência.

Não recolhera dinheiro nem para manter a família naquêle transe amargurado, nem para tratar da saúde.

Mas, diariamente, quando se lhe arrumava a cama, descobria-se farta soma entre o travesseiro e o colchão, que variava do *patacão* de cobre à cédula de duzentos mil réis, deixada por suas visitas de todas as posses...

* * *

Morreu depois de longo sofrimento, sem revelar, entretanto, que sofria.

Seu enterramento foi uma apoteose, em que as casacas e as fardas militares se promiscuiam com as librés dos criados, com os farrapos dos pobres.

E muitos olhos em lágrimas! E muitos queixumes dolorosos assim: «Morreu o Médico dos Pobres! Quem cuidará, agora, de nossa saúde como êle!»

Como êle, ninguém, na verdade, cuidou mais da saúde da pobreza!

O «País» publicava que «seu enterramento se revestira de solenidade augusta».

E prosseguia o jornal: «Desde que se divulgou a notícia do seu falecimento, uma incessante romaria se estabeleceu em demanda da sua habitação. Eram os pobres, os humildes e necessitados, no anonimato de sua condição, que lhe iam render o tributo da saudade e do reconhecimento, cujos soluços e lamentações se confundiam com os da pobre família desolada».

* * *

Admiradores seus de outros credos também se aprestaram a homenagearem religiosamente seu grande espírito. E fôra ajustada a *missa com libera-me* na Igreja do Socorro, em S. Cristovão.

Para lá acorrera o povo católico que o admirava.

Mas, a missa não saíu, embora se enchesse a igreja de gente, que o Vigário Geral a proibira de última hora.

Noticiou assim o «País»: «proibidos os sufrágios, sob a alegação de se tratar do chefe dos espíritas do Brasil...»

Mas, o povo sai da igreja e corre ao cemitério, à sua sepultura, e faz-se aí a apologia do Médico dos Pobres, falando varios oradores eloqüentes.

* * *

A «Hora Espiritualista João Pinto de Souza» pede-nos estas notas escassas sôbre o grande Espírito de nossa particular admiração e estima, para a *Semana de Bezerra de Menezes*, que promove.

Página que levará ao rádio de seu programa.

E programa que aspira lançar, um dia, uma Estação de Rádio no Brasil.

Uma P. R. dos Espíritas, exclusivamente.

Fácil? Difícil?

Não entendemos disso, embora estejamos sempre onde se cogite, com honestidade, desprendimento e altruismo, de tais realizações.

E aquí repetimos uma frase bem

nossa: «Preferimos amargar a decepção de uma campanha frustada, do que a amargura de não haver contribuido, de qualquer modo, para um evento vitorioso».

E somos dos que preferem correr, ilusoriamente, atrás de uma grata miragem de promissoras esperanças, a descançar, comodamente, à sombra de realidades duras e antipáticas, em que o dinheiro paire como estrela de primeira grandeza.

Póde ser uma concepção errada de velho espírita, que se acostumou a viver, desde a primeira hora de sua conversão, os exemplos vitais de Bezerra de Menezes.

E deseja continuar vivendo assim, fazendo o que póde e até o que não póde, cooperando com os que trabalham de facto, quaisquer que sejam suas opiniões, a benefício de sempre maior difusão da Doutrina, de sempre menor padecimento dos pobrezinhos e humildes.

Receba, pois, o grande Espírito de Bezerra de Menezes esta pálida homenagem de um sincero admirador, muito grato ás suas influências espirituais. E a *Hora Espiritualista João Pinto de Souza,* a nossa sincera congratulação em mais êste seu empreendimento.

Paz e alegria !

Pelas Sendas do Mistério

Dr. J. W. VEDOR — *«Constancia» (Reproduzido de «Stampa»)*

PÓDE o homem em transe, transpôr os umbrais do grande mistério da morte, fazer uma revista geral de sua vida passada e recordar os mais insignificantes detalhes de sua existência, suas causas e seus efeitos ? Já vimos através dos relatos do Almirante Beaufort e do Dr. Hunley como a nossa memória, esta memória caluniada que, segundo muitos, é incapaz de nos recordar o que haviamos comido em determinado dia da semana passada, nos leva em um itinerário invertido através dos anos, lustros e decênios rumo ao passado, para demonstrarnos que nada se perde ou se «embaralha» em seu arquivo maravilhoso e que só uma razão fisiológica que favoreça o nosso jogo intelectual fá-la aparecer menos minuciosa e exáta do que é em realidade.

Ante a Morte

Comentando estas surprêsas com que nos brinda a memória, justamente quando eu escrevia minha última nota, com um amigo afeiçoado ás ciências esotéricas, êste me forneceu o exemplo do irmão do doutor César Welles, colhido durante uma expedição ás terras dos temíveis aissathuegs, e que é mais um subsídio a estes singulares malabarismos da memória do homem. Refere o explorador que em companhia de seu amigo Cornelius havia se distanciado do resto dos expedicionários com o intuito de fazer um reconhecimento numa região em que na véspera tinham ouvido o tamborilar dos nativos. Depois de vários quilómetros de marcha na selva, chegaram a uma clareira donde foram testemunhas de uma cena macabra. Os homens da tribu formavam círculo ao redor duma espécie de túmulo de sacrifícios, junto ao qual se achavam dois adolescentes, homem e mulher, completamente nus e aparentemente sob os efeitos de uma droga de poderosa ação exaltadora. Os feiticeiros da tribu dirigiam uma espécie de rito mágico que aterrorizou a ambos os exploradores e que culminou com a morte de um dos jovens. Imediatamente o bruxo abriu com um golpe, o cadáver ainda quente e extraíu as entranhas em busca de não sei que sinais denunciadores do futuro da tribu. Imediatamente a atitude do «áugure» teve uma transformação nervosa e fixou a clareira, onde se achavam emboscados os brancos e deu uma ordem que foi seguida por um ataque dos indígenas. «Antes de poder pensar em escapar — relata o explorador — vi-me cercado por quatro dos selvagens, que me desarmaram sem me dar tempo de defender-me. Meu amigo Cornelius desaparecera de meu lado sem deixar vestigio e sem dúvida fôra preso do mesmo modo estúpido. Conduziram-me então, fortemente manietado ao túmulo dos sacrifícios ao que fui obrigado a subir. E aí sobreveio o extraordinário de minha situação mental, naqueles momentos que eu julgava os últimos de minha existência. Eu via desfilar ante meu olhar, com rapidez vertiginosa, todos os acontecimentos de minha vida passada. Cenas que eu julgava completamente sepultadas no olvido, ressurgiam com uma exatidão de detalhe admirável. Minha memória adquiria uma agudeza tão extraordinária e tal amplitude de recordações, que vivi dezenas de anos em breves minutos.

Vi avançar um bruxo horrendo, com enorme máscara de cornos e um ameaçador punhal na mão, sem que êle me produzisse o mais leve tremor. Uma tranquilidade e coragem desconhecidas mantinham-me impassível e sereno. Quando o encarregado de dar-me a morte estava a menos de um metro de distância, soou uma detonação e ferido na cabeça, caíu sem vida. Êsse sucesso sobrenatural, para os selvagens, fez que todos fugissem rapidamente.

Meu amigo Cornelius—famoso caçador de elefantes—que eu supunha preso e morto, havia salvo minha vida com sua serenidade e valentia.

Não creio necessário insistir com outros exemplos demonstrativos, que a memória mantém sua fidelidade inalterável em todo o momento de nossa vida presente, e já vimos como, sob certas circunstâncias provocadas por experiências de laboratório, essa memória remonta até um passado demasiado remoto e vai além do nosso nascimento, mais além de nossa morte anterior, e mais longe ainda, a regiões onde a «sonda espiritual» não consegue encontrar fundo.

Nós «já o vimos»

Outro fenômeno interessante que sem dúvida terá ocupado muitos leitores, é a sensação do «já visto». Assistimos a qualquer ato simples da vida comum, no trabalho, no repouso, num clube, em uma reunião, e, de súbito, sentimos que «já vivemos êsse instante», em um tempo remoto, inacessível ás nossas recordações normais, foi parte de nossa existência. A certos espíritos isto provoca uma angústia especial e foi origem de uma série de hipóteses de numerosos psicólogos, tendentes a explicá-lo. Dizem também tratar-se de um «éco mental», quer dizer, uma rapidissima e dupla impressão no cérebro que dá a sensação de que o percebido já fôra visto antes, ainda que de modo demasiado impreciso, no sentido de situá-lo no espaço de nosso tempo e de nossa vida. E' uma hipótese que logo se lançaria de cheio a explicar como sua teoria é única, a autêntica, a aceitável. E esta teoria tem numerosos exemplos na história, que procuram corroborá-la.

Se lançarmos um olhar retrospectivo a passados muito distantes, encontraremos Marco Aurélio, imperador dos romanos, virtuoso e sábio, amante da filosofia e cultor da moderação, que afirmava convictamente que, pelo menos, tinha vivido duas vezes anteriormente, tendo incarnado, em uma delas, no célebre e austero Catão, o Censor.

Isto, dirá o leitor inquieto, nada prova. Os manicômios estão cheios de loucos que asseguram que foram, Napoleão, Magalhães ou Branca de Neve, e isto nada prova. Marco Aurélio revivia episódios de Catão, o Censor. Pronunciava discursos que lhe ditava sua memória ancestral e que em seguida verificaram ser reprodução exáta dos de seu antepassado espiritual, cujo texto êle nunca havia lido em sua última vida.

Como êste, muitos homens célebres asseguravam ter vivido em tempos muito remotos.

Lamartine, durante sua primeira visita à Judéia, sentiu-se tomado de surprêsa ante um cenário e paragens demasiadamente conhecidos por êle. Absolutamente só, sem nenhum guia que o acompanhasse, reconheceu o campo de batalha de Saul e o vale Hereb e em seguida, no vale de Sefora, indicou a colina coroada pelas ruínas de uma casa em que ocorreu o nascimento da virgem. Não bastam estes exemplos tão demonstrativos ? Não ? Pois bem, João Batista Colbert, famoso ministro de Luiz XIV, escreveu uma biografia de si mesmo, por demais estranha, visto que se refere a dois personagens, um o conhecido, outro o que viveu no ano de 453 antes de Jesus Cristo. Nos escritos dêste segundo personagem existiam vastos textos que atrairam a atenção do célebre helenista Jacobo Hursey, que por fim poude comprovar que ditos textos se ajustavam exatamente, sem a mínima alteração, ás passagens das obras do trágico Euripedes.

O Dr. William Fardwell, quando se encontrava em casa do doutor Tauride, num momento em que ceavam em companhia de um garotinho de seis anos, perguntou ao menino se não se recordava de já o ter visto. — Sim, eu te conheço — disse o menino — mas conheço muito mais o teu avô — o coxo. Com êle muitas vezes joguei o *bridge* antes que houvesses nascido. E o notável desta resposta é que realmente o avô do doutor Fardwell fôra coxo e amante do bridge, e nem ao menos havia conhecido do seu próprio neto; vindo a saber êste o que se referia a seu avô, pela sua mãe. Nem tão pouco o doutor Tauride conhecia particularidade alguma dêsse parente de seu amigo que êste mesmo não tivera ocasião vêr.

Um Caso de Possessão — *Arnaldo S. Thiago.*

«Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão póde tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado». (A Gênese, cap. XIV, pag. 269).

Transcrevemos esses tópicos da «A Gênese», de Allan Kardec, para justificar o título que démos a êste breve relato de um caso que nos parece de possessão e que nos foi referido por pessoa de nossa absoluta confiança

Na localidade denominada «Saco dos Limões», subúrbio de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, caíu gravemente enfêrma, com sintômas de alienação mental, uma senhora casada e mãe de dois filhos.

Chamado o médico da família, um dos mais conceituados clínicos da referida cidade, percebeu êste desde logo que se tratava, não próprìamente de enfermidade nervosa, mas da uma psicopatia aparente, determinada por influência de personalidade espiritual completamente estranha ao meio familiar a que a moça pertence, porquanto esta, de um momento para outro, entrou a desconhecer os filhos, o marido, os seus pais e todas as outras pessoas da família.

Quando em sua presença, o próprio médico que diversas vezes a tratou, bem como a outros membros da família, foi tido por um desconhecido. Não havia meios de chamar a moça à razão: de um instante para outro tornava-se elemento estranho em seu meio familiar.

Lealmente o médico fez ver ao esposo que não se tratava de um caso clínico, aconselhando-o a recorrer à intervenção de pessoa dotada de poderes mediúnicos suficientemente elevados, para conseguir o afastamento da personagem espiritual estranha, que se apossara da esposa, deixando-a naquela perturbação insólita.

Tais recursos foram tentados, em vão, conforme relatou ao médico, mais tarde, o chefe da família de que se trata.

Disse-lhe êste que recorrera a todos os recursos mediúnicos. Primeiro a um médium, isoladamente; depois a diversos amigos seus, espíritas, que realizaram sessões em sua casa, procurando por todos os meios convencer ao Espírito possessor que devia deixar a família em paz, afastando-se da moça. Tudo em vão!

Já perdia o pobre esposo a esperança de ver a consorte restituida à normalidade, quando, uma tarde, ouvindo, no rádio, o canto da «Ave Maria», a possessa ficou, a princípio, a ouvir, enlevada, a suave música do «Angelus» e em seguida falou: «Que música, encantadora! Que música encantadora!...» Repetindo por diversas vezes a frase, até se extinguirem de todo os suaves acordes no espaço...

Ditas essas palavras, a moça como que despertou de um longo sono e, voltando à completa normalidade, como se absolutamente nada se tivera anteriormente passado com ela, entrou novamente a reconhecer todas as pessoas de casa, bem como quaisquer outras de suas relações.

E tudo se restabeleceu, graças à boa orientação dada ao caso pelo médico da família. Fôsse êle indiferente aos fatos espíritas e teriamos de constatar mais um caso de intervenção inóqua da ciência material em circunstância na qual só a ciência espírita sabe intervir. Mas, os tempos chegaram. Já as duas ciências, como acabámos de ver, dão-se as mãos para benefício da humanidade.

Florianópolis, 29/3/952.

Mais um Fenômeno de "Poltergeist"

MAX KOHLEISEN

VAMOS apresentar hoje mais um cáso de «Poltergeist», não menos interessante que aquele, cujos acontecimentos se tem desenrolado na Alemanha do sul e que já foi apresentado aos leitores, estudiosos de semelhantes fenômenos. Sim, fenômenos que só a doutrina e ciência «O Espiritismo», é capaz de explicar racionalmente, sem deixar lacunas!

E' digno de ser relatado o caso que estamos extraindo da revista inglêsa «The Greater World» (O Mundo Maior) editada em Londres. O artigo foi remetido da África do Sul para a citada revista pela médium conhecida, Mrs. Helena Powell, não só conhecida na África (na União Sul-Africana) mas sim, também, em Londres na «Liga Espírita» de «O Mundo Maior». Eis o que se comunica:

«No Estado sul-africano Southem Rhodesia, em Rhodesville perto de Salisbury reside o casal Mr. Cecil John Rose e sua esposa, em cuja casa apareceram, um belo dia, distúrbios, barulhos, deslocamentos de objetos de uso, estrondos no soalho, forro e paredes. Toda redondeza estava ciente a respeito dos estranhos acontecimentos. Os grandes jornais de Salisbury, cidade onde me encontrei, traziam fartas reportagens sôbre o que se passava e continuava se passando na residência do Mr. C. J. Rose.

Sendo eu conhecida nas rodas dos jornalistas, fui solicitada a intervir no caso de Rhodesville para ver se era possível livrar aquele casal tão atormentado. Respondi então francamente com um «Não!» porque sem o consentimento e um convite formal, nunca costumo oferecer semelhantes serviços delicados; aliás, meus prestimos são sempre muito modestos. Se posso servir, é sempre com prazer, mas nunca procuro me impôr...

Um dia, li num jornal de Salisbury a seguinte reportagem: «A noite passada mais de 300 pessoas vieram visitar a casa «assombrada» em Rhodesville para poderem presenciar o barulho misterioso; muita gente vêm de automovel de lugares distantes; desde ás cinco horas da tarde começa o ajuntamento de curiosos e assim acontece pela noite a dentro, acotovelando-se esses curiosos não só dentro da casa, como também fóra, no jardim, em frente à residência. O casal Rose, desta maneira, sofre mais êste tormento...»

Continua o jornal: «Hontem, alguém se lembrou de improvisar uma sessão espírita na residência de Mr. Rose. O empreendimento, entretanto, não foi bem sucedido; ao contrário, foi prejudicial. Estavam reunidas muitas pessoas numa sala; um dos componentes tombou sem sentidos; outro, sentiu vertigens e caiu nos braços do seu vizinho; outro ainda, disse que sentia passar uma mão fria pelos cabelos e ficou todo arrepiado, até que, trataram de encerrar a sessão! Verificaram, então, que foi arrancado da cabeça de um dos componentes um bem regular punhado de cabelos, seu topete, cuja falta foi bem sentida, visto que sua cabeleira já era bastante reduzida...

Sugeriram finalmente ao snr. Cecil J. Rose que chamasse uma pessoa perita e conhecedora de assuntos espíritas. Êle concordou, e auxiliado por um dos reporteres, escreveu uma carta à Mrs. Helena Powell, solicitando o seu concurso afim de socorrer a êle e sua mulher».

Assim escreveu o jornal S. Rhodesia Sunday Mail: «Quando Mrs. Helena Powell chegou e que é possuidora de uma personalidade imponente, desde logo irradiou-se da sua presença grande calma, ordem e respeito em todo o ambiente; depois de ser apresentada ao casal que solicitou o seu concurso, pôsse Mrs. Powell imediatamente a organizar uma reunião. Escolheu algumas pessoas dignas da sua confiança e solicitou em seguida aos demais que deixassem o ambiente em paz, retirando-se todos para as suas casas, porque, de contrário, não podiam ser iniciados os trabalhos destinados a beneficiar os perturbadores e os perturbados.

Iniciada a sessão espírita, com uma vibrante prece que tocou os corações dos presentes, Mrs. Powell, médium de várias faculdades, entrou em contáto com o espírito perturbador «Poltergeist» e obteve a promessa que êle ia abandonar o ambiente, onde tinha causado tanto alvoroço e sofrimentos, pois, nada mais tinha que procurar naquela casa. Continuou exortando o Poltergeist, que cuidasse agora do seu futuro próprio, procurando evoluír, praticando o bem; nisso seria auxiliado pelos espíritos bondosos presentes e ao seu lado; que abjurasse, inicialmente, o seu egoísmo odioso, pois, já que deixou o plano material (com a morte) a sua esposa tinha o direito de casar-se em segundas nupcias com o Mr. Cecil John Rose, aliás bom marido, carinhoso e de caráter superior.

Assim terminou a breve sessão. Vimos, nós todos, que ninguém tinha suspeitado que o Poltergeist podia ser o falecido marido de Mrs. Rose, o qual furioso, e movido pelo egoísmo, atolou-se num ódio cego, produzindo finalmente os fenômenos perturbadores naquela casa.

Desde aquêle dia entraram novamente a paz e a harmonia no lar do casal C. J. Rose, graças à ação bem conduzida, com perícia, de Mrs. Helena Powell e com a ajuda do Céu e os bons Espiritos».

Piracicaba, Abril de 1952.

Finalidades Cristãs dos Congressos

O nosso caro companheiro de redação, J. B. Chagas, pouco antes de desincarnar enviara-nos o presente artigo, que será publicado numa série de três publicações, a começar deste número.

Segundo o nosso fraco modo de entender, a finalidade maior da Doutrina Cristã ou seja da doutrina que se estabeleceu no mundo, resultando dos ensinamentos dados aos homens por Jesus, o *Filho de Deus Vivo,* na felicissima expressão de Pedro, era o cumprimento integral da Lei do Amor. Sôbre a Lei do Amor, da Bondade e do Perdão fundamentou Êle toda a sua doutrina.

Sendo, portanto, toda a sua doutrina baseada na Lei do Amor, sub entendese do enunciado, que qualquer cousa que se faça ou diga, com a finalidade cristã, visando a aproximação em Cristo, terá que se apoiar no determinismo daquela Lei.

Vejamos como Jesus estabeleceu os seus princípios: Sabemos que a sua maior preocupação no sentido do esclarecimento das criaturas não foi sómente com o desejo de iluminar apenas as consciências, daí Êle dizer aos simples e humildes pescadores do mar da Galiléia: «Vinde após mim, e farei que vós sejais pescadores de homens». Eles, realmente, deixavam as rêdes e o seguiam. Visava Jesus, de preferência, atingir o coração, dando-nos um exemplo frisante na grandiosa lição do Bom Samaritano. Estabeleceu mais naquela regra fixa, de profunda sabedoria, quando disse:—«e assim, tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles, porque esta é a lei e os profetas». Nêste preceito estava, portanto, encerrado o mais rigido ensinamento de toda a sua doutrina sôbre a lei do amor, ampliando, ainda, de modo mais compreensível, o que já constava na lei do Decálogo, no seu primeiro mandamento—«Amar a Deus sôbre todas as cousas», o seguinte adendo: «a ao próximo como a si mesmo». Dizendo por fim Jesus: «Mais um mandamento eu vos deixo: «Amai-vos uns aos outros!»

Todo o seu ensino é um híno de glória ao Amôr, à Renúncia, à Tolerância, à Humildade e ao Perdão.

A Justiça mais reta esplendia e superanbundava nêles. Senão vejamos: — «não julgueis e não sereis julgados; não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete», porque, «quem com o ferro, fére, com o ferro será ferido». «O que disser *raca* ao seu irmão, será réu de crime no conselho. E se qualquer te obrigar a ir carregado mil passos, vai com êle ainda mais outros dois mil. E serão bemaventurados os mansos, porque possuirão a terra; bemaventurados serão também os que choram, porque serão consolados!»

Não esqueceu, porém, de advirtir a todos — «Se a vossa justiça não fôr maior e mais perfeita do que a dos farizeus, não entrareis no reino dos céus!»

«O Espírito da Verdade, todavia, a

quem o mundo não podia receber, porque não o via e nem o conhecia, ficaria e estaria eternamente conôsco» — afirmou Jesus, consoladoramente.

O Espiritismo é, pois, sem favor, êsse Consolador que o Cristo prometeu que a seu tempo enviaria à Terra para explicar tudo o mais que Êle não poude fazer na sua época, pelo atraso espiritual dos homens que lhe ouviam as palavras.

O Espiritismo sendo êsse Consolador está explicando todas as cousas por toda a parte ; não fala de si mesmo, porque não está também personalizado num indivíduo ; manifesta-se, simultâneamente, a várias pessoas, em vários países, em várias línguas, e veiu trazer a chave, sem a qual o Evangelho seria sempre um livro enigmático, cujos textos continuariam dando margem a mil e uma interpretações.

E' bem corrente no âmbito doutrinário, a definição que Espiritismo, como Ciência, é a verdade manifestada nos fenômenos da Natureza e suas sábias leis, na vida social do indivíduo, da alma e de seu mundo.

Já a sua Filosofia é a verdade manifestada pela razão, a infundir o verdadeiro sentido da vida, creando um estado de consciência reto e seguro.

Como Religião, tem por principal finalidade guiar o homem até Deus, no seu destino glorioso.

A primeira é a verdade divina em ação. A segunda é a verdade humana, como reflexo da verdade divina, buscando o sentido profundo das cousas. A terceira, resulta implicitamente das duas anteriores, quando bem compreendidas. E' a demonstração na prática do conhecimento que chegou ao indivíduo, através do estudo e da razão consciente, transfundindo em atos e obras, no sentido elevado do bem do próximo, no desprezo das cousas terrenas, no *viver para outrem*, de que nos fala *Augusto Comte*, ou seja, «viver no mundo sem ser do mundo», no dizer evangélico.

Quem quer que só aprendesse um dos três aspectos, teria parado no meio do caminho...

Tornou-se êle, assim, o Cristianismo redivivo, fazendo avultar sempre, e cada vez mais, aos olhos dos homens, a figura ímpar de Jesus, porque as suas grandiosas lições foram aprofundadas e conhecidas no seu verdadeiro sentido.

Como Cristianismo redivivo, êle teria, forçosamente, que exaltar e inaltecer o Cristo e suas virtudes excelsas, uma vez que interpreta os seus ensinamentos, deixados ha dois mil anos, em *espírito e verdade,* iluminando consciências e burilando corações !

Revivendo as lições de Jesus, o Espiritismo, então, por dever, teria que observar estritamente, suas regras e preceitos. Um deles, o que nos toca muito particularmente, com a iniciativa da realização destes Congressos, lembra-nos a necessidade de confraternizarmo-nos, para o cumprimento integral do seu maior mandamento, contido no sublime ésto do — *«Amai-vos uns aos outros»*.

Procurando atingir êsse grandioso objetivo, estamos vivendo e assistindo o esfôrço sincero e entusiasta de alguns abnegados irmãos, no sentido de dar ao Espiritismo uma nova modalidade de difusão doutrinária, mais consentâneo com o espírito da época, ou seja um sentido mais elevado da sua verdadeira finalidade, através das Semanas de Confraternização, dos Congressos, etc.

Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o objetivo preceituado no : *«Amai-vos*, ficando cada espírita isolado nas quatro paredes do seu centro.

Ninguém em sã consciência poderá manifestar-se contrário a essa nova modalidade de Espiritismo.

A própria índole do Etpiritismo estava a exigir um movimento assim, com essa característica social cristã, considerando, ainda mais, ter o seu Codificador afirmado alhures, que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra», mas que a «última jamais seria proferida !»

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida», não podia ficar acorrentada às velhas práticas e dos velhos hábitos do passado.

E a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de Espiritismo vem empolgando o meio espírita brasileiro, teremos, dentro em breve, o ambiente doutrinário completamente modificado, para melhor.

Até no Espaço impera entre os desencarnados um verdadeiro movimento de intensa alegria que, aqueles que impropriamente chamamos *mortos*, têm vindo, aliás, procurando traduzir por palavras, a sua alegria, incorporando, nessas reuniões, os *médiuns*, compartilhar com os que, também, impropriamente denominamos *vivos!*

Aprovamos, inteiramente, todo programa que tenha por objetivo o maior intercâmbio, seja cultural ou confraternativo, entre os espíritas, e com este propósito, temos dado, sempre que se apresenta a oportunidade, todo o nosso apôio e solidariedade a esses movimentos, não só tomando parte ativa em alguns, como a iniciativa e realização de outros.

E como os espíritas são, sem favôr nenhum, os crentes da Terra que, de algum modo, estão fazendo algo em pról do império da Fraternidade em nosso mundo, devemos, pois, trabalhar com afinco e sinceridade, para que a solidariedade cristã, seja apanágio de todas as almas já iluminadas pela luz do Cristo.

Somos, inegavelmente, os que já se esforçam para seguir as pegadas do Divino Mestre, por exemplos e obras, praticando a sua doutrina de amôr e perdão. Sejamos, pois, o *sal da terra,* na feliz expressão de Jesus, e tudo o mais *nós receberemos de acréscimo!*

J. B. Chagas.

(Continua)

Crônica Estrangeira

Conto do Natal para as Crianças

(Uma Paródia, com meus cumprimentos e apologias ao ilustre escritor espanhol, Don Manuel Feduchy).

O ZÉ PANCRÁCIO

O Zé Pancrácio era um homem que vivia dos seus expedientes, um malandrão, casado e pai de oito filhos.

Chegou uma tarde a casa muito aborrecido da vida e decidiu-se a cometer suicídio. Meteu-se no quarto de dormir, bebeu um copo de água contendo umas gotas de veneno e começou a berrar pela esposa a contar-lhe o sucedido.

Houve grande comoção, dois dos filhos mais velhos saíram a procurar um médico e um sacerdote, que felizmente se encontravam em casa e vieram logo a casa do Zé. O médico de um lado tratou de salvar o homem, enquanto que o sacerdote do outro lado lhe estava a rezar pela alma.

Quem venceu foi o último, pois em poucos minutos o suicida «esticou o pernil» e três dias depois foi o seu cadáver enterrado no cemitério local.

Deus castigou-o deixando-o andar pela Terra e passados uns meses saíu da campa e ficou muito admirado em ver que tinha deixado nela a sua carne, estando sómente com o seu esqueleto. Ficou admirado também ao ver outros habitantes a dançarem e a jogar as cartas mas também sem as suas carnes. Ajoelhou-se e pediu ao Pai para lhe dar de novo a sua carne, mas naturalmente que isso era impossível e foi metido novamente na sepultura. Passados outros meses foi-lhe permitido saír dali e, quando da parte de fóra, ficou surpreendido ao ver que não tinha agora nem carne, nem os ossos, e ao olhar para o cimo da campa notou que havia crescido sôbre ela muita erva e flôres, e um coelho veiu ali e começou a comer estas.

O Zé Pancrácio exclamou então:

—Que belo pratinho de meio! Imagine-se que a minha carne e os ossos se converteram em erva e flôres bravas e um coelho comeu estas e finalmente a carne dêle será comida por qualquer pessoa humana!

Sim, disse-lhe uma voz misteriosa. Eis a tua punição na Terra. Aquí, ou seja, na Natureza, nada se perde, tudo se transforma. Sómente os espíritos como tu são indestrutíveis.

Vem comigo para entrares numa Escola e aprenderes ali o que precisas para seguires por essa Eternidade afóra, mas antes disso o Pai terá que ficar convencido a que tu te arrependeste e Lhe pediste perdão pelas fajardices que cometeste quando estavas envolto da tua carne!

E lá foram ambos, deixando na campa a transformação do corpo, em pó!

Pobre Zé Pancrácio!

EXPERIMENTAI

Durante as minhas visitas ás diversas Igrejas e Centros Espíritas, tenho o máximo cuidado em não aceitar a manifestação dum dos meus guias, a não ser que me encontre absolutamente convencido da sua autenticidade.

Eis, por exemplo, como eu encontrei FENG ser um espírito genuino.

Quando comecei com as minhas investigações, eu na companhia do subeditor do Two Worlds, Charles Hicks, e quatro amigos, sentámo-nos ao redor duma mesa, regularmente uma vez por semana durante uns meses. A mesa na primeira vez de ser por nós empregada, manifestou estar alí um espírito de nome Pengue ou PENG, dizendo ser um dos meus guias. Como fôsse tarde e não pudessemos continuar com a scéance, quando ao terminar, a mesa bruscamente anunciou-nos «Try again». Experimentai de novo. Naquela ocasião era eu também um dos indivíduos escolhidos por Madame Bullock, a famosa médium de transfigurações, para o seu conhecido Circle, reunindo-se todas as segundas-feiras, sob o nome de Rainbow Harmony Circle. Alí fui como do costume, sem ter dito a ninguém o que se tinha passado na redação do Two Worlds no sábado passado.

Madame Bullock quando em transe, deu-me a grande surprêsa de ver nela transfigurado em chinês, que me falou assim:

Eu não sou chinês, mas tão português como tu, pois nasci em Macau, e o meu nome é João FENG.

No final da scéance narrei aos presentes o que se tinha dado e no sábado seguinte fui de novo à Redação do Two Worlds e quando a mesa começou a mover-se, eu decidi-me a saír do circulo e ficar ao lado a tirar as notas. Com a maior surprêsa minha, recebemos a seguinte mensagem:

Eu sou FENG e não Pengue ou Peng, o guia de FRED. Ambos temos bastante trabalho a fazer. Boa noite! O interessante de tudo foi a mensagem ter sido dada na língua portuguêsa!

Por conseguinte, meus estimados leitores, FENG é um espírito genuino e não me deixa!!

Foi devido à sua insistência e do belo guia Padre Domingues, que estou novamente rabiscando estas linhas.

FENG é um grande brincalhão. Recentemente fui num sábado onde havia o chamado «Open Circle» à Manchester Central Church, e deu-se alí o primeiro caso nunca observado antes pelos membros antigos. A médium que devia conduzir o «Service» não póde vir à última hora. Não havia alí absolutamente ninguém que pudesse substitui-la, exceto uma senhora idosa. Esta veiu na minha direção suplicando-me para ir conduzir o «Service». Comecei a rir-me, pois nunca tinha feito isso alí. Mas... como impelido por uma fôrça mística! (O celebérrimo Feng), conservei a assistência em muito bom humor e tudo correu ás mil maravilhas!

No final e como do costume, foi-nos servida uma chavena de chá e biscoutos, e a senhora idosa cheia de alegria veiu dar-me um aperto de mão, dizendo: — Senhor Duarte, tive forçosamente de vir convidá-lo porque estava um chinês a rir-se ao seu lado e a dar-me instruções para o conduzir à plataforma.

Frederico Duarte — Manchester.

⁂

Manifestação material de um morto

Pertence êste fato ao arquívo do célebre astrônomo Camilo Flamarion que o precedeu dêste comentário:

A que se reduz o espaço, para um morto ou para um moribundo? Um homem morre acidentalmente, e, a 28 quilómetros, percebe-se sua misteriosa presença! Entre numerosas manifestações que me foram relatadas, esta aqui reproduzida é seguramente das mais notáveis, visto ter sido cientificamente observada e percebida por diversas testemunhas... assim como por três cães... Este relato foi-me enviado a 6 de 1922 por um observador erudito snr. P. Legendre, professor de letras no Liceu de Brest:

«Contava eu 20 anos; acabava de terminar meu curso na Sorbonne e meu primeiro ano de professorado; eu fôra passar minhas férias numa calma propriedade que parentes meus possuiam perto de Rennes. Estava para abrir-se a caça. Para essa abertura meu pai convidara três velhos amigos seus (professores Richelot e Biancé, e Dr. Cuisnier —médico) e um primo de minha idade.

No sábado, véspera da abertura, com exceção de meu primo Roberto, estavamos reunidos, após um jantar burguês e bem simples, ao redor da mesa e na mesma sala. Haviamos deplorado o atraso inexplicável, de meu primo; a cozinheira conservara sua refeição no forno, pois contavamos com sua presença naquela tarde, qualquer que fosse a causa de sua demora, para o início da caça na manhã seguinte.

Meu pai e seus velhos amigos falavam de «finanças». O Dr. Cuisnier e êle estavam diante da porta envidraçada que dava para o jardim e cujas folhas verde escuras estavam fechadas. De pé, igualmente diante da porta, eu examinava meu fusil. De-repente os três cães, pacificamente deitados debaixo da mesa, levantaram-se rosnando e se dirigiram para a porta. Fóra, nenhum ruído, nenhum sôpro. Supunhamos tratar-se de algum animal que se aproximára da casa e aquietámos os cães. *Estranho silêncio parecia impor-se a todos nós,* e bastante tempo depois ainda perdurava em nossa memória, essa singular impressão.

Passa-se um minuto, os animais, apenas tranquilizados, latem furiosamente, em direção à porta, ao mesmo tempo que um clarão cerúleo assás transparente, de 1 m. 70 de altura, oscila, por duas ou três vezes, diante da porta envidraçada e aí permanece durante dez ou doze segundos esvaecendo-se gradualmente, para desaparecer em seguida. «Um fogo fátuo! exclama meu pai; o imbecil Morel (o jardineiro) deixou algum animal em decomposição junto à porta!» (Raramente serviam-se dessa porta, que quasi sempre permanecia fechada, por estar a sudoeste, e a 50 metros da estrumeira da fazenda).

Eu era céptico, e conhecendo as farsadas de Roberto, supús ter êle deixado seu tróle na povoação, distante um quilómetro, aproximando-se e passando por alguma abertura na cêrca do parque, divertindo-se a incendiar fósforos ou outro produto químico previamente colocado entre a vidraça e a folha da porta.

Ábro a porta, vou para o jardim e exclamo: «Vamos, Roberto, não te faças de tolo, vem tomar tua sopa, ou mamãe te aplicará...! Nenhuma resposta! nem o mais ligeiro ruído. O cão da fazenda permanece silencioso, os nossos ainda se mexem um pouco, mas se aquietam.

Ainda esperámos Roberto uma boa hora, a conversar de tudo, menos de aparições, depois, um tanto inquietos a seu respeito, procurámos nossos leitos.

Na manhã seguinte, ás 11 horas, um expresso vinha nos informar que Roberto morrera, acidentalmente, ás 7 hs. 1/2 da noite.

Eu não tento explicar e vos deixo o cuidado de comentar êsse fato: que Roberto morreu ás 7 hs. 1/2 da noite, e que na mesma noite, a 28 quilómetros de distância, e precisamente no lugar em que deveria estar, o clarão que vos descrevi era perfeitamente visto por três pessoas de sangue frio (e fortemente saudado por três cães...)

Essa manifestação produziu tão estranha impressão, que muito tempo depois todos declaravam jamais terem experimentado sensação semelhante.

E' sôbre essa impressão de cunho inteiramente especial, que me deixou recordação indelével, que me permito sómente insistir. Posso ainda defini-la como segue: uma sorte de *impulso* inquieto para a porta, ao qual obedeci automaticamente, de uma parte com a certeza de que Roberto *estava atrás* da porta, e de outra que êle aí *não podia estar,* porque sua aproximação, mesmo oculta, era para mim impossível, dadas a disposição do lugar e a extrema acuidade de meu ouvido.

Acrescentarei ainda que no dia seguinte se constatou que o «imbecil Morel», conscienciosamente havia raspado os arredores, e que não existia cadáver algum nas proximidades. De mais, junto à porta não havia vestígios de qualquer combustão de substância química.

Tais os fatos por mim observados.

«P. Legendre».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias de São Paulo

A 3 de Maio p. p., realizou-se no salão nobre «Bezerra de Menezes», na sêde da Federação Espírita do Estado de S. Paulo a solenidade de inauguração do 2.° Ciclo de trabalhos da «Escola de Aprendizes do Evangelho».

O orador principal, Dr. Canuto de Abreu, que devia proferir a aula inaugural, por motivos imperiosos não pôde comparecer, sendo substituido pelo confrade Dr. Julio Abreu Filho.

Uma assistência numerosa superlotou as dependências diversas da tradicional casa da Rua Maria Paula, reduto de tantos trabalhos espirituais a pról da causa do Cristo de Deus.

Marcada a reunião para as 16 horas, presidiu-o o confrade Cte. Edgard Armond, que saudou de início os alunos da mesma, falando-lhes da alegria e satisfação dos resultados obtidos no 1.° Ciclo e das responsabilidades que adviriam em futuro, após o término do curso, quando então — os alunos — terão a seu cargo a direção prática dos trabalhos, em reuniões dos Centros, lares, escolas, etc.

A seguir fala o orador Julio Abreu Filho, que numa oração inspiradissima absorveu pelo espaço de 55 minutos a atenção do imenso auditório, expondo com clareza e conhecimentos ímpares, páginas inéditas da história do Cristianismo, sendo aplaudido intensamente no final de sua talentosa exposição.

Achavam-se presentes os Professores que irão lecionar durante o 2.° período de estudos, Srs. Anselmo Gomes, Vinicius, Dr. Sergio Valle, Dr. Ary Lex, Dr. Luiz Monteiro de Barros, D. Iracema de Almeida, Benedito Godoy Paiva, Carlos Jordão da Silva, Cte. Edgard Armond e o orador, exceção única do ilustre confrade Dr. Canuto de Abreu.

Em seguida, a palavra foi franqueada a alguns alunos, que manifestaram a sua opinião sôbre o curso, e ainda, por via mediúnica, em meio a um recolhimento elevado, o plano invisível permitiu se ouvissem, as vozes do plano astral referentes ao acontecimento.

Abaixo publicamos na íntegra o programa dos trabalhos que serão ministrados no curso em questão.

MATÉRIAS

Maio, dia 3, 16 horas — Abertura da Escola, com programa lítero-musical especialmente organizado.

Dia 10, 16 horas—Cosmogonia. A Terra e a Família Solar. Outras famílias siderais. Origens do Universo: nebulosas, galaxias. A Terra: noções de Geologia e de Antropologia.

Dia 17, 16 horas—Centros de cultura. Heliocentrismo, geocentrismo, antropocentrismo. Concepções do Universo: no Egìto, na India, na Pérsia, na Grécia e em Roma. Na Gália e entre os Anglo-Saxões.

Dia 24, 16 horas— Concepções do Universo (continuação)— entre os indios das Américas; no Judaismo; no Catolicismo e na Igreja Reformada; na Ciência moderna, até o fim do período pré-nuclear.

Dia 31, 16 horas—Concepções do Universo (continuação)—na era nuclear, na filosofia espiritista. Cosmogonia e Religião. Para onde conduz o pensamento Kardeciano.

Expositor, Dr. JULIO ABREU FILHO.

—

Junho, 7, 16 horas—Origem da vida na Terra; teorias; gerações espontânea.

Dia 14, 16 horas — Panorâma da Terra nas várias ereas geológicas.

Dia 21, 16 horas — A criação, segundo o conceito espírita.

Dia 28, 16 horas — Os três reinos da Natureza. Sêres brutos e sêres vivos. Associações entre sêres vivos. Sociedades simbiose, comensalismo, parisitismo.

Expositor, Dr. ARY LEX.

—

Julho 5, 16 horas—Definições. Divisões. Criações. Evolução.

Dia 12, 16 horas — A organização dos sêres. Evolução das formas.

Férias

Agosto, 2, 16 horas— Como surgiram na Terra os sêres vivos e como evoluiram.

Dia 9, 16 horas — Leis universais. Exposição sumária.

Expositor, Cte. EDGARD ARMOND

—

Dia 16, 16 horas — O ângulo da Ciência no triângulo do Espiritismo.

Dia 23, 16 horas— Espiritualidade e biologia.

Dia 30, 16 horas — A evolução. Vontade de Deus. Evolução da forma e do espírito.

Setembro, 6, 16 horas — O mediunismo nas revelações transcendentais.

Dia 13, 16 horas—O sujeito transcendental.

Dia 20, 16 horas—O Espiritismo à luz da ciência e a ciência à luz do Espiritismo.

Expositor, Dr. SERGIO VALLE

—

Dia 27, 16 horas — A revelação progressiva; a Realidade e as Aparências; afastamento dos véus pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos meios de percepção.

Outubro, 4, 16 horas—Os três campos do conhecimento: Físico — sentidos corporais, observação e experiência; Mental— Razão, Análise, comparação, dedução; Psíquico—Mediunidade—revelação.

Dia 11, 16 horas— A mediunidade a serviço das Artes — Poesia, Música, Pintura, etc.

Dia 18, 16 horas— A mediunidade a serviço da Ciência — Astronomia — (Newton) Medicina.

Dia 25, 16 horas — A Revelação Mediúnica explicando e apontando uma meta para a vida individual e coletiva.

Novembro, 1, 16 horas — A Revelação Mediúnica aclarando vários enigmas nos três campos do conhecimento: Função da Dôr, Imortalidade da Alma; etc.

Expositor, Prof. ANSELMO GOMES

—

Dia 8, 16 horas — O plano divino. A lei de evolução.

Dia 15, 16 horas — A lei do Trabalho.

Dia 22, 16 horas—A lei da Justiça.

Dia 29, 16 horas — A filosofia da dôr. Função da dôr frente à lei da Justiça.

Dezembro, 6, 16 horas— As penas eternas. Seu conceito face aos Evangelhos e à lei da Justiça.

Dia 13, 16 horas—A lei do amor. Amar a Deus e ao próximo. A solidariedade universal.

Dia 20, 16 horas—Amor pelos inimigos. As leis do Amor e de Justiça e as intercessões.

Dia 27, 16 horas—Normas da vida espiritual.

Expositor, Dr. LUIZ MONTEIRO DE BARROS

—

Janeiro — 1953 — Férias

Fevereiro, 7, 16 horas — A evolução. A lei do tornar-se. A grande equação da substância. As fórmulas evolutivas.

Dia 14, 16 horas — Trajetória dos movimentos fenomênicos. Síntese cíclica. Gênese dos movimentos vorticosos nas fontes da vida.

Dia 21, 16 horas—Origens do psiquismo. Técnica evolutiva do psiquismo. Génese do Esp. Instinto, consciência e Sabedoria do psiquismo. Bases psíquicas do fenômeno biológico.

Dia 28, 16 horas—Mundos de encarnações. Enumerações.

Março, 7, 16 horas — As crenças antigas. Considerações sôbre a imortalidade. Argumentos favoráveis.

Dia 14, 16 horas — Reencarnação. Antiguidade de crença. Argumentos favoráveis e objeções. Finalidade.

Expositor, CARLOS JORDÃO DA SILVA

—

Dia 21, 16 horas—Destino, parentesco e desigualdade entre os homens. Leis sociais.

Dia 28, 16 horas—Responsabilidade e necessidade da vida social. Reencarnação e laços de família.

Abril, 4, 16 horas—Leis e responsabilidades da vida social. O dever para com o próximo.

Dia 11, 16 horas—O trabalho. Lei social do Evangelho. Amor ao próximo.

Expositor, EMILIO MANSO VIEIRA

—

Dia 18, 16 horas — Nome. Definição. Número. Títulos. Ordem dos Evangelhos.

Dia 25, 16 horas — O Evangelho oral. A língua falada. A predicação. A tradição verbal. Os testemunhos.

Maio, 2, 16 horas — O Evangelho escrito. A língua literal. A formação gráfica. A época. Os testemunhos.

Dia 9, 16 horas—Textos hebreu e arameu. Textos gregos. Textos latinos. Textos siríacos. Textos coptos.

Dia 16, 16 horas—Onciais gregos. Variantes. Textos reconstituidos. Textos recaptos. O texto mais antigo.

Dia 23. 16 horas—Onciais Latinos. Variantes. Textos velhos. Texto secundum. Hieronimi. Vulgata. Autêntica. Edição Sixtina Clemantina e críticas.

Dia 30, 16 horas—Fixação do Cânon. Definição de Trento, Canónicos, Dentero — canónicos apócrifos.

Junho, 6, 16 horas — Prática do Evangelho. Teoria das «Duas Fontes», Marcos, Mateus, Lucas.

Dia 13, 16 horas—Cronologia. Metologia. Sinopse. Harmonistica. Crítica.

Dia 20, 16 horas — João, Pedro, Paulo. Apóstolos. Discípulos.

Expositor, Dr. CANUTO DE ABREU

—

Dia 27, 16 horas—O cristão no lar.

Julho, 4, 16 horas — O cristão no meio religioso.

Dia 11, 16 horas — O cristão no meio profano.

Férias

Agosto, 1, 16 horas — O cristão e seus recursos.

Expositor, BENEDITO DE GODOY PAIVA

—

Dia 8, 16 horas — Vontade.
« 15 « « — Oração.
« 22 « « — Perseverança.
« 29 « « — Auto-Educação.

Expositor, PEDRO DE CAMARGO (Vinicius)

—

Setembro, 5, 16 horas—Auto-Educação. Domínio do Eu. A oração. Fé em si próprio.

Dia 12, 16 horas — Os instintos. Temperança. Os bons atos. Boas leituras. A sabedoria.

Dia 19, 16 horas — A Esperança. Pensamentos, palavras e ações. Prudência e equilíbrio.

Dia 26, 16 horas — Auto-domínio. Coragem. Bondade. Justiça. Caridade.

Expositora, IRACEMA DE ALMEIDA

—

Abril de 1952 — Cte. EDGARD ARMOND.
Secretário-Geral.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão de 3 de Maio de 1952

Expediente — São lidos : Ofício da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, comunicando a eleição de sua nova Diretoria, para o período de 1952-1953 ; Carta da União Espírita Bahiana, comunicando ter comparecido ao II Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas e deliberado fundar um curso de Esperanto em sua séde.

Rio Grande do Norte—Ismael Gomes Braga relata, verbalmente, o êxito das comemorações de «O Livro dos Espíritos» e do Codificador Allan Kardec e comunica ao Conselho que, por necessidade de tempo, para atender a maiores encargos no setor esperantista, solicitou ao colega 3.° Secretário, Manoel Bernardino, assumisse os trabalhos de redação da ata e respectivo expediente.

Rio Grande do Sul — O Representante Coronel Severino Cunha apresenta um telegrama da Federação do Rio Grande do Sul, compartilhando das homenagens e da saudade causada pela desencarnação do Dr. Lins de Vasconcellos.

Ceará — Henrique Magalhães apresenta o relatório da Legião Espírita Feminina, de Fortaleza : Estatutos da Manjedoura do Cristo ; boletim RENOVAÇÃO n. 1, de Janeiro último, e informações sôbre as entidades : Casa de Saúde e Ambulatório Psiquiátrico «Antonio de Paula», Legião Espírita Feminina, Grupo Espírita «Paulo e Estevão», todos de Fortaleza.

Desaprovação, junto à Onu, da Eutanásia — O Dr. Francisco Gonçalves, representante do Espírito Santo, apresenta ao Conselho o trabalho que, em comissão com o Dr. Miranda Ludolf, elaborou, para ser enviado à ONU, desaprovando a adoção da eutanásia. O trabalho foi unânimemente aprovado.

V Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil Central — Atlas de Castro comunica que representou a Federação Espírita Brasileira, o Conselho Federativo e o Departamento de Juventudes da FEB na V Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, realizada em Campinas, entre 10 e 13 de Abril último, à qual compareceram 35 cidades de São Paulo e 5 de Minas Gerais. Decorreu a Concentração em ambiente de franca animação e intensa fraternidade, sendo marcada a próxima reunião, para o ano de 1953, em Uberlância, Minas Gerais.

Normas para o Funcionamento dos Centros Espíritas — Iniciado o estudo do preâmbulo, foi adiada a continuação, por falta de tempo.

* * *

Liga Espírita do Estado de São Paulo

Numa atmosféra de verdadeira solidariedade Cristã, foram empossados no dia 23 de Maio último os membros que compõe a nova Diretoria Executiva e Conselho Deliberativo da «Liga Espírita do Estado de São Paulo», cujas eleições foram realizadas em Assembléia Geral, no dia 22 do mesmo mês. Diretoria essa que ficou assim constituida :

Diretoria Executiva :

Presidente, Antenor Ramos (reeleito) ; Vice-Presidente, Eurico Rodrigues ; 1.° Secretário, João Vieira da Silva ; 2.°, Gastão Pezzole ; 1.° Tesoureiro, Francisco Alpiste Gomes (reeleito) ; 2.°, Izidoro Dias Lopes ; Diretor de Assistência Social, Hernani Monteiro de Barros ; Diretor de Divulgação e Cultura, Fulvio Gonsales.

Conselho Deliberativo :

Presidente, Flaminio Mariano de Oliveira ; Conselheiros : Artur de Souza Reis, Cap. Guilherme Faria, João Chamba, Francisco Batista, Alfredo Mariano de Oliveira, João Martins Maia, Amadeu Luiz Adriano, Henrique Avalone.

* * *

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista :

Na minha última excursão fiz palestras nas seguintes cidades do Paraná :

Londrina ; Falei na União Espìrita de Londrina e num Centro Espírita da Selva. Formamos uma caravana e fomos no 8.° aniversário do desencarne da irmã Candida Gonçalves, progenitora do confrade Hugo Gonçalves.

Rolandia : Falei no Centro Esp. «Ismael». A propaganda, que é dirigida pelo confrade Vicente Esteves Ferreira, vai muito bem.

São Martins : A convite do confrade Etore Martini, fundador da cidade e do Centro Espìrita de São Martins, formamos uma caravana em Rolandia e fomos a São Martins, onde fizemos palestras.

Cambé : Falei no Centro Espìrita «Amor e Verdade», dirigido pelo confrade Walfredo Gomes ; no Grupo Verdade e Luz», tenda nova, fundada pelo confrade Arthur Bocate, e no Centro Esp. «Allan Kardec», dirigido pelo confrade Luiz Picinim. A Diretoría do Grupo «Verdade e Luz» está assim constituida : pres., Americo Deolindo Garla ; vice, Eduardo Gomes Reis ; 1.o secr., Reinaldo Bocatto : 2.o secr., Pedro Bernardi ; 1.o tes., Luiz de Oliveira : 2.o tes., Arthur Passoni.

Cambará : Eu e o Dr. Fenelon Barbosa falamos no Centro Esp. «Flamarion», que é dirigido pela confreira Cecilia Ferreira, ótimo elemento.

Cornélio Procópio : Já foi inaugurado o novo asílo, que já está dando abrigo a um punhado de velhinhos. Tem duas salas com capacidade para 50 pessoas, obra elegante e moderna, idealizada pelo inesquecível companheiro que já se encontra do lado de lá, Antonio Augusto de Oliveira. O Centro Esp. «Redenção» é também obra dêle. O seu filho e nosso companheiro Mozart de Oliveira Valim, o está substituindo muito bem. Fiz palestras nêsse Centro e no Asilo, onde participei de uma refeição. Fiz palestra num Centro da roça, o Grupo Esp. «Redenção», de Arapuá, de que é presidente o confrade Andyara Trench.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A Vida no Outro Mundo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2861unse

O XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1952 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Fenômenos de Regressão da Memória — *Redação*
Devaneio no Porvir . . . . . . — *Maj. Levino Cornélio Wischral*
A Dupla Personalidade — Os Casos Clássicos . . . . — *Carlos Imbassahy*
Finalidades Cristãs dos Congressos — *J. B. Chagas*
Espírito e Matéria . . . . . . — *Max Kohleisen*
Grafologia . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Catolicismo Odiento e Odioso . . . — *Manoel J. Silva Pinto*
Crônica Estrangeira . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . — *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1952 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Fenômenos de Regressão da Memória

Conde de Rochas, um dos mais ardorosos e estudiosos dos fenômenos psíquicos, fez, durante três anos, experiências com *sujets* magnetizados, aos quais fez reviver vidas passadas. Os *sujets*, uma vez magnetizados, descreviam ocorrências verificadas em época ou épocas remotas da vida material, o que prova a lei das vidas sucessivas e da reencarnação.

Essas ocorrências, como sabemos, ficam gravadas no perispírito, o envólucro fluídico da alma. Logo depois da morte, bem como num estado magnético, ou em certos momentos, como por exemplo no delírio, muitas ocorrências verificadas na vida do indivíduo no presente e no passado, ou seja em outras existências, mesmo as ocorrências mais insignificantes, tudo passa na memória com uma rapidez incrível.

Os fenômenos de regressão da memória pelo magnetismo, conforme experiências do Conde de Rochas, constituem prova cabal a favor das vidas sucessivas e da reencarnação. Os mesmos fenômenos oriundos dum momento de delírio, constituem igualmente tais provas. Uma pessoa, num momento de delírio, póde mencionar fatos com ela verificados nesta e em vidas passadas.

A regressão da memória póde verificar-se também num caso de acidente, em que a pessoa no meio das aflições vê ocorrências de sua vida atravessarem sucessivamente a memória desde a sua infância.

Temos a satisfação de levar ao conhecimento dos leitores fatos de regressão da memória citados pelo Conde de Rochas, tanto mais que a finalidade desta Revista é estudar todos os fatos psíquicos e espíritas, para que a Verdade brilhe nas consciências que a procuram com sinceridade, no justo propósito de encontrarem solução para todos os magnos problemas da vida e do espírito.

E passemos aos fatos:

Êste caso referido pelo Dr. Henri Freeborn trata de uma mulher de 70 anos de idade, que gravemente enfêrma em virtude duma bronquite, estêve em delírio completo desde 13 a 16 de Março de 1902, voltando-lhe depois a razão pouco a pouco.

Na noite de 13 para 14, notou-se que ela falava uma língua desconhecida ás pessoas que a rodeavam.

Por vezes parecia que dizia versos e noutras ocasiões que conversava. Por diversas vezes repetiu a mesma composição em versos.

Por fim veio a reconhecer-se que a língua era a indostânica.

Na manhã de 14, a esta língua começou a misturar-se um pouco de inglês; e desta forma a doente se entretinha com os pais ou amigos da infância, ou, ainda falava deles.

A 15, o indostânico tinha por seu turno desaparecido, dirigindo-se a enfêrma a amigos que tinha conhecido mais tarde, empregando o inglês, o francês e o alemão.

A senhora em questão tinha nascido na Índia, que abandonou aos três anos, vindo para a Inglaterra após 4 mêses de viagem, antes de perfazer 4 anos; até o dia em que desembarcou na Inglaterra fôra confiada a indús e não falava o inglês.

Ao que parece, no delírio do dia 13, ela revivia os seus dias de infância e falava a primeira linguagem que tinha ouvido. A poesia foi reconhecida como sendo uma espécie de toada que os *ayahs* têm o costume de cantar ás crianças; conversando, dirigia-se sem dúvida aos criados indús; assim percebeu-se, entre outras cousas, que pedia para a levarem a uma loja, afim de lhe comprarem bonbons.

Podia reconhecer-se uma ligação em todo o decurso do delírio. Primeiro foram as pessoas com quem a doente tinha estado em contacto durante a primeira infância; depois passou em revista toda a sua existência, até que chegou, em 16 de Março, a época do casamento e em que teve filhos que foram crescendo.

E' curioso observar, como após um período de 66 anos, durante os quais nunca falou o indostânico, o delírio lhe rememorou esta linguagem da sua primeira infância. Atualmente esta senhora fala com tanta facilidade o francês, o alemão e o inglês; mas, posto conheça algumas palavras do Indostânico, é absolutamente incapaz de falar esta língua, ou compôr nela siquer uma única frase.

—

Outra observação é relativa a uma senhora, P..., de 32 anos, histérica e submetida ao método de resensibilização sucessiva pela hipnose do dr. Sollier. No seu trabalho, diz êle, «levei-a até à idade dum ano; então parecia mamar; depois teve a sua convulsão tanto à ida como à vinda, quero dizer, tanto na regressão como no avanço da personalidade.»

—

Êste outro caso passou-se com o almirante Beaufort que, sendo novo, caiu de bordo na enseada de Portsmouth. Antes que o pudessemos socorrer, desapareceu; afogava-se. A' agonia do primeiro momento sucedera um sentimento de calma, e posto que Beaufort se julgasse perdido, já não se debatia. Era sem dúvida a apatia, mas não era a resignação; e parecendo-lhe que o afogar-se não era tormentoso, nenhum desejo tinha de ser socorrido. De resto, nenhum sofrimento. Pelo contrário as sensações eram de natureza agradável, participando dêste vago bem-estar que precede o sono causado pela fadiga.

Com o descrito entorpecer dos sentidos coincidia uma extraordinária sobreexcitação da atividade intelectual; as idéias sucediam-se com incrivel, inconcebível rapidez.

A princípio o acidente que acabava de dar-se, a imperícia que lhe deu origem, o tumulto que devia ter-se seguido, a dôr que seu pai ia sofrer, outras circunstâncias estreitamente associadas ao lar doméstico, foram o objeto de suas primeiras reflexões. Depois lembrou-se do último cruzeiro, viagem assinalada por um naufrágio, logo a escola, os progressos que tinha feito e também o tempo perdido, e enfim suas ocupações e aventuras da infância. Em suma, o refluxo inteiro do rio da vida, e quão precisa, quão pormenorizada!

Eis as suas palavras: «cada incidente da minha vida atravessava sucessivamente a memória, não como esbôço ligeiro, mas com as minúcias e acessórios dum quadro perfeito! Noutras palavras, minha existência inteira perpassou diante de mim, numa espécie de revista panorâmica, cada fato com sua apreciação moral ou reflexões sôbre sua causa e efeitos.»

«Pequenos sucessos sem consequência, ha muito esquecidos, se cerravam na minha imaginação, como se apenas fossem da véspera.» Tudo isto se passou num tempo cuja brevidade se vai apreciar: o futuro almirante foi recolhido em menos de dois minutos após a queda.

Lembrai-vos de que a paciência é a melhor auxiliar no raciocínio, evitando sempre situações difíceis. E' uma virtude que santifica a alma. — L. B.

Devaneio no Porvir

Rápido corre o tempo conduzindo-nos aos finais limites de um dos maiores ciclos de progresso, que se fecha com o alvorecer do ano dois mil, para dar nascimento a outro maior e melhor.

Vibra a alma coletiva do mundo ansiando essa tremenda porém necessária hora de transição que se inicia com o tão propalado terceiro milênio. Cumprirá assim a Terra, apenas um item mais da lei de Deus que determina progresso pela ilimitada via evolutiva.

Este feliz evento para nosso Planeta será celebrado com satisfação pelos demais irmãos astros da imensidão cósmica.

Lamentavelmente, no entanto, ainda não estamos amadurecidos nos preceitos do Cristo para gozarmos dêsse santificante júbilo. Surdos e indiferentes desviamo-nos para muito além do permitido pela tolerância cristã. Por isso mesmo, em vez dêsse ato ser presidido pelo Mestre entre sublimadas comemorações de enlevado amor divino, Ele presidirá êsse solene acontecimento de fisionomia grave e triste. E'-lhe penoso verificar que, de amar só era conhecido o aspécto brutalmente animalesco ou de conveniências.

A' grande metamorfose prevista, antecedem os bíblicos «sináis dos tempos» já à mostra, aliás.

Gradativamente, como o entardecer que prepara a noite, vão a dor e o sofrer aumentando de intensidade. Urge seja aparelhado o ambiente terráquio pelo bendito recurso da dor, já que por outro meio não é possível ; assim, a justiça de Deus poderá, sem mais delongas, exercer a missão restauradora. Essa intervenção beneficiará bilhões de espíritos desequilibrados que se mantêm agarrados, desde séculos, com unhas e dentes, à crosta terrestre, prejudicando o progresso dos encarnados e dificultando o auxílio dos céus.

Ruidoso será o desmoronar do carcomido sistema da falsa e hipócrita filosofia moral, moral essa que desvirtuou o mais puro dos sentimentos cristãos — o amor de Jesus, pelo qual o mundo se salvaria.

Serão as próprias consciências, estas imorredouras centelhas de Deus, que terão a faculdade de elaborar o processo judicial destinado a, por si mesmas, separarem-se como será separado o «joio do trigo.» Veremos, então, entre nós, o «Dia do Juizo Final», êsse dia em que os mortos da seita de Luthero ressuscitarão em seus próprios corpos de carne e osso. Nesse dia a igreja de Roma pretende ver mais excitadas as infernais labaredas do suplicio às almas injustas e bem mais resplandecentes os céus de vã contemplação eterna. Para muitos da doutrina de Kardec será um dia amargurado, de auto exame e eles verão o que deixaram de realizar apesar dos seus conhecimentos. Surprêsas sôbre surprêsas suceder-se-ão.

De qualquer maneira, temos certeza que até os corações de pedra despertarão para vida diferente. Acordarão os que durante inúmeras encarnações pregressas se refinaram na perversidade, pois, um inconfundivel sentimento de amor os envolverá docemente, permitindo que suas vistas se aclarem para análise e meditação de suas malignas obras. Oh, quanto remorso e arrependimento invadirão as almas !

Nessa hora dolorosa serão mais ainda avivadas as consciências entorpecidas. Os irrefletidos entes humanos verão nitidamente estampados nas suas envergonhadas faces a enorme culpa pelo criminoso desprêso dos Evangelhos de Jesus, estas excelsas regras tão difundidas, porém tão pouco assimiladas, êste Evangelho que desde a criação do Planeta já se achava gravado, em letras brilhantes, na própria abóbada celeste. Basta olheis a harmoniosa inteligência em que vivem e se toleram os astros. Por que deixamos de imitá-los ?

Quis o homem porém o contrário. E, por entre gritos pungentes, no meio de furiosa revolta motivada pelo sofrimento saturado e entre lágrimas de sangue vertidas pela dor fisica e moral far-se-á a dantesca explosão do irreparável. Aí então os invigilantes encarnados e desencarnados recordarão perplexos as profecías da Besta do Apocalípse. Serão estes os minutos finais de «os tempos são chegados.» Nunca ninguem lhes deu ouvidos; no entanto, aí estão!

Meditemos. Que fatores poderão precipitar o nascimento dêste novo mundo que se erguerá sôbre os escombros fumegantes do atual?

Em temerária vereda lançou-se a humanidade; está ela num verdadeiro bêco sem saída. O desequilíbrio que a ciência inadvertidamente causou nos últimos anos, ao avançar isoladamente e com extrema rapidez pela estrada da materialidade pura, agravou com insanáveis prejuizos os preceitos morais que deveriam ornamentar e acompanhar o progresso do homem. Verificou-se um perigoso movimento desarticulante.

Rompeu-se o élo de ligação que deveria cimentar, como até então o fôra, o progresso científico ao da moral. Nessa conjuntura caíu nas mãos do homem insensível ás Leis de Deus, a indomável energia nuclear, essa potentissima fôrça que nenhuma barreira respeita.

Não é impossível que um áto irrefletido dispare essa potência de incalculável poder devastador.

Imprevistas e amargas consequências divisamos em horizontes próximos. Desagrada-nos tal visão.

Parece-nos até que a fórmula dessa miraculosa energia, destinada a mais tarde libertar o homem em toda a sua amplitude, foi violentamente arrebatada por mãos satânicas dos cofres celestes, onde aguardava com paciência cérebros lúcidos e mãos mais puras em condições de manejá-la.

Nêsse vôo meditativo avança tímida nossa percepção espiritual. Hesitantes, temos vontade de prosseguir, contornando porém, de olhos fechados, as tétricas configurações que nos horrorizam; pensamos retroceder; desejamos estacionar observando o rolar do tempo; tencionamos até retornar ao ponto de partida, à época da relativa paz e da quasi compreensão.

Encorajamo-nos todavia e lá vamos incurcionar futuro a dentro. Verificamos de imediato que havia justificada razão para o temor do nosso olhar perquiridor.

Estranha tensão nervosa provocando indefinido pavor induz os homens ao vício, à ociosidade física e mental e ao apetite desordenado pelas coisas obscenas. Julgam eles encontrar nesses hediondos prazeres o esquecimento das suas aflições e o lenitivo às suas dores, quando realmente submergem cada vez mais. Em razão disso e motivado por vibrações afins, falanges de espíritos perversos põem-se em liberdade escapulindo-se do inferno criado por nós com carinho.

A ganância, a cólera e a vingança, rapidos implantam seu reino sôbre a Terra. Ocorrem crimes e suicídios em massa. A confusão é terrificante. Ondas de sabotagem inutilizam qualquer meio de comunicação e provocam desastres de proporções nunca vistas, fazendo milhões de vítimas em poucos instantes. Nem os fugitivos são poupados, não há palmo de terra que conheça tranquilidade.

As nações narcotizadas, delapidadas e tombadas na anarquia tentam patéticamente, num último fôlego, soerguer-se do deserto moral. Os exércitos quedam-se exaustos e sem disciplina antes mesmo das grandes batalhas decisivas. Qualquer país vencedor prefére, de bom grado ser o vencido, tamanhos são os encargos a serem mobilizados de recursos que não existem. Os povos subjugam-se sem reação e exigem das empobrecidas fôrças de ocupação roupas, alimentos, remedios; por isso são os vencendores recebidos sempre de braços abertos. Os governos impotentes para refrearem o povo enlouquecido, assistirão a nova e mais requintada matança de São Bartolomeu. Corrupção e sangue é o estandarte dos anticristos. Sequioso, cada qual executa a justiça pelas próprias mãos.

E, o que resta do infeliz humano é representado pelo esquelético, o empestado e o esfarrapado. Rastejam estarrecidos e extenuados sem rumo; tateiam como cegos, em noites negras.

Preferiamos cerrar os olhos ante o que ora descortinamos, mas o giro pelo porvir ainda não está completo. Vemos agora pelos olhos de Nostradamus.

Imensas explosões rasgam largas e profundas fendas na crosta terrestre. Tudo se arrasa e se precipita ao solo: inundam-se os continentes; tudo se apresta para o grande reinício; eis novamente o cáos do Gênesis.

Intrusos meteóros gigantescos riscam e abalam a aura cinza-escura do

Planeta, deslocando colossais massas de ar; irrompem terremotos e maremotos que, como frágeis brinquedos de crianças, revolvem mais ainda os continentes. Gazes letais, como que executando o tiro de misericórdia, completam a obra satânica do homem, pousando vitoriosos sôbre a face da terra. Segue-se longa e medonha solidão dentro da mortalha das obras do homem.

Nos estertores da agonia, uma ou outra voz débil, busca ajoelhada e entre lágrimas o consôlo do Pai misericordioso. Erguem-se ainda algumas raras preces que cortam o firmamento escuro como claro facho de luz.

Aos poucos ilumina-se a Terra — Fiat lux!

Eis o resultado insuperável da prece, da velha prece!

Percebemos agora, oh graças a Deus! tranquilos e seremos, Jesus e seus iluminados seguidores na tarefa de auxílio aos irmãos afundados no lôdo.

Ressoam ainda, aos nossos ouvidos, as palavras profundamente desalentadas de Jesus que falou entre soluços e lágrimas: «Tudo isso por falta de uma diminuta dose de amor pelo próximo».

A um sinál do Mestre, ecoaram pelo infinito os clarins da alvorada, a entoar Ave Maria acordando e reunindo todos os espíritos.

Sem demora formaram-se dois grupos distintos. O da direita é o «aprisco do Senhor» e o da esquerda, infelizmente bem maior, ficou conhecido como o grupo dos «pupilos do Anticristo».

No primeiro percebemos os que se esforçaram nos ensinos de Jesus e no outro os surdos e cegos aos exemplos do Nazareno.

Quando nós penetramos com o pensamento êsse ano 2.000 vivemos também aquele decisivo momento. Ficamos, é verdade, devéras receiosos de nos encontrarmos no grupo dos rejeitados e um calafrio chegou a percorrer nossas entranhas.

Os eleitos serão premiados com a transformação dêste orbe num planeta altamente espiritualizado, onde não mais serão conhecidas a dor nem a incompreensão. Haverá sim um intenso e perene amor fraterno. Não existirão problemas que não os relacionados à necessidade de evoluir.

Todo êste Planeta será adaptado à fundação de uma escola de missionários que se destinarão a impulsionarem os mundos inferiores do Universo. Rapido será concretizado este «Um Mundo Só» modelado pelo indestrutível amor divino.

Pela vontade do Altíssimo serão os anticristos exilados para um longínquo corpúsculo celeste da nebulosa de Orion onde serão aproveitados como espíritos mais adiantados, de larga experiência aliás, na tarefa de ajuda daqueles habitantes de constituição orgânica embrutecida. As luzes da consciência e do raciocínio penetram lentamente no espírito daqueles nossos irmãos que se encontram agora no exáto momento de transição da animalidade ao gênero humano.

A tudo subsistem aqueles nossos velhos ancestrais, movidos apenas pelo instinto da sobrevivência.

E' interessante assinalar que os irmãozinhos de lá estão presentemente realizando os ensaios preliminares para ingressarem na idade da «pedra lascada». Naqueles seres reencarnarão, para aprimorá-los, as almas desterradas daqui. Para lá serão conduzidos os hipócritas, os orgulhosos, os máus. E' a involução que neles se processará.

Estamos, como se vê, no final da reta de chegada dos «sinais dos tempos», anunciados pela Biblia.

E como tudo está tão perto!

Major Levino Cornélio Wischral.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Dupla Personalidade — Os Casos Clássicos

II

Continuamos o estudo provocado pela frase do biologista patrício, a de que *«os factos da regressão não têm a mínima relação com os fenômenos espíritas.»*

Principiamos por nos reportar a um caso clássico, muito conhecido dos psiquiatras e lembrado pelos psiquistas, que é o de Felida, narrado pelo Dr. Azam, Professor da Faculdade de Medicina de Bordeus. (1)

Felida nascera em 1843, em França, de pais sãos. Nenhuma hereditariedade mórbida. Aos 14 anos é que começam a manifestar-se os primeiros fenômenos da desintegração.

Era inteligente, instruída, mas de carácter triste e falava pouco. Seguramente histérica, é a conclusão de Azam.

Felida está assentada, com uma costura nas mãos; de repente a sua cabeça inclina-se, as mãos ficam inertes e ela adormece, de um sono especial, porque nenhum ruído, nenhuma excitação a despertam. Acorda pouco depois, porém em outro estado intelectual. E' a alteração da personalidade. Tudo parece diferente; ergue a fronte, abre os olhos, saúda os presentes, como se acabassem de chegar; sua tristeza desaparece. Ei-la agora alegre, paladora, ágil, o carácter se transforma; de indiferente torna-se excessivamente sensível. Nêsse estado lembra-se do anterior, chamando ao presente seu estado normal, sua razão, e ao outro, *a crise.* Neles não há nenhuma idéia delirante, nenhuma falsa apreciação, nenhuma alucinação. Felida é outra pessoa, apenas. Nessa situação segunda, suas faculdades são mais desenvolvidas, mais completas. Não apresenta a menor dôr física; ela canta, brinca, ri sem constrangimento. Mostra-se muito superior à outra individualidade. Depois, a alegria se dissipa, sua cabeça inclina-se sôbre os ombros, cái numa espécie de torpor, abre os olhos e têmo-la nas condições primitivas, na sua existência ordinária. Mal se lhe percebe a transição, visto que ela continua, sem surprêsa, os trabalhos interrompidos; volta a lamentar-se, tornam-lhe os males físicos, e não se lembra de nada do que lhe acontecera.

Para salientar a fôrça dêsse esquecimento, basta narrar os seguintes fatos: Certa vez, estando num entêrro, mudou repentinamente de estado, e perguntou, então, admiradíssima, porque estaria num carro, com pessoas de luto, e a quem teria ido prestar homenagens fúnebres. Outro ainda:

No seu estado segundo torna-se mãe, sendo pai da criança um antigo namorado, com quem, parece, veio a casar-se. O mais interessante é que, no estado primitivo, isto é, na sua personalidade normal, não sabe de nada. Dizia, chorosa, ao médico, que sua doença se agravava, que tinha vontade de vomitar, que o ventre se avolumava, sem que ela soubesse a causa Verificou-se, sem sombra de dúvida, sua completa ignorância do fato. Voltando, porém, à condição segunda, confessava tudo francamente, e dizia: *je crois être grosse.* E não se inquietava por isso.

Hipnotizada, apresentava-se em estado normal.

Não há alterações nas faculdades intelectuais. O carácter é que se modifica no segundo estado: preocupa-se com futilidades, apura-se exageradamente no vestuário, torna-se má; por vezes, provoca distúrbio, cenas violentas no lar. E' outra personalidade com sentimentos inferiores, e poucos escrúpulos em matéria de moral.

O Dr. Azam notou-lhe ainda um 3.º estado, que aliás só viu duas ou três vêzes; seu marido verificara-o seguramente umas trinta. No estado terceiro adormecia e em vez de acordar no estado normal, como de hábito, encontra-se num estado especial, caracterizado por um invencível e inesplicável temor.

Tal é, em síntese, o relato do neurologista francês, nas 300 páginas do seu precioso volume.

Longe de nós tirar ilações categóricas com esta simples narrativa. Falece-nos o desassombro de certos elucidadores que, numa espécie de iluminação interna, sabem, sem sombra de engano, do que se trata. Já desvendaram tudo. Não se limitam a hipóteses ; apresentam-nos logo um quadro definitivo, uma teoria completa, segura, como se o problema fôsse coisa inteiramente resolvida, sem vacilações, sem nenhum mistério, sem nenhum segrêdo, como se êles tivessem levado o penetrante olhar a todos os escaninhos.

---

(1) — Dr. Azam. — *Hipnotisme, Double Conscience et Altérations de la Personalité.* — Paris, 1887.

No caso da dupla personalidade, parece que o observador folheou a alma do paciente e levou o raio X de sua imaginação até os últimos recantos dessa alma. E viu tudo. E soube tudo. E diz aquilo o que é e o que não é. Êle percebe as transformações da personalidade *ab ovo.* Êle vai à gênese dessas crises como o astrônomo às formações das tempestades. Como e porque, aí é que está a dificuldade de saber-se.

Nem sempre entra «o experimentador» em explicações, num egoismo de certos gênios, que não querem desvendar os frutos de seu descobrimento e as fontes onde se foram abeberar. O mais interessante é que, quanto mais prudentes se mostram em esclarecer o que são os fenômenos, mais arrojados se manifestam em declarar o que não são. E' o caso do nosso biologista, cautelosissimo nalguns pontos, mas impávido quando afirma que «no fenômeno da regressão da memória não ha nada de Espiritismo nem de reencarnação.»

Nenhuma hesitação. Como se vê, tudo ventilado. Se êle afirma o que é ou o que não é a dupla personalidade é claro que deve ter as cartas na mão. O que é, porém, não nô-lo disse, ou o que disse não conseguimos entender. Não nos espantemos, porém, se o disser. Com a mesma imperturbabilidade nos apresentará uma hipótese, sem qualquer espeque, sem nenhum elemento plausível, desmentida por outros fatos congêneres, incapaz de ser explicada pelo conjunto dos fenômenos, hipótese, porém, que êle terá por inderrocável. Diante dela, escusado será dizer, todas as demais serão risíveis para êle, não importa as razões em que se estribem, os fatos que se apresentem em seu apôio. A ciência de alguns, em certos pontos, nada fica a dever aos catecismos, aos pontos de fé, ás asserções religiosas.

Não temos a temeridade do nosso patrício, como a de muitos que o precederam e a de tantos outros que o hão de seguir. Eles vêem a impunidade garantida pelo olhar grave e aprovador da Academia. E nós não possuimos nada. Mas ainda assim, arrisquemos uma hipótese, a de que tais alterações no psiquismo do indivíduo, não são mais do que nesgas de uma outra fase da vida, nesgas que se nos entremostram nas ocasiões de crise. Veriamos, então, alí, o primeiro levantar do véu, por onde divisariamos um ponto mais ou menos fugaz de uma vida passada, tal como num ligeiro rasgão de nuvem podemos entrever o azul que por trás dela se estende.

Nota-se, desde logo, nesses pacientes, que o estado primitivo, a vida normal, isto é, aquela em que o indivíduo se apresenta ao mundo, é mais circunspecta, mais honesta, mais digna, mais cheia de sofrimentos. Aí o espírito se manifesta mais evolvido, o que se nota na sua conduta, nas suas disposições, na sua moral, em relação à condição segunda. Nesta tudo se passa como se se tratasse de uma revivescência do ser anterior, mais atrasado; tudo se processa de acôrdo com o moderno ensino espiritualista, que afirma voltamos à carne em melhores condições espirituais, pelas leis universais da evolução, embora em piores condições físicas e sociais, embora com perturbações de várias ordens, para expurgar-nos de faltas cometidas em encarnações anteriores. Seria a evolução anímica, tese capital na doutrina dos Espíritos.

E' o que notariamos nas divisões da personalidade de Felida. Na sua condição segunda é o espírito fútil, leviano, descuidado, (insouciant), por vêzes turbulento, cheio de violências e um tanto inescrupuloso em questões de moralidade. Na condição primeira, o carácter é mais aprimorado, o gênio se abranda, há mais desprendimento pelas ninharias da vida, e aparece o sofrimento, êsse grande saneador, êsse inseparável fautor do progresso da Alma.

Há ainda um 3.° estado ; nesse, a paciênte é atormentada por inexplicáveis pavôres. Dir-se-ia um surto mais profundo das camadas subconciêntes, uma reminiscência antiga, um estado de espírito, em que fôssem evocados velhos e terríveis episódios, ou estados em consequência dêles.

E depois o esquecimento, a escuridão completa, que se interpõe nas vidas sucessivas. Essa obnubilação da memória no estado normal, quanto aos demais, é um como sintoma das transições nas existências. Faz parte da série de fenômenos, como fases indicativas das vidas que perlustramos. E' a imagem do Letes espelhada no misterioso caso, para que tenhamos idéia do que é a obscuridade que envolve o nosso espírito, quando ressurgimos para uma vida de dôr e de melhoramento.

Não temos aquí, ou seja no caso Felida, uma prova peremptória da emersão de uma vida passada. Não deixa, porém, de ser um elemento para a tese que sustentamos. Iremos ver, no prolongamento de nosso estudo, que os casos se tornarão mais complexos, mais convincentes e mais difíceis de explicar por qualquer outra hipótese além da palingenésica. A' proporção que caminharmos por essas estradas tão desconhecidas, notaremos que as provas em tôrno da volta do espírito se vão tornando mais robustas, do mesmo passo que as idéias aventadas pelo ilustrado Professor de Biologia se tornarão cada vez mais delgadas e insubsistentes.

Continuaremos, ainda, a verificar alguns casos em que as personalidades manifestantes, ou melhor, as individualidades segundas são espiritualmente mais atrasadas que as originais.

Carlos Imbassahy.

Finalidades Cristãs dos Congressos

Temos falado em lei do Amor e, dissemos, de início, ter Jesus baseado toda a sua doutrina na lei do Amor, daí também não aceitarmos como saídas dos lábios do Sublime Amigo, certas expressões contidas nos Evangelhos, nem que Êle tenha praticado certas atitudes, de que também nos dá conta; cumpre-nos, no entanto, a obrigação de ventilar, com o apôio da opinião dos nossos maiores, algo mais consistente, em torno daquilo que importa no motivo principal e maior do nosso estudo, para que, de fato, possa perdurar perenemente nos nossos espíritos.

Ouçamos *Lázaro*, passando-lhe a palavra: — «O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que êsse é o sentimento por excelência e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito.

Em sua origem, o homem só tem instintos, quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruido e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor. Não o amôr no sentido vulgar do termo, mas êsse sol interior que condensa e reune em seu ardente fóco todas as aspirações e todas as revelações sobrehumanas. A lei do amôr substitúe a personalidade pela fusão dos sêres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquêle que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amôr os seus irmãos em sofrimento! ditoso aquêle que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fóra de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palava — amôr, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vasios e a *reencarnação,* triunfando da morte, revela ás criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: conduzi-lo à conquista do seu sêr, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida, do que da meta, aquêle em quem predominam os instintos. Afim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os gérmes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glânde encerra em si o carvalho, e os sêres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam, escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos grangeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. E' então, que, compreendendo a lei de amôr que liga todos os sêres, buscareis nela os gozos suavissimos da alma, prelúdios das alegrias celestes».

⁂

Ouçamos, agora, *Fenelon*, êsse mesmo *Fenelon* tão citado em todas as épocas: — «O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centêlha dêsse fogo sagrado. E' fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais abjeto, víl e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição, à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções.

A um ente ou um objeto quálquer, disse eu, porque há entre vós individuos que, com o coração a transbordar de amor, despendem tesouros dêsse sentimento com animais, plantas e, até com coisas materiais; espécies de misântropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em tôrno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei do amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o gérmem vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Êsse gérmen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, se torna a fonte das santas e dôces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpôr o caminho escarpado e árido da existência humana.

Ha pessoas a quem repugna a reencarnação com a idéia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei do amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos, indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á: Deus o quer e a lei de amor constitúe o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a fórma sob que se apresente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: «*Amai ao vosso próximo como a vós mesmos*». Ora, qual o limite, com relação ao próximo? Será a família, a seita, a Nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam e o vosso planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, terá seus habitantes, *em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade*. (Nosso o grifo dêste trecho).

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os beneficios resultantes da prática dêste preceito: *Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam;* fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes.

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amôr verdadeiro, êle, a seu mau grado, céde. E' um imã a que não lhe é possível resistir. O contacto dêsse amor vivifica e fecunda os gérmes que dêle existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exilio, será então purificada por êsse fogo sagrado e verá praticadas na sua superfície a Caridade, a Humildade, a Paciência, o Devotamento, a Abnegação, a Resignação e o Sacrifício, virtudes todas filhas do Amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavissimas palavras:

— «*Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.*»

Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é dificil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crêde-me, fazei o sublime esfôrço que vos peço: «*Amai-vos*» e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar». *Fenelon.*

J. B. CHAGAS.

(Continua).

Espírito e Matéria

Se há corpo animal tambem há corpo espiritual.
(Paulo aos Coríntios, 15-44/45.)

Baseia-se a Homeopatia no «Similia Similibus Curantur», ou seja, «o semelhante cura o semelhante», dando combate às enfermidades.

Com o mesmo processo, procuraremos dar combate a uma «enfermidade» (êrro) científica, isto é, destruir argumentos dogmáticos da medicina materialista, com os seus próprios argumentos!

Provas? Possuimos fartamente! Embora leigo, sem pergaminho de um homem «douto», temos a coragem de enfrentar um argumento científico. Nossa arma é unicamente a lógica aliada à razão. E' arma terrível! Bem manejada é invencível... Tentaremos, pois.

«A ciência descobriu através de meticulosas observações que as células, que compõem o corpo humano, são constante e automaticamente substituidas por células novas, à medida que elas envelhecem e se tornam imprestáveis. O próprio organismo se encarrega de eliminá-las. Isto nos parece certo e por isso apoiamos êste ponto. Disse mais ainda a ciência que a duração máxima de uma célula é de sete anos. Assim sendo, no correr de uma existência normal de 70 anos, as células do nosso corpo são sempre renovadas, totalmente e muitas vezes. Concordamos também e rogamos ao leitor generoso que guarde no seu entendimento aqueles dois pontos iniciais. Prosseguiremos.

Desenvolve-se a nossa vida; gravam-se os acontecimentos da mesma no nosso, assim chamado «Livro da Vida», que não é outra coisa senão—a nossa MEMÓRIA. Todos sabemos que a memória e os pensamentos são imateriais e, portanto, impalpáveis e invisíveis. Afirmam as autoridades em ciência que a memória é retida e conservada pelas células cerebrais. Mas os que afirmam não são capazes de prová-lo! E' êste o argumento que pretendemos derrubar e destruir, mediante o próprio postulado da ciência materialista.

Vejamos: não é a própria ciência que sustenta o argumento que as células envelhecem, morrem e são eliminadas pelo organismo, depois de servirem o corpo até durante 7 anos? E' portanto lógico que a memória guardada e armazenada dentro destas células, ora em eliminação do organismo, ipso facto foi eliminada também; deixou assim de ser armazenada a memória... Mas assim não acontece! A memória continua nítida como antes! Logo, e lógicamente, o argumento da ciência rolou por terra... Intensificaremos agora o nosso contra-argumento para que a ciência não venha nos dizer, posteriormente, que as células novas «herdaram»... a memória!

Grandes progressos tem feito a cirurgia nas últimas décadas, especialmente durante as duas grandes guerras. Tem-se procedido a extraordinárias intervenções, abismando os próprios cientistas, tais como em casos de tumores cerebrais, arriscando-se pequenas e finalmente as grandes trepanações cranianas. Sim, foram operados tumores com perdas de massa encefálica até de mais de 70 por cento, a qual estava reduzida a pus!... Assim mesmo, muitos dos enfêrmos escaparam; sararam e vivem até hoje, com o crâneo quasi ôco! Muitos deles, conservando-se em perfeito equilíbrio mental (alguns não), tal como si aquela delicada intervenção não existisse. Assim nos contam os relatos oficiais: A memória intacta! Faculdades aptas para a matemática, a música, a pintura e desenhos, a literatura, para o raciocínio, etc., tão vivas e perfeitas como antes da extração de considerável massa encefálica! — Perguntamos agora: E a «memória», que fatalmente havia de virar também em purulento mingau (pus) junto com as células cerebrais, tanto as velhas como as novas (herdeiras!...) por que continuou ela intacta? Eis o ponto capital!

Queiram, portanto, os sustentadores de argumentos científicos (já caducos!) explicar melhor, para onde se refugiou a memória dentro daqueles crânios quasi ôcos! De contrário, estes argumentos científicos serão considerados por nós como argumentos falidos; serão tudo, menos científicos!...

— Verdadeiramente, temos pena de certos cientistas que, com isso, entraram num bêco, com todo o seu latim inutilizado. Queremos pois, amparà-los, procurando «ensinar» a eles algo de mais verdadeiro e menos fantasmagórico, sem pretendermos ter subido... a cientista...

Vejamos. O cérebro humano faz o mesmo papel de um aparelho telefônico, isto é, o papel de transmissor de vibrações. E' o veículo transmissor de vibrações simplesmente e só, tanto para recepções como para emissões. Claro que o aparelho telefônico por si só não fala nem pensa, mas transmite. O mesmo acontece com o «aparelho» cérebro, que não faz outra coisa que a sua função de receber e transmitir, não gera sentimentos, não raciocina, não fala; só, como foi dito, recebe e transmite! basta que a sua «central» esteja intacta. Peço que tenhamos sempre em mente aqueles crânios quasi sem massa cinzenta (encefálica)! E prossigamos.

Já o sabemos, agora insistem em que apontassemos a parte onde se localizará então a memória, o pensamento, enfim todas as faculdades das quais se acham dotados os homens. Responderemos que o depositário destas maravilhosas faculdades é aquêle instrumento que a ciência nega e renega com tanta teimosia e até com escárneo... Amigos leitores, já adivinhastes o que vamos dizer: é o «ESPÍRITO»! Sim, o espírito, aquêle que é o real e *verdadeiro dono* do corpo humano! Embora invisível para os nossos olhos não adaptados para ver as ultravibrações da quintessência, de que se compõe o nosso espírito, mas cuja existência póde hoje ser provada e demonstrada. Entre inúmeras provas já dadas pelos investigadores sinceros e honestos, destaca-se uma, talvez a mais cabal e científica ao mesmo tempo, pois, ela abalou os cientistas mais cépticos daquela época. Trata-se da prova apresentada ao fechar do século passado pelo famoso físico inglês, Professor Sir William Crookes, falecido em 1919, presidente da Real Academia de Ciência, descobridor do quarto estado da matéria (Radiação). Foi devido aos seus vastos conhecimentos e investigações, que Crookes foi nomeado oficialmente como Consultor Científico do Governo Inglês. Crookes investigou rigorosamente durante três anos, junto com uma meia duzia de assistentes, também cientistas, até conseguir a mais completa prova e com farta documentação fotográfica, da REAL EXISTÊNCIA do ESPÍRITO! Sim, estas provas apresentadas no «dossier» de Crookes, abalaram o mundo científico de todos os países civilizados e «esmagaram» até os mais orgulhosos cientistas. Calaram-se! Pois, o dossier de Crookes com todas as provas e as testemunhas (cientistas!), foi apresentado durante o grande Congresso na Academia Real de Ciência na Inglaterra há mais de 50 anos. No referido Congresso estavam reunidos os maiores luminares do mundo científico. Ficou assim provado, cabalmente, não por um leigo (!) mas sim por eminentes homens da ciência, que o «dono» desta nossa carcassa de ossos, carne, nervos, sangue, etc., é o nosso ESPÍRITO, ou o nosso EU! Ambos, tanto o corpo somático, e mais ainda o próprio espírito, representam uma verdadeira maravilha; o primeiro, o corpo carnal tem duração limitada, o segundo, de duração ilimitada, goza ainda da faculdade de evoluír cada vez mais, tanto intelectual como também moralmente no correr dos séculos e milênios sem conta, do porvir. E' IMORTAL!

Pois bem, êste nosso «EU» ou ESPÍRITO, que possúe todas aquelas estupendas faculdades também impalpáveis, como o próprio espírito é impalpável, cada uma destas faculdades representa fator ainda mais maravilhoso em si.

Quem manda e dirige o nosso corpo material é o seu dono: o «espírito», da maneira idêntica, como o cavaleiro comanda e dirige a sua cavalgadura, que obedece! Êste nosso corpo material é a cópia fiel do seu original, o espírito! No espírito se acha depositada a memória e todas as demais faculdades e é o espírito que empresta «VIDA» ao corpo carnal. Com a sua retirada dá-se o fenômeno que o mundo chama de «morte» e que afeta tão sómente a parte material. Para o espírito não há morte, mas sim afastamento do invólucro que lhe serviu de VEÍCULO transitório...

—Que imenso campo de estudos espera ainda os srs. cientistas que, até o presente, só estudaram o corpo visível, palpável ou seja carnal; assim mesmo ainda é muito incompleto o estudo, cheio de lacunas e dúvidas e resta ainda muito a se descobrir na parte funcional dêste veículo de carne que o espírito envolve e se serve dêle como a sua cavalgadura!... Imensamente maior que o estudo do corpo carnal é o campo de estudo do espírito, o animador dêste corpo carnal, pois abrange o estudo daquelas múltiplas faculdades invisíveis mas existentes e que representam um estupendo patrimônio dêste espírito, também invisível. Sabemos que para o médico materialista o espírito é fator inexistente pela razão... de, o seu bisturí nunca ter topado frente a frente com aquêle elemento denominado «espírito»! Parece incrível para nós, de, representantes da medicina, de uma classe considerada como muito culta, pronunciar semelhante sentença! Perdoa-se, como é natural, a um ignorante, um pronunciamento desta ordem.

Aí está o resultado de os médicos na maioria dos casos de enfermidade combater os efeitos da doença, sem conseguir, o mais das vezes, descobrir a causa, que geralmente repousa no corpo psíquico (espírito). Não se recordam mais daquela frase lapidar que a tradição nos legou, representando uma verdade inabalável: Mens sana, in corpore sano (Alma sã num corpo são)!

Existe tanto orgulho no meio destes homens que nem estudaram e não conhecem ainda bastante aquêle corpo palpável, de carne, e negam aquêle corpo, invisível para a vista grosseira da carne, o corpo psíquico com suas inúmeras faculdades, também invisíveis mas existentes. Negar e destruir é muito mais fácil do que afirmar ou construir. A saúde do corpo depende justamente daquela parte invisível, que é o espírito! do dono do corpo!

O estudo do ESPÍRITO, ou póde ser também denominado ALMA, é um imenso campo, muitissimas vezes maior que a parte material, o corpo carnal.

Com esta explanação, aliás muito modesta, foi por terra o dogma de a memória se achar armazenada e guardada nas células da matéria craniana. Oxalá, possa desta modesta explanação nascer finalmente uma luzinha inicial, mesmo que fraca, na mente de alguns esforçados cientistas, isentos do costumeiro orgulho de classe, pois, temos a certeza de que rapidamente vencerão imensos obstáculos, deixando para trás muitos colegas teimosos e aferrados no seu materialismo, até que finalmente eles também notarão que o papel que desempenham é papel verdadeiramente triste, senão mesmo muito ridículo.

Max Kohleisen.

Piracicaba, Abril, 1952.

GRAFOLOGIA

(Comunicação à Sociedade Brasileira de Filosofia).

ARTE de conhecer o carácter dos homens pela caligrafia, é a grafologia um desses assuntos que, à prima vista, sómente aos encarnados deveriam referir-se, mesmo porque enciclopedicamente, é êle exposto nos seguintes termos: «Considerando que existe uma relação direta entre o cérebro, séde do pensamento e da vontade, e a mão, que materializa e fixa o conceito pela escrita, certos espíritos admitiram que o exame desta última podia revelar o carácter, e até certo ponto a inteligência daquele que a havia traçado. Daí a invenção da *grafologia*. Inaugurada, como se admite, pelo filósofo italiano Baldo, no seu *Trattato come de una lettera missiva si cognoscano la natura e qualita delle scrittore*, foi no século XVIII aproveitada a idéia por Cagliostro e depois cultivada por E. Hocquart (1812), Henze (1862), Michon (1869) e Crépieux-Jamin (1893).»

Arte difícil, a grafologia, aplicada no sentido de se descobrir o caráter das pessoas pela caligrafia, jamais teve de nossa parte a menor atenção, de modo que não nos encontramos habilitados a acrescentar cousa alguma ás expressões acima transcritas do Dicionário Internacional. O que nos determina a escrever sôbre o assunto é o fato sobremodo interessante de conservarem os desencarnados a caligrafia que adquiriram em sua última encarnação.

Verificámos isso, recentemente, em visita que nos fizeram, graças à gentileza do confrade José Ribeiro Guimarães, os senhores Alarico José da Cunha, abalizado escritor e poeta nordestino, membro das Academias de Letras do Piauí e do Maranhão, drs. Carlos Lobo e Mileno Silva Thé, jornalistas Paulo Marinho e Olavo Furtado Lessa. Era o dia 16 de Julho de 1951. Estavamos reunidos em sessão do Centro Espírita «Bezerra de Menezes», que mantemos em nossa própria casa, à rua da Universidade, 53, presidido pelo Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago, por sinál ausente nessa ocasião, pelo que nos coube dirigir os trabalhos.

Trancorreram êstes, como de costume, fazendo-se nessa noite o estudo do capítulo «Nomes dos Apóstolos. Suas Vocações», do 2.° volume de «Os Quatro Evangelhos», de Roustaing. Findo o estudo, o confrade Alarico toma do lapis e escreve diversas mensagens, cada qual com letra diferente, sendo uma em francês, nos seguintes termos : *Mes chèrs frères. Pardon se je frappe à la porte de votre séance, mais je hâte de venir jusqu'ici laisser ce bouquet au pied de Jesus. Bonne nuit. Jet suis la Petite Fleur*». Prendeu-nos, porém, muito mais, a atenção, pelo fato de trazer uma assinatura nossa conhecida, esta mensagem do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca : «Sou eu mesmo êste oficial que veem, mas apenas me apresento para me congratular com estes trabalhos assim orientados pelo irmão S. Thiago e sou grato em estar com os meus irmãos até o fim dos trabalhos tão bem organizados na sua compreensão. Tenho-te acompanhado, irmão médium e ao teu amigo Carlos. Sou não mais o homem que na terra chegou a ser chefe da Nação, mas muito mais que isto porque o meu espírito já se acha algo purificado através da dôr e do entendimento. Sou Hermes R. da Fonseca».

Uma assinatura nossa conhecida, dissemos. De fato, recebida a mensagem recordámo-nos que o decreto de nossa nomeação para determinado cargo aduaneiro,em 1913, estava assinado pelo Marechal Hermes ao tempo presidente da República. Fomos buscar o decreto e confrontámos a assinatura nele lançada com a da mensagem recebida — e a identidade era absoluta, não só no talho da letra como também no modo de escrever abreviadamente o R. inicial do sobrenome Rodrigues. Mais duas mensagens foram recebidas : uma de Romualdo, bispo, tendo a assinatura precedida por uma cruz, outra de Antonio de Pádua. Em seguida uma lista de 15 nomes de Espíritos presentes à sessão, todos com caligrafia própria, alguns escritos com caractéres exóticos.

A identificação, pela caligrafia, dos desencarnados presentes à sessão, só pôde ser feita relativamente ao Marechal Hermes, é certo. Contudo, o fato é de molde a suscitar-nos sérias elocubrações. A personalidade imortal do homem, sabe-se hoje cientificamente, graças ás exaustivas experiências realizadas no curso de quasi um século de labôres espíritas (com esta denominação ou com as arrevesadas denominações de «metapsíquica», «parapsíquica» e tantas outras), amplamente difundidas em todo o orbe civilizado por uma enorme bibliografia, só desconhecida dos que não querem mesmo ver a verdade, que são os cegos da pior espécie ; a personalidade imortal do homem, diziamos, é constituida pelo Espírito, substancialmente, livre e independente de seus acessórios fluídicos ou materiais, conhecidos na nomenclatura espírita com as designações de «perispírito» e «corpo somático». Desfeito, pela desencarnação, o corpo somático, ainda resta ao Espirito o seu invólucro fluídico (o perispírito), que o acompanhará através de todas as suas migrações planetárias, até atingir a completa liberdade individual, no máximo da perfeição que o aproximará eternamente de Deus que é, segundo o ensinamento de Jesus, «o espírito absoluto e só em espírito e verdade pode ser adorado pelos que o adoram», isto é, só atingindo a completa espiritualização pode o homem compreender definitivamente a Divindade, para lhe fazer conscientemente a Vontade, voltando à unidade com o Pai.

Ora, o Espírito só está sujeito, em suas manifestações inteligentes, ás limitações cerebrais, durante ás fases de imersão na carnalidade, que constituem as encarnações sucessivas. Porque, pois, conservar a caligrafia da última encarnação, se em outras encarnações necessariamente deve ter tido, como homem, oriundo de outras raças, caligrafias tão diversificadas ?

O fato só póde ser explicado pela predominância, no Espírito, do acervo intelectual e cultural da última encarnação, predominância que vai ao ponto de fixar-se nos centros cerebrais do próprio perispírito, muitissimo mais persistentes do que os do corpo somático. Mas o que, sobretudo, o fato nos revela é que a nossa materialidade (a de todos que pertencemos a esta esfera planetária), é ainda total, não importa estejamos encarnados ou desencarnados. Só assim se explica porque os Romualdo, os Hermes da Fonseca, as «Petite Fleur», os próprios Antonio de Pádua, mantenham a mesma caligrafia que tinham na mais recente de suas encarnações. A primitividade do nosso desenvolvimento espiritual está bem caracterizada por êsse fato: daí as incompreensões, o predomínio que uns procuram exercer sôbre os outros, a deficiência de espírito fraterno com que tratam os homens, mui pouco aprimorados ainda nas cousas de essência espiritual, aquelas sôbre que repousa o doce e nobre sentimento de amor, que nos leva à caridade.

Sirvam-nos de exemplo os fatos de identidade caligráfica, acima assinalados, para nos induzir à humildade consciente, pára desobstruir os caminhos que vamos seguindo, guiados pela divina luz dos Evangelhos do Divino Mestre, que não nos deixou moldes caligráficos, porque jamais escreveu cousa alguma, além daquelas palavras, na areia, de perdão à adúltera, diante dos seus adúlteros acusadores, e que se apagaram para sempre, porque as palavras do Mestre são espírito e verdade e só em espírito podem e devem ser entendidas pelos que realmente o querem seguir.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio, 13 de Maio de 1952.

NOTA — Em seguida à leitura desta comunicação, o signatário da mesma expôs ao exame dos seus consócios da Sociedade Brasileira de Filosofia os documentos comprobatórios da sua explanação e solicitou aos mesmos que manifestassem os seus pontos de vista a respeito, de acôrdo com as suas convicções filosóficas, afim de que o assunto fôsse elucidado suficientemente.

Catolicismo Odiento e Odioso

(Réplica a um Papista)

— Por Manoel J. Silva Pinto.

Sr. Andrade, seu artigo tem passagens que tentam a uma polêmica religiosa. E' atraente; mas essas coisas para ser úteis, só indo a fundo e mui por extenso, — o que exigiria um consumo de tempo impossível a mim. De sorte que me cingirei a revidar muito pela rama, em essencialidades.

— Nem o Sr. me pediu amizade, nem eu lha pedi. Mas minha concepção de amigo não requer pedidos dêsse gênero. Minha índole, afetuosa e prestadia, se apega facilmente. Já escrevi mesmo há tempos que gosto de gostar como raros no mundo. Daí ótimas relações com gente de todos os quadrantes; não muitas criaturas, porque minha doença não dá aso a numerosos contactos, porém criaturas dos mais variados credos políticos e religiosos.

Apenas os fanáticos me assustam e me afugentam.

* * *

— O Sr. pretende escarnecer, como de coisa ridícula, ao me ver declarar que procuro pesar os prós e contras de todas as religiões e filosofias.

Parece devo concluir que os católicos não raciocinam, não pesam prós e contras das doutrinas com que vão deparando na vida, não sabendo então siquer porque são católicos. Segundo eu supunha, quando um indivíduo se dizia católico, era, nos casos de seres alfabetizados pelo menos, por ter pesado os argumentos pró e contra a Igreja. O Sr. me desiludiu completamente...

* * *

— Não fui eu quem disse que o Sr. se sente ferido *no corpo* quando vê atacadas as suas idéias religiosas. Isso li numa carta sua, que aliás conservo. Não me cabe pois a menor responsabilidade no conceito de o Sr. pretender pensar também corporalmente. Repetí o que li.

* * *

— E' falso tenha eu jamais chamado de «fanáticos» e «caluniadores» aos católicos em sua generalidade.

Caluniador chamei a um só, e com *documento escrito disso.* Aliás admito, desejo admitir, prefiro supôr que tenha havido no caso um gesto impensado, um maior assomo de fanatismo momentâneo, excepcional no seu autor. Assim me aconselha a minha filosofia, essencialmente benigna.

* * *

— Não é exato que eu me refira aos Evangelhos com respeito de crente; invoco-os para argumentar com aqueles para quem eles são o intangível alicerce de tudo.

Meu modo de os encarar, já expresso de público mais de uma vez, é o da crítica histórica, o do sereno exame, o do que julgo ser o bom senso.

Como já escrevi há tempos, e repito: «Não aceito os Evangelhos. A não ser talvez nas *linhas gerais* da vida e da doutrina de Jesus, não há certeza alguma de que o seu texto mereça crédito. O Nazareno nada escreveu, e nada foi taquigrafado. Mesmo o mais antigo dos Evangelhos só foi escrito muitos anos após a sua morte (o de Marcos). Acresce que durante séculos e séculos, mais de um milênio, todas essas narrativas básicas foram recopiadas a mão. Como seriam elas em seu nascedouro, quem póde saber? Até que ponto foram adulteradas em tão extensa e acidentada viagem, quem o dirá? Ante qualquer outro documento em iguais condições os católicos sensatos exporiam as maiores dúvidas...»

Basta correr os olhos pelos eruditos especializados, um Renan, um Guignebert, para se ver que positivamente poucas são as certezas admissíveis em torno dessas fontes.

* * *

— Igualmente inexato estar o Inferno em todos os filósofos do paganismo.

Naqueles que nêle acreditavam, — chamando-lhe Tártaro —, era êle um sítio para os rebeldes aos deuses de então, cuja moral era bem diversa da cristã, em geral. De sorte que o fato não constitúe argumento em bôca de católico, ou será argumento contraproducente.

Notar que os espiritistas crêem também num Inferno, apenas já é outra a sua concepção: local de penas *transitórias* para os perversos, sem qualquer perigo para os homens de vida reta, sejam eles religiosos ou não...

* * *

— Nada mais fácil do que apontar historiadores *abarrotados* de *documentos* sôbre as abominações da Inquisição, — no sentido em que aludi. Se desejar bibliografia, te-la-á.

* * *

— Suas citações evangélicas não destruiram, nem mesmo abalaram, minha asserção de que Jesus jamais recomendou *perseguições*, e muito menos a morte, para os seus adversários. Pelo menos não há tal expresso em termos inequívocos no depoimento dos evangelistas.

Nem siquer temos o direito de supôr que os tipos por êle chamados de «víboras» eram adversários *quaisquer;* o lógico, o natural é supôr que fossem apenas creaturas ruins, como há em *todas* as correntes. As punições eram *exclusivamente* para a vida póstuma; não existe uma só das suas transcrições contendo coisa diversa, sanções terrenas, golpes, sangue inimigo derramado. Tudo é deixado para Deus, após a morte. Portanto, está de pé minha asserção.

E nada a comprova melhor do que isto: se Jesus teve deveras o dom de tantos e tamanhos milagres, nada lhe seria mais fácil do que matar inimigos com um simples gesto ou olhar. E *jamais o fez.* Entre enxotar mercadores de um templo, — o único gesto violento do Nazareno — e torrar gente viva, a distância é abismal!

Ninguém tem o direito de querer ser mais severo do que o «filho de Deus...»

Quanto à passagem do 1.º Evangelho sôbre olhos e mãos a arrancar (V, 29 e 30), é ridículo pretender que isso signifique renegar amigos só porque eles não sejam cristãos. E' o que se chama extraír um pato de uma cartóla de mágico...

* * *

— Eis pulverizado o seu artigo.

Mas não. Vejo que de toda essa laboriosa construção de sofismas resta intacta uma pedra. Sim, é uma pedra autêntica, um bloco do mais áspero granito. E' esta passagem de uma epístola atribuida ao «evangelista» João, (II, 10 e 11).

«Não recebais nem siquer cumprimenteis os que vos procuram e não tenham a mesma doutrina. Pois quem os cumprimentar participará de suas más obras». (Traduzo em linguagem moderna).

Isso ainda é muito pouco para justificar fogueiras, ou mesmo encarceramentos, quanto mais os «pôtros» da «santa» Inquisição. Exprime segregação, nada mais. E já é horrível!

Segundo a análise histórica, entretanto, êsse texto *não é do filho de Zebedeu*—, constituindo o caso uma das numerosas trapalhadas do chamado «Novo Testamento». De João não é siquer o 4.º Evangelho, inculcado sob seu nome. Como o 1.º não é de Mateus. Tudo isso se esteia em estudos eruditissimos,— onde o Sr. por certo nem quererá pôr os olhos de fugida... Mas, a quem queira, fácilmente indicarei fontes cabais.

Porém sua citação valeu. Eu nunca passára dos Evangelhos para o resto do N. Testamento. O Sr. provou que, *embasados ali*, os católicos não têm só o direito, têm o dever do isolamento. O dever de cortar relações com todos os não católicos, ou pelo menos os não cristãos.

Que horrendo pecado cometeu pois o senhor em conversar comigo algumas vezes!

Corrija-se, cuidado com o Inferno!...

Campos, 1952.

Crônica Estrangeira

Os fantasmas têm assombrado a legação da França

O «*Primeiro de Janeiro*», do Porto, no seu número de 2 de Abril, publicava o seguinte, sôbre fantasmas e a mesa de pé-de-galo:

«A Islândia tem 120.000 almas, sem contar com os espíritos. Se há uma crença bem arraigada é a da sobrevivência, sobrevivência que se manifesta, principalmente, pela aparição de fantasmas. E' a terra desolada que atrai principalmente os mortos? Ou não será antes esta mesma terra que exalta a imaginação dos vivos? Abstenho-me de tomar partido. Pedirei sómente aos leitores que tirem das histórias que recolhi, a conclusão que lhes agradar.

Fomos convidados a jantar em casa do Ministro da França e depois duma excelente refeição (seja dito de passagem e sem nenhuma influência na continuação dos acontecimentos), a conversação passou do quadro do nosso planeta, já muito explorado, para as coisas do Além. O ministro, a sra. Woillery e sua filha conhecem bem a Islândia e falam assás regularmente a língua do país. Têm o direito — e não é êsse um dos menores méritos — ás confidências dos habitantes. Além de auditoras, foram também testemunhas e é o seu testemunho que servirá de garantia ao que se segue:

A habitação do Ministro da França em Beykjayik tem, já há muito tempo, a fama de estar assombrada. A crença popular afirma principalmente, que as almas dos marinheiros do «Pourquoi-Pas?» se refugiaram neste canto da França, situado no centro da cidade. Entre os destroços, guardados num sótão, os marinheiros evolucionam e diz-se que o predecessor do actual ministro tinha o hábito de deixar a porta aberta, durante a noite, a fim de lhes permitir ir vagabundear.

O soalho estalava com o ruído das articulações cansadas e sentiam-se deslizar passos furtivos ao longo dos corredores; os degraus gemiam sob a pressão leve dos fantasmas, inquietos como os adolescentes que entram tarde em casa para não incomodar alguém. Mãos invisíveis, se por acaso ficam só, durante muito tempo, pousam-se, delicadamente, sôbre os nossos ombros; as cortinas da sala de jantar agitam-se durante as refeições; o cão, medroso, esconde-se e rosna debaixo da mesa; os visitantes desmaiam ao atravessar a ombreira, persuadidos de terem visto um marinheiro apressado aproveitando a ocasião para se eclipsar!»

Como se passa o tempo com a mesa de pé-de-galo

Deixemos a casa do Ministro da França. Há dois anos um avião esmagou-se, algures, nas montanhas da Islândia. As buscas para encontrar os corpos e os destroços não deram nenhum resultado. Ora um camionista, ao passar num caminho deserto, foi surpreendido várias noites seguidas e regularmente no mesmo sítio, por um terror inexplicável. Sentia-se, dizia, como «cercado de presenças». Inquieto, quis fazer sentir a outrem as suas impressões, pelo que se fez acompanhar dum amigo. Os dois, precisamente no mesmo ponto, vítimas de alucinações, saltaram a baixo do caminhão e, correndo quilómetros, movidos não se sabe por qual fôrça, chegaram aos destroços do aparelho, junto do qual estavam alinhados os corpos das vítimas.

Num ponto alto, em Hveravellir (o planalto das nascentes) existe uma vivenda frequentada, segundo é voz pública, pela sombra dum velho bandido. O referido fantasma, que tem as suas manias, vai dormitar regularmente, sempre, sôbre a mesma cama carunchosa. Uma excursão fez um pique-nique, na sala comum. Nesta tomaram parte: irlandeses, ingleses e franceses, entre estes a filha e o filho do Ministro da França. De súbito, no meio da refeição, fez-se ouvir um ruído surdo, uma mancha branca apareceu na altura da cama, a música de dança que saia do aparelho de telefonia interrompeu-se, os excursionistas sentiram a presença dum fantasma e desapareceram com presteza.

Apenas o filho do ministro teve suficiente presença de espírito — se posso exprimir-me desta maneira — para da cena fazer uma fotografia cuja revelação, que eu vi, mostra nitidamente, na altura do travesseiro, uma mancha branca a desenhar mais ou menos a forma duma casa. A suspensão brusca duma emissão de rádio é fenómeno que não demonstra, sem dúvida, a intervenção de fôrças ocultas, pois nesse caso, a explicação teria já sido explorada no nosso país. Mas a película impressionada... Essa é bastante para impressionar, também, as pessoas sérias...

Para vencer o cepticismo de bom tom, de que nós fizemos alarde, propuseram, depois de várias outras histórias semelhantes, fazer girar uma mesa de pé-de-galo. A sr.ª Voillery e sua filha, o sr. Gunnarson, os membros presentes da expedição, Rouillou, Evoux, Guillard, Vincendon, Ivens Yearl e o signatário destas linhas. Depois de alguns segundos de hesitação, a mesa foi a causa de inexplicáveis manifestações barulhentas. O nosso camarada Vincendon, de formação militar e espírito positivo, irritou-se de tal maneira e em particular, pela recusa que a mesa opunha a uma pergunta relativa a um dos seus amigos morto com a varíola no campo de Coetquidan, que acabou por lhe quebrar um bocado com um murro forte.

— Não tem importância — disse a sr.ª Voillery — já foi consertada vinte e quatro vezes.

Discutimos, calmamente, com diversos espíritos, dos quais o mais eminente, e último, foi Napoleão. A decência proíbe-me de reproduzir aqui as palavras do imperador (bem desculpáveis na boca desse rude soldado). A mesa deu para acabar uma volta de valsa pela sala de jantar e a nossa comoção atingiu o máximo quando o ministro, desejoso de nos oferecer bebidas, veio dizer que o conhaque tinha desaparecido da geladeira. O conhaque, porém, voltou por encanto e não foi preciso mais nada para cada um voltar, calmamente, para os seus domínios.

«Revista de Metapsicologia»

*

A Lenda do Deserto

(Recordando uma página de M. Sage)

Chegou a Páscoa, de todos os confins do país, chegaram numerosas caravanas a Jerusalém.

Profundamente magoado, Jesus foi orar no deserto...

Era a hora sexta do dia e o sol da Arábia verticalmente flechava com seus raios ardentes, a areia sem fim...

E sucedeu que das mais remotas regiões, os animais pressentiram sua augusta presença.

Pacíficos vinham deitar-se a seus pés.

Alí estava a serpente de veneno mortal, o leão formidável, o tigre sanguinário, a hiena repugnante e o lobo feroz.

Entre os ramos de um mísero e raquítico arbusto, via-se o solitário rouxinol, o melodioso pintasilgo e a gentil cotovia.

Mais próximo, um formoso pavão real estendia em leque sua magnifica cauda de mil côres, como para abrandar os ardentes raios do sol que douravam o rosto de Jesus, apesar da espessa nuvem de moscas, abelhas e mosquitos, que em silêncio esvoaçavam sôbre o Nazareno, qual cúpula vivente.

Um abutre voraz, uma águia imperial e um condor de potentes garras, em rodeios magistrais, sulcavam o ar, com o ouvido atento e olhar fixo naquêle homem de branca túnica, cabelos sedosos e barba dourada, e como que pendentes de seus lábios.

E, oh! prodígio! por ser um deserto, junto a uma pequena poça de água, entre duas pedras, que denunciava a presença de um diminuto manancial, vários peixinhos, como representantes da fauna dos mares, faziam emergir seus pequenos dorsos brilhantes e aveludados.

E por último, um cão famélico, submisso, lambia as mãos do Filho do Homem.

Efetivamente, desde as mais remotas regiões, os animais pressentiram a sublime presença.

E sucedeu que todos os animais gemeram e, um a um, disseram a Jesus:

OH RABBÍ! vem salvar-nos, vem, OH RABBÍ, vem resgatar-nos.

Então o Mestre tomou a palavra e lhes disse: Nada posso eu salvar ou resgatar. Cada um de vós deve salvar-se e resgatar-se a si mesmo. Todos sereis chamados. Todos sereis eleitos. O mesmo Satanaz, depois de tanto sofrer, escutará, um dia, a voz da cordura e escapará de seu próprio inferno.

Sim, sómente vim para ensinar ao mundo, o seu caminho. Todas as misérias aquí em baixo, se devem ao egoísmo e ás paixões.

E' o egoísmo que predispõe o animal contra o animal, o homem contra o homem, o esposo contra sua mulher, o filho contra o pai e o amigo contra o amigo. Mas, necessário é que desapareça o egoísmo.

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS. Esquecei todos os vossos rancores.

AJUDAI-VOS UNS AOS OUTROS. Que o forte levante o paralítico. Que o sábio instrúa o ignorante. Que o possuidor de boa vista conduza o cego. Que o dotado de boa voz fale pelo mudo. Enfim, o que tem, dê ao que não tem e assim todos possuirão, pois Deus, em sua infinita bondade, prodigaliza, sem peso e sem medida, bens sem fim, por meio da Natureza.

Oh! amigos meus, em verdade vos digo ouvi-me e sereis felizes, AMAI-VOS UNS AOS OUTROS.

Como o fogo do céu queima as hervas do deserto, o fogo da caridade queima as más paixões.

Segui, meus bons amigos, meus salutares conselhos e algum dia recebereis o vosso galardão, todos sem exceção. Penosa e larga será a vossa travessia se vos opuserdes á vossa evolução, mas se seguirdes o caminho da verdade, breve, bem breve será a vossa subida ao seio de meu Pai, do vosso Pai, onde se desconhece o mal e reina eterna felicidade...

Os animais, estupefatos, escutavam atentamente a Jesus, e alí, submissos e cheios de ternura, permaneceram pendentes da voz do Nazareno, até que o sol desapareceu por trás dos montes da Judéia...

* * *

Quando todos se perderam ao longe, Jesus por instantes permaneceu imóvel, pensando em cada um daqueles pobres animais inconscientes.

Notando que a roda do Karma tornava rodar para cada um deles, empreendeu novamente e de cabeça baixa, seu caminho para Jerusalém, onde foi recebido por outros animais, muito mais perigosos e ferozes, embrutecidos por seus sacerdotes ímpios.

E... lentamente entrou na cidade para ensinar o caminho da verdade aos homens.

⁂

Ida Lupino

De «O Reformador» de Julho de 1945.

«O Cruzeiro», revista carioca, em seu número de 26 de maio, publicou um artigo de Marius Swederson, onde encontramos a opinião de Ida Lupino, apreciada estrêla cinematográfica, sôbre um fenômeno espírita com ela ocorrido :

«Ida Lupino faz questão de frisar que possui experiência pessoal sôbre o tema, portanto... «Acredito fielmente numa vida futura. Ela deve existir, pois agora também existe uma infinidade de sêres humanos, onde eu própria me incluo, que tem tido visitas dos que já não habitam êste mundo. Vejam só o que aconteceu comigo, com resultados tangíveis e definidos. Durante minha infância nunca me dei bem com música. Meu pai experimentou-me vários anos, dando-me lições de piano, porém, cresci sem distinguir uma nota de outra, nem desejando sabê-las. Então tive paralisia infantil e fiquei bem próxima da fronteira vida-morte. Uma noite, em que estava imóvel na cama, já convalescente porém, sem febre, senti alguém ao meu lado, embora nada visse. Depois minha mão viu-se tomada por uma outra, dêste alguém, emquanto ouvia dizer-se :—«Ida, vá até ao piano e toque.» Levantei-me da cama. Atravessei a casa toda, parando no «living-room». Sentei-me junto ao piano, e toquei. Sim, eu, que nunca fizera uma escala sequer, dedilhei um concerto de Brahms, do princípio ao fim, e perfeitamente. Sei no que devem estar pensando : «Ela delirava». Sinto desiludi-los, pelo simples fato que desde então continuo a tocar. Não apenas toco, mas já compus uma sinfonia, além de outras partituras minhas, já interpretadas pela Orquestra Filarmônica de Los Angeles, e por André Kostalanetz e sua Orquestra de Concertos. E eu ainda posso, se necessário, indicar uma dúzia de pessoas, incluindo minha mãe, que jurarão sôbre a Bíblia, que antes daquela noite jamais eu me familiazara com a situação das teclas de um piano. A explicação ? Creio que o Espírito de algum músico, há muito falecido, veio até minha cama, e relembrou que eu fôra também musicista na outra encarnação. E com esta lembrança, um amor pela música e conhecimentos básicos voltaram novamente para mim. Desde que acredito em novas encarnações, considero que eu, assim como todos, já estivemos anteriormente na Terra, e naturalmente acredito que nós voltaremos novamente para cá, mais e mais, até que completemos um ciclo a nós exigido. Concordo com os que dizem que assim que morremos entramos nos corpos dos recém-nascidos. Como explicar de outro modo que ao número de mortes, em todo o mundo, corresponde os de nascimentos ? De maneira que êste processo conhecido como nascimento e morte coincide com uma continuação. Acredito que as circunstâncias nas quais renascemos dependem sobretudo do modo de vida precedente. Se vivemos decentemente, e progredimos, nós nascemos, na vez seguinte, em circunstâncias mais avançadas e condições mais felizes. E vice-versa. Mas, que a vida futura está na própria Terra, indubitavelmente, eu acredito».

* * *

Representantes locais: E' nosso Representante em Campo Grande, Estado de Mato Grosso, à Rua Maracaju, 162, o confrade Constantino Lopez Rodrigues.

— Foi nomeado nosso Representante em Bauru o confrade Manoel Lopes Neves, residente à Avenida Pedro de Toledo, 5-85.

Esses esforçados confrades estão autorizados a efetuar recebimentos das assinaturas dêste órgão e a angariar novas assinaturas, contando com a indispensável boa vontade e o apôio dos nossos distintos assinantes residentes nessas cidades, o que antecipadamente agradecemos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Avisamos aos nossos assinantes residentes na Capital Federal que o confrade Thales Pereira é o nosso novo representante, estando autorizado a angariar e receber as assinaturas novas e atrasadas desta publicação.

O escritório de representação do confrade Thales Pereira, é na Rua Juan Pablo Duarte, 19, 2.º andar, sala 2, telefones 22-5300 e 48-0612.

Solicitamos aos nossos distintos assinantes da Capital Federal, aguardarem, portanto, a visita dêste nosso representante, dispensando-lhe boa atenção, pelo que antecipadamente agradecemos.

* * *

III Congresso Espírita do Estado de S. Paulo convocado pela «União Social Espírita»

Realizado de 12 a 15 de Junho de 1952

Realizou-se com pleno êxito o referido Congresso, participando cerca de 35 cidades do interior e inúmeras instituições e centros espíritas da Capital Bandeirante.

PROGRAMA

Quinta-feira, dia 12 — A's 8 horas — Na séde da «Federação Espírita do Estado de S. Paulo», à Rua Maria Paula, 158.

Entrega de credenciais pelas Delegações. Assinatura do Livro de Registro.

A's 10 horas — Plenário: Presidência da U. S. E.

Apresentação das Delegações. Leitura do Relatório da Secretaria Géral da U. S. E. Eleição da Mesa Diretora dos trabalhos.

A's 14 horas — Plenário. Constituição de Comissões. Discussão e aprovação do Regimento Interno. Trabalho das Comissões.

A's 20 horas — Sessão solene de Instalação do Congresso na séde da Federação Espírita do Estado de S. Paulo.

Sexta-feira, dia 13 — A's 9 horas — Na séde da Federação. Trabalho de Comissões. Debates.

A's 14 horas — Parecer das Comissões. Debates.

A's 20 horas — Reunião Pública na séde da «Liga Espírita do Estado de S. Paulo».

Sábado, dia 14 — A's 9 horas — Na séde da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Plenário: Pareceres das Comissões. Debates.

A's 14 horas — Idem.

A's 20 horas — Reunião Pública na Séde da «União Federativa Espírita Paulista».

Domingo, dia 15 — A's 9 horas — Na séde da Federação Espírita do Estado de S. Paulo.

Encerramento dos debates e votação das conclusões finais.

A's 12 horas — Almoço oferecido pela USE aos Delegados credenciados. (Hotel, do Interlagos).

A's 14 horas — Redação e assinatura dos documentos das resoluções finais.

A's 20 horas — Sessão solene de encerramento do «Congresso», na séde da «Sinagoga Espírita Nova Jerusalém».

Proclamação das resoluções finais.

—

N. B. — Reuniões artístico-doutrinárias todas as noites; um orador da Capital e um do interior.

—

I — Deliberações do Congresso

1 — Reforma dos Estatutos:

a) *Nova Denominação:* União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, em vez de União Social Espírita, usando porém a mesma sigla USE.

b) *Ampliação da sua estrutura:* passando o Conselho Deliberativo a ser constituido por 12 representantes da Capital, 12 do Interior e 8 das entidades inicialmente patrocinadoras da Unificação. Dêsse Conselho Deliberativo sairá a Diretoria Executiva constituida de 8 membros.

c) *Constituição de Conselhos Re-*

gionais Espíritas: nas Regiões em número de 12 do Interior do Estado, integrados por representantes das UMES (União Municipal) das respectivas Regiões, e Conselho Metropolitano na Capital, integrado por representantes das UDES (União Distrital).

2 — Jornal e Rádio:

a) *Lançamento imediato do jornal* doutrinário UNIFICAÇÃO;

b) *Instituição* de uma Emprêsa para lançamento futuro de um jornal diário, com participação da USE com maioria de ações, quando, então, o órgão UNIFICAÇÃO passará a ser um suplemento do diário que deverá denominar-se BOA NOVA;

c) *Instituição* imediata de um Programa Radiofônico, em cadeia com as emissoras do Interior e mantido pela cooperação individual dos espíritas, através das UDES e UMES.

3 — Cursos para dirigentes espíritas:

a) *Cursos de emergência* para orientadores de sessões espíritas e para médiuns;

b) *Organização pela USE* de um Departamento denominado ATENEU ESPÍRITA, destinado a criação de orientadores espíritas por meio de Cursos metódicos, por correspondência, por intermédio das UDES e UMES, com a duração variável de 6 meses a 3 anos.

4 — Conceituação do termo ESPÍRITA:

a) *Providências diversas* visando esclarecer amplamente as massas populares, sôbre a diferença entre Espiritismo e Mediunismo;

b) *Recomendações às entidades* federativas no sentido de selecionar os Centros realmente espíritas, amparando os de boa vontade e excluindo os que desejem apenas se revestir do título «Espírita».

c) *Autorização à USE* para apresentar um projeto de lei no Parlamento Nacional, por intermédio de Deputados Federais, visando as atividades espíritas no País, com a privatividade do termo ESPÍRITA para as organizações realmente espiritas de acôrdo com a Codificação Kardeciana e como tal declaradas pelas entidades Espíritas que representam realmente o Espiritismo nos Estados e no País.

II — Mesa Diretora dos Trabalhos

Presidente, Prof.ª Luiza Pessanha de C. Branco (Capital); 1.º Vice, José Papa (Ribeirão Preto); 2.º Vice, Roberto Previdello (Bauru); Supl. de vice-pres., Germano E. dos Anjos (Caçapava); Secretários: 1.º, Salvio Costa (Araçatuba), 2.º, Ofir Viana (Taubaté).

III — Comissões Internas

1 — ESTATUTOS — Sebastião Costa (Capital), dr. Luiz G. de Almeida (Caçapava), Homero Escobar (Bauru), José Corrêa Gomes (S. André) e Carlos Serazzi (Amparo).

2 — JORNAL E RADIO — dr. Julio de Abreu Filho (Capital), Herculano Pires (Capital), Hugo de Freitas Cunha (Capital), Agostinho Benedetti (S. José dos Campos) e José Maria Marchesi (Pirajuí).

3 — CURSOS PARA DIRIGENTES ESPÍRITAS: — dr. Ary Lex, Abrão Sarraf, Emilio M. Vieira, todos da Capital, Antonio A. Delgado (Santos) e Geraldo de Oliveira (Taubaté).

4 — CONCEITUAÇÃO DO TERMO ESPÍRITA: — Apolo Oliva Filho, dr. Manoel de P. Cerdeira, ambos da Capital, Waldomiro Motta (Pinhal), Antonio B. Cardoso (Araraquara) e Angelo Pio da Silva (S. João da Boa Vista).

5 — REDAÇÃO FINAL: Carlos Jordão da Silva, dr. Julio de Abreu Filho, dr. Manoel de P. Cerdeira, Sebastião Costa, Abraão Sarraf, todos da Capital, e Salvio Costa (Araçatuba).

6 — UNIFICAÇÃO: — Eden Dutra, Henrique Ramos, Artur de Souza Reis, todos da Capital, Alcides Hortencio (Mogi Mirim) e Francisco Domingues (Campinas).

VI — Moções de Agradecimento e Solidariedade

a) A antiga Diretoria Executiva da USE; b) às Federações Esp. Brasileira e de S. Paulo; c) à UME de Caçapava pelo ante-projeto de reforma de Estatutos, que foi quasi totalmente convertido em Estatuto.

MOÇÃO DE SAUDADE: a Lins de Vasconcelos Lopes; MOÇÃO DE

SAUDE: a Wantuil de Freitas, presidente da Fed. Espírita Brasileira, que se acha acamado.

V — Mandato da Diretoria Executiva

Foi prorrogado por mais 4 mêses, a fim de preparar a reestruturação da USE.

VI — Cidades que compareceram

Amparo, Araçatuba, Araraquara, Alvares Florence, Andradina, Barretos, Bauru, Birigui, Caçapava, Cruzeiro, Campos de Jordão, Catanduva, Campinas, Guaianazes, Jundiaí, Mogi-Mirim, Osasco, Pinhal, Pirajuí, Ribeirão Preto, Rancharia, Santos, S. Paulo, S. José dos Campos, S. João da Boa Vista, Socorro, Santo André, S. Bernardo, S. José do Rio Pardo, S. Bento do Sapucaí, Taubaté e Votuporanga.

Notícias de São Paulo

A 26 de Maio p. p., realizou-se na Capital Paulista, um acontecimento de real interêsse para a Causa Espírita do Brasil, ou seja: a inauguração da séde social do Instituto Espírita «O BOM SAMARITANO», localizado à Rua Winifred, 37, em Vila Carrão, próspero e progressista bairro onde militam milhares de profitentes da 3.ª Revelação.

A reunião teve início ás 15,30 horas, encontrando-se presentes os seguintes confrades, representantes de entidades irmãs:

D. Anita Brisa, Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro; Alberto D'Angeli, C. E. Irmão X; Emilio Péres, Ass. dos Centros Espíritas do Ipiranga; Abelardo Lopes de Almeida, Ass. Espírita Henrique de Castro; João Bovino, pp. do Snr. Wenefledo de Toledo, Fed. Espírita do Est. de S. Paulo; Florindo Baroni, Casa de Caridade Luiz Ismael; Dr. Herculano Pupo, C. E. Amôr e Caridade e outros cujos nomes não conseguimos anotar.

O locutor Alberto D'Angeli convida D. Anita Brisa a proferir a prece inicial, que foi feita sob uma atmosféra de muita vibração.

A seguir, toma posse a 1.ª e nova Diretoria Fundadora, que ficou assim constituida:

Presidente, Militini Pinto Corrêa; Vice-dito, João Perrazuolo; 1.º Secretário, Antonio Boschetto; 2.º dito, Walter Lara; 1.º Tesoureiro, José Tescari; 2.º dito, Adriano Bononi; Diretor dos Trabalhos Espirituais, Edmundo Santilli; Diretor Social, Antonio Decario; Diretor Bibliotecário, Josefa Lopes.

Em seguida, o confrade Edmundo Santilli toma a palavra para fazer uma exposição do programa que o novel Instituto tem a seu cargo.

Fazendo a apresentcção do orador oficial, sr. Amadeu Aulicino que, comovidissimo, fala aos presentes com humildade, numa página de beleza evangélica. Conta passagens de sua conversão ao Cristo de Deus. A seguir, numa sequência lógica, outros oradores dissertaram sôbre aspectos doutrinários que teve seu «climax» na palavra fluente do irmão Armando Miguel Ariguela, do C. E. Vicente de Paulo, de Vila Esperança que, num entusiasmo fóra do comum, eletrizou a numerosa assistência. Prosseguiu o programa artístico a cargo da Srta. Nair Santilli, que apresentou ao acordeon, músicas de Carlos Gomes, Mascagni, etc. Diversas crianças do Conjunto Infantil também cooperaram nessa parte, com números declamatórios, poesias e cantos, sendo aplaudidas delirantemente.

Seguiram-se saudações outras de confrades e, cada um de per si, apresentando quadros de fé espírita, muito significativos.

A's 19 horas, a Diretoria do Instituto ofereceu aos presentes e convidados, lauta mesa de doces, salgados e águas minerais. Até ás 21 horas, em meio a demonstrações de intensa alegria, viveu o salão da nova casa de trabalhos espirituais, momentos de indescritivel vibração.

A «Revista Internacional do Espiritismo» cumprimenta os distintos companheiros do novel Instituto Espírita, desejando-lhes longa e promissôra jornada a serviço da Causa.

Centro Espírita UBIRATAN

Em sua séde social sita á Rua Rubino de Oliveira, 312, 1.º andar, Capital, realizou-se a 15 de Junho p.p. a solenidade da inauguração dum quadro a oleo intitulado «O PÃO DOS POBRES», ofertado pelo generoso confrade e amigo, Snr. Antonio Rodrigues da Fonseca que, anteriormente já havia doado a soma de cr. $ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros) por si e pela sua dignissima esposa, Dona Joana R. da Fonseca. Assim foi que, tendo o referido centro, um bem organizado Departamento de Assistência Social com amparo mensal a centenas de necessitados, sem distinção de raça, crédo ou côr, para lá rumamos nesse dia, para assistir, conforme os dizeres do convite fraternal, á distribuição de agasalhos de lã e flanela, já confeccionados. Vimos perto de quasi 400 criaturas receberem pacotes de roupas e um simbólico pão, que as multiplas damas e senhorinhas, distribuiam aos mesmos. A organização esteve perfeita, e das 15 às 18 horas, o imenso cortejo ia sendo atendido com carinho e simpatia. Mas, vamos dar um resumo para melhor satisfação do leitor.

Desde as 12 horas, o movimento pela casa de Ubiratan era intenso e desusado. A's 15 horas, o Presidente da Casa, o estimado confradre Romualdo Joaquim Martins, toma a palavra e fala à numerosa assistência que, de pé, acompanha o ato. O quadro está coberto por uma fina gaze, preso por laços de fitas de cores. O Presidente convida o casal Fonseca a puxar as fitas e... záz, todos os presentes, emocionados, saudaram ruidosamente, numa salva de palmas sincéras, a oferta do querido irmão. A seguir, ainda o confrade Romualdo discorre sôbre os trabalhos e trabalhadores que mais se tinham evidenciado nos seus mistéres e, daí, são ofertadas a diversas confreiras irmãs, mimos recordativos. Após, toma a palavra o cronista que, representando a Imprensa Espírita do Estado e do País, num improviso cristão, discorreu sôbre os motivos da festa que alí se realizava, abordando assuntos de interesse para a Causa do Cristo e da Humanidade.

O Snr. Mauro Terra, Representante do Serviço Social do Estado, é o orador seguinte que, por 20 minutos, disserta sôbre os trabalhos que o Departamento do Ubiratan vem prestando à sociedade paulista inclusive, adiantando que, em futuro próximo, possa o mesmo Departamento ampliar os seus benefícios em outros setores. A propósito, convém lembrar que, dias antes, o Deputado Janio Quadros, visitando o Centro em questão, após proferir uma conferência, disse de público que éra católico praticante mas, o que lhe fôra dado observar naquela Casa do Senhor, era digno de se imitar á saciedade. Dois dias depois, em reunião da ilustre Assembléia Legislativa, o digno e nobre parlamentar apresentava um projeto de lei, considerando de utilidade pública dito Departamento.

Como vêem os prezados leitores e amigos, estão de parabens os espíritas do Estado e do Paiz. Para agradecer em nome do Centro, o Presidente convidou o irmão Tesoureiro Snr. Armando J. Martins que, numa tarde inspirada, encantou e eletrizou os presentes, deixando-os em suspenso. De uma mediunidade impressionante, sua oração foi algo de original. O papel da mulher, do filho e do homem na vida, foi abordado pelo digno servo do Senhor. Ha muito que não viamos alguém em tais condições. Que Deus abençôe os passos do querido amigo, são os nossos votos. Suas faculdades medianímicas são diversas e interessantes. Seu caráter, lhano e cristão.

Ás 18 horas, iniciaram-se as festividades internas, que decorreram até as 23 horas. O salão, todo florido e ornamentado, esteve a cargo das habeis e delicadas jovens do Departamento. Um show organizado pelo Grupo Artístico, deu bela nota, comparecendo também artistas de diversas estações Radio-Difusoras.

—

Além de mais de 1.000 peças distribuidas com amor, foram ofertados aos sócios e convidados, lauta mesa de doces, salgadinhos, etc.

Queremos aquí, antes de encerrar, deixar expressos a todos os Diretores, sócios e cooperadores do C. E. Ubiratan, os nossos agradecimentos pelas gentilezas, com que fomos recebidos, agradecimentos extensivos ás Snras. Tharsilia Faria, Diretora responsável do Departamento, e D Aura França, contra-mestra da Oficina de Corte e Costura, pelo inesquecível dia de encantamento e beleza espirituais que nos proporcionaram.

Que o Pai Celestial abençôe êsse pugilo de irmãos em Jesus, e que os Missionários do Alto, os assistam sempre, ao lado de Antonio de Pádua, o Frei que sempre distribua o pão aos mais pobres, lembrando-nos de que FÓRA DA CARIDADE, NÃO HA SALVAÇÃO.

Vicente S. Neto.

S. Paulo — Junho de 1952.

Grupo Teatral «Fénelon»

Araguarí — Est. de Minas

O TEATRO — Um novo setor de ação na Seára.

«FÉNELON» — Um Grêmio Teatral a Serviço do Bem.

A Arte que os mais célebres pensadores escolheram para divulgar as sublimes concepções de seus gênios missionários, continua, entre todos os povos, como veículo essencial no terreno da manifestação das idéias.

O Grêmio Teatral «Fénelon» é uma organização integrada por jovens irmãos, que se decidiram a calçar as sandálias da renúncia e a palmilhar uma estrada de sacrifícios, no firme propósito de realizar algo de proveitoso em favor da infância desamparada.

O seu anseio de arte se consubstancia no ideal de despertar no seio das platéias que o assistem, o sentimento de amparo à criança abandonada, despertando-as para reflexões mais objetivas com relação ao dever de cooperação mútua que nós devemos uns aos outros.

O «Fénelon» angaria, através de suas representações artístico-teatrais, fundos para construção dos LARES «ANA NERY», de Araguarí, o «ESPERANÇA», de Casa Branca, obras que visam amparar, educar e profissionalizar menores órfãos.

O seu gênero de teatro é o simbólico salientando-se ainda magnifica adaptação sonoplastica, que acompanha o desenrolar de suas peças, cujas músicas vêm de Schubert, Drigo, Massenet e de outros gênios da boa música.

O Grêmio dispõe de condução própria, ótima perúa Ford, modelo 1952, que transporta o pessoal e todo o material cênico.

Conduz aparelhos para projeção de filmes educativos, que são exibidos nas cabeceiras das cidades levando u'a mensagem de alegria à criançada pária. Os mesmos filmes são exibidos nas cadeias e penitenciárias, para os nossos irmãos presidiários.

O «Fénelon» realizou nesta capital, em março último, no Salão da Associação das Classes Laboriosas, um espetáculo de grande valôr artístico. Foram encenadas MÁSCARAS, de Menotti Del Picchia e A GRAÇA DE DEUS, de José Fraga.

Atualmente o Grêmio está percorrendo o interior do Estado, porém, seu programa inclúe os Estados do Paraná, Minas e Mato Grosso.

Integram o «Fénelon» nove jovens confrades, destacando-se entre êles Julia Tekla Kohleisen, José Fraga, Luiz Carlos Pinheiro e Antonieta Bernal.

Realizando o seu grande trabalho de humanismo, o Grêmio Teatral «Fénelon» tem, como divisa, a sábia advertência de Pestalozzi:

«Nada vale tu dizeres ao pobre que existe um Deus, ou ao órfão que êle tem um pai no céu; com palavras ninguém ensina alguém a conhecer Deus, mas se tu ajudas ao pobre mostrando-lhe, como poderá viver, como um homem, lhe terás mostrado Deus, e se tu crias o órfão como se êle tivesse pais, tu lhe ensinas a conhecer o Pai do Céu».

A Família

Êste nosso distinto colega, que se publica em Jaboticabal sob a direção do nosso velho companheiro Francisco Volpe, um dos ardorosos trabalhadores da seára, completou um ano de existência no dia 13 de Maio último.

Publicando ótimos artigos de orientação espírita e bem desenvolvido noticiário local, «A Família» já conquistou as simpatias dos espíritas, que vêem nêsse órgão um legítimo propagador da 3.ª Revelação.

Ao prezado colega, um apertado abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

* * *

Renunciando as cousas mundanas, dareis um testemunho frisante de que amais o vosso próximo como a vós mesmos. — QUINTILIANO.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO – E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2871unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Agosto de 1952 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O Espiritismo e o Espírito de Sistema	*Redação*
A Dupla Personalidade — O Caso de Miss Beauchamp	*Carlos Imbassahy*
Finalidades Cristãs dos Congressos	*J. B. Chagas*
O Remédio Infalível na Cura da Embriaguez	*Pereira Guedes*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Retrato Atual	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Costumes Obsoletos	*Arnaldo S. Thiago*
A' Guisa de Prefácio	*José da Costa Filho*
Obsessão e sua Cura	*"Light"*
Vitam Impendere Labor	*Leopoldo Machado*
Era Nova na Ciência	*Yvone de Sousa*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito ?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A Vida no Outro Mundo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agosto de 1952 – NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e o Espírito de Sistema

EM todas as épocas da humanidade, o espírito de sistema, acorrentado aos seus interêsses materiais e ás suas idéias arcaicas, incompatíveis com o progresso, que é uma fôrça divina, tem se insurgido contra as novas idéias, queimando, mutilando, matando à fóme e obrigando a retratar-se pela fôrça, idealistas e sábios que figuram agora, no livro de todas as escolas e academias, como pioneiros do progresso, como estrêlas de primeira grandeza a mostrar ás gerações o caminho da Verdade.

Galileu, Giordano Bruno, por exemplo, foram sacrificados como heréticos, unicamente porque descobriram, no seio da natureza, novas leis, enriquecendo assim, o patrimônio intelectual da humanidade, abrindo novas e mais acertadas sendas à inteligência para novos surtos do progresso em todas as direções. A História da Humanidade está abarrotada de casos de tenazes perseguições contra os novos descobridores e idealistas, cujo único crime era beneficiar, como de fato beneficiaram, as gerações que deveriam suceder-se, com a luz da sua sabedoria e com o exemplo de sua dedicação e de sua perseverança.

Mas isso não nos causa estupefação em face do que aconteceu ao maior sábio de todos os tempos que a terra já viu — Jesus Cristo. Êle, o Mestre, que só praticou o amor, que chegou a renunciar a própria vida, que ensinou a moral mais pura que conhecemos, foi vítima do espírito de sistema prêso aos seus interesses materiais e a falsas idéias religiosas. Jesus Cristo, portanto, é o consôlo dos perseguidos por causa da justiça, do amor e da verdadeira sabedoria que, sendo do Alto, é um sol sem ocaso a iluminar as consciências que se debatem nas trévas da ignorância.

Com o Espiritismo sucedeu e sucede o mesmo, porque é uma nova doutrina, mas uma doutrina fundada na imortalidade da alma e no Evangelho do Cristo, uma doutrina que veiu descortinar à humanidade novos e esplendorosos horizontes, novos mundos e novos sóis que, no dizer do Mestre, constituem as muitas moradas da casa do Pai. Porque o Espiritismo é perseguido pelos corifeus da ciência e da religião? — Porque êle prega a Verdade e porque os seus postulados estão acima dos vís interêsses materiais e das velhas idéias que paralizaram os seus passos no caminho do progresso como o automovel que pára e não póde ir para a frente por faltar-lhe o combústivel.

A ciência oficial teme que os Espíritos lhe façam concorrência. Daí a perseguição contra os médiuns, e tão grande foi a perseguição que chegaram, com a ajuda de autoridades injustas e completamente leigas, a proibir os «passes», que os padres e seus subordinados dão em forma de benzimento. A água fluidificada foi proibida, mas a água benta das pias das igrejas, cheia de micróbios oriundos dos dedos de centenas de pessoas que se benzem, não o foram, o que é um atestado, com firma reconhecida, da insensatez dos que perseguem o Espiritismo e os seus profitentes.

As religiões oficiais temem o Espiritismo porque esta doutrina deu o tiro de morte nos dogmas, sacramentos e cultos externos que constituem um meio de vida dos que vivem à custa da religião. Eis as razões por que cientistas materialistas e sacerdotes materialistas, a serviço de religiões mundanas, de conluio com autoridades iníquas, deram-se as mãos no combate ao Espiritismo, considerando-o sedicioso e demoníaco, termos estes usados contra Jesus pelos fariseus da ciência e da religião.

Quer queiram quer não, o fato é que o Espiritismo veiu revolucionar completamente a ciência, a religião e a filosofia. E o que mais êle quer se o fogo já foi ateado? E o fogo foi ateado não por homens dêste mundo, mas sim pelos Espíritos encarregados de orientar e ensinar a humanidade. E as suas labaredas, que se espalham rapidamente, devorando no seu crepitar baixos interesses, idéias e doutrinas velhas e erradas, estão sendo sustentadas pela lenha dos fenômenos psíquicos produzidos pelos Espíritos.

A ciência, sob a égide do Espiritismo, em breve sairá da sua rotina materialista e chegará a agradecer a Deus por lhe ter alargado a visão com novos e substanciosos conhecimentos que lhe facilitarão o árduo trabalho de curar e de descobrir novos engenhos, novos processos, novas cousas que beneficiarão sobremaneira a humanidade relativamente ao seu bem estar material e espiritual.

A filosofia compreenderá a justiça divina e, baseada na reencarnação e imortalidade da alma, cooperará para a formação das almas de acôrdo com a lei de Deus.

A religião será o culto a Deus com o amor ao próximo. Dogmas, sacramentos, cultos externos serão queimados, como varas secas, no fogo ateado pelo Espiritismo. As seitas que se apresentam com o nome de religião irão desaparecendo à medida que o Espiritismo avançar, porque só o Espiritismo explica o Evangelho do Cristo em espírito e verdade, ensinando o caminho que conduz a Deus.

Homens de todas as crenças e idéias, ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, estudai o Espiritismo e se o aceitardes, propagai-o com todas as fôrças da vossa alma e do vosso entendimento, para que os tempos sejam abreviados e todos possamos participar do festim espiritual.

A Dupla Personalidade — O Caso de Miss Beauchamp

III

Perlustremos, agora, embora com mais pressa do que desejaríamos, o conhecido e complicado caso de Miss Beauchamp, célebre nos anais do Psiquismo, porque foi objeto de um interessante e demorado estudo por parte do Dr. Morton Prince. (1)

Também aqui é evidente a intromissão direta de um ou mais Espíritos, a par do desdobramento da personalidade ou regressão da memória.

Miss Beauchamp não apresentava anomalias na adolescência; era mais dada às ocupações intelectuais que às práticas. Jovem séria, criteriosa, honesta, excessivamente escrupulosa.

Nos momentos de crise nela se revelam diversas personalidades a que o seu médico, o Dr. Prince, batizou com os nomes de B 1, B 2, B 3, B 4, e B 5.

B 1 é a moça em estado normal. B 2 já se apresenta em hipnose; é mais desenvolta, não tão escrupulosa como a personalidade normal, com a memória mais extensa. B 3 merece um estudo especial. B 4 surge posteriormente, não tem relêvo especial, apresenta grandes falhas na memória. B 5 é a que possui memória mais desenvolvida; tem a memória integral.

Não é possível acompanhar o estudo do experimentador, pela sua extensão. As personalidades alternantes se comportam como, mais ou menos, já havemos descrito. Limitar-nos-emos aos lances mais interessantes e nos demoraremos na entidade B 3, pelas luzes que poderá trazer ao assunto.

Miss Beauchamps tinha 23 anos quando começou a ser observada e tratada pelo Dr. Morton Prince. Êste declarava: — Ela muda de personalidade de um momento para outro e a cada alteração, transforma-se-lhe o caráter e se lhe modificam as lembranças. Ao lado do eu real, daquele que ela trouxe ao nascer, pode revestir outras personalidades bem diversas, com caráter diferente, pensamentos, maneiras de ver, crenças, ideais, temperamentos, assim como gostos, aquisições, hábitos, experiências, recordações. Cada uma delas difere, sob todos os aspéctos, das outras e principalmente da original, a senhorita Beauchamp.

De repente, uma ou outra desperta, sem saber onde está, nem o que faz, nem o que disse um momento antes. Uma há, porém, que conhece a vida das outras e apresenta um caráter e feições de tal modo bizarros, que é ao mesmo tempo empolgante e dramático vê-la aparecer entre as demais personalidades. Trata-se de uma personalidade inteiramente diversa das precedentes. E' B 3. Ela se diz chamar Sally, enquanto as companheiras surgem anônimas. E' inteligente, esperta, voluntariosa, maliciosa, às vezes implicante, malévola, ferina. Dir-se-ia uma inimiga da personalidade normal, pelas peças que lhe prega, pelas maldades que lhe faz. Torna-lhe a vida molesta, infeliz, cheia de preocupações, contratempos, desilusões e desgostos.

Miss Beauchamp — declara o médico — «se posso empregar esse nome para designar muitas pessoas distintas, — diz coisas, executa atos, faz projetos, toma providências, manifesta gostos e desejos opostos, desfaz ou destroi o que acabara de planejar laboriosamente»

Está-se a ver que tais oposições e contrastes decorrem da ação de personalidades diversas. Muitas vêzes, para disfarçar, e afim de que os estranhos não percebessem a sua complicada e exquisita situação, Miss B. usava de habilidade notável, recorria a uma difícil ginástica mental.

Não deixa de salientar e mesmo repisar o Dr. Prince, que a personalidade mais impressionante, a que se afirma de maneira mais forte, a de vontade caprichosa e inabalável e a mais difícil de desalojar era B 3, isto é, a que se dizia chamar Sally. Não deixa de ser curioso a apresentação dessa personalidade segunda, ou terceira, que, para poupar aos assistentes o trabalho de escolher-lhe uma designação, já chega devidamente batizada.

Sally surgia espontânea e facilmente, às vezes; outras, antes de aparecer, havia uma como que luta íntima, como se a entidade normal se opusesse à vinda da intrusa. Ela confessou, mesmo, as sensações que experimentava e os esforços que empregava para emergir, quando contrariada em seu intento.

Portava-se como individualidade absolutamente distinta da de Miss Beauchamp; era uma entidade extrínseca, cuja independência em relação à moça se tornava flagrante e indiscutível. E' de crer que, se o médico possuisse idéias inteiramente livres de preconceitos; se indagasse a proveniência segura dessa entidade; se entrasse em pormenores, sem adstringir-se a determinadas rotulagens, muita luz se faria sôbre o problema.

B 3, ou Sally, escrevia bilhetes a Miss Beauchamp, para que ela os lesse quando voltasse a si, bilhetes nem sempre agradáveis e muitas vêses irritantes. «As aparições dêsse *eu* malfeitor eram tão repentinas e repetidas que, para as explicar, seria necessário admitir a existência de uma consciência subsidiária», aventava o Dr. Prince, sem entretanto esposar a idéia.

A intrusa, que sabe de tudo que a outra faz, não tem nenhuma cultura, despresa o livro, o estudo, os estudiosos, e refere-se de modo sarcástico à personalidade normal. Tal como na vida comum: há muita gente assim, que, por não saber nada, despresa a cultura alheia. E' a melhor maneira de tornar eficaz o nivelamento.

A moça conhece bem o francês; Sally nada sabe dêsse idioma; aquela tem noções de estenografia, esta nunca viu falar nisso. Os conhecimentos de Miss Beauchamp são inacessíveis a Sally.

Alguns exemplos de sua inimizade: Certa vez arranhou fortemente o braço de Miss B., sob o pretexto de curá-la, e depois lhe esfregou o braço com alcoól e suco de limão o que produziu grande ardor. De outra feita, ameaçou Miss B. de cortar-lhe os cabelos e ia pôr em prática a ameaça, quando a personalidade normal, ao ouvir o ruído da tesoura, acordou, isto é, tomou posse de seu corpo. Essas maldades eram feitas quando se achava incorporada, ou, para acompanhar a linguagem do Autor, quando se achava em estado terceiro, representando a personalidade Sally. Ameaçava-a também de ministrar-lhe éter e fazer com que tivesse de ir para o hospital, ameaça esta que conseguiu realizar.

Agora um estratagema: O Dr. Prince desejava que a doente fizesse uma viagem à Europa, o que não seria possível no momento, em virtude do estado de saúde da moça. Mas Sally, a quem essa viagem aprazia, ou que desejava com ela complicar a situação da enfêrma, apossava-se da mesma quando ela tinha que ser examinada, para dar-lhe a aparência de que estava boa. E a viagem já se ia realizar, quando Prince conseguiu desmascarar a farsa.

Sally vivia contrariando as medidas tomadas pelo médico. Chegou a desafiá-lo a que acordasse Miss B., em ocasião na qual se tornava necessária a vigília. E o doutor teve que entrar em acôrdos, conchavos e combinações com a entidade, para que ela consentisse no que êle desejava. Tal era o seu império e a sua maldade, que o Dr. Prince teve a idéia de dar ao seu relato o título de *A Santa, a Mulher e o Diabo.*

Muitas experiências tentadas por Prince para discriminar as diversas personalidades ou fundí-las, resultaram inúteis. Sally declarou ter sido ela a causadora do *fiasco.* Sua animosidade se patenteava a cada passo.

Miss B. recebeu uma carta e a colocou no bolso onde havia um cheque. Em caminho rasgou o cheque, supondo que rasgava a carta. Isto alegrou imensamente Sally, provavelmente a causadora do engano.

Em uma noite, a moça levantou-se da cama, subiu ao peitoril de uma janela num andar superior e nessa perigosa situação atirou um tinteiro à rua. Revivida a cena por meio da bola de cristal, visto que ela tinha ainda essa mediunidade de lêr os acontecimentos naquela bola, Miss B. teve um desmaio, em vista da visão do perigo Sally explicou, então, que fizera Miss B. imaginar que passeava na areia; o tinteiro representava um seixo que ela atirava à água das bordas de um penedo. Os sustos, os riscos, a partida, enfim, divertiu muito Sally.

Miss B. tinha invencível horror aos insetos e répteis: pois um dia encontrou uma caixinha embrulhada com muito cuidado; abriu-a e dela sairam seis horríveis aranhas. Sally tinha preparado a peça para quando a jovem voltasse ao seu estado normal. E contava, sem poder conter-se nas risadas: — ela deu grítos horrorosos quando abriu a caixa e os insetos sairam a correr por todos os cantos do quarto.

Para atormentá-la, desfazia as pontas do trabalho começado pela outra, e quando está conseguia terminá-lo, desfiava tudo e envolvia os fios em tôrno dos móveis, dos quadros, do mobiliário e de si própria, acabando por ocultar as pontas na cama. Então, deixava o seu posto, acordava Miss B. a qual, já em seu estado normal, para sair dessa trapalhada, era obrigada a cortar os fios e estragar tudo.

Sally é insensível aos contactos físicos: picadas, apertos, queimadúras. E' vigorosa, alheia à fadiga e não experimenta os sofrimentos de Miss B. De maneira que as partidas que armava para a outra não lhe causavam cansaço ou dano.

Coisa que a divertia muito eram as inferências médicas, as suas conclusões psicológicas; a idéia do subconsciente ou a de que ela era uma fração de Miss Beauchamp, lhe causava acessos de riso.

Finalmente, Miss Beauchamp, mirando-se ao espelho, notou que tinha uma fisionomia diferente. E disse — Essa criatura não é senão a antipática Sally, que se aproxima.

Com razão, dizia Myers que o nosso eu está longe de abarcar a totalidade de nossa consciência e de nossas faculdades. Há uma consciência mais vasta com faculdades mais profundas; as principais se conservam virtuais em relação à vida terrestre, para se manterem em toda a sua plenitude após a morte.

O que mostramos em vida será a individualidade parcial. A integral seria formada pela recordação de todo o passado. O gênio, ainda segundo Myers, não seria mais que a utilização dos poderes e conhecimentos da alma, ocultos no ser humano.

*

Dos casos narrados, já podemos ver que lembranças, ocultas nas jazidas do subconsciente, podem vir à tona em momentos de crise, orgânica ou espiritual. Elas emergem das camadas profundas do ser, dando-nos a impressão de outra personalidade.

Faz-nos ver Leon Dénis que, acima do nível da consciência, existem em nós planos, camadas ou zonas dispostas de tal forma que, em certas ocasiões, se podem verificar as alternâncias entre êsses planos. Vêm, então, à superfície e se podem manifestar, atributos e faculdades que pertencem à consciência profunda. Aí se acham registrados fatos e conhecimentos que se ligam ao longo passado da alma.

*

Buscamos, seguindo uma escala ascencional, demonstrar, primeiramente, a existência da criptomnésia, por onde se vê que a memória não se perde e que fatos antigos e esquecidos ressurgem em dados momentos. O fenômeno nos leva a compreender a imortalidade das lembranças; avançando um pouco mais, notaremos que, se a regressão da memória indica fases de uma vida presente também poderia indicar as de uma vida pretérita. Experiências posteriores vieram demonstrar a verdade dessa proposição.

Verificamos, ainda, que no fenômeno das personalidades múltiplas, surge um sêr inferior em mentalidade e caráter. Tal fato se acha de acôrdo com a doutrina reencarnacionista. A alma, no seu processo evolutivo, progride de vida em vida; a personalidade emergente, representando um período anterior, deve, necessariamente, revelar caractéres inferiores.

Vimos, ainda, a invasão de entidades inteiramente estranhas à personalidade da paciente e que demonstraram a sua independência por todas as formas possíveis. Com um pequeno conhecimento do assunto, logo se percebe tratar-se da intervenção de Espíritos.

Veremos, ainda, no decorrer dêsse estudo, como essa intervenção se torna patente, insofismável, indiscutível.

Tudo exposto, pode-se imaginar a posição difícil em que se colocam os que asseguram categórica e catedràticamente «que tais fenômenos não tem a mínima relação com os fenômenos espíritas e nada provam quanto à reencarnação». E ainda mais se poderá perceber onde se acham «os denodados defensores das verdades demonstradas pela Ciência» e onde fica «a lógica de ferro nas dissertações filosóficas».

Carlos Imbassahy.

---

(1) Morton Prince. — *The Dissociation of a Personality*, 1905.

Finalidades Cristãs dos Congressos

Ninguém melhor que *Emanuel* poderia ter definido o verdadeiro papel que o Espiritismo veiu realizar à face do Planeta.

Em magnifica e sábia comunicação enviada aos irmãos alagoanos, à propósito do II Congresso Espírita Nordestino, intitulada «Confraternizemo-nos», disse êle: «Reunidos a serviço da Verdade e do Bem com o Cristo, não nos esqueçamos de que, se permanecermos à frente dos homens que necessitam do Espiritismo, colaboramos com o Espiritismo que não prescinde dos homens.

«Efetivamente é indispensável começar a jornada de elevação, acender a primeira luz e guardar a benção do início. Entretanto, urge evitar a demora nas estações de trabalho incompleto. A mera procura da verdade, organiza, sómente, investigadores. A exclusiva busca de benefícios perpetua a caçada ao menor esfôrço.

«Estabelecer, simplesmente, o intercâmbio mediúnico, entre encarnados e desencarnados, com todos os aparatos de identificação, póde restringir-se à tarefa informativa.

«Provar a sobrevivência individual, após a morte, sem criar incentivo à espiritualidade superior, é, apenas a descoberta de campos novos com ausência de estímulo ao progresso e à edificação.

«Distribuir mensagens consoladoras, por simples entusiasmo da crença, distantes do roteiro que oferecemos a outrem, será atender, em caráter exclusivo, a pura convenção postal entre dois mundos.

«Orar sem o sincero propósito de

transformação para o Bem, é pretender a fabricação de instrumento providencial malhando em bigorna dágua.

«Solicitar diretrizes do plano elevado, esperando que os designios divinos se adaptem aos nossos caprichos, é loucura de coração. Doutrinar os outros, desordenadamente, é baratear a inspiração celeste.

«Exigir a reforma alheia, dè alma recolhida à macia poltrona das ilusões que assinalavam a vida física, é tirania espiritual.

«Em verdade, pesquisar a Luz e a Verdade, cooperar nas obras do bem e do esclarecimento constituem serviços abençoados que o Espiritismo nos presta, todavia, o aperfeiçoamento de nós mesmos é o serviço fundamental que podemos prestar-lhe, de modo a serví-lo diante dos homens confundidos na atualidade de sofrimentos e incertezas, desesperos e incompreensão.

«Para atingir o sagrado objetivo, é necessário viver com o Mestre as inolvidáveis lições do seu Evangelho de amor e paz, sacrifício e conversão.

«Allan Kardec é o missionário sublime que revela e prepara. Jesus é o Mestre Supremo que renova e ilumina. Com o Apóstolo, temos as portas abertas; com o Senhor, recebemos o mistério da realização.

«Do cooperador devotado, adquirimos o conhecimento em função da época; no Cristo Soberano, recebemos a luz imperecível para a eternidade!

«Amemo-nos uns aos outros! Instruamo-nos e ajudemo-nos reciprocamente. Confraternizemo-nos para enriquecer a vida. Revelação divina sem renovação humana, é luz sem espaço, como o Espiritismo humano sem espiritualidade divina é espaço sem luz!

«Afeiçoemo-nos, pois, ao Cristo, sentindo-lhe as lições e vivendo-as, convictos de que não haverá melhor mundo sem homens melhores.» *Emanuel.* (Psicografada pelo *médium* Francisco Candido Xavier).

⁂

O iluminado mensageiro, sublimou com frases de ouro, de fórma grandilócua, a missão do cristão espírita, a qual integralmente observada no seu sentido mais profundo, faria cada um exclamar, qual o Apóstolo dos Gentios, o fizera, outrora: — «Vivo, que digo eu; já não vivo mais! O Cristo é que vive em mim!»

⁂

Sempre avante, sempre coêsos, sempre unidos, é a palavra de ordem do momento. «Confraternizemos para enriquecer a vida, afeiçoando-nos ao Cristo, sentindo-lhes as lições e vivendo-as, convictos de que não haverá melhor mundo sem homens melhores!»—repitamos com Emanuel, na sua sublime quão grandiosa lição. Paz e luz para todos, são os meus votos.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Agosto de 1948.

(Conclusão).

O REMÉDIO INFALÍVEL NA CURA DA EMBRIAGUEZ

PEREIRA GUEDES

A última vez que tivemos a ventura de nos encontrar com o velho confrade Fred Figner, alguns meses antes da sua partida para a vida espiritual, deu-nos êle a mais robusta prova da sua dedicação aos trabalhos de curas, principalmente as da embriaguez que mais o preocupavam.

Nos bolsos do seu casaco, mostrou-nos o querido confrade, inúmeros papéis que eram os pedidos que lhe faziam as pessoas que o conheciam como dedicado que sempre o fôra aos trabalhos dessa natureza.

Milhares de vitimas do vicio do àlcool foram salvas e restituidas à vida de trabalho e à sociedade, graças aos trabalhos mediúnicos adotados por Fred Figner, em benefício de tantos infelizes.

* * *

Do velho e bonissimo confrade João Rêgo, de Taiobeiras, Minas Gerais, recebemos há dias uma carta muitissimo interessante, cujo conteúdo merece divulgação.

O confrade João Rêgo não é apenas um fazendeiro dedicado à criação de zebús, é também, e o faz com grande entusiasmo, um dedicado ao estudo e à prática do Espiritismo.

Em sua longa e fraternal carta de amigo, contou-nos o querido irmão um fato por êle presenciado, bem dígno de um registro como palidamente iremos fazer para os nossos benévolos leitores; êsses poucos como João Rêgo, que, graças a Deus nos acompanham, lendo-nos e também comungando conosco nessa tarefa espinhosa de propaganda e defesa da Doutrina.

Ao entardecer dêsse dia, às 16 horas, enquanto o nosso amigo dispunha as coisas a seu geito para o início da sessão e esperava o regresso de um filho ausente, saudoso por abraçá-lo com o seu carinho paternal, ouviu o businar de um automóvel, certo de que fôsse o filho, ansiosamente esperado. Tal porém não aconteceu. Era um casal de côr, disse êle, mas espíritos, que entraram sem bater à porta e se puseram os três a conversar, e enquanto se entretinham falando sôbre vários assuntos, viu sôbre a mesa debruçar-se uma outra entidade, toda vestida de branco e de pele clara, deixando cair o busto sôbre algumas folhas de papel dispostas para o trabalho mediúnico. Nêsse ínterim surge uma quarta entidade, portadora de um chamado urgente; pois, vinha da parte de um fazendeiro que lhe solicitava a presença a fim de curar um homem embriagado. Intervindo porém a terceira entidade, assim falou, dirigindo-se aos presentes: — «Suplico-vos que me escuteis. Estes papeis que aquí se encontram são pedidos para curas de alcoólatras; entretanto, devo confessar-vos que não tenho, nestes últimos tempos, podido atender aos inúmeros casos de embriaguez que se me apresentam, cujos pedidos me chegam frequentemente, conforme vos explicarei. Tenho me dedicado a essa nobilitante tarefa, depois de estudos ultra-aperfeiçoados que fiz sôbre a matéria. Mas, a cura da embriaguez depende de uma única dróga e a matéria prima que a produz não existe mais no mercado! Em vão tem sido o meu esfôrço em procurá-la. Trata-se de uma planta que a terra não mais produz, dada a sua esterilidade.

Se alguém diz possuí-la, a mercadoria não resiste a mais leve análise. E' droga falsificada, cujo efeito é nulo.

E' uma planta que, mesmo cultivada em terreno adubado, não germina e se germina permanece raquítica e dela não se extrái a mais insignificante porção do elemento que se busca, por isso, baldado tem sido pois, o meu esfôrço e sem nenhum proveito a minha dedicação, e, quantos também se entregam a tentativas inúteis em busca da preciosa erva!»

Mas, que erva será essa de que tanto nos fala e que não existe no mercado e que a terra não mais produz, perguntamos ao amigo. — Não é segredo — respondeu-nos. A erva de que vos falo, tão difícil de ser encontrada ou cultivada, é a VERGONHA, meus irmãos. Com ela e um pouco de boa vontade, teriam todos os ébrios do mundo o remédio infalível na cura radical da embriaguez; êsse degradante vício que tanto infelicita a pobre humanidade! Dizei aos homens: Cultivai a vergonha e sereis felizes e o mundo sofrerá menos!

Graças à dedicação dêsse amigo e confrade, que é João Rêgo, oferecemos a todos os nossos leitores a receita infalível que um espírito amigo nos manda por seu intermédio.

* * *

Aproveitando esta oportunidade, queremos registrar aqui a existência de uma organização recentemente fundada a cuja frente se encontram os irmãos Soler, José e Manoel, ambos admiradores dos trabalhos de Fred Figner. Trata-se do Sanatório «Fred Figner», com séde provisória na rua Gustavo Riedel, 63, no subúrbio do Engenho de Dentro.

Almejamos pleno triunfo para o Sanatório «Fred Figner», mas que a «erva» escassa apareça entre os necessitados. Que haja da parte dos que se deixam dominar pelo vício da embriaguez, um pouco de vergonha.

Rio, Junho de 1952.

A humildade é o sinál característico das creaturas superiores, que sabem reconhecer seus êrros e fraquezas procurando repará-los afim de se tornarem grandes aos olhos de Deus. Sêde humildes para obterdes os favores do Alto, a consideração e a estima dos vossos semelhantes. — CAIRBAR.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

A NOSSA HORA DO CREPÚSCULO

(Palavras sôbre o livro de D. Emiliana Delminda)

«Quando, cansado da jornada pelo deserto da Vida, o peregrino errante vê, diante de si, o extremo do caminho, que mais lhe resta ? A morte.»

E a morte, nesse caso, será, para quem soube viver bem sua vida, a VERDADEIRA VIDA.

Aquela, a frase com que a autora abre seu livro, A HORA DO CREPÚSCULO.

A segunda, simples consideração nossa.

Bem escolhidas ? Mal ajustadas ?

Se a frase póde dar certo com a distinta autora, uma excelente poetisa, na gloriosa e exaurida idade de 87 anos, não lhe deixa de assentar direitinho a nossa consideração. Consideração, aliás, de quem, nos seus 62 anos muito bem vividos, porque só consagrados ao trabalho e a coisas uteis, tambem já está vivendo a sua hora crepuscular.

Que nos resta, afinal, no extremo dessa longa estrada percorrida e vivida ?

A morte, como aquele último inimigo a vencer, de que Paulo de Tarso nos fala.

Vencido o inimigo, vai-se viver, então, a VERDADEIRA VIDA.

* * *

HORA DO CRUPÚSCULO, admirável !

Crepúsculo que já sentimos em outras existências vividas, que teremos de sentir em outras vidas a viver, até que já não precisemos de *viver para morrer na carne*, de reincarnar na Terra...

E deve ser abençoado o crepúsculo de quem tanto viveu, quer tenha reparado, através da longa existência, os êrros do passado, quer se tenha servido da Vida para o desempenho de coisas sérias e boas.

Abençoado, portanto, o nosso crepúsculo !

* * *

HORA DO CREPÚSCULO é livro que se lê com prazer, deliciando o espírito, porque as recordações e saudades, a volta ao passado e aos dias ditosos da mocidade que a autora nos pinta com as tintas rubras do coração em prece, são coisas que se passaram por todos nós, que todos nós sentimos. Felizes os que as sentem e pintam impregnando-as de impressões e ensinamentos evangélicos e naturais.

NO EXTREMO DO CAMINHO, a primeira parte do volume, é uma série apreciavel de recordações fagueiras que, saindo do coração da autora, se comunicam, facilmente, ao coração do leitor. ECOS DO CORAÇÃO, a segunda parte, outra bela porção de mais impressões e reminiscências que todos nós sentimos de nossa terra e da gente com que convivemos nela nos dias mais felizes. Páginas que nos falam bem alto á sensibilidade, e orvalham nossa alma com o rocio sutil da Saudade. A' SOMBRA DO EVANGELHO, mais impressões e mais reminiscências traçadas sob a influência do Grande Livro, em que se lêem fatos da vida comum conjugados aos ensinamentos do EVANGELHO.

Destacar composições ? Distingui-las?

Porque, se existe harmonia e unidade em todas elas ?

E o que mais é : composições de um cérebro que já funcionou mais de oitenta anos, de um coração que ainda palpita octogenariamente ! Cérebro que já pensou tantas coisas bonitas na vida, e coração que já sentiu tão bem, como atestam seus versos maravilhosos e espiritualistas, ainda declamados por muitos de bom gosto e alta sensibilidade artistica, para quem a verdadeira poesia ainda não morreu, para quem a poesia moderna não tem nenhuma expressão de arte, de beleza e de sentimento.

* * *

Não nos conhecemos pessoalmente.

Nossos espíritos, entretanto, — tal a afinidade que existe entre nós, desde nossa primeira correspondência — estão a proclamar, instintivamente, que somos velhos conhecidos. Espíritos que já viveram no mesmo ambiente de êrros e de arte.

* * *

A HORA DO CREPÚSCULO é

livro que se recomenda a toda gente.

Principalmente, aos moços, que irão, na sua leitura, se preparando para sensações iguais no futuro, se chegarem onde nós chegamos, onde, principalmente, Emiliana Delminda, chegou.

E, também, para crianças da aula de moral evangélica.

* * *

Pálida apresentação, confessamos. Mas, muito sincera e justa, a seu tanto, que a obra merece mais.

Que sua autora, a delicadissima poetisa Emiliana Delminda aceite-a e sinta-a com a mesma emoção dalma com que elas foram escritas.

Retrato Atual

Major Levino Cornélio Wischral

QUE observamos, pela manhã, ao deixarmos o lar?

Saúdam-nos os arranha-céus em atitude arrogante.

E o povo, confundido com esses soberbos gigantes, como se comporta?

Fixemo-lhe o íntimo; vejam:

Para um ato de ajuda assistimos dez ações de desamparo.

Para cada sorriso de estímulo e ânimo, muitos olhares projetando intentos destruidores.

Para uma compreensão fraterna, cinco ou seis tratamentos rudes.

Para o amor cristão, inúmeros sentimentos de íra e revolta.

Para cada atitude de simpatia, muitas de antipatia, indiferença e desprêso.

Para cada moeda lançada à mão do mendigo, espertezas mil para aumento de riquezas.

Em oposição a palavras de sublimado efeito, ouvimos múltiplas de baixo calão.

A um ato de caridade antepõem-se grandes crueldades e injustiças.

A um simples dar vemos centenas de ávidas mãos guardando com egoísmo.

Enquanto milhões se demoram em sonolento lazer, centenas labutam suarentos pelo progresso geral.

A um rosto esquelético se mostram mil estômagos perigosamente satisfeitos.

Enquanto a virtude age, aconselha, exemplifica e ensina em linguagem muda, a corrupção e o vicio berram insultos como trovões.

Para um candidato a cordeiro notamos duas hienas sedentas.

A's suaves vibrações de amor, de alegria ou de pureza contrapõem-se, sem demora, ondulações tempestivas de tristezas e maldade.

Ainda bem que uns poucos, desanimados e vencidos, desertando da luta edificante, preferem a soledade religiosa onde se espiritualizam egoísticamente.

Oh, graças a Deus! Vemos também uns poucos, humildes, simples e sinceros que compreendem Jesus. Passam apressados pelas ruas como missionários e apóstolos. Sim, vão acudir ao próximo, necessitado ou enfêrmo. Os indolentes, e presunçosos apontam-lhes com o dedo exclamando: «Eis a escória que deve desaparecer!»

Esta é a imagem de todos os dias, o retrato atual.

Profundamente consternado convocou o Divino uma reunião à noite. O retrato ao passar de mão em mão, modificava a fisionomia dos presentes. Reparem: o rosto do mau iluminou-se diabolicamente. O indiferente manteve-se calado e frio. O esclarecido contemplou-o melancólico, deixando sem demora a sala para aprimorar-se. O superior ajoelhou-se rogando a Deus novas energias para melhor guiar a humanidade.

Por último recebeu Jesus o retrato em suas mãos. Refletiu por longos momentos, elevando após seus olhos lacrimejantes ao Misericordioso e balbuciou com profunda mágua: «Que aprendeste em dois mil anos ó infeliz humanidade?»

Cristalinas e abundandes lágrimas banharam o confuso retrato. Nêsse momento, todos os homens dispersos sôbre a face da Terra estremeceram arrependidos de algo indefinivel. Parecia que cada um tinha ouvido a triste advertência de Jesus.

Costumes Obsoletos

Arnaldo S. Thiago

A civilização que se esboça é de cunho eminentemente espiritualista, embora os últimos lampejos desta que, aos poucos, vai lhe cedendo o lugar, sejam de tal modo intensos que permitem aos seus corifeus a perfeita ilusão de que jamais como nestes dias perturbados da Humanidade, o Materialismo é que governa o mundo.

Somos, os espíritas, batedores da nova civilização em marcha: ou damos o bom exemplo ou nos destituimos das suaves prerrogativas de servos de Jesus, para nos revestirmos de outras, de natureza dúbia, nem espiritualistas nem materialistas ao todo, nesta adaptação consciente a velhos hábitos, a costumes obsoletos que afinal nos transformam em autênticos «homens do mundo», vivendo a plenitude de uma civilização que estabelece leis profundamente sábias e acauteladoras dos mais sagrados interêsses do homem, sob a égide das quais, entretanto, êsse mesmo homem encontra meios de praticar os mais detestáveis crimes e as mais revoltantes indignidades, razão porque vivemos como se fôssemos féras a perseguirmo-nos uns aos outros.

Não podemos continuar nesse caminho. Haveremos de ser absolutamente sinceros e ter procedimento consentâneo com as diretrízes morais que nos orientam o espirito ou, do contrário, levaremos o Espiritismo para o terreno das contrafações, em que foi subvertido o Cristianismo do Cristo. O Mestre deu-nos exemplos constantes de absoluta sinceridade. Aos dissimulados ferreteou com expressões contundentes, experimentando diante dêles revoltas tremendas.

Vêm estas considerações a propósito de nossas homenagens espíritas, de cunho obsoleto e retrógrado, em face das verdades que predicamos. Ainda vão espíritas aos cemitérios, sejam os de *Père Lachaise*, sejam os de S. João Batista, ou que outras idênticas «cidades dos mortos», erguer túmulos aos seus «mortos queridos» e depois enfeitá-los periódicamente de flôres. Realizamos festas e solenidades perfeitamente pagãs, com subsequentes retratos nos jornais e grandes encômios a nomes de obreiros, perfeitamente dispensáveis, em face da advertência do Mestre: «Que a tua mão esquerda ignore o que faz a direita».

De mistificações e dissimulações estaria cheio o inferno, se êle existisse, estando repleto o ignóbil mundículo pagão em que continuamos a obra de nossos maiores, no sentido de recristianizá-lo. Se continuamos essa obra, isso únicamente pelo exemplo poderemos fazê-lo.

Voltemos à simplicidade dos primeiros espíritas: eram todos pobres e puderam fazer grandes cousas, a exemplo de Jesus que, rodeado apenas de pescadores, pôde destruir pela base a arrogância do Império Romano, desfazendo-o primeiro em sua estrutura material e depois destruindo-lhe tão profundamente os estigmas deletérios, que até a própria lingua (E que língua harmôniosa e bela!) foi relegada ao plano das cousas mortas, e que se ainda para alguma cousa é prestante — sabe-o Deus! — é para dissimular maus pensamentos em frases sonoras...

Não podemos, espíritas, contribuir para o reerguimento de paganismos, no planeta que céleremente marcha para mais altas esferas da espiritualidade!

Tão a fundo compenetrámo-nos desta verdade, que nem mesmo queremos nos lembrar, conservando-os, dos ossos daqueles que nos precederam no túmulo: temo-los mandado submeter à cremação na época em que devem ser desenterrados para darem lugar a outros cadáveres. A civilização ainda consagra homenagens póstumas que se concentram nos despojos mortais dos seus eleitos. Ainda agora acabámos de ler no Jornal do Comércio de 29 do corrente, que, por ocasião da celebração do centenário da morte de Luiz Braille, o inventor do alfabeto para os cegos, em junho próximo, serão as suas cinzas trasladadas para o Pantheon. Ora, a França e a Humanidade, prestam essa homenagem ao Luiz Braille vivo, e não ao seu corpo material. Logo, é ao espírito, mesmo reduzido êste à simples «memória», segundo os nossos irmãos positivistas, que tais homenagens são devidas. O corpo, ainda conforme o ensinou Jesus, para nada aproveita.

Mas, enfim, os gênios e os heróis, pertencem à Civilização materialista que nos governa. Aqueles, ao menos, de quem essa Civilização desdenha por serem apenas conhecidos no círculo de suas famílias, em sendo espíritas, podem muito bem dar o exemplo às outras famílias, do útil desapêgo a homenagens que se dirigem aos seus despojos materiais, nos cemitérios, erigindo-se-lhes túmulos e cobrindo de flôres em determinadas épocas. Com o bom exemplo, virá uma boa prática, até que esta, estendendo-se por toda a Humanidade, consiga acabar com as «cidades dos mortos», para ver em toda parte a vida, a plenitude da vida, tanto mais bela quanto mais isenta de contaminações materiais.

Agora, uma advertência especial aos meus descendentes pela linha da consanguinidade. Façam do meu corpo, quando dêste o espírito houver se desprendido, o que aprouver ao seu estado de alma, isso porque ninguem deve impôr aos que ficam na terra, sujeitos ao círculo de ferro das convenções humanas, às quais nem todos têm fôrças para subtrair-se, normas nem sempre fáceis de satisfazer. Nada lhes recomendo a êsse respeito. Mas se um cidadão de verdadeira Democracia, como a que nos deu a República Brasileira, pode dispôr do que lhe pertence (e nada ha que tanto nos pertença como o nosso próprio cadáver), requeiro à autoridade competente, do lugar onde for o meu corpo enterrado, se esta minha petição tiver fôrça de lei, como suponho que deve ter, uma vez que é feita estando eu no uso das minhas faculdade mentais, como demonstro por êstes raciocínios trazidos á publicidade, que, após as piedosas demonstrações de alguns poucos amigos e dos meus parentes, caso não venha eu a morrer de desastre nas selvas ou no mar, enfim, de qualquer forma que faça providencialmente desaparecer dos olhos humanos o triste cárcere em que presentemente se encontra o ego imortal que a Deus aprouve dar-me, seja o meu corpo cremado, fazendo-se assim mais rapidamente os seus elementos constitutivos regressarem ao conjunto da Natureza, de onde o Espírito os retirou ao encarnar-se. Além de ser êsse um processo muito mais consentâneo com a verdade, pois em verdade não há quem deixe de ter horror a um cadáver em putrefação, servir-me-á êle para uma investigação que pretendo fazer, *post mortem*, a respeito das consequências que podem sobrevir para o desencarnado do fato de ser o seu cadáver submetido à cremação. Tenho ainda as minhas dúvidas a respeito. Quer me parecer que, para os terrícolas da minha espécie, a cremação ocasionará certos sofrimentos, embora passageiros, como os que resultam de queimaduras, dos quais estarão a meu ver, isentos, só os espíritos muito evoluidos. Tais dúvidas só poderão desaparecer com uma experiência feita sôbre o meu próprio cadáver: eis porque deixo aquí êste pedido.

Estou agora com 66 anos. Posso ainda viver uns vinte, é certo; mas o mais certo é estar com os pés na sepultura. Assim, antes que seja tarde, quero deixar escrita esta solicitação legal que faço à autoridade do lugar em que tiver de ser o meu corpo enterrado. Trata-se de experiência útil, que pode ter como consequência adotar-se um processo mais digno da personalidade humana e dos bons princípios espíritualistas, que a esta será dado aceitar talvez muito breve em toda a superfície da Terra, quanto à necessidade de dar fim aos nossos despojos carnais.

Para tal, prometo que a minha primeira comunicação, *post mortem*, à Sociedade Brasileira de Filosofia, onde venho me esforçando por fazer a demonstração da verdade dos princípios espíritas, será no sentido de revelar o que experimentou o meu ser imortal com o ato da cremação a que terá sido o meu envólucro mortal submetido, se esta minha resolução for respeitada.

Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1952.

O momento não comporta atritos e polêmicas — é de evangelização. Fazei brilhar a luz do Evangelho por prègação e obras, si realmente quiserdes ser discípulos de Jesus. — CAMARGO.

A' Guisa de Prefácio

De José da Costa Filho, do livro, UMA GRANDE VIDA, de Leopoldo Machaado, a saír da Empresa de «O Clarim»

Leopoldo Machado é um dos grandes amigos e admiradores de Cairbar Schutel. Quando êste Apóstolo do Espiritismo regressou à Pátria Espiritual, Leopoldo Machado, em seus artigos, o qualificou de espírita NÚMERO UM do Brasil. Somos suspeitos para sancionar tal classificação, porque nos consideramos componente da família de Cairbar. Com êle vivemos e trabalhamos uma grande parte de nossa vida, sentindo como se fossem nossas, as suas alegrias e tristezas. Êle nos iniciou na Doutrina Espírita, legando-nos assim o maior tesouro que pod ríamos desejar; guiando, como continua a guiar da outra vida, os nossos passos na senda da Espiritualidade. Porisso nos consideramos, de coração e por afinidade espiritual, membros de sua família, tanto mais que continuamos com a sua obra, sem medir esforços e sacrifícios, e o nosso propósito é levá-la até o fim da nossa jornada terrena.

De outro lado, não podemos contrariar a afirmativa de Leopoldo Machado, porque durante o tempo que trabalhamos com Cairbar Schutel, e até o presente, não conhecemos outro espírita que, com tanto ardor e dedicação, o igualasse na difusão da Doutrina, que constituiu o principal objetivo de suas cogitações. E rarissimos são os que, na prática dos preceitos evangélicos, marcham paralelamente a Cairbar, que tudo fazia pelo bem estar dos seus semelhantes, com verdadeiro amor, e que tudo renunciou pela Doutrina. Ainda nos lembramos do que êle nos disse certa vez: «Se fôr necessário, venderei tudo isto (e nos apontava com a mão a sua propriedade) para que a propaganda da Doutrina não pare em sua marcha».

Leopoldo Machado, um dos mais ativos difundidores da Doutrina, o maior animador das Mocidades Espíritas; o escritor espírita que mais livros tem produzido; livros que se esgotam rapidamente e que se editam em grandes e sucessivas edições, pelo seu conteúdo altamente substancioso, pois enchem de fato o cérebro e o coração; Leopoldo ao escrever «UMA GRANDE VIDA», rende a Cairbar Schutel a mais positiva das homenagens.

Ao traçar a biografia de Cairbar Schutel, Leopoldo Machado conseguiu obter as principais e interessantes ocorrências verificadas na vida dêsse Apóstolo, desde a sua infância. E' um trabalho digno de encômios, de quem tem verdadeiro «amor à arte».

No decorrer de sua leitura o leitor há de deparar com episódios em que a fé, a coragem, o amor, o desprendimento, a dedicação são os traços característicos de uma grande vida, de uma alma realmente cristã que tudo deu pela Doutrina de Jesus, agora revivificada pelo Espiritismo.

Temos a plena certeza de que «UMA GRANDE VIDA» satisfará aos milhares de confrades que, tanto como nós outros, estimam, admiram e veneram Cairbar Schutel, um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

E a Lepoldo Machado, outro trabalhador da mesma têmpera de Cairbar e nosso companheiro de redação, que nos remeteu os originais do livro num dos momentos mais difíceis de sua vida — justamente no momento em que pertinaz enfermidade lhe tolhia qualquer movimento para trabalhar — a Leopoldo, que levou os originais do livro na sua excursão ao Norte, para revê-los nas horas de folga, perdendo-os em Terezina, tendo, por isso de reorganizar seu trabalho das cópias rascunhadas, somos profundamente gratos pelo grande trabalho que teve em escrever esta biografia de Cairbar Schutel, o que constitúe prova frisante da grande estima e consideração que tem por êsse aráuto da Espiritualidade, ofertando-nos, além disso, sem remuneração pelo seu trabalho, tão valiosa obra, que consideramos um verdadeiro e imperecível tesouro.

Que Deus lhe conceda vida e o sustente nas árduas lutas em pról da Doutrina, são os votos que formulamos do fundo do coração.

José da Costa Filho.

Obsessão e sua Cura

Sob os auspícios do World Service Group, realizou-se, pouco antes da atual guerra, imponente assembléia, a que foram especialmente convidados a falar o Dr. Carl Wickland, médico de renome universal pelo seu processo de curar obsessões, e Mr. C. S. Collen-Smith.

«A obsessão é uma causa do desiquilíbrio mental (todavia não é a causa única)». E' êste o parecer do Dr. Carl Wickland, autor de *Trinta anos entre os mortos*.

Falou em primeiro lugar Mr. Collen-Smith, afirmando sua convicção de ser uma interferência de espíritos, ou obsessão, porém, a experiência lhe provou que em muitos casos não havia obsessão de espíritos, mas algum defeito físico a causar perturbação mental. Êle descreveu diversos casos que foram curados pelo processo osteoplástico.

Mr. Collen-Smith descreve uma Cura

Diversos casos de obsessão foram a êle mandados por médicos. Entre estes, um de certa moça, católica romana, que sofria mental e fisicamente. Êle fê-la sentar numa cadeira, com o rosto voltado à parede, e dela se aproximou por trás do espaldar da cadeira, com o propósito de fazer passes mesmerianos. Quando sua mão chegou à distância de 30 cents. do corpo, os braços da enfêrma se agitaram espasmódicamente. Êle continuou com os passes, e, finalmente, com um rápido passe da cabeça aos pés, desligou o espírito obsessor da aura da paciente. Imediatamente apareceram sôbre a nuca, duas contusões vermelhas, cada qual do tamanho de pequena moeda; ela caiu para diante e permaneceu imóvel e silenciosa por alguns momentos. Então levantou-se e disse:

«Santo Deus, o que fizestes comigo? Agora sinto meus membros, pela primeira vez no espaço de um ano».

Durante o tempo em que operava Mr. Collen-Smith (que é médium auditivo e clarividente) viu um sêr-espiritual que declarou chamar-se «Will», e irmão da paciente. Declarou ainda que fôra engenheiro, tendo falecido dez anos atrás em consequência de pneumonia e aos 34 anos. Explicou que a paciente era influenciada por certa mulher, sua antiga empregada, falecida um ano antes.

Mr. Collen-Smith fez investigações e verificou a exatidão de todos os pormenores fornecidos pelo espírito. A cura foi completa e a paciente voltou aos seus afazeres.

Mr. Collen-Smith chamou a atenção para a diferença entre seu processo e o do Dr. Wickland. Mr. Smith opera por meio de passes mesmerianos e evita a tranferência do espírito obsessor a um médium; enquanto que o Dr. Wickland aplica, em primeiro lugar, eletricidade estática ao paciente, para expulsar o obsessor, que, então controla o médium (Snra. Wickland, conforme se lê em seu livro), depois do que o espírito é submetido a interrogatório, doutrinado e persuadido a procurar seus espíritos-guias. Mr. Collen-Smith diz que o essencial é a cura do paciente, — o interrogatório só tem utilidade para estabelecer a identidade e fornecer provas, o que é de menor importância.

O Dr. Wickland fala sôbre suas Curas

O Dr. Carl Wickland, que foi carinhosamente saudado pela assistência, disse que sempre procurou obter provas que convencessem seus irmãos médicos do fato da obsessão. A obsessão não éra, segundo êle frequentemente acentuava, a causa única do desiquilíbrio mental, mas sim a causa frequente, do que êle obteve provas irrecusáveis, com o auxílio da maravilhosa mediunidade de sua esposa. A Sra Wickland era notável médium, e nunca sofreu, quer física quer mentalmente, pelo fato de ser controlada por espíritos obsessores desalojados de pacientes.

Em seguida o Dr. Wickland descreveu numerosos casos de curas completas. Havia certa menina cujo corpo conservava-se curvado e incapaz de ser levado à posição normal. Pelo seu tratamento, o espírito obsessor foi expulso da menina e o espírito (pela mediunidade da Snra. Wickland) disse que fraturara a espinha e que depois disso sòmente andava curvada. Ignorava que morrera. Retirou-se e a cura da menina foi completa.

Numerosos médicos presentes foram convidados a formular perguntas e discutir o assunto. Um disse que era completamente estranho ao método exposto, mas que fôra grandemente impressionado. Grande era sua surprêsa ao ouvir que a mediunidade estava sendo empregada para fins curativos.

«Light»

Vitam Impendere Labor

Leopoldo Machado

Ha criaturas que nascem com a *tara* do trabalho.

Por isso, trabalham desde criança, sem direito a ficar doente, a nenhum repouso na velhice.

Nós, por exemplo, que não tivemos infância e juventude; que temos visto transcorrer nossa existência como um largo círculo de trabalhos...

E — coisa interessante! — o trabalho sempre nos foi dever e prazer, alegria e vida.

Mocinho ainda — o mais moço de nossos três irmãos mais velhos — assumimos a direção de nossa família.

E nasce-nos uma irmã que só não nos foi filha, porque nasceu nossa irmã.

«Foi o Leopoldo quem inventou o Trabalho», dizia sempre a querida esposa.

Em nosso Colégio — construído a custa de tanto esfôrço, de tanto trabalho! — existe, na secretaria, um mármore com a legenda VITAM IMPENDERE LABOR!

* * *

Viemos, ha mais de trinta anos, para o Espiritismo.

No Espiritismo, cristalizamos, ainda mais, nosso afã pelo Trabalho.

E trabalhamos mais ainda.

Não houve, até o presente, nenhuma espécie de propaganda da Doutrina que não fizessemos eficientemente.

O trabalho, até sem ordem e sem método, tem nos dado, dentro da Doutrina, o que já nos déra dentro da Vida, conduzindo-nos a filho consciencioso, a irmão abnegado, a esposo leal, a professor capaz.

Sem termos feito curso algum, sem possuirmos anel de grau, temos, entretanto, distribuido tantos diplomas de formados, temos enfiado tantos aneis de grau.

E chegáramos a construir um colégio com quatro cursos oficiais diferentes, cuja diretriz é «ensinar educando e educar ensinando».

* * *

Levou-nos o Espiritismo mais longe ainda.

Em 1922, Alcino Terra, secretário da *União Espírita Suburbana,* do Meier, quer que façamos alí uma conferência.

— Não dou para falador. Mas, arranjarei quem me substitua com vantagem.

E arranjamos substituto que, a estas alturas, deixou a Doutrina, ou dela se afastou, enquanto pretendemos não deixá-la nem depois de desencarnado.

E já percorremós o Brasil inteiro, menos Goiás, pregando Espiritismo.

* * *

O Trabalho é tudo para nós.

De sua falta decorre todos os nossos azares.

É tanto mais glorificado quanto mais evitado. A partir de seu feriado mesmo: canta-se tanto o Trabalho, em prosa e verso, no dia 1.º de Maio, que ninguém trabalha!

Uma penalidade, uma condenação o trabalho?

«Tu comerás o pão com o suor de teu rosto». Diz o Senhor a Adão, reduzindo, assim, o Trabalho a uma condenação. (Gen. 3-19)

Ora, ninguem ama a condenações, a penalidades.

Por isso mesmo, não se ama ao trabalho.

Por isso mesmo, trabalha-se de menos e folga-se de mais.

Trabalha-se tão pouco na indústria e no comércio — (e é aí, entretanto, onde mais se trabalha!) Pouco se trabalha nas repartições públicas e a serviço dos três poderes da República.

E as leis que proibem o Trabalho?

Em nosso tempo, não havia horas, nem tempo para trabalho.

Mas, os empregados passavam a patrões, os chefiados a chefes . . .

Hoje, criaram horas de trabalho, que começam sempre depois e terminam antes. E aboliu-se o trabalho aos sábados. E limitou-se a produção do trabalho, preferindo-se destruir seus frutos a distribui-los aos pobres, até ha muitos que são miseráveis mais por preguiça do que por falta de trabalho . . .

Foi assim que se queimou café a rodo no Brasil.

E limitou-se a sua plantação.

E proibiu-se a plantação da cana, a criação de carneiro, a colheita do milho, para a valorização do artigo, para chegarmos à carestia da vida que amargamos, a desocupação geral que se observa em tudo.

Criou-se um Ministério do Trabalho para se trabalhar menos?

Para proibir que as crianças trabalhem, que aprendam um ofício, honesto, bem preferivel a andarem por aí, atirando pedras nas vidraças alheias, invadindo os quintais vizinhos?

Aos sábados, é proibido ir á oficina. Mas póde-se ir ao botequim. Não se póde trabalhar. Mas, pode-se embriagar a vontade.

Tudo errado? Tudo certo?

As coisas são o que são, certas ou erradas.

E iriam bem longe as considerações...

* * *

Trabalha-se, ainda, a despeito de tudo.

E os que trabalham, e humanizam o trabalho, esses, progridem.

E são felizes, na graça e na vitória de quem vê derredor de si, multiplicando-se, o fruto de seu trabalho.

Nosso Ginásio, por exemplo, que existe ha 22 anos, sem trair sua diretriz, VITAM IMPENDERE LABOR, preferindo sempre alunos pela qualidade e não pela quantidade, é disso prova concreta.

E a INDUSTRIA BRASILEIRA SANSÃO, de São Paulo, que reune donos e empregados, chefes e chefiados, numa só e mesma classificação, eis outra prova séria.

* * *

Felizes aqueles que progrediram, que viram seu trabalho progredindo, sem ver, entretanto, derredor, ninguém que o acuse de usurpador e deshonesto.

Bela ficha de consolação, esta!

Era Nova na Ciência

De «Metapsicologia»–Lisboa–Portugal — Por YVONE DE SOUSA

ALGUMAS pessoas pessimistas ou na ignorância do avanço da evolução em certos domìnios da vida humana, manifestam o seu pesar, dizendo que desde alguns anos não se registam novos progressos no espiritualismo. E isso porque não há experimentadores nem fenômenos dignos de menção, para registar!

Puro engano! podemos afirmar, pois o progresso não pára, embora por vezes assim nos pareça, devido a certos períodos de elaboração dos estudos a que se dedicam cientistás e observadores.

Só depois de obtidos resultados concretos e tornados públicos, é que as massas populacionais se convencem de que algo de novo veio enriquecer a inteligência humana.

Evidentemente que esses pessimistas a que me refiro pertencem ao meio português, que espera de fora as novidades não só da deusa Moda, como também dos domínios de todas as atividades, artísticas, científicas, filosóficas, etc.

E a comprovar que uma intensa atividade se regista no espiritualismo de todos os países, está no fato de não ter ainda esquecido o interêsse que suscitou o fenomenal Peter Hurkos. Presentemente é um francês, Jules Calté, que está atraindo a atenção de categorizados cientistas. A esses dois sêres extraordinários foi dedicada a valiosa publicidade da imprensa parisiense, na revista *Point de Vue-Images du Monde* e no cotidiano *Le Parisien,* que relataram casos assombrosos comprobativos do sexto sentido nos sêres humanos.

Como o holandez Peter Hurkos, o francês Jules Calté é também um grande vidente.

Há cerca de 28 anos, J. Calté, então jovem, encontrava-se desolado por não ter água no seu jardim. Chamou um vedor, o abade François, que imediatamente lhe localizou a água com o auxílio da sua varinha mágica. Calté quís fazer o mesmo, e o sucesso que obteve foi de tal ordem que em pouco tempo tornou se exímio vedor. Localizava tudo que queria. Quando ia à caça sabia aonde podia encontrar coelhos, codornizes, javalís, etc., e até se os animais estavam feridos.

Em 1939 descobriu um criminoso que se evadira. As autoridades recorreram a Calté que, inclinado sôbre o mapa informou — «São 4 H e 5. Payot (o criminoso) está na intercepção de dois caminhos, atrás do sanatório de Dreux». Quatro dias depois o criminoso, acossado pela fome, sae dum trigal onde se escondera. Vendo um gendarme faz fogo sôbre êle, mas tendo errado o tiro e vendo-se perdido vira contra êle próprio a arma e mata-se.

Em Abril de 1949 Calté localiza o cadáver dum mineiro soterrado no desabamento duma galeria da mina de Auchel, declarando: — «O homem está estendido horizontalmente, os braços para frente, com a lanterna na mão, a quatro metros de distância do poço de aeração, o que era exato.

Em 27 de Abril desse mesmo ano, Mlle. L... banhada em lágrimas, bate à porta de Calté suplicando-lhe que a informasse onde se encontrava seu noivo Mr. P.... que há sete meses não lhe dava notícias. Tinha perdido o paquete que o devia conduzir para a Africa Ocidental, pelo que em breve estaria em Paris. Aconteceu porém, que Mr. P... não mais deu notícias, do que a polícia foi informada, não tendo encontrado o seu paradeiro. A varinha mágica de Calté indica-lhe sôbre o mapa que Mr. P ... está em Marrocos. Mas a sua noiva não acredita. Contudo as reações são tão intensas que não se deve duvidar. Elas indicam a região de Fez-Alger, mas por vezes um pouco irregulares.

A desolada noiva telegrafa imediatamente à polícia de Fez e de Alger, que nada responde. Calté refaz a experiência que dá precisamente o mesmo resultado. Transcrevo o que a este respeito disse Calté ao ser entrevistado por *Images du Monde.*

«Decorridas algumas semanas Mlle. L.... bate de novo à minha porta, mas desta vez com o rosto resplandescente de alegria. Ela já sabia aonde se encontrava o seu noivo. Ele tinha partido de França no «Yacht» de dois Sul-Americanos, que seguiam para Dakar, mas não quís prevenir a sua noiva com receio que ela julgasse essa viagem uma aventura perigosa. Pensava telegrafar-lhe logo que desembarcasse, mas o barco virou-se ao largo de Marrocos espanhol, devido a uma tempestade, e Mr. P.... foi transportado quase nu e desmaiado para um hospital. Estava atacado duma grave pneumonia, a que se seguiu uma longa crise de amnésia, que nesta data chegava ao seu termo. Logo que recuperou a memória Mr. P.... telegrafou à sua desolada noiva.»

Numerosos são os fatos comprovativos do sexto sentido de Jules Calté. Entre eles regista-se o da localização do dinheiro em ouro, numa parede duma velha casa de Paris.

Foram ali encontradas, na profundidade de oito metros, 800 moedas de ouro, que ali tinham sido escondidas quando da Revolução Francesa, e que valiam três milhões de Francos.

Mas a mais bela prova das extraordinárias faculdades de vidência de J. Calté, consistiu na seguinte experiência:

Um grupo de céticos resolveu que Calté fizesse uma demonstração pública. E perante uma sala de 200 espectadores incrédulos, e um mapa de Paris, estendido sôbre uma mesa, o radiastesista tinha de localizar onde se encontrava um automóvel que seguia através dessa capital. Nele seguiam o motorista, um engenheiro de rádio, e um polícia.. Durante uma hora o carro circulou na cidade com velocidade moderada, e sem itinerário.

A cada cruzamento do caminho, os três homens decidiam então entre si a direção que desejavam tomar.

Entretanro Calté notificava à sua assistência: — «O carro está na Place Péreire.»

As duas pessoas encarregadas da verificação pediram pela rádio aos automobilistas para indicarem aonde se encontravam. Do carro responderam «Place Péreire.»

Em seguida Jules Calté indicou o trajeto do carro pela margem esquerda do Sena, e depois seguiu obliquamente pela rua Monge.

Entusiasmada, a assistência aplaudiu. Já não havia cépticos!

Não caberiam nas páginas desta Revista as centenas de provas que afamados videntes têm fornecido a atestar a existência do sexto sentido, na espécie humana. Se alguns cientistas como o Prof L.Hermitte, (médico honorário do Hospital Paul-Brousse) negam as faculdades psíquicas do ser hominal, afirmando que «é tudo pura ilusão, e que a ciência nada tem que ver com isso»; outros, e são felizmente os mais numerosos, asseguram o contrário, dizendo que — «estes fatos são inegáveis». Tal é a opinião dum categorizado médico — chefe duma clínica dos hospitais de Paris — que pediu para guardar o anonimato assim como a Doutora Andrée Besson, secretária geral da Associação Internacional dos Médicos Radiastesistas, do Dr. Fernande Montier, chefe do Laboratório da Faculdade de Medicina de Paris, e dos Engenheiros Mr. René Warcolhier e Henri Hardy, de Mr. Gabriel Lesourd, chefe de Laboratório, etc.

O Dr. L. J. Franke, psiquiatra e neurólogo em Haarlem (Holanda) juntamente com o engenheiro Snr. L J. Koopman, de Amsterdam, auxiliados por aparelhos especiais que eles construiram, conseguiram medir as correntes bioelétricas, produzidas pelo cortex humano.

«Trata-se, dizem eles, de fraquissimas correntes com alternativas de 9 a 12 hertz (Hz) aproximadamente, por segundo, duma tensão de 100 a 200 microvolts, num estado normal de consciência, com boa saúde mental.

Podemos pois afirmar que os cortex produzem ondas de baixas e de altas frequências, que se modificam de um instante ao outro. No que diz respeito ao estado de «transe», observa-se que na história da arte se conhecem fatos que nos levam a crer que os grandes artistas não se lembram, senão no fim das suas concepções geniais, que executaram as suas obras no estado de consciência diminuido. O estado de gênio é o estado de psicopatologia».

As experiências realizadas no plano extra-sensorial têm sido tão positivas, que não restam dúvidas sôbre a nossa atividade psíquica. Contudo, ainda não se constituiu uma teoria científica para as estudar e explicar devidamente.

Aos cientistas imparciais, libertos de dogmas, não repugna aceitar o princípio, por muitos deles verificado, que o sêr humano irradía ondas eletrônicas; que um grande número de vibrações são produzidas pelo nosso organismo, permitindo emitir e captar ondas de vários gêneros, tais como pensamentos, localização de objetos e pessoas, premonições, diagnósticos, etc.

Estamos nas vésperas duma grande revolução na Ciência, no começo de uma éra nova que se aproxima a passos gigantescos. Nêste momento a evolução é tão rápida, que a grande maioria das pessoas dela não se apercebe, atônita que fica da perturbação e justificada surprêsa que tais revelações lhe causa.

A teoria Teosófica, assim como a Espírita, e o notável professor Dr. Charles Richet, preconizam a existência dum sexto sentido, tendo por bases a glândula pinéal e a apofise. São elas as mais poderosas antenas que possúe o corpo humano, para receber e transmitir as vibrações do mundo sutil.

Diz-se que um eminente psicalista estrangeiro já observou Peter Hurkos, e deseja observá-lo minuciosamente.

Em França está causando espanto o crescente número de radiastesistas empregados ao serviço de grandes emprezas industriais. Trata-se pois de uma nova profissão, que se pede seja oficializada.

E' nos meios científicos, e nos estudiosos, que os extraordinários e perturbadores casos de Vidência e de premonições de todo o gênero são devidamente observados, e verificados.

O estudo dos fenômenos supranormais já está criando na Ciência dos nossos dias um novo capítulo—a psico-fisiologia — que permitirá estudar-se os cérebros radares. Que importa os espíritos refratários à evolução?

Digamos como o cientista Dr. Eugène Osty no prefácio do seu interessante livro — *La Connaissance Supra-Normale :*

«Não há nada tão difícil, como fazer compreender aos homens, mesmo de grande valor, que as idéias, não são senão idéias, isto é, Virtualidades que nascem, evoluem e morrem. Eles sabem-no como teoria e logo o esquecem quando se trata de fenômenos da categoria supranormal. A êste respeito, eles deixam de ser pessoas de ciência, para ser sómente obstinados crentes em ídolos subjetivos».

Felizmente que a evolução é incessante, eterna.

Crônica Estrangeira

Um Pássaro extraordinário!

O diário do país vizinho e amigo, *Madrid*, revelou-nos, num dos seus últimos números, a existência, em Espanha, dum pássaro extraordinário. Tão extraordinário como isto, segundo diz o jornal: *é um autêntico relógio;* dá horas; por cada hora que passa emite *um pio especial*, ou coisa que o valha.

Na verdade, a Natureza tem coisas caprichosas e, com elas, nos dá constantemente admiráveis lições...

...Mas nisto de dar horas, abrindo o bico, o pássaro de que nos fala o diário madrileno não constitúe grande novidade. Toda a gente conhece, espalhada por êsse Mundo, uma multidão de sêres que são autênticos relógios, sem necessidade e até dispensados de abrirem o bico, pois é a barriga que dá horas... e regula como um cronómetro!

⁂

Um caixão milagroso?...

Chega-nos da Bélgica a notícia. Um enfêrmo que se encontrava no hospital de Ostende e a quem, na opinião dos médicos, não restavam mais do que curtissimos dias de vida, mandou fazer o magnífico caixão que o levaria à sua última morada nêste Mundo...

...O caixão foi levado para o hospital e, com surprêsa de todos, o doente passou a melhorar subitamente e, a tal ponto, que poucos dias depois recebia alta! Em virtude do acontecimento, o feliz dono do caixão resolveu vendêlo, por desnecessário.

E fez a transação com a família de outro companheiro do mesmo hospital de Ostende, a quem os médicos davam, também, por moribundo...

...E, coisa espantosa, o moribundo acabou por salvar-se e vendeu, por sua vez, o caixão a outro doente igualmente condenado e que se encontra, já, em pronto restabelecimento. Se há por aí quem tenha medo à morte escreva, sem demora, para o hospital de Ostende, a perguntar pelo caixão milagroso...

⁂

Espírito Viajante

«*Constancia*»

Entre outras crenças, os naturais da Nova Caledonia professam a de ser toda pessoa habitada por um espírito ou «Ko», o qual viaja enquanto o corpo dorme. Creem também que se despertarem repentinamente um homem, seu «Ko» não póde ter tempo de retornar ao corpo, e que prosseguirá sua viagem causando, aquí e alí, toda sorte de perturbações. Por tal razão os habitantes de Nova Caledonia acreditam que um homem não deve ser acordado, mas deve-se esperar que desperte por si.

⁂

«Impor as mãos não é delito...»

De «Estudos Psíquicos»

La Revue Spirite transcreve o seguinte do grande semanário «Ici-Paris», a propósito de um julgamento do Supremo Tribunal de Agen:

«Acaba de realizar-se no Supremo Tribunal de Justiça de Agen um julgamento que marcará uma data no processo que a Ordem dos Médicos instaurou aos curandeiros.

«A senhora Thédet, conhecida por Mme. de Castellane, fora condenada a multa pelo tribunal correcional de Dax e o Supremo Tribunal de Pau. Este julgamento foi, porém, anulado pelo Supremo Tribunal de Recurso e o processo voltou há pouco ao Supremo Tribunal de Agen.

«O defensor Pech afirmou que o fato de impor as mãos não constituia delito de exercício ilegal da medicina e o Tribunal absolveu pura e simplesmente a senhora Thédet e indeferiu o pedido da Ordem dos Médicos, que exigia 50.000 francos de perdas e danos e foi condenada nas custas e selos do processo.

«Alguns tribunais correcionais, já tinham adoptado este critério noutros processos, mas parece-nos que é a primeira vez que um Supremo Tribunal adere a esta opinião. Este julgamento podia fazer jurisprudência».

Sim, impor as mãos não é delito... E quantos médicos não há que têm recorrido aos «curandeiros» que a Ordem dos Médicos combate, com o pretexto muitas vezes caviloso de velar pela saúde pública? Ainda bem que um Supremo Tribunal de Justiça estabeleceu doutrina em França acerca de um malfadado assunto que tantos prejuizos tem causado à saúde que se deseja acautelar.

⁂

Cheques de Defuntos

Foi motivo de grande curiosidade um fato que se passou em Tours, na França: o de serem apresentados, num dos Bancos da cidade, cheques com assinaturas do Sr. Armand Leviliers, quando êste cavalheiro já estava morto.

A polícia chegou a intervir no caso, que, entretanto, foi naturalmente explicado. Os cheques tinham sido assinados pelo defunto, numa sessão espirita, o que foi afirmado por várias testemunhas.

Os negadores apareceram logo para dizer que o sobrinho do morto, Gérald Lafone, fôra quem falsificara a assinatura; mas os peritos, chamados ao exame, afirmaram que ela só podia ter saído do punho do falecido.

(Ext. do jornal «The People», de 30 de Novembro de 1930).

⁂

Sonho verídico

Do *Diário de Notícias* extraímos a seguinte nota enviada da cidade do México em 14 de Maio último:

«Maria Martinez sonhou que um terremoto lhe fazia caír sôbre o leito o teto da habitação. Acordou e alarmada levantou-se e fugiu para a rua. Dez segundos depois dava-se uma explosão na Fábrica de Pólvora no Bairro de Guadalupe. O telhado da casa abatia sôbre o leito de que pouco antes fugira a senhora Martinez. Em consequência da explosão mais de cem pessoas foram socorridas pela Cruz Vermelha e os prejuizos são calculados em milhão e meio de pesos».

O fenômeno em questão pertence à categoria das premonições, que tem sido estudadas por eminentes investigadores das ciências psíquicas, entre os quais o Prof. Ernesto Bozzano.

⁂

Fato ocorrido a Edison

«Constancia»

Toda sua vida foi Thomas Alva Edison um céptico declarado relativamente ás cousas sobrenaturais. Mas em certa ocasião confessou ter presenciado um fato inexplicável. Para submeter à prova as pretensas faculdades clarividentes de certo Bert Reese, o inventor realizou a experiência seguinte: encerrou Reese em um gabinete de seu laboratório e o colocou sob a vigilância de um de seus auxiliares. O próprio inventor entrou em outro gabinete distante do primeiro, fechou a porta e escreveu em uma tira de papel:

«Há alguma cousa melhor do que o hidróxido de niquel para uma bateria elétrica alcalina?» Dobrou o papel, guardou-o em um bolso e voltou ao gabinete, onde o esperava Reese. Apenas o viu, êste lhe disse:

— «Nada existe melhor do que o hidróxido de níquel para uma bateria elétrica alcalina».

Edison regeitou a idéia de uma coincidência. A fraude era inadmissivel. E até seus últimos dias, declarou-se completamente incapaz de explicar o episódio.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório Espírita «3 de Outubro» – Campos do Jordão

— UM LUGAR PARA MORRER, murmurava o pobre homem, que caminhava em direção à Polícia Central, já numa vóz quase imperceptível! Um lugar para morrer, que quer dizer isso, perguntou um popular entre curioso e revoltado?!

— Estou tuberculoso e não tenho recursos. Sinto que vou morrer e ia procurar a Polícia. As pernas fraquejaram-me, porém, e não posso mais andar!... E aqui estou caído. Vou morrer amigo... vou morrer...

Isto que aí está, pintado com as côres berrantes de uma crua realidade, não é nenhuma fantasia literária, como a muitos poderá parecer. Trata-se do extrato de uma notícia inserta na edição de 14 de Julho, da «Folha da Tarde», encimada com o título: — «UM LUGAR PARA MORRER».

Êste é um dos milhares de casos, que se verificam, cotidianamente, no nosso São Paulo e principalmente em sua cosmopolita Capital, e dos quais raramente tomamos conhecimento, isto porque uma razão mais forte o colocou ao alcance da reportagem policial.

Invocamo-lo, neste apêlo, dirigido aos corações amigos e altruísticos, porque êle ilustra sobremaneira a desdita daqueles que a infelicidade envolveu na ardidura de uma moléstia fatal, como é a tuberculose, e que, por falta de UM LEITO NUM SANATÓRIO ESPECIALIZADO, sucumbe à mingua de socorros, num recanto de rua ou num porão infeto.

A *Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro»*, acha-se empenhada na construção de um sanatório para tuberculosos pobres, em Campos do Jordão, para cujo fim já tem ali adquirido um terreno. Obra, entretanto, de tal vulto, sómente será possível levá-la a bom termo, *com o auxílio generoso dos corações bem formados, espíritos elevados, como necessariamente sois vós, caros leitores, e de quem a Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», aguarda, com muita certeza, uma ajuda material, por pequena que seja, que poderá ser remetida para à Av. Rangel Pestana, 271 — 1.º andar, sala 12 ou Caixa Postal, 8272, Capital, a/c. de D. Anita Briza.*

Bernardo Pedroso.

Notícias de São Paulo

Durante os meses de Junho e Julho p.p. realizaram-se as seguintes solenidades:

Sob o patrocínio da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», ocupou a tribuna a 17 de Julho, o emérito pregador Prof. Pedro de Camargo (Vinicius), que discorreu sôbre o tema «A Educação e a Criança», inaugurando o Curso de Conferências Públicas, a cargo do Departamento de Expansão e Cultura e do Serviço de Imprensa e Divulgação dessa entidade. Nessa noite foi prestada significativa homenagem a Associação Beneficente «Nosso Lar», que muito tem contribuido para o desenvolvimento educacional na Capital e no País. A parte artística esteve a cargo do insigne maestro e compositor Prof. Adans Smolenski, que apresentou páginas inéditas de sua autoria, verdadeiras obras de inspiração musical. A Sra. Neide Brisa Scheneider e Srta. Nancy Pulhmann, completaram o selecionado programa de arte e beleza espirituais, com números de piano e declamação.

Uma noite que ficará gravada na terra e nos mundos superiores do Universo.

—

A mesma Sociedade tomou parte em Junho p.p. no programa da Rádio América, «Pingo nos i i», sob a supervisão de dignos dirigentes, advogados e médicos, debatendo assuntos sôbre tuberculose, de vez que o Sanatório Espírita «3 de Outubro», em Campos do Jordão, está em andamento, a cargo da referida Sociedade, da qual é Presidente a irmã Sra. Anita Briza.

—

Em Junho, 3.º aniversário da Hora Espiritual, que vai ao ar todos os domingos as 9 hs. da manhã sob o patrocínio da Liga Espírita do Estado. Oradores da solenidade: Vinicius, Dr. João Batista Pereira, Dr. Euripedes de Castro, Antenor Ramos e outros.

—

Inauguração oficial do «Abrigo Dr. Bezerra de Menezes à Velhice Desamparada», com 300 leitos, à Rua Joaquim Ribeiro, 18, Bairro da Penha. A Banda da Guarda Civil da Capital abrilhantou a reunião festiva, tendo comparecido altas autoridades civis e militares. Obra avaliada em Cr. $ 2.500.000,00. Em pleno funcionamento.

—

Solenidade no Centro Espírita Santa Cruz, à Rua Terezina, 340, Alto da Moóca, tendo comparecido à mesma elevado número de confrades e personalidades gradas do mundo oficial, entre as quais o Exmo. Sr. Dr. Paulo Ribeiro da Luz, Secretário de Higiene da Prefeitura de S. Paulo, Dr. Domingos Antonio D'Angelo Neto, Prof. Cesar Campos, etc.

—

Campinas

Semana Espírita Antonio Carlos Gomes — em homenagem ao seu ilustre patrono, o insigne e imortal Gênio Campineiro e Universal. Durante a semana revesaram-se na tribuna os seguintes oradores: Antenor Ramos, Dr. Cristovão Fernandes, Prof.ª Elisabeth Steagall, Capitão Amantéa, D. Graciana Miguel Fernandes, Prof. Anselmo Gomes, Hernani P. Santana, Dr. Euripedes de Castro, Deputado Estadual Dr. Arual dos Santos.

A reunião de encerramento realizou-se no dia 11 de Julho, no Teatro Municipal, discursando o estimado amigo Deputado Federal, Prof. Campos Vergal, que abordou, de modo eloquente, o palpitante tema: «O Espiritismo e o Advento do 3.º Milênio».

Em noite inspiradissima, o notável filho de Serra Negra, discorreu fluentemente sôbre assunto palpitante da atualidade e, no final, foi intensamente aplaudido pelo culto auditório que superlotava as dependências do maior teatro da Municipalidade campineira. Estiveram presentes à solenidade elementos de projeção na sociedade local e na Capital, tendo falado na apresentação do orador, o Deputado Estadual Dr. Arual dos Santos e ainda os Drs Souza Ribeiro e Euripedes de Castro. A parte artistica esteve a cargo da Prof.ª Srta. Edna Machado que apresentou suas alunas sob a supervisão e direção da Prof.ª Eliphas Chinellato Mila.

O soprano Darcy Faccio e o contralto Gledyr Pierri, dois valores da arte do bel canto, alunas da Prof.ª Elyphas Chinellato Mila, encerraram brilhantemente a parte artística, dando suave e deslumbrante colorido ao ambiente espiritual da noitada final.

Uma noite inesquecível para todos os corações. Parabens aos Diretores da entidade organizadora da Semana Espírita — «União Espírita Antonio Carlos».

Vicente S. Neto.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da ata da sessão de 5 de Julho de 1952

Amazonas — Voltando a presidir ao Conselho o presidente da F. E. B., Sr. Wantuil de Freitas, manifesta sua alegria por haver voltado ao convívio dos amigos e apresenta o confrade Marcelino Queiroz, presidente da Federação Espírita Amazonense e também o novo Conselheiro Luiz Montorfano, nomeado para representar a Federação Amazonense, saudando a ambos, em nome do Conselho.

Paraíba — Miranda Ludolf lê telegrama da Federação Espírita Paraibana comunicando haver realizado uma sessão solene, para homenagear o saudoso Dr. Lins de Vasconcelos, realçando seu grande trabalho em favor da unificação da doutrina e seu incansável auxílio às obras espíritas.

São Paulo — Carlos Jordão apresenta carta da Consóror Nancy Phulmann, em resposta ao pedido de esclarecimentos feito pelo Conselho, em Junho, a propósito de seu curso na Escola de Jornalismo *Casper Líbero* e da sua consulta sôbre o caráter de Religião, do Espiritismo. Na mesma ocasião, são lidas as conclusões do Conselheiro Lauro Sales sôbre as pesquisas por êle feitas no Ministério da Educação, com relação ao assunto, que é debatido pelo Conselho. Por *unanimidade*, delibera o Conselho ser o Espiritismo, religião, mas sem rito, sem liturgia e sem sacerdotes, e com caráter filosófico e científico.

Alagoas — Geraldo de Aquino relata o grande movimento da Doutrina no Estado de Alagoas, segundo carta da Federação Espírita de Alagoas, em que se comunica a eleição de nova diretoria e a nominata de dez instituições que, em Maceió, mantêm departamentos de assistência social.

Goiás — Francisco Nogueira oferece, para o arquivo da F. E. B., duas fotografias da Oitava Confraternização Infantil, realizada em Goiânia.

Espírito Santo — Henrique Magalhães diz que representou o Conselho na inauguração do Hospital Pedro Apóstolo, em Morro Azul, Espírito Santo, e confessa seu agrado pela atenção do Exmo. Governador do Estado às Obras Espíritas, tendo dêle ouvido altos conceitos sôbre elas, o que também ouviu Atlas de Castro, representante da F. E. B., na citada inauguração.

Rio de Janeiro — O confrade Delfino Ferreira comunica que será inaugurado a 13 do corrente, em Macaé, o Asilo Lar de Maria.

Saudação — O Conselheiro Jordão, em nome da Entidade que representa, sauda os novos representantes do Pará, do Paraná e do Amazonas.

Juventudes — Aurino Souto diz que a nomeação dos dirigentes da Juventude, pela Liga Espírita do Distrito Federal, determinara certo retraimento entre os jovens, levando-o a promover uma reunião geral, da qual resultou a renúncia coletiva de todos os dirigentes e consequente eleição dos novos diretores, o que determinou novo ambiente de trabalho e união.

Agradecimentos — Marcelino Queiroz agradece ao Conselho a oportunidade de poder assistir a reunião tão fraterna e eficiente e, dirigindo-se a Luiz Montorfano, congratula-se com êle pela sua investidura como representante da Federação Espírita Amazonense, que dele tudo espera. Em palavras judiciosas, Luiz Montorfano agradece a escolha de seu nome para o Conselho, prometendo tudo fazer para honrar o mandato que lhe foi conferido.

* * *

Resoluções do 3.º Congresso Espìrita do Estado de São Paulo

O 3.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo, reunido na Capital do Estado de 12 a 15 de Junho de 1952, tomou as seguintes Resoluções:

1.º — Reforma dos Estatutos, ampliando o sistema administrativo e aperfeiçoando a estrutura da USE. O Conselo Deliberativo Estadual passou a ser integrado por:

a) representantes das entidades que foram inicialmente patrocinadoras do movimento de Unificação Espírita Estadual;

b) representantes dos Conselhos Regionais Espíritas, — C. R. E. —, que serão organizados em todo o território estadual;

c) representantes do Conselho Metropolitano Espírita, — C. M. E. —, que será organizado na Capital do Estado.

Os Conselhos Regionais serão integrados por representantes das Uniões Municipais, — UMES —, das respectivas Regiões e o Conselho Metropolitano será composto por representantes das Uniões Distritais organizadas nas diversas Zonas da Capital.

Reformando os Estatutos da USE, o Congresso modificou o nome inicial da entidade que era União Social Espírita, passando a denominar-se *União das Sociedades Espíritas* do Estado de São Paulo, conservando a mesma sigla: — USE.

O Congresso prorrogou o mandato da Diretoria Executiva da USE por 120 dias para que, dentro dêsse prazo, possa reestruturar a entidade Unificadora de acôrdo com disposições estatutárias.

2.º — Criação de um Programa Radiofônico, denominado «Momento Espírita», sob o patrocínio da USE e mantido pela cooperação dos Espíritas através das Uniões Municipais e Distritais.

O Programa será constituido de uma parte Doutrinária e outra informativa. A Comissão Executiva da USE constituirá uma Comissão de Rádio que se responsabilizará:

a) pela perfeita apresentação do Programa, assegurando orientação rigorosamente Espírita, baseada na codificação kardeciana;

b) pelo criterioso contrôle das contribuições arrecadadas.

3.º — Lançamento de um jornal doutrinário, — como órgão da USE, — intitulado «Unificação», dirigido por confrades especializados e para êsse fim nomeados pela Diretoria Executiva. O jornal será caracteristicamente doutrinário e fartamente noticioso e informativo. Providências para constituição de uma Empresa denominada «Boa Nova S. A.», destinada a editar, futuramente, um jornal diário, sob orientação espírita, que se chamará «Boa Nova», passando então o órgão doutrinário «Unificação» a sair como suplemento. A USE terá a maioria das ações da Empresa.

4.º — Organização de Curso para Dirigentes de Sessões e Orientação de Médiuns, por meio de um Departamento da USE que se denominará «Ateneu Espírita», dirigido por uma Comissão composta de renomados conhecedores da Doutrina e reconhecidamente experientes, para êsse fim especialmente nomeados pela Diretoria Executiva. O curso será realizado de acôrdo com o plano aprovado e extensivo a todo o Estado por intermédio das Uniões Municipais e Distritais, utilizando-se o sistema de correspondência. Os Diretores de Estudos das Uniões Distritais e Municipais serão inicialmente preparados para essa cooperação.

5.º — Providências para salvaguardar a conceituação do termo ESPÍRITA por meio de ampla divulgação da Doutrina codificada por Allan Kardec, visando esclarecer a diferença existente entre Espiritismo e Mediunismo, dada a existência de práticas mediúnicas sem base nem conteúdo Doutrinário, rotuladas de ESPIRITISMO mas contrariando frontalmente os salutares princípios da Doutrina Espírita. Apelo às entidades federativas para promoverem a melhoria das práticas mediúnicas e orientação doutrinária das sociedades filiadas. Apresentação de um projeto de Lei ao Poder Legislativo Federal, — com assistência do Conselho Federativo Espírita Nacional, - visando regulamentar as atividades espíritas no País, — como já ocorre na Inglaterra, — assegurando a privatividade do termo ESPIRÍTA às organizações que se orientam nos princípios da DOUTRINA ESPÍRITA codificada por Allan Kardec, escoimando-se do movimento espiritista o sincretismo religioso e outras práticas mediúnicas discórdes do ESPIRITISMO, mas que usam, indevidamente, a designação ESPÍRITA, — ao invés dos nomes que lhes são próprios, acobertando-se sob o manto da 3.ª REVELAÇÃO, acarretando descrédito e comprometendo o movimento espírita, genuinamente doutrinário, baseado nos Evangelhos de Jesus.

O projeto de Lei será elaborado por uma Comissão composta por reconhecidos cultores da DOUTRINA ESPÍRITA no Brasil e por juristas especializados em Direito Civil e Constitucional. Esta Comissão prestará assistência aos parlamentares que subscreverem o projeto de Lei a ser apresentado ao Poder Legislativo do País.

6.º — Elaboração de um Método de Ensino de Espiritismo-Evangélico para a Infância, visando orientar Expositores ou Professores devidamente capacitados para essa delicada e importante tarefa e, também, proporcionar aos infanto-juvenis um Curso metódico, de acôrdo com suas idades, habilitação, etc., de maneira simplificada, progressiva e uniforme.

7.º — Elaboração de um Método para Sessões Mediúnicas e de Estudo Doutrinário, destinado a orientar os dirigentes de Centros e de Sessões.

8.º — Execução planificada das atividades assistenciais e educacionais que a USE vier a promover, patrocinar ou auxiliar, visando um racional aproveitamento de recursos materiais e humanos.

9.º — Apresentação de votos de reconhecimento e gratidão a última Diretoria Executiva da USE pelas atividades desenvolvidas em pról da Unificação Espírita no Estado, objetivando o fraternal congraçamento da família espírita brasileira; ao Espírito que em sua última passagem pela terra foi Artur Lins de Vasconcelos Lopes, pelos grandes serviços prestados ao Espiritismo e à Humanidade sofredora, possuído de uma contagiante bondade e de uma notável humildade; à Federação Espírita Brasileira que, por intermédio do Conselho Federativo Espírita Nacional vem realizando a Unificação Espírita na «Pátria do Evangelho»; a confrades que teem dado o melhor dos seus esforços para a concretização do ideal da Unificação Espírita no Estado e no Brasil, Unificação essa que se realiza na fórma e também no entender, no sentir e no praticar, sendo portanto, indispensável à realização das grandes taréfas do Espiritismo na obra de redenção humana, baseada no Cristianismo pregado e exemplificado por Jesus.

—

São essas, em resumo, as Resoluções do 3.º Congresso Espírita Estadual, promovido pela USE.

São Paulo, Julho de 1952.

Carlos Jordão da Silva.
Presidente em exercício

O Papa e a Bíblia

A notável escritora Katarina J. M. Porter traduziu um documento que se acha arquivado na Bibliotéca Nacional de Paris—(Fol. BN. 1088, vol. 2, pags. 641 e 650), contendo o conselho dado ao Papa Julio III pelos cardeais, na ocasião da sua eleição ao trono pontifical, no ano de 1550, cujo teor é o seguinte:

«De todos os conselhos que podemos oferecer a S. Santidade, temos guardado o mais importante para o último. Temos de abrir bem os nossos olhos e exercitar toda a fôrça possível no assunto, a saber:

Permitir a leitura do Evangelho o menos possível, especialmente na língua comum, em todos os países debaixo da vossa jurisdição.

Que seja *suficiente* o *muito pouco* que é lido na missa; e não permitir que seja lido mais.

Enquanto o povo se contentar com êsse pouco, nossos interêsses prosperão, mas logo que o povo tiver vontade de ler mais, os nossos interesses começarão a falhar.

Êste é o livro (A Biblia) que mais do que qualquer outro tem levantado contra nós barulhos e tempestades, pelo qual estamos quasi perdidos.

O fato é que se qualquer pessoa examinar diligentemente e fizer comparação do ensino bíblico com o que se passa em nossas igrejas, logo achará discórdia e verá que o nosso ensino é muitas vezes diferente dêle ainda mais vezes contrário a êle.

E se o povo compreender isso, nunca deixará de nos contestar até que tudo seja exposto, e então nós nos tornaremos objeto de desprezo universal e ódio.

Portanto, é necessário RETIRAR A BIBLIA DA VISTA DO POVO, mas com cautela para não levantar tumultos».

Sem comentários...

(Transcrito de A CENTELHA — Junho de 1951 — pg. 1).

O Censo em 1950

De acôrdo com os dados recentemente fornecidos pelo «Serviço Nacional de Recenseamento», registaremos os resultados censitórios de mais dois Estados.

Estado do Rio Grande do Sul

População total de 4.164.821 habitantes, dos quais sómente 2.044.831 *sabem ler e escrever.*

Os católicos romanos diminuiram, entre os censos de 1940 a 1950, de 2,26 %.

Os espíritas aumentaram no mesmo período, de 1,08 %, e perfazem o total de 115.552, no recenseamento em fóco.

O Município de Porto Alegre registrou 25.664 espíritas.

Estado do Pará

População total de 1.123.273 habitantes, dos quais sómente 397.647 sabem *ler e escrever.*

Os católicos romanos diminuiram, entre os censos de 1940 e 1950, de 1,02 %.

Os espíritas aumentaram, no mesmo período, de 0,03 %, e perfazem o total de 2.847, no recenseamento em fóco.

O Município de Belém registrou 2.316 espíritas.

De «Reformador», do Rio.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	„	„	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	„	„	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2881unse

NO XXVIII—Brasil —E. S. Paulo —Matão, 15 de Setembro de 1952—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Fenômenos obtidos pelo Dr. Bayol	*Redação*
E' assim sua Mediunidade ? . . .	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Estados diferentes das Almas e suas moradas	*João Martins Diogo Junior*
Amai-vos Uns aos Outros	*Godoy Paiva*
Sociedade Brasileira de Filosofia — Os Trabalhos da última Reunião .	*De o "Jornal do Comercio"*
Inspiração ou Dom Mediúnico ? Coincidências ?...	*Arnaldo S. Thiago*
Leopoldo Machado e seus Livros de 1952	*Redação*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXVIII - E. S. Paulo - Matão, 15 de Setembro de 1952 - NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reservá-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Fenômenos obtidos pelo Dr. Bayol

AS comunicações espíritas são tão velhas quanto o mundo e sua finalidade é demonstrar a imortalidade da alma. Tanto o Velho como o Novo Testamento estão abarrotados de fatos dessa natureza, em que os Espíritos se utilizam dos mais variados meios para obterem os fins desejados.

Ultimamente, sábios de renome se empenharam e vêm se empenhando a fundo para obterem, através de perseverantes experiências com médiuns insuspeitos, a maior soma possível de fatos comprobativos da Imortalidade da Alma. E como o nosso programa se resume no estudo e difusão de tudo quanto se relacione com o espírito, publicaremos a seguir fenômenos obtidos pelo Dr. Bayol, ex-governador de Dahomey, França, Senador e presidente do Conselho Geral das Bouches-du-Rhône em 1.900. São fenômenos de alto valor de investigação e interêsse científico.

Eis como «Estudos Psíquicos» de 1905 relata os fenômenos :

«As suas primeiras experiências datam de Janeiro de 1899, e foram realizados em Aliscamps (Arles), servindo de médium Michel Regardier, empregado dos caminhos de ferro, inteligente, vivo e bastante instruido. O seu método foi o da maior independência de crítica e rigor de observação, animado pelo interêsse da ciencia e todo o desinterêsse pessoal.

Os assistentes eram da maior competência, entre os quais vários doutores em medicina, advogados, escritores, o prefeito, etc.

Foi na sala de uma velha casa onde havia muitas pedras tumulares que se fizeram as sessões, não havendo nessa sala cousa que se prestasse a menor fraude, nem gaz, nem eletricidade.

Durante um mês todas as comunicações diziam precisamente um nome inscrito e escondido previamente.

A inteligência ou espírito que se manifestava dizia ser «Acella», jovem romana do tempo dos Antonianos, morta no momento em que ia para casar-se, cuja inscrição na sua sepultura que perto se encontrava, dizia: «A minha filha Acella, morta aos 17 anos, na própria noite de núpcias».

Tendo-a evocado, uma chama apareceu, e chamando-a, vinha a êle e todos os assistentes a viam.

Como prova de que se tratava duma realidade, dum fenômeno objetivo é que os espelhos a refletiam.

Veiu-lhe a idéia de falar a essa flamula de uma maneira inteligente, e assim se lhe dirigiu como a uma pessoa viva, e essa luz misteriosa veiu pousar-lhe sôbre a cabeça. Êste fato afirma-o pela sua honra. Chegou a ver depois 10 a 12 chamas iguais que lhe pareciam inteligentes.

«Estariamos nós alucinados ?», perguntou êle.

— «Algumas vezes eramos 19 assistentes, e creio que é difícil alucinar um velho colonial como eu».

A segunda série de experiências foi em Eygniéres, sendo médiuns Glatier e Durand, dois modestos rapazes, um cocheiro e um padeiro que sem ganhar a menor retribuição, se prestaram a todos os trabalhos e experiências.

Havia além disso outros dois médiuns, uma costureira e uma camponêsa ignorantissima, nas quais nunca descobriu sombra de fraude, apesar de sempre precavido contra elas.

Os diversos fenômenos que obteve nesta série de experiências, foram: 1.º Levitação; 2.º Apport; 3.º Materialização; 4.º Escrita direta; 5.º Penetração da matéria.

Os casos de levitação em plena luz são numerosos. Havia uma mesa que por pancadas indicava o momento exato em que deviam começar. Todos retiravam as mãos, e *mais de cem vezes a mesa se levantou.*

A' meia luz, podendo fiscalizar-se o que se passava, estando um bandolim sôbre uma mesa, começou a tocar sósinho sem contacto de nenhum assistente.

Noutra sessão o mesmo bandolim em iguais condições tocou uma área deliciosa e depois executou uma música a que o Dr. Bayol tinha adaptado a letra.

Também à luz suficiente houve apports.

Numa sessão, estando um médium em sonambulismo e outro em letargia, aquêle começou a ter uma visão, descrevendo o espírito de *Acella*, vendo-a lançar rosas, e acrescentando: «tú as encontrarás no bolso esquerdo do «pardessus». O «pardessus» estava a dois metros de distância dos médiuns. Indo o assistente Taillot verifica,r encontrou de fato o bolso esquerdo cheio de petalas de rosas.

Numa sessão viu o Dr. Bayol uma forma materializada, e para prova de que era real essa aparição, obteve a moldagem de uma cabeça, conseguindo êste fenômeno por três modos diferentes e concordantes.

O primeiro modo foi indicado numa comunicação que dizia: «tomai um vaso, deitai-lhe água quente e por cima lançai a parafina viva». Assim se fez, ficando o vaso a três metros de distância do médium, e para maior precaução, semearam areia entre o médium e o vaso, de forma que não podia chegar-se a êste sem deixar vestígios; não obstante ao fim de um quarto de hora estava produzida a moldagem de uma cabeça na parafina.

O mesmo fenômeno se obteve com a farinha, e ainda com a parafina dessa água.

Quanto à escrita direta, obteve-a também colocando uma ardósia e um lapis junto a ela. Sem ação mecânica visível o lapis traçou uma comunicação em grego, sendo o médium um pobre rapaz padeiro que nada compreendia de semelhante língua.

Com Seraphina Vanucci, outro médium analfabeto obteve também o Dr. Bayol comunicações escritas.

Deu-se também nestas sessões por duas vezes a *penetração da matéria*, fenômeno diversas vezes colhido noutras experiências e atestado por muitos investigadores.

Da primeira vez foi um lenço que passou para dentro dum cesto hermeticamente fechado com todas as precauções, de forma a tornar o fato impossível de uma maneira normal.

Doutra vez, por uma comunicação recebida, construiu uma caixa de folhas de Flandres de 0 m, 20 x 0 m, 10, que foi fechada perante todos sem ter nada dentro.

Primeiramente foi essa caixa bem fechada com prévio exame e com toda a precaução necessária à certeza de que ficava vazia; depois foi envolvida num papel grande bem dobrado e bem selado a carimbos de lacre em vários pontos, com um cuidado extremo.

A pedido do invisível, um cartão limpo do antigo deputado M. Gaillard foi colocado em cima de uma mesa distante da caixa.

Passados poucos minutos três pancadas se ouvem, como indicando que o fenômeno se tinha produzido.

Verificam se a integridade dos selos, o estado anterior do papel, enfim a plena inviolabilidade.

Abre-se a caixa e aparece dentro o cartão, dobrado em duas partes, e tendo de novo escritas estas duas palavras: «Salve! Apóstolo».

Enfim, apesar dos médiuns serem creaturas simples, sem ilustração literária alguma, Glindier adormecido produziu uma poesia em provençal duma grande elevação».

E' assim sua Mediunidade?

Major Levino Cornélio Wischral

Feliz foi o ensejo que nos levou a conhecer valoroso imitador de Jesus. Humilde, simples e alegre são as ações, as atitudes e a conversação edificante dêsse médium, cujas palavras ficaram indelevelmente registradas por nós.

E' quasi incrivel a atividade espiritual que êsse discípulo do Mestre suporta resignadamente. Não fôsse sua férrea vontade e o precioso auxílio dos mentores espirituais, já há muito estaria extenuado física e moralmente.

Afóra suas habituais relações de sociedade, seus afazeres do ganha pão, acrescidos de certas fainas domésticas, dedica-se êle com extrema sinceridade ao apostolado da distribuição de paz, saúde e compreensão a todos os que o procuram. Imitar Jesus é seu objetivo e sua finalidade.

Abnegados irmãos de espaço vêm exercitar-se com êsse intermediário dos planos material e espiritual. E' um contínuo apredizado a procura das mais justas soluções às provas a que êle, como encarnado, é submetido.

Desde o amanhecer, os colaboradores invisíveis tomam seus lugares no recinto dos pásses para darem assistência aos doentes e aflitos através do médium. Seu lar é um hospital de Jesus onde os enfêrmos são curados, sem serem internados, medicados ou operados. Curam-se todos com o auxílio exclusivamente vindo do Alto.

Normalmente colaboram nessa santa tarefa um médico espiritual, seu enfermeiro e mais os guias da casa. Movimentam-se providenciando medidas e recursos adequados aos que vêm em busca de alivio ou de conselhos. Ao médium transferem continuamente grande soma de energias vitais captadas nos laboratórios do espaço, que, por sua vez são inoculadas no corpo dos enfêrmos, através dos passes, em fórma idêntica à transfusão de sangue. Por certo que um vidente enxergaria autêntica massa brilhante e gazosa desligar-se do corpo somático do médium e atingir a parte afetada do doente, elaborando-se assim a restauração de tecidos e células dilaceradas pela não prática das recomendações evangélicas.

Nos dias de passes magnéticos são fluídicamente mobilizados pelos assistêntes de cima, sem que se possa ter a mais vaga idéia, delicadíssimos aparelhos médicos, ainda nem sonhados pelo homem. Destinam-se a extirpar dos doentes os pegajosos e pesados fluídos, espécie de placas cinzentas que impossibilitam o raciocínio e a visão clara. Essas placas fixam-se de preferência ao redor do cérebro e encobrem os órgãos visuais e auditivos e se constituem de substância elaborada pelos próprios pensamentos impuros ou perversos. E' como se fôsse um elmo a entorpecer o hipócrita, o orgulhoso ou o vaidoso.

Pacientemente recebe o sensitivo a visita dos que só coisas materiais pedem, malbaratando precioso tempo dos guias. Expõem alguns longos relatos de palpáveis ambições descabidas ; apresentam outros fartas desculpas justificando-se perante acusações de suas próprias consciências ; já não solicitam mas querem milagres sem delongas.

Imaginem cada qual a expôr seus emaranhados dramas ligados a outras criaturas. Enredam-se em futilidades mil em vez de pedirem a Deus fôrças para seus corpos físicos e luzes para seus espíritos. Se assím procedessem receberiam na certa, do Pai Justiceiro, a parte material ou seja a relativa aos seus negócios a título de «acréscimo de misericórdia» ; — está escrito !

Outros, oh tristes incompreensíveis ! para não dizer estúpidos, após os santos passes e as amorosas palavras dos guias, capazes de amenizar qualquer coração aflito e abrandar a qualquer sentimento de cólera, metem a mão na algibeira e, com a carteira à vista perguntam : «Quanto custa seu trabalho ?»

Outros trazem, mau grado, bem intencionados, aliás, oferendas e mimos. Depois de certas recomendações feitas ao doador são, sem demora, distribuidos aos necessitados.

Oferecem outros, por falta, quem sabe de palavras apropriadas, passeios magnificos, estadas em belissimos recantos e mil vantagens mais.

Os cépticos e curiosos grosseiramente ofendem a boa vontade do médium ao se despedirem com termos irônicos ou de chacota: estes são justamente os que nunca se deram ao trabalho de folhear, uma página que seja, de qualquer obra de Kardec.

«Dai de graça o que de graça recebestes e orai e vigiai» nunca poderiam tão bem se enquadrar na vida de qualquer médium.

Muitos chamados de fóra são por êle atendidos; muitas visitas aos hospitais são feitas. Também cartas profundamente aflitivas são recebidas contendo apêlos urgentes de socôrro que apertam dolorosamente o coração do médium; êste emocionado, não raras lágrimas derrama. A última missiva continha estas palavras pungentes: «Em nome de Jesus, meu amigo, não deixe minha filhinha perder o juizo; a que atribuir tamanho sofrimento?»

Meu bom Deus, como explicar a êsse amoroso pai, que não é espírita, tudo o que se possa relacionar com suas amarguradas palavras?

Não há conhecimento humano, nem suficiente literatura espirita, capazes de, dentro da brevidade pedida, saciar um coração paterno em desespêro.

Nessa contingência, é certo que o médium sofre muito mais do que aquêle amoroso pai, por se sentir impossibilitado de satisfazê-lo de pronto. Para nós, apenas duas palavrinhas tudo explicaria: — «Imposição karmica».

Enquanto se processa o intercâmbio entre os dois planos, isto é, enquanto se executa a concentração e a transmissão dos passes, forma-se, fluidicamente no espaço, pairando no ar, verdadeiro facho de luz azulada, em forma de cône, significando alta espiritualidade. Êsse facho luminoso dependendo sempre da fé, da pureza e da sinceridade dos corações reunidos, poderá atingir até quilometros de altura, pairando no ar por vinte ou mais minutos.

Naturalmente que êsse interessante fenômeno realiza-se também quando alguêm ora isoladamente, dependendo a intensidade sempre de muita fé e ardor. E' o momento exáto em que a alma se sente felicissima e enlevada, parecendo até querer desprender-se do corpo e elevar-se aos céus. Nem todo sêr humano é capaz de tamanho arrebatamento psiquico.

Êsse cône resplandecente desempenha o papel de chamariz de espíritos estouvados e sem rumo; assim, os que se sentem atraídos recebem, por vezes, esclarecimentos e auxílio. Tudo é um perpétuo dar, auxiliar, orientar e beneficiar; tudo são trocas de amabilidades.

Se o médium fôr desapegado das coisas terrenas, se fôr devóto aos enfêrmos e sofredores, se renunciar ás grandezas do mundo e não ouvir os elogios, então será o seu lar apontado como uma estação intermediária de repouso para os incansáveis apóstolos que peregrinam a imensidão celeste. Esses beneméritos impregnam com eflúvios de amor divino o santuário do médium e o auxiliam na cura de seus enfêrmos.

Tudo isso o médium sente pela sintonia vibratória; sente essa aproximação pois, o ambiente em que exerce a vontade de Deus permanece dulcificado pelas excelsas visitas que recebe. Êle percebe todos os movimentos do plano invisivel; percebe quando alegres criancinhas em espírito vêm aos bandos para brincar com bonecas ou brinquedos do lar que invadem com algazarra infantil; geralmente esses gentis visitantezinhos perfumam todo o recinto com pétalas de flôres.

Pela exáta identificação das coisas espirituais, parece ao médium, coabitar indiferentemente o plano terráquio e o etéreo. Vez em quando volita seu espírito em missão de estudo ás indescritíveis maravilhas espaciais, toma até, excepcionalmente contácto com irmãos de outros planetas. Nessas condições seu espírito que está em longínquo transporte, reluta para regressar, afim de reapossar-se de seu corpo. Nós mesmos, depois dos nossos curtissimos arroubos pelo firmamento próximo voltamos melancólicos. Não há dúvida, lá é muito melhor; penoso é o regresso.

Quem nos lê, imagina um delicioso e perfumado mar de rosas para os sensitivos; puro engano. E' uma vida de amargas tribulações, de constantes preocupações e especialmente de insinuantes tentações; estas últimas aliás são as que maior ruina causam aos médiuns. São, podem crer, as criaturas mais visadas, tanto pelos espíritos como pelos encarnados. Os espiritos inferiores relacionam-se com o médium da mesma maneira pela qual as mariposas são atraidas à luz dos postes de iluminação.

Tudo isso não é de se estranhar não fôsse a própria mediunidade um sinônimo de «provação», de prova pedida ou imposta para mais rápido progresso dos sensitivos, que, sem exceção, têm grandes débitos a resgatar de encarnações pregressas.

Quando há pouco nós nos referimos ao pseudo mar de rosas, ocorreu-nos aludir aos desagradáveis momentos de hesitação e temor quando os médiuns percebem, não pelos olhos físicos, porém pelos da alma, a visita importuna de um espírito sofredor, desgrenhado como louco, de rosto horrendo, descalço e maltrapilho atravessando instantaneamente a parede, como por áto de magia. Algo atraiu o desequilibrado até aí; bem poderá ser a luz do médium. Paz êle anseia.

De outras vezes são percebidas falanges de espíritos perversos, a mando de pessôas ou. de espíritos enciumados e invejosos quando se aproximam para, no dizer deles, derrubar o médium ou inutilizar-lhe a saúde, tão sómente, sabem por que? por estar trabalhando pelo bem dos outros.

Visões outras ainda são sentidas. Tétricas configurações de monstros, dir-se-ia criações satânicas, um mixto de espírito, homem e animal, cobertos de pelagem negra e suja, do tamanho de gigantêscas aranhas ou polvos, rastejam pesadamente, imantados, quem sabe, pela claridade do médium. Fugir? Não! Orar sim, por êsses irmãozinhos que transitóriamente estão esquecidos dos ensinos do Mestre. Neles tambem pulsa a mesma centelha de Deus que nos anima. E, quem pode nos afiançar nunca termos passado por semelhante estágio?

Eis, enfim, dois oportunos lembretes aos nossos queridos médiuns:

Se algum zeloso beato vos inquerir maliciosamente sôbre a proibição das comunicações espíritas, perguntai, se por ventura, executa êle integralmente os demais 958 versículos e ordenanças de Moisés, contidas no Deuteronomio da Bíblia.

Aos poucos médiuns que ainda aninham a presunção e a vaidade em seus corações, estimariamos que meditassem sôbre a passagem evangélica citada em São João, 5:30, em que Jesus, o maior médium de Deus, declara textualmente que tudo nos advem do Pai; eis as palavras do Divino: — «Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma».

Que essa santificante humildade expressa pelo Mestre dos Mestres esteja sempre em nossos corações.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

Ismael Gomes Braga

SÃO muito raros os grandes médiuns. Poucos estudiosos da Doutrina têm tido a fortuna de trabalhar com médiuns realmente notáveis. Só os conhecem através de livros e depoimentos.

Mais raros ainda são os que já puderam assistir ao desenvolvimento de uma poderosa mediunidade; por isto talvez não seja sem interêsse para os leitores da *Revista Internacional do Espiritismo* o nosso depoimento sôbre o assunto.

Quando conhecemos pessoalmente o médium Francisco Cândido Xavier, já a sua mediunidade se achava plenamente desenvolvida, com grandes livros publicados, e justamente impressionado com os livros fizemos nossa primeira viagem a Pedro Leopoldo, afim de assistir a sessões com o médium. Depois voltamos mais 14 vezes áquela cidade, onde não nos fartamos de admirar as maravilhosas faculdades do médium. Não lhe assistimos, portanto, ás primeiras produções.

Agora estamos assistindo ao desenvolvimento de faculdades muito semelhantes ás de Francisco Cândido Xavier, mas ainda no começo do desenvolvimento, o que nos permite acompanhar o processo evolutivo das faculdades, constituindo as falhas interessante objeto de estudo.

Trata-se de uma senhora jovem, casada, mãe de três filhos, de educação católica, tanto ela como o esposo inteiramente alheios ao movimento espírita até há pouco tempo. Êste fato merece sublinhado, porque demonstra quanto o Espiritismo independe dos homens, para triunfar.

Nenhum conhecimento da Doutrina nem inclinação para estudá-la existia na pequena família dos meus amigos Luiz e Dolores Bacelar. Nem por simples curiosidade jamais haviam tratado de Espiritismo. Faleceu de repente a mãe dêle, muito amiga da nora, e esta teve síncopes inexplicáveis para a medicina oficial. Foi-lhe então sugerido procurarem um Centro Espírita para tratamento da jovem senhora. Na séde do Centro a dirigente dos trabalhos percebeu logo a situação e fê-la assentar-se à mesa dos médiuns em desenvolvimento.

Os Espíritos não se fizeram esperar: começaram logo a manifestar-se por incorporação. Dado um lápis à senhora, começaram também a escrever mensagens. Foi-lhe comunicado que só poderia praticar a mediunidade nas reuniões do grupo, em sessões, porque os adversários procurariam embaraçar o desenvolvimento; nas sessões do grupo os Guias impediriam tais tentativas.

Como exercícios de desenvolvimento foi iniciado um longo romance de trezentas e tantas páginas, escrito numa rapidez vertiginosa e com grafia pouco legível. Ao passar a limpo êsse romance que hoje se acha no prélo, foram cometidos muitos erros de pontuação, enganos de palavras, etc.

De qualquer sorte é um romance reencarnacionista interessante com o título «*Mansão Renoir*». Apenas terminado o primeiro romance, foi iniciado outro, ainda maior, com o título «*Nas Margens do Eufrates*». Os romances são escritos pelo Espírito encarregado do desenvolvimento da médium.

Nos intervalos da psicografia dos romances, começaram a aparecer os poetas, convidados pelo Guia: Carmen Cinira, João de Deus, Casimiro Cunha, José Duro, Olavo Bilac, Rodrigues de Abreu, Guerra Junqueiro, Raymundo Correia, Bittencourt Sampaio, Castro Alves, Thomaz Ribeiro, Emilio de Menezes, Abel Gomes e outros que contribuem com suas produções poéticas, sempre escrevendo naquela rapidez vertiginosa, com grafias diferentes umas das outras e todas elas diferentes da letra normal da médium, que é muito lenta.

Certa feita José Duro começou um soneto, mas não pôde acabar: todas as tentativas de escrita mecânica lhe falhavam no primeiro terceto. A médium despertou do êxtase sonambúlico que é completamente inconsciente para ela, e o Espírito passou a ditar-lhe o mesmo soneto. Tomou ela o ditado, mas percebendo mal as palavras. O soneto ficou defeituoso.

Na sessão seguinte voltou José Duro e escreveu correções, indicando onde aplicá-las, e deu então por terminado o soneto. Fato semelhante ocorreu com Olavo Bilac, depois com Castro Alves: as poesias sairam com defeitos e só na sessão seguinte escreveram eles as emendas.

Mesmo com imperfeições, os versos são sempre em estilo que identifica bem os poetas. Outras vezes o poema sái com defeitos e o poeta não o corrige. Quase sempre os defeitos são pequenos: dois ou três versos errados num poema longo.

Vamos aqui transcrever duas amostras de poesia, na fase em que se acha o desenvolvimento da médium presentemente.

Se...

Raimundo Correia.

SE o homem, quando na terra de passagem,
Não se entregasse ao sonho e à fantasia;
SE não corresse atrás da vã miragem
Da carne, que o tortura e o cilicia,

SE fosse enriquecendo a sua bagagem
Com tesouros de Amor e de Alegria;
SE quase sempre não perdesse a viagem,
Embriagado de gozos e de orgia;

SE quando ferisse a alma nos espinhos
Da vida, não fugisse dos caminhos
Onde a Dor, burilando, dilacera;
SE o irmão que ao chão caisse, levantasse;
SE o inimigo feroz sempre perdoasse,
Não revidando o ataque como fera;

SE ao que chora e padece pela vida,
Presa dos grilhões do sofrimento,
Balsamizasse a dor da agra ferida
Suavizando-lhe o atroz padecimento;

SE para a mísera alma desvalida
Fôsse agasalho e manto, no momento
Em que, sem lar, sem pouso, sem guarida,
Ela lhe suplicasse acolhimento;

SE os tesouros da Terra desprezasse
E só gemas do Amor nos Céus guardasse,
Confiando-as ao cuidado dos Arcanjos;

Então, quando volvesse êle aos Espaços,
Jesus o acolheria nos meigos braços,
Entre a música e o cântico dos Anjos!

Soneto

Abel Gomes.

O homem, quando feliz, traz a sua al-
[ma acesa
De alegrias. Primavera em flor sente
[êle a vida!
Mas quando sofre, a sua alma desiludida
Veste de sombrias côres toda a Natureza!

As manhãs de Sol já não vê... De má-
[goas prêsa
A sua alma nublada, pela dor vencida,
Perde a fé, perde a crença, e tomba en-
[fraquecida,
Apenas vendo luto em tudo, só tristeza...

Mas ao retornar êle ás regiões Infinitas,
Onde as dores transmudam-se em gra-
[ças benditas,
Sua alma, arrependida, lamenta-se e chora:
— Por que na sua noite não viu as es-
[trêlas?
Cega, passando pelas belezas sem vê-las...
Por que no Ocaso não esperou pela Au-
[rora?

Todas as ingênuas teorias dos opositores do Espiritismo, que atribuem a psicografia ao pastiche, esboroam-se diante da rapidez com que foram escritos estes versos, sob os nossos olhos, por uma pessoa cuja cultura literária não dá nem para escrever uma carta, e muito menos para escrever versos, por mais simples que fossem.

Dois grandes romances, escritos em sessões públicas, nuns vinte minutos por semana, sob os olhos do público que toma parte nas sessões, sem um minuto de reflexão, numa corrida frenética do lápis sôbre o papel, coisa que nenhum romancista seria capaz de fazer, e muito menos uma jovem mãe de família, de instrução elementar incompleta.

Ao que nos parece, D. Dolores Bacelar será a continuadora da obra ímpar de Francisco Cândido Xavier, para completar no Brasil o arrazamento do materialismo.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

A GRAÇA DE DEUS

Peça simbólica de José Fraga.

De todas as espécies de propaganda do Espiritismo que temos feito e que se póde fazer, a Arte a serviço da Doutrina é a mais bela. E' a que mais atrai gregos e troianos. E, das artes, o Teatro tem destacado lugar...

O Teatro a serviço da propaganda do Espiritismo tem-nos conferido gratas alegrias e dolorosas decepções.

Das alegrias intensas — talvez por termos sido o iniciador dêsse gênero de propaganda! — a presença ao nosso lado de um grande Espírito — Viriato de Mesquita Bastos — que se nos revelou pelo Francisco Candido Xavier e, agora, do escritor-teatrólogo Ruy Gonçalves, já desencarnado — essas duas são as maiores, naturalmente...

E as decepções?

São tantas, que nem vale a pena falar delas.

* * *

Nunca podemos nos conformar com festivais a benefício de obras espíritas; com representações em centros espíritas tirados a coisas profanas, de todos conhecidas; a números de *cafés concertos e boites,* a sambas e cantigas radiofônicas! Nós, os espíritas, que possuímos uma doutrina que é a mais rica e farta, em assuntos e motivos para lindas coisas teatrais, doutrinárias e educativas, que agradam, propagando a Doutrina em cheio! Por dizer, em mais de uma vez, em escritos, temos feito, — ai de nós! — tantos desafetos e temos arrostado tantas decepções!

Contudo, vibramos, ainda, de puro e superior entusiasmo, sempre que se nos deparam companheiros dedicados à Arte e à Doutrina, pensando e sentindo como nós sentimos e pensamos...

* * *

José Fraga afigura-se-nos um bandeirante do teatro espiritualista, como nós gostamos de testemunhar. Fundou até seu *Grêmio Teatral Fénelon* (o classico abade do Cambrai, que não foi teatrólogo, nem mecenas do teatro francês?) e sai-se à frente de seus moços entusiastas como êle, a representar suas peças espiritualistas-espíritas pelo interior de Minas, S. Paulo, Goiás e Mato Grosso, visionando sempre servir uma obra espírita construída, ou em construção, ou a construir-se. E, distraindo-se e a seus companheiros, e grangeando *fundos* para as obras em cita, e distraindo, espiritualizando e propagando a Doutrina Espírita, vai o ilustre autor de A GRAÇA DE DEUS cumprindo um dos mais brilhantes e dificeis gêneros de propaganda do Espiritismo...

A GRAÇA DE DEUS é a peça simbólica que nos coube para dizermos estas coisas dela e de seu autor. Trata-se de uma peça que, representada ou lida, agradará fatalmente. Embora seus longos monologos fujam à teatrologia moderna, são eles, entretanto, de tal modo ajustados e teatralizados, que prendem e agradam. Mormente, sendo todos eles muito bem escritos, numa linguagem leve e atraente, retoucada de bom vernáculo e melhor arte...

* * *

A leitura de *A Graça de Deus* nos fez lembrar de nós mesmos.

Também um tempo houve em que armamos um grupo de amadores e saímos por aí, aos lugares próximos, representando nossas peças, a beneficio da construção das sédes do *Fé, Esperança e Caridade*, do *Albergue Noturno Allan Kardec*, do *Lar de Jesus*. E como agradavam nossas peças! E que auxilio extraordinário para as obras em construção! E que propagandas bem feitas da Doutrina através do Teatro!

Mas, talvez para justificar *nossa falência* em tudo — até nessa espécie de propaganda! — sentimos que nosso exemplo não serviu de lição para ninguém, dado o mau gosto que ainda se verifica por aí, através de beneficios teatrais em centros espíritas com *peças, sambinhas, remeximentos* e *radiofonices* que nada trazem e nada dizem da Doutrina!

Fomos muito felizes naqueles empreendimentos!

Tanto que já temos aí três volumes de teatro espiritualista publicados. Com nosso nome, porém, menos trabalho nosso do que dos Espíritos que no-los ditaram. E outros tantos, ainda, para sairem, se houver tempo e procura.

Feliz, também, será José Fraga. Mormente, saindo para mais longe e levando um acervo de peças diferentes e mais vibrateis e simbólicas do que as nossas. Assim, pelo menos, sentimos, a despeito de em nossos livros aparecerem simbolismos, como *O Sonho de Denizete, Amor que não foge, A Cigarra e as Formigas, A Terrivel Vingança...*

* * *

Ha, ainda, outras relações e correlações entre nós e José Fraga, entre seu personagem, dr. Rogerio e nós; entre Bet e a querida esposa.

Também nós, sem sermos bonzinho e candidato a santo, viemos para as obras de assistência que a esposa engendrava sem as sentir como ela, tal como o dr. Rogerio. Como a Bet, ela parte e nos deixa à frente de seu LAR DE JESUS. Não se materializa, como a Bet, mas vem dizer pelo maior médium do mundo, que ainda nos quer muito, que continuemos à frente de sua obra, para a completa redenção de nossos espíritos. *(Graças sôbre Graças*, pag. 31).

Muitas relações e correlações entre nós, entre nosso modo de ver e sentir a Doutrina; sua propaganda através do Teatro; a espiritualização do teatro em geral; mormente do que se representa a serviço do Espiritismo, de suas obras de assistência social...

Tão grandes relações e correlações, que até se justifica nossa presença, abrindo A GRAÇA DE DEUS, a peça simbólica admirável do José Fraga.

Estados diferentes das Almas e suas moradas

«Revista de Metapsicologia»

Por JOÃO MARTINS DIOGO JUNIOR

A morada de Deus é o Universo. E julgo que os mundos que circulam no espaço infinito oferecem moradia aos Espíritos que neles habitam, consoante o estado de evolução dos moradores.

Independente da diversidade dos mundos, as palavras de Jesus quando disse: «em casa de meu pai há muitas moradas», também podiam referir-se ao estado venturoso ou desgraçado da alma liberta do corpo físico, pois conforme o desprendimento dos laços materiais variarão os estados espirituais, o aspecto das coisas, as sensações, as percepções, etc.

Enquanto que uns não se poderão afastar da esfera onde viveram, outros se elevarão e percorrerão o espaço e os mundos; enquanto que alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espectáculo sublime do infinito. Finalmente, enquanto que o mau, atormentado de remorso e penares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos que constituiam objeto de suas afeições, sofre as suas próprias culpas, o justo, em convivio com aqueles a quem ama, goza as delícias de uma felicidade completa. Por consequência, sob êste ponto de vista, há muitas moradas, se bem que não circunscritas ou localizadas.

O homem, depois da morte, possúe no Astral aquilo que soube levar dêste mundo.

Do que encontra ao chegar e deixa ao partir, goza êle enquanto alí permanecer.

Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem dos seus haveres a posse real mas, simplesmente, o usufruto.

O que possúe, então? Nada do que é de uso do corpo; mas sim tudo o que é do uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isto é que ele traz e leva consigo, que ninguém lhe póde tirar, e lhe será infinitamente mais útil no outro mundo do que neste.

Depende do homem o ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto que do que tiver adquirido de bom resultará a sua posição futura.

Quando alguém, na Terra, vai a um país distante, leva na sua bagagem os objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe possam ser inúteis.

Procedei, pois, do mesmo modo, com relação à viagem para além do véu, aprovisionando-vos de tudo quanto lá vos possa ser útil.

Ao viajante que chega a uma cidade, um bom alojamento lhe é dado, se o pode pagar. Se o não póde só alcançará coisa inferior.

O mesmo sucede ao homem à sua chegada ao mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres espirituais o lugar a alcançar. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará quanto tinha na terra? Que posição ocupava? Se era rei, ou pastor? Mas sòmente lhe perguntarão pela voz da sua consciência: Que virtudes trazes contigo?

Ora, sob este aspecto, pode o pastor ser mais rico do que o rei.

Este, em vão alegará que antes de partir da terra procurou pagar, a peso de ouro, a sua morada no outro mundo; e acabará por compreender que as moradas, no Astral, não se compram mas sim se conquistam com o cumprimento da Lei Divina e as generosas qualidades da alma.

E's rico dessas qualidades? Terás boa morada.

E's pobre delas? Aprende a conquistar, com o teu amor a Deus e a teus irmãos, a Paz dos Justos, e alcançaras a morada que desejas.

Amai-vos Uns aos Outros

GODOY PAIVA

Ev. S. Mateus, cap. 23:

E os saduceus, ouvindo que Jesus fizera, com a sua sabedoria, emudecer os fariseus, reuniram-se e foram falar com êle. E um deles, doutor da Lei, interrogou a Jesus, para o experimentar, dizendo: Mestre! Qual é o grande mandamento da Lei? E Jesus respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu pensamento. Êste é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a êste, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas.

CONTA-SE que, certa vez, um homem foi se confessar. Chegado à igreja, procurou o confessionário, ajoelhou-se muito respeitoso e aguardou as perguntas do sacerdote. A primeira pergunta que o sacerdote fez ao homem foi esta:

— Você conhece os mandamentos da Lei de Deus?

— Conheço, sim senhor.

— Quantos são êsses mandamentos?

O homem pensou um pouco e respondeu, meio timidamente:

— São trinta...

O sacerdote esboçou um sorriso de desapontamento e disse ao confessando:

— Ora, meu filho! Você está muito atrasado em matéria de religião! Se você nem ao menos sabe quantos são os mandamentos da Lei de Deus, muito menos saberá o que é que Deus exige de nós. Nessas condições, não póde ter consciência dos seus pecados, para poder confessá-los. Vamos fazer o seguinte: Nós temos aquí na igreja uma escola de catecismo; você irá frequentar essa escola e se capacitar de suas responsabilidades perante Deus. Depois disso, então, virá se confessar. Está bem?

O homem levantou-se, um tanto envergonhado, e se pôs a caminho de casa, muito pensativo. Ao atravessar o Largo da Matriz, encontrou-se com o compadre.

— Olá, compadre! Para onde se atira tão cedinho?

— Vou à igreja, para me confessar...

— Ah! Vai?... Foi muito bom encontrar com você, agora!

— Porque?

— Porque preciso saber de uma coisa...

— Que é?

— Diga-me cá: Quantos são os mandamentos da Lei de Deus?

— Ora essa! Então você não sabe? São dez!

O homem arregalou os olhos!

— O quê, compadre! São dez?... Vá dizer isso ao padre e verá o que acontece! Eu vim de lá agora mesmo, dei TRINTA ao padre, êle achou pouco e me mandou embora!

O nosso Mestre Jesus, nêste trecho do seu Evangelho que lemos há pouco, nos ensina a contar de modo diferente os mandamentos da Lei de Deus. Por isso, se perguntarmos a um espírita «quantos são os mandamentos da Lei de Deus», êle não responderá que são 30, nem que são 10, mas responderá simplesmente que são DOIS: O 1.º é êste: Amar a Deus sôbre todas as coisas; e o 2.º é êste: Amar ao nosso próximo como a nós mesmos. E diz Jesus «Porque êstes dois mandamentos resumem toda a Lei e os Profetas, isto é, êstes dois mandamentos contêm em si todos os ensinamentos dos *dez mandamentos* da Lei de Moisés e tudo aquilo que os Profetas ensinaram aos homens em matéria de cumprimento das nossas obrigações para com Deus.

Efetivamente, meus caros amigos: A uma pessoa que ama a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, não é preciso que andemos a fazer recomendações para que não mate, não furte, não minta, não adultere, não diga falso testemunho, não cobice a mulher do próximo, etc. porque essa pessoa, uma vez que ame a Deus e ao próximo como a si mesmo, será incapaz de cometer tais faltas.

Quando nós recebemos em nossa casa a visita de uma senhora muito educada, muito fina, não é preciso que, ao apontar-lhe uma cadeira para se assentar, lhe digamos: «Dona Fulana: Eu vou lá dentro, preparar-lhe um cafezinho, mas a senhora não mexa na gaveta daquela mesa, porque guardei ali umas joias ou um dinheirinho...»

Quando oferecemos uma festinha em nossa casa, aos nossos amigos, ás pessoas de nossa amizade, não é preciso que colemos nas paredes uns avisos dizendo assim: «Não sáia daquí com os talheres no bolso, porque foram emprestados do vizinho...»

Se procedessemos assim, estariamos ofendendo aos nossos amigos que, certamente, nunca mais voltariam à nossa casa!

Jesus, sabendo que os que seguem os seus ensinamentos procuram com empenho a *felicidade* de seus irmãos e não a *desgraça* de seus irmãos, cancelou os dez mandamentos da Lei de Moisés, por desnecessários, deixando-nos apenas êstes dois: Amar a Deus sôbre todas as coisas e Amar ao próximo como a nós mesmos.

* * *

Mas não ficaram aí os ensinamentos de Jesus, porque «amar ao próximo como a nós mesmos» não consiste apenas em tratar bem aos nossos irmãos, evitando *roubá-los,* evitando *maltratá-los,* evitando *matá-los,* evitando *contrariá-los.* Há muito pecado que não é cometido por meio de nossas ações, mas é cometido através do nosso pensamento. Jesus vai além, e nos diz o seguinte:

> «Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu porém vos digo que qualquer que cobiçar uma mulher já no seu coração adulterou com ela. Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás. Eu porém vos digo que qualquer que se encolerizar contra o seu irmão será réu do Juizo».

Como se vê, diante de Deus tanto é pecado adulterar como é pecado cobiçar apenas uma mulher. Tanto é pecado matar um nosso irmão, como é pecado mandar-lhe vibrações más ou maus pensamentos. E isso é muito fácil de compreendermos, porque muitas vezes nós não matamos um nosso irmão apenas por medo da polícia... Se tivessemos certeza de que não seriamos processados, mandariamos o nosso irmão imediatamente para o outro mundo... Se tivessemos certeza de que uma mulher bonita não contaria nada ao marido (que poderia nos dar uns tiros) iriamos fazer-lhe propostas descortezes... Mas o pecado já está cometido, como disse Jesus, porque não foi praticado por ações mas foi praticado por pensamento!

E continua Jesus:

> «Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram».

Chorar com os que choram, é muito fácil...

Quem quiser verificar como isso é fácil, é só entrar em uma casa onde há um cadáver. Quanta gente que nunca chorou, chora ali, abertamente! E isso acontece porque, como diz o ditado, quando nós vemos que a barba do vizinho está pegando fogo, pomos a nossa de molho... Começamos a nos lembrar de que aquilo que aconteceu áquela família que estamos visitando póde se dar conosco. Podemos, amanhã, perder um filho, perder a esposa ou o esposo, e isso nos deixa tristes e nos provoca as lágrimas...

Mas... *«alegrarmo-nos com os que se alegram»,* é ás vezes bem difícil, porque aí se dá o contrário do que acontece na casa onde há um cadáver. A's vezes a alegria do nosso irmão nos causa profunda tristeza... porque quem foi o *felizardo* foi êle... e não nós... «O amor não seja fingido» dizia Paulo; mas quasi sempre o é.

Exemplo: O «seu» Antunes encontra-se com o «seu» Palhares lá na Praça da Sé, na fila de ônibus, e os dois começam a conversar.

Vamos aplicar o ouvido, para escutar a conversa dos dois:

O seu Antunes:

— Olá! Você por aquí!

— E'... Esperando o ônibus...

— Como vai a família?

— Vai bem; muito obrigado...

— E a sua?...

— Vai indo...

— Como vai o Juca com o automovel?

— Que Juca?

— Ora! O Juca!... Aquêle rapaz que você protegia... De vez em quando lhe dava uns cobres, porque êle andava numa «pendura» medonha...

— Ah!... Nunca mais o vi! Coitado! Tão bom!...

— Então você não sabe?...

— Não sabe o que?...

— Que êle tirou 500 contos na loteria?...

— Tirou?... Bem empregado! Estimarei que êle seja muito feliz...

Mas a inveja está lá por dentro, roendo... O seu Palhares gostava muito do Juca, auxiliava-o com uns cobres, mas agora está enciumado... com inveja...

Passados uns 15 dias, o Antunes encontra-se outra vez com o seu Palhares na fila de ônibus:

— Sabe da última, Palhares?

— Que foi?

— O Juca (aquêle que comprou aquêle belo Rabo de Peixe) deu uma trombada e espatifou o carro!

— Não diga! E' isso! Quem nunca comeu melado, quando come se enlambuza!

E o Palhares está todo satisfeito, porque aconteceu ao Juca justamente o que êle queria: que espatifasse mesmo o Rabo de Peixe... Êle gostava do Juca só enquanto o Juca não tinha dinheiro... O seu Palhares *chorava* com os que choram, mas *não se alegrava* com os que se alegram...

E' em ocasiões como estas que Deus põe à prova a nossa sinceridade de sentimentos para com o nosso irmão, para ver se nós nos amamos mesmo uns aos outros, de acôrdo com o novo mandamento que Jesus nos legou.

* * *

Mas não param aí os ensinamentos do nosso Mestre Jesus, em matéria de amizade sincera para com os nossos irmãos. Êle vai muito mais longe e, continuando as suas exortações, nos faz uma recomendação dura de cumprir. Diz êle:

> «Amai aos vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem e caluniam».

Estas palavras, tomadas ao pé da letra, rigorosamente, parecem mesmo uma recomendação impraticável, porquanto a nossa tendência é sempre para proceder ao contrário, isto é, detestar os nossos inimigos e fazer o bem apenas a quem nô-lo faz também.

Houve mesmo um homem que dizia: «Eu sou muito correto em minhas amizades: Para mim, os meus amigos não têm defeitos, e os meus inimigos não têm qualidades».

Vós já deveis ter prestado atenção a uma coisa muito interessante que acontece por aí afóra:

Dona Jovina recebe um cartãozinho de d. Antonieta, comunicando-lhe que a sua filha vai se casar no dia tanto... A filha de d. Jovina dá logo um conselho:

— Mamãe! Vamos tratando de pensar num presentinho para a filha de d. Antonieta...

— Que presente, que nada! – atalha d. Jovina — Ela mandou algum presente a você, quando se casou?...

Nós somos assim! E por isso Jesus nos adverte logo a seguir: «Porque se amardes só aos que vos amam, que galardão tereis? E se saudardes apenas aos vossos irmãos, que galardão recebereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?»

Amar aos nossos inimigos, como recomenda Jesus, não é andar à procura deles, constantemente, fazendo-lhes rapapés, enviando-lhes presentes e dando-lhes provas de muita consideração e apreço. Isso seria até contraproducente, porque o nosso inimigo ficaria desconfiado conosco, visto que — como diz o ditado – quando a esmola é muita, o santo desconfia... Para que amemos aos nossos inimigos, é bastante que não tentemos retribuir (nem ao menos em pensamento) o mal que eles nos fizeram. E' bastante que esqueçamos êsse mal e que em nossas orações peçamos ao nosso Pai Celestial que os ilumine, para que conheçam a extensão de suas faltas e não as pratiquem mais. Isso é fazer o bem aos nossos inimigos. E se há uma vingança que se póde chamar de *vingança santa*, é essa: fazer o bem aos que nos fazem mal. Jesus disse mesmo: «Porque quando fizeres o bem ao teu inimigo, colocarás brazas vivas sôbre a sua cabeça!» Que quer dizer isto? E' que lhe provocamos o remorso daquilo que êle nos fez! A sua consciência fica queimando, diante do arrependimento, ao ver que nós não lhe queremos mal, mas que o estimamos como a um irmão. E assim estamos cooperando para sua evolução espiritual.

Mas Jesus ainda vai mais adiante nas suas recomendações, e esta, agora, tem deixado muita gente com os cabelos arrepiados : — Escutemos :

«E áquele que te ferir na face direita, oferece também a esquerda».

Quem não está acostumado com o modo de falar, do nosso Mestre Jesus, pensará logo que êle nos está aconselhando a que sejamos covardes ou sem-vergonha! Pois então! Um homem nos dá uma bofetada, e nós oferecemos o rosto a êle, dizendo-lhe : Dá mais uma dêste lado?...

Estas palavras têm provocado grandes discussões no seio da cristandade. Há os que entendem que deve ser assim mesmo : Quando alguém nos bater na cabeça, devemos abaixar, para que nos bata também no resto do corpo... Outros entendem que não; que isto é uma linguagem figurada.

Conta-se que há tempos viajavam no mesmo banco, num carro de estrada de ferro, um pastor e um sacerdote. Conversa vai, conversa vem, e o assunto foi parar neste trêcho do Evangelho : Quando te baterem numa face, oferece a outra! O pastor achava que devia ser assim mesmo. O sacerdote achava que não! Mas, como da discussão sempre resulta qualquer coisa má, o animo dos dois foi se esquentando... e ambos já estavam esquecidos de que conversavam sôbre os ensinamentos do Cristo. A certa altura da discussão, o sacerdote perdeu a paciencia e disse ao pastor :

— Pois bem! O senhor acha que é assim mesmo! Então vamos pôr isto à prova. Vire o rosto para lá!

O pastor virou o rosto e o sacerdote aplicou-lhe uma boa bofetada. E continuou :

— Agora vire o rosto para cá!...

O pastor virou o rosto para cá e levou outra bofetada, sem se defender.

Disse então o pastor : — O senhor, seu reverendo, executou fielmente o que manda o Evangelho. Mas há de dar licença para que eu tambem o execute : Escute este trecho do Evangelho :

— E abriu a Bíblia, onde estava escrito :

> «E disse Jesus : Não cuideis que eu vim trazer paz à Terra, porque vim trazer espada! Eu vim pôr em dissenção o homem contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra! Dai e vos será dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos deitarão em vosso regaço, porque com a mesma medida com que medirdes vos tornarão a medir.»

— O senhor está de acordo com isso, seu padre?

— Estou, sim senhor : Dai e ser-vos-á dado : boa medida, recalcada, sacudida e transbordando.

— Pois então, tome lá aquilo que o senhor me emprestou — disse o pastor — E encheu o outro de bofetadas.

O Chefe do trem notou aquela barulhada e veio ver o que estava acontecendo. E um dos passageiros lhe disse :

— Não é nada, seu Chefe. Aqueles dois estão pregando o evangelho um ao outro...

* * *

Não estamos criticando nenhuma religião, porque todas são divinas.

Isto é uma simples anedota, aliás, extraida de um livro de autoria de um protestante. Os nossos irmãos de outras crenças são tão bons como nós, e muitos deles são muito melhores que nós. Todas as vezes que falo aos nossos confrades não me canso de exaltar as qualidades dos nossos irmãos de outras crenças, principalmente os protestantes, em cujo seio nasci e aos quais devo a formação do meu caráter cristão. Dou sempre graças a Deus por ter estruturado os meus conhecimentos acerca do espiritismo por meio do aprendizado do Evangelho no meio protestante, onde a Biblia é o livro de cabeceira e o faról para nos iluminar na estrada escura da vida.

* * *

Meus amigos : *«Amai-vos uns aos outros»* é uma frase de Jesus, que figura no estandarte do espiritismo, onde se lê : «Trabalho, Solidariedade, Tolerância! ou Fóra da caridade não há salvação», o que vem a ser a mesma coisa!

Se nós perguntarmos a um nosso irmão católico qual é o sinál do cristão, êle responderá prontamente, de acordo com o catecismo de sua igreja : «O sinál do cristão é o sinál da cruz!» Se perguntarmos a um de nossos irmãos protestantes qual é o sinál do cristão, êle responderá : «E' a guarda do domingo».

Se perguntarmos a um espírita qual o sinál do cristão, que responderá êle?

Se o espírita não souber responder,

procure no Evangelho a resposta que Jesus deu aos seus discípulos: Disse êle:

> «Nisto conhecerá o mundo que sois meus discípulos: Se vos amardes uns aos outros!»

E, realmente, uma das coisas que denuncia imediatamente um espírita é o espírito de solidariedade, a prática da caridade, o amor a seus irmãos.

Há poucos anos, um Juiz do Tribunal do Jury de uma das cidades do nosso interior, preparava com o Escrivão uma lista de nomes para serem colocados na urna e dali retirados os nomes dos jurados. O escrivão ia lendo os nomes dos principais moradores da cidade e o Juiz ia dizendo: Êste serve... Êste não serve... A certa altura, disse o Escrivão:

> — Interessante, senhor Juiz. Todos esses nomes que o senhor está recusando para o Conselho de Sentença são de *espíritas*. Porque?

E o Juiz respondeu:

> — Porque com essa gente é muito difícil um homem ser condenado...

E êle tinha razão, porque o espírita sabe que Jesus recomendou: «Não julgueis para que não sejais julgados» e, assim, tem um cuidado imenso no julgamento de seus irmãos, aos quais êle ama como a si mesmo.

⁂

Jesus tinha um discípulo que tinha por apelido «O discípulo amado». Era João. Porque será que êste discípulo merecia de N. S. J. Cristo uma afeição toda especial? Porque era por demais amoroso. Os quadros que existem por aí afóra nos mostram o apóstolo João aconchegado sempre ao peito de N. S. Jesus Cristo.

Todos os escritos que o apóstolo João nos deixou versam sempre sôbre a necessidade de nos amarmos uns aos outros. Entre outras coisas, diz êle nas suas epístolas:

> «Aquêle que diz que está na luz, mas aborrece a seu irmão, até agora está em trevas. Aquêle que ama a seu irmão está na luz, e nêle não há escândalo. Porque esta é a anunciação que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Aquêle que aborrece a seu irmão é homicida, e vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nêle. Amemonos uns aos outros, porque a caridade é de Deus. Aquêle que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquêle que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor e, se Deus nos amou, devemos nos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus mas, se nós nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeita a sua caridade. Se alguém diz «eu amo a Deus» mas aborrece a seu irmão é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão, a quem vê, como póde amar a Deus, a quem não vê! Quem ama a Deus, ame também a seu irmão».

Êste apóstolo morreu muito velhinho; já com cerca de cento e tantos anos. Diz a lenda que seus amigos arranjaram-lhe uma cadeira de rodas, para que êle, já alquebrado pelos anos, pudesse saír à rua e mudar de ar. Por todos os lugares onde João passava, cumprimentava a todos, dizendo: «Filhinhos! Amai-vos uns aos outros!»

E êle tinha razão, porque o segredo da felicidade nêste mundo consiste em amarmo-nos uns aos outros. Onde *há* o amor, há felicidade, embora não possuamos bens; embora não contemos com divertimentos; embora não passemos regaladamente; embora a vida não nos sorria. Onde *não há* o amor, não há felicidade, embora sejamos donos dêste mundo, e isso simplesmente porque onde não há o amor *não há Deus*, porque Deus, como disse o apóstolo, é justamente o Amor!

Assim sendo, meus caros amigos e confrades, façamos o possível para desenvolver cada vez mais, nos nossos corações, êsse nobre sentimento, que é o amor: não o amor sensual, o amor paixão, o amor aos nossos interesses exclusivos, o amor aos nossos prazeres, o amor sómente áqueles que nos amam, mas o *amor evangélico*, o amor daquêle Samaritano sem religião mas que, vendo caído na estrada o seu irmão, que havia sido vítima dos ladrões, desceu do animal e foi socorrelo; o amor de Zaqueu que, ouvindo a pregação de N. S. Jesus Cristo, disse:

Senhor! Eu estou pronto a seguir as tuas recomendações e, se porventura defraudei a alguém, pagar-lhe-ei duplicado!; o amor de Maria Madalena que, abandonando todos os prazeres do mundo e as riquezas de que dispunha à fartura, atirou-se aos pés de Jesus, lavando com lágrimas os seus pés e os enxugando com os seus cabelos; o amor, finalmente, de Nosso Senhor Jesus Cristo, que desceu dos páramos celestiais para dar a sua vida em favor da humanidade e, depois de levantado, ao madeiro, ainda exclamou: Pai! Perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!

Que êsse amor sublimado inflame constantemente os nossos corações e que neles fiquem gravadas, em caractéres indeléveis, estas memoráveis palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que serviram de tema à nossa palestra de hoje: «Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei!»

Assim seja.

Sociedade Brasileira de Filosofia

Os Trabalhos da última Reunião

Realizou-se a sessão cultural sob a presidência do Dr. Herbert Canabarro Reichardt e secretariada pelo Major M. Carlos de Souza Ferreira.

Fizeram parte da mesa os Srs. Drs. Carlos Xavier Paes Barreto e Cristovam Breiner e Sdt. Cesar Xavier.

O professor Arnaldo S. Tiago pediu um voto de congratulações com o Governo e o povo franceses pelas grandes homenagens prestadas a Santos Dumont, inventor da navegação aérea.

Em seguida o Professor S. Tiago fez uma comunicação sôbre a «Divina Comédia» e proferiu a conferência «O Bispo de Hipona, Santo Agostinho», a respeito da qual se manifestaram os Srs. Presidente, Almirante Washington Perry de Almeida e Drs. V. A. Argolo Ferrão e Tulio Chaves.

Foi o seguinte o voto do Sr. Professor Arnaldo S. Tiago:

«Era meu intuito fazer esta tarde, perante a ilustre assembléia dos estudiosos componentes da Sociedade Brasileira de Filosofia, uma dissertação sôbre a «Divina Comédia» a cuja interpretação tenho dedicado os melhores dias da minha existência, felizmente chegada à plenitude da venturosa velhice. Razões muito respeitáveis levaram-me contudo, a consagrar esta hora que me concede a indulgência da direção desta casa, à rememoração de uma vida preciosa sob todos os aspectos, como seja a do santo Bispo de Hipona. Da «Exegética da Divina Comédia», prestes a sair à luz da publicidade, desejo apenas dizer, nesta oportunidade, que tem ela por fim a unificação religiosa, problema nevrálgico da atualidade, sem a solução do qual serão baldados todos os esforços da civilização no sentido da felicidade terrena, que só a tranquilidade no trabalho póde engendrar entre os homens.

Tirando das sombras da letra — para restituí-lo ás claridades do espírito que vivifica — o maior Poema Religioso concebido por um cérebro humano, visamos a essa unificação, inspirados pela própria essência dos Evangelhos do Cristo.

Constituirá portanto a «Exegética da Divina Comédia» um apêlo a todas as igrejas, no sentido dessa unificação religiosa, de que resultará se tornarem colaboradoras umas das outras e não mais opositoras que se degladiam inutilmente, convulsionando o ambiente social, em vez de procurarem pacificá-lo, como é do dever da verdadeira Religião.

Cumprindo êsse dever sagrado, Sr. Presidente, poderei fechar os olhos, tranquilo. Oxalá possamos ver brilhar em meio da noite pavorosa que envolve a humanidade, a estrela mensageira da esperança em dias melhores: a dessa unificação religiosa, sem a qual o mundo continuaria a ser prêsa de guerras, sempre resultantes de dissidios de toda natureza, mas principalmente de lutas religiosas que foram as que mais sangue fizeram verter à humanidade.

«O presente livro, irei dizer na dedicatória que do mesmo faço ao Divino Mestre, destina-se a colaborar nesse grande evento, preliminar da realização das promessas de Jesus e que muitos esperam ver plenamente cumpridas no início do 3.º milênio da Era Cristã. Assim o compreendam os contemporâneos, para que os pósteros lhe desfrutem os benefícios. Quanto a mim, poderei dizer, como o velho Simeão, ao tomar em seus braços, no templo, o menino Jesus : «Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, pois já os meus olhos viram a tua salvação.»

A Religião, em cujo sentimento foi o homem terreno iniciado por Jesus, é impulso íntimo de fé — e tanto se acomoda à demonstração científica da realidade da vida espiritual como à confiança ingênua e simples em uma vida melhor. O saber alguma cousa, com precisão científica, a respeito dos fenômenos da natureza, nos planos físico e espiritual, muito contribui certamente para uma boa prática religiosa ; o que mais para isso contribui, intretanto, é a humildade perante Deus — e só a humildade poderá conduzir as diversas igrejas à unificação religiosa.

Só o amor, supremo inspirador do perdão, da tolerância, da justiça, da caridade, unido áquela excelsa virtude, pode fazer compreender ao homem o sentido profundo da Religião, que consiste em ligar a criatura ao seu Criador, pelo entrelaçamento fraterno de todos os seus filhos.

Nestas condições, impõe-se a absoluta ausência de espírito sectarista, para que a Religião seja efetiva e produza bons frutos. O Espiritismo veio para confirmar, perante a cultura hodierna, o excelso valor da Religião e jamais para fundar «uma nova religião», com todo o seu séquito de sectarismos e privilégios. Não se originou de culto algum especial, afim de servir de traço de união a todos, bem o disse o Codificador, inspirado pélos mensageiros do Divino Metre, em «La Génèse, 1-45 : «*Ele* (a Nova Revelação) *n'est sortie d'aucun culte spécial, afin de servir un jour à tous de point de ralliment*".

Todos os crentes sinceros, qualquer que seja a comunidade religiosa a que pertençam, são dignos de respeito ; merecem todas as igrejas o nosso acatamento.

O escopo supremo de todos os pensadores e poetas, de todos os filósofos e profetas, é a sublime unificação religiosa que presentemente nos empolga. O próprio Guerra Junqueiro, no poema «Aos Simples» assim se manifesta :

«E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Há-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida».

Êste mesmo objetivo tivemos, desde que, podendo perscrutar o Pensamento de Dante, escrevemos a «Exegética da Divina Comédia». E' possível que não sejamos imediamente bem compreendidos nessa intenção ; mas o que é fato, indiscutível, é que a obra prima de Alighieri, assim interpretada, contribuirá, de muito, para a unificação, a verdadeira unificação religiosa que reerguerá os corações para o ministério sagrado da Religião, mediante a conversão de todos os homens à divina moral de Jesus, essa moral que sentimos desabrochar, como flôr de eterna vida, em nosso coração, depois de tantas lágrimas vertidas e de tantos esforços para o melhor conhecimento da Verdade, que nos levarám a dizer, repitamo-lo como o velho Simeão, ao ter nos braços, no templo, o pequenino filho de Maria, reconhecido por êle como o Messias prometido : *Nune dimittis servum tuum, Domine*».

«Jornal do Comercio», de 4 de Julho de 1952.

—

O Livro a que se refere a comunicação acima transcrita, já entrou para o prélo, e deve aparecer em Setembro ou Outubro próximos, conforme comunicação recebida do autor.

* * *

Jesus não impôs uma religião. O seu único objetivo foi ensinar aos homens a lei de Deus, que se funda no amor ao próximo, com a proclamação da Imortalidade da Alma, para que eles construissem a sua fé em firmes alicerces, de maneira a poderem alçar altos vôos a mundos superiores. A missão do Espiritismo é a mesma de Jesus, daí a razão por que a difusão desta doutrina equivale a entregar às criaturas que a professam as chaves do reino de Deus. — CAIRBAR.

Inspiração ou Dom Mediúnico? Coincidências?...

Acabo de chegar da rua. São 17 horas menos 20 minutos. Fui levar ao correio, na Avenida, depois de investidas pelos Ministérios da Educação e da Fazenda, à cata de notícias sôbre dois processos pelos quais me interesso, uma carta dirigida ao Snr. Isidoro Duarte Santos, diretor de «Estudos Psíquicos». Uma carta e um opúsculo. A carta levava um soneto dedicado à exma. senhora Maria G. Duarte Santos, esposa desencarnada daquêle confrade; o livro era mais para oferecer ao destinatário fotografias, que contém, de meus pais e minha esposa, sendo que esta, num grupo, rodeada de seis dos meus filhos.

O soneto, intitulado «AVE! MULHER!» é o seguinte:

Filha, esposa e depois mãe carinhosa,
Sempre há de ser do homem guiadora
A mulher que se humilha e, criadora,
De Deus aceita a dádiva gloriosa.

Filha, é do lar a flôr mais perfumosa;
Esposa — com o ser progenitora,
E' também do carácter formadora,
Pelo exemplo que deixa, virtuosa.

Como filha — inocente, o pai concita
A uma vida de amor e castidade,
Ensinando, se esposa, a lealdade.

Em sendo mãe, porém, é a luz bendita,
— Com Jesus vinda ao seio de Maria, —
Que o amor pelos orbes irradia.

Abro aquí um parêntesis para fielmente narrar que, ao dirigir-me à cidade, para dar os passos acima detalhados, fui conduzido, de automóvel, pelo meu filho Arnaldo que se achava acompanhado do senhor coronel de engenheiros Pinto da Veiga, aos quais, em caminho, mostrei o soneto em aprêço, depois do que conversámos sôbre linguística, pronunciando-me eu, incidentemente, sôbre o que ouvira alguém dizer a respeito de um certo predomínio que ainda querem portuguêses exercer sôbre os brasileiros, haja vista o acôrdo ortográfico, contendo mais imposições daqueles a êstes, do que dos nossos intelectuais aos de além-mar. Depois dessa conversa, chegámos à Avenida, onde nos despedimos.

Fechado o parêntesis, prossigo. Regressando à casa, de ônibus, ao defrontar o Colégio Militar, ocorrem-me dois versos decassílabos, de estílo camoneano. Mesmo no ônibus, procurei escrevê-los, pois disponho de memória pouco fiel. Dentro de mais dois minutos chegava à casa, que fica situada à rua da Universidade, bem próximo do citado Colégio. Embarafustei pelo corredor de acesso a dentro e vim direito à minha mesa de trabalho. Decorridos outros dois minutos, já estavam escritos dois quartetos:

Ao pêso da matéria sucumbindo,
Em soluços e ais, desventurada,
Esta alma que se encontra encarcerada,
Vai aos poucos o gólgota subindo.

Belo ideal longínquo perseguindo,
Pelo mar da existência arrebatada,
Se a flâmula do amor traz desfraldada,
Mais crucia-lhe a dôr — oceano infindo!

Chamaram-me para o café. Fiz menção de erguer-me, mas uma voz íntima segredou-me: «Não se deve deixar uma boa inspiração por um café...» Continuo o soneto e num abrir e fechar de olhos, tenho-o concluído com os dois seguintes tercetos:

Velas pandas ao vento da tortura,
Vai o triste batel desta amargura
Aos poucos do destino aproximando.

Quando chegue ao bom pôrto, no infinito,
Há de, alegre, voar êste proscrito
Coração que na Terra está chorando.

Então levanto-me e vou ao café, na copa, que é ao mesmo tempo cozinha. Lá estão dois netos: Randolfo, segundo anista de Medicina, e Luiz, terceiro anista do Científico, e minha filha Emilia, licenciada em Letras Néo-Latinas pela Faculdade Nacional de Filosofia.

Leio-lhes o soneto. Aplaudem-me. Acham que tem, de fato, sabor camoneano....

Pergunto eu aos doutos: Trata-se de simples inspiração? E' dom mediúnico? Nêste caso, o soneto é de minha autoria, ou deve ser atribuido a alguém, que porventura mo tenha inspirado e que sabe escrever em estilo camoneano?

O dom mediúnico, chamado *intuitivo*, desde os prolegômenos do Espiritismo, em 1857, é generalizado à espécie humana, em sua totalidade; princípio, assim, firmado pela Filosofia Espírita, mas de que Bergson se apropriou para firmar a sua doutrina da Intuição, dando margem a que se deixe no esquecimento a verdadeira origem dessa doutrina, atribuindo-a inconsideradamente ao citado Bergson; êsse dom, diziamos, é generalizado à espécie humana: por êle comunicamos com os nossos amigos invisíveis e eles se comunicam conosco.

Mas, quanto à coincidência: Eu acabava de manifestar tanta admiração e tanto respeito por uma ilustre confreira. Teria sido ela quem me inspirou o soneto camoneano?...

Mistérios da mediunidade!!

Inspirado pelas eternas Musas a um versejador obscuro; transmitido, intuitivamente, por algum português que, de fato, quis deixar bem patente a predominância da inteligência de além-mar sôbre a mentalidade nativa dos brasileiros; seja lá como fôr, escrevi em dois ou três minutos o soneto que aí está e ao qual não sei que título lhe eu ei de dar.

Não é pastiche. Nunca o soube fazer. Gostaria, se ainda houvesse crítica nêste pais e no além-mar, de ouvir, para saber, alguma cousa a respeito.

Arnaldo S. Thiago.

Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1952.

Leopoldo Machado e seus Livros de 1952

O ano de 1950 foi o ano das *Graças da Terra*, que Leopoldo Machado recebeu dos moços de Belo Horizonte. E das *Graças do Céu*, que recebeu em Pedro Leopoldo.

Foi o ano da *Caravana da Fraternidade*, de que foi Leopoldo Machado um dos componentes e animadores.

O ano de 1951 foi o ano de sua enfermidade grave, de que nem êle mesmo contava sobreviver.

O ano de 1952 foi o ano de sua «quasi ressurreição».

E ressucitou trabalhando, que o trabalho é a sua alegria de viver.

De seu trabalho de enfêrmo em longa convalescença, resultaram três livros.

Graças sôbre Graças, já quasi exgotado, o primeiro, a despeito de colocado sómente entre os que, a despeito de pagá-lo — que o livro beneficía as obras em construção do *Lar de Jesus* — também o lerão.

Do livro, que traz substancioso prefácio do Carlos Imbassahy, disse o grande médium que recebeu as mensagens, que lhe dão vida:

> «À leitura do livro me trouxe lágrimas de emoção em me recordando da nossa inesquecível D. Marilia, a sua diléta companheira de lutas e nossa inolvidável missionária do Evangelho sentido e vivido nas lutas de cada dia».

UMA GRANDE VIDA é o segundo volume, que está sendo editado pela Emprêsa de *O Clarim*, de Matão. Trata-se da biografia romanceada de Cairbar Schutel, que é para o autor, o *Espírita N.º Um do Brasil*. O livro foi levado, para o autor concluí-lo, em sua excursão ao Norte, e perdido. Reconstruiu-o durante sua convalescença.

Dêle, disse seu prefaciador, o substituto do apóstolo de Matão e diretor de *O Clarim* e da *Revista Internacional do Espiritismo*, José da Costa Filho:

> «Temos a plena certeza de que UMA GRANDE VIDA satisfará aos milhares de confrades que, tanto como nós outros, estimam, admiram e veneram Cairbar Schutel, um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil. E a Leopoldo Machado, outro trabalhador da mesma têmpera de Cairbar e nosso companheiro de redação, que nos remeteu os originais do livro num dos momentos mais difíceis de sua vida, etc., etc., somos profundamente gratos

pelo grande trabalho que teve em escrever esta biografia de Cairbar Schutel, etc., pelo trabalho, tão valiosa obra, que consideramos um verdadeiro e imperecível tesouro».

CARAVANA DA FRATERNIDADE, o terceiro volume de Leopoldo Machado, é a descrição completa do que fôra sua excursão, acompanhado de abnegados companheiros ao Norte do País, até o Amazonas, a serviço da unificação doutrinária, em função do *Pacto Áureo*. Livro que constará da história e descrição da Caravana, por meio de crônicas espíritas, de impressões colhidas no mundo doutrinário e profano ; de comunicações espíritas e excertos de cartas sôbre o venturoso movimento confraternativo.

Do CARAVANA DA FRATERNIDADE diria José Augusto Romero, jornalista e pregador da Doutrina, ilustre presidente da F. E. Paraibana, o que disse em magistral crônica da passagem dos caravaneiros por João Pessoa, repetido em cartas posteriores :

> «Em seguida, teve lugar a monumental conferência de Leopoldo Machado, ardentemente ansiada pela família espírita da Paraíba e até mesmo por numerosos profanos.
>
> A conferência de Leopoldo Machado empolgou todo o auditório que enchia as dependências do Teatro. O orador foi ouvido sob religioso silêncio, de momento a momento interrompido por calorosos aplausos. Foi um momento feliz. Em todas as fisionomias se estampavam a surprêsa e o entusiasmo provocados pelas sábias palavras do orador. Encerrada a conferência, o presidente da festividade proferiu as seguintes palavras : «As paredes dêste Teatro nunca ouviram palavras tão saturadas de espiritualidade, tão verdadeiras e tão em harmonia com o pensamento divino».

Ao sair do Teatro, ouvi entusiasticas referências acerca do Prof. Leopoldo Machado. Muitos lamentaram a conferência não ter se prolongado por toda a noite.

Soube, com fundamentos, que até católicos e protestantes aplaudiram o conferencista.

Ainda perduram comentários em torno da apoteótica festividade do Teatro. Muitas pessoas ainda hoje me interpelam a respeito da possibilidade do retorno do Leopoldo Machado a esta cidade, etc.

—

Todos os volumes, editados a benefício do LAR DE JESUS.

Para o «Lar de Jesus», Nova-Iguassú, Caixa Postal, 6, E. do Rio, e para a Redação de O CLARIM, Matão, E. S. Paulo, Brasil, devem ser enviados os pedidos de volumes.

Crônica Estrangeira

Duas Cegas Miraculadas

Com êste mesmo título publicou *Vida Mundial*, no seu n.º 640, de 1951, a seguinte local :

«*Duas cegas miraculadas* — Na mesma semana, duas cegas — Anna Gentilli, de Roma, e Frank Serra, de Scranton (E. U. da América) recobraram a vista. A medicina já havia condenado ambas à noite perpétua.

«Anna Gentilli atribúe o prodígio ao fluído do mago italiano Giovanni Andalini, que os grandes periódicos da península fotografaram ao lado da sua cliente, restituida por êle à vida normal.

«O caso da sra. Serra não é menos extraordinário. Há onze anos, perdeu subitamente a vista, a seguir ao nascimento do filho.

«Incurável !» — decretaram uns após outros os maiores especialistas. E de fato, até à semana passada, a pobre mulher, vítima do que os médicos chamavam hemorragia ótica — nunca pudera ver o seu filho.

«Contudo, não perdia a esperança. Rezava. Nas suas trevas, dirigia-se às forças extra-terrestres, mais confiante no seu poder do que na infelicidade dos que a tinham condenado.

«Há dias, cedendo a instâncias do marido, consentiu em voltar a um consultório, para se tratar das dôres artríticas que a afligiam desde há tempo. Na noite seguinte à consulta, a sra. Serra teve uma visão: viu — mentalmente — uma escada e julgou reconhecer nêsse objeto uma forma fugitivamente avistada, à tarde, no consultório. Julgando ser joguete de uma ilusão, a doente esperou pelo dia seguinte e não disse palavra a ninguém da esperança que docemente lhe nascia no coração.

«Acompanhada da filha mais velha, Mary-Ann, voltou ao médico. E no consultório, apontando para um canto da sala, perguntou com voz angustiada:

«— Não há uma escada naquêle canto?

«Efetivamente, havia ali uma escada!

«Os especialistas que foram logo chamados, reconheceram que—contra toda a espectativa—a sra. Serra, cega considerada incurável, recuperara o uso da vista...

«Adivinha-se que o cuidado da mamã miraculada foi abandonar os oculistas ás suas digressões e correr ao lugar onde estava o filho Joseph. Através das lágrimas, viu-o... devorou-o com os olhos. Depois, soluçando de felicidade, murmurou:

«Meu Deus! Que lindo rapaz!»

Os fatos, em si, dispensam comentários. Estão bem patentes o poder e a ação dos fluídos curadores dos médiuns e das forças extra-terrestres que acodem à chamada de quem, com verdadeira Fé, para elas dirige o seu fervoroso apêlo!

⁂

Confesso-me profundamente abalado!...

Um amigo meu, lisboeta, de idéias arreigadamente materialistas, para quem os fenômenos atribuidos ás forças supranormais não passavam, até há pouco, de meras sugestões ou de embustes, no seu desejo de me provar que a razão estava de seu lado, logrou satisfazer o desejo de presença numa sessão com médium seu desconhecido.

Mal os trabalhos começaram, o médium logo se lhe dirigiu, dizendo:

«— O senhor está muito preocupado com uma senhora que espera chegue a toda hora. Essa senhora não chegará. Também sente o receio de que em vez dela lhe surja outra pessoa que lhe é indesejável. Essa pessoa não virá também. Póde negar, que tem tudo preparado para atravessar o Atlântico?»

O meu amigo lisboeta ficou aterrado! Aquela mulher, meio sonâmbula, não o conhecia; ali ninguém conhecia a sua vida; e os fatos eram absolutamente verdadeiros!

...E veio declarar-me:

— Confesso-me profundamente abalado!

⁂

Casas Assombradas

Por S. Frantz — Colaboração da Mme. Marques Guedes.

Desde o 1.º de Janeiro que vários jornais vêm falando de *casas assombradas*, relatando as manifestações supranormais que se têm produzido em várias regiões francêsas.

Êstes fenômenos são, com frequência, devidos à presença de um médium na casa onde se verificam e, por vezes, até, de médiuns já falecidos.

Durante a minha estadia na América do Sul, tive a sorte de habitar *uma casa assombrada*, em Riobamba, pequena cidade da República do Equador.

Meu pai tinha alugado uma casa térrea, como a maior parte das casas da cidade, medida de defesa contra os abalos sísmicos que têm lugar de tempos a tempos, devido à presença de muito altas montanhas, ultrapassando 6.000 metros de altitude e que são vulcões adormecidos, o que não obsta a que um deles, por vezes, entre em atividade. Foi o que sucedeu há três anos, quando foi destruída a cidade de Ambato e se verificou o elevado número de 10 000 vítimas.

Esta casa onde eu morei compreendia uma entrada ou saguão; um pátio como têm todas as casas em Espanha; e, por detrás, uma capoeira. Tinhamos uma sala de jantar de 7 a 8 metros de comprimento por 5 de largura, e a sua entrada dava sôbre o pátio; uma grande cozinha onde dormia a criada, um quarto de dormir e um quarto de desafogo.

A nossa criada foi a primeira testemunha destas manifestações.

— Uma noite ela ouviu bater nos vidros da janela da cozinha, onde dormia. Levantou-se e viu, no pátio, um homem que passeava. Julgando tratar-se de meu pai, voltou a deitar-se tranquilamente.

O fenômeno repetiu-se várias noites, e ela resolveu perguntar a meu pai o motivo por que ia bater-lhe nos vidros da janela e passeava no pátio, no meio da noite.

Meu pai ficou muito espantado com a pergunta mas, supondo que a criada tinha sonhado, não ligou importância ás suas declarações.

Alguns dias mais tarde a janela da cozinha foi aberta do exterior e a criada apercebeu-se, desta vez, que se tratava de vários passeantes noturnos, vindo junto de nós, gritando :

— Eles estão ali ! Eles estão ali !

Meu pai levantou-se, foi à janela e viu várias pessoas desconhecidas. Fechou sólidamente a porta da casa de jantar e a do quarto de dormir, aguardando a continuação dos acontecimentos.

No dia seguinte dirigiu-se ao Comissariado da Polícia, para assinalar esta violação do domicílio, bem disposto a servir-se do seu revólver se estes visitantes noturnos voltassem a perturbar o nosso sono. E a repetição do acontecimento não se fez aguardar.

Os visitantes voltaram, com efeito, e meu pai, julgando que pretendiam zombar de nós ou eram pura e simplesmente malfeitores, desfechou, na direção onde eles se encontravam, vários tiros de revólver, ficando-se a aguardar os resultados do alto dos degraus que dominavam o pátio. E verificou, com natural surprêsa, que eles continuavam a passear, como se não tivessem ouvido nem entendido nada !

Em face da realidade, fomos obrigados a inclinarmo-nos. Estes visitantes não eram sêres humanos em carne e osso; e aos lábios de meu pai veio esta palavra : — Espíritos !

A criada não voltou mais a dormir em nossa casa; passou a ir dormir a casa de seus pais.

Tivemos como testemunhas destas manifestações Monsr. Andrade, bispo de Riobamba, os cónegos da Catedral, onde meu pai era organista, e o nosso vizinho Dr. Ormasa, que eram sãos do corpo e do espírito.

O jornal de Riobamba várias vezes asinalou êstes fenômenos.

Um dia Monsr. Andrade aconselhou meu pai a que deixasse sôbre a mesa da casa de jantar uma folha de papel em branco, uma caneta e tinta. Nessa noite, nós fomos acordados por um ruído insólito que vinha da casa de jantar, e que se assemelhava ao som de uma pitorra girando a grande velocidade sôbre a mesa. Minha mãe levantou-se e entre-abriu a porta da sala de jantar, para ver o que se estava passando. E viu os visitantes do além, que se moviam nessa sala. Veio chamar-me, para que eu pudesse ver e escutar o ruído insólito.

Como esses sères nos não tivessem nunca feito mal, voltámos a recolher-nos no quarto de dormir — não sem um arrepio em nossas carnes.

No dia seguinte meu pai encontrou a folha de papel coberta de uma escrita regular mas estranha, em caractéres bizarros, que não entendeu e mandou a Monsr. Andrade.

Ninguém pôde decifrar essa escrita desconhecida.

Era uma prova irrefutável.

Pouco a pouco fomo-nos habituando a ver êstes visitantes noturnos, considerando-os como co-locatários de nossa casa.

Mais tarde Monsr. Andrade teve a idéia de recomendar que se fizessem preces por eles entre os fiéis do seu bispado e, a partir dêsse dia, os fenômenos foram rareando até que, finalmente deixaram de ter lugar.

(De *Survie* Maio-Junho de 1952).

⁂

«Point de Vue-Images du Monde»

Esta revista ilustrada, francêsa, apresentando aos seus leitores o holandês Hurkos, a quem chama o radar humano, diz textualmente :

«Existe nêste momento um homem como jamais se viu. Nada, aparentemente, o distingue dos outros. Êle é, portanto, um fenômeno único. Uma violenta comoção cerebral, que se seguiu a uma queda, aguçou a sensibilidade de suas faculdades mentais até fazer dêle um verdadeiro radar humano. Toca um anel e revela ao seu possuidor as etapas da sua vida, as suas aspirações e o mal de que eventualmente possa sofrer. Se se lhe confia as chaves de um automóvel êle toca-as e diz: — Atenção à vossa direção: ela não está boa e arriscai-vos a um acidente. Os policias, que nem sempre aprovam a atuação de Hurkos, recorrem a êle nos casos desesperados. Um mostra-lhe um cofre vasio, pelo roubo, e êle revela o nome do ladrão. Hurkos não é nem mago, nem bruxo, nem astrólogo, nem espírita, nem radiestesista. Trabalha sem instrumentos e sem crear ambiente. A sua vidência penetra e atravessa as almas como os raios X atravessam os corpos. Êle é com frequência benfazejo e, por vezes, atrós na sua impiedosa precisão. Por uma espécie de irrisão, que é, talvez, uma benção, seu dom não póde êle exercê-lo sôbre si mesmo. Tal é o extraordinário holandês Peter Hurkos, que nós vos apresentamos com toda a objetividade».

⁂

Diário «Madrid», de 25 de Junho

Êste diário espanhol, em notícia de Paris, conta-nos o seguinte caso:

«Em estado de sonambulismo, uma jovem de 18 anos de idade que se dedicava a serviços domésticos dirigiu-se para a varanda da casa, trepou ao ante-paro e pôs-se a andar sôbre êle... até que caíu à rua. Providencialmente apenas sofreu algumas contusões nas pernas, não obstante têr caído *(repare-se!)* de um sexto andar!

Quando, pouco depois, despertou no hospital vizinho, manifestou grande estranheza por se encontrar ali.

Êste caso que nos conta *Madrid*, como tantos outros episódios acontecidos com sonâmbulos, revelam-nos claramente que o espírito, nas suas tentativas de evasão mediúnica, póde assegurar e assegura, na maioria dos casos, proteção ao corpo adormecido.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Deputado Dr. João Salgado Sobrinho

Esteve nesta cidade no dia 27 de Agosto último, afim de tomar parte nas festividades comemorativas do 54.° aniversário da fundação do Município de Matão, o distinto matonense Deputado Dr. João Salgado Sobrinho, que vem tendo destacada atuação no Legislativo Estadual.

Aproveitando a oportunidade da sua rápida permanência na cidade, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» quis externar de maneira patente o seu reconhecimento ao ilustre visitante pelo seu ato de benemerência ao doar-lhe a importância de Cr. $ 10.000,00, importância essa que contribuirá apreciavelmente para a construção de mais um grupo de casas na Vila Cairbar Schutel.

E' assim que na residência da confrade srta. Leonor Cruz, nêsse mesmo dia, ás 19 1/2 horas, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» prestou expressiva homenagem ao ilustre Deputado, que se fez acompanhar de diversos amigos desta cidade. Nessa ocasião, falou em nome da Mocidade o companheiro Costa Filho que agradeceu ao homenageado o valioso auxílio, fruto do seu alto espírito de solidariedade humana. O Deputado Salgado Sobrinho agradeceu com palavras repassadas de carinho. Durante a sua palestra notámos o espírito de independência que norteia a sua vida, razão por que goza êle de grande estima e consideração em todos os meios sociais.

A seguir, fizeram uso da palavra o companheiro Carlos Vidal Olson e o sr. Nagib Kfouri, ambos vereadores da Câmara Municipal local. O sr. Nagib Kfouri, embora não seja espírita, mostrou possuir altos conhecimentos filosóficos, o que muito agradou os presentes.

Aos que participaram dessa justa homenagem, foram ofertados salgadinhos e guaranás em abundância.

Depois de fazer mais algumas visitas a amigos, o Deputado João Salgado Sobrinho partiu de regresso para a Capital.

Aniversário de Matão

A Prefeitura e a Câmara Municipal de Matão realizaram no dia 27 de Agosto último festejos comemorativos do 54.º aniversário do Município.

A Banda da Fôrça Publica do Estado abrilhantou todos os atos festivos e estiveram presentes alguns deputados estaduaes entre os quais os Drs. João Salgado Sobrinho e José Fernandes Bértola.

Foi um acontecimento de grande relevância que elevou ainda mais alto o nome de Matão, que teve como seu primeiro prefeito o nosso caro companheiro Cairbar Schutel.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão de 2 de Agosto de 1952

Retificação da Ata anterior — A pedido do Representante do Espírito Santo é retificado para Mimoso do Sul o nome da cidade em que foi inaugurado o Hospital «Pedro Apóstolo», erradamente registrado como Morro Azul.

São Paulo — O Conselheiro Jordão apresenta ofício da USE de São Paulo, prorrogando o seu mandato de representante e bem assim comunicando a prorrogação, por 4 meses, do mandato da atual diretoria daquela Sociedade.

Pernambuco — O Representante Dr. Porto Carreiro Neto apresenta uma comunicação da Comissão Estadual de Espiritismo, daquêle Estado, sôbre a reabertura da Casa de Saúde João Evangelista, reafirmando a intensa atividade não só da Comissão como também das Alas Feminina e da Mocidade.

Santa Catarina — O Dr. Manoel Bernardino lê carta do Presidente da Federação Espírita Catarinense, anunciando a fundação do Departamento da Juventude Espírita de Santa Catarina, afirmando o pleno e eficiente funcionamento das atividades dessa Federação e dizendo da sua satisfação pelo êxito sempre crescente do Conselho Federativo Nacional.

Estado do Rio de Janeiro — O Dr. Carlos Imbassahy relata o movimento da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, bem como do orfanato Dr. March, com consultório médico, farmácia homeopática, curso prático e comercial, curso noturno José Joaquim Bandeira e gabinete dentário. Mantém essa Federação um serviço de Assistência mediúnica e criou o Departamento da Mocidade em o qual são ministradas aulas de moral cristã.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães relata seu empenho em atender ao pedido da União Espírita Cearense, no sentido de obter do Congresso uma subvenção que será apenas para uma das muitas obras custeadas por essa Instituição, principalmente para o Hospital Psiquiátrico Antonio de Pádua.

Rio Grande do Norte — O Conselheiro Prof. Ismael Gomes Braga comunica, com tristeza, a desencarnação do Presidente da Federação Espírita Riograndense do Norte, Sr. José Anselmo, salientando o valor do companheiro desencarnado. Indaga ainda das formalidades necessárias para habilitar essa Federação que representa a receber o legado deixado pelo Dr. Lins de Vasconcellos, sendo informado convenientemente pelo Presidente.

Paraná — O Representante dêsse Estado, Cel. Pedro Delfino Ferreira, comunica que a 24 do mês corrente a Federação Espírita do Paraná festejará seu 50.º aniversário em solenidades que se realizarão de 23 a 31 dêste mesmo mês. Para representar o C. F. N. e a F. E. B. o presidente nomeia o Conselheiro comunicante.

Belo Horizonte — O Dr. Miranda Ludolf expõe sua ótima impressão sôbre o movimento espírita em Minas. Diz que teve oportunidade de assistir à fundação do Ambulatório Espírita da União Social Espírita Nina Arueira e à alegre cooperação de todos e principalmente do inteiro apoio da União Espirita Mineira e de outras entidades espíritas.

Alagôas — Pelo Representante, Conselheiro Geraldo de Aquino, é comunicada a eleição dos novos diretores da Federação Espírita de Alagôas, para o periodo de 1952 a 1953.

Espírito Santo — Pelo Representante, Conselheiro Dr. Francisco Gonçalves, foi apresentada a relação dos novos Diretores da Federação Espírita do Estado do Espirito Santo, com mandato até 26 de Março de 1953.

Voto de Saudade — No final da

reunião, expressam os Membros do Conselho um voto de saudade aos companheiros desencarnados, J. Anselmo e Dr. Luiz Guimarães Almeida.

Normas para funcionamento dos Centros Espíritas — Continuou o Conselho no estudo do Prefácio das normas.

Uma Grande Vida

Biografia romanceada de Cairbar Schutel, escrita por Leopoldo Machado e prefaciada por José da Costa Filho.

Cuidada edição da Empreza «O Clarim».

Pronto e à venda brevemente.

Enviem seus pedidos para esta Revista ou para «O Clarim».

«UMA GRANDE VIDA», é um preito de gratidão e justiça que o autor, prefaciador e todos os amigos de Cairbar Schutel, que são muitos, prestam ao biografado, incontestavelmente, o maior espírita do Brasil na expressão do autor...

Todos devem ler «UMA GRANDE VIDA...

Uma Carta Expressiva

O nosso distinto amigo e confrade Campos Vergal, Deputado Federal, endereçou à confreira Anita Briza, Presidente do Sanatório Espírita «3 de Outubro», a ser construído em Campos de Jordão, a seguinte carta :

«São Paulo, Agosto de 1952.

Distinta confreira e valorosa Presidente do Sanatório Espírita «3 de Outubro».

Exma. Sra. Anita Briza

A finalidade desta, objetiva, não apenas congratular-me vivamente com a nobre confreira por seus valiosos esforços em pról do Sanatório, cuja pedra fundamental está lançada em Campos do Jordão, como e principalmente declarar, para todos os efeitos, a oportunidade, o altruísmo, a feliz iniciativa e o espírito sinceramente humanitário dêsse empreendimento.

Com os melhores votos de bem estar e progresso, muito atenciosamente,

(a) *Campos Vergal.*»

«Zarabatana»

Um dos sinais característicos da marcha acelerada do Espiritismo é o aparecimento diário de novos órgãos difundidores dessa doutrina, que só encontra paralelo no cristianismo, o seu principal fundamento.

Hoje temos a noticiar o aparecimento de «Zarabatana», mensário de propaganda espírita e do Lar Espírita «Irmã Zarabatana», da Capital Federal.

E' um jornal bem confeccionado em ótimo papel e contém artigos oportunos nas suas 6 páginas.

Votos de vida longa e felicidade é o que desejamos ao novel colega.

«Almenara»

Acaba de aparecer na arena da imprensa espírita, na Capital Federal, com o título supra, mais um colega que se destina a difundir o Espiritismo.

E' seu diretor responsável o nosso distinto companheiro Antonio Pereira Guedes, um dos mais ativos trabalhadores da seára espírita.

O número de apresentação de «Almenara» é impresso em ótimo papel e contém oito páginas abarrotadas de ótimos artigos e bem desenvolvido noticiário.

A' distinta colega, votos de vida longa.

«Amor à Verdade»

Entrou no seu 17.º ano de existência êste mês, o nosso distinto colega «Amor à Verdade», que se publica em Ribeirão Preto sob a direção do confrade Emiliano Cardoso de Moraes e redação da Prof.ª Irene Teixeira de Góes.

O nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

«A Luz»

Depois de uma longa ausência de 22 anos, está novamente na arena a nossa brilhante colega «A Luz», órgão doutrinário e noticioso da Federação Espírita de Alagôas, que se publica em Maceió.

Felicidade e vida longa é o que almejamos à prezada colega.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	40,00
	Semestre —	,, ,,		20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		50,00
	Semestre —	,, ,,		25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2891unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1952 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

3 de Outubro . . . . *Redação*
Colônia Coletora de Preces . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Quinta Fase . . . . *Leopoldo Machado*
Ao Grande e ao Pequeno Trabalhador *Gilson de M. Henriques*
Nêste Momento Decisivo da Historia... *Arnaldo S. Thiago*
O Pentecostes Segundo o Espiritismo *João Teixeira de Paula*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Os Orgãos do Corpo Espiritual . . *W. H. Evans*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.
Paz em Jesus.

Estamos nos aproximando do Natal, data essa que relembra o maior dos acontecimentos verificados na História da Húmanidade, — a vinda a êste mundo do Cristo de Deus, cuja missão foi libertar as criaturas das injunções inferiores da materialidade para conduzi-las ao reino dos céus, que é o verdadeiro reino das almas de sentimentos aprimorados.

Considerando que a Doutrina de Jesus se resume tão sómente na Caridade, e sendo a Caridade a âncora de salvação, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», apoiados pela União Municipal Espírita Matão-Taquaritinga, realizarão no dia 21 de Dezembro próximo, ás 14 horas, o seu tradicional «Natal dos Pobres».

Confiantes no vosso espírito de beneficência, e para mais aumentar as prendas aos necessitados, vos solicitamos um donativo, que póde ser em gêneros alimentícios, dinheiro, ou mesmo roupas usadas, que irão certamente prover de certo recurso áqueles que passam pela provação da pobreza.

Agradecendo antecipadamente, em nome de Jesus, sua valiosa contribuição, desejamos a V. S. e Exma. Família, Saude, Paz, Feliz Natal e Prospero Ano Novo.

Matão, 5 de Outubro de 1952.

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca	*Zelia Silveira Perche*
Antonia Perche S. Campêlo	*Donata Casadei Oliveira*
Rosa Fonseca Fratini	*Edni Gonçalves*
Leticia Morcelli Olson	*Olinda do Nascimento*
Isabel Perches Camargo	*Janisse Gandolfi*

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1952 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

3 DE OUTUBRO

O dia 3 de Outubro assinala um dos maiores acontecimentos ocorridos na vida do Espiritismo: a passagem do 148 ° aniversário natalício de Allan Kardec que, quanto mais o tempo avança, mais o seu nome cresce, mais respeitado e venerado se torna pelo seu gigantesco trabalho em benefício da humanidade.

Para os espíritas, depois de Jesus Cristo, Allan Kardec é considerado o maior missionário que o Alto enviou ao mundo terreno para dar cumprimento às sábias e imutáveis leis de Deus.

ALLAN KARDEC

Efetivamente, sancionando e ampliando o sentido do Cristianismo, que tem por base o amor a Deus e ao próximo e a Imortalidade da Alma, Allan Kardec, graças aos ensinos dos Espíritos Superiores incumbidos, como ele, de espiritualizar, sob a égide do Evangelho, a humanidade, apresentou a solução de todos os problemas humanos em que se acham envolvidas a ciência, a filosofia, a religião, as questões sociais, etc., enfim, todos os problemas desde os mais insignificantes até aos maiores, que levam, às vezes, as creaturas a uma encruzilhada em que o raciocínio perde a sua fôrça de ação ante os obstáculos a serem removidos.

Quando observamos a marcha do Espiritismo em diversos países, sobretudo no Brasil, onde o movimento espírita aumenta satisfatoriamente para os espíritas, e assustadoramente para as religiões mundanas, mais nos convencemos de que o Alto está movimentando os seus exércitos celestiais, os quais, impulsionando os exércitos terrenos, formados pelos espíritas cumpridores dos deveres cristãos, num futuro próximo implantarão no mundo, definitivamente, o reinado do espírito, em que a Verdade, que vem sendo escondida pelas religiões sacerdotais devido ao seu agarramento aos bens temporais e interêsses subalternos, brilhará como o sol ao meridiano, inundando de luz as criaturas que, em renhidas porfias, a buscam sem medir sacrifícios, num verdadeiro espírito de renúncia até da própria vida.

Todo esse movimento renovador que vai se alastrando auspiciosamente, apesar da perseguição dos seus terriveis detratores, deve-se sem duvida ao Alto, em primeiro lugar, e em segundo, a Allan Kardec, que estava devidamente preparado para assumir o encargo de tamanha tarefa, qual seja a de espiritualizar e evangelizar a humanidade. Velhos, moços e até crianças, de braços dados e cheios de entusiasmo contagiante, dão uma nota tão saliente aos movimentos espíritas, que os profanos chegam a ficar surpreendidos e confusos ante o espírito de fraternidade reinante entre os espíritas, o que é um atestado eloquente de que estão plenamente cônscios de seus deveres cristãos, tendo sempre em mente os grandes ensinos, preceitos e advertências de Jesus, dos Espíritos e de Allan Kardec, que disse certa vez : «Reconhecei, pois, o verdadeiro espírita na prática da caridade por pensamentos, palavras e obras e persuadi-vos de que quem quer que nutra em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciume, mente a si próprio se tem a pretenção de compreender e praticar o espiritismo».

Chegará o tempo em que não serão apenas alguns milhares de criaturas que, num preito de veneração e amor comemorarão as grandes datas do Espiritismo, entre as quais a do nascimento e desincarne de Allan Kardec, mas sim a humanidade inteira festejará tais datas com satisfação indescritível, rendendo graças a Deus por ter enviado ao mundo o Parácleto da Promessa de Jesus, em que Allan Kardec aparece como estrela de primeira grandeza.

Salve, Allan Kardec, Mensageiro de Deus !

Colônia Coletora de Preces

DESTA vez o mentor invisível do Centro Espírita de Estudos Evangélicos despediu-se dos irmãos presentes, de modo singular e um tanto reservado, prometendo agradável surprêsa para os que com tamanha sinceridade se dedicavam à seára de Jesus.

Dissolveu-se o grupo sob ansiada expectativa. Os mais variados presságios e as melhores conjeturas afluiam à mente curiosa dos seguidores do Mestre pois, pela primeira vez o esclarecido mentor solicitou completo jejum após a séssão e preces preparatórias, visando árdua excursão de estudos.

Pouco antes da meia noite, cumpridas as recomendações, cada um se recolheu ao leito amigo e restaurador de energias vitais.

Tal como certos fenômenos de desdobramento, vulgarmente chamados de sonho, já tratados aliás durante os estudos teóricos, observamos perplexos que, apenas iniciado o sono, nossos espíritos se desligam do corpo fisico, distanciando-se dele. Ao atravessarmos, em espírito, a porta fechada do nosso aposento, volvemo-nos ainda para trás e, por segundos, contemplamos nosso corpo repousando sôbre a cama. Partimos assim, em viagem de excursão, sem o nosso pesado corpo material.

Rápido como o vôo dos querubins em demanda de socorro urgente e com a incrível velocidade do pensamento, volitou nosso grupo, espaço em fóra, em magnífica comitiva. Milhares e milhares de quilômetros já nos afastavam da cintilante Terra, à retaguarda.

E' indizível o gôzo do suave voejar através do azul ilimitado e isento de obstáculos. Sem demora chegamos a divisar ponto luminoso, qual pitoresca ilha em vasto oceano. E, em mais alguns instantes, aportávamos, como abelha diligente, à soleira de magestosa colmeia de espíritos translúcidos e brilhantes. Chegamos a uma das milhares de colônias espirituais espalhadas pelo infinito celeste, de que Jesus é o supremo dirigente. Com espanto geral soubemos chamar-se «Colônia Coletora de Preces»; nunca poderíamos imaginar a existência de semelhante instituição.

Depois de comovente homenagem de recepção, seguida de breves apresentações, fomos conduzidos através de enormes filas de pavilhões construídos inteiramente de matéria plástica transparente, ainda não conhecida entre nós. Chegamos ao edifício central de linhas majestosas, de ciclópicas proporções e de altura desmedida. Faltam-nos expressões linguísticas capazes de traduzir o progresso material e espiritual daqueles habitantes. Alí sentimo-nos tão diminuidos e acanhados, só comparados ao minúsculo grão de areia em relação do deserto do Sahara: nessa diferença estávamos ante aqueles humildes e simples que, de gigantes, tinham o amor aliado à ciência.

Nessa altura da excursão, o bondoso mentor, quem sabe, para que bem apreciassemos a nossa pequenez, comparada às coisas belas, perfeitas e puras da colônia, fez com que dirigissemos o pensamento, sem idéia de volitar, até à Terra, focalizando nossos lares. Com dificuldade e entre angústias, chegamos a penetrar a atmosfera terrena, quasi gasosa e ali vimos ressonando opresso nosso pobre corpo carnal.

Nenhum dos discípulos desejou demorar-se nessa visão, pois, estávamos, graças a Deus, num antecipado autêntico paraiso. Só nos refizemos do desagradável momento ao ingressarmos no edifício central sob a melodia: «Louvado seja o Pai». A suntuosa orquestra difundia sons luminosos e impregnados de perfume, mesclados com harmoniosos matizes do arco-íris. Sim, era uma brilhante montanha de melodias, perfumes e côres.

A' frente vimos vastíssimo anfiteatro. Não possuimos infelizmente, desenvolvidos certos sentidos para justa apreciação do que alí observamos extasiados. Fomos regiamente acomodados em esquisitas poltronas guarnecidas de aparelhos e instrumentos os mais interessantes e sensíveis.

Finalmente chegou a grande ocasião de ouvirmos as preciosas lições transmitidas pelo diretor. Ouçamo-lo:

«Recebemos aquí milhões de espíritos, sempre porém os de boa vontade, os que realmente se candidataram a amar o próximo como a si próprios. Consolidam aquí as bases do apostolado cristão. Além disso, afluem para esta Colônia, vindos de grandes extensões da Via Láctea, tudo o que se relaciona com o «pedi e obtereis». Aquí chegam as preces de todas as categorias revestidas de coloração própria e com as mais recônditas intenções à mostra. Apresentam-se como criações vivas, materializadas no vosso dizer. Todos os que aquí labutam, enxergam e sentem as preces. As rogativas, as súplicas, desde o mais sutil: «ah! meu Deus!» ou de algum momentâneo desejo, até as mais negras e ofensivas exigências e maldições são aquí coletadas, classificadas, estudadas e enviadas aos mais variados escalões para serem atendidas ou arquivadas. Rarissimas são as que não encontram solução nesta colônia. Se todas as rogativas fossem atendidas, vosso Planeta estaria mergulhado em sangue e dores sem fim. Toda vez que o perispírito incorpora ao seu arquívo imperecível alguma prece, esta é aquí recebida como verdadeira segunda via.

Milhares são os examinadores que com amor e carinho se incumbem da minuciosa análise das orações. Têm a sua disposição aparelhos muito delicados e exátos para localizarem as pessoas de qualquer orbe, auscultando-lhes as necessidades. Com êsses instrumentos é possível, como no vosso cinema, divisar com nitidez, agora no presente, os quadros vivos com todas as circunstâncias que motivaram uma súplica expressa há tempos passados. Tomai os aparelhos a vossa disposição e examinai no remoto passado as vossas próprias orações. A nossa colônia, no estado atual, não conhece o passado, nem tão pouco, o futuro; conhece sim o eterno presente que encerra o vosso passado e o vosso porvir.

Levantai-vos agora e olhai dêste mirante dos mais vastos horizontes. Observai as preces como convergem para aquí aos borbotões, só comparáveis à massa de volumosa catarata. E' como fantástica máquina de sucção que coleta e canaliza para aquí os desejos vivos expressos pela potência do pensamento criador. Nessa massa rolante podeis observar as configurações palpáveis que a prece elaborou. E' a vontade de Deus que permite êsse fenômeno imorredouro.

Examinemos de perto o que vem nessa impetuosa torrente multicor. Eis que se aproxima alva prece, parecendo um flóco de penugem deslocando-se graciosamente. E' de uma criancinha que balbucia sua primeira súplica; vejam a inscrição: pede ao Pai do céu, saúde para sua mãesinha. Para tais casos as providências são rápidas. Já agora é analizada a situação e os recursos viajarão dentro de segundos ao planeta distante, onde se comentará milagrosa ressurreição da morte. Alí vem configuração de contornos mal definidos de coloração dúbia, entre cinza-escuro e marron. Vejam a tragédia daquele coração amargurado por não ter a quem apelar. Diz-se ateu mas, graças ao sofrimento é instintivamente compulsado a estabelecer contacto com Deus. Observem como trabalham confusos e hesitantes seus consciente e subconscientes. Mas êle está no início da via redentora. Aprenderá pela dor.

Analizemos êsse emaranhado negro que se aproxima pesadamente. Largas tarjas pretas sôbre vermelho lamacento expelindo horríveis pinças e estiletes ferinos, formam essa triste figura gerada por certa irmã, no vosso dizer, infeliz macumbeira. Vejam, diz proceder assim para seu sustento; orgulha-se por aliviar alheias situações incomodas. Fixem melhor a forma e vereis, é incrível, um animal morto, dinheiro, frascos com liquido de permeio a charutos, fotografias e papeis contendo nomes. Não podemos duvidar dos soturnos efeitos desse ato. Sangue, lágrimas e dores arrastarão por séculos, entre graves obsessões e expiações aos que se relacionam com essa espécie de prece imposta. Cada um colherá exatamente o que semeia. A lei do choque de retôrno é implacável e a maldade voltará, por isso, em cheio ao ponto de partida. Péssimo emprêgo do livre-arbítrio.

Olhem, observem que divinal formato alado vem ao nosso encontro. E' algo grandioso, de côres suaves; compõe-no o verde-claro, o amarelo-brilhante, o azul-celeste e outros tons maravilhosos. Eis simbolizado o amor pelo prôximo; o desejo ardente de paz e tranquilidade para o sofredor; contém o voto sincero de saúde para todos os enfêrmos. Cada pena dourada, qual escama mimosa revestindo e embelezando êsse sêr, contém certas inscrições; procurem divisar e notarão súplicas de saúde e paz para os doentes cujos nomes e endereços alí se acham gravados. Com os instrumentos ao nosso alcance, poderiamos verificar a origem de tão amoroso pedido; no entanto, a experiência nos diz proceder de algum centro espírita. Só o milagre de pensamentos firmes, persistentes e homogêneos poderia elaborar imagem tão santa. Aos que por outrem suplicam, beneficiam-se a si próprios, esta é a recompensa que o Pai concede.

Observem agora aquela figura que vai passando. Mal delineada, de matizes dificeis de reconhecer. Imprecisa e disforme para significar qualquer coisa. Diriamos ser um abôrto de pensamento mal coordenado, partido de pessoa distraida. Emitiu a prece sem saber o que quer. Reza mecanicamente por um descargo de consciência. Estas formas são tambem registradas e estudadas, mas, de ante-mão sabemos não removerem um grão de poeira, que fará uma montanha.

Eis que se avizinha resplandecente cruz, criação fluídica em branoc-neve, sem mácula e com milhares de longas estrias azuis. Aí temos algo representando elevada espiritualidade, algo muito divino. Contemplai; provém de um sacerdote católico, apóstolo da verdade, do amor e imitador de Jesus. Esta cruz compõe-se de substáncias puras por êle elaboradas enquanto realizava seus sermões, enquanto visitava leprosos, tuberculosos e cancerosos. O bom reverendo ignora êste tesouro imperecível que acumula no céu. E' melhor que ignore; não será rondado pela vaidade.

Analisemos, ainda, outras preces. Aquela, por exemplo, que aì vem. E' o emblema da devoção e da renúncia. E' uma flor fosforescente a desabrochar. Vem direto de uma afeiçoada enfermeira ao fazer sua prece à cabeceira de um moribundo abandonado. Receberá em dobro, quando necessitar de ajuda.

Aquela outra, apresenta-se sob forma de coração escurecido. Observem. No seu interior, sob o envoltório negro, percebemos tonalidades diversas; sobressaindo o azul ferrete indicando amor próprio, mesclado com arrependimento e temor. Provém de cubículo escuro, de algum recluso cujo coração sangra amarguradamente».

Estas foram as últimas palavras do esclarecido instrutor, após horas de explanações, análises e meditações.

O nosso poder visual já se sentia fatigado ante a impetuosa e interminável corrente de súplicas. Nêsse ínterim veio ao nosso encontro o bondoso mentor para prevenir-nos de que lá na Terrá distante raiava agora a madrugada; nosso corpo exigia seu governante.

Sem demora percorremos ainda as outras dependências da colônia sendo-nos, em seguida, proporcionada encantadora despedida.

Preparamo-nos para o regresso. As nossas preces de agradecimento e gratidão foram cantadas em côro por todos os habitantes da «Colônia de Preces». Ao som de um acordeão difundia-se agora nas mais suaves e saudosas vibrações de «boa viagem» o «Largo» de Hændel, enquanto isso, volitavamos em direção a minúsculo ponto luminoso chamado Terra.

Após exultantes horas de alegria construtiva no espaço, não podemos negar o lastimoso sacrificio para os nossos espíritos ao se reapossarem de seus pesados corpos físicos. Aliás, quem desperdiçaria a convivência dos anjos?

De manhã, ao acordarmos, sentiram os nossos corações a dôr de melancólica e indefinivel nostalgia.

Major Levino Cornélio Wischral.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

II

Em outro artigo mencionamos o fato de estarmos assistindo ao desenvolvimento da psicografia, em sessões de um centro espírita, de uma senhora jovem que recebe romances, novelas, poemas, comunicações pessoais, sempre com rapidez impressionante, sob os nossos olhos. São exercícios de desenvolvimento das faculdades, mas não podem ser praticados em casa, só a médium, porque os adversários invisíveis da Doutrina espírita pertubariam as comunicações mesmo nesta fase de exercícios: só na sessão se reunem as condições necessárias a proteger o processo de desenvolvimento e abrigar a médium contra os ataques de opositores. São estas as explicações que nos dá o seu Guia, Alfredo.

Pouquissimo do processo cai sob os nossos sentidos para estudo. Não entendemos ainda nada das dificuldades que o Espírito tem de vencer para comunicar-se, e justamente por isto o estudo merece muita atenção. Temos a suposição de que na escrita puramente mecânica, como é a dessa médium que fica em transe e completamente inconsciente do que está escrevendo, a mão da médium estaria totalmente à disposição de qualquer Espírito: mas esta suposição está errada: há um processo de afinação dos fluídos do perispírito do médium com os do Espírito, coisa que escapa completamente aos nossos conhecimentos humanos. Essa afinação, ou sintonização, ou harmonização dos dois corpos espirituais para agirem sôbre a mão, os dedos e o braço do médium, é coisa delicadissima, e pode operar-se de modo mais ou menos incompleto, de sorte que o Espírito se sente em dificuldades para produzir os movimentos mecânicos necessários à escrita e o trabalho sai com falhas maiores ou menores. A identificação completa parece difícil de obter-se, pelo menos durante o tempo do desenvolvimento. Isto é o que deduzimos das explicações dos Espíritos e da observação das falhas que ocorrem.

Numa palestra íntima com o Guia, disse-nos êle que o Abel Gomes já estava fazendo exercícios de casamento dos seus fluidos com os da médium para poder nos trazer um presente algumas semanas mais tarde. Chegou o dia do «presente» e Abel Gomes escreveu duas mensagens: uma pessoal, em prosa, muito longa, dando instruções sôbre nosso trabalho na divulgação do Evangelho, do Espiritismo e do Esperanto, e um soneto. Analisando as duas comunicações, poderíamos supor que na mensagem em prosa haja diversas pequenas falhas e imperfeições que o Espírito não cometeria: erros de linguagem, enganos de pontuação, frases obscuras, vocábulos que êle não usava em vida; mas no soneto não encontramos a mínima falha: linguagem, pontuação, métrica e rimas, tudo rigorosamente como Abel Gomes usava em vida.

Numa sessão foi recebido um poemeto de Castro Alves, no qual havia cinco versos com êrros de métrica, embora o todo estivesse lindo. Na sessão seguinte, uma semana mais tarde, o poeta invisível, com a mesma letra, deu de novo os cinco versos que tinham saído errados, e então rigorosamente certos. Eis o poemeto depois de corrigidos os cinco versos:

Ode á Terra

Musa, minha ardente Musa!
Vós que cantastes na terra,
Sem temores, sem escusa,
O que de nobre ela encerra,
— A Justiça e a Liberdade —
Voltai à operosidade,
Acompanhai vosso poeta,
E dizei aos meus irmãos,
Aos que se dizem cristãos,
O que sentis, Musa inquieta!

Vinde, Andorinha saudosa!
Posai, posai um instante,
Nesta terra auspiciosa,
Em que um dia, Ave emigrante,
Saudosa de outras paragens,
Buscastes estas paisagens,
Faminta de Sol e Luz.
Vinde! Descei d'Amplidão!
Pousai neste Pavilhão
Que tem por símbolo a Cruz!

E inspirai-me um novo canto;
Para que outro cativeiro
Rompa as correntes ligeiro,
Da Terra abolindo o pranto.
Alçai aos Céus novo grito:
«Liberdade p'ro Espírito,
P'ra a Alma prêsa à maldade,
Mísera ave mutilada,
Pelo pecado engaiolada,
Sem sentir felicidade!»

Como arauto da Esperança,
Ide aos campos, às cidades,
Aos lares, às sociedades,
Ide ao homem e a criança,
Falai aos moços e aos velhos,
Em nome dos Evangelhos,
Sêde arauto da nova Era!
Que a terra quebre os grilhões
Que ao Mal prendem aos milhões,
Nos Céus Deus está à espera!

Dizei, Musa, aos meus irmãos:
Destrui canhões e metralhas!
E nos campos de batalhas
Plantai com as vossas mãos,
Não túmulos e trincheiras,
Porém férteis sementeiras,
Seáras de Amor e Paz!
A era não é mais de Augustos,
Robespierres e Procustos,
Torquemada e Satanaz!

A era agora é só de Deus!
E a terra suspira, anseia,
Para quebrar a cadeia
E elevar-se logo aos Céus!
Noiva, sonha esperançosa
Que um dia seja ditosa,
Que lhe sorria outra Aurora...
Mas, oh! angústia mortal!
Como livrar-se do mal,
Abutre que a Alma devora?

Não das cinzas das Bastilhas
Forjando armas assassinas,
Famélicas guilhotinas,
Cavando sangrentas trilhas,
Em loucas revoluções!
Mas falando aos corações
A linguagem do perdão.
Dizendo ao fero inimigo:
— Dá-me a mão, sou teu amigo!
Beija-me, sou teu irmão!

Há dois mil anos, um dia,
Das plagas da Palestina,
Uma Voz pura e Divina,

Banhou a terra de alegria!
Vinha libertar dos pégos
Os estropiados e os cégos,
Dando a todos asa e luz!
Aos mortos dizia: Vivei!
Aos vivos dizia: Aprendei!
Só o Amor aos Céus conduz!

Volvei, Terra, aos Livros Santos!
São faróis de Redenção.
Do mal finde a escravidão
Que cobre a terra de pranto!
Cantai, Terra, ao Amor um hino,
Dizendo ao Esposo Divino,
Livre do véu do pecado:
«Senhor! Toma-me nos braços,
Eleva-me nos Espaços,
Para o Himeneu sagrado!»

Alçai a mente à Judéia!
Lêde as Bem-Aventuranças!
Revivei nalma as lembranças
De tão Divina Epopéia!
Vem Jesus de veste rota...
Cai seu sangue gota a gota,
Mas êle cumpre a Paixão!
Quando na cruz sôbre o monte,
Êle nos tira da fronte
O estígma da maldição!

Cantai, oh! Musa, cantai!
Que a terra ouça vosso grito,
Que desça lá do Infinito,
Dizendo a ela: Esperai!
As dores, os sofrimentos,
As lágrimas, os tormentos,
Transformar-se-ão em Luz!
Quando toda a Humanidade
For uma só irmandade
Sob o signo de Jesus!

Musa, silenciai a voz...
Das Celestes Potestades,
Falam das Imensidades,
Os Anjos melhor que vós!
E em próxima madrugada,
Qual virgem enamorada,
Sorrindo ao noivo dos Céus,
Surgirá na terra uma Era,
Em que nova Primavera
Florescerá para Deus.

A. Castro Álves.

Aquí ficam êstes cento e vinte versos escritos e revistos pelo poeta, para estudo dos competentes. Quanto a mim já me parecem capazes de seguir na esteira do «Navio Negreiro» rompendo os séculos futuros, criando nova mentalidade para os homens.

Ismael Gomes Braga.

Leopoldo Machado

A Quinta Fase

Quando nos vimos na tenda de oxigênio, imobilizado e mudo, o coração a pulsar fraquinho, pára, não-pára, sentimos, de perto, a sensação da morte.

Que sensação boa, a sensação do fim!

E achamo-la justa e a seu tempo.

A companheira já havia partido.

E nós, em cumprimento ao que prometeramos no IDE E PREGAI, haviamos voltado de visitar os Estados do Norte, integrando a Caravana da Fraternidade, ficando, apenas, de visitar um só Estado, para que não nos sôbre a láurea de haver percorrido o Brasil inteiro, pregando a Doutrina.

Não teriamos feito o bastante? E não se tratava de um mal de morte, de que pouquissimos — e gente mais forte e mais moça — tem escapado?

Seria, na verdade, o fim. De resto, para que viver mais, de vez que, sobrevivendo, muito pouco poderiamos fazer? E tinhamos a consciência de que, bem ou mal, pouco ou muito, toda espécie de propaganda da Doutrina já haviamos feito!

Era, efetivamente, o fim de provas.

Uma visita, que muito nos sensibilizou — a do vigário local, que fôra, no tempo das árduas polêmicas, adversário — disse-nos, generoso e superior:

— Morrer, agora, o senhor?

O senhor tem, ainda, de viver muito: tem muito o que fazer. Tem, ainda, de afastar muito moço do materialismo e de pregar muito espiritualismo à gente grande.

— O Reverendo acha? Se acha, eu sou capaz de acreditar na sua palavra...

* * *

Sobrevivemos. E levantamo-nos, na consciência de um homem mutilado por dentro em suas atividades a menos de 50 por cento. Mormente, em suas atividades espirituais, que são as mais gratas ao nosso espírito.

Diz-nos, então, da Espiritualidade, a companheira :

—Era, na verdade, o fim de sua prova. Eu e seus amigos de cá organizamos até uma espécie de recepção à sua chegada. Mas, foram tantas as preces, que, de toda parte, subiram ao Alto a seu beneficio e é, ainda, tanto o que você tem a fazer no LAR DE JESUS, que a Providência houve por bem adiar sua passagem...

O mesmo aviso e a mesma advertência por três médiuns diferentes e de três cidades afastadissimas.

E nossos médicos prognosticaram :

—Você poderá viver, ainda, dez anos, dez meses ou dez dias, dependendo, apenas, da intensidade de seus trabalhos, de suas preocupações e contrariedades.

Nessas circunstâncias, pusemo-nos, antes mesmo de ficar mais forte, à frente das obras do LAR DE JESUS, que estão prosseguindo, preferindo viver meses e poucos anos, combatendo o bom combate, a vegetar muito tempo sem nada fazer, em cima da cama, dando mais trabalhos aos outros . . .

E sentimos, então, que nova fase de nossas atividades espirituais se esboçava.

A QUINTA FASE, será ?

Na crônica A QUARTA FASE, elaborada em 1946, assim que chegáramos de Maceió, glosando atitudes anti-clericais de ilustre confrade, disseramos que haviamos trocado as polêmicas anti-crericais, que fizeram época no meio espírita, por três processos novos e mais eficientes de, combatendo o clero, servirmos à Doutrina : 1) esclarecimento de espíritos, afim de que, desencarnados, não precisem baixar a centros espíritas para serem doutrinados ; 2) cuidados metódicos com as crianças, preparando as gerações futuras ; 3) preparação consciênte dos moços, na preparação de nossos substitutos, mais esclarecidos, para o movimento espirítico do futuro.

Teriamos vivido, direitinho, os imperativos da QUARTA FASE ? Nós que, a serviço da Doutrina, parece que sempre agimos por fases ?

A continuidade de nossa pregação, que culminou com a Caravana da Fraternidade ; de nossa escrevinhação — e três livros diferentes, afóra artiguetes e elucidações esparsas são dessa época ; nossa campanha de espiritismo de vivos ; o incentivo às aulas de moral às crianças, com a Festa da Criança, no Dia da América, que se vai fazendo, proveitosamente, por aí além ; a Festa das Mães Espíritas, que iniciamos, descobrindo sua razão de ser na civilização americana e na doutrina protestante ; a Festa do Livro Espírita, a mais generalizada das três, aí estão a dizer que, se, de todo, não cumprimos com os imperativos da QUARTA FASE, dadas as nossas precaridades, sempre fizemos alguma cousa...

Deixámos, de propósito, o movimento das MOCIDADES ESPÍRITAS e seu CONGRESSO e seu CONSELHO CONSULTIVO,—congresso e conselho que foram o que já se fez de mais vibrátil no Brasil — para uma referência à parte, isolada, valendo, por isso mesmo, a parte mais brilhante daquela fase de nossa atividade, daquêle nosso programa doutrinário.

* * *

A QUINTA FASE, agora,—e, certamente, a última de nossa peregrinação, terrena ! — será mesmo ?

Que teremos mais a fazer ?

As obras de reconstrução e nova construção do LAR DE JESUS, de vez que já não podemos mais viajar, nem pregar com intensidade, que nos cansamos facilmente ? Nem ler e escrever abusivamente, como outróra ?

Pouco, na verdade, poderá fazer um homem mutilado por dentro, que sempre soube viver, sem olhar para trás e para os lados, seu programa espirítico de vinte anos !

Sem olhar para trás, seduzido pela política, pelas glórias e gozos humanos, que tendem sempre «a afastar o homem do bom caminho do Senhor !»

Sem olhar para os lados, desiludido e decepcionado com muitos confrades e irmãos espirituais, cujos atos, por vezes, excedem a atos de gente estranha e sem fé, que arrastam muitos irmãos a tremendas desilusões !

Nossa QUINTA FASE constará, naturalmente, caso haja tempo e espaço para tanto e, de nossa parte, engenho e arte :

I) Supervisionamento de nosso Colégio, que «o educandário—salienta Emanuel — é alma de sua experiência passageira» ;

II) Publicação de alguns livrecos, à semelhança do GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, para serem lidos pelos poucos confrades que ainda nos levam a sério;

III) Talvez o resumo da história do movimento das Mocidades Espíritas do Brasil, de vez que interrompemos—ai, de nós! — o serviço eterno da preparação do futuro dos moços; depois da morte do Conselho Consultivo. E, continua Emanuel — «Sejamos guardas abnegados da sementeira, para a seleção de valores. A preparação do futuro é a alma de sua vida. E não interrompamos o serviço eterno. Nunca nos esqueçamos daquêle «semeador que saiu a semear» (Graças sôbre Graças, página 101).

IV) Correspondência com irmãos queridos, que ainda pensam valhemos algo e, por isso mesmo, estão sempre a escrever-nos.

V) Alguns artigos e comentários para a imprensa espírita, como êste mesmo.

VI) Recepção de confrades, em nosso lar, no LAR DE JESUS — essa coisa que nos sabe tanto ao espírito, pois deviamos estar desiludido, se não fossemos o espírita que somos.

VII) Por último, o LAR DE JESUS. E irregular frequência nossa ás Sessões do F. E. C.

Se podemos chamar a isto, QUINTA FASE, eis, portanto, a fase última de nossa peregrinação terrena.

E como somos feliz com isso e por isso!

E como sentimos que melhor fim não podia ter a nossa vida!

Ao Grande e ao Pequeno Trabalhador

Gilson de Mendonça Henriques

EM todas as oficinas humanas de trabalho encontramos sempre a figura indispensável do feitor ou do fiscal como hoje é melhor conhecido.

A sua função é de controlar o trabalhador afim de evitar que o rendimento do serviço não corresponda aos fins econômicos da organização para a qual trabalha. E sua missão não é fácil, pelo contrário, é bem difícil. Sua responsabilidade é grande e assume duplo aspecto: tem que exigir a produção previamente estabelecida sob pena de perda da confiança de seus superiores e, ao mesmo tempo, merecer a simpatia dos seus fiscalizados, proporcionando ambiente favoravel à execução do trabalho, no complexo emaranhado das relações humanas.

E quase sempre é mesmo necessária a presença de um fiscal com os seus olhos indagadores, fitando-nos sem cessar, atento ao nosso menor gesto para que cumpramos nossos deveres e obrigações. Quando isso não acontece, o que geralmente vemos é a displicência e o pouco caso substituirem o senso do cumprimento do dever. Vem um cigarrinho, o café, o meditação dispersiva, os jornais, os romances e... mil e uma cousas que tomam conta dos minutos e das horas que deviam estar sendo dedicados a um trabalho produtivo e correspondente ao nosso salário mensal.

Esta situação de todos muito bem conhecida, revela no seu intimo a posição coletiva dos espíritos de nossos dias ou dos nossos contemporâneos e de nós mesmos: é que só procuramos prestar contas de nossos atos aos homens, sómente respeitamos as suas leis, assim mesmo sob fiscalização e ameaças e nos esquecemos da presença de Deus, dos ensinamentos de Jesus e da assistência dos nossos guias e amigos espirituais.

Respeitamos as expressões puramente humanas, curvamo-nos à passagem daqueles que se acham temporariamente representando valores materiais e nos esquecemos de que ao nosso lado Deus colocou entidades de alto valor espiritual que analizam os nossos atos, não para o desconto em nossos salários, mas, sim, para cooperarem conosco no nosso progresso espiritual.

Representam eles a nossa «segunda consciência», aquela voz que fala *dentro de nosso cerebro, amiga e compassiva, docemente, brandamente, quando cometemos algo pouco certo ou virtualmente errado,*

Aquela reação forte e muitas vezes violenta que experimentamos dentro de nós mesmos e com o qual às vezes nos surpreendemos — aquela reação fala pelo nosso próprio espírito e representa o pensamento deste. Eis aí, formado o dialogo entre duas consciências : a do espirito encarnado e a do guia ou pastor espiritual.

O homem precisa aprender a ouvir essa voz que lhe fala constantemente dentro de seu cérebro e a executar os seus conselhos e a sua orientação.

O Espiritismo revela-nos esta verdade, ou seja a existência dos chamados anjos tutelares, dos guias e protetores.

Pela mediunidade nos comunicamos com os espíritos, recebemos suas mensagens e transmitimos os seus conselhos.

Sabemos que nos acompanham e que se acham ao nosso lado, momento por momento. Pergunto : temos necessidade de fiscais de outra natureza ?, Perante qual devemos nos envergonhar quando praticamos algum ato que não seja correto ou digno e nos esforçarmos pelo melhor cumprimento de nossos deveres ?

O feitor ou fiscal desaparecerá de nossa vista assim que mudemos de emprêgo ou de afazeres. Este representa bem a vontade e o poder do homem : transitórios. O outro, não. Nos acompanha nesta e nos acompanhará em outras encarnações, cumprindo a sua missão de ajudar no aperfeiçoamento dos nossos valores morais e intelectuais que são eternos e representam o poder e a vontade de Deus.

Em nossos cérebros discutem duas consciências ; a do nosso próprio espirito e a do nosso guia ou protetor. Esse dialogo é permanente. Meditemos muito sobre ele . . .

Nêste Momento Decisivo da História...

DAS cinco miniaturas da história, com que Stefan Zweig arquitetou êsse monumento da literatura moderna, que é «Momentos decisivos da Humanidade», a primeira e a que no instante mais nos interessa, é «O minuto mundial de Waterloo» (18 de Junho de 1815), em que Napoleão, num daqueles supremos lances da sua genial inspiração guerreira, mas confiante demais na fragilidade humana, arroja os seus gloriosos granadeiros contra as fôrças temíveis de Wellington, para marcar, a expensas de Grouchy, o trágico momento da sua vida e a *débacle* final do «grande Exército» !

O futuro a Deus pertence ; o certo, porém, é que vive a humanidade um dos seus momentos decisivos e, como a história sempre se repete, é de esperar-se que um grande gênio, dêsses que brilham um instante no firmamento quasi sempre nublado da história humana, para em seguida apagar-se, depois de realizar o seu glorioso destino, esteja prestes a surgir entre as nações conturbadas, afim de realizar o que a Divina Providência tenha determinado para coroamento desta civilização que chegou ao seu têrmo e que, por isso mesmo, deve ser substituida por outra mais bela e mais conforme com a Vontade do Supremo Senhor de todos os sêres e de todo o Universo.

Ora, êsse momento decisivo (tudo nos induz a acreditá-lo), terá de advir em meio de tremendas e jamais vistas convulsões sociais ; de guerras e de calamidades até hoje desconhecidas na terra : donde presumir-se que o caráter genial do homem destinado a assumir a responsabilidade do momento decisivo, seja de natureza militar. Volver, portanto, para Napoleão as nossas vistas, afim de estabelecer confrontos, nada tem de estranhável, uma vez que representou êle o máximo grau a que pôde atingir o talento militar, anteriormente encarnado em Ciro, Alexandre, Cesar, etc.

Quem poderá negar, hodiernamente, em face das conclusões da Ciência do Espírito, um de cujos ramos — a Metapsíquica — tanto há solicitado a atenção de sábios como Charles Richet, que lhe lançou os fundamentos, sir Oliver Lodge, Driesch, Poronelli, Geley e tantos outros; quem poderá negar, diziamos, que o gênio de Napoleão, redivivo nesta hora cíclica da humanidade, não venha de, novo, para cumprir a Vontade de Deus, brilhar um instante e em seguida apagar-se, como tudo aquilo que tem um começo e deve ter um fim, para dar lugar a trabalhadores de outra natureza?...

Misticismo? Também místico foi o grande côrso — e ninguém o poderá increpar de haver simplesmente sonhado. E' mesmo oportuno relembrar-se êsse aspecto da sua vida gloriosa, tão claramente descrito por Alexandre Dumas, pai, naquela página vívida de «O Destino de Napoleão».

Tendo ido, o mais disfarçadamente que lhe fôra possível, consultar, sôbre o seu futuro, uma das ledoras da «buena dicha» — mademoiselle Lenormand — que desfrutava, na época, de grande reputação, em Paris, não só a quiromante fácilmente denunciou a sua verdadeira personalidade, como lhe descreveu as futuras etapas da existência na terra. Depois de desmascarar o falso «incrível» que tinha diante de si, «mademoiselle Lenormand, escreve Alexandre Dumas, pegou, com sentimento quasi respeitoso, na mão que lhe estendiam»:

— Quer saber a verdade inteira? — perguntou ela, ou como a uma mulher, cujas irritações nervosas o senhor ás vezes tem, não devo dizer-lhe senão o bom, ocultando-lhe o mau?

— Diga tudo! disse o mancebo, num tom breve.

— Preste bem atenção, acrescentou mademoiselle Lenormand, à ordem que o senhor me dá (e sublinhou a palavra *ordem).* A sua mão, a mais completa de todas que tenho visto, oferece-me um composto de todos os sentimentos virtuosos e de todas as fraquezas humanas; oferece-me o caráter mais heróico e o mais indeciso. A maior parte dos sinais que ornam o seu interior podem deslumbrar pela sua luz; outros indicam a noite mais sombria e mais dolorosa. E' um enígma bem mais difícil que o da esfinge tebana que eu vou revelar-lhe, porque, do mesmo modo que sereis maior que Édipo, sereis também mais infeliz que êle! Quer que eu continue... ou quer que suspenda...

— Continue, disse êle.

E a narrativa prossegue, para concluir: «A parte décima desta linha bifurcada, ao pé do monte de Júpiter, número 8, denota grandes viagens na Europa, na Ásia, na África. Algumas dessas viagens serão forçadas, como o denota o X que está acima da linha vital, e que domina o monte de Venus; enfim, cruzando-se sob Marte, é o sinál certo de uma alta ilustração por feitos de armas imensos. Exgotar-se-ão, se vos falarem, todas as fórmulas da humildade e do louvor; sereis o homem glorioso, o homem prodigioso, o homem miraculoso. Sereis Alexandre, sereis César...

— Foi a sorte de César que me pressagiaste, disse-lhe êle.

— Foi mais que a sorte de César, respondeu ela; porque César não alcançou o seu fim, e vós alcançareis o vosso; porque César não fez mais que pôr um pé sôbre o primeiro degrau do trono, enquanto que vós vos assentareis em cima dêle. Sómente não esqueçais a mulher morena, que tem um sinál acima da sobrancelha direita, e que leva o lenço à bôca sempre que se sorri...»

Tudo se passou como previra a pitoniza. Contudo, Napoleão esquecera a suprema recomendação de mademoiselle Lenormand, divorciando-se de Josefina Beauharnais. E quando, hoje, o estudioso da História, interroga o passado, tem razão de perguntar: Teria êsse grave acontecimento de sua vida influido, de qualquer sorte, para o eclipse daquela grande existência? Não o acreditamos. Contudo, jamais deixará de ser uma triste recordação para todos os que se enternecem, meditando sôbre o destino do maior soldado de todos os tempos.

«Sereis Alexandre, sereis César...»

Estas palavras de Mademoiselle Lenormand, a propósito de Napoleão, fazem-nos recordar *«um interessante caso de xenoglossia»*, descrito, em 1940, nas páginas de La Capital, um dos jornais platinos de melhor reputação, pelo escritor Tito Bancescu e cuja parte final, justamente a que se relaciona com o assunto dêste nosso artigo, transladamos, *data venia,* traduzindo-a, para esta coluna:

Para melhor ilustrar as nossas considerações, escreve o articulista, referir-nos-emos a um interessante caso de xenoglossia que esteve sob o contrôle de duas eminências científicas, Charcot e William Crookes, de cuja seriedade não é possível duvidar, nem tão pouco pôr em julgamento a autoridade científica que sempre caracterizou ambos êsses sábios.

Tanto Charcot como Crookes — disse o autorizado escritor, senhor Bernabé Morera, — tinham imenso trabalho com a sua profissão e os seus descobrimentos científicos. O Espiritismo foi para eles um motivo de estudo, de análise, de comprovação. Ambos desfrutaram o prazer de surpreender novas leis naturais desconhecidas antes, porém complexas, de uma ordem maravilhosa, dignas de se lhes dedicar um prolixo, largo e minucioso exame; melhor dito, consagrar-se ao espiritismo por completo. Isto os sacrificava, sob o ponto de vista das conveniências. Benefício algum obteriam com o engolfar-se em trabalhos pelo mundo do abstrato; já eram apóstolos da ciência oficial, da qual obtinham honras e benefícios. Deixaram o idealismo para os demais.

Em uma das experiências hipnóticas realizadas pelo Dr. Charcot, célebre médico francês, autor de interessantes estudos sôbre enfermidades nervosas (1825-1893), na Salpetrière, deu-se o caso seguinte de xenoglossia, fenômeno em que o paciente mèdianímico fala ou escreve em uma linguagem que lhe não é própria.

O primeiro interno anuncia a chegada do grande clínico e todos os olhares se voltam para a porta que comunica com o anfiteatro e com a sala de internos. Charcot aparece sorridente, saudando, e, encaminhando-se diretamente a sua obra, começou dizendo:

— Eis aqui uma mulher histérica que está ao meu serviço há 18 meses.

Hipnotizou Alcina e dirigiu-se aos seus discípulos:

— Nêste estado obedecerá cegamente a tudo que se lhe ordene; mas antes de começar pelo nosso testemunho, pelo da direção da Assistência Pública, pelo do alcaide da comuna de Lavalois, seu lugar de residência, e pelo dos seus companheiros de Sala, deve deixar-se registrado que esta mulher é analfabeta e idiota. Com êstes dados adquiridos, ides presenciar um fenômeno muito surpreendente, e nos servirá êle como meio de observação. As discussões fisiológicas que puderem surgir destas experiências, não têm aqui seu meio apropriado, ainda quando não haja dúvida em que tenham nelas seu germe; êste, porém, necessita de outros ares para seu desenvolvimento. Observai: — Alcina ande a direita. (Alcina obedece e caminha à direita). — Alcina, cante um *couplet.* (Alcina gesticula e canta). — Alcina, vá ao baile. (E Alcina dansa e canta com ademanes muito faceiros e, como que querendo referir-se a alguém, diz:

— O baile, meu tio, e a Goulou?

Concluida essa experiência, o professor Charcot disse:

— Tendes observado sua obediência; agora passaremos a uma ordem de experiências superiores. E, dirigindo-se aos seus internos: — Trazei-nos um quadro negro. Em seguida, falando à mulher: — Alcina, ide ao quadro negro; escrevei.

E dirigindo-se aos professores assistentes, lhes disse: —Senhores, quereis ordenar a essa mulher que vá ao quadro para escrever em qualquer idioma, seja europeu ou exótico, antigo ou vivo, sôbre assuntos científicos, literários ou de quaisquer outros gêneros?

Os professores Pannas, grego, e Matias Duval, ambos membros da Academia de Medicina e professores da Faculdade, adeantam-se e ditam orações completas em grego antigo e moderno, respectivamente. Alcina, com letra clara e formosa, escreve com a maior propriedade caractéres gregos perfeitamente formados, segundo o dizer de ambos os sábios. Depois desta prova, Charcot, como que iluminado e profundamente emocionado, exclama: — Eis o fêcho de ouro desta grande prova. Iremos convocar espíritos; não, porém, espíritos vulgares: busquemos na história da humanidade aqueles mais luminosos e perguntemos-lhes a obra que produziram, a obra que intentaram sem êxito e a que projetaram e deixaram interrompida por sua desaparição.

Laborde, professor de Fisiologia, depois de cinco minutos de meditação, disse:

—Evoquemos o espírito de Galeno; perguntemos-lhe que observação importante fez desde à sua primeira direção. E Galeno respondeu pela mão da idiota:

— O corpo humano chegou à sua perfeita conformação. Os sistemas da circulação e da inervação muito bem unidos estão e relacionados na obra da economia; o sistema linfátinco, porém, sofrerá uma evolução de grande proveito, sobretudo para a longevidade da vida humana. Em alguns animais inferiores, de vida muito extensa, já se poderiam fazer experiências probatórias dêste assunto.

Toda esta luminosa comunicação de

Galeno, foi escrita por Alcina no quadro negro, com caractéres gregos e no idioma antigo, do tempo do pai da Medicina. (Claudio Galeno, médico grego da antiguidade, o mais famoso depois de Hipócrates, nascido em Pérgamo pelo ano 131).

Depois de Laborde, falou Matias Duval, sábio austêro, de juizos profundos, e disse :

—Evoquemos o espírito de Platão. Que nos diga algo sôbre a semelhança de Alexandre, César e Napoleão. Platão disse :

— Observai que fisicamente êsses três homens se pareceram : estatura mediana, temperamento curioso, exagerado, paixões veementes, vivacidade, soberba, talento geral extraordinário, tez morena, cabelos finos e negros, mão fina, expressão fácil, sem verbosidade, eloquência claríssima, resoluções firmes, atividade inexgotável, etc . Todas estas lhes foram condições comuns ; a obra de guerreiros e conquistadores, idêntica. Pois sabei-o : essa trindade teve uma só (a mesma) alma : foi Alexandre, foi César, foi Napoleão.

Duval replicou :

— Em quem novamente se encarnou essa alma extraordinária ?

E o sábio grego respondeu no quadro negro :

— Encerrou-se em um sêr que não é habitante da Terra ; passou para uma ordem de sêres mais perfeitos que habitam Saturno...

«As impressões que recebemos — disse Frederico Vices, um dos concorrentes à célebre sessão — foram muito fortes e os nossos intelectos mui débeis».

Falou então Charcot :

— Senhores, não pretendais ir mais além de vossa época ; não busqueis raciocínio algum que vos possa dar a explicação clara e verdadeira de nossas experiências ; contentai-vos com o que acabais de presenciar. Já vos tenho dito : as discussões, quer sejam filosóficas, fisiológicas, psicológicas ou de qualquer gênero, que estas experiências pudessem engendrar, não têm nêste anfiteatro o meio próprio ao seu desenvolvimento. As experiências vão sugerir idéias profundas e destas não virá a luz apetecida. Apesar de tudo, estudai, jovens pioneiros : vosso é o campo. Lutai, que obtereis o triunfo ! Eu vos abro a porta, ponho-vos no campo e vos mostro os rumos. Ide com passo firme, com ânimo esforçado, infatigável, e trabalhai com entusiasmo para chegar à solução dêstes belissimos problemas».

—

Eis o desconhecido ! Eis o misterioso, que os estudos espíritas vieram revelar !

Quantos, desanimados de uma consecução rápida, que corresponda aos movimentos atrabiliários desta época de transição violenta, voltam as costas a «esses belíssimos problemas», como os conceituou o grande Charcot, e preferem deixar aos ignaros e mesmo aos deturpadores ou sectaristas orgulhosos, o trato com as cousas transcendentais, as questões muito sérias que se prendem ao que existe de mais visceralmente digno de ser compreendido pelo homem, no círculo das suas atividades vitais !

O grande sábio achava que aquêle anfiteatro, em que se realizavam tão belas experiências, era meio impróprio para discussões de qualquer natureza sôbre os fenômenos observados, por isso que, sabe-se, o meio próprio para tais discussões é o ambiente da livre imprensa e do livre pensamento, não sujeito às conveniências de graduações científicas ou dogmáticas. Militantes dessa imprensa livre, queremos fazer algumas reflexões correlacionando o que precede aos fatos contemporâneos.

Exigindo a gravissima hora que passa, de arremetidas truanescas no mundo da arte, em decadência, assistidas em silêncio e talvez com a conivência dos homens cultos, em contraste com o enorme desenvolvimento da ciência que proporciona atrativos imensos, realizações do mais elevado teor a todas as inteligências ; exigindo assim, dizemos, a hora que passa, uma solução aos problemas que entendem com a tranquilidade do homem, com o movimento incoercível do seu progresso, rumo à felicidade ; e estando tal solução, inicialmente, na dependência da solução de questões militares, por isso que não será mais possível conter por meio de diques diplomáticos o caudal que cresce dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, das desinteligências entre o oriente e o ocidente ; quer nos parecer que só um gênio como Napoleão poderá dirimir, para o bem da humanidade, o conflito que se aproxima do seu *climax*, para deflagrar em guerra de extermínio.

E se assim é, estando, segundo Platão, o grande Côrso vivendo tranquilamente em Saturno, a desfrutar os encantos do mais maravilhoso dos planetas do sistema solar, quem o substituirá nesta hora trágica para a humanidade?

Lembremo-nos, porém, que a experiência de Charcot já deve ser velha de mais de 80 anos. Tempo terá havido, de sobra, para que Napoleão, ainda uma vez tangido pela fôrça do seu destino, com relação à humanidade terrena, tenha deixado a suavissima paisagem saturneana, coruscante de luz sob a ação dos seus belissimos anéis e dos inúmeros satélites, para uma nova encarnação no obscuro planeta em que vivemos, destinada a solver os grandes compromissos assumidos pela Ciência contemporânea para com o futuro da Humanidade.

Quem será êsse Alexandre, ou César, ou Napoleão, do século vinte? Com que nome se apresentará êle no proscênio da História?...

Tudo mistério!! Haverá, para desvendá-lo, alguma outra mademoiselle Lenormand?...

A História, que tanto nos esclarece sôbre o futuro, sómente póde ser escrita com relação ao passado...

L'avenir c'est à Dieu! — concluamos com o excelso cantor de *«La Légende des siècles»*, e aguardemos os acontecimentos.

Arnaldo S. Thiago.

Escrito, no Rio, na Primavera de 1951.

O Pentecostes Segundo o Espiritismo

(ATOS DOS APÓSTOLOS, II, 1 a 38).

JOÃO TEIXEIRA DE PAULA.

Pentecostes é palavra grega, que significa cinqüenta. Os judeus celebravam uma festa chamada *pentecostes*, instituida em memória de Deus por lhes haver dado o decálogo no Monte Sinai, exatamente 50 dias depois da saida dos israelitas do Egito. Os judeus modernos a denominam a *festa das semanas*, porque é realizada 7 semanas depois da Páscoa, e a *festa das primícias*, porque se oferecem aos templos as primícias da colheita do trigo.

A igreja católica celebra o pentecostes em memória da descida do Espírito Santo aos apóstolos, realizada 50 dias depois da ressurreição e 10 dias depois da ascenção de Jesus.

2 — E de repente veio do céu um estrondo, como do vento que assoprava com ímpeto, e encheu tôda a casa onde estavam assentados.

Êsse barulho é muito comum nas sessões. Ouvem-se ruídos de toda a espécie, pancadas pelas paredes, estrondos pelo fôrro. Na maioria das vezes são provocados pelos Espíritos de pouca evolução, trazidos às sessões para as necessárias doutrinações.

3 — E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, que repousaram sôbre cada um dêles.

É a luminosidade própria do Espírito. Quanto mais puro é um Espírito, tanto mais brilhante é a sua luminosidade.

4 — E foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

O *Espírito Santo* nada mais é do que o conjunto de Espíritos Superiores, bons, iluminados.

Estar cheio do Espírito Santo é estar alguém assistido pelos Espíritos bemfazejos e ser inspirado, guiado e assistido por êles.

Falar em língua estranha é um fenômeno de xenoglossia e glossolalia ou glossotéia, que é a faculdade que o médium tem de expressar-se em línguas estranhas, vivas ou mortas. Êsse fenômeno foi abundantemente estudado por Ernesto Bozzano. Outros autores, não menos notáveis, trataram dêle.

11 — Também os judeus e prosélitos, cretenses e arábios, todos os temos ouvido falar nas nossas línguas as maravilhas de Deus.

Prosélitos eram os pagãos que tinham abraçado o judaismo.

13 — Outros porém, escarnecendo, diziam: É porque êstes estão cheios de mosto.

Mosto: suco de uva, ainda em fermentação nas dornas ou dornachos, que são vasilhas apropriadas para a maceração das uvas. Por extensão de sentido, quis a turba significar que aquela gente, que tinha recebido o Espírito Santo, estava bêbada. Os que foram tomados pelo Espírito Santo, isto é, pelos Espíritos, eram médiuns, entre os quais havia alguns xenoglóssicos e glossoteicos, que falavam em línguas que lhes eram desconhecidas.

15 — Por que êstes não estão tomados de vinho, como vós cuidais sendo a hora terceira do dia.

Hora terceira: eram 9 horas da manhã. Sendo tão cedo assim, era impossível que aquela mole humana já se tivesse embriagado. Por não ser verdadeira a acusação, o apóstolo Pedro insurgiu-se energicamente contra ela.

17 — E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sôbre toda a carne, e profetizarão os vossos filhos e vossas filhas e os vossos mancebos verão visões e os vossos anciãos sonharão sonhos.

Derramar o Espírito sôbre toda a carne é enviar o Espírito à humanidade, é apossar-se êle do aparelho mediúnico para a comunicação, seja esta de que natureza ou espécie fôr.

Estando o médium, mulher ou homem, moço ou velho, sob a ação do Espírito, falará, profetizará, devaneará — de acôrdo com a mediunidade, com o ambiente e com o que fôr permitido pelo Alto.

O versículo apostólico é de meridiana clareza espiritica.

18 — E certamente naqueles dias derramarei do meu Espírito sôbre os meus servos e sôbre as minhas servas e profetizarão.

Servos ou servas do Senhor não são por certo apenas aquêles ou aquelas que O servem por meio de quaisquer exterioridades religiosas. Servos ou servas do Pai somos todos nós — porque nós todos somos seus filhos e dÊle dependemos. Dá a entender o versículo que a mediunidade não é prioridade de fulano, beltrano ou sicrano. Pode-a ter, em alto grau até, como aliás é comunissimo, um joão-ninguém qualquer, como a pode ter alguém de alta nobiliarquia ou prosápia. Tudo depende de maior ou menor merecimento espiritual próprio, a par de certas disposições somáticas.

19 — E farei ver prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra, sangue e fogo e vapor de fumo.

Os tempos modernos, com as suas notáveis invenções cientificas, as quais nos deram os bombardeiros a jacto de 8 motores e o navio atômico, como o «Nautilius», há poucos meses lançado ao mar pelo Presidente Truman, nos Estados Unidos da América do Norte — os tempos modernos, diziamos, são a confirmação da profecia apostólica. Cumpre notar que Pedro perorou à mole humana mediunizado. Os Espíritos valeram-se dêle e da ocasião para pregar as verdades evangélicas.

21 — E isto acontecerá: todo aquêle que invocar o nome do Senhor, será salvo.

Será salvo — é um modo de dizer. Não haverá condenação de uns nem salvação de outros. O «será salvo» não se refere à salvação das penas infernais, como se poderá inferir da afirmação, mas à iluminação de cada um, à purificação do Espírito pelo trabalho, pela dôr, pela caridade, pela santificação das obras, pelo amor. Todos nós seremos salvos pela iluminação própria, que é o de que carecemos, conforme já o ensinou Emanuel, e não pela crença tão só, conforme se supõe geralmente. Bater no peito e elevar cânticos ao Senhor — isto de nada valerá. Se assim fôra, a humanidade já estaria num paraíso — porque rezar ou entoar cânticos não custa. É muito barato.

35 — Até que eu ponha os teus inimigos por escabêlo de teus pés.

Escabêlo é um banco pequeno, banqueta, escano para o descanso dos pés.

36 — Saiba logo toda a casa de Israel, com a maior certeza, que Deus o fez não só Senhor, mas também Cristo, a êste Jesus, a quem vós crucificastes.

Senhor e Cristo. Sabemos que o Mestre presidiu à formação do planeta Terra. Não nos furtamos ao prazer de citar Emanuel, em «A caminho da Luz», livro que muito recomendamos à leitura de todos os confrades:

— «Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembléias de operários espirituais.

. . . .

A forma de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas. Os fluídos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano pré-estabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral».

38 — Pedro então lhes respondeu: Fazei penitência e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo.

Fazei penitência. Não basta que nos arrependamos das nossas faltas. Fazer penitência é cada um de nós, voltando ou não à Terra, expiar as próprias faltas, expurgar os defeitos próprios.

A penitência, segundo a entendem certos religiosos, não resolve absolutamente nada. A única penitência consiste por certo na remissão dos pecados e na depuração das virtudes.

Ser batizado em nome de Jesus Cristo é abraçar a sua doutrina em espírito e verdade, na sua pureza e angelitude. É ser do Mestre para o Mestre.

Muito bem andou o nosso ilustre Cairbar Schutel, quando escreveu («Parábolas e Ensinos de Jesus», pág. 295):

— «O batismo de João, materializado pelas seitas que dividiram o Cristianismo, não é mais que o arrependimento, a mudança de vida, para a recepção da Doutrina de Jesus e o conseqüente *batismo do Espírito.* E foi assim que Pedro e André, que eram discípulos de João Batista, se fizeram discípulos de Jesus».

O que aí fica dito se completa com esta belissima e clara exposição dos Espíritos, na obra de Roustaing («Os quatro Evangelhos», t. I, pág. 184):

— «João, Precursor de Jesus, concitava os homens ao arrspendimento e os batizou com água. Veio Jesus e lhes ensinou o modo de se arrependerem e os batizou *com* o *Espírito Santo,* isto é, fez que descessem sôbre êles *os Espíritos do Senhor,* desenvolvendo-lhes as faculdades mediúnicas, que os punham em condições de receber a inspiração.

O batismo com o *Espírito Santo* é a comunhão com os *Espíritos elevados que velam por vós;* mas, para chegar a essa comunhão, era preciso ao tempo da missão terrena de Jesus, e o é ainda, ser puro, cheio de zêlo, de amor e de fé, como o eram os apóstolos fiéis».

E logo mais abaixo:

— «Vem agora o Espiritismo, que vos convida ao estudo da verdade e vos ensina a distingui-la da mentira; vem estimular e desenvolver a vossa experiência, a vossa perspicácia, o vosso devotamento, clarear-vos as inteligências, iluminar-vos os corações, tornar-vos dignos da assistência dos Espíritos elevados e dignos de ser por êles conduzidos à verdade inteira. Vem como precursor do estado de perfeição que deveis atingir».

Nada mais belo, verdadeiro e oportuno.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

O CASAMENTO E O DIVÓRCIO

Opúsculo de Djalma Farias

Temos acompanhado — pelas *Conversa em Família* das Rádios, pelas *Idéas e Imagens,* da Televisão, principalmente, — as lutas em tôrno do projeto Nelson Carneiro. Em tôrno, essencialmeute, do divórcio.

Claro que nossa opinião não foi pedida por ninguem, nem teria pêso algum na questão.

Nem é o Espiritismo uma doutrina que estabeleça, por sistesma, a seus profitentes, como o faz a Igreja, ordem para aceitar ou recusar isto ou aquilo.

Não fosse o Espiritismo a doutrina de liberdade que todos conhecem...

E seu espírito liberal é uma das coisas mais belas que já descobrimos por toda parte.

Por isso mesmo que somos cento por cento espírita.

* * *

Pondo em ordem nossas coisas expparsas, descobrimos um opúsculo — O

CASAMENTO E O DIVÓRCIO — de Djalma Farias, oferta generosa de sua viuva, d. Dulce Faria, que ainda não haviamos lido.

Djalma Farias foi presidente até a morte da *Federação Espírita Pernambucana*. Mais perseverante do que nós, que deixámos, êste ano, a presidência, expontaneamente e sob protestos dos outros companheiros, do F. E. C.

Conhecemo-lo ha dez anos, quando estivemos em Recife. Almoçámos até em sua companhia. Depois, viera o movimento de *mocidades espíritas* e a *campanha do quilo*. Seguimos aí caminhos diferentes. Chegámos a tomar atitude, diretamente, contra ele, hostilizando-o numa carta ao público. Nada disso serviu para ficarmos inimigos. É assim que, na morte da querida esposa, tivemos dele um telegrama. E, quando veio ao Rio para morrer, procuravamos seu endereço certo, que haviamos perdido o que se nos deu — soubemos de sua morte...

* * *

Lemos seu *Casamento e Divórcio*.

E gostamos cento por cento de sua argumentação.

Ele é divorcista. É-o, exatamente, por não precisar do divórcio para ele, mas, pensando na aplicação do mal necessário para solucionar a infelicidade dos outros.

Exatamente, o nosso caso.

Viuvo ha três anos, nem por imperativos sociais e cristãos — e só êsses justificariam um novo casamento — ainda pensamos em outra esposa. Porque? Exatamente porque fomos, como o Djalma e sua companheira, unidos por Deus. E a quem Deus reune, não pode o homem desunir...

Os casamentos que vemos por aí — casamentos civís, católicos e até comerciais — são todos unidos por Deus?

Que esperança!

Por isso que se desunem por si mesmos, porque feitos á fôrça de interêsses de familia, de recursos monetários, de paixões momentâneas, de imperativos sexuais...

* * *

No círculo de nossas afeições intimàs, contamos seis casais que não são casados. Dez de entre êles são casados com outros, de que, infelizes com êles, se separaram. Quatro casais têm filhos, que os educam bem. E vivem muito bem. E são felizes. Em vez de se tolerarem apenas, amam-se. Pergunta-se: quais foram as uniões abençoadas por Deus: a primeira, que não lhes deu afinação alguma, ou a segunda que, sem lei dos homens e convenções religiosas, os aproximou admiravelmente?

* * *

Somos positivamente divorcista, embora nunca pensassemos no divórcio para nós.

O problema dos filhos foi o que se nos afigurou de mais difícil solução no caso do divórcio. Acabamos pensando com o Djalma: «E que culpa tem os filhos? Todavia, o lar, que a sociedade lhes dá, é a escola da perdição. do vício e do ódio, vendo com os próprios olhos o péssimo exemplo que os pais lhes oferecem». Acabamos concluindo conosco mesmo, espiritisticamente, na consciência de que, em tais casos, não ha filhos nem crianças; há espíritos em provas, pagando, hoje, com a desunião e separação dos pais, aquilo que, ontem, em outra vida, fizeram sofrer...

* * *

Aceitamos o divórcio como um mal necessário, exatamente como o Djalma, em face da dureza de nossos corações. Somos, ainda, corações tão duros que não soubemos compreender e dignificar a mais sublime das instituições sociais e cristãs: o Casamento! Por isso mesmo, que o Moisés da Lei permite a lei de repúdio. Já agora, não mais à mulher, sómente. Mas, a um e ao outro que houver malbaratado o juramento matrimonial e seus deveres sagrados. Aceitamos o divórcio, sentindo com Allan Kardec «que o divórcio é uma lei humana, que tem por fim separar legalmente o que de fato está separado. Essa lei não é contrária a de Deus, porque sómente reforma o que os homens fizeram, etc.»

Uma ótima contribuição para o momentoso problema, o opúsculo do Djalma.

Os Orgãos do Corpo Espiritual

W. H. EVANS — De «Estudos Psíquicós»

CONSIDERANDO ainda a origem do corpo espiritual; como se indicou no artigo anterior, nós devemos ter em conta que a célula-germe é apenas o lado físico da célula espiritual.

O núcleo corresponde ao âmago da consciência, através da qual manam as fôrças criadoras do Eu.

Quer dizer, é o ponto de coordenação e direção, no seu aspecto espiritual, de forma que a célula fertilizada actua de acordo com a sua natureza interior em resposta àquilo que a rodeia.

Tendo em vista o número de cromossomas que são os portadores das influências hereditárias, as suas várias combinações e mutações são quase infinitas e nós podemos compreender como o gênio aparece.

As combinações de cromossomas permitem ao Ego um meio especial em que se possa manifestar e sempre de acôrdo com a Lei.

O corpo espiritual é uma cópia do corpo físico, órgão por órgão, membro por membro. Swedemborg, Andrew Jakson Davies e os médiuns da antiguidade, afirmaram que a forma humana é decisiva, correspondendo àquilo a que Swedenborg chamou «O Grande Homem».

A FUNÇÃO DOS ORGÃOS

Portanto, a morte é uma mudança de percepção: o termo das funções do corpo físico liberta o corpo espiritual e o indivíduo acha-se em novo mundo, ainda suficientemente parecido com o que deixou, para que lhe seja familiar o que o rodeia.

Aqui pode-se perguntar se o órgão implica função, quais são as funções dos órgãos do corpo espiritual? Naturalmente, certos órgãos são necessários, tais como olhos para ver, ouvidos para ouvir e um cérebro para pensar.

Vemos, pois, que um sistema nervoso é necessário. Também em todos os planos nós reconhecemos a necessidade de admissão, armazenagem e descarga de energia.

Aqui, obtemo-la pela comida, bebida, e pelo ar e provavelmente por outras fontes que ignoramos.

Mas nós não devemos observar muito a analogia, pois é provável, que a economia interna do corpo espiritual se adapte a usos que ignoramos.

O fato de ele sobreviver à morte indica que existe um meio apropriado. Se os espíritos falam, deve haver ar para transmissão dos sons, pois o ar pressupõe pulmões que o respiram e os olhos, ondas de éter para transmissão da luz; da mesma forma, o nariz para cheirar e as mãos para tatear.

Que dizer do paladar? Desapareceria este sentido? A necessidade de comer será inteiramente eliminada? Se assim é, deve haver um meio de recuperação da energia dispendida.

A SATISFAÇÃO DOS SENTIDOS

Nos primeiros tempos da vida espiritual é provável que haja meios que satisfaçam os nossos sentidos.

Se o *whiski* e o charuto se usam para satisfação de um gosto corrupto, porque não haverá frutos naturais para satisfação de gostos refinados?

Devemos enfrentar estas perguntas, embora não sejam tão importantes como julgamos.

Há várias afirmações feitas por espíritos que não concordam entre si. Mas se nós tivessemos faculdades de vidência verificariamos que não há verdadeira contradição.

Numa coisa estão de acordo. É na *realidade* do Além, pois todos afirmam que estão mais vivos do que nós e encaram a nossa vida como um sonho de que acordaram ao morrer.

A CONTINUIDADE DA VIDA

Isto é muito lógico e confortante e mostra que a nossa vida tem correlação com a vida espiritual. A linha de continuidade não se quebra e nós podemos dizer que o que é fisicamente verdadeiro, não deve ser espiritualmente falso.

Há quem afirme que a outra vida é puramente subjetiva, mas ninguém pode ter vida puramente subjetiva, porque esta tem de ser contrabalançada pela objetividade.

Se a vida espiritual é *real*, no sentido que atribuímos à palavra, então o que eles vêem deve ser real.

E em existência *racional* deve haver concordância naquilo que se vê. Desta forma, se algumas pessoas virem paisagens no mundo espiritual, devem estar de acôrdo com o que vêem; portanto, há lá colinas e montanhas, vales, rios, árvores, flores etc., e talvez formas de vida a que poderemos chamar indígenas.

A MESMA REGRA ESPIRITUAL

Algumas diferenças que haja devem ser semelhantes às nossas e vistas da mesma maneira. Claro que há sempre diferenças de percepção, mas todos concordamos sôbre os principais aspectos daquilo que vemos.

Podemos esperar que a mesma regra se aplica no Além e convencermo-nos da racionalidade da vida nesse mundo.

De acordo com o que temos dito, deve haver construções diversas na vida espiritual. Há escolas, templos, laboratórios científicos, hospitais para os que foram desalojados violentamente de seus corpos físicos, escolas infantís e oficinas de muita espécie.

Tudo isto tem que ser construído, embora os meios usados variem de acordo com as necessidades.

Alguns dirão que é uma visão materialista do Além, mas nós não devemos desanimar por causa de uma frase. E porquê? Uma sinfonia de Beethoven será menos bela, só porque a sua expressão depende de uma corda de tripa, de crina de cavalo, de madeira ou latão?

E diremos que é materialista, lá porque esses meios são necessários, para exprimir a beleza da harmonia concebida pela mente de Beethoven? Sabem o que quero dizer; não devemos prender-nos por uma frase.

A Realidade Fundamental serve-se do Sol e das Estrelas e todos os meios materiais para produzir efeitos no Universo e nem por isso são menos belos.

E o que é que está errado na matéria? Nada está errado. A matéria é o veículo de uma Inteligência Infinita.

A CAUSA

A Matéria não é má. O homem é que a deforma com suas *aplicações*. A energia atómica usada para destruír e devastar é que é má; mas será boa, se melhorar as condições de vida.

Outra coisa que costumamos esquecer é que o homem é um todo, não é sómente cérebro e inteligência. Esta última requer veículos de expressão e aquí está outro motivo por que temos corpo físico. E' preciso que a forma se ligue à energia para a realização de qualquer trabalho. Nós muitas vezes pensamos através das mãos. Então o artista, o escultor, o músico, o carpinteiro e o canteiro não pensam através das mãos como do cérebro?

As nossas mãos são mais que um recurso. São as cooperadoras dos nossos empreendimentos. E' certo que as dirigimos, mas pouco podemos fazer sem elas.

O TRABALHO É EDUCAÇÃO

Elas é que nos permitem tirar de nós mesmos a fôrça de nossas almas. O trabalho deve ser um meio de auto-expressão e tornar-se uma parte importante da educação individual.

Que é que sucede no trespasse dos homens?

Eles ficam sendo os mesmos indivíduos e é de presumir que, se quiserem colocar um vaso de flores numa mesa, o farão como nós, levantando-o com as mãos.

Nos primeiros tempos o nosso poder criador era muito limitado. Assim, a construção de um edifício póde, em certos casos, exigir o exercício ativo do músculo, ainda que, em vida mais elevada que a nossa, tal ação sirva outros desígnios além da construção.

Nas artes, o poeta, o escritor, o artista e o músico necessitam de *materiais* para trabalhar. O sonho do artista deve ser passado à tela ou cinzelado na pedra, se outros partilharem dêle. O poema, a novela ou a história serão reunidos em livros, se houver quem leia e goze o que se escreveu.

UM ALVO

O cientista tem os seus aparelhos de experiência e todas estas coisas devem ser preparadas, de forma que a vida racional da comunidade siga a sua marcha.

Todas essas atividades têm o seu alvo, o desenvolvimento das fôrças internas e recursos do indivíduo. Á medida que o povo avança, os métodos vão-se aperfeiçoando de acordo com o progresso alcançado ; mas como eles ultrapassam as nossas concepções, pouco ou nada podemos dizer.

Há uma escritura que diz que um templo foi levantado apenas por direta ação mental...

Mas uma revelação dada a Vale Owen informa como um templo foi construido por ação mental direta.

A primeira coisa a fazer antes de construir é conhecer o uso a que o edifício se destina. Depois há que fazer os planos, que devem ser assimilados por aqueles que hão de construir o templo ; isto é, terão de visualizar a parte do edifício para onde dirigem as fôrças mentais.

ESFÔRÇO COOPERATIVO

Todos os que se dispuzeram ao trabalho devem harmonizar as fôrças de forma que haja sicronia. Depois escolhe-se o sitio e todos reunidos devem dirigir as suas fôrças mentais, formando uma onda de energia em roda da qual cristalizem a substância do seu desejo.

E conseguem materializar o templo. O trabalho leva tempo, gastam-se energias e o primeiro ensaio não passa de leve esboço daquilo que há-de ser.

Com repetidos esforços a sombra vai-se tornando cada vez mais densa, até que o templo surge em toda a sua cintilante beleza.

Tal construção seria semelhante a uma criança que tivèsse em si parte da vida dos que a criaram ; portanto, correspondente aos habitantes numa relação para nós inconcebivel.

Isto significa mais alto nivel de evolução e póde bem ser que o desenvolvimento empreendido por meios mais diretos nos planos mais baixos, leve a tal resultado.

Se aplicarmos êste método aos membros da mais alta Hierarquia, não poderemos conceber assim a criação dos universos ?

Crônica Estrangeira

As Curas Miraculosas e a Ciência

«Spiritualisme Moderne»

As faculdades normais bem dirigidas prestam grandes serviços à humanidade.

Póde ser considerada medicina ilegal a simples imposição de mãos ?

No ano passado, em Paris, houve um processo sensacional, movido pelo Centro dos Médicos contra um médium curador, de nome Alalouf, exigindo dêle uma indenização de 10.000 frs. e a interdição do exercício de suas atividades.

O advogado de defesa propôs apresentar aos Juizes, como prova em favor do detento, 50.000 pessoas pelo mesmo curadas.

Mesmo no decorrer do processo, milhares de pessoas pediram a Alalouf a cura pela imposição de suas mãos.

Em realidade, que espécie de fluídos possúe êsse médium extraordinário ?

A Ciência oficial deveria estudar o caso, para que a Humanidade seja beneficiada ; porque, em lugar de privar êsse indivíduo da liberdade, mais útil seria controlar suas faculdades e aprofundar o enígma, para a felicidade e alívio de todos os que sofrem.

Também na Itália existe um grande médium-curador, de nome Achille d'Angelo, considerado como uma das personagens mais célebres do país, pois surpreendeu e maravilhou incrédulos e médicos, tais suas faculdades e dons misteriosos.

A origem do desenvolvimento das extraordinárias faculdades de Achile d'Angelo foi causado por um acidente e consequente comoção cerebral. A partir dêsse momento, êle, começou a realizar as curas sensacionais, que sobem a milhares, inclusive altas e célebres personalidades, como por exemplo : a ex-Rainha Maria José que sofria de cegueira quasi absoluta. Igualmente Benjamin Gigli, privado de cantar recorreu ao célebre «Mágico de Napoles». Ingrid Bergmann, Maria Montez, Robert Taylor, Jean Simons e muitos outros lhe devem sua felicidade por haverem recuperado a saude perdida e a normalização de suas faculdades e talentos.

FATO EVIDENTE

De tudo isto ressalta um fato evidente: se todos os curadores pertencessem a qualquer ordem religiosa, eles poderiam exercer suas atividades curadoras, porque as curas seriam atribuidas à inspiração divina. Reconhecer, pois, estas faculdades ocultas do sêr humano sómente através do aspecto religioso, é descurar seu verdadeiro conhecimento e divorciá-las do aspecto científico, negando assim fatos evidentes que ocorrem diariamente no mundo inteiro.

E' lastimável assistir ainda em nossa época, em pleno século XX, a processos e perseguições a critério medieval, contrariando a sábia lição dada pela Natureza, a de não privar dos beneficios provindos de qualquer sêr humano, dotado de faculdades supranormais, quando suas intenções e fins têm por objetivo aliviar a dôr, o auxílio ao próximo e a felicidade de nossos semelhantes.

Entretanto, enquanto esperamos a hora da concordia e do reconhecimento da Verdade, em todas suas manifestações, rendamos a nossa homenagem à nova ciência — A Metapsicologia — que vai revolucionar a ciência do Futuro.

*

As Manifestações Espíritas entre os que desconhecem o Espiritismo

De «Spiritualisme Moderne»

Por Bernard Jenty

«Sim, dizem-nos por vezes, existem muitos fenômenos supranormais, fenômenos estudados por metapsiquistas, mas se tomam uma feição espiritoide, isto corre por conta da crença, ou do médium, ou dos assistentes. O médium obtem uma informação por um modo supranormal que o atual estado da ciência não permite explicar, e êle pretende e intimamente acredita que um espírito com êle se comunica. Êle fica sugestionado pela sua própria crença ou pelos assistentes».

Sim, mas quando o médium não acredita em espíritos e mesmo assim são obtidos os fenômenos espíritas? Há muitos exemplos publicados.

Conheci uma senhora idosa que não era espírita, pois ignorava o Espiritismo. E, contudo, médium sem o saber, obtinha comunicações do outro-lado. Certo dia em conversação íntima com minha mãe, ela lhe confiou todas as recordações sôbre êsses fenômenos, coisa que jamais fizera, com receio de provocar zombarias.

Quando contava doze anos, essa senhora foi testemunha de uma premonição notável feita por certa jovem de 18 anos, sua prima, que, por sua vez, nunca ouvira falar de Espiritismo.

Essa jovem prima um dia disse à minha mãe:

«Você tem um bonito vaso, titia, que você me vai trazer». Depois disse-me quando a acompanhava: *«Minha tia vai colocar seu bonito vaso sôbre minha sepultura. Eu deveria assistir ao casamento duma amiga com meu bonito vestido cor-de-rosa que você viu, mas não o vestirei, estarei morta no momento do enlace. Tua mãe não virá ao meu enterro porque ela estará doente. Quando eu estiver morta, com ela me parecerei como duas gôtas de água. Quando eu morrer, eu a avisarei no mesmo momento da minha morte».*

As predições se realizaram. A moça adoeceu e morreu pouco antes do casamento; sua tia adoecera e não poude ir ao entêrro. Uma costureira que prestara seu auxílio à falecida, disse: «Fui ver C... no seu leito de morte, ela se parece com a tia como duas gôtas de água». Na véspera, estando a família à mesa, ouviu um violento golpe na porta do *bouffet*, colocado na sala vizinha. A moça pensou imediatamente que era o anuncio da morte de sua prima. O pai, munido de luz percorreu todos os cômodos sem descobrir o que poderia ter causado tal ruído, salvo a porta do *buffet* que repetiu o mesmo ruído quando aberta e fechada violentamente. No dia seguinte receberam o aviso da morte, ocorrida no momento em que se produziu o ruído. Todas as premonições se realizaram precisamente.

Depois, durante meses e mesmo anos, quando a mocinha ia aos campos levar a pastar o rebanho, e logo que ela se sentava, a falecida prima «descia dos ares», vinha sentar-se junto a ela, abraçava-a e lhe falava. A princípio a pastorinha, um tanto atemorizada, perguntava à aparição: *«Como se dá estares tu aqui?»* — *«Mas, minha pequena L..., venho para te dizer bom dia e abraçar-te»*, respondia ela! Depois a jovem habitou-se a estas visitas. Ela via a prima morta em outros lugares, mas nunca tão claramente como ao apascentar o rebanho. Nessa época, ela relatou a visita a sua mãe, que achou o fato miraculoso, mas nunca o revelou a outras pessoas, com receio de não ser compreendida ou não lhe darem crédito.

Depois, no decorrer da vida, ela viu outros defuntos de sua família: a mãe, falecida em 1916; seu marido, morto em 1943. Ela os via adormecida ou desperta e êles com ela conversavam. Êstes fatos muito a influenciaram.

«Eu não sou como os outros», dizia. *«Sempre penso no que me sucede. Tenho toda sorte de idéias que nunca revelo; acharme-iam ridícula»*.

Eis, pois, uma senhora, que sempre levou uma vida bem simples no campo, bem longe dos nossos filósofos, das nossas investigações, discussões, que via espíritos, com os quais conversava, sem nunca ter ouvido falar de espiritismo, salvo à minha mãe a quem ela revelou êstes fatos. Nela não havia, pois, trabalho de subconsciente, nem sugestão de assistentes, pois os fenômenos vinham espontâneamente e na solidão. Seguiram-se premonições muito interessantes, que são fenômenos espíritas, que lhe foram a sequência lógica.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notável acontecimento espírita em Matão

Comemoração do 5.º aniversário de fundação da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e do 84.º aniversário de nascimento do seu patrono espiritual Cairbar Schutel — Inauguração da terceira casa da Vila Cairbar Schutel — Outras notas.

Constituiram um acontecimento notável as festividades que a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou nos dias 20 e 21 de Setembro último em comemoração do seu 5.º aniversário de fundação e do 84.º de nascimento do seu patrono espiritual, Cairbar Schutel, Apóstolo do Cristianismo.

O local das festividades foi o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cujo salão, embora espaçoso, foi pequeno para comportar a enorme assistência, entre a qual notava-se a presença de grande número de pessoas de outros credos religiosos. Do lado de fóra do Centro, no corredor, era grande o número de pessoas que se acotovelavam para acompanharem, através das janelas, o desenrolar do magnífico programa elaborado pela Mocidade Espírita «Cairbar Schutel».

Foi o seguinte o programa desenvolvido:

Dia 20, sábado, ás 19,30 horas: a) declamação por elementos da Mocidade; b) «O Trabalho», dramatização em dois atos; c) Apresentação da peça «Fantasia do Filho Pródigo», em 3 longos atos, de José Papa. Esta peça agradou em cheio a assistência. Os moços que a desempenharam revelaram espírito artístico. E' uma peça que, pelo seu fundo evangélico, devia ser «reprisada» em teatro, porque encerra uma grande lição de amor. d) «Meu Brasil» — Encenação. Fez a apresentação dêste programa a srta. Ermelinda Luiz Machado, segundanista da Faculdade de Direito da Capital.

Dia 21, domingo, ás 15 horas, inauguração da terceira casa da Vila «Cairbar Schutel» na Vila Santa Cruz. Compareceu ao áto grande massa popular. Depois de breves palavras do campanheiro Costa Filho, o Exmo. Dr. João Salgado Sobrinho, D. D. Deputado Estadual, desatou a fita simbólica sob prolongada salva de palmas. A seguir, apresentados pelo companheiro Costa Filho, usaram da palavra o ilustre vereador sr. Nagib Kfouri, o Deputado Estadual Dr. João Salgado Sobrinho e o Dr. Jony Doin, advogado no Forum da Capital. Os oradores foram alvos de prolongadas palmas, pois as suas palavras calaram fundo nos corações dos presentes.

No Centro Espírita «Amantes da Pobreza», ás 19,30 horas, encerraram-se as festividades. A prece de abertura foi proferida pelo presidente da mesa sr. Sebastião Moura, de Ribeirão Preto, usando da palavra, a seguir, a srta. Ermelinda Luiz Machado, que passou a palavra ao conferencista da noite, Dr. Jony Doin, que prendeu a atenção da assistência durante uma hora em torno de Allan Kardec, missionário do Alto. A conferência, que constituiu a chave de ouro do encerramento das festividades, foi irradiada através de um alto-falante. Terminando, elementos da Mocidade, sob a batuta da Professora de música srta. Olga Ferreira, cantaram o hino «Allan Kardec».

Outras notas

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» ofereceu, ás 13 horas, um almoço ao Deputado Estadual Dr. João Salgado Sobrinho, na residência da srta. Leonor Cruz, ao qual compareceram diversas pessoas de destaque social.

—A's 18 horas a Mocidade ofereceu um lanche aos visitantes na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

— Compareceram ás festividades, além das Mocidades Espíritas de Araraquara e Taquaritinga, confrades de diversas cidades.

— A Mocidade recebeu telegramas de congratulações das seguintes pessoas : sr Prof. Alcides de Oliveira, desta ; sr. Domingos de Marzo, da Capital ; sr. Anibal Lopes, de Jaboticabal ; sr. Romulo Ramalho, de Catanduva ; sr. José Balbino Cardoso, de Araraquara.

União Municipal Espírita Matão-Taquaritinga

Com a participação do Centro Espírita «Jesus de Nazareth» e Mocidade Espírita «Euripedes Barsanulfo», de Taquaritinga ; do Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba ; do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», de Matão, foi fundado no dia 13 de Setembro último, em Taquaritinga, na séde do Centro Espírita «Jesus de Nazareth», a União Municipal Espírita Matão-Taquaritinga, que realizou no dia 21 do mesmo mês, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a eleição do seu Conselho Deliberativo, Comissão Executiva e os representantes junto ao Conselho Regional da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), com séde na Capital, dando a eleição, que foi feita por aclamação, o seguinte resultado :

CONSELHO DELIBERATIVO

Centro Espírita «Amantes da Pobreza» : Antonia Perche da Silveira Campêlo e José da Costa Filho. Suplentes : Zélia Silveira Perche e Izabel Perches Camargo.

Centro Espírita «Jesus de Nazareth» : Dr. Luiz Barbosa Filho e Salvador Arnoni. Suplentes : Angelo Constantino Guzzo e Reinaldo Morano.

Centro Espírita «Allan Kardec» : Carlos Olson e Antonio Sanches. Suplentes : José da Silva e João Marques.

Mocidade Espírita «Euripedes Barsanulfo» : Altamira Amorim e Antonia Ferraz. Suplentes : Antonio Marcondes e Maria de Lourdes Amorim.

Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» : Edo Mariani e Adelar Machado. Suplentes : José da Cunha e Clotilde da Cunha.

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente, Dr. Luiz Barbosa Filho ; secretário, Edo Mariani ; tesoureiro, Carlos Olson ; Diretor de Estudos, José da Costa Filho ; Diretor de Assistência Social, Antonia Perche da Silveira Campêlo.

Representantes junto ao Conselho Regional : Dr. Luiz Barbosa e Zelia Silveira Perche. Suplentes : Antonia Ferraz e Edo Mariani.

O Cinqüentenário da Federação Espírita do Paraná

De 23 a 31 de Agosto último a Federação Espírita do Paraná realizou festejos comemorativos do 50.° aniversário de sua fundação, o que constituiu um dos mais notáveis movimentos espíritas realizados no país.

Nessa ocasião foram inaugurados vários departamentos de Assistência Social, lançada a pedra fundamental do Instituto de Educação Allan Kardec e inaugurado o monumento de saudade a Lins de Vasconcelos. Nêste momento o Presidente da Federação Espírita do Paraná leu uma comunicação do espírito de Lins de Vasconcelos, recebida através da mediunidade de Osvaldo Melo.

A' Federação Espírita do Paraná enviamos o nosso abraço congratulatório pelo grande acontecimento, solicitando ao Alto que lhe proporcione vida longa no desempenho de sua tarefa cristã.

* * *

Instalação do Conselho Deliberativo Estadual

Eleição e posse da Diretoria Executiva da USE

A Diretoria Executiva Provisória da USE, no cumprimento do mandato que recebeu do III Congresso Espírita do Estado de S. Paulo e como último ato de sua gestão, procederá, no dia 12 de Outubro, vindouro, na séde da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, à Rua Maria Paula, 158, nesta Capital, gentilmente cedida, a instalação solene do CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL, da USE, procedendo-se, ao mesmo tempo, a eleição e posse da nova Diretoria Executiva, dentre os Conselheiros Estaduais, designados pelos Conselhos Regionais e Metropolitano, bem como pelas entidades inicialmente patrocinadoras do movimento de Unificação: (Federação Espírita do Estado de S. Paulo, Liga Espírita do Estado de S. Paulo, União Federativa Espírita Paulista e Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém»), de conformidade com disposições dos atuais Estatutos desta entidade Unificadora.

Levando, pois, a notícia dêsse auspicioso acontecimento à todas as Sociedades Espíritas do Estado Bandeirante, aproveita o ensejo para convidá-las a se fazerem representar em tão significativo ato que constituirá mais um marco para a efetivação do trabalho de Unificação Espírita no Estado e no Brasil.

Êste convite é naturalmente, extensivo a todos os representantes de Centros e Organizações Espíritas junto ás Uniões Municipais e Distritais («UMES» e «UDES»), representantes de «UMES» e «UDES» junto aos Conselhos Regionais e Metropolitano, bem como a todos os diretores de sociedades espíritas e dos orgãos constitutivos da USE.

Terminando nessa ocasião o seu mandato, a Diretoria Executiva Provisória, da USE, aproveita esta oportunidade para expressar sua gratidão a todos os confrades que, com sua dedicação e elevada compreensão, lhe permitiram concluir de forma satisfatória o cometimento que recebeu, rogando a Deus para que a unificação da familia espírita no nosso Estado seja uma realidade, pelos vivos testemunhos de verdadeira fraternidade em todos os momentos e circunstâncias, afim de que, em futuro não muito distante possam os espíritas do Brasil, ampliarem suas aspirações naturais num amplo trabalho para a união e confraternização de todas as correntes filosófica-religiosas do plano terrestre.

Contando com a indispensável presença de todas as instituições espíritas do Estado, por seus representantes, a todos antecipa os seus agradecimentos, pedindo as bençãos e o amparo do Céu.

Fraternalmente,

União das Sociedades Espíritas do
Estado de São Paulo

Diretoria Executiva Provisória

Carlos Jordão da Silva
Secretário-Geral.

São Paulo, Setembro de 1952.

* * *

Sessão Comemorativa

No dia 28 de Setembro último realizou-se no Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, uma sessão comemorativa do 6.º aniversário do desincarne de D. Gracinda Batista, que dedicou a sua vida ao bem estar dos seus semelhantes.

O orador oficial foi o confrade Apolo Olivio, que veiu de S. Paulo exclusivamente para falar sôbre a homenageada, falando, entre outras coisas, que se a humanidade fizesse o mesmo que D. Gracinda fez, o mundo estaria salvo. A seguir, usaram da palavra o confrade César Bianchi e o companheiro Onofre Batista. O amplo salão de conferências ficou a cunha.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2810unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1952 — N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

"A Morte é a porta da Vida" . .	*Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
A Terrível ameaça em dia	*Leopoldo Machado*
Aldeotas Espiritistas	*W. Vieira*
A Máquina e o Condutor	*Viriato Carneiro Lopes*
A Técnica da Materialização à Luz do Dia	*Amy Marchall*
A Verdadeira Obra de Redenção .	*Nair d'Oliveira Loureiro*
Contra Fatos	*Spártaco Banal*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Benedita Fernandes	*Ismael Gomes Braga*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1952 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

"A Morte é a porta da Vida"

A morte vem sendo o maior espantalho para a humanidade, porque ninguém quer morrer, a não ser algum desiludido da sorte num momento de fraqueza. Enquanto o morto toma o destino que Deus lhe reservou, os que aquí ficam não se cansam de lamentar a ocorrência, como se a morte fôsse, realmente, um fato, o que revela falta de confiança em Deus, e portanto de fé, e isto porque não acreditam na imortalidade da alma, pedra fundamental do Cristianismo.

O Espiritismo, entretanto, veiu acabar com a morte, apresentando provas inegáveis de que a morte não existe como ponto final da vida ; que ela é apenas uma transição, ou seja, a passagem de um estado para outro.

Charles Richet, um dos mais notáveis cientistas franceses e um investigador ardoroso dos fenômenos psíquicos, proferiu esta sentença lapidar : «A morte é a porta da vida».

Efetivamente, é por essa porta que ingressamos na verdadeira vida. E quando entramos por ela os nossos males se acalmam e as nossas lágrimas se estancam, porque uma nova aurora cheia de esplendores surge no horizonte da nossa vida.

A propósito transcrevemos do livro «A Crise da Morte», de Ernesto Bozzano, o seguinte fato, que constitúe uma prova de que a morte não é tão feia como a pintam :

«Extraio êste fato de uma obra intitulada : *Letters and Tracts on Spiritualism*, obra que contém os artigos e as monografias publicadas pelo Juiz Edmonds, de 1854 a 1874. Sabe-se que Edmonds era notável médium psicógráfo, falante e vidente. Alguns meses depois da morte acidental de seu confrade o Juiz Peckam, a quem êle muito estimava, deu-se o caso de Edmonds escrever longa mensagem, em que seu amigo morto referia as circunstâncias de sua morte. As passagens seguintes são tiradas da mensagem em questão :

Si houvera podido escolher a maneira de desincarnar, certamente não teria preferido a que o destino me impôs. Todavia, presentemente não me queixo do que me aconteceu, dada a natureza maravilhosa da nova existência que se abriu subitamente diante de mim.

No momento da morte, revi, como num panorâma, os acontecimentos de toda a minha existência. Todas as cenas, todas as ações que eu praticára passaram ante o meu olhar, como se se houvessem gravado na minha mentalidade, em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos, desde a minha infância até à morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia cuja natureza só agora compreendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando emergi nas águas, não experimentei sensação alguma de medo, nem mesmo de frio, ou de asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas a se quebrarem sôbre as nossas cabeças. Desprendi-me do corpo quase sem me aperceber disso e, abraçado sempre à minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos acolher e guiar.

O primeiro sentimento penoso só me assaltou quando dirigi o pensamento para o meu caro irmão; porém, minha mãe, percebendo-me a inquietação, logo ponderou: «Teu irmão também não tardará a estar conosco». A partir dêsse instante, todo sentimento penoso desapareceu de meu espírito. Pensava na cena dramática que acabara de viver, unicamente com o fito de levar socorro aos meus companheiros de desgraça. Logo, entretanto, vi que estavam salvos das águas, do mesmo modo por que eu o fôra. Todos os objetos me pareciam tão reais à volta de mim que, se não fôsse a presença de tantas pessoas que sabia mortas, teria corrido para junto dos náufragos.

Quís informar-te de tudo isto, afim de que possas mandar uma palavra de consolação aos que imaginam que os que lhes são caros e que desapareceram comigo sofreram agonias terríveis, ao se verem prêsas da morte. Não ha palavras que te possam descrever a felicidade que experimentei, quando vi que vinham ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas a quem mais amei na terra e que todas acudiam a me dar boas vindas nas esferas dos imortais. Não tendo estado enfêrmo e não tendo sofrido, fácil me foi adaptar-me imediatamente às novas condições de existência...»

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

III

Como vimos pelos exemplos já transcritos em nosso modesto estudo, essa mediunidade em desenvolvimento já entrou na terceira fase: alta poesia. No começo só eram recebidas comunicações em prosa; numa segunda etapa vinham versinhos muito simples; agora já são recebidos grandiosos poemas.

Parece que o processo de harmonização, ou casamento de fluidos, para que o Espírito possa movimentar livremente o braço e a mão do médium, está sujeito a certas leis de simpatia ou afinidade espiritual do Espírito com o médium: uns Espíritos encontram mais dificuldades do que outros. No caso de D. Dolores Bacelar, parece-nos que o máximo de dificuldades, até agora, encontrou José Duro para transmitir sonetos; e que o máximo de facilidade está com Guerra Junqueiro.

A médium sofreu um pequeno acidente em serviços domésticos e ficou impossibilitada de comparecer, como tencionava, à sessão pública de Evangelho na Federação Espírita Brasileira. No dia seguinte achava-se ela sôbre o leito, lendo a Bíblia, quando lhe apareceu, muito bem materializada, a figura luminosa de Guerra Junqueiro. O visitante estava sereno, sorridente, irradiando muita luz; mas não lhe disse palavra: depois de uma breve permanência, desapareceu.

Na seguinte sessão do Centro Espírita «Cabana de Canagé», a médium compareceu e psicografou oitenta e tantas folhas de papel sôbre diversos assuntos. Uma das mensagens era o seguinte poemeto de Guerra Junqueiro:

MINHA CONTRIÇÃO

Guerra Junqueiro

Jesus! Meigo Jesus, Nazareno Divino!
Eis-me aqui genuflexo... Sou aquele menino
Que aprendeu no regaço materno a Te [amar...
Cujo coração era da côr do luar!
Da brancura do lírio, puro, virginal!
Tão rico de ilusões! Tão cheio de ideal!
Eu sou aquele menino que caiu na lama
Do mundo e, desde então, apagou-se-lhe [a chama
Que iluminava-lhe a Alma de suave fla-[grância,
Ao perder a pureza que lhe vestia a infância.

Ah! Mundo singular... Terrível sorvedoiro
De virtudes! Roubaste o meu escrínio d'oiro
Como um vil salteador! Nele ia a minha [Alvorada,
A minha Crença, a minha Fé... Fiquei sem [nada...
Meus tesoiros de mármores e de alabastros,
Feitos de luz de Auroras, de luar e de [Astros!
Minhas gemas de Amor, brilhantes de alegria . . .
Tudo roubastes! Minha arca ficou vazia,
Nada mais me restou que um antigo alaúde,
Dos inúmeros bens da minha juventude.

E a tocar e a cantar eu vim pelos caminhos
Como o mais infeliz de tod'os os pobrezinhos!
A mendigar à vida sobejos de Amor . . .
Às vagas, harmonia! Coloridos à flôr!
Às crianças, inocência... Paz à Humanidade!
Pureza à Madalena e aos tribunais, piedade . . .
Uma açucena ao pântano . . . P'ra o inverno, Abril!
Para o herói, pedestal! E perdão para o vil...
Aos pássaros, poesia! Luz para as nebulosas...
Sonoridade aos ninhos... Perfumes às rosas!
Para as Almas, virtudes! Inspiração aos [Céus!
P'ra toda a Humanidade, a Clemência de [Deus!

Sou aquele ousado poeta que a hipocrisia
Condenou por querer livrar da sacristia,
Prisão mais execrável que qualquer bastilha,
A verdade Cristã, Tua Divina Filha,
Que veiu à luz do Teu Sangue, do teu [Calvário,
Quando a Cruz transformaste em Altar e [Santuário.
Se volto a mendigar é que ainda sou, Jesus,
Um pobre, dos espaços, mendigo de Luz!
Porém agora sou um mendigo feliz!
Que as dores abençôa e os espinhos bendiz!
Ave primaveril ao Inverno agradecendo
A dádiva das seáras amadurecendo!
Filho pródigo, ao Lar Paterno retornado
Após arrepender-se do êrro e do pecado.
Se volto a cantar é que minh'alma está [cheia
De bênçãos, Jesus! Como de mel a colmeia
E de estrelas o Céu! Deixa-me pois cantar...
Plange no meu peito um alaúde secular!
Mas, não me olhes assim com essa expressão triste,
Oh! meigo Nazareno... Bem sei que Te [assiste
Razão de censurar-me... Pois não fui capaz
De compreender, que o mundo não sabe [o que faz...
Não alcancei, outrora, as Tuas Lições, [bem sinto,
Quando condenei Carlos nove e Xisto [quinto!
Foi inutil, hoje sei, meu gritar furibundo...
Com condenações, ninguem purifica o [mundo!
Apenas fiz rir, rir os homens à socapa,
Dêsse pobre histrião, sua santidade o papa.
Mas eis que volto a ser o mesmo irreverente...
Perdoa, meigo Jesus, ao poeta impenitente...

Passam dias, passam séculos, e Tu não mudas:
Continuas perdoando os Pilatos e os Judas!
Como poderei eu, mísero pecador,
Condenar Caifaz ou de Anaz ser julgador?
Não te entristeças mais, oh! meigo nazareno...
Fita-me com Teu doce Olhar, puro e sereno!
Assim... Vou pelos Céus beber inspiração!
Ficai, oh! Roma, com o báculo na mão!
Um dia, como Pedro, encontrareis Jesus,
Então, vós deixareis a mitra pela Cruz!
E como o humilde pescador da Judéia,
Tereis tambem a vossa cristã epopéia,
E ressurgireis para a Verdadeira Vida,
Já de todo o passado negro redimida.
Deixo-vos! Assim quer o Cordeiro Divino...
Vou pelo Espaço azul, límpido, cristalino,
Mendigo das alturas, suplicar aos Anjos,
A graça de tocar na harpa Eólia dos Arcanjos,
Quando encontrardes, Roma, o Caminho [dos Céus,
Que nos há de levar à Presença de Deus.

Jesus! Meigo Jesus, sinto-me como outróra
No regaço materno. Volto a ser agora
O menino de então. Inundaste a minh'alma
De Paz e suavidade... De Celeste Calma...
Ontem, um mar revolto... Hoje, um sereno lago!
Sinto o beijo dos Astros, do luar o afago...
Nos céus, estão sorrindo os olhos de Maria...
E o Teu olhar, Jesus, cobre-se de alegria!
Bendito este momento! Mil vezes bendito!
Vejo-me envolto em Luz, pairando no [Infinito,
Eu, pobre pirilampo, a brilhar como estrela,
Cercado de fulgente e imaculada umbela!

Oh! Compreendo, Jesus! Vestiu-me o Teu [perdão
Que a todos ilumina e banha de clarão!

A Alma, hoje sei, irmãos, é qual brilhan- [te bruto,
Nublado pela jaça negra, pelo luto
Das paixões. Burilada, ela em rápido ins- [tante
Transforma-se em esplendido brilhante!
E a veremos, estrêla cadente, cair
Aos Pés de Deus e, lá engastada, fulgir!

Pela quantidade de poemas que vão sendo recebidos, vê-se que o projeto é darem outro volume de versos do tipo do «*Parnaso de Além Tumulo*»; mas em vez de ser escrito numa cidadezinha desconhecida de Minas Geras, sê-lo-á na Capital da Republica, diante do grande público: todos os poemas são recebidos e lidos em sessões pùblicas.

Outra diferença é a pessoa do médium: Francisco Candido Xavier é um varão, celibatário, e começou a desenvolver a mediunidade quasi na infância. D. Dolores Bacelar é uma senhora casada e só começou a desenvolver suas faculdades quando já era mãe de três filhos. Situações pessoais e ambientes completamente diferente.

Se o livro em preparação alcançar, como esperamos, a grandiosidade do «*Parnaso do Além Túmulo*», a confirmação do fenômeno mediúnico será esmagadora contra todas as teorias dos opositores.

Não ha teorias nem sofismas inteligentes e astuciosos que possam explicar de outro modo tais livros, sem admitir a presença real dos poetas que os escrevem: o estilo, os gostos, os temas favoritos de cada um aparecem para identificá-los. Diante de tais livros surge nova mentalidade para o mundo.

Ismael Gomes Braga.

A TERRÌVEL AMEAÇA EM DIA...

LEOPOLDO MACHADO

A ameaça terrível data de mais de dez anos.

Data de logo depois cessados os arruídos da *Hora Espírita Radiofônica*, assim que o LAR DE JESUS começou a ser construído.

Ameaça tão séria que a pusemos em crônica para o público...

* * *

Foi assim:

Dirigiamos a sessão mediúnica do F. E. C.

Manifestou-se, uma feita, um espírito terrível e ameaçador, congestionando, de uma forma pavorosa, a fisionomia do médium, Esmael Taveira, hoje em Barra do Piraí. E foi dizendo, a distilar ódios e vinganças:

— Tu és teimoso e ousado. Mas, havemos de quebrar tua teimosia. As decepções não te abatem, nem as desilusões te enfraquecem, bem o sabemos. Não podes negar que foste...

— Padre, como tu, certamente...

— Como eu, sim. E como os de minha falange, sempre dispostos a tolher-te as iniciativas, a preparar-te insucessos, e embargar-te os passos...

— E eu sempre para diante, a despeito de quereres que eu seja um fracassado...

— E sê-lo-ás, que não desanimamos, enquanto não te inutilizarmos completamente. Não é fácil, pois bem te conhecemos. Não importa! Se não pudermos contigo, poderemos com os outros, com os que te rodeiam. O objetivo é anular-te. E o conseguiremos, verás...»

E foi-se num sorriso sarcástico.

* * *

Veiu a inauguração do *Lar de Jesus*, fulgurante.

E veiu, também, na próxima reunião mediúnica, o espírito, que nos lançou um desafio serissimo.

Aceitamô-lo, porque só dependia de nós.

E vencemos.

* * *

Mas, a terrível ameaça continua em dia.

E a luta prossegue, seríssima.

Tão séria, como no seu início, quando nós a comentávamos com a querida esposa e alguns irmãos e amigos, pouquissimos.

Vieram outras vitórias e outras lutas animadas e influenciadas por nós, como a difusão de outros Lares a exemplo do LAR DE JESUS; como o movimento de *mocidades espíritas* e seu Congresso monumental; como a *Festa do Livro Espírita;* como outras excursões nossas, coroadas de êxito; como outros livros nossos; como a *Caravana da Fraternidade*...

A cada vitória, advertia a companheira querida:

— Mais um êxito, mais um triunfo. Agora, é preparar-se para as consequências, que não se farão esperar.

E, efetivamente, não se faziam esperar...

Advertia-nos assim a querida esposa, mal sabendo que sua ausência pela morte teria de ser a coisa mais chorada por nós, embora não se tratasse de consequência de qualquer êxito ou triunfo nosso...

* * *

Continua, amigos meus, em dia a terrível ameaça!

Nossa enfermidade, que nos levou a registrar decepções terríveis e desilusões maiores ainda, empurra-nos a recordar a terrível ameaça.

Se amigos e confrades têm procedido conosco conforme merecemos—bisca ordinarissima que somos—temos sentido que não mentimos, quando pusemos em verso na *Oblata* dedicada ao Cristo:

Deste-me tudo, tudo:

Tua Doutrina e amigos dentro dela,
Que é para mim a coisa mais querida
E, sôbre tudo, a mais querida e bela!

* * *

Temos posto à prova, nesses dez anos, nossa resistência às tentações invisíveis. E tomado o pulso àqueles que, nossos amigos e irmãos, não tiveram — ai, de nós! — a mesma resistência! Aprendemos a julgar, em sã consciência, o peso de sua amisade e de sua resistência à tentação.

Já podemos medir bem a extensão da amisade alheia!

* * *

Contudo, continuamos bem feliz.

Que mais desejamos, no fim da vida material além da consciência do dever cumprido? além de uma existência limpa, de quem não teve *calcanhar de Aquiles,* em questões morais, que se pudesse morder? além de alguns amigos puros e sinceros, por toda parte, e até nos Estados, nas capitais e em muitas cidades brasileiras? além de

Envelhecermos a sorrir, feliz, gozando
O convívio e a alegria das crianças
Do Lar de Jesus?

Aldeotas Espiritistas

W. VIEIRA

A espiritualidade por intermédio de seus luminosos aráutos e representantes, vem estabelecendo «consulados» inúmeros em nosso plano material. Há uns como Palmelo que são verdadeiras «embaixadas» do além-túmulo. Distrito de um município goiano, pouco distante da capital estadual, sua população é inteiramente espírita. E escusado dizer que lá não tem nem igrejas, nem padres, nem tampouco templos e representantes de outra qualquer religião, a não ser da Doutrina Espírita.

Possúe um enorme Centro com capacidade para umas 800 pessoas, e em fase de construção um amplo e confortável hotel, e modelar Sanatório Espírita pautado em métodos moderníssimos, que lhe dão admiráveis instalações para nossos irmãos enfêrmos do físico e do psíquico.

O distrito é um reduzido conglomerado de casas, sendo seus residentes na maioria rurícolas.

O fundador da povoação, ou melhor, o «emissário» desta «propriedade diplomática do Astral», ainda dirige todos os trabalhos espirituais que ali tem lugar. Conta o lugarejo com umas 10 pensões oficiais, isto é, registradas, e o dôbro não legalizadas. Melhor dizendo: todas as residências acolhem os forasteiros, sendo que mesmo assim não comportam satisfatoriamente, os que para ali dirigem à cata de um lenitivo para seus padecimentos.

O condutor dessas pessoas, precitado, é senhor já heptagenário, porém, ainda bastante rijo. Possúe vários dons mediúnicos, trabalhando com 50 e tantos médiuns de todos os tipos e matizes.

Esses aparelhos medianímiços são criaturas que ali mesmo labutam, na peleja da manutenção do pão cotidiano: é a pensionista, o pedreiro, o alfaiate, o lavrador, a empregada, a costureira, a doméstica, etc.

Indivíduos das mais diversas partes ali acorrem diariamente. Muitos jamais saem. Uma boa porção alcança a cura desejada, uma minoria, só parcialmente. Nesses casos entra o fator fé, confiança nos Desígnios Superiores, e a eterna Trama Cármica, entravante do processo curativo. Esse último é dos mais variegados: da fluidificação ao passe, da irradiação à sugestão.

A técnica curadora mais empregada consta de operações, também muito variadas, e, nas quais o principal fator para o êxito é a Fé. Para se submeter a tal processo, muito se faz adredemente; exceção para algum caso de extrema urgência, e do qual se espera seguro sucesso. Nos casos complexos (mesmo algumas operações, por exemplo) é necessário fazer um exame diagnosticante. Tal exame é bi-semanário, comportando cada vez 20 pacientes. São concorridíssimos. Tanto asssim é, que se faz fila esperando o não comparecimento de algum irmão marcado para aquêle dia, e quando lá se chega tem que se esperar, no mínimo, umas 4 sessões de exames para chegar a vez.

Como acréscimo de misericórdia os Caridosos Trabalhadores deste e do outro plano aumentam o número de examinados, quando o ambiente favorece. E é de se notar os pungentes espetáculos ali verificados.

O encarnado lá é extremista: ou muito feliz ou infelicissimo. Êste caso é quando se chega atuado por entidades espirituais carecidas de esclarecimentos.

Porém, quanta doçura, brandura, tolerância, solidariedade, fraternidade, enfim, caridade com C maiúsculo, que ali no coração do Coração do Mundo, encontramos!

A felicidade relativa que o encarnado pode desfrutar neste planeta, manifesta-se com sua maior fôrça naqueles semblantes comunicativos e fraternais. Tem-se a impressão de que o próprio ar aspirado torna-se mais agradável e salutar, conquanto, as condições materiais, contrastando extraordinariamente com as espirituais, não sejam das melhores.

Parece mesmo que é devido as condições de vida serem tão pobres, humildes, rústicas e simples, que se obtem os maravilhosos resultados da terapêutica espírita ali aplicada...

Afora as curas lá efetuadas, miríades de receitas para todo o país, são enviadas. Receitas estas que primam por sabedoria e exatidão inexcedíveis.

Desde a amigdalectomia, até a extirpação de quisto ovariano, são ali cirurgias de completo sucesso. Em todo o vaso carnal o bisturí astral trabalha com surpreendente êxito: rins, bexiga, apêndice, estômago, intestinos, cérebro, etc.

Há casos de múltiplas operações em um só enfêrmo, levadas a cabo simultaneamente. Em geral, o ato cirúrgico se processa com a participação de diversos intermediários encarnados, sem deixar vestígios e completamente indolor.

Alguns operados sentem dor post-operatória, principalmente, na ocasião do «viramento», que consiste em modificar a posição do paciente, de decúbito dorsal para ventral, daí alguns dias. Antes dessa mudança de posição eles permanecem imóveis. É também essa a fase anestésica, na qual comumente a anestesia espiritual ainda se acha ativa.

Quando há partes viscerais a serem removidas, elas são expelidas para o exterior pelas vias orgânicas naturais, ou, mesmo, desmaterializadas.

As provas da veracidade dessas manobras cirúrgicas, são facilmente atestadas pelos recursos comuns, em especial — a radiografia.

O estado do paciente durante o ato é geralmente consciente, excetuando os casos de alta gravidade.

As condições das «salas de operações» são as mais simples possíveis: um modesto leito em um quarto comum, guarnecido de recursos exíguos, como água fluidificada, uma alva toalha, algum medicamento homeopático ou tintural, etc. A sala fica às claras ou levemente obscurecida.

Conforme a cura operatória usam-se cintas adequadas de uso pré e post-operatório.

Os espíritos operadores não têm a necessidade de materializarem, quando muito encorporam-se temporariamente no medianeiro.

As curas são completas, consistindo do diagnóstico, prognóstico e terapêutica exatos. Todavia, vez ou outra, determinadas circunstâncias espirituais do candidato à cura, impedem o prosseguimento dos trabalhos: estado psíquico desfavorável, do doente, por qualquer razão; estado físico também não favorável, nesse inclue-se a espessa cortina de baixos fluídos colocada pelos obsessores nas regiões orgânicas desejadas, facilmente constatada em muitos irmãos subjugados, envestidos da libré carnal. Dessarte, o diagnóstico dá negativo no momento do exame, que é processado por notável médium aloscópico, desvendador incontinente do estado físico e mental dos indivíduos.

Comove, presenciar as cenas, destes exames, que são mais realistas que as sessões comuns de doutrinação. A alma da pessoa é colocada nuazinha, com a maior naturalidade, defronte todos os assistentes. Frases como esta do aloscópico sonambulizado são ali frequentes:

— O irmão (ou irmã) pode se preparar espiritualmente, porque não tarda seu passamento para nosso plano.

Pela chegada de novos sofredores diuturnamente, por jardineiras, automóveis, auto-lotações e caminhões, e a consequente cura da maioria, o povoado aumenta gradativamente.

Não é raro passar a residir em Palmelo toda uma família após a sanidade de um ou alguns de seus membros.

O Evangelho, formulários de preces, opúsculos com dissertações trancendentes, e folhetos com orações, ali abundam espantosamente. Cada um traz consigo algum livreto contendo preces, é comuníssimo.

Todas as atenções são voltadas a caridade, todas as ações direta ou indiretamente ligadas a ela.

O dia semanal para descanso, contrariando o costume geral, não é o Domingo, e sim o Sábado como ditou o Mestre, embora, seja isto quasi que formal, pois a atividade é incessante.

As revelações de transatas existências, são ali comuns provocadas pelo deslindamento de intrincados casos obsessionais.

Fenômenos psíquicos variadissimos. se repetem cada hora, sendo a existência de Deus e a imortalidade da alma demonstradas de sobejo, teórica e práticamente.

Em nosso país possuimos muitas aglomerações símiles a Palmelo em vários estados, e, no estrangeiro de quando em vez, surge alguma bem semelhante como o célebre acampamento de Chesterfield, nos Estados Unidos, muito bem descrito por John Mac Laughlin, no «Boletim del Circulo de Estudios Progreso Espírita», de Buenos Aires. Passamos-lhe a palavra: «Chesterfield se encontra a 200 milhas a sudeste de Chicago, é constituido de uma reduzida população de 800 habitantes permanentes, porém que quando se realizam as atuações fenomênicas que lhe dão celebridade (quer dizer, de 24 de Junho a 23 de agosto), cobre-se de pessoas vindas dos quatro cantos da América do Norte. Há três grandes pensões no Centro Espiritualista de Chesterfield, porém resultam insuficientes. Tanto é assim, que nos fins de semana é tal o transbordamento de pessoas, que as mesmas têm de alojar-se em casas particulares do povoado, fora da vizinhança do Centro. Muitos têm de recorrer a procura de alojamento a cidade de Anderson (Indiana), distante quatro milhas. No primeiro domingo de agosto, estando eu instalado no Centro, houve uma concorrência enorme. Neste dia, o espírito falava à multidão, sendo sua comunicação irradiada por alto-falante, afim de ser ouvida por todos».

«A direção do acampamento atuava com 28 médiuns durante todo o período. Quatro deles são médiuns de materialização. No inverno atuam só dois médiuns, um para materialização e outro para mediunismo mental».

O que o Autor chama de «mediunismo mental», são os fenômenos espíritas subjetivos, nos quais não existe a participação direta dos assistentes.

A semelhança entre estes postos avançados de espiritualização é inconteste.

São como oásis resplandescentes de espiritualidade neste imenso deserto de materialidade.

Simbolizam as primeiras fagulhas que alastrarão o incomensurável incêndio de fraternismo do próximo Terceiro Milênio..

A Máquina e o Condutor

Viriato Carneiro Lopes

Como é do nosso conhecimento, o corpo carnal, do qual se serve o espírito em sua passagem pelo planeta terraqueo, tem suas irradiações internas e externas, com as correntes alternativas, que precisam ser controladas com muito cuidado e carinho para o bom êxito de seu condutor.

Assim, pois, existe necessidade de saber o espírito conduzir o seu barco na difícil travessia do oceano revolto da vida, como um forte timoneiro, que sempre sobrepõe sua inteligência às influências da matéria, na certeza que essa inteligência é a fôrça positiva, que emana da essência Divina e, portanto, tem que predominar a matéria, que é negativa e provêm de origem inferior; pois que, ao contrário a luta continuará entre elas, em outros planos da vida.

A fôrça e a luz que se justapõem no desenvolvimento intelectual e moral do espírito, que adquirimos nas sucessivas reencarnações, nas escolas e oficinas dêste planeta ou, em outros mais elevados, vão dominando as tendências e influências deletérias, afastando do nosso EU a fraqueza, o estupôr ou a indolência, que abatem o viajor, antes do término da jornada.

O espírito precisa ter êsse domínio sôbre a matéria, afim de poder com facilidade dela se libertar na ocasião necessária, limpando seu perispírito desses fluidos, para que, do outro lado da vida não estejamos cogitando das coisas da terra, como observamos nas comunicações de elementares e mesmo naqueles que estão evoluindo nos terreiros da Umbanda, entre os bons pretos velhos e caboclos que ainda fumam e bebem marafa...

Porém, nunca devemos menosprezar o veículo, êsse corpo que nos foi entregue; seja êle perfeito, quebrado, defeituoso ou sem qualquer movimento, será sempre uma dádiva de Deus a seus filhos, que precisam aprender, conhecer e vencer todas dificuldades a caminho da evolução.

A carga e as sementes que recebemos ou por outra, que pedimos, é sempre bem calculada e medida, dependendo do trabalhador o êxito no seu transporte e plantio. Ela tornar-se-á mais leve e o celeiro mais abundante se o seu condutor agir com prudência e souber evitar as quédas e outros percalços durante a caminhada, porque o arado é sempre pesado, quando traz como seu condutor, o trabalhador indolente e dado aos vícios que corrompem o seu físico.

Saibamos, pois, educar o nosso corpo material, para ser um instrumento útil à evolução da nossa inteligência, para conhecermos, algum dia, tudo que hoje nos parece misterioso.

Não é só pedindo e orando que conseguimos chegar a uma das sombras das grandes árvores da estrada da vida; não! Além desses pedidos e dessas orações temos o trabalho contínuo na seára do Senhor, onde não devemos permanecer assentados nas fôfas almofadas à espera do maná, que tem de ser conquistado com o suor dos nossos esforços. Fóra daí tudo será mentira e ilusão.

Toda alma tem seu perispírito, que é a sua sombra, onde se avolumam as boas e más ações. E, é pois, nêsse alforge, que nós, viajores a caminho do infinito, guardamos as nossas vibrações e atos.

A luta, portanto, tem de ser, primeiramente, limpar êsse alforge do bolôr e das traças, talvez, a milênios ali conservadas, afim de iniciarmos o depósito das sementes já desinfetadas, para se-

meá-las em terrenos prèviamente preparados com o suor e o sacrifício do nosso trabalho; vencendo assim, dentro dos nossos próprios méritos, o saber QUERER e PODER afastar as influências perniciosas, provindas de quaisquer fontes, despejando as mazelas anteriores do nosso perispírito, tornando sua SOMBRA mais rarefeita e íntegra nas vibrações harmoniosas da INTELIGÊNCIA, no caminho seguro da LUZ.

Daí, a necessidade que temos de conduzir com muito cuidado a máquina, êsse corpo físico, que nos fôra dado por empréstimo.

Esta é a lei e dela ninguém poderá fugir; esta é a estrada palmilhada por Jesus, que foi e sempre será o nosso grande Mestre e Guia.

Santos — Setembro, 1952.

A Técnica da Materialização à Luz do Dia

De «Psychic Observer» — Por *AMY MARCHALL*

Baseada sôbre anos de experiência e informações recebidas dos colaboradores espirituais do Rev. James J. Dickson, médium de materialização de São Francisco, Estados Unidos, cujos fenômenos marcam uma época distinta nos anais da ciência psíquica e Moderno Espiritualismo.

O Espiritualismo em todas suas fases, continua a alargar as fronteiras do conhecimento humano.

A fase do fenômeno do Espiritualismo denominado Materialização à Luz do Dia, atraíu a atenção mundial e atingiu inquestionavel ponto científico, visto que um dos princípios da ciência é: tudo o que é tido como uma verdade deve ser corroborado pela *prova.*

A religião Espiritualista *afirma* que o homem como indivíduo, sobrevive ao incidente denominado «morte», conserva intactas sua personalidade e memória, e retorna em forma de Espírito para fornecer ao homem mortal a evidência (fenômeno) da Vida Eterna. O Mundo dos Espíritos *prova* as assertivas do Espiritualismo por meio da mediunidade.

A mediunidade de materialização do Rev. James J. Dickson, Pastor da Igreja Espiritualista da Revelação em São Francisco, Califórnia, desenvolveu-se a tal extensão extraordinária, a ponto de espíritos geralmente vistos à luz amortecida, poderem agora, sob condições próprias, ser vistos à luz do dia! Sim, através da renomada mediunidade mundial do Rev. Dickson, os Espíritos se materializam à luz do dia em forma total e conversam com seus entes queridos da terra, tanto em suas sessões públicas ou particulares, bem como em suas visitas sociais a amigos. Seria possível exigir maior prova da Vida Eterna?

As materializações à luz do dia não são novas a muitos dos companheiros do Rev. Dickson, visto que durante cincoenta anos em que êle tem realizado suas sessões de materialização públicas e privadas, tais materializações à luz do dia, através de sau mediunidade psíquica, foram constatadas inúmeras vezes, em reuniões públicas de sua igreja.

Uma recente manifestação à luz do dia, ocorreu nos escritórios do andar térreo do conhecido Dr. Joseph G. Lehner, em presença de seu amigo Carl Schyberg.

Disse o Dr. Lehner: «Carl e eu sentimos prazer quando uma tarde o Rev. Dickson veiu visitar-me em meu gabinete e, enquanto nós três conversavamos, ouvimos a voz de Juanita (guia do Rev. Dickson), junto às janelas e vinda a nós através da sala».

Todos nós voltámos nossos olhares àquela direção e lá estava ela de pé! (Enquanto o Dr. estava relatando o acontecimento, era evidente a sua profunda emoção). O Dr. Lehner disse: «Jamais me esquecerei quão bela nos apareceu Juanita à luz do dia. A roupagem côr de rosa que trazia revelava o suave contorno de sua gentil forma espiritual, e sua lustrosa cabeleira escura caía em suaves cachos sôbre sua face direita, abaixo do ombro. Quando ela disse: «Juanita», sorriu e estendeu seus graciosos braços e mãos. Então, enquanto observavamos em silêncio, ela esvaeceu na luz crepuscular».

Durante outra reunião pública na

Igreja, o Snr. Schyberg relatou uma materialização ocorrida quando o Rev. Dickson, Dr. Joseph G. Lehner, Richard Cíchtermann tomavam banho-de-sól na baía de São Francisco:

«Estavamos deitados na areia sob a luz solar «disse êle», quando fomos surpreendidos pela voz do Espírito, Minnie Brown, (o guia do gabinete do Rev. Dickson) que perguntou: «Podeis todos vós ver-me?» Das nossas posições olhámos para o alto, «disse o sr. Schyberg», e lá estava de pé sôbre a praia arenosa a pequena e bonita Minnie. Sua forma espiritual e roupagem cintilavam na luz solar até se esvaecer nos brilhantes raios.

O grande e contínuo questionário de todas as partes do mundo após a publicação dos relatos do Rev. Dickson referentes às sessões à luz do dia e às notáveis fotografias à plena luz, publicadas em Psychic Observer de 25-10-1950, indica o grande desejo de conhecimento das Materializações A' Luz do Dia, e que motivou a publicação deste artigo. Este conhecimento sómente pode vir dos que realizam as manifestações, a saber: nossos amados espíritos e os guias espirituais do Rev. Dickson — Minnie Brown e Juanita.

Muitas vezes nos anos em que o Rev. Dickson estava diante do público, o Espírito, Juanita, se materializou e independentemente falou sôbre a materialização, através de sua mediunidade, de modo que pessoas que a ouviram ficaram ciêntes do processo. Aos que não tiveram êsse privilégio e a muitos que desejam o conhecimento acima mencionado, é fornecido o seguinte resumo sôbre a materialização:

«Não existe fenômeno mediúnico mais importante do que a Materialização do Espírito», disse Juanita «e nenhuma reunião mais sagrada do que a sessão de materialização. Essas sessões dão aos que perquirem, uma oportunidade para ouvir, ver e falar, face a face, com seus Espíritos queridos, dando assim prova de ser Eterna a Vida.»

Juanita disse: «Nada há mais real do que a Materialização do Espírito, mas quando começamos a explicar como se materializam os Espíritos, imergimos no Reino do Infinito, visto envolver leis espirituais toda a fase de materialização, não relacionadas ao mundo material do homem, bem como a leis físicas». E continuou: «A Materialização devia estar dentro da compreensão de toda humanidade. E' deploravel assim não acontecer, devido á ignorância em que dormita a maioria da humanidade.»

«A Materialização á Luz do Dia», disse Juanita, «é Materialização em seu zênite. E, naturalmente, nas sessões á luz do dia, do Rev. Dickson, que despertaram atenção global, bem como em todas suas sessões de materialização à luz branda, nada dele é usado, voz, cérebro nem corpo, a forma e voz pertencem privativamente á entidade do Espírito que se manifesta. Isto foi claramente demonstrado pelo Espírito Minnie Brown, guia do Rev. Dickson, quando recentemente êle visitou o Dr. M. A. Bulman, escritor e estudante de ciência psíquica. A notável demonstração foi relatada pela irmã do doutor, Nellie, numa reunião pública de nossa Igreja, a Igreja Espiritualista da Revelação em São Francisco, California.

«Certa tarde da semana passada», disse o doutor, «soou a campaínha, e quando abri a porta, lá estava o Rev. Dickson. Convidei-o a entrar e depois das saudações, ouvi diversas outras vozes, as dos meus amigos espirituais, pois o Rev. estava só. Êle subiu escadas acima em plena luz do dia e ao atingir o meio da escadaria, atrás dêle, veio a pequena Minnie Brown, completamente materializada envolta em vestido azul! Disse Minnie: «Boa tarde Dr. Bulman, em voz clara, e adiantou-se ao Rev. Dickson escada acima. Minnie atingiu o patamar bem antes do Rev., passou por mim e foi à sala, em direção à minha irmã».

Então disse a irmã do doutor, Nellie: Ouvi muitas vozes e dispús-me a ver quem entrara. Quando entrei na sala, contemplei a maravilhosa manifestação do Espírito, Minnie Brown, e inefável onda de prazer me invadiu, pois ela é uma linda criança! Não podeis imaginar o deleite que me invadiu! Estava eu de pé quando ela se aproximou e sómente ao chegar bem perto de mim, ela se esvaeceu na luz do dia! »

Todos os que viram a forma espiritual à luz do dia, são unânimes em afirmar que é uma maravilhosa revelação da beleza celeste, porque ver o fenômeno à luz do dia é vê-lo em seu maior esplendor, em comparação a tonalidades cinzentas vistas à luz diminuida. O poder psíquico altamente desenvolvido do Rev. Dickson, permite aos ausentes queridos, manifestarem-se em plena luz solar e o fato de poderem mostrar sua verdadeira formosura lhes causa inenarrável alegria.

Finalmente o Mundo Espiritual conseguiu levar o Espiritualismo para a tão almejada éra científica, pois sendo a cessação da luz um requesito até agora considerado indispensável à materialização, os Espíritos têm a oportunidade de apresentar eloquente e inquestionável prova da Vida Eterna, literalmente à luz solar.

(Continua).

A Verdadeira Obra de Redenção

Nair d'Oliveira Loureiro

«EDUCA e transformarás a irracionalidade em inteligência, a inteligência em humanidade, a humanidade em angelitude»

«EDUCA e edificarás o paraíso na terra.»

Essas palavras de EMMANUEL nos apontam o setor em que o combate precisa ser mais intenso e requer mais atenção porque é o ponto fundamental do verdadeiro CRISTIANISMO.

Estamos às portas de uma nova éra. Pressentimos que as lutas serão tremendas e sómente espíritos fortes e bem preparados serão capazes de enfrentá-las desassombradamente e passarem impávidos pelas fogueiras de ódios acêsas pela cobiça e desleixos humanos.

Olhemos para o presente... vejamos o que está sendo feito «no Coração do mundo e Pátria do Evangelho» para o aprofundamento da Doutrina Reveladora, que tanto reconforto moral e espiritual proporciona às creaturas que sofrem e se desesperam.

Em todos os pontos onde fixamos o olhar vemos, sentimos as inúmeras possibilidades que se nos oferecem para aplicá-la, pois para onde quer que nos voltemos deparamos com espíritos e corpos definhando à mingua de um conforto fraterno que os anime.

Nas trévas espêssas que envolvem a humanidade, a Terceira Revelação é um raio luminoso à atravessá-las incidindo sôbre os corações, fortalecendo-os para a luta em pról da maior e mais grandiosa das conquistas: — a espiritualidade.

Ela é a Promessa Divina que se realizou proporcionando às creaturas a ressurreição das esperanças mortas.

Ela ensina como devemos viver, e oxalá fosse realmente compreendida pela maioria dos que dizem professá-la, e as cisões não tendo em que se estribarem entre os que se esforçassem por permanecer construindo sôbre o Evangelho do Cristo, desapareceriam para sempre concretizando-se então o desejo do Divino Mestre: — A UNIFICAÇÃO das creaturas, trabalhando todas solidárias, tolerantes umas para com as outras sob o mais sagrado de todos os lemas: — FÓRA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!

Se prestarmos atenção a certos fatos sentiremos que qualquer coisa parece pairar em nosso ambiente, perverter as idéias, obumbrá-las, impedindo-as de se exteriorizarem sem laivos de complexos.

Parece-nos que as turbas das trevas, adensadas pela ignorância, enraivecidas por estarem perdendo um terreno conquistado pela mentira há 12 séculos, acodem ao grito de socorro da «civilização periclitante» que se outorga o título de «civilização cristã» tentando lançar a cizânia e a incompreensão *também* no nosso meio.

O ambiente mundial é inquietante...

As guerras não têm fim. As raças declinam, uma aquí... outra acolá. Nações enfraquecidas pela ausência da moral, que é o mais poderoso sustentáculo de um povo, caem aos pedaços, fazendo surgir dentre o pó que levantam na quéda, uma geração de espíritos enfermiços, surdos e cegos ao chamado redentor.

Vemos crianças serem criadas em ambientes de fumo e alcool, assistindo desde o despertar do raciocínio infantil a atos de verdadeira depravação, os quais mais tarde forçosamente influirão na formação do caráter. E poderemos desde já vêr o que será o homem de amanhã se trabalhadores de bôa-vontade não soltarem poderoso brado de alarme.

A Educação Familiar deixou de ser cultivada n'uma sociedade onde a predominância do forte sôbre o fraco, do egoísmo sôbre o altruismo campeia altaneira.

A imoralidade, senhora absoluta da

situação, domina através dos jornais, revistas e até mesmo dos filmes cinematográficos, a atenção da maioria das criaturas que seguem com olhos anciosos e atenção bem desperta o desenrolar de crimes os mais horrendos e outros acontecimentos desmoralizantes que abalam a sociedade, já bastante enfraquecida e incapaz de reagir.

Crianças, adultos, homens e mulheres estão presos dos mesmos vícios.

Os adolescentes adotaram um vocabulário moderno do qual a palavra «respeito» foi banida por ser importuna, obsoleta e em desacordo com o modernismo da época.

A mulher, viga mestra que devia suster moralmente a sagrada instituição do lar, masculinisa-se, adquire hábitos que a comprometem, procura levar uma vida diferente da que lhe é natural e contra a qual a sua própria constituição física reclama.

Infiltrando-se em setores para os quais nem sempre está suficientemente preparada, descuida a educação das almas que lhe foram confiadas, largando-as muito cêdo no emaranhado e viciado ambiente duma sociedade cruel que tripudia sôbre a angélica inocência dessas almas ainda inexperientes, pervertendo-as, enfraquecendo-lhes a moral desde a mais tenra idade.

Como sustar essa onda de ignomínia que solapa a instituição sagrada da Família?

De onde partirão as advertências ás criaturas, conclamando-as a lutarem contra essa vaga cujos efeitos já se fazem sentir catastróficos, formidáveis?

Partirão dos corações bem formados, daqueles que lutarem para o reerguimento da humanidade, *educando-a moralmente,* tarefa essa que deverá preocupar aos verdadeiros *cristãos* aos quaes caberá toda a responsabilidade na solução desse momentoso problema.

Assim olhemos para dentro de nós mesmos... estudemo-nos, vejamos se poderemos nos chamar de verdadeiros *cristãos,* estudemos a questão e vejamos qual a parte que nos tóca.

Uma vez que dizemos ser a Doutrina que professamos o Cristianismo Redivivo, capacitemo-nos da tremenda responsabilidade que com essa afirmativa estamos assumindo perante o mundo.

Para aqueles que nos ouvem teremos de ser o exemplo vivo daquilo que pregamos; se formos humildes, manifestemos a nossa humildade; se formos tolerantes, a nossa tolerância; se formos brandos, a nossa brandura; mas sobretudo AMEMOS com sinceridade, e manifestemos esse amôr, cientes de que na sua intensidade é que residirá a FÔRÇA que nos levará à vitória final.

Assim, falemos mas vejamos como agimos. Centenas de olhos estarão fixos em nós com intenções bem diversas.

Se nossas palavras restauram a confiança nos corações... que nossos atos a consolidem para sempre.

O MESTRE disse que «sómente o AMÔR constróe para a eternidade» e se não tivermos sinceridade para conosco mesmos, não seremos *cristãos,* nosso amôr não terá fôrça construtiva e tão pouco poderemos tornar alguém feliz; seremos «sepulcros caiados» cuja alvura exterior encobre mazélas e podridões que fatalmente serão prejudiciais áqueles que por laços consanguíneos ou amistosos convivem conosco mais intimamente.

Devemos contribuir com todas as nossas possibilidades para a conquista de um futuro melhor, cuja civilização tenha por base a «PEDRA REGEITADA», Jesus Cristo.

Recebemos de DEUS todo o necessário para essa luta, iniciemo-la então sem receio, com o coração unido à razão.

Aproxima-se a quéda de um jugo que escravisou a mente humana por muitos séculos; agindo contra a lei sagrada da liberdade da consciência, gerou no ventre da humanidade que irracionalizou, gerações cheias de taras que ignoram sua FILIAÇÃO.

O progresso intelectual formou sábios, porém a decadência dos sentimentos orientou a sapiência para fins excusos.

Descobertas científicas que poderiam ser usadas para aliviar os sofrimentos, são empregadas para a destruição e a morte.

A inteligência super-desenvolvida proporcionou ao homem vôos estratosféricos, porém a moral subordinada aos princípios animais exuberantes, vitoriosos na atualidade, deixou de existir; daí haver esta falta de equilíbrio no pensamento humano, essa desorganização que provoca massacres e mortes, essa desvirtualização de todos os princípios instrutivos e educacionais que foram vencidos, tragados na sanhà devoradora da concupiscência que os adulterou e mercantilizou.

Sabemos que à Doutrina Consoladora e Educacional cabe essa grande tarefa redentora. O esfôrço não será pequeno e nem isento de lágrimas, sacrifícios e detrações ultrajantes. Empunhemos porém o cajado de peregrinos do Cristianismo, certos de que conseguiremos o nosso objetivo não obstante as ameaças do «gentio».

Jardineiros auxiliares do MESTRE, não podemos adoecer, prisioneiros dos vícios, porque senão a erva má tomará conta do jardim.

EMMANUEL nos diz que «na semente minúscula reside o germe do tronco benfeitor, mas o pomar requer esfôrço ativo».

E essa semente minúscula, que no dizer do bondoso orientador representa a criança, poderá também significar a parcela de bondade que existe latente em todos os corações; acordemo-la portanto!

E cada coração alertado será um auxiliar eficiente no APROFUNDAMENTO da DOUTRINA do CRISTO que É DOUTRINA DE AMÔR e VERDADEIRA VIDA.

Contra Fatos...

Spártaco Banal

ATUALMENTE é na Inglaterra que mais se constatam casos de fenômenos espíritas.

Jornais, revistas e outras publicações que se fazem naquêle país, nos dão notícias constantes de fatos provocados por aquêles que se foram dêste para o outro plano da vida.

Os espíritos insistem e dizem que «são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, afim de dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar aos justos».

Colhemos de várias revistas e jornais os fatos ocorridos na Inglaterra, e que foram traduzidos para a nossa língua. Trata-se de uma série de casos interessantes, como abaixo veremos:

I

«O snr. Jonh D. Harry, três filhas, um genro e sua criada, viram muitas vezes no espaço de dez anos o mesmo espectro de uma moça vestida de branco. O snr. Harry viu o fantasma umas oito vezes em seu quarto de dormir e na bibliotéca. Umas das vezes o espectro levantou o cortinado de sua cama e mirou-o fixamente bem pérto de seu rosto.»

(Prol. Sol. Ps. Reas.)

II

«O dr. Gwynni e sua esposa estando acordados uma noite, viram um fantasma colocar a mão sôbre a luz da lamparina que apagou-se.»

(Phantasma of the Leving).

III

«O dr. Eugene Crowell narra que em Brooklin, um parente seu quando atravessava sósinho salas desertas ou descia sósinho as escadas teve muitas vezes seu chapéu derrubado da cabeça.»

(Primít. Christ and. Mod. Spirit.)

IV

«Um dignatário da Igreja Inglesa que ocupou durante 12 meses uma casa assombrada (haunted) apreciou o procedimento dos cães em presença de perturbações explicáveis e das produzidas por agente desconhecido.

Quando a casa foi alvo de tentativa de roubo, os cães deram pronto alarma e comportaram-se valentemente. Durante os barulhos misteriosos os cães não ladravam e permaneciam agachados, trêmulos de terror.»

(Prol. Sol. Ps. Res. post 6, pag. 151.

V

«Narra «Le Matin» que em Londres, um taumaturgo na pessoa do reverendo Stephen Jeffreys, pastor evangélico do país de Gales, que prega, de há muitas semanas, em missão, numa Igreja de Notting Hill Gate, uma noite, depois do sermão no qual declarou que si o Evangelho fosse praticado com fé, realizar-se-iam milagres como nos tempos da primitiva Igreja, trouxeram-lhe uma mulher para que a curasse. Esta havia sido encontrada nos jardins de Kensington, prostada pela enfermidade e foi levada à Igreja em uma cadeira portatil. Descida da cadeira, o pastor orou com a multidão. Ao fim de alguns minutos, a enfêrma se levantou e começou a andar pela Igreja.

Os assistentes não puderam conter as lágrimas diante de tão surpreendente espetáculo. A mulher contou que sofria, há 3 anos e que, há 8 meses tinha as pernas paralizadas.

Muitos outros casos de curas maravilhosas se deram no mesmo local. Um jovem de 15 anos, que andava de muletas, voltou à sua casa sem o auxilio delas. Uma mulher recobrou o sentido da audição. Um homem que sofria da dilatação de uma veia, ficou repentinamente curado e pôs-se a andar com toda a facilidade.»

O venerando Jeffreys não é mais do que um *médium curador,* conforme nos revela o Espiritismo.

No «Livro dos Médiuns», o Mestre Allan Kardec define o dom mediúnico curador da seguinte forma:

—«Diremos apenas, que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação.»

—Nos meios espíritas, isto é muito comum. Ainda há poucos dias, vimos um *médium* curar, instantaneamente, uma dôr de cabeça de uma menina de 12 a 15 anos de idade, com a simples aplicação de passes magnéticos espirituais.

O padre Antonio, também é um destes *médiuns,* como o é o reverendo Jeffreys, no caso acima.

Para Deus não importa o rótulo religioso; Êle considera todas as suas criaturas com iguais direitos, desde que o mereçam.

(Continua).

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

BAÚ DE TURCO — *Arlindo Colaço* — Alagôa Nova, Paraíba

«Fomos, numa época de nossa vida sempre agitada, um polemista terrível contra a Igreja e os padres.

Foi isso coisa que encheu todo um período de nossa atividade espirítica.

No fim dessa fase de nossa existência, estivemos com o Arlindo Colaço em Maceió, na vigência do Congresso Nordestino de 1938. Mostrou-nos ele seus *Sermões Heréticos,* na sala do hotel em que estivemos hospedados.

Mostramo-lhe nossos propósitos de parar, de tomar nova direção doutrinária e pusemos, até, tudo que fizemos e que lhe dissemos noutra crônica a que deramos a denominação de A QUARTA FASE.

* * *

Arlindo Colaço insiste, entretanto.

E está, parece, no seu direito, que, dentro do Espiritismo, há trabalhos para todos, e são vários, muito vários mesmo, os meios de propaganda da Doutrina.

Manda-nos, agora, dois exemplares do seu BAU' DE TURCO, uma brochura e outro encadernado.

Porque BAU' DE TURCO ?

Baú de Turco deve ser uma especie de *gaveta de sapateiro,* em cujo bojo se promiscuem tantas coisas diferentes e necessárias.

No *Baú* do Arlindo Colaço há de tudo: protesto contra a prisão, ou *auto de fé* marca 1950 de seus volumes do *Queremos Revolução* (Revolução branca, claro, porque revolução pela evolução), opiniões insuspeitas sôbre sua obra, cartas e telegramas que recebeu a propósito de sua atividade e combativo, análise da situação crítica da Igreja e do clero e, sobretudo, pancadaria grossa, forte e justa, na padralhada e na Igreja, na imprensa clerical e clericalizada . . .

O livro é ilustrado. E sua propaganda foi feita à fôrça de prospetos ilustrados também. E é volume de 70 páginas, que agrada os que amam brigas e briguinhas . . .

Arlindo Colaço tem, sobretudo, muita coragem. Présa suas atitudes e, sem dar confiança a ninguem, vai vivendo suas paradas, os capítulos de sua obra. Parabens, principalmente, por isso. E ficamos muito grato a êle pela lembrança que teve de nós, pelo oferecimento dos volumes com honrosa dedicatória.

GEOGRAFIA RELIGIOSA—*(Tese para concurso de Geografia Geral no Colegio Estadual do Piauí, do prof. João Rodrigues Vieira).*

Ensinamos Geografia por mais de 20 anos.

E a Geografia era nossa cadeira preferida.

Principalmente, a Geografia Religiosa, parte integral da Antropogeografia, da Geografia Humana.

Fizemos, efetivamente, estudos cuidados dessa cadeira. E em nossas pregações por aí além, sempre nos servimos desses estudos para colocar bem o Espiritismo no seu devido lugar, que é o lugar da ultíma revelação divina, derivado do Protestantismo, como este saiu do catolicismo, como o catolicismo saiu do Cristianismo, e este do judaismo, legislado por Moisés, legislador da obra de Abraão, que viera do paganismo primitivo, do politeismo. Assim, numa decorrência natural e evolutiva, demonstrávamos, em nossas pregações para gente culta principalmente, folheando a Geografia e a História Religiosas que do politeismo pagão da Assiria, saiu o monoteismo, com Abraão. De Abraão descendeu Moisés, que pôs em letras o ensino de Abraão. Veiu Jesus, que divinizou a lei mosaica. Veiu Paulo que criou o socialismo cristão. Veiu Inácio, discípulo de João o Evangelista, criador do Catolicismo, por descobrir o espìrito universal da Igreja do Cristo. Veiu Martinho Lutero, também padre, que implantou a REFORMA, criando o protestantismo. E, no maior país protestante do mundo e na casa de um protestante, — no lar dos Fox, em Hydesville, Estados Unidos — aparece o Espiritismo.

Esta síntese evolutiva da Religião em si mesma, se sempre a fizemos com enlevo e entusiasmo, fôra ela sempre ouvida com maior entusiasmo e enlevo por toda parte. E é com saudades que aquí o recordamos . . .

* * *

João Rodrigues Vieira, o autor da tese, é professor e presidente do C. E. do Piauí.

Fomos,—nós e os companheiros de Caravana da Fraternidade—seus hóspedes em Terezina,

E ficámos amigos. Tão amigos, que tivemos o confôrto de cartas suas, em nossa longa enfermidade, e acabamos de receber o régio presente de sua tese professoral.

Lemos a tese com interêsse e enlevo. E lucramos bastante, recordando-nos do que acima pusemos, dos dias felizes de nossa hospedagem fidalga, dos dias trepidantes da Caravana e de nossa faina doutrinária.

Trata-se de um trabalho sem outras pretensões, sinão a da conquista definitiva de sua cadeira no Colégio do Estado. Pois, senhores, apesar de tudo, trata-se de um trabalho lítero-cultural, que vale a pena ser estudado e guardado. Todos os seus capítulos—*Explicação, Introdução, Definição, As Religiões, Classificação* e *Conclusão* —foram bem concebidos e melhormente delineados.

Termina o capítulo — *Classificação* — tratando do Espiritismo. E fá-lo com independência e sobranceria, colocando-o no seu justo lugar, em cima de todas as doutrinas, na sua classificação histórica e dividindo-o nos seus aspectos de ciência, filosofia e religião. Êste, para nós, o ponto alto de sua tese, que revela, indiscutivelmente, a altitude moral-doutrinária de um professor espírita professo e confesso, que tem a ombridade de dizer o que é o Espiritismo numa tese de que defende a afirmação no magistério do Estado.

E conclúe, vendo, como nós, que é na educação e pela educação dos moços que se póde colimar épocas de paz e de prosperidade, porque «uma Mocidade sem fé, sem amor e sem caridade, é mocidade morta, estagnada e estiolada, dando origem a um povo sem Deus e, consequentemente, desorganizado socialmente e fisicamente depauperado . . .»

Somos grato, gratissimo ao ilustre confrade, João Rodrigues Vieira, pelo exemplar que nos coube de sua tese.

LIVROS e OPÚSCULOS recebidos :

A Objetividade da Alma, Agenor Correia, oferta de Luiz André ; *Pietro*

Ubaldi e sua Vida, Clovis Tavares, oferta do autor; *Conferências de Pietro Ubaldi no Brasil*. *Iniciação Espírita*, da Escola de Aprendizes do Evangelho, da F. E. E. S. P. oferta de Luiz Monteiro de Barros, um dos autores; *Castalia*, Cosme Velho; *Na Seára do Mestre*, de Vinicius, oferta do autor; *Poesias*, Mario R. Barreto, *Encontro com um Gênio*, Milene R. Lemos; *Festa do Coração*, Hermogenes Martins dos Santos; *Diálogo de los defuntos*, Valentim S. Cerutti; *O Espiritismo e a Energia Atômica*, Aurelio Modesto; *Solar Fatídico*, Osiris Guimarães; *Seleções*, Ernesto Bozzano, tradução do dr. Francisco Klörs Werneck, oferta do editor, Livraria Allan Kardec. de S. Paulo.

BENEDICTA FERNANDES

Ismael Gomes Braga

Um prolóquio inglês diz: «*Never judge a book by its cover*» (nunca julgues um livro pela capa). Conheci o grande Espírito Benedicta Fernandes num corpo de preta já idosa, pouco antes de partir, deixando no mundo uma grande obra. Recentemente, numa sessão espírita no Rio de Janeiro, aquêle Espírito apareceu a uma médium vidente, com o mesmo aspecto de preta, mas foi clareando aos poucos até tornar-se bela dama loura e luminosa, e então escreveu a carta que segue ao nosso irmão de Araras, dr. Lauro Michielin. Encarregado de pôr no correio a missiva, cometo a indiscrição que o destinatário me perdoará, de mostrá-la aquí aos leitores de «*O Clarim*». Diz:

«Meu bom irmão Lauro Michielin.

A paz de Jesus em teu coração!

Já notaste que da semente pequenina e humilde brotam todas as árvores?

Que do esfôrço de todos os pequenos regatos e lagos, formam-se os oceanos?

Já meditaste, em tuas vigílias, que toda a obra arquitetônica é fruto das mãos obscuras de anônimos operários?

Que seria das belas ânforas se não fôra a argila grosseira e lodosa?

Sabemos que Salomão construíu o maior templo da Antiguidade; mas, conhecemos por acaso os nomes dos obreiros que o edificaram colocando pedra sôbre pedra?

A Natureza, constantemente, nos dá sábias lições; por que não exemplificamos tão doutos ensinamentos?

Os pássaros, após a tempestade, reconstróem os ninhos, cantando animosos. E os homens o que fazem em situação idêntica? — Desesperam-se, lastimam-se e choram...

No deserto arenoso, erguem-se oásis de verduras; no pântano brotam flôres.

O próprio corpo humano é um atestado, constante, de quanto póde fazer o sêr, não obstante a sua insignificância... O corpo humano é composto de um agregado de células. Devemos ao osso duro e forte o movimento de nossos órgãos? Não! Graças à frágil carne e aos tenros músculos, é que podemos nos locomover, trabalhar, usar os nossos membros.

Qual a mais forte das energias conhecidas sôbre a terra? — A energia atômica. De onde provém ela? — Do átomo. — Que é o átomo? — Um dos menores corpos da Natureza...

A gota dágua ultrapassa as camadas terráqueas e vem depositar, nas abóbadas das grutas milenárias, as moléculas calcáreas que dissolveu e com elas forma as concreções que chamamos de estalactites e de estalagmites.

Já meditaste na perseverança da gota dágua que vem, há milênios, labutando nêsse sentido? Teriamos nós humanos tão grande obstinação?

Se penetrarmos numa caverna, lá encontraremos colunas de contornos belissimos, todas elas construídas em séculos de esforços, por gotículas de hidrogênio e oxigênio.

Temos que ser, na vida, como as sementes, como os regatos e lagos da terra.

Temos que ser animosos como as aves do Céu e humildes como as mãos obscuras dos anônimos trabalhadores.

Temos que produzir frutos sem desesperarmos.

Se a semente póde transformar-se em carvalho, nós podemos transformar o grão de areia de nossos esfôrços, no Himaláia de nossas realizações, se trabalharmos com perseverânça e amor.

Se lutarmos com a aridez das almas, encontraremos, um dia, o oásis em forma de auxílio precioso que nos dará ânimo para seguirmos na jornada. E nos momentos de dúvidas, teremos sempre uma estrêla no Céu e uma flôr na Terra que nos ofertarão luz e perfume. São elas as dádivas de amor.

Confia e persevera em Jesus. Não desanimes nunca! Se não puder ser hoje, será amanhã. As grandes batalhas são difíceis de serem vencidas.

Se o soldado lembrasse que o inimigo também sofre dificuldades, não o temeria.

O medo é o maior agente de derrotas...

A coragem nalma já é meio caminho andado para a vitória.

Duvidar é estacionar. A Fé e a Certeza impulsionam as ações.

O entusiasmo, o otimismo, a alegria, a coragem e a confiança, são sentimentos positivos que ajudam na construção de qualquer Idéia ou Obra.

A dúvida, o medo, a incerteza, a descrença, o desânimo e a tristeza, são sentimentos negativos, perniciosos, que agem num sentido contrário: destruindo ideais e aniquilando qualquer obra.

O homem deve ser senhor dos seus pensamentos e não escravo dêles.

Não pensemos em nossas fraquezas e deficiências; pensemos apenas na fôrça que transmite Jesus a todo aquêle que trabalha em sua Divina Seára.

O Mestre jamais abandona os seus discípulos. Nos momentos mais dolorosos, mesmo quando o traímos, Êle volve para nós Seus meigos olhos, alertando-nos do perigo que corremos com as nossas negações pecaminosas, como fez com Pedro ao deixar o Sinédrio.

Confiemos sempre as nossas atribulações, os nossos sofrimentos, ao Coração Dulcíssimo do Amado Mestre.

Se formos surpreendidos na estrada de Jericó, pela maldade do mundo, e tombarmos quasi vencidos pela dor, há de surgir sempre um bom Samaritano que nos socorrerá e sôbre as nossas chagas derramará o azeite e o vinho de sua compaixão e solidariedade.

Jamais devemos desesperar! Mesmo quando tudo parecer perdido, confiemos na Providência Divina. Jesus vela por nós nos Céus. Quando menos esperamos, Êle nos estende a mão e afasta de nossas almas aflitas as tempestades.

Tomemos do alvião e revolvamos da terra as pedras e as ervas daninhas, mas não paremos para medir e pesar as dificuldades, porque assim fazendo, elas se avolumarão aos nossos olhos, acrescidas pelas lentes do desânimo e do menor esfôrço.

Temos que ser como a gota dágua: trabalharmos com perseverança, certos que, de gota em gota, ergueremos no tempo e no espaço as estalactites e as estalagmites de nossas obras que passarão ao Futuro como um estímulo áqueles que quiserem desanimar em suas lutas e em seus empreendimentos em pról do bem da Humanidade sofredora.

A Paz do Senhor em teu coração.

A irmã, *Benedicta Fernandes.*

(Recebido pela médium Dolores Bacelar, na sessão de 16 de Outubro de 1952, da Cabana de Canagé)».

Como se vê, são belos ensinamentos que devemos todos estudar e pôr em prática, e não própriamente uma mensagem particular destinada ao fundador do Sanatório «Antonio Luiz Sayão», o talentoso e operoso jovem confrade de Araras, que nos impressiona com suas multiformes atividades de espírita e esperantista.

(De «O Clarim» de 8-11-1952.)

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 70,00	Do 11.º ano Cr.$ 70,00	Do 19.º ano Cr.$ 65,00
Do 4.º ano . . 70,00	Do 12.º ano . . 70,00	Do 20.º ano . . 65,00
Do 5.º ano . . 70,00	Do 13.º ano . . 70,00	Do 21.º ano . . 65,00
Do 6.º ano . . 70,00	Do 14.º ano . . 70,00	Do 22.º ano . . 65,00
Do 7.º ano . . 70,00	Do 15.º ano . . 70,00	Do 23.º ano . . 65,00
Do 8.º ano . . 70,00	Do 17.º ano . . 70,00	Do 24.º ano . . 65,00
Do 10.º ano . . 70,00	Do 18.º ano . . 70,00	Do 25.º ano . . 65,00

Crônica Estrangeira

A rainha Astrid materializou-se

«Revista de Metapsicologia»

Não faltam provas claras do Espiritismo científico.

A formosa e tragicamente desencarnada rainha Astrid, da Bélgica, que tantas simpatias soube conquistar entre o seu povo e os demais povos da Terra, deu, com a colaboração do médium dinamarquês Einer Nielsen e na presença de vários investigadores, entre os quais figura o Pastor protestante Martin Liljeblad, as mais claras e impressionantes provas da sua sobrevivência. O fato foi já revelado na imprensa espírita e espiritualista de vários países, e vem largamente descrito no livro *Solid Proofs of Survival*, pelo já referido médium Einer Nielsen. Depois de afirmar a sua presença em sessões de incorporação, Martin Liljeblad e outros experimentadores viram a perfeita materialização da rainha Astrid. E, acedendo ao pedido de deixar fotografar-se, para levar a prova ao Mundo incrédulo, Astrid, com os mínimos detalhes da sua formosura e do seu gesto de tocante simplicidade, impressionou a chapa fotográfica que documenta a sua sobrevivência depois de, com a sua mão fina e atitude fraterna, haver tocado as mãos dos experimentadores.

A luz acabará por queimar, totalmente, as sombras da incredulidade e da ignorância !

⁂

O Bem e o Mal

Por Frederico Duarte — Manchester

Nos princípios da segunda Guerra Européia, encontrei acidentalmente na rua um aviador americano que ao entabolar conversa comigo me disse entre outras coisas, o seguinte : — «Sou estudante de Ciências Psíquicas e vai já para algum tempo que estou convencido de aparecerem em ciclos na Terra, indivíduos cujas almas são apoderadas pelo Mau Espírito, vulgarmente conhecido por DIABO, engendrando entre si as Guerras e Conflitos. Essas criaturas entram na Política, Exércitos, Finanças e Indústrias, empregando os seus conhecimentos nefastos e o dinheiro seu e dos outros, para destruir a Grande Obra do Criador, fazendo sofrer os inocentes, levando muitos dêles ao desesepero e mesmo suicidio.

O PAI é impotente contra essa canalha humana, pois que nos dotou, a todos, sem exceção, de inteligência para podermos distinguir o Bem do Mal e vice-versa. Se seguirmos pelo Bom Caminho seremos salvos, do contrário iremos expiar as nossas culpas e penar por essa Eternidade afóra !»

O moço que aparentava ter menos de vinte anos de idade, impressionou-me bastante com a sinceridade de suas palavras.

Durante as últimas duas grandes guerras lastimei bem a mentalidade daqueles que pelo Rádio ou nas Igrejas e lugares públicos, convidavam todos para rezar a Deus e pedir-lhe para nos dar a Paz ! Ora, isto como se fôsse Êle o culpado de todas as nossas misérias !

Há positivamente muita gente que não sabe rezar. Recitam orações à laia de papagaio, e não podem concebêr que o Criador ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos. Isso não quer dizer, por exemplo, que o Pai nos possa ajudar a passarmos 'num exame a fazer no dia seguinte, ou a sermos sucedidos num determinado negócio. Tudo isso está sujeito a... causas, efeitos e circunstâncias ! Assim, pois, se no caso do exame, eu me ajudei a mim mesmo, estudando metódicamente, aprendendo o assunto como devia ser, Deus me ajudaria num só ponto, viz: — a não excitar-me, controlar-me de modo a não deixar o meu estado físico reagir ou disturbar-me quando ao ser examinado. Uma ajuda pois «espiritual» ! Mas... sem possuir os conhecimentos necessários, Deus não poderia fazer um milagre em metê-los na minha cachimônia !

A prece mais sincera é aquela que recitamos ao deitar e levantar da cama. Oferecendo ao Bom Deus as nossas graças e agradecimentos pelos benefícios daquêle dia, e sendo de Sua Divina Vontade, deixar-nos viver no dia seguinte.

Ao levantar da cama, pedir ao Bom Deus para nos dar coragem, assim como paciência para podermos enfrentar nossos compromissos.

Rezar conta por conta um Rosário, ou orar um determinado número de orações, não produz o efeito desejado por Deus, mesmo que isso seja feito em frente duma imagem de pau, pedra ou barro !

Deus ouve melhor aquele que se dirige diretamente a Êle com Amor, humildade e sinceridade. O Pai Nosso está mal traduzido em várias línguas.

Imagine-se por exemplo, um bispo, mesmo Papa, um ricaço, de joelhos rezar essa oração e dar dela isto :—O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Senhor ! ? Não seria melhor para esses sujeitos que teem dinheiro bastante para comprar todas as padarias do seu distrito, dizer em seu lugar :—«Dái o pão áqueles que necessitam dêle !»

Lá no Outro Mundo não há distinções de classes. Quem é pobre na terra, mas possuidor de bons predicados, progride em espírito mais rápidamente do que o aváro ou ganancioso.

—

ROY MORGAN

Conheço há mais de vinte anos êste médium que por várias vezes me tem dado mensagens admiráveis.

Fui um dia na companhia dum distinto índio, estudante na Universidade de Manchester, assistir a um «meeting» conduzido por Roy Morgan, na Raby Street Spiritualist Churc. O meu amigo nunca tinha assistido a qualquer reunião espírita.

Acontece que esse amigo se encontrava hospedado comigo e antes de irmos à Raby Street, deixei a minha máquina de escrever em cima da mesa, com vários papeis espalhados dum lado ao outro.

Roy Morgan, entre mais de trezentas pessoas presentes, dirigiu-se primeiro a mim, dizendo : — Você é um desleixado ! Porque diabo não deixou a mesa limpa dos papeis e da máquina ?

O índio deu uma gargalhada e todos tambem se riram !

. O seu guia está aqui a dizer-me isto ! Quer que você tenha mais cuidado e não seja tão desleixado !

Depois de Roy Morgan se dirigir a umas quatro pessoas a quem deu menságens que foram reconhecidas por elas, dirigiu-se ao meu amigo, deixando-o confuso e perplexo.

Disse-lhe estar ali o espírito do pai, que descreveu de modo tal, que causou assombro, e descreveu cenas passadas com o meu amigo e irmãos, de modo tal que, ao terminar o «Service» saiu apressadamente para a rua e ao ir ali me disse : — Homem, isto é... mágico ! Como é que aquele homem que nunca me viu me deu provas absolutas sôbre os espíritos de meu pai, meu irmão, um primo meu que faleceu em Bombaim, e a descrição do lugar onde nascí ? E como diabo soube êle que você deixou tudo muito desarrumado sobre a mesa, indicando mesmo a máquina de escrever ?

Mas, além do sucedido, Roy Morgan me afirmou que estavam alí vários espíritos portugueses, incluindo meu filho, e um tal Mario que insitia em dizer que me conhecia muito bem.

Ora, quando estudante no Pôrto, eu conheci uns cinco rapazes com aquele nome e com quem nunca me comuniquei desde quando vim para a Inglaterra ! Pedi a um dos meus irmãos residente em Coimbra, uns dias antes de ter visitado a Raby Street Church, para me mandar uns exemplares de Ilustrações Portuguesas para oferecer a um dos meus alunos que devia seguir em negocios até ao Brasil. Uma semana depois do que se deu, veiu-me pelo correio um pacote com exemplares usados, e antes de o entregar ao meu aluno, abri-o e com a maior surprêsa minha vi precisamente na primeira folha que esfolhei duma dessas Revistas, a fotografia do engenheiro Mario Augusto Lopes, e a notícia do seu falecimento no Pôrto. Mas, o mais interessante fato vem a ser de o dito exemplar ser de Setembro de 1930, tendo meu irmão dito que colecionou ao acaso uns exemplares para me mandar ! O Mario frequentou comigo o Liceu do Pôrto por cinco anos, e éramos amigos íntimos. Sabia que estava na Inglaterra e posto que nunca nos correspondessemos, lia meus escritos na Linguists Review, e no «Primeiro de Janeiro» publicado no Pôrto ! Mario Lopes interessava-se em Espiritualismo, e assim estou convencido que se apoveitou do meu pedido das Revistas, para meu irmão me mandar o exemplar onde vinha a sua fotografia !

Nêsse número não havia absolutamente nada de extraordinário para ser guardado por mais de vinte anos.»

—

FALANDO COM OS ESPÍRITOS

Em 5 de Junho de 1942 meu filho Gabriel caíu mortalmente ferido na batalha em Tobruk, e decidi-me no dia 4 de Junho dêste ano de 1951 a visitar não pela primeira vez a Denbigh Church, de Longsight, Manchester, onde havia um «Open Circle».

O Centro estava repleto de pessoas, entre as quais só havia umas duas que me conheciam.

Fiquei surpreendido quando uma das senhoras presentes, de nome Madame Davis, me informou que a minha mãe estava alí perto de mim acompanhada de vários espíritos amigos. Quando estava a olhar para aquela senhora, esta cái subitamente em «transe» e todos pudemos ver distintamente as feições de minha mãe dizendo em tom baixo em português: —«Meu filho, meu filho». Depois lançando-me muitos beijos, desapareceu e ficámos todos admirados ao vermos a fisionomia distinta dum chinês, que eu reconheci logo como sendo o meu guia FENG. Falando-me em inglês num tom de voz muito meu conhecido, disse-me:

«FREDERICO, tu foste treinado no conhecimento de linguas estrangeiras para seres com elas útil em benefício da humanidade. Tens ainda um dever a cumprir e de maior responsabilidade bem mais do que fizeste até agora, antes de nós te irmos buscar para te unires aquí aos teus numerosos amigos e entes queridos.

Vamos guiar-te e proteger-te sempre, proporcionando-te os meios de modo a compilares teus escritos sem dificuldade alguma, empregando na maioria dos casos como instrumentos aqueles que estão estudando e procurando consôlo espiritual, a pura verdade, e que até então eram por ti desconhecidos».

Dirigindo-se depois a todos os presentes concluiu assim: — «Deus, o Pai, vos abençõe a todos».

As transfigurações foram perfeitas e em plena luz elétrica, tendo causado uma profunda impressão aos presentes.»

Mas... havia mais em reserva...

A BRUXA

Muitos dos meus leitores já estão ao fato de que quando criança fui acometido duma paralisia e que uma mulher da aldeia, conhecida por «A Bruxa» me curou. Uma simpática senhorinha chamada «Miss Green» que estava presente, saíu subitamente do seu lugar e em completo transe começou a «espalhar» raios de luz a todos os presentes, estando completamente controlada pela «Bruxa», que ao passar por mim sorria e murmurava umas palavras que não pude distinguir. O movimento dos braços desta senhorinha foi «terrível»! Parecia que os membros se deslocavam dos ombros! No final caíu na cadeira, ficando completamente normal em menos de dois minutos, sem dores nenhuma! Madame Davis dramaticamente se dirigiu a mim dizendo: — Estão aqui muitos espíritos estrangeiros, e, entre eles um moço em uniforme, sendo esta manifestação feita aqui em sua honra.

Diz esse moço: Êle sabe muito bem quem eu sou e ao que se refere a data de amanhã!

Eis aqui, caros leitores, mais uma prova absoluta de que o meu filho não morreu!

⁂

Experiências Mediúnicas numa Universidade

De «Além»

Êste caso relatado pelo Dr. Stoppolini produziu-se no decurso do mês de Agosto.

Existe em Camérino uma Universidade de terceira ordem, na qual ninguém interfere por razões tradicionais. Alguns professores desta Universidade, fizeram uma sessão mediúnica com um bom médium de efeitos inteligentes, manifestando-se uma personalidade que diz ter sido um médico de Camérino, morto em 1765. Acrescentou que tinha sido assassinado por engano, uma noite quando ia visitar um doente e que o seu corpo tinha sido ocultado sob uma sebe em Montagnano. Afirmou que era côxo. Seguindo as indicações da personalidade que se comunicou, procurou-se, e desco-

O Clarim 13-2-954

briu-se, com efeito um esqueleto na direção indicada.

O Dr. Stoppolini fotografou-o, e constatou que os ossos da perna direita eram mais curtos que os da esquerda, e que o esqueleto devia ter sido enterrado antes de 1.800.

Se não houve mistificação, — coisa sempre possível, mas pouco provável nêste meio e em tais condições, êste fato é realmente interessante. Na verdade, o lugar do corpo do morto tem sido bastante vêzes indicado por clarividentes,— nestes últimos anos, desde que a rabdomância está novamente em voga, bem como por «radiesthesistas». Mas as condições desta revelação, a antiguidade do crime, e sobretudo a precisão referente à claudicação da vítima, conferem a êste caso um caráter especial, que o torna digno de ser retido e estudado mais profundamente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Noticias de S. Paulo

Conferência do Prof. Anselmo Gomes

Realizou-se na noite de 3 do Outubro, na séde social da S. E. E. T. O. (Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro), á Avenida Rangel Pestana, 271, 1.° andar, mais uma solenidade comemorativa, desta feita em homenagem ao CODIFICADOR DA TERCEIRA REVELAÇÃO, o inesquecível ALLAN KARDEC.

Anunciada com antecedência através da Imprensa Paulistana as comemorações dessa data, engalanou-se o salão nobre da casa dirigida pela DD. irmã D. Anita L. Briza, para acolher carinhosamente uma multidão de confrades e amigos, que prestigiaram, com suas presenças, a noitada em questão. Sendo ainda nesse dia que se comemorava o 2.° aniversário da S. E. E. T. O., tudo serviu de motivo para alegrar os espíritas da Capital.

E assim, teve inicio o programa, precisamente ás 20,30 horas, fazendo-se ouvir na parte artística, a pianista Neide Schneider, em «Clair de Lune», de Debussy, e mais as artistas da Rádio Tupí, Arminda Falcão e Alice Silva, assistidas pelo guitarrista Waldemar. Deram eles um colorido vivo ao ambiente, recebendo no final, aplausos calorosos.

A 2.a parte teve início com a palavra sincera do Veneravel Presidente do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento, sr. Gervasio Figueiredo, que digiu uma saudação de aféto e carinho, seguindo-lhe com a palavra as irmãs, sra. Cinira Riedel Figueiredo e srta. Matilde Candido.

Após, o cronista faz uma rápida e incisiva apresentação do orador, Prof. Anselmo Gomes. Éste toma a palavra e, fluentemente, discorre, dentro dos conhecimentos profundos do seu saber, sôbre variadíssimos aspéctos da doutrina, relembrando os mártires da fé, desde Giordano Bruno, Sócrates, Galileu, Moises, Jesus, até Allan Kardec. Dono de vasto cabedal sôbre a exegése cristã, alongou-se o orador em minúcias mil e, após 45 minutos de tribuna, viu seus esforços coroados pelas palmas sinceras e vibrantes do auditório reconhecido e satisfeito, pelas novas páginas que o Alto enviára, como justa recompensa a quem, de coração, acêdera em ser o intérprete da inesquecível reunião de homenagens ao sábio de de Lion, o ilustre filho da Patria de Joana D'Arc, Vitor Hugo, Flamarion, Denis, e tantos outros valores espirituais.

A mesa, ornamentada de flôres frescas e naturais, exalam suaves perfumes no recinto, envolvendo a assistência em sutís vibrações. O tema anunciado «Allan Kardec, Glória Universal, Missionário Divino,» foi exuberantemente explanada.

No final, o irmão Bernardo Pedroso agradeceu a todos a honra do comparecimento, e pronunciou a rogativa final da prece, sob religiosa concentração.

Terminando, foram distribuidos livros flôres e mimos expressivos da magna data do Espiritismo. A presidência dos trabalhos esteve a cargo de Anita L. Briza.

A «Revista Internacional de Espiritismo» e «O Clarim» desejam paz e prosperidades aos irmãos Diretores e Associados da novel Sociedade da Av. Rangel Pestana.

—

Homenagem a Carlos Gomes

Comemorando o 56.º aniversário do passamento do ilustre Maestro, a Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro fez realizar a 17 pp. um grandioso Festival Lírico-Beneficente com o fito de não só homenagear o vulto inesquecível do insigne «Genio Musical das Américas», como também angariar fundos pró construção do Sanatório Espírita 3 de Outubro a ser levantado em Campos do Jordão, cujo terreno já foi adquirido por um grupo de Diretores da referida Sociedade.

Anunciado com grande antecedência pela Imprensa da Capital e em meio a farta propaganda nos meios espíritas, o Festival em questão apresentou ao público amante da arte do bel canto, um programa selecionado, tendo como figura central o notável soprano campineiro Eliphas Chinellato Mila, ornamento dos meios artísticos de São Paulo, de Campinas e do País, assistida ao piano pelo Maestro Mario de Tulio. Tal audição teve como local o Auditório da Escola Caetano de Campos, gentilmente oferecido.

No início da 2.ª parte, a estimada confreira Prof. Maria Francisca Azevedo Cotrim, Presidente da «Sociedade Amigos da Ópera», de São Paulo, especialmente convidada, proferiu eloquente saudação ao Imortal Campineiro, página essa que reproduzimos na íntegra, seguida a esta notícia. O palco, nesse momento, apresentava sôbre uma estante a bandeira paulista, e por cima da mesma, uma foto de Carlos Gomes, quadro esse, cedido pela Snra. Orchidea M. Lino, esposa do editor Batista Lino. Ao final da saudação, do alto, desceu a Bandeira Brasileira envolvendo o ambiente de maneira tocante e expressiva. Em seguida, a graciosa jovem, Srta. Omarisa da Silva Pinto, declamou o Hino a Carlos Gomes, de autoria do poéta Francisco Pereira, ofertado à cidade de Campinas, oficialmente.

No final da festiva audição, procedeu-se a uma coléta fraterna, bem compensada pelos presentes.

A supervisão e orientação do espetáculo esteve a cargo do nosso representante na Capital, Vicente S. Neto, que fez a apresentação dos artistas e explicou a finalidade de tal empreendimento. Entre os presentes notamos a presença dos ilustres críticos musicais e de arte, Dr. Paulo De Castro Cerqueira e Maestro Carlos Prina. «Corbeilles» de flôres naturais deram ao auditório um colorido suave e, como complemento, Dna. Anita Briza, Presidente da Sociedade, ofereceu, aos artistas, bouquês e ramos de palmas, gesto esse muito aplaudido pela assistência.

A «Revista Internacional do Espiritismo», cumprimenta aos Diretores e artistas, pelo êxito espiritual dessa inesquecível noite de beleza e encantamento espirituais.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, Outubro de 1952.

Carlos Gomes

O dia de ôntem assinalou precisamente o 56.º aniversário do desincarne de Carlos Gomes, insigne figura a qual estou incumbida de saudar pela Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro».

Nascido em Campinas, como é do conhecimento geral, e num meio adequado às suas aptidões musicais, pois foi seu pai, o conhecido Naneco Músico, quem fundou a primeira Banda de Campinas e seu irmão eximio rabequista e compositor, poude Carlos Gomes dar guarida à sua aspiração musical. Profundamente artista e portanto insatisfeito, desejoso de expansão, fugiu de casa, como era hábito naquela época, e rumou para o Rio de Janeiro, méta de todos os aspirantes à glória e à posteridade. Admitido no Conservatório de Música, mêses depois conquistava medalha de ouro, prêmio de composição, apresentando-se com a *Cantata* — A Última Hora do Calvário — a qual foi executada na Igreja da Cruz dos Militares (16 de Agosto 1860).

Não podemos deixar passar sem comentário, já que foi Carlos Gomes profundamente operista, a possibilidade e a circunstância que auxiliaram o seu destino de compositor de ópera.

Havia nessa ocasião no Rio um grande movimento em pról da creação de um teatro lírico brasileiro, em torno do qual se agrupavam todos os valores intelectuais e artísticos do Rio, capitaneados por D. José Amat. Justamente por intermédio de José Amat foi oferecido a Carlos Gomes o lugar de ensaiador da Ópera Nacional. Ainda por intermédio do mesmo Amat obteve Gomes o primeiro libreto para a composição de uma ópera, coisa por êle tão almejada. E assim iluminava-se o horizonte de lutas, ânsias, sofrimentos, desilusões e glórias para aquêle que deveria ser o maior gênio brasileiro da música operística. E podemos ver da ânsia, da alegria, do entusiasmo de Carlos Gomes por estas linhas escritas a seu pai:

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1860.

Meu bom pai

Escrevo esta só para não demorar uma boa notícia. Afinal tenho um libreto! Foi extraído do poema de Castilho — «A Noite do Castelo». Hoje mesmo começo a trabalhar na composição da ópera; prepare-se, portanto, para vir ao Rio de Janeiro em 1861. Saudades muitas ás manas e aos manos, principalmente ao Juca.

Abençõe-me como a seu filho muito grato

Carlos

Conforme notícias da época o sucesso alcançado pela estréia de «A Noite do Castelo» foi verdadeiramente estrondoso, e como maior elogio ao insigne compositor estreiante são as palavras de Henrique Cezar Muzzio no «Diário» do Rio de Janeiro:

«A musa nacional rasgou o crepe que a envolvia desde a morte de José Mauricio; um novo filho bem seu — seu pelo berço, pela educação e pelo sentir, vai continuar a tradição do passado, reviver a chama quasi extinta da pira sagrada».

Palavras proféticas que talvez na época não fossem levadas em conta pela maioria.

Ao primeiro triunfo seguiu-se o da ópera, «Joana de Flandres», que também foi ovacionada pelo público apesar de ser sabido que uma estrondosa vaia estava preparada para receber essa obra de Carlos Gomes. Começavam pois os primeiros tropêços como sóe acontecer a todos aqueles que por idealismo e estribados no valor real, desejam realizar os sonhos que lhes agitam a alma. Ao espetáculo, parece, esteve presente o Imperador. Carlos Gomes vai cumprimentá-lo no camarote, e sabendo que deveria ser promovido a oficial da Ordem da Rosa, num gesto que muito o enaltece como homem e como filho, suplica ao Imperador que essa graça fôsse transferida a seu pai, nomeando-o para o cargo de Mestre da Capela Imperial.

Um grande acontecimento entretanto vem ao seu encontro, alargando assim o horizonte para a realização de seu destino. Recebe a ajuda de Pedro II para ir se aperfeiçoar na Itália. Terminando seus estudos em Milão, apresenta no «Scala» a ópera «Guaraní», que constituiu o «abre-te Sesamo» da sua vida artistica na Europa. Seguiram-se após «Tósca» e «Salvador Rosa». As óperas «Maria Tudor», «Lo Schiavo» e «Condor» foram produto de uma pensão votada pelo Senado, graças ao voto de Thomaz Pompeu, Senador pelo Ceará, pois a essa altura já Carlos Gomes se achava em dificuldades financeiras.

Cheio de lutas e dificuldades, viveu Carlos Gomes 60 anos. Implacável doença leva-o ao túmulo para repousar seu corpo cansado. Seu espírito, êsse, continuou em busca do ideal sonhado e agora —«aquí se encontra presente» para receber esta pequena e despretenciosa homenagem da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro» e de todos aqueles que aquí vieram se associar a êste movimento de colaboração humana e perfume espiritual.

Aos filhos do Pará e a todos aqueles que o incentivaram, ajudaram ou ampararam, também as nossas humildes homenagens.

A ti Carlos Gomes, a nossa serena e efusiva saudação, pois nós dizemos como o verso de Edgard Quinet:

Il n'est pas mort! Il n'est par mort!
Il n'est pas mort!

(Discurso pronunciado pela *Prof.ª Maria Francisca de Azevedo* Cotrim, Presidente da Sociedade Amigos da Ópera, de S. Paulo, na Sociedade Espírita «3 de Outubro».)

A Serviço da Propaganda

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Fiz palestra no Centro Espírita «Irmã Teresina», de Pindamonhangaba.

Êste Centro tem o Asilo de Velhos que, no momento está dando abrigo a mais de 30 velhos de ambos os sexos. Os seus diretores vão introduzir novos melhoramentos no Asilo. São seus diretores os confrades José Avila, os irmãos Amadei e outros. Os confrades Capitão Manoel Pereira dos Santos e D. Maria Ferreira dos Santos, são os gerentes de rereferido Abrigo.

— Realizei palestras num Centro Espírita de Casa Branca. Em Jacareí e Caçapava, eu, o confrade Germano E. dos Santos e outros confrades realizamos substanciosas palestras. Fiz parte de uma caravana que lotou dois caminhões e que partiu de São José dos Campos e Caçapava à mina de carvão de Pequiniqui, onde realizamos palestras sôbre a Doutrina.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da ata da reunião de 6 de Setembro de 1952

Retificação da Ata — Solicita o Conselheiro Ismael Gomes Braga se retifique o nome do companheiro desencarnado, José Anselmo, que por engano figurou como João Anselmo.

Contas das Despêsas do Conselho Federativo — O presidente lê a conta das despêsas do Conselho no período de seu funcionamento, de Fevereiro de 1950 à presente data, na importância de onze mil e seisentos e setenta e quatro cruzeiros e sessenta centavos (Cr.$ 11.674,60).

Representação — O presidente nomeia representante do Conselho, no II Congresso Espírita do Estado de Minas Gerais, o Conselheiro Dr. Miguel Timpôni.

Estado do Rio — O Conselheiro Dr. Imbassahy convida o Conselho para a semana espírita de Niterói, a realizar-se de 21 a 28 do corrente.

Paraná — O Coronel Delfino Ferreira dá conta de sua representação nas festividades de aniversário da Federação Espírita do Paraná, relatando a cerimônia da inauguração do Instituto de Educação Allan Kardec, a colocação, na Federação, do retrato do Dr. Lins de Vasconcelos e a inauguração de um monumento ao mesmo, no Cemitério.

Goiás — O representante Dr. Francisco Nogueira oferece ao Conselho informações sôbre o movimento espírita em Goiás e um exemplar do «Goiás Espírita», órgão da União Espírita Goiana, com publicação sôbre o C. F. N.

Instruções para o Estudo e Prática do Espiritismo — Continuou o Conselho o estudo do trabalho «Instruções para o estudo e prática do Espiritismo», examinando-se o Capítulo Segundo, alineas a, b, c, d, e.

A História de Emygdio

«Diario de S. Paulo» — 7-9-51

José Lins do Rego

Emygdio de Barros apareceu como um assombro. Um homem de 52 anos, que começa a pintar com tal fôrça que nos dá a impressão de um grande de qualquer parte do mundo. Espanto-me diante dos seus quadros e fico com medo, verdadeiramente com medo. As coisas sôbre as quais não sonha a vã filosofia, são muitas. Muitas e estranhas. Aparece um homem que nunca estudou pintura e que só teve na infância como mestre um pintor de paredes que lhe ensinou a fazer letreiros, com uma exposição de quadros, alguns admiráveis. Vá a gente não acreditar em coisas do céu ou do inferno. Emygdio, um operário mecânico, adoece e leva 22 anos mergulhado em trevas, e quando surge para ele a luz do dia, um pintor extraordinario se põe a pintar, com o mais perfeito equilíbrio da matéria, todo ele vibrando com as cores, arrancando da natureza que vê e imagina, composições que podiam ser de um Matisse. Esta é a história simples. Um torneiro recolhido a uma casa de loucos, há vinte e dois anos, cura-se de repente, e se transforma num pintor fabuloso. Repito. Tive medo. Em vez do Emygdio poderia ter desabado um pedaço de céu velho, o Pão de Açucar afundar no mar. Poderiam ter acontecido impossíveis, como este impossível que é, no domínio da criação artística, a pintura de Emygdio de Barros, que vi, alarmado, no Instituto Brasil-Estados Unidos, na rua Senador Vergueiro, 103.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A Vida no Outro Mundo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac2811unse_0

11

ANO XXVIII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1952—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

A Propósito do Natal . . . . . . *Redação*

O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*

Exércitos Fantásticos e Combates Aéreos . . . . *Francisco Klörs Werneck*

Obras do Alto . . . . *Leopoldo Machado*

Porque «Graças a Deus» ? . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*

Os Grandes Conflitos do Pensamento Moderno . . . . *Dr. Maurice Delarrey*

Almas Algemadas à Terra . . . . *E. Oaten*

A Sobrevivência do Homem . . . *Dr. Martins de Oliveira*

Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*

Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1952 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Propósito do Natal

A' medida que o tempo avança, mais o nome de Jesus Cristo, o maior dos missionários que Deus enviou ao mundo, se propaga em todas as direções, conquistando os corações que anceiam por dias melhores, em que a paz, a justiça, a solidariedade e o aféto recíprocos sejam um fato entre as criaturas. E esses dias de abundância espiritual estão bem mais próximos do que pensamos, uma vez que já está no mundo o Paracleto da Promessa, o Espiritismo, cujo advento marcou o começo do fim dos tempos, dos tempos em que o orgulho, o egoismo e as más paixões construiram o seu trôno nos corações e cérebros fracos.

Realmente, o Espiritismo, que é o Paracleto da Promessa de Jesus, está revivificando o cristianismo, afim de que as almas tomem o verdadeiro caminho de Deus sob a luz da Verdade, que os chamados ministros de Deus na terra esconderam sob o alqueire de bastardos interesses materiais e pessoais, incutindo nas criaturas que não sabem fazer uso da razão, a superstição e o fanatismo através de dogmas, sacramentos, cultos externos, etc.

Pregando a Imortalidade da Alma, de que dá provas a granel, e fazendo brilhar a luz do Evangelho em espìrito e verdade, o Espiritismo constituiu-se o caminho do véro cristianismo. Quando se fala em Espiritismo, fala-se, automaticamente, em Cristianismo, porque ambos se confundem em suas finalidades e tarefas. Se João foi o precursor do Cristianismo, Jesus o foi do Espiritismo, segundo pensamos.

Ao escrever estas pálidas linhas, o nosso propósito é prestar uma justa homenagem a Jesus por motivo de mais um seu aniversário natalìcio a transcorrer no próximo dia 25, o maior dia registrado na História da Humanidade, porque foi nesse dia, ha quasi vinte séculos, que o nosso mundo começou a ser ralmente iluminado pela luz de um novo sol, o sol espiritual, que não tem poente, porque brilhará eternamente no horizonte de nossa vida.

Por isso, quando proferimos o nome de Jesus, sentimos algo de extraordinário percorrer a alma, tal a admiração, o afeto e o respeito que temos por esse grande Espìrito, o maior que conhecemos entre os enviados de Deus.

Quando relembramos os seus feitos, ensinos e exemplos, procuramos outro espìrito que o igualasse ou dele se aproximasse em sabedoria, poder e virtudes e não o encontramos. De fato, quem foi capaz de levantar paralìticos, de dar vista a cegos de nascença, de ressuscitar mortos e de conversar com espìritos frente a frente, como no caso do Monte Tabor ? Só um conhecemos através da História: Jesus Cristo. Mas a sua tarefa não era curar doentes desenganados pela medicina humana. A sua tarefa era muito mais importante: proclamar a sobrevivência do espírito após a morte e ensinar às criaturas, com os seus exemplos de amor fraterno, lições e parábolas, de como deve ser conquistada a nossa felicidade, em bases firmes, na vida eterna, tantas vezes por Ele prometida.

Apesar de decorridos quasi vinte séculos da sua vinda, a humanidade pouco andou na senda da moral, embora tivesse feito progressos notáveis no terreno intelectual. O cérebro tem caminhado mais que o coração. Daí a razão do mal estar que se nota em toda parte, o desassocego, a incompreensão, etc. E' preciso que os homens, enfim, as criaturas em geral, tomem o Evangelho como bussola na solução não só dos magnos problemas, como também na orientação de sua vida diária, em que a solução dos pequenos problemas é o ponto de partida para a solução das grandes questões que vêm desafiando a sabedoria e a competência dos governos e estadistas, os quais, até o presente, não conseguiram harmonizar as nações, sempre descontentes em suas pretenções, bem como os litígios entre empregados e empregadores.

A solução de todas as questões humanas só pode ser encontrada, repetimos, quando os homens voltarem a sua vista para o Evangelho de Jesus, que é, pode-se dizer, a pedra angular da paz que deve reinar entre todos. E isto certamente acontecerá depois que os homens não encontrarem outros meios para apagarem a fogueira que atearam com o seu orgulho e o seu egoismo, que só desaparecerão com o cumprimento das Profecias Apocalípticas.

Que os homens se unam sob uma só bandeira — a do Cristo, afim de que a paz, a compreensão e o amor fraterno sejam, num futuro próximo, os soberanos absolutos do mundo, são os votos que formulamos ao assinalar mais um aniversário natalício de Jesus, nosso único Mestre, pondo, como sempre, os nossos fracos préstimos ao seu labor.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

IV

Nos três artigos precedentes tratamos da mediunidade de D. Dolores Bacelar, cujas faculdades se vão desenvolvendo em sessões espíritas normais, com pleno conhecimento de que se trata de mediunidade, de comunicações de Espíritos. Hoje vamos tratar de um caso paralelo que nos vem despertando o máximo interêsse.

No estudo de Espiritismo aprendemos que a mediunidade existe igualmente sem consciência da existência da faculdade; que muitos grandes oradores, escritores, poetas, pintores, foram médiuns, sem que tivessem disto a mínima consciência: sentiam-se arrebatados pela *sua própria* genialidade e não suspeitavam de que realmente estavam sendo meros instrumentos de sêres invisíveis.

Pela correspondência quasi diária vimos observando o desabrochar do gênio de um grande poeta que nada sabe de Espiritismo, nada suspeita de mediunidade; no entanto, temos razões de supor que se trata de uma poderosa mediunidade inconsciente, e não sómente de um gênio.

Não podemos mencionar nome nem lugar. Trata-se de um jovem seminarista de vinte e um anos de idade, um futuro sacerdote católico, como ele mesmo supõe que virá a ser; mas «atormentado» pelas musas: sente tempestades de pensamentos que precisam ser postos em versos, em longos e grandiosos poemas, para que a cabeça não se lhe estoure.

Aprendeu o Esperanto sem mestre e quase sem livros, pois que em livros insuficientes, compêndios elementares, destinados à propaganda e a ministrar rudimentos apenas da língua. Só começou a possuir livros mais completos e obras literárias de valor, depois que corresponde conosco e nos confessou que na pequena cidade do interior, onde reside, não há livros de Esperanto e ele mesmo, como órfão pobre, não tem meios de adquiri-los. Agora, é evidente, temos-lhe remetido muitos livros que êle devora com avidez; mas já o conhecemos depois que havia escrito uma centena de poemas, alguns épicos, muito longos e imponentes, em estilo irrepreensível e com técnica admirável.

Onde aprendeu êle um vocabulário tão rico, uma linguagem tão majestosa, sem livros e sem convívio com esperantistas?

Nunca fez versos senão em Esperanto: seu gênio poético nasceu com o seu estudo de Esperanto. O simples estudo de seus poemas nos levou a supor tratar-se de um grande médium inconsciente; mas numa de suas cartas ele nos fez uma confissão que parece confirmar nossa suposição. Vamos traduzir literalmente suas palavras: «*Há dias em que eu me torno «nebuloso» ou pelo menos com a cabeça nebulosa. O que eu escrevo nessa ocasião só eu mesmo posso compreendê-lo, e o compreendo só quando estou com a cabeça nebulosa. Mas é raro eu cair nesse estado. Graças a Deus!*»

Estas frases foram escritas em seguida a um belo soneto, fantasia ousada, mas perfeitamente compreensível a quem possua bem a língua. O lindo soneto foi escrito neste estado que êle classifica de «nebuloso» e, mostrado a um seu colega, este não compreendeu a fantasia; daí o comentário de que o que êle escreve nesse estado só êle mesmo compreende; mas não é assim: o coleguinha, de dezoito anos de idade, não possui suficientemente a língua para entender, porém quem possua bem a língua compreende sem sombra de dúvida o pensamento do poeta, e não pode deixar de admirar-lhe a engenhosa fantasia.

Os iniciados no estudo de mediunidade entenderão que esse estado, que o poeta classifica de *nebuloso*, é um trance parcial, durante o qual o médium efetivamente perde parte de sua consciência. Poderíamos classificar êsse médium de semi-mecânico em certas ocasiões e apenas inspirado em outras ocasiões.

O que nos parece fora de dúvida é que êsse jovem poeta é um grande médium, embora não conheça esta palavra e nada saiba de Espiritismo, contra o qual talvez tenha os preconceitos de sua Igreja.

Quanto ao seu futuro, só Deus o sabe.

Talvez tenha missão dentro da sua própria Igreja e venha a ser um sacerdote genial, capaz de grandes transformações nos dogmas católicos. Pode também ser que abandone a vida eclesiástica e venha a ser um médium espírita com bela missão na divulgação mundial da Doutrina. Faltam ainda sete anos para êle completar seus estudos no seminário e muita coisa pode ocorrer em sete anos. Os temas de seus poemas não são místicos e não revelam vocação alguma para o sacerdócio.

Nenhum verso desse genial poeta foi publicado até o momento em que escrevemos este registro; mas em breve começarão a ser divulgados em revistas esperantistas do Brasil e do estrangeiro.

Pareceu-nos oportuno o momento de fazermos este registo na «Revista Internacional do Espiritismo», porque estamos recebendo numerosas comunicações de Espíritos superiores sôbre a missão do Brasil na divulgação mundial do Evangelho, do Espiritismo e do Esperanto, e simultâneamente com essas comunicações estamos notando o aparecimento de brilhantes esperantistas jovens que nos parecem os missionários encarregados de impulsionar imediatamente a missão do País.

No entanto, muitos desses talentosos esperantistas jovens estão surgindo nos seminários, bem distanciados do movimento espírita. Nos meios espíritas têm surgido maior número é de propagandistas de Esperanto, de professores, não de escritores e poetas; mas os desígnios de Deus nos são impenetráveis. Ainda há poucos meses um seminarista de grande cultura esperantista, já nas vésperas da ordenação, desistiu da carreira sacerdotal e retirou-se em perfeita harmonia com a Igreja. Outros têm abandonado a batina até depois da ordenação. O momento é de grandes surprêsas.

Já estão assentados os alicerces materiais para a próxima civilização do Planeta, na qual o Brasil terá gloriosa missão a cumprir. Rádio, televisão, aviação cada dia mais rápida e segura, cinema falado, são as bases materiais para uma civilização uniforme em toda a superfície da Terra; e para a unidade cultural, a base intelectual é a posse do Esperanto, assim como para a unidade filosófica e religiosa divulgam-se o Espiritismo e o Evangelho.

O desenvolvimento rápido que se

manifesta nos movimentos espírita e esperantista em nossos dias demonstra que os tempos são chegados e terão que aparecer por toda a parte grandes médiuns e esperantistas geniais : para tanto já está criada e em pleno funcionamento uma grande Universidade Esperantista no plano espiritual, na qual estão sendo preparadas legiões de Espíritos missionários que descerão simultâneamente em todos os pontos do Globo terrestre. Dessa Universidade já nos têm falado Espíritos superiores por intermédio de diferentes médiuns. Talvez que o genial poeta a quem nos referimos acima seja uma das sentinelas avançadas desse exército que vem invadir o mundo.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Exércitos Fantásticos e Combates Aéreos

FRANCISCO KLÖRS WERNECK

HÁ neste mundo terreno uma quantidade bem grande de fenômenos que nem sabemos que existem e que explicação têm. Por exemplo, os de exércitos fantásticos e combates aéreos, fenômenos bem perturbadores que se verificam esporadicamente e que vêm sendo registrados há séculos, desde os tempos bíblicos.

Tratando de tão estranhos quão perturbadores fenômenos, vamos registrar os casos mais antigos, passar por alguns mais recentes para depois deter-nos nas explicações aventadas por ilustres sábios que os estudaram detidamente.

Em Reis, cap. 6, vers. 1 a 17, lemos que um criado do profeta Elizeu vê aparecer, devido à prece de seu senhor, um exército de cavalos e carros de fogo em face do exército da Síria, em Dothan, e, no capítulo seguinte, vers. 6/7, sabemos que «O Senhor fizera ouvir no campo dos Sírios um grande ruido de carros, cavalos e um exército numeroso» que os levou à fuga.

Onde, porém, a aparição se mostra mais nítida, citando ainda a Bíblia, é no livro dos Macabeus, cap. V, a saber : «Nesse tempo, Antióco se preparava para fazer, pela segunda vez, a guerra do Egito. Ora, aconteceu que foram vistos, em tôda a cidade de Jerusalém, durante quarenta dias, homens a cavalo que corriam no ar, vestidos de roupas de ouro e armados de lanças, como tropas de cavalaria ; cavalos enfileirados em esquadrões que se arremetiam uns contra os outros ; combates corpo a corpo, escudos agitados ; uma multidão de gente armada de capacetes e espadas nuas ; dardos lançados, armas brilhantes de ouro e couraças de todas as espécies. E todos pediram a Deus que êsses prodígios tornassem em seu proveito».

O escritor Judeu Flávio José, tratando dos prodígios precursores da quéda de Jerusalém, ameaçada pelo exército de Tito, escreveu o seguinte em *De bello judaico :* «Antes do pôr do sól foram vistos no céu, tão longe quanto se estendia a região, carros e falanges armadas correr impetuosamente no meio de nuvens e cercar a cidade». Tácito, em *Historiae*, V, confirma a narração de Flávio José, dizendo : «Viu-se o céu cheio de tropas que combatiam com armas rutilantes. . . .»

Plínio, o naturalista, em *História Natural*, II, cap. 58, trata de dois exércitos que os habitantes de Ameria e Tuder viram no céu, precipitando-se um contra o outro ; ouviram mesmo o ruído do combate. Foi na época da terrível invasão dos Címbrios e, como o exército que veio do oeste foi rechassado, os assistentes do fenômeno o tomaram como presságio para uma vitória iminente dos Romanos.

Os Gregos antigos também assinalaram algumas aparições do gênero e entre eles citamos Pausanias que, em *Itinerário* (Ática), alude ao espetáculo e ao ruido de batalha que foram muitas vezes percebidos na planície de Maratona, durante a noite, 400 anos depois da grande vitória de Milciades ; e também o exército longínquo donde partiam cantos misteriosos, exército êsse que foi entrevisto na planície de Tria por atenienses notáveis, conforme Heródoto e Plutarco, na véspera da batalha de Salamina.

O abade de Vilars (1635-73), baseando-se em antigas crônicas, fala de exércitos combatentes no céu, de frotas aéreas que apareceram em 778 sob o reinado de Pepino, o Breve, pai de Carlos Magno.

A curiosa obra editada em Paris em 1575 e intitulada *Histoires prodigieuses recueillies par Boistuau,* trata de fatos análogos ocorridos durante os anos de 920 sob Carlos III, o Simples; 981 sob Hugo, o Grande; 1104 no momento da batalha de Castillon em que Talbot encontrou a morte; 1553 no sítio de Metz por Carlos V e 1561, isto é, quatorze anos apenas depois da publicação da obra, o que nos leva a reproduzir as palavras do próprio autor: «No ano de nossa salvação 1561, foram vistas tropas armadas no ar, sôbre a cidade de Paris, do lado que dá para Vanves, as quais aí estiveram longo espaço de tempo e voltaram durante muitos dias».

O Dr. Grellois, em sua obra sôbre a *Metereologia Mística,* refere-se a combates de cavalaria e infantaria que foram percebidos no ar, em 1489, assim como, em 1548, exércitos celestes sôbre algumas cidades do Saxe.

François de Mèzerai, em sua *Histoire de France,* publicada em 1650, fala em aparições de exército aéreos em 1192, perto de Nogentle Routrou, nos confins orientais da Normandia. E no *Régne de Charles V,* acrescenta: «Assegura-se que, em diversos lugares da Guyenne, foram vistos, no ano de 1395, vários esquadrões de pessoas armadas se baterem à noite e ouvidos mesmo relinchos de cavalos, toques de cornetas, ruído de armas e gritos de combatentes».

Em *Legendes et Traditions Orales d'Alsace,* Jean Variot recorda diversas aparições desta espécie no seguinte trecho: «Numa *Histoire de Mulhouse,* escrita em princípio do século XVII por um notário dessa cidade, Henri Petri, e publicada em 1338 por Graf, trata-se das aparições dos exércitos fantásticos de Norfeld. Em 29 de Abril de 1508, elas se caracterizaram por um violento combate em que um dêles foi vencido e a seguir perseguido pelo outro até o Hartz. Durante quasi um mês, as mesmas lutas se repetiram no meio do dia, causando indizível emoção no país».

Mas deixemos «essas coisas da Bíblia», «essas superstições da Idade-Média», como dirão os «espíritos fortes», e passemos a casos bem mais recentes, para então chegarmos às explicações.

Citamos, para começar, um bem curioso caso tratado no livro da Sra. Crowe *Nightsides of Nature,* que podemos traduzir como *Os lados obscuros da natureza.* Ei-lo: «Verificou-se o acontecimento em Havarah-Park, perto de Ripley, em 1812. Os soldados estavam uniformizados; no meio dêles se achava um de uniforme vermelho. Depois de algumas evoluções, essa tropa marchou em perfeita ordem para o alto de uma colina, passando distante dos espectadores mais ou menos cem jardas (uma centena de metros). Compunha-se de umas cem pessoas e marchava em coluna de pelotões de quatro. Logo passou outra tropa ainda mais numerosa, uniformizada de farda escura, marchando atrás da anterior, mas sem hostilidade aparente. Os dois corpos, chegados ao cimo da colina, formaram então uma espécie de L e desapareceram no outro lado, sem que fossem vistos novamente. Naquêle instante, elevou-se uma fumaça que parecia ser a de uma descarga de artilharia.

Os espectadores começaram então a contar o que haviam visto e diz-se que a impressão que tiveram foi muito grande e que não podiam falar nisso sem emoção. Um deles é um rendeiro de nome Jackson, de 45 anos; o outro um jovem de 15 anos, chamado Turner. Parece que essa cena durou um quarto de hora; durante todo êsse tempo estavam eles de posse de si mesmos e trocavam observações sôbre o que viam. Eram homens de excelente reputação e de uma veracidade perfeita, de modo que nenhum dos que os conhecia duvidou do que eles haviam visto ou pelo menos do que acreditavam ter visto. Preciso é notar ainda que o terreno do lugar não é pantanoso, nem sujeito a exalações».

Êste outro caso é bem mais extraordinário, pois a visão foi percebida dias antes da batalha de que ela reproduziu, de antemão, as fases. Motley o narrou na sua obra *Rise of the Dutch Republic;* ei-lo com todos os seus detalhes, detalhes estes que nos levam a reproduzi-lo, uma vez que sucedeu também na idade-média, época da história que já havíamos deixado para trás. Conta o conhecido historiador norte-americano: «Nos primeiros dias de Fevereiro de 1574, cinco soldados da milícia burgueza de Utrecht, estando de guarda, pela meia noite, perceberam no céu, acima deles, a representação de uma furiosa batalha. O céu estava muito sombrio, com exceção de um espaço acima de suas cabeças, espaço esse igual, em extensão, ao comprimento da cidade e, em largura, a de um quarto de tamanho comum. Dois exércitos, enfileirados em linha de combate, avançavam um para o outro. O primeiro marchava com rapidez, do noroéste, bandeiras desfraldadas, lanças reluzentes, clarins soando, acompanhado de artilharia pesada e de esquadrões de cavalaria. O outro exército marchava lentamente, vindo do sudeste, como saindo de um campo intrincheirado, para encontrar os adversários.

Travou-se terrível combate durante alguns minutos; ouviram-se, distintamente, os gritos dos combatentes, as descargas da artilharia, o ronco da mosquetaria, o ataque dos soldados pesadamente armados e o galope da cavalaria. O firmamento tremia com o choque das armas inimigas e ensombrecia-se com as descargas rápidas da artilharia. Depois de um combate curto e mortífero, o exército que veio do noroéste foi rechassado em desordem, mas conseguiu recompor-se após curto repouso, formando colunas sólidas, e tornou a avançar. Seus adversários, dispostos, no dizer das testemunhas, em quadrado, constituindo densa floresta de lanças e mosquetes, esperaram o novo ataque. As coórtes aéreas chocaram-se de novo e as testemunhas, ofegantes, observaram, claramente, todos os sinais e ruidos de uma luta desesperada. Essa, porém, não foi longa; as lanças do exército de sudeste pareciam quebrar-se cômo débeis caniços enquanto que suas colunas eram repelidas em desordem ao chocar-se com o inimigo. A derrota foi completa; vencedores e vencidos desapareceram pouco a pouco e o espaço azul do céu, cercado de nuvens sombrias, ficou vasio. De repente, porém, apareceu um como fio de sangue que corria através dele, em largas torrentes vermelhas, por toda a extensão em que foi travada a batalha. A visão só desapareceu depois que as cinco testemunhas assistiram a todas as fases da luta, tendo tido mesmo tempo para trocar reflexões sôbre o que haviam visto.

Os graves magistrados de Utrecht ficaram de tal modo impressionados com a narrativa que lhes fizeram, no dia seguinte, as cinco sentinelas, que se acharam no dever de examinar formalmente os fatos e registrar devidamente os depoimentos de cada testemunha, feitos, todos, sob juramento. Consultaram-se mesmo grandes quantidades de livros de advinhação, etc., afim de elucidar o mistério que afinal foi considerado como devendo referir-se á batalha que seria travada entre o conde Luiz e os hespanhóis. Por conseguinte, quando se soube que os patriotas, avançando de sudeste, chegariam a Moorkerheyde e que os seus adversários, depois de terem atravessado o Meuse, em Grave, seguiam ao seu encontro, vindo do noroeste, o resultado da batalha foi considerado como inevitável. O combate fantástico de Utrecht foi considerado como o precursor infalível dêsse extranho combate.»

Ligou-se, com efeito, essa visão à batalha de Moorkerheyde ou Mook que foi travada em 13 de Fevereiro, isto é, apenas uma dezena de dias após. Os dois exércitos estavam numéricamente mais ou menos igualados e era, pois, difícil prever-se o resultado do encontro. O exército espanhol, comandado por don Luiz de Requesens, chegado a Mook, perto de Cléves (Maestricht), dois dias antes, lá se entricheirara, e o exército dos patriotas, comandado pelo conde Luiz de Nassau, irmão de Guilherme de Orange, então o atacara. Esse foi primeiramente repelido, mas se reuniu de novo e voltou audaciosamente ao ataque, sem conseguir romper as sólidas colunas espanholas que fizeram horrível massacre. O conde Luiz de Nassau, um dos seus irmãos, Henrique e outros cavaleiros buscaram e acharam uma morte gloriosa no combate quando viram que a luta estava completamente perdida.

A relação existente entre a descrição feita pelos cinco burgueses de Utrecht e a que os historiadores fazem da referida batalha parece então incontestável, como nota Motley, batalha essa que foi vista antes de ser travada, como se lê na supra citada obra, vol. II, parte IV, cap. I, pág. 561.

Casos recentes poderiamos citar, como o caso contemporâneo de Creta, narrado com abundância de detalhes pelo Capitão E. N. Bennett, antigo correspondente de guerra do Times e membro do parlamento da Inglaterra, que o investigou, com outras pessoas, no mês de Maio de 1929. Um século antes, isto é, em 18 de Maio de 1828, um bando de Sphakiotas revoltados sob o comando de seu chefe, Hadjimichalis, tinha sido rechassado, para a costa, por tropas otomanas. Gregos e Turcos penetraram em um velho castelo veneziano chamado Francokastelli, à leste de Sphakia, e, depois de terrível luta corpo a corpo, o bando cretense foi exterminado. Pois bem, os «homens de orvalho», como eram chamados, foram vistos, várias vezes, repetindo as cenas do combate.

Que explicação terão êsses casos, esses filmes, muitas vezes 100 % falados. Há, a respeito, várias hipóteses. O ocultismo nos fornece a explicação das imagens astrais, dizendo que, quando um sêr ou uma coisa desaparece, seu reflexo no astral persiste e reproduz a imagem dêsse sêr ou dessa coisa, etc., mas os casos narrados e outros de nosso conhecimento mostram que esta hipótese não póde ser aceita, não póde ser aplicada, por exemplo, ao caso da visão de Utrecht, que ainda não se dera no plano físico e não poderia, pois, lançar imagens no plano astral.

Frederic Myers, o grande metapsiquista inglês, assim se exprime acêrca do assunto: «Se há um mundo transcendental, há um aspecto especial do Passado e do Futuro, mais cheio e mais amplo do que êste mundo empírico. Poucos homens meditaram bem sôbre estes problemas do Passado e do Futuro sem se perguntarem se o Passado e o Futuro não são, na realidade, senão um nome», hipótese esta que parece também aceita por um sábio como Sir Oliver Lodge, que, a propósito da psicometria, assim se exprime: «Uma galeria de pintura cósmica (como lhe chama o sr. Myers) ou uma coleção fotográfica de tudo o que se passou e de tudo o que se passará no universo póde ser admitida, em certos sentidos, e póde ser aberta em parte e vagamente decifrável para a porção lúcida do automatismo ou de inteligência de uma pessoa em transe». (*Proceedings of the Society for Psychical Research*, 1895, págs. 337 e 592).

E Bergson, como filósofo, também admite que «As imagens dos acontecimentos não estão dispostas uma após outras como em um filme, mas em uma ordem diferente que não podemos imaginar nem conceber» (*Durée et Simultaneité*). É, em suma, a hipótese do «Eterno Presente», isto é, que não há Passado, Presente e Futuro, mas sempre o Presente.

Assim, como nós, espíritos imortais então na matéria, temos gravadas em nossos perispíritos todas as ações do nosso Passado, do Presente e ainda do nosso Futuro, ações que podem ser vislumbradas por pessoas em estado especial, também as nações, no éter ou espaço que a circunda, qual perispírito, têm gravados os factos, diremos, mais importantes de sua história.

Em certo caso narrado nos n.s 4 e 5 de 1900 da revista francesa *Annales des Sciences Psíchiques*, o pastor escossês Angus Macdonald viu um exército fantástico desembarcar na baía de Scanrish, exército êsse, agora verdadeiro, que só veio a desembarcar alí vinte e dois anos depois. Quando o pastor teve a sua visão muitos daqueles jovens soldados ainda não eram nascidos.

Que significam, afinal essas visões grandiosas na terra e no ar?

OBRAS DO ALTO

Leopoldo Machado

Há obras e obras...

Obras que são produto da vontade dos homens e obras que os homens entram nela para fazerem aquilo que os Espíritos não podem fazer.

As instituições da segunda espécie não passam, embora passem os homens que as construiram e as dirigiram.

O LAR DE JESUS parece que será assim.

* * *

Nunca fui caridoso, bonzinho, candidato a santo.

Assim, sempre fui um espírita como tantos, literário e vasio, palavroso e polemista, mais ou menos estudioso da Doutrina.

Casando-me, com mais de 30 anos, trouxe a querida esposa para o Espiritismo e ela arrastou-me para o espiritismo cristão de verdade, para o espiritismo de obras.

Primeiro, fundando os serviços de assistência social de cá.

Depois, o Albergue Noturno Allan Kardec.

Parecia-me que bastava...

* * *

Nas vésperas do Natal de 1940, leio em VANGUARDA um episódio doloroso assinado por Henrique de Magalhães. Levei o jornal para casa e dei-o a ler à esposa.

Depois da leitura, ergueu-se resolvida a ver a pobre viuva com oito filhos menores, residente num morro, no Rio, atrasada no aluguel do barraco e já ameaçada de despejo. E foi, efetivamente, com uma sobrinha.

Era a verdade tudo que o articulista dizia.

A' noite, na reunião de estudo, contou a assistência suas impressões e fez um apêlo de coração e para coração, a benefício da infeliz e de seus filhos.

Com os quatrocentos mil réis e pouco que arrecadou, voltou, no dia 24 de Dezembro, à casa da viuva, levou bonecas para as meninas, pagou os atrasados do barraco, entregou-lhes viveres e algum dinheiro...

Tanta foi sua impressão dolorosa que, chegando, trazia, também, uma resolução: fundar uma obra diferente, que não fôsse orfanato, mas um lar de Jesus para abrigar orfãos de pais vivos.

E lançou a idéia de público, na sessão da noite, que foi aceita por todos.

* * *

Saimos, no dia seguinte, procurando casa para alugar, afim de começarmos amparando a viuva e os oito filhos.

Andamos por Mesquita, Nilópolis e Anchieta, fóra Nova-Iguassú.

E nada de casa! E' que nós queriamos aproveitar o entusiasmo de todos, e socorrer, imediatamente, aquela infeliz e seus filhos.

* * *

Na próxima reunião, mediúnica, manifesta-se, por ela mesma, uma entidade que diz textualmente: «Esperem, sem precipitação, para fazer-se coisa definitiva. A seu tempo, aparecerá a situação que já está reservada para a obra. Calma!»

E, dirigindo-se a mim a entidade:

— Tua, a maior responsabilidade, no plano terreno, da obra.

* * *

Antes de findar-se a semana, aparece-nos um amigo, o Julio Chambareli, que nos diz:

— Perto de mim, no K 11, há um grande terreno e uma casa velha para vender. Vamos ver?

A casa, pequena e velha e o terreno medía mais de vinte mil metros quadrados. Ficamos surpreendidos. Era, na verdade, um dos lugares mais bonitos da cidade. Mas, aquilo devia custar, mesmo naquela época, muito dinheiro...

— Nada. O dono dá tudo por Cr. $ 26.000,00.

* * *

Pús-me a campo, confiado de que valia muita coisa para alguns confrades e amigos endinheirados. Abri uma lista entre 26 confrades, para que cada um assinasse mil cruzeiros. Foi bem a lista até o sexto. O setimo, talvez o mais abastado, achou que era dar muito dinheiro. Por não ter jeito para pedir, não fui adiante. Entrei no Banco Comercio e Industria e apanhei a importância emprestada.

Pago tudo e feito o arrolamento dos primeiros trabalhadores, voltou o Espírito e disse:

—Eu não disse? A obra não é de vocês. E' nossa. Vocês foram os escolhidos para dirigirem-na. Será obra para acender entusiasmos de muitos. Sua repercursão irá longe e muito dará o que falar. E, diretamente para mim:

—Vamos por a trabalhar a grande roda dentada, da qual tu és o eixo.

O Espírito, então comunicante, está hoje, reincarnado na familia.

* * *

—O nome da Instituição, qual deve ser? — perguntou sua idealizadora.

—O Nome? Só póde ser LAR DE JESUS, claro...

E o Lar de Jesus, que não foi o primeiro lar a surgir, mas foi o primeiro com tal programa, e com a altíssima finalidade que tem mantido, construiu-se num ano e seis meses, abrigando, ao inaugurar-se, 25 crianças.

Mais de vinte — muito mais! — lares inspirados, direta ou indiretamente, pelo LAR DE JESUS, se espalham pelo Brasil.

E muitas instituições mundaram tambem, a seu exemplo, a designação de asilos, ofanatos, abrigos, preferindo lar, ou outra designação menos humilhante para os abrigados, conscios de que Deus não orfaniza, nem desabriga, seus filhos mais rebeldes.

* * *

Sua fundadora principal desencarnou, vai já para três anos.

E eu era para desencarnar, o ano passado, como o espírito que já cumpriu, bem ou mal — penso que menos bem do que mal — sua prova.

Fui poupado pelo LAR DE JESUS, sómente.

Por isso, dentro de minha enfermidade — de que ainda não fiquei totalmente bom — sou um homem fóra de luta para outras coisas.

Menos para o LAR DE JESUS, que está, a estas alturas, em novas construções e reconstruções, orçadas em cr.$ 300.000,00, tendo-se gasto já, precisamente, CEM MIL CRUZEIROS.

Que o Patrono do LAR assista a quantos, cheios de boa vontade, envidam fôrças para leva-lo, com os olhos sempre para mais alto, a sua verdadeira função na terra brasileira, a bem da Doutrina que o inspirou.

Porque "Graças a Deus"?

Major Levino Cornélio Wischral

ASPIRANDO dilatar o exíguo horizonte espiritual, entregamo-nos, algumas vezes, a profundas e encantadoras meditações a respeito do incriado Construtor de todos os Céus, de todas as Terras e de suas magnânimas leis. Sem demora, porém, apenas cogitemos da nossa pobre personalidade sentimo-nos diminuidos e vexados ante tamanha grandeza e perfeição. Com tristeza chegamos, por isso, a interromper tão valioso êxtase.

Friamente fala-nos a consciência: que insignificância a nossa! quanta imperfeição e ignorância! quanta falta de amor! Positivamente, parece que invadimos felicidade alheia ainda não merecida.

Julgamos que, em nenhuma hipótese poderíamos ocupar o avançado degráu evolutivo que presentemente nos abriga; ao mesmo tempo sabemos não existir hipótese das leis do Eterno serem burladas. Assim, como se vê, alcançou nosso raciocínio um ponto morto donde urge sair. Balanceando as duas concepções chegamos à conclusão de que, por óra pouquíssimo sabemos; resta-nos levantar as mãos aos Céus e bradar bem alto, para que todos nos ouçam: «Como Deus é bondoso».

Falta-nos senso e lógica para bem aquilatarmos o grande amor que Deus dispensa às criaturas através de suas leis. Desobrigamo-nos, apenas pronunciando maquinalmente: «Graças a Deus». «Como Deus é bom!» ou então, admirados por algo imprevisto exclamamos: «Como o Pai é misericordioso e justo».

Quando, porém, o futuro ser humano, de evolução espiritual mais apurada, tiver desenvolvido outros sentidos complementares da alma, como a clarividência, que nos possibilitará a visão das causas passadas afligindo as criaturas no presente, então o áto demonstrativo da gratidão dos homens terá uma bem maior significação, pois, transformar-se-á em espontânea adoração a Deus. Nessa época teremos uma compreensão melhor das leis do Onipotente e, por conseguinte, um mais amplo contáto com os chamados «designios do Senhor».

No entanto, qualquer dádiva celeste ou qualquer percepção nova só nos será entregue quando a merecermos e no momento preciso de a assimilarmos.

Quanto mais progredimos mais admiramos a simplicidade e retidão das eternas leis que regem o Universo. Qualquer ato ou pensamento de Deus enquadra-se numa única e imutável lei: a do Amor!

Pela enfermidade e pelos tormentos somos compelidos a ajustar-nos a função da sublime máquina da Lei de Deus, cujas engrenagens de amor, a Providência eternamente faz mover para nos beneficiar. Porém, a maneira pela qual o amor divino, única razão de ser do Universo, é distribuido pelo Pai até o mais ínfimo da sua criação, ainda não entendemos. A vida eterna que anima e pulsa no átomo é obra de amor do Pai; êsse mesmo amor impulsiona toda a imensa família cósmica. Em tudo se observa o estímulo do Alto, tudo se movimenta para alcançar a perfeição.

De todas as filosofias religiosas, de qualquer seita, doutrina ou crença, sómente o Espiritismo deixou a concha dogmática para fazer luz, saciando os desejos do homem inquiridor com explicações naturais e insofismáveis, antecipando-se na demonstração e solução de problemas considerados insolúveis e que só se tornariam claros, à vista de todos, se desenvolvido o ente humano com aquele sentido novo.

As questões mais crucianțes da Terra — dor e sofrimento — encontram explicações claras e verdadeiras. Não mais subsistem dúvidas. Ao espírita, seja ele cientista, intelectual, humilde ou simples, não mais é permitido dizer: «Ele sofre injustamente»; «pagam os filhos pelos pais»; ou então: «é uma iniquidade esta inocente criança morrer apenas tenha nascido» e, outros tantos absurdos.

Não vos assusteis. Em curtos anos o mundo adiantar-se-ia, dando gigantesco passo de mil anos ou mais sôbre o progresso material, moral e espiritual se os homens seguissem as coerentes e claríssimas revelações explanadas, com exemplos vivos, nos centros mediúnicos. Por ser tudo tão simples é que nada compreendemos; apreciamos assuntos embaraçosos e enigmáticos.

Sabemos que antes de reencarnarmos é o espírito submetido nos sanatórios do espaço aos mais complexos processos destinados ao esquecimento total de todas as vidas passadas. As nossas ações, boas ou más, de centenas de vidas são imersas no poço do esquecimento, isto porém, transitóriamente. Em ocasião necessária ressurgirá à nossa frente, em fração de minutos, o arquívo que nossa alma elaborou em longos anos de sacrifício.

Graças a Deus, temos a impressão ser esta a nossa primeira vida sôbre a face da Terra; nenhuma passada lembrança perturba o presente; nenhum sentimento menos puro, de vidas transatas, nos influencia; é uma existência completamente nova, assim julgamos. Entretanto é esta, quem sabe, uma das milhares de encarnações, oportunidade, aliás, concedida pela complacência do Pai que, para bem a aproveitarmos submerge nossa memória no olvido. E assim, sem o sabermos vamos nos purificando.

Que barafunda seria se pudessemos ver o que fomos e o que os outros foram em encarnações anteriores! Que confusão, desordem e angústia se enxergássemos na pessoa de nossas relações, sua vida passada, seus pensamentos? Tivessemos êsse atributo agora nenhuma esmola dariamos ao paralítico ou ao aleijão, pois que, veriamos não um paralítico ou um deformado, porém, um criminoso ou um monstro de nefasto delito ocupando corpo entrevado. Nenhuma lágrima seria enxuta de doente ou aflito; a caridade e o amor enferrujariam seus sentimentos. Teriamos a nossa frente, não um nosso irmão doente, desorientado e necessitado de assistência mas, focalizariamos nêle o indivíduo da vida transata. Veriamos nêle o mau, o assassino, o degenerado. Não o compreenderiamos em missão de penoso resgate.

A esses indivíduos desprezariamos com repulsa ou os atacariamos violentamente com todo o nosso ódio e rancôr. Sim, fariamos tudo isso se, sem o devido preparo, pudessemos usurpar certos dons que, na certa, no estado atual, não saberiamos utilizar. Graças a Deus é-nos oculto o passado deles e também o nosso. A clarividência virá quando o homem souber resistir ao impulso de humilhar seu próximo.

São extremamente felizes os que, cismáticamente investigam, interrogando a si mesmos: que teria sido eu na última vestimenta carnal? por que nascemos sofredores e enfêrmos?

Graças ao Pai misericordioso estas martirizantes indagações são-nos reveladas através de verdades resultantes do intercâmbio com o plano invisível. A melhor fonte para os estudiosos bem intencionados, será encontrada, como é natural, nas sessões espíritas e, de preferência, onde os espíritos sofredores incorporados aos médiuns vêm expôr com minúcias seus tormentosos problemas. Geralmente nêsse contáto dá-se o grande despertar e não mais resistimos, daí por diante, ao raciocínio e à meditação a respeito.

E' deslumbrante e inimaginável o que se passa em fração de minutos; é um autêntico filme do secular livro da vida de cada espírito a se projetar nitidamente sôbre luminosa tela, em quadros vivos, coloridos, falantes e sentidos. E' todo um longo passado vivendo dentro de instantes do presente. Há quem se vê reportado à idade em que Jesus Cristo viveu entre os homens na terra ; há os que se identificam atuando pela época da inquisição ou se divisam ao tempo da tomada da Bastilha. Há os que se vislumbram entre cruzes de um cemitério, ao lerem o seu próprio epitáfio.

Escapa-nos a concepção de como tudo isso se realiza instantaneamente. Rememora-se de um só golpe o gigantesco monumento de atividades de um sêr humano edificado em séculos sem fim. Todos os inquietantes porquês aí se aclaram. Cada qual vê os bons e maus frutos que semeou. Quantas vezes já nos teriam sido mostrados quadros terríveis e vexatórios de nossas vidas passadas ? Quem o sabe ?

A Lei de Deus aí se apresenta, exigindo de nós até o último til ou o último jota, colocando todos os pontinhos nos i i; isto se faz, graças a Deus com o propósito de convidar-nos a novas reencarnações de resgastes. E por isso, eis-nos aqui no bendito cadinho da purificação, redimindo culpas passadas e presentes. Não há outra senda que nos leve até o Pai.

Nessas sessões, o espírito conturbado por anos de sofrimento nas trevas, no inferno por si mesmo criado, expõe através do médium à assistência, sem evasivas, o seu pretérito amargurado. Com clareza meridiana tudo êle vê ; sua confissão é espontânea e chocante causando, nos que o ouvem, algumas vezes, reações menos dignas em vez de compaixão. Uma vez esclarecido pelos guias escutam-se os mais sinceros «Graças a Deus» ; ouve-se, numa fusão de lágrimas de contentamento e de remorso o doloroso desabafo ; «Sim, desprezei o amor que Jesus ensinou ; sou indigno de amparo, devo sofrer».

Não existem palavras capazes de revelar a exultante gratidão dêsses sofredores quando se sentem isentos do martírio e da dor. Nem milhares de «Graças a Deus» recompensariam êsse ato amorôso do Altíssimo.

Lógicamente que os sofredores não vêm ao centro para serem doutrinados, nem tão pouco para serem esclarecidos pelos pobres e imperfeitos doutrinadores. Nem se apresentam para receber «caridade» no dizer de outros. Eles comparecem, graças ao Pai justiceiro, para iluminar os homens ; para nos mostrar o que sucede áqueles que rejeitam o Evangelho. São êles que vêm nos alertar abrindo-nos seus corações sangrentos. Se não fosse por êsse áto piedoso de Deus, todos os espíritos, absolutamente todos, seriam esclarecidos no espaço. Só exclamando bem alto com todos os nossos pulmões : «Como Deus é bondoso !» O estarmos encarnados é substancial motivo para perenes louvores.

Uma vez doutrinados, são os espíritos conduzidos ao «reino dos mansos e humildes» em preparativos de novos renascimentos destinados à prática do amor pelo próximo até hoje não exercitada.

Muitas das nossas dúvidas encontram solução no penar dos espíritos presentes à sessão. São angustiosos rosários de lamentação, arrependimento e desespêro que nos induzem a maior vigilância, a ensinamentos novos e até a exáta interpretação do Evangelho. Esta antevisão indica-nos o rumo certo.

Cada espírito em presença do inconfundível panorâma de desastres e êrros é possuído de ansiada vontade de reparar imediatamente todo mal causado.

Grandes lições aprendemos na desgraça alheia.

Sabe-se que o desejo de se corrigir e estabelecer o apaziguamento com todos é tão premente que os espíritos solicitam as mais duras provas e as mais pesadas expiações para se redimirem de suas faltas.

Mencionemos alguns exemplos para finalizar.

Um pede para nascer e tornar-se morfético para se ver isolado pela sociedade, pois que, em vida terrena se insulou também no castelo intocável do orgulho e da presunção.

A outrem é o cancer que devora a garganta, entre lágrimas e dolorosos gemidos roucos, sem articular palavra. Apenas esclarecido tornaram-se perceptíveis suas palavras. Confessa ter proferido, pelos órgãos vocais óra em decomposição, a maldição e a discórdia, tão só para satisfazer-se no gôzo das angústias alheias.

Há aquêle que passou longa existência como surdo por não ter dado ouvidos a insistentes súplicas de pobres necessitados. Cercara-se de uma atmosféra de egoísmo.

Lembramos o cego de nascença que em passada existência terrena, deleitou sua vista apreciando obcenidades; desperdiçou precioso tempo, pois, tudo observara pelo prisma da maldade.

Para que certa irmã, com a missão de médium passista, não mais se transviasse por motivo de sua beleza física, que a jogou à sargeta, reencarnou-se com os mesmos encargos ; porém, a fim de bem resistir às tentações e poder trabalhar em paz pelos enfêrmos, implorou que, em época própria, fôsse seu pescoço deformado com um papo salvacionista.

Outro apresentou-se manêta de ambas as mãos ; relatou-nos sua triste história : violentara inocente criança, submetendo-a pela fôrça de suas mãos gigantes.

O insensível, o apático, o indiferente pelo infortúnio alheio, geralmente reencarna demente.

Eis uma pequena mostra da justiça divina e de como se colhe o que foi semeado. Graças a Deus êstes irmãozinhos vêm despertar-nos para uma vida mais pura, mais amorosa e mais fraterna.

Por eles o nosso «Graças a Deus !»

Os Grandes Conflitos do Pensamento Moderno

De «SPIRITUALISME MODERNE»

Tudo muda, tudo evolue contínuamente no vasto Universo, em obediência a *Leis Naturais* que nossas Ciências têm por objeto descobrir e precisar.

No domínio puramente material, é por uma lenta Evolução que nascem, vivem e morrem as nebulosas, os sóis, os planetas como o nosso. E nós sabemos, sem dúvida alguma, que tempo longínquo houve em que a Terra era absolutamente inabitável a qualquer ser vivente.

Como poude se operar a semeadura da VIDA no momento em que a Evolução cosmogônica, geológica, climatérica do nosso globo começou a torná-la habitável ?...

Para responder a esta pergunta nós só dispomos de hipóteses, das quais a mais antiga, a mais simples, a que primeiro acudiu à inteligência nascente da Humanidade primitiva, foi a hipótese chamada *«creacionista»*, inteiramente resumida num: «Fiat lux» !... e «houve a luz» ! ou : «Que seja feita a luz ! e a luz foi feita ! ..» e assim do mesmo modo para tudo o que sucessivamente existiu. Esta hipótese, respeitável pela sua antiguidade, parece ceder hoje lugar a do «Emanatismo», de que diremos uma palavra, e não vemos outras possíveis.

Mas a Evolução não rege sómente o reino mineral e o reino da Vida, ela rege também o desenvolvimento da Inteligência humana e do Pensamento, por meio de *leis* que apenas começamos a entrever, e das quais sentimos a necessidade.

Não cometeremos o êrro de considerar estas leis como sendo «sobrenaturais» ou «extra-naturais», pois razoavelmente nada póde existir de extra-natural numa *natureza* que engloba o Universo inteiro, com tudo que êle contém de *matéria* e de *pensamento.*

Nossas Ciências, outros frutos da Evolução, chegam a sondar o passado até uma vintena de mil milhões de anos para fixar a época provável em que a Terra devia conquistar sua autonomia como planeta distinto do resto do Universo.

A Paleantologia fixa aproximadamente um passado de dois mil milhões de anos para o aparecimento da Vida em organismos elementares compostos de uma célula única, ínfimo glóbulo de substância albuminoide capaz de se desenvolver à custa do meio exterior e de reproduzir-se indefinidamente por simples fragmentação ou cissiparidade.

Quanto à Inteligência humana, seu nascimento é bem recente relativamente a êsses imensos períodos geológicos e biológicos. Acreditam ter descoberto, com esqueletos fósseis, datando de duzentos ou trezentos mil anos, vestígios de uma inteligência rudimentar que permitia a nossos longínquos antepassados produzir o fogo e fabricar alguns utensílios bem simples.

Mas para a história desta inteligência após os tempos realmente prehistóricos até ás épocas que viram aparecer os primeiros documentos escritos, tais como os hieróglifos e os mais antigos livros chamados «sagrados» da Índia, Persia e Egito, etc., nós ignoramos quasi tudo, e não é sem razão que denominamos êsse período: «a noite dos tempos!»

Portanto, essa longa noite não podia ser indefinida visto que já, como sempre, as leis da Evolução deviam reger todo o Universo no seu conjunto como em suas partes. Essa noite desvaneceu-se, pois, pouco a pouco, ante uma verdadeira «aurora» do Pensamento humano.

Pelo menos é curioso e instrutivo constatar que os primeiros balbucios dessa inteligência nascente se tenham então ligado ao problema da origem do Homem e seu destino. — Com efeito, sob as formas as mais diversas, e nas mais bizarras manifestações, nossos antepassados dessas épocas parecem ter praticado certas Religiões, tendo todas por base a *crença* numa Divindade creadora e numa sobrevivência do «eu-pensante» humano.

Êste fato está incontestavelmente revelado nos mais antigos relatos por manifestações culturais e por cerimônias fúnebres. Sabe-se, por exemplo, que os antigos Egipcios muniam seus mortos de víveres para... um outro mundo; que os antigos Greco-Romanos sepultavam seus defuntos com um óbulo destinado a pagar a passagem do Styx (rio) para entrar nos Campos-Elíseos, onde os Juizes infernais deviam dirigir equitativamente os falecidos, segundo sua conduta moral durante a vida, para espécies de «paraísos», «purgatórios», ou «infernos» eternos, onde seriam submetidos aos suplícios de Tântalo, Sisypho, etc. O sexto canto da «Eneida» disso nos deixou uma descrição pitoresca suposta provir de um Espírito, à Sombra do velho Anchise, defunto pai de Eneia.

Em resumo, nos mais remotos tempos (sómente alguns milhares de anos) onde quer que os Arqueólogos prescrutem o passado relativamente recente, a História da Humanidade se confunde quasi com a de suas Religiões. Também sabemos que em todos os tempos, como hoje, houve «crentes» e «incrédulos», entre os homens, materialistas e espiritualistas, mas então os crentes e espiritualistas pareciam ser a grande maioria.

Hodiernamente assistimos à decadência geral e clara, sinão da essência mesma do «sentimento» religioso ao menos da *fé absoluta* no ensino cristalizado de dogmas pretensamente intangíveis.

A reserva aquí assinalada e concernente a um *íntimo* sentimento religioso dos homens em geral, justifica-se por numerosos fatos que ocorrem todos os dias sob nossos olhos. Por exemplo, existem pais que abertamente fazem profissão de ateismo e mandam seus filhos praticar uma religião.

Mesmo ao tempo de Cícero, a maior parte de intelectuais continuavam, por rotina, a praticar o culto de seus deuses em que de todo já não acreditavam. O mesmo fato tende a se generalizar em nossos dias em todas as classes sociais. Maquinalmente professam doutrinas em que não mais acreditam.

Sôbre a Terra, a Evolução da Vida em geral certamente marca um *progresso* contínuo e não uma *regressão,* desde o aparecimento dos primeiros seres viventes até nós. Mas será então a Verdade pura variável com as épocas, como Pascal constatou que as verdades humanas são variáveis com os graus de longitude e de fronteiras??? Ou será a tendência atual para a irreligião um «progresso» ou «regressão»?

Anticientífica e irracional seria a hipótese duma verdadeira «Evolução regressiva» do Pensamento, da Inteligência, quando neste domínio nos constatamos tão grande progresso e melhorias em todos os ramos: nas Artes, da caverna do Troglodita aos nossos palácios; nas Ciências, da Física de Aristóteles à atômistica moderna e á Micro-Física; na Filosofia, de Sócrates a Bergson, por exemplo...

Mas a reação que se generaliza contra os ensinos das Religiões nada mais será do que um progresso, pelo menos uma etapa transitória cujo propósito é finalmente estabelecer uma justa distinção entre o que há de verdade e o que há de errônio nessas doutrinas, em vez de tudo rejeitar em bloco?

Essa rejeição total resulta do êrro que cometem os encarniçados detratores de todas as Religiões, partindo do falso princípio: «Ab uno disce omnes!» ou: «Por um só aprende a conhecer todos os outros», e que dizem: «Tal ensino, sôbre tal ponto particular, hoje é reconhecidamente falso.. *portanto* êsse ensino é falso em toda linha!»

Mais lógico seria estabelecer um balanço das verdades e êrros até aqui ensinados baseando-se sôbre os dados de nossas Ciências, sempre em progresso.

Assim, visto sabermos já que a Evolução é bem uma lei natural e universal, bem difícil é imaginar que a Evolução de um *ser pensante* possa desenrolar-se inteiramente em alguns anos de vida humana, quando tantos milhares de anos foram necessários para chegar ao ponto em que estamos. Daí esta concepção (que ao menos se póde considerar como hipótese de trabalho) *entrevista* desde a mais remota Antiguidade, depois *afirmada* por homens qualificados «Grandes Sábios», tais como Sócrates ou Platão entre outros, e enfim *provada* por modernas observações e experiências, que:

TODO ESPÍRITO PREEXISTE AO NASCIMENTO DUM CORPO ORGÂNICO, E CONTINUA SUA EXISTÊNCIA APÓS A DESINTEGRAÇÃO DO ORGANISMO.

E' êste o princípio da «palingenésia» ou das «vidas sucessivas» em múltiplas reencarnações, *princípio admitido por nossos avós Gualeses, pelas imensas populações atuais de quase todo Oriente, e mesmo pelos Padres da Igreja Católica até o quarto século.* — A palingenésia foi depois condenada por esta Igreja, mau grado os claros ensinos de seu fundador, e sob o único pretexto de «moralizar» mais energicamente os povos pelo temor de eternas condenações após uma única existência, por mais breve que seja!

Si se admite êste princípio (não confundir com a antiga metempsicose), tudo facilmente se explica. Tudo o que poderia se opôr à suprema Justiça nas leis naturais, torna-se facilmente compreensível pelo fato da Evolução lenta, mas certamente progressiva de cada «individualidade psíquica» cuja idade verdadeira está bem longe de coincidir com a idade aparente.

E como explicar o fenômeno excepcional, mas evidente, dos «meninos prodígio» a não ser por uma «acidental» reminiscência duma vida anterior?

Aí também se encontra a explicação da coexistência perpétua dos que *sabem* e *compreendem*... muitas coisas em confronto com os que *não* sabem e nem compreendem... *ainda.* — Eles não têm a mesma idade verdadeira, eis tudo!

Dr. Maurice Delarrey.

Almas Algemadas à Terra

The Two Worlds

Por E. Oaten

QUANDO nos convencemos não ser a morte uma recompensa nem uma punição, mas precisamente um incidente natural na vida eterna, êste conhecimento revoluciona nossa apreciação de valores.

No decorrer dos séculos, os homens foram induzidos a ver a próxima fase de nossa existência em termos de recompensa ou castigo («bem-aventurança ou desdita»).

A morte foi considerada a consequência do pecado, esquecido o fato de arrebatar ela indistintamente pecadores e santos, mas como explicativa, dizem-nos: «Ah! os santos vão para o céu, à felicidade — os que não se salvam, para o inferno e tormento. Ambas as explicações são falsas. Ninguém, no momento da transição, encontra a bem-aventurança eterna ou eterno sofrimento.

A morte póde ser comparada ao trem da vida terrestre que chega à estação, onde o passageiro baldeia para outro trem para continuar sua eterna viagem. O seu ambiente se modifica e isto muda sua perspectiva, porém êle é o mesmo passageiro.

As concepções rígidas e truncadas da vida futura que persistentemente foram através de séculos ensinadas aos homens, presentemente devem ser substituidas pela idéia mais exáta de ser a vida progressiva. Esta idéia muito se robusteceu desde que o Darwinismo se tornou geralmente aceito. Mas as decrépitas idéias teológicas devem ser responsabilizadas por numerosas almas boas que durante séculos se conservaram presas à terra, após o desencarne. A morte as arrebatou e elas não conseguiram encontrar o céu pictórico que lhes fôra prometido. Elas não foram levadas à presença do grande Deus pessoal, ou não foram imediatamente recebidas pelo Salvador ao qual sinceramente amaram. Não estavam, pois, no céu que esperavam. A transferência não lhes trouxera a realização de sua esperança. Sómente houve mudança em seu ambiente, e isto meramente em sentido parcial. Por consequência a morte, concluiram elas, ainda era algo a sobrevir. A sua reação natural era que elas deveriam continuar a viver e agir até que lhes sobreviesse a morte inevitável, e isto frequentemente se verificava entre seus velhos meios familiares.

Eu gosto de visitar velhas abadias, castelos e catedrais. Êsses velhos lugares me fascinam. Com amigos realizei muitas sessões em semelhantes meios, e, frequentemente, libertámos muitas almas chumbadas à terra.

Tive tais experiências com Ellen Green, médium.

Geralmente pensam que só espíritos pecaminosos, indígnos ou degenerados, é que ficam agarrados à terra, mas não é êste necessáriamente o caso. Pessoas espiritualizadas, caridosas podem assim permanecer durante séculos. A situação é determinada pela sua atitude mental em vez de o ser pela qualidade de caracteres.

Certa vez fui visitar Furness Abbey—antiga e importante ruína! Alí estava eu sentado tranquilamente, quando percebi uma procissão de monges, dirigindo-se do refeitório à Igreja. Ouvi os cânticos gregorianos—mas não pude apanhar as palavras latinas. Estavam êles ainda exercendo sua velha prática de louvar e orar a Deus, e parece que, durante séculos, têm êles estado a perpetuar êsse rito, encontrando completa satisfação em suas práticas e disciplinas monásticas. Êles não pareciam infelizes. Seu amor e interêsse chumbaram-nos aos seus velhos retiros. Êles estavam exatamente ligados à terra. Não existe algema mais forte do que uma mente fechada que pensa estar com a verdade.

A mente que tem idéias fixas e funda todo o seu futuro sôbre promessas que supõe de origem divina, considera todas as tentativas no sentido de demovê-las de suas falsas concepções, como tentações do diabo. Assim, a rigida e falsa teologia, maior número de profitentes fixa à terra e impede seu progresso espiritual, do que os êrros e apetites carnais. Não há homem mais inabordável e impenetrável à nova verdade, do que aquêle que julga divinamente inspiradas suas concepções teológicas.

Eu sei que vou provocar contraditas! Dir-me-ão, provavelmente que em Furness, eu entrei em contacto com «registro de cenas» de passado morto. Tenho bastante experiência que me permite discriminar entre memória pictórica e espíritos vivos. Alguns destes perceberam minha presença, e sem abandonar seus lugares na procissão, fixaram-me e seus olhares deram-me a entender que me consideravam como um intruso em seu patrimônio privado. Porém êles não abandonaram suas disciplinas.

Também tenho visto sentinelas e guardas no exercício de seus deveres em velhos castelos. A disciplina rígida póde, por longos séculos, algemar homens a velhas cenas.

Naturalmente há legiões de espíritos que procuram libertar tais almas, mas a fiel sentinela não se deixará demover por conselhos sedutores. Sua mente está fixada! Êle é inabordável! Do mesmo modo, em velha casa de fazenda poder-se-á encontrar velha camponêsa, sentada junto à lareira a fazer meias—contínuamente urdindo sua lã imaginária, com agulhas também imaginárias. Algemada à terra! Sómente desejando que a deixem só com sua ocupação.

Sim, eu gosto das ruínas de nossos antigos monumentos, mas algumas vezes desejo que, em lugar de serem conservadas e protegidas, fossem demolidas, pedra por pedra, porque muitas vezes são cárceres para almas estacionárias. Essas ruínas duram séculos e possuem seus duplos etéreos, mas se destruissem a forma material, provavelmente o correspondente astral rapidamente se dissolveria. Ademais, essas cousas não existiriam, si todos soubessem que a vida é progressiva, através de muitos planos ascendentes, e que a mente e alma deveriam ser preparadas, durante sua estadia na terra, a agarrar todas as oportunidades para subir por passos ascendentes.

A verdade é que o futuro do homem depende dêle mesmo. Êle não terá inferno, exceto o por êle mesmo feito. O seu céu será aquêle que creou. E se êle estiver contente com sua presente sorte e com ela se identificar, êle se tornará auto-impressionado pela ação de sua própria vontade e desejo. Não será de todo desventurado! Mas justamente «algemado à terra».

A Sobrevivência do Homem

Pelo Dr. Martins de Oliveira

EU não sou mais — disse-me Fugairon, quando lhe solicitei uma entrevista (1) — do que esse modesto doutor em ciências naturais, que passou a maior parte de sua vida a estudar as formas e as funções de todos os sêres viventes.

Dêste estudo, tão vasto como atraente, dois fenômenos fisiológicos especialíssimos tentaram a minha atenção: a formação dos germens e a morte — o princípio e o fim de cada sêr vivo. E' no decurso dêsses estudos repletos de beleza, tenho perguntado muitas vezes a mim próprio se não existirão certas relações observáveis entre estes dois fenômenos.

— Se não me engano — interrompí — Vossa Excelência já expôs o problema no seu magnífico livro «La survivance de l'homme et des êtres vivants selon l'histoire naturelle».

— Sim, já o expus e até com certo desenvolvimento. Apesar disso, considero a obra incompleta e desejo fazer melhor...

— Quando?

— Não sei. As dificuldades do momento que passa não permitem a realização de determinados estudos, especialmente quando êles, como sucede com os meus, se orientam numa direção que forçosamente surpreende a maior parte dos homens. Como não me compreendem, combatem-me.

— Espiritualistas ou materialistas?

— Uns e outros. Êstes, porque imaginam conhecer todos os mistérios da matéria; àquêles, porque supõem não ignorar coisa alguma das complexidades do espírito.

E, após curto silêncio, o grande naturalista continuou:

— Os materialistas são, contudo, os que mais contrariam os meus trabalhos, porque se julgam na posse de todos os segrêdos da Natureza. Mas eu, desta vez, vou apresentar a questão sob um aspecto diferente, de modo que êles — os verdadeiros negadores *à priori* — comprendam que a sobrevivência do Homem é um problema independente de todo o sistêma filosófico. Hei-de levá-los a concluir que se trata apenas de uma questão de história natural, de que os sábios, ainda os mais materialistas, podem e devem ocupar-se.

Ensina-nos a cosmografia — acrescenta Fugairon com entusiasmo — que se têm podido contar no Céu mais de cem milhões de estrêlas. Ora essas estrêlas não são, na relidade, senão outros tantos sois, em torno dos quais, como sucede com o nosso, gravitam diferentes planetas — mundos de vários tamanhos, semelhantes á Terra em que vivemos. As estrêlas, como se sabe, são imensas bolas igneas, circundadas, como o Sol do nosso Sistema, por certo número de satélites — os planetas — globos mais pequenos do que elas, compostos de matéria rochosa e de múltiplas outras substâncias, de que os aerólitos capturados pelo nosso planeta nos dão uma idéia aproximada.

A Terra, como ninguém ignora, é habitada por duas espécies de seres vivos — os animais e os vegetais. Ora, se nos detivermos uns segundos perante um vulgar mapa celeste, veremos que o nosso mundo não passa de um mísero planeta no nosso Sistema Solar. Asfixiado por uma atmosfera densíssima, o nosso globo deve parecer no espaço um mundo morto e frio. As suas dimensões, comparadas com as de Saturno e Júpiter, podem considerar-se miseráveis. Em relação à grandeza cósmica, a Terra pode supor-se um mesquinho grão de poeira inútil, perdido invisilmente na magestosa vastidão do infinito.

---

(1) *Mundo Ciêntífico*, 1.º volume, págs. 166 e seguintes.

— E que se conclui daí ?

— Se sabemos que o nosso mundo é habitado e admitimos que outros planetas do nosso sistema o sejam (1), porque não havemos de admitir também que outros astros, gravitando em torno de outros sóis, o sejam igualmente ? O fenômeno da vida será uma exceção apresentado unicamente pela nossa pequena Terra ? O universo inteiro será composto apenas por enormes bolas de fogo, circundadas por mundos frios, onde só existam áridos rochedos e matéria sem vida ?

O simples raciocínio é suficiente para responder a estas perguntas.

— Crê, então, que o nosso mundo não é o único habitado no imenso espaço interstelar ?

— Creio. Mas porque me faz essa pergunta, conhecendo, como conhece, o assunto muito melhor do que eu ?

— Precisamente para ver confirmadas por um grande sábio as minhas próprias teorias.

— Pois claro que vê. A nossa Terra não é uma exceção. Todas as terras do universo, num periodo próprio da sua existência, são habitadas por seres vivos. O fenômeno da vida manifesta-se — está demonstrado — onde lhe é possivel manifestar-se. Não é admissível que essa manifestação só possa realizar-se no mundo em que vivemos. Isto é evidente.

Depois, como que a reforçar a sua opinião, continuou :

— Os bilhões de planetas que gravitam em torno das estrelas de todo o universo, oferecem uma variedade infinita de condições de existência, de que certamente se aproveitam os inúmeros seres que os povoam. E êstes sabem adaptar-se — demonstra-o a história da Terra — às mais difíceis condições de vida que possamos imaginar. Essas condições não variam só de planeta para planeta, mas também — para ilustrar os terrestres — sôbre cada planeta, segundo as diversas regiões e as várias camadas geológicas. Em cada região e em cada época os seres vivos sabem adaptar-se às diferentes intensidades do calor, da luz, da gravidade e até da fôrça centrífuga. Êles adaptam-se igualmente ao mundo físico onde vivem, ao meio eletro-magnético onde se movem, à densidade do planeta onde nascem.

Tôdas estas adaptações produzem nas formas fundamentais da vida as variações morfológicas das classes, das ordens, das famílias e dos gêneros em que as espécies extra-terrestres, inimagináveis para nós, se acham naturalmente divididas e forçosamente selecionadas.

Eu, nesta altura da lição, ia a fazer uma pergunta ; mas o mestre, como que adivinhando o meu pensamento, prosseguiu :

— A conclusão a que se chega, estudando demoradamente o assunto sob o seu aspecto natural, é de que há no espaço um número incongnoscível de planetas habitados e — o que parece menos lisongeiro para nós — cujos organismos selecionados pelo tempo e pelo meio devem ser muito superiores aos que se encontram na Terra.

Esbocei nova pergunta ; mas Fugairon, que não gosta de ser interrompido, atalhou logo :

—De todos os organismos terrestres, os mais perfeitos debaixo do ponto de vista das funções nutritivas, são as aves. Os mamíferos mostram-se superiores na reprodução ? E' certo. Mas...

— Mas...

— Nas funções de relação em que os homens deviam ser inultrapassáveis, têm-se visto animais mostrar-se muito superiores. O sentido do olfato, no cão, é tão desenvolvido que nos confunde. A perfeição da vista na águia e em muitas outras aves de rapina, deixa-nos maravilhados. O sentido tátil dos animais privados do órgão visual ou que vivem na escuridão, causa-nos a maior surprêsa.

A seguir, olhando-me frente a frente, como se eu quisesse contradizê-lo, perguntou :

— Que admira, pois, que os habitantes de outros planetas possam dispôr de sentidos mais perfeitos que os nossos

---

(1) Vide «*Marte é habitado ?*», por Martins Oliveira.

— mais perfeitos dos que os que conhecemos e estamos habituados a admirar nos habitantes da Terra?

E como eu, num gesto vago, pareci concordar com êle, o eminente sábio afirmou:

— As mesmas diferenças e perfeições podem conceber-se, também, quanto aos órgãos da nutrição e respiração extra-terrestres que habitem outros mundos. Não me repugna admitir que os organismos planetários não só tenham os sentidos mais aperfeiçoados do que nós, mas ainda me parece lógico atribuir-lhes a posse de particularidades especiais que nos são — a nós terrestres — absolutamente incógnitas.

Tudo o que temos arrancado à natureza não é nada, se compararmos as nossas aquisições científicas com o muito que ignoramos.

Para aquém de quatrocentos e oitenta e três biliões de vibrações por segundo e para além de setecentos e cincoenta e seis bilões de ondulações no mesmo espaço de tempo, toda a vida exterior, para nós, para o olho humano, é um autêntico mistério.

— Então, se eu pintar um objeto com uma côr de inferioridade vibratória à do vermelho ou superior aquela que faz notar o violeta, èle será invisível?

— Absolutamente, salvo se utilizarmos instrumentos especiais. Mesmo assim, o que ficava por ver continuaria a constituir uma vastidão incompreensivel. Mas espere... porque finge ignorar conhecimentos que lhe são tão familiares e me interrompe frequentemente, só para me ouvir confirmar aquilo que não desconhece?

— Porque tenho de encarar o papel do mais inculto dos meus leitores e arrancar-lhe, com a maior clareza possível, as suas explicações. Não se trata, portanto, de me instruir a mim, mas de se fazer compreender por um grande número de pessoas, algumas das quais podem não possuir o menor preparo elementar das ciências naturais.

—Está bem. Suponhamos, então, um organismo vivo que, dispondo de novos sentidos, pudesse fácilmente iniciar-nos em toda a série de movimentos ou vibrações, que se acumulam, invisíveis, na imensidade incalculável que acabo de citar. Se assim fôsse, que admiração não seria a nossa e a que estranho meio não seriamos nós transportados, só porque em dado momento nos era permitido observar uma pequenina partícula da fantástica grandeza que ignoramos?

Êste organismo vivo — prossegue Fugairon — existe certamente em qualquer parte, visto que, um dia ou outro, aquí ou acolá, teve todas as possibilidades de se realizar na imensidade cósmica...

— Mas nunca ninguém nos falou, — interrompi eu — em semelhante maravilha!

— Está enganado! — Atalhou prontamente o professor.

Depois, no tom amável de quem ilucida um camarada, continuou:

— O Dr. Huxley, numa página admirável, julgou possível a existência de seres moral e intelectualmente muito superiores a nós. Nesses seres, segundo êle, a consciência subiria a um grau tal, que ultrapassaria a consciência humana, como esta ultrapassa hoje a do inseto mais ínfimo.

— Haverá, na realidade, essas criaturas de eleição? — perguntei eu, com o objetivo de obter certos detalhes.

— Tudo leva a crer que sim. Repare nas diferenças que se observam na Terra e será levado a concluir que devem encontrar-se no universo organismos muito mais perfeitos, muito mais complexos, infitamente mais ricos em dotes de percepção do que sucede com o homem. Esses organismos, nos quais predominam certamente as funções de relação, não podem deixar de ser, creio eu, muito mais fluídicos, delicados e ligeiros do que os que temos estudado no globo que habitamos. Como os organismos são sempre adaptados aos meios favoráveis à natural conservação da vida, pode admitir-se fácilmente que êles existam em planetas de matéria sutil, de pequena densidade e de atmosfera composta por gazes muito rarefeitos, onde aos seres de natureza delicada é possivel habitar.

— Que idéia podemos fazer nós de semelhantes criaturas?

— Podemos figurarmo-nos esses seres extraordinários, como que compostos por uma espécie de espuma, formada por inúmeras bolhas microscópicas repletas de gazes rarefeitos e contendo, em suspensão, uma poeira muito fina de substância metálica, percorrida por delicadíssimas fibras nervosas, fortemente eletrizadas. Entre êstes organismos sutis e os organismos grosseiros, como o nosso, não é difícil de conceber uma multião de intermediários.

— Mas não bastará um sôpro...?

— Sei o que vai dizer — interrompeu Fugairon. Mas olhe que subtileza não é nem nunca foi sinônimo de fragilidade. Estes organismos, apesar de sutis, são capazes de grande resistência às causas destruidoras da vida.

O ilustre catedrático calara-se de repente. Depois, para me esclarecer, explicou:

— Mas espere... Alguns organismos terrestres podem demonstrar o que afirmo.

— Sim?

— E' verdade.

— Quais?

— Há metazoários marinhos (1), como certamente não ignora, que têm um único resguardo contra a fúria dos elementos e a fauna tremenda dos mares. Apenas uma imperceptível rêde orgânica protege os maravilhosos seres viventes contra a destruição da morte. Êsse tecido diáfano, cujas belissimas côres e delicada contextura nos faz lembrar os elegantes organismos que as vagas atiram à praia, afunda-se, desaparece, volatiza-se, por assim dizer, se algum perigo o ameaça. Mas a desaparição é tão completa ou a transformação tão misteriosa, que, após o fenômeno, se torna quasi impossível encontrar nas águas os menores traços materiais observáveis a olho nú.

Pois bem — continuou Fugairon. — Apesar de todas as aparências de fragilidade, estes sêres que parece não resistirem ao menor sôpro da brisa, estas bolas de sabão palpitante de vida e de beleza, fazem longas e dificilimas viagens à superfície dos mares — quantas vezes açoitados por temporal desfeito.

Embora um simples raio de sol seja suficiente para dissipar a sua vaporosa substância noutro meio, êstes seres abandonam-se, sem perigo, durante a sua vida inteira, à agitação das vagas. E não póde imaginar-se que o espaço ocupado por eles não se presta à destruição, visto que os singulares habitantes das águas têm sido observados em quantidades tamanhas, que ocupam, algumas vêzes, léguas e léguas quadradas na superfície dos mares.

— Devem viver pouco tempo, não?

— Pelo contrário, meu amigo. A duração da vida destes organismos superiores deve ser incontestavelmente mais longa do que a dos organismos grosseiros, como o nosso, porque as causas que em nós produzem a velhice e a morte prematuras, não podem existir neles. De resto, como muito bem diz Charles Robin, a morte é um fenômeno contingente e nada tem de contraditório conceber organismos, nos quais a desassimilação possa ser constantemente equilibrada pela assimilação e que, portanto, sejam teóricamente imortais.

Êste golpe de vista sôbre a organização da vida em todo o cosmos, é puramente científico e nada tem que ver, por consequência, nem com as religiões nem com os sistemas filosóficos que, porventura, erradamente se sintam atingidos.

— Posso perguntar se não existirão em qualquer parte, dentro ou fóra da Terra, no Sistema Planetário ou para além dêle, organismos duplos, isto é, formados por um organismo grosseiro, como o nosso, «doublé» de um outro organismo sutil, como o que acaba de descrever?

— Póde... Evidentemente que esses dois organismos intimamente unidos, onde cada bôlha de um coincidiria com uma célula do outro, viveriam numa simbiose admirável que, no estado atual das ciências, não é muito fácil de compreender e muito menos de admitir pela maior parte dos homens. (1) De fato, a ser assim, esses organismos duplos ofereceriam ao observador um singularissimo fenômeno: Como a existência dos dois não seria de igual duração e a vida do organismo superior seria mais longa que a do grosseiro, êste morreria primeiro que o outro, de modo que o último seria a sobrevivência do organismo «total» e duraria muito mais tempo que a «parte» e apresentar-se-nos-ia eterno, se se desdobrasse de novo e de novo se pudesse tornar duplo.

— Mas, para nós, é impossível percorrer o cosmos em busca dêsse organismo notável, e como êle não se encontra na Terra...

---

(1) Animais que, segundo Haeckel, possuem organismos celulares diferentes.

(1) Simbiose (do grego *sun*, que significa com, e *bios*, que significa *vida)*, é a associação intrínsica de dois ou mais organismos, de espécies diferentes, simultâneamente aproveitável para esses organismos.

— Alto! Alto! Mais de vagar! Comecemos pelo princípio se queremos chegar ao fim.

Concordei com um gesto de cabeça e o ilustre cientista, depois de se concentrar uns segundos, prosseguiu:

— O organismo do homem é composto por uma massa de células microscópicas, que contém, de diversas maneiras, a água e as granulações. Estas células são dispostas em camadas, em encadiamentos formando conjuntos, etc., e o todo é percorrido por um sistema de canalização, para irrigar o organismo, e por um sistema de condutores eletro-magnéticos e de acumuladores, para a sua enervação. (1)

Êstes corpos carnais constituem o que eu designo pela palavra «sarcosoma».

---

(1) O organismo humano, o «Sarcosoma», é composto por um grande número de pequenissimas células, cada uma das quais possúe um núcleo complexo, que contém 48 corpúsculos, chamados «cromosomas». Em cada «cromosoma» existem pequenas partículas a que se dá o nome de «genes». E' no seio dêstes, ao que parece, que reside todo o inigma da vida e, por consequência, todo o mistério da morte.

(Do Livro «Mágia do Hipnotismo»).

(Conclúe no próximo número).

Crônica Estrangeira

Manifestação Póstuma

Anos atrás publicou «Luce e Ombra» o que segue:

«Em fins de janeiro último descobriram nas cavernas de Fontanelle — Napoles — o esqueleto de um soldado cuja morte deveria remontar a alguns anos. Enquanto a polícia fazia investigações para identificar o cadáver, o coronel das alfândegas, sr. Sanfilippo, apresentou-se ao comissário para lhe dizer que supunha que o esqueleto deveria ser o do soldado alfandegário desaparecido da caserna, cinco anos antes, na noite de 11 para 12 de setembro. A suposição se baseava sôbre os fatos seguintes: na mesma noite do desaparecimento do soldado (Emilio Carone, nascido em Lecce em 1893), sua mãe, que a algum tempo não recebia cartas do filho, teve um sonho lúgubre: via seu filho Emilio a discutir com um indivíduo e que por êste fôra morto. Ela contou o sonho ao marido, depois do que ambos se dirigiram a Napoles para informar o coronel e a polícia. As investigações desta última não deram resultado algum, porque os detalhes do sonho não ofereciam elemento algum capaz de facilitar a tarefa.

Dois anos mais tarde, novamente a mãe sonhou que seu filho fôra assassinado, depois atirado numa caverna. Mais uma vez foram os pais a Nápoles, mas ainda dessa vez, as investigações não deram resultado, e o desaparecimento do soldado permaneceu misterioso.

Foi ao coordenar suas recordações, que o coronel teve a idéia que o cadáver descoberto na caverna, poderia ser o de Carone, e confiou suas suspeitas ao comissário de policia, sr. Salerno.

Entretanto, os jornais publicaram a lúgubre descoberta, e os velhos pais, informados da notícia, mais do que nunca se persuadiram de tratar-se do inditoso filho, e pela terceira vez foram a Nápoles. Postos em presença dos haveres, diferentes objetos encontrados nos bolsos da vítima reconheceram-nos imediatamente como tendo pertencido ao filho. No inquérito ficou provado que Carone fôra assassinado, e, mais tarde, transportado para dentro da caverna.

⁂

Anunciando a própria morte

Psychica

O fato data de muito tempo, pois remonta ao ano de 1893. Nesse tempo, eu residia em Manouba, distrito de Tunis.

Casado havia três anos, tinha eu dois filhinhos. Habitualmente minha mulher conservava acesa uma lamparina, que lhe permitia vigiar e imediatamente acorrer ás necessidades das crianças.

Essa lamparina estava, para não

nos incomodar num quarto contíguo, cuja porta permanecia aberta. Certa noite, minha mulher levantou-se para reabastecê-la, percebendo que se apagava. Em meu sono, ouvi-a dar um grito de terror.

Levantei-me para ver o de que se tratava. Minha mulher, emocionada, disse-me, apontando uma cadeira em que estavam suas roupas: «acabo de vêr tua mãe, sentada nessa cadeira, estava coberta de palidez mortal, tinha o ar fatigado, ela voltou-se para mim, olhandome a sorrir tristemente.»

Nessa época, não tinhamos a menor idéia do que é o espiritismo.

Olhei a cadeira que ela me designava, sôbre a qual eu só via suas roupas. Apanhei-as, uma por uma, para mostrar que seu terror não se justificava, e convencê-la que havia sonhado.

Êste detalhe não despertou, nesse momento, a minha atenção, mas o que hoje me surpreende é que a lamparina, a ponto de se apagar, voltou a iluminar normalmente, sem ser reabastecida.

Antes de deitar-me, olhei o relógio, que marcava duas horas, tanto quanto me recordo.

No decorrer do dia seguinte, recebi de Marselha, onde se encontrava minha mãe, um telegrama anunciando-me seu passamento, na noite precedente, ás duas horas.

F. Busson.

⁂

A Pequena Pianista de Além-Túmulo

O que vamos publicar extraimo-lo de *Progresso Espirita*, órgão do Grupo de estudos do mesmo nome, de Buenos Aires, dirigido pelo nosso amigo e colaborador Natálio Ceccarini. Foi-lhe enviado por John Mc Laughlin, de Chesterfield, que assistiu aos fatos ocorridos no Centro Espírita daquela cidade americana.

«Na noite de 13 de Abril de 1947 — diz Mr. John — estive no gabinete da médium Franchion Harwood, de Chesterfield, Estado da Indiana, e nessa ocasião esteve comigo também a médium Mable Rifle, diretora do Centro, tendo-se materializado uma menina que se dirigiu para mim a cantar a canção irlandeza «Kathleen Mavourneen» (Catarina, vida minha), com entonação juvenil e dançando no ar. Declarou-me então que era irlandeza e que não fôra aos Estados Unidos, enquanto estivera na Terra, acrescentando que morrera na Irlanda aos oito anos e que agora tinha doze. Pediu-me autorização para tocar num piano que pertencia a um médico do Texas que todos os anos vai do seu Estado a Chesterfield, onde permanece dois meses, durante os quais visita diariamente a senhora Harwood ás 10 da manhã e ás 8 da noite, assistindo ás duas sessões regulares da médium. Assim, nesses 60 dias tomou parte em 120 sessões e em todas apareceu a sua filha a executar algumas árias ao piano. Assisti a cinco dessas sessões. Ela morreu há 28 anos e parece-me que se trata de um dos casos mais admiráveis da história humana.

«Kathleen foi o nome dado pela pianista e quer dizer Catarina. Além disso é preciso dizer que fui à Irlanda em 1898, onde permaneci até 1912.

«Disse à menina que a deixaria tocar, se me desse um beijo, ao que ela retorquiu:

— «Deixe-me tocar piano, que eu mostro-lhe as minhas joias e dou-lhe um beijo.

— «Está bem, — disse eu.

«Em seguida pegou-me no braço e levou-me ao pé da lâmpada vermelha. Alí ficou ansiosa a mostrar-me as joias e eu a admirá-las. E exclamava:

— «Veja as minhas joias! Veja as minhas joias!

«A' luz vermelha pareciam joias naturais. Eu disse-lhe que eram muito lindas e ela perguntou-me se poderia então tocar piano. Disse-lhe que sim e tocou a antiga canção irlandeza acima mencionada. Depois tocou a «Humoresque», de Dvorak, e ao terminar deu-me um beijo e desapareceu, como se tivesse atravessado o piso de cimento. Notei que seus lábios estavam frios e viscosos.

«Haviam passado sete meses e num dia de Julho de 1948 a filha do médico voltou à mesma sessão. A diretora dos trabalhos informou-me:

— «Veiu uma menina que deseja tocar piano para si.

«Recordei-me logo de Catarina e disse à diretora que a deixasse tocar. E uma menina mais crescida dirigiu-se ao piano e tocou «Catarina, Vida Minha» e «My Wild Irish Rose» (Minha Rosa Silvestre Irlandeza), uma das mais lindas canções da Irlanda. Quando ela se dirigiu ao gabinete pedi-lhe desculpa por me ter esquecido do seu nome e, sorrindo, exclamou: «Kathleen». Em Julho de 1949 reunimo-nos no mesmo gabinete da médium, com o mesmo médico e a filha desencarnada, com a mesma diretora e com 28 assistentes. Chovia e trovejava e as condições atmosféricas perturbavam a sessão. Pois a entidade apareceu novamente e tocou outra canção irlandeza, embora depois se extinguisse progressivamente até desaparecer, em virtude do enfraquecimento da fôrça psíquica.

«Agora estamos em 1950 e no mesmo local. Kathleen volta, mas já é adulta, desempenada, e anda respeitosamente pela sala. Coloco-me atrás dela e observo-lhe atentamente os dedos sôbre o teclado do piano. Quando se levanta, sorri e diz-me:

— «O sr. estava a observar as minhas mãos. Póde fazer como eu?

«Respondi que a única coisa que poderia fazer num piano seria limpar-lhe o pó...

«Não tornei a ver Catarina. Na mesma sessão, a pequena pianista tocou, quando um jovem soldado falecido se encontrava presente. Estava fardado. A mãe dêle, que fazia parte da assistência, ficou tão contente, que entoou a canção de amor «Absent» (Ausente), acompanhada ao piano pela filha do médico. Nêste mesmo gabinete da sr.ª Harwood, em Julho de 1949, apresentou-se minha avó paterna, natural da Irlanda, que me disse:

— «Tua mãe e tua tia estão aquí.

«Dois minutos depois chega uma mulher de branco a dizer-me:

— «Morri há pouco tempo de velhice. Deitei-me na cama e acordei nêste mundo. Quero caminhar contigo. (1)

«Nêsse instante demos alguns passos, de braço dado (Minha mãe faleceu nos Estados Unidos). Em seguida apresentou-se minha tia irlandeza, mas não conseguiu andar e só me disse que morrera havia pouco tempo.

«Uma hora depois mandei duas cartas por via aérea, uma a um primo na Irlanda e outra à autoridade administrativa da cidade de minha mãe (Boston, Estados Unidos da América). De Boston confirmaram o seu falecimento ocorrido em 18 de Novembro de 1948, na idade de 84 anos, ou seja sete meses antes. Meu primo respondeu:

— «Minha mãe morreu de repente em 28 de Dezembro de 1948.

«Portanto, havia 6 meses e 2 semanas que minha tia falecera. A verificação era exáta».

Progresso Espírita remata assim a publicação do relato: «Termina aquí a extraordinária narração de John Mc Laughlin, que justifica a celebridade do Centro Espírita de Chesterfield e a potencialidade psíquica de alguns médiuns que lá trabalham e que à semelhança do conhecido médium Reverendo Dickson, permitem, ante numerosa assistência, a materialização de espíritos que conversam, andam, cantam, tocam piano, passeiam de braço dado e beijam, tudo isto fatos extraordinários com que o «mundo invisível» submete ao juizo da ciência materialista um problema que abala as suas concepções e só póde ser resolvido em termos espíritas».

⁂

Mais um sonho revelador da verdade...

Os jornais de 12 de Junho trouxeram a seguinte noticia:

«CARACHI, 11 - Achou-se o cadáver de um homem desaparecido há dias, graças a um sonho da viuva. Esta sonhou que o marido, que desposara há dois meses, jazia inanimado numa praia e lhe pedia socorro. A família resolveu procurá-lo e um irmão do desaparecido avistou, à beira mar, perto do bairro dos diplomatas, de Clifton, duas mãos que emergiam da duna. Dirigiu-se para lá e deu com o cadáver do irmão, horrivelmente mutilado. A polícia fez investigações, partindo de uma discussão que a vítima teve na sexta-feira com um indivíduo de Mekran. O único indício é o rastro de pneus na praia, perto do cadáver».

O que foi êste sonho, se não o contacto do espírito do desparecido com a alma de sua mulher?!

---

(1) Mr. John Mc Laughlin ignorava a desencarnação de sua mãe.

ESPIRITISMO NO BRASIL

União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo (USE)

Prezados confrades:

Temos a mais grata satisfação em comunicar que no dia 12 de Outubro último, ás 14 horas, na séde da Federação Espírita do Estado de São Paulo, instalou-se, solenemente, o «Conselho Deliberativo Estadual» desta entidade Unificadora, integrado por representantes eleitos pelos Conselhos Regionais e Metropolitano, bem como pelos representes indicados pelas entidades federativas, inicialmente patrocinadoras do movimento de Unificação Espírita Estadual.

A Federação Espírita Brasileira foi representada pelo Dr. Silvio Brito Soares.

Ao ato compareceram, também, diretores das entidades federativas, da Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», do Instituto Espírita de Educação, de Conselhos Regionais, do Conselho Metropolitano, de Uniões Municipais e Distritais, Diretores de Centros e inúmeros confrades.

Após a instalação do Conselho Deliberativo Estadual da USE, foi eleita a Diretoria Executiva, que ficou assim constituida:

Presidente, Dr. Luiz Monteiro de Barros; Vice-Presidente, José Herculano Pires; Secretário Geral, Carlos Jordão da Silva; 1.° Secretário, Prof.ª Luiza Pessanha Camargo Branco; 2.° Secretário, Abraão Sarraf; 1.° Tesoureiro, Delmiro Garcia Rodrigues; 2.° Tesoureiro, Dr. Julio Abreu Filho; Procurador, Dr. Agnaldo Martins Caldas.

Os trabalhos decorreram num ambiente de elevada compreensão e de grande fraternidade, demonstrando a integração de todos no movimento Unificador da família espírita do Estado, num vivo testemunho de plena consciência da grande responsabilidade que cabe aos Espíritas, em razão dos postulados de renovação cristã que aceitam e praticam, e da gravidade do movimento atual no plano em que vivemos.

A «União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo», USE, renova às Sociedades e Instituições Espíritas do Estado como de todo o País, o seu inabalável propósito de prosseguir com redobrado ânimo o ingente trabalho de concretização definitiva da união e da verdadeira confraternização dos dirigentes e militantes espíritas, bem como de todos os profitentes da 3.ª Revelação, tendo em vista possibilitar a integração das criaturas humanas nos princípios evangélicos ensinados pelo Cristo de Deus, como única condição para o estabelecimento da paz, harmonia, fraternidade e solidariedade entre os homens no órbe terrestre em que processamos nossa evolução espiritual.

ISOLAR-SE, egoisticamente, retardando o progresso espiritual e social dos seres, ou UNIR-SE, fraternalmente como verdadeiro cristão, e, organizadamente, «entrelaçando pensamentos e ações, dentro dessas diretrizes superiores e confraternização substancial», possibilitando o progresso e o bem estar de todos: — eis o grande dilema. Optemos, pois, pela união fraternal.

Com nossos votos de união, paz, prosperidade e alegria espirituais, suplicamos as bençãos de Deus e o Seu divino amparo à toda a Humanidade.

Fraternalmente
União das Sociedades Espíritas do
Estado de São Paulo.

Carlos Jordão da Silva
Secretário-Geral.

NOTA: — Pedimos aos Conselhos Regionais e Metropolitano, às UMES e UDES, reproduzirem esta Circular em jornais profanos e doutrinários, revistas e avulsos, fazendo, em seguida, farta distribuição entre os confrades em suas respectivas jurisdições.

* * *

«Seleções»

O nosso presado companheiro Dr. Francisco Klörs Werneck, tradutor de inúmeras obras espíritas, jornalista e escritor espírita, nos ofertou, com expressiva dedicatória, um exemplar de «Seleções», de sua tradução, edição da «Livraria Allan Kardec Editora», da Capital.

«Seleções» enfeixa num só volume várias monografias de Ernesto Bozzano, que são as seguintes: «Breve História dos *Raps*», Materializações Minúsculas», «Fenômenos de Transfiguração» e «Marcas e Impressões de Mãos de Fogo».

E' um trabalho indispensável aos estudiosos do psiquismo, tanto mais que se trata de Ernesto Bozzano, um dos maiores investigadores dos fenômenos espíritas.

Gratos pela oferta.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante sr. Germano E. dos Anjos, em data de 5 de Novembro último:

«Resultado do meu trabalho nas seguintes localidades: Iniciei o meu trabalho em Barra do Piraí. Fui a Rezende no mesmo dia, onde realizei uma palestra na casa do confrade Batista Esteves.

No dia 2 de Novembro fui a Cruzeiro onde falei no Centro Espìrita «Agostinho» e onde se concentraram todos os Centros da cidade e arrabaldes.

No dia 3 visitei Guaratinguetá, falando no Centro Espirita «Amor e Luz», muito bem dirigido pelo esforçado obreiro Raul Quintanilha.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da sessão realizada em 1 de Novembro de 1952

Ao iniciar-se a sessão, o presidente dá posse ao confrade Ascânio de Paiva, representante da Federação Espírita Piauiense, ao qual apresenta as boas vidas.

Minas Gerais—O Conselheiro Miranda Ludolf, que representou o Conselho no 2.º Congresso Espírita do Estado de Minas Gerais, realizado em Belo Horizonte, manifesta sua satisfação pelo êxito da reunião, cuja orientação, harmonia e felizes resultados, aliados às demonstrações de acatamento e estima ao Conselho Federativo Nacional, pede sejam registados na Ata dos trabalhos dêste. Propõe um voto de congratulações aos organizadores e participantes do Congresso, o que é aprovado.

Rio Grande do Sul — O representante, general Severino Cunha, apresenta a súmula do movimento no Estado e das atividades da Federação gaúcha, que ficam registadas na Ata.

Alagoas — Geraldo de Aquino, representante da Federação Espírita de Alagoas, oferece um exemplar do órgão da Federação «A LUZ».

Santa Catarina — Manoel Bernardino apresenta ao Conselho a relação de todos os Centros Espíritas filiados à Federação Espírita Catarinense, em número de trinta e cinco e situados no âmbito estadual.

São Paulo — Carlos Jordão, representante da U. S. E. de São Paulo, apresenta a circular n.º 53 em que se encontram os nomes da nova diretoria do Conselho Deliberativo Estadual da USE, e pede, em nome da Entidade, que o Conselho adote uma definição relativamente ao carácter da chamada Lei de Umbanda. E' nomeada uma comissão para estudar e solucionar o pedido.

Goiás — Pelo representante, Dr. Francisco Nogueira, é apresentada a relação das atividades da União Espírita Goiana, em Agosto e Setembro últimos.

Bahia — Da União Social Espírita da Bahia é lida uma comunicação sôbre a realização da II Concentração Espírita da Bahia, acompanhada dos Estatutos dessa Concentração.

«O Espírito do Cristianismo»

Comunicamos aos interessados que já entrou no prelo a nova edição do livro — «O Espírito do Cristianismo», obra complementar de «Parabolas e Ensinos de Jesus», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, devendo ser posto à venda em começos do próximo ano.

A Dôr trabalha, o Coração semeia, o espírito colhe.

A Dôr, arado bendito; coração órgão sensível, sacrário de amôr; espírito, astro de luz, quando essa luz recebe de outro Astro mais grandioso e sublime—DEUS!

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	„	„	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	„	„	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2812unse

ANO XXVIII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Janeiro de 1953—N.1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Relembrando uma Data . . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
Leitura «Por Alto...» . . . . *Deolindo Amorim*
Sôbre o Divórcio . . . . *Carlos Imbassahy*
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal*
Educando a Alma . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Crônicas Doutrinárias . . . . . *Pereira Guedes*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
A Técnica da Materialização à Luz do Dia . . . . *Amy Marchall*
Uma Grande Vida . . . . *Francisco Klörs Werneck*
«Dante Alighieri—O Ultimo Iniciado» *Redação*
A Sobrevivência do Homem . . . *Dr. Martins de Oliveira*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1953 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos cônceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Relembrando uma Data

TRANSCORRE no próximo dia 30 o 15.° aniversário do passamento do nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel, no seu tempo o espírita *número um*, na frase de outro companheiro nosso, o Prof. Leopoldo Machado.

Como já dissemos certa vez, somos suspeitos para sancionar a afirmativa dêsse incansável seareiro que é Lepoldo Machado, e isto porque nos consideramos membros familiares de Cairbar, em vista do longo tempo que com êle trabalhamos, participando das suas alegrias e tristezas como se fossem nossas, e também em razão da força do ideal que professamos — a Doutrina Espírita — que une de maneira inquebrantável as creaturas que procuram abrigo à sua sombra, depois de longa caminhada sob o sol escaldante das incertezas da vida.

Temos o Cristianismo como Árvore da Vida. E não é sem razão que o dizemos, de vez que, à sua sombra, encontramos repouso e refrigerio, e saciamos a fome com os seus frutos sazonados, e nos dessedentamos com a sua seiva cristalina. Cairbar era um ramo dessa Árvore que cada vez mais cresce em todas as direções, agora mais do que nunca, graças ao Espiritismo, o Paracleto da Promessa. Os que tinham a ventura de com êle travar relações, sentiam-se possuídos de um grande bem estar ante a sua presença. A sua palavra agradava até os que, por causa da Doutrina, o combatiam. E muitos tornavam-se seus amigos, quando não conseguissem professar os postulados espíritas. Era tão amigo do pobre como do rico, do sábio como do ignorante. E dava grande atenção aos pequeninos, a quem socorria com o que estivesse ao seu alcance, plenamente certo de que estava pondo em prática os preceitos evangélicos.

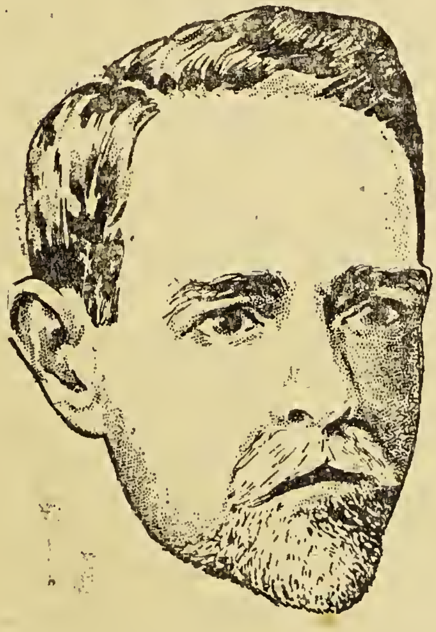

CAIRBAR SCHUTEL

No terreno da propaganda, Cairbar Schutel foi um gigante. E foi um gigante porque lutou quasi sozinho, com poucos companheiros que só lhe podiam dar a boa vontade. Sem recursos, metido no sertão, enfrentando obstinados contraditores das seitas humanas, que se apresentam como legítimos porta-vozes do cristianismo, mas que na verdade nada têm de comum com os ensinos, preceitos e exemplos de Jesus, Cairbar Schutel rompeu as barreiras da hipocrisia e da má-fé dos pseudos representantes do Cristo na terra e desfraldou a bandeira da Imortalidade sob a égide do Espiritismo, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Executando o seu vasto programa de trabalho, Cairbar Schutel fundou êsses dois órgãos que correm o Brasil de norte a sul levando bem alto o nome de nossa Pátria no campo da espiritualidade — «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», cujas tiragens aumentam cada vez mais, o que vem provar dois fatos: a sua aceitação e o progresso da Doutrina, agora em marcha vitoriosa. E os seus livros? Cometeriamos séria falta se não mencionassemos nêste pequeno artigo a enorme procura dos seus livros, que se exgotam rapidamente, não nos dando oportunidade para tirarmos a tempo novas edições. Aliás, como já frisámos muitas vezes, os livros espíritas estão saindo a granel, sinal claro de que a Doutrina, apesar da tremenda guerra que lhe movem os seus opositores, os fariseus de todos os tempos, marcha a passos de gigante, esmagando sob a fôrça dos seus argumentos, fatos e lógica todas as investidas do espírito de sistema, que age sempre em defesa dos seus interêsses materiais e pessoais.

Ao registrar o 15.° aniversário do desincarne do nosso amado companheiro Cairbar Schutel, agradecemos-lhe de coração todos os favores que nos tem prestado lá de cima, sem os quais pouco ou nada teriamos feito no desempenho de uma tarefa que prometemos levar até o fim da jornada terrena, qual seja a de pregar os postulados espíritas.

Que Jesus proporcione a êste caro companheiro felicidade e progresso, são os votos que formulamos ao noticiar mais um aniversário do seu regresso à Pátria Espiritual.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

V

Na sessão de 28 de Agosto de 1952, além de diversas mensagens em prosa, a médium D. Dolores Bacelar recebeu duas em versos, ambas assinadas por A. C. Gonçalves Crespo. São estas as que mais nos impressionam, porque ninguém seria capaz de fazer versos assim: o lapis corre frenéticamente sôbre o papel, sob os nossos olhos, de umas dezenas ou centenas de assistentes, de olhar fito na mão da médium.

Nenhuma hesitação, nenhuma parada para ler o que foi escrito, nenhuma emenda, nenhuma mudança do lugar de uma vírgula: tudo já veiu feito e apenas agora é passado para o papel numa agitação fébril da mão direita da médium, enquanto a esquerda ampara a cabeça e impede que os cabelos lhe cáiam sôbre o rosto. Quando se detem, a obra está acabada. A médium desperta daquêle estado de transe e fica um tanto assombrada diante da pirâmide de papel escrito: diversas comunicações de interêsse de assistentes, um longo capítulo do romance «*Ás Margens do Eufrates*» e duas poesias.

São realmente de Antônio Cândido Gonçalves Crespo êstes versos? Não se sabe, mas o que se sabe muito bem é que não são da médium, porque mesmo em semanas de esforços, em plena calma, não seria ela capaz de fazer êstes poemetos; e com toda esta rapidez nenhum gênio da poesia seria capaz de escrevê-los.

Abrimos dois dicionários biográficos para saber quando viveu êsse poeta. Foi de 1846 a 1883. Nasceu nas proximidades do Rio de Janeiro e formou-se em direito pela Universidade de Coimbra e logo depois de formado casou-se com a escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Diz um biógrafo: «Os seus versos delicados, sonhadores, preciosamente cinzelados, têm um encanto particular indefinível», e outro: «Dotado de notável delicadeza de sentimento, a que aliava um perfeito lavor de forma, sua poesia exerceu grande influência quer em Portugal, quer no Brasil, e é ainda hoje considerada como das melhores que a língua portuguêsa já produziu».

Êsse gênio sublime partiu da Terra há quasi noventa anos, deixando uma jovem viúva que ainda viveu 38 anos. Tinha êle apenas 37 anos quando desencarnou e já possuía um nome imortal como poeta. Agora volta, porque os tempos são chegados, a colaborar na profunda transformação do mundo que se está processando em nossos dias. Tem duras dificuldades a vencer: afinar sua lira por outro diapasão, usar um instrumento que não é o seu e que há de exercer influência sôbre a produção.

Dentro de que limites está êle afinado com a médium, uns 50 %, uns 75 % ? De certo que não 100 % ! Mas a sua finalidade hoje não é sómente criar beleza: é muito maior, é educar o homem para que êste se salve de sua própria inferioridade. Já não é apenas o cantor, mas acima de tudo o doutrinador. Talvez que a crítica literária possa apontar muitas falhas de técnica em seus versos atuais; mas o moralista não lhes poderá encontrar falhas. Eis os versos:

Ave Maria

Ave Maria! Estrela matutina!
Banha-nos com a tua luz divina,
Envolve-nos em teu esplendente olhar!
Estende sôbre nós teu áureo manto,
Enxuga-nos dos corações o pranto,
Vem nos guiar!

Bálsamo dos Céus, nossa dor acalma!
Acende a fé em nossa gélida alma,
Para colhermos da virtude a palma,
Vem nos curar!

Das vias dolorosas desta terra,
As penumbras afasta! Extingue a guerra,
Os calvários sem fim! Tudo que aterra,
Que faz chorar!

Cobre o mundo de luz esplendorosa,
De perenes Auroras côr de rosa,
E de luar!

Desce aos abismos, as almas inflama!
Abrasa todas de divina chama!
Para os salvar!

Virgem Maria! Mãe da Cristandade!
Doira com tua luz a Humanidade,
Oh! Estrela que a todos alumia!
Guia-nos à Amplidão pura dos Céus,
Ao Reino do Teu Filho! Aos Pés de Deus!
Ave Maria!

Bênçãos de Deus

A vida, para uns, é fardo pesado...
Para outros, é tão leve quanto o arminho!
Uns, mimosos da sorte, têm bom fado;
Outros, párias da vida, só espinho.

Porém, bendito aquêle irmão que chora,
Sem da estrada de Deus tentar fugir!
Nos Céus o aguardará fulgente aurora!
Ricas mésses terá em seu porvir!

Triste de quem na terra teve sorte,
Mas não quís dividi-la com ninguém...
Certo há de mendigar depois da morte,
Porque nos Céus nenhum tesouro tem.

Feliz quem soube ser na vida um sol,
Em dádivas de luz e de calor!
Feliz quem nesta terra foi faról,
Salvando muitos dêste mar de horror!

Chovam bênçãos de Deus ao que um dia,
Por entre abrolhos, soube colher rosas,
E ofertá-las depois com alegria,
A todas as criaturas inditosas!

Os competentes em crítica literária comparem e julguem os versos; apontem os senões que encontrarem; digam-nos até onde o poeta se identifica com êstes poemetos. É êste o seu dever para nos esclarecerem a todos e só teremos que lhes agradecer a crítica.

Para nós e principalmente para a juventude espírita que vai conhecer êstes poemetos em livros e revistas o interêsse é outro: temos uma delicada prece a decorar e uma lição, uma lição em linda forma e que nos resume as Bem-Aventuranças do imortal Sermão da Montanha, cuja forma literária deve ter sido julgada muito pífia pelos críticos literários do primeiro século, em comparação com outros discursos e poemas já então existentes nas grandes línguas de cultura.

O ensinamento que estas cinco quadras encerram é de verdades eternas e que jamais poderão ser olvidadas, porque a dor se encarregará sempre de nos lembrar delas, das verdades eternas aquí tão lindamente expressas.

Não sabemos se o poeta mesmo um dia retocará êstes versos. É possível que o faça, como outros já têm feito; mas sabemos que êstes pensamentos revelam uma alta origem e só por isto já são imortais.

A poesia mediúnica, nos mais diversos estílos, quando recebida mecânicamente, com rapidez vertiginosa e sob os nossos olhos, tem uma fôrça que esmaga todas as teorias dos adversários da Terceira Revelação. A única teoria dos nossos adversários, ainda hoje estultamente repetida de vez em quando, para explicar a existência da poesia mediúnica, é a do pastiche: o médium estudaria muito tempo os estílos dos diversos poetas, depois conseguiria fazer versos nos diversos estílos.

Como é infantil, indigna de pessoas adultas, tal hipótese!

O médium escreve igualmente no estílo de pessoas que nunca publicaram trabalhos, que só e mal sabiam escrever missivas familiares; no estílo de poetas e prosadores que êle nunca leu, e sempre sem pensar para redigir, numa rapidez impressionante e que o escritor mesmo não tinha em vida.

Quem crê em pastiche desconhece completamente a psicografia: nunca assistiu aos trabalhos de um grande médium como Francisco Cândido Xavier ou Dolores Bacelar.

Para as pessoas que estudam o mistério dos números, vamos registrar aquí, de passagem, que o nome do nosso Mestre tem o número 700 e o mesmo ocorre com o nome desta médium em desenvolvimento. Em ambos os nomes se encontram os algarismos romanos D C L L (ALLAN KARDEC e DOLORES BACELAR). Somando o valor destes algarismos temos: D=500 + C=100 + L=50 + L=50 = 700.

Ainda outra coincidência digna de nota: essa médium assina hoje ordinàriamente apenas Dolores Bacelar, mas o seu nome completo e na grafia usada quando ela se casou é MARIA DOLORES SALLES ARAUJO BACELLAR. Em algarismos romanos o U é igual a V e o J=I.

Contadas as letras do nome oficial dela, temos: M (1000), I (1), D (500), 5 + L (250), C (100), U (5), J (1) = 1857.

O nome oficial de Francisco Cândido Xavier é FRANCISCO DE PAULA CÂNDIDO, no qual aparecem três vezes D (1500), três C (300), U (5), L (50), dois I (2), somando igualmente 1857.

Ora, 1857 foi o ano do aparecimento de «O Livro dos Espíritos» e nós o festejamos como o nascimento do Espiritismo codificado.

Mero acaso cego, ou uma matemática divina que nós não compreendemos? — Exclamemos com Camões:

«Vejam agora os sábios na Escritura,
Que segredos são estes da natura».

Ismael Gomes Braga.

Leitura "Por Alto..."

Deolindo Amorim

HÁ certas questões, principalmente de natureza filosófica, cuja discussão é sempre oportuna, embora não sejam questões práticas ou imediatas. Nunca é demais insistir, por exemplo, na atualidade da obra de Allan Kardec, justamente porque nem todos aquêles que formam nas fileiras espíritas conhecem bem as idéias do Codificador da doutrina. Ainda há poucos anos, ilustre sacerdote brasileiro, em artigo publicado no «Jornal do Brasil», fez uma observação interessante a respeito das chamadas culturas de «oitivas». Disse êle, com inteira razão, que no Brasil se faz muito estudo de «oitiva» ou, como dizia o polígrafo Carlos de Laet, muita leitura por «alto». Realmente, apenas com alguma «leitura por alto», quasi sempre mal assimilada, muita gente se julga em condições de pontificar sôbre Espiritismo ou sôbre quaisquer outros assuntos menos comuns. Observava então o criterioso padre, hoje cônego, em seu artigo no «Jornal do Brasil», que muita gente, por exemplo, fala sôbre Augusto Comte mas nunca leu a Filosofia Positiva *do pensador de Montpolier; muita gente escreve sôbre o Espiritismo — dizia corajosamente o padre — mas nunca leu Allan Kardec, e assim por diante. Tem toda razão o sacerdote.*

Justamente por falta de leitura das obras básicas do Espiritismo é que muitas pessoas de relativa cultura, algumas delas possuidoras de cursos superiores, *chegam a dizer que não estamos mais na época de Kardec, que a Codificação de Kardec é velharia, etc. Para destruir tais suposições, basta citar que as obras de Kardec estão sendo reeditadas constantemente. Se isto acontece, é porque as obras de Kardec têm conteúdo filosófico, tem substância, têm consistência moral e doutrinária para enfrentar os problemas da atualidade. Agora mesmo, estão sendo lançadas na França duas edições do «Evangelho Segundo o Espiritismo» e da «Gênese» de Kardec. Êste fato, por si só, já demonstra que a filosofia espírita continua a ser uma fonte de conhecimentos capaz de guiar a humanidade, nesta hora de incerteza e subversão moral em toda parte.*

A propósito da publicação de mais duas edições dos livros de Kardec, disse o jornal «Survie» (órgão da União Espírita Francêsa):

> *«O interêsse dessas obras não póde escapar a cada um daqueles que se interessam pela ciência espírita».*

Se, finalmente há interêsse pelas obras de Kardec, e na França, país culto, país que já teve, como se sabe, o orgulho de se considerar, então, o «centro intelectual do mundo ocidental», é mais do que evidente que tais obras têm base forte, idéias atuais, princípios filosóficos que podem orientar o homem moderno, apesar de tantas e tantas doutrinas «salvadoras» que têm pretendido mudar o rumo da vida.

Sôbre o Divórcio

CARLOS IMBASSAHY

COMO o divórcio é matéria ventilada no «Livro dos Espíritos», não me parece que se tornem despiciendas algumas considerações sôbre o caso.

Enviaram-me dois recortes: Num, o Padre Câmara trata do projeto Carneiro, sob o seu lado jurídico e denomina-o — o projeto monstro, a heresia jurídica. Isto, porque êle estabelece anulação nova para fatos posteriores ao casamento, quando as causas de nulidade — diz êle — são anteriores ou no máximo concomitantes à celebração.

O Código diz:

«E' anulável o casamento se houver por parte de um dos nubentes, ao consentir, êrro essencial quanto à pessoa do outro».

E o ilustre sacerdote indaga:

«Como póde ser enquadrado aí um abandono do lar, uma infidelidade ocorrida 20 anos depois, para ser êrro de pessoa?»

Mas eu diria que, pelo fato de ser praticado o delito posteriormente ao casamento não se segue que deixasse de haver êrro ou engano. Quando o homem ou a mulher casou não sabia um que o outro era canalha, desonesto, patife, ladrão. Logo havia êrro, e êrro anterior. A ação delituosa explodiu posteriormente, apenas.

Depois, as estatísticas. Reservamonos para um estudo demorado. No mais, os velhos chavões: *o prejuizo da próle... o filho é indesejável no lar sem estabilidade...*

Pelo visto, o lar com estabilidade é o criado pelo desquite existente, ou então a estabilidade está nos lares inexistentes. Porque os filhos costumam aparecer com lares ou sem lares, com divórcio ou sem divórcio.

E pararam aí as razões do Padre Câmara.

Está êle, provavelmente, acostumado aos casos de arrependimento. Se um cidadão arrepende-se antes de morrer, salva-se. Se o arrependimento vem depois, está perdido. Há uma fase precisa para a contrição. Assim, com o conúbio. Se o êrro é anterior ao casamento, muito bem. Se vem depois, *tollitur questio.* O inferno das dores conjugais está para os cônjuges como o inferno eterno para o pecador. Os casos têm que ser resolvidos antes de entrar no casamento e no inferno. *Depois, lasciate ogni esperanza...*

* * *

Agora outro anti-divorcista, o Sr. Paulo Sá.

Como se fala na «liberdade» de casar e separar livremente, o escritor acha que, a invocar-se esta razão, deveriam também ficar livres os instintos homicidas, os do amigo do alheio...

Muito parecido. Outra parecença: Diz-se que o divórcio só separa o que de direito está separado, e que é hipocrisia, nêsse caso, manter o consórcio. Replica o Sr. Sá:

«Sejamos sinceros até o fim; por que, então, permitir, a falsidade e o engano quando se está diante do assassinato, do roubo, do vício, de todos os crimes e violências? Com o argumento da sinceridade, todos os crimes deveriam ser permitidos por lei».

Confesso que não entendi a relação que há entre os *crimes e o fingimento de uma união* entre pessoas que se detestam. Vejamos: Há um casal onde um cônjuge póde ser algóz e outro vítima. Um dêles sofre as consequências da insensatez, da brutalidade ou da desonestidade do outro. Pois deixemos assim. Não será hipocrisia vê-los como dois anjos, pois então teriamos que notar hipocrisia nas violências, nos furtos, nos assassínios...

Esta lógica do Sr. Sá é de deixar atônito um qualquer.

O ilustre articulista tem, entretanto, um remédio para o caso:

«Se há casamentos infelizes e quasi desfeitos, procuremos evitar que cheguem a essa situação».

Aí está uma situação fácil, que ainda não ocorrera a ninguém: — *Procuremos evitar.* Tão simples!

Como, porém, evitar, não nos explicou. Como se modificariam os sentimentos de um desonesto, a dureza de um perverso, os maus instintos de um bruto, não nô-lo disse. «Procuremos evitar», e cada um que se arranje como puder e quiser. Vá evitando...

De maneira que o Sr Sá alvitra um medicamento que as religiões e as filosofias ainda não descobriram e a Ciência nem o tentou. O que êle quer é o que há milhares de anos, em todas as regiões, se vem procurando sem o menor resultado — a reforma do caráter.

Pois nada de divórcio. Busquemos de um jato essa reforma, e está solucionado o problema, na opinião do Sr. Sá.

Temos as estatísticas, e o escritor nos diz que nos E. E. U. U. sobem a 50 mil por ano o número de mães não casadas. Donde conclui que o divórcio não acabou com a insinceridade.

Mas quem diria que a instituição, ou mesmo a simples palavra divórcio terá o condão de estabelecer a pudicícia universal? O divórcio tem por fim libertar da escravização conjugal; permitir ao esposo enganado, injuriado, maltratado, desonrado pelo outro, o de poder constituir um lar feliz. Que terá isto com as mulheres que preferiram o amor livre? Ou deixará de haver hipocrisia numa falsa união porque mulheres solteiras tiveram filhos?

Ninguém acreditará que o divórcio modifique as personalidades, que faça toda a gente ir entrando na linha... Seria um poder mirífico ainda não vislumbrado.

Tratando do argumento contratual, apresenta-nos esta hermenêutica:

«Não é possível, mesmo quando ambos os cônjuges o quiserem, permitir-lhes incluir a cláusula do divórcio, que não apenas a êles, mas a tantos outros irá atingir».

Como vai atingir os outros se a cláusula é singular? Se se estabelece num contrato de locação que o aluguel será de tanto, quererá dizer que todos os demais locadores e locatários serão obrigados por aquela quantia? Salvo se o A. pretende que os demais vão na esteira. Não compreendo, porém, porque, ao se separarem duas pessoas que se detestam, vá o caso influir nos casais amantíssimos.

Outra dúvida: Por que o divórcio provocaria o desastre que prenuncia o A. e tal não se dá com o desquite? Ora, o desquite aí está; separam-se os casais e vai cada um para o seu lado. Não deveria haver mais esposos juntos, não só porque iria atingir os outros, como porque *«essa possibilidade de separação afetaria prejudicialmente todos os casamentos».*

Finalmente, apresenta-nos um exemplo edificante:

«Eu posso, ou não, tomar o trem que vai para S Paulo; uma vez que o tome não estou mais livre de fazê-lo ir para Belo Horizonte ou Caixa Pregos. Essa mudança de itinerário iria prejudicar todos os passageiros, tal como se eu quisesse mudar a estrutura da instituição do meu casamento».

O Sr. Sá continua a não ser feliz nas comparações. Necessáriamente, se quisesse mudar o itinerário, prejudicaria os demais passageiros. Mas, porque, ao separar-se da consorte, *quod Deus avertat,* se a tem, iria molestar os que não têm razões para isso ou não teriam nada com a separação do Sr. Sá?

O pararelo é outro. E' que o viajante póde tomar o trem para S. Paulo e no meio do caminho lhe dar na telha ir para Caixa Pregos. Mudar o itinerário do trem seria, de fato, uma estupidez, mas ninguém o impediria de saltar em qualquer estação e tomar o rumo que entendesse. O que deveria ser supinamente absurdo era obrigá-lo a ir dar com os ossos em S. Paulo, podendo transferir-se na primeira parada, só porque os outros passageiros estavam de bilhete para a capital paulista.

CONTRA FATOS...

SPÁRTACO BANAL

V I

Uma História Singularissima

O Espiritismo está pondo as últimas pás de cal sôbre a sepultura do materialismo agonizante.

Os fenômenos de materializações de espiritos que se correspondem com os seus irmãos terrenos, dando provas irrecusáveis de sua existência, após à morte, já são do domínio público. E' que os tempos preditos pelo Cristo, já chegaram, não há dúvida.

O «Dally Express», de Londres, deu à publicidade, como rigorosamente exáta, uma curiosissima história, cujos protagonistas pertencem à mais alta sociedade londrina. O fato é como segue:

—«O reitor de uma igreja do bairro aristocrático de Kensington dispunha-se a sair do templo após o serviço religioso, quando uma dama se lhe aproximou, e muito agitada pediu-lhe que a acompanhasse imediatamente a uma casa pouco distante.

Há um «gentleman», disse, prestes a morrer. Encontra-se extremamente preocupado com o estado da sua alma e deseja muito falar-lhe antes de sua morte.

O «clergyman» curvou a cabeça, seguiu a dama, subiu após ela para um automóvel e alguns minutos depois o veiculo parava junto de um belo palacete particular.

A dama, cada vez mais enervada na aparência, recomendou ao reitor que se não demorasse. O sacerdote apeou-se, tocou a campainha e perguntou ao lacáio que veio abrir:

— E' aqui que mora o snr. X?

— E' sim, senhor.

— Soube que estava gravemente enfêrmo e que me mandou chamar.

O criado, absolutamente estupefato, respondeu que o seu patrão não podia gozar melhor saúde.

Mas, observou o reitor, voltando-se, esta senhora...

Ficou boquiaberto. O automóvel e a dama tinham desaparecido.

O criado perguntou a si mesmo se o «clerygman» seria um louco ou um gracejador de mau gosto, quando o dono da casa apareceu no vestíbulo e inquiriu do que se passava. O reitor pô-lo ao corrente e descreveu a pessoa que o tinha ido procurar.

Pela sua descrição não me lembro de nenhuma pessoa do meu conhecimento, disse o «moribundo». Mas quer dar-me o prazer de entrar?

Uma vez entrados para a sala de visitas, o dono da casa disse ao «clergyman»:

— Causa-me a maior estranheza que o tenham mandado a minha casa por êste modo misterioso. Não há dúvida de que, embora esteja muito bem de saúde, há já algum tempo que me preocupo com o estado da minha alma e tenho pensado muito em ir procurá-lo para falarmos a tal respeito. Mas já que aquí se encontra, ponhamos de lado o incidente que cá o trouxe e, se quer fazer o favor de me ouvir, vou dizer-lhe o que me pesa na consciência.

Os dois homens separaram-se após terem conversado durante uma hora, marcando um encontro para o dia seguinte de manhã, na Igreja. Mas o snr. X, não compareceu ao «rendez-vous» e o «clergyman», intrigado, voltou ao palacete para conhecer o motivo daquela falta de palavra.

Abriu-lhe a porta o mesmo criado da véspera, o qual informou ao sacerdote de que o seu patrão falecera na véspera, dez minutos depois da saída do «clergyman».

Impressionadissimo, o reitor fez-se conduzir aos aposentos do morto e o primeiro objeto que feriu a sua atenção ao penetrar no quarto mortuário foi o retrato da senhora que o havia ido chamar e que se encontrava sôbre um «guéridon».

— Quem é esta senhora? perguntou o presbítero ao criado.

Êste retrato, retorquiu o outro, é o da mulher de meu amo falecida há quinze anos...»

EDUCANDO A ALMA

Major Levino Cornélio Wischral

NOSSA alma, tal criancinha recem-nascida, necessita contínuos cuidados, alimentos, orientação e amor; sente-se, por isso, extremamente feliz quando recebe o estímulo carinhoso para sua evolução e consequente purificação.

Está claro que qualquer auxílio tendente ao engrandecimento da alma, depende quasi que exclusivamente de nós próprios. Portanto, compete-nos a administração de medicamentos morais apropriados à iluminação interna.

Inúmeros são os métodos escolásticos dessa higiene mental propostos para nós nos ajudarmos; porém, o melhor será na certa aquele que visa e fala diretamente ao coração, em auto exame, abordando com serenidade e frieza os nossos mais secretos atos e pensamentos. Sugerimos pois, por ser perfeito e ideal o exâme de consciência em que o Evangelho de Jesus representará o fiel da balança às necessárias confrontações.

Assim, no silêncio revelador de cada noite, antes de adormecermos, procedamos a um honesto exame das ações, boas ou más; raciocinemos sôbre as provas a que constantemente somos submetidos no contáto dos nossos semelhantes mais adiantados e mais retardados; meditemos sôbre as inúmeras tentações que se atravessam nos nossos caminhos; relembremos o que se deveria ter feito e o não fizemos; enfim, elevemo-nos à categoria de incorruptível juiz de banca examinadora dos nossos sentimentos, paixões e vícios.

Sôbre o confidente travesseiro do sono, o aprendizado pelo auto exâme goza da vantagem de ser mais profundo nas acareações dos prós e dos contras, por isso mesmo é mais honesta essa revisão interna. Auferimos ensinamentos inesquecíveis de milhares de pequeninas ficções, facilmente recordadas após um dia de farto convívio na sociedade.

Aquilo que volumosos tratados explanam com minúcias, geralmente enunciado por «conhece-te a ti mesmo», aprendemos em pouco tempo e por nós mesmos, nesse interrogatório da razão à consciência.

Isolados no retiro calmo do aposento, após sentida prece, estaremos aptos e bem à vontade, fazendo desfilar no écran do nosso cérebro, para análise e meditação, toda a atividade do dia a fim de confrontá-la com a doutrina do Cristo, espelhando gestos, atos, palavras e pensamentos nas exemplificações do Iluminado.

Logo de início tropeçamos no «amai ao vosso próximo como a vós mesmos» e a inflexível voz da consciência erguer-se-á altiva exigindo reparação imediata. Coramos ao desfile de tanto desamor.

Parece-nos que o Evangelho de Jesus defronta-nos logo em seguida; nada escapa à severa voz interior. Desta vez ela nos lembra outra passagem: «amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem e caluniam, bendizei os que vos maldizem». Sim, aí estão determinações rígidas, de máximo poder, de redenção absoluta, de boa paz, certamente se praticadas. Êsse desfile entristece e perturba-nos, pois, capacitamo-nos da incrível pequenez e da grande decadência.

Agora divisamos sôbre a tela luminosa do nosso cinema, nesse suceder de exame secreto, algo que nos enrubece a face; desejariamos sumir pelo soalho a dentro. Simulamos não ver os letreiros do versículo 29 do cap. 5 do apóstolo Mateus:—«mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda». Oh! meu Deus, só um Francisco de Assis, um Paulo de Tarso, um Mahatma Gandi, um próprio Crucificado enfim, é capaz de tanto. Quanto à nossa conduta repugna-nos recordar, quanto mais cotejar.

Na convicção de que ninguém nos ouve os pensamentos de confissão, e, na persuasão de estarmos absolutamente sósinhos, lançamo-nos, graças a Deus, animadamente às mais amplas e sinceras pesquisas mentais. Com isso estabelecemos uma mais harmoniosa comunhão com o plano espiritual. Eis que se nos afigura estarmos à frente de Jesus, na posição do réu confesso e arrependido; mas, o Cristo que é o Nazareno de eterna compreensão, assevera-nos, contudo, cheio de amor e compassivo: «há dois milênios eu vos ensinei com exemplos o perdoai sete vevezes setenta vezes — vejo porém, que ainda não conseguistes perdoar uma única vêz sequer; ide e aprendei pela dor que será vossa infalível mestra».

É chocante. Não resistimos fitar aquele que é o Divino, o Puríssimo. Tamanha decepção nos vai na alma que, dissimulamos, cabisbaixo, a humilhante situação e interrompemos o precioso êxtase.

O exame de consciência conduz-nos desapaixonadamente a realidades inquietantes e, vexatórias, de outras vezes; nessas condições, quasi sempre tentamos fugir ao contáto da verdade que a centelha divina exuma das nossas profundezas. Isso nos sucede, quando revemos as ações de desprêso pelo semelhante; quando examinamos a facilidade de maldizer ou caluniar; quando lembramos do perdão que não soubemos pedir ou então, quando estudamos as atividades do nosso pensamento que geralmente se fantasia em supostas malícias. No entanto, êsse constrangimento algo demonstra, demonstra que já sentimos a necessidade de proceder bem, amando o nosso irmão de jornada.

Jesus, o nosso supremo guia, constantemente nos observa. Quantas vezes, vendo-nos a triste compunção íntima teria dito: «Graças ao bom Deus êste culpado arrependido já progrediu, pois sabe discernir o bem do mal. O Pai misericordioso põe à disposição do ser humano, para sua rápida ascenção, a magestosa estrada no amor, no entanto, a maioria segue adiante preferindo a árdua e demorada via da dor. A via do amor é curta, reta e sem obstáculos; a da dor é longa, sinuosa e pontilhada de pranto».

As palavras do Salvador acabavam de ressoar nítidas e incisivas, consolidando mais ainda esta doutrinal meditação quando se fez ouvir também, cooperando nesse magnífico exame de consciência, o nosso anjo da guarda. Disse-nos êle: «Lembre-se, meu tutelado, que receberemos em abundância se dermos; que seremos perdoados sómente se perdoarmos também; que seremos condenados com o mesmo juizo com que julgarmos a outrem. Há os que se acreditam com direito ao paraiso dos céus, pelo simples fáto de não fazerem mal, são eles infelizes retardatários estacionados no início da estrada do aperfeiçoamento por onde outros avançam apressados. Urge, isso sim, ir ao encontro do necessitado e do enfêrmo para o indispensável exercício da caridade até que essa virtude se torne congênita. Que recompensa espera obter se só ama ao que lhe quer bem? Que valor tem aos olhos da divina justiça ser irmão ou amigo verdadeiro daquele que assim o é para com você? Meu querido pupilo, faça sua confissão íntima toda noite e faça por imitar a Jesus. O exame proposto gerará lucidez no discernimento, paz, boa saúde e compreensão exata da luta. Destinamo-nos todos ao Reino Eterno; muitas são as moradas do Pai mas o caminho para lá é um e único. Os outros caminhos infelizmente acham-se obstruidos pelo intransponível monturo de perversidades, paixões e vícios criados pela cegueira humana; sómente o do Amor permanece livre». Foram estas as últimas palavras do nosso guia espiritual.

Jesus fala-nos em S. Mateus 16, versículo 26: «Pois que aproveita ao homem, se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?»

Que êste grande ensinamento do Redentor nos sirva de estímulo à educação da nossa pobre alma nos graves momentos de reflexão.

Jamais conseguiremos sufocar a voz da consciência, pois, é ela a própria partícula de Deus dentro de cada um de nós. Ela clamará, gritará com desespêro, enquanto não fôr afastada a causa que a atormenta ou que a quer contaminar.

É aí que o discernimento da razão entra em jôgo para educar a alma, saciando-a na ânsia de atingir cristalina pureza.

Após meditarmos nessa noite sôbre o nosso excelso sermão do leito, tivemos sono tão doce e sereno só comparado ao angelical sono dos justos.

Merecemô lo?

Crônicas Doutrinárias

PEREIRA GUEDES

Certo dia, há muitos anos já, mal entrávamos na livraria da Federação Espírita Brasileira, lá vinha o Carvalho (José Vaz de Carvalho), então gerente daquêle departamento, a sorrir, nos perguntando: — Que tal se editássemos a conferência do Quintão, sôbre os fenômenos de Belém do Pará? Ótimo, respondemos. O Quintão que tem escrito tantas crônicas magníficas, que andam por aí esparsas, não poderá ficar restrito ao seu «CRISTO DE DEUS» e a «ROMARIA DA GRAÇA». Não! As «Cinzas do do meu Cinzeiro», publicadas no «Reformador» representam material excelente para um belo volume. Quintão, diziamos ainda, precisa deixar aos pósteros, alguma coisa que fale do seu talento e que represente para as gerações futuras o seu trabalho de doutrinador que incontestavelmente o é. Faça isso, Carvalho amigo, publique a conferência e as crônicas e, muita coisa mais virá depois.

* * *

Afastado da Casa de Ismael, desde 1946, mas procurado sempre pelos amigos leais, em sua residência, Manuel Quintão, ás vezes de olhos lacrimados, sente-se feliz em recordar os companheiros diletos de muitos anos e o faz como se fossem novas cinzas dêsse enorme cinzeiro que é o seu coração referto de saudades e acumulado de fatos, todos êles, cheios daquêle mesmo encanto e sabor das crônicas agora enfeixadas em formosíssimo volume de 195 páginas, editado pela Federação Espírita do Paraná e magnificamente prefaciado por Carlos Imbassahy.

O trabalho gráfico, esmerado, foi executado pela Empresa Gráfica da «Revista dos Tribunais» Ltda. de São Paulo.

Depois de anos decorridos e de uma longa história que melhor será esquece-la, eis que chega às nossas mãos, acompanhado de fraterna dedicatória, o livro, cujas crônicas nos encheram a alma e o coração.

Houve quem dissesse que «Cinzas do meu Cinzeiro» não era um livro doutrinário, entretanto, na primeira crônica, intitulada — O PAI É DEUS — o autor, contando a dolorosa história da filha primogênita que morre, suportando heroicamente, ao lado de Pedro Richard em prece, a dor de perder a filha querída, deu-nos uma bela lição que poderiamos chamar doutrina em ação.

O livro que contém 34 crônicas que são 34 lições admiráveis recolhidas dos fatos que o autor observou, deles participando, é bem o seu diário na recordação dos dias idos e vividos.

E' um livro de doutrina em ação, diziamos, visto que os fatos, muitos fatos presenciados por quem os escreve em linguagem de puro lavor literário, estão transformados em magnificas narrações, profundamente doutrinárias.

E' verdade! E houve quem dissesse que êsse livro não tem doutrina! Mas, opondo-nos a êsse conceito, um tanto precipitado, vamos declarar de público, proclamando, que o livro — «Cinzas do meu Cinzeiro» — é puramente doutrinário; um repositório de fatos que representam as contas de um rosário; pérolas colhidas na faina diária do grande navegador pelo oceano ora calmo, ora encapelado da existência, metido em seu escafandro de sólidas convicções, descendo às profundezas misteriosas dêsse abismo de fenômenos representado pelo mundo dos espíritos.

O «Cinzas do meu Cinzeiro», por ser um livro doutrinário diferente, cuja leitura satisfaz plenamente o espírito, confortando o coração, é, a nosso ver, o belo presente que o velho escritor nos manda nêsse fim de ano tão cheio de incertezas, desenganos e atribulações.

Afastado, como acima ficou dito, da Federação Espírita Brasileira, onde deveria ter sido conservado em homenagem ao seu valioso trabalho, sempre dedicado à Casa de Ismael, M. Quintão recolhendo-se ao lar, não permaneceu inativo.

Estendendo-nos a mão, não o fez para pedir, mas, para entregar aos seus leitores o magnífico livro, que, forçôso é confessar, nunca pensamos fossem as suas crônicas reunidas em volume, um tão precioso manancial, agradando tanto a tantos, pois, é unânime a opinião dos que o leram: MAGNIFICO LIVRO, o do QUINTÃO!

Novembro, 1952

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

REENCARNAÇÃO — *Carlos Imbassahy* e *Mario Cavalcanti de Mello*. Prefácio de *Pedro Granja*. Edição da Federação Espírita do Paraná. Impressão da *Revista dos Tribunais*, S. Paulo.

Somos, hoje, um polemista em disponibilidade; enferrujado e desambientado.

Já não polemisamos mais.

Mas, como ainda amamos a boa polêmica, elevada e culta!

A polêmica, à exemplo da que fizemos e como o Carlos Imbassahy ainda faz. A polêmica com que se presta grande serviço à Doutrina, por sua difusão e por sua propaganda. Não que se convença o adversário — e são, via de regra, tão orgulhosos e *turrões* os polemistas! — mas, como aproveitam as polêmicas os que, à margem do debate, seguem suas razões!

Amamos e servimos muito à polêmica.

Das vinte e cinco maiores, que mantivemos com adversários do Espiritismo, só encontramos, na verdade, um adversário ultra-grosseiro e malcriado, que pusemos à parte, seguindo nosso caminho até o fim de nossas razões. Polêmica essa que teria que aparecer, depois, em nosso volume, DOUTRINA INGLÓRIA.

* * *

Viemos para o Espiritismo muito antes do Imbassahy.

Viemos num tempo em que o Imbassahy, polemizando conosco, nos escrevia: «Não sou espírita e Deus me livre de estudar o Espiritismo».

Entretanto, fez-se espírita e estudou melhor do que ninguém a Doutrina.

E veio para a polêmica antes de nós.

Se é certo que, em nossas polêmicas, não seguimos os processos do querido amigo, menos certo não é que sempre o tivemos como mestre na ética e na serenidade de polemista.

Para nós, o Imbassahy é, ainda, o nosso maior polemista, o nosso maior escritor espírita, o nosso maior conhecedor do Espiritismo entre nós.

Aqui lhe fazemos esta justiça, embora nem sempre sigamos suas idéias doutrinárias.

Fôrça é convir que sua dialética é firme e contundente; não tapeia nem fere o adversário. Mas, quando cai de rijo em cima do adversário, é para um esmagamento completo, a sorrir a exemplo daquele personagem de Machado de Assis que pedia licença ao dono da fogueira, que lhe incendiava a casa, para acender seu charuto...

Quando estivemos, na fôrça de nossa enfermidade, em sua casa, alguns dias, como seu hospede, lá conhecemos ilustre pastor protestante, seu amigo conquistado através de uma polêmica, e das mais sérias.

Ora, polemizar para fazer amigos é um dom e uma graça.

Graça e dom que Carlos Imbassahy possue, afóra os dons e as graças diferentes, dentro da Doutrina.

E, por sabê-lo assim, é que chegáramos a aconselhá-lo a deixar de mão um adversário, com quem, sem estar á altura dêle, na cultura e no polimento, terçava armas...

* * *

Mario Cavalcanti de Melo, seu companheiro no livro em cita, conhecêmo-lo em Uberaba, na primeira e única sessão de efeitos físicos que já assistiramos até hoje, de que tratámos numa crônica da época.

Confessamos que foi uma revelação agradável ao nosso espírito; rever o Mario ao lado do Imbassahy, no jornal e no livro, digno em tudo do companheiro distinto...

* * *

Pedro Granja, o editor de nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, é outra pena brilhante, bem digna dos dois, que prefacia o livro. Era um nome desconhecido para nós e, parece que para muitos espíritas, até aparecer seu monumental, AFINAL, QUEM SOMOS?

Pois, são êstes, «os três mosqueteiros», do REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS.

Se mister for completar a bela ficção de Dumas, pai, poderíamos encontrar um d'Artagnan para a gloriosa trinca: seria, então, o Arlindo, o homem de O PODER, negado de muitos e aplaudido por diversos.

Somos dos que, a despeito de discordar sempre dêle e de seu jornal, o aplaudem, e a O PODER.

Entra aqui o PODER e o Arlindo, porque o REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS nasceu, naturalmente, em consequência da polêmica daquêle jornal, interessando muita gente, nós inclusive.

* * *

Somos espírita, porque somos reencarnacionista.

Ao contrario de Gustavo Geley, que era reencarnacionista sem ser espírita.

Temos feito, modestamente, a propaganda do Espiritismo através de todos os processos. Agora mesmo, no fim da existência corpórea, eis-nos, silenciosamente, a braços com a responsabilidade direta de muitas filhinhas dos outros, que nos querem bem, às quais tanto queremos. Certos embora de que «o espiritismo cristão e humanitário, de que nos fala Allan Kardec (Livro dos Médiuns, XXIX/350) é o mais eficiente e da índole do Brasil, nem por isso podemos menospresar a reencarnação, que é, por assim dizer, a alma mesma do Espiritismo.

Ainda se nós tivessemos lido e observado argumentos sérios e raciocínios seguros contra a reencarnação...

* * *

Somos, repetimos, um polemista em disponibilidade, que, entretanto, ainda lê polêmicas com subido enlevo.

Velho polemista em tão silencioso repouso, que, no volume que nos coube, por oferta de Carlos Imbassahy, pôs o ofertante abaixo da dedicatória: *Primeira quadra de um soneto em elaboração:*

Já, agora, nos ócios do combate,
Com o brilho no olhar e a fronte mesta,
Quem os tempos e a luta não abate,
O grande leopardo da floresta...

* * *

A despeito de nossos ócios de combate, lemos o REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS.

Dizer que estamos, cento por cento, de acôrdo com tudo que se contém no livro?

Para que, se toda gente que nos lê, já compreendeu isso nas entrelinhas?

Deixamos por último nossas felicitações à *Livraria da Federação Espirita do Paraná*, a editora do livro.

Se é o primeiro que edita, redobrados parabens, visto como se trata de uma edição primorosa, 246 páginas, muito bem impressas em ótimo papel.

Numa palavra: um livro impresso por Pedro Granja, que traz o nome de Carlos Imbassahy na capa...

UMA GRANDE VIDA

É o nosso último filho literário, recem-publicado pela *Casa Editora O Clarim.*

Bem cartonado, bem impresso, simpático.

Exatamente como os livros do grande biografado nêle: Cairbar Schutel.

Mas, cento por cento apresentável?

Que esperança!

Não fôssemos nós o *Loiola Machado* do célebre *pastel* de *Vanguarda*, que pusemos em crônica já publicada! E não tivéssemos nós, por trás e invisível, uma *terrível falange* a perseguir-nos os passos e os atos! E não carregássemos, ainda, um fardo pesadíssimo de nossas culpas do passado e de nossa reconhecida incapacidade para tantas coisas!

Falemos, pois, um pouco das deficiências gráficas do livro, que serão reparadas — diz-nos o ilustre editor e prefaciador — na 2.ª edição.

* * *

Deficiências gráficas?

Algumas, sim, embora de somenos, que vale a pena, entretanto, aqui assinaladas:

I) Frases mal revisadas. Algumas, de sentido incompreensível ou duvidoso.

II) Mal separação de capítulos com os três pontinhos (...) de sorte a se passar, aquí e ali, violentamente, de assunto para outro...

III) No alto das páginas, UMA GRANDE VIDA, sómente, quando é de praxe, numa página, o nome do autor e na outra, o da obra.

IV) E, muito principalmente, a falta de índice...

* * *

Isso, porém, não quebra, de modo

algum, a justa e merecida homenagem que a *Família Cairbarina*, da qual nos desvanecemos de pertecer como um de seus membros, embora distanciado, ao maior espírita que já existiu, a nosso julgamento, no Brasil.

Só com isso, sentimo-nos feliz.

Tão feliz como alguém que, talvez, pela primeira vez, tenha consciência de haver realizado um ato de profunda e perfeita justiça.

Graças a Deus!

A Técnica da Materialização à Luz do Dia

De «Psychic Observer» — *Por AMY MARCHALL* (Continuação)

A materialização A' Luz do Dia permite, também, a personagens importantes de passados períodos da vida terrestre, mostrarem suas formas espirituais, inclusive o esplendor de suas vestes, o que demonstra que, não obstante a história as ter relegado a épocas passadas, elas são vitais, espíritos vivos em nossos próprios dias! Não só elas continuam vivas, como desejam e querem se materializar com o propósito de corrigir ou confirmar as narrações históricas de seus atos ao tempo em que viviam na terra. Segue um exemplo:

Em recente reunião em nossa igreja, destinada ao desenvolvimento do poder psíquico, conhecida senhora de California, Luiza J. Barricklo, relatou notável materialização em plena luz do dia ocorrida em sessão privada, em casa do Rev. Dickson, à Avenida Dezenove, São Francisco, em Julho de 1951.

«A sessão realizou-se à luz atenuada, disse Mrs. Barricklo, «vi e falei com diversos espíritos amados e estava meditando na calma e pacifica atmosfera da sala de sessões do Rev. Dickson, quando de novo se abriram as cortinas do gabinete e entrou uma figura alta, de ombros quadrados, vestida à moda colonial, estacionando a distância de menos de um comprimento de braço do lugar em que eu estava sentada e com voz sonora disse: «Joseph Hewes». (Joseph Hewes foi ilustre membro de nossa família, viveu nos dias da Guerra Revolucionária e me apareceu pela primeira vez).

Maravilhada e surpreendida, eu disse: A sua vinda é admirável, particularmente porque eu pensava no senhor quando me dirigia para esta sessão. Ele replicou: Eu estava a seu lado e fui o causador dêsse pensamento. Em seguida, dirigiu-se para a janela, dizendo: Minnie Brown sugeriu-me abrir as janelas para que me possa ver em plena luz do dia, se eu tiver fôrça bastante. Vi-o afastar as pesadas cortinas, abrir as gelosias e deixar entrar a luz solar! Então, magestoso e alto em plena luz, êle disse:

Agora pode afirmar ter visto à plena luz do sol, o espírito de Joseph Hewes, um dos signatários da Declaração da Independência, acontecimento memorável ocorrido cento e setenta e cinco anos atrás.

Sim, respondi profundamente abalada, e pensar que foi o seu voto que decidiu a questão da independência da nossa pátria.

É verdade, replicou êle, e nunca deixei de trabalhar pela nossa querida América.

Nesse momento, prosseguiu Mrs. Barricklo, o Espírito Juanita saiudo gabinete de materialização, vestida de branco, resplandescente, aproximou-se de Joseph Hewes, e disse-me:

Esta é uma ocasião maravilhosa, Mrs. Barricklò, um maravilhoso Quatro de Julho. Não é sublime?

O grau de aperfeiçoamento alcançado pelo Mundo Espiritual, na apresentação de fenômenos psíquicos, disse Juanita, depende da capacidade espiritual e física do médium. A mediunidade do Rev. Dickson fornece ao Mundo Espiritual o essencial, com grande latitude, porque usualmente êle pode realizar sessões de materialização em várias *graduações* luminosas e, por meio de suas vibrações químicas, podêmos geralmente produzir ectoplasma de qualquer gênero necessário às nossas manifestações.

Juanita prosseguiu: Ectoplasma é substância composta de muitos elementos conhecidos que o homem ainda não percebe e é produzido pela ação da esfera física do médium sôbre o material das vibrações humanas. Na materialização o ectoplasma é empregado por um Espírito para ampliar, intensificar ou construir a aparência de sua forma, de modo a poder ser ela percebida pela limitada extenção da visibilidade humana. A aquidade do homem se ajusta às necessidades de suas normais atividades terrestres. Para propósitos que exigem maior observação de penetração, o homem inventou instrumentos sensíveis que dilatam o alcance de sua visibilidade, como o microscópio e o telescópio. Um médium de materialização, como o Rev. Dickson, é o instrumento sensível empregado pelo Mundo Espiritual para trazer os Espíritos queridos dentro do raio de visão humana, para seu gôzo e instrução.

Quando o Espírito quer materializar em plena luz do dia, continuou Juanita, êle exerce uma fôrça atrativa e extrai um filme ectoplásmico do Rev. Dickson em estreita proximidade com sua forma e vestuário. Em seguida, o Espírito eleva a temperatura do ectoplasma ao gráu em que cada átomo de luz solar, com êle entrando em contáto, produz a combustão, e as resultantes explosões infinitesimais produzem a fluorescência que ilumina a forma espiritual à luz do dia.

A delicada transparência e fluidez do ectoplasma produzido pela mediunidade do Rev. Dickson, para as materializações à luz plena, disse Juanita, permite ao Espírito manifestante mostrar a côr, textura e desenho de sua veste; as flôres, penas ou joias usadas como adorno no vestuário, e ainda todos os outros detalhes mínimos. E estas mesmas qualidades do ectoplasma permitem tornarem-se visíveis as figuras espirituais.

Nas sessões de materialização do Rev. Dickson, quando um Espírito dispensa a fôrça que modela o ectoplasma à feição de sua forma e vestuário, ocorre o que se denomina desmaterialização. Todavia, sómente se desmaterializa o ectoplasma, permanecendo intactas a forma espiritual e as vestes, não obstante invisíveis à visão humana.

Atraido pelos agentes espirituais, o ectoplasma dispensado volta para o médium ou para o gabinete de materialização, para ser empregado por outros Espíritos desejosos de se materializarem.

No fim da sessão, os agentes espirituais devolvem certas vibrações ao auditório, ou assistente, de que foram hauridos, sendo que as vibrações só foram usadas com o propósito de reforçar a duração da sessão».

Materialização á plena luz do dia! Que magnífico campo de grandeza a invadir com a assistência dos amigos espirituais. Na iliminação do temor e finitas limitações do homem, as manifestações à luz do dia lhe dão o conhecimento que ilumina sua compreensão e robustece seu poder psíquico. Fenômenos espirituais de tão grande beleza, determinam o desvanecimento de sonhos infantis ou fantasias, e despertam o homem para a realização de ser sómente a vida terrestre o entreato material — o evento físico — na eterna Vida do homem.

O conhecimento humano do Mundo Espiritual, através do Espiritismo, já tão imponente, pode ser radicalmente transformado por meio da Materialização Á Luz do Dia, e os dotados de visão, veem a humanidade avançar rapidamente para a nova era iluminada.

Ao observarem, as futuras gerações, o progresso do Espiritismo, o valor do Rev. Dickson, como médium de Materialização Á Luz do Dia, será colocado entre os grandes. Porquanto êle merece o louvor e aclamação do mundo no tempo presente, porque toda a sua vida tem sido devotada á preservação da pureza do fenômeno do Espiritismo e apresentação da verdade da Vida Eterna, diretamente dada pelos Espíritos materializados.

(Conclusão)

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

UMA GRANDE VIDA

(Estudo Biográfico de Cairbar Schutel)

Foi sempre desejo meu reunir ou ver reunidas, em um volume, as biografias dos grandes vultos do Espiritismo do Brasil, como Bezerra de Menezes, Batuira, Doutor March, Euripedes Barsanulfo, Viana de Carvalho, Cairbar Schutel e tantos outros não menos dignos, mas o empreendimento não dependia só de mim. Não podendo concretizar a minha vontade, para desforrar-me, publiquei e fiz publicar alguns dados biográficos dêsses e de muitos outros em várias revistas brasileiras. Lembro-me bem de que publiquei na Revista Espírita do Brasil, o orgão da Liga Espírita do Brasil então sob minha direção, bem detalhada biografia de Cairbar Schutel, por ocasião do seu desencarne, diga-se a verdade, com dados e retrato recebidos de Matão, porque eu não os podia conhecer, biografia que o bondoso amigo e confrade francês Gabriel Gobbron, por delicadeza, saudou em sua «Chronique Etrangere», da «Revue Spirite» de Paris, França, como a mais completa biografia daquele eminente vulto do Espiritismo do Brasil...

Hoje eu estou vingado: essa *minha* biografia foi suplantada por uma biografia bem mais completa e detalhada de uma pessoa indicadíssima para escrevê-la: Leopoldo Machado, que se tivesse nascido na época de Cairbar, era bem merecedor de trabalho igual. E' um trabalho notável no gênero porque na vida dos bons e dos puros há bem pouca coisa para se dizer, porque o que se conta não podia ficar oculto. Os herdeiros do céu têm a preocupação de esconder as suas boas ações o mais possível.

Aconselho principalmente os espíritas cariocas a lerem esta biografia, porque Cairbar Schutel era natural do Rio de Janeiro, era também carioca. Nasceu êle na Rua do Ouvidor, rua antiquíssima que se chamou primeiro Desvio do Mar e depois Aleixo Manuel. Começava então na rua Direita, que é a atual Rua Primeiro de Março, só construída de um lado, porque do outro era mar. Esse outro lado, depois, com o recúo do mar, foi sendo edificado, e a Rua do Ouvidor estendeu-se mais para o começo. Por ela passo, diariamente, várias vezes, lembrando-me sempre do velho Cairbar.

Tenho para mim que a família Schutel era suiça-alemã. Pode ser que se tenha afrancezado... Este radical «Sch» é bem alemão. Temos Schuster, sôbrenome alemão bem conhecido. Edouard Schuré era francês alsaciano e o seu apelido de família, alemão, era Schürer, afrancezado em Schuré.

Schüttel, em alemão, com dois «tt», significa calafrio, arrepio. Vindo a familia de um país frio como a Suiça, para um país quente como o Brasil achou possivelmente, de suprimir um t do nome, daí Schutel. Se foi mesmo alemão, como penso, conservou-se a pronúncia Schútel; se fosse francês seria Schutél. O Leopoldo que me perdôe, não é uma lição de quem pouco sabe do português e linguas estrangeiras. Tem 125 páginas o livro e o seu estílo é ligeiro e agradável. Foi impressa na Editora «O Clarim», de Matão, fundado pelo biografado. Que todos leiam a obra «Uma Grande Vida», porque, no meio de tantas decepções (e decepções comigo mesmo por não poder fazer pela Doutrina tudo o que desejo, ela faz um grande bem ao coração, convencendo-nos de que houve e há espíritas de verdade no Brasil, como Cairbar Schutel e sua muito querida família espiritual de Matão — Costa Filho, Watson Campêlo, digníssimas senhoras e humildes auxiliares, cujos nomes os anjos guardam. Deus os abençoe a todos.

Cairbar Schutel, foi o fundador do C. E. «Amantes da Pobreza», do jornal «O Clarim», da Revista Internacional do Espiritismo e da Editora «O Clarim», em Matão, Estado de São Paulo, todos funcionando e prestando grandes serviços à Doutrina.

Francisco Klörs Werneck.

De «Vanguarda», da Capital Federal,
de 2 12 952

"Dante Alighieri — O Ultimo Iniciado"

A respeito dêste livro do nosso confrade Prof. Arnaldo S. Thiago, o jornal FANFULLA que se publica em São Paulo, publicou a seguinte apreciação valiosa :

«E' com um mixto de alegria e de orgulho que nos propomos analisar a mais recente obra interpretativa do Padre Dante. E' ainda maior a nossa alegria pelo fato de ser o Autor um «Brasileiro» de fortissima têmpera espiritual, cultor apaixonado e profundo dos altíssimos problemas da Alma Humana. Dito isto, com a mais sincera admiração e reconhecimento ao insigne Autor, passemos a examinar a arguta «exegética» de Arnaldo S. Thiago.

O A. é uma espécie de Alto Sacerdote do Espiritismo. E', portanto, natural, que tenha procurado, na Divina Comédia, tudo aquilo que possa servir para «testemunhar», «sancionar» a doutrina e a prática «Espírita». Não sabemos quanto possa alegrar, êste nobre esfôrço do A., aos seus fiéis e sectários; nós, porém, que vemos a Alma Humana com outra lente, permitimo-nos de não estar—em tudo e por tudo — de acôrdo.

Escreve o A., na Dedicatória : «Esta exegética da «Divina Comédia» constitúe um apêlo, que fazemos a todas as igrejas e especialmente à Igreja Católica Apostólica Romana e ás suas derivadas Protestantes, para que aceitem a colaboração que lhes trouxe o Espiritismo, colaboração efetiva, baseada em provas científicas, definitivas, da sobrevivência da alma e da sua imortalidade, aceita por fé, nas aludidas Igrejas, e agora positivada pela Razão, nêste elevado estágio do progresso a que atingiu a Humanidade, no século do predomínio da Livre Consciência. Êsse princípio da sobrevivência e da imortalidade é, como sabemos, o fulcro de todo edifício religioso. Uma vez que o Espiritismo o demonstra cientificamente, claro que êle—o Espiritismo—é o máximo colaborador de todas as Igrejas militantes. Não fraternizar com êle é incidir no repúdio da Verdade, que ao longo dos séculos tem feito mártires e que levou Jesus ao Calvário!»

Nesta invocação à «Unidade espiritual» de todas as Igrejas que se filiam ao Cristianismo, como primeiro Ato, para depois atingir-se à mais vasta «Unidade» de todos os Humanos crentes em Deus, notamos uma inspiração alta e sublime. E' êste um Conceito Evangélico, pois que se fundamenta no Sermão da Montanha. E é também Dantesco, pois que está expresso claramente em «De Monarchia». O que encerra de novo é a afirmativa de que o Espiritismo dá a prova científica da sobrevivência da alma.

O problema da imortalidade da alma *não póde, nem deve* ser resolvido pela experiência científica (no sentido que entendemos, hoje, a Ciência). Êste problema é parte indivisível do mesmo problema da existência de Deus. Ora, nenhuma Religião, nenhuma Escola filosófica, nenhum Profeta, jamais recorreram a meios experimentais para exaltar a existência de Deus. A Humanidade sempre teve e sempre terá Fé em Deus por mil razões que nada tem a ver com fenômenos também ditos científicos. (1)

Não dispondo de espaço necessário para desenvolver o nosso pensamento crítico a respeito desta grande questão, pedimos ao ilustre Autor e ainda aos leitores que leiam Pascal. (Pensées e Provençales); Mazzini (I Deveri dell'Uomo) a Papini (Vita de Cristo).

---

(1) *Permitimo-nos fazer aquí uma observação a respeito do critério adotado pelo ilustre crítico da «Exegética», relativamente à Paternidade Divina e à alma humana. Se não é possível deixar de aceitar êsse critério com relação a Deus, para a exaltação de cuja existência ninguém póde recorrer a meios experimentais, o mesmo não sucede à alma humana, pois que, quanto à existência desta, que* continua *revestida de um arcabouço material, pois que fluídico, depois da morte do corpo que teve na terra, a prova experimental não só póde ser feita, como é concludente, bastando para isso estudar com cuidado as obras de William Crookes, Delanne, Paul Gibier, Flammarion, Léon Denis e sobretudo a codificação kardeciana. A elas remetemos o erudito quão atencioso e nobremente intencionado crítico da obra do nosso confrade Arnaldo S. Thiago.*

Arnaldo S. Thiago, pela «exegética» da D. C. segue um critério digno da mais alta admiração. O A. nega que o homem possa ser condenado ás penas de um Inferno eterno. Explica com argumentos de genial feitura como Dante na emergência da «escura selva» tenha sido constrangido à ficção dogmática de arquitetar o tão discutido Inferno. De resto o A. não se demora muito na triste morada dos sofrimentos: apenas lhe permite a exigência do estudioso, salta no Purgatório, onde:

«Per correr miglior acqua alza le vele
Omai la navicella del mio ingegno,
Che lascia dietro a sé mar si crùdele.
E canteró di quel secondo regno,
Dove l'umano spirito si purga,
E di salire al ciel diventa degno».

Êste «segundo reino» não é ainda aquêle que o nosso Sacerdote da Verdade e do Amor procura em Dante, mas já começa a respirar, a esperar... Em uma centena de excelsas páginas faz-se, Êle, entender a respeito do seu profundo conhecimento dos homens e das cousas. Sente-se, aquí, um pouco em sua própria casa, em meio a gente humana: pecadores, sim, mas capazes de se redimirem, de se purificarem, de passarem a um Reino mais Alto.

A forma como o A. apresenta e comenta o XXX Canto bastaria para classificá-lo dignissimo intérprete do pensamento do Poeta:

«Io vidi già nel cominciar del giorno,
La parte oriental tutta rosata,
E l'altro ciel di bel sereno adorno,
E la faccia del sol nascere ombrata,
Sí che per temperanza di vapori,
L'occhio lo sostenea lunga fiata;
Così dentro una nuvola di fiori,
Che dalle mani angeliche saliva
E ricadeva giù dentro e di fuori,
Sovra candido vel cinta d'oliva,
Donna m'apparve . . .»

Devemos seguir Arnaldo S. Thiago na espiral Celestial em que se deleita por outras 150 páginas, mas com que fim? O A. vive os mesmos sentimentos do Seu Divino Inspirador e êstes sentimentos manifesta-os com generosa humanidade e com profunda sabedoria.

A obra de Arnaldo S. Thiago representa um contributo notável à interpretação e à difusão do Gênio mais honrado em todos os tempos.

A Sociedade Italiana Dante Alighieri do Rio de Janeiro, da qual honro-me de fazer parte e a cuja Direção dei conhecimento desta assás modesta apreciação, rende homenagem ao Amigo desta nossa segunda Pátria. PASQUALE FUCAZZA.» (Fanfulla, de 2 de Novembro de 1952.)

Do mui ilustre escritor rio-grandense Olyntho Samartin, autor de valiosos trabalhos, entre os quais «BANDEIRANTÊS NO SUL DO BRASIL», recebeu o nosso confrade a seguinte carta, datada de 7 de novembro de 1952: «Meu ilustre confrade e amigo Prof. Arnaldo S. Thiago. Saudações. Recebí sua amável carta e seu notável estudo «Dante Alighieri — o último iniciado». Indiscutivelmente trata-se de um trabalho meditado, com profundos talhes de exegese, onde a erudição lhe dá segurança e um equilíbrio de conceitos que torna o livro atraente e rico de substância.

Confesso que seu trabalho não pode ser lido e assimilado numa leitura de superfície. Exige atenção, análise e conhecimento do tema, e tudo isso carece de serenidade e de tempo. Essa leitura metódica já foi por mim iniciada. De momento desejo apenas felicitá-lo pela publicação dêsse seu admirável trabalho e agradecer-lhe a amabilidade da oferta. Aceite meu cordial abraço. OLYNTHO SANMARTIN».

Do Snr. Dr. Levindo Mello, austero e ponderado Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, datada de 5 do mesmo mês, é a seguinte carta sôbre o mesmo livro: «Exmo. Snr. Prof. Arnaldo S. Thiago. Saúde e Paz. É com a mais profunda satisfação que venho agradecer-vos vossa valiosissima oferta de um exemplar de DANTE ALIGHIERI — O ÚLTIMO INICIADO, de vossa autoria, à Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Linguagem correta, tradução fiel, comentários justos e elucidativos — vosso novo livro é realmente um trabalho que enriquecerá as bibliotecas, como luzeiro fulgurante que é, sempre lido e relido deleitando as inteligências espiritualmente cultas.

Tudo nêle está bem feito, a começar pelo porte material e a terminar nos conceitos altamente filosóficos, universais, cristãos, espíritas.

Em nome de nossa instituição, tenho a honra de agradecer-vos tão bela, valiosa e útil oferenda. Peço-vos aceiteis nossas sinceras e cordiais felicitações, por feito tão valoroso, difícil, realizado com tanta sabedoria.

Com a mais elevada e distinta consideração de todos nós, Diretores da Sociedade, sou o vosso Amigo e Confrade, grande admirador de vossas virtudes, sempre grato e sempre às vossas ordens. Dr. Levindo Mello. Presidente».

A Sobrevivência do Homem

Pelo Dr. Martins de Oliveira

(Conclusão)

Ora o Sarcosoma é o «doublé» de um segundo organismo fluídico, composto de água, sob a forma de microscópicas esferas de espuma, cheias de vários gazes rarefeitos e partículas impalpáveis de matérias orgânicas e minerais. A este corpo nebuloso e mais ou menos eletrizado, dou eu o nome «aerosoma» e, sendo êle o duplo do sarcosoma, cada uma das suas bolhas deve forçosamente coincidir com uma célula do seu sósia.

O corpo fluídico separa-se, por vezes, expontâneamente do somático. Está, porém, ao alcance dos investigadores provocar experimentalmente essa separação, visto haver-se demonstrado já a sua existência. Todavia, com a morte natural do sarcosoma pode observar-se muito bem a sobrevivência do aerosoma.

— E essa observação está ao alcance de qualquer homem de ciência?

Está. Eu, por exemplo, conheço catorze manifestações de corpos sutis que sobrevivem à morte dos seus organismos grosseiros — os corpos humanos visíveis — depois de terem vivido com êle em íntima simbiose: Três de um mês e meio; um de três meses, outro de quatro e ainda outro de cinco; três de dez mezes, um de doze, um de três anos, um de nove, um outro de dezesseis e ainda um décimo quarto de cinquenta anos de... idade.

— Todas essas idades do aerosoma são contadas a partir da morte do respectivo sarcosoma?

— Exatamente. E a estas catorze manifestações de aerosomas humanos, sobrevivendo aos sarcosomas, eu podia juntar ainda mais quatro observados por mim em animais inferiores — dois cães, um jumento e uma mula.

Todas estas observações foram levadas a cabo com o maior rigor científico, de modo a não poder nutrir-se a menor dúvida sôbre o fato e, principalmente, de maneira a constituir demonstração absoluta de que o aerosoma sobrevive muitos anos ao seu sarcosoma sósia.

Bem sei que pode objetar-se ao que afirmo que os observadores sofrem de alucinações ou que esta «crença» é filha da ignorância do povo, especialmente do campo, que vê no ruído de um verme que róe, no barulho de um rato que foge ou nas pancadas da borboleta que se atira, atraída pela luz, sôbre os vidros da janela — manifestação de... mortos. No entanto, eu não tenho o exclusivo experimental do fenômeno. Todos podem estudar e chegar, como eu cheguei, a uma certeza sôbre êle. De resto, homens eminentes de todo o mundo se têm ocupado do mesmo assunto e obtido, após vários anos de trabalho, a mesma certeza que eu nutro.

Posso assegurar que não se trata de uma crença — nem em ciências há crenças —, mas sim de uma nova aquisição, incontestavelmente demonstrada, das ciências biológicas. A sobrevivência, *durante muitos anos*, dos aerosomas dos homens e dos mamíferos inferiores, deve considerar-se uma verdade científica incontroversamente demonstrada.

— Então os homens, depois da morte do seu sarcosoma, podem ainda viver muitos anos?

— Não lhe digo muitos anos nem muitos séculos, porque não é essa a convicção a que me conduziram os meus estudos. Após quase uma vida de trabalho sôbre tão vasto assunto, posso garantir-lhe que tenho como axiomático que o homem não morre nunca. Os que têm dito ser a morte a cessação da vida no organismo grosseiro, no sarcosoma, fazem-no porque jamais estudaram o homem e muito menos o aerosoma, que é o homem invisível.

— Que diferença, além da invisibilidade, provocada certamente pela ausência de matéria grosseira no aerosoma, é possível encontrar entre os dois corpos que cita?

— Nenhuma. Na essência, é impossível estabelecer diferenças, por pequenas que sejam entre os habitantes visíveis e invisíveis que povoam o nosso globo. Tanto uns como outros são uma e a mesma população terrestre.

— Mas sendo assim...

— Bem sei. Sendo assim, deveria haver maiores certezas sôbre esta aquisição das ciências naturais, como há a propósito de muitas outras, que os ignorantes, sem certezas absolutamente nenhumas, não se atrevem a negar.

— E sabe porquê? - perguntou Fugairon animadissimo.

Como fiquei mudo como um peixe, o cientista respondeu por mim:

— Porque, por exemplo, todos os intelectuais, todos os sábios sem distinção, até os mais incultos em biologia, crêem no micróbio da tuberculose e, embora nunca tenham visto um único bacilo de Koch, não podem negar um conhecimento universalmente admitido. E' uma verdade incontroversa, bem sei, mas — note bem isto — de que só uma minoria tem uma certeza absoluta — os biologistas, os naturalistas, e os médicos. Apesar disso, ninguém põe em dúvida essa verdade. Se a opinião dos intelectuais não fôsse unânime e os sábios que nunca viram um bacilo de Koch negassem a sua existência, ninguém acreditaria nêle, salvo os especializados.

— Mas os outros cientistas, se quiserem, podem corar o bacilo e obter a convicção no campo experimental. Depois, como se compreende, a dúvida seria impossível.

—Repare que citei apenas um exemplo e não foi preciso mais nada para pôr em evidência a lógica afirmação que acabo de produzir. Pois bem. Todos podem ver um bacilo de Koch, exatamente como todos podem, também, observar um aerosoma humano. Difícil, dificílimo, quasi impossível, é fazer vergar ao estudo um mundo de homens responsáveis. A maioria dêles espera que a «crença» ganhe vulto para depois, sem dar nas vistas, poder aderir à teoria...

Com o problema da sobrevivência do homem tem sucedido e ha-de suceder a mesma coisa: A minoria estuda, sabe; a maioria ignora e espera... para depois acreditar!

Bem sei que aquí, a «crença» mexe-se com muita mais lentidão do que sucede com outras aquisições da atividade humana. Mas a razão, simplicissima, impõe-se quasi por si mesma a qualquer cérebro culto. Para que uma idéia triunfe, carece de avolumar-se; e para que ela se avolume torna-se indispensável que um certo número de sábios lhe dedique os seus estudos e grite depois bem alto as conclusões a que chegou. Ora todos sabem, até os mais ignorantes, que o estudo da morte e, portanto, o da própria vida, provoca em quasi todas as pessoas um verdadeiro terror pânico.

—Mas isso não tem impedido — atalhei eu — que alguns milhares de sábios e dos mais notáveis da América e da Europa se tenham ocupado do assunto.

— E que são alguns milhares comparados com milhões, com todos êsses milhões que se alheiam, por vários motivos, do estudo do problema?

— Os fatos forçam à convicção.

— Pois forçam, mais é preciso constatá-los e alguns milhares de convencidos pelo estudo não logram convencer milhões que nunca repararam nêles. E' talvez por isso que certos intelectuais proclamam injustamente que a ciência nada tem feito de concreto para resolver o problema. Habitualmente, porém, os sábios que tal afirmam ou são ignorantes no assunto ou carecem de competência para se ocuparem dêle. Existe ainda outra espécie de cientistas que passa a vida a contestar fatos que não têm contestação possível. Estes pertencem ao grupo daqueles que, não percebendo nada dos trabalhos experimentais a que aludem, só desejam fazer espírito e aparentar erudição. Não me interessam. De resto, para alicerçar em bases sólidas a verdade, já hoje incontroversa, da sobrevivência do homem, êles são absolutamente dispensáveis. Para firmar a convicção de todos sôbre êste grande problema das ciências naturais, só se carece de biologistas competentes que queiram sacrificar ao estudo algumas horas por dia. Certos jornalistas que de tudo percebem, quer sejam crentes ou descrentes, religiosos ou ateus, também não me interessam, porque ou são materialistas inconscientes do que verdadeiramente seja a matéria e metem tudo a ridículo, ou são espiritualistas crédulos e, então, contam-nos coisas tão absurdas que só servem para afastar os autênticos sábios do estudo em questão. Que eles, quando a demonstração se agigante, procurem tirar da imortalidade do ser conclusões morais, sociais e religiosas, admite-se — estão no seu campo e fazem uso do seu direito. Mas o estudo da sobrevivência do homem pertence unicamente aos biologistas, porque se trata de questão puramente científica e, portanto, acima de qualquer opinião materialista, espiritualista, católica, teosófica ou espírita.

E', pois, à luz da ciência, unicamente à luz da ciência, que se deve examinar o problema.

— Sou da mesma opinião e, precisamente por pensar de modo semelhante, ocorre-me fazer-lhe uma pergunta...

— Diga.

— Quando sobrevem a morte do aerosoma — do segundo organismo do homem — o que é que acontece?

— O professor Leduc diz que a célula viva representa um verdadeiro campo de fôrça, com o seu *centro dinâmico*, as suas linhas segundo os raios e a superfície equipotencial do todo. Com efeito, não há uma única célula que não tenha um órgão central — centrosomo — absolutamente visível, pelo menos, no momento em que êle se desune. Tem o aspecto de uma pilha de granulações, susceptíveis de se colorirem fortemente, em torno das quais se divisa uma zona clara, refractária à coloração. No lado inferior desenham-se estrias compostas de finos grânulos, que divergem, junto da periferia, conforme os raios da esféra. Na superfície limitante, ela é composta de superfícies estractificadas concêntricas, representando as superfícies equipotenciais.

A fisiologia, diz êle ainda, mostra-nos mais claramente a morfologia, a ação dos centros dinâmicos nos fenômenos da vida. Estes, que têm por base a nutrição celular, subordinada à absorção e desassimilação da célula, já não encerram, para nós, grande número de mistérios.

E é êste, conclúe o professor Leduc, o caráter das fôrças centrais dos centros dinâmicos, magnéticos ou elétricos, de que provém os movimentos centrípetos e centrífugos.

— E' interessante, afirmei eu sinceramente.

— Interessante e verdadeiro, juntou Fugairon. Depois, talvez para me ser agradável, esclareceu:

— A absorção celular — movimento centrípeto — e a eliminação — movimento centrífugo — são condições necessárias e suficientes para caracterizar e restabelecer a existência dos centros dinâmicos celulares.

— Mas se a célula viva é um centro dinâmico, os sêres vivos não são, na realidade, mais do que associações diversas de centros dinâmicos aglomerados em determinadas condições.

— Tem razão. E a vida está nas ações recíprocas dêsses centros e na influência exercida sôbre eles pelo mundo exterior. A noção dos centros dinâmicos é definida pela biologia como um sol nascente sôbre uma paisagem escura, dominando-a com a sua luz mas continuando ela a aparecer com sombra em paisagem iluminada.

Além dos centros dinâmicos das células, existem ainda outros organismos complexos, como, por exemplo, os dos sêres humanos. Isso resulta, como demonstrarei a seguir, da fusão de quatro tipos de organismos elevados. Cada um dêsses organismos complexos possúe um centro dinâmico, que centraliza os campos de fôrça, cada vez maior, dos organismos inferiores. E' a êste sistema de centros dinâmicos que eu chamo «psicolono».

— Mas então é êsse psicolono o sucessor do aerosoma?

— Ora ouça, e o seu raciocínio responderá por mim à pergunta que formulou: As esféras do segundo organismo, coincidindo com as células do primeiro, fazem com que cada centro dinâmico celular seja um centro dinâmico bolhar. Quando o primeiro organismo, o sarcosoma, deixa de existir, os centros dinâmicos tomam cada um o seu lugar no segundo organismo.

— Está bem, compreende-se. Mas quando êste morre por seu turno, o que é que acontece a todos esses centros dinâmicos aglomerados no aerosoma?

— Quando morre o segundo organismo, o aerosoma, todas as esféras desaparecem, os gazes rarefeitos que elas contém dissipam-se e as partículas existentes em suspensão nestes gases dispersam-se. O centro dinâmico em questão é uma destas partículas.

— Sendo assim, com a dispersão dos centros dinâmicos deve realizar-se, também, a dispersão da própria vida e, portanto, o aniquilamento da consciência. Não é verdade?

— De maneira nenhuma! O centro mais elevado do campo de fôrça, no qual todos os outros estavam contidos, atrai-os logo após a dispersão e centraliza-os em si. Os centros secundários retêm, da mesma forma, certo número de terciários e êstes últimos, de maneira semelhante, capturam os centros celulares. O todo, concentrando-se numa espécie de molécula mais ou menos complexa, é o que eu denomino «molécula-germe». Esta formação da molécula-germe, como notará, tem determinadas semelhanças com o pangenésio de Darwin.

O grande naturalista admitia já, mesmo sem prova experimental concreta, que de cada célula do organismo se destacava uma partícula, que se deslocava nesse organismo até aos órgãos genitais. Isso quer dizer, em linguagem mais clara, que todas as gêmulas se reunem para formarem o germe.

— E será assim?

— Na minha forma de ver, as gêmulas são reavidas pelos centros dinâmicos e é precisamente depois da morte do sarcosoma e não durante a sua vida, que elas se agregam, como já expliquei, para formarem o germe. Só depois, como suponho ter demonstrado, é que elas se entregam aos órgãos genitais de um ser vivo.

— No óvulo feminino, depois de convenientemente fecundado?

— Nem sempre. E' por isso que elas, às vezes, não são absorvidas pelas células reprodutoras que atingem e ficam inertes, acabando, mais tarde ou mais cedo, por serem arremessadas ao exterior.

— E morrem?

— Qual coisa! Renovam a tentativa e se o órgão em que penetram oferece condições favoráveis à sua evolução...

O que sucede?

— Então avolumam-se, dilatam-se, e cada centro composto enche-se de protoplasma.

— E se o meio é impróprio, como sucedeu há pouco?

— Voltam a dispersar-se de novo e buscam outro organismo.

— Sempre assim, até encontrarem um meio que lhes permita evoluir?

— Exatamente. E o organismo que ofereça condições favoráveis à molécula germe, demonstra ao observador que não difere da espécie a que ela própria pertence, isto é, que tem uma forma e uma estrutura semelhante aquela que a molécula-germe deve engendrar no futuro. Não é, pois, a hereditariedade, a suposta transmissão dos ascendentes aos descendentes, que origina, no semelhante, as características da semelhança.

— E' curioso.

— Acha? Pois ainda não é tudo. O psicolono que, após a morte do seu organismo, envolve uma molécula-germe pronta a evoluir (psicolono condensado), tinha forçosamente já evoluido, numa certa medida, antes do organismo libertado.

— De onde veio, então?

— De um outro organismo por êle próprio construido.

— Como será êsse organismo?

— Da mesma forma e estrutura que êle continua a procurar para poder evoluir.

— Mas então o organismo é anterior ao psicolono condensado, o que, à luz da teoria que aponta, se me afigura absurdo!

— Absurdo, não; difícil de explicar, que é um pouco diferente. De fato, para construir o primeiro organismo, êle tinha começado por ser uma simples molécula-germe.

— E a origem dessa molécula-germe?

— Acha-se, com certeza, numa procedente evolução.

— Extra-terrestre, num outro mundo inferior ao nosso?

— Talvez, mas eu não quero nem devo sair do terreno sólido das ciências naturais. Por isso, limitar-me-ei a dizer-lhe que o psicolono do homem realizou um grande número de vezes a embriogénese da sua espécie.

— Sempre da mesma espécie?

— Sim, da mesma espécie ... no momento presente para êle. De resto, uma das leis de embriologia ensina-nos que a autogénese é como a repetição forçada da filogénese que se produziu no longo decorrer de todos os tempos geológicos. Por outras palavras: Todo o ser atrai, na sua embriogénese, os diferentes tipos de adultos que a sua espécie realizou na marcha ascencional da sua evolução geológica. Esta lei, um pouco modificada pela aquisição recente de novos conhecimentos, pode, agora, enunciar-se dêste modo: cada indivíduo, pelas transformações embrionárias, realiza os diferentes tipos de seres adultos que realizou nas suas vidas anteriores ao longo do curso das idades, tipos êstes cujo encadeamento sucessivo desenha a linha contínua da sua própria evolução.

Se o psicolono venceu um grande número de vezes e se êle, um grande número de vezese, também, construiu o seu próprio organismo, é claro que se habituou a construí-lo e não tem nada de extraordinário que êle conseguisse construí-lo com tamanha rapidez. Êle deve saber como se procede para chegar o mais rapidamente possível, partindo do simples óvulo, à formação definitiva da sua espécie.

Toda esta reconstrução é devida à memória orgânica ou fisiológica de que se acha impregnado o psicolono em evolução.

E a concluir:

— Tal é a explicação rigorosa que, no estado atual das ciências, a embriogénese nos pode fornecer. E eu desafio os biologistas a substituí-la por outra que, à face do rigor científico empregado por mim, possa mostrar-se melhor.

Todos têm o dever de notar que eu, para resolver o problema da sobrevivência do homem e da pluralidade, que demonstrei, das suas vidas sucessivas, não recorri à teodiceia nem aos argumentos da moral, mas que me baseei únicamente nos conhecimentos já adquiridos pelos sábios — através da biologia e de outras ciências naturais.

. . . .

E aí fica, em poucas linhas, o resumo dos ensinamentos de um grande mestre, a propósito do transcendente problema da sobrevivência do sêr.

Crônica Estrangeira

Passou ao lado da Verdade e não a viu

O *Times* publicou e *Revue Spirite* reproduziu um artigo subscrito por «um octogenário» e intitulado «A Morte e seu dia seguinte». O artigo não é espírita, mas aí se encontram muitas cousas boas ao lado dum evidente desdem por nossas crenças, o que não impede o reproduzamos parcialmente:

«Muitas pessoas, eu o suponho, quando atingem a idade avançada, começam a pensar no fim inevitável, que lhes parecia tão distante durante o estio da vida, quando estavam em plena fôrça e trabalhavam corajosamente. Que fim será êsse? perguntam. Será a morte o Rei Espantalho ou o Anjo do Livramento? Que haverá por trás dela, no desconhecido? Êsse «desconhecido» cujo segredo os homens quiseram desvendar, em todos os tempos, mas que nada revelou, nada absolutamente preciso, a despeito da imaginação de poetas, profetas, padres, videntes, feiticeiros, e apesar dos pios confôrtos da religião!... De Balaão à possessa de Endor, dos quiromantes aos adivinhos e aos espíritas de hoje, êsses que professam conhecer o futuro e estarem em comunicação com o mundo invisível, sempre encontraram ouvintes complacentes e crédulos. O que podem eles nos dizer? Nada. Nós cremos, nós esperamos uma vida para lá do túmulo. Mas ignoramos todos seus detalhes. A Bíblia nada nos diz. Quem nos póde esclarecer sôbre a câmara tenebrosa da qual passaremos ao vale gelado? Foram impressos muitos livros, que ensinam os nobres processos de morrer, em que estão reunidas as rezas pelos agonizantes. Mas aí não se encontra a menor luz sôbre o «outro lado». E' que tal conhecimento é, infelizmente, inacessível. Nenhuma informação nos chega do Além. Sómente aqueles dentre nós que passaram por mortos podem tentar dizer o que é o grande Limiar. Sua volta à vida foi permitida para exprimirem a idéia que da morte puderam formar.

Eu sou um dêsses. Passei pela experiência de quasi morrer, e posso afirmar que a morte absolutamente nada tem que possa infundir terror. «Morrer, escreve Bacon, é tão natural quanto o nascer... O homem teme a morte como a criança teme a escuridão. A meu ver, o que tornou a morte tão tétrica, é a pompa fúnebre que a rodeia».

Pompa Mortis Magis Terret Quam Mors Ipsa

O valente octogenário provavelmente morrerá sem maiores informações do que será seu fim. Êle o saberá *depois*. Nós, espíritas, nós o sabemos *antes*, é esta a nossa fôrça, e é esta o nosso júbilo. Êle não leu bem a sua Biblia. Esta lhe informaria que o «apósmorte» nela está definido em termos precisos e justamente concordantes com os ensinos dêsses grandes espíritos que o velho britânico inconsideradamente compara com quiromantes de esquina de rua e ledores da buenadicha. O conhecimento do Além é, em certa medida, acessível, se bem êle julgue o contrário, visto já estarmos de posse de luzes sôbre o outro lado. Onde êle tem razão, é quando diz: «Eu vi a morte de perto; o que não é cousa tão terrível». Êle veria que ela ainda é bem menos temível, apesar das pompas fúnebres, se tivesse, como nós, a felicidade de saber quão radiosas portas ela abre para o infinito. Para o cêptico autor, fazemos os votos mais fraternais, no sentido que, ao transpôr, uma noite, o limiar, não se sinta muito surpreendido ante o espetáculo que se oferecerá a seus olhos e que só sinta um pequeno pesar, o de ter enviado ao *Times*, um artigo em que passou bem ao lado da verdade, sem a ver.

⁂

Ainda acreditam no Dia do Julgamento

«*Psychic News*»

A Igreja Católica Romana sempre considera o Espiritismo como inimigo da Fé, e declara que nossos conhecimentos, relativos ao que acontece após a morte, emanam de maus espíritos, disfarçados.

O que pensarão inteligentes católicos — e muitos deles existem — da origem dos conhecimentos do Dr. Arendzen como se depara em seu sermão publicado no «Catholic Times»?

Arendzen pretende conhecer exatamente o que sucede a todos os que são destinados ao céu, e delineou toda sua história post-mortem, do momento em que morrem até o Dia do Julgamento:

«Nós o veremos (Jesus) primeiramente de modo misterioso imediatamente após á nossa morte, naturalmente não com nossa vista corporal, mas por alguma percepção mental, uma espécie de visão de que agora não podemos fazer idéia. Seremos julgados por Jesus e o conheceremos . . .

Depois do Purgatório

«De novo o veremos de outra maneira, no momento em que deixarmos o purgatório. Então, ao clarão da glória de sua divindade, o contemplaremos face à face, veremos Sua sagrada Humanidade em que a Divindade habita corporalmente. Certo, a nossa visão ainda será sómente aquela percepção mental misteriosa, de que não temos idéia precisa, agora sôbre a terra, embora alguns dos Santos O tenham visto nesta vida.

Finalmente, quando no último dia surgirmos dos mortos e recuperarmos nossos corpos, quando de novo o contemplarmos com êstes nossos olhos e ouvirmos com êstes nossos ouvidos, aguardaremos sua vinda gloriosa sôbre as nuvens do céu, então verdadeiramente o perceberemos de modo humano, como foi visto pelos homens da Galiléia, apóstolos e discípulos, efetivamente como O viu Sua Santa Mãe quando com êle morava em sua casinha de Nazaré, e como ela agora continua a vê-lo, porque já está de corpo e alma, no céu desde sua assunção.

Naquela ocasião se revelará a nós mais maravilhoso do que se manifestou a Pedro, Tiago e João no Monte Tabor. Então nos mostrará as chagas de suas mãos e pés e a grande chaga da lança».

Grande surpreza aguarda o Dr. Arendzen

Grande será a surpresa de Arendzen, quando, ao morrer, descobrir que Jesus não o julgará — quando verificar que será êle seu próprio juiz que proferirá a sentença: punição ou recompensa.

Quão grande será o seu assombro ao descobrir que jamais tornará a entrar em seu corpo material porque progrediu para um estado em que já não necessita do corpo carnal.

Talvez então, procurará voltar a êste mundo para dizer aos outros católicos quão grande fôra o seu êrro. E êstes que na terra lhe deram crédito, hão de supor tratar-se de um mau espírito disfarçado em Arendzen, e rejeitarão toda sua comunicação.

⁂

Uma grande prova da sobrevivência

De «Estudos Psíquicos»

Maurice Barnell descreve em *Two Worlds* uma extraordinária prova da sobrevivência, como tem havido poucas em sessões espíritas. Diz êle :

«Jean Stone é orgulhosa possuidora de uma prova raríssima, talvez única, da sobrevivência : a assinatura espiritual de seu marido, escrita por êle recentemente numa sessão.

«Esta senhora é uma figura proeminente na Jewish Psychic Society (Sociedade Psíquica Israelita) que tem consolado muitas pessoas enlutadas com provas da sobrevivência que só a mediunidade póde oferecer e recebeu esta tocante prova numa sessão com o médium John Scammell, na sua casa de Londres.

«Através da trombeta, um dos guias do médium anunciou que desejavam tentar uma experiência. Depois, quando outro guia estava a falar, a trombeta dirigiu-se para a senhora com uma caneta de tinta permanente que lhe pertencia. Depois, veio o pedido de se afastarem, que o Cap. «Uncle Fred» queria escrever.

«Quando ela se ofereceu para ir buscar papel para o efeito, o guia respondeu que êle próprio o forneceria. E outra vez a trombeta se lhe dirigiu com a folha dobrada de um jornal que se encontrava no bolso do médium e que mais tarde viram ser uma carta recebida por Scammell.

«Depois, uma espécie de mão elástica pegou na pena e no papel que estavam encostados a uma placa luminosa para melhor controle e os assistentes observaram fascinados êsse movimento e viram a mão escrever no papel. O resultado foi a cópia perfeita da assinatura de seu marido, escrita duas vezes «Fred H. Stone». Os dois únicos documentos em que esta assinatura aparece são o seu passaporte e a certidão de casamento, nenhum dos quais o médium tinha visto.

«Jean Stone mostrou-me as duas assinaturas em questão escritas no verso de uma carta dirigida a Scammell e que eu comparei com a assinatura da sua certidão de casamento. *Eram idênticas* e *claramente feitas pelo mesmo indivíduo*.

«Agora, Jean diz e com razão que possúe um testemunho permanente da sobrevivência de seu marido que nem o maior céptico poderia explicar».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias de S. Paulo

Centro Espírita Ubiratan

A 29 de Novembro p. p. realizou-se em meio ansiosa espectativa, a solenidade inaugural da nova séde social do Centro em epígrafe, instalado a Rua Ipanema, 342-344. Uma assistência numerosa compareceu às novas instalações da casa, que está sob a firme orientação de abnegados companheiros, crentes sinceros da 3.ª Revelação Divina.

Precisamente às 20,30 hs. o Presidente, confrade Romualdo Joaquim Martins, toma a palavra, dirigindo uma saudação ao ilustre Allan Kardec, o sábio filho de Lyon. Leu belissima parte de sua biografia, causando satisfação a todos. A seguir, falou o Secretário, Viriato Villaça Porto, que fez um retrospecto das atividades dos elementos da casa, cada qual em seu setor, prestando destarte, homenagem aos que têm contribuido para a causa de Jesus.

Depois, fez-se ouvir o amigo Armando Jorge Martins, que dissertou sôbre uma lindíssima lenda oriental, pedindo aos confrades, que cada um, dentro de suas possibilidades, se esforce no sentido da prátíca da Doutrina.

Por fim, como convidado extra, assomou à tribuna, a figura simpática de Aidar Néto, irmão muito querido e ligado a Cairbar Schutel. Além de dirigente de um centro no bairro do Braz, colabora eficazmente na obra da redenção humana, material e espiritualmente.

Os oradores foram aplaudidos calorosamente.

Na 2.a parte, desenrolou-se um interessante programa artístico. Dentre os artistas «grandes e pequenos», estes levaram a melhor. E não podiamos deixar de registrar aqui, em letras de ouro, a pianista de 7 anos, Autair Maria Rodrigues da Cunha, que executou a «Sonata de Mozart», e o inteligente garoto, Adelino Zelante, filho do casal de confrades e amigos, Angelo e Odete Zelante, o qual executou ao violino — «Intermézzo» — da Cavalaria Rusticana, de Mascagni, e «Viuva Alegre» de Lehr.

Essas crianças prodígios são alunos do Professor Rodrigues da Cunha, operoso confrade, musicista emérito, compositor, que ainda foi o locutor oficial dessa noitada inesquecível.

Como diziamos, nós, modestos cultores da música dos Mestre, ficámos eletrizados com tais crianças, e não erramos em afirmar estar reservado um futuro radioso a êsses precursores do Terceiro Milênio. Também admiramos a *verve* do confrade Romualdo, que recitou poesias de Guerra Junqueiro e Vicente de Carvalho.

Nós, obscuramente, declamamos, algo mediúnico, recebido por «acréscimo e misericórdia». Ainda temos a registrar aqui, uma poesia de Godoy Paiva, «A Mulher do Benjamin», muito graciosa e de «humour» reincarnacionista.

Dna. Alice Reis executou «O Despertar da Montanha» e a Snrta, Celeste Corrêa, a composição «Horas Tristes, em sólos de piano. Theodomiro Rodrigues da Cunha (Nenê), deu-nos «A Dança do Fogo» — de De Falla, colaborando ainda, a diléta filha e mais a Exma. Esposa do Prof. Rodrigues da Cunha em números de piano, declamação, etc.

O Trio Horácio, Abel, Waldemar deu a nota em músicas e canções folclóricas. No final da reunião festiva, distribuiram-se flores às damas e senhorinhas, como lembrança da festinha.

A Revista Internacional do Espiritismo, saúda os dirigentes e consocios do Ubirantan, e lhes deseja novos dias de paz, trabalho e prosperidade espiritual.

Vicente S. Neto.

Conselho Deliberativo Estadual

Súmula da Ata da Sessão de 23 de Novembro de 1952

Regimentos : — Aprovados, provisóriamente, os Regimentos Internos e Regulamentos da UMES e UDES, Conselhos Regionais, Metropolitano e Deliberativo Estadual, ficando a discussão e votação definitivas para a reunião a ser realizada no mês de Janeiro vindouro, depois de recebidas as sugestões que possam ser enviadas pelos órgãos constitutivos da USE, dentro do prazo máximo de trinta dias, contados da data de recebimento dos ante-projetos aprovados.

Departamentos : — Criação do Departamento de Finanças e do Departamento Social, além daqueles expressamente previstos pelos estatutos em vigor.

Sub-Departamentos : — Criação do Sub-Departamento de Esperanto, integrado no Departamento de Educação; e do Sub-Departamento de Pesquisas Psíquicas, integrado no Departamento de Doutrina.

Jornal da USE: — Angariação de recursos por meio de listas a serem distribuidas pela Diretoria Executiva aos Conselhos Regionais e Metropolitano, afim de garantir a publicação do órgão oficial da USE: «Unificação» — durante o prazo mínimo de um ano, tendo em vista evitar solução de continuidade.

Contribuições : — Estabelecimento da contribuição mínima de Cr. $ 20,00 mensais pelas sociedades e instituições espíritas congregadas, afim de atender as despesas das UMES e Conselhos Regionais no Interior do Estado; UDES e Conselho Metropolitano na Capital.

Contribuição de Cr. $ 1,00 por as-

A

Revista Internacional
do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, contribuintes, colaboradores e auxiliares, um Ano Novo cheio de prosperidades espirituais, muita paz e fraternidade.

1—1—1953.

sociado das sociedades espíritas congregadas, feita no ato do pagamento das mensalidades, por meio de um selo especialmente confeccionado pela USE e distribuidos pela Diretoria Executiva, Conselhos Regionais, Metropolitano, UMES e UDES, cujos órgãos constitutivos ficarão, igualmente, incumbidos da arrecadação e contrôle.

Os que desejarem, poderão adquirir mais de um selo, no ato do pagamento de suas mensalidades. O produto dessa arrecadação será remetido diretamente à Diretoria Executiva da USE, por intermédio dos seus organismos, afim de que a entidade Unificadora possa atender ás suas múltiplas atividades em favor do movimento espírita em geral.

Semanas Espíritas: — Recomendar aos Conselhos Regionais para que planifiquem «Semanas Espíritas» nas respectivas Regiões, patrocinadas pelas UMES, à base de um programa préviamente estabelecido em concordância com a direção central da USE, tendo em vista a coordenação dêsse trabalho, sua objetividade e eficiência. Os Conselhos Regionais, sempre que possível, indicarão os oradores tirados dos seus próprios quadros, que representarão a USE nas comemorações, festividades e «Semanas Espíritas», realizadas nas suas jurisdições.

Subvenções: — Providências no sentido de se conseguir subvenções dos governos Municipal, Estadual e Federal, em pról das finalidades da USE.

Radio Piratininga: — Solicitação à União Federativa Espírita Paulista para que se digne atender ao pedido de informações sôbre a extinta «Rádio Piratininga», formulado pelo 3.° Congresso Espírita Estadual.

Congratulações: — Congratular-se com a Comissão Promotora da vinda do Prof. Pietro Ubaldi para o Brasil, tendo em vista a grande importância dêsse acontecimento.

—

São essas, em resumo, as decisões tomadas pelo Conselho Deliberativo Estadual da USE, em sua primeira reunião no atual período administrativo.

—

Os conselheiros tomaram conhecimento do PLANO ANUAL DE TRABALHO, elaborado pela Diretoria Executiva, afim de orientar suas atividades construtivas, o qual será distribuido a todos os organismos da USE.

—

No início da reunião, a Diretoria Executiva apresentou um suscinto relatório dos trabalhos realizados no primeiro mês de sua gestão.

Fraternalmente,
USE
União das Sociedades Espíritas do
Estado de São Paulo.
Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva.
Secretário Geral.

Noticiário da USE

Reunião do C. D E. — O Conselho Deliberativo Estadual da USE, com a participação dos Conselheiros Regionais, Metropolitanos e das entidades inicialmente patrocinadoras, reuniu-se no dia 23 de Novembro p. passado, tomando importantes decisões para andamento do trabalho de Unificação. A quantidade e qualidade das deliberações, foram altamente significativas, conforme se poderá verificar pela súmula que será brevemente remetida a todos os órgãos constitutivos desta Instituição Unificadora do movimento espírita estadual.

Conselhos Regionais, Metropolitano, Umes e Udes: — Êstes organismos que integram a USE, estão em franca atividade Unificadora, realizando suas reuniões mensais nas respectivas sédes, cumprindo e fazendo cumprir disposições estatutárias e regimentais.

Atendendo à solicitação feita pelo representante da 4.ª Região, a direção central da USE se fez representar na reunião do Conselho Regional Espírita do Vale do Paraíba, no dia 30 de novembro findo, pelo Dr. Manoel de Paula Cerdeira, o qual percorreu várias cidades da Região, realizando palestras doutrinárias e orientando UMES e sociedades congregadas.

Expediente:

O Expediente normal da USE, em sua séde social, na rua Santo Amaro, 362, na Capital do Estado, está sendo feito ininterruptamente, das 8,30 ás 18,30 horas, nos dias uteis e das 9 as 12 horas nos domingos, atendendo nesses períodos aos dirigentes dos organismos que a constituem, as sociedades congregadas e aos confrades em geral.

* * *

Os Moradores estão assombrados...

Todo mundo leva pedrada entre 19 e 24 horas, até o próprio Delegado...

FORTALEZA, 29 (N. P.) — Continuam os fantasmas da rua Tristão Gonçalves a atirar pedras sôbre três das casas residenciais que ficam entre as ruas Antonio Pompeu e Domingos Olimpio. Todas as noites cai uma verdadeira chuva de pedras nas referidas habitações e os moradores dalí continuam assombrados. Todo mundo leva pedrada de 19 até 24 horas. Até a polícia já foi apedrejada e ninguém sabe de onde procedem as pedras que se projetam dentro das moradias em referência.

Assombrações ou gatunos? Eis o que perguntam a todo instante os circunstantes. Alguém disse já ter visto vulto nos telhados. Outros afirmam que são assombrações. O certo é que até o delegado da Ordem Política e Social já levou pedradas.

—

ESCAVOU A TERRA E ENCONTROU OURO E PEDRAS PRECIOSAS...

SALVADOR, 28 (Asapress) — Informam de Buirarema, que o lavrador Manuel Porfirio da Silva, recebeu, em sonho uma mensagem de seu tetra avô, pedindo que cavasse, em determinado lugar uma profundidade de 10 metros, que encontraria um peneiro cheio de moedas de ouro e outras joias de valor. A mensagem, segundo o felizardo, pedia que fôsse sozinho.

Manuel Porfirio da Silva dirigiu-se ao lugar indicado e cavou a profundidade mandada, gastando para atingi-la três dias, quando, então, encontrou o peneiro cheio de ouro e pedras preciosas.

A fortuna encontrada monta em mais de cinco milhões de cruzeiros e está sendo vendida a particulares pelo seu proprietário.

Do «Correio Paulistano», de 30-12-52.

* * *

Federação Espírita do Estado de São Paulo

Umbanda, Terreiro e outras práticas

Para esclarecer o povo e como órgão orientador do Espiritismo Estadual esta Federação declara o seguinte:

1.º) — As práticas de Umbanda, terreiro e outras, que se estão radicando no Estado, não são práticas de Espiritismo verdadeiro, porque êste visa esclarecer e purificar os homens, impulsionando-os na ascese evolutiva, enquanto que aquelas não têm as mesmas finalidades e consequências, mesmo não realizando o mal, agem para satisfazer paixões e interêsses materiais.

2.º) — O Espiritismo é uma doutrina científico-filosófica-religiosa, sem ritos, dogmas, cerimônias, com base moral no Evangelho de Jesus Cristo, enquanto que referidas práticas são um sincretismo religioso de carácter inferior; um conjunto de ritos e cerimônias, com exterioridades copiadas de outras religiões, crendices ou superstições de povos primitivos.

3.º) — O fato de haver naquelas práticas manifestações de mediunismo não lhes assegura o direito de se intitularem de Espiritismo porque a posse de faculdades psíquicas é comum a qualquer indivíduo, independentemente do credo religioso que professe.

4.º) — O termo «Espiritismo» foi usado para designar a Doutrina dos Espíritos, isto é: o conjunto de conhecimentos e normas postos em sistema e que formam a Codificação feita na França, no século passado. O que fundamentalmente caracteriza esta doutrina é o imperativo de reforma moral exigida dos adeptos.

5.º) — Em consequência esta Federação recomenda aos Centros Espíritas que lhe são filiados que se oponham à infiltração dessas práticas em suas instituições, visto serem desaconselháveis; e quanto aos Espíritas em geral adverte a que não frequentem tais trabalhos por serem retardadores da evolução espiritual.

Estas recomendações visam defender a doutrina na sua pureza e unidade, segundo a Codificação elaborada pelo insigne missionário Allan Kardec e os ensinamentos dos seus legítimos seguidores.

São Paulo, 2 de Maio de 1952.

A DIRETORIA.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão realizada em 6 de Dezembro de 1952

Retificação de Ata — O representante de São Paulo pede seja retificada a ata de Novembro, na parte referente ao pedido da USE, relativamente a atividade do Umbandismo, para que conste o seguinte: «O representante de S. Paulo sugere ao Conselho Federativo Nacional providências junto às entidades nêle representadas, no sentido de, por meio de ampla divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec, esclarecer o público em geral sôbre a diferença existente entre Espiritismo e Mediunismo, procurando desta forma salvaguardar a conceituação do termo «Espírita», dada a existência de práticas mediúnicas sem base nem conteúdo doutrinário, rotuladas de Espiritismo, mas contrariando frontalmente os salutares princípios da Doutrina Espírita. Apelar para as ditas entidades de âmbito estadual para promoverem um esfôrço no sentido de, por meios suasórios e evangélicos, conseguirem, dentro do possível, a melhoria das práticas mediúnicas e orientação doutrinária das sociedades filiadas afim de que sejam escoimados do movimento espiritista o sincretismo religioso e outras práticas mediúnicas discordes do Espiritismo, mas que usam, indevidamente, a designação Espírita, ao invés dos nomes que lhes são próprios, acobertando-se sob o manto da 3.ª Revelação, acarretando descrédito e comprometendo o movimento espírita genuínamente doutrinário, baseado nos Evangelhos de Jesus-Cristo».

Advertência às Sociedades Espíritas — O Conselho Federativo Nacional resolveu aconselhar a todas as Sociedades espíritas que não tomem parte em reuniões alheias ao movimento espírita e que se apresentam como apregoadores da «paz».

Propaganda Radiofônica — O conselheiro Lauro Salles, em nome do confrade Nelson Batista de Azevedo, comunica ao Conselho a instituição, no programa radiofônico «Seleções Espiritualistas», de uma secção destinada ao movimento espírita nos Estados, através dos respectivos representantes no Conselho.

IV Congresso de Confraternização do Estado do Rio de Janeiro — O presidente apresenta o convite e programa de um IV Congresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, resolvendo o Conselho delegar ao representante da Federação Espírita do Estado do Rio poderes para com esta Entidade resolver o assunto.

Doutrina Espírita e Mediunismo — Tomando conhecimento da solicitação da USE, o Conselho aprovou, por maioria absoluta, a resolução seguinte, proposta por Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Distrito Federal: «O Conselho Federativo Nacional, embora reconhecendo que várias seitas religiosas, que se servem da mediunidade nas suas práticas, são respeitáveis, declara, no entanto, que a Doutrina Espírita se fundamenta na codificação kardequiana, no seu tríplice aspecto».

Rio Grande do Sul — Pelo representante da Federação Gaúcha é lida parte da circular número 12 daquela entidade aos seus adesos, na qual são lembradas medidas de elevado alcance para a boa orientação das práticas doutrinárias nos ditos Centros.

Jesus disse que o bem que deixamos de fazer aos pequeninos, é a Êle que o deixamos de fazer. Isto quer dizer que Jesus está representado nos humildes, sofredores e necessitados. — *MARIQUINHAS.*

ÍNDICE

Das matérias contidas no 28.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1952 a Janeiro de 1953)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1952

		Pag.
Mais um passo para a frente . . .	*Redação*	*1*
Hereditariedade Psíquica	*Carlos Imbassahy*	*2*
Patrimônio Sagrado	*Pereira Guedes*	*5*
Felicidade às Avessas	*Leopoldo Machado*	*7*
Significação da Obra Mediúnica . .	*Arnaldo S. Thiago*	*8*
Vamos Meditar ?	*Major Levino C. Wischral*	*9*
O Espiritismo transpõe o Atlântico . .	*Dr. Antonio J. Freire*	*12*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*15*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*17*
Espiritismo no Brasil	«	*19*

N.º 2 — MARÇO DE 1952

O Perispírito ou Corpo Espiritual . .	*Redação*	*25*
Uma serva de Jesus	*Major Levino C. Wischral*	*27*
Comparando	*Pereira Guedes*	*30*
Os mortos falam	*Wanderley Cabral*	*32*
Ulceras Fantasmas	*Odilon José Ferreira*	*34*
Será nossa Alma uma glândula à parte em nosso corpo ?	*Gumercindo Lopes Coimbra*	*35*
O Corpo Astral fotografado no momento da morte	*M. P. Wan Walt*	*36*
Salve Grande Missionário !	*Max Kohleisen*	*41*
Evangelho e Paz	*Lima Filho*	*42*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*44*
Espiritismo no Brasil	«	*47*

N.ºs 3 e 4 — ABRIL e MAIO DE 1952

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade	*Redação*	*49*
Lutando pela Paz	*Pereira Guedes*	*50*
A Allan Kardec	*Leopoldo Machado*	*51*
A Dupla Personalidade — Regressão da Memória	*Carlos Imbassahy*	*53*
Prodígios do Pensamento	*Major Levino C. Wischral*	*55*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*57*
Dr. Lins de Vasconcelos	*Alfredo d'Alcântara*	*59*
Os «Poltergeister»	*Max Kohleisen*	*60*
«Em uma só palavra : Amor»	*Natalio Ceccarini*	*62*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa .	*Deolindo Amorim*	*63*
Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco	*De «La Stampa»*	*66*
Uma Grande Perda ?	*Leopoldo Machado*	*67*

Crônica Estrangeira	*Redação*	*68*
Espiritismo no Brasil	«	*71*

N.º 5 — JUNHO DE 1952

Um Grande Movimento	*Redação*	*77*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa .	*Deolindo Amorim*	*78*
Ainda e sempre na defesa do Espiritismo	*Pereira Guedes*	*80*
Vida Orgânica e Vida Anímica . .	*Alfredo d'Alcântara*	*82*
Isto também é Caridade	*Major Levino C. Wischral*	*84*
A Bezerra de Menezes	*Leopoldo Machado*	*86*
Pelas Sendas do Mistério	*Dr. J. W. Tedor*	*88*
Um Caso de Possessão	*Arnaldo S. Thiago*	*90*
Mais um fenômeno de «Poltergeist» . .	*Max Kohleisen*	*91*
Finalidades Cristãs dos Congressos . .	*J. B. Chagas*	*92*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*94*
Espiritismo no Brasil	«	*97*

N.º 6 — JULHO DE 1952

Fenômenos de Regressão da Memória .	*Redação*	*102*
Devaneios no Porvir	*Major Levino C. Wischral*	*103*
A Dupla Personalidade — Os Casos Clássicos	*Carlos Imbassahy*	*106*
Finalidades Cristãs dos Congressos . .	*J. B. Chagas*	*108*
Espírito e Matéria	*Arnaldo S. Thiago*	*110*
Catolicismo odiento e odioso . . .	*Manoel J. Silva Pinto*	*114*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*116*
Espiritismo no Brasil	«	*120*

N.º 7 — AGOSTO DE 1952

O Espiritismo e o Espírito de Sistema .	*Redação*	*125*
A Dupla Personalidade — O Caso de Miss Beauchamp	*Carlos Imbassahy*	*126*
Finalidades Cristãs dos Congressos . .	*J. B. Chagas*	*129*
O remédio infalível na cura da embriaguez	*Pereira Guedes*	*130*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*132*
Retrato Atual	*Major Levino C. Wischral*	*133*
Costumes Obsoletos	*Arnaldo S. Thiago*	*134*
A' Guisa de Prefácio	*Redação*	*136*
Obsessão e sua cura	*De «Light»*	*137*
Vitam Impender Labor	*Leopoldo Machado*	*138*
Era Nova na Ciência	*Yvone de Sousa*	*139*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*142*
Espiritismo no Brasil	«	*144*

N.º 8 — SETEMBRO DE 1952

Fenômenos obtidos pelo Dr. Bayol . .	*Redação*	*150*
E' assim sua mediunidade ? . . .	*Major Levino C. Wischral*	*151*
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	*153*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*155*
Estados diferentes das Almas e suas moradas	*João Martins Diogo Junior*	*157*
Amai-vos uns aos outros	*Godoy Paiva*	*158*
Sociedade Brasileira de Filosofia . .	*Do «Jornal do Comercio»*	*163*
Inspiração ou dom mediúnico? Coincidência?	*Arnaldo S. Thiago*	*165*
Leopoldo Machado e seus livros de 1952	*Redação*	*166*

Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 167
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 170

N.º 9 — OUTUBRO DE 1952

3 de Outubro . . . . . . *Redação* 173
Colonia Coletora de Preces . . . *Major Levino C. Wischral* 174
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . . *Ismael Gomes Braga* 177
A Quinta Fase . . . . . . *Leopoldo Machado* 179
Ao grande e ao pequeno trabalhador . *Gilson M. Henriques* 181
Nêste momento decisivo da História . . *Arnaldo S. Thiago* 182
O Pentecostes segundo o Espiritismo . *João Teixeira de Paula* 186
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 188
Os órgãos do corpo espiritual . . . *W. H. Evans* 190
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 192
Espiritismo no Brasil . . . . . « 194

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1952

«A Morte é a porta da Vida» . . . *Redação* 197
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . . *Ismael Gomes Braga* 198
A terrível ameaça em dia . . . . *Leopoldo Machado* 200
Aldeotas Espíritas . . . . . . *W. Vieira* 201
A Máquina e o Condutor . . . . *Viriato Carneiro Lopes* 204
A Técnica da Materialização à luz do dia *Amy Marchall* 205
A verdadeira obra de redenção . . . *Nair d'Oliveira Loureiro* 207
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal* 209
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 210
Benedicta Fernandes . . . . . . *Ismael Gomes Braga* 212
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 214
Espiritismo no Brasil . . . . . « 217

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1952

A propósito do Natal . . . . . *Redação* 221
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga* 222
Exercitos fantásticos e combates aéreos . *Francisco Klörs Werneck* 224
Obras do Alto . . . . *Leopoldo Machado* 227
Porque «Graças a Deus ?» . . . *Major Levino C. Wischral* 229
Os grandes conflitos do pensamento moderno *Dr. Maurice Delarrey* 232
Almas algemadas à Terra . . . . *E. Oaten* 234
A Sobrevivência do Homem . . . *Dr. Martins de Oliveira* 236
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 240
Espiritismo no Brasil . . . . . « 243

N.º 12 — JANEIRO DE 1953

Relembrando uma Data . . . . *Redação* 245
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga* 246
Leitura «Por Alto»... . . . . . . *Deolindo Amorim* 248
Sôbre o Divórcio . . . . . . *Carlos Imbassahy* 249
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal* 251
Educando a Alma . . . . . . *Major Levino C. Wischral* 252
Crônicas Doutrinárias . . . . *Pereira Guedes* 254

Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*255*
A Técnica da Materialização à luz do dia	*Amy Marchall*	*257*
Uma Grande Vida	*Francisco Klörs Werneck*	*258*
«Dante Alighieri — O Ultimo Iniciado» .	*Redação*	*260*
A Sobrevivência do Homem . . .	*Dr. Martins de Oliveira*	*262*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*266*
Espiritismo no Brasil	«	*268*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 833
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB [illegible] 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2911unse

ANO XXIX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Fevereiro de 1953—N. 1

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF ~~PRINCETON~~
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Fincando mais um marco . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
Uma grande vida e uma grande obra *Carlos Imbassahy*
A Grande Revelação . . . . . . *Pal*
Congresso Médico da Alma . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Uma grande Operação Espiritual . *Ten. Cél. Benjamin Cabello Bidart*
O Movimento de Mocidades Espíritas... . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

os pre
do, te

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didáquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1953 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Fincando mais um marco

NA sua elevada tarefa de difundir a 3.ª Revelação, «Revista Internacional do Espiritismo» finca hoje mais um marco na senda de sua existência ao completar o seu 28.º aniversário de fundação, fato êste que nos alegra sobremaneira, porque, bem ou mal, estamos dando cumprimento à tarefa que nos propuzemos levar avante até que outros mais competentes tomem do arado e supram a nossa deficiência num trabalho mais produtivo para a doutrina, que se constituiu o principal objetivo das nossas cogitações.

Não podemos saber se houve ou não falhas na nossa tarefa e deixamos, portanto, o julgamento aos confrades que vêm acompanhando, embora de longe, a nossa atuação no trabalho da Doutrina. Seja como for, de uma cousa estamos certos: temos nos empenhado a fundo, com a melhor boa vontade, para seguir tanto quanto possível o programa traçado pelo seu fundador, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que fundou esta Revista sob a orientação dos Espíritos Superiores, sendo materialmente ajudado por um fervoroso idealista — Luiz Carlos de Oliveira Borges, também já do outro lado da vida.

Apesar das quase invencíveis dificuldades, oriundas do encarecimento de tudo, esta Revista vem se mantendo firme, enquanto que inúmeras publicações surgem e desaparecem, entre as quais algumas mais ou menos antigas. Êste fato nos leva a crer que além dos nossos prezados assinantes, auxiliares e representantes em geral, o Alto vem nos prestando inestimável adjutório, porque se assim não fôra não estariamos dando conta do recado, em vista das lutas que temos sustentado, mas sempre vencendo com estoicismo, tolerância e, sobretudo, com plena confiança nos Caros Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade.

Cumprindo o programa desta Revista, como os nossos prezados leitores devem ter observado, temos publicado oportunos artigos culturais em que os três aspectos do Espiritismo — científico, filosófico e religioso — são estudados à luz da razão e dos fatos. De outro lado, todos os acontecimentos que nos têm chegado às mãos, notícias, fatos, etc., têm sido publicados nas secções competentes.

Como já é do conhecimento dos nossos prezados leitores, o corpo de colaboradores desta Revista é constituido dos mais apreciados escritores espíritas do país, o que muito têm contribuido para a sua grande aceitação nos meios culturais, onde é muito difundida, notando-se que a sua tiragem aumenta sempre, sinál de que a Doutrina marcha admiravelmente, o que, de outro lado, nos anima e estimula no prosseguimento do trabalho, tanto mais que o nosso objetivo não é outro senão a difusão da Doutrina.

Ao iniciarmos nova caminhada, o fazemos confiantes de que não nos faltará o auxilio que nos tem sido dispensado até aquí, tanto do Alto como da parte dos companheiros de boa vontade, dos nossos distintos colaboradores, assinantes, representantes-viajantes, representantes locais, auxiliares de redação e oficinas, enfim de todos quantos de qualquer forma cooperam na mesma tarefa. A todos os nossos sinceros agradecimentos e votos de muita paz. E aos Caros Espíritos, entre os quais se encontra o querido companheiro Cairbar Schutel, o nosso «muito obrigado» por tudo quanto nos têm feito a pról da propaganda da Doutrina.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

VI

Na sessão de 4 de Setembro de 1952, na parte destinada ao desenvolvimento de psicografia, que é quando a médium Dolores Bacelar recebe poemas e outras comunicações, houve uma breve perturbação: um médium novo foi tomado por um Espírito adversário do Espiritismo. Êsse Espírito perturbado iniciou um discurso contra o Espiritismo, mas foi feita uma prece e êle foi retirado.

Houve uma quebra de corrente, disseram, e a médium despertou do transe quando estava recebendo um lindo poema de José Augusto SOARES DE PASSOS. O lápis lhe caíu da mão e ela teve uns minutos de muita angústia, como depois nos relatou: sentiu-se num inferno dantesco, em meio de Espíritos em violentos sofrimentos que clamavam por socorro. Passados alguns minutos tudo se normalizou: ela entrou novamente em transe, retomou o lápis e prosseguiu no poema que ficou concluído.

O poema de Soares de Passos é grandioso, de doutrina irrepreensível, mas apresenta vários senões de metrificação. Esperávamos que o poeta voltasse na sessão seguinte, como já haviam feito outros, e o corrigisse; mas isto não se deu. Na sessão de 11 de Setembro o poeta que apareceu foi Alberto de Oliveira e escreveu três sonetos doutrinários, muito lindos, nos quais igualmente se podem notar pequenas falhas de versificação. Aquí vão eles como foram recebidos:

Pena de Talião

Sofre o homem nesta vida dura pena,
Porque a Dôr não perdôa e não esquece...
Ela é o puro Juiz de alma serena,
Que só castiga aquêle que merece.

Ao que é justo e bom ela não condena,
Porque a Dôr os dons não desconhece!
Se o homem chora na Terra, se padece,
E' que cometeu falta não pequena!

Quem no pântano vive, a claridade
Do sol não vê, não vê fulgor de estrela!
Conhece só da vida lama e bruma...

Como póde colher felicidade,
Quem nada, nada faz por merecê-la?
Quem maldade plantou na vida, em suma?

Paz

Destrói todas as bélicas armas na Terra!
Funde êsses canhões, êsses monstros de [aço!
E em vez de Marselhêsas, cânticos de [guerra.
Escuta da charrúa e do arado o compasso!

Homem! Pensa na paz, na poesia que [encerra
O campo, e oferece a êle a força de teu [braço!
Esquece o grito da metralha que te aterra,
Ouvindo a orquestração das aves pelo [espaço!

Paz! Promessa de Deus! Delícias de [Paraíso!
Hino de Anjos no Dia do esperado Juizo!
Paz! Música de avena! Remanso de luz!

Homem! Aspira e sonha por outras Vi- [tórias!
Por celestes e eternas corôas de Glórias,
Tecidas pelas Mãos Divinas de Jesus!

Ânsias de Amplitude

Parece que estou vendo o Paraíba ao luar!
Cantando como outróra a mesma triste endecha . . .
Quando, sôbre as suas águas, eu vinha chorar
Minhas máguas de dôres plenas e de queixa!

A porta das lembranças, a morte não fecha
Á alma que o Passado insiste em recordar . . .
Antes mais a escancara, mais aberta a deixa,
P'ra que n'ela melhor possamos penetrar!

Vejo o Paraíba, os braços dágua estendendo
Para o mar, sôbre pedras e encalhes correndo,
Na avidez de atingir o oceano, a imensidade!

Assim, eu também vim pela Terra cantando,
Indiferente às pedras que fui encontrando,
Ansioso por chegar um dia à Eternidade!

Nas produções mediúnicas em versos, bem como nos romances, os eruditos encontram defeitos de forma que provavelmente o escritor em vida não teria cometido, mas em via de regra mais de 95 % nessas produções identificam perfeitamente o seu autor e sómente uns 4 % ou 5 % são discutíveis e discutidos pela crítica dos doutos.

Interrogados a respeito, os Espíritos explicam que há dificuldades a vencer: o médium é um filtro mais ou menos imperfeito que influencia involuntáriamente no trabalho do artista. Temos que aceitar esta explicação, mas podemos adicionar-lhe pensamentos nossos.

1.° — Mudado completamente o meio e o viver do Espírito depois de passar pela crise da morte, sua finalidade, seus pontos de vista se alteram: na Terra êle buscava sómente a beleza das formas; depois de despertar para uma vida maior, dá mais atenção à beleza moral e cuida menos da forma; torna-se mais moralista e menos artista. Só isto altera muito suas atividades artísticas, porque já não lhe interessam os mesmos temas que o encantavam antes. Uma Venus ou um Adonis perdem a significação para quem se coloca na posição de Xenócrates ou Platão.

2.° — A beleza moral da literatura mediúnica conquista os simples e os bons, deixando de lado os doutos e orgulhosos. Processa-se um julgamento: os humildes aderem a esta literatura, colhem-lhe os frutos para sua própria edificação, enquanto os grandes e orgulhosos do mundo, enfatuados em sua erudição que tudo julga e condena, não estudam essa nova literatura, e por isto mesmo se condenam, como sempre procederam através da História, na ciência, na filosofia, na religião. Os doutores da lei, os sábios de Israel, os filósofos gregos do tempo de Jesus viam nos discursos de Jesus uma coisa inteiramente desprezível. Só os simples, os escravos, os pescadores, os camponêses lhe bebiam as palavras. Para os grandes literatos até hoje o Evangelho é uma literatura indigna de qualquer crítica. E a História se repete sempre: os grandes linguístas e filólogos contemporâneos de Zamenhof condenaram irremessivelmente o Esperanto como utopia indigna da atenção de qualquer homem sério; foram as pessoas simples que aceitaram desde logo o Esperanto e por êle trabalham entusiásticamente há 65 anos. Com o Espiritismo não poderia deixar de ocorrer a mesma coisa: os cientistas, os filósofos, os teólogos o condenaram, mas os simples o acolhem com fervor. Há, pois, um julgamento, em nossos dias, diante da psicografia: os sábios orgulhosos só lhe vêem falhas artísticas e a desprezam; os simples e ignorantes só lhe vêem a beleza moral e formam por ela sua mentalidade, sua filosofia da vida.

Êsse julgamento atinge igualmente os espíritas, porque também entre nós há enfatuados eruditos que tudo julgam para condenar e só vêem pormenores de forma, sem alcançarem a beleza espiritual do conjunto, a sublimidade dos ensinamentos contidos nesta vasta literatura que, por mercê de Deus, vai conquistando o mundo rápidamente.

Ismael Gomes Braga.

O homem mais forte é o que sabe vencer os impulsos da sua alma contrários à razão. — *PLATÃO*

Uma grande vida e uma grande obra

CARLOS IMBASSAHY

APARECE-ME em casa mais um trabalho de Leopoldo Machado, com o título — *Uma grande vida*. Essa vida que Leopoldo descreve é a de Cairbar Schutel, o espírita número um, como justamente lhe chama, ou, para não susceptibilizar melindres de outros companheiros também dedicados à Seára — diz ele — no plano material, o lugar que deixa vago, só muito dificilmente será preenchido por outro temperamento irmão do seu».

Tive duas surpresas, senão três, com a magnífica obra que li de uma assentada, quando não tinha êsse propósito. Manhã chuvosa; principiei a folhear o livro, pretendendo fazer ligeira idéia de seu conteúdo; mas fui virando as páginas, lendo-as, relendo-as, até que, à hora do almoço, tinha chegado à última.

Agora a primeira surpresa: um livro de Leopoldo, após a sua doença, que o retém em casa ou no Lar de Jesus, concedendo-lhe, por menagem, quando muito, pequeno perímetro de Nova Iguaçu, isto mesmo se há um automóvel à mão. Há que ver ainda as condições em que executou a obra. Teve que refazê-la quando já é difícil uma simples revisão. Na sua memorável viagem ao Norte, em benefício da Causa, viagem que lhe custou a saúde, ainda hoje precária, cheia de cuidados, e que lhe ia custando a vida, perdeu a papelada. *Era um tal* de entrar em avião e sair de avião, passar para um trem ou uma traquitana, percorrer as cidades, fazer discursos, procurar amigos e adversários do movimento que tinha em vista, convencer os díscolos, amenizar ou vencer discórdias e ressentimentos, explicar ao que ia e os benefícios do plano, que tinha por fim a fraternização, a união, a concordância e homogeneidade nos trabalhos espíritas... E depois de muita falação, pública e particular, e solavancos nos veículos, e vôos a grande altura, volta êle ao Rio, não para gozar os louros da vitória, mas para pagar o seu tributo ao inexorável destino, após o dever cumprido. Adoeceu, e gravemente.

Dissemos algures que, mal acabava de ler um livro de Leopoldo, e outro já me batia à porta. Isto nos bons tempos. A sua nova fase de produtividade espanta. Preocupado com o Lar de Jesus, quase sem locomover-se, sob as vistas severas do médico e da família, quando não dos amigos, não podendo abusar da vista, nem de qualquer esfôrço físico ou mental, em estado de constante alerta pelas insídias da doença, ainda assim, apresenta-nos as suas 125 páginas, de um estudo meticuloso e interessante.

A outra surpresa foi a de conseguir tornar atraente uma biografia, a qual, geralmente, só chama a atenção de parentes, amigos ou conhecidos do biografado. Tenho visto algumas cuja aridez e monotonia chegam, mesmo, a vencer a curiosidade dos interessados. São uma espécie de fé de ofício, lançada em estilo burocrático. Mas *Uma grande vida*, está cheia de casos, de anedotas, de críticas, de observações, de estudos, de opiniões pessoais, de traços variados da vida de Cairbar; há ali psicologia e filosofia; história e arte. Tudo aquilo forma um conjunto enviscador, que vai levando o leitor até o fim, como me foi levando a mim, e desviando do programa que me havia traçado, apesar das minhas veleidades de intransigente em questões de método e ordem.

* * *

O livro abre com um sucinto prefacio de José da Costa Filho, páginas simples, onde palpita a sinceridade, onde sentimos vibrar a saudade pelo morto biografado e o reconhecimento pelo vivo biógrafo.

A impressão de Leopoldo é que Cairbar é a maior vida e o vulto maior que o Espiritismo já plasmou entre nós. E o conheceu, apenas, por correspondencia. Não há, portanto, na frase, a suspeição de uma amizade consolidada pela aproximação, pela convivência, pela intimidade e pelo tempo. O mesmo se dá com o autor destas linhas. Se o Leopoldo se carteava com Cairbar, eu não me cheguei a êle, nem mesmo pela correspondência epistolar. E' de crer que nem soubesse de minha apagada existência. Entretanto, eu tinha por aquele vulto admirável, a mais sincera, a mais viva, a mais entusiástica admiração. Êle possuia a virtude rara do desinterêsse, a da franqueza, e mais que tudo, a do sacrificio. Ações de dessassombro, gestos constantes de abnegação e altruismo. Indiferente a apodos e doestos, a canseiras e contratempos possuia a chama íntima do missionário, sem a qual, em breve, arrefecemos em meio a desilusões e aos embaraços que nos assaltam.

Assim o viam, e assim o via eu. Conhecia-o por intuição, essa corrente misteriosa que vai de alma a alma, quando um ideal comum as anima.

O que se sabia, confirma-o agora Leopoldo em suas imorredouras páginas, que não deixarão no olvido o grande trabalhador.

Ao seu esfôrço físico juntava-se o intelectual. «A Revista Internacional do Espiritismo — dí-lo Leopoldo — é o que de mais completo e em dia existe dentro do programa do Espiritismo científico »

Científico e moral, acrescentaria eu. De fato, a manutenção, no interior do país, de dois órgãos, como aquela revista e o Clarim, é um dêsses milagres que só se devem ao calor que inflamou Cairbar e se transmitiu aos seus infatigáveis sucessores. Quem já passou pela redação e principalmente pela direção de um periódico espírita, sabe do esfôrço que é preciso despender por sustentá-lo. Tenho visto como eles vão morrendo à míngua de socorro pecuniário ou literário; sem dinheiro e sem colaboradores, vegetam por aí, até que exalam o último alento, dando-nos a desanimadora idéia de que a fraqueza é geral. Em alguns, metem-se mãos a obra sem qualquer tirocínio, e o resultado é o mesmo. Os de pequeno porte e poucos encargos, por vêzes sobrevivem; mas é uma vida morna e de poucos frutos, dado o pequeno ambiente em que se movem. As revistas de Matão atestam já a fôrça de uma vontade e o valor de uma administração.

Referindo-se aos antepassados do grande morto, o autor fala na Suissa, e a Suissa nos faz recordar os trágicos momentos históricos, embora sucedidos fóra do seu território, e isto porque eram os filhos daquele torrão chamados, fóra do país, para missões perigosas, entre as quais a guarda de reis e potentados, como ainda hoje se vê no Vaticano. Eram lembrados para tais fins, por sua tradicional lealdade, pelo amor à palavra empenhada, pela noção que tinham da fé jurada e do cumprimento do dever; por nùnca haverem manchado os seus compromissos. Quando da Revolução Francesa, foram impiedosamente massacrados por serem os únicos que se mantiveram até o fim, na defesa daquilo que lhes fôra confiado.

Leopoldo, falando da terra, nos diz que ela «está encravada entre os três povos talvez mais briguentos da Europa» e cuja «história, só feita de paz e brandura, está a gritar que o gênio bélico de um povo não depende de sua situação política nem geográfica».

Schutel tinha sangue suisso; foi dessa terra livre, pacífica, quase isolada no planeta, que descendeu o nosso saudoso confrade; de lá vieram-lhe os avós.

Passa, então, Leopoldo a descrever o que foi *uma grande vida*. E' a *infância irrequieta*, *uma adolecência de trabalhos*, a *braços com a vida*, uma vida afanosa, cheia de percalços; *Matão, sua terra prometida*, ou o papel dessa escondida cidade do sertão paulista, na difusão dos ensinos espíritas, a cidade que «de um lugarejo de roça, apenas», vai «projetar-se fora dos seus limites no Estado, no País e no Estrangeiro». Aí, para onde veio moço, torna-se uma das pessoas mais conhecidas do lugar; como farmacêutico é chamado para tudo e para todos, e por fim dedica-se à política, mas *«uma política diferente»*, uma política *sui gêneris*, porque em vez de tratar de si e dos interêsses do partido, que o mesmo é dizer, dos seus interêsses, passa a tratar dos interêsses dos outros; chegou ao cargo de Prefeito, e, o que é de espantar, entrou a ocupar-se dos interêsses da cidade.

Era católico, frisa Leopoldo — mas teve a sua *Estrada de Damasco*, e nesse capítulo o Autor nos descreve a sua conversão e seus primeiros passos no Espiritismo.

O *obreiro diligente* trava a primeira polêmica. Há quem não goste de polêmicas e as veja com maus olhos. A polêmica, porém, no terreno exclusivo das idéias, é a ventilação de uma tese, ou de muitas; serve para esclarecer, para mostrar onde está o êrro, para destruir falsidades e calúnias, como as muitas que são lançadas contra a doutrina espírita e seus fenômenos. Quero crer que aquêles que a temem é que não se acham muito firmes no terreno em que pisam. Pois Cairbar foi um grande polemista. Surge-lhe o Padre Van Esse, intolerante e violento, mas «as clarinadas jornalísticas do jornal de Cairbar vergastaram dolorosamente o Padre, a Igreja e o delegado». Êsse delegado estava a serviço da Igreja e do Padre.

Houve barulho sério. Era — explica Leopoldo — «o interdito nos velhos moldes dos velhicissimos tempos de Henrique IV da Alemanha e Gregório VII». Mas, «Cairbar não se atemorizou, nem temores fúteis seriam de seu feitio». Era um bravo; possuia a mais apreciável das coragens, a coragem moral. «Atirou-se à luta, revelando-se o batalhador forte e sereno, o polemista desassombrado e equilibrado que seria sempre».

As perspectivas do embate são habilmente descritas pelo Autor. Por pouco, os espíritas do lugar e o seu chefe não foram imolados à sanha agressiva, violenta e intolerante de seus adversários, com Van Esse à frente.

Van Esse, pouco depois, retira-se da comarca. Mas vai levar o seu abraço ao denodado e honesto adversário.

No capítulo O *Homem e o Espírito*, mostra o biógrafo o amor de Cairbar pela música, donde se vê que o seu espírito se elevava às regiões da Arte; o carinho para com os animais e até para os insétos, cuja vida poupava; o gosto pela ironia leve, pela graça, pelas anedotas, pelo chiste, onde «não entrava o sal grosso da malícia». Amava o trabalho, cumpria os seus deveres, colocava a doutrina acima de tudo, era o chefe exemplar da família. Leopoldo descreve tudo isso e acrescenta:—«Estamos em que nunca seria capaz de assistir aos esportes desumanos, briga de galos, tiro aos pombos, e principalmente êste último».

Infelizmente são êsses esportes desumanos o que a humanidade mais aprecia, e isso nos dá a certeza de que o nosso planeta é mesmo um dos mais tristes e pobres que giram na imensidade.

Veja-se como as lutas, quaisquer que sejam, levam aos estádios verdadeiras multidões. Há um fato característico: vai-se a um cinema; nas projeções preliminares, há vistas belissimas, panoramas extasiantes, grandes monumentos, cidades imponentes pelas quais nunca passamos, e que seria um prazer admirá-las. Mas aquilo tudo passa de relâmpago; a retina não tem tempo de fixar coisa nenhuma; é impossível guardar as imagens, naquela sucessão velocissima. Existe, porém, uma luta; seja uma luta livre, estupidamente livre, onde os adversários se maltratam, e esmurram, e batem ferozmente. Não se sabe se são homens ou féras, ou loucos os que estão alí a mostrar o que é a sandice humana. Ah! a cena prolonga-se indefinidamente; é o pugilato do primeiro ao último golpe; é o entusiasmo desvairado dos assistentes; é a rinha em todas as minúcias. Tem-se a impressão de que a fita não vai acabar mais.

Decididamente, Cairbar não poderia ser por brigas de galos, tiro aos pombos ou outra qualquer manifestação da idiotice planetária.

Cairbar fôra, enfim, o jornalista, o espírita fecundo e incansável, o autor de vários livros, o editor, o pregador, o personalista, no bom sentido do têrmo, o discutidor destemeroso, o homem de fé, o espírito de solidariedade, tudo o que Leopoldo descreve em capítulos especiais, até chegar aos seus últimos dias, aos comoventes lances do seu desencarne, com uma oblata, que é uma prece, onde não se vêem as lágrimas, mas se adivinham.

A' borda do túmulo, falou, entre outros, o nosso velho amigo, distinto confrade e pujante polemista, o Dr. Sousa Ribeiro, do qual diz Leopoldo, que ensarilhou as armas de combate. Parece que Leopoldo está equivocado, com a ilusão que nos deu o velho batalhador, de um período de treguas ou... de desânimo. Converse, porém, com o Padre Floro, e verá que se enganou.

Em suma, tal é o livro de Leopoldo. Depois de lê-lo cresce o nosso entusiasmo, e se fôsse ainda possível, cresceria a nossa estima pelo grande morto. Enche-e ainda a nossa alma de contentamento, por ver que o espírito do escritor vivo, ainda se mantém perfeito, lúcido, vivissimo, pugnaz, como nos áureos tempos de sua mocidade, não conseguindo as debilidades do corpo diminuir o calor da alma. Se o astro descamba, o fulgor é o mesmo.

Por final, a satisfação de que o trabalho do extraordinário e vigoroso combatente, que foi Cairbar Schutel, continua na operosidade, na atividade e na bondade de seus principais seguidores, José da Costa Filho, Watson Campêlo e D Antoninha Perche Campêlo.

Uma grande vida e um magnifico livro!

A Grande Revelação

NO tope do morro, que o pequeno grupo escalava, já se haviam apagado os últimos acenos da luz solar, que se despedia.

Quando Jesus e os três Apóstolos atingiram o alto, era quasi noite. Lá em baixo, não muito longe, o arraial desaparecia nas sombras que avançavam, envolvendo-o.

Pedro, João e Tiago acomodaramse, juntos, na maciez da relva e sob a cintilação das estrelas que se iam multiplicando no firmamento.

Jesus não se assentou. Afastou-se alguns passos e, volvendo os olhos para o céu, pôs-se a orar.

Intraduzível serenidade dominava o ambiente.

Em breve, apossados por estranha e irreprimível sonolência, os três discípulos entraram a dormitar, enquanto o crescente, erguendo-se na amplidão, derramava a sua tênue claridade por sôbre o suave misticismo daquele quadro belo e sugestivo.

Eram passados alguns minutos, quando começaram a ouvir vozes e, entreabrindo as pálpebras, divisaram um resplandor vindo do lado onde se achava o Mestre.

Despertaram então completamente e — ó assombro! — atônitos e maravilhados, contemplaram o mais sublime espetáculo que até então já haviam presenciado:

«Face refulgente como o sol, vestes resplandecentes e alvas como a neve», apresentava-se-lhes, alí, Jesus, com o «rosto inteiramente outro».

E ao mesmo tempo que os ofuscava o aspecto deslumbrante do Mestre, dois augustos varões, cheios de magestade, falavam com Êle, postados a seu lado.

Pasmos pelo que viam, ainda mais estarrecidos ficaram quando tiveram conhecimento de que aquelas duas Entidades eram Moisés e Elias, desparecidos da face da terra há tantos séculos.

Tais condições de vida real patenteavam, tão nitidamente semelhavam a sêres humanos tangíveis, que Pedro, no auge da surprêsa, se dispôs até a preparar-lhes abrigo:

— Mestre, disse êle, bem é que estejamos aquí. Se queres, façamos três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.

Dizia ainda êle estas cousas, quando veio uma nuvem e os cobriu com a sua sombra, e os discípulos ficaram cheios de terror, vendo-os desaparecer na nuvem.

E saíu da nuvem uma voz que dizia:

— Êste é o meu Filho bem amado, em quem pús as minhas complacências; ouvi-o.

E enquanto a voz se fazia ouvir, Jesus ficou só. Ouvindo-a, os discípulos cairam de bruços e tiveram grande medo. Porém Jesus se aproximou, tocou-os e lhes disse:

— Levantai-vos, e não temais.

E imediatamente, olhando em torno, não viram a ninguém mais senão Jesus, que estava só com êles.

Descendo da montanha, lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que tinham visto, senão depois que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos.

E em caminho, iam os Apóstolos comentando entre si o extraordinário acontecimento daquela noite, sobretudo a aparição de Elias, a qual lhes suscitava uma dúvida.

Tinham em mente uma profecia que os rabinos interpretavam dizendo que Elias seria enviado por Deus antes da vinda do Messias, afim de lhe preparar os caminhos.

Ora, o Messias já viera, encarnado em Jesus, entanto Elias ainda permanecia no mundo dos espíritos.

— Como, pois, dizem os fariseus e os escribas, que é preciso que Elias venha primeiro?

Ouvindo esta pergunta, Jesus, respondendo-lhes, disse:

— Elias, de fato, virá primeiro e restaurará todas as cousas, e, segundo está escrito do Filho do homem, sofrerá muito e será desprezado. Mas eu vos digo que Elias já veio e não o conheceram; antes fizeram tudo quanto quiseram, como está escrito dele.

Então compreenderam os discípulos que Jesus lhes falava de João Batista.

* * *

O admirável sucesso, chamado a Transfiguração de Jesus, é uma das mais belas, profundas e impressionantes passagens do Novo Testamento. Vem relatado nos Evangelhos de Mateus, 17 : 1—13; de Marcos, 9 : 1—12 e Lucas, 9 : 28—36.

O Divino Mestre, com êle, quis dar-nos, por meio do testemunho dos Apóstolos, pelo menos cinco provas da Verdade Eterna:

1.ª) A sobrevivência da alma. (Moisés e Elias, que já não pertenciam a êste mundo, apareceram redivivos ao lado de Jesus.)

2.ª) A corporeidade dos espíritos. (Moisés e Elias apresentaram-se aos olhos dos Apóstolos com um corpo de forma humana, porém de natureza fluídica, visto como se desfez na nuvem).

3.ª) A comunicabilidade dos espíritos. (Moisés e Elias falaram na presença dos Apóstolos.)

4.ª) Recompensa aos justos. (Moisés e Elias, cheios de glória ao lado de Jesus, testemunhavam a felicidade espiritual que aguarda os corações fiéis a Deus.)

5.ª) A reencarnação. (Elias, profeta do Velho Testamento, veio novamente ao mundo na pessoa de João Batista, que nasceu, viveu e morreu fisiològicamente. Em suma: reencarnou-se.)

Esta última prova, porém, sofre a oposição dos que não admitem os renascimentos na carne e sustentam que Elias só veio em espírito, simbolizado em João pela similitude de dotes espirituais entre ambos existente. Concordam, porém, com a vinda pessoal de Elias no fim dos tempos, antes do segundo advento de Jesus.

Terão êles lá suas razões, mas pena é que tragam os olhos abotoados para certos indícios bem eloquentes, que deixam transparecer a revelação evangélica da preexistência do espirito de João Batista.

Por exemplo:

Ao anunciar o nascimento de João, declarou o anjo Gabriel que êle seria cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe. E como que confirmando êste vaticínio, no sexto mês de gestação já o menino saltava de alegria, no seio de Isabel, ao chegar-lhe aos ouvidos a saudação de Maria, mãe de Jesus, recém-concebida, que a visitára. (Luc. 1 : 15 e 44.)

Dentro do princípio de que os espíritos são sempre criados por Deus no ato da fecundação do sêr humano, como podemos compreender essa unção pré-natal de João Batista e bem assim aquela sua manifestação prematura de consciência, senão traduzindo-as como uma demonstração de favoritismo do Onipotente, que criou uma alma já devidamente desenvolvida e preparada para a execução dos seus desígnios na terra, santificando-a — vale dizer, predestinando-a ao Céu desde antes de nascer, sem que nada houvesse feito para merecer tão alto privilégio?

Ora, se um princípio firmado nos force a conclusões que deslouvem a justiça do Criador, como no caso acima, contrariando, ademais, as próprias Escrituras, onde se lê: «a cada um segundo ás suas obras» (Apoc. 22: 12) — êsse princípio tem de ser preterido pela nossa razão, quando esta nos aponte outro que não só respeite a Integridade Divina, mas ainda encontre apôio explícito nos Textos Sagrados.

Por isso é que, na interpretação do fato ora analisado, preferimos admitir a preexistência do espírito do Precursor, e, ipso fato, aceitar o princípio da reencarnação, porque não só nos fornece explicação satisfatória a respeito, esclarecendo que o referido espirito, antes de se encarnar, já era portador de virtudes e de santidade adquiridas, por seus próprios esforços, em experiências pregressas, mas também apresenta em seu favor, o inconfundível reforço de expressões taxativas, exaradas nas Santas Escrituras, tais como:

«Porque deste (João) é que está escrito: eis que ante tua face envio o meu ANJO que preparará o teu caminho diante de ti.» (Mat. 11:10)

«E se quereis dar crédito, êle (João) é o MESMO ELIAS que havia de vir.» (Mat. 11:14)

Isto quer dizer: Como habitante do Céu, o Precursor é anjo de Deus. Como Habitante da terra, humanou-se em João Batista, tendo igualmente sido Elias, que outrora viveu na terra, como profeta.

* * *

É outrossim de lamentar que não se de nenhuma importância ao fato sumamente significativo de que a Transfiguração ocorreu poucos dias após a morte de João Baptista, quando o seu glorioso Espírito, liberto da carne, já havia regressado à pátria espiritual.

Quão sugestiva e relevante se torna esta circunstância se considerarmos, que, na revelação do Tabor, o espírito de Elias, identificado como sendo também o de João, oferecia ao mundo um testemunho sensível, palpitante e grandioso de imortalidade triunfante, justificando de maneira inconcussa o objetivo supremo da Missão Redentora, expresso nestas palavras de Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo que se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte.» (João 8:51)

Sim, aquele venerável espírito que já na antiguidade, segundo o relato bíblico, havia sido arrebatado ao Céu num carro de fogo — o que é certamente uma alegoria da ascensão gloriosa do seu corpo espiritual — atestava, mais uma vez, que a morte não prevalece para os paladinos do bem que passam da vida efêmera da carne para a vida eterna do espírito. Para esses, o corpo físico nada mais é que um instrumento de trabalho na terra, do qual se despojam facilmente ao findar-lhes a missão de que vieram investidos. Ainda mesmo quando se verifica o desenlace violento, tal como no caso de João Batista, o espírito puro que, justamente por ser puro, exerce domínio sôbre a carne, desprende-se suavemente do organismo denso antes mesmo de exalar este o último suspiro e se alça, em triunfo, às regiões celestes, sem ser compelido a deter-se nas horrendas paisagens de sombras e tormentos do Além-túmulo, como acontece às almas pecadoras que, depois de experimentar difícil e angustiosa separação da matéria, alí se arrastam por longos anos e às vezes até séculos. Só estas, pois, é que vêm a morte, isto é, são condenadas a suportar, ao transporem a fronteira vibratória da carne, os efeitos do pecado, que é o aguilhão da morte — dí-lo S. Paulo — e tanto mais cruciantes quanto maiores as culpas.

Particularmente aos Apóstolos, em cuja memória estava bem vivo ainda o sacrifício do Precursor — mártir da fé destemerosa e da virtude intrépida — o quadro que acabavam de presenciar não lhes podia parecer mais expressivo: João, o arauto da Boa Nova, lhes dava, com a própria presença rediviva pouco depois de sua imolação, o testemunho pessoal da Verdade que viera anunciar!

Que consolador exemplo de recompensa à alma piedosa e pura! que generoso estímulo ao viver humilde e santo!

No entanto, a presença de Elias, encarado só como Elias, abstraido de João, embora também provasse a imortalidade, carecêra de sentido tão particular, tão presentâneo e tão caracteristicamente ajustado à missão de Jesus no primeiro Advento.

* * *

É possível que todas estas considerações não satisfaçam aos mais aferrados à crença de que vivemos neste mundo uma existência única.

Resta-nos, porém, ainda um último argumento, a que não poderão fugir, pelo menos por verêdas retas.

Interpretando a reposta dada por Jesus à pergunda dos Apóstolos logo após a Transfiguração, afírmam os exegetas clássicos que Elias, sem dúvida virá, *êle próprio*, sómente no fim dos tempos, antes do segundo Advento.

Mesmo que fosse exata essa versão, importaria considerar:

Se a vinda de Elias, que já viveu na carne em outras eras, é aguardada na terra no fim dos tempos, outro meio não há senão a reencarnação para que se realize essa profecia, pois sómente por ela é que lhe será possível demorar neste planeta em função do seu ministério de natureza objetiva, sujeito aos imperativos de ordem tangível e consciente da vida física.

Haverá, porém, talvez quem, por objeção, levante a hipótese de que, em voltando à terra, Elias venha com o mesmo corpo com que vive no Céu. Claro que êste corpo tem que ser espiritual, pois ninguém admitirá o despautério de supô-lo vivendo no Céu em corpo carnal. Mas, se ainda neste ponto a razão não prevalecer nas mentes dominadas pelo preconceito, apelamos para S. Paulo, que disse: «A carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus.» (I Cor. 15:51)

Ora, ninguém pode ignorar nem duvidar que o corpo espiritual ou celeste é de natureza impassível. Logo, se Elias vier nesse corpo, não lhe será possível padecer no plano terreno, como foi predito, segundo a própria resposta de Jesus aos Apóstolos: «Elias, de fato, virá primeiro e restaurará todas as cousas, e, segundo está escrito do Filho do homem, SOFRERÁ muito e será desprezado.»

Forçoso é, pois, que venha em corpo físico, encarnando-se de novo, para que sofra segundo está escrito do Filho do homem, isto é, assim como sofreu Jesus Cristo, em consequência de sua missão na carne, missão de dor da qual Elias é comparte.

E está assim definitivamente provada a reencarnação de Elias:

Se não a querem já consumada com João Batista, terão de aceitá-la a consumar-se com outra humanação de Elias, no fim dos tempos.

PAL.

Congresso Médico da Alma

Major Levino Cornélio Wischral

Por intuição dos mentores espirituais, foi projetada uma visita a certa instituição hospitalar, que teria por objetivo intensificar o aprendizado na seára de Jesus, burilando sentimentos e forticando virtudes.

Na certa que lá observariamos a extrema abnegação e o profundo amor empregados pelos médicos espirituais e seus diletos auxiliares, coadjuvando seus colegas da terra na excelsa missão de imitar o Cristo-Médico. Colheriamos novas lições à cabeceira dos que sofrem, gemem e, até, dos que blasfemam contra Deus.

Dois médiuns videntes seriam incorporados à caravana para que enxergassem com os olhos de sua alma o agitado mundo invisìvel para nós.

Ávidos de saber e agradecidos a Deus, ingressamos exultantes na Santa Casa de Misericórdia, numa linda tarde de domingo, dia de visitação.

Tudo alí era tranquilo e normal; tinhamos mesmo a impressão de que, nada de extraordinário iriamos observar.

Não demorou porém, e notamos nos videntes um leve estremecimento ocasionando neles certa mudança de fisionomia. Sabiamos ser a caracterìstica de que estavam aptos a nos transmitir as visões que seus olhos teriam ao incursionarem o plano astral. Vejamos suas observações:

Graças a Deus está tudo excepcionalmente claro a ponto de confundirmos o mundo dos homens com o dos espíritos. E'-nos dificil distinguir, de pronto, quem está na vestimenta da carne e quem apenas está no corpo fluìdico; tal a clareza com que tudo se apresenta.

No pórtico do hospital fomos gentilmente recebidos por nobre grupo de espíritos, todos envoltos em largo halo de luz.

Entre acenos fraternos e elegantes meneios de cabeça recebiamos às boas vindas àquela «academia de dor». No meio dos que nos recepcionavam destacava-se a figura simpática do patrono da casa, cercado de muitos médicos, seus assistentes, enfermeiros e serventes. Por alvitre do bondoso patrono incorporou-se à caravana dos incarnados um dos facultativos do espaço, com a missão de transmitir-nos os preciosos ensinamentos.

Aos nossos olhos, onde tudo era absoluta quietude, havia, no entanto, um grande contraste. Processava-se nesse mesmo local, porém no plano espiritual, uma incrivel lufa-lufa. Médicos, irmãs de caridade e enfermeiros, todos se apressavam entregues à assistência dos doentes; os olhos humanos nada podiam distinguir a não ser longos corredores percorridos, vez em quando, por algum visitante; mas, aí estavam os zeladores da saúde dando cumprimento integral a sublime missão atribuida por Jesus a seus discípulos: «curai os enfêrmos, purificai os leprosos, ressuscitai os mortos».

Nessa altura da nossa visita iniciou-se fluente, porém, muda conversação entre o condutor espiritual e os videntes, tão só, por sutis vibrações, isto é, sem o recurso da palavra articulada. Diriamos que o pensamento emitido pelo cicerone era captado pela sensibilidade mediúnica.

Ao percorrermos as enfermarias, totalmente cheias, voltou-se para nós o médico, todo alegre dizendo; «estamos hoje de parabens; os enfêrmos melhorarão muito, pois, é grande o número de visitantes e êstes transmitem aos doentes o remédio pela sua presença, pelas palavras de ânimo e reconforto, além disso, estabelece-se o intercâmbio de fluidos curadores, altamente benéficos para os acamados; isso se processa, lógicamente sem que as partes se apercebam: ignoram tudo.

Verifiquem o que se está realizando junto àquele grupo de quinze visitantes em conversa. Alguns estão ligados, de modo imperceptível aos olhos humanos, por tênues tubos flexíveis a um minúsculo aparelho de intrincado sistema de pequeninos cilindros de sucção; é o captador de fluídos animalizados. A colheita dêsse fluido, provindo da medula de nove pessoas sãs é mais tarde preparada e acondicionada em empôlas destinadas a qualquer doença de fundo nervoso; aplica-se também para os que se encontram em estado de choque ou na agonia. São os clínicos do espaço que injetam o produto conjuntamente com as prescrições médicas do hospital. Apenas um daqueles nove mostrou-se desconfiado, de algo muito vago, que não pôde comprender; vímo-lo, contudo, aperceber-se da chegada do médico espiritual; era médium também. Como êste, muitos enfermeiros e certos doentes acompanham o movimento do médico do espaço.

Se os homens soubessem que sua presença, rente aos enfêrmos, transmite milagrosas curas, as casas de sofrimento estariam sempre repletas de bons samaritanos.

Em outra dependência notámos alguns doentes recebendo o tratamento através de um esquisito aparelho montado sôbre tripé e menor que um rádio de cabeceira. Os doentes nem podiam notar o que se processava junto deles no plano invisível. Pudemos verificar que êsse minúsculo mecanismo, de grande potência, projetava fortemente raios de uma belíssima coloração roxa, raios êsses ainda desconhecidos dos cientistas. Eram beneficiados certos órgãos, especialmente o fígado, a vesícula e os rins que, com uma só aplicação ficavam livres de cálculos, desmembrados os tumores malignos, fibromas, etc.

Os enfêrmos aguardavam o momento de serem operados; no entanto, tal não sucederá, pois, os clínicos verificarão perplexos, através de novas chapas que alguma coisa resolveu por si só, no dizer deles.

Desde há trinta anos, vem a medicina do Alto utilizando tais aparelhos e, aos seus colegas da terra, são transmitidas constantes intuições partidas dos médicos de cima, afim de que êste ou aquele possa, dentro de breve, apresentar à sociedade terrena o invento destinado a suprimir operações cirúrgicas.

No orbe espiritual existe uma grande diversidade de aparelhos para fins semelhantes; infelizmente está o homem ainda muito longe de ter uma vaga idéia a respeito.

Afora os raios roxos, ora apresentados existem também em uso corrente emanações fluídicas de raios alfa, beta e gama captadas da energia solar. Outras substâncias gazozas, concentradas em baixa temperatura, além de outras de elevado teor calorífico têm constante aplicação, pois que, quando canalizadas à parte afetada evitam a ingestão de qualquer droga, por via bucal. Com isso conseguimos purificar cada vez mais a matéria, quer a do corpo somático, quer a do etéreo.

Logo mais a humanidade estará de posse dêsses milagrosos conhecimentos, predecessores do elixir da longa vida. Conheceremos então a bíblica longevidade de Matusalem. Assim ingressaremos na época em que qualquer mal será suprimido, apenas com o sagrado sôpro curador. Ficará, por isso, o homem definitivamente livre das mazelas do corpo; não mais se pensará em hospitais, leprozários, sanatórios, asilos, orfanatos, etc. Tudo prenuncia ser o ano 2.000 e subsequentes o período áureo da saúde. Já então estará o nosso planeta radicalmente transformado. Será um astro de intensa luz, de paz imperturbavel e constante amor.

Jesus, há quasi dois mil anos atrás, já conhecia êsses segredos; a transfusão de seus fluídos beneficiavam instantaneamente paralíticos, cegos, morféticos. Da mesma maneira ressuscitava até os mortos.

A maioria das moléstias que atacam o homem, aproximadamente noventa e cinco por cento, provém da alma (perispírito) onde se fixaram desde encarnações anteriores e se refletem, ou melhor, se reproduzem, toda vez que o espírito se reveste de um corpo carnal; sofrem corpo e espírito por haver êste transgredido as leis de Deus, outro não é o motivo.

Quando não forem provações karmicas às quais cumpre o paciente submeter-se resignadamente para remissão de culpas passadas, ou quando o doente, após muito sofrer, fez-se merecedor da cura e souber suplicá-la a Deus, então os facultativos do espaço intervêm diretamente sem demora ou por intermédio de pessoas que cercam êsses doentes. Alguns restabelecem-se, apenas ingerindo água fluída e outros recebendo passes.

Aquí mesmo, nessa casa, assistimos, nós os espíritos, a certas e arriscadas operações para, por intuição orientarmos aos operadores. Inspiramos especialmente ao cirurgião a bem dirigir o seu bisturí. Muitos são os operadores que, ao vacilarem, já têm sentido suas mãos como que pegadas e dirigidas por mãos estranhas. Um recente caso passou-se com o Dr. M. Soares que viu e sentiu a presença do abnegado irmão do alto, Dr. Bezerra de Menezes.

A ajuda dos irmãos médicos do espaço é tão certa, sublime e caridosa que não erramos ao afirmar que cada clínico da cidade tem junto de si, durante sua tarefa ou no horário de seu consultório, um dêsses bondosos invísiveis e esclarecidos colegas. Para a ajuda efetiva torna-se, no entanto, necessário um ambiente sincero e honesto.

Há casos de autênticas e antecipadas intervenções cirúrgicas executadas pelos médicos do alto, não só no corpo fisico do doente, como também no corpo perispiritual ou seja no próprio organismo fluídico do enfêrmo. Dá-se tal modalidade de intervenção inicial ou preparatória, para afastar aderências, úlceras e crescimentos anormais criados por fluídos imperfeitos. Removidos, porém, os citados óbices espirituais, nocivos à saúde do corpo e invisíveis aliás a qualquer olho clínico, tem o cirurgião campo mais livre e propício ao bom êxito. Por via de regra, processa-se a interferência do escapêlo no cérebro, olhos, coração ou coluna vertebral onde, justamente, se acumulam os fluídos venenosos condensados pelo ódio, egoísmo, pela inveja ou vaidade.

Os médicos do espaço aperfeiçoam-se cada vez mais, cooperando com os encarnados. Têm eles, nas esféras invisíveis, seus hospitais, suas clínicas, suas universidades, seus catedráticos e seus doentes (espíritos). Lógicamente que lá as possibilidades são incalculáveis; o campo visual é vastíssimo, tudo lhes é claro; seus olhos penetram a matéria densa melhor que qualquer raio X da terra; seus equipamentos, instrumentos e aparelhos são de ordem tão exátos, delicados e sensíveis a ponto de realizarem verdadeiros milagres como, por exemplo, o de extirpar as mais profundas raízes do cancer.

As cauterizações que êles algumas vezes aplicam nos encarnados, naturalmente que não são realizadas à superfície do tecido objetivando o órgão localizado nas entranhas; porém, êles as realizam junto do órgão afetado por meio de aparelhos fluidicamente introduzidos no corpo do doente sem que êste o sinta ou saiba.

E' assim que muitas vezes eles nos tratam e curam enquanto ressonamos no macio leito amigo.

Quasi ao terminar a nossa visita, apontou-nos o vidente um humilde casal de protestantes à cabeceira de sua filhinha desenganada. Notava-se que ambos, com lágrimas nos olhos, faziam em conjunto uma ardente oração ao Senhor Deus para que lhes restituisse a saúde da menina. Enquanto oravam, profundamente contritos, foi percebido com toda a nitidez que de seus peitos brotavam e partiam ondas sucessivas de luz. Êsse jacto de luz desempenhando o papel de autêntico bálsamo renovador, impregnado de energias vitais, canalizava-se em compacta torrente sôbre a doentinha, envolvendo e penetrando seu corpinho.

Nunca seus pais podiam supôr o que ali sucedia.

E' o exemplo, digamos clássico, de quanto póde uma prece sincera, uma súplica de coração aberto falando ao Criador. O que se observou foi justamente a resposta à rogativa; fez-se a transferência de fluídos curadores tal qual se processaria numa transfusão de sangue. E' assim que o doente se cura ou tem suas dôres amenizadas.

E' uma dádiva que indiscutivelmente pertence a todos, bastando, tão sómente haja boa vontade, lealdade e intenção de seguirmos os ensinos do Cristo-Médico.

Ao homem é dado por Deus um poder cada vez maior e mais consciente de socorrer o próximo, pois que, também maior, tem sido a interpenetração espiritual no campo dos encarnados. Urge que o amadurecimento do poder curador que Deus nos confiou, seja acelerado. Graças ao Pai, os médicos materialistas ou ateus já se vão escasseando. A maioria possúe a certeza inata, ou melhor, a compreensão absoluta de que o corpo é governado por algo que sobrevive após a morte. Não entram em detalhes, é verdade, no entanto, têm eles essa convicção.

Uns poucos, constrangidamente aliás, solidarizam-se ainda, por preconceito social ao «slogan» positivista. Esses mesmos, porém, que assim procedem, já os vimos na intimidade de seus consultórios ou enfermarias, dizer como Jesus, a um invisível obsessor de seu cliente lunático: «Retira-te em nome de Deus». Como vêem, não são apenas médicos do corpo, são também da alma, do espírito.

Já se findava a proveitosa visita quando o bondoso condutor nos transmitiu suas últimas e delicadas vibrações dirigindo um patético apêlo a seus colegas médicos da terra.

Sugiro-lhes, em nome do Cristo-Médico, que se reunam para estudo das doenças da alma auscultando a opinião de seus colegas espíritas. Que ao iniciarem qualquer encargo destinado a beneficiar o próximo, façam antes uma pequenina prece, dizendo mentalmente: «que o Cristo-Médico esteja comigo».

Finalmente lembro aos médicos patrícios que tomem a iniciativa de apresentarem a tese — «medicar primeiro a alma para depois curar o corpo», indo ao encontro do axioma «espírito são em corpo são».

Essa original e revolucionária tese, que fatalmente será estudada num próximo amanhã, poderá ser apresentada, em reunião mundial, na cidade de Genebra sob designação «Congresso Médico da Alma», cuja presidência bem poderia caber ao culto e humilde espírito do incansável médico dr. Bezerra de Menezes.

Uma grande Operação Espiritual

Ten. Cél. Benjamin Cabello Bidart.

O relato que entregamos à vossa leitura e meditação, leitor amigo, é simples, real e sublime, tal como acontece com as coisas que se originam nas elevadas esféras da espiritualidade.

Ao lê-lo, uns acreditarão, outros duvidarão; não importa isso aconteça, pois o grau de compreensão das criaturas não é o mesmo.

A dúvida e a crença dependem do grau de evolução espiritual: os que hoje negam as verdades espirituais, confirmá-las-ão num futuro próximo ou distante; os que nelas acreditam, continuarão inabaláveis em suas convicções.

Deus, que tudo nos dá por acréscimo e misericórdia, há de permitir, como manifestação de seu infinito amor, que os incansáveis luzeiros do espaço confirmem em centros espíritas o que aquí declaramos, na qualidade de testemunhas dos fatos ocorridos.

Certa feita, disse Jesus a seus discípulos: «...se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daquí para acolá, e ele há de passar, e nada vos será impossível».

As palavras do Divino Mestre, interpretadas à luz dos ensinamentos morais, esclarecem-nos que no simbolismo do «monte» existe o realismo das «dificuldades», que se nos deparam a cada momento na longa jornada evolutiva.

Quando conseguimos abrigar, no santuário de nossos corações, a fé consciente e esclarecida, alicerçada na rocha viva dos ensinamentos de Jesus, o impossível não existe.

Assim preparados, receberemos do Alto sublimes dádivas, para nós — humanos — autênticos «milagres».

Quem abriga a fé em seu coração, confia em Deus antes de confiar em si mesmo, porque sabe perfeitamente que nada pode alcançar sem Ele, como instrumento que é de Sua vontade.

Foi esse exatamente o procedimento da paciente — Sra. Maria de Faria Bidart — bem assim o de todos os que assistem às sessões espíritas que se realizam em casa do Major Levino Cornélio Wischral e de sua esposa — D. Ernestina Vieira Wischral — na rua Barão de Campinas, n.º 243 — apto. 121, na capital bandeirante.

Mas, nossa introdução já se vai tornando longa, motivo por que preferimos que «a médium» — D. Maria Bidart — diga tudo o que lhe aconteceu durante a doença e descreva a intervenção espiritual a que se submeteu:

«Tendo tomado parte no trabalho de quarta-feira — 3 de Dezembro de 1952 senti no decorrer do mesmo o seguinte:

Sempre que me concentrava para receber algum espírito, via mentalmente meu corpo deitado em uma mesa de hospital e sentia ao redor de mim, doentes (uns deitados, outros sentados), sendo todos atendidos por médicos e enfermeiras no salão hospitalar em que se transformara, nessa ocasião, o recinto dos trabalhos.

Quando a reunião terminou, retirei-me com a certeza de que os médicos do espaço, percebendo meu estado de saúde — bastante precário — me haviam tomado sob seus cuidados.

Verifiquei, no dia seguinte, que o abdômen estava dolorido como se tivesse sido calcado, apresentava maior volume e produzia-me contínua sensação de mal estar. Assim passei o dia todo, aliás, bastante nervosa.

Cêrca das 18 horas aproximadamente, senti grande desejo de ir à casa de D. Ernestina, para pedir aos guias e protetores dessa «irmã» uma orientação: se convinha procurar um médico da terra ou o que devia fazer, pois não era possível suportar por mais tempo tal situação.

O que mais me deixava nervosa, convém declarar, não era o grande volume abdominal e sim algo de estranho que sentia movimentar-se, de vez em quando, principalmente quando da passagem dos gases pela região dolorida.

Tudo isso se manifestava do lado direito, onde já se percebia externamente uma saliência.

Em chegando à casa acima mencionada, com a solicitude que lhe é peculiar, atendeu-me a bondosa «irmã» Ernestina, auxiliada por seu esposo.

Ao tomar o passe, disse-me o «irmão», que nos visitava naquele momento, que iria fazer por mim o que fosse possível; que, caso eu quisesse, poderia procurar um médico da terra.

Discordei dessa sugestão e declarei-lhe ter fé suficiente para ser tratada sòmente pelos médicos do espaço.

Percebi, nessa ocasião, a imensa satisfação do espírito que me assistia, o qual me recomendou permanecesse no leito se, ao tentar levantar-me, sentisse fraqueza.

Disse-me esse abnegado «irmão» que iríamos recebendo — D. Ernestina e eu — a necessária orientação.

Qual não foi minha surprêsa quando, ao levantar-me na manhã do dia seguinte — 5 — para dar início aos costumeiros trabalhos domésticos, senti que as fôrças me fugiam por completo. Voltei ao leito e tentei, mais tarde, levantar-me; não o conseguindo, compreendi o motivo e resolvi entregar-me com fé aos cuidados dos «irmãos» da corrente médica do espaço.

Nessa mesma manhã, mais ou menos às 9 horas, adormeci profundamente até às 10,30, quando despertei sob a ação de grande dormência em todo o corpo e principalmente no cérebro, dando-me a impressão de que havia sido cloroformizada.

Decorreram alguns minutos para que me sentisse bem, embora muito fraca, a ponto de não poder alimentar conversa sem sentir necessidade de repouso e de silêncio.

A partir dêsse momento, minha vontade não interferia na satisfação das necessidades fisiológicas: a urina era expelida sem o mínimo esfôrço e os gazes também, dando-me a impressão de que tudo se processava através de uma sonda.

Mandei avisar a «irmã» Ernestina, que veio transmitir-me um passe e fluir a água, na qual foram depositados os remédios de que eu necessitava. À noite, na hora marcada pelos médicos do espaço, após a prece inicial, permanecíamos com o pensamento em Jesus — o médico das almas — e sentia a presença confortadora dêsses abnegados amigos.

Junto dos «irmãos» Miguel Couto, Camuset, Bezerra de Menezes e outros que os auxiliavam, estava, sempre branca na pureza de sua alma e nas vestes que usava, a incansável «irmã» Ana, enfermeira espiritual, que com sua presença contagiante de fé, enchia meu quarto de luz.

Mais de uma vez a senti, tomandome o pulso.

No terceiro dia — dos oito em que estive em absoluto repouso, — o bondoso «irmão» Miguel Couto, durante a noite, disse-me calma e pausadamente: «Minha filha, você foi operada»! Respondi-lhe, então: Graças a Deus, meu «irmão»!

Tal aconteceu, quando eu dormia.

À tarde do dia seguinte, na hora do passe, êsse «irmão» comunicou-se e disse-me de viva voz o que já me havia dito durante o sono.

Nas noites seguintes, fui sempre visitada por esses incansáveis amigos, que traziam estranhos aparelhos de criação fluídica, com os quais me aplicavam banhos de radioterapia, segundo penso.

No dia 12, às 21,30 horas, foram retirados os pontos, tendo eu sido avisada disso no dia anterior.

Diversas transfusões foram necessárias, segundo a palavra dos médicos espirituais, tendo servido de sangue meu esposo — Ten. Cél. Bidart — duas vezes; minha filha mais velha — Negrita Maria de Faria Bidart; e, por último, D. Ernestina.

É preciso notar a fraqueza que sentiram meu espôso e minha filha, tendo aquêle perdido três quilos de pêso durante os dias da intervenção cirúrgica a que fui submetida.

Esta foi feita por partes, diàriamente, pois meu estado físico não permitia a realização integral desse trabalho de uma só vez.

No dia 13 levantei-me um pouco; senti, todavia, grande abalo orgânico, aliás explicado pelos médicos do espaço, segundo os quais a operação fôra grande e bastante melindrosa.

Devo também ressaltar a colaboração amiga de todos que fizeram irradiações em meu benefício, a dos nossos protetores, guias espirituais e amigos do espaço, cujo auxílio foi inestimável.

Tenho certeza de que Pai Joaquim — esse preto de alma branca — (meu protetor) e muitos outros amigos espirituais fizeram tudo que lhes estava ao alcance para amenizar os meus sofrimentos.

Segundo as palavras do grande amigo Miguel Couto, nem minhas condições físicas, nem materiais permitiriam fosse esse trabalho realizado com êxito pelos médicos da terra, ou seja, materialmente.

Meus «irmãos», sem ingerir uma gota de remédio da terra, aqui estou, cheia de esperanças em uma vida melhor, fisicamente falando, convencida de que a fé permite a realização de verdadeiros «milagres», quando há boa vontade e cooperação entre os «irmãos» incarnados e os desincarnados da corrente médica, êstes sempre prontos a prestar auxílio aos necessitados.

Cumpre-me declarar não mais sentir o movimento abdominal que sentia; o ventre acha-se diminuido, talvez de 1/3.

De tudo por que passei resta apenas um pouco de fraqueza, que vai diminuindo paulatinamente.

Negar o imenso benefício que recebi, seria o mesmo que negar a existência de Deus e do Sól que nos ilumina e aquece.

Espero de nossos bondosos «irmãos» (médicos espirituais) que venham completar meu modesto trabalho, tomando a seu cargo a descrição da parte verdadeiramente científica.

Aos médicos do espaço, aos companheiros de trabalho e, particularmente, a este casal amigo — D Ernestina e Major Levino — meu eterno reconhecimento e profunda gratidão, pedindo a Deus que lhes aumente as possibilidades de distribuirem a mancheias o pão da vida espiritual».

Essa descrição, caro leitor, foi lida por D. Maria Bidart na sessão espírita extraordinária do dia 23 de Dezembro do ano findo, terça-feira.

A seguir, vamos dar conhecimento ao leitor da palavra dos médicos do espaço, que bondosamente nos trouxeram seus esclarecimentos, nessa mesma reunião:

«Negar esse trabalho maravilhoso, seria negar o sol que nos ilumina, que nos aquece, que enche de alegria os lares. Refiro-me ao sol espiritual, ao verdadeiro sol, que é o da caridade. Se pedir é triste, feliz é quem tem algo para dar e póde fazer alguma coisa, por alguém que ainda não iniciou sua missão espiritual aquí na terra.

Não era desejo do aparelho («médium») que fôsse por seu intermédio descrito científicamente o trabalho realizado.

Nossa «irmã» estava de há muito acometida de grande inflamação, que partia do ovário direito e abrangia os intestinos e a bexiga.

A intervenção foi feita com absoluto êxito e dentro de poucos dias a enfêrma estará em condições de iniciar sua missão.

A incansável «irmã» Ana muito nos auxiliou nessa grande e delicada operação».

Infelizmente não nos foi possível copiar integralmente a belíssima comunicação do «irmão» Miguel Couto, transmitida através da «médium» Maria Bidart.

Trouxe-nos, logo depois, Bezerra de Menezes, a palavra de incentivo e de amor.

Disse aproveitar a oportunidade que Deus lhe concedia de poder agradecer ao «irmão» e à «irmã» (Major Levino e D. Ernestina) a bondade que demonstram ao ceder a sala onde se realizam os trabalhos.

Declarou não haver «milagre» para os espíritos desincarnados, mas sim, a cura espiritual.

«Os que trabalham aquí na terra em benefício do próximo, recebem e levam para o espaço, quando da morte do corpo físico, não a moeda do mundo, mas, a da caridade».

Disse aos presentes que um aparelho estava filmando os trabalhos; e que, à direita do corredor ao lado da sala, outros aparelhos gravavam e irradiavam o que se relacionava com a intervenção cirúrgica, para conhecimento de outros «centros».

Seguiu-se com a palavra o «irmão» Camuset, que declarou haver uma grande luz bem no centro da mesa de trabalho. «Nossa «irmã» Maria recebe transfusão de sangue, nêste momento, para o tratamento da operação».

«Aquele corpo inerte, que minha «irmã» via mentalmente sôbre uma mesa de hospital, era realmente o seu; ele ficou sob os cuidados dos médicos do espaço, para o conveniente trabalho».

«Foi tirado fluído de todos os presentes para nossa «irmã» Maria».

«No dia seguinte, depois de estar tudo preparado, foi feita a operação, em parte, para evitar a peritonite e ainda para que os rins da operada não deixassem de funcionar».

«O tratamento foi feito da mesma maneira que se faz aquí na terra».

«Dada a gravidade do caso, não havia tempo a perder; o trabalho foi realizado internamente».

«Esta irmãzinha não suportaria uma intervenção levada a efeito pelos médicos da terra».

Outro espírito, que também se manifestou, disse chamar-se João Batista Machado e ter sido médico no Rio de Janeiro.

Declarou que seria aplicada na doente vitamina espiritual.

Aconselhou, a seguir, a seguinte prescrição:

Repouso, durante uns vinte minutos, após as refeições.

Quanto à alimentação, a enfêrma iria tendo intuições e tudo correria normalmente, segundo afirmou.

Na sessão do dia 3 de Janeiro de 1953, trouxe-nos novamente a palavra confortadora o «irmão» João Batista Machado, que disse:

«Bendito seja aquele que crê pelo que sente e não pelo que vê».

«Como assistente espiritual de Bezerra de Menezes e na qualidade de pequenino colaborador desses incansáveis trabalhadores espirituais, aquí venho esclarecer algo sôbre esse maravilhoso trabalho, que foi feito nessa nossa «irmã».

«Glorifiquemos ao Pai por me permitir falar, servindo-me dessa «irmã» — médium Maria Bidart como intermediária».

«A «irmã» Ana foi uma heroina anônima no seu silêncio e na sua bondade».

«Como assistente, fui incumbido de fazer as transfusões e preparar os aparelhos».

«Graças ao Pai de infinita misericórdia, a intervenção foi mais grandiosa do que julgais».

«Diàriamente lá nos encontrávamos (Av. São João, 1086—Apto. 1.404), fazendo aplicações na «irmã» Maria, de raios extraordinàriamente poderosos, graças aos quais já se vai fazendo a cicatrização e voltando tudo ao normal».

«Jesus permitiu que essa maravilhosa intervenção fôsse feita para que, sentindo-se forte, pudesse essa «irmã» iniciar sua missão na terra».

«O momento é chegado e todas as portas se abrirão para esse trabalho grandioso».

«E' preciso que nos congreguemos junto a esse Mestre bom e amável».

«Há seres que, esquecendo-se de Deus, só cuidam da satisfação dos gozos materiais».

«Essa delicada e maravilhosa operação póde ser considerada a número um desse ano que findou».

«Jesus vos presenteou com essa dádiva sublime» (presente de ano novo sem igual, cremos nós).

«Podeis valer-vos dessa cura para levar aos corações que crêem, essa fagulha do divino amor».

«Deveis dar ampla divulgação em jornais e revistas de tudo o que aconteceu, com citação de dia, hora, nomes e endereços».

«Serão levados, assim, aos que ainda vacilam e aos que não crêem, uma fagulha de fé e um sôpro de humildade».

«Nossa «irmã», ainda ontem, recebeu tratamento da corrente médica do espaço».

«Mais um mês de tratamento é necessário para que ela fique completamente curada».

«O órgão afetado era o ovário direito, com ramificações nos intestinos e na bexiga».

«Houve extirpação de parte dêsse ovário, bem assim de dois pequenos fibromas uterinos».

«Se essa operação fôsse feita materialmente, talvez a «irmã» não resistisse».

«Convém assinalar que o nosso trabalho operatório se processou sem a perda de uma gota de sangue».

As presentes assertivas, transmitidas pelos médicos espirituais através de diversos aparelhos («médiuns»), foram ouvidas por grande assistência, ávida de se integrar nas verdades da sobrevivência da alma, com o coração fortalecido pela fé esclarecida, que eleva, dignifica e engrandece a criatura aos olhos de seu Criador.

Que Jesus nos ampare e ilumine sempre!

O Movimento de Mocidades Espíritas... — *Leopoldo Machado*

Coube-nos um grande papel na organização de *Mocidades Espíritas* do Brasil. Uma responsabilidade tremenda!

A idéia não foi nossa, nem partiu de nós, que, até o presente, não fundamos coisa alguma. Nem um reles centrinho espírita. Temos cooperado — e, mercê de Deus, com muita eficiência! — nas obras alheias, aperfeiçoando idéias, vivendo momentos difíceis de tais obras...

O caso das Mocidades Espíritas, que já se esboçavam imbelemente, foi assim:

Um moço de Salvador, inteligente e dinâmico, escreve-nos, expondo um plano interessante de aproximar os moços do movimento espírita menos câmara-mortuária. De aproximá-los suavemente, alegremente, vibratilmente. Como, entretanto, não tinha projeção no meio espírita do Brasil, voltava-se para nós, que bem podiamos prestar êste serviço à Doutrina.

Um artigo — *Onde ides, mocidade louca do Brasil?* — coincidiu com a carta do moço de Salvador.

O moço — Heitor Cardoso — hoje em S. Paulo. E lidando com igual entusiasmo na Causa.

Entretanto, tão dura era a prova por que tinhamos de passar, que até uma pessôa de sua amisade, que nos fôra apresentada por ele e que nós apresentaramos aos jovens que militavam na FEB, resolveu ficar com êles, fóra do movimento congressual.

E da Bahia, não veio moço algum para o Congresso...

* * *

E o Congresso?

Uma batata quente que o Campos Vergal nos meteu nas mãos, um dia, em que almoçára conosco, no *Lar de Jesus*, conforme dissemos na Federação Espírita de São Paulo.

Assim, nem o movimento das *Mocidades Espíritas*, nem seu congresso — aliás, a maior e mais bela agitação espirítica que já existiu, até hoje, no Rio e no Brasil ! — foram obras originariamente nossas !

* * *

Irá bem articulado e bem dirigido o movimento de *Mocidades* e *Juventudes* espíritas no Brasil ?

O que saiu do Congresso de Mocidades não foi seguido e respeitado.

Desmantelou-se tudo aquilo.

E, se existe algo com a prebenda de orientar os moços espíritas, falta-lhe, ao que nos parece, engenho e arte para tanto.

Tivemos, aliás, conivência no desmantelamento da obra do Congresso, e disso nos arrependemos amargamente. Menos porque não quisemos aceitar a presidência de honra do Conselho, nem, tampouco, ser membro do referido Conselho, do que por haver confiado demais numa aliança que não quís respeitar os direitos do aliado.

E é isso que se precisa dizer — e nós talvez o digamos — caso tenhamos sobrevivido para isso, também...

* * *

Ernane Santana, que foi dos mais agitados contra nós, contra o movimento de Mocidades nos moldes do Congresso e contra o próprio Congresso, disse-nos em Belo Horizonte, durante a admirável Semana do Moço Espírita :

— «Só agora vim conhecer de perto a alma do prof. Leopoldo. E tenho tristeza disso, por haver hostilizado o senhor, seu movimento e o Congresso. Creia que os dias do Congresso foram os mais angustiados para mim. Não creio, tampouco, que o sr. escreva outra coisa igual a Canção da Alegria, nem que se faça, no meio espírita, coisa igual, na letra e na música.

Tudo isso, disse-nos, em essência, o ilustre confrade, em Belo Horizonte.

E nós acreditamos, sinceramente, nas suas palavras.

* * *

Sentiamos que nada tinhamos a fazer à frente de mocidades, por havermos nos desobrigado, mal ou bem, de nossas tarefas. E consultamos, até, o grande Emanuel, cuja resposta está no GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, recem-editado, obra que tanto é nossa como do Chico Xavier, como dos moços espíritas de Belo Horizonte, como dos Espíritos comunicantes...

Respondeu-nos o grande Espírito à página 101 : «Sejamos guardas abnegados da sementeira, para a seleção de valores, sem desprezar o campo em sua expressão de comunidade. O Educandário é alma de sua experiência passageira, mas, a preparação do futuro é a alma de sua vida.

E não interrompamos o serviço eterno».

Será serviço eterno, e construir para a Eternidade, cuidar dos moços, orientá-los como a moços dentro do Espiritismo ?

* * *

Que podemos fazer agora ?

Já não somos o mesmo homem.

E, com que tristeza vemos, diariamente, que hoje valemos muito menos do que valiamos ontem ; que as fôrças se nos exaurem, o cansaço domina-nos e o coração só nos permite, apenas, ligeiras folgas.

E folgas que consagramos, muito gostosamente, ao LAR DE JESUS !

Assim, já não somos gente para organizar congressos, nem dirigir coisa alguma que exista fóra de nossos pagos...

Uma coisa, entretanto, ainda esperamos fazer, para, pelo menos, justificar o modo de ver do Grande Espírito : escrever, esclarecendo, historiando e revivendo, o que foi a formação das Mocidades Espíritas, a organização de seu congresso, o que dele saiu, que devia aí estar, orientando, com muito «mais engenho e arte», do que certas orientações adventicias.

Deixe-nos o coração em paz algumas horas por dia, e faremos isso.

Quanto mais não seja, para que muitos moços espíritas de hoje conheçam que *Mocidades* e *Congresso de Mocidades* já existiram no Brasil, dando muito o que falar de si mesmos.

E', já agora, o que esperamos fazer, depois do CARAVANA DA FRATERNIDADE, que já estamos organizando, muito lentamente, nas horas de possíveis labores...

Crônica Estrangeira

O Parlamento inglês reconhece o Espiritismo como Religião

Tradução de Max Kohleisen—Piracicaba

Pelo Correio da Inglaterra acabamos de receber mais um número da revista «The Greater World» (O Mundo Maior) órgão espírita inglês com grande circulação, que informa:

«Por deliberação do Parlamento Britânico, foi reconhecido como RELIGIÃO o Espiritismo Cristão, o que representa o resultado de um paciente e bem orientado trabalho que durou anos. Isto significa mais um progresso e ao mesmo tempo um acontecimento histórico nos anais do Espiritismo Cristão, no seu desenvolvimento célere e já vitorioso».

«O Marechal do Ar — Lord Dowding,—grande e incansável pelejador pelo Espiritismo Cristão, a 30 de Julho do ano p. passado solicitou ao Parlamento um esclarecimento, que se relaciona com aquela questão. Solucionando agora em definitivo o assunto, declarou a S. Excia. o Ministro do Ar de Sua Majestade, — Lord de L'Isle and Dudley, que:

a) «O Espiritismo é reconhecido como Religião no Serviço Militar.

b) Aos militares espíritas das 3 armas — Exército, Marinha e Aviação — assiste o direito da anotação de sua crença espírita nos seus documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

c) Aos espiritistas, pertencentes aos corpos do Exército, da Marinha e da Aviação, assiste o direito de realizar reuniões religiosas sempre que existirem dependências ou salões disponíveis. Estas decisões serão confiadas aos oficiais responsáveis (oficiais do serviço)».

Frisou ainda S. Excia. Lord de L'Isle and Dudley, que, sendo o Espiritismo reconhecido agora como RELIGIÃO, como religião deve ser também encarado e respeitado...

A revista «The Greater World» assim encerra o seu comentário:

«Alegrar-se-ão, também, conosco, os nossos leitores ao assistirem a marcha evolutiva da doutrina da Luz com mais esta vitória—a de ser reconhecido oficialmente o Espiritismo como RELIGIÃO pelo Parlamento da Grã Bretanha.

Sem nenhuma dúvida, este acontecimento será motivo de regosijo e de satisfação imensa para os nossos irmãos e irmãs que residem em outras partes do Mundo.

Isto servirá de estímulo para continuar, com coragem e entusiasmo, na disseminação dos grandiosos ensinamentos vindos até nós através do Mundo Espiritual.

E, vamos orar, para que, ainda, muitissimos corações se abram diante da Luz da Verdade».

⁂

Um Recado do Além

ROMA, 25 (AFP) — Certo Antonio Fosati, de 45 anos de idade, solicitou das autoridades de Desio, perto de Milão, permissão para mandar abrir o esquife de seu cunhado, morto há dez dias a fim de cumprir uma ordem que o defunto lhe dera durante um sonho. Tratava-se de encontrar um bilhete que devia encontrar-se num bolso da roupa que revestia o cadaver. As autoridades deram a permissão solicitada e o bilhete foi de fato encontrado. Os parentes do morto não quiseram revelar seu conteudo.

De «O Estado de São Paulo» de 27-1-1953.

⁂

Uma cura inesperada

«Estudos Psíquicos» — Portugal

O sr. João Ferreira Moita, de Leiria, enviou-nos o seguinte relato, para o qual pedimos a atenção dos leitores:

«Não obstante torturante enfermidade que não perdôa e me domina há longos anos, a ponto de me dificultar o sono, a fala e a alimentação, assisti a várias sessões espíritas nesta cidade de Leiria, onde, à falta de criatura idónea, tive por vêzes de servir de orientador.

E embora alguns detratores digam que os médiuns são nevrópatas, histéricos e lunáticos, a médium Ernestina, com quem se obteve esta cura, é uma senhora assás desenvolvida com saúde e vigor, sendo apenas de lamentar a sua falta de instrução que se nota através das comunicações. No entanto, as suas faculdades de audição e incorporação são tão desenvolvidas, que bem poderiamos dizer que a natureza tentou compensar com esta riqueza de qualidades a sua carência de cultura.

«Mas vamos ao caso. Oriunda de uma povoação próxima desta cidade e vivendo em companhia dos pais e irmãos, a quem auxilia nos trabalhos agrícolas e domésticos, Ema é uma jovem de 15 anos, de aspecto vulgar. Sempre saudável, há um ano que um mal-estar a dominava, de tal forma, que os pais notaram o fato, apesar dos esforços da filha em ocultar-lho. A pobre mãe pensava tanto na doença da filha, que até a distinguia a coxear com um tumor na nádega direita, obrigando-a então a cessar o trabalho.

«E' nestas circunstâncias que Ema é levada a um consultório médico de Leiria. O facultativo, muito bondoso e hábil, com funções de relevo no Hospital, observa a doente e prescreve a imediata hospitalização da enfêrma, o que não impede o progresso da moléstia, sempre em linha ascendente até à paralização completa dos braços. O silêncio do médico acerca da natureza da enfermidade e a afirmação de outros que diziam tratar-se de meningite tuberculosa, levaram a família para as ciências ocultas; e, por intermédio de Ernestina, manifesta-se o espírito do avô da rapariga, há anos desencarnado e dizendo-se autor, não só dos malefícios que perturbavam a neta, como de outros que provocara em familiares, além de ruídos confirmados, alegando a inutilidade de tratamento médico e a necessidade de retirar a doente do hospital, com a promessa de ele próprio tentar a cura.

«A atitude do médico que não sabia o que dizer em face das radiografias, o propósito em que estava de lhe aplicar um colete de gesso e ainda a frase: «ponha o coração ao largo», desanimaram a mãe, que se apresentou dois meses depois no hospital a reclamar a entrega da enfêrma. O facultativo resistiu à reclamação num misto de bondade e desespero, dizendo que seria prejudicial e que, se a mãe persistisse no seu intento, a filha teria de levar o citado colete e assim ficar na cama.

«Consultada a médium, aconselha a desolada mãe a voltar ao hospital:

«—Peça novamente ao doutor, que ele recebê-la-á bem, como se nada se tivesse passado, e entregar-lhe-á a sua filha.

«E tudo se passou como fica relatado. Conduzida a doente em maca para o carro, não sem que a enfermeira regrante mostrasse, amorosamente e timidamente, o perigo de a tratarem por curiosos, meia hora depois estava junto da Ernestina, que lhe deu alguns passes magnéticos e a mandou recolher a casa. Passados dias e com a precaução exigida, Ema assiste à sessão espírita, na qual se manifesta seu avô paterno, aludindo à falta de crença dos familiares e a algumas conversas relacionadas com a cura pretendida, o que se verificou ser exato; e, fitando a neta, prometeu deixá-la e ordenou que se levantasse e fizesse movimentos com os braços. A rapariga obedece e começa a andar com pasmo seu e dos assistentes!

«Finda a sessão, Ema sai na companhia da família e regressa a casa, dispensando o carro, por desnecessário.

«Já lá vão dois anos — diz o sr. Moita — e as melhoras mantêm-se. Quando a interrogam acerca da origem da cura, limita-se a exclamar que *foi Deus*».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo – USE

UNIFICAÇÃO EM MARCHA

Prosseguindo suas ininterruptas atividades unificadoras, a USE está empenhada no cumprimento do seguinte

Plano Anual de Trabalho

A Diretoria Executiva da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, estabelece o presente *Plano Anual de Trabalho*, abrangendo disposições estatutárias e resoluções do 3.° Congresso Espírita Estadual, que será levado a efeito pelos Departamentos da USE, no período compreendido entre Dezembro de 1952 a Dezembro de 1953.

A supervisão do Plano compete à D. E. da USE.

1 — pelo *Departamento de Doutrina:*

a) divulgação planificada e sistemática de artigos doutrinários versando sobre os tres aspectos fundamentais da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec;

b) feitura de um opúsculo para orientação de Sessões Mediúnicas e de Estudo Doutrinário, composto de duas partes: 1.ª Parte: — «Sessões Mediúnicas»; 2.ª Parte: — «Estudo da Doutrina Espírita»; observando a codificação kardeciana e intitulado: «SESSÕES MEDIÚNICAS E DE ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA»;

c) feitura de um pequeno livro que oriente o ensino do Evangelho às crianças, — à luz da Doutrina Espírita, — estabelecendo um método racional e prático, vasado em princípios doutrinários, de orientação pedagógica, servindo, ao mesmo tempo, de orientação aos professores ou expositores, intitulado: «LIÇÕES DE ESPIRITISMO — EVANGELICO PARA A INFÂNCIA»;

d) organização das lições e direção do Curso de Dirigentes de Sessões e Orientação de Médiuns, nos termos da proposição aprovada pelo 3.° Congresso Espírita Estadual.

2 — pelo *Departamento de Educação:*

a) levantamento cadastral das obras educacionais inspiradas na Doutrina Espírita, existentes em todo o Estado, visando as possibilidades de coordenação e de ajuda por parte dos órgãos constitutivos da USE;

b) providências para instalação de, pelo menos, três Escolas Primárias em cada Região e igual número na Capital do Estado, de orientação espírita-evangélica, destinadas à alfabetização e educação de crianças e dirigidas, preferentemente, por professores espíritas;

c) apôio às iniciativas municipais e regionais, distritais e metropolitanas, relativamente às obras educacionais, desde que enquadradas na planificação geral ou que não constituam duplicidades desaconselhaveis;

d) incentivar a instalação de Aulas Evangélicas para a Infância nos Centros e Instituições Espíritas onde ainda não haja, através dos organismos da USE.

3 — pelo *Departamento de Assistência Social:*

a) levantamento cadastral das obras assistenciais inspiradas na Doutrina Espírita, existentes em todo o Estado, visando as possibilidades de coordenação e de ajuda por parte dos organismos da USE;

b) apôio moral e intelectual às iniciativas municipais e regionais, distritais e metropolitanas, relativamente às obras assistenciais, enquadradas na planificação geral, recomendando-se não constituirem duplicidades desaconselhaveis;

c) promoção e patrocínio da 1.ª Reunião Plenária das Instituições Assistenciais Espíritas do Estado de S. Paulo.

4 — pelo *Departamento de Mocidades:*

a) organização ou reorganização de Mocidades Espíritas em cidades do Interior do Estado e Bairros da Capital, de acôrdo com a relação para esse fim estabelecida ;

b) congraçamento de Mocidades autônomas e Departamentais nas cidades do Interior do Estado e nos Bairros da Capital, por meio de :

I — Departamentos Municipais de Mocidades Espíritas, — «D.M.E.» — integrados nas respectivas UMES ou nos Conselhos Regionais na falta de Uniões Municipais ; compostos de representantes de Mocidades locais, em número igual para cada uma ou de três representantes da Mocidade local, no caso de existir apenas uma organização representativa de jovens espíritas na cidade ;

II — Departamentos Regionais de Mocidades Espíritas, — «D.R.M.» — integrados nos respectivos Conselhos Regionais, compostos de três jovens da cidade onde funciona o referido Conselho e por este nomeados de conformidade com o critério acima mencionado ;

III — uma Coligação das Mocidades Espíritas da Cidade de S. Paulo, —«COMESP»,—composta de dois representantes de cada Mocidade autônoma ou departamental. O Departamento de Mocidades do Conselho Metropolitano será integrado por três jovens, no mínimo, da Mocidade coligada, especialmente convidados e nomeados pelo referido Conselho.

Esses organismos municipais, regionais e metropolitanos da Mocidade Espírita terão suas atividades reguladas por seus regimentos internos, elaborados e aprovados pela USE e serão orientados e assistidos pelo Departamento de Mocidades da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

c) realização de Concentração Regional da Mocidade Espírita em cada sede Regional da USE,—incluindo-se na concentração da 1.ª Região, as organizações de jovens espíritas da Capital,— tendo em vista realizar o 1.º Congresso Estadual da Mocidade Espírita em Janeiro de 1954, preparatório do 2.º Congresso da Mocidade Espírita do Brasil, em Dezembro do mesmo ano nesta Capital, de acôrdo com as providências a serem tomadas pela USE junto ao Departamento de Juventude da F.EB. e ao Conselho Federativo Espírita Nacional ;

d) manutenção de uma «Página da Mocidade Espírita» no jornal da USE : — «Unificação» ;

e) elaboração de estatuto-padrão para ser recomendado às Mocidades autônomas e regimento ou regulamento-padrão para ser recomendado às Mocidades departamentais, de acôrdo com a experiência e orientação da USE, revistos pelo Departamento Jurídico e aprovados pela D.E., podendo ser reformados pelos Congressos Estadual e Nacional da Mocidade Espírita.

5 — pelo *Departamento de Publicidade* :

a) edição do jornal da USE : — «*Unificação*» — e organização do programa radiofônico : —«*Momento Espírita*» — logo que as condições financeiras da USE permitam a manutenção desses empreendimentos durante, pelo menos, um ano ;

b) providências no sentido de ser editada, anualmente, a Revista «*São Paulo Espírita*», com a finalidade de apresentar uma visão panorâmica do movimento espírita no Estado, sobretudo na sua projeção social, por meio de farta documentação fotográfica ;

c) edição de material indispensável à propaganda da USE, demonstrando a necessidade da Unificação, forma de organização e funcionamento desta entidade Unificadora ;

d) desenvolvimento de esforços no sentido de se conseguir colunas em jornais profanos e doutrinários.

6 — pelo *Departamento de Organização e Propaganda* :

a) ampliação dos quadros dos Conselhos Regionais e das Uniões Distritais ;

b) orientação sobre o funcionamento de cada órgão constitutivo da USE, delimitação de poderes, posição hierárquica e campo de trabalho ;

c) consolidação dos órgãos constitutivos da USE para assegurar sua integridade e estabilidade ;

d) concentrações (ou reuniões amplas) regionais e «Semanas Espíritas» assistidas pela USE, com programas prèviamente elaborados e submetidos à aprovação da D. E., por meio do Departamento de Organização e Propaganda e das Comissões Executivas dos Conselhos Regionais.

7 — pelo *Departamento Jurídico :*

a) elaboração de estatuto-padrão para ser recomendado aos Centros, observando-se as leis vigentes no País, a codificação kardeciana e a orientação da USE ;

b) elaboração de estatuto-padrão para ser recomendado às instituições assistenciais autônomas, bem como regulamento-padrão para ser recomendado às instituições assistenciais que funcionam como Departamentos de entidades espíritas, observadas as leis que regulam a ospécie, a experiência adquirida e a orientação da USE ;

c) elaboração de estatuto-padrão para ser recomendado às instituições educacionais autônomas, bem como regulamento-padrão para ser recomendado às instituições educacionais que funcionam como Departamentos de entidades espíritas, observando-se a legislação em vigor, a experiência adquirida e a orientação da USE ;

d) ordenação de formulários para :

I — matrícula no Serviço Social do Estado ;

II — registro no Conselho Nacional do Serviço Social ;

III — registro no Serviço de Medicina Social ;

IV — declaração de Utilidade Pública ;

e) elaboração do trabalho que servirá de ante-projeto de Lei a ser apresentado ao Poder Legislativo do País, relativamente a conceituação do termo ESPÍRITA, nos termos da proposição aprovada pelo 3.º Congresso Espírita Estadual.

8 — pelo *Departamento de Finanças :*

a) levantamento dos recursos necessários :

I — às finalidades da USE ;

II — ao cumprimento de Resoluções do 3.º Congresso Espìrita Estadual ;

III — à realização do 1.º Congresso Estadual da Mocidade Espírita, do 2.º Congresso da Mocidade Espìrita do Brasil, do 4.º Congresso Espírita Estadual, — todos em 1954 — e demais realizações programadas para esse mesmo ano ;

b) arrecadação das contribuições estabelecidas pelo Conselho Deliberativo Estadual, mediante controle correto e eficiente.

9 — pelo *Departamento Social :*

a) realização de solenidades condignas nas datas magnas do Espiritismo, de acôrdo com a relação prèviamente estabelecida e programas aprovados pela D. E. ;

b) catalogação das datas de fundação de sociedades espíritas e outras datas de interêsse social, para efeito de congratulações e homenagens póstumas ;

c) ordenação das efemérides espíritas para publicação no jornal da USE, servindo de elemento de informação, quando necessário ;

d) coordenação das possibilidades e recursos para acomodação de confrades visitantes e recepções, sempre que necessário ;

e) coordenação de elementos artísticos, por intermédio dos órgãos constitutivos da USE ;

f) realização de, pelo menos, um festival artístico e um de carater popular, com a colaboração de outros Departamentos, em pról dos objetivos da USE.

10 — pelo *Sub-Departamento de Esperanto:* — (integrado no Departamento de Educação).

a) divulgação planificada da Doutrina Espírita e da Unificação nos meios Esperantistas ;

b) manutenção de uma coluna no jornal oficial da USE, para divulgação de noticiário específico, denominada «Vida Esperantista» ;

c) ensino de Esperanto aos Espiritistas, por meio dos órgãos constitutivos da USE, tendo em vista possibilitar a leitura de livros escritos nessa língua internacional por confrades de outros países, sem a necessidade e inconveniências da tradução, bem como facilitar a realização de Congressos Espíritas Mundiais.

11 — pelo *Sub-Departamento de Pesquisas Psíquicas :* — (integrado no Departamento de Doutrina).

a) criação de condições indispensáveis para o estudo do Espiritismo Experimental com todo o rigor da técnica científica, capazes de despertar o interêsse das camadas intelectuais para a fenomenologia espirítica, como base para a aceitação das consequências filosófico-morais de tais fenômenos, examinados à luz da Doutrina Espírita;

b) atenção às questões exegéticas e de alta capacitação doutrinárias.

São Paulo, Novembro de 1952.

Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva
Secretário Geral.

Revelado em sonho um acidente de morte

Como o pai da vítima narra o estranho caso — Um ano e meio depois a Regional de Polícia descobre os parentes da vítima — Notas

Em Outubro de 1951, na Estação de Artur Alvim, nas proximidades de São Paulo, foi vítima de um acidente, sendo colhido por um trem, ficando com o corpo completamente deformado, um indivíduo, aparentando 38 anos, que depois verificou-se charmar-se José Martins Siqueira.

A polícia paulistana abriu o inquerito, não logrando êxito em descobrir os possíveis parentes da vítima.

O tempo passou e eis que os autos foram encaminhados, recentemente, para a Regional de Polícia de Taubaté, solicitando informes, pois, acreditava-se que a vítima tivesse parentes ou amigos nesta cidade.

De posse do material, o escrivão regional, encarregado do expediente, Antonio Santana Filho, se pôs a campo procurando por todos os meios descobrir pistas que o levassem a resolver o pedido de informação. Nesse sentido solicitou a colaboração do sr. Paulo Cursino de Moura, delegado de Natividade da Serra, visando esclarecer o assunto.

COROADAS DE ÊXITO AS BUSCAS

Iniciadas as buscas, conseguiram os srs. Cursino de Moura e Antonio Santana, descobrir que em Natividade da Serra, residia o sr. Antonio Martins Siqueira, o qual, em declarações formuladas àquelas autoridades, disse que, efetivamente, tinha um filho de nome José Martins Siqueira, o qual trabalhava de pedreiro, havendo trabalhado em Mogí e São Paulo.

As autoridades afim de evitar um choque, contornaram a situação e sem revelar o que havia acontecido ao seu filho, perguntaram se sabia o paradeiro do mesmo. E ante o espanto dos dois policiais, o sr. Antonio respondeu:

— «Meu filho morreu ha um ano mais ou menos».

As autoridades se entreolharam e procuraram saber como o pai havia recebido a notícia?

O velho, com simplicidade começou a narrar a história:

— «Ha mais ou menos um ano e meio, durante a noite, sonhei que o meu filho havia chegado a Natividade e, uma vez em casa, comunicou-me que havia morrido num acidente, esmagado por ferros. Acordei no dia seguinte e não dei importância ao fato. O tempo foi passando e como era costume de José escrever todos os meses, dando notícia fiquei aguardando. Os meses foram passando e com eles me veiu a certeza de que o meu filho havia realmente falecido e que havia sido uma verdade o que me contou em sonho».

Em vista da certeza demonstrada pelo pai de José, do seu falecimento, as autoridades revelaram o ocorrido, solicitando ao mesmo que lhes entregasse fotografias e cartas recebidas por José, para juntá-las ao processo e encaminhá-las a São Paulo para o encerramento do caso.

Eis aí, um caso verídico constante do inquerito referente a um acidente ocorrido há quasi um ano e meio, que culminou com o encontro do pai da vitima, após demoradas investigações, nas quais tomaram parte dois destacados elementos pertencentes à Regional de Polícia de Taubaté. Quanto a estranha revelação do morto, em sonho ao seu pai, deixamos a criterio dos nossos leitores as deduções atestando a sua veracidade ou não.

Transcrito de «A Tribuna» de 23-1-1953.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2921unse

NO XXIX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1953 — N.

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

31 de Março . . . . *Redação*
Espiritismo e Fenômeno . . . . *Paula Fonseca Jr.*
Duas Perguntas Apenas . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Caridade . . . . *Menotti Del Picchia*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado*
Ide, Curai os Enfêrmos . . . . . . *Max Kohleisen*
Interessantes Fenômenos Mediúnicos *Prof. Aldo Gnoli*
Síntese da Evolução Religiosa . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1953 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

31 de Março

NO dia 31 do mês em curso transcorre mais um aniversário do desincarne de Allan Kardec. Não podemos deixar de mencionar esse acontecimento, não só porque desejamos prestar-lhe uma justa e sincera homenagem, como também tornar ainda mais conhecido o seu nome, não tanto entre os espíritas, que o devem conhecer de sobejo através de suas obras, mas principalmente entre os profanos que tiverem a feliz oportunidade de ler esta Revista.

Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan Kardec), desincarnou em Paris em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, em consequência da rutura de um aneurisma.

Todos os jornais da época ocuparam-se do desincarne de Allan Kardec. O *Journal de Paris*, de 3 de Abril de 1869 publicou um belo artigo sôbre o acontecimento, da autoria do sr. Pagès de Noyez. De referido artigo tiramos os tópicos que julgamos mais interessantes. Diz o articulista :

«Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

«Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio dessa sala de sessões que há tantos anos ele residia ; vimo-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

ALLAN KARDEC

«Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lançar um derradeiro olhar àqueles lábios descorados que ainda na véspera lhes falavam a linguagem da terra. Mas eles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veiu dizer-lhes quais haviam sido suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais dos que o haviam precedido no além-túmulo, tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estílo é o homem», aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.

«Allan Kardec terá, com suas obras, fundado o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome, apreciado como o de um homem de bem, está há muito tempo vulgarizado pelos que crêem e pelos que temem. E' difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos. O Espiritismo destrói muitos abusos, reanima muitas consciências doloridas, dando-lhes a certeza da prova e a consolação do futuro».

A' medida que o tempo avançar, o nome de Allan Kardec mais conhecido se tornará, porque a Doutrina por êle codificada, o Espiritismo, que é o revivificador do vero cristianismo, se incumbirá de fazê-lo. E isto afirmamos estribados no fato de que esta Doutrina se difunde celeremente, conquistando adeptos constantemente em todas as camadas, terminando na terra mais uma fase do seu trabalho quando a humanidade estiver realmente confraternizada, ao ponto de formar um só rebanho, tendo como único Pastor a Jesus Cristo.

Salve, Allan Kardec!

Espiritismo e Fenômeno

PAULA FONSECA Jr. — *A Deolindo Amorim*

Tenho para mim que Espiritismo é antes de tudo e, sobretudo, fenômeno. Porque êle veio do fenômeno, mantem-se dele e só com êle sobreviverá.

E fenômeno é fato, efeito. O Espiritismo é uma filosofia, uma religião com bases no fenômeno que se observa e se experimenta e porisso é uma ciência. O Espiritismo é fenomenal e por consequência uma religião singular,—melhor: a Religião das Religiões e a Filosofia das Filosofias.

O Espiritismo é a única religião que sendo a um tempo filosofia e religião, é ciência também, por provar através de fatos observados e experimentados com métodos científicos, a eternidade do espirito como individualidade, isto é, sua continuação infinita após o fenômeno chamado morte e sua evolução e burilamento através de miriades de avatares. Prova o que afirma: as vidas sucessivas, a reincarnação e a comunicação com o além-túmulo, na sua parte chamada cientifica ou metapsíquica se quisermos usar a denominação dada por Richet ao estudo dos fenômenos paranormais, super-normais ou metapsíquicos.

Sempre houve, espaçadamente, através dos tempos, fenômenos de comunicação e aparelhos para isso:—hierofantes, profetas, magos, taumaturgos, santos, médiuns, sensitivos...

A Terceira Revelação, todavia, só adveio com o moderno mediunismo espírita. Nenhuma religião ocidental alcançou tanto porque lhes faltou meios e por consequência de suas interpretações exotéricas desvirtuadas do puro ensino do Cristo.

Portanto, ninguém póde ser a um tempo, judeu, ou católico, ou protestante e espírita; a certeza da reincarnação e a compreensão da normalidade e permissibidade da comunicação com o além-túmulo são incompatíveis com aquelas crenças, que embora baseadas na primeira e segunda revelações não souberam interpretar os designios divinos e não se baseiam na ciência.

O Espiritismo é sobretudo uma ciência de consequências religiosas. E a metapsíquica, a ciência espírita leiga, aí está para satisfazer o cienticismo do século e fazer com que, no futuro, a «ciência oficial» realize as contra-provas das experiências espíritas.

A beleza doutrinária do Espiritismo é fruto dos Evangelhos de Cristo e do ensino de seus antecessores: Moisés, Buda e outros divinos médiuns.

O Espiritismo apenas interpreta em espírito e verdade os divinos ensinos já revelados mas velados.

A «religião», isto é, religião «lato sensu», no Espiritismo, é um mínimo, porque não tem êle exteriorisações ritualísticas complicadas e nem liturgia para servir de processualística através da qual seus adeptos se religuem ao Criador.

A sua filosofia, a sua ciência e a sua moral, que é a moral pregada por Cristo, ensinam que a religião deve ser mais a prática da caridade, da tolerância e o aperfeiçoamento individual que exteriorizações de misticismo através de atos litúrgicos ou propiciatórios... que denunciam sentimentos de culpa explicáveis pela psicanálise e que se traduzem em atos obsessivos sob a forma de atos ritualísticos, sem que queiramos afirmar que todos atos de culto sejam atos obsessivos...

A «religião» no Espiritismo é um mínimo. A sua ciência e a sua filosofia é que são as suas bases: A «religião» espírita é uma consequência que se resume na síntese de todos os mandamentos: «Amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo».

O que convence no Espiritismo são os fenômenos. Esses fenômenos levam descrentes à convicção, indiferentes ao estudo e místicos e «religiosos», à racionalização de sua fé inconsciente e ignara.

Tirando-se do Espiritismo o fenômeno, êle tornar-se-à mera seita como tantas outras todas derivadas do cristianismo desvirtuado. E será como que outro cisma da chamada Igreja Católica Romana, e jamais, como as demais dissidentes, chegará a ter a fôrça daquela que se tornou até um Estado soberano e de poderes mais temporais que espirituais...

Todavia é claro e evidente que se não deve menospresar a parte filosófico-moral para sobrelevar-se a parte fenomenal ou prática. Mas o revigoramento da Revelação vem sempre do outro plano, e através do fenômeno. E não seja assím e vamos cair na verbalistica, nas preces literárias, nos sermões como peças de oratória e espetáculo de arte para deleite de espetadores mais ávidos de prazeres estético e intelectuais que de ensinamentos fraternos e aspirações superiores.

«*Lógicas* e sermões jamais convencem» disse muito bem Will Durant e «contra fatos não há argumentos», diz o Espiritismo. E os fenômenos são fatos.

Não fossem os grandes fenômenos de comunicação de Pedro Leopoldo através do extraordinário médium Francisco Xavier e o Espiritismo no Brasil teria a metade do surto que tem tido.

A palavra «morte» não deve causar-nos mais espanto que a palavra «nascimento». Mudamos de estado ao virmos ao mundo e penetramos em um meio atmosférico povoado por milhares de seres. Mudamos de estado ao morrer e entramos em um mundo etéreo que contém, suponho, muito mais existências do que o que deixamos; um ambiente, no qual, as relações entre os seres devem aproximar-se do que chamamos telepatia, *porque os processos de intercomunicação devem ser menos indiretos que os do nosso meio físico. Não há extinção e o campo chamado morte não é outra coisa que a porta de um novo estado a que podemos chamar de nova vida. — LODGE.*

Duas Perguntas Apenas

Major Levino Cornelio Wischral

IRMÃO Behael, é possível dizer-nos, em poucas palavras, donde viemos e para onde vamos?

—Perfeitamente; falemos, portanto, da trajetória evolucionista do nosso ser através do tempo e do espaço, apresentando-lhe, apenas, uma pálida e fugaz idéia.

Há milênios de séculos, sua própria alma, com o nome de psiquê, inteligência rudimentar ou ainda elemento inicial, dava vida, pela vontade de Deus, ao nobre, belo e puro cristal, facetando graciosamente êsse compacto edifício vivo por contornos perfeitos, bem definidos e de rigorosas linhas geométricas.

No íntimo desse quarzo, de impecável simetria e formosura, que apreciamos nas vitrinas dos museus e nas salas de mineralogia, pulsam e crescem e se amam certos elementos ativos da centelha divina, futuros espíritos, candidatos a animarem também, em longínquo porvir um corpo de carne igual ao nosso e proporcionado pela mesma mãe-terra.

Sua alma, agora consciente, estagia hoje numa divina, delicada e precisa máquina — o corpo físico, cujo governante, dito alma, movimenta sabiamente, sem se descontrolar, bilhões e bilhões de átomos, de células e moléculas. Nêsse corpo vem a alma se aperfeiçoando durante quase oitenta mil anos, desde o homem de Neandertal.

O atual estágio chegou porém, agora, a seu ponto culminante; alcançou-se mais um cíclo de transição que cumpre transpor. Aqui chegamos após dilatadissimas éras de penosas e sucessivas peregrinações atavés de lentos progressos pelos reinos mineral, vegetal e animal.

Sim, já animamos um seixo, uma delicada sensitiva, uma respeitável mangueira, um cão fiel; já usamos a vestimenta carnal de feroz selvagem.

É o momento presente um marco sem igual para o homem. Estamos nos anunciados e chegados tempos bíblicos; penetramos o tremendo e decisivo alvorecer do terceiro milênio, época de grandes transformações morais, espirituais e até cósmicas; época da separação do joio do trigo; enfim, do «juizo final».

Ao homem de boa vontade compete ainda, nessa último oportunidade, purificar-se nos retoques finais, instruindo e amando seus semelhantes retardatários dentro do Evangelho de Jesus. Estamos no último ano da escola de adestramento que nos ensina a desenvolver as dormidas e sagradas faculdades pelas quais o nosso espírito se capacitará a habitar sucessivamente astros cada vez mais sublimes e brilhantes. Transposto mais êsse novo estágio, nesses planetas de luz, o que só sucederá após infindas épocas de tempo, então os nossos espíritos terão atingido a categoria dos mitológicos semideuses, titulados de querubins e serafins, auxiliares e assistentes diretos das divindades, tendo por dirigente central a Deus.

Que nos espera porém, em seguida? Não há de ser apenas a patética e inútil contemplação eterna das obras do Supremo Construtor? O espírito anseia por subir, galgar a perfeição. Vejamos então que será de nós.

Tornar-nos-emos grandes, enormes, incomensuráveis, pois, passaremos a dirigir e movimentar harmoniosamente, por bilhões de períodos de anos-luz, algum mundo celeste, de formação recente, destes que Deus cria aos bilhões por segundo. Deslizaremos então, dentro do infinito éter azul, como singela andorinha, descrevendo elegantes e lépidas rotações de galanteio ao redor dalgum solzinho brilhante e risonho.

Assim brincaremos no espaço até que sejamos guindados, sempre por merecimento próprio, a integralizarmos algum sistema solar; seremos esse conjunto.

Como vê, tomará nosso espírito o corpo de algum astro e progressivamente o de um sistema planetário.

Nêsse degrau evolutivo, já deixamos mui longe, para trás, a modalidade tempo e espaço com seus embaraçosos limites: estaremos plenamente mergulhados na maravilhosa eternidade onde tudo foi, é e será no mesmo instante. Falta-nos, por enquanto, o poder de percepção capaz de compreendermos o passado e o futuro dentro de um eterno presente.

Após perfeito desempenho deste último estádio, o espírito, como é lógico, aspirará ascender mais e mais alto ainda na escala jerárquica. Será êle então elevado a governante de um universo, secundando ao perpétuo Deus na sua ininterrupta criação de mundos. Mais além, ainda teremos remotos vislumbres para governarmos dois, três ou mais universos. Daqui por diante, escapa-nos o porvir que nos é totalmente inimaginável.

Nessa altura lembramo-nos dos Evangelhos, do Salmo 82, versiculo 6, que diz : «Vós sois deuses».

Ao Sempiterno Deus está porém reservada a ;tarefa de criar a matéria e os universos; cria-os tão só por sutís vibrações amorosas de seu pensamento.

Resumindo podemos dizer que animaremos em remotissimas e incalculáveis épocas futuras o corpo fluídico e irradiante de algum arcanjo, daremos vida a um astro, animaremos um conjunto planetário, respiraremos dentro de um ou mais universos e seremos também o máximo — um deus.

Recordemo-nos que Deus, o Onipotente, nunca permanece inativo; Êle cria apenas pensando e entrega sua obra a seus deuses para a aperfeiçoar, intelectualizar e divinizar.

Eis a trajetória do espírito imortal, isto é, de todos nós.

Muito bem, amigo Behael, passemos agora a segunda e última pergunta: Qual a frase que consagrou Jesus como o único e verdadeiro salvador da humanidade terrena ?

— Sublimes e incomparáveis foram as últimas palavras do Redentor crucificado ao ser o seu corpo impiedosamente golpeado por duros pontaços de lança para lhe abreviar os dolorosos estertores da agonia.

Nem a dor atroz dos dilacerantes espinhos da coroa que lhe entranhavam a fronte, nem os pés feridos e sangrentos da jornada ao escarpado Gólgota, nem suas fôrças físicas extenuadas pelos pregos que lhe rasgavam as carnes, nem tão pouco a zombaria e a chacota dos circunstantes impossibilitaram ao Cristo de, com o espírito amorável, cérebro sereno e lúcido, suplicar ao Pai o perdão e as luzes para os seus algozes.

Por mais espantoso e estranho que pareça, ouvimos ainda, de modo inconfundível, ecoando pelo silencioso infinito dos tempos o — «Perdoai-lhes, Pai, que êles não sabem o que fazem».

Ao ouvirmos essas palavras, estremecemos de vergonha, pois, elas nos dizem respeito. Confundimo-nos ao ouvir o mais humilde dos perdões já pronunciado sôbre a face da terra. Ainda não estamos em condições de escutar expressões tão excelsas, ditas em condições tão especiais.

E o homem, êsse soberbo homem mesquinho e ambicioso, quando alcança por astúcia ou por desamor, o trono de alguma passageira vitória, adquirida a custa de lágrimas e infortúnios alheios, conserva por muito tempo o vingativo desejo de massacrar aqueles que, com justa razão se antepuseram às suas loucas vontades.

Vencedores quase nunca sabemos guardar a justa serenidade. Que seria de nós se fossemos vencidos como o foi, fisicamente, o Iluminado ?

Saberiamos na derrota ou na adversidade pronunciar, com tranquilidade do alto do nosso suplício a mesma frase do Divino ? Nunca mais a humanidade ouvirá frases dêsse puríssimo amor, pelo semelhante, do cimo de qualquer outra cruz !

Quantas vêzes já pedimos perdão àqueles que por nós foram injuriados ? Oh ! santo Deus, como estamos distantes do sentimento fraterno.

Uma passageira dor de cabeça que nos visita ; uma insignificante contrariedade que aparece ou então uma intolerante dor reumática é o suficiente para reagirmos com violência, portando-nos, na maioria das vêzes, como nosso irmão, o irracional; esse sim, sabemos imitar com perfeição.

Não lhe parece, prezado irmão, possuirmos dedos em excesso, na mão esquerda, para enumerarmos as vêzes que já perdoamos ?

Eis as respostas do irmão Behael.

Cada encarnação realiza um trabalho de análise ; e cada desencarnação produz um trabalho de síntese. — DR. GELEY.

CARIDADE

Por MENOTTI DEL PICCHIA
Da Academia Brasileira de Letras

Numa conferência que o monsenhor Arias Cruz, notavel pregador maranhense, proferiu sobre o «Padre Antonio Vieira», vejo citado este trechinho da obra genial do maior tribuno sacro da lingua, o êmulo de Bossuet na fôrça da sua eloquência barroca: «Pois seria bem que viesse Cristo a esta cidade (S. Luiz do Maranhão) com fome, com sede, despido, peregrino, e não haver uma casa onde o hospedar? Melhor fôra não haver na Misericórdia igreja, que não haver hospital, porque a imagem de Cristo que está na igreja, é imagem morta, que não padece; as imagens de Cristo, que são os pobres, são imagens vivas que padecem. Si não houver outro modo, converta-se a igreja em hospital, que Cristo será mui contente disso».

Aí está expresso, numa forma profunda e substancial,—forma que foi vivo manancial que dessedentou Ruy Barbosa na sua sede de ser incisivo e orgânico na sua eloquência—o mais cristão e ortodoxo sentido da verdadeira caridade. «Converta-se a igreja em hospital» quando o indigente, desesperado e enfêrmo, mais que o silêncio de um templo para sua última oração precisa de uma cama e de confôrto para seu ultimo sono. O brado de Vieira é o grito desesperado do Senhor à Igreja para que menos pense nos ouropéis dos seus templos, que na extensão da sua caridade, missão precípua dos verdadeiros discípulos do Nazareno.

Essa piedosa emulação de suntuosidade, que acumula milhões e milhões em cada três ou quatro quarteirões da cidade, transformada em casas de misericordia e caridade, talvez melhor servisse ao Cristo. O grande Vieira, a maior voz que clamou nos desertos espirituais das Americas, disse com iluminada genialidade: «A imagem de Cristo que está na igreja, é imagem morta, que não padece; as imagens de Cristo que são os pobres, são imagens vivas, que padecem». Essa metáfora, pela sua coragem e pela sua beleza, sómente poderia ser inspirada ao pregador de lingua de ouro, ao Crisostomo luso-brasileiro, pelo proprio Cristo. Nada mais impressionante e verdadeiro que essas palavras que reboarão pelos séculos como reboaram as profecias. Que o dinheiro que se gaste na efemeridade dos adornos, para acolher nesse esplendor artístico um Deus que vive nas hervas e nas choças, que se transforme em pão e leito para os Cristos vivos, que são os mendigos chagados, os peregrinos e famintos. O Senhor já tem o esplendor do céu com a arquitetura titânica e resplandecente das nuvens e a abóboda infinita do azul para contê-Lo em todo o esplendor da sua espontânea majestade. O Deus operante e presente não escolhe a forma olímpica para o exercício da sua misericórdia, mas a humilde encarnação do Cireneu, que carregou sua cruz na via dolorosa, ou do bom Samaritano que, anônimo, socorreu o ferido largado no caminho.

As palavras do orador sacro mais que nunca têm oportunidade para uma parte do clero, que tantas ostentações exteriores — exceção feita desses messiânicos e caridosos padres heróicos, imersos no drama dos desgraçados e humildes — levam para um conforto que aberra da hora trágica da fila, do pão escasso, do trabalho que míngua. Mais hospitais e menos igrejas. Mais casas de caridade — colégios para as crianças abandonadas, educandários, hospícios, escolas profissionais — que templos suntuosos, porque Deus está mais perto da alma que sofre e do corpo que sangra, que do coral maravilhoso que sobe pelas absides das catedrais na atmosfera acústica do órgão, cantado por virgens com faces de madonas.

O padre Vieira parece ter gritado para esta hora de aflição e de carestia a sua frase sôbre o Cristo vivo. O Cristo vivo aí está com sua lata de agua a procura do líquido vasqueiro. Faz fila na porta da fábrica para pedir trabalho. Disputa seu pedaço de pão no mercieiro. E quando vai comprar um remédio, precisa abrir uma veia e jorrar sangue no balcão do farmacêutico porque tudo — ó mortal ganância dos homens! — sobe a preços estratosféricos. O Cristo morto das igrejas é uma obra de arte da escultura, e impressiona e não padece. O Cristo vivo é uma obra prima do sofrimento e continua a arrastar sua cruz invisivel entre as pontas agudas dos paralelepípedos da cidade...

Transcrito da «A Gazeta», de São Paulo, de 6/12/52.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

VII

No artigo anterior referimo-nos a pequenas diferenças que a crítica descobre no estílo dos poetas desencarnados, em comparação com a obra que a deixaram em vida, e a certas falhas na versificação, e atribuimos o fato a três causas: a) dificuldades de transmissão; b) mudança de ponto de vista; c) eliminação dos orgulhosos. Hoje vamos examinar um quarto aspecto: a «censura» prévia dos Guias.

Como a Terceira Revelação tem um programa de ação traçado, os Guias não permitem aos intelectuais desencarnados dizerem tudo que querem e como querem, simplesmente para fazerem obra de arte: dão-lhes diretrizes a seguir e proibem o que saia do programa. Eis um exemplo: numa sessão apareceu o Emilio de Menezes com um lindo poema em oito estrofes, parafraseando a parábola do bom samaritano (Lucas, 10:25 a 37). Tivemos notícia da presença do poeta por médiuns videntes e dissemos a quem nos estava ao lado: «Vamos ouvir desaforos!» Fizemos referência ao gosto do poeta de sempre dar alfinetadas.

O Guia da sessão não gostou do poema, sobretudo da terceira estrofe que zombava dos espiritistas, e pediu ao poeta não escrever a 3.ª estrofe na sessão. Ele só escreveu as outras sete estrofes, mas acompanhou a médium para casa e lhe pediu que escrevesse a estrofe que faltava. Ela escreveu e êle acrescentou: «Para quem servir a carapuça».

Houve, portanto, uma censura parcial e os assistentes da sessão só ficaram conhecendo a parte aprovada do poemeto. Depois, fóra da sessão, o Guia permitiu que a obra fosse completada e aquí vai ela completa.

Epigramas

Em meio a um caminho deserto,
Sem árvores, sem um abrigo . . .
Mísero homem, pobre mendigo,
Tombara exânime no chão.
Já fazia três dias que o coitado
Adoecera em meio à jornada,
E então, agora alí na estrada,
Ei-lo em completa prostração . . .

Nessa hora, um pastor puritano,
De aspecto soberbo e imponente!
Passou junto ao pobre indigente,
E vendo-o caído, em desalinho,
Murmurou com seus botões:
«Está certamente embriagado!»
E aumentando o passo, apressado,
Seguiu indiferente o seu caminho . . .

Eis que um famoso espiritista,
Mestre em Doutrina da Verdade,
Pregando sempre a Caridade
Na Imprensa e Tribuna, veiu vindo . . .
E vendo alí o pobre, orou:
«Dai, Senhor, a este meu irmão,
Força em tão grande provação».
Mas seu caminho foi seguindo . . .

Também por alí passou,
Junto com seu sacristão,
Um bom padre que a Extrema-Unção
Ia levar a um certo burguês . . .
E vendo o pobre foi dizendo:
«Filho, veja alí a que estado,
Chega um homem pelo pecado!»
E foi atender seu freguês . . .

Em majestosa carruagem,
Aproximou-se um deputado,
Como sempre muito apressado,
Conversando com um amigo.
Ele, — justiça se lhe faça, —
Estava em alta posição,
Não podia olhar para o chão . . .
Por isto não viu o mendigo . . .

Vinha vindo, um tanto agitado,
Um conspirador anarquista,
Cujo nome estava na lista
Da polícia do mundo inteiro!
E vendo o indigente, pensou:
«Amaldiçoada burguesia!
Quem te destruirá um dia?»
E sem parar seguiu ligeiro . . .

Passa em rico coche abrigada,
Bela dama que vai à cidade,
A uma Festa de Caridade.
E vendo o mendigo lá fóra,
Grita nervosa, muito aflita:
«Vamos mais depressa, cocheiro!
Que asqueroso homem... que mau cheiro!»
E quasi desmaiou a senhora . . .

Nisto uma pobre maltrapilha,
Digna também de compaixão,
Na estrada viu aquele irmão.
E num impulso santo e nobre,
Veio pressurosa socorrê-lo!
Nos Céus recordava Jesus:
«Quem me ajudou a levar a cruz
Não foi um rico, foi um pobre...»

Emilio de Menezes.

O erudito versificador, ao examinar esta paráfrase, exclamará irritado: «que horror! há versos de sete, oito e nove síladas!» Um simples, porém, verá aquí uma grandiosa lição a aprender, um ensinamento a ser praticado.

Interrogado o Guia, porque não permitiu que fosse escrita e lida na sessão a crítica ao espírita, respondeu que na sessão pública havia pessoas que lá foram simplesmente como curiosos, sem conhecimento da Doutrina nem do movimento espírita. Para tais pessoas seria prejudicial a terceira estrofe; poderiam generalizar, supor que todos os espíritas só auxiliam ao próximo com uma prece, e tomarem antipatia do Espiritismo; no entanto essa generalização seria falsa, porque há espíritas, e muitos, que auxiliam por todos os meios materiáis, intelectuais, morais, espirituais.

Há também a considerar esta situação — a censura prévia — sem a qual se desmantelaria o programa da Terceira Revelação, ela perderia sua unidade, tudo se tornaria um cáos de opiniões desencontradas.

Haverá ainda outras causas que nos escapam por enquanto, mas que algum dia viremos a conhecer.

Como processo seletivo, afim de evitar a perturbação que os eruditos orgulhosos e enfatuados causariam nos trabalhos espíritas, os senões de forma são uma benção. Há pessoas que só vivem para fazer crítica demolidora que nada póde construir, mas destrói muita coisa. Os eternos discutidores dos fenômenos espíritas têm feito uma obra de demolição impressionante em diversos países, chegando a exterminar o movimento espírita organizado em muitos lugares, onde êle já existia.

Talvez pareça falta de caridade esse processo de eliminação dos orgulhosos, justamente os mais necessitados; mas será apenas passageira essa exclusão a que êles mesmos se condenam: noutra encarnação êles nascerão em família espírita, serão desde a infância instruídos na Doutrina e ganharão o tempo que agora perdem por vaidade.

O intelectual espírita, quando enfatuado, como infelizmente há alguns, só nega alguns fatos, aceita muitos outros e sobretudo não duvida da Doutrina. Não perde 100 % as esmolas que nos estão descendo do Céu, só perde uma parte pequena. E' caso completamente diferente do materialista enfatuado, erudito, orgulhoso, que tudo repele.

O Guia de D. Dolores Bacelar, em palestra conosco, disse a respeito de um seu romance que estamos revendo: «só a essência nos interessa; quanto à forma você póde corrigir à vontade». Realmente é assim: o Espírito que desce à Terra para escrever um livro ou um poema, só pretende instruir, elevar, salvar os homens, e não lhes dar obras de valor artístico material.

Ismael Gomes Braga.

LIVROS E AUTORES — *Leopoldo Machado*

CINZAS DO MEU CINZEIRO — *M. Quintão*, edição da Federação Espírita do Paraná e impressão da Revista dos Tribunais

Uma velha e grande amizade prendeu-nos, por muitos anos, ao M. Quintão.

Amizade que começou em Salvador, na casa do velho e queridíssimo José Petitinga, e se teria de estender até os dias presentes.

Foi M. Quintão quem nos deu os empurrões definitivos para a Doutrina, essa coisa que o Petitinga vinha envidando, há tempos, sem o conseguir, como êle o desejara.

Aliás, já o dissemos em conferência pública, da tribuna da Federação, inserta em REFORMADOR.

Vindo para o Rio, em 1921, foi êle quem nos aproximou do Almirante Paim Pamplona, em cujo colégio trabalhamos, como sua segunda pessoa, durante sete anos. Foi ainda Quintão quem nos encaminhou a Nova-Iguassú, onde teriamos que fundar o Ginásio de nosso nome, que ainda existe a desempenhar-se, a despeito de tudo, e galhardamente, de suas altas funções educacionais. De fundá-lo até com dinheiro emprestado de sua bolsa... Foi, ainda, por sua interferência, que conseguimos dinheiro emprestado, sem juros, da F. E. B. para ultimarmos as obras de reconstrução do centro espírita, *Fé, Esperança e Caridade*, a que ele ia, nos primeiros domingos do mês, pregar a Doutrina.

E ainda teria de prefaciar nosso primeiro livreco doutrinário,—CONSCIÊNCIAS—dizendo até, para protestos do Antonio Lima, que haviamos inaugurado um sistema novo de pregar a Doutrina, através do conto.

E, já fóra da Federação, ainda nos prefacia o DESTINOS, uma novela espiritualista, parece que somenos, que ainda, talvez por isso mesmo, não apareceu. Prefácio que até publicámos na «Revista Internacional do Espiritismo», a seu tempo.

Sempre firme a nossa amisade?

Sob o ponto de vista pessoal, sempre a mesma.

Sob o ponto de vista doutrinário, não, pois tivemos divergências sérias.

A maior, sobre as obras de assistencia social, espiritistas.

Quando a querida esposa lançou o plano do LAR DE JESUS, que nos lançamos à propaganda da obra, *Reformador*, dirigido por M. Quintão, insere, na primeira pagina, um artigo de outrem, que se nos afigurou contrário às obras de assistência. Diante de três interrogações que nos vieram — do Espírito Santo, do Est. do Rio e do Estado de Minas — de «quem estaria com a razão, nós ou o *Reformador?*», saimos com uma série de artigos de oposição, como um imperativo do nosso temperamento.

Teria começado daí o nosso esfriamento com a F. E. B. a despeito de um de seus sócios mais antigos, porque de matricula 28. E começamos a nos desinteressar de seu *Conselho Deliberativo*, a que pertenceramos.

Com a morte do Guillon Ribeiro, convocado, por um telegrama do Quintão a comparecer à sessão, de que sairia novo presidente, comparecemos à convocação e dissemos ao Quintão, à presença do Carlos Imbassahy e do Almirante Paim Pamplona: «Aqui estou, em função de seu telegrama, embora já me sinta afastado do programa da Federação. Vim em atenção a você que, a despeito de nossas discordâncias, ainda me merece muito».

Como nos sabe tão bem à sensibilidade, o recordar essas coisas todas que, se nenhum valor tiver para os outros, tem subido valor para nós!

E de recordá-las, quando M. Quintão publíca o CINZAS DO MEU CINZEIRO, livro que, mais de uma vez, lhe aconselhamos a publicá-lo, como ao CASOS E COISAS, por serem ambos, repositórios de bôa e substanciosa doutrina.

* * *

Já haviamos recebido um exemplar do CINZAS DO MEU CINZEIRO, que nos ofertara o editor, quando recebemos o volume que nos destinou o autor.

Aliás, já nem o esperavamos, de vez que lhe enviamos, pelo Nelson Duarte, o GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, sem receber aviso do recebimento...

Qualquer mágua e queixa que tivessemos do velho e querido amigo, o oferecimento de seu livro seria o bastante para desanuviá-las.

Mormente, a dedicatória, concebida assim: «Ao coração enfartado Leopoldo amigo, aqui se apresenta de coração aberto, o pobre enjeitado do LAR DE JESUS, com a chancela e aprêço do velho e penitente M. Quintão».

E tivemos os olhos húmidos de emoção e de tristeza!!!

Aquele «pobre enjeitado do Lar de Jesus» doeu-nos dentro dalma.

Vale a pena contar a história dessa enjeitação. E é o que fazemos, para descargo de consciência, e para que casos, coisas e homens fiquem mais conhecidos daqueles que nos lêem.

* * *

Quando voltámos da *Caravana da Fraternidade*, encontrámos, na montanha de nossa correspondência, uma carta do velho e grande amigo, oferecendo a edição do *Cinzas do meu Cinceiro* ao *Lar de Jesus.*

Aliás, uma generosa oferta.

Nós, porém, estavamos chegando de um grande surto de confraternização, a serviço de melhor aproximação entre espiritistas e em função do *Pacto Áureo.*

Quem sabe não seria aquele o momento de reaproximar o velho e querido companheiro a seu antigo posto de combate, na FEB., a que serviu tantos anos, com extremado zêlo e profundo exclusivismo ?

Com esse pensamento e muito esperançoso de vê-lo, novamente, na casa que dirigiu e na revista em que escrevia e redacionou, assim que fomos ao Rio, a 18 de Dezembro de 1950, telefonamos aos ilustres presidente e vice-presidente da *Federação Espírita Brasileira*, convidando-os a ouvirem as primeiras novidades da Caravana.

Nós três, na sala de recepção da FEB, depois das primeiras notícias expostas, falaramos sôbre o caso do CINZAS DO MEU CINZEIRO. Então argumentamos que, embora com prejuizo do LAR DE JESUS, a Editora da Federação é que devia editar o volume. Ora, a Federação estava agitando o movimento de aproximação dos espíritas — e a prova é que nós voltaramos do Norte a serviço desse movimento! — não seria então, o caso de atrair o velho companheiro? não ficaria muito bonito que a Diretoria da Federação editasse o livro do seu velho servidor e antigo presidente?

— Aliás — atalhou o sr. Rocha Garcia — os direitos autorais de seus livros êle os legou à Federação... Nós os visitaremos por esses dias e trataremos do assunto, diretamente com êle...

— Pois, aguardamos esse entendimento para responder-lhe a carta, que nos escreveu.

Voltando, na semana seguinte, telefonámos para o sr. Rocha.

Ainda não havia estado com o Quintão.

Sobreveio-nos, depois, a enfermidade que teria de prostar-nos durante 1951. Só, então, depois, na fase de convalescença, tomamos novo conhecimento de nossa correspondência E lá estava, sem resposta, a carta do velho amigo.

Escrevemos-lhe, contando os passos que demos a propósito do CINZAS DO MEU CINZEIRO. Uma satisfação justissima, aliás.

Respondeu-nos, historiando a impugnação do seu livro, sob o fundamento de que se tratava do livro literário. Do livro sem doutrina...

Ficamos, assim, compreendendo e sentindo como aqueles ilustres confrades desejam, efetivamente, confraternizar, unificar, aproximar os espíritas...

Póde ser doloroso o que aqui está.

Mas, é a expressão da verdade...

* * *

O mérito do livro ?

E' um livro do velho Quintão, o da melhor doutrina, que se lê com agrado, aprendendo muito sôbre homens e coisas bafejados pela Doutrina.

E, parece-nos que a segunda grande vitória da *Federação Espírita do Paraná*. E da *Gráfica* que o editou.

Gratos pelos dois volumes que nos couberam.

Ide, Curai os Enfêrmos...

PARA que cressem n'Êle e na Sua Doutrina, Jesus revelou a Sua autoridade, curando as inúmeras enfermidades graves do povo de Israel, enfermidades tidas como incuráveis pela medicina da época, tal como a lepra, a cegueira, a paralisia, os possessos, etc., etc.

E recomendou aos discípulos que fizessem a mesma coisa, dizendo: «Está próximo o reino dos céus; curai os enfêrmos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; dai de graça o que de graça recebeis!...»

Assim procedem hoje, também, os Neo-Cristãos, aqueles que reconheceram o cumprimento da promessa de Jesus, que enviaria oportunamente o ESPÍRITO DA VERDADE, restabelecendo todas as coisas.

E os grandiosos feitos, realmente, já se fazem sentir em toda parte em forma de curas extraordinárias, curas que, para a medicina oficial ainda representam um problema (tuberculose, cancer, obsessões, etc.)

Celebrando-se últimamente o centenário do nascimento daquele inesquecível benfeitor da humanidade — Dr. Cesário Mota — que deixou um marco dos seus serviços prestados ao Estado, como educador, como médico, como Secretário de Estado e como cidadão de excelsas virtudes, — volvemos o nosso pensamento para as reuniões de curas que assistimos, anos atrás, como beneficiado e assistente, naquele modesto lugarejo — CHARQUEADA — cêrca de 30 quilometros de Piracicaba, onde o Espírito querido do Dr. Cesario Mota restituiu a saúde do corpo e da alma a centenas de pessoas que suplicaram esta graça ao Divino Pai e ao glorioso Mestre Jesus.

Recordamo-nos de ter assistido a intervenções cirúrgicas das mais melindrosas, de ulcerações internas, de asma, de tuberculose, de cancer, de cegueira, etc. Tinham preferência nos trabalhos do Centro Espírita aqueles casos que eram considerados «casos perdidos . . .» pela medicina oficial! Muitas vêzes, ao término das reuniões, o material operatório extraído foi encontrado (a título de prova) na mesa, no meio do algodão embebido com eter e alcool, pús, agulhas, categut, sangue, etc.; o material operatório (rematerializado às vêzes) foi depois guardado, como prova, a pedido do Dr. Cesário, em vidros com alcool, no museu do Centro, podendo ser examinado, por qualquer profissional ou médico!

— Naquele Centro, nos dias de cura houve, muitas vezes, uma assistência que ultrapassava de 130 pessoas para receberem benefícios, povo de tôdas as classes sociais! Lá se encontrava sentada gente da roça ao lado do homem de pergaminho, como engenheiros, farmacêuticos, agrônomos, médicos, professores, advogados e até mais de um delegado de polícia, — tôdos eles vindo em busca de recuperação da preciosa saúde. Em certa ocasião foi solicitada a vinda dos componentes do Centro de Charqueada para a residência de um médico, gravemente enfêrmo, afim de lhe serem transmitidos os benefícios salutares pelo colega Espírito, Dr. Cesário Mota . . .

Tudo se processou por intermédio de D.ª Nair Carvalho, médium sonâmbulo e de efeitos físicos (para as intervenções).

Numa das reuniões de cura, recordamos o final de um tratamento, de enfermidade gravíssima, cancer, com ramificações até o canal da medula da espinha dorsal. Ao paciente assim falou o Dr. Cesário Mota: «Posso com grande satisfação constatar, eu e o meu colega Dr. Walter Seng (também Espírito), que o nosso irmão está agora completamente curado. Mais nenhum micróbio foi encontrado por nós num derradeiro exame. E' motivo, portanto, de darmos graças a Deus e ao nosso glorioso Mestre Jesus, o Médico dos médicos, que permitiu esta cura... ; recomendamos ao irmão que não deve descuidar agora de estudar a doutrina bendita da 3.ª Revelação, assimilando-a e vivendo nela».

Outro belíssimo caso de cura, cura à distância, foi êste: Certo dia recebemos uma carta da alta Sorocabana assim redigida: «Li na «Centelha» o artigo sôbre as curas extraordinárias no Centro Espírita «União» de Charqueada; também sou praticante da doutrina. A minha esposa se encontra muito enfêrma. Ela, já por duas vezes, foi submetida a graves intervenções cirúrgicas por especialistas de S. Paulo. O mal (cancer) infelizmente surgiu agora pela 3.ª vez e ela está passando muito mal. Os especialistas na Capital disseram que pouco ou nada adeantaria em proceder mais uma terceira operação, visto que o tumor ocupa, agora, uma vasta área . . .

Desejo agora recorrer ao Centro onde se processam aquelas grandes curas. Peço me guiar e orientar, possivelmente com urgência.»

Em seguida temos transmitido as instruções de Charqueada, assim formuladas: O Dr. Cesário Mota recomenda, — reunião diária em tôrno da cama da enfêrma, às 20 horas, com meia hora de preces muito bem dirigidas. Nos dias de sexta-feira das 20 às 21 horas concentração a todo rigor.

Um mês depois escreveu o marido da enfêrma: «Louvado seja Deus, nosso Pai!; a doente está bem melhor e já sem dores; continuamos a nos reunir todos os dias, oito pessoas do Centro Espírita local, em tôrno da enfêrma. A medium vidente descreve constantemente, depois das reuniões, todo o trabalho executado pelo Dr. Cesário Mota e dos médicos assistentes astrais. Tudo vai bem e a nossa fé cada vez mais viva e mais firme».

Finalmente, depois de alguns meses, bateu à nossa porta uma pessoa, desconhecida e acompanhada por um rapaz, o filho. Deu-se a conhecer, apresentando-se assim: «O senhor não me conhece; sou a esposa do Fulano; não entrarei; meu tempo é muitissimo limitado, pois vou embarcar para São Paulo daqui há 15 minutos; vou mostrar-me agora aos especialistas na Capital, que se recusaram a proceder nova operação, por considerarem perdido o meu caso. Vim única e exclusivamente de passagem rápida, para lhe agradecer pela sua bondade e generosa orientação, o que contribuiu para a minha completa cura.»

Confessámos então, não ter esperado semelhante surpreza. Ficámos até sem poder formular palavra nos primeiros instantes. Depois replicámos àquela senhora: Não nos cabe o protesto de agradecimentos! A senhora deve dirigí-los com o máximo fervor ao Pai e ao Divino Médico, Jesus, pois a Êles que cabem os seus sentimentos de gratidão! — No mais, ao regressar da Capital, queira ter a gentileza de nos informar o que lhe disseram os especialistas, isto é, se por ventura, são capazes de dizer ainda algo, mesmo que isso seja de cunho «científico»...

— Finalmente, o autor dêstes relatos, também estava desenganado, há cêrca de cinco anos, por especialista da medicina oficial, diagnosticando cegueira! Depois de uma operação dupla, absolutamente indolor, de 40 minutos e executada pelos espíritos Drs. Cesário Mota e Walter Seng, — recuperada foi a vista em sua totalidade dentro de um mês, e, continua perfeita até hoje!

⁂

Tinha razão o incomparável Mestre Jesus, quando dizia: «Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Guardai-vos, porém, dos homens, porque vos hão de entregar aos tribunais e, açoitar-vos nas sinagogas.»

Vejamos, pois. Quem não se recorda que muitos sinceros discípulos do Mestre, nestes tempos modernos, de maneira idêntica como na antiguidade, foram acusados e perseguidos pela classe médica e pelo clero?! Por ventura, quem é capaz de eliminar e pulverisar as recomendações expressas assim pelo Divino Mestre: IDE, CURAI OS ENFÊRMOS?!

Pois, os novos-cristãos acatam as palavras e as recomendações de Jesus. Não nos abalam as perseguições; as curas aumentam cada vez mais, chegando já ao ponto de assombrar e alvoroçar bom número de cientistas!

No mais, saibam, que, quem cura na realidade os enfêrmos nos Centros, não são os espiritistas, mas sim OS ESPÍRITOS DO SENHOR...!! Os espíritistas prestam simplesmente e humildemente o auxílio e a assistência aos enfêrmos, mas as GRAÇAS veem do ALTO!

Por isso podemos declarar hoje novamente que, ainda há muita ignorância... por conveniência... nas rodas dos fariseus modernos, cingindo-se êles com grandes aparatos e exterioridades para impressionar áqueles que ainda se deixam impressionar!

Aos homens que combatem o ESPIRITISMO, recomendamos que, ao invés de persegui-lo com palavras e átos saturados com veneno, — tratem de ler e estudar *melhor* as maravilhosas passagens do Evangelho do Mestre e praticar mais o que ÊLE tanto recomendou, sendo, entre muitas das SUAS recomendações o: IDE, CURAI OS ENFÊRMOS, pondo as mãos sôbre êles. E mais ainda: PREGAR, anunciando o EVANGELHO aos homens de boa vontade (os humildes), para que saibam que o Reino dos Céus está se aproximando. DAI DE GRAÇA O QUE DE GRAÇA RECEBESTES (do Alto) foi também recomendado pelo Divino Educador e se refere principalmente no que diz respeito às curas...!

Sim, PREGAR com o coração cheio de Amor, escudado com aquela Fé viva, capaz de transportar montanhas, pois, só assim será possivel a aproximação do REINO DE DEUS aqui na Terra, Reino esse, ao qual alude Jesus naquela prece que Êle nos legou e, que a maioria dos homens apenas balbucia diariamente com os lábios, ao invés de ser sentida nas profundezas do coração, no «Pai Nosso»: «Venha a nós o Vosso Reino.»

O Espiritismo, ou seja, a Terceira Revelação, é a chave de ouro que está abrindo paulatinamente as portas dos corações daqueles que se acham possuidos de «boa vontade». É nos Templos Espíritas, por mais modestos que sejam, curam-se hoje, e sempre de graça, conforme as ordens dadas pelo Divino Modelo, —grande número de enfermidades, para as quais a ciência oficial ainda não possue recursos para a cura.

Assim aconteceu que naquele lugarejo modestíssimo, Charqueada, no meio de um punhado de trabalhadores humildes da Seára do Mestre, se processaram curas de cegos, tuberculosos, asmáticos, paralíticos, enfêrmos de cancer, etc., sem distinção de classe, de cor e de nacionalidade.

Foi posto simplesmente em execução, com a máxima humildade, aquela ordem do Médico dos médicos, Jesus: IDE, CURAI OS ENFÊRMOS.

MAX KOHLEISEN.

Piracicaba, Dezembro, 1952.

Interessantes Fenômenos Mediúnicos

Prof. ALDO GNOLI — De «*Estudos Píquicos*» — *Portugal*

ENTRE os amigos e colaboradores de Carlos Vergani, eu tenho sido, indubitavelmente, de 1945 até hoje, um dos mais fiéis.

Frequentei assiduamente a sua simpática e hospitaleira casa, assistindo a inúmeras sessões de Espiritismo, durante as quais pude verificar e admirar os mais belos fenômenos que podemos imaginar. Se quisesse contá-los todos teria de escrever volumoso livro e não este pequeno artigo.

Posso garantir, por testemunho da minha própria consciência, e o que, socialmente, mais importa, por testemunho e convicção de todos aqueles que me conhecem, que sou um homem honesto, incapaz de mentir ou de deformar a verdade. Ninguém mais do que eu, portanto, pode confirmar e garantir as faculdades mediúnicas de Carlos Vergani e é isso precisamente o que vou fazer. Por falta de espaço e também por comodidade, limitar-me-ei a contar dois ou três casos que, entre os fenômenos que presenciei, se me afiguram os mais importantes.

Numa sessão, no Outono de 1946, sendo médium Carlos Vergani, em cuja casa se realizava a sessão, e estando presentes umas trinta pessoas, comunicámos, em plena luz, com uma entidade que afirmava chamar-se Pico (não de Mirandola), por meio do telefone, amplificado com o alto falante da rádio.

Neste ponto torna-se necessário abrir um parêntese para explicar aos leitores esta técnica especial de que, provavelmente, nunca ouviram falar. Numa sessão antes daquela a que me refiro, um notável político, falecido havia pouco, com quem comunicávamos por meio da mesa, transmitiu-nos a palavra: *telefone*. No *mesmo instante* soou a campainha do telefone, instalado no aposento contíguo e um dos assistentes que foi atender reconheceu, com espanto, a voz, sumida e pouco distinta, da mesma entidade. Seguiu-se interessante conversa telefônica durante a qual a entidade continuou e desenvolveu o assunto iniciado através da mesa. Este fenômeno repetiu-se mais vêzes, de forma altamente sugestiva, porque a mesa, ou para melhor dizer, a entidade que a animava, batia a palavra *telefone* e logo a campainha tocava e o diálogo continuava com perfeita lógica e clareza. Outras vêzes, pelo contrário, a voz que falava no aparelho convidava-nos a voltar para a mesa, por meio da qual o assunto prosseguia, sem confusões nem atropêlos. Não há ninguém, por certo, que não reconheça a importância teórica deste fenômeno, da sua veracidade confirmada pela perfeita sequência entre a conversa telefônica e as comunicações tiptológicas, que se alternavam e se completavam.

Surge, no entanto, um inconveniente. Enquanto as comunicações tiptológicas eram recebidas e compreendidas por todos, as comunicações telefônicas não podiam ser recebidas, evidentemente, senão por um só dos assistentes. Então, um dos presentes, pessoa entendida na técnica telefônica e radiofônica, sugeriu que se amplificasse a voz que se manifestava ao telefone, por intermédio de um alto-falante, de modo que todos pudessem ouvi-la. Outro dos presentes aperfeiçoou a proposta, aconselhando que ligassem o telefone à rádio e esta servisse de amplificador. Foi o que se fez na sessão seguinte e então todos nós nos dirigimos ao aparelho de rádio, como se falássemos com uma pessoa, e este, amplificando a voz do telefone a que estava ligado, respondia-nos, travando-se uma conversa animada, rápida e viva. Por outras palavras, era como se estivesse um ser vivo escondido no aparelho.

Estou a ver o gesto de incredulidade e de cepticismo dos meus leitores. «Bela intrujice!... Por meio do telefone!... Não encontrariam meio mais fácil e mais simples do que o telefone para apresentarem truques deste gênero? Basta um pequeno microfone escondido na sala onde se realiza a sessão comunicando com a sala onde estiver colocado o telefone... E talvez nem fosse preciso um microfone especial. O do próprio telefone poderia servir... Está explicado o truque. Grande intrujão, o tal Vergani! E o professor Gnoli, que ingênuo e que imbecil!...»

Devagar!... Peço ao leitor incrédulo que não faça juizos temerários sem ouvir o que tenho para lhe dizer. A autenticidade e a transcendência dos fenômenos — perdoem-me a palavra — não resulta da ligação do telefone à rádio, o que, reconheço, pode dar lugar a todas as dúvidas e a todas as suspeitas, mas sim da própria natureza das respostas, respostas que nenhum ser que vivesse na terra seria capaz de dar, clara e prontamente como foram dadas. Por outras palavras, embora essas respostas transmitidas pelo telefône e pela rádio fossem dadas por um ser vivo, por exemplo, um médium, mesmo assim o carácter maravilhoso e transcendente subsistiria.

Prosseguindo na descrição do fenómeno, a rádio, ou antes, a entidade que dizia chamar-se Pico, comunicando pela rádio ligada ao telefone, disse-nos a certa altura:

—Façam-me uma pergunta em inglês, francês, alemão, italiano, russo, latim, grego antigo e moderno e eu lhes responderei, *no mesmo idioma*, imediatamente e acertadamente.

Seguiu-se animada conversa em oito línguas diferentes (entre os presentes estava uma senhora de origem russa e outros estrangeiros, parecendo que Pico, a ajuizar pelas suas palavras, o sabia) e a rádio respondia sempre com fulminante rapidez e com pronúncia perfeita, embora com ligeiro sotaque, a todas as perguntas que lhe faziam. Recordo-me, entre outras, que uma senhora, prestes a embarcar para a Venezuela, obteve todas as informações que desejava sôbre aquele país, suas condições de vida, produtos agrícolas, etc., etc., informações mais tarde confirmadas e que se revelaram exatíssimas. Se aceitassemos a hipótese do truque, teriamos de admitir que na outra extremidade do fio telefônico estivesse o mais extraordinário poliglota apto a falar oito línguas diferentes como se falasse o seu próprio idioma e que êsse extraordinário poliglota tivesse quasi o dom da onisciência ou, pelo menos, possuisse conhecimentos muito mais vastos do que os habitantes dêste planeta, o que não se me afigura humanamente possível.

Noutra sessão, realizada em casa de Vergani, poucos dias depois desta e à qual tive a felicidade de assistir, a mesma entidade, depois de responder a todos os presentes nos idiomas em que lhes faziam as perguntas, acrescentou, como prova da sua presença naquela sala, palavras em sueco, língua que nenhum dos presente falava ou compreendia, palavras que, anotadas foneticamente, foram depois traduzidas, com significação lógica.

Mas há mais. A certa altura, a rádio, na sessão dos oito idiomas, disse-nos espontâneamente:

Aproxime-se o sujeito forte, simpático, e faça a pergunta que quer fazer.

O indicado era eu que estava sentado junto da porta e, portanto, a entidade via perfeitamente quem estava na sala e o ponto onde estava colocado, fato êste muito interessante. Aproximei-me imediatamente e, recordando-me de ser, vinte e cinco anos antes, professor de italiano, declarei:

—Desejo ouvir o verso 85 do canto V do «Purgatório».

Imediatamente a rádio respondeu:

—*Poi disse um altro Deh, se quel disio,* isto é, o verso pedido.

Valendo-me da minha experiência profissional, pedi que me dissesse mais sete ou oito versos e a rádio respondeu sempre com a máxima exatidão e *fulminante rapidez.*

Nêste ponto o leitor astuto e conhecedor de Espiritismo e Metapsíquica poderia objetar que a pretensa omnisciência, ou quasi, da entidade que nos respondia por meio da rádio se limitava a ler na minha mente as respostas que pedia. Faço, no entanto, notar que, para dar essa explicação, o leitor admite a existência real de uma entidade, espírito ou inteligência desencarnada ali presente — e é isso, precisamente, o que desejo demonstrar — e, portanto, considero-me satisfeito. Porque, certa vez, tendo eu pedido o verso 103 do canto III do «Purgatório», a rádio, isto é, a entidade que utilizava o aparelho, respondeu-me com outro e, tendo eu apontado o suposto erro, declarou-me: «Não quís dizer o verso 103, mas sim o 130 do mesmo canto», verso de que eu me recordava vagamente, mas cujo número ignorava, assim como o canto a que pertencia. Desta forma se prova que as respostas não eram lidas na minha mente, mas exclusivas da entidade que se servia do telefone e da rádio.

Mas continuemos.

Cerca de quatro anos depois, isto é, a 18 de Outubro de 1949, faziamos uma sessão em casa de Vergani, com as luzes acesas, utilizando a mesa. A entidade comunicante era ainda Pico. As experiências decorreram assim: As pessoas que não faziam parte da corrente, em volta da mesa, formulavam, em segredo, perguntas que eu escrevia em pequenas tiras de papel que depois eram postas, bem dobradas, em cima da mesa, que, tiptològicamente, dava as respostas. Obtiveram-se assim respostas interessantissimas e nem uma só pergunta ficou sem resposta, fato que deve dar muito que pensar àqueles que, assistindo á sessão, negavam a real presença da entidade ou o espírito, como queiram dizer. Porque nem o médium Vergani, nem qualquer dos presentes, com excepção daquêle que formulava a pergunta, estavam ao fato dela e, todavia, a entidade que movia a mesa e afirmava ser um espírito, isto é, Pico, respondeu a todas por forma inteligente e adequada.

A certa altura, formulei, por escrito e em segredo, como os outros, a minha pergunta, concebida nestes termos:

— Qual é o verso 103 do canto III do «Purgatório»?

Qual foi a resposta da mesa, isto é, de Pico? Quando eu esperava o verso, inesperadamente me disse:

— Já mo perguntaste há alguns anos.

Esta resposta, como todos devem compreender, revestiu-se de excepcional importância, porque confirmava plenamente a existência e a continuidade das comunicações da entidade Pico, visto que, ao responder-me tiptològicamente decorridos quatro anos, se referiu à resposta dada por êle próprio na referida data, por meio do telefone ligado à radio, confirmando também a veracidade das antigas manifestações, que, pela modalidade técnica da sua realização, poderiam ser, facilmente, postas em dúvida.

Outra manifestação mais simples e modesta, mas que, não deixa de ter importância: Na noite de 15 para 16 de Outubro de 1949, em vez do costumado Donatello e de Pico, apresentou-se tiptològicamente (a sessão efetuava-se na mais completa escuridão) uma entidade que declarou ser Vitor Manuel III. Entre essa entidade e os presentes travou-se acesa discussão de carácter político (porque tinha fugido de Roma em 8 de Setembro, etc., etc.) e todas as respostas da entidade foram dadas com exatidão, como se, de fato, fosse quem dizia ser. A certa altura, ocorreu-me estabelecer uma espécie de verificação... histórica. Muitas entidades atrasadas ou brincalhonas poderiam facilmente responder a perguntas sôbre a política atual, fazendo-se passar pelo defunto soberano, mas não seria fácil que conhecessem datas e acontecimentos remotos da história da família de Sabóia, pouco conhecidos do vulgo, mas que eu, ensinando italiano e história, conheço perfeitamente.

Então, na mais profunda escuridão, escrevi num papel:

— *Qual a data da anexação da Sardenha ao Piemonte?*

Depois, sempre às escuras, passei o papelinho a Vergani, pedindo-lhe que, como diretor da sessão, fizesse a pergunta à entidade. Informo os leitores pouco versados na história italiana que a data em questão era 1720. Mas as coisas correram de forma diferente do que eu esperava.

Mal tinha acabado de passar o bilhete a Vergani, a mesa, às escuras, respondeu:

— *1762, assembléia Sardenha referente ao Piemonte.*

Fiquei estupefato e tive a prova fulgurante de que a entidade lera num papelito escrito por mim em segredo e às escuras, uma pergunta que ninguém, excepto eu, conhecia. Portanto, tinha-a lido no meu pensamento. E como as mesas, por muito inteligentes que sejam, não são capazes de semelhantes operações mentais, afigura-se-me que não póde haver outra hipótese além da que formulei, isto é, que a entidade a lera no meu pensamento ou no papel. Vergani ainda não tinha aberto o bilhete, repito, e não podia lê-lo no escuro.

Mas a entidade não só o fez, como também me deu uma data referente às relações entre a Sardenha e o Piemonte, não a data que eu lhe tinha pedido, mas uma outra, diferente, embora dentro da mesma idéia, demonstrando assim a sua existência real, visto que a data comunicada por sua iniciativa me era completamente desconhecida. Ignorava-a, sempre a ignorei, como por certo a ignoravam todos os presentes. Só uma pessoa conhecedora da história da Sardenha a poderia saber. Se tivesse respondido com a data de 1720, como evidentemente poderia ter feito (visto poder ler no meu pensamento), eu teria sempre duvidado do valor da resposta. Mas, pelo contrário, respondeu sôbre o mesmo assunto, com uma data que eu desconhecia e não podia, portanto, ter no pensamento, nem no subconsciente.

Para verificar essa data tive de recorrer à bibliotéca; e, depois de várias pesquisas, verifiquei, finalmente, que em 1763 — não em 1762 — se tinha realizado uma conferência sôbre as relações entre a Sardenha e o Piemonte, quando a Assembléia da Sardenha se reuniu solenemente para reconhecer o sucessor de Carlos Emanuel III. E' estranho êste erro de um ano, feito por uma entidade que afirmava ser Vitor Manuel III.

No entanto, áparte essa pequena inexatidão, o fato maravilhoso consiste em uma mesa de madeira me ter podido ler no pensamento (ou num papel escrito às escuras) uma pergunta que só eu podia conhecer e responder-me por forma adequada, mas imprecisa, dandome assim uma prova da sua independência, indicando-me que não estava ligada a mim nem ao meu subconsciente, ao meu «eu», porque me indicou uma data verdadeira ou quasi, mas que eu ignorava.

O que me faz, lógicamente, supor que, quem me respondeu não foi uma mesa de madeira, mas sim um sêr real que, além de muitas coisas, conhecia perfeitamente a história da Sardenha.

Outros milhares (posso dizer milhares sem receio de errar) de exemplos poderia citar, fenômenos maravilhosos aos quais tive a alegria e a felicidade de assistir, em centenas de sessões que, durante cinco anos, se realizaram em casa de Vergani. Teria de escrever volumoso livro, repito.

Depois destes exemplos, não venham negar-me a mediunidade de Vergani, nem a maravilhosa realidade do Espiritismo.

Tradução de SIBIL.

(De *Le Vie dello Spirito*, de Roma).

Síntese da Evolução Religiosa

LEOPOLDO MACHADO

Á luz da História, o Cristo teria nascido 4.004 anos antes de nossa éra.

Dois mil anos antes teria existido Abraão.

E, com Abraão, teria nascido o Monoteismo.

Vale dizer que dois mil anos antes de Abraão, teria começado o mundo; teria existido Adão e Eva, se sua existência não fôsse, para não passar por simples pêta, uma lenda hebráica.

Assim, dois mil anos antes de Abraão, até seus dias, o sentimento religioso dominante, teria sido o paganismo.

O homem teria procurado entender-se com vários deuses, em vez de acreditar num só Deus, uno e poderoso...

* * *

O homem, desde que olhou o céu e contemplou os astros, sentiu a necessidade de crer e de adorar potências superiores.

Criou, então, divindades.

E divinizou sêres e coisas de outra espécie.

Árvores e bichos, coisas e astros, tudo já foi deus, foram divindades.

Os *tabús* e os *totens* datam dessa época.

Formou-se, dêsse modo, o paganismo, a crença politeista dos pagos, das religiões.

Houve paganismos poéticos, como o grego; violentos, como o romano; licenciosos, como o fenício; sanguinário, como o assirio-babilônico.

Em todos êles, os deuses, sem nenhuma ostentação e nenhuma formalidade preparada, desciam de seus empírios, de seus olimpos e vinham confabular com os homens, encantando-os, com os seus sortilégios, desvanecendo-os, com o seu convívio, honrando-os, com a sua proteção.

E vinham como são, em espírito, porque espíritos eram êles.

Os demônios eram deuses familiares.

Sócrates não prescendia de ouvir a seu demônio, antes de qualquer lance grande de sua vida.

Julio Cesar foi assassinado no Forum, porque não deu ouvidos ao demônio de sua esposa.

Mas, os demônios abusaram tanto da confiança que se lhes consagrava, que, posteriormente, a palavra *demônio* perdeu seu sentido e passou a designar espírito mau, enganador, mentiroso.

Tudo isso teria existido dois mil anos antes de Abraão, até o advento do Monoteismo...

* * *

Abraão era, portanto, pagão.

E assirio, da cidade de UR.

Vidente, sentiu que, uma noite, um espírito amigo lhe ordenara que deixasse aquela terra e rumasse para o ocidente, pois seria o tronco de um grande povo.

Obedeceu ao que lhe disse o Espírito e partiu.

Foi construir sua tenda às margens do Jordão.

E cumpriu-se aí o que lhe profetizou o Espírito, nascendo com êle nova interpretação do sentimento religioso, o verdadeiro e grande Monoteismo.

Tão obediente era êle à voz do Espírito, que não tergiversou em sacrificar a Isaac, seu filho, para provar com isso sua obediência a Deus...

Assim, com Abraão, que viera do Paganismo, teria aparecido, assinalando isso o primeiro degrau da Evolução Religiosa, a crença num deus único e poderoso.

E o patriarcado monoteista, que iria até Moisés, quinhentos anos depois.

Os patriarcas mantinham conversas e colóquios íntimos com os Espíritos...

* * *

Um neto de Abraão—que seu filho fôra poupado por interferência de um Espírito luminoso — um neto do filho de Ur, Jacó, chega a lutar com um Espírito e a vencê-lo, essa coisa em que não se podia acreditar...

Mudou se-lhe, por isso, o nome para Israel, que deve significar aquêle que *póde* lutar com Deus...

Povo de Israel é, ainda hoje, chamado o povo hebreu.

O profetismo substitúe, então, o patriarquismo.

Os profetas eram sêres diferentes, que viam e ouviam espíritos; que diziam coisas que os Espíritos lhes ditavam.

Hoje, os profetas seriam chamados médiuns.

* * *

Moisés, quinhentos anos depois de Abraão, de sua mesma raça e terra, e na mesma terra e servindo-se da mesma língua, vem assentar o segundo degrau da escada da Evolução Religiosa.

Fugindo do Egito, em face de crime justificável que lá cometera, ouviu de um espírito, em pleno deserto, quando se metera na sarça ardente: «Descalça a sandalia que o lugar é sagrado».

E outro Espírito, ainda mais luminoso — tanto que se dá, a si mesmo, o nome de Jeová — transmite-lhe, no alto do Sinai, as Táboas da Lei, o Decálogo...

Mais intervenção de espíritos.

E o Decálogo é a mesma revelação abraâmica posta em letra de fôrma.

E' a Lei Escrita maior do Monoteismo.

Lei de orientação divina, que nem o Cristo destruira, por isso mesmo que disse: «Eu não vim destruir a Lei...»

* * *

Mil e quinhentos anos depois de Moisés, vem o Cristo.

Hebreu como Moisés, na mesma terra e falando a mesma língua, reforma a parte dura e áspera da Lei Mosaica, humanizando o sentido religioso da Vida.

E assentou, assim, o terceiro degrau à Escada da Evolução Religiosa, dois mil anos depois de Abraão.

Os Espíritos, a manifestação dos Espíritos tiveram, em Sua Vida, marcante repercussão, desde a anunciação, após a predição de sua vinda, até a tentação de espíritos maus, os diabos, até a Sua própria manifestação em espírito, depois de seu batismo.

Fenômeno perfeito de materialização, foi a transfiguração do Tabor.

Fenômeno perfeito de voz direta, ou xenoglossia, foi a cena do Pentecoste, depois de sua morte.

Sem desfazer de Moisés, lamentava que «na cadeira de Moisés os escribas e fariseus se sentaram», mas, sem as virtudes e as obras do legislador hebreu.

* * *

Paulo de Tarso, da mesma raça, e na mesma terra e língua, contemporâneo do Cristo embora sem conhecê-Lo pessoalmente, cria, por assim dizer, a verdadeira Igreja Cristã, depois de perseguir os «homens do Caminho».

Ainda aquí, interferência de Espíritos.

Aliás, do Espírito do próprio Cristo, que lhe diz, em pleno meio dia, a sol a pino, na estrada de Damasco: «Saulo, Saulo, porque me persegues!»

E vai, o criador do socialismo cristão, de vistas apagadas com o esplendor da visão, receber a vista perdida das mãos da criatura humilde e pequenina que ia perseguir em Damasco: Ananias...

Com Paulo de Tarso teria aparecido o verdadeiro Cristianismo, de vez que o termo cristão apareceria na vigência de sua atuação, na igreja de Antioquia.

* * *

O Cristianismo seria, assim, a primeira religião universal.

Substituiria as religiões de gentes e de castas, de grupos e de raças.

Por isso é que Engels, a despeito de seu materialismo histórico, o classificaria de Religião Absoluta.

E teria, também por isso mesmo, de ser, nos primeiros dias de sua ascenção, torturado por duas fôrças poderosas contra êle — o paganismo romano de um lado e o judaismo orgulhoso e sectarístico, do outro...

Paulo de Tarso move-lhe, em plena Jerusalém e em nome do farisaismo judeu, a primeira perseguição, na própria terra de ambos.

Nero, em nome do paganismo romano, teria que iniciar a série de perseguições, culminada com a de Deocleciano, que assinalara a *E'ra dos Mártires.*

Foi execrado o Cristo, os cristãos e o cristianismo por toda parte.

Ser cristão era crime passivel de todas as violências.

Foi por isso que Trajano e Marco Aurelio — principalmente Marco Aurelio — moveram perseguições aos cristãos.

Foi por isso que outro imperador romano, Decio, chegara a perseguir os cristãos, para satisfazer a grita do povo. O povo lançara à conta de sua excessiva tolerância com os cristãos, a causa das desgraças que cairam, no seu governo, no vasto Império Romano...

* * *

Inácio, ex-discípulo de João Evangelista, o Santo Inácio da Igreja, dá-lhe, no segundo século da E'ra Cristã, o nome de Igreja Católica, de Catolicismo.

O que vale dizer: Igreja Universal, Doutrina para o universo, na consciência de que «o Evangelho do Reino será pregado a todas as nações..»

Os Espíritos lhe penetram, ainda, as ensinanças, as práticas, embora com nome de *anjos, querubins* e *arcanjos* para os espíritos bons; *demônios, diabos e satanaz*, os maus espíritos.

Toda a história dos milagres da Igreja são frutos dos bons espíritos.

E tudo o que acontece ao homem, que o arraste às tentações do pecado, obra de maus espíritos.

A Igreja Católica, com seu espírito e nome de caráter universalitário, colocou-se bem entre as duas correntes dominantes.

E venceu facilmente, pois, não chegara a sofrer perseguições sérias. .

Mas, perseguiu, infelizmente, ajustando-lhe superioridades e divinizações que o Cristo nunca quís para Êle e para a Doutrina que pregou...

(Continua).

Crônica Estrangeira

Êle «viu» o próprio pai, a distância de muitos quilômetros

«Two Worlds»

Casos bem documentados de ocorrências aparentemente inexplicáveis

Na noite de Abril em que devia verificar-se uma aparição junto à cama de Chester Hayworth («Hayworth» é pseudônimo), êle estava dando uma aula de Astronomia na Associação Cristã de Moços de Dallas. A preleção foi além do tempo marcado. e era quasi meia-noite quando o professor chegou a casa —duas horas depois do seu horário habitual de deitar-se. Sua esposa dormia e êle não quis incomodá-la.

Hayworth estava na cama havia uns 15 minutos quando «se sentiu zonzo como se tivesse despertado subitamente de um sono profundo». E, contudo, não tinha adormecido. Ouviu girar a maçanêta da porta e sentou-se para ver o que era. Uma lâmpada da rua dava claridade ao aposento. «Mal meus olhos acabavam de se ajustar aos contornos da porta», diz êle no seu relato à Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, «quando vi meu pai entrar. Via-o com perfeita nitidez».

Hayworth não levou, própriamente, um susto. Supôs que seu pai, que morava na Califórnia, tivesse chegado naquela noite e, como o filho estivesse fóra, quisera fazer-lhe uma surprêsa, surgindo bruscamente na sua frente. O homem gostava dessas brincadeiras.

«Atravessou o quarto, deu volta pelos pés da cama e parou a meio metro de mim», diz o filho. «Já então pude ver-lhe bem o rosto e verifiquei que meu pai não estava ali para brincar. Nunca o vira tão triste. Teria acontecido alguma coisa terrível a um membro da família ? Finalmente estendeu-me a mão. Tomei-a na minha. Êle apertou com muito mais fôrça do que de costume. Enquanto ainda me segurava a mão, abanou a cabeça. Quando correspondi a seu olhar, êle desapareceu súbitamente, deixando minha mão estendida».

Hayworth calcula que a cena durou meio minuto. Teve tempo suficiente para notar que, em vez do seu elegante traje habitual, seu pai usava calça marron de operário, camisa da mesma côr e boné. O filho reparou que os suspensórios eram escuros e que no bolso da camisa havia uma lapiseira, uma caneta-tinteiro e um calibrador.

«Enquanto, completamente perplexo, eu permanecia sentado na cama», prossegue Hayworth, «soou a campainha da porta da frente. Fui atender. Era um estafeta que me entregou um telegrama de meu irmão. O telegrama dizia : «Papai faleceu 8 e 30. Venha se puder».

Chegando à Califórnia, Hayworth quis saber qual a roupa que o pai usara naquele último dia. O velho Hayworth estivera trabalhando no seu automóvel ; na ocasião usava calça e camisa marron, suspensórios escuros e boné. Era um traje que o filho não conhecia, mas muito comum. No bolso da camisa encontraram uma lapiseira que coincidia com a descricão feita pelo filho : êste achou que a lapiseira era de celulóide, e era. A caneta-tinteiro também estava lá. Milhares de homens trazem consigo, habitualmente, uma caneta-tinteiro, mas havia também no bolso da camisa um terceiro objeto muito menos comum—o calibrador.

Foi naturalmente isso que despertou tamanho interêsse na Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas. Pela aparição, Hayworth soube de uma coisa que não podia chegar ao seu conhecimento por outra via. Ficou averiguado que a alucinação correspondia a fatos concretos. A uma aparição assim dá-se o nome de «verídica» ou «autêntica».

Muitas pessoas acreditam-se extraordinàriamente «intuitivas». Hayworth não era dêsse número. «Sonha com frequência ?» indagou dêle a Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas. Muito raramente, respondeu êle. Quanto a seu pai... havia alguma vez declarado ter «experiências psíquicas ?» Pelo contrário, o velho Hayworth zombava dessas coisas. Mas— insistiram —não era impossível que Hayworth estivesse dormindo. «Nunca estive mais acordado», disse êle com convicção. E nunca tivera pressentimentos? Sim, retrucou o interpelado, como os tem qualquer pessoa, e em geral saíam inteiramente errados.

Uma aparição que vem anunciar a morte—eis um tema clássico de folclore. Morre um ente querido, e aparece em forma de fantasma para dar a triste nova. Posteriormente, descobre-se que a aparição foi vista no momento exato do desenlace. Esta sincronização perfeita, que é essencial nas histórias inventadas, não coincide com as descobertas da Sociedade. Esta esforça-se por obter atestados de óbito e verifica com a maior exatidão possível todas as circunstâncias de tempo. No caso de Hayworth houve um atraso de duas horas.

Isso parece constituir um mistério, mas os investigadores têm uma explicação. Supõem êles que a alucinação é criada telepáticamente, numa mensagem da mente do moribundo. Mas o espírito da pessoa recipiente póde estar preocupado. No caso presente, Hayworth estava dando a sua aula. Assim, a mensagem ficou reservada para uma ocasião mais oportuna, isto é, para depois que êle se recolhesse.

A história de Hayworth é uma dentre centenas coligidas pela Sociedade, que é uma associação idônea, composta de uns 680 membros de ambos os sexos, em 40 Estados da União Norte-Americana e em 19 países estrangeiros. A posição da Sociedade foi assim definida pelo Prof. Gardner Murphy, presidente do Departamento de Psicologia da Escola da Cidade de Nova York e presidente da junta de investigasões da Sociedade: «Existem provas suficientemente autenticadas, mesmo que as estudemos à luz de uma crítica severa, para mostrar que o paranormal é um legítimo campo de investigação e de grande importância, que, provavelmente, nos ensinará muita coisa a respeito de nós mesmos».

A Sociedade se prontifica a investigar tudo o que aparentemente não possa ser atribuido a causas naturais. E' usado o têrmo «paranormal» —designando o que está fóra da esféra da lei física normal—de preferência a «sobrenatural», segundo a teoria pela qual o sobrenatural, quando compreendido, póde muito bem ser natural. Os casos mais interessantes são publicados no jornal da Sociedade que tem entre os seus assinantes várias universidades bem conhecidas.

O presidente da Sociedade é um médico, o Dr. George E. Hyslop. Entre seus membros há uma grande proporção de médicos, psiquiatras e professores de Psicologia ou de Filosofia, vários ministros e um juiz. Médiuns espíritas que empregassem truques teriam de enganar três mágicos profissionais, que são membros da Sociedade. Outro membro, técnico em telefonia, prepara a aparelhagem electrônica especial para experimentar a vidência.

Os espectros apresentados à consideração da Sociedade raramente se assemelham às sombras aterradoras da novela e do folclore. Um que andou girando várias vezes pela aprazivel residência de um tenente da Marinha era um fantasma comum sob todos os aspectos, menos no seguinte: toda vez que o oficial se aproximava, o silencioso intruso desaparecia.

«Êle não subia, nem descia, nem andava para o lado», conta o militar. «Tampouco se desvanecia aos poucos. Desaparecia simplesmente».

Chamemos Ross ao nosso tenente. Tal como Hayworth, êle é o tipo da testemunha que a Sociedade aprecia: sóbrio, sensato, inteligente. Homem de trinta e tantos anos, Ross era formado pela Academia Naval e servia numa fábrica de pólvora da Armada. Fôra-lhe destinada metade de um casarão de duas moradias, onde residia com a esposa. Da lareira podia-se ver toda a sala de estar e a entrada, sem que nada interceptasse a visão. Outro tenente, chamado Phillips, ocupava o outro lado da casa, com a mulher e um filho de nove anos.

Uma noite de Março, Ross ficou trabalhando até altas horas na solução de um problema de navegação. Dois cães dormiam na sala de estar. Um dêles rosnou e, subitamente, os dois animais se precipitaram para o vestibulo e daí pela escada acima.

Ross ergueu os olhos e viu um homem de pé na sala de estar. A luz que vinha da sala de jantar e do gabinete de trabalho colocava o homem em excelente visibilidade, ponto êsse sôbre o qual a Sociedade sempre deseja informes.

A toda hora êle era procurado por homens da fábrica de pólvora com problemas que exigiam solução imediata. «Não me surpreendeu vê-lo ali», disse Ross. «O que me surpreendeu foi não tê-lo ouvido entrar, e aborreceu-me o fato de o homem não ter batido».

Não ocorreu ao tenente que as portas estavam perfeitamente trancadas e todas as janelas fechadas, ficando estas, aliás, a dois metros do chão.

«Fiquei a olhar para êle durante alguns segundos», continua o oficial, «pois o homem parecia que ia falar». Mas o visitante não falou. Ross ergueu-se e deu dois passos na direção dêle. «De repente, não o vi mais».

O dono da casa foi dar uma busca no primeiro andar; estava tudo em ordem. «Ando trabalhando demais», disse de si para si, «estou vendo coisas!» E foi deitar-se.

— Que têm os cães? — perguntou sua esposa, sonolenta.

— Nada — respondeu Ross.

Uma semana depois, às 9 horas da noite — que não é a hora em que os fantasmas das novelas andam à solta — Ross entrou na sala de estar. Lá estava o seu vaporoso visitante da semana anterior. Dessa vez êle tinha se aproximado um pouco mais, chegando a uns sete metros de Ross.

«A luz era excelente», informa o oficial, «e pude ver-lhe distintamente as feições. Era um homem que devia pesar uns 90 quilos. Usava roupa cinza-clara e parecia homem de constituição robusta. Pelos modos andara bastante exposto ao sol e ao vento, adquirindo assim uma boa e sadia côr trigueira».

Ross chegou até uns cinco metros dêle. De novo o homem desapareceu.

Decorreram dez noites sem novidade. E, eis que na undécima, às 8 e 30, nessa hora prosaica em que as esposas ainda estão lavando os pratos do jantar e os maridos tomam lugar junto ao rádio. Ross tornou a ver o seu fantasma no vestíbulo. Dessa vez o dono da casa foi mais rápido e chegou a uns três metros do espectro, antes que êste se dissipasse como uma luz que se apaga.

Ainda dez noites depois, enquanto lá fóra caía uma chuva fria, Ross recebeu nova visita. A casa parecia uma geladeira, e o tenente pensou que estivesse aberta a porta do porão. Mas essa porta estava devidamente fechada. Tendo averiguado isso, Ross dirigiu-se à cozinha.

O corredor da entrada não estava iluminado, mas a cozinha estava. A lâmpada do teto era de 100 watts, e as que havia em suportes a cada lado da pia eram de 40. Mas sómente uma das lâmpadas laterais era visível, porquanto lá no vestíbulo, entre Ross e a cozinha, estava de pé o desconhecido de roupa cinza. Até então o oficial jamais se assustara. Naquêle momento, porém, sem nenhuma razão plausível, foi tomado de pavor. Entretanto, sem qualquer gesto de ameaça, o intruso sumiu-se.

Em Maio, Ross foi designado para servir no mar e não viu mais o seu espectro. Como frequentemente acontece, a Sociedade só veio a saber da aventura anos depois — circunstância que dificulta bastante essa espécie de investigação. O oficial preferira guardar consigo sua história pela razão sensata de que o fato talvez atrapalhasse sua promoção.

⁂

Anuncio de morte

Roberto Lemercier anunciou à revista «Psychica» o seguinte fato:

A noite que se seguiu ao enterro de meu cunhado, ouvi distintamente uma voz pronunciar meu nome próprio, em seguida também um forte ruído à cabeceira de minha cama, que comparo ao ruído de matraca; instintivamente, escondi minha cabeça sob o lençol. Meu cunhado não estava convencido da vida Além-túmulo, e sabia que muito eu me ocupava com a propaganda do Espiritismo. Sinto-me feliz por ter-me êle fornecido esta prova da sua existência espiritual, que ao mesmo tempo considero um penhor de amizade.

No mesmo dia de sua morte—que nada fazia prever — não pude ir vê-lo, era um domingo e, sofrendo de forte cefalalgia, fui deitar-me ás sete horas. Apenas fechara as pálpebras, vi formar-se uma carta tarjada de preto, sem que isso me despertasse a idéia de um falecimento. Melhor ainda, dois meses antes de sua morte, estando eu deitado, pedi mentalmente ao meu guia, uma informação desinteressada a respeito de meu cunhado, momentos depois vi formar-se

— estando eu de olhos fechados — uma faca que o invisível volteava em todos os sentidos para bem me mostrar a natureza do objeto. Dia seguinte li na explicação dos sonhos, o seguinte: «separação de amigos». Esperava eu, então, uma ruptura possível e prometi-me tudo empregar para evitá-la. Naquêle tempo, de modo algum pensei que esta separação seria pela morte.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Aviso

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das Oficinas, a edição do próximo mês de Abril, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo (USE)

Unificação em Marcha

Reunião do Conselho Deliberativo Estadual: — Reuniu-se nos dias 24 e 25 de Janeiro findo, o Conselho Deliberativo Estadual, tomando importantes decisões para o bom desenvolvimento das atividades da USE, conforme se verifica pela Súmula da Ata que será publicada no próximo número desta Revista.

Reunião de Mocidades Espíritas: — Realizou-se no dia 1.° de Fevereiro p.p. a reunião de Mocidades Espíritas, promovida pela D.E. por intermédio do Departamento de Mocidades da USE, afim de tratar da realização do Congresso Estadual de Mocidades Espíritas e da atualização dos Estatutos e Regimentos padrões recomendados pela USE para serem utilizados pelas organizações de jovens espíritas.

A reunião que contou com a presença de representantes da UMESP, das Mocidades Espíritas «Lappa», de Pinheiros e Osasco, desta Capital; de Jundiaí, Santos, Jacareí, Campinas, Santo André e São José dos Campos, decorreu num ambiente fraterno e de franco entendimento, contando com a direção do Departamento de Mocidades da USE.

Foi nomeada uma Comissão para estudar os assuntos que motivaram a sua convocação.

Reuniões de Diretoria: — A D. E. da USE vem se reunindo normalmente, para tratar dos assuntos atinentes as suas atribuições, principalmente no que se refere ao cumprimento das decisões do Conselho Deliberativo Estadual, disposições estatutárias, regimentais e regulamentares, bem como ao Plano Anual de Trabalho. Nêsse sentido vem procurando orientar e incentivar as atividades dos Departamentos auxiliares de administração.

Instituição Assistencial de caráter Regional: — Atendendo a aspiração do Conselho Regional do Vale do Paraíba e a manifestação de desejo de um confrade de Pindamonhangaba, responsável por uma grande obra assistencial situada naquela cidade, de colocá-la como obra regional, administrada com a cooperação dos representantes de UMES da Região, a USE designou uma Comissão integrada pelos confrades Drs. Manoel Paula Cerdeira, (médico), Cel. Ary Lopes. (engenheiro) e Trajano Xavier Correa, (advogado), para, juntamente com os representantes do CRE daquela Região. da UME local e com aquêle benemérito confrade organizador da Instituição, estudarem o assunto, já tendo se processado os primeiros entendimentos.

Representações: — Atendendo a solicitação feita por confrades de Catanduva, a USE se fez representar nas solenidades de instalação da séde própria do Centro Espírita «Amor e Caridade», em excelente edifício, pelos confrades Drs. Julio Abreu Filho e Jayme Monteiro de Barros, tendo o primeiro visitado, também, São José do Rio Preto, inteirando-se da situação do CRE da 11.ª Região e das grandes obras em curso naquela cidade.

Congresso Espírita Brasileiro: — De acôrdo com a deliberação tomada na reunião do C. D. E., a USE, por intermédio do seu representante junto ao Conselho Federativo Nacional, sr. Carlos Jordão da Silva, propôs à FEB a realização do 2.º Congresso Espírita Brasileiro, no próximo ano, sendo a proposição apresentada conjuntamente com as entidades federativas dos Estados do Sul do País e de Minas Gerais. Concordou ainda o Conselho Federativo Nacional, que o referido Congresso se realize na Capital do Estado de São Paulo, sob o patrocínio da Federação Espírita Brasileira, tendo em conta as facilidades oriundas das comemorações do 4.º Centenário da fundação da Cidade.

Levantamento Cadastral: — Por intermédio dos Departamentos de Assistência Social e de Educação, está a USE promovendo o levantamento cadastral de todas as organizações assistenciais e educacionais existentes no território estadual, inspiradas na Doutrina Espírita ou patrocinadas por organizações espíritas, afim de poder estabelecer um plano eficiente de ajuda a essas instituições.

Reunião Conjunta: — De conformidade com a decisão do Conselho Deliberativo Estadual, promoveu a D.E da USE uma reunião conjunta das Diretorias das entidades inicialmente patrocinadoras da Unificação Espírita Estadual, para, com a Diretoria Executiva da entidade Unificadora, estudar e tomar providências adequadas no sentido de promover o desenvolvimento dos trabalhos afetos a USE.

«Unificação» — Tomou a D. E. as providências necessárias para o lançamento imediato do jornal oficial da USE — «Unificação» — por intermédio do seu Departamento de Publicidade.

Contribuições: — Dentro de breves dias os Centros Espíritas e demais organizações congregadas, receberão as etiquetas em formato de selo para angariar as contribuições mensais de seus associados ou frequentadores no valor unitário de um cruzeiro (Cr. $ 1,00), conforme decidiu o Conselho Deliberativo Estadual.

Assistência Doutrinária: — Por intermédio das UMES e UDES, vem a USE prestando assistência doutrinária aos Centros e organizações espíritas congregadas em todo o território estadual, procurando esclarecer evangélicamente, incentivar a todos para o trabalho e as boas práticas doutrinárias e para as realizações de projeção social de maneira solidária e fraternal.

Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva
Secretário Geral.

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Avisamos aos nossos assinantes residentes na Capital Federal que o confrade Thales Pereira é o nosso novo representante, estando autorizado a angariar e receber as assinaturas novas e atrasadas desta publicação e de «O Clarim».

O escritório de representação do confrade Thales Pereira, é à Rua Juan Pablo Duarte, 19, 2.º acdar, sala 2, telefones 22-5300 e 48-0612.

Solicitamos aos distintos assinantes da Capital Federal, procurarem o sr. Thales Pereira, para efetuarem o pagamento de suas assinaturas de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim».

A todos os que atenderem o nosso apêlo, os nossos agradecimentos.

Operação Espiritual

Do sr. Luiz Pisapio, residente em Penápolis, recebemos a seguinte carta com firma reconhecida pelo 1.º tabelião Francisco Luiz Leme, de Penápolis:

«Penápolis, 20 de Fevereiro de 1953.

Prezado Snr. Redator da «Revista Internacional do Espiritismo».

Cordiais saudações.

O fim desta é relatar a V. S. um fato extraordinário que aconteceu comigo. Há cerca de 3 anos vinha eu sofrendo horrivelmente de uma doença do estomago, sem poder tomar alimento e bastante desanimado, considerando a vida um pesado fardo. Cheguei ao ponto de planejar meio violento para por termo ao meu sofrimento. Em meiados de Outubro do ano passado, (não me lembro o dia), pela madrugada, em sonho ou estado de vigilia, vi aproximar-se do meu ieito, de avental branco, um vulto que reconheci ser o Dr. De Cunto, abalisado médico operador, já falecido, que por muitos anos residiu nesta cidade. Em companhia dêle notei a presença de uma enfermeira. Naquêle estado percebi que me foi introduzido pela boca um aparelho que atingiu o meu estomago, no qual senti a sensação de um côrte. Senti cheiro de éter e na garganta o contato de pequenas ferramentas dessas empregadas na cirurgia. Em seguida me foi exibido um pequeno pedaço de carne esponjosa, que acredito extraído do estomago. Não tenho palavras para reproduzir com perfeição o quadro que assisti, mas estou convencido que sofri uma operação pelos médicos do além. Ao despertar, vivamente impressionado, sentindo muito cansaço, segui para o meu trabalho ordinário e, a partir dêsse dia passei a tomar alimentos à vontade e desde então sinto-me completamente restabelecido. Demorei mesmo em relatar êste fato para ter, primeiramente, a certeza da minha cura. Devo declarar que fui sempre contrário à seita espírita, mas êsse acontecimento veio provar que a minha cura não resultou da ciência terrestre e sim, naturalmente, da intervenção de entidades médicas da espiritualidade. Póde V. S. fazer desta o uso que entender e para qualquer melhor esclarecimento estou ao seu inteiro dispôr, à Avenida Cunha Cintra, 1.127.

Sem mais, atenciosamente,

Luiz Pisapio».

Êsse fato vem provar mais uma vez que os Espíritos têm ação direta na nossa vida e constitúe mais um testemunho a favor do Espiritismo, que se propaga cada vez mais, não apenas pelos esforços dos espíritas, mas sobretudo pela ação do Alto, como acabamos de ver. Naturalmente as pessoas beneficiadas pelos Espíritos têm que aceitar a Doutrina Espírita, que não é obra humana, mas sim de Deus. Razão teve Kardec quando afirmou: «O Espiritismo caminhará com os homens, sem os homens e apesar dos homens».

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da sessão realizada em 3 de Janeiro de 1953

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi aprovada unânimemente a inclusão de um item no artigo 2.° do Regulmento e Regimento do Conselho, esclarecendo as condições que deverão ser satisfeitas pelos representantes de que fala aquêle artigo.

Piauí — O representante, conselheiro Ascânio de Paiva, oferece ao Conselho o relatório da Federação Espírita Piauiense, de 1951/52, e bem assim a resposta ao questionário sôbre as atividades daquela Federação. Justifica, em seguida, a ausência do Dr. Francisco Nogueira, representante de Goiás, em nome do qual passa ao Conselho a relação dos novos diretores da União Espírita Goiana.

Santa Catarina — Manoel Bernardino comunica haver recebido da Federação Espírita Catarinense novas informações sôbre o desenvolvimento dos trabalhos daquela Entidade, atualmente com 46 filiadas, transmitindo ao Conselho as saudações e votos de felicidades do presidente Osvaldo Melo e de seus companheiros.

Instruções para o Estudo e Prática do Espiritismo — Passa o Conselho ao exame e estudo dêsse trabalho, sendo levantada a idéia de abreviar-se essa tarefa, já tão retardada. Pelo representante da Liga Espírita do Distrito Federal, conselheiro Aurino Souto, é então apresentada a seguinte proposta: «O Conselho aproveitará o trabalho já existente sôbre o assunto, denominado «Organização Federativa do Espiritismo» editado e distribuido pela Federação Espírita Brasileira, atualizando-o e conjugando-o com o trabalho delineado pela Comissão anteriormente designada para apresentar um ante-projeto de Instruções para Estudo e Prática do Espiritismo. Aprovada unânimemente essa proposta, foi encerrada a reunião, após considerações gerais explanadas por vários Conselheiros.

Homem: ouve êste conselho, se realmente quiseres ser feliz: Estuda o Espiritismo, e encontrarás a solução de todos os problemas da vida. — Camargo.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2934unse

NO XXIX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, Abril-Maio de 1953 — N. 3-

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRIN
NOV 1 5 2006
HEOLOGICAL

SUMÁRIO

A Imprensa e o Espiritismo . . .	*Redação*
Da Teoria das Provações	*Gilson de M. Henriques*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
Síntese da Evolução Religiosa . .	*Leopoldo Machado*
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*
Rui Barbosa e os Fenômenos de Além-Túmulo	*Deolindo Amorim*
Apontamentos para você	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
«Mundos em Colisão» e as profecias	*L. A. Rodrigues*
Curiosidades	*João Teixeira de Paula*
O Vaso Humano	*Mac Maynard*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, Abril e Maio de 1953 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Imprensa e o Espiritismo

AINDA há pouco tempo, a imprensa profana, e sobretudo os grandes diários não davam a menor importância aos fenômenos psíquicos e muito menos ao Espiritismo. Nem mesmo com muito dinheiro se conseguia um cantinho para um artigo sôbre o Espiritismo, porque os seus dirigentes tinham receio de melindrar os detratores desta Doutrina, que a acoimavam de diabólica, satânica, fábrica de loucos, etc., etc., na esperança de a verem completamente banida de sôbre a face da terra.

Acontece, porém, que o Espiritismo, apesar da terrível, mas infrutífera perseguição dos seus rancorosos detratores, vem avançando sem dar a menor confiança à grita ensurdecedora, que contra êle se levanta. E não pode mesmo ser o contrário, porque ainda não conhecemos um evento do Alto que não tomasse corpo e estendesse o seu domínio. Um exemplo comprobativo desta afirmativa temo-lo no Cristianismo que sempre cresceu, e agora mais do que nunca, porque o Espiritismo, que é o Paráclеto da Promessa, aí está para desempenhar a sua missão no sentido de fazer reviver o espírito do cristianismo, posto há séculos sob o alqueire dos dogmas e cultos externos pelos que, se afirmando representantes ou ministros de Deus na terra, nada mais fazem que defender os seus próprios interêsses terrenos à custa da ignorância das massas.

Diante do surto progressista do Espiritismo e dos fenômenos chamados supranormais, fenômenos que ninguém poderá desviar de nenhuma maneira, porque são permitidos pos Deus afim de apressar a espiritualização da humanidade, a imprensa profana resolveu, numa bem acertada medida, não só dar á publicidade os fenômenos espíritas, como também abriu suas colunas aos escritores espíritas. E isto não pode ser por menos se considerarmos que o número de espíritas é realmente apreciável, pois o Espiritismo está em segundo lugar na contagem dos adeptos das diversas religiões no Brasil. Mas não pecamos ao afirmar que se o Espiritismo perde na quantidade, ganha na qualidade, porque, em geral, os espíritas são estudiosos, leem muito e, portanto, o coeficiente de analfabetos no Espiritismo é quasi nulo. E uma prova disto está em que muitos espíritas (adultos já se vê) que eram analfabetos, aprenderam a ler tão sòmente para terem melhor compreensão desta doutrina. Isto quer dizer que o Espiritismo está dando fim ao analfabetismo intelectual, moral e espiritual.

O que está de outro lado espiritualizando a imprensa profana é o grande número de jornalistas espíritas que nela militam, muitos dos quais se converteram ao Espiritismo pela lógica dos fatos, talvez porque o jornalista percebe as cousas melhor do que outros, em razão da sua nobre profissão.

E assim, o sério problema do destino humano, superior a todas as indagações, inquéritos e interêsses vai se resolvendo satisfatoriamente e aos poucos vai ocupando lugares de maior destaque no conceito de todos.

De um lado os fenômenos psíquicos, de outro a filosofia espírita, que superou todas as velhas filosofias, de outro o trabalho dos espíritas no campo da assistência social, numa perfeita colaboração com os Governos, o Espiritismo vai se impondo pelo seu trabalho educativo, pelas suas obras cristãs, transformando a creatura, por mais indesejável que seja no seio da sociedade, em creatura digna do respeito e da consideração dos seus semelhantes.

Com a nova orientação da imprensa profana, dando notícias espíritas e publicando artigos espiritas, não só está ela cooperando para o alevantamento do nível cultural do povo, como também está facilitando a pregação do véro cristianismo, o que lhe proporcionará farta recompensa em futuro não distante.

Da Teoria das Provações

As provações dos espíritos encarnados representam uma constante indagação da inteligência humana, no seu afan de encontrar as soluções morais e espirituais que aliviem e consolem.

Os Estudiosos do Espiritismo que pesquisam as causas do sofrimento humano, ensinam que hoje pagamos as nossas faltas do passado e, por essa razão, quando desencarnados, lá no mundo da espiritualização, escolhemos um programa de vida que nos facilite resgatar os compromissos anteriormente contraídos.

Assim é que aquele que ocupou o lugar de um rico dissipador, ou de um milionário invulnerável aos apêlos da caridade fraternal, escolhe, ao reconhecer os seus êrros, uma encarnação ou uma existência devotada ao serviço de redentora assistência a necessitados e infortunados.

Salientam outros doutrinadores espíritas que os altos dirigentes das esferas elevadas — organizam reencarnações recuperadoras aos espíritos que não dispõem ainda do discernimento necessário à escolha de suas próprias provas.

Em nosso modo de vêr, estes ensinamentos representam a pura verdade e sem êles dificilmente compreenderiamos a Justiça de Deus.

Poderemos, pois, escolher as nossas futuras provas, como estas serão por entidades superiores programadas, se não dispusermos, na espiritualidade, de conhecimentos básicos e esclarecidos que nos habilitem a êsse procedimento.

Outro raciocínio (aliás muito comum) entretanto, se impõe como decorrência dêsses ensinamentos: si nesta encarnação pagamos êrros do passado, também é certo que poderemos, agora, contrair novos e onerosos compromissos.

O Espiritismo nos capacita, consequentemente, a bem compreendermos que o espírito se reencarna na Terra o numero de vêzes necessários para a completa liquidação de suas dívidas, devendo, pois, esforçar-se para não contrair novos compromissos e lutar para que a encarnação que vive, seja a menos penosa possível.

Certa noite quando tomava parte em uma sessão de estudos e de incorporação, ao espírito familiar que nos orientava em muitas de nossas dúvidas, foi dirigida a seguinte pergunta: irmã, porque eu tenho de sofrer tanto com os meus filhos que desde cedo me dão enorme trabalho, não dormem direito, passam as noites inquietos e me fazem acordar inumeras vêzes? Será irmã que eu vim com a provação dêsse sofrimento que tanto me rouba as energias?

O espírito amigo respondeu: não, a irmãzinha não veio com essa provação. Êsse sofrimento, como muitos outros da humanidade, são o resultado da falta de observância de certos conhecimentos já divulgados, de ensinamentos generalizados, mas que nem todos cumprem ou executam como deviam e o resultado é êsse que vemos.

A irmãzinha, como muitas outras mães sabem, por exemplo, que os recem-nascidos devem seguir os conselhos médicos relativamente à amamentação de seus filhinhos. Mas estes, tão bonzinhos, bonitinhos e engraçadinhos, quando chega a noite, começam a reclamar e a chorar. Aí a mãezinha se esquece dos conselhos e das recomendações do médico que determinavam a última mamadeira para ás vinte e uma horas e, sem mais demora, dão o seio ou preparam a mamadeira com que acalentam a pretensa fome do nenenzinho.

Êste, atendido, realmente dorme e fica satisfeito. Assim se passam outras e mais outras noites. Creou-se o hábito e, então, ninguém mais conseguirá fazer com que o nenenzinho deixe de mamar duas ou três vêzes durante a noite.

Quando a mãe dessa criança ouve outra que procedeu de maneira diferente, isto é, uma que atendeu a todos os conselhos médicos, dizer ou contar com orgulho e alegria que o seu filhinho é um anjinho que dorme a noite toda sem dar o menor trabalho, então exclama a primeira: eu não fui tão feliz assim, o meu não dorme e não me dá descanso algum, não sei o que foi que fiz que Deus me castiga dêsse geito, minha Nossa Senhora que me proteja...

Pois é meus filhos, concluiu o espírito amigo, estas são as provações voluntárias desta encarnação que o espírito escolhe (livre arbitrio) aquí mesmo por não ser obediente e por não cumprir com os seus deveres. Como êste exemplo acima, muitos outros poderão ser apontados. Para que os encarnados os não sofressem ou padecessem, para que dêles estivessem livres, bastaria que procurassem prestar atenção aos ensinamentos que Deus já lhes mandou por intermédio dos seus missionários.

Dêsse dia em diante passei a pensar muito no grande e profundo significado das provações voluntárias adquiridas ou escolhidas nesta encarnação. Aconselho, ao leitor, que faça o mesmo e estou certo que com energia, cuidado e vigilância sadia queixaremos menos porque teremos evitado, para nós mesmos, muitas provações (aborrecimentos, sofrimentos, máguas, etc.) voluntárias e que não faziam parte desta peregrinação pelo nosso querido planeta Terra.

Gilson de Mendonça Henriques.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

VIII

Nos dois artigos precedentes haviamos tecido considerações sôbre a crítica que aponta certas pequenas diferenças entre os poemas mediúnicos e o estílo dos mesmos poetas quando encarnados. E' crítica demolidora que despreza 99 % de identidade, para só ver 1 % que julga diferente ou imperfeito. Na sessão de 16 de Outubro, poucos dias depois de havermos escrito aqueles pensamentos, tivemos uma demonstração de identidade perfeita, da qual vamos tratar hoje.

Minutos antes da sessão, a médium conversava com duas pessoas amigas numa salinha contígua à sala das sessões, e interrompeu a palestra para perguntar-lhes:

— Vocês estão ouvindo um violão?

— Não; só você está ouvindo!

— Então é uma serenata espiritual.

Na sessão, dentre outras comunicações, foi recebido um poema no estílo e com assinatura de Catulo da Paixão Cearense. Terminada a leitura das outras mensagens, uma das quais realmente grandiosa, de Benedicta Fernandes, dirigida ao Dr. Lauro Michielin, de Araras, Estado de S. Paulo, quando a médium ia ler o poema do Catulo, caíu em trance. O poeta se encorporou para ler êle mesmo os seus versos com a ênfase com que recitava, em vida, seus próprios versos.

Para os ouvintes que conheciam pelo rádio ou em festas a declamação do poeta sertanejo, a identificação foi completa e arrancou doces lágrimas de saudades do querido bardo.

Que saibamos, foi a primeira vez que um Espírito tomou o médium por encorporação para ler seu poema com a sua dição bem conhecida e muito apreciada. Aquí damos o poemeto :

Meu canto de saudade

I

Brasil, eu bem que dizia...
Sinto saudades de ti!
Fugi de uma linda esfera,
Onde tudo é Primavera,
Só p'ra vir até aquí
Dizer-te com singeleza,
Sem pretensão, sem beleza,
Que ainda não te esqueci!

II

Transpus novos horizontes!
Conheci outras estrelas!
Outros Céus! Mundos distantes,
Gigantescos diamantes!
Constelações mais que belas,
Fulgindo no azul anil!
Mas eu te vejo, Brasil,
No esplendor de todas elas!

III

Meigos anjinhos encontro,
Cantando no espaço infindo,
Mas lembro os teus passarinhos...
E no canto dos anjinhos,
Tão puro, harmonioso e lindo,
Fico, minha terra amada,
De alma presa, extasiada,
Os teus pássaros ouvindo...

IV

Foram tantas as saudades,
Que fui a Nosso Senhor,
Pedir-lhe consentimento
Para vir, só um momento,
Dizer-te do meu amor!
Falar-te, terra querida,
Saber se estás esquecida
Do teu humilde cantor!

V

Porque, por outros caminhos
Cantarei toda a saudade
Que sinto longe de ti!
Hoje vim sómente aquí,
Trazer-te, da Eternidade,
A minha cooperação,
Não em forma de lição,
Mas em penhor de amizade!

VI

Que será a gota d'água
Caindo no mar bendito
Que recebeu no batismo,
O nome de Espiritismo!
Não tenho um canto bonito...
Meus versos são pobres gemas,
Comparados com os poemas
Dos sabiás do Infinito!

VII

Eu sou pobre juriti...
Tenho a alma cheia de prantos...
Só saudades sei cantar!
Vivo nos Céus a chorar,
Saudoso dos teus encantos!
Do infinito te namoro,
Estas lágrimas que eu choro
Banham todos os meus cantos...

VIII

Sei que os Céus de onde venho
São mais amplos! Mais divinos!
Mas os teus têm mais anil...
São mais lindos, meu Brasil,
Apesar de pequeninos!
A minha alma, enfeitiçada,
Não esquece, terra amada,
Teus encantos peregrinos!

IX

Nas cordas de uma viola
Cantei tuas madrugadas!
Teus sertões! Tuas manhãs!
O grito das jaçanãs
Nas noites enluaradas,
Quando, fugindo dos ninhos,
Voavam sôbre os caminhos
Parecendo almas penadas!

X

Recordo, sempre saudoso,
O canto do sabiá,
Que vinha das caatingueiras,
Ou do meio das capoeiras
Sôbre um pé de cambucá!
Canto mais belo da terra!
Quanta poesia êle encerra!
Canto assim nos Céus não há!

XI

Cantei tuas vaquejadas
Em alegres desafios!
Fui o cantor das mulatas,
Flores dos sertões, das matas
E dos caboclos bravios!

Vestidas sempre de chitas,
Só viam que eram bonitas
Quando se olhavam nos rios!

XII

Por elas, os meus caboclos
Perdiam os corações!
Uma era roxa, trigueira,
Como flor de quaresmeira...
Outra, filha dos sertões,
Tinha a noite nos cabelos,
E os olhos, bastava vê-los,
Brotavam n'alma canções!

XIII

Chiquinha, Rita, Rosinha...
(Deus me perdôe a heresia!)
Elas eram minhas santas!
Quantas orações, ó quantas,
Dediquei-lhes em poesia!
Só elas eu venerava,
Pensando nelas rezava
A prece de cada dia.

XIV

Hoje, embora o meu Espírito
Goze mil felicidades...
(Não sinto mais sofrimentos,
Já esqueci os tormentos,
As artificialidades
Dêsse viver de amarguras
Das míseras criaturas,
Que vegetam nas cidades).

XV

Não te esqueci, meu Brasil!
E em insistente oração,
Peço aos Céus p'ra que, um dia,
Concedam-me essa alegria,
I'nda nascer no sertão!
Numa palhoça, na serra,
Sem luxo, de chão de terra,
Da forma de um coração!

XVI

Não pecarei, novamente,
Fugindo p'ra capital,
Onde ninguém sabe amar...
Onde até mesmo o luar
Tem um quê de artificial...
Ficarei nas serranias,
Gozando das alegrias
De uma vida natural!

XVII

Ouvindo cantar, em bandos,
Canários e juritís!
Patativas, sururinas,
Bravos galos de campinas
E indiscretos bem-te-vis!
Pintassilgos! sanhaçus!
Xexéus! Curiós! Anus...
Como seria feliz!

XVIII

Do sertão faria igreja!
Da mulata, uma rainha!
O canto da passarada
Ao nascer da madrugada,
Transformava em ladaínha!
Só queria um bem — a viola!
E não pediria esmola,
Porque tendo-a, tudo tinha!

XIX

Porém, enquanto estiver
Nas infindas amplidões,
Cursando, na Eternidade,
Uma escola de humildade,
Virei ter aos corações!
Porque a alma de um poeta,
Não póde ficar quieta,
Tem sêde de evoluções!

XX

Eu quero ver-te, Brasil,
Longe dos campos de guerra!
Pregando ao mundo a verdade,
O Bem, a Felicidade,
Que só o Evangelho encerra!
Como um marrueiro audaz,
Batalhando pela paz
Que Jesus pregou na Terra!

XXI

Desde os sertões, as coxilhas,
Quero ver-te renascendo
Pela Fé e pelo Amor!
E p'ro Aprisco do Senhor,
Mesmo mazelas sofrendo,
Campeando de sul a norte,
Um rebanho unido e forte,
O marruá do Mal vencendo!

XXII

Deus me dê essa alegria,
Ver-te banhado de luz!
Conduzindo para Deus,
Todos êsses filhos teus
Que nasceram sob a cruz!
Essa cruz do teu Cruzeiro,
Que até parece o madeiro
Onde padeceu Jesus!

XXIII

Nêsse dia, ai quem me dera...
Se estiver no meu sertão,
À' tua alma iluminada
Cantarei uma toada,
Uma prece, uma oração !
Mesmo pobre de harmonia,
Cantarei minha alegria
Nas cordas de um violão !

XXIV

Mas se Deus não consentir
Que nessa hora eu lá esteja,
Ouvirás, vindo do Espaço,
O' minha terra, o compasso
De uma lôa sertaneja !
Não vás pensar que é a brisa
Que por sôbre ti desliza...
E' a minha alma que te beija !

XXV

Será ela que, cantando,
Como faz o sabiá
Em tarde primaveril,
Virá dizer-te, Brasil,
Como feliz ela está
Em ver-te, terra querida,
Forte, soberba de Vida,
Igual a um Jequitibá !

Catullo da Paixão Cearense.

Digam tudo que quiserem os críticos literários negativos e frios, em seus gabinetes ; mas não poderão abalar a convicção das pessoas que conheciam o cantor e assistiram à sessão de 16 de Outubro de 1952, na Cabana de Canagé. Essa convicção dominou os cérebros e, muito mais ainda, os corações dos presentes. Não basta saber apenas, é necessário também sentir a Verdade em toda a sua harmoniosa beleza.

Em «Reformador» de Maio de 1951 (pag. 108/9) foi publicado um artigo assinado pelas iniciais C. L., com o título «Aí vem Catulo...», no qual ficou publicado que o poeta sertanejo prometera um livro à médium Irthes Therezinha de Andrade, de Ubá, Minas Gerais, e dá sete lindas estrofes, inquestionavelmente do autor do «Luar do Sertão».

Talvez a essa médium se refira agora o poeta nestes versos :

> *«Porque, por outros caminhos*
> *Cantarei toda a saudade*
> *Que sinto longe de ti !»*

Esperemos, pois, o livro prometido que trará outra prova de identidade de «*o mais brasileiro de nossos poetas*», como afirma com justiça o confrade C. L. no referido artigo.

Ismael Gomes Braga.

Síntese da Evolução Religiosa

LEOPOLDO MACHADO

(Continuação).

Nicolau I, o Grande—o S. Nicolau da Agiologia—o maior papa de seu século, ensinou que «Deus pôs a Igreja acima dos tronos e o Papa acima dos Reis. Os papas julgam os Reis e só Deus julga os papas...»

Isso, dada a credulidade do povo, e o peso que a Igreja Católica já tinha, atraiu, ainda mais, o braço real e secular para prestigiar a Igreja e defender o papa.

Em plena época da Cavalaria, o juramento dos bravos cavaleiros era taxativo : «Por seu Deus, por sua dama», glorificando a mulher juntamente com a glorificação da Igreja.

Papa, ou pai grande, significa a mesma coisa. Foi êsse, o título distintivo que se deu ao bispo de Roma, a partir do início do IV século.

O Cristo, entretanto, aconselhara : «A ninguém chameis pai».

Agora, prestigiada e feita, ao mesmo tempo, Império, na Terra e do Espírito, iria a Igreja dominar, de Roma, exatamente da terra que mais perseguira a Igreja do Cristo e que fôra o maior centro do paganismo (Vaticano, o monte em que se faziam vaticínios...)

Era o fastigio da Igreja do Cristo, a despeito de adulterada em seus princípios mais serios...

⁂

Para tanto, fôra preciso que a Igreja de Roma se pusessse em igualdade de *condições divinas* ao paganismo romano e ao monoteismo hebraico.

Com o paganismo, os deuses eram familiares aos homens.

No judaismo, Jeová descera e falara a Moisés, face a face, no Monte Sinai, transmitindo-lhe o Decálogo.

Eis um dos motivos mais fortes por que o Cristo fôra guindado à categoria do Deus Creador, no Concilio de Nicéa, de 325, de onde saiu a Santissima Trindade.

E' verdade que o Cristo não se dissera Deus, nunca quís ser Deus.

E' verdade que Paulo de Tarso, a maior autoridade do Cristianismo, chegara a afirmar (Heb. 2-9): «Aquêle Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos do Céu...»

Ninguém póde, na verdade, compreender um Deus que seja menor do que os anjos do Céu, que devem ser seus anjos...

* * *

Que restava, agora, à Igreja Católica para dominar, *ad majore Dei Gloria?*

O poderio humano dividido hierarquicamente, e sua ação política feita estado organizado, sempre se afinando com todos os regimens, entre todas as raças, com todos os povos.

E o Vaticano tornou-se um Estado organizado, com a autoridade de um papa infalível, interferindo na vida do planeta.

Até parece coisa verdadeiramente divina e magicamente poderosa.

Poderoso e divinizado é o Cristo, efetivamente. Tão divino e poderoso que Sua Doutrina, falseada nos seus princípios, e adulterada nos seus fundamentos, ainda domina o mundo.

E lugar de vaticínios e magias era o monte do Vaticano!

* * *

A Igreja de Roma se catolicisou rapidamente, hostilizada de poucos e aplaudida de muitos.

Teve tudo para dominar: o nome do Cristo, a fôrça do Cristianismo, algo do Evangelho; o culto ás imagens do paganismo, seu Deus — o Cristo — como no judaismo, que se materializou e se mostrou a muitos; as castas sociais e as vestes impressionantes das religiões orientais; coisas que impressionam materialmente; rosários e amuletos; práticas mundanas e a promessa fácil da conquista do Céu e as ameaças ainda mais faceis das penas do Inferno; festas suntuárias, próprias de povos primitivos; um espírito político, fino e sagaz; seus templos suntuosos, sempre construidos em lugares de destaque, ou dominando logradouros públicos, ou nos lugares mais altos da cidade e... quantas coisas mais, que fôra fastidioso enumerar...

Primeiro, sua implantação na própria Roma, que fôra, antes, a espinha dorsal do paganismo romano; que teria de ser, depois, o cérebro do Cristianismo organizado; a cabeça de um extraordinário partido político-social-religioso.

Ruy Barbosa escreve, no seu PAPA E O CONCILIO que «o catolicismo não é uma religião, mas um partido político e de uma política...»

Nada lhe faltou para satisfação de sentidos corporais, para impressionar o povo, para satisfazer vaidades, para se ajeitar a tudo e a todos, desde que domine sempre, desde que se lhe reconheça a autoridade, o poderio.

* * *

Quinze séculos depois do Cristo, sua igreja, catolicisada, era o único poder que se respeitava, que se temia.

Moisés veio quinze séculos antes do Cristo, dar corpo e forma ao monoteismo de Abraão...

Quinze séculos depois do Cristo viria alguém profligar pela pureza evangélica de Sua Doutrina.

Foi assim:

A Alemanha, nesses dias, foi o campo ideal de dominação da Igreja.

O clero aí dispunha de 4/5 de suas terras.

Dizia-se, até, da Alemanha: «Felizes os povos que vivem sob o báculo».

A mais famosa igreja de Roma, a de S. Pedro, precisou de reparos, que exigiam muito dinheiro.

O papa mandou vender na Alemanha indulgências caras.

Encarregou-se da prebenda terrível o Bispo Tetzel.

— Aquilo já era demais! — bradou um sacerdote católico — Não era possível que, depois de tantos desregramentos e deboches do clero, ainda se fôsse exigir dinheiro do povo...

E Martinho Lutero, padre alemão, da terra mais clericalizada do Globo; da mesma casta e língua; afeito ás mesmas práticas religiosas, fôra a voz autorizada para o justo protesto, confirmando o determinismo histórico e superior da evolução religiosa, que vimos traçando...

Claro que o protesto e o grito de alarma e de alerta só podia e devia partir de gente da mesma grei.

Seria, assim, o padre agostiniano o escolhido para tanto.

Não acreditava, claro, na interferência dos Espíritos em nossa vida.

Mas, suas crises nervosas, que só passavam ouvindo boa música; seus sonhos e seus ímpetos mediúnicos, — que deram motivo para que seus adversários o chamassem de louco — não podem negar a interferência dos Espíritos nos seus atos.

E traduz a Biblia.

E revela o Evangelho, pois, a despeito do Cristo haver dito: «Ide e pregai o Evangelho a todas as nações», a verdade é que o Evangelho já não era pregado em parte alguma; a verdade é que a Biblia só existia nas bibliotécas dos poderosos e imperadores, e nas burras dos conventos. Era o livro de castas privilegiadas...

* * *

A Igreja, reconhecendo, mau grado seu, o valor do adversário e a fôrça de sua campanha, tomou atitudes sérias.

E surgiu a *Companhia de Jesus*, com Inácio de Loiola à frente.

E as guerras e perseguições religiosas dominaram os povos inflamados pela Reforma de Lutero.

E o Tribunal da *Santa Inquisição* passou a funcionar despoticamente, transformando em churrascos humanos, *ad majore Dei gloria*, os herejes.

Essa situação de coisas teria de durar, ainda, por muito tempo, até que se admitisse a liberdade religiosa...

* * *

Um rei poderosíssimo — que se orgulhava até — porque senhor de quasi toda a América em colonização, e de muitos países da Europa — de que o «Sol não se punha nunca nos seus domínios» — Carlos V, o rei poderosíssimo, cita a comparecer à *Dieta de Spira*, os príncipes alemães, para estudar-se o caso de Lutero.

Os príncipes citados protestam e lá não vão.

E' dêsse fato e dêsse protesto que teria de formar-se o termo *protestante*, e *protestantismo*, com que seria conhecida, depois, por todo mundo e até nossos dias, a Reforma de Martinho Lutero.

* * *

A Terra, «planeta de provas e expiações» que é — por isso mesmo que seus habitantes vivem mais para as coisas, as preocupações e as impressões materiais — se ainda não se preparou, suficientemente, para compreender e sentir as superioridades espirituais; se ainda não vive, elementarmente, para o Espírito, quanto mais há cem anos, a quinhentos anos, a milênios passados.

Por isso mesmo, nem o clero católico e protestante dava o suficiente aprêço ao sentido espiritualista da Vida.

E, se se viu um Torquemada queimando herejes, em nome da Igreja de Roma, nos autos-de-fé públicos, viu-se também um Luiz Calvino, em nome da Biblia interpretada, tosquiar herejes em Genebra, a Roma do Protestantismo.

Daí, surgir, há cem anos, um José de Maistre, filosófo católico e, diante da confusão reinante, dizer, profeticamente: «ou vai surgir uma religião nova, ou o Cristianismo tem que se modificar...»

Cumpriu-se, fielmente, a profecia de De Maistre:

Apareceu uma nova religião, sem Deus e sem imortalidade, o Positivismo, que caiu, para logo, na apreciação e no conceito de pessoas cultas e de destaque social. Religião sem imortalidade e sem Deus que dá, entretanto, mais consciência religiosa a seus profitentes, do que muitas crenças velhas...

E o Cristianismo se modificaria, também, na mesma época, para o cumprimento integral da profecia do filósofo católico.

* * *

Os Estados Unidos estavam ensaiando os vôos altos a que chegaram hoje.

E eram um povo protestante.

(Continua).

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu DELFINO FERREIRA. 14/2/53).

LIVROS EM DESFILE, hoje, nos faz recordar um programa que aquí mantivemos e, não sabemos como nem porque, desapareceu sem se despedir e... sem deixar saudade. Referimo-nos a VULTOS EMINENTES DO ESPIRITISMO. E' que o livro que vamos fazer desfilar, da autoria do Prof. Leopoldo Machado, editado pela Casa Editora «O Clarim», da cidade de Matão, no E. de S. Paulo, livro que tem por título, justo e preciso: UMA GRANDE VIDA, em cujas páginas o autor descreve, num emocionante estudo biográfico a vida de Cairbar Schutel, de tal modo nos põe diante dos olhos a presença vivissima do grande batalhador, que nos sentimos, naturalmente, arrastado a dizer, não do livro, mas daquêle que vemos biografado nêle. E dêste modo, ao invés de fazermos desfilar um livro, e muito bom livro, por sinal, rumamos à apresentação de um VULTO EMINENTE DO ESPIRITISMO, um vulto que se fez eminente por seu trabalho, sua atuação, sua profunda sinceridade, bravura apostolar e invulgarissima operosidade assinalada notadamente pela ausência de sentido pessoal, antes pelo de construção de algo bastante sólido para perseverar, com êle ou sem êle, tal como sucedeu e bem evidenciou Leopoldo Machado.

UMA GRANDE VIDA, que não nos disse tudo da vida padrão de Cairbar Schutel, como esposo, amigo, cidadão, escritor, jornalista, orador, doutrinador e, sobretudo, CRISTÃO ESPIRITISTA, dado não haver o A. se podido servir, como o confessa, advertindo o leitor, de dados abundantes, que, aliás, foram escassos, UMA GRANDE VIDA, iamos dizendo, é fidelissimo esbôço fotográfico (se nos é dado assim nos exprimir com correção) de Cairbar Schutel, visto nos oferecer dêle, quanto possível, ótimo retrato moral, profissional, apostolar e até mesmo fisionômico.

Do livro, nestes termos, está dito, pois, com verdade, tudo quanto num trabalho de tal ordem, se poderá exigir possuir e, consequentemente caberia ao apreciador dizer. Sem louvor e sem crítica.

Algo mais nos forçaria a falar do biografado; seria abrirmos aquí UMA GRANDE VIDA. E isto, para os limites e, sobretudo, a razão de ser desta Secção de SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS, seria uma contrafação.

Leopoldo Machado, que perdera os primitivos originais dessa obra em sua viagem ao norte do país, houve de reconstitui-la servindo-se de rascunhos, por certo desordenados já e incompletos e após se haver restabelecido da grave enfermidade que o prendeu ao leito por tanto tempo, de não poucas apreensões enchendo o coração dos amigos e dos espiritistas em geral. Não obstante, porém, nos dá um trabalho consciencioso, e, digamos mesmo, comedido, a despeito de seu entusiasmo, de sua admiração e amizade por Schutel e dos louvores que tece à sua brilhante atuação. Leopoldo Machado não se limitou à vida espiritica de seu biografado; foi buscar essa vida desde a infância. E é nos começos da vida de Schutel que o espiritista estudioso e observador vai encontrar a fôrça daquilo que, via de regra, se denomina por aí destino..., daquilo que é nos acontecimentos, nos fatos, vez muita mesmo nos dissabores e insucessos, a trama oculta das linhas mestras do que há de ser, no e para o cumprimento de uma missão, a redenção de provas e de provações...

No traçado da vida de Schutel muito há que o engrandece e nos comove. A nós, por exemplo, que aqui devendo apreciar um livro, nos deixamos arrastar ao irresistível exame de um homem, que nem ao menos é o seu autor, mas daquêle que lhe é objeto de estudo, a página que mais emocionou foi a da polêmica travada com o padre Van Esse; a energia, a coragem, bravura mesmo de Cairbar não só o enfrentando, mas igualmente à autoridade policial com êle solidária. Dessa página, todavia, o que culminou em nosso espírito foi o momento da despedida do padre, por transferido para outra cidade, momento pelo reverendo buscado, a reconciliação, e, notadamente, o diálogo e, dêste, as palavras de Cairbar Schutel, que deixam ver que o Espiritismo nêle não era apenas uma expressão de doutrina, uma, digamos, opinião filosófica, mas, antes de tudo, uma definição de atitude.

Apresenta ainda Leopoldo Machado a fase política da vida de Cairbar, curta, sim, mas edificante e exemplar: Matão era, a êsse tempo simples distrito de Araraquara. Schutel foi quem, trabalhando vivamente, encabeçando um movimento municipalista de emancipação, logrou, afinal, a ascenção da terra a município. Foi, ao isto se dar, em 28 de Maio de 1899, o primeiro presidente da Câmara Municipal, cargo equivalente ao de Prefeito hoje. E o edifício da Câmara, foi doação sua.

Paremos, porém; pois não devemos falar da vida de Schutel, que, fazendo muito poucas cousas, essas poucas cousas constituem um todo uniforme, perfeito, que são, afinal, um MUITO. Enquanto outros iniciam um mundo de empreendimentos, semeiam Centros Espíritas por toda a parte sem a preocupação, parece, de se terão possibilidades de prosseguimento ou não; fundam periódicos que raro não é limitarem-se ao primeiro número; Cairbar Schutel, apenas fundou um Centro Espírita, o «Amantes da Pobreza», em Matão, onde ainda exerce a missão sonhada e realizada por êle. Um só jornal; «O Clarim», em Agosto de 1905; uma única Revista, a «Revista Internacional do Espiritismo», em 15 de Fevereiro de 1925; uma Gráfica, a que vem de editar UMA GRANDE VIDA... E tudo isto continuou após a desencarnação do magnifico fundador. Como vemos, numèricamente pouco, entretanto, em eficiência e vida, MUITO.

Mostra-nos ainda Leopoldo Machado em Schutel, o jornalista, o escritor autor de 14 livros dos quais três de grande porte; o editor, o conferencista, como tal o primeiro a levar a doutrina ao radiofonismo; o pregador, o evangelizador, e, assim, aspecto por aspecto da longa existência, produtiva e útil de Schutel, urdiu a trama magnificente de uma vida de luz, de amor, de trabalho, a que deu o título absolutamante exato de UMA GRANDE VIDA.

A apresentação do livro é boa. Melhor poderia realmente sê-lo. Todavia se o fôsse, por mais que o fôsse não corresponderia nunca ao mérito do biografado, que, aliás, um exemplo foi sempre de modéstia, de humildade; que homem foi, sempre, dos que veem ao mundo para servir e não para serem servidos.

Cairbar tem o seu biógrafo. Matão cumpriu um belo dever. Parabens aos Autor e Editores.

A todos Paz e Luz.

RUI BARBOSA E OS FENÔMENOS DE ALÉM-TÚMULO

DEOLINDO AMORIM

JÁ ouvi dizer que Rui Barbosa — homem que lia tudo — gostava de estudar os fenômenos de além túmulo. Ainda há pouco tempo, não me recordo se foi em jornal ou revista, li referências á curiosidade do genial brasileiro a respeito do Espiritismo. Seria aliás, muito interessante saber o que pensava RUI sôbre o Espiritismo. Quero crer que Rui Barbosa não tenha feito experiências, porque não há indício, até agora, de que o glorioso baiano haja frequentado sessões espíritas. Pode ser que ainda apareça alguma fonte de informação, alguma pista que nos permita saber se realmente a «águia de Haia» também andou por sessões espíritas. Sabe-se, porém, e com segurança, que Rui Barbosa tinha leituras sôbre os fenômenos de além túmulo, como tinha leituras sôbre astronomia, homeopatia etc. Quem o diz é o professor Homero Pires, antigo Diretor da «Casa de Rui Barbosa», no livro *Rui Barbosa e os livros* (Edição da «Casa de Rui Barbosa»). Fá-lo nestes termos:

> *Curiosidades dignas de nota, que Rui Barbosa cultivava sem ruído: «a homeopatia, a oceanografia, a levitação, as aparições de vivos e mortos, os fenômenos psíquicos enfim eram especialidades que lhe preocupavam sèriamente o espírito...»*

Segundo, ainda, o depoimento do professor Homero Pires, que conhece muito bem a vida de Rui, até mesmo na esféra da intimidade, o grande mestre do Direito e do vernáculo chegava a dizer aos amigos: *«Quanta coisa estudo, o que se não sabe, e de que talvez nunca me utilize na vida!»* Inteligência privilegiada, capacidade onímoda, porque abrangia o contorno de todos os campos da cultura humanística, Rui Barbosa estudou também os fenômenos chamados *sobrenaturais* ou fenômenos psíquicos. Parece, porém, que Rui não fez propriamente estudo sistematizado a respeito da fenomenologia espírita, porque não deixou (ao que se sabe até agora) uma observação especial, um comentário bem meditado, uma conclusão, finalmente, á margem das obras que leu.

Rui tinha o hábito de ler e anotar. Gostava também de sublinhar a lapis vermelho os períodos que lhe pareciam obscuros. Teria êle deixado, também, alguma observação ou crítica do próprio punho nas obras espíritas que lhe eram familiares? Não se sabe... Não há indicação a respeito. E' provavel, até, que Rui nem siquer tenha lido a parte doutrinária do Espiritismo, porque não se fez referência, até hoje, á existência de obras de Allan Kardec na imensa bibliotéca do «grande astro da inteligência brasileira». Será omissão?... Tudo isto é apenas suposição. De positivo, de concreto, no momento, apenas isto: Rui interessou-se pelos fenômenos espiritas. Leu obras especializadas sôbre fenômenos de levitação, materialização, etc. O biógrafo, porém, não diz quais as obras, os autores (Richet, Delanne, Aksakoff?), mas podemos inferir que naturalmente devem ter sido os Autores clássicos do assunto: Crookes, Delanne e outros. Não haverá, por hipótese, alguma anotação de Rui nos livros que lhe passaram pelas mãos?

Seja qual for a opinião de Rui sôbre o Espiritismo, o certo é que os fenômenos espíritas mereceram a atenção da «maior cabeça que o Brasil já produziu». E' claro que se os fenômenos espíritas fossem banalidades, um homem da envergadura mental e da projeção intelectual de Rui Barbosa, preocupado com tantos problemas e estudos, não teria jamais dispensado atenção a tais fenômenos. Houve outro baiano ilustre, por sinal adversário de Rui, que também se interessou pelos fenômenos de além túmulo: Moniz Sodré, grande professor de Direito Penal, antigo Senador Federal, autor da falada obra *As três escolas penais*, citadas, até, por eminentes criminalistas estrangeiros. Possivelmente, se ainda estivesse neste mundo, o saudoso professor Moniz Sodré muito teria o que dizer sôbre o livro do criminalista cubano *A Filosofia Penal dos Espiritistas*, porque êste livro se enquadra perfeitamente na especialidade daquele notável mestre baiano.

Rui Barbosa era muito organizado. Justamente por ser organizado, dividia bem os assuntos de *estudo* e os assuntos de *leitura*. Obrigado a ler e estudar muito, a tratar de assuntos diversos, Rui distribuia inteligentemente as suas horas de estudo e leitura para evitar a pletora, o tumulto, quase sempre inevitável nas pessoas que não têm ordem. Havia, porém, no grande brasileiro, a curiosidade, a sêde de saber ilimitada: além de seus assuntos habituais, notadamente o Direito, e o Vernáculo, Rui procurava tomar conhecimento de tudo, mesmo fóra de seu campo de atividade. Dizem até que, em determinados momentos, Rui lia o *«Tico-Tico»*, naturalmente para encontrar motivos de distração. Dizem outros que Rui Barbosa tinha, também, o hábito de ler certas revistas sem importância, certos jornalécos, para poder avaliar melhor a falta de cultura do povo... Não sei se esta última versão é verdadeira. Realmente, é pelos jornais mal escritos que se nota, em parte, a falta de preparo de um povo.

Rui lia de tudo, portanto. Há diferença, porém, entre *ler* e *estudar*. Justamente por isso é que tenho dúvida, pelo que li até agora se Rui *estudou* realmente os fenômenos espíritas ou se fez apenas simples *leitura* marginal do assunto. Digo leitura marginal, porque Rui estudava, mas *estudava* profundamente, os assuntos que lhe eram habituais, com especialidade o Direito, em que se tornou verdadeiro pontífice, e fazia *leituras* diversas, á margem de seus estudos especializados. Seus assuntos de estudos regulares: Direito, literatura, vernáculo, ciência política, administração pública. Fora destes assuntos, Rui fazia leituras gerais sôbre tudo quanto pudesse interessar ao conhecimento humano. Daí a sua erudição, aliás impressionante, porque demonstrava estar *em dia* sempre com as mais variadas fontes, até mesmo quando se tratava de assuntos inteiramente alheios á cultura geral. Basta dizer que, sem haver passado por Escola de Medicina, Rui discutiu assuntos médicos, o que se pode provar pelo que disseram dois médicos patrícios em longos estudos sôbre Rui e a Medicina, publicados por ocasião do centenário de Rui, em 5 de novembro de 1949. Ficou-se sabendo, portanto, que Rui entendia também de Medicina. E' claro que não poderia *pontificar* na Medicina como pontificou no Direito, mas revelou conhecimentos médicos gerais. Em religião, como se sabe, Rui aprofundou-se bastante.

Assim como estudou, à parte, fóra do plano de seus estudos sistematizados, tantos assuntos diferentes, como Homeopatia, Astronomia, Pedagogia, Teologia, etc., naturalmente estudou a fenomenologia do além túmulo. Não se sabe, todavia, se Rui chegou à filosofia do Espiritismo, se estudou a doutrina, finalmente. Parece que não. Como homem de estudo, de mentalidade superior, encarou o fenômeno como assunto grave, digno de atenção; mas não subiu à esfera filosófica, naturalmente por falta de oportunidade. Oxalá que ainda se encontre alguma obra em que Rui, por meio de suas anotações habituais, tenha deixado a sua opinião sôbre o Espiritismo. De qualquer forma, tenha ou não tenha o genial brasileiro, «glória das mais altas da espécie humana», estudado a doutrina espírita, já se pode dizer que Rui tomou conhecimento dos fenômenos que constituem o objeto da ciência espírita.

Apontamentos para você

Major Levino Cornélio Wischral

Qual sua opinião ?

Quem consegue perdoar sete vêzes setenta vêzes ao sentir-se espoliado de seus haveres mais sagrados e acumulados a custo de suor ? Haverá quem se sinta com ânimo para oferecer a face direita após haver sido a outra atingida por sangrenta bofetada ? Assistirá, porventura, alguém, com resignação e tolerância a tragédia da desonra do lar ?

Realmente, não nos apraz abordar tal assunto confrangedor. O frio raciocínio porém, conduz-nos supôr que a tolerância não deva ser total; deve sim obedecer a moderadas exceções ou enquadrar-se em justos limites.

Idêntica reflexão formulamos para impôr restrições ou condições ao perdão que, aliás é a mais ampla lei de confraternização e concórdia.

Nêsse turbilhão de profundas incompreensões é-nos dificil, dizemos, proceder como Jesus, porém, a conduta é uma e absolutamente única; não há outros recursos nem modalidades para o caso exposto. Cumpre-nos entregar a alma a Deus como o Cristo a entregou na cruz; perdoar continuamente e sempre de modo pleno e total; deixar-se abater, sim, dizemos abater, sem reagir e morrer como manso cordeiro indefeso.

Certa vez, surgido êsse martirizante problema numa aula de Evangelho perguntou um diligente aluno se nosso espírito não vacilaria ao defrontar-se nessa suprema, quão grave contingência.

Êsclarecendo o palpitante problema, narrou o professor amigo a seus diletos alunos, singular caso ocorrido na Itália distante ; ouçamo-lo :

Milagre do Perdão

Ia a última guerra européia no apogeu da crueldade. Dezenas de voluptuosos assassinatos, à arma branca, empreendera um nosso irmão na ânsia de saciar de sangue seu insatisfeito e satânico instinto.

Ao intentar o trigésimo oitavo, deparou à sua frente a próxima vítima, um despreocupado e sereno velhinho que, em atitude diversa das demais, abriu-lhe o peito, enquanto estendia os braços, em forma de cruz, ante a implacável arma.

Com os olhos fitos nos céus, com todas as suas fôrças de concentração, proferiu êle, pausadamente, a seguinte súplica : «Pai ! fazei com que êste meu irmão não manche seu espírito em contáto com o meu sangue; perdoai-lhe, meu Deus, pois eu já o perdoei».

A cena foi rápida. O punhal encravou-se na terra, enquanto o alucinado combatente jazia ao lado, conservando estampado na fisionomia apavorante o efeito terrífico de um incompreendido e inesperado perdão. E assim, fez-se a vontade do Pai.

O mal

Por que poucos praticam o mal? Por ser mais difícil. O mal violenta a harmonia íntima, roubando-nos a tranquilidade; o bem purifica e sublima, elevando a alma.

Vigiai

Tanto o criminoso de ação violenta como o sutíl prevaricador pelo pensamento prestarão contas algum dia à justiça divina.

Um e outro carregam incorporado à alma, convertido em autêntica e repulsiva mancha negra, o delito praticado em qualquer tempo e parte.

O fruto do crime enraiza-se, qual tumor maligno, ao espírito, apesar dêste esmerar-se para não ser contaminado e continuar imaculado. A partícula de Deus, porém, ansiando livrar-se dêsse fardo pecaminoso e importuno estabelece férrea luta entre a razão e a consciência, cabendo sempre à última a vitória final.

Não nos recomendou o Mestre: orai e vigiai?

Pedir

Deixai aos que ainda não possuem o justo discernimento da «ciência do pedir», o sobrecarregarem com exigências descabidas e pedidos tolos os nossos já atarefados protetores espirituais.

Felizmente a maioria já se capacitou a conduzir-se, rogando a Deus apenas energias para o corpo e luzes para o espírito. Isso é sobejamente suficiente. A solução de outras necessidades nos advirá espontaneamente e no devido tempo pelas vias do «acrêscimo de misericórdia.»

Nenhuma folha cae da árvore sem o consentimento do Pai; Ele sabe, melhor que nós, do que nos é proveitoso.

Inferno

As ações fraternas de hoje, no trato de enfêrmos e pobres, fazem gerar a luz que agora armazenamos nos nossos espíritos, destinada a iluminar os nossos futuros caminhos, através densa escuridão, ao penetrarmos a vida do além-túmulo.

Compete-nos transformar nossa bruxoleante claridade em brilhante luz.

Há os que, doutro lado sofrem horrivelmente debatendo-se, por longos anos, em medonha e compacta treva, pelo fato de não terem produzido energia luminar, pois que, se olvidaram de socorrer os necessitados.

Da mesma maneira que o vagalume projeta luz no escuro, devem nossos espíritos espargir a claridade para abrir a caminhada segura dentro da noite escura.

Insensíveis, porém, aos tormentos do semelhante, e cegos às lágrimas alheias, cria cada um o seu próprio inferno.

Em vida, na terra, desperdiçam ótimas oportunidades de iluminação interna, só comparáveis àqueles que, concientemente lançam suas pérolas aos porcos.

Como retribuir?

Emocionados lemos a carta de uma mãe a seu filho Renato: «Filho, todas as mulheres, de qualquer condição, que encontrares no teu caminho respeita, admira e glorifica — assim me pagarás tudo que por ti tenho feito».

Em cada coração materno encrustou o Pai celestial êsse mesmo sentimento, qual diamante de incomparável quilate de amor e pureza. Pondo-o em prática, divina mãe que me lês, alegrarás o coração de Maria, mãe de Jesus.

Lembra também essa modalidade de retribuir a teu filho, presente no lar, ou ausente em distantes paragens.

Não permita que o brilho dessa virtude se ofusque. De ti, nobre mãezinha, espera o céu um mundo mais humano.

Apenas perguntas

Outra missiva terminava assim: «como tornar-me melhor? «Nossa resposta é igualmente uma pergunta: «já visitou os hospitais de paralisia infantil, os cancerosos, os morféticos, os que se estrebucham na agonia do fogo selvagem?»

Visitando-os, todos os corações, até mesmo os empedernidos melhorarão, disso temos certeza. A escola da dor é abençoada por Deus; tem por patrono o Cristo Médico e confere a todos que a cursam com proveito um diploma, espécie de passaporte com direito a se transferirem para um planeta sem dor nem sofrimento.

Estas são as chaves que abrirão o reino dos céus a que se refere S. Mateus, 16 : 19.

Humildade

Na época atual, em pleno reinado da hipocrisia e do orgulho, já não se fala mais em humildade, cujo emprêgo ficou relegado ao âmbito religioso ou restrito à literatura cristã.

Aos poucos que se julgam ornamentados dessa divina virtude lembraríamos perguntar, com a devida vênia, se seriam capazes de imitar Jesus que lavou os pés de seus discípulos, numa assembléia pública, demonstrando ser o menor e o mais humilde servo entre os presentes.

Que responda apenas, em linguagem muda, o seu coração, pois, o meu, ao ser interrogado, silenciosamente respondeu : não!

No máximo, se tanto, preferimos enxugar lágrimas alheias.

Vantagem da Dor

Bem-aventurados os que chegam à compreensão pela dor ou pelo sofrimento, pois que, alcançam em preciosos e inesquecíveis minutos o saber que outros obtem através difíceis anos de estudo, vacilações e meditação.

Bendita a dor, criada pela vontade do Pai e destinada a redimir os homens afastados do amor pelo próximo.

A dor tem a estranha missão de reconduzir o homem para a estrada do bem que abandonara.

Que espera ?

Por que esperar que o indigente lhe estenda a mão ? Se fôr ao encontro dêle imitará a Jesus que voluntariamente desceu de muito alto, deixando esferas de luz para orientar os nossos hesitantes passos dentro dos escuros abismos da ignorância e da maldade.

Farias isso ?

Vimos caridoso anônimo visitar certa instituição hospitalar, socorrendo com orações e passes a solitário agonizante inteiramente recoberto de repulsivas e pustulentas chagas fétidas.

Enquanto num verdadeiro amplexo apertava de encontro ao peito o irmão que desencarnava, pedia o bom samaritano, em sentida súplica, ao Pai misericordioso, o amparo pelo irmão que ingressava no plano espiritual.

Minutos após, lá adiante, vimo-lo sorridente e loquaz a distribuir doces, maçãs e palavras de reconfôrto a outros doentes.

Até hoje ninguém lhe sabe o nome ou endereço apesar de assim proceder há anos.

Ainda existem muitos bons sôbre a face da terra. E's um dêsses ? Farias isso ?

Quando poderemos dizer com Francisco de Assis : «Para mim és mais que um irmão; és um membro doente da minha própria carne. A tua dor é a minha dor; a tua alegria é a minha alegria ?»

Eis um bom tema para ser meditado sôbre o doce e confidente travesseiro da noite.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 70,00	Do 11.° ano	Cr.$ 70,00	Do 19.° ano	Cr.$ 65,00
Do 4.° ano	70,00	Do 12.° ano	70,00	Do 20.° ano	65,00
Do 5.° ano	70,00	Do 13.° ano	70,00	Do 21.° ano	65.00
Do 6.° ano	70,00	Do 14.° ano	70,00	Do 22.° ano	65.00
Do 7.° ano	70,00	Do 15.° ano	70.00	Do 23.° ano	65.00
Do 8.° ano	70,00	Do 17.° ano	70,00	Do 24.° ano	65.00
Do 10.° ano	70,00	Do 18.° ano	70,00	Do 25.° ano	65,00

"Mundos em Colisão" e as profecias

L. A. RODRIGUES

FOI editado recentemente nos Estados Unidos, um livro que está causando enorme sensação nos meios científicos de todo o mundo, porque veio provar, de forma irrefutável, fatos e fenômenos estranhos relatados nas Sagradas Escrituras, que a Ciência materialista e céptica negava formalmente em sua estulta presunção, por na sua cegueira mental não ser encontrado a causa dos mesmos.

Este livro — «Mundos em Colisão» — escrito pelo Dr. Immanuel Velikowski, depois de dez anos de árduas pesquisas e acurados estudos, é considerado pelos cientistas mais destacados de tal valor, que um deles, o Dr. Gordon A. Atwater, chegou a afirmar que «a sub-estrutura da ciência moderna pode ser agora revista à luz de suas novas deduções e conclusões.» Curioso é observar-se que, as provas apresentadas pelo autor daquele notável livro, existiam «urbi et orbe», tendo faltado apenas, quem as coligisse e ordenasse, para que a verdade surgisse logicamente.

O argumento melhor, mais positivo, mais convincente que o Dr. Velikowsky poderia trazer documentando a verdade dos fatos, no entanto, foi deixado de lado, por desconhecimento ou por ser êle adepto dessa Ciência materialista.

As profecias contidas nas Sagradas Escrituras e aquelas escritas pelo famoso vidente Michel de Nostradamus, clara e precisamente nos mostram que, antes dos próximos cincoenta anos, a partir da data de hoje, tais fatos e fenomenos repetir-se-hão, e em escala maior, matematicamente, e devido a causa semelhante.

As perturbações astronômicas que provocaram no passado, automaticamente, grandes e estranhos acontecimentos na Terra e no Céu, foram:

— a passagem de um grande cometa muito perto da Terra, por duas vezes: a primeira vez no ano 1500 A. C., e a segunda vez, cincoenta e dois anos depois, exatamente por ocasião da batalha que Josué travou em Gibeon;

— a quasi colisão do planeta Marte com a Terra, setecentos ou oitocentos anos mais tarde, deslocado de sua órbita pela passagem daquele cometa.

Os jornais e revistas de todo o mundo, de contínuo publicam estudos, científicos ou não, sôbre a possibilidade de um grande comêta aproximar-se indevidamente da Terra e suas terríveis consequências; por certo, essa preocupação é fruto de lembrança desses cataclismos passados, que tão fortemente impressionaram a humanidade, que seu conhecimento, por via oral, até hoje perdura, e também, é resultado da preocupação de que essa possibilidade está presente aos nossos conhecimentos atuais.

De fato, um grande comêta aproximando-se da Terra, influenciará decisiva e diretamente seus movimentos de rotação, translação e bascular, como sua posição inclinada sôbre a eclitica, alterando-os profundamente.

Josué e seus comandados, vendo o sól parado, não tinham conhecimento que a Terra é que parára, e por isso nas Sagradas Escrituras tal fato não foi mencionado; Clarence Darrow, discutindo com William J. Bryan, sôbre êste tema, em memorável discussão, alegou que a Terra é que parára, mas, não teve argumentos para provar sua asserção. O Dr. Velikowsky, tem hoje, argumentos irrespondíveis, a maioria dos quais buscados nas próprias Sagradas Escrituras.

Êsse comêta, que tão profundas modificações trouxe à Terra, nasceu e foi projetado no espaço, de uma erupção expontânea do planeta Jupiter, mais provavelmente, da rutura de um dos seus aneis, ao aproximar-se da Terra, causou alterações profundas, partindo continentes, criando oceanos e mares, levantando cadeias de montanhas, provocando chuvas diluvianas, maremotos, tremores de terra de uma violência inaudita, transformando a face da Terra. As descargas elétricas prodigiosas, as colunas de fogo e fumo, o empestamento do ar com gazes deletérios e partículas minerais, a saraiva de pesados meteoritos, acompanhavam a passagem daquêle meteoro estranho. Não é de estranhar, que o homem, que presenciou tais fatos, tivesse ficado profundamente aterrorisado.

Êsse comêta, depois de vaguear pelo espaço, foi finalmente atraído pelo nosso sistema solar, acabando por fixar-se como a nova estrela Venus. Quando pela primeira vez êle surgiu, foi por ocasião do cativeiro dos Judeus no Egito; Moisés, iniciado na alta ciência dos templos egipcios e predestinado para dirigir o povo israelita, sabia de tudo o que ia acontecer, razão porque poude ameaçar o Faraó com as pragas. O Dr. Velikowsky mostra como se originaram essas pragas, inclusive aponta as causas do extranho fenômeno do Mar Vermelho abrir-se para o povo de Israel passar a pé enxuto.

> «A rápida deslocação da atmosféra sob o impacto das massas gazosas do comêta, a correnteza do ar atraído pela massa do comêta, o surto da atmosféra, resultante da inercia, quando a Terra parou de rodar — tudo isso contribuiu para desencadear ventos de enorme velocidade e fôrça, tais como os descreve o Velho Testamento. O tema dêsse furacão cósmico é reiterado no México, na Índia e na Pérsia, e nas ilhas do Pacífico».

Êsses acontecimentos extraordinários, que na China se fixam na éra de Iahú, contemporânea de Moisés, do sol não se pôr durante alguns dias, das florestas incendiarem-se, de uma alta «vaga que chegava ao céu», vaga que se espraiou pela face da Terra, o ar infectado de partículas ferruginosas que davam à agua a côr do sangue, tiveram complemento maior, porque, a Terra passou a girar do ocidente para o oriente, e não como antigamente, conforme o provam as velhas cartas celestes chinesas; houve uma reversão completa do movimento rotativo, inclusive, devido a poderosa faísca elétrica que saltou entre o comêta e a Terra, quando a aproximação foi a maior provocando a inversão dos pólos da Terra.

Quando finalmente o comêta foi atraído para o nosso sistema solar, provocou um deslocamento de Marte da sua órbita tão forte, que Marte começou a passar perto da órbita da Terra, de 15 em 15 anos; nos anos 747 A. C. e 687 A. C. Marte chegou tão perto da Terra, que provocou a repetição daquelas conhecidas perturbações. A morte de 185 mil assirios do rei Senuacherib, por massas gazosas asfixiantes, é uma delas.

Outras porém, mais importantes, foram registradas, como «a sombra do Sol recuou 10°» (como diz a Biblia) — 23 de Março de 687 A. C. — consequência da alteração do eixo da Terra em relação á eclítica; a alteração da órbita da Terra, que teve um aumento de 5 dias na sua viagem anual em torno do Sol, e que provocou a alteração em todo o mundo, dos calendários; a mudança de posição dos polos da Terra, a 20 gráus dos pontos anteriores. que são provados com o morticínio súbito dos mamutes em manadas.

Depois de cada um desses choques, embora alterada sua fisionomia e seus movimentos, a Terra estabilisou-se.

O Dr. Velikowsky, ao finalizar seu precioso livro adverte-nos que o sistema solar não é imutável, e que, si catástrofes houve, outras poderá haver no futuro, com os satélites de Jupiter, com os asteroides que atravessam as órbitas de Marte e da Terra, ou com o planeta Plutão. Não está fóra de possibilidade, um outro cometa fazê-los sair de sua órbita e vir tangenciar ou colidir com a Terra.

E é isso o que vai suceder com a Terra, antes de 50 anos, a contar desta data.

Um novo cometa vai aproximar-se da Terra, causando um cataclisma terrível. Provas? Aí estão. Consultemos as Sagradas Escrituras, e lá está citado:

1) — No Evangelho de S. Mateus (Cap. 24 e 25), quando Nosso Senhor Jesus Cristo dá a conhecer aos seus discípulos os sináis pelos quais eles saberiam quando seria o fim do Mundo, êle disse:

> «29. E logo depois da tribulação daqueles dias (guerras e rumores de guerras, pestilências, fomes e terremotos, perseguição religiosa, falsos Cristos e falsos profetas) *escurecer-se-á o Sol, e a Lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potestades do céu serão abaladas.*
>
> *35. O céu e a Terra passarão,* mas as minhas palavras não passarão.

2) — O apóstolo S João, no Apocalipse (cap. VI vers. 12-17) relatando suas visões, escreveu:

«Houve um grande tremor de terra; e o Sol tornou-se negro, e a Lua como sangue; e as estrêlas do céu caíram sôbre a Terra como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte; e o céu retirou-se, os montes e as ilhas moveram-se dos seus lugares...»

No (cap. XX, vers. 11) êle confirma:

«E vi um novo céu e uma nova Terra, porque o primeiro Céu e a primeira Terra desapareceram, e o mar já não existia».

3) — Si tomarmos o Velho Testamento, novas citações vamos ali encontrar, avisando-nos do que está para sobrevir.

— O profeta Malaquias (cap. IV) disse:

«Eis que está para vir o dia que será igual a uma fornalha acêsa; todos os soberbos e todos os que obram a impiedade serão como a palha; e o dia que está para vir o abrazará».

— O profeta Isaias (cap. XXIV, vers. 19-21) profetisou sôbre êsses acontecimentos dizendo:

«O Sol escurecerá em nascendo e a Lua não resplandecerá sua luz; farei extremecer os Céus e a Terra se moverá do seu lugar; de todo a Terra cambaleará como um bêbedo; será desconjuntada, despedaçada com grandes aberturas, cairá e nunca mais se levantará».

— O profeta Joel (cap. III vers. 15-16) afirmou:

«Deus fará, então, tremer os céus e a Terra; o Sol e a Lua enegrecerão e as estrelas retirarão seu esplendor».

— O profeta Ezequiel, falando em nome de Deus clamou:

«Tremerão diante da minha face os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais, e os reptis, e todos os homens que estão sôbre a face da Terra; e os montes serão postos abaixo, e os precipícios cairão, e todos os muros serão derrubados. Haverá peste, e sangue, e chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, e fogo e enxofre».

O Apóstolo S. Pedro (II Epístola, Cap. III, vers. 7-13) entreviu o que sucederia nesses dias, pois, escreveu:

«Aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os Céus incendiados se desfarão, e os elementos ardendo se fundirão. A Terra e todas as obras que nela há, serão queimadas.»

Muitos, ao lerem estas profecias, com ar céptico dirão: «Mas, isto será no fim do mundo!» Esquecem-se que esse cataclisma, indicado nessas profecias, virão antes que decorram 50 anos. Como, quasi dois milênios separassem êsses profetas dos acontecimentos foram êles pouco explícitos, embora, precisos. Mas, suas profecias todas, agora que estamos próximos desses dias tenebrosos, tiveram um codificador, que nos dá detalhes nítidos, datas, fatos precisos. Foi o extraordinário Michel de Nostradamus êsse codificador; suas profecias, todas confirmadas, até hoje, são tão admiráveis, que Goethe pôs na bôca de Fausto sua expressão de assombro, dizendo:

«Foi acaso um Deus, quem escreveu estas coisas? Em suas profecias maravilhosas encontramos («Carta a Henrique II», «Carta a Cesar», «Presságios») tudo o que vai suceder minuciosamente relatado.

Daqui até ao fim do século, só haverá dois eclipses do sól; um em 1961 e outro a 11 de Agosto de 1999.

Centuria 3-34: «Quando o sol ficar completamente eclipsado, passará em nosso céu um novo corpo celeste, que será visto em pleno dia.»

Antes que êsse corpo celeste seja visto a olho nú, e ele:

«Aparecerá do lado do Septentrião, não longe de Cancer um cometa («estoile chevelue») haverá uma sêca terrível, pois, Nostradamus diz na sua «Carta a Henrique II»:

«A um eclipse do sol sucederá o mais tenebroso verão que jamais existiu desde a criação até à paixão e morte de Jesus Cristo, e de lá até êsse dia, e isto será no mês de Outubro de 1999...»

Centuria 4-84: «A grande estrêla por sete dias abrasará. Nublada fará dois sóis aparecer».

Centuria 1-17: «Quando o corpo celeste for visto a olho nú haverá grandes diluvios».

Centuria 8-16: «Haverá um tão grande diluvio e tão súbito, que a onda passará sôbre os Apeninos».

A seguir vêm as consequências da aproximação do cometa que êle chama «o monstro»:

Centuria 4-29: «O Sol escondido, eclipsado por Mercurio, passará para um segundo céu».

Centuria 4-30: «A Lua (deslocada de sua órbita pelo cometa) aproximar-se-á da Terra e seu disco aparecerá 11 vezes maior que o do Sol; os planetas, também, aparecerão maiores e baixarão de gráu».

«No mês de Outubro de 1999 quando uma grande translação se produzirá, de tal modo que julgarão a Terra fóra de sua órbita e abismada em trevas eternas.» (Carta a Henrique II).

«A Lua escurecida em profundas trévas, ultrapassa seu irmão (o Sol) na côr da ferrugem».

Então, diz o Apocalipse de S. João (cap. 16 vers. 21):

«E então, sôbre os homens caíu do céu uma grande saraiva como do pêso de um talento (cada talento pesa cerca de 26 quilos)».

Concomitantemente a Terra perderá a inclinação de 23° sôbre a eclíptica, voltando a posição vertical outra vez, com todas as suas consequências.

Na sua «Carta a Cesar» e na Cent. 1-56-57, está previsto:

«Por causa da Lua dirigida por seu anjo o céu desfará as inclinações com grande perturbação, tremerá a Terra com a modificação, levantando a cabeça para o Céu».

Como vemos, aqueles cataclismos todos analisados pelo Dr. Velikowsky, estão em vias de repetir-se, provocados por causa semelhante, porém, muito mais forte.

Si os cientistas houvessem cotejado êstes dados que citamos, há muito teriam concluido por aceitar a verdade contada nas Sagradas Escrituras.

Curiosidades...

João Teixeira de Paula

A questão das Esferas Espirituais é muito interessante e merece ser tratada com especial atenção, já que um dia teremos que dar por lá com os costados... espirituais. Não são poucos os escritores espíritas que a elas se referem, transmitindo-nos informações de Entidades do Além. Oliver Lodge conta (embora com certa reserva), que Raymond, o filho desencarnado na guerra de 1914/18, lhe falara da existência de Esferas e lhe dissera haver ido à sétima, onde estivera na presença de Jesus, a quem, aliás, não pudera mirar, dada a ofuscante luminosidade que irradiava do meigo Nazareno.

Dennis Bradley faz menção não só a essas mesmas Esferas, mas também a Setores. Jesus está no sétimo Setor da sétima Esfera.

Já antes de ambos Stainton Moses acreditava estabelecer uma certeza quando dizia que a Terra é a mais elevada das Esferas, às quais sucedem sete de trabalho ativo e depois outras sete de divina contemplação, sendo que cada Esfera tem muitos graus.

Não corresponderão tais Esferas às Colônias Espirituais de que nos falam os nossos escritores desencarnados, como, por exemplo, André Luiz? Êle chegou até a mencionar as Esferas Resplandecentes, onde Veneranda, uma das ministras do Ministério da Regeneração, viu Jesus.

* * *

Charles Richet, mesmo quando escreveu o *Traité de Metapsichique*, já não era assim tão antiespírita, como se propala por aí. Vejam o que êle disse do Espiritismo ao estudar a questão da psicometria, a que deu o nome de *criptestesia pragmática*, cujos fatos, antes negados, foram depois aceitos :

—«A história do sonambulismo e do espiritismo nos mostra dolorosamente quanto a ciência oficial foi mal inspirada quando rejeitou *a priori*, sem exame, fatos que mais tarde, em louvável retratação, foi obrigada a reconhecer».

Se a ciência oficial foi «mal inspirada» ao rejeitar o espiritismo, cuja veracidade, em «louvável retratação» («en faisant amende très honorable») foi obrigada a aceitar, é porque o espiritismo tem realmente alguma cousa de bom.

Se assim não fôra...

* * *

Depois do que aconteceu com a família Fox em 1847/48, nos Estados Unidos da América do Norte, são as seguintes as obras que, salvo possível engano, de que nos penitenciamos humildemente, se escreveram sôbre o Espiritismo até o ano da publicação de «O Livro dos Espíritos» («Le livre des Esprits») de Allan Kardec, em 1857 :

I — Augustin Calmet : The Phantom World, Philadelphia and London, 1850.

II — Cahagnet: Lumière des morts, Paris, 1851.

III — Adin Ballou : Spirit manifestation, 1852.

IV — N. S. Godfrei: Table turning, the Devil's modern masterpiece, 1853.

V — Mirville : Pneumatologie des esprits et de leurs manifestations diverses (fluidiques, historiques, etc.) Paris, 1853.

VI — Faraday: The table turning delusion, Lancet, 1853.

VII — Brittan : The Spiritual Telegraph, 1853.

VIII — Brittan & B. W. Richmond: Discussion of the Facts and Philosophy of Ancient and Modern Spiritualism, New York, 1853.

IX — J. W. Edmonds and G. T. Dexter: On Spiritualism (2 vols.) New York, 1853.

X — A. de Gasparin : Des tables tournantes, du surnaturel en gènèral et des Esprits, Paris, 1854 (Possuímos esta obra).

XI — Chevreul : De la baguette divinatoire, du pendule explorateur, et des tables tournantes. Paris, 1854.

XII — J. B. Dods: Spirit Manifestation, New York, 1854.

XIII — Makan : Modern mysteries explained and exposed, Boston, 1855 (University).

XIV — Thiéry: Les tables tournantes considérées, au point de vue de la physique générale, Genève, Kesmann, 1855.

XV — E. W. Capron : Modern Spiritualism, 1855.

XVI — Révélations divines et mystérieuses ou comunications entre le ciel et la terre par le moyen d'une table, Genève, 1855. (Autor desconhecido. Ernest Larroche confessava, em 1905, ser o livro «très rare et très curieux»).

XVII — Robert Hare : Experimental investigations of the spirit manifestations demonstrating the existence of spirits, and their comunications with mortals, Philadelphia, 1856.

XVIII — Baron Louis de Guldenstubbé : Pneumatologie Positive et Experimentale ; la Realité des Esprits et le Phenomene Merveilleux de Leur Escriture, Demonstré par le — Paris, 1857.

A primeira bateria de grosso calibre que se assestou contra o Espiritismo foi a do abade L. Beautin : *Avis aus chrétiens sur les tables tournantes et parlantes*, Paris, 1853. A bateria de Gros-Jean, embora seja de menor calibre, não é para desprezar: *Seconde lettre de Gros-Jean à son évêque au sujet des tables parlantes, des possessions, des sybilles du magnétisme et autres diableries*, Ledoyen, Paris, 1855.

A literatura espírita é hoje enorme.

* * *

Foi Johann Karl Friedrich Zöllner quem concebeu, nos estudos paranormais, a existência física da «quarta dimensão», aliás já admitida teóricamente em matemática, por Riemann, em 1854.

A obra em que êle trata da questão é a *Die trascendentale Physik und die sogenannte Philosophie*, Lipzig, 1878/79, vol. III de *Wissenschaftliche Abhandlungen*. Em 1923, fez-se nova edição: *Vierte Dimension und Okkultimus* («Quarta dimensão e ocultismo»).

Thomaz Williams (a quem o nosso Manuel Quintão faz referência em «Cinzas do meu cinzeiro», livro sadio, recentemente publicado) valendo-se da edição inglêsa, traduziu-a para o português vernáculo, em 1908. Por ser rara e boa, merecia nova edição, expurgada, por certo, dos senões tipográficos, que a afeiam, e de alguns do pátrio idioma, que a desmerecem um tanto.

A quarta dimensão é ainda, para todos os efeitos, um problema que está por aceitar e resolver. Por enquanto, o que há de verdadeiro são teorias e hipóteses, melhores umas, piores outras.

Nêste assunto, estamos com Richet, êsse famigerado Richet, que tanto trabalho nos tem dado a nós espíritas, o qual dizia que o mundo em que vivemos é o da terceira dimensão, mas que poderá haver o da quarta e até o da quinta...

* * *

Há diversas monografias de Ernesto Bozzano que foram trasladadas para português, com títulos genéricos, diferentes dos do original italiano. Respeitou-se o conteúdo, mas substituiram-se os nomes. Vejamos:

Araujo Franco traduziu «Per la difesa dello Spiritismo», publicado em Nápoles, em 1927. Como o livro é uma resposta ao «Introduction à la Métapsychique humaine», de Réné Sudre, o tradutor houve por bem chamar-lhe: «A propósito da introdução à metapsíquica humana» e não *Em Defesa do Espiritismo*, como o estaria aconselhando o título original.

O mestre Carlos Imbassahy, que é o nosso Camilo Castelo Branco brasileiro (brasileiro e espirita!) compaginou as monografias:

I — *Dei fenomeni dei Telecinesia in rapporto con eventi di morte.*

II — *Musica trascendentale.*

III — *Delle apparizioni di defunti al letto di morte*, e as intitulou: *Fenômenos psíquicos no momento da morte.*

Para a tradução, valeu-se, segundo nos parece, da edição francêsa (que compreende as três obras e tem aquêle título) quando podia ter-se valido dos originais italianos. Rabugice... de mestre.

As *Seleções*, recentemente traduzidas pelo Dr. Francisco Klörs Werneck e publicadas pela Livraria *Allan Kardec* (São Paulo) compreendem quatro monografias:

I — *Breve storia dei «Picchi medianici».*

II — *Materializzazioni di fantasmi in proporzioni minuscole.*

III — *Dei fenomeni di Trasfigurazione.*

IV — *Marche ed impronte di mani infocate.*

Damos êstes esclarecimentos por mera curiosidade ilustrativa. Há poucos dias ouvimos de um confrade:

— As *Seleções* de Bozzano...

Mas a verdade é um pouco outra. Bozzano não tem nenhum livro com o nome de *Seleções*, que foi, aliás, um título muito bem escolhido pelas partes interessadas.

* * *

Os grandes médiuns de outros tempos sofriam toda sorte de perseguição e vexame. Henry Slade, norte-americano, respondeu a processo criminal, esteve três meses em prisão celular, foi, uma ocasião, expulso da Áustria pela polícia e a pedido do público, que o tinha na conta de impostor. Marthe Beraud, francêsa (a Eva Carrière da Sra. Juliette Alexandre Bisson) permitiu consigo os mais vexatórios contrôles, como os anoretais. A respeito dêste assunto, Slade tinha opinião formada. Não se sujeitava aos caprichos e às vezes às patetices dos experimentadores. Numa carta ao Professor Barrett, que, a princípio, negava os fenômenos, dizia: «Eu considero-me tão honesto e sério, quanto aquêles que me procuram com o fim de investigar êstes fenômenos. Por conseguinte, hei de continuar a opor-me ao uso de tão degradantes precauções, todas as vezes que me forem propostas».

São palavras de um homem digno, que sabia o que queria e o quanto valia.

Pudessem (e possam!) elas servir de porte-maneirinho a todos os médiuns de aquém e de além-mares!

O VASO HUMANO

— JEREMIAS, 18 —

ENCONTRAMOS no Velho Testamento uma interessante lição dada pelo exemplo da observação direta dos fenômenos; vemos uma voz mediunicamente falar a Jeremias: «Levanta-te e vai a casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras». Jeremias ouviu essas palavras, e «fui a casa do oleiro, e eis que êle estava fazendo a sua obra sôbre a roda (Jer. 18,3). Observando o trabalho do oleiro, quebrou-se a vasilha que ele estava fazendo de barro com as suas mãos, e tornando de novo, fez dele outra vasilha, como bem lhe tinha parecido em seus olhos fazê-la». O profeta continua a sua observação, espera com ansiedade, talvez, a explicação do que observava, esperava a lição. E esta veio, «acaso não poderei eu fazer de vós, casa de Israel, como este oleiro, diz o Senhor? vede que como o barro está na mão do oleiro assim vós estais na minha mão, ó casa de Israel (18 6). Jeremias teve, nesta observação direta, uma lição espiritual de grande alcance, e, para nós, espíritas, de grande atualidade.

Jesus, também, em diversas circunstâncias, aplicou a observação direta dos fenômenos sociais, para dar uma lição espiritual aos que procuravam o seu ensino.

Estando Jesus assentado defronte da árca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava sua oferta na arca do tesouro, e muitos ricos deitavam muito dinheiro. E chegando uma viuva pobre, deitou duas pequenas moedas que valiam quatro réis. E chamando seus discípulos disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro. Porque ali deitaram o que sobejava, mas esta pobre viuva, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento. (Mateus, 21-1,4) Marcos 12, 41 sgs.

Quando João Batista enviou os seus discípulos para saber si êle era aquele que havia de vir ou esperavam outro, Jesus, antes de lhes responder, curou alguns doentes na presença dos discípulos de João e disse-lhes: Ide e anunciai a João as coisas que tendes visto e ouvido: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e o Evangelho é anunciado aos pobres. Lucas, 7-18 sgs.

Vemos também no trecho apresentado em Jeremias, que o profeta ouviu a vóz, não sómente ouviu a voz direta do espírito, mas obedeceu a essa voz que lhe falava: «desci a casa do oleiro».

Não basta ouvirmos a palavra dos espíritos, preciso é que não sejamos ouvintes esquecidissos, mas executores das palavras ouvidas. Todos os dias ouvimos a palavra do Senhor por intermédio dos luminares do espaço, ouvimos muitas vêzes sérias advertências, e não atendemos a essa voz...

Os espíritos também nos ensinam pelo método direto, e, muitas vêzes, dirigindo-se diretamente à pessoa visada, falando de nossos êrros e das nossas mazelas, mesmo assim, não atendemos a voz do Senhor! De uma manifestação positiva, clara, lógica, não tiramos a lição que nos trazem os mensageiros do Mais Alto.

Hoje, si ouvirdes a minha voz, não endureçais os vossos corações, dizem as Escrituras. Apesar das advertências espirituais, «não descemos a casa do oleiro...»

A arte do oleiro é tão velha quanto a humanidade, não tem inventor. E, para que não fosse uma arte sem patrono, os antigos povos davam como se fora inventada pelos deuses.

O barro, para ser usado na confecção, deve ser barro escolhido; há diversas qualidades de barro, daí, também, as diversas côres dos vasos antigos. O barro era amassado com os pés, e molhado aos poucos, depois socado com fortes batidas e, nesse preparo, também iam eliminando as impurezas que de permeio apareciam na massa.

Na arte primitiva as diferentes qualidades de barro, de kaolim, faziam as tintas primitivas para coloração dos utensilios.

Depois de preparado o barro, o oleiro levava, aos poucos, a quantidade necessária à roda para, girando, ir modelando o barro; havia rodas manuais e tocadas pelos pés. Em seguida era levado ao forno. Esses fornos primitivos ainda, há pouco, eram encontrados na China e no Japão, bem como o processo primitivo de fabricação.

Os vasos variavam, na forma e no tamanho, segundo o fim a que se destinavam. Vasos para usos domésticos, para fins religiosos e para fins de ornamentação. Usavam para guardar cereais em grão, água, etc. Nos túmulos, principalmente no Egito, é muito comum encontrar nos túmulos dos faraós, vasos de fino valor. Na Grecia os vasos eram usados tanto para fim religioso como para dar como prêmio aos vencedores de jogos esportivos. «Mutatis mutandis» são as nossas taças de hoje... Vasos de honra aos conquistadores de vitórias, tanto esportiva como guerreira, vasos de desonra aos conquistados nas guerras, onde se lhes apresentavam o veneno mortífero, símbolo da desonra, da perda, do fracasso nas lutas de conquista ou de defesa.

Para cada tipo de cerimônias, quer fúnebres, quer festivas, era apresentado um típo especial de vaso, especial na forma, na pintura, de conformidade com o fim a que se destinava, daí a sua confecção.

As obras de André Luiz vieram projetar uma luz esclarecedora no problema da reencarnação. Por ela ficamos sabendo do «Departamento» especializado em projetos, em esboços de nossos corpos humanos. São os oleiros da vida espiritual, oleiros que confeccionam o vaso de conformidade com as necessidades de progresso e evolução dos espíritos que vêm animar êsses vasos de carne.

Os vasos humanos são confeccionados de conformidade com a lei do karma, a lei de causa e efeito. Há um fim para o qual os vasos são feitos pelo divino oleiro: «e quando confeccionava, a vasilha partiu, de novo tomou o barro e fez o que lhe parecia bem a seus olhos». Quantas vêzes o «barro humano se quebra nas experiências da vida, quantas vêzes trinca, ficando imprestável, mas, o divino oleiro leva para a roda das vidas sucessivas e confecciona um novo vaso como lhe parece bem a seus olhos; é a própria ação do espírito criando o seu karma que indica a espécie ou tipo de vaso que será a próxima confecção.

O corpo humano é o vaso do espírito, São Paulo foi, nas suas próprias palavras, o vaso escolhido nas mãos do Senhor para levar a mensagem da cruz aos gentios. Ao vermos a sua atuação quando fariseu, «observador rigoroso da lei de nossos pais», tinha a sinceridade no cumprimento das suas funções no templo. Dada a sua cultura, o seu sincero fervor religioso, estava indicado, pelos seus dotes especiaes, a ser o sucessor de Gamaliel. Paulo merecia, do «Departamento da Reencarnação», um vaso especial, de conformidade com os seus dotes espirituais e morais, daí dizer êle «eu fui um vaso escolhido», e, acrescentamos nós, previamente delineado os seus contornos para uma missão sublime, dadas as aquisições feitas no mundo espiritual.

«Como o barro nas mãos do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel»; era a lição espiritual de profundo alcance dada a Jeremias na casa do oleiro. Depois de observado diretamente o trabalho do oleiro, vem a palavra do Senhor dizendo: «assim sois vós nas minhas mãos». E quantos não contendem, quantos não repelem o vaso recebido, vasos disformes, vasos trincados, vasos inúteis para o trabalho, vasos cegos, côxos, mudos, paralíticos, enfermiços... Vasos frágeis. Os possuidores dêsses vasos esquecem-se de que êsses vasos foram confeccionados pela grande e sublime lei da reencarnação, que foi a lei do karma que desenhou e projetou êsse tipo especial de vaso!

E', como diz Isaias, 45, 9, 10, «Ai daquêle que contende com seu Creador! o caco entre outros cacos de barro!» E' a incompreensão dessa lei divina que leva o homem a contender, a inquirir de seu Creador, por que me fizeste assim? Porque sou um vaso sem braços? Por que sou um vaso mudo? Paralítico?! Esquecem-se do que adverte o grande tarsense: «Mas ó homem, que és tu, que Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? ou não tem o oleiro poder sôbre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?» Rom. 9: 20,22.

Sejamos vasos de honra ou de desonra, o oleiro que delineou êsse vaso foi o nosso próprio passado delitoso, pecador. O vaso é confeccionado de conformidade com os traços, com o esboço dados pela vida do espírito, esse vaso será o instrumento de evolução espiritual do espírito imortal, eterno.

Jeremias ouviu a voz diréta e desceu a casa do oleiro, observou o trabalho sôbre as rodas; observou como o oleiro afeiçoava o barro dando a forma desejada na confecção. Logo em seguida veio o ensino espiritual tirado da observação direta.

Muitas vêzes reclamamos do nosso vaso, esquecendo-nos do que Isaias, 64,8 dizia «mas agora, ó Senhor, tu és nosso pai; nós o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós obra das tuas mãos». Esquecemo-nos de que o nosso passado foi feito de trevas e Isaias, 29:15,16 «ai dos que querem esconder profundamente o seu propósito do Senhor, e fazem as suas obras ás escuras, e dizem: Quem nos vê? e quem nos conhece? Vós tudo perverteis! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: não me fez; e o vaso formado dissesse do seu oleiro: Nada sabe».

Na grande roda da evolução o divino oleiro confecciona os vasos humanos. Assim como nos dirigimos ao oleiro para encomendar-lhe um vaso para determinado fim, assim nossos atos, as nossas palavras, o nosso proceder, dão o modelo, o esboço do futuro vaso humano. «Ora, numa grande casa não sómente há vasos de oiro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra. De sorte que, se alguém se purificar destas cousas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda a boa obra». 2.º Tim. 2:20.

O homem (o corpo) é pó e para o pó reverterá — de que formato será o novo vaso? Depende do esboço que estamos delineando no eterno presente!

MAC MAYNARD.

Tatuí, 16 de fevereiro de 1953.

Crônica Estrangeira

E, contudo era uma Verdade

«La Idea» — *Pelo Dr. P. Giannattasio*

«São quatro velhos médicos que, já afastados da atividade profissional, diariamente se reunem para tomar café e conversar, recordando cousas da juventude e da profissão. Certa noite, quando reunidos, um deles, alto, delgado, de larga barba branca, estimado pelo povo, pois humanamente havia cumprido sua missão, estava mais calado do que de costume, diriamos, taciturno. Dispôs-se a relatar um fato por êle observado e que se havia encravado em sua alma. Antecipou que o que ia contar era verídico, ainda que inexplicável para êle, e pediu que não o incomodassem com perguntas de «como podia ser». Começou: «Eu chegara poucos dias antes ao povoado, para me instalar. Sentia-me cheio de otimismo, mas com vontade férrea de trabalhar e distinguir-me. Certa noite, acabara de deitar-me quando vibrou a campaínha da rua. Vesti-me, abri a porta, e deparei com um menino de uns doze anos de idade, metido num trajezinho branco próprio para festa, o qual com palavras atropeladas me pedia que fôsse a sua casa ver seu irmãozinho que estava muito mal. O menino me serviu de guia, pois eu ainda não conhecia as ruas do povoado. Era uma noite fria e escura, soprava vento gelado. Observei com compaixão o menino metido num traje de verão. Êle ia na frente, com passadas quasi de corrida, o que me obrigava a também me apressar. Custava-me a segui-lo. A's vêzes tentava segurar seu braço, mas não o conseguia, êle se escapava como se fôra uma sombra. Chegámos diante de modesta casinha. O menino tocou a campainha. Abriu-se a porta e entrei. Li nos olhos dessa gente o assombro causado pela minha presença. Entreolhavam-se, como que interrogando-se mutuamente. Creio que o meu aspecto de homem demasiadamente jovem, não os impressionou bem. Fui levado junto à cama do menino enfêrmo. Êste estava congesto, angustiado, respirava com muita dificuldade. Um caso de Crupe. Necessário intervir rápidamente. Operar, ali mesmo, sem perder tempo. Tremiam-me as mãos. Era a primeira vez que ia fazer em público, e sem ajudante, uma traquiotomia. Fiz a intervenção, depois de ter, no meu íntimo, recordado meu pai que havia sido médico bom e humanitário. Por fim o menino começou a respirar com maior facilidade. Restabelecia-se à normalidade.

A família mui contente, me ofereceu uma chicara de café. A mãe, que durante horas estivera penando, não se cansava de repetir os agradecimentos pelo que eu havia feito com minha chegada inesperada. Quando eu sorvia o café, levantando a cabeça, vi na parede um quadro em que estava reproduzido o menino que me fôra buscar, envergando o mesmo trajezinho branco de verão. Enquanto eu operava, e depois, eu não mais vira o menino. Manifestei o desejo de revê-lo, que o chamassem; pois êle fôra procurarar-me nessa noite tão tormentosa, fria e escura, eu queria felicitá-lo pela coragem de ter ido a minha casa, insistindo para que eu fôsse ver seu irmãozinho. Os familiares se entreolharam, evidentemente surpreendidos, e quasi assustados. O pai, emudeceu; a mãe rompeu em pranto, e com palavras entrecortadas me disse que êsse era o retrato de seu filho, falecido dois anos antes. Fiquei como petrificado. Pensei estar sonhando. Pedi à mãe que me repetisse o que acabava de dizer. Olhei ao meu derredor, toquei em cada um dos presentes, eu me apalpava por todas as partes para ver se estava desperto e em perfeito juizo, e olhava, e tornava a olhar o retrato. Não havia dúvida, êsse menino do retrato, era o mesmo que fôra buscar-me. Refiro o sucedido, recordo as mesmas palavras do menino, seus gestos. E hoje, a tanta distância do sucedido—recordando todos os detalhes—não consigo explicar-me o fenômeno, nem o tentei séria e severamente.

⁂

Previsão da Morte

De «Estudos Psíquicos»—Por F. Noronha

Do *Diário de Notícias*, de 1.° de Maio de 1951:

Um Homem que afirmou que morreria antes do 1.° de Maio, *mandou fazer o caixão e sepultou-se ontem.*

AMEIXIAL (Loulé), 30 — O sr. Francisco Luis, de 62 anos, casado, residente no sítio de Cavalos, desta freguesia do Ameixial, anunciou há poucos dias à esposa que morreria antes do 1.° de Maio. Manda chamar, disse, os nossos filhos que estão ausentes que quero vê-los todos reunidos pela última vez. A esposa não ligou importância à conversa do marido nem lhe satisfez o desejo, tanto mais que o marido estava de perfeita saúde. O Francisco Luis foi a casa do homem que fazia os caixões, tirou a medida a si próprio e à obra que tinha entre mãos e, como lhe servisse, mandou-a pôr de reserva. Ante-ontem, depois de jantar, reuniu os filhos mais novos que tinha em casa e rezou com êles algumas orações. Findo o ato, os filhos foram se deitar e momentos depois o Francisco Luis já não pertencia ao número dos vivos, vítima de uma congestão cerebral. Cumprira-se a previsão. O seu funeral realizou-se ontem». Tudo isto haverá definição no vocábulo COINCIDÊNCIA?

Minha irmã mais velha, Ana, de certo tempo em diante, dizia com frequência, que não iria além dos 74 anos. Nunca fôra achacada de qualquer morbo que se tornasse crônico e o seu estado de saúde era satisfatório, agradando-lhe o passeio a pé.

Vivia com sua filha e minha sobrinha Adelaide, viúva daquêle funcionário, Castel-Branco, há anos falecido em consequência de queda, quando esperava o elevador no Ministério da Marinha.

A idade anemizou um tanto a minha citada irmã, mas não a ponto de inspirar cuidados ou de impôr-se apêlo a clínico; mas era-lhe presente a idéia da morte em que, não raro, falava.

Nascera na primeira década de um mês de Fevereiro.

Visitando-a eu no Janeiro imediatamente precedente, com demora de mais de duas horas, ao despedir-me, ouvi-lhe que não ultrapassaria o próximo dia 10 de Fevereiro, data do seu aniversário, justamente o previsto por ela.

Com efeito, durante a noite, o seu espirito abandonou o arcaboiço, sem o menor sinal de agonia. Deitara-se e adormecera, sem alteração alguma; o corpo perdeu o hóspede e não acordou.

Eu quisera, materialistas, que me ministrasseis explicação cientifica axiomática de fatos desta natureza.

Muito palavriado, muita loquela, muita retórica, nêste capitulo sem *a* —|— *b*, da matemática, não me servem nem me contentam. Convenço-me com provas e dou ambas as mãos à palmatória, perante fatos que me desmintam.

Outro caso, porém, que tornei público em conferência aos 11 de Dezembro de 1949.

Tenho-o, pela boca de Carlota Zagalo da Costa Neves, viúva de meu primo Germano, José Maria Carlos de Noronha e residente em Almada.

Uma senhora das suas relações, passeando, um dia, na Avenida da Liberdade, foi tomada de assombro, quando a filha, menor de 6 anos, que a acompanhava e, por débil, não fôra até então enfronhada em leitura nem tivera ocasião de escutar conversações relativas, lhe descreveu, minuciosamente, o que antecedera, no local, o estado presente; ou fossem o antigo Passeio Público gradeado e o casario, a oriente, que o camartelo demolidor fizera desaparecer, precedendo anos o seu nascimento.

Esta mesma criança, vendo a mãe lacrimosa, por seu corpinho frágil e enfermiço, disse-lhe, entristecida :

— Não chores mãe, eu morro, mas virá outra menina que me há-de substituir.

A mãe não tardou a ver desencarnada a franzina vidente, ao tempo única vergôntea do casal ; e não tardou também muito a verificar a exatidão profética, quanto à irmãzinha que viria ocupar o seu lugar.

Conheci o marido da aludida senhora, cujo apelido denunciava origem estrangeira, mas a sua fala era nítidamente portuguêsa e êle creio que houvera o berço entre nós.

Marido e mulher são desencarnados, desde algumas décadas, isto é, dos coros que lhes hospedaram as almas no período da ocorrência de que se trata.

Avulta, nos fenômenos constantes do exposto nas presentes linhas, um élo comum : a previsão.

Tanto Francisco Luís, como Ana de Noronha, minha irmã e a menor de 6 anos, anunciaram todos a morte, que se verificou, aqueles relacionando-a com datas certas, e esta acrescentando o pormenor do nascimento de «outra menina».

Cada um dêstes fenômenos está revestido de circunstâncias que divergem e que não denotam desarranjos de mentalidade, fugas ou intermitências de pensamento, em suma, quaisquer impulsos desordenados.

O algarvio revela-se pessoa equilibrada, segura de conceito e procedendo com lógica ; minha irmã, não pobre de ilustração e não destituida de raciocínio, nem atreita a devaneios sinistros, e a criança, ingênua e espontânea, nenhum dêstes indivíduos assoma a nós outros com taras e marcas de vezânia ou indícios de anormalidade.

A Rainha Izabel e o Espiritismo

De «Estudos Psíquicos»

Como dissemos no número de Setembro último, o jornal *La Voz de Galicia* registou o boato de que a Rainha Izabel e o Duque de Edimburgo assistem a sessões de Espiritismo na corte inglesa. Agora é *La Revue Spirit*, de Paris, que se refere ao assunto, como segue :

«Apesar de acolhermos sempre com reserva as notícias de carácter sensacional, registamos a informação de que Isabel II e seu marido, o Duque de Edimburgo, teriam assistido a sessões espíritas «com a mesa de pé-de-galo». Tais sessões teriam sido realizadas em Londres e nos castelos reais, segundo informam *Ici-Paris*, *Echo Dimanche d'Oran* e outros periódicos».

Depois de se referir às convicções espíritas da Rainha Vitória e da Rainha Alexandra, termina com estas palavras :

«Que devemos concluir destas afirmações ? Deixamos o caso aos nossos confrades ingleses *Two Worlds* e *Psychic News*, desejando vivamente que, após inquérito adequado, nos possam responder, sobretudo no que respeita às crenças espíritas da Rainha Isabel e do Duque de Edimburgo, consideradas como certas pelos nossos informadores».

De verdadeiro, nada podemos acrescentar. O que é certo é que ha mais facilidades em Inglaterra, quanto a sessões de Espiritismo.

⁂

Faculdade excepcional

De «Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* de 7 de Fevereiro insere uma notícia acerca de um maometano de Marrocos que é peregrino de Meca e possui uma cadeira no mercado de Marraqueche, onde faz extrações de dentes sem dor que podem considerar-se verdadeiramente extraordinárias.

O Sr. William Harper, de 8, Waterloo Road, Wolverhampton, escreveu ao *Britsh Dental Journal* a descrever algumas coisas inacreditáveis a que tinha assistido e pelos termos usados este senhor deve ser dentista ou ter conhecimentos da especialidade.

O maometano — diz o missivista — coloca um amuleto (um papelucho qualquer) no dente afetado e invoca os seus deuses com os braços estendidos. Depois toca levemente no doente com o dedo polegar.

Assim, uma mulher berbere apresentou-se para tratamento e o Sr. Harper, ao observar-lhe o maxilar, viu-lhe um canino superior esquerdo coberto de goma. A mão do peregrino raras vêzes parecia tocar na boca da mulher, mas a extração fez-se inteiramente. O encaixe do dente ficou vazio e a raiz caiu no chão.

A seguir veio um *tuaregue* do sul de Marrocos e o maometano repetiu o costumado ritual.

«Desta vez — diz o Sr. Harper — vi os dedos de Haakim entrarem e sairem da boca, como se fosse uma galinha a picar o grão, e lá estava o dente com longas e brancas raizes». E nenhum doente mostrou qualquer sinal de medo nem alterou a fisionomia durante a operação. Em ambos os casos houve apenas uma ligeira hemorragia.

O maometano tinha faculdades curadoras, como se vê num caso de afecção dos olhos apresentado por um velho berbere. Com um dos olhos quase fechado, o doente deu alguns passos para o curador, que o observou cuidadosamente, depois de meter a ponta da língua no canto do olho magoado. Recuou um passo, apertou com os dedos o nariz do berbere e o pus começou a sair do canal lacrimal.

Em face de tão estranhos fatos, mais uma vez afirmamos a necessidade de estudar as fôrças subtis da Natureza e de alargar os conhecimentos médicos, no sentido de unificar as terapêuticas existentes. A eloquência dos fatos, que nenhuma teoria consegue impugnar, suplanta a eloquência das palavras e impõe-se a todos, sem excepção.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Todas as noites a «voz» fala na casa do lavrador português

A coisa não é para brincadeiras. O Diabo «deu» mesmo para falar na casa de «seu» Alberto, lavrador português, proprietário de um pequeno sítio no município na Borda da Mata sul de Minas e há pouco tempo chegado do Paraná. O caso está acontecendo desde o mês de Janeiro. Certa noite, o lusitano que reside na humilde casa, com esposa e filhos, ouviu que alguém o chamava. Surprêso, pulou da cama, percorreu a habitação... e nada. Indagou quem o estava chamando. Então o visitante invisível falou :

— Sou o Diabo ! Não me vês, mas eu te vejo...

«Seu» Alberto, com os cabelos em em pé, olhos espantados, tremendo de pavor, não pôde mais. Arrastou a família para o quintal, sem saber o que fazer. O frio era intenso e, depois de um certo tempo, voltou à habitação, na esperança de que o visitante inoportuno tivesse ido embora. Enganou-se, pois o Capeta lá estava ainda, a rir e a procurar conversa. Ninguém dormiu nessa noite. No dia imediato a notícia espalhou-se. «Seu» Alberto foi contar o caso ao delegado Antonio Megale e ao promotor Francisco Sales. Duvidaram da história, julgando que o português estivesse louco. Mas tanto o lavrador insistiu que êles foram ao local do estranho acontecimento e lá o Diabo os recebeu. Não se sabe o que conversaram. A «voz» lá estava, falando em todos os cantos da casa, rindo, num som surdo e próprio do «filho das trevas», segundo os entendidos do assunto.

Daí por diante verdadeiras romarias dirigiram-se à casa do «seu» Alberto, para ouvir o Capeta. A's 20 horas em ponto a «voz» chegava. Dava boa-noite e só parava de saudar quando todos respondiam. Conversava com quem quisesse e, de vez em quando, soltava uma gargalhada infernal. A polícia tomou conhecimento do caso e lá foi também, para o Diabo. Numerosos automóveis paravam na estrada e os curiosos percorriam a pé os dois quilómetros que restavam para chegar à casa do português. Um padre foi chamado para afastar o Tinhoso, mas não conseguiu demovê-lo de importunar o lavrador e sua família. Ante a onda de visitantes, a polícia nada pôde fazer. Mandou todo mundo ao Diabo.

O Capuchinho de Ouro Fino

Entre os interessados em afastar Lucifer, esteve na casa assombrada um capuchinho de Ouro Fino. Foi lá, com sua fisionomia bondosa e enérgica, com sua barba crescida e suas orações. Foi inútil. O Diabo ficou revoltado. Logo de início o frade perguntou qual era o seu nome. A «voz» respondeu :

— Póde chamar-me Francisco.

— Francisco é nome de santo. Você é o Diabo. Seu lugar é no inferno. A «voz» soltou uma gargalhada e gritou :

— Você precisa tirar essa batina e casar. O frade continuou rezando, ante o pavor dos assistentes.

— Por que você está aquí ?

— Ora essa ! Sou amigo do português. Não é mesmo, «seu» Alberto ?

— Raios ! Que és amigo, vá lá, mas já estás sendo importuno ! Diante disso, o capuchinho aconselhou o homem a abandonar a casa. Respondeu o lavrador :

— Daquí não saio daquí ninguém me tira. Comprei a casa com meu dinheiro. A «voz» que vá embora !

E a coisa continuou. Habitantes de Pouso Alegre, Ouro Fino, curiosos de toda parte compareceram ao pequeno sítio do lusitano. A família já está acostumada e ninguém tem medo da «voz». Apenas uma filha do lavrador, segundo informações, recebeu uma bofetada, sem saber de onde vinha. Essa e outras histórias estão aparecendo. «Seu» Alberto não sái de casa e a «voz» não quer sair. Salvo para pagar as visitas, isto ela promete.

Transcrito da «Folha da Tarde» de São Paulo, de 4-5-53.

* * *

Agradecimento

Em virtude da notícia que «O Clarim» publicou sôbre o meu afastamento temporário do serviço da Doutrina, recebi inúmeras visitas e cartas de confrades de diversas cidades, os quais me enviaram palavras de conforto e votos de breve restabelecimento.

Agradeço de coração a todos os que, nêste momento em que a minha saúde acha-se abalada, me encorajaram e alegraram com suas visitas e cartas, pedindo a Deus que lhes proporcione felicidade, paz e saúde.

Onofre Batista.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão de 7 de Fevereiro de 1953

Lida e aprovada a Ata da Sessão de 3 de Janeiro findo, usa da palavra o conselheiro Carlos Jordão da Silva, a fim de ler uma carta que a USE, de São Paulo, encaminha, pelo Sr. Presidente, à Diretoria da Federação Espírita Brasileira, sugerindo que esta promova, em 1954 a realização do II Congresso Espírita Brasileiro, para os seguintes fins :

I — Intensificação do trabalho de Unificação da família espírita brasileira e consolidação cada vez maior desse movimento em torno da Federação Espírita Brasileira, nos termos do inspirado «Pacto Áureo» de 5 de Outubro de 1949 ;

II — Maior e melhor conhecimento e intercâmbio entre as Instituições Espíritas de âmbito estadual do País para mais eficiente congregação de esforços a prol do ideal comum ;

III — Oportunidade para se estudar e planificar uma ação social mais intensa, com maior rendimento e o mínimo possível de dispersão de energias.

Recebida a carta, o Sr. Presidente declara que a levará à Diretoria da FEB, e afirma que tudo fará para que se concretize o projeto da USE, e que, pessoalmente, pensa que o Congresso deverá ser realizado na Capital do Estado de S. Paulo, entre 3 e 5 de Outubro de 1954, a fim de que os espiritas prestem as suas homenagens àquela Cidade pela passagem do IV Centenário de sua Fundação. O conselheiro Jordão agradece a deferência do Sr. Presidente e informa que o Congresso terá todo apoio da USE, ainda que ele se não se realize em S. Paulo.

Ceará — O conselheiro Henrique Magalhães transmite o aplauso da União Espírita Cearense ao movimento de defesa da Doutrina contido na proposta Aurino Souto, afirmando, todavia, não existir, nos centros que lhe são filiados, o problema das praticas e manifestações perturbadoras da pureza da Doutrina.

Goiás — O conselheiro Francisco Nogueira oferece para o arquivo do Conselho, fotografia referente à VII Concentração das Mocidades Espíritas Goianas.

Instruções para o estudo e prática do Espiritismo — De acordo com o resolvido pelo Conselho, em Janeiro, é estudado um roteiro baseado na Organização Federativa do Espiritismo e no «Livro dos Médiuns».

Súmula da Ata da Reunião do Conselho, em 7 de Março de 1953

Pernambuco — E' lida, no expediente, carta da irmã presidente do Instituto Espírita «João Evangelista», de Recife, convidando o Conselho para a solenidade comemorativa do 11.º aniversário de fundação do Instituto, em 7 de Março, e inauguração do Ginásio e da Escola Comercial Espírita «João Evangelista». O Conselho agradece e lamenta não lhe ser possível comparecer à solenidade, em virtude do respectivo convite haver chegado tardiamente.

São Paulo — O presidente justifica a ausência do Conselheiro Carlos Jordão da Silva.

Distrito Federal — Aurino Souto, presidente da Liga Espírita do Distrito Federal, apresenta a seguinte proposta: «Proponho que o Conselho Federativo Nacional sugira à Federação Espírita Brasileira, se dirigir ás Federações, Ligas ou Uniões estaduais, apelando para as mesmas, no sentido de iniciarem uma campanha em favor de nossos irmãos nordestinos, a exemplo do que já vem fazendo a Liga Espírita do Distrito Federal e outras organizações espiritistas, numa demonstração de que estamos perfeitamente compenetrados do nosso dever de solidariedade humana», que foi aprovada pelo Conselho, e remetida à diretoria da F. E. B.

Preceitos Gerais Pró-Unificação do Espiritismo — Foi aprovado o trabalho elaborado, para reger o estudo e a prática do Espiritismo.

João Leão Pitta

Êste nosso companheiro, apesar de se encontrar ainda em tratamento de saude, não está inativo na doutrina e, sempre que se lhe oferece oportunidade, nos manda notícias de suas observações, acabando de nos enviar o seguinte comunicado:

«Os confrades de Cambé vieram buscar-me de avião em Marilia para assistir a Primeira Semana Espírita do Norte do Paraná. Em Cambé foi inaugurado o Lar Infantil «Marilia Barbosa», em homenagem à querida companheira do Prof. Leopoldo Machado. Em Rolandia foi lançada a pedra fundamental do Lar Infantil «André Luiz». Em Arapongas e Mandaguarí foram lançadas as pedras fundamentais dos Albergues a serem edificados nessas cidades. Em Maringá foi inaugurado o prédio próprio do Centro Espírita aí existente, construído em 90 dias e medindo 14 x 20 metros. Em Londrina será inaugurado brevemente um Albergue com 45 camas para homens e 45 para mulheres.

E assim o Espiritismo vem se alastrando também em obras de assistência social, o que quer dizer que os espíritas vêm obedecendo o preceito máximo da lei de Deus e tão bem ensinado e exemplificado por Jesus — o amor ao próximo.

Escola Rural Raquel Figner

Esta Escola, com séde própria em Natal, Rio Grande do Norte, à Rua Baraúna, 1839, Bairro Dix-Sept Rosado, comemorou no dia 30 de Março último, a passagem do seu 30.º aniversário de fundação.

A Escola Rural Raquel Figner já alfabetizou mais de 10.000 pessoas.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Nóvos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2951unse

No. 4 Unavailable

IO XXIX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1953 — N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Doutrina de Renovação . . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Prece e a Fôrça do Hábito . . *Deolindo Amorim*
O Sofrimento e os Animais . . . *Carlos Imbassahy*
Síntese da Evolução Religiosa . . *Leopoldo Machado*
Orientação Matrimonial . . . . . *Tito L. Bancéscu*
O Proselitismo Condenável . . . . *Américo Luz*
Espiritismo é Espiritismo . . . . *Pereira Guedes*
Gôtas de Entendimento . . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Porque não devemos chorar os mortos? *Gilson de M. Henriques*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1953 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Doutrina de Renovação

O Espiritismo é uma doutrina de renovação permanente porque está fundada na vida eterna, na imortalidade da alma, comprovada à saciedade pelos fenômenos psíquicos que se verificam em toda parte do mundo, através de médiuns de todas as raças, crenças e condições sociais, porque a mediunidade não é um privilégio, mas uma faculdade que Deus concede às criaturas. Uns têm essa faculdade mais desenvolvida do que outros ou segundo as suas necessidades ou missão.

O Espiritismo não é, portanto, novo, porque os fenômenos espíritas datam desde a fundação do mundo. E' por isso que se diz que o Espiritismo é tão velho como o mundo. Nós, entretanto, vamos ainda mais adiante ao afirmar que o Espiritismo é mais velho do que o mundo, porque antes da formação da Terra o Espiritismo já existia e dirigia outros mundos, orientando outras humanidades rumo à Perfeição, e isto pelo simples fato do Espiritismo ser a exposição ou a própria Lei de Deus, que tem por base o amor, que é o resumo de todas as virtudes.

Estudando tudo o que se relaciona com a vida, o universo, a divindade e a criatura, ocorrendo que o Espiritismo abrange todos os ramos da atividade e do conhecimento humanos e tudo quanto ainda está fóra da alçada do conhecimento humano. Resumindo o seu gigantesco trabalho e o seu valor como orientador em todos os setores da imensa colmeia humana, o Espiritismo é apresentado como Ciência, Filosofia e Religião, a trindade em torno da qual volitam as criaturas em sua evolução para a conquista da Perfeição.

Do seu estudo, conclue-se que o Cristianismo não é apenas uma religião, conforme o batisaram as religiões mundanas, que no fundo dos seus dogmas e cultos externos guardam interêsses materiais de uma casta e não os interêsses espirituais e morais coletivos segundo os preceitos evangélicos. O Cristianismo é, além de religião, Ciência e Filosofia.

E' Ciência quando Jesus ressuscitou Lázaro, transformou a água em vinho nas Bodas em Caná da Galiléia, multiplicou pães e peixes, evocou os Espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor, e quando Êle mesmo ressuscitou e apareceu aos seus discípulos. Ainda ninguém pode afirmar o meio pelo qual Jesus multiplicou pães e peixes, transformou água em vinho e ressuscitou mortos, por exemplo. As opiniões a respeito são várias e todas bem fundamentadas. A ciência e essência do Cristianismo são demais profundas para, de um golpe, sabermos tudo a seu respeito. Mas já andamos meio caminho, o que quer dizer que não está longe o dia em que poderemos fazer o mesmo. Pelo menos foi o que Jesus afirmou certa vez aos seus discípulos.

E' Filosofia quando Jesus pregou a vida eterna, a reencarnação no seu colóquio com Nicodemos e quando afirmou que há muitas moradas na casa do Pai.

E' finalmente religião quando Jesus ensinou a moral mais pura que conhecemos, através de parábolas e exemplos alicerçados no amor fraterno, por exemplo, as parábolas do «Bom Samaritano», do «Filho Pródigo», do «Credor Incompassivo», etc.

Como revivificador do vero Cristianismo, o Espiritismo apresenta-se, por isso tudo, como a Ciência que descobre os chamados milagres e mistérios de Deus, que as religiões criaram como válvula de escapamento na impossibilidade de responderem com precisão às indagações dos interessados; como a filosofia que dá provas da justiça de Deus em face das desigualdades das condições sociais, intelectuais e morais das criaturas; como a religião que ensina a prática do amor fraterno, que resume todas as virtudes indispensáveis aos que querem ser realmente felizes.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

IX

Na sessão de 6 de novembro de 1952, na Cabana de Canagé, reinava uma tristeza melancólica, misteriosa, vaga, indefinível, oprimindo todos os corações e umedecendo todos os olhos, mas inteiramente inexplicável.

Enquanto d. Dolores Bacelar psicografava mensagens, duas lágrimas silenciosas lhe deslisavam inexplicavelmente pelas faces. Ninguém sabia de onde viera aquela onda de tristeza que invadia todo o ambiente e a todos atingia. Depois tudo ficou esclarecido: achavam-se presentes diversos Espíritos infelizes que virão em breve reencarnar-se na superfície da Terra, em existências expiatórias, já conscientes das dores que terão de enfrentar para vencer, não para se deixarem vencer, como já lhes sucedeu em encarnações pretéritas.

Dentre as mensagens recebidas, duas eram poesias de Hermes Fontes que teve a desventura de suicidar-se, em pleno vigor de seus 42 anos de idade, nesta Capital, aos 26 de dezembro de 1930. Não vamos apreciar aqui a técnica dos versos, a maior ou menor perfeição do aparelho mediúnico em desenvolvimento, mas sòmente o ensinamento doutrinário que os versos nos trazem. São gemidos metrificados e rimados de um grande sofredor. Ei-los:

O Suicida

Não devemos parar em meio da jornada,
receosos da dor, receosos da vida.

* * *

. . . êle deixara o corpo ferido na estrada,
na ilusão de fugir do humano pesadelo . . .
Despertou sob a dor da Alma dilacerada.
Que terrível silêncio... Que ambiente mudo...
Trevas e solidão angustiando tudo!
Sentia-se perdido, envolto em sombra e
[gêlo.

Palpa a treva em torno. Ergue-se. Vai à
[procura
do corpo que deixou como uma veste
[inútil . . .
. . . e o encontra desfeito em lama na se-
[pultura.
Mas a dor que o impelira p'ra a fuga
[da vida,
continuava alí em sua alma contida.
Viva. Real. Concreta. Dolorosa. Dutil.

Revê da vida os dias . . . — «Havia um
[céu, (ou vago
sonho?) pleno de estrêlas, de sóis res-
[plendentes,
sôbre a placidez turqueza de um lindo
[lago . . .
Mas uma vaga . . . (Toda vaga reflete uma
dor . . .) certa vez surgiu e fêz sem dó,
[levando
todos os belos sonhos e ilusões . . . Ma-
[tando
os ideais dos meus tempos adolescentes...
E que é a Felicidade? Ilusão só, em suma.

Tudo mudou. O meu céu ficou plúmbeo
[e frio . . .

O lago sem beleza... E todos os meus
[sonhos
afogaram-se em minh'alma — lago som-
[brio —
e a vida se cobriu de pântanos medonhos!
Eu me deixei levar pelas pútridas águas,
vencido pela dor, pelas múltiplas mágoas.
Os meus dias tornaram-se negros, tris-
[tonhos...

Esqueci que a tristeza anda com a alegria,
e sorrisos e lágrimas, num mesmo olhar
fulguram. Que a Mão que fez a noite,
[fez o dia,
fez a gota do orvalho e a imensidão do
[mar.
E louco, desvairado pelas dores, a esmo,
busquei a morte como quem procura um
[porto
onde possa ancorar em paz e com con-
[forto...
Porém, que decepção... Alí, tudo era o
[mesmo!

Ou pior. Porque antes era só a dor,
mas agora, além da dor, eu sinto o re-
[morso...
Aparição satânica, espectro de horror,
que sôbre tudo e em tudo aparece. No
[dorso
de minh'alma cravou êle as ferinas garras,
como imensas, terríveis e fortes amarras!

Oh! como dói assim viver... Debalde
[grito!
Tenho a boca sedenta e os olhos cheios
[de água...
Mais torturado fico, quanto mais me agito.
As lágrimas aumentam-me as dôres e a
[mágoa.
Sofro. Carrego o Inferno n'alma. Sofro
[e peno,
porque, mísero louco, volvi ao Infinito
pela porta infernal de um copo de ve-
[neno.»

* * *

Não devemos parar temendo a caminhada,
receosos da dor, receosos da vida...
Não devemos parar em meio da jornada.
Sofrimento é ascensão! Sofrimento é su-
[bida
que transporta a Alma para a Divina
[Morada!

Animus aeternus

— Partícula gerada pelo Criador,
Luz infinita que no Cosmos se propaga,
Essência que não pode a Morte de-
[compor, —
a Alma é a chama que oscila porém não
[se apaga,
sob o vendaval de dor.

Há milênios vive a Alma esparsa sôbre
[o mundo.
—Glória, Poder, Tesouros, Honra, Fama...
Tristezas, desenganos, males, do profundo,
tudo se despedaça e morre, volve à lama,
em rápido segundo...

O corpo de Afrodite, e o da flor, e o
[da fera,
O Tempo decompõe, finda, desvanece...
A beleza de Apolo, o lírio, a monera,
tudo no imo da Terra se estingue, apo-
[drece...,
Finda-se a Primavera

— Ela não se desfaz em cinza, em la-
[ma, em nada.
É eterna. A alma, energia divina, é a
[própria Vida.
Quando a morte deparas, num final de
[estrada,
exulta! A Morte é apenas ponto de par-
[tida
para Nova Alvorada!

Quem pretenda estudar a mediunidade só com o cérebro, de um ponto de vista friamente científico, sem interferência da alma e do coração, tem que falhar, não alcançará a verdade. O sentimento, a intuição, a percepção direta da alma têm muito que colaborar nestes estudos.

O simples conhecimento científico materialista não basta para o estudo da mediunidade; por isto muitos homens de ciência têm falhado na interpretação dos fatos mediúnicos. Já foi um grande progresso de tais homens de ciência o reconhecimento da veracidade dos fenômenos. Houve tempo em que tudo atribuiam à fraude universal ou, como se expressou um cientista inglês do século passado: «*A metade é fraude e o resto é má observação*».

Já estamos bem longe dêsse tempo: hoje todos proclamam a veracidade dos fatos, embora muitos permaneçam na impossibilidade teórica de explicá-los, porquê êles são realmente inexplicáveis sem a «*hipótese*» espírita que lhes repugna, por ser a derrocada de seus dogmas negativistas, de toda a atual civilização materialista. Mas os fatos são invencíveis em sua perseverança eterna : repetem-se através dos séculos e milênios, e finalmente terão que vencer todas as teorias que lhes são opostas.

Talvez até mais cedo do que se supõe, surgirá uma nova civilização para a Humanidade da Terra.

Ismael Gomes Braga.

A Prece e a Fôrça do Hábito

(PALESTRA LIDA AO MICROFONE DA RÁDIO GUANABARA — RIO DE JANEIRO — PROGRAMA «SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS»).

UM amigo meu, aliás muito estudioso, disse-me certa vez que não é favoravel ao costume, adotado no meio espírita brasileiro, de se fazer prece nas reuniões de conferências. Não é que o meu amigo e confrade seja contra a prece, como pode parecer. Não. O ponto de vista que êle defende se fundamenta numa razão muito simples : acha o meu amigo que só se deve fazer prece nas reuniões de carácter espiritual, isto é, nas sessões mediúnicas, nas sessões de caridade, por exemplo. Para êle as sessões de conferências não comportam a prece, porque são reuniões mais culturais do que propriamente espirituais; além disto, o ambiente, quase sempre, é heterogêneo. Então, diz êle : a prece, em tais reuniões, é mais uma questão de hábito, uma formalidade. Devo dizer, desde logo, que não concordo inteiramente com o meu amigo, porque entendo que todas as reuniões espíritas, inclusive as de conferências, têm um lado social, cultural ou humano, mas não deixam de ter um lado espiritual. De qualque fórma, a prece é sempre necessária, porque nós nos reunimos para fins espirituais. As conferências espiritas, embora tenham, até certo ponto, um aspecto social, têm o seu aspecto espiritual, porque nós procuramos, na maioria dos casos, receber alguma luz espiritual através da palavra do conferencista. As conferências espíritas, forçosamente, são diferentes das conferênias literárias ou acadêmicas, porque têm objetivos diferentes. Há, porém, um ponto em que o meu amigo tem razão : diz êle que muitas vezes se faz prece apenas por fôrça do hábito, sem homogeneidade de pensamento, sem vibrações afins, sem disposição intima. Neste caso, realmente, a prece é apenas convencional, não passa de mera formalidade. Não se pense, porém, que o meu amigo, por entender assim, seja contra a prece. Absolutamente. Acha êle, como todos nós achamos, que a prece é um ato muito sério, um ato sagrado, e por isso não se deve fazer prece a qualquer momento, não se deve, finalmente, mecanizar a prece. Inegavelmente, o uso da prece, em certos casos, chega a tomar feição de verdadeiro abuso. Faz-se prece por tudo e a propósito de tudo, até para as coisas mais simples, mais corriqueiras. Há ocasiões em que, depois de uma discussão acalorada, depois de certas reações violentas, não estamos em condições espirituais de entrar em harmonia com as fôrças do Alto. Ora, a prece é um meio de que se serve a criatura humana para entrar em comuicação com o mundo espiritual, o recurso de que nos servimos, nos momentos graves, para nos dirigirmos a Deus. E' natural, portanto, que a prece dependa de condições especiais. Enfim, é uma questão de ponto de vista.

A opinião do meu amigo, que não concorda com a prece nas conferências nem nas reuniões festivas, porque acha que a prece deve ser reservada sómente para os atos de puro recolhimento espiritual, sugere outra ordem de considerações. Seja ou não seja necessária em determinados atos, o certo é que o valor da prece já está mais do que demonstrado. A prece é uma fôrça. Chega-se a dizer, e com toda propriedade, que a prece é «alavanca do espírito.» A comparação é um tanto literária, mas é verdadeira. E', portanto, pela prece, mas prece-sentimento, prece-vibração, prece-fôrça, enfim, que nós nos reerguemos espiritualmente quando nos sentimos abatidos pela tristeza, pelo desespêro, pelas angústias. Para isso, porém, é necessário que a prece não seja apenas habitual, não seja apenas uma questão de costume ou de tradição, porque assim a prece é simplesmente maquinal ou mecânica, sem qualquer sentido espiritual. A prece é, acima de tudo, uma necessidade do espírito. Justamente por isso, e neste ponto vou concordar com o meu amigo, a prece deve ser feita nos momentos necessários e com o maior sentimento de responsabilidade.

DEOLINDO AMORIM.

O Sofrimento e os Animais

O problema é um dos mais complexos e complicados, qualquer que seja a doutrina filosófica que o encare.

Será impossível tratar proficuamente de um assunto que requer grande número de exemplos e carece de considerável cópia de argumentos, com o pouco espaço de que dispomos.

Nenhuma doutrina até hoje procurou justificar o sofrimento dos animais. Aquelas que aceitam o princípio reencarnacionista já compreendem a razão das dores humanas; mas pararam aí. Em Espiritismo se sabe que as nossas penas derivam de um passado pecaminoso; que o sofrimento, remindo-nos dêsse passado, conduz-nos às regiões da felicidade. As lições dos Espíritos, nesse terreno, são amplas, claras e concludentes. Elas, porém, em regra, silenciam quando se trata dêsses nossos irmão menores, como lhes chamam, e de onde viemos, necessáriamente, através do plano evolutivo universal.

Se todo o problema consistisse no vocábulo *evolução*, te-lo-iamos resolvido. O animal sofre porque a dor é necessária ao progresso, e só se progride passando pelos degráus dolorosos que o mundo nos oferece, quer se trate do homem, quer do animal.

Não basta, porém. Não basta porque sabemos que a pena está ligada a uma falta: é a lei fatal, inexorável, de causa e efeito. A cada mau ato praticado corresponde uma penalidade, penalidade que se acha em relação com o ato mau. Teriamos, estendendo a lei aos animais, que verificar se êles estariam expurgando as suas impurezas.

A dúvida reside em não podermos compreender como poderiam os animais estar expurgando faltas de que não teriam consciência, sendo êles, como vulgarmente se diz e pensa, irracionais. Além do mais, obedecem a instintos, aos hábitos da espécie, a uma herança imodificável.

Tôda a questão se resumiria em sua irresponsabilidade. Colocada a questão nestes termos, o que nos resta saber é se, de fato, os animais são inteiramente irresponsáveis, ou se nós estaremos certos na definição que damos à responsabilidade. Parece, portanto, que todo o equívoco gira na noção que possuimos do ser, quanto ao livre uso do seu procedimento, ou seja, do modo por que a responsabilidade é encarada.

Segundo a maneira por que a vemos, o índio, o selvagem, o bárbaro e mesmo o semi-bárbaro e muitos civilizados, inteiramente insensíveis, moralmente impassíveis, sem a noção do pecado ou do crime, obedecendo à sua ferocidade nativa, aos seus instintos selvagens, seriam também irresponsáveis. Há indivíduos aos quais a amoralidade é completa; agem de acôrdo com os sentimentos inferiores que possuem, e que mantêm em razão da raça, dos costumes, das necessidades, da falta absoluta de conhecimento, de sentimentos e de luzes. Entretanto, sofrem. O sofrimento é uma das características do planeta. Ninguém lhe escapa.

Não resta dúvida que a responsabilidade dêsses irmãos primitivos não é precisamente aquela que definimos, e o sofrimento, nem por isso, deixa de existir. Por outro lado, como nos parece, é êrro supôr que o animal é apenas prêsa de instintos, quando êle possui inteligência, habilidades, virtudes e vícios, vontade, caprichos, discernimento, ciúme, vaidade, embuste e quasi todos os sentimentos que couberam em partilha às criaturas, em maior ou menor escala, guardadas as necessárias proporções, e tendo-se em vista que os animais se acham muitos graus abaixo de nós.

Aquí é que não nos sobra o tempo para ilustrar as afirmações. Não falamos nos célebres cavalos de Elbelferd e outros animais calculadores, que espantaram verdadeiras assembléias de notáveis com a demonstração de suas aptidões e de uma inteligência às vêzes pouco comum entre os homens.

Basta lembremos o que se passa com as formigas e outros insetos, que se diriam desprovidos de intelecto. Há, entre êsses animais, uma sociedade perfeitamente organizada. As formigas, por exemplo, possuem guerreiros, escravos, operários, espiões, esculcas, olheiros e escutas...

Os formigueiros são verdadeiras obras de engenharia, com canais cheios de cotovelos, esconderijos, postos avançados, panelas, celeiros. Há as encarregadas de vigiarem e guardarem o material; há as operárias, que umas cortam as folhas das árvores e as jogam ao chão; outras as apanham e carregam; tudo já delineado, planejado, sem atropelos, correrias nem confusões; cada qual sabe o papel que tem a desempenhar, salvo algum imprevisto, e então elas confabulam, cochicham, transmitem ordens...

Há as sentinelas, as que ficam vigiando à borda do buraco, ou passeiam em expectativa e alerta pelo caminho. Ao menor sinal de alarma, elas fecham a entrada dos canais, ou, se é uma invasão de outros insetos, logo as guerreiras vêm para o campo e trava-se a peleja com uma tática, uma ferocidade, que se diriam sêres humanos em luta.

Muitos negam haja inteligência e organização entre abelhas, formigas e outros himenópteros e hemipteros. Fabre dizia: «O animal edifica, tece, apunhala ou paralisa como digere ou segrega o veneno de sua arma, a seda do seu casulo ou a cera dos seus favos, sem a menor percepção dos seus meios e de seus fins. O Professor Gaul que também não é muito propenso a admitir a inteligência nesses animalzinhos, reconhece que há neles certos sinais de intelectualidade; nas abelhas, por exemplo, há noções ou informações adquiridas. Kroeber, dos Estados Unidos, informou que as abelhas podem comunicar noções abstratas para usar símbolos e para indicar a direção em que se encontra nectar, e isto com movimentos que implicam uma espécie de operações geométricas, conforme lemos numa crônica de Carlos Dávila.

Os entomologistas modernos já percebem que há discernimento nesses pequenos animais. Conta-nos um engenheiro que vendo suas árvores atacadas pelas formigas, resolveu cercá-las com um vaso contendo um líquido venenoso, que lhes impedisse a passagem, visto que elas costumavam, quando se tratava de água simples, cobrirem-na com uma camada oleosa, que servia de ponte, e continuavam a travessia sem maiores preocupações.

Mas, estacaram diante da solução, e o engenheiro ficou a apreciar e a gozar-lhes o embaraço. Pouco a pouco foram elas desertando, até que, mais tarde, apareceram duas maiorais e ficaram a examinar o local, com ares de grande proficiência e jeito de quem faz grandes estudos. Eram, provavelmente, as engenheiras.

Depois de formal inspeção, foram-se. Foram-se, mas para voltar com um certo número de colegas que vinham com um carregamento exquisito. Em breve armaram ali um pontilhão, e logo vieram outras formigas, atravessaram-no e toda a fila, interminável, escalou a árvore. O engenheiro, abismado, resolveu ceder-lhes o vegetal.

Contou-nos, ainda, o Dr. Carlos Lomba, que colocara num colossal formigueiro umas cápsulas gelatinosas de cianureto de potássio. Essas cápsulas, com a humidade, dissolvem-se, deixando desprender gaz cianídrico, que é mortal, para as formigas. Qual não foi o seu espanto quando viu, no dia seguinte, que as formigas tinham trazido todas as cápsulas para fóra.

Os casos demonstrativos da inteligência dos animais são inúmeros. Todos sabem da abnegação dos cachorros em defesa e salvação de seus amos ou mesmo de amigos da mesma espécie, e das espertezas de que são capazes. Há pouco um macaco fêz a greve da fome porque prenderam o seu senhor e amigo.

Conta um caçador que êle atacara um veadinho filhote. Ao ruido dos tiros, o veado, pai ou mãe, em vez de fugir, precipitou-se e ficou guardando com o corpo o corpo do filho, até que ele pudesse embrenhar-se na floresta, acabando por cair vitima de sua dedicação.

Conheci um cão a quem o dono espancava por ir à rua. Para evitar a pancadaria, ele se deixava ficar em casa, enquanto o espancador ali permanecia, e ganhava a porta da rua logo que o dono se ausentava. E perambulava, rua abaixo, rua acima, em escandalosas farras, até à hora da volta do dito dono. Precisamente a essa hora, o animal se punha numa esquina, apenas com o focinho para o lado de onde vinha o homem, focinho que era uma espécie de periscópio, armado dos dois olhos vigilantes. Mal o patrão apontava, êle recolhia o focinho, invisível de longe, e galgava a porta de casa, de sorte que quando aquele chegava, já encontrava o seu *fiel* animal calmamente deitado, um tanto sonolento, como se ali estivesse pachorrentamente, durante horas.

Morávamos numa localidade servida por estrada de ferro e eu chegava à tardinha de trem. Ora. o meu cachorro, êste caseiro, quase anacoreta, à hora precisa da chegada do trem, lá estava na estação à minha espera.

Vimos uns macacos a chorarem como crianças tomadas de sofrimento. Mas era tudo refinada hipocrisia ; aquêle choro era apenas para levar à comiseração os visitantes e ganharem balas, doces e comesainas, o que geralmente acontecia quando não se desconfiava da marosca. Quando não havia visitantes, tambem não havia choros.

Notei cachorros como pastôres a conduzirem manadas de bois, e usavam de verdadeiras táticas para levá-los para a direita ou para a esquerda, para fazê-los parar, para apanhar os desgarrados. Tudo isso requeria discernimento.

Macacos e elefantes usam de artimanhas e se vingam habilmente daqueles que lhes fazem mal. Contaram-nos que um símio, que apanhára uma surra, escondera-se atrás de um pau, como qualquer malfeitor, e quando o agressor passou por perto, desfechou-lhe uma cacetada. Vingara-se como qualquer sêr humano.

Um elefante, a quem picaram a tromba, esperou tranquila e disfarcadamente o gaiato e quando este de volta lhe passou perto, desfechou-lhe pela cabeça um verdadeiro balde de lama, que absorvera com a tromba. Excusado será dizer que a cena foi saudada com estrepitosa gargalhada.

Tais fatos demonstram habilidade, planejamento, raciocínio e sentimento. Se bem estudarmos o assunto, veremos que os homens estão mais ou menos nas mesmas condições mentais. Há apenas uma questão de graus.

A perplexidade deveria ser quase a mesma para explicar o sofrimento de muitas dessas criaturas. São arrastadas ao mal pela inferioridade de seus sentimentos ; não têm a noção do bem ; não compreendem e mesmo desconhecem o valor das altas qualidades. Seguem os impulsos da alma, impulsos que vêm de longe, contaminados pelas vidas animais, agrestes, selvagens. A purificação se lhes vai fazendo aos poucos, por meio das vidas sucessivas, pelo contacto com a natureza e com os semelhantes, pelo atrito milenário com a vida, pela prática trazida com o correr dos séculos. Esta é a lei da evolução. E os animais, tanto como nós, a elas estão sujeitos.

Vejamos. a responsabilidade sôbre outro prisma. Só depois de certo período evolutivo, só depois de um longo caminhar através de várias existências, só pelo cadinho do tempo, é que a razão vai amadurecendo e nos podemos guiar com segurança pelas estradas da nossa intérmina jornada.

O uso do livre arbítrio é feitura do progresso espiritual. Só se poderá julgar seguro de bem guiar-se quem tem o discernimento esclarecido, e o esclarecimento no discernir é fruto de longa aprendizagem, de quedas e soerguimentos, de lutas milenares, de um burilamento do espírito que só o tempo, a prática e por fim o esfôrço, pode trazer-nos. E ao lado dêles, o sofrimento é a lixívia constante, infalível, imorredoira, que só se irá atenuando à proporção que as impurezas da alma se forem desgastando nesse gigantesco periplo.

A vida animal é um dos seus primeiros degraus ; passamos depois para a vida humana, nos seus diversos estágios, e depois para a dos espíritos superiores, que são aqueles a quem a intuição religiosa já chamava de anjos, arcanjos, querubins, serafins.

E' a ascenção lenta, talvez intérmina, mas sublime.

⁂

De um lado, pois, não se poderá negar a responsabilidade dos animais, embora sem a latitude que as noções atuais lhes conferem. Há neles vontade, critério, apreciação, arbítrio, sentimentos.

O arbítrio é gradativo, evolutivo.

De outro lado, vemos a aproximação psíquica que existe entre as espécies mais adiantadas do reino animal e as menos evoluidas da espécie humana. Não poderiamos estabelecer padrões inteiramente diversos. O encadeiamento na natureza é patente. O que servir para os homens deve, portanto, aplicar-se aos animais.

Longe estamos de apresentar conclusões definitivas. Longe de supôr tenhamos resolvido o problema e dado uma explicação convincente, no que toca ao sofrimento dos animais. São notas que deixamos à consideração dos estudiosos e que poderão servir, quem sabe, a trabalhos ulteriores.

De um fato, porém, devem estar todos certos, é o de que o sofrimento coube a êste mundo e é por êle que galgamos as altas esferas da espiritualidade. Todos sofrem. Êle é o grande purificador, o grande propulsor. E' o veículo para o progresso e a felicidade. Não é uma teoria: é um fato patente.

Os animais, êsses nossos irmãos menores, não poderiam fugir à lei. Caberia aos homens minorar-lhes a triste e penosa condição em que vivem, tratá-los como sêres sensíveis, física, e o que é mais, moralmente. Deveriam ter-lhes compaixão. O animal, se fossem outros os nossos corações, estariam sob a nossa égide, em vez de estarem à nossa discrição, padecendo os maus tratos, as penas, por vezes terríveis, que nós lhes inflingimos.

Tempo virá em que havemos de compreender, que não só os homens, senão tudo o que vive, está debaixo da lei do progresso e da lei das leis, — a lei do Amor.

Carlos Imbassahy.

Síntese da Evolução Religiosa

LEOPOLDO MACHADO

(Continuação).

Aí, numa aldeia pequenina, no seio de uma família protestante, apareceram, entre 1847 e 1848, fenômenos provocados por espíritos, que teriam de ateiar fogo ao mundo, chamando a atenção de todos.

John Fox e família, metodistas, centralizam os fenômenos reveladores, que teriam de revelar uma nova ciência, a reforma do Cristianismo profetizada e uma filosofia profunda.

Aliás, nessa mesma terra, um ano antes, Andrew Jakson Davis profetizara, tomado de espírito que «os tempos estavam chegados e o machado posto à raiz da árvore secular da revelação que não dá mais fruto».

As irmãs Fox, os médiuns, foram envolvidos nas teias de uma história de terrível vingança.

Esta, a história.

O espírito de um bufarinheiro, Carlos Rosma, teria sido o chamariz de grande celêuma que se alevantaria num país protestante, no seio de uma família protestante, negada e afirmada por muita gente protestante.

E vinte séculos depois do advento do Cristianismo ! ! !

O bufarinheiro fôra assassinado por seus hospedeiros, à noite, enquanto dormia. Crime de roubo. E foi enterrado na adega da casa, desaparecendo, depois, os assassinos. O crime ficaria, assim, impune.

O espírito do assassinado veio protestar, depois, alarmando todos que morassem na casa.

Foi isso em Hydesville.

O fato passou, depois, para Róchester, Cleveland, o país inteiro, o mundo. . .

Agitou-se o Protestantismo.

E houve, no meio protestante, choques de idéias, contra e a favor.

Observai bem, leitor amigo :

Dois mil anos depois do Cristo, no meio protestante, que era a mais evolui-

da manifestação do Cristianismo, por interferência de Espíritos e no país mais novo e evolutivo do planeta...

* * *

Na sua agitação sectarista e misoneista, os metodistas cometeram o caso das Irmãs Fox à maior autoridade de sua Igreja — ao rev. Haumond — para liquidar o assunto.

Sério, talentoso, desabusado e veemente, sua opinião seria definitiva.

Mas, o depoimento do reverendo protestante aniquila os adversários gratuitos da Nova Revelação. «Se é obra de Satanaz, como se diz, então, é fôrça admitir que Satanaz se converteu ao Cristianismo, progridiu muito».

E protestantes foram todos os que emprestaram fôrça e calor ao movimento que surgia, a partir de cima para baixo.

Protestante era o Dr. Fish, em casa de quem se fundou o primeiro centro espírita, em 1848.

Metodista era Isaac Post, metodista, que engendrara o primeiro instrumento para gravar a voz dos espíritos.

O Rev. Dr. Pheps, protestante, abriu em nome da ciência e para os espíritos mais indagadores, sua casa a estudos dos fatos. E cientistas da América passaram a se interessar pelo movimento.

Robert Hare, o juiz Edmond, Feminore Cooper, o cientista novaiorquino Dexter, foram os primeiros que se preocuparam com os fenômenos.

E o ano de 1850 ficaria assinalando a vitória do novo movimento, em nome da ciência, com o nome de *Metapsíquica*. E feito o ano primeiro do calendário metapsíquico.

* * *

A França, cuja língua era, então, a língua universal — por isso que se dizia «falar em francês é falar para o mundo»; a França, que era o cérebro do mundo; a França, que ainda não levara suficientemente a sério os problemas da imortalidade; fôra a França a terra escolhida para a codificação da nova Doutrina.

E como foi a codificação?

A nova doutrina havia se afirmado nos Estados Unidos feito uma ciência, o *Modern Spiritualism*. Ou simplesmente. *Spiritualism*.

Nome que ainda conserva até hoje.

Mas, seria na França que a ciência se cristalizaria, por fôrça do renome e do espírito de observação e pesquisa de Charles Richet, a quem muito ficou a Metapsíquica, a partir do próprio nome, a dever...

A Metapsíquica não seria mais do que o estudo científico dos fatos espíritas, e a nova Doutrina ia muito além dos fenômenos, apenas.

Se entrosava fatos, manifestava aspectos morais apreciáveis, e seus conceitos filosóficos, explicando o Universo e a Vida, precisavam ser codificados.

Foi o que se deu na França, através de uma língua diferente da inglêsa.

* * *

A América progredia.

E fazia a mais séria propaganda de sua importância, e do fastígio em que, hoje, se encontra.

Isso, despertava ciumes e inveja.

Principalmente, da França que mantinha a *hegemonia cultural* do mundo.

Dizia-se aí, ridicularizando a América que «da América, nada se podia esperar de bom e de sério...»

E as inteligências formadas sob a influência da cultura francêsa, nutriam os mesmos pontos-de-vista contra a América. Foi o caso de Eduardo Prado, que escreveu a ILUSÃO AMERICANA.

Também se dizia, nos dias do advento do Cristo, que «de Nazaré nada se podia esperar de bom».

E o Cristo nasceu em Nazaré...

* * *

Chegaram à França os primeiros rumores da Nova Doutrina, causando sensação na sociedade francêsa.

Principalmente, nos meios fúteis e elegantes da França, que se preocuparam muito com o espetáculo das *mesas falantes*, das *mesas girantes*...

Paris se divertiu a valer com as tais *mesas*...

Mas, houve também, quem levasse muito a sério tais fenômenos.

Dr. Leon Hipolite Denizard Rivaill teria sido um dos que menos importância dariam aos fatos, a despeito de antigo magnetizador.

De formação católica e de estudos no meio protestante, como substituto direto do grande Pestalozzi, teria, até, dito, impugnando a intervenção de Espíritos nos fatos:

—Ora, aquilo que vem da América pode-se lá ser levado a sério ? !

E insistido por um velho amigo, profundamente bem impressionado com as reuniões que se processavam na casa de Mme. Plainmaison, que o queria arrastar para assisti-las, chegára a dizer:

— Quando me provarem que uma mesa tem cerebro para pensar e nervos para sentir, eu levarei isto a sério ...

É óbvio que não se lhe provou nada.

Mas, ele viu a mesa falar sem cerebro para pensar, e revelar sentimentos sem nervos sensitivos.

E viu que, por intermédio de tais mesas, *Nova Revelação* seria revelada ao povo.

E teve, ainda, a missão gloriosa de ser o codificador da *Nova Revelação.*

Assim, teria que ser nessa França, que nada levava a sério a respeito de problemas espirituais; teria que ser nessa *lingua de falar* ao *mundo;* teria que ser na *civilização cerebro do mundo;* teria que ser, por um espírito desiludido do catolicismo e versado nas coisas do protestantismo; teria que ser pela palavra e pela pena de um homem frio, que hostilizara, a princípio, os fatos, que até desanimara nos seus estudos, a ponto de resolver a abandona-los; teria que ser, em suma, pelo dr. Denizard Rivail, que se apresentaria, codificando a Doutrina, com o pseudonimo de Allan Kardec, que a *Nova Revelação* seria apresentada ao mundo, com o nome de Espiritismo . . .

* * *

O primeiro volume da Nova Doutrina seria o LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Livro ditado pelas entidades que lhe dão o nome, saído em 1857, a 18 de Abril, consubstanciando a sua parte filosófica. Mas, que revelava, a um só tempo, uma grande ciência e uma profunda filosofia, corporificando, portanto, a profecia de José de Maistre.

E seu primeiro grande louvor veio do clero católico.

E da mais alta expressão dêsse clero, o Senhor de Lacordaire, que proferiu, em memorável sermão, na igreja de Montmatre: «Foi Deus que cometeu ao sr. Allan Kardec a missão gloriosa de demonstrar, cientificamente, o que a Igreja ensina e ninguém leva a sério: a existência de Deus e a imortalidade da alma».

Seu superior hierárquico, o Abade da Laçany, endossa o que disse o maior tribuno sacro dos tempos, dizendo, por sua vez: «praticando-se o que se contém no *Livro dos Espíritos*, tem-se feito o suficiente para ser santo na Terra...»

O *Evangelho Segundo o Espiritismo* viria, depois, confirmar o sentido religioso da Nova Doutrina. E seria, concomitantemente, uma prova de que, além do Positivismo do sr. Augusto Comte, surgira Uma Doutrina a confirmar, duplamente, o asserto profético de José de Maistre: que era, a um só tempo, uma *nova religião* que surgia e *uma reforma* do Cristianismo...

* * *

A Nova Revelação — a última interpretação cientifica, filosófica e religiosa do Cristianismo — teria que dar volta ao mundo, interessando, sendo afirmada e negada, discutida em prélios respeitáveis.

E teria que ser estudada, sentida e praticada por vários aspectos e através de várias modalidades.

Apareceu no novo continente e na lingua inglêsa.

Aí, afirmou-se com fundamentos cientificos, interessando sábios, escritores, cientistas, reverendos...

Fôra codificada na lingua francêsa, no velho continente e na terra que era o cérebro do mundo.

Aí, foi revelado, pelos Espíritos, o corpo filosófico da doutrina e afirmou-se ainda mais como ciência, dando origem a uma ciência interessante, a *Metapsíquica*, que é o conhecimento cientifico dos fatos supranormais, obra dos Espíritos *atrasados*.

(Continua).

Uma só é a estrada que nos conduz a Deus. E esta estrada tem que ser construida por nós mesmos e com as nossas próprias obras. — DALVA.

Orientação Matrimonial

SENDO o Espiritismo uma ciência de observação e experimentação, sua amplitude é de tal natureza que de modo algum exclúe a vida prática dentro do conjunto social. Entendemos que a união matrimonial representa um fator de importância transcendental na trajetória terrestre de dois sêres que se decidem a levar uma existência comum, suportando uma luta tenaz e decidida. Da felicidade ou desdita conjugal, deriva, geralmente, o futuro dos filhos do matrimônio.

O ideal espiritista não póde nem deve estar alheio à orientação matrimonial : em virtude, precisamente, de ter o matrimônio levado a termo com madureza de juizo, raízes longinquas em existências terrestres anteriores.

Daí o raio de ação do Espiritismo requerer, para o interpretar com lógica e naturalidade, incessante *luta* nas esferas terrestres, nas quais atuamos. Por isto cremos que as instituições espíritas têm a obrigação moral de abordar em forma pedagógica o problema da importância que assinalamos.

A juventude tem direito ao benefício dêste ensino tão útil como necessário. As escolas de orientação matrimonial desempenhariam, nêste sentido, função social de inegável importância. Dêste modo, se evitariam não poucas desavenças que se produzem nos matrimônios mal ajustados, incapazes de se compreenderem, se tolerarem e amarem de acôrdo com as leis divinas. O Espiritismo oferece antecedentes de inquestionável valor, estabelecendo através das reencarnações que a atual união conjugal não obedece a casos fortuitos, mas a uma relação de fatos preexistentes.

Dois sêres unidos em matrimônio encontrám sérias dificuldades em sua rota, especialmente as de índole econômica e sobretudo efetiva. Cumpre, porém, aqui assinalar que os contraentes, enquanto estavam no espaço, tiveram bastante tempo (já que Deus nada apura) para analisar e meditar sôbre a nova emprêsa que os dois espíritos vão realizar. Claro está que na vida do espírito tudo se contempla com otimismo e se confia na vontade de vencer os obstáculos que examinaram. Dentro da carne e num mundo carregado de egoísmo e malevolência, como o é o nosso, se observa a vida de outros modos, a vontade de vencer fraqueja e o lar matrimonial se converte em inferno. Demais, cumpre observar que nos matrimônios de opulência, a felicidade é ainda mais passageira que nos lares modestos.

A Missão do ideal espiritista é, pois, encarar estas questões com critério didático, afim de formar e reformar juventudes consciêntes para o matrimônio. Êste último tem que desempenhar função sumamente delicada, visto que a formação do lar não consiste unicamente nas partes desfrutarem o ato genésico, nem que o esposo tenha mucama, cozinheira, lavadeira, pagem, porteira e mesmo secretária, sómente ela a trabalhar mais de 14 horas diárias, sem receber salário algum, mesmo que ela, como esposa, por sua parte, disponha de um homem que lhe traga o produto de seu salário mensal e que ela administre à sua vontade. Trata-se, a nosso ver, de algo mais vital : que ambos vivam unidos, na mais completa harmonia e respeito reciproco. Sómente assim o matrimônio poderá ter filhos sadios fisica e moralmente. A educação, disse um grande pedagogo europeu, começa no seio materno, para a qual devem colaborar com máxima eficiência.

Anotemos, de passagem, que um casal conta com três filhos. São três psicologias distintas que é preciso analisar, estudar, corrigir, estimular, polir, aperfeiçoar. Nêste caso, necessáriamente a esposa tem que contar com a colaboração de seu marido, em lugar de aterrorizá-los com a ameaça do pai quando voltar de suas ocupações, inflingindo-lhes castigos corporais por suas travessuras. As travessuras são inerentes a todas as crianças; todos os meninos são travessos. Os inibidos se criam como múmias e depois já adultos, se tornam déspotas.

Mas, voltemos ao nosso problema : a orientação matrimonial dentro do campo espiritista constitúe uma necessidade inegável, especialmente nos países em que grande é a porcentagem de analfabetos. A ignorância que impera entre os cônjuges determina episódios desagradáveis, divórcios e uxoricídios deploráveis, pagando os filhos as consequências dos mesmos. E os pequenos que se formam em lugares desarmônicos, são sêres psíquicamente deformados.

Em suma, procuremos que os organismos espiritistas orientem seus membros jovens pelo verdadeiro caminho, neles criando o sentido da responsabilidade, tão ausente em nossa época, com o objetivo de sairem de nossas fileiras, matrimônios felizes e filhos que sejam verdadeiras fortalezas espirituais, capazes de marcar rumos cada vez mais ascendentes e nobres a seus descendentes.

Tito L. Bancéscu.

O Proselitismo Condenável

Américo Luz

A preocupação de fazer prosélitos, muito justificável nos cristãos dogmatistas como os protestantes e católicos, que crêm sinceramente na maior e quase só possibilidade de se salvarem os profitentes da sua fé, está tomando conta de vários dirigentes do movimento espírita, apezar das luzes doutrinárias esclarecerem o problema de maneira precisa e inteligível.

Tenho ouvido de muita gente bôa, com representação condigna no movimento, queixas e lamúrias relativas ao número diminuto de frequentadores das reuniões espíritas. Talvez se entristeçam tais idealistas com o fato de contemplarem vasias a maior parte das cadeiras das instituições, énquanto que os centros de diversões triviais estão sempre repletos, o que não deixa de ser compreensível e natural. Mesmo assim, não vejo justificativa para certas inovações, muita vez, pouco recomendáveis e comprometedoras do bom nome do Espiritismo, sob o pretexto de que é necessário difundir a Doutrina e atrair para ela as massas humanas. Creio que grande parte desses métodos, longe de atingirem o objetivo que lhes serve como determinante, provocam o descoroçoamento dos verdadeiros propósitos dos seus intérpretes e realizadores, conforme passo a analisar.

Primeiramente, vejamos como se referiu Jesus ao proselitismo dos fariseus:

«Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e depois de feito o tornais em dôbro mais filho de Gehêna do que vós!» (Mateus, XIII-16).

Não se argumente que o Cristo falava aos fariseus daquela época, porquanto no versículo 5 do citado capítulo recomendava: «Fazei e observai, pois, tudo quanto êles vos disserem, mas não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem». Vê-se, concludentemente, que não eram perniciosos os seus conselhos, mas sim os seus atos, servindo, portanto, a advertência do Mestre não só com relação aos fariseus do seu tempo, como aos fariseus de todos os tempos, e também aos dos nossos dias.

A pregação do Messias não encerra um momento siquer de imposição doutrinária, nem de transigência com qualquer tentativa confusionista. Êle discursou perante os homens sem distinguí-los, curou cegos, obsidiados, leprosos e aleijados sem indagar de onde vinham e para onde demandavam. Falou a quantos lhe buscaram o convívio amoroso; mas, não o vemos correndo atrás de seguidores, nem fazendo quaisquer acôrdo com os seus opositores. Pelo contrário, defendeu os seus princípios contra todos os ensaios de deformação: censurou os escribas e os fariseus (Mateus, XXIII), expulsou os mercadores do templo (João, II,14 e seguintes), reprimiu energicamente à ameaça de Herodes (Lucas, XIII, 31 a 33) — e quando foi conduzido prêso à sua presença, soube calar-se (Lucas, XXIII, 9).

No Sermão do Monte, definiu as virtudes essenciais ao progresso humano e, em meio à população do Globo escolheu doze discípulos. Vencidos os três anos do seu messianismo, ascendeu ao Plano Espiritual sob as vistas de poucas criaturas.

Certa vez, ante os protestos de alguns indivíduos que lhe pediam repreendesse os seus discípulos asseverou: «Declaro-vos que, se êstes se calarem, as pedras clamarão» (Lucas, XIX, 39 a 40). Vemo-lo em todas as passagens do Evangelho absolutamente tranquilo, sem jamais apassivar-se diante do problema numérico, face aos poucos que o ouviam e entendiam.

No movimento espírita, entretanto, excedem o limite no que concerne à mania da arregimentação de adeptos. A' custa de tal programa, permitem alguns meios dirigentes do Espiritismo no plano terreno, numa incúria de pasmar, a deturpação do sentimento artístico pela realização de festas deprimentes, as infindáveis campanhas de caráter financeiro mal dirigidas, e até, que a Doutrina seja a torto e a direito confundida com outras manifestações de crença, cujo atraso e absurdez aturdem e amofinam consciências predispostas à aceitação natural dos sadios postulados, que constituem o edifício inabalável da filosofia maravilhosa dos Espíritos Superiores.

A meu ver, os ensaios dessa natureza escapam completamente a tudo quanto se póde fazer pela propagação da nossa amada Doutrina e pela elevação do seu nome perante a Ciência e a Humanidade em geral.

Alan Kardec deixa entrever claramente nas suas obras, que o Espiritismo nasceu para as criaturas que, se não têm firmes os seus caractéres, pelo menos se acham dispostas a melhorá-los. O espírita, digno dêsse nome, precisa ser sóbrio, estudioso e bem intencionado, vigilante e propenso a superar as suas deficiências intelectuais e morais. Há que ser sobremodo sincero, porquanto não existe ambiência no Espiritismo para levianos e incautos, displicentes e vaidosos. O Espiritismo quer a reforma moral do homem ; quer a dignificação dos costumes ; quer a divinisação da arte ; quer a justiça social ; quer a vitória do Evangelho na Terra e a espiritualização da Ciência. Para o alcance dêsses ideiais, outros meios terão de ser empregados pelos seus leais defensores, sem a preocupação do proselitismo a qualquer preço : a realização progressiva de congressos nacionais e internacionais ; campanha e, se fôr necessário até promoção judicial, contra o emprêgo da denominação «espírita» por casas que nada têm em comum com o Espiritismo ; utilização da imprensa para a propaganda equilibrada ; conferências a cargo de conhecedores destacados da Doutrina, nos meios culturais leigos ; mesas redondas para tratamento de temas filosóficos de interêsse relevante ; difusão das obras básicas por processos racionais ; democratização legítima dos processos eleitorais nos Centros, para a escolha de Diretores.

Não há nenhuma necessidade, porque contraria os próprios fundamentos do Espiritismo, de permitir-se a sua desmoralização pelo emprêgo de política tendenciosa com o fito de arregimentar adeptos, e cujo resultado é, via de regra, provocar a confusão da Doutrina com sistemas ritualísticos fetichistas e não raro, amorais.

Nêste particular, aliás, dispendemos de muito boa vontade, classificando os arautos da promiscuidade observada entre macumbeiros espiritistas, como idealistas bem intencionados, pois que repugna a qualquer cardecista sério essa mistura defeituosa de fetichismo e Espiritismo. Volta e meia, deparamos com as manchetes berrantes dos jornais descrevendo ocorrências lamentáveis em terreiros de macumba, aos quais costumam emprestar a denominação «Centro Espírita». Lembro-me de ter lido, há algum tempo, no «Diário da Noite» : «Matou a companheira em plena sessão espírita.» Pelo desenvolvimento da notícia, vê-se logo que o incidente se processara durante uma reunião afro-católica.

O «Diário Oficial» — seção I — na parte destinada às publicações das Sociedades, costuma inserir extratos de Estatutos de entidades umbandistas, que adotam o neologismo criado por Kardec para designação da doutrina que codificou, e que por direito, deveria ser-lhe exclusivo. Até pelos nomes, qualquer entendido em Espiritismo reconhece que não se trata de instituições espíritas : «Centro Espírita Filhos de Ogun» ; «Centro Espírita Nossa Senhora de Fátima» ; «Grupo Espírita Seguidores de Oxalá», etc. Ora, a simples aposição de nomes dessa natureza demonstra que tais casas não são espíritas, porque a doutrina de Alan Kardec não subentende cultos especiais a santos e entidades espirituais próprios das seitas de origem africana mescladas de catolicismo.

O livro de Deolindo Amorim «Africanismo e Espiritismo» afasta a hipótese de qualquer ligação entre os dois sistemas, opostos um ao outro pelos seus fundamentos, mesmo os mais elementares.

Tanto são duvidosos os propósitos daqueles ditos dirigentes do movimento espírita, aplicadores da política de aproximação e entrelaçamento das duas crenças antagônicas, que os seus processos e tentativas são hoje os mesmos de ôntem, no que concerne à passividade com que aceitam e patrocinam a fusão e a confusão, indefensáveis, dos grupos referidos.

Lippman Tesch de Oliver, prefaciando a obra citada «Africanismo e Espiritismo», em 28 de Dezembro de 1946, denunciava com coragem e inteireza: «Avolumou-se a confusão e seus efeitos bem palpáveis se fizeram notar tanto nos meios humildes quanto nas altas esferas, a ponto de certa instituição tradicional, que se erigiu em orientadora do movimento em nossa pátria, ao invés de alertar o público contra a investida dos exploradores e de zelar pela intangibilidade do patrimônio doutrinário, teve a inadvertência de incluir ao lado de seu quadro de sociedades adesas um outro complementar, no qual, sob a rubrica de COLIGADAS, mandou incorporar os «canzeis» umbandistas, disfarçados em agremiações espíritas, com o seu acervo de insanidades e crendices, tudo isso — diziam os espectários para se justificar — objtivando o escopo de converter tal gente a idéias mais sensatas e fazê-la abandonar os sistemas extravagantes de que se utiliza, hoje em dia, na prática da caridade mediúnica, baseados em velhas e ridículas superstições».

Lembremo-nos com Emmanuel (CAMINHO, VERDADE E VIDA — pag. 252), que «não sómente o corpo da criatura humana padece a obsessão de espíritos perversos. Os agrupamentos e instituições dos homens sofrem muito mais». Acresce ainda que «é preciso permanecer vigilante à frente de tais sutilezas, porquanto o adversário vai penetrando também os círculos do Espiritismo evangélico, vestido nas túnicas da falsa ciência».

ESPIRITISMO É CIÊNCIA APERFEIÇOADA, ALTA FILOSOFIA, MORAL INDEFECTIVEL! E' Vida, Luz e Verdade, e, qualquer campanha com a finalidade de deformar ou aleijar os seus postulados reais deve ser taxada de bastarda e imprópria, ainda que partam as iniciativas dos meios mais representativos.

Fiquem, pois, prevenidos os proselitistas inescrupulosos, que o silêncio dos espíritas consciêntes, lídimos defensores, POR DEVER, da integridade da Doutrina, não será suficiente ao seu repouso e à sua tranquilidade. Se êstes se calarem, «AS PEDRAS CLAMARÃO!»

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1953.

Espiritismo é Espiritismo

PEREIRA GUEDES

O Espiritismo em nossa terra, está vivendo a sua hora decisiva, exigindo de todos os seus adeptos francas atitudes.

Se não marcharmos impávidos com a Doutrina codificada, procurando em tudo e sobretudo, prestigiá-la com a nossa conduta alforriada de todos os preconceitos que nos retardam os passos na senda da evolução, resvalaremos por certo, mergulhando-nos nas águas estagnadas da crença cega a que nos querem levar alguns fanáticos e santarrões, enfatuados de uma débil tolerância que mal disfarsaria uma pobre alma atemorizada diante do desconhecido!

Não basta, sabemos, para tornar-se espírita, que se tenha estudado com a devida ânsia de saber, as obras fundamentais, mas, muito menos, que se acredite nas manifestações dos espíritos.

O que é preciso, o que é necessário, é que se tenha um gráu suficiente de evolução espiritual, libertando-nos de tudo quanto até então nos prendia às fantasias nefastas da crendice religiosa, colocando-nos no nível a que a Doutrina Espírita nos conduz, muito acima dos mistérios indecifráveis que ainda hoje servem de sustentáculo ao fanatismo religioso e razões as mais poderosas com as quais os «tubarões» de todas as igrejas vivem da exploração religiosa das massas retardadas e incapazes de penetrar no conhecimento da mais evolucionista das doutrinas até então conhecidas: o Espiritismo.

O inquerito do vespertino «VANGUARDA», sôbre a Religião de Umbanda em face do Espiritismo, é um atestado vivo da nossa ignorância doutrinária e a prova inconteste do fanatismo religioso de um povo crente, sem cultura religiosa; de um povo desprovido dos recursos necessários ao discernimento.

Vêzes inúmeras, mesmo pelas colunas desta Revista, temos ferido o assunto, procurando demonstrar a nossa linha de conduta, sem menosprezar as convicções daqueles que não seguem a mesma estrada que vimos trilhando há longos anos, sob a proteção desses faróis imensos que a Doutrina Espírita nos oferece.

A nossa entrada para o Espiritismo, foi feita através das obras fundamentais, cuja leitura iniciamos no ano de 1918, em Soledade, município de Mar de Espanha, em Minas Gerais.

O «Livro dos Espíritos», em seguida o «Evangelho Segundo o Espiritismo» e os demais livros que constituem êsse imenso patrimônio, foram portas que se abriram à avidez do nosso espírito sedento, mostrando-nos a maior fonte de conhecimentos filosóficos, até então, para nós ignorada.

Há mais de trinta anos, portanto, sem solução de continuidade, vimos nos batendo pela pureza da Doutrina.

A nossa primeira conferência realizada em 26 de Novembro de 1922, na União Espírita «Riopedrense», reproduzida no mês seguinte, sob a presidência de Ignacio Bittencourt, na União Espírita Suburbana, marcou o nosso primeiro grito de defesa da Doutrina contra aqueles que misturavam o Espiritismo com as mais esdruxulas práticas esotéricas, como se tudo isso fôsse Doutrina Espírita.

Já naquela época, quando ainda se não falava em Umbanda, a nossa apoucada inteligência era posta à serviço da grande Doutrina, contra as várias espécies de enxertos que alguns místicos nos pretendiam impôr, alegando como justificativa a semelhança de princípios doutrinários entre o Espiritismo e as várias correntes espiritualistas, mormente as que proclamam as manifestações de espíritos e fazem dêsses fenômenos a principal razão de sua existência, mesmo sem estudá-los como seria mister que o fizessem.

Sem a menor ofensa aos teosofistas e aos esoteristas de então, defendiamos o Espiritismo vítima de tantos enxertos, sem jamais acreditarmos fossemos levados à campanha mais intensa, que é a em que hoje estamos empenhados, procurando sempre e cada vez mais, ressaltarmos os postulados da Doutrina, agora, para muitos, equiparada a simples terreiros de Umbanda, onde a ausência dos princípios doutrinários do Espiritismo é patente.

A nossa luta pela preservação da Doutrina surgiu com o nosso ingresso nas fileiras do Espiritismo, e, desde essa época jamais, convertido aos princípios que se tornaram razões supremas da nossa nova conduta, deixamos de nos bater em favor do patrimônio sagrado, que havemos sempre de defender.

A hora de confusão que estamos vivendo, requer de todos os que pregam, a maior sinceridade e o maior respeito à Doutrina que diz professar.

Ainda êste ano, por ocasião das festas católicas de São Jorge, das quais participam em maior número os umbandistas, como sempre acontece, tivemos a desventura de ouvir através de programas radiofônicos, além do anúncio de uma conferência de conhecido pregador espírita em uma Tenda de «Ogum Guerreiro», que falaria sôbre «O Dragão do Irmão Jorge», cresceu ainda mais a nossa desventura quando, ao microfône, falando a um público talvez mais numeroso, êsse mesmo orador repete, precedida de elogios à Tenda de «Ogum Guerreiro», a palestra que fizera sôbre o «Dragão do Irmão Jorge», derramando-se em malífluas e elogiosas palavras aos crentes de «Ogum», a cujo credo se alia para assoalhar, engazopando a místicos e a incautos que tudo isso, toda essa mixordia de que está constituido o sincretismo religioso que no Brasil se denomina Umbanda, é Espiritismo.

Não tem sido entretanto, inútil, a nossa campanha.

Sabemos que ela produzirá o resultado que se deve esperar: a declaração pública de homens e instituições, expondo o que pensam, como pensam e porque pensam, a respeito da Umbanda em face do Espiritismo.

O que se não póde é permanecer nessa situação confusa, que mais se acentuará se não houver de nossa parte, a necessária e inadiável manifestação pública, definindo a nossa posição de espíritas, acórdes com os ensinos kardecistas.

Umbanda é Umbanda, Espiritismo é Espiritismo.

Rio, Maio de 1953.

Gôtas de Entendimento

Major Levino Cornélio Wischral

Doença — Qualquer enfermidade resulta de conflito sentimental. O coração que certa vez extravasou de ódio, continua retendo êsse terrível veneno nas fibras, enfermando o delicado mecanismo do corpo físico. A saúde se restabelecerá como por milagre se cauterizamos pelo perdão êsse maldito e pegajoso resíduo.

Não despreze, pois, valiosa oportunidade para engrandecer-se a si próprio e ao seu desafeto. O perdão é a alavanca potente que eleva proporcionando paz íntima e saúde constante.

Sofrimento — Toda pessoa que sofre, precisa ela mesma, não outra, nem seu confessor, desenterrar o motivo dêsse padecer, algumas vêzes remoto e bem oculto, lá em algum escaninho da alma. Um exame honesto e penetrante apontar-lhe-á êsse arquívo de aflição, êsse indefinível estado de melancolia íntima que se arraigou na alma. E' uma manchinha negra que o espírito anseia por se desembaraçar. Algumas vêzes ofende-se ao próximo por palavras, ações ou gestos; êsse impensado proceder martirizará a ambos, mesmo parecendo estar no olvido.

Muitos julgam mitigar ou enterrar sofrimentos e dores, entregando-se aos mais funestos vícios e gozos. Nenhum, no entanto, nem mesmo o mais torpe, tem o poder de encobrir ou anular a falta. Passada a repugnante tempestade dos sentidos, volta o poder equilibrado da consciência a fazer as vêzes do bom azeite que flutúa, clamando por socorro, sôbre a água infecta.

Padecer-se-á enquanto não fôr consertado o élo rompido pela discórdia. Urge desarquivar êsse livro amarelecido pelo tempo, cujo registo injurioso exige o mais amplo apaziguamento para que a paz retome às pressas ao devido logar.

A lei do «amai-vos uns aos outros» nunca será contaminada por sentimentos menos puros, nem tão pouco admitirá outras interpretações.

Auxílio — De que maneira e a quem prestar auxílio não nos deve preocupar em demasia. Não perca seu rico tempo refletindo; sature-se, isso sim, de boa vontade e verá que centenas de necessitados, por si sós, irão visitá-los, sem mesmo ter você pronunciado uma palavra sequer. Inexplicavelmente o Alto lhe ornamentará com imanizante luz que lhe proporcionará recursos para assistir aos órfãos de qualquer natureza.

Calúnia — Já nos recomendaram alhures, que experimentássemos elogiar, exaltando nobres qualidades de alguém, em roda onde todos são concordes em maldizer ou caluniar a pessoa visada. Comece treinando e surprêso observará estranhas e esquisitas manifestações advindas dessa sua atitude; conhecerá certas facetas do sêr humano totalmente desconhecidas e perceberá também o enorme esfôrço dos que teriam de empregar cristãmente o «bendizei os que vos maldizem».

Títulos — Seja disputador ambicioso, temível e constante nas lutas pela conquista do maior número de títulos, quais sejam: defensor acérrimo dos fracos e oprimidos; gladiador intransigente contra o vício; combatente intrépido da fraternidade; lutador incansável contra as baixas paixões. Obtidos êsses títulos, fácil chegará a conquistar o diploma máximo: «Campeão do Amor». O feliz possuidor dêsses pergaminhos todos, na certa que então poderá se orgulhar de ser o «mais humilde seguidor de Jesus»

Que título já conquistou você? Jesus espera homenageá-lo em breve.

Agruras — Ouvimos a certos confrades dizerem: «Se eu não fôsse espírita já teria sucumbido, já estaria noutro mundo, tamanhas são as agruras da vida». E' só ao espírita que estão reservadas tão desconfortantes visitas? Por ser espírita recebe êle maior número de provas?

Não, não raciocinemos assim. O budista, o católico, o protestante, todos passam pelo mesmo crivo de experiências, pois, todos desejam, como nós, praticar o bem. O espírita que deveria sentir-se até feliz, por ter o exáto conhecimento das causas é, no entanto, um valente resmungador.

Simplicidade — Os últimos milhões meditam agora ensaiando o passo seguinte para abandonarem as magnificências e os esplendores das naves e dos altares representativos das religiões de culto exterior. A ostentação já não mais empolga; ao contrário, até afronta o humilde, o bem intencionado, o simples. Os aparatosos santuários têm o singular poder de induzir à luxuria, afastando-nos, por isso, da seára de Jesus.

Tornai, por essa razão, as vossas sessões mediúnicas cada vez mais naturais e sinceras; basta lembreis a rústica mangedoura amiga que deu nascimento ao Grande Mestre dos Mestres.

Essa pomposa exposição religiosa, de propósitos pouco divinos mesclados com coisas profanas e banais, acomodava-se com real vantagem, não o negamos, à distante Idade Média; naqueles tempos, porém, já foram os nossos espíritos beneficiados com tais remédios da alma.

Presentemente procuramos a solução do problema que nos livre das vacuidades terrenas e nos donduza à essência divina.

Diferença — Não vos inquieteis, caros confrades espíritas com os adeptos e praticantes de outras religiões. Muitas e muitas vêzes agem melhor que nós.

Se êles forem bons, apenas e muito satisfeitos dirão, ao ingressarem no plano espiritual: «Oh! eu pensei que fôsse diferente».

E lá se vão êles subindo...

Obstáculo — Já reparou como as boas maneiras e especialmente o sorriso solucionam a contento qualquer situação difícil? Por que então martirizar-se?

O sentimento fraterno é para essas ocasiões; é também para uso externo, fóra do lar.

Ultima tentativa — Pela misericórdia de Deus, a mediunidade destinada a espalhar o verdadeiro Evangelho, desabrocha nestes últimos tempos com incrível rapidez, da noite para o dia. Êsse feliz evento invade qualquer setor da atividade. E' um apressado, derradeiro e angustioso convite à humanidade para que retorne ao reino do Senhor.

Nunca se falou tanto em assuntos espíritas pelos jornais, nas revistas, no teatro, no cinema, pelo rádio-teatro, em reuniões e em conferências.

Apático, entretanto, o homem segue adiante, imitando, com perfeição, o autômato de metal, num alucinado desafio dos próximos horizontes de luto. E' por isso, que também marcham, de mãos dadas, o sofrimento e a dôr, aumentando de intensidade à proporção que se afastam de Deus. Os tentáculos dos que se apartam do aprisco do bem, desejam consolar-se, envolvendo maior número de acólitos.

Prece — Toda prece vinda das profundezas do nosso sêr, transforma-se em luz que espanta as trevas e afasta de nossos caminhos os espíritos malfazejos. Isto não é vã literatura, é a relidade, é o que os espíritos superiores descrevem daqueles que se encouraçam na claridade da súplica.

São Tiago, discípulo do Mestre, naquele tempo já nos recomendava no capítulo 5 versículo 13: «Está alguém entre vós aflito? — Ore!»

Quem já teria sentido a insuperável satisfação da prece?

Saúde — Já visitou algum leprosário? Os atacados do fogo selvagem já mereceram sua visita? Já foi ver de perto o que se passa num manicômio ou num hospital de cancerosos?

Não? Infelizmente desconhece o tesouro de sua saúde e ignora, é pena, a excelsa e inextinguível Fonte de todo o Bem. Agradeça aos Céus, contrito e de mãos postas em prece a dádiva do seu vigôr físico.

Seu caso — No longínquo tempo do velho legislador Moisés, vigorava a cruel pena de Talião — olho por olho, dente por dente. Com a vinda do Filho de Deus foi amplamente difundida a mais santa das leis, a do Amor, única que salvaria os homens. Com Kardec, essa mesma lei foi ainda mais dilatada, exemplificada e estudada nas suas causas e efeitos. Lançada a boa semente, há tantos séculos atrás, passamos agora a reexaminar a questão e cremos que a maioria ainda adota a pena de Talião; poucos mal se suportam e um apagado mínimo segue Jesus.

Qual será o seu caso? Naturalmente o último!

Alma Gêmea — Não faz muito tempo, foi o arraial espírita enlaçado por grande confusão entre distúrbios que, sobremaneira, foram de agrado das falanges de espíritos perversos e galhofeiros.

Alma gêmea foi a maçã da discórdia. Alma gêmea, vibração afim, sintonia idêntica, simpatia mútua ou igual, ao ser estudada exercia misteriosa influência, incitando nervosamente alguns ignorantes e incautos estudantes no desejo incontido de abandonarem, como dementes, os filhos e o outro cônjuge, escondendo intentos obscuros sob capa honrosa. Sair loucamente à caça de sua sonhada e fantasiada alma gêmea era o frenesí dos mais afoitos.

Não seriam monstruosos crimes se

essas uniões se realizassem em detrimento a inocentes crianças relegadas à miséria ?

Graças a Deus a inteligente voz do «chega!» ecoou em tempo, do Céu.

Os que já estão unidos pelo matrimônio, lutem e esforcem-se por fazer de seu cônjuge a sua alma gêmea; não a tentem procura-la fóra do lar ; nunca a encontrariam.

Materializando grosseiramente o então agitado problema, poderiamos afigurar mentalmente um órgão de fantásticas dimensões, contendo teclas diferentes aos bilhões. O dedilhar dêsse mar de cordas sonoras, fàzendo as vêzes de almas gêmeas, na certa nos apontará no infinito do espaço e do tempo a nossa única, exáta e correspondente vibração gêmea ou seja a outra metade de nossa eterna sintonia.

Que a precipitação pela escolha daquilo que, por óra, nem idéia temos, não nos seja desastrosa. Tudo virá às nossas mãos no justo momento de o merecermos, não antes; enquanto isso, vibremos em tonalidades cada vez mais sublimes, considerando todos os entes humanos como nossas almas gêmeas.

Para o progresso mais rápido da humunidade nunca as leis da Divina Providência consorciam duas almas do mesmo quilate evolutivo. Pelo que temos observado, compete a mais adiantada exercitar-se no amor, burilando pacientemente a mais retardada, isto pelo menos é o que verificamos na nossa esfera de progresso.

Também o equilíbrio e consequente harmonia do Universo, estão baseados nêsse mesmo conceito, pois, resultam da constante ação e reação de seus elementos componentes, humanos ou não.

Emmanuel, o nosso austero evangelizador espiritual instrúe-nos divinamente a respeito, no título Vida Conjugal — do seu livro «Vinha de Luz».

Lendo-o tereis alcançado mais uma gotinha de entendimento.

Porque não devemos chorar os mortos?

ESTIVE conversando com um velho amigo dos bancos escolares que, há muito tempo não encontrava. É êle hoje um brilhante advogado e pertence a um dos principais gabinetes de jurisconsultos da República.

Na ante-sala de uma importante repartição federal, trocávamos idéias sôbre inúmeros problemas quando perguntei-lhe se conservava ainda sua antiga crença religiosa. Confirmou. Disse-lhe, então, que havia adotado o Espiritismo. Encontrára nêle as grandes soluções que nem a filosofia católica, nem a dos mestres escolares ou universitários — me haviam possibilitado nos vastos domínios da alma e do pensamento.

Julguei que o meu amigo me fosse lamentar e que as suas reações surgissem violentas, no propósito de convocar-me à retratação. Isto, entretanto, não se deu. Tive, ao contrário, a impressão de que o seu espírito anciava por uma oportunidade de esclarecimento. Tal acontecera comigo mesmo, há cinco anos passados.

Sem qualquer outro preâmbulo, tomou da palavra e disse-me que não pudéra compreender a fortaleza espiritual de um certo amigo seu ao assistir o falecimento de uma filhinha e depois o de sua própria mãe. Estranhara-lhe a serenidade com que se apresentára ao serviço nos dias imediatos aos grandes golpes recebidos, como se nada houvera acontecido. Êle, o meu amigo, que apenas conhecera de nome a filhinha e a mãe do seu companheiro de trabalho, encontrava-se de íntimo entristecido. Sentia um nó na garganta e tinha dificuldades em se aproximar do companheiro para lhe apresentar as suas sentidas e tradicionais condolências.

Encorajando-se, foi abraçar e cumprir com o seu dever de solidariedade quando experimentou a grande surprêza de notar no colega, não a personificação da dôr ou do sofrimento, do desespero ou da saudade, mas, encontrar, estampadas na fisionomia do companheiro a tranquilidade, a serenidade e um estado interior de compreensão e de alto domínio, para êle incompreensíveis.

Não sentiu bem uma decepção, de vez que conhecia a natureza dos grandes sentimentos que ornavam a personalidade do outro.

Um problema a mais, porém, ficou fazendo parte dos seus pensamentos e das suas reflexões.

Perguntou-me se lhe poderia esclarecer a respeito da razão dessa atitude, para êle estranha, que assumem os espíritas ante os dolorosos quadros humanos da separação sentimental ocasionada pela morte.

Disse-lhe eu que os verdadeiros espíritas não choram, e não se desesperam por saberem que os espíritos, ao desencarnarem, terminam mais uma experiência no corpo físico e que, despojados destes, se integram na vida espiritual que é o caminho mais próximo para a vida eterna. Que as dôres e os sofrimentos físicos encontram o seu têrmo final e que os desencarnados, a partir dêsse transe, ficam sujeitos, apenas, a influência do poder e da fôrça dos nossos pensamentos.

Si nos deixarmos levar pela saudade e com isso o nosso coração passar a emitir os soluços da alma, na revelação da nossa dôr e do nosso sofrimento, o espírito querido recebe os efeitos desses sentimentos e atraído por êles vem até nós e sofre conosco. Si, ao contrário, pela prece e pelo pensamento fazemos-lhe sentir que o seu estado é melhor do que o nosso e que lhe compete prosseguir no novo caminho evolutivo e não o chamamos inutilmente, então, sim, estaremos cooperando com o desencarnado, estimulando-o para as novas tarefas e concorrendo para que não se afaste dos seus deveres de trabalho e de elevação.

Expliquei-lhe o grande valor da prece e lhe descrevi algumas das paizagens que encontramos descritas nos livros de André Luiz, pelas quais ficámos sabendo que a nossa vida terrena é uma pálida e ofuscada cópia da vida do espírito, como por exemplo, na colônia espiritual «NOSSO LAR».

Contei-lhe, então, o caso daqueles dois desencarnados que pouco a pouco estavam se edificando em tarefas reeducadoras num dos Postos de Socorro, quando foram atraidos ao plano terreno pelas saudades e incoformação de seus familiares que, sem tréguas, emitiam lágrimas sentidas e pensamentos repassados de profunda dôr.

Aproveitando uma próxima excursão de assistentes socorristas que se dirigiriam á terra, ambos pediram e conseguiram autorização para fazerem uma ligeira visita ao lar terreno, onde, pela cooperação mediúnica, pretendiam deixar mensagens de consolo e normas de esclarecido entendimento aos seus familiares.

Mas... ao contacto com o ambiente material, sem que o percebessem, deixaram-se envolver pelos problemas do círculo doméstico — sempre sujeito a êrros e a paixões—e, como nem um dos dois ainda se encontrava preparado para os trabalhos de auxílio aos encarnados, paulatinamente foram arrastados pelas seduções e pelas tentações. Densos fluidos envolveram-lhes os respectivos perispíritos, tornando-os pesados e incapazes de regressarem ao Posto de Socorro, que antes os abrigava e preparava para ascenções aos planos superiores.

Poderemos calcular os grandes prejuizos que tiveram aqueles dois desencarnados. Não prosseguiram os trabalhos de edificação pessoal que empreendiam sob a orientação de espíritos experientes e se lançaram em tarefas para as quais não se encontravam preparados.

Tem aí pois o amigo, uma das razões pelas quais os espíritas não choram nem se agarram a recordações demoradas e dolorosas. Sabemos meu caro amigo que o desencarnado deve estar em melhores condições áquelas em que vivia antes do seu passamento. E, si acaso o seu espírito se encontre necessitando de nosso auxílio, este sómente lhe poderá ser enviado por intermédio de nossas preces, o magnífico e extraordinário veiculo com que nos poderemos comunicar com o Pai.

Gilson de Mendonça Henriques.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

A Morte de Abraham Lincoln

Trad. de ARMANDO SANSÃO

O mais célebre exemplo de um homem prever, em sonho, a sua própria morte, é o de Abraham Lincoln. Um relato completo foi registado pela principal testemunha, Ward Hill Lamon, nas suas «Reminiscências de Abraham Lincoln». Lamon foi um antigo advogado, sócio de Lincoln e, durante a Guerra Civil, Governador do Distrito de Colúmbia. Afortunadamente, êle tomou notas imediatamente após ter ouvido o Presidente contar, pela primeira vez, o seu sonho e Lincoln a êle se referiu, repetidamente, durante os dias que se seguiram. E' evidente que tal sonho oprimiu, pesadamente, o espírito de Lincoln, desde a noite em que teve lugar. Não houve, contudo, na sua profética visão, indicação de tempo. Entre o sonho e a realidade decorreu, de fato, um certo número de dias.

Em virtude da sua elevada categoria e do seu lugar na História, será preferível citar, textualmente, da narrativa de Lamon:

O mais aterrador incidente da vida de Lincoln. escreve Lamon, foi um sonho que êle teve uns dias, sómente, antes do seu assassinato. Para êle, foi uma coisa de fatídica significação e, certamente, nunca um sonho correspondeu, mais exatamente, à terrível realidade... Depois de andar atormentado alguns dias com o sonho, Lincoln parecia não poder conservar, por mais tempo, o seu segredo. Eu vou reproduzir as suas próprias palavras tão aproximadamente, quanto me permitem as notas que eu tirei imediatamente após a sua descrição. Havia, sómente, duas ou três pessoas presentes. O Presidente mostrava-se num estado de melancólica meditação e esteve silencioso por algum tempo. A senhora Lincoln, que estava presente, gracejou com o semblante solene e com o alheamento do marido. Isto pareceu despertá-lo e, sem demonstrar ter notado os gracejos da esposa, disse em tom suave e pausado:

Frequentes Menções de Sonhos na Bíblia

«Parece estranho o quanto existe na Bíblia àcerca de sonhos. Há, penso eu, alguns desesseis capítulos no Velho Testamento e quatro ou cinco no Novo Testamento, nos quais são mencionados sonhos. E existem várias outras passagens dispersas que se referem a visões. Se nós acreditamos na Bíblia, devemos aceitar o fato de que, nos velhos tempos, Deus e os seus Anjos, vieram até aos homens, durante o seu sono, e fizeram com que, em sonhos, de si próprios tivessem conhecimento. Hoje em dia, os sonhos são encarados como simples tolices e raras vêzes contados, a não ser pelas mulheres velhas e pelos jovens apaixonados.»

A senhora Lincoln, neste ponto observou: «Porque pareces tão terrivelmente solene? Acreditas em sonhos?»

«Eu não posso afirmar que acredito — respondeu Lincoln — mas, uma noite destas. tive um sonho que me deixou obcecado. Depois disso, a primeira vez que abri a Bíblia, foi, por muito estranho que pareça, no cap. XXVIII da Gênesis que relata o espantoso sonho de Jacob. Voltei a outras passagens e parecia encontrar um sonho, ou uma visão para onde quer que olhasse. Continuei voltando as folhas da Bíblia e onde quer que pousassem os meus olhos, surgiam passagens estranhamente relacionadas com os meus próprios pensamentos — visitas sobrenaturais, sonhos e visões.»

Ele parecia, agora, tão sério e agitado, que a senhora Lincoln exclamou: «Mas tu assusta-me! O que se passa»?

«Tenho receio, — disse Lincoln observando o efeito que as suas palavras haviam tido sôbre a esposa — de ter errado, referindo-me a este assunto, mas seja como for, a coisa apoderou-se de mim e, como o fantasma de Banquo, não desistirá»

Isto espicaçou, ainda mais, a curiosidade da senhora Lincoln que, enquanto protestava enérgicamente contra qualquer crença em sonhos, fortemente o incitava a contar o sonho que, de tal forma, parecia subjugá-lo, no que era secundado pelo outro ouvinte. Lincoln hesitou mas, por fim, com uma sombra de melancolia cobrindo os seus olhos castanhos, começou :

Uma terrível surprêsa

«Há uns dez dias recolhi-me muito tarde. Pouco depois de estar deitado caí em sonolência, pois estava fatigado, e, em breve, comecei a sonhar. Parecia haver, à minha volta, um silêncio de morte. Subitamente ouvi soluços convulsivos, como se muitas pessoas estivessem chorando. Julguei ter deixado a cama e que vagueava pelo andar inferior. Aí o silêncio foi quebrado por doloridos soluços, embora as pessoas que assim se lamentavam estivessem invisíveis. Andei de sala para sala. Não havia, à vista, qualquer pessoa viva, mas por onde quer que passasse, esperavam-me os mesmos lamentos de dor. Todos os objetos me eram familiares. Onde estavam. contudo, aquelas pessoas que assim se lamentavam como se os seus corações estivessem dilacerados ? Eu estava, na verdade, confuso e alarmado. Qual seria a significação de tudo isto ? Decidido a descobrir a causa de um estado de coisas tão misterioso e chocante. continuei deambulando até a Sala Oriente. Entrei. Ali me esperava uma surpresa macabra. Diante de mim erguia-se um catafalco, no qual repousava um cadáver envolto em vestes fúnebres. Em volta perfilavam-se soldados fazendo a guarda, e uma enorme multidão. Alguns contemplavam lamentosamente o corpo cuja face estava coberta ; outros soluçavam piedosamente.

«Quem morreu na Casa Branca ? — perguntei a um dos soldados.

«O Presidente !» — foi a resposta — «Ele foi assassinado !»

Da multidão veio, então, uma explosão ruidosa de dor, que me despertou do meu sonho. Não dormi mais naquela noite e, se bem que se trate de um sonho, desde então que me encontro estranhamente indisposto.»

«Tudo isto é espantoso» — disse a senhora Lincoln — «Eu preferia que não tivesses contado. Sinto-me contente de não acreditar em sonhos ; de contrário ficaria aterrorizada daquí em diante».

«Bem»—respondeu Lincoln pensativamente—«Trata-se apenas de um sonho, Mary. Não falemos mais nisso e procura esquecer o caso».

Êste sonho foi tão horrível, tão expressivo e tão ligado a outros sonhos e ameaçadores pressentimentos, que Lincoln andava profundamente agitado. Durante a sua narrativa estivera lúgubre e, por vêzes, visivelmente pálido, embora perfeitamente calmo. Falava suave e comedidamente, ainda que profundamente sensibilizado. Em conversa comigo, várias vêzes se referiu ao caso, terminando uma vez com esta citação do Hamlet : «Dormir, sonhar talvez ! Aí está o busilis (1) — acentuando, fortemente, as últimas palavras.

Em certa ocasião, o Presidente aludiu a êste terrível sonho com certo humor. Depois, ficou sério e disse : «Bem. Eu penso que o Senhor, nos seus altos desígnios, tudo acabará bem. Deus sabe o que é melhor».

Estas palavras foram ditas num suspiro em tom de solilóquio, como se não notasse a minha presença.

Lamon continua a sua História

Contudo, no dia do seu assassinato, Lincoln estava mais alegre. Êle disse ao seu Gabinete que havia tido um sonho na noite anterior, o que era muito animador, porque tinha sonhado várias vêzes e sempre antes duma importante vitória da União. Portanto, Lincoln disse que estava confiante de que, em breve, chegaria a notícia da rendição do General Johnston. Êste sonho auspicioso apresentava-se sob a forma de um navio singrando rápidamente e sériamente avariado, enquanto que os nossos barcos, vitoriosos, avançavam em cerrada perseguição. Êle contou também o fim de uma batalha terrestre, com o inimigo em completa fuga, e o exército da União tomando uma importante posição estratégica. Naquêle momento, a recordação daquêle outro sonho, tão assustador, tinha, aparentemente, desaparecido.

Todavia, Lamon contou que naquela noite, depois de Lincoln ter caído sob as balas do assassino e da notícia ter surpreendido a senhora Lincoln, as palavras dela foram: «O seu sonho foi profético!» Não foi sómente o fato de êle ter caído assassinado. O seu corpo estava exposto na Sala Oriente, com uma Guarda de soldados à sua volta, precisamente como êle tinha visto naquela estranha previsão.

---

(1) Nota do Trad. — No original : *There is the rub !* — Vide Dicionário Inglês Português do Pe. Julio Albino Ferreira.

«Revista de Metapsicologia» — Lisboa.

⁂

A Luz nas Trevas

Por Frederico Duarte — Manchester

Devido à fraqueza na minha vista vejo-me obrigado, em dias de sol, a usar óculos escuros. Na primeira vez que saí à rua com êles experimentei uma certa sensação. Em primeiro lugar tendo em frente de mim os vidros escuros, vi-me cônscio do fato de que me serviam de protetores obrigando-me a andar com cautela, empregando os meus sentidos de modo a seguir pelo meu caminho sem qualquer receio. Vi-me por conseguinte protegido por uma fôrça invisível que me guiava e deu ao ouvido mais apuro, podendo ouvir em bom tempo os ruídos e movimentos de automóveis, etc., Munido dos tais óculos escuros realizei a grande importância de ser cauteloso e a evitar qualquer desastre onde não só a minha pessoa como outras fossem envolvidas. Por conseguinte nunca atravessei as ruas a não ser nos lugares marcados para os pedestres.

Ao entrar num ônibus não só o condutor foi muito amável para comigo, como também, não havendo um assento vago, me foi oferecido um, sem me deixar seguir de pé.

Na rua mais duma pessoa tratou de ajudar-me, evitando esbarrar-me com qualquer obstáculo, sendo de fato todos muito simpáticos e amáveis para comigo, julgando eu ser completamente cego ou muito curto de vista.

As suas ações, segundo os espíritos me disseram, foram motivadas por dois objetivos. O primeiro, por caridade e simpatia, e em segundo lugar porque ao verem-me assim às escuras no Mundo Material, atuaram com um certo impulso dando louvores a Deus por não serem também cegos!

Todavia, muitas dessas pessoas se esqueceram logo de mim, quando nos afastámos um dos outros!

Sózinho, nessa escuridão do Mundo Material, fui a caminho do parque que fica perto de minha residência, e alí me sentei num banco. Pude ver e apreciar muito bem as lindas côres das flôres e seus arômas, e muito perto ver as crianças a brincar, pois estavam em férias de verão.

Vieram-me então ao pensamento fatos do passado. Durante a última guerra quando as Sereias anunciavam a visita dos aviões inimigos que nos vinham bombardear, a população na maioria, saía de suas casas e vinha meter-se em «Shelters» públicos ou particulares. Tive por mais duma vez a ocasião de observar a verdadeira união fraternal, de ricos e pobres, todos juntos, não sabendo nenhum dêles se, quando o ataque terminasse, iam ver suas casas intactas. Mais duma vez uma senhora mais corajosa saíu sob a sua responsabilidade e foi a casa buscar um bule de chá e biscoitos para todos. O perigo era assim de todos sem exceção, havendo por conseguinte a união entre êles.

Terminado o conflito, todos seguiram para suas casas, cuidando da sua vida, vivendo como antigamente, esquecendo-se daquele perigo compartilhado entre êles durante a Guerra! Prevaleceu assim o egoísmo, o indiferentismo. Muitos se esqueceram de Deus, e outros só se lembraram do Pai Eterno uma hora aos domingos quando iam à igreja!

As Nações uniram-se de novo para «enfrentar um novo perigo», mas não tratar de evitá-lo!

Não há moralidade alguma entre os «mandões» das Nações do Mundo!

Não existe nêles o verdadeiro senso comum e amor fraternal!!

São uns ingratos perante o Criador!

Como eram horas de ir para casa levantei-me, e não havendo Sol, pus os óculos escuros no bolso, dando graças a Deus por me dar paciencia, estando convencido de que se houver uma nova guerra e o meu corpo for estilhaçado por uma bomba atômica, O MEU EGO jamais «morrerá às escuras».

ESPIRITISMO NO BRASIL

União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo (USE)

Súmula da Ata da Reunião do Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 26 de Abril de 1953.

O Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 26 de Abril p. p. tomou, dentre outras, as seguintes resoluções :

1 — Criar mais dois Conselhos Regionais Espíritas, sediados nas cidades de Marilia e Bebedouro, correspondendo às 13.ª e 14.ª Regiões, respectivamente. Esta decisão implica na criação de mais duas Uniões Distritais Espíritas na Capital, de acôrdo com disposições estatutárias.

2 — Solicitar aos Conselhos Regionais para enviarem, dentro de 30 dias, no máximo, sugestões sôbre a conveniência da criação de outros organismos dessa natureza, pela sub divisão dos atuais C.R.E., atendendo aos dizeres da Circular n.º 56 e possibilitando a D. E. tomar as providências necessárias no sentido de aperfeiçoar a estrutura orgânica da USE.

3 — Solicitar aos representantes dos Conselhos Regionais junto ao Conselho Deliberativo Estadual para remeterem à Diretoria Executiva, um relatório sôbre a situação das Regiões que representam, incluindo a solicitação de providências que julgarem necessárias ao bom andamento das atividades doutrinárias e unificadoras. Êsses relatórios devem ser encaminhados à D. E., 20 dias antes de cada reunião do Conselho Deliberativo Estadual, afim de que a mesma D. E. possa examiná-los e informar ao C. D. E., no momento da reunião, quais as providências tomadas para atender as solicitações feitas ou quais as medidas que sugere para a solução das questões aventadas pelos representantes dos Conselhos Regionais.

4 — Encaminhar às UMES, cópia do esquema para programação das «Semanas Espíritas», elaborado pelo Departamento de Organização e Propaganda, afim de que sejam apresentadas as sugestões que julgarem necessárias, dentro do menor prazo possível, de modo a poder ser aprovado, definitivamente, na próxima reunião do Conselho Deliberativo Estadual.

5 — Concordar, em princípio, com a antecipação do Congresso Estadual de Mocidades Espíritas para os últimos mêses do ano em curso, ficando a D. E. incumbida de estudar os detalhes dessa realização, por meio do seu Departamento de Mocidades, bem como estudar e resolver com o mesmo Departamento, as sugestões apresentadas por algumas organizações de jovens espíritas, reunidas, ultimamente, nesta Capital.

6 — Deligenciar junto ao Exmo. Sr. Governador do Estado, no sentido de se garantir o funcionamento do Centro Espírita «João Candido», da Colônia de Santo Angelo, visando assegurar a liberdade de culto naquêle Sanatório. Para a efetivação de providências para garantia dêsse direito constitucional, o C. D. E. conta com a solidariedade de todas as sociedades espíritas e confrades, intercedendo junto ao Sr. Governador.

7 — Aprovar, por unanimidade, todos os atos da Diretoria Executiva, referentes ao jornal oficial da USE.

8 — Aceitar os pedidos de demissão, apresentados pelos confrades Drs. Julio Abreu Filho e Manoel Paula Cerdeira, de todos os cargos que ocupavam na USE, agradecendo a cooperação prestada por êsses confrades, esperando que os mesmos voltem, em futuro próximo, a cooperar com a USE em seus trabalhos de Unificação da família espírita brasileira.

9 — Eleger o confrade Abraão Sarraf para o cargo de 2.º Tesoureiro, na vaga do Dr. Júlio Abreu Filho; a confrade Professora Luiza Pessanha Camargo Branco para o cargo de 2.º Secretário, preenchendo a vaga deixada por Abraão Sarraf em virtude da eleição deste para outro cargo e, finalmente, o Dr. Ary Lex para o cargo de 1.º Secretário, na vaga deixada pela professora Luiza Pessanha.

Assim procedendo, o Conselho Deliberativo Estadual teve em vista colocar esses Diretores nos cargos correspondentes aos Departamentos em que cada um deles se encontre mais integrado.

Dessa forma, de conformidade com disposições estatutárias, ficou o Dr. Ary Lex como elemento de ligação entre a

D. E. e o Departamento de Mocidades, a Professora Luiza Pessanha Camargo Branco como elemento de ligação entre a D. E. e o Departamento de Organização e Propaganda e o confrade Abraão Sarraf como elemento de ligação entre a D. E. e o Departamento de Publicidade, onde já vêm desenvolvendo proveitosa atividade.

10 — Lamentar a ausência dos representantes da 1.ª, 2.ª, 4.ª, 6.ª e 9.ª Regiões, embora alguns tenham justificado, telegraficamente, a impossibilidade de comparecimento dos representantes efetivos e seus suplentes.

11 — Apresentar aos familiares dos confrades Drs. João Mascarenhas Neves, — Presidente do C. R. E. da 3.ª Região, — e Fábio Montenegro, — membro do Departamento Jurídico da USE, — os pezares desta entidade pelo recente falecimento dos mesmos.

12 — Convocar o C. D. E. para nova reunião, no dia 26 de julho vindouro, às 9 horas nesta Capital.

«Unificação» — O conselho Deliberativo Estadual tomou conhecimento e aprovou todas as providências tomadas pela D. E. no sentido de assegurar a breve circulação do jornal oficial da USE, aprovando a organização do *Conselho de Redação* integrado pela maioria de membros da D. E. e outros cooperadores, garantindo, assim, o pensamento da entidade e dando forma coletiva a esse empreendimento, de acôrdo com disposições estatutárias e finalidades da USE.

Sêlo: — O C. D. E. foi informado de que o sêlo para arrecadação de recursos para a USE, será distribuido dentro de breves dias, depois de ter sido cuidadosamente estudado pela D. E, quanto ao seu modêlo e confecção.

Conceituação do termo «Espírita»: — O C. D. E. tomou conhecimento das providências tomadas pela D. E. referentes ao trabalho de esclarecimento da diferença existente entre Espiritismo e Mediunismo e consequente necessidade de conceituação do termo «Espírita», coibindo o desvirtuamento das práticas doutrinárias e o uso indevido dessa designação para sociedades e práticas que nada têm a ver com a Doutrina Espírita. Nêsse mesmo sentido, o C. D. E. tomou conhecimento da manifestação de desagrado feita pelo representante da USE no Conselho Federativo Nacional, — confrade Carlos Jordão da Silva, — em virtude da inoportunidade da divulgação de uma entrevista concedida à um Programa Radiofônico do Rio de Janeiro, dificultando o trabalho de conceituação do termo «Espírita», bem como pelo uso indevido dos endereços de sociedades espíritas, organismos da USE e pessoas, fornecidos por esta entidade à F. E. B. em caráter privativo, em vista da utilização dos mesmos endereços para a distribuição da entrevista em aprêço.

2.º Congresso Espírita Brasileiro — O C. D. E. tomou conhecimento das providências tomadas pela D. E. para garantir a realização do *2.º Congresso Espírita Brasileiro*, nesta Capital, em Outubro do próximo ano, em vista da concordância da F. E. B. e do seu Conselho Federativo Nacional.

Nessa ocasião, será também possivelmente, realizado, o 2.º Congresso da Mocidade Espírita do Brasil, de acôrdo com as providências e entendimentos que a USE vem realizando nêsse sentido.

São êsses, em resumo, os principais assuntos constantes da ata da reunião do Conselho Deliberativo Estadual, realizada no dia 26 de Abril de 1953, nesta Capital.

Fraternalmente
USE
União das Sociedades Espíritas do
Estado de São Paulo
Diretoria Executiva
Carlos Jordão da Silva
Secretário Geral.

«Unificação»

Já está circulando «Unificação», órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE).

O seu primeiro número saiu a lume em Abril último, contém 8 páginas impressas em ótimo papel, formato 1/4 Germania. Insere noticiário do país e do estrangeiro, bem como artigos dos mais apreciados escritores espíritas da Paulicéia.

A' «Unificação», que é mais uma notável realização espírita, votos de felicidade na sua árdua, mas nobre missão de espiritualizar e evangelizar a humanidade.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples Cr.$	40,00
	Semestre	— „ „	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	50,00
	Semestre	— „ „	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2961unse

NO XXIX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1953 — N. 6

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Implantando nova era . . . . . . Redação
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . Ismael Gomes Braga
Ernest Thompson como eu o conheço Frederico Duarte
Síntese da Evolução Religiosa . . Leopoldo Machado
«Uma Grande Vida» . . . . Deolindo Amorim
Ser Completista . . . . W. Vieira
Reencarnou você assim ? . . . . Maj. Levino Cornélio Wischral
Uma Conversão . . . . Júlio de Sousa e Costa
Novas Reflexões sôbre Umbandismo e Espiritismo . . . . Américo Luz
Livros em desfile . . . . Delfino Ferreira
Um Lar Diferente . . . . . . Erasmo Porangaba
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação
Espiritismo no Brasil . . . . . . Redação

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das grandes dificuldades que surgiram ultimamente em consequência do elevado custo de vida, somos forçados a aumentar o preço das assinaturas anuais desta publicação, sem o que não será possível a sua manutenção.

Assim, do mês de Agosto em diante, passa a vigorar a seguinte tabela:

Ano —	ASSINATURA SIMPLES	Cr.$ 50,00
	SEMESTRE »	» 25,00
Ano —	ASSINATURA REGISTRADA	Cr.$ 60,00
	SEMESTRE »	» 30,00

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1953 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

— Implantando nova era —

MANIFESTANDO-SE por simples «raps», que no entanto não deixaram de abalar as convicções filosóficas e religiosas de eminentes personalidades, o Espiritismo, que é mais velho que o mundo, por ser precisamente a Lei de Deus, lei executada pelos Espíritos Superiores, conquista, cada vez mais, milhares de profitentes, aos quais apresenta fatos, lógica, coerência nos seus princípios, envolvendo no seu campo de ação a Filosofia, a Ciência e a Religião e solucionando satisfatoriamente todos os problemas humanos que vêm desafiando os maiores sábios e políticos, que até agora se mostraram impotentes para fazer imperar no mundo a paz e a justiça social.

A humanidade está se movimentando para galgar um novo ciclo na sua longa caminhada para a conquista da suprema perfeição, mas, a sua entrada neste novo ciclo, que marcará a sua libertação de um longo e penoso cativeiro nas dobras da materialidade, não se fará sem pesadas provações, as mais duras provações de toda a sua História, porque são o resultado das revelações apocalípticas, no momento em marcha ativa para o seu cumprimento.

E enquanto as revelações Apocalípticas começam a se realizar, outra revelação brilha nos horizontes da vida humana como um sól sem ocaso — o Espiritismo, o Paracleto da Promessa do Cristo de Deus. E por que essa coincidência ? É que as creaturas, no meio das tempestades apocalípticas, só encontrarão um consolador que lhes abra as portas da esperança e as sustente nas suas grandes dôres, o véro Cristianismo revivificado em sua pureza primitiva pelo Espiritismo, o Consolador ou Espírito de Verdade.

Embora seja mais velho que o mundo, o Espiritismo tem aproximadamente um século, em sua nova fase de apresentação à humanidade. Êle acompanhou os profetas da Velha Dispensação com o nome de Jeová, deu a Moisés as Táboas da Lei no Monte Sinai; acompanhou Jesus Cristo com o nome de Milicia Celestial, e agora está no mundo com este nome — Espiritismo, — e seus componentes, os Espíritos Superiores, que executam a Lei de Deus no Universo são mais numerosos que as areias do mar.

Fato singular e que nos leva a acreditar piamente no valor do Espiritismo, ainda que não tivéssemos provas tão positivas da sua veracidade, como as temos, é que em apenas um século essa excelsa Doutrina fez muito mais que as seitas humanas religiosas em quasi dois mil anos. E' que, fundada nos fatos comprobativos da existência e sobrevivência da alma à morte do corpo, esta Doutrina, tem como código de moral o Evangelho de Jesus Cristo, tanto mais que é ela o Paracleto da Promessa, quando

Jesus disse: «mas o Paracleto, o Espírito Santo, a quem o Pae enviará em meu nome, êsse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse».

Efetivamente, o Espiritismo está ensinando tudo o que se refere à alma, sob o escudo do Evangelho. E os ensinos vêm do Alto, dos Espíritos, não sendo os homens mais que instrumentos de difusão, sobretudo os médiuns.

A luz que o Espiritismo espalha é, na sua substância oculta, mais brilhante que a luz do sol. E a prova está na reforma intrínseca dos seus profitentes, cuja fé já está removendo montanhas e transplantando sicômoros se quisermos apontar apenas os frutos de suas obras no campo da assistência social. A boa vontade faz milagres, se de fato houvessem milagres, é o que nos salta à mente quando vemos as obras espíritas, tais como sanatórios, ginásios, albergues noturnos, lares para crianças e velhice desamparadas, etc. Muitas dessas obras recebem subvenção dos Governos federal, estadual e municipal por serem consideradas de utilidade pública. E por que se empenham os espíritas na realização de empreendimentos de vulto em benefício dos seus semelhantes? — Naturalmente porque sabem que o mandamento maior de Deus é o amor ao próximo, sem o que a felicidade não póde existir num mundo onde, frente à miséria de milhões de creaturas, um cristão de verdade não póde ser feliz, ainda que possúa muita saude e bens terrenos. Compreende, o espírita que, para ser realmente feliz, precisa se empenhar, com todas as fôrças do seu entendimento, alma e coração, no trabalho santificante do amor do próximo, plenamente certo de que a sua verdadeira felicidade deve ser o fruto da felicidade dos seus semelhantes em marcha com êle para os mundos reservados aos sêres superiores.

O advento do Espiritismo, marcou, portanto, uma nova era na vida da humanidade, em que as creaturas, sob a égide do vero Cristianismo, estabelecerão no mundo o reino de Deus, tanto mais que essa excelsa Doutrina tem por um dos seus fundamentos a Imortalidade da alma, de onde parte a solução de todos os magnos problemas humanos e a resposta para todas as indagações que assaltem o cérebro das creaturas. O que a ciência, a filosofia e a religião não puderam ou não quiseram realizar em pról do nivel intelectual, espiritual e moral da humanidade, o Espiritismo está realizando plenamente, com os homens, sem os homens e apesar dos homens, porque não é êle o produto de concilios humanos, mas sim a Lei de Deus em plena execução.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

X

Na sessão de 13 de novembro de 1952, a médium Dolores Bacelar recebeu longo capítulo do romance «*Às margens do Eufrates*», linda mensagem doutrinária em prosa e um soneto de Da Costa e Silva. Só deste vamos aqui tratar por amor à brevidade.

Antônio da Costa e Silva nasceu na cidade de Amarante, Piauí, a 23 de Novembro de 1885. Cursou a Faculdade de Direito do Recife até o 3.º ano, abraçando depois a carreira de Fazenda. Publicou «*Sangue*», em 1908, «*Zodíaco*» e «*Vehaeren*», em 1917, «*Pandora*», em 1919, «*Verônica*», em 1927. Deixou inacabado outro livro, «*Alhambra*». Longa enfermidade lhe inutilizou os últimos dessessete anos de vida. Faleceu em junho de 1950, no Rio de Janeiro, vitimado por um ataque cardíaco.

Sua obra poética acha-se reunida em um volume de 300 páginas com o título «*Poesias Completas de Da Costa e Silva*», editado por «O Cruzeiro», do Rio de Janeiro, em 1950.

Acha-se na página 43 desse belo volume o seguinte soneto:

Lacrimae semper

Ai! por que todo ser nasce chorando?
Homem — Jesus num hôrto de gemidos —
Nasces, as cinco chagas dos Sentidos,
No Óleo Santo das Lágrimas untando!

Como nascer entre sorrisos, quando
Te canta a Dor nos nervos, nos tecidos,
Te queima o sangue e cerra os teus ou-
[vidos,
Os teus olhos em lágrimas banhando?...

Nascer chorando é o vaticínio, o agouro
Dos dias 13, do Perpétuo Chôro
Da Vida, ao vivo que se desenterra:

Sair de um ventre para um outro ventre
E achar ventura muitas vêzes entre
Sete palmos do ventre da Mãe Terra!

A primeira edição deste soneto foi no livro «*Sangue*», publicado em 1908, no Recife, quando o poeta era um jovem de 22 anos de idade. E' um lindo soneto, mas tem como rimas pobres: *chorando, untando, banhando.*

Em 27 de Janeiro de 1952, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, nos reaparece o poeta com o seguinte soneto que foi publicado em Reformador»:

Reminiscência

Nova luz!... O Universo fulgurando...
Canópus, Altair, Antares, Lira...
O espaço imenso, a glória que se estira...
Nebulosas e sóis, fugindo em bando...

Mas volvo à Terra, súplice, rezando
Nas preces da saudade que me inspira!...
Meu berço... o rio... a mata que suspira
Ao mugido dos bois e ao vento brando...

Meu velho lar contemplo triste e mudo...
Tudo volta e revive... tudo... tudo...
Ah! terrível saudade, duro açoite!...

Além do Grande Além, resplende a vida...
Mas prefiro a ventura indefinida
De chorar o passado sob a noite...

Vejamos agora o novo soneto, recebido pela médium Dolores Bacelar em 13-XI-1952:

Aurora

Aurora... Ave cantando na luz do Arrebol,
Aos homens, novo dia, alegre anuncian-
[do...
Aurora..., O orvalho, as lágrimas tris-
[tes, secando
Sob o calor divino dos beijos do sól!

Às trevas, para longe, célere afastando,
A luz envolve tudo qual branco lençól...
E o Bem, celeste Aurora, rútilo faról,
Às almas, o Caminho dos Céus, clareando!

Aurora... Canções das aves alegrando
[o dia...
Desperiar de Esperança n'alma que dor-
[mia,
Mergulhada na treva, esquecida da Luz...

— Anjos, Santos e Arcanjos, aves do In-
finito,
Anunciai à terra, num Canto bendito,
O despontar da Aurora da Era de Jesus!

Não serão do mesmo poeta estes três sonêtos? Até a rima pobre, *anunciando, secando, afastando, clareando,* aqui está de novo para identificar o autor, demasiado grande para cuidar de ninharias. Lá está ela também no segundo soneto, recebido por outro médium: *fulgurando, rezando,* como gosto do bardo.

O artista é o mesmo, mas melhorou muito em ideal: cresceu espiritualmente. Aos 22 anos de idade era um pessimista, considerava a vida um perpétuo chôro; em Janeiro de 1952, ainda se manifesta muito prêso pela saudade às coisas da Terra; em Novembro do mesmo ano já nos fala como pregador de um grande ideal, da tranformação da Terra em mundo feliz, no predomínio do bem em «*O despontar da Aurora da Era de Jesus*». E, pouco acima, nota-se que sua alma despertou para a vida eterna. Diz:

«Despertar de Esperança n'alma que dor-
[mia,
«Mergulhada na treva, esquecida da
Luz...»

Sua poesia hoje não é simples arte sem outra finalidade, é pregação do Evangelho na mais linda das formas; é preparação dos homens para uma vida maior. Nunca os ensinos celestes desceram à Terra em forma tão elegante e artística como nestes últimos anos. Os livros dos profetas antigos, os Evangelhos, o Apocalipse são em prosa muito pobre; toda a sua fôrça, o poder que os eternizou está em seu espírito imortal que falou diretamente à alma imortal do homem. Este mesmo espírito imortal, graças ao progresso das letras, nos vem hoje em vestes artísticas, e também por isto imortais, dizer :

«—Anjos, Santos e Arcanjos, aves do
[Infinito,
Anunciai à terra, num Canto bendito,
O despontar da Aurora da Era de Jesus!».

Ismael Gomes Braga.

Ernest Thompson como eu o conheço

Por FREDERICO DUARTE

Durante êstes últimos anos Ernest Thompson o fundador e editor do «Psychic Realm», semanário publicado em Manchester, causou uma grande sensação na Gran Bretanha e no estrangeiro, não só nas fontes tradicionais como em novas esféras.

De especial importância são as suas pesquisas no ambiente científico pela aplicação da eletricidade no contato com o «Além».

Em Junho de 1952, Thompson e os seus cooperadores, já receberam os primeiros sinais inteligentes por telefone, fazendo parte do circuito de um novo instrumento especial denominado «Teledyre». Thompson é o fundador da «Spirit Electronic Communication Society», que conta com membros não só na Gran Bretanha como em muitas partes do mundo.

Tem sido um grande trabalhador em relação à educação espírita, e em 1946, fundou o «National Education Scheme» da União Nacional dos Espiritistas, contribuindo com quatro magnificos trabalhos, muito instrutivos, ou sejam, «The Teachings and Phenomena of Spiritualism», «The History and the Science of Spiritualism», «The Philosophy and Religion of Spiritualism», «The Encyclopaedia and Compendium of Spiritualism».

Está presentemente ocupado em escrever quatro novos livros, todos êles relacionando-se com o Espiritualismo no Futuro, nas mudanças que se virão a dar durante os próximos cem anos. Nêstes seus novos trabalhos envolve uma nova Fisiologia.

Em 1942 foi nomeado editor do «Two Worlds» lugar que ocupou até fins de 1952. Está hoje considerado como uma figura de destaque no meio espírita internacional, sendo os seus livros muito lidos por todos aqueles que se encontram interessados na Causa Espírita.

Em reconhecimento aos seus serviços meritórios, foi feito «Fellow» da Spiritualist National Union, em 1948. Possúe diversos Certificados de Mérito, pelo seu trabalho. Suas pesquisas e experiências vão para 25 anos, sendo homem mais novo do que eu, mas que durante êsse tempo tem tido prática e ob-

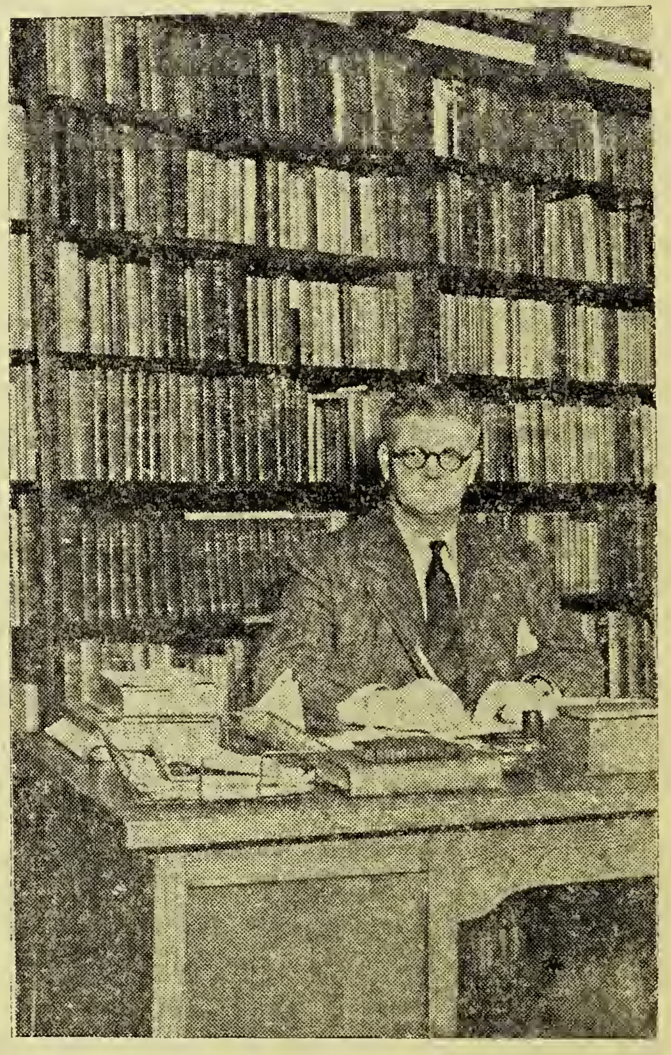

Ernest Thompson no seu Gabinete de Trabalho servado por assim dizer toda a classe de fenômenos, muitos dêles na minha companhia, e falado muitas vêzes em inúmeras cidades da Gran Bretanha. Antes de vir para Manchester viveu em Newcastle, onde fundou o Instituto de Investigações Psíquicas, e em Manchester organizou uma dessas Sociedades de Investigações.

Durante o Centenário celebrado em 1948 em Londres, ganhou o primeiro prêmio numa competição geral mundial, onde as melhores téses foram apresentadas, e no mesmo ano foi convidado a fazer uma Conferência no Congresso Internacional dos Espiritistas, a qual falou sôbre a comunicação científica com o Mundo Celestial. Durante uma entrevista que tive com Thompson disse-me êle : «não está muito distante a data em que o Espiritismo será fundado na comunicação científica com o Mundo Espírita, causando isso uma revelação em todo o Mundo, principiando uma nova era em que o materialismo será uma coisa secundária, na vida de todas as gentes. A comunicação científica será tal que unirá ambos os nossos Mundos e será estabelecida entre ambos a «Sociedade Cósmica» onde o Espiritualismo prevalecerá para sempre».

Síntese da Evolução Religiosa

LEOPOLDO MACHADO

(Conclusão)

Os Espíritos de Luz não se preocupam com os fenômenos que vão entusiasmando os nossos Charles Richet e William Crookes, pois se trata de fenômenos tangíveis, obra de espíritos inferiores. Só em caso especial, pode um espírito adiantado se preocupar com tais fatos, diz Allan Kardec e é fato.

Donde decorrer que são os atrasados e perturbados da Espiritualidade que vêm convencer os nossos cientistas...

E, feito mais ciência do que filosofia e religião, penetrou a Alemanha, povo de outra língua, interessando um Fred Zoëllner; penetrou a Russia, língua diferente, revelando um Aksakoff; desceu à Itália, afirmando-se pelas monografiias admiráveis, principalmente, de um Bozzano; subiu á Inglaterra, interessando formidavelmente, ao Allan Kardec do espiritismo científico, Crookes, e mais a um Alfred Russel Wallace, e mais a um Cronwell Varley.

Na Espanha, língua diferente, teria que sofrer a perseguição do Bispo Malan, de Barcelona: arrastada a público auto-de-fé na praça pública, com todos os ff e rr das velhas práticas católico-inquisitoriais. Fato que ficaria na História do Espiritismo como o *Auto-de-Fé de Barcelona*, e que seria a última revelação universal da intolerância católica a ferro e fôgo...

* * *

E no Brasil?

Já existia Espiritismo no Brasil antes que o mundo conhecesse o Espiritismo; antes que Allan Kardec soubesse que iria ser o codificador com tal nome; antes que êle criasse o nome de Espiritismo...

Um ano antes dos fatos espíritas de Hydesville, já o Brasil praticava Espiritismo cristão e humanitário em nome de DEUS, CRISTO E CARIDADE, distribuindo passes, e água fluida, e homeopatias.

Dois estrangeiros, um francês e outro português; um filho da terra que codificou o Espiritismo, Bento Mure, e outro, Vicente Martins, filho da terra que descobriu e colonizou o Brasil, realizavam, no Rio de Janeiro, a proeza célebre.

Assim, procurando curar, a um tempo, as chagas do corpo e da alma, o Espiritismo entraria no Brasil. E encontraria, feito religião, seu melhor clima, sua ambientação mais própria, seu melhor e maior campo de ação.

A verdade é que, só no Brasil e na língua portuguêsa, é o Espiritismo pregado e sentido como religião.

E como a religião filosófica do Evangelho do Cristo interpretado em espírito e verdade!

E como a religião do Evangelho do Cristo, corporificando aquele Consolador prometido pelo Cristo, através o testemunho de João Evangelista!

E como a religião da moral mais perfeita que a humanidade já conheceu; por exigir mais de seus profitentes do que de estranhos!

E como a religião da ciência subjetiva, a exigir que devemos examinar de tudo para *reter o bem, e aceitar* o que for bom, sómente!

E como a religião da Filosofia, de molde a encarar, face a face, a razão, em todas as épocas da humanidade.

E como a religião da verdadeira Caridade, não se presume salvar ninguém, Condiciona ao *Fóra da Caridade não ha salvação,* aquilo que as outras religiões chamam a si mesmas, como caminhos exclusivos de levar a criatura a seu Criador...

* * *

Até o presente, nada se lhe suplanta, na escalada evolutiva das Religiões.

Cremos até que é a ultima palavra, ou o ultimo degrau dessa evolução, porque, evolutivo no tempo e no espaço, se os homens o denegrirem, não forem dignos dêle, êle voltará com outro nome, ensinando as mesmas verdades, diz Alan Kardec por outras palavras.

Não é isto, efetivamente, que se tem dado com o Cristianismo, por ser a Religião Universal? a Religião Absoluta?

Cremos seja, efetivamente, o Espiritismo, a ultima palavra na escalada da Evolução Religiosa, exatamente, por não ser obra de homens.

E, porque é obra divina, como a mais integral manifestação do cristianismo puro, dominará, vencerá, «com os homens, sem os homens e apesar dos homens».

* * *

Essas manifestações de evolução religiosa tem sido sempre recebidas com aplausos e acatamento pelas doutrinas que complementam?

São, todas elas, recebidas mal e francamente hostilizadas pelas doutrinas que complementam.

E, depois de corporificadas, seus profitentes tem revelado que não se entendem, e passam a surgir uma série enorme de modalidades aguerridas e hostís entre si.

O Cristo encontrou o mosaismo extratificado.

Seis a oito interpretações em prática na Judéia.

E seus praticantes — principalmente os fariseus — cheios de pontos de vistas tão estreitos, que crucificaram o Divino Mestre.

Por isso que Êle, o Cristo, afirmara: «Na cadeira de Moisés, os escribas e fariseus...»

E nenhum reformador, e nenhum revolucionário branco foi mais hostilizado do que o Cristo.

E nenhum também tão incompreendido até mesmo por seus discípulos, pois nenhum se manteve à altura de seu alto sacerdócio.

Paulo de Tarso, que teria de fundar a verdadeira Igreja do Cristo, foi negado a despeito de suas humilhações, até por aqueles que seguiram o Senhor.

Universalisou-se a Igreja do Cristo, imitando, com um deus visível, o Judaismo e adotando o culto das imagens, como o Paganismo, fazendo-se assim Igreja Católica.

E a Igreja Católica, a despeito de sua disciplina férrea, não ficou ilesa a incompreensões e desentendimentos. E a prova é que existe, atualmente, várias espécies de catolicismo, como o *ortodoxo,* o *sismático,* o *copta;* católicos que aceitam o papa infalível, católicos que negam a infalibilidade do papa, católicos livres, como os do bispo de Maura, os de D. Salomão Jorge...

Com a Reforma teria que suceder o mesmo.

Negado e hostilizado o Protestantismo pelos católicos, extratificou-se de tal modo que existem, hoje, umas duzentas seitas protestantes. E todas elas com a pretensão de ser o caminho único de levar ao Céu.

Veio o Espiritismo.

E teve contra si o Protestantismo, de onde saira, e o Catolicismo, que tem sido, mais do que a ciência, seus terriveis adversários.

E está sucedendo com o Espiritismo o que sucedera com as outras Revelações: está, também, se extratificando, a despeito de poder dizer que encontrou na cadeira do Cristo, escribas e fariseus sentados e até com maior impáfia e orgulho do que os fariseus e escribas que o Cristo encontrou na cadeira de Moisés, porque gente que se lhe ajusta *suas san-*

tidades, reverendissimos, eminências, etc., etc., etc...

Há já por aí, com o nome de espiritismo, *kardecismos* e *roustanguismos, redentorismo* e *umbandismos*, dividindo espíritas.

* * *

E para terminar, devemos notar uma coisa importantíssima:

Pairando sôbre a cúpula de todos os templos, onde se briga religiosamente, e dominando as seitas aguerridas, a figura luminosa do Cristo.

E todas, falando em seu Augusto Nome.

E todas pensando que, brigando com suas irmãs em Seu Nome Augusto, mais depressa abrem caminho para Êle.

Não teria sido por isso que o Cristianismo foi julgado Religião Absoluta.

E não será isso uma prova concretissima de que o Cristo é, na verdade, o *Maior Missionário* que já houve? Maior do que Buda e Confucio? Maior do que Zoroastro e Moisés?

Aliás, Êle mesmo o afirmara: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai sinão por mim».

Assim, concluamos que, a despeito de tudo, todos chegarão ao Pai, desde que, conforme sua mentalidade e sensibilidade, procurem servir o Cristo desse ou daquele modo, perlustrando êsse ou aquele caminho, seguindo essa ou aquela Verdade, vivendo essa ou aquela Vida.

Semper Ascendens!

"UMA GRANDE VIDA"

(Estudo biográfico de Cairbar Schutel) — Por Leopoldo Machado — Casa Editora «O Clarim» — Matão — S. Paulo

CONHECIAMOS a vida de Cairbar Schutel através de artigos, informações pessoais e conferências. Sentíamos, há muito tempo, a falta de uma biografia, um estudo completo sôbre esse grande vulto histórico do Espiritismo, pois havia muita coisa sôbre ele. mas tudo esparso, fragmentário, sem coordenação, sem unidade. Quando, há poucos anos, a Liga Espírita do Distrito Federal (então Liga Espirita do Brasil) tomou a iniciativa de organizar uma série de conferências sôbre «VULTOS DO ESPIRITISMO NO BRASIL», incluiu Cairbar Schutel entre os numerosos vultos que deveriam ser biografados em conferências.

Azevedo Silva, convidado para falar sôbre Cairbar, fez um trabalho interessante. porém muito resumido, baseado em notas de jornais e algumas informações avulsas. Ficamos, pois, na expectativa de uma biografia de Cairbar Schutel.

Temos agora uma biografia de Cairbar, escrita por Leopoldo Machado, seu grande admirador. Trabalho muito bem impresso, o que demonstra, mais uma vez, a eficiência da Editora «O CLARIM», de Matão, prefaciado por J. Costa Filho, infatigável continuador de Cairbar Schutel.

HISTÓRIA DE UMA GRANDE VIDA é um livro edificante, porque a vida de Cairbar, com os seus exemplos, edifica e ilumina. Leopoldo Machado fez um estudo paciente, criterioso e sincero da vida de um dos verdadeiros apóstolos do Espiritismo no Brasil. Diz muito bem Leopoldo Machado à página 86:

> *«Trabalhador abnegado, como êle não houve em sua zona e sua época. Nem, entre nós, até hoje, em época e zona alguma. Dava à doutrina o que podia e devia. E até o que não devia nem podia».*

Uma das passagens mais notáveis do livro é aquela em que o Autor descreve a polêmica de Cairbar com um padre. Grande lição de coragem moral deixou Cairbar para a posteridade. Transferido, mais tarde, para Araraquara, o padre João Batista Van Esse resolveu procurar Cairbar para despedir-se, naturalmente porquê reconhecia no adversário de ontem um homem de bem. Então, disse o padre, com toda lealdade, a Cairbar Schutel:

— Schutel: brigamos, e nenhum logrou convencer o outro. Eu, entretanto, estou convencido de que V. é um homem de bem.

— *Pudera! Respondeu Cairbar, NÃO FOSSE EU ESPÍRITA.*

E, assim, os dois polemistas ardorosos terminaram amigos, cada qual com as suas idéias. Só mesmo com a leitura de HISTÓRIA DE UMA GRANDE VIDA será possível avaliar bem o caráter e a obra de Cairbar Schutel. Leopoldo Machado presta, assim, mais um serviço à Causa espírita.

DEOLINDO AMORIM.

De «Vanguarda», 21-1-1953.

SER COMPLETISTA — W. VIEIRA

André Luiz, o desbravador maravilhoso do Além, entidade dadivosa e rutilante, ofertou-nos uma série de livros extraordinários por intermédio de Francisco Cândido Xavier.

No «Os Missionários da Luz», o terceiro volume da coleção, obra profunda e inovadora, temos dentre os muitos conceitos novos o de «completísta», exarado desta maneira:

«É o título que se designa os raros irmãos que aproveitaram todas as possibilidades construtivas que o corpo terrestre lhes oferecia. Em geral, quasi todos nós, em regressando à esfera carnal, perdemos oportunidades muito importantes no desperdício das fôrças fisiológicas. Perambulamos por lá, fazendo alguma coisa de útil para nós e para outrem, mas, por vêzes, desprezamos cincoenta, sessenta, setenta por cento e, frequentemente, até mais, de nossas possibilidades. Em muitas ocasiões, prevalece ainda, contra nós, a agravante de termos movimentado as energias sagradas da vida em atividades inferiores que degradam a inteligência e embrutecem o coração. Aqueles, porém, que mobilizam a máquina física, à maneira do operário fidelissimo, conquistam direitos muito expressivos em nossos planos. O «completista», na qualidade de trabalhador leal e produtivo, póde escolher, à vontade, o corpo futuro, quando lhe apraz o regresso à Crosta em missões de amor e iluminação, ou recebe veículo enobrecido para o prosseguimento de suas tarefas, a caminho de círculos mais elevados de trabalho».

Eis sintetizado o nosso ideal mais próximo, mais à mão, mais presente — ser completista!

Completar, executar integralmente os projetos de toda uma existência, essa mesma que vivemos no momento. Escrever uma página de exemplificação no livro de nossas vidas. Realizar «in totum» os planos do período pré-encarnatório, elaborados na espiritualidade. Fazer aquilo que o santo, o místico, o heroi da caridade, o gênio, o super-homem, o lider humano, o pivô de qualquer centro de atividade, o descobridor do pensamento original e o liberto da mediocridade, quando bem intencionados, conseguiram e vem conseguindo por seus esforços òtimamente dirigidos e melhor aplicados.

Toda existência é uma missão e todo encarnado um missionário; o completista é um missionário que cumpriu a totalidade da missão, assim, todo homem é um completista em latência, um candidato ao completismo.

Por tudo isto podemos citar Jesus como o Completista Mor, ou sendo sinônimo de completista ou ainda situando-o acima desta classificação por ser Êle Médium de Deus, Guia de Todos, e, como protótipos de completista indicamos entre nós: Cairbar Schutel, o Espìrita número do Brasil, fazendo nossa a afirmativa do Prof. Leopoldo Machado; Bezerra de Menezes, o Allan Kardec Brasileiro; Eurípedes Barsanulfo, o notavel Missionário de Sacramento, e outros de igual pureza e perfeição.

Referimos até aqui aos completistas feitos, formados, que findaram suas existências, daqueles ainda lábutando para finda-las condignamente, mesmo sem o auxílio premonitório podemos dizer por pré-noção ser Chico Xavier, o Bom Homem de Pedro Leopoldo; O Prof. Leopoldo Machado, aráuto vibrante das verdades eternas; Pedro de Camargo, o popularíssimo Vinícius; Carlos Imbassahy, o nosso maior escritor espírita e outros que tais, futuros e autênticos completistas, exemplificadores do bem e da verdade.

Miremos nestes límpidos espelhos, estudemos estes irmãos que antecederam o porvir, exemplares vivos da chave de nossa redenção espiritual!

Reencarnou você assim?

Major Levino Cornélio Wischral

Interessante é a missão de «Saudades», sugestivo nome de um vasto continente em pleno espaço, nas circunvizinhanças do nosso planeta. E' uma abençoada estação de trânsito que asila os espíritos desencarnados após longos períodos de horríveis padecimentos nas trevas purgatoriais. Quasi sempre, não mais suportando as dores físicas e morais criadas por seus próprios infernos, são essas transviadas almas recolhidas por bondosos samaritanos, apenas por ter chegado aos ouvidos da Divindade um plangente—«socorrei-me, meu Deus!» murmurado sinceramente entre pranto e arrependimento.

Incontáveis são as legiões de espíritos que se debatem às tontas nas zonas tenebrosas, firmemente imantados uns aos outros por sentimentos e vibrações afins. Ali se aglomeram, naquêle além-túmulo de indescritiveis tormentos, os que vêm do mundo pelas portas largas da perdição.

Depois de exaustivo estágio hospitalar e dificil aprendizado evangélico, são seus habitantes, com reforçada bagagem moral recambiados para a Terra com vistas ao necessário resgate de culpas pessadas e ao aprimoramento de esquecidas virtudes.

Êsse reino celeste em que tudo se acha aperfeiçoado ao máximo, bem poderia ser comparado a fantástico país sanatório de almas. Diariamente são ali recolhidos milhares de espíritos em mísero estado, atrofiados pela penúria física e moral. A maioria necessita de prolongado período de paciente readaptação ao reencarne. E' nêsse sanatório que os espíritos vêm rever para estudo, meditação e análise, o seu delituoso passado que, por estranhos e maravilhosos processos, torna o préterito vivo, movimentado e claro, como se se olhasse através de milagrosa janela aquilo que há centenas de anos atrás era executado por alguém entre os homens ou na vida incorpórea.

Nessa escola é a maioria dos candidatos ao reencarne assaltada de profunda mágoa íntima, indizivel, espécie de repugnância de si mesmos, ante o exame frio e inflexivel de seus atos, faltas e crimes. Para outros desperta essa revisão do passado, grandes e meigas saudades de sublimes reminiscências, de vidas melhor consagradas aos oprimidos, doentes e necessitados. A fisionomia dos candidatos estampa instantaneamente, como fiel espêlho, desde os mais atrozes remorsos às expressões mais excelsas de gratas recordações. São seculares rosários de intermitentes quedas e ascenções a desfilarem minuciosamente, como austero filme acusador, expondo ao aluno, com incríveis pormenores, as suas vidas transatas de dôr ou de alegria.

Aguardam todos, com enorme expectativa o régio momento, qual dádiva do céu, de retomarem um corpo humano ou seja o renascer em corpo de criança ; eis a vontade suprema de todos para se redimirem, quanto antes, de velhas culpas e imperfeições.

Em qualquer repartição de «Saudades» vemos tabuletas fosforecentes apresentando o sugestivo letreiro : «A lei da justiça de Deus processa-se através das reencarnações».

O ambiente favorece a todos os albergados pela nítida visão de seus fracassos e de seus programas futuros ; todos têm o exato discernimento do que é bom e do que é mau ; a justiça das leis divinas manifesta-se com toda pujança ; alí ninguem conhece os embarasoços e acanhados limites da vendada justiça da terra ; em «Saudades» não existe o constrangimento, nem tão pouco fala-se lá em julgar ou condenar ; cada qual só enxerga e unicamente, as suas próprias manchas que deseja apagar a todo custo. Tudo ressuscita das profundezas do subconsciente ; tudo exige reparação plena.

Como preparatório à nova vida material, determina a lei de Deus, numa de suas cláusulas, seja mostrado ao candidato, de modo mais amplo, todo o seu passado de quedas, deslizes e erros. E'-lhe mostrado também, para cotejo de um exáto balanço do gráu evolutivo, a série de boas ações e atitudes fraternas praticadas.

E' de notar que o preparo dessa

minuciosa vistoria é bastante demorado. Há espíritos que se não reajustam antes de decorridos 10 a 30 anos de exercícios preparatórios. E' bem dificil resistir à mostra dos mínimos detalhes de alguma culpa que não se deseja recordar; por isso, devem ser atributos essenciais dos alunos: calma, paciência, acuidade de raciocínio, penetração visual, auditiva e sensória com vistas a extrair ensinamentos dos delitos passados.

Uma vez em condições, são os pretendentes à reencarnação conduzidos a vastos salões, subdividos em gabinetes chamados de análise. Nesses gabinetes, cada espírito recebe o amparo e é inspirado, de modo imperceptível, por auxiliares da Sabedoria Divina que o estimula e sustenta nas dificuldades. Pormenorizado e lento processa-se o desfilar, sôbre luminosa téla, dos remotos atos, gestos e atitudes dos candidatos, acompanhados das palavras naquêle tempo proferidos. Até os pensamentos emitidos há tantos anos atrás, mostram novamente seu verdadeiro significado, podendo assim serem lidos; tudo é gravado no éter e nada se extingue; para o aluno qualquer coisa antiga revive e apresenta-se na atualidade do momento em que aquele se submete ao exame.

Ainda não temos capacidade perceptiva para aquilatarmos tais maravilhas de Deus; é o distante passado agora vivo, engrenado no presente, indicando consequências futuras, à vista.

Para determinados espíritos há necessidade de projetar na téla suas vidas de 500 ou mais anos atrás, afim de lhes desvendar determinados encadeiamentos responsáveis por insolúveis causas e efeitos. E' aí então que a subconsciência se esclarece, mudando de rumo um irmão que só conhecia o caminho das enfadonhas e angustiosas obsessões.

Com tal fidelidade tudo se reporta ao eterno presente que os analistas geralmente, por si sós, não resistiriam às horríveis e crueis reminiscências, desfaleceriam e, na certa, renunciariam às provas. Qualquer quadro é a reprodução de um antigo retrato mental que revive e é apreciado, nos seus mínimos detalhes, pelo seu dono acomodado confortavelmente no gabinete; êle vive com tôdo o sentimento e com todos os suplícios aquela sua vida transata.

Os prodigios de «Saudades» visam tão sómente beneficiar os que prestes estão a usarem a roupagem terrena. Aquí ocorre perguntarmos a nós mesmos: Quantas vêzes já teriamos cursado aquela «escola de remorsos»? Quantas vêzes já reencarnamos por «Saudades»? E ainda continuamos a falhar... respondemos!

O nosso desejo de observação foi prontamente atendido pelo bondoso diretor de «Saudades», facultando-nos a visita, de modo que não fossemos notados, a alguns gabinetes de exame, apelidados lá de «remotovisão». Eis as nossas observações:

A fisionomia do espírito que observava atentamente a téla era a mesma do arrogante fidalgo, em magnificas vestimentas medievais, sangrando, a chicotadas, as costas nuas de alguns de seus pobres subditos do campo. Em época mais recente vimo-lo, como camponês, também na téla, num país da Europa oriental, sendo horrivelmente fustigado por corpulentos homens utilizando látegos de três correias. Êle próprio assistiu a sua agoniada morte. Na mente dêsse irmão pudemos ler a justa reflexão: «Sim, colhi o que plantei».

Os bondosos auxiliares invisiveis intuiram-no através de fortes correntes fluídicas a que pedisse para encarnar, galgando o alto posto de juiz, afim de bem cumprir, não só as leis dos homens, mas, especialmente, as de Deus, a do amor ao próximo, a do perdão, etc.

Hoje êste irmão está no pleno exercício de suas funções; chamam-no o íntegro, o justo; outros o apontam como o tolerante, o bom.

Em confortável poltrona assistiu outro espírito suas vidas passadas. Reconduzido ao século passado via-se êle próprio, rico potentado, autoritário, feições de louco a deleitar-se satânicamente com os terríveis estertores finais de um seu parente condenado, por êle, a morrer pela fóme e pela sêde. Divertia-se o louco apreciando com volúpia aquele que, à viva fôrça, queria alcançar a água e a comida colocadas fóra do alcance de suas mãos.

O causador de tais atrocidades, agora afeiçoado aos evangelhos de Jesus, desfaleceu ante tais atrocidades, num mar de lágrimas e de remorsos, porém, foi socorrido pelos assistentes invisiveis para análise de outros quadros.

Viu-se êle agora, recebendo a paga, num estado do nordeste do Brasil. Tomado de desequilíbrio mental, paralítico, cego e abandonado pelos retirantes da sêca, jazia quasi sem vida, à margem do caminho.

O filme vivo continuava a rodar e enxergamos fincado à beira da estrada uma cruzinha que assinalava a última morada daquele que sofreu demais. Muitos dedos indicando a cruz, exclamavam piedosos : «Êste aí padeceu injustamente...»

Essa frase, para castigo e tormento do espírito, era ouvida com estridência, sem interrupção ano após ano, dentro de seu extenuado ouvido. Hoje, pelo amor de Deus, estão ambos reconciliados, o homem que morreu de fome e sêde e o sertanejo que, paralítico e cego, morreu, também, à míngua de água. Trabalham juntos na construção de açudes e no preparo de terras ferteis para, conforme há pouco declararam em entrevista a um jornal, «afastar a sêde e a fóme do solo pátrio».

Tomamos ao acaso, apenas, êstes dois exemplos de milhares e milhares de cenas que os gabinetes televisionam retrovertendo ao real e a cada instante.

Qualquer reencarne no âmbito da Terra via «Saudades» é antecedido dos mais acurados estudos, objetivando o amparo do candidato nas lutas terrenas. Assim, certo setor cuida especialmente da nova missão do futuro homem, quasi sempre na que êle falhou. Outro setor supre o pretendente de energias psíquicas e físicas necessárias ao resgate de duros débitos. A cruz que o aspirante à vida terrena terá que carregar (seu karma) é rigorosamente pesada para que a suporte com dignidade. Relativamente à aparência do futuro corpo carnal (perfeito ou deformado, cego, perneta, paralítico, etc.) essa incumbência está a cargo de certo atelier que exibe ao candidato, aguardando dêste sua aprovação, os desenhos ou modêlos, à guiza de figurino, do corpo em que deva apresentar-se ao renascer entre nós.

Eis a sublime e elevada missão que Deus confiou áqueles anjos de bondade que trabalham em «Saudades» pela púrificação da humanidade.

A tôdos o nosso reconhecimento !

Uma Conversão

De «Revista de Metapsicologia»
Lisboa — Portugal

Por *JÚLIO DE SOUSA E COSTA*

O senhor José Raul da Silva vivia na maior tristeza desde o passamento da esposa, desaparecida aos trinta e cinco anos após longa e dolorosa enfermidade suportada com grande coragem e resignação. Esse desgosto fôra ainda mais agravado com o falecimento do único filho, de doze anos.

Suas cunhadas, que praticavam o Espiritismo, deligenciavam subtrai-lo à contínua aflição em que estava mergulhado, fazendo-lhe ver quanto isso era prejudicial à sua saúde e ao repouso das almas da mulher e do filho.

Certo dia mostraram-lhe uma comunicação que dera a falecida esposa. Não acreditou. Continuou a ir visitar a campa na qual descansava a querida senhora que muito amara: nessas ocasiões, a sua alma desentranhava-se-lhe em grande aflição. Em seguida visitava a sepultura do filho, que dava esperanças de ser pessoa de futuro brilhante. Recolhia sempre ao seu lar cheio da maior angústia.

Numa ocasião disse às cunhadas, irmãs da falecida esposa, que sómente teria calma quando lhe demonstrassem que ela não morrera totalmente, nem o filho, conforme diziam.

Eis uma comunicação que lhe foi dirigida e vai copiada integralmente :

«José, meu bom amigo que não esqueço um momento!... Não pódes calcular quanto sofro e o teu filho também, pela atitude que tens tomado acerca das nossas vindas para este mundo de maravilhas e luz onde virás um dia, se tomares a deliberação de modificares os teus sentimentos.»

«E' natural que sintas saudades por mim; natural o sentimento de desgosto pela partida do nosso querido Rafael que neste momento está como eu, a teu lado. O que nos causa aflição são essas chamadas, cheias de lágrimas e desesperos, junto das nossas sepulturas.»

«Força-nos, com os teus chamamentos, a vir a um local que não nos desola, é certo, mas que nos obriga a presenciar a tua aflição que nada remedeia nem remediará coisa alguma!...»

«E', pois, tempo de terminar com essas exibições dolorosas que podem levar-te a uma doença mental. Que homem és tu, meu querido Amigo, que arriscaste a tua vida em combates e que não podes suportar a idéia que tanto te compunge?...»

«Eu estou mais viva do que tu, podes acreditar!... Corro o espaço; visito os nossos parentes, tanto vivos como falecidos, admiro as maravilhas que a Mão Sublime de Deus criou; de Deus em que tu sempre acreditastes!... — vou de um mundo a outro; visito-te diariamente; interesso-me por tudo quanto fazes; finalmente vivo; agito-me; penso; procuro o convívio dos meus parentes que encontrei neste mundo maravilhoso e de harmonias deliciosas, e aprendo, aprendo sempre, com imenso prazer e aproveitamento para nova campanha de aperfeiçoamento.»

«Também instruo espíritos mais atrasados para que eles avancem nas suas próximas reencarnações; acompanho o progresso posto em ação pelos nossos irmãos que vivem aí e noutros planetas; enfim, deligencio progredir tanto quanto possa.»

«Rara a noite em que não comunico contigo; dou-te conselhos que prometes seguir. Todavia, quando acordas, esqueces-te de tudo e lá vais chorar junto do meu retrato e do nosso bom Filho!... Para que, meu Amigo?... Para nos apoquentares; para nos desolares ao máximo!... Foste para mim um excelente companheiro, que eu amei e a quem devo alegrias infindas!... Foste um pai admirável; um amigo seguro e fiél... Tens todas as qualidades boas que devem ser o apanágio de um homem forte. Porque vergaste, tu que foste sempre animoso?.. »

«O Rafael está a meu lado e pede-te que te acalmes. Disseste às minhas três irmãs que sómente acreditavas no Espiritismo se te demonstrassem que eu não tinha *morrido totalmente.* Pois bem, prometo que te aparecerei se modificares as tuas atitudes dolorosas que me angustiam imensamente!... Tens a minha promessa, e digo-te mais: — o meu guia prometeu que me ajudava. Adeus!... Um terno abraço meu e outro do nosso bom filho!»

MARGARIDA.

*

O senhor Silva encheu-se de brio e de coragem, visitando as sepulturas dos seus queridos entes, de longe em longe. Suas cunhadas assistiram-lhe com muita amizade e interêsse, levando-o a ler as obras de Allan Kardec e revistas francêsas que tratam de Animismo e de Psicologia Experimental. Interessou-se pela doutrina e a calma entrou no seu espírito atribulado.

Certa noite, estando no seu quarto muito entretido com a leitura de um livro, teve a impressão, muito nítida, de que alguém andava pelo quarto. Levantou os olhos e viu diante de si a figura elegante de sua falecida esposa que lhe sorria muito satisfeita... Ao seu lado viu uma nuvem côr de rosa que, a pouco e pouco se condensou... Conheceu o fantasma do filho, também de apresentação nitidissima...

– És tu, querida Margarida?. . — perguntou o senhor Silva muito impressionado.

A aparição acenou afirmativamente e apontou sorridente para o filho que, também sorridente, o olhava.

Durante mais de um quarto de hora os viu andando pelo quarto, interessando-se por tudo quanto estava em cima do toucador e da cômoda. Olharam para os seus retratos que estavam floridos sôbre a banca de cabeceira. De onde em onde colocavam-se bem em frente do senhor Silva com o evidente desejo de serem bem vistos por êle, para o seu convencimento.

— Não me esqueço de vós, oh queridos da minha alma!... — exclamou com lágrimas. Presentemente acredito que a vida continua!

Esta declaração saiu espontânea da sua boca. As duas aparições fizeram uma saudação amistosa e desapareceram misteriosamente. Regularmente lhe apareciam. A calma entrou, enfim, no espírito de quem tanto duvidava!...

*

Outra pessoa lhe estava reservada para melhor ainda o convencer...

Havia muitos meses que o senhor Silva procurava debalde um retrato do seu falecido Pai. Era o único que havia em casa. Desaparecera sem se saber como!... Até que certo dia a cunhada mais nova, grande médium psicógrafo, recebeu a seguinte comunicação expontânea da que fôra esposa do senhor Silva: — *«O retrato de meu sogro caiu para detrás da gaveta do guarda-fato do quarto que foi do Rafael. Ficou entalado na roupa».*

Procurou-se imediatamente. Encontrou-se a fotografia conforme o espírito de Margarida Silva tinha avisado.

De outra vez comunicou que não tivesse negócios comerciais com certo indivíduo que estava preparando a sua falência, porém de maneira que não fôsse demandado pela Justiça. Dias depois soube que êsse cavalheiro tinha falido com mais de mil contos!... Livrou-se, assim, de perder mais de duzentos mil escudos!...

Novas Reflexões sôbre Umbandismo e Espiritismo

Américo Luz

Contra certa corrente de espíritas, que pretende haver relações de semelhança entre a doutrina organizada por Alan Kardec e o culto africanista de Umbanda, levanta-se um outro grupo de cristãos redivivos para proclamar o contrário, isto é, que não há, absolutamente, qualquer analogia permissiva de confusão.

A êste último contingente de defensores da fé espiritista, temos a honra de pertencer. Com efeito, a *tese afirmativa* dos princípios espíritas é, fóra de dúvida, a que *nega* em têrmos formais a mistura de Espiritismo e Africanismo, porque, enquanto o Espiritismo encerra no seu bôjo doutrinário uma Filosofia, uma Ciência e uma Moral, frutos de transcendental e escrupulosa elaboração, a Umbanda encarna tão sómente um amontoado de rituais, na maior parte fetichistas, não pressupõe método científico, não possúe filosofia ordenada e, como consequência, carece de meios que lhe garantam a construção de uma ética individual, social e política aperfeiçoada, por isso mesmo que Moral é sempre a resultante da aplicação de conhecimentos adquiridos, e o Umbandismo sofre de extrema miséria nêsse particular.

Do exame ressaltam, ainda, dois aspectos que, analisados por si sós, garantem razão ao que expendemos: a REENCARNAÇÃO, questão básica em matéria de Espiritismo, e, a IDOLATRIA, característica essencial da Umbanda.

A teoria das reencarnações sucessivas funciona como elemento basilar na Filosofia Espírita, ponto de partida, uma vez admitidas a existência de Deus e a imortalidade da alma, para possibilitar a aceitação do total doutrinário. Ora, os umbandistas, na sua grande maioria, pouco se preocupam com as profundas consequências filosóficas e morais da reencarnação.

No tocante à idolatria, temos a dizer que o Espiritismo a proscreve, por ser simplificador dos sistemas do culto, recomendando a externação da fé pelos processos espirituais, não aparatosos. A prece em público, proferida em voz alta e acompanhada em silêncio pelos demais assistentes numa reunião, constitúe o ponto máximo, no que diz respeito à externação da fé, pois fóra dessa excepção, Espiritismo não adota culto exterior. Sustentada pelo Evangelho, a Doutrina Espírita observa de Elias, na Biblia, a Paulo de Tarso, nas suas Epístolas, a condenação decisiva à idolatria, pelo que age coerentemente em não tolerar qualquer ritual anacrônico ou o culto materializado.

Por ocasião das festas tradicionais de São Jorge, Cosme e Damião, Senhor do Bonfim, etc., podemos verificar a movimentação intensa nos redutos umbandistas, sempre associados à Igreja Católica, nas homenagens prestadas aos «padroeiros» pelos aficionados de um e outro credo. Quanto ao Espiritismo, que parte tem êle nessas comemorações? Nenhuma, e nem poderia delas participar, por uma questão de simples princípio: a Doutrina de Alan Kardec ultrapassa de muito a tais manifestações de fé, arcáicas e pêcas. Chamando a criatura ao exame de si mesma, ela transforma o culto a Deus e ás Entidades Superiores de exterior em intrínseco, conclamando os seus adeptos à luta em pról do próprio aprimoramento intelecto-moral. O Espiritismo vê com o Cristo a necessidade de adorar a Deus, não no monte ou entre as muralhas de Jerusalém, mas em Espírito e Verdade; atende ao argumento do Mestre, pregando que o Reino de Deus não se encontra nem no deserto, nem nas ruas, nem nos templos, nem no interior da casa, mas alicerçado no coração do homem.

Ao passo que a Umbanda recomenda e pratica o holocausto aos seus tutelares, por meio de ritos e cerimoniais complicados e burlescos, o Espiritismo indica a importância da atitude introspectiva no tratamento com o invisível, demonstrando que a discreção, a prudência e a moralidade são os requisitos indispensáveis à prática do fenômeno mediúnico. E, falando-se de fenômeno mediúnico, faz-se mistér que nos detenhamos um pouco de tempo na sua consideração, visto ser êste o chamado «ponto de contacto» entre Espiritismo e Umbandismo. Tal argumentação não resiste à menor crítica, tão falha e imprecisa que é. O fenômeno mediúnico não caracteriza o Espiritismo, pela sua universalidade reconhecidamente ilimitável.

Os espíritos não são mais do que as almas dos homens, diz Kardec, e desde que existem homens há por conseguinte, o fenômeno. A Biblia está pontilhada de narrações fenomenológicas; o Evangelho ainda mais. O Budismo, a moderna religião do Pentecostes, a Quimbanda, etc., experimentam, cada qual ao seu modo, o mediunismo; e ninguém ousaria sustentar que, por isto, são similares do Espiritismo.

A história dos santos católicos registam fatores de materialização, vidência, audiência, levitação, etc., e nós perguntamos: o que há de comum entre Espiritismo e Catolicismo, que favoreça a sua conciliação nos dias atuais?

O que caracteriza o Espiritismo como doutrina cristã independente, não é o fenômeno mediúnico, porém o método que lhe é peculiar e exclusivo na constituição da sua Ciência, da sua Filosofia e da sua Moral, as quais por mais que indaguemos, torçamos ou rebusquemos, jamais identificaremos em qualquer outra escola humana.

Confundem, pois, os adeptos da fusão da Umbanda com o Espiritismo, premissas e conclusões, causas e efeitos, na própria argumentação de que se servem para afirmar o que não podem, por ausência de lógica e fundamento, que lhes garantisse o sucessso almejado.

Pelo fato de ser uma Doutrina de fôro universalista, não quer dizer que o Espiritismo deva abrir claros nas suas linhas, para que a Umbanda penetre e se estabeleça em igualdade de condições com êle. Nêste caso seria injusto agasalhar e abrigar nas próprias fileiras uma seita determinada, preterindo as demais. Seria o mesmo que ver Jesus à época da sua pregação, abraçar os fariseus, para negar guarida aos saduceus.

Sem dúvida que o ideal será, e o futuro nos aponta essa solução, a coordenação das várias seitas religiosas num todo homogêneo, quando os homens cansados de experiências reconhecerem, unissonamente, a Verdade.

O momento que o Mundo atravessa, entretanto, assinala profunda divergência nas concepções religiosas das criaturas e determina, por isso mesmo, a continuidade nêsse ritmo, até que a evolução resolva o problema de forma natural e definitiva.

Espíritas! Resguardemos o nosso patrimônio doutrinário das ameaças de confusão.

Vigiemos a integridade da nossa Fé, agasalhando em nossas instituições os que venham bater ás suas portas; levemos aos aflitos a nossa palavra de estímulo e confôrto; mas, combatamos com lealdade e firmeza, vestidos com a armadura de Deus e o capacete do Cristo, a quantos por interêsses inconfessáveis ou por política desonesta, pretendam abusar dos seus cargos na direção do nosso movimento, para semearem a controvérsia, o sofisma e a ambiguidade em todas as direções.

Que os tais se convertam e sarem, seja esta a nossa preocupação esperançosa; e que a Doutrina que professamos possa seguir triunfante no seu papel consolador, na sua pureza de conceitos, a promover o esclarecimento dos corações divorciados do Bem, dirigindo-os ao Caminho da Salvação, pelo aconselhar simplicidade e sinceridade, amor e perdão como sentimentos libertadores da alma.

«Fóra da Caridade não há salvação», reza o nosso lema; e a caridade está muita vez, na energia vibrante que não admite contemporizações comprometedoras; na convicção irredutível, que não conjuga o verbo ceder, senão no reconhecimento de uma verdade maior. Todos sabemos que não é êste o caso daqueles espíritas que se inclinam para o Umbandismo e, sendo assim, brademos com a fôrça plena dos nossos pulmões, em nome de Jesus e de Kardec, no cumprimento de um dever consciencial, que UMBANDA NÃO É ESPIRITISMO!

Espiritistas e umbandistas formam grupos heterólogos, inconciliáveis, assim como católicos e protestantes, budistas e maometanos, israelitas e confucionistas não suportariam de uma hora para outra, por passes de mágica ou por forjamentos improvisados viver em harmonia sob o mesmo teto. Qualquer tentativa de acôrdo unificador nesta época, seria intempestiva e irrealizável, baldada e ôca de fundamento, já que os elementos históricos de que dispomos atestam, positivamente, essa impossibilidade.

Trabalhemos com denôdo pelo progresso humano, na esperança alentadora de que no futuro seremos com Jesus, «um só rebanho e um só Pastor».

Rio, 25 de Abril de 1953.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu **DELFINO FERREIRA**, em 30/5/53).

Boa noite, caro amigo rádio ouvinte:

Após havermos apresentado aquí, paralelamente ao *registro bibliográfico*, a apreciação de todos os livros de Allan Kardec, Leon Dènis, Gabriel Delanne e Bezerra de Menezes, nesta ordem de sucessão, trabalho que, aliás, é a razão de ser de LIVROS EM DESFILE, vamos hoje iniciar a das obras de CAIRBAR SCHUTEL.

Neste mesmo programa, registando o aparecimento de UMA GRANDE VIDA, obra em que Leopoldo Machado disse, com proficiência, carinho e honestidade o que foi a vida apostolar de Schutel, tivemos a feliz oportunidade de fazer justiça aos altos méritos do escritor de que hoje nos ocupamos, de modo que nos sentimos dispensado de maiores informes. Lembraremos, todavia, que nascido aqui no Rio de Janeiro, aos 22 de Setembro de 1868, desencarnou aos 30 de Janeiro de 1938, no Estado de S. Paulo, cidade de MATÃO, para onde fora muito moço e a cujo povo dedicou toda sua energia e deu todo seu amor. Lutou, encabeçando o movimento reinvindicatório pró elevação do então logarejo a município, o que se verificou, afinal, em maio de 1899 e para a facilitação do que, entre outros fatos, adquiriu, no ano anterior, a expensas de sua bolsa, o prédio para instalação da Câmara Municipal. Foi o primeiro Presidente dessa Câmara, posto equivalente, hoje, ao de Prefeito, tal como, do Rio de Janeiro fôra Bezerra de Menezes.

Passemos, porém, à apresentação de suas obras doutrinárias: Além de quanto publicou na imprensa e notadamente em O CLARIM, periódico espirítico que fundou em Agosto de 1905 e ainda existe, bem como na REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, igualmente por êle fundada quase 20 anos depois, e que também se encontra em plena circulação, CAIRBAR SCHUTEL escreveu vários trabalhos que editou, legando às letras espiríticas 14 volumes entre livros próprìamente ditos e opúsculos, todos ainda perfeitamente atuais.

O primeiro dêstes livros, fruto de uma polêmica travada com o prof. Faustino Ribeiro Junior, tem por título: ESPIRITISMO E PROTESTANTISMO.

Este trabalho encontra-se em 3.a edição, datada de 1943, tal o vemos no exemplar à nossa frente, o qual contém dois Prefácios: o da 1.ª edição, sem data, e o da segunda, datado de 22 de Janeiro de 1193.

Quando saiu à luz da publicidade a 1.ª? O livro, como acabamos de ver, não o diz, infelizmente. Temos, entanto, informações de o ter sido em 1911. Ocorre, entretanto, que a polêmica feriu-se em 1908 tal depõe o Autor, no Prefácio dessa referida 1.ª Ed., e no qual esclarece serem dois os autores do livro, porquanto nele tanto figuram os artigos do citado

Prof. Ribeiro Junior, que para isto deu a necessária permissão, o que proporciona ao livro indubitável interêsse, como os de Cairbar, em O CLARIM ; pena sendo não se hajam apôsto aos referidos artigos as datas respectivas.

Como natural, o primeiro artigo sob o título «ESPIRITISMO», é do Prof. Ribeiro Jor , publicado, como os demais, em «O ALPHA», de Rio Claro, e no qual, concordando com a realidade da fenomenologia espirítica, nega a doutrina que dela colheu Allan Kardec. E alinhando suas considerações, cita abundantemente passagens do Novo Testamento. Em dois artigos seguidos: um sob o título: «NA DEFESA DA VERDADE» e outro «O DIABO E A TENTAÇÃO», Cairbar revida.

Do Prof. Ribeiro, a partir do 2.º os artigos deixam de ser epigrafados, recebendo, apenas, número de ordem. Atingem, ao todo, ao 11.º, que termina dizendo: «O nosso fim é demonstrar que o Espiritismo não é uma doutrina cristã; ao contrário, os seus fundamentos constituem uma verdadeira negação dos ensinamentos das Escrituras. Sendo tal o nosso objetivo, é claro que a nossa argumentação não pode afastar-se dos textos bíblicos. Mais tarde, talvez, discutiremos o Espiritismo perante a Ciência Moral.»

A este segue-se o 15.º de Cairbar, que, sob o título «DEUS OU ASTAROF?» tem por trecho epígrafe o conceito de Eça de Queiroz: *cada um pensa como quer, como sabe, como lhe deixam ou como lhe convém*».

Mais quatro artigos de Schutel e CONCLUSÃO.

Pelo trecho final do art. XI do contendor de Schutel, vê-se que o mesmo não se convenceu com a argumentação que lhe oferecia o nosso ilustrado confrade, baseado igualmente nas Escrituras...

Quanto à discussão do Espiritismo perante a Ciência Moral, no dizer do Prof. Ribeiro, e por êle entremostrada, não se realizou.

«ESPIRITISMO E PROTESTANTISMO», é, destarte, um livro realmente interessante, justamente porque, se de um lado apresenta o ponto de vista espirítico, na exegése das Escrituras, dêste modo armando o leitor do argumento justo e preciso para a defesa da doutrina, de outro lado lhe mostra a argumentação do ponto de vista protestante; e, assim, fica o leitor, espiritista ou não, face a duas interpretações: a da teologia protestante e a da Doutrina Espirítica. Terá, destarte, as escrituras, principalmente o N. T., e, dêste, os Evangelhos, considerados à luz do Espiritismo.

Claro, pois, que, vindo o Espiritismo justamente para reviver o Cristianismo do Cristo, de que as seitas cristãs perderam o verdadeiro sentido, mistér se faz se dispam os crentes de tais igrejas de seu ponto de vista para, sem, todavia, aceitarem o Espiritismo, buscarem compreender as Escrituras, mormente o Evangelho, sob o prisma, por vêzes novo, mas no geral das vêzes apenas esclarecedor da Doutrina Espirítica. E porque assim não procedem, toda controvérsia toma aspecto de polêmica, quasi sempre util apenas aos que não participam dela. Apenas se interessando pelo seu desenrolar.

UM LAR DIFERENTE

ERASMO PORANGABA

Motivo imprevisto nos levou ao Rio, há poucos dias, em viagem rápida e inesperada.

A bordo de um «Douglas» rumámos à metrópole, sábado pela manhã, ali chegando ao entardecer.

Um dos nossos cuidados, no dia seguinte, foi nos pormos em contáto, pelo telefone, com velho e querido confrade residente em Nova Iguaçu, ansioso que estávamos de saber de sua saúde, ultimamente abalada.

Após as primeiras saudações e expansões de alegria, não se fez esperar, do outro lado do fio, a intimação inevitável:

— Venha ver-me sem falta e passar a tarde comigo.

Não resistindo ao imperativo da amizade, no mesmo domingo, pelas 16 horas, após nos desobrigarmos de outros compromissos, fomos de lotação a Nova Iguaçu, desfrutando belo passeio pela rodovia Presidente Dutra.

Nosso endereço era o «Lar de Jesus», no bairro Caonze.

Lá nos esperava, num abraço largo e afetuoso, o prof. Leopoldo Machado, diretor daquela instituição e pai, por adoção espiritual, de 40 crianças gárrulas e graciosas.

O tempo tornava-se exíguo para a palestra e troca de impressões, tal o desenvolvimento dos assuntos, tais as perguntas e a curiosidade natural entre amigos que não se avistavam há anos.

— Tivesse você chegado mais cedo e aquí encontraria o Carlos Jordão da Silva, de S. Paulo, e sua senhora, que almoçaram comigo.

Lamentámos a perda do ensejo de revermos também aquêle confrade e, à hora do jantar, apesar de indisposto, tivemos de acompanhar o nosso anfitrião e sua numerosa família, numa refeição saudável, em convívio alegre e feliz.

A insistência do ilustre confrade e a mudança do tempo, que ameaçava chover, nos impediram de regressar à cidade, áquela noite.

Bendizemos a oportunidade de pernoitar em ambiente tão salutar, cheio de sugestões e encantamentos espirituais.

Foi uma satisfação indizível sentir de perto a vida daquela família «sui generis», de sêres em formação, comungar as suas alegrias e vibrações.

A instituição, bastante ampliada, oferece aspectos diferentes dos que lhe conhecemos em nossa visita anterior, há alguns anos, ao tempo de sua fundadora, D. Marilia Barbosa Machado, esposa de Leopoldo e hoje na Espiritualidade.

Tudo aumentado e melhorado — os dormitórios, a enfermaria, a instalação de água, lavandaria elétrica, gabinete dentário, secretaria, etc.

Enquanto conversávamos, no terraço, observávamos com interêsse o movimento das crianças, brincando e dansando, ao som de uma eletrola.

Algumas, familiarizando-se conosco e batizando-nos de «titio», nos cumulavam de tanto abraço que a cousa ia se tornando em brincadeira e, uma a uma, vinham testemunhar-nos o seu carinho.

* * *

Á hora do recolhimento, então, com que efusão vinham cumprimentar o seu «papai» e dar-nos boas noites!

Dezenas de pequeninos, a se agitarem no ambiente alegre e feliz de um lar verdadeiramente sadio e cristão, ali desfilavam, numa atitude de piedade filial, a beijar a mão e a abraçar ao pai que haviam conhecido e que a Providência lhes reservára, em substituição ao que lhes dera o sêr.

Exigiu Leopoldo que lhe deixássemos de viva voz, em sua «Révere» — máquina de gravar o som — as nossas impressões.

Impossilitado de fugir a tão cativante convite, mais por amor á síntese do que á arte, procuramos cristalizar o pensamento em pálido e inexpressivo soneto que mal traduz o nosso sentir.

E' facil imaginar a história daquelas almas infantís, irmanadas sob aquele teto amigo e acolhedor.

Em cada uma se esconde um drama... Em cada uma se contém um destino, uma página preciosa da vida.

Recuperá-las, salvá-las, integrá-las em sua verdadeira função, na paisagem humana e social, não é obra para os indiferentes, abúlicos, utilitaristas e cépticos da hora que passa.

E' trabalho sublime que só a doutrina do Cristo pode inspirar.

E' tarefa cristã e patriótica de redenção.

Ali conhecemos o Leopoldinho, pequenino salvo de uma lata de lixo. E como este, outros tantos dramas, outras tantas misérias, a retratarem a crueldade do mundo, a imperfeição do homem, divorciado da divina sentença:

«Amai-vos uns aos outros».

O «Lar de Jesus» é um lar diferente, em tudo e por tudo. Diferente pela sua estruturação e pelo conteúdo espiritual.

E' um lar em que se confundem criaturinhas provindas de famílias díspares, de latitudes e hábitos diversos, algumas que nem lar tiveram, mas que se aconchegam ao mesmo ninho, recebem o mesmo calor, a mesma orientação cristã e crescem ao mesmo influxo paternal e carinhoso.

De sua significação diz bem o fato de a prefeitura local haver lhe tomado o nome para a rua em que está localizado o educandário.

Felizes os que lhe pusèram a mão e lhe carregam o fardo!

Maceió, Fevereiro, 1953.

Crônica Estrangeira

O Médium Harry Edwards concede tratamento Espiritual a dois membros da Família Real Inglêsa

«Two Worlds» (30-5-53)

Para receber tratamento, um deles frequenta seu Santuário

«Dois membros da nossa família real estão recebendo cura espiritual a que se submetem com pleno conhecimento, um deles vai ao Santuário».

Esta notícia se encontra na edição corrente de «The Spiritual Healer», o periódico dirigido pelo médium Harry Edwards.

Uma nota explica: «Todos os tratamentos são estritamente confidenciais, quer sejam aplicados à gente do povo ou a qualquer outro e não publicamos nomes ou endereços, salvo permissão expressa. Razão por que não podemos agora fornecer detalhes pessoais».

O periódico diz que há alguns anos pediram a Edwards «interceder a favor do falecido Rei afetado de perturbação na voz, e a intercessão verificou-se durante os dias que precederam sua pública alocução radiofônica no Dia de Natal. Quando o discurso estava no ar, com satisfação constatámos a apreciável facilidade com que o Rei se exprimia; de fato o caso foi comentado por muitos ouvintes e a imprensa.

«Este melhoramento estava em definitiva coincidência com o esfôrço curador, todavia Sua Magestade, segundo pensamos, não estava ciente do esfôrço que por êle faziamos. Suas irradiações subsequentes revelavam melhora progressiva.»

O jornal menciona outras figuras reais que receberam tratamentos:

«A cura espiritual tem sido solicitada por membros da família real em outras ocasiões. Nós sabemos que os espíritos não estabelecem diferença entre sofredores comuns ou outros e a nosso ver todos recebem tratamento igual. Anima-nos saber que o bem conseguido pela cura espiritual é reconhecido em todos os recantos, desde o Palácio Buckingham ao lar mais humilde.

⁂

A melhor Religião

Por Frederico Duarte — Manchester

Quando há anos veiu a Manchester, Sir Arthur Conan Doyle fazer uma conferência pública sôbre Espiritismo, convidou, no final, aos presentes fazer-lhe perguntas por escrito. Ao consultar essas, pegou numa dizendo:

«Eis aquí a pergunta mais sensata que me tem sido feita até agora.

— «Qual é a melhor Religião?»

E o ilustre conferencista continuou assim:

— «Todas as Religiões são como Peregrinos que caminham por diferentes vias, ao redor duma imensa montanha. Os católicos, por exemplo, à direita, os protestantes à esquerda, etc. etc. Todos êles sem exceção chegam ao cume da dita montanha onde se encontra o CRIADOR — O Deus Supremo. Como poderei eu por conseguinte saber qual é a melhor religião no mundo quando o fito e destino de todas elas é precisamente o mesmo?»

Esta resposta produziu uma profunda impressão na mente dum judeu, autor da pergunta acima indicada, começando desde então a estudar o Espiritismo. Junto comigo e outros amigos, incluindo o sub editor do «Two Worlds», fundámos o «Two Worlds Home Circle», e relatórios sôbre o que se passou lá foram publicados por mim nêsse semanário.

O meu amigo judeu, Abel tornou-se um bom investigador, visitando muitos centros, etc., na Gran Bretanha, tendo de fato sido o fundador da Sociedade de Investigações Psíquicas de Manchester.

Veiu a segunda guerra e separámo-nos, tendo eu visto o meu amigo sòmente por umas duas vezes na rua. Mas... lá diz o rifão: ás três é de vez. Em meados de Agosto vimo-nos no centro da cidade, dizendo-me que há muito tempo que tinha pensado em mim, e que recentemente estava a viver numa casa sua que mandou construir em Edge Lane, e que gostaria que eu fôsse visitá-lo com o fim de recomeçarmos com o nosso Circle.

Comecei a rir-me, dizendo que Edge Lane ficava a poucos minutos de distância da minha residência e que como não tinha nada a fazer nas quintas-feiras à noite, aceitava o seu convite.

Na quinta-feira seguinte lá fui eu, e fiquei bem impressionado com os meus companheiros. Uma senhora foi educada pela Igreja da Escócia, outro pela igreja protestante, eu pela católica e três sendo judeus ! Prevalece todavia alí a perfeita harmonia, paz, sinceridade e amor fraternal.

Cá fóra sózinho a caminho de casa tendo passado da meía noite, comecei a recordar-me da resposta de Sir Arthur Conan Doyle dada ao meu amigo e no dia seguinte de manhã peguei na minha máquina de escrever, datilografando êste meu artigo, dedicado aos bons amigos e leitores desta Revista ! Não me descuidarei, é claro, de transmitir quaisquer fenômenos ou mensagens que venhamos a obter durante as nossas reuniões.

Muito possível é que recebamos mensagens em português como se deu com o Home Circle do Two Worlds, não me encontrando eu unido ao grupo, mas sim a um lado colhendo as mensagens e falando em português com os espíritos, língua esta completamente desconhecida entre os presentes !

⁂

A alma dos que morrem

Psychica publicou o seguinte fato relatado pelo Dr. Salles.

«Em dezembro de 1903, um de meus parentes próximos, de 55 anos, foi atacado de bronco-pneumonia infeciosa. Êle morava em Ciotat, a 35 quilómetros de Marselha, onde eu exercia a medicina. Imediatamente acorrí a sua cabeceira e nos dias seguintes repeti minhas visitas, mas, no quinto dia, a moléstia progredira tanto que não mais era permitido alimentar esperanças.

A 20 de dezembro, pela tarde, o enfêrmo expirava. O pulso já não era sensível, um suor gelado cobria-lhe a fronte, a respiração não era mais que um estertor, o doente asfixiava, delirava e só pronunciava palavras inarticuladas cujo sentido eu não conseguia apanhar. Estava próximo o momento da morte, mas eu ali não podia permanecer, pois o meu dever profissional exigia minha presença em Marselha, no dia seguinte pela manhã era-me necessário apanhar o trem que partia de Ciotat ás 20 horas. Grande era minha afeição por esse parente que eu considerava como um irmão e foi com a mais viva emoção que, pegando a mão do moribundo e apertando-a fortemente, lhe fiz uma suprema despedida. Concentrando toda minha vontade e meu pensamento, faleilhe interiormente, como se êle me pudesse ouvir e compreender. Manifesteilhe a minha dor por ter de deixá-lo e supliquei que a mim se manifestasse, após sua morte, por um sinál perfeitamente sensível que me fizesse saber, sem equívoco, que já não era mais deste mundo.

Enquanto eu insistia, renovando com fôrça a expressão do meu desejo, o moribundo, como se respondesse ao pedido insistente, em meio ao seu delírio, na ocasião em que de sua bôca sómente saiam palavras ininteligíveis, disse e repetiu, diversas vêzes, com vóz clara e muito distinta : «Angelus ! Angelus !» Sua filha, a meu lado, disse : «Êle diz Angelus», e de tal modo se impressionou que, dia seguinte, relatou o ocorrido a um abade, amigo da família, de visita ao enfêrmo. Quanto a mim, eu ouvira perfeitamente a palavra Angelus, diversas vêzes repetida, e posto que o moribundo a houvesse pronunciado no momento exato em que mais fortemente exprimi meu desejo, não lhe atribui importância alguma e de modo algum a considerei relacionada ao pedido que formulara. Parti. O nosso pobre agonisante expirou meia hora depois.

Ás 11 horas, estava eu em minha casa, Rua Colbert — Marselha. Minha sala de jantar fazia frente à igreja de St. Martin. Encontrava-me eu nesse aposento e acabava de assentar-me, pensando na penosa situação dos que eu deixara em Ciotat, quando fui subitamente arrancado de meus tristes pensamentos pelo repicar do sino paroquial, a tocar o Angelus. A princípio julguei sonhar e ser objeto duma alucinação auditiva. Entretanto o sino contiuava a tocar e era efetivamente o Angelus com seus três golpes repetidos, três vêzes. Precipitei-me para a janela : toda a praça estava alvoroçada, todas as janelas abertas e todos queriam saber o que acontecia. Compareceu a polícia, e ao fim de 15 minutos, tudo voltou à calma. Foi então, e sòmente então, que me recordei do desejo que exprimira ea palavra Angelus, a única que meu parente, em seu delírio e no momento de o deixar, havia pronunciado de modo inteligível. Todavia, não me era possível acreditar em tal acontecimento e posto que me sentisse em plena posse de mim mesmo, deitei-me pensando ter estado sob a ação de uma alucinação.

Porém, não havia sonhado e meu primeiro pensamento, na manhã seguinte, foi mandar colher informações no quarteirão, sôbre o que se passara durante a noite. Fiquei sabendo que o sacristão havia errado a hora e que tocara o Angelus ás 11 horas da noite, em vez de o fazer, como habitualmente, ás cinco e meia da manhã.

Pessoalmente interroguei o sacristão e eis o que me respondeu: — Fui bruscamente despertado pelo soar da campainha. Certo de ter perdido a hora, precipitei-me para a corda do sino e toquei o Angelus. Foi sómente no fim que, ao consultar meu relógio, verifiquei ter tocado o Angelus ás 11 horas».

Tal o facto por mim rigorosamente observado, excluida toda hipótese de alucinação ou mistificação.

⁂

Fenômenos telepáticos

Psychica

M. Gestelink escreveu o que segue:

«Ainda que eu não sinta atração pelas especulações metapsíquicas, por duas vêzes fui forçada a constatar fatos, ao menos, perturbadores. Nenhuma influência ambiente poderia ser sua causa. Pelo contrário, minha doutrina filosófica se aproximava da do grande pensador de Königsberg e o fato quevou citar foi por mim passado pelo crivo da razão pura e sã.

É êste preâmbulo para mostrar que eu não podia estar influenciada pelas crenças espíritas ou simples superstições.

Contava eu, então, 17 ou 18 anos e tomava lições de canto. Em casa de meu professor eu me ligara por estreita amizade, a uma discípula de minha idade, Marcela D... Esta jovem estava atingida de tuberculose avançada. No começo do inverno apanhou um resfriado e se acamára.

Regularmente eu ia saber do seu estado e distraí-la com minha presença. Certo domingo encontrei a amiguinha sentada no leito, o rosto mais rosado, o olhar mais vivo. Ela sentia-se bem melhor, falava de cura próxima. Sua mãe partilhava de sua esperança. Não fossem as pernas bruscamente entumecidas, e ela ter-se-ia levantado no mesmo dia. Nesse tempo, pouco eu conhecia da moléstia. Êsse entumecimento não representava a meu espírito o edêma e seu habitual presságio. Parti, pois, em pleno otimismo. Decorreu uma semana sem que eu fosse ver Marcela, e no domingo seguinte fui impedida por uma visita. Nenhum cuidado eu experimentava, persuadida de que todo perigo estava afastado.

Nunca fui muito madrugadora; eu tomava o meu primeiro almoço na cama, em seguida entretinha-me a ler jornais.

Na quarta feira, creio eu, estava lendo assim quando inopinadamente e distintamente, ouvi no quarto, a mesma voz de Marcela D..., cantando uma valsa, o último trecho que aprendera.

Alguns instantes depois, minha mãe entrou no quarto, encontrando-me aterrorizada e eu lhe contei o fato, ajuntando que seguramente Marcela falecera. Eu o confesso, nesse momento, e nos dias seguintes eu temia ver qualquer cousa.

Minha mãe, um tanto incrédula, me acalmou, persuadida que estava de ter eu sonhado, se bem que o jornal que eu segurava, testemunhasse o contrário.

Almoçámos apressadamente e corremos a casa de Mme. D... Minha desventurada amiguinha entrara em agonia na *mesma manhã*. Já estava em coma e não me reconheceu. Na noite seguinte faleceu.

Sem êste *sinál*, não a teria visto pela última vez.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Aos nossos Assinantes

Com o aumento dos preços dos gêneros alimentícios, dos utensílios e da matéria prima verificado ultimamente, em consequência do aumento dos salários dos operários das indústrias da Capital, em mais de 30 %, a vida dos operários do interior tornou-se verdadeiramente aflitiva, atingindo, como não podia deixar de ser, os tipógrafos e demais empregados da Tipografia «O Clarim», que nos pediram um aumento equitativo nos seus salários para poderem atender, e talvez ainda com certa dificuldade, o alto custo da vida.

Entretanto não podemos fazer referido aumento sem antes aumentar o preço das assinaturas, de vez que esta Revista não tem outra fonte de renda a não ser o produto das assinaturas, pois não publica anúncios e nem cobra a inserção de notícias para não sacrificar matéria de propaganda.

Assim, e bem contra a nossa vontade, somos forçados a aumentar o preço das assinaturas da Revista que passam a ser de Cr. $ 50,00, porte simples, Cr. $ 60,00, porte registrado, anualmente, de Agosto em diante. Se não aplicarmos esta justa medida, os nossos empregados tomarão outro rumo, prejudicando a marcha da propaganda que vimos fazendo com toda regularidade, esfôrço, trabalho e bôa vontade.

Certamente entre os nossos assinantes alguns se insurgirão contra esta medida forçada, porque desconhecem as grandes dificuldades que exige a manutenção de um órgão espírita como a «Revista Internacional do Espiritismo», que ha 28 anos vem difundindo a Doutrina Espírita sem desfalecimentos, removendo os mais teimosos obstáculos à sua marcha. Mas em compensação, a maioria dos assinantes, compreendendo a nossa situação e desejando o progresso da Doutrina, com certeza nos enviarão como sempre em ocasião idêntica, palavras de estímulo e confôrto.

Outrossim: Solicitamos aos nossos prezados assinantes em atraso, o obséquio de efetuarem, com a possível deligência, diretamente a esta redação, o pagamento de suas assinaturas, visto como os nossos três representantes-viajantes acham-se enfêrmos sem possibilidade de fazerem as suas costumeiras excursões de propaganda. O pagamento das assinaturas póde ser feito sob registro com valor declarado, vale postal ou cheque.

Contando com a complacência e a cooperação dos nossos prezados assinantes nesta hora aflitiva, almejamos-lhes paz, saude e progresso espiritual.

A REDAÇÃO.

Festa do agasalho do Centro Espírita Ubiratan

O Centro Espírita «Ubiratan» é uma entidade religiosa-espiritualista onde a doutrina de Jesus encontra o estudo adequado à elevação do espírito daqueles que entendem que para lá do túmulo há uma Justiça Maior que preside aos mesquinhos atos do ser humano durante a sua peregrinação na Terra. E como o Cristo nos advertiu de que «a cada um será dado segundo as suas obras» e de que «a árvore se conhecerá pelos frutos» os homens que presidem aos destinos daquela entidade, muito especialmente o seu Presidente Senhor Romualdo Joaquim Martins, acharam por bem trilhar o caminho da solidariedade fraterna, para o que instituiram, desde a fundação daquela casa de Amor, a obrigatoriedade de assistir ao maior número possivel de infelizes que de tudo carecem, desde o pão de cada dia e agasalho para a carne desnuda, ao conforto moral e elevação social no seio da comunidade que se agita no frenesi do trabalho cotidiano.

Para tão humanitário fim criou-se o Departamento de Assistência Social a quem está afeta a tarefa bendita de levar assistência aos reconhecidamente pobres e o desempenho desta obrigação tem sido realizado de tal maneira que a sua atuação despertou, sem alardes de publicidade preconcebida, a atenção dos meios públicos culminando com a Lei N.º 1703, de 25 de Agosto de 1952, do Govêrno do Estado de São Paulo, reconhecendo, o Centro Espírita Ubiratan, de utilidade pública.

Êste ato governamental, como que um estímulo à obra que já vinha sendo desenvolvida, fez com que senhoras e cavalheiros frequentadores do Centro Espírita Ubiratan, num novo despertar, encontrassem renovadas energias e se pusessem em guarda, na defesa dos interêsses dos pobrezinhos, emprestando, dest'arte, a sua preciosa colaboração ao citado Departamento que, sob a chefia preciosa do senhor Viriato Vilaça Pinto sente o cunho de real grandeza espiritual em suas atividades em beneficio dos infelizes que batem à porta do Centro Espírita Ubiratan.

Independentemente da assistência mensal prestada ás famílias devidamente inscritas no Departamento de Assistência Social, o Centro Espírita Ubiratan distribúe, todos os anos, por ocasião do Natal e de Santo Antonio, comestíveis, dinheiro e roupas, e a festa a que assistimos no dia 14 de Junho, próximo passado, é dessas festas que calam fundo nos nossos corações e nos levam a raciocinar na grandeza de Deus que põe diante de nossos olhos tanta e tanta miséria como que a nos convidar a melhores pensamentos e obras já que todos somos irmãos perante a mesma paternidade — DEUS.

A's 15 horas daquêle dia 14, já o salão do Centro Espírita Ubiratan estava repleto, achando-se presentes todas as famílias a serem contempladas com os donativos e elevado número de abnegadas criaturas benfeitoras da obra de caridade ali realizada.

Além de mais de mil peças de roupa compostas de vestidos, calças e agasalhos de toda sorte — tudo obra nova, confecionada na Oficina de Corte e Costura do Centro Espírita em questão – foram distribuidos noventa cobertores, sessenta colchas, caldeirões, espumadeiras e conchas de alumínio a cada uma das famílias pobres e ainda meias, puloveres, talco, pão, enxovais para bebés, bolos, doces e dinheiro.

Se o espetáculo, por um lado, confrangia os corações generosos que assistiam ao desfile de famílias numerosas e necessitadas, por outro lado êsse mesmo espetáculo nos proporcionava alegria por verificarmos que ainda há corações generosos que se lembram dos seus semelhantes menos afortunados, dando-lhes o agasalho suficiente para os preservar dos rigores desta quadra do ano.

Terminada a primeira parte da distribuição de auxílio aos pobres inscritos no Departamento de Assistência Social do Centro Espírita Ubiratan, a Diretoria daquêle Centro proporcionou aos senhores assistentes instantes de sã recreação com números de música selecionada, partes de canto e declamação levados a efeito por pessoas do Centro.

Finalmente não faltaram os costumeiros e tradicionais doces e salgados, regados a refrigerantes, com a fartura indispensável e com a ordem e respeito tão do agrado dos frequentadores daquela casa de Caridade.

A semana que findou foi, indiscutivelmente, a semana da fraternidade, durante a qual comungaram dos mesmos anseios, beneficiados e benfeitores, pois a obra que o Centro Ubiratan vem realizando é possível graças aos valiosos donativos que almas bem formadas para ali carream, dentre as quais é de justiça salientarmos nêste ligeiro resumo, a figura magnânima do senhor Augusto Gonçalves, grande benfeitor do Centro Espírita Ubiratan e que na semana transata teve ocasião de visitar o Centro e a sua obra.

Que os Céus permitam a continuidade destas festas encantadoras e o sempre crescente aumento dos benefícios aos necessitados, são os nossos votos sinceros.

Armando Martins.

São Paulo, Junho, 1953.

Exegética da Divina Comédia

O nosso prezado confrade Arnaldo S. Tiago, autor da importante obra «Exegética da Divina Comédia», recebeu do Professor Pietro Ubaldi expressiva carta a respeito dessa obra.

Reproduzindo da aludida carta apenas a parte referente ao livro em apreço, eis os termos em que se expressa o ilustre Professor:

«Recebi seu livro que está ainda comigo. Li tudo, achei muito interessante».

Mais adiante informa: «Vou enviar seu livro para Itália, de modo que seja conhecido também na Pátria de Dante, pelas pessoas cultas que conhecem melhor do que eu êste assunto.

No conjunto gostei e concordo. Seu

ponto de vista é diferente daquêle de onde costuma-se julgar Dante na Itália, por isso ali poderia parecer um trabalho original.

Eu estudei Dante na escola quando estava moço. Depois li muitas vezes. Mas não sou um dantista especializado como o sr.

Fiquei admirado de ver o sr. conhecer Dante melhor que tantos italianos mesmo. Esta é a primeira vez que me encontro com um livro sôbre Dante estudado à luz do Espiritismo. Na Itália não ha espíritas no sentido de aquí.

Desculpe meu português errado. Aprendi o que pude».

III Congresso Espírita Pan-Americano

A Comissão Organizadora do Terceiro Congresso Espírita Pan-Americano, por nosso intermédio e em nome da Confederação Espírita Pan-Americana, convida as Confederações e Federações do nosso Continente, e a todas as instituições espíritas dos países americanos onde ainda não exista organização federativa nacional, para que concorram e participem do Terceiro Congresso Espírita Pan-Americano a realizar-se em Havana, Cuba, de 3 a 10 de Outubro do ano em curso.

A Comissão Organizadora constituida em Cuba, por mandato do Conselho Federal da CEPA, atualmente localizado no Rio de Janeiro, se compraz em fazer êste convite para ato de tão significativa transcendência, cuja finalidade é difundir o Espiritismo entre os povos americanos, expandindo a idéia da fraternidade para seu cultivo entre todos os homens, mediante a prática da Doutrina Espírita e a manutenção da sua pureza ideológica. Para chegar a isso, se propõe o Congresso, com o exame dos postulados científicos, filosóficos e morais que integram o ideal espírita, propiciar um entendimento entre todas as organizações espíritas do continente americano, procurando unidade de vistas e esforços que sirvam para robustecer o movimento espírita, propósito êste que põe ao serviço dos povos americanos, para esclarecimento dos valores do espírito e dignifição da consciência humana.

O Terceiro Congresso Espírita Pan-Americano se realizará seguindo o ritmo traçado pela CEPA através dos seus dois Congressos realizados, o primeiro em Buenos Aires, em 1946, e o segundo no Rio de Janeiro, em 1949, e em cujos Congressos ficou assentada a realização periódica destas reuniões continentais. No Rio de Janeiro, por votação unanime do Congresso se elegeu Cuba, em sua capital, Havana, para séde desta terceira reunião. A Confederação Nacional Espiritista de Cuba, integrante da CEPA, e a União de Mulheres Espiritistas de Cuba, filiada a CEPA, assumiram a responsabilidade de organizar o Congresso, de acôrdo com a resolução emanada daquêle supremo organismo continental que designou o confrade Dr. Miguel Santiesteban para presidir a Comissão Organizadora formada por representantes das duas instituições.

E' a seguinte a Comissão Organizadora do Terceiro Congresso Pan-Americano: Dr. Miguel Santiesteban, presidente; César Rodriguez Expósito, vice presidente; Rodolfo Rigal, secretário; Nicolás Medina, vice-secretário; Manoel Romero, tesoureiro; Juan Otero, vice-tesoureiro; vocais: Alberto Scull, Manuel del Amo, Ofelia Léon e Ester Ferrer.

Notícias da Use

Novos Conselhos Regionais: — Cumprindo decisão do Conselho Deliberativo Estadual, serão instalados nos dias 12 e 19 de Julho, os Conselhos Regionais Espíritas sediados em Marilia e Bebedouro, respectivamente.

Dessa forma, o Conselho Deliberativo Estadual passará a contar com 14 representantes do Interior do Estado e igual número da Capital, além dos representantes das entidades federativas e do Conselheiro Honorário, Dr. Francisco Carlos de Castro Neves.

Uniões Distritais: — Em consequência da criação de mais dois Conselhos Regionais, a D. E. providenciou a instalação de mais duas Uniões Distritais Espíritas na Capital. Uma delas já foi definitivamente constituida, sob a denominação de UNIÃO DISTRITAL ESPÍRITA «Emmanuel», abrangendo os bairros de Bela Vista, Consolação, Santa Cecilia, Pinheiros e Jardins. A outra está em vias de organização. Estão sendo consolidadas outras Uniões Distritais em vários bairros da Capital, de acôrdo com o plano estabelecido pelo Conselho Metropolitano.

A quasi totalidade das UDES vêm funcionando normalmente, realizando suas reuniões e procurando pôr em prática o disposto nos Regimentos Internos aprovados pelo C. D. E.

Uniões Municipais e Conselhos Regionais: — A maioria das UMES e dos Conselhos Regionais está desenvolvendo satisfatória atividade, conforme se verifica pelos relatórios recebidos pelo D. E.

Diretoria Executiva: — A D. E. tem se reunido, normalmente, de 15 em 15 dias em carácter ordinário, estudando todas as questões de interêsse geral do movimento Espírita Estadual.

Conselho de Redação: — O Conselho de Redação, em reuniões permanentes, estuda as matérias encaminhadas à publicação no órgão oficial da USE, tomando as providências necessárias no sentido de garantir a edição normal de «Unificação», dentro do critério inicialmente estabelecido.

Departamentos: — Alguns Departamentos estão realizando eficiente trabalho, como órgãos auxiliares da D E.

Organização e Propaganda: — Componentes da Comissão Diretora do Departamento de Organização e Propaganda, tem visitado continuamente, as mais diferentes Regiões, incentivando, organizando e reorganizando, C. R. Es., UMES e UDES como órgãos constitutivos da USE.

Com reais proveitos para a Unificação, foram visitadas, nos últimos dias, as 2.ª, 4.ª e 5.ª Regiões. As cidades de Sorocaba, Santos, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Casa Branca, Cocais, Vargem Grande do Sul, Pirassununga, São João da Bôa Vista, e outras, receberam visitas de representantes da USE, à serviço da Unificação, realizando, em todas elas, proveitosos trabalhos.

Nos proximos dias serão visitadas as cidades da Alta Paulista, num trabalho preparatório da instalação do Conselho Regional de Marilia. Serão visitadas, também, nos próximos dias, as cidades da Alta Sorocabana, (de Assis a Presidente Epitácio) para reorganização do Conselho Regional daquela Região.

A volumosa correspondência expedida diariámente pela D. E. da USE, além de Circulares e outras instruções por escrito, suprem a impossibilidade do Departamento de Organização e Propaganda em atender aos inúmeros pedidos de orientação e assistência, procedentes dos mais diferentes lugares.

A Direção Central da USE estará presente à instalação dos novos Conselhos Regionais, por meio do Departamento de Organização e Propaganda, orientando os trabalhos e dando a necessária assistência.

Semanas Espíritas: — A Diretoria Executiva, atendendo solicitações feitas pelas UMES de Marilia e Taubaté, enviará representantes ás «Semanas Espíritas» que serão realizadas nessas cidades no decorrer dêste mês, participando daquelas realizações.

Concentração Regional Espírita: — A Direção Central da USE será também representada na Concentração Regional Espírita a realizar-se nos dias 17, 18 e 19 de Julho, em Bebedouro, quando será instalado o Conselho Regional Espírita naquela cidade, de acôrdo com a decisão do C. D. E.

Conselho Federativo Nacional: — O representante da USE tem comparecido, regularmente, ás reuniões do C. F. N., participando, ativamente, das discussões dos assuntos de relevante interêsse para o movimento Espírita do Brasil, sustentando sempre o pensamento e orientação da USE.

USE

União das Sociedades Espíritas do
Estado de S. Paulo

DIRETORIA EXECUTIVA

Carlos Jordão da Silva.
Secretário Geral.

Sanatório João Evangelista

Realizou-se dia 5 p. p., ás 15 horas, na Capital, a inauguração das instalações do Sanatório João Evangelista destinado aos doentes mentais e nervosos, constituindo mais uma notável obra de assistência social levantada sob os influxos do Espiritismo que, através dos seus seguidores, está mostrando o seu valor na assistência moral, espiritual e mesmo material que vem prestando à humanidade.

Gratos pelo convite com que fomos distinguidos.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2971unse

O XXIX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1953 — N. 7

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Testemunhos da Sobrevivência Individual . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
Gênese da Caridade . . . . . . *W. Vieira*
Livros em desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Metapsíquica . . . . *João Teixeira de Paula*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
«Fronteiras do Outro Mundo" . . *Dr. Américo Luz*
Semana Espírita do Norte Paranaense *Leopoldo Machado*
Alguns fatos espiríticos ocorridos na minha vida . . . . *Francisco Waldomiro Lorenz*
A Investigação Psíquica no Legendário Japão . . . . *Singo Nakasawa*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1953 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Testemunhos da Sobrevivência Individual

NÃO acreditamos que haja alguém que se aventure a negar, atualmente, a veracidade dos fenômenos psíquicos em face da sua reprodução em todos os meios sociais e em escala cada vez maior. A sobrevivência individual está sendo fartamente demonstrada, o que prova a realização da profecia segundo a qual o espírito seria derramado sôbre toda a carne, coincidindo isso com a vinda do Espiritismo, certamente porque só esta Doutrina é capaz de fazer luz sôbre os fenômenos psíquicos ou espíritas que vêm despertando a atenção de todos para o chamado sobrenatural que, na verdade, é a chave da solução de todos os problemas humanos, a sobrevivência individual.

A tarefa desta Revista cifra-se em apresentar fatos psíquicos e estudá-los à luz do Espiritismo, procurando colher o maior número possível de provas sôbre a sobrevivência individual para que o reinado do espírito assente definitivamente a sua cátedra em todas as inteligências e corações.

Hoje citaremos alguns exemplos em refôrço do que deixamos dito, extraídos de «Estudos Psíquicos» de Lisboa, edição de Março de 1906:

«Póde ver-se nas atas do IV Congresso de Psicologia, Paris 1900, que o dr. Van Aeden obteve com o médium Thompson provas para êle irrefutáveis da identidade do espírito que se manifestava.

Numa das sessões comunicou-se um dos seus amigos suicidado, falando-lhe em holandês, língua que o médium completamente desconhecia. As respostas eram corretas e prontas, e o próprio médium não as podia dar em vigilia.

O suicida tinha anteriormente feito uma tentativa infrutuosa, sendo achado ainda com vida, mas com a garganta cortada. O médium ignorava tudo isto, até mesmo a existência do suicida, e todavia as manifestações eram acompanhadas de tosse convulsiva, espasmo, anciedade, consequências daquela tentativa.

Houve nessas comunicações a revelação de fatos e de nomes de pessoas que o Dr. Aeden não conhecia, mas cuja veracidade reconheceu após futuras investigações.

Eis um trecho das suas próprias palavras: «Nada nas minhas experiências me deu a impressão mais viva de que o médium é apenas um instrumento, pôsto temporariamente à disposição de sêres que vivem e podem mesmo gracejar nas regiões que não conhecem nem tempo nem espaço.»

E' bem clássico e conhecido o caso de Abraham Florentine, em que foi médium o próprio professor Stainton Moses, como relata em suas obras.

Achando-se êle com o Dr. Speer e a esposa dêste numa sessão em Shanklin, veiu uma comunicação como sendo dada pelo espírito de Abraham Florentine, falecido em Brooklin a 5 do mesmo mês, e acrescentando que tinha tomado parte na guerra de 1812.

As palavras: «um mês e dezesete dias» foram também ditadas. Reconheceu-se depois que elas se referiam à idade do comunicante, pois se verificou ter exatamente 83 anos, 1 mês e 17 dias.

Procedendo-se a inquerito perante as autoridades militares de Nova York, verificou-se que Abraham Florentine era voluntário, tendo pertencido ao regimento de milicias de Nova York e que de fato tinha servido durante a referida guerra.

O dr. Eugenio Crowell se encarregou de pesquisas suplementares, descobrindo que nos registos se achava o nome de Abraham Florentine, e procurando a viúva dêste, por ela soube que o marido havia falecido a 5 do mês em que se realizou a sessão e que eram exatos todos os mais pontos da comunicação medianímica.

Stainton Moses faz sôbre êste caso a seguinte textual reflexão: «Nenhum de nós jamais tinha ouvido falar de Abraham Florentine, e nem siquer tinhamos amigos na América que nos pudessem dar estas informações... Afirmo que tudo isto nos era perfeitamente desconhecido».

Na «Revista de Estudos Psicológicos», de Barcelona, fascículo correspondente a setembro de 1900, é relatado um caso de identidade, que não póde ser interpretado fóra da teoria espírita.

E' assim referido êsse caso: «Três pessoas, um professor de matemática, um médico e um teólogo, tinham pedido ao sr. Segundo Oliver, médium desinteressado, para lhes fornecer provas da realidade dos espíritos. Depois dum instante de recolhimento, a mão do médium traçou mecanicamente as seguintes palavras:

«Isidora, idade 50 anos, natural de San Sebastian, falecida em 31 de Março de 1870; doença, cancro intestinal; deixou três filhos; seus nomes e idades: P., 15 anos; C., 19 anos; M., 25 anos.

Com estes pormenores, um dos assistentes reconheceu o nome de sua mãe.

Surprêso e comovido, perguntou se ela tinha alguns conselhos para lhe dar. De novo o médium tomou o lapis, mas, com grande admiração sua, em poucos minutos traçou o retrato duma pessoa que lhe era desconhecida, e no qual se reconheceu o espírito de Isidora, que nunca, enquanto viva, tinha consentido em deixar-se fotografar. O médium jamais tinha aprendido desenho nem sabia desenhar.

Todos os assistentes declararam que em nada tinham pensado do que foi escrito e que não podia haver ali fenômeno de sugestão ou de leitura de pensamento.»

Os fenômenos psíquicos reproduzem-se das mais variadas maneiras e com tal exatidão que negá-los seria um grave erro contra as obras de Deus e suas sábias e equitativas determinações. A creatura que tem a infelicidade de negá-los, ainda que se afirme cristã, não passa, na verdade, de refinado materialista, não tendo, portanto, nada de cristã, porque o Cristianismo tem por base o amor fraterno e a vida eterna, que deixaria de ser eterna sem a sobrevivência individual, que a seu turno seria posta em dúvida sem as reproduções dos fenômenos psíquicos, que são tão velhos quanto o Universo.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XI

Em nosso artigo anterior referimonos à sessão de 13 de Novembro de 1952, mas não sabiamos que era a última de uma fase: logo no dia seguinte agravou-se a enfermidade da Sra. Dolores Bacelar e ela não pôde mais sair de casa. Ficaram suspensos seus trabalhos como médium até 24 de Fevereiro de 1953. Em 16 de Dezembro sofreu melindrosa operação, pelo ilustre cirurgião Prof. Guillon Ribeiro, e em 24 de Fevereiro já estava restabelecida, podendo comparecer à sessão pública da Federação Espirita Brasileira e reiniciar os trabalhos de sua missão.

Durante êsse periodo de tratamento suas faculdades foram suspensas: não via nem ouvia as entidades espirituais que antes lhe faziam constantes visitas. Teve a impressão de que havia perdido toda a mediunidade. Mas logo que recomeçou os trabalhos, despertaram-se-lhe as faculdades: passou a conviver familiarmente de novo com os amigos espirituais.

Na sessão de 24 de Fevereiro, recebeu o seguinte poema que talvez tenha defeitos de forma e mais tarde venha a ser corrigido pelo poeta, como frequentemente sucede. Parece-nos que para o leitor estudioso o mais interessante é examinar o documento mediúnico tal qual foi recebido e saber que foi escrito em vinte e quatro minutos. Eis os versos:

Hino à Caridade

A. Castro Alves.

Irmãos, ontem as minhas mãos aos Céus erguia,
Orando, em poesia, por Agar e Ismael...
Para eles suplicando, em meu ardente canto,
Fim para tanto pranto e fado tão cruel!

Hoje, que a Liberdade, bela deusa alada,
Do vate esposa amada... Ideal, varonil!
Por quem, na Grécia, Byron lutou e morreu,
De teus filhos rompeu as algemas, Brasil!

Do Espaço, volve à Terra, o poeta! A sua lira
Já outra musa inspira... O nome é Caridade!
Súmula da Verdade que Jesus plasmou,
E São Paulo exaltou toda a sublimidade!

A Caridade, irmãos, é a divina enfermeira!
Celeste vivandeira, sem pouso nem lar...
Suavizando as dores, sem temer procela!
Forte e impávida! Estrela entre névoa a brilhar!

Filha de Deus! Dileta esposa de Jesus!
Mãe e Anjo! Paz e luz do Exercito da Dor!
Por onde ela passou, as lágrimas secaram...
Risos desabrocharam qual pet'las de flor!

Vestal que das Virtudes tod'os dons encerra...
Marta e Maria, na Terra! A Fé casada ao afã!
Quando nasceu o Amor, ela também nasceu...
Tem como berço o Céu! Da humanidade é irmã.

Em seu seio, aconchega o órfão, em noite fria...
Dá a Noemi a alegria que a Parca lhe roubara.
Alquimista, transmuda choros em cantigas!
Ruth colhe as espigas que Booz plantara!

Da alma, nas tempestades, é estrêla e faról.
No inverno, é o raio de sol que alegra os passarinhos!
E' a voz que ao prisioneiro perdôa e consola...
E' a mão que oferta a esmola... E' rosa sôbre espinhos!

Nas trevas da ignorância é o livro que ilumina,
Aplaina, guia, ensina o Caminho da Luz!
Que ao cego de saber, arranca a escura venda,
E indica ao Homem a senda que ao Panteon conduz!

Mestra, ela educa as almas para uma Nova Era
De Eterna Primavera! Ensinando, Á Terra, a aula
Do Sermão da Montanha! E' quem faz, por encanto,
De um Herodes um santo Vicente de Paula!

Se no Sinédrio não acusa nem condena...
Ela advoga, serena, a causa do culpado...
Pede à fria Justiça, bondade, indulgência,
Compreensão, clemência pr'a o irmão em pecado.

E' a doce irmã que anima toda alma que chora,
Sem ver tempo nem hora... E' quem nos lembra e fala
Da Bondade de Deus! Das Mansões do Senhor!
Do milagre do Amor, que a dor conforta e cala!

Mas, para a Caridade dar pão e agasalho,
Arduo não lhe é o trabalho... Não requer milhão!
Se é pobre de bens quem a um mísero conforta,
Do Amor abra-lhe a porta e dê-lhe o coração!

Da noite medieval, olhai, desperta a Itália!
Vem, da amorosa Gália, a voz dos trovadores!
Na Umbria, pela estrada, caminha ao relento,
Faminto, poeirento, o irmão dos sofredores!

Vem Francisco de Assis, o mais pobre dos pobres...
Desprezado por nobres e ricos, porém
Filho amado de Deus! Trazendo, como herança,
Fé, Amor e Esperança áquêle que não tem...

Vem de alforge vasio, mas, conduzindo n'alma,
O bálsamo que acalma o sofrer mais pungente...
Caridade! Tesouro que as vidas aquece,
Alegra, resplandece milagrosamente!

Olhai, ainda... Ligeiro barco singra os mares...
E à sombra dos Palmares, pousa... E logo após
Silenciando a inúbia, sob a luz do Cruzeiro,
Ouve-se, por primeiro, de Anchieta a voz!

E' ela, a Caridade, o índio cristianizando!
As almas conquistando como fez Jesus!
Transpondo as longas tábas do féro Aimoré,
Tendo, por senha, a Fé! Por bagagem, a Cruz!

Alí, é a corajosa, heróica aventureira!
Aquí, junto à lareira, ela aquece ao velhinho,
Que estava ao desabrigo, na noite sem teto,
Viúvo de todo afeto, pobre ave sem ninho...

Mas, sempre é ela quem torna o mísero feliz!
Divina Beatriz, que ao Reino Celestial
Leva, após infernais vias, a Alma extraterrena,
Que cumpre, aquí, a pena de um crime ancestral!

Irmãos, é a Caridade, de Deus, pura essência!
E' a suma, a quinta-essência das Altas Virtudes!
Quando, na Terra, aflitas almas não mais plangem,
Os Anjos, nos Céus, tangem harpas e alaúdes!

Não sabemos quanto falte nêste poema para alcançar irreprovável perfeição artística, mas não temos dúvida de que seja, mesmo como está, uma bela prédica doutrinária que passará ao porvir.

Ismael Gomes Braga.

Gênese da Caridade

W. VIEIRA

A CARIDADE é a mais bela das virtudes, mãe de todos os sentimentos nobres, rainha de todas as afeições puras que iluminam o espírito humano.

Quem a possue e a pratica em suas duas faces moral e material, já percorreu uma longa e espinhosa senda evolutiva na natureza, onde encontramos quatro tipos de sêres : o cristal, o vegetal, o animal e o hominal. Destes apenas o último pode possuir a caridade legítima, os demais, se podemos dizer, contam sómente com os seus primórdios.

No cristal vemos quasi imperceptívelmente o seu sentido de agregação, talvez um remotíssimo aparecimento de vida ?

No vegetal aparecem tendências mais acentuadas para a subsistência, procurando os meios mais naturais e adequados a sua evolução, com indícios já mais que objetivos de vida balbuciante; vida que acentua e expande no animal, surgindo o instinto que o domina quase inteiramente obstruindo a reflexão e a inteligência, que vão dominar o sêr mais perfeito da escala de vida — o homem.

Portanto, de pleno acôrdo com o ensinamento induista : «o espírito dorme na pedra, sonha na planta, move-se no animal e desperta no homem» ; ou tal como revela Trimegisto : «a pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, o homem em espírito, o espírito em Deus» ; ou como criam os egípcios : «o mineral existe, a planta existe e vive, o animal existe, vive e sente, o homem existe, vive, sente e pensa».

Conquanto possuindo bastante evolucionamento o sêr humano ainda tem instintos, os quais são como bem disse Lázaro (1) : «a germinação e os embriões do sentimento». Dentre êles há o de conservação, que escuda a criatura de muitos malefícios em seu viver diário. Dêste instinto no dizer de Kardec (2), nascem o egoismo e o orgulho. Ora, como se sabe, a origem do amor próprio também reside neste instinto de conservação e o orgulho nada mais é que o amor próprio exagerado, assertiva essa que é sua própria difinição.

Se recorrermos outra vez ao Mestre de Lion, vamos deparar em duas de suas obras «O Evangelho Segundo o Espiritismo» (3) e «Obras Póstumas» (4), a asserção de que «o orgulho é o pai do egoismo».

Neste ponto nos serviremos da portentosa obra «A Grande Síntese», em seu capítulo «A Evolução do Egoismo» (5) :

«O altruismo nada mais é de que um egoismo mais amplo, tanto mais amplo, quanto mais estiverem ampliados a consciência individual e o campo que esta abrange».

Enfim, para finalizar nossas conclusões, de novo amparar-nos-emos no Codificador que nos dá «a caridade como a fonte de todas as virtudes, como o egoismo é a fonte de todos os vícios» (6). Assim, o que é a caridade ? Nada mais, nada menos que a sublimação do altruismo, do amor ao próximo.

Nesta viagem pelos sentimentos partimos do instinto de conservação, passando pelo amor próprio, deixando o orgulho chegamos ao egoismo, evolucionando ao altruismo até chegarmos à caridade, pináculo da sentimentalidade humana.

Podemos depois de examinar esta árvore genealógica da caridade, avaliar o quanto de esforços devemos dispender na sua prática, e, o quanto de superiodade possue o Espiritismo sôbre as demais religiões, a começar pelo seu próprio dístico : «Fóra da caridade não há salvação».

Sim, é a caridade o único veículo que nos conduz aos planos superiores !

Que adianta a um encarnado dizer-se espírita oral e gráficamente, exemplificar pela teoria as suas verdades, dirirgir-se àqueles que não lhe são afins na crença religiosa, que lhe adianta tudo isto, se não possue ações que possam legitimamente denominar-se caridade ?

Caridade, belíssima palavra, cuja significação custa a conter a significação do resumo do mais belo ato humano !

Caridoso aquele que pratica desprendidamente a caridade, sinônimo mais perfeito de profitente da Doutrina da Luz !

---

(1) — O Evangelho Segundo o Espiritismo — Pág. 154.

(2) — Obras Pòstumas—Pág. 213.

(3) — Pág. 158.

(4) — Pág. 213.

(5) — Pág. 357.

(6) — Pág. 376.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr.$ 70,00	Do 11.º ano Cr.$ 70,00	Do 19.º ano Cr.$ 65,00
Do 4.º ano . . 70,00	Do 12.º ano . . 70,00	Do 20.º ano . . 65,00
Do 5.º ano . . 70,00	Do 13.º ano . . 70,00	Do 21.º ano . . 65,00
Do 6.º ano . . 70,00	Do 14.º ano . . 70,00	Do 22.º ano . . 65,00
Do 7.º ano . . 70,00	Do 15.º ano . . 70,00	Do 23.º ano . . 65,00
Do 8.º ano . . 70,00	Do 17.º ano . . 70,00	Do 24.º ano . . 65,00
Do 10.º ano . . 70,00	Do 18.º ano . . 70,00	Do 25.º ano . . 65,00

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e Z Y L 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu **DELFINO FERREIRA** em 6/6/53).

Vamos prosseguir na apresentação da obra de Cairbar Schutel.

Assim, desfilarão hoje o seu 2.° livro: «*Histeria e Fenômenos Psíquicos*».

Cairbar o dedicou «*àqueles que impacientes com o peso das roupagens avoengas; àqueles que cansados das especulações metafísicas querem se libertar do dogmatismo religioso e científico*».

«Histeria e Fenômenos Psíquicos» não chega a ser um livro; é, antes, um opúsculo, cujas páginas, poucas embora, dizem clara e suficientemente do assunto de que fala o título. E tem sua história. E mostra uma faceta particular de Cairbar, qual a de, pelo seu zêlo e carinho pelo Espiritismo, não deixar sem defesa quanto contra as suas verdades o apregoasse, fôsse quem fôsse. Como «Espiritismo e Protestantismo», de que fizemos apreciação em LIVROS EM DESFILE, em seu último aparecimento, «Histeria e Fenômenos Psíquicos», embora não seja propriamente uma polêmica, é um revide. Foi o caso que aí por fins de 1909, em S. Paulo, uma jovem foi instrumento produtor de fenômenos tidos por misteriosos, como deslocação de objetos, ruídos insólitos, pancadas ouvidas aquí ou alí, etc., conforme jornais da época veicularam. O «Correio Paulistano» realizou um inquérito, ouvindo médicos, psicólogos, ocultistas, espiritistas, etc.

Foram ouvidos, entre outros, um médico, então chefe do serviço de moléstias nervosas na Policlínica e no Instituto Psíco-Fisiológico de S. Paulo, cujo nome, que consta do livro ora em desfile, não reproduzimos, dado o tempo decorrido; e um ocultista, filiado ao Centro Martinista, de Paris, cujo nome não foi, a seu pedido, declinado pelo jornalista.

O médico atribuiu todos os fenômenos, única e exclusivamente à histeria, não aceitando, nem por hipótese se os filiasse aos classificados como metapsíquicos por Charcot e Richet.

Quanto ao ocultista aquelas manifestações se poderiam enquadrar em uma de três classes: histeria, conforme o médico acima; simulação ou fraude; e fenômenos metapsíquicos, segundo a escola de Richet.

Cairbar, residindo em Matão, longe, portanto, de S. Paulo, não foi procurado pelo «Correio Paulistano», ao que parece. Ainda ao que parece nenhum espiritista o foi ou aquiesceu opinar.

Vai, então, daí, Cairbar revida as opiniões dos dois entrevistados supra referidos, escrevendo suas razões publicadas em um periódico da cidade de Rio Claro, o «ALPHA». E o faz substanciosamente. Seu trabalho, embora, como diz êle próprio, não tivesse a pretenção de acurado estudo sôbre a histeria e suas causas, instrúe suficientemente, e, suficientemente rebate os conceitos dos dois anteriores entrevistados, baseando-se em autoridades no assunto, sem escolher que fossem espiritistas.

Após a exposição de seu *depoimento* espontâneo, enriquece o opúsculo com uma notável série de artigos relacionados com o caso e subordinados ao título geral: AS CURAS ESPÍRITAS.

Vejamos os títulos desses trabalhos: 1) A ação espírita e os diversos estados da matéria; 2) As experiências dos sábios e os fluídos; 3) Magnetismo, Sugestão, Mediunismo; 4) Os fluídos e os sentidos físicos; 5) As curas espíritas através dos tempos — A arte de curar; 6) Os exploradores e a mediunidade de curar.

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», teve sua 1.ª Edição em 1911. A que temos em mãos é a 3.ª, datada de 1939. A 2.ª saiu em 1927.

—

Passemos, agora, ao REGISTRO BIBLIOGRÁFICO.

Recebemos esta semana as seguintes obras, de que algo iremos dizendo dentro do tempo de que dispomos:

De «Estudos Psíquicos Editora»: — «*Ronda Espiritual*», mediúnica, do Espírito LIA (Maria Gonçalves Duarte Santos) ditada a Isidoro Duarte Santos;

Do Autor: «*Almas sem rumo*», Crónicas e Contos, de De Paula Machado;

Da LAKE (Livraria Allan Kardec.

Editora): 1) «*Manual dos dirigentes das Sassões Espíritas*», de Emílio Manso Vieira e B. de Godoy Paiva; 2) «*E a morte não apagou...*», romance, de título original «*Espirite*», de Theophile GAUTHIER; 3) «*O céu em nossas almas*», de Honoré de BALZAC, de título original: *Seraphitus, Seraphita*, tambem romance, traduzidos ambos por Wallace Leal V. Rodrigues; 4) «*...e as aguas passaram*», romance, de Hugo Macchiaverni; 5 a 8) 4 volumes de OBRAS COMPLETAS de Pietro Ubaldi: — a) «*Grandes Mensagens*», contendo ainda a biografia do Autor, por Clovis Tavares; «*A Grande Síntese*», 2.ª edição, dessa Editora; «*Problemas do Futuro*»: e «*Ascensões Humanas*».

—

Vejamos hoje «*Almas sem Rumo*», de De Paula Machado. Edição do Autor, o livro foi composto e impresso na «Gráfica Aurora», Rio, 1953. Capa atraente, com sugestiva ilustração de Euclides L. Santos.

Trata-se de um outro livro de Crônicas e Contos, de fundo espiritualista, segundo no gênero, dos dados a lume por De Paula Machado, que, não sendo, pois, um estreante, apresentou já «*Topadas*», seu 1.° trabalho, livro de contos regionais, em 1933, e «*Restos que Vivem*», em 1943, tambem de Crônicas e Contos.

«*Almas sem Rumo*» o A. o dedica às almas que sofrem no Além e no Aquém... São ao todo 67 *crônicas*, inúmeras das quais são gritos dalma dolorida que tenta disfarçar um soluço. O livro, ao demais, é uma oferenda; quase que dá vontade de se dizer uma *oblata* a uma alma querida que se foi... alma de filha. E De Paula Machado, que não quer chorar pelos olhos lágrimas que rolem, líquidas, pela face, chora pelo coração e pelo cérebro páginas de sentimento disfarçado de filosofia. A par tudo isto um estilo todo seu; interessante, mesmo. E os *contos*, que são poucos, nove apenas, vão no rastro espiritualista das *crônicas*, com o mesmo sabor acre-doce...

E' assim «*Almas sem Rumo*», que, todavia, dá rumo às almas que sofrem, que sentem, que amam.

A todos Paz e Luz.

Metapsíquica

João Teixeira de Paula

TEM-SE geralmente Charles Richet na conta de antiespírita. E' matéria incontrovertida que o grande pesquisador francês não morria de amores pela nossa doutrina, conforme declarações que fez por diversas vêzes em livros, artigos e prefácios. Porém não é menos certo que admitia os fatos, embora não os explicasse a par e passo conosco. Temos a prova da assertiva no antelóquio, trasladado abaixo, tirado do celebrado *Tratado de Metapsíquica*, que tem dado tanto pano para mangas.

E' certo que o inquieto metapsiquista, nos últimos anos da proveitosa existência, encarava o assunto sob prisma muitíssimo diferente. Queremos por óra ressaltar apenas a sua crença, desde os anos da mocidade, nos fenômenos psíquicos:

— «Não verão os seus própositos realizados aqueles que nêste livro esperarem encontrar considerações nebulosas acêrca dos destinos do homem, da magia e da teosofia. Tudo fiz por escrever um livro de ciência e não de devaneios. Contento-me pois com a exposição dos fatos e com a discussão de sua realidade, não sem pretender colimar uma teoria, se bem que com prejuizo de outras teorias, porque aquelas que, nos dias que correm, foram propostas em metapsíquica, me parece serem de uma fragilidade desconsoladora.

E' cousa possível, porque tem probabilidade, que uma teoria viável possa um dia ser apresentada. Mas o momento asado ainda não apareceu, visto se contestarem os fatos sôbre os quais se levantaria uma teoria qualquer. E' preciso pois, antes de mais nada, alinhar os fatos, apresentá-los em seu conjunto e com pormenores, para então se cuidar de condições. E' o nosso dever indiscutível: é até o nosso único dever.

A missão é, ademais, muito espinhosa. Realmente, uma vez que se trata de fenômenos um tanto incomuns, o público e os sábios conjuraram entre si negá-los, tão simplesmente, sem exame.

Não obstante, os fatos existem: são numerosos, autênticos, brilhantes. Achar-se-ão, no decorrer das páginas desta obra, exemplos tão abundandes, tão precisos, tão demonstrativos, que não percebo como um sábio de boa fé, consentindo na verificação deles, possa ousar pô-los todos em dúvida.

Póde-se, em três palavras, resumir os três fenômenos fundamentais que constituem essa nova ciência:

1.º) — A *criptestesia* (a lucidez dos autores antigos) ou seja a faculdade de conhecimento diferente das faculdades sensoriais normais de conhecimento.

2.º) — A *telecnesia,* ou seja uma ação mecânica diferente das fôrças mecânicas conhecidas, a qual, em determinadas condições, tem, a distância, atuação sem contacto sôbre objetos ou pessoas.

3.º) — A *ectoplasmia* (a *materialização* dos autores antigos) ou seja a formação de objetos diversos, que, as mais das vêzes, parece sairem do corpo humano e tomam a aparência de uma realidade material (vestuário, véus, corpos vivos).

Aí está toda a metapsíquica. Quer me parecer que ir até lá é ir muito longe já. Ir mais adiante — não o pertence ainda à ciência.

Mas desejo eu que a ciência, a severa e inexorável ciência, admita êsses três estranhos fenômenos por ela não reconhecidos no presente momento.

Escrevendo êste livro à maneira dos tratados clássicos das outras ciências, tais como a física, a botânica, a patologia, quisemos tirar aos fatos, aos quais chamam ocultos, e dos quais muitos indiscutivelmente são reais, a aparência sobrenatural e mística que lhes emprestaram pessoas que nada sabem dêles».

* * *

Charles Richet, como todos o sabem, é o criador da metapsíquica, que tem por objetivo, na própria definição dêle, a «produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a fôrças que parecem ser inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana».

Deve-se-lhe a invenção, no campo das doutrinas psíquicas, da palavra *metapsíquica.* Ouçamo-lo:

— «Quando apresentei, pela primeira vez, no meu relatório presidencial endereçado, em 1905, à S. P. R. de Londres, a palavra *metapsíquica,* o Sr. W. Lutoslawki me observou que num trabalho seu, escrito em polonês (Cracóvia, 1902, *Wyklady Jagiellonskie)* êle havia sugerido a mesma palavra, mas com sentido muito diverso. E. Boirac propôs o têrmo *parapsíquica,* que não prevaleceu, sendo que o vocábulo *metapsíquica* está em uso agora em toda a parte».

Por que *metapsíquica* e não outra palavra qualquer?

Eis a sua resposta à pergunta:

— «...a palavra *sobrenatural,* bem assim como a *supranormal,* não é boa, porque no universo não póde existir senão o natural e o normal. Um fato, desde que exista, é necessáriamente natural e normal. Rejeitamos pois a palavra *supranormal* e *sobrenatural,* da mesma maneira por que rejeitamos a palavra *oculto,* para as ciências ocultas. Isto equivale a dizer, muito ingênuamente, que elas são misteriosas, e, por consequência, inabordáveis para nós. Propus, em 1905, o têrmo *metapsíquica,* que foi unânimemente aceito. Êle tem por si (o que não é para desprezar) a autoridade de Aristóteles, que, tratando das fôrças físicas, desejou escrever em seguida um capítulo acêrca das grandes leis da natureza que iam além das cousas da física. Deu então ao livro *Além das cousas físicas* o nome de *metafísica* do grego *méta ta physica».*

Aliás a palavra *metapsíquica,* conquanto já vulgarizada e aceita, não é de formação muito adequada. Alguns autores, como por exemplo Gino Trespioli, apontam-lhe defeitos e acham-na insuficiente para exprimir com realidade o que pretendia Richet.

Sem dúvida, se *metafísica,* graças à sua origem etimológica, quer dizer *além das cousas físicas — metapsíquica,* pela mesma razão, significa *além das cousas psíquicas.* Ora não é isto o que se pretende afirmar, porque na verdade não se cogita de saber das cousas que vão *além* do psiquismo, mas sim daquelas que estão *no* psiquismo. A diferença é sensível.

A nomenclatura sugerida para os estudos supranormais ou paranormais ou ainda sobrenaturais, como diriam outros e se dizia nos tempos de antanho, é hoje um bocado comprida. Apresentamos aos confrades, a título unicamente de curiosidade, alguns dos nomes mais conhecidos, que, com maior ou menor vantagem, foram lançados à sorte para competirem com a metapsíquica de Richet: a *parapsíquica* de E. Boirac, a *parapsicologia* de Schrenck-Notzing, a *psicobiologia* de W. Mackenzie, a *cosmosofia* do nosso Eurico de Góis, o *metapsiquismo* de G. Geley, a *hiperpsíquica* de G. Ermacora, a *metapsicologia* de... que sabemos nós?

(Do *Traité de métapsychique, Avant-propos*).

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

(Uma ruma de livros e um grupo de autores que nos esperam.)

Na situação em que nos encontrámos, sob o pêso dos anos e tolhido pela enfermidade — anos e enfermidade que não nos anularam, felizmente, nem nos atiraram à inutilidade dos velhos e dos enfêrmos — claro que alguma coisa têm que esperar de nós.

Temos, de resto, esperado por tanta gente!

Principalmente, em matéria de correspondência, que não é de mais que nos façamos, — aliás, contra nossa vontade — esperar por nós!

Falta-nos, na verdade, vagar e tempo, ânimo e disposição para a leitura.

Mas, em se tratando de livros de pessoas amigas, que ainda vêem em nós alguma valia, sempre se encontra um tempinho...

Reunamos, agora, nessas linhas de «Livros e Autores», os volumes que temos recebido nesses últimos tempos...

—

A OBJETIVIDADE DA ALMA — *Agenor Corrêa* — Rio Claro.

O livro foi-nos oferecido pela «Casa dos Espíritas de Rio Claro», com a chancela de Luiz André, pedindo para a tese arrojada do volume nossas impressões, nossa opinião.

O Positivismo é doutrina que nos caíu no gôto.

Estudamo-lo depois de sermos espírita.

Se houvesse nêle a existência de Deus, como o compreendemos, e a imortalidade da alma, como a sentimos, hoje, estariamos pregando e escrevendo sôbre o Positivismo; estariamos pregando-o como pregamos o Espiritismo. Mas, de tal modo o compreendemos e o sentimos, que, na última excursão nossa feita até Manaus disse-se de nossa pregação em Aracajú, em S. Luiz e Manaus, que mais pareciamos estar pregando Positivismo em vez de Espiritismo. Vale isto dizer que encontramos profundas correlações entre a moral positivista e a moral espírita. Uma doutrina quem tem o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim, de que se tirou a Ordem e o Progresso para nossa bandeira (bandeira que foi, por isso mesmo, hostilizada e execrada, por padres e beatos); uma doutrina que ensina devemos *viver para outrem;* uma doutrina que, sem Deus e sem imortalidade da alma, prega e ensina a moral que o Espiritismo ensina e prega, é, na verdade, doutrina bem irmã do Espiritismo; é doutrina que sómente na moral espirítica póde encontrar pontos sérios de contactos...

Esses pontos de contactos, mormente com relação à objetividade da alma, vimos admiravelmente focalizados pelo Agenor Corrêa, no seu belo estudo.

Nós, a despeito de espírita convicto e positivista pela admiração de sua moral; nós, não fariamos coisa melhor. Achamos, na verdade, uma correlação exatissima em todos os pontos focados pelo autor da peça. Achamos maior correlação entre as duas doutrinas do que entre Umbanda e Espiritismo, como se quer, agora, irmanar e confundir, pelas colunas de VANGUARDA.

Conhecemos algures, uma comunicação espírita, versando que Augusto Comte teria sido o apóstolo Tomé, aquêle que afirmara só vendo acreditaria que o Cristo aparecera aos outros discípulos... Viera, então, sem crer, para pregar uma belissima doutrina cheia de moral mais pura do que a moral de muitas doutrinas imortalistas. E vivera, até, com as idéias conturbadas, e morrera, até, ruído de cancer...

O livro, A OBJETIVIDADE DA ALMA é excelente na forma e no fundo.

Bem escrito e substancioso. Livro ao alcance de todas as inteligências, sôbre ser gráficamente bem impresso. Pudera! Se a impressão é da *Gráfica da Revista dos Tribunais*, de S. Paulo!...

—

INSPIRAÇÕES AMIGAS — Versos de *Mario Barreto*, Edição do Autor, Bangú.

Mario Barreto é um jovem espírita que se estréia, agora, no livro.

E escreve na dedicatória que nos faz: «Lembro-me de que, em outubro de 1946, passei a integrar-me na Mocidade Espírita de Bangú e, hoje, tenho a satisfação de oferecer-lhe êste meu primeiro livro...»

Seu primeiro livro de versos lembra perfeitamente o nosso, os nossos: *Pirilampos, Flores Inodoras, Meus Ultimos Versos.* Todos, de versos incertos, embora lhes sobrasse alguma inspiração e uma vontade doida de ser o poeta que nunca chegamos a ser. Xavier Marques chamanos o poeta de surtos incertos e Roberto Corrêa, diz que andamos estragando bonitos pensamentos e bons versos em estrofes defeituosas. Ambos, alunos respeitáveis nas letras baianas. Pois, o mesmo poderiamos dizer de Mario Barreto. Fôsse êle poeta modernista — e o modernismo em poesia expressa bem o espírito de nossa época, que prima pelo desrespeito a todas as Leis, a todas as regras – talvez seus versos fossem primores poéticos.

Falta-lhe o que nos faltava nos dias da mocidade: conhecimento perfeito da arte de versejar, apuramento nos moldes poéticos, que inspiração não lhe falta, não lhe faltará...

—

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES — *Canuto de Abreu*, Federação Espírita do Estado de S. Paulo.

A biografia de Adolfo Bezerra de Menezes, elaborada por Canuto de Abreu, ilustre confrade que conhecemos em São Paulo, tomando conhecimento, então, dos preciosos documentos que tem de interpolações e falsificações dos Evangelhos; é, na verdade, a melhor biografia do ilustre médico cearense que conhecemos.

Uma grande biografia, indiscutivelmente, de mistura a notas expressivas sôbre a implantação do Espiritismo no Brasil, sôbre a origem e desenvolvimento da *Federação Espírita Brasileira.*

Tem, entretanto, um grave, um gravissimo defeito: é obra incompleta. Só vai até 1895.

Porque não completa a obra o ilustre escritor, cujo estílo é claro e bonito, cuja cultura é, por todos os títulos, apreciável?

Somos grato aos dois volumes, oferta de entidades diferentes, que nos couberam.

—

CASTALIA — *Cosme Velho*, S. Paulo.

Houve, no passado literário do Brasil, um escritor com o pseudônimo de Cosme Velho, nome talvez copiado do bairro com igual nome em que residia no Rio.

O autor de CASTALIA, Cosme Velho, é nome ou também pseudônimo?

Lemos o livro, que o recebemos encadernado com expressiva dedicatória.

E o lemos com prazer.

E' livro editado pelo *Instituto Espírita de Educação do Estado de S. Paulo.* E trata-se de um grande livro e de uma excelente publicidade.

Prefacia-o o escritor e poeta Menotti del Picchia.

Aliás, um belo prefácio, como, de resto, tudo que conhecemos do inspirado e bem-assistido autor de MÁSCARAS.

Castalia enfeixa uma série de poemas em prosa, uma espécie de protesto otimista aposto aos poemas em prosa de poetas persas, traduzidos e espiritualizados. Castalia é, assim, a tradução em vernáculo da poesia persa de Rubayot e Omar Khayyam. Da poesia em prosa dos dois admiráveis poetas do Iran. São 162 capítulos. O último, do autor, explicando e resumindo.

O capítulo XCIX, *Sinceridade* — revela um pensamento que seria nosso, se tivessemos engenho e arte para tanto: «Admiro o homem que defende suas idéias com sinceridade, mesmo que elas aberrem da verdade e do bom senso. Quem defende uma causa má com energia, com que entusiasmo não defenderia uma causa boa!»

São capítulos pequeninos e leves, que a gente lê, recreiando o espírito e refletindo a profunda filosofia que êles encerram.

Também atraente na apresentação gráfica, muito bem encadernado pela *Encadernadora Santos*, de Araraquara, CAS-

TALIA é, incontestavelmente, um grande livro.

—

FESTA DA GRATIDÃO — *Hermogenes M. dos Santos*, Nilópolis.

Trata-se de um opúsculo de 27 páginas, edição do autor, na capa, o esboço de um coração atravessado por uma chave, o retrato do autor abrindo o livro.

FESTA DA GRATIDÃO, porque se trata de reconhecimento seu ao Centro Espírita *Caminhemos com Humildade*, que recebeu o autor sob suas telhas, abrigando-o.

Uma originalidade: a dedicatória com que nos oferece o livro é posta na última página do livro, em que diz que «êste modesto opúsculo de minha pobre lavra, mas que me é tudo na vida».

Outra originalidade do FESTA DA GRATIDÃO: uma página consagrada à memória da querida esposa, em cuja pessoa o autor descobriu, como todos que a conheceram, virtudes e apanágios que não se esquecem nunca.

Um trabalho modesto.

Mas, que a gente lê sem canceiras, com agrado.

—

DIALOGO DE LOS DEFUNTOS — *Valentim S. Cerutti*, Buenos Aires.

E' um modesto e pequenino opúsculo que seu ilustre autor nos oferta em nome da «mas profunda y fraternal estimacion».

Em suas 18 páginas se enquadra uma peça de teatro em verso. E versos, aliás, muito bem feitos, destinada à representação de crianças.

O Juiz Inexorável termina sua sentença, encerrando a peça, com estes versinhos muito expressivos:

Ya que se empresa impossible
sepultar en el olvido
las acciones que has vivido,
aprovecha la experiencia,
porque en el mundo no hay juez
que mejor pueda juzgarte
ni tanto daño causarte
como tu propia consciencia.

“Fronteiras do Outro Mundo”

A Religião de Umbanda em face do Espiritismo

Fala à «VANGUARDA» o Dr. Américo Luz, jóven advogado e espirita convicto.

“O Espiritismo não se confunde com qualquer seita ou religião existente no mundo, quer tenha ou não tenha o fenômeno mediúnico.” — (Palavras de nosso entrevistado.)

Nosso entrevistado de hoje é o jovem confrade Américo Luz, que pertencia ainda há pouco, ao movimento de mocidades espíritas, tomou parte nos estudos doutrinários do Centro Espírita «18 de Abril» e, hoje, está orientando a Juventude Espírita Amaral Ornelas. Trata-se de um moço culto, inteligente e, ardoroso, formado há pouco em Direito, espírito sereno e observador.

I — O senhor é apenas espiritualista ou Espírita?

R — Na introdução do «Livro dos Espíritos», Allan Kardec define de modo simples o conceito de espiritualismo: «O espiritualismo é o oposto do materialismo» — «Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que a matéria é espiritualista».

O espiritualismo tem como objetivo demonstrar a nítida diferença existente entre os fenômenos fisiológicos e psicológicos, isto é, que o homem comporta na sua natureza tanto os fenômenos quantitativamente mensuráveis: digestão, circulação, etc., como fenômenos qualitativos, registráveis apenas na consciência: alegria, tristeza, pensamento, etc., Dessa forma demonstra, na pessoa humana, a presença de substâncias distintas: uma ponderável, que é o «corpo»; e outra, o substratum dos fenômenos psicológicos, que é a «alma».

Eis, em suma, o espiritualismo. Pelo seu caráter geral, a doutrina espiritualista deu origem a diversas correntes subsidiárias, naturalmente porque uma cousa é admitir-se em tese a existência da alma; e outra cousa é entrar no exame dêsse elemento imponderável, infinito. Das considerações em torno da natureza da alma surgiram as divergências entre os pensadores e daí, as várias escolas espiritualistas, unidas pelo postulado básico, ou seja, a admissão de algo mais que a matéria nas criaturas humanas, mas por outro lado, apresentando entre si, profundas e variadas digressões no que diz respeito à natureza dêsse elemento espiritual.

A alma na filosofia platônica, por exemplo, encerra características radicalmente diferentes da alma segundo a concepção fenomenista. Enquanto Platão admitia a alma como substância capaz de sobreviver ao corpo, independente, anterior a êle, Hume (fenomenista) rejeita as realidades transcendentes de substância e causa, para considerá-la um grupo de fenômenos, pura e simplesmente.

O problema da natureza da alma dividiu o pensamento humano, assim como as noções sôbre a sua imortalidade, o seu destino e a sua vida fóra da matéria. Embora reconheça traços de afinidade entre algumas escolas no que concerne a compreensão genérica dêsse elemento espiritual que é a «alma» princípio que se faz presente na base do pensamento filosófico de todos os tempos, desde os povos primitivos como observa Levy-Bruhl em «La fonction mentale dans les sociétes inférieures», até os nossos dias, nas definições dadas pelas correntes religiosas modernas, forçoso é convir, porém, que em se passando do conceito genérico ao exame minucioso das particularidades da alma, surge aos nossos olhos um mundo de divergências «teóricas», por enquanto inconciliáveis e intransponíveis, que geraram na «prática» as religiões conhecidas.

No sentido genérico sou espiritualista, pertencente ao grupo cristão, e como espiritualista situo-me no «Espiritismo», ramo do espiritualismo que sustenta a anterioridade da «alma» ao corpo, a sua unidade, a sua independência, indivisibilidade, individualidade, imortalidade, progressão, reencarnação e perfectibilidade, e por último, a possibilidade de intercomunicação entre espíritos encarnados e desencarnados, ou na linguagem vulgar, entre vivos e «mortos». E há, ainda, um aspecto fundamental que o Espiritismo prescreve e que o caracteriza como doutrina independente: a conciliação perfeita entre Ciência e Religião. Dentro da filosofia espiritista, Ciência e Religião se harmonizam. A noção não se opõe ao sentimento, e, entre a lógica da razão e a lógica do sentimento não há, para o espírita, separação natural. Pelo contrário: o Espiritismo, ampliando essas noções, demonstra que elas dependem uma da outra, e que ambas se completam.

II — Sendo a Umbanda uma religião espiritualista como as outras, acha o senhor que se póde considerar a Umbanda uma variante do Espiritismo ?

R — Em primeiro lugar, devo declarar que não considero a Umbanda uma religião, no sentido por que entendo esta palavra, isto é, no seu mais amplo significado. Toda doutrina religiosa possúe os seus códigos basilares: o Islamismo rege-se pelo Alcorão; o Bramanismo pelos Vedas; o Judaismo pela lei mosaica; as religiões cristãs pelo Evangelho, etc... Entre estas últimas encontra-se o Espiritismo, codificado pelo seu principal filósofo, o impoluto Dénizard Rivail ou Allan Kardec, em várias obras de imarcescível valor, dentre as quais o «Livro dos Espíritos» é a principal.

Ora, a Umbanda encarna tão sómente um amontoado de rituais e não possúe uma literatura capaz de identificá-la como sendo uma religião.

E' mais propriamente uma seita, na acepção de comunidade fechada, atenta a exterioridades e sistemas que lhe assinalam a prática, pois em Umbanda não surpreendemos conhecimentos teóricos.

Não se póde, então, definir a Umbanda nem como religião, e muito menos, como variante do Espiritismo. A Doutrina Espírita tem método próprio que a diversifica de quaisquer seitas e religiões, antigas ou modernas. Em razão de pertencer ao espiritismo e ser cristão, não se póde inferir daí que o Espiritismo guarde relações com crenças originadas do tronco comum, e mesmo do Cristianismo, mormente se nos lembrarmos de que há religiões ditas cristãs que se afastaram, cedendo a injunções de ordem humana, dos princípios primevos do Evangelho e não lograram, até os tempos atuais, a sua reintegração nos quadros da Verdadeira Crença. Desviaram-se dos postulados científicos, filosóficos e morais, cujo progresso através dos séculos, não puderam acompanhar.

O Espiritismo surgiu, como Revelação do Céu, para restaurar o Cristianismo segundo a sua pureza conceptual, e para, descortinando novo panorama interpretativo das máximas evangélicas, estender um convite à humanidade, em pról do seu aprimoramento intelecto-moral. O Espiritismo é, pois, uma escola una, propagadora de conhecimentos elevados por meio de sua própria Filosofia, de uma elaboração científica peculiar, e de um sistema moral, que, por constituir o index de aplicação dos ensinamentos que divulga, garante-lhe originalidade ; é a resultante da continuidade do pensamento humano em evolução progressiva, mas que não deixa, pelo seu caráter de inédito, margem a que o confundam com qualquer doutrina religiosa, política, filosófica ou científica. E', por ser uno, indivisível, codificado em obras de meritório valor, plenamente integradas umas com as outras, não se desmembra, não tem variantes.

A Umbanda não é variante do Espiritismo, assim como não o é nenhuma seita ou religião. Leepman Tesch de Oliver, na sua monumental entrevista á VANGUARDA deixou patentemente demonstrado que o Espiritismo não possúe variantes.

III — O senhor reconhece a existência de fenômenos medianímicos no culto de Umbanda ?

R — Não nego, de modo geral, a existência de fenômenos medianímicos no culto da Umbanda, pois os umbandistas tratam com o invisível, ou mais propriamente, o invisível trata com os umbandistas. Prefiro valer-me desta segunda hipótese, porque no trato com entidades desencarnadas, o sucesso depende de uma série de circunstâncias longamente recomendadas por Allan Kardec no «Livro dos Médiuns», e que, não são observadas pelos aficionados da seita afro-católica. A exemplo diremos que o desenvolvimento das faculdades mediúnicas só é bem feito, quando orientado pelo conhecimento dos fenômenos psíquicos, do estudo meticuloso, da boa disposição moral do candidato ao mediunismo. De contrário, os riscos são inúmeros e as possibilidades de fracasso, ainda maiores.

Uma característica essencial do bom medianeiro é, por certo, a sua independência, e, esta só se consegue à custa de superioridade moral comprovada, a não ser que o crente se acomode ao automatismo e concorde em ser joguete de interêsses inferiores, quase sempre inescrupulosos, e discricionários, das entidades sofredoras. No trato com o invisível torna-se imprescindível a cautela e o espírito de luta, considerando-se a Terra como centro de terríveis desencontros de idéias e princípios, em cuja atmosfera vivem homens, desde os mais honrados aos mais impúdicos. Segue-se por conseguinte, que a paisagem espiritual que nos rodeia apresenta idêntica constituição, e cresce o argumento de que não vemos os nossos amigos do espaço. Ora, para conhecer-lhes os propósitos, penetrar-lhes o intimo e exigir-lhes a franqueza, convenhamos ser possível, apenas, com o concurso de conhecimentos especiais e de vibração sentimental elevada.

Na Umbanda não há estudo, e o só sentimentalismo é impotente para garantir-lhe o êxito mediúnico, com manifestações indubitáveis. Há o fenômeno, mas de uma forma grosseira, primitiva e rude, quando são permitidas voluntariamente pelos circunstantes : as mistificações de toda ordem e a influência anímica dos médiuns sem preparo. Em conclusão : fenômeno mediúnico no sentido espírita é diferente, inteiramente diverso da acepção em que os umbandistas o têm. No Espiritismo, há o caráter necessário de responsabilidade ; na Umbanda o fenômeno não pressupõe responsabilidade : é um ato de inconsciência, uma imposição compulsória do manifestante ao manifestado.

IV — Acha que, por isso, a Umbanda e o Espiritismo se confundem ?

R — Em face do que acabei de espender, não se pode confundir Espiritismo e Umbanda.

O fenômeno mediúnico não caracteriza o Espiritismo como doutrina cristã independente, pela sua universalidade ilimitável. Antes do advento do Espiritismo, a Biblia nos demonstra em suas narrações a existência de fenômenos dessa espécie ; o Evangelho revela o carinhoso desvelo de Jesus e dos apóstolos para com os obsessos de espíritos inferiores ; as aparições constantes de entidades angélicas ; a tranfiguração no Tabor ; a materialização do Mestre diante dos discípulos ; o seu passeio sôbre o mar, etc.... Paulo, em suas epístolas, fala dos dons mediúnicos de maneira irretorquível (I.°, Corintios — Cap. XII); enfim, o Budismo, a religião de Pentecostes, a Quimbanda, etc., experimentam, cada qual ao seu modo, o mediunismo, e, quem ousaria sustentar que, por isto, são similares do Espiritismo?

A história de alguns santos católicos registram médiuns de vidência, audiência, levitação, curas ditas milagrosas, e, nada há em comum entre Catolicismo e Espiritismo, que favoreça a sua conciliação nos dias de hoje, justamente pelo fato de haver divergências doutrinais a determinarem a justa separação.

Note-se bem que os desacordos entre seitas e religiões são sempre em matéria de doutrina, acima de tudo. Fenômeno é consequência da vida em suas manifestações de todos os segundos, e não atribúe por si só, aproximações ou separações de crenças. A maneira de definir o fenômeno, de tratá-lo, de examiná-lo e de experimentá-lo, entretanto, absolutamente diversa no Espiritismo e na Umbanda, colocam em posições até antagônicas os dois grupos, mesmo nêste particular. Ajuntando-se a isto que o Espiritismo tem método doutrinário exclusivo, e que a Umbanda carece de fundamentação teórica, a ilação de heterologia se acentua definitivamente.

(Conclúe no próximo número)

Semana Espírita do Norte Paranaense

LEOPOLDO MACHADO

Temos grande responsabilidade na organização das Semanas Espíritas.

Hei de dizer, ainda, numa crônica, como se formou a Semana Espírita e a atuação que tivemos nessa organização.

Falemos, agora, da *Semana Espírita do Norte Paranaense.*

* * *

Saiu, quasi que em função da inauguração da séde do *Lar Infantil Marilia Barbosa.*

A ela, e à inauguração deviamos estar presente, conforme prometeramos, conforme puseramos na crônica de *Vanguarda* de 29 de Abril.

Iriamos à inauguração, contrariando nosso médico e atendendo à comunicação do querido Espírito Patrono do LAR INFANTIL, se a inauguração viesse nas férias, a despeito de já não sairmos mais.

Iriamos em companhia dos cunhados, diretores também do LAR DE JESUS.

* * *

«Contamos prezado confrade incentivar espiritismo norte Paraná...» diz-nos o último telegrama de convite.

Nós, a estas alturas, incentivar os outros! Nós, que já precisamos de incentivos, que já precisamos de quem nos ajude a carregar nossa cruz!

Não pudemos ir — ai, de nós!

Mas, tivemos notícia circunstanciada de como transcorreu a Semana do Norte do Paraná. Soubemos que excedeu a tudo que se podia esperar dos irmãos paranaenses.

Pudera! Não fôsse o Paraná o Estado que, a começar por sua Federação Espírita, está brilhando no cenário do movimento espírita do Brasil!

E, sôbre o movimento espirítico do Paraná, diremos, mais adiante, alguma coisa!

* * *

Tivemos carta do Luiz Picinin, particularizando os acontecimentos da Semana Espírita.

Foi brilhante, a despeito da modéstia de sua narrativa.

Começou em Arapongas, com semaneiros, em caravana, de Cambé, Rolandia, Londrina, Mandaguarí.

Lançou-se aí a pedra fundamental do futuro albergue noturno da cidade.

E, ás 20 horas, no Grupo Escolar, uma sessão com ambiente superlotado, para a conferência do velho Leão Pitta.

No dia seguinte, Rolandia.

Lançamento aí da pedra fundamental do *Lar Infantil André Luiz,* para meninos.

E, à noite, a sessão no *C. E. Ema-*

nuel, superlotado, a despeito da chuva impertinente. Falaram os caravaneiros de Curitiba e o poeta André Fernandes...

Terceiro dia, Londrina.

E despejaram gente para os programas de Londrina: 5 gippes, 2 caminhonetes, automóvel, perua. Todos, para a séde do albergue noturno, que não ficou, infelizmente, pronto para a inauguração oficial. É que se trata de «obra magnifica, construção moderna, fino acabamento, capacidade para 200 leitos. Todos os caravaneiros sairam ótimamente impressionados com a obra...» Jantar de confraternização no Restaurante Calone, oferecido pela «União Espírita de Londrina», em cuja reunião, ás 20 horas, falou Honorio Melo, da *Federação Espírita do Paraná.*

No início da sessão, chegaram semaneiros das cidades de Marilia, constantes de representantes de várias instituições.

O programa do quarto dia, em Cambé. A sessão aí, no «Grupo Escolar Olavo Bilac», falando então representantes de todas as cidades, sendo a conferência obra do dr. Urbano de Assis Xavier.

No quinto dia, ainda em Cambé.

Sessão mediúnica ás dez horas, manifestando-se aí vários amigos desencarnados, todos, alegres e felizes.

Almoço da Fraternidade na chácara do confrade Nereu Pizaia, para umas 400 pessoas. E, à tarde, a inauguração, na séde do *Grupo Escolar*, do *Lar Infantil*, a que compareceram as mais altas autoridades da cidade e das localidades representadas. Falaram, então, Juizes, Promores, Vereadores, o presidente da Camara Municipal, deputados. Luiz Picinin, o construtor principal do LAR INFANTIL, lê a *Mensagem da Cordialidade*, que lhe enviamos e entrega a chave do LAR INFANTIL MARILIA BARBOSA ao Juiz de Direito. Encerrada a sessão, o meritissimo Juiz convida o povo a visitar o Lar, que fôra franqueado a todos. Aí, então, dr. Urbano de Assis Xavier faz a biografia completa de D Marilia, «de uma forma tal que comoveu até as pedras».

Inaugurou-se, em seguida, o retrato de Lins de Vasconcelos, orando, então, o Cap. Honório Melo, seguindo-se a inauguração de um retrato do Cristo, oferta da *Federação Espírita do Paraná* e o franqueamento dos prestimos da FEP ao LAR INFANTIL. A noite, homenagem das instituições espíritas de Cambé e um programa artístico-teatral

No 6.º dia, em Mandaguarí. Chegada de caravaneiros, visita ao Parque Infantil Municipal, lançamento da pedra fundamental do Albergue Noturno pelo Prefeito em nome dos espíritas e, á noite, no Grupo Escolar, conferências.

A Semana terminou em Maringá, com a recepção de caravaneiros, visita, á tarde, á cidade, antes da inauguração da séde do Centro Espírita «Fé, Amor e Caridade», séde ampla e bem arejada e construida em linhas modernas».

A' noite, a parte teatral, pela juventude local, em que fôra representada, nossa peça, A FELICIDADE PODE SER DESTE MUNDO, «que, sem elogios, foi um verdadeiro sucesso». Depois, a conferencia de Honório Melo, no centro e na rádio local.

Esta crônica, modesta e meio desensartada, elaboramo-la em complemento da MENSAGEM DA FRATERNIDADE, com que, por não podermos concorrer, pessoalmente, para o programa, para êle contribuimos de outra forma. E diz ainda, por felicidade nossa, da intensa alegria que nos invade a alma.

Temos amargado desilusões e decepções de toda sorte e de gente, de quem só esperavamos gentilezas. Temos assistido *obreiros de obras feitas* se arvorarem a autores e fautores de empreendimentos alheios. Temos testemunhados o alijamento proposital da obra modesta que os bons espíritos tiveram a graça de inspirar-nos. Mas, assistindo e sentindo, mesmo à distância, a realização de tantas coisas que nos foram inspiradas do Alto, de tanta coisa de que fomos, mercê de Deus, animador — *construção de novos Lares; semanas espíritas com almoços de fraternidades e teatros de moços; teatro espiritualista de verdade em centro espírita; mocidades espíritas a serviço da espiritualização de moços, da propaganda da Doutrina pela arte* — nossa ventura cresce e se irradia em agradecimento e em preces ao ALTO que tanto nos assistira, que tanto nos inspirara.

Graças a Deus!

RELIGIÕES — As religiões são caminhos de Deus e não sendas tortuosas para desancar e aviltar o peregrino. Falar em caridade com o coração em ódio é renegar o Evangelho e fazer obra de Satanás.

Alguns fatos espiríticos ocorridos na minha vida

(De «A Reincarnação») — **Francisco Valdomiro Lorenz**

Em meiados do mês de Outubro de 1917 faleceu, vitimada por uma tuberculose na laringe, em presença minha e de minha esposa, a nossa estimada comadre Maria J. de O., geralmente chamada «Sinhá», solteira, residente na distância de vinte Km. da vila de D. Feliciano.

Dois dias antes de desencarnar, quando minha esposa (Ida) viera visitála, a moribunda, falando penosamente, disse-lhe: «Eu sei que vou morrer, mas prepara-te para receber-me como tua filha, daquí a dez mêses».

«Sei que isso é possível», respondeu Ida, «porém de que modo poderemos verificar a verdade, se tudo assim ocorrer? Como reconhecer que tu e a filhinha sois a mesma personagem? E, por que motivo devereis reincarnar tão cedo?»

A moribunda explicou: «Já durante semanas, tenho conversado com alguns espíritos que me rodeiam e cuidam de mim; êles me prometeram que voltarei à vida terrestre como tua filha, porque deverei aproveitar a ocasião para progredir espiritualmente na tua familia; e quando eu tiver renascido, e alcançar a idade em que puder falar sôbre o mistério do renascimento, no corpo da menina que fôr tua filha, contarei muitas coisas da minha vida atual, assim é que reconhecereis a realidade».

Quando, no dia seguinte, eu cheguei à casa da «Sinhá», para também vê-la ainda antes dela deixar êste mundo, ela já não falava, porém minha esposa me relatou as últimas palavras da moribunda, e esta desencarnou, poucas horas mais tarde.

Dez mêses depois, no dia 14 de Agosto de 1918, nasceu nossa filha Marta. Um dia, quando tinha dois anos e meio de idade, vinha ela em companhia de sua irmã maior, Carolina, voltando dum banho no arrôio muito próximo da nossa casa, e pediu-lhe: «Lola, leva-me ao colo».

A irmã, que nada sabia da promessa da falecida, respondeu: «Tu já pódes caminhar bem; não precisas que te carregue».

Ao que Marta disse: «Quando eu era grande e tu pequena, eu te carregava muitas vêzes».

— «Quando tu eras grande?» interrogou Carolina, rindo.

Então retrucou a pequena: «Naquêle tempo eu não morava aquí; eu morava lá longe, onde tem muitas vacas e muitos bois, e muitas laranjeiras e também animais que são parecidos com cabras, mas não são cabras». (Referia-se ás ovelhas).

Essas palavras descreviam a residência dos pais da falecida, no campo.

Falando assim, Carolina e Marta foram caminhando e chegaram em casa. Então a Carolina relatou-nos as estranhas idéias da irmãzinha, e eu disse a esta: «Minha filhinha eu nunca morei lá onde tu dizes».

Ao que ela respondeu: «E'; mas naquêle tempo eu tinha outro pai».

Outra irmãzinha, zombando, disse à Marta: «E tinhas lá uma negrinha, como esta que nós temos agora?» (Fazia referência a uma negrinha órfã, recolhida por mim e minha esposa).

A menina não se embaraçou e respondeu: «Não; nossa negrinha já era grande; já cozinhava; mas nós tinhamos um negro pequeno, e um dia êle se esqueceu de trazer água, e papai bateu nêle».

A estas palavras eu observei: «Eu nunca bati em negro algum, menina».

E ela respondeu: «Mas era o outro pai que batia».

«E depois, o que havia?» indaguei. A menina respondeu:

«O negro me gritava: Sinházinha acuda-me! e eu pedi a papai e êle não bateu mais, e o negrinho já correu indo buscar água.»

— Então perguntei: «Êle apanhava a água no arrôio?»

— «Não, papai», explicou a Marta, lá não havia arrôio; êle trazia água duma fonte». (A explicação corresponde à realidade).

— «Quem era a Sinhá, ou Sinházinha?»

— «Era eu mesma. Mas eu tinha ainda outro nome: chamavam-me Maria, e mais outro nome, de que não me lembro».

Assim começaram as «revelações» da reencarnada, e durante três anos e meio, em várias ocasiões, a Marta contou episódios da vida anterior; quase sempre começava dizendo: «Quando eu era Sinhá...»

Também toda a atividade intelectual da criança revelava a nossa comadre desencarnada. Lembrava-se de ter morrido, de ter sofrido muita dôr na garganta, de haver dormido num rancho, onde apanhou um resfriado que terminou pela longa enfermidade gue a vitimou. Certa vez perguntou abruptamente a seu atual irmão, que foi afilhado da Sinhá; «Que fizeste, Carlos, com as duas vacas que eu te deixei quando eu era Sinhá?» (Outra prova de identidade da menina com a falecida).

Outra vez, vendo o silhão de sua mãe, Ida, a Marta exclamou: «Êste silhão é igual ao que eu tinha, quando eu era Sinhá». E, na verdade, os dois silhões eram iguais e haviam sido comprados no mesmo dia.

Uma vez, estando em nossa casa uma jovem, que perdera seu pai, chorou e exclamou: «Ai de mim! Nunca mais verei meu paizinho. Os mortos não voltam». E Marta, ouvindo estas palavras, consolou-a: «Não diga assim; eu também morri, e veja, estou novamente vivendo».

Chegando da cidade de Pelotas, uma moça, e ouvindo as irmãs da Marta contar as reminiscências desta, perguntou-lhe: Se realmente foste a Sinhá, que parentesco havia entre nós duas?»

A menina respondeu sem hesitação, e sem errar: «Eras minha prima e afilhada».

Depois de completar os seis anos de idade, a Marta nada mais contou relativamente à vida anterior; durante algum tempo ainda respondia, quando lhe perguntávamos se ainda se lembrava de tal ou outro fato: «Sim»; porém, com os oito anos de idade, já parecia esquecida de tudo, menos da realidade que era a reencarnação da outra pessoa.

É conhecido, entre os espiritualistas, o fato que, em geral, as crianças até os 6 ou 7 anos de idade têm a possibilidade de se lembrar da existência anterior, e de comunicar-se diretamente com o Mundo Astral, mas depois perdem estas faculdades, porque devem atender à vida fisica.

A INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA NO LEGENDÁRIO JAPÃO

O Dr. Fukurai era um dos principais Investigadores da Ciência do Espírito

Por Singo Nakasawa — (De «Voz Informativa» — Mexico)

PERDEMOS o Dr. Tomokichi Fukurai, que era um dos maiores de nossos mestres na ciência psíquica. Um dos trabalhos mais meritórios obtidos por êle neste campo, foi o descobrimento, no ano de 1910, do que se denominou «nengrafia».

Em idioma japonês se anunciou pela primeira vez ao mundo, a «nengrafia», no ano de 1913, e posteriormente, pelo ano de 1928, foi apresentada ao Congresso Mundial Trienal de Espiritistas, que se realizou em Londres nesse ano. Depois, constituiu o tema de um livro publicado com o titulo de «Clarividência e Ideografia» («Clairvoyance and Thoughtagraphy»), editado na mesma cidade de Londres, no ano de 1931.

A última menção que a imprensa fez dêste conhecimento, é o que apareceu no número 325 do «Psychic Observer», de Jamestown, Estado de New-York, E. U. A., onde o termo «Thoughtography», foi substituido pelo de «nengrafia».

A nengrafia é um fenômeno de caráter muito semelhante ao da fotografia, e se supõe causado pela ação do «nem» ou idéia, sem ampliar a luz nem nenhum outro processo eletromagnético.

Para explicar melhor êste fenômeno, diremos que se um médium nengráfico por seu esfôrço para imprimir uma idéia em uma placa sensível à ação da luz, e que tenha sido colocada em um quarto escuro, ao ser revelada dita placa, aparece a figura em que a ideia foi convertida. A isto é o que se chama «nengrafia».

Atualmente é já possivel imprimir

a imagem nengráfica à vontade, em uma dezena de placas empilhadas em um pacote.

Mais ainda: pode obter-se a nengrafia em uma placa colocada a muitos quilometros de distância do médium. Se considera que este resultado é possível, porque nossas idéias são sêres reais e portanto, são figuras que se podem fixar. A este «ser real», que, são as idéias, é que se chama «nen».

«Nen», é uma palavra japonesa da religião budista, que significa algo semelhante a espírito, ainda quando fosse difícil explicar totalmente seu significado.

De qualquer modo, o «nen» é a idéia libertada já do nosso corpo físico, do qual emergiu. Segundo o Dr. Fukurai, o «nem» tem três princípios; 1. — Não é matéria; 2. — Não tem forma por si mesma, pelo que transcende ao espaço euclidiano, e 3. — Perdura sua existência por longo tempo.

Esta importante teoria teve que ser interrompida em seu desenrolar em virtude da desincarnação do seu elaborador, ocorrida em 13 de Março de 1952.

O Dr. Fukurai nasceu em 1869, na cidade de Takayama e se graduou na Universidade de Toquio em 1899. Foi professor de Psicologia da mesma Universidade, até que renunciou a sua cátedra para praticar o asceticismo no templo budista de Koyasán (1919).

Em 1926, se fez professor da Universidade Budista da própria Koyasán. Renunciou também a este posto e em 1940 estabeleceu um Centro de Investigação Psíquica.

A guerra o surpreendeu nos desastres de Osaka e Tóquio e em 1945 se transladou para a cidade de Sindai, onde terminou sua vida-física em Março de 1952.

Suas principais teses publicadas são: «Introdução à Psicologia Hipnótica», em japonês, editada em 1905; «Lição de Psicologia», 1907; «Clarividência e Ideografia», 1913; «Os Fenômenos Psíquicos», 1916; «O Credo do Biologismo», 1923; «A idéia é um ser vivente», 1923, e «A Psicologia do Trance», 1926, todos estes livros publicados em japonês.

Em Amsterdam, se publicou em 1929, em idioma holandês «Proven van Gedachte-Graficmet Japanche Mediums». Em Londres, em inglês no ano de 1931 «Clairvoyance and Thougtography» e também em inglês, em «Psychic Observer», 1952, com o título de «Japan's Greatest Medium Koichi Mita».

O Dr. Fukurai era, ao desincarnar, Diretor do Grupo Psíquico Científico de Tohoku, na cidade de Sindai.

Nós outros, seus discípulos, cremos que seu mérito na ciência psíquica é perdurável e eterno. Sua viuva, a sra. Tatsu Fukurai, de 79 anos de idade, segue com entusiasmo difundindo as teorias de seu marido.

Crônica Estrangeira

A mão do morto na vidraça

Le Petit Parisien publicou anos atrás a seguinte ocorrência subordinada ao título supra e com o sub-título: *Sua impressão persiste sôbre o vidro.*

Os jornais de Dunquerque veicularam um acontecimento perturbante, misterioso, de que foi teatro a comuna de Capelle-la-Grande.

Nessa comuna faleceu, em conseqüência a um acidente ocorrido no decurso de seu trabalho, um jovem de 17 anos, Charles Comelck. O entêrro verificou-se três dias depois. Ora, no momento em que saía o corpo, a sra. Comelck viu aparecer subitamente u'a mão sôbre uma das vidraças da cozinha. No começo pensou tratar se de uma alucinação, mas foi forçada a render-se à evidência.

Depois da partida do corpo, ela empregou esforços para apagar, com emprego de água quente, os traços que julgava devidos à oposição de u'a mão engordurada, mas os traços, indeléveis, subsistiram.

Segundo declara a sra. Comelck, seu filho tinha o costume de, ao voltar do trabalho, espiar e bater na vidraça antes de entrar em casa. Foi o traço de sua mão que apareceu, e que ainda reaparece de cada vez com a barrela.

A sociedade espírita de Dunquerque, o cura da comuna e certos técnicos se preocuparam com o estranho fenômeno.

Note-se que sôbre o vidro, seguidamente alimpado, se mostram, muito visíveis, a palma de u'a mão, o anular, o index, o médio e o polegar; o pulso aparece menos nítido.

A última vez que tocou no vidro, talvez o jovem Comelck houvesse manipulado antes um produto químico, análogo ao ácido fluoridrico.

Todos os dias, muitos curiosos vão examinar a misteriosa impressão.

O Presidente da *Sociedade Metapsíquica* de Dunquerque, A. Duflos, respondeu nos seguintes termos ao pedido de informações do *Petit Parisien :*

«Efetivamente, existe em Capele-la-Grande, a impressão de uma mão sôbre u'a vidraça. Possivelmente se trata de um fato espírita.

Isto já está durando há dois meses. A imprensa local ocupou-se dêsse caso.

O padre foi informado do fato; êle benzeu a casa e disse uma missa solene, mas tudo sem resultado. *Segundo dizem*, pediu o caixilho para a sua igreja...

A meu ver, a materialização da mão do morto é possível...»

(Ass.) *A. Duflos.*

⁂

Visão no momento da morte

De «Psychica»

Eu contava nessa época catorze anos, morava com minha mãe, dois irmãos e uma prima, que crescera em nossa casa para onde viera após o falecimento de sua mãe. Ela era dez anos mais velha do que eu. Infelizmente, a tuberculose, que levara sua mãe, também deveria vitimá-la.

Cêrca de cinco anos antes de falecer, perderamos o nosso avô materno, que ela e eu adoravamos e a sua partida deixou-nos profundamente desolados.

No dia da morte de minha prima, precedida de longa agonia, minha mãe achou-a melhor, e precisando sair, deixou-me só junto à enfêrma, pedindo-me que não me afastasse e lhe desse de beber, si ela o pedisse.

Estávamos sós durante uma hora, ou mais, quando minha prima sentou-se no leito e disse: «Olha, Marcela, aquí está vovô», olhei para a porta que ela me indicava e nada enxergando, respondi: «Não querida, tu bem sabes que êle partiu e para sempre!» Ela insistiu, ficou nervosa e retorquiu: «Escuta, ei-lo aqui, êle subiu pela escada; agora podes vê-lo.» Em seguida, exclamou: «Vovô!!!»

Sua cabeça recaiu sôbre o travesseiro, olhei em meu derredor, abri a porta do corredor, ninguém. Acerquei-me do leito, minha prima estava imóvel, julguei que estivesse dormindo...

Porém, tudo se acabara...»

Marcela Lamantier.

⁂

Cérebros mecânicos e humanos

Por Frederico Duarte — Manchester

Os progressos feitos nêstes últimos anos em relação à Aviação, de fato em tudo relativo à Engenharia Mecânica e Elétrica, foram fantásticos. A Rádio, a Televisão, o Radar, são maravilhosos, mas a velocidade obtida por uma classe de aviões inglêses é quasi incrível. Entramos agora na Nova idade Supersónica. A uma altura de mais de doze quilometros aviões especiais inglêses podem voar com a velocidade do Som! Empregados como armas de ataque ou defesa contra o inimigo possuem um Calculador Televisônico podendo operar-se por Radar estacionário no sólo.

Na Universidade de Manchester temos um Cérebro Mecânico que faz cálculos rápidos e mais acertados do que os feitos pelo cérebro humano!

Enquanto a Ciência progride, o homem esquece-se ou não se importa com as graves consequências ocasionadas pelo seu mau emprêgo, fontes de energia criadas pelo Cérebro Mestre, Deus, a favor do bem estar da Humanidade inteira.

Hoje em dia todos pensamos em velocidades... No meu tempo de estudante no Pôrto havia a expressão «Andar a Nove», pois hoje está obsoleta. Deveremos dizer, «Andar a Novemil»!!!»

Há sujeitos que se esquecem mesmo de que teem de morrer um dia!

Disse-me por várias vêzes um meu amigo íntimo o seguinte: — Fred, vim ao Mundo para trabalhar e ganhar dinheiro, para o gasto em meu proveito próprio, boas comidas, boa cerveja, etc. e o resto que se esfregue.

O meu amigo é uma excelente criatura e é um dilema para mim, pois me confessou que acredida haver um Ser Supremo! Goza de excelente saúde, tem já um bom pé de meia, vive completamente só numa linda casa dum arrabalde desta cidade e muitos são aqueles que não compreendem como êle é assim «um felizardo»! Disse-lhe já que um belo dia «morrerá de morte macaca» e virá a arrepender-se pela forma egoística como viveu cá na Terra!

Há outros sujeitos que andam a procurar a solução de se poder contactar o Mundo Espírita sem ser preciso a cooperação dum médium. Estive intimamente ligado a um Grupo de entusiastas, tendo recebido detalhes sôbre um aparelho, dum espírito, na minha presença. Desliguei-me dêles não só por conselho dos meus guias, como também por não concordar que seja possível, ou digo melhor, necessário, tratar de comunicar com o «Além» à lais dum telefone! Além disso já comunicamos pela Transfiguração, Voz direta, Trombeta, Prancheta, etc., e a substância ectoplásmica jamais poderá ser substituida por um aparelho incluindo bobinas de arame, galena, auriculares e um alta voz! Despedimo-nos como bons amigos, e se com as experiências colhidas pelo tal aparêlho houver a comunicação desejada, estarei disposto a assistir a uma ou mais sessões, com a condição de, não me sentar ao redor do dito, nem tão pouco entre os sete indivíduos do «Circle» *haver um médium!* Há cá também um «celebérrimo aparelho» cujo inventor diz poder com êle ajudar um fabiano qualquer a desenvolver suas faculdades psíquicas. Submeti-me *a um ensaio tezissimo* na presença de duas pessoas de máxima confiança, e excedendo mesmo muito o tempo permitido para a dita experiência, abri os olhos e... não senti absolutamente nada de extraordinário! Desde há muitos anos que cheguei à conclusão de que a Mediunidade é um condão de Deus, e não se pode conseguir numa Universidade ou por meios mecânicos! Sejamos honestos para com nós próprios e respeitemos a memória e a comunhão com os chamados «mortos» com as nossas preces e os meios mediúnicos ao nosso dispôr.

⁂

Uma Prova da Sobrevivência

De «Estudos Psíquicos»

(Extrato da narração feita pelo pai do protagonista).

No princípio do ano de 1933, o filho mais novo do farmacêutico M. J., de 18 anos de idade, dava entrada numa Clínica para ser operado. A operação a que ia ser submetido é, geralmente, considerada de pouca importância.

Por fatalidade, surgiu uma complicação inesperada e quarenta dias após a operação o rapaz falecia.

Na manhã do próprio dia da sua morte, teve uma síncope cuja gravidade foi julgada fatal. O médico deu lhe uma injeção inter-venosa de soro hipertínico. Imediatamente à picada, o rapaz endireitou-se e exclamou:

«Sinto que a vida me entra nas veias! Como me sinto bem!» Depois, fixando os olhos na sua frente, como em êxtase: «Estou a ver o meu amigo João, rapaz que é um verdadeiro *boy-scout.* Deu a vida para salvar um companheiro de morrer queimado». Então, com grande surprêsa dos assistentes, cantou, com voz retumbante, o conhecido canto dos *Scouts:* «O adeus à Vida... o regresso a casa...»

Explica-se, para a boa compreensão dêste caso, que, em 1932, um amigo do moribundo chamado João, fôra vítima da sua dedicação por ter querido salvar um companheiro de morrer queimado no incêndio de um autómovel em que pereceram todos os ocupantes.

Terminado o canto, o rapaz adormeu. Decorrido um quarto de hora, aproximadamente, acordou. O pai aproximou-se do filho e notou que êle o encarava com um ar estranho, como nunca o fizera: o olhar do rapaz tornara-se duro, quasi ameaçador, ao mesmo tempo que pronunciava as seguintes palavras num tom sarcástico: «Ah! m...! (inicial da célebre resposta de Cambrone aos ingleses). Chamaram-me aquí para que eu faça reviver um morto!»

E descobrindo as pernas emagrecidas onde os vestígios das injeções eram bem visíveis, exclamou, dirigindo-se ao pai: «Não tens vergonha, tu, farmacêutico, de dares tão pouco algodão para cobrir as picadas?... E's um sovina!»

O pai e a mãe olharam-se aterrados:

não podia ser o seu filho quem assim falava.

— Mas... quem és tu? perguntou o pai.

— Eu!... Um diabo e dos piores.

— Teu nome?

— Vocês zombaram de X... e desprezaram o reconhecimento que êle vos manifestara!... Sou o sargento Y... Ponham essas pessoas lá fóra!»

(O farmacêutico declara não estar autorizado a mencionar os nomes de X... e Y... Êste último fôra sargento miliciano).

Efetivamente, o farmacêutico conhecera X... em 1908, mas nêsse mesmo ano cortara as relações com êle. Quanto a Y... fôra seu vizinho e X... também o conhecera.

Ambos tinham morrido há alguns anos.

Ora, o filho do farmacêutico nascera em 1915, sete anos depois da época em que o farmacêutico tivera relações com X.. e Y... Não podia, portanto, o filho tê-los conhecido e jamais ouvira falar dêles.

O farmacêutico considera êste fenômeno uma prova formidável da sobrevivência, embora o Dr. Osty o pretenda incluir na lista dos «delírios de moribundo».

⁂

Aviso Providencial

De «Estudos Psíquicos»

Progresso Espírita, de Buenos Aires, sob o título de «Anais Psíquicos e Espíritas», publicou o seguinte caso, devido à pena do sr. Alfonso Leonelli, Lugones 1571, da mesma cidade:

«Em 9 de Outubro de 1939 recebi aviso telefônico do gerente geral da companhia comercial a que pertencia, (ao tempo exercia eu as funções de chefe da sucursal de Córdoba) para que fôsse à Capital Federal no mesmo dia.

«A's 16 horas dirigi-me à estação de caminho de ferro de Alta Córdoba para comprar bilhete e viajar no comboio que sairia ás 21,30 dessa noite.

«De regresso da estação, estava eu na pensão onde me hospedava a arrumar uma pequena mala, quando tive a sensação de ouvir atrás de mim, como um murmúrio: «Não saias; não viajes». Voltei-me imediatamente, mas nada vi de anormal. Deixei-me rir e continuei a arranjar a mala, sem dar mais importância ao caso.

«Continuando a minha tarefa, comecei a cantar a meia voz uma canção e tornei a ouvir a voz: «não saias; não viajes», mas já como um sussurro, em forma imperativa e em tom suficientemente forte, para abafar o volume da minha voz. Foi então que saí do quarto e me dirigi ao dono da pensão, sr. Bonnany (Rua Ituzaing. 234, Córdoba), a quem fiz as seguintes perguntas:

— «Diga-me, sr. Bonnany; tenho aspecto de estar embriagado? Acredita que esteja doido ou maluco?

«O pobre homem olhava-me e escutava-me sem compreender e objetou:

— «O sr. está a brincar? Está tão doido como eu, e eu julgo que não o estou.

«E acicatado pela curiosidade, perguntou-me porque dizia tais coisas e que é que me tinha acontecido:

«Contei o que me sucedera no quarto e êle indagou se eu viajaria ou suspenderia a partida.

— «De forma alguma — disse eu. — Tenho bilhete e não vejo razão para suspender a viagem.

«A's 21,30 partia êste comboio de Córdoba, proveniente de La Rioja. Instalado no assento, travei conversa com o meu companheiro ocasional de viagem e soube que era caixeiro viajante e se dirigia a Buenos Aires. Estávamos entretidos na conversa, quando uma estrondosa e violenta sacudidela atingiu todo o comboio, atirando-me para diante, com a felicidade de não me ferir em qualquer parte. Foi um ruído terrível; a nossa carruagem ficou ás escuras. Quando cessou o estrondo e as sacudidelas, chamei o meu companheiro, mas não me respondeu nem pude encontrá lo. Acendi fósforos, desci da carruagem e vi-a incrustada noutra, que se havia desprendido do comboio rodante.

«Depois começámos a auxiliar os feridos. Procurei saber a causa do acidente e disseram-me que o Chefe da estação de La Francia, dera via livre ao nosso comboio sem saber que no caminho estava descarrilado um comboio de mercadorias com três vagões carregados de pedra e contra eles chocámos (Os diários de 2 de Outubro de 1939 trazem ampla informação sôbre esta catástrofe ferroviária).

«O aviso de «não viajes, não saias», ouvido duas vêzes, nêsse dia, tinha a sua explicação no acontecimento que tive de viver em poucas horas. Nessa época não era espírita nem mesmo curioso da Doutrina; portanto, não acreditava nestes fenômenos, nem tinha conhecimento dêles, o que poderia dar motivo a sugestão ou fanatismo da minha parte.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Em Marilia

Em meio a grandes festividades foi lançada a pedra fundamental do Educandário Bezerra de Menezes

Como tivemos a oportunidade de anunciar, procedeu-se o lançamento da pedra fundamental do Educandário «Bezerra de Menezes», às 14 horas de sábado último, revestindo-se o ato de brilhantismo incomum dado a grande massa que se locomoveu para o terreno proximo ao Hospital Espírita desta cidade e pertencente ao Educandário. Após a abertura da solenidade pelo sr. Paulo Corrêa de Lara, esclarecendo os motivos por que se reunia aquela plêiade de homens de boa vontade, indiferentes às contingências da vida, inclusive do próprio tempo, cujo sól era escaldante foi, pelo Corregedor do Estado de São Paulo. dr. Marcio Rocha Munhoz, colocada à caixa as atas e documentos, assentando-se em seguida a pedra inicial das obras do Educandário.

Usaram da palavra diversos oradores, inclusive o dr. Julio de Abreu Filho, engenheiro responsável que fez a apresentação da planta esclarecendo pormenores à primeira vez aplicados em obras de igual gênero no Brasil. Depois, seguindo-se as solenidades para recinto do Hospital Espírita, foram inauguradas naquele nosocômio 2 enfermarias, 2 páteos e 1 levanderia mecânica, falando sôbre êstes melhoramentos o dr. J. Coriolano de Carvalho, vereador e representante da Câmara Municipal.

O meretíssimo Corregedor do Estado de São Paulo, dr. Marcio Munhoz, em seguida, expressou sua satisfação com o progresso de Marilia, lembrando sua visita a esta cidade acêrca de 20 anos e que, agora afirmava. como homem católico, seu assombro pelas obras realizadas pelos espíritas e pela coragem com que iniciavam uma construção como a do Educandário «Bezerra de Menezes».

Pelo reverendo Alvaro Simões, foi magistralmente rememorada a união dos marilienses independente de seus credos políticos ou religiosos nas obras de assistência e culto a Deus, citando o exemplo da memorável Assembléia Pública realizada por ocasião do fim da última conflagração mundial, onde renderam graças a Deus mais de 5.000 pessoas de credos diferentes. Lembrou ainda que Marilia, com mais o empreendimento do Educandário, se coloca em privilegiada posição no campo da cultura, solidificando as possibilidades de seus homens de amanhã.

Como festividade de comemoração do 5.° aniversário de funcionamento do Hospital Espírita, foi oferecida lauta mesa de doces e refrescos, tendo a diretoria daquele estabelecimento hospitalar, pelo seu companheiro Paulo Corrêa de Lara, agradecido o comparecimento de todos e passando o encerramento da reunião ao dr. Edmar Carvalho Lima, mui digno Juiz de Direito da cidade de Ibitinga que. em comovente prece, agradeceu ao Alto as benções derramadas por sôbre todos e particularmente rogando a assistência ao trabalho ora iniciado na construção do Educandário «Bezerra de Menezes.

Este jornal fez-se representar pelo seu diretor sr Raul Roque de Araujo, e pudemos anotar a presença de todas as autoridades de Marilia, inúmeros convidados e especialmente visitantes de outras cidades e mesmo do vizinho Estado do Paraná.

Primeira Semana Espírita

Encerraram se, com a conferência

no Cine São Luiz. pronunciada pelo deputado Francisco Carlos de Castro Neves, as festividades da Primeira Semana Espírita de Marilia, que contou com uma série de conferências pronunciadas pelos srs. dr. Edmar Carvalho Lima, dr. Flavio Pinheiro, dr. Wilson Ferreira de Mello, professor Urubatão Pitta, dr. Urbano de Assis Xavier, sr. João Leão Pitta, deputado Campos Vergal e José Herculano Pires. Toda a solenidade foi abrilhantada com programas artísticos a cargo das Mocidades Espíritas de Marilia e Juventudes visitantes.

Do «Correio de Marilia», de 21-7-1953.

Livros Novos

As Noúres

A Livraria Allan Kardec Editora (Lake), da Capital, acaba de nos ofertar um volume de uma das mais importantes obras do grande pensador espiritualista Pietro Ubaldi — «As Noúres», lançada a lume recentemente.

«Noúres» é um neologismo formado de dois elementos gregos — *nous* e *rhéo*, que significa — «correntes de pensamento», o que deve dar de início, ao leitor, uma idéia da grandiosidade da obra, que representa o 3.º volume da 1.ª Trilogia ubaldiana e se propõe a estudar o fenômeno inspirativo através do qual Ubaldi conseguiu registrar «A Grande Síntese».

E' uma obra que aparece na hora em que a humanidade está mais ou menos preparada para os grandes surtos do pensamento, «em que o tipo humano está deslocando sua funcionalidade do campo muscular para o campo nervoso e psiquico.»

O livro está artisticamente encadernado a pano «chagrim», contém 283 páginas formato grande, tipo graúdo, impressão ótima e o seu lombo é impresso em letra dourada.

Gratos pela oferta do volume.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço Cr.$ 120,00.

Concurso de contos infantis

No Natal do corrente ano será lançado o primeiro volume da série de livros para crianças que a Federação Espírita do Estado de São Paulo há alguns anos atrás se propos organizar, em entendimentos com a Allan Kardec Edt. e a preços populares.

Compreendendo a necessidade de incrementar a edição de obras para ensino doutrinário ás crianças, por saber que o gênero «catecismos» não dá os resultados esperados, a Federação editou, em 1947, o opúsculo «Como Ensinar Religião ás Criança» escrito em colaboração pelo confrade Pedro de Camargo — Vinicius — e o subscritor desta nota e, no ano seguinte, abriu um concurso de contos infantis ao qual concorreram 28 trabalhos cujo julgamento foi feito por uma comissão composta dos confrades: B. de Godoy Paiva, Pedro de Camargo, Dr. Julio de Abreu Filho e Prof. Fausto Lex, já desencarnado.

Desses 28 trabalhos 9 foram aceitos e destinados a compor o primeiro volume da série que se denominaria Bibliotéca Espírita Infantil, ficando os demais aguardando oportunidade para novas verificações, uns por falta de espaço no volume, outros por não satisfazerem as condições do concurso.

Eis a relação de todos: *Aceitos para o primeiro volume.*

A Réstea de Sól — João de Barros; A Caravana das Formigas — A. A. Azevedo; A Lição da Galinha — Mac Maynardi; Aviso do Céu — Leonor da Silva Gomes; O Homem é Senhor do Sábado — Luiza Peçanha C. Branco; O Aviso de Araré — Rafael Falco; A Abelhinha Infeliz — Iracema Sapucáia; O Pai Nosso e a Geografia — Mac Maynardi; Assim Como Nós Perdoamos — Luiz Gonzaga Pinto.

Dependendo de novo exame:

Uma passagem pela Terra — Demétrio A. Nami; A Pequena Samaritana — A. A. Azevedo: Lições da Vovó — H. Magalhães; Na Seára do Mestre Jesus — Irmãzita; Natal — Idem; Caridade — C. E. Raymundo Leja; Esperança — Idem; Fé — Idem; Caridade — Eglantina; A Desobediência — Idem; Pesadêlo — Rodolfo Caligaris; O Conto de Amélia — Totinho; O Presente de Natal — Léo Silgis; Tende por Imagem Deus — Luiza Peçanha de C. Branco; Juquinha e o Apóstolo João — Idem; O Pastorsinho Feliz — Ivan; Olhai os Lirios do Campo — Mac. Maynardi; A Transfiguração — Luiza Peçanha de C. Branco.

Em entendimento com a Editora foi marcado o dia 20 de Dezembro próximo para o lançamento do primeiro volume, em uma solenidade especial, nesta Federação, durante a qual serão, também distribuidos os prémios do concurso e proclamados os resultados do segundo concurso que se denominará — Do Centenário, que esta Federação abrirá no próximo mês de Julho.

S. Paulo, Maio de 1953.

Cte. Edgard Armond — Secr, Geral.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da reunião realizada em 6 de Junho de 1953

Lida e aprovada a ata anterior, manifestam-se, antes do expediente, os representantes de São Paulo, Paraiba, Espírito Santo e Goiás, o primeiro para trazer a palavra da USE de São Paulo, de inteira aceitação do trabalho «Esclarecendo dúvidas», e os demais para afirmarem que teriam dado o seu voto aprovativo, se presentes estivessem à reunião em que foi aprovado aquele trabalho.

Expediente — Carta da USE de São Paulo sugerindo «que os assuntos considerados de certa gravidade, apresentados em determinada reunião, sejam debatidos e votados na reunião seguinte, e não na mesma reunião em que são apresentados, como aconteceu com os trabalhos «Preceitos Gerais» e «Esclarecendo dúvidas». O presidente então esclarecè que o trabalho «Preceitos Gerais» foi votado em duas ou três sessões e que trinta dias antes da última votação foi fornecida cópia dele ao digno representante da USE, do qual este tirou cópias mimeografadas, também antes da votação final. Lembra, ainda, que os dois trabalhos foram aprovados, já agora por unanimidade; todavia, diz o presidente, qualquer membro do Conselho, qual acontece em qualquer sociedade, pode requerer adiamento de votação de qualquer proposta. Foi lido oficio da Federação Espírita do Rio Grande do Sul expressando sua satisfação pela aprovação do «Esclarecendo dúvidas».

Confirmação de Mandatos — Deliberou o Conselho pedir às Sociedades representadas façam sempre a confirmação, ou não, dos seus mandatários no Conselho.

Espírito Santo — Henrique Magalhães comunica que será inaugurado, em Muqui, Estado do Espirito Santo, o Hospital Espírita Infantil.

Paraíba — Miranda Ludolf encaminha ao Conselho o Relatório da Federação Espírita Paraibana e comunica haver recebido notícia da realização em Cuba, de 3 a 10 de Outubro próximo, do 3.° Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana.

Conceitos elucidativos — O presidente do Conselho, autor do trabalho anteriormente publicado sob o título «Esclarecendo dúvidas», diante de interpretações dispares que surgiram, deu conhecimento ao C. F. N. de uma nova exposição, sob o título de «Conceitos elucidativos», e que contém a interpretação, o pensamento e a opinião dos diretores da FEB, sôbre o assunto.

Uma Grande Vida

de Leopoldo Machado — Biografia de Cairbar Schutel

E' «uma grande vida e um grande livro», como afirmou Carlos Imbassahy.

Se o autor, o espírita que mais tem publicado livros entre nós, dispensa apresentação, o biografado também, que foi o espírita n.° UM do Brasil, na afirmativa do autor do livro. Afirmativa, aliás, bem fundamentada.

Colaboram no livro, muitos confrades que se manifestaram sôbre Cairbar, como José da Costa Filho, o prefaciador da obra, Ismael Gomes Braga, Frederico Duarte, Campos Vergal, Watson Campêlo, José Fontenelli Santos, José Russo, Urbano de Assis Xavier, Antoninha Perche, Inacio Siqueira, Alberico Lobo e outros.

Bela apresentação gráfica do livro, que é encadernado, edição de O CLARIM para onde deve ser enviado pedido.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA
«O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	50,00
	Semestre —	,, ,,		25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		60,00
	Semestre —	,, ,,		30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2981unse

No. 7 [illegible]

NO XXIX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1953—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

85 Anos . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . *Ismael Gomes Braga*
Nossa morada no Céu . . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
«Fronteiras do Outro Mundo» . . *Dr. Américo Luz*
Casamento Espírita ? . . . . . . *Leopoldo Machado*
Livros em desfile . . . . *Delfino Ferreira*
A Certeza do Espiritismo . . . . *E. Oaten*
Inimigos da Doutrina . . . . . . *Mac Maynard*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
D. Gracinda Batista . . . . . . *Redação*
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Lar Infantil "Cairbar Schutel"

Prezado Confrade

Paz em Jesus

A Mocidade Espírita «CAIRBAR SCHUTEL», dando andamento ao seu amplo programa no campo da assistência social, depois da construção da «VILA CAIRBAR SCHUTEL», está empenhada agora na construção do Lar Infantil «CAIRBAR SCHUTEL» para a criança desamparada. Além disso, é seu desejo gravar em alto relevo o nome desse Apóstolo do Espiritismo que foi Cairbar Schutel, na chamada «Méca do Espiritismo», que é Matão, para que o seu nome seja sempre respeitado e amado e a Doutrina Espírita mostre o seu valor, através das obras dos seus seguidores, na reforma individual em que a solidariedade e a fraternidade cristã devem constituir o primeiro passo para a conquista do reino de Deus.

Nêsse sentido, a Comissão pró-construção do Lar Infantil «CAIRBAR SCHUTEL» solicita do prezado confrade um donativo, que pode ser em dinheiro ou materiais para construção, para que esta obra seja levantada e inaugurada' muito em breve, na terra em que Cairbar assentou a sua tenda de trabalho espiritual, difundindo o Espiritismo até além das fronteiras do país.

Certos do seu valioso concurso, com votos de paz e felicidade, subscrevemo-nos

Fraternalmente,

Pela Comissão pró-construção

ZÊLIA SILVEIRA PERCHE

Presidente.

Matão — Setembro de 1953.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1953 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

85 Anos

NASCIDO a 22 de Setembro de 1868 no Rio de Janeiro, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, se estivesse ainda entre nós com o seu corpo material, completaria 85 anos de existência terrena. E certamente receberia, como sempre, as felicitações dos seus companheiros de trabalho e dos seus confrades e inúmeros amigos.

E' verdade que êle não se encontra mais entre os incarnados há quinze anos, mas a estima e o aféto que por êle nutrimos e que dia a dia mais aumentam em nossos corações, nos dão a impressão de que êsse aumento se justifica pelo progresso acelerado do Espiritismo em todos os meios sociais e intelectuais, essa grandiosa Doutrina que, em parte, lhe deve larga folha de serviços prestados no nosso vasto país

Nêsse dia a sua imagem, mais viva do que nunca, envolverá os nossos pensamentos e, então, como de costume em tal ocasião, lhe endereçamos num culto de veneração e estima, votos de felicidade e progresso no mundo espiritual, que foi sempre o motivo de suas principais preocupações.

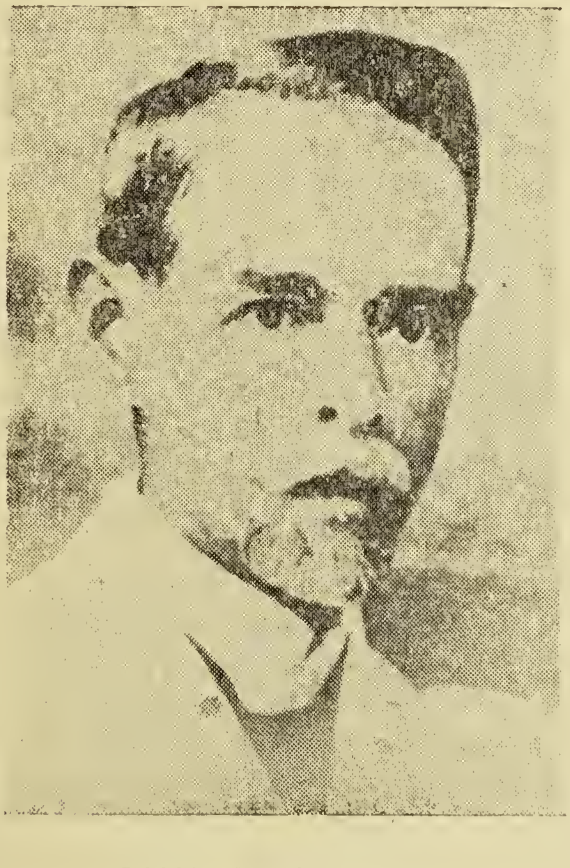
CAIRBAR SCHUTEL

Quando observamos o notável progresso que o Espiritismo vem tendo em todas as camadas sociais e intelectuais, nos lembramos logo dos pioneiros do Espiritismo no Brasil, entre os quais aparece Cairbar Schutel pelo seu grande trabalho e perseverança, exemplos e virtudes.

Se não fôsse o trabalho desses pioneiros, que derrubaram o mato da ignorância e prepararam o terreno, certamente não encontrariamos as facilidades que estamos encontrando para pregar o Espiritismo. E' verdade que uma ou outra voz se levanta contra a Doutrina, mas são vozes sem éco, que se perdem no deserto do indiferentismo.

Não poderiamos abrir êste número sem registrar antes o aniversário de nascimento do nosso ex-diretor Cairbar Schutel, que apesar de achar-se do lado de lá, continua a ser o nosso orientador, o nosso diretor espiritual, sob cuja assistência estamos dando, na medida do possível, conta da tarefa que nos foi confiada.

Por mais êste motivo, que é o aniversário do seu natalício, rendemos a Cairbar as nossas sinceras homenagens num culto de veneração e amor, solicitando-lhe ajuda espiritual nos momentos difíceis.

E, como sempre, a nossa boa vontade ao seu labor.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XII

Nas sessões de 26 de Fevereiro e 5 de Março de 1953 apresentou-se à vidência da médium Dolores Bacelar o poeta Anibal Teófilo que, como se sabe, foi assassinado em plena juventude, no Rio de Janeiro. Algum tempo antes êle se apresentara à médium com a ferida sangrando, no peito, e nada escreveu. Agora estava sorridente e feliz : havia perdoado ao assassino e reconquistara paz e alegria. Abriu a camisa ao peito e mostrou à médium que nenhuma cicatriz, nenhum sinál mais existe da bala que lhe abateu o corpo. Havia nesta manifestação um grande ensinamento : reconciliados os dois antigos inimigos, o amor curou as chagas do passado e ambos podem retomar a via evolutiva.

Depois de demonstrar que o passado de ódio já não existe, o poeta escreveu dois sonetos, na sessão de 26 de Fevereiro, mas não se mostrou satisfeito com o resultado obtido. Na sessão de 5 de Março reapareceu e refez os sonetos, dando-lhes a forma que aquí vai, mas não sabemos se é a definitiva, ou se êle ainda voltará a refazer. Para o nosso estudo convém registrarmos o trabalho como está :

O Cisne e o Pântano

Em um pântano horrendo, pútrido atascal,
Lindo cisne vogava na água nauseabunda...
Lá onde, à noite, só o fogo fátuo espec-
[tral,
De luz fantasmagórica o pântano inunda.

Vogava... Enquanto no atro, tredo cha-
[vascal,
Os répteis chafurdavam na lama profunda,
Do cisne as brancas plumas, de um bran-
[co lirial,
Pareciam mais límpidas sôbre a água
[imunda !

Assim, o Homem, também, nesta Terra,
[algum dia,
Quando pelas virtudes fôr acrisolado,
Após vencer a Carne em todos os litígios,

Vogará sôbre pântano de água sombria,
Sôbre a fétida, ascosa lama do pecado,
Mas, não lhe deixará a podridão vestígios.

Anibal Theophilo.

Código Divino

Tenho-a gravada n'alma, a última viagem
Que fiz sem um adeus, sem despedida...
Mal desfraldara as velas, a voragem
Afundou-me o batel frágil da vida...

Náufrago, enfraquecido, sem coragem,
(Como sofria a pobre alma ferida!...)
Fui ter a ignota, estranha paisagem,
Onde achei fraternal, doce acolhida.

Já da Carne, de suas ânsias e sonhos
Desperto, vim, por vórtices medonhos,
Compreender os desígnios do Destino...

Justos são sempre os golpes recebidos,
Porque, na Terra, tem trágicos Idos
Quem só faltou ao Código Divino.

Anibal Theophilo.

«Trágicos Idos» parece alusão ao assassinato de César nos Idos de Março, porque na História Romana «Idos» se tornou símbolo de desastre, morte violenta. *Idos* é o dia 15 de março, maio, junho e outubro, e o dia 13 dos outros mêses, no antigo calendário romano.

A médium achou que êsse verso não tinha sentido, porque só conhecia «*ido*», como particípio passado do verbo *ir*.

Na mesma sessão de 5 de Março compareceram mais dois poetas: Alberto de Oliveira escreveu de novo alguns versos para três sonetos recebidos em 11 de Setembro de 1952 e que se achavam já esquecidos há mêses num caderno; Moacyr de Almeida escreveu os seguintes sonetos:

A Dor

Meu pobre irmão que chora! Espera,
[tem confiança.
Não maldigas a dor que a tua vida es-
[tiola.
Se a sorte não te quis dar uma só esmola,
Não apagues, em tua alma, a luz da Es-
[perança.

A dor, nêste planeta, ainda é a melhor
[escola.
Segue por essa estrada sem temor, avança!
Ela aos Céus te conduz, à Divina Bonança,
Onde o Amor de Jesus nossas mágoas
[consola.

Bendize essa irmã, essa caridosa amiga
Que a alma egoísta e má transforma em
[justa e santa.
Deves amar a dor, consente que te diga.

Ela é a chave de um cofre celeste que
[encerra
Tanta alegria e paz! Tanta ventura, tanta!
Quanto as lágrimas que choraste sôbre
[a Terra.

Que te importa a dor que espezinha? O
[drama?
Na vida, as mãos vazias de amor, gló-
[ria, ouro?
Que importa êsse horror que a tua al-
[ma inflama?
Os espinhos, as pedras, o desdouro?

Que importa que te roubem sempre a
[fama?
Ver findos os teus bens em sorvedouro?
Que a calúnia te atire sôbre a lama?
Que o joio invada o teu trigal tão louro?

Que importa a ingratidão? Ideais des-
[feitos?
O despertar dos sonhos? Teus direitos?
Que te falte na vida o pão e a luz?

Se além da Terra pérfida e enganosa,
A tua alma feliz, mais que ditosa,
Repousará nos braços de Jesus!

Moacyr de Almeida.

Repitamos sempre: é possível que o poeta ainda volte a refazer algum dêsses versos. Enquanto um Autor é vivo, muitas vezes refaz a sua obra. Só a supomos definitiva depois que êle morre; mas êstes poetas do plano espiritual nunca morrem!

Até o momento em que fazemos êste registo estão recebidos versos dos seguintes poetas: Abel Gomes, A. Castro Alves, A. C. Gonçalves Crespo, Alberto de Oliveira, Anibal Teófilo, Antonio Nobre, Artur de Azevedo, Barros Furnier, Bittencourt Sampaio, Carmen Cinira, Catulo da Paixão Cearense, Casimiro Cunha, Da Costa e Silva, Emilio de Menezes, G. D., Guerra Junqueiro, Hermes Fontes, João de Deus, José Duro, Luiz Murat, Luiz Guimarães Filho, Moacyr de Almeida, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Rodrigues de Abreu, Soares de Passos, Thomaz Ribeiro, De

Um Contador de Histórias, De Um Jardineiro. São vinte e nove estilos a se estudarem !

Segundo informações do Guia, Alfredo, ainda faltam na coleção 28 poetas, porque serão 57 os autores do livro, conforme os entendimentos já feitos no Plano Espiritual. O volume todo apresentará, portanto, 57 estílos aos estudiosos, se não for alterado o projeto primitivo.

Enquanto os poetas estão surgindo, o Guia mesmo continua o seu romance *«A's Margens do Eufrates»* que parece será um monumento literário em vários volumes.

Ismael Gomes Braga.

NOSSA MORADA NO CÉU

Major Levino Cornélio Wischral

TUDO que pensamos cria-se no plano da matéria etérea. Moldamos no espaço, pela faculdade vibratória e geradora do espírito a entidade que corresponde exatamente ao pensamento; dêste, ela é uma segunda via; uma espécie de cópia do que realizamos sôbre a terra, e, materializada em substância fluídica, matéria quintessenciada.

Quanto mais firme e persistente fôr o pensamento, tanto mais durável será sua correspondente no éter. Algumas criações ao tomarem vulto, apresentam configurações de contôrnos bem definidos e de coloração precisa; agitam-se vivas, só se diluindo quando o homem as concretiza pelas suas mãos. As procriações resultantes de emissões fracas desfazem-se logo após o nascimento da idéia.

Na terra vivemos para os sentidos grosseiros do corpo; no céu vivemos mentalmente preparando nossa futura moradia da alma.

Podemos ter a certeza de que o espaço que nos cerca, pretensamente vasio, além dos espíritos que aí têm seu «habitat» natural, está repleto das mais vivas e variadas criações fluídicas. Qualquer desejo, projéto ou programa cria sua correspondente no alto.

Pela mentalidade inferior, ou seja, pelo baixo teôr vibratório de que está suprida a quasi totalidade dos homens, é lógico que a emissão de pensamentos não pode gerar o padrão harmonioso, amoroso e benéfico que seria de se desejar. Ao contrário, o que se produz no ilimitado, e em maior quantidade, são as autênticas imagens de feitio triste e até repelente, representativas do ódio, do egoísmo, da corrupção, da avareza, etc.

Em compactas camadas horizontais e verticais, invisíveis aos nossos olhos, justapõe-se sôbre a face da terra, a matéria mental, boa e má, elaborada por bilhões de cérebros encarnados e desencarnados. Tudo aí se acumula, agita, entrechoca sem, no entanto, se confundir ou ligar.

Movimentam-se num turbilhão sem fim, as mais estranhas e variadas figuras plasmadas em côres desde as mais sublimes e sutís às mais sombrias e tôrpes; produto êsse irradiado e animado no espaço pela vivacidade mental dos que lutam pelo bem e dos que se dedicam ao mal. A aura, isto é, a alma do nosso planeta é precisamente composta dêsse esquisito aglomerado multicôr.

Naturalmente que nosso astro olhado de outro plano sideral, apresenta-se de aura desagradável, de côr barrenta, suja e cinzenta. Isso denota sua baixa condição no concêrto da ilimitada escala evolutiva dos mundos.

Indagaríamos: Como se comportará um nosso pensamento lançado nesse oceano de formas fluídicas pairando no ar, tal qual condensados flocos ou nuvensinhas de amor ou veneno?

Os flocos de vibrações boas são bem escassos; de vibrações pesadas, más e nocivas são encontrados aos milhões ao nosso redor.

Quando alguém projetava um pensamento de malquerença (ódio, íra, vingança) êste se irradia até encontrar a pessoa visada que captará, sem o perceber, a incômoda carga fluídica. Lógicamente isso só acontecerá se a pessoa visada fôr de sentimentos idênticos, do mesmo nível moral e espiritual de quem projetou o pensamento. Os fluídos maléficos captados e incorporados à aura do paciente infiltram-se em seguida no corpo físico, onde produzirão determinadas e conhecidas doenças. São invisíveis punhais que, após dilacerarem a aura fraca cravam-se profundamente nas carnes do adversário.

Ao ser o pensamento maléfico emitido, vai êle recolhendo aqui e acolá, por atração e absorção, a matéria afim ou sejam, os floqùinhos venenosos encontrados no seu percurso. Ao tocar o alvo, chega por isso, com a carga danosa naturalmente multi-aumentada; é o momento em que se afasta a saúde da pessoa para dar guarida ao achaque.

Infelizmente são êsses os pensamentos que mais contaminam, mais agitam, descrevendo incríveis zigue-zagues no espaço.

De modo bem diverso processa-se a trajetória de um pensamento de auxílio à pessoa necessitada, de saúde a um enfêrmo, de paz e amor à humanidade. Essa intenção ao ser irradiada parte tal delicada e lépida figura alada, cheia de bondade, luz e vigor. Durante seu deslocamento busca e colhe, igualmente, os benéficos e salutares floquinhos de amor; dessa maneira, avoluma-se extraordinariamente o fluxo de auxílio, pois que, não é de estranhar que certos mentores espirituais, incumbidos de zelar pela saúde alheia, esforçam-se também, por acrescentar à torrente milagrosa os seus próprios fluídos de saúde e bem estar.

No caso presente, o pensamento socorrista já não é apenas aquela singela luz de forma alada ao ser gerado o desejo; é porém, um forte jacto de intensa luz brilhante injetando novas e preciosas energias no corpo debilitado. Ou então é o faról bendito que transmite a luz da intuição para orientar o aflito; é o indicador de novos e melhores caminhos para o homem cansado de sofrer do corpo e da alma.

Estudemos agora os efeitos de mais uma modalidade de pensamento. O resultado baseia-se na inflexível lei do «choque de retôrno» e aponta-nos como é defendido o ser humano reto, bom, de sentimentos fraternos, enfim, aquele que tenta imitar Jesus.

Um clarividente indentificaria tal pessoa revestida de uma reluzente aura, espécie de armadura protetora e inatingível por fluídos imperfeitos. Os fluídos quasi puros dessa criatura não absorvem os imperfeitos, para êstes sua aura não é receptiva, torna-se, por isso, impossível êsse intercâmbio.

Para um ser dêsse quilate de nobreza, se lhe fôr arremessado um brado de maldição acompanhado de um sanguinário desejo de vingança, não tenhamos dúvida, nada sofrerá êle pela emissão fluídica que o atingiu. Êsse maldito pensamento ao alcancar o alvo, perderá suas fôrças e ficará confuso e vacilante tal qual um sêr que raciocinasse.

Desde que a corrente de ódio é posta em movimento, irá ela, por sua vez, coletando e incorporando a si própria, durante o percurso, os floquinhos malditos ávidos aliás, por entrarem em ação de hostilidade.

De cheio dá-se o choque com a pessoa de caráter justo, porém, em vista de sua não receptibilidade é o pensamento violentamente repelido, iniciando-se então a cruel viagem de retôrno, ao ponto de partida, isto é, ao gerador de semelhante propósito. Nessa volta, faz-se mais ativa ainda a colheita de fluídos maus, e, enormemente engrossada vai a diabólica torrente ligar-se novamente ao que a impulsionou.

Recebido o pensamento de volta, mais nocivo e violento, do que ao ser expelido, e, perigosamente aumentado de poder destruidor, encontra êle facil e apropriada guarida junto a seu legítimo dono, zeloso receptáculo de fluídos semelhantes. Assim, pela mesma lei de afinidade, é o próprio emitente que recebe de retôrno a mortífera carga fluídica aniquilando e enfermando-lhe o corpo físico, entre aflições e tormentos da alma.

Aqui temos demonstrado a máxima popular, que funciona com a precisão de um radar — «o feitiço virou contra o feiticeiro». Isto é exáto e imutável.

Um pensamento ferino é, na verdade, de efeito mais funesto que um grito odiento de imprecação. As idéias elevadas e puras são as nossas melhores armas, isolam e protegem-nos contra as enfermidades, os sofrimentos e as violências.

Enquanto vivemos na vestimenta carnal projetamos e construimos no céu, com a matéria elaborada pela mente, o nosso próprio mundo. O após-túmulo conduzirá nosso espírito a residir precisamente no edificio erigido pelas nossas criações mentais; não podemos morar num palacete se construimos uma tapera.

Para não edificarmos nosso futuro

lar sôbre a ilusão das trevas e da dôr, cumpre mantermos o pensamento sempre voltado para o bem.

Uma útil e infalível indicação médica para o problema expôsto é ainda, e continuará a ser o milenário: «Perdoai até sete vezes setenta vezes».

Sursum corda!

"Fronteiras do Outro Mundo"

A Religião de Umbanda em face do Espiritismo

Conclue seu depoimento sôbre o inquerito de «VANGUARDA» o Dr. Américo Luz

"O Espiritismo só póde ser encarado pelas obras do codificador e pelas suas complementares — Qualquer produção que contrarie o espírito da Doutrina organizada pelo referido apóstolo, não poderá ser considerada como sendo obra espírita"—(Palavras do entrevistado.)

V — Em sua opinião, segundo as obras de Allan Kardec, o Espiritismo tem características próprias, isto é, características que o distinguem da Religião de Umbanda, e de quaisquer outras religiões, ainda que tenham por base o fenômeno medianímico ou fenômeno de além túmulo?

R. — A pergunta está bem formulada: «segundo as obras de Kardec». Com efeito, o Espiritismo só pode ser encarado pelas obras do Codificador e pelas suas complementares. Qualquer produção que contrarie o espírito da Doutrina organizada pelo referido apóstolo, não poderá ser considerada como sendo obra espírita.

Claro é que alguns postulados científicos aos quais se reportaram os Espíritas e o próprio Kardec estão hoje com o seu conceito ampliado. Novas descobertas no domínio do conhecimento assinalam o progresso crescente da Ciência e permitem que a Revelação Espírita se demonstre cada vez mais nítida aos olhos dos estudiosos, através de uma vasta literatura. Surgem Gabriel Delanne, Léon Denis, Aksakoff, Lombroso, Carlos Imbassahy, Pietro Ubaldi, Emmanuel, André Luiz e tantos outros, contribuindo cada qual com a sua inteligência e com o seu coração, para o enriquecimento do patrimônio doutrinário. Entretanto, Kardec é a fonte inesgotável onde todos êles vão buscar o fundamento e o motivo das suas edificações. Vence com a sua lógica as tergiversações filosóficas e científicas dos tempos, imprimindo a certeza nas conclusões realmente certas, corrigindo os êrros de maneira positiva, e indicando o Caminho, a Verdade e a Vida, pelo engrandecer e dignificar sempre mais a figura excelsa e insuperável do Cristo Salvador, pelo projetar Nova Luz por sôbre os seus ensinamentos imortais.

Reportando-se a eficiente argumentação do «Livro dos Médiuns», do «Livro dos Espíritos», de «O Céu e o Inferno», de «A Genese», de «Obras Póstumas», de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», enfim de quanto já se produziu em matéria de Espiritismo, por Kardec e os seus legítimos seguidores, afirmo, consoante os termos da questão formulada, que o Espiritismo não se confunde com qualquer seita ou religião existente no mundo, quer tenha ou não tenha o fenômeno mediúnico. Há, porém, um pequeno grupo de irmãos nossos que pretende haver relações entre Umbanda e Espiritismo, mas que não consegue provar a sua tese pelos princípios da Doutrina. Lançam mão os tais, de sofismas contundentes para o alcance de um objetivo, a meu ver, condenável: a arregimentação de adeptos a qualquer preço. Dada a vigilância dos elementos esclarecidos do nosso movimento, não chegam mesmo a ameaçar sequer a integridade da fé espiritista, porquanto no seu afã de conquistarem um propósito vazio, perdem-se nos desvios da argumentação insustentável e se afastam do Espiritismo: deixam de ser espíritas, porque lhe negam os ensinamentos.

Ser espírita é aceitar o que nos veio por intermédio de Allan Kardec, na vivência dos ensinos cristãos, significação bem diversa de «espírita» para efeito de declaração no Recenseamento.

VI — Acha que também se presta caridade espiritual nos terreiros de Umbanda, tal como ocorre nas sessões espíritas? Neste caso — em sua opinião —

pode dizer-se que Umbanda é também Espiritismo, por que ambos têm por base a mediunidade e a prática da caridade? Dê a sua opinião a respeito.

R — Já declarei, linhas atrás, que não julgo ser a mediunidade uma questão básica em matéria de Espiritismo. O Espiritismo não tem por base a mediunidade, simples acessório. Entendo a função do fenômeno como demonstração material da imortalidade da alma, ressalvando que o fenômeno, apenas o fenômeno, não resolve as questões transcendentes da vida humana, como a necessidade de reforma moral das criaturas, a natureza das cousas, as propriedades peculiares ao espírito e à matéria, enfim, essa série infindável de problemas que são solucionáveis à luz da Filosofia e da Ciência. O fenômeno é um convite à análise, ao estudo: é um efeito, que requer o exame das causas.

Quanto a caridade, ouçamos por instantes a palavra abalizada de Paulo: «Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

E se eu tiver o dom da profecia e souber todos os mistérios e toda a ciência; e se tiver toda a fé de remover montes e não tiver caridade, nada sou.

E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, isto nada me aproveita.

A caridade é longânima, é benigna, a caridade não é invejosa, não se jacta, não se ensoberbece. Não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interêsses, não se irrita, não suspeita mal». Paulo (I Cor. cap. XIII — vers. 1 a 5).

Na mesma epístola, diz o apóstolo dos Gentios:

«Pelo que, meus amados, fugi da idolatria.

«Que afirmo, então? que o que é sacrificado aos ídolos é alguma coisa? ou que o ídolo é alguma coisa?

«Pelo contrário afirmo que as coisas que êles sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus; e não quero que vós tenhais comunhão com os demônios» (Cap. X: 14, 19 e 20).

Entendo a caridade como virtude sutilíssima, cujo domínio se inicia além de quaisquer atos materiais, pois ela se fixa no recôndito das almas; é, por excelência, um sentimento espiritual. As aparências externas, por mais convincentes, não são suficientes para revelá-la.

A noção de caridade está intimamente ligada a de conhecimento, visto ser comum haver por parte de um ignorante a boa vontade em ajudar o semelhante, e o seu gesto redundar no prejuizo dêste. Procede, portanto, o adágio soberano; «Para amar é necessário conhecer». Imaginemos um curandeiro que receitasse pimenta malagueta a um paciente de cirrose do fígado!... Vemos, por aí, que a intenção benéfica sem o concurso da sabedoria não compreende a caridade.

O sentimento de caridade é atributo dos sêres evoluidos, não sendo alcançável por elementos cuja atenção se dirige a assuntos de ordem material, despreocupados do estudo afeitos à idolatria.

Paulo compreendeu bem isto, chamando a atenção àqueles que, por ignorância digna de comiseração, entregavam-se ao culto exterior, julgando oferecerem, dêsse modo, uma homenagem a Deus e aos Espíritos Superiores. Pelo contrário, atraiam a si, com as suas práticas grotescas, as entidades inferiores, ainda presas às vaidades e ilusões mundanas, que os verdadeiros Guias passam de largo a tais bajulações, pois a simplicidade natural e o desprendimento humilde sempre lhes constituiram o sinál marcante à individualidade sublime.

Num ambiente, onde prevalece o culto externo objetivado nos fetiches, nas imagens, nas danças, no fumo e na cachaça, a caridade não encontra guarida para estabelecer-se no seu trono singelo: o coração disposto à renúncia.

Vale-nos a pena salientar que essa virtude libertadora não se casa com a passividade letal dos que não se esforçam pelo seu progresso ou não aceitam o auxilio, sem condições e compromissos comprometedores para os que lhes oferecem carinho e proteção, nem com a insinceridade de propósitos daqueles que, suficientemente esclarecidos pelas obras espíritas, pretendem lançar-se, sob falsos argumentos à companha de arregimentação de prosélitos, com o sacrifício parcial ou total da realidade.

Nem só conhecimento basta ao homem para que se lhe identifique a elevação de caráter, nem só sentimentalismo balôfo possui fôrça bastante para que se lhe aponte como sêr equilibrado. Jesus personificou a caridade em todas as ocasiões, tanto no gesto munífico com que chamou a si as criancinhas, como na energia vibrante que lhe iluminou as palavras no sermão de censuras aos fariseus: «Serpentes, raça de víboras! Como escapareis à condenação da Gehenna»? — Mateus XXIII: 33.

De caridade é, também, a disposição intemerata de quantos vêm de público, nesta hora, proclamar a unidade da Doutrina Espírita, no exercício de um dever sagrado, qual seja o de estender o seu convite fraterno a todo um contingente humano adormecido, a que se erga e desperte para o bom combate, no benefício da sua própria libertação espiritual. Nesse ministério, a franqueza sem rebuço e a verdade nua são as únicas armas utilizáveis.

Importante, finalmente, destacar que os esforços de grande número de indivíduos para cumprirem determinadas ordenações da solidariedade humana, embora louváveis, vão pouco além do significado que os prende, por fôrça da lei natural, ao fator simples da coexistência: fato de base. Não se pode confundir, pois, simples ensaios de solidariedade com o sentimento «espiritualíssimo» da CARIDADE LEGITIMA. Esta se encontra no imo de raríssimas criaturas, e, infelizmente, ainda não foi surpreendida nas coletividades, de modo patente, e na sua amplitude.

Casamento Espírita?

Não. Consagração Espiritual do Casamento Civil.

Foi na CASA DE LUCIA, Rua Carolina Santos, Rio.

Casou-se aí sua primeira internada, a 14 de junho de 1953.

A consagração espiritual do casamento civil, foi uma festa com abundância de espiritualidade, de almas, de arte, de emotividades...

E até de comezainas.

Semanas antes, foramos convidado para colaborar no programa, e dirigí-lo.

— Eu? Já não sou homem para coisas tais!

Mas, se é uma exigência — e exigência de quem póde tudo exigir de mim...

Na semana da festa, estivemos acamado cinco dias.

E foi com uma *formino-destrose* na veia — quasi um garrafão de tonificante —, que lá comparecemos, à hora da consagração.

O ato civil fôra na véspera.

Ás 15 horas, diante de intensa multidão de convidados, a noiva foi conduzida pelo braço de seu papai de internação — Olimpio Leomil de Vasconcelos — ao salão de conferência, preparado adrede para tanto.

O salão superlotou-se.

E foi composta a mesa com os noivos ao centro, nós ao lado, o orador da solenidade, representantes da CASA DE LÁZARO, do *Lar de Jesus*, e outras pessoas.

Abrimos a sessão, dizendo de nossa honra e de nosso sacrifício, ambos abençoados, por estarmos ali, a dirigir a reunião. Salientamos, também, o convite que fizeramos ao prof. José Jorge, que se casara assim em 1945, para orador. Falaria, assim, com mais experiência, com mais emoção.

O conjunto musical do maestro Severino Peregrino de Castro — sua filha ao piano, êle e mais dois companheiros ao violino — atacam a Ave Maria, espiritualizando mais o ambiente.

Proferimos, a seguir, a prece consagrativa, pedindo as bençãos de Deus para o jovem casal, na consciência de que uma prece assim, feita nesse dia por lábios amigos, por corações amigos, que sentem o que oram, deve subir mais depressa ao Alto, do que o simples *conjugo vobis* proferido, formalisticamente, por quem levou dinheiro para tanto...

O conjunto musical atacou, agora, a *Marcha Nupcial*.

Seguiu-se a oratória consagrativa. O orador foi muito feliz na sua peça. Começou recordando seu enlace e analisando o casamento em face do Espiritismo. Frizou que falta ao ato civil do casamento, que só trata de comunhão de bens materiais, uma solenidade assim, emotiva e sincera, estabelecendo comunhão de afetos, de sentimentos, de amizade perene.

Mais um número de música suave e emotiva.

Uma declamação da menina Euclair Lopes, dedicada aos noivos.

E um número de canto por essa menina e uma companheira, que causou funda impressão em todos.

Internadas da *Casa de Luciá* cantaram um número dedicado à irmã, com a música da canção Aniversário de Casamento, de Carlos Galhardo, dirigido pelo maestro Severino.

Agora, a vez da representação do LAR DE JESUS.

Uma menina declama os versos, que elaboramos a propósito, acompanhada a trauteio e sussuro pelas companheiras:

Casaste, minha irmã. Casaste bem
Porque casaste por amor, com quem
Era teu grande amor, a tua vida.
Has de ser uma esposa bem querida
E hão de ser os dois muito felizes.
A boa sorte há de criar raizes
Em vossos corações. Em vossa glória,
Tendes, meus amigos, de memória
Estas regras da vida de casado:
Procurai viver sempre, lado a lado,
Nos passos bons e maus desta existência,
De alma alegre e purissima consciência.
A mulher é do lar. E só no lar
Deve pontificar, deve brilhar
Com expressivo fulgor e extranhos bri-
[lhos,
Com seu trabalho, seu esposo e filhos.
O homem, vendo na esposa dedicada,
Parcela de si mesmo, desdobrada,
E nos filhos, estímulos perfeitos.
Ambos, sempre corretos e direitos;
Sempre fiéis um para o outro, para
Uma harmonia santa, pura e rara.
Enchei sempre de amor vossos caminhos;
De amores, de alegrias, de carinhos.
E descerá a vós, fulgente luz
E as bençãos luminosas de Jesus.
Abençoa vosso enlace o Creador
Porque casaste por amor!

Depois, cantaram todas a música seguinte, ajustada à canção *Minha Mãesinha Querida*, do disco do G. Macedo e R. Faissal:

Minha irmãzinha querida,
Casaste, hoje por amor;
Teu casamento feliz
E' benção do Creador.
Deus permitiu minha irmã,
Neste dia de emoção,
Que ouvisses, com teu noivo,
As palavras da União.

Neste dia,
A alegria
Toca o nosso coração.
E sentimos,
E sorrimos
Numa profunda emoção.
Oh! minha irmã,
Deus te faça querida
De teu marido
Uma perola na Vida.
Receba a nossa oração
Boa irmã do coração.

A emoção era geral e profunda.

Falou, então, uma criança da Casa de Lázaro, saudando a noiva.

E outros números de música se sucederam.

Franqueada a palavra, falou o dr. Francisco Nogueira, presidente do *Orfanato Pedro Richard*, congratulando-se com a *Casa de Luciá* e recordando que ha 30 anos, seu casamento religioso fôra uma prece emotiva e sincera. Falou d. Maria de Lourdes Pereira, presidente do *Lar de Jesus* e d. Ruth Santana, diretora da *Casa de Lázaro*.

Mais um número, o último, de música.

E a prece final, seria de uma criança da *Casa de Lázaro*.

Então, a Maria Marcilia pede e avisa: *Posição de prece*.

E ora o Pai Nosso, repetida por suas irmãzinhas.

Encerramos, então, repetindo nossos votos de felicidades, e os de toda a assistência, ao casal e a *Casa de Luciá*.

Toda a cena foi filmada pelos ilustres confrades, Flavio Pereira e Mario Rodrigues.

Os noivos, depois de receberem os cumprimentos de todos, se deslocam para o *bufet*, que se espalhava no salão contíguo, três enormes mesas em forma de U, no vasto páteo enfeitado de muitas mesinhas e num ângulo do jardim de verão, ao ar livre.

No salão, os noivos partem o bolo nupcial, antes da palavra do dr. Paulo Menezes Gil, um dos diretores da instituição, que agradece a presença de todos e oferece a mesa de doces finos, de salgadinhos apetitosos.

«E vemos aqui um espetáculo dignificante: êles, os noivos, partindo para unir mais, para mais aproximar», diz o orador.

Servem-se champanhe e guaraná gelado.

Cruzam-se as taças.

Felicitamos, pela última vez, o jovem casal de noivos, Matilde e Cristiano, e passamos a taça a outrem.

Atacam-se, então, as comezainas, as bebidas.

Houve, entretanto, alguém — aliás, ao que pudemos observar — duas pessoas que, no que concerne a comidas e bebidas, passaram na festa pelo martírio de Tântalo.

E d. Rosa, a abnegada e diligentíssima diretora da *Casa de Luciá?*

Quasi que ninguém a viu.

Nem a ela, nem as suas companheiras, todas entregues ao serviço constante e inadiável de ver tudo, de fiscalizar tudo, de atender a tudo e a todos.

Casamento espírita?

Não. Consagração do casamento civil, à luz da influência do Espiritismo.

E aqui o dizemos, fechando esta crônica, na esperança e perspectiva de que solenidades semelhantes, embora com menos abundância, mas com a mesma alma e vibração, se registrem por aí alhures.

Leopoldo Machado.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e leu DELFINO FERREIRA em 13/6/53).

Srs. Boa noite.

Continuando a apreciação da obra doutrinária de Cairbar Schutel, faremos desfilar hoje o seu 3.º trabalho: «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo».

Editado em 1914, atualmente exgotado, sua última edição, a 4.ª, tem a data de 1943. O Prefácio, do próprio Autor, esclarece a causa e a finalidade do livro. A causa foi o fato de, ao tempo em que o livro foi escrito, 1914, cômo dissemos, data de sua 1.ª edição, dois sacerdotes católicos haverem, pelo periódico «S. CARLOS», órgão do bispado da cidade paulista dêsse nome, atacado, injusta e desapiedadamente, o Espiritismo. Quanto à finalidade, rebater as insinuações e acusações dos dois reverendos, um dos quais enfeixou em livro os seus artigos; e, mais, convidar os homens ao estudo das sagradas letras, cuja interpretação, diz Cairbar, «não é privilégio de quem quer que seja».

Trata-se, pois, de mais um trabalho de combate, aliás de bom combate, que se desdobra através de vinte e cinco revides, que tudo indica terem sido artigos publicados na imprensa local. E muito judiciosamente apresentou no artigo final a razão de vir a campo em defesa da Doutrina, melhor dito, do ESPIRITISMO, que é o seu zêlo, o seu interêsse, dizendo, então, que «o desinterêsse é a pedra de toque de qualquer Religião».

Encerrando o livro a Conclusão com interessantes considerações.

Vejamos, por fim, os títulos de alguns dos temas que o A. abordou e desenvolveu:

O diabo e as novas descobertas; O diabo e sua significação; O céu, o inferno, o diabo e o sacerdócio romano; A excomunhão; As curas espirituais e o diabo; A tentação de Jesus; Os mártires da verdade; O batismo do espírito; A igreja romana não é a do Cristo: Visão à distância e desdobramento; A excomunhão e o perdão; A crença pelo temor; A Trindade e a Unidade divina; A reparação das faltas; etc., etc.

Continua, pois, perfeitamente atualizado êsse 3.º livro das obras de Cairbar Schutel. Todos os livros de Schutel são edições de «O Clarim», editora da cidade de Matão, S. Paulo, por êle próprio fundada.

—

Passemos ao REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Desfila hoje uma edição da LAKE, a esforçada Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo, rua do Riachuelo, 108. Trata-se do «Manual dos Dirigentes das Sessões Espíritas», resumo das aulas do Curso de Espiritismo, ministrado em três gráus: *Aprendiz*, *Servidor* e *Discípulo*, criado pela Federação Espírita do Estado de S. Paulo e funcionando, desde 1950 em sua séde, anexo ao qual, também iniciativa dessa grande Entidade estadual, funciona o *Curso de Dirigentes de Sessões Espíritas*. As aulas foram ministradas e agora enfeixadas no presente volume, pelos confrades, membros daquela Federação, srs. Emilio Manso Vieira e B. de Godoy Paiva.

O livro é apresentado pelo Comandante Edgard Armond, Secretário Geral da referida instituição, autor de «Mediunidade» e de outros trabalhos doutrinários e nome de projeção no Espiritismo no Brasil e elemento dos mais ativos do movimento espirítico paulistano.

O livro oferece, inegavelmente, sem ser uma obra prima, ao que, aliás, não aspira, ultrapassando, todavia os limites assás modestos que se traçou, uma distribuição bem medida dos assuntos estudados, que envolvem os aspectos indispensáveis da doutrina e de sua prática, do Espiritismo, portanto, inclusive do fenômeno das curas, notadamente da obsessão.

No que refere ao desenvolvimento da mediunidade não ficou olvidado o problema disciplinar. De modo elevado explica a diferença entre Espiritismo e Umbanda.

Em futura edção se apresentará, e prometem seus Autores, maior desenvolvimento. Certo, porém, é, que mesmo esta sua 1.ª edição é digna de atenção, estímulo e louvor.

A todos Paz e Luz.

A Certeza do Espiritismo

«The Two Worlds»

Por E. OATEN

EM nenhum período da vida torna-se mais aparente o valor do Espiritismo do que quando o homem é chamado a enfrentar a mudança denominada morte. Em larga experiência fui impressionado com o espírito de certeza que caracteriza a conduta, não só dos que morrem, como a de seus amigos e parentes. Raramente se vê uma lágrima ou lenço num funeral espírita, porque, para o espírita, a morte não é uma calamidade. Quando a transição ocorre no fim de uma existência integral, ela se torna um incidente natural, — e frequentemente, um alívio. Mesmo que seja cortada uma vida moça antes de haver atingido a plenitude de sua utilidade, apresenta-se a convicção que a mudança só é um incidente numa jornada eterna: que além da «pequena porta» haverá oportunidades para o amplo desenvolvimento do caráter, para o desdobrar das capacidades latentes e para real serviço ao próximo. Amigos e parentes estão convencidos que, quando seus entes queridos passam para lá do véu, êles não se subtrairam à sua solicitação. Mesmo em presença de uma cadeira vasia e da memória de uma voz silenciosa, há ainda meios e modos de conseguir contato pessoal com aquêle que os precederam. Podem os clérigos parolar à vontade sôbre a «comunhão dos santos», mas os que se sentem privados do ser querido desejam um contato com a mão desaparecida e suspiram pelo som de uma voz emudecida. A gloriosa companhia de todos os anjos no céu nada significa para o homem que perdeu sua esposa, em comparação com a meia duzia de palavras proferidas pessoalmente em sua própria voz e seu dialeto individual.

Vivemos largamente em sessões familiares, nossas vidas lá se revolvem. Os nossos amigos pessoais estão mais próximos a nós e representam centros concretos aos quais podemos prodigalizar o nosso amor. Eu sei que fóra do nosso círculo há amizades e conhecimentos que se ramificam em aneis crescentes, como os círculos sôbre uma lagoa, e que podem envolver santos, anjos e todos os grandes vultos do passado. Mas a voz do nosso ente amado é mais para nós do que todas as expressões poéticas.

Lembro-me de ter sido chamado à cabeceira de um eclesiástico idoso que se aproximava do termo da existência terrestre. Apertando sua mão, perguntei-lhe o que experimentava. Êle respondeu: «Tudo se escureceu». Êle havia passado sessenta anos no púlpito, a pregar as glórias da vida celeste, mas ao decair-lhe o corpo, êle se encontrava na mesma situação do Mestre, sentiu-se só e abandonado: «Porque me abandonaste?» Graças à inspiração espiritual, e apesar de nunca o ter encontrado antes, pude dar-lhe provas da presença de sua mãe e pai; fiz a descrição de ambos que êle reconheceu, transmiti sua mensagem típica e instantaneamente mudou sua atitude. O rápido contáto pessoal e a mensagem individual fizeram-lhe o que nunca conseguiram fazer todas as bonitas abstrações teológicas de sua longa vida eclesiástica. A comunicação forneceu-lhe prova *pessoal* da presença de seres que conheceu e amou. E em sua hora da maior crise da vida, nada mais justo do que a presença da mãe que o introduzira no mundo e o exercitou nas primeiras passadas. Estou convencido que a realização de sua presença individual deu ao velho cavalheiro, maior confiança do que «a gloriosa companhia dos Apóstolos».

A grande satisfação do espiritista consiste em conhecer, além de qualquer sombra de dúvida, que a vida é contínua, não num reino distante ou desacostumado, porém num mundo natural e humano onde perduram os parentescos, com todas as fraquezas e virtudes que associamos à vida natural. Com uma palavra o Espiritismo torna a morte um incidente natural na vida imortal: a continuação da jornada eterna. A morte não é o ponto final, porém a junção, onde enveredamos para outra linha, continuando o nosso progresso em demanda à Cidade eterna.

Verdadeiramente, «tragada foi a morte na vitória».

Pensai nisto vós todos: Mães, Pais, Maridos, Esposas e Filhos! Precisamente além da pequenina porta ireis encontrar todos à vossa espera, e a tristeza da partida será tragada na alegria de eterna reunião. E' esta a convicção baseada sôbre provas pessoais, que obtem o espiritista que se dedicou a investigar as reinvidicações do Espiritismo e pessoalmente os verifica.

Inimigos da Doutrina

MAC MAYNARD

«Mas, eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Thyatira, a todos quantos não teem esta doutrina, e não conhecem, como dizem, as profundezas de Satanaz». Apocalipse, 2:24.

As grandes idéias, antes de se firmarem no conceito universal, sempre tiveram seus opositores gratuítos uns, interessados outros, mas sempre contaram com inimigos declarados ou ocultos.

O Espiritismo como idéia que veio para reformar o pensamento filosófico do mundo, idéia que veio libertar o pensamento humano, idéia que veio fazer os homens livres de preconceitos medievais, de harmonizar a ciência e a religião, teve, inevitavelmente, de encontrar seus detratores, seus opositores ferrenhos.

Os inimigos do Espiritismo encontram-se nos dois planos da vida: na terra e no espaço, encarnados e desencarnados.

O materialismo foi um «mal necessário», combateu o Espiritismo com as armas da ciência positiva, e, como a Doutrina também é científica, aceitou a luta no campo científico e acabou dando o xeque-mate no seu inimigo.

Os materialistas baseando-se na ciência para atacar a Doutrina, acabaram, muitos deles, aceitando a fenomenologia espirítica, e, por conseguinte, a filosofia que interpreta êsses fenômenos.

Foram tão ferrenhos êsses opositores da Doutrina que uma «nova ciência», a Metapsíquica, surgiu para combater os fenômenos espíritas. Interessante, o principal, Charles Richet, acabou aceitando, diante da dialética insuperável de Ernesto Bozzano, a interpretação espírita dos fenômenos mediúnicos.

No terreno religioso tem o Espiritismo também seus inimigos: profissionais uns, «amadores da arte» outros...

Quando os profitenses das diversas seitas cristãs estudam com isenção de ânimo a Doutrina, acabam aceitando a lógica de Kardec, «o bom senso encarnado», dão bons espíritas esses nossos confrades!

Há também outra classe de inimigos da Doutrina Espírita: os médicos.

O Espiritismo cura doenças «incuráveis» pela medicina oficial, daí, como é natural, sentem-se ofendidos os médicos...

Os hospitais estão cheios de doentes mentais que vêm do espiritismo, logo, o Espiritismo é uma fábrica de loucos. Êsse chavão por ser cediço, já se tornou lugar comum no ataque ao espiritismo feito pelos médicos.

Si êsse «lugar comum» fôsse estudado mais a fundo, veriam os nossos detratores que os grandes hospitais espíritas poderiam ter, ao lado das enfermarias, um museu de patuás, santinhos, bentinhos, figas, amuletos de toda espécie, que, mostrariam, à saciedade, que esses doentes não vieram do Espiritismo, pois a Doutrina não tem bentinhos, crucifixos, rosários e quejandos...

O que tem acontecido, é observação nossa, que muitos doentes mentais, (obsedados) são levados aos centros à procura de remédio para seus males; ora, muitas vêzes, como é natural, a cura não é rápida, precisa doutrinação, evangelização do encarnado (doente) e do desencarnado, e, como os parentes do enfêrmo não teem paciência para esperar a cura demorada, procuram os hospitais especializados. Nos manicômios dizem: até com espiritismo lidamos para curar o enfêrmo, mas, ficou pior!

A conclusão vem logo: O Espiritismo é fábrica de loucos!

Consideramos até aquí os inimigos declarados e jurados da Doutrina Espírita entre os encarnados. Mas, há outros. Esses estão dentro da própria doutrina (!) fazendo parte, mesmo, de diretorias de centros espíritas, são os médiuns mistificadores.

Quantas vêzes não saimos envergonhados de sessões onde o médium não fez nada mais do que mistificar, mas, mistificação grosseira, chula, nojenta. O mal que essess médiuns fazem à Doutrina é incalculável, chega às raias do ridículo!

Se se aplica a recomendação do apóstolo João: verificai os espíritos, si são do Senhor... ou a de Kardec: é melhor rejeitar 99 verdades do que aceitar uma mentira, êsses «médiuns inconscientes» (todos gostam de ser inconscientes), ficam inimigos do doutrinador.

Além dos médiuns mistificadores (conscientes), temos os interesseiros, os vaidosos, os presunçosos, enfim, uma classe bem grande de «médiuns» que seria fastidioso enumerar...

Com os inimigos encarnados é mais fácil a gente encontrar o veneno; mas com os inimigos desencarnados, é mais difícil, muitas vêzes.

Alguns desencarnados são positivos, claros, inimigos de peito aberto, atacam logo de entrada a doutrina, com essa tática de ataque é fácil ver logo o inimigo, pois está em campo aberto, e a luta é travada em campo limpo; mas, há os que vêm entrincheirados. Com esses é mais difícil a luta por que é uma luta desigual, de um lado um opositor lutando com as armas da lealdade, com a palavra clara e positiva, de outro, a mistificação, a mentira deslavada. Ao invez de se apresentarem como inimigos declarados, apresentam-se como «guias e protetores», (muito cuidado com os guias e protetores de todos vós).

Falam em nome de Deus, mas agem de modo diferente. Daí a necessidade que tem todo aquêle que lida com sessões práticas de obrigatoriamente conhecer a codificação de Kardec, para não cair nas malhas desses inimigos embuçados.

Um exemplo que comprova o grande mal que há do desconhecimento das obras fundamentais de Kardec:

Numa sessão apresenta-se um espírito e dá o nome X, depois de muitas comunicações, consegue captar a simpatia e confiança do grupo, «fulano de tal, protetor de todos vós», e vai então apresentando as inovações. Fala à uma médium, uma senhora de côr, que na outra encarnação ela tinha sido uma moça loira, professora, muito bonita e vaidosa, daí ter nascido, na presente encarnação, de pele negra, retinta, uma provação, um castigo ao seu orgulho e vaidade. O espírito que se manifesta conta mais coisas, dá mais indicações, e acrescenta: fui médico, fui seu marido, estou esperando uma encarnação de prova, uma encarnação para purgar o meu orgulho. Acontece que tinhamos um filho, e êsse nosso filhinho morreu sem ser batizado e para felicidade dêle, é necessário que seja batizado. (Pasmem todos: — êsse espírito foi batizado na sessão!). Os presentes arranjaram os ingredientes do batismo: água, sal, oleo e... saliva. O «espiritozinho» foi trazido do limbo, encorporou-se num médium e foi batizado numa sessão espírita! De pagão que era, a guia e protetor, foi um pulinho!

Mas, o «guia e protetor de todos vós» não ficou contente com essa brincadeira (imagino quanto não riram os espíritos gaiatos no espaço) inventou outra.

Falando um dia sôbre concentração, reclamou que as concentrações do grupo não eram firmes, faltava um meio melhor para se concentrarem, sugeriu a idéia de usar rosários, que rezassem um terço durante os trabalhos, que assim a concentração seria mais forte. Não ficou nisso: que os trabalhos fossem abertos em nome do padre, do filho e do espírito santo! e que fossem encerrados, também, com o sinál da cruz.

Para que o trabalho corresse em melhor ordem, faltava um crucifixo sobre a «mesa de caridade», foi colocado incontinente. Quando um espírito sofredor se manifestasse pedindo luz, fosse acesa uma vela e rezado um padre-nosso e uma ave-maria para abrir os olhos do sofredor...

Outros acessórios litúrgicos foram colocados no centro, inclusive ex-votos e promessas. Defumadores de todos «pais» David, Jacob, etc., até parece que êsses espíritos eram interessados na venda de defumadores e de sabão para «fechar corpo.»

Paremos aqui.

Êsses são os inimigos desencarnados que se apresentam com pele de ovelha para achincalhar a Doutrina Espírita, encontrando ignorantes que lhes servem de instrumento.

A Federação Espírita quando recebe pedidos de filiação ou de fórmulas de estatutos, deveria investigar êsses pedidos, para que não fique nas costas do Espiritismo essas «palhaçadas» rotuladas, impropriamente, com o nome de Doutrina Espírita.

A melhor maneira de se batalhar pelo Espiritismo é difundir o mais que for possível as obras fundamentais e subsidiarias do Espiritismo.

«A todos que não teem esta doutrina e não conhecem, como dizem, as profundezas de Satanaz», é muito facil ser levado pela lábia de espíritos mentirosos e gaiatos.

Tatuí, 12 de Julho de 1953.

LIVROS E AUTORES — Leopoldo Machado

LA AUTOEDUCACION DEL PENSAMIENTO Y DE LA VOLUNTAD AL SERVICIO DES ESPIRITISMO — *Hugo L. Nale* — Buenos Aires.

Outro opúsculo editado pela *Editora Leon Denis*, de Buenos Aires, oferta de seu ilustre autor. Trata-se de uma conferência pronunciada na Sociedade CONSTANCIA. Conferência que vale bem por esplêndida tese substanciosa e precisa. Hugo L. Nale é uma das belas culturas portenhas. Os argumentos e observações que ajusta para defender o objeto de sua tese são de molde a confirmar nosso modo de julgar seu trabalho, que é uma peça literária de cultura e fé, essas duas coisas que deviam existir em todo o espiritista, aproximando ainda mais o cérebro e o coração. E' assim que depois de sua exposição cultural, termina o opúsculo assim: «...me permito envitar a todos los presentes a ponermos de pie y elevando nuestro pensamiento a Dios mediante una concentracion de dos minutos de silencio...»

Grato ao ilustre confrade por sua lembrança de nosso nome para o oferecimento de seu trabalho.

—

REINO ESPIRITUAL — *Levindo Melo* — Rio.

Tese apresentada ao 2.° Congresso Pan-Americano de Espiritismo, em nome da *Sociedade de Medicina e Espiritismo* e dedicada aos vultos venerandos de Allan Kardec e Bezerra de Menezes, de Andrew

Jakson Davis, Cosme Mariño e a todos os grandes trabalhadores da Doutrina dos Espíritos.

Nós já haviamos lido a tese em letra de fôrma.

Ela aparece-nos, agora, em letra mimeografada.

Aceitamos, de nossa parte, o reino espiritual. Reino que transcende das cogitações terrenas, que classificam os reinos da Natureza em Animal, Vegetal e Mineral. Que, até, segundo alguns autores, tais reinos começam dos protobios.

A tese vale por si mesma, dada que não valha pelo nome ilustre que a subscreve, que teve a gentileza de no-la oferecer com expressiva dedicatória.

—

ALGUNS PROBLEMAS DO IDIOMA — *Leodgario Amarante de Azevedo Filho* —Rio.

Trata-se de um trabalho de ilustre professor do Rio, ex-aluno de nosso Colégio.

Na dedicatória do volume que nos coube, escreveu o autor: «Ao velho mestre de nossa língua...»

Quem lhe disse isso, ó Leodgario ?

Nunca nos abrasamos por questões e questiúnculas gramaticais, que fazem as delícias de gramáticos e filologos. Mas, sempre prezamos demais a língua que falamos, a «flor amorosa de três raças tristes». E, assim prezando-a, gostamos de ajustar nossos escritos às regras gramaticais, sem brigar com ninguém porque escreve Brasil diferente de nós; sem passar o atèstado de ignorante áquele que escreve *ansia* diferentemente. Temos até uma ortografia quasi toda nossa, de que nos vamos servindo enquanto não formos... preso por nos servimos dela.

Aliás, foi sempre o que ensinamos aos nossos alunos.

E — coisa interessante! — ensinamos vernáculo sem nunca exigir deles livros caros e massudos. Exigiamos-lhes, apenas, atenção, desejo de aprender, cadernos de apontamentos e lapis.

Vem-nos, até, agora, à memória, um episódio, que nos é muito grato ao espírito:

Certa feita, num hotel de Juiz de Fóra, à mesa de refeição, encontrámos um militar, graduado, que, de uma mesa ao lado, conversava qualquer coisa com uma senhora, apontava-nos e ria-se. Ficámos intrigado com *a brincadeira*. Depois, levantando-se antes de nós, procura nossa mesa e apresenta-nos à dama, sua exma. esposa, dizendo: «Aquí está o prof. Leopoldo Machado, com quem aprendi português, o português de que fiz exame no Colégio Militar, passando com nota alta, sem nunca ter aberto uma gramática, um compêndio da língua».

Êsse militar ilustre é, nesse momento, o presidente da *Casa de Lazaro*, como ilustre espírita que se fez depois.

Leodgario Azevedo é também espírita sem o saber e o sentir.

Espírita pela inteligência e cultura, pelo caráter e conduta moral, embora não se tenha declarado ainda. E' um temperamento jovem diferente dos outros jovens. Não se morre de amores pelo futeból, nem anda atrás de premios radiofônicos nos programas de estúdios. Não coleciona retratinhos de artistas de rádio, nem anda pedindo autógrafos de bonequinhos de tela e artistas de cinema. E ocupa tribunas espíritas, para dizer o que mais lhe tem interessado na Doutrina, embora confessando-se agnostico e afastado da Doutrina...

Anda, por enquanto, na roda de professores materialistas e católicos, gozando de sua amizade, que julga, ainda, *um presente dos deuses*.

Um dia, se desiludirá de tudo e de todos.

Nesse dia, estudará o Espiritismo.

E render-se-á a sua evidência, confirmando aquele asserto de Cromwell Varley: «Não conheço um homem de senso que, tendo estudado a sério o Espiritismo, não se renda à sua evidência».

Ora, o Leodgario é sensato, sôbre ser bom filho, bom amigo, bom cidadão.

Que lhe falta, pois ?

Estudar o Espiritismo.

E, sôbre o ALGUNS PROBLEMAS DO IDIOMA ?

Não faltará quem, com mais engenho e mais arte, fale do livro...

—

ORAÇÃO PROFANA — *Zezé Macedo* — Rio.

Zezé Macedo é radio-atriz da *Radio Tamoio* e da *Televisão Tupy*.

Filha de um velho e grande amigo nosso, espiritista e estudioso, visitou-nos no *Lar de Jesus*, oferecendo nos, então, seu ORAÇÃO PROFANA.

Trata-se de um livro de versos de 72 páginas, esguio, mal impresso, com 41 produções, a fotografia da autora abrindo o livro.

As poesias do livro mal paginadas, pois há páginas semelhantes a folhas de jornal, composição em colunas, composição começando no meio de páginas, coisa que nunca vimos, que se nos afigurou de mau gosto, prejudicando, assim, a estética e poesia do próprio livro. Ora, não se tratasse de um livro de poesias, aquí não deixariamos êsses reparos, visto como, para nós, poesia e beleza são sinônimos.

Zezé Macedo, entretanto, é poeta.

Sente e vive a poesia, que lhe rebenta do coração e da inspiração em vários métodos e nos moldes da poesia antiga e moderna.

ORAÇÃO PROFANA começa assim, numa evocação ao SENHOR, que revela os sentimentos espiritualistas da autora :

Senhor :
Tenho sêde de amor...
Perdôa se meu lábio pronuncia
Esta prece profana, e acaricia
As palavras que é crime proferir.
Quem, como eu, o corpo amortalhado,
Sem hábito de freira, quís sentir
Jesus Crucificado !

O livro é de versos profanos, dominando a escola lírica-sentimental.

Uma ternura evolvente se desprende de suas estrofes, de suas páginas, contagiando o leitor. Dessas páginas e estrofes, a que mais nos calaram foi a *Carta*, que escreve a seu velho pai (talvez por ser tão velho como êle) e a descrição que faz da macumba, na última página.

E' pena, repetimos, que o livro não tenha outra apresentação gráfica, outra distribuição da matéria que lhe dá vida !

E, aquí lhe agradecemos o volume que nos ofertou e pedimos desculpas das desagradabilidades que aquí assinalamos.

D. Gracinda Batista

NO próximo dia 28 transcorre o 7.º aniversário do passamento de D. Gracinda Batista, que soube cumprir à risca a sua tarefa terrena no campo da assistência social. Amiga dos pobres e sofredores o seu nome ficou gravado no coração daqueles que o procuravam em momentos de aflição e necessidade. Esposa e mãe extremosa, criou e educou inúmeras crianças desamparadas, dedicando-lhes as mesmas atenções dispensadas a seus filhos.

Ela, seu companheiro Onofre Batista e Américo Bairral fundaram o «Asilo Luiz Gonzaga» e estavam dispostos a fundar um Sanatório para obsedados. Américo Bairral regressou logo à Pátria Espiritual, mas D. Gracinda

Batista e Onofre Batista transformaram em realidade êsse nobre propósito levantando o Sanatório e pondo-lhe o nome de Américo Bairral como a mais justa homenagem prestada a êsse trabalhador da seára Cristã.

O «Asilo Luiz Gonzaga» hoje sob a direção de confrades competentes dá abrigo a inúmeros velhos de ambos os sexos.

O Sanatório Américo Bairral, tendo à frente D. Dalila Batista e Cezar Bianchi é hoje um monumento filantrópico, pois está dando abrigo a 500 pessoas enfêrmas. Conhecendo a utilidade dessa importante instituição, o Governo Federal, Estadual e Prefeituras Municipais lhe vêm destinando importantes verbas. O Sanatório já tem 18 anos de vida toda dedicada ao próximo necessitado.

Êsse importante empreendimento saíu de corações humildes e amorosos e por isso produziu frutos sazonados a razão de cento por um. E D. Gracinda foi a sua pioneira.

Ao registrar o 7.° aniversário do seu passamento, almejamos à D. Gracinda felicidade, paz e constante progresso espiritual, solicitando-lhe o seu valoroso auxílio nos momentos difíceis.

Contra Fatos...

VII

Fenômenos de Desdobramento

As aparições dos Espíritos de pessoas vivas, já foram sobejamente constatadas em toda a parte do universo, por isso não há um só país que desconheça êsses fatos.

A causa dêsses fenômenos, também já ficou suficientemente vulgarizada e explicada pelos espíritos de elevada cultura espiritual.

A «Phont of the Living», assim nos relata um dêsses fenômenos de bicorporeidade :

– Aquí, como em toda parte, as aparições não são raras. Sabemos de uma senhora que na vila do Rosário, viu à hora do almoço entrar-lhe em casa uma amiga que depois de alguns momentos eclipsou-se. Horas depois esta amiga veio, realmente, com o mesmo vestido que trazia a aparição. Uma irmã da mesma senhora, em um sitio do norte, estando uma noite acordada em quarto iluminado, viu a dona da casa em pé junto de sua rêde. Perguntando-lhe o que queria, a aparição desmanchou-se perto da rêde vizinha da senhora, onde não tinha cessado de dormir a pessoa cujo duplo se manifestara. Estes fenômenos são chamados de desdobramento ou bicorporeidade. A Sociedade de Estudos Psíquicos colecionou uns mil e quinhentos fatos quasi todos ocorridos na Inglaterra e suas possessões. Muitos autores referem o caso de Mme. Saggú, preceptora, que foi expulsa de vários colégios e casas particulares pela inconsciente e frequente produção dêsses fenômenos que assustavam sobremodo as alunas.

Serão fenômenos de alucinação, quando são testemunhados por diversas pessoas e impressionam cavalos e cães? Será alucinação uma moça ver e ouvir o duplo do irmão ausente com seu uniforme enxarcado de água e isto no mesmo momento em que nos antípodas êste irmão estava em perigo de morrer afogado? Como explicar a alucinação dos outros fatos?

(Phont of the Living).

— As notícias vindas da Inglaterra, concernentes aos fatos espíritas, é um sinal evidente do franco progresso que se está realizando naquele país. O famoso jornalista inglês, Geoffrey Murray, em seus artigos publicados no «News Chronicle», de Londres, divulgados pelo «O Jornal», do Rio, de 12/3/52, nos informa o seguinte:

—A «Associação Espírita Mary Lebone», que organiza sessões semanais, foi fundada em 1872 e vangloria-se de ser a maior associação espírita do mundo. Tem *7.000 membros.* (1)

Ao todo, estou informado, há cêrca de 100 igrejas espíritas nêste país, com um total de 50.000 membros.

O órgão internacional possue associados em 26 países.

Se o espiritismo não é sectário, é, não obstante baseado em sete princípios essencialmente religiosos. São êles:

1 — A Paternidade de Deus.

2 — A Fraternidade do homem.

3 — A Comunhão dos Espíritos e a Missão Sacerdotal dos Anjos.

4 — A contínua persistência da alma humana.

5 — A responsabilidade pessoal.

6 — Compensação e retribuição, no estado futuro, de todas as boas e más ações praticadas na terra.

7 — Eterno progresso aberto a todas as almas humanas».

Spártaco Banal.

---

(1) *O grifo é nosso.*

Crônica Estrangeira

Aquiles d'Angelo cura a paralisia das cordas vocais do Tenor Gigli

«De Two Worlds de 25-7-53.»

De novo êle canta

A voz de Gigli, o maior cantor de óperas da atualidade, teria silenciado para sempre, não fôsse a intervenção de Aquiles d'Angelo, o miraculoso curador italiano.

Toscanini e a ex-Rainha Maria José também afirmam terem sido curados por d'Angelo, o qual, não obstante a sua evidência na Itália, não sabe ler nem escrever!

Com referência à cura de Gigli, J. M. Sheppard escreve no mensário psíquico «Fate»:

«Há poucos anos, a tristeza invadiu toda Itália. O maior tenor italiano, Gigli, perdera a voz. Numa terra em que a música e particularmente o canto, são a mesma alma do povo, a perda de seu maior tenor de ópera era uma tragédia.

Foram chamados especialistas de garganta; Gigli foi a Roma, em seguida a Paris, onde suas cordas vocais foram atentamente examinadas pelas maiores sumidades da ciência médica da Europa. Mas a magnifica voz havia silenciado para sempre. Estranha paralisia atacara a garganta do gênio.

A' espera do incerto

«Finalmente foi chamado d'Angelo. Êle entrou no triste mas luxuoso apartamento de Gigli, com suas habituais passadas ligeiras. A porta fechou-se e isolou êstes dois dos demais: Gigli, o tenor e d'Angelo, que nem ao menos sabe assinar seu próprio nome. Passou-se meia hora em que só eram percebidos murmúrios de vozes oprimidas dos amigos presentes. Escoaram-se outros 30 minutos enquanto os íntimos do cantor, sentados na sala de estar, lastimavam, de cabeça baixa, a perda irreparável. Gigli estava inutilizado, acabado!

E então—então eles ouviram aquela potente voz de tenor alçada num cântico de liberdade, em liberdade irrestrita, de completa vitória vocal. Gigli estava cantando como nunca o fizera antes.

Como êle sorria!

Abriu-se a porta e emergiu em pessoa a grande voz da Itália; largo era seu sorrìso ao inundar o corredor com sua voz desembaraçada atingindo as ruas, fazendo parar os transeuntes que de cabeça erguida exclamavam: Gigli póde de novo cantar! Viva!»

* * *

Quando a ex-Raínha Maria José perdeu sua visibilidade e os médicos declararam insolúvel seu caso, ela chamou d'Angelo. Na primeira visita voltou sua visibilidade: duas visitas subsequentes e seus olhos estavam perfeitos.

Coppi, o mais popular ciclista da Itália, conta a história do modo por que, após violenta queda em Roma, tomou o trem para Napolis e foi à procura de Aquilles d'Angelo. Os médicos lhe asseguraram que, durante seis meses, êle não poderia concorrer a disputas ciclísticas.

Dois dias depois de ter partido da capital, estava êle de volta, pronto para o torneio europeu em bicicleta. Era êle a maior esperança de seus compatriotas.

Disse Coppi: o homem apenas me tocou. Êle fez deslizar seu dedo indicador ao longo de minha perna, o que me produzia a sensação de queimadura pelo fogo, como se milhares de águlhas penetrassem minha carne.

Então êle me disse: «Vai para tua casa, moço. Estás curado», e eu estava mesmo curado.

Foi em Napolis que Aquiles d'Angelo viu a luz do dia italiano, há 44 anos. Filho dum pobre carpinteiro, êle começou bem criança, a engraxar sapatos dos cidadãos napolitanos, o que o impediu a frequentar escolas. Durante tempos foi carregador, depois tornou-se propagandista ambulante.

Certo dia, no desempenho de sua tarefa, carregando um placard de propaganda, êle caíu. Foi internado num hospital com dupla comoção cerebral.

Trinta e seis horas depois, voltou à consciência. J. M. Sheppard diz:

«Um interno e uma enfermeira acercaram-se de seu leito e grandemente se surpreenderam ao serem saudados, proferindo o enfêrmo o nome de ambos. Os dois eram-lhe completamente desconhecidos.

Era para d'Angelo o início de novo mundo e o desenvolvimento de faculdade tão assombrosa a ponto de fazer cientistas e médicos levantar os braços em desespero. O produtor de milágres, analfabeto e rude, desafiou todas as leis médicas existentes, com suas curas contínuas de casos chamados perdidos».

Aquilles d'Angelo conhece o nome dos que o procuram, encarando-os, profere instantaneamente seus nomes completos.

Mais surpreendente ainda é o poder elétrico de d'Angelo. Se êle vai apertar a mão de alguém, cuidado! Êle póde gerar—por falta de melhor expressão — fôrça elétrica à vontade. Tem o poder de desequilibrar alguém, se o deseja, com um choque emanado de um dedo. Também póde apertar a mão de uma pessoa sem o menor efeito ou choque.

A' convite de uma junta de médicos e psiquiátras, d'Angelo foi a Paris, no ano passado. Pediram-lhe dar imediatas e visíveis provas de sua faculdade.

D'Angelo apontou para um grande relógio colocado no ângulo do aposento. O pêndulo oscilava ritmicamente. Mas parou de súbito até o fim da entrevista.

Ao retirar-se do vasto aposento, êle sorriu, de novo apontou o relógio e imediatamente o pêndulo recomeçou a oscilar. O pêndulo estivera parado durante 55 minutos.

D'Angelo pede somas elevadas a seus clientes ricos, mas os pobres são curados sem remuneração e ainda auxiliados pecuniariamente.

. . . .

*

Falam os Sábios

(Químicos-Biologistas)

Nos nossos dias, os sábios não fazem mais do que continuar, com outros processos, a antiga pesquisa dos alquimistas que se obstinavam em descobrir a fórmula — impossível de se encontrar — do elixir de longa vida... Os trabalhos de laboratório substituiram as atividades da magia.

E faz-se uma pergunta que nos interessa a todos sem exceção: — o homem deve infalivelmente morrer? A morte é uma necessidade inexorável, inscrita para todo o sempre no livro do nosso destino?

E a fórmula: — «O homem não morre, mata-se» — será mais do que simples frase?

Têm feito experiências, por exemplo, na «Bombyx-Mori». Essa borboleta que vive quinze dias, revela na autopsia feita, orgãos sãos e intactos. Todavia, estava morta. Porquê?

Talvez porque, no momento fixado pela lei da espécie, era normal que morresse assim como era normal que vivendo, pudesse voar porque tinha asas. Aquele pequeno organismo seria, pois, um mecanismo funcionando como um relógio, que pára mesmo quando não está quebrado.

Será assim com o homem, cuja sobrevivência individual não é necessária á perpetuação da espécie, pois a natureza lhe deu o meio de procriar?

Felizmente, os biologistas não se contentam com cálculos teóricos e procuram certezas materiais. Demonstraram que organismos unicelulares são imortais e que na biografia dum infusório a morte só póde ser um acidente.

Colhem um fragmento de tecido orgânico em qualquer animal e enxertamno noutro da mesma espécie ou de espécie diferente. A experiência é particularmente fácil com tecidos cancerosos.

Há já anos, que os trabalhos de laboratório têm dado resultados concludentes e «imortalizado» células sãs. E' aquí, que a experiência se torna mais perturbante por ser mais acessivel aos nossos sentidos. Num romance de antecipação—uma família inteira de vampiros humanos, dêsde o bisneto ao trisavô, mantinha a vida e a saúde bebendo sangue de sêres jovens. Os trabalhos de laboratório não oferecem hoje cenas tão alucinantes — As experiências de Alexis Carrel e outros, demonstraram que um órgão inteiro póde não só ser transferido de um indivíduo para outro, mas ainda sobreviver isoladamente. Tira-se um rim a um animal. Este morre e, passado o máximo tempo que a Natureza fixou para a vida desta espécie, o rim isolado continua a viver.

No Instituto Pasteur de Paris, conservam-se vivos, há muitos anos, corações de animais alimentados quimicamente.

Simultaneamente, em Paris e Moscow, conservam-se vivas cabeças de cães, graças à um sistema de circulação sanguinea artificial. Em presença dos alimentos, as glândulas salivares segregam saliva, a guela abre-se como para ladrar — e se não ladra é porque as cordas vocais não foram conservadas.

E, então, apresenta-se-nos esta hipótese engenhosa e macabra: — suponhamos que após e execução de Luiz XVI, ou outro supliciado, lhes tinham submetido a cabeça a tratamento idêntico. O supliciado teria vivido — Poderia afirmar-se que o supliciado estava morto?

Quando um homem perde um dedo, um braço, uma perna, conserva a sua personalidade. Um côxo continua a ser um homem vivo. Porque motivo uma cabeça separada do seu corpo, mantida viva por meios artificiais, é certo, mas viva, no entanto, não prolongaria a vida do individuo?

Aquí surge a pergunta que, ante os progressos da ciência, será preciso resolver um dia: quais serão os limites exátos da personalidade? Quando se poderá afirmar que um individuo está morto ou vivo? Se um homem privado dos seus membros nem por isso deixa de ter uma existência real e legal, porque motivo uma cabeça, privada do corpo e ainda capaz de pensar, não seria considerada como mantendo o individuo ainda com vida ?

No dia em que tal experiência se realizar — e vamos a caminho dela — o problema da sobrevivência será parcialmente resolvido e devemos rever todas as noções até aquí admitidas pela nossa razão, os nossos costumes e as nossas leis.

(de *La Press)*, Maio de 1952.

⁂

De «Ici Paris»

Isabel II escolheu um amigo maravilhoso para capelão adjunto

O poder que certas pessoas têm de curar as doenças, as dores e as feridas pela simples imposição das mãos, está em vias de ser reconhecido oficialmente em Inglaterra.

Na verdade, o concilio da Igreja metodista — aquela que, entre as igrejas protestantes conta a maior massa de fieis em todo o Mundo — está prestes a estudar um diploma das «pessoas que curam». A Igreja de Inglaterra ainda não tomou posição oficial. Mas alguns dos chefes, notóriamente o bispo de Lincoln, orientam uma rigorosa campanha e tomam numerosas iniciativas pessoais num sentido análogo à atitude das autoridades metodistas.

Enfim, a própria raínha Isabel, profundamente convencida da existência de tais poderes nos seres escolhidos por Deus, deu um apôio retumbante aos campeões dessa crença quando, no mês de Agosto, completou a lista da sua casa civil, escolhendo deliberadamente como capelão adjunto o reverendo Cyril Theodore Henry Dams, um dos três eclesiásticos da Igreja de Inglaterra que, devido aos seus próprios poderes especiais e ao seu profundo conhecimento do problema, foram incumbidos pelo bispo de Lincoln de fazer um estudo profundo dos fenômenos de cura física, psicológica ou moral por imposição das mãos.

. . . .

O pedido da Igreja metodista, o movimento dentro da Igreja anglicana, a iniciativa do bispo de Lincoln, o gesto da rainha Isabel,—não passam de preliminares do vasto movimento dos espíritos que agita a Inglaterra, e que mesmo o céptico e incrédulo não póde deixar de acompanhar sem uma sensação perturbada e, ao mesmo tempo, de real interêsse.

De «*Revista de Metapsicologia*».

⁂

Uma estranha pintora de mortos...

Por João Emilio de Macedo Paraíso.

Com a cabeleira toda branca aos 60 anos de idade. Margaret Bevan, que na aparência não tem nada de sobrenatural, pinta retratos de gente morta e que não conheceu.

Habita um rés-do-chão situado por detrás do British Museum de Londres e nasceu em Dingwall (Escócia), numa família bastante numerosa e pouco abastada, não tendo por isso recebido uma suficiente instrução e, nem sequer, a mais elementar noção sôbre arte.

Já mulher, casou-se com um administrador da Canadian Pacific Railway e passou com êle 30 anos da sua vida em Winnipeg, (Canadá) aonde lhe nasceram os seus três filhos.

Tendo enviuvado, foi para Watford, na Inglaterra, aonde montou um atelier de modista. Foi então, já lá vão quinze anos, que a aventura começou quando, uma noite, resolveu acompanhar uns amigos a uma sessão espírita, realizada na Igreja Espiritualista de Watford.

A médium que promovia a sessão entrou em contacto com um espírito, que declarou ter sido sôbre a Terra um italiano chamado Luigi, de 18 anos de idade, tendo vivido em Bordighera, na Riviera Italiana. Seu pai opôs-se sempre à sua grande vocação de artista. Por êste motivo pediu à assistência que na primeira sessão a realizar, depois da que estava tendo lugar, lhe trouxessem papel negro e tinta branca, para poder fazer uma demonstração.

Na sessão seguinte Luigi escolheu Margaret Bevan para lhe servir de instrumento mediúnico. Esta declarou nada conhecer de pintura ; com surprêsa, porém, ela sentiu a sua mão bastante presa e guiada por uma fôrça invisível, que a obrigava a desenhar sem saber como. Tive a noção do que fazia, mas não tive contrôle sôbre a mão direita, declarou-nos ela.

Quando traçou o primeiro retrato, olhou e gritou espantada: — Mas é minha mãe! Sua mãe, Mrs. Bárbara Scott, estava morta havia já bastante tempo.

A Sociedade Britânica de Estudos Psíquicos e a Associação Espiritualista da Inglaterra tomaram conta dêste caso sensacional e começou, então, para Margaret Bevan, uma série de tournéeis, num percurso de mais de 15.000 quilómetros por ano. Por toda a parte ela pintou retratos de pessoas já falecidas e, em sessenta casos sôbre cem, estes eram reconhecidos por pessoas presentes à sessão. Então, ela explicava modestamente que nada fazia e que se Luigi não lhe guiasse a mão, era incapaz de obter o mínimo traço. Numa sessão eram geralmente pintados de vinte a cincoenta retratos de espíritos, tendo sido, um dia, batido o record com o elevado número de cem.

Muitas vezes o Dom de pintar desaparece, por momentos, em Margaret Bevan, para reaparecer depois com grande intensidade; então, as folhas negras se sucedem diante dela, com uma rapidez que chega a impressionar! Três minutos para cada retrato, num rítmo bastante mecanizado.

Atualmente Margaret Bevan é também vidente; mas, segundo declara, esta faculdade a fatiga em demasia. Quando desenha, não sente nem calor nem frio; sua expressão de olhar torna-se apática e a sua voz enfraquece.

Os psiquiatras dizem dela: *E' um caso psiquico extraordinário; raramente encontramos uma pessoa, num milhão, que possúa esta capacidade de Telestesia.*

Quanto ao Diretor da Escola de Belas Artes, de Londres, declara: *Uma pessoa descobrir uma súbita vocação artística aos cincoenta anos de idade, é um fenômeno em matéria d'arte, e julgo que o caso é único.*

Para convencer os cépticos, Mrs. Bevan possúe também o Dom da clarividência, faculdade esta adquirida, certamente, pela contínua convivência com os espíritos do Além.

Um jornalista apresentou-se, um dia, a esta vidente, com um nome falso; então ela disse-lhe, imediatamente, que o seu verdadeiro nome era Untel; e começou a descrever o seu jardim, a sua casa, e os seus amigos, tendo deixado o jornalista inteiramente abismado. Num outro caso, ela diz expontaneamente a um dos seus visitantes: — Eu vejo em vossa casa uma pessoa jovem, que traja um vestido de veludo encarnado. Quando o homem regressou a casa, uma hóra depois e a uns 40 Km. de distância, verificou, com espanto, que sua prima ostentava um vestido encarnado. Quando saíu de casa, lembrava-se de lhe ter visto um vestido verde. Por êsse motivo perguntou-lhe se tinha mudado de vestuário. Sua prima declarou, imediatamente, que o tinha feito havia cerca de uma hora, o que coincidia com a vidência de Mrs. Bevan. Ela não tira proveito pecuniário desta sua clarividência; para ela isto é sómente um meio para poder provar as suas boas relações. com o invisível. Mrs. Bevan contenta-se com o pagamento de 4 shilings por cada retrato que executa. Por isso ela nos diz: o artista tem que viver, mesmo quando pinta retratos de pessoas já falecidas ou relacionados com os assuntos psíquicos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo em Alagoas

Em 25 de Dezembro último inaugurou-es em Maceió, Estado brasileiro de Alagoas, uma instituição espírita, intitulada «O Lar das Velhinhas», com a presença do Prefeito da Capital. Eis o que diz o noticiarista de *Luz*, acêrca da visita que fez ao Lar:

«Trata-se de uma instituição idealizada, criada e mantida por um abnegado espírita da nossa terra sem nenhum auxílio dos poderes públicos nem particulares, destinada exclusivamente a recolhimento e manutenção de velhinhas desamparadas, sem tecto e sem arrimo, não se indagando a religião a que pertencem. O prédio tem capacidade para 50 asiladas, em pequenos compartimentos confortáveis e completamente isolados, com rigoroso serviço sanitário. O refeitório e a cozinha são amplos, cheios de luz e ar.

«Junto de uma sala destinada à Secretaria funciona modesto ambulatório com medicamentos destinados a casos de urgência. O local é aprazivel e constitúe um parque de 100 metros quadrados com recreio para as velhinhas.

«Os serviços do Lar são prestados gratuitamente.

«E' assim que se apresenta o «Lar das Velhinhas», mantido carinhosamente por um homem de alma e coração.

«O Dr. Fernando Malta de Campos, realizador dessa obra tão modesta, mas fecunda, não mede sacrifícios para servir os que sofrem e necessitam. E para que melhor destino e orientação pudesse oferecer ás suas próprias idéias espíritas, consagrou se a êsse humano trabalho de cristianização.

«Mantendo à sua custa o «Lar das Velhinhas», sem outro auxilio pecuniário que não seja a percentagem que lhe destina, oriunda dos lucros do seu Laboratório, aliás, modesto, sente-se profundamente alegre o nosso confrade Malta de Campos, por ter realizado um sonho que há muito estava ligado à sua visão espiritual».

Como póde morrer o Espiritismo, ligado assim ás mais belas virtudes humanas? O nosso Evangelho é de utilidade integral. O velho Arquimedes levantaria o globo terrestre com uma alavanca, se tivesse um ponto de apôio no Espaço; o Espiritismo transformará o mundo, quando se apoderar dos corações e das almas. O «Lar das Velhinhas» é uma obra de Espiritismo Cristão, êsse espiritismo que o *Novidades* aponta ao ódio das turbas analfabetas, depois de o conspurcar com pensamentos vis; êsse espiritismo que alastra qual rastilho, apesar de tudo exigir de nós; êsse espiritismo que glorifica Jesus e trabalha por sociedades mais perfeitas, onde o homem não seja lobo do homem. Atacar o Espiritismo é atacar a caridade, é cercear o vôo da borboleta ao sair da crisálida. Mas o Espiritismo viverá eternamente, porque se apoia nas almas, que são imortais!

De «Estudos Psíquicos» — Lisboa, Portugal

Lar Infantil «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», dando pleno andamento ao seu vasto programa de assistência social, como parte integrante do seu trabalho na seára espírita, realizou no dia 7 de Junho p. p. ás 14 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma reunião para tratar da construção de uma casa para a criança desamparada.

Pelo sr. Edo Mariani, presidente da Mocidade, foi apresentada a idéia da Mocidade, de que se désse a essa obra o nome de Lar Infantil «Cairbar Schutel». A idéia foi aceita por unanimidade, ficando definitivamente assentada a construção do Lar Infantil «Cairbar Schutel», obra esta que será edificada na Avenida Cairbar Schutel, Vila Santa Cruz.

A seguir, foi eleita por aclamação a seguinte Comissão pró-construção do Lar Infantil «Cairbar Schutel»: Presidente, Zelia Silveira Perche; Secretária, D. Izabel Perche Camargo; Tesoureiro, José da Cunha, e mais os seguintes membros: Carlos V. Olson, Adelar Machado, Antonia Perche da Silveira Campêlo, Chiquita Fonseca, Clotilde da Cunha, Leonor da Cruz Jorge, José da Costa Filho, Rosa Fratini, Edo Mariani, José Gonçalves, Antonio Torres e Jacob Pedro Filho.

De nossa parte aplaudimos tão oportuna idéia e empenharemos os nossos esforços no sentido de ver concluida essa obra filantrópica, tanto mais que a Doutrina Espírita e o nome do nosso caro companheiro Cairbar Schutel merecem lugar de destaque nos corações dos que tiveram a ventura de conhece-lo.

Os amigos e admiradores de Cairbar Schutel, que tanto amou as criancinhas, não deixarão de cerrar fileira conôsco no levantamento dessa obra, que representa mais um marco fincado na senda do Espiritismo, a mostrar à humanidade o verdadeiro caminho que conduz a Deus e que tem por princípio o amor fraterno.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Reunião realizada em 4 de Julho de 1953.

Feita a prece, o presidente declara empossada a representante da Comissão Estadual de Espiritismo, de Pernambuco, Srta. Cirene Coutinho, saudando-a em nome do Conselho.

Sergipe — O conselheiro Atlas de Castro comunica ter sido amplamente distribuido, no Estado, o trabalho «Elucidando Dúvidas».

Piauí — O conselheiro Ascânio de Paiva comunica que a Federação Espírita Piauiense instalou o seu Conselho e informou que a ela aderiram mais três instituições.

Goiás — O conselheiro Dr. Francisco Nogueira relata notáveis acontecimentos ocorridos no Estado: criação de Juventudes, lançamento de pedras fundamentais de sédes de Centros, comemorações e visitas de confraternização.

Esperanto — O presidente lembra ao C. F. N. que nesta data ocorre o 10.º aniversário da primeira mensagem espírita recebida em Esperanto, com a qual se deu início a uma nova secção em «Reformador», uma secção doutrinária em versos mediúnicos compostos em Esperanto por uma dezena de Espíritos, e acrescenta que nesta década o movimento esperantista no País cresceu de modo passmoso, havendo o Brasil passado de um dos últimos para um dos primeiros lugares no mundo quanto ao cultivo do Esperanto. O setor esperantista na F E B — diz o presidente — é um dos mais belos esforços de unificação mundial da Doutrina e do movimento espírita, e tem recebido constante apôio dos Espíritos superiores, por intermédio de diversos médiuns. O trabalho realizado pela F E B, nesses dezesseis anos mais recentes, já demonstra a obra imensa que poderá ser realizada num futuro próximo através do Esperanto.

Pernambuco — A conselheira Cirene Coutinho agradece as palavras pronunciadas pelo presidente, ao empossá-la, e diz que se esforçará por honrar o mandato, colaborando com toda a sua boa vontade nos trabalhos do Conselho.

—

Súmula da Ata da Reunião realizada em 1 de Agosto de 1953.

Após a prece inicial, o presidente comunica que os conselheiros Dr. Carlos Imbassahy e Cel. Delfino Ferreira justificaram suas faltas à reunião, o primeiro, por motivo de saúde, e o último, por não lhe ser ainda possível comparecer.

Expediente — A União Municipal Espírita, de Taubaté, comunica a realização da VI Semana Cristã Espírita, de Taubaté, de 26 de Julho a 2 de Agosto fluente, e convida o C. F. N. para essa realização. Na impossibilidade de se fazer representar, o Conselho delibera telegrafar àquela Entidade, agradecendo o convite e desejando muito êxito à Semana Espírita ali em realização.

Recenseamento — Em nome do Conselho, o presidente felicita os espíritas de Goiás, na pessoa do representante da União Espírita Goiana, pelo crescente progresso do Espiritismo naquêle Estado, nesses últimos dez anos. O número de adeptos elevou-se, no decênio de 1940 a 1950, de 17 para 44 mil. Diz, ainda, que o próximo número de «Reformador» publicará a estatística da evolução do Espiritismo no Brasil, assinalando, em números estatísticos, as cidades em que a Doutrina mais progrediu.

Sergipe — O representante de Sergipe, Atlas de Castro, pede ao Conselho manifeste sua solidariedade aos responsáveis pela Hora Espiritualista «João Pinto de Souza», cujas irradiações estão ameaçadas de paralisação, em virtude de ordem superior atingindo a Estação em que é irradiado o programa espírita de Geraldo de Aquino. Agradece Geraldo de Aquino, manifestando sua fé na continuação do programa que, pela terceira vez, está ameaçado de interrupção.

Goiás — O Dr. Francisco Nogueira, representante de Goiás, agradece a manifestação do Conselho e apresenta o programa da II Concentração Estadual de Mocidades, cuja leitura é ouvida com agrado.

Encerrou-se a reunião com uma prece proferida pelo representante do Ceará.

«A Luz»

À nossa distinta colega «A Luz», órgão da Federação Espírita de Alagoas, que se publica em Maceió, completou no dia 1.º de Julho último o seu 1.º aniversário depois que ressurgiu na arena da imprensa espírita.

Festejando o auspicioso acontecimento, circulou nêsse dia com o seu número de páginas aumentado, inserindo artigos de apreciados escritores espíritas e noticiário bem desenvolvido.

Com o nosso abraço congratulatório, almejamos à prezada colega prosperidades na sua elevada tarefa de difundir o Cristianismo à luz do Espiritismo.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples Cr.$	50,00
	Semestre	— ,,	,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00
	Semestre	— ,,	,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2991unse

O XXIX—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1953 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec	*Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
Allan Kardec	*João Teixeira de Paula*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*
Doutrina de Responsabilidade . .	*Deolindo Amorim*
Dante em Música de Wagner . . .	*Arnaldo S. Thiago*
Cíclo Evolutivo	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Um Caso Anímico-Espírita	*Mac Maynard*
Fenômenos Espíritas ?	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.

Paz em o Mestre Jesus

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e o Centro Espírita «Allan Kardec», filiados à União Municipal Espírita, como de costume, realizará no próximo mês de Dezembro, no dia que registra o Natalício de Nosso Senhor Jesus Cristo, o «NATAL DOS POBRES», como a mais expressiva homenagem que a cristandade póde render ao seu Salvador, que nos mandou amar o próximo como a nós mesmos.

Para êsse fim, a Comissão abaixo assinada, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas, até mesmo usadas. E' isto um ato digno de nossa prática, porque assim como desejamos que Jesus nos ajude, também o devemos fazer para com os nossos semelhantes necessitados, afim de recebermos as dádivas de Deus. — Dai e se vos dará — disse Jesus.

Certos de sua preciosa atenção, almejamos desde já a V. S. e Família um Feliz Natal e um Ano Novo próspero, cheio de saude e paz.

Matão, Outubro de 1953.

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
Zélia Silveira Perche
Izabel Perche Camargo
Quitéria da Silva
Olinda N. Corrêa
Janisse A. Gandolfi

Antonia Perche S. Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Leticia Morcelli Olson
Anita Sampaio Minussi
Carmen Torres
Donata Casadei Oliveira

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1953 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Allan Kardec

NÃO podemos e nem devemos deixar de mencionar as grandes datas do Espiritismo, que devem se perpetuar em todos os cérebros e corações que com elas têm a felicidade de se identificarem ou conhecê-las mesmo de longe.

Uma dessas datas é o dia 3 de Outubro, que relembra o nascimento de Léon Hippolite Denizard Rivail, Allan Kardec que, como membro da Falange do Paracleto, que Jesus afirmou viria em seu nome para nos ensinar todas as cousas e nos fazer lembrar de tudo o que Êle nos disse, teria de assentar, com a cooperação decidida dos demais Espíritos da Falange, as bases da Terceira Revelação.

Efetivamente Allan Kardec cumpriu integralmente a sua elevada missão, pois a Doutrina Espírita, a par do Cristianismo, marcha a passos de gigante, arrebanhando para o Divino Aprisco um número de ovelhas desgarradas que se multiplicam como os grãos de areia do mar.

Assim como Moisés foi o Missionário da Primeira Revelação e Jesus Cristo da Segunda, Allan Kardec foi o da Terceira Revelação. Por isso o seu nome já se imortalizou e cada vez mais será venerado como uma das Estrelas de primeira grandeza a iluminar o futuro da humanidade.

Allan Kardec corporificou numa Doutrina, que só encontra paralelo no Cristianismo, os ensinos dos Espíritos Superiores incumbidos, como Êle, da espiritualização da humanidade.

«Quando, em 1855, as manifestações, julgadas novas, das mesas falantes, das pancadas sem causa apreciável, dos movimentos insólitos de objetos e móveis, começaram a atrair a atenção pública e chegaram a produzir nas imaginações ardentes uma espécie de febre, devido à novidade dessas experiências, Allan Kardec, estudando a um tempo o magnetismo e os seus singulares efeitos, acompanhou, com a maior paciência e a mais judiciosa perspicácia, as experiências e as tentativas inúmeras feitas em Paris. Recolheu e coordenou os resultados obtidos por essa longa observação e, com êles, compôs um corpo de doutrina publicado em 1857, com a primeira edição do Livro dos Espíritos».

ALLAN KARDEC

Afirmando que o Espiritismo tem por lema — «Fóra da Caridade não há salvação», dizia Allan Kardec aos incredulos da Doutrina :

«Incredulos! Podeis rir dos espíritos, motejar dos que acreditam nas suas manifestações; ride então, se o usardes, dêste preceito que êles vêm ensinar, e que é a vossa própria salvaguarda; porque, se a caridade desaparecesse da terra, os homens se esmagariam uns aos outros, e então serieis vós talvez as primeiras vítimas.

«Não vem longe o tempo em que êste preceito, proclamado abertamente em nome dos espíritos, será um penhor de segurança e um título de confiança em todos que o trouxerem gravado no coração».

Dia virá, e talvez não esteja longe, em que não será apenas uma pequena parte da humanidade que prestará a sua homenagem a Allan Kardec por ocasião do aniversário de seu nascimento e de seu desincarne, mas sim a humanidade em peso lhe renderá, numa homenagem, o seu preito de gratidão pelos benefícios que lhe prestou êsse Enviado de Deus.

Salve, Allan Kardec!

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XIII

Continua o desenvolvimento da mediunidade de Dolores Bacelar em diversos sentidos, mais notadamente a vidência: vê sempre mais nítidas as entidades presentes às sessões, os Espiritos que se estão manifestando por outros médiuns ou assistindo simplesmente à sessão.

Essa vidência dos Espíritos comunicantes já lhe fêz sentir desagradável surprêsa: nas sessões de doutrinação de sofredores, com muitos médiuns, vê ela nitidamente o sofredor junto do médium. Por vezes o aspecto do sofredor é muito penoso para a vista, mas não é esta a dolosa surprêsa para o bom vidente. O mais surpreendente é que junto de alguns médiuns não há Espírito algum: o sofredor é o próprio Espírito perturbado do médium que se supõe sob influência estranha e se torna um mistificador inconsciênte.

Já há anos numa sessão surgiu a discussão desse fenômeno, e o Guia presente nos aconselhou a doutrinar mesmo assim, porque neste caso o Espírito do médium necessitava de doutrinação e preces.

Em dois dias seguidos Dolores Bacelar tomou parte em sessões e recebeu belos versos que aqui reproduzimos sem revisão, ainda, alguma dos poetas. Era Semana Santa. Na quinta-feira a sessão foi na Cabana de Canagé, sob a presidência de D. Francisca Fraenkel. Na sexta-feira foi a sessão comemorativa na Federação Espírita Brasileira, sob a presidência de A. Wantuil de Freitas.

Eis os sonetos recebidos na quinta-feira, 2 de abril de 1953, na Cabana de Canagé ;

Deus e Jesus

Medeiros e Albuquerque

I

DEUS — é a Força imortal que rege a [Natureza,
Dando-lhe colorido, ânimo, energia, vida;
Que está em toda parte, em tudo difun- [dida:
Na Alma do Homem... Na flor... No inseto sem beleza.

DEUS é essa Luz que ao Espírito im- [pele, convida
Para o mais Alto, para o Amor, para a [Pureza;
A livrar-se da ângustia, do anseio da in- [certeza
Numa existência Eterna, apenas pres- [sentida.

Vive nos Céus, na Terra e em tudo: [Na atmosfera,
Nos oceanos e nos rios, nas plantas, no [lôdo;
Na mansidão das pombas, no Homem e [na féra.

DEUS — é Energia cósmica, Poder fe- [cundo!
Do Universo — Principio e Fim; Es- [sência e o Todo!
Pairando como um Sol sôbre as trevas [do Mundo!

II

JESUS — é a pura Lei que rege a Terra e guia.
Tudo que de mais belo DEUS concebe, gera...
E' a Fé, o Amor, a Paz, a Esperança, a Harmonia,
De quem viver, nos Céus, sonha, deseja, espera.

Pára a Alma sem poder, é vibração, energia.
E' o Bem retratado em sua forma mais sincera.
Seguir-lhe a Perfeição, na Terra, é ter um dia
Ascenção a um País de Eterna Primavera.

JESUS! Verbo imortal! Êle veio à matéria
Para afastar da Terra as dores e a miséria,
E indicar à Alma farta de gôzo, à Alma aflita,

O caminho da Luz que, se eleva ao Calvário
Na terra, a um viver triste, ágre, solitário,
Nos Céus, a Felicidade será Infinita!

Na sexta-feira, 3 de Abril de 1953, na F. E. B. foram recebidos os seguintes sonetos:

No Gólgota

Cruz e Souza

I

Caminha o Mestre em passos lentos sob a Cruz...
Cinge-lhe a nívea fronte a Corôa de espinhos...
Os servos de Caifaz, como abrutes daninhos,
Cospem-lhe a face que, ferida, ao sol reluz.

Piedosamente fita a turma que o conduz.
Seu sangue tinge o pó, as pedras dos caminhos...
Parecendo não ver os risos escarninhos,
Inundam-se de Amor os olhos de JESUS!

... Chegam ao Calvário, Êle e os dois ladrões. A fera
Soldadesca que, em fúria, a própria hiêna supera,
Arranca-lhes dos corpos as vestes que trazem.

Crucificam-no em meio aos dois salteadores.
Enquanto êstes blasfemam contra os opressores,
Diz JESUS: — PAI, perdôa-lhes, não sabem o que fazem...

II

... Hoje, passados vinte séculos, embora,
A Terra continue em trevas mergulhada,
Pizando, enceguecida, a mesma antiga estrada
Que Pilatos e Herodes trilharam outrora;

Erguendo, contra Málcos, o gume da espada,
Esquecida do Amor que do Evangelho aflora;
Jamais tão divorciada do Bem como agora,
Fugindo, ave da Noite, à Divina Alvorada;

JESUS, nos Céus, implora a DEUS, clemência infinda...
Piedade para a Terra, onde Annaz condena ainda
Inocentes à Cruz, o Gólgota revivendo...

Ante os crimes dos homens, êrros e pecado,
Ergue ao Infinito o antigo, angustiante brado:
— PAI, perdôa-lhes, não sabem o que estão fazendo!

Não conhecemos Medeiros e Albuquerque como poeta. Só o conhecemos como prosador e orador; mas de Cruz e Souza são muito conhecidos os sonetos e os estudiosos poderão comparar o estilo e ver até onde conseguiu êle vencer as dificuldades do «filtro» mediúnico, nessa luta sempre difícil para o Espírito de escrever por mão alheia.

Ismael Gomes Braga.

ALLAN KARDEC

João Teixeira de Paula

Léon Hippolyte Dénisard Rivail nasceu em Lyão, aos 3 de Outubro de 1804, na gloriosa França, berço de figuras de inestimável projeção no cenário político, social e espiritual de todos os tempos.

O criptônimo ALLAN KARDEC lhe foi sugerido por um dos seus mentores do Espaço, criptônimo êsse que fôra o próprio nome do mestre numa de suas anteriores encarnações.

Kardec é palavra de origem bretã e *Denisard* (errônea e impropriamente escrito *Denizart*, umas vezes *Denizard* e vezes outras *Denisar* em alguns documentos oficiais francêses e em algumas traduções novilatinas, principalmente brasileiras e portuguêsas) se forma de *Denis* e *ard*, segundo Dauzat.

Allan Kardec, sem nenhum favor, foi um dos maiores missionários que desceram ao planeta Terra, a êste vale de lágrimas, onde o ranger de dentes é fato corriqueiro. Homem de cultura geral, eclética, estava perfeitamente aparelhado para arcar com a responsabilidade das grandes missões.

Consagrou-se como um dos mais ilustres preceptores da época.

Era filho de Jean Baptiste Antoine Rivail, jurista, filho de outro jurista, e Jeanne Duhamel.

A sua família professava a religião católica, apostólica, romana. Levaram-no à pia batismal em São Denis da Cruz Vermelha, em 15 de Junho de 1805.

Teve educação pedagógica muito rigorosa. Os pais mandaram-no a estudar na Suiça, num colégio protestante de Iverdun, situado no castelo de Zoehringen. Êsse protestante era nada mais nada menos do que Jean Henri Pestalozzi, professor e filósofo emérito, filho do célebre teólogo Jean Jacques Pestalozzi.

O nosso Codificador estudou com Pestalozzi durante oito anos consecutivos — dos 12 aos 20 anos.

Pestalozzi, certa vez, ausentou-se da cidade para percorrer, em propaganda dos seus princípios pedagógicos, diversos lugares da Europa. Allan Kardec, graças ao seu talento e à sua aplicação, dons naturalmente inátos, foi o escolhido para substituir o sábio suiço na direção do Instituto.

Já com oitenta anos de idade, Pestalozzi fechou em 1825 o mencionado Instituto e Allan Kardec foi logo em seguida para Paris, estabelecendo-se na Rua Sèvre, 35, onde fundou um Colégio nos moldes do de Iverdum, dando então aulas de Física, Química, Anatomia Comparada, Astronomia, Filologia, etc.

Em 1832, com o nome largamente conhecido nos círculos educacionais da França e fóra dela, casou-se com a Professora Amèlie Gabrielle Boudet, que lhe foi a companheira dedicada na existência laboriosa de ambos, ajudando-o não só nas fainas do Colégio, que êle fechou em 1835, mas também na sua missão social e espiritual.

Econômico e trabalhador, depositou nas mãos de negociantes a importância de 90 000 francos, bastante razoável para os tempos, proveniente da liquidação do Colégio. A sorte — a miseranda sorte, que aliás o Espiritismo tão bem explica! — não lhe sorriu, porque os negociantes desandaram nas transações comerciais, ficando Allan Kardec reduzido a poucos centavos.

Não desanimou porém e entregou-se de corpo e alma ás durezas da Contabilidade em casas de comércio, onde trabalhava durante o dia. A' noite, dedicava-se não só ao ensino particular, lecionando diversas matérias, mas também a traduções remuneradas. Pôde assim equilibrar as finanças caseiras, garantindo o pão nosso de cada dia, embora ainda sem a necessária independência econômica.

A ciência do Magnetismo, que era o assunto obrigatório das rodas cultas, atraiu-o sobremaneira e a ela dedicou Kardec o melhor quinhão de sua inteligência e capacidade. Estava muito em moda a questão do *Sonambulismo* (1815-1841) que sucedera à do Calhiostrismo, de José Cagliostro (1785-1815) a qual, por sua vez, fôra a sucessora da do *Mesmerismo* (1780-1785) do famoso Mesmer, que tanta celeuma levantou nos meios científicos.

Foi em 1855 que Kardec começou a cuidar dos fenômenos espiríticos, os quais estudou atentamente, sob o mais rigoroso e impecável critério da Ciência. Na residência da Sra. Plainemaison, sita na Rua Grange-Batelière, 18, o obreiro leonês tomou conhecimento direto com o Espiritismo. Dêmos-lhe, por uns instantes apenas, a palavra, sempre venerável :

— «Foi aí, pela primeira vez, que testemunhei o fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam, e isso em condições tais que a dúvida não era possível.

Aí vi também alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em uma ardósia com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de se haver modificado, mas naquilo havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas aparentes futilidades e a espécie de divertimento que com êsses fenômenos se fazia, alguma coisa de sério e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar».

A missão de Allan Kardec caracterizou-se tambem pelo sofrimento. Missão sublime, porém assaz espinhosa! A calúnia, a inveja, o despeito, a malevolência, a ignorância, a maldade, seguiram-no e acompanharam-no até o último instante. Mil e um dissabores o fazim fraquejar a cada momento, e, por certo, se não fôsse a ajuda do Alto, que nunca falha, teria fracassado.

Fato digno de registro, pelo menos a título de curiosidade, foi a ocorrência havida em Barcelona, quando, por ordem do Bispo da cidade, se queimaram trezentos volumes que versavam acêrca do Espiritismo, entre os quais estavam algumas obras de Allan Kardec ! Mas, conforme o predisseram os Guias, que haviam apropositadamente provocado a infâmia clerical, aquelas cinzas se esparralharam pelo mundo inteiro, aguçando no homem o desejo de conhecer as obras tão espalhafatosamente anatematizadas.

Allan Kardec desencarnou aos 31 de março de 1869, com 65 anos de idade. Sempre honrou a legenda : *Trabalho, Solidariedade e Tolerância*, que era a de Pestalozzi, que a tomara de Rousseau. Foi um lídimo missionário. A sua tarefa «era difícil e complexa», segundo escreveu dêle Emanuel, que acrescenta : «Competia-lhe reoganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas».

Nós, Espíritas, guardamos carinhosa e religiosamente as suas palavras, que são a suma da nossa sacrossanta Doutrina :

NASCER, VIVER, MORRER, RENASCER AINDA E PROGREDIR SEMPRE, ESSA É A LEI.

* * *

Allan Kardec, com 18 anos de idade, bacharelou-se em Ciências e Letras e com 24 formou-se em Medicina. Não desdenhou o estudo das Línguas, pois conhecia e falava correntemente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol. O holandês lhe não era desconhecido, visto que se expressava com facilidade nessa Língua anglo-saxônica. Tinha ademais grandes rudimentos de latim e grego.

Era detentor dos diplomas e títulos abaixo discriminados :

1 — Diploma de fundador da Sociedade de Previsão dos Diretores de Colégios e Internatos de París (1829).

2 — Diploma da Sociedade de Instrução Elementar (1847).

3 — Diploma do Instituto Linguístico fundado em 1837.

4 — Diploma da Sociedade de Ciências Naturais de França (1835).

5 — Diploma da Sociedade de Educação Nacional, constituida pelos diretores de Colégios e Internatos de França.

6 — Diploma da Sociedade Gramatical, fundada em Paris em 1807, por Urbain Domergue (1829).

7 — Diploma da Sociedade de Emulação e de Agricultura do Departamento de Ain (1828).

8 — Diploma do Instituto Histórico, fundado em 1833 e organizado em 1834.

9 — Diploma da Sociedade Francêsa de Estatística Universal, fundada em 1820, em Paris, por Cesar Moreau.

10 — Diploma da Sociedade para Fomento da Indústria Nacional, fundada por Jomard, sócio do Instituto.

11 — Medalha de ouro (1.º prêmio) conferida pela Sociedade Real de Arrás em concurso realizado em 1831 sôbre Educação e Ensino.

Publicou numerosas obras de currículo pedagógico, científico e religioso :

1 — Curso Prático e Teórico de Aritmética segundo o Método de Pestalozzi, 2 volumes (1824).

2 — Plano para o melhoramento da Instrução Pública (1828).

3 — Qual o sistema de estudo mais conforme com as necessidades da época.

(1830). Tese que alcançou o primeiro prêmio de concurso na Academia Real de Arrás.

4 — Gramática Clássica Francêsa (1831).

5 — Manual dos exames para certificação de capacidade, soluções e racionais de perguntas e problemas de Aritmética e Geometria (1846).

6 — Catecismo Gramatical da Língua Francêsa (1848).

7 — Programa dos cursos ordinários de Química, Física, Astronomia e Fisiologia (1849).

8 — Pontos para os exames na Municipalidade e na Sorbona (1849).

9 — Instruções sôbre as dificuldades ortográficas (1849).

10 — O Livro dos Espíritos (1857) (Le Livre des Esprits).

11 — O que é o Espiritismo, (1859) (Qu'est-ce que le Spiritisme ?)

12 — O Livro dos Médiuns, (1861) (Le Livre des Médiuns).

13 — Viagem Espírita, (Voyage Spirite) (1862). Obrinha muito rara, da qual nunca vimos um exemplar, mas que vem indicada num dos números da *Revue Spirite*.

14 — O Evangelho Segundo o Espiritismo, (1864) (L'Évangile selon le Spiritisme).

15 — O Céu e o Inferno, (1865) (Le Ciel et l'Enfer).

16 — A Gênese, (1868) (La Gènese, les Miracles et les Prédictions selon le Spiritisme).

17 — Depois do seu falecimento, compaginaram-lhe vários escritos, a que deram o nome de «Obras Póstumas» *(Oeuvres Posthumes, 1890)*, que Bezerra de Menezes, com o pseudônimo de «Max», e Guillon Ribeiro, traduziram para o português, cada um a seu tempo.

Escreveu também mais as seguintes obras, cujas datas da primeira edição não conseguimos por enquanto averiguar devidamente, embora possuamos exemplares de edições modernas :

18 — Instruction pratique sur les Manifestations Spirites.

19 — Le Spiritisme à sa plus simple expression.

20 — Caractères de la révélation spirite.

Fundou a *Revista Espírita*, cujo nome por extenso é: *La Revue Spirite — Journal d'études psychologiques et de spiritualisme expérimental.* O primeiro número saíu no dia 1 de Janeiro de 1858. E' bimestral — aparece de dois em dois meses. O Engenheiro Julio Abreu Filho a traduziu para o português até o número 4 de 1859.

A *Revista Espírita* foi dirigida por Allan Kardec até o seu desencarne em 1869. Depois passou a ser dirigida por um «Comitê de Administração», do qual era Secretário-Geral o Sr. A. Desliens.

Esteve sob os cuidados de Jean Meyer de 1916 a 1931.

Apareceu regularmente até 1940, quando então, em consequência da invasão alemã, teve a sua tiragem suspensa.

Publica-se agora com regularidade sob a competente direção do Sr. Hubert Forestier e está já no nonagésimo sexto ano de existência (96 anos !).

O número referente aos mêses de Julho e Agosto ainda não saíu — pelo menos o não recebemos até hoje — em virtude da greve dos gráficos que se alastrou pela França.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

POEMAS DA ÉRA ATÔMICA — *Alziro Zarur*, Rio.

Alziro Zarur é homem de imprensa e de rádio.

Enviou-nos, como bom amigo, seu *Poemas da Éra Atômica.*

Nossa amizade quase que nasceu em função da *Doutrina Espírita.*

Filho de pais israelitas, de formação religiosa protestante, já havia lido obras espíritas e frequentado sessões espíritas, quando nos conhecemos.

Se a doutrina lhe caiu na inteligência e no entendimento, descendo ao coração, os fenômenos que presenciou e os espíritas que conheceu tiveram fôrça para arrastá-lo ao cepticismo. Quando o conhecemos, era mais céptico do que crente. Ficámos amigos e êle se reaproximou, então, do Espiritismo.

Dirigia, então, na Rádio Globo, às sextas-feiras, a *Hora da Boa Vontade.*

Passamos a colaborar na HBV, fornecendo-lhe uma crônica para cada programa.

—Sua crônica, o *Sentido Espiritualista da Vida*, é o ponto alto de meu programa, — dizia-nos, por vezes, encorajando-nos para prosseguirmos, e esperançoso, como ainda anda, de um rádio diferente, educativo e espiritualizado.

Veio, depois, a *Legião da Boa Vontade*, que ainda existe, e para cuja fundação contribuimos algum tanto.

Passou o ilustre confrade a frequentar nossas reuniões mediúnicas, às 3.as feiras, passando a ver o espiritismo prático por outra aspecto, ainda desconhecido para êle. Não faltava às reuniões, jantando sempre conosco nos dias dos trabalhos mediúnicos.

Mas, tudo passa na Vida.

Veio nossa enfermidade, a interrupção das sessões, o afastamento do Zarur, o desaparecimento de seu programa na Rádio Globo . . .

Permaneceu, entretanto, a *Legião da Boa Vontade*, mas não apareceu a *Revista da Boa Vontade*, que fôra, fartamente, anunciada no seu programa.

Restabelecido, caiu-nos aos olhos um recorte do *Diário da Noite*, em que o ilustre confrade se dizia católico. Ah! como aquilo, como a sua declaração nos fez mal ! Fôra, entretanto, uma precipitação, do reporter a assinalar seu credo religioso num *país em que toda gente é católica.* Tanto que reproduziu seu inquérito, dizendo-se espírita.

Já não lhe emprestamos, sinão como sócio, nossa cooperação à *Legião da Boa Vontade.*

* * *

Alziro Zarur enviou-nos seu POEMAS DA ÉRA ATÔMICA.

Um grande livro e um livro grande, que está, entretanto, passando como que despercebido no mundo das letras, de vez que ainda não lemos nada sôbre êle. Também, francamente, numa época em que os poetas modernistas são os gênios e semi-deuses...

Trata-se de um bonito volume de 170 páginas, papel *couchet*, capa cinza e título em letras encarnadas, com a advertencia em baixo: *um livro para adultos.*

Nas obreias do livro, a apresentação do poeta por Zila Bastos Seabra, sua noiva, que o chama, com propriedade, o poeta da LBV.

Bem impressionado com a apresentação gráfica do livro e empurrado pela fôrça da amizade, botamo-nos ao volume.

Lemos todas as composições, analisando-as.

E descobrimos uma série de aspectos distintos nos seus poemas: sentimentalismo e brasilidade, deismo e pessimismo, civismo e moralidade, ironia e humorismo, profecia e socialismo, sátira e espiritismo. Principalmente, muita sinceridade e franqueza, ajustadas à boa técnica do verso, à poesia clássica.

Na ânsia de espiritualidade, escreve na primeira composição do livro :

Acompanhai-me em busca da Verdade,
No mesmo ideal de espiritualidade,
Que há de unir povos num só povo irmão.
Pois, antes de ser pó, na minha lousa,
Pelo dever de criar alguma cousa,
Fiz êste livro. E peço-vos perdão.

Está perdoado, de nossa parte. Perdoado e até louvado com muita franqueza e sinceridade também.

Amigo do Brasil, sua brasilidade é bem irmã da nossa :

Amo o meu Povo de alma verdadeira !
Só por ser brasileiro eu sou feliz.
Amo meu Povo porque é um povo grande,
Amo meu Povo porque é um povo nobre,
Amo meu Povo porque é um povo bom...

E, à página 119, insiste em sua brasilidade diferente :

Eu sofro em minha carne as tuas dores,
Eu gemo em solidão os teus gemidos.
Deus te salve, Brasil, dos corrutores,
E te livre também dos corrompidos !

Recorda-se, saudoso, do colégio em que estudára — o Colégio Pedro II — e diz corajosamente :

«O Colégio das tuas ilusões,
O templo que na História ficará
Entristece-nos a alma: ei-lo, aí está,
Conspurcado sem dó por vendilhões».

No Poema do Ideal da Poesia, verseja assim :

A HORA-APOCALIPSE que soôu,
E mais a BOA-NOVA, que sublima;
A bem-aventurança; a obra-prima
Da renúncia integral do Redentor...
Pássaro humano, o meu eterno alpiste,
E' a religião suprema que consiste,
Na prática do Bem, na Lei do Amor.

Assim pensando, tem que lançar protestos veementes contra o Senhor dos Exércitos:

Pois há coisas dificeis de aceitar,
Nessa Sagrada Biblia edificante!
E visto que, Senhor, sou protestante,
Desejo, humildemente, protestar.

Longe de mim cair em heresia,
Por um simples capricho atrabiliário;
Mas, a crer num Jeová totalitário,
Prefiro a execração da apostasia.

Porque não se póde concordar com tudo e em tudo, discordamos aquí do que diz à página 27:

Eu não posso ser feliz,
Porque tenho alma de poeta.

E à página 32 aquela solução suprema que lhe deu o mundo:

«Aplica, filho meu, o mais humilde lema
Ser bom só para os bons e ser mau pa-
[ra os maus».

Absolutamente! Os poetas são felizes a seu modo. E muito mais felizes dos que os outros homens, exatamente porque vê as coisas por prismas diferentes e mais belos. E essa história de que ser mau para os maus, póde ser coisa de católicos e de políticos. De nós, não. «Amar aos nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem» é doutrina do Cristo. E da boa, e da legítima...

O poeta condiciona sua derrota — se é um derrotado! — ao estudo, à sapiência. Está certo? Não o cremos. Êle, entretanto, diz assim:

Agora, é, para mim, um mal sem cura,
Esta insólita e insípida sapiência.

Lamentação porque

Estudou para vencer de uma arrancada
E foi vencido só por estudar.

E concita a todos, pessimista:

Deixa de lado o estudo, que atravanca
E faze da ignorância essa alavanca
Que rasga perspectivas de amplidão.

E discordamos, mais uma vez, do poeta e amigo.

Êle não chegaria ao Espiritismo sem estudo e sem cultura ou sapiência, de vez que o Espiritismo é doutrina dos simples e dos humildes, e não de ignorantes e incultos. E como chegaria ao Infinito, sinão pelo estudo, pela cultura? Como compreenderia a evolução do Homem, sinão estudando?

Compreendo a Vida, meu irmão, com-
[preendo!
Achei a Luz Divina que buscava:
Minha alma, há tanto da descrença es-
[crava,
Já tem o X dêsse áparo tremendo.
Kardec, irmão: teus grandes livros lendo,
Em que o esplendor do Bem refulgurava,
Esta alma, que antes era espinho e lava,
Banhou-se em luz e à Terra foi descendo.

Adiante, à página 128:

A única doutrina espiritual,
Que homem não fez, embora, médium,
[peque,
E' aquela que traduz — não integral —
Na codificação de Allan Kardec.

. . . .

Por ser de bons Espíritos doutrina,
Deu-lhe Kardec um nome: Espiritismo
(Nome predestinado a triste sina
Nos púlpitos do Santo Fanatismo).

. . . .

O Espiritismo apenas triunfará,
Quando o homem fôr viceralmente ho-
[nesto.

E assim se expressa, porque confessa que canta

...O Espiritismo-Ciência pura
Dos Crookes, Flamarion e até Richet,
Que ilumina, e consola, e persevera, e
[cura
O homem que estuda, e persevera, e crê...

Ora, se assim é, como e porque combater o estudo, a sapiência?

«Deus é sabedoria e é bondade. Só os bons e os sábios chegarão a Deus».

Assim, só pela bondade e pelo estudo, que gera o conhecimento,

Deus desce até seu filho, o homem,
Quando o homem sobe até seu Pai, que
[é Deus!

Glorificando, adiante, Allan Kardec — a quem nunca se gorifica demasiadamente — repete adiante:

Nessa altura, já entrara em minha vida
— E lhe fiz um cordial salamaleque —
A obra portentosa de Kardec,
A jorrar Luz na Bíblia envelhecida.

Poderiamos selecionar mais coisas inspiradas pela Doutrina ao ilustre poeta, pois o aspecto espirítico de seu livro é, para nós, o aspecto mais belo, mais profundamente significativo, sôbre ser o aspecto que mais nos aproximou.

A leitura do POEMAS DA ÉRA ATÔMICA deixou-nos uma impressão forte e precisa. E a admiração de nada havermos lido, até o presente, sôbre o grande livro e o livro grande de Alziro Zarur.

Seu livro de poemas tem tudo, como assinalamos de início.

E principalmente sinceridade, êle que acha foi a falta de sinceridade que deturpou a beleza da Poesia.

Atualmente, com o modernismo aí triunfante, a falta de sinceridade e de bom gosto, rematamos nós.

AVISO e PROMESSA

Temos sôbre a mesa de cabeceira muitos volumes, oferta generosa de muitos confrades, que esperam, naturalmente, nosso pronunciamento. Agora, que sentimos a saude está voltando paulatinamente, e o gosto de lêr volta-nos com as boas coisas que temos recebido, prometemos que todos os volumes serão lidos e sôbre todos emitiremos nossa opinião modesta e sincera.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e leu DELFINO FERREIRA em 20/6/53).

Dos 15 trabalhos de Cairbar Schutel, cujas edições, pela Editora «O CLARIM», de Matão, E. de S. Paulo, são vendidas em benefício dos pobres e da propaganda espiritista, vamos fazer desfilar hoje os 4.° e 5.°, que são, respectivamente *«Interpretação Sintética do Apocalipse»* e *«Médiuns e Mediunidades»*.

Vejamos o primeiro deles:

É obra de pequeno porte, em apenas cem páginas. Todavia, é de notar-se que Cairbar Schutel cultivou com alta eficiência o espírito de síntese, por isto seus trabalhos se apresentam, com exceção de três, em pequenos livros, mesmo opúsculos, nos quais, entretanto, o assunto versado em cada um dêles é suficientemente exposto. São livros para serem lidos justamente nos apressados dias de hoje. Destarte, em dando êle ao trabalho que ora apreciamos o título de *Interpretação Sintética do Apocalipse*, assim se propondo a oferecer-nos, isto no seu conceito, uma sintese de síntese, nos dá, entretanto, na realidade substancioso trabalho de exegese do mais difícil livro do Novo Testamento; daquêle que vem desafiando a argúcia de muitos cérebros e do qual o sábio e poliglôta escritor ocultista Francisco Valdomiro Lorenz, em seu livro «Cabala», a fls. 17, diz ser um desvendador das «realizações da Ciência no campo do Amor e da Caridade», e como fazendo parte dos livros principais dos cabalistas cristãos, reconhecendo-o, todavia, baseado na Cosmogonia de Moisés.

De sentimento profundamente cristão, Cairbar imprime a êste seu trabalho essa tônica, e de um ponto de vista altamente religioso, que o leitor observa de pronto ao tomar conhecimento da *Introdução*, a que se segue o capítulo: *Exposição Sintética*, que apresenta «a religião em sua mais simples expressão», capítulo a que se segue o intitulado *Deduções Filosóficas da Religião*. Sómente após, então, é que passa ao estudo do Apocalipse, assim dividido: *Introito do Apocalipse*, analisando os caps. I a IV, da obra do Evangelista de Patmos, «o desterrado», na expressão de Schutel. Segue-se o *Livro dos sete selos*, com o exame do cap. V «A Visão do Cordeiro» seguido dos demais, na apreciação dos Sete Selos, um a um, chegando, assim, ao cap. X da obra de João: *Anuncio da Sétima Trombeta*, UMA REVE-

LAÇÃO. E, destarte, capítulo por capítulo do Apocalipse, desfila ante os olhos do estudioso, e temos : «O Início da besta» ; «A mulher e o dragão» ; «As bestas e seus caracteres» ; «O número 666»; «Os sete anjos — As sete últimas pragas»; «A queda da Babilônia»; «A grande espiritualização — A vinda do Cristo» ; «Prisão de Satanaz por mil anos e sua libertação» ; «Novo céu e nova terra» ; «As últimas palavras do Anjo» ; e, finalmente, «O Testemunho de João — Exortações — Manifestações de Jesus», encerrando o substancioso trabalho de Cairbar, fechado, afinal, pela *Conclusão*.

E' êste, conseguintemente, um pequeno livro que, entretanto, encerra consciencioso estudo, mau grado seu pequeno porte.

Vejamos, agora, «*Médiuns e Mediunidades*». Sua 1.ª edição é de Agosto de 1923. Em 1939 já corria a 4.ª, que é a que temos à mão, como a do livro precedente possuímos a 6.ª, datada de 1943, havendo a 1.ª aparecido em 1918.

Em «*Médiuns e Mediunidades*», o Autor se propõe apenas apresentar um resumo de *O Livro dos Médiuns*, de Kardec, tal alega na *Exposição Preliminar* do livro, dizendo mesmo, constituir sua tarefa tão só a divulgação da Missão Kardequiana. Em verdade, porém, Cairbar Schutel aduz considerações apreciáveis, que sua experiência, seus conhecimentos, seus estudos e observações emprestam proclamada autoridade, advinda, sobretudo, de seu alto critério doutrinário. Seu trabalho é pois, ainda atual e bem proveitoso, mórmente levando-se em conta o seu já aqui assinalado espírito de síntese.

Dentre outros são os seguintes os temas dos vários parágrafos do livro em pauta :

A Sabedoria na Antiguidade; Mistérios Sagrados; A Era Cristã; a Nova Era ; Médium ; As leis naturais — O livre arbítrio ; Médiuns e Mediunidades ; A B C do Espiritismo experimental ; Necessidade da experimentação ; Perigos da Mediunidade ; Causas de insucessos nas invocações : Necessidade do estudo ; Manifestações físicas ; Estudo preliminar do Espiritismo, os fins da mediunidade ; Organização de Centros de estudo e experimentações ; Charlatanismos, Fraudes, Mistificações ; A Missão da Codificação; Psicologia dos Médiuns ; e muitos outros, sendo que em relação aos médiuns e ás mediunidades, estuda cada espécie de per si. E', pois, mesmo pelo pouco aquí mostrado, um livro valioso, interessante.

A todos PAZ e LUZ.

Doutrina de Responsabilidade

Deolindo
Amorim

DISSE Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, que «o Espiritismo é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização...» Póde parecer, à primeira vista, que êste conceito seja uma espécie de lugar-comum, porque ordinariamente as religiões e doutrinas dizem a mesma coisa. Não há religião, não há doutrina espiritualista que não esteja compenetrada de sua influência moralizadora. Realmente toda religião ensina o bem e prescreve regras morais indiscutivelmente necessárias e benéficas. Quando, porém, se diz, com Allan Kardec, que «o Espiritismo é o mais poderoso elemento de moralização», não se repete, como parece, um conceito comum : afirma-se um princípio, que tem o seu fundamento na observação dos fatos, nas provas históricas e, finalmente, nas deduções filosóficas. Por que, nêste caso, se afirma que o Espiritismo é uma doutrina essencialmente moralizadora ? Será apenas porque a doutrina prescreve regras de procedimento na vida particular e na vida social ? Será simplesmente porque a idéia da vida futura impõe certo respeito a uma entidade extra-terrena, a um poder superior ? Embora tais elementos sejam apreciáveis e não deixem de ter, até certo ponto, alguma influência no comportamento humano, os fundamentos do Espiritismo, como doutrina moralizadora, no dizer de Kardec, são mais sólidos. Mais sólidos e mais profundos, porque a doutrina espírita começa por não IMPÔR a crença na vida futura, mas por demonstrar experimentalmente a existência do princípio imortal, que é o espírito. Da certeza dos fatos, vem a compreensão da vida futura. Mas poderão dizer que os fatos por si mesmos não podem ainda exercer a influência que se atribúe ao Espiritismo. Não são realmente os fatos em si que formam a base moral da doutrina, porque há muita gente que acredita nos espíritos, que tem mediunidade, que faz sessões mediúnicas, e no entanto não tem vida recomendável. Convém notar, porém, que os fenômenos de além túmulo, fenômenos que constituem a matéria prima do Espiritismo e ainda de algumas escolas espiritualistas, não espíritas, podem ser encarados com objetivos muito diferentes. Há, por exemplo, os que procuram as sessões com o espírito de curiosidade, sem qualquer objetivo elevado; póde acontecer, e tem acontecido, que certas pessoas, a princípio simplesmente curiosas, passem, depois, a compreender bem o fenômeno e se tornem espíritas integrais, segundo a conceituação de Allan Kardec; há, de outro lado, os que, diante do fenômeno, cogitam apenas de resolver certos problemas íntimos ou de pôr a limpo certas dúvidas; ao lado dêstes, há também os que chegam até a fazer comércio do fenômeno mediúnico; e há, finalmente, os que consideram o fenômeno de além túmulo um MEIO de aperfeiçoamento moral. Estes, sim, sabem respeitar o fenômeno, não como um tabu, não como objeto devocional, mas na realidade como campo de estudo para a iluminação do espírito e como elemento de convicção para a crença em Deus.

A doutrina é moralizadora justamente porque, à proporção que os seus adeptos vão estudando e compreendendo os fatos, vão formando naturalmente maior e mais sólida consciência de responsabilidade.

O Espiritismo não veio apenas para aliviar, consolar, como se diz constantemente: êle alivia e consola, não há dúvida, mas desperta, antes de tudo, o sentimento de responsabilidade. JESUS consolou os aflitos, mas nem por isso o Mestre deixou de chamar à responsabilidade todos aqueles que tinham os seus problemas, os seus casos de consciência e necessitavam de esclarecimento e confôrto espiritual. Quando Jesus disse «vai e não peques mais» naturalmente fez sentir que a «pecadora», segundo a palavra do Evangelho, devia esforçar-se para não reincidir na falta, não cair outra vez. Que é isto? E' chamar à responsabilidade. Se realmente o Espiritismo é o Consolador prometido, é o Cristianismo restaurado em espírito e verdade, há-de ser uma doutrina profundamente moralizadora, não porque imponha dogmas ou porque insinue o medo de Deus. Não. E' porque o Espiritismo convence, tem argumentos capazes de provar a sobrevivência da alma e, como consequência disto, prova também que não há efeito sem causa. Se, portanto, nas relações humanas como nas relações espirituais, não há efeito sem causa, é claro que cada um responde, cedo ou tarde, pelo mal que houver feito. Se assim é, para o espírita não há outro caminho senão o bem, a honestidade, a retidão de consciência, porque o espírita é o primeiro a saber que, pelo processo das vidas sucessivas ou reencarnação, todas as suas mazelas, assim como as suas boas obras participam de seu acêrvo espiritual, não ficam sepultadas no túmulo.

As pessoas que dizem que o Espiritismo é um perigo, naturalmente por ignorância ou má fé, confundem o espírita com qualquer individuo que pratíca o mediunismo por interêsse material ou com qualquer fanático, que vive a fazer dos espíritos uma espécie de oráculo para consultas miraculosas. Quem, desapaixonadamente, se dispuser a ler a codificação de Allan Kardec, terá de reconhecer, com honestidade e bom senso, que o Espiritismo é uma doutrina moralizadora por natureza e, como tal, uma doutrina benéfica à sociedade, uma doutrina que não impõe os seus postulados a ninguém, mas tem o direito de ser respeitada.

(Palèstra lida no programa «Seleções Espiritualistas», da Rádio Guanabara, Rio de Janeiro).

Se os homens empregassem nas conquistas espirituais os mesmos esforços que empregam na conquista dos bens materiais, a terra já seria um paraíso e o reino de Deus uma realidade. — LUCIPAZ.

Dante em Música de Wagner

INICIALMENTE devo esclarecer que não pertenço ao número das pessoas que se comprazem em ver tôdas as cousas exclusivamente através de um prisma mental coercitivo, por arraigadamente unipessoal, tornando-se destarte incapazes de qualquer julgamento imparcial, fanáticos, portanto.

Abomino o sectarismo com tôdas as fôrças da minha alma, pelo que advogo a unificação religiosa mediante o absoluto respeito pelas infinitas modalidades intelectuais, de que dispõem os homens, para chegarem ao conhecimento da verdade.

Não se trata aquí da defesa do sincretismo, que é o tal «ragu de religiões», tão bem caracterizado pelo nosso amigo, Professor Coryntho da Fonseca, em uma de suas colaborações para o «Jornal do Comércio»; trata-se de respeitar nos outros aquilo que tanto queremos que os outros respeitem em nós: a absoluta liberdade de consciência. Divergir intelectualmente, unidos pelo sentimento profundo e elevado da mesma filiação divina, de que todos compartilhamos.

Nestas condições, não devo ser considerado um fanático de Dante, capaz de supô-lo o único detentor de toda a verdade. Êsse atributo, em relação aos terrícolas, só ao Cristo póde ser atribuido. O modêlo divino, sim, para nós, pecadores, é o máximo portador da verdade. Perante o Evangelho, ou nos rendemos à evidência do perfeito saber, ou teremos de nos confessar incapazes de penetrar o pensamento superior do Divino Mestre.

Dante Alighieri pôde penetrar êsse pensamento sublime, assimilando-o perfeitamente, para nô-lo transmitir em sua essência superior: eis o grande mérito do genial florentino que tivemos a felicidade de estudar à luz do Espiritismo.

Estas considerações vêm a propósito do que tenho em vista acentuar, no que concerne ao enrêdo lírico-dramático da ópera «Tannhäuser», de Wagner, a cuja representação ontem assisti, no Teatro Municipal, estudado, o mesmo enrêdo, em face da concepção dantesca, a respeito do tema religioso da redenção pela graça.

Para quem se abeberou na torrente magestosa do poema de Dante, a audição do «Tannhäuser» sugere, no seu desdobramento cênico-musical, tanta identidade de propósito educativo, nitidamente religioso, com o desenvolvimento poético da Divina Comédia, que é impossível deixar de estabelecer uma correlação entre o Poema e a Ópera.

O *leitmotiv*, tanto em Wagner como em Dante, é a salvação pela graça, mediante a intercessão de uma alma liberta das paixões terrenas: na ópera, Isabel, no poema, Beatriz. Tendo-se compreendido o pensamento orientador de Dante, percebe-se naturalmente a nítida interferência dêsse pensamento na composição magistral de Wagner.

Êste soube genialmente pôr em música, no século XIX, o que nos últimos lampejos do século XIII aquêle soube genialmente exprimir em versos imortais.

O que Dante analisa prolongadamente, nos cem cantos enciclopédicos da Divina Comédia, Wagner sintetiza nos três atos do «Tannhäuser». Se o tema do poema é substancialmente religioso, desenvolvendo-se teológicamente, de acôrdo, pelo menos no sentido exotérico, com os dogmas católicos da condenação eterna, no Inferno, da remissão pelo sofrimento, no Purgatório e da santificação, pela graça, no Paraízo, mediante a intercessão de Beatriz, não menos religioso é o tema musical da ópera. A ouverture, no seu *andante maestoso*, «tem pronunciado carácter religioso que procede não apenas da sua melodia e harmonia, mas do colorido peculiar que lhe dá o fato de ser tocado sómente por instrumento de sôpro — clarinetes, fagotes, trompas», segundo o pronunciamento de Newman (História das Grandes Óperas — trad. de Antônio Ruas, pag. 13). Também mediante a intercessão de Izabel é que Tannhäuser obtém a salvação. Enquanto viva, nada consegue. É o que nos diz na sua comovedora exclamação, após a retirada do último dos peregrinos que regressam de Roma: — «Não mais voltará!» Com a morte, porém, restituida à vida excelsa da espiritualidade, Izabel consegue a redenção da alma de Tannhäuser, o que Wagner exprime na melodia cantada pelos «Peregrinos mais jovens que trazem um bordão coberto de fôlhas verdes», no final do último ato que termina com a repetição do tema musical da Salvação pela Graça, já ouvido na ouverture, todos entoando num arroubo supremo: «*Heil Heil der Gnade Wun-der Heil - Er-lo-sung ward der Welt zu Teil*» (Salve, salve! Milagre da Graça, salve! A redenção foi dada ao mundo!)

Mesmo os leigos, como o autor destas linhas, podem compreender a inspiração criadora de Wagner. «Tannhäuser» há de ser sempre posta em relêvo pelos seus nobilíssimos objetivos educacionais e não apenas culturais.

Volta-se do teatro com o coração repleto de elevadas emoções, louvando-se o admirável compositor que pôs a sua divina arte ao serviço da redenção humana.

E' por êsse motivo que andam todos os poetas e todos os pintores, escultores e músicos, realmente compenetrados da alcandorada missão da arte, na sociedade, desolados com o «deformismo» que prolifera assustadoramente em nossa época.

Costumo instruir-me na leitura dos folhetins de Flexa Ribeiro, de Andrade Muricy, de quantos escrevem para ensinar e me sinto honrado em acompanhá-los, na obscuridade do cenário em que desenvolvo idéias e princípios, no seu afan de fazerem compreender às novas gerações, que a arte não se propõe enfeiar, mas embelezar a vida.

Talvez tenha sido num instante de desalento, em outro ciclo artístico de deformismo, anterior ao nosso, que o poeta de «Ave, Labor!» dos fins do século passado, lançou aos jovens do seu tempo esta advertência, de outra maneira injustificável:

Moços, os seios da arte
Matam a seiva do saber.
E' alí que o gênio aprende
A odiar o poder...»

Sim, porque essa arte que visa apenas a deformar, é característicamente nihilista, anarquista, ou que outro nome possa ter... Não merece o nome de arte, mas de ação negativista, anarquizadora da arte.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1953.

ARNALDO S. THIAGO.

Rua Deputado Soares Filho (ex-Universidade), 53, ap. 102 — Tijuca.

CÍCLO EVOLUTIVO

Major Levino Cornélio Wischral

ANDRÉ LUIZ é um brilhante e esforçado emissário de Jesus, incumbido com outros luminares de conduzir o nosso país à prometida categoria de «Pátria do Evangelho».

Médico de grande bagagem cultural, habita agora o plano dos espíritos donde, através da mediunidade de Chico Xavier dita suas obras literárias narrando os mais variados e até então impenetráveis conhecimentos do mundo invisível.

E' êle valoroso e intransigente apologista da máxima de Juvenal — «Mens sana in corpore sano» — por isso mesmo alerta-nos constantemente sôbre a vigilância que devemos dedicar ao vaso sagrado, a êste corpo de carne, a fim de que a nossa alma possa residir por maior tempo possível nesse lar que Deus lhe destinou.

Quem, hoje em dia, não conhece André Luiz? E' incalculável a nossa dívida para com êsse missionário de luz!

Apoiado nos seus ensinos aventuramo-nos a certas elucidações condizentes ao título dêste tema.

No presente plano de compreensão que atingimos, somos compelidos a zelar, com especial carinho, dêste corpo que é o indispensável veículo de que se utiliza a alma para se exercitar na grande «Lei do amor divino», única razão de ser do próprio Universo. E' no corpo que a alma se engrandece, evolúi, prepara-se para merecer a estada em mundos mais adiantados. Encarnado e em contáto com os seus semelhantes é que o homem se ensaia tentando imitar Jesus.

Cada corpo tem seu tempo de duração préviamente determinado, decurso êsse que chamaremos de «cíclo evolutivo», vivendo êsse invólucro do espírito de segundos a horas, de dias a meses e de meses a anos no meio que lhe é próprio. Idêntica lei se processa em qualquer reino da natureza.

Para viver a criatura dentro das normas do Evangelho, cumpre-lhe velar pelo bem estar de seu organismo físico, nada de excessos, de alimentação exagerada, de alcool, de vícios. A matéria assim cuidada, suportará por bem maior tempo o espírito que vem com a árdua tarefa de se lapidar no cadinho da dor e do sofrimento. Vida longa e robustez física deve ser, por conseguinte, o nosso lema.

Ficai sabendo que nossa pobre alma, prêsa ao corpo, chora de satisfação quando promovemos a higiene e a saúde dessa sua morada ou quando chegamos a dominar certas paixões e vícios.

Em espírito, no espaço, antes de encarnarmos, é minuciosamente estudada a nossa futura missão sôbre o planeta. O destino, ou em linguagem espiritualista, o nosso karma, é alí examinado sob todos os ângulos. E' quando o espírito recebe para fiel desempenho de sua missão ou para resgastes karmicos, a energia vital, ou seja, o vigor indispensável para viver no corpo tantos mêses ou tantos anos destinados a desfazer êrros e culpas de vidas anteriores. Encarnamos com a potencialidade condensada e oculta, tal qual poderosa bateria de pilhas tem dissimulada sua luz elétrica.

A Provedora divina, pelos seus departamentos especializados, calcula e supre com exatidão a dose de fôrça necessária para manutenção do futuro ser reencarnante. A morte nunca se dará por insuficiência de alento recebido dos laboratórios químicos do Alto. Jamais deverá alguém alegar que suas energias foram escassas para afastar as pedras de tropêço de seu caminho. Cada qual recebe a justa fôrça para, rigorosamente, completar sua jornada, que se inicia na terra com o nascimento para finalizar com a morte do corpo. Tomado o corpo físico, principiamos a descrever o nosso cíclo de atividades terrenas, imprimindo nessa trajetória a figura geométrica de uma espiral, em cujo bôjo vivemos agitados pelo constante ziguezague resultante de pequeninas ascenções e grandes quedas.

Exemplifiquemos: Suponhamos que alguém ao nascer tenha recebido a energia vital e o seu respectivo corpo para nêle viver 82 anos entre nós. Atingida a idade de 82 anos terá essa pessoa consumida sua reserva vital, feito o seu ciclo, restituindo, por isso, a matéria emprestada, à mãe-terra.

Mas, abusando essa pessoa das faculdades de seu livre arbitrio e, esquecendo as solenes promessas que fez no espaço antes de nascer, entrega-se a toda a sorte de vícios, gozos e desordens corporais e morais, a ponto de reduzir, ela mesma, sua condensada fôrça de 82 anos para, se muito, a 32 anos de vida. Essa criatura imprudente é a responsável única pelas graves consequências do desperdício criminoso dos 50 anos que ela deixou de viver entre os homens para seu aperfeiçoamento. O esbanjamento de tão precioso período de vida, ser-lhe-á debitado, como vulgar suicídio, no registo de seu livro da vida, para posterior recomêço da caminhada interrompida, porém, agora, em bem piores circunstâncias. Será uma cruciante vida de reparações.

A impaciência, os queixumes, a intolerância, a crueldade encurtam de mêses ou anos a nossa espiral da vida. Foi por isso que Jesus, o profundo conhecedor da ciência do progresso, recomendou a constante prática do amor, do perdão, da caridade.

São inflexiveis as leis do Eterno e o espírito terá que pagar rudemente a inépcia praticada; só com a dor e o sofrimento poderá ser resgatada a graça celeste que não soube aproveitar. Logo que seu corpo morrer, ingressará seu espírito nas trevas densas criadas por seu próprio inferno, onde então ouvirá os gritos agressivos e pungentes: — «Suicida! suicida!» Assim despertará na outra vida e essas palavras ficarão ressoando dentro de seu ouvido por longos anos como estridente apito de trem no interior do tunel.

Suicida não é sómente aquêle que estoura o crâneo com uma bala ou ingere veneno; suicida, perante Deus, é aquele que não cuida com esmêro de seu corpo físico, de sua saúde. E' também aquele que envenena com substância ou com palavras o seu próximo que é parte integrante sua no concêrto da comunidade universal.

O homem, êsse teimoso e retardatário aprendiz da sapiência celeste, muito já aprendeu na escola da observação. Aprendeu êle a criar e comprimir certas energias com as quais supre suas utilidades; dessa maneira, apenas imita os princípios naturais do cíclo evolutivo. Assim, praticamente, demonstramos que o maquinista da locomotiva só inicia a viagem quando o manômetro acusar determinados gráus de energia acumulada para percorrer certo número de quilômetros. As câmaras de ar dos automóveis recebem pressão exáta para suportarem a carga a ser transportada. As garrafas de oxigênio contém o certo para tantas horas de solda ou o necessário para o moribundo reagir, aspirando seu conteúdo. A incalculável energia nuclear acumulada nas bombas atômicas e nas de hidrogênio, uma vez posta em liberdade, obedecem aos mesmos princípios, pois, toda energia movimentará algo, toda fôrça deslocar-se-á em direção a determinado objetivo, e, uma vez iniciado o movimento, inicia-se, também, o cíclo de expansão.

O cristal, a árvore, o animal moldam cíclos evolutivos. O astro, o sol, o Universo desenvolvem desde o nascimento à morte, seu cíclo; a gravidez, a gripe, as nossas ações físicas ou morais propagam espirais evolutivas. O sorriso fraterno e estimulante, o áto de auxílio, a caridade das boas palavras, o amor pelo próximo, tudo modifica e transforma alguma coisa, tudo vibra e é impulsionado para uma solução justa.

Há também os contra-movimentos, tentando impedir a evolução, produto de atos máus, de atitudes indignas, de pensamentos corruptos. Após descreverem seus respectivos cíclos produzirão frutos que dolorosamente serão saboreados pelos seus próprios autores.

Já pensaram na enorme energia contida numa minúscula semente que gera o secular cipreste, o altíssimo eucalipto e o pinheiro gigante? Pois, idêntico vigor é concedido, pela bondade de Deus, ao ser humano, sempre de conformidade com a missão que deverá realizar entre os encarnados. Deus quer grandes almas, nobres, puras e evoluídas. Deus quer que todos sejam anjos e arcanjos!

A espiral descrita pelos sêres dos reinos mineral, vegetal e animal apresenta-se sempre com mais equilíbrio e harmonia, justamente porque a psiquê dêsses sêres rudimentares ainda não está provida da faculdade do livre arbítrio, que começa sómente na etapa hominal.

Se o cíclo evolutivo do homem se processar dentro dos preceitos evangélicos, estaremos em condições de iniciar nova e mais outras espirais em mundos cada vez mais elevados até atingirmos à plenitude angelical.

Cada um recebe, pois, a seiva energética suficiente para bem suportar a cruz das suas aflitivas provações e carregá-la até o alto de seu Gólgota. Esbanjada essa sagrada água viva, não tenhamos dúvida de que seremos tratados como criminosos e suicidas, uma vez ingressados na verdadeira vida, a de além-túmulo.

Meditai, irmãos meus! tudo vive, age e reage, diligenciando, consciente ou não, o ansiado aperfeiçoamento; nessas ações e reações eternas são descritos bilhões de ciclos dentro deste radioso e perpétuo turbilhão que é o próprio Deus.

Enfim, proporcionemos à nossa alma a máxima permanência no corpo físico, afim de que não seja reduzida a abençoada energia cíclica com que nos brindou o magnânimo Pai do Universo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr.$ 70,00	Do 11.º ano	Cr.$ 70,00	Do 19.º ano	Cr.$ 65,00
Do 4.º ano	70,00	Do 12.º ano	70,00	Do 20.º ano	65,00
Do 5.º ano	70,00	Do 13.º ano	70,00	Do 21.º ano	65,00
Do 6.º ano	70,00	Do 14.º ano	70,00	Do 22.º ano	65,00
Do 7.º ano	70,00	Do 15.º ano	70,00	Do 23.º ano	65,00
Do 8.º ano	70,00	Do 17.º ano	70,00	Do 24.º ano	65,00
Do 10.º ano	70,00	Do 18.º ano	70,00	Do 25.º ano	65,00

Um Caso Anímico - Espírita

MAC MAYNARD

A psicanálise, como a Doutrina Espírita, procura a doença mental no subconsciente do analisado, procura nos escaninhos do subconsciente o complexo, a idéia recalcada que produz o estado patologico do paciente. A psicanálise analisa, esquadrinha o subconsciente, procura o pensamento, o desejo recalcado nas profundas dobras do espírito, quando encontra o fio de Ariadne, desce pelo labirinto até à caverna onde encontra o «monstro», o desejo recalcado, o causador do desiquilibrio mental, o fautor de tics nervosos, manias esquisitas, melancolias inesplicáveis,

Quando realmente é um caso de «animismo», puramente «anímico», a psicoterapia dá resultados positivos, sublima-se o recalque e o paciente fica curado de seu mal.

A psicanálise examina a alma, o espírito do doente, quando não encontra o recalque, não vai além, procura uma palavra híbrida, pomposa, sonora, para batizar aquela doença incurável... Há como que uma predestinação do indivíduo doente sofrer qualquer recalque de fundo sexual, a idéia recalcada sempre tem um fundo sócio-sexual.

Um rapaz de saúde, jovial, trabalhador, sem vícios, vivendo longe do bulício dos grandes centros, sem lesões orgânicas, de uma hora para outra aparece melancólico, triste, chorando por qualquer motivo, procura esconder-se de todos, amando a solidão, suspirando sempre, uma saudade de alguem que o tortura... Os pais notando aquela transformação no filho, procuram um facultativo, êste examina o rapaz, não encontra nada no organismo que possa revelar a causa daquele quadro clínico, aconselha experiência sexual... Nada resolve : o rapaz continua cada vez mais triste, mais taciturno.

Novos medicos são procurados, tudo em vão!

A «doença» vai progredindo, agora é uma depauperação orgânica, alimenta-se pouco e mal. Surge uma tossezinha rebelde, xaropes não resolvem ...

A conselho do médico que o examinou, os pais o levam á Capital da República para ser tratado por um psicalánalista.

Sessões e mais sessões de psicanálise não encontram o «desejo recalcado» naquele subconsciente, o organismo, embora em tratamento clínico, continua piorando. O psicanalista aconselha os pais que levem o rapaz para uma estação climatérica, que procurem um clínico especializado para tratamento daquela fraqueza orgânica ; depois de «curado» organicamente, recomeçariam o tratamento psicanalítico.

Foi para uma estação climaterica, os pais cada vez mais aflitos e desesperados com a doença daquele filho que fôra tão forte e robusto!

Em conversa no Hotel, alguém aconselha o casal que procurasse um centro espírita para tratamento daquela «doença» ; que, desde que não foi encontrada pelo psicanalista, quem sabe no centro espírita seria encontrada, e... curada!

Os pais eram protestantes, e, protestaram in limine aquele alvitre... Procurarmos centros espíritas, nós, protestantes, nós que conhecemos a verdade, isso nunca!

Êsse alguém conta algumas curas «maravilhosas» operadas nos centros espíritas, faz ver ao casal que o psicanalista procura no subconsciente, e, não estando ali, dá por terminada a sua procura... mas o Espiritismo vai além, além das tumbas, os sepulcros não são barreiras intransponíveis, que o fio de Ariadne do Espiritismo é muito mais comprido, passa não por um, mas por muitos túmulos ; as lousas frias que dizem «aquí jazem os restos mortais», não seccionam o fio, pois que êle não procura «restos mortais», mas procura os espíritos eternos, procura a ação dêsses espíritos dentro das vidas sucessivas. que essas «doenças» muitas vezes estão ligadas a causas que se desenrolaram há milênios dentro da eternidade, que a etiologia não é percebida por aparelhos e instrumentos de pesquisas científicas, mas vista pelos aparelhos mediúnicos...

Ou êsse alguém era bom argumentador, ou a tristeza e apreensão paternas, amoleceram aqueles corações lanceados pela dôr; resolveram procurar uma sessão espírita.

Em geral quando nossos irmãos protestantes vão assistir a uma sessão espírita, vão com o espírito préconcebido, aquelas passagens de Moisés prohibindo a consulta dos mortos ficam saracoteando na sua imaginação, um sentimento de culpa invade a sua alma, verdadeiro pesadelo!

A sessão transcorreu normalmente, manifestou-se um espírito «tuberculoso», tossindo muito, cansado de sofrer, pedia que não o afastassem daquele rapaz que tanto amava, d'aquela alma que é sua vida, que agora que está sempre junto de seu bem-amado, não os separem.

Na doutrinação o presidente, com palavras evangélicas, procurou esclarecer o espírito, fazendo-o ver que já não pertencia ao rol dos encarnados, mas que havia voltado para a sua verdadeira pátria, a espiritual.

Como o médium tossisse muito, o doutrinador pediu que o espírito fosse retirado e ao mesmo tempo que os mensageiros do além doutrinassem aquela alma ignorante de seu verdadeiro estado.

No encerramento dos trabalhos, o dirigente faz ampla explicação da doutrina espírita, tudo dentro dos Evangelhos, relacionou todas as comunicações daquela noite com os ensinos do Cristo.

O casal protestante saiu pensativo! Dizia o marido: — eu, um presbítero, professor da escola dominical, procurando um centro espírita para curar meu filho! oh! o que faz o amor paternal! Mas,, aquelas palavras do dirigente dos trabalhos não estão fóra de propósito, é tudo bíblico...

— Veja que o diabo tem lábia, dizia a mulher, o demônio pode vir como anjo de luz e engambelar a gente, depois, mais uma alma em seu poder! Onde já se viu um espírito tuberculoso? Será que aquela médium não é tuberculosa? Eu ponho as minhas dúvidas, aliás, o pastor já pregou um sermão onde falava que o espiritismo é arte do demônio!

— O pastor fala — mulher — mas a gente precisa ver com os próprios olhos; garanto-lhe que nosso pastor nunca assistiu a uma sessão espírita, êle fala pelo que ouviu de outros ou leu algures. Essa sessão de hoje me tocou profundamente, voltarei aqui nos próximos trabalhos.

Os dias foram se passando, a melhora do rapaz foi notada por todos, sensivelmento o moço recobrava a saude, trazendo alegria àqueles corações.

O casal continuava assíduo aos trabalhos espirituais, e não se opôs quando o doutrinador mandou que o rapaz se assentasse à mesa.

Veio, afinal, a explicação daquela «doença».

Um espírito amigo, orientador daqueles trabalhos narrou o seguinte:

— «Há muitos séculos passados, duas almas se amaram, viveram juntos na terra, foram felizes, tão felizes quanto se póde nêste mundo; separaram-se, mas o amor continuou, pois o amor é um sentimento, um apanágio do espírito. Na atual existência reencarnaram-se em lugares distantes um do outro, mas o amor é um iman... Quando os corpos descançavam no sono fisiológico, os espíritos se encontravam no espaço, passeavam de mãos dadas nas alamedas de lindos jardins floridos, faziam juras de amor eterno...

Quando retomavam os corpos, na vigilia, sentiam, ambos, uma saudade inexplicável, uma saudade de alguém, e, uma tristeza imensa invadia seus corações.

Ela, constituição frágil, foi acometida de tuberculose, mas, mesmo assim, continuavam aqueles encontros no espaço; êle, vendo-a sofrer, demonstrava o maior desvelo possível, cercava-a de amor e carinho.

A pobrezinha não resistiu à doença, desencarnou, e o encontro agora foi para nunca mais se separar, ela estava junto, ligada ao seu bem amado. Pela simpatia fluídica que havia, a identificação de ambos foi muito grande, daí piorar o estado de saude dêle, chegando ao estado em que o vemos. E' a verdadeira doença cuja causa é o amor! Pela sensibilidade mediúnica o rapaz sofreu bastante, mas o espírito da moça é um espírito bom, apenas ignorante do seu novo estado, aproximou-se e identificou-se pelo amor! Agora ela já compreende a sua condição de espírito, muito poderá fazer, mais tarde, pela felicidade de seu amado».

O rapaz sarou!

O casal de protestante não protestou mais, recuperou seu filho em perfeito estado de saude, um médium bastante sensível que fará muito bem aos que sofrem a mesma «doença» !

Bem diz o rifão popular : — «Deus escreve direito em linhas tortas», aquêle casal à procura da saude de seu filho encontrou no Espiritismo a solução e não na psicanalise e nos exames de laboratórios dispendiosos e monótonos.

O filho encontrou a saude para seu corpo, e os três, encontraram a luz que dá a Doutrina Espírita !

Moisés deixou de intimidá-los agitando aqueles alfarrábios antigos, o Cristo acenou-lhes com o livro da vida, chamou-os ternamente com o seu amor : — vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei...

Tatuí, 27 de Julho de 1953.

Fenômenos Espiritas?

Sim, de materializacão, de tratamento psíquico, de voz direta, de transporte e de solidariedade cristã.

LEOPOLDO MACHADO

O LAR DE MARIA, de Macaé, foi uma das primeiras obras espíritas, inspiradas pelo LAR DE JESUS, que teve, por isso mesmo, a colaboração, exígua embora, dos espíritas de Nova-Iguassú.

Inaugurou-se sem a nossa presença, mau grado nosso.

Por isso, a carta de velho e querido amigo pedia, generoso : «...esta lenga-lenga é para dizer ao Leopoldo que êle é comparticipante direto do LAR DE MARIA. E, sendo assim, tanto você como a Lourdes estão no dever moral, que julgo intransferivel, de visitar a nossa casa da criança... Eu não queria embarcar para o outro lado sem os rever...»

Sentindo que ainda eramos capazes de algum sacrificio, rumamos, cauteloso, para Macaé, num auto de amigo, em companhia de quatro confrades, a Lourdes inclusive, estava terminando mais uma semana espírita de Macaé.

Assistimos, ainda, a ultima reunião da Semana Espírita.

Nela tomamos parte, salientando que ali estavamos por convite especial do Serafim de Almeida, para não nos pesar na consciência o crime do velho confrade e amigo morrer sem nos ver. E fizemos, rapidamente, o histórico sintético da origem e expansão das Semanas Espíritas. As fôrças começaram a faltar-nos, que o esfôrço foi ingente. No final da mesma reunião, voltamos à tribuna, para fazer a história reservada do LAR DE JESUS e das obras que se inspiraram nêle...

Foi isso num domingo.

Segunda-feira, teriamos uma sessão de tratamento psíquico, que o *médium* Peixotinho estava na terra.

Seriamos um dos beneficiados.

* * *

Para maior êxito dos trabalhos da noite, houve mister de jejum espiritual durante o dia : abstinência de carne, de alcool, de fumo, de maledicências, de leviandades de palavras e de julgamentos, etc. etc.

Alcool, carne e fumo, jejum espiritual ?

Pois, «o corpo não é o templo do espírito ?»

A's nove horas, a sessão, no C. E. Pedro, depois da primeira sessão, presidida pelo Raimundo Peixoto Lins, irmão do *médium.*

Cruzamos com êle à porta do Centro. E perguntamos-lhe :

— Não fica para a reunião ?

— Impossível. Comi carne e fumei hoje.

* * *

Transformou-se o palco, improvisando-se aí um reservado para o *médium* e acomodações, em camas próprias, para os doentes.

Nossa cama ficou à esquerda, junto à parede.

O *médium,* colocado no reservado, à cama, de roupa mudada, preparou-se a reunião, que constaria de preces, explanações evangélicas e cantos espiritualizados. Programa que seria dirigido pelo Prof. Pierre Tavares Ribeiro.

Feita a primeira prece, a primeira explanação evangélica e ouvido o primeiro canto, um vulto branco apareceu à entrada do gabinete do *médium* e caminhou para nós. Um vulto de mulher de boa altura, roupa de matéria fosforescente, que se nos afigurou uma espécie de corpete, as mangas que mal se distinguiam nas trevas. Tudo eram trevas, na verdade. Chegando-se perto de nossa cama, a falar que mal entendiamos, desabotoou-nos o cinto, a calça, e entrou a fazer fricções sôbre o figado com uma lampada fosforecente. Depois, desabotoou-nos a camisa e subiu com a mão e a lampada até o coração, friccionando-o muito. Pedimos que repetisse o que dizia. Só da terceira vez ouvimos bem:

— Trouxe máquina *fotorgarfica*? num sotaque estrangeiro, arrastado.

— Não. Não sabia que podia trazer.

— Pois, é pena. Se trouxesse máquina *fotorgarfica* a Marrilia ia se materializar. Ela lhe manda um grande e forte abraço. Ela está aquí.

— Vai se materializar?

— Não sei.

Depois, derramou um oleo, perfumado, suave e brando, sôbre as fricções, dizendo, animadora:

— Você não vai ficar bom. Mas, vai melhorar muito. Isto é para ajudar nas suas tarefas.

A' vez de Lourdes, minha cunhada, lamentou, friccionando-lhe um quisto na vista:

— Se trouxessem máquina de fotorgarfia, a Marrilia seria fotorgarfada entre você e o Leopoldo.

O espírito foi visto, perfeitamente, por todos, num bloco fosforescente, luminoso. Só não se lhe viu o rosto.

Atendidos todos os enfermos, derramou perfume nos assistentes. Principalmente no companheiro, Ismael Ramos, que nos levou no seu DESOUTT... O perfume que êste amigo recebeu na cabeça, chegou a descer-lhe pela fronte até a ponta do nariz. Dono de drogaria, acostumado a lidar com perfumes bons e caros, confessou-nos não conhecer coisa igual, tão suave e penetrante.

O pequeno quisto da Lourdes viera, dias depois, a supurar, sarando.

Pelo fenômeno de materialização, de tratamento psíquico, de transporte.

* * *

E continuou a sessão.

Coube-nos a vez de falar.

Comentamos, então, a passagem do Poço de Jacó:

«Era um poço milagroso, cujas águas, quando revolvidas por um anjo do Céu, curaram os enfermos que nelas mergulhavam.

«Um pobre entrevado ali permanecia ha muito tempo, esperando sua vez; vez que nunca chegava. Sempre que as águas eram revolvidas, os que tinham melhores pernas eram os primeiros a mergulharem no poço, e saravam. Êle ia ficando para depois. Para um depois que custava muito a chegar.

«Jesus passou por ali e o viu, condoendo-se dêle. Perguntou-lhe, então, porque ainda não havia dado seu mergulho curador.

— «Ah! meu Senhor: quando o anjo vem e revolve as águas, os que têm boas pernas são os primeiros a mergulhar. Ninguém nunca se lembrou de ajudar-me! Eu vou, assim, ficando para depois.

«Levanta-te e anda! diz-lhe o Cristo.

«O entrevado levantou-se e andou.

«Encontrando-o, depois, á porta do Templo, perguntou-lhe:

«Não foste tu o entrevado do Poço?

«Fui eu, senhor! Fui eu...

«Pois, não peques mais, para que não te aconteça coisa pior.

«Por aqui se vê, meus irmãos, que os males de nosso corpo são consequências diretas dos pecados de nosso espírito. Pequemos menos, que seremos menos doentes. Sejam puros os nossos espíritos, que puríssimo, sem males e sem doenças, será o nosso corpo. Esta, a bela e grande lição do Cristo...»

⁂

Agora, fenômeno de voz direta.

Uma voz de homem, forte e feia, entremeada de Rê! Rê! Rê! ouve-se, agora, distintamente, aqui, alí e alhures; em lugares diferentes.

— E' o José Grosso! disseram seus conhecidos.

Improvisou, alviçareiro:

O Leopoldo esteve aqui
Com muita paz e alegria.
Veio visitar as obras
De nosso Lar de Maria.

D. Lourdes tambem veio,
Com seu grande coração;
Veio ver o nosso Lar
De que foi a inspiração.

Pândego e gárrulo, o espírito derrama estrofes e humorismos sadios pela assistência. E no meio de tanto improviso bonito, ficou-nos esta quadrinha:

A Vida tem suas lutas.
Vamos lutar com humildade,
Porque o Céu só se abre
A quem faz a Caridade!

O Antenor de Souza, grande e bom amigo de Cruzeiro, onde constrói uma grande obra, o Sanatório Jesus, tambem da mesma inspiração do LAR DE JESUS, quer saber se, pronto o Sanatório, haverá clima para realizar, naquela cidade de São Paulo, um lar para os filhos dos Abrigados do Sanatório.

O Espírito respondeu:

Você, ontem, não ouviu
O que o Leopoldo falou?
A obra dos Lares Cristãos,
Foi Jesus quem inspirou.

E a sessão encerrou-se com uma prece emotiva.

Havia durado três horas e ninguém havia dado por sua duração.

Corremos ao reservado do *médium*. Havia se levantado, combalido e aturdido. Recèbia passes da irmã Olimpia e comia pedaços de maçã descascada.

Havia perdido, naturalmente, algum peso, tal o seu estado de abatimento.

* * *

Comentários a caminho do LAR DE MARIA, onde ficamos hospedados:

— Você, seu Ismael, sem ser espírita, assistiu hoje, fenômenos que eu só cheguei a assistir depois de mais de trinta anos de Doutrina. Meus parabens!

— Privilegio?

— Não, absolutamente, que não há privilegiados no Espiritismo. Porque você é bom e generoso. Trouxe-nos aquí no seu automovel de luxo, sacrificando dois dias de seu labor comercial, sem outro interêsse sinão o de nossa amizade, que, na verdade, pouco ou nada vale...

— E o bife prometido para depois da reunião, de vez que não se comeu, hoje, carne, lembrou a ilustre colega, prof.ª Aurea Gonçalves, companheira de caravana.

— Bife a esta hora? Onde iria encontrar melhor ceia do que êste banquete de espiritualidades, que a ninguém deixou dúvidas e desconfianças?!

Fenômenos Espíritas?

Sim, de materialização, de tratamento psíquico, de voz direta, de transporte.

E principalmente de boa e sólida confraternização cristã-espiritual entre os dois mundos.

Crônica Estrangeira

Um caso de tripla personalidade

De «Estudos Psíquicos»

Diez Minutos, de Madrid, publicou em sua edição de 31 de Maio uma notícia muito curiosa relativa ao primeiro caso de tripla personalidade descoberta nos Estados Unidos.

«Através de livros e películas — diz o articulista — todo o mundo está familiarizado com os casos de «dupla personalidade». Mas os psiquiatras ficaram surpreendidos com o descobrimento em Augusta (Geórgia, Estados Unidos) do primeiro caso de «tripla personalidade»: uma jovem dona de casa que encarna «três» pessoas diferentes.

«O caso foi descoberto por dois psiquiatras de Augusta, o doutor Gorbett H. Thigpen e o doutor Hertey M. Cleckley, e refere-se a uma recem casada da localidade, mãe de um filho e a quem os médicos dão o nome de «Eve White» para lhe ocultar a verdadeira identidade. Na sua personalidade de «Eve White», é uma mulher modesta, amante da família, excelente mãe e esposa. Mas nos momentos mais inesperados converte-se numa pessoa a quem os médicos chamam «Eve Black», despreocupada, atreita a diversões e que trata marido e filho como a estranhos. A' terceira personalidade chamam os médicos «Jane». E' então mulher de negócios séria e eficiente, situada entre as duas outras. «Jane» conhece a existência de «Eve White» e «Eve Black», mas não compartilha todas as suas lembranças. Afirma, por exemplo, que nunca se casou. «Eve Black» admite estar casada, mas não com o marido de «Eve White».

«Como «Eve Black», a jovem dona de casa abandonou há pouco a família, colocou-se num clube noturno e comprou a crédito ricos vestidos. Como «Jane», devolveu-os à loja onde os comprara.

«Convertida novamente em «Eve Black», voltou a comprá-los, mas pediu que os transformassem de modo que ninguém pudesse devolvê-los. As duas personalidades suplementares de «Eve White» começaram a aparecer há um ano, depois de um período, durante o qual a jovem se queixava de fortes dores de cabeça e de ouvir «vozes estranhas». Os dois médicos que descobriram o caso submeteram-na a complicadas provas para eliminar qualquer possibilidade de fraude e disseram, finalmente, depois de muitas análises:

— Cremos que tanto «Eve White», como «Eve Black», desaparecerão com o tempo e será «Jane» que sobreviverá ao fenômeno».

⁂

Premonição Trágica

Psychica.

Eis aquí, sem comentários, um sonho premonitório de cuja autenticidade me declaro fiador, com todo o pêso de minha consciência profissional.

Em 26 de Dezembro de 1924, ás dez horas da manhã, encontrei Mlle. H. que eu conhecia pessoalmente e cujo robusto bom senso sempre apreciei. Depois de trocarmos nossas saudações, eu lhe observei que a achava um tanto pálida e perguntei pelo seu estado de saude.

— Com efeito, respondeu, devo estar pálida porque estou completamente perturbada; esta noite sonhei que mamãe estava morta, eu a via deitada em minha própria cama, com velas acesas em derredor, um Cristo sôbre a mesa de cabeceira. Êsse sonho ou visão tinha para mim tão grande acuidade que despertei; fui verificar, no meu armário, se o Cristo, que aí está habitualmente guardado, ainda continuava no mesmo lugar. Êste gesto foi puramente automático e como fiz ruído ao abrir o móvel, mamãe, deitada no quarto contíguo, perguntou-me: Procuras alguma cousa? Não, respondi e deitei-me, sem poder conciliar o sono afugentado pela lúgubre visão.

«Sonhar com morte, vida longa», disse eu rindo, tereis acrescentado, se o adágio fôr verdadeiro, mais dez anos de vida à vossa mãe.

— Eu bem desejaria que o adágio se confirmasse, caro senhor.

— Mas, vossa mãe não está doente?

— Está passando muito bem, e agora foi ao mercado.

Separámo-nos e entreguei-me ás minhas ocupações, sem mais pensar em Mlle. H., nem em seu sonho.

Quando regressei ao meu escritório, ás 15 horas, encontrei um amigo que, conhecendo minhas relações com Mlle. H., corre ao meu encontro, exclamando:

— Já recebeste o aviso?

— Que aviso? perguntei.

— A mãe de Mlle. H. acaba de expirar há meia hora.

Que me dizes? Encontrei Mlle. H. esta manhã, ás 10 horas, falámos de sua mãe a propósito de um sonho, então estava ela de boa saude.

— O fato brutal aí está, ela acaba de morrer.

Corro imediatamente ao domicílio de Mlle. H., cuja dôr fazia pena ver. Ela me introduziu em seu quarto, dizendo: aí está, vêde: o meu sonho...

A mãe estava deitada no próprio leito de Mlle. H., duas velas ardiam de cada lado da cama; um Cristo estava sôbre a mesa de cabeceira.

Interrogo Mlle. H.

Mamãe comigo jantou ao meio dia, à mesa conversámos alegremente, nêsse momento, nada fazia prever a terrível calamidade que acaba de me ferir, quando, sentindo-se subitamente indisposta, uma hora e meia depois, ela se deitou *em seu leito no seu próprio quarto.* Não considerando grave essa súbita indisposição, preparei-lhe uma infusão e, instantes depois, mamãe, sentindo-se muito fatigada, foi presa do desejo irresistível de abandonar seu leito para deitar-se *«no meu»*, cousa que *jamais fizera anteriormente.* Insisto nêste detalhe porque, a meus olhos, tem certa importância. Seu estado agravou-se tão rapidamente que mandei chamar o médico, que só chegou depois de seu falecimento. Minha mãe expirou exatamente ás 14 hs. 30, *em meu leito*, tal como eu a tinha visto em meu sonho, doze horas antes.

E como eu insistisse sôbre o estado de sua mãe, anterior ao lutuoso desfecho, Mlle. H. me repetiu o que já me havia dito de manhã. A mãe gozava de excelente saude; jantara com bom apetite. Durante a refeição, ambas conversaram alegremente, nada fazendo prever, nada absolutamente, o passamento.

— Mlle. H. ajuntou: vi em sonho o atroz acontecimento que se realizaria algumas horas mais tarde.

⁂

Na cabeceira dos moribundos

No inquérito empreendido pela revista *Psychica*, e na literatura espírita, dificilmente encontramos exemplo mais notável do que o seguinte, referente às manifestações supra-normais à cabeceira dos moribundos:

«... Meu tio morreu em consequência de longa enfermidade. Lembro-me que, a última vez em que o vi de pé, êle me dizia: «E' curioso o que me acontece; frequentemente percebo *outro eu* à minha frente, repetindo exatamente meus movimentos e gestos, como se se tratasse de dois indivíduos perfeitamente idênticos, animados pela mesma vontade».

Infelizmente tive muitas ocasiões de assistir à morte de parentes e amigos e sempre observei que a vida se estinguia pouco a pouco.

Porém, a morte dêsse meu tio foi extraordináriamente impressionante.

Nada fazia prever seu fim iminente.

De-repente, sem agonia, olhando ao seu derredor, abriu desmesuradamente os olhos, e com expressão de imensa surprêsa, exclamou: «Em que lugar estou? Mas, encontro-me no outro mundo! E como se êle realmente visse um outro mundo, com a expressão de imensa estupefação, morreu subitamente».

Ida D. V.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O Espiritismo em Matão

Festejos comemorativos do aniversário de fundação da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e do 85.º aniversário natalício do seu patrono Cairbar Schutel. — Lançamento da pedra fundamental do Lar Infantil «Cairbar Schutel». — Outras Notas.

Com a fundação da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», fato êste verificado em 17 de Setembro de 1947, um novo e vigoroso impulso foi dado ao desenvolvimento do Espiritismo em Matão. Executando o seu vasto programa de trabalho, de início construiu a Vila «Cairbar Schutel», que tem atualmente três grupos de casas que estão sendo habitadas por familias reconhecidamente pobres. Agora está empenhada na construção do Lar Infantil «Cairbar Schutel», que em breve será uma realidade. E tudo isto é feito sem levar em conta o credo religioso da creatura, pois a caridade não tem côres politicas, raciais e religiosas, porque é o fruto do amor ao próximo, o maior dos mandamentos da lei de Deus, pregado e exemplificado pelo seu Filho Dileto, Jesus Cristo.

Aproveitando bem todas as oportunidades para desenvolver as suas atividades na seára espírita ou cristã, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou nos dias 18, 19 e 20 do mês passado, Setembro, festejos comemorativos do seu 6.º aniversário de fundação e do 85.º aniversário natalício do seu patrono Cairbar Schutel, festejos estes coroados com o lançamento da pedra fundamental do Lar Infantil «Cairbar Schutel».

Foi o seguinte o programa desenvolvido durante os festejos:

DIA 18 — NOITE ARTÍSTICA

Por esforçados jovens da Mocidade e com o auxílio do incansável ensiador Manoel Dias de Lima, foi levada a peça intitulada «O Preconceito».

Trabalharam os seguintes jovens: Oswaldo Casedei de Oliveira, José Leme, Sebastião Casedei de Oliveira, Janisse Aparecida Gandolfi, José Casedei de Oliveira e Antonio Torres. A seguir foi apresentado o esquete «O Papão», pelos alunos da Aula de Moral Cristã «Cairbar Schutel» — Cleide Gonçalves e Waldemar da Cunha. Cada qual procurou desempenhar o seu papel de acôrdo com as suas possibilidades.

DIA 19

Presidiu a reunião o Dr. Jonny Doin, advogado do Forum da Capital. A prece de abertura foi proferida pelo confrade João Leão Pitta. A seguir o presidente fez a apresentação à assistência do orador oficial que foi o M. M. Juiz de Direito de Ibitinga, Dr. Edmar de Carvalho Lima, que dissertou sôbre a missão da mulher. Novato, ainda, na doutrina, mas dotado de grande capacidade, soube cativar a assistência, ministrando conceitos elucidativos.

Após a palavra expressiva do orador, falou ainda o joven Sebastião Moura, da cidade de Ribeirão Preto, e a srta. Ermelinda Luiz Machado, de São Paulo, que pronunciou a prece de encerramento. Terminada a 1.ª parte, seguiu-se a parte artística que constou do seguinte programa: Janisse Aparecida Gandolfi, declamou — «A nossa crença»: Maria Adelina Mariani cantou o fado «Perseguição», acompanhada ao violão pelo joven Gentil Celestino do Nascimento; Antonio Celso, aluno da Aula de Moral Cristã, declamou «O Divino Convite»; o jovem Sebastião M. Moura, de Ribeirão Preto, declamou «D. Benta»; Dramatização em 1 ato «Orgulho de Estrêlas» pelas juventinas: Olinda do Nascimento, Donata Casadei de Oliveira e Maria Adelina Mariani; dois números de sanfona pelo aluno da Aula de Moral Cristã — Waldemar da Cunha e finalizando a noitada cantaram «Chuá-Chuá» — as juventinas — Maria Adelina Mariani, Donata Casadei de Oliveira, Olinda do Nascimento e Clotilde da Cunha, acompanhadas pelo joven Gentil Celestino do Nascimento ao violão. Não podemos deixar de anotar aqui a colaboração da Srta. Ermelinda, terceiranista de Direito, que com o seu modo todo especial e cativo fazia a apresentação dos números a serem representados, dando assim mais vida e alma àquele festival.

DIA 20

A's nove horas da manhã os visitantes e demais espíritas da cidade fizeram uma visita á Vila «Cairbar Schutel», levando gêneros alimentícios ás familias ali residentes. A's 14 horas houve a festa da Aula de Moral Cristã «Cairbar Schutel», em que tomaram parte as seguintes crianças: Antonio Celso e Antonia Teixeira, diálogo — «Amor a Deus Todo Poderoso»; Antonio Celso declamou — «O Divino Convite»; Waldemar da Cunha — em número de sanfona, «Saudades de Matão»; o esquete «A alegria não se lembra de Deus», com Arany e Adair da Crúz. Para alegrar a petizada, tocaram um número musical, «Branca», os juventinos José Coelho e José e Sebastião C. de Oliveira.

A prece inicial da festinha foi proferida pela pequenina Sylvia Urban. Foi cantado pelas crianças, no início, «Amor e Fraternidade» e no final «Criança Feliz» de Francisco Alves. Foram oferecidas ás crianças que ali compareceram, doces, bolos e balas.

A's 15 horas sairam todos do Centro Espírita e rumaram ao local em que seria colocada a pedra fundamental do Lar Infantil. As crianças em fila, acompanhadas por Ermelinda, pela professora da Aula e suas auxiliares, seguiram para presenciar a cerimônia. Presidiu o ato o Dr. Jonny Doin. Em primeiro lugar as crianças cantaram «Brasil de Amanhã», do saudoso Francisco Alves. A prece inicial foi proferida por Watson Campêlo. A seguir usou da palavra, a convite de elementos da Mocidade e em nome da mesma, o Sr. Italo Ferreira, que lançou a idéia feliz de se fundar em Matão um Educandário Espírita e versou ainda sôbre a personalidade de Cairbar. A seguir falaram João Leão Pitta, que apoiou essa idéia, julgando-a necessária para o momento que atravessamos; o jovem Orlando Aylton Toledo representando a Mocidade Espírita de Araraquara; Sr. Alexandre Barbosa representando a União Municipal Espírita de Araraquara;

o jovem Sebastião M. Moura, representando a Mocidade Espírita e a União Municipal Espírita de Ribeirão Preto; a jovem Ermelinda Luiz Machado, representando a mulher espírita e a União Espírita Cristã Beneficiente «Laudelino de Novaes» de S. Paulo; declamaram: Elvira Perche Campêlo «Hino à Caridade»; Olinda do Nascimento, «O Semeador»; Silvia Perche, «Moedas de Amor»; Janisse A. Gandolfi, «Lamentos de Órfão»; José B. Cardoso, de Araraquara, «O Poeta vai rezar».

Paraninfou o ato o Sr. Rafael Medina, de Araraquara. A prece de encerramento foi pronunciada pelo Presidente da Mocidade local, Edo Mariani. A's 18 horas, na residência de Leonor da Cruz Jorge, foi servida aos visitantes e espíritas da cidade uma lauta mesa de doces, salgados e guaranás.

A's vinte horas todos rumaram ao Centro e se deu início á última reunião dessa festa. Assumiu a presidência da mesa, o sr. Alexandre Barbosa, da cidade de Araraquara; usaram da palavra Edo Mariani, de Matão; Orlando Aylton Toledo, de Araraquara; Sebastião Martins Moura, de Ribeirão Preto; Ermelinda Luiz Machado, de São Paulo. Todos cativaram a enorme assistência, e finalmente o orador oficial, Dr. Jony Doin, que como sempre, dispensa comentários, pois como das vezes anteriores prendeu a atenção da assistência com sua palavra empolgante e entusiástica. Encerrou a primeira parte com uma prece a Jesus, o Presidente da mesa. A parte artística esteve a cargo da Mocidade Espírita de Araraquara, que, com com grande brilho encerrou as festividades dêste ano. Houve declamações, cantos acompanhados de solo de violão e gaita. A Mocidade recebeu inúmeras felicitações entre elas um telegrama da Mocidade de Vera Cruz; um da Mocidade e do Centro Allan Kardec, de Catanduva; 1 cartão do Dr. Julio Silvio e Clara Tecman; e um oficio do D. D. Prefeito Municipal de Matão — Sr. Newton de Azevedo Caivano. E' importante salientar, o que notamos com prazer, que as três noites o salão do Centro esteve superlotado.

Caravana da Fraternidade

Tendo o autor terminado suas crônicas pelas colunas de O CLARIM, focando os fatos mais interessantes da célebre excursão ao extremo Norte do País, o livro, CARAVANA DA FRATERNIDADE acaba de entrar para o prélo, de onde sairá brevemente.

O livro será editado em S. Paulo, terá mais de 350 páginas, excelente impressão e ótimo papel.

O CARAVANA DA FRATERNIDADE, de Leopoldo Machado, sôbre reunir os fatos marcantes da Caravana, já focados em crônicas, traz, ainda, a colaboração, em artigos e cartas, de muitos irmãos visitados, espíritas e não espíritas, coisas pró e contra os espíritas, artigos de polêmica, impressões pessoais, excertos de atas e do Relatório, páginas de diário, etc., etc.

Prefácio do saudoso Lins de Vasconcelos, que foi o maior obreiro do Pacto Aureo.

O CARAVANA DA FRATERNIDADE, sôbre ser uma página forte e incisiva da história do Espiritismo no Brasil, será livro que se lerá com agrado, suavemente, por sua leveza e sinceridade.

«Água Viva»

Com êste título, acaba de aparecer na Capital uma revista espírita, órgão mensal da Editora Espírita «Água Viva», e seu objetivo é difundir a Doutrina.

O exemplar que temos sôbre a mesa de trabalho, n.º 2, publica ótimos artigos de fundo evangélico.

Desejamos à prezada colega vida longa e prosperidade na sua elevada tarefa de difundir o vero Cristianismo à luz do Espiritismo.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2910unse

NO XXIX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1953—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Visões no leito da morte	*Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
Mensagem de Saudação e Alertamento	*Pedro Delfino Ferreira Junior*
Reportagens Diversas do Plano Espiritual	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Contra Fatos...	*Spártaco Banal*
Solilóquio	*Manuel Cavaco*
A Divindade de Jesus	*Mario Cavalcanti de Mello*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
O Ensino do Espiritismo em Cursos Regulares	*Centro Espírita «18 de Abril»*
A Volta à Vida	*Afonso Depascale*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

UM VERDADEIRO TESOURO

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espirita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, veremos os traços caracteristicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontraremos fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1953 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Visões no leito da morte

OS fenômenos de percepção de fantasmas de defuntos durante a crise da morte são mais uma prova a favor da imortalidade da alma. Geralmente êsses fantasmas são de pessoas conhecidas do agonizante e constituem um sinal claro de que ao doente não resta já nenhuma esperança de cura.

Para os que temem a morte ou choram os seus entes queridos que os antecederam na grande viagem, tais fatos devem lhes servir de conforto e esperança, porque nem a morte pode ser encarada com pessimismo e nem os seus entes queridos desapareceram nas voragens de um túmulo; pelo contrário, a morte será encarada como um anjo libertador, porque, com a sua oportuna intervenção, liberta o enfermo de horríveis padecimentos, conduzindo-o a um lugar melhor.

Passemos aos fatos anotados por Ernesto Bozzano:

Hudson Tutle conta o seguinte caso:

«Hà alguns anos produziu-se na cidade de Hartford um fato bem comovente. Quem m'o comunicou estava de tal modo convencido da natureza supranormal do que tinha presenciado que a impressão lhe ficou bem gravada na memória.

Vive ainda no Estado de Quest; é um homem prático, positivo, — a pessoa mais incapaz de deixar-se levar por fantasias.

Na circunstância de que me ocupo, velava êle à cabeceira dum moribundo, tipógrafo de profissão. Na última hora o agonizante ia-se extinguindo pouco a pouco. A respiração, cada vez mais oprimida, tornara-se muito lenta e muito difícil. Enfim chegou o momento em que o assistente o julgou morto.

Mas de repente as pálpebras se lhe abriram, animado por uma impressão de grande surpreza, como reconhecendo alguém; com o rosto iluminado pela embriaguez da alegria, exclamou: «Vós, vós, minha mãe!» E caiu morto sôbre o travesseiro.

Ninguém jamais poderia persuadir-me — diz o relator deste fato — que este homem não apercebeu realmente sua mãe diante dele». *(The Arcana of Spiritualism*, pag. 167).

* * *

Alfredo Smedley, a páginas 50 da sua obra «Some Reminicences» conta da seguinte forma, os últimos momentos de sua mulher:

«Alguns momentos antes de sua morte, os olhos se lhe fixaram sôbre qualquer cousa que parecia enche-los de uma viva e agradável surpreza; então disse-me ela «Como! Estou vendo minha irmã Carlota, minha mãe, meu pai, meu irmão João, minha irmã Maria. Agora trazem-me também Bessy Heap!

Estão aqui todos; oh! como é belo, como é belo!

— Não os vês tu? — Não, minha querida — respondi — e bem pena tenho.

— Não os podes então vêr? — tornou a doente, admirada. — E contudo estão aqui todos; vieram para me levar com êles. Uma parte de nossa família atravessou o grande mar e em breve nos encontraremos todos reunidos na nova morada celeste».

Devo acrescentar que Bessy Heap tinha sido uma nossa criada, muito fiel, muito afeta a nossa família e que sempre teve uma dedicação particular por minha mulher.

Após esta visão extática, a doente ficou algum tempo como exausta; enfim, volvendo fixamente o olhar para o céu, e levantando os braços, expirou».

* * *

Na vida do Rev. Dwight Mody, dos Estados Unidos, escrita por seu filho (pag. 485), encontra-se a seguinte narração dos seus últimos momentos:

«Súbito, ouviu-se murmurar: «A terra vae se afastando, abre-se o céu diante de mim; já entrei nas suas fronteiras; Deus espera-me.

Não me chameis; tudo isto é belo; dir-se-ia uma visão de êxtase. Se a morte assim é, como ela é doce!...»

A sua fronte reanimou-se, e com uma expressão de inefavel arrebatamento — «Dwight! Irene! vejo os meus meninos» (aludia a dois de seus netos que eram mortos).

Depois, voltando-se para sua mulher, lhe disse: «Sempre foste para mim uma boa companheira». Proferidas estas palavras, perdeu a consciência».

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XIV

Continuamos o registo dos fatos que supomos interessar aos estudiosos da mediunidade e da Doutrina espírita, quanto à mediunidade de Dolores Bacelar que se vem desenvolvendo sob os nossos olhos.

Na sessão de 16 de abril de 1953, da Cabana de Canagé, além de outras comunicações, foi recebido um soneto típico de Augusto dos Anjos. O vocabulário dêle é inconfundível e o identifica logo a quem já tenha lido o livro «EU», mas nos parece que no soneto há falhas de metrificação que deixamos à critica dos competentes. Eis o soneto tal qual foi escrito:

Fui

Augusto dos Anjos

Fui o *absconso ser de alma escravizada*
Aos distúrbios mentais da hipocondria;
Que desde a espermatose, a embriogenia,
Sentia a ânsia da carne já tarada.

Que ao devolver o escasso corpo ao *nada,*
Resto podre de nata idiopatia,
Viu que a Flâma da vida persistia
Independente da carne estagnada;

Que essa Flâma aspirando à *luz sidéria,*
Desce à lama, à carne deletéria,
Sofre o espasmo da morte transitória,

Para do Eu extirpar todo o escremento;
E após divinizado o Sentimento,
Atingir a Perfeição, o Céu, a Glória.

Como já temos mencionado em outros artigos, os poetas do invisível estão preparando um livro de versos, algo semelhante ao «*Parnaso de Além Túmulo*» que ainda é obra ímpar na literatura espírita, por ser o único livro que não reclama outras provas de idade, por isto que o estílo dos autores os identifica um por um e põe em evidência a origem espiritual do livro.

A velha e ingênua hipótese de pastiche cai fragorosamente diante do «*Parnaso de Além Túmulo*», porque implicaria no médium um conhecimento perfeito do estilo de dezenas de poetas, alguns dos quais completamente inacessìveis, por serem raras as suas obras impressas ou mesmo não existirem deles obras publicadas.

O novo livro que está sendo recebido por Dolores Bacelar é destinado a confirmar o «*Parnaso*». Os dois instrumentos humanos que no-los apresentam são completamente diferentes um do outro. Um varão moreno de barba densa e peito exageradamente peludo, de pequena estatura, olhos enfermos, celibatário aos 43 anos de idade; uma dama de pele alva, alta, esbelta, de traços delicados, casada e mãe de três filhos. Comum entre êles é a pequena cultura literária, a incapacidade de escrever obras originais, e mais, ainda, a extrema bondade, o trato afável e as maneiras inocentes e despretenciosas de agir e falar.

Até 30 de abril de 1953 tinhamos curiosidade de saber o nome do livro, mas o Guia da médium nos informava que em tempo oportuno Guerra Junqueiro viria trazer o título da obra.

Na sessão de 30 de abril, o Guia nos escreveu pequena mensagem pessoal e declarou que era dado ao livro em preparação o título de «*Cânticos do Além*», no seguinte soneto-prefácio, de Guerra Junqueiro, recebido naquela mesma sessão:

Cânticos do Além

Os Cânticos do Além jorram lá do Infinito
Como gôtas de luz sôbre as trevas do Mundo !
São centelhas de amor, d'aquele Amor bendito
Que faz brotar o lírio no pântano imundo !

Eles dizem à Terra : «A morte é apenas mito»...
O Espírito é fragmento de DEUS oriundo !
—Ressurge a Alma do justo ou a do pobre proscrito,
Cantam os menestreis, em acorde profundo !

Amor, Ideal, Poesia, são patrimônios d'Alma,
Que ungem os corações, como a Fé e a Esperança,
A vida embelezando na Terra ou nos Céus.

Dessas paragens plenas de Harmonia e Calma,
Entoemos, implorando Bem-aventurança,
Os Cânticos do Além como Hosanas a DEUS !

Não sabemos se o poeta ainda virá corrigir e polir êste soneto antes de aparecer o livro. Sabemos que é projeto dos poetas reverem seus versos, porque o Guia já nos tem repetido esta informação. De qualquer sorte, aqui fica o soneto como saíu do lápis da médium.

Quando ficar preparado o livro, veremos se houve correções.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Mensagem de Saudação e Alertamento

Ao 3.º Congresso Espírita Pan Americano — La Habana, Cuba.

Pedro Delfino Ferreira Junior, *Presidente titular da C. E. P. A.*

Senhores Membros do TERCEIRO CEPA

PAZ E LUZ

Não podendo, Srs., minha voz, de Presidente titular da CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA PAN AMERICANA—CEPA ecoar ao vivo, junto a vós, nesta hora, sôbre todas solene, em que se instala em terras da Pátria de JOSÉ MARTI, símbolo de Liberdade de pensamento e fé, o TERCEIRO CONGRESO ESPIRITA PAN AMERICANO, permitido me seja então que vos traga o meu pensamento, a vibrar na voz, sob todos os títulos autorizada e digna, do meu eminente quão ilusttre substituto legal, Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, Presidente em exercício desde Dezembro de 1951.

Que poderá, todavia, pretender significar nessa augusta assembléia, êsse pensamento, que não apenas um gesto, uma atitude de fraternidade, de amor crístico, a consubstanciar o mais alto e ao mesmo tempo o mais profundo anceio de coesão em tôrno do ideal espirítico, no gue tange, notadamente, à pureza da doutrina kardequiana e à simpleza de sua prática hosnesta ? E, paralelamente, que poderá trazer-vos êsse mesmo pensamento, em função própria dêsse seu significado, que não uma palavra, fraterna e amiga, de estìmulo e alertamento, máu grado, bem o sei, o seu nenhum prestígio, a sua nenhuma autoridade ?

Condescendei, pois, receber, mesmo assim, as minhas respeitosas homenagens e os meus mais altos respeitos à soberana autoridade que representais nessa colenda assembléia, de envolta a minhas saudações expressas em nossa fórmula já oficial : PAZ E LUZ, que representa pela integralidade de seu enunciado o mais elevado e puro ideal. Considerai igualmente, Srs., prestadas com alto aprêço e reverência essas homenagens às nações de cujo movimento espirítico sois nobres Delegados, personificando as respeitáveis Entidades que orientam êsse Movimento. Sobretudo, Srs., elevo a Deus a minha sentida súplica para que êste momento de união e fraterno convìvio se perpetue, criando e mantendo verdadeiro espìrito de unificação e de unidade : Unificação direcional e Unidade doutrinária. Mórmente de modo a que esta possa cada vez melhor propiciar aquela.

E que poderá faltar para tanto ?

Simplesmente COMPREENSÃO e BOA VONTADE, se porventura faltam.

Que algo poderá existir suficientemente forte para nos dividir ?

Nada, desde que a DOUTRINA seja interpretada com o cérebro e o coração ; que seja compreendida e sentida, marcantemente quanto a dois de seus mais sérios problemas, um dos quais, porém, está, praticamente, solucionado, havendo apenas, quando muito, modos pessoais de considerar a ação desenvolvida nessa solução. Refiro-me à UNIFICAÇÃO. O problema que ela representa está, de fato, solucionado com a existência da CEPA.

Em verdade, que representa, que é nossa Entidade CONTINENTAL ?

Dizem-no eloquentemente, e seria injuria vô-lo repetir, os nossos Estatutos, notadamente os seus três primeiros artigos.

De como atuou na Argentina, de 1946 a 1949, tomou conhecimento o 2.° Congresso, no Rio de Janeiro. De como no Brasil se desempenhou vo-lo dirá o Presidente em exercício, a quem cabe o dever e o direito de o fazer. Por agora quero unicamente deixar em alto destaque o residir a autoridade da CEPA no prestígio que lhe emprestem as Entidades Federadas, no apôio moral quanto material que lhe proporcionarem. Disto depende indisfarçavelmente o êxito de suas realizações. Não sendo um órgão de mando, mas de arregimentação, sobretudo de coordenação ; não devendo nada impor, mas sugerir, agiu sempre dentro dêste espìrito de harmonia, tolerância e mesmo transigência. Jamais impôs ; nem mesmo usou dos poderes prescritos nos seus Estatutos. Jamais se mostrou formalista. Foi sempre amiga, fraterna, condescendente.

Instalando-se agora em Cuba, assim por certo continuará a sê-lo, cumprindo às Entidades adêsas, entretanto, uma atuação mais viva do que a observada até o presente. E' preciso amar e respeitar a CEPA, tal como tem ela procedido. Em Cuba, ao demais, podendo articular-se mais facilmente com os países da América Central, com a América do Norte, com as nações do norte e noroeste do continente sul americano, poderá melhor expandir-se a atividade da CEPA do que em Buenos Aires e Rio de Janeiro. Talvez melhor se possa operar o ESPIRITISMO DE FRONTEIRA que sugeri e não encontrou ressonância.

Quanto ao outro problema, só não está igualmente solucionado porque não temos procurado bem compreender os seus dados. Diz êle respeito à UNIDADE DOUTRINÁRIA. Entanto esta UNIDADE existe. Existe em toda a sua plenitude : clara, perfeita. Poderiamos mesmo afirmar ABSOLUTA.

Como, então, constitúe um problema ?

Porque não temos bem assimilado essa mesma unidade doutrinária, raciocínando detidamente sôbre o que lhe concerne, não pesando o valor das expressões, como se as palavras ecoassem em nós impressionando tão só a superfície da nossa inteligência ou apenas do nosso sentimento. Não atentamos na profundeza dos pontos fundamentais da Doutrina, não lhe profundamos o sentido, pelo menos em sua plenitude. E com isto talvez estejamos retardando a ação evolutiva, não já do Espiritismo em si, mas a dêle em nós, donde, em natural decorrência, na humanidade. E' que, marchando com o mundo tal como o mundo é, continuamos entusiastas do império da Razão, que age pela análise das coisas em seu sentido horizontal, de superfície, olvidados de que a Doutrina já nos acena para o desenvolvimento de uma fôrça superior, que tem caracterizado a alguns poucos INICIADOS DA HUMANIDADE, entre êles JESUS DE NAZARÉ, por certo o mais potente, o mais elevado Espírito baixado ao nosso planeta. Referir-me quero à INTUIÇÃO, que, em linguagem simples, é como um *ruminar* de conhecimentos adquiridos pelo Espírito em sua vida infinita, no suceder de suas múltiplas existências carnais, estágios que elas são de experiências outras que não as colhidas nos planos da espiritualidade; é o despertar de uma consciência interior, patrimônio moral e intelectual do espírito, por êle constituido através, como recordámos acima, de sua vida infinita de criatura imortal.

A UNIDADE DE DOUTRINA, por conseguinte, existe: está na CODIFICAÇÃO CARDEQUIANA, em sua própria evolução, na fórma clássica que os tempos e o consenso geral lhe vão estruturando. Ora, que se diz ser o ESPIRITISMO? *Uma* ciência? *Uma* filosofia? *Uma* religião? O que se tornou já clássico, quasi definição universal, é dizê-lo uma DOUTRINA de tríplice aspecto, indecomponivel: científico, filosófico e RELIGIOSO. Há quem substitua o aspecto religioso pelo moral, o que não obsta a que «o *ensino dos bons espíritos tenha objetivo puramente religioso*», tal como o reconheceu, em 1934, o Congresso Espírita Belga. Fato pertinaz, entretanto, e indiscutível, é que o Espiritismo continua sempre considerado e apresentado como DOUTRINA TRÍPLICE em seus aspectos científico, filosófico e RELIGIOSO. E' de considerar ainda ser a moral espíritica a mesma moral cristã, não havendo Allan Kardec, consoante afirmou, encontrado outra mais elevada ou mais pura. Ora, se o Espiritismo é a DOUTRINA CODIFICADA por Kardec, fundamentada no fenômeno espirítico de onde nasceu mas ao qual, incontestávelmente passou a estabelecer regra, ditar diretrizes, ao mesmo passo que dêle tirando consequências de ordem moral-religiosas orientadoras da conduta do homem no plano material, como do espírito nos planos da espiritualidade, dêste modo perpetuando a prática do referido fenômeno, que do contrário teria caido no esquecimento, pelo desfastio, não cabe a quem se inculca espiritista afastar-se dos princípios fundamentais da obra Cardequiana, a qual, em derradeira análise, é oriunda do ensino dos Espíritos Superiores que lhe deram lastro, melhor, lhe deram vida porque raizes, fronde e seiva para a frutificação num futuro a depender de nós.

Assim, pois, amigos e irmãos meus, é na fórma clássica de apresentação do Espiritismo que o mundo vê nele a feição religiosa. São, mesmo, os que o negam, o repelem, caluniam e perseguem, que lhe reconhecem êsse prisma, até mesmo para destruí-lo. Recentemente o Parlamento inglês o proclamou religião entre as demais. O Governo brasileiro, no recenseamento nacional o incluiu como religião na inquirição da crença religiosa. Assim vem sendo considerado na Islândia, Inglaterra, Estados Unidos, Holanda.

O que cumpre, pois, para solucionar acertadamente, é bem compreender a essência da Doutrina, afim de se poder encontrar uma execução feliz da feição religiosa, sem afastamento do aspecto científico, que reside na experimentação do fenômeno e de seu estudo continuado; nem do aspecto filosófico, que é a doutrina em si mesma e sobretudo em suas consequências morais e, em decorrência, sociais. Ora, o próprio e eminente Codificador encontrou a solução quando, diante, talvez, da fôrça do fato, resguardou o sentido universalista do Espiritismo, apresentando-o, quanto ao aspecto religioso, como Religião NÃO CONSTITUIDA. (Ver Obras Póstumas trechos finais da parte I do livro.)

Temos, destarte, nessa conceituação dada pela Codificador: RELIGIÃO NÃO CONSTITUIDA, a realidade do Espiritismo em seu aspéto religioso, porque assim capaz de iluminar as obscuridades de todas as religiões constituidas, sem se prender a nenhuma delas. Cabe, outrossím, refletir residir nessa conceituação: RELIGIÃO NÃO CONSTITUIDA o embrião da IGREJA UNI-

VERSAL prevista por Jesus e cujo delineamento deixou expresso, não de modo formal, mas através de suas palavras e de seus atos : pela palavra quando, por exemplo, respondendo à samaritana que lhe indagára onde, afinal, cumpria adorar-se a DEUS, se ali, em Sicar, no Monte em que se erguera o templo dos samaritanos, ou se em Jerusalém, lhe disse : — «Mulher, acredita-me que a hora vem, quando nem neste Monte nem em Jerusalém adorareis o Pai ; porque a hora vem e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o o Pai em espírito e Verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. DEUS É ESPÍRITO E IMPORTA QUE OS QUE O ADORAM O ADOREM EM ESPÍRITO E VERDADE. (João, 4:21/24) e pelos atos pregando por toda a parte, a céu aberto, nos montes e praias, casas residenciais e sinagogas... Assim foi que, mais tarde, observando êsses exemplos, Paulo de Tarso pregaria até nos templos pagãos da Grécia. Temos, pois, que, consoante o pensamento e a ação de Jesus, o Cristianismo devera ser uma religião não constituida, ou seja, como definiu Kardec, (O. P., loc. cit.) uma religião sem templos, sem rito, sem culto, sem sacerdotes. E é assim que se apresenta — e não há como fugir daí sem abandonar ou trair sua doutrina e prática — o Espiritismo como religião, por isso que, disse-o ainda Kardec, o Espiritismo toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões : Deus, a alma imortal, a vida futura.

Inferimos do exposto que, em realidade, RELIGIÃO sómente o é a que se apresentar SEM CONSTITUIÇÃO, tal como se apresenta o ESPIRITISMO e se devera apresentar o Cristianismo, se os homens, dando-lhe afinal uma fórma constituida, não o houvessem desvirtuado ; e que, portanto, não passam, as RELIGIÕES CONSTITUIDAS, de simples SEITAS, ou, forçando até certo ponto o verdadeiro significado do termo, IGREJAS. Por isso, talvez, se haja tornado mais generalizada a expressão Igreja Cristã do que a Religião Cristã...

Concluindo, RELIGIÃO NÃO CONSTITUIDA é aquela que, não possuindo as características supra, limita-se ao culto íntimo, ao sentimento natural do «*amor a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*». E negar não há ser justamente assim que o Espiritismo se mostra no campo religioso, pregando e agindo tal o fez Jesus, Jesus que não foi teólogo, não construiu templos, não estabeleceu liturgias nem jamais ordenou sacerdotes.

Dei a estas linhas o título de MENSAGEM DE SAUDAÇÃO E ALERTAMENTO. Devo explicar o porque dessa parte final do título ?

Creio que não. O panorama religioso do mundo se rasga, claro aos olhos de todos. Por toda a parte as religiões buscam dominar, procurando o poder temporal com o máximo descuramento pelo espiritual. Dos propósitos que animam, pelo menos no hemisfério ocidental, as superiores autoridades sacerdotais, estamos todos cientificados.

Cumpre-nos, portanto, acima de tudo, UNIRMO-NOS. E esta união não se deverá limitar ao mundo espiritista apenas, mas a todas as correntes espiritualistas ameaçadas, guardando, embora, cada qual sua maneira própria de ser.

E é sobretudo como religião que teremos mais fôrça moral e legal para a defesa de nossa TRÍPLICE DOUTRINA, da qual virá, mais cedo ou mais tarde, tudo dependendo, em grande parte, de nossa orientação, de nosso espírito de compreensão, o futuro da Humanidade.

Deus salve a América ! Deus abençôe o mundo !

Cristo nos ilumine.

E a vós, Srs., PAZ e LUZ.

* * *

As grandes conquistas do espírito não se realizam sem sacrifícios, boa vontade e perseverança. Estudai a vida dos santos que enriquecem a história da humanidade e vereis que êles se fizeram santos pelas virtudes que exercitaram, chegando a renunciar a própria vida em benefício dos semelhantes, como modêlos vivos da Verdade, de que Jesus foi arauto. Eles estão à destra de Deus recebendo o salário a que fizeram jús pelo seu trabalho desinteressado nos lucros materiais. Seguí-os, se quiserdes andar em dia com Deus. — CAIRBAR.

Reportagens Diversas do Plano Espiritual

Major Levino Cornélio Wischral

MUITO além do longínquo e austéro Urano existe um minúsculo asteróide que percorre, veloz e graciosamente, como apaixonado namorador de estrêlas, todos os astros do nosso sistema solar.

Toda vez que êsse gentil viajante cósmico, de imenso poder vibratório, se aproxima da aura de algum planeta, injeta nesse seu vizinho, doces fluídos de estímulo, beneficiando seus habitantes.

Dizem os espíritos dirigentes dêsse asteróide, que Jesus, governador do nosso sistêma solar, permite êsse ósculo de amizade e paz para acalentar os simples e humildes de coração que ascendem à estrada da perfeição através da dor e pelas lições do sofrimento.

Aproveitando a imensa vibração desse astro que se constitue tão só de matéria radiante, e, em virtude de sua propícia qualidade de visitador celeste da família estelar, deliberou a Divindade fixar nêle um pôsto de difusão para entendimentos mútuos entre êsse órgão de divulgação central e os espíritos que têm sob seus encargos a orientação de aglomerados humanos.

Dêste pôsto irradiam-se instrutivas notícias e as mais variadas sugestões a milhares de vigilantes do Bem, responsáveis pela evolução das criaturas. As transmissões são escutadas diretamente pelos espíritos, por mais distantes que estejam, dispensando qualquer aparêlho captador.

O pôsto emite notícias da vida de astros próximos, de sistemas planetários diferentes, de distantes galáxias, de mundos situados além de milhares de anos luz, de nascimento de corpos celestes, da transformação de outros, da criação diária de universos, notícias essas entremeadas das mais afetuosas sinfonias revelando o autêntico e sublime girar de miríades de astros e sóis, descrevendo cada qual a mais harmoniosa forma elíptica através do azulado e perfumoso éter sem fim.

De outras vezes é irradiado o concêrto simbolizando as primeiras palavras de encantamento manifestadas por esbelta flôr que desabrocha. Toda música celeste é concebida pelos espíritos, não apenas por suas doces notas musicais, porém, são os próprios sons que se transformam em lindos flócos de luz multicolor. Das belezas espaçais nem um milésimo conhecemos!

Além dessas melodias celestes, de notícias ilustrativas e de lições evangélicas, são irradiados detalhes a respeito dos nossos irmãos do sistema planetário. Dizem-nos da vida em Mercúrio, ouvimos referências do adiantamento espiritual em Venus, esclarecem-nos sôbre Marte, contam-nos da grande luz de Júpiter, do abafadiço Saturno, da vida psíquica de Netuno, etc.

E sôbre a pobre Terra que teriam irradiado ?

Exumemos das camadas etéreas, onde se acham indelèvelmente arquivadas as últimas notícias a nosso respeito.

Ouçamos, pois, uma pequenina amostra do que se divulgou, por intermédio daquêle irriquieto astrosinho.

Dizia o locutor do céu:

«Atenção, atenção, notícias da Terra:—Vemos com particular simpatia a peregrinação da imagem de N. S. de Fátima, através dos países daquêle orbe, não que aprovemos o emprêgo daquêles primitivos recursos que mais se identificam com a adoração de ídolos. Dentro da tremenda confusão reinante, esta é uma oportunidade para o povo se lembrar de Deus abrindo seus conturbados corações ao influxo benéfico das palavras que se fazem ouvir do alto dos púlpitos, mórmente as do «amai-vos uns aos outros, sem restrições», vejam «sem restrições» dito irrefletidamente algumas vezes por um ou outro reverendo. Durante a absorção da hóstia, enquanto corações sinceros procuram realmente entrelaçar-se com o Pai, notamos alegres, uma vibração tão pura cujo efeito chega a inflamar o próprio ar ambiente produzindo um clarão espiritual, invisível ao povo e que se irradia por quilómetros ao redor do templo. Pesarosamente observamos, porém, terminado êsse colóquio amoroso, tudo se obscurece novamente. Se os homens de lá soubessem que êsse clarão ilumina a milhares de desencarnados mergulhados nas trevas, temos certeza, procurariam conservar êsse tão raro, quão maravilhoso, clima de amor.

Dirigentes espirituais do planeta Terra! a irmã Maria, angélica mãe de Jesus, pede que inspireis aos praticantes de todas as religiões para que afastem quaisquer vaidades, presunções, pompas e luxo relacionados com a devoção sagrada. E' ela quem lhes diz: sempre andei descalça ou em sandálias de corda quando na Palestina; não possuo coroa, nem nunca pensei noutra que não fosse a coroa de espinhos de meu filho Jesus.»

Soou agora a «Ave Maria» para depois ser irradiado o seguinte: — «Espíritos superiores, a Divindade vos agradece, pois os vossos esforços foram premiados; referimo-nos a inspiração transmitida de que resultou a filmagem de «Sinhá-Moça». Alguns dos vossos médiuns assistindo a êsse filme notaram a presença, naquelas casas de diversão, de compactas falanges de espíritos sofredores. Fluidicamente transformaram as salas de projeção em sessões espíritas e pudemos observar o abençoado desfecho, quando desumanos mercadores de escravos e perversos fazendeiros, ainda em indiscritíveis padecimentos, recebiam o samaritano amparo e o balsâmico remédio justamente daqueles escravos, os bons pretos velhos, de coração luminoso, em troca de ferozes crimes e humilhantes tratamentos recebidos. Graças a Deus, essa mancha no Brasil apagou-se com «Sinhá Moça»; choramos de alegria!»

Tristes sons irradiavam desta vez a marcha fúnebre de Chopin; opresso falou o locutor: — «Infelizes habitantes do planeta Terra! Deus vos deu através das mãos de Moisés há milhares de anos passados a tábua dos seus mandamentos. O «não matarás» aí figura em destaque. Ainda hoje, decorridos 3.510 anos, os homens pseudo civilizados e intelectuais, trucidam e sangram seus semelhantes. Fazem-no em nome de Deus ou invocam preceitos de leis mais bárbaras que as de talião. Sim, referimo-nos ao premeditado e frio assassinato, determinado pela justiça terrestre do casal Rosenberg, amarrado com refinado requinte de bestialidade à maldita cadeira elétrica de Sing-Sing. Desprezando deliberadamente outros recursos condenatórios mais humanos, preferiram os homens assistir imperturbáveis ao choque que transformou aqueles condenados em instantânea tocha de coloração vermelho-vivo desprendendo acre e repugnante emanação de carne queimada. Não existem configurações adequadas com que se pudesse descrever aquelas fisionomias retalhadas pelos estertores finais de imensa dor.

Daquí observamos que as exalações cadavéricas atraíram para a câmara da morte uma chusma de espíritos esfomeados, tipo vampiro, que se lançaram com avidez e ímpeto sôbre aqueles dois corpos, sugando-lhes as últimas energias vitais, ainda quentes.

Em sinal de luto, a aura da Terra mostrou-se aos demais planetas, sulcada de largas tarjas pretas. Robert e Michael, filhos do casal Rosenberg, diáriamente ainda esperam, à soleira da porta, pela volta de seus pais».

Depois de um extático «Agnus Dei» falou o locutor:

«O preparativo para o futuro período áureo do vosso orbe, — (ano 2.000) — processa-se a custo de dor e sofrimento, como aliás qualquer criatura desejosa de elevar-se encontra grandes obstáculos. O amadurecimento da Terra, infelizmente apenas em relação à sua idade geológica, necessita de uma transformação — urge melhorar de categoria. Para tanto serão os maus exilados para mundos em formação; os bons permanecerão para melhor ainda progredirem sem os entraves das doenças, das maldades e das durezas climatéricas; não mais serão necessários hospitais, cárceres, asilos, e, pela primeira vez, reinará nos corações humanos o «amai-vos uns aos outros».

A Divindade já está separando o joio do trigo. Cada qual se mostra como realmente é, a incompreensão impera e o ranger dos dentes aí está. O mundo material também está convulso; o grande Amazonas transforma-se em oceano; as sêcas catalogam desertos novos. No Mediterrâneo submergem ilhas levando cidades no seu bôjo. A Bélgica, a Holanda e a Inglaterra são impetuosamente inundadas pelo mar. Nascem vulcões vomitando fogo e fumo; na Grécia pavorosos terremotos tudo arrazam e nivelam, enquanto se abrem medonhas brechas no solo. As montanhas racham fragorosamente ao meio e o lodo recobre cidades e campinas. A confusão é apocalíptica; a peste e as catástrofes violentamente desencarnam, em fração de minutos, milhares de pessoas conduzidas para êsses locais por desígno do Alto.

Esta é a herança que nos transmite o preparativo lento da mecânica celeste que se esforça para desinclinar o eixo terrestre afim de ajustá-lo à exata e correta posição vertical. E' quando a humanidade terá o ansiado paraíso. A auréola da Terra transformar-se-á então, de cinzenta que é, em belissima cor azul, símbolo de alta espiritualidade».

Após curto trecho musical o locutor amigo anunciou para finalizar suas transmissões — Notícias relampago e sem comentários :

«Enquanto em 1952 o circunspecto e conservador parlamento britânico reconhecia o espiritismo como religião, o religioso congresso eucarístico de 1953, realizado em Belém do Pará, tendo à frente três cardiais e mais de cincoenta arcebispos e bispos resolveu condenar o espiritismo e punir os que nêle acreditarem».

E eis a última nota :

«Vindos de Venus, Júpiter e Urano estiveram presentes irmãos de grande elevação espiritual quando da assinatura, em Julho 953, do armistício na Coréia. Maravilhosa foi a comemoração no espaço onde pudemos distinguir : Francisco de Assis, Ghandi, Roosevelt, Caxias e outros que se felicitavam com extensa legião de mortos naquela guerra. No plano espiritual a cerimônia finalizou com uma revoada de milhares de pombos, conduzindo em seus bicos o característico ramo de louro para ser depositado, como prêmio, sôbre a fronte dos que estimularam essa vitória». Eis o que dizem de nós.

As almas felizes de outros mundos circunvizinhos costumam dizer entristecidos : — Como póde existir planeta tão atrazado ? e cheios de boa vontade acrescentam : — Oremos por êles !

Contra Fatos...

VIII

Duas meninas de 13 anos, mais ou menos, e um menino viram, por uma tarde de verão, uma figura de mulher vestida de branco flutuando no ar a uns 10 pés acima do solo. O cavalo do veículo que os conduzia estacou amedrontado.

(Phant. of the Living).

IX

Há o caso de uma irmã vendo e ouvindo na cozinha de sua casa, na Inglaterra, um irmão oficial de marinha que estava na Australia. Êle trajava uniforme, estava gotejante de água, e desapareceu momentos depois. A' mesma hora êste irmão a milhares de leguas estava quasi morrendo afogado como poude ser verificado depois.

(Phant. of the Living).

X

Há outro caso da moça vendo entrar de noite, em seu quarto, seu noivo que estava em viagem. Chegou-se vivamente, à donzela e antes que esta pudesse esquivar-se, êle pregou-lhe um beijo na testa. A jovem ergueu-se ofendida e ia exprobar-lhe o atrevimento, quando a visão instantâneamente sumiu-se. A' mesma hora, o noivo em ponto distante sofria uma perigosa queda de cavalo.

(Phant. of the Living).

— O Espiritismo avança assombrosamente, porque êle é, na verdade, a missiva divina dirigida a todas as criaturas da terra.

Os fenômenos espíritas são a confirmação dessa verdade, e nenhum ser humano lhe poderá por um dique, no seu curso arrebatador.

Os seus opositores incorrem em erro grave, e perdem um tempo que lhe virá, mais cêdo ou mais tarde, fazer compreender que inutilizaram uma existência inteira, sem nenhum proveito próprio.

As diversas espécies de mediunidades de que se utilizam os seres desencarnados, são os meios de que Deus se serve para mostrar aos homens que existem leis de sua criação, que vêem constatar a nossa imortalidade e a sua real existência.

Spàrtaco Banal.

(Conclusão).

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

As leis que regem a vida do espírito, do Macrocosmos como do Microcosmos, por serem imutáveis, constituem a estrutura do eterno Presente.

Neste planeta que habitamos, o dia e a noite, o cíclo solsticial com as suas quatro estações: primavera — verão — outono e inverno —, os quatro primordiais elementos da vida terráquea : terra — água — fôgo e o ar ; as quatro fases de existência humana : infância — juventude — adolescência e velhice ; o nascimento e morte ; tudo quanto a Natureza encerra de carácter perpétuo ; até a repetição da História da humanidade, comprova a teoria do eterno Presente.

A História repete-se principalmente porque os mesmos indivíduos reincarnados, só por si ou comandados por outros desincarnados, da mesma igualha, reproduzem — na sua época — quase os mesmos pensamentos, repetem quase as mesmas ações de antanho ; e não admira que se repita também os mesmos êrros porquanto se repete e se alternam as mesmas experiências no curso evolutivo da humanidade.

Assim como na escola primária — ano após ano lectivo — se dão as mesmas lições e quase os mesmos êrros, assim neste planeta que é verdadeiramente uma escola primária no curso evolutivo da alma humana, também — geração após geração — se repete as mesmas experiências que resultam, por vezes, insucessos verdadeiramente trágicos iguais aos do longínquo passado : em cada época ressurgem os mesmos vícios e reaparecem as mesmas virtudes estas produto já da experiência feita, e aquêles, efeitos restritos da ignorância.

As tendências inatas autênticos reflexos de um passado latente na subconsciência de cada um de nós, os hábitos ancestrais e os velhos costumes familiares, a conservação dos preconceitos tradicionais, as constantes formalidades das diversas cerimônias sociais : laicas, religiosas e políticas, e ainda porque : — por fôrça da Lei de Causalidade — tanto os indivíduos como os povos, colherão — impreterivelmente — os frutos dos seus procedimentos ; e tudo isso faz com que a História se repita, tanto mais quanto é certo que a Justiça imanente das leis que regem a vida do espírito, nos corrige em idênticas circunstâncias dos delitos cometidos por muito antigos que êles sejam. Sendo os efeitos da natureza das causas, por mais afastados que êles lhes sucedam serão sempre idênticos; e assim os efeitos do procedimento individual e colectivo, quando quer que sucedam, êles serão sempre idênticos às suas próprias causas, como também serão idênticas as circunstâncias que facilitaram tal procedimento, àquelas que hão-de facilitar a eclosão dos efeitos.

Certo: sómente em idênticas circunstâncias, se póde aprender com aproveitamento, pela correção sofrida, a incorreção cometida.

Certíssimo: *assim como fizermos, assim acharemos* por fôrça da Lei de Causalidade a cuja justiça imanente ninguém escapará quando as circunstâncias se combinarem para que ela se exerça; e assim se repete a História e se confirma a teoria do eterno Presente.

Porto, 26/8/53.

A DIVINDADE DE JESUS

MARIO CAVALCANTI DE MELLO

O ilustrado Padre Dr. Frei Boaventura Kloppenburg não encara com bons olhos o fato de virem os espíritas pela imprensa esclarecer os seus pontos doutrinários. Taxa-nos de intolerantes, confundindo, desta forma, intolerância com esclarecimento.

Quando se refere à concepção que Kardec tinha sôbre o Cristo, dá a entender às suas ovelhas que o codificador da doutrina dos Espíritos é um homem inseguro em seus argumentos, não é capaz de convencer a quem quer que seja, e então, se apresenta o nosso teólogo como um pontífice máximo a afirmar, apenas, sem nunca provar, que Jesus é Deus.

Ora, senhores católicos, apostólicos, romanos, nada mais fácil do que ler o que diz Kardec em «Obras Póstumas» e comparar com o que escreve Frei Boaventura na *Revista Eclesiástica Brasileira* de setembro dêste ano.

Léon Hyppolite prova à farta com os Evangelhos que Jesus não é Deus, ao contrário do que assegura o professor de Teologia Dogmática, que afirma que Jesus é Deus e não consegue prová-lo.

Em tudo o que está escrito na citada revista, há, apenas, uma coisa verdadeira: o espírita não aceita a divindade de Cristo. Mas se não a aceita não é pelo simples desejo de rejeitar tal teoria e sim estribados que estamos nas próprias palavras do grande mestre.

Estão conosco todos os filósofos da antiguidade, os judeus, os maometanos, etc., que pensam como nós, isto é, que a idéia de um Deus homem é simplesmente monstruosa; que a distância do Criador ao homem é infinita, e que é impossível que o Sêr infinito, imenso, eterno, pudesse encarnar em um corpo perecível. Eusébio, bispo de Cesaréa, em sua «História Eclesiástica», livro I. C. XI, considera um absurdo que a natureza não engendrada, imutável, do Deus todo poderoso, tomasse a forma de um homem. Os Pais da Igreja, Justino e Tertuliano, disseram a mesma coisa: o primeiro em seu Diálogo com Tryphon e o último em seu discurso contra Praxéas.

São Paulo nunca chamou Jesus Cristo de Deus e muitas vêzes o chamou de homem.

Há quem afirme que os católicos passaram três séculos para formar pouco a pouco a apoteose de Jesus e que, se ergueram êsse edifício assombroso, foi com o exemplo dos pagãos que costumavam divinizar os homens.

O espírita encara Jesus como um Messias, como um homem de inspiração divina, ou como a mais perfeita criatura de Deus baixada à Terra.

Em tempos já bem distantes, davase a Jesus, apenas, um lugar acima dos anjos; e quem assim o faz é o grande apóstolo Paulo, tão citado pelo eminente Reverendo :

> *«Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que êles». (Ep. aos Hebreus, V, 4).*

E assim foram lentamente elevando Jesus até que o igualaram a Deus.

Eram comuns expressões como estas, na bôca do Cristo : *«Aquêle que me enviou».*

Se Jesus fôsse Deus, em realidade, falaria em seu próprio nome e não se dizia um enviado, o que implica subordinação e dualidade ao mesmo tempo.

«Eu não vim de motu próprio, mas foi Êle que me enviou». Será isto uma expressão de igualdade entre Jesus e Deus?

> *«Ora, eu vos declaro que todo o que me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará ante os anjos dos Céus;*
>
> *«O que porém me negar diante dos homens, também será negado na presença dos anjos de Deus». (Lucas, XII, 8 e 9).*
>
> *«Porque se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dêle, quando vier na sua magestade; e na de seu Pai e santos anjos». (Lucas, IX, 26).*

Jesus nestes versículos nos dá a entender que não só não é igual a Deus, como, ainda, inferior aos santos anjos.

> *«Já tendes ouvido que eu vos disse: Eu vou, e venho a vós. Se vós me amais, certamente haveis de folgar que eu vá para o Pai, porque o Pai é maior do que eu». (João, XIV, 28).*

Como vê, Frei Boaventura, é o próprio Cristo que afirma que o Pai é maior do que êle e, consequentemente, que não é seu igual. Ora, se Jesus faz uma afirmativa categórica desta natureza, é lógico, que crentes em Jesus como o somos, prefiramos ficar com êle a ficar com o ilustrado teólogo.

Que nos dê o erudito professor de Teologia Dogmática uma explicação para esta passagem de João, o discípulo amado:

> *«Porque eu desci do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou». (João, VI, 38).*
>
> *«Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma.....» (João, V, 30).*

Como está demonstrado, há uma razão forte que nos impele à rejeição do dogma católico da divindade de Cristo. Muito mais teriamos a dizer e foi o que Kardec fez, exgotando o assunto. Mas, fiquemos por aquí.

Apelamos para a generosidade dêsse sábio professor de Teologia para que não tome esta nossa explicação como um ato de intolerância de nossa parte. Se os católicos, hoje, cogitam de se congregar em tôrno da idéia fixa de combate ao Espiritismo, não é demais que nós, que nunca procedemos desta forma para com os nossos irmãos católicos, saiamos à liça para defender-nos.

O direito de defesa é assegurado em todas as legislações, e não é considerado por ninguém, de mente sadia, um ato de intolerância. Seriamos intolerantes se pretendêssemos impôr à fôrça as nossas convicções. Mas, felizmente, estamos livres da pecha de havermos queimado os «heréticos» de nossa doutrina. Nunca, de nosso meio, se ergueu qualquèr tribunal que, se antecipando à justiça divina, pretendesse julgar aquêles que de nós divergissem em matéria de fé religiosa. A nossa intolerância nunca chegou a ponto de excomungar os nossos semelhantes, porque assim estariamos contradizendo o Cristo, que mandou que perdoassemos setenta vezes sete vezes aos nossos inimigos e por êles orassemos.

O Espiritismo nunca teve a pretenção e nunca apregoou que só êle era capaz de salvar a humanidade. Somos daqueles que pensam com o Cristo quando diz : *«Muitos caminhos nos levam à casa do Pai»* e *«A cada um segundo as suas obras».* Nunca Jesus pronunciou a palavra condenação para os que desconhecessem suas idéias. Em nosso consenso ninguém se salva pelo rótulo de espírita, ou de católico ou de protestante. A salvação do homem está condicionada à natureza ou à qualidade de suas ações. O que afirmamos é que não há doutrina que console mais do que a nossa, em que o sentimento de justiça divina esteja tão bem explicado, tão de acôrdo com a lógica ou a razão.

O direito de pensar e de dizer é o

que de mais sagrado existe em nós; mas o fato da humanidade não pensar de modo igual não significa que os homens devam viver desunidos.

Não somos espíritas porque desejemos combater o catolicismo ou outra qualquer religião. Seria uma razão muito pobre. Se somos espíritas é porque a nossa compreensão nos levou para o Espiritismo, como um caminho mais certo e mais seguro.

O que seria de Frei Boaventura se toda a humanidade fôsse, conforme é seu desejo, católica, apostólica, romana? Seria vossa Reverendissima professor de Teologia Dogmática? Teria o erudito mestre a oportunidade de exercer o seu pontificado, na luta de converter criaturas, já convertidas?

Em vez, caro irmão, dessa teologia que pouco significa, que subordina a vontade de Deus a vontade dos homens, deve-se ensinar a moral sadia, o amor ao semelhante, a prática da caridade, revelando Deus pelas suas obras maravilhosas e pela grandeza harmônica de suas leis imutáveis e não a desarmonia como está tentando ostensivamente o clero católico, procurando oprimir as consciências e reviver o fanatismo medieval.

Niterói, 9/10/1953.

LIVROS e AUTORES — Leopoldo Machado

AS TRÊS REVELAÇÕES PARA CRIANÇAS — *M. Amelia Anhaia Ferraz,* S. Paulo.

Na dedicatória, pôs a jovem autora — porque o volume só póde ser obra de um talento jovem e entusiasta — a letra esparramada por toda a página: «Para que o prof. Leopoldo Machado possa ver, mais uma vez, impressa a Canção da Alegria Cristã».

Só por isso?

Seria, então, o caso de nem passarmos da dedicatória. Sinão, abrirmos o livro á pág. 91, fecharmo-lo depois, e agradecermos a jovem autora a dupla gentileza: a inclusão da Alegria Cristã no livro e a sua dedicatória, oferecendo-nos o volume.

Passamos, porém, adiante.

Lemos todo o volume.

Já tivemos a veleidade de elaborar um compêndio para as crianças espíritas. E baseado, exatamente, nas três revelações, a de Moisés, a do Cristo, o Espiritismo. Não chegamos, entretanto a publicar. E fizemos bem. Não teria o mesmo mérito do compêndio da M. Amelia Anhaia. A obra do moço para a criança, afigura-se-nos com maior mérito. Por isso mesmo, quando andamos por aí animando moços, para se arregimentarem em congressos e para o grande Congresso, uma das coisas que mais nos preocuparam foi, exatamente, colocar o moço entre o mais velho e a criança, no santo labor de escrever e falar para as crianças.

O livro consta de 26 capítulos, ou melhor, de 26 aulas, com partes distintas para o professor e para o aluno e 18 declamações.

E' trabalho muito bem apresentado graficamente, que há de colimar, por fôrça, o alto objetivo que o inspirou. Principalmente, sendo a autora um espírito jovem, mas, muito bem equilibrado, dosado de boa cultura e excelente discernimento dentro das coisas do Evangelho e da Doutrina Espírita.

Parabens, pois, aos jovens e ás crianças espíritas de S. Paulo, á autora e até... a nós mesmos, de vez que já estamos vendo, com muita simpatia e felicidade, o movimento jovem se espalhando por aí afora, proveitosamente, quer reconheçam no autor destas linhas algum mérito para o que está acontecendo, que lhe neguem tudo. O principal é que os moços estudem, sintam a Doutrina, se arregimentem dentro do Espiritismo e trabalhem, para fazerem, de futuro ou imediatamente, mais e melhor do que nós, que já passamos, fizemos.

—

HORA DO CREPÚSCULO — *Emiliana Delminda,* Santos.

Foi num livro de crônicas do grande poeta Luiz Carlos, que lemos era o prefácio uma escada posta à parede de uma construção.

Para ajudar a construção?

Ou para tirar-lhe qualquer mérito? O HORA DO CREPÚSCULO tem três escadas postas a sua parede.

Uma, aliás, posta por nós, que não dá nenhum mérito à obra.

Os outros prefácios, do sr. Ulisses Diniz, de S. Paulo, e de Agnelo Morato, bom e grande amigo de Franca, E. S. Paulo. Ambos, na verdade bem mais substanciosos do que o nosso. Se êles, portanto, não emprestarem valor e mérito ao trabalho da grande poetisa espiritualista . . .

Vale, porém, salientar que não pusemos ali o prefácio como crítico, mas como um irmão e admirador da autora.

HORA DO CREPÚSCULO, aliás, título que ajudamos a encontrar, um edifício de 17 cômodos, que são os contos, as crônicas e dissertações que compõem o livro, leitura utilíssima aos moços, principalmente. O trabalho gráfico honra e muito as oficinas da NOVA ERA, de de Franca.

Que o HORA DO CREPÚSCULO, talvez o *canto de cisne* de sua eminente autora, logre a finalidade para que foi editado, eis o que auguramos sinceramente.

O ENSINO DO ESPIRITISMO EM CURSOS REGULARES

(Contribuição do CENTRO ESPÍRITA 18 DE ABRIL, do Rio de Janeiro, ao III.° Congresso Espírita Pan-Americano, em Havana, Cuba, de 3 a 12 de outubro de 1953).

Atendendo, com muito prazer, à solicitação do estimado Irmão Miguel Santiesteban, o CENTRO ESPÍRITA 18 DE ABRIL envia ao III.° Congresso Espírita Pan-Americano, em Havana, a presente contribuição relativa ao *ensino do Espiritismo pelo método didático*. O Centro Espírita 18 de abril foi fundado para estudar o Espiritismo de acôrdo com a Codificação de Allan Kardec (art. I.° de seu estatuto). Allan Kardec foi o primeiro a prever a necessidade do estudo regular do Espiritismo em curso sistematizado. Em *Obras Póstumas*, na parte relativa à organização do Espiritismo, Allan Kardec, como se sabe, trata diretamente do ensino da doutrina. Isto quer dizer, portanto, que a doutrina espírita, como qualquer outro ramo de conhecimento, pode ser *ensinado* didaticamente, desde que haja, para isso, um método adequado à natureza da doutrina espírita.

Cabe dizer, logo de início, que a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos é a entidade pioneira do ensino do Espiritismo em curso regular no Brasil. Por indicação da Liga Espírita do Distrito Federal, que se denominava então Liga Espírita do Brasil, quando se fundou a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, foi escolhido o coronel Delfino Ferreira para ministrar, na referida Faculdade, a cadeira de Espiritismo, apesar do espanto que causou a muitas pessoas e das censuras que provocou o fato de, pela primeira vez, se criar um curso regular de Espiritismo. Algumas pessoas chegaram mesmo a dizer que «Espiritismo não se ensina» . . . A experiência, porém, está demonstrando que é necessário *ensinar* a doutrina espírita através de cursos regulares, já previstos por Allan Kardec desde o século passado. O Centro Espírita 18 de Abril, que adota o método didático em seus estudos doutrinários desde a sua fundação, em 1946, inspirou-se no programa da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e segue, desde os seus primeiros momentos, a orientação de Allan Kardec, contida no projeto de 1868, em *Obras Póstumas*.

II

Do método a ser adotado no ensino do Espiritismo

Os métodos de ensino, como se sabe, variam de acôrdo com as disciplinas. E' claro que, na parte doutrinária ou teórica do Espiritismo, não se póde adotar o método didático da *geografia*, da *história*, por exemplo, com absoluta exatidão, porque a doutrina espírita, pela sua complexidade e origem, exige metódo especial. Apesar disto, porém, há certos princípios de didática geral que tanto podem ser empregados no ensino do Espiritismo como no de qualquer outra disciplina. Não se vai daí concluir que se deva ensinar Espiritismo como se ensina qualquer matéria de Ginásio ou de

Faculdade. Nos próprios currículos escolares — tanto secundários como superiores — há matérias que comportam sistematização toda especial.

De qualquer fórma, porém, os cursos de Espiritismo podem ser organizados e ministrados sob uma orientação pedagógica em que se aplique uma didática especialmente adequada à doutrina espírita. Situação semelhante é a que se verifica nos cursos oficiais ou particulares: nem sempre é possivel aplicar o mesmo método para todas as disciplinas. Daí a existência da didática geral e didática especial ou particular. Quem ensina, por exemplo, história da civilização, lida com fatos históricos, monumentos, etc., ao passo que quem vai ensinar, suponhamos, uma disciplina transcedental como metafísica, que depende de raciocínio e de certos conceitos puramente gerais, porque o assunto é muito abstrato, não póde empregar o mesmo método.

Para cada disciplina, portanto, um método apropriado. Se, na parte teórica, o ensino do Espiritismo, para ser eficiente e proveitoso, depende de método especial, na parte prática ou experimental, também se faz necessário um método que corresponda à natureza do fenômeno espírita e à própria esquematização do Espiritismo. Não se póde aplicar, por exemplo, na parte experimental do Espiritismo, o método que se aplica em física com o mesmo rigor, com a mesma fixidez de regras gerais porque o Espirilismo se ocupa de um tipo de fenômenos inteiramente diferentes dos fenômenos de física, da química ou de qualquer outra ciência positiva. Logo, na teoria como na prática, o Espiritismo comporta e exige métodos adequados. Nem por isso se póde ou deve dizer que não é possivel ensinar Espiritismo. E' exagero, tanto mais que o próprio Allan Kardec, como especialista em assuntos pedagógicos, com o seu longo e brilhante tirocinio de professor, imprimiu cunho didático a orientação das obras básicas do Espiritismo e, como já foi dito, preconizou a instituição de um curso regular para ensinar o Espiritismo e «formar adeptos esclarecidos». Tudo depende, porém, do método a ser adaptado ao Espiritismo. A' luz dêste raciocínio, chegamos à conclusão de que se póde e deve ensinar o Espiritismo em cursos especiais. A experiência que o diga. Já existem hoje, no Brasil, diversos cursos de Espiritismo, tanto para crianças como para adultos. Um dêsses cursos, com método inteiramente pedagógico, é o do professor José Jorge, adotado com indiscutivel proveito no Departamento da Juventude da Liga Espírita do Distrito Federal. Se, por um lado, é possivel, por outro lado, é necessário ministrar sistematicamente o ensino do Espiritismo, para que haja melhor compreensão e interpretação da doutrina. Por assim entender, vem o Centro Espírita «18 de Abril» procurando, como lhe é possivel, expôr e interpretar a doutrina espírita por meio de preleções didáticas, com ilustrações no quadro negro e outros recursos práticos aconselhados pelas circunstâncias.

III

Das vantagens do ensino do Espiritismo

O ensino regular de uma doutrina, seja ela qual fôr, tem a grande vantagem de evitar que se formem noções falsas acêrca dessa doutrina. O estudo ocasional, isto é, o estudo feito no momento, sem preparação prévia, embora não deixe de ser interessante, até certo ponto, porque desperta interêsse pelos temas estudados ou discutidos, torna-se insuficiente, porque não dá, na realidade, a necessária visão de conjunto, uma vez que não forma propriamente encadeamento dos assuntos.

Há muitas pessoas que, não tendo tempo suficiente para estudar a doutrina regularmente, adquirem noções apenas esparsas ou conhecimentos avulsos, sem coordenação e sem nexo; e, assim, não podem formar um lastro capaz de dar o discernimento necessário a respeito de certas questões básicas do Espiritismo. Há mesmo pessôas que são *crentes*, porque acreditam nos *espíritos*, mas não sabem quais são os verdadeiros fundamentos do Espiritismo, principalmente em relação as consequências morais que decorrem da qualidade de espírita. Nem todos os que se dizem espiritas sabem quais são os princípios em que se assenta a UNIDADE da doutrina, segundo o pensamento de Allan Kardec. Tais lacunas, como se vê, justificam indiscutivelmente a criação de cursos regulares das sociedades espíritas.

Sobreleva ainda outro problema, digno de observação e cuidados especiais : *a falta de estudo regular da doutrina conduz muitas pessoas, geralmente bem intencionadas, a dúvidas e vacilações que redundam na confusão do Espiritismo com práticas religiosas inteiramente destituidas de relação com a verdadeira prática espírita ou mesmo com doutrinas que, pela sua filosofia, se chocam, no fundo, com o Espiritismo.*

Convém acentuar, todavia, que o estudo regular do Espiritismo não deve descambar para o puro intelectualismo ou para a simples indagação filosófica, nem para a experimentação fenomenológica sem conteúdo objetivo, sem resultados práticos. Em que consistem êsses resultados práticos ? Em primeiro lugar, na renovação da mentalidade do adepto, o qual, em consequência do próprio estudo inteligente de doutrina, vai substituindo atitudes absoletas, como o «medo de Deus», o temor das «penas eternas», o receio do pecado e da má sorte, a crendice e a superstição, pela confiança em Deus e em si mesmo. Em segundo lugar pela influência que a doutrina vai exercendo no homem, com relação a sua vida moral, sem o que o conhecimento do Espiritismo seria simplesmente teórico, sem efeitos diretos nos atos humanos. O objetivo principal do estudo regular do Espiritismo é, como se vê, despertar em cada um a noção de responsabilidade, operar a necessária senão indispensável reforma de caráter para, em última análise, tornar o *homem melhor.*

Podemos, portanto, colocar o problema nestes termos :

a) Nem o fanatismo, nem a religiosidade ou qualquer outra fórma de exclusivismo sectário, porque a doutrina espírita exige ESTUDO, TRABALHO, LIVRE-EXAME e DISCERNIMENTO,

nem tampouco,

b) O excesso de preocupação intelectual ou científica, de base exclusivamente fenomenológica, sem preocupação elevada, sem o desejo de iluminação espiritual à luz do EVANGELHO.

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, *especulativo* e *normativo*. Especulativo, porque investiga, perquire, para SABER ; normativo porque não fica no conhecimento puro, visto como traça normas ao comportamento humano, determina padrões de vida na família, na sociedade, na política, na catédra etc. O *espirita,* em qualquer situação, deve proceder de acôrdo com as normas morais da doutrina. Nunca se póde perder de vista o aspecto normativo da doutrina. Tem sido esta a orientação do Centro Espírita «18 de Abril».

(Conclúe no próximo número).

A Volta á Vida

(Uma página da vida real)

Por Afonso Depascale — Trad. Antonio Castanheira de Moura — De «Revista de Metapsicologia»

MINHA irmã, ao cair por umas escadas, sofreu a fratura do crânio. Embora a fratura sofrida nos trouxesse grandes preocupações, estas, porém, ainda mais se agravavam dado o fato dela possuir um coração muito débil, para o que muito contribuiu a sua vida agitada, causa de amarguras e sofrimentos.

Assim, a crise agora sofrida apresentou-se ameaçadora e, ao cair a noite do quinto dia, os sintomas eram alarmantes, inequívocos, como indicativos de um próximo desenlace.

Foi então, que começou a luta entre a vida e a morte ! Uma ou outra teria de sair vencedora.

A ciência, ia queimando os seus últimos cartuchos ; ora prodigalizando palavras de alento, ora esboçando gestos de perplexidade desconcertantes. Apesar de todos os esforços, a morte ia-se aproximando furtivamente do aposento da enfêrma ; estamos próximos da meia noite. Eu pressentia a sua presença, porque o seu hábito gelado já tinha passado pelas minhas faces, com violência e rudeza, prendendo-me o movimento das pernas, cortando-me igualmente a respiração.

A enfêrma também deu pela sua presença, pois cruzou comigo um olhar significativo.

Era certo que ela não a temia; no entanto, as separações são sempre dolorosas, jamais quando se perdem afectos e carinhos muito arreigados à nossa alma.

Não tardou, que a *Invisível* fizesse sentir os efeitos da sua indesejável presença. Eu não perdia de vista a enfêrma, esquadrinhando-lhe os olhos, vigiando a sua respiração; e vi que aqueles se iam afundando nas órbitas, orlando-se de negro; o seu peito arfava, num ritmo cada vez mais acelerado. Auscultei o seu coração, e senti como que o rufar de tambores.

Pouco a pouco as feições da enfêrma pareciam que se transformavam, tomando as características inconfundíveis dos moribundos; seus olhos orlaram-se ainda mais de negro e o nariz mais se afilou; os lábios tornaram-se violáceos e o corpo pareceu torcer-se, tomando a rigidês das coisas mortas. Assim começava o estado agônico; não obstante, a lucidez dos sentidos manifestava-se com clareza.

E falou, falou incansavelmente, incessantemente, durante três horas sem desfalecer—à parte ligeiros gemidos que o seu físico martirizado lhe arrancava — dando-nos sábios conselhos, através de palavras de carinhosa despedida. Foi como que um monólogo impressionante, que estivesse recitando a si própria, e para que aqueles que a escutavessem dêle tirassem bons e salutares proveitos.

Porém, não era dela aquela voz, nem era aquêle o seu semblante. Estava-se, manifestamente, perante um estado de emancipação quasi total, com percepção alternada, dêste mundo e do outro. No quarto reinava um religioso e impressionante silêncio, sómente interrompido — de vez em quando — por alguns mal repremidos soluços dos seus amigos mais sensíveis. Nêsse silêncio, na voz da moribunda já nada de humano existia, pois vibrava, em sua substituição, a serena gravidade dos espíritos libertos.

As suas palavras eram intercaladas por pausas fugazes, as quais pareciam infundir maior vigor às expressões que correspondiam ao esforço da sua férrea vontade, que era sómente um débil fio que ainda ligava o seu espírito à matéria, o qual, não obstante, ainda não se quebrara definitivamente, assim permitindo manter a sua conversação.

Eu tinha posto a minha mão sôbre a sua, no propósito de a retirar, sómente quando chegasse a hora final. Disse-lhe então algumas palavras de ânimo ao ouvido, no propósito de a conservar junto de mim por mais tempo, tendo recebido dela a sua alentadora promessa.

— A agonisante, fixando-me nos olhos, deu-me o seu acôrdo com gesto firme, pelo que o meu coração se impregnou de alegria agradecida, pois eu tinha a certeza de que minha irmã cumpriria.

— Seguidamente, disse-me:

— Duas vezes estive «ali» fóra, onde vão os mortos, e por duas vezes o vosso afeto me chamou novamente para aquí. Liberta-me, eu te peço! — Já vês que isto terminou: — deixa-me ir embora!

Novamente me inclinei sôbre o seu ouvido, para a não fatigar, e enqueri:

— Se estás de volta, porque não me dizes ainda alguma coisa?

— A enfêrma fechou os olhos e nada me respondeu.

— Eu insisti:

— Diz-me! Diz-me alguma coisa!

Silêncio prolongado, largo e ansioso espaço de espera, fato que me causou um estado de sofrimento que claramente manifestava no meu semblante.

— Acaso não me podes responder? ou não deves, ou não queres? — Diz-me ao menos, se estou enganado no que penso, ou no que pressinto?...

A intuição da enfêrma era surpreendente, assombrosa!

Ela leu-me o pensamento, tomando assim conhecimento das minhas idéias e, bem assim, das minhas convicções. Com voz pausada, respondeu-me: «não, não é um lugar: é sim um estado de consciência». Não, não me perguntes mais...

Parecia querer recolher-se no leito; porém, as suas fôrças não lhe davam para tanto, pois os pés, as pernas, os braços e metade do torax, já se encontravam sem vida.

O sopro gélido ia avançando, tomando posse dos órgãos, em busca do coração que, tal como o pássaro, encerrado em gaiola estreita, salta loucamente, golpeando-se contra as débeis grades, receando a iminência de se ver nas garras de uma ave de rapina, dada a sua frágil defesa.—Redobra loucamente os seus lamentos, parecendo querer soltar-se da sua frágil prisão, a fim de se escapar do irremediável.

A agonizante traduzia o seu estado

por forma magistral, com a seguinte imagem:

— «O meu coração é um pássaro louco, sedento de vida e liberdade. Dai-lhe liberdade!

Não o conservem mais na prisão onde se encontra encerrado, pois esta já não lhe serve, está destruída. Soltai-o!»

Seguiu-se o momento supremo e triste da despedida.

— «Meu filho, tenho sofrido muito, porque muito tenho amado. Não há amor, nem afeto, nem desejo do bem, sem dor. Com a dor, deve ser amassada a vida, para que esta nos dê os frutos e proveito. Amai todos os seres, porque todos somos iguais. Sede generosos, altruistas, humildes com todos. Eu tenho tratado os humildes com a mesma bondade, com os quais tenho estado em contacto, como igualmente tratei os grandes e os poderosos da Terra. Por isso me retiro desta vida sem amargura, sem angústia, sem remorsos. Só tenho pena de os deixar assim por forma tão prematura, sem os poder ver encaminhados na vida; porém, nada temais; estarei sempre com todos vós, e cada vez que me chamardes, a vossa mãe fará sentir a sua presença, embora não empregue a sua voz material. Eu atuarei em vós pelo pensamento, com o meu conselho... Não choreis; sede fortes! Pensai que esta separação é momentânea; um dia voltaremos a reunir-mo-nos todos, e então seremos mais felizes. Tomai o que vos digo, como certo!

*

O coração ia-se apagando lentamente. O médico chamado, pela terceira vez no decurso dessa noite interminável, já não tinha armas com que defender a enfêrma contra o assalto da morte, que era irresistível.

Ainda que tivesse assistido ao fenômeno acima descrito, êle não o compreendeu (não o podia compreender); porém, o fenômeno de que tinha sido — em parte — testemunha muda, deixara-o atônito. A ciência ainda ignora o que é o desprendimento periespiritual e, por conseguinte como que num estado de semi-desdobramento, e assim; sentenciou: — *«Delirium cordis»* (Delírio do coração).

Em seguida, empapou um pano numa essência e deu-o a cheirar à moribunda. — Éter! — disse esta, e aspirou com força, para mitigar o doloroso sofrimento provocado pela asfixia.

Quís despedir-se do médico e beijou a sua mão, agradecida pelo alivio que lhe proporcionara, e ainda, pelos inúmeros esforços por êle dispendidos, embora inúteis.

O facultativo não pôde esconder a sua emoção, pelo que teve de enxugar uma lágrima rebelde.

E então, chamando-me de parte, disse-me:

— A minha presença aquí é completamente inútil, pois chegámos — fatalmente — ao fim. Já não tem pulso. Durará cinco a dez minutos mais. Chame-me logo que se dê o desenlace a fim de passar a respectiva certidão.

Acompanhei-o à porta, e ao regressar ao quarto onde a dor inenarrável se desenrolava, vi a minha irmã com a boca semi-aberta e os olhos vítreos dos mortos.

Murmurei então ao ouvido de minha esposa:

— *Consumatum est;* já partiu!

— E não podendo reagir contra a dor que me senti possuido, não pude conter o pranto.

Porém, a *Emancipada* pareceu fixar em mim o seu olhar. E então, acercando-me dela; senti que sibilava ao meu ouvido: —

— Não, meu querido irmão; eu ainda me encontro aquí! Aguardo a luz do dia, para então me retirar. Desejo-a ainda ver pela última vez.

Eram 4,30 da manhã.

E assim, inesperadamente, se prolongava essa agonia interminável, angustiosa, cheia de alternativas desconcertantes.

Dêste modo, todo o dia decorreu entre a materialidade da vida e o imaterial da morte. O seu poder de resistência à dor, atingiu os limites inconcebíveis, inesplicáveis, num organismo tão debilitado por uma lesão de caráter grave, em que o coração era vencido. Porém, ao cair da tarde, o estado agônico foi-se acentuando. Indubitavelmente, o fim tinha chegado!

Eu pedia, com todas as minhas forças, para que êsse pobre espírito pudesse deixar finalmente o seu invólucro carnal, para que terminasse a dor no seu pobre corpo martirizado.

Porém, e inesperadamente, surgiu a Salvadora, que tomou o meu lugar. Eu julguei que a médium vinha igualmente dizer o adeus à moribunda, pois pensei que ela tivesse tomado conhecimento da sua próxima partida para a eternidade...

Esta foi a minha interpretação ao ver a sua confusão, quando se propunha entrar no quarto da moribunda. Meu desejo era, porém, que me ajudasse mentalmente para que se efetuasse, sem maior sofrimento, o seu desprendimento definitivo. Quando, perdida toda a esperança, que outra coisa se póde desejar a um ser que nos é querido, senão que a sua partida seja o menos dolorosa possível?

O médium pareceu concentrar-se um instante; e, seguidamente, disse-me o que a minha razão já não podia admitir.

— *Não há morte.*

E, acercou-se da enfêrma; eram dois desconhecidos que se viam pela primeira vez—e, possivelmente pela última;—eu vi então que lhe colocava, suavemente, u'a mão sôbre o coração. E deu-se o inesperado, o incrível. Uma força surgiu e dominou — magnética? —espiritual? —que a ciência humana ainda não póde ou não quer admitir, cujas possibilidades ainda escapam à sua análise, por estar fóra dos seus conhecimentos, porém, cujos efeitos não podem, negar. O interessante, no entanto, não é relatar os factos e divagar sôbre as suas prováveis causas, mas sim observá-los e consultá-los. Uma coisa é falar, ou ouvir falar de um fenômeno, e outra é presenciá-lo.

— Cêdo agora a palavra à ex-moribunda:

«Ao tomar contacto com essa mão, experimentei, primeiramente, um grande alivio espiritual. Eu estava já separada do mundo e do ambiente que me rodeava—se bem que em nenhum momento tivesse perdido totalmente «meu contacto» com êle. Parecia encontrar-me fóra do meu corpo físico; eu via que as minhas pernas se alargavam consideravelmente, como se fossem duplas, quer dizer: delas saiam umas pernas de outras pernas. Contudo, eu não deixava de sofrer; tal sofrimento era como que a sensação de angústia, de asfixia, que não me é possível descrever. Pareceu-me, ao princípio, que, interiormente, partindo do ventre, subia uma bola, a qual ia avolumando-se sempre; essa bola rebentaria de um instante para o outro e, ao rebentar, então se daria a morte. Porém, êste fenômeno tardava bastante, o que me provocava como que um pesadelo obsecante. Parecia que um enorme torniquete de ferro flexivel e maleável, ia-me apertando todos os órgãos internos, incluindo os pulmões e o coração, faltando sómente mais um apertão—o último—para que eu me visse finalmente livre! — No entanto! quanta dor! quanto espasmo! nêsse contínuo apertar, apertar! Quanta crueldade nêsse torniquete, que parecia animado por uma pessoa viva!

Pois bem, bastou o contacto dessa mão, para mim desconhecida, para que logo após essa sensação surgisse uma serenidade espiritual, a qual ia acalmando suavemente o meu sofrimento. E então, pensei, «estou morrendo sem sofrer; assim morro feliz». Fechei os olhos e esperei o momento de os abrir já «fóra da vida», assim como, umas horas antes havia vislumbrado êsse novo estado de consciência. Vi, porém, com grande assombro, que, o que se operava em mim, não era a morte, mas sim outra vez a vida. Essa mão, dava-me calor e fôrça vital. Senti os seus efeitos no meu peito, e em seguida, em todo o meu organismo. Era como que um «sopro de vida» que se espalhava por todas as minhas veias, despertando os meus nervos, vigorizando os meus músculos, animando o meu semblante.

Havia-se produzido «o milagre» em poucos minutos. Abri bem os olhos e disse: «Estou bem, sinto-me bem». Sorri aos meus, ainda incrédula do que se estava passando.

Porém, o sorriso que igualmente animava o semblante dos que me rodeavam, acabou por me convencer da grande realidade. *Eu estava salva!*

No dia seguinte veio o facultativo e não pôde deixar de confessar o seu assombro ao constatar a *inesperada reação,* declarando que o caso se apresentava sob um aspecto inexplicável.

Estamos na presença de uma ressuscitada, — disse; e auscultou de novo o coração:

A lesão subsiste; no entanto julgo que é de caráter tratável. Aguardemos pois!

*

De fato cumpria agora à ciência realizar o resto. Nêste, como noutros casos, a ciência ignora a *fôrça* que foi posta em jogo para arrancar esta prêsa à morte; essa *fôrça* tem virtudes e póde ser superior às drogas e aos elementos químicos, e bem assim aos limitados recursos de laboratório; essa *fôrça* que, por ser de outra natureza, não faz parte da terapêutica clássica, esperando, porém, que algum dia — não muito longínquo — ela terá de se aliar a tal *fôrça*, usando-a naqueles casos, em que os conhecimentos do homem resultam impotentes, ou infrutuosos, como aquêle que acabamos de relatar, com o que muito ganhará a humanidade sofredora.

Da Revista *Constancia* de Buenos Aires.

Crônica Estrangeira

De «Samedi-Soir», Paris

(Mensagens de Conan Doyle)

O filho mais novo do escritor, Adriano, que presentemente sabe demonstrar certo humor, nunca graceja quando alude às relações que os seus continuam a manter com seu pai. E foi com o ar mais sério deste Mundo que êle fez, há pouco tempo, esta surpreendente declaração: «Para sua família, «sir» Arthur Conan Doyle não está morto». Nessa altura estava em Nova York, para assistir à inauguração de uma exposição Sherlock Holmes. Não se contentou em afirmar de novo que seu pai, depois da sua morte em 1930, comunica frequentemente com sua família, por intermédio de médiuns. Esforçou-se por demonstrar ao correspondente do nosso jornal que as suas mensagens provêem do Além e não do subconsciente daqueles que as recebem.

O caso da chave perdida

— Algumas das mensagens que temos recebido — precisa Adriano Conan Doyle — podem provir do nosso subconsciente. Existe sempre qualquer coisa que a ciência não póde explicar. Há, por exemplo, êste incidente a que poderia chamar-se «o caso da chave perdida».

Com efeito, a história é bastante curiosa.

Pouco depois da morte de «sir» Arthur, Lady Conan Doyle, Adriano e seu irmão Denis, receberam do «Conselho Ouija», com o qual estão em relações, uma mensagem proveniente, sem dúvida, de «sir» Arthur. Essa mensagem precisava que num futuro próximo o defunto daria a conhecer aos seus a sua presença, junto deles, por meio de um incidente material.

Pouco depois, a chave de uma fechadura que havia sido colocada na porta do gabinete de trabalho do falecido romancista, a fim de proteger os seus manuscritos e papeis de valor, desapareceu do saco de Lady Conan Doyle. Foram feitas pesquisas em toda a casa, mas inutilmente. Não foi possível encontrar em parte alguma a chave perdida.

Dias depois, Lady Conan Doyle recebeu pelo correio, expedida de Londres, a uma distância de 45 kms., uma encomenda postal, acompanhada destas palavras de um velho amigo da família:

«Acabo de viver uma experiência extraordinária. Não sei que pensar disto. A noite passada vi em sonho o nosso querido Arthur, que me disse: «Quando acordares procura debaixo do teu travesseiro e encontrarás lá uma chave. Envia-a a Jon e lembra-lhe que eu acabo de dar-lhe uma notícia bem clara de mim.

— No referido pacote encontrava-se a chave.

— Note agora — precisa Adriano Conan Doyle — que minha mãe não saíra de casa, depois da perda da chave. Além disso, ninguém estranho à sua família sabia que ela desaparecera e minha mãe não falava há muito tempo com aquêle nosso velho amigo.

Conan Doyle era um espírita e em vida assegurava que a morte jamais conseguiria separá-lo completamente da família.

O caso do eixo de direção

Outro incidente, que se poderia chamar «o caso do eixo de direção», parece indicar que «sir» Arthur continua a velar pela vida de seus filhos.

Poucos anos depois da morte de seu pai, Adriano e seu irmão Denis haviam resolvido participar com o seu Mercedes-Benz, na prova automobilística das 500 milhas que devia disputar-se em Brooklands. Pouco depois da sua inscrição, Denis recebeu um telefonema de um médium amador de Londres.

— Vi seu pai — disse o médium — a outra noite, e êle pediu-me para pôr-me em contacto com seus filhos, avisando-os de não participarem na prova, porque há qualquer coisa no automóvel que não está bem regulada.

Os dois irmãos riram da advertência. Em sua opinião, seu pai inquietava-se sem razão. O carro estava perfeitamente afinado. E, além disso, «sir» Arthur nunca tivera automóvel, para que compreendesse alguma coisa disso.

Alguns dias mais tarde, nova advertência : dessa vez, o médium anunciava que «sir» Arthur lhe tinha dito que a direção do Mercedes não estava afinada. O carro foi examinado, de novo, e rigorosamente ; mas os mecânicos não encontraram nada de anormal. Dois dias depois, novo aviso do Além, o mais estranho de todos, foi comunicado aos dois irmãos. Denis foi chamado ao telefone por um advogado novaiorquino, que êle não conhecia, e que lhe disse que, enquanto navegava em pleno Atlântico, sua mulher recebeu uma mensagem de «sir» Arthur, que lhe pediu :

— Quando desembarcar, telefone a meus filhos e diga-lhes para não tomarem parte na prova automobilística.

E o advogado, acrescentou :

— Isto quer dizer alguma coisa ?

Denis explicou de que se tratava. Então, o advogado declarou :

— Tudo o que posso dizer-lhe é que, se o senhor insiste em fazer essa prova, é porque está doido.

No dia seguinte, Denis e Adriano chegaram a Brooklands, no seu Mercedes. Vinte e quatro horas depois, Adriano fez experimentar o carro. Na estrada, tinham-lhe assinalado uma passagem perigosa, uma espécie de vale, com um talude de cada lado, que se chamava o *mergulho de Thomás*. Os carros que passavam nêsse ponto com velocidade, deixavam inevitávelmente o solo para só o tocarem cincoenta metros mais adiante. Quando o Mercedes dos Conan Doyle transpôs êsse ponto, «flutuou» ao tocar o solo, e deu uma série de saltos, fugindo ao contrôle do seu condutor.

Adriano confiou o carro ao chefe mecânico e pediu-lhe para êle próprio se pôr ao volante e experimentar o carro. O homem assim fez e quando voltou estava lívido. Apeou-se, meteu-se debaixo do carro, tirou uma placa que cobria o sistema de direção e descobriu que o ecrou inferior do eixo de direção estava completamente desaparafuzado, o que, decerto, teria provocado um desastre durante a corrida.

As mensagens de «sir» Arthur aos seus, tratam sempre de questões importantes.

— Meu pai é um homem muito ocupado no outro mundo — afirma Adriano Conan Doyle — e é por isso que as comunicações são difíceis de estabelecer, tanto num sentido como noutro. Meu pai disse-nos que ficara bastante supreendido quando se apercebeu, ao chegar ao Além, que não era fácil entrar em contacto conosco, que isso exigia o emprego de técnicas especiais e que era-lhe tão difícil entrar em contacto conosco, como nós, com êle.

«Kingsley, o irmão de minha mãe, que morreu durante a primeira guerra mundial, tentou um dia explicar-nos alguns aspectos da vida no outro mundo. Trabalha-se ali, como no nosso. Uma vez mesmo, disse-nos uma coisa que me tem feito refletir bastante : «O pai e eu estamos um para o outro em carne e osso ; as nossas mesas, as nossas cadeiras, os objetos que nos rodeiam são sólidos como os nossos corpos. Mas aos nossos olhos, vós sois como fantasmas... sem consistência, tal como acontece convosco. A barreira que nos separa é uma simples diferença nas nossas vibrações moleculares».

Sir Arthur Conan Doyle consagrou os últimos quinze anos da sua existência a tentar provar aos homens que eles são imortais. Depois da sua morte há vinte e três anos, continua a fazer isso. Tal é, pelo menos, a convicção da sua família.

De «Revista de Metapsicologia».

⁂

Do «Diário de Notícias»

Conta o jornalista espanhol J. Mangada, numa bela crônica sua, da Suiça, para o jornal *Informaciones*, do célebre Archille d'Angelo, mais conhecido por «Bruxo de Nápoles», que na cidade de Lausana, daquêle país, tem dado que falar por suas muitas e maravilhosas curas e prodigiosas adivinhações.

Archille d'Angelo — diz êle — é um senhor que não tem, nem de longe o tipo físico peculiar aos hipnotizadores, curandeiros ou sugestionadores vulgares — magros, guedelhudos, de olhos febrís, mãos lívidas e longas enredadeiras, e palavras cavas do além-Mundo. E' um homem rechonchudo, bonacheirão, de cara vulgar e de gestos e falas como milhares e milhares de empregados públicos, bons pais de família. E de tal simplicidade e modéstia perante os seus próprios feitos que afirma... nem saber porque faz curas tão impressionantes e previsões tão exátas. «Ignoro — disse em Lausana — qual seja a minha fôrça. Deve ser um dom de Deus. Conheço-lhe os efeitos, mas não a origem.

E porque não sou sábio, que os sábios lhe dêem a explicação por eles próprios, aliás, ansiosamente procurada».

O certo, porém, é que médicos e psiquiatras de toda a Europa verificaram e lhe reconhecem predicados excepcionais; parece que durante a última guerra homens como Churchill, Eisenhower e Truman o chegaram a consultar e lhe pediram vaticinios; não têm conta os doentes nervosos dados como incuráveis, e os paralíticos salvos pelo seu influxo, e que tudo faz, e tudo diz, com uma simpatia, uma candura e uma bondade cativantes.

Em Lausana — conta ainda Mangada — previu o curto «reinado» de Malenkov; asseverou que não haveria tão cedo uma ocupação russa da Europa, embora em 1963 (daqui a 10 anos, felizmente) haja ou não uma guerra, mas uma espécie de apocalipse, um dilúvio (!), e acabou por dizer (a perguntas de jornalistas sôbre os fundamentos dessas afirmações) muito despretensiosamente, como sempre:

— Isso não sei, meus senhores. Eu sou o primeiro, podem crer, que procuro descobrir o que, em mim, tanto intriga os médicos, os homens de ciência e os sábios. E que o não descubro...»

E nada mais disse.

De «Revista de Metapsicologia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Primeira Semana Espírita de Itapira

Revestiu-se de excepcional brilho a Semana Espirita de Itapira, realizada de 1 a 7 de Setembro.

Conclaves dessa natureza falam bem alto do ideal que une os homens, ativando suas boas qualidades, no sentido de aproximação, de companheirismo e de aprendizado,

Foram 7 dias de esplendores espirituais e de cada cabeça irradiava vibrações harmoniosas, infundindo no ambiente um bem estar santificante.

Muito se aprendeu e muito se ganhou espiritualmente. Transbordando alegria, própria do ideal que os espiritas conscientes dessas tarefas de difundir o Evangelho, os participantes dessa festa de confraternização cristã, viveram momentos de indisível felicidade.

Organizada pela UMEI e Mocidade Itapirense, integrada pelas entidades: Sanatório «Américo Bairral», Centros Espíritas «Luiz Gonzaga» e «Perdão, Amor e Caridade», êsse conclave obedeceu o seguinte programa:

Conferências: — (No salão nobre do Sanatório «Américo Bairral» — ás 20 horas.

Dia 1.º — Deputado Castro Neves, sôbre o tema «Mediunismo» e Carlos Jordão da Silva, Secretário da USE, sôbre «Unificação».

Dia 2 — Comandante Edgard Armond, Secretário Geral da Federação Espírita do Estado de São Paulo, tema: «Problemas da Doutrina».

Dia 3 — Euripedes de Castro, de São Paulo, tema: «Espiritismo e Renovação Social».

Dia 4 — Prof. Emilio Manso Vieira, de São Paulo, discorreu sôbre trechos Evangélicos.

Dia 5 — Dr. Ari Lex, médico do Hospital das Clínicas, tema: «O Espiritismo avança com a ciência».

Dia 6 — (Pela manhã — ás 9 horas) Dr. Ari Lex, prosseguimento do tema do dia anterior; José Dias, de Rio Claro e Dr. Tomás Novelino, de Franca, sôbre assuntos doutrinários.

Dia 6 — (No Centro Espírita «Luiz Gonzaga»—ás 20 horas) Dr. Tomás Novelino, Diretor do Educandário Pestalozzi, de Franca, tema: «O Espiritismo é fator de loucura e suicídio?» e Dr. Agnelo Morato, Membro Diretor da Casa de Saúde «Allan Kardec» de Franca, sôbre a «Vida de Bezerra de Menezes».

Dia 7—(No Cine Paratodos—ás 15 horas) Deputado Campos Vergal, tema: «Caminheiros do Infinito».

Precede as conferências acima, um bem organizado programa lítero-musical a cargo da Mocidade Espírita Itapirense, coadjuvada pela Mocidade de Mogi Mirim e de outras localidades, não faltando a colaboração de artistas e músicos internos do Sanatório «Américo Bairral», de artistas amadores da cidade, como ainda da corporação musical «Lira Itapirense».

A abertura e encerramento das sessões estiveram a cargo do senhor Cesar Bianchi, Diretor do Sanatório «Américo Bairral» e de João A. Brandão Junior, Presidente do Centro Espírita «Luiz Gonzaga».

Os serviços radiofônicos pela Rádio Club ZYR 38 estiveram a cargo do Prof. Heraldo Peres, enfermeiro chefe do Sanatório «Américo Bairral».

Uniões Municipais, Mocidades Espíritas. Centros e Grupos, enviaram suas delegações, tais como: Amparo, Mogi Mirim, Limeira, Pindamonhangaba, São Paulo, Cruzeiro, Ouro Fino, Itajubá, Jacutinga, Campinas, Rio Claro, Pinhal, S. João da Boa Vista, Jundiaí, Socorro, Serra Negra, Santa Bárbara D'Oeste, Sorocaba, Aguaí e outras localidades. Os Sanatórios «Ismael» de Amparo, «Bezerra de Menezes» de Pinhal, «Jesus» de Cruzeiro e Casa de Saúde «Allan Kardec» de Franca, foram representados pelos companheiros: Guerino Brunelli, Prof. Waldomiro da Mota, Antenor de Souza e Dr. Agnelo Morato, respectivamente; representaram ainda o Educandário «Pestalozzi» de Franca, o Educandário «Eurípedes» de Campinas, o Orfanato «Anália Franco» de São Manoel, o «Nosso Lar» de Limeira e o Albergue Noturno de Mogi Mirim, respectivamente os confrades Dr. Tomaz Novelino, Angelo Santoni, Onofre Batista, Antonio Cruanes e José de Andrade; fizeram-se representar os jornais: «Nova Era» pelo seu Diretor Dr. Novelino, «O Clarim» pelo sr. Onofre J. Batista e «A Centelha» pelo confrade Antonio S. Carvalho.

A Comissão Organizadora da Primeira Semana Espírita de Itapira, por nosso intermédio, agradece sensibilizada a todos aqueles que direta ou indiretamente cooperaram para sua realização e bom êxito dêsse importante certame.

De Pinheiral - Est. do Rio

Atividades da Mocidade Espírita «Jurandir Lopes»

Esta Mocidade tem cumprido em parte o seu programa, fazendo excursões e levando a efeito na séde do Centro Espírita Allan Kardec, onde ela é dependente, as denominadas NOITE DO MOÇO, em programas teatrais com peças espiritualizadas, poesias, monólogos, etc.

No dia 31 de outubro último foi levada a 5.ª «noite» dêste ano, onde a colaboração maior foi das crianças da Aula de Moral Evangélica «Moreira Guimarães», tendo sido levada à cena a comédia em 4 atos intitulada «Três Garotos do Barulho», original de Benedito Honorato, Presidente do Centro e Mentor da Mocidade acima.

Tomaram parte na comédia as seguintes crianças e jovens: Sônia de Sousa Sabença, Marli de Oliveira, Neide Garcia Ramos, José Henrique Vieira, Silvio de Sousa Sabença, Roberto Tenório e Mariana Vieira e as orientadoras da aula de Moral Evangélica, senhoritas Aldiléa Vieira Machado e Dirce Pereira de Azevedo.

A comédia, que é uma verdadeira fábrica de gargalhadas, agradou em cheio, pois todos os meninos e jovens desempenharam os seus papeis com muito desembaraço e bom jôgo de cena.

O salão esteve à cunha. Nos entreatos foi lido o jornal falado escrito e dirigido pelo mentor e ainda Arabela Vieira Machado fez o inquérito da vida de «Jesus» num trabalho seu que muito agradou.

A peça em aprêço será levada no Cine Teatro Odeon, local, em benefício das obras do Hospital Allan Kardec, bem assim em Piraí, no Cine Progresso, gentilmente cedidos pelas emprezas, para êsse fim.

A Mocidade espera ainda êste ano excursionar a Rezende e Cachoeira Paulista, levando a sua parte artística.

Todo programa da Mocidade «Jurandir Lopes» é espiritualizado.

Do Correspondente.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião realizada em 3 de Outubro de 1953.

Feita a prece de início, é lida a Ata de 5 de Setembro e aprovada, sem alteração. Comunica o presidente que o conselheiro Miranda Ludolf, como presidente da CEPA e representante da FEB, embarcou a 30 de Setembro para Cuba, a fim de tomar parte na reunião da CEPA. Consta o expediente de comunicação da União Espírita Cearense e da União Espírita Goiana, sôbre as atividades nessas sociedades. Informa o presidente que a Federação Catarinense confirmou o mandato do seu representante, o conselheiro Dr. Manoel Bernardino. O conselheiro Atlas de Castro indaga sôbre a representação do Pará, sendo informado de que ainda não foi enviada a lista tríplice, pela entidade paraense. O conselheiro Carlos Jordão informa ao Conselho já ter recebido e entregue ás Entidades de âmbito estadual os legados feitos pelo Dr. Lins de Vasconcellos; excetuados os das sociedades do Ceará e de Sergipe, por deficiência das respectivas procurações. Lembrando a comemoração a Allan Kardec a realizar-se na FEB, pede o conselheiro Jordão à representante de Pernambuco, conselheira Cirene Coutinho, que o represente e a USE, por ter de viajar para S. Paulo. Propõe seja, na prece final, recordado o nome do Codificador. Aurino Souto lembra a passagem do IV aniversário do Conselho, a 5 de Outubro. A representante de Pernambuco comunica a celebração do quinto aniversário da Casa de Saúde Espírita João Evangelista. O conselheiro Dr. Francisco Nogueira comenta a comunicação da União Goiana, lida no expediente, ressaltando a acquisição de uma imprensa completa, máquina impressora e intertipo, o que virá beneficiar o serviço de propaganda da Doutrina. Mantiveram os conselheiros animada palestra sôbre o Codificador, cuja obra foi relembrada com intenso carinho e profunda gratidão.

VII Concentração

De Mocidades Espíritas do Brasil Central e do Estado de São Paulo

Realizar-se-á em Rio Verde, Goiás, nos dias 16, 17 e 18 de Abril de 1954, a VII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e do Estado de São Paulo.

O seu Conselho Diretor está assim constituido: Presidente, Prof.ª Corina Novelino; Secretária, Geralda Lima Leão; Tesoureiro, Laert Ferreira Araujo; Membros: Clovis Cesar e Waldo Vieira.

Toda correspondência deve ser dirigida à Secretária da Concentração, Geralda Lima Leão, Rio Verde, Estado de Goiás.

Necrologia

D. Maria Carlota Klörs Werneck

Desincarnou na Capital Federal no dia 4 do mês passado, ás 9,30 horas, D. Maria Carlota Klörs Werneck, mãe do nosso distinto colaborador e companheiro Dr. Francisco Klörs Werneck, jornalista, escritor e tradutor de inúmeras obras espíritas.

Almejamos ao espírito de D. Carlota feliz entrada no reino espiritual, pedindo a Jesus que lhe conceda paz e progresso na nova fase da vida.

Nosso Representante na Capital — *Avisamos aos nossos assinantes da Capital, que o nosso representante sr. Vicente S. Neto tem novo endereço, que é o seguinte: Alameda Cleveland, 724, telefone 52-8865, caixa postal, 4921, onde os nossos assinantes poderão procura-lo para pagamentos de suas assinaturas.*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac2911unse_0

NO XXIX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1953 — N. 11

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Maior Data	*Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade	*Ismael Gomes Braga*
Jesus e o Nosso Natal	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*
O Ensino do Espiritismo em Cursos Regulares	*Centro Espírita «18 de Abril»*
O Evangelho e a Responsabilidade	*Deolindo Amorim*
Livros e Autores	*Martins Peralva*
O Pecado Original — O Dogma da Redenção	*Mario Cavalcanti de Mello*
Esclarecendo	*Alziro Zarur*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1953 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A MAIOR DATA

O Natal é a maior data da Cristandade. É a data mais venerada, porque assinala a passagem pela Terra do Espírito mais elevado que Deus enviou para evangelizar e espiritualizar a humanidade.

A vinda de Jesus significa que a humanidade já estava mais ou menos em condições de receber nova Revelação para novas conquistas na senda da evolução para a Perfeição. E' verdade que Jesus foi perseguido, caluniado, apupado, martirizado e crucificado pela turba ignorante. Mas certamente teria que ser assim, afim de que a sua Doutrina ganhasse terreno em todos os cérebros e corações bem formados. E a prova disso nós a temos na marcha cada vez mais célere do Cristianismo.

Se Jesus não foi compreendido pelam aioria, houve entretanto criaturas que compreenderam e sentiram o valor sem igual da sua Doutrina. Essas criaturas foram os pães e os peixes que Jesus deixou para se multiplicarem sôbre a terra e saciar a fôme do espírito, como de fato estão saciando, milhões e milhões de criaturas.

Jesus é o nosso salvador porque nos salvou das trevas da ignorância para conduzir-nos ao seu aprisco. E o seu aprisco é feito de paz, de luz e de amor.

Aguardamos com ansiedade o dia em que haverá um só «rebanho e um só Pastor», que é Jesus, afim de que possamos ingressar no seu divino aprisco e aí ficarmos eternamente, sem sermos obrigados a corrigir êrros em novas e penosas reincarnações. Mas para tanto precisamos compreender que devemos pôr em prática os seus ensinos e exemplos de amor fraterno, em primeiro lugar.

Êste Natal de Jesus vem encontrar a humanidade ainda dividida contra si mesma, numa disputa em que o egoísmo, o orgulho e a ambição pelas cousas materiais só terminarão quando as Profecias atingirem o seu ponto culminante. Efetivamente, só o sofrimento ou a dor é que poderá fazer compreender às criaturas que ninguém poderá ser realmente feliz se não fizer uma reforma intrínseca, digna do sacrifício de Jesus, que nos legou os mais edificantes exemplos de fraternidade.

Dias virão em que a humanidade terá melhor compreensão do sentido exáto do Natal, comemorando-o não apenas em determinado dia, mas sim constantemente, em todos os segundos, através dos seus atos em que o espírito de fraternidade cristã seja a nota predominante ou o cartão de apresentação do indivíduo.

Sobretudo, para os espíritas, o Natalício de Jesus tem duplo significado por êste motivo: se Jesus não tivesse vindo, o Espiritismo ainda não teria marcado o seu advento no mundo e, portanto, não passariamos daquelas criaturas do tempo em que o Velho Testamento teve o seu início. Pode-se dizer que se Jesus teve o seu precursor, que foi João Batista, o Espiritismo teve em Jesus também o seu precursor, de vez que é êle o Paracleto da Promessa.

Agora, com o advento do Espiritismo, o Natal vai sendo melhor compreendido, passando das práticas exteriores, materiais, para o sentido espiritual em que os gestos de verdadeira filantropia se traduzem na assistência social praticada em nome do Cristo aos desherdados da sorte. Está, pois, em andamento para a sua concretização o «amor do próximo», o primeiro mandamento da lei de Deus.

Como de costume, esta Revista abre o presente número rendendo esta pálida mas sincera homenagem a Jesus, por motivo do transcurso de mais um seu aniversário natalício, solicitando-lhe que ilumine a humanidade, afim de que ela se torne digna de melhores dias.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

XV

Nesta longa série de artigos, só temos reproduzido poesia mediúnica, por nos parecer o mais interessante e mais difícil de produzir-se; mas de um ponto de vista doutrinário talvez o mais importante seja a prosa, os ensinamentos morais que nos descem do Grande Além, ora em forma de belos romances, como «*A Mansão Renoir*» e «*A's Margens do Eufrates*»; ora como breves preleções para serem lidas na sessão.

Na sessão pública de estudo de Evangelho, na Federação Espírita Brasileira, em 19 de maio de 1953, a médium Dolores Bacelar recebeu uma comunicação em prosa e outra em versos. Reproduzimos ambas a seguir:

Que o Amor Único de DEUS inspire todas as Almas para o Bem.

Irmãos: DEUS é Uno, Infinito e Eterno.

É o Supremo Legislador de toda a Humanidade. É ÊLE quem dirige o Destino dos homens, dos mundos, do Todo Universal.

O Espírito é Partícula divina esparsa em meio a uma Eternidade de Tempo e de Espaço, buscando, na pluralidade complexa da Existência, a Perfeição do CRIADOR.

DEUS não concebe o Bem nem o Mal. O Homem foi quem definiu os sentimentos benéficos e maléficos, as reações positivas e negativas de sua Alma, enquadrando no Bem os benéficos e positivos, e no Mal os maléficos e negativos.

DEUS nada define, tudo conceitua. Devemos ser bons não considerando o castigo nem a recompensa divinos.

DEUS não castiga nem recompensa: faz justiça ao mérito de cada Ser.

Se somos bons por temor a DEUS, não O amamos e sim O tememos. Se somos bons visando, apenas, a Corôa de louros celestes, não amamos a DEUS, amamo-nos a nós próprios.

Só estaremos nos distanciando da Terra e aproximando-nos de DEUS, quando O amarmos desinteressadamente: sem temermos castigos, sem visarmos prêmios. Provemos que servimos a DEUS acima de tudo, dedicando as nossas vidas ás cousas infinitas, imperecíveis e divinas, como a Fraternidade, a Paz, a Caridade.

Esqueçamos a importância dos bens materiais, tão efêmeros diante das Plenitudes Eternas.

Não devemos dar atenção exagerada aos anseios e desejos egoísticos do corpo; pensemos mais nas contingências altruísticas do Espírito. O corpo é patrimônio terrestre, o Espírito é parte de DEUS.

Se vivermos só por um Ideal de Sumo Bem, desfrutarão nossas Almas, lógicamente, um dia, de celeste, pura e imutável Felicidade!

Que o Amor Único de DEUS inspire todas as Almas para o Bem.

Antonio de Aquino.

Esta mensagem foi recebida e lida na sessão da F. E. B. na terça-feira. Como na quinta-feira se realizou a sessão na Cabana de Canagé e a maioria dos assistentes não havia assistido à sessão na F. E. B. e não conhecia a comunicação, sugerimos à médium que a lesse na sessão; porém ela se recusou, alegando que talvez o Espírito a destinasse sómente aos assistentes da F. E. B. e aos da Cabana quisesse dizer outros pensamentos. No entanto, o Espírito concordou com a nossa sugestão e reproduziu letra por letra a mensagem na Cabana, fazendo-a preceder de um preâmbulo, no qual disse que o assunto interessava igualmente naquela sessão.

O poemeto recebido na F. E. B. foi o seguinte:

Hino ao Silêncio

Antonio Nobre.

Bendito sejas tu, oh! silêncio fecundo,
Inspirador das almas mais santas do
[mundo!
Tu que vives na paz dos campos, nas
[montanhas,
Onde o dia amanhece e a noite vem sem
[ruídos,
E a vida desconhece os gritos, os gemidos
Das dores mais estranhas!

Louvado sejas tu! Tudo que é puro e
[nobre
Á Luz vem em silêncio, e no silêncio se
[encobre...
Em silêncio desponta a Aurora... O
[sol reluz!
E brotam, em silêncio, os gestos de bon-
[dade...
Estrelas desabrocham pela imensidade,
Em silêncio de luz!

As flores, em silêncio, abrem suas co-
[rolas...
E mãos, boas, compassivas, ofertam es-
]molas
Que vão silenciar os gemidos de dor...
Oh! silêncio que habitas os vergeis, os
[prados,
Acalma os corações que estão desespe-
[rados!
Banha-os de paz, dulçor...

Angustiante silêncio das velhas ermidas,
Onde as almas das tristes monjas vão,
[sentidas,
Carpir a estéril vida, lá, ao pé do altar...
Inspira-nos viver sempre fecundamente,
Mesmo quando, na Terra impiedosa, in-
[clemente,
Vivamos a chorar...

Oh! plácido silêncio que pairas nos lagos,
Tão suave como o mais ingênuo dos
[afagos,
Desce ao pântano, banha as vespas do
[monturo...
Ensina ao que percorre a lama da exis-
[tência,
A não crestar a flor celeste da inocência.
No chavascal impuro.

Doce, humilde silêncio dos dramas ocul-
[tos...
Das lágrimas sentidas, após os insultos
Que as almas dilaceram sem dó, sem
[piedade...
Silêncio que acompanha os gestos de
[perdão,
De caridade e amor, plenos de compre-
[ensão!
Cobre-nos de humildade...

Envolve os corações... Nossas almas
[aquece...
Eleva-nos a DEUS, nos momentos de
[prece,
Oh! divino silêncio, abrigo dos aflitos!
Isola as criaturas do bulício vão...
Transporta-nos aos Céus nas asas da
[oração,
Aos Páramos benditos!

Parece-nos que bastam as transcrições feitas até agora para o estudo desta fase da mediunidade de Dolores Bacelar.

Temos material bastante para verificar que o estílo dos poetas quasi sempre basta a identificá-los; mas as dificuldades a vencer são grandes e variam na relação da maior ou menor afinidade do Espírito com o médium. Quasi todos os poemas saem com imperfeições maiores ou menores, dependentes de revisão e burilamento que os poetas tentam fazer, mas novamente encontram dificuldades e o êxito da revisão não é completo.

Notamos ainda que o poeta «morto» passa a dar mais atenção aos conceitos, aos ensinamentos que está encarregado de nos transmitir, do que à forma impecável do verso: sofre uma transformação de artista em doutrinador. Passa a encarar o público de um outro ponto de vista, a compreender que as maiores necessidades dos homens são de moralização e não apenas de adquirir gosto estético. Já não escreve sómente para uma élite de estetas, mas para uma grande massa de sofredores, de transviados morais.

Muitas vezes consegue reunir as duas coisas: belos ensinamentos em formas impecáveis, mas não hesita em sacrificar a forma em benefício da Doutrina.

Os Espíritos superiores nos esclarecem que há tremendas dificuldades a vencer para transmitirem uma mensagem. Em parte a linguagem humana é demasiado grosseira e imperfeita para servir de veículo a pensamentos espirituais elevados; em parte ainda maior o Espírito se sente perturbado pelas vibrações muito materiais do nosso meio, quando aquí desce, e esquece de tudo ou de parte do que tencionava transmitir em seu escrito.

Todas as dificuldades crescem e se tornam insuperáveis, quando o Espírito pretende descrever a vida nas esferas elevadas: então lhe falta todo o vocabulário e todas as analogias são grosseiras; por isto mesmo limita-se êle a tratar de assuntos que interessam nesta fase da evolução ao homem da Terra e não a fazer revelações que nós tanto desejariamos receber.

Já podemos agradecer ao leitor que tenha tido a paciência de acompanhar-nos até aquí e dar por terminada esta série de artigos que se estendeu por quinze meses.

Ismael Gomes Braga.

Jesus e o nosso Natal

Major LEVINO CORNÉLIO WISCHRAL

ATRAVÉS longas e difíceis trajetórias empreendidas pelo nosso espírito no ensaio das mais variadas circunstâncias e vestimentas carnais, conservamo-nos, contudo, até hoje, apegados às simbologias diversas, às imagens mentais de toda sorte, às alegorias que sugerem e lembram a vinda do Salvador à Terra. Com isso, desprezamos a sublime essência, olvidamos a razão única do nascimento de Jesus, ou sejam, os ensinamentos que o Cristo legou à conturbada humanidade, remédio divino, destinado a que os homens remissem suas faltas e iniciassem, sem delongas, a verdadeira ascensão pelo caminho da espiritualidade pura, do amor divino.

Assim, pela compreensão que vamos colhendo nos Evangelhos, é justo que modifiquemos sem choques o conceito que se relaciona com o nascimento de Jesus, ou seja, com o verdadeiro significado — Natal — festejado a 25 de Dezembro.

Natal é a gênesis da mais pura moral, do verdadeiro e irrestrito amor por tudo o que Deus criou; assinala o início de uma época áurea na história da humanidade pela implantação, como indelével marco sôbre a face da terra, do cristianismo, expressão máxima do carinho, da tolerância e da amizade entre os seres humanos.

Nascera Jesus no exato momento em que a perturbada e confusa humanidade de então preparava-se, ensaiando os primeiros passos na estrada da compreensão; tornava-se premente aperfeiçoar os sentimentos pelo próximo, pelo irmão de jornada, visando o progresso geral do mundo. Estava, pois, o homem na ocasião certa de assimilar a doutrina do Cristo, isto é, a religião natural, sem nome, porém a religião do amor infinito, da caridade sem exceção e sem condições, do perdão sem limites, doutrina essa, como é lógico, isenta de dogmas ou cânones, de ritos ou liturgias.

Recebeu-O pobre casal, José e Maria, de vida honrada e sem mácula, em tôsca manjedoura, num ambiente que chegou a contrastar com as finíssimas essências, a perfumada mirra, o ouro em pó, ofertados pelos reis magos, ali presentes em magnifica comitiva de brilhantes vestimentas.

Natal em tempos passados era condignamente comemorado e melhor interpretado; hoje, desvirtuado, é falsamente celebrado entre vã ostentação e muita bulha. Vemos em profusão, brinquedos de tanques de assalto, aviões de bombardeio, de canhões e revolveres, de soldadinhos e navios de guerra. São êstes os presentes prediletos que os pais oferecem a seus filhinhos queridos em homenagem ao nascimento do menino Jesus, enquanto alguns outros pais, de boa vontade, se esforçam para consolidar a fraternidade entre os homens.

Vontade de domínio, lutas e rixas são a nociva herança que fica enraizada no espírito dessas crianças. Por isso, não nos pejamos em culpar seus pais quando cometerem seus filhos algum delito, pois, essas almas de tenra formação foram educadas numa atmosfera belicosa, índole de difícil remoção.

A chamada alta sociedade tem propensões cada vez mais acentuadas para se reunir, não no seio do sagrado convívio familiar, porém, sente-se atraida nos gozos da corrupção que lhe são proporcionados nas boites, nos clubes noturnos, nos cabarés e «réveillons», enquanto seus filhos ficam abandonados no lar e entregues a amas nem sempre competentes.

Nesses festins, que cada vez mais se alastram pelas cidades, vejam só, pensam alguns homenagear o menino Jesus entre libações alcoólicas e indigestas comedorias. O sagrado, divino e doce lar está perdendo seu verdadeiro sentido cristão. Restam agora, apenas, gratas e saudosas recordações daquelas respeitosas ceias em família, num ambiente de amizade e sã alegria.

Lembramo-nos ainda, de um recente passado, quando os nossos ávidos olhos devoravam as bonitas figuras e estatuetas que ornamentavam presépios imitando a vida pura e humilde do menino Jesus. Lá o viamos, estão também recordados ? compartilhando a simplicidade de seus familiares, dos bons pastores, dos animais. Lá o viamos entre ovelhas, cabras, vacas e outros animais domésticos. Hoje O vemos, ó ironia e irreverência dos homens ! nos luxuosos altares entre ofuscantes brilhos dos candelabros ou até, como pela época do Natal, nos enfeites prateados guarnecendo fachadas e interiores de dancingues e tabernas.

Nesse dia santificado deveriam reunir-se todos em elevadas preces entre meditações e súplicas pelos menos favorecidos, vibrando pensamentos de paz e saúde. Deve ser um dia de respeito e silêncio ; de júbilo pelo nascimento e vinda do Salvador à Terra, daquele que ensinou e também exemplificou, não o dente por dente. nem o olho por olho, porém aquele que nos instruiu a oferecer, sem rancor, a outra face após uma delas ter sido ofendida.

Para qualquer cristão, as homenagens rendidas ao menino Jesus deveriam abranger a todos que nos cercam, ricos, pobres, amigos ou inimigos, e, de um modo especial, às crianças, pois, o Natal delas é. Em cada criancinha que nascesse deveriamos ver um menino Jesus.

Não só durante o Natal, porém a a qualquer momento devem os corações irradiar amor sem distinção e sentimento fraterno para todos. Não só pelo Natal devemos ser bons com os outros, porém, a todos os instantes de todos os dias.

Já não podemos manter-nos apegados à simbologia do nascimento de Jesus representado pela árvore de Natal, pelo presépio ou pela simpática figura do gorducho papai Noel. Cumpre-nos homenagear o Mestre dos Mestres em novas e diferentes concepções : imitemos sua vida de ilimitado amor, de irrestrita justiça e da mais ampla caridade dentro de qualquer religião abraçada.

Podemos e devemos mesmo ir além. Apesar de ser o aniversário do Messias a solenidade máxima do lar, não acham que deveriamos sair, como o bom samaritano, a visitar lares alheios onde o pranto espera por palavras de confôrto e ânimo ? Onde tristes casebres e cortiços infectos escondem desafortunados ? Onde brincam inocentes crianças sem brinquedos natalicios ? Sim, levai-lhes algo para que amortecidos olhinhos tornem a brilhar ; ou então, levai-lhes apenas uma palavrinha amiga, sentir-se-ão felizes da mesma maneira. Os desherdados se satisfazem com pouco ; ide, consolai-os !

Nesse dia de festa, alegria e fartura, ficariamos profundamente magoados se alguem nos estendesse suas enrugadas mãos em atitude de esmolar.

Que não sejamos impedidos por preconceitos sociais ou religiosos ; Jesus lavou os pés de seus discìpulos em sinal de humildade ; porventura não deveriamos enxugar, pelo menos, lágrimas alheias que é mais fácil?

Não deveriamos, mesmo, pelo Natal, visitar hospitais e cadeias? Não fariamos nesses locais de dor e aflição as vezes de um amoroso pai ausente ou de uma mãezinha morta?

Meditemos, pois, a respeito dêstes conceitos diferentes e sejamos apologistas de um Natal mais cristão, mais cordial e humilde.

Ainda hoje a cintilante estrêla dalva, guia dos pastores envia-nos, através do infinito azul, a sua serena e divinal mensagem de Natal: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.»

Sursum corda!

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e leu DELFINO FERREIRA em 4/7/53).

Srs. rádio-escutas, boa noite.

Continuamos hoje o desfile das obras de Cairbar Schutel, o velho e inolvidável trabalhador, que longe do brilho das Capitais, mesmo das grandes cidades, soube fazer-se notável num rincão paulista, que êle próprio conseguiu, atraindo outros aos seus esforços, elevar a município: a cidade de MATÃO, onde uma pequena Editora fundou e que ainda hoje lança ao mundo espiritista de língua portuguêsa, com a mesma sinceridade de seu fundador, a boa palavra espirítica, cem por cento kardequiana.

Assim, desfila hoje o sexto: GÊNESIS DA ALMA. Teve sua primeira edição em Setembro de 1924. A que temos em mãos é a 2.ª, datada de 1932.

Em «Breve Explicação», informa o Autor o intuito do livro: demonstrar a imortalidade da alma e, portanto, a eternidade da vida, por fatos verificados e verificáveis. Como que justificando a pequenez material do volume, diz Cairbar: «Temos adotado nos nossos escritos o trabalho de síntese talvez mais dificil do que se deliberassemos fazer largas e longas tiradas. Com êste alvitre procuramos poupar ao leitor enfadonha e fastidiosa dissertação de palavras e de razões que, as mais das vezes, obscurecem e sobrepujam os princípios que queremos ver elucidados». E acrescenta, pouco após: «O Divino Mestre ensinando a prece aos seus discípulos, disse-lhes que não seria pelo muito falar que seriam ouvidos por Deus; assim também não seremos compreendidos pelos homens pela quantidade de letras, mas sim pela sua qualidade».

E a qualidade das letras de Cairbar se aquilata pela permanência, dado o vir mantendo sempre o mesmo cunho de atualidade.

Vamos apresentar a seguir alguns dos 45 temas, maravilhosamente sintéticos, explicados — é bem o termo — por Cairbar Schutel em pouco mais de cem páginas de GÊNESIS DA ALMA, por onde bem se testificará da importância, do valor de suas lições, que visam mostrar, e mostram, a vida através os inúmeros degráus da evolução, consoante o transformismo da matéria e a evolução anímica. E desfralda, então, como bandeira, a afirmativa de Allan Kardec: «NÃO HÁ FÉ INABALÁVEL SENÃO AQUELA QUE SABE ENCARAR A RAZÃO FACE A FACE».

Eis alguns dos capítulos — temas: — E' primeiro dêles: «NOS DEGRAUS DA EVOLUÇÃO» — Após êste e os em que estuda passagens bíblicas para mostrar a justiça divina, apresenta «ALVORADA ESPIRITUAL — Princípios Espíritas» — que é a humanização do espírito. Outros capítulos são: Corpos humanos e animais; Ciência sem religião; Religião sem sabedoria. — Combate ao preconceito apresentando perfuntório exame da escala inferior. — EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO, através apreciação sôbre a inteligência e o instinto, o raciocínio e a memória. — O transformismo de Lamarck, Darwin e outros; o Monismo de Hæckel em face do Espiritismo. — A Lei da Evolução Anímica — Ligeira crítica sôbre a psicologia humana. Seguem-se alguns capítulos referentes a fatos ocorridos com diferentes animais, sôbre os quais cumpre meditarmos. Visão e percepção dos animais. — Progresso da alma; a memória e o perispírito. — Demonstração positiva da alma dos animais. — Manifestações póstumas de animais.

Advento do Espírito: o 7.º Dia. A Justiça Divina e a Lei do Progresso.—A Revelação progressiva.—A Doutrina da Imortalidade. — A Previsão de Aksakof e as experiências de Puysegur, Deleuse e Du Potet.—Prova da existência da alma pela fotografia.—Prova da imortalidade da alma. E, por derradeiro, o capítulo SÚMULA, no qual se lê, a certa altura: —«Concluimos secundando o apêlo de Allan Kardec, inscrito em sua «A GÊNESIS»: «A CIÊNCIA É CHAMADA A CONSTITUIR A GÊNESIS, SEGUNDO AS LEIS DA NATUREZA».— E, continuando, Cairbar nos diz, a seguir: — «A era nova chegou, a época da RESSURREIÇÃO DOS ESPÍRITOS tardou mas não faltou; os ouropéis, as pompas, os mistérios, os dogmas, que impediam a visão do Espírito já começam a desaparecer, e a luz ascende em todos os âmbitos da Terra».

E reporta-se, então, a uma mensagem de Victor Hugo, por êle recebida aos 7-7-1921, que transcreve, a qual assim se inicía:

— «O mundo progride; a matéria se transforma e aperfeiçôa; a fôrça se afirma e intensifica; o Espírito se aclara e impera; do atrito de duas pedras chispam faíscas, das faíscas vem o fogo e do fogo brota a luz! O mundo nasceu nas pedras, cresceu no fogo e viverá na Luz! Tudo brilha, tudo vive, tudo caminha e evolue!

E nêstes termos conclue:

— «Tenhamos fé! O mundo progride, o mundo marcha, o mundo vôa; as duas «pedras» se chocam e do seu encontro ressaltam claridades que iluminam a terra. O mundo progride, o Espírito impera...

Tenhamos Fé;—olhos voltados para o céu é que a alma vê o brilho das estrêlas, o Poder de Deus».

E aquí tem o caro rádio-ouvinte a apreciação sumária de mais um livro, pequeno no porte mas grandioso no conteúdo, como quasi todos os de Cairbar.

Quanto às duas «pedras», da mensagem de Hugo, claro que entenderam ser, uma, o elemento espiritual, outra, a matéria...

A todos PAZ e LUZ.

O ENSINO DO ESPIRITISMO EM CURSOS REGULARES

(Contribuição do CENTRO ESPÍRITA 18 DE ABRIL, do Rio de Janeiro, ao III.º Congresso Espírita Pan-Americano, em Havana, Cuba, de 3 a 12 de outubro de 1953).

(Conclusão).

I V

Da formação de noções errôneas por falta de compreensão da doutrina

O estudo regular ou sistematizado corrige certas noções falsas, de efeito ruinoso no movimento espírita. Uma dessas noções é a de que *a cultura prejudica a humildade* (!) Para muita gente, a criação de cursos regulares de Espiritismo fere o princípio de humildade... Parece, pois, a muita gente, que a humildade exige, como condição fundamental, a ignorância. Noção errada, que deve ser desfeita pela compreensão da doutrina. E' necessário não confundir a verdadeira cultura com a falsa cultura ou cultura superficial. Espiritismo é cultura do espírito, cultura no melhor sentido, portanto. Quanto mais culto, mais humilde, porque a própria cultura, quando real, se encarrega, por si mesma, de demonstrar a nossa ignorância, ou melhor, a relatividade dos conhecimentos humanos, em qualquer terreno. A falsa cultura, sim, tem pretensões de sapiência. A verdadeira cultura, que não pretende *saber tudo* nem dizer a *última palavra* nos assuntos que se estudam ou discutem, é prudente, sensata, e nunca deixa de investigar, de procurar o *porquê* das coisas. A falta de cultura ou falsa cultura não permite ao indivíduo fazer auto-crítica, isto é, julgar conscientemente os seus próprios trabalhos, descobrir os seus êrros; ao passo que a verdadeira cultura traz o equilíbrio, a noção de relatividade, o senso crítico. Já se vê, portanto, que o estudo regular ou metódico do Espiritismo, sem exibição, mas com o desejo sincero de estudar para *saber*, é uma necessidade, especialmente, para evitar, que em nome de uma noção errônea de *humildade* tome corpo em nosso meio a idéia de que *não se deve estudar a doutrina espírita em cursos regulares para não alimentar a vaidade ou não ferir o sentimento de humildade.* Nem todo ignorante é humilde, ao passo que o homem verdadeiramente culto, o homem que sabe o que pode e até onde é possível chegar, já é humilde conscientemente, porque sabe que os conhecimentos humanos são muito relativos. Ser humilde não é desprezar o estudo e fazer apologia da ignorância : é estudar com o desejo de procurar a Verdade, porque a Verdade é luz e JESUS disse : *só a verdade vos tornará livres.* Instruí-vos disse o Mestre. Logo, o estudo não é incompativel com a humildade. A falta de estudo regular concorre ainda, para que muitos adeptos desconheçam até a posição exata do Espiritismo em face do Evangelho, quasi sempre interpretado segundo a letra, quando na realidade *o Espiritismo é que explica o Evangelho.*

Outra noção aliás, defeitosa e, de algum modo, perigosa é a de que as conquistas da ciência não têm valor. E' exagero, é demonstração de incultura pretender desmerecer o trabalho da Ciência. E' certo que a Ciência não disse tudo, não descobriu nem pode descobrir toda a Verdade, mas também é certo que a Ciência já fez muito, já estabeleceu proposições universais em diversos domínios do conhecimento. Como já disse o ilustre sociólogo brasileiro, precisamos «respeitar as construções da Ciência». Não nos esqueçamos de que o Espiritismo tem fundamentos científicos. Em nome do Espiritismo, portanto, não seria justo desmerecer as investigações e as conclusões da Ciência, embora todos nós saibamos que o campo da Ciência humana, justamente por ser humana, tem seus limites inevitáveis, e por isso mesmo, não pode firmar princípios no domínio do Espiritismo, porque esta doutrina tem o seu campo definido na ordem espiritual, acima das configurações materiais. Nem por isso podemos desprezar a colaboração da ciência sempre que ela se faça necessária. Como se vê, há certas noções que se formaram em nosso meio, desenvolveram-se e se enraizaram de tal fórma, que só poderão ser modificadas pelo estudo, pela compreensão exata da doutrina. Daí, mais uma vez, a repetição de que a criação de cursos regulares de Espiritismo é uma necessidade. E' assim que pensa o Centro Espírita 18 de Abril.

V

Dos Programas para o ensino regular do Espiritismo

Um curso regular de Espiritismo exigiria, sem dúvida, o estudo de outras matérias, pelo menos as que lhe são correlatas. Digamos mesmo que um estudo amplo do Espiritismo comportaria noções de *Filosofia Geral, História da Filosofia, Psicologia, Sociologia* e outras disciplinas, como cultura geral ou, para melhor dizer, como *embocadura* para estudos elevados. O Espiritismo toca em todas estas ciências. A astronomia, por exemplo, seria de grande vantagem para que se pudesse compreender uma das teses da doutrina : a pluralidade dos mundos. A *Geologia* teria grande utilidade para facilitar a compreensão da *Gênese* de Kardec, porque há, nas relações do homem com a terra, problemas diretamente vinculados à ciência geológica. Como compreender, por exemplo, a evolução das fórmas de vida, segundo a Gênese de Kardec, sem pelo menos noções gerais de *Biologia.* Há muitas teses espíritas que exigem conhecimentos de *História Natural.* Êste programa, porém, não póde ser dado em qualquer sociedade : está mais indicado para certas sociedades especializadas, de âmbito maior, como a *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* no Rio de Janeiro. Nos Centros Espíritas, porém, deve ser ensinada a doutrina, com base nas obras fundamentais da codificação de Allan Kardec, sem exclusão, é lógico, de obras que venham facilitar o exame de problemas que o próprio estudo sugere. E' o caso das obras de Léon Denis, Flamarion, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, considerados, como se sabe, autores clássicos do Espiritismo. Todavia é INDISPENSÁVEL fixar noções gerais da doutrina. Pouca vantagem teria o conhecimento dos autores mais categorizados — Crookes, Geley e os outros já citados ou mesmo de grandes obras mediúnicas sem as noções fundamentais, as noções básicas da doutrina.

Há necessidade, também, de se estudarem outras doutrinas espiritualistas, como complemento, pois muitos assistentes de sessões espíritas ainda confundem *espiritismo* e *teosofia, esoterismo,* etc. Tais disciplinas devem ser estudadas justamente para evitar que haja confusão. Nem todos sabem vêr, nas diversas doutrinas espiritualistas, onde estão os *pontos comuns*, e onde estão os *pontos diferenciais*. Nem todos sabem estabelecer a diferenciação entre espiritismo, teosofia, esoterismo, hipnotismo, etc. Daí a necessidade, nos cursos regulares, de alguns esclarecimentos gerais dessas doutrinas, para que os interessados saibam separar os assuntos. Outra matéria que deve ser estudada em caráter indispensável, nos cursos de Espiritismo, é *História das Religiões*. Muita gente confunde Espiritismo com certas formas de cultos, com certas práticas religiosas justamente porque não tem idéia formada sôbre o fenômeno religioso nem conhece História das Religiões.

Depois destas indicações, vamos, agora, apresentar, para terminar esta exposição, um esquema dos programas adotados no Centro Espírita «18 de Abril», no corrente ano.

VI

Exposição

O programa anual de estudos do Centro «18 de Abril» é elaborado com antecedência e, depois, submetido a deliberação da Diretoria. Para o corrente ano, por exemplo, foi adotado o seguinte programa:

1.º ciclo: janeiro a março

Introdução ao estudo da doutrina

Janeiro:

a) *Definição do Espiritismo*
b) *Fundamentos científicos-filosóficos-morais do Espiritismo* (noções gerais e teóricas).

Fevereiro:

a) *Missão do Espiritismo*
b) Suas relações com outras *doutrinas de fundo espiritualista.*

Março:

a) Consequências do Espiritismo:

I. Na ordem científica
II. Na ordem filosófica
III. Na ordem religiosa

Fontes: «O Principiante Espírita» — «O que é o Espiritismo», de Allan Kardec — *«Introdução do livro dos Espíritos».* Estas são as fontes iniciais.

2.º ciclo: Estudo geral da reencarnação, com base nas seguintes fontes: *Livro dos Espíritos, O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *A Gênese,* de Allan Kardec.

Seguem-se o 3.º e 4.º ciclos de estudos do ano.

Nota: Todas as exposições didáticas da doutrina são ilustradas com esquemas no quadro negro, como se vê pelo quadro da pag. 10, relativo à parte histórica do Espiritismo.

Abril:

Durante o mês de Abril, em homenagem à data em que se publicou o *Livro dos Espíritos*, primeira obra básica da doutrina (18/4/1857), fazem-se estudos seriados, por meio de dissertações doutrinárias, com base no *Livro dos Espíritos.*

Outubro:

Em homenagem à data natalícia de Allan Kardec (3/10/1804), organiza-se uma série de palestras ou exposições doutrinárias sôbre o codificador do Espiritismo.

Novembro:

Estudos complementares, também com ilustração no quadro negro (História das Religiões ou qualquer outro assunto previamente escolhido).

Dezembro:

Estudos sôbre o «Sermão da Montanha», parte culminante do Evangelho.

Esboço de Estudo sôbre a Reencarnação

I. Parte histórica:

a) Livros sagrados, inclusive a Bíblia;
b) Idéias reencarnacionistas em povos antigos;
c) Discussão do problema: provas lógicas e provas científicas (experiências);
d) Distinção entre reencarnação e metapsicose.

II. Parte moral:

a) consequências da tese reencarnacionista nas idéias religiosas; abolição da crença no inferno e nas «penas eternas»;
b) idéia clara da justiça divina pela lei de «causa e efeito»;

c) consequências na ordem social;

I. abolição natural e consciente do preconceito de côr ou de raça;

II. fortalecimento do espírito de solidariedade nos grupos sociais:

III. compreensão das desigualdades sociais.

Eis, finalmente, um sumário do programa adotado pelo Centro Espírita «18 de Abril».

Conclusão

Tendo chegado à conclusão, por experiência e estudo, de que o método didático é o mais compreensível e mais prático para a interpretação do Espiritismo, o Centro Espírita «18 de Abril» sente-se feliz em poder colaborar de alguma fórma nos trabalhos do III.° Congresso Espírita Pan-Americano, cujo interêsse pelo ensino do Espiritismo é um índice de renovação no movimento Espírita dêste Continente. A todos os congressistas, com o mais sincero desejo de paz e fraternidade, homenagem da Diretoria do Centro Espírita «18 de Abril».

Rio de Janeiro, setembro de 1953.

Diretoria do Centro Espírita «18 de Abril», de janeiro de 1951 a janeiro de 1954:

Presidente, Deolindo Amorim; Vice-Presidente, Dr. João Carlos Moreira Guimarães; 1.° Secretário, Flavio de Souza Pereira; 2.° Secretário, Enéas Pereira Dourado; 1.° Tesoureiro, João Scizinio de Araujo; 2.° Tesoureiro, Manuel Ladislau dos Santos; Bibliotecária, Ernestina de Andrade; Comissão de Contas, Dr. Lauro Sales, Antonio Luiz Parreiras, Prof. Teodorico Castelo.

Endereço provisório: Rua Uruguaiana, 141, sobrado—Rio de Janeiro—Brasil.

O Evangelho e a Responsabilidade

DEOLINDO AMORIM

Já houve quem dissesse, talvez com ironia ou com intúito depreciativo, que o *Evangelho serve para tudo*, segundo as necessidades ou as conveniências dos homens. De fato, as aplicações do Evangelho, nas diversas circunstâncias da vida, são muito elásticas, senão incalculáveis, pois não há situação em que, tanto na alegria, como na dor, deixem de ter cabimento os ensinos evangélicos. Parece, porém, que o sentido daquela frase é outro. Quando se diz, alí, que «o Evangelho serve para tudo...», naturalmente o que se pretende afirmar, é que os homens se utilizam do Evangelho para tudo, até mesmo para encobrir as suas maselas ou para justificar as suas fraquezas.

Realmente assim é. Que o diga a experiência da vida prática. Cita-se o Evangelho, constantemente, a propósito de tudo, mas, quase sempre, quando convém buscar apôio da palavra de Jesus para *justificar* uma atitude incorreta.

E' muito raro citar-se o Evangelho com o desejo sincero de encontrar nele a *carapuça* que cabe a cada um... O Evangelho serve para aliviar as dores da alma, serve para *justificar* as faltas dos homens, etc., mas é preciso notar que o Evangelho também chama à responsabilidade, exige de cada um de nós o esfôrço próprio para ser melhor. Há no Evangelho muitas consolações, mas também se encontram no Evangelho muitas advertências, muitas admoestações e muitas reprovações claras. Jesus ensinou e praticou o perdão em toda a sua plenitude, mas Jesus também reprovou o procedimento daqueles que reincidem no êrro, daqueles que querem ser *perdoados*, querem receber muitos benefícios espirituais, mas não se corrigem, não procuram realizar a sua própria reforma moral.

Que disse Jesus à pecadora? *Vai, e não peques mais.* Veja-se bem: não peques mais... Que quer dizer isto? Que não basta apelar para o Alto, não basta orar muito, não basta pedir o amparo divino: é necessário, é indispensável, também, não *REINCIDIR* na falta, esforçar-se para não cair de novo. O Evangelho não exime o homem da responsabilidade, das consequências de seus atos. Cada um tem livre-arbítrio, embora relativo. Quando, porém, o homem quer aliviar a sua responsabilidade ou atenuar as suas faltas, recorre geralmente a uma saida fácil: *a carne é fraca, ainda não sou perfeito* etc. etc. E lá vem o Evangelho citado na ponta da língua para *justificar* a falta de educação espiritual, a falta de dignidade, a falta de prudência, a falta de «oração e vigilância», finalmente. Daí dizer-se que o «Evangelho serve para tudo...» Sim, para tudo, porque os homens acham que, com o Evangelho na mão, podem fazer tudo e, depois, se apresentarem como *IRRESPONSÁVEIS*. Afinal-de contas, ninguém é responsável, porque a carne é fraca; ninguém é responsável, porque êste mundo é imperfeito, e aqui não há criaturas perfeitas; ninguém é responsável, porque as exigências do mundo ainda são muito pesadas etc. etc. Cada um, portanto, quer fugir á responsabilidade e, por isso, recorre logo ao Evangelho. No entanto, o Evangelho ensina claramente o princípio da responsabilidade individual, quando diz: *coloca, primeiro o reino de Deus dentro de ti, e tudo o mais virá por acrêscimo.*

Que significa isto? Significa simplesmente que, cada um, antes de pedir que as coisas venham do Alto, antes de querer a proteção divina, DEVE melhorar-se interiormente, deve fazer um exame de consciência. Que vem a ser isto, senão o principio da responsabilidade? Jesus disse mais: *a cada um segundo as suas obras.* Ai está, de maneira clara e iniludível, o princípio da responsabilidade. Muita gente cita o Evangelho apenas quando convém apontar um versículo, uma sentença que possa favorecer uma pretensão ou desculpar um procedimento reprovável. E' que nem sempre convém citar o Evangelho, em certos pontos, porque há na palavra de Jesus expressões fortes e incisivas, com endereço, indistintamente, para quem tem olhos de ver.

Não devemos, finalmente, procurar no Evangelho sómente aquilo que nos alivia, que nos dá consolo ou que nos dá justificativa para as nossas faltas, mas devemos procurar no Evangelho, de preferência, aquilo que nos chama ao cumprimento do *DEVER* e ao sentimento de responsabilidade.

LIVROS e AUTORES —

Martins Peralva

UMA GRANDE VIDA — Estudo biográfico de Cairbar Schutel — *Prof. Leopoldo Machado* — Prefácio: *José da Costa Filho* — 125 págs. — Casa Editora O CLARIM — Matão — Est. de S. Paulo.

As grandes vidas precisam ser conhecidas.

Aqueles que passam pelo mundo deixando nos caminhos as pégadas de luz das exemplicações cristãs, não podem nem devem permanecer nos melancólicos sarcófagos do esquecimento.

Os que sulcaram as estradas humanas com rastros de profundo devotamento ao Bem, necessitam de ter os seus nomes lembrados, no altar de nossas almas, afim de que tributemos, agora e sempre, expressões de simpatia e reconhecimento.

Menos para que, nos planos onde se encontram, lhes seja aguçada a vaidade ou exaltado o amor próprio, porventura existentes; mais para que nós, ainda encarnados, vaidosos e cheios de egoísmo, retiremos da fonte de seus exemplos os meios imprescindíveis à própria transformação interior.

Uma lâmpada que se ascende e é colocada no velador, alumia a muitos e a muitos mostra como são dolorosas as trevas.

Uma vida nobre que alguém retrata, com fidelidade, constitue, igualmente, expressivo convite para que retomem o caminho da dignidade os que se identificaram, por fraqueza ou negligência, com o mal.

Quando desce, dos céus, a chuva generosa trazendo à ressequida terra alegre mensagem de esperança e fartura, verificamos, pelo contraste, como é triste o campo que se estorrica na longa estiagem.

Quando uma «grande vida» é biografada, um movimento construtivo se processa dentro do universo. Fôrças estimulantes se expandem no grande mistério da Vida.

Retratar, pois, *grandes* vultos da bondade é preparar o campo para que outros grandes *vultos* da abnegação despontem, hoje ou amanhã, no cenário das *grandes* realizações. Perdoem os três «grandes», mas foram postos intencionalmente, afim de que ressaltada fique a influência de uma vida sôbre outras vidas.

Se o «espírito de imitação» constitue prática condenável, o esfôrço de fazermos, por aproximação, aquilo que os homens nobres fizeram ou fazem, representa, a nosso ver, valioso passo na senda do aperfeiçoamento.

Biografar, portanto, uma «grande vida» significa estimular recursos potenciais de «pequenas vidas» do presente.

O homem é o artífice de sua própria evolução.

Como duvidarmos desta verdade ?

Leopoldo Machado andou, por conseguinte, muito bem, biografando Cairbar Schutel, valoroso apóstolo do Espiritismo, desencarnado em 1938.

E o fez, como sempre, naquêle estílo que tão bem o caracteriza.

Simples, intuitivo, sem retórica nem artificialismo.

Admitamos que amizade e gratidão houvessem inspirado o educador de Nova Iguassú; contudo, UMA GRANDE VIDA terá repercussão talvez inimaginável para êle, Leopoldo.

Uma vida exemplar, como a do notável batalhador de Matão, póde modificar a conduta de muita gente.

O comodista — poderá converter-se no obreiro infatigável.

O insensível — que obedece apenas ao cérebro, poderá transformar-se no amigo que ilumina, com o sorriso da bondade, a choupana do mendigo, levando-lhe o pão da visita pessoal.

O dogmático, de hoje—poderá ser, amanhã, liberal e compreensivo.

UMA GRANDE VIDA representa, por isso mesmo, valiosa contribuição ao movimento renovador do Espiritismo.

Observemos, ainda, que Leopoldo Machado adotando, embora, estílo descritivo—e numa biografia não podia ser diferente — oferece-nos períodos de muita beleza doutrinária quando analisa, comenta e desenvolve fatos da «grande vida» de Cairbar Schutel.

Não podemos, pois, deixar de felicitar o prof. Leopoldo Machado, velha e querida amizade de longos anos.

E que a melhor paga a lhe ser feita — se em Espiritismo existe o direito de se pensar em «paga»—sejam, em verdade, os frutos de renovação que os exemplos de Schutel possam despertar em todos nós, espíritos milenarmente comprometidos com a Lei Divina.

O Pecado Original -- O Dogma da Redenção

I

> *«A razão da impotência do homem de remir-se está, segundo a tradicional doutrina cristã, no pecado original. Queremos, por isso, antes de tudo, evidenciar que o Espiritismo nega o pecado original.» (Frei Boaventura — Revista Eclesiástica Brasileira).*

Não é nosso intento travar polêmica com quem quer que seja. Se fomos atacados por um sacerdote, grandemente reverenciado nos arraiais do Catolicismo, é justa a nossa defesa.

Frei Boaventura Kloppenburg, no afã de converter a humanidade, chega a ponto de taxar o Espiritismo de doutrina satânica e mais reforça sua afirmativa quando assegura, entre parêntesis, que não há dúvida que seja esta a sua origem. Procede, assim, o nosso cristianíssimo antagonista como certos negociantes que, para valorizarem e venderem as suas mercadorias, depreciam as de seus concorrentes.

Agir da forma pela qual está agindo o Catolicismo, nas pessoas de suas figuras mais responsáveis, decidindo em congressos levantar o povo contra os espíritas e até contra a imigração que não seja a católica, nesta hora propícia em que já se começa a falar em sucessão presidencial, é procurar ressuscitar processos medievais há muito postergados pelas conquistas do pensamento humano e isso só poderá gerar fanatismos e absurdos.

Fala, ainda, o ilustrado reverendo na

intolerância dos espíritas e na sua linguagem irreverente quando ataca o clero católico ou à sua religião, e acrescenta que tem muita coisa catalogada nêste sentido.

Não é de nosso feitio atacar religião alguma e se muitas vezes agimos em desacôrdo com os nossos princípios é pela simples razão de sermos atacados em primeiro lugar ou quando, como acontece comumente, o clero costuma publicar coisas deturpadas com o título de Espiritismo.

E' raro os escritores espíritas saírem em primeiro lugar pelas colunas dos jornais para procurarem depreçiar as convicções de seus semelhantes.

Se o ilustre reverendo quiser ser verdadeiro, se seu espírito de justiça fôr uma realidade há de convir que o espírita está sempre na defensiva.

Ora, o mesmo não se dá do outro lado. A História é rica em fatos probantes em que a Igreja de Frei Boaventura não tolera que a contradigam, e foi além, implantou o quanto lhe foi possível, o seu credo a chicote, violentamente, impondo a gregos e a troianos a sua lei do crê ou morre.

E as Cruzadas, e a noite de São Bartolomeu, e a matança dos albingenses, e a guerra aos huguenotes, e a Inquisição, não são páginas negras, consignadas pela História, a atestar tristemente a intolerância católica?

Quanto à irreverência da linguagem, bebamos exemplos no próprio professor de Teologia Dogmática quando nos mimoseia com têrmos como êstes: «*religião satânica, heréticos, blasfemos, ladrões e salteadores de estrada*». Mas estas palavras na pena de um sacerdote que se diz representante de Cristo, que ama a seu próximo como a si mesmo, não têm maldade e nem constituem ofensas.

Frei Boaventura é daquêles que vêem o argueiro nos olhos do vizinho mas não se dá conta da trave nos seus.

Enfim, a responsabilidade das atitudes católicas não nos pertence. Atacaram-nos, defendamo-nos. E' um direito consignado em todas as legislações do mundo.

O pecado original é a base fundamental da doutrina católica. Ela nos ensina, com efeito, de acôrdo com uma narrativa tirada da Bíblia, que Adão e consequentemente toda a sua posteridade incorreu, depois que o nosso «primeiro pai» comeu do fruto proibido, na perdição eterna, condenação à qual nossa humanidade não pôde escapar a não ser reconciliando-se com seu Criador irritado. Mas, como esta infeliz humanidade é incapaz, por si mesma, de salvar-se, era necessário que o filho de Deus viesse encarnar em um corpo humano, a fim de se oferecer como vítima expiatória, para resgatá-la da mancha original. Sendo infinita a ofensa para com Deus, era necessário para seu resgate uma reparação, também, de valor infinito. Eis porque, para a redenção do gênero humano, se tornou imperiosa a encarnação de um Deus para amainar a cólera dêsse mesmo Deus.

Pelo que foi exposto, compreende-se perfeitamente, que suprimindo-se o dogma do pecado original, toda a doutrina que decorre dêle fica reduzida a coisa nenhuma.

Todos conhecem o capítulo II e III da Bíblia. Nesses capítulos iremos encontrar em toda a sua simplicidade, a narração que nos lega a tradição hebráica. Tomando-se ao pé da letra a narrativa atribuida a Moisés, que idéia de justiça e de bondade se póde fazer de um Deus, que tendo por seu infinito poder, trazido à vida dois sêres privilegiados, ornando-os como criaturas prediletas, permitiu a um seu inimigo irreconciliável, vir, por inveja, enganar a inocência e levar ao crime os dois sêres criados para a felicidade?

Êste Deus devia saber, dotado que é da presciência, que os criando, êles cairiam certamente na tentação. Assim sendo, por que permitiu êle isso? E pensando bem, não teria sido exagerado o castigo imposto e desproporcional à ofensa de uma maneira inconcebível? Deus, dono de predicados infinitos, sabia que a queda seria mais que certa.

Se Adão não houvesse comido do fruto proibido, seria imortal; o que teria acontecido à nossa espécie uma vez que o Criador mandou que êles crescessem e se multiplicassem, que povoassem a Terra e a tornassem sujeita a êles? A humanidade sendo imortal, teria chegado infalivelmente a um ponto em que o planeta não seria mais suficiente para comportá-la e para alimentá-la.

E por que incorreram os animais no mesmo castigo de Adão, se nada fizeram para o merecerem? E' isto justiça?

«*Coisa notável, o Gênesis em parte alguma faz referência a Satã. Is-*

to é uma deslavada invenção da Teologia sôbre êste personagem fantástico, pois, na narração bíblica, está dito simplesmente: «Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que Deus tinha formado sôbre a Terra». Isto não prova que a serpente fôsse o diabo em pessoa.

Deus condena em seguida Eva a ter filhos com dor. Quanto a Adão, êle deveria comer o pão com o suor de seu rosto.

Não se pense que sómente os judeus tiveram o monopólio desta invenção ingênua da queda do primeiro homem. Esta doutrina era ensinada no interior de todos os santuários. Com alguma variação iremos encontrar esta velha tradição, ou uma tradição idêntica, em todos os povos antigos.

Não há dúvida que os primeiros livros da Bíblia foram copiados dos Vedas, o livro sagrado dos hindus.

Os judeus hebraizaram de alguma forma as tradições que êles haviam provavelmente recolhido dos Egípcios, povo mais antigo e que lhe era bem superior em inteligência e Ciência.

O Paraíso Terrestre, mencionado na Gênesis bíblica, não passa de uma figura alegórica, pois, não se encontrou em nosso globo o menor sinal de sua existência». (Jsesupret Fils — Catholicisme et Spiritisme).

Há postulados na doutrina católica que caem pelas contradições que apresentam. Raciocinemos um pouco e estendamos os nossos argumentos um pouco além do que já tivemos ensejo de apresentar.

Afirmam os teólogos que mesmo as crianças que não podem cometer nenhum pecado, necessitam do batismo para ficarem livres da pecha original. Ora, êstes interpretadores que se inculcam o divino privilégio de conhecerem toda a verdade, fogem das palavras de Cristo, como o demônio, conforme se diz, foge da cruz.

São Paulo disse: «*porque todos pecaram*», o que exprime bem a idéia de uma regra geral, mas não de uma culpa constitucional resultante da geração.

A Igreja grega que lê as Epístolas de S. Paulo na língua em que foram escritas, sempre o compreendeu assim. De outra forma, à condenação das crianças mortas sem haverem sido batizadas, os mesmos teólogos gregos opõem as palavras do Cristo, repreendendo os discípulos que as afastavam dêle, dizendo-lhes: «*Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos Céus*». (Mat. XIX, 14). Ora, as crianças a que êle se referia não eram batizadas, porque o batismo, ainda, não tinha sido instituido.

É o próprio Cristo a destruir essa intrujice do pecado original, criado pelo clero, única e exclusivamente, como fonte de renda, como o foram o purgatório e o inferno.

> *«Que pensar, diz com razão E. Bellemare, de um juiz que condenasse um homem sob pretexto de que há milhares de anos, um seu antepassado cometera um crime? É entretanto, êsse odioso papel que o Catolicismo atribui ao Juiz Supremo — Deus».*

Michelet, o célebre historiador, responde assim às seitas cristãs:

> *«Como! O espírito humano seria pervertido por antecipação? A criança que eu recebo em meus braços, apenas, saida do seio materno, já seria uma criança condenada? A esta questão atrós, que não custa mais que escrevê-la, a Idade Média, sem piedade, sem hesitação, responde: Sim, esta criatura que tem a aparência de inofensiva, de inocente, sôbre quem tôda a natureza se enternece, que a lôba ou a leôa viria amamentar se lhe faltasse a mãe, ela não é mais que o instinto do mal, o sôpro venenoso da serpente que perdeu Eva! Ela pertence ao demônio se não se tratar de exorcisá-la».*

Michelet responde eloquentemente ás argúcias escolásticas, citando, apenas, a concepção dogmática da Idade Média, envenenada pela peçonha do pecado original.

Eis aqui um equívoco que condena tôdas as crianças. Deus proibe à Eva e ao seu marido de comerem do fruto da árvore da ciência do bem e do mal que êle plantou no Eden e lhes disse: «*No dia em que dêle comerdes, certamente morrereis*» *Gên. II,17*). Êles comeram e continuaram vivos, pois Adão atingiu a idade de 930 anos. É necessário, assim, compreender que se trate de uma outra morte; a morte da alma. Mas Deus não disse que Adão estava condenado; são assim, seus filhos os condenados, e como? Deus condenou a serpente que fascinou Eva, a marchar sôbre o ventre (pois ela antes caminhava com os pés), e a raça de Adão foi condenada a ser mordida no calcanhar. Ora, a serpente, para os católicos, é visivelmente o diabo, e o calcanhar que ela morde é a nossa alma. «*O homem esmagará a cabeça da serpente*» *Gên. III, (5)*; é claro que é preciso entender por isto que o Messias saiu vitorioso.

Mas a cabeça da serpente foi esmagada, libertando as crianças que não tinham sido batizadas? E as crianças são condenadas por que seus «primeiros pais» comeram do fruto do jardim. Eis, aí dois mistérios.

Paremos por aqui. Não é por Adão, diz Voltaire, que somos condenados, não será por Caim? Temos a dita de descender de Caim, uma vez que Abel morreu solteiro, e é mais razoável ser-se condenado por um fratricida do que por uma «maçã». Mas não pode ser por Caim; pois está escrito que Deus o protegeu e lhe pôs um sinal, com temor que lhe matassem; e está escrito, ainda, que êle fundou uma cidade, no tempo em que estava quasi só na Terra, com seu pai, sua mãe e com seu filho Enoque. Mas, diz o grande escritor francês, qualquer que seja a nossa descendência, é indubitável que os judeus não tinham ainda ouvido falar do pecado original, nem da condenação eterna das crianças mortas sem a circuncisão. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, e os fariseus, que acreditavam na metempsicose, não podiam admitir a condenação eterna. De qualquer forma essa teoria seria contraditória para qualquer dos dois.

Jesus foi circuncidado em criança e batizado como adulto, segundo o costume judeu. Mas êste era um uso dos antigos povos hindus, dos brâmanes, que faziam crer que a água não só tirava as manchas do corpo, como também da alma.

Jesus, em uma palavra, circunciso e batizado, não fala em nenhum dos Evangelhos do pecado original. Nenhum apóstolo diz que as crianças não batizadas serão condenadas pelo pecado da maçã proibida. Nenhum dos primeiros Pais da Igreja adiantou essa cruel quimera; e todos vós sabeis que Adão, Eva, Caim e Abel, só foram conhecidos do pequeno povo judeu, e por mais ninguém.

Quem foi, pois, que falou disto em primeiro lugar, pergunta Voltaire? E êle mesmo responde: foi o africano Agostinho. Homem assás respeitável, mas que torce algumas passagens de S. Paulo para inserir em suas cartas a Evódio e a Jerônimo, que Deus precipita do seio de suas mães, nos infernos, as crianças que morrem nos primeiros dias de vida. Lêde, aconselha o filósofo, o segundo livro da revista de suas obras, cap. XLV: «*A fé católica ensina que os homens nascem tão culpados, que as crianças mesmas são certamente condenadas quando morrem sem se terem regenerado em Jesus*».

E' verdade, continua Voltaire, que a natureza nauseada no coração dêste mestre de Retórica, o fôrça a tremer desta sentença bárbara; no entretanto, êle a pronuncia, êle não se retrata, êle que mudava constantemente de opinião.

A Igreja faz prevalecer êste sistema terrível, que torna o seu batismo mais necessário; o que não acontece com as comunidades reformadas que o repelem hoje. A maior parte dos teólogos não ousam mais admití-lo; no entanto, continuam a dizer que os nossos filhos pertencem ao inferno. Isto é tão verdadeiro, que o padre, batizando essas inocentes crianças, pergunta se elas renunciam ao demônio; é o padrinho que responde o sim por elas e isto é o bastante.

* * *

Nada é mais absurdo que a proibição feita a Adão de comer do fruto da pretensa árvore da ciência do bem e do mal. O bom senso nos diz que o contrário é que deveria ter-se dado, isto é, que os nossos pais deveriam ter recebido ordem de comê-lo o mais possível. Como poderiam êles usar de prudência se não sabiam fazer a distinção do bem e do mal? Como conseguiriam ser virtuosos se ignoravam o que era a virtude e o vício?

Pela lógica seguida, não podemos considerar a serpente inimiga do gênero humano, uma vez que ela procurava ensinar ao primeiro casal o meio de torná-lo sábio, mas Deus, ao que tudo indica, teve inveja, pois, quando pressentiu que o casal era capaz de distinguir a virtude do vício, o expulsou do Paraíso Terrestre, receioso de que êle comesse, também, da árvore da vida, dizendo-lhe:

> *«Eis aqui Adão tornado como um de nós, sabendo o bem e o mal; mas para que êle não coma da árvore da vida e não viva eternamente, Deus o pôs fóra do jardim do Eden».*

Ora, se com o simples fato de haver Adão comido da árvore da ciência do bem e do mal, já merecia do Criador as expressões: *«Eis aqui Adão tornado como um de nós»*, o que não se daria se êle houvesse provado, também, da árvore da vida? Não estaria nesta árvore da vida o segredo da divindade?

Há incontestavelmente em toda essa lenga-lenga, uma série de blasfêmias contra a verdadeira essência e a verdadeira natureza de Deus, quando dá a entender que o Criador ignorava que a mulher com que presenteou Adão para companheira, para socorro, fôsse ser a causa de seu crime e consequentemente de sua ruína; que interditava ao homem o conhecimento do bem e do mal, a única coisa que poderia regular seus costumes; e que temia que êste homem, depois de haver comido da árvore da vida, se tornasse imortal. Tal receio e tal inveja convirão à natureza de Deus?

A Teologia pretende que Adão e Eva criados imortais, e colocados no Eden para a eternidade, continham neles toda a humanidade e não deviam reproduzir-se. Como é isso possível se Deus chegou a temer que êles comessem da árvore da vida? Não terá isto um aspecto bem acentuado de contradição?

Outra coisa que impressiona grandemente aos que não aceitam o dogma católico é esta sacrílega imputação, êste indisfarçável ultrage à justiça de Deus, tal a de condenar todo o gênero humano pelo crime cometido pelos nossos «primeiros pais»; pela sua falta de coerência, uma vez que não se encontra uma só palavra que toque nessa invenção do pecado original, nem no Pentateuco, nem nos Profetas, nem nos Evangelhos apócrifos ou canônicos, nem em nenhum dos escritores a quem denominamos os *primeiros Pais da Igreja.*

Adão certamente não era judeu e podia ser persa, caldeu ou de qualquer outra nacionalidade. Os primeiros capítulos do Gênesis (em qualquer tempo que fôssem compostos) foram olhados por todos os sábios judeus como uma alegoria e até como uma fábula muito perigosa, pois, a sua leitura era interdita ao israelita que não houvesse atingido os 25 anos de idade. Resumindo, os judeus conheceram tanto o pecado original, como as cerimônias chinesas; e embora os teólogos milagrosamente encontrem tudo, absolutamente tudo o que querem, nas Escrituras, podemos assegurar que um teólogo razoável nunca achará nelas coisa que fale dêsse mistério incompreensível do pecado original.

Confessemos, diz Voltaire, que foi Agostinho quem primeiro levantou essa estranha idéia, própria da cabeça de um africano dissoluto, maniqueano, indulgente ou perseguidor, que passou toda a sua vida a se contradizer.

> *«Que horror, gritam os unitários rígidos, caluniar o autor da natureza, a ponto de lhe imputar milagres contínuos para condenar os homens que êle fez nascer por tão pouco tempo! Ou Êle criou as almas de toda a eternidade, e nêste caso eram elas infinitamente mais antigas que o pecado de Adão, sem relação, portanto, com êle; ou estas almas são formadas a cada momento que um homem se deita com uma mulher, e nêste caso Deus está continuamente espreitando todos os «rendez-vous» do universo para criar espíritos que irá tornar eternamente infelizes; ou Deus é a alma de todos os homens, e dentro dêste sistema Êle se condena a si próprio. Qual é a mais horrível e a mais louca destas três suposições? Não há uma quarta; pois a opinião de que Deus espera seis semanas para criar uma alma condenada em um feto, é o mesmo que o faz criar no momento da união dos dois sexos: que importa seis semanas de mais ou de menos?» (Voltaire — Dictionnaire Philosophique).*

Qual o mal que pôde fazer uma criança que apenas acaba de nascer? Como pôde ela prevaricar? Como é possível a uma criancinha que nada fez, sofrer as consequências de uma maldição atirada aos nossos «primeiros pais?» Eram estas as interrogações de Clemente de Alexandria, êste sábio da antiguidade.

O pensamento de Orígenes quanto ao pecado original, não consistia senão na infelidade de poder o homem tornar-se semelhante a Adão, pecando com êle.

Convenhamos que o batismo seja uma necessidade, aceitemo-lo para argumentar, que êle fôsse o sinete do Cristianismo, mas ninguém havia dito que êle apagasse ou lavasse os pecados ainda não cometidos; ninguém, inicialmente, seria capaz de afirmar, que uma criaturinha inocente, morta um minuto após o nascimento, fôsse condenada às châmas eternas.

Tertuliano não quis ser batizado, o que prova que não acreditava na condenação, nem no pecado original; ou de outra forma, demonstrava prazer em sua própria condenação, o que é uma incoerência.

Há mais ainda. Jesus nunca disse: «A criança que não receber o batismo será condenada». Se Êle veio ao mundo, segundo a crença católica, para expiar todos os pecados, para resgatar o gênero humano por seu sangue, as crianças não podiam ser condenadas.

Jesus foi batizado, mas a ninguém batizou. Paulo circuncidou o seu discípulo Timóteo, mas não disse que o havia batizado.

No Gênesis C. I, vs. 26, 27 e 28, Deus criou o homem e a mulher no sexto dia, abençoou-os e deu-lhes a terra para trabalhar e lhes disse: «*crescei e multiplicai-vos*». Assim sendo, nessa determinação, Êle admitiu o ato da procreação como indispensável à multiplicação da espécie, não podendo, portanto, êsse ato constituir um crime.

Antes de Sto. Agostinho a Igreja repudiava êsse dogma.

Clemente de Alexandria, Orígenes, dos quais já falamos, condenaram esta monstruosa idéia, como ofensiva a Deus e à própria razão humana.

Segundo A. Leterre, em «Jesus e sua Doutrina», o papa Pelágio e seus discípulos diziam que:

> «*Se todos os homens nascessem da cólera eterna daquele que lhes deu a vida; se antes de pensarem, êles já são culpados, é, pois, um crime hediondo permitir-lhes vir ao mundo; o casamento seria o mais horrendo delito e, neste caso, o casamento não passaria do máu princípio dos maniqueanos. Isto não seria mais adorar a Deus; mas ao diabo*».

Pelágio e os seus debatiam esta doutrina na África, onde Agostinho gozava de imenso prestígio. Êle antes tinha sido maniqueano, abandonando estas fileiras, viu-se na obrigação de combater Pelágio.

Foi num concílio de bispos na África, segundo Leterre, que o tema do pecado original ficou resolvido, e foi S. Cipriano, bispo de Cártago, discípulo de Tertuliano, quem propalou a necessidade do batismo. Os partidários foram aumentando até o IV.° século, quando se deu a polêmica entre Agostinho e Pelágio, cujos livros foram destruidos posteriormente pelo clero romano, como tantos outros, se bem que os concílios de Dióspolis e de Jerusalém, em 415, reconhecesse que Pelágio tinha razão.

O concílio de Milano, também foi a seu favor, mas os bispos de África estimulados por Agostinho, pediram ao Papa Francisco II que condenasse aqueles dois concílios, bem como o próprio Pelágio. Inocêncio I interrogou Pelágio e recusou condenar, bem como os concílios que o absolveram.

Inocêncio I morreu logo após, e os bispos africanos voltaram à carga, junto ao Papa Zózimo. Êste interrogou Pelágio e confirmou a recusa de Inocêncio. Agostinho, no dizer de Leterre, estourou de raiva e forçou êste Papa a interrogar novamente Pelágio e seus adeptos. Foi aí que o dogma do pecado original começou a tomar foros e a tornar-se, por assim dizer, o pedestal do Catolicismo.

Não há, pois, razão de animosidade de Frei Boaventura contra os espíritas, pelo fato de não crerem êles no pecado original quando sua própria Igreja, através de inúmeros concílios, não sabia de início decidir-se, e só o fez temerosa de que Agostinho, com seu imenso prestígio, provocasse um cisma.

Mario Cavalcanti de Mello.

Luz para todos os cérebros e conforto para todos os corações, o Espiritismo é o único caminho que conduz as criaturas ao aprisco do Senhor, justamente por ser o revivificador do vero Cristianismo. Com os seus fatos comprobativos da Imortalidade e com as suas palavras de amor e sabedoria, só o Espiritismo satisfaz os justos anseios da humanidade. — CAIRBAR.

Esclarecendo

Em 1.°/11/53.
Prezado irmão
José da Costa Filho.

Saudações cristãs.

Li, com grande alegria, a crítica do meu velho e querido amigo Leopoldo Machado sôbre os meus «Poemas da Era Atômica», publicada na «Revista Internacional do Espiritismo» de 15 de Outubro de 1953. Por se tratar de assunto que a todos interessa, julgo imprescindíveis os esclarecimentos desta carta, cuja publicação sinceramente agradeço.

I

Ao publicar os «Poemas da Era Atômica» não pretendi, como não pretendo, gloríolas literárias. O prefácio é bastante claro: «Não sinto nem mais entendo a poesia ociosa, nefelibata, narcisista, sibarita. Nem creio que haja mais lugar para essa «arte que embriaga como a orgia», nêste alucinado fim de ciclo. Porque, nesta hora, ou o poeta vive, e sente, e compreende, e traduz toda a angústia de seus irmãos — numa linguagem simples e direta — ou não é mais o poeta que a Humanidade busca. Com perdão do Eça, agora é assim: «a nudez forte da verdade, sem o manto diáfano da fantasia». Noutro ponto do prefácio, pergunto eu: «Suponhamos que me consagreis. Mas de que vale a glória literária, no princípio do fim ? De que me valerá tudo isso ? De que ? Prefiro a tese de Jônatas Serrano: *O verdadeiro vate há-de ter um ideal superior e crer firmemente no alto valor da vida. Afirmará. Pregará. Levantará o sentimento nacional*». Como todo poeta moço, tive minhas veleidades. Tive-as, até o dia em que o Espiritismo iluminou meus olhos. Daí por diante, a poesia que escrevi é muito diferente...

II

Estranho como pareça, os «Poemas da Era Atômica» foram escritos de 1932 a 1952. Claro que destruí muitos versos, dos tempos das veleidades: mantive, apenas, aquêles que julguei necessários à evolução do homem em busca do seu Deus. Com essa inquietação da criatura que quer saber por que nasceu, por que vive e sofre, por que um dia morrerá, fui católico, protestante, positivista, materialista e espírita, nos «Poemas da Era Atômica». Portanto, há nêsses poemas, de 32 a 52, pensamentos e conceitos de católico, protestante, positivista, materialista e espírita... Quem leu o livro certamente encontrou estas palavras no prefácio: «A crença na imortalidade da alma, não imposta mas provada, muda completamente o homem. POR ISSO MESMO, EU NÃO ASSINARIA MAIS CERTOS POEMAS DÊSTE LIVRO, PORQUE NÃO REFLETEM O «NOVO HOMEM». MAS TODA A GRAÇA DA OBRA ESTÁ, JUSTAMENTE, NA EVOLUÇÃO DO POETA, através da busca infinita de Deus. Não será a história de cada um de vós ? Será». Quem não tiver prestado atenção a essa advertência, não entenderá a obra.

III

O meu caro irmão Leopoldo Machado parece não ter reparado nêsse pormenor, talvez porque os prefácios sejam mesmo uma inutilidade. Mas é que, com isso, êle discordou de poemas escritos na fase materialista do autor... Ora, o poeta dissera que não mais assinaria êsses poemas: êle os mantivera para mostrar sua própria evolução, que deve ser a de todos, a caminho do Espiritismo. Do contrário, onde estaria o mérito do livro ? Vejamos bem a advertência do princípio: «... toda a graça da obra («Poemas da Era Atômica») está, justamente, NA EVOLUÇÃO do poeta, através da busca infinita de Deus». Se tivesse publicado sòmente os poemas de inspiração espírita, o autor não teria feito obra de utilidade social, na amplitude desejada. Seu livro não seria um depoimento insuspeito. Porque, na verdade, o que impressiona os leitores estudiosos é, precisamente, a soma de argumentos de cada fase da evolução individual: catolicismo, protestantismo, positivismo, materialismo e, por fim, Espiritismo.

IV

Para dissipar quaisquer dúvidas, vem a propósito o «Poema da Busca Infinita», de que transcrevo, apenas, duas quadras:

E passei alguns anos de descrença,
Num materialismo insatisfeito,
Embora ouvisse, ainda, no meu peito,
A voz consoladora e ideal da Crença.

. . . .

Mas até onde irei, neste mister
De devassar os páramos profundos,
Nesta sofreguidão de novos mundos?
Que seja tudo como Deus quiser.

Até que, um dia, o poeta se encontra, à luz da Doutrina Espírita, e exclama com alegria:

Compreendo a Vida, meu irmão, com-
[preendo!
Achei a Luz Divina que buscava:
Minha alma, há tanto da descrença es-
[crava,
Já tem o X dêsse áporo tremendo!
Kardec irmão: teus grandes livros lendo,
Em que o esplendor do Bem refulgurava,
Esta alma, que antes era espinho e lava,
Banhou-se em luz e à terra foi descendo...

Aí começa, nos «Poemas da Era Atômica», o pensamento atual do poeta, que revoga todos os conceitos anteriores, e culmina no «Poema do Deus Divino», em contraposição ao «Deus Humano». É nêsse poema que se lê:

A única doutrina espiritual
Que homem não fez, embora médium
[peque,
E' aquela que transluz, não integral,
Na codificação de Allan Kardec.

. . . .

Eu canto o Espiritismo—Ciência Pura,
De Crookes, Flamarion e até Richet:
Que ilumina, e consola, e acalma, e cura
O homem que estuda, e persevera, e crê.

. . . .

Bondade — que os pecados não conso-
[mem —
Do Espírito Divino aos filhos seus:
Deus sempre desce até seu filho, o homem,
Quando o homem sobe até seu Pai, que
[é Deus!

V

Mas devo agradecer ao sempre jovem Leopoldo Machado, exemplo ímpar de trabalho para tantos moços desfibrados, o serviço que me prestou. Com efeito, os prefácios estão cada vez mais depreciados. Raros leitores se prendem às apresentações, sempre louvaminheiras e insinceras. Por isso mesmo, tratarei de corrigir êsse êrro na segunda edição dos «Poemas da Era Atômica». Em vez de prefácio, farei a planificação da obra, assinalando suas diversas partes: católica, protestante, positivista, materialista e espírita. Obrigado, professor!

VI

Palavras de Leopoldo Machado têm, sempre, para mim, uma importância singular. Assim, peço licença para explicar outros pontos a que alude o grande espírita:

1) «*Filho de pais israelitas...*» Não é verdade. Sou filho de pais sírios. E por sinál que meu pai, que é um materialista de quatro costados, não é nada amigo da raça de Moisés...

2) «*Veio, depois, a Legião da Boa Vontade, para cuja fundação contribuimos um tanto...*» Não é verdade. Leopoldo contribuiu muito, muitíssimo, para a criação da nossa LBV, que nasceu como um dos sinais do cumprimento da profecia: um dia, todos os rebanhos se fundirão num só rebanho para um só pastor. Na LBV se congregam pessoas de todos os credos religiosos e filosóficos, sem nenhum preconceito sectarista. Na sessão magna de fundação, na ABI, Leopoldo Machado representou o Espiritismo, falando ao lado de um católico, de um protestante, de um esotérico, de um judeu, de um positivista, de um livre pensador — todos irmanados pelo milagre da BOA VONTADE.

3) «*... mas não apareceu a Revista da Boa Vontade, que fôra fartamente anunciada no seu programa.*» A respeito, vale à pena citar o «Gitanjali» de Rabindranath Tagore, onde êle diz: «Graças te dou, ó Deus, porque me salvas sempre com ásperas recusas!» Realmente, com que pessoal iria eu fazer a «Revista da Boa Vontade», nesta seára devastada pela insinceridade, pelo comodismo e, o que é pior, pelo farisaismo

de tantos ? Só Deus trabalha sósinho... Um dia, surgirá a «Revista da Boa Vontade», porque nada mais sou do que instrumento nas mãos divinas. Darei toda a minha vida pelos ideais da Legião da Boa Vontade. Mas nada será feito senão na hora certa, sob a inspiração do Alto. Do contrário, Deus nos salva sempre com ásperas recusas...

VII

Era o que tinha a dizer, caro confrade José da Costa Filho. Só me resta agradecer a Leopoldo Machado, espírita autêntico e lidador formidável, as palavras tão amigas que escreveu sôbre o meu livro.

Creia que não desejo, de modo algum, o cartaz literário. «Poemas da Era Atômica» é a minha contribuição à vitória da Doutrina dos Espíritos, no Brasil e no mundo. Mas, infelizmente, como somos realistas e conhecemos a frágil argila humana, devemos lembrar os versos que Leopoldo citou, com tanta gentileza :

O Espiritismo apenas triunfará
Quando o homem fôr visceralmente honesto.

Que Jesus nos ilumine, cada vez mais, na tarefa bendita de trazer o Reino de Deus a êste planeta de dores !

De todo o coração,

Alziro Zarur.

Crônica Estrangeira

Aparição de um morto a uma moribunda

Psychica

Mme. Z. G. relatou o seguinte fato a ela ocorrido :

Perdí minha filha com 17 anos de idade; ela esteve doente durante cinco anos e seus estudos foram muito irregulares.

Durante os oito mêses em que esteve acamada e até o dia da mórte, conservou sua inteligência e vontade notáveis.

Quinze dias antes do falecimento, numa tarde em que eu estava reclinada à cabeceira de seu leito, perguntei-lhe em que pensava, vendo-a absorvida.

— Mãezinha, olha para lá, e apontou as cortinas do leito.

Segui a direção de sua mão, e sôbre a cortina sombria vi a forma de um homem, completamente branco, destacando-se nitidamente.

Não tendo nenhum conhecimento de Espiritismo, fui assaltada por intensa emoção.

Fechei os olhos, com o propósito de nada mais enxergar.

Minha filha disse-me :

—Tu não respondes ?

Tive a fraqueza de lhe declarar :

—Eu nada vejo.

Sem dúvida fui traida pela minha voz emocionada, porque a minha filha acrescentou com ar de repreensão :

—Oh ! mãezinha, eu vejo sempre a mesma coisa, há três dias, à mesma hora. E' meu paizinho que me vem buscar.

Ela morreu 15 dias depois ; a aparição não mais se repetiu. Nêsse dia havia atingido sua máxima intensidade, talvez para que também eu a enxergasse.

Eu repito, nessa época, nada conhecia de Espiritismo. Eu acreditava em Deus e na imortalidade ; e era tudo.

A morte de minha filha abismou-me em medonho desespero. Pensei enlouquecer. Depois, pouco a pouco, impôs-se em meu espírito e no coração o credo que eu ignorava.

Ouvi a voz de minha filha e entre nós houve comunicações. Hoje gozo do confôrto da consolação.

*

O «Feiticeiro» John Harries

Anos atrás *The Occult Review* tratou aos «feiticeiros» dum lugar chamado Cwrt-Cadmo, choça situada no vale de Coothi (Carmenthenshire). A família desses «feiticeiros» se transmitem as faculdades desde a metade do século XVIII. O mais assombroso de todos foi John Harries. A seu propósito existem numerosos relatos cuidadosamente consignados. Eis alguns: Certo aldeão dirige-se certo dia, a uma vila próxima, a negócio e não volta, causando inquietação a seus amigos. A polícia procura-o sem resultado. Decorridas algumas semanas, vão consultar Harries, que diz: «Êle está morto. Ide à montanha, entre Llandovery e Brecon, passai diante de uma casa em ruína, encontrareis uma árvore isolada. Removei as folhas. Êle está enterrado lá». Procuram debaixo da árvore e sob uma porção de folhas espezinhadas, encontram o cadáver. —Uma jovem desaparece de casa, e permanece sumida. Harries, solicitado a explicar o mistério, declara que a jovem fôra morta pelo seu noivo. O corpo está debaixo das raízes onde existe um ninho de abelhas. Era verdade. O assassino confessa o crime. Nessa ocasião, as autoridades fazem comparecer o «feiticeiro», que acusam de cumplicidade. Porém êle se livra, e, ao sair do tribunal, diz ao Juiz: «Dizei-me o dia e hora do vosso nascimento. Eu vos direi o dia e hora de vossa morte». O magistrado preferiu não ser informado e rapidamente despediu o inocente. — Muitos médicos iam consultá-lo para casos desesperados.—Certo dia, roubam dois agricultores de volta do mercado de Swansea. Harries, a seu pedido, exerce seu talento e pergunta: «Poderieis reconhecer vossos cavalos e charretes se os visseis?» — Certamente. Êle os conduz a um quarto vizinho e os convida a fixar um espêlho. Nêle claramente distinguem os animais e carros num ponto da estrada, que ambos bem conhecem. E vêem a si próprios adormecidos sôbre seus assentos. Um terceiro indivíduo, agricultor como eles— cujo nome imediatamente proferem—está perto dos carros e se apodera das sacolas de dinheiro, produtos das vendas no mercado. O ladrão, denunciado como culpado, confessa finalmente, e restitúe as importâncias. — Um aldeão vendeu seus animais e embolsa 80 libras. Volta à sua casa, e deita-se inconsciente. Dia seguinte dá pela falta do tesouro. Êle vai procurar Harries que anuncia: O ladrão vai ser forçado a ficar deitado por todo o resto de sua vida. Quanto a teus escudos, tu os encontrarás no teu bolso amanhã cedo». Dia seguinte, a mulher do aldeão não poude levantar-se. Está imobilizada por dôres que, daí por diante, se agravam, permanecendo acamada até seu fim. O dinheiro foi encontrado no bolso do costume. A mulher confessa o furto, mas assaltada por remorsos, restituiu a soma durante a noite. Durante dezenove anos permaneceu ela deitada, paralisada por sua doença.

O autor afirma que nada existe de audacioso ou legendário em tudo isto. São fatos. O Espiritismo de hoje os explica pela mediunidade da clarividência.

⁂

O Mago de Nápoles

De «Estudos Psíquicos».

O mago de Nápoles é um grande curador a braços com um pleito judicial em vias de solução. Toda a Itália vive êste estranho acontecimento profundamente interessada. E' também de *Diez Minutos*, de Madrid (edição de 3/5/953), que traduzimos o relato.

«O mago vive num elegante primeiro andar do conhecido Hotel Plaza, de Nápoles, o mesmo que foi ocupado pelo famoso compositor Mascagni. Na sala de espera encontram-se diáriamente umas vinte pessoas de todas as classes, enfêrmos, sãos, pobres e ricos. Há ali um aviso muito visível a anunciar que o «Professor Aquiles Angelo» só tratará doentes acompanhados de um médico-oculista ou tragam certificado, recomendando a consulta.

«Um dia chega à «clínica» um velho cego, com a esposa da mesma idade. Havia quatro horas que esperavam. O «mago» pegou no braço do ancião e conduziu-o lentamente ao consultório. A «clínica» é um apartamento de hotel como qualquer outro, do qual se retirasse a cama. Num canto há um armário e, entre outros móveis, um grande cofre cheio de cartas de toda a parte do mundo sôbre consultas dos olhos. Há também uma pasta com atestados de cura, alguns de pessoas eminentes. O médico assistente de um dêles diz textualmente: «Assisti hoje a uma experiência com o magnetizador Angelo e fiquei convencido do seu extraordinário poder magnético. No seu gênero ainda não vi coisa semelhante». A esposa do cego entregou ao «mago» o escrito de um dos médicos oftalmologistas mais notáveis de Roma, em que recomendava ao sr. Momicchiolo (êste é o nome do cego) o tratamento magnético. O «mago» mandou-o sentar, tirou-lhe as grossas lentes e começou a consulta. Ao mesmo tempo, a esposa do enfêrmo pediu-lhe que fizesse tudo o que pudesse.

«— Nada lhe asseguro — respondeu êle—; além disso não sou o Deus que tudo póde. Veremos primeiro se o doente sente as minhas radiações magnéticas.

«O magnetizador colocou-se atrás do paciente, a um metro de distância; e cerrando o punho esquerdo dirigiu-lhe lentamente para a nuca até perto de 50 centimetros. Depois de repetir três vezes o movimento, perguntou :

«— Notou alguma coisa ?

«Ao que o cego respondeu :

«— Tocou-me três vezes na cabeça.

«A anciã tremia de emoção e o magnetizador insistiu :

«— Tem a certeza de ter notado os toques ?

«— Sim, senhor, respondeu o cego com firmeza — Foi assim . . .

«E bateu três vezes com o punho sôbre a mesa.

«Depois o «mago» colocou-se em frente dêle e disse-lhe que fechasse os olhos. Em seguida dirigiu-lhe as mãos horizontalmente para os olhos.

«—Agora—disse o paciente—parece que me soprou fortemente nos olhos.

«O magnetizador deu-lhe muitas maçagens nos olhos com os polegares e depois uns passes circulares com as mãos estendidas em torno das fontes e da nuca, dizendo enérgicamente :

«— Abra os olhos!

«Aproximou-lhe a mão, a cinco centimetros, com dois dedos estendidos e perguntou-lhe quantos via.

«— Dois — respondeu o cego.

«Repetiu a mesma operação com mais exercícios, sempre com resposta afirmativa. A mulher começou a chorar. Angelo afastou-se 50 cemtimetros e repetiu as mesmas perguntas, recebendo idênticas respostas. O homem estava emocionado.

«—Cerre de novo os olhos — ordenou o magnetizador.

«Houve uma pausa de descanso, enquanto êste girou as mãos abertas em torno da cabeça do velho. Voltam as perguntas, fazem-se mais provas e as respostas foram dadas aos gritos :

«—Três... quatro... nenhum... dois...

«—A anciã dizia, entre gemidos, que os médicos não tinham nenhuma esperança e no rosto do cego refletia-se a surprêsa e o terror.

«—Oxalá que volte a trabalhar ! — dizia êle. —

«— Não tão depressa — respondeu Angelo. — Antes disso terá que vir aquí cinco ou seis vezes. Seja como fôr, agora digo-lhe que podemos ter esperança.

«—Quanto lhe devemos, senhor ?— perguntou a mulher —.

«O magnetizador estava convencido da pobreza do cliente.

«—O preço da consulta são dez mil liras, mas não me devem nada. Depois veremos.

«O sr. Momicchiolo tinha sido guarda-livros durante trinta anos e foi perdendo a vista pouco a pouco. Após muitas consultas, o médico disse-lhe que nada havia a fazer, pois o nervo ótico estava destruído. E concluiu, dizendo :

—Consultem o magnetizador Angelo. Talvez lhes possa fazer alguma coisa.

«Pouco depois, o velho ficou desempregado e a miséria entrou no seu lar.

«—Amanhã voltem ás quatro horas — disse-lhes o magnetizador.

«E acompanhou à porta os dois anciãos, que choravam emocionados. Eram oito horas da tarde. A consulta duràra uma hora e na sala ainda estavam dezoito pessoas . . .»

Comentários ? Não vale a pena. O leitor que os faça à vontade, tirando as ilações que entender. Só dizemos uma coisa : a arte de curar não é exclusivo de uma classe e mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga. Se lhes chamam curadores, é porque curam . . .

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 7 de Novembro de 1953.

A' hora regimental, faz o presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião. São justificadas as faltas dos conselheiros Aurino Souto e Cel. Delfino Ferreira. Apresenta em seguida o presidente os novos representantes do Estado do Rio, da Paraíba e de Minas Gerais, respectivamente, Major Luiz Gentil, jornalista Indalício Mendes e Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, empossando-os. Lida a Ata da reunião realizada em 3 de Outubro, foi ela aprovada. No expediente é lido um oficio da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro comunicando estar o Dr. Carlos Imbassahy impossibilitado, por motivo de enfermidade, de continuar como representante daquela Entidade.

O conselheiro Atlas de Castro comunica que a solenidade, em homenagem a Allan Kardec, realizada em 3 de Outubro, na séde da FEB, teve o maior êxito.

O presidente apresenta ao estudo do Conselho um trecho de «O Livro dos Médiuns», trecho que foi analisado e comentado por todos os srs. Conselheiros, num estudo comparativo entre os conhecimentos da Física de 1861 e os atuais.

O conselheiro Luiz Montorfano lê um telegrama da Federação Espírita Amazonense, comunicando o lançamento, em 4 de Outubro, da pedra fundamental do Hospital Espírita Allan Kardec, em Manáus.

O conselheiro Indalício Mendes, após agradecer a escolha do seu nome para representante da Federação Espírita Paraibana, comunicou haver aquela Sociedade criado o seu Conselho Federativo Estadual, em 5 de Outubro p. p., época em que lá se realizavam as solenidades em homenagem ao Codificador.

O conselheiro Major Luiz Gentil, agradecendo a acolhida do Conselho, manifesta a sua tristeza pelo afastamento do Dr. Carlos Imbassahy.

O conselheiro Miranda Ludolf manifesta o seu prazer em representar a União Espírita Mineira e discorre longamente sôbre os resultados da reunião da CEPA, em Cuba, onde êle representou a Federação Espírita Brasileira.

«Novo Horizonte»

Com êste título, está circulando na Capital Federal uma nova Revista espírita — órgão oficial do Centro Espírita Canagé.

O exemplar que recebemos, n.º 2, traz ótimas colaborações e diversas mensagens mediúnicas de conhecidos e apreciados médiuns, entre os quais Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar.

O exemplar em aprêço, que é referente aos mêses de Outubro, Novembro e Dezembro, contém 32 páginas impressas em ótimo papel.

A' distinta colega, as nossas boas vindas e votos de progresso.

«A Aliança»

A nossa distinta colega «A Aliança», que se publica na Capital, completou em Outubro último, o seu 16.º aniversário.

A' prezada colega, o nosso abraço congratulatório.

Convite

Do Educandário Pestalozzi, de Franca, recebemos convite para assistirmos a entrega do Certificado de conclusão do curso aos licenciandos de 1953, facto este que se verificou no dia 13 último, ás 20 horas, no salão «Analia Franco» desse importante estabelecimento de ensino.

Foi convidado para paraninfo o Dr. Erlindo Salzano, vice governador do Estado.

Gratos pelo convite.

União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo (USE)

Súmula da Ata de Reunião do Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 25 de Outubro de 1953.

O CONSELHO DELIBERATIVO DA USE, reunido no dia 25 de Outubro de 1953, tomou, dentre outras, as seguintes decisões:

1 — Publicar, pelo jornal «Unificação, uma série de artigos esclarecedores das bases fundamentais da Doutrina Espírita, com absoluta observância da Codificação kardeciana no seu conjunto, de conformidade com o trabalho apresentado pelo Presidente da Diretoria Executiva. Êsses artigos serão estudados e aprovados pelo Conselho de Redação do jornal oficial da USE.

2 — Enviar aos órgãos constitutivos da USE, aos Conselheiros e ás entidades inicialmente patrocinadoras do trabalho de Unificação espírita estadual, cópia do trabalho elaborado pelo Presidente da D. E., a respeito da conceituação do termo «Espírita», para efeito de estudo e apresentação de sugestões complementares ou modificativas.

3 — Elaboração de um trabalho intitulado «O que é a USE e como funcionam seus órgãos constitutivos», para efeito de esclarecimento geral ás Sociedades e Espíritas do Estado. O ante-projeto dêsse trabalho será, igualmente, enviado a todos os órgãos da USE para efeito de apresentação de sugestões, antes da elaboração definitiva pela Diretoria Executiva.

4 — Recomendar aos Conselhos Regionais Espíritas a conveniência da realização de «Semanas Espíritas Regionais», independentemente das «Semanas Espíritas Municipais» que possam ser realizadas nas Cidades que dispõem de recursos bastante para êste fim.

Os Conselhos Regionais e Uniões Municipais Espíritas, devem comunicar a D. E., com bastante antecipação, o mês em que pretendem realizar as respectivas «Semanas», enviando, ao mesmo tempo, esboço do Programa para efeito de estudo e colaboração por parte da Diretoria Executiva.

5 — Recomendar aos Conselhos Regionais e Metropolitano, ás UMES e UDES, a conveniência de estabelecerem seus Planos de Trabalho, baseados no Plano geral da D. E., nos seus respectivos Regimentos e nos Estatutos da USE, tendo em vista que as atividades planificadas são mais proveitosas e asseguram certa continuidade no trabalho.

Os Planos de Trabalho dos órgãos da USE acima mencionados, abrangerão as suas respectivas jurisdições e terão em conta as suas possibilidades mínimas de realizações.

6 — Recomendar a organização da Mocidade Espírita no Estado, de conformidade com o trabalho relatado pelo Presidente da USE. Será enviada copia desse trabalho a todos os órgãos da USE para efeito de aplicação, devendo os casos especiais serem comunicados à D. E. para efeito de estudo e solução satisfatória, respeitada a estrutura da USE.

—

O CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL DA USE, tomou conhecimento:

a) das súmulas de Atas das reuniões do Conselho Federativo Nacional, realizadas nos mêses de Agosto, Setembro e Outubro do corrente ano;

b) do resultado da reunião de Diretores das entidades Federativas dos Estados de São Paulo, (USE), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, realizada no dia 23 de Agosto p. passado em Curitiba, quando acertaram pontos de vista sôbre a Conceituação do termo «Espírita»;

c) dos relatórios do Conselho Metropolitano e do Conselho Regional Espírita da 1.ª Região;

d) dos relatos verbais de alguns Conselheiros Regionais, acertando providencias para o incentivo e consolidação do trabalho Unificador em diversas Regiões.

São Paulo, Outubro de 1953.

USE — União das Sociedades Espírita do Estado de São Paulo

Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva
Secretário Geral.

Humildade significa amor, paciência, perseverança, perdão e renúncia. — L. B.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2912unse

NO XXIX—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1954 — N. 12

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel . . . . *Redação*
Versos Imortais . . . . *Ismael Gomes Braga*
Livros em Desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Meu Irmão . . . . *Arnaldo S. Thiago*
A Igreja e a Psicanálise . . . . *Deolindo Amorim*
Os Tabus Científicos . . . . . *Carlos Imbassahy*
O Pecado Original — O Dogma da Redenção . . . . *Mario Cavalcanti de Mello*
A Inteligência Animal . . . . . *Spártaco Banal*
Umbanda e Espiritismo . . . . *Leopoldo Machado*
Pré-História Sul Americana . . . *L. A. Rodrigues*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Aos nossos assinantes em atraso

Solicitamos encarecidamente aos nossos assinantes em atraso, o obséquio de nos remeterem as importâncias relativas ao pagamento de suas assinaturas, visto como os nossos representantes-viajantes srs. João Leão Pitta, Onofre Batista e Lourenço Bianchi estão impossibilitados de viajar em virtude de se acharem enfêrmos.

Fazemos este pedido aos nossos assinantes atrasados no pagamento de suas assinaturas, afim de podermos satisfazer os nossos compromissos, para que a obra, à qual vimos dispensando a melhor boa vontade, não sofra interrupção de continuidade.

A remessa das importâncias devem ser feitas sob registro com valor declarado, por vale postal ou cheque pagável em Matão, podendo os srs. assinantes descontar os gastos feitos com a remessa do dinheiro.

Certos de sermos atendidos neste justo pedido, agradecemos desde já os nossos assinantes que nos atenderem.

A REDAÇÃO.

ANO XXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1954 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

ONDE existe o verdadeiro aféto, a morte parece ter o condão de estreitar ainda mais os laços que unem os corações, não medindo o tempo que se perde no correr dos anos.

Assim dizemos, porque há dezesseis anos que o nosso querido companheiro Cairbar Schutel ingressou no mundo espiritual e a sua imagem se grava cada vez mais, como em alto relevo, na retina dos nossos pensamentos. E então, numa sucessão rápida, desfilam à nossa visão espiritual o seu porte varonil, o seu trato afável, a sua prosa embevecedora, a sua dedicação para com os pobres e enfêrmos, o seu modo peculiar de fechar os olhos às faltas dos seus semelhantes, o amor com que pregava o vero cristianismo à luz do Espiritismo ou do Paracleto, só encontrando paralelo num Apóstolo como Paulo de Tarso.

Cairbar Schutel foi o exemplo vivo da Caridade e da Fé. Sim, da Caridade porque sabia que fóra da caridade não há salvação; da Fé, porque compreendeu e sentiu Deus através da Imortalidade. E quando adquiriu tão grande cabedal espiritual, o seu maior desejo foi que todos bebessem na mesma fonte a água da vida, aquela mesma água que Jesus ofertou à mulher de Samária.

Dai o seu trabalho afanoso na seára, o seu estoicismo e espírito de renúncia. Foi por tudo isso que Leopoldo Machado o chamou de «Espírita n.º 1 do Brasil», no seu tempo.

Porventura estamos nos excedendo no assunto ? Diz-nos a consciência que não, que tudo o que dissermos sôbre as virtudes dêsse vulto do Espiritismo nada representa em face dos seus méritos como cristão, como espírita e como cidadão.

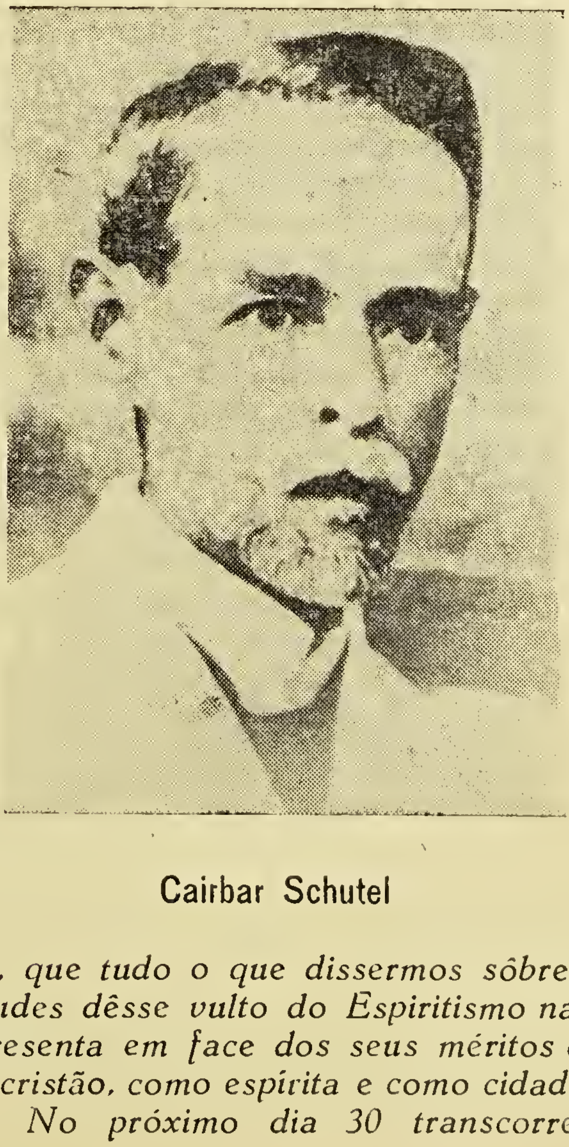

Cairbar Schutel

No próximo dia 30 transcorre o

16.º aniversário do seu passamento para a verdadeira Pátria, que é a espiritual e que sempre constituiu as suas principais cogitações.

Certamente, lá, do mais alto, êle deve se encontrar plenamente satisfeito ao ver que a sua obra, ainda que com algumas falhas, devido ás nossas deficiências, continua firme no seu posto a difundir o véro Cristianismo à luz do Espiritismo, pondo à margem os obstaculos que procuram impedir-lhe a marcha na sua triunfante caminhada, no desempenho do seu elevado desiderato.

Ao registrar o 16.º aniversário do desencarne de Cairbar Schutel, nosso amigo e companheiro, solicitamos a Jesus que proporcione ao seu espirito mais luzes, maior progresso espiritual, e que êle reparta conôsco, se o merecermos, um pouquinho das suas acquisições que tanto nos servirão para o bom desempenho do trabalho que nos propuzemos levar até o fim.

Versos Imortais

Há versos que rompem galhardamente os milênios, conservando viva a sua roupagem, quando tudo em volta já morreu: os costumes, o idioma, a civilização esboroaram, mas eles ficaram sempre vivos, sempre luminosos.

Há em sânscrito, em grego, em latim, em hebráico versos que ainda hoje são lidos respeitosamente no original pelos eruditos que estudam êsses velhos idiomas para podê-los gozar no original.

Igualmente em línguas modernas há composições poéticas que estão fadadas a viver sempre pela sua beleza, pelo seu espirito. Vamos hoje mencionar dois sonetos que nos parecem destinados à vida eterna, a viver depois que a língua lusitana já não existir entre os idiomas vivos. Um foi escrito há decênios, em vida de Vicente de Carvalho, membro da Academia Brasileira de Letras, desencarnado em 1924. Já em 1914 era um soneto célebre e como tal foi reproduzido numa coleção publicada em Paris, pelos editores F. Briguiet & Cia. Toda gente o sabe de cór. Ei-lo:

Velho Tema

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos.
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não na alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nòs estamos.

Note-se nesta jóia a intuição de um mundo maior, de onde veiu a alma do poeta para o destêrro em um mundo inferior, bem como o ensinamento final, de que sofremos, porque pomos a felicidade fóra de nós, queremos achá-la no mundo exterior, quando Deus e a felicidade estão dentro de nós. Não somos felizes, porque buscamos as ilusões materiais, supondo erradamente que nelas, nas coisas materiais, esteja a felicidade. E' ilusão semelhante a buscar os *mortos* nos cemitérios ou Deus nas catedrais.

Se êste soneto já conquistou a imortalidade, mais segura ainda será a imortalidade do que segue e que aparece no livro «*Cânticos do Além*», de cincoenta e sete poetas desencarnados que escreveram pelo lapis da médium Dolores Bacelar. Êste ensina verdade eterna e só por isto já seria imortal, ainda que a forma não fôsse um primor:

Soneto

Quem faz o bem visando recompensa,
Vende apenas favores e mais nada...
Mais vale um vagalume em noite densa
Que um faról com a luz sempre apagada.

Ajudemos o irmão de Alma cansada,
Sem procurar saber a sua crença.
Nós somos companheiros de jornada
Buscando a mesma Luz na treva imensa.

Viemos à Terra para bem servir,
Confiando nos Dias do Porvir,
Em pura comunhão cristã vivamos!

Desejemos áquêle que, na vida,
A Alma nos deixa, em chagas, dolorida,
O que na vida para nós sonhamos.

E' uma lição de Evangelho na mais bela forma, destinada, portanto, a pleno triunfo quando o Evangelho governar nossos corações.

Nêste novo livro, do tipo do «*Parnaso de Além Túmulo*», encontra-se mais de uma centena de lições grandiosas, algumas das quais já mencionamos nas páginas desta Revista, com todo o sabor da originalidade, antes de qualquer retoque dos luminosos Autores que muitas vezes voltam a emendar seus versos. Nosso esfôrço, copiando os versos logo depois da sessão e os remetendo para a Redação da Revista, foi justamente deixar uma documentação mediúnica que reputamos interessante para os estudiosos que agora terão os versos no livro, alguns com burilamento feito pelo Autor; outros sem alteração alguma.

As pessoas que possuam a coleção da Revista e agora tenham o livro, poderão fazer o estudo comparativo.

São muitos no livro os versos destinados a grande futuro.

Ismael Gomes Braga.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Rádio Emissora Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e leu **DELFINO FERREIRA** em 11/7/53).

De Cairbar Schutel atingiremos hoje o término da metade da coluna de Livros em Desfile, apresentando aos rádio-ouvintes e aos leitores de «Revista Internacional do Espiritismo», os 7.º e 8.º livros do velho batalhador, que deixou em Matão, mais do que uma semente, porque frondosa árvore cujos frutos continuam a espalhar sementes pelo Brasil e Portugal, através de livros e periódicos que soube fundar de modo a poderem continuar o bom combate há quasi meio século brava e vitoriosamente iniciado.

«Espiritismo e Materialismo» é o 7.º livro, sendo 8.º «Os Fatos Espíritas e as Forças X...»

Vejamos o primeiro deles: Faz muito tempo encontra-se esgotado, estando, porém, ás vésperas de reedição. A última, que foi a 2.ª, data de 1941, como de Novembro de 1925, a 1.ª. E' êste, com as «Conferências Radiofônicas» e mais «O Diabo e a Igreja», trabalhos de que não poderiamos algo dizer, dado faltarem em nossa coleção de livros que não ousamos denominar Bibliotéca... não fôra a gentileza dos Editores nos haverem remetido por empréstimo e... já restituidos.

Tal muitos outros, «Espiritismo e Materialismo», e mesmo o seu companheiro no desfile de hoje é mais um opúsculo do que própriamente livro. Isto, todavia, ocorre, pelo espírito de síntese que tanto caracterisou o Autor, mestre que foi e em dizer muito em poucas linhas, ás vezes, mesmo, esclarecendo muito mais nessas poucas linhas do que muitos autores em muitas páginas.

E' assim que em «Espiritismo e Materialismo» reuniu sete magnificos escritos, subordinados aos seguintes títulos:

— Existência e imortalidade da alma; —Estudo Experimental: meios de comunicação com os Espíritos, de que se destaca, por Cairbar colhido de Stainton Moses, o método por êste grande médium preconisado para a tiptologia de mesa; — A Alma revestida de seu corpo fluídico — Magnetismo e Hipnotismo; — Materialismo; em que se prova a existência do Espírito pela do Perispírito, com interessante estudo sôbre a memória; — Padres e Ministros protestantes — motivos de anátema contra o Espiritismo; — Satanaz e Loucura — a sugestão em ação; A Fé — A Razão e a Liberdade; —Religião e Religiões: Sem caridade não há salvação. E por fim: Conclusão.

«Espiritismo e Materialismo» é dedicado a um amigo: Luiz Carlos de Oliveira Borges, pelo Autor que, a guisa de Prefácio, explica em «Duas Palavras», ou melhor, justifica nessa página, a sua apresentação, que se deve ao compromisso, assumido com êle próprio, ao «iniciar-se no Caminho da Verdade», de não reter em seus lábios nem cristalizar na pena as acquisições que os céus lhe concedessem.

Passemos agora à segunda obra: «Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...»

Teve a sua primeira edição em 1926, a 2.ª em 1944, e, por se encontrar esta já esgotada, encontra-se a 3.ª em preparo.

Em palavras oferecidas como Prefácio na página «Aos Leitores», e após aludir ao papel, já morto para muita gente, desempenhado pelas religiões, Cairbar Schutel expõe o objetivo dêsse trabalho, que outro não é do que orientar os leitores, encaminhando-os para o estudo do Espiritismo através de suas obras fundamentais, afim de que alcancem visão mais ampla da vida.

Comenta as teorias com que, fóra do Espiritismo, se há buscado explicar os fenômenos, e, daí, o temário de sua obra desdobrada através dos seguintes capítulos:

— As fôrças cegas e as secreções nervosas, que são duas dessas teorias; — As fôrças infernais; — As fôrças «vitais incompletas»; — As fôrças N, V, X...; — As fôrças do preconceito; — A preexistência e o sub-consciente; Espírito, Fôrça e Matéria; Ciência bastarda; — A ciência e a religião oficial; — As fôrças adversas e a fôrça da verdade. — Conclusão.

A todos PAZ e LUZ.

Meu Irmão

ARNALDO S. THIAGO.

Lia-se, num dos livros da série «Hilário Ribeiro», no meu tempo adotados como livros de leitura das escolas primárias, o seguinte diálogo entre um homem célebre e um seu contemporâneo:

— «Qual o vosso melhor amigo?» — perguntou-lhe êste.

— «Meu irmão», respondeu-lhe o filósofo.

— «E depois?»

— «Meu irmão».

— «E em seguida?»

— «Ainda meu irmão», finalizou o filósofo.

E realmente! Os irmãos, excetuados os casos de dissídios familiares, por isso deploráveis sempre, a confirmar, pela sua excepcionalidade, a boa regra do amor fraterno, são os verdadeiros amigos, porque se compreendem e dessa compreensão nasce a amisade sincera que uns aos outros consagram.

Alvaro, cuja notícia de falecimento acaba de me ser dada pelo genro amigo e por um dos amigos sobrinhos, era amigo dos seus irmãos na mais ampla significação da palavra: é natural, portanto, que lhe testemunhemos à memoria impoluta a nossa mais profunda reverência.

A vida dos homens, dos mais eminentes aos mais humildes, é um livro aberto que temos diante dos olhos e do qual vamos colhendo ensinamentos que nos levam à madureza das reflexões. Se o livro nos enleva desde logo pela sua forma literária, pela excelência e grandeza do contexto e se êsse enlevo aumenta à proporção que nos adiantamos na leitura, é natural que aumente de importância o coroamento da obra, pois que bem certo é o prolóquio: «FINIS CORONAT OPUS» — no fim está o coroamento da obra.

A vida de Alvaro foi um defluir de ações de elevado teor doméstico, social e profissional: nunca praticou um ato máu, jamais qualquer transgressão da moral lhe empanou o lustre de uma existência respeitabilissima na sua modéstia de homem simples. Destarte, tremermos pelo seu coroamento, ansiarmos por ver, no fim de tão grande vida, o mais belo coroamento, era para nós, seus irmãos, que esperamos na morte a plenitude da vida, uma séria preocupação, preocupação, isso tendo em vista o que nos dizia a querida progenitora: «Onde está o homem, está o perigo».

Conhecemos a fragilidade humana e o quanto está ela exposta á ação malévola dos nossos semelhantes!

Mas o caro irmão chegou ao fim

em boa paz de consciência, graças a Deus! Cumpriu o seu dever superior de filho, de irmão, de espôso e de pai extremoso, deixando exemplos vivos de boa orientação domestica e dispostas as cousas humanas, apesar de ter sido sempre um homem pobre, de modo tal que tem a felicidade de ver a família amparada, ao ter de deixá-la para atender ao chamamento de Deus.

Para documentar o que venho afirmando a respeito da integridade e da inteireza do irmão que desaparece do mundo terreno, cito um fato de ordem familiar, muito significativo: Alvaro, pouco tempo antes de ter de deixar-nos o querido progenitor, morava com sua família em companhia de nossos pais. Quase na hora extrema, chamando-o bem para junto de si, meu pai segreda-lhe aos ouvidos: «Alvaro, meu filho, desencarno tranquilo, pois que vejo Clarinha confiada aos teus cuidados» (Clarinha era diminutivo familiar de nossa mãe).

Particularmente, devo a êsse irmão um sentimento de gratidão sem limites. Instantes houve em minha vida, tão cheia de violentos contrastes, dado o temperamento combativo que Deus me deu, em que, sem a sua assistência amiga, ter-me-ia deixado vencer por implácaveis adversários. Ajudou-me sempre, superando-se a si mesmo, nos instantes difíceis. Era uma especie de pagé em em nossa família: todos o ouviamos respeitosamente, dada a sua ponderação e o seu equilibrio moral.

Pagé, segundo a etnologia brasileira, não é o mandão, mas sim o conselheiro. Alvaro, quando criança, falava uma linguagem muito aproximada, ou antes, que tinha inflexões da linguagem dos nossos íncolas da nação tupí. Nunca me chamava pelo nome e sim por um pseudônimo que me pespegou inexoravelmente: «*Inhakity*». Eu me tornei o *Inhakity* da família. Para grande chamava «*golon-golon*»; pequeno, para êle, era «*guilin-guilin*». Não tem dúvida, dizia-lhe nosso pai. que era, como todos somos, os da família, re-encarnacionistas, uma vez que somos espiritas: «não há dúvida, foste bugre noutra encarnação.»

E o nosso bugrinho morreu! Não lhe pude sentir as últimas expansões do seu acendrado sentimentalismo — aquela divina sensibilidade que Deus lhe deu e que o fazia viver sempre acompanhado de nossa mãe, principalmente nos momentos de dor. Era como se lhe estivesse ao lado, velando-o carinhosamente. Tremiam-lhe então os lábios de emoção, desciam-lhe as lágrimas dos olhos e vibrante de saudade e de afeto filial, dizia-nos, humilde, como a querer se desculpar de nos interromper o diálogo: —«E' a mamãe que está aqui. Ultimamente ela não me deixa um só instante. E é o que me vale!» Prodigio da crença, maravilha da fé! E ainda há homens que contestam a excelência e a excelsitude da Religião!

Na lousa que lhe encobre o corpo, aquele corpo que lhe serviu de filtro a depurar-lhe completamente a alma, plantarei uma saudade. No íntimo do meu coração cultivarei eternamente a suave, a doce, a inefável amizade que nos une. Deus te abençôe, meu irmão! Jesus possa receber-te nos tabernáculos da imortalidade!

Já há muito não tenho escrito versos. Agora, pelo falecimento do meu irmão, tive uma certa vontade de lhe consagrar alguns acordes da lira emudecida. A' sua memória dedico, pois, êste humilde soneto:

Alma Feliz

(Ao meu irmão Alvaro, por ocasião de sua desencarnação)

Ante a morte chorar?! Porque chorar,
Se vem da morte a vida, em sua essência?
Quando o corpo sucumbe, a consciência
Mais se ilumina em esplendor sem par!

Quando é um justo que morre, ao despertar,
Sente o viver em tôda a refulgência
E é nesse instante que, por excelência,
Entre os homens assume o seu lugar.

Foste na Terra, irmão, o preferido
Da virtude Humildade e, protegido
Por ela, sim, viveste santamente.

Dos humildes modêlo foi Jesus:
Deves estar, por isso, em plena luz.
Porque chorar, se tu estás contente?...

Rio, 13 de setembro de 1953, ao saber da desencarnação de meu querido irmão Alvaro.

A Igreja e a Psicanálise

DEOLINDO AMORIM

LEMOS há pouco, no jornal *O Globo*, de 2 de novembro (Rio de Janeiro) uma notícia de certo modo curiosa: a Igreja Católica Romana, pela voz de sua mais alta autoridade — o Papa — já está fazendo algumas concessões à doutrina de FREUD. Ainda há pouco tempo, como é notório, a Igreja não suportava a doutrina psicanalítica. Havia, pode-se dizer, uma guerra aberta entre a Igreja e Freud, o criador da Psicanálise. Hoje, porém, ao que parece, as coisas estão mudando, porque a Igreja, pelo que disse recentemente o Papa, já não *condena* totalmente a Psicanálise. Pelo menos é o que se pode deduzir destas palavras, pronunciadas pelo Papa, perante uma delegação do V Congresso Internacional de Psicoterapia e Psicologia clínica:

> *«Decerto não se deve acusar a psicologia do subconsciente quando ela se apodera do próprio conteúdo do psiquismo religioso, procurando analisá-lo e reduzi-lo a um sistema científico, ainda que essa pesquisa e a sua terminologia sejam novas». E, depois de haver aconselhado prudência «tanto de um lado quanto do outro», acrescentou: «Compete aos métodos da vossa ciência esclarecer as questões da existência, da estrutura e da maneira de agir do dinamismo psíquico. Se os resultados forem positivos, não poderão ser considerados inconciliáveis com a razão e com a fé».*

Não queremos entrar em apreciações a respeito da Psicanálise, mesmo porque o problema do *subconsciente*, se fôr bem estudado à luz do Espiritismo, principalmente em relação às propriedades do *perispírito*, dará margem a uma ordem de considerações capaz de ultrapassar, e muito, o campo da escola freudiana. Todavia, forçoso é reconhecer o indiscutivel interêsse científico da teoria de Freud, embora tenha sido ela muito combatida. Não há dúvida quanto aos exagêros em que, lamentavelmente, incidiu o ilustre mestre de Viena. Um dos exagêros de Freud — exagêro que tem sido reprovado até mesmo entre seus discípulos — é o do *pansexualismo*, por ter caído na generalização. Se, por um lado, não se póde deixar de notar na construção científica de Freud certo radicalismo, muita tendência para colocar o problema sexual acima de todas as influências determinantes do comportamento humano, não se póde negar, por outro lado, a importante contribuição de Freud ao desenvolvimento da Ciência, nestes últimos anos, especialmente no terreno da Psicologia. A obra de Freud é discutivel, e tem sido discutida. Há, porém, na Psicanálise pontos apreciáveis, teses que não foram nem devem ser abandonadas sistemáticamente. Daí, porém, não se vai ao extremo de aceitar inteiramente a teoria do professor vienense, tanto mais que dentro da doutrina espírita há explicações mais racionais para determinados problemas levantados corajosamente por Freud, contra todos os preconceitos científicos e religiosos. Alguns discípulos de Freud, entre eles Adler e Jung, por exemplo, deixaram, em parte, a obra do mestre e resolveram tomar outro rumo. Isto prova, portanto, que Freud tem seguidores, mas tem, ao mesmo tempo, dissidentes e contraditores, como acontece, aliás, com todo espírito pesquisador e renovador.

No caso da Igreja, porém, o que nos interessa é apenas o fato de, agora, a Igreja estar aceitando aproximação com a Psicanálise, cujos métodos tanta repulsa tiveram de certos teólogos... Isto significa que a Igreja está disposta a acompanhar as discussões científicas. Antes assim. Vamos pesar bem estas palavras do Papa: se os resultados da Ciência (no caso da Psicanálise) forem positivos — afirma o Chefe Supremo da Igreja Romana — *«NÃO PODERÃO SER CONSIDERADOS INCONCILIÁVEIS COM A RAZÃO E A FÉ»*. Tudo indica que o Papa quer, agora, o armistício entre a Ciência e a Fé. A Igreja sente, portanto, necessidade, cada vez maior e mais imperiosa, de acompanhar as atividades científicas, mesmo porque, se assim não proceder, ficará à margem da evolução. A *Ciência*, a *Razão*, e a

Fé, cedo ou tarde, terão de chegar a um acôrdo consciente e inevitável.

Disse, mais, o Papa, a propósito do V Congresso de Psicoterapia: *para sondar os mistérios e as profundezas do subconsciente, para pesquisá-los e corrigí-los quando exercem uma influência nefasta, esses meios dependem exclusivamente de vossa competência.* Quer o Papa dizer, sem dúvida, com tais palavras, que o bom ou mau emprêgo dos métodos psicanalíticos depende da consciência dos cientistas que deles se utilizarem e, também, da competência profisional.

De qualquer fórma, como se vê, a Igreja deu um passo bem adiantado. Seria ainda mais interessante se a Igreja tomasse, em relação a outros assuntos cientificos e filosóficos, atitude idêntica de imparcialidade e interêsse. Os teólogos geralmente condenam ou rejeitam *a priori,* sem o menor exame, sem qualquer discussão, tudo quanto não esteja de acôrdo com o pensamento da Igreja. Nenhuma doutrina, nenhuma ciência, nenhum método deve ser desprezado *a priori,* antes de exame e da crítica. Parece que a Igreja, nêste particular, está mudando de orientação, uma vez que já admite a conciliação entre a ciência e a fé, já permite a aceitação de certos pontos da Psicanálise.

Agora, finalmente, uma observação: assim como a Igreja resolveu, depois de muita luta, respeitar as conclusões positivas da Psicanálise, pois a Ciência não é inimiga da Religião, nem a Ciência pretente destruir a crença em Deus, deve a Igreja, por analogia, aceitar as conclusões, os resultados positivos de outros campos de conhecimento. Se, finalmente, a Verdade é uma só, e os métodos científicos são *meios* empregados na pesquisa da Verdade, a Igreja deve, agora, estudar o mecanismo de certos fenômenos psíquicos e, depois, chegar ao Espiritismo. Assim, pois, ao invés de *condenar* o Espiritismo, a Igreja devia e deve estudar cientificamente os princípios desta doutrina para poder, no fim de tudo, tomar atitude criteriosa em beneficio da Verdade. Se a Igreja reconhece que no subconsciente há um campo ainda inexplorado, e por isso concorda em suspender a guerra contra a Psicanálise, muito mais razão teria a Igreja em mudar de orientação a respeito do Espiritismo, porque êste último tem elementos para *provar* experimentalmente o princípio básico de toda a filosofia e tôda a moral da Igreja: a imortalidade da alma. Seja como fôr, a verdade é que a Igreja não está mais em posição irredutivel em face da Psicanálise. E' mais um passo para a Ciência.

Os Tabus Científicos

Psicanálise

ULTIMAMENTE tem-se apresentado uma nova doutrina para explicar os fenômenos psíquicos, tirando-nos a ilusão da sobrevivência, da imortalidade, e, sobretudo, da comunicação com os mortos e da preexistência espiritual.

Disse-o há pouco o Papa que a Psicanálise explicava os fenômenos do Espiritismo. A notícia alviçareira foi divulgada em vários jornais e em vários tons. Alegrou-se o púlpito. Não faltaram os foguetes e as girândolas que quasi sempre acompanham tão sensacionais revelações.

Os cientistas que seguem Freud já não têm dúvidas: os segredos da Alma, explorados pelas religiões e agora pelos adeptos de Allan Kardec, que os procurou explicar, estão totalmente desvendados. A sonda psicanalista foi buscar no Inconsciente a nossa formação ancestral, os instintos primários em que os espiritistas baseavam a razão de muitos fatos, tidos por supranormais, ou sobrenaturais, na linguagem eclesiástica.

Finalmente, ilustre biologista, catedrático da Faculdade de Medicina de Niteroi, toma a Psicanálise como um baluarte contra a reencarnação e entre vários outros ensinos, fornece-nos êste:

> *«A psicanálise sonda a alma instintiva do homem através de seus desejos fundamentais. E' uma Ciência baseada na observação e na experimentação, no exame meticuloso desta mente instintiva ou*

carnal que dirige no homem sua luta pela subsistência. Os nossos desejos fundamentais são o da correspondência, da consideração, de novas experiências, de segurança. Desejos, emoções, hábitos e complexos definem a alma.»

Puro terreno freudiano. Declara ainda que fizemos mal, em obra recentemente publicada, em menosprezar a psicanálise, e ainda mais «que a alma vivente que imagina, vibra emocionalmente e deseja, nada tem de espiritual». Lamenta que «tenhamos mêdo do progresso da Ciência porque é ela inexoravel com as ilusões. Uma das ilusões é a das vidas sucessivas. Tememos que o conhecimento ponha a nu a mistificação dos médiuns e que a psicanálise vá encontrar no subconciente a verdadeira natureza dos espíritos que vivem por aí».

Foi precisamente o desassombro com que os psicanalistas erram em matéria metapsíquica, que nos levou a desconfiar das categóricas afirmações da Psicanálise, ou pelo menos, dos preceitos que dizem com a independência do Espírito, a sua preexistência, a sua sobrevivência, a sua responsabilidade, as suas inclinações, as leis que presidem à sua evolução.

Duvidar do mediunismo quando já vai tão alto o sól das experiências modernas, quando a história de todos os tempos a êle se refere, quando êle se impõe pelo acúmulo de evidências, quando a variedade e complexidade de fatos o atestam, quando há uma fenomenologia demonstrada por todos os processos que o engenho humano nos a apresenta, isto em nome da Psicanálise, o mesmo é que procurar desmoralizá-la diante das provas que enxameiam espantosamente nos Anais do Psiquismo.

Iremos vêr, no decorrer dêste estudo, como é formidavelmente desalentadora a ignorância dos senhores psicanalistas quando entram nesse terreno.

Além disso, fomos notando aos poucos, que, muitas vêzes, os postulados da nova ciência iam de encontro aos fatos. Ora, nada mais berrante que um fato, já dizia Broussais, e por mais respeito que nos mereça uma doutrina e seus doutrinadores, os fatos nos merecem respeito muito maior.

Vimos os mestres fazerem as mais categóricas asserções, quando estas vinham ao encontro ao que sabiamos, sem sombra de dúvida; reparamos que êles desconheciam, por completo, todos os ramos do chamado psiquismo supra-normal. Observamos que o Mestre passava por alto em pontos de capital interêsse. Os sonhos, por exemplo, ocupam em seus estudos, lugar saliente. Entretanto ignoram os sonhos premonitórios, como todo o capítulo da *Premonição;* descobrem as mais irrisórias teorias para justificar a gênese do Espiritismo e as fontes da reencarnação. Aventam, para explicar casos trivialissimos, complicados manejos subconscientes.

A impressão que tinhamos, e que não conseguimos apagar, é que a doutrina se firma em duvidosos exemplos; a documentação só convence os fanáticos; provas, absolutamente irrisórias. Temos que acreditar no que dizem por serem eles que dizem; porque êles estarão certos, não cabe indagar. Caimos em pleno domínio da Fé.

Estamos, pois, mais ou menos crente que fazer psicanálise é romancear, senão inventar.

Antes, porém, de devassarmos os enganos profundos dessa «ciência de observação e experimentação», verifiquemos em que consiste a experimentação e observação da mesma, e que se nos conceda um rápido escôrço, rápido e simples, tão rápido quanto nos permitam os limites dessa digressão, e tão simples quanto nos facultem os poucos recursos do nosso entendimento.

Procuramos tornar a exposição o mais fácil possível, evitando os escolhos da linguagem técnica ou os circunlóquios duros de entender. Daí, deixarmos em branco muita coisa apreciável, já que não seria possível descrevê-la num estudo para tôda a gente.

A doutrina de Freud é preciso ser apresentada com muito cuidado; a cada passo encontra-se um penedo, em cujas escabrosidades se póde perder o viajante.

Tudo, portanto, conspira contra a nossa pobre análise. E já que, talvez, não nos socorra o milagre de apresentar com clareza uma doutrina nebulosa, a começar pela obscuridade dos meandros em que lança as suas braçadas e a terminar pelos esteios pouco morais em que se firma, que possamos, ao menos, contar com a benevolência dos nossos amigos, que, nos adversários difícil será achar quartel.

* * *

Freud explica a vida psíquica como um produto da atividade impulsiva dos instintos. E nessa atividade tem primordial importância o prazer. E' o primado da libido.

Dizia Baudoin:

«A atividade psíquica deriva da libido, do instinto sexual, sendo o homem uma máquina que tem por objeto o prazer.» (1)

Definindo a sua ciência diz o mestre vienense que se trata de um tratamento médico das pessoas que padecem de enfermidades nervosas. Isto porém se ampliou desmedidamente. Para Blondel essa doutrina quer uma reforma radical da Psiquiatria, da Psicologia, da Religião, da Crítica Literária, da História da Arte e da Civilização, chegando a ser uma promessa ou um perigo. (2)

A doutrina principiou, de fato, por explicar a etiologia do histerismo e ensaiar a cura das nevroses, mas acabou numa teoria psicológica geral, e finalmente universal. Ela explica tudo: as religiões, a arte, a política, os motivos do amor e do ódio, as vinganças, o suicídio, os insucessos materiais e morais, os esquecimentos e as birras, as tinetas e os tiques, os geniais e os tarados...

A atividade psicológica é regida por um rigoroso determinismo. Uma simples derrapagem, um esbarro de automóvel, um desastre mesmo de grandes consequências tem um móvel recôndito. Não se procure na natureza do solo, no descuido, no imprevisto a causa do sinistro; êle reside inteiramente nos impulsos, nos segredos do Inconsciente.

O Inconsciente é o campo onde se depositam êsses segredos, é o conjunto de tendências, afetos, fatos esquecidos, volições recalcadas, resíduos ancestrais, sentimentos prestes a passar para a Consciência, que demoram, conseguintemente, na Preconsciência. A Consciência é então o *Eu*, das *Ich*.

A Consciência procura impedir, afogar as aspirações da libido, os impulsos, que como a salsugem, pretendem manchá-la, enodoá-la, naquilo que a civilização condena. Dá-se o conflito, luta despercebida, que só o olhar percuciente da Psicanálise póde descobrir.

As tendências reprimidas mantêm a sua vitalidade e não desistem de romper as barreiras estabelecidas pela Censura, fiscal incorruptível dos mandamentos civilizadores.

Êsses desejos, essas tendências reprimidas formam as nevroses, as angústias; podem também sublimar-se e se orientam para a Arte, para as virtudes, para as causas nobres. Às vezes surgem subrepticiamente, disfarçamente, e vê-se então que a Censura tinha lá as suas razões. Como quer que seja, um desejo recalcado é fonte de distúrbios mentais.

Os elementos psicológicos associados em grupos, idéias e desejos formam os complexos.

* * *

Para o estudo da alma usa a Psicanálise de vários processos: a interpretação dos sonhos, a pesquisa catártica, que é a sondagem do que está no fundo da alma, a associação de idéias, a decifração dos gestos, lapsos, equivocos, esquecimentos, trocadilhos, em suma, os atos comuns da vida quotidiana.

Na pesquisa catártica, onde o prescrutador se vale da associação de idéias, procura-se descobrir o complexo emotivo, o desejo, aquilo que foi reprimido e que deve ser a causa fatal dos padecimentos psíquicos do paciente. Deitam-no, confortavelmente, e com a necessária encenação: quarto escuro, silencioso, paredes nuas, ambiente de mistério e hierofantismo. O inquiridor fica atrás dêle, manda-o falar, põe-se a ouvi-lo. Entra, então, a pescar palavras. Dessa pesca, feita a associação arbitrária, feito o jôgo à inteira discrição do psicanalista, deve saltar a idéia recalcada. O douto experimentador, quando a associação se está custando a formar, ou êle não consegue arranjo nenhum, põe-se então a indagar, a fazer perguntas, assim como quem estende a rêde, já que o peixe não quer pegar no anzol.

O que descobrem é surpreendente. Para apreciar devidamente os resultados que conseguem, precisamos tê-los como gênios, porque, na maioria das vêzes, em seu estado consciente, nunca poderia o sujeito saber o que lhe andava pelos esconderijos da alma. O próprio autor da doutrina refere como a análise de um sonho lhe permitiu revelar a uma senhora que ela desprezava o marido. A senhora aceitou a exposição do Mestre. Era o Mestre e nem podia deixar de aceitá-la, mas ficou extraordinariamente espantada com o caso, pois ignorava, por completo, que tivesse tão pouca estima por seu marido e ignorava de maneira absoluta que tivesse qualquer razão para desestimá-lo. (3)

Veja-se o que foi o grande psicólogo deixar na alma daquela criatura. Talvez, pela enormidade de casos semelhantes, dissesse Maurice de Fleury que o freudismo não passa de um grande êrro e de uma enorme indecência.

«Le Freudisme nést qu'une grande erreur et une enorme indécence».

As idéias escondidas, também podem ser descobertas pelo estudo dos enganos, dos êrros, dos lapsos, das insuficiências, esquecimentos, trocas, de uma queda de objetos, descuidos, distrações...

E tão seguros ficam êles de encontrar as ocultas raizes provocadoras de noções e idéias, que acabam encontrando mesmo, seja lá o que fôr.

Por isso dizia Papini que os livros de Freud se assemelhavam mais a obra de imaginação que a tratados de Patologia.

E Delage afirmava :

> *«Il n'est pas d'entorse violente que les psychanalistes ne donnent au plus élementaire bon sens pour arriver à faire cadrer les faits les plus simples et les plus clairs avec leurs idées bicornues».*
>
> *«Não ha torcidela violenta que os psicanalistas não apliquem ao mais elementar bom senso, para conseguirem enquadrar os fatos mais simples e mais claros dentro de suas ideias extravagantes.»* (4)

Para Georges Dumas «tôda a psicologia dinâmica pela qual Freud explica a origem dos sintomas é fortemente contaminada de arbítrio» — *Toute la psychologie dynamique par laquelle Freud explique l'origine des symptomes est fortément entaché d'arbitraire.* (5)

De fato, em tôda essa construção freudiana o que se nota é o arbítrio da interpretação. Os processos de convicção são inteiramente subjetivos ; o que se extrai dos Inconsciêntes fica ao sabor de quem investiga. Apanha-se o que se quer e como se quer, e é essa a escolha caprichosa, obra do acaso ou de idéias preconcebidas, que se dá o nome de observação e experimentação.

Hesnard declarava que grande número de soluções são permitidas ao mesmo fato analisado. Afirma-se com razão que a doutrina de Freud diz mais com o romance do que com uma doutrina científica. Suas deduções, com suas complexidades, suas estranhezas, seu imprevisto, mais parecem hieróglifos, enigmas, adivinhações.

Achava Logre que seria muito interessante ver chegarem à mesma interpretação dois psicanalistas que, separadamente, investigassem o mesmo individuo.

De fato, seria muito curioso. Mas, não constam os exemplos. Não sabemos, mesmo, de alguém que tivesse feito semelhante observação.

Terminemos com as judiciosas considerações de Adam :

> *«Encontramos nas obras de Freud asserções sôbre as quais vemos se edificarem doutrinas, mas doutrinas e asserções sem a base das provas. Em toda a consciência e apesar da melhor boa vontade, não podemos achar que o método psicanalista obedeça ás mais elementares regras da lógica».* (6)

Carlos Imbassahy.

---

(1) Ch. Baudoin — *Etudes de psychoanalyse* — Paris, 1922, c. 1.

(2) Ch. Blondel — *La Psychanalyse* — Paris, 1924, p. 128.

(3) Sigmund Freud — *Introduction à la Psychanalyse* — Paris, 1922.

(4) Yves Delage — *Une psychose nouvelle. Mercure de France*, 1916.

(5) G. Dumas — *Traité de Psychologie*, Paris, 1924.

(6) Emile Adam — *Le Freudisme.* — Colmar, 1923.

Prosseguí sem esmorecimento no trabalho da propaganda, atraindo a atenção de todos para o conhecimento do Espiritismo que, como revificador dos ensinos de Jesus, é a única doutrina que satisfaz plenamente as justas aspirações humanas. E' esta a mais nobre tarefa que os verdadeiros discípulos de Jesus devem desempenhar na terra.

CAIRBAR.

O Pecado Original--O Dogma da Redenção

II

> *«A razão da impotência do homem de remir-se está, segundo a tradicional doutrina cristã, no pecado original. Queremos, por isso, antes de tudo, evidenciar que o Espiritismo nega o pecado original». (Frei Boaventura — Revista Eclesiástica Brasileira).*

Como se evidencia, Frei Boaventura afirma que o Espiritismo não aceita o pecado original. Deveria ter acrescentado que os espíritas, também, não aceitam as narrativas da Bíblia, no que concerne à gênesis da Terra e do homem, porque os adeptos desta doutrina se deixam guiar pela Ciência.

Quando lemos atentamente as primeiras páginas da Bíblia, diz Eugène Nus, sentimo-nos chocado por um fato estranho; é que o 2.º e o 3.º capítulos do Gênesis são a negação do 1.º. No fim do 1.º capítulo, a criação está acabada. A espécie humana coroou a sua obra, isto é, o homem e a mulher.

> *«Deus criou homem à sua imagem e macho e fêmea o criou».*

Esta é a tradição lógica e sensata dos velhos sacerdotes. Deus criou o homem macho e fêmea, como todas as espécies inferiores que haviam nascido antes dêle. Tinha, assim, criado o gênero humano nesses dois tipos originais de homem e de mulher.

> *«Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos! Enchei a Terra e sujeitai-a; e dominai sôbre os peixeis do mar, e sôbre as aves do Céu, e sôbre todo o animal que se move sôbre a Terra».*

Suprimi os dois capítulos seguintes; passai ao 4.º, onde o homem começa, segundo a ordem de Deus e a lei da natureza, a reproduzir sua espécie para povoar a Terra e sujeitá-la! Não percebereis nem interrupção, nem lacuna. Os fatos se desenvolvem com a lógica breve, com a pura concisão que caracteriza a obra atribuida ao legislador judeu.

Tudo nos leva a crer, continua Nus que êstes dois capítulos foram intercalados de chofre, no Gênesis, sem nenhuma preocupação de lógica e de razão.

O embaraço do estilo, a confusão das idéias, as redundâncias que aí se encontram e, ainda, por cima, as contradições incríveis que estas narrações atravancadas de invencionices fabulosas e de detalhes pueris, oferecem com a 1.ª versão, tão grandiosa em sua simplicidade, nos induzem a supor que há lá um retoque que seu autor, ingênuo e desleixado, não teve o cuidado de dissimular. Ora, êstes dois capítulos contém tôda a legenda de Adão e Eva; o paraíso terrestre, a tentação da serpente, a maçã fatal, a condenação terrível, a história da quéda, em uma palavra.

Esta lenda tomada dos caldeus ou dos persas, teria na opinião de Nus, seduzido algum rabino cativo em Babilônia ou em Ecbatane, que o introduziu entre os dois versículos da velha tradição.

Verdadeira ou não esta suposição, o fato é que a contradição é manifesta.

> *«Deus criou o homem macho e fêmea, havia dito o primeiro capítulo». «Deus, no segundo, cria, antes Adão. Adão sómente. E' Adão que Êle forma do limo da terra, e Adão que Êle coloca em um jardim de delícias, que lh'o dá a cultivar; é sómente a êle que dá as suas ordens e a quem dirige as suas ameaças. Pouco tempo se passa e pela primeira vez, Jeová descobre que «a sua obra é imperfeita», e se apercebe que não é bom que o homem fique só. «Façamos, diz Êle, uma companheira à sua imagem».*

E depois de haver feito passar por diante de Adão todos os animais da criação, vendo que, entre êsses sêres, não havia um só que fôsse semelhante ao homem, Deus o mergulha em sôno profundo, lhe tira uma costela e desta forma a mulher. Por que êste assistente dado a Adão é uma mulher?... Não se trata mais da constituição da espécie, na sua dupla função de pai e mãe; não se trata para o casal primitivo de multiplicar-se e povoar a Terra. Assim, o autor do 2.º capítulo, esqueceu o primeiro.

A Teologia segue o seu exemplo. Ela pretende que Adão e Eva criados imortais, e colocados no Eden para a eternidade, continham nêles tôda a humanidade e não deviam reproduzir-se. Mas, então, a que fica reduzida a primeira narração, tão clara, tão precisa, tão conforme com a lei da natureza?

E' esta que é a falsa ou é a segunda que é a verdadeira?

Tal é a confusão desta legenda que é impossível descobrir-se, no pensamento do autor, se Adão e Eva eram realmente imortais.

> *«Não comais do fruto da árvore da ciência, disse Jeová ao homem, ao colocá-lo no Eden; pois, se o comerdes, certamente morrereis».*

Ao mesmo tempo que comerdes não parece significar que o homem será ferido de morte no momento da desobediência?

«Por que não comeis dêste fruto? Perguntou a serpente a Eva.» Deus nos recomendou de não tocá-lo, respondeu ela, com mêdo que ficássemos em perigo de morte. Nada afirma nesses versículos a imortalidade nativa do homem. Não será antes uma ameaça que lhe é feita, igual à que costumamos fazer às crianças? O tom infantil da narração torna esta interpretação verossímil.

Enfim, depois da falta cometida, disse Deus ao homem: *«Comereis o pão com o suor de vosso rosto, até que torneis à terra de onde viestes».*

Estas palavras não estabelecem que Adão não devia morrer se não houvesse desobedecido, ou então, que a sua desobediência mudou em dias amargos e duros, sua vida que deveria ser doce e feliz?

Um versículo dá a entender que a raça humana não devia multiplicar-se, senão por haver falido; é depois da queda que Adão dá à sua companheira o nome de Eva que «significa a vida, porque ela não deve ser mãe de todos os homens». Mas, de outra forma, Deus não disse à mulher: terás filhos porque pecaste; Êle disse: *«Eu vos afligireis de vários males durante a vossa gravidez, concebereis na dôr».* Estas palavras não implicam absolutamente que a mulher não devesse ser mãe; elas indicam, antes, que pela falta cometida, ela seria castigada com o parto doloroso.

Eis, ainda, mais um mistério: como se conseguiu intercalar em um canto do Gênesis, a idéia tão odiosa a Moisés, da pluralidade de deuses?

> *«Eis aí Adão tornado como um de nós, disse Jeová, depois que o homem comeu da árvore da ciência; ora, pois, para que não estenda sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente».*

Isto ao que parece veio da Índia e não da Pérsia. O homem havendo adquirido a Ciência, se equiparava aos deuses.

Teria sido por ciúme que Jeová proibira que Adão comesse a fruta que tentou Eva? E teria sido por êste mesmo motivo que os expulsou do Eden, a fim de que não pudessem êles aproximar-se da árvore da vida? E se o homem depois do seu crime, houvesse comido do fruto dessa segunda árvore, todo o poder do Senhor e dos outros deuses dêste Olimpo desconhecido, teria impedido que Êle fôsse imortal?

Ora, depois das contradições expostas, quem terá coragem de afirmar que o pecado original teve origem nisto que aí está?

Deus manda que o casal cresça e se multiplique; porque o casal obedece é punido. E o crime é considerado tão execrável que teve o poder de contaminar a humanidade inteira.

Deus condena a mulher a parir com dor e a Ciência vive a desrespeitar a ordem de Jeová fazendo com que a mulher tenha filhos sem se aperceber; condena o homem a comer o pão com o suor de seu rosto e há um número enorme de homens ricos que comem o pão com o suor de seus semelhantes. Sómente o pobre, o operário, o trabalhador, continua cumprindo a sentença do Eden. A serpente foi condenada a comer terra durante todos os dias de sua vida e nunca obedeceu, uma vez que não se alimenta de terra.

Como podem os espíritas que raciocinam, acreditar em histórias infantis? Vejamos o que nos diz Voltaire, o gênio tão malquisto pela Igreja católica:

> *«A serpente passava com efeito no tempo do autor sagrado, por um*

animal muito inteligente e muito astuto. Ela era o símbolo da imortalidade entre os egípcios. Vários povos da África a adoravam. O imperador Juliano perguntava que língua falava ela. Os cavalos de Aquiles falavam grego; e a serpente de Eva devia falar a língua primitiva. A conversação da mulher e da serpente não nos é narrada como uma coisa sobrenatural e incrível, como um milagre, ou como uma alegoria. Veremos brevemente um asno que fala e não devemos surpreender-nos que a serpente que tinha mais espírito que os asnos, falasse ainda melhor. Em várias histórias orientais, os animais falavam. O peixe Oannés saía do Eufrates duas vêzes por dia para pregar ao povo. Procuraram saber se a serpente de Eva era uma víbora, uma áspide, ou uma outra espécie; mas nenhuma luz se fêz sôbre esta questão». Obras Completas — 1860, t. XXIII).

E' difícil saber, afirma o mesmo escritor, o que a serpente entendia por deuses; sábios comentadores afirmam que eram os anjos; responderam-lhe que uma serpente não seria capaz de conhecer os anjos, como pela mesma razão não poderia ela conhecer os deuses. Alguns acreditam que a malignidade da serpente queria, desta maneira, introduzir no mundo, a pluralidade dos deuses; mas, convém mais nos atermos à simplicidade dos textos do que perdermo-nos nestes sistemas.

O Senhor passeia, o Senhor fala, o Senhor sopra; o Senhor age como se fôsse um ser corporal. E' que a antiguidade não possuia outra idéia da divindade. Platão passa por ser o primeiro a atribuir a Deus uma substância sutil, que não era propriamente um corpo. Os críticos perguntam sob que forma Deus se mostrava a Adão, a Eva, a Caim, a todos os patriarcas, a todos os profetas e a todos aqueles com quem Êle falava com a sua própria bôca. Os Pais da Igreja respondem que Êle tinha uma forma humana, e que não podia fazer-se conhecer de outra maneira, tendo feito o homem à sua imagem; era esta a opinião dos antigos gregos, adotada pelos antigos romanos.

E' evidente que toda esta narração é feita num estílo de história verdadeira e não ao sabor de uma invenção alegórica. Pensa-se ver um mestre poderoso a quem seu servidor desobedeceu; Êle o chama e o servo se esconde e em seguida se desculpa. Nada é mais simples e mais circunstanciado; tudo parece histórico.

Incontestavelmente os católicos têm o Gênesis como uma verdade histórica.

Esta transformação da raça humana, originada pela maldade da serpente foi sempre olhada pelos fundadores da Teologia romana como efeito da malícia do diabo, embora o diabo seja inteiramente desconhecido no Gênesis.

Os sábios começaram a crer que a verdadeira origem de Satã se encontra em um antigo livro dos brâmanes que há mais de cinco mil anos se denomina Shasta.

M. Dow, Coronel ao serviço da Companhia Inglêsa das Índias, segundo Voltaire, e H. Holwell, sub governador de Calcutá, traduziram diversas passagens importantes dêsse livro que contém a antiga religião dos brâmanes, origem de todas as outras. E' nêsse livro que se encontra a criação de todos os semi-deuses, não pela palavra, pelo *logos*, mas, como disse mais tarde Platão, por um único ato de sua vontade, como é mais condicente com a essência divina.

Servindo-nos, mais uma vez, do extraordinário escritor francês, êle diz que é possível conceber-se um fruto que fortifique, que dê saúde, é o que se afirma com relação ao côco, às tâmaras, ao ananaz, às laranjas, mas uma árvore que transmita a ciência do bem e do mal é uma coisa extraordinária. Diz-se do vinho que êle nos encita o espírito:

«*Fecundi calices quem nom facere dissertum ?*» (Hor. liv. I. ep. V).

Mas nunca o vinho concedeu sabedoria a quem quer que fôsse; é impossível fazer-se uma idéia clara desta árvore da ciência.

* * *

A religião católica declara que as crianças mortas com pouca idade vão para o Céu, se receberem o sacramento do batismo. Mas julgar assim, é fazê-lo arbitrariamente. Quem será capaz de assegurar com toda a certeza sôbre a conduta que estas crianças teriam se suas existências houvessem seguido o seu curso normal ? Deus, dando felicidade eterna a uma alma, por alguns minutos passados na Terra, durante os quais ela não pôde fazer nem o bem nem o mal, seria profundamente injusto. Êle seria injusto para o resto dos homens, aos quais imporia toda a sorte de penosas provações, concedendo de outro lado, a felicidade eterna, a quem, pela exiguidade do tempo passado entre nós, não sofreu e nem sequer imaginou as agruras da vida.

Para gozar-se a felicidade suprema é preciso fazer jús a ela. Assim pensam aquêles que crêem na infinita justiça divina. Um pai que distinga um filho mais que os outros, não é um pai justo; isto com relação à humanidade, quanto mais quando o nosso alvo é o Pai de infinita misericórdia.

Louis Figuier diz que não se póde explicar esta decisão da Igreja, ao menos, que se queira supôr que Deus é injusto e parcial. Criar uma alma por uma existência de dez minutos, e conceder-lhe depois a eternidade das recompensas, eis o que Deus não saberia fazer na sua infinita equidade.

E aos olhos desta mesma Igreja, o que se tornarão as crianças mortas sem o sacramento do batismo? Alguns teólogos ferozes, que escreveram antes de Agostinho, diz Figuier, não hesitaram em condená-las ás chamas eternas. No entretanto, suas opiniões não prevaleceram, e a doutrina de Agostinho, que felizmente evolveu, tornou-se lei. As crianças mortas vão para um purgatório especial chamado *limbo*. E' uma morada intermediária entre o Céu e o Inferno, onde segundo se afirma, não se sofre, nem se goza e onde ficam privadas da contemplação de Deus.

As crianças, porém, que morreram sem êste sacramento são muito numerosas, em face da população do globo. A religião católica é professada, mais ou menos, por um decimo da população do planeta e nem todos os católicos se apressam em batizar seus filhos. Será que Deus, Pai infinitamente bom e justo, seja capaz de atirar a alma dêsses que sem culpa e sem a ação da vontade, deixaram de receber o aludido sacramento, que não podem responder pela indiferença dos pais, que foram acidentadas, sem que pudessem disso se aperceber, em uma espécie de aniquilamento, que não é outra coisa o tal limbo criado pela imaginação dos teólogos?

Isto não é tudo. A instituição do batismo é relativamente recente. Nos dois primeiros séculos não se usava batizar as crianças, uma vez que não constituia crença esta hoje em moda, a de que as crianças pagam pelo pecado de Adão. Antes do Catolicismo, todas as crianças eram naturalmente privadas desta cerimônia sacramental; o que significa que todas elas, na concepção católica, estão no limbo.

A humanidade é bem antiga, ela é mesmo mais velha do que pensam os colegas de Frei Boaventura. Segundo a Vulgata tem o mundo mais ou menos seis mil anos e, segundo os Setenta, mais ou menos sete mil. Ora, a Ciência afirma que em vez de seis ou sete mil anos da Teologia católica, o mundo conta com algumas centenas de milhões de anos de existência. Assim, as crianças, durante centenas de milhares de anos, isto é, depois que surgiu na Terra o primeiro casal humano, têm sido condenadas a residir no limbo, pois, não faz mais de mil e setecentos anos que um pequeno número de crianças têm sido batizadas para merecerem a graça de entrar no Paraíso.

Agora, quando pensamos que aquelas que não foram batizadas, nada fizeram para merecer esta sorte, pois, o batismo, não havia, ainda, sido instituido, ficamos duvidando da sinceridade de propósitos que presidiu à instituição de sacramento tão original.

Santo Agostinho que condenou as almas, argumenta que elas se encontram neste estado, porque estando elas naquela de Adão, é provável que todas sejam cúmplices. Mas como a Igreja decidiu que as almas não são feitas senão quando o corpo está iniciado, êste sistema caiu, mau grado o nome de seu autor.

Outros dizem que o pecado original se transmitia de alma para alma por via de emanação, e que uma alma vinda de uma outra, chegava neste mundo com toda a corrupção da alma mater. Esta opinião também não foi aceita.

O fato que mais intriga é que sendo nossas almas feitas há tão pouco tempo, possam elas, mesmo, dentro da lógica do clero católico, responder pelo êrro de uma outra alma que viveu há milhares de anos! Não dizem as autoridades eclesiásticas que a vida é uma única? Como conciliar, pois, as responsabilidades que atiram sôbre os nossos ombros, com o horrêndo crime de nossos «primeiros pais», êsses gulosos impenitentes?

Não, ilustrado Frei Boaventura, apesar do respeito que nos merece sua pessoa e as suas convicções, não podemos comungar com elas. A nós, espíritas, nos estarrece que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Não compreendemos uma tamanha solicitude para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo. Impressiona-nos a inexorável severidade de um Deus que, para perdoar os homens, exige a morte de seu próprio filho; que, para ofensas desprezíveis de seres sem uma medida comum com Êle, exige uma eternidade de sofrimentos como castigo de efêmeros ultrages.

Tudo isto não póde satisfazer as almas sedentas de verdade e de justiça.

Êste dogma da redenção dá ao homem uma importância cósmica que êle não tem e empresta a Deus uma suscèptibilidade e uma crueldade indigna do Sêr Supremo.

Porque o povo se vai integrando mais no século em que vivemos e abandonando essas frivolidades que não mais se ajustam aos nossos tempos, queixa-se o clero da indiferença dos fieis e procura responsabilizar o Espiritismo.

Serão indiferentes, em realidade? Não cremos. Encontram-se indiferentes nas classes abastadas ou cultivadas. Uns vão atrás do prazer, outros da Ciência; no fundo êles procuram fazer aquilo que mais lhes agrada. Mas aquêles que não têm recursos, que vivem atormentados, cheios de privações as mais diversas, aquêles que se espantam com a idéia da morte, aquêles que necessitam de consolação e de esperança, êstes não podem ser indiferentes. Se êles abandonam as Igrejas e os templos é porque lá não encontram o que procuram. O alimento espiritual que lhes oferecem, não lhes satisfaz mais o paladar, querem alimentos mais substanciais e menos contestáveis.

Diz o eminente pensador Huberto Rhoden:

> *«O Cristianismo foi divinamente puro e belo nos primeiros séculos quando, no dizer de São Lucas, «todos os discípulos de Cristo eram um só coração e uma só alma»; quando não existiam ainda Teologia Dogmática nem diplomacia política nem pompas hierárquicas a dividir os cristãos e jogar ortodoxos contra heterodoxos; quando não se aferia a prosperidade da Igreja pelo número de seus adeptos, pela riqueza de seus templos, pelo prestígio hierárquico de seus chefes, pelo estado de suas finanças, pela habilidade política e diplomática de seus embaixadores e núncios — mas, sim, pelo amor sincero e universal de seus filhos».* (A Metafísica do Cristianismo).

E' sabido, continua o eminente pensador, que os adeptos dêsse abominável egoísmo eclesiástico procuram justificar o seu procedimento visceralmente anti-cristão com a alegação de serem êles a única Igreja verdadeira fundada por Jesus Cristo e que todas as outras igrejas são falsas. Esta conhecida alegação baseia-se numa funesta confusão de conceitos. Entendem êles que a «Igreja de Cristo» seja uma determinada sociedade eclesiástica feita à imagem e semelhança das conhecidas instituições burocráticas dos homens, pontificadas por um presidente ou diretor, com o seu estado maior de auxiliares.

Não, Frei Boaventura, Cristo não é monopólio de católicos, Cristo pertence a toda a humanidade. Se êle veio, em realidade, remir com seu sangue os pecados dos homens, o batismo nada significa. Se Jesus Cristo fôsse Deus, o seu sacrifício deve ter tido um valor infinito e não teria vindo sob condições de que o homem para salvar-se deveria reconciliar-se com êle pelo sacramento de que tratamos. De outra forma, o seu sacrifício teria atingido toda a humanidade que, na sua grande maioria desconhece o batismo e não sómente por uma parte dela, os católicos, apostólicos, romanos.

Para nós, Jesus não sendo Deus, é muito maior do que o fazem os adeptos do Catolicismo que o consideram a segunda pessoa da Santissima Trindade. Jesus, ilustre professor, vive no coração de todos aqueles que cumprem a sua lei, sejam êles católicos, protestantes, espíritas, maometanos ou judeus. Jesus nunca pregou uma doutrina de privilégios e seria um contrasenso adiantar o contrário, quando foi o próprio Cristo que afirmou: *«A cada um segundo as suas obras».*

Será que a moral dos grandes Instrutores fica circunscrita, apenas às suas religiões?

Buda dizia: *«Sêde como o bálsamo das florestas que perfuma o machado que* o *corta*». Confucius, por sua vez, pontificava: «*Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam*», e Cristo, o maior de todos, disse a mesma coisa em outras palavras: «*Amai ao próximo como a vós mesmos*». Assim, se o Budista cumprir o sublime postulado de Buda, o Confucionista, aquêle que Confucius ensinou, têm todos êles o Cristo no coração, porque não era outra coisa aquilo que o divino mensageiro pregava aos homens.

A doutrina de todos os luminares do mundo, sem exceção, pregava sómente o amor que constrói. Todas condicionavam a salvação dos homens à qualidade de suas ações.

O que é que lógicamente tem mais valor, uma vida de lutas, de sacrifícios, de resignação e de virtudes ou um pouco dágua derramada na cabeça de uma criatura, acompanhada das palavras cheias de magia, de um sacramento que analisado não póde ser levado a sério?

Se há alguma passagem nos Evangelhos, em que Cristo nos mostra Deus como um Pai terrível, a condenar seus filhos eternamente, esta passagem não é de Jesus é dos homens. Como poderia aquele que aconselhou aos homens que perdoassem setenta vezes sete vezes aos seus inimigos, deixar patente entre as páginas dos Evangelhos que o Pai que era o único bom, e ainda maior que êle, não sabia perdoar?

De Jesus são as palavras de amor que êle confiou aos seus apóstolos: «*Amai ao vosso próximo como a vós mesmos*»; é a divina sentença pronunciada quando os judeus pretendiam apedrejar a mulher adúltera: «*Aquêle que não tiver pecado atire a primeira pedra*»; é o sermão da montanha, tão cheio de consolação e de esperança; é aquela expressão maravilhosa saída de seus lábios e nascida na profundeza de seu imenso coração: «*Nenhuma ovelha de meu rebanho se perderá*»; é aquela apoteose do amor, resumida em sua última prece pelos seus algozes, quando a dor física e moral prenunciava os seus derradeiros estertores: «*Perdoai-lhes Pai, êles não sabem o que fazem*».

Se êle, embaixador de Deus, pedia que o Pai perdoasse os seus algozes, é porque sabia que o coração do Pai era feito da sublimação do amor.

Por isso e por muito mais ainda, é que os espíritas não crêem no pecado original e muito menos no dogma da redenção.

Todas as religiões são boas. «*Muitos caminhos nos levam a casa do Pai*». O que o homem necessita para salvar-se não é ater-se à leitura de livros santos, que não salvam a ninguém, mas procurar seguir os preceitos de moral que foram escritos por Deus em nossa consciência e que são os mesmos pregados por Buda, Confucius, Cristna e Jesus.

Fica, assim entendido, que para o espírita, o homem só se reconcilia com Deus pelas suas ações, pelo esfôrço contínuo que emprega em seu melhoramento, pelas obras de caridade veladas que êle pratíca, pelo perdão das injúrias e nunca por uma forma cabalística, qualquer que ela seja, em que o Padre pergunta a uma criança que não fala, que não pensa, que não discerne, se ela abomina o demônio, e contenta-se com o sim do padrinho que não póde, de sã consciência, assumir a responsabilidade de uma vida, cujo futuro ignora e que muitas vezes se distancia, perdendo-se em longínquas paragens, onde se abebera de uma filosofia diferente daquela a que o padrinho se comprometera.

Mario Cavalcanti de Melo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 80,00	Do 11.° ano	Cr.$ 80,00	Do 19.° ano	Cr.$ 70,00
Do 4.° ano	80,00	Do 12.° ano	80,00	Do 20.° ano	70,00
Do 5.° ano	80,00	Do 13.° ano	80,00	Do 21.° ano	70,00
Do 6.° ano	80,00	Do 14.° ano	80,00	Do 22.° ano	70.00
Do 7.° ano	80,00	Do 15.° ano	80,00	Do 23 ° ano	70,00
Do 8.° ano	80,00	Do 17.° ano	80,00	Do 24.° ano	70,00
Do 10.° ano	80,00	Do 18.° ano	80,00	Do 25.° ano	70,00

A Inteligência Animal

Os Cavalos calculadores

O Espiritismo admite que os animais tenham, como os homens, uma alma, e que esta passando por todos os reinos da natureza — mineral, vegetal e animal, faz o seu progresso, até atingir a encarnação humana. Esta teoria vem em apôio dos naturalistas que, também, admitem nos animais, a existência de uma alma encarnada em evolução. Por isso podemos considerá-los, como muito bem nos diz Emmanuel, «nossos irmãos inferiores».

As experiências feitas por muitos homens de reconhecida cultura científica, confirmam esta realidade.

O princípio inteligente, quer do animal, quer do homem, tem uma única origem — ambos são tirados do «*elemento inteligente universal*». Esta é a razão por que o sêr que anima o corpo dos animais se destina ao mesmo fim que as almas dos homens.

Ninguém ignora que existem animais tão desenvolvidos na sua inteligência rudimentar, que, por vezes, nos surpreendem. E' que sucede, entre os animais, o mesmo que se dá com os homens, uns são mais e outros menos desenvolvidos. O papagaio, por exemplo, que imita a voz humana, nos dá um exemplo frisante de possuir uma alma em evolução.

O dr. Gabriel Delanne, cientista francês, no seu maravilhoso livro «A Reincarnação», nos relata, sob o título e subtítulo acima, casos que a imprensa de Paris publicou com grande rumor, em torno das experiências de Krall, rico negociante de Elberfeld, com dois dos seus cavalos Muhamed e Zarif. Essas experiências eram feitas por meio de um alfabeto convencional.

Os referidos quadrúpedes chegaram a executar cálculos de raízes quadradas e cúbicas, e compreendiam o francês e o alemão.

Eis como a imprensa parisiense narrou o fato:

—«Eu colocava papel branco em cartas de jogar e punha em cada uma algarismos para pequenas operações, por exemplo: 2 mais 3; 4 mais 2; 7 menos 2: 12 menos 5; 5 multiplicado por 12, etc.

Como haviamos convencionado, Von Osten devia colocar-se no canto esquerdo do páteo, enquanto eu ficava no direito. Em seguida, devia mandar-me Hans. Assim se deu. Hans veio para perto de mim e eu lhe disse: Hans, mostrar-te-ei uma carta, na qual há um cálculo a executar; vai ao senhor que alì está defronte, e, se lhe deres a resposta certa, terás açucar. Queres? Hans respondeu afirmativamente, baixando a cabeça.

Tirei as cartas de meu bolso, misturei-as de maneira a ignorar a carta de baixo, e, mostrando-a a Hans, perguntei-lhe: — Compreendeste? — Ele respondeu *sim*, com a cabeça. — «Então, vai alì ao senhor defronte e lhe dês a resposta». Hans chegou diante de Von Osten, que lhe perguntou: « — Então, qual é a solução? Hans bateu com o pé 5 vezes.

« — Qual é o primeiro algarismo?» Resposta: 2.

« — Qual o segundo? Resposta: 3.

Foi então que olhei a carta que estava em baixo do maço. Com efeito, nessa carta havia 2 mais 3 que Hans havia lido, compreendido, calculado corretamente. Tudo isso sem que ninguém o pudesse ajudar e sem ser ajudado mesmo por uma sugestão inconsciente, no caso impossível.

Quanto a mim, ignorava os números, e Von Osten não podia deles ter conhecimento de outro lado do patio. — Dr. Grabow. (Membro do Conselho Superior da Instrução Pública da Prussia)».

—No próximo número daremos outros fatos de idêntica natureza.

Spártaco Banal.

A Caridade é paciente, é cheia de bondade... não se irrita, não suspeita o mal... tudo desculpa, acredita em tudo, tudo espera e tudo suporta.

Umbanda e Espiritismo

Leopoldo Machado

Recebemos um imperativo de Alvaro Brandão da Rocha, para respondermos ao Inquerito de «Vanguarda»: *«A religião de Umbanda em face do Espiritismo»*.

Nossa opinião sôbre o caso é muito conhecida pelos que nos conhecem e nos levam a sério.

Ainda não mudamos de opinião, que não tivemos, ainda, motivos para tanto.

Já escrevemos, aliás, o bastante sôbre como sentimos e entendemos as duas doutrinas.

Nosso último escrito, respostando ao eminente confrade, Diamantino Coelho Fernandes, que, julgando nossas razões, concitava, ironicamente, que os umbandistas respondessem ao Censo, confessando-se espíritas 10 %, dissemos com outras palavras:

— Não. Devem declarar umbandistas, que a Umbanda é religião como outra qualquer, com os mesmos fundamentos.

Vemos, agora, que nosso ponto de vista está sendo melhormente compreendido. Pelo menos, foi o que lemos de ilustre confrade, umbandista, presidente de tenda de umbanda, J. A. de Oliveira, no *Jornal de Umbanda*...

Nossa opinião sôbre o momentoso assunto é a mesma. portanto. que pusemos no opúsculo, CRUZADA DE ESPIRITISMO DE VIVOS, a pag. 30.

Talvez valha a pena transcrever para aquí:

«Umbandismo será, mesmo, Espiritismo?

«E' mediunismo.

«Mas, mediunismo puro não é privilégio do Espiritismo.

«Ao contrário: é o mediunismo repontante fóra do Espiritismo, nos meios católicos e protestantes, entre materialistas e agnósticos, que mais tem levado gente ao Espiritismo.

«O Espiritismo integral supõe quatro coisas absolutamente indispensáveis ao organismo da Doutrina e completamente desconhecidas no umbandismo.

«O conhecimento e a prática da codificação de Allan Kardec, o missionário que, além de criar o termo — *Espiritismo* — recebeu do Alto a gloriosa missão de dar-lhe corpo doutrinário.

«A prática e o conhecimento do Evangelho de Jesus.

«Servir à Doutrina sem formalidades materiais e ritualismos profanos, de vez que, sendo Deus espírito, só em espírito e verdade deve ser adorado e servido.

«A espiritualização, se pudemos dizê-lo, das coisas materiais.

«No umbandismo, ainda que se trabalhe para o bem — e dentro de qualquer doutrina, póde-se fazer o bem! — não se estuda, nem se pratica a codificação de Allan Kardec; os Evangelhos de Jesus são desconhecidos; ha ritualismos e encenações puerilissimas e a materialização de coisas espirituais.

«Materialização de coisas espirituais, pois a preocupação aí é de natureza puramente material, de imediata objetivação.

«Umbandismo é, portanto, só mediunismo.

«Espiritismo, não».

Se o que aí está não basta, respondemos, embora laconicamente, ao Inquérito:

I) Sou essencialmente espírita. E ando a esforçar-me para que possa dizer, ainda, que sou cento por cento espírita.

II) Umbanda é umbanda e espiritismo é espiritismo. São doutrinas, portanto, absolutamente diferentes e independentes.

III) Os fenômenos mediúnicos dão, por assim dizer, vida à Umbanda. Entretanto, o Espiritismo é uma doutrina integral e perfeita que, embora se diga por aí que «não ha espiritismo sem espíritos», como não ha umbanda sem espíritos de caboclos e pretos velhos, a verdade é que o espiritismo doutrinário se faz, perfeitamente, sem a manifestação de espíritos. Nosso *Cruzada de Espiritismo de Vivos* é prova disso.

IV) Umbandismo e Espiritismo não se confundem, como não há confusão entre catolicismo romano e catolicismo sismatico, entre adventismo e metodismo, seitas protestantes.

Só umbandistas pouco espíritas e espíritas muito umbandistas podem confundir as duas doutrinas.

V) O Espiritismo tem características próprias, tem bases definidas, tem fundamentos inconfundíveis com qualquer outra doutrina.

VI) Presta-se caridade, e muito grande, nos terreiros de umbanda, embora seja o fundamento maior do Espiritismo, que ensina «Fóra da Caridade não há salvação». Mas, a caridade não é privilégio e patrimônio exclusivo do Espiritismo. Todas as religiões ensinam e fazem caridade. Até as seitas protestantes, que ensinam «de graça sois salvos mediante a fé...» Até materialistas e cépticos, por espírito de solidariedade humana. A mais bela lição de caridade, tive-a de um velho poeta e ateu.

A umbanda é, ainda, a maior corrente de oposição à macumba, que vai por aí prejudicando muita gente. Por isso é que se diz, facilmente, que «sua corrente é forte; é mais forte do que a do cardecismo».

Nada disso. Claro que um homem de bem não vai trocar socos e murros com um vagabundo. E são vagabundos da Espiritualidade, os obsessores que ainda descem à Terra. Ora, para êsses espíritos, só mesmo o desabusamento de caboclos e pretos velhos acostumados a pegar, esmurrar e prender.

Trabalham nas sessões do F. E. C. dois espíritos muito dedicados: o Padre Frederico e o preto velho Jacó. Êste, afastado da macumba por nós. Quando se trata de espíritos atrevidos e terríveis, que precisam ser afastados, e se manda o Padre Frederico, êle volta e diz: «Mande o Jacó. E' trabalho para êle.» O mesmo diz o Jacó, quando se lhe mande contra obsessores de outra espécie, que os há; contra serviços que exigem inteligência e sugestão: «Mande o Padre. E' serviço para o padre...»

Acatamos e respeitamos Umbanda, como respeitamos todas as religiões. Nunca lhe negamos, nem teriamos autoridade para tanto, seu merecimento, sua validade.

Mas, dizer que umbanda é espiritismo?

Pré-História Sul Americana

DUAS COMUNICAÇÕES — L. A. Rodrigues.

O jornalista e escritor inglês Harold T. Wilkins, de há muito se dedica ao estudo da Pré-história da América Latina, tendo publicado em 1946 e 1950 dois livros («Os mistérios da Velha América do Sul» e «As Cidades secretas da América do Sul»), com o resultado de seus estudos, deveras interessantes.

O escritor e historiador Carlos Davila, seguidamente, em artigos publicados pelo «O Globo» do Rio de Janeiro, tem comentado êsses livros, ressaltando as descobertas arqueológicas e históricas, que evidenciam a grande antiguidade da América do Sul e sua alta civilização outróra.

Estudando êsses assuntos a fundo, fui surpreendido com algumas comunicações mediúnicas, de esclarecimentos precisos sôbre essa civilização pre-colombina no Brasil. Devo declarar que, muitos espíritas de alta cultura do Rio de Janeiro conhecem essas comunicações, e alguns mesmo, como o douto historiador Dr. Azevedo Silva, as têm utilizado em seus brilhantes trabalhos.

Não dispondo no momento, à mão, do texto original dessas comunicações, limito-me a dar uma idéia geral do que elas esclarecem.

«O Brasil foi povoado inicialmente por uma raça chamada Brasís, de pele vermelha; o nome do país, desde então era conhecido por Brasil, terra dos Brasís, daí seu nome posteriormente, e não por causa da árvore «ibirapitanga», de côr da brasa.

Esses primeiros povoadores do Brasil, de há muitas dezenas de milhares de anos, construiram três cidades: uma na serra Paranapiacaba, outra na Bahia e a terceira no Ceará.

A primeira está localizada a escassos quilómetros da rodovia nova que ligará S. Paulo a Curitiba, e contém preciosa documentação que esclarecerá de vez a história sôbre êste período tão antigo. Dentro de quatro ou cinco anos ela será descoberta, pois, a comunicação foi recebida há uns cinco anos, e o prazo então marcado era de dez anos para ser achada. Dizia mesmo o guia, que muitos trabalhadores já andavam perto do local, mas, eles não veriam nem descobririam nada.

A segunda cidade, da Bahia, já foi vista e descrita, constando na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vários trabalhos sôbre o assunto. A pessoa que descobriu, um indio, não soube indicar, ou não quís, o local onde ela se achava. Se não me engano é na Serra do Sincorá. A terceira cidade, do Ceará, não foi dada nenhuma indicação.

Êsses Brasís, em certa época que não foi precisada, deslocaram-se para a Atlântida, onde fundaram uma portentosa civilização, graças ao alto gráu de mediunismo de que eram dotados. Quando os primeiros terremotos e maremotos começaram a imergir no atlântico pedaços da Atlântida, os homens mais esclarecidos foram prevenidos para emigrarem da Atlântida que seria toda submergida. Muitos se dirigiram para a África, América Central e Brasil ; aqueles que para aquí vieram procuraram criar aquela civilização na América do Sul.

A vinda dos Atlantes para o Brasil deu-se no ano 9.854 A. C. ; os Tapuias que invadiram a América do Sul, só chegaram ao Brasil no ano 8.642 A. C., e os Tupis, que vieram muito mais tarde, no ano 6.386 A. C.»

Carlos Davila, no artigo publicado no «O Globo» de 26 de Outubro último, diz que recolheu muitos depoimentos nas suas recentes excursões à América Latina, destacando a lenda dos «Três velhos guardiães», que, de geração em geração vêm recebendo o depósito sagrado das grandezas e segredos das civilizações incaica e pré-incaica.

Pelo que foi dito em uma das comunicações, êsse segredo é sôbre o célebre tesouro dos incas. A comunicação dizia :

> «O tesouro dos incas está escondido no município chamado Dous Distritos, no Estado do Amazonas. E' uma riqueza tão grande que o Brasil poderia pagar suas dívidas e enriquecer todos os seus habitantes. Está protegido por perigos mortais, mas, breve, os cientistas o descobrirão, e virá uma nova éra para o Brasil».

Num dos seus livros, Wilkins encerra o estudo dizendo, com absoluta justeza que «na América do Sul existiram civilizações e culturas das quais os chamados velhos mundos da Ásia e Europa seriam meros sucessoros e herdeiros».

Rio, 26/X/953.

Crônica Estrangeira

Um fenômeno extraordinário

De «Estudos Psiquicos»

Do *Diário de Cádiz*, de 9 de maio último, extraimos da Agência EFE :

«Londres, 5 — Um investigador da Sociedade de Investigações Psíquicas disse hoje considerar como verdadeira a experiência de duas mulheres inglesas que afirmam ter ouvido em 1951 a repetição fantasmagórica da famosa incursão dos comandos aliados contra Dieppe, ocupada pelos alemães em 1942.

«Estas mulheres informaram a Sociedade acerca do que ouviram na noite de 4 de Agosto, quando estavam próximo de um lugar onde se exerceu a famosa ação dos comandos na costa francesa, dizendo que foram despertadas pelo ruído da artilharia e pelo fogo das metralhadoras e pelo bombardeamento dos aviões em vôo picado, junto a confusa algaravia de gritos humanos.

«Não se revelou a personalidade das duas mulheres, como é costume nas investigações realizadas por essa Sociedade. Na informação feita por dois notáveis membros da mesma dá-se-lhes o nome suposto de «Dorothy Morton» e sua cuhnada «Agnes Morton.»

«Estas mulheres foram em fins de Julho de 1951 a Pyns, perto de Dieppe e estiveram numa habitação em que se haviam aboletado tropas alemãs, quando há nove anos se realizou a incursão dos comandos.

«A senhora Morton disse aos investigadores que às quatro da madrugada do dia 4 de Agosto foi despertada por um estranho ruído súbito, semelhante a uma tempestade que viesse do mar ouvida durante vinte minutos. «Era qualquer coisa que parecia aproximar-se e afastar-se e pudemos ouvir claramente gritos e estrondo de fusilaria. Acendemos a luz e continuámos a ouvir. Fomos à varanda, mas não conseguimos ver o mar por causa da escuridão. O ruído vinha de lá e era muito intenso. Vinha em rajadas e ouviam-se perfeitamente os gritos, o fogo de metralhadores e o estrépido dos bombardeiros em vôo picado. A's vezes ouviamos também o ruído de obuses. Repentinamente cessou tudo às 4,50. A's 5,05 começaram outra vez os ruídos com muita intensidade, tanto, que enquanto estávamos à varanda ficámos admirados de não acordarem os demais habitantes da casa».

«O que chamou a atenção dos investigadores da Sociedade foi a coincidência entre as horas da revivência sentida por estas pessoas no dia 4 de Agosto de 1951 e o momento da batalha resultante da operação dos comandos em 19 de Agosto de 1942».

O fenômeno relatado pertence à categoria dos que César de Vesme enfeixou numa broxura intitulada «Visões Grandiosas nos Ares», donde se deduz que muitos acontecimentos terrenos repercutem no Invisível e vice-versa, numa interpretação de vibrações ao alcance de certos aparelhos mediúnicos. Assim como as premonições localizam acontecimentos no tempo e no espaço, também as ações que se praticam no mundo físico podem localizar se fóra do tempo e ser apreendidas por sensitivos adequados.

⁂

Alucinação em Turim...

«Revista de Metapsicologia».

Não alteramos o título da notícia, que vem publicada no semanário lisboeta *Cartaz*, de 7 de Outubro.

O Sr. Giovani Bussa tem uma salsicharia na Rua Palermo, em Turim. Num destes últimos dias admitiu uma nova empregada, como caixeira: Blanca Marano, de 18 anos de idade.

Ao abrir o estabelecimento, na manhã em que Blanca Marano entrava no desempenho das suas novas funções, tudo fazia prever que êsse dia seria um dia como qualquer outro no estabelecimento do Sr. Giovani... Mas não foi, como vão ver.

O primeiro freguês entrou na salsicharia da Rua Palermo e dirigiu-se à nova caixeira. Esta, com o seu melhor sorriso, dispôs-se solicitamente a atendê-lo e perguntou:

— V. Ex.ª deseja...

E, mal tinha acabado de pronunciar a última sílaba da última palavra, do alto de uma das prateleiras desaba uma série de pacotes e de latas que, ao tocarem no solo, fazem um barulho ensurdecedor. Estabeleceu-se pânico, pois nada explicava a queda, posto que tudo estava perfeitamente arrumado nos seus lugares.

...O Sr. Giovani Bussa dobrou-se, apanhou os pacotes e as latas e voltou a arrumar tudo muito bem... Mas ainda não tinha tido tempo de respirar, quando um grande boião de anchovas se despenhou do lugar aonde se encontrava, sem que alguém lhe houvesse tocado. O freguês, aterrado, nem tinha coragem para dizer o que queria... E o Sr. Giovani, apesar de cada vez mais surprêso, dispõe-se a apanhar o boião das anchovas... Mal se tinha dobrado, porém, na intenção de o levantar, quando nova remessa de latas de conserva desabou, do alto, sôbre as suas costas. Todos empalideceram.

...Pacientemente o Sr. Giovani prosseguiu o seu trabalho de arrumação e, ao cabo de algum tempo, tudo parecia estar sereno...

Pouco depois das 10 horas, porém, entra uma fregueza que pede manteiga. A nova caixeira põe a manteiga sôbre o papel e leva-a à balança; verifica que faltam algumas gramas e volta a buscar nova porção. Com espanto, constata que o papel da manteiga não está na balança. Supõe ter sido a freguesa que o tirou e pergunta-lhe:

— Tirou a manteiga? E a freguesa, pálida, respondeu:

— Não! Vi-a desaparecer de cima da balança, mas não sei como isso foi... E, daí a pouco, com surprêsa de quantos presenciaram a cena, a manteiga foi encontrada sôbre um refrigerador!

Em suma: as latas e as demais mercadorias do Sr. Giovani, desde que a nova caixeira entrou ao serviço, nunca mais pararam no seu lugar. Até o telefone se tem manifestado em chamadas estranhas. A salsicharia da Rua Palermo tem sido o grande acontecimento de Turim. O Sr. Giovani recorreu já à intervenção do Pároco da Igreja de Nossa Senhora da Paz, que lhe benzeu o estabelecimento, mas nem por isso os fenômenos deixaram de continuar a manifestar-se. Os jornais de Turim, interessados no caso, mandaram à Rua Palermo os seus repórteres fotográficos para colherem algumas fotografias, incluindo a de Blanca...

...Puseram-se a postos, assestaram as objetivas e dispararam. Mas, caso curioso, nem uma só lâmpada acendeu! Êste insucesso geral surpreendeu extraordinàriamente os repórteres, que ficaram sem saber o que pensar de Blanca Marano!

...Afinal, coisa simples: uma admirável médium de efeitos físicos.

⁂

Um fantasma num poço...

«Revista de Metapsicologia»

Os jornais trouxeram a seguinte notícia:

«CARACHI, 28 — Morreram hoje, num poço próximo de Hyderabad Sind, três homens que, segundo crêem os habitantes do lugar, foram perseguidos pelo fantasma de uma rapariga que se atirou ao poço há dois séculos, para fugir aos assaltos do senhor feudal local.

O poço não era usado desde então, mas oito aldeões decidiram pôr termo ao mistério, limpando-o.

Três deles foram descidos por meio de cordas, mas os seus companheiros comunicaram que, quando chegaram a meio do caminho, uma luz ofuscante tinha sido avistada no fundo do poço. Os três homens largaram as cordas e caíram à água.

Três outros aldeões foram em seu socorro, mas tiveram de ser retirados inconscientes. Declararam que quando chegaram a meio caminho se sentiram esbofeteados por mãos invisíveis e perderam os sentidos. Os cadáveres dos três primeiros ainda não foram recolhidos. (R.)

Póde parecer estranho, a quem não estiver ciente da Lei Kármica, uma perturbação de dois séculos... Mas tudo se compreenderá, se nos lembrarmos de que o suicídio é o maior e o mais trágico atentado a essa Lei.

⁂

Vendo os acontecimentos da vida sob a ação da morfina

A observação é devida ao Dr. Sollier, que a publicou no «Bulletin de l'Institut Géneral Psichologique»:

«Trata-se duma joven mulher nervosa e sujeita a síncopes, morfinômana a doses elevadas, e caíra em estado alarmante de caquexia, complicado com albuminúria. Ela foi submetida à desmorfinização rápida. A supressão durava já havia vinte e quatro horas sem apresentar nada de particular, exceto as perturbações habituais — diarréa, vômitos biliosos, suores — quando de súbito, sentiu enorme esgotamento. Ao mesmo tempo, sentiu violenta dôr que ela comparava a um ferro em brasa que lhe teria atravessado a cabeça, do vertex à nuca, dôr muito curta e que diminuiu gradualmente. - Experimentou em seguida, uma sensação de bem-estar, repouso, e, de-repente, ela viu desenrolar-se toda sua existência. Era, disse-me ela depois, como se todos os acontecimentos de sua vida houvessem sido impressos sôbre um filme que diante dela se desenrolasse de cima para baixo. Os acontecimentos sucediam-se na ordem retrógrada, de então até a idade de cinco anos ou menos. «Tudo o que eu tenho na cabeça eu vi», dizia-me a paciente — com detalhes inauditos, acompanhados de vagas saudades e impressões de saudade, nunca de alegria (verdade é que nunca as houve em minha vida), que cada imagem me fazia ressentir. Tudo era sombrio... As cousas estavam sôbre uma superfície plana; mas certos fatos de minha vida, as emoções, por exemplo, para mim se apresentavam em relevo; era como se estivessemos a olhar três fotografias de pessoas bem conhecidas. Duas nos pareceriam planas e uma, a que muito amamos, nos pareceria mais clara e em relevo...»

Quando voltou a si, ela a princípio experimentou uma sensação de tédio por se encontrar aí. Sentiu-se amorfa, como se o corpo estivesse estendido sôbre o leito, e ela, em outro lugar.

Tinha de si mesma um sentimento muito vago... A partir dêsse momento, tornou-se completamente anestesiada... Por outro lado, apresentou alucinações autoscópicas muito claras...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, contribuintes, colaboradores e auxiliares, um Ano Novo cheio de prosperidades espirituais, muita paz e fraternidade.

1-1-954.

O Natal em Matão

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e o Centro Espírita «Allan Kardec», filiados à União Municipal Espírita, comemoraram condignamente o natalício de Jesus, desenvolvendo o seguinte programa:

Dia 24, à noite

Visita à «Vila Cairbar Schutel», sendo distribuidos a todos ali residentes, pela Comissão do Natal dos Pobres, doces, guaranás e gêneros alimentícios. Os guaranás foram ofertados pela Mocidade e os doces por espíritas da cidade.

Dia 25, ás 9 horas

Festa das crianças em comemoração do Natal e do encerramento do ano letivo da Aula de Moral Cristã. Fez a prece de abertura da reunião a menor Sylvia Lucia Urban. Em seguida falaram os confrades Edo Mariani, Leonor da Cruz Jorge e Zelia Perche. Depois da prece de encerramento, que foi feita por Leonor da Cruz Jorge, foram distribuidos doces e presentes ás crianças da Aula de Moral Cristã «Cairbar Schutel», em número de 51. A prof.ª Izabel Perche de Camargo recitou um soneto sôbre o Natal.

— A's 20 horas, sessão comemorativa. Usaram da palavra os companheiros Watson Campêlo, Carlos Olson, Costa Filho e Zelia Perche.

Dia 27, ás 14 horas

Realização do Natal dos Pobres. Usaram da palavra nessa ocasião os companheiros Watson Campêlo, Costa Filho e Zelia Perche, tendo a prof.ª D. Izabel Perche Camargo recitado uma bela poesia mediúnica de Casemiro Cunha, intitulada—«O Espiritismo». A seguir, foram ofertados aos presentes doces e sanduiches, seguindo-se farta distribuição de roupas e gêneros alimentícios a um número elevado de quasi 200 famílias pobres.

Representante em Minas Gerais

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes na Zona da Mata, Minas Gerais, que o nosso confrade João Coragem está autorizado a receber as assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», devendo visitar brevemente as seguintes cidades: Juiz de Fóra, Três Rios, Santos Dumont, Barbacena, Ubá, Guidoval, Rio Branco, Astolfo Dutra, Cataguazes, Paraíba do Sul, Pombas, Mercês, Alto Rio Doce, Lafaiete, Bicas, São João Nepomuceno, Guaianazes, Guarará e outras cidades circunvizinhas.

Solicitamos aos nossos assinantes

dessa zona dispensarem boa acolhida a êste nosso representante, o *que antecipadamente agradecemos, almejando a todos paz e saúde.*

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 5 de Dezembro de 1953.

Aberta a reunião, às 14 horas, com a prece inicial proferida pelo presidente, Sr. A. Wantuil de Freitas, é lida e aprovada a Ata da reunião de 7 de Novembro, com pequenas retificações solicitadas pelo conselheiro Dr. Miranda Ludolf.

Expediente — Carta da Convenção das Sociedades Adesas à Liga Espírita do Distrito Federal, convidando o Conselho para a reunião de sua instalação, em 29 de Novembro findo, na séde da FEB; oficios da União Espírita Goiana sôbre a eleição de sua Assembléia Deliberativa e sôbre a realização da 2.ª Concentração da Mocidade Espírita daquêle Estado; cabograma da conselheira Cirene Coutinho, representante de Pernumbuco, justificando sua ausência por se achar em Recife.

O presidente expõe ao Conselho uma série de fatos ultimamente ocorridos e que vêm demonstrar a necessidade de o meio espírita se mostrar coeso, a fim de anular os planos desenvolvidos à surdina pelos meios que nos são adversos, pedindo que dêsses fatos os Srs. Conselheiros dessem conhecimento às Sociedades por eles representadas.

S. Paulo — O conselheiro Carlos Jordão comunica que o Congresso da Mocidade Espírita de S. Paulo foi adiado para Abril ou Maio do ano vindouro.

Goiás — O conselheiro Dr. Francisco Nogueira relata as atividades da União Espírita Goiana, já lidas no expediente, salientando o empenho de sua representada em intensificar a propaganda do Espiritismo, em Goiás.

Rio de Janeiro — O conselheiro Major Luiz Gentil faz longo e minucioso relatório das atividades da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, apresentando dados estatísticos de todo o movimento da Entidade fluminense.

O conselheiro Manoel Bernardino comunica haver representado, por desigção do presidente, não só o Conselho, como a FEB, na reunião de instalação da Convenção da Liga Espírita do Distrito Federal.

O Dr. Miranda Ludolf agradece a cessão do salão da FEB para a reunião da Convenção da Liga Espírita do Distrito Federal, por êle presidida, agradecendo, ainda, a representação do Conselho e da FEB.

Antes de encerrar a reunião, o presidente manifesta o júbilo do Conselho pelas atividades sempre crescentes da Federação Espírita do Estado do Rio e diz das suas esperanças nos confrades que lhe estão dirigindo os destinos.

Feita a prece, foi encerrada a reunião.

Caravana da Fraternidade

E' o livro que não póde faltar em sua estante de estudioso do Espiritismo e de colecionador de preciosidades. São 320 páginas muito bem impressas, apresentação gráfica excelente, porque edição da Revista dos Tribunais, de São Paulo, que prima nos seus trabalhos gráficos. E' livro do presente e para o futuro, porque a página mais viva da história do Espiritismo no Brasil e no mundo, de vez que se trata da maior excursão de propaganda e do maior movimento de aproximação do Espiritismo que já se fez.

O autor, prof. Leopoldo Machado, enfeixou no livro, que traz o prefácio de Lins de Vasconcelos, sua apresentação, a descrição e impressões do meio, e das reuniões, a repercursão dentro e fóra do meio espírita, a interferência do Alto, de caravaneiros invisíveis. Impressões epistolares, excertos de atas de sessões e do Relatório apresentado ao C. F. N., o Album da Caravana, respostas a agressões ao Espiritismo e as razões por que ainda acredita no Pacto Aureo.

Envie seu pedido para a Caixa Postal, 6, Nova-Iguassú, Lar de Jesus, Est. do Rio, que lhe será enviado pelo reembolso postal.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 29.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1953 a Janeiro de 1954)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1953

		Pág.
Fincando mais um marco	*Redação*	1
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	2
Uma grande vida e uma grande obra . .	*Carlos Imbassahy*	4
A Grande Revelação	*Pal.*	7
Congresso médico da alma	*Major Levino C. Wischral*	10
Uma grande operação espiritual . . .	*Ten. Cel. Benjamin C. Bidart*	13
O movimento de mocidades espíritas . .	*Leopoldo Machado*	17
Crônica Estrangeira . . . . , .	*Redação*	19
Espiritismo no Brasil	«	21

N.º 2 — MARÇO DE 1953

31 de Março	*Redação*	25
Espiritismo e Fenômeno	*Deolindo Amorim*	26
Duas perguntas apenas	*Major Levino C. Wischral*	28
Caridade	*Menotti Del Picchia*	30
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	31
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	32
Ide, curai os enfêrmos...	*Max Kohleisen*	34
Interessantes fenômenos mediúnicos , .	*Prof. Aldo Gnoli*	37
Síntese da evolução religiosa . . .	*Leopoldo Machado*	40
Crônica Estrangeira	*Redação*	43
Espiritismo no Brasil	«	46

N.ºs 3 e 4 — ABRIL e MAIO DE 1953

A Imprensa e o Espiritismo	*Redação*	49
Da teoria das provações	*Gilson de M. Henriques*	50
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	51
Síntese da Evolução Religiosa . . .	*Leopoldo Machado*	54
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*	57
Rui Barbosa e os fenômenos de Além-Túmulo	*Deolindo Amorim*	58
Apontamentos para você	*Major Levino C. Wischral*	60
Mundos em colisão e as profecias . .	*L. A. Rodrigues*	63
Curiosidades...	*João Teixeira de Paula*	66
O Vaso Humano	*Mac Maynard*	69
Crônica Estrangeira . , ...	*Redação*	71
Espiritismo no Brasil	«	74

N.º 5 — JUNHO DE 1953

Doutrina de Renovação	*Redação*	77
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	78

A prece e a fôrça do hábito . . . . *Deolindo Amorim* 80
O sofrimento e os animais . . . . *Carlos Imbassahy* 81
Síntese da Evolução Religiosa . . . *Leopoldo Machado* 84
Orientação matrimonial . . . . . *Tito L. Bancéscu* 87
O Proselitismo Condenável . . . . *Américo Luz* 88
Espiritismo é Espiritismo . . . . *Pereira Guedes* 90
Porque não devemos chorar os mortos ? . *Gilson de M. Henriques* 94
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 96
Espiritismo no Brasil . . . . . « 99

N.º 6 — JULHO DE 1953

Implantando nova era . . . . . *Redação* 101
O desenvolvimento de uma grande mediunidade *Ismael Gomes Braga* 102
Ernest Thompson como eu o conheço . . *Frederico Duarte* 104
Síntese da Evolução Religiosa . . . *Leopoldo Machado* 105
Uma Grande Vida . . . . . . *Deolindo Amorim* 107
Ser Completista . . . . . . *W. Vieira* 108
Reencarnou você assim ? . . . . *Major Levino C. Wischral* 109
Uma Conversão . . . . . . *Julio de Sousa e Costa* 111
Novas reflexões sôbre Umbandismo e Espiritismo . . . . *Américo Luz* 113
Livros em Desfile . . . . . . *Delfino Ferreira* 115
Um lar diferente . . . . . . *Erasmo Porangaba* 116
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 118
Espiritismo no Brasil . . . . . « 121

N.º 7 — AGOSTO DE 1953

Testemunhos da Sobrevivência Individual . *Redação* 125
O desenvolvimento de uma grande mediunidade *Ismael Gomes Braga* 126
Gênese da Caridade . . . . . *W. Vieira* 128
Livros em Desfile . . . . . . *Delfino Ferreira* 130
Metapsíquica . . . . *João Teixeira de Paula* 131
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 133
«Fronteiras do Outro Mundo» . . . *De «Vanguarda»* 136
Semana Espírita do Norte Paranaense . . *Leopoldo Machado* 138
A investigação psíquica no legendário Japão *De «Voz Informativa»* 141
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 142
Espiritismo no Brasil . . . . . « 146

N.º 8 — SETEMBRO DE 1953

85 Anos . . . . *Redação* 149
O desenvolvimento de uma grande mediunidade *Ismael Gomes Braga* 150
Nossa morada no céu . . . . . *Major Levino C. Wischral* 152
«Fronteiras do Outro Mundo» . . . *De «Vanguarda»* 154
Casamento Espírita ? . . . . . *Leopoldo Machado* 156
Livros em Desfile . . . . . . *Delfino Ferreira* 158
A Certeza do Espiritismo . . . . *De «The Two Worlds»* 159
Inimigos da Doutrina . . . . . *Mac Maynard* 160
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 162
D. Gracinda Batista . . . . . *Redação* 164
Contra Fatos... . . . . . . *Spártaco Banal* 165
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 166
Espiritismo no Brasil . . . . . « 170

N.° 9 — OUTUBRO DE 1953

Allan Kardec	*Redação*	173
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	174
Allan Kardec	*João Teixeira de Paula*	176
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	178
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*	181
Doutrina de Responsabilidade	*Deolindo Amorim*	182
Dante em Música de Wagner	*Arnaldo S. Thiago*	184
Ciclo Evolutivo	*Major Levino C. Wischral*	185
Um caso anímico-espírita	*Mac Maynard*	188
Fenômenos Espíritas ?	*Leopoldo Machado*	190
Crônica Estrangeira	*Redação*	192
Espiritismo no Brasil	«	194

N.° 10 — NOVEMBRO DE 1953

Visões no leito da morte	*Redação*	195
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	197
Mensagem de saudação e alertamento	*Delfino Ferreira*	198
Reportagens diversas do plano espiritual	*Major Levino C. Wischral*	202
Contra Fatos...	*Spártaco Banal*	204
Solilóquio	*Manoel Cavaco*	205
A Divindade de Jesus	*Mario Cavalcanti de Mello*	206
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	208
O ensino do Espiritismo em cursos regulares	*Centro Espírita 18 de Abril*	209
A volta à vida	*«Revista de Metapsicologia»*	211
Crônica Estrangeira	*Redação*	215
Espiritismo no Brasil	«	217

N.° 11 — DEZEMBRO DE 1953

A Maior Data	*Redação*	219
O desenvolvimento de uma grande mediunidade	*Ismael Gomes Braga*	220
Jesus e o nosso Natal	*Major Levino C. Wischral*	222
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*	224
O ensino do Espiritismo em cursos regulares	*Centro Espírita 18 de Abril*	225
Livros e Autores	*Martins Peralva*	229
O pecado original—O dogma da redenção	*Mario Cavalcanti de Mello*	235
Esclarecendo	*Alziro Zarur*	236
Crônica Estrangeira	*Redação*	238
Espiritismo no Brasil	«	241

N.° 12 — JANEIRO DE 1954

Cairbar Schutel	*Redeção*	243
Versos Imortais	*Ismael Gomes Braga*	244
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*	245
Meu Irmão	*Arnaldo S. Thiago*	246
A Igreja e a Psicanálise	*Deolindo Amorim*	248
Os Tabus Científicos	*Carlos Imbassahy*	249
O pecado original—O dogma da redenção	*Mario Cavalcanti de Mello*	253
A Inteligência Animal	*Spártaco Banal*	259
Umbanda e Espiritismo	*Leopoldo Machado*	260
Pré-História Sul Americana	*L. A. Rodrigues*	261
Crônica Estrangeira	*Redação*	262
Espiritismo no Brasil	«	265

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 832
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3011unse

ANO XXX—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1954 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Encetando nova jornada . . . . *Redação*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Os Tabus Científicos . . . . . . *Carlos Imbassahy*
A Inteligência Animal . . . . . *Spártaco Banal*
Livros em Desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Napoleão era perseguido por um fantasma . . . . *De "Voz Informativa"*
O Espiritismo e as Definições Particulares . . . . *Deolindo Amorim*
E a Misericórdia Divina se repetiu ! *Leopoldo Machado*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
A Criança . . . . *Vinicius*
História da Menina Juliana . . . *Pietro Ubaldi*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Aos nossos assinantes em atraso

Solicitamos encarecidamente aos nossos assinantes em atraso, o obséquio de nos remeterem as importâncias relativas ao pagamento de suas assinaturas, visto como os nossos representantes-viajantes srs. João Leão Pitta, Onofre Batista e Lourenço Bianchi estão impossibilitados de viajar em virtude de se acharem enfêrmos.

Fazemos este pedido aos nossos assinantes atrasados no pagamento de suas assinaturas, afim de podermos satisfazer os nossos compromissos, para que a obra, à qual vimos dispensando a melhor boa vontade, não sofra interrupção de continuidade.

A remessa das importâncias devem ser feitas sob registro com valor declarado, por vale postal ou cheque pagável em Matão, podendo os srs. assinantes descontar os gastos feitos com a remessa do dinheiro.

Certos de sermos atendidos neste justo pedido, agradecemos desde já os nossos assinantes que nos atenderem.

A REDAÇÃO.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1954 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Encetando nova jornada

Ao abrirmos o presente número, o fazemos com a mais viva alegria, porque esta Revista completa hoje mais um aniversário, o seu vigésimo nono ano de existência, toda ela dedicada ao bem coletivo, ao serviço do puro cristianismo, agora revivificado pelo Espiritismo, cuja missão é proclamar o amor do próximo e demonstrar com fatos, a Imortalidade da Alma, ponto básico da solução de todos os problemas humanos.

Apesar das dificuldades de fundo econômico, pois esta Revista vive exclusivamente das assinaturas, não publicando matéria paga, que é o sustentáculo da imprensa, a sua publicação vem se fazendo com toda regularidade, o que prova a nossa perseverança, boa vontade e trabalho, pois todos os trabalhadores desta tenda levantada pelo nosso querido companheiro Cairbar Schutel, da redação às oficinas, dos representantes-viajantes aos representantes locais, têm se mostrado à altura de sua tarefa, desempenhando-a da melhor forma possível.

Temos também que pôr em alto relêvo as produções dos nossos distintos colaboradores, sem as quais não teríamos alcançado o êxito que vimos alcançando desde a fundação da Revista, significando isto que os nossos prezados assinantes apreciam o nosso programa, razão por que o seu número aumenta cada vez mais.

Já pusemos em destaque, por justiça, a atuação dos trabalhadores terrenos que nos vêm dando valioso concurso. Agora também precisamos dizer que sem o adjutório dos Espíritos, que foram o movel da fundação desta Revista, nada teríamos feito. Eles continuam a ser o nosso baluarte, agora mais fortalecido com Cairbar Schutel e seus companheiros, entre os quais aparece Luiz Carlos de Oliveira Borges, que foi quem ofertou à Revista os materiais necessários à sua publicação.

Não temos regateado esforços para cumprir o programa traçado pelo seu fundador, publicando matéria escolhida e amplo noticiário espírita, pondo os nossos leitores a par dos principais acontecimentos verificados no cenário espírita mundial. Se mais não fizemos, não foi por falta de boa vontade e sim por falta de meios.

Encetando nova caminhada, contamos com o valioso concurso dos que sempre nos ajudaram afim de podermos levar avante a tarefa comum de difundir o Espiritismo, para que a Verdade brilhe no velador das consciências e a paz reine entre os homens de boa vontade.

Aos nossos assinantes, auxiliares, representantes e colaboradores, bem como aos Espíritos Superiores encarregados de espiritualizar a humanidade, entre os quais se acha o querido companheiro Cairbar Schutel, os nossos sinceros agradecimentos, o nosso muito obrigado pelo adjutório que nos prestaram durante mais um ano de publicação desta Revista, que hoje ingressa no seu trigésimo ano de vida.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

MEMÓRIAS DE UM FRANCISCANO — *Arnaldo de São Thiago* — Rio.

Conhecemos Arnaldo de São Thiago, na *Federação Espírita Brasileira*, assim que êle deixou sua Santa Catarina e se botou para o Rio. Parece que foi o velho M. Quintão, amigo de nós ambos, entusiasta seu, quem no-lo apresentou. Tão entusiasta que até nos dissera, antes: «Vou apresentar-lhe o Arnaldo de São Thiago. E' o meu candidato à vice-presidência da Federação Espírita».

Somos, assim, da guarda-velha. Desta velha-guarda que vai desaparecendo, para ceder lugar à gente moça e laboriosa, que há de continuar, naturalmente, e com maiores vantagens o que lhe deixa a velha-guarda. E o que a velha-guarda lhe deixa, a despeito de tudo, é o Espiritismo acreditado e respeitado; sedes magnificas de centros espíritas em pleno funcionamento, obras de assistência social superando as outras religiões do País, e uma larga e opulenta cópia de bonitos exemplos e de obras grandiosas por todo o País, «do Amazonas ao Prata e do Rio Grande ao Pará».

* * *

Temos um compromisso com o São Thiago. Um duplo compromisso, aliás: registrar, em nosso nome e em nome desta Revista, impressões de seu MEMÓRIAS DE UM FRANCISCANO.

Demorou, é certo, a desobriga do duplo compromisso.

Mas, saiu; está saindo...

Ademais, se o prezado confrade visse a ruma de livros que aguardam sua vez de lidos em nossa estante de cabeceira, de vez que não gostamos de opinar sôbre aquilo que não conhecemos bem, e se tomasse pulso à nossa vida atual...

Um amigo belo-horizontino nos pergunta se temos horas vagas, se temos tempo de ler...

Horas vagas, não temos, felizmente. Mas, tempo de ler — principalmente livros que amigos e confrades nos enviam, solicitando nossa opinião — essa coisa, a *crítica literária*, que até no ambiente profano parece está desaparecendo — tempo para ler esses livros e emitir, certo ou errado, nossa opinião sincera, isso, temos, porque forçamo-lo.

* * *

A primeira impressão que o livro nos causara, antes mesmo de o abrir, foi a de que o autor escrevera as memórias de um frade franciscano, monje da ordem de S. Francisco de Assis, a exemplo de um que conhecemos na infância, que foi muito nosso amigo e nos deu a primeira comunhão.

Foi isso a 8 de Dezembro de 1904.

na igrejinha de S. Braz, em Plataforma, subúrbio da Bahia. Guardamos, ainda, o *santinho* da primeira comunhão, uma *Ceia do Senhor*, com a assinatura do frade e seu oferecimento. E foi um ato de devoção, que fizemos com muita sinceridade. Não podiamos ir, que nos faltava a roupa, tão pobrezinho, graças a Deus, que eramos! Uma santa mulher, que foi minha mãe, tomara emprestado à senhora do dr. Veridiano Lopes, o maioral da terra, de seu filho, menino de nosso tope, uma roupinha de marinheiro, tão em moda na época, e lá nos fomos à comunhão, um lacinho azul ao braço esquerdo. O frade, Frei Casemiro, depois que distribuiu as hostias, disse, mais ou menos, com muita emoção: «Se não fôsse a eu saber que o coração dos papais de vocês ficaria sangrando de saudade dos filhos, eu rogaria a Deus que lhe mandasse, nêsse instante, a morte, tal é a certeza que eu tenho de que vocês iriam para o Céu». Inchamos de ventura. E não pensamos, em nossa alegria, sinão em nós mesmo, louco para morrer ali, imediatamente, afim de voar, lampeiro, e feliz, ao Céu, pouco nos dando que o coração de minha mãe ficasse sangrando! De saída, orgulhoso de haver ganho o Céu, descendo o altinho da igreja, vimos uma inocente vaca lá em baixo. Abaixar-nos, apanhar um pau e mandar no animal, foi coisa de meio minuto. A preta velha Dadá, que nos criara desde pequenino, ralhou conosco, no seu linguajar característico: «Apois você, meu fio, que acabou de ganhar o Céu nêsse instantinho, qui tomou Nosso Sinhô de joeio, fazê uma coisa dessas?! Que fez êsse bicho? E isso é coisa de quem acaba de merecer o Céu?

Desconcertámos um pouco. Mas, respondemos: «Não tem importância. No próximo mês, eu torno a confessar-me e volto a merecer, novamente, o Céu...

Mas... as Memórias são do Arnaldo de São Tiago e não nossas!

«Como é doce recordar a quadra da infância!» como escreve o memorialista.

E como nós, entretanto, gostaríamos de, um dia, escrever, também, nossas memórias, com muitos casos e fatos como estes; com muitas coisas bonitas e feias, obras nossas e de muita gente com que temos privado através da vida, que já se vai tornando muito longa!

* * *

As memórias e as biografias de grandes homens ou de homens de nosso conhecimento pessoal, são um gênero de literatura que nos agrada muito, que sempre lemos com prazer.

Foi, portanto, com enlevo que lemos MEMÓRIAS DE UM FRANCISCANO, descobrindo até, muita analogia e similhança entre seu autor e nós. Analogias e similhanças que talvez impliquem aquela *atração que é amor das almas*, do verso de Vitor Hugo.

Já no prefácio, tivemos os olhos húmidos e aperto no coração, quando lemos esta recordação de sua mãe, que seria a nossa, exatamente: «Minha santa mãe. Teu espírito revoa sôbre a minha cabeça, agora encanecida, que tanto acariciavas!»

Seus pais eram professores, de escolas vizinhas, uma ao lado da outra. E foi a mãe quem lhe meteu, aos seis anos, a cartilha nas mãos...

Manuseiamos seu grande livro desde sua ânsia, pequenino, na escola, para ver as rendinhas das calças da Ciliquinha, sua colega, até sua vinda para o Rio, por fôrça da Revolução de 30, quando devia ter, naturalmente, 40 anos, idade, em que o homem é ainda adaptável aos costumes, aos reclamos do meio social em que passa a viver e conviver, segundo conceito seu. Depois dessa idade, «o homem é rigido de mais para suportar semelhantes adaptações...»

* * *

Andamos por toda parte com o autor de MEMÓRIAS. Até soltando *pandorga*, que é *papagaio* por cá e *arraia* na Bahia. Interessa-nos, claro, muito mais, sua integração e ação dentro do Espiritismo. Seus pais eram espíritas. E dêsses que, compreendendo e sentindo a Doutrina em si mesma, não cedem a preconceitos, vão, em linha reta, até o fim. «Meus pais, assim que se tornaram espíritas, preocuparam-se imensamente com a divulgação dos princípios de tão nobre doutrina». Fôra, portanto, felizardo! educado na Doutrina, ventura que não tivemos. O pai, intranzigente em materia de princípios não se deixava bater nas controvérsias. Portanto, gente de nosso temperamento. «Respondia com argumentos e razões incontestes aos ataques desferidos contra a Doutrina que lhe inundava a alma de luz.» Polemista, portanto, e como o foramos. Uma feita, um pastor protestante, culto e orador, desafiou numa conferência pública, quem o contrariasse numas passagens bíblicas que julgava contrárias ao Espiritismo. Tripudiou, assim, publicamente, da cultura da terra, essa coisa tão comum por esses Brasil do interior afóra. O velho professor São Tiago ergue-se de público e confunde, e contunde, e conturba o pastor, que não encontrou saìda de leão vitorioso. Tambem nós já nos deparamos com situação igual. Um sábio sacerdote holandês apareceu por cá a desafiar protestantes e espíritas para uma discussão pública, para triunfo de sua Igreja. Aceitamos a discussão de público. E não fizemos, mercê de Deus, *papelão*. O padre de cá, que atacava o Espiritismo e que foi quem engendrou a arrancada, hoje não ataca mais o Espiritismo e até, na fase aguda de nossa enfermidade, visitou-nos como bom amigo e excelente irmão. Exatamente, como aconteceu em S. Francisco: dali por diante, os pastores que passavam por lá, já não tripudiavam sôbre os conhecimentos alheios, procuravam o velho professor, com quem discutiam amigavelmente...

*
* *

Memórias de um Franciscano enfeixa, nas suas 220 paginas, agradaveis impressões de coisas passadas, judiciosas impressões da Doutrina e de coisas da Doutrina, de educação e da arte. Os que pensam e sentem como o autor, ficam com sulcos profundos da leitura na memória e na sensibilidade.

Foi o que sucedeu conosco. Lendo suas Memórias, tivemos, mais de uma vez, a impressão segura de estarmos lendo a nós mesmo. E' que, como o Arnaldo, também fomos decurião na escola; também, andamos vestindo terninhos de cassineta; também andamos aprendendo música — êle, flauta, e ainda guarda sua flauta de ébano! — nós, instrumento de sôpro e violão, que desaprendemos de uma vez; — também somos professor — êle, normalista, de curso, nós sem curso, auto-didata —; também sempre tivemos inclinação para a poesia — êle, preferentemente, para a poesia épica, heróica, nós, para o verso lírico-doutrinário e social; também aceitamos o Espiritismo e, dentro do Espiritismo, sempre temos agido, mais ou menos, como êle...

Haveria muitas outras coisas semelhantes e análogas entre nós.

Entretanto, nunca fomos amigos e confidentes como deviamos; nunca fomos os confrades mais estreitados por laços de maior afinidade e de amizade mais constante e mais íntima.

Porque?

Será que o Arnaldo de São Tiago póde responder a isso?

OS TABUS CIENTÍFICOS

PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS E EXEMPLOS NA PSICANÁLISE

O indivíduo procura nutrir-se e reproduzir-se. Na criança, antes mesmo dos três anos, já despontam as idéias sexuais e elas se dirigem para os pais. As paixões súbitas, por exemplo, são invocações inconscientes da plástica materna. Quando um cidadão é tomado de repentino amor, é a imagem da progenitora, com seus encantos físicos, que lhe irrompe do inconsciente. E o mestre vienense apresenta um dos pilares de sua doutrina, o complexo de Édipo, que procuraremos explicar mais para diante, com a pobreza que o nosso vocabulário e a nossa imaginação puderem dar-nos, em assunto tão melindroso.

Desde cedo começam a reprimir a criança, sem deixá-la agir como deseja. Formam-se então os recalques de funestas consequências na vida psíquica. As idéias e os desejos recalcados são os prisioneiros do inconsciente. Bem que êles desejam escapar, mas uma guarda pretoriana, que é a Censura, não o esqueçamos, conservam-nos debaixo de chave. Elas só conseguem fugir quando aparece um magnata, na pessoa do psicanalista que, com seus processos, quebram-lhes os grilhões. Vêm, então, à Consciência; a Censura já não manda mais nada; que outro valor mais alto se alevanta. O doente não se espanta, na maioria das vêzes; já não há repressão. Volta tudo à paz e à bonança.

Entre as idéias degradadas há as que nos fazem sofrer, que nos trazem preocupações, remorsos. Daí a ação da Censura, puramente em nosso benefício. Os presos, porém, usando por vezes de velhacaria, ou usando de cautela como Labão, pai de Raquel, disfarçam-se, mascaram-se e assim se apresentam. Com o truque, nem o próprio indivíduo as reconhece. Êles abusam, então, do direito de prejudicar. Dir-se-iam em certo país, onde cada qual faz o que quer sem se importar com proibições policiais ou posturas municipais e onde a liberdade assume proporções de licenciosidade.

Dalí os disturbios. Nessa ocasião é que se verifica o valor da Psicanálise, que entra com os seus processos, para verificar o que querem aquêles turbulentos, as idéias o que significam e destarte libertá-las.

Nos lapsos, as artes do inconsciente são múltiplas. Suponhamos que alguém escreve uma carta com assunto que lhe desagrada. O inconsciente, a faz esquecer em casa ou mesmo perdê-la.

Vejamos alguns exemplos de esquecimentos narrados por Freud:

Um doente lhe falou de uma vizinha estação de veraneio e de uma fonte, cujo nome esquecera. O professor replicou que esta fonle não existia. Estivera na localidade durante sete verões e podia dizer de ciência própria. Mas depois se lembrou que a fonte existia, sim; chamava-se Der Hochwartner. *Ficou logo clara a razão do esquecimento, que foi a de existir também um dr. Hochwartner, seu colega vienense, da mesma especialidade. Como isto está a entrar pelos olhos!*

Doutra feita, ao tomar um bilhete na estação de Reichenhall, foi-lhe impossível recordar o nome, que lhe era muito familiar, da estação mais próxima, pela qual já havia passado numerosas vezes. Viu-se obrigado a recorrer a um itinerário e verificou que ela se chamava Rosenheim (casa de rosas). E então descobriu logo a associação causadora do olvido: é que, uma hora antes, tinha estado em casa da irmã, que vive próxima a Reichenhall, mas que se chamava Rosa: e como êle vinha da casa de Rosa (Rosenheim), deu-se o esquecimento.

Mas porque, tendo êle vindo da casa da irmã Rosa se havia de esquecer do nome da estação de Rosenheim? Quem sabe lá! Se um dia nos deslembrarmos nós do nome do morro de Santa Theresa ou do da estação do Meyer, seguir-se-á que tenhamos vindo da casa de algum Meyer ou de alguma Theresa? Não nos esclarece o mestre. Mas, por fôrça da psicanálise, deve haver forçosamente uma Thereza e um Meyer metidos no negócio. Ou coisa parecida.

O prof. Freud, pelo que nos consta, tem muitos dêsses lapsos. Ora, certa vez, consultou-o um jovem, irmão de um dos seus clientes e a quem êle chamava pelo nome de batismo.

Tornou-se impossivel recordá-lo. Saiu a olhar as lojas pelas ruas: vira daquí, vira dalí e deu com o nome esquecido. Saber a razão da falta de memória foi uma questão apenas de análise: esta lhe demonstrou que êle havia traçado um paralelo entre o visitante e o próprio irmão, e que culminava na seguinte pergunta reprimida? Em caso semelhante meu irmão se conduziria igualmente ou teria feito o contrário? A conexão exterior entre os pensamentos concernentes à família estranha e a do professor Freud tinha sido facilitada pelo fato de que em uma e outra o nome da mãe era igual: Anália. Logo percebeu ele também os nomes de Daniel e Francisco. Êstes como o de Anália, são nomes dos personagens dos Bandidos *de Schiller. E todos, ainda, em relação com uma passagem de Daniel Spitzer.*

Isto não está lá muito compreensível, à primeira vista. Por que a pergunta reprimida? Que havia entre o visitante e o próprio irmão? Qual a relação entre a conduta do irmão e a do visitante? E que conduta era essa? Nebulosissimo, como se vê. Infere-se, porém, do final do relato, que havia uma semelhança de nomes, o esquecido e os dos personagens de obras literárias. Nesse andar, porém, se nos afigura muito fácil, e sem grande esfôrço de análise, topar com a razão, o por que não nos acudiu à mente um nome qualquer. E' só rever as obras escritas no país e folhear-lhe as páginas. Nelas será difícil *que não se encontre um Francisco ou um Daniel... ou que a obra não tenha uns patifes homônimos.*

Vejamos, entretanto, outro caso mais claro:

Em certa ocasião esquecera-lhe o nome de um amigo que lhe manifestara receios de perder a vista: — foi porque houve um jovem que ficara cego com um disparo e outro que se suicidara com um tiro. O suicida tinha o mesmo nome do amigo receioso.

Agora, um muito simples: Não se lembrara de um sr. Freud. Está visto, pois se o tal senhor tinha o mesmo nome que o dêle!...

Este caso agora é narrado por Ferenczi:

Uma senhora que ouviu falar de psicanálise, não pode lembrar-se do nome de Young. A explicação é um pouco longa, mas aqui vai em resumo: Young quer dizer jovem e a senhora, viuva, já não tinha esperanças de casar, daí não gostar dos jovens e essa ojeriza fê-la esquecer o nome do grande psicanalista. Esta foi bem achada; talvez não se possa dizer o mesmo da que se segue:

Certo indivíduo foi prestar exame de Filosofia. Inquiriu-o o professor sôbre as doutrinas de Epicuro e quais os que, em séculos, posteriores, o haviam ressuscitado. O examinando ouvira, dias antes, num café, o nome de Pierre Gassendi e graças a êsse feliz acaso conseguiu sair-se bem. O professor, admirado, indagou como êle o soubera, e o aluno explica que estudara muito a obra de Gassendi. Retirou-se da banca com distinção e louvor.

No andar dos tempos, esqueceu-lhe o Gassendi. Falhas da memória, dirá o insciente, mas o que houve foi o remorso por haver enganado o Professor e o remorso subtraiu o nome. Que aqueles que esquecem muitos nomes, procurem na consciência ou na inconsciência a razão dêsse castigo lacunar.

Esta ainda é dos registros de Ferenczi: esquecera êle mesmo o nome de uma cidade, Verona! E' que tinha uma criada antipática chamada Verona.

Se a Psicanálise não tivesse uma explicação especial para cada caso especial, haviamos de ver os patrões e patroas esquecidos de Murcia, Pádua, Florença, Coimbra, Cintra, Braga, Bragança, Guimarães, Castelo Branco, Almeida, Viana, Caxias, Carolina, Terezina, Sobral, Quitéria, Jardim, Teixeira, Nazaré, Vitória, Jacobina, Carmem, Amparo, Antonina, ou quantas cidades houvesse por aí homônimas de seus antipáticos criados e criadas.

Um tal não se lembrava da cidade de Castelvetrano; êste não tinha empregado com o referido nome; é que vetrano lembrava veterano e êle era velho. Como é muito comum aos velhos se esquecerem dos nomes, estamos a ver que trabalheira irão êles dar aos psicanalistas se êstes se lhes metem pelo Inconsciente a descobrir a razão das falhas.

Um senhor N. quis indicar o nome da firma Gilhofer & Ranschburg, mas só lhe lembrava o segundo nome. E estava nessa luta mnemônica quando, de uma assentada, não só descobriu o nome como a causa do esquecimento: tinha estado em Galhof com uma jovem, a qual lhe dera um presente com dedicatória, em recordação das belas horas passadas em Galhof. Ora, quatro dias antes, havia estragado o objeto; e não queria contrair matrimônio com a moça. E aí têm por que esqueceu o tal Gilhofer.

O autor não elucida se foi o estrago do objeto ou o não querer casar, que produziram a falta de memória. Infelizmente parece que a ciência não pode ainda precisar bem estas coisas. Talvez fôssem ambas. A fusão deve dar mais fôrça.

Se tais exemplos que tomamos como os mais resumíveis figurassem num rol de coincidências, teríamos um trabalho pouco interessante, pela banalidade dos casos, ou pelo desajeitamento das combinações. Entretanto, trata-se de todo um extenso capítulo na obra de Freud, e ponto de capital importância em sua doutrina.

Cumpre notar que, para tais arranjos, alguns encaixados a martelo, há milhões de casos outros que, por mais que se dêm tratos à bola, não se conseguirá descobrir os motivos do olvido, e isto não obstante a facilidade com que se pode fantasiar um qualquer.

Alguns indivíduos se esquecem dos nomes próprios, como outros se esquecem de datas, e outros de objetos. Vivemos a esquecer-nos de tudo; quanto mais preocupados, quanto mais cansados, quanto mais distraídos, quanto mais enfêrmos, quanto mais idosos, maior é o esquecimento. Pois isto que se atribuia à idade, à doença, à distração, à fadiga, à preocupação, é hoje motivo de uma infindável busca nos arquivos da alma, devendo, provavelmente, no futuro, ter o cidadão um duplo e penoso trabalho, o descobrir a coisa esquecida e a causa do esquecimento.

O que aí fica é uma ligeira amostra. Não temos a impressão da infalibilidade, expomos apenas as nossas dúvidas, receioso como nos achamos de que o maior problema a encarar é o dessa formidável sugestão que empolga as Academias, as Escolas, os homens pensantes do século, sugestão a que estão sujeitos, em determinadas épocas, doutos, leigos e profanos.

A História está minada de exemplos.

*

Ponhamos agora alguns casos de lapsos, por maneira que tenhamos idéia de como a Psicanálise maravilhosamente os resolve.

Certo indivíduo tem antipatias de fundo religioso; é anti-clerical. Mas, num discurso, muito sério, muito solene, querendo referir-se ao palácio de Latrão chama-lhe o palácio de Ladrão; tal outro, adversário do Dr. Palha, apelida-o inconscientemente o Dr. Pulha; um invejoso das qualidades do ator e radialista Babo, refere-se em discurso a êle dirigido, como o grande cineasta, sr. Bobo.

Quase tôda a Psicanálise é formada dessas combinações, trocas, jôgo de palavras, «blagues»...

Alguém tem um amigo chamado Júlio Vargas; ao falar nesse amigo, em vez de Júlio diz Getúlio Vargas. Um qualquer de poucas luzes viria na troca um fato comum, o de vir aos lábios um nome que anda na bôca e na pena de todos; hábito, uso muito repetido. Nada disso; é preciso a análise psíquica para desvendar nos recessos da alma a razão do lapso.

Dois anos depois que Getúlio Vargas foi levado pelo braço da Revolução à curul presidencial, o Dr. Washington Pires, então ministro da Educação, foi convidado para uma grande solenidade onde se achava a nata da intelectualidade carioca. O Ministro, polido e cavalheiro, acedeu gentilmente ao convite.

Abre-se a sessão e aquêle que a presidia, soleníssimo, levantou se e declarou que a assembléia se sentia honrada com a presença, alí, do Dr. Washington Luiz. Washington Luiz era o presidente deposto, o adversário político, um nome perigoso no momento.

O orador emendou imediatamente o Luiz para Pires e o incidente não teve outras consequências além de uns risinhos indiscretos. Felizmente a psicanálise não estava muito difundida, e a assembléia, provavelmente pouco lida em análise psíquica, não devia conhecê-la. Graças a essa ignorância popular e talvez administrativa, não ficou o presidente da assembléia tido como um saudosista, um passadista, um remanescente do antigo regime. Não fôsse aquela ignorância e teríamos no infeliz orador um «carcomido» de calva à mostra, pelas insidias do subconsciênte.

Andavamos, certa vez, as turras com um velho amigo em S. Paulo, por questões de Psicanálise, turra intelectual, bem entendido, com tiroteios de erudição.

O amigo é conhecedor profundo dessa e de outras matérias. Com muita inteligência e muito saber leva sôbre o autor destas linhas uma grande vantagem, de que usa e abusa, rindo-se de nossa ignorância em tão importante matéria, ignorância que êle atribui ao desconhecimento de Medicina e Psicologia.

Em certa ocasião mandamos-lhe a obra de Richet — *L'homme impuissant,* que traduziriamos por— o homem fraco, o homem débil, o homem imbele, o homem incapaz. E êle nos comunicou, que tendo que fazer uma viagem a Buenos Aires, pretendia ler a obra em viagem, mas esqueceu-a numa das gavetas de sua escrivaninha.

Deveriamos estar recalcado e aproveitamos o caso para vingar-nos. Além de tudo, em vez de falar na obra de Richet, troca o nome para Janet. Vingança de garoto, que não podendo com o mais velho, faz-lhe trejeitos e caretas de longe. Assim procedemos, e tomando ares de psicanalista entramos a fazer a análise dos motivos que o levaram a deixar o livro no seu túmulo gavetal, empregando nós até, o estílo vago e cheio de reticencias com que os mestres descobrem as intenções profundas do nosso Eu.

E escrevemos-lhe: — «Havia no seu subconsciente a aversão à obra por causa do título, o qual evoca a senilidade que se avizinha do bom amigo a passos largos. Daí o adiar a leitura para a viagem... para o mar alto... o mar é extenso... perde-se de vista... nêle tudo se perde... O velho amigo queria perder o livro. Daí adiar a leitura, daí esquecê-lo...»

Escusado é dizer que êle respondeu chamando-nos de idiota e afirmando que nunca desejara perder o livro do Janet, que até ansiava por lê-lo.

Janet! Fiquei radiante com mais êste lapso. Janet em vez de Richet. Quando há troca de nomes é recalcamento na certa! Voltamos à carga, mostrando-lhe como aquêle equívoco vinha corroborar o nosso juizo, vinha documentar a nossa análise. Trocara o nome: era réu confesso, psicanalíticamente falando.

Lá diz Freud que há *sempre* fundamento subconsciente nos enganos; que não importa a causa aparente com o que o equivocado se apadrinha; ela não destrói a que está escondida, a verdadeira.

Assim é que lemos na versão espanhola de uma sua obra, em resposta a alguém que contestava uma de suas análises; êsse alguém afirmava que *todo mondo tenia derecho a equivocar-se».*

A esto repliquè—diz Freud—*que TODAS las equivocaciones orales tienem sempre um fundamento....»*

E' verdade que a do amigo não era oral. Mas também afirma o eminente psicólogo:

«Intentei explicar os casos de omissão observados em mim mesmo e vi que podiam ser atribuidos SEMPRE á intervenção de motivos desconhecidos e até INADMITIDOS pela própria pessoa e oriundos de um desejo contrário».

E essa regra absoluta percebem-na os bons discípulos do grande sábio.

Fartou-se o prezado amigo de explicar que se enganara porque estava a ler no momento Janet e Janet se parece com Richet. Sucedeu, ainda, que Janet, por essa época, fazia conferências aquí no Rio e seu nome andava na bôca e nos ouvidos dos letrados, senão de todos.

A culpa era justamente a que apresentamos para discordar da análise. Não concordamos, porém, com o amigo; mantivemos o parecer. Estavamos armado com o Freud e um psicólogo armado com o Freud é como um protestante armado com a Biblia! fica invulnerável.

Carlos Imbassahy.

A Inteligência Animal

O Cão Rolf

A diversidade de fatos, concernentes ao problema da alma animal, tem prendido a atenção dos mais célebres pesquisadores do globo. Em todas as suas conclusões, teem êles chegado a um acôrdo unânime, admitindo que o animal tem, como o homem, uma alma em caminho da perfeição.

O Espiritismo tem, em sua garantia, a revelação dos espíritos, que afirmam a realidade desta lei.

Neste sentido, o codificador do Espiritismo fez a seguinte pergunta aos espíritos instrutores:

—Poder-se-á dizer que os animais só obram por instinto?

—«Ainda aí há um sistema. E' verdade que na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vês que muitos obram denotando acentuada vontade? E' que teem inteligência, porém limitada».

E' ainda do livro *maravilhoso* «A Reincarnação», do ilustre cientista francês, Dr. Gabriel Delanne, que extraimos mais um caso, que vem em apôio forte deste princípio:

—«Um dia, ao meio dia, estava eu sentado, perto das crianças, e preenchia a função ingrata de as ajundar nas suas tarefas.

Nossa Friedasinha, tão interessante e tão viva, mas um pouco estúrdia, resistia obstinadamente à solução do problema 2 mais 2, quando, em uma ocasião de mau humor, lhe administrei ligeiro corretivo. Nesse momento, o cão, deitado sob a mesa das lições, olhava-nos de tal fórma, que eu disse:

— Vê, Frieda, êle nos encara como se soubesse isto.

Rolf aproximou-se, sentou-se a meu lado, olhou-me com os olhos bem abertos, e eu lhe perguntei:

— Rolf, que desejas? Sabes quanto são, 2 multiplicados por 2?

Com grande espanto meu, êle deu quatro pancadas em meu braço. Nossa filha mais velha propôs-me logo perguntasse ao cão quanto fazem 5 e 5. A resposta foi dada prontamente por dez pancadas, com a pata. Na mesma tarde, continuando as experiências, vimos que o animal resolvia, sem erros, os problemas simples de adição, subtração e multiplicação.»

— Um dos membros da «Societé Psychique de París», o sr. Duchâtel chegou a realizar uma conferência sobre grande parte de fatos, referentes à inteligência do animal, depois de ter verificado por si mesmo, a realidade dos casos acima referidos.

SPÁRTACO BANAL.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Emissora Campos do Jordão, escreveu Delfino Ferreira. Apresentou Néli Sônia, em 18/7/53).

Prosseguindo a apresentação da obra de Cairbar Schutel, desfilará hoje o 9.º livro dêsse inesquecível trabalhador da Doutrina, que soube e poude ter a felicidade de viver a sua fé lutando em sua defesa, longe, porém, dos grandes «templos» e dos magnos sacerdotes.

Êsse 9.º livro é «PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS», já em 7.ª edição, datando a primeira de Janeiro de 1928.

E' um grosso volume de mais de 450 páginas, dividido em duas partes: a 1.ª, com quasi 150 páginas, apresenta, interpreta e estuda 35 Parábolas das contidas nos Evangelhos; e a 2.ª, a que denominou ENSINOS DE JESUS, 65 temas evangélicos, rigorosamente subordinados a outras tantas passagens, transcritas dos quatro Evangelistas, cuidadosamente estudadas à luz da Doutrina Espirítica. Mais, realmente, do que cuidadosa, porque amorosamente estudadas, donde muito bem caber a tal trabalho a denominação de ENSINOS DE JESUS.

Nesta obra, essencialmente evangélica, tal se depreende do próprio título, Cairbar Schutel, não obstante nos apresentar um grosso volume, nem por isto abandonou o seu estilo, o seu espírito de síntese. Se o volume é grande isto se deve a que os temas desenvolvidos são numerosos. Nada menos de CEM. Destarte, o leitor encontra sem o menor esfôrço explicação de muitas e muitas passagens evangélicas, por vezes obscuras; o sentido moral de todas as parábolas aquí estudadas; a interpretação do pensamento do Divino Mestre, muitas vezes propositadamente por êle deixado oculto pelo simbolismo da linguagem.

E é de louvar-se, então, o fulgor da inteligência e, sobretudo, o calor do amor com que Schutel busca, no verdadeiro sentido das palavras do Mestre, o ensino vivo, o ensino permanente, qual como foi ontem e o é hoje. E o será amanhã, e em todos os amanhãs de um incessante amanhã... E cada vez mais claro, mais positivo, mais luminoso, sempre o mesmo, entretanto, na expressão de uma sabedoria perfeita, todavia mais ou menos incompletamente apreendida pela imperfeita compreensão humana.

Cairbar foi, acima de tudo, um crente. Espiritista, sim; mas muito mais cristão. E por isto mesmo, poude ser um grande espiritista.

Êste livro: PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS é um grito de Fé. Um grito de fé, porém, tal como Kardec preconisou: uma fé capaz de encarar a razão face a face, sem corar.

Abre o Livro uma EPÍSTOLA A JESUS, Mestre e Senhor, que, em verdade, é humilde prece do Autor, reconhecendo as belezas da Doutrina da BOA NOVA DO REINO, e a necessidade de que não cesse o jôrro da misericórdia Divina, através da misericórdia do Cristo. Segue-se o PREÂMBULO, de nove páginas, em que Cairbar esboça o panorama do mundo moral em que vivemos e traça a iluminada ação do Cristianismo, encarecendo, todavia, nêle, desde seus primórdios, o concurso dos Espíritos em ostensivas manifestações fenomênicas, ampliando, desdobrando o campo da Religião.

No estudo, depois, quer das parábolas, quer de ensinos outros de Jesus, Cairbar traça justo paralelo entre o ensino espirítico e o das diversas seitas cristãs. E mostra, então, como Jesus punha sempre em suas lições, em seus atos, mesmo, indisfarçável cunho de espiritualidade, afastando das manifestações de amor a Deus tudo quanto posteriormente veio a enchamear a fé.

Toda a doutrina do Mestre visava levar o homem a Deus, por obra do espírito, sem cultos de ordem material, sem dogmas, sem ritos promissores.

Cairbar em PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS, apresenta, enfim, o véro sentido do Cristianismo, doutrina de luz, doutrina do espírito para o espírito.

E', pois, um livro que toca fundo a alma, que renova o coração, que instrúe, que ilumina.

A todos PAZ e LUZ.

Napoleão era perseguido por um fantasma

De «Voz Informativa» — México.

— Sortilégio de Alexandre Magno.
— Os sonhos de Frederico da Prussia.
— O fantasma vermelho na história da França.
— A morte do Grande Côrso.

De acôrdo com a história, a maior parte dos grandes conquistadores foram homens supersticiosos, que nunca agiam sem receber antes algum «sinál» extraterrestre que lhes dava confiança para tomarem importantes decisões. Atila, o Hunio, por exemplo, aguardava um sonho favorável antes de lançar-se à conquista de mais terras. Alexandre Magno, sortia-se de toda espécie de sortilégios para sentir-se seguro nas grandes batalhas que desencadeou. No caso mais recente, o de Hitler, dizem que o ditador alemão consultava as estrêlas antes de tomar as decisões que desencadearam a II Guerra Mundial. Nos desportes também existem notáveis exemplos. O de Jack Dempsey é, sem dúvida, um dos mais notáveis. Jack subia ao ringue envergando o velho «suéter» de côr vermelha com que iniciou sua brilhante carreira pugilística. Na noite em que o deixou em casa, perdeu o título mundial de todos os pesos a favor de Gene Tunney.

Napoleão não foi uma exceção.

Na noite de 16 de agosto de 1769, Frederico o Grande, da Prússia, teve um sonho extraordinário; viu uma «estrêla brilhante descer dos céus.» Despertou sobressaltado, certo de que um metéoro caira nos arredores. Ao voltar à realidade, compreendeu ter sido um «sonho profético.»

«Acaba de nascer um grande «líder», afirmou mais tarde», e «certamente está destinado a mudar o curso da história.»

Na mesma noite, no povoado de Ajaccio, Córcega, nasceu Napoleão Bonaparte.

A carreira de Napoleão sempre esteve repleta de eventos aparentemente supranormais, como se as fôrças cósmicas o houvessem assinalado para atenção especial. Êle acreditava firmemente em sua «boa estrêla» e com frequência mudou, obediente a impulsos, os planos de uma batalha, em meio a combates, com audácia, por seus generais qualificada de suicida. Sempre que obedeceu a essas extranhas intuições, foi vitorioso, unicamente quando perdeu sua fé na intuição, começaram a decrescer seu gênio e poder.

Há evidência de ter possuído Napoleão, além de crer em sua «boa estrêla», o dom da clarividência. Entre outras coisas prognosticou uma Alemanha unida, a independência das colonias espanholas, o poderio dos estados independentes balcânicos e o estabelecimento da coalisão austro-úngara. Certa ocasião, após longo período meditativo, fez cêrca de dez assombrosos prognósticos a seu bom amigo e famoso ator Talma.

Quando Talma lhe perguntou se êsses augúrios se baseavam na lógica e no raciocínio, Napoleão respondeu com franqueza: «Não, mas a maior parte de meus sonhos e impulsos se convertem em realidade.»

«O Fantasma Vermelho»

As aparições do histórico «Fantasma Vermelho» da França, fazem crer que fôrças ocultas se interessavam pelo país e seu imperador.

O «Fantasma Vermelho» aparecia em muitas ocasiões, sempre nos momentos cruciais da história gaulesa. Em 13 de maio de 1610, sucedeu algo de extraordinário. Enrique IV encontrava-se no trono e devido às inquietas condições do momento, anunciara suas intenções de tomar pessoalmente encargo do Exército.

Pouco antes da meia noite despertou o monarca de profundo sono, durante o qual ouvira uma voz cavernosa que o advertia de um grave perigo. Tão intensa foi a impressão que Enrique voltou á realidade coberto de frio suor.

Passou cuidadosamente os olhos pela habitação e sofreu segundo choque ao descobrir a figura do «Fantasma Vermelho», tal como havia aparecido a outros. Era um ser alto, robusto e envolto em uma capa vermelha. A barba da mesma côr. Não obstante ser estação de verão o aposento estava tão frio como o gêlo.

Disse o fantasma: «Morrerás amanhã, assassinado pelos que tens como amigos», em seguida desapareceu.

Imediatamente Enrique IV chamou seus conselheiros e lhes explicou o sucedido. A idéia de que seria morto violentamente foi ridicularizada e o monarca voltou ao leito. Mas, 12 horas depois (na manhã de 14 de maio), era assassinado por pessoas de sua roda.

Possivelmente o assassinato não se verificaria se o rei houvesse tomado precauções depois da mensagem de ultratumba.

A primeira visita do «Fantasma Vermelho» a Napoleão teve lugar em 1798, quando o pequeno côrso sómente contava 29 anos de idade, sucedeu pouco antes da Batalha das Pirâmides no Egíto, e incluiu uma advertência de desastre naval. Napoleão ganhou a batalha terrestre, mas a frota gaulesa foi derrotada pelo almirante Nelson em 1.° de agosto desse ano e foi um desastre maiúsculo.

A segunda aparição registrou-se após a desastrosa batalha de Wagram, quando o «Fantasma Vermelho» arbitrariamente deu a Napoleão quatro anos para conseguir a paz geral. O pequeno côrso não seguiu o conselho.

Pouco se sabe sôbre estas últimas visitas. Casualmente aparecem fragmentos isolados na história, mas a terceira aparição está perfeitamente documentada.

Ocorreu na manhã de três de Janeiro de 1814.

Anteriormente Napoleão havia sofrido custosas derrotas e as fôrças atacantes eram gigantescas. Encontrava-se êle em despacho no Palácio das Tulherias acompanhado pelo secretário de Estado Conde Mole, e seu secretário particular, Nieuval.

O aposento estava luxuosamente mobiliado, fôra a câmara de Maria Tereza, esposa de Luiz XIV. Diversos livros estavam colocados contra as paredes. Só havia uma janela e uma porta; esta conduzia a uma antecâmara. O escritório de Napoleão estava no centro da habitação. Nieuval estava sentado diante da janela.

O Pequeno Côrso estava triste, preocupado com os próprios pensamentos e prestando pouca atenção ao que dizia o Conde Mole. Pondo-se de pé percorreu silenciosamente o quarto, para finalmente pedir a Mole que passasse para a antecâmara enquanto ordenava suas idéias. Só permaneceram Napoleão e Nieuval.

Na pequena antecâmara, o conde dispôs-se a ler um livro. A porta que conduzia ao despacho do conquistador como a que comunicava com o corredor exterior, estavam fechadas. Repentinamente o conde sentiu que a antecâmara se tornara extraordinariamente fria. Levantou os olhos e com estupefação viu um «homem alto com barba vermelha e envolto em capa da mesma côr.» Ambas as portas continuavam fechadas. «Preciso falar imediatamente com o Imperador», disse o visitante com voz profunda. Apesar da surprêsa, o conde respondeu cortezmente: Agora não póde ser encomodado. O extranho deu uma passada para a frente. O conde pôs-se de pé para guardar a porta; mas logo lançou uma exclamação de horror ao observar que «O Fantasma Vermelho» passou através dele como se fôra de luz.

Já no gabinete do imperador, o visitante de alem-túmulo disse: «E' esta a terceira vez que apareço diante de tí. Na ocasião anterior te dei quatro anos para conseguires uma paz geral e te adverti que no caso de desobedeceres eu te retiraria minha proteção.»

«Agora venho dizer-te que só tens três mêses para pores em execução os planos que ora idealizaste ou para aceitar as propostas de paz que te oferece a Aliança. Se não obtiveres êxito no primeiro ou não acederes ao segundo, tua carreira terminará logo. Recorda-o bem.»

Napoleão, em presença de Mole e Nieuval, suplicou mais tempo, explicando que três mêses eram insuficientes para recobrar os prejuizos ou conseguir uma paz honrosa.

«As desculpas não me interessam», interrompeu o visitante. «Sómente te dou três mêses». Em seguida desapareceu o «Fantasma Vermelho».

Mais tarde o conde discutiu com Nieuval os sucessos. Êste afirmou não ter visto o estranho ser em momento algum; mas que havia escutado a voz, aparentemente saída do ar.

A história registra o que sucedeu mais tarde. Napoleão preferiu guerrear; mas a fôrça militar de seus inimigos era irresistível e exatamente três mêses depois do ultimatum, ou seja 11 de abril de 1814, Napoleão abdicou.

A 5 de maio de 1821, o Grande Côrso faleceu na solitária ilha de Santa Helena. Durante a hora em que o ex-imperador esteve em agonia, registraram-se sucessos extraordinários, relâmpagos nunca vistos e uma chuva vermelha. Com a morte de Napoleão cessaram automaticamente os distúrbios. No preciso instante em que falecia aquele que havia sido notável conquistador, o Dr. Antomarchi, viu com profundo assombro, que um homem alto, vestido de vermelho, se colocava ao lado do leito do moribundo para abençoá-lo, sem proferir palavra. Faltavam exatamente seis minutos para as seis horas da tarde.

O Espiritismo e as Definições Particulares

DEOLINDO AMORIM

O problema das definições é, sem a menor dúvida, um dos mais difíceis do conhecimento humano, justamente por ser impossível definir uma coisa com absoluta exatidão, já porque as palavras são insuficientes para dar idéia real do que se quer dizer, já porque as definições nunca estão de todo isentas de pontos-de-vista ou maneiras próprias de vêr e sentir as coisas. Cada definição, portanto, está sujeita à influência do estado dalma em que se encontra a pessoa que define e, por isso mesmo, quem formula a definição de uma coisa vê essa coisa quasi sempre segundo a sua maneira de sentír. Apesar disto, porém, embora se reconheça que as definições, na maioria dos casos, levam, por assim dizer, a *marca* de uma opinião pessoal, existem as definições básicas ou gerais, já consagradas pela tradição, pelo uso e pela confirmação da realidade. E' o que se dá, por exemplo, com o *Espiritismo*.

Existem, como se sabe, muitas definições do Espiritismo, uma vez que a doutrina é muito aberta, muito ampla, e por isso permite que cada um veja o Espiritismo por um prisma, segundo a sua compreensão, o seu sistema de idéias, a sua formação ou as tendências de seu espírito. Daí, como se vê, cada qual definir o Espiritismo a seu modo, daí cada qual dizer: o Espiritismo, para mim, é isto; o Espiritismo, no meu entender, é isto, não é aquilo, etc. São, porém, definições particulares, e tais definições apenas refletem o ponto de vista de uma pessoa e, consequentemente, não representam o consenso definitivo, não traduzem a idéia geral.

Certos adversários do Espiritismo,

embora saibam muito bem que as definições particulares não podem representar a unanimidade da aprovação de um grupo ou de uma coletividade, costumam citar, de propósito, a opinião de A ou B, quando querem tirar partido de certas definições. Dizem, por exemplo, o Espiritismo é anti cristão, porque Fulano ou Beltrano, em seu livro tal, definiu o Espirtismo desta maneira ; vem outro adversário e, pelo mesmo processo, que não é leal, afirma categoricamente que o Espiritismo não tem consequências religiosas, que o Espiritismo nega a existência de Deus, simplesmente porque A ou B, em determinado artigo de jornal, disse que o Espiritismo é exclusivamente uma ciência, e nada tem que ver com a crença em Deus. E pronto, está definido o Espiritismo, no entender de muitas pessoas, principalmente quando estão de má fé. Ora, se amanhã resolvermos pedir a um indivíduo sistemáticamente anti-religioso que nos dê uma definição do Espiritismo, é claro que êsse indivíduo não vai definir o Espiritismo como uma «doutrina filosófica de consequências religiosas», tal como se lê em Kardec. E' claro que a sua definição há-de corresponder á posição em que êsse indivíduo se encontra. Se, ao contrário, pedirmos a um indivíduo excessivamente religioso que defina o Espiritismo, naturalmente êle vai dizer que o Espiritismo é uma religião ou, talvez diga que o Espiritismo é uma seita. Se, finalmente, quisermos argumentar com definições pessoais, se quisermos firmar doutrina com base na definição de Fulano ou Beltrano, jamais chegaremos a um ponto de encontro, porque em cada definição há um ponto de vista, uma tendência particular, uma interpretação própria.

Apesar das definições particulares, o Espiritismo tem a sua definição geral, a sua definição clássica, já suficientemente aprovada pela experiência e pela aceitação do conjunto. E' a definição que lhe deu Allan Kardec : «*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal*». Em consequência disto, diz Kardec : «*o Espiritismo ê uma ciência de observação e uma doutrina filosófica*». Dentro desta definição, que é uma definição global, porque abrange todos os aspectos da doutrina, encontramos uma configuração de princípios, pelos quais chegaremos ás consequências do Espiritismo tanto na ordem religiosa, como na ordem doméstica e social. Quem quiser, finalmente, definir o Espiritismo deve, antes de tudo, conhecer a doutrina.

(De uma série de palestras radiofônicas, em «Seleções Espiritualistas» — Rádio Guanabara — Rio.)

E a Misericórdia Divina se repetiu !

Outra sessão de materialização e voz direta, de tratamento mediúnico e operação psíquica.

O prof. Newton de Barros deu-nos o recado :

— O Peixotinho manda dizer-lhe que a sessão não poderá ser aquí, por falta de ambiente próprio. Para você ir sábado, à noite, ao *André Luiz*, receber novo tratamento, conforme orientação do Espírito ...

Tivemos que providenciar meios de comparecer à sessão marcada, de vez que nos demos admiravelmente bem na anterior, de Macaé. Até pusemos em crônica igual a esta, o que foi ela.

Dia e noite chuvosos.

Contudo, contamos com a bôa vontade de ilustre confrade, J. A. Marques e senhora, que nos levaram de carro ao *André Luiz*.

A sessão começou quasi imediatamente, depois de nossa chegada.

Primeiro, leitura e cânticos preparatórios. Leitura de magnificas mensagens contidas no *Evangelho Segundo o Espiritismo*. E canções espiritualistas, esplêndidas. Boas vozes. Afinação completa. E tivemos, até, a alegria de ouvir a *Trilogia da Salvação*, que nos reportou à situação emocional em que a compusemos. Prece de abertura. E o *médium*, o Peixotinho, tira, por psicografia, mediunicamente, a orientação para os trabalhos. Seriam feitos alguns tratamentos e uma interferência psíquica.

O processo da sessão, o mesmo da que assistimos em Macaé: preces, cantos espiritualistas, explanações evangélicas, enquanto o *médium* permanecia acamado, num cômodo próprio, só para uma cama.

Prepara-se a máquina de gravar, que está prometida uma preleção substanciosa; preparam-se as camas para os enfêrmos, sete doentes metem-se nas camas—a nossa, a quarta da álea esquerda. Apaga-se a lâmpada e faz-se a prece inicial. Súbito, uma faixa de luz fosforecente, com forma de gente, que avançou para o centro. Passou entre as camas e foi postar-se perto do microfone da máquina de gravar. E falou. Falou muito bem, e ensinando. Começou evocando a passagem do Cristo em espírito a perguntar «Pedro, tu me amas?» por três vezes. E tirou conclusões e ensinamentos de tudo. Depois, alongou-se sôbre o processo das curas, os tratamentos, as operações fluídicas, assinalando como essas coisas se processam, como os espíritos se materializam, o sacrifício que a materialização representa para êles. E frizou essa coisa que já conheciamos: Nós, os espíritos, fazemos sacrifícios inauditos para tomar estas vestes fluídicas por amor de vocês, para o bem de vocês, e vocês se enchem de curiosidade só para nos verem materializados». Terminou expressivamente: «Procuremos Jesus pela estrada luminosa do cumprimento de nossos deveres. Adeus. Paz e alegria».

Se tudo nos havia feito bem, êste final, para quem parece só tem vivido entre ciosos de direitos a gozar; para quem põe, por sistema, paz e alegria nas suas cartas...

A voz tinha tonalidade da voz do *médium.*

Soubemos, depois, que fôra sua própria filha, desencarnada, que se materializara.

—

Outro espírito deslisa até nós. Chega à nossa cama pela direita, curva-se, beija-nos a fronte, alisa-nos o cabelo, cariciosamente, mais de uma vez, ergue-se, dizendo emotivamente: «Coragem! Muita coragem!» A seguir afastou-se rapidamente. Passamos a mão pelo cabelo: estava impregnado de uma loção perfumadissima...

—

Um cheiro fortissimo de eter espalhou-se pela sala.

E surge, agora, um terceiro espírito.

Espírito que vem proceder ao tratamento e à operação. Chega-nos pela esquerda, e pergunta-nos, manso e bom:

— Viu nossa querida?

— A Marilia? Vi-a sim. Conheci-a pela voz. Ainda está aí?

— Não. Já foi embora. Muito emocionada ainda. Não quís e não pôde ficar.

E abriu-nos a camisa. Estendeu-nos um pano branco sôbre a barriga, em diagonal, do coração ao figado, apalpando-nos no baixo ventre esquerdo, como fazem os médicos, a perguntar.

— «Dói aquí? Dói aquí?»

— Não! Dói sempre dêste lado, aquí, em cima do figado...

— Aí, eu sei. Aí, eu sei que dói... E... vai demorar muito...

— O pano aí em cima?

— Não; você aquí na terra.

E, num sorriso disfarçado, afastou-se, voltando, depois, pela direita, debruçando-se novamente sôbre nós e quebrando-nos em cima do figado um vidro de oleo perfumoso — parece que era ampola muito fina, a julgar pelos estalidos dos vidrinhos, quebrando-se, — exatamente como se deu em Macaé.

— Já conheço êste oleo.

— Muito bom, perfumoso e penetrante. Êle penetra fundo, através dos tecidos mais delicados. Vai lhe beneficiar muito.

E despejou, copiosamente, todo o oleo, molhando-nos bem a camisa, a calça. Disse-nos mais:

— Você não vai gostar muito de demorar aquí, não é? Mas, é preciso. Você tem muito ainda, o que fazer, e muita gente ainda precisa de você.

E sorriu-se mais, afetuosamente.

Nós nos pusemos, então, a refletir: «Como ainda esperamos escrever dois livrecos. Como já nos disseram, do Alto, que viver muito, na Terra: viver uma bôa vida, porque cheia de trabalhos e de ocupações nobres...»

Derredor, continuavam as preces, os cânticos, as explanações evangélicas.

Um enfêrmo chorava alto à esquerda. E outro, à direita, gemia forte.

Por voz direta, veio o José Grosso, improvisando piadas leves, urdindo quadrinhas que faziam rir e meditar. Mas, foi breve sua presença por voz direta.

Nosso pensamento, em face de tantos fenômenos psíquicos, indiscutíveis, voltou para os tempos de Cristo, para os fenômenos de sua morte, sentindo que a história se repetia, (Mat. 27-52 e 53). Abriram-se os túmulos, e muitos corpos de santos, já falecidos, foram ressuscitados; e saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.

Os espíritos que alí viamos, escapados de seus túmulos, fizeram mais, muito mais do que se mostrarem apenas; falaram, ensinaram, trataram doentes, curaram enfêrmos, operaram...

Não será isso, também uma prova de que estamos nos ultimos tempos?

—

Era hora de terminar.

O Espírito disse, então:

— Vamos terminar. A misericórdia de Deus foi muito grande, hoje, sôbre nós. Todos os tratamentos, coroados de êxito e a operação não podia ter sido melhor sucedida. A moça vai ficar curada, que está operada (operação de cancer interno). Agora, orem para agradecer a Deus e encerrar-se a sessão.

Cantou-se mais um hino e encerrou-se, com uma prece, a sessão.

Fez-se claridade, a princípio, pequena e, depois, toda.

Foram todos visitar o *médium* que despertava.

Eram 23,15.

No auto, o perfume que ainda se desprendia de nós, fôra intensíssimo, enchendo todo o carro. Em casa, assim que chegamos, a irmã e o cunhado sentiram-no fortemente.

— Hum! muito perfumado!

— Perfume que a Marilia e o Espírito que dirigiu a sessão despejou-nos no cabelo e na camisa.

E, para o prof. Newton:

— Você ficou de ir, mas, lá não apareceu?

— Comi carne e bebi hoje *champagne*, numa festa íntima. Incapacitei-me para trabalhos tão delicados. Cheguei até à porta e voltei...

— Ah! Foi então para seu caso que o José Grosso vercejou esta quadrinha, de que você se póde servir como uma *carapuça*, à vontade:

Para os trabalhos do Bem
E curar a humanidade,
Quem fumou e comeu carne,
Não quís fazer caridade!

Leopoldo Machado.

Solilóquio

MANUEL CAVACO

«Quem recebe, deve; quem dá, tem haver...»

Sem dúvida, através daquêle conceito básico da escrituração comercial, póde-se abranger, num alcance mental, a mecânica da Lei de Causalidade.

Evidentemente: os processos de compensação comercial são muito diferentes dos processos de compensação espiritual; mas a analogia da sua mecânica fundamental é flagrante...

«Quem recebe deve...»; recebe-se amor divino, deve-se dar e proceder de igual modo com quem quer que seja.

Precisamente: do nosso procedimento atual, depende a nossa situação futura; porque, «quem dá, tem haver...» por justo efeito de causa, simplesmente, — «assim como fizeres, assim acharás».

Mal de nós quando somos tiranos!... Irrevogavelmente, teremos de suportar as consequências das nossas tiranias. Eu creio: por muitas e valorosas obras que tenhamos praticado a par das nossas tiranias, jamais escaparemos às responsabilidades que as nossas tiranias nos criaram, como jamais nos escaparão os benefícios resultantes das nossas obras valorosas.

Sem sombra de dúvida: as nossas obras, as nossas ações até os nossos atos menores constituem o nosso ativo, o nosso crédito que haveremos de usufruir a seu tempo; daí vem o grande mal dos tiranos, dos déspotas, dos malfeitores, de todos os criminosos, por terem de usufruir o seu ativo.

Sendo — por fôrça de lei — os efeitos da natureza das causas, cada um dos nossos atos produz efeitos de natureza igual à sua, os quais, quer sejam imediatos quer sejam afastados, efêmeros ou duradouros, constituirão os frutos que havemos de colher do nosso procedimento.

Certo: o nosso procedimento ou nos dá proveito pelo seu acêrto e efeitos benéficos, ou nos dá pesar e amargura pelo seu desacêrto e efeitos maléficos; o proveito goza-se lenta ou apressadamente, e chama-se a isso: felicidade; o pesar sofre-se com maior ou menor resignação, e chama-se-lhe: infelicidade; de qualquer modo, uma e outra são consequências justas do nosso procedimento, a colheita inevitável da nossa sementeira exclusivamente para nós. Assim como «quem semeia ventos, colhe tempestades», também quem exerce perseguição, sofrerá perseguição. Por êsses dois exemplos de Sabedoria popular é fácil prever a qualidade das consequências das nossas ações.

Eu creio piamente: cêdo ou tarde, ninguém escapará às responsabilidades do seu procedimento, assim nô-lo confirma a Sabedoria popular naquela sua proverbial recomendação: «fugi a dever, que pagar é certo».

Foi, certamente, com profundo conhecimento da Lei de Causalidade, que S. Paulo nos disse, que «o intriguista acumula brazas sôbre a sua cabeça»; isto é: o produto das intrigas consumirá, de modo abrazador, o intriguista por justo efeito causal do seu procedimento; «quem dá, tem haver».

Não se sabe quando: «Largos dias faz cem anos» — como diz o vulgo; certa teremos a obrigação de reparar os prejuizos causados a outrem, assim se compreende aquêle versículo dos Evangelhos do Cristianismo, que nos diz: «passarão o Céu e a Terra, mas não passará esta geração sem pagar até ao último ceitil». Mal de quem tiver de pagar naquela proporção de ventos para tempestades!... Durissimo será o desengano de quem tiver conservado a ilusão de que, por qualquer motivo, poderá escapar à subtil justiça das leis que regem a vida do espírito.

O Espiritismo ensina e eu creio que a vida prossegue sem quebra de continuidade nos diversos planos da Criação Divina; que a evolução individual se realiza progressivamente em existências experimentais planetárias, alternadas por existências nos planos do astral; é que a perfeição do caráter individual não consente lacunas nem incoerências de procedimento na ascenção de cada um de nós até ao nível espiritual crístico.

Porto, 20 de Junho de 1952.

A Criança

VINICIUS

Recordemos duas sentenças acêrca da criança, proferidas pelo Profeta de Nazaré. Disse êle: «Deixai vir a mim os pequeninos; não os impeçais, porque deles é o reino dos céus».

E mais: «Em Verdade vos digo, que, se não vos fizerdes como as crianças, não entrareis no aludido — reino dos céus».

A primeira destas duas assertivas não exprime tão sómente uma expressão carinhosa, um gesto afetuoso, aliás, muito próprio do caráter e da personalidade do divino Mestre; encerra também sabedoria, revelando o perfeito conhecimento das condições em que as crianças se encontram ao encetarem a sua entrada no seio da humanidade, e, ao mesmo tempo, recorda e põe em destaque os compromissos daqueles que aquí as recebem, notadamente os pais e preceptores.

A criança — notemos bem — não é uma entidade recem-criada: é, apenas, recem-nascida, fenômeno êste que se consuma em cada uma das vezes que o Espírito imortal reveste a indumentária carnal, permanecendo no plano terreno por tempo incerto, que póde ser mais, ou menos dilatado.

Quando, pois, Jesus diz — deixai vir a mim os pequeninos — adverte-nos quanto à época propícia ao lançamento das bases educativas.

Não forçamos a interpretação. Jesus não é mestre? O mister que exerceu nêste mundo, não foi ensinar e curar?

Portanto, encaminhar as crianças a Êle, importa em educá-las segundo os preceitos de sua escola. Consideremos ainda o que Jesus afirmou de si mesmo: Eu sou a Verdade. Eu sou a luz do mundo.

Ora, o que é educar, no legítimo sentido da expressão, senão orientar o Espírito na aquisição parcial, porém, progressiva, da Verdade? dessa Verdade que é luz; dessa luz que é redenção? — na conformidade de mais esta frase elucidativa da missão do Verbo encarnado: Se permanecerdes nas minhas palavras, sereis realmente meus discípulos; e conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará?

Esquadrinhemos o quanto possível o pensamento do Senhor:

Após — o deixai vir a mim os pequeninos, — Êle acrescentou: Não os impeçais—isto, porque os discípulos pretenderam impedir que as crianças se aproximassem dêle. Nós—nos dias de hoje, descurando da educação infantil — o que estamos fazendo senão impedir que as crianças se instruam e se iluminem conforme os preceitos da escola cristã?

Deixar de proporcionar à infância essa oportunidade, é contribuir para o seu extravio, quando está em nossas possibilidades conduzi-la, A'quêle que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Prosseguindo, consideremos a terceira parte da sentença ora comentada: — porque delas, — das crianças — é o Reino dos Céus.

A velha ortodoxia ensina que o reino dos céus lhes pertence porque elas são inocentes, e, assim, desencarnando nessa condição, vão integrar-se naquêle reino.

Semelhante interpretação, porém, não procede; não resiste mesmo ao mais ligeiro sopro de raciocínio.

Senão vejamos: Onde o mérito da criança para obter o céu? Que fez ela digno de tamanha recompensa, considerando, sobretudo, o conceito desta frase, que foi enfaticamente proclamada por Jesus?!: A cada um será dado segundo as suas obras.

Se não é lícito imputar culpa às crianças, também, de igual modo, não lhes podemos conceder merecimentos. A prevalecer aquêle postulado—isto é—que a criança desencarnada vai para o céu, a melhor ventura, o maior bem que lhe poderia suceder, seria, por certo, a morte. Em tal hipotese deveriam desaparecer a Puericultura e a Pediatria como ciências heréticas, e levantar-se um monumento a Herodes I, o tetrarca, da Galiléia, porque tendo decretado a dególa de milhares de crianças nascidas em Belém e suas cercanias, enviou ao reino dos céus grande falange de almas sem pecado. Tão pouco teria fundamento os protestos da nossa imprensa chamando a atenção das autoridades para o vultoso número de crianças que sucumbem em nossa sociedade; antes, fariam jús, essas autoridades, a louvores, por estarem carreando essas levas sucessivas de inocentes para os tabernáculos eternos.

Semelhante errônia, procede do desconhecimento da verdade a respeito da criança e das leis que regem e regulam a marcha evolutiva dos sêres conscientes, e, por isso, responsáveis.

Sendo a criança que nasce, um espírito que se reencarna, a sua inocência resulta da ignorância do mal no decurso dos primeiros anos de cada existência. E, mais ainda, porque o novo aparelho, a matéria, em vias de desenvolvimento, obscurece a mente, constrangendo o Espírito dentro de limites acanhados, determinando um recomeço. Assim é necessário, pois é mediante essas reiniciações verificadas através das existências sucessivas que se processam as retificações que a alma imortal vai imprimindo na linha mais ou menos sinuosa de sua evolução.

Cada passagem pela terra importa numa oportunidade, sendo que os sete anos iniciais são os mais adequados e propícios ao lançamento das bases educativas, segundo ensinam os nossos irmãos maiores, devendo, porisso, merecer dos pais e dos preceptores os mais atentos cuidados.

E' após aquêle período que o Espírito integra o seu aprisionamento na carne, sendo, portanto, a fase mais adequada às iniciações renovadoras.

A criança nessa época ignora os preconceitos de raça, nacionalidade, classe, credos e posição social. Elas são propensas a se confraternizarem. Se, por vezes rixam e se hostilizam mutuamente, não guardam ressentimentos, pois jamais o sol se põe sem que se hajam reconciliado. A's contendas da manhã, sucedem, invariavelmente, as fraternas amistosidades da tarde.

E' tão acentuada a naturalidade de suas atitudes, que, desconhecendo o direito de propriedade que vigora em nossa sociedade da maneira mais rigorosa, as crianças vão se apossando de qualquer objeto ou brinquedo que encontram ao alcance e lhes desperta interêsse, desfrutando o prazer de admirá-lo e dêle se servirem como coisa sua.

Conforme verificamos, tanto no fato de não guardarem animosidade, como também no que respeita ao modo como encaram as utilidades da vida, as crianças dão lições aos homens, justificando êstes dizeres do divino Educador: se não vos fizerdes como as crianças não entrareis no reino de Deus.

Cada nova existência, importa, pois, no retorno do aluno ao ciclo de aprendizagem, e ao centro de experiências renovadas. Desprezar tais oportunidades, deixando de orientar, esclarecer e conduzir as crianças — é crime de lesa-humanidade cometido pelos responsáveis, considerando que, dentre êstes, nós, os espíritas assumimos a parte mais acentuada dentro do critério desta luminosa sentença do Cristo de Deus: A quem muito foi dado, muito será exigido.

Pensemos, portanto, no problema da educação, dando escola às crianças, pois do contrário estaremos falhando lamentavelmente ao cumprimento do mais imperioso dever que nos cabe desempenhar.

História da Menina Juliana

PIETRO UBALDI

Tradução de JOÃO TEIXEIRA DE PAULA

NAQUELA noite longa e triste, uma menina, pequenina, pequenina, caminhava certa vez, sózinha, sózinha, enterrando os pézinhos na neve, pela estrada de um vilarejo sem importância, antigo, como aliás o são tantos no Norte da Europa, onde os países são frios, o casario é de forma oblonga e onde há muita neve nos invernos. Não importa saber que nome tinha êle; basta-nos saber que era muito longínquo e que lá não foi nem você nem eu. As janelitas das casinholas estavam iluminadas por uma luz que irradiava quentura e alegria. E a menina andava pela neve, sózinha, sózinha, caladinha, caladinha. E pervagava o olhar.

— Ai de mim! dizia de si entre si. Encontro-me sem companhia nêste mundo que não tem fim, a minha casinha está lá em baixo, tão distante, e a caminhada será ainda comprida. Ninguém me estará esperando e mamãe já morreu. Não existe pois alma alguma para me querer bem!

Nuvens escuras, escuras, esparralhavam-se pelo Céu; mas atrás delas estava a Lua, que, quando aparecia, emitia um lindo raio prateado, o qual, caindo na neve, provocava cintilações argentinas. Era essa tênue luz de prata a única alegria que descia do Céu e banhava com a sua claridade forte a afeição que ia por aquelas janelinhas iluminadas. Tudo, a não ser o beijo que se trocava entre a Terra e o Céu, era sombrio e deserto: uma tristeza indiscritível aguardava a menina, através daquêle descampado vazio, para tragá-la na vila.

Caminhava. Parecia-lhe impossível a si mesma que um coraçãozinho assim tão pequeno como o seu pudesse dar guarida a uma dor assim tão grande; que nem a Lua pudesse vê-lo e que tudo devia estar como antes, no ramerrão costumeiro, como se a mãe não estivesse morta.

Já agora alcançara a última casa da aldeia. Chegara pois daquela planície desabitada. Olhou pela noite escura a dentro, e, com as mãozinhas postas no coração, continuou o caminho.

Os Anjos, naquela noite de Natal, deviam estar no Céu, lá no Paraíso onde não existe essa cousa negra, negra, que se chama dor, mas apenas muita música, muita festa, muita bondade. Como podia a dor, que torna os homens santos e heróis, como podia estar inteirinha no pequenino coração de uma criança que vivia só consigo, sem que os Anjos que moram no Céu pudessem vir até ela e a socorressem ?

Mal havia dado mais uns passos quando ouviu uma vozinha, que a assustou, dizer-lhe :

— Tenho frio !

Tremeu, olhou em volta e na cava de uma árvore vislumbrou um apagado claror prateado. Seria efeito da claridade da Lua ? Não o sabia. Porém a vozinha tornou a dizer-lhe :

— Tenho frio !

Um menino, que estava com os pèzinhos róseos e nus na neve, com uma única camisinha de linho no corpo, lhe foi ao encontro. Era de um louro branquejado, que parecia luzir. O clarão da Lua, caindo na neve, formava em tôrno uma auréola lucífera. Por certo que era a claridade da Lua, visto que o próprio menino esplendia.

Juliana — êste era o seu nome — teve mêdo, tremeu, depois sorriu e lhe abriu os bracinhos. E o menino falou-lhe ainda :

— Tenho frio !

Juliana, que trazia consigo o grande mistério da dor, compreendeu então o grande mistério do amor. Não tinha no corpo senão um vestidinho muito pobre, muito pobre ; tirou-lhe uma das peças e a deu ao menino que tinha frio.

Pareceu-lhe que êle, alcançado por outro clarão luminoso, saído de uma nuvem, veio a ficar mais lucilante ; naquela brancura lunar, tudo se lhe esvaiu e confundiu e ela nada mais viu.

Estava frio e a pobrezinha tiritava. Sim, tiritava, mas não chegava a compreender como dentro de si própria sentia uma grande luz, uma luz suave que escaldava, como escalda o amor. Não dava conta da maneira como percebia essa luminosidade, que era um calor luciluzente que estava nela ; não o via, mas sentia-o. Era êle assim tão forte, que consumia a neve que lhe estava à roda, tornando-se cada vez mais distante. Subitamente apareceu alí uma ervazinha tépida e perfumada, como as que soem aparecer numa linda noite de verão, nas quais se poderia andar como se estivesse pisando num tapête fôfo. As nuvens feianchonas, muito carregadas, foram-se pouco e pouco desaparecendo e a Lua, nos seus graciosos raios de esplendor irisante, despontou magnífica, parecendo até haver no Céu uma harmoniosa música. Que música encantadora, que música indescritível ! Escutava-a a menina num entusiasmo sem par. Talvez viessem lá de cima os Anjos até o berço do Menino Jesus :

— Paz na Terra aos homens de boa vontade !

Já o Céu, completamente livre de qualquer nesga de nuvem, encheu-se de miríades de estrêlas cintilantes. Eram elas tantas, tantas ! Cada uma tinha o seu encanto suave e bom ; um fóco de luz resguardava a menina tão pobre e tão só consigo.

Um fato estranho aconteceu então. As estrêlas, como se estivessem de mútuo acôrdo, começaram a desprender-se do Céu e a cair lentamente como se fossem flocos de neve argêntea. Desceram ao prado. Quantas eram elas ! Cobriram-no por inteiro, deixando-o com um colorido branco e azul. Curvou-se Juliana e recolheu essas flôres do Céu, tantas quantas quís. Como permaneciam ali à mão, foi-lhe fácil juntá-las e fazer delas um vestido luminescente e cálido. Tudo era primaveril à sua volta.

Adormeceu ao relento, mas ouvia a música dulcíssima do Paraíso. Talvez fossem liras angélicas que se lhe tangessem ao derredor.

Clareando o dia, encontraram, na soleira da última casa da aldeia, exposta à neve, uma menina morta. Reconheceram-na a uma voz : era Juliana, a criança que havia perdido a mãe. Porém um acontecimento miraculoso estupeficou aquelas almas.

Em vez de estar vestida com as roupinhas tão conhecidas pela redondeza, estava-o, dos pés à cabeça, com margaridinhas brancas e perfumadas, tão brancas que pareciam luciluzir. Ora, homem nenhum, desde tempo imemorial, se lembrava de ter visto uma flôr de inverno por aquelas paragens. Jamais alguém tinha tido lembrança de fenômeno igual : entre tanta neve, flôres assim tão belas e frescas.

A cousa era extraordinária, miraculosa sem dúvida. Por todo aquêle Natal, de ponta a ponta daquêle país e dos que o circunvizinhavam, não se falou, por muitos e muitos dilatados anos, sobretudo à noite, ao pé de uma árvore de Natal, senão do milagre.

Êsse lugarejo ainda existe, perdido lá pelo cafarnaum da Noruega. Possui um nome arrevezado e não sabemos pronunciá-lo. Mas a lenda mantém-se de pé, não obstante os séculos que já lá se foram, de tal modo que pessoa alguma nem ao menos póde precisar a época em que aquilo se deu.

Conta-se a história da menina Juliana às crianças boas, porque enche o coração de afeto e faz a gente esquecer a dureza do inverno—onde há tanta neve e tanto gêlo, tanta dor e tanta miséria humana.

Crônica Estrangeira

Aparição de Espíritos no leito mortuário

«Pode a Telepatia Explicar?»

Rev. Minot Savage

Em uma cidade situada nos arredores de Boston, achava-se moribunda uma menina de 9 anos. Ela acabava de designar os objetos que desejava deixar a esta ou àquela de suas amiguinhas. Entre as mesmas havia uma graciosa criança de sua idade, chamada Jení; e a moribunda lhe havia legado também alguns de seus brinquedos, a título de lembrança.

Pouco tempo depois, ao aproximar-se a hora da agonia, começou a pequena a dizer que percebia em torno de si, rostos de pessoas amigas, as quais ia nomeando. Anunciou ver, entre outros, o avô e a avó; depois do que, manifestando viva surprêsa, dirigiu-se a seu pai, perguntando: — Porque não me disseste que Jení tinha morrido? Ei-la, a minha Jení, ela veio com as outras para receber-me.

E' de notar que a criança ignorava completamente o que se relacionava com a amiguinha, porque os pais evitaram cuidadosamente falar a respeito, em sua presença, afim de não provocarem emoções, que podiam ser funestas. Mas a pequena Jení tinha morrido, efetivamente, havia pouco.

Tal o fato que contém um elemento de natureza não comum. Com efeito, se é possível supôr que a menina pudesse imaginar que via seus avós, não havia, no entanto, nenhuma razão para supôr visse também Jení. A circunstância de ter-lhe destinado lembranças, a surprêsa experimentada e as palavras que então pronunciou, provam que tudo isso não póde ser facilmente explicado por meio das hipóteses habituais.

⁂

Coisas Espantosas

De «Estudos Psíquicos», de Lisboa.

Na verdade, são profundamente espantosas as coisas que passamos a contar, sem que, para elas encontremos razão suficientemente explicativa.

Sabemos que, em muitos pontos, os vivos são governados pelos *mortos* e que o «visível» é minúscula partícula do universo, quasi todo êle oculto aos nossos sentidos físicos. Por isso, não comentaremos os fatos. Deixaremos o comentário a cargo do leitor interessado, que, decerto, não deixará de meditar no assunto.

Foi no princípio da Grande Guerra que os fenômenos começaram a desenrolar-se, segundo relato do grande semanário alemão *Woche*, que publicou a notícia, em termos absolutamente imparciais.

Após uma manobra difícil, alguns barcos de guerra alemães aprisionaram determinados vapores inglêses, entre os quais se encontrava o «Dundee», que se empregava no transporte de carga e que imediatamente se transformou em guarda-costas, tripulado por marinheiros germânicos e encorporado numa esquadrilha, de que fazia parte o «Weser», como navio chefe.

Logo que o «Dundee» içou a bandeira alemã, deram-se a bordo coisas espantosas. Primeiro, desinteligências e equívocos na transmissão e execução de ordens, não obstante a competência do comandante e o adestramento da tripulação, o que motivou êrros inevitáveis de manobra, cuja origem ficou sempre envolta em mistério. Uma vez, os submarinos inglêses aproveitaram a noite para minar certo local, onde passaria o combôio a que pertencia o «Dundee». Pois, na altura do campo de minas, êste cargueiro abandonou inesperadamente o rumo que seguia, contornou o perigo e só voltou ao rumo, quando ultrapassou o campo. Os restantes navios atravessaram o local, sem nada pressentir, e um deles explodiu. Ninguém pôde averiguar a causa da manobra. Apesar de ter havido aparentes desobediências e algumas punições, tudo ficou na mesma.

A tripulação andava inquieta e intrigada. Por pouco não houve abalroamentos com o «Weser», contra o qual parecia recair a estranha «fúria» do «Dundee».

No fim da guerra, o «Dundee» foi entregue à Inglaterra, juntamente com outros navios mercantes; e, muito antes dêstes últimos largarem de Heligoland, largou o «Dundee», cujas caldeiras, por estranho mal-entendido, foram mandadas acender pelo capitão. O mais interessante é que o misterioso navio ficou inopinadamente desgovernado ao deixar o pôrto e descreveu uma volta, durante a qual passou ameaçadoramente junto do «Weser», em ar de desafio.

Estas informações foram dadas pelo capitão do «Weser», que, por sua vez. as transmitiu a Hans Friederich Bunck, autor do relato.

Mais tarde, cada navio seguiu o seu destino, na faina de servir a economia geral dos povos. O capitão do «Weser», ao passar um dia pelo «Dundee», sentiu não poder cumprimentar o seu «inimigo». O «Dundee», porém, foi ao seu encontro, passou-lhe por bombordo e o capitão do «Weser» sentiu em torno de si uma forte rajada de vento que lhe atirou o boné ao mar. De repente, a rajada extinguiu-se. O capitão diz que nunca lhe aconteceu semelhante coisa, na sua longa carreira de marinheiro. Tem o crânio possante e os marujos costumam puxar o boné até às orelhas. O fenômeno deu-lhe a impressão dum indivíduo que lhe tirasse o boné e o lançasse no mar.

O capitão do «Weser» conta outro caso ainda mais espantoso. Passados anos, o «Weser» vinha do Levante com mercadorias, teve que fazer escala por Gravesand e subiu o Tamisa. com a preamar. Ao passar o Regent Canal, sobreveio a baixa-mar e fundeou perto do cais, precisamente quando o «Dundee» descia, com a maré baixa.

A despeito da boa visibilidade e da calmaria, êste último mudou subitamente o rumo e avançou sôbre o «Weser», abalroando com êle.

Feito o necessário inquérito, verificou-se que não houvera êrro de navegação, nem defeito nas máquinas e que o espaço era suficiente para a passagem.

O capitão do «Dundee» e o tribunal de justiça encontraram-se em frente dum enigma insolúvel. Pouco depois, o «Dundee» naufragava na Biscaia, arrastando consigo mais de metade da tripulação.

Aquí está, em síntese, uma série de peripécias bem difíceis de explicar, sobretudo para os materialistas, antigos e modernos, que apenas acreditam naquilo que diretamente os impressiona. Embora, como dissemos acima, não pretendamos explicar o fenômeno, não nos repugna admitir a influência de entidades desencarnadas que, em certas condições, podem agir sôbre a matéria, quer movendo objetos, quer deixando marcas indeléveis. No caso em aprêço, o cérebro e os braços dos tripulantes teriam sido influenciados para dirigir e executar manobras involuntárias e contraditórias, em obediência a desígnios e vontades incompreensíveis. Duma forma ou de outra, trata-se, realmente, de coisas espantosas, que confundem a razão humana.

⁂

Aviso oportuno

Banner of Life of Boston.

Mr. Charles Henry Durand, agricultor residente na montanha de Caldwell, New Jersey, regressava uma noite, quando seu cavalo estacou subitamente e se pôs a tremer. O fazendeiro vìu aparecer uma luz, a pequena distância. Em seguida, pouco a pouco definiu-se uma forma e se aproximou de seu carro. Parecia uma mulher, toda vestida de branco, ela falou e Durand reconheceu a voz de sua falecida mulher. — Há perigo em casa, disse. Permaneça fóra até o raiar do dia.

O mêdo se apoderou do visionário, e a aparição se esvaeceu.

Durand continuou a viagem rumo a súa casa, mas sem muito se apressar, e lá chegou já com dia claro.

O fazendeiro notou que uma janela estava aberta; em seguida distinguiu sôbre o soalho, marcas de sapatos enlameados. Quando ia entrar em seu quarto, viu uma corda que barrava a porta. Com o facão deu um golpe para cortar a corda, ouve uma detonação e uma bala foi se encravar na parede defronte da porta.

Uma garrucha estava disposta para o ferir caso voltasse à noite e não visse o dispositivo.

Th. Raès.

ESPIRITISMO NO BRASIL

De Catanduva

Sob tema evangélico, o confrade Dr. Walter Accorsi, Catedrático da Escola Agricola de Piracicaba, realizou no dia 6 de Fevereiro último, sob o patrocinio da União Municipal Espírita de Catanduva, no palco-auditório da Associação Espírita «Amor e Caridade», uma conferência que agradou sobremaneira a assistência. O salão da Associação ficou repleto e o orador foi muito cumprimentado.

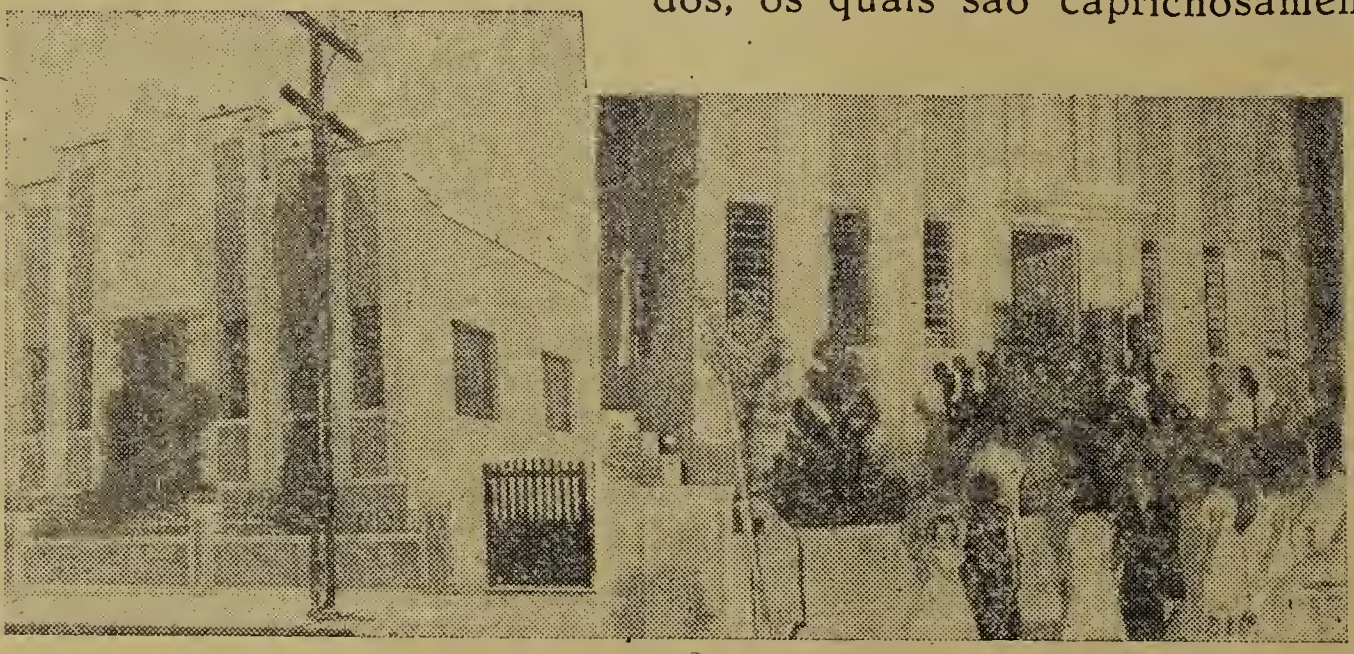

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA «AMOR E CARIDADE»

— Foi fundada nesta cidade, no dia 31 de Janeiro último, a Mocidade Espírita de Catanduva. A sua primeira Diretoria ficou assim constituida: pres. Arnaldo Roncalho; vice, Ismael Sgrignolli; 1.° secr., Bonifacio Montanha; 2.°, Ailton R. Caviolli; 1.° tes., Trindade Figueiredo; 2.°, Osvaldo Vieira; Diretor social, Aparecida Figueiredo; Diretores de estudos, prof.s Nair de Giacomo e Raimundo Martins; Diretor de propaganda, Alvaro T. da Costa; bibl., Janete Ferril.

As solenidades da posse realizou-se no dia 7 de Fevereiro no auditório da Associação Espírita «Amor e Caridade», com uma festinha, usando da palavra diversos oradores.

— A Associação Espírita «Amor e Caridade» está elaborando importante plano de propaganda e trabalho para 1954. Através de seu Departamento «Cairbar Schutel» de assistência aos necessitados, vem fornecendo enxovais para recem-nascidos, os quais são caprichosamente confeccionados e entregues às mães pobres durante o período da gestação. Quanto à parte da propaganda, a Associação vem fazendo, três vezes por semana, palestras de evangelização a cargo dos confrades Prof.ª Nair Di Giacomo, Vitorio Zeviani, José Di Giacomo e Diomar Zeviani. O quadro social aumenta sempre e a Associação instalou uma bem organizada Livraria afim de atender não só as necessidades de Catanduva como também de toda a região.

— Desincarnou no dia 1 do mês em curso, nesta cidade, o confrade Francisco Antonio Ferreira, espírita da velha guarda e um dos fundadores da Associação Espírita «Amor e Caridade».

O sepultamento do seu corpo material realizou-se às 16 horas, comparecendo ao mesmo os espíritas de Catanduva, que levaram à família constrangida palavras de confôrto.

—Ao espírito recem-liberto, paz e luz.

Cairbar Schutel

A União Municipal Espírita Matão-Taquaritinga (UME), realizou no dia 30 de Janeiro último, às 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão em homenagem ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel por motivo da passagem do seu 16.° aniversário de desencarne, fato êste ocorrido no dia 30 de Janeiro de 1938.

Presidiu a sessão o presidente da UME, Dr. Luiz Barbosa Filho, que depois de breves palavras sôbre o homenageado, passou a palavra ao orador da noite, confrade Tenente-Coronel Fiori Amantéa, que dissertou sôbre diversos aspectos do Espiritismo, recebendo ao terminar a conferência, aplausos da assistência. A seguir o presidente pede ao companheiro Costa Filho para encerrar esta parte da homenagem, o que foi feito com uma prece.

A segunda parte constou de recitativos e números de música pelos moços Sebastião Casedei de Oliveira e José Coelho. Recitaram: Nelson Amantéa, «Onde encontrar Jesus»; Sebastião C. Oliveira, «A Grande Enfêrma»; Janisse Gandolfi, «Juventude»; Olinda do Nascimento, «O Semeador»; Maria Adelina Mariani, «Amemo-nos»; José B. Cardoso, «O Poeta vai rezar».

Cânticos do Além

O nosso velho companheiro Ismael Gomes Braga, um dos mais ativos trabalhadores da seára espírita ou cristã, nos ofertou, com expressiva dedicatória, dois exemplares de «Cânticos do Além», que enfeixa, nas suas 200 páginas, poesias mediúnicas de 57 poetas, psicografadas por Dolores Bacelar, a médium que, como Francisco Cândido Xavier, está deixando em suspenso até os mais indiferentes às questões do espírito.

Efetivamente, os 57 poetas se identificam pelos seus estilos próprios. E quem duvidar poderá fazer um confronto dos trabalhos literários dêsses poetas quando encarnados com os seus trabalhos atuais ditados através da mediunidade. E' um fato que nos enche de alegria, porque vemos que o Alto está aumentando cada vez mais as suas dádivas à humanidade, sinál de que ela está mais ou menos em condições de recebe-las, restando-lhe agora o dever de fazer jús a essas dádivas com o obedecer os preceitos evangélicos, para que o reino de Deus nos chegue mais depressa.

Senhora jovem, simples, preocupada com os deveres de mãe de família, sem tempo para a literatura e o estudo, Dolores Bacelar se pôs ao serviço dos Espíritos, apresentando um trabalho que só encontra paralelo em «Parnaso de Além Túmulo», recebido pela mediunidade, ainda ímpar, de Francisco Cândido Xavier.

«Cânticos do Além» é livro de formato grande, impresso em ótimo papel e a tipo grande. A capa é sugestiva e foi inspirada no soneto «Canticos do Além», um lirio brotando no pântano imundo.

A renda da venda do livro é destinada à «Casa do Coração», fundada e dirigida pelo luminoso Espírito Canagé.

Gratos pela oferta dos 2 volumes.

Provoca reação no Vaticano o novo livro de Papini

Cidade do Vaticano (AFP) — O novo livro de Giovani Papini, publicado sob o título «O Diabo», desperta viva reação nos meios do Vaticano.

Frisam êsses meios que a idéia segundo a qual Deus, em sua misericórdia infinita perdoará mesmo a Satan e acabará com o inferno, que é desenvolvida pelo autor, é inadmissível. Essa tese opõe-se à doutrina católica, que se baseia em textos do Evangelho e considera o inferno como eterno.

Ao contrário do que pensavam alguns, logo após o aparecimento da obra, é provável que Papini seja convidado a reconsiderar o que afirmou.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião de 2 de Janeiro de 1954.

Com a prece inicial, proferida pelo presidente, à hora regimental foram abertos os trabalhos da primeira reunião do Conselho, em 1954. Lida a Ata da reunião realizada em Dezembro próximo findo, foi ela aprovada.

Após dirigir uma saudação aos membros do Conselho, extensiva a todos os espíritas brasileiros, o presidente faz longa exposição de fatos e ocorrências verificados em todo o território nacional, bem como transmite ao Conselho as últimas notícias referentes à querida Federação Espírita Portuguêsa. Em seguida, o presidente faz ler uma fraternal missiva do Sr. Louis Fourcade, da França, na qual êsse ilustre confrade manifesta o seu entusiasmo pelo movimento do Espiritismo em terras do «Coração do Mundo». Apresenta, ainda, o presidente, comentando-o, o Relatório do «Abrigo do Berço», de Curitiba, sob a presidência da Dra. Carmen Blum.

Expediente — E' lida uma carta da Federação Espírita do Amazonas, confirmando o mandato do seu representante.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano apresenta a súmula das atividades da Federação Espírita do Amazonas, pela qual se verifica o notável programa de assistência material, educacional e espiritual desenvolvido por aquela Instituição.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica haver a União Espírita Mineira eleito a sua nova Diretoria, em 12 de Dezembro findo, e lê significativa mensagem de Emmanuel, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Piauí — O Conselheiro Ascânio de Paiva lê para o Conselho os nomes dos novos Diretores da Federação Espírita Piauiense.

Santa Catarina — O representante dêsse Estado lê uma carta que lhe dirigiu o presidente da Federação Espírita Catarinense, sociedade que atualmente possui 46 filiadas e que desenvolve naquêle Estado um trabalho de propaganda digno de registo.

Com a prece final, feita pelo representante da USE de São Paulo, foi encerrada a reunião.

Liga Espírita do Distrito Federal

Transferiu a sua séde, provisoriamente, para a séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, desde o dia 22 de janeiro, a LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL ex Liga Espírita do Brasil. Toda correspondência para a Liga Espírita do Distrito Federal deverá ser dirigida, agora, para o seguinte endereço: — *Av. Rio Branco, 4 - 15.º andar, sala 1504 — Rio de Janeiro.*

Centro Espírita «18 de Abril»

Em virtude da transferência da séde da Liga Espírita do Distrito Federal, o Centro Espírita «18 de Abril», que sempre funcionou com a Liga, passou a realizar as suas sessões às 5.ª feiras, às 20,30 horas, no seguinte endereço: — *Av. Rio Branco, 4 - 15.º andar, sala 1504 — Rio de Janeiro.*

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr.$ 80,00	Do 11.º ano	Cr.$ 80,00	Do 19.º ano	Cr.$ 70,00
Do 4.º ano	80,00	Do 12.º ano	80,00	Do 20.º ano	70,00
Do 5.º ano	80,00	Do 13.º ano	80,00	Do 21.º ano	70,00
Do 6.º ano	80,00	Do 14.º ano	80,00	Do 22.º ano	70,00
Do 7.º ano	80,00	Do 15.º ano	80,00	Do 23 º ano	70,00
Do 8.º ano	80,00	Do 17.º ano	80,00	Do 24.º ano	70,00
Do 10.º ano	80,00	Do 18.º ano	80,00	Do 25.º ano	70,00

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11
MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

ANO XXX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Abril-Maio de 1954—N. 3-

Revista Internacional do Espiritism

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Problemas do Espírito . . . . *Redação*
Allan Kardec, o Educador . . . . *Enéas Dourado*
Um fato positivo da Reincarnação do Espírito . . . . *Spártaco Banal*
Ainda o Princípio de Autoridade . *Deolindo Amorim*
De branca linda e má a preta feia e boa . . . . *Leopoldo Machado*
Livros em Desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Aos Dogmáticos Acorrentados . . . *Major Levino C. Wischral*
Escatologia . . . . *Mac Maynard*
Os Tabus Científicos . . . . . . *Carlos Imbassahy*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1954 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Problemas do Espírito

O objetivo principal desta Revista é estudar tudo quanto se relaciona com o Espírito: a sua vida passada, presente e futura, enfim, a imortalidade da alma ou sobrevivência individual, noticiando, comentando e estudando à luz do Espiritismo, os fenômenos espíritas que se verificaram em todos os tempos e que agora se multiplicam, convidando as creaturas à meditação e a tomarem interêsse pelos assuntos relacionados com a sua própria felicidade no presente e no futuro.

Segundo temos observado, os indivíduos, de um modo geral, ainda que se afirmem cristãos, preocupam-se com as cousas terrenas, pouco ou nada se interessando pelas do espírito, que são as que realmente nos dão lucros à mancheias em todos os tempos, lucros que não desaparecem porque passam a fazer parte integrante do espírito, enfim, lucros que constituem a felicidade, o saber e a paz.

Para remover os homens dos seus propósitos materialistas, Deus tem permitido a reprodução dos fenômenos espíritas em todas as épocas da humanidade, fenômenos que se reproduzem em escala cada vez maior e das mais variadas maneiras. O Velho e o Novo Testamento estão abarrotados de fenômenos espíritas comprobativos da sobrevivência individual e só não os exergam os que, tendo olhos, não querem ver, ou porque são realmente cegos de espírito, ou porque estão presos ao preconceito e bastardos interesses pessoais e materiais.

O homem precisa se convencer que não é um conglomerado de ossos, sangue, nervos e vísceras e sim um espírito; que êste é que movimenta o corpo material de acôrdo com os seus desejos; que o espírito, em suma, é o que pensa, age, vê, sente as sensações do interior e do exterior, se exalta ou se humilha, tem afeto, pratica ou não as virtudes, constituindo a personalidade propriamente dita e não o corpo, que lhe é apenas um instrumento a serviço do seu aperfeiçoamento moral, espiritual e intelectual.

Deixar à margem da vida os problemas do espírito, que são os próprios problemas do homem, é não ter consideração pelos vultos que engrandecem a História da Humanidade e que queimaram as pestanas nas suas sucessivas experiências que culminaram provando a existência do espírito e sua sobrevivência após o tombo do corpo somático. E' menosprezar os feitos do próprio Jesus Cristo, que expeliu espíritos imundos, dando, portanto, prova da existência do espírito; que ressuscitou a Lázaro, provando a sobrevivência individual; que se comunicou com Elias e Moisés no Tabor, dando outra prova da imortalidade da alma, de vez que esses dois profetas já haviam marcado a sua presença na terra, e, por fim, fechando com chave de ouro a sua missão na terra, ressuscitou ao terceiro dia e esteve entre os seus discípulos dando testemunhos da imortalidade da alma.

Diante disso tudo que idéia devem fazer as pessoas sensatas daqueles que, sem estudar, pesquisar e experimentar se assentam no trôno do seu orgulho e da sua ignorância a negar todas essas maravilhas constituidas pela vontade de Deus? Farão, certamente, uma idéia triste, lamentando tanta ignorância, tanto atraso!

Mas o progresso, que é lei divina, não pára. Em sua marcha ininterrupta vai apresentando novas cousas às criaturas, novos descobrimentos, novos conhecimentos. A humanidade tem que evoluir nem que seja à fôrça, essa fôrça que tem como motor a dor em suas variadas modalidades. Mas Deus não deixa as suas criaturas carpindo as suas dores sem lhe dar um guia seguro. Vieram profetas e mais profetas, veiu Jesus Cristo e agora chegou o Espiritismo que, como o Paracleto da Promessa do Cristo, restabelecerá todas as cousas, encaminhando a humanidade para Deus.

Homens, estudai o Espiritismo, lêde as suas obras fundamentais, e encontareis o caminho, a verdade e a vida!

ALLAN KARDEC, o Educador

(Estudo lido no Centro Espírita «18 de Abril» pelo jornalista Enéas Dourado, como parte do programa comemorativo do 149.º aniversário de ALLAN KARDEC).

Os Grandes Educadores

O século XVIII é povoado de inegáveis portentos da cultura. Êle fizera da Europa a grande Universidade a merecer do mundo justa admiração. Vamos nos deter apenas na França, impressionados com o humanismo de Rousseau, o expoente de louváveis princípios educacionais, esposando a teoria da «Educação segundo a Natureza». Sendo o cérebro dínamo a gerar energias, e a Educação seára a produzir frutos, o filósofo que viera do Protestantismo, tivera continuadores na peleja de retificar o rumo do itinerário pedagógico da época. E uma dessas fôrças surgiu, surgiu a sistematização proporcionando ao ensino benéficas inovações. A pedagogia revolucionária, no mister de «Psicologizar a Educação», teve seu lider expressão lídima no trabalho de ensinar, teve em Pestallozzi, seu legítimo representante que tivera Spencer como continuador e várias e várias vezes, o discípulo amado, aquêle que melhor se afinara com o mestre querido, fôra o preciso substituto. Daí, a conclusão do convívio cultural de Kardec. Seu meio científico a História — nos diz, inatacável.

Há conceitos de fardões parecidos com porteiros de teatros, negadores, sem o vislumbre de cuidado, da origem cultural do pensador, aquí, hoje em pauta, por nós, à berlinda, pelo crime de não estudá-lo convenientemente, no âmbito de um ângulo tão luminoso

Kardec educador, satisfaz plenamente, a afirmação: — inteligência de lastro cultural preparado por Pestallozzi. Humanista radicado à Liberdade e longe de escolas tipo cavernas, de escuras e silenciosas paredes, segregadoras de psicologias cujos cristalizados conhecimentos, ignoram o elevado sentido da vida, quais modernos trogloditas portadores de cultura, vivendo no mundo e do mundo completamente alheios, injuriando empreendimentos e fases.

O Mestre e o menino de Lion

Tal Mestre, tal discípulo. Êste é o nosso conceito nos arraiais da Educação. Quando Mestre e aluno acertam os relógios, a Ciência sorri ao tomar parte no espetáculo da evocação da Filosofia capacitada de espraiar ensinamentos que se resumem na metamorfose dos programas, na construção de costumes, na redenção dos intuitos. Mestres e alunos são desbravadores de horizontes, fazendo do apostolado ensino-estudo, o retificador do passado para o equilíbrio do presente e demonstração de suaves prelúdios.

Senhores: — A modificação levada a efeito na psicologia da fase, muito influenciára na delimitação de novas fronteiras no campo das idéias. Pestallozzi e Kardec não foram apenas condutores de inteligências à Canaã do conhecimento. Exerceram, diretamente, influência sôbre a Mocidade, para que as excentricidades educacionais ficassem paradas, justamente quando, justamente onde, devem ficar as extravagâncias dos programas contrários ao avanço das idéias pelos horizontes renovadores, vislumbrados pelos olhos do bom-senso, daqueles que consideram o mundo motivo de aperfeiçoamento bem diferente do pretexto às egocêntricas e secundárias realizações.

O criador de «Leonardo e Gertrudes», obra que se destacou em seu tempo, — superou a teoria de Comte. Pestallozzi, símbolo da Pedagogia no século XVIII, é um dêsses homens de cultura polimorfa. Mesmo naquêle tempo não nos é possível através da pesquisa, identificarmos o vulgar Mestre-Escola. Radicou-se ao estudo da História, do Direito, da Teologia, da Filologia e da Economia,—transportando todo êste manancial de conhecimentos ao discípulo querido, o futuro codificador. Pestallozzi, aos 22 anos, ensinando a 100 crianças pobres, revelava o espírito já bem vivido, apaixonadamente ligado ás questões do ensino.

A Europa ocidental recebeu, condignamente, sua influência salutar graças aos ensinamentos encontrados em suas obras, como «Gazeta suiça para o povo», «Como Gertrudes ensinava os filhos», «O hino das Mães», «O Canto do Cisne», são pedras fulgurantes incrustadas no coração reconhecido de quem pesquisa, para falar sôbre Educação, problema humano, humanissimo, tratado por dois humanistas sentinelas da Cultura no tempo e no espaço.

Assuntos educacionais, tratados de psicologia aplicada fizeram parte do Universo do educador suiço que presidiu Kardec construir seu mundo de aprendisagem, para, como educador, inaugurar, no próprio lar, gratuitamente, cursos de Química, Física, Anatomia e Astronomia, ofertando a França novo sentido ao problema do ensino, modificando teorias, enriquecendo o patrimônio pedagógico francês :—«Plano proposto para melhoramento da Instrução Pública» — «Curso prático e teórico de Aritmética» — (Professores e Mães de Família) — «Gramática Francêsa clássica» — «Manual dos exames para títulos de capacidade» — «Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria» — «Catecismo gramatical da língua francêsa» — «Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia» — «Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona» — «Ditados especiais sôbre as dificuldades ortográficas». Eis a bagagem do professor, o cabedal de conhecimentos que o pedagogo utilisou para que a geração frequentadora do Liceu Polimático encontrasse a fonte necessária à conquista dos esperançosos intentos estudantís. No Liceu Polimático geraram suas cogitações educadoras dentro de normas e sistemas que davam à França outras diretrizes marcantes de nova éra em completo antagonismo à tragédia da qual havia saído há bem pouco tempo, tragédia da qual já nos referimos como decorrência da falta de Educação e da moral, moral e educação, lâmpada estandarte da grande vida do grande Mestre, cuja evocação nos dias presentes é o reconhecimento de uma fase mais evoluida, reconhecendo a seára, a semente, o fruto do semeador. Kardec, com o Mestre, aprendera aplicar o pendor, por isso, vemo-lo pedagogo a braços com a extraordinária iniciativa educacional, não trepudiando sôbre a Ciência, não olvidando a Filosofia, sempre prosseguindo amando o ideal, compreendendo o progresso, causa imperativa das épocas, pondo a cultura a serviço da lógica, a razão ao dispôr da moral e tendo a sinceridade como apanágio de sua consciência.

A Inteligência é Transcedente
A Cultura é uma conquista

A inteligência justifica o eterno. Vem de longe, em sucessivas caminhadas, não sendo surprêsa no desfiilar dos séculos. A cultura é conquista alcançada em cada fase que se passa, não importando aonde, sendo indispensável ser útil à fase que se merece. Dizendo-se que a inteligência é o espírito em marcha, o educador lembrado fôra um viajor, ou melhor diriamos, comboio despejando pelas estações, conhecimentos, utilidades e exemplos. Seus altos horários são transcendentes, falando-nos de tempos recuados vividos por sacerdotes, ministros, músicos, poetas e adivinhos, gente originária dos Druidas, séculos antes do advento do Cristianismo. Sua tendência educacional sofreu bem trabalhada lapidação. E' o cuidado de inúmeras oficinas, de várias forjas, é o contínuo estágio por diferentes especialidades, argamassando, modelando, pulindo as idéias, cujo resultado não ficára exclusivamente num preciso sistema educacional, porque tomara outro rumo a especulação, encontrando como solução dos decantados problemas sociais, a metamorfose interior, a Doutrina das existências sucessivas, a codificação dos princspios que êle não inventara, porém, sua formação culto-educacional interpretara zelosamente, cinzelando costumes, burilando teorias, antevendo o futuro, antecipando o progresso.

A educação não faz milagres, realiza. Ela descobriu o filósofo, despertou o cientista que não entrou em choque com a moral religiosa. Educador no duplo conceito. Seu lar, transformou-se em templo para o sublime sacerdócio do ensino. A educação, astrolábio da vida a orientar o homem na organizacão da Família para o engrandecimento da sociedade, foi, é e será marcante credencial de Kardec quando estudado como educador. Em sua bibliografia pedagogica, observa-se o professor vivendo o idealismo, vivendo o destino da intelectualidade. Seu pensamento voltado para o ângulo do conhecimento, é repleto de didatismo cristalino na justa compreensão de que ensinar é dirigir para que o ensinado saiba formar seu lastro cultural. Humanista, criara escola, definira teorias, esposara teses, convicto de que o conhecimento deve ter cuidado naquilo que pretende produzir, porque o presente tem nuanças do passado e nos mostra visões do futuro. A' educação, preciso se torna o conhecimento, evitando ser confuso raciocínio. Êste é fator psicológico, quem fala em psicologia traz à baila a personalidade, sendo esta conjunto de virtudes, vale a pena citar Lingrée, considerando a educação a higiene da alma.

Educar é transmitir o efeito das pesquisas realizadas a quem deseja aprender. E' viver as consultas e aceitar aquilo que esclarece dissipando dúvidas. Não se finalizando a educação ao tecnicismo inquieto dos tratados isentos da moral, ela não se resume no trabalho negativo das coisas do passado necessárias ao presente. Ainda que se deixem à margem Kant com seu racionalismo. Ainda que se atrevam num apressado julgamento julgar improdutivo o idealismo Platão, menos prático de que Aristóteles porque não encontrara um santo para sua República, embora seja possivel a canonização de Presidentes, o passado sempre nos servirá no trabalho de equiparação de homens e condutas. E Kardec estudou o passado para chegar á sua época. Sua sinceridade e sua moral ornamentaram sua cultura. Temperamento sereno, viu a educação movimento febril, espraiando conhecimentos, influências, espraiando luz no âmbito da Família e projetando à sociedade, o homem compreendido, aquêle homem do qual nos fala o autor do «Contrato Social» — Rousseau — dizendo-nos que a obrigação do homem é ser bom, porque é a semelhança de Deus. O deduzimos do passado de filósofos e da fase trepidante da França? Kardec, entre os dois mais considerados educadores da época: — Pestallozzi e Rousseau.

Confrades: — Educar é proporcionar ao ser humano, vida condigna. E' construir. Em tudo, a educação está presente como célula integrante do todo. Plantemos uma árvore. Reguemô-la. Na marcha natural das coisas, raízes vão deslocando o poder molecular das entranhas da terra. Mesmo forçado o nosso conceito, tal juizo é educação. E' a preparação do meio ambiente da árvore, cuja ascendência é fonte de estudos, cuja conformação de seus ramos retorcidos, dirigidos para a direção que desejarmos, redundam em verdadeiras aulas de geometria na Natureza. A educação nos insetos é um caso invejável. A abelha nos dá lições de sociologia, de organização. No sindicato das formigas, há o prodigioso exemplo da vontade. O quadrúpede tem seu valor, conforme a domesticação recebida. O ginete, montaria do Rei, não pucha carroça. Tanto nos animais como nas plantas, nos cursos das águas mudando a configuração topográfica do terreno, há educação, existe êsse problema ligado ao problema da melhoria intelectual humana, existe esta fôrça promovedora de radicais mutações de costumes. Em tudo, a educação fixa-se, construindo, erguendo, gerando diretrizes e normas que melhoram homens e engrandecem povos. O gênio traz o germe daquilo que é. Êle não se improvisa. Porém, mais fulgurante será a genialidade, quando seu esplendor procede da Educação. O belo no segredo das côres e o milagre na multicorização das tonalidades são o resultado de sensibilidades dirigidas e de emoções educadas. O Romantismo de Delacroix, o colorido de Rubem, o vigor de Ticiano pintando aos noventa e sete anos, como a cegueira e a surdez de Bethoven, tudo isso não passa de Educação, de método, de sistematização, de qualidades que ornamentaram o caráter e a inteligência de Kardec.

Só a Educação transforma o homem. Só a Educação nos apresenta o elemento social como reflexo daquilo o que êle é interiormente. E Ramalho Ortigão pontifica :

> «... Em todo o estudo e em toda a condição social o homem bem educado é um homem superior. O homem sem educação, por mais alto que o coloquem, fica sempre um subalterno».

Fazem as maiores apologias às possibilidades econômicas, como exclusivo motivo de grandeza dos povos. Entretanto, invade ás nossas vistas o inconteste exemplo de que a Educação é a semáfora norteadora dos destinos humanos. Não haverá transformação interior, organização de Família, orientação de Grupos Sociais, não havendo Educação na harmonia dos propósitos entrelaçados com a moral e a fraternidade, fazendo o mundo como que celeiro de benéficas iniciativas, oficina de louváveis construções. Onde não há Educação em qualquer setor de atividade, o homem não passa de reclamador de direitos e o miope quanto aos deveres. A ausência de Educação resume o ambiente em fábrica perniciosa adrede aos conflitos e desajustamentos sociais, que ao invés de unir, desagrega; ao invés de concordar, diverge; ao invés de moralizar, corrompe, danificando a oportunidade de uma existência que devia ser um dos ornamentos da eternidade vida, infelizmente, transformada em obstáculo ao progresso, dando outra energia ao poder da inteligência; outra credencial à virtude ; outro pendor ao raciocínio, fazendo uso da Educação e da Ciência e dos seus meios, para outras finalidades, finalidades enfêrmas que concorrem para a euforia de um egoísmo desajustador de psicologias, a forjar atitudes decaidas em detrimento dos princípios renovadores de costumes, em detrimento dos postulados da moral, em detrimento da Família, causa primária da Sociedade, em detrimento da Educação, causa exclusiva da Família organizada.

Últimas Palavras

Chegamos ao ocaso de nossa peregrinação. Eis o resultado de um convite precipitado, que tanto desejamos não atender. Eis o efeito de uma convocação. Eis o nosso depoimento. Somos reconhecidos de Kardec e sua época não é assunto que se esgote em alguns minutos. O educador, o filósofo, o cientista, transcende ás nossas possibilidades intelectuais. No campo das idéias, na arena do pensamento, na liça de realizações, êle executou a missão confiada aos escolhidos. Sua fase é a dos homens de pensamento. Goethe, Scheling, Quinet, Guizot, Michelet, Renan e tantos outros cérebros cúpulas de um tempo inquieto, são personalidades quando não da mesma idade, são culturas da mesma época, são inteligências contemporâneas do querido discípulo de Pestallozzi. Ainda mesmo negado, o Mestre perdura, perdura o Sábio, perdura sua trajetória como patrimônio inegável da evolução, porque Êle, realmente, fôra o «Bom Senso Encarnado».

Professor LEON HIPOLITE DENIZAR RIVAIL !

Presente.

(Conclusão).

Um Fato Positivo de Reincarnação do Espírito

A reincarnação nos dá a chave de todos os problemas da vida humana, e, sem ela, continuariamos em trevas cerradas e aumentando o número de ateus.

O Filho de Deus, no seu Evangelho, nos fala dessa lei divina, afirmando-nos *a volta do espírito em novo corpo*. Êle a sanciona de um modo tão claro, no seu dizer, que refuta qualquer comentário em contrário da sua divina confirmação, ainda que se nos afigure comportar outra interpretação, que será sempre enganosa e destituida de apôio por ilógica.

Os judeus, anteriormente à vinda do Cristo, criam na reincarnação, sob o título de *Ressurreição*, embora não fossem bem esclarecidos sôbre ela.

Muitas seitas religiosas do Oriente, ensinam a doutrina da reincarnação; ela é conhecida por alguns países e contam-se por milhões os crentes reincarnacionistas.

Sócrates e Platão legislavam que *o homem é uma alma encarnada, que antes de encarnar, já existia.*

Enfim, ela existe desde o aparecimento do primeiro homem sôbre a Terra.

Centenas de fatos ocorridos em vários pontos do globo confirmam a realidade da reincarnação da nossa alma. O caso seguinte, que transcrevemos do livro maravilhoso «A Reincarnação», do Dr. G. Delane, é um dêstes.

Os que não admitem a reincarnação do espírito, jamais poderão solucionar êsse problema, que só tem uma única explicação — a pluralidade das existências.

Eis o fato :

«LONDRES, 17 de setembro — A imprensa de além-mar relata um fato que se diz de reincarnação, e que se teria produzido em Rangoon.

Perto dessa cidade, morreu em 1903 o Major Welsh. Nesses últimos tempos, uma criança de 3 anos espantava os pais, anunciando-lhes, gravemente, que ela era o referido major, voltado à vida, e o garoto lhes descrevia os pormenores da habitação do oficial defunto; chegou, mesmo, a fazer uma resenha de suas ocupações e a dar o número de seus pôneis. Mais ainda : relata como Welsh pereceu durante uma excursão no lago Mektelea, com duas outras pessoas.

Os pais ficaram inteiramente perturbados, visto que o filho nunca soubera nada do Major, nem de sua familia.»

—

Os adversários da Nova Revelação, assim como os que não aceitam a reincarnação do espírito, são como aqueles que teem ouvidos, mas não ouvem, teem olhos, mas não vêem.

Spártaco Banal.

Ainda o Princípio de Autoridade

Dissemos, em comentários anteriores, que o princípio de autoridade não é nem pode ser absoluto, porque a opinião de um autor, seja êle humano, seja um espírito desencarnado, é sempre uma opinião pessoal. Certos adversários do Espiritismo, entretanto, costumam citar opiniões pessoais, de autores espíritas ou não, como se tais opiniões fossem verdadeiros dogmas; estribam-se nessas opiniões, e acham, depois, que os seus argumentos adquirem, por isso, fóros de infalibilidade. Ora, a opinião de um autor, tenha êle o conceito que tiver, representa apenas, quando se trata de matéria interpretativa, um ponto de vista, uma posição pessoal, mesmo porque o Espiritismo não comporta opiniões dogmáticas, ainda que tais opiniões venham do Alto. A doutrina tem os seus pontos básicos, seus princípios gerais, mas existem, inevitavelmente, certos aspectos a respeito dos quais ainda se levantam controvérsias, não porque a doutrina seja contraditória, mas porque a compreensão dos homens ainda não chegou nem póde chegar a um terreno comum ou pacifico. Cada um, com a sua formação, com os seus conhecimentos, no uso de seu livre arbitrio, vê certos problemas doutrinários por um prisma. Daí as divergências. Os princípios gerais, as teses fundamentais da doutrina já estão no terreno pacífico, porque não suscitam mais controvérsias. Todavia, há certas questões, à margem dos pontos básicos da doutrina, que permitem interpretações diversas. Nêste terreno, o princípio de autoridade é muito relativo, porque se trata de matéria opinativa, sujeita, portanto, aos mais desencontrados pontos de vista. Qualquer de nós póde dar a sua opinião, póde defender esta ou aquela tese marginal, mas isso não quer dizer que a maioria ou o consenso total aceite a opinião individual de A ou B. Não se deve, portanto, apresentar a opinião de uma pessoa como dogma, principalmente em matéria sujeita a debate. E' assim, infelizmente, que procedem alguns inimigos do Espiritismo. Para eles, qualquer pessoa que escreve sôbre o Espiritismo, ainda que diga coisas nem sempre aceitáveis, é *autoridade* no assunto. Há muito o que discutir sôbre esta questão.

A autoridade da pessoa que dá opinião em determinados assuntos deve ser considerada em face de dois aspectos:

I — quando a pessoa tem autoridade, *por si mesma*, quando conhece bem o assunto e não é sectária ou apaixonada (quem é apaixonado por uma idéia não tem autoridade suficiente para discutir, justamente porque não póde ter a imparcialidade necessária);

II — quando a *autoridade* não é da pessoa que fala, mas inerente ao cargo que ocupa ou à situação em que se acha.

Há ocasiões em que a palavra de uma pessoa tem repercussão ou *pesa na balança*, como se costuma dizer, apenas pela circunstância de, no momento, a pessoa estar ocupando um cargo de evidência ou de responsalidade. Fóra daquela situação, porém, a autoridade fica muito reduzida. Não se póde, portanto, tomar como dogma, como a «última palavra» uma opinião pessoal, sómente porque, no momento, a pessoa que opina está em posição eventual de responsabilidade. A autoridade, nêste caso, não é própria, não é pessoal, mas emprestada, porque é uma autoridade transitória, em função do cargo.

O valor de uma frase, de uma sentença, por exemplo, depende muito das circunstâncias. Muitas vezes, uma frase comum póde passar à História como frase célebre apenas por ter sido pronunciada por um Chefe de Estado, em momento histórico ou de repercussão internacional. A frase em si é vulgar, nada tem de extraordinário, mas passa a ter muita importância por haver sido pronunciada ou escrita por um Chefe de Estado (Rei, Imperador ou Presidente de República). A importância ou celebridade da frase depende, como se vê, das circunstâncias, da oportunidade, das condições do momento.

Um exemplo ilustrativo, entre muitos outros. Quando terminou a 1.ª Guerra Mundial (1914-18) um político inglês, que desempenhava, no momento, papel importante nos destinos da Europa, disse, com inteira razão, que *só a volta ao Cristo salvaria o mundo*. Veja-se bem a influência que têm as circunstâncias e os títulos de um homem no valor de uma frase, de um conceito, de uma idéia, ainda que essa idéia nada tenha de novo. Muitos e muitos pregadores de religião já disseram a mesma coisa, mas a verdade é que essa expressão passou a ter importância muito maior, passou a ser acatada quasi como sentença profética, precisamente porque o Primeiro Ministro Britânico conclamou o mundo ocidental para a volta ao Cristo. Dizer-se que a humanidade precisa e deve voltar ao Cristo, isto é, retomar o caminho do Amor e da Verdade, é repetir o que se ouve, a cada passo, nos púlpitos e nas tribunas religiosas. Entretanto, a advertência do Primeiro Ministro inglês, embora não tenha anunciado verdade nova, tomou logo o caráter de grande mensagem ou de alguma coisa inaudita. Se, porém, um homem da rua disser que a humanidade deve voltar ao Cristo, é claro que essa expressão não terá, como não teve até hoje, grande ressonância. Vê-se, portanto, que a autoridade de uma idéia ou de um conceito tem relação direta com a posição em que se encontra a pessoa que fala. Foi o que se deu com a velha sentença, reavivada na bôca do político inglês.

Ainda a propósito da 1.ª conflagração européia, certo político francês, que estava, na ocasião, em situação de evidência mundial, disse uma coisa simples, mas a repercussão foi extraordinária, naturalmente pela circunstância de haver sido dita por um homem de projeção internacional. Que disse, finalmente, o político francês ? Simplesmente isto : *vivemos a hora mais trágica da humanidade !* Esta frase, em seu conteúdo, nada tem de importante, porque é uma frase tão comum, tão repetida como várias outras que correm o mundo. Entretanto, passou a ser, naquêle momento, uma frase de alta significação, apenas por dois motivos : 1.°) — porque foi pronunciada por um homem que, na época, estava ocupando posição de grande responsabilidade política ; 2.°), porque essa frase foi proferida precisamente na hora em que, terminada a guerra, os homens da situação iam discutir as bases do armistício.

A frase adquiriu importância, não pelo que ela contém por si mesma, mas pela circunstância do momento. Tudo isto vem a propósito do seguinte : nem sempre se deve aceitar como autorizada uma opinião, apenas porque a pessoa que opina, no momento, está ocupando cargo de responsabilidade. Em matéria doutrinária (é o caso do Espiritismo) o princípio de autoridade é muito discutivel, justamente porque há muitas opiniões, muitos pontos de vista que, embora sustentados e aceitos por determinados grupos, não correspondem ao pensamento da *MAIORIA*.

Há ocasiões em que uma pessoa póde dar opinião própria sôbre certos pontos doutrinários, mas a verdade é que, embora essa pessoa esteja ocupando cargo de relêvo, a sua opinião não é aceita pela maioria. O fato de alguém estar eventualmente exercendo função elevada na política, na administração, no magistério, na vida econômica, etc., não significa nem póde significar que tudo quanto êsse alguém diga seja a expressão da verdade. Qual a conclusão a tirar daí ? A de que não devemos nem podemos considerar definitiva ou autorizada a opinião de quem quer que seja, simplesmente porque, no momento, essa opinião está amparada pela projeção de um cargo. O princípio de autoridade, finalmente, é, como já dissemos nos comentários anteriores, relativo, não póde ser absoluto, principalmente quando se trata de autoridade transitória, isto é, por fôrça de um cargo ou de uma situação temporária de evidência.

DEOLINDO AMORIM.

De branca linda e má a preta feia e boa

LEOPOLDO MACHADO

Benedita Fernandes foi um dos espíritos mais puros que já conhecemos.

Já tratámos dela em outros escritos e em nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS.

Vale a pena, contudo, recordar algumas passagens de sua vida admirável.

Fomos a Araçatuba, há coisa de dez anos quasi, — nós e a companheira querida — a convite de Benedita Fernandes, que desejava intensamente o nosso conhecimento pessoal.

Parece que nosso conhecimento foi o único mau gosto que lhe descobrimos.

Sua obra espiritual e material afigurou-se-nos bem maior do que se podia supôr.

E vimo-la praticamente sózinha no meio de tantos prédios de assistência, de tantas crianças, de tantos obsidiados e desherdados da sorte.

Queixou-se, efetivamente, da falta de auxiliares capazes. Gostaria de encontrar um espírito irmão do seu, que a auxiliasse a levar sua cruz.

Queixa, efetivamente, que sai dos lábios de toda gente que se põe, em nome do Espiritismo, à frente de tais obras...

Respondemos-lhe, logicando :

— Uma queixa e um desejo seus sem fundamento.

Basta considerar que há muitos países, muitos estados brasileiros, muitas capitais e cidades mais importantes do que Araçatuba sem uma Benedita Fernandes. Queria, então, duas missionárias de seu porte para sua cidade ? Não será muita pretensão sua ?

Ela riu-se a dizer que era filha de Cachoeira Paulista.

E contou sua história triste.

Fôra, ainda, muito moça, obsidiada. Viveu na cadeia muito tempo. Um dia, vendo e ouvindo espíritos por toda parte, ouviu um que lhe disse se queria ficar bôa, tinha que prometer se consagrar ao amor do próximo, a viver para atenuar as misérias alheias.

Ela prometeu e ficou boa. E foi cumprir a promessa, galhardamente, venerada por muitos e invejada de alguns, em Araçatuba...

* * *

Conhecemo-la no seu fastígio espiritual e na sua gloriosa velhice.

Um fato ocorreu na conferência da *Associação Comercial*, que atesta seu valor.

Quando chegâmos, já o salão estava lotado. E muita gente de pé. Haviamos subido um lance sério de escadas. Ela, cansada e resfolegante, assim relanceou o olhar, vendo cheio o salão, e muita gente de pé, desceu imediatamente e voltou com duas cadeiras, uma em cada mão, que fôra apanhar no *café* de baixo, mais próximo. Agora, é que outras pessôas lhe tomaram as cadeiras e foram buscar outras, lá em baixo.

Dissemos, então, a alguém ao nosso lado, de quem ouviramos *arranhaduras* à sensibilidade dela :

— Aí está uma das causas de seu mérito, da enorme assistência do Alto, que ela goza.

* * *

Ficamos «namorados» e amigos de fato.

Tão amigos, que ela chegara a arrancar do cólo da companheira querida o retratinho de esmalte, nosso, para usá-lo. E com que garbo usava-o !

Levamo-la, mesmo à distância, à *Semana Espirita de Cruzeiro*, no ano seguinte.

E foi sua presença o que houve de mais interessante no animado certamen.

Sua palavra, sempre cheia de conceitos profundos, alegre e comunicativa, atraía ao grupo os caravaneiros mais espíritas.

Aquí repetimos, também, uma *tirada* sua, das mais vivas.

Ela tinha mediunidade passista, curadora.

Além de suas crianças, de seus loucos e deserdados, atraía, constantemente, a sua porta, — e a toda hora, — muita gente carente de passes e de remédios. Ela atendia a todo mundo, deixando em falta seus deserdados, suas crianças, seus obsidiados. E sentia que sua santidade aumentava para a gente que atendia.

Acabou com aquilo, arrematando :

— Eu vi, meu amigo, que ser santo na Terra é o diabo !...

* * *

Ismael Gomes Braga, nome que dispensa apresentação, pois não há espírita e esperantista que o desconheça, deu-nos, por carta muito íntima, notícias da querida «namorada».

São palavras do confrade :

«Na noite passada, estávamos em palestra em casa de um casal amigo. A sra. é médium de preciosas faculdades. Além do casal, estávamos o dr. Aroca, o Dr. Lauro Michielin (Jaques Garnier), e eu...

Em dado momento, a sra. nos descreveu uma preta ao lado do Aroca e perguntou-lhe se sabia quem seria. Não. Nenhum de nós conhecia a tal preta.

Porém, ela deu o nome de Benedita. Então, eu me lembrei da Benedita de Araçatuba, e travamos conversação sôbre os serviços de assistência aos perturbados mentais, pelos quais recomendou-nos ela orarmos.

Além de muitas conversas sérias, entrei com algumas pilhérias :

— Quando a minha carta chegou a Araçatuba, você tinha morrido e eu fiquei sem resposta. Isto não é correto.

— Eu tinha respondido a sua carta.

— O Leopoldo Machado a chamava de negra analfabeta e você gostava do gracejo e até andava com o retratinho dêle no peito, como namorada dêle. Você ainda é namorada do Leopoldo ?

— Sou ; mas, tenho tantos namorados aquí, que é uma graça eles não serem ciumentos !

— Você ainda é uma negra velha, quasi analfabeta, como dizia o Leopoldo ?

— Sou; mas posso tomar, também, outra cara.

Em seguida, a médium nos descreveu a transformação miraculosa da Benedita em uma dama muito alva, muito loura, encantadoramente bela...

Depois, a médium caíu em transe e nada mais viu. Quando despertou, estava escrita a mensagem ao Dr. Lauro Michielin...»

* * *

Recebemos, efetivamente, a mensagem.

Não pomos dúvida de que seja da preta, velha, feia e analfabeta, como a chamávamos na intimidade.

Lemo-la, como se a estivessemos ouvido, tanta a perfeição do estilo da morta querida. E até seu processo — muito seu, aliás — de emitir conceitos e formar frases.

Os mais interessados e autorizados publicarão, naturalmente, a Mensagem.

E os fatos vão se sucedendo assim, para a confirmação das verdades do Espiritismo.

E, também, da indiscutível lei da reencarnação...

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Emissora de Campos do Jordão, S Paulo, escreveu e apresentou, em 1/8/1953, Delfino Ferreira).

Amigos rádio escutas, Boa noite.

Em prosseguimento à apreciação das obras de Cairbar Schutel, veremos hoje desfilar o seu 11.º livro: «O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO», saído dos prélos de Matão, da Editora «O Clarim», em Fevereiro de 1930, reeditando-se em 1936 e cuja 3.ª edição se encontra em vésperas de distribuição.

«O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO», complemento que é de «PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS», seu 9.º livro, portanto já aqui desfilado, talvez seja a obra mais importante de Cairbar, na qual, se por um lado o sentimento religioso do Autor se exalça, por outro revela um sentido superior, no tocante, principalmente à conceituação que tem de Jesus, a qual deriva, naturalmente, de sua compreensão da doutrina espirítica, que lhe permitiu tão bem apreender o sentido filosófico da doutrina cristã, o seu real universalismo, e, pois, o espírito do Cristianismo.

Pena, sem dúvida, foi não se haver Cairbar Schutel determinado à interpretação de todo o texto dos quatro Evangelhos. Possível, porém, não se haja a tanto resolvido, face, quiçá, a ter pressentido, ou melhor, se convencido de que, eterno na expressão literal, o Evangelho, não obstante sempre atual, se renova igualmente sempre em seu sentido espiritual, donde impossivel uma interpretação que apresentar possa o mesmo caráter de eterna atualidade...

Mesmo assim, Cairbar, na obra em pauta, sem apresentar trabalho própriamente exegético, apoia-se em numerosissimas passagens evangélicas que epigrafam os setenta e um temas que desenvolve em perto de quatrocentas páginas, todos de caráter evangélico, tratados à luz do Espiritismo, bem como ilustrados de informes históricos, linguísticos e outros, de modo a facilitar a extrair da letra, que mata, o espirito, que vivifica.

Paralelamente, outrossim, mostra a incidência do aspecto científico do Espiritismo, de sua fenomenologia, em vários fatos narrados pelos Evangelistas, e que, sem essa luz, não poderiam ser compreendidos; seriam, mesmo, muitos deles, inacreditáveis.

Aliás, abrindo o livro, Cairbar, em «EXPLICAÇÃO PRELIMINAR», apresenta sucinto trabalho em que o leitor encontra, no dizer do Autor, «resumidissima síntese da ideologia espirítica, através de cujo trabalho, que se estende por dezesseis páginas, em que mostra a importância, e, mais do que isto, a supremacia do Espírito, cuja independência do corpo, e imortalidade ressaltam, da apreciação que faz, desde os fenômenos da memória, da ação do magnetismo, do hipnotismo, das anestesias, até ás manifestações póstumas da alma humana. Não menos interessantes os conceitos por fim emitidos em CONCLUSÃO, onde assinala os pontos altos do Espiritismo como Revelação que é, e revelação im-

pessoal, que, explicando e completando a Messiânica, vivifica o Cristianismo.

Vejamos, para concluir, alguns dos setenta e um temas versados pelo Autor: «Exclusivos intuitos de Jesus e seu pensamento íntimo — Início da missão de Jesus — A Tentação de Jesus — As Bem-aventuranças — A evocação de Levi e a popularidade de Jesus — A personalidade de João Batista: aparência e realidade — A luta contra os fariseus — A grande revolução — A prisão e o inferno — Seguir a Jesus — O castigo e o milagre — A ação decisiva de Jesus — Dificuldades e obstáculos — A simplicidade do Espírito — O homem de bem perante o mundo e o homem de bem perante Deus — O sinal de superioridade — As tentações de Pedro — As duas espadas — Independência e submissão ás leis — A naturalidade do Bem — Premonições, avisos proféticos e sonhos premonitórios — Andar no mundo sem ser do mundo — As curas de Jesus — A morte de Jesus.

E'. pois, «O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO» um grande livro, cujo título, tomado em sua absoluta significação, define plenamente a obra.

A todos PAZ e LUZ.

Aos Dogmáticos Acorrentados

Major Levino Cornélio Wischral

CHAMAMOS a Jesus o Mestre dos Mestres, o excelso Pedagogo, o Sintetizador das religiões. Jesus, no entanto, só conheceu uma religião e esta, assim mesmo, não teve nome. Contudo sua religião foi, naqueles tempos, reconhecida como a «lei maior», a de todo o universo e ao mesmo tempo a mais singela, ei-la: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Bastaria esta chave de salvação para redimir toda a humanidade, simples e fácil nos seus têrmos e única nos resultados para conduzir o gênero humano à perfeição espiritual. A igreja de Roma, porém, desejosa de ultrapassar em sabedoria as palavra do Cristo transformou esta fórmula de ouro num emaranhado tão confuso e complexo que daí resultam os cânones, os dogmas e as liturgias. Bem dizem os filósofos que o ser humano estima as coisas confusas e complicadas.

x x

Enquanto as religiões de aparatos suntuosos e de rituais impressionantes levam séculos e até milênios para conduzirem suas almas ao aprisco do Senhor, outras há, entre as quais o Espiritismo que, pela simplicidade, pureza e naturalidade, está em condições de levar os seus adeptos ao mesmo reino de Deus através apenas algumas encarnações. As obras de Kardec vos apontarão essa estrada reta, sem ambages.

x x

Que preciosa e divinal tranquilidade íntima gozaremos quando chegarmos a compreender pelo raciocínio e pela lógica o que seja viver sem temor à morte, sem os torturantes problemas dos eternos suplícios do inferno e sem os terrores da agonia das chamas purgatoriais!

A máxima de Jesus: «cada qual terá que colher exatamente o que semeia» substitui com real vantagem os cruéis, infantís, e obsoletos ensinamentos dogmáticos, cujos fundamentos, agora em decomposição, não mais satisfazem a ânsia do espírito desejoso de evoluir.

x x

Logo que o ser humano, amadurecido na meditação, dá as primeiras mostras de já poder galgar diferente e mais elevada grandeza espiritual, abandonando os «infalíveis» dogmas que não admitem discussão do que alegam ou afirmam, surgem imediatamente montanhas de obstáculos. A vóz soturna de algum zeloso clérico será a primeira barreira ao declarar solenemente: «Isso é heresia, isso é obra do diabo!» Então o homem acovardado ante as ameaças de um deus rancoroso e vingativo curva e recurva-se temeroso, abandonando o convite celestial que já lhe fôra feito por várias vezes. Ilusóriamente readapta-se então à rotina que lhe é apresentada, com as vantagens de uma vida mais fácil, cômoda e de instantânea remissão dos seus pecados.

Será isso covardia pelo terror, fraqueza ou preguiça mental ?

x x

Ao ser humano que escolhe ou lhe é imposta religião estacionária, é penoso desapegar-se das coisas materiais que o habituaram, durante centenas de reencarnações, a subjulgar e entorpecer a sua consciência pela impressão dos sentidos e da vista. Logo, porém, que conseguir deixar êsses ineficazes recursos convencionais, «destinados à purificação da alma», abrir-se-lhe-á ampla estrada, sem sombras, que fará ver claramente a magestosa bondade de Deus criando de modo imorredouro o nosso espírito para integrar-se na eternidade dos júbilos proporcionados pela magnânina Sabedoria. Em qualquer degrau de ciclo mais elevado, as maiores surprêsas e revelações vão se sucedendo sem fim. No estágio atual dificilmente póde o homem concepcionar êsse brilhante porvir.

Vossa alma requer liberdade, porém, ampla. Apressai-vos pois, por aliviá-la do jugo importuno e pesado do convencionalismo religioso que tem sido seu maior estôrvo !

x x

Muitos apóstolos do progresso moral da humanidade já tiveram, em momentos de profunda meditação, através de rápidos lampejos, a visão da grandiosa e magnifica eternidade do Universo, onde tudo se movimenta no sem fim, graciosa e harmoniosamente num ondulado oceano dos mais delicados e formosos matizes mimado por sublime orquestra sinfônica, cujas notas musicais se transformam em luz impregnada de toda a escala cromática inundando o espaço.

Meditai sôbre o tema «donde viemos, que fazemos e para onde vamos» e a razão vos fará compreender a passagem bíblica dos Salmos que diz : — «Vós sois deuses». Nêsse vislumbre maravilhoso da antevisão do reino sem fronteiras do Criador, chegamos a divisar e sentir os atributos de Deus, Pai de amor e de misericórdia.

De volta dessa rápida incursão no etéreo, sentiremos novamente a melancolia e o acabrunhamento pelo atraso e ignorância da nossa pobre e insatisfeita alma.

Desapegai-vos, caros irmãos, das cadeias terrenas que vos impossibilitam tais vôos.

x x

Irmãos meus, já estamos ingressados, desde há três anos atrás, no ciclo bíblico de «Os tempos são chegados» — já os vivemos ! Processam-se agora os exames finais dos nossos atos, ações e atitudes ; somos experimentados e arguidos em relação a sentença milenária do «amai-vos uns aos outros».

Amados irmãos, de qualquer seita ou religião, aproveitai ainda, enquanto houver tempo, esta última oportunidade de salvação ; abri as peias que prendem as azas das vossas almas, deixai que volitem alegres pelo infinito azul em direção a seu bondoso Criador e Pai. Dai expansão a vossa ânsia de saber e semeai os impereciveis valores que as traças não destróem. Rompei as cadeias dogmáticas que vos inibem de pensar e agir, conservando-vos escravos embrutecidos. Libertai-vos, porém, sem violências, sêde amorosos e tolerantes para os que não desejam o vosso progresso.

Sursum corda !

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Escatologia

MAC MAYNARD

ESCATOLOGIA é um termo teológico para designar a «filosofia» dos últimos dias, a vida futura depois da morte do corpo físico, vem do grego, schatos + logos + ia. Difere da outra escatologia, skatos + logos + ia, tratado sôbre escrementos.

O termo teológico foi tirado das Sagradas Escrituras, «o último dia, últimos tempos, último estado da alma depois da morte», concepção das profecias antigas, como se vê em 1.º Pedro 1 : 20, João, 6 : 39 ; Mateus, 12 : 45 ; Isaias, 2 : 2 ; Malaquias, 4 : 1.

Era comum na época dos primitivos cristãos a crença na segunda vinda do Cristo, e que essa vinda estava próxima, para dar, assim, complemento cabal às antigas profecias, e a alma iria para um novo mundo.

A extensão do termo, contudo, tornou-se elástica, e quer dizer tudo que se relaciona, tudo que refere ao estado da alma na vida futura ; tudo que é ensinado na Bíblia sôbre a vida individual do crente e do mundo em geral, seu fim, etc.

Há uma variedade estonteante de pontos de vista das religiões cristãs, e não cristãs, referentes à vida futura. Para alguns é uma simples mudança, uma continuação da vida terrena ; uma vida futura que será a retribuição do sistema de vida que levamos aqui na terra, os bons para um lugar de conforto, alegria, paz, prazer, cantando hosanas ao Eterno, côros celestiais saudando os que chegam para habitar a Mansão Celestial ; os maus, no fundo dos mares, nas entranhas da terra, ardendo em brasa, diabos, de toda espécie, com tridentes a cotucar as almas pecadoras ; para outros, a alma dorme, fica nesse sono até à ressurreição final quando os corpos se levantarão da terra, uns para irem para o céu, outras para «descer» para o inferno !

Vemos sempre o reverso do sistema de vida que o indivíduo levou aqui na terra, os que sofreram vão gozar eternamente, os que viveram uma vida à tripa forra, vão para os quintos dos infernos... para outros ainda, a integração no todo universal ; enquanto que muitos ainda creem que vão de reencarnação em reencarnação, de metempsicose em metempsicose purgando os seus males e fazendo a sua purificação através dos evos...

A cena que se passará depois da morte do corpo pode se dar em diversos cenários, segundo o ponto de vista do «filósofo», na terra, nos mares, nas estrêlas, na lua ou no sol.

Os gozos são descritos com as mais lindas côres possíveis, ao passo que o tormento é dantescamente descrito, as maiores torturas são «freudianamente» desejadas aos réprobos, nisto se especializaram os sacerdotes da Idade Média.

A idéia da vida futura é imanente na alma humana ; filósofos, etnólogos, têm discutido o problema sôbre muitos ângulos. Desde a fase anímica da humanidade à crença na vida futura, numa vida após a morte do corpo, na imortalidade, é um fato comprovado.

Para alguns a crença na vida depois da morte, a religião, é um produto do medo, e, dizia Lucrecio que foi o medo o grande criador dos deuses, medo sobretudo da morte ; para outros foi da admiração diante das causas misteriosas e dos acontecimentos ininteligíveis para o homem que surgiu a religião.

As múltiplas definições de religião, quase todas, giram em torno de religião organizada, ao passo que Tylor a define como a crença em seres espirituais, e nesta definição cabe tambem o próprio animismo.

Não há povo ou tribu sem uma crença em seres espirituais. Como nasceu essa crença, há muitas teorias. Houve uma animada contróversia entre diversos autores, cada um apresentando uma lista de fenômenos e cada qual disputando pela primasia de sua própria lista de fenômenos. Entre os disputantes podemos citar Dr. E. B. Tylor, Herbert Spencer, Andrew Lang ; e os fenômenos apresentados eram o transe, a inconsciência, a doença, a morte, a clarividência, os sonhos, aparição de mortos, fantasmas, visão de moribundos no leito de morte, alucinação, écos, sombras e reflexos, uma lista de fenômenos psíquicos e físicos disputando a primazia !

Êsses fenômenos encontramos em tribus ainda na fase animista.

Desses fenômenos, anímicos e espíritas, que veio a crença na sobrevivência da alma, no fac-simile do corpo material que vive depois da morte física.

O animismo e o animatismo nasceram, quem sabe, simultaneamente, uma tentativa para explicação de diversos fenômenos, animatismo aplicado às cousas inanimadas (!) e animismo como uma «teoria» sôbre seres animados.

Pode ser que o medo de um fantasma tenha levado o primitivo a prestar-lhe culto para aplacar-lhe a fúria, pois, em sonho, quando via um inimigo, êste guardava ainda todas as características de quando na terra; pode ser, ainda, que ficasse admirado de ver um fantasma de um companheiro que sabia morto. Nos transes mediúnicos, quantos não podiam ser vistos e sentidos? Os transes não eram provocados, mas naturais e expontâneos, bem como a clarividência, bastava ter capacidade natural de ver, para «ver fantasmas».

Esses fenômenos mediúnicos que levaram o primitivo a crêr na sobrevivência da alma depois da morte. Quanto aos ritos fúnebres, etc., é uma decorrência natural dos próprios fenômenos mediúnicos, daí originar a crença na vida futura, portanto, na religião.

Uma análise perfuntoria da evolução da humanidade mostra-nos que a crença na vida futura, é originária de fenômenos anímicos e espíritas.

A mediunidade é a mãe da religião!

Quando Dante diz que as almas dos mortos não têm sombra, não foi uma creação poética do autor, mas cita uma parte do folklore, corrente entre diversas tribus de selvagens.

Os basutos, por exemplo, tomam todo o cuidado quando andam nas margens dos rios, pois, pode ser que a sua sombra caia no rio e um crocodilo se apodere dela. Na Tasmania vemos ainda a concepção de que a alma, «skia», «umbra», é qualquer cousa idêntica á sombra dos homens.

Pelos fenômenos mediúnicos do passado da humanidade, vemos, também, a conexão entre alma e respiração, suspiro, a mesma identificação existe entre povos de lingua ariana e semítica; no latim, por exemplo, temos «spiritus», no grego «peneuma», no hebraico «ruah» e a mesma idéia é extensiva a povos de baixa cultura na Austrália, América e Ásia.

O antigo costume de receber o «último suspiro» de um moribundo não é apenas um ato pio, mas também a certeza de que a alma se transferiu para um novo corpo, pois o velho ficou sem respiração.

Outras tribus têm a concepção de que a alma está identificada com o figado, com o coração, com a figura refletida na pupila dos olhos e com o sangue.

Em muitos casos a alma é distinta do princípio vital, nos casos de inconsciência é explicado como ausência temporária da alma. No sul da Austrália a palavra «wilymarraba» (sem alma) é a palavra usada para insensível. O transe dos «shaman» quando veem a distância é tido para os selvagens como sua alma saindo do corpo e indo visitar regiões distantes d'onde traz um relato completo e autêntico. A telepatia, a clarividência com ou sem transe, dá a convicção de que a natureza humana é dual; a bola de cristal usada entre selvagens, como entre civilizados, dá a mesma impressão de dualidade da natureza humana.

Certas doenças eram tomadas como ausência da alma e muitos meios eram empregados para fazer com que a alma voltasse ao corpo; quando um chinez estava á morte, um parente pegava um bambú e espetava nele um casaco do moribundo e ia girando no ar, enquanto lá dentro, ao lado do doente, o sacerdote rezava umas fórmulas mágicas para fazer com que a alma não deixasse o corpo; si o casaco começava a girar em torno do bambú era sinal de que a alma do moribundo voltaria para o corpo ou dele não sairia.

Fenômeno importante para o primitivo era o sonho, pois o corpo ficava imóvel, a alma ia a terras distantes, fazia visitas a companheiros distantes, entrava em contato com mortos conhecidos, sonhos com toda a aparência de realidade; brigavam com inimigos, levava uma vida idêntica à de vigília, daí cada vez mais fortificar a crença numa parte do corpo que podia sair pelo mundo... a alma.

Nas febres, nas alucinações, tudo vinha corroborar para a crença da alma separada do corpo.

A escatologia nasceu na fase anímica do homem. Em alguns lugares, tribus criam que o corpo tinha mais de uma alma, até mesmo quatro almas possuía um corpo: a sombra e a inteligência que morriam com o corpo, o espírito tutelar chamado «beqoe» e um outro que estava dentro da cabeça; essa crença era difundida entre diversas tribus do sudoeste da Austrália.

Mesmo na Europa é crença que o morto fica, em forma de fantasma, assombrando os vivos que passam á noite pelos cemitérios... Os primitivos davam uma morada para cada alma, visto a natureza quádrupla do homem; uma ficava para assombrar os vivos...

Para os dacotas, uma alma ficava com o cadáver, outra na vila, a terceira iria para o ar e a quarta iria para a terra dos espíritos, dependendo de seu sexo, sistema de vida terrena, modo de morte e de sepultura, observância de ritual fúnebre, etc.

Da crença na continuação da vida após a morte do corpo, nasceu a prática de oferecer alimentos, luz, armas e munições ao defunto; no começo poderia ser uma prática de dever filial ou de piedade, depois em culto, a adoração dos antepassados. Da prática inicial de depositar alimento (vitualha), desenvolveu um sistema de sacrificios. Para dar todo o confôrto possível ao defunto, sacrificios eram feitos à sua memória, como o próprio «suttee», entêrro das esposas, dos escravos, de animais, tudo para servi-lo depois da morte, na outra vida; moedas eram colocadas na boca do morto para pagar o barqueiro que o conduziria através do grande rio! Outros, ao sairem da casa, saiam por um buraco feito na parede, dava umas voltas ao redor da casa para perder o «endereço» e assim não voltar para amedrontar os que ficavam.

Como é velha a alegoria judáica de «atravessar o Jordão!»

Nas práticas anímicas que as religiões têm seu cordão umbelical ligado; muitas práticas religiosas de hoje mudaram de nome apenas, no fundo, é um eufemismo para encobrir o caráter anímico.

Vemos em todas as religiões do passado a crença no «sobrenatural», na vida futura da alma, daí os diversos ritos para propiciação de seus mortos.

A humanidade na sua evolução passou pelos estágios do politeismo, do monoteismo e marcha para um monismo consciente.

A crença na vida futura ou na sobrevivência da alma é universal; quer coloque o «paraíso» ou o «inferno» nêste ou em outro mundo, viva a alma nêste ou outro mundo em forma gazosa ou não, sempre permanece a crença da existência da alma ou espírito vivendo em outro plano da vida.

E como poderia diversos povos sem contato sócio-cultural ter a mesma idéia de uma nova vida? A única explicação plausivel para que a crença na vida futura seja assim constante e generalizada é o fato dos fenômenos mediúnicos serem naturais no tempo e no espaço.

E' no animismo, nos fenômenos mediúnicos, que vamos encontrar a gênese das religiões e seus ritos.

Fato notável para ser assinalado no estudo da escatologia de povos e tribus é a constância da crença em sêres espirituais e numa vida depois da morte do corpo físico. Essa crença varia de conformidade com o gênero de vida que leva a tribu ou o povo. Para os caçadores o paraíso é um lugar onde há um belo prado e muita caça, daí levarem armas e munições para a outra terra; não seria um «inferno» a alma num grande prado sem armas para se defender ou caçar?

Algumas tribus creem em mais de um mundo além da morte, colocam os heróis sempre nas estrêlas e os maus (inimigos) nos abismos profundos da terra. Vemos que há uma noção de galardão ou punição depois da morte para os companheiros e para os inimigos. (Teriam noção do bem ou do mal?!)

Brinton menciona uma curiosa analogia entre as crenças escatológicas de diversos povos sem contato cultural. Para todos a passagem para a outra vida é uma viagem que empreende a alma depois que se desliga do invólucro material e essa dificuldade da viagem varia em diversos povos, mas a dificuldade é constante. A viagem é certa, mas os riscos são inevitáveis, não sabendo si a alma sai vitoriosa ou não dessa peregrinação.

A viagem é tida por diversas tribus como uma operação difícil, atravessando rios em canôas de pedra que facilmente podem sossobrar, a correnteza é grande e a embarcação pequena, periga. Uma ponte estreita, tão estreita como o gume de uma faca bem afiada; uma enorme serpente atravessada como uma ponte pênsil; um galho de árvore cheio de espinho venenoso espera a alma que quer atravessar e atingir a outra margem, o paraíso. Faz-nos lembrar as faixas de salvamento de que nos fala André Luiz.

O intercâmbio, a troca de idéias entre êste e o outro mundo, só a «sociologia» espírita explica muito bem.

Os meios de transportes e comunicação nêste mundo eliminaram as barreiras outróra intransponíveis, a permuta de idéias, o comércio entre povos de língua e costumes diferentes aumentaram o conhecimento e a amizade recíproca entre os encarnados.

Kardec foi o Colombo dêsse novo mundo, pôs em contato direto, por meio de provas científicas irrecusáveis, as duas humanidades dêsses dois mundos, e, dêsse intercâmbio cultural, a escatologia deixou de ser uma mera indagação para tornar-se umá realidade.

André Luiz romanceou a escatologia, e, através de sua pena fulgurante, veio esclarecer importantissimos problemas que exigiam solução pelos encarnados.

André Luiz esclareceu para nós a vida além túmulo, é o sociólogo que tráz um relato satisfatório para compreensão da outra humanidade. Humanidade que pensa e age como a nossa, em outro plano.

Não mais suposições de frades da Idade Média, não mais visões parciais e pessoais, mas, esclarecimento, elucidação.

O Espiritismo tornou a escatologia dos teólogos numa ciência positiva. Ciência positiva e poética...

A farta literatura espírita está aí.

Tatuí, 1/1/54.

Os Tabus Científicos

A Transmissão pela Memória

BUSCÁVAMOS fazer ver, em livro recentemente publicado, que a hereditariedade psíquica era posta em dúvida, ainda mesmo por grandes luminares da Ciência. E, assim, procurávamos demonstrar que os nossos antagonistas não se podiam firmar, ainda mesmo no pedestal acadêmico.

Quando, procurando rebater o problema da reencarnação, surgiam com a «memória ancestral», achavam-se numa embaladora ilusão, a de que essa memória era um princípio científico, inabalável, e nele escudados, riam desassombradamente das nossas pretensões.

Ora, as aquisições do passado não nos poderiam vir através da memória.

Para chegarmos a estas conclusões, seria preciso provar, antes do mais, que a memória é função do cérebro.

Se, inegavelmente, ela sofre das deficiências cerebrais, se a célula nervosa deve ser banhada pelo sangue oxigenado, e, cessada a irrigação, cessa a vida psíquica, não é menos certo que é um tanto relativo êsse paralelismo psico-físico o que aliás facilmente se explica. O que não se explica, diante da Fisiologia, são as suas falhas, que transtornam por completo os postulados científicos já assentes.

A causa de tais fatos, a explicação de tais fenômenos, já dizia Driech, vai ser justificada nas doutrinas espíritas. (1)

Para Bergson, o cérebro armazena hábitos motores e não lembranças. (2)

Onde se encontram elas, pois, para serem transmitidas?

E a memória que será?

Ouçamos um fisiologista:

«Eis um dos fenômenos mais extraordinários de tôda a Natureza. Cinquenta anos depois que uma imagem visual, motora, auditiva atingiu minúscula célula nervosa, a qual, a cada segundo, está em vias de transformação, a lembrança da imagem não desapareceu. Se não nos espantamos com essa maravilha, é que o hábito impede o espanto». (3)

---

(1) Hans Driech — *El hombre y el Universo.* Trad. esp. de Cansinos Assens. — Madrid, I, 128

(2) Henri Bergson. — *L'Energie Spirituelle.* Paris. 1949. Pág. 27.

E em outra obra:

«No ponto de vista estritamente fisiológico, o fenômeno da memória, posto que habitual, aproxima-se do sobrenatural. Como uma palavra que ouvi há cinquenta anos, uma paisagem que vi há cinquenta anos, uma figura que se me apresentou há cinquenta anos, podem, palavra, paisagem, figura, ficar indeléveis em minha consciência ou minha inconsciência? Como a irritação do protoplasma nervoso (*les é branlements du protoplasme nerveux)* consecutivos à formação dessa imagem, podem persistir durante cinquenta anos, com sua complexidade prodigiosa, quando a a cada instante, nas mesmas células, talvez outros abalos se produzem, enquanto os materiais dessas células se transformam milhares de vêzes na caixa cerebral?

«Que traço deixaram? E onde? Onde se acham essas irritações? Quais são? Onde as células? Ao fim de alguns dias *não resta absolutamente nada* dos elementos químicos e anatômicos que constituiam nosso cérebro. E então, ao fim de cinquenta anos? ......

«Deixemos isto que é um grande mistério.» (4)

Pois é nêste grande mistério que se fundam os doutos patrícios para mostrar ou demonstrar a hereditariedade psíquica, ou seja a transmissão pela memória ancestral. E isto, quando nem sabemos o que é a memória atual.

Pois aquilo que a Fisiologia não sabe dizer, vai dizê-lo a Metapsíquica. Veremos que a memória está no Espírito e só o Espírito pode trazê-la consigo.

O que se verifica com a submissão do Espírito à matéria e, consequentemente, com as deficiências da memória por motivo das deficiências cerebrais, é o mesmo que se nota no indivíduo submetido ás estreitezas de uma cela.

Êle só póde bracejar francamente, em plena liberdade.

Resultado, portanto, da clausura.

Fóra daí, tudo nos indica que a memória, em vez de fazer parte da matéria, é um predicado do Espírito. As transformações celulares não atingem, nem o Espírito nem a memória, como não atingiriam um detento os consêrtos e modificações do seu cubículo, o qual apenas lhe restringiria as manifestações. Se dissermos, porém, que o prêso é parte do calabouço, como os tijolos, o cimento e o madeirame que o compõem, toda a gente entrará a mofar.

Abram-se, porém, as portas do presídio, e o prisioneiro voltará à plenitude de suas funções. E' o que se dá com o Espírito, o qual, mal se afrouxam os liames que o prendem, cria verdadeiras asas, enquanto a memória se vai desanuviando à proporção que êle fôr evoluindo.

A nossa proposição não é simples fantasia, digressão literária, ou arranjo explicativo. Ela tem a base dos fatos.

Assim é que nos diz o Dr. Gabriel Delanne:

«Permitam-me que eu faça notar que a memória é um fenômeno incompreensível, e se quisermos situá-la no cérebro, o qual se renova integralmente grande número de vêzes, durante toda a duração da existência, não haveria nenhum elemento estável ao qual essa memória fôsse ligada.

Por outro lado, assim como lembra M. R. Hamilton, verificou-se durante a guerra, que abcessos consideráveis do cérebro não tinham aniquilado as faculdades mentais daqueles por êles atingidos». (5)

Enfim, êle afirma que a hereditariedade física é a lei; a intelectual não existe. Crê, com Kardec, na afinidade electiva.

Casos há em que é profunda a anemia cerebral, em que nada se poderia esperar do cérebro, e, entretanto, é prodigiosa a sua atividade e ativissima a sua memória.

---

(3) Charles Richet. *Apologie de la Biologie.* 1929. Pág. 61.

(4) Charles Richet. — *L'Avenir et la Prémonition.* Paris. Ed. Montaigne. Págs. 19.

(5) Gabriel Delanne.—*Revue Metapsychique.* 1924 Pags. 429-433.

Verifica-o Osty, quando ensina:

> «Se há um momento das moléstias agudas em que é assinalada a Metagnomia, não é o da agonia, quando o organismo está de tal forma abalado em seu equilíbrio vital, que sua desordem se torna incompatível com a continuação da vida?
>
> Essa crise catastrófica do corpo determina, por vezes, o aniquilamento da função do pensamento (coma) e, no entanto, muitissimas vêzes pouco modifica a consciência, que se conserva lúcida, no desarranjo acelerado das funções. O agonizante percebe o racionalmente imperceptivel; revela a realidade inacessível ao meio intelectual dos que o rodeiam. (6)

Deve ter algum pêso a opinião dêsse psiquista, que, pelo vulto dos seus trabalhos, pela imparcialidade de suas observações e pelo longo tempo de suas experiências, fôra convidado por Jean Meyer para Presidente do Instituto Metapsíquico Internacional.

Que é que notou o sábio? A integridade das funções psíquicas e, consequentemente, da memória, apesar da completa perturbação orgânica.

*

Um psiquiatra, Raymond Meunier, ensina o seguinte:

> «Acontece, muitas vezes, que loucos, antes de morrer de cachexia, recobram completamente a razão por alguns instantes ou alguns dias, e acusam mesmo um estado de extrema acuidade mental, em geral desconhecida dos médicos. Parece que o corpo, prestes a tornar à terra avara que o reclama, deixa o espírito libertar-se».

Entre outros casos, relata o de um afásico, internado em Villejuif, havia uns 7 anos, em estado de pronunciada demência. Uma semana antes de morrer, põe-se a falar e manteve razoável palestra com o Autor. Na autopsia encontraram-se várias lesões no cérebro. Donde, conclui Meunier, depois de examinar as teorias científicas: O Espírito está bem acima e fóra de tudo isso. (7)

Cumpre aqui, mencionar, a propósito, os chamados casos de «visão panorâmica».

Os Espíritos contavam que, ao botar os pés nos umbrais da Outra Vida, se lhes desenrolava, diante da retina espiritual, toda a existência passada, sentindo êles, no momento, remorso ou satisfação, se os atos que corriam diante da tela eram bons ou maus.

Relatos de Espíritos, é de crer não merecessem muita confiança, mas Ernesto Bozzano teve o cuidado de publicar uma de suas mais interessantes monografias, em que apresenta vários episódios, não já referidos pelos mortos, mas pelos vivos. Êstes, na iminência da morte, quando desacordados, no momento preciso em que põem o pé no primeiro degrau do além, sentem o mesmo fenômeno. A vida percorrida ressuscita dos refolhos do sêr, e eles a vêem, em segundos, por inteira, como se conseguissem gravá-la, à proporção que as cenas se iam desenrolando no teatro, por vezes dramático, de suas existências.

Bozzano principia o seu trabalho, com a seguinte explicação:

> «As escolas ocultistas ensinam que, durante a crise da separação do espírito e do organismo somático, e, algumas vêzes, quando o filamento fluídico que une o corpo ao espírito já está rompido, passam, diante da visão espiritual do agonizante, como em visão panorâmica, isto é, em sucessão rápida e quase instantânea, todos os episódios da vida terrestre do moribundo. Êles desfilam em ordem regular, por forma que o individuo vê o que foi durante toda a sua existência.
>
> Todos os acontecimentos passados emergem integralmente diante da vista espiritual do moribundo e são gravados em traços indeléveis no «corpo astral», e aí constitui o grande livro do «deve e haver», que êle terá de saldar em nova existência.
>
> «Convém declarar — acrescenta

---

(6) Dr. E. Osty — *Psico-Physiologie experimental. Rev. Mét.* 1925. Pags. 165.

(7) Raymond Meunier. — *Les Tourmentés.* 1924. Pags. 122.

Bozzano — que a afirmação de uma vista panorâmica, abrangendo todos os aspectos da vida na ocasião da morte, longe de ser uma opinião estritamente teórica e de ordem fantástica, tem o caráter de um fato cientificamente reconhecido, apoiado em grande número de observações incontestáveis. Esta asserção tem sido aceita, sem reservas, ainda mesmo pelos representantes da psicologia oficial. (8)

O psiquista italiano cita vários professores, e entre êles Ribot, que ensinava em *Moléstias da Memória :*

«Nas muitas descrições de afogados, salvos de morte iminente, concordo em que, no momento da asfixia, pareceu-lhes ver toda a sua vida, em seus menores incidentes». (9)

Daremos, em resumo, e a título de exemplo, o caso citado por de Morgan *(From Matter to Spirit)*. E' êle narrado pelo Almirante inglês Beaufort.

Ia o Almirante para seu navio, em Portsmouth, quando a embarcação virou.

Lutou com as águas até que perdeu as fôrças. Deu-se a asfixia e foi, então, invadido por uma impressão de absoluta calma, em contraste com o tumulto de impressões por que acabava de passar.

Sem sombra de pesar, renunciou a toda esperança de socorro, e não sentia mais qualquer sofrimento físico. Mas, se seus sentidos estavam inertes, a atividade do espírito tinha centuplicado.

Começou a pensar no incidente, na emoção de bordo, na dor que o pai iria experimentar. E por fim, escreve o Almirante :

> «Em suma, os incidentes de minha vida reanimaram-se em ordem retrógrada, com uma representação viva, perfeita, em todos os seus pormenores. Em pouco, tôda a visão de minha existência iluminou-se diante de mim e cada quadro parecia vir acompanhado da concepção do bem ou do mal que êle continha...
>
> E'-me impossível avaliar o tempo, no desencadear das idéias, mas desde que a asfixia começou até que fui salvo, não decorreram dois minutos.»

E' evidente que o corpo foi retirado dágua como se o náufrago estivesse sem vida. Foi no instante da asfixia, quando já principiava a participar do outro plano da vida, naquele estado que chamamos de síncope, ou perda dos sentidos, que o cérebro desenvolveu uma atividade fantástica.

O fenômeno não mostra, apenas, a autonomia do espírito em relação ao soma, mas também a verdade do que nos referem os desencarnados.

Os pensamentos do Almirante Beaufort, logo no começo do desprendimento espiritual, assemelham-se aos dos mortos, assim que se vêem desligados do corpo físico : A memoração do incidente, o que dêle se iria dizer, as vistas voltadas para as pessoas caras, e, por fim, sucedendo ás dores e aflições dêsses últimos instantes, a calma, a alegria de ver cessados os sofrimentos, o repouso físico e mental.

Tal é a situação dos que não levam muitas dívidas em sua bagagem.

Há que notar a preservação da memória, e mais do que isso, a sua intensidade, a sua pasmosa atividade, quando havia cessado toda a atividade física, quando tudo estaria indicando, conforme os dados biológicos, que a memória deveria desaparecer, uma vez que é ela o resultado da atividade das células.

Convém nos reportemos aos casos semelhantes narrados pelos defuntos e por êles perceberemos como não será acolhida pelos verdadeiros psiquistas, a noção de que a memória é função cerebral e por isso transmissível hereditariamente.

Ouçamos ainda o eminente filósofo italiano :

> «Lembro, diz o Prof. Bozzano, que o assunto dos fatos que entram nesta categoria não apresentam certo valor científico, dada a impossibilidade de *controlar* diretamente as afirmações das personalidades mediúnicas. Entretanto, semelhantes afirmações parecem-nos dignas de ser mencionadas, como complemento ao estudo do te-

---

(8) E. Bozzano. — *Revue Spirite* 1922.

(9) Th. Ribot. — *Maladies de la Memóire.* — Pags. 140.

ma proposto. E isso, sobretudo, porque, em todos os episódios que vão ser relatados, verifica-se a circunstância de fazerem as personalidades comunicantes menção espontânea da visão panorâmica, pelas quais passaram na crise da morte, sem nunca falarem por solicitação dos experimentadores. Como as sessões, onde estas indicações foram fornecidas, realizaram-se em tempos e lugares diferentes e, por vêzes, em presença de indivíduos que ignoravam a existência de fenômenos dêsse gênero, êsse concurso de circunstâncias reveste de certo valor as comunicações assim feitas.

Em apôio dessa consideração, póde-se dizer que se se tratasse de personalidades subconscientes, essas personalidades não poderiam ter descrito exatamente, e ainda menos de modo concordante, um fenômeno real, de que os médiuns e a assistência ignoravam a existência.

Admitido que a fertilidade inventiva das personalidades sonambúlicas não tenha limites, não se póde crêr, entretanto — diga-se em homenagem ao bom senso e ao cálculo das probabilidades — que grande número de personalidades sonambúlicas, em momentos diferentes, em continentes diferentes, e diante de pessoas que ignoram a existência de determinada categoria de fenômenos, tenham todas podido inventar a mesma história fantástica, em que os pormenores concordam admiravelmente, e sobretudo concordam com uma classe de manifestações autênticas».

Mais um exemplo dessa nova categoria e ouçamos ainda Bozzano :

«O episódio que se segue é devido à mediunidade de um eminente pioneiro do movimento espírita : o juiz Edmonds, de Nova York. Êle havia perdido um de seus mais caros amigos, o juiz Perkham, da Côrte de Apelação de Nova York, que se tinha afogado tragicamente com sua esposa, devido ao abalroamento entre dois vapores.

Em uma experiência pessoal de escrita automática, manifestou-se o amigo defunto, forneceu boas provas de sua identidade e narrou a visão de sua morte como as condições da sua existência espiritual presente. Destaco aquí, da longa comunicação, a passagem que tem relação com o fato especial. O espírito comunicante declara :

«Tivesse eu que escolher o modo pelo qual deveria separar-me de meu invóluco corporal e certamente não teria adotado o que me conduziu ao trespasse. A falar verdade, isso agora não me importa muito, desde que me achei desde logo transportado a uma ambiência tão bela e tão extraordináriamente variada . . .

No instante da morte revi integralmente toda minha existência. Cada ação, cada cena, cada incidente dessa vida me passaram diante dos olhos, tão vivamente expressos, que pareciam erguer-se em meu cérebro como se tivessem sido iluminados de luz viva. Nenhum dos meus amigos foi esquecido.

Quando eu mergulhava nas ondas, apertando minha mulher entre os braços, apareceu-me meu pae e minha mãe ; o primeiro tirou-me dágua com uma facilidade, que só agora chego a descobrir. (Juiz Edmonds : Letters and Tracts on Spiritualism, pag. 303)».

Era a primeira vez que o Juiz Edmonds ouvia falar de visão panorâmica e quando sua mão traçou a dita comunicação, êle estava só. E', portanto, evidente, que com a hipótese das personalidades subconscientes não se chegaria a explicar semelhante alusão espontânea a um fenômeno real ignorado do médium. Assim se confirma o que já se disse, que os fenômenos dêsse gênero só se podem explicar pela aceitação de sua origem espírita.

—

Bozzano deixou patente, na série de fatos semelhantes que apresenta, e na argumentação que despende, que as narrativas só poderiam provir dos falecidos.

Valeria a pena indagar dos ilustres biologistas, que tão energicamente proclamam a hereditariedade das lembranças, como é que estas estariam nos Espíritos desacompanhadas das respectivas células.

Mistério, já dizia Richet.

Pois é nêsse mistério que se apoia, entre nós, toda a construção dos que não aceitam os princípios reencarnacionistas.

E é baseado nêle que chegam a irritar-se com a precariedade dos nossos conhecimentos.

Que outras bases terão êles para se considerarem muito seguros é novo mistério.

CARLOS IMBASSAHY.

Crônica Estrangeira

Irradiação Espiritual

Por Frederico Duarte — Manchester.

A União faz a Fôrça. Isto me foi ensinado desde quando era criança. Com os tempos passados e experiência da vida, notei que essa frase não estava completa. Deve-se dizer assim : — A União faz a Fôrça para o BEM ou para o MAL. Se a União é para fins diabólicos, positivamente que nos trás conflitos e guerras. Se essa União, pelo contrário, é com fins benéficos, nos trará a Harmonia e Paz entre todos.

Se fôsse possível reunir todos os habitantes do Globo dando-lhes pela Rádio os bons conselhos para se amarem uns aos autros, isso produziria a Radiação Espiritual, a qual viria positivamente a pôr têrmo ao estado caótico e ansiedade que prevalecem, receando rebentar uma nova guerra.

A Rádio é positivamente a fonte mais eficaz de fazer a propaganda relativa ao bem-estar de todos, e assim pois, devia-se sem mais delongas tratar de reunir num determinado lugar todos os Presidentes de Conselho de Ministros, os Chefes e Comandantes de Exércitos, as cabeças das diferentes religiões, e sob um plano único, formular o melhor meio de cooperar uns com os outros para o bem-estar geral e garantir entre si, fôsse mesmo por um determinado número de anos, viverem em perfeita paz. Essa União de todos os povos produziria assim o BEM !

Se todos aqueles que guiaram os destinos das nações nos últimos 40 anos se tivessem compenetrado da futilidade de fazer guerras e tratassem de viver em perfeita harmonia uns com os outros, não destruindo e aniquilando e empregando os materiais ocupado em tais barbaridades, para outros fins, claro que se teriam evitado as duas últimas guerras.

Um dos maiores crimes daqueles que teem o poder nas mãos vem a ser de utilizar o nome de Deus benzendo as suas tropas, e armas de guerra, antes de irem atacar o inimigo, e quando as coisas parecem estar «bicudas», apelarem ás massas para se reunirem nos templos e igrejas ou nas suas próprias casas, numa invocação e prece ao Criador, para que ponha têrmo ao conflito e nos traga a paz a todos !

Isto é uma verdadeira farça que não está de acôrdo com os ensinamentos não só de Jesus Cristo, como dos outros Profetas que o antecederam !

Não admira pois que a nova geração se encontre indiferente e os templos e as igrejas se encontrem vasias !

Todas as nações estão a armar-se como uma proteção contra o Mal o qual virá ou não virá a assolar-nos a todos.

Idealistas diabólicos trabalham indiretamente para a sua destruição e de milhões de inocentes.

A Religião de hoje é a... da barriga ! Não há respeito nem consideração seja para quem fôr ! Vive-se numa perfeita anarquia motivada pela falta da crença num Deus Supremo que nos criou e a quem teremos de dar contas quando sairmos dêste mundo zarolho em que vivemos !

Felizes são aquêles que, como eu, sabem que não se morre, continuando a viver-se por essa Eternidade afóra, e que, enquanto cá na Terra devemos praticar sempre o BEM para o nosso benefício e dos nossos semelhantes !

Que a Irradiação Espiritual para o BEM se fortaleça em todo o Mundo, são esses os meus sinceros votos.

Vivamos todos na verdadeira Paz e Harmonia, o Amor Fraternal, abençoados por um DEUS que nos ajuda sempre para o BEM se nós nos ajudarmos a nós próprios para reagirmos contra o MAL!

O CASTIGO DE DEUS?

Numa pedreira perto de Manchester, Inglaterra, existe um guindaste que se move de lado a lado sôbre carris de ferro, e nos fins de semana como os pedreiros não trabalham ali, fecham o portão, e numa grande taboleta se vêem claramente escritas a letras grandes, o aviso e prevenção de que é expressamente proibido a estranhos traspassarem-na. A pedreira está rodeada de altos ferros, havendo entre si, à boa altura, arâme farpado. O capataz que é o último a sair, deixa sempre o tal guindaste bem travado.

Num domingo de manhã, seis meninos entre os 11 e 13 anos, arrancaram a um lado o arâme e foram brincar na pedreira, e com tanta infelicidade que um dêles destravou o guindaste e êste passou por cima de dois dêles, que eram irmãos, matando-os.

Como é natural houve grande comoção na vizinhança e entre o mulherio, uma que se confessava ser muito religiosa, disse que «aquilo foi castigo de Deus, contra os pais, por não obrigarem os filhos a ir à igreja, pelo menos aos domingos, e aos filhos por serem desobedientes».

O professor dos meninos afirmou que por diversas vêzes aconselhou a todos os seus alunos a nunca trespassarem a pedreira e de fato nunca entrar em qualquer lugar proibido..

Analisando eu esta circunstância, creio ser um crime alegar ser Deus o culpado, ou seja, ter castigado os dois meninos com a morte, pois foi de fato investigado que um dos quatro ilesos foi aquêle que descarrilou o guindaste! Como poderia assim Deus escolher sòmente dois dos meninos e não castigar todos êles?

Dizer semelhante coisa contra o Criador é de fato uma blasfêmia!

Culpar os pais por não obrigarem os filhos a ir à igreja aos domingos não é justo, pois que há milhares que não vão lá e são mais religiosos do que alguns que lá dentro «batem no peito» e cá fóra se emborracham e batem na mulher ou nos filhos!

Deus dotou-nos a todos de senso comum, aptos a poder distinguir o Bem do Mal. Assim pois o espírito aventureiro dos meninos levou-os a um desastre. O verdadeiro aventureiro precisa de antemão fazer certos planos, como por exemplo, os grandes navegadores que antes de sulcar os mares se provisionam de água e comestíveis para a tripulação. No caso, êstes seis meninos foram imprudentes, traquinas e muito desobedientes. Não foi Deus pois quem os castigou, mas sim os seis meninos se castigaram a si mesmos, dois dêles com a morte, e os restantes *com o remorso*, que os perseguirá sempre, e se avivará realìsticamente todas as vêzes que qualquer dêles venha a passar por aquêle lugar.

Se utilizarmos aquilo que temos ao nosso dispôr para o Bem, colheremos um bom benefício, enquanto que, se fizermos o contrário, sofreremos as consequências. O Criador nada tem que ver assim com ações praticadas por nossa expontânea vontade.

⁂

O Espírito do compositor Schumann indica o paradeiro de seu concêrto inédito

Da Revista «Rosendo»

O Embaixador de Cuba na Inglaterra, Dr. Gabriel Suarés Solar, informou à Secretaria de Estado que em Londres a imprensa e o rádio haviam dedicado diversos comentários ao encontro do último «concêrto» para violino composto pelo famoso maestro Schumann, descoberta realizada em circunstâncias especiais. Dito concêrto seria executado pela primeira vez em «Queen's Hall», durante o mês de novembro de 1939.

A explicação dêste caso encontra-se no livro intitulado «Horizontes de Imortalidade», do Barão Erik Palmerstiern, Ministro da Suécia em Londres.

Mencionado diplomata tinha relações de estreita amizade com a famosa violinista Jelly d'Arany e sua irmã Adila Fachiri.

No livro em questão, o Ministro

declara que êle e seus amigos, nenhum dos quais professava o Espiritismo, nem mesmo tendo assistido a uma sessão, ensaiaram certo dia, um cristal indicador provido de um índice alfabético, tudo disposto em uma mesa circular e ficaram surprêsos pelo significado que lhes dera a tradução da «comunicação» que receberam. Em seguida, Mrs. Fachiri descobriu possuir o dom da telepatia, estando em plena consciência — nunca em transe — de transmitir essas mensagens por meio do cristal indicador.

As mensagens começaram a aparecer em março de 1933 e Roberto Schumann dizia-se o autor delas, declarando desejar que Miss Jelly d'Arany encontrasse e executasse uma composição sua, para violino.

Realizaram uma investigação minuciosa, com o auxílio de outras «mensagens» que continuaram recebendo, uma das quais se referia ao professor Donald Tovey, que recordou haver menção da obra póstuma de Schumann, no livro de Moser, intitulado «A Vida de Joachim». Miss d'Arany e suas irmãs eram sobrinhas de Joachim mas não conheciam a referência contida em citado livro. Em outra «mensagem», o espírito pediu que procurassem no Museu de Berlin.

O Barão Palmerstiern, visitou Berlin, encontrando na Bibliotéca Nacional da Prussia, um «concêrto» para violino de Schumann — até então desconhecido — e que continha a seguinte inscrição: «não terminado».

Contudo, o comunicante afirmava que o «concêrto» estava concluido e depois de muitas dificuldades, investigações e mais mensagens de ultratumba, encontraram em referida Bibliotéca, quatro manuscritos diferentes do mencionado «concêrto», um dos quais estava terminado pela própria mão de Schumann. Foi encontrado em fevereiro de 1937.

Apesar das condições impostas pelos herdeiros de Joachim, ao depositar os manuscritos no Museu, de não ser o «concêrto» publicado e executado, até cem anos após a morte do grande compositor, foi obtida uma permissão especial para tocar o «concêrto». Schumann deixou de existir no ano de 1856.

*

Estranho Aviso

De «Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* de 7-4-951 conta que Vollie Tripp assistiu a um curioso fenômeno, quando há 30 anos explorava uma região pouco conhecida da Nevada. Um dia estava a perfurar um túnel num local em que a terra se esboroava fácilmente. Tinha perfurado 2m,5 e parou para fazer um cigarro. Estavam com êle dois pesquisadores de minério, mas naquêle momento encontravam-se a mais de dois quilómetros de distância, colocando balizas num lugar selvagem e solitário ...

O sr. Tripp suspendeu o cigarro, porque uma voz lhe ordenou imediatamente:

— Sai daí!

O pesquisador voltou-se, procurou em torno de si, mas não descobriu ninguém. E a voz fez-se ouvir novamente, com mais insistência:

— Sai depressa!

O sr. Tripp abandonou o túnel a correr e quando chegou cá fóra a galeria desmoronou-se.

Avisos dêste gênero têm-se repetido em muitas circunstâncias. Por êles se demonstra a verdade da sobrevivência.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano Cr.$	80,00	Do 11.° ano Cr.$	80,00	Do 19.° ano Cr.$	70,00
Do 4.° ano . .	80,00	Do 12.° ano . .	80,00	Do 20.° ano . .	70,00
Do 5.° ano . .	80,00	Do 13.° ano . .	80,00	Do 21.° ano . .	70,00
Do 6.° ano . .	80,00	Do 14.° ano . .	80,00	Do 22.° ano . .	70,00
Do 7.° ano . .	80,00	Do 15.° ano . .	80,00	Do 23 ° ano . .	70,00
Do 8.° ano . .	80,00	Do 17.° ano . .	80,00	Do 24.° ano . .	70,00
Do 10.° ano . .	80,00	Do 18.° ano . .	80,00	Do 25.° ano . .	70,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

Memória prodiosa do garoto de 7 anos

Flagelado do Ceará — Conhece Literatura, Filosofia, Física, Biologia, Geografia, Antropologia, Matemática, Química, Psiquiatria, Genética, Ciências Sociais — Divagações sôbre o «velho» Kant — Definição científica da histeria — «Eu sou lá prodígio, pessoal! Prodígio foi Marconi, que inventou o rádio»

RIO, 21 (Meridional) — Francisco Dorismar Arrais é um tipo de gente com uma memória de Rui Barbosa. Cearense clássico: cabeça chata, simpático, uma capacidade incrível para soltar a língua e um profundo amor pela sua gleba. Nasceu em Sobral o menino prodígio, como se convencionou chamar a Francisco Dorismar, com os seus incompletos 7 anos de existência, seu rosto largo e seus dentes grandes e separados. E' uma espécie de criação do gênio inventivo da época: uma máquina de respostas exatas, conscientes, e de perguntas que, muitas vezes, fazem fugir o sangue do rosto de um professor desavisado...

A compreensão do garoto nordestino acordou quando a seca de 1951 queimava os sertões, matando gado e gente. Rebento de um ventre pobre, o de sua mãe Maria Aparecida Arrais, que se transportara com o marido para as obras do Açude Aires de Sousa, Dorismar foi solapado pelas endemias. A malária, a verminose, a avitaminose — todo o rosário de males dos sertões — minou-lhe o organismo, e várias vêzes a criança estivera com a vela na mão.

Inclinação

Nessa época o encarregado do serviço médico das obras, Gilberto Vasconcelos, conheceu a mãe de Dorismar. Observou que o menino possuía incrível memória, pois decorava os nomes mais complicados e de difícil pronuncia, principalmente para uma criança, dos medicamentos. Bastava ouvir uma palavra ou uma explicação — uma vez só — e o som ficava-lhe gravado, como num disco, na sensível retentiva. Um dia o sr. Vasconcelos indagou de dona Maria Aparecida Arrais:

— A senhora quer dar-me o Dorismar?

— Dou sim, doutor. Eu tenho quatro com êle. E agora, que o meu marido morreu, não tenho meios para criar a todos. Póde levar o meu Dorismar.

E' de praxe do sertão dar os filhos. As famílias pobres sertanejas são numerosas. — «Quem tem 15 filhos, não tem nada!» E daí as dificuldades para criação da próle. Por isso dar um filho é quasi natural como dar um cachorrinho, um gatinho, etc. E foi assim que Dorismar — o garoto de assombrosa precocidade — chegou ás mãos do encarregado dos serviços médicos.

Garoto-Dicionário

Fomos encontrar Dorismar e seu protetor e professor, Gilberto Vasconcelos, no quarto 18 do Real Hotel, na Praça 15. Eram 6 horas da manhã e o menino-Dicionário já havia acordado. Tinha tomado café com pão e balançava-se numa cadeira, com um livro à frente dos olhos e um aspecto de intelectual moderno. Lemos o título do livro. As Maravilhas do Conhecimento Humano, de Henry Thomas.

O sr. Vasconcelos serviu-nos uma xicara de café e o garoto respondeu à nossa primeira pergunta:

— Já li o primeiro tomo dessas Maravilhas. Estou no meio do segundo.

— Você tem horário para a leitura?

— Evidentemente (sic). Leio 8 horas por dia.

— Qual a sua leitura preferida?

— O romance científico. Gostei muito do Arquitetos de Idéias. E quando tolero a ficção (sic) prefiro o Aldous Huxley. Devorei-lhe o Contraponto — continua o guri-cerebral — os Cem Olhos em Gaza, etc.

— Mas o Contraponto — atalhamos — é um romance massudo, difícil de entender. Há uma profusão de personagens, palestras filosóficas...

Filosofia

O garoto interrompeu:

— Não é mais difícil de interpretar

que a Crítica da Razão Pura, do velho Kant.

— O velho Kant? (Exclamamos assombrados!)

— Sim. O senhor não leu ainda?

— Sim.

A metralhadora de conhecimentos, com aqueles seus sete anos extraordinários, prosseguiu:

— Kant não é tão imaterial como dizem por aí. Acho-o mais completo, mais profundo, que Spinosa. Positivamente, (sic) eu não gostei muito da Moral Provisória e do Estudo Sôbre o Método do pai do cartesianismo.

O guri continuou jorrando cultura. Chegou mesmo a citar os Elementa Philosophae Aristotélico-Thomista. Discorreu sôbre a Escolástica, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino. Da Grécia antiga exumou Platão, Socrates. Dêste recordou a célebre frase: «Sacrificai em minha honra um galo a Esculápio». E contrariando Schopenhauer:

— Coitado! a mãe era uma histérica e êle deu ao mundo uma obra de pessimismo. Eu não concordo com a sua máxima: sómente a dôr é positiva!

— Histérica? Você sabe o que é histeria?

— Ora, não me façam rir. Vocês reporteres, devem acostumar-se a me verem com 1,80 de altura.

E definindo:

— A histeria, a «morbus sacer» dos médicos antigos, com suas «stigmata diaboli», nada mais é do que um fenômeno de desvio mental psico-fisiológico. Já não preocupa tanto a neuro-patologia moderna.

Física, Biologia, Geografia, Antropologia, Matemática, Química, Psiquiatria, Genética e Ciências Sociais

Dorismar não parava de falar. Definiu, sucessivamente, fenômenos de física, biologia, geografia, antropologia, matemática, química, psiquiatria, genética e ciênciais sociais.

Soube diferençar a combinação da mistura.

Conhece as principais teorias americanistas: o aparecimento do homem na América. Em geografia assombra ainda mais. De psiquiatria conhece alguns casos, e até Freud está gravado — o complexo de Edipo por exemplo — na sua prodigiosa memória.

Todos esses ensinamentos foram passados ao garoto pelo sr. Gilberto Vasconcelos. Êste nos explicou que o gurí ouve uma vez e nunca mais esquece. Basta-lhe ler um tratado, por mais árido, fica no cérebro do garoto o resumo, o miolo e a interpretação, que é feita pelo seu tutor, o sr. Gilberto Vasconcelos. Palavras latinas, gregas, de qualquer língua, são decoradas com a mesma facilidade que as portuguêsas. E daí o desembaraço do garoto, as respostas seguras.

O que êle não entende pergunta a mim. Assim, quando Dorismar lê, sou interrogado por êle muitas vêzes. E não me aborreço com isso.

O pequeno Dorismar, devido à sua prodigiosa memória, que «pregava» todos os ensinamentos, ganhou em sua terra o apelido de «Prego».

«Prego», em visita aos «Diários Associados», foi entrevistado ao microfone de um gravador da Rádio Tupí. E, quando o operador, depois que êle havia falado, voltava o «recording tape», fazendo transmitir sua voz, o pequeno teve esta exclamação:

«Eu sou lá prodígio, pessoal! Prodígio foi Marconi, que inventou o rádio...»

Do «Diário da Noite», de 22/10/952.

«Seleções Espiritualistas»

Palavras na inauguração da irradiação dêsse programa em onda curta, em 31/3/54, na Rádio-Quitandinha, Petrópolis.

Rádio ouvintes: PAZ e LUZ.

O Brasil espiritista, que teve a primasia da divulgação do Espiritismo pelo rádio, com Cairbar Schutel, numa série de Conferências, de Agosto de 1936 a Maio de 37; que teve ainda a do 1.º programa radiofônico regular, semanal, com João Pinto de Souza, em Agosto de 1937, hoje sob a direção de seu sucessor: Geraldo de Aquino; êsse mesmo Brasil espiritista, que foi o primeiro país a estabelecer o ensino didático do Espiritismo, criando para isto a Faculdade de Estudos Psíquicos, iniciativa de Diamantino Coelho Fernandes, em 1942; como também o 1.º a lançar um programa radiofônico Diário: «Seleções Espiritualistas», que se vem mantendo há quasi 3 anos em ondas médias da Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, patrocinado pela «União dos Discípulos de Jesus», entidade espirítica e de assistência social, ideada e presidida por Nelson Batista de Azevedo, êsse dinâmico Brasil espiritista, que se impõe por seus serviços de assistência social, internacionalmente exaltado pelos moldes e extensão por que os presta, lança hoje ao ar, inaugurando-o em honra à memória de Allan Kardec na data de sua desencarnação, o primeiro programa espiritista radiofônico em Onda Curta, desdobramento do referido «Seleções Espiritualistas», levando assim a todo o mundo a palavra fraterna, de Paz, Fé e Luz dos espiritistas do Brasil.

Parabens à U. D. J. a seu Presidente e demais Diretores.

¡Que Deus ampare os seus empreendimentos.

Glória a Allan Kardec!

A todos PAZ e LUZ.

Delfino Ferreira.

União das Sociedades Espíritas do Est. de S. Paulo — USE

Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo

A realizar-se nos dias 28, 29 e 30 de Maio de 1954, nesta Capital

PROGRAMA

Dia 28 de Maio — Sexta-feira.

A's 10,00 horas — na USE — Rua Santo Amaro, 362 — Entrega das Credenciais aos Representantes das Mocidades.

A's 14,00 horas — na Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém» — Rua Casemiro de Abreu, 392 — Instalação Solene do Congresso — Primeira Reunião Plenária: DOUTRINA.

A's 20,00 horas — Segunda Reunião Plenária: PUBLICIDADE.

Dia 29 de Maio — Sábado.

A's 8,00 horas — na Liga Espirita do Estado de São Paulo — Rua Brigadeiro Tobias, 238 — Terceira Reunião Plenária: SOCIAL e ASSISTÊNCIA.

A's 14,00 horas — Quarta Reunião Plenária: ORGANIZAÇÃO.

A's 20,00 horas — na Federação Espírita do Estado de São Paulo — Av. Irradiação, 158 — «Noite do Moço Espírita», com a cooperação artística das Mocidades Espíritas do Estado.

Dia 30 de Maio — Domingo.

A's 9,00 horas — na Rádio Tupi — Programa «Hora Espiritual» — Visita — Parte Artística e Palestra pelos Congressistas.

A's 10,00 horas — Parque Ibirapuera — Visita à Feira — Exposição do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo.

A's 12,00 horas — Interlagos — Almoço ao Ar Livre — (Pede-se a cada congressista levar o seu farnel).

A's 15,00 horas — na Federação Espírita do Estado de São Paulo — Av. Irradiação, 158 — Quinta Reunião Plenária: ARREGIMENTAÇÃO.

A's 20,00 horas — Sessão Solene de Encerramento — Leitura das Conclusões — Palavra dos representantes da Capital e do Interior.

(Promovido pelo Departamento de Mocidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo).

«Caravana da Fraternidade»

Leopoldo Machado — Revista dos Tribunais — S. Paulo

A «CARAVANA DA FRATERNIDADE», o livro esperado de Leopoldo Machado, em que o autor conta como fôra sua excursão de propaganda até o extremo Norte do País, já se encontra ao alcance do leitor. A edição do livro está simples e bonita; belo feitio e ótima impressão e apresentação gráfica. São 315 páginas, englobando o prefácio de A. Lins de Vasconcelos, as crônicas de viagem, comunicações de espíritos, atas das reuniões a propósito do Pacto Áureo, repercussão dentro e fóra dos meios espíritas, o relatório apresentado ao Conselho Nacional Federativo, impressões epistolares, album da Caravana e a opinião pessoal do autor, muito favorável ao Pacto Aureo e ao Conselho, a que pertenceu, embora com justas e necessárias ressalvas. O livro valerá pelo capítulo mais forte e expressivo da «História do Espiritismo no Brasil», e está sendo colocado a Cr. $ 40,00 o volume, a benefício do «Lar de Jesus».

A «CARAVANA DA FRATERNIDADE», de Leopoldo Machado, é livro que não póde faltar à bibliotéca de nenhum espírita culto e estudioso.

De volta da longa excursão, que começou em Salvador e foi terminar em Manaus, o autor do livro caíu para morrer, tão grave foi o seu mal. Dir-se-ía que sobreviveu ao terrível golpe, para contar o que foi a sua afanosidade ao lado de seus dedicados companheiros, a pról de uma união, unificação e confraternização que muitos espíritas vão lutando, abnegadamente, para o Espiritismo no Brasil, mas que, parece, ainda é muito cêdo para a colimação de tão alto ideal.

Um Espírito através do Cosmo

Obra mediúnica do Espírito de Castro Lopes, com prefácio de Leopoldo Machado. — Gráfica Aurora

A «Revista Internacional do Espiritismo», de Fevereiro de 1944, publicou o prefácio de Leopoldo Machado da obra «UM ESPÍRITO ATRAVÉS DO COSMO». Os originais do livro ficaram guardados até o presente. Um abnegado, Columbano Santos, que convidara o prefaciador, áquela época, para prefaciar e apresentar o livro ao grande público, resolveu, onze anos depois, a editar, por sua conta, o livro, a benefício do «Lar de Jesus», do «Abrigo Jesus» e de outras instituições. A Gráfica Aurora, do Rio, entregará ao grande público o livro durante todo o mês de Maio.

«Um Espírito através do Cosmo». atribuido ao grande espírito do dr. A. Castro Lopes, é o relato do que êste espírito — que foi um dos grandes pioneiros do Espiritismo no Rio de Janeiro, um dos que proferiram ao lado de Bezerra de Menezes e Dias da Cruz, as primeiras conferências no Rio — o livro é um relato fiel do que êsse espírito encontrara na Espiritualidade; dos mundos diferentes que êle andou perlustrando. Um livro à semelhança dos livros de André Luiz sôbre os mesmos acontecimentos, sôbre as mesmas descobertas.

«UM ESPÍRITO ATRAVÉS DO COSMO» deve ser possuído, e lido por todos os estudiosos do Espiritismo, que amam êsse gênero de literatura.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 6 de Fevereiro de 1954

A' hora regimental, o presidente abre a reunião e manifesta sua grande satisfação em comunicar ao Conselho a adesão à FEB da União Social Espírita da Bahia, a cujo representante, farmacêutico Willians de Mattos, empossa com grande prazer. E' lida e aprovada a Ata de 2 de Janeiro.

Expediente — Comunicação da conselheira Cirene Coutinho, justificando sua ausência ás reuniões do Conselho, até Março.

São Paulo — A USE de S. Paulo, através de cartas enviadas pelo seu representante, sugere uma representação à ONU, relativamente a assunto internacional e a representação da FEB, no Congresso Espírita de Amsterdam, deliberando o Conselho encaminhar à diretoria da FEB as duas cartas, para exame e solução do assunto.

Alagôas — O conselheiro Geraldo de Aquino lê carta da Federação Espírita Alagoana, carta que o Conselho examina, julgando-a criteriosa e nada tendo a opôr aos pontos de vista expostos.

Bahia — O conselheiro farmacêutico Willians de Mattos agradece a sua escolha para representar a União Social Espírita da Bahia, hipotecando sua boa vontade e esfôrço no desempenho do mandato.

Rio Grande do Sul — O conselheiro General Severino Cunha comunica haver visitado várias entidades espíritas do Rio Grande, verificando grande progresso e atividade em todos os setores da DOUTRINA.

Goiás — O conselheiro Dr. Francisco Nogueira comunica a eleição, em Dezembro último, da nova diretoria da União Espírita Goiana.

Paraíba — O conselheiro Indalicio

Mendes comunica que a Federação Espírita Paraibana acolheu as recomendações recentes do Conselho e projeta, para breve, a construção de um Hospital Espírita.

Minas Gerais — O conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica ter visitado várias sociedades espíritas de Minas Gerais, trazendo as melhores impressões. Diz também que a Convenção da Liga Espírita do Distrito Federal foi encerrada com resultados muito satisfatórios.

Antes de encerrar a reunião, o presidente fez várias comunicações aos Srs. conselheiros, relativamente a assuntos de interêsse geral do Espiritismo.

Súmula da Ata da Reunião realizada em 6 de Março de 1954

Aberta a reunião pelo presidente, à hora regimental, é lida e aprovada a Ata da reunião de 6 de Fevereiro. No expediente são lidas: Carta da Federação Espírita Portuguêsa, agradecendo as manifestações de solidariedade e confôrto da FEB e da coletividade espírita brasileira; carta do Instituto Espírita «João Evangelista», de Pernambuco, convidando o Conselho para as solenidades comemorativas do 12.º aniversário da Instiiuição, constando da inauguração das instalações do Jardim da Infância e do lançamento da pedra fundamental do novo Hospital Espírita «João Evangelista», a 6 e 7 do corrente.

São Paulo — O conselheiro Carlos Jordão solicita algumas informações sôbre a reunião anterior e fala de um manifesto distribuido ás sociedades espíritas por um Centro sediado em São Paulo. Lê, em seguida, substancioso relatório da USE, ouvido com agrado.

Bahia — O conselheiro Willians de Mattos promete trazer ao Conselho o relatório das atividades espíritas na Bahia, que já solicitou à USEB.

Minas Gerais — O conselheiro Miranda Ludolf dá conta de novas e excelentes impressões colhidas em visita a Porto Novo e Além Paraiba, demonstrando a acertada direção da União Espírita Mineira.

Sergipe — O conselheiro Atlas de Castro sugere um convite aos presidentes das Entidades Estaduais, para visitarem e participarem dos trabalhos do Conselho, resolvendo-se que cada representante se entenda com suas representadas, levando-lhes a sugestão e consultando sôbre a viabilidade da mesma.

Pernambuco — A conselheira Cirene Coutinho manifesta sua satisfação por estar novamente no Conselho e faz breve relatório das atividades e do notável desenvolvimento do Espiritismo em Pernambuco.

Santa Catarina — O presidente agradece à FEC, por seu representante, a gentileza da remessa de um opúsculo, no qual se encontra uma conferência proferida pelo Padre Clemente Bruning, convertido ao Espiritismo, e diz que «REFORMADOR» de Março se referirá ao assunto. Antes do encerramento da reunião, o conselheiro Ismael Gomes Braga comenta o brilhante relatório da USE e felicita seu representante, Carlos Jordão.

União Municipal Espírita de Matão (UME)

A União Municipal Espírita de Matão (UME), desenvolvendo o seu trabalho na difusão e prática da Doutrina Espírita, em todos os seus aspectos, vem realizando no primeiro domingo de cada mês, palestras espíritas a cargo de oradores de fóra, que são convidados para êsse fim.

Assim, no dia 11 de Abril, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», ás 19 1/2 horas, usou da palavra o confrade Alexandre Barbosa, da vizinha cidade de Araraquara, que dissertou com rara felicidade sôbre diversos trechos evangélicos.

No dia 2 de Maio, no mesmo local e hora, falou o nosso companheiro Campêlo, sôbre a cura do servo do Centurião, explanando com muita clareza esta passagem evangélica.

Ambos os oradores agradaram em cheio a assistência.

Chegou o tempo do Eeangelho ser difundido por toda a parte em espírito e verdade à luz do Espiritismo, afim de que os homens conheçam e pratiquem a lei de Deus, solucionando assim todos os seus problemas, — *MARIQUINHAS.*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	„ „	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	„ „	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3051unse

ANO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1954 — N.

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Frente Unica . . . . *Redação*
O Purgatório . . . . *Mario Cavalcanti de Mello*
O Espiritismo e a Definição de Kardec *Deolindo Amorim*
Purificação pela Dôr . . . . . . *Major Levino C. Wischral*
Pão e Luz . . . . *Vinicius*
O Pensamento de Allan Kardec aos 85 anos de sua partida . . . . *Natalio Ceccarini*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Os Canécos Vivos . . . . *Hercilio Maes*
Ainda os Casos de Morte Aparente *Francisco Klörs Werneck*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1954 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

FRENTE UNICA

Já deve ser do conhecimento de todos os espíritas, de norte a sul do país, a campanha que o clero romano resolveu mover contra o Espiritismo em seu último conciliábulo no norte, onde se reuniram os bispos, com o objetivo de acabar, de uma vez para sempre, com esta Doutrina, que só encontra paralelo no Cristianismo, de que é lidimo representante, como o Paracleto da própria promessa do Cristo.

Acreditamos que os bispos do Brasil acabarão, de fato, com o Espiritismo quando eles tiverem dado cabo primeiramente dos fenômenos psíquicos ou espíritas que sempre se reproduziram e se reproduzem em toda a parte do planeta terráqueo. Mas conseguirão realizar êles êste perigoso empreendimento? Não, absolutamente, dizemos nós, estribados no fato de que quando o clero tinha toda a fôrça na mão não conseguiu sufocar a voz da verdade nas suas Cruzadas e noites de S. Bartolomeu com que tingiu de sangue um passado não muito distante. Se não o conseguiu naquêle tempo de triste memória, como o quer conseguir hoje frente ao progresso virtiginoso que domina todos os setores da atividade humana? Nos dias atuais poucos são os que se submetem passivamente às vontades intolerantes dos seus pastores, sinál de que o espírito de justiça e independência começa a estender o seu manto sôbre a humanidade. A mentalidade se renova sempre por fôrça da evolução, que é lei de Deus. Tudo se renova, até as próprias pedras. O tempo é o grande e constante renovador.

Entretanto, o gesto do clero romano em perseguir sistematicamente o Espiritismo, deve ser interpretado como um sinal claro de que esta Doutrina está efetivamente avançando a passos largos, a ponto de amedrontar as religiões humanas, que não querem perder o seu prestígio e a sua posição priviligiada na sociedade, procurando, sobretudo, salvar os seus interêsses materiais. E' o fogo que se acende, como disse Jesus, e suas crepitantes labaredas hão de reduzir a cinzas todos quantos se opõem à marcha da Verdade, agora em marcha forçada.

O clero romano não quer que os espíritos se comuniquem com os habitantes da terra, porque, segundo êle. são os demônios que se manifestam. Os espíritos de Elias e Moisés apareceram a Jesus no Monte Tabor. Serão êles demônios? Jeová, (Velho Testamento) se manifestava aos profetas dando-lhes avisos, fazendo-lhes advertências, etc. Seria o demônio? No Novo Testamento os casos de comunicações são inúmeros. Os fastos da própria Igreja de Roma estão abarrotados de aparições e comunicações de espíritos. Nos nossos dias os anais psíquicos estão cheios dos mais interessantes fatos supranormais, que provam a comunicação dos espíritos pelos mais variados meios.

As experiências de sábios como William Crookes, que conviveu em seu laboratório com o espírito de Katie-King três anos, provam à saciedade a comunicação do espírito em sua forma materializada. Não podemos descrever todos os fatos num pequeno artigo, solicitando aos nossos contraditores e interessados que leiam as obras fundamentais do Espiritismo, para depois terem fôrça para sustentar ou não os seus propósitos de ataques indiscriminados, de vez que até os espíritas em particular são atacados.

Não se preocupem os espíritas com a malfadada campanha clerical, que em vez de acabar com o Espiritismo, servirá de lenha para sustentar o fogo da Verdade, que dia a dia aumenta o seu poder de penetração nos cérebros e corações. Em vez do revide, que nos colocaria no mesmo pé de inferioridade moral, façamos uma frente única com os Espíritos Superiores que presidem os destinos da humanidade, com as nossas boas obras no campo da assistência social, com o nosso bom procedimento em todos os atos da vida, e teremos conquistado a vitória, ganhando aquela campanha que o clero quer ganhar a ferro e a fogo, com amor, tolerância, fraternidade e trabalho ativo na seara cristã ou espírita.

De um lado os Espíritos reproduzindo fenômenos para provarem a Imortalidade e o seu poder de comunicabilidade, do outro lado os espíritas com o Evangelho no coração, teremos formado frente única contra a mentira, o orgulho e o egoísmo.

Terminando, repetimos: o clero romano só pode acabar com o Espiritismo quando êle tiver fôrças para acabar em primeiro lugar com os fenômenos psíquicos ou espíritas. E nêste caso seria preciso que tivesse mais fôrça do que Deus, causa primária de tôdas as cousas.

Eis a verdade.

O Purgatório

MARIO CAVALCANTI DE MELO

NINGUÉM, por certo, terá a ingenuidade de pensar que o que se encontra nêste artigo seja coisa nossa. Não. A vastíssima matéria do dogmatismo católico não póde em sua integralidade caber na cabeça de um homem, principalmente, quando esta matéria tenha sido regeitada em concílios e aprovada em outros.

Assim, o que escrevemos, não pode ser nosso. Tiramos todos os subsídios para a feitura de nossos diversos artigos em livros que tratam do assunto e temos, apenas, o trabalho, de vez em quando, de acrescentar alguns argumentos que possam evidenciar a razão de nossa heresia.

Assim sendo, tratemos de enunciar a expressão autêntica do dogma de que tratamos de acôrdo com o concílio de Trento:

«*Se alguém diz que a um pecador penitente, que recebeu a graça de justificação, a sua ofensa é de tal maneira remida e a obrigação à pena eterna de tal modo apagada e abolida, que lhe não resta nenhuma obrigação de pena temporal a pagar, nêste mundo ou no outro, no Purgatório, antes que a entrada no Céu lhe pudesse ser aberta, que seja anátema*». *(Sess. VI — cant. 30).*

«*Conforme a tradição dos apóstolos, ela (a oblação sem o sangue do sacrifício da missa) é oferecida, não sòmente pelos pecados, às penas, às satisfações e às outras necessidades dos fiéis que estão ainda vivos, mas por aquêles que estão mortos em Jesus, e não se encontram ainda completamente purificados*». *(Sess. XXII, c. II).*

«*A Igreja católica, instruida pelo Espírito Santo, tendo sempre ensinado, segundo as Santas Escrituras e a doutrina antiga dos Pais, nos santos concílios, precedentes e ainda desde pouco nêste concílio geral, que há um Purga-*

tório e que as almas que aí estão prisioneiras são aliviadas pelos sufrágios dos fiéis e particularmente pelo sacrifício do altar, tão digno de ser aprovado por Deus. O santo concílio ordena aos bispos que êles tenham um cuidado especial para que a crença dos fiéis com referência ao Purgatório seja conforme a sã doutrina que nos foi dada pelos santos Pais e pelos santos concílios, e que ela seja em toda parte pregada e ensinada de igual maneira». (Sess. XXV. Dec. sôbre o Purgatório).

No entretanto, como o concílio de Trento deliberava sob a pressão dos ataques dos Reformadores, e que êstes tinham apontado com veemência as sutilesas, as superstições, os desregramentos de consciência, as exações do ganho sórdido aos quais a crença no Purgatório e a eficácia da intercessão pelos mortos tinham dado lugar, o concílio aludido recomendava, no mesmo decreto, banir das predicações públicas tudo aquilo que pudesse fomentar êstes abusos.

O catecismo do concílio de Trento (1.ª parte, art. 5,5) exorta os curas a ensinar mui diligentemente e mui frequentemente aos seus paroquianos

> *«que é pelo fogo do Purgatório que as almas dos fiéis são atormentadas «cruciatœ», durante um tempo determinado, e sofrem expiação, «expiantur», afim de lhes ser aberta a entrada na pátria eterna, na qual ninguém póde entrar maculado».*

Para a maior parte dos teólogos da Igreja latina, o fogo do Purgatório é um fogo real, semelhante ao que queima os vivos:

> *«Communis sententia theologorum est verum et proprium esse ignem, e jusdem speciei cum nostro elementar. Que sententia non est quidem de fide, quia musquam ab Ecclesia definita est.» (Belarmino — de Purgat. II, 11).*

Alguns teólogos aproveitaram-se do fato de não ser êste fogo definido pela Igreja, para o modernizar; êles consideram como um simbolo dos remorsos da consciência e da purificação que é necessária para entrar na morada dos bem-aventurados. Mas esta espiritualização não está conforme nem com os usos da Igreja, nem com as imagens que ela oferece à piedade ou ao terror dos fiéis, nem com as concepções do vulgo. De outro lado, a Igreja fundou sôbre a existência do Purgatório e a eficácia da intercessão pelos mortos, as particularidades de sua doutrina sôbre a Comunhão dos Santos, sôbre a Igreja Penitente, e ela aí aponta a distinção entre o pecado mortal e o venial.

A fé nestas coisas estabeleceu um liame, com encadeiamento de benefícios entre aquêles que estão mortos e os que os amam ainda sôbre a Terra; ela apresenta ao pensamento, ao sentimento, no dizer de E. H. Vollet, horizontes velados de uma poesia dolente mas consoladora, e ela dirige a devoção e a beneficência dos apêlos poderosos; mas estimula, também, outros instintos menos nobres. E são ainda palavras de Vollet:

> *«Se o desejo e a esperança de diminuir para os seus e sobretudo para si, os tormentos do Purgatório, e mesmo de os suprimir, pois, poder-se-ia estipulando o preço, determinar fundações de um alto mérito, parece incontestável que inspiram às vêzes, muitas vêzes mesmo, cálculos mais ou menos obscuros, mais ou menos inconscientes, onde o testador, pouco cioso de penitência em sua vida, retira, antecipadamente sôbre a parte dos herdeiros o custo das obras pias, das missas e das orações destinadas a fornecer o resgate que o livrará do Purgatório. Enfim, para considerar a questão sôbre todos os aspectos, e aí ver o que concerne à Teologia e à Moral, sob o ponto de vista financeiro, convém verificar que o Purgatório constitui a maior fonte de renda que se póde imaginar. Com efeito, a torrente prodigiosa formada pelo afluxo dos diversos móveis que acabamos de indicar, traz regularmente à Igreja benefícios que nunca foram igualados pela receita de nenhum imposto ou monopólio de Estado, nem pelos lucros de nenhuma combinação comercial ou industrial, nem pelos produtos de nenhuma mina de ouro ou de diamantes».*

A estas considerações poderemos, ainda, acrescentar que as transações comerciais ou industriais sofrem o risco de uma «débacle» o que não acontece com a industria ou o comércio do Purgatório.

Segundo a Igreja Romana, não se limitou ela à definição do Purgatório, como lugar de expiação e de purificação, por onde transitam as almas que não são perfeitamente imaculadas. Ensina, mais, que podem aliviar a sorte destas almas, e apressar a hora da saída, todos os fiéis da Igreja militante, por meio de orações, boas obras, pela aplicação das indulgências, e sobretudo, pelo Santo Sacrifício da Missa. E termina ensinando-nos que a Igreja tem um dia em sua Liturgia, especialmente consagrado ás almas do Purgatório: é o dia 2 de novembro de cada ano, dia dos finados, em que são mais abundantes e mais instantes as preces em favor das pobres almas.

Além dos ensinos da Sagrada Escritura e da Igreja, dizem êles, logra o dogma do Purgatório, o apôio da razão. São muitos e muitos os que pecaram, e não fizeram antes de morrer, reparação completa, e por isso, não podem ir direito para o Céu. «Nada que não seja perfeitamente limpo póde entrar no reino de Deus». (Apoc. XXI, 27). Nem culpa maior têm êles, na consciência, que justifique os castigos do Inferno sem fim. Logo, concluem, é bom que alcancem a bem-aventurança, depois de uma expiação mais ou menos demorada. E' êste o ensinamento da Igreja.

Todos os Reformadores e todas as Igrejas protestantes estão acordes no rejeitar a doutrina e as práticas de que nos ocupamos aquí. Lutero as reprova porque elas não são bíblicas e porque não estão fundadas sôbre qualquer tradição autenticamente antiga, e em vista dos abusos e desordens que têm engendrado.

Calvino declara (Inst. III, 5, 6) que elas são uma ficção, uma invenção perniciosa de Satã, que torna inexpressiva e vã a cruz de Cristo. A velha confissão de fé das Igrejas reformadas da França reproduz esta condenação, e exprime na linguagem violenta usada entre os teólogos da época:

«Temos o Purgatório por ilusão, fórmula da botica de Satã; da qual procedem ainda os votos monásticos, peregrinações, abstenção de carne, confissão auricular, indulgências». (art. 24).

Entre os numerosos argumentos apresentados pelos protestantes para justificar esta reprovação, indicaremos os três principais:

1.º — A Igreja Romana abusa das interpretações que lhe são familiares, pretendendo encontrar nas Santas Escrituras os índices do purgatório e da intercessão pelos mortos. A Bíblia não contém nada de semelhante. O único texto que os seus teólogos puderam descobrir nêste sentido, ao tempo da Antiga Aliança, é uma reflexão do autor do II livro dos Macabeus, composição grega, mais ou menos contemporânea de Herodes, que os judeus, de quem os católicos têm o Antigo Testamento nunca admitiram entre os escritos canônicos (Macabeus, XXII).

As passagens do Novo Testamento alegados por êsses doutores (Mateus, XII, 32; Atos dos Apóstolos II, 24; I Cor. III, 13; II Tim. I, 18) não dão a menor idéia do purgatòrio, nem dos sofrimentos purificáveis conservados depois da morte. Êstes textos implicam tão pouco uma idéia dêste gênero, que vários controversistas protestantes dizem irreverentemente que é impossivel de os citar de boa fé, como se encontrando lá.

2.º — Não sómente os escritos do Novo Testamento não apresentam a mais longinqua alusão a um lugar intermediário entre a morada dos eleitos e a dos réprobos, nem a uma condição que não fôsse a felicidade perfeita dos justos, ou as penas eternas dos condenados; mas a descrição que Jesus fez de um julgamento supremo exclui precisamente toda condição e todo e qualquer lugar semelhante: «Como um pastor separa as ovelhas dos bodes, o Filho do Homem colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda». Êle dirá aos que estão à sua direita: possuí como herança o reino que vos está preparado desde o começo do mundo. Depois dirá aos que estão à esquerda: «Retirai-vos malditos, ide para o fogo eterno; êstes irão para as penas eternas, mas os justos irão para a mansão celeste». (Mateus, XXV, 31, 46).

Entre os pecados dos homens e a justiça de Deus, há a misericórdia e o perdão, cuja promessa forma o fundo da religião cristã. Ora, Jesus ensinou aos *homens a pedir perdão a Deus como êles mesmos se devem perdoar mutuamente. Se Deus não perdoasse senão com reserva de punição, os homens seriam induzidos a pôr uma reserva análoga aos seus perdões recíprocos.*

3.º — A crença na eficácia da intercessão dos vivos, para merecer a remissão das penas merecidas depois da morte atribui a Deus uma medida e proceder cuja aplicação deshonraria o mais vulgar dos juizes da Terra. E' êste um argumento dirigido à consciência, que determina entre os protestantes a convicção da maioria dos fiéis, inexperientes em matéria de Teologia e de História e que exaspera sua aversão contra o dogma católico: S. Paulo dizem êles, escreveu que todo o homem morra uma vez, e que depois vem o julgamento. Ora, quem diz julgamento deve dizer justiça. Suponde nêste mundo um juiz tendo diante de seu tribunal dois homens acusados e convencidos do mesmo crime; um é um miserável, sem família, sem amigos; o outro é rico, possuindo uma família devotada, numerosos amigos, protetores poderosos. O juiz os condena ás mesmas penas, uma vez que são igualmente culpados. No entretanto, após a condenação êle diz ao rico: Como teus parentes me dirigiram pedidos e súplicas que me comoveram, e me ofereceram presentes que me agradaram; como teus protetores me rogam indulgências para contigo, eu te apago a quarta parte da pena; se redobrarem suas instâncias, eu te apagarei o outro quarto; e se êles perseverarem, terminarei por te dispensar o resto. Depois diz êle ao pobre: Como não tens parentes, nem amigos, nem pessoas que por ti se interessem, ficarás prêso até o último minuto da sentença que te impuz. Não é verdade que se um juiz fizesse e dissesse isto na Terra, todos os homens ergueriam as mãos aos Céus para implorar a justiça divina contra sua iniquidade? Eis, no entretanto, a conduta que a Igreja Romana empresta a Deus, uma vez que Êle se sente atingido pela intercessão dos vivos em favor dos mortos que Êle julgou. E' fácil perceber a repercussão dêsses conceitos sôbre o mentalidade do povo, e de compreender quanto os protestantes estão preparados por sua religião a admitir da parte dos governantes e de seus magistrados procedimentos que êles reprovam, quando atribuem a Deus. Em uma ordem de idéias análogas, êles se declaram irreverentemente incapazes de compreender por que o clero, cujas missas são tão poderosas para tirar as almas do Purgatório, esperam um salário para dizê-las».

A Igreja Grega desconhece qualquer lugar com o nome de Purgatório e ainda repele formalmente a doutrina da purificação das almas pelo fogo. (Confes. Orth. I, 66). Ela não admite o têrmo médio entre a salvação e a condenação. (Cof. Orth. I, 61). Aguardando o Juizo Supremo, que será pronunciado no fim do mundo terrestre, as almas serão felizes ou infelizes, segundo suas obras. No entretanto ficam elas em um estado provisório, onde os que ainda não produziram frutos suficientes de fé e de arrependimento podem corrigir-se e aproveitar as orações e as boas obras dos que vivem, assim como graças decorrentes da celebração do sacrifício eucarístico. O estado de beatitude e o estado de condenação não serão «completos e definitivos» senão depois da ressurreição geral dos corpos. Mesmo, assim, certas almas são tão grandemente culpadas que serão logo após sua saída dos corpos condenadas a penas que não terão fim. Nas circunstâncias em que a Igreja grega o admite, a intercessão dos vivos escapa a alguns dos condenados acima relatados. Não se trata de modificar ou de suprimir os efeitos de um julgamento que ainda não foi realizado; mas de prestar assistência a almas colocadas em um estado provisório, onde elas podem emendar-se, e as ajudar, antes da ressurreição geral, a preparar-se para o julgamento definitivo. Nestas condições, a intercessão corresponde bastante à assistência que homens se dão durante a vida terrestre, por suas preces, suas obras.

Não sómente nenhum dos antigos doutores ou Pais da Igreja ensinam que as almas dos fiéis são atormentadas pelo fogo, antes do dia do julgamento final; mas vários estimam que as almas não podem sofrer nenhum tormento quando estão separadas dos corpos. (Tertuliano— Apologia, XLVIII); (Crisóstomo, Homélia, XXIX, sôbre a Primeira Epístola aos Coríntios).

Segunto Santo Ambrósio (Bien de

la Mort, X), o único sofrimento que elas podem experimentar provém da inquietude da punição que terão no Juizo final. Esperando êsse dia supremo, vários doutores colocam as almas, tanto as boas como as más, em lugares subterrâneos que a maioria chama «receptáculos» e outros «seio de Abraão». (Origenes—Princípios, XII; Lactâncio Liv. VII, c. XXI; Hilário, sôbre o Salmo aos Hebreus). De outro modo, quase todos do II ao V século, afirmam que, logo após a Ressurreição Geral, os mortos serão passados pelas chamas e purificados pelo fogo do julgamento, que êles chamam o «batismo do fogo», e que comparam a uma espada flamejante colocada à entrada do Paraíso. Não isentam ninguém, nem mesmo os apóstolos e a Virgem Maria (Ambrósio, Sermão XX, sôbre o Salmo CXVIII; Hilário, sôbre o mesmo salmo; Agostinho, Cité de Dieu, liv. XVI, c. XXXII; Basilio, sôbre o Espírito Santo, XV). — E' evidente que o fogo do qual se cogita aquí difere essencialmente do fogo do Purgatório.

Agostinho, no dizer de Vollet, cujas opiniões variavam muito sôbre êstes pontos, como sôbre vários outros, havia emitido a suposição de que a prova pelo fogo poderia bem ter lugar, para cada fiél, entre o momento da morte e o juizo final. Esta hipótese foi admitida como uma realidade por Cesário d'Arles e espalhada em seguida em todo o Ocidente por Gregório o Grande. A doutrina foi fixada e desenvolvida por Tomás de Aquino e consagrada definitivamente como dogma pelo concílio de Florença.

Mais, muito mais, teremos, ainda, a dizer sôbre o dogma do Purgatório para explicar ao ilustre Frei Boaventura a razão de não aceitarem os espíritas aquilo que êles são incapazes de compreender.

Se os doutores da Igreja a quem pertence tão original dogma se dividiam com relação ás suas opiniões, como pretende o erudito professor de Teologia Dogmática que os leigos a êle se manifestem favorável?

O Espiritismo e a Definição de Kardec

DEOLINDO AMORIM

Dentro da definição que lhe deu Allan Kardec, o Espiritismo tem, ao mesmo tempo, um aspecto geral, como filosofia espiritualista, e os aspectos particulares, que são inerentes a seu caráter e sua organização. Quem o diz é o próprio Allan Kardec, na Introdução do *Livro dos Espíritos*, ao ensinar que «todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita». Realmente, há muitos espiritualistas que, embora admitam o fenômeno de além túmulo, não aceitam os postulados do Espiritismo. São espiritualistas, mas, na realidade, não são espíritas. Estas noções iniciais são muito conhecidas dos adeptos do Espiritismo, mas a verdade é que muitas pessoas julgam mal o Espiritismo, exatamente porque não conhecem as noções elementares da doutrina. Daí, portanto, a necessidade, não mais para os espíritas, mas para o elemento leigo, de certos rudimentos indispensáveis a respeito do Espiritismo, sua definição, seu caráter, seus métodos, suas consequências.

O fenômeno, como se sabe, é o ponto de partida, tanto do Espiritismo, como de todas as escolas e correntes que se preocupam com o além-túmulo. E' de notar-se, porém, que nem todos os que se dedicam à experimentação mediúnica entram nas indagações de ordem filosófica. Sob êste ponto de vista, é claro que o Espiritismo ultrapassa a experimentação pura e simples, porque, além de tratar, também, da origem do fenômeno, tira consequências morais de grande influência tanto na vida particular, como na vida social. Justamente por isso foi que Allan Kardec definiu o Espiritismo como uma ciência que trata da *origem* e do *destino* dos espíritos, assim como de suas relações com o mundo terreno. Aí estão, implicitamente, os três pontos básicos: a origem e o destino dos espíritos são questões transcendentais, de alta filosofia; a relação dos espíritos com o mundo terreno é assunto da ciência experimental, porque são os fenômenos que provam essas relações. O aspecto moral, porém, é fundamental para o Espiritismo. De que serve a experimentação apenas como assunto de curiosidade? De que serve entrar em comunicações com os espíritos ou provocar fenômenos sem tirar dêsses fenômenos o que é essencial para o refinamento dos costumes, para a reforma interior do homem? Para muita gente, Espiritismo é apenas fenômeno; mas quem conhece um pouco da doutrina sabe muito bem que não é assim. Para certas escolas, por exemplo, o fenômeno é o fim, ao passo que para o Espiritismo o fenômeno é um meio. Mas, meio de que? Meio de aperfeiçoamento, elemento de convicção para a aceitação da vida futura e, consequentemente, caminho para a crença em Deus. Enquanto certos experimentadores levam anos e anos observando e provocando fenômenos sem tirar conclusão alguma acêrca dos altos e importantes problemas da vida futura e do destino humano, o experimentador espírita, quando bem orientado pela doutrina, parte do fenômeno, sobe à indagação dos *porquês*, que é o terreno da filosofia e, depois, faz as necessárias aplicações à vida prática, isto é, ao comportamento do homem, às atitudes privadas e públicas, aos padrões de moralidade que a condição de espírita exige em qualquer situação. A não ser assim, a experimentação, por si só, é assunto simplesmente de curiosidade.

Purificação pela Dôr

Major Levino Cornélio Wischral

COMO espíritos libertos dos corpos físicos e habitantes do plano etéreo fomos, após longo aprendizado evangélico, declarados aptos ao reincarne para o devido aprimoramento e resgate de pesadas dívidas transatas.

Profundamente reconhecidos ao Pai de infinita bondade e, desejosos de patentear a nossa imensa gratidão, rogamos a Deus que, por caridade, nos agregasse a certo grupo que tem o encargo de conduzir aos centros espíritas as almas penadas do espaço. Sem dúvida êsses irmãosinhos sofredores que dizemos «devem ser doutrinados» são os nossos mais adequados doutrinadores, pois, através de fatos reais e de duras experiências, estão mais habilitados a esclarecerem a numerosa assistência que acorre com interêsse ás reuniões espíritas. São êles que nos alertam e nos abrem seus sinceros corações e, sem rodeios; são êles que nos mostram exatamente o que são, o que eram no passado e o que desejariam ser no porvir.

Apelidaram a nós, dêsse grupo socorrista, de «samaritanos» o que aliás ouviamos com muita simpatia até, digamos de passagem, o nosso semblante apresentava certa expressão de orgulho. Êsse honroso epíteto sabíamos pertencer a espíritos de categoria elevada.

Os encarnados nem de leve podem imaginar o que seja nossa atividade. Algumas vêzes revestimos o nosso perispírito de matéria isolante e protetora, capaz de resistir aos mais densos e nocivos fluídos. Tomamos a aparência de guerreiros medievais que se resguardavam com pesadas e incômodas couraças. Dessa maneira vamos procurar e penetrar os lúgubres esconderijos, geralmente antros trevosos ou asfixiantes cavernas onde os espíritos em mísero entorpecimento moral e espiritual, insensíveis até à sua própria vida física se arrastam, sem rumo, como repugnantes vermes. Nessa promiscuidade onde as vibrações são vagarosas e grosseiras, onde os fluídos são pesadíssimos e nocivos a ponto de quase serem palpados e sentidos pelo homem, aí adquirem êsses nossos infelizes irmãos uma espécie de segunda natureza, pois, transformam-se num tipo mixto de homem-animal, de aspecto medonho, de raciocínio desordenado. Recobrem-se de longos e duros pêlos entre escamosa sujeira, têm unhas compridas e recurvadas. Seus olhos semi-mortos não suportam a luz, e, em vez de se expressarem por palavras dão estridentes guinchos e resmungos incompreensíveis.

E' êste o inferno de Dante, o purgatório dos católicos, a morada dos demônios do romancista, o reino de satanaz do protestante, o umbral dos espíritas; todos sintetizam-se num só plano de sofrimento onde os desencarnados vão acariciar e colher o que semearam. Seus habitantes, atraídos compulsoriamente, reunem-se alí por rigorosa seleção de sentimentos afins, imantados uns aos outros por idênticas vibrações inferiores. Cada qual ocupa exatamente o lugar que merece ocupar.

O suplício dessas pobres almas não é eterno, pois, se assim fosse, ficaria negada a imensa bondade de Deus. No entanto há os que alí demoram por séculos seguidos, até que não mais suportando os aguilhões da dor deixam escapar de seus lábios um lamentoso e arrependido «Oh! meu Deus» prontamente percebido e anotado no nosso plano; eis quando incursionamos naquelas pavorosas furnas, protegidos como escafandrista que mergulhasse nas profundezas incertas do oceano.

O nosso campo de ação estende-se, porém, para além dessas paragens, normalmente volitamos lépidos com a velocidade do pensamento; não sentimos obstáculos e arrebanhamos espíritos em todos os recantos. Penetramos vetustos castelos, velhas fortalezas, históricos quarteis, respeitáveis mosteiros e suntuosos templos. Percorremos em vôo constante paízes, cidades, praças e vias públicas; por onde passamos recolhemos irmãos necessitados qual ativa patrulha de ronda em louca madrugada de fim de carnaval.

Todos os espíritos julgam-se ainda no corpo físico, êste da última vida terrena, de carne, osso e sangue; assim vivem por longo tempo, por isso, alimentam-se, vestem-se, gozam a vida e se entregam a seus afazeres prediletos. Para êles a vida do corpo físico não se interrompeu; a demência para uns e a ilusão para a maioria, são seus estados normais.

Acompanhemos um caso concreto que há pouco se verificou em Curitiba.

Ia o grupo de samaritanos na sua habitual ronda quando foi notado o contorno de um espírito cuja aura era tão escura que quase se confundia com a côr das velhas e musgosas paredes de pedra onde estava. Pôde se observar que se tratava de um infeliz irmão insano que empregava rasgados gestos, gritando absurdas ordens em rouca vóz, enquanto, em atitude de incontrolado ódio percorria, sem cessar, o velho e desabitado casarão em ruinas.

Pela vagarosa e retardada vibração própria dessa categoria de espíritos, é-lhes impossível anotar a aproximação de outro espírito mais adiantado, por menor que seja essa diferença vibratória. Só os afins é que têm essa faculdade. Por isso, foi-nos fácil projetar sôbre seu extenuado espírito vigoroso passe magnético de prostração, e, amparados por dois samaritanos foi conduzido a uma sessão espírita de encarnados que se desenvolvia sob a presidência de certo irmão Lauro.

Com gestos bruscos apossou-se o espírito do corpo da médium que julgou seu, acalmando-se, porém, logo após, como milagre, em virtude do calmante e benéfico efeito das preces que os presentes souberam necessárias em tais ocasiões.

Através dos órgãos vocais da médium ouvimos sua angustiosa história de cujo exemplo deveriam ser extraídas as lições a guiar as nossas futuras caminhadas pela via evolutiva. Suas profundas dôres e seus sofrimentos sem par, a proporção que eram relatados pareciam transferirem-se para nós que estamos na assistência: — seu padecer tornava-se nosso.

Como Deus é misericordioso, permitindo que irmão como êste, venha abrir o seu coração em lágrimas para nos mostrar com toda a sinceridade seus cruciantes problemas que o torturam!

A custo de elevadas e ardentes preces capacitou-se êle de que era desencarnado, era espírito, sendo-lhe proporcionada a visão ampla de todo o seu delituoso passado.

Ouçamo-lo então: — «Horrivelmente enfêrmo aquí estou com as pernas inchadas, cobertas de repelentes úlceras que os malditos vermes aprofundam cada vez mais. Todo meu corpo é chaga asquerosa onde as moscas vêm ávidas se banquetear. Os trapos fétidos, confundindo-se agora com o meu corpo, já vestiram magnificas vestes, quando êste mesmo corpo na pessoa do arrogante fidalgo que ora vos fala e ao viver sôbre a terra como vós.

Corria o ano 1.730, em Juiz de Fóra, onde eu era alcunhado por — o Nobre Maldito. — A opulência excessiva e a riqueza em terras, escravos e ouro transformaram minha alma, degenerando e corrompendo sentimentos a ponto de só me sentir bem com a agonia e a aflição que eu impunha, para meu deleite, a todos que me cercavam. Tornei-me absolutamente empedernido à dôr alheia.

Possuía luxuoso palacete frequentemente visado por mendigos esfomeados e outras pessoas necessitadas de pequenos ajutórios. Oh, como fui mau! expulsava-os com fúria, chicoteando-lhes as pernas para divertir-me com a louca disparada para se livrarem do açoite brutal. De outras vezes ordenava aos escravos que amarrassem os pedintes e os arrojassem com violência ao chão. Esta era a esmola que eu lhes dava. Em seguida ordenava aos criados que desinfetassem com sabão e soda o local da tragédia. Oh, que desgraça! vejo-me, naquêle longinquo passado, de olhos reluzentes de satisfação com as angústias alheias».

Chôro convulsivo repercutiu pelo recinto e, sentidas lágrimas, de verdadeiro arrependimento eram derramadas pelo espírito comunicante através dos olhos lacrimejantes da médium. O contagioso pranto, já agora, difundia-se pelos piedosos corações da assistência; todos soluçavam, todos enxugavam lágrimas e todos rezavam pelo sofredor que, de coração aberto, recebia as bençãos dos Céus.

«Eis, dizia êle, porque sofre minha alma e meu corpo; eis-me colhendo exatamente o que semeei. Os vermes pestilentos vingaram-se por aqueles que maltratei!» exclamava em lamentoso clamor de remorso.

«Até hoje, decorridos já 180 anos após a minha morte corporal, lá permanecia meu espírito na ilusão de continuar aquela vida, berrando como louco, gesticulando e dando ordens sem interrupção, noite e dia. Nas gélidas e negras ruínas do amaldiçoado casarão, enxergava até hoje, não destroços, porém o autêntico palacete onde exercia minha autoridade absoluta. Quão vergonhosa é para mim essa dura e cruel realidade!

O máximo delito porém, era a avidez que sentia pelo ouro. O tilintar das moedas exercia sôbre mim misteriosa obsessão e, sempre que podia afagava-as de encontro ao peito de olhos cúpidos. Minha ganancia não conhecia limites; cometia roubos, privava-me do necessário, vendia minha honra por qualquer dinheiro para mais acumular.

Estava em vias de expulsar de casa o meu único filho tão só para não diminuir as moedas da arca; interpôs-se, porém, a vontade de Deus, pois, êle adoeceu e, sem demora, entregou sua alma ao Criador.

Minha esposa, trêmula de terror, escondia-se para não ver nem a mim nem aos meus crimes. Triste e desgostosa chorava em silêncio sua sina. Tamanho foi o seu pavor que, não mais suportando êsse inferno sem fim, enlouqueceu e fugiu espavorida.

Via-me agora isolado e sósinho naquêle tétrico palácio de inúmeras dependências. Os escravos, quando podiam, abandonavam-me paulatinamente. Sem demora, apoderou-se de mim, a insônia, vagava então desorientado e sem parar. De propósito iluminava feéricamente todas as dependências na suposição de que podia afugentar as horrendas visões que me acusavam; ouvia-lhes até as imprecações. Eram os fantasmas dos vizinhos, parentes, escravos e mendigos que já tinham morrido e vinham agora exigir o ajuste de contas antigas. Faltava-me coragem para abandonar o maldito palacete, transformado em fortaleza, pois, vislumbrava do lado de fóra, vultos em atitude suspeita; aguardavam uma desforra».

Fez-se longo silêncio na sessão, entrecortado, de vez em quando, pelo pranto convulsivo do irmão sofredor; ouvia-se soluços partidos da assistência.

Tivemos, porém, que interromper a instrutiva meditação, pois, a médium reiniciava a transmissão dos pensamentos do sofredor.

«Percebo agora meus últimos momentos ao ser o nobre solar devorado pelas chamas de um impetuoso incêndio. Naquela fornalha de labaredas, de permeio a moedas esparramadas no chão, jazia meu corpo que se retorcia na horrível agonia das chamas. Mas ainda assim praguejava contra Deus, amaldiçoava a todos!

Permaneci pois, como espírito, durante 180 anos junto áquelas lúgubres ruínas, sofrendo como ninguém e redimindo parte de minhas culpas. Repugna-me permanecer ligado à essa triste recordação. Ajudem-me, livrem-me por amor de Jesus!»

As orações ao Divino Mestre continuavam a ser feitas mentalmente por toda a assistência. Todos suplicavam paz e orientação para o irmão em dificuldades. O recinto da sessão transformou-se num autêntico paraíso de amorosas e sublimes vibrações.

Tomado de excessiva alegria, gritou o irmão exultante: — «Vejam, vejam quem vem ao meu encontro, eis que ela vem andando, vejam, vejam é minha santa e indulgente companheira! Que linda auréola de luz a envolve, que pureza! De seu sorriso, meigo e amoroso, irradiam ondas de luz. Vejam! ouçam, ela diz que me perdoou! Quanta sublimidade. Óh, é indiscritivel, seu espírito tem luz própria e ilumina todo o recinto onde estamos! Observem, ela traz para mim uma lanterna acêsa, diz ser isso o símbolo do amor, da caridade e do «amai-vos uns aos outros» que deve iluminar a minha obscurecida alma. Está agora ingressando na sala da sessão uma multidão de espíritos, nem posso acreditar no que vejo. Lá está meu querido filho cercado de todos os escravos, de todos êsses bons pretos velhos, dos criados. Vejam que milagre divino, êles sorriem e choram de alegria; êles dizem que estão jubilosos porque me tornei bom e sei derramar lágrimas. A todos eu tinha ofendido e a alguns mandei trucidar, como puderam me perdoar? Vieram buscar-me, devo ir para um sanatório onde existe amor, paz e a cura para qualquer alma enfêrma. Ninguém pode compreender o efeito excelso do perdão. Como Deus é bondoso permitindo-me tanta felicidade! Muito sofri, falta-me apenas resgatar mais alguns pequenos débitos que adquiri na negra inquisição do Santo Ofício em Hespanha.

Louvado seja meu Deus; minha gratidão aos samaritanos e até breve!»

Eis as últimas palavras dêsse irmão que muito sofreu e que nos deu ensejo a profundas análises. A médium estava exausta, a assistência de olhos lacrimosos e todos soluçavam mas, de contentamento. O exercício da caridade foi excelente. E' mais uma ovelha que vai enriquecer o aprisco do Senhor. Pouquíssimos são os momentos de tamanha felicidade na vida de qualquer criatura; só nos resta dizer:

Louvado seja nosso Pai!

Para sempre seja glorificado!

Pão e Luz

VINICIUS

Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus — disse Jesus. Essa palavra é luz, é a verdade.

A luz é para o Espírito, o que o pão é para o corpo. O homem, em sua expressão real, não se confina exclusivamente na carne e no sangue: o homem é uma alma encarnada. Se, pois, o pão é indispensável à vida corpórea, a luz é imprescindível à vida espiritual, considerando que esta é a vida real, que sôbre aquela se reflete. Daí o ser a mais importante, a que requer mais atenção e cuidados. Cumpre, portanto, que o homem não porfie e lute sómente pelo pão que nutre o corpo perecível, mas também, e principalmente pela aquisição da luz, que alimenta e dá crescimento ao Espírito imortal. O homem, sendo, como ficou dito, uma entidade composta de alma e corpo, não póde, porisso, atender aos reclamos da vida, mantendo-se adstrito ao problema do pão.

Pelo pão, no entanto, todos porfiam e batem-se com denôdo e tenacidade. Pela luz, porém, não fazem o mesmo. Quem carece de pão, protesta desde logo e põe-se em atividade, lançando mãos de todos os meios e processos, lícitos ou ilícitos, para adquiri-lo. Aqueles que se acham na escuridão, nela permanecem, à mingua de luz, agitando-se no meio da confusão e da incompreensão dos problemas que os afetam. A luz não lhes interessa como o pão interessa ao faminto; porisso, êste, quando não póde exigir, pede e implora o pão, enquanto que aquêle, menospreza e desdenha a luz cujo valor desconhece. O faminto sabe e sente que lhe falta o pão. O ignorante presume que tem luz e, porisso, não a deseja nem procura. O faminto está certo e convencido de que sem pão não póde viver, ao passo que o ignaro não concebe o papel que a luz representa na trama da vida eterna do espírito.

A fóme de pão para a boca produz efeitos imediatos, que o faminto busca logo remediar ou prevenir. As funestas e desastrosas consequências da ignorância da verdade são complexas, e, por vezes, remotas, de modo que as suas vítimas não estabelecem nenhuma relação entre a causa e seus efeitos.

Não é necessário advertir o faminto que êle necessita de pão. No entanto, é mistér muito esfôrço, paciência, engenho e arte para convencer o ignorante de que êle tem necessidade de luz. Qualquer pessoa póde distribuir pão. Poucas, porém, estão em condições de espalhar e difundir luz. O pão é ardentemente desejado pelo faminto, enquanto que o inciente rejeita e repele a luz oferecida.

O Despenseiro das divinas claridades assim se pronunciou a propósito dêste assunto: «Aqueles que não crêem em mim já estão condenados; e a condenação é esta: a luz foi-lhes ofertada e êles a recusaram». Ora, quem rejeita a luz está, realmente, condenado a permanecer nas trevas, suportando os revezes e acidentes que decorrem dessa situação.

Se o ignorante sentisse fóme de luz como o faminto sente fóme de pão, já não haveria consciências embotadas e corações insensíveis ao bem; o mundo já seria luminoso. Mas, são tão raros os que percebem e confessam achar-se sob o império dessa espécie de fóme, que Jesus os classificou, como os humildes, no número dos venturosos, dignos da graça divina, dizendo: Bem-aventurados os que têm fóme e sêde de justiça, porque serão fartos.

No entanto, se são muitos os que carecem de pão, maior, muito maior é ainda o número dos que perecem à míngua de luz, visto como, nesta rubrica, póde-se computar quasi a humanidade inteira, conforme atesta o confusionismo e o estado caótico em que o mundo de nossos dias se debate.

A propósito de tão magno assunto, vamos rememorar aqui, as seguintes estrofes do imortal vate luzitano, Guerra Junqueiro:

— Acendem-se na rua, à noite, os can-
[dieros;
Coloca-se um gendarme à porta dos
[banqueiros;
A polícia fareja os becos e as vielas;
Dobram-se as precauções, dobram-se as
[sentinelas;
E apesar disto tudo há feras pela rua;
O vício não acaba, o roubo continúa,
E é cada vez maior a criminalidade.

Pois bem; iluminai por dentro a so-
[ciedade:
Ponde o trabalho e a honra onde es-
[tiver a esmola;
Uní o amor ao bêrço e uní o bêrço à
[escola.
Acendei uma luz em cada coração.

Tal é o remédio apontado pelo grande pensador, para debelar o crime e moralizar a sociedade. Realmente, não existe outra panacéia capaz de conjurar os vetustos e renitentes males sociais, senão essa. Tudo o mais, são paliativos, são recursos efêmeros cujo efeito consiste em adiar as crises da enfermidade moral de que padecem os homens. E, assim, de delonga em delonga, de adiamento em adiamento, as doenças do espírito se radicam e agravam zombando do curandeirismo irracional e inócuo, contra elas aplicado.

Dentre os graves estados mórbidos que nos ameaçam, está a guerra, êsse avejão sinistro, devorador de vidas humanas, devastador impenitente dos campos e cidades, anarquizador por excelência da ordem e do rítmo vital de povos e nações.

O que se tem feito até aquí para extinguir de vez a guerra, tornando-a impraticável? De prático e eficiente, nada. Diviniza-se a paz, porém sómente nos lábios, nas frases literárias, nos discursos políticos, mais ou menos demagógicos.

As guerras, como, aliás, também a Paz, resultam das consequências, dos efeitos inelutáveis e fatais das condições em que se acham estruturadas as organizações político-sociais do nosso mundo. Enquanto estas forem iníquas, prevalecendo a fôrça contra o direito, e a impostura contra a verdade, haverá inevitavelmente guerras e convulsões sangrentas. A paz custa um certo preço. Sem o pagarmos, jamais a teremos. E, sabeis qual é o seu preço? Eu vô-lo digo sem receio de contestação. Eu, pobre pária, vos afirmo, desafiando a contradita de todos os magnatas da Política — de ontem, de hoje e de amanhã: o preço da paz é a justiça, aquela justiça, porém, da qual disse o Mestre de Nazaré aos seus discípulos: Se a vossa justiça não fôr superior a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino de Deus. Sem ela, nunca sairemos das garras aduncas e ferozes das guerras periódicas, desencadeadas em determinadas regiões do planeta, evoluindo para as grandes conflagrações, como as que tivemos últimamente.

Em tempos bem longínquos, disse, sentenciosamente o Padre Antonio Vieira em um dos seus célebres sermões: «Abraçavam-se a justiça e a paz, e foi a justiça a primeira que concorreu para êsse abraço. «Justitia e Pax». *Porque a justiça* *não é a que depende de paz, senão a paz que depende da justiça.*

Esta fraze memorável foi proferida há perto de 300 anos. Encerrando, porém, uma evidência, ela é oportuna hoje como foi outrora. Passarão, sentenciou o Verbo Divino, os céus e a Terra, mas minhas palavras permanecerão. Sim, permanecerão por certo, porque a verdade é a mesma em todas as épocas da humanidade; e a verdade acêrca do velho e debatido problema da paz, é essa: não existe outra.

E, como havemos de incutir as noções de justiça nos Espíritos aquí encarnados? Respondo, também sem hesitar: pela Educação; será tão sómente pela educação dos sentimentos, porisso que, o senso de justiça, como, aliás, de tôdas as virtudes, nascem, crescem e frutificam no coração, e não no cérebro.

Educar, formando o caráter, eis o problema máximo cuja solução o momento reclama angustiosamente.

Portanto — répetimos: Ou o Espiritismo enfrenta corajosamente a questão educacional, concentrando nela as suas energias, ou terá falhado áquela finalidade que o Alto lhe assinalou!

O Pensamento de Allan Kardec aos 85 anos de sua partida

NO dia 31 de outubro completam-se oitenta e cinco anos do regresso do Codificador à pátria espiritual, depois de realizar gloriosa existência na árdua tarefa de esclarecer a consciência humana, para que o homem possa de uma vez conhecer a grande verdade de si mesmo e em tudo comportar-se de acôrdo com sua verdadeira natureza e destino. Em tão magestoso labor, o Mestre foi permanentemente assistido pelos Espíritos, como honestamente o reconhece em toda sua obra ainda não superada, os quais o auxiliaram nos aflitivos transes da alma e de sua missão, que o inspiraram na estruturação de seu pensamento doutrinário.

Os fenômenos motivados pelas entidades espirituais, inquestionavelmente, se produziram em todos os tempos e em todos os lugares do planeta. As vias utilizadas foram múltiplas e seus resultados variados. Mas coube ao gênio clarividente do filósofo francês captar as transcendentais consequências em ordem científica, filosófica, moral e religiosa, para o progresso do homem, da humanidade, ocultas em tais manifestações. Para muitos de sua época, essas demonstrações só foram tomadas como passa-tempos frívolos, entretenimentos da moda.

Nem todos vêm o mesmo ante o desenvolvimento de um ou vários fatos. Assim como Newton, Galvani e outros, instituiram leis e princípios em sucessos simples para a maioria, Kardec penetrou no âmago do movimento de um movel e descobriu a fôrça que originava êsse vai-vem. Sua formação na ciência e no raciocínio profundo o levou a indagar a razão dos fenômenos aparentemente sem razão que se produziam em sua presença. Mais ainda, quando revelavam sinais de inteligência. Sua investigação encontrou a causa e explicou a natureza dos fatos. Sêres espirituais, que corporalmente haviam existido na terra, mortos na terra continuavam vivendo em outro mundo. Assim «*foi revelada a doutrina espiritista*», escreve o Codificador.

Estes fatos nada têm de sobrenatural, milagroso ou de estranho, são comunicações de almas que transcenderam etapas terrenas e daquêle mundo, invisível para nossos olhos materiais, estabelecem relações. Isto é perfeitamente natural, lógico, certo. Nada poderia haver que pudesse impedir o avanço progressivo do espírito humano, estabelecendo estas relações, demonstrativas de sua imortalidade.

Baseado nestas relações, Allan Kardec trata de provar de modo científico e racional a legitimidade da causa espiritual como fator das mesmas, e foi concebendo uma vigorosa e profunda filosofia, essencialmente moral, que deveria revolucionar o pensamento em suas diferentes disciplinas, desde sua época até nossos dias, em sentido verdadeiramente humanista, transformador da conduta do homem, sustentado nas grandes realidades de sua natureza e destino espiritual.

Toda a obra de Allan Kardec é o fruto de um vasto e íntimo diálogo com os Espíritos, que nêle encontraram a mente robusta e talentosa que devidamente saberia interpretar os ensinos dêles emanados e oferecê-los ao mundo para uma positiva realização moral de seus habitantes.

O pensamento de Allan Kardec que esclarece seus livros ainda está fresco, é atual, mas, podemos afirmar, que muito se antecipou a tempos futuros, os quais justificam muitas idéias e previsões suas. Pensamento prior, cuja vigência só póde dar indivíduos sãos, bons e esclarecidos, a uma sociedade enfêrma, perversa e ignorante, como a que vemos e da qual participamos em nossos dias, que não fala outra linguagem senão a do egoísmo, da destruição, da discórdia.

Prova do que afirmamos serão alguns trechos que recordaremos, selecionados de sua obra, que dirão do pensamento vivo do Mestre e que aos 85 anos de sua partida física, revelam a consistência do mesmo e a profunda influência que sôbre o desenvolvimento espiritual do sêr representam.

Eis aquí o pensamento do Reformador. Disse a respeito da missão dos Espíritos :

«*Os Espíritos anunciam que os tempos designados pela Providência para uma manifestação universal já chegaram, e que sendo ministros de Deus e agentes de sua vontade, sua missão é a de instruir e iluminar os homens, abrindo nova era à regeneração da humanidade*».

Com referência aos excessos do homem, manifestados na época presente, demonstrativos de um atuar fóra da lei natural e espiritual :

«*O homem que procura nos excessos de todas as classes um requinte dos gozos se torna inferior ao bruto; porque êste sabe limitar-se à satisfação da necessidade. Abdica da razão que Deus lhe deu por guia e, enquanto maiores são seus excessos, maior império dá a sua natureza animal sôbre a espiritual. As enfermidades, os achaques, a mesma morte, consequência dos abusos, são ao mesmo tempo castigo da transgressão da lei de Deus*».

Quanto ao que deve ser justiça e sentimento que devem sustentá-la nos diz :

«*O verdadeiro critério da justiça é, com efeito, o de querer para os outros o que para si mesmo se quer, e não o de querer para si o que para os outros se quereria, o que não é bem o mesmo, como não é natural desejar-se mal, tomando por tipo, o ponto de partida, seu desejo pessoal, se está seguro de querer sempre o bem para seu próximo. Em todos os tempos e crenças, o homem tem procurado que prevaleça seu desejo pessoal. A sublimidade da religião cristã consiste em ter tomado o direito pessoal por base do direito do próximo*».

Adverte aos que se empenham em ignorar onde reside a fôrça da doutrina :

«*Mui errônea idéia ter-se-ia do Espiritismo, se se acreditar que tira sua fôrça das práticas das manifestações materiais e que dificultadas estas, pode minar-se sua base. Sua fôrça reside em sua filosofia, na chamada que faz à razão, ao senso comum*».

Com respeito aos que diminuem o valor doutrinário do Espiritismo e sua contribuição ao problema do conhecimento, diz o Mestre :

«*E' certo que o Espiritismo nada de novo ensina. Mas é pouco provar, de modo patente e irrecusável a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras ?*»

* * *

Nesta hora de consulta à nossa consciência para uma atitude construtiva a pról de si mesmo e em pról de nosso próximo, em uma ação coerente e solidária, afim de mudar a base moral da época em que nos é dado realizar nossa experiência, recorrer ao Mestre Kardec é beber a água fresca de um manancial inexgotável; é colher a norma eficaz ante todo o transe difícil; é encontrar a fórmula que solverá problemas, de árdua solução; é frequentar idéias nobres e superiores que sempre nos levarão ao infinito, para Deus, mostrando-nos sua grandeza e nos evidenciando nossa dependência d'Êle, como Pai e Realizador.

O pensamento de Allan Kardec está vivo e influindo poderosamente, visível ou invisivelmente, na construção da Nova Era, o grande evento há muito tempo anunciado pelos elevados Espíritos a todos os Mestres da Humanidade.

Natalio Ceccarini.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

II CONGRESSO ESPÍRITA MINEIRO DE UNIFICAÇÃO — *ANAIS, União Espírita Mineira, — Belo Horizonte.*

A idéia da unificação dos Espíritas partiu de Minas Gerais.

Partiu do 1.º Congresso Espírita, realizado de 16 a 24 de junho de 1944, a que comparecemos, credenciado por 12 entidades, sociedades espíritas e jornais, cujas credenciais tivemos que substabelecê-las. E apresentámos, até, a tese, DAS RESPONSABILIDADES MAIORES DOS ESPÍRITAS DO BRASIL, distribuidas, até o presente, em três edições. Do Congresso saiu a FEMING, Federação Espírita de Minas Gerais, que não sobreexistiu. Mas, o ideial, incompreendido por muitos, combatido por alguns e animado por diversos — nós, inclusive, — permaneceu de pé. Permaneceu tão de pé, implícita e explicitamente, que se transferiu para S. Paulo, o Estado em que, a estas alturas, talvez mais lute pelo grande e belo ideal. Em S. Paulo, no Congresso de 5 de Novembro de 1948, que de regional alterou-se para nacional, — CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIFICAÇÃO ESPÍRITA — o tema foi o mesmo, porque o mesmo era o anseio de todos. A ele comparecemos também — não fossemos nós, áquela altura, chamado, ironicamente, o homem dos Congressos! representando vários Estados do Norte, tendo aí, também, de substabelecer representações. Minas Gerais compareceu representado por digna e heroica représentação. Aliás, a que, juntamente com a do R. G. do Sul e de S. Paulo, mais teve o que fazer. E a unificação é, ainda, para mineiros e paulistas, o ideal de hoje e de sempre. Unificação que julgamos, na verdade, difícil, sinão impossível. Impossível e difícil, porque unificação de espíritos independentes, que agem chefiados pela própria consciência e pelos ensinamentos, em espírito e verdade, do Cristianismo. Unificação nos moldes da Igreja, imposta a *perinde ac cadaver*, a *magister dixit*, esta, não interessa aos espíritas, ao Espiritismo. Não cremos, ademais, que a unificação saia de congressos, provenha de ordens e de leis impostas por homens. Os espíritas são livres e voluntariosos de mais. Todos nós, que fomos, antes, escravos a sacerdotes e pastores, a letra morta das escrituras; que fomos até materialistas, fiéis ao que disseram e escreveram tais e quais medalhão do materialismo científico; todos nós, julgamos que é tempo de fazer valer livremente nossa vontade, nosso direito de querer e opinar livremente. Cremos também, entretanto, que os Congressos estimulam, esclarecem, confraternizam, orientam e preparam para a solução do magno problema. Por isso, nunca lhe negamos nossa colaboração, nosso concurso.

* * *

Recebemos dois exemplares do II CONGRESSO MINEIRO *de Unificação* — Anais.

Um, que no-lo enviou a comissão encarregada de sua publicação e outro, oferta do ilustre confrade Ademar Dias Duarte.

Trata-se de um volume de 26x18, com 133 páginas, clichés oportunissimos, ótima impressão e material de texto escolhido. A capa, um grande sól projetando raios que envolvem a designação do livro. O sol sai de detraz de montanhas, em fundo amarelo. Seus raios são verdes. As côres nacionais, portanto. Na abertura, justissima homenagem a Allan Kardec, com a fotografia do eminente codificador. Na página seguinte, fotografias de Emmanuel e do Chico Xavier: um dos guias espirituais do Brasil e o maior médium do Brasil e do mundo. Depois, os capítulos com a matéria mais importante do certame, tudo muito bem concatenado, tudo muito bem arrumadinho. Ocupam lugar de merecido destaque as mensagens, principalmente, as de Emmanuel. A meio do relato das sessões, surgem colaborações e produções literárias, que emprestam ao volume um carater maior e melhor do que de um simples anais, de que de um simples relatório.

Este, um soneto do Espírito de Amaral Ornelas, magistral, próprio para um grande livro de coisas mediúnicas:

Como outrôra, no lago, ante o açoi-
[te do vento,
Cristo, o Mestre e Senhor, vencen-
[do a noite, avança!
De novo, brilha a paz e ressurge
[a bonança
Sôbre o extranho furor do tempo-
[ral violento.

Ei-lo excelso e imortal, seguindo,
[calmo e atento,
O Celeste Pastor, sem cansaço ou
[mudança,
No Espiritismo em luz, a Divina
[Esperança
Que combate a miséria e apaga o
[sofrimento.

Ave, Cristo de Deus! Ave glória
[da Vida!...
Fala, ainda, o Senhor à Terra em-
[pobrecida
Do celeste esplendor da glória a
[que te elevas!...

O Espiritismo é Cristo ao coração
[do povo,
Plasmando, no Evangelho, um mun-
[do grande e novo,
Ao sol do Eterno Amor que rom-
[pe as nossas trevas!...

Perfeitamente de acôrdo com a declaração do próprio codificador, à pag. 46: «O Espiritismo não é uma religião e, sim, a Religião; isto porque só ele ensina que todas as criaturas se salvarão, independentemente dos credos que professem, religando-se todas elas, num dia, ao Criador e Pai.»

A Declaração de Princípios, à pag. 47 reune, efetivamente, os fundamentos básicos da Doutrina e aquilo de que precisamos para sermos felizes — unidos.

Seguem-se as teses aprovadas e recomendadas que, por si sós, valem um belo e substancioso volume de boa doutrina. Todas oportunas. Principalmente. aquelas que compõem o que ainda vamos chamando Espiritismo de Vivos, que tem dado, na verdade, uma grande volta ao desenvolvimento da propaganda do Espiritismo no Brasil.

O Anais do II CONGRESSO ESPÍRITA DE UNIFICAÇÃO devia ter maior repercussão. Merecia ser tratado em estudos e apreciações melhores e mais substanciosas do que esta. Isto sucederia, se a literatura de apreciações literárias não estivesse desaparecendo e se os espíritas mais capazes e dedicados gostassem mais de ler e de escrever, fazendo justiça e estimulando coisas sérias.

—

RONDA ESPIRITUAL, *dupla Maria Duarte Santos x Isidoro Duarte Santos. — Lisbôa, Portugal.*

O fenômeno lítero-mediúnico Lia, Isidoro Duarte Santos. embora originalissimo e excepcional, ainda não nos havia impressionado vivamente, a despeito de até sermos um dos colocadores de seus volumes no Brasil.

Ainda não haviamos lido os livros da dupla excepcional.

Seria uma falta gravissima nossa, se o prezadissimo Isidoro não soubesse como tem sido nossa vida nesses últimos anos...

Em face de nossa afinidade e da afinidade de nossas companheiras — a Marilia e a Lia — era para já termos, claro, nos manifestado sôbre o fenômeno mediúnico e sôbre os livros recebidos e publicados.

Mais ainda sôbre o fenômeno, que de nada precisam os livros da dupla, muito menos o conceito literário do Isidoro, na verdade muito acima do que eu pudesse dizer e opinar sôbre êle.

* * *

O caso foi o seguinte:

Vinha o Isidoro, dentro de seu dinamismo do espírita mais agitado e laborioso do velho e generoso Portugal, publicando livros, elaborando versos, editando a mais bem feita revista espírita que conhecemos, espalhando artigos substanciosos por toda parte, quando lhe desencarna a esposa, a Lia, passando êle pelo golpe por que haviamos já passado, três mêses antes.

E, por singular coincidência para nós ambos, a Marilia lá estava, ao lado do leito mortuário, aguardando o Espírito que se desprendia, muito afins de outras vidas, embora nem se conhecessem nesta existência.

Fôra, a Lia, como a nossa Marilia, uma eficiente colaboradora do marido, sempre a seu lado, nos árduos labores da difusão da Doutrina. Seu pendor litero-doutrinário manteve-o oculto. Revelou-se na Espiritualidade. E vertiginosamente. Previne ao marido que tem coisas muito interessantes para ditar-lhe. Que êle se prepare para receber, de parceria muitos livros. E os livros vão surgindo. Todos, muito bem apresentados gráficamente e, por certo, literariamente magestosos que, da pena do Isidoro Duarte Santos não se póde esperar outra coisa. Primeiro, *Dois Mundos*. Mal terminara o livro e voltara de uma viagem à Espanha, recebe o segundo, *Almas Errantes*. Estaria terminado aí o novo ciclo? Nada! Recebe novo aviso: «Brevemente, voltaremos ao trabalho. Temos que variar os assuntos». E veio então o terceiro volume, o *Ronda Espiritual*, que acabamos de ler, de uma arrancada, para relermos depois, com *mais serenidade*. Terceiro volume que não será o último, pois mais dois já estão comprometidos para muito breve.

«Ronda Espiritual» é, na verdade, um livro diferente, de análises e de crítica. De crítica, aliás, serena. Diz o grande Espírito que o inspirou ao Isidoro, seu esposo: «A obra que aí está é de crítica serena, e ninguém poderá atribuir-lhe pensamento ambíguo ou desejo evidente de malsinar. Os bons hão de lê-lo de sorrisos nos lábios, abanando a cabeça em sinál de acôrdo, porque sabem que tais fantoches não são feitos à sua imagem. Os maus hão-de abespinhar-se e sentir o aguilhão no recesso de suas almas...»

Nós o lemos colocado no meio termo, entre os bons e os maus, talvez pendendo mais para o segundo grupo. Por isso mesmo que gostamos imensamente de *A Beata*, o *Falso Amigo*, o *Advogado*. Páginas fortes, retratos vivos, evidentemente, do que sabemos, do que já foramos, certamente.

Iremos reler RONDA ESPIRITUAL.

Iremos ler DOIS MUNDOS e ALMAS ERRANTES, baste que nos sobre um pouco mais de saude, de vida, de tempo. Leitura que faremos por um imperativo de nossa grande e velha amizade, que se projeta de um passado longinquo, de preteritas existências. Nossa amizade e a amizade de nossas companheiras, no outro lado da Vida, embora, nem nós nem elas tivessemos vida em comum, vivendo no mesmo ambiente, respirando o mesmo ar, embora nos reencontrassemos tão tarde na existência presente.

São essas, finalmente, uma das graças e das glórias do Espiritismo, que nenhuma outra religião, nenhuma outra doutrina confere, distribúe, permite.

Uma grande coisa, o Espiritismo!

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 80,00
Do 4.° ano	80,00
Do 5.° ano	80,00
Do 6.° ano	80,00
Do 7.° ano	80,00
Do 8.° ano	80,00
Do 10.° ano	80,00
Do 11.° ano	Cr.$ 80,00
Do 18.° ano	80,00
Do 19.° ano	70,00
Do 20.° ano	70,00
Do 21.° ano	70,00
Do 22.° ano	70,00
Do 23.° ano	70,00
Do 24.° ano	Cr.$ 70,00
Do 25.° ano	70,00
Do 26.° ano	70,00
Do 27.° ano	70,00
Do 28.° ano	70,00

OS CANÉCOS VIVOS

Hercilio Maes

Dificilmente as criaturas humanas concebem a terrível verdade que se esconde detrás do vício destruidor do álcool! As nossas tendências inferiores, quando acionadas por estímulos invisíveis à nossa compreensão obejtiva, parecem se destituir dos perigos e das escravizações tão comuns aos viciados.

O vício da embriaguez é um dos elementos mais visados pelo «outro lado» da vida, porquanto oferece condições mais favoráveis aos espíritos viciados, que desprovidos do corpo físico, sofrem atrozmente a falta da bebida material. A alma que parte da Terra, sucumbida pelo vício da embriaguez, ingressa no inconcebível desespero de sentir o desejo centuplicado na anciedade torturante de querer beber, mitigar o fogo escaldante que ainda lhe incendeia o perispírito.

De acôrdo com a poderosa lei de afinidade espiritual, em que os semelhantes atraem os semelhantes, nós seremos atraídos ou faremos atração, das almas que se afinizam com nossos gostos, idéias, intenções e hábitos. O homem que tem a inclinação para beber, senão refreiar a tempo o desejo oculto e poderoso de sua manifestação instintiva, há de atrair imediatamente para companheiro de suas libações alcoólicas, um espírito desincarnado, também viciado no álcool. Êste espírito, um ex-viciado e vítima da embriaguez terrena, nada mais é que um aflito sofredor à procura de um «canéco vivo» no mundo de formas, afim de poder acalmar a sêde angustiosa pela bebida!

A morte do corpo não extingue o desejo da alma e a punição de nossos vícios está em os sofrermos após o desincarne, desfavorecidos pela ausência do organismo manipulador de nossos desejos. Assim como a extirpação de nosso estômago, não extinguiria o desejo da nutrição, a simples destruição do corpo físico não liquida as preferências emocionais da alma! E é o Cristo, quem nos adverte: «Cada um conforme suas obras».

O espírito do farrapo humano que é o embriagado, aflito ao perceber-se fóra dum organismo físico, sem contar com as funções fisiológicas que lhe atenuariam o desejo, ou suavizariam a sensação pervertida, põe-se, desesperado, a procurar um companheiro no mundo que deixou. Êsse companheiro deve sintonizar-se pelo mesmo vício, ou, então pela mesma tendência e debilidade moral, transformando-se pouco a pouco, num verdadeiro canéco vivo!...

O infeliz canéco vivo é a criatura que vai-se transformando no embriagado que degenera, servindo de pasto às libações fluídicas do obsessor desincarnado. O espírito vicioso, tendo encontrado o seu afinizado no vício, usa-o, através da digestão humana, em que o alcool se modifica em fluídos etéricos e assim vai mitigando a sua sêde pervertida. Entretanto, como o seu canéco vivo só lhe fornece pequena percentagem de álcool fluído, que não lhe satisfaz o volume do desejo, o obsessor insiste, estimula e excita o seu tradutor fisiológico, obrigando-o a beber excessivamente, para aumentar-lhe a cóta de bebida eterizada!... Daí, a queixa comum dos infelizes degenerados pelo vício do álcool, que afirmam ser vítimas duma voz oculta que lhes impele para beber desregradamente! Insistem nessa fôrça poderosa, oculta, que os obriga a beberem até a perda da consciência de si mesmos!

É, ainda, a alma do ex-viciado da Terra, que pela nova vítima obtem a quantidade de alcool fluidíco e necessário a sua satisfação mórbida! E como a sua atuação tem mais êxito, tanto quanto fôr a passividade do seu grotêsco canéco vivo, leva a infeliz vítima de seu domínio, aos estados de inconsciência etílica. Saturado de álcool, mísero farrapo humano a exudar vapores embriagantes, o bêbedo é o repasto lúbrico do obsessor.

E' óbvio, que a moderação no beber não indica uma vítima de um espírito desincarnado, mas o exagêro, o mau uso que o homem faz do álcool é que o conduz às condições deprimentes de escravo do «além-túmulo». O álcool, em si mesmo, tem prestado inúmeros benefícios à humanidade, quer servindo para a composição de produtos químicos medicamentosos, quer movendo motores, impregnando perfumes, essências e tinturas, etc....

Mas aquele que marcha submisso à procura incessante da bebida alcoólica, nada mais é que provável candidato à função de canéco vivo, acionado habilmente por ex-alcoolatras da Terra! Sutilmente, os espíritos viciados do Além procuram explorar as zonas vulneráveis dos beberrões, complicando-lhes a vida e acentuando-lhes as decepções morais. Certos de que os homens distantes do Evangelho, costumam abafar as suas mágoas na ingestão de líquidos corrossivos, praticando insidiósa vingança contra si mesmos, os espíritos obsessores aumentam os desgostos dessas criaturas, e, consequentemente, incentivam-lhes o desejo para beber. O desespero íntimo dos débeis, leva-os a se desforrarem nas libações alcoólicas e a concretizarem os planos machiavélicos dos viciados do «outro mundo».

Comumente, a tragédia de um embriagado partiu de um caso íntimo, uma ingratidão humana, um problema insolúvel. A sugestão perversa provinda do Invisível, para o homem fraco, volúvel, sem vontade própria, serve como o élo inicial da cadeia escravizadora da bebida. Os folhetins de porta, os livros vulgares e os teatros ou filmes melodramáticos, costumam expôr essas tessituras vulgares de embriaguez, tentando justificar a quéda dos beberrões. Entretanto, na maioria dos casos, enquanto o bêbedo espanca a esposa e atormenta os filhos num ambiente opressivo, a companheira se desdobra no trabalho de alimentar e vestir a prole! Não vemos, pois, motivos gloriosos para que se produzam alguns poemas simbólicos que exortam tão infelizes atitudes.

Mais impressionante seria que os poetas revelassem a tremenda realidade dos boêmios noturnos e dos incorrigíveis beberrões servindo de canécos vivos aos degenerados do Além, que assim se aproveitam da ociosidade, do egoimo e da negligência evangélica dos que se entregam à terrível vingança de se envenenarem pelo alcool. A história é pródiga em narrar a vida de boemios famosos que abandonaram o lar para se inspirarem na embriaguez, junto de criaturas viciadas, enquanto esposas e filhos prosseguiam no labor construtivo. Que ensinamento valioso pode oferecer ao mundo, o poeta, o filósofo ou o artista que para servir a humanidade, começa abandonando a família? Qual a glória deve aspirar aquele que ingere tonéis de alcool, sob rótulos dourados de bebidas finas, boemicamente, se não tem capacidade de conseguir um litro de leite para os filhos?

Enchem o mundo com suas alacridades, suas rimas, conceitos e graças filosóficas, sem poder ajustar o mecanismo dum lar! E quando despertam, no «outro mundo», verificam, revoltados e melancólicos, que as suas excepcionais culturas ainda não precindem da dextra da esposa que tanto subestimaram na Terra. Despeitados, passam então a engrossar a fileira dos «ex-beberrões» desincarnados, na mesma aflita procura de canécos vivos para mitigarem o vício!

Lentamente, amoldam outro caráter às suas maquinações: solapam a moral do infeliz, acentuam-lhe as desditas e excitam-lhe as vulnerabilidades. Breve, um novo corpo físico se torna combalido e servil e se modifica para a mórbida função de recipiente alcoólico de outra alma desincarnada!

E como essa realização implica no desperdício de tempo, paciência e cuidados, o obsessor aprende a proteger o seu maravilhoso vasilhame vivo, livrando-o dos acidentes de ruas, ajudando-o na travessia de pontilhões, vales ou caminhos obscuros. Surpreendemo-nos, então, em virtude dos bêbedos acertarem seus objetivos e demonstrarem tanta segurança nos seus atos. Doutro modo, o espírito fascinador perderia o seu canéco vivo, excelente alambique humano que lhe transforma líquido corrossivo em fluídos assimiláveis à nutrição do perispírito.

Chega, assim o pobre viciado à degradação extrema, em que a Medicina, o curandeirismo e as promessas religiosas já não o livram da alma astuciosa que lhe comanda completamente o sistema nervoso! Simples joguete da entidade invisível, o embriagado é um envólucro flácido e desgovernado, correspondendo aos torpes desejos que se lhe insinuam na mente.

Felizmente, o Espiritismo, silenciosa e perseverantemente, vai desatando muitos dêsses laços invisíveis que prendem criaturas vivas aos obsessores do Além, quer insuflando energias cristãs nas vítimas combalidas, quer esclarecendo também os infelizes sêres que partem dêste mundo em delito com suas próprias consciências!

Oxalá, aquele, que ergue um recipiente de alcool à sua frente, tenha forças suficiente para não desenvolver em si mesmo, a estranha função de canéco vivo das almas viciadas!

Ainda os Casos de Morte Aparente

Os perigos da morte aparente. Como evitá-los.

SOB o título de «NÃO ME SEPULTEM VIVO!» escreveu o Dr. C. L. Mours, do Instituto de França, Professor na Universidade de Filadélfia, emocionante brochura de que vamos fazer alguns extratos, seguidos de um caso relacionado com uma terrível provação terrena.

Incrível, assombroso, fantástico, mas também sumamente humano o assunto tratado. Mas é um perigo assim tão grande? Sim, principalmente nos tempos de epidemia e guerra, porque a rigidez cadavérica nem sempre indica a morte real, e pode-se despertar no túmulo... E depois? Convém estarmos alertas.

Vejamos, antes, alguns casos de falsos mortos, recordando que Paul Heuzé, no seu livro de experiências feitas com faquires, diz que a possibilidade de respirar debaixo da terra mantem-se durante horas, circunstância que explica, em parte, alguns dos pavorosos casos de que, de tempos em tempos, os jornais nos dão notícias. Em 1907, uma camponêsa de Sarbazan, na França, morreu aos 30 anos de idade e, como de hábito, foi enterrada. No dia seguinte ao do funeral, um morador da aldeia, ao passar junto da sepultura, percebeu pancadas surdas que partiam das profundezas da terra. Dado o alarme, fez-se a inumação do corpo e verificou-se então que ela havia sido enterrada com vida, pois o seu coração ainda batia. Já muito tempo, porém, havia passado e baldados foram todos os esforços para que voltasse de novo à vida.

Em Barcelona havia, na Rua da Princesa, um botequim chamado *Taberna del Muerto*, nome macabro que teve a seguinte origem: o primeiro dono do botequim, homem robusto, foi certo dia acometido de uma febre infecciosa e faleceu ao fim de poucos dias. Após as cerimônias de praxe, foi o corpo levado para o cemitério, mas, como a noite caisse, o entêrro foi adiado para o dia seguinte e o caixão provisóriamente colocado na casa mortuária.

Alta noite ouviu o guarda do cemitério extranho ruído que dalí partia e, suspeitando de algo de anormal, dirigiu-se ao posto policial mais próximo, do qual voltou acompanhado de dois agentes. Ao abrir a porta da casa mortuária, onde esperava encontrar um bando de larápios, viu diante de si o «falecido» dono do botequim da Rua da Princesa. O pobre do homem, que tivera apenas uma síncope de maior duração, voltara aos sentidos naquele lúgubre lugar e quizera evadir-se o mais depressa possível. Depois de zangar com o guarda por causa do enorme tempo que levara para vir libertá-lo, voltou para a sua casa onde o seu aparecimento foi tido, a princípio, como alucinação coletiva. Morreu, de fato, vinte anos após.

A agonia de um «morto-vivo» foi contada da seguinte forma por um cervejeiro de Bruxélas: «Algumas horas depois de «morto», voltei ao estado de consciência, mas meu corpo continuava frio e inanimado. Ouvia e compreendia tudo o que se passava em tôrno de mim: o chôro da família, as palavras de consôlo dos amigos, o diagnóstico do médico sôbre a causa do meu falecimento... Deitaram-me na cama, tiraram a medida do meu caixão, mudaram as minhas roupas e, mais tarde, ao chegar o caixão, colocaram-me no chão, quando de novo perdi o conhecimento, estado em que permaneci muitas horas. Depois recobrei a consciência, mas me sentia tomado por um mal estar inexprimivel e cada vez mais intenso. Os meus sentidos voltaram em sobressalto e a primeira sensação dolorosa que tive foi a da fome. Tentei levantar a cabeça, mexer os braços e afastar as pernas que sentia tolhidas. Um obstáculo desconhecido, porém, se opunha a todos os meus movimentos e um frio glacial começava a enrijar-me os membros. Foi então que surgiu, rápida, em meu cérebro, a idéia de que estava «morto». A letargia que me imobilizara durante dois dias só terminou quando eu já estava no túmulo! Apoderou-se de mim um desespero frenético, e, com os pés e as mãos, procurei arrebentar as táboas do caixão. Esfôrço inútil. Após alguns momentos de descanso, fiz nova tentativa e, daquela vez, as táboas cederam. Num esfôrço supremo, com os joelhos e as mãos fincados na tampa do caixão, consegui levantá-la e deslocar a camada de terra que o cobria. Ergui parte do corpo e o ar puro, que me inundou os pulmões, restituiu-me as forças, permitindo-me sair do buraco horrível do túmulo. Dirigi-me então para a casa do guarda do cemitério que, após alguns momentos de surprêsa, me deu algum alimento e eu voltei realmente a viver de novo».

Menos impressionante, porém mais pitoresco talvez é o caso acontecido a Basil Schiller, rico negociante húngaro, que morreu certa manhã, sendo-lhe preparados solenes funerais. Ao terminar a cerimônia religiosa, quando o padre fazia diante do féretro um pomposo elogio do defunto, êste ergueu a tampa do caixão e saltou para fóra daquilo que ia sendo, de fato, a sua última morada. Caso rarissimo: o médico, que passou o atestado de óbito, teve que pagar as despesas do entêrro e uma indenização ao morto-vivo.

Entre as muitas circunstâncias susceptíveis de reanimar um falso morto, há uma bem importante que é a autopsia. Numerosos são os casos de indivíduos que recuperam a vida no momento extremo dessa intervenção. Para evitar o perigo de dissecar um vivo, Joubert fazia profunda incisão entre as duas costelas, do lado esquerdo do torax, e através dêsse córte, colocava um dedo sôbre o coração para se certificar de sua imobilidade.

Conta-se que o célebre anatomista Vésale viu bater o coração de um homem que estava operando. Narra-se também que o famoso abade Prévost morreu de fato quando estava sendo autopsiado.

Onde o trágico se misturou com o cômico foi em um caso que se deu no hospital de Rochefort, onde se achava certo número de prisioneiros inglêses, em meados do século XVIII. Um dêles morreu e foi transportado para a sala de anatomia. Um aluno de cirurgia, com o intuito de se exercitar na aplicação de sangrias, vibrou profundo golpe no cadáver. Um esguicho de sangue jorrou do córte, ao mesmo tempo que o prisioneiro morto, reanimado pela dôr ou por efeito da hemorragia, se levantou de um salto e se atirou ao pescoço do estudante, caindo ambos ao chão, desacordados, um de comoção e o outro por efeito da perda de sangue. Socorridos a tempo, restabeleceram-se dias após.

No século XVII, Bruhier calculava em 0,5 °/₀ a percentagem dos enterrados vivos e, mais tarde, Thiery a elevava para 1/3 e até 50 °/₀! Le Guern, em certa obra que publicou em 1846, afirmava que, na França, eram enterradas vivas, por ano, 1.600 pessoas.

Em fins do século passado, isto é, em 1895, Ouseley indicava 2.700 como o número total dos enterrados vivos na Inglaterra, por ano.

Kornice-Kornicki admitia, em conjunto, um morto aparente para cada 30.000 mortos de verdade.

Francisco Klörs Werneck.

(Continua).

Crônica Estrangeira

O Espiritismo na Igreja

De «Espiritualisme Moderne»

Êste fato que reproduzimos de origem católica é impressionante. Seu relato foi atribuido a uma alta personalidade religiosa da ordem Franciscana e por nós extraída do boletim mensal, 1936, dos Terciários Regulares de São Francisco de Assis, em Albi, sob o título «O Soldado Desaparecido».

Eis o fato tão pungente quão eloquente

«A 22 de setembro de 1914, Edgard Viou, com 24 anos de idade, desapareceu no campo de batalha de Meaucort-Gineray. Pertencia ao 164 Regimento de Infantaria.

Alguns dias antes havia êle escrito uma carta aos pais em que lhes dizia — notar êste detalhe — que talvez não seria reconhecido por ter deixado crescer a barba.

Seus pais, informados do seu desaparecimento, fizeram todas as investigações possiveis para descobrir o que lhe acontecera. Estava prisioneiro ou morto?

Seu ajudante declarou que no dia 22 de setembro de 1914 não houve batalha propriamente dita e que o jovem Edgard só poderia ter sido atingido por uma bala desgarrada. Este testemunho permitiu crer que êle estava simplesmente prisioneiro.

Contudo, um de seus companheiros acreditava tê-lo visto cair, era pois possível e mesmo provavel que êle fôra ferido, sinão morto.

Quão angustiosa era esta incerteza para o coração da pobre mãe!

Madame Viou temia o pior sem poder fechar seu coração à esperança. Esperando notícias que nunca chegavam, ela rezava pedindo a Deus a restituição de seu filho, ou, ao menos, tirá-la da incerteza.

Assim passaram dezessete mêses em lágrimas e orações sem que sentisse fadiga.

Na manhã de 22 de fevereiro de 1916, veiu enfim a resposta e da maneira mais imprevista.

Na véspera dêsse dia, Madame Viou recebera a visita de diversos amigos e parentes que ela convidara para jantar. Á tarde havia mais louça para lavar do que habitualmente.

Os hóspedes retiraram-se um pouco tarde. Madame Viou mandou a empregada repousar, prometendo ela mesma fazer, no dia seguinte, o serviço de lavar a louça.

Realmente, Madame Viou foi a primeira a levantar-se, no dia 22 de fevereiro.

Antes de começar o trabalho, ela preparou uma taça de café e ia tomá-la quando tocou a campainha da rua, chamando sua atenção. Rapidamente ela bebeu seu café, colocou a taça sôbre uma mesa e correu a abrir a porta. Quem, pensou Mme Viou, estará tocando nesta hora matinal?

Era uma empregada da padaria que, não conhecendo os hábitos da casa, em lugar de depositar o pão numa cesta colocada no parapeito da janela, chamara para entregá-lo à proprietária.

Restabelecida da pequena emoção que lhe causara o toque da campainha, Mme. Viou voltou à louça e pôs-se a trabalhar. Ela pegou a taça que acabara de esvasiar de seu conteúdo e levou-a junto à torneira, quando seu braço direito foi bruscamente puxado para trás. Por quem? Como? Ela não o sabia.

Assustada, ela olha para a taça, maquinalmente olha para dentro. Assaltou-a um tremor, ela descança a taça na mesa. Quer olhar de novo mas falta-lhe coragem.

E' que a marca do café, que ficara no fundo, reproduziu o retrato de alguém em quem reconheceu, sem a menor hesitação, o retrato de seu filho! Sim, Edgard estava realmente lá, a cabeça envolta em faixas, com horrível ferimento sôbre a orelha esquerda.

A mãe compreendeu; seu filho estava morto, talvez tivesse êle falecido num hospital alemão sem ter podido dar suas notícias.

O comprimento de sua barba não permite supor que Edgard tenha morrido no campo de batalha. De qualquer modo, a mãe era sabedora da verdade.

Toda sucumbida à emoção e à dor, ela interrompe o trabalho e se retira ao seu quarto.

Mais tarde, a empregada vai começar seu trabalho.

Aí está, pensou ela, vendo a louça em desordem, Madame não a lavou, como prometera! Ela estará doente?...

Ela começa a trabalhar. Lava tudo, depois vê a taça mais longe, segura-a e aproxima-se da torneira. Seu braço é violentamente puxado para trás.

A jovem olha a seu derredor e nada vê. Dirige seu olhar para a taça, para o fundo, e solta um grito.

Madame Viou acorre: «O que há?» pergunta.

E, mostrando a taça com a mão trêmula, a empregada balbucia: «Senhora, Edgard, Edgard!»

Compreende-se com que cuidado terno a mãe guarda a taça, afim de conservar por maior tempo possível a imagem de seu filho. Ela pensou bem que, secando a marca do café, o retrato não tardaria a se desagregar.

Contudo, passam os dias, as semanas, os mêses e o retrato de Edgard conserva todo seu frescor.

Ora, um vizinho de Madame Viou, mestre encanador, também perdera um filho na guerra, e êsse homem era um incrédulo.

Madame Viou procurou uma ocasião para lhe falar da taça, com a esperança de lhe fazer bem. Apenas começada a narrativa, o encanador exclamou: «As mulheres são todas a mesma coisa. Por toda parte elas descobrem maravilhas. Hoje é no fundo de uma taça, amanhã será algures. Eu em nada disso acredito!»

Certa manhã, Madame Viou precisou de um serviço. Rebentara um cano em sua casa. O mestre encanador fez o conserto. Êle aceitou uma taça de café que lhe recordou a taça de Mme. Viou. Falou a respeito.

«O senhor quer vê-la»? perguntou a mãe do desaparecido.

«Como, a senhora ainda tem essa taça?... Sim, quero vê-la».

Quando o robusto e incrédulo encanador empunhou a taça e lançou seu olhar ao fundo, suas mãos apertaram-na com fôrça e começaram a tremer. «Edgard! Edgard! exclamou êle, é realmente Edgard!»

Foi preciso Madame Viou arrancar-lhe a taça das mãos.

Algum tempo depois, o mestre encanador regularizava sua situação com a Igreja. Hoje é um bom cristão.

A história dêsse retrato fez ruído. O Cardeal Dubois quís ver a taça maravilhosa e dela pediu uma foto. Também êle pensava que a imagem acabaria desaparecendo.

Dessa vez a tentativa de fotografar teve bom êxito, mas foi essa a única. Todas as outras fracassaram.

A taça foi submetida a diversos exames; pintores a estudaram. Todos reconhecem a impossibilidade de fazer com marca de café, semelhante imagem e durável, pois está tão bem conservada como no primeiro dia, salvo a diminuição do comprimento do ferimento, produzida por um curioso que tocou o fundo com a ponta do dedo».

*

Um extraordinário médium curador

De «Estudos Psíquicos»

Já nos temos referido às faculdades psíquicas de Harry Edwards, médium curador que concitou a admiração dos médicos inglêses e cuja ação meritória continua a exercer-se em demonstrações notabilíssimas perante numeroso público que chega a atingir milhares de pessoas.

O que vamos narrar sucedeu em Manchester (salão da Bela Vista), na última sexta-feira de Novembro de 1948. Harry Edwards demonstrou as suas poderosas faculdades curadoras em frente do microfône e da câmara cinematográfica e na presença de muitos jornalistas e fotógrafos. Mais de 6.000 pessoas enchiam o vasto recinto, no qual se viam variadíssimos carrinhos que ali haviam conduzido os respectivos enfêrmos. Verdadeiros cachos de mulheres rodeavam o palco com os filhos nos braços, esperando o início dos trabalhos. Harry Edwards concentrou a sua atenção nas pobres crianças; e reconhecendo a impossibilidade de tratar todos os doentes naquela noite, guardou para depois os que ali estavam em maca ou em carrinhos de inválidos e convidou a ir ao estrado dois escleróticos. Imediatamente, dezenas de mãos se erguem... Os primeiros tratamentos incidiram em Cyril Oldham, 155 Old Street, Ashton-under-Lyne, e na senhora M. Hulme, 426 Wilmslow Road Cheadle.

A doença do sr. Oldham durava havia cinco anos. Harry Edwards mostrou a anormalidade da espinha dorsal do enfêrmo e perguntou ao microfône:

— Há aquí algum médico?

Ninguém respondeu. Nova pergunta... e novo silêncio.

— Há aquí algum jornalista?

Ninguém respondeu.

— Não há nenhum jornalista?

Silêncio profundo e calmo...

Agora, Edwards chama por uma enfermeira; e uma senhora se levanta e se dirige para o estrado, testemunhando a anormalidade referida.

Edward começou a trabalhar e segundos depois pediu à enfermeira que apalpasse outra vez as costas do doente. A anormalidade tinha desaparecido.

Em seguida, o médium fez passes magnéticos às pernas do doente e pediu-lhe que se levantasse. Êste assim fez; e encostado a Edwards, deu uns passos e desceu dois ou três degraus. Não satisfeito e dando uma grande gargalhada, insistiu em subi-los novamente.

A sra. Hulme era muito nervosa e por isso as melhoras foram menores.

Mas notaram-se indícios satisfatórios.

Depois, Edwards dirigiu-se às crianças, Marilyn Pover, 41 Young Street, Leigh, Lanes, de 5 anos de idade. Sofre de paralisia das pernas e é a primeira a ser tratada. Esteve seis meses no Hospital Ortopédico de Biddulph e usava calibradores para se mover.

— Não póde andar sem isso ? — perguntou o médium.

— Não, senhor — respondeu a criança.

Edwards tirou-lhe os aparelhos, fez-lhe alguns passes e pediu-lhe que se levantasse. Marilyn assim fez e com a ajuda do curador deu alguns passos. Depois, desceu os degraus do palco, ainda com o auxílio do médium.

Mais tarde *entrevistada* pelo *Psychic News*, a senhora Pover disse que nunca tivera conhecimento deste movimento espírita. Foi a primeira demonstração a que assistiu. E informou que sua filha não podia descer os degraus, nem andar sem auxílio dos aparelhos. No final, a garota repeliu os aparelhos e andou na platéia auxiliada pela mãe.

Outro caso de paralisia infantil foi tratado por Edwards : Dorothy Robinson, 91 Edensor Street, Beswick, Manchester, 3 anos de idade. Braço paralisado. O alívio foi imediado.

A seguir, foi o menino John Beswick, 234 Mosley, Common Road, Boothstown, de 10 anos de idade. Sofria de dor muscular muito violenta.

Harry Edwards faz rapidamente o diagnóstico. Era uma vértebra deslocada, como se verificou com testemunhas. Segundos depois, o osso estava no seu lugar.

Passando a «casos» de surdez, observou a senhora Dixon. de 387 Liverpool Road, Peel Green, Eccles, Lancs, de 57 anos de idade. Sofria de surdez desde os 16 anos. Após alguns segundos de passes magnéticos, a doente transfigurou-se de alegria, dizendo que ouvia o tic-tac do relógio.

Finalmente, tratou casos de cegueira e de papeira. Um enfêrmo de papeira não se conteve e gritou, cheio de alegria, ao microfone :

— Já não tenho nada !

No palco estava o conhecido jornalista e escritor espírita Maurice Barbanel e o Reverendo G. Eustace Owen.

Foi uma verdadeira jornada de propaganda que muito beneficiou o Espiritismo. Harry Edwards faz-nos lembrar o grande médium W. T. Parish, que tantissimas curas realizou no seu Santuário de Londres.

⁂

Oito pessoas testemunham a partida de uma alma

«*Light*»

Mr. David Gow, Diretor do periódico, publicou a seguinte ocorrência que lhe foi relatada por Miss Dorothy Monk, relativa à morte de sua mãe sobrevinda a 2 de Janeiro de 1922. Nêste caso são oito os percipientes.

Ela escreve :

«No seio de nossa família fomos testemunhas de um fenômeno extraordinário sobrevindo no leito de morte de nossa mãe adorada, morte ocorrida a 2 de Janeiro. Êsse fenômeno impressionou grandemente a todos, razão por que anciosamente aguardo um esclarecimento, dada a vossa experiência na matéria.

Após longa enfermidade, agravada por uma crise gástrica, nossa mãe sucumbiu à insuficiência cardiaca... Pelas sete horas da noite fatal, a enfêrma, em coma, abriu a bôca, e a começar dêsse instante, todos observámos uma pequena nuvem espêssa e branca que se formava acima da cabeça, alongando-se até a cabeceira. Ela saía da cabeça, mas em grande parte se condensava do lado oposto ao leito. Estava suspensa no ar como espêssa nuvem de fumaça branca que por vezes se tornava tão opaca a ponto de nos impedir enxergar o espaldar do leito. Mas sem cessar variava de densidade, se bem que não houvessemos notado movimento algum nessa espécie de nuvem. Estavam presentes comigo mais cinco irmãs e todas viram o extraordinário fenômeno. Entraram meu irmão e um cunhado e, como nós, observaram o fenômeno. Uma luz azul aclarava o quarto e centelhas de luz branca fulguravam a intervalos. Observámos que a maxila inferior da agonizante, continuava a se abrir lentamente. Durante algumas horas, houve variações notáveis do fenômeno, excetuando uma auréola de luminosos raios amarelos em volta da cabeça da moribunda. Contámos sete dêsses raios, que sem cessar variavam de comprimento, indo de 12 a 20 polegadas. Pela meia noite, tudo se dissipou, ainda mesmo que mamãe viesse a falecer às sete horas da manhã. A's 6 h. 1/4 da mesma manhã, uma irmã que repousava em outro quarto, ouviu uma voz murmurar: «Ainda uma hora de vida! Ainda uma hora!» Ela se levantou impressionada e foi assistir aos últimos momentos de mamãe que, efetivamente exalou o último suspiro uma hora e dez minutos depois de ter ouvido a voz premonitória... Rendemos graças a Deus por nos ter permitido testemunhar a partida de uma alma e assim tirou, às nossas lágrimas, o amargor de um adeus eterno».

ESPIRITISMO NO BRASIL

De Monte Aprazivel

O Centro Espírita «Apóstolo Paulo» realizou uma sessão cívico-doutrinária, com a presença dos confrades Severino Beloni e outros confrades do Centro Espírita «Luzeiros da Verdade», da vizinha cidade de São José do Rio Preto, que dissertaram sôbre temas evangélicos e sôbre a data do desincarne de Allan Kardec. Usou também da palavra, o Dr. Julião, Promotor Público do Forum local, que abordou tema evangélico. Todos os oradores agradaram a assistência.

Do Correspondente.

* * *

De novo no trabalho

Depois de uma parada forçada de alguns mêses, recomecei novamente a luta em pról da propaganda da Doutrina. Com experiência própria, não encontrei pedra de tropêço maior do que a falta de trabalho. Durante o tempo em que permaneci parado por motivos relacionados com o meu estado de saude, o meu sofrimento maior foi encontrar-me inativo no trabalho. E se não recomeçasse a luta, provavelmente teria desincarnado, o que seria justo por que o meu caro companheiro Cairbar mandou-me pegar novamente no arado, e eu ouvi mais as vozes da terra do que as vozes dos céus, e por isso sofri.

Tudo que o Pai Celestial fez está bem feito, mas o que Êle fez de mais importante, segundo penso, é a lei do trabalho. Por isso disse Jesus: Meu Pai trabalha sem cessar. O trabalho é a melhor diversão da vida e nos faz progredir no caminho da Perfeição rumo a Deus.

Pensando assim, há dois mêses que venho trabalhando para «O Clarim» e o «Sanatório Américo Bairral», pois enquanto nos fôr possível devemos, como o Pai, trabalhar incessantemente. Quero fazer um pedido a Deus: que me conceda Ele a graça de desincarnar no trabalho.

Acho-me na velha residência de Itapira, «Sanatório Américo Bairral», caixa postal 14, onde estou à disposição de todos os meus prezados amigos e confrades.

Onofre Batista.

* * *

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem sr. Onofre Batista:

Na minha última excursão a serviço da doutrina, fiz palestras nas seguintes cidades do Paraná: Cambará. Andirá, Cornélio Procópio, Londrina, Cambé e Rolandia. Falei também nas seguintes cidades da Sorocabana: Presidente Prudente, Regente Feijó, Presidente Bernardes, Santo Anastácio e Presidente Wenceslau. Em todas essas cidades fui bastante feliz, graças ao Alto.

Ficai certos de que o auxilio que tendes recebido é fruto da vossa perseverança, dedicação e boa vontade em bem servir a doutrina e o vosso próximo. Por isso renovamos as nossas promessas de auxilio, certos de que prosseguireis firmes na tarefa. — CAIRBAR.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$	50,00
	Semestre —	,, ,,		25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada		60,00
	Semestre —	,, ,,		30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples		55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada		70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1954 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e a Evolução da Humanidade . . . . *Redação*
Ainda os Casos de Morte Aparente *Francisco Klörs Werneck*
Espiritismo e Panteismo . . . . *Deolindo Amorim*
Vozes Diretas em Plena Luz . . . *Max Kohleisen*
O Purgatório . . . . *Mario Cavalcanti de Mello*
Livros em Desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
«Medicamentos para a Atualidade» . *Major Levino C. Wischral*
Idéias e Conceitos . . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1954 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e a Evolução da Humanidade

SE analisarmos atentamente a evolução da humanidade desde o seu primórdio, chegaremos a concluir que a crença na imortalidade da alma, era já um fato consumado em virtude da comunicação entre os vivos e os chamados mortos. O que hoje muita gente chama de fantasma, naqueles tempos que se perdem no próprio tempo, era considerado como sendo espíritos que já haviam habitado êste mundo através de um corpo físico. Portanto a crença na imortalidade da alma, na comunicação dos espíritos e no mundo espiritual vem de épocas tão longínquas que não podem ser determinadas pelo cérebro humano. E isso se acha confirmado à saciedade tanto no Velho como no Novo Testamento, e agora pelo Espiritismo, que é a Doutrina dos Espíritos Superiores dada aos homens através da mediunidade, doutrina esta coodificada por um missionário encarnado, que se chama Leon Hypolite Denizard Rivail (Allan Kardec).

Não podemos compreender como há tantas criaturas que, nêste século, o Século da Luz, não creem ou são indiferentes aos problemas relacionados com a alma, quando já nas primitivas gerações, em que a civilização era um sonho, essa crença tinha vida ativa.

Todos os missionários que Deus enviou à terra para guiar e esclarecer a humanidade eram assistidos pelo Alto, segundo se verifica na Velha e na Nova Dispensação. Sem querer nos referir ao trabalho de cada um dos Profetas, em virtude da limitação do espaço, comecemos por Moisés, rapidamente. Sabemos que êste Profeta guiava o povo de Israel assistido pelos Espíritos Superiores, que lhe deram no Monte Sinai as Taboas da Lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, que devem ser bem conhecidos por todos quantos se afirmam cristãos. Êsse fato constitue um testemunho inegável da comunicação dos Espíritos e da Imortalidade da alma, visto como foram os Profetas desincarnados que deram a Lei de Deus a Moisés afim de que êle a transmitisse aos hebreus. Uma prova disto temo-la na aparição de Elias e Moisés, quasi dois mil anos depois, no Monte Tabor.

Embora os dez mandamentos constituissem um decreto oficial, existia ainda a Pena de Talião ao tempo de Moisés. Mas não se póde negar que a humanidade já havia dado um passo largo na senda da evolução, preparando-se para receber novas ordens, novo programa de vida, novas soluções para os seus magnos problemas, criados em razão da própria vida.

Já preparada para novos surtos na senda da evolução, apareceu-lhe Jesus Cristo, o Messias prometido, com novos ensinamentos baseados na mais pura moral e na imortalidade da alma ou vida eterna, conforme sua afirmativa. Sem tirar um i ou um til da Lei, Jesus, resumindo os dez mandamentos em dois apenas — amar a Deus sôbre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo — ampliou-a sem limites no seu sentido moral e espiritual, de maneira a torná-la um repositório inexgotável de ensinamentos e fatos relacionados com a alma e o mundo espiritual. As suas parábolas, feitos e ensinos são o desdobramento, em sentido moral e espiritual, dêsses dois mandamentos que resumiram o Decálogo.

Ao fim da sua missão, pouco antes de ser entregue às mãos dos seus sicários, Jesus prometeu que enviaria o Paracleto, ou Espírito da Verdade, cuja missão seria nos guiar a toda a verdade e nos anunciar as cousas que estavam para vir.

Isto foi dito há quasi dois mil anos, e Jesus afirmou que quando fôsse, enviaria o Paracleto, conforme se lê em S. João, cap. 16, vers. de 1 a 24. Portanto o Paracleto já deve estar no mundo. E não é qualquer criatura que o conhece, mas sómente aquelas que abriram os seus corações e seus ouvidos às sublimes clarinadas do Alto, tirando dos seus olhos as escâmas da materialidade. E' o Espiritismo o Paracleto, pois o reconhecemos pelos seus frutos sazonados, doces e realmente substanciosos.

Agora sim conhecemos o sentido exáto do espírito do cristianismo, o que quer dizer que se o Espiritismo não tivesse vindo continuariamos ainda nas trevas da ignorância com relação aos magnos problemas da alma, da vida enfim.

Agora sim podemos nos conhecer a nós mesmos, entendendo o significado amplo e profundo daquela sentença do frontespício do templo de Delfos — «Homem, conhece-te a ti mesmo». Sim, reconhecemos que somos atrasados e cheios de pecado, isto é, de êrros e imperfeições, mas temos diante de nós o caminho da evolução pelo qual marchamos em busca da Perfeição.

Agora sim vemos na Parábola do Bom Samaritano de como devemos fazer ao nosso próximo aquilo que desejamos que êle nos faça, quando estivermos enfêrmos, famintos, sedentos e esfarrapados, pondo o nosso coração muito acima dos preconceitos humanos.

Uma coincidência notável se verifica no Espiritismo: é o seu advento juntamente com o aparecimento quasi imediato de sábios de renome como William Crookes, da Sociedade Real de Londres; Prof. Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris; Oliver Lodge, Reitor da Universidade de Birminghan, e tantos outros que agora se contam aos milhares, todos confirmando a teoria espírita pelos seus estudos e experiências constantes e aprofundadas sôbre os fenômenos psíquicos, aceitando, por ser o fruto da lógica, da verdade, o que se contém nos livros básicos do Espiritismo.

Como vemos, o Espiritismo fechou com chave de ouro a tarefa dos Profetas do Velho e do Novo Testamento.

E não podia ser de outra forma, por ser êle o Paracleto da Promessa.

Ainda os Casos de Morte Aparente

Os perigos da morte aparente. Como evitá-los.

Embora tais casos sejam de horrorizar, o tratar dêles apresenta certo lado prático. Os histéricos, por exemplo, são doentes férteis em surprêsas. A epilepsia póde, excepcionalmente, no periodo comatoso, prestar-se a confusões perigosas.

A morte aparente apresenta-se e manifesta-se em circunstâncias diversas e numerosas, de modo que não é demais conhecer os vários processos empregados na asfixia por afogamento ou enforcamento.

Na asfixia, a primeira providência a tomar-se é a de tornar possivel a entrada do ar nos pulmões por meio de movimentos já conhecidos. No caso dos afogados, é a de tirar as roupas que impedem as manobras necessárias, friccionando energicamente o corpo, se possível, com lã, e fazer expelir a água ingerida.

Nos casos de morte aparente por desprendimento de gás, em uma casa fechada, é de se abrir o mais rapidamente possível todas as portas e janelas da habitação, pondo-se o asfixiado ao ar livre.

Já nos casos de enforcados, em que a morte não é completa, a primeira providência é cortar-se a corda ou o laço e praticar a respiração artificial e também a tração rítmica da língua. Para descongestionar o cérebro, convém fazer uma sangria na veia jugular.

Todo o cuidado é pouco para se verificar a morte aparente, pois mesmo a picada, no coração, com uma agulha, póde falhar.

O Dr. Mours refere, quasi no fim de sua obra, o seguinte caso narrado em *Oe Monde Medical,* de abril de 1936. Tratava-se de um rapaz, que, depois de ter sido picado pela agulha, ficou inanimado. Prossegue assim a narração . . . «Lancei-me logo à tarefa de provocar a respiração artificial pelo processo mais fácil e eficaz. Ao mesmo tempo, preparou-se e deu-se uma injeção de óleo canforado e outra de adrenalina e ainda colocou-se no rosto dêle uma espécie de máscara adaptada a um balão de oxigênio. Quando eu estava fatigado dos movimentos da respiração artificial, cedia o lugar a um ajudante. Alguns ensaios de tração rítimica da língua foram feitos, mas eu confiava mais na respiração artificial. A cada movimento, o ar penetrava no tórax, mas, se se interrompia, nenhum indício de volta à vida se manifestava. Ao fim de meia hora, suspendendo os movimentos, ia renunciar, persuadido de que a morte era real, quando ouvi um ligeiro ruído aspiratório. Recomeçada a respiração artificial, pouco depois voltou a respiração espontânea. Logo se notaram sinais de sensibilidade e, ao fim da tarde, a volta à vida era completa».

O caso espirita, a que me referi no começo dêste trabalho, encontra-se em «O céu e o inferno», de Allan Kardec, parte 2ª, cap. VIII. Trata-se do sr. Antônio B., enterrado vivo. Transcrevemô-lo na íntegra :

«O Snr. Antônio B., escritor de estimadissimo merecimento, que exercera, com distinção e integridade, muitos cargos públicos na Lombardia, pelo ano de 1850, caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético.

Como algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestigios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortúita determinou a exumação, a pedido da família. Tràtava-se de um medalão por acaso esquecido em seu caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir êsse, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços, e, coisa horrivel, que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto.

Ficou então patente que o infeliz Antônio B. fora enterrado vivo e deveria ter sucumbido de desespero e à fome. Evocado na Sociedade de Paris, em Agosto de 1861, a pedido dos parentes, deu as seguites explicações :

1 — *Evocação* — Que quereis ?

2 — A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quizerdes responder-nos. — R. Sim, desejo fazê-lo.

3 — Lembrai-vos do incidente de vossa morte ? — R. Ah !, Certamente que me lembro, mas porque avivar essa lembrança do castigo ?

4 — Efetivamente fostes enterrado por descuido ? — R. Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os caracteres da morte real, pois eu estava exângue. Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5 — Incomodam-vos estas perguntas ? Será mistér que lhe demos fim ? — R. Não. Podeis continuar.

6 — Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos fosseis feliz. — R. Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder e, se não puder fazê-lo, fa-lo-á um dos vossos guias por mim.

7 — Podeis descrever-nos as vossas sensações daquêle momento ? — R. Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, to-

lhido, absolutamente tolhido. Gritar? Impossível! A voz, por falta de ar, não tinha éco! Ah! que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar em um ambiente limitado! Eu era qual condenado à bôca de um fôrno, abstração feita do calor. A ninguém eu desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim tal! Oh! cruel punição de uma cruel e féra existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8 — Dissestes: — cruel punição de uma féra existência... Como se póde conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada? — R. Que vale uma existência diante da eternidade? Certo, procurei ser honesto e bom na minha última incarnação, mas eu aceitara um tal epílogo préviamente, isto é, antes de incarnar. Ah! Porque interrogar-me sôbre êsse passado doloroso que só eu e os bons espiritos enviados do Senhor conhecíamos? Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que em uma existência anterior eu enterrara viva uma mulher, a minha mulher, e por sinál que em um fôsso! A pena de Talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9 — Agradecemos estas respostas e pedimos a Deus vos perdôe o passado em atenção ao mérito de vossa última incarnação. R. — Voltarei mais tarde e não obstante o espírito de Erasto completará esta minha comunicação».

Seguem-se as instruções pelo luminoso guia do médium (Erasto) que esclarece que desfechos como êste de Antonio B. são raros e que êle próprio pediu a terrível provação de ser enterrado vivo para pagar o seu crime do passado e abreviar a sua erraticidade, ao que Kardec acrescenta seus comentários.

Convém, pois, ao passarmos para o Além, ter a consciência tranquila do bem cumprido e nossas faltas resgatadas.

Francisco Klörs Werneck.

Rio, 16/4/54.

(Conclusão).

Espiritismo e Panteismo

DEOLINDO AMORIM

— I —

Crônicas lidas em «Seleções Espiritualistas» (Rádio Guanabara Rio de Janeiro), a propósito de uma nota que a Curia Metropolitana fez publicar sôbre o Espiritismo, na qual procurou, erroneamente, confundir Espiritismo e Panteismo.

Em linhas gerais, sem descer a argumentos pormenorizados, é facil verificar o flagrante desacôrdo entre Espiritismo e Panteismo. Basta que se leia, por exemplo, uma objeção de Allan Kardec, objeção simples, sem subtilezas filosóficas, mas inegavelmente muito lógica. Diz Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, no capítulo que se refere às cinco alternativas da humanidade: *Sem a individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina, isto é,* o Panteismo, *são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.* São palavras de Allan Kardec. Ora, o Espiritismo afirma que a nossa alma, mesmo depois de desencarnada, não perda a sua individualidade, não deixa de ser ela mesma, não se extingue, não se confunde com outra alma. Sem êste princípio, é claro, não seria possível explicar a responsabilidade após a *morte*; segundo o panteismo, entretanto, a individualidade da alma desaparece com a *morte*, porque ela se funde no Todo universal, na alma comum. Nêste caso, se a alma desaparece, deixa de ser individual, porque volta à fonte comum, que é a alma universal, onde fica a lei da responsabilidade? Como é possível, diante disto, admitir que haja sanções após a morte, se desaparece completamente a individualidade da alma? Já se vê que entre o Espiritismo e o Panteismo há divergência profunda. Dizer, portanto, como se disse há pouco, que o Espiritismo é uma revivescência do Panteismo oriental, é falsear a realidade ou revelar absoluta falta de conhecimento da doutrina espírita.

Evidentemente não é possível conciliar a doutrina panteista com a reencarnação. A tese reencarnacionista, que é o fundamento filosófico do Espiritismo, está apoiada em duas premissas inseparáveis: a *preexistência* e a *individualide da alma*. Para admitir a reencarnação, é indispensável partir destas duas premissas ou, seja, admitir, em primeiro lugar, a existência da alma antes do corpo e, em segundo lugar, admitir a individualidade da alma. Os postulados panteistas, uma vez aceitos, destruiriam estes dois princípios, que são o ponto de partida, o alicerce da dialética reencarnacionista. Se, portanto, pela reencarnação, o espírito encarnado é responsável por faltas cometidas em existências anteriores, em «vidas passadas», forçoso é admitir que êsse espírito é anterior ao corpo. Se o espírito fôsse gerado com o corpo, como quer a escola geracionista, nêste caso não se poderia dizer que há falta a resgatar, dívidas a pagar, etc. Ora, se o espírito nasce com o corpo, é claro, é lógico que êle não traz culpa de espécie alguma, não tem responsabilidade nem faltas anteriores. Então, a teoria da reencarnação cairia por terra. Se, porém, colocarmos a questão no terreno reencarnacionista, teremos de aceitar, como premissa básica, a preexistência da alma, isto é, a existência do espírito antes da formação do corpo. Como decorrência disto, vem o princípio da individualidade, que é outro ponto fundamental da reencarnação. Já se vê, portanto, com êstes argumentos elementares da doutrina espírita, que não é possível confundir Espiritismo com Panteismo. Qualquer confusão a êste respeito é fruto da ignorância ou da má fé.

Segundo a reencarnação, o princípio da responsabilidade individual não desaparece com a *morte* do corpo, justamente porque, ao reencarnar, cada um de nós continua sendo responsável pelos atos que praticou no passado, na outra existência. Se assim é, não se póde deixar de aceitar a preeexistência da alma. Para que o espírito encarnado seja responsável por faltas cometidas antes desta existência, é necessário que êle tenha vivido antes do corpo A idéia de reencarnação, portanto, está imediatamente associada à idéia de preexistência da alma. Depois disto, é igualmente necessário aceitar a individualidade da alma, porque cada um de nós é responsável por seus atos, ninguém paga pelos outros. Para isso é necessário que a alma humana seja una e individual. Se, porém, a alma não é individual, como quer a doutrina panteista, não há responsabilidade, porque, uma vez morto o corpo, segundo a linguagem comum, a alma deixa de ser uma individualidade e passa a reintegrar-se na alma universal. Toda a tese da responsabilidade individual fica anulada diante desta solução. Parece-nos que não é necessário mais argumento para demonstrar a diferença meridiana que existe entre Espiritismo e Panteismo. No entanto uma nota religiosa, divulgada há pouco, na imprensa desta Capital, declarou que o Espiritismo é a restauração do Panteismo oriental.

Vozes Dirétas em Plena Luz

Traduzido por: MAX KOHLEISEN.

Da revista alemã «Zeitschrift für Metapsychische Forschung» (pesquisas metapsiquicas) de Berlin, editada pelo Professor Dr. Christoph Schröder, extraímos, com a epigrafe acima, um muito interessante relato, entrelaçado com trechos analiticos da pena de uma das maiores autoridades naquêle assunto, Senhor Ernesto Bozzano, que os publicou em «Luce e Ombra» em Agosto de 1929.

Os fenômenos maravilhosos passaram-se em Nova Zelândia na Austral-asia. Trata-se de vozes diretas, produzidas em plena luz. A médium era Miss Pearl Judd, com 19 anos, neta de Mr. Clive Chapman que, por sua vez, é dotado de notáveis capacidades (mediunidades, musical, de desenho e de clarividência). A médium foi descoberta pelo Mr. Chapman mediante uma espécie de «escriptoscópio». Numa reunião, várias pessoas experimentaram o instrumento, sem sucesso algum. Quando chegou a vez de Miss Pearl, foi escrito o nome «Dorothea». Era o nome de uma moça falecida havia 5 anos e conhecida da família Chapman. Dorothea exortou Mr. Chapman a olhar pela neta, conduzí-la e protegê-la, afim de que sua mediunidade pudesse ser bem desenvolvida.

Anunciou, em seguida, que Miss Pearl Judd e Mr. Chapman tinham sido escolhidos para preencherem uma grande missão espiritual. E, realmente, Mr. Ch. tratou do desenvolvimento mediúnico da neta, pela qual se produziram os mais variados fenômenos.

Um interessante exemplo foi êste : Mr. Ch. dobrou uma nota de 10 Dollares, colocou-a sôbre a mesa, cobrindo-a, em seguida, com um livro. Depois de algum tempo quís verificar se a nota ainda lá se achava. Numa segunda verificação, a nota tinha desaparecido. Ao constatar isso, a mesa vibrou violentamente, o que significava satisfação e alegria da entidade manifestante, segundo observações feitas anteriormente. Ocorreu isto durante o almôço, quando estava reunida toda a família. Terminado o almôço, a neta se dispôs a retirar os pratos da mesa, levando-os para a dependência anexa. Nêste instante, Mr. Ch. olhou para o lado da mesa e notou a presença de uma minúscula nuvem do tamanho de alguns centimetros e cêrca de um pé acima da mesa. Inicialmente, a mesma era diáfana, permitindo que fossem reconhecidos os contôrnos dos objetos do outro lado dela. Em seguida, condensou-se rápidamente, sendo atraída a atenção de todos da casa para o fenômeno. Alguns instantes depois, a pequena nuvem estava transformada, outra vez, na mesma cédula, dobradinha, como era antes . . .

— Sobremaneira notáveis eram os fenômenos de voz diréta, pelo motivo de se apresentarem em plena luz. Assim aconteceu sempre, quando Mr. Ch. estava sentado ao piano, tocando sem interrupção. Quando deixou de tocar, também emudeceram-se imediatamente as vozes. Sabe-se que o processo é diferente quando os fenômenos são produzidos em ambiente obscurecido; no momento de surgirem as vozes, póde se fazer calar a música. Bozzano é de opinião que o escuro conserva as vibrações harmoniosas; no entretanto, a luz faz com que elas se diluam instantaneamente, de sorte que é preciso sustentá-las com o toque. Prova isto que as vozes dirétas são produzidas, geralmente, pela utilização das vibrações harmoniosas (?) ou das ondas de som (?), de uma maneira misteriosa. Não se sabe se debaixo de certas condições especiais se materializa, também, uma laringe verdadeira, como aconteceu, p. ex., nas famosas experiências com a médium Margery em Boston.

Na mediunidade de Miss Pearl surgiu o primeiro fenômeno da voz direta, em meio das seguintes circunstâncias : Numa noite, Mr. Ch. tocou um hino no piano. Sua neta estava cuidando dos afazeres escolares, e a dona da casa, aprofundada em uma leitura, próximo a lareira. Esta última se levantou repentinamente, dizendo que estava ouvindo uma voz feminina, como se vindo de muito longe. Mr. Ch. continuou, então, tocando, e os demais ficaram atentos para escutar. De repente, ouve-se uma encantadora mas débil voz feminina. Mr. Ch duvidou, no comêço, mas, depois, ouve nitidamente a voz por algum tempo...

Depois de algumas reuniões, a voz se tornou clara, juntando-se a ela, outra, a de um homem. Mr. Ch. consultou Dorothea mediante a escrita automática, se era aconselhável de se arranjar um megafone de papelão para ampliar as vibrações vocais. Com a afirmativa de Dorathea, Mr. Ch. colocou, então, um megafone sôbre o piano e tocou um hino. Miss Pearl tomou lugar ao lado do piano. Dentro em breve, ouve-se uma voz feminina, de contralto e Chapman reconheceu, imediatamente, a voz de Dorothea ; não se enganou, pois, muitas vezes, ainda em vida material, êle a ouviu cantar. O fenômeno encerrou-se com a voz de um homem que pronunciou a palavra «Padre». Em seguida, nada mais foi ouvido.

Em todas as reuniões seguintes iluminadas sómente por uma vela, as vozes se tornaram sempre mais distintas e mais fortes. Uma brusca interrupção do toque de piano foi considerada como prejudicial ; assim declarou Dorothea por meio da escrita automática, visto que, com isso, se aniquilam as energias da manifestante

Quanto mais impulso foi dado ao toque de piano, tanto mais se avolumaram as vozes. Pessoas que assistiram à sessão pela primeira vez, ficaram surpreendidas pela potência e nitidez das vozes.

As entidades manifestantes declararam, depois de algum tempo, que não mais seria necessário o uso do megafône. Aos poucos foi aumentando o número das entidades invisíveis, que propuseram novas disposições, melhorando a organização toda, indicando a sequência das peças musicais a serem tocadas e a maneira, ou sequência como deviam ser distribuidos os convidados do círculo.

Cada uma das vozes se manifestou com uma determinada peça musical, ou: cada música representava uma chamada característica. Se, entretanto, por motivos desconhecidos não foi possível o comparecimento de um espírito, então Mr. Ch. foi avisado antes que não tocasse a respectiva música. — Mais tarde as vozes começaram, então, a ser ouvidas também sem que se congregasse o círculo para essa finalidade; p. ex.: quando a médium se ocupasse com suas lides domésticas, ou, sómente, quando o Mr. Ch. tocava. Nessas ocasiões, as vozes dos espíritos não primavam pela nitidez ou clareza; entretanto, ainda foi possível distinguir uma voz da outra. Depois de algum tempo, descobriu-se que os espíritos chegaram a transmitir palavras dêles mesmos durante os cânticos, no lugar dos textos, e que representaram, então, pequenas mensagens para nós. Em certo dia, recebemos o aviso de que numa reunião, à noite, seria feita uma tentativa de falar, ao invés de cantar. Foi solicitada uma peça musical muito monótona e, pela primeira vez, os espíritos chegaram a transmitir conversas curtas. Entretanto, depois de pronunciada uma palavra, era necessário que cantassem primeiro, para, em seguida, poder-se pronunciar outra palavra, e assim por diante. Depois de algumas reuniões, chegámos a receber frases inteiras.

Analisando o caso, o cientista Ernesto Bozzano aponta a grande diferença que havia entre as reuniões de vozes diretas que se processam em plena luz e aquelas, presenciadas na obscuridade. No decorrer destas últimas, as vozes eram capazes de se sustentar durante um considerável espaço de tempo, com as entonações naturais, desenvolvendo livre e desembaraçadamente as suas explanações, tal como se se tratasse de uma confabulação entre encarnados. Tudo isto permite chegar-se à conclusão de que, quando é possível produzir-se a voz direta em plena luz, a hipótese de fraude não tem mais nenhum cabimento, fornecendo, assim, a prova cabal e indiscutível da sua objetividade. No entretanto, o mesmo fenômeno, produzido na obscuridade, oferece a grande vantagem de se poderem sustentar longas conversas com as entidades comunicantes que hoje vivem no plano espiritual.

—

Mr. Chapman ainda esclarece que os espíritos comunicantes são obrigados a assistir em um longo curso de aprendizado antes de chegar ao ponto de intercâmbio com o plano material. Entre outras coisas, ainda aponta: talvez se admirem os nossos leitores do fato de os nossos queridos amigos espíritos poderem fazer-se «ouvir» e não «ver»; admirar-se-ão, ainda, de que alguns espíritos se fazem ouvir com a maior facilidade; no entretanto, para outros, isto se torna difícil. Perguntarão, finalmente, que relação existirá entre os sons (musicais) e a energia psíquica? Aí é preciso que nos compenetremos de uma grande verdade, ou seja, de uma Lei. O fenômeno VIBRAÇÃO é a base do Universo; nada existe que, em última análise, não possa ser reduzido a vibrações. Vibrações são movimentos, e movimento é vida. Os progressivos degraus da escala de vibrações sobe até aos milhões p. s. O grau da energia psíquica parece de uma tonalidade que se presta para uma combinação de vibrações similares, diremos no nosso caso: de vibrações sonoras e que se amoldam para serem concentradas de uma forma, afim de se fundirem e, finalmente, serem absorvidas pela energia psíquica. Conclue-se disso, que as entidades espirituais possuem os meios de acumular em tão grande quantidade as ondas sonoras afim de que possam servir-se delas e produzir, por meio delas, a voz humana caracterizada, isto é, a voz que possuia o espírito durante a sua vida no plano da matéria, assim, que ela pode ser ouvida pelos encarnados... Tudo isto explica por que os nossos amigos-espíritos necessitam de um longo aprendizado para desenvolver e aperfeiçoar êste novo método de comunicação entre os encarnados e os desencarnados.

O colaborador de Mr. Ch., o jornalista G. A. W., informando sôbre as suas próprias experiências, disse, entre outras coisas, que a sala das sessões era geralmente iluminada por 3 lâmpadas elétricas de 50 velas cada uma. A côr da sala era azul-celeste. As lâmpadas se achavam envolvidas em seda transparente, da mesma côr da sala, e ficaram acesas durante todo o tempo das nossas reuniões.

O jornalista relata as manifestações de dois espíritos familiarizados com o nosso círculo; chamaram-se «Charlie» e «Betty». Solicitou, então, a manifestação de uma cantora de nome «Nelly Dempster», que êle conhecia bem, em tempo da sua vida material. Faleceu, havia poucos anos. Foi escolhida uma peça musical intitulada «O Caminho Solitário» que, em vida ela tinha cantado muitas vezes para êle. Sem nada revelar, êle passou a partitura a Mr. Ch., para que êste a tocasse. Betty compreendeu imediatamente a intenção, e exclamou: «Eu já compreendi. O tio Geoge convida Nelly». Em seguida, ela chamou com voz forte: «Nelly»!

O relator continua: Devo observar, aquí, que não pronunciei o nome ou título da peça musical, e, assim mesmo, a pequena Betty o adivinhou! Escolhi esta peça, visto que me lembrei de um episódio que tinha relação com a morte de Nelly. Na sala de concêrtos, na ocasião da grande exposição de Nova Zelândia, ela já tinha cantado a canção uma centena de vezes. Dediquei-lhe minha amizade e, durante a sua enfermidade, prestei-lhe mui atenciosamente os meus serviços; tratei de alegrá-la até o último dia da sua vida terrena.

Nelly não tardou em se manifestar; cantou maravilhosamente a canção escolhida por mim. Reconheci, de pronto, a sua voz, voz que tantas vezes ouvi naquela canção. Era, de fato, maravilhoso ouvir-se a mesmissima voz na mesma canção, embora cantada por aquela que já não pertencia mais aos que vivem nêste mundo material, mas sim no outro, e que os cristãos denominam como «paraíso». A minha emoção aumentou, ainda, quando, mais tarde, ela cantou uma canção de caráter romântico, cujas letras foram escritas por mim...

Ao terminar a canção apressei-me em agradecer-lhe, a gentileza, expressando-me assim: «Agradecido, — agradecido, ó Nelly!» E ela respondeu: «Cumprimento-te, George! Como é belo isto, tornando a nos encontrar!» Ainda perguntei: «Nelly, lembras-te, ainda daquela bela exposição?» — «Certamente», retrucou ela, «mas nada nêste mundo é capaz de me fazer voltar, novamente, ali!...»

(Continua).

O Purgatório

MARIO
CAVALCANTI
DE MELO

— II —

Como deixámos patente em artigo anterior, as diversas Igrejas nunca se ajustaram quanto à crença no dogma do Purgatório. Para nós, os argumentos protestantes, dentro de sua linha de convicções, são poderosos para demonstrar que o Purgatório é pura invencionice católica; que os textos apontados pelos diversos concílios nada dizem que possam demonstrar a existência de um lugar intermediário entre o Inferno e o Céu, enfim, que o livro dos Macabeus onde procuram estribar-se com tanta veemência, é um livro de autor ignorado e cheio de incoerências. E' o que procuraremos provar.

Pretende-se que o Purgatório existia desde a mais remota antiguidade e que era conhecido pelo famoso povo judeu e isto é baseado, como já o dissemos, no II livro dos Macabeus que diz expressamente: «que tendo-se encontrado debaixo dos vestidos dos Macabeus (no combate de Odolan) coisas consagradas aos ídolos de Jamnia, é manifesto que foi por isso que êles pereceram; e tendo sido encontrado doze mil dracmas de prata (Liv. II, c. XII, v. 40 e 43) êle que pensava bem e religiosamente da ressurreição, os enviou a Jerusalém pelos pecados dos mortos».

Neste sentido os heréticos tomam a liberdade de fazer suas objeções, esperando, naturalmente, que o sábio Professor de Teologia Dogmática se digne de explicá-las, dando a tôdas elas uma resposta satisfatória.

Voltaire estudou magnificamente o assunto e assim se expressa, representando os heréticos anatematizados :

1.º — As doze mil drácmas de prata era muito dinheiro para os judeus que sustentavam uma guerra de contrabandistas contra um grande rei ;

2.º — Que se pode enviar um presente a Jerusalém para os pecados dos mortos, afim de atrair a benção de Deus sôbre os vivos ;

3.º — Que não se falava ainda de ressurreição naqueles tempos, que está assentado que esta questão só foi aventada entre os judeus no tempo do rabí Gamaliel, um pouco antes das predicações do Cristo ;

4.º — Que a lei dos judeus, consistindo no Decálogo, no Levítico e no Deteuronômio, nunca falou na imortalidade da alma, nem nos tormentos do Inferno e com mais forte razão jamais pronunciou a palavra Purgatório ou outra que o representasse ;

5.º — Que os heréticos e os incrédulos afirmam que todos os livros dos Macabeus são evidentemente apócrifos e eis as provas que apresentam :

Os judeus nunca reconheceram os livros dos Macabeus como canônicos ; por que os católicos terão que reconhecê-los ?

Origenes declara formalmente que a história dos Macabeus não é aceitável.

São Jerônimo julga êsses livros indignos de fé.

O concílio de Laudicéia, realizado em 367 não os admite entre os livros canônicos ; os Atanásio, os Cirilo, os Hilário os rejeitam.

O genial filósofo que aqui não é apresentado como teólogo, mas, apenas, como um pulverizador das invencionices teológicas, diz que há quem trate o livro dos Macabeus de romance e apresenta as provas.

Resumamos aquí as considerações de Francisco Maria Arouet, por que dizê-las todas, seria alongar-nos demasiadamente.

Assim se inicia êle. O ignorante autor dos livros dos Macabeus começa com uma falsidade reconhecida por todo o mundo. Êle diz : «Alexandre convocou os jovens nobres que haviam crescido com êle desde a infância, e dividiu, ainda em vida, o seu reino com êles». (Liv. I, I, 71). Uma invenção tão tola e tão grosseira não podia ter partido de um escritor sagrado e inspirado.

O autor dos Macabeus falando de Antiócus Epifânio, diz :

«Antiocus marchou contra Elimais ; êle a quis tomar e pilhar (C. VI, v. 3) e seguintes), e não o pôde porque o seu discurso tinha sido sabido dos habitantes e êles se levantaram em combate contra êle. E êle se foi com uma tristeza imensa, e voltou para Babilônia. E quando se encontrava ainda na Pérsia soube que o seu exército em Judá tinha fugido ... e êle se meteu no leito e morreu no ano 149».

O mesmo escritor (Liv. II, c. II) diz em outro lugar o contrário ; que Antiócus Epifânio quis pilhar Persépolis e não Elimais ; que tombou de seu carro, que foi atingido por uma praga incurável e comido pelos vermes ; que êle pediu muito perdão ao Deus dos judeus ; que quís se fazer judeu, e é lá que se encontra êste versículo que os fanáticos aplicaram sempre a seus inimigos : «Orabat scelestus ille veniam quam non erat consecutores», — «O celerado pedia um perdão que não devia obter». Esta frase diz o filósofo era bem judia, mas não é permitida a um autor inspirado que se contradiz tão indignamente.

Não é ainda tudo. Eis aqui uma outra contradição e um outro êrro grosseiro. O autor fez morrer Antiócus Epifânio de uma terceira maneira (Liv. II, I, 13) ; podemos escolher qual das três mortes teria sido a verdadeira. Êle adianta que êste príncipe foi lapidado no templo de Nanéa. Os que quiseram desculpar essa asneira, pretendem que êle queria falar de Antiócus Eupator ; mas nem Epifânio, nem Eupator foram lapidados.

No livro I, c. VIII, 7 e 8, o autor diz que o outro Antiócus (o Grande) foi prêso pelos romanos, e que êles deram a Eumenes as Índias e a Média. É o mesmo que se dissessemos que Francisco I fez Henrique VIII prisioneiro e que aquele deu a Turquia ao duque de Saboia. E' mesmo insultar o Espírito Santo imaginar que êle ditou êsses absurdos que entristecem tanto.

No livro I, VIII, 2 e 6, o mesmo autor diz que os romanos haviam conquistado os Gálatas; mas não conquistaram a Galátia senão cem anos depois. De onde se infere, sem esfôrço, que o infeliz romancista não escrevia senão um século depois que se supõe que êle houvesse escrito; e assim são todos os livros judeus, conforme o parecer dos incrédulos, ímpios ou heréticos.

O mesmo autor diz que os romanos nomeavam todos os anos um chefe de senado. Esta afirmativa é uma prova incontestável da instrução do escritor. Êle não sabia que Roma tinha dois cônsules.

Que crédito podemos dar, dizem os incrédulos, os heréticos e os excomungados, a estas rapsódias de contos pueris, amontoados sem ordem e sem escolha pelo mais ignorante e imbecil dos homens? Que vergonha sentiríamos hoje de havermos dado crédito um dia a essas intrujices! E como nos causa espanto o fato de ter o clero perseguido homens sensatos para os forçar à fingir de crentes nessas tolices para as quais êles só podiam sentir o mais profundo desprêso. E' assim, diz Voltaire, que se exprimem os audaciosos.

E o mais interessante, e o mais extraordinário e o que mais nos causa espanto, é que os livros dos Macabeus foram rejeitados pelo concílio de Laudicéia, mas em compensação foram aceitos pelo de Trento. E' que o Espírito Santo que sempre inspira todas as decisões da Igreja se esqueceu de comparecer ao primeiro concílio, uma vez que só o segundo teve decisão contrária.

Eis mais um motivo, Frei Boaventura, além dos outros explanados nêste artigo, de não crerem os espíritas no dogma do Purgatório. Não podemos aceitar a fonte onde o Papa foi beber inspiração para a criação do dogma aludido e não sabemos qual o concílio verdadeiro, se o primeiro que rejeitou ou o segundo que decidiu sôbre tão estranho e original dogma.

Os simoníacos foram taxados de heréticos porque possuiam esta crença, isto é, da purgação das almas. Será que a Igreja lhes retirou o título e lhes fez justiça quando o concílio de Trento averiguou que êles é que eram os verdadeiros inspirados do Espírito Santo? Santo Agostinho (Livro das Heresias, XXII) condenou depois os partidários de Orígenes que tendiam para a aceitação dêste dogma.

Encontra-se enunciado com clareza no sexto livro de Virgilio isto que se tornou o dogma do Purgatório; e o que é mais singular é que Virgilio pinta as almas suspensas em pleno ar, outras queimadas, e ainda outras afogadas. E o que há de mais singular ainda é que o Papa Gregório o Grande, não sómente adotou esta teoria de Virgilio, mas em seus diálogos introduziu várias almas que chegam do Purgatório, depois de terem sido enforcadas ou afogadas.

Em Phedon, Platão havia falado do Purgatório; e é facil de convencer-se pela leitura de «Mercúrio Trimegiste» que Platão tinha tomado dos egípcios aquilo que não tomara de Timeu de Ocres. Tudo isto é muito recente se quisermos trazer à baila os antigos brâmanes. Foram êles, não resta a menor dúvida, os inventores do Purgatório, como inventaram a revolta, a queda dos anjos e os animais celestes.

E' no Shasta ou Shastabad, escrito três mil anos antes da era vulgar, que vamos encontrar o Purgatório. Êstes anjos rebeldes, cuja história foi copiada pelos judeus, no tempo do rabi Gamaliel, foram condenados pelo Eterno e por seu filho a sofrerem mil anos no Purgatório, depois dos quais Deus lhes perdoou e lhes fez homens.

A sua Igreja, infelizmente, Frei Boaventura, muito pouca coisa tem de original.

E' o que procuraremos provar em livro que não tardará muito a ser publicado. Teremos, então, ensejo de falar mais demoradamente sôbre as quarentas heresias do Espiritismo e cotejar qual das duas filosofias é a mais herética com relação ao Pai Supremo, se a que vive envolta no véu impenetrável do mistério, do dogma, do milagre ou a que segue a marcha evolutiva da Ciência, dentro da sublime moral de todos os Instrutores da humanidade, cujas elevadas concepções nêste sentido em nada diferem.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Emissora de Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e apresentou, em 8/8/1953, Delfino Ferreira).

Amigos rádio-ouvintes Boa noite.

Dos 15 livros de Cairbar Schutel apenas quatro restam por desfilar aqui em LIVROS EM DESFILE. São êles: «A Vida no Outro Mundo», com sua 1.ª edição em Outubro de 1932 — «Vida e Atos dos Apóstolos», editado pela 1.ª vez em Fevereiro de 1933 — «Conferências Radiofônicas» 1.ª Série, edição única, saída em Setembro de 1937, enfeixando nêsse volume 15 palestras proferidas ao microfone da PRD 4, Rádio Cultura de Araraquara, Estado de S. Paulo, de 19 de Agosto de 1936 a 2 de Maio de 1937 — e, finalmente «O Batismo», com 1.ª edição em 1941.

Hoje veremos desfilar o primeiro destes, que é o 12.º do saudoso Autor.

O exemplar que temos à mão é edição de 1939, a 2.ª. A 1.ª, como dito ficou linhas acima, é de 1932, achandose em preparo nova edição.

E' uma obra interessantissima e que, correspondendo bem ao título, busca, contudo, principalmente fortalecer nos leitores mais do que a convicção da sobrevivência da alma humana à morte do corpo, mas como que levantar, também, parte do véu que encobre aos nossos olhos ou ao nosso entendimento a vida na espiritualidade, dêste modo confortando os que ainda por aqui ficam, em relação aos entes queridos que partem, ao mesmo passo que encorajando a todos para essa partida, de modo a não temê-la com o dela criar apreciável perspectiva.

Êsse livro, A VIDA NO OUTRO MUNDO — se originou de uma Conferência muito tempo antes proferida por êle sôbre a habitabilidade de outros planetas ou mundos, expendendo doutrina que ilustrou com mapas comprovativos, esquemas comparativos, etc., doutrina que, diz Schutel no Prefácio do interessante livro, passados anos mais se corporificou em seu espírito e, daí, o desenvolvimento do tema e o surgir de um novo volume a aumentar a série de seus profícuos trabalhos.

A VIDA NO OUTRO MUNDO se apresenta destarte, como um dos precursores de O NOSSO LAR, obra mediúnica, de Chico Xavier, ditada pelo Espírito de André Luiz e que tão entusiástica crítica recebeu do sábio Francisco Valdomiro Lorenz, em 1944, ano da 1.ª edição dêsse livro, o 1.º da série de André Luiz.

A VIDA NO OUTRO MUNDO, pelo espanto que NOSSO LAR causou a tanta gente em nosso meio, deveria ter impressionado profundamente, não obstante em 1935 já nos haver vindo de Pedro Leopoldo, através o mesmo Chico Xavier, o livro CARTAS DE UMA MORTA, em cujas páginas não poucas referências existem relativas à vida no além, comprovando o ensino hermético: «EM CIMA E' COMO EM BAIXO E EM BAIXO COMO EM CIMA», e não obstante ainda, já em 1921 Carlos Imbassahy nos haver proporcionado a tradução de A VIDA ALÉM DO VÉU, obra mediúnica, ingleza, reeditada em 1950 pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, como CARTAS DE UMA MORTA o foi, recentemente pela LAKE: Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo, Rua do Riachuelo 108.

A VIDA NO OUTRO MUNDO é, portanto, um livro perfeitamente atual, interessante e importante, que deve ser lido e meditado, porquanto se muito conforta, muito mais instrúe e educa, a despeito de suas poucas páginas, em número de quase duzentas.

Vejamos parte de seu SUMÁRIO: — Ciência materialista — O Problema da imortalidade — Em busca da verdade — Revelação espirítica — Estudos anímicos — Exteriorização da sensibilidade e da motricidade — Efluviação ódica — Existência do perispírito — O Perispírito e suas propriedades funcionais — O Perispírito nos sêres inferiores — O Mistério da morte — No outro lado da morte — Perturbação da morte — O passamento ou desprendimento do Espírito, do corpo — A Sobrevivência individual — A Inconsciência da vida no Além — Sala de reuniões e casas no mundo dos Espíritos — O plano do Mundo Espiritual — O plano da Vida após a Morte — Revelações sôbre a vida no outro mundo — As revelações de Swedenborg — A complexidade do Mundo Espiritual — Os planos subsequentes do Mundo Espirítico — Trabalho e ocupação dos Espíritos — e CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Vemos por êsse sumário que se trata, realmente, de uma obra de estudo; e, no que concerne à vida no Além, se coloca à margem dos que conhecemos sôbre o assunto por não ser mediúnico, isto é, ditado por nenhuma entidade espiritual, conquanto, possivelmente inspirado, quem sabe se nos moldes da chamada ultrafania de Trespioli e Ubaldi...

A todos PAZ e LUZ.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

EM VÃO ME ADORAM ÊLES!... — *Peck* — S. Paulo.

Mais uma vez—e desta, com maior intensidade e generalidade — acendeu-se a perseguição religiosa movida pelo clero católico contra o Espiritismo. Em todos os Estados brasileiros sente-se a pressão forte, embora inóqua. Cartas que temos recebido dos Estados, desde Belém do Pará ao Rio Grande do Sul, a Porto Alegre — nos põem ao corrente das lutas que os padres movem à *terrível praga*, que é, para êles, o *Espiritismo*. Combate que muitos benefícios vai levar ao Espiritismo, que muitos bens vai produzir. Em S. Paulo, já produziu, para nós, um grande benefício: o aparecimento de um grande livro e um livro grande, que é o EM VÃO ME ADORAM ÊLES!...

Recebemos dois volumes, que no-los enviou com honrosa dedicatória, seu ilustre autor: um endereçado à F. E. B. e outro, diretamente, para nosso endereço. Volumes da tiragem especial, de 30 volumes. Transferimos um volume à bibliotéca do LAR DE JESUS, em nome do autor e lançamo-nos ao outro, a sua leitura, sem atinarmos bem dos motivos da oferta, em livro luxuoso, que reputamos honra imerecida para nós...

Não lemos, até o presente, em periódico nenhum, a menor referência ao livro. Não atinamos, também, com o criminoso silêncio, de vez que, assim terminamos sua leitura, ficamos sentindo que louvores justos, deviam andar por aí, de todas as penas; deviam se derramar pelas colunas de todos os periódicos ao grande livro.

Admirável, primeiro, a representação gráfica: um grande volume de 350 páginas, primorosa encadernação, magfico papel. Sôbre capa em tricomia, um desenho de nuvens carregadas, incidindo, sôbre elas raios amarelos. Tudo, num fundo azul carregado. No alto, o nome do autor, *Peck*. Em amarelo, o título da obra, na frente e no dorso. Em negro: «Análise da Profissão de Fé contra o Espiritismo». Mais em baixo, uma frase da *Grande Síntese*: «Não temam os bons conhecer a verdade». Tudo, num conjunto de bom gosto e de arte, que agrada. Abre-se o livro: uma página em branco e a abertura com outra frase de *A Grande Síntese*: «Bem-aventurados aqueles cujo espírito nunca se sacia de conhecimento e de bem, que lutam e sofrem por uma conquista sempre mais elevada». Na página seguinte, o oferecimento, sem título, do produto líquido da obra, que reverterá a «benefício do Instituto Espírita de Educação, Rua Santo Amaro, 362, afim de criar e ajudar a manter escolas, para alunos dos dois sexos, onde, a par das primeiras letras, seja ministrado o ensino da moral cristã, baseada no Evangelho do Cristo». Tirando qualquer encargo moral, qualquer responsabilidade criminal à instituição beneficiada, assinala no período seguinte: «O autor desta obra é o único responsável, moral e materialmente, pelos conceitos nela emitidos, conceitos que nasceram de sua convicção pessoal acerca de assuntos religiosos».

Adiante, a profissão de fé contra o Espiritismo, expedida pelo Episcopado Paulista, recomendada a toda a Provincia Eclesiástica, com todas as unções e sacramentos de autoridades clericais maiores da Igreja, constantes de 13 itens. Toda gente que lê e acompanha com interêsse essas questões, conhece-a. Nem por isso, resistimos à tentação de transcrever aquí o «ABORREÇO, DETESTO E CONDENO todas as doutrinas e prática do Espiritismo, porque jurei no meu batismo renunciar a Satanás, às suas pompas e às suas obras». Jurar no batismo? Mas, a Igreja batisa gente de mêses, apenas, sem consciência do ato? Que póde jurar uma criança? E que consciência tem do ato a que, sem ser consultado, a submetem? Além do mais, renuncia a Satanás, quem foge de certas obras e de certas pompas e suntuosidades que todos nós conhecemos, que são comuns a outras religiões, e nunca coisa do Espiritismo...

* * *

Ora, se está no conhecimento de todos a perseguição tenaz que o clero vai movendo, por toda a parte, ao Espiritismo, — perseguição que há de aumentar com o próximo, monumental e pomposo, Congresso Eucarístico de 1955 no Rio — não é, ainda, do conhecimento de todos, o livro magistral de PECK — sigla de Pedro Brock, residente em Santo André...

Estamos certo que o autor gostaria de enquadrar-se naquêle acêrto do *Bom Homem Ricardo*, ou de Benjamim Franklin: «Sempre ouvi dizer que para um autor, nada é tão agradável como ver as suas obras citadas por sábios e escritores». Ora, nós, que não somos sábio em nada; que somos um escritor somenos, uma coisa temos de bom: gritar bem alto os méritos das obras que nos agradam, sejam de quem forem, venham de quem vierem. Por isso, aquí estamos, levando ao ilustre autor do EM VÃO ME ADORAM ÊLES !... as nossas impressões, as nossas citações, porque gostamos demais de seu livro, magnifico e forte, expressivo, verdadeiro e fartamente documentado.

Na primeira página, lemos, iniciando a leitura: «o presente estudo é dedicado aos que, despidos de idéias preconcebidas e isentos de fanatismo religioso, procuram, sincera e honestamente, uma réstea de luz que os possam guiar na senda do progresso moral e espiritual, não pela fé cega, mas, pela razão lúcida, pela lógica, pelo bom senso e pelo entendimento». Continuamos lendo e riscando, dentro de um velho hábito nosso de assinalar o que, na leitura, mais nos interessa. Assim, passaram diante de nossas vistas devoradoras, embora já cansadas, os capítulos da 1.ª página: *Introdução, A Verdade, Espancando as Trevas, O perdão das ofensas, As Práticas Espíritas, A Idolatria, A Excomunhão, Mensagem de Maria (comunicação, aliás, já do nosso conhecimento), O casamento e a Igreja Católica Romana, O Dogma da Assenção da Virgem, A Santissima Trindade, A Infalibilidade, A Indentificação da Besta do Apocalipse, A História de Job, A Figura de Satanás, A Antiga Lei e o Evangelho do Cristo, O Antigo e o Novo Testamento, Filosofia Cristã, Juizo Final, Segunda Vinda de Jesus*, com que termina a primeira parte, a obra verdadeiramente do autor. Sómente com esta parte, prova o autor que é, na verdade, um grande conhecedor das letras sagradas, que sabe raciocinar e discutir com superioridade de vistas e de conduta cristã. O livro podia, a rigor, terminar aqui, se o autor na ansia e na sêde de confundir e contundir o adversário, que é, no caso, a celebérrima Profissão de Fé contra o Espiritismo, não desejasse ir mais longe, muito mais longe, destruindo, a golpes de lógica e de conhecimentos, inimigos tão gratuitos, tão insubsistentes, tão bisonhos, tão nescios, tão fanáticos.

Passamos á segunda parte, que não a lemos, porque seria reler tudo, porque se trata, toda ela, de comunicações de todos conhecidas. Assim, saltamos os XXXIV dos primeiros capítulos e dos XXV da célebre Mensagem de João Evangelista, também do nosso conhecimento, aparecidas no volume oportunamente. Depois, citações de Pietro Ubaldi: *As Três Mensagens*.

Agora, a III parte do grande livro, que começa por significativa homenagem a Allan Kardec. No primeiro capítulo, fala sua própria iniciação e integração ao Espiritismo. Uma página sincera e justa, que nos fez lembrar de nossa própria integração e iniciação. Enche, a seguir, o restante dessa parte com a biografia do iluminado Coodificador, extraida de *Revue Spirite*. E mais transcrições de coisas de Kardec, como da iniciação do Mestre ao Espiritismo, do Credo *Espírita*, da *Profissão de Fé Espírita*. E chegamos, 37 páginas depois, à

Conclusão, inclusive a Doutrina dos Anjos Decaídos e do Paraíso Perdido...

Termina o livro com agradecimentos e excusas do autor. Coisas, para nós, desnecessárias. A instituição beneficiada com a publicação do livro, e todos que o leram é que lhe deviam agradecer...

Concluimos, encerrando esta apreciação, repetindo que se trata, na verdade de um grande livro e de um livro grande. Alguma coisa, para nós, do tope do AFINAL, QUEM SOMOS?, de Pedro Granja. Será determinismo dos Pedros que escrevem, sem ainda serem conhecidos do grande público, em S. Paulo? O autor conhece e maneja, muito bem o vernáculo, sabe agitar os assuntos, analisa as razões do adversário que é, no caso, a Igreja de Roma, arrazando-as, deixando-as esfrangalhadas EM VÃO ME ADORAM ELES! — e o livro parece que pediria um título mais forte e devia ser lido por todos e por todos possuido...

—

Livros recebidos, que aguardam leitura e nossa impressão de leitura:

Quéda e Ascenção, Rosália Sandoval: *O Evangelho do Poeta*, Clovis Ramos; *Doutrina de Mestre*, Antenor Ramos; *Pingos de Luz*, Rodolfo Coelho Cavalcante; *O Menino Jesus no Templo* e *O Grande Evangelho de João*, Jacob Lorber; *Tentando uma solução* do argumento AFINAL, QUEM SOMOS? e *Eu e o... Espiritismo*, Antonio Basso; *Iniciação Espírita* e *O Espiritismo como Relîgião*, Luiz Monteiro de Barros; *Genealogias e Biografias*, Luiz Eugenio Pimenta Mourão; *Caderno Doutrinário* (Exposição didáticas) C. E. 18 de Abril; *Almas sem Rumo*, de Paula Machado; *João Vermelho no Mundo dos Espíritos*, R. A. Raniere; *O Evangelho à luz da Astrologia*, Anibal Vaz de Melo: *Hinário Evangélico. Nossos Hinos, Escola Dominical* e *Cânones da Igreja Metodista*, oferta de Augusto Lopes; *Uma Visão do Cristo*, Osvaldo Polidoro; *Filosofia Penal dos Espíritas*, Fernando Ortiz, oferta do editor...

"Medicamentos para a Atualidade"

Major Levino Cornélio Wischral

CHEGOU A NOSSA VEZ!

A presente época de confusões, desconfianças e decepções predispõe e induz a humanidade a se acomodar nos perigosos cárceres da negligência e da apatia. Contudo, a centelha divina incrustada na alma indecisa reage e obriga o homem, através de sua consciência, a pressentir a necessidade de algo realizar para não inutilizar milénaria civilização, chegada, agora, à borda de abismo fatal. Mesmo assim, nessa terrível conjuntura cada um espera, de braços cruzados, pelo aparecimento de algum prestimoso Cireneu de poderes milagrosos.

Eis pois, chegada a nossa vez de trabalhar. E' êste o melhor e mais adequado momento para o bom cristão se exercitar no amor pelo próximo. A batalha será titânica; sim, a luta será de um contra mil.

Orai, vigiai e obrai contínuamente, eis o lema que, se fôr executado, desafogará a pobre humanidade asfixiada, e, com isso, centuplicará o mérito de cada trabalhador de Jeesus.

Estamos apenas no início do mais tremendo período apocalíptico originado pela saturação do êrro e da dôr, calamidades essas que nos propiciarão as melhores e as mais preciosas oportunidades de êxito evolucional. Hoje chegou a nossa vez, não para contiuarmos ensinando sem proveito o Evangelho, chegou, porém, a vez de corajosamente arregaçarmos as mangas e pormos em execução os Evangelhos. Êsse dia é hoje, amanhã será tarde demais!

DÊ E MUITO!

Porém, que tua oferenda não seja depositada em arrogante salva de prata ou em aveludada sacola para acrescer intocáveis patrimônios encofrados ou para engrandecer esplendor iludente dos sentidos e da vista. Procura, isso sim, em segredo, tú mesmo, a choupana do indigente, o oculto covil do ladrão acuado ou o pardieiro daquêle que sofre de mal incurável. Não terás dificuldades em descobrir os necessitados, pois que se constituem em legiões incontáveis. Basta te predispôr à caridade e sentirás a presença invisível de Jesus que irá à tua frente, como guia, a te apontar os esconderijos onde então darás e muito. Deixarás alí as tuas vestes usadas, algumas moedas, mantimentos que te sobrarem e remédios para as chagas do corpo. E, se nem isso puderes, não te inquietes, dá então muitas palavras de ânimo e confôrto. Verás o milagroso efeito dêsse rémedio da alma; verás reviver mortiços olhos que te oferecerão, como recompensa, cristalinas lágrimas a cairem de face enrrugada pelo sofrimento; verás estranho e luminoso sorriso de gratidão em paga do pouco que teus beneficiados receberam. Conhecerás, enfim, fisionomia quasi divina daqueles pobres que são ricos, pois que, se contentam com pouco.

E assim, mais outra noite de paz de espírito encontrará o teu coração.

Dá e muito! Dá às mancheias pois, o que hoje está em teu poder é apenas um empréstimo de Deus.

Terás valores eternos e a gratidão dos céus!

HISTÓRIA QUE SE REPETE...

De aparência menos violenta que antigamente, insinuando autoridade, novamente estão surgindo os Torquemadas a criarem horizontes inquietantes. Aproveitam-se dessa atmosféra de agitações religiosas para, numa derradeira e obstinada tentativa, manter em pé suas antiquadas prerrogativas, direitos êsses que, se há tempos tivessem sido extintos, de há muito teria a humanidade o tão ansiado paraíso terrestre de paz e trabalho construtivo.

Ainda agora, sem resistir às sugestões das trevas, são estudados planos de dissensões. Já se acham mobilizados os instrumentos de suplício moral; planos de perseguição por pseudo-ofensas estão delineados com incríveis pormenores; a bestialidade das arenas e as labaredas das fogueiras já tomam configuração viva em cérebros doentios e vingativos; muitas bolsas contendo mais que trinta moedas de prata já estão em poder dos mais exaltados.

É a história que se repete, desta vez, porém, pela última vez.

Jesus, profundamente desolado, está, neste momento, observando o nosso Planeta, órfão corrupto, porém, estimado. Lá está o Meigo no alto de seu tribunal de intensa piedade e amor a observar os preparativos dos novos tribunais de inquisição dos homens. Graças a Deus, porém, Jesus e muitos entes humanos verão que nem tudo está perdido, pois, legiões e legiões de acusados por modernos fariseus e escribas serão absolvidos, e, desta vez, pelo próprio povo que, dos acusados saberá apontar e distinguir proceder cristão. Será o próprio povo a reconhecer as boas obras de seus semelhantes, as atitudes fraternas, as ações amorosas dos que sarcásticamente são marcados como pertencentes a grupos de Santanás.

Mas, como no fundo de qualquer tragédia repousa sempre um bem desconhecido, chegarão os intransigentes acusadores algo acabrunhados e humilhados à tardia compreensão da grande verdade a respeito de «religião» que tantas divergências vem causando. Compreenderão êles que religião é apenas e tão só amor a Deus e ao próximo; que a religião não pode se reger e nem ser regida por regras e imposições catalogadas por homens imperfeitos que restringem a sublime essência ensinada e praticada por Jesus. O amor ensinado pelo Divino não precisa de títulos ou denominações; ser religioso é tão só ser amoroso, é procurar imitar a Jesus, é seguir sua religião sem nome, que foi e será, pela eternidade afóra — o amor sem limites, sem restrições ou condições.

TOMA TUA CRUZ E SEGUE-ME!

Atemoriza-nos meditar no futuro. Nosso pensamento, de lance em lance, penetra fundo e chega a divisar os quadros mais sombrios, lúgubres; afugentam-nos incriveis visões e presto retrocedemos. Passamos então, suspirando de alívio, a destra pela fronte na suposição de podermos apagar a tela profética do apóstolo João que, aliás, se torna cada vez mais real à proporção que se passam os dias.

Se volvessemos o olhar para trás ainda veríamos Jesus a nos acenar chamando-nos para o seu Reino de luz e paz. Longos séculos consumiu o nosso espírito para, em demorados passos, acercar-se dos sábios Evangelhos do Nazareno e agora, eis que a avalanche dantesca dos «tempos são chegados» quer nos afastar do mesmo Mestre em apressados passos para o reino de Lúcifer.

O momento é trágico, de desespêro e de indecisões. De um lado sentimos que Deus nos dará um próximo milênio cheio de paz, tranquilidade e progresso. De outro lado é a tentação que nos desafia com suas artimanhas diabólicas oferecendo-nos a riqueza, o gôzo, o fausto, a luxúria. A quasi totalidade dos entes humanos está a volver as costas em desprêzo Áquele que nos veio salvar, abandonando, mais uma vez, seu Guia e Mestre torturado na cruz.

Espíritos de grande saber e brilho encaminham continuamente para este Planêta recursos socorristas destinados a amparar e fortificar aos que se esforçam pelo esclarecimento alheio. Desde anos atrás, e ainda agora, reincarnam almas excelsas, apóstolos e missionários e até discípulos de Jesus, todos vêm munidos de um salvo-conduto especial. Têm êles a missão de indicar pela última vez a via mestra antes do grande expurgo geral do Planêta, isto é, antes da proverbial e já iniciada separação do joio e do trigo.

Êsses embaixadores celestes estão em tôda a parte, em tôdas as camadas sociais. Naturalmente que não vieram usurpar posições de destaque e nem de mando; não os encontraremos exibindo vaidosos títulos ou condecorações e nem vestindo a púrpura real. Eles estão presentemente entre os protestantes, entre o clero, entre os espiritualistas e entre ateus e materialistas. Estão meditando e orientando, educando e estimulando, servindo e melhorando, todos labutam na seára de Jesus e quasi todos até ignoram que vieram em missão especial. Quereis conhecê-los melhor? São simples e humildes, ativos, bondosos e indulgentes. Ajudam sempre, pouco falam, obedecem contentes, nunca se queixam, lutam sem descanso, são corajosos, alegres e calmos. Amam ao próximo mais que à sua própria pessoa; a dor e o sofrimento alheios são a sua própria dôr. Nunca perdoam porque nunca se ofendem e os crimes mais horripilantes e a corrupção desenfreada da época levam à conta de incompreensão dos homens.

Vêde o que rogam a Deus nas suas preces: «Meu Pai dai-me mais energias e compreensão ao meu espírito; dai-me melhores e maiores oportunidades de aliviar aflições e dores alheias; fazei Senhor que meu coração seja sempre piedoso ante os delitos e a devassidão que assolam o mundo.»

Querido irmão que me lês, lembro-te que nesta tremenda hora de transição é oportuno recordar as palavras de Lucas: «Grande é, em verdade, a seára, mas os obreiros são poucos, rogai pois ao Senhor que envie obreiros para a sua seára».

Ainda hoje Jesus nos diz em oportuno apêlo: — «Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me.»

Eis os medicamentos para a atualidade.

PAZ!

Idéias e Conceitos

I

NO interessante livro «Missionários da Luz», de autoria de André Luiz, por intermédio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, encontra-se, precioso acervo de informações, conceitos e lições que não devem passar desapercebidos aos que fazem das suas leituras cabedal precisamente indispensável a profundas reflexões de ordem filosófica, sem as quais toda assimilação de principios é prematura.

Comentemos, pois, despretenciosamente, certas passagens dêsse precioso livro, que mais profundamente nos impressionaram.

A' página 29 diz o erudito escritor do plano espiritual — : «O êrro do nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem a alma absolutamente separada do corpo físico, quando todas as manifestações psico-físicas se derivam da influenciação espiritual».

Nada há a objetar contra esta proposição, mas apenas interpretá-la como princípio condicionado ao ciclo evolutivo das almas ainda em estágio inferior de existência planetária. Fixamo-la para acentuar a circunstância de constituir o corpo somático instrumento de provas reparadoras e de trabalho construtivo para espíritos da nossa categoria, instrumento do qual certamente prescindiremos quando atingirmos maior grau de aperfeiçoamento espiritual.

Página 32 — : «O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a mediunidade constitúe um de seus fundamentos vivos». Verdade sediça que, apesar de se haver tornado lugar comum nas afirmativas de quantos escrevem sôbre a Doutrina, há de ser constantemente repetida em face das deturpações que a desfiguram. A proposição é, logo adiante, esclarecida convenientemente: «A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõem aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexorávelmente, a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras». O conceito relativo à necessidade «da limpeza do vaso receptivo» é de meridiana evidência; mas, quanto à proposição que lhe segue, somos obrigados a confessar que encerra uma como que implícita contestação ao princípio básico da filosofia espírita, que afirma: «Dois elementos gerais existem no universo: espírito e matéria, e acima de tudo Deus», condizente com o ensino de Jesus que sempre assim se pronunciou: «O que é do espírito é espírito, o que é da carne é carne». A identificação, portanto, das fronteiras entre um e outra, é insofismável...

Páginas 81 e 82: «O homem eterno guarda a lembrança completa e conservará consigo todos os ensinamentos, intensificando-os e valorizando-os, de acôrdo com o estado evolutivo que lhe é próprio. O homem físico, entretanto, escravo de limitações necessárias não póde ir tão longe. O cérebro de carne, pelas injunções da luta a que o Espírito foi chamado a viver, é aparelho de potencial reduzido, dependendo muito da iluminação do seu detentor, no que se refere à fixação de determinadas benções divinas. Dêsse modo, André, o arquivo de semelhantes reminiscências, no livro temporário das células cerebrais, é muito diferente nos discípulos entre si, variando de alma para alma». O belo princípio aquí exposto, não está bem claro, mas é fácil compreender-se o que Alexandre quís afirmar, isto é, que as aquisições do Espírito conserva-as êste para a eternidade, desenvolvendo incessantemente o seu índice cultural e sentimental, sujeito, porém, êsse índice, durante os ciclos encarnacionais, a obnubilações condizentes com a formação cerebral, o que vale dizer que um espírito adiantado, em estágio de expiação na carne, póde parecer atrasado, devido às suas deficiências cerebrais, e vice versa.

No capítulo do qual extraímos as proposições acima («No Plano dos Sonhos»), faz-se a apologia dos grupos familiares e demonstra-se o valor da frequência às sessões que aí se realizam, muito embora o capítulo trate de reuniões no plano astral. A lição que se tira dêste capítulo é proveitosissima para a nossa orientação moral. A moralização de nossos desejos, de nossas aspirações, de nossas preocupações e de nossos pensamentos, é indispensável à nossa paz e ao nosso progresso espiritual. Se tais desejos e pensamentos forem impuros, atrairemos entidades viciosas que, especialmente durante o sono, virão conviver conosco, para a satisfação de seus baixos instintos, o que é detestável e deprimente.

O capítulo — «Mediunidade e Fenômeno» — é altamente instrutivo. Destacaremos as seguintes proposições: «Sem o Cristo a mediunidade é simples meio de comunicação e nada mais, mera possibilidade de informação, como tantos outros, do qual poderão assenhorear-se também os interessados em perturbações, multiplicando prêsas infelizes...» (Página 99). «Sempre será possível abrir meios de comunicação entre vós outros e os planos que vos são invisíveis, mas não esqueçais de que as afinidades são leis fatais de reunião e integração nos reinos do Espírito!» (página 101). «Mediunidade não é disposição da carne transitória e sim expressão do espírito imortal». (página 103).

O capítulo — «Preparação de experiências» — desloca o problema do regresso à espiritualidade, daquele plano místico em que o situava a nossa antiga educação religiosa, para o das realidades humanas, num prolongamento doloroso das cousas dolorosas que desejaríamos ver definitivamente afastadas de nossas preocupações mentais. Como compensação a êsse mau efeito causado pela leitura do citado capítulo, temos a esperança, quase certeza, de que o livro abranja apenas, como é natural, o cenário limitadíssimo, na infinita paisagem do Cosmos, que pode ser abrangido pela inteligência do homem terreno: daí a sua semelhança ao da «crosta», mesmo porque André Luiz é ainda um espírito terrícola e a sua «zona lúcida» idêntica à de outro qualquer homem ilustre da Terra. Acima dêsse restritíssimo cenário os planos espirituais se desdobram ao infinito. Para percebê-los não dispomos ainda de adequados atributos. De tudo que ultrapassa os limitados sentidos humanos, não podem, portanto, tratar os livros escritos para a inteligência humana...

Nesse capítulo há um tópico de todo ponto digno de meditação: é o que se refere ao sexo.

Ficámos, certa vez, muito mal impressionado com o menosprezo demonstrado por ilustre e conspícuo confrade, ao se referir às funções reprodutoras. Comparava êle — é verdade que apenas em estílo de conversa entre homens — o útero da mulher a uma espécie de escuro e desprezível fôsso. Mais tarde ouvimos dêsse mesmo confrade, referindo-se a uma numerosa e bem organizada família, a sórdida expressão: «Que indústria de filhos»... Oxalá que lhe sirva o depoimento de André Luiz de corrigenda a tão estapafúrdos conceitos! «Na crosta — disse-me Alexandre, sorrindo (é êste o tópico em referência) — após reaproximar-se de mim —, e sentido geral ainda existe muita ignorância acêrca da missão divina do sexo. Para nós, porém, que desejamos valorizar as experiências, a paternidade e a maternidade terrestres são sagradas. A faculdade criadora é também divindade no homem. O útero maternal significa, para nós outros, a porta bendita para a redenção; para grande número de pessoas, na Esfera do Globo, a visão celestial é símbolo de repouso e alegria sem fim, enquanto, para muitos de nós, a visão terrestre significa trabalho edificante e salutar. Não alcançaremos, porém, a terra prometida do serviço redentor, sem o concurso das fôrças criadoras associadas, do homem e da mulher». «Compreendi com novo espírito — comenta André Luiz, ouvindo a conceituação acima — o carácter sublime das energias sexuais e recordei, compadecidamente, de todos os encarnados que ainda não conseguiram edificar o respeito e o entendimento, relativos aos sagrados órgãos procriadores. Meu orientador, entretanto, como antena receptora de todas as minhas emissões mentais, advertiu-me, bondoso: — Relegue ao esquecimento qualquer expressão das reminiscências menos construtivas. Os que ultrajam o sexo, escrevendo, agindo ou falando, já são grandes infelizes por si mesmos. Guardei a lição e abençoei a nova experiência que começava». (Páginas 166 e 167).

Nesse capítulo as referências aos «planejamentos de corpos», para reencarnações de provas ou expiações, reduzem evidentemente o cenário divino do trabalho, no qual sempre consideramos Deus como o Supremo Arquiteto, à bitola comum dos planejamentos humanos para as construções no cenário material do planeta. E' claro que só podemos admitir essas referências como suscetíveis de trazer o assunto, transcendentalíssimo por sua natureza, ao alcance da «zona lúcida» de um médico terrestre, há pouco desencarnado, como André Luiz, imbuido, portanto, das suas idéias científicas sôbre embriologia, anatomia, etc., etc., tôdas baseadas nas teorias materialistas. Simples adaptação de cousas divinas, inacessíveis à inteligência humana, ao plano de nossa incipiente intelectualidade, tais pormenores servem apenas para mostrar a procedência da assertiva dantesca, de que não se pode pensar nas cousas divinas com a mente terrestre, sob pena de materializá-las: «*E diffeto dala parte tua — Che non hai viste ancor tanto superbe*». (Canto XXX, versos 80 e 81). «*E diffeto dalla parte tua*, de ti, que cogitas das cousas do céu como daquelas que são da terra, «comenta Butti, um dos mais esclarecidos intérpretes de Dante.

Vão estas linhas a título de despretenciosos comentários a um livro de tanta relevância como êsse ditado por André Luiz, sob o título de «MISSIONÁRIOS DA LUZ».

Construtiva é a nossa intenção. Confrontando certas asserções nele contidas, com o que temos podido assimilar de tantas obras básicas da Doutrina dos Espíritos, a essas conclusões fomos compelidos. Em vez de desmerecer. elas recomendam o livro em aprêço, no qual, se é verdade que se encontram afirmativas como as que mereceram a crítica acima feita, inúmeras outras se nos deparam altamente instrutivas e edificadoras.

São Francisco do Sul, 6 de abril de 1954.

ARNALDO S. THIAGO.

(Continua)

Crônica Estrangeira

O Cão conhecia a data

«Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* publicou em Setembro último curioso relato acêrca das faculdades inteligentes manifestadas por um «lobo de Alsácia». Diz o articulista:

«Uma velha cantiga outróra célebre dizia: «Se queres saber que hora é, pergunta-o a um agente de polícia». Mas o sr. Beer, diretor do «Granada», de Kensington, dará uma versão mais moderna: «Se queres saber em que dia estamos, pergunta-o a um «lobo de Alsácia».

«O sr. Beer podia justificar o seu conselho como sendo o resultado da sua experiência com *Rita,* cadela inteligente, amiga de Bob Smith, de Rotherhithe.

«O sr. Smith comprou-a muito pequenina — agora tem 5 anos — e quando ela tinha alguns mêses punha-se a ladrar, quando êle falava: 4 vezes, numa frase de 4 palavras, 3 vezes numa de 3 e assim sucessivamente...

«Dêste modo, nossa «alsaciana» aprendeu a contar garrafas, a fazer sortes de cartas e a «dizer» a data.

«Recentemente, o *Empire News* nomeou um noticiarista para indagar o que havia e êste senhor viu *Rita* e o seu dono entreter uma assembléia no «Granada», de Kensigton. No escritório do sr. Beer viu o animal a trabalhar brilhantemente. Contou perfeitamente um número de garrafas e ladrou ao esconderem uma ou duas... Reconheceu também as cartas de jogar, à excepção das figuras. O nosso noticiarista escolheu uma carta, ao acaso, e não a mostrou a ninguém. Pois *Rita* ladrou 5 vezes para a côr, 4 vezes para o naipe e 10 vezes para o número. O sr. Beer saiu do escritório e o noticiarista pensou num número. Pois *Rita* deu êsse número exatamente.

«A experiência relativa à data é a seguinte, contada pelo próprio sr. Beer: «Outro dia, no palco, fiz todas as perguntas e era a primeira vez que eu via a cadela. Perguntei-lhe a data em que estávamos nêsse dia e que eu julgava ser 5. O animal respondeu 4. Como eu lhe perguntasse qual de nós tinha razão, *Rita* ladrou novamente 4 vezes.

«Quem tinha razão era ela, disse o sr. Beer filosóficamente...».

Êste animal maravilhoso suplanta alguns bípedes em inteligência. E se houvesse um método de «intercâmbio linguístico» entre homens e cães, é bem natural que a nossa admiração fôsse ainda maior.

Por estas colunas têm passado muitos casos semelhantes em que se evidencia a inteligência dos animais chamados inferiores, mas que o não são, em boa verdade. E até os anfíbios, como as fócas do Ártico, nos dão soberbas lições de compreensão e agilidade surpreendente, que ultrapassam o nível de alguns humanos.

⁂

Cirurgião Psíquico

«Revista de Metapsicologia»

E' com êste título que *«Illustrated»*, a conhecida revista inglêsa, refere a atividade curadora do médium britânico Jesse Thomas.

E' simplesmente surpreendente o relato das suas façanhas mediúnicas. Jesse Thomas cai no estado de transe e o espírito que dele se apodera dá pelo nome de Dr. Robert e diz-se assistido por outros cirurgiões de várias idades e nacionalidades. Depois do sono assume como que um estado de *vigília mediúnica,* faz os diagnósticos e atua como médico, sómente, ou como cirurgião, quando é caso disso, sem ter, a seu lado, no Mundo físico, mais do que sua esposa que, plena de convicção espiritualista, o ajuda.

«Ilustrated», que temos presente, publica várias fotografias onde se vê o médium Jesse Thomas em atividade curadora.

Uma delas é, nem mais nem menos, do que a fotografia duma pública demonstração daquele médium inglês, Caxton Hall, Londres, perante centenas de assistentes. Nessa demonstração, servindo-se de ferramental cirúrgico, como se fôsse o mais abalisado dos profissionais de cirurgia, Jesse Thomas operou, em noventa minutos, a bonita soma de oito doentes que, depois de diagnosticados, se lhe impunha operação imediata!

... Evidentemente, que apesar do relato ser publicado numa Revista profana e largamente conhecida em todo o mundo, não faltarão os que hão-de sorrir e atribuir o caso a «conto da carochinha», ou coisa peor, sem tomarem na devida conta a elucidativa reportagem fotográfica daquela publicação britânica. Estes são os tais *espíritos fortes;* com êles não entra a *traça...*

⁂

O Governo de Israel reconhece o Espiritismo

«Estudos Psíqúicos»

O Espiritismo acaba de alcançar nova vitória. Uma vitoria retumbante, das que atestam o caráter de uma época e o bom senso e compreensão dos governantes.

As idéias são aves aladas que fazem a viagem do mundo. E quando elas se dirigem ao coração do homem e o preparam para o derradeiro momento, instalam-se aqui e alí, lançam raízes fundas e tomam conta do terreno.

Os jornais de Israel relatam sessões espíritas nas primeiras páginas, sobretudo em Jerusalém e Telavive, desde que o Movimento Espírita foi reconhecido em decreto governamental.

Eis como êste diploma esboça a finalidade do Movimento:

«Estudar e realizar experiências práticas em todos os campos ligados à ciência do Espiritismo; difundir a idéia através de propaganda, informação e demonstração, e prestar assistência a todos os adeptos, sem distinção de côr ou de raça».

O presidente desta organização é Moshe Baharav, antigo oficial do exército britânico e atual gerente da Israel Salt Works C°, a quem se deve a publicação da primeira obra espírita traduzida em hebraico antigo, da autoria de Artur Findlay: «No Limiar do Etéreo».

Desde o princípio de 1954 que ali têm aparecido inúmeros artigos em Inglês, Hebraico e Idish, a linguagem usada pelos jornais de Jerusalém e Telavive.

Para se ver a importância dêste movimento basta dizer que o jornal Maariv consagrou seis colunas a um artigo acerca do Espiritismo científico, filosófico e religioso, ilustrado com a fotogravura de uma sessão de dois assistentes em que se viam três entidades espirituais.

Já é tempo de se reconhecer o Espiritismo como doutrina útil e necessária nos tempos que decorrem, cheios de egoísmo e rivalismo. O seu nome anda achincalhado e deturpado na boca de muitos indivíduos conscientes e inconscientes. Por isso esta notícia vem no momento oportuno. Pouco a pouco, a luz espanca as trevas e ergue tronos à Verdade.

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo

(Departamento de Mocidades)

Realizou-se com grande êxito e aproveitamento o Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo.— Inúmeras Mocidades se fizeram representar, inclusive a de Curitiba, representando o vizinho Estado do Paraná.—Ardorosamente debatidas em plenário as sugestões coletadas nas reuniões prévias.

Convocado pelo Departamento de Mocidades da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, realizou-se o SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, nos dias 28, 29 e 30 de Maio passado, na cidade de São Paulo, agora engalanada com as festividades comemorativas do seu QUARTO CENTENÁRIO.

Recepção e alojamento

Os moços e as famílias espíritas paulistanas se encarregaram de receber e alojar os jovens congressistas, recebendo-os nas estações ferroviárias ou rodoviárias e acompanhando-os aos seus lares, num testemunho vivo de seu espírito de solidariedade.

Dia 27, quinta-feira, da manhã à noite, enorme foi o azáfama para que se completassem as providências necessárias de recepção e alojamento. Nêsse mesmo dia, chegaram diversas delegações, prenunciando o êxito do conclave que deveria se instalar no dia seguinte.

As Representações

Fizeram-se representar as seguintes Mocidades: de Araçatuba, Ourinhos, Andradina, Bebedouro, Cachoeira Paulista, Jundiaí, Bauru, Jau, Mogi-Mirim, Mineiros do Tietê, Araraquara, Barretos, Sorocaba, Juventude Espírita Lameira de Andrade (Capital), Taubaté; União da Mocidade Espírita de São Paulo (Capital), Mocidade Espírita Joséense (São José dos Campos), Mocidade Espírita Emanuel (Amparo), Itapetininga, Marilia, União das Juventudes Espíritas Eurípedes Barsanulpho (Capital), Franca, Mocidade Espírita de Ribeiro Preto, Mocidade Espírita Emanuel (também de Ribeirão Preto), Campinas, e Mocidade Espírita Estudantes da Verdade (Santos). Aderiram e deram cooperação ao Segundo Congresso muitas outras Mocidades, como sejam, Mocidade Espírita Cristã Cruzeirense (Cruzeiro), Caçapava, Mocidade Espírita 3 de Outubro (Capital), Catanduva, etc. — Dos demais Estados do Brasil, fez-se representar o Paraná, pela brilhante delegação da Mocidade Espírita de Curitiba. Por telegrama, manifestaram sua solidariedade a Federação Espírita Brasileira, os Departamentos das Mocidades da União Espírita Mineira e da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

O Primeiro Contacto

Deu-se na manhã do dia 28, sexta-feira, ás 10 horas, com a entrega das credenciais, que foi feita à maior parte das delegações. De fato, nessa manhã, apresentava a séde da «U.S.E.» um aspecto invulgar, movimentado, alegre, com a presença de cêrca de uma centena de moços espíritas. Com essa primeira aproximação já o ambiente começava a se contagiar dessa alegria, dêsse entusiasmo, dêsse fervor, próprios dos moços espíritas. Começava a se inaugurar o Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo.

A Solenidade de Instalação

Foi realizada na Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», à rua Casemiro de Abreu, 392. A's 15,20 horas, do dia 28, o Dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, instalou solenemente o SEGUNDO CONGRESSO e após várias considerações sôbre a finalidade do referido conclave, passou a direção dos trabalhos ao Dr. Ary Lex, 1.º secretário do D. E. investindo-o da qualidade de Presidente do Congresso, conforme lhe facultava o respectivo Regimento. Em seguida, o Presidente da «U.S.E», juntamente com outros membros da direção dêsse organismo de unificação estadual, como sejam os srs. Carlos Jordão da Silva, Secretário Geral, e

Abraão Sarraf, Presidente do Conselho Metropolitano, assim como do sr. Antonio José Trindade, Presidente da Sinagoga, se retiraram do plenário.

Os demais membros da mesa

Procedida a eleição, ficou constituida da seguinte forma a mesa diretora do Segundo Congresso:

Presidente—Dr. Ary Lex; (Capital).

Vice-Presidentes:

No dia 28—Alcides Hortêncio (Mogi Mirim) e Orlando Ayrton de Toledo (Araraquara).

No dia 29—Alcides Sarmento (Jundiaí) e Eduardo Neves Castro (Amparo).

No dia 30 — Altivo Ferreira (Santos) e Nelly de Barros (Cachoeira Paulista). Secretário Geral — Paulo Toledo Machado (Capital).

No dia 28—Secretários, Atilio Campanini (Capital) e Luiz Ferreira Brasil (Sorocaba);

No dia 29—Apolo Oliva Filho (Capital) e José Parada (Capital);

No dia 30—Milton Engrácia (Franca) e Olga Neme (Bauru), substituida por Rodarte Ballaben (Ribeirão Preto).

Acessores Técnicos: Cicero Pimentel, Nair de Moura.

Comissão de Redação: Armando de Oliveira Lima, (Sorocaba), Dante Gandolfi, (Capital), Mauricio Ferreira (Barretos).

Comissão de Téses: Antonio Soares de Carvalho (Capital), Maria Emilia Barboni (Ribeirão Preto), Orlando Ayrton de Toledo (Araraquara).

Primeira Reunião Plenária

Os assuntos tratados foram os de Doutrina. Dos 15 itens, foram aprovados os seguintes:

1. Necessidade das aulas de moral cristã à infância serem ministradas pelas Mocidades.
2. O jovem espírita deve interessar-se pela parte experimental da Doutrina.
3. Os cursos de orientação doutrinária devem ser organizados com o concurso de pessoas capacitadas.
4. Estudo metódico da Codificação Kardeciana e obras correlatas.
5. Orientação do moço espírita em face dos problemas sexuais, sob o ponto de vista espírita, quando solteiro e após casado, por pessoa de reconhecida idoneidade moral e capacidade científica.
6. Que as Mocidades Espíritas não tomem partido em face das controvérsias doutrinárias.
7. Criação de escolas para preparação de professoras para Cursos Infantis.
8. Instalar Escolas ou Cursos de Pregadores nas Mocidades.
9. Necessidade da Planificação Didática para Cursos de Espiritismo aos Infanto Juvenis.
10. Que os moços cooperem como assistentes na direção de Trabalhos Práticos.
11. Que os moços, no seu preparo como futuro oradores, realizem palestras nas Mocidades e demais Sociedades Espíritas.

Segunda Reunião Plenária

Após breve descanso e lanche oferecido pelo Departamento das Mocidades, foram reiniciados os trabalhos, ás 20,15 horas, após prece proferida pelo dr. Agnelo Morato, de Franca, foi composta a Comissão de Teses, cujos nomes indicamos atrás. O assunto objeto de discussão referia-se a PUBLICIDADE, verificando-se as conclusões abaixo:

1. Que sejam organizadas Páginas das Mocidades nos jornais espíritas já existentes, com setor infantil, apoiando-os, e, se possível, manter colunas espíritas em jornais profanos.
2. Que nos programas radiofônicos já existentes seja incluida, se possível, a «HORA DA MOCIDADE».

Êste Congresso resolve solicitar ao Conselho Deliberativo Estadual da «U. S.E.» que recomende aos seus órgãos direcionais para que, durante as Semanas Espíritas, seja reservado um dia para a Mocidade, aproveitando, no máximo, a colaboração désta.

4. Que haja participação das Mocidades em todas as reuniões e concentrações festivo doutrinárias.
5. Que seja incentivada a difusão da arte espiritualizada.
6. Que constem dos calendários de atividades das Mocidades as datas magnas do Espiritismo, especialmente a do Dia do Livro Espírita ou da Semana do Livro Espírita.
7. Que o resumo do relatório das atividades anuais das Mocidades seja tornado público, com a publicação em jornais espíritas ou profanos.
8. Que as Mocidades organizem arquívo retrospectivo de suas atividades e do movimento geral dos moços.

Esta segunda reunião foi encerrada ás 22,35 horas, com a prece proferida por Alcides Sarmento, de Jundiaí.

Encerrou-se, assim, com real aproveitamento, o primeiro dia do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, realizado à tarde e à noite no salão principal da Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», à rua Casemiro de Abreu, 392.

A Segunda Jornada do Congresso

Consoante programa, foi local das discussões plenárias a séde da «Liga Espírita do Estado de São Paulo», sito à rua Brigadeiro Tobias, 238.

Os assuntos debatidos diziam respeito a Social e Assistência e a Organização.

Na terceira reunião plenária — Social e Assistência — iniciada ás 8,30 horas, sob a presidência de Alcides Sarmento, maior já se fazia notar o interêsse dos jovens congressistas, interêsse êste que, conforme depois se iria verificar, mais ainda se desenvolveria no decorrer das futuras reuniões.

As resoluções dêste item foram as a seguir enumeradas:

1. Que sejam realizadas reuniões sociais instrutivas e recreativas a critério da Mocidade.

2. Parte artística com a colaboração de elmentos espíritas ou não, submetendo-se êstes últimos à censura e assegurada a maioria de elementos espíritas.

3. Que as Mocidades se abstenham de promover bailes públicos ou privados. Abolir e não aceitar programas que apresentem espetáculo popular e música sensualista, jogos, todo e qualquer vício, festas mundanas, etc.

4. Intercâmbio por correspondência e com visitas entre as Mocidades.

5. Orientação geral do moço para que participe dos divertimentos sadios que a sociedade oferece.

6. Que se organizem torneios de debates.

7. Que, enquanto não houver possibilidade da criação de Pensionatos e Casas do Estudante Espírita, as Mocidades se reunam para estudar a possibilidade de receber estudantes espíritas que se deslocam de suas cidades.

Terminada a parte relativa ao tema «Social», passa-se a discussão do tema «Assistência», sendo as seguintes as conclusões a respeito:

1. Proteger as obras assistenciais já iniciadas, e colaboração por parte das Mocidades para com as existentes.

2. As Mocidades por seu Departamento Social, realizarão toda obra de assistência social possível, tais como: visitas filantrópicas ás cadeias, hospitais, famílias necessitadas, enxovais a recém-nascidos, encaminhamento para recuperação, aulas de educação social, higiene, socorros de emergência, procurando para realizar êsse programa a obtenção de sócios mantenedores, pequenas indústrias, campanha do quilo, etc.

A's 11,10 horas o sr. presidente declara encerrados os trabalhos da manhã, sendo os congressistas, a seguir, convidados para mais um lanche oferecido pelo Departamento das Mocidades.

Quarta Reunião Plenária

Realizada no mesmo local das antecedentes, efetuada no sábado de manhã. Reassumiu a presidência o sr. dr. Ary Lex, estando, também, presente, o sr. dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da «U.S.E.» — Foi esta uma das mais ardorosas reuniões plenárias dêste Congresso, empenhando-se a fundo os moços na exposição de seus pontos de vista. As resoluções foram as seguintes:

1. Que as Mocidades sejam autônomas ou Departamentais, de acôrdo com suas necessidades e conveniências.

2. Que nas Mocidades autônomas haja Conselho Diretor ao invés de Conselho Consultivo, porquanto aquêle formado com elementos não só mais experientes, como também mais integrados na própria Mocidade, poderá cooperar mais diretamente para o melhor desenvolvimento da mesma.

3. Encarecer às Mocidades a necessidade da adoção do termo «Mocidade».

4. Sugerir a adesão das Mocidades autônomas nas UMES e UDES.

5. Que as Mocidades criem Grêmios Infantis nas aulas dominicais, dirigidos pelos respectivos alunos.

Noite do Moço Espírita

Parte artística realizada com o concurso das Mocidades presentes ao Congresso. Presidiu a reunião o confrade Paulo Toledo Machado. Os números apresentados agradaram enormemente a grande assistência presente aos salões da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, à rua Maria Paula, 158. A reunião teve início às 20,30 e terminou às 22,30 horas.

Visita á Hora Espiritual

Foi realizada no domingo de manhã, ás 9 horas, tendo os diretores da «Hora Espiritual», gentilmente, cedida a direção do programa ao nosso companheiro Paulo Toledo Machado. Falaram os confrades de Santos, Altivo Ferreira, de Araraquara, Orlando Ayrton de Toledo, de Curitiba, Luiz Gaitani, e de S. Paulo, Apolo Oliva Filho. Declamou a jovem Olga Neme, de Bauru. Todos os visitantes manifestaram grande satisfação pela visita realizada.

Visita ao Parque Ibirapuera

O palco destinado às comemorações do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo foi visitado pelos congressistas às 10,15 horas, tendo chamado de modo especial a atenção de todos o Museu de Cera, por todos os títulos notável.

Almôço ao Ar Livre em Interlagos

A's 12,30 horas, transportada por dois ônibus especiais, a caravana chegou a Interlagos, em cujas práias foi realizado o «pic-nic» programado. A's 14 horas os congressistas regressaram para S. Paulo, afim de participarem da quinta e última reunião plenária.

Quinta Reunião Plenária

Foi realizada na Federação Espírita do Estado de São Paulo, iniciando-se às 15 horas, sob a presidência do dr. Ary Lex. Estiveram presentes, também, os srs. dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE, Carlos Jordão da Silva, Secretário Geral da USE, e Abraão Sarraf, Presidente do Conselho Metropolitano da USE e o sr. Waldomiro da Silva Santos, tesoureiro do D. E. da USE.

Os assuntos abordados foram os de Arregimentação, sendo as seguintes as resoluções finais :

1. Que as Mocidades, sempre que possível, realizem em conjunto reuniões de estudo.

2. Que as Mocidades solicitem dos Centros o encaminhamento dos moços que a êles pertençam, na impossibilidade de constituirem os seus próprios departamentos.

3. Que sejam organizadas campanhas de sócios, através de convites pela imprensa, tribuna, etc.

4. Que as Mocidades Espíritas através das UMES, colaborem ativamente nas Semanas Espíritas.

5. Que os jovens sejam atraídos para as Mocidades através de festivais, jogos educativos e excursões.

6. Que seja manifestado ao C.D.E. o desejo dos moços para que não sejam instaladas as sub-comissões de Mocidades.

7. Que sejam promovidas reuniões festivas nos Centros onde não existam Mocidades.

8. Que seja solicitado a D. E. da USE para que insista junto aos Centros Espíritas, no sentido de que enviem os jovens para as Mocidades.

Solenidade de Encerramento

Iniciada às 20,30 horas, sob a presidência dos srs. drs. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE e Dr. Ary Lex, presidente do Congresso, secretariada pelo sr. Paulo Toledo Machado. Tomaram assento à mesa os demais membros do Departamento das Mocidades da USE, Cicero Pimentel e Nair de Moura; representantes da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, Liga Espírita do Estado de S. Paulo, Hora Espiritual e Federação Espírita do Estado de São Paulo. Aberta a reunião foi feita a leitura das resoluções finais, que foram aprovadas. Houve a execução de alguns números de piano por duas meninas, os quais concorreram para o enlevo espiritual dos presentes. Os salões da Federação estavam literalmente tomados. Enorme assistência lotou-o inteiramente. Falaram os representantes de Andradina, Girofel Orestes, de Amparo, Maria Aparecida, de Ourinhos, Neusa Gonçalves Silva, de Sorocaba, Armando de Oliveira Lima, de São Paulo, Eden Dutra Nascimento, do Departamento das Mocidades, Nair de Moura. Foi lida uma mensagem do Departamento das Mocidades da União Espírita Mineira. Falaram ainda os representantes da F. E. E. S. P., J. J. Oliveira; da Hora Espiritual, dr. Euripedes de Castro, da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, encerrando os trabalhos da noite e do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO, os srs. drs. Ary Lex e Luiz Monteiro de Barros, que manifestaram sua alegria e satisfação pelo êxito do Congresso e pela maturação de espírito dos jovens congressistas, que tão bem já compreendem o alto sentido do Ideal de Unificação.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Miréta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre	— ,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	60,00
	Semestre	— ,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3071unse

NO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1954 — N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Fôrça da Verdade	*Redação*
Espiritismo e Panteismo	*Deolindo Amorim*
Vozes Diretas em Plena Luz . . .	*Max Kohleisen*
Livros em Desfile	*Delfino Ferreira*
Idéias e Conceitos	*Arnaldo S. Thiago*
Solilóquio	*Manuel Cavaco*
Milagre ? Não. Terapêutica Espirítica	*Leopoldo Machado*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
No Espiritismo como na Medicina Militão Pacheco foi um exemplo	*Irmão Saulo*
Rosacrucismo	*Francisco Klörs Werneck*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1954 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A FÔRÇA DA VERDADE

SE procurarmos observar com atenção a atitude atual da imprensa profana relativamente aos fenômenos espíritas, veremos que ela mostra-se mais independente e menos temerosa na publicação de notícias referentes a aparições de espíritos e outros fenômenos em que se nota a participação direta de sêres invisíveis. Assim, num ou noutro jornal, seja de grande ou de pequena circulação, deparamos, quasi diariamente, com notícias de fatos supranormais, algumas interessantes e outras fortemente impressionantes.

Disso se deduz que a Verdade vai, aos poucos, abrindo caminho no matagal da ignorância, tanto mais que chegou o tempo do cumprimento da profecia, segundo a qual o espírito seria derramado sôbre toda a carne, isto é, que os espíritos, através da mediunidade se apossariam das criaturas e estas, diante do fato consumado, não teriam outro remédio senão renderem-se à evidência dos fatos. Naturalmente cada espírito não pode deixar de procurar a pessoa com a qual tenha afinidade, sabendo-se que as pessoas boas só podem atrair espíritos igualmente bons. Por enquanto o número destas é ainda pequeno, ao passo que as criaturas atrasadas contam-se por milhões e milhões. Daí o trabalho afanoso dos dirigentes das instituições espíritas em atender diariamente as chamadas doenças mentais, que, na verdade, são produzidas pela atuação de espíritos, atrasados na sua maioria, visto como são raros os casos dos débeis mentais vítimas de uma enfermidade própriamente dita, como por exemplo a sífilis. Ha espíritos obsessores que só deixam a sua prêsa depois do desincarne desta. E a perseguição pode continuar no mundo espiritual até o momento de ser o obsessor esclarecido, como se tem observado nas sessões práticas do Espiritismo, nas quais aparecem, geralmente acompanhados de suas vítimas, obsessores obstinados, que muito trabalho dão no sentido de se compenetrarem do êrro e seguirem o caminho do Bem. Deste assunto teríamos muito o que escrever se o espaço permitisse. O nosso intuito porém, é demonstrar a ação dos espíritos nos seres deste mundo, ação que aumenta cada vez mais e das mais variadas formas, ao ponto de forçar a imprensa indígena a saír do seu mutismo e noticiar os fatos espíritas, tanto mais que o número de espíritas aumenta incessantemente, em face não só dos fenômenos supranormais, como também, e sobretudo, da Doutrina Espírita que, no seu tríplice aspecto de ciência, religião e filosofia, dá resposta a todas as indagações humanas e apresenta novos conhecimentos, novas cousas relacionadas com a vida e a imortalidade da alma.

Que o Espiritismo está beneficiando a humanidade ninguém o pode negar. Além de projetar luzes nos cérebros e corações, apresenta o fruto dos seus postulados até no terreno material, pois o seu trabalho principal é desvendar os esplendorosos horizontes do mundo espiritual e da imortalidade da alma. No terreno material aí estão para todos verem as grandes obras de assistência social construìdas pelos espíritas, que se não fossem espìritas talvez nada tivessem feito em benefício dos seus semelhantes. Eles, graças ao Espiritismo, compreenderam o verdadeiro sentido do Cristianismo, o que quer dizer que as religiões das quais pertenciam não satisfizeram os seus justos anceios.

Estribado nos fatos psìquicos e na lógica de seus postulados, que são frutos da Verdade, tanto mais que é o Parácleto da Promessa, o Espiritismo se propaga até nas costas dos seus gratuitos adversários, que, cansados de batalhar contra Deus, hão de desaparecer, em futuro não muito distante, no meio das multidões que abraçaram o Espiritismo.

Que ninguém se aventure a profanar a Verdade se quiser livrar-se do chôro e ranger de dentes no mundo vindouro.

E o Espiritismo é a Verdade.

Espiritismo e Panteismo

DEOLINDO AMORIM

— II —

Crônicas lidas em «Seleções Espiritualistas» (Rádio Guanabara Rio de Janeiro), a propósito de uma nota que a Curia Metropolitana fez publicar sôbre o Espiritismo, na qual procurou, erroneamente, confundir Espiritismo e Panteismo.

Dissemos, no artigo anterior, que a tese reencarnacionista, tese capital na doutrina espírita, se fundamenta em três princípios inseparáveis: *preexistência, individualidade* e *responsabilidade* do espírito. Sem esses três princípios, como se sabe, não seria possível compreender a reencarnação. Já se vê, portanto, que a doutrina espírita, por isso mesmo, jamais poderia ser uma variante ou revivescência do panteismo oriental. Aliás, a doutrina ou filosofia panteista tem diversos aspectos. Antes mesmo de se conhecer a palavra panteismo, no século XVIII, já existia a concepção panteista em diversos sistemas religiosos e filosóficos da antiguidade. Os pitagóricos, por exemplo, foram chamados de panteistas. O panteismo indiano, que é a forma mais antiga, era mais metafísico ou transcendental. O panteismo grego não tomou a direção metafísica do panteismo indú, porque se inclinou mais para o naturalismo. O neo-platonismo, como o judaismo, etc., receberam, em determinados períodos, certa influência das idéias panteistas. No chamado panteismo medieval encontramos, sem dúvida, uma feição mais religiosa do que filosófica. E' claro que, sob o império espiritual da Escolástica, que foi a orientação dominante na Idade Média, o panteismo não teria, como não teve, o carácter especulativo do movimento que se desenvolveu na *Renascença*, com Spinoza. O panteismo spinoziano, sim, ocupou realmente um lugar apreciável no pensamento filosófico do Ocidente.

Esta simples introdução, aliás, muito sumária, tem o objetivo de demonstrar que, através dos tempos, as idéias panteistas não têm sido uniformes, não seguem uma orientação única. Todavia, em tese, o ponto central do panteismo, esteja êle na Índia primitiva ou na Grécia antiga, esteja na Idade Média ou nos tempos modernos, é a identificação de Deus com o mundo ou da criatura com o Criador. Esta concepção, em filosofia, leva ao chamado princípio da imanência. Que é imanência? E' aquilo que póde passar pela experiência e é inseparável do objeto a que se liga. Imanente, portanto, é o oposto a transcendente ou transcendental. Dentro da concepção panteista, desde que se confunda o Criador com a criatura, ou, para dizer melhor, desde que se confunda Deus com o Mundo, é claro que a idéia de Deus desce da hierarquia transcendental em que ela se acha para a experiência comum, a experiência dos sentidos. Deus e o mundo se identificam de tal fórma, tornam-se tão sensíveis que, afinal de contas, não se distinguem mais. Chegamos, agora, nêste ligeiro resumo, ao ponto de diferenciação entre Panteismo e Espiritismo. Eis o que ensina o Espiritismo, logo no primeiro capítulo do «Livro dos Espiritos» e no 2.° capítulo da *Gênese: «Deus, criador de todas as coisas»*. Ora, nenhuma coisa tem origem em si mesma. nenhum ser existe por si mesmo. Se Deus, como ensina o Espiritismo, é o criador de todas as coisas, é claro, é intuitivo que Êle — Deus — é distinto das coisas por Êle mesmo criadas. Logo, não se póde confundir Deus com o mundo, o criador com a criatura. Poder-se-á dizer, isto sim, que a ação de Deus tem reflexo em toda a sua obra. Isto não é o mesmo que confundir aquêle que cria e aquilo que é criado. A causa tem reflexo no efeito, mas não se confunde o efeito com a causa. Quando vemos, por exemplo, um edifício, uma obra construida, podemos dizer que nêsse edifício, nessa obra, através de seu plano de conjunto, através de suas linhas arquitetônicas, está a projeção mental do arquiteto ou do construtor, porque a obra obedece ao traçado que saiu da inteligência do construtor, mas não se vai dizer que o construtor está integrado ou incorporado no edifício. Não. O que está na obra não é o construtor: é o reflexo de sua inteligência, a marca de seu espírito, como se costuma dizer. Quando lemos um livro, dizemos logo: nêste livro está o espírito do autor, isto é a sua inteligência, o seu sentimento, as suas emoções, as suas idéias, o seu retrato psicológico. Não vamos dizer, entretanto, que o autor se confunde com o livro. Não. O autor e o livro se identificam espiritualmente, mas a verdade é que são duas realidades distintas: o autor do livro é um homem, o livro é um objeto. Quando se rasga uma página do livro, não se vai dizer que se rasgou um pedaço do homem que escreveu o livro. O livro não se formou por si mesmo, o livro é efeito, não é causa. Logo, o livro tem um autor, alguém que o escreveu, que o formou. Se tem um autor, êsse autor está separado forçosamente do livro, e com êle não se confunde. Com estas comparações um tanto grosseiras ou rudimentares, queremos apenas estabelecer alguma analogia com o mundo em face do Criador. Se o mundo que nós vemos é efeito, porque não é causa de si mesmo, isto é, o mundo não se criou a si mesmo, o seu Autor, que é Deus, não se confunde com a criação. O que vemos no mundo, como vemos em nós mesmos, é a projeção de uma inteligência onímoda e onisciente, que é Deus; mas Deus não está dentro das coisas, nem fica no âmago ou no cerne das realidades sensíveis ou materiais. Deus está fóra e acima das coisas, porque, se assim não fôsse, Êle não seria o Criador, a inteligência suprema e sábia, capaz de ordenar o mundo com as suas leis gerais e imutáveis. Já se vê, portanto, que entre Espiritismo e Panteismo as concepções são muito diferentes, e, em determinados pontos, chegam a ser antagônicas.

(Conclusão).

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 80,00
Do 4.° ano	80,00
Do 5.° ano	80,00
Do 6.° ano	80,00
Do 7.° ano	80,00
Do 8.° ano	80,00
Do 10.° ano	80,00
Do 11.° ano	Cr.$ 80,00
Do 18.° ano	80,00
Do 19.° ano	70,00
Do 20.° ano	70,00
Do 21.° ano	70,00
Do 22.° ano	70,00
Do 23.° ano	70,00
Do 24.° ano	Cr.$ 70,00
Do 25.° ano	70,00
Do 26.° ano	70,00
Do 27.° ano	70,00
Do 28.° ano	70,00

Vozes Diretas em Plena Luz

Traduzido por: MAX KOHLEISEN *(Conclusão)*

Depois comuniquei a ela, ter recebido cartas dos seus pais, da Inglaterra; ela observou: «Isto me alegra». Manifestei a intenção de escrever a seus pais sôbre o fato de ter conversado com a falecida filha deles; no que ela obtemperou: «Sim, faça isto, pois êles se sentirão felizes de saber que continuo vivendo contente e satisfeita. Diga-lhes, ainda, que agora não preciso mais palmilhar um «caminho solitário» como d'antes...»

Fiquei tão surprêso pelo enorme alcance e repercussão dêste acontecimento, que me faltaram palavras, sobrevindo, por isso, um intervalo na nossa conversa. De repente, todos nós ouvimos a voz de Nelly, entretendo-se com Charlie! Tratava-se de uma conversa no Além, da qual eramos testemunhas involuntárias. O meu nome foi pronunciado duas vezes. Desejo esclarecer que ela (Nelly) explicou a Charlie de que natureza eram as nossas relações na época em que ela ainda se encontrava no plano da matéria. Êste acontecimento prova, melhor do que qualquer outro, a grande naturalidade da confabulação com os «chamados» mortos...»

—

Ainda outros casos se encontram citados no relato de Mr. Chapman, onde os assistentes duma reunião participaram de uma palestra conduzida entre os espíritos. Para exemplo da primeira manifestação de «Wee Betty» (pequena Betty) vem o seguinte relato:

«Numa ocasião, durante uma sessão calma, à noite, ouvimos, de repente, para nossa grande surprêsa, duas vozes de crianças conversando entre si. Concluimos, da conversa dêstes dois espíritos infantis, que estavam admirados de se encontrarem em nossa presença. Logo em seguida, êles se manifestaram e ficámos inteirados de que os recem-chegados eram os espíritos de duas irmãs: Wee Betty e Rosie. Disse Wee Betty que a mamãe virá, também, para conversar conosco. Logo em seguida, todos ouviamos um grito de alegria de Rosie, que se atirou aos braços da mãe. Esta última se dirigiu a nós com muita gentileza. Mas depois, as três conversaram muito entre elas mesmas, esquecendo-se da nossa presença».

Mr. Ch. conta vários episódios semelhantes. Exemplo: Éramos reunidos, uma noite, em casa de R., apreciando uma das mais belas sessões. Num dado momento, estavamos ouvindo uma conversa entre «Wee Betty» e o pequeno «Hunter». As suas palavras se produziram tão claras e compreensiveis, que o dono da casa veio a dizer que estava compreendendo tudo o que disseram os espíritos. Mal tinha terminado a frase, Betty se dirigira, bruscamente, e com ares de ofendida ao snr. R., observando-lhe, não ser bonito intrometer-se em conversações alheias...»

— A primeira manifestação da já citada cantora Nelly Dempster sucedeu da seguinte forma: «Charlie solicitou numa sessão, em que todos deviam observar completo silêncio durante algum tempo. Depois, êle comunicou: Presente se acha o espírito de Nelly Dempster; tocai para ela a canção «Sad Little Eyes» (Pequenos olhos tristes). Mr. Ch. imediatamente tocou a música. Durante o toque suave, todos ouviram como Charlie instruiu a recem-chegada e a maneira com que ela devia utilizar-se da energia. Nelly se manifesta, fazendo uma tentativa que termina num fracasso. Charlie repete, mais uma vez as suas instruções e diz: «Faça como eu estou fazendo!» Segue-se nova tentativa de Nelly e ela consegue cantar débilmente a canção. Depois, aos poucos, ela consegue dominar as ondas sonóras e a sua voz veio bem clara e nítida...»

Ernesto Bozzano aponta, com referência aos fenômenos acima relatados, que é absolutamente nula a objeção de que também os alienados ouvem conversas de pessoas imaginárias; mas, os alienados ouvem, SEMPRE SÓ ÊLES, as referidas vozes! Entretanto, nos fenômenos acima relatados, TODOS OS PRESENTES têm ouvido as vozes! Segue-se, disso, positivamente, a objetividade das mesmas. A comparação que se faz, com alucinações auditiva dos alienados, portanto, não é fundamentado. E' argumento infantil!

E' preciso, então, buscar por outras vias e maneiras a explicação dêste fenômeno psicológicamente tão importante e extraordinário. Antes de tudo, não é indicado isolar um fenômeno, analisando-o em separado. E' imperioso encarar e observar o conjunto das manifestações e, em seguida, ver-se como tudo pende, rigorosamente, para a interpretação espiritística.

Bozzano sublinha, também, a circunstância de, muitas vezes, quando se manifestam personalidades de falecidos e que eram pessoas conhecidas dos presentes, êstes últimos os reconheciam, imediatamente, pela voz. Assim aconteceu, também, nas experiências de Bradley, com Valiantine, e nos fenômenos de Millesimo, com a voz de Eusápia Paladino.

O experimentador E. A. Thurston, um céptico ferrenho, chegou ás sessões, para provar que todos os presentes estariam alucinados. Entretanto, êle fecha o seu relatório na seguinte forma: «Declaro que, na minha casa, tanto minha esposa como eu, temos conversado com o meu irmão, que tombou na guerra em 1917; e «*declaro solenemente*» que reconheci, imediatamente, a sua voz, quando apenas tinha começado a falar. Também reconhecemos a voz do irmão da minha esposa, que pouco depois do primeiro se manifestou...»

Chapman relata o seguinte episódio de 9 de Novembro de 1926: «Procedeu-se, nesta noite, a uma sessão familiar, a pedido de Dorothea. Eramos três, — eu, minha mãe e Pearl (a médium). A sessão foi o que houve de melhor até hoje. Temos notado que, empreendendo uma sessão com seriedade, isenta de qualquer receio, com ausência de pensamentos em negocios, livre de qualquer vestigio de dúvidas, de confusões e de suspeitas, mas sim, animado pelo são desejo de receber com alegria e com os braços abertos os bondosos espíritos-amigos, — podemos obter deles quase tudo o que se deseja, menos, até agora, vê-los. Eles todos compareceram cheios de vitalidade e felicidade. Dorothea falou constantemente com a voz que ela teve em vida durante o tempo em que ela se entreteve comigo. Foi percebida, também, uma outra voz feminina, acompanhando a canção que eu estava tocando. Ao iniciar, a voz era fraca, mas, posteriormente, ela se tornou forte e maravilhosa...»

Ernesto Bozzano observa: Não se pode negar o valor extraordinário da circunstância de que os manifestantes (espíritos) falam com aquela voz que possuiam em tempo da vida material. A tonalidade de cada voz depende da vibração especial que possue a respectiva laringe, e, como não existem duas laringes iguais, «ipso facto», também não podem existir duas mesmas vozes humanas! Como se pode, então, pretender que uma entidade, — para enganar o próximo —, seja capaz de produzir a vibração da laringe de uma pessoa falecida, sendo ela completamente desconhecida pela médium?

A suposição de ser possível semelhante «milagre» é simplesmente absurdo e, assim mesmo, não encontraram os defensores da hipótese da intervenção do subconsciente da médium, alguma explicação melhor neste caso. Em compensação, nenhuma dificuldade teórica se apresenta aos partidários da hipótese espírita, isto é, se êles admitem acharem-se presentes as entidades ou espíritos de pessoas já falecidas que se manifestam. Neste caso é natural e compreensível que êles conservem a tonalidade vibratória da voz que os caracterizou em tempo da vida material.

— Mr. Chapmam em outra passagem se refere ao seguinte: Um fator curioso é aquele em que a médium raras vezes ouve as vozes que falam ou cantam, salvo no caso em que as vozes se dirigem diretamente à médium; aí, acontece que elas são bem distinguidas por ela. A razão disso deve ser encontrada, talvez, no fato de, a médium fornecer, em maior ou menor volume, os fluídos empregados para produzir-se o fenômeno das vozes diretas.

— Ao fim destas interessantes explanações, Bozzano, aponta, ainda, alguns episódios narrados por Mr. Chapman, que atestam a sonoridade e a clareza com que se externam as vozes: Um teólogo que assistira às reuniões para poder convencer-se pessoalmente dos fatos disse o seguinte, com referência à criança «Betty»: «Betty não se acanhou em se manifestar, e isso, com notável inteligibilidade. Sua voz ressoava no centro da sala com clareza e vigor, "da maneira idêntica à voz dos assistentes».

Um outro exemplo: — Certa noite, desenrolou-se uma das mais belas reuniões na casa de Mr. R. — «Charlie cantou maravilhosamente, acompanhado por «Dorothea» e «Vale». Este último, num «finale», tocado num harmonium, sustentou a derradeira nota da canção por mais de 5 minutos!, o que representou um fato que assombrou os assistentes...

Em outra ocasião: À noite vieram várias entidades, «Torrance» e «Dorothea», dando uma magnífica prova de potência vocal; às vezes ouviam-se duas vozes, depois, três, cantando em conjunto. Quando Torrance cantou sozinho, a canção «Sister» (irmã) entendia-se palavra por palavra, com perfeição. — Durante uma reunião noturna, três dos assistentes cantaram em conjunto com toda potencialidade dos seus pulmões e, assim mesmo, não conseguiram sobrepujar a potente voz do espírito-tenor «Torrance»!!

Outro belo exemplo de uma reunião em plena luz do dia é assim descrito: «No dia 2-2-1927 reunimo-nos na sala azul, durante o dia. «Wee Betty» se manifestou e confabulou em meio de nós todos. Grande era a sua afeição por Mr. G. que, em breve, devia seguir viagem para Dunedin, a Capital da Nova Zelândia. Esta afeição traduziu-se numa despedida comovedora, que «Wee Betty» não escondeu, o que constituiu uma prova da sua profunda amizade. Se, por ventura, um céptico endurecido tivesse presenciado as palavras afáveis desta pequena e formosa alma, a afeição e amor que transbordou o coração da criança falecida pelo seu amigo do plano material, — seguramente êle se teria convencido, para sempre, da realidade da existência espiritual...»

— Numa palavra final, frisa Bozzano, com tôda razão, o grande significado dos fenômenos narrados, pois: — o fato de que as «VOZES DIRETAS» se produzem também em plena luz, há de fazer calar o estéril palavreado com referência às fraudes.

— Muito instrutiva é a circunstância de as vozes diretas em plena luz sòmente se produzirem se um instrumento músical não deixa de tocar. Isto prova que as entidades espirituais fazem surgir o fenômeno servindo-se das vibrações sonoras que podem ser acumuladas na completa escuridão, de maneira que existem sempre reservas vibratórias armazenadas. Por meio disso, encontram e possuem os espíritos — elemento — para manifestar-se, sem que se use um instrumento musical. Em um recinto iluminado não se acumulam as vibrações sonoras, pois a luz influi muito na dispersão dos fluidos e é necessário que a fonte das ondas sonoras não se interrompa nem por um instante...

— Encerrando as nossas interessantes observações, é preciso confessar que, a hipótese espírita representa, sem nenhum favor, a melhor explicação das manifestações. Em apôio desta afirmativa falam, também, os casos nos quais os «Espíritos» mantiveram conversas entre si, que foram claramente ouvidas por todos os experimentadores presentes. Outra prova importante em favor da hipótese espírita é a circunstância de que, com frequência, foram reconhecidos imediatamente, pelas suas vozes, os conhecidos (espíritos), antes que os comunicantes se dessem a conhecer. Por isso, deve ser frisado, mais uma vez, que é verdadeiramente absurdo querer afirmar ser possível, a alguma pessoa, reproduzir a voz de um falecido conhecido.

Em resumo, esta pesquisa experimental representa uma valiosa contribuição para o conhecimento do «prócessus» ou forma, pela qual é produzido, pelos Espíritos, o fenômeno das vozes diretas, e, também, da natureza e da energia que comandam e dirigem as fôrças psiquicas.

Piracicaba, 30-4-1954.

As vossas faculdades, fruto de inúmeras existências terrenas, só podem se aperfeiçoar através de constantes experiências, do estudo bem orientado, dos conhecimentos relativos á vida do espírito e, sobretudo, da prática das virtudes ativas, que têm por base o amor fraterno. Portanto, é de vosso interesse aproveitar da melhor forma possível a vossa atual existência terrena, para vos tornardes dignos de um mundo melhor. — CAIRBAR.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Emissora de Campos do Jordão, E. S. Paulo, escreveu Delfino Ferreira e apresentou Nély Sônia, em 15/8/1953).

VIDA E ATOS DOS APÓSTOLOS, eis o 13.º livro de Cairbar Schutel, que hoje apresentamos em LIVROS EM DESFILE.

Diz o Autor, no Prefácio, tratar-se de «uma compilação de «Atos dos Apóstolos», livro de Lucas, no Novo Testamento, cujo objetivo o próprio título identifica. Compilando-o, porém, Schutel traça judiciosos comentários e amplia o texto bíblico apresentando dados históricos relativos à vida dos Apóstolos e «sua ação sob os auspícios dos Espíritos mensageiros de Deus», na palavra mesma do Autor.

A interpretação de Schutel se funda nos conhecimentos trazidos à doutrina pelo Espiritismo.

Esta obra tem de extraordinário o fato de haver sido escrita em apenas trinta e cinco dias, no momento em que a revolução de 32 ensanguentava o sólo paulista. Subordinada à orientação espirítica, a obra, diz Schutel, «vem revestida de uma exegese nova, de harmonia com a lógica e a razão, e os fatos que constituem o seu princípio fundamental». Como muito bem diz êle, «VIDA E ATOS DOS APÔSTOLOS» é uma obra didática para os estudantes do Novo Testamento, que nela encontrarão novas luzes para se aproximarem da verdade e bem se orientarem no caminho que vai ter a Jesus, o supremo autor e consumador da Fé».

Abre o livro, ora em 4.ª edição, datada de 1950, mas vindo a lume em Fevereiro de 1933 a sua primeira, uma ligeira mas suficiente notícia sôbre o livro bíblico: OS ATOS DOS APÓSTOLOS, sendo seu primeiro capítulo EXEGESE HISTÓRICA DOS ATOS DOS APÓSTOLOS, com base, sobretudo, em Atos, I: 1-4. Nos 78 capítulos restantes, que se estendem por perto de trezentas páginas, Schutel expõe todas as passagens do livro de Lucas, interpretando os fatos, conforme se propôs, à luz do Espiritismo, e apresenta e estuda diversos temas com apôio nêsse livro das Escrituras Cristãs.

Iremos agora fazer desfilar o penúltimo trabalho de Cairbar Schutel: «CONFERÊNCIAS RADIOFÔNICAS».

E' um pequeno volume encerrando as quinze Conferências que constituiram a primeira série das que se havia proposto produzir pelo Rádio.

Foi, assim, Schutel, o pioneiro do Espiritismo radiofônico, de vez que esta sua série teve início em 19 de Agosto de 1936, uma 4.ª feira, completando, destarte, na próxima 4.ª feira, 19 de Agosto de 1953, dezessete anos que foi ao ar pela vez primeira a voz espiritista. Num novo 19 de Agosto, do ano seguinte, 1937, JOÃO PINTO DE SOUZA, numa 5.ª feira, lançava ao ar o PRIMEIRO PROGRAMA ESPIRITISTA RADIOFÔNICO na América, e, quiçá, no mundo! E êste programa ainda vive, sob a direção de Geraldo de Aquino, desde a desencarnação do seu saudoso fundador.

Se coube a Cairbar iniciar a difusão radiofônica do Espiritismo, coube a Pinto de Souza criar o primeiro programa radiofônico, realmente organizado, com carácter semanal permanente, como coube à U. D. J., ser pioneira do primeiro programa espiritista radiofônico diário.

Foram os seguintes os temas versados por Cairbar:

— A Imortalidade da Alma e princípios gerais do Espiritismo, em 19-7-36;
— O Espiritismo Científico Cristão;
— Em tôrno da imortalidade;
— O Espiritismo e suas prerogativas — A Vida;
— Sôbre a rocha da Revelação;
— Á guisa de comemoração dos mortos; triunfo sôbre a morte; o culto dos mortos;
— O Espiritismo; as vidas sucessivas; pluralidade dos mundos habitados;
— A situação mundial e os meios de realizarmos nossas aspirações libertadoras;
— O nascimento, a vida e a doutrina de Jesus Cristo;
— Os eternos reacionários; o progresso religioso; o Espiritismo e sua concordância com as ciências. Esta já em Janeiro de 1937;
— O grito da Imortalidade e a conversão de S. Paulo — Base do Cristianismo;

— Concepção de Deus e do Universo pelo néo-espiritualismo. Os grandes filósofos em face de Deus. Deus e o Espiritismo;

— A imortalidade da alma e o universo;

— A morte e a vida em face do Cristianismo e do Espiritismo;

— As reaparições e comunicações de Jesus e as reaparições e comunicações de mortos em face do Espiritismo.

Esta foi, pois a 15, a última, proferida em 2 de Maio de 37, domingo, pois estas Conferências, iniciadas numa 4.ª feira, passaram logo para as 5.ªs, e pouco depois para os domingos, sempre quinzenalmente, nas Rádio Cultura de Araraquara, Estado de São Paulo.

Por fim, o último livro de Cairbar, o 15.º — O BATISMO, que encerra em LIVROS EM DESFILE a apreciação da obra doutrinária do inesquecível batalhador. Obra doutrinária editada em livros e monografias, de vez que pelas páginas de O CLARIM, desde sua fundação em Agosto de 1905, há, portanto, 48 anos completados no mês em curso, nas de REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, também por êle fundada em 1925, até Janeiro de 1938, quando desencarnou o infatigável lutador, muito escreveu e que posto em livros, elevaria, por certo com mais do dobro, o dos que deixou.

«O BATISMO» é um opúsculo de quase 40 páginas, editado em 1941. Trabalho póstumo, portanto, coordenado pelos Editores de «O CLARIM», visando atender a pedidos de leitores desejosos de melhor conhecimento e compreensão do assunto.

Atende ao seguinte SUMÁRIO, que, por si, define a obra e seu valor:

— Ritual e Formalismo através dos tempos e gerações;

— Origem do Batismo Pagão;

— O significado e a finalidade do Batismo;

— Os motivos que levaram Jesus a ser batisado por João;

— Considerações finais sôbre o Batismo.

Temos, assim, sem brilho, mas com veneração, apresentado aos nossos ouvintes a obra de Cairbar Schutel, aqui reunida às de Kardec, Denis, Delanne e Bezerra de Menezes.

A seguir apresentaremos a de LEOPOLDO CIRNE.

A todos PAZ E LUZ.

Idéias e Conceitos

II

O capítulo — Reencarnação — do livro «Missionários da Luz», que estamos estudando, é dos mais transcendentes. Não ignorávamos que os Espíritos agem em todos os fenômenos da natureza. Assim o afirmaram as elevadas Entidades prepostas à revelação espírita, conforme se póde ler nos diferentes livros da Codificação, especialmente no Livro dos Espíritos e nas obras de Roustaing. Mas que se pudesse «planejar uma reencarnação», operando, para isso, mais ou menos como se faz nos laboratórios científicos, jamais o poderíamos conceber. O *processus* da formação de um corpo vivo é segredo de Deus, assim o pensamos, tendo em abono dêsse modo de ver o que escreve o Professor Pietro Ubaldi, incontestavelmente um grande *inspirado:* «Quando Deus faz uma flôr, cria um órgão, matura um fenômeno, não age com as próprias mãos, como nós o faríamos, pelo exterior, mas opera silenciosamente do interior» «A vontade de Deus reside, pois, no interior da vida e daí *aflora nos fatos*». «E' uma tácita e lenta transformação que só por fim aflora à realidade sensória, quando todo o processo da gênese estiver completo. Por isto a maioria não a percebe e assim acredita que Deus não esteja presente na sua obra contínua». («Ascensões humanas», pág. 72)

Como, pois, admitir a existência de tais laboratórios, nos quais elevados Espíritos «planejam reencarnações»? O assunto envolve gravíssima responsabilidade doutrinária que convém esclarecer. Essa tendência de levar a mentalidade científica materialista para os planos espirituais, afim de observar e pesquisar nesses planos como se procede no mundo material, deve provir de «cérebros esclerosados pelas idéias materialistas», como diz Paul Gibier. Mas a gravidade do caso está em que muitos confrades vão admitindo a exposição como se fosse de valor doutrinário, quando o que é certo é que ela envolve apenas ponto de vista de um homem de ciência desincarnado e ainda certamente vinculado ao seu saber de cousas do plano material. Se «há companheiros de grande elevação que, ao voltarem à esfera mais densa em apostolado de serviço e iluminação, quasi dispensam o nosso concurso» (dos Espíritos prepostos a êsses trabalhos); e se «outros irmãos nossos, contudo, procedentes de zonas inferiores, necessitam de cooperação muito mais complexa que a exercida no caso de Segismundo» (que era espírito ainda atrasado)—isso só se pode entender no sentido de assistência moral para demonstração de que deve o espírito necessitado de nova incarnação de prova e expiação, submeter-se à mesma; interferir, porém, no *processus* divino da encarnação, como se descreve em «Missionários da Luz», é informação cerebrina que deve ser totalmente posta de lado.

«PREPARAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS». — Trata êste capítulo, sequência do precedente, do planejamento de corpos de acôrdo com as provas que terá o espírito reencarnado de passar. Em vez dêsse planejamento, o que admitimos, de acôrdo com o espírito da Revelação Espírita, é que ocorra, no caso, uma preparação do arcabouço humano correspondentemente ao estado de consciência do ser a reencarnar-se, como manifestação da vontade de Deus que infunde, pelo próprio pensamento do homem racional, em que domina a consciência, ao perispírito do delinquente a expressão orgânica condizente com a expiação que lhe deve amargurar os dias na carne, à qual o «mediador plástico», que é o mesmo perispírito, imprime a própria forma, sendo que nesta é que o pensamento do Espírito imprime os estigmas dos seus vícios e transgressões. Por isso se diz que «a pena está implícita no pecado». Como se depreende do que fica exposto, a lei divina opera em todos os casos: é sempre «a vontade de Deus que reside no interior da vida e daí *aflora nos fatos*».

«PROTEÇÃO» — «FRACASSO». — Nestes capítulos o que se observa é que André Luiz aprecia os fatos de um plano idêntico ao da «crosta», do ponto de vista das entidades que o habitam. Em tais condições, o seu testemunho é útil, mas não importa em firmar princípios doutrinários.

«INCORPORAÇÃO». — Trata-se, evidentemente, neste capítulo, de um caso de mediunismo, em que opera um espírito ainda não adestrado no processo de incorporação, por intermédio de instrumento mediúnico perturbado pelo ambiente doméstico. Os pormenores, especialmente os finais, nesta sessão, indicam não tratar-se de crentes, mas de pretenciosos e orgulhosos, aos quais algum crente bem intencionado quís proporcionar benefícios com a comunicação de um parente. O caso é vulgar e foi um, talvez entre muitos, a que André Luiz pôde assistir. Não serve de paradigma à atividade mediúnica em trabalho espírita. Neste, a recetividade é grande e o médium pode incorporar sucessivamente vários espíritos. No caso em aprêço trata-se de um espírito tão perturbado, que necessitava de assistência médica no astral!... (V. página 276).

«DOUTRINAÇÃO». — Êste capítulo, bastante realista, recorda-nos o que, ao longo dos anos, vimos observando em nossas sessões do «Caridade de Jesus» e de outros centros espíritas. André Luiz, em suas observações, dá-nos ótimos subsídios relativos à técnica mediúnica. Como é belo o trabalho espírita! Quanta elevação encerra a cooperação entre os dois planos! Nesse capítulo há trechos muito elucidativos, como êstes: «Os desvios das almas que receberam tarefas de natureza religiosa são sempre mais graves. Existem padres que, contrariamente a todas as esperanças do nosso plano, se entregam completamente ao sentido literal dos ensinamentos da fé. Recebem os títulos sacerdotais, como os médicos sem amor ao trabalho de curar, ou como os advogados sem qualquer espécie de devotamento ao direito. Estimam os interêsses imediatos, requisitam as honrarias humanas, e, terminada a existência transitória, se encontram em doloroso fracasso da consciência. Habituados porém, ao incenso dos altares e à submissão das almas incarnadas, não reconhecem, na maioria das vêzes, a própria falência e preferem o encastelamento na revolta lamentável, que os converte em gênios das sombras. Neste particular — acentuou o instrutor, modificando a inflexão de voz — devemos reconhecer que semelhante condição, neste lado da vida, é a de todos os homens e mulheres de inteligência notável, com primores de cultura terrestre, mas desviados do verdadeiro caminho da elevação moral. Comumente, as pessoas mais sensíveis e cultas criam o mundo que lhes é peculiar e esperam furtar-se à lei de testemunho próprio, no campo das virtudes edificantes. Acostumadas à fácil aquisição de vantagens convencionais na Crosta, pretendem resolver, depois da perda do corpo físico, os problemas espirituais pelo mesmo processo, e, encontrando tão sómente a Lei, que manda conceder a cada um segundo as suas obras, não raro agravam a situação, internando-se no escuro país do desespêro, onde se reunem as inúmeras companhias da mesma espécie». (Pág. 281).

Altamente instrutiva é a informação de páginas 292: «A certa altura da doutrinação, percebi que Alexandre chamava a si um dos diversos cooperadores que manipulavam os fluídos e fôrças recolhidos na sala e recomendou-lhes que ajudasse a genitora de Marinho a tornar-se visível para êle. Notei que a senhora desincarnada, com os préstimos de outros amigos, atendeu imediatamente, ao passo que Alexandre, abandonando por momentos o seu posto junto ao doutrinador, aplicou passes magnéticos na região visual do comunicante, compreendendo, então que alí se encontravam em jôgo interessantes princípios de cooperação. A genitora amorosa resignava-se ao envolvimento em vibrações mais grosseiras, por alguns minutos, enquanto o filho elevaria a percepção visual até o mais alto nível ao seu alcance, para que pudesse efetuar um reencontro temporário de benéficas consequências para êle».

O capítulo — «OBSESSÃO» é bem elucidativo dos problemas concernentes a essa modalidade, que se pode dizer patológica, dos fenômenos espíritas.

Todo o livro é, assim, um repositório de ensinamentos e informes dignos de aprêço, de envolta com insinuações, certamente bem intencionadas, sôbre questões científicas, ás quais, não obstante, devem ser examinadas livremente pela crítica honesta, à luz dos princípios da Doutrina, para que não estejamos alimentando idéias e conceitos que podem ficar muito bem com a mentalidade das pessoas incarnadas ou desincarnadas que os emitem, os quais, porém, não se compadecem com os princípios da Filosofia Espírita.

A-pesar-de quase um século transcorrido sôbre as obras do Codificador, ainda bem pouca cousa há a acrescentar, em matéria de conhecimento positivo do mundo espiritual, ao que nos foi revelado pelos Espíritos Superiores, a quem Jesus incumbiu da restauração dos bons princípios do Evangelho.

Examinemos tudo, recomendava São Paulo, mas só aceitemos o que seja admitido pela nossa razão. Eis a boa regra, em matéria de novas revelações sôbre o mundo espiritual.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1954

SOLILÓQUIO — MANUEL CAVACO

Diz o Evangelho do Cristianismo que: «a salvação reside na remissão dos pecados».

Esta justiça divina confere a cada um de nós, em verdade, mérito próprio.

Aquele ensinamento não nos deixa a menor dúvida de que a nossa liberalização reside na remissão das nossas responsabilidades, antigas e recentes, pelo nosso próprio esfôrço; e quando atingirmos êsse grau superior da evolução, posto que não tenhamos alcançado a perfeição absoluta, seremos suficientemente perfeitos para agir em qualquer sentido sem quebrar nem perturbar sequer, a harmonia divina tão variada e diversamente manifesta na criação cósmica da qual, momento a momento, cada um de nós é um aspecto novo.

A remissão das nossas responsabilidades consegue-se por um procedimento correto, impoluto, digno e aquelas «obras valorosas que nos vão libertando da lei da morte».

E' difícil distinguir as obras verdadeiramente valorosas que nos redimem ; todavia, o aproveitamento colhido da experiência feita através da pluralidade das existências sucessivas, será guia segura duma boa orientação ; e a firmeza de um carácter digno será índice do aproveitamento obtido.

Certo : o primeiro passo de um procedimento construtivo é : não fazer aos outros aquilo que não queremos para nós ; porque : por fôrça da lei de causalidade, «assim como fizermos, assim acharemos ; depois : fazer aos outros aquilo que quereriamos para nós, é o segundo passo ; depois : o mérito trará a redenção.

Porto, 9/5/54.

* * *

Milagre? Não.

TERAPÊUTICA ESPIRÍTICA

LEOPOLDO MACHADO

Não só do coração, mas também dos rins. Cálculos renais têm nos atrapalhado, dolorosamente, nesses últimos dias. «São pedras nos rins. Você tem de submeter-se a uma operação cirúrgica para extraí-las. Enquanto não fôr operado, sofrerá dolorosamente», disse nosso médico. Combinada, mais ou menos, a operação, fomos, primeiro, passar dias na *Casa de Luciá,* ambiente cristão e amigo, onde nos sentimos tão bem como em casa ; onde, numa semana, adquirimos energias e repousamos como numa estação de águas, completa, a despeito do trabalho que demos a seu telefone, das visitas amigas que aí recebemos. Na segunda noite que aí passamos, novos insultos renais. E fortes, e dolorosos, e horríveis ! Tomamos a primeira *atroverã.* E, a prezada irmã que no-la aplicou, fê-lo a gracejar : «Eu sei o que é isto. Não é para morrer, é para sofrer, sómente !» Certissimo, que ninguém precisa tanto de sofrer do que nós, tais e tantos são os nossos pecados a reparar ! Mas, é tão desagradável o sofrimento !

Um confrade e amigo, Paiva Melo, visita-nos à noitinha. E aí fica, com o Paulo, genro da diretora da *Casa de Luciá,* como nossos enfermeiros, até depois da meia noite. E' que as dores do padecente os cruciava, também ! Na angústia dolorosa, apelamos para o Alto, pedindo a interferência de Bezerra de Menezes, de Henrique Garibaldi, de mãezinha Luciá e Marilia, de Dias da Cruz. As dores espaçaram mais. Mas, voltavam com maior intensidade. Então, um espírito encorporara o Paiva Melo, que nos diz uma coisa assim : «Meu amigo, é uma necessidade a Dor. O sofrimento é o cadinho de depuração de nossos erros e faltas do passado e do presente. Seus amigos aquí estão, sofrendo consigo e o auxiliando a sofrer. Cairbar Schutel». Uma grande lição, e serissima, para nós : lembramo-nos de tantos irmãos da Espiritualidade, no transe por que passavamos, menos daquêle que, para nós, fôra o maior espírita brasileiro até o presente ; daquêle cuja vida traçaramos no UMA GRANDE VIDA ; daquêle que, sem ser diplomado, fôra, entretanto, na sua Matão querida, o médico da pobreza ! Obrigado, meu grande amigo, e perdão ! A dor volta a retalhar-nos profundamente. Era fogo, eram punhais retalhando, era desespero dentro de nós ! Embora firme em nossa fé, somos, entretanto, humano. Como homem e pecador, voltamo-nos para Deus : «Senhor, eu sou pecador, mas sou teu filho! Eu sou errado e violento, mas sou teu filho! Sou faltoso e mau, mas sou teu filho! Piedade para teu filho, Senhor! Não te peço que afastes de mim êste cálice. Peço-te fôrças, coragem e resistência para sorvê-lo, como filho teu, até o fim!» Nêsse passo, perdemos os sentidos. Dizem nossos amigos, que velavam por nós, nossos braços tombaram, desgovernados, e adormecemos, como que narcotizado. Alta madrugada, voltanos a dôr, fortissima, violentissima, irresistível! O Paulo aplicou-nos uma *tebatropim*. Dormimos, felizmente, o resto da noite, aliviadissimo. Mas, passamos o dia moído, abatido, combalido. Mas, sem dor. Veio a micção, forte, copiosa, quase a jato. Nem tivemos tempo de prepararmos para ela. E expelimos, sem sentir e sem nenhuma dor, uma pedra enorme, tamanho da falangeta do nosso polegar, similhante a um grão de fava. E não sentimos nada mais até hoje! Milagre? Não. Terapêutica dos Espíritos. A pedra, que guardamos como reliquia e a ausência das dores, eis, para nós, os argumentos mais convincentes da graça que, por misericórdia e de acréscimo, recebemos! Assim que a diretora da *Casa de Luciá*—aliás, excelente *médium*, a despeito de seu retraimento, e, talvez, por isso mesmo—assim que chegou ao nosso aposento, ouviram-se três pancadinhas características. «São os Espíritos. Querem dizer qualquer coisa». Efetivamente, queriam explicar o fenômeno. Então, pusemo-nos em condições de recebê-los. Primeiro, Luciá. Depois, Yacum, médico egipcio. As dores, e expelição da pedra, tudo, consequência da intervenção dêles. A pedra, em forma global, obstruia a próstata. Deslocá-la dali, e dar-lhe a forma da fava, foi o trabalho dêles, que não podia ser feito sem as dôres que nós sentimos. Seria, assim, com muito açucar para nós! Mas, sua expelição, fôra absolutamente sem dor nenhuma. Havia, ainda, outras pedras. Iam trabalhar para que as expelissimos diluídas, na urina. Temos visto, com efeito, depósitos de areia na urina... Do médium Peixotinho, recebeu o cunhado, de Campos, no dia seguinte, um telegrama: «Comunicação Marília Leopoldo beneficiado Scheila e Petitinga, hoje».

Conservamos a pedra como reliquia, aliás, preciosissima.

Do médico Tomaz Novelino, diretor do Instituto Pestalozzi, de Franca, ouviramos, na visita que nos fez na *Casa de Luciá*: «pedra tão grande assim, nunca vimos em nossa clínica». Do dr. Humberto Baroni, nosso médico, em Nova-Iguassú, ouviramos, no *Lar de Jesus*: «Já vimos pedras assim, mas extraídos a ferro. Sem dores, e naturalmente como o senhor a expeliu, nunca vimos».

Concluimos, então, conosco mesmo:

— Não será essa, a cirurgia do futuro, se no futuro, lá para o Terceiro Milênio, houver alguém com pedras nos rins? Ora, se os Espíritos, com o poder dos fluídos, se materializam, removem objetos, curam e fazem operações em particular, porque, num mundo melhor, e numa época mais espiritualizada. não podem curar e operar a todos assim, se houver, nessa época, doentes?

No Terceiro Milênio seremos curados assim e até alimentados com fluidos, com substâncias fluídicas . . .

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

Sôbre o Caravana da Fraternidade

Estamos satisfeitos com a aceitação que vai tendo. entre os espíritas, o CARAVANA DA FRATERNIDADE. Fizemos, efetivamente, um livro para espíritas. Principalmente, para espíritas que gostariam de viajar por êsses Brasis em fóra, conhecendo as terras e as gentes de sua pátria, estudando o desenvolvimento da Doutrina por aí em fóra, *em suma,* fazendo espiritismo.

Estamos recebendo, de todo o Brasil, impressões de sua leitura, algumas publicadas em determinados periódicos, outras em cartas e em linguados para serem publicadas. Ora, tratando-se do relato de um movimento de que disse Lins de Vasconcelos: «quando se tiver de escrever a História do Espiritismo no Brasil, a já cé-

lebre «Caravana da Fraternidade», *que acaba de visitar onze Estados do Norte do País, ocupará um capítulo de grande relevo...»*

Essas impressões nos levam ao desejo de reunir, de futuro, numa espécie de opúsculo, quanto se disse, pró e contra, o livro, quer em artigos, quer em cartas, para maior difusão da Doutrina e do livro.

Cedemos aqui, nosso lugar, a dois trabalhos ainda inéditos sôbre o «Caravana da Fraternidade», *um do Abilio Silva Lima, espírita baiano, que presidiu, por muitos anos, a* «União Espírita Baiana» *e hoje pertence a sua assembléia geral e o outro de Martins Peralva, publicista sergipano, residindo, atualmente, em Belo Horizonte.*

CARAVANA DA FRATERNIDADE

— *Abilio Silva Lima.*

«Caravana da Fraternidade». Li-o afinal. Muito bom livro, que nos deixa ao par de tudo o que ocorreu, de nossa terra até o Amazonas, naquêle caminhar da caravana, e por onde vimos como somos encarados, como é recebida a nossa Doutrina, quem são os nossos amigos e companheiros de ideal e quais os adversários, os que se descobriram, alguns dos quais só tiveram coragem de ladrar depois que a caravana se distanciara. Vimos tudo isso. Meditei bem sôbre aquela mensagem de Emmanuel — págs. 166/7, como sempre penso e medito, como sempre aprecio e admiro a respeito de tudo o que nos vem dêsse elevado Espírito, relendo as belas palavras que você grifou para chamar a atenção de todos. E as de sua — observação. — Naturalmente, esbocei um sorriso em face das franquezas de sua confissão, pois não sabia que você e o Oli, haviam sido nomeados papa e cardeal do Espiritismo; mas que são, simplesmente, dois grandes trabalhadores dêsse imenso campo onde escasseiam os verdadeiros obreiros. Aliás, todos vocês, inclusive ela, ali também «riram a valer». As investidas, já não digo dos inimigos da verdade, mas dos incompreendidos e ignorantes, que vão lendo por uma cartilha só, a do seu credo, por não terem fôrças para seguir antes os conselhos de Paulo, que os dos fanatisados, ou melhor, sabidos mentores, só serviram para surgirem, de sua oratória, bons e necessários esclarecimentos para todos e para que a nossa língua, já muito rica em palavras, fôsse acrescida de mais alguns adjetivos, substantivos e advérbios :—nicanorbarretismo, nicanorbarretamente, etc., embora que, por sua extensão, lembrem os vocábulos holandezes. Bela e cheia de verdades a sua—Canção do Caravaneiro, porque, enquanto certos espíritas — e são numerosissimos êstes, forem se afastando uns dos outros, por questiúnculas, por coisa sem qualquer importância, por animosidades e prevenções, nascida unicamente do espírito de vaidade, disso que leva muitos a pregarem e a escreverem por toda parte, menos pelo amor verdadeiro da Causa do que pelo desejo de se mostrarem, de fazerem propaganda de suas próprias pessoas — enquanto isso permanecer assim, longe, muito longe, estaremos de fazer a união da família espírita brasileira, quanto mais a «união do mundo inteiro». ALGUNS EQUÍVOCOS E FALHAS NA REVISÃO. A nossa primeira reunião pública, aquí na Bahia, não foi no salão da *Associação Comercial* e sim no salão da *Associação dos Empregados do Comércio da Bahia,* (pág. 24). Na pág. 261, diz você: «E verão que 118 respostas...», mas são 1.018 as respostas contidas no *Livro dos Espíritos.* Vi outras pequeninas coisas, de que, não as havendo assinalado, delas não me lembro agora, mas que você na próxima segunda edição do livro, corrigirá.

De livros tais — é o que tenho a dizer-lhe —temos nós muita necessidade. Depois de lê-lo, *compreendi perfeitamente,* a causa da enfermidade grave, que quasi nos ia privando de o termos, por mais algum tempo, ao nosso lado, como uma das vozes mais autorizadas do Espiritismo no Brasil, como o seu mais dinâmico trabalhador, enfermidade cujo primeiro aviso teve lugar naquêle momento em que você (não me recordo, agora, da pág.) sentiu-se conturbado, perdendo a vista por quasi meia hora.

Chefiar uma caravana daquela ordem, com a responsabilidade de enfrentar a incompreensão de muitos espíritas que, feridos na sua vaidade e nos seus propósitos, não vêem que a nossa grande Causa deve estar acima de tudo, embora de tal caravana, sem desmerecer nos outros, fizessem parte Jordão e Spinelli e a figura inconfundível daquêle que fez quanto esteve em suas fôrças e nas suas possibilidades para implantar a compreensão e o espírito de união e fraternidade dentro do Espiritismo nêste nosso Brasil, o nosso querido valoroso e saudoso Lins de Vasconcelos,—chefiar uma caravana dessa ordem, tendo de enfrentar e responder aos retrógados e adversários que é natural surgirem por toda a parte, não é tarefa para quem apenas tem o desejo de fazê-lo, mas para quem está nas condições de realizá-lo, por sua mentalidade, por seus conhecimentos, por suas grandes reservas de boa vontade, de ânimo, de energias, armazenadas para fins dessa natureza, sem esquecer do auxilio das fôrças que o Alto nunca negou aos trabalhadores sinceros. Parabens, Leopoldo, por mais êsse livro publicado e não posso deixar de exteriorizar os pensamentos a Deus e a todas as fôrças do Bem para que sua vida, nêste mundo, continue por muitos anos ainda, pelo progresso da Causa, que é o progresso moral e espiritual, não só do nosso Brasil, mas do mundo.

CARAVANA DA FRATERNIDADE

— *Martins Peralva.*

Êsse, o título de um novo livro do prof. Leopoldo Machado, constituindo a descrição, pormenorizada, da excursão de companheiros nossos, em nome da *Federação Espírita Brasileira*, para levar ao norte do Brasil a confraternizadora mensagem da Casa Mater do Espiritismo em nossa pátria.

Se a caravana, em si mesma, foi uma necessidade, no sentido da aproximação e do entrelaçamento dos espíritas nortistas com os sulinos, identificando-os com o movimento unificatório de 5 de outubro de 1949, o livro foi, por igual, outro grande imperativo.

Supunha-se, evidentemente, que 40 dias de excursão representavam gloriosa campanha de sacrifício e renunciação em que estiveram empenhados, por amor à Doutrina, os queridos irmãos Leopoldo, Spinelli, Jordão, Ari Casadio, Burgos e Lins de Vasconcelos, entretanto, CARAVANA DA FRATERNIDADE valorizou-a sobremodo, mostrando o que representou em dedicação, em sacrifício, em suores e, certamente, em ocultas lágrimas — dessas que se não vêm, mas se as sentem — o trabalho dos caravaneiros.

Quando, um dia, for escrita a história do Espiritismo no Brasil, o livro que a infatigabilidade de Leopoldo escreveu será, sem dúvida, valioso repositório de apontamentos,—preciosos e fieis apontamentos,—retratando magnífica jornada de boa vontade e entendimento.

Leopoldo Machado, consciente ou inconscientemente, colimou vários e importantes objetivos. Entre outros,

— históricos.
— sociais,
— confraternizativos,
— revelacionistas, porque revelando a extenção, um tanto ou quanto desconhecida, do trabalho espiritista no setentrião deste imenso e maravilhoso país que se chama BRASIL,
— evangélico-doutrinários.

Sim, o nosso querido Leopoldo não deixou de pontilhar o seu livro de ligeiros respingos doutrinários e evangélicos, traduzindo, *currente cálamo*, lições vivas de sentimento e cultura religiosa.

Congratular-nos com o autor, pelo trabalho realizado, constitue prazeiroso dever. Estender o aplauso à *Federação Espírita Brasileira*, pela escolha de tão abnegados pegureiros, representa, igualmente, agradável obrigação.

Não basta a uma nação enviar um exército à linha de frente. Necessário se faz, que a expedição reuna milicianos valorosos, cheios de fé, transbordantes de idealismo, a fim de que se cubra de glórias a bandeira que lhes inspirou a Cruzada.

Para nós, nordestino, teve o livro sabor especial e particularíssimo, uma vez que, pelo milagre da imaginação, pudemos rever queridos companheiros e palmilhar lugares para o nosso espírito de tanta intimidade.

Estamos certos de que, indubitavelmente, todo o Norte se inflamou, de entusiasmo equilibrado, com a presença dos esclarecidos companheiros do Sul, conhecida, como é, a influência sempre benéfica que resulta do intercâmbio entre criaturas de boa vontade.

Escrever em tôrno da jornada dos caravaneiros é exaltar o idealismo e a nobreza.

E' o que estamos desejando, neste singelo registo, em forma de crônica.

No Espiritismo como na Medicina Militão Pacheco foi um exemplo

«Este fenômeno da morte é uma misericórdia de Deus».

Não era possível homenageá-lo em vida. Militão Pacheco não gostava de homenagens. Não gostava nem mesmo que o seu nome fosse citado nas palestras doutrinárias, nas crônicas ou no noticiário espírita. Absolutamente convicto da existência dos valores reais, que são os de natureza espiritual, não dava a menor importância aos valores convencionais, que fascinam e enlouquecem os homens, neste mundo de ilusões. Mas agora, que a morte fechou-lhe os olhos e os ouvidos do corpo, devolvendo-lhe a liberdade espiritual, podemos evocar a sua figura humilde, simples, sábia, e sobretudo bondosa, sem lhe ferir a modéstia natural.

Médico, dotado de sólida cultura e larga inteligência, podia Militão Pacheco ter feito no mundo o que se costuma chamar «uma carreira brilhante». Exerceu funções importantes no Serviço Sanitário do Estado, tenda prestado relevante contribuição à campanha contra a febre amarela, ao empregar os seus conhecimentos de sanitarista em várias cidades, como São Simão, Cosmópolis, Mogi Mirim e Amparo. Mas, um dia, descobriu a medicina de Hanemann, compreendeu-lhe prontamente o alcance, e dali por diante divorciou-se do grosseiro jogo dos infusórios, capsulas e comprimidos para dedicar-se aos estudos homeopáticos. Costumava dizer que só duas coisas no mundo das cogitações humanas tinham valor: o Espiritismo e a Homeopatia.

Durante muito tempo nada se podia fazer, em São Paulo, em matéria de Espiritismo, sem o concurso de Militão Pacheco. Ele representava uma bandeira, sem a qual nenhum batalhão se sentiria encorajado a marchar. O Espiritismo era então grandemente hostilizado, muito mais do que hoje. E Augusto Militão Pacheco lhe oferecia o anteparo do seu nome de médico inteligente e culto, e sobretudo, de homem íntegro. Feliz criatura, que assim podia servir à causa do Mestre, tão poderosamente, apenas com o nome!

Um amigo que, durante cerca de vinte anos, fora seu companheiro de trabalhos, contou-nos que, certo dia, tendo de fazer um recibo para uso interno, dispensou os sêlos. Militão Pacheco o repreendeu imediatamente: «Faça novo recibo, e ponha os sêlos. Isso é um roubo. E nós, espíritas, não podemos sómente pregar, temos de dar o exemplo». Este pequeno episódio basta para mostrar a têmpera do homem que, há apenas quatro dias, concluiu a sua longa tarefa, de 88 anos, neste mundo sublunar. Sua severidade em matéria de honestidade, de retidão, de direito, tornou-se proverbial no meio espírita.

Em todas as religiões, e até mesmo fora das religiões, encontramos, graças a Deus, caracteres assim, que constituem «o sal do mundo» da linguagem evangélica. Não nos referimos ao caso de Militão Pacheco para exaltar o Espiritismo, mas tão sómente para fazer justiça à sua memória a apresentar o seu exemplo aos confrades. À maneira de Cairbar Schutel, Bezerra de Menezes, Antonio Gonçalves da Silva Batuira, Clélia Rocha, e tantos outros, Militão Pacheco é um exemplo, que deve ser levantado aos olhos dos que se esquecem continuamente dos deveres espíritas.

Luiz Monteiro de Barros, médico homeopata e espírita, que foi assistente de Militão Pacheco e seu discípulo em Medicina e Espiritismo, conta-nos episódios comoventes da vida e da morte do seu mestre. Profundamente caridoso, mas dessa caridade natural que nasce do coração e não vive de intenções, Militão distribuia sistematicamente uma parte dos seus recursos a pessoas e familias pobres. E apesar de ter sido um dos médicos de clínica mais numerosa de São Paulo, morreu pobre, êle também. Quando curou Dino Bueno, vice-governador do Estado, numa época em que os médicos de fama já cobravam fortunas pelas consultas, fez questão de receber os seus numerários na base de vinte mil réis por consulta. E o doente lhe fora parar às mãos depois de desenganado!

Monteiro de Barros prestou assistência ao seu mestre, como médico, amigo e filho espiritual, até aos últimos instantes. E nos conta, comovido, que Militão Pacheco sabia estar chegando ao termo da existência terrestre, o que muito o alegrava. No derradeiro momento, chamou-o e lhe disse: «Que Deus pague, a vocês, tudo o que fizeram por mim. E que vocês recebam, com a mesma serenidade com que eu estou recebendo, este fenômeno da morte, que é uma misericórdia de Deus. Estou me desencarnando conscientemente».

E foi assim, conscientemente, que Augusto Militão Pacheco abandonou na terra o seu velho corpo material, após 88 anos de uso, para voltar ao mundo espiritual. Pouco depois, seus amigos sentiam a sua presença, e os videntes verificavam a sua visita, em reuniões da Federação Espírita, de que êle fôra fundador e conselheiro. Esse homem exemplar era casado com dona Alice Mendes Pacheco e deixou numerosos filhos, netos e bisnetos. Mas sua familia maior, mais numerosa, e que, como a outra, também jamais o esquecerá, é a família espírita de São Paulo e do Brasil.

IRMÃO SAULO.

Do «Diário de São Paulo», de 11-7-54.

Rosacrucismo

Francisco Klörs Werneck

Pergunta-me um jovem espírita que é Rosacrucismo ou Doutrina Rosacruz e que relações tem com o Espiritismo. Vou satisfazer a sua curiosidade, com a permissão dos meus benévolos leitores. Já há mais tempo pensei fazê-lo, mas a doença e morte de uma irmã e de minha progenitora, ocorridas há poucos mêses, não permitiram que fôsse breve como desejava. Também a minha qualidade de historiador e genealogista, já que sou sócio conselheiro, me levou a trabalhar em outros setores. E' que, ao contrário do que muita gente pensa, sou brasileiríssimo. Apenas meu avô materno é que era estrangeiro, natural de Lübeck, antiga cidade livre, de raça e língua alemãs. Todos os meus ramos de família são seculares no Brasil, a começar da família Werneck, de origem teuto-lusa, já caminhando para o seu 3.º século de Brasil, todos fluminenses e mineiros, com um tronco paulista «quatrocentão».

Mas passemos ao assunto dêste trabalho. Sabemos que o fundador do Rosacrucismo foi o alemão Christian von Germelhausen, depois conhecido pelo nome de Christian Rosenkreutz, nascido, segundo uns, em fins do século XIV.

Já em meados do século XIII, vinha a Alemanha sendo assolada pelo fanático dominicano Conrado de Marburg, escolhido, para êsse fim, pelo papa Gregório IX. O dominicano Tors continuava-lhe a obra. Êle se fazia acompanhar de um leigo zarôlho de nome João, que pretendia que a sua única vista recebera a faculdade divina de distinguir, ao primeiro olhar, um herético de um bom cristão. Quasi todos aquêles que caiam sob o raio visual daquêle olho terrível eram marcados com o sinál da heresia.

Através de rochas e pinheiros, êle descobriu que o castelo de Germelhausen abrigava um ninho de heréticos e o landgrave Conrado da Turíngia, que tinha arrazado a pequena cidade de Willnsdorf, resolveu a sua destruição. O castelo foi sitiado, por diversas vezes, em vários anos de intervalo. Caiu finalmente em poder dos sitiantes e a família dos Germelhausens, que se entregara à doutrina mística dos Albigenses, que praticava mortificações, que cria na reincarnação e no *consolamentum* que salva das reincarnações, foi exterminada. O filho mais moço, que tinha então cinco anos de idade, foi conduzido, através do incêndio do castelo, por um monge que fizera o seu domicílio na capela, monge êsse que fôra atraído pela maravilhosa inteligência do menino.

Esse monge, êsse habitante ascético da capela dos Germelhausen, era um perfeito albigense, vindo do Languedoc, com o cargo de instrutor da família.

Refugiaram-se em um mosteiro das proximidades. Foi nesse mosteiro que o último descendente dos Germelshausen, que devia ser conhecido mais tarde pelo nome de Cristiano Rosacruz, foi educado e instruido.

Aprendeu o grego e o latim e formou, com quatro monges da comunidade, um grupo fraternal que resolveu consagrar-se à pesquisa da verdade. E concordaram buscar a verdade na fonte de que sempre emanára, no longínquo Oriente.

Dois dêles puseram-se a caminho: Cristiano, que tinha então quinze anos, e um dos quatro monges que a *«Fama Fraternitatis»* chama de irmão P. A. L.

O pretexto da viagem foi uma peregrinação ao Santo Sepúlcro, porém, seu fim real era o de chegar a um centro de iniciação.

O irmão P. A. L. morreu na ilha de Chipre, onde o acaso da viagem conduzira os dois viajantes. O jovem Cristiano continuou o caminho traçado, em busca da verdade. Começara a sua iniciação.

As fontes da sua doutrina secreta, o Rosacrucismo, êle as buscou no Oriente, para onde partira, na Índia, na Pérsia, na Arábia, etc.

Leu o «Guia dos Extraviados» de Maimonida, a «Alquimia da Felicidade» de Gazali, as «Planicies de Ouro» de Maçudi. Ouviu recitar versos de Omar Khayiam e se esforçou por compreender seus tratados de Álgebra e seu comentário por Euclides. Estudou Astronomia com os discípulos de Nacir Edin, meditou o Mecnevi, o livro sagrado do Sufismo e se maravilhou ao encontrar nêle o panteismo místico dos seus pais espirituais, os Albigenses.

O seu próprio país natal, a Alemanha, lhe parecia bárbara no meio dessa espiritualidade de que se via cercado.

Depois de muitos anos de estudos ocultistas no Oriente, partiu de Fez, no Marrocos, para a Espanha. Vêmo-lo aparecer aí como personagem do romance de Maurício Magre *«La luxure de Granade»*.

Foi por essa ocasião que tomou o sobrenome de Rosacruz, formado da Rosa e da Cruz, símbolos em que se resumia a essência da sua doutrina.

Na Espanha, entrou em realação com os *Alumbrados*, sociedade secreta nascida sob a influência dos árabes, os quais praticavam um misticismo derivado do dos néo-platônicos. Essa sociedade foi depois extinta pela Inquisição.

Atravessou a França no justo momento em que a mística Margarida Porète perecia na fogueira. Partiu, depois, para a sua terra natal, onde faleceu.

Duas obras anônimas aparecidas, em Casell, em 1614 e 1615, sob os títulos *«Reforma geral do mundo inteiro»* e *«Fama Fraternitatis Rosæ Crucis»* contavam a história maravilhosa de um certo Cristiano Rosacruz, falecido em 1484, na idade de 106 anos, tendo fundado em 1425 a Fraternidade Rosacruz.

Eis em ligeiros traços a vida do fundador da doutrina que tem por símbolos a Rosa e a Cruz *(F. Hartmann: Rose-croix et Alchimistes, Coro: Fama Fraternitatis* ou *Voyage de Christian Rosenkreutz, Maurice Magre: Magiciens et Illuminès).*

Para Fr. Wittemans *(Histoire des Rose-croix)*, os Rosacruzes são os conservadores de uma tradição secreta provindo dos braâmanes, de Hérmes Trimegisto e de Orfeu, cujos ramos são conhecidos na história sob os nomes de Hierofantes de Eleusis e dos Mistérios Antigos, Magos da Pérsia, Gimnosofistas, Pitagóricos, Néoplatônicos, Gnósticos, Albigenses, Valdenses, Humiliatas, Patarenos, Beggards, Pobres de Lyon, Templários e Hussitas. Seus arautos foram, sucessivamente: Alberto o Grande, Tomaz de Aquino, Pico de Mirandola, Reuchlin, Dante, Jehan de Meug, Arnaldo de Villeneuve, Raimundo Lullio, Rogério Bacon, Nicolau Flamel, Cornélio Agrippa, João Trithème, Paracelso, Henrique Kunrath, Jacó Boehme e Van Helmont.

Vamos vêr agora se o Rosacrucismo, como doutrina ocultista, admite a comunicação com os mortos, si êsses se mostram no ambiente terreno, si se sentem as suas vibrações e si são vistos.

Zanoni é um romance ocultista escrito por Sir Eduardo Bulwer Lytton. Nêle estão contidos os mais elevados ensinos iniciáticos e filosóficos da doutrina rosacruz (Edição da Livraria «O Pensamento», de São Paulo).

Ao alto do cap. 14, pág. 100, há o seguinte trecho de «As claviculas do Rabí Salomão», cap. 3, traduzidos, exatamente, do texto hebreu por Pedro Morrisoneau: *As Inteligências Celestes se manifestam e se comunicam, de preferência, no silêncio e na tranquilidade da solidão,. Tereis, pois, um pequeno quarto ou gabinete* *secreto*, etc. E no alto do cap. VII, pág. 172 da mesma obra, encontramos o seguinte conselho, extraído ainda de «As Claviculas»: *Não se deve evocar espíritos de classe alguma, a não ser em tempo claro e sereno».*

Ora, estas citações do livro do Rabí Salomão não estão no romance de Bulwer Lytton como simples enfeites aos capítulos e sim condizendo com o conteúdo dos mesmos.

O espírito é livre e sopra onde quer. Queremos com isto dizer que êle também sopra na atmosféra terrena, isto é, nela aparece, deixa-se vêr, manifesta-se e, o que é mais interessante, faz-se pressentir pelos sensitivos, graças aos seus fluídos benéficos ou maléficos.

Tal é o ensino rosacrucista que é corroborado pelo espírita.

Sinão vejamos. Da 26.ª mensagem rosacruciana (Mensagens rosacrucianas, pág. 412) destacamos os seguintes trechos: *«Se a presença da entidade, que sentís perto de vós*, produz em vós calafrios ou sensações desagradáveis, sabei que *êsse espírito* não é da Região Mental (ou Celestial) do Mundo Astral, mas é das regiões baixas (chamadas Purgatório) e o corpo astral vos retira calor e vitalidade. Nêste caso, *dizei à referida entidade* que não se aproxime de vós, mas que deve ficar numa distância fóra de vossa aura e *comunicar-se convosco* pela telepatia. Porque, se deixais *essa entidade* dentro da vossa aura, tirar-vos-á vossa vitalidade e vos transferiria às suas condições astrais. Quando, pecontrário, a presença da entidade espiritual vos produz sensações agradáveis e como uma onda de calor, sabei que *estais em ccntacto com um espírito da região superior»* (Os grifos são nossos).

Aliás, toda a 26.ª mensagem rosacruciana fala da comunicação com os espíritos e dos meios para se entrar em relação com êles.

Narremos, agora, um autêntico caso espírita noticiado em uma revista rosacruciana. A revista em questão é *«The Rosacrucian Magazine»*, de Oceanside, Estados Unidos da América. O artigo, da autoria da Sra. Gussie Ross Jobe, apareceu no número de Abril de 1931, sob o título «O grande fantasma verde».

Escreve a autora: «Jamais poderia narrar a sensação de espanto, que se apossou de mim quando *vi*, pela primeira vez, um *espírito*. Estava em meu escritório, na sala de acidentes do grande hospital. Eram, mais ou menos, duas horas da manhã. *Nunca havia pensado nos espíritos*; a existência dêles jamais me passára pela cabeça, porém, subitamente, *vi um dêles diante de mim.* À primeira vista, não me pareceu diferente de um homem vivo; com efeito, pensava que se tratava de um interno.

Perguntei-lhe o que procurava. Inclinou a cabeça e me olhou com curiosidade. Estava certa de que não escutára a minha pergunta e ia repetí-la, porém minha bôca ficou aberta. Olhava-o fixamente e me lembro de ter pensado que estava sonhando. Sacudi a cabeça como um nadador que acaba de mergulhar. Não, eu estava bem acordada, mas, talvez, pensava eu, estivesse ficando louca, porque, através do corpo do fantasma, vestido como pessoa humana, podia vêr o contorno do armário de instrumentos cirúrgicos, colocado atrás dêle. A sua figura era um pouco nebulosa, porém a via perfeitamente bem.

Segurei a borda da mesa para me suster e, colocando-me, de pé, perguntei-lhe: «Quem sois vós?» E eu sentia que minha voz estava rouca.

A expressão do seu rosto passou da dúvida ao de um reconhecimento de espanto, como se certeza lhe viesse que, depois de um longo período durante o qual pessoa alguma o vira, êle, afinal, encontrára quem o tivesse visto.

Seu olhar fixava o meu e comecei a receber os seus pensamentos, sem que êle me falasse. Lentamente, como um adulto que procura falar com uma criança, enviou-me a seguinte mensagem: «Não tenhais medo, é preciso que não tenhais medo de mim, porque o medo causará a minha desintegração. E' necessário que eu fique, ajudai-me».

Resumindo: Certo dia, houve uma operação no hospital e a Sra. Ross Jobe viu um espírito terrível, qual outro fantasma do Humbral, tredo e sardônico, que, com os seus fluídos venenosos, ia se arrojar contra o operado, quando o grande fantasma verde saíu em seu socorro e, traçando no ar o sinál da cruz, fez o monstro fugir.

Noutro dia, a Sra. Ross Jobe pôsse a lêr velhos relatórios do hospital e, quando por acaso, a sua atenção se fixava numa página margeada de negro, viu o fantasma verde. Pediu, então, à sua companheira Rosa que lêsse o papel velho que encontrára.

«Sim, respondeu Rosa. Trata se do Dr. Eduardo Donaldson, falecido em seu posto, no dia 23 de Novembro de 19... E' o médico que descobriu o sôro que empregamos agora para curar cancros. Experimentou nêle mesmo a sua descoberta e adquiriu um cancro. Sua vida foi sacrificada no interêsse da ciência e, continou ela, não é triste que homem como aquêle morra e nada mais possa fazer?» «Eu, eu não dei resposta. Eu sabia».

Sim, dizemos nós, *a Sra. Gussie Ross Jobe sabia que os espíritos dos falecidos se comunicam com os vivos.*

O Rosacrucismo admite, também, a manifestação dos vivos em corpo astral, fenômeno êsse que os espíritas classificam de «animista» ou manifestação psíquica dos vivos, designação mui própriamente dada por Aksakoff.

E ensina que: «Há, nêste planeta e noutros, seres tão acordados e progredidos nesta etapa da consciência que são uns como entes sobrenaturais e guias no progresso e melhoramento da raça. Para várias pessoas, são Anjos ou semi-Deuses e muito sdêles são auxiliares invisíveis, na cuja presença se faz sentir às vezes manifesta, por experiência, a uns como privilegiados (Doutrina Secreta dos Rosacrucianos, pág. 178).

Como uma doutrina espiritualista que teve, como tantas outras, a sua fonte no Oriente, a doutrina rosacruciana ensina, mais, que: «As almas podem visitar os planos inferiores aos seus, mas lhes é vedado atingir os imediatamente superiores. A lei das vibrações exerce aí uma ação análoga à de uma polícia ativa. As almas desincarnadas podem comunicar-se, visitando das mais elevadas às mais atrasadas, nunca, porém, em sentido contrário (ob. cit. págs. 230/1).

Este ensino rosacrucista é bem conforme o ensino espírita.

Bem mais interessante é o encontrar-se na Doutrina Secreta dos Rosacrucianos (págs. 229/30) referências ao «sôno reparador», tantas vezes mencionado por Ernesto Bozzano na sua preciosa obrinha «A crise da morte», em boa hora traduzida para o português. E' o 5.º detalhe fundamental a cujo respeito se acham de acôrdo os espíritos autores das msnsagens contidas nêsse livrinho, isto é, «haverem passado, quasi todos, por uma fase mais ou menos longa de «sôno reparador».

Destacamos do livro supra citado ainda os seguintes tópicos: «Alcançando as vibrações do plano astral, a alma recém desincarnada cáe num profundo sôno ou estado de côma, mui semelhante à condição da criança poucos mêses antes de nascer. Essa condição é necessária a fim de preparar a alma para entrar no seu novo plano de vida. A alma, que deixou com calma e paz o cenário da vida terrena, passa por um ligeiro sôno sem sonhos, mas, as que levaram fortes desejos relacionados com a vida terrena, experimentam os chamados «sonhos astrais», em que visitam as cenas da vida terrena e é nessas condições que influem nos médiuns e dão comunicações mais ou menos confusas. As lástimas e os grandes pesares daqueles que ficaram na Terra perturbam algumas vezes as condições da alma que necessita de um repouso preparatório. No estado de sôno, a alma desincarnada é protegida contra as influências ou presenças de outros seres e fica tão segura como uma criança no ventre da mãe. Almas há que necessitam de um período de descanso no plano astral, antes de entrar em atividade; outras, porém, requerem um tempo comparativamente curto de repouso. A regra geral é: quanto mais espiritualmente desenvolvida é a alma, tanto mais necessita de grande repouso. O período de sôno da alma se relaciona com o de sua permanência no plano astral. As almas menos desenvolvidas voltam ligeiras a reincarnar-se; as mais desenvolvidas ficam tempo mais longo no plano astral. No sôno da alma ocorre um processo estranho: prepara-se para arrojar de si as vestes mais baixas e entrar na vida astral em traje espiritual mais elevado. Toda alma acorda no plano espiritual preparada para habitar um plano mais elevado e melhor, deixando o resto atrás. Desperta no plano em que o mais elevado e melhor dela póde expandir-se e desenvolver-se e fazer maiores progressos».

Como vemos, há muitos pontos de contacto do Rosacrucismo com o Espiritismo, mas o Rosacrucismo continua Rosacrucismo, como o Espiritismo, considerado na pureza de sua doutrina, permanece Espiritismo. Nada, pois, de mutilar a Codificação Espírita, nem de confundí-la com qualquer outra doutrina existente, por mais respeitável que seja.

Oportunamente trataremos do Caodaismo (outro pedido), ou seja do Espiritismo que existe na Indochina.

Rio, 1/1/54.

Crônica Estrangeira

Pressentimento salvador

De «Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* de 17 de Outubro de 1953 insere uma notícia referente às faculdades psíquicas do Primeiro Ministro britânico, sr. Winston Churchill.

O caso passou-se há 14 anos, durante um ataque aéreo e parece que o pessoal de cozinha da célebre residência n.º 10 de Downing Street, em Londres, deveu a vida às faculdades psíquicas do grande político inglês. Estava êste a jantar, quando as sereias começaram a fazer-se ouvir, anunciando a chegada de bombardeiros nazistas. Nêsse instante teve o pressentimento de que alguma coisa de mais terrível estava iminente.

No seu livro «Ghosts Over England» (Fantasmas Sôbre a Inglaterra), Thurston Kopkins escreve:

«Com essa idéia fixa, perguntou a si próprio o que iria acontecer, quando viu um quadro descerrar-se na sua mente: As bombas caiam na Horse Guards Parade e as placas envidraçadas da cozinha com 8 metros de altura não tinham sido protegidas contra os estilhaços».

Winston Churchill dirigiu-se imediatamente à cozinha, disse ao despenseiro que pusesse a comida na estufa da sala de jantar e deu ordem ao pessoal que se abrigasse do ataque aéreo. Ao voltar à mesa, cerca de três minutos depois, sentiu-se um terrível estampido, à queima-roupa. A violência do choque indicava que tinham alvejado a residência do Primeiro Ministro.

A polícia pessoal de Churchill correu logo ao seu aposento a informá-lo de que a cozinha fôra grandemente danificada, assim como a despensa e as secretarias da secção de tesouraria.

Registrando isto no seu diário, do qual Thurston Hopkins extraíu o relato, Churchill escreve:

«Entrámos na cozinha para ver a cena. A destruição era completa. A explosão desmantelara a espaçosa e elegante cozinha com os seus utensílios, tudo reduzido a montão de pedras e de cisco.

«A grande placa de vidro da janela ficara desfeita em mil fragmentos que se espalharam no pavimento e poderiam ter ferido os ocupantes, se lá estivessem. Mas a minha feliz inspiração que eu podia fàcilmente ter negligenciado, chegou na hora própria».

⁂

Tereza Neumann «morre» todas as quintas-feiras

O estranho caso da camponêsa da Baviera — Alimenta-se, há 28 anos, exclusivamente de chá — Mistério que os cientistas procuram resolver

BONN (ANSA) — Há 28 anos Tereza Neumann, camponêsa de Konnersreuth, na Baviera é objeto da atenção dos habitantes da localidade, que a veneram como santa, e dos cientistas e dos teólogos, para os quais ela constitui um mistério.

Há 28 anos que essa mulher se alimenta exclusivamente com chá; dos estigmas que recebeu, há alguns anos, escorre sangue e o seu coração para todas as semanas, das 22 horas de quinta-feira às 13 horas de sexta-feira.

Efetivamente, Tereza Neumann morre nessas horas, revivendo a Santa Paixão. Ao voltar à vida, seu coração recomeça a pulsar regularmente e ela cai em profundo sono.

Até os 20 anos ela foi uma mulher perfeitamente normal, uma camponêsa sadia e forte que trabalhava no campo, conduzia o trator do seu patrão e manejava com perícia a trilhadeira mecânica. No curso primário distinguiu-se especialmente no estudo da religião. O milagre ocorreu no mês de abril de 1918, durante um incêndio na casa vizinha à que Tereza morava com sua familia. A jovem acorreu para auxiliar seus amigos e apagar o fogo. De repente, sentiu fortes dôres nas costas, nas juntas e na cabeça, ficando impossibilitada de se mover. Era, segundo certificaram os médicos, a paralisia total. Um ano depois Tereza ficou cega. A cegueira durou quatro anos. Repentinamente, no dia 29 de abril de 1923, aniversário da beatificação de Santa Teresa do Menino Jesus, Teresa voltou a ver. A camponêsa atribuiu o milagre à santa de Lisieux.

A 17 de março de 1925, aniversário da santificação de santa Teresinha, também a paralisia ficou curada. Mais tarde sucederam-se outros milagres na vida dessa mulher excepcional, entre os quais o do estigma que ela recebeu, durante uma visão, revivendo episódio por episódio, a paixão de Jesus. O fenômeno ocorreu pela primeira vez entre os dias 4 e 5 de março de 1926. Teresa sofreu todo o martírio de Cristo, desde a angústia de Jesus no horto das oliveiras até a crucifixação. Sôbre seu corpo gravaram-se todos os sinâis do martírio: os estígmas, a ferida no lado direito, os edemas causados pelo pêso da cruz, as cicatrizes deixadas pelos golpes do açoite.

Desde então o fenômeno tem-se repetido todas as semanas, de quinta para a sexta-feira, quando o coração para e ela «morre».

Os sinais da paixão completaram-se com o transcorrer do tempo, com oito pequenas feridas na cabeça, no lugar onde foi colocada a coroa de espinhos na testa de Cristo.

As extradordinarias manifestações foram controladas por cientistas ilustres e por teólogos que se limitaram a verificar o fato sem procurar explicá-lo.

O primeiro ser humano que recebeu os estígmas foi São Francisco de Assis. Depois foram verificados outros 327 casos idênticos (42 homens e 285 mulheres) até os de Teresa Neumann e o do padre Pio de Bietrelcina, ambos vivos.

«Folha da Tarde» — S. Paulo — 17/5/954.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um caso de cura, com intervenção operatória espiritual

Trata-se de um fato ocorrido com um meu vizinho e amigo, proprietário, negociante, residente à rua 12 de outubro, 4-3, no Jardim Bela Vista, em Bauru.

E' o sr. Euclides Bighetti, homem probo, simples e correto em sua vida social e privada.

Eis o seu relato:

—«Há mais de um ano que vinha sofrendo de pertinaz molestia do figado, não se tendo descuidado de tratar-se convenientemente.

Tem vida metódica e não alimenta vícios.

De cinco a seis mêses a esta parte, o seu estado de saude não lhe permitiu dedicar-se ao seu trabalho.

Ultimamente, sem motivo aparente, o seu mal agravou-se, sentindo dôres generalizadas.

Consultou o seu médico e outros clínicos conceituados de Bauru, que diagnosticaram: — inflamação do figado e vesícula biliar, perturbações gástricas, novidades no duodeno com interferências intestinais e apatia dos rins.

Opinaram que sómente a operação poderia resolver o seu caso.

Resolveu, à vista disso, ir a São Paulo. Ali, na Capital, mandou tirar uma chapa radiográfica, cujo resultado foi a confirmação do diagnóstico dos médicos de Bauru e de São Paulo.

Medicou-se durante oito dias sem obter melhoras.

Voltando à consulta médica, foi aconselhado a tirar nova chapa radiografica em série, mas que ele deveria tratar de se internar na Santa Casa para ser operado.

Isto foi num dia de sabado e sómente na terça-feira seguinte poderia ir à Santa Casa.

Voltou para a casa de parentes onde estava hospedado, grandemente abatido e cheio de desânimo.

Então, por insistência de sua mulher e parentes, resolveu ir na segunda-feira procurar os recursos da Clinica Medica Allan Kardec, situada na rua do Grito n.° 504, no Ipiranga.

Nem ele, nem sua mulher são espíritas. Professam a Religião Católica Romana, da qual são praticantes.

Mas o seu anseio era obter a cura ou mesmo melhora, do modo que fosse.

Na segunda-feira, dia 24 de Maio p. passado, logo de manhã, dirigiu-se à Clinica Médica Allan Kardec, animado de pouca esperança.

A Clínica estava repleta, teria cerca de 150 pessoas.

Ali observou grande entusiasmo, que a certeza em uns e a esperança em outros, infundiam.

Sentiu-se mais reanimado e dirigiu-se à enfermeira encarregada do recebimento do preço da consulta (cr. $ 65,00) e fornecimento do respectivo cartão.

O seu cartão trazia o n.° 81 !

Quanta gente na sua frente !

Quasi perdeu o ânimo para esperar a sua vez.

Falou com a enfermeira, muito gentil, dizendo que talvez não aguentasse a espera tão longa.

E ela, prestativa, amável, disse-lhe: «Não se impressione meu irmão, dentro de uma hora estará livre.

No tempo predito foi chamado.

Apresentou-se diante de um Sr. de aspecto simples, aparentando ter 40 anos de idade que perguntou o seu nome e a sua residência.

Ato contínuo, pôs a sua mão sôbre as dele e rapidamente, com simplicidade, sem atitudes enfáticas, disse-lhe tudo quanto sofria !...

Recomendou-lhe que voltasse dali há 20 dias para ser submetido à operação espiritual e, com um gesto, mandou-o ao consultório médico logo adiante.

Recebido com carinho pelo médico, Sr. já idoso, despido de certas atitudes que humilham, mandou-o sentar-se, perguntando-lhe o nome e residência.

Recolhendo o seu cartão e fixando-o por momentos, escreveu o receituário que entregou-lhe recomendando que seguisse os preceitos das bulas e que voltasse no tempo recomendado.

Saiu estonteado, quase esquecido das suas dôres.

Munindo-se dos remédios foi para casa, entrando a medicar-se.

Já nessa noite, passou bem melhor.

Bastante animado, resolveu voltar para Bauru, aguardando aquí, o tempo para o seu retorno à Capital.

Tendo-se acabado o remédio receitado, foi ao seu médico, saber se deveria repetí-lo, embora êle já se sentisse bom.

O médico aconselhou-o a repetir os remédios que foram muito bem indicados, achando que o seu caso, já era um caso superado, até a sua volta a S. Paulo.

Desoito dias mais ou menos após, já se sentia fisicamente como nos tempos de boa saude, achando o mundo bom e satisfeito de poder trabalhar e viver.

— Voltou no prazo determinado à Clínica Allan Kardec, na Capital.

O médico que o recebeu era outro Sr., mas parece que pelo seu nome, residência e a ficha entregue, ficou ciente de tudo.

Receitou um calmante e injeção para o dia, declarando-lhe que seria operado pelas entidades espirituais, à madrugada.

Passou muito bem durante a noite, nada vendo e nada sentindo.

No dia 12 de Junho p. passado voltou para Bauru.

Até o presente, 7 de Julho, sente-se perfeitamente bem, bem disposto, já tendo retomado os seus afazeres, suspensos há cêrca de 5mêses.

E', quanto tinha a dizer a bem da verdade e em agradecimento à bondade de Deus.

***

Agora, a propósito, permitam-me os leitores, breves comentários,

Para as pessoas indiferentes ou não conhecedoras dos fenômenos espíritas, pelo estudo ou pela experimentação, o caso em fóco e muitissimos outros semelhantes, podem parecer criações de mentalidades infantis, contos da Carochinha ou méra invencionice para efeito de propaganda.

Mas não há tal.

Os estudiosos, os grandes perquiridores das verdades novas e velhas, atestam os fatos com o pêso do seu saber e valor moral.

— O conhecido sábio russo Aksakof, no seu livro, «Um Caso de Desmaterialização Parcial», narra o fenômeno ocorrido com a médium Sra. d'Esperance, em sessões de estudos realizados em 1893 em Helsingars, na Finlandia.

Ora, se uma parte sómente do corpo humano, póde ser desmaterializado completamente, com todos os seus órgãos, nervos, veias, etc., tornando-se imperceptível ao tóque, à operação, muito mais o podem ser um figado inteiro ou parte dêle, a vesícula biliar, etc., etc. e assim, retirados do organismo.

Quem leu os fenômenos ocorridos na Capital do Pará, com a médium D. Ana Prado, onde vários moldes de mãos de espíritos materializados, foram deixados no balde com água, perfeitos, artísticos, até o punho da mão, póde acreditar em uma operação espiritual e incruenta.

Como poderia ser retirada a mão que serviu à moldura até o punho, sem quebrá-la ?

— O fluído elétrico, tão comum, tão utilizado por toda a gente, é para todos nós invisível, imponderável e no entanto, manifesta-se de várias fórmas e gráos de fôrças inconcebíveis.

— O genial Flamarion conta casos de faísca elétrica que revolve um paiól de pólvora sem incendiá-lo, causando logo adiante, incêndio num depósito de fêno; que arranca duma árvore um ninho de passarinho plasmando-o no peito de uma camponêza sem a molestar.

Quem explica como se processa a coloração de uma flôr ?

Quem explica a germinação de uma semente que conserva durante milênios a sua espécie ?

Convenhamos que somos aprendizes do 1.° ano no curso infinito da evolução.

Relativos, não podemos compreender o Absoluto, Deus.

Benedito de Paula Bueno.

Baurú, 7 de Junho de 1954.

Relatório

Temos sôbre a mesa de trabalho o Relatório do Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, referente ao ano de 1953, trabalho êste organizado pelo Provedor Gerente da Instituição sr. Cesar Bianchi.

O Relatório insere inúmeras fotografias e os principais acontecimentos verificados durante o ano, constituindo um testemunho do esfôrço e boa vontade dos seus orientadores. Para se fazer uma idéia do progresso da obra, basta dizer que o seu Patrimônio em 1953 elevou-se de cr. $ 3.385.000,40 para cr. $ 5.040.426,10 em virtude dos novos pavilhões concluídos e em construção e de outros prédios.

A palhoça fundada pelo casal Gracinda e Onofre Batista é hoje uma das mais importantes obras de assistência social espírita, mostrando ao mundo a grandeza do Espiritismo, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Gratos pela oferta de um exemplar.

NECROLOGIA

Dr. Augusto Militão Pacheco

Um grande claro acaba de abrir-se na fileira espírita com o desincarne do nosso estimado amigo e confrade Dr. Augusto Militão Pacheco, um dos mais destacados servidores de Jesus na terra, que bem póde ser chamado de Apóstolo da Caridade.

Espírita da velha guarda, muito fez pela propaganda do Espiritismo, que lhe deve uma larga folha de serviços prestados. Na difusão da Doutrina ninguém lhe tomava a dianteira, porque além da palavra tinha uma faculdade maior, qual seja a de ensinar pelos exemplos.

Ao iniciarmos a presente nota, uma imensidade de fatos salta-nos à mente, todos relacionados com êste servo de Jesus e, entre êles, podemos citar a presteza com que enviava o seu óbulo, em cheque, para o Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, testemunhando assim a sua grande amizade pelos pobres. Foi, na realidade, um grande exemplo que passou pela terra, uma réstea de luz do reino de Deus a clarear a senda dos que se debatem nas trevas de suas próprias imperfeições, arrastando-se em penosas provações.

Desincarnou no dia 8 do mês passado, ás 13 horas, em sua residência, à Rua São Joaquim, n.° 105, Capital. Ainda há pouco, a 13 de Junho, completou 88 anos de idade. Os meios espíritas receberam a notícia de seu passamento quasi de surprêsa, e, imediatamente, numerosos amigos e confrades, bem como pessoas de todas as condições sociais, católicos, protestantes, etc., seguiram para a residência do Dr. Militão.

Durante a manhã que precedeu o desenlace, foi êle assistido pelos seus colegas Drs. Rezende e Luiz Monteiro de Barros, seus amigos íntimos.

Fizeram-se representar as seguintes sociedades: Federação Espírita do Estado de S. Paulo, Instituto Espírita de Educação, LAKE, Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», Liga Espírita do Estado de S. Paulo, União Federativa Espírita Paulista, Federação Espírita do Paraná, Hora Espiritualista da Rádio Tupí, USE, Associação Beneficente «Nosso Lar» e Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro».

Notamos a presença das seguintes pessoas: Cte. Edgard Armond, Vinicius, prof. Amêrico Montagnini, José Gonçalves Pereira, A. J Batista Lino, D. Anita Brize, D. Maria Augusta Puhlman, Carlos Jordão da Silva, Flavio Pacciello, Dr. D. A. D'Angelo Neto, Antenor Ramos, Dr. Euripedes de Castro, Margarino Borges Costa, Benedito Godoy Paiva, Dr. Adriano Marrey Junior, Dr. Carlos Gomes Shalders, Dr. Brickman, Dante Gandolfi, José Antonio Trindade, João L. dos Santos, Dr. Nabantino Ramos, Diretor Presidente da «Folha da Manhã», Dr. Canuto de Abreu, e outras muitas pessoas, cujos nomes não foi possível anotar.

Ao baixar o ataude à sepultura, usaram da palavra os seguintes confrades: Patricio de Miranda, Dr. Francisco de Paula Cruz Netto, M. D. Juiz de Direito da 9.ª Vara Cível da Capital; Dr. Luiz Monteiro de Barros, pela USE e Federação Espírita do Estado de S. Paulo; Dr. D'Angelo Neto, pela Livraria Mundo Maior e «A Centelha»; Dr. Carlos G. Sharders, Dr. Brickmann, em nome dos médicos homeopatas de São Paulo; Antenor Ramos, pela Liga Espírita do Estado de S. Paulo; D. Anita Brize, pela Sociedade Espírita «3 de Outubro»; Dr. Euripedes de Castro, pela Hora Espiritual, José Papa, em nome da União Municipal Espírita de Ribeirão Preto e dos espíritas do interior. Em nome dos pobres falou um anônimo.

Através das palavras dos oradares, foram apresentados trechos da Vida e da Obra do distinto desencarnado, cujo único objetivo era ser útil à Doutrina de Jesus e aos seus semelhantes.

A UMESP, a Imprensa Espírita, o Clube dos Jornalistas Espíritas e o Deputado Campas Vergal também fizeram-se representar. «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» fizeram-se representar pelo nosso correspondente na Capital, sr. Vicente S. Neto.

O Dr. Augusto Militão Pacheco era casado com d. Alice Mendes Pacheco e deixa os seguintes filhos: d. Floriana Pacheco de Oliveira, casada com o dr. Echylo de Oliveira; d. Floriana Augusta Pacheco Bastos, casada com o sr. Renato Bastos; d. Floriana de S. Paulo Pacheco, já falecida; coronel Floriano Pacheco, casado com d. Clara Pacheco; d. Floriana Rosentina Pacheco; Floriano Augusto Pacheco, casado com d. Esmeralda Pacheco; d. Floriana Pacheco de Carvalho, viuva do sr. Alfredo de Carvalho; e capitão Floriano José Pacheco, casado com d. Maria Luiza Pacheco. Deixa 11 netos e 4 bisnetos.

Volvendo o nosso pensamento para o Alto solicitamos a Jesus que proporcione mais progresso espiritual a êste seu discípulo e servidor, que soube cumprir na terra os seus deveres cristãos, legando-nos exemplos verdadeiramente edificantes.

A paz sómente será estabelecida no vosso mundo quando os homens se tornarem verdadeiramente cristãos. E o Espiritismo está no vosso mundo justamente para cristianizar os homens de modo que êles possam se orientar de acôrdo com o espírito do amor fraterno ensinado e exemplificado por Jesus. Isto quer dizer que deveis vos empenhar a fundo na prática e difusão desta doutrina, certos de que o vosso salário real está sendo anotado no Livro da Vida. — CAIRBAR.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3091unse

NO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1954 — N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

3 de Outubro	*Redação*
Padre Espírita	*Major Levino C. Wischral*
Delfina da Cunha	*Ismael Gomes Braga*
O Espiritismo e a Evolução Geral	*Deolindo Amorim*
Livros... Livros a mancheias . . .	*Leopoldo Machado*
Uma criança que advinhou a própria morte	*Spártaco Banal*
Os Fenômenos Espíritas	*João Leão Pitta*
D. Gracinda Batista	*Redação*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
A Unidade Religiosa	*Genesio Nitrini*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$ 60,00, porte simples, e cr.$70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

Interpretação Sintética do
Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1954 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

3 DE OUTUBRO

UM dos mais notáveis acontecimentos registrados na História do Espiritismo, que é tão velho quanto o Universo, porque representa a Lei de Deus, é a data do nascimento do seu Codificador, Léon Hyppolite Denizard Rivail, (Allan Kardec), fato êste verificado no dia 3 de Outubro de 1804, em Lion, França.

Foi nesse dia que começou a cumprir-se a Promessa de Jesus : «Eu vos tenho falado estas cousas, estando ainda convosco ; mas o Paracleto, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, êsse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse».

Allan Kardec foi o primeiro membro da Falange do Parácleto destacado para cumprir, junto com os seus companheiros do lado de lá, a Promessa de Jesus. Portanto, o dia 3 de Outubro tem um significado tão importante como o dia 25 de Dezembro, que assinala o aniversário do nascimento de Jesus.

A humanidade ainda não sabe dar o devido valor a êste excelso missionário, porque está envolta nas densas trevas da materialidade. Jesus também não entrou nas graças dos saduceus, dos fariseus e dos sumos sacerdotes, que estavam tão cegos de espírito que não consideravam nem mesmo os chamados milagres, oriundos da cura de enfermidades. Dar vista aos cegos de nascença, fazer andar paralíticos, multiplicar pães e peixes, ressuscitar mortos, etc., era, para êles, um caso sem importância, porque estavam agarrados às cousas do mundo. Poucos acompanhavam de verdade o Mestre além dos seus discípulos. O mesmo está acontecendo com o Espiritismo. Poucos são os que o seguem de verdade. Assim como os Apóstolos e seguidores de Jesus eram perseguidos pelos sumos sacerdotes, fariseus e saduceus, assim também o Espiritismo e os espíritas estão sendo perseguidos, e pela mesma casta, que só se distingue no rótulo, mas os processos usados são os mesmos.

Faz precisamente um século e meio que Allan Kardec nasceu. A Doutrina que êle codificou espalha-se rapidamente apesar dos ataques e perseguições dos seus terríveis contraditores. Sobretudo no Brasil que é, segundo os Espíritos do Senhor, a «Patria do Evangelho e o Coração do Mundo», o Espiritismo cresce em todos os sentidos, graças à reprodução dos fenômenos psíquicos, às obras de caráter social e aos espíritos, que atuando sôbre as criaturas, as obrigam a procurar Centros, Instituições e Sanatórios Espíritas, onde encontram a verdade e a cura dos seus males psíquicos.

Êste aniversário natalício de Allan Kardec veiu encontrar o mundo seriamente conturbado. O remédio para a cura dessa situação já está no mundo A solução dos magnos problemas humanos já nos foi dada há quasi dois mil anos: o Cristianismo, agora revivificado e ampliado à luz do Espiritismo.

Com êste pequeno artigo queremos prestar uma homenagem a Allan Kardec por motivo do seu 150.° aniversário natalício, solicitando-lhe amparo no prosseguimento da nossa tarefa, que é pregar o Cristianismo à luz do Espiritismo.

Salve, Allan Kardec!

PADRE ESPÍRITA

Major Levino Cornélio Wischral

Não espere, leitor amigo, neste artigo a narração de algum escandaloso caso de apostasia tão a gosto de religiosos exaltados.

Não é isso; e, para desfazermos essa primeira impressão, preferimos iniciar como nos velhos contos infantís... Era uma vez um bondoso e indulgente padre, digno de ser tomado como modêlo, especialmente por aqueles que se dizem seguidores de Jesus.

Vivia numa cidade antiga, de aspecto colonial, na faixa litorânea do Paraná, votado ao ostracismo, no entanto, dedicava êle extraordinário zêlo à elevação espiritual de seu rebanho. Seu lar e sua paróquia eram uma vestuta e melancólica igreja com vestígios de passado esplendor.

Mesmo decorridos alguns anos de sua morte ainda as recatadas beatas, os respeitáveis anciões e até as moças casadouras não se cansavam de elogiar o singular proceder dêsse grande diretor espiritual. Até hoje os bons caipiras descobrem-se reverentes quando alguém recorda os exemplos dêsse íntegro sacerdote tão diferente aliás de quantos tenham pisado aquela região,

Chamemo-lo padre Eliseu ou simplesmente Eliseu.

Sua história como espírito através dos árduos caminhos da evolução é deveras impressionante. Por ocasião de nosso primeiro contato, vemo-lo num longinquo passado, em plena idade média, arrastando-se dolorosamente de encarnação em encarnação trajando, algumas vêzes, as vestes de juiz, soberbo e corrupto, alternado dos hábitos de orgulhoso e hipócrita sacerdote; em ambos os casos porém, presidindo continuamente os lúgubres processos da inquisição espanhola que a milhares de cristãos arrastou aos crueis instrumentos de suplício e às solenes fogueiras, atrativo de insano poviléu.

Pela misericórdia de Deus os indulgentes mestres karmicos das esferas espirituais situavam invariavelmente a Eliseu nas mais dignas posições ao nascer entre os homens. Eram-lhe, é bem verdade, propiciadas vidas bem penosas destinadas porém a oportunos e rápidos resgates de inúmeros crimes de encarnações transatas. Contudo, impulsionado pelo livre arbítrio, Eliseu preferia imantar-se, de modo irresistivel à paisagem dêsses nefandos tribunais.

Com a extinção das satânicas máquinas de torturas vamos encontrar Eliseu em tempos menos recuados, vivendo períodos de indescritiveis misérias físicas e morais, era indício de sua remissão feliz. Em Espanha, encarnou tomando por diversas vezes o corpo de execrável monstro atrofiado dos membros e do cérebro que tão diabólicos foram. Seus amortecidos olhos apenas sabiam fixar as próprias mãos mirradas como para condená-las por tantos delitos praticados. Eliseu era tratado com hipócrita piedade. Inexplicavelmente, às pressas, se descartavam dêle como venenoso e nojento verme. Ligada à história de Portugal comove-nos ver Eliseu; avistamo-lo em Pôrto e Lisboa durante longas encarnações expiatórias sempre votado ao desprêzo, vindo por isso a morrer de fome e de sede. Nesse país teve três vidas de extrema miséria; todos fugiam de Eliseu, pois a lepra devorava suas carnes; chegaram a apredrejá-lo «para não padecer tanto». Enfim, para completar seu lúgubre rosário de expiações pediu Eliseu que seu anjo de guarda o amparasse, nas próximas provas, com especial carinho, pois teria que tomar durante mais algumas encarnações um corpo disforme, de fisionomia horrenda, manêta e mudo ao mesmo tempo. Seu karma previa mortes violentas; teria que ver calcinado seu próprio corpo pelas chamas para recordar e sentir as labaredas que seus olhos satisfeitos apreciavam outrora naquelas fogueiras vivas do Santo Ofício. Poucos são os espíritos que tanto sofreram!

A lei de causa e efeito é inexorável e assim Eliseu, como todos nós, colhia profundamente amargurado os frutos de sua imprudente semeadura.

Agora, refeito na sua pureza inicial, vemo-lo na aurora do ano 1870. Do plano espiritual era Eliseu observado com particular satisfação, pois de sua alma se irradiava muita luz. A justiça de Deus fôra integralmente cumprida através da bendita medicina representada pela dor e pelo sofrimento.

Lá estava o candidato ao último reencarne alegre e esperançoso numa colonia espiritual, tipo «Nosso Lar», em preparativos para receber seu corpo físico a título de recompensa pela resignação com que resgatara suas dívidas. Lá o viamos, agora, nos gabinetes de remotovisão, com vistas a fortalecimento de futuras missões a apreciar e examinar, sôbre tela viva, as suas últimas existências projetadas naquele momento como autêntico cinema.

Julgado apto ao reencarne vamos acompanhar Eliseu na floresta humana, novamente nas vestes sacerdotais em nossa Capital Federal, inteiramente dedicado a sagrada promessa de extremo amor ao próximo. Desta vez sua fisionomia espelhava humildade, seus sentimentos eram elevados e puríssimos, não mais aninhava em seu coração a hipocrisia, a vaidade e o orgulho. Agora iria Eliseu burilar as últimas arestas de sua alma. Assim, ao entrar para a prática sacerdotal foi logo posto à margem e apontado como simplório e de pouca aparência; no entanto, sua aura irradiava luminosidade sem igual entre seus pares. Nessa contingência foi Elizeu relegado a cidades do interior e mais tarde a vilas distantes onde sua humildade não pudesse empanar as pompas e os aparatos litúrgicos. Dessa estranha maneira foi o nosso personagem ajustado no devido lugar pela incompreensão de seus superiores. Tudo seguia como fôra esboçado antecipadamente no seu programa karmico,

Por onde passasse êsse digno sacerdote, deixava atrás de si um sulco luminoso que atraia das trevas legiões de espíritos sofredores, ignorantes, êles mesmos, já terem morrido em seus corpos físicos. Êle os atraia e, conscientemente os levava, como bom pastor, à sua modesta capela frequentada também por aqueles bons caipiras e pelas veneráveis matronas. Alí o cura acomodava os seus irmãos invisíveis; doutrinava-os dentro dos ensinos de Jesus facilitado pela excepcional clarividência que possuia. O recinto do templo, vasio aos nossos olhos acomodava, no entanto, naqueles toscos bancos centenas de espíritos absortos e enlaçados na suave claridade que se desprendiado sacerdote. Todos eram enlevados e sentiam o encanto de um inexplicável bem estar. Ali estavam reunidos, como circunspetos atores teatrais, os seus velhos comparsas ligados a tragédias distantes da inquisição. Pela bondade de Deus, e após muitos séculos, alí reuniam-se diariamente os responsáveis pelo atraso moral em que se encontrava o nosso mundo para serem esclarecidos e doutrinados por aquele que na inquisição fora seu chefe. Trajavam ainda as estravagantes vestimentas características da idade média, pois, inacreditavelmente viviam, ainda agora, com toda a intensidade àquela recuada época. Eliseu, seu antigo chefe, reconhecia-os um por um e os infelizes sofredores também chegaram a reconhecê-lo, perplexos porém, pois, era-lhes impossível atinar como se dera tão rápida mudança de «gênio do mal», de que se vangloriava, para as vestes luzidias de «santo».

Por muitas vezes, naquela cidade litorânea, era visto Elizeu a «falar com os bancos» de sua igreja, como diziam os que da porta lhe ouviam o sermão. Era tido como insano, entretanto, do Alto nunca lhe faltavam as benções em forma de intenso feixe de luz. Pela clarividência, aliado à sua grande experiência, tornou-se o melhor doutrinador de espíritos. O amor, a caridade e, especialmente, o perdão eram os temas prediletos e difundidos nessa sua invisível escola. Após longo aprendizado eram seus pupilos conduzidos pelo próprio padre, quando de seus transportes espirituais, às dependências reencarnacionistas, do plano espiritual.

Para Eliseu a vida era por demais simples sem complicações. A propósito da ridícula intolerância religiosa dizia, sem rodeios, que religião é apenas sinônimo de Amor, é ser bondoso para com todos e nada mais. Estimava com o mesmo afeto a católicos, ateus, protestantes, judeus e a espíritas; para êle sim, todos eram verdadeiros irmãos como Jesus ensinava.

Sempre que era procurado por algum necessitado ou indigente apontava invariavelmente com ares de reserva um albergue espírita situado bem defronte de sua igreja. Ao indicar aquela casa de caridade, Eliseu já esperava ouvir algo escandalizado como de outras vezes: «Mas padre, eu não sou espírita — Deus me livre!» Ao que êle esclarecia com meiguice: «Vá meu filho, lá não perguntam qual a tua religião, vá, terás cama, comida e tratamento de filho pródigo.»

Para os bons caipiras Eliseu era um verdadeiro Deus. Para exprimir alguma gratidão os caboclos costumavam tocar de leve com a ponta dos dedos a surrada aba do chapeu de palha enquanto exclamavam satisfeitos: «Eta coração de ouro!»

Realmente era um deusinho, pelo menos quanto à tolerância, pois, vejam só, pontualmente, uma vez por semana, reunia as esmolas levadas à sua capela e, bem às ocultas, protegido pela noite, ia ao albergue de fronte e rápido fazia deslizar sob a porta o envelope dobrado contendo seu auxílio.

Êle apenas recebia para dar, nada tinha. É interessante assinalar que quanto mais dava mais recebia. Nunca outros souberam o que fez sua mão direita. A caridade de Eliseu era vista pelos espíritos com especial enternecimento. Como gratidão êles encaminhavam através das mais enigmáticas vias os recursos de que necessitava. Do plano espiritual podia-se observar como as boas criaturas eram inspiradas para a visitação da igreja de aparência tão convidativa. Após apreciarem os belíssimos quadros murais, de afamado pintor do século dezoito, e, depois de agradáveis momentos de meditação, podia-se perceber como os irmãos espirituais induziam aqueles romeiros a deitarem suas oferendas no cofre. Com que espontâneidade tudo isso era feito e com que facilidade atendiam as criaturas evoluidas às sugestões do Alto! Pouco conhecemos dessas silenciosas mensagens que impulsionam os homens à prática do bem.

Os sermões de Eliseu eram tão magníficos e oportunos que atraiam enorme assistência, vinda até mesmo de cidades vizinhas. No púlpito êle se transfigurava; parecia iluminado pelo próprio Cristo, particularmente quando ensinava o Evangelho. Vejamos algumas expressões que costumava desenvolver magistralmente durante o sermão. Assim dizia: «Cada qual receberá indulgências plenárias, porém, dos Céus, como auxílio pela bondade, honestidade e sinceridade com que se conduzir na sociedade, tão só nesses casos. O perdão só existe se concedido pelo ofendido; nem Deus perdôa, Êlê nos dá, isso sim, oportunidades amplas para repararmos a harmonia violada; não procureis o indulto no confessionário e nem em outro lugar qualquer, procurai-o em vossos corações. Enquanto houver um necessitado, queixoso ou aflito ao vosso redor não podeis compreender a felicidade. O homem só será bom se for simples e humilde como Aquele que nasceu na manjedoura de Belém. O pomposo ritual e o cerimonial luxuoso acorrentam o homem ao estacionamento e a inútil contemplação.» Eis uma pequena amostra dos temas que costumava desenvolver com mestria.

Quando padre Eliseu percebia que levavam maços de velas à igreja êle não resistia a vontade de ensinar, rogava então que transformassem aquelas velas em livros para iluminação e aprimoramento de seus corações.

Os fieis de Eliseu eram instruidos de modo tão diferente que no cérebro dos ouvintes pairavam as mais desconexas interrogações. Seria êle, pensavam uns, espírita ou sectário de alguma nova doutrina? Outros, simplesmente, taxavam-no de protestante e outros ainda de extremista, todos contudo, o ouviam com veneração e tentavam praticar seus conselhos. Eram almas amadurecidas e saturadas pela rotina e agora absorviam ávidas essas verdades maiores. Assim ia transformando corações indiferentes em almas ativas e amorosas. Eliseu era realmente um missionário de Deus! Centenas de ovelhas desgarradas pela ineficência religiosa êle conseguiu reconduzir ao aprisco divino.

Aqui deixamos o relato do padre espírita como exemplo digno de ser imitado pelos espíritas.

Delfina da Cunha

Em 5 de Julho de 1954 tomou parte na sessão da Cabana de Canagé um jovem cego, aluno do Instituto «Benjamin Constant», que raramente visita a Cabana. Pouco antes da chegada dêsse talentoso jovem, pela mão da médium Dolores Bacelar foram escritos os seguintes sonetos:

A CEGA

A quem o meu nome fôr desconhecido,
Vá à gaúcha terra onde eu nasci,
E alguém talvez dirá: «Sim, foi aquí
Que ela veiu à luz num dia florido...»

E eu vos direi, também: «Sim... foi alí,
Que, órfã de pais, sózinha, olhar ferido,
Num dia longo, sem luz, ressequido,
O Calvário até o ápice atingi...»

Sou aquêle infeliz ser que o destino,
Nas partilhas dos bens, dêle esqueceu...
Sim, fui dos párias que o mundo ferino,

Venturas e alegrias sempre nega...
Delfina da Cunha era o nome meu,
Mas só me conheciam como «A Cega».

* * *

Condenada inda infante à sorte avara,
Minha existência foi triste e sombria...
A luz dos olhos meus, mal despertara,
Roubou-ma cruel, negra epidemia.

Dos festins de Ventura não sobrara
Á mísera cega, órfã de alegria,
Manjar nenhum que torna a vida cara...
Iníqua lhe foi sempre a terra fria.

Tateando nos caminhos da amargura,
Ao tredo Destino, em vão, indagava:
—Que fizeste do meu sol, noite escura?

Prêsa das sombras, sem poder vencê-las,
Pela Terra, só e triste, vagava
Sem luz, sem sol, luar e sem estrêlas...

Delfina da Cunha.

Na mesma sessão outra médium recebeu belo poema dedicado ao jovem visitante cego, mas não nos foi dada cópia. Só nos foram confiados os dois sonetos acima, com o pedido de fazermos indagações no Rio Grande do Sul sôbre a poetisa cega. Pedimos essas informações ao Sr. Alberto Flores, delegado da *Universala Esperanto-Asocio*, e êle conseguiu obter dados muito completos que aquí resumimos.

O nome todo era Delfina Benigna da Cunha. Nasceu em 17 de Junho de 1791, em S. José do Norte, próximo da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Era filha do Capitão Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes, falecido em 1826, e de D. Maria Paula Cunha, falecida em 1833.

Aos 20 mêses de idade Delfina teve varíola e ficou completamente cega.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de Abril de 1857.

Eis um de seus escritos em vida :

SONETO

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro o rosto seu mostrado havia,
Quando um terrível mal, que então sofria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par comigo a mágua impia;
Desde a infância a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda sorte de ventura ;

Nem sequer um prazer breve consigo :
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.

Sózinha, cega e sem recursos, sua poesia era triste, traduzindo seu desânimo e desespêro.

Em 1834 publicou um livro oferecido às Senhoras do Rio Grande. Então uma pessoa amiga aconselhou-lhe a pedir auxílio ao Imperador D. Pedro I e ela fez o pedido no seguinte soneto :

Quem te fala, Senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Febo a luz brilhante ;
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda :

A sustentar o pêso assás me ajuda,
De uma vida que à morte é semelhante,
Não chega a ser aflita mendigante,
Quem um tal protetor roga lhe acuda.

E' por ti que eu espero ser contente,
E suponho, Senhor, que não me iludo,
De tua alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o grande, um forte escudo,
Creio, folgo e afirmo afoutamente,
Que és pai, és benfeitor, és Nume, és tudo.

Considerando tratar-se da filha de um militar que prestara relevantes serviços, D. Pedro I concedeu-lhe uma pensão que lhe permitia viver com menos preocupações materiais.

Publicou quatro livros, em 1838, 1840, 1842 e 1846.

O nosso amigo Sr. Alberto Flores conseguiu êsses dados com a preciosa colaboração da Doutora Noemy Rocha, presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a quem daquí enviamos nossos agradecimentos.

O último dos livros da poetisa cega foi publicado há mais de um século, ou, exatamente, há 108 anos. Ela própria desapareceu do mundo físico há 97 anos e já estava completamente esquecida, mas agora demonstra com os novos sonetos que a morte não existe e que ela continua sendo a brilhante poetisa que já era há mais de um século.

Descendo à Terra para falar a um jovem cego, retomou ela a personalidade da cega, com a mesma tristeza que então sentia ; reviveu aquela penosa prova, mas certamente hoje é um Espírito feliz e elevadíssimo, porque já era um grande Espírito quem em plena cegueira revelou tanto talento há mais de um século. Esperemos que Delfina da Cunha reapareça em outras sessões e nos dê suas notícias dos noventa e sete anos decorridos depois de sua desencarnação que coincide em mês e ano com o nascimento da filosofia espírita. Realmente o primeiro livro de Allan Kardec apareceu apenas cinco dias depois da desencarnação dêsse belo Espírito.

Ismael Gomes Braga.

Não basta ser médium para ser espírita. E' preciso seguir o Evangelho com espírito de mansidão e humildade, porque o verdadeiro espírita é reconhecido pelas suas obras de amor e justiça. — JUCA.

O Espiritismo e a Evolução Geral

TODOS os campos do conhecimento humano estão sujeitos, como se sabe, a modificações ou retificações inevitáveis, desde que se faça necessária a substituição de um princípio que não corresponda mais à realidade Se assim não fôsse, não haveria evolução. Se todos os campos de conhecimentos se cristalizassem, permanecessem definitivamente no estado inicial, sem alteração, sem aquisições novas, sem aperfeiçoamento, o mundo continuaria até hoje prêso a concepções antiquadas, e o próprio homem ainda estaria no período primário da História. A renovação das idéias, dos métodos de trabalho, dos processos de relações, da técnica, finalmente, é um fenômeno geral, e é pela renovação constante que se descobrem realidades novas e se melhorem os métodos de trabalho. O Espiritismo, embora não seja uma doutrina de origem humana, porque é de origem espiritual, tanto assim que o seu próprio codificador foi o primeiro a dizer, sensatamente, honestamente que o Espiritismo não é obra de um homem, não poderia, como não pode, fugir à lei geral de evolução. Embora a doutrina espírita, em sua parte substancial, tenha sido ditada por espíritos, a verdade é que o Espiritismo ocupa um lugar definido no quadro geral dos conhecimentos humanos. Isto não quer dizer que êle seja criado pelos homens, mas porque a sua doutrina tem consequências diretas nas relações humanas. Além disto, embora a doutrina seja dos espíritos, quanto a sua origem, ela não veio apenas para os espíritos, veio para o mundo, para os homens. Portanto, a doutrina está no mundo e não fóra do mundo. Se está no mundo, porque ela é necessária ao homem, deve ocupar um lugar no âmbito geral da cultura humana. Tanto isto é verdade que Allan Kardec — por duas vezes — no livro «Gênesis» e no «Livro dos Mediuns» diz claramente que, até certo ponto, o Espiritismo aplica, em sua parte científica, o método comum às outras ciências. Isto quer dizer, portanto, que, em determinados aspéctos, o Espiritismo segue o caminho da indução, partindo dos fatos particulares para as princípios e as leis gerais. E' o método adotado nas ciências experimentais. Kardec não quís, como se vê, deslocar o Espiritismo da metodologia científica, justamente porque, no terreno positivo, isto é, no terreno dos fatos, dos fenômenos objetivos, finalmente, o Espiritismo parte dos meios normais da investigação, tal como o faz a ciência experimental em todos os seus domínios. Há, portanto, um plano em que o Espiritismo, sem perder as suas características, sem se despersonalizar, entra naturalmente, forçosamente, no esquema geral das ciências. Por êste motivo, Allan Kardec, prudentemente, conscientemente, disse que sôbre o Espiritismo já se havia dito a primeira palavra, mas ninguém diria a última palavra, o que não significa, de modo algum, que aquilo já está provado, que já está documentado como acervo de fatos rigorosamente verificados ainda esteja sujeito a dúvidas. Não. Segundo o pensamento de Kardec, que é, aliás, o pensamento de um homem de visão científica, há muita coisa que ainda se ignora, e sómente com o tempo, com a evolução geral, com a iluminação espiritual, é que poderemos, gradativamente, aumentar o patrimônio de nosso conhecimento. Há, porém, realidades que já estão notoriamente confirmadas, há fatos que constituem, há muito, um ponto de certeza no terreno da investigação científica. Há quem diga, por exemplo: ora, o Espiritismo não disse tudo, porque o próprio Allan Kardec proclamou abertamente que ninguem diria a última palavra. E' claro que a última palavra, tanto em Espiritismo como em qualquer outro terreno, jamais poderá ser dita pelos homens, porque a Verdade não se confina dentro de uma religião, de uma doutrina, de um sistema. E' preciso notar, porém, que as bases do Espiritismo, os princípios que êle estabeleceu com fundamento nos fatos, aquilo que forma o lastro científico do Espiritismo não se invalidou até hoje. Nenhuma doutrina, nenhuma pesquisa posterior conseguiu invalidar os fundamentos do Espiritismo. Daqui para o futuro, sim, haverá, ainda, muita coisa a descobrir. E foi neste sentido, sentido exato, portanto, que Allan Kardec sentenciou : já se disse a primeira palavra, mas ninguem disse a última. No mundo espiritual há muitos problemas, muitos aspectos que não podem ser compreendidos no estado atual da humanidade. Foi neste sentido que Allan Kardec, sem destruir o que já se fez, sem negar o que já existe, o que já está provado, falou sôbre o conhecimento futuro, que transcende a capacidade humana e está muito além dos instrumentos de investigação de que, até agora, o homem se utilisou.

Esta, aliás, é a regra geral em todos os conhecimentos. Desde o tempo de Aristóteles que a Ciência, tanto no domínio da Física, como da Biologia, como dos outros ramos do saber, vem sofrendo modificações impostas pela realidade, determinadas pela experiência. Aceita-se, hoje, uma teoria, um princípio, como verdade, mas também amanhã, pela experiência, já não se póde aceitar êsse princípio, a não ser que se pretenda fazer da ciência uma construção petrificada ou dogmática. Durante muito tempo, em nome da Ciência, negou-se a existência de micróbio. Entretanto a própria ciência, com a revolução que Pasteur, mais tarde, provocou no campo da Biologia, reconheceu a existência de micróbio e, portanto, ela mesma anulou princípios que até então eram tidos como certos. Aquí mesmo no Brasil, quando o grande Oswaldo Cruz iniciou a campanha de saneamento, houve quem combatesse o plano do glorioso sanitarista patrício justamente porque, ainda naquêle tempo, prevaleciam, na Biologia, certas concepções que, mais tarde, tiveram de cair, por fôrça da experiência. Falar em micróbio, antigamente, em determinados meios científicos, era quasi uma heresia. Entretanto, o que constitúe heresia ou disparate, hoje, é precisamente o contrário, isto é, pretender alguém negar a existência de micróbio. Muitas concepções da Física e de outras ciências também foram modificadas. E' natural que, no campo do Espiritismo, ainda exista um mundo de coisas a ser explorado. Isto, porém, não destrói o que já existe, ou seja, o alicerce da doutrina, os fatos em que ela se firma e sôbre os quais construiu os seus princípios.

Deolindo Amorim.

(Palestra radiofônica no programa «Seleções Espiritualistas» — Rádio Guanabara, Rio de Janeiro).

Livros... Livros a mancheias

Para o espírita estudar...

O Espiritismo exige estudos precisos, metódicos, substanciosos.

Sem estudo substancioso, metódico e preciso, ninguém será espírita de ciência e consciência.

* * *

Os livros estão caros. E o tempo é pouco para os labores diários, inadiáveis...

Contudo, é preciso se reserve, no mínimo, meia hora de leitura por dia, para livros substanciosos da Doutrina...

* * *

A difusão de livros póde ser :

I) *Clube do Livro;* II) *Livro do Dia;* III) *Lembrança do Livro;* IV) *Livros a mancheias;* V) *Presente de livros;* VI) *Emprestimo de livros;* VII) *Festa do Livro.*

I — CLUBE DO LIVRO

a) Forma-se o corpo social de 30 a 50 sócios, pagando de cr. $ 2,00 a 5,00 mensais.

b) Distribuem-se, mensalmente, 1.°, 2.° e 3.° prêmios, livros que importem em 80 °/o do apurado.

c) Os 20 °/o que ficam de cada mês, será aplicado em despesa de expediente. O que sobrar, destinado a prêmios de consolação a ser distribuidos entre os que não foram premiados, durante o ano.

d) O sorteio será feito na primeira reunião de conferência do mês. E o livro, entregue festivamente.

O CLUBE DO LIVRO REQUER A ATUAÇÃO DE UM CONFRADE ABNEGADO E DILIGENTE.

II) LIVRO DO DIA

a) Nas reuniões das Mocidades Espíritas sorteia-se, depois, antes da prece final, o LIVRO DO DIA. Volúme custeado pelas mensalidades de sócios, por um ou outro sócio e cooperador abnegado.

b) O sorteio póde ser feito contra senhas distribuidas, ou pelas assinaturas no Livro de Presença, numeradas.

c) O beneficiado póde levar, ainda, o autógrafo dos presentes, ou amigos de sua estima particular.

III) — LEMBRANÇA DE LIVROS

a) Nas reuniões de mais velhos, principalmente as de caráter festivo, as conferências, sorteia-se um livro como lembrança entre os presentes.

b) O livro sorteado será custeado pela *Caixa da Tesouraria*, da *Assistência aos Necessitados* ou da *Bibliotéca do Centro.*

IV — LIVROS A MANCHEIAS

a) Durante movimentos festivos, principalmente de moços—*Noite do Moço Espírita*, teatro espiritualista, programas artísticos — procede-se a oportuno derrame de «livros... livros a mancheias...» por sorteios espaçados.

b) Para o sorteio, distribue-se senhas contra cr. $ . . . . entre os espectadores, explicando o animador *a brincadeira* e suas consequências.

c) Se não forem todas as senhas, faz-se, no final do programa, e antes de proceder-se ao sorteio, um leilão das que ficaram, que tanto póde colimar mais ou menos do que se poderia apurar.

d) Durante o *Jornal Falado*, vai-se sorteando, um por um, os volumes.

e) Todo o apurado deve destinar-se a uma instituição de caráter humanitário, ou à própria Instituição.

V — PRESENTE DO LIVRO

a) Um presente de livro, em qualquer circunstância, é coisa que mais agrada a espíritos cultos, quer os que oferecem, quer os que recebem.

b) Presente que deve ser feito em dias festivos, em dias de aniversário, em qualquer dia enfim.

c) Arma-se uma Exposição de livros em dias festivos,—principalmente no *Dia do Livro*. Depois, procede-se ao leilão do livro, levando um confrade a ofertar a outro, um livro com dedicatória. Oferecimento, de preferência, dos mais velhos, como estímulo aos jovens.

VI — FESTA DO LIVRO

a) — A Festa do Livro, realizada a 18 de Abril — que me desvaneço de haver instituido no Brasil, —é a maior homenagem que se póde fazer à cultura, ao Livro, ao egrégio Codificador da DOUTRINA, e à sua Obra.

b) — Espalham-se pedidos de livros com dedicatórias, destinadas à *Festa do Livro.*

c) — Com os volumes recebidos, arma-se uma Exposição de Livros, original, no salão da festa, nas vitrinas de livrarias, em lugares apropriados.

d) — Organiza-se uma grande tômbola de livros espíritas, para serem sorteados, no dia 18. Tômbolas com muitos bilhetes prêmios.

e) — A distribuição de livros com dedicatória, no ato festivo, que poderá ser graciosamente, como prêmio de números de arte, ou arrematados, deve levar ao beneficiado, se os recebeu graciosamente, a obrigação moral de agradecê-lo ao ofertante, começando, assim, uma boa amizade.

f) — No programa festivo deve haver farto derrame de «livros... livros a mancheias...» entremeando números de doutrina, de arte espiritualista, de jornal falado, etc., etc., etc.

g) — E principalmente às nossas «afinidades» presentes à festa.

VII — BIBLIOTECAS RESERVADAS

Todo centro espírita bem organizado deve ter sua biblioteca, embora, até o presente, as bibliotecas das sociedades espíritas tenham sido ponto morto no seu movimento.

Mas, já é tempo de animá-las, de revivê-las.

a) — Biblioteca de livros para serem lidos, vendidos, sorteados, etc., etc.

b) — Biblioteca, cujos sócios do Centro possam retirar os volumes por emprestimo, contra uma senha, assinada, com dias marcados para os ler...

c) — E que venda, a prestação, os volumes que os sócios desejem obter.

Palavras finais:

I) Tudo que se puder fazer a beneficio da difusão do livro é obra das mais meritórias feitas à Doutrina.

II) Na distribuição de livros, a entidade social que os distribue aufere, principalmente, as seguintes vantagens:

a) Realização de excelente propaganda dela mesma, do livro e da Doutrina;

b) Força, por assim dizer, a leitura de muitos livros, que só assim, talvez fossem lidos;

c) Contribuição para que muitas obras e seus autores sejam, assim, conhecidos;

d) Leva muita gente a presentear amigos e receber presentes de livros;

e) Mantem constante propaganda da Doutrina, do livro e da própria instituição, etc., etc., etc.

f) Boa percentagem em dinheiro para a manutenção de seu programa.

Leopoldo Machado.

Uma criança que advinhou a própria morte

A teoria do Espiritismo dia a dia mais se impõe perante o mundo, visto que ela soluciona satisfatoriamente, todos os fenômenos que se prendem ao espírito.

Os fatos espíritas, antes da «Nova Revelação», não eram compreendidos pelos homens, e a idéia que dêles faziam era pura e simplesmente infantil; hoje, porém, só desconhece a origem dêsses casos, aquêle que não se interessa pelo conhecimento da vida espiritual.

Ultimamente, a multiplicidade de fatos provocados pelos espíritos, em toda parte do mundo, tem despertado a atenção de milhões de criaturas, ávidas de conhecer o porquê do fato.

O resultado final a que chegaram os homens de estudo, aceitando a teoria espírita, justifica o abandono dos antigos sistemas doutrinários, hoje postos à margem por absurdos e insustentáveis, visto como as elucidações dadas por aqueles que, melhor do que nós, sabem da verdade, são claras, positivas e, portanto, irrecusáveis.

Assim, o fato que abaixo citamos, sob a epígrafe acima, dado à publicidade pelo «Diário de Notícias», de 10 de Outubro de 1945, só pode ser compreendido admitindo a teoria espírita. Há pessoas que possuem a mediunidade de pressentimentos, isto é, têm o dom de receber comunicados ocultos dos espíritos, atinentes a fatos que ocorrerão futuramente. Estes médiuns podem ser conscientes ou inconscientes da sua faculdade, dependendo do conhecimento que possuam das coisas espirituais.

O fato é como segue:

— «Uma criança, filha do sr. Elisiário José Neto e da sra. d. Bela Beatriz Varizo, que se encontrava em casa de seu tio, o padre Anibal Varizo, teve, dias antes de falecer, a previsão da morte.

Apesar de estar de saúde, pelo menos nenhuma doença se lhe declarava, mediu a sua altura, para seu avô materno, que é comerciante, comprar uma urna que lhe servisse. O pedido era estranho e aos parentes pareceu injustificado. Mas foi tão grande a sua insistência, que lhe fizeram a vontade.

Compraram-lhe a urna em que ela foi a enterrar».

—Fatos desta natureza se repetem sucessivamente, por toda parte do mundo.

Não há muito tempo o ator cinematográfico mundialmente conhecido, John Barrymore, também predisse a sua morte no dia 30 de Maio de 1942. O mais interessante é que, esta previsão foi anunciada, quando ainda vivo, numa sessão espírita. Possivelmente, nesta ocasião, o grande artista estava dormindo, enquanto o seu espírito predizia, na referida sessão, a sua morte.

Os casos da previsão da morte, posto que já sejam do conhecimento mundial, nunca é demais insistir na sua mais ampla divulgação, afim de que os cegos possam abrir os olhos da razão e os ouvidos do entendimento à voz da Verdade Espírita.

Spártaco Banal.

Deus experimenta a fé dos seus servos através dos sofrimentos para ver se estão em condições de assumirem novas responsabilidades em novas tarefas. —Lucipaz.

Os Fenômenos Espíritas

João Leão Pitta

Os fenômenos espíritas, existem desde a aparição do homem na terra. Na Bíblia, encontramos um espírito repreendendo Caim, por ter assassinado Abel. Noé, é avisado por um espírito que lhe anuncia o diluvio e ensina a construir a arca. A Abraão, aparece um espírito ordenando-lhe mudar o nome de Abrão para Abraão e a sua mulher de Sarai para Sára; de outra vez, o espírito mandou-o mudar de residência; em outra ocasião, anunciou-lhe o nascimento de um filho, embora sua mulher contasse 90 anos. Quando o menino estava com 12 anos, um espírito manda Abraão imolar o filho no monte da visão. Quando Abraão ia sacrificar o filho, um espírito segura-lhe a mão, impedindo o sacrificio, apontando-lhe um cordeiro que estava emaranhado em umas silvas. Aquí temos, com Abraão, diversas comunicações: quando o espírito anuncia o nascimento do filho por voz direta; quando Sára, que estava em outro apartamento, também ouviu e deu risada, porque nunca se viu uma mulher de 90 anos ter filhos. No monte da visão houve materialização do espírito ao segurar-lhe a mão e ao transportar o cordeiro, visto por ali não andarem rebanhos.

Jacó sonhou, que estava deitado com a cabeça em cima de uma pedra; viu o céu se abrir e uma enorme escada que subia da terra ao céu e os anjos subirem e descerem por ela. E' um ensinamento em sonho sôbre a reencarnação. Os que sobem, são os que deixaram a terra; os que descem, são os que vêm se reencarnar.

José, filho de Jacó, teve vários sonhos que se realizaram e também tinha a faculdade de explicá-los, como fez com o padeiro e copeiro-mór do Faraó. O mesmo Faraó, teve o sonho das vacas magras e das vacas gordas e das espigas granadas e chôchas, que José definiu como sendo 7 anos de abundância e 7 anos de fóme, o que realmente aconteceu. Nabucodonozor, teve um sonho em que via uma enorme estátua com a cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pernas e pés de ferro e barro e uma enorme pedra que rolava da montanha, sem ser talhada por mão de homem que derrubou a estátua reduzindo-a a pó. Ao acordar, esqueceu-se do sonho. Chamou os adivinhos do palácio para lhe decifrarem o sonho que teve e do qual esquecera. Não podendo os sacerdotes de Baal explicar o sonho, um servo lembra-se de Daniel, que vem e explica-lhe o sonho recompondo-o.

E' na Bíblia que encontramos todas estas manifestações de espíritos em sonhos; porém, não concluamos que todos os sonhos são manifestações de espíritos.

Temos ainda na Bíblia de antes da vulgata, o livro de Tobias. Na Bíblia de depois da vulgata suprimiram êsse livro, porque atestava fatos que não convinham a grei romana. Nêste livro, o espírito de Rafael se materializa e acompanha Tobias dia e noite: ensina-o como curar a cegueira do pai e vai receber a dívida de um parente; é ainda o espírito que lhe mostra a moça que está destinada a ser sua esposa. Quando o querem gratificar, Rafael recusa-se a receber dizendo:—Tobias, eu sou Rafael que estou constantemente ante a face do Senhor, e vim a seu mando para atender aos teus rogos.

No festim de Baltazar, onde a orgia campeava desenfreadamente, aparece a vista de todos, u'a mão escrevendo na parede—«Manes, Tecel, Feres», que quer dizer, pesado, medido, aferido. Aquí temos uma manifestação de escrita diréta.

Moisés depois de ter matado um egipcio, fugiu para o deserto, onde foi ter com Jotro, que depois foi seu sogro; ali vivia apascentando ovelhas, quando lhe aparece um espírito e lhe diz: «O Senhor ordena que vás ao Egito, e de lá retires o seu povo, que Êle já está cansado de o ver sofrer». Moisés diz: «Mas eu sou tato da língua»; o espírito responde-lhe: «Dar-te-ei as maravilhas, e a teu irmão Arão a palavra». Aquí encontramos em Moisés a mediunidade de efeitos físicos, e em Arão, a mediunidade falante.

Moisés obedece à ordem do espírito e, em frente ao Faraó, opera tantas maravilhas e faz tantas profecias que se realizam imediatamente, que o Faraó ordena que saia com o seu povo, conforme Moisés lhe pedia.

Tudo isto são manifestações encontradas na Bíblia com o nome de pragas do Egito.

Moisés, quando no deserto, faltou-lhe carne; e é ainda pela mediunidade de efeitos físicos, que vieram bandos de perdizes pousar no meio do povo.

Quarenta dias depois da saída do Egito, Moisés e seus irmãos estavam nas fraldas do monte Sinai, onde êle sobe e, pela mediunidade de efeitos físicos, lhe são dados os dez mandamentos gravados em uma pedra. Como Moisés demorasse, pediram a Arão que lhe fizesse um bezerro de ouro, para ser adorado como Deus. Quando Moisés voltou, vendo aquela idolatria oriunda das terras que tinham deixado, e tendo-se informado, chegou à conclusão de que no povoado manifestaram-se espíritos mentirosos dizendo que êle, Moisés, os havia abandonado. Daí a ordem de Moisés proibir as evocações. Ora, não se póde proibir o que não é possível existir.

O Espiritismo também, como Moisés, proibe as evocações de espíritos por pessoas sem a moral e os conhecimentos necessários; proibe fazer sessões para se conhecer o futuro, saber si se vai ser feliz nêste ou naquêle negócio, com quem se vai casar e outras cousas semelhantes.

Porém, um dia, Josué, chegou-se a a Moisés, e disse-lhe: «No povoado estão profetizando, proibe-lho». Moisés responde-lhe: «Tens tu ciumes por mim? prouvera a Deus que todos profetizassem». Por êste trecho da Bíblia, temos a prova de que Moisés consentia nas manifestações, e que até desejava que todos profetizassem, como nós espíritas desejamos que em cada lar haja um grupo de pessoas compenetradas dos seus deveres e com uma moral sã e os conhecimentos indispensáveis.

Saul foi o primeiro rei dos hebreus. Saul tambem proibiu com penas severas os que evocassem espíritos. Nas vésperas de uma batalha, Saul disfarça-se, e vai à pitoniza (médium) do Endôr, e pede-lhe para falar com Samuel, que já tinha morrido. O profeta Samuel repreende-o e profetiza sua morte e perda da batalha.

Tudo isto são comunicações espíritas dentro da Bíblia, e é preciso estar cego para não as ver, ou muito fanático para não as compreender.

As manifestações dentro da Bíblia, são tão numerosas, que seria fastidioso enumera-las minuciosamente.

Os profetas, todos êles, foram médiuns. Elias, evoca o fogo do céu para queimar a lenha. Joel, profetiza que no fim dos tempos, o espírito do Senhor seria derramado sôbre toda a carne, que os velhos teriam sonhos, e os moços visões. Isto era o anúncio do que se está passando: o advento do Espiritismo. Os profetas quando falavam, sempre diziam: «Isto diz o Senhor»: portanto, manifestação.

Dentro das religiões, as manifestações espíritas são inúmeras. A Zacarias, um espírito lhe anuncia o nascimento de um filho, que foi João Batista, e a missão que trazia. Maria estava nos seus afazeres, e um espírito lhe anuncia o nascimento de Jesus. Quando Jesus começa a sua missão na mangedoura de Belém, aos pastores aparecem espíritos, avisando-os que era nascido o salvador do mundo, e em cânticos davam Glória a Deus nas Alturas e na terra paz aos homens, a quem Ele queria bem.. Aos magos do Oriente, um espírito em forma luminosa, como uma estrêla, guia-os até onde estava Jesus. Os mesmos, em sonho, são avisados por espíritos a não voltarem a Jerusalém. A José, em sonho, o espírito o manda para o Egito, e em sonho o manda voltar. Jesus, no Monte Tabor, evoca Moisés e Elias, e êstes se materializam, e Jesus se transfigura. Foi tão nítida a materialização de Moisés e Elias, que os discípulos, que tinham acompanhado Jesus, queriam levantar três tendas. O fato de Jesus ter levado só três discípulos foi, como todos os seus atos, uma lição para o futuro, mostrando que nem todos os que entram na doutrina, estão aptos para assistirem a certa ordem de manifestações.

Depois que Jesus ressurge, aparece Êle à Maria e lhe diz: «Não me toques, porque ainda não subi a meu pai e vosso pai, a meu Deus e vosso Deus».

No caminho de Emaus, Jesus fala com dois discípulos e parte o pão, que êles comem. Em Jerusalém, quando os discípulos estavam em uma casa, com as portas e janelas trancadas, Jesus se apresenta no meio dêles, e os ensina. Jesus aparece a Saulo na estrada de Damasco, e ordena-lhe o que tem a fazer. Pedro é retirado da prisão por um espírito, estando a porta do cárcere fechada. A Filipe, um espírito manda que vá explicar ao eunuco da Raínha de Candace, o trecho da escritura que ia lendo e não entendia.

Depois Filipe foi arrebatado. São fenômenos êstes de levitação e transporte. Fato idêntico se deu na segunda década dêste século, com dois meninos em Milão, que eram arrebatados e levados a cidades distantes por mãos invisíveis, fato êste comentado em muitos jornais profanos.

No dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus, tomados por espíritos, falavam línguas conhecidas dos presentes e por êles ignoradas. O Evangelho, vida e atos dos apóstolos estão cheios de manifestações de espíritos, e só não vê quem não quer vêr. (Continua)

D. Gracinda Batista

D. GRACINDA BATISTA

No dia 28 de Setembro último transcorreu mais um aniversário de desincarne de D. Gracinda Batista, companheira de vida terrena do nosso representante-viajante sr. Onofre Batista, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita.

Como já deve ser do conhecimento dos nossos leitores, D. Gracinda Batista e seu companheiro de jornada terrena fundaram o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, que de humilde choupana, graças aos esforços dos seus dirigentes, é hoje uma das mais importantes instituições espíritas do país, abrigando atualmente perto de 600 enfêrmos mentais.

D. Gracinda Batista, embora não fôsse espírita de evidência, na sua humildade fez muito mais do que muitos que, sabendo muito, nada fizeram em benefício dos seus semelhantes necessitados. Mas como o que vale são as obras, o seu nome é hoje venerado por milhares de enfêrmos que recuperaram a saude e a sua obra marcha firmemente, orientada por trabalhadores abnegados, entre os quais o sr. Cesar Bianchi.

Que Jesus proporcione ao Espírito de D. Gracinda mais luzes ainda e maiores probabilidades de progresso espiritual são os nossos sinceros votos.

De nada vale ao indivíduo afirmar-se cristão sem a prática da Justiça, sinal característico dos espíritos elevados. Sede justos para serdes efetivamente cristãos. — MARIQUINHAS.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

UMA GRANDE VIDA

Julgada por muitas inteligências esclarecidas.

A biografia de Cairbar Schutel, elaborada por Leopoldo Machado, está a exgota-se. Tanto que já se cogita de outra edição revista, correta e aumentada. Do excelente livro disseram, em carta, o seguinte :

Dr. Militão Pacheco, recem-desencarnado, em carta de 26/XI/1952.

«Li todo, de um fôlego, apesar de meus 86.

«Tinha mesmo ânsia de conhecer êste trabalho, sôbre a vida de Cairbar Schutel, de outra grande vida, a de Leopoldo Machado.

«Aquêle meu exemplar irmão e amigo, de quem, sem eu saber, agonizante, em sessão pública, em S. Paulo, em verdadeira consagração espiritual, eu chamei o Espírita n.° 1 dos que eu conhecia, e que tão prudente avisado era, que, prevendo o seu termo da experiência carnal, já havia educado e preparado o substituto de sua missão...

«E êste Leopoldo Machado que, naturalmente, é outro mensageiro de Deus, que julga, apenas, estar cumprindo com o seu dever, é outro grande expoente do Espiritismo no mundo, e não tenho a ventura de o conhecer, mas, o venero pelo seu Labor.

(a) Pacheco

De Emiliana Delminda, excelente poetisa espiritualista, residente em Santos :

«*Uma Grande Vida,* principalmente para mim e para todos que tiveram a felicidade de conhecer de perto aquele que a viveu, constitue um tesouro inestimável.

«Li-o devagarinho, é certo, mas com toda a atenção, com toda a alma, como se estivesse diante de uma coisa sagrada.

«Desde o prefácio até o fim do livro, tudo é bom, tudo é util, tudo é fraternidade. E assim deve ser, em se tratando de uma vida de tão extraordinária abnegação e amor ao próximo.

«Não tenho palavras para exprimir a gratidão que sinto. Contento-me em enviar a O CLARIM e a seu generoso pessoal, o meu «Deus lhes pague», pelo confôrto que me proporcionou essa agradável leitura.

«E que lindo trabalho de impressão !

«UMA GRANDE VIDA é uma obra auxiliada pela Providência. Tudo nela é surpreendente...

(a) Emiliana Delminda.

De Waldemiro Reis, grande lider do esoterismo-espiritismo em S. Luiz do Maranhão :

«Já fiz a leitura de UMA GRANDE VIDA. Da pena brilhante e adestrada de um mestre e jornalísta, não podem sair livros pouco merecedores de aplausos.

«Uma Grande Vida enflama a alma, desperta vontade de estudar-se o Espiritismo. A clareza das expressões que enchem as páginas do livro torna ainda ressaltante a grandeza dessa criatura, o Espírita n.° Um no Brasil. Efetivamente, Cairbar Schutel fôra um super-homem, pois os seus exemplos de amor, as lições de justiça, os exemplos magnificos de sinceridade com que doutrinava, convencia, impressionava. Cairbar sabia sofrer e chamar por Jesus.

UMA GRANDE VIDA já está enfeitando a nossa bibliotéca ; é mais uma flor delicada a nos atrair a atenção.

(a) W. Reis.

De Conrado Ferrari, do Hospital Espírita de Porto Alegre, e diretor do periódico «DESOBSESSÃO» :

«Mais um livro de Leopoldo Machado vem de ser editado. E' um estudo biográfico de outro grande seareiro : Cairbar Schutel.

«Póde incluir-se a nova produção entre as obras didáticas, tal o seu alto teor de exemplos e ensinamentos cristãos ; daqueles que muito faltam à juventude dos nossos dias, tão entoxicados por leituras deletérias, que são distribuidas com abundância, e cujos efeitos perniciosos já se fazem sentir dolorosamente em toda parte no nosso Brasil.

«Leopoldo Machado, com a sua peculiaridade no escrever, simples, claro, convincente, soube descrever a vida do grande apóstolo de Matão de tal forma que o livro de 125 páginas é devorado de uma sentada, com crescente interêsse, coisa rara em obras dêsse gênero.

«E' um livro que chega oportunamente, para aulas de moral e civismo.

«Nossos cumprimentos afetuosos ao querido confrade, Leopoldo Machado, pela sua excelente produção.

(«Desobsessão», de Julho de 1953).

Do dr. Luiz Monteiro de Barros, médico e espírita combativo e agitado. Escritor e jornalista, atual presidente da USE :

«Por fim, UMA GRANDE VIDA. Iniciei, hoje, a sua leitura e já me encantei com três coisas, a saber: 1.º) O Cairbar, que você aponta como o espírita n.º Um do Brasil, era, no início, bem orgulhoso; você diz que não, mas, eu não tive essa impressão; êle se modificou depois, é lógico, pois, para isso veio a Doutrina, que é de redenção; se êle, sendo orgulhoso assim, no início, conseguiu ser o que foi, eu tenho esperança de enveredar pelo mesmo caminho, pois estou cheio de idealismo sadio...

2.º) Que o orientador de Cairbar foi Pedro II. Isso confirma aquilo que já conhecemos: a posição social do indivíduo não tem a mínima importância para o Alto. Jesus escolhendo os discípulos que escolheu, já nos ensinara essa verdade com clareza meridiana. A's vezes, a gente fica com a impressão de que nunca fará nada de maior em relação à coletividade, pelo fato de não ter cultura extraordinária ou posição social de relevo que facilitem o trabalho. Aliás, é sempre o contrário que se dá, salvo raras excepções, pois os trabalhadores fieis a Jesus sempre saem do nada e se fazem pelos seus esforços de todos os dias. A luta árdua é a sua primeira arma e a sua primeira senha, não ?

3.º) Fiquei encantado com certas afirmações suas no decorrer das poucas páginas que já li dêsse seu trabalho. Agora, entendo melhor a nossa afinidade recíproca e espontânea. Nós pensamos exatamente da mesma forma em relação ao conceito que fazemos da Doutrina Espírita. Segundo você póde constatar naquele trabalho que lhe enviei, intitulado, O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO, você vai ver, se ainda não o leu, que eu conceituava o Espiritismo como uma Filosofia religiosa de base científica, ou simplesmente como Religião científica, e não como Ciência religiosa ou, como disse Kardec, apenas como filosofia científica de consequências religiosas, etc., etc.

Voltando a *Uma Grande Vida*, eu dizia que vi alí expresso, em poucas palavras, ponto de vista idêntico, esposado por mim. Diz você «...e para propaganda de uma religião que nem consta, ainda, nas geografias, como religião professada. E para leitura de profitentes dessa religião ainda infensos, de um modo geral, ao esporte e ao prazer da boa leitura...

Depois dos dois volumes lidos, Cairbar atirou-se aos livros de Kardec. Leu-os todos, analisando-os, meditando-os, para consolidar assim suas convicções filosóficas-religiosas. Para tanto, além de estudar, comparou. E da comparação que faz da filosofia e religião espíritas com a religião e a filosofia do catolicismo e do protestantismo, resultou sua conversão definitiva à Doutrina...» «O Espiritismo fenômeno lógico ainda não fez conversos decididos no Brasil. *Êste aspecto do Espiritismo alicerçado nos fatos, implica a natureza científica, metapsíquica, do Espiritismo*». Eis aí, exatamente, o meu ponto de vista, exarado naquele seu trabalho. O aspecto científico do Espiritismo, é êsse das sessões mediúnicas, que procuram a demonstração da sobrevivência; o aspecto contido em O LIVRO DOS ESPÍRITOS é o aspecto filosófico-religioso o mais alto, porque o que contém a filosofia da vida que esclarece para redimir, etc., etc., etc...

De Cristovam Marques Pessoa, publicista e jornalista potiguar, apreciação inserta no diário natalense, O POTÍ:

«Mas, onde o Professor Leopoldo Machado pôs todo o seu carinho, todo o seu esfôrço em descrever a vida de um grande homem; onde registrou todo o seu poder de observação da alma humana, aplicou toda a sua competência de velho educador, em primorosas lições de Espiritismo, foi, precisamente, no livro «UMA GRANDE VIDA», onde a inconfundível personalidade de Cairbar Schutel — o espírita cem por cento, desencarnado a 30 de Janeiro de 1938, na cidade de Matão, no Estado de S. Paulo, é analisada para exemplos das novas gerações.

Aí o homem é estudado com riqueza de detalhes, desde a sua infância alegre e descuidada de um colegial, até a madureza de um espírito compenetrado de seu dever—que é o de todos nós — de ajudar o progresso do mundo, afim de subir ao Criador.

É neste livro, que é mostrado Cairbar Schutel no seu comprovado valor, tão ao vivo, que nenhuma discussão é possível sôbre sua personalidade. Católicos, Protestantes e Ateus que discutiam com êle num dia, iam abraçá-lo no dia seguinte. A caridade por êle pregada e praticada não conheceu fronteiras de nenhuma espécie. E quem quiser saber o que é modelo de simplicidade, leia suas preces transcritas pelo seu biógrafo.

Na propaganda da doutrina codificada por Allan Kardec, Cairbar foi, em verdade, o espírita n.° 1 do Brasil.

Quem viveu pelo interior dêste Nordeste brasileiro, recebendo e despachando correspondências em quasi todas as agências de Correio, recebeu, também das mãos do Agente Postal alguns exemplares de «O CLARIM», jornalzinho espírita enviado de Matão, para gratuitamente ser distribuido com o povo. Era a ação de Cairbar Schutel, que nós dêste lado do mundo não conheciamos nem sabiamos avaliar o valor.

«UMA GRANDE VIDA», é livro para ser lido por gregos e troianos, mas, principalmente, para os que desejam conhecer um espírita verdadeiro e como se deve fazer espiritismo com real proveito.

Quanto ao estilo, poderá ser dito o mesmo que o autor disse de Cairbar: «Claro, despretencioso, leve. Estilo de quem escreve para o povo, para gente simples e humilde. Sua fórmula literária, sintética e atraente, expõe, precisamente, o que o escritor deseja dizer».

Muitos cristãos espíritas, de reais merecimentos, temos visto partir para o mundo da espiritualidade. Leopoldo Machado, com o seu bem feito livro, revela-nos mais um dêsses trabalhadores da Divina Seara.

Parabens para o autor.

(Os últimos volumes de UMA GRANDE VIDA, à venda na Livraria O CLARIM. Serão enviados pelo reembolso postal. Seu custo, Cr. $ 30,00, encadernado).

A Unidade Religiosa

GENESIO NITRINI

Assim como uma semente, embora pequenina, e sendo uma unidade apenas, encerra em si todo o mecanismo complexo existente em uma árvore, tais como: raiz, tronco e galhos, folhas, flôres e frutos, assim também poderemos encontrar num conceito que, embora unitário, seja a síntese de todas as verdades, de todas as leis e de todas as virtudes referentes à nossa vida espiritual.

No domínio da Botânica, a síntese da vida vegetal se condensa numa semente que póde ser vista pelos nossos olhos e apalpada pelas nossas mãos. Porém, quando tratamos de um assunto filosófico ou religioso, não mais podemos utilizar, como instrumento de investigação e pesquisa, os órgãos dos sentidos. É que, para tratar do imponderável, investigar as leis que regem a vida psíquica, o instrumento de pesquisa é a intuição e o seu campo é o conceptual, em substituição ao laboratório. Apesar disso, não se deve pensar que os efeitos ou as consequências dessas leis não tenham ressonância no campo material.

Por essas razões, vemos a dificuldade que se nos apresenta ao tratarmos da unidade religiosa, quando a humanidade por imposição da própria evolução a que estão sujeitos os agrupamentos sociais, tem estabelecido uma pluralidade de cultos. Cada agrupamento humano tem tomado o seu culto como sendo a unidade religiosa, isto é, como sendo a única verdade religiosa.

O que ocorre hoje com as Religiões é o mesmo fenômeno de milhares de anos atrás, quando se praticava o politeismo.

Coube a Moisés a missão divina de ensinar à humanidade terrena a unidade da criação e, desde então, a idéia de um Deus único, eterno, infalível, imutável, infinitamente bom e justo, criador do Cosmos e das criaturas, foi se firmando a ponto de ser, nos nossos dias, uma verdade generalizada em toda a humanidade. O politeismo é, portanto, uma fase superada na evolução do homem terreno. Urge, porém, neste fim de civilização materialista e advento da civilização do terceiro milênio que será a civilização do espírito, isto é, da fraternidade e do império do amor, caminharmos para o reestabelecimento da Unidade Religiosa.

Já imagino, prezados leitores, que indagais: aonde está essa unidade? Em que religião ela se encontra?

Tomando como ponto de partida a premissa de que Jesus — o Cristo — é o nosso Mestre e o Evangelho que nos legou é o pensamento de Deus, afirmamos com toda sinceridade e com toda a nossa fé que a Unidade Religiosa já foi revelada.

Os que teem «ouvidos de ouvir e olhos de ver» já a conhecem e a praticam. Afinal, qual o capítulo ou versículo que a enfeixa?

Quando, há dois mil anos, nossos antepassados perguntavam a Jesus qual o maior mandamento da lei, isto é, como deveriam proceder para ganhar o reino do céu, inconscientemente indagavam da unidade religiosa, isto é, qual a chave da vida, compreendida, está claro, também após o fenômeno chamado morte.

O Nazareno, no exercício de sua missão divina e ratificando, como o fez em muitas oportunidades, a parte divina dos ensinamentos de Moisés, respondeu-lhes, sintetizando os dez mandamentos:

«Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Êste é o maior e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a êste, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Êstes dois mandamentos contêm toda a lei e os profetas». (Mat. XXII; 37-40). Prosseguindo nos seus ensinamentos, além da síntese dos dez mandamentos, deu-nos Jesus, no Sermão da Montanha, a Lei Aurea que constitúe, em última análise, o conceito que encerra a Unidade Religiosa que tanto procuramos, enunciando-a dêste modo: «E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a êles. Porque esta é a lei e os profetas». (Mat. VII: 12). Eis a coluna mestra sôbre a qual repousa o mais alto conceito da Unidade Religiosa, o qual se sobrepõe a todos os conceitos de todas as religiões, de todos os cultos e de todas as seitas. E, por ser a Verdade religiosa, é imutável. Toda religião que não girar em torno dessa lei é falha, porque é religião de forma ou ritual e não de substância. Ipso fato, o mesmo ocorre com referência aos praticantes de todas as religiões. Todo aquêle que empresta um valor absoluto ao culto exterior e julga ser a sua religião a única verdadeira, esquecendo de viver a lei aurea, espiritualmente falando essa criatura está parada. Sómente se avança rumo a Deus, isto é, à conquista da bemaventurança celestial, todo aquêle que pratica a lei aurea e, por conseguinte, a lei da caridade e do amor. Pensar que apenas por pertencer a esta ou aquela religião, a esta ou aquela corrente de pensamento, já se conquistou um lugar no céu, após a morte, é muita ingenuidade.

O caminho é Jesus e Jesus é o Evangelho e o Evangelho é a Lei Aurea. Assim como não se entra numa casa a não ser passando pela porta, assim também para se ingressar numa morada superior, após a morte do corpo carnal, deve o Espírito ter passado pela porta da vida que é o Evangelho.

Afinal, se a unidade religiosa já nos foi revelada, por que vivem os homens a se degladiarem por uma unificação religiosa? E' que, infelizmente, buscam-na onde ela não está, isto é, buscam-na no culto externo ou, então, em tôrno de determinada religião, isto porque estamos mais apegados ao culto exterior do que ao verdadeiro sentimento religioso íntimo.

Esquecemos de que o culto exterior pode e deve variar porque nem todas as criaturas têm o mesmo grau de compreensão; porém, jamais poderá haver qualquer variação no campo sentimental ou amoroso. Por outro lado, procuramos a unidade religiosa no conhecimento, na cultura terrena, e deixamos para um plano inferior a unidade oriunda do amor.

Eis onde se deve procurar a unidade religiosa. Eis o traço de união entre os homens e entre as raças, embora pertençam a religiões diferentes quanto à forma porque, no fundo, todas são boas.

Essa falta de compreensão e tolerância por parte dos chamados condutores de rebanhos, do passado e dos nossos dias, foi notada pelo missionário da civilização do 3.° milênio, Pietro Ubaldi, quando diz, na obra «A Grande Síntese»: — «As religiões, tão numerosas e, êrro imperdoavel, todas lutando entre si, tendo-se como exclusivas depositárias da verdade, e, em nome do próprio Deus, ocupadas em aprofundar o abismo que as separa em vez de procurar a ponte que as una, cada uma anciosa por invadir ela só todo o mundo em lugar de coordenar-se, colocando-se cada qual no nivel que lhe corresponde em razão da profundeza da revelação recebida, têm, infelizmente, coberto de humanismo a originária Centelha Divina».

Do exposto, concluimos que ha 3 (três) correntes de pensamentos, três estados d'alma que procuram explicar e adotar a unidade religiosa, sob aspectos diferentes, como sejam:

1.°) os que a procuram no culto exterior, no ritual;

2.°) os que a procuram no conhecimento, na Ciência;

3.°) os que a procuram no amor ao próximo e na prática da caridade. Êstes são os verdadeiros cristãos, embora pertençam a religiões diferentes, quanto à forma.

E agora, antes de terminar, dirijome aos irmãos do 2.° grupo — aos que pregoam a unidade religiosa tomando por base o conhecimento, a Ciência, enfim, áqueles que lutam pela Verdade e não pelo Bem, esquecidos de que não poderemos acrescentar um átomo à Verdade e que ela se propaga por si só e nos é revelada de acôrdo com o nosso merecimento, ao passo que a prática do Bem exige de nós sacrifício, luta, renúncia e trabalho contínuo. A êles oriento esta fração dos magnificos conceitos de Allan Kardec através de uma mensagem contida na obra «Roma e o Evangelho» e que constituem verdadeira defesa de tese: — «A religião é antes sentimento, que conhecimento; por isso vemos muitos ignorantes crendo em Deus e amando sem conhecê-LO, e muitos sábios que, conhecendo-O até onde póde alcançar a sabedoria humana, não o amam, nem respeitam os decretos de sua soberana vontade. Por isso, o julgamento do primeiro será bom, visto ter cumprido a lei pela bondade do seu coração; e o julgamento do segundo será o castigo, porque conheceu a lei do bem e a desprezou com a frieza e com o orgulho do seu espírito.

Nenhum homem é condenado por não saber, mas sim por deixar de sentir, porque o livro da sabedoria é um livro geralmente fechado; mas o livro do sentimento é um livro universalmente aberto. Não é dado a todos possuir os segredos da Ciência, mas sim as doçuras do sentimento, cujos tesouros estão à vista de todas as criaturas, disseminados no Universo pela mão da misericórdiosa Providência.

* * *

Sois obrigados a sentir. E não vos admireis de que eu chame energicamente a vossa atenção para o sentimento e a sua necessidade, porque, sem êle, serão inúteis todos os esforços que empregardes para pertencer ao número dos verdadeiros cristãos, dos discípulos e imitadores de Jesus, pois Êle era todo caridade. Sereis cristãos especulativos e nada mais; árvores sem frutos, que o pai de família mandará arrancar, para lança-las ao fogo.

O sentimento é tudo, e por isso êle está ao alcance de todos. E' mais que a Ciência, porque a Ciência achá-la-eis entre os ímpios e entre os justos; e é mais que a filantropia, porque também os maus fazem às vezes boas obras. O que realmente sente, faz, se lhe é possível, as obras do sentimento, e mesmo quando por não lhe ser possível, não as faça, perante a lei elas são reputadas como feitas e indicadas à justiça.

O sentimento é o amor, e o amor é a lei, vêde, portanto, que, para o cumprimento da lei, é necessário, indispensável, que ameis. O amor cobre a multidão dos pecados, porque é a chama que purifica e o bálsamo que consola. O que ama pratica exclusivamente o bem, que é a reparação do mal, e a felicidade será o prêmio de suas obras amorosas. Amai, irmãos congregados; amai, meus filhos, e no ministério do amor achareis o ministério dos Espíritos perfeitos.

* * *

Dizeis que sois espíritas, irmãos; é bom, eu vos felicito. Sois hoje melhores do que ontem? Sereis amanhã melhores do que hoje, e ireis melhorando cada dia? Comove-vos o espetáculo da natureza, a contemplação do céu? Derramais lágrimas do coração à vista das alheias desditas? Amais, caros irmãos, amais?

O Espiritismo, que é Cristianismo, que é a Caridade, permiti-me repeti-lo, não se reduz a discorrer e a propagar, mas exige, antes de tudo e sobretudo, o sentimento, que é princípio e a fonte das obras que nos aproximam de Deus. Aquêle que se cinge ao conhecimento e à prática das verdades cristãs, mas sem as sentir nem aplicar, assemelha-se ao que descobriu um abismo e que, não obstante, se precipita nele, apesar de dar aos demais aviso do perigo.

Que minhas palavras não sejam para vós um motivo de desalento; demasiado conheço as debilidades da natureza humana, para estranhar as vossas e poder exigir que vos liberteis rapidamente de todas as impurezas. Como poderei exigir de vós o que foi e é ainda impossível para mim! Eu não faço outra cousa senão chamar a vossa vontade e os vossos sentimentos para o bem, mostrar-vos o caminho que juntos temos de percorrer, para nos aproximar-mos da idéia sempre progressiva da perfeição espiritual. Os anjos do Senhor, êsses ditosos seres que bebem o amor em seu divino manancial, e dos quais, como de outras tantas fontes, emana a caridade que rega e fecunda as pobres plantas humanas esparsas pelo Universo, os anjos do Senhor descerraram aos olhos de minha alma um dos véus que escondiam a luz da verdade, afim de que eu possa fazer e faça o mesmo convosco.

E como vi que a verdade está na virtude e só na virtude, chamei-vos à prática do amor, compêndio de todas as virtudes irradiadas do divino fóco.

Crônica Estrangeira

O Testamento Espírita de Victor Hugo

O que há livre no homem?

Quem diz livre diz responsavel. Responsavel nesta vida?

Não, evidentemente, pois nada está mais demonstrado do que a prosperidade possível e frequente dos maus e o infortúnio imerecido dos bons durante sua peregrinação sôbre a terra.

Quantos homens justos só tiveram angústias e misérias até seu derradeiro dia, enquanto que homens perversos viveram até a extrema longevidade no gôso pacífico e sereno dos bens dêste mundo, inclusive o aprêço e estima de todos?

Então, será o homem responsavel depois da vida? Evidentemente, sim, visto não o ser nesta.

Portanto, alguma cousa dele sobrevive para ser submetido á responsabilidade: a alma.

A liberdade da alma explica a sua imortalidade: a morte não é, pois, o fim de tudo. Ela sómente é o fim de uma coisa e o princípio de outra. Na morte, acaba o homem e começa a alma.

Disto se evidencia essa ansiedade estranha, mesclada de desespêro e de esperança, quando contemplamos o rosto inanimado de um ente querido. Digam os que hão passado por essa hora fúnebre, a última da alegria e a primeira do luto, digam se não é verdade ainda se perceber que continua alí existir alguém, que tudo não se acabou.

Sente-se em torno daquela cabeça querida, alguma coisa que acaba de se expandir; uma palpitação confusa e inaudita vibra no ar em derredor dêsse coração que já não pulsa. Essa bôca entreaberta parece chamar aquilo que partiu, e que, dir-se-ia, balbucia palavras obscuras do mundo invisível.

Eu sou uma alma.

Bem sei que aquilo que vou entregar ao sepulcro não será o meu eu nem o meu ser; o que constitue o meu eu, irá mais além.

Terra: tu não serás a minha voragem.

O homem outra coisa não é do que um cativo.

O prisioneiro penosamente escala os muros de sua masmorra, trepa de saliência em saliência, coloca os pés em todos os interstícios e sobe até o respiradouro; alí olha: distingue ao longe as campinas; respira o ar puro; vê a luz.

O prisioneiro sabe que vai encontrar a claridade do dia, a liberdade. Como pode duvidar o homem se vai encontrar a eternidade no momento de sua saída da masmorra terrestre? Porque não há de possuir êle um corpo etéreo, sutil, do qual êste, o nosso corpo mortal, nada mais é do que um grosseiro bosquejo?

A alma tem sêde do absoluto, mas o absoluto não é dêste mundo, é por demais divino para esta Terra.

Existem duas leis: a lei dos planetas e a lei do espaço.

A lei dos planetas é a morte; o limitado exige a destruição.

A lei do espaço é a eternidade; o infinito permite a expansão.

Entre os dois mundos, entre as duas leis, há uma ponte: a transformação.

A aspiração dos habitantes dos planetas deve ser a de se transformarem em habitantes do espaço.

O mundo luminoso é o invisível. O mundo luminoso é o que não podemos ver. Nossos olhos carnais sómente vêem a noite.

Há os que vivem de olhos abertos para o mundo material e de costas voltadas para o mundo desconhecido.

A morte é uma mudança de roupagem.

Alma: tu estás vestida de sombra; vais ser vestida de luz, mais para lá do túmulo, que o homem considera como o último ponto, o final.

A vida é o poder que tem o corpo de manter a alma algemada á terra, pela assimilação.

Na vida terrestre a alma perde o que irradia; na vida ultra-terrestre o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação.

Meu olhar penetra até onde é possível nessa sombra onde vejo, a uma profundidade que seria aterradora se não fôra sublime, clarear a imensa aurora da eternidade.

As almas passam de uma esfera a outra esfera, assimilando cada vez mais luz, mais se aproximando de Deus.

O infinito é o ponto de tangência. O que dorme desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta, desperta e vê que é espírito...

⁂

Estranho caso de atração elétrica

De «Constancia».

Santiago do Chile, 27 (R.) — Um caso extraordinário ocorreu no Instituto Nacional de Rádio, ao suportar um técnico, uma descarga elétrica de 200.000 vóltios sem que perdesse a vida.

Alberto Dueville, italiano, realizava vários reparos, quando impelido pela curiosidade, aproximou-se da sala de alta tensão. Apenas aberta a porta, uma gigantesca fôrça elétrica o atraiu até o centro da sala, suspendendo-o horizontalmente no ar, enquanto lhe queimava a roupa e os cabelos.

Um médico que a serviço nesse momento, viu com espanto, através dos cristais do observatório, o extraordinário espetáculo do corpo do operário rodeado de um halo incandescente. Imediatamente o médico cortou a corrente e Dueville caiu ao solo aparentemente morto.

Quando se aproximou para lhe prestar assistência sofreu violenta descarga elétrica ao tocar apenas o corpo. O coração da vítima palpitava debilmente e, depois de uma hora, recuperou o conhecimento.

Dueville declarou que sentira um golpe na nuca no mesmo momento em que abriu a porta da sala, perdendo a consciência. Atualmente encontra-se totalmente restabelecido, não podendo os médicos explicar o fenômeno, e menos ainda o fato do desaparecimento total das úlceras do estômago de que padecia há muitos anos.

⁂

O Poder de Curar

De «Estudos Psíquicos».

O jornal francês *Ici-Paris* publicou um artigo que a *Vida Mundial* transcreveu com o título: «Isabel II escolheu um amigo do maravilhoso para capelão adjunto». Principia assim êsse artigo:

«O poder que certas pessoas têm de curar as doenças, as dores e as feridas pela simples imposição das mãos está em vias de ser reconhecido oficialmente em Inglaterra. Na verdade, o concílio da Igreja Metodista — aquela que, entre as igrejas protestantes, conta a maior massa de fiéis em todo o mundo — está prestes a estudar um diploma das «pessoas que curam». A Igreja de Inglaterra ainda não tomou posição oficial, mas alguns dos seus chefes, notóriamente o bispo de Lincoln, orientam uma rigorosa campanha e tomam numerosas iniciativas pessoais em sentido análogo à atitude das autoridades metodistas. Enfim, a própria raínha Isabel, profundamente convencida da existência de tais poderes nos seres escolhidos por Deus, deu apôio retumbante aos campeões dessa crença: quando, no mês de agosto, completou a lista civil da sua casa, escolheu deliberadamente como capelão adjunto o reverendo Cyril Theodore Henry Dems, um dos três eclesiásticos da Igreja de Inglaterra que, devido a seus poderes especiais e profundo conhecimento do problema, foram incumbidos pelo bispo de Lincoln de fazer um estudo profundo dos fenômenos de cura física, psíquica ou moral por imposição das mãos».

Depois, o articulista estuda a imposição das mãos através dos tempos, dizendo que só em 1830, com a queda de Carlos X, se perdeu a tradição «segundo a qual o rei de França, com êsse simples gesto, curava as escrófulas». A seguir refere-se ao movimento crescente na Inglaterra com foros de «cruzada bastante poderosa para levar as autoridades a estudar o problema», que nem as descobertas científicas impediram de se apresentar como ressurreição de crenças antigas que dão grande fôrça aos chamados curandeiros.

«Assim se explica — continua *Ici-Paris* — a sua influência crescente na Inglaterra, quer se trate de William Matheros, simples massagista, cujas mãos miraculosas não se contentam com amaciar os músculos; de John Beswarwick, bispo da Igreja Episcopal protestante, que cura impondo os três dedos, segundo o gesto dos grandes inspirados; do reverendo John Maillard, da Igreja da Inglaterra que, aos 77 anos, percorre a pé os campos do Oeste, impõe as mãos à maneira dos discípulos de Jesus e deixa atrás de si uma espantosa esteira de reconhecimento entre os que curou do corpo e do espírito».

Finalmente conta uma história que se vai nacionalizando:

«Nasceu uma Lourdes inglesa em Walsingham, no Norfolk. E este ano . . . 50.000 peregrinos (30.000 anglicanos e 20.000 católicos) amontoaram-se à volta do poço milagroso de Saint Walstan. Naturalmente, há sempre espíritos fortes. Em Walsingham, o Conselho do Condado decidiu gravemente que a água de Saint Walstan era perigosa. Mas os 50.000 peregrinos riram-se nas bochechas dos conselheiros. Beberam-na e não sentiram a menor perturbação. Em 30 de Maio passado, dia de Saint Walsthan, a mulher de um comerciante de Notingham, que estava de cama há anos, fez como o paralítico da Escritura: levantou-se e caminhou. O pedido da Igreja Metodista, o movimento dentro da Igreja Anglicana, a iniciativa do bispo de Lincoln e o gesto da raínha Isabel, não passam de preliminares do vasto movimento dos espíritos que agita a Inglaterra e que até o mais céptico e incrédulo não pode deixar de acompanhar sem uma sensação perturbada e ao mesmo tempo de real interêsse».

Não há dúvida de que dois princípios caminham a par nas necessidades quotidianas: a salvação dos corpos e a salvação das almas. Por isso, onde terminam as possibilidades médicas oficiais, continuam todas as outras que ofereçam esperança aos númerosos doentes que se encontram desenganados. Os industriais da terapêutica julgam que podem garantir-se por meio de decretos e ordens policiais, mas tudo isso é *engano de alma ledo e cego.* O povo sabe que há recursos inesgotáveis; o que não há — diz êle — é o direito de obrigar alguém a submeter-se a tratamento médico que não esteja de acordo com a sua maneira de ver.

Ainda bem que as notícias de Londres são promissoras de nova época de liberdade contrária ao monopólio da ciência. Tudo o que é bom deve utilizar-se em benefício do homem. Se o povo é soberano, se a êle recorrem para eleger os chefes de Estado, porque o manietam sem condições à terapêutica, impedindo *A* e *B* de utilizar as mãos para curar...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Mocidade Espírita «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel realizou nos dias 17, 18 e 19 de Setembro último, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma festinha espiritual comemorativa do 7.º aniversário de sua fundação e do 86.º aniversário natalício do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, seu patrono espiritual. O aniversário da Mocidade transcorreu no dia 17 e o de Cairbar no dia 22 dêsse mês.

As festividades marcaram um dos mais notáveis movimentos espíritas realizados em Matão. A séde do Centro foi pequena para conter a assistência, que se tornou ainda maior no dia 19, domingo, quando compareceram confrades de outras localidades circunvizinhas. Inúmeras pessoas ficaram do lado de fóra por falta de lugares no Salão do Centro.

Foi desenvolvido o seguinte programa:

Sexta-feira, dia 17

Alocução — Leonor da Cruz Jorge.

«Cegueira Maternal», comédia, Maria Adelina, Carmen Torres, Cleide, Evani e Edeni Gonçalves.

«Ciumes», número de música pelos irmãos Casadei.

«Diálogo dos extremos», Adair e Paulo Pires.

«Monólogo do Cego», Sebastião Casadei.

Número de violão e bandolin, José Coelho e Joaquim Ranuncio.

«S. Francisco encontra Jesus», Elvirinha Perche Campêlo.

«La Cumparsita», José e Sebastião Casadei.

Canto, menina Livia Feloni.

Declamação, Eraide Gonçalves.

«O Séquito da Caridade», crianças da Aula de Moral Cristã.

Número de música, José Coelho e Joaquim Ranuncio.

«Saudades do Sertão», Joana Pedro.

«Almas Gêmeas», canto, Maria Adelina, Carmen Torres e Elvirinha Perche Campêlo.

«Caritas», dramatização, Sebastião Casadei, Evani Gonçalves e Silvia Lucia Urban.

«Amor e Fraternidade», hino, Mocidade Espírita.

Sábado, dia 18

Abertura e Prece pelo presidente da mesa sr. Onofre Batista.

Conferência pelo Dr. Jonny Doin, da Capital.

«Canção da Alegria Cristã», hino, pela Mocidade Espírita.

«Sôbre as ondas» número de música pelos irmãos Casadei.

«Duas Almas», Carmem Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

Número de sanfona por Waldemar Cunha.

«Meu destino é Amar», canto, Evani e Edeni Gonçalves.

«Só para você», Carmen Torres e Maria Adelina.

«Irmãos Poderosos», dramatização, José Casadei, Fany Trolesi e Edeni Gonçalves.

«Hino a Allan Kardec», Mocidade Espírita.

Domingo, dia 19

Abertura pela Pres. da mesa Srta. Ermelinda Luiz Machado, da Capital, e

Prece pelo sr. Alexandre Barboza, de Araraquara.

Orlando Ayrton Toledo, representando Araraquara.

Conferência pelo Dr. Jonny Doin.

Declamação, Livia Feloni.

«Se», declamação de Elvirinha Perche Campêlo.

«Duas Almas» canto, Carmem Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

«Saudades do Sertão», D. Joana Pedro.

«Saudades de Matão», valsa, irmãos Casadei, J. Coelho, Divino Rigueiro e Joaquim Ranuncio.

«Mentira» canto, Carmen Torres, Maria Adelina e Elvirinha Perche Campêlo.

«Caminho, Verdade e Vida», diálogo, Evani e Edeni Gonçalves.

«Meu Destino é Amar», canto, Evani e Edeni Gonçalves.

Prece de encerramento, Zélia Perche.

— No domingo, dia 19, uma caravana fez visita ao Lar Infantil «Cairbar Schutel». Nesse mesmo dia, às 17 horas, foi ofertado um lanche aos participantes da festa em casa da confreira D. Leonor da Cruz Jorge.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Fiz palestras em São Sebastião do Paraizo e Santa Rita de Cássia, bem como em outros lugares anexos a estas duas cidades.

Viradouro: Eu e meu filho Jairo Batista fizemos palestras no Centro Espírita «Luz, Amor e Caridade», que ficou à cunha. E' presidente do Centro o esforçado confrade Antonio Cruz.

Mirassol: No dia 16 de Setembro último fiz palestra no Centro Espírita «Vicente de Paula», que está sob a direção do confrade Hugo Bortoluci. Fiquei de fazer nova palestra na minha volta do sertão.

Mogi das Cruzes: O Centro Espíririta «Antonio de Padua» já distribuiu 1.112 enxovaizinhos a recem-nascidos. A direção do Centro está sob os cuidados dos incansáveis confrades Alvaro e Rafael. A Instituição mantém os seguintes benefícios: uma Escola Pública com professora do Governo; Sopa para os pobres, que funciona há três anos, dando no momento sopa a 80 pobres, o que não deixa de ser dificil na época atual em virtude dos preços elevados; uma Bibliotéca; Rouparia.

Os trabalhos são orientados dentro do Evangelho. Brevemente serão levantadas novas construções orçadas em mais de um milhão de cruzeiros. Além disso amparam um bom punhado de pobres; os confrades vivem com o suor de seu rosto. Ha poucos dias formaram uma caravana de 80 pessoas e foram a Santo Angelo. Todas as vezes que lá aparecem levam auxílios e livros espíritas para serem distribuidos, o mesmo acontecendo quando vão no Asílo de Poá. Muitas curas ali têm se realizado com o poder do Alto.

Frederico Duarte

Da Inglaterra acaba de nos chegar correspondência comunicando que há mais de 1 ano o nosso amigo e confrade, Frederico Duarte, acha-se acometido de cegueira, devendo ser internado num hospital de Manchester, onde será submetido a uma operação.

Só agora é que ficamos sabendo a razão pela qual êsse nosso distinto amigo e colaborador não nos dava notícias suas há mais de um ano.

Solicitamos a Deus para que êste seu servo, que sempre pregou a Imortalidade, seja feliz na operação e fique apto a continuar com o seu trabalho espiritual.

No Roteiro da Luz

Todos sabem que o campo da poesia, nos dias de hoje, não oferece atrativos para editores e livreiros.

Na vida intensa em que vivemos não sobra vagar e tempo para ler poesias.

Merece aplausos e ajuda, portanto, a LAKE—Livraria Allan Kardec Editôra Ltda., de São Paulo, que apesar de todas as dificuldades na venda de livros dêsse gênero, não se atemoriza, acabando de lançar um grande livro de poemas, que está fadado a amplo sucesso, porque tem o condão de nos afastar por algumas horas, do bulício da vida atual.

«No Roteiro da Luz», de autoria

de autoria de Da. Matilde Rocha Barros, é obra que nos faz pensar, que nos leva a refletir e meditar sôbre temas transcendentais, constituindo um repouso espiritual tão necessário as nossas almas e um estímulo, um incentivo forte para prosseguirmos na marcha evolutiva.

Impresso em ótimo papel bufante de 1.a, com vinhetas ilustrativas de três côres no texto e deslumbrante figura do Cristo na capa, belissima, impressa em «off-set», êste livro é o mais artisticamente apresentado até hoje na literatura espírita universal.

A autora destina os proventos integrais da venda dêste livro, para ultimar a edificação do prédio destinado a manter e educar criancinhas orfãs e abandonadas.

Conjugando a magnífica e espiritualizante poesia, a edição artisticamente impressa e os caridosos fins a que se destina o produto da venda dêste livro maravilhoso, autorizam a LAKE — Livraria Allan Kardec Editora Ltda., a aguardar carinhosa acolhida e ajuda de todos os espíritas do país.

Gratos pela oferta de um volume.

«Entre a Terra e o Céu»

A Livraria da Federação Espírita Brasileira acaba de nos ofertar um exemplar de «Entre a Terra e o Céu», a 8.ª obra que o esclarecido Espírito de André Luiz transmite à Terra por intermédio de Francisco Cândido Xavier. Tratando se de um autor cujas produções vão muito além dos parcos conhecimentos dos habitantes do plano terreno, autor muito conhecido e apreciado pelo ledor espírita, julgamos desnecessária a nossa recomendação. Entretanto queremos dizer duas ou três palavras sôbre êste monumental livro que o Alto acaba de nos enviar, com o objetivo de nos dar novos e importantes ensinamentos ou esclarecimentos sôbre a reencarnação, um dos pontos básicos da Justiça Divina.

Naquela sua linguagem simples, harmoniosa e embevecedora, André Luiz descreve, em forma de diálogo, que dá mais vida e entusiasmo ás narrativas, diversos fatos verificados entre encarnados e desencarnados, dando-nos uma idéia clara do valor da reencarnação no processo evolutivo do espírito na senda do aperfeiçoamento.

Através dessas narrativas podemos modificar o nosso modo de viver, pautando de acôrdo com a vontade de Deus, pois elas nos estimulam à uma vida santificante.

O livro contém 266 páginas e é prefaciado por Emmanuel, que, como André Luiz, faz parte ativa da Falange Celestial a que Jesus deu o nome de Parácleto.

Gratos pela oferta.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr. $ 35,00, e mais um cruzeiro para o porte e registo.

Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil

A «União Federativa Espírita Paulista», com séde à Avenida da Liberdade, 1034, Caixa Postal, 2071, em S. Paulo, tem a grata satisfação de levar ao conhecimento dos espíritas em geral que, no dia 7 de setembro, inaugurou solenemente, através da Rádio Progresso de São Paulo, o Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, em sua terceira fase, sendo o mesmo transmitido diáriamente das 20 ás 21 horas, e aos domingos e feriados, excepcionalmente das 19,30 ás 20,00 horas.

A «Rádio Progresso de São Paulo», representa a revivescência da antiga Rádio Piratininga. As suas transmissões são feitas em ondas tropicais, na faixa de 62,83 Mts., frequência de 4.775 kilociclos, e tem o prefixo ZYR-81.

Mudança de séde da UMESP

A «União da Mocidade Espírita de S. Paulo» (UMESP) comunica aos confrades, Mocidades e entidades espíritas em geral, que transferiu sua séde da rua S. Bento 405, 6.º andar, para a rua Santo Amaro, 362, séde do Instituto Espírita de Educação, para onde deve ser enviada qualquer correspondência. O horário de reuniões, nesta séde provisória, será: ás 3.ªs feiras, 20,30 hs. — reunião de estudo e ás 4.ªs feiras, 20,30 hs. — bibliotéca, onde aguardamos, com prazer, a visita de todos.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3010unse

O XXX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1954 — N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Dia dos Mortos . . . . *Redação*
Os Fenômenos Espíritas . . . . *João Leão Pitta*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Experiência que pode ser repetida *G. Burchett*
Réplica a uma Crítica Injusta . . *Manoel Alba*
Personalismo e Individualismo . . *Loiola*
Exagêro Lamentável . . . . . . *I. G. B.*
Paulo Hareng . . . . *De "Estudos Psíquicos"*
A Unificação virá de S. Paulo . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz em Jesus

O Natal de Jesus está se aproximando. A União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará, como de costume, uma festa comemorativa da maior data da cristandade, repartindo entre os pobres mais necessitados, em homenagem ao natalício de Jesus, as dádivas que, por intermédio da Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, lhes ofertarem os corações bem formados, o que na realidade constitue a melhor homenagem prestada a Jesus, amigo e defensor dos pobres e humildes.

Vem, pois, a Comissão pedir para tal fim o auxílio de todos os que queiram se aliar a esta festa de Caridade.

As ofertas poderão ser feitas em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas mesmo usadas, e Jesus recompensará a todos, cobrindo-os de bençãos espirituais.

A Comissão agradece antecipadamente, almejando-lhe, desde já, um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de paz e felicidade espiritual e material.

Matão, Novembro de 1954.

Pela Comissão :

Antonia Perche S. Campêlo

Presidente do Dep. de Assistência Social da UME.

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$ 60,00, porte simples, e cr. $70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1954 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

DIA DOS MORTOS

O emérito escritor francês, Montaigne, escreveu isto:

«São as ruínas e os pavorosos aparatos com que rodeiam a morte que metem mais mêdo do que a própria morte. Os gritos das mães, das mulheres e das crianças, a visita de pessoas espantadas e transidas, a presença de criados pálidos e consternados; quarto sem luz, círios lacrimejantes, cabeceira cercada por médicos e sacerdotes, em resumo, o horror em tôrno do morto...»

Quando ocorre a morte, ainda em certos meios religiosos, cerram as janelas, a todos se impõe silêncio e o sorriso na casa enlutada é quasi uma blasfêmia. Armam eças custosas, cobrem as paredes de panos negros. Ainda poucos decenios atrás eram os côches fúnebres, tirados por cavalos cobertos de veludo negro, franjados a ouro, à cabeça, negras plumas flutuantes, tudo sombrio e tétrico. Amigos e parentes seguiam o féretro a passos cadenciados, vestidos de luto rigoroso — «Pompa mortis magis terret quam mors ipsa» — Os cemitérios ainda continuam a ser o lugar onde há maior derrame de lágrimas, não obstante a *gloriosa esperança de imortalidade*. E para certa gente o túmulo continua a ser o ponto final, o término da existência, a *ultima morada!*

Extinguiu-se a fé dos tempos primitivos, substituida pelo cepticismo materialista.

Os povos em que predomina o cristianismo são os mais flagelados pelo terror à morte, em contraste com o que acontecia nos primeiros séculos.

Cantando, marchavam os mártires para dentro da arena e intrepidamente afrontavam a morte, como o fim de uma vida, — a terrestre, e o começo de outra — a celeste. Muito a história conta sôbre êsses rostos iluminados em face da morte libertadora.

A perspectiva oferecida pelas religiões é sombria: o julgamento por uma Deidade vingativa, seguido de tormentos infindáveis, ou bemaventuranças mais lúgubres ainda, consistentes de contemplações estáticas, cânticos laudatórios e adorações perpétuas. Mas o bom senso já relegou essas velharias para as regiões lendárias do passado. No momento em que as igrejas perdiam sua autoridade secular, quando o materialismo atingia seu ponto culminante e difundia a teoria do aniquilamento da individualidade humana, surgiu novamente a doutrina da imortalidade apoiada em fatos. Ao pensamento oferecia ela a explicação racional do grande enigma do ser e do destino, ao coração, o confôrto; negados pelos corifeus da ciência e das religiões, era o conhecimento das leis eternas de evolução e justiça. A ressurreição de idéias julgadas mortas, mas que apenas dormitavam, produz-se, anunciando uma renovação moral e intelectual. Doutrinas, que dois mil anos atrás foram o patrimônio comum, revivem sob forma mais desenvolvida, e numerosos fenômenos, por muito tempo desprezados, mas cuja existência é constatada por sábios, vêm oferecer sólida base para derrotar o materialismo.

Falando a respeito do temor da morte, Cairbar Schutel escreveu em «A Vida no Outro Mundo»: ...Êsse mistério, indecifrável para a ciência e as religiões, êsse inimigo que os sacerdotes não ousaram enfrentar, essa esfinge que causa pavor aos crentes de todas as religiões, que se limitaram a cantar para suas vítimas o — *De-Profundis*, é que esta crença (o Espiritismo) veio desvendar e já se mostra vitoriosa na luta.

Não devemos encarar a morte com pavor, visto ser «o crepúsculo de uma vida e a aurora de uma nova existência». A morte é o ponto culminante das nossas aquisições terrestres e o começo de nova etapa na eterna jornada da evolução.

A morte não é, pois, cousa tão tétrica como se imaginava. E' um espetro que mete mêdo a distância, mêdo que desaparece quando se lhe chega perto. Assim tem acontecido a muitos que estiveram na iminência de morrer, em condições de emancipação incipiente do espírito dos vínculos do corpo, e tendo com isso um vislumbre da outra vida, perderam todo o apêgo à vida terrestre e ardentemente desejavam permanecer no ambiente espiritual que se lhes revelara.

O caso que reproduzimos adquire valor pelo fato de ter sido narrado por Victor Hugo, que lhe aduziu comentários interessantes. Foi relatado no opúsculo intitulado: «Vitor Hugo na Islandia». O autor, testemunha da ocorrência, diz:

«Duas lindas meninas lhe ofereceram um ramalhete de flores e um dos habitantes disse a V. Hugo: «Estas são filhas de um ressuscitado». De um «ressuscitado?», exclamou estupefato V. Hugo. Então o interlocutor contou que o pai das crianças era viuvo, perdera um filho adorado e que lhe restavam aquelas duas meninas e outro filhinho. Em seguida acrescentou que certo dia em que o pai, juntamente com o menino, passava de carro por um caminho apertado, ladeado por uma ribeira de águas estagnadas, o cavalo assustou-se e caiu na água lamacenta. O menino, que poude salvar-se, graças a um arbusto a que se agarrara, não vendo aparecer o pai, chorando suplicava a alguns camponeses lhe restituissem o papá.

Tiraram o carro, com o cavalo morto, e o pai inanimado. Por longo tempo tentaram reanimá-lo com fricções e outros processos apropriados ao caso e, por fim, êle deu sinal de vida, lentamente recobrava os sentidos, abrindo os olhos: estava salvo. Pois bem, êsse homem que por milagre fôra arrancado à morte, apenas se encontrou em estado de falar, murmurou com acento desolado: «Mas, que fizestes? Encontrava-me tão bem no lugar em que estava. Minha mulher e meu filho estavam comigo... Acorreram a dar-me as boas vindas... Eu os via... Encontrava-me no paraíso... inebriado de luz radiosa... Oh, meu Deus, que fizestes?... Mas, então, já não estou morto?»

Em seguida, êsse ressuscitado se reconciliou com a vida, e não sómente se encontrou curado de seus antigos sofrimentos corporais, como ainda se sentiu liberto do temor da morte, porque já sabia, de conhecimento próprio, que em certo dia estaria reunido ás criaturas adoradas que havia encontrado no Além».

Êste o comentário de V. Hugo:

«São dois os enigmas a resolver neste memorável evento: o enigma do corpo e o da alma.

Não trato de resolver o primeiro, nem explicar como possa um afogado permanecer no fundo dum charco sem morrer. Mas o que compreendo bem são os lamentos de uma alma arrancada à morte. Que diacho! Êle estava exilado da vida terrena, desta sombra de vida; a alma fugira de um corpo enfermiço, livido que jazia no fundo do charco. Apenas havia iniciado a feérica ascensão, e, do fundo lodoso, atravessando a água barrenta havia aflorado à superfície. Todavia notou não poder elevar-se, porque uma penugem da própria asa vinculava ainda a um horrível e último alento sufocado no lamaçal e, contudo isso, já respirava deliciosamente inefável fragrância do além da vida, e já se reunira às adoradas criaturas que havia perdido; uma esposa e um filhinho. E a prisioneira evadida, mas não livre, sente-se, de súbito, assaltada dum intempestivo estremecimento vital; sente que o vínculo que a unia ao corpo, em lugar de romper-se, solda-se de novo, e que em lugar de se elevar para a luz, volta à noite de vida. E então essa alma, essa ressuscitada na terra, prorrompe em clamor de angústia desesperada...»

* * *

O episódio seguinte assume valor especial pelo fato, talvez único, de ter sido discutido numa assembléia rigorosamente científica. Foi relatado por Sir Auckland Geddes, professor de anatomia, em sessão de 26/2/1937, perante a «Royal Medical Society». A narração foi colhida estenograficamente da bôca do protagonista no momento do seu retôrno à vida, e o protagonista, segundo se adivinha, também era médico.

Êste narra ter sido colhido, à noite, por uma crise de gastro-enterite aguda, com vômitos, disenteria, cólicas, infecção do sangue, pulso e respiração quasi insensíveis. Êle observa: «Quís tocar a campainha e chamar por socorro, mas já não estava em estado de o fazer, e filosoficamente me resignei ao meu destino. De súbito, percebi achar-me em estado grave, e rapidamente examinei a situação financeira confiada à minha gerência. O que me convenceu que minhas faculdades mentais estavam em plena eficiência. Contudo, experimentei a sensação de estar-se desdobrando a minha personalidade em outra que também me pertencia... Ao mesmo tempo que o meu *Eu* consciente aderia à primeira personalidade, a fundamental, pois que a outra parecia secundária enquanto pertencente ao corpo... A secção consciente desligou-se do corpo, de modo que eu via êste último, à distância. Não tardei a perceber que não só eu podia ver o meu corpo deitado no leito, como também as cousas existentes na casa e no jardim; e, com crescente admiração que me era igualmente possível enxergar as cousas distantes, mesmo de Londres à Escócia, e por toda parte; isto é, eu dirigia o pensamento a alguém que não via, mas sabia ser o meu «Mentor», o qual me explicava que isso acontecia por estar meu espírito emancipado dos vínculos carnais e que eu existia numa dimensão do espaço no qual o *pensar* em dada localidade equivalia a achar-me na mesma...

Quando eu começava a compreender o que me era explicado, vi entrar no quarto o amigo A... que, à vista do meu corpo exânime, ficou terrivelmente impressionado e imediatamente correu ao telefone. Pouco depois, chegou o médico que, ao ver-me, exclamou (ou li em sua mente tal impressão): «Êste homem está mais morto do que vivo». Êle se aproximou, curvou-se sôbre mim, dirigiu-me uma pergunta, mas eu não estava em contacto com meu corpo, e não pude responder. Depois, vi-o tomar uma seringa e praticar-me uma injeção. Isso aborreceu-me profundamente. Compreendi tratar-se de injeção canforada, em consequência da qual meu coração recomeçou a pulsar fortemente, e então me senti irresistivelmente atraído para o corpo; o que me causou revolta, porque o ambiente em que eu estivera me fascinara, tanto mais que começava a familiarizar-me com o lugar em que me encontrava. Mas, fui obrigado a reentrar no corpo, provando vivo ressentimento contra o médico que me havia forçado a retornar ao corpo. Verificado isso, dissiparam-se minhas faculdades de clarividência, e de novo me encontrei de posse de minha consciência ordinária, normal, circunscrita, unicamente apta a advertir-me que eu sofria horrivelmente...»

O protagonista está de pleno acôrdo com todos os que passaram por experiências análogas. A aventura foi para êle, como para todos os outros, portadora de serena filosofia e de estímulo no cumprimento de seu dever na terra.

Eis a missão do Espiritismo, abrir as perspectivas radiosas do futuro, fazer luzir um raio de esperança na noite das incertezas, aliviar o fardo das provações e desfazer o temor da morte.

Orientai a vossa vida de acordo com os preceitos evangélicos, e deixai o resto por conta de Deus, nunca duvidando do seu auxílio, e tudo vos correrá bem. — GREGORIO.

Os Fenômenos Espíritas

João Leão Pitta

CONCLUSÃO

S. Agostinho, honra e glória da igreja de Roma, diz em seus sermões que falava com sua mãe, Santa Monica, depois de morta. Sta. Izabel, rainha de Portugal, certa vez levava no avental moedas de cobre para dar aos pobres; o rei quer saber o que ela levava, e ela lhe diz: são rosas; e quando o rei abriu o avental só viu pétalas de rosas. Chamase a isto fenômeno de «transfiguração». As aparições de Sta. Terezinha, os estígmas de Francisco de Assis, os chamados milagres de Sto. Antonio, outra coisa não são que efeitos de mediunidade. A aparição de Eldigur e Vespasiano simultaneamente em dois lugares, é um fenômeno espírita de «bicorporeidade», tal como se deu com Antonio de Padua. Joana d'Arc via e falava com dois espíritos que a guiavam em sua missão. Joana d'Arc foi queimada viva, como herética e feiticeira, na cidade de Ruão às ordens do bispo Cochon, e mais tarde canonizada como santa pela mesma igreja infalível. Agora pergunto, quando é que a igreja foi infalível, quando a queimou, ou quando a canonizou como santa???

Lendo-se a vida de todos os santos, vamos encontrar várias mediunidades, através das quais os espíritos se manifestavam, dando provas da sobrevivência da alma, de que se aproveita a igreja de Roma para daí tirar suas vantagens. Nessa mesma igreja de Roma, no Vaticano, se têm dado muitas manifestações espíritas, como por exemplo a escolha dos evangelhos: havia vários evangelhos relatando os ensinos de Jesus, e, para dicidir os que deviam permanecer como mais completos, fizeram uma sessão e espalharam no chão, junto ao altar, todos os evangelhos e pediram que os que tivessem maior número de verdades, fossem levitados pelos espíritos e colocados sôbre o altar: Os escolhidos pelos espíritos foram os de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Uma profecia no Vaticano, desta vez feita pelo papa Bento XV em 1921: Neste ano o papa Bento XV criou três cardeais, Giovanini Tacci, Achiles Ratti, que mais tarde foi o Papa Pio XI, e Laurenti. Giovanini Tacci e Achiles Ratti, foram ordenados cardeais padres, emquanto Laurenti foi ordenado cardeal decano, que é o grau máximo.

Após receberem o manto purpurino, os três cardeais foram levados à presença do papa em audiência privada, sentando-se em semi-círculo a seus pés.

Então o papa teve uma visão profética, e disse: pude distribuir, com a graça de Deus, três mantos purpurinos, mas vejo o manto branco descer sôbre um de vós. Vejo também que minha morte se aproxima. Isto queria dizer que um dos cardeais seria papa. Realmente, sete mêses depois, Bento XV contrae uma pneumonia, e, durante a enfermidade que o vitimou, a 22 de Janeiro de 1922, teve novamente a visão de sua morte, desconhecendo porém, o dia e a hora. Eis aqui um fato histórico e espírita, dentro do Vaticano, tendo por médium o próprio Papa.

Em S. Paulo, no tempo do padre Chico, a cúria romana tinha uma causa em juizo com o Estado; a causa foi resolvida a favor da curia. O padre Chico tinha ficado regendo a mitra durante a viagem que o bispo fez à Europa, e em cuja viagem naufragou. Para a cúria ganhar a causa em juizo, precisava apresentar um certo documento, que em vão procurou. Um dia, quando o padre Chico ia de tilburi para sua casa, passando em frente ao mosteiro de S. Bento, viu o bispo, que tinha perecido no naufragio, o chamar com a mão para se aproximar da porta onde êle estava.

Lá chegando, o padre Chico beija-lhe a mão como de costume, e o bispo lhe diz: «O documento que procuras está em uma gaveta secreta de minha secretaria particular, a qual se abre desta maneira.»

O padre Chico volta e pergunta ao cocheiro se conhecia aquela pessoa com quem ele falou. O cocheiro respondeu que era um padre. O padre Chico manda o cocheiro voltar ao palácio da cúria, e lá chegando, encontrou o documento conforme o bispo lhe havia dito. Este relato encontra-se em um livro intitulado «Retratos a pena», da Livraria Alves.

Aqui temos a materialização do bispo, vista por duas pessoas à luz do dia. Poderiamos, com as manifestações espíritas dadas pelos santos de Roma, formar verdadeiras bibliotécas.

Na igreja Metodista também temos fenômenos espíritas, que podem ser conhecidos dos que lerem «Vida e Infância» de Johon Wesley, fundador da igreja metodista na Inglaterra. E' dentro das religiões, que anatematizam o Espiritismo, que encontramos provas valiosas.

Temos o testemunho de sábios que, no rigor dos laboratórios, obtiveram provas irrefutáveis das manifestações espíritas, da imortalidade da alma e da vida eterna.

Os fenômenos espíritas, começaram a ser divulgados com as manifestações que se deram em casa da família Fox, em Hydesville, na América do Norte. Os mesmos fenômenos apareceram em Londres, na casa da familia Cook. Como a notícia de semelhantes fenômenos se espalhasse na cidade, a Real Sociedade Dialética de Londres, que se compõe de homens de todos os campos da ciência, da arte e da filosofiia, com o fim de averiguar a veracidade dos fatos, nomeou o Snr. William Crookes, o maior físico da época. Depois que o Snr. Crookes visitou a família Cook e viu as manifestações, concluiu que tudo aquilo não passava de truques habilmente preparados, o que foi publicado no «Times», nessa ocasião o maior jornal do mundo. No dia seguinte, a menina Florence Cook, foi à casa do Snr. Crookes e disse-lhe: «O Snr. publicando no «Times», que os fenômenos que se dão em casa, são truques habilmente preparados por mim, talvez não reparasse que assim procedendo, está difamando a minha conduta. Aquí estou ao seu dispôr, para fazer as experiências que bem entender, uma vez que tenha a ombridade de publicar a verdade quando a encontrar».

O Snr. Crookes, diante desta franqueza, pensou: «Dentro do meu laboratório não será possível uma colegial de 16 anos ludibriar-me».

E aceitou a proposta.

Durante três anos, o Snr. Crookes fez, com Florence Cook, as mais variadas experiências. Construiu aparelhos que registravam os menores movimentos. Levou-a para sua casa afim de melhor estudá-la; mandou fazer roupas que não dessem margem a truques. Entretanto quanto maior era o rigor das experiências, tanto maior o resultado. Conseguiu a manifestação de um espírito que deu o nome de Katie King. Um dia Katie King materializou-se e o Snr. Crookes poude ver ao mesmo tempo o médium e o espírito materializado. Tirou diversas fotografias, entre as quais uma em que êle se achava entre a médium e o espírito materializado, não podendo desta fórma haver truque. Pesou a médium e o espírito quando materializado. Êste pesava mais que a médium, notando entre os dois grande diferença de pêso. Ascultou as pulsações do coração do espírito materializado, tomou-lhe o pulso, que era o de uma pessoa normal, tendo sempre à vista a médium em estado de transe.

Uma de suas experiências foi feita com uma garrafa contendo agua de barita. Pediu ao espírito materializado que respirasse dentro da garrafa que continha a agua de barita, e logo se fez a precipatação do carbono, provando assim que, um espírito quando completamente materializado, seus pulmões funcionam como os dos encarnados, donde o sr. Crookes chegou à conclusão que os espíritos podem se materializar e, nesse estado, apresentar-se como pessoas vivas, no uso de todos os seus orgãos.

Uma noite, o sr. Crookes estava tomando chá com sua esposa, a filhinha e a médium. Nessa ocasião Katie King materializa-se, senta-se numa cadeira, e põe a filha do sr. Crookes no cólo e conta-lhe histórias das Indias. Em cima da mesas estava uma campainha. O sr. Crookes pede ao espírito que fizesse aquela campainha atravessar o tampo da mesa com a luz acesa. O espírito diz-lhe que depois de sua desmaterialização pusesse a mão debaixo da mesa, o que foi feito. Assim o sr. Crookes teve ocasião de ver a campainha ir sumindo-se no tampo da mesa. Quando de todo sumida, sentiu a campainha cair em sua mão, sem ter deixado nenhum vestígio no verniz da mesa. Quando Katie King se despediu definicivamente por ter terminado a sua missão, o sr. Crookes disse que sentiu uma falta igual a de uma pessoa da família que desaparecesse.

Neste mesmo terreno e em outros semelhantes, investigaram sábios de reputação inconfundível como Wallace, Zoelner, Wolf, Gibier, Fischner, Akasakof, Ercole Chiaia, Cesar Lombroso, Gabriel Delanne, Juiz Edmonds, Geley, Oliver Lodge, e muitos outros.

Quando, depois da despedida de Katie, o sr. Crookes publicou no «Times», que os fenômenos espíritas eram uma verdade, expondo o relatório de suas investigações, foi demitido do cargo de professor na Universidade de Oxford e de membro da Sociedade Dialetica de Londres por ser considerado demente. Foi quando o sr. Crooks, em seu laboratório, descobriu o quarto estado da matéria, o o estado radiante.

Quando levou ao conhecimento da Academia a sua descoberta, reintegram-no nos seus postos antigos, com honras e distinções.

Em meados do século XIX, na Europa, o estudo do Mesmerismo ou magnetismo, estava muito em voga. Foi nessa ocasião que falaram das mesas girantes a Allan Kardec as quais respondiam as perguntas que se lhe faziam. Allan Kardec disse: «As mesas não podem falar, porque não têm cérebro para pensar». Mas, como negar sem provas é privilégio dos ignorantes, procurou assistir a uma das tais sessões de mesas girantes. As perguntas que fez, as respostas que obteve, guiado pela divisa *não há efeito sem causa*, logo convenceu-se de que a mesa era apenas um meio de que se servia uma inteligência para lhe dar respostas às perguntas que fazia. Com o critério e o bom senso que lhe eram peculiares, começou a fazer perguntas, com método e ordem, sôbre diversos ramos da filosofia e, com as respostas obtidas, confeccionou «O Livro dos Espíritos», «O Livro dos Médiuns», «O Evangelho Segundo o Espiritismo», «O Céu e o Inferno», «Obras Póstumas», com elas traçando as regras morais indispensáveis ao bom êxito das experiências, formando o método experimental para todos os amantes da verdade. Estas obras foram editadas em todos os idiomas.

No Pará também tivemos um médium de materialização, cujos trabalhos estão descritos em um livro intitulado «O Trabalho dos Mortos».

Depois de tantos fenômenos colhidos nos Livros Sagrados, na História, nos Laboratórios, com sábios de valor irrefutável, e nas religiões, inclusive no próprio Vaticano, dizer-se que os fenômenos espíritas são truques ou obra do diabo, é preciso que quem tal o faça seja analfabeto, ignorante, fanático, intolerante e de má-fé, porque toda a pessoa que preza os seus valores morais e intelectuais, nunca se abalança a falar do que não sabe, ciente que a negação sem prova é privilégio exclusivo dos ignorantes.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

O EVANGELHO DO POETA — *Clovis Ramos*, Rio.

Um *Poeta Espírita* seria a denominação desta crônica, se se não tratasse de uma velha seção *Livros e Autores*. Um poeta espírita, pois se trata, efetivamente, de um jovem que elabora lindos versos com motivos evangélicos e espíritas.

Clovis Ramos é do extremo Norte. Filho do Amazonas, mas elegeu, parece, o Maranhão como seu Estado berço. Conhecemo-lo à distância, nos dias trepidantes do monumental Congresso de Mocidades Espíritas, realizado no Rio de Janeiro, em 1948. Escrevia-nos cartas em estilo bonito e leve. Leveza e boniteza que ajustam às suas estrofes. Foi o primeiro congressista que chegou, muitos mêses antes do Congresso. Vale recordá-lo. Apareceu-nos, uma noitinha, com o Vovô Vitorino, que o fôra receber a bordo. Viera, também, com a promessa de um emprêgo certo. Mas, chegando ao Rio, nem o prometedor, nem o emprego. Ficou conosco uma porção de tempo. Sua permanência ao nosso lado, em nossa casa, foi motivo, desencarnada a Marilia, de muita emoção para nós ambos, quando êle a recordou com a crônica sôbre a desencarnada, que nos enviou, inserta em «O IMORTAL», de Cambé, Paraná. Não se esquecera de que, sempre que chegava da rua, encontrava seu copo de leite, guardado especialmente para êle...

Correspondemo-nos, primeiro, com seu pai, o velho Maya Ramos.

Mais tarde, mudaram-se para Nova-

Iguassú, sua familia e êle, influenciados, naturalmente, por nós, sem que o soubessemos, embora o adivinhassemos. Adoeceramos naqueles dias. O pai, velho e entrevado, não podia sair, não nos visitou. Nós, também, receioso de que o coração nos pregasse alguma peça na rua... Mas, uma noitinha, lá nos fomos—nós e o Alberto Gonçalves de Barros, dois velhos e enfartados, um escorado no outro—à procura do Maya Ramos, à Rua Maturatí, no Bairro da California. E não encontrámos a casa. Ninguém conhecia a rua no local. Aguardavamos outra ocasião para visitar o velho espírita, aliás, em companhia do filho, quando recebemos, em meados de agosto, um telegrama do poeta: «Desencarnou, tranquilamente, meu papai, hoje». Vale salientar que, a esta altura, já Clovis Ramos está casado, pai de uma filhinha, residindo no Rio, bacharel em direito e funcionário de importante emprêsa comercial, que pretende deixá-la para consagrar-se, no Maranhão, à magistratura.

O poeta apareceu-nos, dias depois do desencarne do pai, ao *Lar de Jesus*, com expressiva gravata preta.

— Luto? Pois, você ainda crê no luto? Ainda põe luto?

Sua explicação, ou justificação, de tão fraca, não nos agradou. E até aproveitamos para formularmos significativo protesto por ver seu nome, no convite de formatura, convidando para a clássica missa. E não houve convite, à parte, para prece protestante ou espírita. Mas, êle, *andorinha só*, não quís fazer o verão de uma atitude desassombrada, bem à altura de seus versos...

Falemos, agora, do *Evangelho do Poeta*, que êle nos ofereceu, chamando-nos de «poeta, professor e grande trabalhador do Espiritismo». E particularizando que não era, ainda, seu livro definitivo, mas, alguns versinhos publicados à insistência de colegas de Faculdade...

Depois do prefácio posto nas orelhas da capa, assinado por Fausto Cunha, folheamos o volume de 57 páginas, simples e simpática edição da Pongetti. A dedicatória a três nomes de sua particular estima e mais *Aos Poetas de Graal, meus irmãos*... Deixamos o livro para leitura posterior e indagamos ao ofertante:

— Poetas de Graal? Que significa isto? Alguma escola poética nova?

Êle não nos soube explicar. Parece até que desconhecia a velha tradição de Santo Graal, que fôra o centro de imaginações místicas, durante a Idade Média. E lembrei-lhe até a célebre história de Carlos Magno e do velho prior, obeso e balordo, do velhissimo Convento de São Graal. Aparecera, um dia, no convento, o Imperador dos Francos, dentro de sua febre de reformar tudo para melhor. O velho prior não agradou a Carlos Magno. Era preciso substituí-lo. Mas, para não ser injusto, nem desgostar a Igreja, que lhe havia conferido a corôa de Imperador dos Francos, pelas mãos do papa, submeteu o velho prior à solução de três problemas. Queria Carlos Magno saber que tempo levaria para dar a volta à Terra; quanto devia valer em dinheiro e em que estaria pensando, quando voltasse, dias depois... O velho prior entrou a definhar, antevendo fugir-lhe a boa vida do convento. Foi o hortelão, homem simples e rústico, quem o tirou da dificil complicação, apresentando-se para solucionar os problemas, assim voltasse o Imperador.

Voltou Carlos Magno. Encontrou o prior muito magro, muito abatido. Teve, até pena do velho padre. E não descobrira o logro. Perguntou-lhe, então, depois dos cumprimentos de estílo:

— Que tempo levarei para dar a volta a Terra?

A resposta veio imediata e pronta:

— Se V. M. puder acompanhar o Sol, 24 horas apenas.

— Muito bem. E a segunda resposta?

— V. M. não é melhor do que o Cristo! Ora, se o Cristo foi vendido por 30 dinheiros, V. M. só deve valer 29... Como terceira resposta, pensa V. M. que está falando com o sr. prior, quando, na verdade, fala V. M. com seu hortelão, com seu chacareiro.

O premio do hortelão foi S. M. consentir que continuasse, com as suas canceiras e na sua velhice, o prior no convento.

Ora, essa história revela a inteligência e a humildade dos pobres e ignorados do mundo. Dir-se-á que tais poetas, por humildade e inteligência, desejam reformar para melhor, o mundo, à fôrça de sua Arte, de seus exemplos de trabalhos e de inteligência?

Vamos, agora, a seus versos, que só os lemos muito tempo depois.

E' a *Fantasia o Evangelho do Poeta.* Di-lo assim Clovis Ramos:

O Evangelho do Poeta é a fantasia
sua religião — a Poesia.
O poeta
é da Arte e da Vida o divino profeta,
o Messias do Novo e do Futuro,
que passa pela Terra, humilde e obscuro,
semeando alegrias no caminho.

Sua oração é o Verso
e quando reza, os cirios são estrelas...

Pareceu-nos que sua maior preocupação artistica é a de apanhar no Evangelho e na Doutrina Espírita, seus temas, suas imagens magnificas. Foram suas imagens e seus temas o que mais nos agradaram nos seus versos, embora sua arte seja impecável, embora êle não despreze a rima e a métrica, versejando sempre sem os besterismos modernistas aí tão em moda, mas moda tão sem poesia! Em todas as suas estrofes, afóra as filigranas da verdadeira Arte e da melhor poesia, há a confirmação do nosso asserto. Vejamos no seu *Poema do Monte,* por exemplo:

Vinde mendigos, vinde leprosos,
vinde vós todos que padeceis,
acerbamente, na solidão;
vinde vós todos, os oprimidos,
sou vosso amigo, sou vosso irmão.

Sou também pobre, nada mais tenho,
vêde meus trajos e sabereis,
sou peregrino de uma ilusão;
eu nada tenho, mas tenho tudo,
tenho uma crença, que é meu bordão.

E no MEU REINO NÃO É DÊSTE MUNDO:

Estou aquí de passagem,
vou para mundos distantes,
onde é mais pura a paisagem
à luz de sois fulgurantes.

E em CANÁ:

Mulher, traze-me o cântaro de vinho!
Nesta festa de amor, quero beber,
Filha, venho cansado do caminho,
Filha, quero beber, quero esquecer!

E em PRÓDIGO:

—Leva, mendigo triste, a minha túnica.
—Mulher, aceita um osculo de irmão!
E tu, velhinha; trôpega velhinha,
deixa que te conduza pela mão.
Ó tu que vives sobrecarregado,
Vim do Cirene para te ajudar!

E em PARÁBOLA DA GOTA DE ORVALHO:

Assim também és tu, minha alma.
Esta verdade hei de calar?
Uma vez mais voltaste à Terra,
a esta mansão do teu penar;
mas, hoje sendo a alma de um poeta,
és mais feliz — sabes cantar.

E em SAMARITANA:

Sentei-me à borda do poço
(era o poço de Jacob)
Chegou a Samaritana,
me viu tão triste e tão só...

E em MADALENA:

Tem a minha Madalena
uns olhos tristes de amor,
sua pena é a minha pena,
mas a minha Madalena
vê em mim Nosso Senhor.

Jesus tinha a alma serena
a alma-luz, com tal fulgor...

E em O MILAGRE:

Repontavam no céu as primeiras es-[trelas
e o Poeta, sôbre o Monte, em cada [estrela via
o olhar manso e amoroso de Maria.
E via a multidão que, em baixo, se [agitava
nas faldas a escorrer como um rio de [lava,
vencida pela fome e pela caminhada,
a multidão cansada.
Ao longe, estava o mar. Ouvia-se o [lamento
que vinha do Mar Morto, o sofrimento...

Não tenho pão, nem peixe
para esta multidão que veio me escutar...

E em SERMÃO:

Quem tiver duas capas que ofereça
uma ao que nada tem e anda curtindo
o frio dêste inverno, sem que peça,
sem dizer quanto frio está sentindo.

De caridade é que precisa o mundo,
Sêde bons, imitai a água corrente:
Passa rolando indiferentemente,
lava o seixo no fundo.

Sou pela glória de servir primeiro
pela libertação total da vida.
Quem fôr melhor do que seu companheiro,
cure-lhe a ferida.

E em MARTÍRIO:

Martírio de sofrer, como o Cristo, o desgosto
do cálice de fel no Horto do Desengano,
escutar, pela noite, as pisadas traidoras
o beijo de algum Judas, pérfido, no rosto...

E em HORTO, apenas, uma única estrofe:

Os meus labios querem beijos
a minha alma quer ventura;
afasta de mim, Senhor,
êste calix de amargura!

E em CORÔA DE ESPINHOS:

Quando, agora, aos meus ombros, triste, ponho
essa cruz de paixão, a cruz do sonho
pesada cruz de minha grande dor,
vejo chegar aquela que eu queria,
Veronica do Amor e da Poesia,
que volta ainda para o meu amor.

E em VIA CRUCIS:

Dizia caminhando pela noite
o que em meus versos exaltando venho.
Meu desejo era o algoz, a vida, o açoite
Era saudade o lenho.

E em IDE!...

Ide e pregai a toda a criatura
o Evangelho do afeto e da ternura
que com risos e lagrimas compús.
Ide e espalhai pelos caminhos luz
a luz do pensamento que fulgura
pela noite do mundo. Ide e pregai
a Boa Nova da Poesia pura!...

Vamos ficar por aquí, que é para não transcrever todo o livrinho — aliás, na verdade, um LIVRÃO — respigando coisas doutrinárias, coisas evangélicas.

No Espiritismo há muita gente que faz versos.

Até nós os fazemos. Até com rima, métrica, aprumo e inspiração. Até há, ainda, quem nos classifica de *Aedo do Espiritismo.* Mas, a verdade é que ainda está faltando ao Espiritismo o seu poeta, o seu verdadeiro poeta. Já o dissemos ao Sebastião Lasneau, um dos raros poetas espíritas, convidando-o para esta glória e esta láurea. Dizemo-lo agora ao Clovis Ramos, que possue mais do que nós dois — o Lasneau e nós — mocidade, saude, talento, inspiração.

Nada lhe falta, portanto, para o convite amavel que, não nós, mas a Doutrina, mas o Evangelho, lhe fazem!

Experiência que pode ser repetida

«LIGHT» ——— *Por G. BURCHETT*

Existe atualmente um processo que permite aos espíritas estabelecer o fundamento de sua doutrina, mesmo sob exigências de laboratório. Êsse fundamento é a afirmação de possuir o ser humano, junto ao corpo protoplásmico, um corpo agora denominado «etérico», separável do corpo protoplásmico, que pode agir como um inteligente ser humano, à distância do corpo protoplásmico, invisível às pessoas que espreita como observador inteligente e pode relatar o que vê e ouve, por meio do corpo protoplásmico de que se apartou.

Basta o seguinte exemplo para mostrar a significação dêste desenvolvimento da nossa aquisição. E' citado do *Livro de um Hipnotizador,* da autoria do Dr. Alex Erskine, que foi célebre expoente da prática hipnótica.

Diz êle que certo dia foi procurado por um homem, cujo nome verdadeiro substituiu pelo de «Jones». A senhora Jones antes fôra bela, mas, atacada de paralisia em consequência de um acidente, tornara-se inválida.

«O que deseja o senhor que eu faça ?» Perguntou Erskine ao marido. «Eu sou um neurologista, não mágico».

O visitante respondeu : «Desejo a cura de sua mente. Ela é tão desesperadamente miserável. Se ela só encontrasse um pouco de paz, um pouco de felicidade !»

O hipnotizador acompanhou o marido a sua casa. Uma rápida inspeção da paciente fez Erskine suspeitar que ela estava sendo vitimada por um tóxico. Porém ela protestou, não usava qualquer tóxico. Êle pediu permissão para adormecê-la, permissão que lhe foi recusada.

Poucos dias depois, Jones foi à procura do Doutor, o qual lhe revelou a sua suspeita. «Impossível», disse êle. «Donde lhe poderia vir a droga ?»

A consequência confirmou a suspeita de Erskine. Após alguma discussão, Erskine mandou buscar uma pessoa que sempre preferia para suas experiências hipnóticas. Rapidamente foi êle adormecido. «Ide», ordenei, «ao dormitório da snra. Jones e dizei-me o que vêdes».

«Imediatamente veio a resposta ; — Lá não a vejo, o leito está vasio.

Olhámo-nos mutuamente sem articular palavra : Finalmente disse eu ao sujet — Em que lugar está Mrs. Jones ? Ide procurá-la.

«Ela está no aposento contíguo, em seu gabinete de vestir».

«O que faz a senhora ali ? Dizei-nos tudo o que vêdes».

«Ela está deitada num canapé. Com ela está um homem. Êle está de pé, e lhe dá algo conservado num pequeno frasco verde».

Em seguida, o consulente e o hipnotizador dirigiram-se a casa de Mrs. Jones, e entraram em seu quarto. Ela estava adormecida, mas despertou imediatamente. Erskine perguntou, «A senhora está aquí há muito tempo ?»

Ela respondeu, «Sim, eu estava dormindo».

«Não esteve no quarto vizinho ?» Perguntou Erskine.

«Sim, lá estive», respondeu a paciente.

«Veio o meu massagista, mas já se retirou».

Pelo telefone o Dr. Erskine pediu o comparecimento imediato do massagista. Êste entrou imperturbável, no quarto.

Erskine colocou-se no vão da porta e disse : «Há quanto tempo estais dando cocaina a esta senhora ?»

«Êle hesitou, e encarou a snra. Jones, que o fixou horrorizada sem estremecer.

«Não», disse eu interpretando seus pensamentos. «Nada ela me disse. Mas eu *sei*. Menos de meia hora atrás, estaveis de pé a seu lado, em seu quarto de vestir, estando ela deitada no canapé, e lhe estaveis dando cocaina de um frasco verde. *Alguém vos observava*».

O observador invisível enviado pelo hipnotizador obteve a revelação que trouxe a confissão. O massagista cedia as instancias da paciente e ia buscar o tóxico. Ela recusou a assistência do Dr. Erskine e pouco depois faleceu.

Hipnotizadores competentes podem, quasi à vontade, repetir semelhantes demonstrações, como o fez o Dr. Erskine ao empregar seu sujet hipnótico, o qual agindo à distância de seu corpo protoplásmico, serviu como observador invisível e relator do acontecimento. Assim possível se torna fundamentar o caso do Espiritismo por meio da experiência de laboratório.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.° ano	Cr.$ 100,00	Do 11.° ano	Cr.$ 100,00	Do 24.° ano	Cr.$ 80,00
Do 4.° ano . .	100,00	Do 18.° ano . .	80,00	Do 25.° ano . .	80,00
Do 5.° ano . .	100,00	Do 19.° ano . .	80,00	Do 26.° ano . .	80,00
Do 6.° ano . .	100,00	Do 20.° ano . .	80,00	Do 27.° ano . .	80,00
Do 7.° ano . .	100,00	Do 21.° ano . .	80,00	Do 28.° ano . .	80,00
Do 8.° ano . .	100,00	Do 22.° ano . .	80,00		
Do 10.° ano . .	100,00	Do 23.° ano . .	80,00		

Réplica a uma Crítica Injusta

NO número de agosto último desta revista, em «*Idéias e Conceitos*» deparamos com injusta crítica assinada pelo sr. Arnaldo S. Tiago, sôbre o «*Missionários da Luz*» trabalho ditado pelo espírito de André Luiz.

O crítico em questão mostra-se solidário com conceitos emitidos pelo Prof. Pietro Ubaldi, Roustaing, Paul Gibier e talvez outros que por esquecimento não citou, desprezando as verdades que, com a graça de Deus, do Alto enviam as Entidades incumbidas de nos espiritualizar. Reconhecemos no autor de «*A Grande Síntese*», que é em quem mais o crítico se baseia, um potencial de inteligência armazenada através de inúmeras reencarnações, um grande inspirado como afirma o sr. Arnaldo S. Tiago, um intuitivo bem intencionado, mas sôbre tudo um homem que obedece mais a seu temperamento de que ás próprias emissões que vibram em seu redor, sugeito portanto a elaborar em êrros.

No capítulo «Reeencarnação» de o «*Missionários da Luz*», André Luiz nos fala de um departamento, onde se estruturam os futuros corpos físicos que servirão de habitação às Entidades possuidoras de patrimônio espiritual, mas, obrigadas a voltar a terra para resgate. Aqui, dias melhores do que nas «viagens» anteriores os esperam visto que evoluiram relativamente. Razão por que são merecedoras de antecipadamente ver o desenho e depois o evólucro que servirá de moradia, assistindo-lhas ainda, o mando de modificar a seu bel-prazer a forma anatômica,

Em resumo; é um direito adquirido pelo progresso de cada espirito. Nessa altura, o sr. Arnaldo S. Tiago que é rico em citações, discórda e apela para uma página de «*Ascenções humanas*», de Pietro Ubaldi, *(Veja-se Revista Internacional do Espiritismo, de 15/8/954)*, para dizer a seguir: — *Como pois admitir tais laboratórios, nos quais elevados espíritos «planejam reencarnações»?* Tudo é feito com a Graça de Deus.

O processo da formação de qualquer corpo vivo parece ser segredo de Deus, para nós, que permanecemos em estado animalizado. Mas não constitue segredo para os missionários da Luz, que são fieis obreiros do Criador, despidos de todos os entraves que nos proibem a ascenção à Luz Eterna.

Se, a formação dos corpos vivos fosse segredo exclusivo de Deus, em vez de Bondade, Êle seria, Ambição. Portanto, a vontade de Deus reside no interior de cada criatura. Evoluindo, chegaremos até Êle, e uma vez lá, não haverá segredos também para nós.

Crítica injusta dissemos no intróito desta réplica: injusta, porque o crítico atribue pontos de vista, às verdades de um Espírito que na terra foi homem de ciência de «*cérebro esclerosado pelas idéias materialistas*». Realmente foi médico, foi materialista. Como espírito, é um trabalhador do Cristo que procura atrair para o reino de Deus, os homens que se perdem nas cogitações do nada.

Injusta porque, pelo médium Chico Xavier, que sob a égide de Emmanuel há enriquecido milhares de cérebros, nenhuma entidade envia do astral, idéia meramente concebida para incutir aos míseros habitantes da carcaça material, maravilhosa ficção, produto de torpesa e de malquerença.

Injusta porque, a exemplo da Direção da F. E. B., quando do recebimento da matéria da qual se comporia o volume de «*O Consolador*», no capítulo «almas gêmeas» houve suspeita, suspeita que se tornou realidade. O sr. Arnaldo S. Tiago, estudioso que é do Espiritismo, antes de exteriorisar a refutação deveria, o que ainda é tempo, escrever ao médium de Pedro Leopoldo solicitando de seu patrono espiritual, confirmação do capítulo em aprêço.

Injusta porque, descrendo das revelações que nos fazem André Luiz e outras Entidades encarregadas de nos evoluir, é descrer dos ensinamentos que, por intermédio de seus prepostos, Jesus ordenou.

Lembremo-nos de que o Mestre muito sofreu para beneficiar a Humanidade, fruto de seu sagrado labor na tarefa santificante que Deus lhe confiou, razão por que não permitirá seus tarefeiros ludibriem os humildes de coração.

Ribeirão Preto, 7-9-954. — *Manoel Alba.*

Personalismo e Individualismo

LOIOLA

Consta da história da formação do mundo que Deus fez o espírito humano destinado a evoluir por conta própria. Contam muitos estudiosos e pesquisadores da vida humana que o homem é o produto de suas íntimas e personalistas condições. Propala-se, com certa insistência, que o homem é portador de valores próprios inalienáveis. Proclamam de certo modo que a personalidade do homem é indivisivel.

A concepção da individualidade ou da personalidade, sua doutrina e seus defensores não está de forma alguma em acôrdo, em consonância com as excelsas lições proclamadas pelos ensinamentos de Jesus. E' o individualismo ou o personalismo, indiscutivelmente, filho do egoismo. Representa expressão elevada do ego humano. Não se pode, portanto, pretender destacar, nem um nem o outro, como sendo condição de engrandecimento do espírito ou de elevação da alma humana.

Não negamos, o espírito é indivisível. E' uno, mas, o espìrito no que nele se contém de fôrça, no em que reúne os elementos e as qualidades a êle imanentes e a êle outorgadas pela Divina Providência.

O espírito como fonte irradiadora de luz e saber, como farol que deve projetar as luzes emanadas do Amor Divino, não pode acolher, no íntimo da sua essência, qualquer sentimento inferior, ou qualidades que o destaque dos seus irmãos ou que o coloque em posição de superioridade.

E' o espìrito humano herdeiro dos dons divinos. E Deus que é uno, que é ùnico, irradia sem personalismos. Os dons divinos imanentes ao espírito humano, não podem se confundir com as meras questões de sentimento, de doutrina ou de pensamentos humanos.

Recordemos que muitas são as humanidades e que cada uma delas se encontra em diferente estado evolutivo, em plena conformidade com o mundo que habitam.

Podemos compreender o personalismo ou o individualismo, como transitórias cogitações do espirito em esfôrço de evolução e de compreensão, pois, quando êste atinge graus de elevação e de pureza, estas preocupações se desvanecem, deixam de existir.

E o espírito que é esta fôrça inteligente e criadora, conservar-se-á na plenitude de suas fôrças e de seus poderes, irradiando sentimentos de amor, cooperando na obra da criação divina, nos vários mundos a que estiver destinado a viver e a progredir.

O espírito humano é indivisivel, expressão muito distinta do individualismo e na sua condição de pureza êle é comparável às estrelas, aos sóis e aos astros que iluminam aos outros, que dão fôrça e vida, luz e progresso, tendo como objetivo único a Fôrça Criadora, o Bem, o Amor sem distinguir, o Amor sem fazer qualquer separação entre os seres e as coisas.

Por isso o homem deve preocupar-se é com a aquisição permanente de valores morais, colocando-se acima das disputas, quer estas se manifestem neste ou naquele sentido. Por êstes fundamentos não devemos estimular o individualismo humano, porque a criatura ainda se encontra muito ligada às estreitas concepções das doutrinas materialistas, aos acanhados arraiais da filosofia, necessitando, sobretudo, de alimentar-se dos princípios da fraternidade universal.

Não poupai esforços no trabalho espiritual, tanto mais que chegou o tempo de ser pregada a Doutrina de Jesus até de cima dos telhados. Sêde firmes no desempenho da vossa tarefa, certos de que tendes a vosso lado o auxilio do Alto, que sempre vos será dado na hora exata. — CAIRBAR.

Exagêro Lamentável

NÃO raro nos interrogam se é verdade que os médiuns Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar são analfabetos, porque corre essa exagerada informação sôbre êsses grandes missionários.

Um analfabeto é um espírito primitivo, rudimentar, incapaz de exercer missões inteligentes e que só póde executar trabalhos materiais. Êsses dois grandes médiuns, ao contrário, são espíritos de grande elevação moral e intelectual, muito superiores ao comum dos homens, e por isto mesmo estão cumprindo missões grandiosas que vão transformando a mentalidade de um grande povo e, quando forem mundialmente estudadas, hão de transformar a mente de toda a Humanidade. Dizer que tais espíritos sejam analfabetos é um exagêro lamentável, desrespeitoso, absurdo.

A verdade é que êsses dois missionários não tiveram instrução literária nesta encarnação: só tiveram instrução primária; não cursaram escolas secundárias nem superiores; não aprenderam gramática, retórica, lógica, línguas, etc. Mas brilharam como alunos da escola primária e revelam na conversação e mesmo nas cartas que escrevem uma cultura inata admirável. Trouxeram um grande cabedal adquirido em múltiplas encarnações anteriores; não são espíritos broncos e primitivos; são sêres de uma elevação sublime que nos encantam e atraem desde o primeiro contacto.

Sua mediunidade fica sobejamente demonstrada pela variedade dos assuntos de que tratam nas formas mais adequadas, com os estilos mais diversos. Seus escritos não poderiam ser produzidos por nenhum genial universalista, porque ninguém teria cultura tão enciclopédica. São numerosos especialistas que escrevem e se caracterizam pelo saber que cada um revela. Não é um sábio que se manifesta, é uma Universidade inteira por intermédio de uma única mão. Encontramos o filósofo, o moralista, o teólogo, o biologista, o historiador, o romancista, o médico, os poetas, etc. expressando-se nessa literatura maravilhosa que não poderia ser produzida nem mesmo por uma centena de sábios, e nos chega pela mão de uma pessoa que não teve instrução superior nem secundária, mas apenas primária nesta encarnação.

Quem palestra e corresponde com êsses dois missionários, fica encantado com a sua elevação, com sua inteligência, sua bondade, sua energia moral. São a mais completa negação do ignorante e do mau, e a afirmação do sábio e do bom.

Sua vida trabalhosa, suas condições sociais, não lhes permitiram e não permitem adquirir instrução superior nesta encarnação, mas entre êles e um analfabeto vai um abismo. Podemos supor que a instrução superior materialista das Universidades criasse obstáculos ao cumprimento da missão, dando-lhes vaidade, orgulho, preconceitos, limitações de diversas naturezas.

A História não registra que Jesus de Nazaret houvesse cursado escola nem primária, mas seria um absurdo dizer que Êle foi um analfabeto, porque seus discursos revelam a máxima sabedoria que os homens já ouviram. Seus primeiros discípulos igualmente não tiveram instrução literária, mas alguns deles nos deixaram páginas imortais. Ninguém pensaria em dizer que aqueles pescadores eram analfabetos. Todos reconhecemos que eram grandes Espíritos em sublime missão a favor da Humanidade.

As pessoas que dão título de analfabeto a Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar, por vezes agem de boa fé, tentando pela hipérbole abrilhantar-lhes a missão; mas apesar de boa fé mentem e injuriam.

A propaganda espírita não precisa nem deve admitir o exagero, porque a realidade só já é muito sublime. Está sendo produzida em nossos dias a mais grandiosa literatura de que a Humanidade já teve conhecimento. Diante dos livros que estão sendo recebidos e publicados hoje desaparece, apagada, a literatura dos milênios passados.

Livros célebres há séculos e milênios tornam-se inexpressivas banalidades diante das obras que estão aparecendo agora. Todo o passado está-se esboroando diante do futuro que se está elaborando.

Se as grandes descobertas da ciência e da mecânica fizeram mais nestes cem anos mais recentes do que nos milênios passados, a obra presente da Terceira Revelação igualmente representa mais para o progresso humano do que o trabalho de muitos milênios.

Não precisamos nem devemos macular com exagêros a bela realidade.

I. G. B.

PAULO HARENG

O HOMEM QUE TINHA EXCESSO DE FLUIDO

De *«Estudos Psíquicos»*

NO mês de Outubro do ano findo, Paul Hareng comparecia no Tribunal de Orleãs, da vizinha França. Tinha que responder, acusado de exercício ilegal da Medicina. Foi o que se chama uma causa popular. Se fosse possível, centenas e centenas de testemunhas iriam depor a favor do réu. Tiveram que limitar-se a umas dezenas, mas o número foi suficiente. Todos, sem exceção, se colocaram ao lado de Paul Hareng, com o testemunho de suas curas, em muitos casos milagrosas, visto tratar-se de pessoas desenganadas por aquela Medicina que agora se voltava contra o curador.

O Tribunal, ante a série de justificações apresentadas a favor do acusado, não obstante o reconhecimento do «delito», viu-se obrigado a confessar que a sua ação não era charlatanesca nem prejudicava os enfêrmos. E condenou-o a uma pequena multa, reconhecendo-lhe as circunstâncias atenuantes, pelo que ficou isento de custas e selos. Paul Hareng saiu triunfante da prova e talvez com maior prestígio do que antes de se ver acusado pe los tribunais.

O Senhor S. Paulo

Se o leitor ou leitora passaram um dia por Jargeau — aldeia do Loire, perto de Orleãs — compreenderão facilmente a extrema popularidade de Paul Hareng. Terão visto como em cincoenta quilómetros de redondeza as estradas estão cheias de chapas indicativas da aldeia onde vive. Terão visto como dez autocarros semanais partem de Brunoy, Montmirall, Montreau, Paris, Coulmmiers, Brou, Cosne e Ferté-Saint-Aubin e chegam a Jargeau repletos de clientes de Paul Hareng. Terão podido comprovar como a porcelana de Gien se transforma em jarras, cinzeiros, pratos, etc., para reproduzir neles a figura de Paul Hareng, volumosa como a de um Buda, iluminada por franco sorriso. E ter-lhes-ão oferecido fotografias em bilhete postal e terão ouvido que a gente já não lhe chama Paulo, mas *senhor S. Paulo*...

E se pararem na aldeia ouvirão narrar as maravilhosas curas dêste homem que há pouco era simples mestre de obras em Jargeau, onde ganhava honradamente a sua vida...

O Pedreiro que descobria mananciais

Anos atrás, Paul Hareng era homem que os lavradores de Jargeau costumavam chamar para construir uma nova casa, um palheiro ou um estábulo onde fosse preciso utilizar o cimento, o ladrilho e a telha. Êle tinha fama de bom mestre de obras, pois as casas que ali edificou estão direitas, como se fossem construidas ontem.

E' verdade que a sua bisavó paterna havia conseguido alguns êxitos como curandeira. E' verdade que êle próprio notava em si a existência de algum fluído. Mas não é menos verdade que Hareng não acreditava nessas balelas e truques de magia, preferindo ater-se à realidade do seu trabalho tão retilínio como a prumada que utilizava para encontrar a vertical de uma casa. Com isso ganhava o sustento e com isso vivia tranquilo e feliz. A's vezes e sempre a pedido dos seus convizinhos, usava aquêle fluído. Com uma vara na mão acudia a descobrir ignorados mananciais com que êle obtinha algumas quantias a somar ao que ganhava na sua profissão de pedreiro.

Dêste modo, Paul era feliz. Jogava a sua partida no casino, e ali se entretinha. Mas um dia...

A Doença do Mestre de Obras

Um dia Paul Hareng sentiu-se doente. Consultou um médico e depois outro... Aplicaram-lhe vários tratamentos... Mas êle não se sentia bem. Não melhorava. Desalentado, uma tarde, a conselho de amigos, tirou bilhete para Fleury les-Aubais e consultou o Doutor Menzel, diretor do Hospital de Psiquiatria da localidade. O Doutor Menzel observou-o rigorosamente. Depois encarou o enfêrmo e disse-lhe:

— Pouco poderei fazer por ti. A Medicina, neste caso, não tem remédio para o teu mal. Só um conselho. Tens demasiado fluído e necessitas de gastá-lo. Se o conseguires, melhorarás.

Com as suas palavras, o Doutor Menzel acabava de fazer um homem competente: lançava ao mundo o curandeiro Paul Hareng.

O Caminho da Fama e da Riqueza

Paul Hareng pensou na sua bisavó paterna, enquanto regressava a Jargeau. Seria verdade que determinadas pessoas têm poder de curar os semelhantes, valendo-se de dons naturais? O médico não lhe dissera tanto, embora lhe mostrasse a possibilidade de curar a sua enfermidade, gastando o fluído que lhe sobrava. Era preciso experimentar. Com isso, nada perderia. E experimentou, vamos lá, sem muita convicção. Primeiro foram alguns amigos, achacados de várias doenças, os que se curaram, ante a surprêsa de Paul. Depois, outras pessoas vieram, dispostas a tentar a sorte. Estas trouxeram outras e assim se expandiu a fama de Paul Hareng, que, ao terminar a Guerra Mundial, tinha a reputação feita e que êle não havia buscado. Chegaram a Jargeau novos clientes, entre êles, altos funcionários da região, que também conseguiram curar-se, contribuindo para a difusão de sua fama, que a breve trecho encheu toda a França. Aquilo excedia os limites do previsto. Paul só queria gastar o seu fluído, mas à porta da sua casa havia cada vez mais pessoas em demanda da influência benéfica dêste estranho personagem. Paul tinha que tomar decisão imediata, pois que, com suas curas, só lhe ficava tempo para os trabalhos de mestre de obras. E tomou-a. Deixou a prumada, deixou a trolha, deixou o cimento e o ladrilho e dedicou-se inteiramente aos clientes que lhe caíam do céu. E teve que ampliar o novo e florescente negócio. A casa era pequena para albergar as pessoas que vinham submeter-se ao contacto de suas mãos e foi obrigado a construir um pavilhão com salas de espera e arranjar pessoal para atender. Hoje, Paul Hareng encontra-se à frente de uma verdadeira emprêsa de curas por magnetismo e imposição de mãos. Começa a trabalhar às quatro da manhã e termina ás nove da noite.

«Eu sou um Cão Selvagem»

Mas Paul Hareng não endoideceu ao ter que abrir as portas a êsse novo manancial—um manancial de ouro — que inesperadamente descobriu na sua vida. Sabe até onde pode chegar e nunca ultrapassa os seus limites. A qualquer coisa que lhe digam, saltará:—Eu não faço milagres! Não sou o Todo Poderoso. Um médico é um cão sábio que conhece o que lhe ensinaram; eu sou um cão selvagem, um animal natural. Nunca curei o cancro e livrei-me muito bem de o tentar. Fazê-lo, mesmo quando se apresente na sua forma mais benígna — uma verruga — é correr o risco de torná-la perigoso, despertando-o com um choque de nervos. Se o descubro, o canceroso sai da minha consulta sabendo o caminho que percorre. Digo-lho com o maior cuidado e afirmo que nada posso fazer por êle. Tenho um dom e não uma ciência. Por isso mesmo, não há motivos para me relacionar com outros curandeiros. Seria o mesmo que se mandasse o meu cão a ver outro, para que aprendesse a localizar uma casa.

Não. Paul Hareng não endoideceu. Suas relações com os médicos são excelentes. Na sua sala de espera há um quadro com a seguinte advertência: «Consulte o médico antes de vir aquí». Alguns têm-no procurado em casos delicados e são mesmo seus clientes. Outros mandam-lhe doentes. Paul Hareng manda-lhes também os seus. Se descobre necessidade de operação urgente, aconselha o enfêrmo a procurar um cirurgião...

Nem Ritos, nem Drogas, nada de espetacular

Paul Hareng cobra 5.000 francos pela primeira consulta e 300 pelas seguintes. Sem necessidade de saber muitas matemáticas, podem-se-lhe fazer as contas. Vê diariamente mais de trezentos doentes. Assim é desde que terminou a guerra. E' certo que a muitos não leva dinheiro, mas não é difícil calcular que o antigo mestre de obras obtenha à volta de dois milhões e meio de pesetas cada ano com essa necessidade imperiosa de gastar o seu fluído magnético.

Se o leitor o visitar, verá que nele tudo é natural. Nem ritos misteriosos, nem palavras raras, nem drogas disparatadas, nem coisas espetaculares. Passa à sala onde se misturam sexos, idades e classes sociais e ali espera que Paul Hareng o chame. Não tardará muito porque é rápido na consulta. Calcule dois minutos por cliente. Quando chegar a sua vez entrará na sala de consulta. Paul recebê-lo-á sorridente, agradável e voluminoso. Note-se-lhe imediatamente que o conselho do doutor Menzel lhe fez bem à saude. Paul tratá-lo-á por tu, desde o primeiro instante. Se voltar ali um ano depois, êle reconhecê-lo-á sem esfôrço. Ninguém lhe escapa à memória.

— Anda cá, bela ruiva — dirá êle, se for uma senhora madura, de cabelos grisalhos. Em seguida olhará profundamente, através das grossas pálpebras, pegará na varinha, estabelecerá contacto e nada perguntará antes de ter formado opinião.

— O médico prescreveu-te tratamento...

— Sim.

— Tens um fibroma. Já to disse?

— Já.

— Mas não é maior que uma laranja. Fá-lo-ei desaparecer em três semanas.

Depois tomará o seu pêndulo, se achar necessário, fará uns passes com as mãos e indicar-lhe-á o dia da nova consulta. Isto é tudo.

Centenas de Curas

Afinal, Paul Hareng chegará a curar?... Pergunte-o aos seus companheiros de sala de espera e responderão, contando mil casos em que as mãos dele conseguiram o que a Medicina não havia conseguido. Dir-lhe-ão como curou uma menina que, devido a um choque violento, ficara surda-muda. Para devolver-lhe o uso daqueles sentidos, os médicos tinham receitado um contra-choque não menos violento. Paul Hareng prodigalizou-lhe os seus passes magnéticos durante seis mêses e a doente recuperou a fala e o ouvido. Contar-lhe-ão também o caso da criança atacada de paralisia infantil. A medicina decidira uma rápida intervenção cirúrgica. Dois dias depois levaram-na a Paul Hareng.

— Deixem-ma dois dias. Se, passado êste tempo, nada conseguirmos, podem operá-la.

Aos dois dias indicados a criança andava. E assim centenas e centenas. Se você não tiver pressa, tomará conhecimento de mais casos. O último é o de uma cega de nascença que foi operada três vezes sem resultado. Após alguns mêses de passes e contactos, a ceguinha começou a distinguir os objetos.

Charlatão? Benfeitor da humanidade? Os habitantes de Jargeau não lhe admitiriam o primeiro qualificativo...

(Do semanário madrileno «7 Fechas», de 22-2-1952).

(I. D. S. traduziu).

De acordo com os seus conhecimentos e as suas possibilidades, todos podem trabalhar pela difusão da Doutrina, assim como todos podem pôr em prática os preceitos de amor fraterno de Jesus. Desde o homem do campo aos mais altos dignatários das nações, todos são dignos da recompensa de Deus, uma vez que cumpram fielmente os seus deveres cristãos com a melhor boa ventade e sinceridade. E ficai certos de que a recompensa de Deus vos é dada por intermédio dos Bons Espíritos em qualquer parte em que vos encontrardes. — CAIRBAR

A Unificação virá de S. Paulo

Leopoldo Machado

Êste artigo foi elaborado, a pedido, para o periódico, UNIFICAÇÃO. O Conselho de redação do jornal, entretanto, julgou-o, «por excesso de escrupulos, que o não devia publicar, pelas referências elogiosas a homens e coisas». Mantendo, entretanto, o autor quanto nele se contém e em função de seu temperamento, resolveu publicá-lo em outro periódico. Por isso é que sai aqui.

Carlos Jordão da Silva escreve-nos, pedindo colaboração para o jornal UNIFICAÇÃO, que a USE de S. Paulo mantém.

Pedindo?

Devia ser exigindo.

Ele tem crédito e autoridade para exigir tudo de nós.

Na CARAVANA DA FRATERNIDADE, que nos levou até o extremo Norte, exatamente a serviço da unificação, tivemos, para gáudio nosso, de apertar mais amigavelmente as mãos, de entrelaçar mais irmãmente os corações, de estreitar mais fortemente a amizade.

E pede-nos, salientando que está «conscio de nosso espírito de constante e leal cooperação no movimento cooperador da familia espírita brasileira».

Parece-nos que 40 dias de convivio diário e exaustivo labor a programas diurnos e noturnos, dá-lhe autoridade para julgar assim o velho companheiro de peregrinação, fazendo-lhe a justiça devida.

Tanto mais o Sul ainda não tomando o conhecimento devido do que teria sido a primeira caravana de unificação que já se fez no Brasil e no mundo.

Vai toma-lo brevemente, assim esteja pronto o nosso CARAVANA DA FRATERNIDADE.

* * *

Pouco temos feito, diante do muito que poderiamos fazer, a prol da unificação do Espiritismo e de melhor entendimento entre espíritas.

Mas, êsse pouco que temos feito não nos envergonha.

Até nos desvanece, porque êsse pouco está dentro do nosso propósito de colocar a Doutrina sempre acima das instituições, as instituições acima dos homens e êstes, quando sentem, e pensam, e agem melhor de que nós, acima de nossos pontos-de-vista.

Parece-nos que, procedendo assim e com a autoridade que o Carlos Jordão reconhece em nós, temos algum direito de algo dizer sôbre o momentoso assunto.

Direito e autoridade que até os Espíritos reconhecem, pois foram êles que nos arrastaram à sessão de que saiu o *Pacto Áureo*, da qual não haviamos tido conhecimento, para a qual não tivemos convite...

* * *

Mantemos, ainda, os mesmos pontos-de-vista apresentados ao *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*, realizado, sob a influência da USE, em S. Paulo, em 1948. Pontos-de-vista insertos no volume, ANAIS, daquele Congresso, publicado posteriormente

Tarefa na verdade, difícil.

Mas, não impossível. Menos difícil, certamente, do que o conubio que se quer fazer atualmente, da Umbanda com o Espiritismo.

As dificuldades da gloriosa tarefa serão, naturalmente, dominadas pelos pioneiros que estão agitando o movimento. Principalmente, em S. Paulo, pois, diz-nos a consciência, a observação dos fatos e a intuição das coisas, que é de S. Paulo que virá a unificação.

Pregar a unificação em jornal — e até jornal concebido para tanto! — é obra grandiosa. Discutí-la em congressos de unificação — e, merce de Deus, tomamos parte em quase todos que se realizaram para tanto, recebendo, até, de ilustre confrade o irônico e glorioso vulgo de Homem de Congressos! — é tarefa das mais simpáticas e eficientes! Dirigi-la em conselho federativo é dar excelente demonstração de alto interêsse pela unificação...

Mas, em se tratando de imperativos maiores, por que imperativos da hora que passa, seus pioneiros de maior responsabilidade devem fazer mais. Deveria deslocar-se de seus pagos em visita a seus irmãos de outras terras e outros climas, a exemplo do que fizeram os caravaneiros da fraternidade...

Fizeram, é fato, uma obra de superfície.

Por assim compreendermos e assim sentirmos, teriamos visitado, no ano seguinte, se não adoecessemos gravemente, os Estados de Goiás e Mato Grosso, fechando assim nosso ciclo maior de excursões; teriamos voltado aos Estados do Norte, para a consolidação do que fizeramos, na companhia inestimavel do Carlos Jordão e do Francisco Spinelli..

Mas, viajar é tão dificil.

Nem toda gente — nós inclusive — gosta de viajar.

Tudo é dificil, e até se torna impossivel, quando não há uma vontade firme de servir, de combater o bom combate.

A influência e a sugestão que caravanas espíritas de um lado levam a outros climas e a outras terras, é coisa extraordinária, de um efeito e resultado surpreendentes.

Nada, crêde-me, substitue êsse trabalho.

Afirmamos com a credencial de quem já visitou todos os Estados do Brasil, menos um, de quem já percorreu duzentas cidades...

* * *

— Viajar, não!

E' muito dificil, sinão impossível — dirão muitos.

Então, cartas autorizadas, mensagens diretas, a homens e instituições.

As cartas realizam, ás vezes, milagres extraordinários.

Mas, os espíritas não gostam de escrever; não têm tempo a perder com cartas e mensagens. Não tem organização que supram suficientemente, as duas faltas.

Ou lhes falta organização e tempo para as duas coisas...

* * *

Contudo, a unificação está se fazendo.

E far-se-á, saindo coisa bem diferente da unidade católica e protestante, porque não é, propriamente, obra de espíritas, mas dos Espíritos, que vêem mais de cima, por dentro e por fóra, através do véu da carne.

Por isso que êles, os Espíritos de luz, dão de mão a teorias e propósitos, lançando mão dos mais capazes para a obra que se precisa realizar.

Foi assim que fizeram conosco, relativo à sessão, de que saiu o Acordão, realizada na *Federação Espírita Brasileira* a 5 de Outubro de 1949.

Nada sabiamos de sua realização. Entretanto, comparecemos a ela, exatamente à hora. E fomos inspirados para mudar até o nome de Acordo para Pacto Áureo. E pusemos-nos, até, à frente da *Caravana da Fraternidade*, viajando até Manaus...

Paulo de Tarso foi também combatido e negado pelos outros apóstolos, pois não pertencera ao apostolado dos outros discípulos do Cristo. Negaram-lhe autoridade, pelo fato de haver movido a primeira perseguição aos cristãos. Entretanto, ninguém fez mais pelo Cristianismo nascente. Deve-se-lhe, entretanto, a fundação da verdadeira igreja do Cristo.

* * *

Dissemos, numa fala do *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita* que de S. Paulo partiria a unificação para o resto da Brasil.

Teriamos sido profeta?

Porque o dissemos?

O grande Estado tem o nome do maior apóstolo do Cristianismo.

De S. Paulo partiram as bandeiras que descobriram e colonizaram o interior do Brasil.

O grito de «Independencia ou Morte» partiu de S. Paulo e ecoou pela Pátria inteira.

O café, «o sangue negro da Nação», derrama-se de S. Paulo para o Brasil e para o mundo.

No campo industrial, S. Paulo afigurou-se a Artur Neiva «uma locomotiva a puxar 20 vagões vasios» compondo a composição do Brasil e seus Estados.

Em S. Paulo realizou-se o primeiro congresso brasileiro de unificação espírita. E é aí onde mais se tem trabalhado pela unidade do Espiritismo entre nós. A USE é um exemplo que deve ser imitado e seguido. Já lhe vão nas águas bonançosas o Paraná e o Rio Grande do Sul...

Recebemos a unificação espírita que vem de S. Paulo, feita mais obra de espíritos do que de espíritas.

Que os espíritas de boa vontade não criem mais dificuldades à inspiração e a obra que lhes vem dos Espíritos!

Crônica Estrangeira

Médiuns Célebres — Indrid Indridason

De «Revista de Metapsicologia»

Êste joven islandês, operário tipógrafo, que coisa nenhuma sabia de espiritismo, aceitou fazer parte de um grupo espírita... unicamente para se divertir. A princípio troçava dessa «coisa idiota» a que chamavam espiritismo, mas acabou por se revelar um médium de alta categoria, pois produziu coisas maravilhosas.

Os primeiros fenômenos produzidos foram de escrita automática — conselhos acêrca da organização de sessões experimentais — ditados por um espírito que os experimentadores tinham conhecido na vida terrestre.

A' escrita automática sucederam fatos de encarnação, de levitação, de aparições luminosas: mesas pesadas, objetos diversos, retidos no chão pelo esfôrço dos assistentes, ergueram-se. O próprio médium foi *levitado* sem contacto até ao teto. Numa das sessões o sofá em que Indrid estava estendido foi erguido e transportado por toda a sala sem contacto visível.

Os guias sucediam-se: o segundo foi um espírito que declarou ter sido professor da Univerdade de Copenhague: Jensen. Ora, Indrid desconhecia a língua dinamarquesa e, no entanto, falava-a!

Convém lembrar que entre o dinamarquês e o islandês há mais diferença que entre o dinamarquês e o alemão. Não só Indrid falava a língua dinamarquesa que êle ignorava — o que é um caso de glossolália notável — não só êle se exprimia numa espécie de dialéto próprio de Copenhague, mas ainda duplicou êste fato com uma vidência que faz lembrar, pela sua qualidade, a de Swedenborg, em Goteborg. Jensen, o espírito comunicante, encorporado no médium, descreveu o incêndio que devorava a fábrica de lâmpadas da rua Royale, em Copenhague, nessa mesma noite de 24 de Novembro de 1903.

Como o telégrafo nesse tempo não existia na Islândia, foi só nas proximidades do Natal, pelos tripulantes de um barco entrado em Rejkjavick, que se verificou que a vidência fôra exata em todos os pormenores: data, lugar, natureza do sinistro, etc.

Não foram sómente islandeses desencarnados que se manifestaram e identificaram; vários desencarnados estrangeiros incorporados no médium, que só falava islandês, se exprimiram nas suas respectivas línguas: um médico *norueguês,* um cantor *norueguês,* um médico *inglês,* um médico *holandês,* um oficial *alemão,* uma *francêsa,* cantora de ópera, etc.

Durante cinco anos, uma ou duas vezes por semana, de Setembro a Junho, às experiências com Indrid continuaram com o mesmo êxito.

Fenômenos de materialização produziram-se muitas vezes com o médium simultâneamente visível e com a possibilidade de os experimentadores medirem e apalparem as formas. Essas materializações, repetidas vezes foram acompanhadas de fenômenos de desmaterialização.

Exatamente como sucedeu com a célebre médium d'Esperance, bastas vezes o braço esquerdo de Indrid se desmaterializou. Uma comissão de inquérito e investigação foi especialmente incumbida de controlar a desmaterialização total do braço esquerdo do médium. Sob palavra de honra, os sete membros da Comissão afirmaram a exatidão do fato e redigiram uma ata que assinaram.

Em uma sessão a que assistiram 40 experimentadores, os «guias» convidaram-nos a designar uma Comissão de três pessoas absolutamente estranhas à sociedade afim de observarem as experiências de materialização. A escolha recaiu no Bispo de Rejkjavick — que não alegou que Igreja o proibia de tratar com o diabo... — o *maire* e o Consul britânico. Os três inquiridores esforçaram-se por descobrir o truque ou a fraude, mas em vão. E terminada a missão que lhes fôra confiada, tiveram que se inclinar perante a autenticidade dos fatos. O Bispo teria até dito ao experimentador Heraldur Nielsson: «Só agora me é possível compreender uma multidão de coisas do Novo Testamento!»

A mediunidade progressiva de Indrid conseguiu obter a *voz direta* de um eclesiástico islandês, um cantor norueguês e uma cantora francêsa.

Dentre os «apports» mais espantosos obtidos por Indrid, cita-se o de uma redoma com aves em alcool, transportada da casa de um médico para a sala das sessões.

Em 1909 Indrid Indridason adoeceu com um tifo. Enfraqueceu tanto que teve de ser recolhido num sanatório. Em 1912 morreu de tuberculose pulmonar.

⁂

Uma defunta narra as suas impressões do Além

De «Estudos Psíquicos»

PARIS, Março — Experiências científicas, metódicamente conduzidas há quinze anos e cujo alcance considerável não escapou a recente congresso médico americano, lançaram luz inteiramente nova sôbre o problema da morte e do além.

Não se trata, é claro, de revelações que tenham qualquer relação com assuntos de caráter metafísico ou religioso. O Dr. S. J. Haicox, o americano que apresentou o fruto de suas longas observações, restringiu-se rigorosamente aos domínios da medicina e da psicologia.

Para controlar a série de investigações em torno do outro mundo e que pôs em prática por meio do aparelho reanimador do coração que êle próprio inventou, o Dr. Haycox procurava há muito tempo um paciente de experiência tão extensa quanto possível.

Em dias recentes, um colega veio falar-lhe sôbre uma enferma que havia muito se encontrava em estado de morte aparente, em misteriosa letargia. Chamava-se Ann Belt.

Ao lado dessa doente, o Dr. Haycox não encontrou, a princípio, senão mutismo total. Só após prolongada espera conseguiu obter que ela entrasse num estado de semi-consciência, que parecia muito doloroso.

— Fala — disse êle. — E' preciso que fales. Ann Belt... Tu lembras-te...

Enfim, obedecendo às sugestões imperiosas do médico, a morta aparente respondeu:

— Havia luz, cores, sons. Depois tudo era negro, negro, negro...

— E então?

— Sim, é preciso que eu continue a falar. Quando estava morta procurei uma mulher que ia pôr uma criança no mundo. E para essa criança se transferiu o meu ser imaterial, o meu espírito. Tornei-me homem, soldado. Minha morte foi muito penosa, fui abatida por um tiro, onde, já não sei mais — nalgum porto de mar. Fazia calor, muito calor. Depois de minha morte...

— Sim?

— Tornei-me criança de nôvo... Como é estranho! Revivi tudo, da morte ao nascimento. E recomecei. Estive na terra sete vidas, sete vezes...

Ann Belt volta a silenciar. O Dr. Haycox exorta-a com mais insistência:

— E antes dessas sete vidas? Recorda!

— Antes, antes, não me lembro mais.

Esse primeiro encontro com um ser humano retornado do além ocorreu em Maio de 1937. Duvida-se de que êle tenha sido muito interessante, porque o Dr. Haycox, que é a um tempo médico e psicólogo, deixou escapar oportunidades semelhantes. Lembrou-se, no entanto, de propor à clientela o prolongamento da vida dos agonizantes, após o falecimento, ressuscitando-os por alguns dias por meio do seu aparelho. E cada uma dessas intervenções de caráter excepcional rendia-lhe mil dolares...

Eis um fato extremamente curioso: nos numerosos arquivos que as ressurreições lhe permitiram organizar, vê-se que quase todos os seres humanos assim reconduzidos à vida atestavam que tinham visitado um país maravilhoso, de luzes arrebatadoras e de sinfonias mais melodiosas que as que ouvimos no curso da existência terrena.

Nos meios clínicos dos Estados Unidos, mais particularmente entre os cardiologistas e psiquiatras, não houve ainda nenhum pronunciamento definitivo sôbre essas sensacionais verificações, que suscitaram grande interesse. Há demasiado número de fatores que intervêm ao mesmo tempo.

Diversos especialistas calculam que, em princípio, as impressões luminosas e musicais podem ser atribuidas a disturbios da circulação ou a carência de oxigênio no cérebro. Comparam essas impressões às que se verificam com os doentes sujeitos a desmaios e com as pessoas perigosamente dadas ao uso de narcóticos. Mas, na realidade, êles próprios o reconhecem, dessas comparações não se pode extrair argumento científico e determinar uma relação bioquímica certa de causa e efeito.

Como quer que seja, está provado que, à margem do nosso mundo real, existe um outro mundo, perceptível aos espíritos e comparável talvez aos espaços resultantes da especulação matemática, aos quais, de resto, êle se mostra superior, pelo menos pelo seu aspecto deslumbrante.

EUROPRESS.

⁂

Uma anedota de Lord Byron

De «Two Worlds»

Falando de pessoas que conheceram homens célebres, recordo-me duma que fôra amigo pessoal de Lord Byron. Contou-me uma história curiosa.

Encontrava-se na Grécia com Byron e viajavam juntos em Missolonghi, quando se desencadeou uma chuva torrencial. Abrigaram-se numa pequena estalagem onde chegaram encharcados.

Depois subiram ao quarto que lhes foi destinado, afim de se enxugarem. Byron deitou-se e disse :

— Acreditas em bruxas e adivinhos ?

— Porquê — inquiriu o amigo.

— Bem sabes que sou quasi escocês. Passei a meninice em Aberdeen e quando era garoto um cigano leu-me a sina e disse que na minha vida se passariam importantes acontecimentos aos 10, 28 e 36 anos. Aos 10, fui Lord pela morte de meu segundo tio ; aos 26 casei-me ; e agora, aproxima-se o terceiro acontecimento. Que será ?

O meu amigo disse a Byron :

— São tolices.

— Não, respondeu Byron. Tu não acreditas em bruxas e adivinhos...

Dez dias depois, Lord Byron falecia.

⁂

Madame Fraya, médium de Reis e Príncipes

Por Warrigton Dawson

Jean Jaurés, famoso *leader* socialista francês do princípio dêste século, foi avisado por um médium de que morreria de morte violenta.

Ao que Jaurés, que também era médium, respondeu :

— E será na véspera duma declaração de guerra.

Realmente assim aconteceu. Foi assassinado na véspera da guerra de 1914, que êle sempre tentou evitar.

O médium que fez esta profecia há 44 anos acaba de passar ao mundo dos espíritos. Era a célebre vidente francesa Madame Fraya. A sua verdadeira idade era um mistério. Depois de passar os 80, costumava dizer :

— A idade não interessa. Para mim deixou de existir.

Quando o governo francês se preparava para deixar Paris em Agosto de 1914, Madame Fraya recusou partir, dizendo a Clemenceau e a Aristides Briand :

— Os alemães não entram em Paris.

Em Março do mesmo ano, profetizou à raínha Sofia, irmã do Kaiser, que êle cairia e ambos seriam rodeados de milhares de mortos. Disse também à raínha que o Kaiser não entraria em Paris. A verdade dessas profecias é hoje um fato histórico.

Entre as pessoas famosas que frequentemente buscavam a sua opinião contam-se o ex-rei Afonso de Espanha, a raínha Amélia de Portugal, a raínha Maria da Romênia, a neta da raínha Victória, e rei Alexandre da Jugoslávia, os grão-duques Nicolau e Alexandre, da Rússia, Edmundo Rostand, autor do «Cirano de Bergerac» e de o «Aiglon», Anatole France, Pierre Loti, e, praticamente, todos os imortais da Academia Francesa.

O Dr. Léon Binet, decano da Faculdade de Medicina de Paris, que está fazendo experiências de influência magnética a distância, claramente metafísicas, em oposição à atitude materialista da maioria dos médicos, sabedor das faculdades de Madame Fraya, pediu-lhe que se sujeitasse a algumas experiências.

Sem lhe dizer nada, levou-a a diferentes escolas onde lhe pediu que examinasse as mãos de algumas crianças escondidas atrás duma cortina. Em todas ela fez a análise correta do caráter e aptidão das crianças.

Ler na palma da mão é simplesmente um meio de que Madame Fraya se servia para estabelecer o contacto com as pessoas, mas a sua faculdade era verdadeiramente psíquica. Ela costumava dizer:

— Cada um dos meus clientes, traz-me o seu estado de alma e as suas radiações pessoais e eu sinto logo as perturbações. E quando alguém está para morrer de morte violenta é uma verdadeira angústia que se apodera de mim.

Entre as suas profecias mais singulares conta-se a de um rapaz chamado Henri Gans, mobilizado com as primeiras tropas enviadas contra o exército alemão. A poetisa Ana de Noailles consultou Madame Fraya sôbre o seu paradeiro e a resposta foi: «Vejo-o ferido numa perna e a perder tanto sangue, que morrerá».

Gans fez a guerra toda sem uma beliscadura e toda a gente pensou que Madame Fraya tinha falhado. Porém, dez anos depois, Gans foi ferido numa coxa por um desajeitado atirador durante uma caçada e morreu da hemorragia.

Educada para pianista de concerto, chegou a obter um êxito considerável; mas aos dezenove anos casou com um professor de filosofia e veio para Paris, onde os amigos tiveram conhecimento das suas faculdades psíquicas. No entanto, a pioneira do feminismo francês, Madame Severine, é que a fez acertar com a verdadeira vocação, induzindo-a a ler a sina nas mãos, numa festa de caridade. Todos os janotas de ambos os sexos lhe estenderam a mão para se divertirem e ficaram espantados com o que lhes disse.

Nos últimos anos da sua vida, Madame Fraya esteve de cama entrevada pelo artritismo, mas o seu espírito continuava brilhante e a receber impressões psíquicas, embora em menor extensão.

Dizia que as melhores horas para receber eram das 2 às 9 da manhã e sobretudo quando estava em jejum.

Pode-se dizer sem receio de desmentido que Madame Fraya foi a melhor continuadora da célebre clarividente Madame de Hebes, afilhada e protegida de Alexandre Dumas Filho, o grande escritor a quem ela ficou devendo a sua carreira de médium extraordinário.

De «Estudos Psíquicos».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Programa Radiofônico Evangélico do Brasil

Conforme noticiamos, no dia 7 de Setembro último foi inaugurada a Rádio Progresso de S. Paulo, que é a revivescencia da antiga Rádio Piratininga. Foram 12 anos de lutas amargas e dolorosas, mas graças a Deus, o Alto mais uma vez colocou nas mãos dos espíritas, o veículo precioso para a divulgação de sua Doutrina Redentora.

Portanto, é hora dos espíritas se unirem como um só homem em torno da Rádio Progresso e divulgar em espírito e vida o Evangelho do Meigo Jesus.

O Programa Radiofônico Evangélico do Brasil, que volta ao ar através da Rádio Progresso de São Paulo, é irradiado das 20 ás 21 horas nos dias úteis, e nos domingos e feriados, das 19,30 ás 21 horas, onda tropical ou media, 4.775 kilociclos, 62 metros, ponto 83.

Está em organização o quadro de Delegados da União Federativa Espírita Paulista em todas as cidades do Estado de S. Paulo para serem colhidas notícias espíritas de toda parte afim de serem incluidas no Programa Espírita. Êsses Delegados têm também a missão de angariar sócios mantenedores de referido Programa Radiofônico.

«Verdade em Rimas»

Com êste título, o nosso prezado confrade Benedito de Paula Bueno, jornalista, residente em Bauru, nos ofertou um livro de versos de sua autoria.

Apesar de não ser poeta, conforme êle mesmo afirma, os seus versos tem tudo quanto a arte poética exige, com a vantagem de dizer muitas verdades que ninguém pode negar. Alguns versos se referem ao Brasil e as suas coisas, outros à natureza, ao sentimento, à vida, etc.

«Verdades em Rimas» é um trabalho que satisfaz plenamente aos amigos da boa literatura. Contém 57 páginas bem impressas em ótimo papel.

Gratos pela oferta.

A serviço da Propaganda

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista :

«Na minha última excursão, visitei as seguintes cidades do Estado de Minas :

Boa Esperança: E' a primeira vez que tive a felicidade de visitar esta cidade mineira e um punhado de confrades, abnegados trabalhadores da seára cristã. O confrade prof. Roberto Coimbra e sua exma. esposa não podiam fazer mais do que estão fazendo no campo espírita. Disseram-me que eu não podia sair de Minas antes de conhecer Boa Esperança e o trabalho dos confrades, entre os quais a prof. D. Eulalia Neto Faria, esposa do Prefeito Municipal, ambos muito esforçados. O confrade Clodoveo Machado presidente do Centro Espírita «Amigos na Dor» e os demais companheiros são de fato amigos da dor, pois estão empenhados em enxugar lágrimas e confortar corações, e o que fala mais alto do que as minhas palavras são os fatos. Senão vejamos: Ha 4 anos que mantém a «Sopa dos Pobres» no referido Centro, atendendo entre 70 a 80 pessoas: mantém uma escola municipal, curso primário, Jardim de Infancia com 130 crianças, tendo 50 matriculadas no Colégio; mantém farmácia homeopática bem sortida, Bibliotéca, Parque Infantil, Aula de Corte e Costura para moças pobres. Fiquei alegre em ver isso tudo. E D. Eulalia disse-me que nada fizeram, pedindo-me para que não desse notícia disso, mas é preciso noticiar as boas obras para que sirvam de exemplo aos que se propuserem a trabalhar na seára espírita. Brevemente voltarei a essa cidade, que é de fato cheia de boas esperanças no terreno espiritual, pois um dia só de convivência é muito pouco.

Lavras: Falei no Centro Espírita de Lavras, que é dirigido pelo confrade Irací de Oliveira. Este confrade saiu do Protestantismo ha dois anos e já é o presidente de referido Centro. Falei também no Centro Espírita «Allan Kardec», de que é presidente o confrade Ozorio Sebastião. Todos os elementos são esforçados no trabalho da seára.

Perdões: Visitei os confrades desta cidade. Fiquei empenhado numa dívida, mas na próxima viagem a saldarei fazendo diversas palestras. Os confrades são muito dedicados no trabalho espiritual.

Varginha: O Centro Espírita «Humildade e Caridade» está firme no trabalho. Mantém desde 1949, sob os auspícios da Caixa Beneficente «Dr. João de Freitas», Sopa para os Pobres, contando atualmente com 30 pobres; auxílio pré-natal constante de enxovais para recem-nascidos, ambulatório médico, além da Escola de Alfabetização «Pedro de Alcantara», com capacidade para 30 alunos, estando em cogitação a construção de um Ginásio. A Diretoria do Centro é a seguinte: pres., José Paulino de Oliveira; vice, José Evaristo Guimarães; secr., Sotero Lima; tes., João Lika. A Diretoria da Caixa Beneficente «Dr. João de Freitas está assim constituida: pres., Charitas C. Liberal; vice, Isenarina Gonçalves; proc., Loa Zanon. Compartilhei de uma reunião da Mocidade Espírita de Varginha.

Itajubá: No Centro de Estudos Evangélicos «Allan Kardec» reuniram-se os presidentes dos Centros Espíritas locais para a reunião preparatória da fundação da União das Associações Espíritas de Itajubá. Foi eleita a Diretoria provisória, que ficou assim constituida: pres., Manoel Vieira Pinto; vice, Aldegondes Ribeiro Amaral; 1.º secrt., Nilton Martins Rodrigues; 2.º secr., Roberto Vieira da

Silva; 1.º tes., Amélio Correale; 2.º tes., Geraldo Pereira da Silva. Ao encerrar os trabalhos usei da palavra enaltecendo o pensamento dos presentes relativamente á união dos espíritas de Itajubá.

—

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Lourenço Bianchi:

«Na minha última excursão a serviço de «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e «Instituto Pinheiro Machado» de Novo Horizonte, percorri a zona denominada variante, da Noroeste do Brasil e, segundo pude observar, o movimento espírita cresce incessantemente. Na minha ida, que começou de Rubiácea até Três Lagoas, fiz palestras em várias localidades. Em Andradina, os espíritas estão empenhados na construção de um Albergue Noturno, anexo ao Centro Espírita «André Luiz». O Albergue já deve estar funcionando. Na volta parei em Guararapes, onde estão construindo um Asilo para Órfãos, quasi terminado. Em Araçatuba estive alguns dias em casa do confrade Francisco Inácio, portador de belas faculdades mediúnicas, especialmente a de aliviar os sofrimentos alheios. Em sua companhia visitei a localidade chamada Córrego da Prata, onde fizemos palestra e trabalhos para a cura de doentes. Nesta localidade há um grupo de confrades bem orientados. Em Biriguí fiz palestra e assisti a um festival no Centro Espírita «Amor e Caridade», que é dirigido pelo confrade João de Almeida e sua esposa D. Linda. Estavam esperando o Deputado Campos Vergal, que não pôde comparecer, sendo substituido pelo confrade Gabriel Ruiz, cuja palavra agradou a todos. No dia seguinte, 29/8/54, o Deputado Campos Vergal era para inaugurar o novo prédio do Centro Espírita «Dr. Bezerra de Menezes», mas não pôde êle comparecer, sendo substituido pelo mesmo orador, confrade Gabriel Ruiz, que, como da vez anterior, agradou a todos. Eu também falei um pouco representando o «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» e o Instituto «Pinheiro Machado». Em Penápolis estão terminando a construção de um Asilo para pobres dementes. Em Promissão falei no Centro local.

Na minha próxima excursão visitarei as seguintes cidades: Brotas, Torrinha, Dois Córregos, Mineiros, Jaú, Pederneiras, Presidente Alves, Pirajuí, Guarantan, Cafelandia, Lins, Pongaí, Balbino e outras localidades circunvizinhas.

Agradeço de coração a todos os confrades que me proporcionaram boa acolhida e me ajudaram nesta excursão a pról da Doutrina, almejando-lhes paz, saúde e progresso espiritual.

Boletim Espiritista

Em Avellaneda, Argentina, acaba de surgir na imprensa espírita mais um colega, órgão do Ateneu de Propaganda Espírita «Allan Kardec».

O exemplar que temos sôbre a mesa de trabalho, n.º 4, insere ótimos artigos de fundos filosóficos e doutrinário.

Ao distinto colega almejamos progresso e felicidade na sua elevada tarefa de pregar a Verdade à luz do Espiritismo.

Com espirito de tolerância e humildade, esforçai-vos o mais possivel no sentido de viverdes em paz uns com os outros, se quiserdes ser considerados verdadeiros cristãos. Não basta relembrar os preceitos de Jesus, o essencial é pô-los em prática nos momentos em que são exigidos testemunhos da vossa compreensão e do vosso espírito de fraternidade, que tem por base aquêle ensino evangélico que manda não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós. Sem esta divisa evangélica a vossa marcha paralizará na senda da evolução espiritual. — C.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endèreço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Interpretação Sintética do

Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

NO XXX—Brasil—E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1954 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Natal	*Redação*
Hipótese	*I. G. B.*
Sugestão e Mediunidade	*Deolindo Amorim*
O Exemplo da Índia	*Arnaldo S. Thiago*
Respondendo...	*Major Levino C. Wischral*
Deus te Salve, América !	*Leopoldo Machado*
O Planeta Marte	*Benedito de Paula Bueno*
O Sucesso na Vida	*Loiola*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Novo Triunfo do Espiritismo . . .	*Max Kohleisen*
Roteiro Literário — DAGA MORIGA	*(Copyright LAKE)*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz em Jesus.

O Natal de Jesus está se aproximando. A União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará, como de costume, uma festa comemorativa da maior data da cristandade, repartindo entre os pobres mais necessitados, em homenagem ao natalício de Jesus, as dádivas que, por intermédio da Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, lhes ofertarem os corações bem formados, o que na realidade constitue a melhor homenagem prestada a Jesus, amigo e defensor dos pobres e humildes.

Vem, pois, a Comissão pedir para tal fim o auxílio de todos os que queiram se aliar a esta festa de Caridade.

As ofertas poderão ser feitas em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas mesmo usadas, e Jesus recompensará a todos, cobrindo-os de bençãos espirituais.

A Comissão agradece antecipadamente, almejando-lhe, desde já, um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de paz e felicidade espiritual e material.

Matão, Novembro de 1954.

Pela Comissão :

Antonia Perche S. Campêlo

Presidente do Dep. de Assistência Social da UME.

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$ 60,00, porte simples, e cr. $70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1954 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Natal

SEM a menor dúvida, podemos afirmar que o acontecimento de maior importância verificado no planeta terráqueo foi a vinda do Messias Prometido, fato êste ocorrido ha quasi dois mil anos e que a cristandade festeja anualmente no dia 25 de Dezembro.

Se Jesus não tivesse vindo ao nosso mundo, estariamos ainda nas trevas da ignorância relativamente ao verdadeiro sentido da vida, que tem como alicerces a imortalidade da alma, a reincarnação, a comunicação dos espíritos e a mais pura moral que conhecemos e que se acha consubstanciada no Evangelho. Se Jesus não tivesse vindo, não teriamos recebido ainda, é claro, a visita do Parácleto de sua Promessa, o Espiritismo, que está restabelecendo, em sua pureza primitiva, o próprio cristianismo, cujo sentido foi deturpado pelas religiões mundanas.

Tudo quanto Jesus ensinou, as suas parábolas, os seus feitos, os seus prodígios, estão sendo esclarecidos em espírito e verdade pelo Espiritismo, que tem a sanção da lógica e dos fatos. Jesus foi a maior mensagem que Deus enviou à humanidade terrena, mènsagem que foi o motivo de outras grandes mensagens do Alto.

Grande dentro da sua humildade e belo dentro da sua simplicidade, Jesus cativava logo de início o coração daqueles que tinham a suprema ventura de com Êle travar conhecimento. Até muitos dos que não o conheciam frente a frente, mostravam-se cheios de afeto e simpatia pelo Meigo Rabi da Galiléia, pelas cousas grandiosas que ouviam a seu respeito, pois os paralíticos andavam, os cegos viam, os leprosos ficavam limpos, os mortos ressuscitavam e uma nova doutrina cheia de esperança e esplendente de sabedoria era pregada às massas. O Centurião e Zaqueu, por exemplo, contavam-se entre os que admiravam Jesus de coração.

Apesar de ser a sua marcha interrompida pelos enxertos das religiões dogmáticas, o Cristianismo avança cada vez mais. E não podia mesmo ser de outra maneira porque êle é a Verdade em marcha, marcha agora acelerada pelo Espiritismo, que tem como motor os fenômenos psíquicos, que constituem o testemunho da existência do espírito e sua sobrevivência após a morte do corpo físico.

A' medida que o tempo avança, o sentido do espírito do Cristianismo vai sendo melhor compreendido, e o Espiritismo está incumbido de esclarecer êsse sentido, afim de que Jesus encontre uma cátedra em cada coração, quando então o seu Natal não será comemorado apenas uma vez por ano, mas sim em todos os instantes através das boas ações que serão invariavelmente praticadas dentro do espírito de solidariedade, de fraternidade.

Seja por motivo do seu natalício, ou seja por outro motivo qualquer, sempre que temos a suprema ventura de nos referir a Jesus, o fazemos com o coração transbordante de júbilo, porque é Êle a nossa estrêla guia nos ínvios caminhos da vida, o motivo das nossas esperanças e a sanção das nossas justas aspirações.

Por mais esta feliz oportunidade, as nossas homenagens a Jesus, num culto de veneração e amor, pondo ao seu dispôr os nossos fracos prestimos no trabalho da sua bendita seara.

Salve, Natal!

Hipótese

I. G. B.

Durante muito tempo temos ouvido notícias de discos voadores que estariam visitando a Terra e desaparecendo misteriosamente.

A princípio o assunto nos parecia indigno de qualquer atenção, mera fantasia, como tantas outras, de mentes ociosas. Mas a insistência das testemunhas e o testemunho de pessoas sérias, de aviadores, de autoridades já nos fôrça a admitir como realidade tais visitas, para cuja explicação já surgiram duas hipóteses que nos parecem elimináveis.

1.° — Seriam provenientes tais discos de uma potência militar da Terra e estariam em serviço preliminar de uma guerra de extermínio; seriam observadores e espiões.

2.° — Seriam de outro planeta habitado e igualmente estariam estudando a invasão militar do nosso mundo.

Como se vê, ambas são belicosas e pessimistas. Seriam inimigos pretendendo nos fazer mal. Afeito sempre ao mal, o homem concebe sempre as coisas pelo lado mau, com medo do futuro. Mas seria melhor habituar a pensar no bem.

A primeira destas hipóteses parece-nos sem fundamento, porque tratar-se-ia de uma técnica nova, sujeita a êrros, como tudo que é feito pelo homem, e algum disco já teria sido forçado a uma aterrissagem ou teria caído, revelando assim sua procedência. Como nenhum caíu nem houve aterrissagem forçada, presume-se uma técnica muito mais perfeita do que a humana. Além disto os segredos não se conservam longo tempo, mais cedo ou mais tarde alguém os revela. Portanto, vamos eliminar a primeira hipótese.

A segunda ainda é mais difícil de aceitar-se, porque existem vácuos imensos e intransponíveis entre os planetas, e tal viagem nos parece inteiramente fantástica, pelo menos até agora. Excluindo as duas hipóteses, devemos formular uma terceira. Como os Espíritos superiores têm declarado que não lhes é permitido fazer-nos revelação alguma sôbre o assunto, ficamos com inteira liberdade de invadir o domínio das hipóteses.

Nas obras de André Luis já publicadas há notícias de grandes colônias espirituais próximas à Terra e de possuirem tais colônias veículos aéreos de diversos tipos.

Nas experiências de materializações e desmaterializações, vemos que os Espíritos podem agir sôbre a matéria por processos muito mais adiantados do que os nossos: já os vimos materializar e desmaterializar objetos; enrolarem a frio um disco de gramafone entre nossas próprias mãos; fazerem materializações permanentes de coisas inanimadas; materializarem e desmaterializarem organismos vivos. Tudo isto em nossas sessões experimentais de efeitos físicos.

Podemos, pois, admitir que Espíritos de uma dessas colônias tenham recebido a missão de colaborar direta e materialmente na obra de transformação de nosso Planeta, sem os inconvenientes do esquecimento que ocasiona a reencarnação.

A nossa hipótese seria que os discos voadores realmente existam e sejam veículos provenientes de esferas espirituais, em missão benéfica, para nos ajudarem na transformação do Planeta, como está anunciado que êle tem de transformar-se de mundo de expiações e de provas em mundo regenerador, e que está chegado o tempo para esta transformação.

O primeiro resultado desta hipótese, se ela vier a ficar demonstrada, será a abolição completa do materialismo na face da terra. A realidade material da sobrevivência ficará tão clara para todos, como o é a existência de outros países habitados, além do nosso. Não precisamos ter ido nunca à Europa ou à Ásia para termos certeza material da existência dêstes continentes, porque seus habitantes vêm nos visitar e trabalhar conosco. Se o mundo espiritual nos mandar seus representantes em forma material, igualmente, ninguém mais poderá negar a existência de tal mundo.

O segundo resultado seria trazerem uma técnica muito mais adiantada do que a nossa, com a qual nos ensinariam a processar todas as transformações necessárias.

De qualquer modo esta hipótese é otimista, crê na boa vontade alheia, e está de acôrdo com revelações já recebidas pela Humanidade. Mas, é mera hipótese, dependente da confirmação da existência dos discos voadores e de ulteriores demonstrações de que êles provenham de esferas espirituais.

Não estamos fazendo uma revelação, mas usando do direito pertencente a todos os homens, de formular uma hipótese e apresentá-la aos estudiosos. A hipótese é a muleta em que o homem tenta apoiar-se até possuir coisa melhor.

Sugestão e Mediunidade

DEOLINDO AMORIM

HÁ quem diga, e com alguma razão, que se não deve dar a menor atenção ou resposta aos livros de combate ao Espiritismo, porque toda réplica é sempre uma fórma de propaganda dêsses livros. Até certo ponto, estamos de acôrdo. Nem sempre, porém, é aconselhável o silêncio. Ainda que o façamos sem intuito de ataque, devemos responder a certos livros, principalmente quando tais livros têm o objetivo claro de formar opinião contra o Espiritismo. E' justo que, pelo menos, procuremos esclarecer determinados pontos obscuros, sem que pretendamos, com isto, desviar os fiéis desta ou daquela religião. E' um direito de defesa, apenas. Assim como um sacerdote, seja simples padre ou cardeal, se julga no direito de escrever um livro e dizer o que quiser do Espiritismo, inclusive *coisas* que desfiguram fatos e interpretações básicas, também nós, espíritas, temos o direito de desfazer equívocos e defender o conceito de nossa doutrina. De acôrdo com esta linha de pensamento, linha que se nos afigura compatível com as nossas convicções, temos procurado, pelo programa «Seleções Espiritualistas» (Rádio Guanabara — Rio de Janeiro), apontar falhas e contradições em livros de alguns sacerdotes. Já fizemos, por exemplo, três palestras sôbre o livro *O que é o Espiritismo*, do Padre Negromonte, e pretendemos divulgar brevemente os nossos comentários radiofônicos.

Antes do Padre Negromonte, outro autor católico escreveu um livro intitulado *Ilusão Espírita*, publicado pela Emprêsa Vozes Ltda., de Petrópolis. Um dos temas em que se firma o autor de *Ilusão Espírita* é a sugestão. Diz êle que os fenômenos espíritas, quando analisados sob o ponto de vista psicológico, sofrem a influência decisiva da sugestão. Isto quer dizer, segundo o ponto de vista do autor, que os fenômenos espíritas podem ser reduzidos a fenômenos de sugestão. E' engano, e engano palmar. Qualquer pessoa que tenha algumas tinturas dêstes assuntos sabe muito bem que há distinção, e distinção meridiana, entre sugestão e mediunidade. Tanto pela origem, como pela natureza e pelo mecanismo, os fenômenos espíritas (fenômenos de além túmulo) se distinguem absolutamente dos fenômenos de sugestão. Na opinião do escritor católico, entretanto, toda a fenomenologia espírita, muito variada e complexa, pode ser explicada simplesmente, sem qualquer dificuldade, desde que se recorra a uma única porta de saída: a *sugestão!*

Os fenômenos de além túmulo, que são fenômenos extra-humanos, e formam, por isso mesmo, uma categoria especial, não se enquadram na categoria normal dos fenômenos psicológicos. São fenômenos irredutíveis a termos que não estejam de acôrdo com sua origem e o seu verdadeiro caráter. Não é possível, portanto, reduzir os fenômenos espíritas a fenômenos comuns ou habituais, estudados no quadro geral da Psicologia, como a sugestão ou quaisquer outros.

Note-se que o mecanismo dos fenômenos espíritas é muito diferente do mecanismo da sugestão, que é um fenômeno de caráter pessoal, e pode muito bem ser explicado normalmente no campo da Psicologia. Não é isto, entretanto, o que se dá com os fenômenos espíritas. Que é sugestão? E' um «processo de comunicação» ou, em linguagem mais técnica, «uma fórma de interação mental». Em que consiste a sugestão? Consiste na aceitação passiva de uma idéia, sem exame, sem crítica, sem discussão. Convém notar, entretanto, um ponto muito importante, embora nada tenha de novidade. Para haver sugestão, é necessário que haja duas condições fundamentais:

a) — que o agente (a pessoa que sugestiona) tenha qualidades especiais para IMPOR as suas idéias;

b) — que o paciente (a pessoa que é sugestionada) tenha a necessária receptividade e esteja em condições espirituais de passividade para ACEITAR aquilo que lhe é impôsto.

A sugestão depende, portanto, de dois elementos: o agente e o paciente. Um indivíduo, por exemplo, pode tentar *impor* uma idéia, mas o outro indivíduo pode, também, não querer aceitar a idéia. Nem todas as pessoas são facilmente sugestionáveis. Há pessoas que têm capacidade mental para repelir qualquer sugestão, por mais forte que seja o poder de persuasão da outra pessoa. Quando o paciente aceita a sugestão do outro, sim, está sujeito a ficar absolutamente dominado. Nem todos, entretanto, aceitam as idéias alheias. Já se vê que a sugestão é um fenômeno limitado ao campo da interação mental, e não pode, por isso mesmo, explicar fenômenos insólitos, imprevistos, absolutamente independentes da vontade humana.

Logo de início, é facil verificar o êrro em que incidiu o Autor de *Ilusão Espírita*, quando atribuiu à predominância da sugestão a generalidade dos fenômenos espíritas. Não se pode generalizar em terreno tão sério e difícil como o da fenomenologia mediúnica.

Em primeiro lugar, o fenômeno da sugestão depende da vontade humana, porque, se o paciente oferecer resistência, *NÃO SE DEIXA SUGESTIONAR;*

em segundo lugar, o fenômeno espírita *NÃO DEPENDE DA VONTADE HUMANA*, tanto assim, que há comunicações cujo conteudo está em desacordo com as idéias e o sentimento do próprio médium.

Além disto, há fenômenos absolutamente inesperados, fenômenos que ocorrem de *sopetão*, como se costuma dizer, sem que haja qualquer preparação, ao passo que a sugestão carece de preparo prévio. Há ocasiões em que não se pensa em espírito, ninguém está cogitando de coisas do «outro mundo» e, quando menos se espera, dá-se um fenômeno. Que relação tem isto com a sugestão? A sugestão não tem, portanto, influência decisiva nos fenômenos espíritas. Pretendemos, no próximo artigo, tratar de outro aspécto do problema.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O EXEMPLO DA ÍNDIA

Está no Brasil, em visita oficial ao nosso país, o Snr. Sarvepali Radhakrishnam, vice-presidente da Índia. O fato, em seu aspecto de cortezia internacional, é vulgarissimo — e nada de extraordinário haveria de proporcionar-nos, se não se tratasse de salientar o que verdadeiramente há de excepcional nas manifestações do homem público, em seu contacto com o nosso mundo oficial.

Efetivamente, quão distante está o pensamento do político indú, do que comumente vemos externado pelos chefes de Estado que nos visitam! Só o que os preocupa, normalmente, é o aspecto social-econômico das relações humanas, ao passo que o Snr. Radhakrishnam, respondendo à saudação do Senado, expressa-se nestes têrmos: «A contribuição filosófica da Índia para o mundo não é exclusiva dela, mas de muitos outros países, pois todos provêm da mesma raiz. Cada homem está destinado ao preenchimento da sua verdadeira natureza interior. Prevalece aquí o grande conceito de Sócrates: Conhece-te a ti mesmo, e cita ainda êsse grande filósofo grego, quando diz: Podeis enterrar meu corpo, mas a minha alma não a enterrareis». Para os homens, o essencial é identificar o seu eu individual e integrá-lo ao Eu universal. Nêste particular, diz o Upanishad: «O divino reside nas profundezas da vossa própria consciência». Outra cousa não disse Jesus ao proferir as palavras: «Vós sois o templo de Deus. O Espírito de Deus mora em vós mesmos». Isto o indivíduo consegue por uma auto-mutação constante da sua natureza. A regeneração pela mutação de consciência foi expressa também por Jesus ao dizer: «Arrependei-vos enquanto é tempo e vereis o Reino de Deus». E' preciso, pois, mudar a vida e a consciência. Tal o ensinamento não só do Hinduismo, mas de todas as grandes religiões. O homem precisa deixar de atuar como simples animal social, intelectual, emocional e racionalmente, para atingir à verdade interna e reconstruir a sua vida, baseando-a não apenas nas trivialidades da existência e sim no Amor e na Verdade. E' preciso viver superanimalmente, superintelectualmente. Necessitais buscar vossa própria super-Natureza que é o vosso verdadeiro eu.

E' assim que preenchereis vosso destino e outra salvação não existe para o ser humano».

Perante a Câmara dos Deputados, o Snr. Radhakrishnam expressou-se, noutros têrmos com análogo sentido filosófico. O seguinte tópico do seu discurso é magistral: «Não há ninguém nêste mundo que possa considerar-se alheio à proteção invisível do Ente Supremo, nem ninguém a respeito do qual tenhamos de perder todas as esperanças».

Rendamos graças a Deus! A convivência, mesmo de caráter oficial, entre os homens, vai tomando aspectos de amor fraterno e de nobre espiritualidade! São belos pródromos de um futuro melhor para a humanidade. Saudemos com efusão de alma os estadistas que nos convidam a erguer os corações para o Reino de Deus!

ARNALDO S. THIAGO.

Rio de Janeiro, 7 de Novembro de 1954.

—Então o sofrimento é uma lei? perguntar-me-ão. Não; não é uma lei; se o fosse teria sido criada por nós e não por Deus. O sofrimento nada mais é do que a inevitável consequência de toda a violação da Lei Divina; toda a criatura que sofre, sofre porque violou a Lei, seja na vida atual, seja numa existência passada, e è-lhe tão impossível evitar o sofrimento como a uma criança tocar no fogo sem se queimar. Todos os nossos sofrimentos são, pois, a consequência das nossas ações, das nossas palavras ou dos nossos pensamentos maus, quer atuais, quer em existências anteriores.

Esta revelação põe-nos desde já na presença de duas grandes leis: a lei da Evolução em que está compreendida a Reincarnação, e a Lei da Casualidade (Karma).

A. BLECH.

RESPONDENDO...

Major Levino Cornélio Wischral

«DESDE que me tornei espírita, sinto no íntimo, um indefinido vácuo acompanhado de vaga insatisfação. — Algumas vêzes penso mesmo em retornar à antiga religião, sabendo, no entanto, que esta não me satisfará mais. Perco-me num turbilhão de indagações. Que se passa comigo ?» Pergunta Vitório.

O teu passo foi gigantesco, foste corajoso. Sim, conseguiste deixar a ineficaz e vã contemplação dos altares que te imantavam ao cerimonial ofuscante dos ritos e das pompas litúrgicas. Com real proveito, para a tua alma, trocaste o comodismo egoístico por um mundo dinâmico, diametralmente ópôsto, de vida laboriosa em benefício dos necessitados. Teu espírito ainda não se habituou aos centros mediúnicos de paredes núas, pobres, singelas, bancos tôscos, sem candelabros, sem vitrais, em chocante contraste com o ambiente de opulência e luxo. Resolveste, finalmente, ficar com o verdadeiro Jesus, o mais sábio dos Mestres que nasceu, não no esplendor ofuscante do ouro, porém, na mais humilde mangedoura entre animais domésticos.

O teu lance Vitório, na escalada evolutiva, foi realmente grande e decisivo. Terás agora novo e diferente campo de ação, terás a amplitude da massa humana que espera anciosamente a tua caridosa sementeira através das poderosas quotas de trabalho enérgico, amor e luz que economizaste no passado. Ao mesmo tempo essa semeadura desempenhará o milagroso papel de medicamento, resguardando-te dos enrêdos do desânimo e da insatisfação.

Tua alma, de milenária idade, vivia até ontem familiarizada com o estático enlêvo, sem nenhum proveito para os desamparados que te cercavam. Ainda agora, de quando em quando, és convidado pelas nostálgicas e significativas badaladas dos sinos do campanário a regressar ao secular convívio das naves arrebatadoras. Ainda agora, quando passas pelo átrio das formosas catedrais, tua alma enternecida sente o convite das belezas sem vida. Eis, Vitório, o teu vácuo, misto de saudade e melancolia, que aliás é sentido por todos os que por idêntica metamorfose passaram. Tua alma, sem que o possas compreender bem, está ávida para recuperar o precioso tempo perdido. Alimenta-a, pois, com as reservas acumuladas na estacionária fase entre os altares e segue a Jesus com firmeza e fé.

Venceste irmão, pois soubeste substituir, em tempo, o Cristo morto na cruz que demoradamente contemplavas e O colocaste vivo, bondoso e enérgico, no teu irriquieto e sôfrego coração. A vida contemplativa do homem transforma-o num ser apenas emotivo amortecendo-lhe as qualidades de ação.

Vitório amigo, hábitos milenários ninguém extirpa em mêses ou anos, sem contínuos esforços.

Quem nos escreve agora é Lúcia, caridosa e ativa abelha, visitadora dos pobres e enfêrmos. Escreve-nos achar-se desanimada e exausta diante de tanta falta de amor ao próximo. Seus doentes aumentam em número, já tendo atingido a dezenas. Ela, contudo, continua a atendê-los regularmente, auxiliando-os com alimento e vestuário para o corpo e palavras de estímulo para suas almas abatidas. Martiriza-se por não se poder desdobrar em três ou quatro Lucias. Vejam, escreve finalizando: «Quando procuro ativar caridades observo perplexa que, até para a prática do bem, topamos com obstáculos quasi intransponíveis; tenho a impressão de que fracassarei — »

Pois, Lúcia, presta atenção. A sublimidade que encontras nessa tua missão, tão santa e nobre, é tua única razão de víver. E' certo que, em vidas anteriores, foste orgulhosa e sovinamente agarrada a passageiras posses terrenas. Eras tida então, como indiferente e incompreendida pelos outros. Agora, nesta tua atual fase, estás vivendo em um dêsses ambientes passados, reparando e censurando nos outros o que eras então, e maguada pelas dificuldades que observas e que causavas aos de boa vontade em vidas transatas. Graças ao bom Deus, foram-te agora propiciadas as oportunidades destinadas a resgatar os teus pecados através do cansaço na prática do bem, através dos ensinamentos que a incompreensão alheia te apresenta.

És Lúcia, uma das criaturas mais felizes do mundo! Nos dias que correm, poucos são os que, sôbre o macio travesseiro amigo, podem sentir o doce prazer do contentamento que louva os atos da nossa consciência. É nessas ocasiões de êxtase que és suprida, pela misericórdia divina, de novas energias e luzes. As fôrças tu as obtens, nêsse intercâmbio, dos inexauríveis reservatórios celestes de saúde situados em altas esferas siderais. Detalhando mais, informo-te que os seres humanos ao se prostrarem, em prece, dirigida a Deus, são assistidos por espíritos de elevada categoria que acorrem pressurosos para captarem e armazenarem apenas os mais puros e benéficos fluídos dessas orações. Depois de complicados processos de tratamento, físico e químico nos laboratórios do espaço, são os fluídos transmutados em substância destinada a alimentar as almas que trabalham, sem descansar, para um mundo melhor e mais cristão. Quando o teu coração se delicía, no enlêvo do sagrado dever cumprido, é sinál certo de que a alma está canalizada àqueles inexgotáveis reservatórios celestes. O momento é idêntico ao inefável bem-estar que se experimenta quando a prece parte, contrita, ardente e pura, das profundezas da nossa alma ; é como se a pessoa recebesse do Alto uma chuva de bençãos. Êsse néctar para as nossas pobres e depauperadas almas é conhecido, lá em cima, pelo nome bíblico de «acréscimo de misericórdia», por isso, os espíritos socorristas e incumbidos daquela missão, costumam dizer com a maior naturalidade: —«Bondosa irmã Uliana, supre com mais uma dóse de acréscimo de misericórdia a nossa irmã Lúcia que se acha extenuada.»

Ademais, sabes o que dizem de ti aqui no céu ? Ouve mais não te envaideças:—«Eu não seria capaz de fazer a décima parte do que ela faz», e, efetivamente assim é, não suportariam.

Os obstáculos são quasi intransponíveis, tens, porém, a imagem de Jesus vivo dentro de teu coração.

Ultimamente, já estando iniciada a fase da separação do jôio do trigo, as entidades das trevas redobram suas lutas inglórias contra todos os que trabalham com Jesus. Êsses ataques traduzem bem os últimos estertores de reação das moribundas e diabólicas organizações em vias de desmoronamento definitivo. As entidades do mal sofrem terrivelmente por não encontrarem meios com que anular as luzes irradiadas pelo Nazareno, destinadas a sustentar e reanimar os que com amor se dedicam aos necessitados.

Saiba, minha irmã, que Jesus está, Êle próprio, dirigindo essa separação que evidencia a época dos «tempos são chegados» ou seja do bíblico e individual dia do Juizo Final nêste reinado torpe da Besta do Apocalipse, reinado visível, sentido e comentado por todos.

A maior lição de sacrifício e renúncia podemos apreciar através do seguinte relato:—Para que Jesus fosse martirizado na cruz, pela iniquidade dos homens, legando, assim, à conturbada humanidade os mais preciosos ensinamentos, teve o Cordeiro de Deus que preparar-se, nas esplendorosas moradas do paraíso, durante muitos séculos tão só para empreender a milenária descida até encarnar-se no minúsculo ser físico da mangedoura. Mil e tantos anos de intensos e laboriosos preparativos para, aos 33 anos, ser crucificado entre dois ladrões ! E o Mestre não fracassou na sua missão, mesmo sentindo e vendo lúcido, estar sofrendo a todos os instantes de sua vida o seu antecipado drama na cruz. A aureóla de luz que envolvia a Jesus, quando de sua vinda à terra, pode ser comparada ao tamanho total do nosso sistema solar. Sua potência de bondade, amor e humildade irradiava um universo de luz e, êsse espírito, de tamanha luminosidade, teve que, com sofrimento inaudito, comprimir e comprimir-se cada vez mais, até que, lentamente, durante séculos pôde tomar a proporção exáta para restringir e apossar-se do pequenino corpo da mangedoura de Belém. São imponderáveis a renúncia e a abnegação de Jesus abandonando a amplitude cósmica afim de enconchar-se, como preciosíssima pérola naquêle minúsculo corpinho material. Pode alguém conceber tamanho sacrifício? Só daquí a milênios poderá nosso cérebro aquilatar tamanha renúncia !

Ânimo Lúcia ! és como uma destas boas árvores carregadinhas de sazonados frutos impiedosamente maltratada pelas pedradas dos que, a viva fôrça, querem apossar-se dos gostosos frutos. Os que te cercam hoje são os garotos mal educados que te fustigam com paus e pedras.

Continua, irmã, ao lado dos diletos filhos de Jesus, que são os enfêrmos e sofredores e lembra-te que não será em deslumbrantes palácios e nem nos isolados e tristes claustros de mosteiros que o ser humano conseguirá espiritualizar-se.

Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade !

Deus te Salve, América!

Leopoldo Machado

SOOU a hora da América, a Águia, a Mulher vestida de sol, com as azas de águia.

O futuro lhe pertence, pois todos os continentes, menos o Americano, já registraram hegemonias morais e materiais, políticas e culturais.

Foram seus surtos de águia, seu poderio militar, sua tática político-diplomática, que, modificando a política européia, levaram, por duas vezes o esmagamento ao poderio alemão. Donde, seu maior filósofo atual — Oswaldo Splenger — proclamar a ruina da velha Europa e o despertar da jovem América.

Deus te salve, América!

* * *

Tem, já agora, o povo americano um grande papel a desempenhar no futuro!

Cabe-lhe, agora, por um determinismo providencial, a hegemonia sôbre o mundo.

Aliás, o papel que, hoje, começa a desempenhar, talvez date de sua origem, ainda imprescrutável em nossos dias.

Seu nome para Canaval (Elogio de A. Vespucio) devia ser com H, derivado de Hec Maria, em homenagem a mãe do Cristo. Lambert de Saint Bris deriva-o de Amaica, vocábulo sagrado dos peruanos. Quer revele coisa sagrada, quer recorde a Mãe do Nazareno, parece que o Continente Americano já se formara com tonalidades espirituais.

Deus te salve, América, mulher-águia! Águia Apocalíptica!

* * *

Seu nome, entre os indígenas primitivos, significa *Terra de Ouro!*

E o é, efetivamente. Terra de ouro material, pela exuberância de suas minas. Terra de ouro espiritual, por teus surtos de progresso, seu amor à Liberdade, que a imprensa, a democracia moderna e o Espiritismo em teu seio se formaram.

Nome derivado de um ousado aventureiro genovês, é que não é, não pode ser. Até porque o grande piloto era Alberico, e não Américo.

Em longissimo passado, foi a Amarida, provavelmente, a Antilha dos Fenícios.

Os Argonautas gregos denominaram-na *Ilha das Sete Cidades*, *Continente Croniense*, *Mar Hiberberense*. Platão acreditava fosse a *Terra das Hisperides*, cujos pomos de ouro, as laranjas—e a America é o *Continente das Laranjeiras:* eram velados pelo dragão; Platão chamava-a *Ilha Poseidon*. Teria sido a *Atlantida* ou o maior fragmento seu, para a grande Blavatsky. Foi, apenas, para Theopompo, o *Grande Continente*. Para Diodoro da Silicia, a *Ilha Ilcognita* ou *Empeada*. As *Ilhas Afortunadas*, de velha tradição. O *Ophyr Fabuloso*, da Biblia, cujo epicentro seria o Brasil.

Não teria sido — pergunta ilustre mitólogo — o *Mar de Cronos*, *Reino de Saturno* e berço dos deuses mitológicos da Fábula? E o *Mar de Bruma*, dos velhos chinêses?

«Foi do continente americano que se irradiou a Vida e a Civilização para os outros continentes», afirma outro ilustre exegéta.

As civilizações encontradas na América, principalmente pelos colonizadores Espanhois, Inglêses e Francêses, assim o atestam.

* * *

De que raça, povo e terra teria derivado sua gente, dado que dela não saisse tudo isso?

Dos Cananeus, para Gomara. Para Kirchero, dos Egipcios. O historiador inglês, Dair, escreve que dos Judeus. Dos Japonêses, para Fernier. Para Hugo Grotius, dos Noruegueses. Jones diz que dos Hunos. Dos Hunos e dos Tartaros, para Brerewood. Descendemos de povos asiáticos, para Humboldt e para outros antropologistas. Dos primeiros Israelitas, descendentes das tribus de Bejamim; afirmam estudiosos dêsses assuntos. Talvez de Cam, filho de Noé...

Será por tudo isso que os americanos possuem todas as virtudes e alguns vícios de todos os povos do passado?

Para Menaseh Ben Israel, somos descendentes diretos dos Israelitas. Por isso, o grande pesquisador israelita descobre nos americanos as mesmas tendências religiosas e sociais, as mesmas características racionais, os mesmos elementos históricos — Biológicos dos homens de sua raça.

* * *

Seremos descendentes do povo eleito do passado ?

Talvez seja por isso que somos o povo eleito do presente.

Talvez por isso é o Brasil a Pátria do Evangelho restaurado em espírito e verdade.

Deus te Salve, Grande América !

A tua terra, a teus povos, a tua gente !

* * *

Procuremos ser dignos filhos da *Águia Mulher* do Apocalípse, na consciência de que nós, brasileiros, descendemos do coração de Mulher-Águia, que é o Brasil.

Por isso mesmo é que o Brasil, sendo o Coração da América, o é também, do mundo. E' a Pátria do Evangelho restaurado em Espírito e Verdade.

Deus te salve, Brasil, coração da América e Pátria do Evangelho.

O Planeta Marte

I

Atualmente, no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos, em todos os quadrantes da Terra *civilizada,* se fala e se discute sôbre o Planeta Marte e os seus «Discos Voadores».

Vamos, pois, na medida das nossas fracas possibilidades, fazer sôbre êsse simpático mundo, algumas apreciações e leves comentários.

II

A propósito das profecias de João Evangelista constantes do Apocalípse, a uma pergunta feita ao grande espírito de Ramatis, êle respondeu pelo médium Hercilio Maes, de Curitíba, Estado do Paraná, no mês de Dezembro de 1949 o seguinte :

«Quando sinais estranhos se fizerem no céu e fórmas insolitas apresentarem-se à Terra, etc., etc. «Os Tempos Estão Chegados».

E continua : — «Já tendes visto estranhos sinais no céu, quando Marte se aproxima da Terra e que chamais «Discos Voadores», o que não vos posso elucidar por ética espiritual».

— Consequentemente, está a humanidade terrena *vivendo Os Tempos são Chegados* das profecias milenárias.

A civilização atual está dando os últimos ais da sua lenta agonia. Já desponta nos confins do horizonte sideral, os primeiros lampejos da civilização do 3.° milênio : — *Renovação e Seleção da humanidade.*

III

Não nos parece justo falar de Marte, sem lembrar a nossa Terra. Dedico pois ao nosso pequeno mundo, algumas palavras e ligeiros esclarecimentos.

Sem exagerar, cremos que 80 % dos 2.120.000.000 bilhões (atualmente) dos habitantes da Terra, nos tempos que vivemos não se preocupam em conhecer ligeiramente ao menos, o que a bondade de Deus todo poderoso lhes preparou para viver temporariamente, trabalhar e progredir, na escala da evolução universal.

Há muito que fazer cá em baixo : — ambições incontidas no anceio do mais material ; no corre-corre imediatista e não lhes sobra tempo para contemplar o céu e nem indagar se existe um mundo chamado Marte e outros mais, girando ao redor do sol.

A Terra está distante do sol, 149 milhões de quilómetros girando em torno dela pela sua órbita com uma velocidade de 2 milhões e 572 quilómetros por dia, ou sejam 107.166 quilómetros por hora. Além dêsse movimento fantástico ela gira sôbre o seu eixo imaginário que executa em 24 horas.

IV

Marte, em sua órbita a redor do sol, por vezes se aproxima da Terra na distância de 56 milhões de quilómetros. O ano de Marte tem 686 dias, 23 horas, 30 minutos e 41 segundos. Girando êle sôbre si mesmo mais ou menos com a mesma velocidade que a Terra a sua rotação se completa em 24 horas, 37 minutos, 22 segundos e 58 centesimos.

Há quasi certeza pelas conclusões lógicas, espirituais e filosóficas de ser o Planeta Marte habitado por uma humanidade semelhante a nós, porém muitos milhares de vezes mais adiantada em todos os sentidos, visto ser Marte milhões de séculos mais velho que a Terra.

Os canais observados pelos astrônomos em Marte, devem ser rios retificados com um fim intencional e utilitário. Projeções luminosas com formas geométricas foram varias vezes observadas na sua linha equatorial o que exclúe a hipótese de reflexos dos raios solares sôbre as zonas geladas do seu pólo.

Sendo a atmosfera de Marte muito mais rarefeita que a da Terra, por êsse e outros motivos de menor atração, uma pessoa pesando aquí na terra 70 quilos, em Marte pesará sómente 26 e assim inversamente um Marciano de 26 quilos passaria a pesar aquí 70 quilos !

Marte, climatérica e geográficamente falando é melhor conhecido pelos astrônomos do que a própria Terra.

V

Esperemos pois que os magnificos marceanos, de saber quasi ilimitado comparados aos terriculas, encontrem meios com os seus «Discos Voadores» de nos dar mesmo nêste fim de século, um abraço cheio de amor e fraternidade.

Benedito de Paula Bueno.

Baurú, 2/11/54.

O Sucesso na Vida

LOIOLA

O sucesso do caminhar nos trilhos incertos da vida humana, depende da segurança do viajor na condução do seu próprio barco.

A vida humana é comparável ao mar, quando as ondas revoltas, nos instantes tempestuosos, provocam desequilíbrios fatais às mais seguras embarcações e aos mais poderosos navegantes.

Nesses momentos, o mar, cujas ondas assumem alturas descomunais, provoca nos espíritos submetidos a essa intemperie—os mais desencontrados sentimentos de pavor, de covardia e receios. Após isso apresenta-se, instantes depois, com uma fisionomia inteiramente distinta : as ondas bravías se acalmam, os elementos se harmonizam e o ambiente, antes turvo e terrível, inunda-se de paz e de tranquilidade.

No momento da tempestade, com as características que lhe são próprias : nuvens negras, trovoadas e relâmpagos, raios e faíscas destruidoras, o mar assemelha-se ao espírito humano empenhado nas conquistas materiais, porém, com a sua fôrça e a sua pujança, apenas, ao serviço da Ambição, da Audácia e do Egoismo...

Passada a tormenta aquêle mesmo mar, já com o sol irradiando no cenário encantado da natureza pródiga, transforma-se milagrosamente. E, na policromia maravilhosa de luzes, que então se manifesta, compõem-se quadros de beleza e magestade inimitáveis, concedendo a Natureza, ao espírito humano, nesse ato de criação do Belo, a felicidade de contemplar aquela magia ofuscante e embevecedora. A tormenta transformou-se em paz.

Na análise dos elementos em composição, no paralelismo educativo destas linhas, podemos comparar a mansuetude ambiente à peregrinação do justo, a serviço do Amor e da Fraternidade...

O homem dispõe da faculdade de escolher e seguir a vida que a si mesmo impõe. Si quer a tempestade e mares revoltos, si quer repetir no transcurso da sua existência as cenas tempestuosas dos mares bravíos, sujeito aos relâmpagos destruidores, aos trovões atordoantes, àquela sinfonia terrífica dos elementos em conflito, mas, onde não encontra um instante de sossêgo, de paz, de equilíbrio e de elevação — pode perfeitamente escolher.

Mas, si deseja peregrinar, seguindo as inspirações contidas nas paisagens douradas daqueles quadros belissimos, das ostentações magnificas e brilhantes, em que o artista é a própria Natureza e onde realize dando expansão, não aos instintos, mas, fazendo vibrar, no íntimo do seu coração, as cordas da sensibilidade humana, vinculadas a virtudes e a preceitos de honra e saber — pode também escolher...

Traçai, pois, o rumo das vossas existências como vós as almejais. Mas, não vos iludais, não mintais a vós mesmos. Não crieis, dentro de vós, sensos de falsidade ou de pura exteriorização. Si mentirdes a vós mesmos, não mentireis, jamais, à estrutura sólida, magnifica, precisa em que o mundo se erige e em que o universo se alicerça.

Podeis, no campo das vossas realizações, criar mundos falsos, cheios de ilusões, mas, por mais que assim procedais, jamais a verdade dos mundos constituidos para a eternidade, nos fundamentos estáveis da Divindade Criadora, será modificada ou alterada na sua composição moral e na sua estrutura física, porque é eterna e divina.

Prossegui nos vossos trabalhos, cumpri as vossas vontades, realizai as vossas obras, mas realizai-as bem, dentro dos conceitos universais da virtude e do equilibrio.

Segui o ritmo da harmonia e nunca o violeis.

A vida está repleta de esplendores, mas não se encontra circunscrita em sonhos e fantasias, pelo contrário, acha-se cercada, movimentada por vibrações de cunho precisamente realísticos.

Todos aqueles que marcharem contra as realidades da vida, um dia renunciarão ao mundo de ilusões, para, novamente, se reintegrarem no concêrto harmonioso dos seres e das coisas.

Meus caros companheiros.

Todos vós já contemplasteis a fisionomia serena dos mares, como também os panoramas tempestuosos das ondas encapeladas. Guardai, na retina da vossa visão espiritual, esta simples figuração: na praia existem barcos; vós podeis escolher os mais sólidos, os mais bem construídos, aqueles que mais segurança oferecem. Não vos esqueçais, entretanto, de que ao sair do porto seguro com o mar aparentemente calmo, a vossa embarcação poderá ser destruída poucos instantes após, em face das tormentas que não puderam ser previstas e porque a solidez do barco escolhido, representou mais uma das vossas ilusões...

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

Mais opiniões diversas sôbre o CARAVANA DA FRATERNIDADE de Leopoldo Machado.

O CARAVANA DA FRATERNIDADE é livro que deve ficar na bibliografia espírita do Brasil, por tratar-se de uma página expressiva da História do Espiritismo na terra que é a Pátria do Evangelho. E' um livro que deve interessar a todos que se interessam pelas coisas do Espiritismo em geral. E, particularmente, aos espíritas estudiosos e cultos. E' livro que diz, claramente, o que é o movimento espírita no Norte e Nordeste do País.

A par da trintena de impressões críticas já publicadas sôbre o livro, vai o autor recebendo impressões em cartas, que lhe chegam de todo o Brasil. Impressões que figurarão, naturalmente, no *Album de Impressões* que se tiver de publicar, como é pensamento do autor.

Aqui vão mais algumas impressões contidas em cartas:

De Cristovam Marques Pessôa, jornalista natalense, do DIARIO DE NATAL, em que publicara apreciável trabalho sôbre o livro:

«O prezado confrade não nos pediu propaganda do seu último livro — A CARAVANA DA FRATERNIDADE — nem nos julgamos capaz disso — mas, acontece que somos responsável, há três anos, por uma Crônica Espírita publicada semanalmente, ou bimensalmente, no *Diário de Natal* e achamos oportuno dar a notícia aos nossos leitores, se é que os temos, e para o seu conhecimento, enviamos um exemplar do jornal em aprêço».

(Veio, efetivamente, a bela e substanciosa crônica do ilustre confrade natalense.)

—

De Aleixo Vitor Magaldi, publicista de Juiz de Fóra, que ali dirigira, superiormente, O MÉDIUM, no tempo em que saia feito jornal. Aliás, um belo jornal espírita. Atualmente, residindo em Volta Redonda, onde supervisiona o movimento social espírita da importante e jovem cidade fluminense:

«Estou terminando a leitura do livro, viajando com vocês do Rio ao Amazonas, como *carona* especial, sem despesas, sem sobressaltos, sem medo de desastre de trem, de automóvel, de avião, de caminhão, de elevador, de barco ou de trole, por terra, mar, rio, ou ar, numa caravana deliciosa de encarnados e desencanados, onde se salienta, agora, Lins de Vasconcelos, Marilia, minha Neusa... seguido de milhares de velhos amigos nossos de outros planos da Vida. Isso é muito melhor do que o que vocês fizeram! E tudo devo a você, que filmou na admirável tela do CARAVANA DA FRATERNIDADE as cenas realissimas da imensidão, da beleza inconfundível do mais brasileiro pedaço do Coração do Mundo e que gravou nas suas páginas as melhores mensagens das almas esclarecidas e dos espíritos alcandorados, os seareiros de Jesus — encarnados e desencarnados — mais diretamente responsáveis pelo progresso real de nosso Brasil. Vocês viveram a mais significativa passagem da história do Espiritismo mundial. E você terá a glória eterna de ter sido a sua figura central. Para um lutador de sua têmpera, que carregou, sempre, o facho marcante dos melhores empreendimentos espíritas vitoriosos na Pátria do Evangelho, essa façanha cai do Céu, como uma graça de Deus; a medalha ou o galhardão coroador do herói cristão que você toda vida demonstrou ser.

«Testemunha atenta dos seus incontáveis serviços á doutrina, que a todos os humanos viventes dêste mundo há de irmanar, aquela exuberância de sentimentos que lhe é maior ainda, estou sentindo o coração crescer e se agitar desordenadamente a cada trecho da leitura de CARAVANA DA FRATERNIDADE; não só por fôrça do muito que você lhe pôs do próprio coração, como também da lembrança emocional de outros acontecimentos congêneres, de que foi você o personagem principal e dos quais tive a ventura de participar. Não sei como vou suportar as emoções até o final, porque até aqui, tais emoções têm-me arrancado abundantes lágrimas, obrigando-me a interromper períodos. Cada lágrima que vertem meus olhos é uma prece a Jesus por vocês, que praticaram a façanha maior do mundo, realizando essa Caravana da Fraternidade.

A despeito dessa impressão epistolar, só por si bastante para o desvanecimento do autor, A. Vitor Magaldi produziu um estudo especial do livro, que foi irradiado no programa *Seleções Espiritualistas,* da Radio Guanabara, do Rio de Janeiro.

—

Do Dr. Eusinio Lavigne, engenheiro e escritor baiano.

(Da introdução de sua carta dactilografada, de 83 laudas, que enviou ao autor mostrando-lhe as virtudes e as falhas do livro e com o objetivo de conjugar, no mesmo plano, as doutrinas de Marx e o Espiritimo. O autor do *Caravana da Fraternidade*, a despeito de propor-lhe que se publique sua peça num livro à parte, aliás, com a colaboração, em resposta, do destinatário, aqui deixa as primeiras palavras de sua bela e expressiva carta.)

«O seu CARAVANA DA FRATERNIDADE, a começar pela precisão do título, é um livro que se harmoniza com os objetivos teóricos da propaganda espírita, sem embargo das restrições que, fraternalmente, vamos apresentar, não no sentido da obra, mas à sua eficiência.

«Como dissemos anteriormente, V. é um agitador da causa espírita. Ninguem, que saibamos, faria o que você fez, nesse mister de despertar da apatia o problema psicológico do Espiritismo.

«Razões: sua capacidade oratoria; sua operosidade invulgar; seus recursos de polemista; seus conhecimentos de religião e da Biblia; a prontidão de seu talento; sua presença de espírito; sua argucia; sua sinceridade de adepto convencido da existência do *Espírito* imortal e dos conhecimentos de Alan Kardec.

«O conjunto dêsses predicados fê-lo um bom professor das primeiras letras do

Espiritismo. Só isso bastaria, como basta, para consagrá-lo um dos mais assíduos propagandistas da teoria espírita.

«Toda doutrina requer um professor primário. Ensinar os prolegômenos de uma disciplina é mais difícil do que ensinar o seu conteúdo, cuja compreensão depende exatamente das suas noções preliminares.

«Na propaganda do Espiritismo, perante um público como o nosso, atrasado, não se ministram altos conhecimentos de doutrina, sinão o que é capaz de interesse imediato. Mas, ainda assim, o público precisa receber do predicante uma impressão agradável para evitar o tédio.

«V. compreendeu essa psicologia, tornando-se um *agitador* da idéia espírita, viajando e pregando, com simplicidade, as noções elementares da moral cristã e, ao mesmo tempo, despertando as simpatias populares por meio de obras que atendessem, mais de perto, as aspirações do homem necessitado e sofredor.

«O seu livro de agora, A CARAVANA DA FRATERNIDADE, teve o sabor de agitar a causa, o que não deixa de ser um serviço prestimoso.

«Ele mostra que V. é um cronista. Sabe expôr os fatos em todas as minúcias, com naturalidade, sem monotonia. Isso se observa de todos os capítulos do livro, desde quando, espirituosamente, revela aos companheiros o seu *bairrismo* — «isto aqui é Bahia»—ante o lindo panorama dos coqueirais a beira-mar, na rodovia Itapoã, até os casos pitorescos e gracejantes : da menina arteira que se fingia de *médium* para comer o queijo ; do juiz de Amarante, que se recusou aderir aos protestantes, por «ser religião de beira de rio» ; daquele Wilson Lugon, que não combatia os inimigos da Doutrina, porque Jesus ordenou que «amassemos aos nossos inimigos...» (pgs. 25, 32, 99 e 37.)

«Nenhum dos nossos festejados propagandistas espíritas, como Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Pedro Granja, Ismael Braga, Julio de Abreu, etc., despertaria tanto interêsse na alma popular, quanto Leopoldo Machado. Simplesmente por isso : por causa de suas preciosas qualidades de orador. Só podia ser essa a razão daquêle formidável entusiasmo do velho Lindolfo Coutinho, ao dizer que — «já podia morrer, porque abracei Leopoldo Machado» (pag. 74).

Do Dr. Luiz Monteiro de Barros, ilustre médico e publicista de S. Paulo, presidente da U. S. E. e jornalista, diretor de UNIFICAÇÃO (de uma carta de 10 laudas datilografadas).

«Acabo de ler a CARAVANA DA FRATERNIDADE e GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS.

«Quanto mais o leio, meu caro Leopoldo, mais penso, com uma certa desolação, no seu desincarne, que talvez não esteja muito distante ; então como ainda sou muito egoista, fico desejando que o Alto o retenha aqui em baixo por mais alguns anos, pois, como batalhador da linha de frente da boa causa, sinto muita necessidade de sua presença física aqui conosco. A luta é árdua e demanda coragem, conhecimento, fé e disposição invencível para a vitória final. Você, meu caro irmão maior tem todas as virtudes e, como poucos, está aparelhado para falar com autoridade ; sim, com a autoridade não só de seus vastos conhecimentos doutrinários e gerais, mas, principalmente, de sua vida, de suas obras, de suas ações em todos os setores da Doutrina e fóra dela. Hoje, Leopoldo, que você se aproxima da volta para a pátria das realidades, sua experiência atingiu o grau máximo em todos os sentidos e, por isso mesmo, sua presença agora entre nós seria, mais do que nunca, não só proveitosa, mas imprescindível. Enfim, meu caro, isso não depende de nós e sim da vontade do Alto. Faça-se, pois, essa vontade e não a nossa.

«Idealista, dos primeiros, do grande movimento, você bem pode avaliar como apreciei o trabalho ingente e eficaz de todos vocês. Os seus nomes graças a êste ingente trabalho, ficará gravado, indelevelmente, na história do movimento da unificação dos espíritas do Brasil. E com todas as honras e todos os méritos. Fóra o árduo trabalho de todos os componentes da Caravana, o que mais me encantou e entusiasmou, foram as conversações mediúnicas com d. Adelaide. Elas nos demonstraram, ainda uma vez, que nunca estamos sós, quando empreendemos movimentos de solidariedade e de paz. Revelam, também, que êsses empreendimentos mais elevados são sempre traçados previamente, no Espaço, onde está, realmente, o Estado Maior que governa o Planeta. Graças a Deus é assim ! O exemplo sadio de vocês ficará para os bandeirantes espíritas do futuro, no prosseguimento do mesmo trabalho, o qual, segundo penso, só estará completo quando se instalar definitivamente, na Terra o reinado de Jesus...

—

De Carlos Imbassahy, o maior escritor espírita contemporâneo, cujo nome dispensa outras apresentações, que é a amizade mais antiga do autor: amizade que vem desde os dias em que Carlos Imbassahy não era espírita; amizade que nunca sofrera solução de continuidade em mais de 35 anos, êste começo de sua crônica, posta em 18 laudas:

Leopoldo Machado acatado como professor, conhecido como escritor, e afamado como orador, publica mais uma obra, sob o título, «CARAVANA DA FRATERNIDADE».

Há tempos, quando Leopoldo estava em plena forma, isto é, de boa saude, e criticavamos um de seus livros, diziamos que êle não nos dava tempo de chegar ao fim da obra, por quanto já outra nos vinha ter ás mãos.

Era, de fato, o escritor mais fecundo entre nós.

Mas parece que o rítimo não mudou, e se mudou não foi muito. Entretanto, o seu estado não lhe permitiria tal esfôrço. E' necessário possuir uma dose de boa vontade e amor a uma causa para dedicar-se de tal forma a seu estudo e sua propagação.

Militando nas lides espíritas, seus livros versam assuntos espirituais ou correlatos, com exceção da sua poesia, as obras que tem editado dirigem-se principal, ou quasi exclusivamente, a questões de moral, com base na Doutrina.

O livro atual, porém, pode ser lido por leigos e profanos. Não é que deixe de tratar de Espiritismo, porém melhor poderiamos chamá-lo um livro de viagens. Quem o lê, não fica sabendo, unicamente de coisas espíritas, de movimento espírita, mas anda com o autor por todo o Norte do País. E, assim, irá do Rio de Janeiro a Aracajú, Maceió, Recife, João Pessoa, Campina Grande, Natal, S. Luiz, Terezina, Parnaíba, Belém, Manaus e, finalmente, Belo Horizonte, onde a Caravana se dissolveu.

Em quarenta dias, Leopoldo com alguns denodados companheiros, percorreu onze estados, numa atividade espantosa, utilizando-se de vários processos de condução, desde o confortável avião, ao pesado, moroso e desconjuntado veículo sôbre rodas.

O livro é a crônica dessa viagem, em estilo muito leve e sobretudo muito interessante.

Relatar episódios seria impossível, dentro dos limites desta croniqueta. Salientamos o espírito de fraternidade de que sempre reinou, não só entre os companheiros, mas entre todos com os quais a Caravana esteve em entretimentos, e até com irmãos de outras crenças, etc., etc., etc.

. . . .

—

De Osvaldo Polidoro, escritor espírita de S. Paulo, autor de vários livros, sendo o UMA VISÃO DO CRISTO, o último, publicado pela L. A K. E.

De sua carta constante de três grandes laudas datilografadas:

«O propósito que encerra, engloba todos os *porquês* constituintes, age como elemento catalizador. Todos os motivos giram em torno da finalidade, e nem poderia ser de menos — confraternizar! O enchimento é formidável, porque deu forma e substância para uma verdadeira antologia dos serviços organizadores, sem contar a influência sôbre a difícil matéria, essencialmente doutrinária, que é unir também o sistema de culto, não apenas a parte social. Não sendo um tratado de Espiritismo Prático, contém elementos de ordem disciplinar, valioso, porque remete o leitor ás bases seguras. Êste meu pensar é produto da imensa balburdia reinante, pois cada casa faz o *mingau* a seu modo, pondo muito material bom a perder. O Espiritismo não é dogmático, está certo; mas, quem disse que ser anti-dogmático é prejudicar menos, por falta de uniformidade no sistema do culto?»

—

Do dr. Levindo Melo, ilustre médico espírita e publicista do Rio de Janeiro:

«Acabo de ler A CARAVANA DA FRATERNIDADE, livro que nos fortalece o Espírito e nos incentiva para a luta pelo progresso do Espiritismo em nossa grande Pátria!

«Meus parabens, por mais essa obra

portentosa, filha do seu labor intelectual e de sua inteligência muito bem orientada».

—

De Alziro Zarur, radialista e poeta, orientador do admirável programa CAMPANHA DA BOA VONTADE, da Rádio Tomoio:

«O CARAVANA DA FRATERNIDADE, de Leopoldo Machado, é mais um sinal dos tempos. Seu autor é um dos missionários que vieram preparar o Brasil para as grandes transformações do Terceiro Milênio. Soube cumprir sua missão, com fibra e perseverança. Depois do Pacto Aureo dos Espíritas, virá, por misericórdia do Altissimo, o Pacto Aureo das Religiões. Não é outro o objetivo da L. B V., com a sua Cruzada Mundial da Boa Vontade, a mais pacífica de todas as revoluções desencadeadas na Terra...

—

Do Dr. Wilson Ferreira de Melo, médico, pregador e publicista paulistano, da cidade de Barretos, S. Paulo:

«Os dois últimos — *Graças sôbre Graças* e *Caravana da Fraternidade* — são dois livros íntimos, que falam sôbre tudo ao coração dos espíritas e não sómente, ao seu. Que falam ao coração dos espíritas que sentem o Espiritismo Cristão, o Espiritismo renovador, que é o de que os povos precisam. Através do último, tomamos conhecimento com o Espiritismo do nordeste e do norte do país e ficamos cientes de quanto ainda se tem que trabalhar para que, na terra do Evangelho, o Evangelho renovado seja aceito e praticado em Espírito e Verdade...»

De Paulo Alberto, poeta, escritor e polemista baiano, que manda sua opinião em versos, em quadrinhas:

Quero resumir no verso
Minha crítica-louvor
Ao teu último trabalho
De incontestável valor.

Demonstraste nesse Livro
Que o Espírito da Verdade
Por toda parte difunde
A divina claridade.

Em que terra a Caravana
Não recebeu muitas flores?
O mundo já está cansado
De ouvir mistificadores.

Vai falar um Leopoldo,
Um Artur Lins, um Jordão,
Um Spinelli, um Casadio?
Acorre uma multidão...

Sedentas de luz, ansiosas
Pela paz, as criaturas
Buscam ouvir os que prégam
Sómente verdades puras.

E quando o conferencista
E' um Leopoldo Machado,
Quem não fica embevecido?
Quem não fica deslumbrado?

(O autor do *Caravana da Fraternidade* continua, ainda, recebendo cartas e impressões substanciosas de seu livro, embora a edição caminhe para o exgotamento. O livro está sendo distribuido por esta *Revista* ou pelo LAR DE JESUS, instituição beneficiada com a sua edição, para onde deve ser enviado o pedido pelo reembolso postal, Caixa Postal 6, Nova-Iguassú, E. do Rio).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 100,00
Do 4.° ano	100,00
Do 5.° ano	100,00
Do 6.° ano	100,00
Do 7.° ano	100,00
Do 8.° ano	100,00
Do 10.° ano	100,00
Do 11.° ano	Cr.$ 100,00
Do 18.° ano	80,00
Do 19.° ano	80,00
Do 20.° ano	80,00
Do 21.° ano	80,00
Do 22.° ano	80,00
Do 23.° ano	80,00
Do 24.° ano	Cr.$ 80,00
Do 25.° ano	80,00
Do 26.° ano	80,00
Do 27.° ano	80,00
Do 28.° ano	80,00

Novo Triunfo do Espiritismo

Vivemos na época do despertar do Espírito e ninguém é capaz de reter o movimento ascencional da Humanidade.

Há cerca de um ano, temos transmitido à família espírita brasileira a grata notícia, qual a de haver o parlamento inglês incluido no seu código nacional a lei que reconhece o Espiritismo como RELIGIÃO, seja na vida civil, seja no Exército, na Aviação ou na Marinha de Sua Majestade Britânica; isto, graças ao empenho do Marechal do Ar — Lord Dowding.

E hoje temos mais uma boa notícia a transmitir, também da Inglaterra, e que acabamos de extrair da revista espírita «The Greater World» (O Mundo Maior), editada em Londres. E' o seguinte: decidiram as várias correntes religiosas da Inglaterra congregar-se no sentido de serem estudados em conjunto os assuntos de psiquismo, principalmente no tocante ao prosseguimento da vida depois da morte.

Nesta solução que se impunha, concordaram entre si os chefes eclesiásticos, «devido ao desenvolvimento extraordinário da tese (doutrina) espírita» em ambientes «*fóra das esferas das várias igrejas*» em pesquisas cada vez mais surpreendentes sôbre os fenômenos que julgamos, devem enquadrar-se numa continuação da vida ativa do Espírito humano, depois da morte do corpo material... — assim se expressaram.

Foi, por isso, aceita por êles a proposta dirigida pelo conhecido escritor e jornalista espírita Mr. Reginald M. Lester (associado à Liga Espírita «O Mundo Maior»), no intuito de se congregar, devendo participar nas referidas reuniões um bom número de intelectuais e professores ilustres de Universidades inglêsas, entre outras, também, a da «Oxford University».

Assim confraternizados e animados pela máxima boa vontade, os vários chefes de diferentes credos religiosos delegarão a seus representantes mais capacitados o direito de se unirem em mesa redonda de estudos, junto com os elementos da delegação espírita, incluindo, também, um bom número de médiuns de várias faculdades. Estudarão o assunto, auxiliados, também, por intelectuais, cientistas e autoridades do ensino superior, e, mesmo, por homens altamente experimentados no desenrolar da vida humana, juizes do Supremo Tribunal da Gran-Bretanha, etc. Já deram a sua adesão sem restrições a esta nova entidade, a «Liga das Igrejas Cristãs para Pesquisas Psíquicas», as seguintes personalidades:

O Revm.° Decano da Catedral de S. Paulo, de Londres, W. H. Mattews; Revm.° Cónego Dr. A. Hanson; Revm.° Prof. Dr. R. J. Campbell, (Teólogo); Revm.° Dr. Leslie Weatherhead, (City Temple); Dr. H. H. Price, Prof. da Lógica da Universidade Oxford; Mr. Reginald M. Lester, escritor e jornalista; Sir Cyril Atkinson, Juiz do Supremo Tribunal; Deão W. S. Pakenham Walsh; Deão A. E. Webling; Vic. Charles W. Harrington; Vic. John D. Pearce Higgins; Vic. F. S. Simpson e outros mais.

—

Com imensa satisfação assistem os espíritas do Brasil a êste formidável progresso de entendimentos e confraternização que se vem processando na culta Inglaterra. A idéia unificadora partiu de um membro dinâmico da Liga Espírita «O MUNDO MAIOR» de Londres, na pessoa do insigne escritor e jornalista Mr. R. M. Lester. Coube a êste destemido jornalista a honra de solucionar o «X», solução da qual resultara: unir e confraternizar o clero de diversas religiões cristãs da Inglaterra, para que possa agora ser estudada em conjunto: pela teologia, pelos cientistas, sociólogos, legisladores, literatos, professores de filosofia e representantes do Espiritismo inglês, — aquela transcendental questão que a todos os homens interessa no gráu máximo: a sobrevivência do Espírito depois daquêle fenômeno — chamado «morte», questão essa que, infelizmente, tem representado até há pouco, um incrivel ponto de interrogação para a maioría da humanidade, razão por que ela — a humanidade — se lançou nos braços do materialismo. Isto é a consequência natural, porque *as religiões* que deviam fazer o papel de guias espirituais se estratificaram, por falta de vigilância, —

terminaram, finalmente, junto com as «ovelhas» (os respectivos crentes) no mais sinistro dos abismos e bêco — o materialismo.

—

E agora, para finalizar, queremos citar, ainda, um frisante exemplo de contraste, uma prova pela qual se processa constantemente a desunião entre os seres humanos, coisa que se depreende com incrivel clareza e que é acessível a qualquer inteligência mediana,—da transcrição de um telegrama extraído do «Estado» de 1/11/54 e vindo de Buenos Aires:

«Pastoral do Episcopado argentino para combater o Espiritismo, sendo ela dirigida a todas as igrejas, e deverá ser lida no próximo domingo, acentuando a necessidade de combate ao Espiritismo. Diz a pastoral que as pessoas que praticam o Espiritismo, incorrem em heresia, uma vez que o Espiritismo nega a Divindade de N. S. Jesus Cristo e a maternidade divina de Maria Santissima...»

— Prova esta hipocrisia farisáica do romanismo que o seu papel, em vez de unir os homens, trata do contrário, pregando o ódio, a perseguição, o despreso ao próximo, causando com isso a desunião, atitude totalmente anticristã! Não existe prova mais clara de que o romanismo se aliou à Satanaz, desprezando as máximas de Amor e Perdão, sempre sublimadas no Evangelho pelo nosso Divino Mestre, Jesus!

Que contraste clamoroso apresenta esta «pastoral» diabólica, diante do sublime gesto que as igrejas cristãs da Inglaterra deram, como prova edificante e que hoje estamos submetendo a apreciação dos nossos caros leitores!

Max Kohleisen.

Piracicaba, Novembro, 1954.

Roteiro Literário — DAGA MORIGA

J. Herculano Pires, o aplaudido cronista «Irmão Saulo» do Diário de S. Paulo, nos oferece neste livro, uma visão lírica das pequenas cidades paulistas situadas fóra do traçado das estradas de ferro. Cidadezinhas abandonadas, que são como sentinelas da civilização do planalto, postadas em meio de grandes regiões despovoadas, e onde se criam hábitos locais, desenvolvendo suas populações uma vida própria, quasi autônoma, sem outras ligações, senão as essenciais, com o resto do Estado.

Diferente de «O CAMINHO DO MEIO», que é como disse José Geraldo Vieira, «o drama das opções», um livro de profundidade introspectiva, e diferente de «BARRABAZ, O ENJEITADO», que é uma novela densamente lírica e de tema bíblico, «DAGA MORIGA» nos aparece como um livro da terra, uma pintura intensamente movimentada das nossas cidadezinhas sertanejas. O ambiente, a população, os costumes, o linguajar local — com suas variações individuais — tudo foi apanhado ao vivo, por mão de mestre.

DAGA MORIGA, o personagem central, é um índio dotado de clarividência, o que lhe permite realizar façanhas misteriosas, que empolgam a cidadezinha. Em torno dele se desenvolve a trama do romance, com personagens que ficarão na literatura brasileira, como Nhá Escolástica, a fazendeira «de cabelo nas ventas»; Nhô Brasilio, o «torcedor de tempestades»; Nequinho, o violeiro; Sargento Frederico, a mais alta autoridade militar da terra; Sêo Eduardo, o barbaças, que ria de tudo e de todos; o Cap. Patrício, defensor do Direito, que não podia dormir com dois cruzeiros de troco no bolso, porque a consciência o acusava.

Paulo Dantas, que leu este livro no original, disse: «Tem gosto de terra e cheiro de fruta; é uma novela telúrica, estranhamente encharcada de água, de sól e de nuvens». Jorge Rizzini afirmou: «Oferece-nos um clima de infância, dificilmente encontrado em outros livros inspirados nas recordações dessa época. E' um livro que deixará fundas ressonâncias no espírito do leitor.» O prof. Manuel Cerqueira Leite destacou o capítulo da «corrida de carrinhos» como «um capítulo antológico.»

E' interessante notar, com esta obra, que Herculano Pires tem um estilo para cada tema. Quem leu «O CAMINHO DO MEIO» ou «BARRABAZ, O ENJEITADO», encontrará neste livro um estílo tão diferente do usado naqueles, que terá a impressão de estar diante de outro escritor. As frases longas, ricas de movimento e colorido, os períodos densos. e ao mesmo tempo leves, ajustam-se com perfeição ao tema e auxiliam a criação de um clima próprio para «DAGA MORIGA».

Curioso notar que a terra, o céu, as núvens, os pássaros, os campos, os animais, são personagens tão vivos e constantes, neste livro, como as pessoas. Dois rios surgem a todo instante no entrecho, e parecem dialogar como os próprios personagens humanos: O Paranapanema, com seus mistérios, suas belezas, suas enchentes e afogamentos, e o Carrapatos, ribeirão de águas mansas, enchendo as manhãs e as tardes de Itai com o constante chilreio de suas águas nas pedras.

Nhá Maria Curandeira, é uma figura curiosa, que representa a Umbanda, ou magia branca afro-cabocla, em oposição ao Quinzão Macumbeiro, que é o chefe da Quimbanda, ou magia-negra. O leitor verá que a fôrça humana desses personagens faz que êles permaneçam na terra, bem integrados no meio. O autor os pinta com naturalidade, sem nenhuma intenção sensacionalista. Os «malfeitos» de Quinzão são «desmanchados» por Nhá Maria.

«DAGA MORIGA» é como se vê, um livro que faltava na ficção literária paulista. Herculano Pires contribue, com êle, de maneira expressiva, para o enriquecimento da nossa bibliografia regional. A lenda do ariticum, ou «cabeça-de-negro», que se encontra no fim do volume, é a primeira vez que aparece em letra de forma. A LAKE-LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA de S. Paulo acaba de prestar um serviço às letras, com a publicação dêste novo trabalho do aplaudido autor de «BARRABAZ, O ENJEITADO».

O livro está magnificamente impresso, com sugestiva capa de Keatz em of-set.

(Copyright LAKE).

Crônica Estrangeira

Os meus contactos «físicos» com «mortos»

De «Revista de Metapsicologia»

Relata o Dr. Raul Montandon:

Em três ocasiões, foi-me possivel entrar em contacto «físico» com «mórtos»? Eis em que condições:

1.ª — Disse-me um amigo, em Paris: «Se estiver livre esta noite, convido-o a ir a casa da Sr.ª X, que vive com uma filha; poderá ver, ali, manifestações interessantes». Como é de supor, não deixei de seguir o conselho e lá fui.

Numa pequena sala de jantar, à volta de uma mesa grande, uma dúzia de pessoas formava a corrente, enquanto outras estavam sentadas ao longo das paredes. Dada a exiguidade do recinto, e a disposição dos circunstantes, toda a tentativa de fraude seria rapidamente notada. O espaço entre os circunstantes não permitia que se andase à vontade nem tampouco que entrasse mais alguém pela porta ou pela janela.

O médium — uma mulher jovem — estava sentada numa das extremidades da mesa e eu fui convidado a sentar-me ao seu lado esquerdo. Por medida de controle, eu agarrei com a minha mão direita a mão esquerda dela; e pousei o meu pé direito sôbre o seu pé esquerdo. Um controle análogo era feito por pessoa que estava do outro lado; e assim imobilizado, o médium estava incapaz de executar qualquer movimento a distância. Pela mão que me ficou livre restabeleci a corrente e o outro controlante fez o mesmo.

Logo que se apagou a luz, ouviram-se algumas pancadas secas e rápidas, que indicava o começo das manifestações; e permitiram por meio de um código combinado, de antemão, estabelecer conversa com a entidade comunicante, um moço, frequentador das sessões e que achava prazer em exercer os seus talentos musicais com alguns instrumentos postos à sua disposição numa mesa pequena colocada a certa distância do médium, ou seja: bandolin, violão, tamborim e caixa de música, esta última encerrada numa gaiola fechada à chave.

Logo após as pancadas, duas mãos fortes, através do tampo da mesa, agarraram-me as pernas acima do joelho. Surpreendido por esta manifestação que eu não esperava de modo algum, eu disse: «como é brutal o vosso visitante!» Imediatamente, em resposta, uma mão muito suave me afagou inteiramente, depois do que os instrumentos de música, cada um por sua vez, evolucionaram no ar, movidos por um ser que na obscuridade os tangia; chegou a vez do tamborim que, de passagem, bateu-me várias vezes, fortemente, na cabeça, sem ter esbarrado uma vez siquer, no lustre dependurado no teto por cima da mesa.

O Invisível por várias vezes me empurrou fortemente, tentando colocar-se entre mim e os meus vizinhos; uma das suas mãos introduziu-se na minha manga direita, depois na minha manga esquerda; e depois da sessão terminada, os botões dos meus punhos estavam em cima da mesa. Este fato é tanto mais espantoso quanto é certo que eu preciso das duas mãos para apertar esses botões, mesmo à luz do dia.

Eu fui convidado a escolher, mentalmente, um certo número de cartas de jogar; eu senti, de cada vez, que uma mão deixava escorregar qualquer coisa nos bolsos do meu casaco, onde encontrei, depois, as cartas em que tinha pensado, acompanhadas de um certo número de chaves tiradas dos móveis da sala. Uma canção popular dita mentalmente, era logo acompanhada ora pela guitarra ora pelo bandolim. Quanto à caixa de música, posto que encerrada na sua gaiola, também tocaram com ela.

No dizer da minha vizinha, dotada de clarividência, a entidade que se manifestava assim, apresentava-se sob o aspecto de um jovem com cerca de vinte anos. Eu posso garantir que êle tinha mãos fortes e ageis!

Uma Casa Assombrada no Entroncamento

De «Estudos Psíquicos»

Os jornais profanos voltam a noticiar casos de assombramento. Os protagonistas ignoram a verdadeira origem dos fenômenos, mas atribuem-nos a «almas do outro mundo», tão insólitos e misteriosos se apresentam aos olhos e ouvidos dos espectadores. *O Diário de Notícias,* sempre céptico e contrário ao assunto, publicou uma correspondência do Entroncamento, com êste rótulo tremendo: «*Coisas espantosas que estão a acontecer numa «casa assombrada»*.

Foi isto publicado em 31 de Janeiro último. Porque se torna interessante a sua leitura, vamos transcrever o articulado.

«No velho bairro das Vaginhas, nesta vila, existe uma casa em que, de há tempos para cá, têm acontecido fatos que trazem verdadeiramente sobressaltados, quer os locatários quer a vizinhança. Trata-se de uma moradia de aspecto rústico, composta apenas de ré-do-chão, onde vive, com os filhos do casal, José Antonio Feliciano, guarda da P.S.P., casado com Celeste Alves Soares, de 33 anos. O chefe da familia está internado no hospital e é a sua mulher que descreve as coisas espantosas que diz ter observado, principalmente nas últimas noites e para as quais, tranzida de pavor, chamou a atenção dos vizinhos. Assim, a sra. Josefina Machado, de 58 anos, casada, com a sua filha Emilia, de 25 anos, solteira, costureira, foi fazer-lhe um pouco de companhia. Ainda não era meia-noite, tanto a Celeste e os filhos, como as visitas, ouviram como que fortes murros vibrados nos móveis e mais fortes ainda num guarda-roupa e numa mesinha de cabeceira. Assustadissimos, todos correram a abrir as portas das peças de mobilia e a revistar os cantos, mas, ao mesmo tempo, na cozinha, ruídos semelhantes ao partir de louça e remexer de talheres desviaram para ali a sua atenção. Foram para a cozinha, mas tal como sucedera nas outras dependências, encontraram tudo no seu lugar e não viram nada que pudesse justificar o alvoroço. Pálida de medo, a locatária propôs que saissem da casa; mas quando iam a retirar-se, uma bofetada assentou, em cheio, na cara da Celeste, que ficou sem saber de onde vinha tão insólita agressão.

«Também o sr. Lourenço Simões, de 38 anos, casado, industrial de tipografia, foi, a título de curiosidade, passar algumas horas na «casa assombrada» e afirma ter ouvido os tais ruídos estranhos que não sabe explicar. O guarda noturno, José Machado, de 55 anos, além dos sôcos nos móveis, ouviu passadas sonoras de pessoa que percorresse a casa, arrimada a uma bengala. Contou o caso a seu filho Antonio Machado, de 33 anos, solteiro, funcionário da Emprêsa Geral de Transportes, mas a êste os «fenômenos» já conhecidos apareceram ampliados com súbito e estridente vibrar de guizos, o que ainda mais o assustou. Todavia, lembrando-se de que se tratasse de qualquer espírito errante, encheu-se de coragem e interpelou:

«—Diz-me quem és e o que pretendes!

«A alma do outro mundo — se na verdade o era — não respondeu. Recomeçou, porém, o passeio: e as passadas, cada vez mais fortes, pareciam agora de pessoa coxa que não pudesse dispensar o pesado bengalão...

«Há pessoas que afirmam ter ouvido os misteriosos ruídos da casa sinistra, repetindo o relato com pequenas variantes. Como não podia deixar de ser, o assunto tem sido objeto dos mais inesperados comentários».

A forma como o articulista desenvolve a notícia está longe de ser galhofeira e presta-se a meditação sôbre o velho tema da comunicação espírita. Quem teria provocado os estranhos ruídos? A presença de alguém que não chegaram a especificar. A entidade ou entidades espirituais—se de entidades espirituais se tratava—necessitava de fluído animal para a produção dos fenômenos físicos verificados. E o fato de redobrarem de intensidade, quando se aproximou o sr. Antonio Machado, demonstra que êle era dotado de fluídos mais adequados à eclosão dos fenômenos.

Infelizmente, quasi sempre se limitam à simples expectação, em vez de analisarem com conhecimento de causa. O resultado é negativo e contraproducente. A verdade é que já se não aceitam explicações apriorísticas de ignorantes e mal intencionados que inventam coisas inverossímeis para afastar o pavor das verdadeiras causas.

⁂

Uma cura espantosa

De «Estudos Psíquicos»

No dia 4 de Janeiro último apresentou-se no Centro E. Luz e Amor uma menina de 15 anos transportada quasi ao colo por sua mãe, Maria C. Rezende, em virtude da doente parecer atacada de paralisia nos braços e nas pernas. Tinha a boca semi-aberta e a baba a cair-lhe constantemente.

A cabeça transpirava-lhe em suor abundante e nauseabundo que lhe encharcava as faces. Segundo narrou a mãe aflita e lacrimosa, sua filha emudecera dois meses antes e não comia nem dormia. Possessa, soltava grunhidos, os punhos cerrados e a cabeça pendente para um e outro lado. E, tendo feito tudo para a salvar, aqui veio, depois de a ter entregue aos cuidados dos médicos, Dr. Francisco de Vasconcelos, R. de Santos, o Velho, 78, Dr.ª Maria Luiza Antunes, R. do Olival, 178-2.º e Dr. José Pereira, R. das Gáveas, 6, de Lisboa, que foram unânimes em denominar o caso de epilepsia. Disse que a haviam sujeitado a tratamento metódico e rigoroso, ao qual não foram estranhos os medicamentos e práticas aconselhados em tais doenças. Tudo em vão. Por fim, o Dr. Francisco de Vasconcelos opinou que a doente não resistiria; todavia, «caso ainda vivesse no dia seguinte», que a levassem ao Hospital de Santa Marta, a fim de sofrer punção na espinha e ser operada de um ovário.

A pobre mãe, na expectativa de perder a filha, lembrou-se de perguntar a certa amiga se conhecia algum centro espírita onde pudesse levar a doente, como último recurso, agarrada à derradeira esperança de uma cura miraculosa.

Foi neste estado de miséria física e espiritual que ambas chegaram ao Centro. Tomaram parte na sessão do «Grupo Irmão Rhammurthi», e ali foi sujeita a uma divina irradiação, que fortemente atuou na paciente, a qual desde logo sorriu e começou a falar, para maior pasmo da assistência E quando a mãe a pretendia conduzir ao seu lugar foi-lhe dito que se deixasse ficar, porque ela iria por seu pé. Duas sessões depois estava consolidada a cura da... epiléptica.

A fé da pobre mãe salvou a filha de morte certa. Deus é grande e manifesta-se oportunamente. Temos em nosso poder o documento comprovativo, devidamente assinado pelos pais da doente.

Os homens ignoram o mecanismo destas curas errôneamente chamadas miraculosas. Desta opinião é o tenente-coronel-médico Meireles do Couto, que se doutorou com a tesse «O Médico Perante o Milagre» e afirmou há pouco, segundo relato do *Diário de Notícias* (4-5-954), que os milagres ocorridos em Lurdes não tinham explicação plausível.

Se a medicina galgasse a muralha que a separa do psiquismo e estudasse as grandes potencialidades da alma humana talvez encontrasse *explicação plausível* para êste e outros casos.

O mesmo facultativo preconizou a criação urgente de um gabinete médico em Fátima, a fim de se proceder à observação imediata dos miraculados, à semelhança do que se faz em Lurdes.

Muitas curas espíritas têm sido cientificamente observadas por especialistas idôneos. A célebre operação de apendicite feita pelo espírito do Dr. Luis do Amaral, em Pindamonhangaba, Estado de S. Paulo, foi objeto de radiografias, antes e depois do acontecimento, que suscitou enorme celeuma na grande imprensa do Brasil, chegando o jornal *A Noite* a dedicar-lhe duas páginas inteiras.

Repetimos: os homens ignoram o mecanismo destas curas, que estão dentro das leis naturais.

Mais uma vez afirmamos: a medicina oficial devia aliar-se à medicina psíquica, ou, pelo menos, estudar os métodos usados nêste departamento e pô-los em prática em casos alheios à terapêutica usualmente empregada.

Vimos a rapariga antes e depois da normalização. Trata-se, na verdade, de uma cura autêntica, daquelas que tocam o cérebro e o coração das pessoas bem formadas. O Alto vela por todos nós. O essencial é pôrmo-nos em condições de receber o seu auxilio e poder irradiá-lo sôbre os doentes.

⁂

A Visão de Catarina da Rússia

De «Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* de 28 de Novembro de 1953 refere um fato interessante, segundo o qual a imperatriz Catarina da Rússia viu uma vez um fantasma sentado no seu trôno.

Certa moradia isolada sita no bosque de Fontainebleau, em Paris, e pertencente à condessa de Czateray, que foi dama da Côrte de Áustria, tornou-se em local de reunião de fantasmas célebres. Ali se encontra uma linda pintura oriunda de um antigo castelo da Boêmia, representando a famosa «Dama Branca», nome dado ao fantasma pela condessa Berta von Rosenberg, nascida em 1425 e que era filha de Ulderic, governador dêste país.

Berta morrera em trágicas condições após uma vida infeliz e o seu retrato representa-a de rosto triste, coberto por um véu e vestida de branco. A lenda diz que aparece sempre assim para anunciar morte próxima ou infelicidade a diferentes pessoas da familia dos Hohenzollern. Diz-se que duas vezes lhe ouviram a voz. A primeira vez foi a 16 de Agosto de 1928, quando apareceu no Castelo de Neuhans. A jovem princesa Carlota estava-se a arranjar ao espelho, quando lhe sentiu a presença. Julgando tratar-se de qualquer serviçal, perguntou a hora, sem voltar a cabeça. Como resposta, a «Dama Branca» parou em frente da princesa e disse: «10 horas. Prepara-te».

Dez dias depois a princesa morria de uma doença antiga e fatal.

Entre as recordações conservadas no castelo há muitas cartas originais e em fotocópias, descrevendo frequentes visitas de fantasmas, durante a segunda guerra mundial, a vários castelos e casas de Berlim, Potsdam, Karlsruhe e Manheim.

Durante a última guerra foi distribuida às tropas alemães uma circular convidando os oficiais a combater a lenda da «Dama Branca», cujas aparições eram mencionadas em muitas cartas da região.

Na Rússia há uma fotografia ligada a determinada experiência da imperatriz Catarina, alguns dias antes da sua morte. Diz-se que uma dama da Côrte da Rússia, ao passar na sala do trôno, ficou admirada de ver a imperatriz sentada no seu trôno. Sabendo que esta se encontrava no momento no seu escritório disposta a ler, correu para lá a comunicar-lhe a visão. Catarina ficou emocionada com o relato e resolveu ir ver. Efetivamente, ao entrar na referida sala, lá viu o espectro. Vivamente aterrorizada, disse aos guardas que disparassem sôbre o trôno. Após a desaparição do fumo, o trôno estava crivado de balas, mas o fantasma tinha desaparecido.

Embora já tivessemos aludido a êste episódio, não é demais fazer-lhe referência, para avivar o problema da morte e da sobrevivência da alma humana.

⁂

O zumbido da lâmpada...

De «Estudos Psíquicos»

O *Primeiro de Janeiro* inseriu em 2 de Fevereiro uma notícia da agência francêsa F. P. que polvilhou de entrelinhas, pois a lemos noutros quotidianos sem elas. Aquí a transcrevemos, de harmonia com o que se diz noutra página da revista.

«Londres, 31 — Os que acreditam que os espíritos são capazes de se entreter com ações materiais, têm na história de Tony Richards um grande acontecimento.

«Tony Richards, de 24 anos, técnico de aeronáutica, perdeu a vida com João Derry, o piloto de ensaios da fábrica Havilland, quando o seu DH-110 explodiu ao transpor a barreira do som, na demonstração aérea de Farnbourrough, em 1952. Ora, há tempo, a mãe de Tony verificou que a lâmpada do tecto da sua casa, na Sutherland Avenue, «pestanejava» e emitia um ruído surdo. Foi isto, pelo menos, o que se fez constar. A princípio, a senhora não deu atenção ao caso. Mas, uma noite, um estrondo enorme assustou-a a valer. A lâmpada acendia-se e apagava-se com rapidez crescente e o ruído acentuava-se cada vez mais. A dama, apavorada, acordou o marido e, depois de muitas conjeturas, convenceu-o a consultarem um médium, pois ocorreu-lhe que talvez fôsse o Tony a chamar por eles.

«Numa sessão espírita realizada há dias entraram «em comunicação» com o filho. Era êle, de fato, segundo se diz, quem fazia «pestanejar» a lâmpada elétrica.

« – Que lhes parecem as fotografias que tirei no dia de Farnbourough ? – perguntou-lhes o filho — acrescentando que lamentava só figurar em duas.

«Muito impressionados, os pais do rapaz voltaram para casa, não sabendo o que o filho—pois não duvidavam de que fôsse êle—pretendia dizer. Depois de uma procura fébril na casa toda, ocorreu-lhes finalmente a idéia de passar revista à mala da motocicleta do Tony, na qual êle fôra para Farnbourough, e encontraram uma máquina carregada. Reveladas as películas, havia duas fotografias do rapaz. «Só êle podia saber que estavam lá...» Desde êsse dia, a familia Richards, a que se juntou a noiva do Tony, Betty Davies, conversa regularmente com o morto. Ouve-se o zumbido da lâmpada... E' o Tony que chama,..»

A questão das fotografias é digna de ponderação e capaz de convencer os bem intencionados. Provas e mais provas surgem todos os dias para edificação de incrédulos e êstes multiplicam-se, apesar de tudo. Pobre humanidade que fechas os olhos para não ver !...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Em Matão

O Conselho Regional Espírita da 7.ª Região realizou mais uma de suas reuniões trimestrais, desta vez em Matão, na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza». A reunião teve início às 15,30 horas, sob a presidência do confrade Alexandre Barbosa. Achavam-se presentes, os seguintes membros do Conselho: Jacyntho de Ruzza. Pedro Pierini, Alcides Vilaça, Salomão Assef e Arlindo Alves, todos de S. Carlos; Alexandre Barbosa e Orlando A. Toledo, de Araraquara; Edo Mariani, Carlos Vital Olson e Zelia S. Perche, de Matão, e Dr. Flavio Pinheiro, de Ibitinga.

Nesta reunião foram tratados diversos assuntos relacionados com a Doutrina, entre os quais o da pregação do

Evangelho como fator principal do esclarecimento das massas, isto à luz do Espiritismo, que, como Paracleto da Promessa, está incumbido de revivificar o véro Cristianismo.

Os confrades Dr. Flavio Pinheiro e Jacyntho Ruzza manifestaram a sua satisfação em realizar esta reunião em Matão, terra de Cairbar Schutel, Apóstolo do Cristianismo. Fálou também sôbre a obra de Cairbar o confrade Salomão Assef.

A próxima reunião do Conselho realizar-se-á em Ibitinga, no dia 5 de Fevereiro de 1955.

Aos membros do Conselho e a diversos confrades de S. Carlos, Araraquara, Barretos e Ibitinga que participaram da reunião, foi ofertado doces, salgadinhos e guaranás na Redação de «O Clarim».

— A' noite, às 19,30 horas. com o salão do Centro Espirita «Amantes da Pobreza» à cunha, o Dr. Wilson Ferreira de Mello, médico na cidade de Barretos e um dos mais ativos e abnegados trabalhadores da seára espírita, pronunciou uma conferência científica sob o têma, «Nascimento e Morte». Abordou com rara proficiência, os dois processos, mostrando, com abundância de conhecimentos, como se processa o nascimento ou reincarnação do espírito. A sua conferência que durou quasi hora e meia, agradou em cheio a numerosa assistência. A seguir, encerrando a sessão, usou da palavra o presidente dos trabalhos Dr. Flavio Pinheiro, que abordou têma doutrinário e evangélico.

Além dos confrades das cidades acima mencionadas, compareceram à sessão da noite, confrades de Taquaritinga.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Lourenço Bianchi :

«Iniciei a minha última excursão em Itirapina. Em seguida fui a Torrinha e Brotas. Nesta cidade sempre me hospedo uns dias em casa do nosso bondoso amigo e confrade Rogerio Arlanch. Os confrades desta cidade alugaram um salão para os seus trabalhos, mas o padre local tanto fez que o proprietário do salão vendeu o prédio. Este padre foi ordenado ha pouco em São Carlos e saiu com ordem de acabar com o Espiritismo nos lugares em que passasse. O próprio padre arranjou comprador de sua confiança para o prédio. Como todos sabem, o meu trabalho é angariar donativos para as crianças pobres do Instituto «Pinheiro Machado», de Novo Horizonte. Não sei por que cargas dágua batí na porta da casa do padre, que ficou furioso e logo se pôs ao alto-falante gritando contra o Instituto «Pinheiro Machado» e pedindo que ninguém désse donativo ao seu representante, que era eu.

Mas como a obra é do Alto! os contribuintes não obedeceram a proibição do padre, que fez, inconscientemente, uma boa propaganda a meu favor. Mesmo ao redor de sua igreja, o pessoal que vinha sendo escorchado por uma gigantesca quermesse, deu o seu donativo. As gavetas se abriram e cada um contribuia como das outras vezes. O confrade Rogerio está dando passos no sentido de dar início aos trabalhos mesmo dentro de sua propriedade. Em seguida fui a Dois Corregos, onde fiz palestra a pedido dos confrades. Estive em Mineiros do Tietê, onde assisti, no Centro local, as comemorações do 3 de Outubro. As crianças e mocinhas recitaram belas poesias, tendo eu feito palestra. Daquí fui a Jau, Pederneiras e Bariri. Nesta cidade estive hospedado em casa do confrade Orlando Del Biazzi. Depois fui a Reginopolis e Pongaí, voltando a Balbino, onde estivera antes. A seguir estive em Pirajuí, onde fiquei hospedado em casa do confrade e amigo Luiz Rapini, fazendo palestra no Centro local. Estive em Guarantan, ficando hospedado em casa do confrade Antonio Augusto, fazendo palestra no Centro local. Depois fui a Cafelandia, onde me hospedei em casa do confrade Rafael Barco Filho. Fiz palestra no Centro local. A seguir fui a Lins e, às pressas, à Getulina, voltando a Lins, estive com o confrade Pedro Batista Pereira, que me levou a uma visita ao Hospital Espirita que está ainda em construção e que depois de pronto será uma obra de grande aproveitamento para os enfêrmos mentais das cidades circunsvizinhas. Daquí voltei para casa afim de descançar uns dias e reiniciar a tarefa. Encontrei a minha senhora passando muito mal, e até hoje está internada num hospital onde será operada. Estou esperando o resultado para reiniciar a luta.

Agradeço de coração, a todos os confrades que me dispensaram ajuda e bom acolhimento nesta minha excursão. Que Jesus dê a todos paz e saude.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 6 de Novembro de 1954.

A' hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional. Lê, a seguir, uma carta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, congratulando-se com a Federação e com o Conselho, pela consolidação e reforma dos Estatutos da FEB.

Expediente: — Convite do Departamento de Juventude da Federação, para a comemoração do Acôrdo de Unificação do Movimento Infanto Juvenil do Brasil, em 14 do corrente, e solicitando ao Conselho a incentivação, nas Entidades Regionais, dessa comemoração. O Presidente nomeia representantes, para a solenidade, os Conselheiros Luiz Montorfano e Ascânio de Paiva.

Minas Gerais: — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica que a 16 do corrente será inaugurado, em Belo Horizonte, o Ginásio Espírita «PRECURSOR», relatando ainda a notável iniciativa de um grandioso educandário espírita, em Araguarí.

Distrito Federal: — O Conselheiro Aurino Souto propõe, e é aprovado, sejam instruidas as sociedades espíritas do Distrito Federal e dos Estados sôbre a necessidade de evitar a presença, na tribuna espírita, de oradores não espiritistas cujas idéias possam trazer confusão e originar suspeição das Autoridades.

São Paulo: — O Conselheiro Farmacêutico Carlos Jordão anuncia o funcionamento, em Janeiro próximo, do Instituto Espírita de Educação, de S. Paulo, comunicando, ainda, haver representado a FEB e o Conselho nas seis semanas Espíritas ultimamente ali realizadas.

Goiás: — O Conselheiro Dr. Francisco Nogueira comunica sua reindicação, para o cargo de representante da União Espírita Goiana.

Ceará: — O representante Conselheiro Henrique Magalhães comunica que o Presidente da Entidade Cearense alega dificuldade para seu comparecimento à reunião dos dirigentes de Entidades Federadas, a realizar-se de 27 a 29 de Agosto próximo futuro, no Rio.

O Conselho encarece o sentido dessa reunião e resolve reiterar a necessidade do comparecimento dos presidentes ou de membros das diretorias das Sociedades, devidamente credenciados, afim de resolverem sôbre os assuntos atinentes à reunião.

Pernambuco: — A Conselheira Professora Cirene Coutinho lembra ao Conselho a comemoração, no dia 8 de Dezembro, do Jubileu da Federação Espírita de Pernambuco, sendo secundada pelo Professor Ismael Gomes Braga, que ressalta o extraordinário desenvolvimento da Doutrina em Pernambuco.

Paraná: — O Conselheiro Coronel Delfino Ferreira anuncia a inauguração, em Outubro p. passado, do LAR ESPÍRITA «HERCILIA DE VASCONCELOS» e bem assim a realização da 1.ª Jornada Espírita do Litoral.

Congratulação: — Manifesta o Presidente a satisfação do Conselho pelas realizações de Araguarí, Belo Horizonte, Curitiba e S. Paulo. Feita a prece, é encerrada a reunião, às quinze horas e trinta minutos.

«O Moço»

Acaba de aparecer na arena da imprensa espírita em Realengo, D. F., mais um colega, órgão trimensal da Mocidade Espírita «Marilia Barbosa», anexa ao Centro Espírita «União e Caridade», sito à Rua do Imperador, 197.

O exemplar que temos sôbre a mesa de trabalho, n.º 3, insere ótimos artigos de fundo doutrinário.

Ao distinto colega, as nossas boas vindas, com votos de crescente progresso.

O corpo passa, a alma vive no infinito e na eternidade. — Camille Flammarion.

Interpretação gintética do

Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

ANO XXX—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1955 — N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

17 Anos	*Redação*
Um Médium Erudito	*Ismael Gomes Braga*
Réplica a uma Crítica Injusta . .	*Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Mediunidade e Sugestão	*Deolindo Amorim*
A propósito de um artigo	*Edson de Abreu*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
O Perispírito	*Trad. de Manuel Cavaco*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$ 60,00, porte simples, e cr. $70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1955 -- NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

17 Anos

QUANDO estimamos de fato uma pessoa, o seu passamento para o Além, por mais que os anos corram, nos dá a impressão de que a ocorrência verificou-se ôntem. E' o que notamos com relação ao nosso caro companheiro Cairbar Schutel. Parece-nos que o seu desincarne deu-se ôntem, e, no entanto, o próximo dia 30 marca o 17.° aniversário da sua entrada na Pátria Espiritual, o que quer dizer de outro lado que ha 17 anos vimos desempenhando a tarefa que êle nos confiou e à qual estamos dando todos os esforços de que dispomos, com a melhor boa vontade.

Como a morte é a porta da verdadeira vida, que é a espiritual, e como ela não interrompe a marcha de uma tarefa iniciada na terra, Cairbar, com as luzes do seu espírito de escól, continua unido à sua obra, orientando aqueles que se propuseram levá-la até o momento em que Deus o queira. Se não fôsse o ajutório dos caros Espíritos, que nos encorajam e sustentam nas lutas e provações, não teriamos caminhado 17 anos depois do seu passamento, pois as grandes dificuldades por que passamos e estamos passando, não seriam vencidas.

De outro lado, sabemos que as dificuldades e os obstáculos só podem ser vencidos com humildade e paciência, virtudes de que os Espíritos se servem como ponte afim de nos auxiliarem. Nêste sentido vimos empregando o nosso raciocínio e boa vontade, plenamente certos de que se não cultivarmos estas virtudes não seremos dignos da tarefa que nos foi confiada e nem poderemos nos afirmar cristãos. O que pedimos a Jesus é que nos conceda forças para vencermos a nós mesmos praticando os seus exemplos e ensinos de amor fraterno.

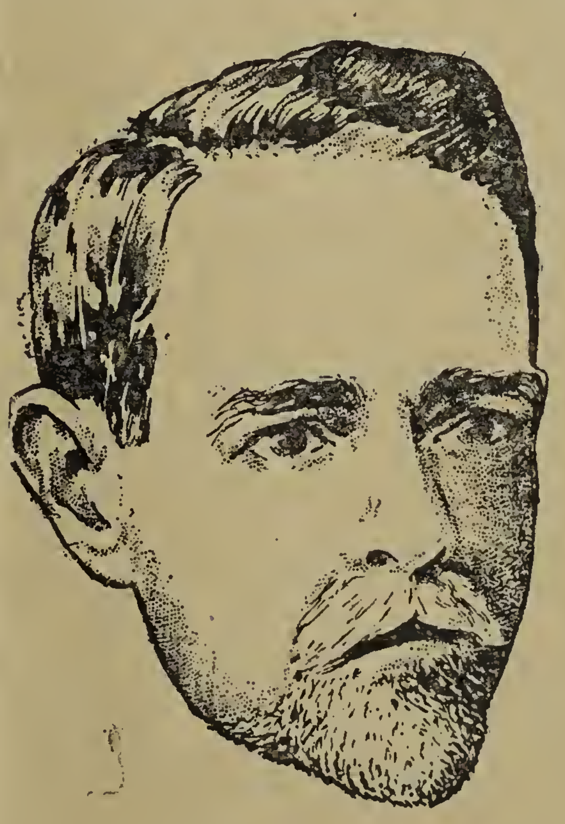

CAIRBAR SCHUTEL

Não precisamos repisar o mesmo terreno no sentido de apontar aos leitores as qualidades morais, espirituais e intelectuais de Cairbar, bem como as suas obras. Acreditamos que não exista um só espírita que o desconheça, visto ter sido ele um dos mais destacados trabalhadores da seara cristã em terras do Cruzeiro do Sul. Seguindo os seus passos vamos encontrar o verdadeiro caminho do Cristianismo, porque pregava êle a Verdade, de que se fez arauto logo que ingressou na fileira espírita.

Ao assinalar a passagem do 17.º aniversário do seu desincarne, pedimos a Jesus que lhe conceda mais luzes, maiores possibilidades, mais progresso, pois ao lhe desejarmos de coração isso tudo, estamos participando também desses legados espirituais, porque Cairbar saberá nos dar parte deles. E até as suas migalhas nos servem, porque nos serão da mesma forma luzes e confôrto para as nossas almas, sempre famintas do Pão Celestial.

Um Médium Erudito

ISMAEL GOMES BRAGA

Muito se têm comentado o fato de haver médiuns sem instrução literária que recebem obras de imensa significação nas letras. Chegou-se até ao exagêro de dizer que Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar, cujos livros nos encantam, são analfabetos; quando a verdade é que sabem ler e escrever, frequentaram com inteligência a escola primária; mas não possuem nesta existência instrução secundária e superior para escrever livros.

Hoje vamos examinar o extremo oposto: um médium de muita ciência, imensa cultura, professor da Universidade do Brasil, membro da Academia do Esperanto, poliglota, literato, poeta em português e Esperanto; mestre entre os mestres.

Além da bagagem intelectual, é homem de moral irrepreensível, de energia perfeita. Em suma, um Espírito de elevada esfera.

Seus grandes cabedais intelectuais dão aos Espíritos muita facilidade em comunicar-se por êle; mas a êle mesmo dão uma tremenda hesitação, uma dominante timidez; sempre receia que esteja escrevendo coisas que já saiba e que lhe brotem do subconsciente como sendo inspiração. Teme que esteja interferindo com seus conhecimentos na mensagem em curso. Recebe um poema todo feito, verso por verso, e percebe que está servindo de médium, mas o assunto raramente excede seus conhecimentos, daí a dúvida e a hesitação.

Nunca publica as produções sem submetê-las à confirmação do Emmanuel, por intermédio do Francisco Cândido Xavier. Como nem sempre recebe confirmação, muitas produções não são publicadas e se perdem.

Somos de parecer que êsse excesso de escrúpulo, essa timidez hesitante, constituem um êrro e prejudicam a missão dêsse médium.

A mediunidade psicográfica tem duas finalidades bem distintas, uma próxima e passageira que justifica em certos limites esses escrúpulos de consciência delicada: a Humanidade caíu no materialismo e duvida da sobrevivência, das comunicações dos Espíritos; para despertá-la do pesadelo materialista a psicografia superior tem essa missão próxima e passageira. Dezenas de poetas que se identificam pelo estílo, escrevendo rápidamente pela mão de um médium, em sessões públicas, esmagam as convicções materialistas. Temos disto a prova no Brasil: são numerosos os intelectuais que admitem hoje o Espiritismo, graças à mediunidade de Francisco Cândido Xavier e, mais recentemente, de Dolores Bacelar.

Além dessa missão imediata e passageira que é vencer a descrença, a mediunidade psicográfica tem outra infinitamente mais importante e duradoura que é ensinar e educar. Esta segunda é de alcance eterno. Jesus não discutíu a mediunidade de Moisés nem dos Profetas, confirmou tudo que de bom eles escreveram e reformou o que de mau deixaram escrito.

Se num poema ou num romance recebemos belos ensinamentos, hábilmente dosados para nossa inteligência; redigidos com perícia que nos prende e com valor artístico que o passe à posteridade; não importa saber quem é o Autor. Pode ser um desconhecido anônimo, ou assinar um pseudônimo que ninguém revela, como André Luis, Emmanuel, O Jardineiro, Alfredo, ou qualquer outro.

O que importa é o valor real do escrito e não o nome que o assina. Assim já ensinavam a Allan Kardec há quase um século.

Quanta banalidade aparece por aí com nomes venerandos, até de evangelistas, mas que nasce morta por não ter valor, não ter arte, não agradar!

O que decide do valor de uma comunicação espírita não é o nome que a assina, é sua própria qualidade espiritual, sua fôrça construtiva.

O médium erudito a quem nos referimos aqui, cujas hesitações têm prejudicado muito sua missão, é o Prof. Dr. Luiz da Costa Porto Carreiro Neto. Vamos hoje nos permitir, violentando indiscretamente seus escrúpulos, publicar dois sonetos por êle recebidos, que ainda não tiveram confirmação alguma por parte de Emmanuel.

Conselhos

Cria em torno de ti ambiente leve;
Afasta-te do mal, que o não atraias;
Se alguma vez caiste, olha, não caias
De novo e que o pecado não te seve.

Aperta a mão do nobre e do almocreve;
Prefere o andrajo ao luxo das alfaias;
Prosterna-te no altar dos Himalaias,
E beija a alvura do estendal da neve.

Seja o teu gesto sempre mãos em prece;
Afervora-te agora; os fios tece
Do teu porvir, que sigas o bom trilho.

Tem fé, nutre esperança, e amor profundo
Consagra a Deus e a tudo neste mundo:
Serás do Eterno Pai dileto filho!

AUTA DE SOUZA.

E' de Auta de Souza realmente este soneto? Interroga o próprio médium. Não sabemos se foi realmente a jovem poetisa do «Horto» quem escreveu êstes versos; mas sabemos outra coisa que nos interessa muito mais do que a Carteira de Identidade da Autora: sabemos que êstes conselhos são sublimes e merecem ser seguidos sem hesitação, e que pela beleza da forma, pureza da linguagem, êstes versos poderão viver séculos. Vejamos agora o segundo soneto.

João-Ninguém

E' no momento crucial da morte
Que a gente sabe do valor da vida;
Vai-se a posse da coisa mais querida,
Quebra-se a fôrça ainda do mais forte.

O espírito perplexo busca o norte,
Onde o passo enverede a nova lida;
E ai dessa alma, que em transe surpreendida,
Não ache um coração que a reconforte!

Tateia e desespera longos anos;
As ilusões da Terra em desenganos
Se esboroam, se vão no azul do Além...

Ai de quem se enfatua na vanglória!
Faz-lhe justiça finalmente a história:
«Um verme, um pó, um nada — um joão-ninguém...»

LUIZ DELFINO.

O médium não tem firma reconhecida neste documento e hesita, interrogando se realmente o Autor é o poeta conhecido por êste nome. Podemos estar em êrro, mas nos parece que o importante aqui é o ensino e não a pessoa do Autor. Se pelo fruto se conhece a árvore, êste soneto não pode ser de um ignorante nem de um mau, tem que ser mesmo de Luiz Delfino ou de outro espírito da mesma elevação.

Sôbre essa questão de nomes, Allan Kardec recebeu e nos transmitiu precioso ensinamento. Disseram-lhe os Guias que os Espíritos de uma mesma esfera podem substituir-se e por vezes a mensagem vem de um que não tem nome na Terra, mas assina o nome de outro da mesma esfera que tenha sido conhecido dos homens.

Um grande Espírito que já cumpriu muitas missões sôbre a Terra, já teve diversos nomes, muitos títulos, e dá pouca atenção a nomes e títulos. Nosso mestre mesmo deu disso eloquente prova, deixando de lado um nome ilustre para assinar seus livros com um pseudônimo que então era totalmente desconhecido.

Admitamos que os dois sonetos aqui impressos estivessem sem assinatura alguma. Isso não lhes diminuiria o valor, porque o valor está na obra mesma e não no nome que a assina. Para a segunda missão da mediunidade, a missão maior e eterna, a de transmitir ensinamentos, a identidade do Espírito comunicante não tem significação. E a outra missão é muito passageira.

Réplica a uma Crítica injusta

ARNALDO S. THIAGO

COM êsse título, vem o prezado confrade sr. Manoel Alba, de Ribeirão Preto, refutar, em artigo inserto na Revista Internacional do Espiritismo de novembro último, o nosso modo de ver com relação a informações que André Luiz nos ministra acêrca de determinadas ocupações dos Espìritos no plano da vida real, para onde todos nós temos de seguir, mais hoje, mais amanhã, na hora que Deus tenha determinado.

Respeito fraternalmente a opinião do meu confrade sr. Manoel Alba e me considero feliz por sabê-lo, assim, dispôsto à defesa das suas convicções, sem as quais a moleza das idéias pode levar o Espiritismo a aguarentar-se, na expressão de Léon Denis, convertendo-se os seus adeptos em verdadeiros «técnicos» da ciência espìrita, *remplis de soi-même* (talvez, no caso, gramaticalmente, seja melhor dizer *de leur-même)*, orgulhosamente fechando-se em seus conceitos, sem uma palavra sequer de debate com os que não os acompanham em seus pontos de vista. Tal estagnação sòmente póde levar à cristalização de êrros. Arejemos as idéias, submetendo-as a todas as discussões : da discussão nasce a luz, pois que «a idéia muda a pel' como a serpente», no célebre decassílabo de notável poeta.

Por enquanto, e até que me seja possìvel compreender de outro modo o *processus* da formação dos corpos, permita-me o meu caro irmão que eu tenha a liberdade de divergir do nosso querido André Luiz, de cuja mentalidade ajuizo pelo critério do codificador, critério que, segundo êle o afirma, salvou-o de cair em muitos êrros. Êsse critério, como sabe o prezado confrade, é o de reconhecer que os Espíritos são os mesmos homens, com os seus defeitos e as suas virtudes, as suas idéias, as suas prevenções, os seus pontos de vista pessoais. Imaginar-se que um irmão que foi, por exemplo, materialista na Terra e que logo depois de desencarnar se torne um iluminado com relação às cousas espirituais, é admitir para a nossa evolução o *fiat lux* da criação divina. Infelizmente, não é assim, meu caro irmão. E se Deus permitiu que as informações sôbre êsse laboratório do astral, nos fôssem trazidas por um irmão ainda tão pouco evoluido que pôde, na Terra, acomodar a sua inteligência às concepções materialistas, isso certamente terá por fim precaver-nos a respeito da teoria da preparação de moldes de corpos, destinados aos que devem reencarnar-se, em laboratórios do astral...

Nada disso edifica, meu prezado confrade. E' por se estar substituindo a boa e sã literatura evangélica, por essa de revelações fantasistas e mais adstrita ao molde dos romances do que às obras de cunho educacional, que estão medrando na seára de Jesus, confiada aos seus descuidados trabalhadores, tantas ervas daninhas, com evidente perturbação das boas relações fraternais que devem reinar entre os espíritas.

Mantendo, em toda amplitude, o meu modo de ver em assunto de tanta relevância, nada tenho a acrescentar ao que afirmei em «Idéias e Conceitos», razão pela qual limito-me a agradecer ao irmão Manoel Alba a nobreza da sua atitude, apertando-lhe a mão.

Jesus não exige o impossivel ; o que Êle exige é a boa vontade, justamente o que todos podem dar sem o menor sacrifício. — MARIQUINHAS.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

INICIAÇÃO ESPÍRITA, Tomo I, vários autores — S. Paulo.

Já iniciámos a leitura, que melhor diria, o estudo, da série de livros que a *Federação Espírita do Estado de S. Paulo* está distribuindo para a sua *Escola de Aprendizes do Evangelho*. O primeiro volume, *A Criação*, a *Evolução da Terra*, o *Velho Testamento*, já foi lido e analisado.

Publicámos já, nesta revista, uma crônica, A UNIFICAÇÃO VIRÁ DE S. PAULO, cujos pontos de vista, a despeito de impugnado pelo jornal, UNIFICAÇÃO, mantemo-los, integralmente, alheio, completamente, no que se possa pensar, e dizer, e julgar de nós. Vemos, agora, na série que estamos lendo, a confirmação daquilo que dissemos e que aquí afirmamos. Nos livros e na concepção da *Escola de Aprendizes do Evangelho*, e na *Iniciação Espírita*, servida pelos volumes.

Temos pregado que o Espiritismo não é doutrina que se aprenda sem estudos sérios e substanciosos. Aliás, uma característica da «Doutrina de que se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última». Ademais, se é perigoso seguir uma doutrina sem conhecê-la bem, mais perigoso será seguir assim o Espiritismo, que não tem sacerdotes nem pastores. O menos que poderá acontecer, será um fanatismo absorvente. E, dos fanatismos, parece que aquele provocado por seres que não vemos, nem sentimos, será, indiscutivelmente, o pior fanatismo...

Antes de falarmos do primeiro livro da série de 12 volumes, que recebemos, falemos, um pouquinho, de nós mesmo. E' tão bom, falando dos outros, recordarmos nossa própria obra! E' tão bom, embora possamos incidir no *vanitas, vanitatos*, do *Ecclesiastes!* Pois, aqui vamos falar de nós, para que os prezados irmãos de São Paulo saibam e sintam que, embora distante, houve já um confrade que compreendeu e sentiu o que êles estão, exatamente, compreendendo e sentindo agora.

Já tivemos a veleidade de fundar e dirigir um *Curso de Cultura Religiosa*, que fundamos no *C. E. Fé, Esperança e Caridade*. Inauguramo-lo com 14 alunos. E o encerramos com três alunos apenas, um jovem — Amadeu Ferreti, — de Bangú e duas professoras diplomadas—Alba e Belinha de Carvalho — de cá. Tivemos, a despeito da displicencia dos alunos, a satisfação de, tempos depois, ouvir de um, menos perseverante, depois de uma conferência em que brilhara: «Meu brilhareco fiquei devendo as suas aulas».

Não nos animamos a continuar com o curso, absolutamente gratuito, no ano seguinte. Realizado o *Congresso de Mocidades Espíritas*, em 1948, e criado seu *Conselho Consultivo*, que teve existência efêmera, que se extinguira, aliás, também com a nossa conivência, pensando que o movimento de moços da F. E. B. iria, a essas alturas, fazer mais e melhor do que estava fazendo o Conselho; criado, como estavamos dizendo, o *Conselho Consultivo*, que funcionava na séde da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, levamos para lá o *Curso de Cultura Religiosa*, agora, dividido com outros professores. Outra decepção. Até diretores do Conselho, e pregadores, deixavam de assistir as aulas, sob alegação que havia muito trabalho de secretaria a fazer, exatamente, na horinha mesma das aulas...

Extinto o Conselho, estaria extinto o *Curso de Cultura Religiosa*, se não insistissemos, teimosamente, com o Delfino Ferreira para que suas aulas fossem encorporadas à *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos*, de que êle fôra guindado a diretor; Faculdade também em estado de desânimo. As aulas foram ministradas por nós e outros professores da primeira época e no mesmo ambiente, como o próprio Delfino, Newton de Barros, Deolindo Amorim, Lauro Pastor de Almeida, Carlos Imbassahy...

Vamos, agora, ao volume em estudo.

Comecemos pela capa, em azul e amarelo carregados, uma grande escada à direita, que termina lá por cima, naturalmente na *Escola de Aprendizes do Evangelho*. Se falta certa alegria e comunicabilidade ao desenho, a gente sente vontade de subir por ela e penetrar a Escola. Foi o que fizemos, simbolicamente, dando com a *Apresentação*, assinada por Edgard Armond, secretario geral. Vimos os graus em que se dividem os discípulos, lembrando-nos até dos tempos em que militamos na maçonaria — *Aprendiz, Servidor, Discípulo* — Vimos, também, que «as despesas da edição do livro foram pagas pelos próprios aprendizes». Otimo! Os espíritas, acostumados a receberem tudo de graça, como eram nossas aulas, sem despesa alguma para êles... Passamos ao Plano-Convite, em 13 itens. Alguns, com subdivisões. Chamou-nos a atenção a subdivisão *c*, da alínea *4* da divisão *5* : *a se esforçarem nessa fraternidade de aprendizes até que, por seus proprios atos e méritos, possam se transformar em autenticos discípulos do Cristo, em espírito e verdade.* Chegamos ao 1.º Ponto : *A Criação*, que é, como o 4.º e as notas anteriores, tudo, assinado por Edgard Armond. Exposição sucinta e didática, e bons desenhos, ótimos gráficos demonstrativos, da *Fase da Nebulosa*, com o *Plano da Manifestação* de que se vê sair a *Ação do Verbo*, e da *Formação do Sistema Planetário* e da *Formação do Planetário Solar.* Aceitemos, como ponto vivo, na história da formação da Terra, a concepção filosófico-científica de Laplace: nosso sistema planetário, heliocêntrico, provem de uma mesma nebulosa, de que saira, primeiro, o sol; depois, os planetas, os satelites, os cometas. Se não se fala, no ponto em análise, na teoria de Laplace, nada vimos que, em tese e a rigor, possa invalidá-la.

Os pontos 2.º, 3.º e 5.º reservavamnos uma surprêsa, uma agradabilissima surprêsa ao espírito : trazem a assinatura de Carlos Jordão da Silva. Não haviamos descoberto, durante nossa grande e boa amizade, o nosso convívio de 40 dias na *Caravana da Fraternidade*, nenhuma qualidade didatica no Carlos. Nem suas qualidades de pesquisador de coisas sérias e substanciosas. Surprêsa que seria maior, certamente, se não lhe houvessemos ajustado, assim nos conhecemos no *Congresso de Unificação de São Paulo*, de Novembro de 1948, o *Amazonas*, em vez do *Jordão*, dada a sua capacidade de trabalho. Lemos, assim, com redobrado interêsse o segundo ponto A TERRA, sua *formação e aparecimento de seres vivos;* e 3.º ponto, as *Raças Primitivas* e o 5.º *Selecionamento das Especies.* Temas e dissertações ilustradas a graficos e desenhos elucidativos.

Pelo que já dissemos e pelo que haviamos lido até aqui, o livro nos valeria muito, considerando-se o poder da voz do coração. Mas, é força confessar que as outras colaborações, que os outros colaboradores emprestam maior valor e mais subido interêsse, emprestando ao volume; emprestam-lhe uma feitura diferente, um excepcional mérito. Assinam os outros trabalhos, como responsáveis dos pontos subsequentes: Godoy de Paiva: *Civilização Mesopotamia, Abrão e a semente do povo hebreu. Seu estabelecimento em Canaan. Sua descendência.* Tudo matéria do ponto 6.º, e o ponto 9.º, *Preparação dos Hebreus no Deserto. O Decalogo. O Regresso a Canaan*, e o 10.º, a *Morte de Moisés.* E Manso Vieira, o 7.º ponto: *José. Mudança do Povo Hebreu para o Egito. A Escravidão até Moisés*, e o 8.º: *Missão Planetária de Moisés*, e o 11.º: *O Governo dos Juizes.* Iracema Martins de Almeida, o 12.º ponto: *O Governo dos Reis até Salomão*, o 13.º: *Separação dos Reinos. Sua destruição e cativeiro*, o 14.º: *Período do Cativeiro até a reconstrução de Jerusalém.* Pedro de Camargo, o grande Vinicius: *Os Profetas de Moisés a Malaquias*, o 15.º, que se extende por mais dois pontos, *o 15 a e b.* Volta Edgard Armond, aos 16.º e 17.º pontos : *História de Israel e Dominação Estrangeira até o Reinado de Adriano.* Vinicius termina esta parte do livro, subscrevendo o 18.º ponto: *Os Livros.* Seguem-se então, os Comentários dos Espíritos, naturalmente os inspiradores do admirável plano, transmitido por médiuns de confiança.

Lemos e anotamos tudo, sublinhando aquilo que precisamos aprender e recordar.

Tempo bem empregado, o nosso, na importante leitura-estudo que fizemos do primeiro volume da magnifica série INICIAÇÃO ESPÍRITA. E estamos nos preparando para a leitura do segundo volume.

Não sei se houve quem dissesse algo sôbre a magnifica coleção, sôbre os livros já editados. Ou se se trata de livros que passam, ás vezes, criminosamente, em face da displicência ou da falta de tempo de muitos espíritas, que os tiverem e os leram, a exemplo do que sucede com muitos volumes que vão por aí, obras de espíritas e para a difusão do Espiritismo. Nós mesmo já tratámos de alguns por esta *Revista.*

Como gostamos de fazer justiça e de ser, por vezes, também, alvo de manifestação de justiça, sempre que as obras nos agradam, que o livro nos satisfaz, vamos dizendo o que pensamos e sentimos sôbre êles.

E sentimo-nos feliz com isso...

Mediunidade e Sugestão

DEOLINDO AMORIM

(Conclusão)

A sugestão — segundo Radecki — «*consiste na influência que exercemos sôbre a subconsciência alheia, para aí introduzir os conteúdos intelectuais que não queremos submeter à critica do sugestionado e que são destinados a provocar tendências ativas não controladas*». Já por aí se vê que não é possível confundir sugestão com mediunidade. Além de tudo, convém notar que a sugestão depende muito do prestígio da pessoa que sugestiona. Quando, por exemplo, uma pessoa de projeção social ou científica diz uma coisa, quase sempre há quem aceite o que essa pessoa diz, e aceita simplesmente por causa do nome, da importância, da posição social, etc. Um professor, em certos casos, pode ter muita influência sôbre um aluno. Quando isto acontece, ainda que o professor diga um absurdo, o aluno aceita o absurdo sem exame, sem discussão, porque a autoridade do professor pesa muito nos julgamentos. Um professor pode, portanto, impôr uma idéia errônea a um aluno, por meio da sugestão, desde que o aluno queira *ACEITAR* passivamente o que o professor lhe diz. Nem sempre, porém, isto acontece, porque há muitas pessoas que não se deixam sugestionar, em hipótese alguma.

No fenômeno da sugestão o *paciente* exerce influência muito mais importante do que se pensa. Houve tempo em que se pensou que sómente o *agente* podia exercer autoridade sôbre o paciente. Hoje, porém, já se reconhece que o papel do paciente é também decisivo. Não basta querer sugestionar: é necessário que o paciente consinta em ser sugestionado, esteja com disposições psicológicas para aceitar aquilo que se lhe diz. Até mesmo nos casos de inconsciência, provocados pelo sonambulismo, prevalece, muitas vezes, a vontade do paciente, como na experiência de Colavida, na Espanha. Ora, Fernandez Colavida, um dos mais conhecidos experimentadores da Espanha, aplicou o passe magnético em determinado paciente e, depois, *sugestionou* o espírito para que êle negasse o que havia dito, pouco antes. Era a contraprova de uma experiência. No entanto o espìrito não obedeceu à sugestão, continuou a sustentar o que afirmara na experiência anterior. Isto prova, portanto, que, no fenômeno da sugestão, a reação do paciente, conforme seja o estado psicológico, contorme sejam as suas condições espirituais, pode neutralizar, até, a ação do agente.

Os fenômenos mediúnicos não obedecem a processos sugestivos. Logo, não é possível enquadrar a mediunidade no campo da sugestão. Acontece, porém, que a sugestão tem relação com o magnetismo, o sonambulismo, o hipnotismo, por exemplo, mas é preciso saber que o Espiritismo estuda êsses fenômenos como parte da fenomenologia psíquica, em capítulo especial, denominado *animismo*, isto é, uma categoria de fenômenos produzidos pelo espírito do médium. O Espiritismo não confunde os fenômenos de animismo com os fenômenos de além túmulo, que são fenômenos produzidos por espíritos realmente desencarnados. Há, porém, um aspecto a considerar. Em determinados estados patológicos — é o caso da nevrose, da histeria, etc. — ocorrem certos fenômenos anímicos em que a alma, emancipando-se transitóriamente do corpo, revela conhecimentos que não possue no estado normal, toma atitudes completamente diferentes do comportamento habitual da criatura, etc. São os casos de alteração da personalidade. O êrro de muita gente está justamente no seguinte ponto: pelo fato de, em estados doentios ou patológicos, ocorrerem fenômenos, alguns psicólogos, que viram os fenômenos apenas pelo prisma da psiquiatria, generalizaram logo e, assim, declararam que a mediunidade é um «caso patológico».

O psiquiatra vive à procura de doenças mentais, e só lhe interessam os casos patológicos. E' claro que certos psiquiátras, tendo examinado médiuns doentes, médiuns desorientados ou desequilibrados, não tiveram outra saida senão firmar um diagnóstico geral: insanidade mental. Os psiquiátras viram apenas um lado do fenômeno. Nem todo fenômeno, porém, se explica pelo sonambulismo ou pela hipnose. A sugestão pode provocar certos fenômenos psíquicos, mas êstes fenômenos pertencem ao quadro dos fenômenos anímicos e, com isto, não se invalida a veracidade dos fenômenos de além túmulo ou extraterrenos. Exagêro, porém, é querer explicar os fenômenos espíritas pela sugestão, quando se sabe, que tais fenômenos não dependem da vontade humana, como já dissemos no artigo anterior.

A propósito de um artigo

EDSON DE ABREU

Em o número de janeiro-fevereiro-março de 1953 da «Revista Espírita do Brasil» publiquei artigo sôbre o título de «Em defesa do vocábulo Metapsíquica», em que, ao final referi-me ligeiramente a certa opinião do eminente confrade doutor Carlos Imbassahy. No número seguinte da Revista, a pedido de um amigo dele aquele beletrista resolveu provar o êrro de algumas de minhas afirmações. Apesar de me ser muito facil refutar os argumentos do grande escritor patrício, sómente agora é que me é possível isso fazer.

Calculo qual deve ter sido a surpresa dêsse amigo do ilustre beletrista patrício ao ver que êste não cuidava da tese central de meu artigo e, até, fazia confusão em relação a alguns tantos pontos, por vezes importantes.

E é assim, porque ao meu ver — e faço constrangido esta observação — Imbassahy não leu, com o cuidado que mereciam determinados pontos de meu artigo. Digo mais, até: êle passou uma vista de olhos em meu artigo, como se diz, escreveu apressadamente, para, talvez, livrar-se o mais depressa possível de tedioso encargo. Não é devido a má fé que formulo esta opinião é que tanta é a crença que voto no valor intelectual do grande escritor patrício, que não poderia acreditar não houvesse êle penetrado na essência de meu pensamento; tanto é minha confiança em sua honestidade que não poderia supor houvesse êle *deliberadamente* omitido uma parte de certo argumento meu como provarei mais adiante.

De passagem, lembrarei que as citações que se encontram no trabalho de Imbassahy perderam o valor que pudessem ter em virtude de se referirem a idéias não minhas, mas resultantes de colaboração que me deu o doutor Imbassahy... Com efeito: a certa altura de seu trabalho, Imbassahy colaborou indevidamente comigo... Diz êle referindo-se a mim: «Pouco depois nos diz que a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade do fenômeno metapsíquico, o que é a tese do seu artigo». Ora, esta afirmativa é de importância, mas não é a minha tese... Em meu artigo eu lembrava a conveniência de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pelo vocábulo isto é, pela palavra «Metapsíquica». Apresentei, às páginas 13 daquele trabalho, quatro razões para se usar, unicamente, linguagem científica, a expressão «fenômeno metapsíquico». Já no início de meu trabalho (quinto parágrafo), perguntava eu: «Existirá, realmente, identidade de essência entre o que se denomina de Metapsíquica e o que se chama Espiritismo Científico» — desenvolvendo meu tema, concluia eu que sim.

Como, entretanto, teria o doutor Imbassahy chegado àquela conclusão a que mais adiante me referi — muito simples é que, à guisa de epígrafe ao meu trabalho, a redação transcrevera o seguinte trecho do artigo: «A Metapsíquica não tem por objeto apenas provar a realidade do fenômeno metapsíquico e procurar sua causa: êsse é apenas um aspecto do que ela pode estudar.» Quem colocou em epígrafe aquele trecho foi a redação, e não eu.

Quem lesse, entretanto, todo o artigo com cuidado, logo perceberia minha tese.

Outro ponto em que se enganou meu ilustre confrade, foi quando julgou que, com as palavras mais acima comentadas, eu estava dizendo ou querendo dizer que a Metapsíquica se deveria preocupar com coisas tais como a reincarnação, lei de causa e efeito, etc. E' o que se depreende de vários parágrafos do seu artigo, intitulado «O vocábulo Metapsíquica», ao qual remeto meu leitor. Vejamos, agora, o que escrevi logo depois de haver dito que a Metapsíquica não tem por objetivo apenas provar a realidade do fenômeno Metapsíquico e sua causa. «Os fenômenos, lembremo-nos, não apenas podem ser estudados sob aquele aspecto, mas também podem ser estudados unicamente pelo aspecto experimental; assim, há todo um grande capítulo dedicado às leis do fenômeno, à melhor compreensão da personalidade humana, às inter-relações entre espírito e perispírito e corpo somático etc. (pág. 13 e 22).

Embora o trecho acima não se apresente muito claro (há um «unicamente» que pode causar confusão), ve-se que eu queria simplesmente mostrar que além do valor analítico (prova do fenômeno como real) poder-se-ia, ainda, cuidar das inter-relações entre êsses fenômenos, das suas leis, da concepção mais profunda do subconsciente a que levam naturalmente aqueles estudos. Nada ali que indicasse devesse a Metapsíquica se preocupar com problemas eminentemente filosóficos, como a lei de causa e efeito por exemplo...

Resolvido êste ponto e antes de passar à refutação daquele em que o doutor Carlos Imbassahy mais se aproxima da refutação da minha tese, quero abrir um parêntese afim de tratar de dois assuntos sugeridos pela idéia do Dr. Carlos Imbassahy e que acabei de comentar. Timidamente lembrarei ao eminente confrade que, se êle pretende que, provar a existência do fenômeno é o único objetivo da Metapsíquica direi que se assim fôsse, perderia ela seu cunho científico. Remeterei, a propósito o meu leitor ao próprio número da Revista em que apareceu o artigo que estou refutando; lá, às páginas 22, nos «Estudos Doutrinários» do C. E. «18 de Abril», de forma simples, entretanto muito certa, faz-se distinção entre conhecimento vulgar e conhecimento científico, entre fenômeno e ciência, entre a simples constatação do fato e a sua correlação com os demais, com a busca e pesquisa de suas causas... Em segundo lugar lembrarei ao meu eminente contraditor que os estudos psíquicos tendem a levar o pesquisador a determinadas conclusões de ordem filosófica, mesmo tratando de assuntos eminentemente cientificos, o que é favorecido sem dúvida pela natureza especial dêsses estudos. Até notórios adversários da hipótese espírita não se iludiram a êsse respeito. E' o caso de René Sudre, que, ao apresentar os volumes da «Bibliothèque Internacionale de Science Psychique» in «Les Phénomènes Physiques de la Médiumnité», de Schrenck-Notzing, assim diz referindo-se à ciência que do psiquismo se ocupa: «*Elle laisse le champ ouvert a de passionantes controverses dont l'enjeu EST LE SECRET DE LA DESTINÊE HUMAINE*» (grifos meus). Não é absolutamente necessário que áquelas cheguemos mas é legítimo a elas chegarmos, desde que seu carater hipotético seja mais ou menos notado. Bem sei que isto se choca com opiniões de anti-espíritas, mas penso também que o Doutor Carlos Imbassahy que tem descoberto tanta moeda falsa no Brasil, não aceitará, também, a falsificada em terras estrangeiras...

Fechado o parêntese, aliás de importância secundária para a tese de que estamos tratando, comentarei, agora, aquele ponto em que o autor mais se aproxima de minha tese. Eu fizera notar que me parecia, e com razão, que Imbassahy colocara a Metapsíquica fora do Espiritismo quando dissera, respondendo a Três Estrelinhas: «Pois saiba que a Metapsiquica é a base do Espiritismo. Não há Espiritismo sem Metapsíquica. Sem essa Ciência perderia toda a sua fôrça, todo o seu sustentáculo que é a prova.» Diante de minha opinião supra declarada, assim se defende o ilustre beletrista patrício: Que o julgasse estava no seu direito, mas que estivesse com a razão é que não é possivel. Se eu digo que a Metapsíquica é a base do Espiritismo, que é o seu sustentáculo, que é a sua prova, como o estaria colocando fóra da Metapsíquica ou a Metapsíquica fora dele?»

A resposta é fácil: primeiro, porque dizer que a Metapsíquica é a base do Espiritismo «tout court» é já assim a colocar. E' evidente que, se Imbassahy se referisse a Espiritismo Filosófico a questão mudaria de figura; do modo como o fez é que não. Além do mais há que se considerar o seguinte: que nem sempre quando afirmamos que algo é a base de alguma coisa qualquer nem sempre estamos querendo dizer que essa base faça parte da coisa considerada... Assim, quando digo que esta mesa é a base em que apoio minha máquina de escrever, ninguém entenderá que a mesa faça parte de minha máquina... Por outro lado, quando se diz que a base o sustentáculo da Geografia Física é a Geologia não se quer confundir as duas ciências numa só. A Meteorologia e a Climatologia são distintas uma da outra apesar de a primeira ser a base, o sustentáculo da segunda. E assim por diante... Aliás, às paginas 5 da Revista, nosso prezado confrade vem em auxílio involuntário do que digo quando afirma, referindo-se à questão da imortalidade da alma, lei de causa e efeito, reincarnação etc: «Tais Doutrinas, porém já fazem parte de OUTRA DISCIPLINA, o Espiritismo.» (Grifos meus).

Em consequência, segue-se que «a emenda foi pior que o soneto», pois como se nota nitidamente na última frase que transcreví, nosso eminente confrade retira do Espiritismo (pelo menos em seu artigo que analiso) toda a matéria científica...

Pois, se errei, o que eu advogava era simplesmente a adopção do VOCÁBULO Metapsíquica em substituição à expressão Espiritismo Científico.

Em contrário à minha tese e àquela que é defendida pelo Dr. C. Imbassahy, há que destacar a do meu prezado amigo e eminente confrade, Deolindo Amorim. Êsse autor é um dos que aceitam a tese do tríplice aspecto do Espiritismo — e assim se afasta do doutor C. Imbassahy do artigo que comento; por outro lado, ele é contrário à minha tese... Para resumir a questão, direi que êle aplicou ao caso o tipo de argumentação usado em seu livro «Africanismo e Espiritismo». Ora, evidentemente esta não era bem a posição a ser tomada pois não se tratava aqui de reunir idéias opostas, mas simplesmente de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pelo vocábulo «Metapsíquica». Mesmo assim o sentido geral de sua tése era bom; parece-me, até, que êle chegou em uma de suas preleções no C. E. «18 de Abril» a considerar e defender a idéia de que não convinha fosse feita aquela substituição, em virtude de possuir, a Metapsíquica, *um elemento emocional de ordem anti-espírita* a ela ligado, *que se transmitiria ao vocábulo*.

ESTA É, COM EFEITO, A MELHOR ARGUMENTAÇÃO QUE SE PODERIA EMPREGAR.

Argumentação que, diga-se de passagem não foi apresentada pelo Dr. C. Imbassahy. O que é natural, pois êle não chegou propriamente à discussão de minha tése.

A segunda tése de Amorim, se aceita, implica em afastar pelo menos no momento, a possibilidade de aplicação da minha idéia, pois aquele elemento de ordem emocional realmente existe. Daí me parece lícito inferir que minha tése, se logicamente fundamentada, não o é *psicologicamente*. Solução a que chego sem grande dificuldade não tanto por considerar apenas psicologicamente errada minha tése, mas principalmente por me mover o amor da verdade. Como quer que seja, continuo a acreditar na oportunidade do tratamento do tema, que outro mérito não tivesse teria êste: o de ventilar problema grave e sôbre o qual as opiniões ainda são muito diversas. E' também assunto a merecer *ainda* uma vez a consideração do Doutor Carlos Imbassahy, o eminente espírita a quem tanto deve o Espiritismo no Brasil; o eminente espírita com o qual, afinal de contas, talvez, eu esteja de acôrdo, não passando senão de simples fruto de mal entendido o que externou naquele artigo o eminente espírita ao qual rendo, de público, o testemunho de minha admiração.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nóssos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Religião e Ciência

Considerações Preliminares

I

A vida circunscrita às preocupações terrenas, quando nos compéle à resolução dos problemas de nossa existência consoante o prisma delineado pelas nossas aspirações, apresenta-nos, invariavelmente, pela ação do tempo, uma interrogação íntima no que diz respeito ao nosso destino após a morte.

Sabemos com certeza, que caminhamos, dia a dia, em direção ao túmulo e aí chegaremos a conhecer êsse destino; entretanto, as conjecturas que alimentamos sôbre a felicidade futura, no caso da sobrevivência da alma ou espírito, encaminham-nos às conclusões de que tal destino se resolverá como o definem as religiões espiritualistas, variando as situações dessa felicidade, de acôrdo com o que estabelecem os seus dogmas ou as regras de fé adotadas nos seus cultos.

De todas as religiões conhecidas, o Cristianismo, surgido há perto de dois mil anos, está representado por êsse maravilhoso código de ensinos, legado à Humanidade pela Sabedoria Divina, por intermédio de Jesus Cristo, o maior dos Missionários Celestes que vieram ter ao nosso mundo. O Evangelho Cristão ou Boa Nova, que se contém nêsse código, de procedência verdadeiramente divina, tem o poder de nos instruir sôbre as grandezas da Espiritualidade e de nos concitar a traçar na vida a conduta que se amolde ás leis imutáveis e eternas reguladoras da evolução dos seres criados para constantes atividades de aperfeiçoamentos. O Mensageiro dessa Boa Nova, como enviado celeste, revelou-se dotado de sabedoria transcendente ao legar-nos uma doutrina firmada em princípios de verdade, capazes por êsse motivo, de resolverem o problema de nossa felicidade, na vida futura, em todos os estágios da evolução espiritual.

O Cristianismo deve, pois, ser considerado como religião de procedência divina, não podendo, assim, a interpretação de seus ensinos ser alterada por dogmas proclamados por homens ou tendências sectaristas que desvirtuem a grandiosidade de sua missão.

As divergências que surgiram, nessa interpretação, desde os primeiros surtos de sua propaganda, criaram-se e continuam a ser criadas sob a influência de imperfeições humanas, através de fatores de ordem política ou de interesses contrários aos princípios do Cristianismo, pois que êste visa realizar em todas as nações, a união e não a discórdia, afim de que se cultivem nos corações o perdão e não a vingança, o amor e não o ódio.

E' fato comprovado que o Ultramontanismo, visando pela sua ação social e política, o domínio do mundo com o apoio de governos absolutos e despóticos, provocou as lutas religiosas que a História relata e onde a barbarie com o seu cortejo sinistro de crueldades, instituiu o tirânico lema do — «crê ou morre» — distanciando-o completamente do Cristianismo.

Sim, porque o Cristianismo se fundamenta no principal de seus ensinamentos — o de «amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo». — Tudo o que se instituir em matéria de religião, fóra dêsse ensinamento que faz parte do Decálogo, como um de seus mandamentos, não pode, absolutamente, se inspirar no Cristianismo.

O amor deve se considerar como a viga mestra de toda a obra cristã para poder inspirar sentimentos altruisticos que produzam, em abundância, os frutos da Caridade.

Sem o amor ao próximo, não existirá a solidariedade e nem se poderá construir a ordem social e política de um povo nas báses do direito e da justiça

Durante os 10 tenebrosos séculos da Idade Média, os surtos da ciência estacionaram sob a fôrça tirânica de governos absolutos que lhes não permitiram os beneficios de seu progresso em pról da Humanidade. Apesar disso, o obscurantismo dêsses séculos, não conseguiu dominar a fôrça redentora das idéias.

Nas lutas titânicas que se travaram, nesses tempos, foram glorificados muitos mártires: os nomes de Galileu, Jordano Bruno, Savanarola, Joana D'Arc e outros, continua imortalizados na memória das gerações.

Rompidas como foram, as trévas dêsse obscurantismo, o povo francês, dominado pelo ideal da liberdade, destruiu com a sua revolução, de caráter universal, os ultimos vestígios do feudalismo opressor e deshumano, abrindo para o mundo uma época de grandes e proveitosas reformas sociais.

E a marcha dessa civilização, traçando novos rumos para os destinos dos póvos permitiu que se pudessem realizar importantes progressos culturais no dominio das ciências, das artes e da filosofia.

Se a revolução francêsa, como já o disse notável escritor patrício, substituiu a nobreza da espada pela nobreza do dinheiro, não se pode deixar de reconhecer, entretanto, que ela legou à Humanidade a mais importante de suas conquistas: «a proclamação universal dos direitos do homem». Essa conquista se encontra perfeitamente fundamentada nos postulados da doutrina cristã. Os princípios imutáveis e divinos dêsses direitos consubstanciam as naturais aspirações humanas, na concretização do mais elevado padrão de civilização que se possa conceber.

Com êstes comentários inspirados nos ensinos da História, chegámos à conclusão de que sob o imperativo da evolução as marchas das civilizações não se interrompem nunca no decurso de seus aperfeiçoamentos.

Com a evidente decadência da civilização contemporânea, observa-se no cenário da política internacional, que os atuais acontecimentos estão elaborando uma outra, cujas bases inevitavelmente deverão ser inspirados nos ensinamentos cristãos, interpretados confórme a Terceira Revelação. Em tais condições acreditamos que o sistêma político, que vier a ser adotado, não sacrificará jamais a liberdade e nem permitirá que se aniquilem as conquistas do progresso espiritual de nosso tempo. Não se póde retornar ao passado. As civilizações nascem, desenvolvem-se, atingem ao apogêu e desaparecem. Outras surgem para substitui-las, no curso dos séculos, mas sempre mais aperfeiçoadas.

Consideramos, pois, que as lutas políticas de nossa conturbada atualidade, hão de culminar com a vitória integral das idéias de emancipação das consciências, ainda escravizadas em alguns póvos, ás ideologias políticas e religiosas contrárias à ordem social nos fundamentos jurídicos das sociedades modernas.

E essa vitória será inevitável, porque os póvos que vivem sob os regimes materialistas e religiosos, totalitários, afastados como se acham do Cristianismo, caminham para a desordem e a destruição. Os regimes totalitários, de qualquer espécie, ao colocarem acima de tudo os interêsses do Estado ou de crédos religiosos, anulam com isso os direitos individuais e impõem aos póvos que tiranizam, as crueldades que revoltam e paralisam a ação do progresso.

Estímulando o nepotismo na administração dos negócios públicos, livres do poder fiscalizador da crítica, os dirigentes dêsses regimes amparados, exclusivamente no direito da fôrça, decretam leis de protecionismo deliberado, visando com elas satisfazer os interêsses das minorias que representam.

As assembléias políticas dos regimes dessa natureza, embora se apregoem de democráticas, não sendo criadas com o voto livre e consciente das massas populares, representam as minorias que governam com os recursos ditatoriais da fôrça e sempre com a finalidade de se perpetuarem no poder.

Êsses regimes, condenados como já o foram no passado e também nos tempos contemporâneos, pelas ruínas de ordem moral, econômica e política que trouxeram aos povos por êles dominados, se revestem sempre das características de supremacias raciais, de coações religiosas e de tiranias, que não permitem o estabelecimento permanente da paz necessária á concórdia universal.

Concluimos, assim, que tendo as religiões por finalidade ligar pela fé raciocinada as criaturas ao seu Criador, os partidos políticos que se organizam com o nome de cristãos, contrariando essa finalidade, falseam a missão civilizadora do Cristianismo, pois Jesus deixou claramente afirmado no seu Evangelho: « — que o seu reino não é deste mundo e que devemos dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus».

A democracia como a definiu Lincoln, sendo como é o governo «do povo, pelo povo e para o povo», só tem existência legal quando funciona com as religiões separadas do Estado ao respeitar os direitos individuais dentro dos limites de se fazer sómente o que for justo e bom.

Os governos verdadeiramente democráticos não anulam êsses direitos; ao contrário, acatam-nos e se esforçam no sentido de que a justiça se exerça sem coações de espécie alguma, impondo-se à confiança dos póvos que dirigem pelo valor de administrações honestas e produtivas.

Respeitando a liberdade de opiniões políticas e de crenças religiosas, encontram êsses governos nas massas populares, a fôrça do seu poder sob a qual conseguem impulsionar a obra do progresso dos póvos que têm a felicidade de os possuirem.

O Cristianismo, observado em seus verdadeiros princípios e sem os aparatos de qualquer pompa, concorre com os efeitos de sua ação instrutiva e educacional para transformar os seus crentes em uteis obreiros da ordem social, econômica e politica dos póvos.

Entre as nações onde certas religiões sofrem coações, declaradas ou disfarçadas, para beneficiar a supremacia de outras com a interferência de maquiavélismos políticos por parte de governos que ostentam as aparências de democrátas, as desordens se avolumam, a intranquilidade se generaliza e a manutenção dêsses governos, para situações inevitavelmente transitórias, só se consegue com o poder de fôrças armadas.

O notável escritor Emery Reves, na sua importante obra — «Anatomia da Paz» — que tanta repercussão tem tido nos meios culturais do mundo, comentando os monstruosos crimes dos campos de concentração da Europa, na última guerra mundial, cometidos com requintes de perversidade por homens e mulheres pertencentes a póvos de tradição cristã, assim se exprime: «A falência do Cristianismo como fôrça civilizadora da sociedade constitui uma tragédia incalculável. Dois mil anos são um período suficiente para se julgar a eficiência de um método, não importa qual seja o valor da doutrina. Durante êstes 20 séculos, ás vezes tem parecido que o Cristianismo, tenha, pelo menos, conseguido dominar a besta que existe no homem, controlar e dirigir as características de seus destrutivos impulsos humanos. Mas, desde que as igrejas cristãs se transformaram em organizações nacionais que apoiam os instintos pagãos do nacionalismo, em toda parte nós verificámos quão fraca era a influência do Cristianismo no mundo ocidental.

Por interêsses mundanos, elas abandonaram seus ensinamentos morais e capitularam diante dos instintos vulcânicos dos homens que estão destinados a se destruirem uns aos outros, a não ser que uma lei universal os contenham. O que era uma fôrça divina e civilizadora no Cristianismo estava no seu monoteismo, no seu universalismo. A doutrina, segundo a qual todos os homens são iguais diante de Deus e sujeitos à mesma lei, era uma idéia realmente revolucionária na história humana. Infelizmente o Cristianismo transformou-se numa hierarquia, cada vez mais dogmática e totalitária e a reação contra ela descambou primeiro para o cisma e depois para um sectarismo generalizado.» Eis aí duras verdades, expostas por êsse notável escritor que se confirmam ao examinarmos as terríveis lutas religiosas do passado e dêsse exame estabelecermos um confronto com o estado desolador da civilização de nosso século. Discordámos, entretanto, dêsse destacado escritor, quanto a expressão — «falência do Cristianismo» — por ser este obra de origem divina; e, por isso, de existência eterna e imperecível; mas, a falência que constatamos, em face dos fatos que comenta, é a dos dogmas e dos sectarismos, que desvirtuaram a missão do Cristianismo com errôneas interpretações dadas aos seus ensinos.

Jesus, no seu Evangelho, previu êsse estado a que chegaria a Humanidade. Acentuou que sua doutrina seria conhecida em todas as nações e esclareceu que o método de sua propaganda deveria ser o da persuasão e da tolerância com demonstrações inequívocas, pelas provas dos fatos, de sua origem divina.

Respeitando o direito de crêr ou não crêr no que Êle pregava, assim falou ao povo hebreu:

«Jerusalém! Jerusalém! Quantas vezes eu quís ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta debaixo das azas seus pintainhos e tu não quiseste».

Esclareceu, com êsse ensino, que o

Cristianismo condena a tirania e a intolerância. Que tendo êle por missão «libertar os cativos e os oprimidos», como menciona o seu Evangelho, não pode se amoldar a dogmas e a sectarismos contrários a essa finalidade.

Para podermos compreender essa doutrina em seus fundamentos eternos e moralizadores, necessitamos possuir a fé raciocinada que nos faculte encher de amor nossos corações, bem como provar com a retidão de nossos atos, a elevação moral exigida para o nosso progresso espiritual.

Sob o dominio dessa fé conseguiremos estabelecer ligação com o nosso Divino Mestre pelo coração e pelo espírito.

Justificámos, pelo exposto, como causa principal da falência das religiões dogmáticas e sectaristas, na obra de cristianização da Humanidade, a errônea interpretação que deram e continuam a dar a muitos dos ensinos cristãos, o que passamos a demonstrar, nesta obra, nos capítulos nos quais comentamos êsses ensinos com o emprêgo de um método mais elucidativo e perfeitamente consolidado na razão e na lógica.

Alberto Lopes.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

Escrevendo sôbre o MEMÓRIAS DE UM FRANCISCANO, de Arnaldo S. Tiago, em REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, dissemos : «Como gostariamos de, um dia, escrever, também, nossas memórias com muitos casos e fatos, com muitas coisas bonitas e feias, nossas e de muita gente com quem temos privado através da vida, que já se nos vai tornando muito longa...»

Em nosso artigo, PERSONALISMO SADIO, O NOSSO? inserto em «Almenara», jornal-revista de Pereira Guedes, respondendo, ainda, ao Arnaldo de São Tiago, dissemos mais : «E que bem nos faz seu livro, naqueles passos destacados por nós! Fez-nos tanto bem, que até despertou em nós o desejo forte e puro de, também, coordenar, um dia, em forma de memórias — MEMÓRIAS DE UM ESPÍRITA BAIANO — muita coisa de nossa vida que, talvez, valha a pena ser conhecida em forma de livro...»

Vamos iniciar AS MEMÓRIAS DE UM ESPÍRITA BAIANO, com o presente relato. Termina-la-emos? Não cremos. É possivel que, antes de terminá-las, venha a morte libertar-nos. Nesse caso, é possivel que haja quem—entre muitos confrades e amigos que nos sugeriram, mais de uma vez, essas memórias, — as termine, prestando, assim, êste serviço—se valer a pena — ao desencarnado memoralista...

Adotamos o hábito de anotar, diariamente, os acontecimentos marcantes de nossa vida. Reportar-nos-emos a essas notas, sempre que a memória — e a memória dos velhos falha tanto! —não nos ajudar, não se lembrar, com precisão, dos fatos, das coisas, dos homens, das instituições que forem memoriadas.

Os memoralistas são, via de regra, muito generosos consigo mesmos, com as suas fraquezas, exagerando, entretanto, as fraquezas alheias. Pretendemos não usar de dois pêsos e duas medidas *nestas memórias. Se fugirmos ao* nosce te ipsum, *analisando fatos, homens e instituições, não há de ser para nos apresentarmos o* santinho *que nunca fomos, que nunca pretendemos ser...*

PRIMEIROS CONTACTOS COM ESPÍRITOS — MINHA MENINICE — ADVERSIDADE EM TUDO

1 — Foi em Esplanada, no interior da Bahia, a que haviamos chegado de uma viagem trágica-estafante, de Jatobá de Itacaratú, hoje Patrolandia, margem de S. Francisco, Estado de Pernambuco. Eu devia ter cinco anos, quando, uma noite, fui com minha mãe a uma sessão

espírita. Compareceram muitos curiosos e convidados como nós mesmos. Minha mãe recebeu uma significativa mensagem, em letra e linguagem que eram conhecidas dela, assinada por Emilio. Tio Emilio, um irmão de meu pai, morto há muito tempo. A velha Dadá, que havia auxiliado nossa criação, disse, emocionada e lentamente : «Adeus, Milú !» Risos. Sopra, forte e súbito, o vento. Apagou-se o *candieiro de gaz*. Kerosene era conhecido assim. Um gato entrou na sala a miar desesperadamente. Balburdia ! Minha mãe parece que se apavorou tanto, que nunca mais quís nada com espíritos, com sessão espìrita. E dizia até intrigada com os fenômenos espíritas : «Por mais que goste de uma pessoa, morreu acabou, que não me apareça, de forma alguma. Deus me livre de quem morreu, de Espírito.,.

* * *

2—Depois, em Salvador, na Ladeira do Unhão.

Fomos aí,—eu, minha mãe, a preta Dadá, a tia Odilia, uma rapariga, a Erondina e meus dois irmãos — abrigados de favor na casa de uma pessoa amiga, a Demétria. Seu marido, o Cabo Amaro, muito prosa, tocador de violão e cantador sem voz de modinhas, gostava de contar histórias de almas do outro mundo. Minha mãe entrava na conversa para repetir o caso de Esplanada e para dizer, invariavelmente : «Comigo, morreu, morreu ! Nada de conversa com espírito, nada de assombração comigo. Por isso, óro todas as noites, pelas almas penadas do purgatório».

— Pois, olhe, d. Marotinha : passou, agora mesmo, uma alma ali, no corredor, dizendo que deseja falar pela senhora, que deseja escrever por sua mão — dizia, de brincadeira, o cabo Amaro, a sorrir-se.

Os tempos que aí ficamos, fomos todos trabalhar na fábrica Meuron, de cigarros. Eu aparava, à tesourinha, as pontas, dos cigarros. Chegava em casa, à tardinha, meio tonto por influência do fumo...

3 — Depois, em Plataforma, na Rua do Tanque, numa casinha pequenina, sem fundos e sem instalação sanitária, para onde nos passamos, por sugestão da Demétria, afim de trabalharmos na fábrica de tecidos e de calçados. Eu, o mais moço dos três filhos, mal sabendo as letras do alfabeto, na escola. Uma escola diferente : das oito ás quatro da tarde, a dois mil réis por mês, pagos a quinhenhos réis por semana. Apareceu aí, um dia, uns homens, perguntando se queriamos que êles fizessem uma sessão espírita, afim de saber-se o que era feito de meu pai, que andava pelo Amazonas, a que fôra, aventureiramente, à caça de fortuna. Só por isso, minha mãe consentiu na sessão, contanto que ela não recebesse espírito, nem escrevesse mais em nome de espíritos. Um médium recebeu o espírito de meu pai, perturbado e chorando muito. Contou sua história : voltava para casa, para o seio da família, trazendo uma fortuna, de quinze contos de réis. Fôra surpreendido por malfeitores, que o roubaram e mataram a facadas. O diretor da sessão, um tal de Eduardo Carijó, confortou e doutrinou o espírito de meu pai. Minha mãe ficou muito triste, e só não se cobriu, e nós também, de luto, porque não havia dinheiro para comprar pano preto. Anos depois, em 1907, chegava meu pai do Amazonas, trazendo alguma economia e dizendo que nada daquilo acontecera com êle...

* * *

4 — Eu fui o único membro da família que nutria certos pendores religiosos. Fui ao catecismo na Igreja de S. Braz, expontaneamente. Meus irmãos, que nunca ligaram a religião e a sentimento religioso nenhum, troçavam, a miude, do padre, Frei Casimiro, só para pirraçar-me, só para me verem indignado e agressivo.

Fiz minha primeira comunhão a 8 de Dezembro de 1904. Ainda conservo um santinho, a *Ceia do Senhor*, com a dedicatória e assinatura do frei, que me recorda êsse tempo. A Igreja de S. Braz ficava, como, de resto, todas as igrejas, isolada e num altinho. Quasi que não compareci, por falta de roupa adequada, à comunhão. E estava triste, por não poder assistir e tomar minha hóstia. Minha mãe, na verdade uma santa, se santas podem existir na Terra, tomou de tão pobrezinhos que eramos, uma roupinha de marinheiro, muito em moda na época, emprestada à senhora do dr. Lopes ; roupinha de seu filho, para eu usar na comunhão. Lá me fui eu, todo lampeiro. levando um laço azul no braço esquerdo. Frei Casemiro, depois da hóstia, predicou: se não fosse a certeza que êle tinha de que o coração de nossos pais, principalmente de nossas mamães, ficaria sangrando de saudade, êle desejaria que todos nós morressemos alì mesmo, aquela hora, tal era a certeza de que todos os comungantes iriam para o Céu. De mim, pouco se me daria que o coração de minha mãe sangrasse de saudade. Só pensei em mim, na minha salvação! E desejei, sinceramente, morrer alì, aquela horinha, para ganhar o céu...

De saída, uma vaca malhada pastava lá em baixo. Um pedaço de pau aos meus pés foi uma tentação. Apanhá-lo e atira-lo na vaca, foi obra de um segundo. A preta velha Dadá, que me levára à Igreja, que me queria muito bem, que se babara de alegria e emoção ao ver seu menino merecer o Céu, não se contéve que não me dissesse: «*Apois você, meu fio, que acabou de ganhar o Céu, porque recebeu Nosso Senhor Jesus Cristo de joeio, fazê uma mardade dessas com o bicho! ? Que fez este bicho a você? Isto é lá coisa de quem ganhô o Céu! ?*»

Respondí imediatamente, a sorrir-me:

—Não tem importância! No outro mês, eu torno a confessar-me, torno a comungar e voltarei a merecer o Céu, novamente...

* * *

5 — Passamos a residir na Rua dos Artistas. Perto de nós, uma família de operários como nós, que passava mais privações do que nós. Um dos rapazes, o Joãozinho, até me ensinou música e me incorporou á filarmônica S. Braz e, depois, à *Lira de Apolo*, em Itapagipe. Uma das moças, a Donana, passou a ver espíritos. Via-os na fábrica. no meio dos teares, a caminho da fábrica e de casa, na própria casa. O espìrito que via, era o de uma vizinha e amiga da família, que morrera em Alagoinhas, onde se conheceram. Morta, insistia com os Cerqueira Campos para mandarem buscar a filha, a Genésia, que deixara naquela cidade. Só teria calma e só os deixava livres de sua influência, se fizessem isso... Chamou-se o sr. Marques Porto, o único espírita conhecido em Plataforma, que residia no bairro de S. João. Foi o sr. Marques Porto quem arrancou esta declaração do Espírito, por intermédio da própria Donana. Pois, com a satisfação de sua vontade, tudo se acabou. E os Cerqueira Campos ficaram ainda mais católicos, ainda mais agarrados à Igreja...

* * *

6 — Desejei ser frade franciscano, como Frei Casemiro. Quís começar por ser sacristão. Cheguei a nutrir certa inveja, certo ciúme do Mateus, o *coroinha* da igreja. E como o admirava, invejando-o, quando o via a engrolar seu latinório, ajudando a missa. A essa altura, minha mãe, que havia escrito ao meu pai, em Labroa, no Amazonas, sôbre minha vontade de entrar para o convento, recebera dele uma carta de autorização. Levei a carta a Frei Casemiro, antegozando o prazer de, um dia, poder salvar muita gente, ensinar catecismo a muita criança, fazer muito casamento, batizado, vestindo um burel tão importante! O frade leu a carta de meu pai e disse-me: «Meu filho, nossa ordem faz voto de pobreza, e vive como pobre. Mas, é preciso que se faça um grande donativo para entrar nela, o que você não poderá fazer. Além do mais, só estrangeiros e brancos podem ser frades. Ora, você é brasileiro e mulato... Sinto muito, porque gosto muito de você, creia, mas...»

* * *

7 — Passei a aprender o ofício de sapateiro com um vizinho, o Uriel, que morava parede e meia comigo na Rua Industrial. Uriel lia a Biblia até no serviço. Arrastou-me, também, à leitura da Biblia. Trazia parábolas, versículos e episódios biblicos de cór, cuja memoração me entusiasmava. Eu gostava de ouvir sua cultura biblica. Aprendi com êle o gosto pela leitura da Biblia. Li-a toda, compreendendo alguma coisa e sem compreender muito mais coisa ainda. Quando cheguei ao Decálogo (Êxodo XX) havia perdido a fé na Igreja, nos padres. E quando terminei a leitura do *Velho Testamento*, havia perdido a fé em Deus. Um Deus que se arrependia de coisas erradas que fizera; um Deus rancoroso e vingativo que, Criador e Pai de todos, atirava irmãos contra irmãos; um Deus que permitia o roubo e a prostituição,

repugnou à minha consciência de menino quasi analfabeto.

* * *

8 — Minha primeira escola foi em Petrolândia, Pernambuco. Ia a ela de brincadeira. Vestido de camisolão barato, parecendo um menino fantasma. E levava os livros de meus dois irmãos maiores, João e José, a quem eu chamava *Inhão* e *Zebe*. Os outros garotos me chamavam de *mulherzinha*. Eu me zangava e chorava. Mas, não desistia de voltar à escola...

* * *

9 — A segunda escola em que estive, era a do prof. *Ziano*, Vespasiano Ramos da Conceição. Seu filho, o Alvaro, ruivo, debochado e ruim, substituia o pai na sua ausência. Um dia, os outros meninos me foram chamar, escandalizados, para *eu ver*. E vi, efetivamente cenas desagradáveis. Aquilo me enjuou tanto que, em vez de permanecer no deboche, apanhei meus livros e corri para casa. E contei tudo a minha mãe. E não voltei mais à escola...

* * *

10 — Fui aprender com o Aureliano, o irmão mais velho dos Cerqueira Campos, que era alfaiate. Os irmãos e irmãs dêle trabalhavam na fábrica. Êle, de alfaiate, pouco ou nada produzindo. Diariamente ia vê-lo uma rapariga, a Cecilia. Sentava-se perto do Aureliano a conversar pornografia, na ausência da velha mãe e das irmãs. Aquilo não me agradou. Queixei-me, indignado, a minha mãe e falei à mãe do Aureliano. Tangeram de lá a Cecilia, que eu fôra, depois, já moço, encontrar, prostituida, no bairro da Sé, em Salvador...

* * *

11 — Não fui mais à escola nenhuma. Fui para a fábrica, seção de fiação, trabalhar com *meia banda de tabocas*. Os operários diligentes trabalhavam com uma fiadeira completa, nas suas duas bandas. Os incipientes, numa banda, ou meia. Eu era deficientissimo. Daí, a meia banda, que me dava, apenas, seis mil réis e poucos por mês. Um dia, botei, só por curiosidade, uma taboca entre o braço móvel de enrolar a linha na taboca e a trave de baixo. Quebrou-se o braço com estardalhaço, e parou, danificada, a máquina. Veio *seu* Hipólito, maneta, sub-chefe da seção, que até tocava pratos na filarmônica S. Braz, e censurou-me asperamente. Zanguei-me, embora a razão estivesse com êle, e deixei esta seção; fui aprender na seção de calçados. Meu mestre aí era um tal de Conceicão, que tocava contra-baixo na S. Braz. Muito pornográfico. E aquilo—eu, que, desde pequenino, nunca vivi bem em tais ambientes e com tais indivíduos,—me desgostou muito. Passei, a aprender com outro, o Fausto — mais moço, mais forte, mais moralizado. Mentia e gabava-se muito. Mas, teve tal influência sôbre mim que até o acompanhei para trabalhar em Itapagipe; que até o obedecia fóra do serviço...

* * *

12 — Foi nessa fase que meu pai voltara do Amazonas. Trouxe algum dinheiro e botou uma tulha que vendia farinha, feijão, fumo, camarão sêco, rapadura e outros produtos semelhantes. Deu-me a direção da tulha e ordem para eu vender fiado a tais e quais pessoas. Foi depois, em vilegiatura, à Esplanada, a estação de Pedra, com minha mãe. Tive que responder-lhe uma carta. Aliás, horrivelmente escrita. De volta me disse: «Meu filho, você é, ainda, analfabeto. Vou arranjar uma escola boa para você...»

* * *

13 — O vizinho, sr. Samuel, protestante, que falava cuspinhando a cara da gente; falava tanto que, quando tossia, para não passar a palavra ao interlocutor, punha até a mão à boca do outro; o sr. Samuel ficou de arranjar a escola de um grande amigo seu, que fôra professor de seu filho, aliás um menino admirável de conduta e de inteligência. Êsse sr. Samuel, um dia, chegou à tulha, escandalizado, e disse ao meu pai: «Tenho uma novidade para o senhor: fui, ontem, à uma reunião espírita, na casa de um amigo, em Itapagipe. Mas, não diga nada a ninguém». Foi assim que eu ouvi, pela primeira vez, falar-se em espiritismo...

O Perispírito — Trad. de MANUEL CAVACO

De «Revista de Metapsicologia», de Lisboa — Portugal.

OS filósofos de todos os tempos reconheceram que uma alma sem corpo não poderia existir. Sendo o ser pensante uma emanação da Divindade, é de toda necessidade que êle se isole numa forma corpória para se constituir uma personalidade, fóra da qual não teria podido tomar conhecimento de si mesmo. Baseados neste modo de pensar, justificam os materialistas a sua incredulidade, e dizem: os mortos, não sendo mais que um montão de substância inorgânica, não podem sobreviver.

Êste raciocínio cai por si próprio, se podemos efetuar a prova dum corpo invisível, independente dum corpo visível. Esta prova está feita, mas é dificil fazê-la constatar por aqueles que se dicidem a não estudar um fato da qual negam a possibilidade.

Desde o momento que a ação do homem se estende para fóra do seu corpo visível, é porque a alma se afirma por ações que necessitam um condutor material. Êste condutor plástico é o perispírito que trespassa mais ou menos o nosso organismo. E' preciso admitir que a vida é uma fôrça, e que a manifestação vital é um movimento. A fôrça sentimo-la em nós, a noção dela é inseparável do ser vivo, e para explicar a relação entre a matéria e o espírito temos necessidade dum princípio intermediário que é o perispírito. O magnetismo animal, tal como foi ensinado por Mesmer, baseia-se nesta concepção.

O grande enigma da vida terrestre mantem-se inteiramente entre êstes dois problemas: da fôrça e do movimento. Antes da aparição da vida sôbre o planeta havia a fôrça que produziu a vida; antes da constituição do órgão mais ínfimo, havia a idéia elementar que constituiu êsse órgão.

Tudo que vive constitue o nosso mundo visível; tudo que tem uma realidade objetiva, os organismos vivos como os planetas, são materializações. O processo evolutivo de qualquer órgão é uma materialização lenta, movimento que só pode produzir-se sob impulso duma força edeoplástica emanada de todo o indivíduo com poder de agir. Tudo é alma, disse Vitor Hugo.

Hoje, a existência do corpo espiritual exteriorizável só pode ser negada por aqueles que não têm estudado êste assunto. O corpo de carne não poderia viver sem êste intermediário que o liga à fôrça universal.

E' tão grande a importância do corpo psíquico, e tão grande o interêsse que êle nos apresenta, que da sua realidade depende a sua vida ou a morte dum neo-espiritualismo no qual se vai retemperar a consciência dos homens, a vida ou a morte dum materialismo pelo qual a humanidade corre o risco de sossobrar.

As experiências de Crookes são clássicas e difinitivas; a ação do corpo humano exercida para além dos seus órgãos visiveis, ou por outra, a ação à distância, prova a existência dum agente invisível, dum intermediário fluidico que constitue o laço necessário entre o pensamento e a matéria. Não só existe êste agente; mas êle é também exteriorizável, e, longe do corpo, tem-se podido verificar as suas propriedades dinâmicas e sensíveis.

E' baseados na experiência, e no testemunho da ciência independente, que nós afirmamos: que temos um corpo invisivel; que êste corpo é um agente dinâmico; que é um condutor por meio do qual se transmite a idéia do movimento, o que explica a relação entre o espírito e a matéria, entre a obra e o obreiro.

Êle é o veículo da fôrça que se manifesta no ser vivo; é o suporte das formas que se materializam; êle zomba da morte e preside aos nascimentos: êle explica a evolução por um perpétuo renovamento dos seres e a continuidade do elemento psíquico que se afirma por um progresso constante; tal é o princípio das reincarnações. A evolução é um fato que se constata e que prova a continuidade da fôrça que a impulsiona. Dizer que o Espiristismo ainda não fez prova é uma diversão fácil; o que é preciso não esquecer, é que a concepção espírita nos deu, da evolução, uma explicação racional e convincente, o que nenhuma outra ciência pode fazer.

Crônica Estrangeira

A Realeza e o Espiritismo

Dois avisos de morte de Eduardo VII

Por Fred Archer — De «Estudos Psíquicos»

A rainha Vitória realizava sessões com um médium que teve muitos anos ao seu serviço, como já disse há pouco.

A rainha Alexandra, esposa de Eduardo VII, sucessor da rainha Vitória, não só fazia sessões, mas também era médium.

A maior parte dos castelos reais eram escolhidos para êstes trabalhos e assim se justifica que a rainha Alexandra fosse a primeira a sentir-se atraída pelo Espiritismo, no Castelo de Windsor, onde realizou uma experiência, na qual viu um espírito de mulher de grande estatura, de pé, com um manto negro e vestido branco, mesmo à entrada do seu toucador.

Mais tarde, confessou a certa amiga que ouvia música e canto durante a noite. Claro que estas experiências deixam entrever nela faculdades de clarividência e clariaudiência.

Uma vez foi visitada em Windsor por um médium de Londres que lhe fez duas profecias dramáticas, cuja confirmação obteve depois. A sessão realizou-se numa antecâmara e assistiram 12 pessoas, inclusive a rainha. Após algumas mensagens dignas de nota, surgiu uma altamente dramática, que predizia não só a morte próxima de Eduardo VII, na casa onde nascera, como a Grande Guerra, que assolaria o mundo alguns anos mais tarde.

No ano seguinte, a rainha Alexandra partia para a Grécia, afim de passar as férias na ilha de Corfu, e daí a pouco recebia a notícia da doença do marido e regressava imediatamente a Londres, apesar dos médicos afirmarem que se tratava de simples indisposição. Quando entrou no Palácio de Buckingham (onde Eduardo nascera), só teve tempo de se despedir dêle.

Mais tarde eclodiu a Grande Guerra, confirmando plenamente a segunda profecia recebida pela rainha Alexandra.

*

Antes da sua morte, Eduardo recebeu um aviso de médium não profissional. Êste fato, absolutamente estranho, foi narrado pela Condessa de Fingall.

Uma noite de Janeiro de 1910 estava ela a jantar sentada junto do rei, quando êste disse que lhe desejava falar confidencialmente. Após a refeição conduziu-a a um canto tranquilo do salão e exclamou com grande solenidade :

— *Lady* Fingall, a sua amiga Jamesson entristeceu-me profundamente.

A senhora aludida, irmã do conde de Haig, era médium que muitas vezes recebia mensagens de seu irmão George Haig.

— Ela bem sabe quanto eu queria à minha irmã Alice — continuou Eduardo. — Pois acaba de me escrever, dando-me a seguinte mensagem de Alice, transmitida pelo espírito de George: O TEMPO É CURTO, DEVES PREPARAR-TE!

— Oh, Magestade! — exclamou *Lady* Fingall, compreendendo o alcance destas palavras. — Se Jamesson escreveu isso, é porque julgou cumprir um dever. Mas ela deu-vos alguma prova de que a mensagem fosse de vossa irmã Alice?

— Deu, sim. Diz que me devo lembrar do dia em que estivemos em Ben Nevis e colhemos urze branca.

Eduardo VII, que morreu 4 mêses e meio depois, sabia que a senhora Jamesson não podia ter conhecimento dêste pormenor.

Por coincidência, oportunidade ou desígnio e à semelhança de sua mãe, Eduardo VII voltou através da médium Etta Wriedt, que recebeu o relógio oferecido pela rainha Vitória e que servira igualmente para a comunicação da soberana.

*

A condessa de Warwick, velha amiga de Eduardo, ouviu a voz dêste na presença da médium Etta Wriedt.

Lady Warwick era mulher de grande beleza no tempo de Eduardo VII e tornou-se célebre. Chamavam-lhe a «condessa socialista», por se ter convertido ao socialismo, graças ao grande propagandista Robert Blatchford que, num baile de máscaras, a acusou de esbanjadora, quando havia milhares de pessoas que não tinham que comer. A sua conversão principiou numa longa conversa que se seguiu no escritório dêste último.

Nêsse momento, nem um nem outro suspeitavam que se tornariam espíritas.

Pela primeira vez, a condessa foi inquietada por fenômenos produzidos no castelo de Warwick: luzes que se acendiam de noite e passos no castelo.

Apesar dos tapetes espessos colocados nos quartos e corredores, o ruído de passos continuou e os serviçais ficaram aterrorizados, chegando um dêles a sentir pacandas nas costas, quando subia a escada.

Lady Warwick pediu então a Etta Wriedt que fosse depressa ao castelo, na esperança de receber alguma mensagem que pusesse termo a ruídos tão enfadonhos.

Quando Etta Wriedt chegou, a condessa esperou-a ao fundo da escada do seu quarto de dormir e organizou uma sessão de trombeta (voz direta) e logo ouviu a voz do seu velho amigo Eduardo. O rei falava em alemão; e quando o fenômeno se produziu, ainda a médium não estava no quarto.

A mediunidade de Etta Wriedt exercia-se claramente, sem necessidade de cair em transe. A's vezes, realizava sessões, enquanto fazia malhas.

A condessa de Warwick recebia sempre mensagens em alemão de Eduardo VII.

Êste comunicava-se também com a rainha Alexandra, através do médium John Sloan, de Glasgow, não menos famoso que Etta Wriedt. A demonstração de suas notáveis faculdades está nos livros bem conhecidos de Artur Findlay: «No Limiar do Etéreo» e «Onde os Dois Mundos se Encontram».

*

Um sócio diretor da *Sociedade de Investigações Psíquicas*, Everard Fielding, escreveu a Artur Findlay, dizendo-lhe que um amigo seu iria a Glasgow e queria assistir a uma sessão com Sloan.

Findlay concordou e preparou a sessão. E quando o estranho chegou acompanhou-o a casa de Sloan. Nem êle, nem o médium, nem os assistentes conheciam o homem e muito menos a sua profissão.

Pois, durante os trabalhos, uma voz falou ao visitante, chamando-lhe pelo nome e declinou, por sua vez, a identidade. O estranho reconheceu no Espírito a voz do falecido rei Eduardo VII.

Depois, muitos nomes foram mencionados e uma conversa se estabeleceu entre os dois seres, como se se tratasse de viventes terrenos. Antes de partir, a voz exclamou:

—Agradeço a vossa bondade para com minha mulher, a rainha Alexandra. Não sei o que ela faria sem vós, que lhe evitastes muitos dissabores.

Quando lhe perguntaram se estava satisfeito com a sessão, o visitante respondeu:

— Absolutamente.

Findlay perguntou-lhe também qual a sua posição perante a rainha Alexandra.

— Sou o mordomo da sua casa — disse êle.

Nenhum dos assistentes conhecia êste pormenor, nem os outros fornecidos pelo médium.

Quando chegou a Londres e contou à rainha Alexandra o que se tinha passado, esta mostrou desejos de falar ao marido e combinaram uma sessão com o médium Sloan.

Esta reunião caracteriza um dos mais impressionantes grupos jamais constituidos para falar com os mortos.

A rainha Alexandra, Marconi, *Sir* Thomas Lipton e os três mais notáveis espíritas dêsse tempo (*Sir* William Crookes, *Sir* William Barret e *Sir* Artur Conan Doyle) estavam presentes, quando vozes do outro mundo se fizeram ouvir através do médium John Sloan.

(Traduzido do *Psychic News*, de 30-5-953, por I. D. S.)

⁂

Relógio reparado por Espírito

«*Two Worlds*» — (*17/7/54*)

A doutora Dorothy Deighton, que confessa ser médica de «cabeça dura», teve na semana passada uma surprêsa que foi o resultado de uma sessão mediúnica. Relaciona-se a um velho relógio que, durante um século pertenceu à familia de sua mãe.

Ela e seu marido, também médico, passaram muitos anos no Brasil.

Em 1930 o relógio se tornou propriedade da doutora, mas, durante «um horror de anos»—(expressão dela), o relógio se recusou a trabalhar.

Sempre esteve colocado no vestiário do marido. Este éra perito em conserto de relógios, mas sua perícia não conseguia fazê-lo funcionar.

Quando morreu a mãe

Na noite em que morreu a mãe da doutora, em 1935, o marido chamou-a com voz excitada ; «Escuta, Dorothy ! O relógio de tua mãe está trabalhando». Lá estava êle, fazendo ouvir seu alegre tique-taque, não obstante não ter sido tocado por mãos terrenas.

Assim continuou a trabalhar como qualquer relógio, e assim veiu à Inglaterra quando aqui fixou residência, há bem anos.

Certo dia, ela observou que o relógio estava adiantado cinco minutos. A doutora fez o que não deveria ter feito —recuou o ponteiro dos minutos.

O relógio estacou. Baldados foram todos os esfôrços para fazê-lo trabalhar. Levaram-no ao relojoeiro que, examinando-o, disse : o relógio precisa de limpepeza geral o que não acontece há muito tempo, grande será o trabalho e o prêço 4 libras, no mínimo.

«Não me interessa», foi a resposta da Dra. Deighton.

Novamente o Tique-Taque

Uma semana depois esteve ela presente a uma sessão com a médium Helen Hughes. Apresentou-se seu guia espiritual, Granny Anderson, que estava transmitindo uma mensagem provinda do próprio marido. Por mero gracejo, disse a doutora, «Peça-lhe que conserte o meu relógio». O espírito guia prontificou-se a transmitir o pedido. A Dra. riu-se e não mais pensou no caso.

Dois dias depois ela desceu a um compartimento do porão onde colocara o relógio inútil e «quasi caiu de costas» —suas próprias palavras. Lá estava o velho relógio outra vez com seu tique-taque alegre.

Porém, e isto era o fato mais surpreendente, o relógio marcava exatamente doze horas e cinco minutos !

Ainda hoje está trabalhando. Assim, o poder espiritual não só pôs o relógio a funcionar, mas também regulou o mecanismo com o fim de colocar os ponteiros na posição exata.

⁂

Assistindo ao despreendimento da própria irmã

Mrs. Florence Marryat, em seu livro : «The Spirit World» relata êste episódio :

«Entre minhas melhores amigas conto uma jovem senhora pertencente à alta aristocracia e que é dotada de faculdades mediúnicas maravilhosas, se bem que a cousa só é sabida por raros íntimos, devido aos preconceitos habituais...

Há um ano, teve ela o desgosto de perder sua irmã mais velha, de 20 anos, atingida de pleurisia. Edith (a jóvem médium) nem por um só instante quís deixar a cabeceira da irmã, e encontrando-se em estado de clarividência, assistiu ao processo de separação entre espírito e corpo. Contou-me ela que em seus últimos dias de vida terrestre, a pobre enfêrma tornara-se turbulenta, sobrexcitada, delirante, e que sem cessar se voltava em seu leito proferindo palavras e frases incoerentes. Foi então que Edith começou a distinguir uma sorte de nebulosidade sútil, como ligeira fumaça, que se acumulava sôbre sua cabeça, e difundindo-se pouco a pouco e condensando-se, havia assumido as proporções, forma e aspecto da irmã agonizante, de modo a se lhe assemelhar em todos os pontos de vista, excetuando a falta de coloração. Essa forma flutuva no ar, rosto voltado para baixo, a poucos pés acima do corpo.

A' medida que o dia declinava, foi se acalmando a inquietitude da moribunda, dando lugar, pelo crepúsculo, a profundo esgotamento que anunciava a agonia. Tremula, Edith fixava a irmã. Seu rosto tornou-se lívido, seus olhos se empanavam, mas, acima, a forma fluídica se purporeava e gradualmente parecia animar-se com toda a vitalidade que se escapava do corpo. Um momento mais e a moribunda jazia inerte e sem consciência sôbre o leito, porém a forma que flutuava acima dela transformara-se em espírito vivente. Ainda os cordões de luz, semelhantes a fluorescências elétricas, continuavam ligados ao coração, cérebro e demais órgãos vitais. Chegou o momento supremo: o espírito oscilou algum tempo de um para outro lado para ir, em seguida, colocar-se em posição estendida ao lado do corpo inanimado. Aparentemente, o espírito estava muito débil, apenas capaz de se estirar, era, porém, a duplicata viva do corpo.

Enquanto Edith contemplava essa cena extraordinária, eis que surgem duas formas luminosas, nas quais ela reconheceu seu próprio pai e sua avó, ambos falecidos na mesma casa. Os dois se aproximaram do espírito liberto, afetuosamente o ampararam, estreitaram-no em seus braços, ao mesmo tempo que a cabeça descansou em estado de abandono sôbre o ombro do pai. Assim permaneceram por algum tempo, até que o espírito recuperou alento. Então ambos romperam os cordões luminosos que sempre o retinham ao corpo e, sempre com a forma em seus braços, dirigiram-se à janela, elevaram-se e desapareceram».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Escolhidos os temas para as teses da VIII Concentração

Esteve mais uma vez reunido o Conselho Diretor da VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, desta vez em Araraquara a 5 de Dezembro. O principal objetivo dêsse encontro dos diretores da *Oitava* era a escolha de três temas, dentre os 54 assuntos sugeridos por 16 Mocidades, para constituirem as teses a serem defendidas no conclave.

Procedeu o C. D. a criterioso exame do material em mãos, tendo em vista, principalmente, a objetividade e o caráter prático das sugestões feitas e, com base nessas condições, selecionou os assuntos por eliminação dos que menos as satisfaziam, até extrair os três que lhe pareceram mais apropriados à consideração dos moços, na atual quadra da vida das Mocidades e do movimento espírita.

Temas escolhidos: 1.º («O programa das Mocidades Espíritas em função do movimento unificador».

2.º) «O trabalho do moço espírita na educação cristã da infância».

3.º) «O papel do Espiritismo na emancipação da Humanidade—Origem da Doutrina e sua atuação no presente momento histórico».

As teses poderão ser feitas individualmente pelos moços ou, coletivamente, pela Mocidade, sendo permitido que um único concorrente desenvolva os três temas.

Prazo para remessa —As teses deverão ser remetidas ao Conselho Diretor até o dia 15 de Fevereiro de 1955, para o seguinte enderêço: ALCIDES SARMENTO — Rua Dr. Almeida, 359 – Jundiaí—S. P.

Comissões Julgadoras — Para julgar as teses foram indicadas três comissões julgadoras, como segue: 1.º tema Dr. Luiz Monteiro de Barros, Dr. Paulo Machado e Srta. Nair de Moura (todos da Capital); 2.º tema — Dr. Thomaz Novelino, Dr. Agnelo Morato e Sr. Olavo Rodrigues (todos de Franca); 3.º tema—Dr. José Justino Castilho, Dr. Ary Lex e Sr. Hernani T. Sant'Ana (todos da Capital).

Regulamento sôbre as teses: Chamamos a atenção dos interessados para o que reza a letra b, 1.º §, do artigo 10.º do Regulamento da Concentração: «As teses devem conter, no mínimo, 2 folhas de papel almasso escritas à máquina, em dois espaços, e no mínimo 4 folhas».

As teses que não satisfizerem a essas condições, não serão tomadas em consideração.

* * *

Telepatias e Aparições

Transcrevemos nesta edição o que segue, extraído de «Unificação».

Êste relato assume para nós invulgar importância pelo fato de ter sido publicado por eminente filólogo patrício, que não quer ser acoimado de espírita.

O Prof. Silveira Bueno, conhecido Educador paulista, publicou na «Folha da Manhã», de 30 de Maio do ano passado, um curioso artigo sôbre «Telepatias e Aparições», do qual damos o extrato abaixo:

«O naufrágio do «Syrius», nas costas da Espanha, projetava a sua tristeza sôbre S. Paulo: nêle havia perecido o bispo desta cidade, dom José de Camargo Barros, quando regressava ao Brasil de sua viagem a Roma. Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, conhecido simplesmente por «padre Chico», era quem governava a diocese paulista. Grandes empreendimentos tinham sido iniciados pelo bispo falecido no mar e com urgência se necessitava de um determinado documento de extraordinária importância, naqueles dias. O advogado da Cúria, Moisés Coelho, homem de côr e famoso no forum de S. Paulo, inutilmente havia esquadrinhado todo o arquívo da diocese, sem que fôsse possível encontrar o instrumento comprovante da posse do imóvel em litígio. Os prazos legais estavam esgotados e sòmente por uma deferência do juiz tinha sido dada nova prorrogação, na esperança de que ainda se viesse a achar papel de tamanha importância. Padre Chico, que residia no convento da Luz, como capelão, subia, naquela tarde, toda a rua Florêncio de Abreu, rumo à Cúria, então na rua do Carmo, onde hoje se encontra a «Companhia de Gás». Como era do seu costume, viajava sempre de tíburi e, ao aproximar-se da igreja de S. Bento, absorto que vinha no caso judicial, prestes a vencer-se, foi despertado do seu letargo pelo cocheiro que lhe mostrava, na calçada da igreja, um padre. Ali estava aquêle sacerdote que fazia sinais ao cocheiro para que parasse o tíburi. Naturalmente, necessitava de falar ao padre Chico. Êste, dada a sua simplicidade, esquecido de que era monsenhor e governador da diocese, em lugar de chamar até o carro ao padre desconhecido, desceu e foi ter com êle, a ver o que desejava.

— Padre Chico, foi dizendo o desconhecido familiarmente, vence-se amanhã o prazo fatal e ainda não encontrou o documento comprovante da posse do imóvel?

— Ainda não. Por mais que se tenha procurado, parece-me que se perdeu êsse papel ou que o sr. bispo o guardou tão bem que não nos foi possível encontrá-lo.

—Mas já o procuraram nos guardados do sr. bispo?

— Já. Nenhuma gaveta ficou sem ser examinada e nada se achou.

— Pois, olhe, padre Chico, vá ao quarto de dormir do sr. bispo; tire a segunda gaveta da cômoda, mas tire-a completamente: o documento está caído atrás dessa gaveta.

Só nêsse momento foi que mons. Chico de Paula reconheceu, no padre desconhecido, s. excia. dom José de Camargo Barros, o bispo falecido nas costas da Espanha.

Nêsse instante, o cocheiro teve um estremeção: padre Chico, sempre tão calmo e meigo, parecia transfigurado: uma palidez de morte se lhe estampava no rosto e o corpo todo vibrava em extrema nervosidade.

— Toque, toque imediatamente para a residência do sr. Bispo!

Cumprindo ordens o tibureiro acionou o velho chicote e dentro de poucos minutos chegavam ao ponto desejado. Mons. Paula Rodrigues entrou ràpidamente no edifício e, reunindo os íntimos, contou-lhes a visão que tivera, o encontro com dom José de Camargo Barros. Ninguém ousava negar, mas pairava em todos grande dúvida:

— Querem a prova? Vamos procurar o documento. Se o encontrarmos atrás da segunda gaveta, ficará provada a veracidade do fato.

Nervosos, vão à cômoda indicada; tiram as gavetas e, como havia sido indicado pelo sr. Bispo, lá estava nas mãos trêmulas do Governador da diocese, o procurado documento! A causa foi ganha.

Dada a escassez de espaço vamos resumir o final desta narração feita pelo Prof. Silveira Bueno, diz êle: «Êste fato, que me foi narrado pelo padre Lindolfo Esteves, recebeu direta confirmação por parte do mesmo padre Chico. Nêsse mesmo ano conheci ainda o advogado, preto, Moisés Coelho, advogado da Cúria, e que tinha sido o defensor da causa. Dêle ouvi também, com outros pormenores, o mesmo acontecimento. Telepatia? Visão? Milagre? Não sei explicar nem o soube o grande homem que foi monsenhor Francisco de Paula Rodrigues. Nem me tomem por espírita: a biografia dos santos, as páginas da Bíblia, todas estão cheias destas aparições, destas permissões que Deus concede aos seus filhos para que voltem ao mundo e consertem o que está errado, evitando consequências injustas».

* * *

Instituto Espírita de Educação

Do Instituto Espírita de Educação, da Capital, recebemos a seguinte circular:

Estimado Confrade

Paz em Jesus

Graças à boa vontade de um grupo de espíritas idealistas, muitos dos quais não raro têm tirado da modéstia de seus fracos recursos o óbulo da viuva que lhe trazem, o Instituto Espírita de Educação formou nestes poucos anos de sua existência um patrimônio no valor de Cr. $ . . . 791.974,60, parte representado por Cr. $ 664.000,00 em dinheiro.

Com esta quantia e mediante sinal de Cr. $ 600.000,00, conforme escritura de compromisso de compra e venda lavrada em 13 do corrente no Tabelião Armando Sales, o Instituto entrou na posse do excelente prédio n. 140 da rua Guarará, no Jardim Paulista, para onde transferiu sua administração e instalará, no princípio de 1955, um externato ao qual dará o nome de «Hilário Ribeiro», em homenagem ao grande educador, iniciando suas atividades educacionais com a creação de jardim de infância, curso pré-primário e 1.º ano primário.

Realiza-se, assim, o sonho de tantos espíritas que sempre acompanharam com todo o interêsse a evolução do Instituto, vibrando no desejo de vê-lo quanto antes realizado, convencidos de que a ambicionada reforma da Terra não será possível enquanto os Espíritos que a povoam não receberem, com a cultura intelectual que ela comporta, a educação moral fundamentada no Evangelho do Senhor.

O prédio custou Cr. $ 2.600.000,00, isto é, o Instituto ficou com a dívida de Cr. $ 2.000.000,00 a serem pagos em 5 anos com os juros de praxe, que serão, no primeiro ano, de Cr. $ 16.000,00 mensais.

O Instituto assumiu tranquilamente êste pesado encargo porque sente que será amparado por inúmeros espíritas, entre os quais está VOCÊ, querido irmão, que tem cooperado conôsco numa demonstração de que realmente compreende o belo pensamento de Jesus.

Anexo o confrade encontrará uma proposta para conseguir um novo sócio para o Instituto. Se cada sócio propuser mais um ou aumentar, se possível, a sua atual mensalidade, o Instituto terá, pelo menos nêste início, menos dificuldade para solver o compromisso assumido.

Sentimo-nos à vontade para fazer-lhe êste apêlo, porquanto sabemos que o confrade empregará todos os esfôrços ao seu alcance para ajudar mais o Instituto, que agora precisa mais do que nunca da sua valiosa colaboração.

Esperando que nos dê em breve o prazer de receber suas notícias, envolvemo-lo carinhosamente em nosso melhor pensamento e enviamos-lhe nosso fraternal abraço.

Muito obrigado!

Instituto Espírita de Educação

Pedro de Camargo (Vinicius) — Presidente.

Joaquim Santos Junior — Secretário Geral.

* * *

A Serviço da Doutrina

O nosso representante-viajante sr. Lourenço Bianchi vai reiniciar a sua excursão de propaganda da Doutrina, devendo visitar nestes próximos dias os confrades residentes na zona da alta Araraquarense.

Solicitamos aos prezados confrades dispensarem boa acolhida a êste velho trabalhador da seara, facilitando-lhe o árduo trabalho de procurar os assinantes afim de normalizar a situação das assinaturas em atraso e angariar novas assinaturas, o que lhes agradecemos sumamente, pedindo a Jesus que a todos conceda paz, saude e progresso espiritual.

* * *

ULTIMA HORA

Ao entrar esta página para o prélo, chega-nos uma notícia lacônica do nosso representante na Capital, sr. Vicente S. Neto, na qual nos informa que desincarnou no dia 4 do mês em curso, em Campinas, em virtude de um desastre de ônibus, o nosso estimado amigo Servilio Marrone.

No próximo número daremos notícia pormenorizada sôbre o lamentavel acontecimento.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 30.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1954 a Janeiro de 1955)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1954

		Pag.
Encetando nova jornada	*Redação*	1
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	2
Os Tabus Científicos . , . . .	*Carlos Imbassahy*	4
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	9
Napoleão era perseguido por um fantasma .	*De «Voz Informativa»*	10
O Espiritismo e as definições particulares .	*Deolindo Amorim*	12
E a misericórdia divina se repetiu! . .	*Leopoldo Machado*	13
Solilóquio	*Manuel Cavaco*	15
A Criança	*Vinicius*	16
História da menina Juliana	*João T. de Paula*	18
Crônica Estrangeira	*Redação*	20
Espiritismo no Brasil	»	32

N.º 2 — MARÇO DE 1954

A' guisa de homenagem	*Redação*	25
O Espiritismo e o princípio de autoridade .	*Deolindo Amorim*	26
Allan Kardec, o Educador	*Enéas Dourado*	28
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	32
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	33
A inteligência animal	*Spártaco Banal*	35
A mais extraordinária vidente do mundo .	*De «Fanfula*	36
Personalismo sadio	*Arnaldo S. Tiago*	39
O movimento educacional espírita . . .	*Jaime R. de Lima*	41
Crônica Estrangeira	*Redação*	44
Espiritismo no Brasil	»	46

N.ºs 3 e 4—ABRIL e MAIO DE 1954

Os problemas do espírito	*Redação*	49
Allan Kardec, o Educador	*Enéas Dourado*	50
Um fato positivo de reincarnação do espírito	*Spártaco Banal*	53
Ainda o princípio da autoridade . . .	*Deolindo Amorim*	54
De branca linda e má a preta feia e boa .	*Leopoldo Machado*	56
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	58
Aos dogmáticos acorrentados	*Major. Levino C. Wischral*	59
Escatologia	*Mac Maynard*	61
Os Tabus Científicos	*Carlos Imbassahy*	64
Crônica Estrangeira	*Redação*	69
Espiritismo no Brasil	«	72

N.º 5 — JUNHO DE 1954

Frente única	*Redação*	77

O Purgatório	*Mario C. de Melo*	78
O Espiritismo e a definição de Kardec	*Deolindo Amorim*	82
Purificação pela dor	*Major Levino C. Wischral*	83
Pão e Luz	*Vinicius*	86
O pensamento de Allan Kardec aos 85 anos de sua partida	*Natalio Ceccarini*	88
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	90
Os Canécos Vivos	*Hercilio Maes*	93
Ainda os casos de morte aparente	*Francisco Klörs Werneck*	95
Crônica Estrangeira	*Redação*	96
Espiritismo no Brasil	»	100

N.º 6 — JULHO DE 1954

O Espiritismo e a evolução da humanidade	*Redação*	101
Ainda os casos de morte aparente	*Francisco Klörs Werneck*	102
Espiritismo e Panteismo	*Deolindo Amorim*	104
Vozes diretas em plena luz	*Max Kohleisen*	105
Purgatório	*Mario C. de Melo*	108
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	111
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	112
Medicamentos para a atualidade	*Major Levino C. Wischral*	114
Idéias e Conceitos	*Arnaldo S. Tiago*	116
Crônica Estrangeira	*Redação*	119
Espiritismo no Brasil	»	121

N.º 7 — AGOSTO DE 1954

A Fôrça da Verdade	*Redação*	125
Espiritismo e Panteismo	*Deolindo Amorim*	126
Vozes Diretas em plena luz	*Max Kohleisen*	128
Livros em desfile	*Delfino Ferreira*	131
Idéias e Conceitos	*Arnaldo S. Thiago*	132
Solilóquio	*Manuel Cavaco*	134
Milagre? Não. Terapêutica Espirítica	*Leopoldo Machado*	135
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	136
No Espiritismo como na Medicina Militão Pacheco foi um exemplo	*Irmão Saulo*	139
Rosacrucismo	*Francisco Klörs Werneck*	140
Crônica Estrangeira	*Redação*	144
Espiritismo no Brasil	»	145
Necrologia	»	147

N.º 8 — SETEMBRO DE 1954

Comemorando uma data	*Redação*	149
Pietro Ubaldi e sua fecundidade mental	*Arnaldo S. Thiago*	150
Caodaismo	*Francisco Klörs Werneck*	153
A Palavra de Deus	*Gilson M. Henriques*	155
Memória Ancestral	*Deolindo Amorim*	156
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	158
Isto disse Jesus	*Delfino Ferreira*	162
O Fenômeno do «Apport»	*Max Kohleisen*	164
Mensagem aos Jovens Espíritas da Argentina	*Leopoldo Machado*	165
Crônica Estrangeira	*Redação*	167
Espiritismo no Brasil	»	170

N.º 9 — OUTUBRO DE 1954

		Pag.
3 de Outubro	*Redação*	173
Padre Espírita	*Major Levino C. Wischral*	174
Delfina da Cunha	*Ismael Gomes Braga*	177
O Espiritismo e a evolução geral . . .	*Deolindo Amorim*	179
Livros... Livros a mancheias . . .	*Leopoldo Machado*	180
Uma criança que adivinhou a própria morte .	*Spártaco Banal*	182
Os Fenômenos Espíritas	*João Leão Pitta*	183
D. Gracinda Batista	*Redação*	185
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	186
A Unidade Religiosa	*Genesio Nitrini*	188
Crônica Estrangeira	*Redação*	191
Espiritismo no Brasil	»	194

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1954

Dia dos Mortos	*Redação*	197
Os Fenômenos Espíritas	*João Leão Pitta*	200
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	202
Experiência que pode ser repetida . . .	*G. Burchett*	205
Réplica a uma crítica injusta	*Manoel Alba*	207
Personalismo e Individualismo . . .	*Loiola*	208
Exagêro lamentável	*I. G. B.*	209
Paulo Hareng	*«Estudos Psíquicos»*	210
A Unificação virá de São Paulo . . .	*Leopoldo Machado*	213
Crônica Estrangeira	*Redação*	215
Espiritismo no Brasil	»	218

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1954

Natal	*Redação*	221
Hipótese	*I. G. B.*	222
Sugestão e Mediunidade	*Deolindo Amorim*	223
O exemplo da Índia	*Arnaldo S. Thiago*	225
Respondendo	*Major Levino C. Wischral*	226
Deus te salve, América !	*Leopoldo Machado*	228
O Planeta Marte	*Benedito Paula Bueno*	229
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	231
Novo triunfo do Espiritismo	*Max Kohleisen*	236
Roteiro Literário	*LAKE*	237
Crônica Estrangeira	*Redação*	238
Espiritismo no Brasil	»	242

N.º 12 — JANEIRO DE 1955

17 Anos	*Redação*	245
Um médium erudito	*Ismael Gomes Braga*	246
Réplica a uma crítica injusta	*Arnaldo S. Thiago*	248
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	249
Mediunidade e Sugestão	*Deolindo Amorim*	251
A propósito de um artigo	*Edson de Abreu*	252
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*	255
Memórias de um espírita baiano . . .	*Leopoldo Machado*	258
O Perispírito	*Trad. de Manuel Cavaco*	262
Crônica Estrangeira	*Redação*	263
Espiritismo no Brasil	»	266

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 831
02-06-07 32180 XL

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3111unse_0

no XXXI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1955 — N. 1

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Trinta Anos . . . . *Redação*
Um Médium Erudito . . . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Existência de Deus e a Imortalidade da Alma . . . . *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Mensagem Fraterna de Ano Novo . *Arnaldo S. Thiago*
Segredo da Morte . . . . *Julia Lopes de Almeida*
Instantâneo... . . . . *Leopoldo Machado*
Espiritismo e Evangelho . . . . . *Deolindo Amorim*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1955 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Trinta Anos

“REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO” está festejando hoje o seu trigésimo aniversário de fundação, de vez que surgiu a lume no dia 15 de Fevereiro de 1925.

O seu fundador, como todo o espírita deve saber, foi o nosso querido companheiro Cairbar Schutel que, cheio de ardor e entusiasmo pela propaganda espírita, procurava aumentar o seu campo de ação, desta feita com um programa cultural em que o estudo dos fenômenos psíquicos pudesse ser amplamente difundido sobretudo nos meios intelectuais, culturais. E como o Alto sempre ajuda as criaturas de boa vontade nos empreendimentos que visem o bem coletivo, e não tendo Cairbar Schutel os recursos financeiros exigidos por uma obra de tal vulto, apareceu Luiz Carlos de Oliveira Borges, outro idealista, que prontificou-se a auxiliar Cairbar màterialmente, adquirindo papel, máquinas e tipos para a confecção da Revista.

No começo, a luta que Cairbar empreendeu para a propaganda do mensário foi árdua e exigia muita paciência e perseverança. Certa vez o acompanhamos a Araraquara, onde foi êle com o objetivo de fazer propaganda entre as pessoas intelectuais, sobretudo entre os médicos. De lado, presenciando a pugna entre o espiritualista e o materialista, aquêle insistindo nos seus nobres propósitos e êste procurando escapar com subtileza, se já admiravamos o idealista, desta feita ficamos perplexos ante tanta paciência e tanta fé. Cairbar era, no momento, o pai que, vendo o filho faminto e esfarrapado, insistia em dar-lhe pão e roupa. Mas o filho, tímido e com as faces rubras de vergonha, no caso o preconceito, procurava fugir. Eis aí um exemplo de paciência, de fé, de humildade. perseverança e renúncia que deve ser imitado por todos quantos se propuzerem a trabalhar na seára espírita. E é aos influxos dêsse exemplo que encontramos fôrça e coragem para prosseguir com esta obra.

Reconhecemos que não estamos devidamente preparados para executar a tarefa a contento de todos, que temos deficiência cultural, mas não temos regateado esforços e boa vontade no sentido de manter o mesmo programa estabelecido pelo fundador desta Revista. Talvez seja esta a razão por que, depois da passagem de Cairbar para o mundo espiritual, já há 17 anos, tenham os Espíritos Superiores suprido as nossas deficiências. Precisamos acrescentar a tudo isso a época dificil por que estamos passando, em que as utilidades e os materiais em geral subiram astronomicamente de preço, além da sua escassez no mercado, fenômeno êste que anuncia o cumprimento das profecias apocalípcas.

Procurando cumprir o programa desta Revista, temos dado à publicidade os fatos de maior importância verificados na fenomenologia espírita, bem como os verificados no movimento espírita, sobretudo às Semanas e Congressos Espíritas, que vem despertando de maneira notável a atenção de gregos e troianos, a ponto do clero romano decretar perseguição sistemática contra o Espiritismo, como se os fatos espíritas pudessem ser exterminados de sôbre a face da terra. E apesar disso, o Espiritismo, como o Cristianismo, avança cada vez mais, indiferente aos seus perseguidores gratuítos, como o Elefante indiferente à picada da formiga no seu pé. Diante do avanço admirável do Espiritismo em todas as classes sociais, sobretudo nos meios intelectuais, os trabalhadores da seára, que são poucos em face da necessidade de mais ampla propaganda, encontram estímulo e coragem no desempenho da tarefa, vendo que os seus esforços não foram em vão e que foram dignos do auxilio do Alto, que já começa a se fundir com a terra, tal o número de mensagens e ensinos que envia à humanidade através de médiuns insuspeitos e que provam à saciedade o valor da mediunidade bem orientada, como no caso de Francisco Cândido Xavier.

Além do adjutório dos Espíritos incumbidos de evangelizar e espiritualizar a humanidade, precisamos mencionar a contribuição inestimável dos nossos distintos colaboradores. Como os nossos leitores sabem, colaboram nesta Revista os espíritas de maior projeção no país e na República Argentina, a maior parte da Capital Federal. Daí a grande aceitação que vem tendo êste órgão.

Terminando, agradecemos aos Bons Espíritos, aos nossos colaboradores, assinantes, auxiliares, representantes-viajantes e representantes locais, a valiosa cooperação nêste trabalho, que nos é comum. A todos, paz e luz.

Um Médium Erudito

II

Em outro artiguete apresentamos aos leitores desta Revista um médium eruditíssimo, como contrastre aos médiuns iletrados que produzem obras grandiosas, muito acima de seus conhecimentos *atuais*.

Mesmo por ser homem de ciência e muitas letras, êsse nosso irmão sente tormentosas dúvidas e raramente permite a publicação de seus trabalhos mediúnicos. Teme que êle mesmo esteja interferindo na comunicação; que o seu subconsciente o engane. Sem a sua permissão, que decerto nos seria negada, vamos hoje publicar um soneto por êle recebido e, depois de escrito, um pouco alterado pelo Espírito.

Foi recebido assim :

Estrelas

Estrelas pelo céu... Astro que brilha
Em noite sem luar, medonha e triste,
E' a grata certeza de que existe
Lá no alto alguma luz em nossa trilha.

Estrelas pelo céu... Que maravilha
A que o olhar mais torvo não resiste !
E a noite, envolta em lúgubre *lemiste,*
De estrelas tece as harpas que dedilha...

Constelações ! Caminho do Infinito,
Que apenas olho e em palmilhar hesito,
Com os pés a porejar miséria e lama !

Quão mais negra é a noite do pecado !
Houvéramos do Céu a Luz buscado,
Teriamos a vida de quem ama !

Olavo Bilac.

Aí está letra por letra o soneto como foi recebido à mão.

Os sublinhados são nossos e marcam as palavras que o Espírito alterou, por ditado, quando o médium mesmo estava passando à máquina o soneto.

A forma datilografada ficou sendo esta :

Estrelas

Estrelas pelo céu... Astro que brilha
Em noite sem luar, medonha e triste,
E' a grata certeza de que existe
Lá no alto alguma luz em nossa trilha.

Estrelas pelo céu... Que maravilha
A que o olhar mais torvo não resiste!
E a noite, envolta em lúrido lemiste,
De estrelas tece as harpas que dedilha...

Constelações! Caminho do Infinito,
Que apenas olho e em palmilhar hesito,
Com os pés a porejar miséria e lama!

Quão mais negra é a noite do pecado!
Houvéramos do Céu a luz buscado,
Teriamos da vida a eterna chama!

Olavo Bilac.

O médium não conhecia a palavra *lemiste* e foi procurá-la no dicionário que definiu: «*Tecido preto e fino de lã*». Estava muito bem empregado.

Por que mudou o poeta algumas palavras! Não atinamos com a razão. Melhor não ficou, porque já estava excelente. Os versos:

«E a noite, envolta em lúgubre lemiste,
De estrelas tece as harpas que dedilha...»

são de um «príncipe de poetas» e poderiam muito bem ser assinados pelo Príncipe dos Poetas Brasileiros. Igualmente o verso final — «Teriamos a vida de quem ama» — nos parece excelente na sua forma primitiva. A vida de quem ama é a vida intensa e feliz. Mas foi alterado... e ficou engavetado juntamente com o manuscrito!

As hesitações de Porto Carreiro Neto como médium são apenas quanto à psicografia. Como médium de incorporação êle é inteiramente inconsciente e não pode ter dúvidas.

Se o Prof. Dr. L. C. Porto Carreiro Netto não fôsse espírita, não cresse em mediunidade, provavelmente já nos teria dado excelentes livros de versos; seria um poeta de muita *inspiração!*

Quantos gloriosos poetas foram médiuns sem o saber!

Os nossos Maiores da Espiritualidade sempre nos enviaram seus ensinamentos em prosa e verso, mesmo muito antes de haver Allan Kardec posto em circulação o vocábulo «médium». A diferença é que os médiuns mesmos passavam por mestres de sabedoria e entravam para a História como filósofos, poetas, prosadores, doutrinadores, moralistas, etc.

Agora as coisas ficaram mais claras: ficamos sabendo que muitas vezes quem nos dá os belos ensinos é um «deus» como diziam os antigos, ou seja um Espírito superior.

Há no Brasil outro médium de imensa erudição, mas nunca recebeu poemas em português; todas as suas produções mediúnicas têm sido recebidas em Esperanto. Referimo-nos ao Prof. Francisco Valdomiro Lorenz que já recebeu dois volumes de versos em Esperanto. Só o primeiro desses volumes foi publicado em forma de livro. Os outros poemas se acham nas coleções de «Reformador».

A mediunidade, que os antigos conheciam como o *dom da profecia*, é de todos os tempos e de todas as classes intelectuais.

Se estudarmos os profetas de Israel, na Bíblia, notaremos enormes diferenças entre êles, justamente como ocorre com os médiuns de hoje. Nenhum dos antigos, porém, recebeu ensinos em tão bela forma como os poemas e romances mediúnicos de hoje. A Revelação progrediu muito nos três mil e tantos anos que nos separam dos médiuns do Antigo Testamento.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Renovamos a nossa advertência de que não deveis temer os acontecimentos que se verificarem na seára espírita. Os planos do Alto, elaborados de há muito, entraram em execução, de maneira que tudo o que ocorrer será para apressar a espiritualização da humanidade. Repetimos que grandes cousas estão em andamento, e que tanto os nossos como os vossos esforços a seu tempo colherão sazonados frutos.

CAIRBAR.

A EXISTÊNCIA DE DEUS E A IMORTALIDADE DA ALMA

II

E' nos Védas, Biblia da Índia, cuja idade ainda se não conseguiu fixar, pela falta de dados claros e precisos, que se encontram os primeiros ensinos sôbre a existência de um Ser Divino, acima da alma e da inteligência.

Krisna, que foi um dos primeiros instrutores da Humanidade, descreve a existência dêsse ser : — «Trazes em ti próprio um amigo sublime que não conheces, pois Deus reside no interior de todo homem, porém poucos sabem achá-lo. Aquêle que faz o sacrificio de seus desejos e de suas obras ao Ser de que procedem os princípios de todas as coisas, obtem por tal sacrificio a perfeição, porque, quem acha em si mesmo sua felicidade, sua alegria e também sua luz, é um com Deus. Ora, fica sabendo, a alma que encontrou Deus, está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor e bebe a água da imortalidade». No Evangelho Cristão, surgido milhares de séculos depois, Jesus confirma essa verdade no versículo 20, cap. 14 do Evangelho de João : «Naquêle dia conhecereis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós». O apóstolo Paulo em sua I Epistola aos Corintios, versículo 16, cap. 3, afirma : «Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o espirito de Deus habita em vós ?» Pelo exposto podemos notar perfeita analogia entre o ensino dos Védas com o do Evangelho Cristão, relativamente a existência de Deus, como causa primária de todas as coisas e da sua onipresença com os seres da criação universal, em um contínuo e ininterrupto movimento de vida e de trabalho. Foi nos fundamentos da doutrina secreta, inspirada nos Védas e revelada tão sómente aos iniciados, que se criaram todas as religiões da Índia.

Da Índia essa doutrina se transplantou para o Egito sob a qual se fundou a célebre escola de Alexandria ; em seguida surgiu na Grécia, onde sob criptas subterrâneas se ensinava a visão de Hermes, o qual, em certo dia : «Viu o Espaço, os Mundos e a Vida que em todos os lugares se expandia. A voz da Luz que enchia o Infinito revelou-lhe o divino mistério : — A luz que viste é a da inteligência que contém todas as coisas sob seu poder e encerra os móldes de todos os seres. As trévas representam o mundo material em que vivem os homens da Terra. O fogo que brota das profundezas é o Verbo, o Verbo é o Filho, sua missão faz a Vida. O destino do espírito humano tem duas fases : cativeiro na matéria, ascendência na Luz». A um sofista que perguntara a Krisna o que era Deus, o mesmo lhe respondera : «Só o Infinito e o Espaço podem compreender o Infinito. Sómente Deus póde compreender Deus».

Os materialistas negam a existência de Deus sob o fundamento de que «as obras ditas da natureza são produzidos por fôrças materiais que atuam mecânicamente, em virtude das leis de atração e repulsão ; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua especie, por efeito daquelas mesmas leis ; cada individuo se assemelha ao de quem êle proveio ; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração, se acham subordinadas a causas materiais, tais como : o calor, a eletricidade, a luz, a humidade, etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das fôrças naturais não acusa a ação de qualquer inteligência livre.

E' êsse o conceito materialista sôbre a obra da criação universal. Entretanto, a ciência em que os materialistas se apoiam, no seu contínuo progresso, vêm demonstrando que êsse conceito não têm fundamento real. Existe, orientando as fôrças materiais, de atração e repulsão, uma ação inteligente, tanto assim que já se firmou o axioma com a demonstração eloquente dos fatos : «de que todo o efeito inteligente deve ter uma causa inteligente». Não é absolutamente possivel que a agregação cega dos átomos possa produzir as obras dessa maravilhosa criação, sem a interferência de uma ação inteligente ; assim como também não é possivel que as letras do alfabeto, arremessadas ao acaso, conforme comenta Leon Denis, possam produzir um poema. Em todas as obras ao alcance da sabedoria dos homens, nós encontramos as provas de sua ação inteligente e nas que escapam ao alcance dessa sabedoria, nós encontramos as de Deus.

Os espiritualistas firmam as suas crenças na existência de um Deus soberanamente justo e soberanamente sábio, cuja existência comprovam através das maravilhosas obras da criação universal. E essas obras são portentosas, pois revelam na sua criação a interferência dessa sabedoria, divina e transcendente!... Se os homens com os conhecimentos científicos de nosso século, conseguem planejar e construir essas gigantescas e formidáveis obras da engenharia moderna, ainda são incapazes de criar um Planeta, um Sól, uma flôr natural e o mais insignificante dos insétos. Deus é, portanto, a suprema sabedoria revelada na grandeza dos astros e na existência dos mundos, comprovada com a demonstração evolutiva dos seres criados para finalidades de progresso e de aperfeiçoamentos contínuos e ininterruptos.

Na constituição física do ser humano, sua obra prima, constata-se a sua onisciência e a perfeição das leis que regulam a vida dos seres criados sob todas as formas.

Considerando, assim, como divinas todas as obras da criação universal, em nossa consciência encontramos — «os preceitos morais» — que nos permitem compreender as grandezas e finalidades dessas obras. Deus é, finalmente, «a inteligência suprema e soberana, é único, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom e infinito em todas as perfeições».

Todas as religiões que não estiverem com os seus dógmas ou regras de culto, de acôrdo com qualquer um dêsses atributos, não podem estar com a verdade. Devemos amar a Deus em espírito e verdade, como nos ensina Jesus; e, também, conforme o mandamento que revelou: «com toda nossa fôrça, com toda nossa alma e com todo o nosso entendimento». Nêsse mandamento encontramos a base da fé raciocinada. Essa é a fé que o codificador da Doutrina dos Espíritos, Allan Kardec, preconisou como necessária às nossas conquistas de ordem moral e de aperfeiçoamento espiritual consequente, pela trajetória de nossos destinos.

Alma ou Espírito

Todos os grandes instrutores da Humanidade, fundadores de religiões, tais como Krisna, Buda, Zoroastro, Hermes, Moisés, Pitágoras, Platão e Jesus, pregaram a existência da alma ou espírito, como centelha da Divindade.

Krisna ensina: «O corpo, envoltório da alma, que aí faz morada, é uma coisa finita, porém a alma que o habita, é invisível, imponderável e eterna. O destino da alma depois da morte, constitúe o mistério dos renascimentos. Assim como as profundezas do Céu se abrem aos raios dos astros, assim também os recônditos da vida se esclarecem à luz desta verdade».

A doutrina hermética, criada por Hermes sob a visão que teve com a sua mediunidade, ensina: « — as almas são filhas do Céu e a viagem que fazem é uma prova. Na encarnação perdem a reminiscência de sua origem celeste. Cativas pela matéria, embriagadas pela vida, elas se precipitam como uma chuva de fogo com estremecimentos de volúpia, através da região do sofrimento, do amor e da morte, até à prisão terrestre em que gemem e em que a vida divina lhes parece um sonho vão. As almas inferiorès e más ficam presas à Terra por múltiplos renascimentos, porém as almas virtuosas sobem voando para as esféras superiores, onde recobram a vista das coisas divinas. Impregnam-se com a lucidez da consciência esclarecida pela dor e com a energia da vontade adquirida pela luta. Tornam-se luminosas, porque possuem o divino em si próprias e o irradiam em seus atos».

Na Gália, para onde essa doutrina se transplantou para criar uma civilização espiritualista, o célebre bardo druida, Taliesino, em um de seus famosos cantos, diz: — «Existindo desde toda a eternidade, no meio dos vastos oceanos, não nasci de um pai e de uma mãe, mas das formas elementares da Natureza, dos ramos da bétula, do fruto das florestas, das flores das montanhas. Brinquei à noite, dormi pela auróra: fui víbora no lágo, águia nas nuvens, lince nas sélvas. Depois, eleito pelo Espírito Divino, pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Bastante tempo decorreu e depois fui pastor. Vaguei longamente sôbre a Terra antes de me tornar hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os Chefes superiores. Vivi em cem mundos; agiteime em cem círculos».

Eis aí, nessa doutrina, que precedeu à era cristã em alguns milhares de séculos, estabelecida perfeita semelhança com a Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec.

E a Doutrina dos Espíritos, como sabemos, permite-nos compreender os fundamentos da evolução anímica, já expostos nêsse tempo por êsse bardo druída, bem como os ensinamentos do velho e novo testamentos, no verdadeiro sentido espiritual que devem ter. Ainda em nosso tempo os materialistas continuam a negar a existência da alma, como assim aconteceu com outros desde épocas remotissimas. Afirmam êsses materialistas, os de nosso tempo, que a inteligência não é mais do que uma função do cérebro e que os sentidos físicos, apenas 5, nos permitem sentir as sensações da vida física. Não aceitam os sentidos psíquicos. As provas tradicionais, bem como as científicas de nossa atualidade, destróem com abundancia de fatos, êsse erroneo conceito materialista em negar a existência da alma ou espírito. Todas essas provas se têm constatado com os sentidos psíquicos, através de dons mediúnicos.

Na Biblia, por exemplo, deparamos com os profétas recebendo comunicações de almas ou espíritos para escreverem os livros do Velho Testamento, mantendo por êsse modo, relações diretas com o mundo espiritual.

A proibição que ditou Moisés, de se fazerem perguntas aos mortos, como se vê no versículo 11, cap. 18 do Deutoronômio, naturalmente obedeceu a necessidade de evitar mistificações, oriundas das deficiências morais existentes, em altas proporções nos meios humanos de seu tempo e que os tornavam inadequados às possibilidades generalizadas de se obterem, pelos dons mediúnicos, respostas úteis e proveitosas à obra moralizadora da missão que lhe foi confiada.

Essa proibição, abrangendo os bons e maus espíritos; as materializações de alguns espíritos elevados (anjos), narradas em episódios bíblicos; a consulta do rei Saúl ao espírito do proféta Samuel com a intervenção de um médium (pitonisa de Endor); a série de comunicações espíritas anunciando a vinda, ao plano terreno, de João Batista e de Jesus, êste o Messias predito pelos profétas; a transfiguração do Mestre Divino no Monte Tabor, bem como as materializações dos espíritos dos profétas Moisés e Elias; a aparição dêsse Mestre, materializado, a seus discípulos, após a sua crucificação; os fenômenos de voz diréta, observados, no ato de seu batismo por João Batista e o ocorrido com o apóstolo Paulo na estrada de Damasco, bem como os produzidos com os apóstolos, médiuns poliglótas, no dia de Pentecostes; as muitas manifestações de espíritos descritas nos atos dêsses apóstolos; tudo isso constitúe provas tradicionais e insofismáveis da existência da alma ou espírito.

A essas provas juntemos às de ordem científica. Se os sentidos físicos nos dão as sensações da vida, através das glândulas endocrinicas, tais como: a epífese no cérebro, tireoides na base anterior do pescoço, as para-tireoides um pouco mais abaixo, o pancrêa abaixo do estomago, as supra-renais na parte superior dos rins e as sexuais, conhecemos também que o nosso organismo físico se modifica a todo o instante, e que, no decurso de poucos anos nêle se produz integral substituição de seus elementos materiais; mas, que, apesar disso, jamais deixamos de nos recordar de todos os episódios de nossa vida, da infância à velhice. Assim considerando, se a inteligência fosse apenas uma função exclusiva do cérebro, como julgam os materialistas, estaria sujeita, como matéria, às mesmas substituições porque passa o nosso organismo físico, não nos sendo, porisso, permitido conservar essas recordações. O fato de podérmos manter essas recordações, demonstra que a inteligência não é uma função da matéria e sim do espírito, sendo que êste nada sofre em sua individualidade, pela ação das leis que regulam a periódica reconstituição material de nosso organismo físico.

Enfim — «A Grande Síntese» — obra mediúnica, hoje, amplamente divulgada e considerada como revelação divina, nos permite conhecer esta importante verdade: «que o espírito criado por Deus, désce, por um movimento estático de individuação, pelo impulso da energia, para a matéria e desta, por efeito da mesma energia, retorna à vida do espírito, por um movimento dinâmico de transformação. Como somos finitos na vida física, o tempo e o espaço, nascem e morrem conosco, dentro do que nos é relativo e nos ciclos de aperfeiçoamentos espirituais a que somos submetidos pela providencial e soberana imposição dessa lei».

Assim, como demonstramos, a doutrina secreta contida nos Védas, definindo o aperfeiçoamento espiritual pelos renascimentos sucessivos e os fundamentos da evolução anímica, pregados na Gália pelos druídas, têm perfeita consonância com a doutrina cristã, restaurada nos seus verdadeiros princípios.

«Se dentro de um corpo caduco brilha a juventude eterna do espírito», hoje, nós já podemos conhecer de onde viemos, o que somos e para onde vamos.

ALBERTO LOPES.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

14 — Fui para a escola do dr Henrique Alves, à Ladeira do Bomfim. Foi aí que eu ouví, então, falar-se em Gramática, Geografia, História do Brasil, Geometria e Artmética, nos livros de Felisberto de Carvalho, ainda para mim insuperáveis até hoje. Nas outras escolas, aprendí a ler em carta de A. B. C., fazia contas em *pedra de escrever* e lia, depois, o *Bom Homem Ricardo*, que o tive, até, de cór. Meu pai comprou aqueles livros todos e eu os encapei com pano, para durarem mais. E duraram, com efeito, pois serviram, muito depois, para minha irmã aprender por êles.

Para ir à escola, tinha que gastar uma pataca por dia: três vintens de canôa até Itapagipe, um tostão de bonde bagageiro por viagem. Seis mil reis mensais de escola. O professor, muito magro e muito calmo, ensinava bem, inegavelmente. Estive aí coisa de três mêses e tanto. A despeito de aprender muita coisa, um dia, o professor disse-me, diante de um problema de geometria, de que eu não compreendia nada, mau aluno que fui em tudo, principalmente na matemática:

— Senhor Leopoldo, é preciso compreender que a cabeça não é só para enfeitar e carregar chapéu...

Aquilo me doeu na alma. E, comigo mesmo, disse: «Não volto mais aqui...» De saída, deu-me êle uma carta para meu pai. Nesse dia, nem esperei o bagageiro. Viajei no bonde motor, sentando, como alguém, no banco da frente. Veio o condutor. Procurei o dinheiro: dois tostões, para pagar a passagem. Não o encontrei em bolso algum. Havia perdido o dinheiro. Fiz sinal para saltar. Voltaria de pé até o porto de Itapagipe. Foi o dr. Constantino Guimarães, médico mais famoso do bairro, quem pagou a minha passagem, a sorrir-se do meu enleio. Entreguei, em casa, a carta a meu pai. Não era queixa de mim. Era pedindo o pagamento de um mês adiantado . . .

— Não pague, que eu não quero mais voltar para lá, que o professor, hoje, me rebaixou perante os alunos . . .

15 — Foi, realmente, um rebaixamento. Eu era um ótimo aluno na conduta, embora de pouca inteligência. E estudava! E gostava de estudar! E esforçava-me para aprender. Tanto era assim que arranjei um aluno, o Inácio, a quem eu ensinava á noite, depois da leitura diária da Bíblia. Uma coisa interessante: não aprendia bem as lições, para ganhar boas notas. Mas, gravava tudo para transmitir ao Inácio. Principalmente, lições de coisas, de moral, de história. Inácio era como eu: rude para aprender. Mas, eu não era como os meus professores, tolerante e paciente. Cada erro do Inácio, cada cincada sua nas lições que eu ensinava, um cocorote sério. O preto estrilava, esfregava o lugar, vinha-lhe, às vezes, lágrimas nos olhos. Uma feita, minha mãe interferiu: «Sabe, *seu* Inácio, vá para sua casa e não volte mais aqui, para ser castigado assim pelo Leopoldo, arvorado em professor ferrabraz.» O preto, aliás, mais velho dois anos do que eu, levantou os olhos lacrimosos e disse, manso e bom: «D. Marotinha; não faz mal que êle me bata, contanto que me ensine. E eu quero aprender.» Aquela humildade e mansidade do Inácio me desarmou. Nunca mais lhe batí. E ficamos tão amigos que, anos

depois, quando tive uma sapataria de última classe na *Ladeira do Taboão*, em Salvador, êle chegou a ser o seu gerente. E sabendo ler, escrever, contar, tocava violão e cantava modinhas.

16 — Fui, então, para outra escola, de uma professora, também muito enérgica, d. Margarida. Dava aulas na sua sala de jantar. Corredor muito comprido e sala de visita, á moda antiga, mobiliada e sempre fechada. A casa ficava no alto. Lá em baixo, um valo perto da linha do trem. Na frente, o mar, um braço da *Baia de Todos os Santos*. Eu ia bem aí nos estudos, nas lições. Mas, um dia, veio a *diferença*. Eu vinha já notando desde muito garoto, que as coisas para mim nunca terminavam bem. Havia sempre uma *diferença* para atrapalhar, às vezes, meus sonhos mais belos, as melhores tarefas...

17 — Eu fui menino de beira-mar, nadador, mergulhador, remador. E, sempre que era preciso, valente. Uma feita, no banho, á tardinha, brincando de dar *caldos*, com outros meninos, dei um *direto* e forte no José Leite, filho do chefe político da terra que quase o afoguei. Ele desceu ao fundo e eu o arranquei de lá, fazendo-lhe fricções fortes para despertálo de um princípio de perda de sentidos. Voltado a si, chingou minha mãe. Reagi a bofetadas. E andamos rodando na areia branca da praia. Êle levou a pior. Aquilo chegou ao conhecimento da professora.

18 – A professora chamou os dois a sua presença. Contei-lhe como foi a briga. José Leite confirmou tudo. Ela, a professora, não queria gente brigada na sua escola. Tinha que pedir-lhe desculpas; tinhamos que falar um com o outro, que pedir perdão um ao outro, trocando ali um abraço de reconciliação à vista de toda gente. Não lhe pedi desculpa, nem quis falar com êle. Eu me recusei, teimosamente, pirracento, a retribuir sua falação. Não proferi seu nome, nem lhe retribui o abraço. E fundamentei minha recusa assim:

— Nós estavamos brincando de dar *caldos*. Eu, mais ligeiro, dei-lhe um *caldo* forte. Êle morreria, se eu não o salvasse. Não era para êle chingar minha mãe, como chingou, desaforado. Brigamos, então. Eu, mais forte, bati nêle. Como não quero mais sua amisade, por isso, não quero falar com êle.

Deu-me a professora seis bolos puxados. Aliás, os primeiros e únicos que eu apanhei na escola. E, muito nervosa insistiu:

— Agora, o Senhor fala com êle. Vamos!

— Ora, professora: eu não falei antes de apanhar, muito menos agora, que já levei bolos! Agora é que eu não falo mais mesmo...

Nervosissima, irritada, com os lábios a tremer e os olhos fóra das órbitas, a professora arrastou-me para a porta da rua e deixou-me aí, de sentinela, com um grande tóro ao ombro, como um soldado de guarda. Assim que ela entrou, avancei dois passos e atirei o pau no valo, correndo, sem livros e sem boné, para casa. Errei, efetivamente. Fui turrão, pirracento e orgulhoso.

19 — Cheguei em casa, contei tudo ao meu pai, dizendo-lhe até o meu grande erro. Mas, terminei, dizendo que não queria voltar para a escola...

— O senhor está falando a verdade?—perguntou-me o velho, desconfiado.

— E quando foi que o senhor já me pegou em mentiras?!

Essa resposta-pergunta desarmou o velho, que foi comigo, naquêle mesmo instante, à escola. Confirmado o que eu havia dito e tendo caído a professora em algumas falhas, saí da escola...

20 — Fui para outra escola, em Itacaranha, uma praia perto de Plataforma. O professor, o velho Cajazeira, cansado e bom, foi o que soube, de todos os professores que eu tive, despertar meu interêsse para os livros, iniciando-me até na análise do *Luziadas* de Camões. Tinha dois filhos, que se fizeram logo meus amigos: um menino e uma mocinha. A filha, um diabrete muito vivo, muito inteligente, muito cheia de gaiatices, andou beliscando, sentimentalmente, meu coração. Eu passei a ver a menina em toda parte, nos meus sonhos, nas minhas cismas, nos meus enlevos. Seria aquilo o primeiro amor, entre jovens de 17 anos?

(Continua)

Deus é síntese do Amor! Só vive, na realidade, aquêle que sabe amar o seu próximo.

Mensagem Fraterna de Ano Novo

De um irmão para os seus irmãos

NÃO tivéssemos nós — os que sofremos a constrição da carne — tantos amigos desencantados de tudo que ainda constitui, para os homens, algum motivo de prazer ou de luta; não fossem êsses nossos amigos desencarnados e, por êsse motivo, apenas interessados nas cousas do espírito, que entendem com as supremas aspirações da alma humana — e, certo, aquí deixariamos de convocar-vos, irmãos queridos, que tantas solicitações recebeis constantemente, pelas relações naturais que mantendes, dos que apenas se comprazem nos interêsses e nas alegrias do mundo carnal em que vivemos.

Mas, lá estão êles, os nossos bem amados que nos precederam nêsse admirável fenômeno da metamorfose humana, a que ainda se dá o nome de morte; lá estão êles, nêsse mundo, tão diferente, da espiritualidade, ansiosos por manterem conosco alguns instantes de alegre convívio, para o qual haveremos de preparar-nos com os elementos mentais que nos facultem afinidade com os que, do mundo, nada mais pode interessar do que as irradiações das cousas e dos seres, que se elevam em busca dêsse outro e realístico mundo invisível das causas, nossa permanente e definitiva morada.

Foi para lhes dar um instante de alegre convívio com os que deixaram na Terra, e aos quais tanto bem querem e desejam ver felizes, que vos convocámos, carissimos irmãos, para êste fraterno colóquio.

São espíritos superiores, nossos mestres, nossos inspiradores, nossos verdadeiros amigos: temos de falar-lhes a linguagem do sentimento, a linguagem das nossas mais íntimas e espirituais emoções; transmitir-lhes, para que se sintam felizes, a certeza de que lutamos, contra o mundo, em pról do nosso aperfeiçoamento moral, contra as convenções e dissimulações, por uma vida natural, em que lhes possamos oferecer à inspeção mental os mais íntimos recessos da alma, sem que nos envergonhemos e sem que êles corem diante do que venham a perceber em nossos íntimos.

Bem vêdes que bem diferente da que mantemos no mundo, é esta convivência do espírito; convivência que nos educa, que aprimora os nossos sentimentos, que nos aperfeiçôa. Busquemo-la, meus caros irmãos, com assiduidade — e sentir-nos-emos felizes.

Não é comum êste modo de convivência, na Terra. Por isso mesmo deve ser procurado com esfôrço e boa vontade, vencendo as atrações naturais da vida material, até que venha a idade de ouro, em que todos os homens dela possam coparticipar.

Já se anuncia essa idade de ouro, mesmo entre os que se aferram apenas à investigação da matéria, em cuja íntima estrutura pode lobrigar-se, irrefragável, a ação incoercivel do espírito — essência de todas as cousas, irradiada pelo Pensamento de Deus e com a qual a Divina Paternidade individualiza, dotando-os dos atributos que Lhe são próprios, os filhos do seu Amor, com que povoa o Universo.

Para demonstrar-vos a procedência desta afirmativa, faremos longa transcrição de interessante livro — «Harmonias da Natureza», de Julio Minham, cuja leitura oportuna foi-nos proporcionada pelo nosso Vice-Presidente, nêsse intercâmbio salutar que deve sempre existir entre os que andam em busca da verdade.

«O escritor H. G. Wells ideiou u'a máquina com a qual podia medir a quarta dimensão. No seu livro — «A Máquina de Explorar o Tempo» — vemo-lo com seu invento. Com essa máquina lança-se, veloz, através dos séculos do passado. Torna a ver povos e fatos históricos que tinhamos esquecido, ou não conheciamos de maneira clara. Corajosamente se interna pelos séculos do futuro, passa pela nova idade de ouro que nossa Terra verá, e alcança os dias finais desta nossa velha morada.

Se o sábio inglês ideou tal máquina, podemos imaginar que temos em nosso poder uma pílula que tem a faculdade de nos fazer diminuir até atingirmos a pequenez precisa. Façamos, pois, a experiência. Façâmo-la, porém, dentro de casa, uma vez que na rua corremos o risco de ser esmagados.

Como único preparativo deitemos uma gôta de água no chão, fechemos a porta do nosso quarto, vistamo-nos com uma roupa inteira de borracha, que, diminuindo conosco, nos isole no momento preciso e de modo especial levemos na mão outra pílula para fazer-nos crescer, se não queremos ficar perdidos.

Engulamos a pílula. Nada nos vai suceder. Sómente diminuiremos e vamos a diminuir muito. A luz que tínhamos acesa foge com o teto. As paredes afastam-se; o nosso quarto nos parece um campo de futebol; o teto afasta-se para o céu. A lâmpada é já uma estrelinha de sexta magnitude que continua se afastando até desaparecer. Continuamos a diminuir. Paredes e teto estão praticamente no infinito, invisíveis! Nesta altura ficamos presos numa intrincada floresta. São os fios dos tecidos da nossa roupa. Por um claro entre os fios saímos para êsse estranho mundo. Encontramo-nos num deserto escuro e silencioso. E' tão pesado, tão estranho o silêncio que nos rodeia, que cheios de mêdo, olhamos a mão onde temos a pílula para crescer e que nos acompanha na diminuição. Pelo pavor, somos tentados a enguli-la no desejo de voltar ao nosso mundo. Refletimos... chegar até alí e não ver o átomo? Não... iremos até o fim!

EM CAMINHO — Diminuimos cada vez mais. Agora podemos ver as falhas ou buracos das coisas em que esbarramos. Tudo está cheio de buracos! Podemos entrar e sair por êles à vontade, porém ainda somos muito grandes. Ficamos menores, menores ainda! Chegamos ao mundo dos micróbios. U'a ameba trata de envolver-nos com sua massa para nos absorver, um paramécio cego vem a toda velocidade em nossa direção, atraído pelo faro, pretendendo engulir-nos. Aos sôcos, aos pontapés, afastamos êsses ogros. Tratamos de fugir e somos cercados por uma legião de bacilos de Koch. Com a boca escancarada investem por todos os lados; outros micróbios lhes disputam o almoço que seríamos nós. Nossa salvação está em diminuir e diminuir depressa para que êsses devoradores nos percam de vista. Que perigo! Felizmente ja passou...

Estamos agora quase do tamanho das menores moléculas.

Depois de atravessarmos desertos, vales e montanhas na mais completa escuridão, de novo começamos a ver alguma cousa em movimento. São as moléculas. Não param... Giram em todas as direções; porém, sempre acompanhadas pelas outras para formarem figuras geométricas, com três dimensões — largura, altura e comprimento. O calor não as deixa parar, e, obedientes às leis da termodinâmica, descrevem as mais estranhas figuras. Estamos ainda gigantes demais para poder ver o átomo. E' preciso diminuir ainda!

Num momento, um relâmpago ofuscante nos deslumbra. Deve ser um electrônio que se afasta do seu núcleo para a órbita do átomo visinho. Assustados, meio cegos, recuamos e num descuido caímos ao mar. E' a gôta de água que tínhamos colocado no chão. Somos já tão pequenos que a gôta se nos afigura verdadeiro oceano. Monstros enormes nos cercam por toda parte e procuramos refúgio numa palhinha tão fina que nem a veriamos com um bom microscópio, porém, na nossa pequenez, nos parece uma grande jangada.

Tudo vai bem!...

No fragor daquelas ondas, quando prestamos atenção começamos a ouvir assobio um tanto estranho. Deve ser produzido pelos átomos em seus movimentos. Na verdade assim é; estão começando a aparecer. Primeiramente como simples manchas no corpo primitivo das moléculas. Como continuamos a minguar constantemente, o átomo torna-se cada vez maior. Já podemos contemplar-lhe o núcleo. Ao princípio vemo-lo como uma bola inteiriça, uniforme e maciça.

Como o efeito da pílula ainda não findou, minguamos sempre e rápidamente. Na nossa pequenez vemos agora o núcleo com falhas, fendas e grandes buracos. Notamos a seguir que no núcleo há diversos corpúsculos, ou antes compreendemos que está formado de pedaços diferentes em tamanho.

PERTO DO FIM — E' necessário que entremos no santuário indevassável da matéria. Já que chegámos até aquí, devemos ir ao fim. Diminuamos um pouquinho mais e entremos no próprio átomo. Caminhemos na direção do núcleo. A' medida que nos aproximamos, notaremos que o que nos pareceram ser fendas no núcleo, são lugares vagos entre um e outro corpúsculo.

Protegidos por nossa roupa de borracha, entramos no núcleo. Achamos que está composto de vários corpúsculos escuros, na sua maioria carregados de eletricidade positiva. Por isso mesmo o corpúsculo central tem o nome de — PROTÔNIO — que gira vertiginosamente em tôrno de si mesmo. Tentamos segurar êsse protônio e somos levados pela sua velocidade e jogados à distância. Aquela coisa é completamente impalpável! Não se parece a nada que tenhamos experimentado ao tato. Na nossa relatividade notamos que à distância pouco menor do que a existente entre a Lua e a Terra, há outros mundos que são satélites do núcleo. Ao estudá-los sentimos que êles não são diferentes ao tato. Nossa mão mergulha nesses corpos, sem nada segurar; apenas notamos que são uns mais pesados do que os outros. Em todos êles recebemos a mesma impressão de serem impalpáveis, imateriais. O neutrônio é uma carga pesadissima; mas... de que? Visitamo-lo e logo compreendemos que é refratário à eletricidade. Não tem carga nenhuma e por essa particularidade recebeu êsse nome — NEUTRÔNIO. — Depois achamos o MESÔNIO. Observamo-lo detidamente e chegamos a compreender sua missão. Aquêle satélite com ou sem carga elétrica é o que converte toda a massa em energia. Como o mesônio faz isso? E' outro mistério a desvendar!

Ao longe, como planetas daquele universo onde estamos, vemos outros mundos. Tomamos-lhes a paralaxe e achamo-los 1.800 vêzes menores do que o núcleo no seu conjunto.

Êsses mundos giram em tôrno do núcleo, tal qual os planetas em tôrno do Sol. São os electrônios. Ao se nos deparar tal espetáculo, logo nos vêm à mente as noções que temos sôbre a Astronomia, e notamos a perfeita semelhança entre o atómo e o nosso sistema solar.

Devemos mencionar outro corpúsculo do tamanho do electrônio e em tudo semelhante a êle, mas carregado positivamente. Recebeu por êsse fato o nome de POSITRÔNIO, o «MESÔNIO» descoberto pelo jóven patrício Dr. Cesar Lattes se julga ser um corpúsculo existente nos raios cósmicos. É o elemento atômico mais poderoso. Um intermediário entre a massa do electrônio do núcleo (protônio e neutrônio).

SURPREENDENTES DESCOBERTAS — Como estamos no oceano da gôta de água, o átomo que estudamos é de hidrogênio. Por sórte apanhamos um átomo puro, isto é, um que tem só um electrônio e um protônio, pois há outros isótopos dêsse elemento.

Para poder ver o electrônio devemos ainda minguar um pouco. Ao atingirmos a pequenez precisa, o núcleo se nos afigura do tamanho do Sol e o electrônio como se fôsse a Terra. Vamos ao seu encontro. No máximo da nossa diminuição temos a estranha sensação de estarmos perdidos num universo completamente vazio, sem substância, sem partículas, sem ar, sem luz, sem nada! Enchemo-nos de coragem e nos movemos à procura do electrônio. A tarefa que temos de enfrentar é tão difícil como se na estatura normal desejassemos encontrar uma única mosca em todo o território do Distrito Federal. Que distancia enorme separa o electrônio do seu núcleo! E entre um e outro não há nada, absolutamente nada!... Podemos caminhar horas, seria melhor dizer voar, uma vez que estariamos suspensos, mêses ou mesmo anos, pois, no plano da relatividade, as distâncias, no átomo, correspondem as que observam os planetas entre si no nosso sistema.

Depois de vários dias de pesquisas e anciosa espectativa, vemos o brilho de outro relâmpago. Avançamos na escuridão guiados pelo clarão dêsses relâmpagos, que agora se sucedem quasi que ininterruptamente. Com cautela nos aproximamos do electrônio que desejamos visitar. Estamos tão próximos que podemos vê-los girando a toda velocidade.

Nossa viagem está pertinho do fim. Só nos falta ver o electrônio por dentro para conhecê-lo. Mas a entrada nêle oferece enormes perigos! Se nos chocarmos com êle pela frente, significa morte, na certa, e instantânea! Temos de arranjar um jeito de o assaltarmos na sua passagem quando mais da metade tenha cruzado por nós.

Já que a sorte nos tem acompanhado até aquí, esperemos que nos seja propícia em nosso salto ao electrônio. Armemos o pulo!... O electrônio, tal como os corpúsculos do núcleo, não tem substância. Aquilo que na nossa Física chamamos de matéria, é coisa que não achamos no electrônio, nem nos neutrônios, protônios ou positrônios. *Tudo é impalpável, imaterial. O átomo é apenas eletricidade em movimento.* (O grifo é nosso).

Ao notar que o electrônio está carregado negativamente, nos perguntamos a nós mesmos porque electrônio e protônio não terminam por unir-se e neutralizarse mutuamente, deixando tudo na calma da morte dentro do átomo? Achamos a explicação no mesônio. E' êle que evita isso! Sendo neutro, não é atraído nem repelido pelos outros corpúsculos e, girando entre êles, evita se neutralizem, conservando tudo em movimentos fantásticos.

O átomo é uma «das maravilhas daquêle que é perfeito em conhecimento».

O electrônio que estamos vendo, gira tão velozmente que temos a sensação de estarmos sempre no mesmo lugar. Queremos saltar fóra daquêle bólide, mas... é difícil! Não temos um apoio sólido para firmar-nos!

O electrônio gira, gira sempre!...

Por uma causa para nós desconhecida, nosso electrônio aumenta de velocidade. De trinta milhões de voltas por segundo, passa para cem, duzentos milhões, sete septilhões! Percebemos que rompe a órbita e sai disparado na direção de um átomo de oxigênio. No perigo iminente que nos ameaça esmagar, lembramo-nos da pílula para fazer crescer, que ainda conservamos apertada na mão. Com o pavor da morte diante dos olhos, engulimo-la. Foi em tempo! Crescemos rápidamente, evitando o choque, saindo assim daquêle universo tão deslumbrante como perigoso.

Continuamos a crescer e não demoramos em reconhecer nosso velho quarto.

Temos agora uma idéia perfeita do que venha a ser êsse universo do atómo.

Números, poucos nos adiantariam pela sua pequenez. Como não estamos acostumados a medidas tão pequenas e ao mesmo tempo tão enormes na sua quantidade, é dificil compreendê-las.

Tomemos o milímetro como comparação. Ao microscópio dificilmente se pode ver um milésimo de polegada. O átomo é muitissimo menor, apenas tem uma milionésima parte de um milímetro, isto quer dizer que, num milímetro cabem um milhão de átomos. Ampliemos nossa escala de um milímetro dez milhões de vezes, isto é, até atingirmos dez quilómetros. Nesta escala o diâmetro do átomo equivaleria a um milímetro.

Na verdade, o átomo é uma coisa muito pequena, de uma fôrça fantástica e de uma utilidade ainda insuspeitada».

Eis, meus caros irmãos, uma página admirável, em que Minham, inspiradamente, aproxima-se, pelo raciocínio, através da mente científica, jogando com dados científicos, dêsse infinito mundo do espírito, de onde promanam todos os elementos da vida quer espiritual, quer material. Isto prova que a Ciência marcha céleremente ao encontro do espírito, sempre, até aquí, tão funestamente desprezado por essa mesma Ciência que só queria cogitar da matéria, tudo reduzindo a uma expressão material e aniquilando no homem as fontes do saber verdadeiro, da verdadeira filosofia.

Ouvistes o que o pensador afirmou, ao chegar aos últimos redutos da matéria, como deixámos sublinhado: «Tudo é impalpável, imaterial. O átomo é apenas eletricidade em movimento».

Bendigamos, pois, a Sabedoria Divina que nos fez penetrar no santuário da verdade, guiados pela nossa fé, antecipando-nos aos grandes sábios orgulhosos da sua ciência, com a qual não queriam saber de Deus, vendo-se agora constrangidos a penetrar no mesmo santuário pela própria violência das suas deduções e das suas teorias! Isto prova que Deus tanto ama os seus filhos, que, mesmo àqueles que o repelem, procura mostrar a sua existência, chamando-os, como a filhos pródigos, à casa paterna.

Humildes e pequeninos, pois, a exemplo do que foi necessário fazer ao homem de Wells, para penetrar no santuário da matéria, onde *tudo é impalpável e imaterial,* penetremos nêste templo de amor espiritual, onde se reunem os nossos guias e protetores, amigos e irmãos da espiritualidade, para com êles conviver um instante, sob a égide do Cristo e sob as bençãos de Deus.

Para êsse fim, todos fomos convocados nêste final de 1954, cheios de renovadas esperanças nas promessas do Divino Mestre, crentes de que mais um ano temos diante de nós na execução do trabalho que nos foi distribuido na seára do Senhor.

Que vos seja pleno dessa felicidade, caros irmãos, o ano de 1955, a cujas portas estamos, é o que de todo o coração vos desejamos, olhos postos na Divina Paternidade.

Que assim seja!

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 31 de Dezembro de 1954.

(Lida pelo autor em sessão do Centro Espírita «Bezerra de Menezes» do Andaraí).

Segredo da Morte

Por JULIA LOPES DE ALMEIDA — De «Estudos Psíquicos» — Lisbôa, Portugal.

DEPOIS do jantar passámos ao terraço onde mandei servir o café. Foi aí que pedi ao corretor Sidney que me comprasse um terreno que eu vira anunciado em ótimas condições.

A' minha ordem, êle retrucou com esta pergunta esquisita:

— Não acredita em almas do outro mundo?

— Quasi nunca... Porque?

— Porque, se êsse terreno está assim...

E Sidney emudeceu ao ver o modo brusco por que o Numa Saião se ergueu da cadeira em que estivera recostado a fumar.

— Que é? — perguntei:

Sem dizer uma palavra o Numa agitou no ar a mão espalmada, para que não prosseguissemos na conversa e começou andar de um lado para o outro numa agitação de enclausurado. De repente, voltou para o meio da roda, onde tinhamos ficado em espectativa atônita e disse:

— Eu tinha prometido não revelar êste segredo a ninguém, a ninguém; mas agora é preciso, é preciso — repetia êle, fixando em mim as suas pupilas de um azul magnético.

Negámos-lhe êsse dever em frases frouxas, que mal dissimulavam a nossa curiosidade. Êle não aceitou e começou nervosamente:

— Conhecem a minha enteada; é uma criatura séria, grave, honesta, incapaz de mentir. Hoje estima-me. Ao princípio percebi que ela me suportava por deferência à mãe. A percepção dessa antipatia e o perene disfarce em que vivíamos um em face do outro tornava a nossa existência soberanamente aborrecida. O que nos valia a ambos é que minha mulher realizava o milagre de ser cada vez mais linda e mais amada, compensando em meiguice e em poesia os nossos desgostos inconfessáveis.

Existia ainda muito viva essa espécie de malquerença entre minha enteada e eu, quando uma tarde, voltando do trabalho, encontrei-a no vestíbulo, evidentemente à minha espera. Mal me viu entrar, precipitou-se ao meu encontro, apertou-me as mãos com fôrça e, antes mesmo que eu tivesse tido tempo de formular uma pergunta, ela rompeu:

— Sabe? Êle acabou de sair daquí.

— Êle, quem?

— Meu pai.

— Que idéia!

— Pode pensar o que quiser, mas afirmo-lhe que era meu pai em carne e osso, vestido de claro, como êle costumava usar no verão.

Tive pena da rapariga. Vi-a tão transtornada, que a supus vítima de um acesso de loucura. Não podia ser outra coisa. Procurei acalmá-la com jeito, dizendo que ela devia desconfiar da sensibilidade dos seus nervos e reagir contra tamanho atraso.

Ela replicou enérgicamente, encarando-me com um modo inesquecível:

— Não se trata de uma visão doentia. Estou de excelente saude. Nem sequer pensei em meu pai durante todo o dia.

— Embora! Um fato tão fóra da realidade não pode ser originado senão por um excesso de imaginação.

— Meu padrasto — tornou ela com uma lucidez verdadeiramente desorientadora — eu não sou nervosa nem acreditei, nunca, no sobrenatural. Sou uma pessoa de nervos equilibrados. O que digo é a verdade. Eu vinha da sala de visitas, quando, seguindo pela galeria, senti alguém caminhar atrás de mim.

Voltei-me e imagine qual foi o meu espanto, quando reconheci meu pai. Quís gritar e não pude, fiquei plantada diante dêle como se os meus pés estivessem enterrados no chão. Olhando-me tristemente, disse, então, na voz rouca e abafada que sempre teve:

—Arma-te de coragem, porque amanhã a estas mesmas horas tua mãe irá ter comigo. E, abrindo a porta do jardim, desapareceu. Não sei como ainda tive ânimo de olhar para o relógio da parede.

Eram seis horas. E' que em mim tudo parecia automático, regido por uma vontade alheia à minha própria.

Foi depois que senti um grande tumulto no coração e que vim esperá-lo para contar-lhe tudo e perguntar-lhe o que havemos de fazer para defendê-la.

E começou a chorar de encontro ao meu coração, que batia com fôrça.

— O que havemos de fazer ? Calarmo-nos para que tua mãe ignore êste caso.

—Sim, mas não seria prudente chamar o médico para que a examinasse ?

Fiz-lhe notar que a mãe passava adoravelmente e que o pai fora um homem muito sensato e bondoso para poder vir do outro mundo fazer à sua própria filha uma revelação tão dolorosa. A dor sempre vem cedo.

Convenci-me de que as minhas palavras acalmavam a excitação de minha enteada e disse-lhe que repousasse no meu quarto.

Quando à noite ela me reapareceu para o jantar, tinha tomado a sua resolução. Vinha risonha, embora não desanuviada. Mas só eu percebia que o fundo de toda aquela alegria, mais do que nunca espirituosa e vivaz, era torva e intranquila.

Resolvi falar no dia seguinte a um médico psiquiatra a respeito do caso, e tratei também de disfarçar as minhas apreensões para sossego de minha mulher.

Mas no dia seguinte o ministro da fazenda chamou-me para uma conferência que me fez perder um tempo infinito, e não pude assim consultar o doutor.

À tarde, ao voltar para casa, tive a surpreza de a encontrar em festa. Minha enteada, convidara todos os nossos melhores amigos para um jantar improvisado de afogadilho. Queria sentir-se rodeada por muita gente. Entre os convidados não se esquecera de incluir o médico da família cuja demora a apoquentava. «E eu pedi-lhe que estivesse aqui antes das 6 horas», disse-me ela depois.

Aborreceu-me aquela insistência e insensivelmente levantando os olhos, vi que eram 6 horas em ponto no relógio ao fundo da galeria. Percebi então que o mal de minha enteada fora contagioso, porque não pude reter um estremecimento, e foi já irritado comigo mesmo que entrei no salão à procura de minha mulher. Logo que entrei respirei de alívio, ao vê-la sentada numa poltrona ao lado do piano a ouvir música. Tinha a cabeça recostada num almofadão de veludo, os olhos semi-cerrados, os lábios entreabertos num sorriso e as mãos em abandono no regaço. Aproximei-me e ela não se mexeu; peguei-lhe na mão para a beijar, senti-a inerte e morna; chamei a pelo nome, não me respondeu... Ao mesmo tempo, minha enteada punha-se aos gritos com os braços no ar !

Instantâneo...

...e foi-se o M. Quintão !...

M. Quintão desencarnou.

A notícia de seu desencarne, que no-la deu o prof. Newton de Barros, nós recebemo-la como êle receberia a notícia de nosso desencarne: sem surprêsa e sem abalos.

Mais velho, mais feliz e tendo terminado suas tarefas terrenas antes de nós, mereceu, de certo, seu alvará de liberdade da Carne e da Terra...

Durante nossas enfermidades, não nos visitamos, sinão por correspondências, mandados de lembranças e de livros. Nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS lhe enviamos pelo Nelson Duarte Ribeiro, espírita como nós da velha guarda. Nem êle no-lo agradeceu a seu tempo, nem o Nelson nos avisou a entrega. Tempos depois, falamos ao telefone com o filho do Nelson. «E seu pai, como está ?» —perguntamos. «Meu pai ? Morreu em S. Paulo. O senhor não o sabia ?» Não haviamos sabido, efetivamente, de sua morte...

Devemos muito ao M. Quintão. Favores que lhe não custaram um real, mas que foram profundamente marcantes em nossa vida. Lembremos aqui, em homenagem justissima ao querido irmão espiritual e amigo, alguns dos maiores. Foi êle quem nos deu os empurrões definitivos para a Doutrina. Foi êle quem nos reaproximou do magistério, que haviamos abandonado, desiludido, em Salvador, aproximando-nos do Paim Pamplona, cujo colégio dirigimos, no Meier, durante sete anos. Foi êle quem nos empurrou para Nova-Iguassú, terra que passaria a ser a nossa terra. Foi êle quem nos arrastou à tribuna espírita, em que teriamos de desempenhar, posteriormente, grande serviço à propaganda do Espiritismo...

Como, a despeito de nossas imperfeições, que são muitas; de nossos erros, que são infinitos, ainda nos resta um pouco de gratidão e de reconhecimento, é compelido pelo reconhecimento e pela gratidão...

Tivemos, mercê de Deus, de testemunhar-lhe, mais de uma vez, quanto lhe eramos grato. A última, quando foi publicado o seu admirável *Cinzas do Meu Cinzeiro*. Pusemos na *Revista Internacional do Espiritismo* uma crônica tão justa e incisiva sôbre êle, seu livro e o que se nos afigurou uma injustiça de dirigentes da F. E. B. que até mereceu carta de protesto de ilustre diretor daquela entidade. Quintão escreve-nos sôbre nosso artigo, ajustando-lhe expressivo — VALE — em sua caligrafia impecável e magnifica, mas, por sua parte, impugnando estes trechos que puseramos na crônica: «Sempre firme a nossa amisade? Sob o ponto de vista pessoal, sempre a mesma. Sob o ponto de vista doutrinário, tivemos divergências sérias. A maior, sôbre as obras de assistência social, espiritistica...»

O Quintão não era, efetivamente, simpático às obras de assistência social. Quando a querida companheira lançou o plano do LAR DE JESUS, que nos pusemos à propaganda da obra; obra que aí está, no cumprimento de seu programa, êle inseriu um escrito de Vinicius na primeira página de REFORMADOR, que nos pareceu contra tais obras. Protestamos. E nosso primêiro artigo de protesto, levamo-lo para êle ler, antes de publicá-lo.

Ele leu-o, constrangido, e disse: «Você defende bem seus pontos de vista. Mas, seus argumentos podem ser facilmente destruidos.

— Por isso, exatamente, que lhe vim mostrar, antes de publicar. Quem sabe se você não desejará destruí-los? Embora não seja meu propósito polemizar com espírita, como eu... gostaria de conhecer melhores argumentos contra as obras de assistência, porque são muito fracos os insertos em REFORMADOR...

E escrevemos uma série de artigos, defendendo nosso ponto de vista.

E começou daí nosso esfriamento com a orientação da F. E. B.

E M. Quintão não respondeu nada — nem ele, nem ninguém — aos nossos *ataques* — como houve quem classificasse nossos escritos a favor das obras de assistência.

Ele não quís, entretanto, polemizar com o velho amigo e discípulo, polemista que era, forrado de muita lógica, muita ironia e muita pujança, fiel ao seu grande amor, que era a F. E. B. Amor que nós achavamos bem maior do que o que tinha ao próprio lar, à própria família...

Provas desse amor?

Uma feita, leu-nos — a nós e ao Cel. Carvalho, membro daquela respeitável Instituição, — um artigo arrazador de certos pontos-de-vista de outro velho, o Antonio Lima...

— Mas, você não vai publicar isso, pois não? A Federação podia ficar mal com esta publicação sua — argumentou o Cel. Carvalho...

— E' isso — comentou, maguado — a gente não pode escrever certas verdades, porque não fica bem à Federação.

Interferimos, então:

— Mas, não é essa a sua doutrina? Depois do último Congresso do Conselho Federativo, eu, que estava chegando, cheio de entusiasmo e idealismo, ao Espiritismo, lamentando as rivalidades existentes entre a Federação e a Liga, cheguei a convidar o Henrique Andrade, presidente da Liga, você e o Guillon para uma reunião em conjunto da FEB, afim de fazer-se, em conjunto e em comum a próxima festa de Kardec. Seria êsse o primeiro sinal de solidariedade cristã que as instituições maiores do Espiritismo no Brasil, a F. E. B. a Liga dariam. Comparecemos os três: o Guillon, o Henrique e eu. Faltou você. Faltou e reprovou o que sugeri, dizendo até: «Você, Leopoldo, não deve procurar envolver a Federação nos seus propósitos de fraternização. A Federação tem seu programa, do qual não se afasta e não deve promiscuir-se com toda gente. Acho até que você perde seu tempo, pensando que toda gente, que se diz espírita o é de verdade. Não confie em todos os espíritas, porque nem todos que dizem Senhor, Senhor...

Compreendemos tudo, nas entrelinhas. O velho Quintão fazia Espiritismo para servir à F. E. B. E nos queria, ao seu lado, com a mesma intransigência. E nós vinhamos para o Espiritismo disposto a trabalhar, colocamos a Doutrina acima das Instituições, sem exclusão de nenhuma entidade, e estas acima dos homens, e estes, desde que pensem, e sintam, e procedam melhor do que nós, acima de nossos pontos de vista.

Seu amor pela F. E. B., repetimos, era sem termos.

E era com garbo que lhe ouvimos, mais de uma vez, em louvores a Pedro Richard, glosando o grande amor que êle tinha à Federação: «O Richard sempre me dizia, na sua simplicidade e constância admiráveis: se me puserem daquí para fóra, pela porta, eu entrarei pela janela, que esta casa é tanto minha, como dos outros diretores, como dos espíritas em geral, porque é a casa de Jesus...»

Entretanto, o Quintão saiu de lá pela porta, decepcionado e triste, e não voltou nem pela porta, nem pela janela. E disse-nos, uma tarde, no consultório dentário de A. Ururahy, mais decepcionado e triste que era um dos sócios mais antigos da F. E. B. mas ia mandar riscar seu nome de sócio...

— Não faça isso, Quintão! Além da Instituição, por si mesma, não ser responsável pelos erros e intolerâncias de diretores seus, transitórios, que lição você daria a muita gente, que, como eu, ainda o vêm como um padrão?

M. Quintão foi, para nós, o maior pregador espírita que conhecemos. Claro, evangélico, emotivo, seguro. E nós andamos ouvindo até o Viana de Carvalho e o Cesar Gonçalves. O Quintão falando era diferente do Quintão escrevendo. Só clareza na sua palavra. Sua escrita, entretanto, eivada de termos absolutos e construção difícil, dava-nos a idéia de um *estilo sacarolha*, como o jornalista Eloi Pontes o classificou, pelas colunas de O GLOBO.

M. Quintão teve seus erros. Bem menores, é certo, do que os nossos erros. Mas foi um vulto que deixou claros na História do Espiritismo no Brasil e lacunas dificilmente preenchiveis na F.E.B...

E, também, na estima fraterna de muitos irmãos e amigos, a começar por nós...

Leopoldo Machado.

(Irradiado no programa «Seleções Espiritualistas», da Rádio Guanabara, Rio.)

ESPIRITISMO E EVANGELHO

I

Já se disse, muitas vêzes, que, sem o concurso, sem as luzes da doutrina espírita, não é possível compreender claramente o sentido oculto de certos ensinos básicos do Evangelho. E' justamente por isso mesmo que se diz a todo momento: *É O ESPIRITISMO QUE EXPLICA O EVANGELHO; NÃO É O EVANGELHO QUE EXPLICA O ESPIRITISMO* Não há nenhum disparate, nenhuma heresia nesta assertiva, uma vez que o próprio Alian Kardec foi o primeiro a dizer que o Espiritismo é a CHAVE — note-se bem — a CHAVE com que se penetra no espírito da letra evangélica. Isto quer dizer, portanto, que, sem o amparo da doutrina espírita, como instrumento de penetração, muitas passagens do Evangelho, e das passagens mais importantes, ficariam obscuras ou estariam sujeitas a interpretações dúbias.

Não se deve concluir, daí, que o Espiritismo tenha vindo com o propósito de demolir o Evangelho. Jamais. Isto seria uma conclusão absurda, porque é precisamente à luz do Espiritismo que o Evangelho se torna mais claro, mais coerente, mais sólido em sua estrutura moral e doutrinária. Não é possível, porém, inverter as posições, isto é, pretender interpretar o Espiritismo pelo Evangelho, quando na realidade é o Evangelho que deve ser interpretado pelo Espiritismo. Veja-se bem o que disse Allan Kardec, no capítulo I da *Gênesis*, n. 41 : «Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem ao contrário, confirmá-lo, explicá-lo e desenvolvê-lo...» Isto porque — diz ainda Allan Kardec — o Espiritismo «elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte, que aqueles para quem eram ininteligíveis certas passagens, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina, vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria». Finalmente, no dizer judicioso de Allan Kardec, a figura de Jesus, em face do Espiritismo, deixa de ser apenas a de um filósofo para ser um Messias divino. Como se vê, o Espiritismo reforça o Evangelho e exalta em toda a plenitude a figura de Jesus.

Quando se diz, portanto, que o mais certo, o mais lógico é interpretar o Evangelho à luz do Espiritismo e não o Espiritismo à luz do Evangelho, não se comete, com isto, nenhuma irreverência, porquanto a doutrina espírita oferece elementos que tornam mais inteligentes, mais compreensíveis muitas passagens que, tomadas ao pé da letra, são positivamente contraditórias. Entretanto não há contradição alguma na linha de pensamento, no encadeamento moral dos ensinos do Cristo. Hoje, sabemos que não há contradição, porque a doutrina espírita nos permite compreender o espírito do Evangelho e separar o que é alegórico, o que é puramente ornamental em determinadas passagens. Isto, por outras palavras, quer dizer que a doutrina espírita nos leva à essência, à parte substancial do Evangelho, e por isso é no Espiritismo que o Evangelho encontra o alicerce mais forte e mais lógico.

Toda a moral do Evangelho é baseada na idéia de vida futura, isto é, vida *após a morte*. Todavia, sem um ponto de apôio para a aceitação da vida futura como princípio certo, sem uma base de fatos, portanto, o ensino evangélico seria apenas uma teoria, simples questão de fé. Entretanto, à luz do Espiritismo, o problema muda de figura, porque os fatos, em toda e qualquer discussão, e no Espiritismo também, são um argumento forte, indestrutivel. Ora, diante dos fatos, fica provada a autenticidade de fenômenos que, interpretados à luz da mais alta filosofia espiritualista, nos levam a concluir inevitavelmente pela imortalidade da alma.

A moral do Evangelho tem, portanto, segundo o Espiritismo, um fundamento sólido, não é simples questão de crença, como parece. Justamente por isso mesmo, foi que Allan Kardec afirmou que o Espiritismo veio reforçar o Evangelho. A base do Espiritismo, finalmente, está naquilo que se prova, que se demonstra pelos fatos. Sem as luzes do Espiritismo o problema da vida espiritual não passa de um dogma, porque é indemonstrável. Daí Allan Kardec haver afirmado, ainda, que o Espiritismo vai ter ás bases de todas as religiões. Sim, porque todas as religiões imortalistas podem encontrar no Espiritismo o alicerce de que muito carecem para a justificação de seus princípios em relação à sobrevivência da alma. Já se vê, depois de tudo isto, que o Evangelho, quando interpretado à luz do Espiritismo, se torna mais claro, mais compatível com a razão, mais consistente, mais fecundo em suas lições, mais puro em sua expressão moral.

DEOLINDO AMORIM.

(Crônica lida em «Seleções Espiritualistas» — Rádio Guanabara — Rio de Janeiro).

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

Casos de Clarividência,

produzidos e narrados pelo Dr. Henri Boch, um dos médicos mais distintos de Munich. (1)

—O Dr. Boch tinha então oito anos de idade e estava de visita em casa de um parente, que era Pastor de Mergentheim.

Acompanhado pela governanta e pelo irmão, Henri costumava ir a uma pequena cidade próxima e ali entravam numa velha igreja. A' saída bebiam água tirada de um poço existente na cerca. Mal tinha engolido uns golos, Henri começou a chorar. Surpreendidos, a governanta e o irmão, perguntaram-lhe o que êle tinha. Henri respondeu: «Eu devo beber desta água durante quatro anos».

Ao beber a água, disse para consigo, de repente: «Tu deverás beber desta água durante quatro anos», e entristecido pôsse a chorar. Regressados a casa, a governanta e o irmão contaram o incidente ao tio que, troçando o rapaz, lhe disse: «Tranquiliza-te, porque para que tal acontecesse era preciso que viesses a ser pegureiro; por detrás da igreja há um velho convento arruinado que presentemente serve de abegoaria. E quanto a mim, eu farei tudo quanto me seja possível para que nunca sejas pegureiro».

Três anos mais tarde, o convento em ruínas foi adquirido por um professor que ali erigiu um colégio. Henri foi dos primeiros alunos e tendo ali permanecido durante quatro anos, de 1872 a 1876, bebeu daquela água durante quatro anos.

— Um dia, um doente que o Dr. Boch nunca tinha visto, foi consultá-lo. Antes de falar com êle, o doutor teve uma espécie de visão: via-o deitado num caixão escuro e dava-lhe um cravo vermelho. A visão fôra distinta, mas desapareceu tão depressa que não lhe ligou importância.

O doutor observou o doente e verificou que o estava bastante sem que, contudo, o seu estado fôsse grave. Efetivamente, depois do tratamento adequado, depressa se restabeleceu.

Decorrido muito tempo, o doutor foi chamado a casa do mesmo consulente que, de novo, adoecera. Convenientemente tratado, recuperou a saúde mais uma vez.

Uns oito dias depois, o doutor lembrou-se, de repente, da visão do caixão e do cravo vermelho e disse para consigo, sorrindo: «Vou levar-lhe um cravo para que êle o possua enquanto vivente».

Comprou um cravo vermelho, dirigiu-se à residência do cliente e assim que lhe abriram a porta entrou alegremente na sala.

Mas qual não foi o seu espanto quando o viu no mesmo caixão escuro em que o doutor o vira na sua visão! Êle tinha morrido na noite precedente em consequência de uma embolia. O doutor ficou de tal maneira aturdido que, sem saber o que fazia, lhe meteu o cravo na mão.

— Uma pessoa das relações do doutor devia ser operada por um dos seus amigos com quem assentou na escolha do quarto da clínica em que o doente seria alojado e tudo parecia arranjado.

No dia da operação, de manhã cedo, o doutor dispunha-se a escrever sôbre um assunto muito importante, quando, de repente, sem levemente que fôsse ter pensado na operação, viu a doente deitada num outro quarto nada parecido com o que fôra escolhido, tendo um laço de fita pregado no peito.

Cerca do meio dia telefonou para a clínica e perguntou se o quarto destinado à doente continuava livre. Responderam-lhe que a senhora que o ocupava já pagara a sua conta e que ia sair.

Mas quando nessa mesma tarde, o doutor entrou na clínica acompanhando a senhora doente, a enfermeira-chefe informou-o de que, afinal, aquela senhora não saira pelo que a doente do doutor tinha que ocupar outro quarto e que era aquêle que o doutor tinha visto na sua visão.

O doutor perguntou à cliente se ela trazia algum laço de fita. A dama respondeu que antes de sair entrara no quarto da filha e dali trouxera um laço de fita como recordação.

---

(1) *Annales des Sciences Psychiques:* n.º 7 de 1913.

— A mãe do doutor esteve doente durante uns dez anos, pouco mais ou menos.

Um dia, um dos seus irmãos foi vêlo a Munich e combinaram irem à noite a um *music-hall.* Ambos estavam alegres e se sentiam divertidos com o espectáculo. De repente, durante o entreato, o doutor ouviu uma pancada muito forte e viu o rosto da mãe duma palidez cadavérica, estendida na cama, com uma cruz entre as mãos.

E disse para o irmão: «Partamos imediatamente, a nossa mãe acaba de morrer».

No dia seguinte, de manhã cedo, chegava um telegrama anunciando que a mãe tinha morrido à hora em que o doutor tivera a triste visão.

— Um dos parentes do doutor era morfinomaníaco. Depois de longa permanência num sanatório, passou a viver com a irmã, a quem o doutor dera instruções para impedir a recidiva. Tudo caminhava bem.

Na semana seguinte, ao regressar a casa, o doutor teve a visão do seu parente dar um tiro na cabeça. Ao chegar a casa contou a visão à esposa. Mal tinha terminado a narrativa quando foi chamado ao telefone: era um amigo a anunciarlhe que tinha acontecido uma desgraça.

— Já sei, respondeu o doutor; fulano de tal deu um tiro na cabeça.

— Num passeio de automóvel, o doutor e a esposa, detiveram-se em Lindau onde passaram a noite num hotel. Como estivesse muito fatigado, o doutor adormeceu profundamente.

De manhã, ao acordar, teve uma visão: uma cruz preta em cima da cama. Olhou para a janela para verificar se não seria o efeito de algum reflexo. Mas os cortinados estavam herméticamente fechados e, além disso, o quarto dava para o poente. Eram cinco horas menos um quarto. Levantou-se, correu os cortinados e abriu a janela para se certificar de que não sonhova. A cruz lá estava no mesmo lugar. Tornou a deitar-se; a cruz não desaparecera. Passou a mão pelo *édredon* e suspirou. Era uma obsessão.

Entretanto, a esposa acordou e perguntou-lhe o que tinha. Que tinha pressentimentos penosos, respondeu o doutor que, debalde, tentou adormecer.

Quando, no dia seguinte, chegaram à estação de Partenkirchen, o doutor viu a filha que os esperava com um telegrama na mão. Então disse para a mulher: «A nossa filha traz-nos a notícia».

O telegrama, efetivamente, comunicava que o colaborador do doutor num negócio muito importante, tinha morrido.

Êsse homem era ainda moço; deitara-se cerca da meia noite, de perfeita saúde. A's quatro e meia da manhã, a esposa ouviu-o estertorar e às cinco e um quarto estava morto.

⁂

A morte não existe

De «Revista de Metapsicologia»

Katherine Hillwood Poor conta, em *Rays from the Rosecross,* que Priscilla Leigh andando em procura de uma livraria, em Los Angeles, ouviu, de repente, estas palavras: «Vai, vai para tua casa, imediatamente». Olhou em redor e não viu ninguém que pudesse assim ter-lhe falado.

Volvidos instantes, percebeu de novo as mesmas palavras: «Vai, vai para tua casa, imediatamente». Pareceu-lhe conhecer aquela voz. Pensou no noivo, Alan Keating, então no Sul do Pacífico. Chegada à livraria, onde não entrou, tornou a ouvir as mesmas palavras: «Vai, vai para tua casa, imediatamente».

Logo que chegou a casa percorreu-a, persuadida de que descobriria qualquer coisa. Nada encontrou.

Para espairecer, ia a sair, quando se sentiu atraída para a sala de visitas, onde notou, na semi-obscuridade, uma aparição estranha que ia crescendo lentamente até adquirir a forma humana. O rosto era pálido e assemelhava-se ao do seu noivo.

«Alan!... Pois és tu?!»—exclamou. Uma voz fraca, como se viesse de muito longe, respondeu:

«Pril, sou eu, Alan. Não voltarei mais no meu corpo físico, querida. Desejo que tu te convenças de que eu não estou morto, pelo contrário estou muito mais vivo do que nunca; não na vida terrestre, mas numa outra, superior».

Priscilla—que Alan tratava por Pril—não podia duvidar da realidade da aparição. A voz tornara-se mais forte. As últimas palavras permitiram-lhe reconhecer a voz do seu noivo.

«Querido Alan — disse — és realmente tu ?... E' verdade ?...»

«Sim, sou eu realmente, Pril... Meu corpo físico que me embaraçava, partiu, e eu posso voltar para junto de ti. Aquí, não existe a distância. Sei agora quanto estorva o corpo físico... Voltarei dentro de pouco tempo. Lembra-te ! Eu não estou morto. Eu vivo !...»

Isto significava que Alan se libertara da carnificina da guerra de 1939-45.

Quando a mãe regressou e Priscilla lhe contou o que se passara, que Alan fôra morto no «front», mas ali estivera e lhe falara, ela respondeu que a filha devia ter sonhado... estava, decerto, alucinada.

Uma semana mais tarde, precisamente, Alan voltou, alta noite.

«Pril, querida Pril, eu estou aquí. Não te inquietes por minha causa ... O meu amigo Neal Jameson há-de trazer-te uma carta minha. Êle conhece-te. Sê gentil com êle...»

Dias depois, foi recebida a participação oficial : «O tenente Alan Keating foi morto no «front».

A mãe de Priscilla olhou-a pasmada, pois havia duas semanas que ela lho dissera.

Um ano depois da morte de Alan, o capitão Jameson apresentou-se em casa de Priscilla com a anunciada carta.

(Excerpto da Revista «La Vie Nouvelle»).

⁂

A Reencarnação em Inglaterra

De «Estudos Psíquicos»

A teoria da reencarnação volta a agitar-se em Inglaterra. Como é sabido, os espíritas britânitos, na sua maioria, não aceitam êste princípio, claramente enunciado nas obras fundamentais do Espiritismo kardeciano. Há três ou quatro anos, porém, os «Ensinamentos de Silver Birch», ditados pelo Espírito-guia de Hannen Swaffer, agitaram favorávelmente o assunto e agora o *Psychic News* pergunta, em artigo do seu diretor, B. Abdy Collins :

— Porque não aludem as Investigações Psíquicas à reencarnação ?

E os leitores falam, cada um para seu lado, expendendo as mais variadas opiniões, apoiados em raciocínios por vezes inverosímeis e fóra de toda a discussão.

Na edição de 3 de Setembro, o professor W. H. Wood defende calorosamente aquela teoria, partilhada também pelo diretor do referido semanário. Mas um pouco adiante, a sra. Ethelwin Rolf diz que é limitar Deus acreditar em numerosos renascimentos e que estes só podem ser compreendidos de mundo para mundo, de esfera em esfera, segundo a fase atingida pela alma, em sua viagem para Deus. E o sr. C. Parsons diz que a reencarnação só devia discutir-se quando o Espiritismo conseguisse provar que a morte não existe.

Esta discussão entre leitores de diferente grau de cultura faz lembrar um pouco a «Tribuna Livre» do SOL, em que as opiniões andam ao sabor dos ventos e das marés.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano	Cr.$ 100,00	Do 11.º ano	Cr.$ 100,00	Do 24.º ano	Cr.$ 80,00
Do 4.º ano . .	100,00	Do 18.º ano . .	80,00	Do 25.º ano . .	80,00
Do 5.º ano . .	100,00	Do 19.º ano . .	80,00	Do 26.º ano . .	80,00
Do 6.º ano . .	100,00	Do 20.º ano . .	80,00	Do 27.º ano . .	80,00
Do 7.º ano . .	100,00	Do 21.º ano . .	80,00	Do 28.º ano . .	80,00
Do 8.º ano . .	100,00	Do 22.º ano . .	80,00		
Do 10.º ano . .	100,00	Do 23.º ano . .	80,00		

ESPIRITISMO NO BRASIL

Servilio Marrone

3 de Janeiro de 55. Alvorada de um novo ciclo. Ano Novo. Vida Nova. E assim fomos à Campinas a serviço comercial. Chegaramos ás 10,30 e, nem bem aportavamos à casa do primeiro freguez, eis que êste nos diz a queima-roupa: «E então, não sabe da última ?! O Marrone foi atropelado ontem por um ônibus e encontra-se em estado de choque na Casa de Saude Campinas». Em seguida, deu-nos a lêr o «Diário do Povo» noticiando o horrível desastre. Meio atordoado com a notícia, partimos para colher os necessários informes. Á nossa chegada recebemos ordem de que «estavam proibidas as visitas por ordem superior». Todavia, dentro em pouco, estavamos ao lado do João Rosa e Major Manoel Loureiro, no quarto do querido irmão.

O paciente. debaixo de sôro, semimorto, e ao lado, seu irmão, Padre Favorino Marrone. A' nossa frente surgem chapas radiográficas indicando as fraturas do crâneo, etc. Nossa primeira impressão confirma-se. O estado do crâneo é delicado. A primeira intervenção, hábilmente executada pelos Drs. Cota Pacheco e Marcondes Filho, teve a duração de 3 e 1/2 horas. Foi preciso outra operação ás 15,30 horas. Já se passaram 25 horas do acontecido. O estado de choque continua. Marrone é transportado para a Sala Operatória. Não há necessidade de nova intervenção. Os médicos declaram : nada mais resta a fazer. Está morto !

Como um bólido corre a notícia pela cidade. O telefone tilinta ininterruptamente. Em pouco, o Hospital recebe inumeras visitas.

Logo mais, na Capela do necrotério, nossos corações e nossas almas não suportam o que viramos, e as lágrimas, bem humanas, deslizam pela face dos presentes. E' comovedor o que assistimos. Na noite do mesmo dia voltámos à Capital para a notícia inesperada. Mãos ao telefone. De saída, Vinicius. O velho educador fica boquiaberto e do outro lado do fio nos diz: «Em verdade, perdemos um nobre companheiro, um grande amigo, notável trabalhador e a Doutrina, algo dificil de ser preenchido». Depois o Presidente da Federação, Prof. Americo Montagnini, Cte. Armond, José Justino Castilho, Dr. Ary Lex, Dr. Luiz M. de Barros, Jordão e Dr. Canuto de Abreu. Telegrafamos para Curitiba, Matão, Uberaba e Barretos. Telefonamos para Ribeirão Preto ao Dr. Jaime M. de Barros e a Franca para o Dr. Agnelo Morato e Dr. Novelino.

Dia 4, saimos cedo da Capital rumo a terra de Carlos Gomes. A's 10 horas saia o ferêtro para o Cemitério da Saudade. Lá, 2 dezenas de oradores revezaram-se, para, através da palavra, falar sôbre os dotes morais de quem foi tão virtuoso na sua passagem pelo planeta Terra.

Em nome de Vinicius, do Presidente da Federação e da imprensa espírita de Matão, de Curitiba e de S. Paulo, fizemos côro ás homenagens póstumas.

12 horas, «Consumat est !»

Espíritas, católicos, protestantes, maçons, crentes, descrentes, pobres, ricos, pretos, brancos, todos enfim, retiram-se da Mansão da Saudade onde baixou à terra dadivosa e bôa, o fardo material de quem atendia pelo nome de SERVILIO MARRONE. Três centenas de autos levaram de volta ao centro um milhar de amigos, guardando cada qual em seu íntimo a imorredoura saudade daquele que fôra digno de todos os méritos. No setor social, público, das artes, da educação, do desvêlo ao desamparado, em tudo e por tudo, por certo, Campinas recordará a figura amável e benéfica de Marrone.

Gustavo Marcondes sabe perfeitamente quanto lhe era útil o amigo que partiu.

A seára é grande mas... os Marrones são poucos—dizemos nós de catedra—parodiando palidamente as palavras do Divino Mestre.

E, terminando, ficamos a meditar: será que o servo atento poderia desviar-se e assim evitar a morte ? Estaria desatento ao Senhor ? Como poderia receber tal impacto, sendo jogado a longa distância ? Não era êle prudente ?

«Sublata causa, tolitur efetus».

Não Marrone! Cremos na Oniciência do Creador.

Se não foste um martir, pelo menos foste um digno e um bravo servidor do Mestre.

Dentro em breve despertarás num mundo melhor e mais feliz. Não foste abatido pelo monstro de rodas. O teu estado de choque, para nós era um transe e, logo mais, temos certeza absoluta de que, quando ouvires o Divino Rabi pronunciar o teu nome responderás: Presente Senhor, aquí estou!

P. S. — Nancy Pullmann, Diretora do «Nosso Lar», D. Anita Briza, Presidente da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», Dr. Euripedes de Castro, Diretor da Hora Espiritual da Rádio Tupi de S. Paulo, Pedro Granja, inclusive o irmão Chico Xavier, foram notificados posteriormente. A UMESP fez-se representar nos funerais por dois membros de sua Mocidade.

Do correspondente na Capital,

Vicente S. Neto.

6/1/55.

Primeira Exposição do Livro Espírita em S. Paulo

Acontecimento destinado a uma extraordinária repercussão nos meios espíritas, em abril deste ano, será sem dúvida a realização da «Primeira Exposição do Livro Espírita em São Paulo» promovido pela União da Mocidade Espírita de São Paulo, com a colaboração da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, da União das Sociedades Espíritas, do Instituto Espírita de Educação, da Revista «CENA», do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo e de um grupo de intelectuais que sempre se bateram pela maior difusão do livro espírita, entre os quais os srs. Canuto de Abreu, Teixeira de Paula, Wandyck Freitas, Batista Lino e Nelson de Barros.

A «Primeira Exposição do Livro Espírita em São Paulo» será realizada em abril, na Capital, em amplo local no centro da cidade, possivelmente na Galeria Prestes Maia e deverá reunir grande parte das 15 mil obras que constituem a bibliografia espírita. No mesmo local, na ocasião, é pensamento da Comissão Organizadora da interessante mostra, realizar uma exposição fotográfica das obras de assistência social espíritas, através da qual se poderá comprovar o extraordinário esfôrço empreendido pelas instituições espiritistas no campo assistencial. Elementos que colaboram para que a iniciativa da União da Mocidade seja levada a bom têrmo e se revista do maior brilho possível, cogitam também organizar uma galeria dos grandes vultos que contribuiram para a universalização da doutrina — escritores, estadistas, artistas, médiuns, cientistas.

Podemos desde já adiantar que artísticos «stands» serão reservados especialmente para a exposição das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, Pietro Ubaldi e outros, sem contar, naturalmente o «stand» principal, que reunirá as obras básicas da Doutrina da Terceira Revelação, de Allan Kardec. Especial atenção merecerá essa parte da exposição, que tributará ao Codificador carinhosa homenagem, pois que se realiza no transcurso do 98.° aniversário do lançamento da primeira edição de «O Livro dos Espíritos».

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Na minha última excursão fiz palestras nas seguintes cidades:

Carioba: Eu e outros oradores falamos no Clube Recreativo de Carioba. A propaganda nesta cidade marcha admiravelmente sob a direção do confrade Tibajara Fonseca que, com sua família, trabalha ativamente na Doutrina.

Porto Feliz: Fiz palestra no Asilo «Dr. Bezerra de Menezes», que é dirigido pelo confrade Adelino Grilo e Mario Nardini, obra nova e sólida, com quatro médicos abalisados, entre os quais o Prefeito e o Vice-Prefeito da cidade. Os confrades Adelino e Mario iniciaram a obra com grandes dificuldades, mas com amor e perseverança conseguiram fazê-la passar a casa dos três milhões de cruzeiros. A obra cresce continuamente engrandecendo a Doutrina.

Falei em Sorocaba e em outras cidades, tendo notado que a propaganda marcha a passos de gigante.

Agradeço a todos os confrades que me proporcionaram bom acolhimento, almejando-lhes paz e saude.

Programação Diária da «Rádio Progresso» de S. Paulo:

(Z. Y. R.—81 —Ondas Tropicais — 4.775 Kicls.)

7,00 ás 7,30 — Alma do Sertão;
7,30 ás 8,00 — Ginástica Educativa;
8,00 ás 8,30 — Músicas Brasileiras;
8,30 ás 9,00 - Músicas Mexicanas;
9,00 ás 9,30 — Cantor do Dia;
9,30 ás 10,00—Seleções de Baião;
10,00 ás 10,30 — Programa das Cartas Recebidas;
10.30 ás 11,00 — Caixinha de Música;
11,00 ás 11,30 — Músicas para o seu Almoço;
11,30 ás 12,00 —Cruz de Malta;
12,00 ás 12,30 - Filigrama Sonóra;
12,30 ás 13,00 — Suplemento Odeon;
13,00 ás 13,30 — Broadway em Desfile;
13,30 ás 14,00 — Músicas para Você;
14,30 ás 14,00 — Músicas Populares Brasileiras;
14,30 ás 15,00 — Sucessos de Ontem;
15,00 ás 15,30 – Melodias Aztecas;
15,30 ás 16,00 – Solistas Famosos;
16 00 ás 16,30 — Rítmo e Canções Variadas;
16,30 ás 17,00 — Nostalgia;
17,00 ás 17,30 — Rítmo das Américas;
17,30 ás 18,00 - Cânticos da Plenitude;
18,00 ás 18,30 — Crepúsculo;
18,30 ás 19,00 — Jantar Sonóro da Fonte Aurea;
19,00 ás 19,30—Sucessos Odeon;
19,30 ás 20,00—Hora Nacional;
20,00 ás 21,00 — Hora Espiritualista;
21,00 ás 21,30—Album Musical;
21,30 ás 22,30 — Grande Teatro Espiritualista;
22,30 ás 23,00 — Melodias da Itália;
23,00 ás 23,30 —Música, Divina Música;
23,30 ás 24,00 — Penumbra.

NECROLOGIA

Servilio Marrone

Desincarnou em Campinas, na Casa de Saude Campinas, no dia 4 do mês p. findo, ás 15,30 horas, com a idade de 41 anos, o nosso estimado confrade e amigo, Servilio Marrone.

Com o seu passamento, um grande claro se abre na fileira espírita, de vez que Servilio Marrone era um dos mais ativos e fiéis trabalhadores da seára espírita. Orador de vasto recurso, andava sempre empenhado nas grandes realizações e movimentos espíritas, jamais negando o seu inestimável concurso nos trabalhos espíritas. Estava sempre pronto, e com a melhor boa vontade, para desempenhar qualquer tarefa no trabalho espiritual, fazendo-o a contento geral. Era muito serviçal e prestativo, atendendo com solicitude todos quantos reclamassem o seu adjutório, sem fazer distinções, pois para êle, todos eram seus irmãos em Cristo, razão por que gozava de geral estima em todas as camadas sociais, e a prova disto está no fato de ser enorme o acompanhamento do féretro ao Cemitério da Saudade, onde foi sepultado o seu corpo material. Um confrade nosso disse-nos em carta: «Nunca se viu em Campinas um enterro como o do Marrone».

Era funcionário da Caixa Econômica Federal. No dia 3, às 11 horas, quando se dirigia para o trabalho, foi apanhado pelo ônibus que faz o percurso da cidade para Swift. Lançado a uns 10 metros de distância, recebeu ferimentos graves na cabeça e, tendo sido recolhido na Casa de Saude de Campinas, às 24 horas foi operado.

No dia 4, ás 15,30 horas, voltou para a mesa de operações, onde desincarnou.

Domingo, dia 2, véspera do desastre, quando ministrava aula evangélica à juventude no Centro Espírita «Allan Kardec», como que pressentindo o seu próximo desincarne, manifestou o desejo de ser sepultado em determinadas condições, quando viesse a desincarnar. Tudo foi observado conforme o seu desejo.

Ao seu enterramento compareceu muita gente de Campinas, bem como das cidades visînhas, entre as quais S. Paulo, Jundiaí, Mogi-Mirim, Amparo, Santa Barbara d'Oeste.

A beira do túmulo falaram as seguintes pessoas: Benedito Gonçalves do Nascimento, em nome da Família Espírita Campineira; D. Luiza Franco, em nome da mulher espírita; um ministro protestante Sabatista, presidente da «Associação Difusora do Evangelho»; o Dr. Quintino Mandonnet, que lembrou a utilidade de Marrone, mesmo fóra do campo religioso. Uma dezena de outros oradores falaram em nome de outras agremiações sociais.

O desincarnado deixa viuva a exma. sra. d. Maria Ferreira Marques Marrone e as filhas, srtas. Nage Neutre Santa Marrone e Narden Marrone.

Solicitamos a Jesus que proporcione a êste seu servo a felicidade e a paz a que fez jus pelas suas boas obras e dedicação no trabalho de sua bendita seára, permitindo-lhe que nos ajude a vencer as dificuldades que surgirem no campo do trabalho espiritual.

Manuel Justiniano Quintão

Mais um espírita da «velha guarda» acaba de deixar o nosso mundo: Manuel Justiniano Quintão. Desincarnou no dia 16 de Dezembro último, ás 18,40 horas, em sua residência à Rua Martins Lage, 398, Meier, Capital Federal, depois de longa e pertinaz enfermidade.

Nasceu na Estação de Quirino, Município de Marquês de Valença, Estado do Rio, no dia 28 de Maio de 1874. Era viúvo de D. Alzira Capute Quintão, desincarnada a 23 de Setembro do ano passado.

Possuidor de vasta e sólida cultura, foi um dos mais apreciados oradores e escritores espíritas. Colaborava em vários jornais e revistas espíritas. Foi polemista de vastos recursos, poeta de primeira linha e musicista, dedilhando com maestria o piano e a flauta.

Foi presidente e vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, desempenhando a sua tarefa com pontualidade.

Traduziu várias obras, entre as quais «Memórias do Padre Germano» de Amalia Domingo Soler, e outras de Camilo Flamarion, Antoinete Boudin, Gabriel Delanne, J. W. Rochester, Gustavo Geley, etc.

Em Agosto de 1952 lançou à lume o seu livro «Cinzas do meu Cinzeiro».

Manuel Justiniano Quintão foi um ardoroso difundidor da Doutrina Espírita, que lhe deve larga folha de serviços prestados.

A saída do féretro para o Cemitério de Inhauma, dia seguinte, 17, pronunciou sentida prece o confrade Arnaldo S. Thiago. No Cemitério, usou da palavra Pereira Guedes que, em ligeira alocução, ressaltou as qualidades de um dos mais destacados trabalhadores da seára espírita ou cristã, que reingressa na Pátria Espiritual aos 80 anos de existência terrena.

Já sabeis que Jesus foi o espírito mais perfeito que desceu à terra, mas o vosso cérebro é ainda muito acanhado para fazerdes uma idéia mais ou menos exáta do seu real valor. Quando aquí chegardes, livres das peias da matéria, que tolhem a visão material é que compreendereis e sentireis o poder e o amor de Jesus. Identificai-vos com o amor de Jesus através dos seus ensinos, exemplos e feitos para tornar-vos dignos da refrigerante aragem das suas virtudes, pois só assim é que sereis realmente felizes.

CAIRBAR.

Interpretação Sintética do

Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Ano XXXI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1955 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

Sôbre a Comunicação dos Espíritos	*Redação*
Primeiro Centenário da Desincarnação de Junqueira Freire . . .	*Ismael Gomes Braga*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Na Inglaterra — As Igrejas Associadas abrem caminho	*Max Kohleisen*
Sôbre Metapsíquica	*Carlos Imbassahy*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Contradições de um adversário . .	*Deolindo Amorim*
As Experiências Atômicas determinam o Câncer	*De "Voz Informativa"*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1955 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Sôbre a Comunicação dos Espíritos

UMA das bases em que se firma a Doutrina Espírita é a comunicação dos Espíritos. No Velho e no Novo Testamento os fatos saltam a cada passo. Ora os Espíritos dão instruções aos profetas, ora produzem curas e fenômenos os mais variados, tais como «voz direta», transporte, materializações, etc.

E' por este meio que Deus manifesta as suas leis de amor, sabedoria, justiça e misericórdia, com o escôpo de fazer as criaturas avançarem sempre na senda da Perfeição. Sem a comunicação dos Espíritos essas leis não poderiam ser conhecidas pelas criaturas, que continuariam a marcar passos indefinidamente no caminho da vida.

Moisés, por exemplo, recebeu no Monte Sinai os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Os mandamentos foram dados a Moisés, que os transmitiu aos hebreus, por um Espírito Superior que se chamava Jeová. Se não houvesse comunicação dos Espíritos com as criaturas terrenas, como poderiam ser conhecidos os mandamentos de Deus? E' preciso saber que Deus nos fala diretamente por intermédio dos seus Mensageiros, os Espíritos Superiores. Além disso, a comunicação dos Espíritos, prova a sobrevivência individual, visto como os espíritos que nos falam, já viveram nêste mundo em um corpo material, buscando através das reincarnações, a perfectibilidade espiritual.

Como o espaço não nos permite citar num pequeno artigo, todos os fatos comprobativos da comunicação dos espíritos registrados no Velho Testamento, mencionaremos apenas alguns registrados no Novo Testamento: Jesus se comunicou, no Monte Tabor, com os espíritos de Elias e Moisés que, como sabemos, foram profetas que estiveram nêste mundo terreno desempenhando a tarefa que Deus lhes confiara na espiritualização da humanidade. Logo a comunicação dos espíritos é um fato.

Jesus ressuscitou Lázaro, que havia desincarnado há quatro dias, provando assim a existência do espírito, que tomou de novo posse do seu corpo físico, passando a viver novamente a vida exterior, entrando, portanto, de novo, em comunicação com a vida exterior.

Os espíritos atrasados, chamados imundos, que Jesus expelia, era uma prova da existência do espírito depois da chamada morte e da sua comunicação, visto como, se apossando de um corpo que não lhes pertencia, que era de um seu semelhante, podiam, de acôrdo com as suas más tendências, fazer dêsse corpo um joguete seu, podendo até falar por seu intermédio. Somos testemunhas oculares da ação nefasta dos espíritos atrasados, que submetem as suas vítimas aos mais atrozes sofrimentos, deixando-as sómente depois de um estafante trabalho de esclarecimento que vai de uma hora a mêses e até anos. Porisso disse Jesus que certa categoria de espíritos atrasados só deixam a sua vítima à fôrça de jejum e oração. Aquí está bem patente a comunicação do espírito ao se apossar de um corpo que não lhe pertence. E se apossa porque Deus o permite, e se o permite é porque tem por objetivo um fim útil tanto para o espírito como para a sua vítima, entrando quasi sempre neste caso algo de existências passadas que precisa ser corrigido.

Os opositores do Espiritismo não aceitam e até combatem a comunicação dos espíritos, dando assim testemunho de que não conhecem o Evangelho em espírito, ignorando também as comunicações espíritas que enchem o Velho Testamento, agarrando-se à letra e não ao sentido do espírito vivificante. Na maioria das vezes, para sustentarem os seus frágeis argumentos, apontam aquela passagem biblica em que o Rei Saul proibe a evocação dos espíritos. Saul proibiu realmente a evocação dos chamados mortos por causa do abuso, pois o povo fazia perguntas fúteis aos espíritos, não queria saber de coisas sérias, mas só de banalidades. O Espiritismo também proibe que se evoque os espíritos por coisas fúteis, pois trata-se de um ato realmente sério, serissimo, que pode por em grandes dificuldades aqueles que se desviarem dêste traçado.

Saul procurou evitar que os evocadores dos espíritos passassem por situações difíceis quando fez essa justa e oportuna proibição. Mas Saul, certa vez, procurou a Pitoniza do Endor para saber de Samuel o que havia de fazer na guerra que seria travada contra os filisteus. Um vulto foi visto pela Pitoniza, o de Samuel, que previu a derrota de Saul ao afirmar que — «amanhã tu e teus filhos estareis comigo». E efetivamente Saul e seus filhos morreram perseguidos pelos filisteus.

A comunicação dos Espíritos enche livros e mais livros. E graças a ela a humanidade está enriquecendo o seu patrimônio espiritual em demanda da Perfeição, do Reino de Deus.

Primeiro Centenário da Desincarnação de Junqueira Freire

I

Há homens incompreensíveis para quantos desconheçam a doutrina reencarnacionista, porque excedem de muito os sêres humanos normais da Terra, e realizam grande obra num tempo mais curto do que outros necessitam para se prepararem, adquirindo conhecimentos rudimentares, necessários à vida.

Junqueira Freire foi um desses sêres incompreensíveis. Viveu sómente vinte e três anos, de 1832 a 1855, mas viveu mais do que outros em oitenta anos, porque sofreu, aprendeu, trabalhou nesses poucos anos muito mais do que outros em longa vida.

Vamos copiar aquí, do «Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado», de Alvaro Magalhães e outros, sua biografia:

> «Luiz José Junqueira Freire. *Biogr.* Poeta brasileiro, nascido na Baía (1832-1855). Ingressado em um convento, tornou-se poeta subjetivista, empenhado em constante luta entre a severidade do claustro e a sêde de glória mundana. Seu espírito, atormentado pela dúvida e pelo desespero, expandiu-se na poesia egocêntrica. Escreveu: *Inspirações do Claustro; Contradições Poéticas; Elementos de Retórica Nacional.* E' o patrono da cadeira N.º 25 da Academia Brasileira de Letras».

Esta pequena biografia nos diz muito: «...espírito atormentado pela dúvida e pelo desespero...». Era um desajustado às trevas da Terra. A Doutrina que lhe ensinaram não podia satisfazer a um Espírito de tanta luz. Era compelido a crer em dogmas insensatos, como o da vida única e das penas eternas, mas não poderia deixar de revoltar-se contra tais ensinos.

Não diz o biógrafo que o poeta abandonou o claustro, mas ele mesmo nô-lo vem dizer, cem anos depois de desencarnado. Pela médium Dolores Bacelar nos dá êle agora o seguinte soneto:

Lamento Póstumo

Junqueira Freire.

Fui esconder no cláustro estranha dor
Que o coração havia dilacerado...
Sonhei ser de Jesus fiel soldado,
Mas, ai... fui tão sómente desertor.

Entre grades senti-me aprisionado...
Ansiava por luz, espaço e cor!
O cláustro não tem vida, é incolor...
Um mundo, entre paredes, estagnado.

Quis viver e fugi... voltei à Vida.
Quanta doçura em teu sorriso, irmã...
Mas choraste depois, vi, escondida.

E tu, Mãe, anjo que me déste o ser,
Disseste: «Espera, filho, outra manhã...»
— Mãe, em vão esperei o amanhecer...

A irmã sorriu ao vê-lo livre do cláustro, mas chorou, como católica, ao meditar sôbre as consequências. Isso foi há mais de cem anos, quando a Igreja era oficial e onipotente.

Em recente poema, sempre pela mesma médium Dolores Bacelar, compara êle a encarnação sôbre a Terra com a navegação sôbre mar tormentoso. Eis os versos:

Singra estes Mares

Marinheiros do Mar das mil tormentas,
Jesus é o Porto amigo...
Além... muito além, Ele nos espera
Como Celeste Abrigo.

Qual o Judeu errante, sem pousada,
Fugindo às maldições,
Também errei, sózinho, nestes mares,
Viuvo de ilusões...

Não encontrei paz nem sequer ventura,
Nem mesmo uma Alma irmã...
Só via no horizonte densas trevas,
Toldando-me o Amanhã.

Negou-me a Paz o cláustro e amor a [Terra...
Não tive, no meu leito,
Um coração que junto a mim sonhasse
Encostado ao meu peito.

Minha Alma prêsa às dores e à incerteza,
Não teve onde pousar...
E jazia na Terra qual batel
Perdido sôbre o mar.

Triste ave que sonhara com o Infinito,
Mas, ai..., de asa ferida,
Mal alçara o vôo ao ninho volveu
Golpeada pela Vida...

Pobre mergulhador do mar dos sonhos,
A pérola que achei,
Tão linda e rara, foi embelezar
A corôa de um rei...

Mas, porque recordar tristes tormentos
Se êles distantes vão?
Se dos doridos sonhos já desperto
Repouso n'Amplidão?

Se fulge na minh'Alma a luz da Paz
Que me vendava a Terra?
Se doces pomos áureos de alegria
Meu coração encerra?

Recordo o sofrer como o soldado
As suas cicatrizes,
Que lembram, na ventura, as duras lutas
Dos dias infelizes.

Recordo as dores como o velho nauta
As passadas procelas...
Porque, após a tormenta, melhor vemos
O fulgor das estrêlas!

Ai da Alma que não vê no sofrimento
O caminho dos Céus...
A dor é faról sempre vigilante
Guiando-nos a Deus.

Ela nos faz chorar, nos dilacera
Porque é o buril da Vida...
E' o bálsamo que faz sofrer, porém
Cicatriza a ferida.

Marinheiros do mar das mil tormentas
Jesus é o Porto amigo...
Além... muito além, Ele nos espera
Como Celeste Abrigo.

Em outro artiguete daremos mais algumas pérolas novas desse gênio que teve a prova amarga de uma encarnação sôbre a Terra.

Ismael Gomes Braga.

Religião e Ciência

O TESTEMUNHO DOS FATOS

— III —

Por intermédio do Professor Pietro Ubaldi, médium italiano, foi publicada em 1931, na Italia, a importante obra mediúnica — «A GRANDE SÍNTESE» — ou síntese e solução dos problêmas da ciência do espírito.

Essa obra, discutida e comentada nos principais centros científicos do mundo, com gerais aplausos, foi, entretanto, condenada pelo Vaticano.

Vejamos, porém, o que se póde ler à pag. 37 (1.ª edição) sôbre a desintegração do átomo: — «Partindo de Y, a fáse matéria de maior condensação da substância, para chegarmos a B, fáse da energia. Depois, examinaremos o periodo B e A, que é o que mais vos interessa, porquanto compreende o trajéto de vossas vidas, cujo escôpo e méta são a reconstrução da consciência e liberação do princípio A, o espírito. Á suprema realidade do espírito, é a que vos quero conduzir, não mais pelas veredas da fé, porém pela ciência. Deus, entendido como espírito, é a méta do sêr. Depois da descoberta da desintegração do átomo, ineshaurivel fonte de energia e da transmutação da individualidade química por explosão atômica, a da realidade do espírito é a maior descoberta científica que vos espera, a que revolucionará o mundo iniciando uma nova éra, isto é, a transformação da matéria em energia.»

A descoberta da desintegração atômica, oficialisada em 1945 (14 anos depois), veio confirmar a profecia contida no trêcho que acabamos de citar. Ainda à pag. 42 do mesmo livro, encontramos: «Disse eu que os eletrons giram em tôrno do núcleo. Ora, o núcleo também não é o último têrmo e bem depressa aprendereis a decompo-lo. Mas, por muito que procureis nunca acabareis o último, por que êle não existe. Na pesquisa dirigida para o íntimo da matéria, remontais o caminho descendente que A percorreu de A-B-Y e tendes que encontrar de novo B, isto é, energia que deu nascimento a matéria e a qual veremos retornar, pelo caminho ascencional que recondúz a B.» A descoberta do meson, em 1948, por um jóven sábio brasileiro veio igualmente confirmar o que foi previsto pela revelação espírita há 17 anos.

O Espiritismo, portanto, como ciência, filosofia e religião, tem fundamento divino e as revelações obtidas com as bem orientadas práticas mediùnicas, vem contribuindo (embora contra a opinião de seus sistemáticos negadores) para beneficiar a Humanidade.

Os fatos sempre demonstraram e continuam a demonstrar, de modo eloquente, essa verdade. As revelações se fazem por dons espirituais, como esclarece o Apóstolo Paulo, na 2.ª epístola aos Coríntios, cap. 12, vers. 7, 8 e 9, quando diz: «A manifestação do espírito, é dada a cada um para o que fôr útil. Porque a um se dará a palavra da sabedoria, a outro a da ciência e a outro a dos dons de curar.» O estudo do Espiritismo e o cultivo da mediunidade, quando orientados por métodos científicos e pelos ensinamentos cristãos, podem concorrer para transformar seus crentes em elementos úteis à moral da família e da sociedade.

Os hospitáis e sanatórios espíritas destinados à cura de obsidiados, já existem, graças a Deus, em grande número, no Brasil, sendo que as curas que nêles se realisam, nos casos indicados pelo método terapêutico dos fluídos e doutrinação de espìritos obsessores, se assemelham às que já realisou o padre Antonio em Minas Geraes, com bençãos e agua benta. E essas curas se realisam fóra dos ambiêntes de fanatismos e sem alardes espetaculares.

Em Recife e Estado do Rio a médium D. Jael de Carvalho, como noticiaram os jornais, já realisou, também, com sua notável mediunidade, milhares de curas, tidas tal qual as do padre citado, como milagrosas, e que, no entanto, obedeceram ao emprego dos recursos terapêuticos que o Espiritismo prescreve.

Convém acentuar, que a maioria

dos enfêrmos por obsessão, internados nos hospitáis espíritas, como em outros, não procede dos meios espíritas, como provam as estatísticas. Essa verdade, já comprovada sobejamente, destrói a tése de alguns psiquiatras, que, por interêsses inconfessáveis, julgam as práticas da mediunidade como males prejudiciais ao equilíbrio mental. Essa injusta, inverídica e mediocre concepção científica vem servindo de arma para os ultramontanos atacarem o Espiritismo, na defesa dos interêsses do seu cadúcó e intolerante sectarismo religioso.

As obras de assistência social que os espíritas realisam, em nosso país, são numerosas e o poderes públicos, reconhecendo a sua útilidade, subvencionam grande número délas.

Não há, portanto, poder humano capaz de deter a marcha progressiva do Espiritismo em todo o mundo. Êle realisará, no curso dos tempos, a missão divina e cristã, de unir os homens pelos sentimentos do amor e da caridade.

A constituição religiosa da nova civilização, cujo alvorecer já se pressente, será criada com o primado do espirito e da fé raciocinada.

—

Foram os fatos ocorridos, em Dezembro de 1847, na residência da família Fox, em Hydesville, pequena cidade próxima a Nova York, que constituiram as primeiras manifestações de fenômenos mediúnicos que chamaram a atenção de numerosos cientistas, não só da América, como também da Europa.

As irmãs Margarida, de 15 e Catarina, de 12 anos, foram os médiuns por meio dos quais se produziram os fenômenos de tiptologia que tanto influiram para decidir as provas científicas da imortalidade da alma.

A 31 de Março de 1847, como relata a escritora americana Ema Hardinge, uma dessas jovens, estalando os dedos, convidou a entidade a fazer o mesmo. Imediatamente se ouviu o som característico de quem estála os dedos. Em vista disso a menina gritou admirada: — «Mamãe, atenção! êle tanto nos vê como nos ouve».

Daí em diante se estabeleceu um alfabeto convencional por meio de pancadas, o que permitiu entrar em comunicação com a entidade, que deu o nome de Charles Reisne, caixeiro-viajante, assassinado naquela casa. Isso ficou provado com a descoberta, mais tarde, de seu esqueleto no porão, onde foi enterrado o cadáver, sendo esclarecida sua identidade pelos dados fornecidos pelo seu próprio espírito.

Por influência dos fatos ocorridos em Hydesville, surgiram em seguida, investigações em Paris, Londres, Itália e outros importantes centros culturais do mundo, por sábios de renome universal, os quais, após demorados e conscienciosos estudos, concluiram pela existência de um mundo espiritual e constataram a possibilidade de seus habitantes se comunicarem, através das mediunidades, com os do planeta onde nos encontramos. Os livros publicados sôbre o resultado dessas investigações e estudos são numerosos. Entre esses livros, devemos destacar os que fórmam o conjunto da Doutrina dos Espíritos. Allan Kardec, o codificador dessa Doutrina, era um homem de cultura invulgar, pedagôgo de renome, escritor notável, de costumes austéros, predestinado por esses predicados, para a grande missão que lhe foi confiada.

Essa Doutrina, como 3.ª Revelação que é da Providência Divina à Humanidade, não se afasta dos ensinamentos evangélicos; e, nos seus cultos e nas suas práticas mediúnicas, conforme as instruções contidas em seus livros fundamentais, observa o que ensina o evangelista João:— «que não devemos acreditar em todos os espíritos, mas procurar saber se êles são de Deus», aplicando êsse ensino não só aos desencarnados, senão também aos encarnados; e, para distinguir os falsos profetas e os falsos Cristos, atende à recomendação de Jesus: —«que é pelos frutos que poderemos conhecê-los». As comunicações de bons e maus espíritos, têm sido identificadas em todos os países e registradas na história das religiões, abrangendo os mais remótos tempos.

Em nossa época tais fatos estão surgindo por toda parte para confirmar essa verdade. No Brasil, nos meios do espiritualismo científico, verdadeiros expoentes de nossa cultura, na medicina, no direito, nas artes, no jornalismo, no magistério e em todos os ramos de atividade espiritista, não vacilam em se pronunciarem, de público, confirmando a realidade dessas comunicações.

Entre os muitos desses valiosos pronunciamentos, vejamos o que afirma em entrevista concedida ao «Diário da Noite», do Rio, de 4 de Fevereiro de 1948, o Dr. Américo Valério, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, múlti-laureado pela Faculdade Nacional de Medicina, pela Academia de Medicina, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia e membro efetivo de numerosas sociedades de medicina do país e do estrangeiro: — «Sei que há cinco sentidos físicos e outros tantos psíquicos-varandas que nos escancáram as outras margens da vida. Os mortos continuam vivos, pois a vida é uma e continua eterna. Pouco importa que os teorizantes psicólogos e psiquiátras de pantufas ridicularizem os fenômenos da «voz independente» e que se apeguem a Freud, Lenine, Hiroito ou ao Papa para interpretá-los. Há o fato irretorquível. E contra fatos não há argumentos».

—

O eminente cientista inglês J. Artur Findlay, em sua importante obra — «No Limiar do Etéreo» ou sobrevivência à morte, cientificamente explicada — descreve o primeiro fato espírita que abalou suas convicções materialistas. Em uma sessão espírita, em um subúrbio de Londres, na qual trabalhou o médium Johon C. Sloan, ouviu, pela voz diréta uma comunicação de seu pai, Roberto D. Findlay, falecido há muitos anos. Nessa comunicação, para bem poder identificar-se, seu pai lhe narrou particularidades de sua vida que só êle poderia conhecer. Em face dessa prova irrefutável, não vacilou mais em dedicar-se ao estudo dos fenômenos metapsíquicos. Como resultado desses estudos escreveu essa importante obra, já traduzida em diversas línguas, na qual demonstra com a evidência dos fatos, a inconsistência das bases em que se firmam os negadores desses fenômenos, de todos os quilates — materialistas e religiosos.

Esses negadores, hoje, como ontem, continuam apegados à intangibilidade de suas convicções materialistas e de seus sectarismos religiosos. Em relação a estes últimos, não prevalecem mais em nosso tempo a concepção absurda que eles ainda mantêm de atribuir a milagres certos fatos considerados como sobrenaturais. O milagre não existe, o que existe é o desconhecido a ser desvendado. O que é desconhecido no presente, não o será mais no futuro. E é Jesus quem isso afirma, ao ensinar: «que nada há oculto que não seja revelado e nada há encoberto que não seja descoberto».

Os médiuns de efeitos físicos, que até há pouco tempo eram raros, estão aparecendo, atualmente, em grande número. Confirma-se, assim, com maior abundância de sinais, em nosso tempo, a profecia do profeta Joel, citada pelo apóstolo Pedro no discurso que pronunciou no dia de Pentecostes e com a seguinte redação: — «E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sôbre toda carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancêbos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos».

Eis aí a mediunidade, anunciada para surgir em grandes proporções em todos os meios humanos, afim de destruir os erros introduzidos no Cristianismo e criados exclusivamente pelos interêsses políticos e materiais das religiões dogmáticas.

Apesar de não dispôr, hoje, do poder de Cesar, embora lute tenazmente para reconquistá-lo, a guerra que o Ultramontanismo move contra o Espiritismo, ainda se inspira nos mesmos interêsses políticos que o dominaram na Idade Média: liquidar todas as religiões contrárias a esses interêsses e impôr a toda a Humanidade uma obediência céga à Igreja de Roma.

Em face desse objetivo sinistro, convém rememorar: Galileu, por afirmar ser verdadeira a teoria de Copérnico de que a Terra se move ao redor do Sol, foi acusado de herético; Joana D'Arc, célebre heroina francêsa, por ouvir vozes de espíritos com sua mediunidade auditiva, que a concitavam a lutar pela salvação da França, foi condenada e queimada como sacrílega por essa Igreja. Mais tarde, porém, essa mesma Igreja, por interêsses políticos e para ser agradável à França, abre mão da infalibilidade de seus julgamentos e resolve rever o processo iníquo que condenou essa heroina, para absolvê-la e colocá-la em seu altar como santa!... E isso foi feito em cerimônias pomposas que tiveram repercussão em todo o mundo. Mas, por mais que lute essa Igreja para manter no mundo, a sua supremacia religiosa, jamais conseguirá destruir as provas existentes nas páginas negras que foram escritas, na História da Humanidade, pelos Torquemadas e outros tiranos purpurados.

Tudo isso pertence ao passado, mas

serve de advertência àqueles que lutam no mundo para que a liberdade jamais possa sêr sufocada pelos despotismos de qualquer especie.

Estamos em um século de grandes e profundas transformações na ordem política, econômica, social e religiosa dos povos. E as lutas que se travam em todos os recantos do mundo, hão de culminar com a vitória integral da Verdade Religiosa para que todos possam encontrar com o seu conhecimento, o caminho da verdadeira felicidade.

E será sob a luz dessa verdade religiosa que se estabelecerão os alicerces da nova civilização. O Cristianismo, restaurado em seus verdadeiros princípios, cumprirá a grandiosa missão de implantar na Terra a fraternidade entre os homens, dando-lhes a compreensão da dignidade da vida sob o imperativo de uma crença firmada nos fatos comprovantes da existência de Deus e da imortalidade da alma.

As barreiras seculares que se interpuzeram sempre a essa obra de conciliação e de progresso moral, hão de ser removidas, definitivamente, com o trabalho das idéias nas investigações do desconhecido, mediante o estabelecimento, perfeitamente consolidado, de uma aliança entre a Religião e a Ciência.

—

O notável sábio inglês William Crookes, em seu importante livro — «Fatos Espíritas» — relata as materializações dos espíritos que teve ocasião de constatar nas sessões realisadas na Inglaterra, de 1870 a 1873. Ao ser publicado êsse livro, dada a destacada autoridade científica de seu autor, a sua repercussão, nos meios culturais da Europa e América, atraiu para o estudo de tais fenômenos elevado numero de professores e cientistas de renome mundial. As conclusões a que chegaram êsses professores e cientistas, após demoradas experiências, descritas nos livros que publicaram, confirmaram as possibilidades dos espíritos se materialisarem com o emprego do ectoplasma, substância extraida de certos médiuns dotados de mediunidade para efeitos físicos.

O Dr. Giuseppe Laponi, escritor e clínico de nomeada, que foi médico de dois Papas — Leão XIII e Pio X — tendo tomado parte na Italia em algumas dessas experiências, no livro que publicou a respeito — «Ipnotismo e Espiritismo» — também não néga a possibilidade das comunicações dos espíritos desencarnados com os encarnados, bons e máus, pelos meios que o Espiritismo demonstra.

Mas, como as opiniões dêsses cientistas, dentre os quais figurava o físico e químico inglês William Crookes, descobridor da thalium e do 4.º estado da matéria o estado radiante, vinha dar grande impulso ao progresso da Doutrina dos Espíritos, já codificada nêsse tempo por Allan Kardec, a reação do Cléro Romano contra essa doutrina não se fez esperar.

Acoimando-a de diabólica e inspirado no exemplo dos fariseus contra as obras de Cristo, êsse Cléro empregou todos os recursos, nessa reação, para evitar a grande aceitação que essa Doutrina estava merecendo nos meios humanos mais esclarecidos.

Entraram em cena prestidigitadores contratados e médiuns fraudulentos para simularem sessões de materializações de espíritos, que se realizaram em teatros, na Capital da França. Para impressionar os assistentes, os diretores dêsses espetáculos, afirmavam que os fenômenos de materialização observados nas sessões realizadas pelos sábios obedeciam aos mesmos truques.

E essa reação, iniciada como foi com êsses recursos fraudulentos, continuou e foi intensificada pela imprensa e pelos púlpitos, principalmente nos países dominados pelo catolicismo romano.

A organização milenar da Igreja Romana poderia ser abalada nos seus fundamentos com as provas científicas da existência de Deus e da sobrevivência da alma. A fé céga que sustentava e ainda sustenta essa Igreja não permitiria, como ainda não permite, as reformas exigidas pelos imperativos da lei da evolução. A proclamação da santidade do Papa, no concílio de 1870, recebia formal e eficiente contestação com o trabalho dos sábios que se consagravam ao estudo da sobrevivência da alma mediante o emprego do método analítico das ciências positivas.

Pouco importa que elevado numero de bispos, por interêsses políticos ou fanatismo, não houvessem aceito, nesse concílio, os argumentos do bispo Strossmayer, contrários à resolução tomada ; a verdade transpareceu e ainda transparece, clara e insofismável, pela lógica das contingências humanas a evidenciarem que homens falíveis não poderiam julgar a infalibilidade de outro homem, também falível.

Essa verdade encontra confirmação no vers. 17, cap. 19 do Evangelho de Mateus, onde Jesus afirma, categóricamente, que «bom há um só que é Deus», o que o apóstolo Paulo corrobóra ao declarar, perentóriamente, em uma de suas epístolas, que na Terra não pode existir homem perfeito e justo.

Os ultramontanos sempre foram os maiores inimigos do Espiritismo. Apesar dessa inimizade, intolerante e fanática, a verdade que êle proclama, avançou no passado, continua a avançar no presente e se perpetuará, vitoriosa no futuro, para o bem da Humanidade. A luz que o orienta não cessará de se projetar no caminho que lhe foi traçado pela Sabedoria Divina.

ALBERTO LOPES.

Na Inglaterra

AS IGREJAS ASSOCIADAS ABREM CAMINHO

ESTÁ de parabens a «Liga das Igrejas Cristãs para Pesquisas Psíquicas», fundada na Inglaterra, no correr de 1954, conforme temos noticiado em artigo anterior. A novel congregação, numa colaboração de verdadeira fraternidade cristã, já está colhendo os primeiros frutos das suas pesquisas em assuntos psíquicos.

O clero de uma das várias igrejas congregadas, cheio de fé e de entusiasmo sadio, acaba de abrir as portas para o primeiro sermão, tratando da SOBREVIVÊNCIA do Espírito humano, anunciando que será pregado solenemente em janeiro na Catedral de S. Paulo, em Londres, sôbre o têma: «EU SOU IMORTAL».

De parabens está também o Tte. Coronel R. M. Lester, conhecido escritor e jornalista espírita inglês que, num gesto felicíssimo, conseguiu romper os antagonismos existentes em várias igrejas cristãs da Ingleterra (menos o do credo romano) congregando-as em um só bloco fraterno, estudando hoje em conjunto a questão máxima da Humanidade: «A nossa sobrevivência depois da morte».

Eis a tradução do último artigo de Mr. R. M. Lester, publicado no jornal espírita londrino O MUNDO MAIOR de 4 de dezembro de 1954: «*As Igrejas Associadas Abrem Caminho*».

Não obstante as muitas adversidades e fortes contra-tempos iniciais, as Igrejas Associadas para Estudos Psiquicos estão ganhando terreno progressivamente, entesourando os valores das pesquisas psíquicas (ora em andamento) nas suas igrejas respectivas, rompendo os diques que até então impediram a penetração da VERDADE nos ambientes há pouco tempo ainda alheios, ou fóra do movimento espírita.

— Também a «Church Times» abriu suas colunas à colaboração, sendo reconhecida a importância da sua obra pelos altos dignitários eclesiásticos. No correr do mês passado, dois Bispos também se declararam solidários. No mais, o Bispo de Petersborough e o de Ripon aceitaram a Vice-Presidência, e também, mais uma outra personalidade que é o Dr. W. R. Mathews, Deão de S. Paulo (Catedral).

O Rev. Pearce-Higgins, presidente da Associação e membro da Comissão de Pesquisas, deverá pronunciar um sermão a respeito da SOBREVIVÊNCIA no Domingo, dia 23 de janeiro de 1955 na Catedral de S. Paulo de Londres, sob o título de «Eu sou Imortal».

O Rev. Maurice Elliot, falando a semana anterior (em novembro) numa reunião pública, em Londres, frisou que êstes estudos psíquicos deviam, desde muito tempo ter pertencido à esfera da igreja, figurando ela (a igreja) como orientadora nêste importante assunto, em vez de, como acontece no momento, como seguidora... Cabe entretanto, agora, o mérito a um leigo — Mr. Reginald M. Lester — que surgiu como pioneiro nesta cruzada.

O Rev. Pearce-Higgins disse: «Agora tentaremos abrir os olhos a todo clérigo, o que não será fácil. Seja como fôr, grande é a Verdade, e ela predominará».

A Associação tem por base um programa ativo. Um grupo de pesquisadores foi formado por elementos clérigos, leigos, cientistas, médicos e juristas afim de serem estudados todos os aspectos do fenômeno psíquico. Já existe uma Comissão Orientadora para indicar aos membros e estudiosos os livros mais recomendáveis e várias centenas de livros já foram distribuidos gratuitamente pela Associação aos que estudam os assuntos psíquicos. Está se criando já uma grande livraria na Associação para, em futuro próximo, começar a emprestar livros escolhidos aos estudiosos.

Também está em formação uma Comissão com o objetivo de dedicar-se às curas espirituais de enfêrmos, em cooperação com médicos que, espontâneamente, já hipotecaram a sua colaboração nêste interessante assunto e serão indicados clientes (enfêrmos) que durante seis mêses de tratamento clínico não obtiverem cura e nem melhoras apreciáveis.

Traduzido por: MAX KOHLEISEN.

(Piracicaba)

Programação Diária da «Rádio Progresso» de S. Paulo:

(Z. Y. R.—81 —Ondas Tropicais —, 4.775 Kicls.)

7,00 ás 7,30 — Alma do Sertão;

7,30 ás 8,00 — Ginástica Educativa;

8,00 ás 8,30 — Músicas Brasileiras;

8,30 ás 9,00 —Músicas Mexicanas;

9,00 ás 9,30 — Cantor do Dia;

9,30 ás 10,00 — Seleções de Baião;

10,00 ás 10,30 — Programa das Cartas Recebidas;

10,30 ás 11,00 — Caixinha de Música;

11,00 ás 11,30 — Músicas para o seu Almoço;

11,30 ás 12,00 —Cruz de Malta;

12,00 ás 12,30 —Filigrama Sonóra;

12,30 ás 13,00 —Suplemento Odeon;

13,00 ás 13,30 — Broadway em Desfile;

13,30 ás 14,00 — Músicas para Você;

14,30 ás 14,00 — Músicas Populares Brasileiras;

14,30 ás 15,00 — Sucessos de Ontem;

15,00 ás 15,30—Melodias Aztecas;

15,30 ás 16,00 —Solistas Famosos;

16 00 ás 16,30 — Rítmo e Canções Variadas;

16,30 ás 17,00 — Nostalgia;

17,00 ás 17,30 — Rítmo das Américas;

17,30 ás 18,00 - Cânticos da Plenitude;

18,00 ás 18,30 — Crepúsculo;

18,30 ás 19,00 — Jantar Sonóro da Fonte Aurea;

19,00 ás 19,30—Sucessos Odeon;

19,30 ás 20,00—Hora Nacional;

20,00 ás 21,00 — Hora Espiritualista;

21,00 ás 21,30—Album Musical;

21,30 ás 22,30 — Grande Teatro Espiritualista;

22,30 ás 23,00 — Melodias da Itália;

23,00 ás 23,30 —Música, Divina Música;

23,30 ás 24,00 — Penumbra.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Sôbre Metapsíquica

Por satisfazer a uma solicitação do meu prezado amigo Deolindo Amorim e em consideração ao digno confrade Edson de Abreu, venho tratar do assunto sôbre que gira o seu artigo publicado nesta Revista em janeiro último.

Em janeiro de 1953, isto é, há mais de um ano, subscrevia êle um trabalho com o título acima, a que eu respondi com algumas considerações.

Diz-nos, agora, que o meu amigo, que suponho seja o Amorim, — aliás amigo comum — devia ter ficado surprêso ao ver que eu não cuidava da tese central e fazia mesmo confusão, em relação a pontos importantes.

Constrangido, observa que não li com cuidado determinados pontos, que passei uma vista d'olhos no seu artigo, e faz-me a justiça de acreditar que não houve má-fé de minha parte.

Talvez tenha razão em supôr que eu não tenha entendido o seu escrito. Diz uma velha cantiga que quem é bom *já nasce feito*; o mesmo deve acontecer com quem tem cabeça. E eu cá, por mim, apesar da idade, ainda estou por me fazer.

Pelo tempo que já lá vai, pouco me lembro do que se tratava, mas, ao que me parece, não tinha eu em vista refutar qualquer tese do distinto correligionário, senão defender-me de idéias que me emprestava.

Dissera eu em *Mundo Espírita* que a Metapsíquica era a base do Espiritismo e o meu amigo pensa que eu estou colocando a Metapsíquica fóra do Espiritismo.

Ou não foi isto?

Infelizmente, já não tenho à vista o estudo do amigo para verificar a extensão dos meus erros e a latitude de minha incompreensão.

Lembro-me que eu pretendia mostrar que a base de nossa doutrina está no fato, e o fato é estudado com o nome de Metapsíquica.

Como o mal de muitos consôlo é, resta-me o de que a redação também errou quando deu ao artigo do Sr. Edson um subtítulo que não lhe representava as idéias. E assim diz êle:

> *«Como entretanto, teria o Dr. Imbassahy chegado àquela conclusão a que mais adiante me referi — muito simples é que, à guisa de epígrafe ao meu trabalho, a redação transcrevera o seguinte trecho do artigo: «A Metapsíquica não tem por objeto apenas provar a realidade do fenômeno metapsíquico e procurar sua causa: êsse é apenas um aspecto do que ela pode estudar! Quem colocou em epígrafe aquêle trecho foi a redação e não eu».*

Continua a se me baralhar o entendimento.

Eu cheguei a uma conclusão por uma epígrafe. Mas esta epígrafe não representava uma opinião, uma idéia do escritor? Ou a redação fez uma transcrição falsa? Se a transcrição é verdadeira, ela traduz o que o Autor pensa, e nada mais natural do que tirar conclusões daquilo que pensa o Autor. Se eu tirasse conclusões daquilo que êle não pensa, é que seria muito para lamentar.

Declara-nos ainda o bom amigo:

> *«Com efeito, a certa altura do seu trabalho, Imbassahy colaborou indevidamente comigo... Diz êle referindo-se a mim: «Pouco depois nos diz que a Metapsíquica não tem por objetivo apenas provar a realidade do fenômeno metapsíquico, o que é a tese do seu artigo».*
>
> *Ora esta afirmativa é de importância mas não é a minha tese».*

Continuam as minhas perplexidades.

Não sei se eu teria inventado todo aquêle trecho, que dou como de autoria do digno confrade, ou se minha colaboração se limita a chamar de tese aquilo que êle disse.

Era bom que isso ficasse preliminarmente esclarecido, para que o distinto articulista também ficasse definitivamente livre de minha indesejável colaboração.

Parece-me, entretanto, que a minha intervenção consiste, apenas no vocábulo, porque mais adiante diz:

> *«Vejamos, agora, o que escrevi logo depois de haver dito que a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade do fenômeno e sua causa».*

Logo, êle escreveu mesmo aquilo. Já tiro êsse pêso da consciência.

A falsificação, como se vê, está na *tese*. Mas «tese é uma proposição que se apresenta». Se Edson de Abreu apresenta essa proposição, pareceu-me natural que lhe chamasse tese. O que eu não compreendo é a minha «colaboração».

Se êsse distinto beletrista se lembrar de dar um nome qualquer a seus escritos e eu lhes chamar artigos, que é como toda a gente chama, não sei porque estarei *colaborando*.

Vamos a outro ponto e transcrevamos literalmente o Autor, para evitar futuras dúvidas:

> *«Lembrarei ao eminente confrade que, se êle pretende que provar a existência do fenômeno é o único objétivo da Metapsíquica, direi que se assim fôsse, perderia ela o seu cunho científico».*

Se assim fôsse, não; assim é. Agora, se ela perde ou não o seu cunho científico, eu não tenho nada com isso, que não fui eu quem inventou aquêle objetivo.

Chega o Autor à parte principal, que é aquela em que declaro que «a Metapsíquica é a base do Espiritismo».

Êle declarava no seu primeiro artigo—que, tendo eu a Metapsíquica como base do Espiritismo, colocava-a, destarte, fora do Espiritismo. E eu perguntava: — Se a tenho como base, como a coloco fora?

Esclarece-nos, agora, o confrade Edson:

> *«A resposta é fácil: 1.º, porque dizer que a Metapsíquica é a base do Espiritismo* tout court *é já assim a colocar».*

Abstenho-me de analisar o período porque, não o tendo entendido com muita clareza, posso continuar «colaborando» inadvertidamente com o Autor e deturpando-lhe as idéias.

E continua:

> *«Além do mais há que considerar que nem sempre quando afirmamos que algo é a base de alguma coisa nem sempre estamos querendo dizer que essa base faça parte da coisa considerada.*
>
> *Assim, quando digo que esta mesa é a base em que apoio minha máquina de escrever, ninguém entenderá que a mesa faça parte de minha máquina...»*

Mas toda a gente entenderá que sem a mesa, não poderá escrever, e se, por acaso, conseguir escrever no ar, então, já a mesa não será a base, e aí ninguém dirá que ela é necessária.

E' o que se dá em Espiritismo. A Metapsíquica, como o estudo do fenômeno, é a prova do que se afirma.

Pode ser que um dia prescinda, — quem sabe lá—dessa prova, como o Sr. Edson poderá prescindir de sua mesa, quando conseguir manter no espaço a sua máquina, por algum processo de levitação. Por enquanto, porém, nem o amigo escreve sem um ponto de apôio, nem o Espiritismo se demonstra sem o apôio do fato.

Finalmente, cumpre declarar que não pude perceber, de todo o arrazoado, onde é que eu retirava do Espiritismo toda a matéria científica e assim me divorciava de Deolindo Amorim.

Verdade é que êle cita minha frase:

> *«Tais doutrinas (imortalidade, lei de causa e efeito, reencarnação) fazem parte de outra disciplina».*

Isso queria, apenas, dizer que tais estudos se acham em outro capítulo, em outra parte, a parte filosófica, e nunca que se conservassem êles desarticulados do todo. Por se estudar a Aritmética, a Algebra, a Geometria, a Trigonometria, em aulas diferentes e até em épocas diversas, não se segue que deixem de estar integradas na Matemática.

Em suma, o que eu sustento é que o Espiritismo tem que ser encarado pelo seu tríplice aspecto, sem o que se nos apresentaria mutilado e se tornaria um aleijão.

Não importa que os homens de fé o estudem unicamente pelo seu aspecto religioso. Êles tornarão mais firmes os postulados morais, por insistirem nêles.

Não importa que os homens de ciência, só estudem os fatos. Eles estabelecerão a prova e coligirão os elementos de que necessitamos para mostrar que a doutrina tem com que se impôr à convicção universal.

E quanto ao prezado confrade, Sr. Edson de Abreu, peço que não veja nêsse vislumbre de réplica nenhum desaprêço à sua pessoa, que julgo digna de toda a estima e consideração.

Carlos Imbassahy.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

21 — Outros alunos, principalmente um moço metido a mata-mouros, forte e brigão, percebeu tudo e *fez escandalo.* E preparou até uma agressão a mim. Parece que por despeito, porque a menina não se desmanchava para êle. Foi a minha *diferença,* conjugada ao atraso de alguns mêses em que estava meu pai com a escola. Saí da escola, a pesar meu, já porque o velho estava no começo de suas dificuldades financeiras, e não podia mais pagar; já para evitar brigas e esquecer a paixão juvenil. Mas, custou-me muito deixar aquela escola!...

22 — O velho professor procurou, até, meu pai e disse-lhe:

— O senhor tirou o menino da escola? Porque?

— Dificuldades, professor, para pagar-lhe o estudo. O rapaz não tem, mesmo, sorte para estudar. E, parece que para nada. Tudo sempre lhe sai contrário ao que se planeja... Infelizmente, êle não poderá mais ir à escola.

— Para a minha, pode. E' pena que um aluno como seu filho não estude. Mande o menino e êle ficará gratuíto...

23 — Meu pai não quís mandar o menino para a escola, gratuitamente. E o menino, por sua vez também, não queria voltar, a despeito de ser aquela escola e aquêle professor o que de melhor encontrou na sua vida estudantil.

24 — Vida, aliás, irregularissima, imperfeitissima. Nunca estive um ano inteiro, numa escola só.

E estava terminado ali meu aprendizado primário, sem nunca ter feito um exame, sem nunca ter recebido um certificado, uma distinção, um diploma escolar.

25 — Se *aprender é recordar,* como se atribui a Platão, o que aprendi depois, sem nunca ver dois braços que me empurrassem para a frente; sem nunca sentir duas mãos que me levantassem para o alto, apenas recordei. E foi, mesmo, recordação, pois aquilo que aprendi, sempre me pareceu que já o sabia...

II CAPÍTULO

Plataforma — Ainda meus primeiros anos e mais adversidades

1) Plataforma é um bairro proletário, construção da *Companhia Progresso Industrial da Bahia,* no fundo da Bahia de Todos os Santos, defronte de Itapagipe, de que é separado por 900 metros de mar, cuja travessia se faz a canôas toscas, quasi primitivas.

2) Bairro operário da Fábrica de tecidos e calçados grosseiros, que a C. P. I. B. alí mantém; bairro composto de casinhas de poucos comôdos, umas sem fundo e quasi todas sem quintal. Casinhas de telha vã e tijoladas, sem confôrto, sem água e sem luz, distribuidas em pequenas ruas e em três bairros menores, afóra o principal: *S. Braz, S. João* e *Bate-Estacas.* Casinhas alugadas aos operários, cujo aluguel era descontado em folha, semanalmente.

3) Água? Só na bica, lá em baixo, a que se ia buscar em latas vasias, de querozene. Eu era hábil em carregar lata dá-

gua cheia, equilibrada na cabeça. Era, até, capaz de batucar sem segurar a lata e sem deixar cair uma gôta!

4) O *Chico Maluquinho* era um garoto que invejava essa habilidade minha. Um pouco maior e mais forte do que eu, *andava comprando briga comigo.* Eu o evitava. Um dia, entretanto, eu subia a rampinha de minha casa, quando se me defrontou o *Chico Maluquinho,* ameaçador. Êle que já havia sido esmurrado por meu irmão, porque o surpreendera pronto a esmurrar-me, vendo-me só e carregado, botou-se para mim, sem dizer palavra. Eu, também, sem dizer palavra, dei um pulinho para a frente e enfiei a lata cheia pela cabeça dêle. O banho foi completo. Atordoado, com a cabeça enfiada na lata, e molhadissimo, passei-lhe uma rasteira, derrubei-o e bati no garoto em regra. E *quebrei-lhe a castanha de valente.* O *Chico Maluquinho* passou a evitar-me, sempre que me via à distância.

Mais uma vitória de minhas façanhas de menino destemido.

5) A água de beber, era posta em talha. Punha-se dentro um grande bastão de enxofre. Naturalmente para a sua sulforização. A água de lavar e de asseio, numa tina. O asseio era, na verdade, muito pouco. Um banho, uma vez por outra; lavamento de pés à noite, que se andava descalço. Casa, não se lavava e instalação sanitária não havia...

6) Higiene? Sabia lá o que era isso?

O mar era o meu banheiro. Só mais tarde, a Fábrica construiu uns banheirinhos perto, em que se devia tomar banho à tardinha e aos domingos. Os homens, principalmente, que as mulheres preferiam as bacias, em casa.

7) Asseio de bôca e de dentes? Manhã cedo lavação da bôca, esfregação dos dentes com o indicador. Era a preparação para o café. Uma vez por semana, ás vezes, mais espaçadamente: uma limpeza geral, com boneca de carvão moído, embebido em carvão pulverizado. Sinão, ponta de talo de tamarineiro, esmagada, embebida em pó de carvão, numa esfregação forte, cuidada, dos dentes. E os dentes andavam claros e conservados que era uma beleza. Só fui a um dentista em 1912, em Salvador, pagar tributo a minha vaidade: para colocar uma corôa de ouro no incisivo direito...

8) Cuidados com a saude? Nenhuma. Nem na alimentação. Comida a mais modesta. Café simples e pão seco pela manhã. O açucar usado, o mascavo escuro. Manteiga, leite, açucar branco eram regalias raras. Almoço e jantar: um prato só de feijão mulato; farinha, peixe, bacalhau, *jabá* e molho de pimenta. «Legumes? Ninguém era lagarto para comer folha».

9) Enfermidades? Coisas raras. E curadas a meizinhas, a chás. Em casos mais delicados, apelava-se para o Dr. Raíz — um preto velho entendido em curas, que vendia suas folhas e suas raízes por vintens. Seus chás curavam, efetivamente. Não havia médico clínico na terra. Eu só conheci o primeiro médico em 1916, no *Hospital S. Izabel,* onde me operara de uma *hidrocele.* Fui operado por um doutorando, que até se esquecera de um grampo, quando retiraram os pontos, tendo-o de tirá-lo, depois, com maior dor para mim...

10) Luz? Nas ruas, só o luar, quando havia. Fóra disso, trevas, reflexos da claridade das casas. Aliás, claridades de *luz de gaz.* Todos os dias, à tardinha, o trabalho de preparar o candieiro: despejar gaz, limpar a manga de vidro, aparar o pavio, acendê lo, esperar que a manga esquentasse, com um grampo de prender cabelo em cima, para evitar sua rachadura e alteiar a luz até a claridade precisa e possível. Nas casas abastadas, candieiro belga.

11) Eu ia, uma feita, com outros meninos, a caminho da escola, arrastando meus tamanquinhos, *bonét* de brim barato à cabeça e livros debaixo dos braços. Um grupo de três ciganas—duas mais jovens e uma bem velha — esbarrou conosco, perguntando, numa língua arrevezada:

— Quer ler a mão, meninos? Ler a mão de vocês tudo...

— Sem dinheiro? Se fôr sem pagar nada, eu quero — adiantei-me.

— Sem dinheiro, não é possível. Mas, por qualquer dinheiro. Arranje *uns cobrinhos,* que *nós lê* a mão de vocês tudo...

Arranjou-se, com efeito, oito vintens, catando-se com êste e aquêle um vintem que estava destinado ao pedaço de cana, logo mais. Eu nada tinha, nada dei. Mas, a cigana começou, exatamente, por minha mão. E disse, circunspectamente:

— Vida muito trabalhosa, atribulada, dificil! Tem irmãos. Mas, será arrimo de sua mãe, enquanto ela viver. Muito amigo de sua mãe. Não se casará, por isso. Mas, se casar, não será pai. E se casará bem tarde. Velhice respeitada e feliz ..

Pois, não é que a cigana não me enganou! Deu bem direitinho tudo aquilo que, na sua meia língua, ela disse, por *ver escrito na minha mão!...*

12) Eu já era mocinho e já havia adquirido o bonito hábito de ler. Havia já lido *Memórias de um Burro*, *O Abade de Falieris*, *Os Contos dos Irmãos Grim.* Os primeiros livros que li. Estava, agora, devorando, à luz frouxa e triste do candieiro, livros de Julio Verne, emprestados pelo caixeirinho da esquina. Caiu-me, então, sob os olhos, a história que Julio Verne conta de cidade tão maravilhosa que as ruas e as casas eram iluminadas por tochas de luz clara, como o dia. Para acender as tochas, bastava mexer uma alavanca, e prender um botão à parede. Eu sorri, incrédulo, da profecia de Julio Verne. Achando não era possível que tanto trabalho diário de minha mãe, para preparar, à tardinha, a luz da noite, pudesse ser substituido por tochas acesas a botões na parede. E as cidades, por alavancas encaixadas a dispositivos mecânicos.

13) Divertimentos? Os mais rudimentares. A distração mais querida: Histórias de Trancoso, da Carochinha, de Assombração, de Almas do Outro Mundo. Minha mãe e eu eramos hábeis em contar essas histórias. E brincadeiras da baratinha, vôou, vôou e na sua boca entrou; do *padre cura saiu a passeiar e na casa de F. pousou.* Tudo a prendas.

14) Não se falava em bola. Lembrome até que, um dia, um irmão de minha mãe desafiou meu pai a escrever a palavra *foot-ball,* que ambos acharam esquisita. Quer dizer que o *futibol,* nem mesmo em nome, havia chegado a Plataforma. E eu fui um menino que nunca deu um ponta-pé em bola! Talvez por isso nunca houve tréguas em minha idiosincrasia ao futibol. Mas, tinha outros divertimentos que enchiam meus dias. No mar e no campo. No mar: banhos constantes, pescas de serís, mesmo em seveiro, canoas e jangada, mergulhos e saltos. No campo: caça de frutas, até nos quintais alheios. Caçar aves, nunca: Nem criar, presos, os passarinhos...

15) Organizava cordões carnavalescos, comigo feito chefe.

Uma feita, eu estava aguardando uns panos para minha mãe fazer um calção vermelho e preto para meu carnaval. Promessa de uma costureira, cujas costuras eu ia entregar, a seu pedido, gostosamente. Recebidos os panos, fui mostrá-los ao caixeiro da venda, que me emprestaria, posteriormente, os livros de Julio Verne. Êle folheiava um volume de *Ciências Naturais,* para uso escolar, no balcão. Vi no livro a figura de esqueleto humano, da circulação e respiração, de animais e plantas. Fiquei encantado. Tudo aquilo foi novidades para mim. E desejei o livro. Propus-lhe, então, a troca: eu lhe daria os panos e êle me daria o livro. Negócio feito, para lucro maior dêle. Prejudiquei um carnaval, mas, ganhei um livro que me pôs feliz, ensinando-me coisas que eu ainda ignorava.

16) Criei banda de música. Os instrumentos eram tampa de latas de gaz, flauta de taquara e de canudos de mamoeiro, zabumba de couro de gato, pandeirinhos, papel de sêda em pentes. Eu o mestre de banda.

17) Organizei uma *chegança,* com gajeiros, guarda-marinhos e oficiais, comigo a frente feito general.

18) Assim que vi o primeiro circo e admirei o palhaço, o Passinhos — e para ir ao circo, tive que acompanhar o palhaço na rua a responder ao seu «Hoje tem espetáculo», o «tem, sim, senhor», e de levar feito menino de recados, convites especiais a pessôas distintas — fundei um circo em casa, repetindo as galhofas do palhaço e fazendo piruetas, pantominas e palhaçadas. Minha gente e os vizinhos corriam a aplaudir-me, a incentivarme, sorrindo muito...

19) Era nossa vizinha, na Rua Industrial, a preta velha Ursula. *A tia Ursa,* da garotada, que gostava de suas cocadas puxa, de seus manauês, de suas quitandas, em fim. O homem de tia Ursula era canoeiro. Assassinou, lutando, outro canoeiro. Foi preso e condenado. Tia Ursula ia, religiosamente, ao *Engenho da Conceição,* aos domingos, visitar o companheiro. E não fez durante a prisão de *«seu»* Alfredo, nenhum candomblé...

20) Assim que êle voltou à liberdade, tia Ursula deu o candomblé mais solene e vibrante que se tinha visto. Foi um acontecimento. A preta velha, bem vestida, bem baianizada, bem solene, dansou, sambou, saracoteou até *cair no Santo.* Então, foi levada, solenemente, pelas outras pretas, para a *alcova do Santo.* Enquanto ela ficou lá dentro, envolvida em sua *santificação,* cá fóra começou a ceia,

Vatapá e càrurú, efó e acarejé, abará e xinxin, pirão de dendê e feijão doce, fizeram as delícias de muitos estomagos. Foi uma festa, ou um candomblé, que deu muito o que falar ao lugar...

21) Aquela *santificação* de Tia Ursula nada mais era, certamente, do que um espírito afim com ela e com aquêle meio; acostumado àquela prática africana. Só mais tarde eu o compreendi...

22) Reuni em casa outros meninos e fiz um candomblé perfeito, vestido de tia Ursula, caindo no *Santo* como ela, a rebolar-me todo. Muita alegria e ganhava aplausos de toda gente de casa e da vizinhança.

23) Jogar castanhas, brincar de pecula, apostar lutas e quedas, eis outra brincadeira de que muito gostava. E fui até *capoeira* respeitável. Passar rasteiras, aplicar cambalhotas e estatelar o sujeito no chão, eram proesas que me sabiam bem. Só respeitava na róda dos companheiros, o Juvencio e o Cipriano. E êles também me respeitavam muito.

24) Uma tarde, ao crepúsculo, apostávamos quédas na praia. Outro grupo de garotos vem vindo, à frente, o Lázaro de Sá, um garoto mais gordo e mais forte do que eu, que não gostava de mim, que invejava minhas habilidades de *capoeira.* Perto, foi o próprio irmão dele, o José, que disse:

— O Lázaro chingou sua mãe e diz que você tem medo dêle.

— Disse isso? que eu tenho medo dele, isso se pode ver já. Mas que tem minha mãe com isso? Porque veio seu nome ao caso?

25) O Lázaro, com um pedaço de cacete na mão, repetiu os insultos, insultando mais ainda minha mãe. Queria, mesmo, o garoto brigar, tirar-me a valentia. Não conversei, nem deixei terminar a provocação: abaixar-me e apanhar areia fina da praia, e atirei-lha aos olhos, e passar-lhe uma rasteira decisiva, foi coisa de um segundo. Derrubei-o, arrebatei-lhe o pau e esmurrei-o com disposição, sob os aplausos e o incitamento da molecada toda. Ninguém se animou a afastar os dois brigadores.

Serviu aquilo para aumentar, ainda mais, a minha fama de menino agil e destemido...

26) Foi, uma feita, um grupo de protestantes pregar em Plataforma. Eu já havia deixado a Igreja e estava lendo a Bíblia. Foi uma nota extranha para o lugarejo. O pregador, um rapaz de óculos, cabelos de fogo, cabeleira basta. Depois da pregação, pôs-se de fóra à janela, voltado para dentro a conversar com os donos da casa.

— Que bôa cabeleira para a gente puxar! Quem se animaria a isso?

— Eu, respondi:

E juntando a ação á palavra, corri até ele, e enfiei a mão nos seus cabelos ruivos e puxei-os com disposição.

27) Você, Leopoldo, que está estudando a Bíblia, fazer uma coisa desta!? admirou-se o Uriel, que me ensinava a um tempo só o ofício de sapateiro e a ler a Bíblia...

28) As festas mais bonitas do ano — Natal e o S. João — eram os dias mais felizes para nós. Não havia *Papai Noel,* nem brinquedos e presentes de Natal. Não se trocavam cartões de bôas festas. Essas coisas, só muito mais tarde eu as conheci. A lenda de *Papai Noel* só compreendi bem, embora não a aplaudisse, no Rio de Janeiro. Sempre achei mais lógico que se fizesse a brincadeira em nome do Menino Jesus.

29) Pelo Natal, armavam-se presépios, melhorava-se a boia, saiam a rua as *Pastorinhas* ou o *Bumba meu boi.* Esses divertimentos enchiam nosso Natal.

30) O dia de São João era mais alegre, mais vivo. As fogueiras enfeitavam as ruas e os busca-pés, e os traques, e as bombas, enchiam o ar de estampidos alegres. Ferviam os afilhados e compadres de S. João. Por mais incrível que pareça, espalhavam-se brazas da fogueira até a porta de casa, e, á meia noite, muitos se descalçavam, e iam, descalços, sôbre as brazas, de casa á fogueira, sem ninguém se queimar.

Em casa, então, a cangica, o licôr de genipapo, o cuscús, o arroz doce, o mucuzá... Ás vezes, danças, aos gritinhos alegres de, *acorda, João!*

31) Havia um velho, em Plataforma, chamado João Santeiro. Fazia malas, busca-pés, cadeira de lona e *santos* de madeira e de barro. Preparava um presépio pelo São João, que chamava a atenção de toda gente. Visitar seu presépio, era o ponto alto de nosso São João.

32) Era espirituoso, o velho João Santeiro! Quando chegou meu pai, êle mandou a minha mãe um *presente fino,* embrulhado em papel de seda, pelo neto:

era uma panelinha de barro de fazer mingau para criança recem-nascida...

33) O neto dele, o Reginaldo era meu eterno inimigo. Sempre andava de mal comigo. Nossa inimizade só acabava quando interferiam outros meninos. Então, nós nos falávamos, trocavamos abraços, para ficarmos, novamente, de mal, dias depois.

34) Estou a ver os olhos do Reginaldo injetados de inveja, assim êle me viu, um domingo de manhã, calçando umas botinas de elástico, *para amansar*. Era a primeira vez que eu me dava a este luxo. O Reginaldo *grelou os olhos* nas minhas botinas, que até se esqueceu estávamos de mal! E eu a gozar, *superiormente*, a inveja que lhe estava causando com meus botinões de dois pontos maior que meus pés!...

(Continua)

Contradições de um adversário

(Resumo de uma série de palestras pronunciadas no programa «Seleções Espiritualistas» da Rádio Guanabara—Rio de Janeiro, em refutação ao livro «O QUE É O ESPIRITISMO», de autoria do Padre Álvaro Negromonte).

Constantemente aparecem livros que pretendem *arrasar* o Espiritismo. O Padre Alvaro Negromonte escreveu, por exemplo, um livro em que êste objetivo está patente, embora o Autor não tenha apresentado siquer um argumento capaz de impressionar a qualquer pessoa que tenha, pelo menos, conhecimentos gerais do assunto. Convém notar, antes de tudo, que o Espiritismo é uma doutrina codificada por ALLAN KARDEC há quasi cem anos, e continua íntegra, inabalável até hoje, e o número de seus adeptos aumenta de dia para dia, apesar de todas as campanhas, principalmente de origem clerical. Logo, a expressão *arrasar* o Espiritismo não passa de uma utopia, porque não se arrasa uma doutrina sólida, coerente, como o Espiritismo, apenas com um livro ou alguns livros, cujo único propósito é combater e não argumentar.

Por princípio, e mesmo por dever de ética, nós respeitamos a opinão de qualquer adversário, visto como não queremos fazer que todos pensem como nós pensamos. Assim como nós, espíritas, temos o direito de aceitar o Espiritismo, porque esta doutrina, para nós, é a única solução de todos os problemas que dizem respeito ao destino humano, é a única doutrina que explica satisfatóriamente, segundo o nosso modo de vêr, o problema da justiça divina, é claro que os nossos adversários — sejam êles católicos ou materialistas, sejam protestantes ou agnósticos — têm o direito de não aceitar as nossas idéias, porque podem ver os mesmos problemas por outro prisma. Não pretendemos, portanto, impôr as nossas opiniões a quem quer que seja. Temos, porém, o direito de, em defesa da doutrina que professamos conscientemente, desfazer equívocos ou rebater críticas, venham de onde vierem.

Diz o reverendo padre Negromonte que os «chamados fenômenos de materialização» de espíritos podem ser mera ilusão, como também podem ser explicados por meio de causas naturais. A hipótese das «causas naturais» é muito velha.

Já no tempo de Allan Kardec, em França, houve quem pretendesse explicar os fenômenos espíritas por esta hipótese. Houve ainda quem apelasse para a teoria da contração muscular, que é uma teoria ainda mais simplista e superficial. Na primeira parte de suas conclusões, o padre Negromonte inclina-se para a hipótese das causas naturais, isto é, entende que os fenômenos espíritas podem muito bem ser explicados sem a presença de *espíritos*. Com esta hipótese, o reverendo vai fortalecer a posição dos materialistas, porque estes, não querendo admitir a existência do espírito e, consequentemente, a sua sobrevivência ao corpo, engendram diversas explicações, inclusive a de que tais fenômenos são produzidos por fôrças que estão na própria natureza... Tudo isto, como se vê, para negar a existência do espirito. A contradição do ilustrado sacerdote e figura de projeção no Clero brasileiro ainda não está neste ponto. E' de admirar-se, contudo, que o reverendíssimo padre Negromonte, filiado a uma religião, que é, nós o reconhecemos, essencialmente imortalista, porque toda a sua filosofia se baseia no princípio da vida futura, esteja, agora, de comum acordo com os materialistas, porque estende a mão à corrente contrária à existência da alma, e o faz com o argumento das «causas naturais».

Ora, se os fenômenos extra-humanos se explicam por meio da sugestão, da contração dos músculos e outros meios puramente naturais, implìcitamente cai o princípio da sobrevivência da alma. Se, portanto, o digno escritor católico está de acôrdo com esta hipótese, forçosamente, queira ou não queira, está reforçando a posição dos que negam um ponto básico de sua religião: a imortalidade da alma. Vejamos, agora, uma contradição flagrante do Autor católico, logo nos primeiros capítulos de seu livro. Pergunta êle: no caso de serem verdadeiros os fenômenos espíritas, serão mesmo almas dos mortos ou serão «outros espíritos»?... E' o que se lê claramente, na pág. 29. Francamente, não há quem entenda isto. Há dois tipos de espíritos, neste caso: as almas dos mortos, e, segundo palavras textuais do padre Negromonte, «outros espíritos», que não são as almas dos mortos... (?!) Mas, afinal de contas, quais são esses «outros espíritos»? Naturalmente, o que nós entendemos espírito, segundo a terminologia espiritualista em geral, é a alma humana, o princípio espiritual. Segundo o Espiritismo êste princípio espiritual (espírito desencarnado, que é uma individualidade imortal, inteligente, racional e responsável) entra em comunicação com os *vivos*, através de elementos humanos, chamados *médiuns*. Simplesmente isto. No entanto, o escritor católico formou verdadeiro cipoal de contradições, porque nos apresenta a curiosa e inexplicável teoria da existência de espíritos que não são espìritos... Diz o reverendo que os espíritos que *baixam* nas sessões espiritas não são as almas dos *mortos*, são «outros espíritos». Isto quer dizer, portanto, que, além dos espíritos desencarnados *(almas dos mortos)* existe outro tipo de espírito, fóra do quadro normal da alma humana. E' o caso de perguntar: se esses «outros espíritos» não podem ser almas de pessoas mortas, como diz o padre Negromonte, são almas de que insetos, de animais, de árvores?... O autor não diz que tipos de espíritos são esses... E' ou não é contradição? Na primeira parte de seu raciocínio, o reverendo *NEGA* a manifestação dos espíritos, porque admite a velha teoria das «causas naturais»; na segunda parte, porém, já o reverendo *AFIRMA* a manifestação dos espíritos, mas como escapatória, diz que são «outros espíritos», e não os espíritos dos mortos. Entenda-se esta... Creio que nem o próprio Autor será capaz de entender tão contraditória explicação.

Se, finalmente, como diz o escritor católico, os espíritos que se manifestam nas sessões espíritas não são espíritos de criaturas humanas, porque são «outros espíritos», surge uma questão, que vem complicar ainda mais o raciocínio do reverendo: afinal, são ou não espíritos? Vê-se, portanto, que o raciocínio é contraditório, porque afirma e nega ao mesmo tempo. Vejamos, agora, a solução que o Autor apresenta, ainda nas conclusões de pag. 29. Diz textualmente o reverendo: «Provaremos que muitos dos chamados fenômenos espíritas não passam de fraudes, que outros são explicáveis por fôrças naturais, cada dia mais conhecidas; outros, finalmente, uns poucos, muito poucos, pouquíssimos, são produzidos pelo demônio, único espírito que pode atuar nas sessões». Note-se bem: *O DEMÔNIO É O ÚNICO ESPÍRITO QUE PODE ATUAR NAS SESSÕES ESPÍRITAS!* O remate das conclusões é espantoso, principalmente porque se trata de um sacerdote, um homem que deve ter cultura filosófica! Que vem a ser *demônio*, na linguagem teológica, senão aquilo que, em termos de Espiritismo, se chama espírito atrasado, ignorante, mau? Seja como fôr, é ESPÍRITO. Êste é que é o fato. Se o Autor admite que o *demônio* pode aparecer nas sessões espíritas — o único espírito — diz êle — que pode atuar em tais sessões — claro está, portanto, que o padre Negromonte *nega* por um lado e *afirma* por outro. A contradição está patente.

DECLINDO AMORIM.

As Experiências Atômicas Determinam o Câncer

DIZEM OS PERITOS: COM CINCO BOMBAS DE HIDROGÊNIO, ARROJADAS SÔBRE A FRANÇA, DESAPARECERIA TODA A VIDA.

«El Médico Prático», de Buenos Aires, dirigido pelo Dr. Bartolomé Bosio, publicou a síntese da conferência proferida pelo Prof. Le Grand na Associação de Trabalhadores Científicos de Paris, que ora traduzimos de «Voz Informativa».

A HUMANIDADE se encontra ante nefastas perspectivas. A irrupção de um novo conflito armado determinará praticamente a sorte da civilização e, portanto, da humanidade. As experiências termonucleares levadas a efeito até agora, mostram que há perigosos preparativos bélicos, capazes de destruir tôdo o gênero humano. Os físicos que manipulam estas fôrças já se compenetraram das consequências de uma guerra atômica, ainda que em reiteradas oportunidades desmentissem que as radiações das bombas em questão seriam prejudiciais aos povos.

A imprensa européia não pensa da mesma maneira. Ela deu o grito de alarma. «A Tribuna das Nações», que aparece em Paris, é um dos orgãos de publicidade que se converteu em arma contra o atomismo. Homens de ciência especializados na física nuclear, também emitiram opinião desfavorável ao emprêgo de bombas nas próximas guerras.

A conferência recentemente proferida pelo professor Le Grand, na «Associação dos Trabalhadores Científico», de França, constitui um dos elementos da humanidade se recorrerem ao emprego de ditas bombas.

Vejamos agora o que em sua conferência nos diz o eminente cientista frances a respeito, cujo conteúdo sintetizamos.

A Ação Biológica das Radiações

O Dr. Bernard — membro da Academia de Ciências Médicas — diz que a ação biológica das radiações já era conhecida há tempo. A bomba atômica e sua consequência nada mais fez que dramatizar o que era conhecido desde o descobrimento dos Raios X. As diversas radiações (alfa, beta, gama, etc.), têm a mesma ação. Seus efeitos podem ser de graus variáveis, mas não diferem quanto à natureza. Não são específicos. Uma larga experiência científica pode ajudar a determinar os efeitos da bomba H. Sob o ponto de vista biológico as radiações atuam por intermédio de uma ionização. Um átomo ionizado é um átomo que perdeu um ou mais eléctrons. Nos tecidos vivos, esta ionização provoca desiquilíbrios moléculares, transtorna o metabolismo, quer dizer, as mutações da matéria e a energia que constituem a vida das células.

Nem todos os tecidos do organismo são igualmente sensíveis ás radiações. Os mais sensíveis são os mais jovens, os que têm maior potencial de reprodução, isto é, os mais ricos em divisões celulares. Os biólogos afirmam que a radiação é o veneno para a mitose, (divisão indireta das células). Os fenômenos ocasionados no organismo pelas radiações foram agrupadas com o nome de «mal dos raios».

Esterilização das Glândulas Genitais

O Professor Le Grand aborda profundamente êste problema, ao afirmar que na pele—que é particularmente sensível aos raios beta, em razão de seu débil poder de penetração — a princípio aparecem avermelhados análogos aos que provoca um calor excessivo; em seguida, «radiotermites», que podem chegar a estados cancerosos. Antes de existir um bom sistema de proteção, os radiológos pagaram pesado tributo às radiações.

A ingestão de partículas radio-ativas prejudicam o interior do organismo. Especialmente atacado é o sistema sanguíneo, os glóbulos vermelhos e brancos são parcialmente destruidos, produzindo-se anemias graves e outros transtornos severos. Os fenômenos de coagulação e os capilares sanguíneos sofrem profundas perturbações, ocasionando hemorragias, púrpuras, gangrenas. Os organismos em crescimento são perturbados em seu desenvolvimento e mesmo detidos. As glândulas genitais são atacadas chegando mesmo à esterilidade.

Manifestação de Leucemias Agudas

Em alguns casos os elementos celulares são séde de fenômenos inversos. Produz-se desordenada proliferação dos tecidos que adquirem forma cancerosa; câncer do tubo digestivo, dos ossos, da pele e aparecimento de leucemias agudas. Um biólogo, que especialmente trabalhava em câncer, completa a exposição do Doutor Bernard, afirmando que, quando as radiações atuam sôbre tecidos queimados, estas formas cancerosas apresentam uma característica; aparecem em cicatrizes profundas, e desaparece a possibilidade de cura.

Cânceres «Atômicos»

Êstes cânceres «atômicos» se apresentam sob a forma de virus transmissivel hereditariamente. Ademais, a radiação atua sôbre os ácidos nucleáres — constituintes de genes — e isso tem influência nefasta sôbre a descendência.

Tudo o que foi dito pertence à guerra atômica. Os efeitos da bomba H PODEM ALCANÇAR CADA HABITANTE DA TERRA, se forem repetidas experiências como as realizadas em 1.° de Março de 1954. As cinzas que alcançaram os pescadores japonezes vieram de longe e sem que a bomba tenha sido lançada como elemento de guerra. Ainda mais além de uma zona de «segurança», as particulas radio-ativas podem continuar realizando seu nefasto labor. Os físicos da Associação de Trabalhadores Científicos consideram que a «nuvem atômica» se estende mais do que se supunha. A explosão da bomba H parece ser capaz de produzir corpúsculos tão pequenos em forma de pó, que não podem cristalizar mas que permanecem de tamanho tal que seguem constituindo fonte de radiações. De modo que o perigo existe para todos.

Cálculos Destrutivos

Parece que são de fácil cálculo os efeitos da bomba H, do ponto de vista físico. A bomba que explodiu em 1.° de Março não escapou ao contrôle dos homens de ciência norte americanos; o cálculo destruidor não foi feito com precisão, mas não houve êrro total.

Vigneron, do Laboratório de Química Nuclear da França, afirma que o raio de destruição de uma bomba varia, aproximadamente, como a raíz quadrada ou raíz cúbica de sua potência explosiva. Pois bem, de acôrdo com a hipótese, a menos acertada, comprova-se que o raio alcança 100 quilómetros para uma bomba H, que é dez mil vezes mais potente que a bomba arrojada sôbre Hiroshima, cujo raio de ação foi de um quilómetro. Afirma Vigneron que não existe um limite de ação. Com as bômbas de cobalto ou de azoto se produz a radiação mais mortífera. Com o litio e o hidrogênio pesado se obterá explosivos nucleares «definitivos».

Com uma Bomba H, voariam paízes como a França

No estado atual das técnicas não existe segredo teórico nem possibilidade de adiantamento técnico de uma potência sôbre outra. A Bomba H é uma carga de elementos nucleares leves (litio, hidrogênio pesado unida a um detonador constituido por uma bomba atômica clássica de urânio e plutonio). A carga pode ser tão forte como se queira: 100 quilogramas, uma tonelada, 10 toneladas, ou mais. de elementos leves podem prover bombas de poder diferente, mas que por princípio, e praticamente, funcionam da mesma maneira. O limite de peso, ou tonelagem, o determina o avião que deve transportar a bomba. Um navio de várias dezenas de milhares de toneladas pode transportar uma bomba H capaz de *fazer voar todo um país como a França.* Uma comparação com os explosivos clássicos pode esclarecer. O mesmo detonador de fulminato de mercúrio pode provocar a explosão de uma bomba de T N T de uma ou dez toneladas ou uma simples granada. O que faz que em realidade as últimas experiências norte-americanas estejam então, desprovidas de qualquer interêsse técnico. Uma só experiência, com uma carga reduzida de elementos leves permite verificar as possibilidades da Bomba H. Uma bomba pequena significa o mesmo que uma grande porque basta aumentar a carga de elementos leves para obter um poder de explosão tão grande como se queira. Esta circunstância implica uma igualdade absoluta entre as grandes nações industriais que disponham de instalações e de recursos suficientes para fabricar bombas atômicas. Os elementos leves que transformaram a bomba A em bomba H, são fáceis de produzir e baratos.

Cada Bomba Pode Matar Milhões de Pessoas

Tudo o que foi exposto tem o objetivo de mostrar os danos que provocam, e o absurdo das experiências realizadas. E' preciso pensar nas consequências do emprego destes elementos no caso de estalar terceira guerra. Os homens de ciência agrupados em volta do professor Le Grand, não ocultam que suas indicações são realmente sombrias. Quatro ou cinco bombas H, do modêlo da que explodiu em 1.° de março, podem destruir toda a França. Cada bomba pode matar vários milhões de seres humanos. Ao mesmo tempo destruiriam todas as instalações industriais. As radiações contaminariam as colheitas, isto é, não haveria possibilidade de colheitas durante vários anos. Os milhões de feridos graves não poderiam ser devidamente atendidos. Se necessitassem vários litros de plasma, dez para cada queimado grave, realmente não haveria sangue suficiente para transfusões, porque os que poderiam fornecê-lo seriam poucos. E os que se salvassem dos efeitos diretos da bomba estariam sob a ameaça das consequências distantes das radiações, sujeitos ao cancer sob formas malignas, transtôrnos mentais e outras afecções não menos graves.

Supondo tudo com otimismo, o mundo depois de uma guerra à base de bomba H, contaria com uma civilização comparada à que existia nos tempos de Clovis.

Reagir ou Perecer

Os povos que ora estão em sua hora decisiva necessariamente terão que reagir contra a nova barbarie, ou perecer. Eles se encontram ante um futuro incerto, diante de uma crise trágica, determinada por doentias ambições de domínio injustificado e inexplicável.

Nos críticos instantes bélicos, recorrerão ao genocidio (matança em massa), valendo-se da bomba H ou A de cobalto ou nitrogênio, com o único objetivo de vencer o adversário. Mas a dolorosa realidade, diante de semelhante loucura, é que a morte teria estendido seu manto fúnebre sôbre todo o planeta. E depois?

Crônica Estrangeira

No leito de morte

Miss Dorothy Monk enviou ao Diretor de *Light*, a seguinte carta, narrando o ocorrido por ocasião da morte de sua mãe. A carta é de 1922 e diz o seguinte:

«Em nossa família fomos testemunhas de um fenômeno extraordinário, por ocasião da morte de minha adorada mãe, ocorrida em 2-1-1922. O fenômeno grandemente me impressionou, pelo que me apresso em pedir sua esclarecida opinião.

Após longa enfermidade, agravada por um ataque de gripe, de forma gástrica, nossa mãe morreu em consequência de debilidade cardíaca. A's sete horas do dia fatal, a enfêrma, que estava em estado comatoso, abriu a bôca; no mesmo momento, todos viram formar-se sôbre sua cabeça, uma nuvenzinha branca, prolongando-se até a cabeceira da cama. Saia da bôca e se condensava mais para o lado oposto do leito. Permanecia no ar como uma densa nuvem de fumo branco, tornando-se, por vezes, bastante opaca, a ponto de impedir-nos ver o espaldar da cama; mas, sem cessar, variava de densidade, embora mal percebessemos seu movimento.

Estavam presentes minhas cinco irmãs, e todas podiamos contemplar o estranho fenômeno. Justamente nessa ocasião chegaram meu irmão e um cunhado que também observaram o fenômeno. Uma luminosidade azulada aclarava o ambiente; de vez em quando apareciam súbitas e vivas chispas amareladas. Observámos que a mandíbula da moribunda continuava se abrindo pouco a pouco.

Durante algumas horas, o fenômeno não se modificou sensivelmente; unicamente uma espécie de auréola de raios amarelados, apareceu em redor da agonizante. Contámos sete desses raios, que, sem cessar, mudavam de tamanho oscilando entre doze e vinte polegadas. Ao aproximar-se a meia noite, tudo desapareceu, embora mamãe só viesse a exalar o último suspiro ás sete e meia da manhã.

A's seis e quinze minutos da mesma manhã, uma de minhas irmãs, que descansava em quarto próximo, ouviu uma voz que murmurou: «Ainda uma hora!...» Ela levantou-se muito impressionada e foi assistir aos últimos momentos de nossa mãe que de fato exalou o último alento após uma hora e dois minutos, depois de minha irmã ter ouvido a voz premonitória...

Agradecemos a Deus o ter nos permitido assistir a partida de uma alma, evitando-nos a dôr de um adeus definitivo».

⁂

O jornalista aperta a mão de espírito materializado

«Two Worlds»

«A mão não era fria nem úmida», disse êle.

Sob o título *«Eu apertei a mão de um espírito!»* o periódico «Tit Bits» relata uma sesssão de materialização com o médium Alec Harris, de Cardiff.

Neste artigo, o terceiro da série escrito por um jornalista incrédulo (hard-boiled), êle relata como um ano antes, ficou convencido através da mediunidade mental e como viu «alguns espíritos-guias que caminhavam e conversavam» e realmente apertou a mão de um dêles.

O jornalista estava em companhia de Eric Stuart, presidente da Marylebone Spiritualist Association.

O investigador descreve como, a pedido do médium, êles o examinaram, bem como a cadeira que o mesmo ocupava na sala de sessões.

São estas as palavras com que descreve a primeira materialização: «Nós viamos o ectoplasma turbilhonar ao redor e gradualmente, mas com rapidez, construir a forma de uma menininha de côr escura, a qual os presentes apelidavam Fiji».

O médium em transe era visível em sua cadeira com a forma materializada de pé a seu lado. Abaixaram a cortina do gabinete. Quando de novo a levantaram, o médium estava de pé ao lado da criança, que vagarosamente se desmaterializava á vista de todos!

Após breve cântico, materializou-se outro guia, um homem bem mais alto que o médium. Em seguida apareceu «uma figura alta e magestosa com farta barba».

O jornalista foi convidado a apertar a mão do espírito. Ele se levantou, curvou-se através da cadeira á sua frente, estendeu sua mão e apertou a mão da forma espiritual.

O mesmo jornalista pergunta, «o que se experimenta ao apertar a mão de um visitante do mundo espiritual?» E responde: «Francamente, é o mesmo que apertar a mão de um mortal. A mão não era fria nem úmida».

⁂

A caça aos fantasmas

Com este título indicativo de gracejos que o texto confirma, publica o «Diário de Lisboa» de 19 de Abril e outros jornais, uma notícia de Londres, informando que «dois especialistas na arte de capturar fantasmas, vão ser emprestados ao Conselho Municipal de Bexley Kent, pela Sociedade de Investigações Psíquicas de Levoilham... para deitar a mão» aos fantasmas que rondam o Hall Place.

«Deitar a mão» a fantasmas... só pode lembrar aos senhores jornalistas que tudo se permitem apreciar e julgar sem nada estudarem

O Dr. Charles Richet, que devia valer mais *alguma coisinha* que os zombeteiros cronistas, afirma no seu *Traité de Metapsychique:* «Lá que há fantasmas, é tão certo como se eu dissesse: há estrelas!»

⁂

Um espírito revela do Além o engano de um médico

Psychic News de 24 de Setembro, conta que um jovem de Manchester, examinado por um médico especialista, foi avisado de que tinha pedra no rim, e como se reconhecesse que era grave o seu estado, teria que ser operado. Entretanto, manifestou-se o Espírito do Dr. Kahesdee, que fora médico em Glasgow, o qual pela médium Margaret Lyon, declarou que o diagnóstico estava errado. Diz o *Psychic News*:

«O diagnóstico apresentado pelo espírito guia revelou que não havia pedra no rim, mas uma caverna de pús que seria escoado». Submeteu-se o doente a experiência de Raios X. A fotografia não esclareceu, porque apareceu um borrão. A última prova demonstrou que, de facto, o pús havio saido sem ser necessário fazer operação. O espírito fez uma preleção e terminou dizendo que «não está longe o dia em que a medicina do espaço e a medicina da terra trabalharão em harmonia».

ESPIRITISMO NO BRASIL

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Em Abril a primeira exposição do Livro Espírita em São Paulo

Destacadas figuras do movimento espírita no Brasil realizarão conferências nas sociedades de São Paulo, de 16 a 30 de Abril.

* * *

Milhares e milhares de volumes, inclusive preciosíssimas raridades da imensa bibliografia espírita serão expostos na Primeira Exposição do Livro Espírita em São Paulo, de 16 a 30 de abril próximo nas amplas dependências da Galeria Prestes Maia, sob o Viaduto do Chá.

Partiu essa magnífica iniciativa da União da Mocidade Espírita de São Paulo, e o seu êxito já está definitivamente assegurado, graças ao apoio que lhe deram a Federação Espírita do Estado de São Paulo, a União das Sociedades Espíritas (USE), o Instituto Espírita de Educação, o Clube dos Jornalistas Espíritas, a Livraria Allan Kardec Editora (LAKE) e a revista «CENA», do Centro de Estudos Nós e o Além.

Além do apôio dessas sociedades, a União da Mocidade Espírita de São Paulo contará para a grande mostra bibliográfica, cuja importância, não é preciso encarecer, com a colaboração de vários particulares, que ofereceram o que de melhor possuem em suas bibliotecas, entre os quais os snrs. Antonio Batista Lino, Canuto de Abreu, João Teixeira de Paula e outros.

Serão apresentadas na primeira Exposição do Livro Espírita em São Paulo obras em português, francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, esperanto e possivelmente em outros idiomas.

* * *

A Exposição será inaugurada no dia 16, isto é na ante-véspera do 98.° aniversário do lançamento de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec. Já em março a Comissão Organizadora da Exposição lançará a venda uma edição especial de «O Livro dos Espíritos», comemorativa do acontecimento, cuja renda líquida será destinada a cobrir as despezas, aliás, vultuosas da Exposição.

A revista «CENA», colaborando entusiasticamente com os organizadores da exposição ofereceu suas edições até abril à Comissão de Finanças. Assim, a «CENA», que é de distribuição gratuita, será vendida, excepcionalmente, em benefício da exposição. A edição de Janeiro, a primeira dedicada à comissão, já está quase exgotada. Os que se interessarem em receber a revista, bem como adquirir exemplares da edição especial de «O Livro dos Espíritos», devem fazer seus pedidos de reserva desde já à Comissão Organizadora, notadamente dos volumes com encadernação especial, em quantidade de muito reduzida, que serão postos à venda por preço especial.

Informações sôbre a Exposição, reserva de revistas e livros, sugestões e auxílio, com vista ao maior êxito da Primeira Exposição do Livro Espírita em São Paulo, devem ser dirigidos à Rua Santo Amaro, n.º 362, fone 37-6237, Capital, onde funciona a secretaria geral da Exposição.

* * *

Representante em Aquidauana

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Aquidauana, que o sr. Ulysses da Costa e Faria foi nomeado nosso representante nessa cidade, achando-se autorizado a receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Solicitamos aos confrades dessa cidade dispensarem boa acolhida a este nosso representante, o que muito lhes agradecemos desde já.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Orgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião ordinária realizada em 5 de Fevereiro de 1955

À hora regimental, faz o presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Procede o Secretário à leitura da Ata de reunião anterior, que é aprovada.

Novo representante — O Presidente apresenta ao Conselho e empossa o Confrade Francisco Thiesen como representante da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul.

No expediente são lidos: Mensagem de Fraternidade da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, telegrama do Conselheiro Wilhians de Mattos justificando a sua ausência à reunião, ofício do Centro Espírita «Flora de Araujo» pedindo apôio à iniciativa de uma Emissora Espírita do Brasil, exemplar de «O Espírita Mineiro» de Dezembro de 1954.

Comunicações — O Presidente leva ao conhecimento do Conselho, com grande mágoa, a notícia da desincarnação, em Belo Horizonte, do operoso, culto e incansável Confrade Dr. Camilo Rodrigues Chaves, presidente da União Espírita Mineira, enaltecendo-lhe os grandes serviços prestados ao Espiritismo, quer no campo regional do seu Estado, quer no campo nacional. Relata, a seguir, minuciosamente, tudo quanto tem ocorrido com a Federação Espìrita Portuguesa, com a qual os brasileiros nos solidarizamos.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, relembrando os serviços do Dr. Camilo Chaves, diz que ao mesmo se deve a realidade do Ginásio «Precursor» pois que até o último momento se dedicou êle àquela Instituição.

S. Paulo — O Conselheiro Farm.º Carlos Jordão da Silva fala do desejo da USE, de S. Paulo, no sentido de uma solução rápida e fraterna para o caso de Pernambuco, do qual se acha inteirado por lhe ter sido enviado cópia da correspondência dirigida à FEB pela Comissão Estadual de Espiritismo de Pernambuco.

Goiás — O Conselheiro Dr. Francisco Nogueira lê a nominata dos novos dirigentes da União Espìrita Goiana. Por proposta do mesmo Sr. Conselheiro foi inscrito na Ata um voto de saudade ao Confrade Manoel Quintão, recem-desincarnado.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães lembra a conveniência de ser organizado um indicador de todas as sociedades espìritas do Brasil e pede aos Srs. Conselheiros que solicitem das Entidades Regionais os dados necessários.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro sugere que seja enviada ao General Severino Antonio da Cunha a manifestação de gratidão do Conselho pela sincera colaboração prestada por êle enquanto representou a Federação Espìrita do Rio Grande do Sul, e fala das suas esperanças no trabalho do novo representante daquele Estado.

Rio Grande do Sul — O Conselheiro Francisco Thiesen manifesta a sua satisfação pela sua investidura de representante da Federação Gaúcha e promete tudo fazer para honrar a confiança da escolha de sua pessoa

Com a prece final, proferida pelo representante de S. Paulo, foi encerrada a reunião, as dezesseis horas.

* * *

Passamentos

Almirante Paim Pamplona

Desincarnou no Rio de Janeiro, em 4 de março de 1955, com a idade de 83 anos, o nosso confrade Almirante Francisco Vieira Paim Pamplona, deixando viúva, seis filhos e muitos netos.

Era espírita praticante desde a juventude e ocupou muitas posições de responsabilidade no movimento, inclusive a presidência da Federação Espírita Brasileira, nos anos de 1927 e 1928. Foi por muitos anos presidente do Asilo de Órfãos «Anália Franco». Era membro do Conselho Superior e do Conselho Fiscal da Federação Espírita Brasileira e membro da diretoria de diversas instituições de caridade.

Moldando todos os seus atos pela Doutrina que ensinava mais pelo exemplo do que pela palavra, Paim Pamplona era de uma bondade excepcional e nunca teve um desafeto na vida, apesar de ocupar posições de mando e de direção na Marinha e na vida civil, pois que foi lente de geografia no Colégio Militar, fundou e dirigiu o «Colégio Nacional» e foi dirigente de outras instituições.

Sabia resolver todos os casos com paciência, humildade, amor que conquistava todos os corações dos bons e dos outros que ainda não são bons. Foi um homem de excepcionais qualidades cristãs, verdadeiro modêlo do que deveria ser todo espìrita. Parece que veiu à Terra para exemplificar nossa doutrina e cumpriu esta missão.

Era o sócio de matricula N.° 1 da Federação Espírita Brasileira, a cujo quadro pertencia desde que era jovem Guarda-Marinha.

Nasceu no Distrito Federal em 8 de Fevereiro de 1872 e desincarnou na mesma cidade, onde os seus restos mortais foram sepultados no Cemitério de S. Francisco Xavier, só deixando amigos em todos que tiveram a fortuna de tratar com êle.

Revista Internacional do Espiritismo envia daqui a expressão da sua simpatia à exma. Sra. D. Eleuzina Paim Pamplona, viuva depois de 57 anos de feliz vida conjugal, aos filhos Srs. Sílvio, Arnaldo e Darcy, e ás filhas, Sras. Elza, Milza e Marina.

Dr. Camilo Chaves

A fileira espírita acaba de ser desfalcada com o passamento de mais um trabalhador — o Dr. Camilo Chaves, presidente da «União Espírita Mineira», que lhe deve larga folha de serviços prestados.

Além de ser espírita militante, o Dr. Camilo Chaves, que desincarnou no dia 3 de Fevereiro último, ocupou cargos no Governo Mineiro. Foi Senador à antiga Constituinte Mineira e era político de projeção. Era escritor e orador de vastos recursos.

O enterramento do seu corpo, realizou-se no dia seguinte, usando da palavra ao baixar o ataude à sepultura, a prof.ª Cleone Matos, em nome do «Abrigo Jesus»; professor Rubens Romanelli, representando o Ginásio «O Precursor»; sr. Raul Pompeia, em nome da «União Espírita Mineira» e Deputado Omar Oliveira Diniz, pela bancada do Triangulo, na Assembleia.

— Ao espírito recem-liberto, paz e luz.

UME de Matão

A União Municipal Espírita de Matão realizou no dia 6 do corrente mais uma de suas reuniões mensais, desta vez em Toriba, na séde do Centro Espírita Allan Kardec».

Presidiu a reunião, que teve início ás 20 horas, o presidente da *UME*, nosso companheiro Carlos Olson, que depois de fazer a prece de abertura, leu um trecho de «O Evangelho segundo o Espiritismo», passando a palavra ao companheiro Costa Filho, que dissertou sôbre o trecho lido. A seguir usaram da palavra os companheiros Zélia Perche, que falou sôbre o mesmo trecho, e Edo Mariani, que leu uma mensagem do Irmão X. De novo com a palavra, o presidente rendeu uma homenagem a Manoel P. do Prado (Nhô Maneco), um dos primeiros companheiros de Cairbar Schutel, por motivo da passagem do 3.° aniversário do seu desincarne, a ocorrer no dia 18 do mês em curso. Fez a prece de encerramento a companheira Zélia Perche.

A próxima reunião se realizará no dia 3 de Abril, domingo, ás 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

o XXXI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1955 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

A Fôrça da Evolução . . . . . *Redação*
A Mais Bela Literatura . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Refutando Ramatís . . . . . . *Henrique Rodrigues*
Conceito de Psicologia . . . . . *Amadeu Santos*
Religião e Ciência . . . . . . *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
Da Gênese Doutrinária . . . . . *Carlos Imbessahy*
Balanço de uma Vida . . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1955 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A FÔRÇA DA EVOLUÇÃO

COINCIDINDO com o advento do Espiritismo, a ciência materialista vem fazendo um progresso notável nas suas pesquisas e descobrimentos. Ela está devassando a atmosfera terrena, tirando do seu seio cousas que até há pouco tempo eram tidas como impossíveis.

Hoje, diante da verdade da bomba atômica, do rádio, do avião, ninguém mais pode afirmar que esta ou aquela cousa é impossível de realizar-se. Tudo agora é possível. A ciência vai ampliando e aprofundando cada vez mais os seus conhecimentos, e de cada vez traz à tona novos descobrimentos, novos conhecimentos, que no passado martirizaram os grandes inventores ou descobridores, pela ignorância crassa dos nossos ancestrais. Galileu, Giordano Bruno, por exemplo, foram vitimas dessa ignorância que o tempo já enterrou. E entretanto os descobrimentos de Galileu e Giordano Bruno, se constituiram hoje matéria de ensino oficial.

A evolução porém não pára. Fôrça divina, vai transformando tudo num caminhar incessante, sem fim. E o seu trabalho é renovar, descobrir e aperfeiçoar, para que os filhos de Deus entrem na posse difinitiva do seu tesouro eterno. Assim, a religião tem que evoluir à fôrça, não pode parar, não pode manter-se no espírito de sistema a maldizer tudo o que se opõe aos seus arcaicos, inconsistentes e absurdos ensinos. E ela é obrigada a caminhar, porque a própria ciência materialista, com os seus notáveis descobrimentos a obriga sair da sua toca para acompanha-la. Ou a acompanha ou terá que decretar a sua falência, tanto mais que o progresso multiplica sempre os seus passos.

No nosso mundo, como nos mundos que povoam o Universo, que não tem fim, há cousas tão grandiosas e belas a serem descobertas que nem de leve passam pela mente do maior gênio, do maior sábio. Portanto não podemos chamar cousa alguma de sobrenatural ou fruto do milagre. Tudo é tão natural como natural é tudo quanto vemos no nosso mundo. O que há é falta de conhecimento, falta da manifestação das cousas que nos são desconhecidas. Mas assim como o fruto não cai antes de amadurecer, assim tambem as cousas que Deus nos reservou não nos aparecem antes de estarmos em condições de aceitá-las ou delas nos tornarmos dignos pela compreensão e prática de suas leis morais e espirituais que nos são dadas através dos seus prepostos. E Jesus no-las ensinou e exemplificou de maneira a não deixar dúvidas no nosso espírito, tão fáceis e claros são os seus ensinos e exemplos.

Cada um de nós é um mundo em miniatura. Há dentro de nós cousas maravilhosas, belas, deslumbrantes e portentosas de que não podemos fazer a menor idéia. Foi por isso que Jesus disse: «O reino de Deus está dentro de vós mesmos». Do estudo, da observação, da dedução e sobretudo da prática dos preceitos evangélicos é que vamos desenrolando o que de belo e grandioso temos dentro de nós mesmos. E quanto mais cousas belas nos surgem, mais vamos nos afinando com Deus e sua obra, gozando em sua plenitude o que se pode chamar de — suprema felicidade.

Há fôrças portentosas no nosso eu, fôrças iguais àquelas que levaram Jesus a multiplicar pães e peixes, a transformar água em vinho, a ressuscitar mortos, a fazer cessar tempestades, a curar enfêrmos, cujas doenças eram tidas como incuráveis pela ciência dos homens. E o que é mais importante, a fôrça de ressuscitar assim como Jesus logo após a sua morte.

Realmente, com o advento do Espiritismo estamos nos conhecendo, cada vez mais, a nós mesmos, de acordo com a senteça inscrita no frontispício do templo de Delfus: «Homem, conhece-te a ti mesmo». E nos conhecendo a nós mesmes, sabemos o que somos e o que devemos fazer para alcançarmos a nossa perfeição, a felicidade que tanto ambicionamos e que pode ser encontrada dentro de nós mesmos, pois para isso temos uma bussula — o Espiritismo.

A MAIS BELA LITERATURA

E' fato conhecido que os bons literatos fazem muitas revisões e polimentos em seus trabalhos. Cada edição de «*Os Sertões*», durante a vida de Euclides da Cunha, apresenta muito burilamento novo.

Mais ainda do que os prosadores, cuidam os poetas de melhorar sempre seus poemas, até que a morte vem pôr têrmo à sua ânsia de perfeição e os versos continuam sendo reimpressos como foram deixados quando desapareceu de nosso mundo o autor.

Agora, com o desenvolvimento da mediunidade psicográfica, as belas letras iniciam uma nova era que promete vir a dar a mais perfeita literatura, porque os Autores já não morrem e podem continuar sempre aprimorando seus trabalhos.

A mais recente edição de *Parnaso de Além Túmulo* traz a nota: «*Revista* e *ampliada pelos Autores espirituais*», e quem compare, por exemplo, o longo poema «Caridade» com as edições anteriores, notará que o Excelso Autor fez belos melhoramentos em seus versos, e quiçá não fará ainda mais burilamentos para futuras edições.

Nossa finalidade neste artiguete é registar uma gema, antes de qualquer retoque do Autor, tal qual foi traçada, com rapidez vertiginosa, pelo lapis da médium Dolores Bacelar, entre outros trabalhos, na sessão de 16 de Junho de 1955, de Cabana de Canagé. Mais tarde veremos se o poeta faz nos versos polimentos, limagens, embelezamentos, ao ter de sair o poema em algum livro.

PRECES

Preces que aos Céus subís puras, imaculadas,
Vindas dos corações plenos de claridade ;
Preces da cor da luz das róseas madrugadas
Que dão vida e calor às almas orvalhadas
Pelo rocio da dor, nimbadas de humildade
E envolvidas no véu da inocência cristã ;
Preces, desabrochar de lírios no atascal

A perfumar o lôdo, o símbolo do mal
Para a alma árida e fria, alma do orgulho irmã
Que louva Satanás se erguido sob um trono
E foge de Jesus no lenho do abandono...
Sois a essência dos Céus, anjos a perfumar;
Sois estrêla a fulgir, sois raio de luar
A envolver em sua luz, que até a argila inflama,
O berço que sorrí e os insetos na lama...
Preces de corações que vivem a chorar,
Cingidos à corôa estrelar da inocência;
Tendes fulgurações de astro e pura fragrância
Da alma que já despiu o lôdo da existência,
E do charco carnal paira além, à distância...
Preces de árvore em flor, preces de Primaveras,
Na ânsia de eternidade e na ânsia de infinito
Sonho de todo ser, neste mundo, proscrito,
Saudoso de outros sóis, do céu d'outras esferas;
Preces em florações, embelezais o mundo,
Em tudo desfolhando bençãos harmoniosas,
Bençãos frutos de Deus, que do pólen fecundo
Faz da lama nascer lírios, de espinhos, rosas!
Preces de ave a cantar ao pôr do Sol, contrita,
Agradecendo a Deus as dádivas do ninho...
Preces a sufocar os gritos de desdita
Da alma filha de fado estéril e maninho...
Preces dos sonhos que não passaram de sonhos,
Pelas falsas canções da Vida acalentados...
Pobres sonhos de amor tão lindos e risonhos,
Como podeis fazer os homens desgraçados,
Sepultando alegria, ideal, esperança...
Preces dos sonhos vãos que a alma jamais alcança,
Fazeis chorar Jesus que dos Céus vos acena
Com o Seu Divino Amor livre de dor, de pena!
Preces, flores de luz e flores de perdão,
De quem a alheia dor é mais agra e profunda
Que as chagas a sangrar no próprio coração;
Preces bençãos de Amor que o pobre pária inunda
De Dádivas do Céu no seu viver de inferno,
Sois Abril a florir nos rigores do inverno!
Sois lume, sois calor... Ó preces, sois aurora
A banhar de esperança a miséria que chora
No frio tugúrio onde a vida é quase nada,
Mas onde o sofrimento é quase secular!
E tão imenso e tão profundo quanto ao mar...
Ó preces, sois trigal banhado de alvorada,
De espigas cor de sol... Sois pão, preces, sois vida!...
Voais dos corações ao Coração de Deus,

E à Terra retornais já de alma enriquecida
Dos Frutos divinais das Searas dos Céus.

GUERRA JUNQUEIRO.

Virá o poeta um dia burilar alguma coisa nestes versos?

Não sabemos; sabemos apenas que desde já este poema é belíssimo, inconfundívelmente junqueireano, e o cético que pensasse em atribui-lo à médium, como pastiche, faria bem em consultar um psiquiatro, porque sua cabeça está reclamando tratamento de especialista.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Refutando Ramatís

SE o conhecimento da reencarnação, karma e intercâmbio de encarnados e desencarnados antecedeu de milênios a Codificação Espírita, onde mais esplende a doutrina, é na exposição das motivações, das decorrências, das interligações fenomênicas, suas técnicas de desenvolvimento. Não basta saber que reencarnação, karma e mediunismo existem. E' preciso mostrar PORQUE, COMO e PARA QUE. A fim de que não ficássemos em dogmas religiosos, foi que o Espiritismo veio, num atestado de nosso amadurecimento, com seu arrazoado de LEIS DA VIDA, afim de não só falar ao sentimento, mas, principalmente, ao conhecimento humano.

Quando o Espiritismo nos fala do Perispírito, não se refere evidentemente a uma roupa que se sobrepõe ao ESPÍRITO. Temos que convir que o estudo dêsse *intermediário*, do que chamaremos preliminarmente ESPÍRITO, séde da individualidade, e do FÍSICO ou MATÉRIA, condensação ou exteriorização máxima do primeiro, ainda está muito longe do desejado. Sintetizando nossos estudos a respeito, podemos dizer que o CORPO HUMANO É O ESPECTRO ELETROMAGNÉTICO PRODUZIDO PELO CAMPO GERADOR DO ESPÍRITO E QUE SE TORNA TANGÍVEL *AOS OLHOS MATERIAIS*, PELO FATO DE APRENDER, NAS SUAS LINHAS DE ENERGIA, ELEMENTOS ORIUNDOS DAS MÚLTIPLAS COMBINAÇÕES DOS 92 CORPOS SIMPLES RELACIONADOS NA ESCALA ESTEQUIOGENÉTICA DA MATÉRIA. A Magnétografia, conforme fotografias obtidas pelo PROF. BARADUC, nos autoriza a tal afirmativa, e, mais que isso, nossos estudos e observações particulares nos provaram, sobejamente, a exatidão dessa assertiva. A química (orgânica ou inorgânica) e a física oficiais, ou imprópriamente chamada supra-normal, giram em tôrno das linhas de fôrça do espectro elétrico que é o perispírito, nos escâmbios metabólicos. Há, portanto, íntima e estreita relação entre o psíquico e o somático, entre a estrutura dinâmica interior, e a forma «estática» do exterior ou físico.

Todas as formas físicas possuem a sua estrutura dinâmica, que chamaríamos perispirítica, imprópriamente, sem a qual, a forma física se esboroaria por falta de coesão ou consistência aos nossos sentidos.

A Terra possúe também o seu dinamismo (perispirítico imprópriamente) constituido da associação de múltiplos dinamismos que nela coexistem, que lhe dá o pêso magnético específico e lhe estrutura a forma física. Gostaríamos de estudar o «porquê» o «como» e o «para quê» dêsse dinamismo, o que o influencia, e como a evolução trabalha primeiro nêle, para surgir DEPOIS na forma, como capacidade, qualidade ou potencialidade adquirida.

E' evidente que escapou a Ramatís êsse aspecto da questão. A diferença de tamanho da órbita da Terra para o planeta de sua indicação, sendo de 6.666 e 3.200 vezes respectivamente, nos impõe confrontos demolidores da tese de uma possível ou remota transmigração. Vejamos: Um homem que na Terra pesasse

60 quilos pesará em Júpiter 73.320 quilos (60 x 1.272 número de vezes o volume da Terra a que corresponde o volume de Júpiter) e no Planeta Ramatís êsse mesmo cidadão pesará 192 000 quilos. (60 x 3.200). Nosso dinamismo que sofre, facilmente observável, a influência do acréscimo de poucos quilos, calcule como não ficaria subjugado por um campo de gravitação tão grande como o do chamado Planeta Ramatís. Além disso, a massa age sôbre elementos vitais ao desenvolvimento da vida física, aprisionando-os, liberando-os dando-lhes maior pêso. O tamanho, associado à distância em que gravita o seu sol, lhe impossibilitaria receber quàlquer parcela de calor e quiçá de luz. Gazes indispensáveis à vida que corresponde à nossa organização dinâmica ou perispirítica e que nos dão o estado físico atual como o oxigênio, o carbono, o azôto e o hidrogênio, seriam encontrados nêsse planeta em estado de solidez. Mas é o próprio Ramatís que adverte «estarem os homens de tal mundo na idade da pedra lascada», e essa idade só é compatível em condições de identidade que existiam na Terra, quando nêsse período. Alguns admiradores da «mensagem», sugeriram a possibilidade do «planeta» estar «invisível» por ser fluídico, mas dificilmente nos poucos anos que faltam para, conforme a mensagem, receber os egressos da Terra, conseguiria condensar-se e «produzir» homens com o nível do chamado «da pedra lascada».

Os espíritas, que admitem o êxodo de «um planeta da estrêla Capela» distante de nós mais de 70 000 anos luz, fazem a pergunta: Por que vieram de tão longe? Não está claro que aquela avalanche de espíritos precisavam encontrar no cosmos outro mundo cujas condições, antes dinâmicas e depois físicas, se aproximassem do organismo astronômico em que viviam? *A própria ciência de nossos dias, assegura, com provas, que criaturas semelhantes a nós só podem existir em mundos que nos guardem também semelhança.* Como as mutações são no perispírito primeiro, para depois serem no físico, temos que completar o dístico científico, dizendo: Os espíritos de um mundo semelhante ao nosso mundo, só podem emigrar para um que lhe guarde semelhança. Vemos na literatura espírita, antiga e moderna, que os espíritos estão subordinados a elementos físicos como o calor e luz, tempo e distância, amôr e ódio, dor e alegria, cansaço e repouso, para não falar em coisas menores.

A maior ilusão do Espiritismo inglês foi supôr que os espíritos «sassaricavam» de planeta em planeta, esquecido de que a imantação à Terra, seja pelos laços do amôr ou pelas cadeias do ódio, não libera o indivíduo, ao sabor de um leviano livre-arbítrio. *Se o físico obedece à gravitação dos pêsos, o dinâmico (perispírito) obedece à gravitação das múltiplas imantações.* O espírito desencarnado está ligado a tantas coisas na Terra, que observamos, na maioria das vezes, o desejo de fuga e que êle não sabe porque não se concretiza. E' que ninguém irá desta esféra para outra, sem liquidar seus débitos, sem sanar os danos praticados, sem pagar o último ceitil.

A literatura espírita nos mostra que o mundo espiritual que nos cerca observa os planetas *do nosso sistema*, «em suas visitas», através de aparelhos. Por quê? Porque, se as condições físicas lá são diferentes, as dinâmicas, ou melhor, a psicosfera, também é. Se a atmosfera física impossibilita um corpo material como o nosso, a espiritual não permite intrusos, principalmente se fôr para níveis superiores. Viajar pelos cosmos!... isso só quando formos «puro espírito».

Diz Ramatís que com a verticalização do eixo da Terra, desaparecerão as doenças pulmonares, os resfriados, as bronquites, etc... Será o caso de perguntarmos: Mas o homem sofre dêsses males devido à inclinação do eixo da Terra? Então os «Engenheiros ou Astrônomos Siderais» são os responsáveis por nossos males, pois ao invez de sofrermos por nossas mazelas, sofremos por êrro ou imposição maldosa daquêles que inclinaram o dito eixo.

Vislumbro na questão do eixo, sua verticalização, alguma coisa que reservo para dizer após maiores observações. Os compêndios astronômicos registam que fato semelhante se dá, dentro do período de 26.000 anos, sem que isso seja motivado por qualquer interferência exterior, e sim por um movimento lento, chamado «precessão dos equinócios». Consultarei melhor o assunto, e, se possível, no próximo artigo direi quando tal fato se dará.

Diz ainda Ramatís: «A Atlântida era já uma terra árida e gasta e assim, por lei sideral submergiu *para a devida fertilização no seio do oceano,* devendo surgir novamente, em certos locais, com o solo já *nutrido e seivoso,* na modificação do eixo terrestre.» Pela primeira vez ouço falar que um solo, saturado pelo cloreto de sódio, se torne seivoso e fértil ! A Holanda que o diga, apresentando o cômputo dos gastos fabulosos para neutralizar o sal em suas terras baixas. Ainda aqui perguntariamos : E o Saara, o Gobi, porque não submergem para se fertilizarem ? Mais áridos do que estão é impossível. Mas é a ciência que nos diz que o Saara já foi fundo de mar e nos apresenta aos olhos, o tipo da fertilização proporcionada pelos oceanos.

Finalizando o têma astronômico, consigno minha surpresa ante o fato da propalada aproximação dêsse planeta, pertencente segundo o seu autor, a um sol distante, porque é sabido, por qualquer leitor de assuntos cosmográficos, estar o universo, do qual nossa galaxia é uma ilha, em nítida e comprovada fase de expansão. Assim, as distâncias inter-galacticas, inter-estelares, inter-planetárias aumentam sempre, em proporções e velocidades sempre crescentes.

Ramatís, falhando completamente no campo científico, onde aparentemente pareceu fornecer dados de tal natureza, nada mais fez que lançar sôbre o Espiritismo uma quota de responsabilidade que a êle não cabe. O abono que os centros espíritas estão dando a essa mensagem é perigoso, pois as elites intelectuais espiritualistas, fazendo confusão de Espiritismo e comunicações mediúnicas, poderão levar a débito da Codificação, afirmativas ridículas contidas em tal mensagem. Já que Ramatís fez tantas «afirmações graciosas», poderia ter dito a que estrêla pertence tal astro, dentro do catálogo astronômico oficial, e onde êle está localizado. Nós sabemos como a humanidade facilmente esquece. E se por acaso alguém, na época prevista para o *aparecimento planetário,* ante a frustação de sua expectativa, consultar o autor de sua dúvida, não será difícil, para fugir à responsabilidade, atribuir aos Engenheiros Astronômos Siderais, uma modificação de planejamento ou de trajetória dêsse planeta, que Ramatís já comprovou ser 3.200 vezes maior que a Terra e ter uma órbita de 6.666 anos.

Em nosso próximo artigo, estudaremos alguns aspectos psicológico-religiosos da mensagem «Conexão de Profecias».

HENRIQUE RODRIGUES.

Conceito de Psicologia

Etimológicamente, Psicologia quer dizer ciência da alma. Há divergências profundas, porém, quanto à concepção da alma. E daí resultam as múltiplas e diferentes difinições da própria Psicologia, a qual é, para uns, a *ciência da consciência;* para outros, a *ciência do comportamento* (behavior) e ainda para outros, a *ciência dos fatos psíquicos.*

Os espiritualistas acreditam seja a alma uma entidade incorpórea, imaterial, imortal, capaz de viver independente do corpo, não obstante a êle íntimamente ligada, em caráter temporário. Os materialistas, ao contrário, creem que a alma represente, simplesmente, uma função do cérebro, constituindo obrigatóriamente parte integrante do organismo e sem o qual não se lhe conceberia existência. Uma pequena parte dos espiritualistas concebem a existência da alma, porém, perecível com a morte do corpo.

Desde a antiguidade remota que se admite a alma de acôrdo com a concepção espiritualista. Os indús, os chinêses, os iranianos, os babilônicos, os fenícios e os egípcios acreditavam piamente na imortalidade da alma, admitindo, alguns, a reencarnação, a metempsicose ou transmigração das almas. Os egípcios, especialmente, guardavam verdadeiro culto aos mortos, achando que seriam, ao término da vida material, julgados, na Espiritualidade, no Tribunal de Osiris. Os gregos, desde a filosofia órfica, incluindo Homéro, acreditavam na existência pessoal, além do corpo, em mais duas entidades : o *Tymus* e a *Psiché.* E foram justamente os gregos, não obstante o seu paganismo, desde o advento filosófico dos grandes pensadores, que elevaram o espiritualismo ao seu mais alto grau. Com o aparecimento do Cristianismo verifica-se a derrocada do politeismo, do mecanicismo atomista e do próprio ceticismo, levando o espiritualismo às suas últimas consequências. As filosofias Patristica e Escolástica com Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino, seus maiores expoentes, resolveram o problema em bases difinitivas, com a teoria do livre arbitrio e da imortalidade pessoal. A alma, para êsses santos e filósofos, é realmente espiritual e imortal.

Admitida a imaterialidade da alma e considerada esta em suas manifestações ou fenômenos, temos a *Psicologia Experimental*, tendo por objeto o estudo dos fenômenos anímicos; considerada em sua natureza profunda e essencial, temos a Psicologia Racional, cujo objeto se estende ao estudo das causas últimas dêsses fenômenos psíquicos. A primeira emprega a observação e a experiência como método; a segunda usa a dedução, procurando a natureza, a origem e o destino da alma. Para alguns a Psicologia Experimental é definida como a ciência dos fatos da consciência; para tantos é definida como a ciência da conduta. Aqueles identificam-na pelos fenômenos da vida anterior, tendo em vista as sensações, as imagens, as emoções e as idéias; êstes, compreendem-na pelo comportamento (behavior) externo do homem, notando-lhe suas reações objetivas, sem indagar se essas manifestações são conscientes ou inconscientes. Cremos, entrementes, na unilateralidade de ambas as difinições em virtude da vida psicológica se manifestar tanto através de fenômenos internos, como de fenômenos externos. Melhor concepção nos parece ser a que define a Psicologia como ciência da vida psíquica, tendo por objeto a descrição, a explicação e a compreensão dos fenômenos psíquicos.

O próprio método, que era, antigamente, exclusivamente o introspectivo, passou a ser corrigido, isto é, a ser usado simplesmente como ponto de partida para um exame mais fundamentado e caracterizadamente científico.

Tudo gira, ainda e sempre, ao tomar-se uma posição de investigador dos fenômenos psicológicos, em tôrno da concepção da alma. O vocábulo, modernamente, para um não pequeno número de entendidos, passou a ser considerado como um conjunto de faculdades inatas e adquiridas pela espécie *homo sapiens*, tanto intelectivas como orgânicas. Tal a concepção de tendência materialista. Daí surgir da antiga noção de alma o conceito de consciência, expressando um grupo de fenômenos da vida humana.

De qualquer modo, sabe-se que a Psicologia assumiu, não há negar, uma atitude científica entre as demais ciências, de maneira incisiva, desde as escolas de Leipzig e Wurzburgo, com Wundt e Oswald Külp. Progressos sucessivos são realizados nêsse terreno, graças às contribuições de Binet, Pieron e Ribot, na França; Pierson e Spearman, na Inglaterra; Koffka e Koeler (Psc. da forma), na Alemanha; Pavlow e Bechterew (Reflexos condicionados), na Rússia; Freud, Yung e Adler, (sexualismo), na Austria; William James (fenômenos da consciência), Wastson (behaviorismo) e Mc Dougall, nos Estados Unidos da América.

Qualquer que seja a situação da Psicologia do ponto de vista científico, ela é, para os materialistas, um ramo das ciências naturais, enquanto que, para os espiritualistas, participa das ciências do espírito.

E quanto à divisão, pode ser Geral e Especial. Geral, quando estuda, em suas manifestações gerais, os fenômenos psíquicos; Especial, quando aprecia determinados aspectos dessas manifestações nos indivíduos. Eis porque se empresta, à Psicologia, uma vasta numeculatura.

Assim, por exemplo, quando essa ciência se dispõe a estudar as diferenças observadas nos fenômenos psíquicos em mais de uma pessoa, passa a denominar-se *Psicologia individual ou deferèncial*; se estuda as influências da sociedade sôbre os fenômenos de que é objeto, chama-se *Psicologia Coletiva* ou *Social*; ao estudar êsses mesmos fenômenos no indivíduo ou na espécie, passa a chamar-se *Psicologia Genética*; tratando da análise da estrutura ou organização dos fenômenos, apelida-se *Psicologia estrutural*; estudando êsses fenômenos como processos de adaptação do indivíduo ao meio físico ou social, denomina-se *Psicologia funcional*; cuidando dos fenômenos psíquicos e estudando-lhes as alterações e anormalidades, chama-se *Psicologia patológica*; será *Psicologia fenomenológica* quando estudar os fenômenos psíquicos, procurando descrevê-los; *Psicologia explicativa*, atendendo à explicação da causalidade dos fenômenos anímicos; *Psicologia compreensiva*, ao analisar a marcha progressiva dêsses fenômenos; *Psicronometria*, quando determina a duração dos fenômenos psíquicos; *Psicometria*, mostrando o grau de desenvolvimento dos fenômenos psíquicos; *Psicologia das correlações*, ao estudar a perfeição relacionada com os fenômenos psíquicos; *Psicologia causal*, quando estuda a dependência causal dos mesmos fenômenos; *Psicofisiologia*, tratando da influência que os fenômenos orgânicos exercem sôbre os fenômenos psíquicos; *Psicodinâmica*, ao observar a influência exercida pelos fenômenos psíquicos sôbre os fenômenos orgânicos. *Psicofisica*, quando estuda a influência que os agentes fisicos exercem sôbre os fenômenos psíquicos; *Interpsicologia*, ao estudar a influência que sôbre a vida psíquica de um indivíduo exercem os fenômenos dos seus semelhantes.

A Psicologia pode ser estudada como ciência *pura* ou *especializada*. A 1.ª estudando os fenômenos psíquicos com um fim apenasmente especulativo, sem visar uma aplicação prática; a 2.ª, quando é aplicada a determinados setores da atividade humana, notadamente a justiça, a medicina, o trabalho, a religião, etc. No problema da aprendizagem ela toma uma importância singular, tomando o nome de *Psicologia Educacional* ou *Pedagógica*. A Psicologia tomou, hodiernamente, uma importância decisiva ao estudar certos comportamentos relacionados com a infância e com a adolescência. Dela jamais se poderá prescindir nos setores sérios da vida humana.

AMADEU SANTOS.

Religião e Ciência

DAS TREVAS PARA A LUZ

— VI —

O grande tribuno brasileiro Gaspar da Silveira Martins, em um de seus famosos discursos, proferiu a frase seguinte que se tornou célebre: «as idéias não são metaes, que se fundem».

As idéias são, como as define Candido de Figueiredo, a representação feita no espírito de uma coisa que existe fóra ou longe dêle ou que é puramente intelectual.

Para nós, espiritualistas, as idéias boas projetam, em todos os sentidos, a luz da Verdade Evangélica, e as más nos envolvem nas trevas de todas as imperfeições. Assim são imperecíveis, pelo fato de representarem, no mundo em que vivemos, elementos de purificação espiritual. Não se fundem num todo; elas sempre existiram, existem e existirão, no realismo das coisas que representam. Daí o fundamento, certo e racional, que se depara na frase do notável tribuno.

E nós, crentes espíritas cristãos, encontramos nas palavras de nosso Divino Mestre, explicações claras e insofismáveis sôbre êsses dois estados em que podemos situar as idéias.

Vivendo, como vivemos, em um plano de vida de purificação espiritual, somos dominados constantemente, por idéias boas e más, de conformidade com as imperfeições que nos caracterizam nos estados evolutivos de nossos espíritos. Isso acontece, porque, dotados como somos de livre arbítrio e de dons mediúnicos, nem sempre conseguimos estabelecer a supremacia do espírito sôbre a matéria.

Nossa fé, em tais condições de relatividade, coloca nos entre trevas e luz, o que não nos permite encontrar com segurança, a róta luminosa de nosso aperfeiçoamento espiritual. E' êsse o estado crítico da fé vacilante que não nos faculta permanecer na estrada estreita de que nos fala o Evangelho, e que, quasi sempre nos precipita na estrada larga, eivada como sabemos, de perigosas consequências.

No contacto constante com o mundo dos espíritos, pelos nossos dons mediúnicos, arcamos com as influências boas e más que dêle recebemos. No entanto, é através de todas essas dificuldades que vamos percorrendo, invariavelmente nos caminhos da vida, o roteiro providencial traçado para as nossas provações.

Por isso mesmo, quando nos envolvemos em trevas, retardamos a marcha de nosso progresso e nos desviamos dos rumos indicados para o nosso aperfeiçoamento. E como a Justiça Divina se revela réta em seus desígnios, o nosso retorno ao cárcere dos sofrimentos reparadores se torna inevitável.

Caracterizando essa situação, no Sermão da Montanha, o nosso Divino Mestre nos adverte sôbre a necessidade de realizarmos a conciliação com os nossos adversários para o resgate integral de nossas faltas, quando ensina: «Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com êle, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz e o juiz te entregue ao ministro e te encarcerem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil». (Vers. 25 e 26, cap. 5 do Evangelho de Mateus).

Eis aí, nêsses trechos evangélicos, perfeitamente caracterizado o Tribunal Divino, perante o qual devem comparecer os espíritos culpados. E é nêsse Tribunal que êles serão julgados para receberem as sentenças correspondentes ás suas faltas.

Em que caminhos se encontram êsses adversários e em que lugar está êsse cárcere? Olhemos para o mundo e levantemos o véo que encobre os sofrimentos consequentes das maldades existentes em todos os meios humanos.

Poderemos então constatar que em numerosos lares crianças que estão ligadas por vínculos de sangue, revelarem mutuamente, profundas animosidades, sem que seus pais consigam descobrir as causas. E crescem e se tornam homens e mulheres essas crianças, cada vez mais aumentando os sentimentos de antipatia ou de ódio que as separam. O mesmo se observa entre pai e filho ou mãe e filho e vice-versa; entre marido e mulher; mesmo entre pessôas, de qualquer categoria social, que, quando se encontram, ocasionalmente, sentem uma pela outra, inexplicáveis antipatias. No noticiário dos jornais seguidamente são relatadas, aquí ou ali, tragédias apavorantes, em que um irmão assassina outro irmão, um pai que assassina ou é assassinado pelo filho... Todas essas tragédias são produzidas por animosidades que procedem desde o berço. As ciências médica e jurídicas, de nosso tempo, ainda não dispõem de recursos para esclarecer as causas dessas animosidades.

Entretanto, o nosso Divino Mestre, no trecho evangélico que já citamos, ensina que todos os espíritos culpados são colocados pela Providência Divina, em um mesmo caminho para o fim de realizarem as conciliações ou reconciliações que se tornarem necessárias.

Conforme o nosso ponto de vista, êsses caminhos podemos exemplificá-los sob a seguinte orientação: dois espíritos que se dividiram por ódios profundos em existências anteriores, ingressam como reencarnados em um mesmo lar para ficarem, quasi sempre sob a tutéla de um pai e de uma mãe (espíritos de certa elevação espiritual), para que, sob os exemplos virtuosos dêsse lar, consigam substituir os sentimentos de ódio pelos do amor e do perdão.

Com os demais adversários, que enumeramos, as provações variam, conforme a natureza das faltas que devem ser resgatadas. Em todas, porém, existem causas através das quais se manifestam os efeitos da misericórdia divina ao proporcionar aos espíritos culpados, os meios indispensáveis para o resgate de suas faltas.

Êsses adversários ou espíritos culpados, permanecerão nêsses mesmos caminhos, pela lei das reencarnações, até liquidarem as animosidades que lhes embaraçam o progresso espiritual. E é no cárcere dos sofrimentos sob o acicate da dor, que êles terão de resagatar todas as suas dívidas até o último ceitil.

Os teólogos e ministros das religiões dogmáticas consideram, que êsse cárcere ou inferno se encontra localizado em certa parte do Universo, onde os espíritos culpados por faltas graves, incluidos os chamados pecados mortais, cumprem as condenações que lhes forem impostas, sem nenhuma esperança de salvação.

Examinemos, pois, no Sermão Profético do Evangelho Cristão, o trecho no qual presumimos se tenham firmado êsses teólogos e ministros, para chegarem a semelhante conclusão.

No vers. 41, cap. 25 do Evangelho

de Mateus, Jesus afirma: — «Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: — apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos».

Jesus afirma que o fogo é eterno, mas não afirma que a condenação também o seja. O que se aplica, em idênticas condições, ao vers. 46 do mesmo cap. sob o qual se pode estabelecer perfeita analogia entre tormento eterno e fogo eterno. A interpretação, racional e lógica, que podemos dar a êssess trechos evangélicos, é a de que êsse fogo eterno deve ser representado como fogo de purificação espiritual, através das provações.

Não há, portanto, condenação eterna da alma ou espírito. A palavra diabo, como sabemos, significa gênio do mal e os seus anjos são os espíritos dominados por êsse gênio, não só encarnados, senão também desencarnados. A vingança, o ódio, o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a inveja e a maledicência em todas as suas modalidades, podem se considerar como efeitos dêsse gênio. E' porisso que Jesus adverte:—«E' preciso que o escândalo se dê, mas ai! daquêle por quem êle vier». Isto quer dizer que o escândalo representa o mal, como o classificamos.

A nossa rehabilitação espiritual é assim facultada, em todos os tempos, pela Justiça Divina, estando sómente condicionada ao resgate de nossas faltas. E para podermos realizar êsse resgate o Divino Mestre indica no Sermão da Montanha como devemos proceder, ao ensinar: «Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a tua oferta e vai, reconcilia-te primeiro com teu irmão, depois vem e apresenta a tua oferta». Ora, essa oferta não se pode considerar como coisa material. Ela se define, portanto, como a oferta de nosso arrependimento pela falta cometida contra um nosso irmão; e sendo nosso corpo templo de Deus, como ensina o apóstolo Paulo, é no íntimo dêsse templo e no altar de nossa consciência, que nos cumpre depositar essa oferta.

Em face do que acabamos de expôr, cumpre-nos acentuar que sem a ocorrência das vidas sucessivas, a Justiça Divina não pode apresentar o caráter de perfeição no cumprimento exato e verdadeiro de seus desígnios. Sómente a lei da reencarnação resolve o funcionamento dessa Justiça com os esclarecimentos sôbre as causas das desigualdades sociais, expostas em razões que podem ser aceitas pelos nossos entendimentos ante as demonstrações, eloquentes e insofismáveis, de fatos reais e positivos.

No Evangelho de Mateus, vers. 10, cap. 17, encontramos a confirmação dessa lei.

Vejamos, pois. «E os seus discípulos o interrogaram, dizendo:—Porque dizem então os escribas que é mister que Elias virá primeiro e restabelecerá todas as coisas». O Mestre responde no vers. 12 do mesmo artigo: «Mas, digo-vos que Elias já veio e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim padecerá também o filho do Homem». No vers. 13, ainda do mesmo artigo: «Então entenderam os seus discípulos que lhes falara de João Batista».

Ainda sôbre as condenações condicionais e limitadas, os trechos evangélicos, em seguida citados, fornecem mais algumas robustas provas.

Na cura de um paralítico, segundo Mateus, capítulo 9 e vers. 5: «E perguntou, Jesus:—Que é mais fácil dizer-se:— os teus pecados são perdoados ou levante-te e anda? E dizendo isso, dirigiu-se ao paralítico: — levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa».

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo continua no próximo número).

No seguimento dos preceitos de Jesus, deveis agir de tal modo que o vosso trabalho e o desenvolvimento das virtudes não sejam invalidados por um só ato capaz de escandalizar os vossos semelhantes. Lembrai-vos de que o mundo e a carne são fontes de tentações, mas, segundo Tiago, a vossa obra de perfeição só pode ser completa quando, pela provação da vossa fé, vencerdes as tentações, que são instrumentos da perfeição espiritual. — CAIRBAR.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

CAPÍTULO VI

Mais gente da Família...

1—Quando me entendi, compunha-se minha família de mais três pessoas, além de meus pais e irmãos.

A velha Dadá, a tia Dila, a Dina...

2—A velha Dadá—Atanazia Veridiana de Carvalho, nome que ela declinava com orgulho — fôra de vida livre na mocidade.

Envelhecendo, afeiçoara-se tanto à minha gente, que passou a servir-nos com extremada dedicação.

Era rija de têmpera.

Cachimbo e pinga eram seus dois vícios.

Bebia diariamente. A cada passo, largava o fogão, a tina de roupa e corria à venda. A hora do almoço, estava, sempre, *na mina,* a dizer tolices, a provocar todo mundo, com *disse-que-disse,* a implicar com tudo e com todos.

3—Não dormia sem rezar seu *terço*. Rezava-o sempre às *vésperas,* como dizia, que as orações feitas ao anoitecer, têm mais fôrça. E, rezando, sentada ao portal da cosinha, não perdia de vistas as galinhas e outros bichos da visinhança que procuravam entrar. Tangia-os, sem perder o fio da oração, *a chôs, galinha!* *fóra, gato dos diabos!* misturados a *padres nossos e aves-marias...*

4—O mano José, seu *Zebe* querido, mandava um bocado nela.

Nada que êle fazia apresentava gravidade para ela.

Se, entretanto, a mesma coisa fôsse feita por mim, ou pelo João...

* * *

5—*Tia Dila* era irmã de minha mãe.

Chamava-se Odilia. Foi ruiva, feia, sardenta.

Tinha uma linda voz de soprano.

Analfabeta e de um espírito de economia, que tocava à usura.

Habilidosa para trabalhos caseiros, bordava muito bem e fazia uma série enorme de adornos, com que ganhava a vida.

Era de tal modo «segura», que até doces e outras guloseimas guardava a chave, no baú, para os sobrinhos não mexerem.

Tinha seus *calundús,* de levar dias e semanas sem dizer palavra em casa a ninguém. Nem a irmã, que a aturava...

6—João, meu irmão mais velho, era o seu *quindins.*

Talvez por certas leis de afinidades, êle era exatamente igual a ela em matéria de «segurança» e avareza.

* * *

7 — A Dina era uma cabrocha que fôra enjeitada aos meus pais.

Não conhecera pai, nem mãe.

A melhor das três, a meu conceito.

E eu lhe era, dos três meninos, aquêle a quem ela queria mais.

Com os traços característicos da beleza cabocla, miuda e viva, cabelos sedosos e rosto redondo, era, entretanto, naturalmente triste.

Quasi nunca ria. E muito pouco falava.

Analfabeta, como as outras duas, só entendia de serviços grosseiros de casa.

8 —Gostavamo-nos tanto que, uma feita, chegaramo-nos a combinar: quem morresse primeiro, viria buscar o outro.

Ela morreu—coitada—nem sei como e onde, ali por 1910 precisamente.

* * *

9—Fôra enganada, na sua confiança e amizade, por um cabo do exército, o Firmino, que a raptara, prometendo-lhe casamento.

Fôra morar com o raptor em Rocinha, outro subúrbio na outra margem do braço do mar.

10 — Pouco tempo depois, êle a abandonou, com um filho, o Odilon.

Prostituiu-se, a pobrezinha, e o filho fôra criado «ao Deus dará...»

11 — Eu não a esqueci.

Visitei-a, à última vez, ela morava num *cortiço,* na Calçada do Bonfim.

12 — Estava muito doente. Parece que tuberculosa.

Apresentou-me às companheiras de infortúnio, com olhos em lágrimas.

Abafei lágrimas e soluços — ai, de mim — para mostrar-me forte.

13 — Não tive coragem de procurá-la mais...

14 — Seu filho, o Odilon, reconheci-o, um dia, na rua.

Levei-o para casa, desejoso de fazer dêle um homem.

Inutilmente.

Arribou de casa, levando o que pôde carregar...

E nunca mais soube dêle.

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

E' bem certo que a natureza não dá saltos; em cada uma das suas manifestações observa-se sempre, uma transição mais ou menos lenta, mais ou menos longa.

A metamorfose das coisas e dos seres é lenta, e a sua evolução é muito mais lenta ainda; por vezes, uma e outra operam juntas, simultâneas, irmanam-se, misturam-se, confundem-se, quando os seus rítmos vibratórios se igualam e sincronizam.

Todavia, a evolução e a metamorfose são duas operações distintas uma da outra; a metamorfose confina-se na transformação da matéria, na mutação das formas; enquanto que a evolução ultrapassa aqueles limites, transcende o tempo e o espaço e acompanha o espírito nas suas peregrinações planetárias e astrais.

Neste planeta, o progresso evolutivo das gentes tem sido moroso; mas no astral, a morosidade das transições parece ainda mais acentuada, talvez por se viver fóra do tempo, talvez pela inconsciência de muitos dos seus habitantes quanto à sua necessidade de evoluir, talvez ainda porque, ali, vivendo-se como se pensa, os pensamentos dominantes permanecem, permanecem tanto que, por vezes, chegam a perdurar de uma à outra existência terrena sem alteração sensível como o demonstram certas tendências inatas, autênticos reflexos de existências anteriores, ou antes: clara intuição de uma subconsciência perene revelando uma mentalidade já feita em determinado sentido e que pode persistir por tempos largos.

Sem dúvida: qualquer estado de alma de cada individuo, é a resultante genuina da sua imaginação.

Da observação experimental, eu tenho obtido provas inconfundiveis e concludentes de que, no astral, cada indivíduo conserva todas as características, desde as fisionômicas até às intelectuais e afetivas, da sua personalidade, na sua última existência terrena.

Com efeito: depois do falecimento do corpo físico, a alma continua integral com todas as suas boas e más qualidades, todas as suas virtudes e vícios, paixões, convicções e crenças, toda a sua mentalidade que a caracterizava e distinguia das demais; em suma: tudo que é da alma vai com ela: — «A alma levou tudo o que havia de beleza, como de ciência, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma» dizia Padre Antonio Vieira.

E assim, no astral, cada indivíduo permanece, sem medida de tempo, conforme a sua mentalidade, até quando as circunstâncias e a necessidade lhe despertem a vontade de evoluir; seja como for, a mudança que vier a operar-se é lenta, porquanto é sempre morosa a substituição das suas idéias preconcebidas, das suas crenças e convicções obstrusas e absurdas mais ou menos arraigadas; é sempre morosa a expurgação dos pensamentos que nos obscurecem e amesquinham; eis porque as cismas são as doenças mais dificeis de curar. Uma cisma é o mesmo pensamento, constante, permanente, é a mesma idéia fixa, vivida totalmente sem interrupção, por tempos esquecidos.

Certamente, da idiossincrasia de cada um resulta o seu estado de alma; a calma, a paciência, a prudência revelam claramente a serenidade da mente que origina aqueles sentimentos. Qualquer obcecação: a inveja, o ciume, o ódio, o rancor, a angústia, a ansiedade, a saudade, a nostalgia, a melancolia, a tristeza, a alegria são efeitos genuinos de pensamentos afins que albergamos de-

moradamente, que nos embrutecem e retardam a nossa evolução.

O indivíduo carece tanto de renovar as suas idéias por outras mais sãs, como o seu corpo físico carece de renovar as suas moléculas vitais; quanto mais retrógradas e obsoletas forem as idéias de cada um, mais lenta é a sua evolução.

Cada indivíduo evolue na mesma medida da sua formação consciencial; e a consciência individual forma-se com os conhecimentos adquiridos experimentalmente por cada um e pelos ensinamentos da experiência alheia. Parece-me que, sómente em idênticas condições de vida e idênticas circunstâncias, poderá distinguir-se o aperfeiçoamento de cada individuo; e para se conseguir, por experiência própria, o conhecimento exato das causas e dos efeitos da vida temporal nos seus diversos sectores sociais, não basta uma só existência; por certo não bastará uma existência para cada um dos mais diferentes daqueles sectores sociais, e se for necessário repetir a experiência nalgum deles, então mais longo será o curso nesta escola terrena onde cada um de nós forma a sua consciencia e realiza a sua evolução.

O curso evolutivo nesta escola planetária, pode ser dividido em três largos ciclos: o selvático, o bárbaro e o civilizado cujos sectores mais diferenciados são: o feminino, masculino, rico, pobre, agricola, marítimo, artifício, comercial, ciências, legislativo, eclesiástico; e em cada um desses sectores, desde o indivíduo mais ignorante ao mais sábio, do gerente ao dirigido, a escala de diferenciação é muito variada. Para se viver, experimentalmente em cada uma das classes que o curso evolutivo terreno comporta, temos de admitir, por imprescindivel, a pluralidade de existências; e se dermos a cada uma dessas existências a duração média de meio século com igual período na alternativa no astral, poderemos conceber - de muito longe embora — a extensão milenária da nossa evolução até se alcançar aquêle nivel de espiritualidade superior que nos liberta da lei da morte; e se tivermos em conta que o passado foi tanto mais longo quanto mais lenta é a evolução nos seus primórdios, poderemos conseguir uma noção, embora muito vaga, da eternidade.

Curioso contraste!... São efêmeras as existências planetárias de cada indivíduo, e é eterna a vida existencial da Humanidade; são perenes e têm o cunho do «eterno presente», as quatro fases distintas da vida existencial humana: a infância, a juventude, a adolescência e a velhice. Sucedem-se, entrecalam-se, misturam-se, combinam-se num movimento contínuo de perpetuidade na eternidade.

Eu creio: a evolução é muito lenta, mas sempre mais ou menos progressiva, quanto mais não seja, no reconhecimento, por cada um, dos seus erros cometidos e no compromisso formal de os resgatar.

A espiritualidade de cada indivíduo, progride tanto mais quanto mais diminui a sua obscuridade.

Porto, 20/5/55.

DA GÊNESE DOUTRINÁRIA

CARLOS IMBASSAHY

SEGUNDO Allan Kardec só poderão ser aceitos como princípios doutrinários aquêles que se fundarem na generalidade do ensino dos Espíritos. Êle nos apresentava esta lei na seguinte forma:

«Apesar da parte que incumbe à atividade humana na elaboração da doutrina, a sua iniciativa pertence aos Espíritos; ela, porém, não é formada pela opinião pessoal de nenhum dêles; não é nem pode ser senão o resultado do ensino coletivo e concordante. Só com esta condição pode chamar-se de doutrina dos Espíritos; de outra forma, não teria mais que o valor de uma opinião pessoal». Allan Kardec, —La Génese—1868 — *Introduction* — Pág. III.

Era esta a opinião do Codificador, opinião que se impõe por sua clareza e sua lógica.

Todos aquêles, porém, que possuem idéias pessoais ou pontos de vista particulares, ou que lêem por determinadas cartilhas, ou que têm os seus livros do peito, suas mensagens especiais, acham-se em desacôrdo com aquela doutrina, visto que ela lhes contraria o desejo de ver incorporada à doutrina a tese que lhes é particularmente afeiçoada.

E argumentam, então, apontando os erros humanos, as falhas que apresentam as manifestações coletivas, a inépcia das idéias que emanam das multidões...

Compreendemos, perfeitamente, a tendência dos nossos semelhantes em apresentar como verdade aquilo no que êles crêem; os mais aptos procuram justificar, como podem, a sua crença, e lançam mão dos argumentos com que julgam apadrinhá-la.

Aquela tendência é perfeitamente humana, o que não quer dizer que esteja perfeitamente certa.

Primo loco, é preciso distinguir entre o fato e a idéia.

Admite-se em Espiritismo o fato quando êle tem em seu abono o testemunho geral; quando milhares de indivíduos declaram ter visto, observado tais ou quais fenômenos, ou adquirem a certeza dêles pelas experiências a que se entregaram, e assim, parece-me que já não é crivel a dúvida. E isto que se dá na Terra deve acontecer no Espaço.

Se cinco, dez, cem ou mil pessoas, em pontos diferentes, nas mais diversas regiões, em várias épocas, nos declaram ter visto a mesma coisa, seria visível a negação. O cepticismo, no caso, só poderia ser fruto de fanatismo.

Destarte, não compreenderiamos porque, transportado o caso para o testemunho do Espaço, haveriam de perdurar as dúvidas; porque teriamos como suspeito êsse testemunho, ou porque seria êle o resultado de formidável mistificação.

Ilustremos a passagem.

Quando, em todas as manifestações do Além, vemos um suicida tomado de insopitável angústia; quando os manifestantes são concordes em suas declarações; quando, como sói acontecer, os identificamos, por forma a saber que êles são e não poder duvidar do que nos dizem; quando lhes vemos pintadas nas lágrimas e nas agonias, a prova do que nos afirmam; quando isto acontece com todos os Espiritos em tais condições, qualquer que seja o meio em que apareçam, salvo raras exceções, aliás explicáveis, será levar o sectarismo a inconcebível extremidade declarar que tais expressões merecem desconfiança porque pode haver no Além uma respeitável malta de burladores; êstes existiriam, pelo visto, desde o princípio do Mundo, espalhados por todos os seus rincões, com a incumbência de iludir a humanidade, e com uma habilidade tal, que nem Allan Kardec lhes escapou, nem ninguem escaparia, pois os processos usados para enganar seriam os mesmos que conhecemos para convencer; os de que se utilizariam para o estabelecimento da mentira seriam os mesmissimos que a razão adota para o estabelecimento da verdade.

Analisemos outros fatos com o cunho da universalidade, as vestes, por exemplo. Onde quer que se veja um Espírito, seja um missionário, seja um santo, seja uma alma penada, êle se encontra vestido. Essa vidência generalizada comprova o ensino de que os corpos astrais se revestem de um indumento. Daí o princípio.

Mais exemplos:

Sabe-se que a luminosidade do Espírito depende do seu adiantamento. Desde a mais remota idade se nota êsse fenômeno; a luz do espírito superior é ofuscante, a do inferior é triste de ver. O fato ficou tão patente, que o ser adiantado se chama espírito de luz, enquanto o atrasado é tido pelo espírito das trevas.

Êsses espíritos trevosos fazem o mal; manifestam-se ruidosamente; perturbam, obsidiam; têm aspecto deplorável, por vezes horripilante; onde se acham produzem mal-estar. Inteiramente diverso é o que se nota com os bons Espíritos. São belos, calmos, dão os melhores conselhos, encaminham, beneficiam, produzem um ambiente que será tanto mais tranquilo e agradável quanto maior fôr a sua evolução.

Essa observação generalizada, quer pela visão, quer pela audição, quer pela sensiblidade; a voz da História que menciona os fatos da mesma forma; toda a lição dada pelos Espíritos a Allan Kardec, inteiramente acolchetada ao testemunho universal, leva-nos, não à crença, mas à convicção da classe dos Espíritos; a de que há Espíritos superiores e inferiores; a de que aquêles fazem o bem e êstes o mal; a de que uns são felizes e outros sofrem.

Haurimos êsse conhecimento, do ensino coletivo, tal como prescrevia o Codificador.

A acreditarmos que êle seja falso, segundo a tese que principia a ser sustentada, teriamos que indagar como poderiam os velhacos do Além usar de tais artimanhas, e por tanto, a ponto de tomarem formas luminosas, transformarem um ambiente num campo de paz e quietação, distribuirem as mais belas lições de moral, do mesmo passo que nos elucidariam sôbre certas passagens evangélicas, apresentando-as com uma lógica irresistivel aos maiores apaixonados.

E essa turma de burlões, qualquer que seja o fato que nos mostre, com o aspecto de ensino generalizado, estaria incumbida, não só de destruir as nossas concepções em matéria de prova, senão tudo em que se funda o Espiritismo. Solapada a sua base, pelas dúvidas oferecidas pelos nossos próprios correligionários, manter-se-iam vitoriosos os nossos adversários nos diversos setores religiosos; e estariamos, não só sob o guante do Pai da Mentira, como, a igual dos diversos credos, inteiramente ao sabor das determinações pessoais ou de um provável «Espírito Santo»; a nossa doutrina já não teria o esteio do fato, já não seria feita *sulla base dei fatti*, como dizia Bozzano, mas sob a base movediça da fé, e teriamos tantos princípios quantos fôssem os guias e os instrutores das inúmeras agremiações que por aí existem.

* * *

Vejamos, agora, o argumento onde se diz que não há confiar nas idéias do povo, e por isso nas do Espaço, visto que a massa é irresponsável e ignorante, e tem se visto sairem do seio das multidões os maiores disparates.

Verdade é essa indiscutível, não há que ver, mas que nada tem com a nossa tese.

O que se tem como tese é o testemunho, de um lado; testemunho que será tanto mais válido, quanto maior fôr o seu número; e do outro lado, as idéias, os princípios, quando emanados de vários *Espíritos Superiores*, a exemplo do ensino nas obras da Codificação, princípios êsses quasi sempre reforçados por outros elementos de prova.

Em regra, baseamo-nos, não nas idéias, mas nos fatos. Êstes é que dão origem àquelas. Do fato extrái-se a idéia, e, consequentemente, a doutrina.

Se os Espíritos nos contam que se transportam rapidamente, a menos que, por prova, se sintam prisioneiros, e se demonstram a asserção, dizendo-nos imediatamente o que viram a distância, temos um fato; se ainda o verificamos entre os vivos, pelo fenômeno do desprendimento, do desdobramento ou da bilocação; se já os Espíritos prepostos deram o ensino a Kardec, não teremos dúvida em inscrevê-lo entre os princípios doutrinários verificáveis; entre os pontos fóra de dúvida.

Há idéias, portanto, que dimanam dos fatos.

Quanto às que parecem refletir a instabilidade do pensamento das multidões, estas morrem e não persistem através dos tempos, nem há para fortificá las o tônico das demonstrações convergentes.

Outras há, porém, em que as divergências ou as dúvidas provém de pouco estudo ou de nenhum conhecimento do caso.

Vamos demonstrá-lo e tomemos para exemplo a reencarnação.

Os Espíritos e espiritistas latinos são unânimes na aceitação da Palingenesia. Mas o mesmo não acontece com os anglo-saxões.

Entretanto, Bozzano e outros se deram ao meticuloso trabalho de examinar as grandes mensagens provindas dos melhores médiuns de língua inglêsa. Tem-se, necessáriamente, como grandes mensagens, as de profundas lições morais, filosóficas ou científicas; as de irrefutável notoriedade pelos ensinos que ministram, pelo que revelam, pelos segredos que descobrem, pelos mistérios que desvendam, pelas verdades que estabelecem, devidamente comprovadas.

Nelas é que se firmou Bozzano e outros que lhe seguiram as pegadas.

E os pesquisadores perceberam que, ao contrário do que supõe o vulgo, as manifestações dos Espíritos notáveis são velada ou francamente a favor das vidas sucessivas.

No caso, seria o mesmo que prescrutarmos, aqui, a opinião dos inscientes sôbre determinado assunto e depois examinarmos o que dizem os entendidos a respeito do mesmo.

Necessariamente, é o juizo destes e não o daqueles que deve ser tomado em linha de conta. E' esse o nosso critério em matéria espírita.

Temos, ainda, a favor da tese, além da quantidade e da qualidade, vários outros elementos necessários a construirem a prova crucial. E, assim, veem-se enfileirar em robustecimento da matéria, variadíssimos fenômenos. Quanto à reencarnação teríamos o das crianças-prodígios; o da recordação do passado; o do já visto, já ouvido, já sentido; o dos sonhos retrospectivos; o das transformações fisionômicas, mostrando o tipo anterior; o dos Espíritos que comunicam a sua volta e dão sinais comprobantes, ou que mais tarde se verificam; o das comunicações e avisos vários; o das crianças que referem, com estupefacientes pormenores, a vida pretérita, e assim por diante. Reuna-se tudo à generalidade do ensino, e temos, então, por certo, que a reencarnação é um principio demonstrado, e, portanto, parte do nosso corpo doutrinário.

O que não seria curial é deixar de lado toda essa demonstração, só por acreditar-se possível aos mistificadores perpretarem essa fraude de proporções abissais, e ter-se como verdadeira uma hipótese singular, sem qualquer esteio probante, e cujo único mérito é incidir no ângulo de determinada crença, é calhar com a maneira particular por que tal ou qual crente encara certo assunto ou mesmo algum assunto incerto.

Teríamos, então, êsse caso extraordinário, senão espantoso, tomar-se, como prenhe de dúvidas, um ensino proveniente de diversissimas fontes, firmado, por vezes, em bases graníticas, e já com a pátina indelével dos tempos, ao passo que se teria como indiscutível verdade as opiniões sem o fundamento da prova e, bastas vezes, sem vestígio de lógica, com a virtude, apenas, de corresponder ao estado emotivo dos que as emitem.

E aí têm porque sempre achei de grande valor o raciocínio; é que o raciocínio nos conduz a porto seguro. Dizem-nos que êle varia conforme o raciocinador. Há, de fato, os bons e maus raciocínios, se se pode chamar de raciocínio uma ruim elaboração mental. Entretanto, se há raciocínios que falham, aí estão os indivíduos de alguma cabeça, para notarem as falhas dêsses raciocínios e verificarem onde está a sã doutrina. Pode alguém raciocionar errado, porém não é difícil apanhar o êrro. A razão acabará impondo-se.

Quando o indivìduo julga de acôrdo com suas inclinações faciosas, só será acompanhado por aquêles que lhe seguirem as pegadas, pelos que se acharem no mesmo plano de idéias, quaisquer que sejam elas e por menos sustentáveis que pareçam. Quando, porém, o raciocínio se acha devidamente estabelecido e não é possìvel derrocá-lo, fôrça é aceitá-lo, e os raciocìnios contrários se desfazem ao simples embate, como se desfazem as vagas de encontro as rochas batidas por elas.

São, portanto, sem valor, os raciocínios onde não entra a razão. E, felizmente que assim é, pois que assim não fôsse, o que reinaria, eternamente, era o cáos no domìnio das idéias, e um dos mais belos predicados a nós outorgado pelo Criador, que é a razão, e pela qual o espìrito se encaminha para o descobrimento da Verdade, seria, igualmente, a mais bela inutilidade saída das forjas da Criação.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 120,00	Do 11.° ano	Cr.$ 100,00	Do 24.° ano	Cr.$100,00
Do 4.° ano	120,00	Do 18.° ano	100,00	Do 25.° ano	100,00
Do 5.° ano	120,00	Do 19.° ano	100,00	Do 26.° ano	100,00
Do 6.° ano	120,00	Do 20.° ano	100,00	Do 27.° ano	100,00
Do 7.° ano	120,00	Do 21.° ano	100,00	Do 28.° ano	100,00
Do 8.° ano	120,00	Do 22.° ano	100,00		
Do 10.° ano	120,00	Do 23.° ano	100,00		

Balanço de uma Vida

De confrade ilustre, que nos conhece à distância e sabe perfeitamente de nossa atual situação, recebemos uma carta em que há trechos assim: «Não sabemos como você pode se desdobrar em tantas atividades sob o peso de dura enfermidade. O dedo do Alto o ajuda, efetivamente».

Isso inspirou-nos êste BALANÇO DE UMA VIDA, salientando o pouco que fizemos e o muito que recebemos.

Doença não invalida ninguém para o trabalho. Nem defeitos decorrentes de enfermidades. Nem decepções, nem desilusões, nem os maus exemplos. Pode, é certo, afastar-nos de tarefas mais duras, menos pesadas. Sempre se poderá fazer tarefas menos duras, trabalhos mais leves...

O ano de 1954 foi, para nós, uma quadra assim. Só nos foi dado realizar trabalhos leves, tarefas somenos. Tarefas e trabalhos que, ao nosso juizo, valeram menos de dez. Mas, para o dez que fizemos, recebemos, por misericórdia e de acréscimo, Cem. Ou mais de Cem.

Computamos nêste balanço, males e sofrimentos na ficha — *tarefas* e *trabalhos*, sem levar em conta, maus exemplos de fóra, desilusões e decepções recebidas...

* * *

Acamado com médico à cabeceira?

Poucos dias. Exatamente, nas noites em que médicos amigos procuravam, inutilmente, extrair a enorme pedra que teriamos de expelir, milagrosamente, sem o concurso dêles...

E passamos por momentos de desagrados e surprêsa dolorosa, que o coração combalido e o figado protestante andaram a proporcionar-nos.

* * *

Se é certo que alijamos a direção de nosso Ginásio; que já não somos o presidente do *Fé, Esperança e Caridade;* que fizemos muito pouco a benefício do *Lar de Jesus*, é certo, também, que sempre fizemos alguma coisa; que procuramos nos desempenhar de tarefas leves, de trabalhos somenos; é certo também que não deixamos os interêsses do *Lar de Jesus* sofrer solução de continuidade por nossa causa; que supervisionamos o movimento de nosso Ginásio; que não deixamos de presidir nossas reuniões de estudos, no *Fé, Esperança e Caridade*...

Se é certo que não excursionamos, que não proferimos conferências como antigamente, que não comparecemos a ágapes espirituais para que tivemos convites, certo é, também, que *diabinhos coxos* não criaram, para nós, os casos que desejavam; que a *Terrível Falange* não conseguiu alienar, de todo, as amizades mais firmes, as admirações mais sérias que ainda desfrutamos.

* * *

Vamos, pois, aos trabalhos mais dignos de nota, mais merecedores de figuração nêste *Balanço de Uma Vida:*

I) Elaboramos um opúsculo de 24 páginas, ilustrado, de propaganda do Colégio Leopoldo, comemorativo de suas bodas de prata com o ensino na cidade e na zona, para distribuição gratuíta e propaganda do Estabelecimento.

II) Recebemos 1.115 cartas e escrevemos 1 150, dentro de nosso velho hábito de «não deixar carta sem resposta».

III) Produzimos 110 colaborações para a imprensa, atendendo, assim, fóra de nosso velho compromisso com dois periódicos, a pedidos que ainda nos chegam.

IV) Urdimos 41 INSTANTÂNEO para o programa, SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS, da *Rádio Guanabara;* crônicas ligeiras sôbre impressões do momento, quasi que sòmente de nosso interêsse particular.

V) Elaboramos oito apreciações críticas de livros que recebemos, todas publicadas na seção, *Livros e Autores, da Revista Internacional do Espiritismo.* E 48 livros ainda aguardam, em nossa mesa de cabeceira, a oportunidade de serem lidos e apreciados.

VI) Chamamos à justiça um chantagista, que andava explorando, em nome do LAR DE JESUS, e em nosso próprio nome, a crédulos e generosos, sob a alegação de que nossas internadas eram leprosas e viviam da caridade pública. Para fazê-lo tivemos que ir, à noite, à residência do delegado, no Rio, de auto, de vez que a polícia de cá...

VII) Mantivemos, regularmente, nossa colaboração permanente em O CLARIM e na REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, órgãos de publicidade com que temos o compromisso moral de colaborar sempre.

VIII) Organização de mais três livros: O LAR DE JESUS, UM SÍMBOLO; ESPIRITISMO PARA MOÇOS e UMA GRANDE OBRA. Livros que estão praticamente escritos, à espera, apenas, de lugar e tempo para a sua coordenação definitiva.

IX) Reformas indispensáveis, em nosso Colégio e no LAR DE JESUS, todas realizadas sob nossa iniciativa e nosso contrôle diretos.

X) Mantivemos, mercê de Deus a nossa fidelidade à Doutrina, embora houvesse mister que, aqui e alhures, nos mostrassemos *infiél* a certos *medalhões do Espiritismo*, que os há infelizmente! — contrariando-os nos seus estreitos pontos-de-vista...

* * *

Ora, para êsses dez serviçozinhos atôa, que qualquer faria melhormente, mas, poucos com o mesmo amor e a mesma dedicação, recebemos Cem graças extraordinárias. Ou mais de *Cem Benções do Céu*, se se considerar que, cada graça recebida deve valer bem todas as dez prebendas aquí computadas.

Sinão vejamos, para julgamento de quem nos ouve e nos ler.

a) Materialização do Espírito da querida companheira, no C. E. André Luiz.

Ela, a Marília, veio até nós, deslisando suavemente, enquanto o *médium*, o Peixotinho, permanecia dormindo em cômodo separado. E chega-se a nós, beija-nos a fronte, emotivamente; unta-nos os cabelos com um óleo perfumado e suave, e diz, apenas: «Coragem, muita coragem!»

b) O Espírito da Scheilla, também, materializado, vem até nós, ausculta-nos, derrama óleo de outra espécie e outro perfume. Gracejando conôsco, diz-nos, mais ou menos: «Você deve estar muito prosa; viu sua querida. Ela saiu muito emotiva e já foi ao seu serviço. Ela anda, agora, muito abafada de serviços...»

c) Comunicação, no *Fé, Esperança e Caridade*, do Jacó Slater, o sacerdote holandês com quem, em 1936 polemizamos publicamente, desafiado por êle. Manifestação de tal maneira indiscutível, que fôra impossível duvidá-lo. Tudo como pusemos no INSTANTÂNEO. — *Será um mal a polêmica?* O Espírito veio mudado, agradecido do bem que, sem propósito nosso, lhe fizemos, esclarecendo-o em muitas coisas do Evangelho.

d) Expelimos, na *Casa de Luciá*, enorme pedra, sem operação médica, quando nos preparavamos para ser operado, obra de espíritos amigos, inclusive o de Cairbar Schutel, que até se manifestou. Fato que pusemos na crônica, MILAGRE? NÃO; TERAPÊUTICA ESPÍRITA.

e) Saída do nosso CARAVANA DA FRATERNIDADE, cujo livro, a despeito da campanha do silencio que se faz contra êle, já cobriu a despeza de sua publicação, já produziu lucros para o LAR DE JESUS, já mereceu 51 estudos especiais de confrades e críticos — doutrinários, e 62 opiniões epistolares, valiosas, e muitas notas de imprensa da parte dos poucos jornais espíritas que dêle se ocuparam.

f) Manifestação do Espírito de minha mãe, pela diretora da *Casa de Luciá*, trazendo com ela mais quatro espíritos bons e amigos, que foram outras mães que tivemos em outras vidas, na Inglaterra, na França, na Rússia e na Índia. Todas elas, muito gratas a nós, pelo bem que lhes proporcionamos, sendo mau filho, rebelde e desgovernado. Suportarnos assim, resignadamente, como elas nos suportaram, foi-lhes graças e glória para seu progresso espiritual.

g) Oferta, por nosso intermédio, ao *Lar de Jesus*, da edição — *Um Espírito Através do Cosmos* — descrição mediúnica da vida em outros mundos feita pelo espírito de Antônio Castro Lopes, com prefácio nosso.

h) O aparecimento, nos dias de Natal, de nosso NATAL DOS CRISTÃOS NOVOS, em outras vestes, embora mais modesta, mas que chegaram a agradar mais alguns confrades.

i) Nossa investidura na presidência do LAR DE JESUS, coisa que nunca aspiramos a que só aceitamos por sugestão do Alto, cuja posse foi a 1.° de Janeiro, na festa do 13.° aniversário da Instituição.

j) E, rematando tantas graças — e cada uma, repetimos, valendo dez ou vinte tarefas, — o início de nossas memórias — MEMÓRIAS DE UM ESPÍRITA BAIANO, — cujos primeiros capítulos, elaborados ao correr da máquina, já foram publicados na *Revista Internacional do Espiritismo*, em cujo órgão continuará saindo.

Como se vê, muitas graças recebidas para tantas coisas pequeninas e somenos que realizamos. Na *Seára do Mestre* é assim: recebe-se dez para cada um que se faça; ganha se Cem para cada dez que se realiza. Mormente se se tratar de coisa feita e realizada por quem já devia estar, em nome das leis dos homens, aposentado.

E como nos sentimos feliz por tudo isso e com tudo isso!

Leopoldo Machado.

(Irradiado pela Rádio Guanabara, programa «*Seleções Espiritualistas*», Rio).

Crônica Estrangeira

Um sonho evita uma catástrofe

«Voz Informativa» — México.

Um oficial da marinha teve um sonho que se confirmou, quando o avião em que viajava o Marechal do Ar, *sir* Vitor Goddard, caíu perto do mar. Felizmente o Marechal recebera o aviso profético e tomou precauções que evitaram a perda de vidas.

Segundo a narração do conhecido espirita Thurston Hopkins em livro recentemente editado em Dublin, Goddard regressava a casa, vindo de Xangai, e dirigia-se a Nova-Zelândia, via Tóquio. O Almirante Montbaten facilitara-lhe o seu próprio avião de marca *Dacota*.

Na noite anterior à sua partida de Xangai estava a beber numa reunião de amigos com o general McConnel, da Força Aérea dos Estados Unidos e outros amigos, quando percebeu uma voz que perguntava em honra de quem era a reunião.

—Em honra do Marechal Goddard.

—Porque faz a pergunta? —respondeu alguém.

— Porque não virá aquí, pois morreu num desastre aéreo ocorrido ontem à noite — disse o mesmo indivíduo que formulara a primeira pergunta.

O Marechal do Ar voltou a cabeça e ficou cara-a-cara com um comandante naval. Êste perturbou-se ao ver Goddard e disse:

— Sinto muito, ou antes, alegro-me de o ver aquí e poder apresentar-lhe as minhas desculpas. Na verdade, isto foi o resultado de um sonho que tive. Causou-me tamanha impressão, que cheguei a crer na sua realidade.

Em seguida descreveu a queda de um avião numa estreita faixa da costa, limitada pela areia da praia. A luz era ténue, semelhante à que acompanha as tempestades de neve. Era noite cerrada e fazia muito frio, num lugar da costa da China ou do Japão. A nave era um *Dacota* e a bordo encontravam-se três civis, dois homens e uma rapariga muito nova, além da tripulação da Real Força Aérea Inglêsa.

—O seu sonho é confuso nêste ponto — respondeu Goddard. —Levo tripulação e não civis.

Mais tarde, nessa mesma noite, Seymour Berry (atualmente Lord Camrose), que estava na reunião, pediu que o levassem no avião. Antes de terminar a reunião tinham-se autorizado outras pessoas a seguir no avião, como passageiros. Eram George Alwyne Ogden, o Cônsul Geral Britânico em Xangai e uma taquígrafa, linda e alta, que fôra transferida para Tókio. Assim se constituiu um grupo de três civis, primeira parte do sonho citado.

Durante a viagem o *Dacota* viu-se em grandes dificuldades. Em certo momento começaram a cair das asas estilhas brilhantes de gelo e o piloto Campbell, não podendo ultrapassar a altura das nuvens, foi obrigado a descer e começou a perder altura a cerca de 200 milhas de Tókio, próximo lugar de destino.

Cá em baixo estava a costa estreita junto à praia, que o comandante vira em sonho. Goddard preparou a tripulação e os passageiros para o acidente que se ia dar.

Mesmo convencido de que ia morrer, envolveu todos com mantas e colchões e ordenou-lhes que se colocassem nos lugares de menor perigo. Mandou depois abrir a porta do avião, para que não ficasse fechada quando caisse. A porta desprendeu-se ao abrir-se e a neve penetrou no avião.

Com um ruído impressionante, o avião tocou na areia da praia, mas ninguém sofreu coisa alguma. A profecia cumprira-se integralmente. O único erro do comandante foi ter afirmado que as pessoas que viajavam no avião haviam morrido.

⁂

A volta da Sra. Brown

O Espiritismo, com suas provas irrecusáveis, com seus fatos incontestáveis, ante os quais se curvam os mais céticos sábios, abriu imensa clareira no caminho tenebroso da humanidade.

Mr. Charles J. Harper colecionou diversos fatos de fenômenos espíritas dos quais reproduzimos a seguinte manifestação :

«Certo dia o Pastor Kensing me contou uma emocionante história que lhe aconteceu anos atrás.

Num domingo em que êle saía de sua igreja, aproximou-se dêle uma senhora elegantemente vestida e pediu-lhe fôsse a casa de um agonizante.

—«O último desejo de Mr. Brown é ver V. Rev. — declarou a desconhecida. —Êle está gravemente enfêrmo, ide logo, pois do contrário não o encontrareis vivo».

O Rev. acompanhou a senhora que o conduziu para um automóvel parado frente à igreja. Ambos entraram no carro e após alguns minutos, êste parou junto a uma velha casa. De novo a senhora recomendou-lhe o enfêrmo. O pastor Kensing desceu do auto e bateu à porta. O porteiro apareceu.

— O que desejais? perguntou êle.

— Mr. Brown mora aquí?

— No segundo andar.

— Eu venho vê-lo, disse o Rev., pois êle está muito doente e deseja ver-me.

O porteiro admirado, assegurou que Mr. Brown gozava de plena saúde e que ainda 15 minutos antes com êle conversara. O pastor, muito surpreendido, não compreendia porque a dama desconhecida o conduzira até ali. Êle pediu ao porteiro acompanhá-lo ao automóvel, mas grande foi seu espanto, pois o carro, o motorista e a dama haviam desaparecido, sem deixar vestígio. Antes, porém, de haver cessado sua surprêsa, o porteiro correu para êle e disse :

«Podeis estar certo de que eu vos disse a verdade. Eis aquí Mr. Brown apontando um homem bastante forte».

O pastor dirigiu se a êste último... «Ouvi dizer que estáveis doente, mas vejo que isso não passou de gracejo de mau gosto».

Mr. Brown convidou o pastor a subir ao seu aposento, no segundo andar. E ficou combinado que o suposto doente apareceria dia seguinte na igreja. Sôbre a a dama misteriosa, Mr. Brown nada soube dizer.

Dia seguinte, em vão o pastor esperou a visita de Mr. Brown.

Não o vendo chegar, o Rev. telefonou ao porteiro, e ficou sabendo que dez minutos antes Mr. Brown morrera de um ataque de apoplexia. O pastor imediatamente foi a casa do falecido. No quarto de dormir, viu ao lado do leito um quadro com o retrato de uma senhora, exatamente a mesma que o chamara para ver o referido homem.

— Quem é esta senhora? perguntou ao porteiro.

— E' a Sra. Brown, ela faleceu há dez anos».

Êsse fato prova que os que vivem do Outro Lado se interessam vivamente pelos entes queridos que ficaram na terra e se esforçam para auxiliá-los do melhor modo possível.

⁂

O Picanço reconhecido

De «Estudos Psíquicos».

O *«Diário de Notícias»* publicou há tempos uma correspondência muito curiosa de Carregueiro, Baixo Alentejo, que não resistimos à tentação de transcrever, tão significativo é o seu conteúdo.

«O quinteiro da Chamiça Nova, sr. Manuel Pedro, — diz o articulista — ouviu que, das bandas do tanque da quinta vinha o piar angustioso de um passarito a pedir socorro. Aproximou-se e viu um picanço a remover-se na água e a bater as asas, próximo da morte. O sr. Manuel Pedro deitou-lhe as mãos e salvou-o. A avezita, atordoada, espanejou-se alguns momentos ao sol quente, pipilou uns trilos de alegria e... foi à sua vida. O sr. Manuel Pedro esqueceu o caso. Mas o pássaro é que não. Passado algum tempo, estando o quinteiro a cavar o meloal, sentiu qualquer coisa poisar lhe no ombro. Era o picanço a saltitar-lhe em volta, pousando-lhe óra num braço, óra noutro e na cabeça e procurando-lhe as mãos, como se quisesse beijá-las. E não mais deixou o seu salvador. Todos os dias ali anda perto. De vez em quando engole, nas mãos do benfeitor, um gafanhotozinho ou debica uns bagos de cereal. Entra em casa como se pertencesse à família, percorre os aposentos, saúda quem encontra no caminho, vôa e depois volta. Mais curioso é que os companheiros e familiares do picanço não vêem com bons olhos estas manifestações de amizade e gratidão que, para êles, constitui um perigo, e procuram afastál-o à bicada. Levam-no para longe à força. De nada serve, porém, a intransigência dos da sua espécie, porque o passarito, mal se liberta da perseguição, corre para a casa do quinteiro que o salvou da morte».

Que representa isto, senão a existência do princípio pensante nos animais? A atitude do picanço demonstra cérebro que pensa e coração que sente. Assim alguns bipedes implumes tivessem os dois órgãos afinados e haveria mais felicidade no mundo!

⁂

Uma sessão sugestiva

«Light».

Um experimentador pede a um amigo escolher um livro cujo título lhe será ocultado, escrito que deverá permanecer dentro de um envelope lacrado. Assim disposta a cousa êle invoca o espírito de seu pai e, pela trípode, pede, 1.º o título do livro, o nome do autor, e a designação de uma sentença em determinada página, à escolha do espírito. Resposta: «Título: O Sobrenatural; autor: L. A. Weatherley. Página 5, linha 12: *o melhor remédio contra a superstição é evitar o seu nascimento*». Tudo exato. A trípode acrescentou: «A leitura dêsse livro vos proporcionará grande divertimento». Efetivamente, mencionado livro ridiculariza a doutrina espírita. O espírito mostrava-se jubiloso por constatar que era, precisamente, essa obra de *negação* que servia para confirmar a sobrevivência dos mortos. Ajuntemos que em toda sua vida, o defunto, pastor protestante, de modo algum acreditava no mundo dos espíritos e desprezava os *que faziam girar as mesas*.

⁂

Um Sermão sobre psiquismo

De «Estudos Psíquicos».

Ainda acerca da Liga das Igrejas Cristãs Inglêsas, informamos que pela primeira vez na história da Catedral de S. Paulo um padre teve a coragem de pregar um sermão sobre o valor dos estudos psíquicos na fé cristã.

O caso deu-se no dia 23 de Janeiro. O pregadorer a o Rev.º John Pearce-Higgins, vigário de Putney e presidente da Comissão de Investigações Psíquicas da Liga das Igrejas.

Nêste sermão o padre Pearce-Higgins referiu-se à influência da Liga no país e prestou homenagem à iniciativa de Reginald Lester.

É interessante notar a liberdade que os padres inglêses desfrutam na orientação de suas dioceses, a ponto de poderem falar de psiquismo nas igrejas. A nosso ver, o sermão do reverendo Pearce-Higgins foi um passo em frente em novo campo, que muito contribuirá para o fortalecimento do reino espiritual que certamente congregará o maior número de adeptos espalhados pelas várias correntes espiritualistas britânicas.

Isto demonstra a vitalidade cada vez maior da nossa doutrina.

⁂

Epitáfio de um túmulo

Nas «Memórias de Vivos e Mortos», de Fra Diávolo, encontra-se êste parágrafo edificante:

«Não ouses evocar-me, porque eu não te ouvirei. Êste túmulo está vazio. E se cheio estivesse, também não te ouviria. Nós não aparecemos àqueles que não se parecem conosco. Não evoques também as almas dos mortos vulgares, porque elas, temendo-se a si mesmas, temem aqueles que com elas se parecem. Lê, medita e segue o teu caminho».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Endereço

Como recebemos correspondência dirigida ao nosso distinto colaborador Henrique Rodrigues por nosso intermédio, comunicamos aos interessados que o endereço dêste nosso confrade é o seguinte: Residência — Rua Quimberlita, 490. Escritório — Rua Tupinambás, 330 — 4.° andar, sala, 9 — Belo Horizonte — Est. de Minas.

Isidoro Duarte Santos

Acompanhado do nosso representante na Capital, Vicente S. Neto, deu-nos o prazer de sua visita no dia 29 de Julho último, o prezado confrade Isidoro Duarte Santos, diretor da Revista «Estudos Psíquicos», de Lisbôa, Portugal e um dos mais apreciados escritores e jornalistas espíritas, que se acha em visita aos confrades brasileiros, tendo já visitado cidades de diversos Estados.

A visita do distinto confrade, que conosco manteve momentos de agradável, fraternal e reconfortante palestra, nos alegrou sobremaneira, pois de há muito vinhamos mantendo o desejo de conhecer pessoalmente êste abnegado trabalhador da seára espirita que goza de grande estima e admiração entre os confrades brasileiros.

Isidoro Duarte Santos, acompanhado de Vicente S. Neto, seguiu no dia seguinte para São José do Rio Preto, de onde prosseguiu viagem em visita a outras cidades.

Agradecemos a fraternal visita de Isidoro Duarte Santos, almejando-lhe saúde e felicidade e solicitando-lhe transmitir o nosso abraço amigo e fraternal aos confrades de Portugal, que conosco se acham irmanados na tarefa de difundir o Cristianismo à luz do Espiritismo.

Dr. Wilson Ferreira de Mello

O nosso prezado amigo e confrade Dr. Wilson Ferreira de Mello nos comunicou que transferiu a sua residência de Barretos para Campinas, onde reside à Rua Senador Saraiva n.° 768. Comunicou-nos também que instalou o seu consultório médico em São Paulo, à Rua Xavier de Toledo n.° 234, 2.° andar, Apartamento 22.

Ao distinto confrade Dr. Wilson Ferreira de Mello, almejamos paz, saúde e felicidade na sua nova residência, votos estes extensivos à sua Exma. Família.

Corrigenda

No Capítulo V de «Memórias de um Espírita Baiano» publicado na edição de Julho último, desta Revista, na 7.ª linha, onde se lê — Arrimou-se, leia-se — Arritmou-se. Fazendo esta corrigenda, solicitamos escusas ao seu autor, prof. Leopoldo Machado, e aos nossos leitores pelo nosso cochilo.

A Serviço da Propaganda

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

Na minha última excursão visitei as seguintes cidades:

São Lourenço — Os confrades de São Lourenço estão firmes no trabalho da seára do Mestre. A «Casa de Maria» é uma obra notável e está dando abrigo a um punhado de velhinhos, que são tratados com todo o confôrto e carinho. Tanto a «Casa de Maria» como o Centro Espírita local têm à frente os confrades Antonio Negreiros, Joaquim Ramos e outros companheiros.

Boa Esperança — Fiz duas palestras no Centro Espirita «Amigos da Dor», que tem à frente D. Eulalia Faria, abnegada trabalhadora da seára espírita. Referido Centro mantém há anos a «Sopa dos Pobres», diariamente, para um bom punhado de pobres e tem outras obras de vulto. Com D. Eulalia acham-se outros confrades que estão fazendo boa propaganda.

Varginha — O Centro Espírita «Humildade e Caridade» mantém há sete anos, diariamente, a «Sopa dos Pobres» e confecciona enxovalzinhos para os recemnascidos. Está empenhado nessa tarefa um bom punhado de abnegados confrades, entre os quais D. Ida Zanon, esposa do querido companheiro Aureliano Zanon.

Machado - Compartilhei da «Sopa dos Pobres», que há mêses é dada diariamente a 40 pobres aproximadamente. O trabalho é dirigido pelo Dr. Werner Venesalvel, da Loja Maçônica. A sopa é distribuida diariamente na Loja.

«Almenara»

Com uma edição de 16 páginas e em formato de revista, «Almenara», que se publica na Capital Federal sob a competente direção do apreciado jornalista e nosso distinto colaborador, Antonio Pereira Guedes, completou o mês passado o seu terceiro aniversário.

Como sempre, «Almenara» publica nêste número, ótimos artigos do punho de apreciados escritores espíritas, o que faz da distinta colega um dos baluartes da imprensa espírita.

A' «Almenara», o nosso abraço congratulatório pelo feliz acontecimento.

Lei Municipal N. 1.418

Em 21 de Junho último, o Prefeito Municipal de Porto Alegre, sr. Manoel Vargas, sancionou a Lei Municipal n.º 1.418, decretada pelo Poder Legislativo que reconhece como de utilidade pública a Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

Não é esta a primeira vez que os poderes governamentais reconhecem como de utilidade pública uma instituição espírita. Muitas outras instituições espíritas tiveram o mesmo privilégio. E porque ? — Porque as instituições espíritas ajudam os Governos no campo da Assistência Social, que constitui o mais sério problema que no momento os Governos precisam solucionar sem mais delongas.

E ainda há quem persiga o Espiritismo como obra satânica.

Realmente, o maior cego é aquêle que, não sendo cego, não quer ver.

III Semana Espírita de Marilia

Com um bem desenvolvido programa, a União Municipal Espírita de Marilia, em conjunto com as cidades de Garça, Vera Cruz, Pompéia e Tupã, realizou de 16 a 23 de Julho a Terceira Semana Espírita de Marilia.

Fizeram uso da palavra conhecidos e apreciados oradores espíritas, além de atos comemorativos a cargo de elementos femininos e das Mocidades Espíritas locais.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 9 de Julho de 1955.

Aberta a reunião à hora regimental, faz o Presidente a prece de início e manda que seja lida a Ata da reunião anterior, que é aprovada, sem qualquer pedido de retificação.

Expediente — São lidas no expediente comunicações da Federação Espírita Paraibana e da Associação Cristã Educadora de Belo Horizonte, bem como é registado o recebimento de jornais e publicações remetidas por várias Entidades Estaduais.

Comunicações — O Presidente comunica, com prazer, que por Decreto recente do Sr. Presidente da República foi nomeado Diretor da Faculdade de Direito de Goiás o confrade Dr. Ernâni Cabral, professor catedrático daquêle estabelecimento desde muitos anos. A seguir, fala dos preparativos, em promissor andamento, para a comemoração do Primeiro Centenário d'«O Livro dos Espíritos», em Abril de 1957.

Reunião de Presidentes das Sociedades Federadas à FEB — O Conselheiro Atlas de Castro, na qualidade de relator da Comissão de preparo para a reunião, em fins de Agosto, do Conselho Federativo Nacional com a presença dos Presidentes das Sociedades Federadas, informa que grande número de Dirigentes Estaduais comparecerá a êsse fraternal encontro e pede ao Conselho que delibere sôbre o horário das atividades já programadas. Ficou estabelecido o horário das reuniões, bem como de outras atividades, visando à mais perfeita confraternização.

Após haver o Presidente atendido a várias perguntas que lhe foram dirigidas pelos Srs. Conselheiros, foi encerrada a reunião, às dezesseis horas, proferindo a prece final o representante do Pará, Prof. Carlos Torres Pastorino.

De Juiz de Fóra

Isidoro Duarte Santos

O confrade Isidoro Duarte Santos, como todos os espíritas devem saber, está em visita ao Brasil. E' assim que, no dia 28 de Maio último, vindo de Três Rios, chegou a Juiz de Fóra às 10 horas. Foi esperado e recepcionado na «União Espírita de Juiz de Fóra» por grande número de confrades. Depois dos abraços, apresentações, etc., foi hospedado no Hotel Imperial, onde já lhe havia sido reservado um apartamento.

Em companhia de confrades, visitou êle as seguintes instituições: Instituto Jesus, Albergue dos Pobres, Centro Espírita «União, Humildade e Caridade», Vila Gouvêa Franco e Marina Lustosa, tendo feito à noite uma conferência no Centro União, com grande assistência que lotou o principal salão de referido Centro.

No dia 29 visitou o Instituto Maria, Cinema Paraíso e a Fundação João de Freitas, onde fez uma brilhante conferência, isto das 8 às 11 horas. A's 12 horas voltou para Três Rios, onde fez nova conferência já programada e anunciada. A's 16 horas voltou a Juiz de Fóra e foi visitar o Instituto Eugenia Braga, departamento da Casa Espírita. A's 20 horas sessão solene, a qual terminou com uma belíssima palestra do visitante.

No dia 30 visitou o Centro Espírita Ivan Costa e seus departamentos, o Centro Espírita Venâncio Café, o Ambulatório do Centro Espírita «Amor ao Próximo», viu o projéto dos Banheiros Públicos a serem instalados pelo Centro Espírita «Amor ao Próximo», visitou a dispensa mantida por êste Centro e inteirou-se da Campanha do Quilo.

A's 20 horas sessão solene de despedida, presidida pelo General Mattos. O confrade Isidoro proferiu uma bela palestra de despedida e agradecimento. O confrade Isaltino Silveira, em nome dos espíritas de Juiz de Fóra, tomou da palavra e oferece um mimo ao ilustre visitante, como lembrança de sua estadia nesta cidade, ou seja a História de Juiz de Fóra em um belo estojo.

O confrade Isidoro, bastante emocionado, levanta-se e novamente agradece aos confrades de Juiz de Fóra a valiosa oferta e comunica-lhes que no dia seguinte, 31, partiria para Belo Horizonte.

Fez a prece de encerramento a confreira D. Maria José de Carvalho.

A conferência do confrade Isidoro foi gravada pelo confrade João Coragem.

Do Correspondente.

«A Luz de Damasco»

Completou o seu 3.° ano de existência em Julho último, a nossa brilhante colega «A Luz de Damasco», boletim de evangelização do Grupo Mediúnico de Experimentação «Paulo de Tarso» da Sociedade Espírita «Allan Kardec», de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Festejando o auspicioso acontecimento, «A Luz de Damasco» circulou com 16 páginas impressas em ótimo papel e com os títulos dos artigos a côr, o que lhe dá um aspecto festivo.

A' distinta colega, o nosso abraço congratulatório.

A humanidade está terminando um e iniciando outro cíclo de sua evolução, em demanda da Perfeição. As lutas renhidas que estão travadas e das quais participam também ativamente os desincarnados, são o resultado desta afirmativa. Ficai, portanto, certos de que o reino de Deus está muito próximo de vós. Com mais uma arrancada, que vai ser a mais dolorosa de todas, a aurora do cristianismo brilhará em todo o seu esplendor nos horizontes da vida humana. — CAIRBAR.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3181unse

o XXXI —Brasil—E. S. Paulo— Matão, 15 de Setembro de 1955—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

22 de Setembro	*Redação*
Refutando Ramatís	*Henrique Rodrigues*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Divagando...	*J. A. Mello*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Non Nova, Sed Nove...	*Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
D. Gracinda Batista	*Redação*
Os Duplos dos Vivos	*Trad. por Max Kohleisen*
Novos Rumos dados por Kardec .	*Mac Maynard*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E’ encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A’ venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1955 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

22 DE SETEMBRO

ENTRE as pessoas que se estimam mutuamente, o tempo e o espaço não representam cousa alguma. Nem mesmo a morte tem a fôrça de destruir o aféto que entre elas existe, pelo contrário, tem o poder de fortalecer ainda mais os laços da amizade, que é uma das facetas de alto relevo do amor fraterno de que Jesus nos deu os mais edificantes exemplos.

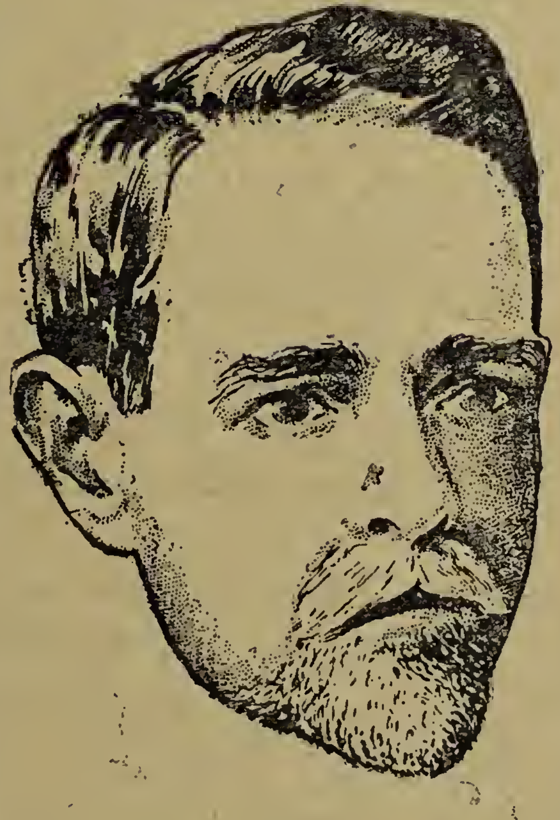

CAIRBAR SCHUTEL

Assim, quando aparece uma oportunidade, as pessoas que entre si se estimam se aproveitam até das pequeninas ocorrências para darem testemunho da sua amizade, do seu aféto.

E' o que sucede conôsco relativamente ao nosso caro companheiro Cairbar Schutel. Faz já quasi 18 anos que êle partiu para a verdadeira pátria — a espiritual, e entretanto temo-lo mais vivo e mais presente no nosso pensamento, porque sabemos que a morte não existe, que êle pode nos ajudar de dia e de noite ao endereçarmos-lhe o pensamento, o que fazemos quando oramos por algum necessitado encarnado ou desencarnado. E isto fazemos constantemente tanto no momento de fazer um «passe», como por alguém que desincarne, ou por outro motivo assistencial. Logo temos que ter sempre no pensamento a figura varonil, amiga e prestativa de Cairbar.

E esta amizade sincera, e êste grande aféto que lhe dedicamos devemos ao Espiritismo que tem a fôrça de unir pelos laços inquebrantáveis do amor fraterno as criaturas que se abrigam sob o seu pálio, sob a sua bandeira.

Esta oportunidade que se nos ofereceu para testemunhar-lhe mais uma vez o nosso grande aféto, é motivada pelo seu aniversário natalicio. Sim, se Cairbar estivesse ainda entre nós na sua forma física, completaria no próximo dia 22 o seu 87.° aniversário natalicio e certamente receberia, como sempre, dos seus amigos, confrades e companheiros de trabalho as felicitações pelo grato acontecimento. Mas como êle não está no plano material para sentir o aperto de um abraço amigo, fazemo-lo do mesmo modo com um abraço espiritual levado através do nosso pensamento, numa prece de felicitações e agradecimento. De felicitações, porque sabemos e até sentimos que êle foi posto à direita do Senhor pelo seu trabalho na seára cristã, difundindo o véro Cristianismo à luz do Paracleto, o Espiritismo, e pelo Bem que fez aos seus semelhantes pobres, enfêrmos e descrentes. De agradecimento, porque dêle recebemos adjutório espiritual sem o qual nada poderiamos fazer a pról de sua obra, pois reconhecemos as nossas deficiências, muito embora estejamos munidos da melhor boa vontade, que possivelmente tem sido a razão do recebimento do seu auxilio.

Ao assinalar êste acontecimento, que nos é tão grato, solicitamos a Jesus que proporcione ao nosso querido companheiro Cairbar mais progresso espiritual e intelectual ainda, pois também nós nos prevaleceremos do seu progresso, da sua sabedoria, do seu amor através da sua presença, em espírito, nos nossos momentos de necessidade, de alegria e de tristeza.

Refutando Ramatís

Um dos aspectos pelos quais a mensagem «Conexão de Profecias» mais impressiona é o seu APARENTE positivimo, ou seja, números, nomes e fatos citados, quase todos de caracteristicas grandiosas. Entretanto, todas as revelações feitas, são de difícil comprovação, LENDÁRIAS, quando não são absolutamente contrárias às comprovações da pesquisa. Já vimos os absurdos contidos nas afirmativas astronômicas e, destarte, ficam prejudicadas as decorrencias relativas ao planeta, a sucção, aos planejamentos feitos «ha milênios» pelo grupo de especialistas «siderais», classificados por Ramatís como: Matemáticos, Anatomistas, Geólogos, Botânicos, Zoologistas, Sociólogos, Legisladores, etc... Erraram, como erram seus colegas encarnados, o que nada significa, porquanto repetimos, *infalível*... só DEUS!

Examinemos ainda outro aspecto da ciência e vejamos se Ramatís tem o seu apôio: Fala-nos êle de um Antúlio de Maha Ettel e o situa numa civilização datada de 50.000 anos e o pinta como clarividente e profeta. A arqueologia — e os arqueólogos «siderais» devem saber disso — atesta que, ha 50.000 anos, a Terra vivia o Período Paleolitico, no fim da 4.ª Idade Glacial, entre as culturas Acheleana e Mousteriana, que o vulgo conhece como a do *homem da pedra lascada*, também chamado «Homem de Neandertal». Mostra-nos o primitivismo do nível evolutivo dos «terrenos», evolução essa que ganhou aceleração, pouco antes de 4.000 anos A. C., quando o homem aprendeu a fundir o ferro. Até então, a par dos instrumentos de bronze, surgidos 10.000 A. C., aprox., a ciência nos prova o rudimentarismo espiritual e técnico dos nossos antepassados, ou, quem sabe? de nós mesmos.

Que significação doutrinária pode ter a *revelação* gratuita da tradução «sideral» da palavra «Antúlio»? A dármos crédito ao autor, ficamos sabendo, apenas, que «túlio» ou «úlio», em *linguagem* «sideral», significa «luz», porquanto «ant», mesmo entre nós, represnta «ante». Se todo espírita fizesse como nós, talvez não fosse necessário escrever êstes artigos de alertamento. Procurando êsse personagem, recebemos, devido a uma consulta, o seguinte significado da palavra «Antúlio» — «Existe em grego, (Ática Prehistórica) o nome de homem ANTULLIOS, que parece uma corruptela de Anthullios, diminutivo de ANTHÓS, «flor». *Anthullios* ou *Antullios* significaria, portanto, «FLORZINHA».

Com referência aos *especialistas siderais*, dentro de férrea lógica dedutiva, acreditamos que as especializações representam fragmentações e que o Sêr, evoluindo, caminhará da dispersão, do particular, para a síntese e para a unidade do TODO. Se é verdade, como creem os espíritas, que o homem se encaminha para Deus, — sua imagem e semelhança — o caminho será o da conquista de sínteses sempre maiores, porque Deus é a síntese de tudo. Quem se especializa, a par de um conhecimento particularizado no ramo em que está, atrofia-se e perde a indispensável visão do todo, da unidade global, que tudo explica, que cinde os antagonismos, cancelando as fronteiras dos enquistamentos especializados, sejam científicos, filosóficos ou religiosos.

Ramatís nos «revela» que a vinda do Cristo se deu, *graças às núpcias planetárias de Saturno, Júpiter e Marte*, que Êle é procedente da «esfera dos amadores», que naturalmente, deve situar-se além da órbita de Saturno e que foi necessário «purificar» o ambiente *pela conjunção astrológica*, afim de que o Messias pudesse «descer», ou vir do «alto».

A desvantagem das especializações é essa, a perda do aspecto relativo dos fenômenos. Quem fala em «puro», deixa entender a existência de «impuro». *Mas isso flui da visão de «limites»*. Assim como para um pai, todos os filhos são iguais, para Deus, todos os homens são igualmente queridos, não maus e bons, não puros ou impuros, apenas, como nos quadros humanos, uns mais velhos, outros mais novos, uns mais evoluidos, outros menos, uns mais ignorantes do que outros, embora todos ignorem muitíssima coisa. Vejamos o que Paulo, em visão intuitiva, nos diz em Romanos, 14:14 —

«Eu sei e estou persuadido no Senhor Jesus que nenhuma coisa é em si impura; a não ser para aquêle que a tenha como tal, para êsse ela é impura.»

Para o Cristo nós eramos impuros? Não! Para Êle nós eramos atrasados, rudimentares, muito ignorantes, apenas... Até porque, se fôssemos *puros*, onde o móvel de sua vinda?

Para nós, Cristo preside aos destinos da Terra, desde a sua formação. Não veio de fora, de uma esfera, *a dos amadores*, situada além de Saturno. Acreditamos que estava antes, e, que esteve «materializado» ha 2.000 anos, por necessidade maior, e que ainda continua conosco. Nem poderia ser de outra forma. Aquêles que com Êle se sintonizam, o sentem, pelas vias da mente ou do coração, tão perto de si, que atestarão sua «imanência» nos menores fatos da vida. Ai! do mundo, se Cristo fôsse embora!

Sempre fomos avessos aos processos divinatórios ou advinhatórios, quer pelos meios «astrológicos», cartomânticos, quirológicos, «ocultos», etc... Achamos, particularmente, que os «ocultistas», entendem tanto do que está *oculto*, quanto os que nada sabem dêsse tipo de modalidade de lucro material ou de imposição de prestígio pessoal, onde os «pseudamente» sabidos exploram os reconhecidamente tolos. Isto entretanto é assunto para um artigo que escreveríamos se houvesse necessidade ou se fossemos obrigados por alguém. Teriamos que examinar as teses astrológicas, situadas no campo do «determinismo pessoal, encadeado à lei de causa e efeito do livre arbitrio individual e, também coletivo». Teriamos que estudar a idade da astrologia, a idade da descoberta dos astros, porquanto, alguns planetas descobertos recentemente, (100 anos para cá) ficaram com os encargos «influenciatórios» que eram atribuições dos primitivamente conhecidos. A astrologia, tão antiga, devia, antes de Galileu, pelas «influências», estabelecer pelos campos magnéticos que a Terra e os planetas é que giravam em tôrno do Sol, e não o contrário. Entre a Astrologia e a Astronomia, ficamos com a última. Em todo caso, para não passar em branco, *já que Ramatís é astrológico e não astronômico*, recomendamos aos interessados, a leitura do artigo intitulado «Astrologia, lôgro gigantesco», publicado em Seleções de Junho de 1951, de autoria de Fred C. Kelly. Vale a pena ler.

Ainda com respeito a influenciações, transcrevemos a seguinte opinião dos Espíritos da Codificação. Livro dos Espíritos, pergunta n.° 867.

— Donde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?

Resposta — «Antiga superstição, que prendia às estrêlas os destinos dos homens».

«Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra».

Muito proveitosa será também, a leitura das perguntas e respostas 868 — 869 — 870 — 871 e 872.

Finalizando êste artigo, coloco frente a frente duas definições: a de Ramatís que diz textualmente: «As modificações da morada, afetam os moradores», para justificar as conseqüências da verticalização do eixo da Terra, que êle, Ramatís, vislumbra como capaz de obrigar os homens a «tomar posição vertical em espírito». *Nítida evolução de fóra para dentro*, e não como realmente ela é, como seja de dentro para fóra, do centro para a periferia, do dinâmico para o mecânico, da essência para a substância, do espírito para a matéria, do divino para o humano. Contra a tese de que «as modificações da morada afetam os moradores», diz a Grande Síntese, página 418, tradução de Mario Corbioli :

«E' inútil o progresso mecânico que faz da terra um jardim, se nêsse jardim habitar uma féra. A terra é um inferno porque sois vós os demônios. Transformai-vos em anjos, e ela será o paraíso».

O fracasso das leis sociais deve-se exclusivamente ao fato da inadaptabilidade dos homens a elas. Para o homem correto, honesto, ordeiro, qualquer lei é boa; para o safado, injusto, desordenado, qualquer lei o constrangerá, e êle fugirá ao seu cumprimento, estabelecendo assim os desajustes e até mesmo o caos. A melhoria da sociedade tem de partir da melhoria da unidade social que é o homem. Enquanto existir uma célula doente no organismo, êste não gozará de saúde. Enquanto o homem na Terra viver os níveis inferiores da psicologia imediatista de proveito próprio, o ambiente, o clima, o aspecto da Terra lhe guardarão estreita semelhança. Não que seja mau, porque o homem não é mau, nem a Terra é má. Serão ambos inferiores. Tanto que a habitação não pesa sôbre o habitante, que um palácio não transforma um selvagem em refinado aristocrata, e que um chiqueiro, por mais limpo e confortável que seja, não modificará a psicologia do porco, que se compraz em chafudar-se em suas próprias sujidades.

Há sábios e santos que nasceram e viveram em «habitações» de condições antagônicas às capacidades demonstradas, e ainda, grandes delinqüentes, que medraram à sombra de «habitações» favoráveis a outros fins. O «meio», do mesmo modo que o revelador dos tanques de trabalhos fotográficos, *não criam* imagens, mas apenas *revela* o que já existe, carregando, de acôrdo com a sua qualidade, mais ou menos, *nas tonalidades*, incorporadas ao filme que vai ser revelado. A vida, qualquer que seja, como elemento de luta, é quem *revela* o indivíduo. O ambiente, em geral, mostra o homem tal qual êle é. O HOMEM, SIM, MODIFICARÁ O AMBIENTE, o morador sim, modifica a moradia. Um santo constrói em tôrno de si um ambiente de paz; um colérico, desatinado, ignorante em suma, um ambiente diverso do primeiro. Ambos procuram a afinidade, porque essa é uma lei universal, que Ramatis não pode ignorar.

No próximo número — Considerações sôbre a mensagem «O Sol».

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo Horizonte — Est. de Minas.

Religião e Ciência

DAS TREVAS PARA A LUZ

— VI —

Jesus, como Juiz autorizado pelo poder divino, viu que êsse paralítico era um espírito que já resgatara no inferno de seus sofrimentos, no cárcere da carne, as dividas contraídas perante a Justiça Divina. Já estando, pois, resgatados os seus pecados, pelo cumprimento integral da condenação que lhe foi imposta, proferiu a frase decisiva: «Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa», o que representou o alvará de sua liberdade.

Os episódios narrados nos vers. 39 e 43 do cap. 23, pelo evangelista Lucas e no vers. 17, cap. 20, pelo evangelista João, aparentemente apresentam contradições. No 1.º episódio Jesus atende o pedido que lhe faz o malfeitor crucificado a seu lado, de não o esquecer quando entrasse no seu reino. Jesus lhe responde que naquele mesmo dia estaria com êle no Paraíso. No 2.º episódio, ao ressuscitar após os 3 dias de sua crucificação, aparece a Maria Madalena, e quando a mesma tentou tocá-lo, êle lhe diz: «Não me toques que ainda não fui para o Pai».

Examinando-se, atentamente, êsses episódios em confronto com outros trechos do Evangelho Cristão, verifica-se que não houve contradição. O malfeitor arrependido justificou-se pela fé, como ensina o Apóstolo Paulo no cap. 5.º de sua epístola aos romanos. Essa reconciliação com o Poder Divino, se tornou possivel por ter êle, com o seu martírio ao lado de Jesus, resgatado de suas dividas até o último ceitil, no cárcere das provações terrenas, como se evidencía no ensino contido no vers. 26, artigo 5.º do sermão da montanha, narrado pelo evangelista Mateus. Fez jús, portanto, ao Paraíso ou Reino dos Céus, que é um estado de felicidade espiritual eterna, no qual se encontrava Jesus, em situação transcendente, o que conseguiu comprovar através das obras maravilhosas que realizou, no curso de sua perigrinação terrena.

Êle sempre afirmou em suas pregações, que o seu reino não era dêste mundo, e no modelo de oração do Pai Nosso, que nos legou, nos ensinou como devemos proceder para conquistá-lo. A fé que justificou o malfeitor, perdoado por Jesus, certamente encontrou fundamento em obras bôas de sua vida de aventuras, em ressarcimento das más pelas quais recebia naquele momento o merecido castigo.

Em Mateus, cap. 4, vers. 11 e 12, Jesus fala assim aos seus discípulos: «A vós é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão fora todas estas coisas se dizem por parabolas. Para que vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que se não convertam e lhes sejam perdoados os seus pecados». Nêsses trechos evangélicos, verifica-se que os espíritos que estão de fora do reino, são os culpados que se encontram no cumprimento de penas, e que, enquanto não resgatarem suas culpas, nos cárceres de sofrimentos, não poderão ser perdoados, por não estarem em condições de conhecer e compreender as verdades reveladas por Jesus, através dos ensinos contidos em suas parabolas. Tais ensinos abrangem, igualmente, os espíritos que já transgrediram e continuam a transgredir as leis divinas. Quanto aos discípulos de Jesus que podiam compreender tais verdades, eram espíritos isentos de culpas, reencarnados como missionários, para o auxiliarem no desempenho da missão que o trouxera a êste mundo, o que se comprova na oração que por êles fez a Deus, como narra o evangelista João no cap. 17, vers. 14 e 18: «Dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque êles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo». Eram, pois, espíritos reencarnados para essa missão, como foi o de Elias reencarnado em João Batista. Não nos ocorre a menor dúvida de que, pelos ensinos contidos nos trechos evangélicos citados, o nosso Divino Mestre esclarece, de modo peremptório, que a elevação moral e espiritual da Humanidade, se vem realizando, pelo curso dos tempos, através dos ciclos dolorosos das vidas sucessivas.

Quantos séculos ainda serão precisos para que essa elevação moral e espiritual, atinja ás culminâncias de uma civilização, perfeitamente cristã, como prevê o Evangelho, para que possa existir um só rebanho e um só Pastor?

No Espaço e no Tempo essa elevação se generalisa com providencial correlação de destinos, imposta a todos os sêres criados sob a hipótese de que um dia para Deus pode representar mil anos para nós, como assim esclarece o Apóstolo Pedro, na sua 2.ª epístola universal, cap. 3, vers. 8.

Continuando nossas elucidações sôbre a condenação condicional e não eterna dos espíritos culpados, vamos comentar o cap. 3.º e seus vers. do Evangelho de João, no qual Jesus instrui Nicodemos acerca do novo nascimento. Na interpretação dessas instruções tem havido muitas controvérsias por parte de nossos adversários pertencentes às religiões dogmáticas.

Querem os protestantes justificar que êsse renascimento se realiza pela ação do batismo, certamente amparados nas palavras do Mestre: «Na verdade, na verdade te digo, que aquêle que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito».

Entretanto, a pergunta que lhe fez Nicodemos, conforme o vers. 3.º do citado cap., Jesus responde que era necessário nascer de novo para poder ver o reino de Deus. Não negou a existência da lei da reencarnação; ao contrário, mais adiante, no vers. 7 confirma: «Não te maravilheis de ter dito: necessário vos é nascer de novo».

E' preciso que se considere que a palavra água, na lingua hebráica, falada naquele tempo, era empregada como para definir elemento gerador, o que Jesus confirma, assemelhando-a com a palavra carne e fazendo distinção entre o que é nascido da carne e o que é nascido do espírito. Nicodemos insiste em saber como isso pode ser e Jesus lhe responde: «Tu és mestre em Israel e não sabes isto?» Esta resposta confirma que a lei da reencarnação já era anunciada no Velho Testamento e os judeus a confundiam com a ressurreição.

Refere-se depois o Mestre ás coisas celestes e terrestres e também à sua missão. Descrevendo a natureza dessa missão, concita a todos que o ouviam a aceitarem-no como Enviado Celeste e a praticarem bôas obras, afim de se livrarem das condenações.

Conclui-se, pelo exposto, que a pergunta de Nicodemos visou esclarecer a reencarnação que êle, como doutor da lei e mestre em Israel, interpretava nos textos bíblicos, como ressurreição.

Jesus não nega a existência dessa lei e confirma-a, por duas vezes, quando esclarece que é necessário nascer de novo, não elucidando que êsse nascimento ou renascimento deva ser feito com as formalidades ritualistas do batismo. Empregamos as expressões nascimento e renascimento, porque a quem nasce uma vez, no plano em que vivemos e torna a nascer de novo, a última expressão fica mais de acôrdo com a lógica.

Além de muitas outras provas existentes no Velho Testamento sôbre os renascimentos sucessivos, Allan Kardec, codificador de nossa Doutrina, instituiu o lema racional e justo, que serve para projetar sua luz nos meios humanos: «Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre — tal é a lei».

Na parabola do Semeador o nosso Divino Mestre, conforme os vers. 4 a 7, cap. 13 do Evangelho de Mateus, classifica, em nosso plano de aperfeiçoamento, os espíritos culpados em 3 categorias. Diz o Mestre: «Eis que o semeador saíu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caíu ao pé do caminho, e vieram ás aves, e comeram-na; e outra parte caíu em pedregais, onde não havia bastante terra, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; mas, vindo o Sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raíz. E outra caíu em espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na».

Os espíritos bons o Mestre classifica, também, em três categorias ao esclarecer, na mesma parabola, no vers. 8, cap. 13 do citado Evangelho de Mateus: «que outra parte da semente caíu em terra bôa e deu fruto: — um grão produziu cem, outro sessenta e outro trinta».

Á pergunta de seus discípulos, porque falava em parabolas aos que o ouviam, respondeu, conforme já comentamos, separando os que estavam em condições de receberem revelações divinas e os que não podiam receber essas revelações, pelo estado de endurecimento espiritual em que viviam. E acrescentou, referindo-se aos primeiros: «Porque áquele que tem, se dará e terá em abundância; mas áquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vêdes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram». Êsses trechos evangélicos comprovam que as revelações sôbre os conhecimentos espirituais se fazem em determinadas épocas, conforme a capacidade de compreensão atingida pelas gerações no curso dos séculos.

Vamos, agora, elucidar minuciosamente a parabola do Semeador. Torna-se evidente que estando Jesus subordinado ao Diretor e Supremo Criador do Universo, os discípulos que formaram o seu primeiro colégio apostólico pertenciam a uma hierarquia espiritual sob a sua imediata direção e não tinham mais necessidade de reparar faltas no plano de provas em que nos encontramos. Assim, como espíritos missionários, estavam habilitados a conhecer os mistérios do reino dos céus, isto é, instruções claras e precisas sôbre a vida espiritual.

Daí se conclui que os discípulos de Jesus, no curso da éra cristã, classificados como bons por já possuirem luz, poderão continuar a recebê-la em abundância, conforme o mérito de suas obras sob o critério das médias que estabeleceu: 100, 60 e 30. A êsses discípulos se aplica o ensino do Mestre: — «aquele que tem receberá em abundância». A semente caíu ao pé do caminho e as aves comeram-na, aplica-se aos espíritos endurecidos na prática do mal e que recebem a palavra ou a luz que a Providência Divina sôbre êles projeta, concitando os ao arrependimento, afim de poderem iniciar a reparação de suas grandes faltas por meio das reencarnações. Mas, como persistem em regeitá-la, os espíritos das trevas, que os dominam com facilidade afastam essa luz. («Aquele que não tem, ainda o que tem lhe será tirado)».

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo conclúe no p. número).

Divagando...

(Dedicado à minha esposa).

PLENA mata-virgem. A tempestade ruge fragorosamente. O sibilar do vento por entre a galharia e os grandes troncos de árvores, acompanhado dos trovões que correm pelo infinito, dá a impressão do rugir de leões. Eu sinto medo, pois o sólo parece tremer sob meus pés. De quando em vez, árvores cáem sob a ação de faíscas elétricas Tudo é horroroso! Solitário, nêsse pandemônio, sinto-me atemorisado. Quero gritar e correr, porém não posso. Sinto os pés grudados no sólo encharcado pela chuva que cái torrencialmente. Ouço um gargalhar sinistro, diabólico, que ecôa pela imensa floresta, qual o gargalhar de um satã satisfeito por um mal praticado. Em dado momento sinto uma forte pancada na cabeça. Desmaio...

. . . .

Foi um terrivel pesadêlo. Acordei assustado, dando graças a Deus por tudo não ter passado de um sonho...

* * *

Não só dormindo, acordados também temos nossos pesadêlos. Quantas e quantas angústias nos custam o viver nêsse vale de lágrimas. Não sómente as dôres físicas, as dôres morais nos fazem sofrer muito. Óra, a vigília ao redor do leito de um ente querido como pai, esposo ou irmão. Óra o sofrimento causado pelo remorso que nos mortifíca por termos praticado um mal qualquer. Outras vezes, as dôres físicas causadas pelas inúmeras moléstias a que está sujeito o conglomerado de células ao qual chamamos de nosso organismo.

Agora, jornais nos dão a notícia da morte de vários irmãosinhos nossos, mortos nas soleiras das portas, nos bancos dos jardins públicos ou nos casebres da Capital, por não suportarem o frio intenso dêste inverno. E outros, muitos outros sofrimentos morais ou físicos aos quais estamos expostos, são ou não grandes pesadêlos?

Orar e vigiar sempre. Eis o remédio para diminuirmos grande parte dos nossos pesadêlos!...

J. A. MELLO.

Rio Claro, Agosto, 955.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

VII CAPÍTULO

O Primeiro infortúnio

1 — Eu devia ter um ano, mais ou menos.

Acabara de comer escafado de ovo (pirãozinho de farinha fina com ovo quente, derramado em cima) e minha tia, a Odilia, meteu-me num banho frio.

Saí da bacia estuporado.

Estupor era o nome que se dava, então à congestão.

Andei *morre, não morre*, durante dois anos.

Um médico, primo de minha mãe, — dr. João Leite — chegou a desenganar-me

Seria coisa para mais uns dias, apenas ...

E meu pai, porque moravamos, então, fora da vila, tratou de preparar o esquife com antecipação para meu enterramento.

2 — Um curandeiro, de nome Ernesto, vendo-me desenganado da medicina, disse, então, a meu pai:

— Se o menino vai morrer, não custa nada ao senhor dar-lhe um remediozinho meu. Quer experimentar? Se êle morrer, não há de ser por meu remédio...

O remédio do sr. Ernesto, feito de purga do campo e jalapa, levantou-me.

3 — Arribei, felizmente.

Parece que tinha muito o que fazer, o que sofrer na vida.

4 — Dias depois, passa o médico por nossa casa:

— E o menino? pergunta, sem curiosidade, ao papai.

— Está aí, quasi curado.

— Curado, o Leopoldo?! Impossível! Quero vê-lo.

E viu-me. Examinou-me bem, e diagnosticou:

— Para o pai e a mãe dêle, seria preferivel que êle tivesse morrido.

Será o idiota da familia. De uma estupidez sem nome. Não passará do a. b. c.

Evitem, quanto poderem, aborrecê-lo para evitar crises terríveis.

Congestão cerebral como a dêle, quando não mata, inutiliza para a vida inteira.

5 — Do mal, ainda conservo algumas cicatrizes na cabeça, reveladoras de tumores profundissimos. Alguns, que podiam caber um limão.

E tumores só na cabeça, como que indicando que fôra com a cabeça, que mais pequei em outras vidas...

* * *

6 — Eu convalecia, uma tarde, magrinho e muito sem sangue, no colo da Dadá, à sombra de enorme tamarindeiro. Passou um realejeiro com seu realejo. Armou-o num tropés e tocou uma música. A velha Dadá contava isto, rematando simploriamente.

7 — *Quando você ouviu aquela musga muito viva e bonita, que o homem disse em francesa, chamada Marseleza, você acordou, assustado, tremendo e chorando com desespero, que até o home teve pena de você...*

* * *

8 — Felizmente, não desencarnei naquela época.

E, só o fato de aquí estar contando estas coisas, prova que passei do a. b. c.

E tenho me aborrecido tanto, sem que nunca me tivesse sobrevindo uma crise, leve ou aguda!

9 — Serviu, entretanto, para uma coisa, o diagnóstico do médico: levei uma meninice livre, fazendo quase o que bem queria, certo de impunidade, por parte de meus pais, pois, para evitar sérias crises minhas, não me aborreciam com ralhos e pancadas...

10 — E minha loucura?

A de querer seguir o Cristo, através das normas cristãs preceituadas pelo Espiritismo...

Se ser espírita é ser louco...

As obras constituem o testemunho da fé. Sem êsse testemunho a fé é fogo fátuo.

Non Nova, Sed Nove...

O fecundo escritor contemporâneo, professor Pietro Ubaldi, tão revestido pessoalmente de encantadora simplicidade e cujos atos de desprendimento e de lídima humildade evangélica, o consagram como discípulo de Jesus, acaba de dar à luz da publicidade o 10.º volume da 3.ª trilogia dessa obra notabilíssima de inspiração e de saber, que teve início em a «Grande Síntese» e ainda se continuará por mais dois volumes, aos quais deverão seguir-se comentários esclarecedores do seu pensamento criador.

Êste décimo volume, intitulado «DEUS E UNIVERSO», traz a seguinte emenda esclarecedora: «Síntese teológica. Conceituação dos problemas máximos (1.ºs e últimos)».

Tenho profundo respeito por essa figura veneranda de Pietro Ubaldi que me distingue com a solicitude de suas atenciosas respostas às cartas que lhe dirijo e honra me com as suas bondosas referências aos livros da minha produção, que lhe ofereço — tão diferentemente de tantos e tantos outros confrades e figurões das letras profanas, que nem sequer se dignam acusar o recebimento dos livros... Oh! raça orgulhosa e detestável!! «Pai, perdoa lhes! Êles não sabem o que fazem!»

Com essas referências a Pietro Ubaldi, demonstro a minha admiração pelo homem, irmão muitíssimo mais evoluído do que eu, pobre iniciante na jornada eterna do aperfeiçoamento, mente ainda obscurecida pelas minhas trevas da ignorância, pois de alguma forma sei conhecer me a mim mesmo, obediente ao conselho de Sócrates: *«Nosce te ipsum»*.

Não obstante, assimilei algumas das lições do Evangelho, essa permanente segunda revelação, pessoalmente trazida por Jesus à humanidade, depois de haver assimilado noções básicas da 1.ª revelação, de que foram encarregados Moisés, Zoroastro, Buda, Confúcio, em diferentes épocas e entre diferentes povos da terra, bem como outras figuras de prol da mesma primeira revelação, multiplice nos seus prolatores, embora uniforme na sua fonte inspiradora, que deve ser procurada sempre no pensamento orientador do Cristo, adaptado às condições de cada época e de cada povo. Por último pude assimilar os princípios cardiais da terceira revelação, consubstanciada nas obras fundamentais do Espiritismo, codificadas por Allan Kardec, sob a inspiração dos emissários de Jesus, não revestidos de carnalidade constritora, mas livres e portanto na plenitude dos seus predicados intelectuais e das suas virtudes.

Esta última revelação, como se sabe, é o Consolador prometido por Jesus e que deveria, em seu tempo próprio, vir explicar, como veio, certas verdades contidas nos Evangelhos, sob o véu da letra, por ser, ao tempo de Jesus, inútil revelá-las àquelas inteligências ainda impróprias à assimilação de tais verdades.

Pois bem. O que desejo salientar, nestas linhas, intencionalmente escritas para pôr de sobreaviso os confrades que não se achem habilitados, com um certo discernimento filosófico, à conceituação do trabalho confiado a escritores da classe dos Pietro Ubaldi, dos Emanuel, dos André Luiz e tantos outros contemporâneos, encarnados ou desencarnados, é o caráter supletivo das obras dêsses autores, destinadas a possibilitar a aceitação dos princípios tão simples da terceira revelação, às inteligências afeitas a processos muito mais complexos de investigação, pelo *cientificismo* a que se habituaram, ou pelo *materialismo* de que deixaram se lhes incrustassem as mentes, em outras palavras, àqueles a quem não bastam as obras fundamentais.

O fato não é novo, mas acomodado aos novos tempos: *«non nova, sed nove»*.

Proliferaram, como se sabe, nos primeiros tempos do Cristianismo, doutrinas de todos os matizes, cada qual procurando acertar melhor a respeito da interpretação do pensamento de Jesus, a respeito da natureza do seu corpo, das circunstâncias de que se revestiu o seu aparecimento entre os homens, etc., etc. De tal modo tais doutrinas se alastraram, que a Igreja, pelos seus concílios, viu-se obrigada a pôr lhes côbro — e surgiu então o rigorismo da dogmática, o tradicionalismo clericalista, o infabilismo, que tanto trabalho deram à livre manifestação do pensamento, em pugnas que duraram séculos e que fizeram a humanidade verter mais sangue do que todas as guerras de conquista.

Do mesmo modo, proliferam hoje doutrinas avançadas que pretendem melhor esclarecer os princípios do Espiritismo, expostos com inteireza e simplicidade nas obras fundamentais. Bem intencionados irmãos, encarnados ou desencarnados, procuram levar a homens de ciência, em têrmos de ciência, as verdades da Doutrina Espírita; a homens de mentalidade profundamente materializada, em têrmos de materialismo, o conhecimento de situações *post-mortem*, em que deverão encontrar-se ditos homens, para os mesmos localizando no *umbral* hospitais, escolas, laboratórios e até ministérios, com organização idêntica a da terra, para a obtenção de cujos serviços sejam até necessários «bonus» idênticos ás notas com que aquí se compram os melões...

A tal ponto se encontravam tais mentes esclerosadas, na expressão de Paul Gibier!

O Espiritismo não irá convocar concílios para firmar doutrina, como tem convocado congressos para unificação de almas. Importa, portanto, aos adeptos, tudo lerem e meditarem, como aconselhava o apóstolo dos gentios, aceitando o que fôr bom e regeitando o que fôr mau.

Se a obra de Pietro Ubaldi pode ser inculcada, a certos aspectos, de perturbadora da Doutrina dos Espíritos, o que é certo é que os exemplos da sua vida de sofrimento e de luta, são edificantes e salutaríssimos. O que um tal homem afirma pode nos merecer contradita; mas temos o dever de respeitá-lo como o de um verdadeiro discípulo de Jesus. Essa é a sua melhor parte e ninguém lha poderá tirar.

Arnaldo S. Thiago.

Rio, Junho de 1955.

LIVROS e AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

...DE UM POETA SERTANEJO

Êste livro devia chamar-se *Reminiscências*.

Por sugestão nossa, sai com o título... *de um Poeta Sertanejo*...

Sertanejo, menos por se tratar de seu linguajar, que não é cabocla a linguagem do autor, do que pelo sentido exatissimo da vida de quem vive no sertão. Êle é sertanejo do Paraná, onde vive no interior de cafesais, trabalhando, versejando, fazendo espiritismo, ensinando crianças, promovendo festinhas espirituais.

E o que mais interessante é: um poeta sertanejo, sessentão, nascido em outras terras, que veio para o Brasil como emigrante, quasi analfabeto, trabalhar na lavoura...

* * *

André Fernandes é hespanhol.

Veio para o Brasil, em 1910, com seus pais, contando, então, 17 anos. E com 15 mêses, apenas, de estudo noturno, em que aprendera, preferentemente, a língua de sua pátria! Dentro de três anos, entretanto, ensinava a língua portuguêsa, nas fazendas paulistas, a outros menos alfabetizados. E como aprendera para ensinar? Sem ter lido compêndio algum, nenhum livro. Não teve quem lhos emprestasse, não os podia comprar por falta de recursos. Ninguém lhe ensinou coisa alguma. Foram recortes de jornais, que os encontrava, aquí e alí, os seus mestres. Dí-lo aliás, assim, êle mesmo: «Daí há três anos, já lecionava, à noite, alfabetizando brasileiros, sem eu ter recebido uma única lição em idioma português, e sem ter lido nenhum livro. Não tinha dinheiro para os comprar».

* * *

Desde pequenino, enlevava-o a poesia. A poesia parece que lhe falava por dentro. Mas, não saía. Instrumento desafinado, despreparado, precisava afinar-se e preparar-se primeiro. Que vontade de dizer, também, como êle sentia, aquilo que diziam os outros!...

* * *

Abraçou o Espiritismo em 1936.

E foi, feito espírita, que sentia mais vontade de expressar o que lhe ia na inspiração, principalmente a serviço da difusão do Evangelho e da Doutrina ! E elaborou as primeiras estrofes, que lhe saíram fluentes, inspiradas, sonóras. Mas, sem tessitura métrica, fora dos figurinos da arte poetica. Dizemos assim, porque êle não é modernista, seus versos têm sentido, têm métrica, têm lógica e senso...

Se lhe aparecesse uma ajuda ?

* * *

Assinante de *O Clarim* e de *Aráuto da Fé*, lia, a miude, coisas nossas nêsses dois periódicos.

Conta assim nosso conhecimento :

«Sabendo que você era poeta, desejei submeter a sua crítica alguns dos meus rabiscos. Escrevi-lhe a medo. Recebi logo uma carta da sua saudosa companheira, dizendo-me que você estava ausente, fazendo uma estação de águas e de repouso. (Depois, vim saber que você descansa, carregando pedras). Que logo que você voltasse, me responderia, e, de fato, você me respondeu, tendo eu recebido um alegrão ao ler sua carta cheia de frases bonitas, encorajando-me...»

Nunca negamos, felizmente, nada, à mão amiga que se nos estende, pedindo ou apertando a nossa. Foi assim que, recebendo seus primeiros versos e os devolvendo ajeitadinhos à arte, êle vibrando de alegria, escrevia-nos :

«Achei o homem. Era um Cirineu assim que me estava faltando...»

* * *

Andamos colaborando, — apenas colaborando ! — aquí e ali, com o ilustre poeta. E êle tão grato nos ficou que, quando, em 1944, fomos ao Paraná, êle se botou de sua Nova Dantzig, hoje Cambé, até Curitiba, para o nosso conhecimento pessoal, para nos ouvir.

E colaborando apenas com êle, agimos dentro de seu pedido de que «não há necessidade de muito capricho na corrigenda das faltas».

Não houve nada disso.

Seria até alienar dos versos, o seu aspecto real, verdadeiro, necessário à musa de *um poeta sertanejo*...

* * *

André Fernandes faz versos nem sabe êle se por si mesmo, se por influência do Alto. Começa, ás vezes escrevendo dentro de um assunto e conclui diferentemente. Não tem hora para escrever. E a inspiração sempre lhe vem fácil e correntía. Parece-lhe, assim, que escreve por si mesmo e, também inspirado por alguém que não se vê, nem se sente, mas se adivinha... Aliás, todos os que escrevem, são médiuns, trabalham sempre inspirados por fôrças ocultas, que desconhecem...

Seus versos mais fluentes, mais contagiantes são os que os velhos mestres da poesia clássica denominavam *redondilha maior*. Sempre que sái fóra dêste metro, sempre que procura outros moldes, sente-se que tropeça, que se confunde, que se atrapalha.

Mas, em quadras heptassilábicas, poucos versejadores, poucos poetas temos lido que se lhe comparem.

Há mesmo produções suas para ler e reler. Para não deixar de citar algumas : *Quem não vê que Deus existe. Nicodemos. Abaixo as Armas. O que é o Espiritismo. Onde está Deus. O que declamou Lili. Avante, Juventinos ! Apostos, Juventinos ! A Cigarra e a Formiga.*

E, emprestando real oportunidade a seu livro, todo êle elaborado a serviço da difusão do Evangelho interpretado em espírito e verdade, e da Doutrina Espírita, elaborou estudos apropriados para as aulas de moral, para os jovens espíritas, para as crianças.

* * *

O livro de André Fernandes feznos lembrar os primeiros livros de versos que publicamos : feios, tristes, versos mal costurados. E' que não tivemos uma pessôa amiga e bôa que nos auxiliasse na tessitura de nossas estrofes, «em meio dos quais se perderam tantos versos bonitos», na expressão lógica do poeta baiano, Roberto Correia. Nem o acadêmico Assis Souza, que nos prefaciou o último livro daquela fase, — *Meus Últimos Versos* — quís se dar ao tabalho de os ler antes e os corrigir...

* * *

O velho M. Quintão disse-nos, uma feita, no Largo de S. Francisco, de saída da F. E. B., que o Espiritismo já comportaria um poeta para cantar suas belezas, como êle, que fazia também versos, não sabia ainda cantar.

Já o dissemos até, sem citar o nome ilustre do confrade desencarnado, falando dos versos excepcionais de Sebastião Lasneau e Clóvis Ramos, em que andamos descobrindo as virtudes e as caracteristicas do verdadeiro poeta espiritista.

E aquí o repetimos, com maiores razões e mais forte convicção, ao André Fernandes, que se nos afigura, como os dois citados, forrado das normas características de um legítimo poeta espírita.

* * *

D. Gracinda Batista

Transcorre no dia 28 dêste mês o 9 ° aniversário do desincarne de D. Gracinda Batista, uma das criaturas que maior soma de benefícios prestaram aos seus semelhantes sofredores e necessitados. Juntamente com o seu companheiro de vida terrena, Onofre Batista, fundou o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, que de humilde choupana que era, é hoje uma das maiores e mais bem orientadas instituições assistenciais espíritas do país

D. GRACINDA BATISTA

D. Gracinda Batista, espírito caritativo que não perdia as oportunidades que se lhes ofereciam para a prática dos preceitos cristãos, tinha em seu lar, além de sua próle, já bastante numerosa, inúmeros órfãos desamparados, aos quais dispensava os mesmos cuidados dispensados aos seus filhos. Onde houvesse uma lágrima para enxugar ou um coração aflito para consolar, lá estava D. Gracinda Batista prestando com solicitude e carinho, os seus labores cristãos.

Ao ensejo do transcurso do seu 9.° aniversário de desincarne, almejamos a D. Gracinda Batista um lugar de destaque no reino de Deus, lugar que bem merece pelo seu coração caritativo, pondo, acima de tudo, aquele preceito de Jesus que nos manda fazer aos outros aquilo que desejamos para nós.

Os Duplos dos Vivos

Traduzido por: MAX KOHLEISEN (Piracicaba)

Publicação da Revista «SURVIE», órgão da L'Union Spirite Française.

(Artigo extraído do Boletim trimestral da «Fédération Spirite Internacionale» de Julho de 1954; foi escrito por M. Horace Leaf, espírita distinto e editor do Boletim acima citado).

HÁ alguns anos, o «Strand Magazine» publicou uma fotografia tomada por um sábio alemão, da aparição de um homem de pé, atrás de um grupo de Yoguis mergulhados em silenciosa meditação. Era a fotografia de um homem vivo, Yogui também, mas residente a alguns quilómetros dali.

Os espíritas ou psiquistas iniciados não teriam sido surpreendidos por essa imagem, pois uma de suas crenças mais comuns é a de que o homem, a mulher ou, mesmo, uma criança, possuem um corpo etéreo, contrafação de seu corpo físico. Não há nada novo nesta crença. Reportando-nos, pois, às práticas religiosas das raças primitivas modernas, deduz-se que esta idéia é, ao certo, tão antiga quanto a humanidade.

Existem numerosas testemunhas dêste fenômeno da separação do duplo, na religião cristã, e a Igreja aceitou esta crença sob o nome de «bilocação». Conta-se que numerosos santos experimentaram e praticaram esta faculdade, dentre os quais se podem citar S. Severo de Ravena, Santo Ambrósio e Santo Antonio de Pádua. Conta-se que êste último deixou, realmente, o púlpito de S. Pedro de Queyroix onde estava em vias de pregar, e seu corpo etéreo aparaceu e falou perante uma assembléia de monges em um convento do outro extremo da cidade.

Conta-se, também que, lembrando-se de que devia assistir a um serviço divino nêste mosteiro, justamente no momento em que se encontrava no púlpito da igreja, ajoelhou-se deliberadamente perante os fiéis, puchou o capuz sôbre a fronte, e assim ficou durante alguns minutos, no decurso dos quais os fiéis esperaram com todo o respeito. Comparecendo perante os monges e, tendo assim cumprido sua promessa, tomou, novamente, seu corpo físico, e reencetou sua pregação na igreja.

Não é necessário multiplicar as citações, desde que nós possuimos numerosos exemplos contemporâneos, autenticados por testemunhos certos. Talvez não seja fora de propósito citar uma anedocta pessoal sôbre êste assunto raramente aventado. Pessoalmente, estou consciente de ter deixado meu corpo físico e, assim fazendo, êle se pôs a falar-me. Aquêle esfôrço fez que me tornasse a tomar meu corpo; mas eu o ouvi claramente pronunciar as palavras por êle formuladas. Em minhas viagens pelo mundo, tenho ficado admirado do grande número de pessoas, algumas das quais sem nenhum conhecimento do espiritismo e nem das pesquisas psíquicas, que me teem declarado haverem feito tal experiência.

A prova experimental completa desta forma de psiquismo é rara, mas há, mais ou menos 70 anos, certo número de homens altamente qualificados chegaram a ponto de dar um testemunho positivo dêste fenômeno supranormal.

O primeiro que o testemunhou foi o coronel Eugênio de Rochas. Seu método consistiu em magnetizar a pessoa, obtendo, por meio da sugestão e de ordens, a separação do duplo. Revelam algumas das suas fotografias uma separação completa. A forma etérea era, na maior parte do tempo, vaporosa, mas completamente idêntica à forma humana. Descobriu De Rochas, além de tudo, certo número de traços interessantes concernentes a esta forma vaporosa, demonstrando que ela corresponde ao contrôle mental do indivíduo a que pertence. Ela pode, por exemplo, diluir-se ao atravessar corpos sólidos e, o que é, igualmente, característico, torna-se a séde das sensações, facto muito significativo, dado que toda sensação parte do domínio mental.

O Dr. Durville, que vem, em seguida, como experimentador, utilizou-se, também, de diversos indivíduos; êle conseguiu, com sucesso, obter a separação do duplo por meio de passes magnéticos. «O duplo», disse êle, «tem o aspecto do médium, torna-se mais ou menos luminoso e acha-se ligado ao corpo do médium por um tênue fio que parte do umbigo».

Nestas experiências, igualmente, os órgãos das sensações situam-se no duplo separado do corpo físico. Assim, uma das características mais notáveis do fantasma é que, por vezes, êle se torna meio sólido e úmido, o que se verifica ao ser tocado.

As ulteriores experimentações demonstraram que o corpo etéreo tem peso e que êle se pode dilatar e contrair à vontade. Seu pêso seria, aproximadamente, de duas onças e meia (mais ou menos, 60 gramas).

A fotografia psíquica tem oferecido um grande número de provas da separação do duplo psíquico. Assim, a primeira fotografia obtida por Mumber, o primeiro fotógrafo dêste gênero, era a de uma pessoa viva. Ulteriormente, no momento em que Mumber fotografava um de seus clientes, êste cai em transe e a placa respectiva revela uma representação perfeita dêle próprio, de pé, atrás de seu corpo! E' desnecessário acrescentar que êstes fatos deram origem à teoria de que todos os espíritos vistos pelos «videntes» não seriam nada mais do que os duplos psíquicos de pessoas vivas! Esta teoria, como é fácil deduzir, de forma alguma seria contrária à hipótese da sobrevivência da alma, pois, se se pode afirmar que o espírito humano pode existir fora de seu organismo físico durante a vida, não haveria razão para que o não pudesse após a mórte. Só um prejulgamento estúpido poderia diminuir a fôrça desta argumentação.

Outros psiquistas realizaram experiências análogas, dentre êles, Frederico Hudson, o primeiro fotógrafo espírita inglês. Certa vez, êle obteve a fotografia do duplo de Frank Herne, então, famoso médium de efeitos físicos, em estado de transe.

Eis uma prova evidente de que o desenvolvimento da mediunidade se acha intimamente ligado ao desdobramento etéreo, na maior parte do tempo, parcial, mas, em certos casos, total. Em razão da subtileza do duplo etéreo, é, êle, raramente visível, e não se devem tirar conclusões sinão depois dos testemunhos daqueles que por experiência podem falar da separação do duplo. A maior parte dos testemunhos se refere a separações parciais, mesmo porque, a separação completa divide de forma tão radical os dois corpos que, em geral, o cérebro se torna incapaz de registrar as reações mentais que se produzem quando o espírito funciona na contraparte psíquica. De outra forma, é possível, para um indivíduo experimentado, registrar por seu cérebro, no momento de uma separação completa. Em tais casos, somos autorizados a concluir que existe uma conexão muito ativa entre os dois corpos. Se isto se processa em determinados casos e não em outros, há, aí, algum mistério.

O exemplo seguinte demonstra quão real pode ser um desdobramento para o organizador, mas não para o «sujet»: «Uma de minhas amigas, sofrendo de insônia crônica, havia perdido uma joia de valor. Ela veio procurar-me, tendo em mira poder reencontrar o objeto, e eu pude informá-la de que a joia se achava em sua própria casa, além de lhe indicar o local a que deveria dirigir as suas buscas. Dando-lhe estas informações, eu me aventurei a lhe afirmar que, depois de se ter deitado essa noite, ela pegaria no sono dentro de um quarto de hora e acordaria na manhã seguinte, completamente refeita.

No dia seguinte ela me veio ver, tomada de viva emoção e me comunicou que havia recuperado a joia como eu lhe havia dito, após o que, tinha ido deitar-se. De repente, ela me viu passando no quarto. Logo exclamou: «Ó! Snr. Leaf, encontrei o anel!» E eu lhe respondi: «Agora durma!»

Alguns minutos depois, ela caíu em profundo sono, que durou oito horas. Mas eu não possuía a menor idéia dêste acontecimento! Também não posso duvidar dêle. Foi o primeiro, e, que eu saiba, o único exemplo de haver, eu, realizado tal experiência.

Êste facto se parece muito, em princípio, com aquêle lembrado pelo Reverendo Stainton Moses e publicado em «Phantasms of the Living» (fantasmas dos vivos). Êle resolveu aparecer, durante o sono, a um amigo que residia a alguns quilómetros de sua casa, sem que o informasse previamente de sua intenção. Em seguida, deitou-se, e acordou no outro dia, sem possuir a menor idéia de que alguma coisa tivesse acontecido. Entretanto, seu amigo o viu sentado em uma cadeira que êle próprio acabava de deixar. Para se certificar de que não estava dormindo, êle abriu um jornal e colocou-o diante de sua face; ao baixá-lo, viu a aparição, sempre na cadeira. Nenhuma palavra foi pronunciada pela visão, que logo desapareceu.

Multon tem, provavelmente, toda razão quando diz que a projeção inconsciente do duplo se produz, quasi sempre, no estado de sonho. Há, entretanto, numerosas provas de que ela se faz, também, no momento em que os indivíduos estão em vigília, algures, em estado consciente. A melhor forma de explicar o aspecto de sonho da questão é analisar os sonhos imediatamente após o despertar. Concluir-se-á, então, que há uma grande porcentagem de formas simbólicas nas experiências de desprendimento do corpo físico. Por uma razão inexplicável o cérebro etéreo não registra a experiência da mesma maneira como o cérebro físico. Êste último recorre ao simbolismo, no esfôrço de simplificar o fenômeno.

A questão do desdobramento é bastante complicada para nossa condição. Por experiência pessoal sei que êle se pode produzir de diferentes maneiras, e que mais de um corpo superfísico se poderá formar. O verdadeiro corpo etéreo pertence, de certa forma, ao nosso mundo físico, mas não é, certamente, constituido da mesma matéria, ou de matéria semelhante de nosso organismo físico comum. Nêste ponto de vista, os teósofos têm mais ou menos razão quando afirmam com insistência que, enquanto o corpo físico comporta quatro gráos de matéria densa, o corpo etéreo consiste em três, porém, mais sutis.

Pode-se adotar esta teoria de graduação apenas como ilustração; entretanto, ela representa mais de que uma simples conjectura. Segundo os teósofos, o corpo etéreo desaparece, desde que morre o corpo físico. E' esta a indicação que deve existir na íntima relação entre os dois corpos, e pode-se, por isso, esperar encontrar, ainda, outras relações fisiológicas com referência ao assunto.

O que se chama o «cordão umbilical» é caso provado. Dêle encontram-se testemunhas na Bíblia. Pretende-se que os dois corpos sejam ligados por um cordão vital, da existência do qual depende a continuidade de sua aliança. Se êle vem a partir-se, a volta do corpo etéreo ao corpo físico não é mais possível, e o resultado é a morte dêste último. Não possuimos provas evidentes dêste cordão e, em suma, não se conhece muita coisa a seu respeito. Entretanto, deve existir uma relação vital entre os dois corpos e ela existe, provavelmente graças àquela espécie de cordão umbilical.

Eu experimentei, por muitas vezes, o desdobramento, de diferentes maneiras, mas não tenho o menor conhecimento da existência de tal cordão. Pode ser que a causa disto resida no facto de minha atenção estar sempre dirigida para outros elementos. Sou fervoroso partidário da introspecção e, invariavelmente, nestas experiências, minha atenção se prende às reações mentais e emocionais. Elas foram tão atraentes, que eu poderia, perfeitamente, omitir certos fatos salientes, dentre os quais, o cordão psíquico.

«Êste cordão ou cabo», declara o Dr. Nador Fodor, que estudou atentamente êste assunto, «que comporta semelhança impressionante com o corpo físico de um recem-nascido e seu cordão umbilical, está ligado à medula cervical em certas partes do crâneo e, segundo alguns pesquisadores, ao plexo solar». Esta contradição na localização corresponde bem às diversas maneiras pelas quais se procede às experiências do desdobramento. Parece não haver leis que regulem esta matéria, mas apenas uma regra geral. Por exemplo, certos indivíduos desdobram-se imediatamente e por completo; outros escapam-se pela cabeça, outros, pelos pés, enquanto que alguns pretendem que se dissolvam e tornem a formar-se acima do organismo físico. E é, de facto, por diversas formas que se efetua o retôrno ao corpo físico.

De minha parte, sei que volto, sempre, pela cabeça, enquanto retomo gradativamente, o contrôle de meu corpo físico, e que se processa lentamente, para baixo, como se o corpo etéreo se fixasse, com lentidão, no corpo físico. Certa vez, mesmo, foram-me necessárias duas horas para realizar o retôrno completo, e eu me encontrava inteiramente consciente do fenômeno durante toda a sua duração.

O Dr. Fodor declara que o cordão umbilical não é um simples tecido de teia de aranha mas que se distende mais longe, estando, como se supõe, mais denso, desde que não se alongue muito. «E' de côr branca-cinzenta (prateada) e elástico, até uma extensão incrível», como se pode imaginar, desde que se considere a enorme distância que o corpo etéreo pode percorrer para aparecer fora de sua contra parte física. E' êle o condutor da corrente vital que permite ao espírito ou à alma fazer a coordenação com o corpo físico, o que parece impossível sem o seu concurso. Sua separação completa significa a morte imediata.

A primeira experiência de desdobramento pode ser bastante perturbadora. Para mim, aconteceu que me acordei antes de ter obtido pleno contrôle de meu corpo físico. Imaginai uma pessoa completamente despertada, mas incapaz de mover seu corpo da maneira mais insignificante! Sentimo-nos como um prisioneiro dentro da mais ínfima das células, sem auxílio e fazendo esforços para se tornar senhor de seu próprio corpo! Depois, eu me certifiquei, depressa, de que, mantendo-me em estado perfeitamente calmo e deitado, a volta se efetuaria normal e agradavelmente. A utilização da vontade não sómente retarda o contrôle, mas, também, nos conduz ao temor.

No atual momento, a questão do duplo etéreo e suas possibilidades, representa ainda um mistério em vários pontos, e ninguém possui autoridade bastante para poder falar com critério absoluto. Da mesma forma que outros fatores naturais, concernentes à vida, é assunto totalmente particular, e pode-se dizer que, talvez no futuro, descobrir-se-á que o assunto encerra faces multiformes. Jamais chegaremos, nesta matéria, a estabelecer uma ciência exata, da mesma maneira como não poderemos, jamais, formar uma ciência exata no campo da psicologia.

O que poderá ser ainda mais embaraçoso, é o caso de vermos o nosso próprio duplo! Entretanto, isto parece ser um fato averiguado. De outra forma, o duplo psíquico pode agir à distância, desde que o paciente o ignore por completo e desde que viva, por todo êsse tempo, sua vida normal.

Certo número de pessoas tem feito experiências com êste fenômeno e, dentre elas, Maupassant, Alfred de Vigny, Musset, Shelley, e o poeta alemão, Goethe.

Goethe descreveu fielmente o fenômeno. Assim, conta que, viajando a cavalo, ficou surprêso de ver a si-próprio vindo a seu encontro e vestido com roupas que jamais havia usado! Oito anos depois, encontrava-se na mesma estrada e com os mesmos trajes da visão anterior. Foram as suas próprias palavras: «Isto não aconteceu por minha expressa vontade, mas por acaso».

O exame minucioso de todos êstes casos conduz-nos à conclusão de que existem exemplos de previsão do futuro. Entretanto, a dificuldade repousa na realidade do duplo da época. Um dos exemplos mais significativos dêste fenômeno foi-me relatado por um senhor que se encontrava em Exeter, no Devonshire, na Inglaterra, e que o aterrou. Êle teve ordem da casa que representava de procurar certo cliente em determinado lugar, às onze horas da manhã seguinte. Com grande surprêsa sua, o cliente apresentou-se uma hora mais cedo, trazendo pequena valise. Apertaram as mãos, discutiram em pormenores o assunto comercial e se separaram. Uma hora após, o mesmo facto se repetiu: todos os gestos e palavras foram renovados e, contudo, tem se a prova de que o cliente não se encontrava em Exeter na ocasião do primeiro encontro!

Certas pessoas, em diferentes épocas, têm-me declarado que elas próprias me haviam visto e ouvido falar. Entretanto, na maioria dos casos, eu pude provar que me encontrava muito longe da cena, cuidando normalmente do meu trabalho ou atividade de sempre.

Assim, foi-me possível provar a um membro pre-eminente da «Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas» que o espírito ou alma é capaz de viver independentemente, mesmo a grandes distâncias, fora do organismo físico. A prova mais convincente da existência do duplo etéreo se revela no fato de poder ser visto simultaneamente por diversas pessoas. O professor Charles Richet cita vários exemplos no seu livro—«Trinta Anos de Pesquisa Psíquica». Existem, além disso, outros testemunhos.

Um dos argumentos preferenciais dos negativistas da hipótese espírita, no que concerne às materializações, é êste: não é outra cousa sinão o duplo etéreo do médium, modificado, para ser de semelhança de alguma outra pessoa. Entretanto, os moldes de parafina apresentam a *prova objetiva* de que são formados por espíritos materializados. O próprio físico inglês, Sir William Crookes, confirma que realizou tais experiências.

Posso testemunhar, sem hesitação, a possibilidade de uma pessoa residindo a mais de 500 quilómetros, se manifestar sob uma forma sólida e sustentar, comigo, uma palestra prolongada e inteligente, tendo segurado em sua mão, parcialmente materializada. E, para confirmar que realmente se achava presente, antes de se desmaterializar, ela me confiou um segrêdo, cuja veracidade, mais tarde, pude verificar. Isto convenceu-a de que tem sido a manifestação do seu «Eu» etéreo, si bem que não tivesse a menor lembrança do que aconteceu.

Pouco se conhece sôbre a melhor forma de efetuar-se conscientemente um desdobramento etéreo. A maior parte daqueles com os quais tenho discutido o assunto, sentiram espontâneamente o fenômeno, e isto, com grande admiração. Entretanto, encontrei diversas pessoas que me declararam serem capazes de se desdobrar à vontade. Uma delas é um engenheiro que prestava serviços técnicos a uma usina elétrica do sul da Inglaterra. Ele, no fim, suspendeu estas experiências por temer que, algum dia, não pudesse mais retomar seu corpo físico. Era chefe de pequena família e acreditava em que o risco seria muito grande. Ele não era Espírita.

O estudo aprofundado das circunstâncias referentes ao desdobramento, mesmo o espontâneo, revela um esfôrço bem organizado e um objetivo bem definido. Isto poderia produzir-se abaixo dos limites da consciência. Não há razão alguma para se fazer esta sugestão, pelo motivo de que a pessoa normalmente ignorava o fim visado. Sabe-se, perfeitamente, que a consciência normal não é mais do que uma parte especializada do espírito e que ela se acha bastante limitada quanto ao conhecimento das demais possibilidades do espírito. Os recalques e a hipnose o provam.

Nas regiões inferiores do espírito há muitos comportamentos dos quais nada conhecemos; certamente, é aí que nós vivemos a maior parte de nossa vida mental.

Se os recalques podem causar, — como nós sabemos, — uma forma de histeria, e reagir inesperadamente sôbre o corpo físico, há poucas razões para negar que, tendo-se dado outros elementos estranhos ao corpo físico, possam produzir-se muitas coisas no domínio do etéreo, a respeito das quais, ainda devemos permanecer na ignorância. Isto, naturalmente, deve ser considerado como especulação mas não uma especulação sem finalidade justificada.

Devem existir explicações de aparições fora do corpo físico, e não há, desse assunto, uma melhor explicação a não ser aquela que se oferece com a saída do corpo etéreo.

Se um dia a ciência oficial puder explicar êste fenômeno, ter-se-á realizado um grande progresso concernente à natureza do homem e, poder-se-ão, também, descobrir novas condições de existência. Isto implica em novas concepções do tempo e do espaço, pois o mundo etéreo não será, talvez, inteiramente físico. Desde então, nós nos convenceremos de que o homem poderá encontrar-se, ao mesmo tempo, em dois lugares diferentes e duas vezes no mesmo lugar, como no caso de Goethe.

Novos Rumos dados por Kardec

A evolução está imanente nos sêres e nas cousas. Tudo que existe, material e imaterial, está sujeito à grande lei da evolução.

Relegando esta verdade, o mundo, por muitos anos, se baseou na autoridade, na infalibilidade para resolver todos os problemas que preocupavam os pensadores.

No terreno científico Aristoteles era um papa, infalível, de suma autoridade.

O peso da autoridade aristotélica esmagava qualquer argumentação no terreno científico; e no terreno religioso, o papa, na sua pretensa infalibilidade tudo decidia com a autoridade divina...

E o mundo vivia assim subjugado por duas grandes autoridades.

O papa muitas vezes entrava em terreno não religioso para «resolver» problemas transcendentes, tendo, como é natural, a Biblia como fonte infalível de autoridade. E assim, dando por paus e por pedra, foi «resolvendo» grandes problemas, suas decisões eram dadas por decretos infalíveis e, indiscutiveis; dessa maneira, infalivelmente, «resolveu» a questão da esfericidade da terra, da geração espontânea, da existência de micróbios, enfim, problemas que exigiam observações e experiências atentas, com duas penadas infalíveis, dava por resolvidos de uma vez para sempre...

Aristoteles ensinou que, se se abandonassem simultaneamente de certa altura duas bolas, uma de cinco quilos e outra de um, a primeira tocaria o solo cinco vezes mais depressa; isto parecia muito natural e ninguém poria em dúvida a autoridade de Aristoteles. Mas, Galileu quís por à prova essa afirmação do grande filosofo grego. Foi o que fez.

Convidou a Universidade de Pisa para assistir à experiência, e, da torre de Pisa lançou ao mesmo tempo os dois pesos, e, qual não foi a surprêsa: os dois pesos tocaram o solo simultaneamente!

Do alto da torre de Pisa esborrachou a afirmação de Aristoteles...

Era a experimentação que vinha desfazer a argumentação filosófica da época; provou Galileu que toda argumentação tinha que passar pelo crivo da experiência, era o pensamento baseado na experimentação que iria dar o grande impulso à ciência e à filosofia.

A autoridade papal na idade média queimava os feiticeiros (os médiuns de hoje), as manifestações espíritas eram abafadas pela fôrça dos dogmas e da intolerância.

Surgiram os reformadores. foram combatidos pela contra reforma, Luthero com a pregação do livre exame do livro sagrado ia contrariar a doutrina secular da imposição da crença pela autoridade pontifícia.

A luta entre os reformadores e os catolicos trouxe um grande benefício à humanidade, o homem que abalou o mundo, abalou a autoridade clerical.

Muitos homens de ciência ficaram à margem da religião, homens afeitos à filosofia, à ciencia experimental, antes criticavam as atitudes religiosas, mas não se filiaram a esta ou àquela seita, eram, em religião, marginaes.

Os cérebros privilegiados da epoca não encontravam lógica nas argumentações religiosas, sabiam que pela dialética muitos padres argumentavam, procurando provar, grandes absurdos em materia de teologia.

O mundo sem provas religiosas caminhava para o cepticismo, para o materialismo crú.

A religião precisava dar provas concretas de seu ensino, das suas afirmações dogmaticas, as autoridades clericaes davam ao povo um ensino vasío, ôco, sem base na razão; a fé cada vez mais se divorciava da ciência e da filosofia.

Os cérebros pensantes pediam próvas, pediam um novo Galileu que viesse destronar a autoridade clerical, como fôra destronada a de Aristoteles.

Esse novo Galileu veio ao mundo para trazer as provas que a humanidade necessitava; as experiências espíritas feitas pelo grande genio da humanidade, Allan Kardec, assentaram as bases definitivas da filosofia religiosa: afirmação de uma verdade pela experiência.

Galileu, do alto da torre de Pisa, com dois pesos apenas, destronou a autoridade de Aristoteles; Allan Kardec, com experiências de tiptologia, demoliu um Himalaia de Dogmas arquitetados pela autoridade pontificia.

MAC MAYNARD.

Tatuí, 1-1-54.

* * *

A paz sómente será estabelecida no vosso mundo quando os homens se tornarem verdadeiramente cristãos. E o Espiritismo está no vosso mundo justamente para cristianizar os homens de modo que êles possam se orientar de acôrdo com o espírito do amor fraterno ensinado e exemplicado por Jesus. Isto quer dizer que deveis vos empenhar a fundo na prática e difusão desta doutrina, certos de que o vosso salário real está sendo anotado no Livro da Vida. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

Hoje os funerais não são tão negros

«Two Worlds» *(Londres)*

O Espiritismo puro e simples entra nas páginas do «Oldham Evening Chronicle», num artigo de seu colaborador, «Wayfarer».

Sessenta anos atrás, escreve êle, um funeral era horroroso acontecimento. Todos manifestavam o desespêro e se cobriam de luto. Mesmo a pessoa morta era considerada uma causa perdida, se êle ou ela não fôra regular frequentador de igreja.

Hoje, diz Wayfarer «tenho sérios motivos para suspeitar que nem todo o clérigo entrará na posse do melhor lugar no mundo espiritual. Se êle fôr digno dêsse mundo, êle o terá, mas do contrário, não. Causa e efeito são os Princípios imutáveis de Deus».

Os funerais hoje são mais claros, acrescenta êle. Dizemos que nossos amigos se passaram, não morreram. Encaramos a morte como um acontecimento natural. Cada vez mais nos convencemos de que o homem é um espírito, «sendo o corpo físico apenas uma morada temporaria, que êle ocupa por algum tempo e depois o abandona».

Graças aos trabalhos de homens como Sir William Crookes, Oliver Lodge, Prof. C. Richet e outros grandes investigadores psíquicos, temos a prova cientifica da sobrevivência humana.

⁂

Livro que se desloca duma Estante

O *Psych News* publicou em Dezembro último o relato de um fenômeno invulgar referente ao livro «Antiguidades e Curiosidades da Igreja» que mão invisivel tira mensalmente de certa estante do museu do Yorkshire.

Brian Lumley, noticiarista do *Yorkshire Evening Press*, diz que Georges Jonas, guarda do museu, foi o primeiro a notar a aparição de um velho que pegava no livro. Depois, o médico de York resolveu tomar parte nas investigações que se fizeram com Lumley, Jonas e seu irmão James, F. A. Nutt, W. N. French, e bem assim o referido médico e um advogado, que se reuniram na bibliotéca fracamente iluminada e que fôra préviamente esquadrinhada, quando o fantasma apareceu.

O livro estava bem colocado na estante. Ás vinte horas menos dezoito minutos sentiu-se um ruído especial e viu-se sair o livro vagarosamente da fila onde se encontrava e cair no chão, com o título para cima e ligeiramente aberto. O médico estava próximo da estante e disse que antes da eclosão do fenômeno sentiu as pernas muito frias até ao joelho. Ninguém teria podido tocar no livro, porque Lumley estava de vigia e os restantes distavam cerca de dois metros do lugar. O médico inspeccionou a estante, levantou os outros volumes e nada viu de anormal. O guarda do museu exclamou:

— Talvez agora me acreditem.

O irmão dêste, que manifestara incredulidade, estava aparvalhado à vista do fenômeno.

Após as investigações, o médico declarou:

— Isto é absolutamente incrível. Sem dúvida, o livro foi tirado da estante por qualquer coisa que não é dêste mundo.

O advogado, por sua vez, justificou:

— Eu vi com os próprios olhos. De resto, não acreditaria em ninguém que me narrasse o fato.

Um dia, no momento de fechar a bibliotéca, Jones viu a aparição escoar-se por uma porta fechada a cadeado. De outra vez, quando ia acompanhado, ouviu voltar as páginas de um livro, que caíu no chão, quando êle se aproximou.

Parece que se trata do espírito de Edward Wooler, um advogado de Darlington e antiquário a quem o livro pertencia e cujo cartão de visita estava no interior do livro.

E' pena que o médico e o advogado mantenham o anonimato, pois seria interessante que assumissem a responsabilidade das afirmações.

E' possível que a entidade espiritual encontrasse apôio nas faculdades mediúnicas de qualquer pessoa que ali vivesse, pois só assim poderia tanger a matéria.

⁂

As fôrças naturais desconhecidas

«Revue Spirite»

Sob o título supra, o eminente astrônomo e espírita Camilo Flamarion publicou em «Revue Spirite», uma série de fatos a êle comunicados por cartas. Oferecemos aos leitores o que segue, relatado por Ignaz Georg Doleschal (Alemanha):

«Senhor, o vosso nome sempre é citado em minha terra como representando o melhor juíz dos fenômenos inexplicados; assim, ouso pedir a vossa opinião sôbre os dois fatos seguintes, que me são pessoais.

Eu era empregado num escritório, e estava muito ocupado, tão apressado que não desviava a atenção do meu trabalho, que completamente absorvia meu pensamento, pois era preciso terminá-lo naquele mesmo dia. Ora, de-repente, ás três e meia, em pleno dia estival, vejo distintamente minha mulher e meus dois filhinhos, não longe de mim, em uma canôa conduzida por um moço em costume militar. O barco oscilava fortemente e o piloto parecia muito inquieto. Todos os quatro revelavam grande temor. Eu nada compreendia dessa visão imaginária, não adivinhando como poderiam estar num barco pilotado por um soldado, minha mulher e filhos, que se achavam em Dresde; considerei absurda a minha visão e atirei-me ao trabalho e não mais pensei no caso.

Dois dias depois, ao voltar à casa, disse minha mulher exclamando: «Imagina que por pouco não nos tornariamos encontrar! — Como assim? — Queriamos atravessar o Elbe, e um soldado que lá estava ofereceu-se a conduzir o barco. Mas passou um grande barco a vapor, e as ondas agitaram nossa frágil embarcação. Estavamos a pique de naufragar! Foi isso às três e meia horas...»

Eis aqui uma audição à distância.

Num grande escritório comercial em que eu ocupava o primeiro cargo, um de meus colegas cometeu um furto.

Um dia em que eu estava de cama em minha casa, sofrendo bastante, êsse colega descobriu, em minha gaveta, as chaves da caixa. No leito, ouvi as chaves que caiam no soalho, sem nenhuma causa explicativa. Quando voltei ao escritório, verifiquei que alguém roubara minhas chaves, precisamente à hora em que as ouvi cair, e efetivamente jaziam no soalho dêsse escritório (situado a grande distância de minha morada), em conseqüência da precipitação do ladrão.

Tratar-se-á de audição à distância, como antes, visão à distância... Telepatia? Mas, qual a explicação?»

⁂

Um testemunho pessoal

«Light»

Mr. Frank T. Blake, falando em Newmouth, fez a seguinte declaração:

«Aquí estou e declaro com absoluta verdade, impossível de ser contestado por qualquer alma vivente, que tenho sido testemunha, com êstes meus olhos, da presença dos corpos vivos de nossos mortos, em circunstâncias idênticas aos relatos contidos nos Evangelhos e concernentes ao reaparecimento de Jesus após a sua morte. Nenhum homem, nenhum criticismo ou tortura poderiam fazer-me negar esta afirmativa.

Durante 30 anos, tenho experimentado a vívida companhia dos mortos. Tenho visto milhares; falei a centenas. Andei ao lado de espíritos, em formas sólidas, juntamente com êles caminhei em salas de sessões, de braço dado e com êles conversava. E nada descobri nessas experiências capaz de ofender qualquer credo cristão».

⁂

Previsão da própria morte

De «Estudos Psíquicos»

J. Watts conta-nos, em «Psychic Highlights», que a Niassalândia é a mais encantadora terra em que êle viveu. Admira-lhe o povo, que é leal, valente e honesto, inteligente e alegre. Não havendo hospital nessa região, êle estabeleceu um pequeno centro de primeiros socorros na sua propriedade, com a preceptora de sua filha para o ajudar e à sua mulher nos tratamentos.

Um dia, um dos seus criados anunciou-lhe que o chefe Jeumola desejava falar ao Dona. O chefe era um homem alto, de aspecto digno, vestido de vermelho e branco, e trazia uma fina peça de tecido feita à mão. — «Para agradecer ao Dona, que tem ajudado o meu povo, eu trago este pobre presente».

Algum tempo mais tarde, tendo-o encontrado na aldeia o chefe disse-lhe: — «Dona, digo-lhe adeus».

— «Você vai fazer alguma viagem, Jeumola ?».

— Sim, Dona, na próxima terça-feira vou para o Pai».

— «Para o Pai ?» — perguntou, surpreendido, Watts, sabendo que o chefe só tinha 60 anos e parecia estar de perfeita saúde e cheio de serenidade.

— «Sim, Dona» — foi a resposta, com um longo e grave olhar.

«Isto passou-se na quinta-feira, de manhã. Na terça-feira seguinte, Jeumola morreu repentinamente.

«Os nativos não se lamentam quando uma pessoa querida morre. Eles alegram-se que isso lhes aconteça.

«Estas pessoas, vivendo muito longe da civilização, parece nunca temerem a morte. Eu não sei se muitas delas sabem a hora da sua morte, mas Jeumola certamente que o sabia».

«Talvez que estes habitantes de Niassalândia não estejam tão «longe da civilização», como somos levados a pensar».

«Em Bombaim eu tive por amigo um aristocrata indú. Em certo fim de semana êle anunciou-me que morreria na quinta-feira seguinte, às 3 horas da tarde. Nesse dia chamou a família e amigos, disse-lhes adeus e pediu-lhes que o deixassem só para meditar calmamente nos seus últimos dias. De facto, ele morreu no dia e hora que tinha previsto».

Tempo virá em que o problema da morte, atualmente tão terrificante, será encarado com a mesma serenidade do Niassanlandês Jeumola. E, possivelmente também, com a maior naturalidade será conhecida a hora suprema de cada ser.

Assim será verdadeiramente compreendida e aceita uma das Leis Divinas que nos regem.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Isidoro Duarte Santos

Dando sequência ao seu vasto programa de visitas pelo País, o ilustre beletrista lusitano, após os quatro dias de estada na Capital Paulista, voltou ao Rio a 14 de Junho p.p. dali seguindo para o Norte.

Em Vitória, Estado do Espírito Santo, Salvador - Bahia, Recife — Pernambuco, Maceió — Alagôas, Aracajú — Sergipe e João Pessôa — Paraíba, portanto, foram os Estados que receberam a figura do querido irmão d'além mar, no periodo de 15 de Junho a 15 de Julho p.p. A 18 novamente em S. Paulo, onde realisou conferências na União Federativa Paulista, Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, Liga Espírita do Estado e visitas a algumas instituições espíritas beneficentes. No sabado 23, foi recepcionado pelos Diretores da Federação Espírita do Estado, União das Sociedades Espíritas, Instituto Espírita de Educação, com um almoço no Restaurante Dino, na Capital. Presente a esse ágape o editor Batista Lino e o Dr. Agnelo Morato, este representando o Educandário Pestalozzi de Franca e a Imprensa Espírita do Interior.

O Dr. Luiz Monteiro de Barros fez a saudação em nome dos espíritas paulistas e logo após, a réplica de agradecimento do irmão Isidoro.

A's 19 horas, dirigiu-se à séde da Federação, onde lhe foi oferecida a oportunidade de falar à Aula de Aprendizes do Evangelho e ainda, assistir uma sessão íntima que muito o emocionou.

No dia 25, dirigiu-se à cidade de Santos e, depois de percorrer e visitar a Casa dos Pobres e o Centro Espírita «Ismenia de Jesus», fez a sua esperada conferência, à noite, discorrendo sôbre tema de grande atualidade.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Em virtude da sua máquina impressora achar-se já muito gasta, sendo forçada a submeter-se a constantes consertos devido à sua velhice, 80 anos aproximadamente, o nosso companheiro «O Clarim» iniciou uma campanha para acquisição de uma máquina nova que, embora modesta, custa bom dinheiro hoje.

Aberta a campanha, inúmeros confrades já atenderam o apêlo fraternal de «O Clarim» enviando os seus donativos, afim de que a obra de Cairbar Schutel não pare na sua marcha de difundir o Espiritismo.

São os seguintes os confrades que já enviaram os seus donativos:

	CR. $
Jeny Perche	60,00
Elvira Silveira Perche	50,00
José Angelo Pelegrino — São Carlos	5.000,00
Aleixo Victor Magaldi — Volta Redonda	50,00
José Garcia Rosa — Ribeirão Preto	50,00
D. Eliza de Camargo e D. Josefina S. Camargo — São Paulo	200,00
Zelia Silveira Perche	500,00
Dr. Ignacio Ferreira — Uberaba — 16 volumes de livros no valor de	400.00
Donativo de um confrade de S. Paulo	200,00
Anônimo	200,00
Brasilio de Mattos — S. Carlos	10,00
José Jacob Celli — Araraquara	200.00
Helena Goulart de Faria — Araraquara	100,00
D. Chiquita Fonseca	10,00
Um companheiro	1.000,00
Djalma Avezani — S. Paulo	100,00
Familia Di Giacomo — Catanduva	1.000,00
Confrades do C. E. Santo Agostinho de Presidente Bernardes	310.00
Vinicius — de S. Paulo — em livros	420,00
D. Gisela Cabraitz — Salto	50,00
Antonio da Motta — Franca	100,00
Florêncio Tejeda — Limeira	100,00
Sydnei G. Wiss Barreto — Adamantina	20,00
Angelo Rinaldi — Taquaritinga	150,00
	Cr. $ 10.280,00

Em nome de Cairbar Schutel agradecemos, de coração, aos confrades que já enviaram os seus donativos para tão útil e oportuna Campanha.

A 26 seguiamos para Limeira. Na «gare» à nossa espera, Florencio Tejeda e Antonio Cruañes Filho. Um rápido descanço no lar deste último e a seguir, visitas ao Nosso Lar e Albergue Noturno, dois setores que dignificam o esfôrço dos irmãos da terra da laranja. A's 18 horas, por deferência especial, o confrade Nenem, coloca à disposição do conviva, o microfone da Rádio Educadora de Limeira. Programa comercial de uma firma para estar à disposição dos ouvintes e terem a ocasião de conhecer o orador que falaria em Espiritismo. Gostamos da feliz idéia do estimado companheiro Nenem.

A's 20 horas, feita a devida apresentação pelo amigo Tejeda, Isidoro deleitou o auditório por 60 minutos, numa explanação de conceitos admiráveis sendo, no final, intensamente aplaudido.

No dia seguinte, 27, rumo a Piracicaba. Chegada ás 9 horas e, à nossa espera, êsse nobre de «gentleman espírita» que é o ilustre Catedrático de Botânica da Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz», Prof. e Dr. Walter Radamés Accorsi. — Como se afinam as almas com tanta presteza? Que mistério Senhor, liga os sêres para essa liberdade expansional tão rápida?

Quanta beleza vemos na teoria reencarnacionista e da qual é o Espiritismo lídimo paladino e atual continuador das velhas e milenárias teorias da sucessão das vidas. Dentro em pouco, em casa de D. Eugenia Galvão, da qual seremos hospedes. E que dizer de tão amável criatura que é Mãe Eugenia?

Considerada o esteio da doutrina, com meio século de lutas e sacrifícios pela causa do Divino Messias, tem em seu acêrvo o de ser a Digna Serva do Senhor e Mestre Jesus, confortando, orientando e amando até hoje, não só os fiéis adeptos da Doutrina dos Espíritos, bem como os necessitados de toda a sorte. Dali saem: o receituário para muitos doentes, o passe curativo, a palavra do Evangelho e, basta saber que, Vinicius, Pitta, Dr. Accorsi, João Eudoxio da Silva e outras figuras ilustres do movimento kardecista, dão o testemunho da grandeza d'alma da Professora Eugenia Galvão da Silva.

A' tarde de nossa chegada, fomos visitar o «Nosso Lar» futuro educandário que nossos irmãos piracicabanos constróem com desvelo e fé impares. A mulher espírita, como sóe acontecer, organiza almoços campestres, reuniões festivas, chás, pic-nics, etc. no próprio local e assim, tendo o terreno sido adquirido «sob palavra» soubemos pelo Dr. Accorsi, quanto o Alto colaborou para que hoje, o seu patrimônio, no valor de Cr. $ 1 500.000,00, representa no seio da tradicional Cidade Universitária. Grande feito dos espíritas de escól que bem merece a nossa admiração.

Após outras visitas em diversos Centros, realizou se à noite na séde da União Espírita de Piracicaba, a conferência do irmão Isidoro, sendo sua apresentação feita pelo «condottieri», Dr. Accorsi.

Notamos que, a simplicidade com que se pratica o Espiritismo nessa cidade, mereceria de todos, um estudo mais prolongado. E' preciso conviver com tais amigos e irmãos, para se ter noção clara de como se esforçam por ser verdadeiramente cristãos, sem ferir a susceptibilidade de quem se diz espírita. Isidoro apresentou um trabalho agradabilissimo. Na manhã seguinte, rumo a Araras, passando por Limeira. Mais um contacto com Tejeda, êsse companheiro simples e cordial. Em Araras, motivos de ordem inesperada, obrigou-nos a não realizar conferência. Nêsse caso, seguimos rumo a S. Carlos. Aí, também, o programa era incerto mas, tivemos agradável contacto com o irmão Jacinto, o leal irmão que há anos luta pela defesa da Doutrina nêsse sólo áspero. Todavia, agora, robustecida pela presença do irmão Vilaça e com uma Mocidade que tem à sua frente um Presidente extraordinário, cremos que a linda cidade da Paulista, que tem em seu meio a figura dêsse notável varão que é Antonio Basso, e, a seu crédito, o de ter realizado duas importantes Semanas Espíritas, não nos admiremos se dentro em breve, a doutrina estará em plena ascensão. Parabens aos irmãos sãocarlenses e votos de muito êxito.

A etapa seguinte foi Matão. Não estava programada, mas achamos que não poderia Izidoro vir ao Brasil e não visitar a turma do Schutel. E assim, despontamos na doce e serena cidade do inesquecível CAIRBAR. Adentrando a casa, sem aviso, invadimo-la, e já fomos abraçando o querido Campêlo e Antoninha. Surpreza? Maior do que isso! O Izidoro de Portugal em visita! Gente! Os espíritas são esquisitos, pois não? A' tarde, visita ao Juca, que apesar de certa fraqueza, engordou 10 kilos. Estava radiante o valente soldado do «Clarim». Um café gostoso, com a esposa solícita e mais a presença do Edo Mariani e Adelar Machado. E a prósa prolongou-se por duas horas, até que D. Antoninha Perche Campêllo veio buscar-nos. Nessa noite a temperatura caíra e um frio cortante nos obrigara, a pedido do Izidoro, a não realizar conferência. A geada fazia estragos tremendos assolando diversos Estados, como posteriormente sabiamos pela Imprensa.

A noite decorreu entre os familiares dos Perches e Campêlo. Na manhã seguinte, 6 horas e meia, uma rápida visita ao Lar Infantil «Cairbar Schutel». Nossa cicerone, essa criatura íntegra que é a irmã Farmacêutica Zélia Perche. O modelo da Bôa Vontade e de realização estão personificados em sua alma nobre e singela.

Saimos às 7 horas e às 12, chegada em São José do Rio Preto. A' nossa espera, Tonello e EIMKE. Abraços, e dentro em pouco, somos hospedes do casal EIMKE. Lá, a figura ímpar de D. Romilda, ao lado desse novo trabalhador da seára, seu esposo. Os filhos e netos completam a harmonia dessa familia original. Cultos, simples, amaveis, desfazem-se em mil atenções.

Aí, o programa foi de 2 dias, bem lotados. Duas palestras, em dois Centros; visita ao Sanatório, onde fomos encontrar em repouso o grande pregador de ontem que foi o Chico Amadeu. Ao vê-lo, não pudemos conter as lagrimas. Está a caminho da recuperação. Visitamos o estabelecimento e os internados. Uma obra meritória, tendo à sua frente um ótimo provedor e ilustre médico na parte clínica.

Na primeira noite, Izidoro foi recepcionado condignamente pela turma da Juventude e Mocidade local. A' sua chegada, um aluvião de aplausos que muito o comoveram. Apresentação a cargo do irmão EIMKE.

No 2.º dia, uma visita a um dos esteios da doutrina, na linda e formosa Rio Preto: o irmão Zico, o combatente de 1.ª linha. Estava acamado mas, conservando o seu bom humôr. A querida esposa, outro elemento digno da mulher espírita. Lá, além do «indefectível café,» a Mocidade organisou um «show espiritualista». Gostamos da idéia. Quanto ao Sanatório-Hospital Bezerra de Menezes, devemos mencionar que o mesmo tem como apôio, a Associação de Beneficência Espírita Consolador, onde um pugilo de confrades abnegados fazem o bem pelo bem, seguindo a regra do Cristo. Mas, contrariando o que nos foi pedido, é justo salientar o devotamento pela causa, do amado Zico, essa figura de prôa que honra o Espiritismo na fidalga cidade da Araraquarense. O casal Eimke, a familia Tonello, e outros irmãos dedicados, completam a equipe. Quanto ao setôr da Mocidade, notamos duas expressivas criaturas em seu meio. O Presidente e a jovem Professora Terezinha. Ambos elementos destacados que estão perfeitamente cônscios da elevada finalidade educacional que a doutrina necessita. Promissora juventude.

A 1.º de Agosto, 1/2 dia, nossa partida pela VASP, rumo a Ribeirão Preto. As 13,15, à nossa espera no Aeroporto da terra do café, 30 confrades, e, liderando o pelotão, o Prof. Jaime Monteiro de Barros, José Papa, José e Nair Cunha, e os jovens da Mocidade. Recepção festiva.

A' noite, na séde da União Kardecista. Presidência de José Papa. Saudação ao visitante pelo Prof. Jaime M. de Barros. Casa lotada. Durante 80 minutos, discorreu Isidoro sôbre multiplos aspectos doutrinários.

No dia seguinte — 2 —, sempre ao lado desse anfitrião admirável que é o distinto amigo, Dr. José Pereira Bastos, advogado de escól, Isidoro visitou a Imprensa e o Rádio. Diário da Manhã — A Cidade e, pelo «dial» da PRA 7, dirigiu aos espíritas a saudação dos irmãos lusos. A' tarde, foi recepcionado na séde do Consulado Português. Um belo grupo de amigos numa reunião íntima, agradável e inesquecível tendo à frente, sua Excia. o DD. Vice Consul, Sr. Manoel Santos Freire, diplomata de escól.

Ao champanhe, disse o representante da Nação irmã que, a vinda de um oficial superior da Marinha de Guerra Portugueza ao Brasil, era motivo de muita significação, pois, em viagem de cordialidade e paz, o contraste era evidente. Agradecendo, Izidoro, comovido, explicou aos convivas que era cidadão de dupla nacionalidade de vez que, considera-se luso-brasileiro pelos laços do aféto e da língua.

Reconstituiu episódios históricos, onde as duas nações firmaram seus princípios de fraternidade. Saindo desse ambiente, dirigiu-se após a visitar a cidade e, a noite, às 20 horas, adentravamos a séde do União e Caridade. Aqui, então, a cousa atingiu ao climax. Iniciando a reunião sob a direção de José Cunha, um grupo de damas constituido das senhoras Julieta Corsini Monteiro de Barros, Albertina Papa, Nair Cunha, Estefania Carneiro e Maria Trovato, subiram ao palco, e, depois de sincera e tocante saudação proferida por D. Albertina Papa, as mesmas ofertaram ao hospede, as flores da gratidão da Mulher Espírita.

Isidoro comoveu-se e seus olhos marejaram-se de lagrimas a lembrar-lhe a doce figura de sua amada Lia, hoje na espiritualidade. Assim, D. Maria Duarte Santos, foi homenageada «post morte». Se na noite anterior, os irmãos Vinicius e Vera Lucia Papa, haviam dado a nota no setor artístico, a mesma oferenda teve reprise agora, com a jovem Carmen Silvia, cantando ao violão um fado e mais a voz do tenor Denisard, com a joven Prof.a Véra Lucia Papa ao piano.

Em seguida, a conferência. Como de habito, mais uma etapa vencida galhardamente por Isidoro, muito aplaudido ao seu término. Por motivo de fôrça maior, deixou de comparecer à reunião, o confrade Salvador Trovato, Presidente da Casa. Todavia, na manhã seguinte, antes de deixarmos a cidade, abraçamo-lo efusivamente, pois havia chegado de viagem. Em meio a despedidas, entre abraços, saudares, etc., seguiamos na manhã de 3, rumo à Franca, no carro do amigo José Cunha. Em viagem, passamos por Brodosky, a terra de Portinari, e ainda, em Batatais, visitámos a Matriz, para admirar os paineis dessa grande expressão da pintura universal.

Ao meio dia em Franca, e dentro em pouco, após rápido descanso no Hotel Francano, recebemos a visita do «maitre» Agnelo Morato. O ex-cardeal de outras éras, já se colocava ás nossas ordens.

A's 15 horas, no Educandário Pestallozzi, sendo recebidos pelo casal Novelino.

Minutos depois, assistiamos como espectador privilegiado, a debates entre essas duas expressões vivas da doutrina, Isidoro e Novelino. Durante 70 minutos, o entusiasmo, a ilustração, a sapiência, a cultura e a sinceridade sobretudo, animaram esses dois velhos gladiadores da 3.a Revelação. Abordando assuntos de ordem transcedental, apenas ouviamos, não sabendo o que mais admirar, se o valor intelectual dos litigantes, a beleza dos diálogos, ou a luta leal dos esgrimistas da palavra.

Afinal, terminou a arenga. Os dois ilustrados abraçaram-se e, graças a Deus, a visita ao Educandário. O cicerone Dr. Novelino, logo mais à noite, na séde do Fé e Esperança, dirigia os trabalhos. Casa «au complet». Após a prece, números de cantos pela MEF sob a direção de Olavo. Apresentação do orador pelo Dr. Novelino, e «curriculun» pelo mesmo.

Isidoro encantou a assistência abordando o tema: Os dois pratos da vida.

Ao final, fez-se ouvir em magnifico agradecimento, Agnelo Morato. Antes da reunião, a juventina Tereza de Paula, leu uma mensagem, ao visitante, em nome dos moços francanos e uma linda garota de 8 anos ofertou flores. A prece final, foi ao Alto, na palavra suave do irmão Motta. O jornalista Teofilo Araujo Filho, D. D. Presidente da Loja Maçônica local e demais pessoas gradas da cidade, prestigiaram a solenidade. Na manhã seguinte, com Morato, Novelino e José Russo, fomos em visita à Usina de Peixotos, grande realização do Governo de Minas Gerais com o Governo dos Estados Unidos da America. Percorrendo detalhadamente o famoso vale da «Garganta do Diabo», vimos em duas horas o que será em futuro a nova adutora e Usina Hidro Elétrica de Peixotos. Mais de 40 engenheiros de diversos países e 3500 homens prestam sua colaboração nesse trabalho gigantesco. Alí, o Rio Grande, mostra uma parte da sua pujança e do seu esplendor. Uma visita memorável e inesquecível.

Brasil, País do Futuro, no dizer de Stefan Zweig — Pátria do Evangelho, Coração do Mundo, na expressão espiritual e feliz de Humberto de Campos. A's 16 horas, volta à cidade e visita à Casa de Saude Allan Kardec.

A's 18,30 na Rádio Hertz, a pioneira, no programa «Caminho, Verdade e Vida,» sob a orientação da MEF. Programa bem organizado de quinze minutos diários e que tem repercussão ampla na cidade.

Assim, Clovis de Paula, Olavo Rodrigues, Euripedes, o Prof. Moisés Garcia Sobrinho, este — ilustre poliglóta e Prof. de Esperanto, sob a direção de Agnelo Morato, vão transmitindo dia a dia, as luzes do Espiritismo.

Isidoro dirigiu saudação aos confrades da terra. A' noite, 2.a e última conferência, no Salão nobre do Pestalozzi.

Início com parte artística pelo conjunto Paz e Alegria sob a batuta de Luiz Puglia.

Homenagem ao orador, lida por Omar Nardi, em nome do Grêmio Espírita de Franca. Direção da mesa a cargo do Dr. Novelino. Mais uma conferência que satisfez o auditório da terra de José Marquês Garcia. Prece final de Mario Nalini e após, as despedidas com os moços e confrades de cidades adjacentes. Na madrugada de 5, às 4 horas, saíamos rumo a Bauru, via Barrinha, onde chegávamos ás 14 horas. Na estação não divisavamos os conhecidos. De repente, punhamos em ação o velho faro espírita. Antenas ligadas e... pronto. Já estamos abraçando o Joaquim Marques Figueiredo, Abilio Augusto Martins, Hypólito Porto Neto e Antonio Simacha. O faro funcionou e deu certo. Alguém a nosso lado murmurou: «Esses espíritas são de amargar com a tal de intuição». Risos a valer e vamos para o lar do Figueiredo, ponto alto do Espiritismo na terra. Tarde livre para anotações, apontamentos e descanso, pois de Franca a Bauru, foram 10 horas de viagem.

A 1.a conferência atraiu além do que se esperava e o motivo — mais tarde — o Previdelo nos explicava. Vinte Centros estavam ali, qualidade e quantidade, atendendo ao convite da União Municipal Espírita, trabalho da USE.

Bravos. Um entusiásmo fora do comum, todos à espera do Cte. Isidoro, ávidos de lhe ouvirem a palavra sóbria, porém, profunda, culta e inteligente. Parte artística a cargo de Nilce Martins, com um número musical e declamações pela Srta. Prof.a Olga Neme, essa encantadora e elegante «diseuse». Depois a fala do homem. No sabado, 6, pela manhã, visitas aos diversos setôres de Assistência Social dos irmãos de lá, inclusive a Imprensa. A' tarde, idem.

A' noite, apoteose dessa quinzena no Estado. O salão do Centro Espírita São Vicente de Paulo à cunha. Tendo enfermado, não pudémos assistir a essa noitada de luz.

As entidades espíritas de Bauru:

Sociedade Beneficente Cristã, Albergue Noturno, Liga do Tuberculoso Pobre e Lar dos Desamparados. Aí apenas, de nome, as casas de Assistência Social. O importante é visitar «in loco» o que se realiza «em Espírito e Verdade» para os pobres e necessitados. Verba municipal, Estadual e Federal, só no papel. Afinal, já se disse que, nesse trabalho, o Governo muito deve aos crentes da 3.a Revelação e, quem o afirma, são as «obras pias» que a doutrina tem espalhadas pelo Pais e ninguém as ignora. Ainda bem!

Nessa mesma noite, Isidoro voltava à Capital pelo Noturno Paulista e nós, lá ficávamos, adoentados — voltando todavia no domingo 7, em avião da VASP.

Assim terminou o programa do Diretor de «Estudos Psíquicos» em nosso estado. Dia 8 seguiu Isidoro para o Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul para uma permanência de 30 dias. A 21 de Setembro, deverá embarcar no Rio de Janeiro pelo «Vera Cruz» e chegando a Lisboa — Portugal, a 1.° de Outubro.

Esse pois, o relato final desta crônica, certamente com falhas que serão relevadas pelos que nos lerem.

O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo, sauda o ilustre irmão, desejando-lhe votos de feliz retorno à terra de Camões, guardando sinceras e inesquecíveis recordações de sua estada entre nós.

Assim seja!

VICENTE S. NETO.

P. S. — Em Ribeirão Preto, Isidoro visitou ainda, o Ginásio Espírita Apóstolo, sob a direção do dignissimo Professor Dr. Mario de Araujo, tendo dirigido a palavra aos alunos de todas as classes, sendo aplaudido intensamente. Ainda visitou, ao lado do Dr. Mario, Dr. José Pereira Bastos e José Cunha, o futuro Sanatório Vicente de Paulo, obra magestosa da terra do café.

Errata

No artigo do nosso distinto colaborador, Dr. Carlos Imbassahy, publicado nesta Revista em Agosto último, saiu um erro de revisão.

Onde está escrito:

«Se cinco, dez, cem ou mil pessoas... nos declaram ter visto a mesma coisa, seria visível a negação».

Deve ler-se: seria risível a negação.

Solicitamos excusas ao nosso colaborador e aos prezados leitores pelo cochilo da revisão.

Primeira Semana Espírita da Cidade de São Paulo

De 22 a 29 de Janeiro de 1956

À cargo do Conselho Metropolitano Espírita da «USE» — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

RESOLUÇÕES DA COMISSÃO ORGANIZADORA

1. Regimento Interno

Aprovado em suas linhas gerais, dependendo de sua aprovação final, por parte do Conselho Deliberativo do C.M.E.

2. Constituição de Sub-Comissões

Ficaram constituidas as seguintes, compostas com os elementos abaixo:

a) — *Sub-Comissão de Propaganda e Publicidade*

Salvador Taranto, Osório Rodrigues da Silva, Décio Kiss, Bernardino Peres, Euripedes de Castro, Francisco Manzano.

b) — *Sub-Comissão de Planejamento*

Waldomiro da Silva Santos, Cesidia C. Vannucci, Demetrio Queija Gonçalves, João da Silva Tempestade, Paulo Toledo Machado.

c) — *Sub-Comissão Social e Finanças*

Olegário Ribeiro Candeias, José Paneta, Rubens de Souza, Salvador Venturella.

d) — *Sub-Comissão de Recepção e Alojamento*

Deverá ser composta oportunamente.

3. Trabalhos Preparatórios e Preliminares

Decidiu-se a realização de um festival no mês de Agosto, em local a ser escolhido, ainda, bem como de mais os seguintes, provavelmente no Teatro Colombo:

1.º Grande Festival, 25/10/1955.
2.º « « 17/11/1955.
3.º « « 10/12/1955.

4. Programação e Disciplinação dos Trabalhos da Semana Espírita

Foi aprovado o Programa anéxo, que, também, está sujeito à aprovação final por parte do Conselho Deliberativo do C. M. E., bem como da Diretoria Executiva da «USE». Deverão manifestar-se também a respeito as entidades que inicialmente foram patrocinadoras do movimento de unificação.

São Paulo, 5 de Julho de 1955.

Comissão Organizadora da 1.ª Semana Espírita da Cidade de São Paulo

Paulo Toledo Machado
Presidente.

Salvador Taranto
Secretário.

PROGRAMA

Domingo, dia 22 — 10,00 horas — Apresentação e palavras das Delegações. Local: «USE» — União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

15,00 horas — Mesa Redonda sôbre a «USE». Local: União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

18,00 horas — Lanche.

20,00 horas — Conferência. Fundamento e Sentido da Unificação. Orador, Carlos Jordão da Silva. Local: Teatro São Paulo.

Segunda-feira, dia 23 — 15,00 horas — Visitação — Casas de Crianças.

20,00 horas — Conferência. A Missão do Espiritismo. Orador: Herculano Pires (Irmão Saulo). Local: União Federativa Espírita Paulista. Rua da Liberdade, 1034.

Terça-feira, dia 24 — 15,00 horas — Visitação — Abrigos de Velhos.

20,00 horas — Conferência. Aperfeiçoamento das Sessões Práticas de Espiritismo. Orador: Dr. Wilson Ferreira de Mello. Local: Liga Espírita do Estado de São Paulo. Rua Brigadeiro Tobias, 238.

Quarta-feira, dia 25 — 15,00 horas — Visitação — Hospitais de Psicopatas.

20,00 horas — Conferência. «E Haverá um só Rebanho e um só Pastor». Orador: Pedro de Camargo (Vinicius). Local: Federação Espírita do Estado de S. Paulo. Avenida Irradiação, 158.

Quinta feira, dia 26 — 15,00 horas — Inauguração da Exposição de Assistência Local: «USE» — União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

20,00 horas — Conferência. Unificação e Planificação da Assistência Social. Orador: Nancy Pulmann. Local: Sinagoga Espírita Nova Jerusalém. Rua Casemiro de Abreu, 398.

Sexta-feira, dia 27 — 15,00 horas — Visitação — Educandários.

20,00 horas — Conferência. Unificação dos meios de divulgação doutrinária. Orador: Abrão Sarraf. Local: Bibliotéca Municipal.

Sábado, dia 28 — 15,00 horas — Confraternização das Mocidades. Local: União da Mocidade Espírita «L. A. P. P. A.» Rua João Pereira, 35 — Lapa.

20,00 horas — Conferência. O trabalho cristão dos moços em próI das crianças. Oradora: Luiza Peçanha Camargo Branco. Local: Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

Domingo, dia 29 — 9,00 horas — Despedidas. Hora Espiritual (Rádio Tupi) e Entre Dois Mundos (Rádio Difusora).

12,00 horas — Lanche (cada participante deverá levar o seu farnel) — Rádio Progresso — Brooklin.

20,00 horas — Conferência. Encerramento. A «USE» sua organização e funcionamento. Orador: Dr. Luiz Monteiro de Barros. Local: Estádio Municipal do Pacaembú.

OBSERVAÇÕES

a) — Os temas e oradores foram indicados pela Com. Org. da 1.ª Semana Espírita, devendo êstes ainda serem consultados a respeito.

b) — Os locais indicados, igualmente, estão sujeitos à aprovação ou concordância de parte das entidades ou poder público correspondente. O Teatro São Paulo já está reservado.

c) — Os temas escolhidos objetivam: a divulgação da doutrina, a difusão do ideal da Unificação, o esclarecimento do que é a USE, ação direcional do movimento unificador.

d) — Os presidentes das entidades federativas deverão presidir as reuniões em suas respectivas entidades.

e) — Deverão usar da palavra no inicio das reuniões, nas suas respectivas entidades, os presidentes das entidades federativas.

f) — Haverá parte artística de 30 minutos em todas as reuniões, devendo ser solicitada a cooperação dos grupos artísticos ou corais das entidades espíritas onde se verificarem as reuniões.

g) — As Conferências deverão ter a duração de 45 minutos.

h) — Serão reservados 10 minutos para o uso da palavra aos participantes préviamente convidados.

i) — Nos locais profanos ou não espíritas a direção dos trabalhos ficará à cargo do C. M. E.

IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Já se acham em franco desenvolvimento os trabalhos preparatórios da IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-s em Uberaba no fim da chamada semana santa do ano próximo.

Informamos também que já integram o Conselho Diretor os seguintes confrades: Presidente, Emmanuel Martins Chaves; Secretário, Waldo Vieira, ambos de Uberaba; Tesoureiro, Paulo Campos, de Rio Verde; Membros, Alcebiades Bertran, representante do Departamento de Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo e Ismael Ramos das Neves, do Departamento Estadual de Mocidades Espíritas de Minas Gerais, e, que já foram enviados impressos às Mocidades solicitando a remessa de sugestões para as teses a serem apresentadas na IX Concentração, cujo prazo expira, segundo o Regulamento, a 30 de Setembro.

NECROLOGIA

José Romão da Silva

Ocorreu a 29 de Julho último, às 10 horas, em Pinheiral, Estado do Rio, onde fixara residência há um ano, vitimado por um mal súbito, aos 61 anos de idade, o desenlace carnal do confrade José Romão da Silva, médium e doutrinador espírita, que militou nos meios espíritas de Juiz de Fóra, Minas, e de Volta Redonda, antes de o fazer em Pinheiral.

Sabida a notícia, grande número de amigos e confrades locais e das localidades visinhas compareceu no seu lar, levando, aos seus, condolências e solidariedade, e acompanhando o entêrro do seu corpo, no dia seguinte, às 8 horas. A' saída do corpo orou o confrade Benedito Honorato, presidente do C. E. «Allan Kardec», de Pinheiral, que ainda, à beira da sepultura, discursou num necrológio emocionante despedindo-se do velho amigo da mocidade e atual companheiro de lidas espíritas. Também proferiu sentida oração doutrinária, de despedida, o Prof. Aleixo Victor Magaldi, presidente da Associação Espírita «Estudantes da Verdade», de Volta Redonda, Estado do Rio, e membro fundador do C. E. «Amor ao Próximo», de Juiz de Fóra, organizações a quem pertenceu e às quais José Romão da Silva prestou relevantes serviços.

Deixa viuva e vários filhos.

A' família tão duramente provada, nossa melhor solidariedade.

Ao espirito do confrade José Romão, paz e luz crescentes em Jesus.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL — Ano — Assinatura simples Cr.$ 60,00
Semestre — „ „ 30,00
— BRASIL — Ano — Assinatura registrada 70,00
Semestre — „ „ 35,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura simples 65,00
ESTRANGEIRO — Ano — Assinatura registrada 75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

S

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3191unse

no XXXI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1955—N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

Uma justa homenagem	*Redação*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Refutando Ramatís	*Henrique Rodrigues*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Missionárias do Bem	*Augusto de Lima Brandão*
A Reencarnação e a Memória . .	*Deolindo Amorim*
Nós, principalmente, entre os inimigos...	*Leopoldo Machado*
20.° Congresso Nacional Espiritista	*Redação*
O Planêta Fantasma	*V. O. Casella*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.-
Paz em Jesus

Como de costume, a União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará no próximo mês de Dezembro, dia 25, em homenagem a Jesus pelo seu natalício, o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes ofertarem os corações generosos.

As ofertas podem ser em gêneros alimentícios, dinheiro, ou mesmo roupas usadas, podendo ser entregues ou endereçadas a qualquer um dos membros da Comissão Organizadora do «Natal dos Pobres».

Certos de sua preciosa atenção a este apêlo fraternal, pedimos a Jesus que lhe proporcione um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saude, paz e felicidade.

Matão, Outubro de 1955.

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca	*Letícia M. Olson*
Antoninha Perche Campêlo	*Zélia S. Perche*
Rosa Fonseca Fratini	*Leonor da Cruz Jorge*
Anita S. Miniucci	*Donata Casadei Oliveira*
Isabel Perche Camargo	*Evani Gonçalves*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1955 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Uma justa homenagem

PARA os espíritas, a data de 3 de Outubro tem tanta importância quanto o 25 de Dezembro, porque foi naquele dia que nasceu em Lion, França, no ano de 1804, Allan Kardec, um dos membros proeminentes da Falange do Paracleto prometido por Jesus.

No momento, as homenagens lhe serão prestadas apenas pelos espíritas atuais, mas não está longe o dia em que a humanidade toda, genuflexa, lhe renderá as mesmas homenagens que, com justiça, rende a Jesus no dia do seu natalício. Sim, porque os ensinos de ambos se completam totalmente, cada um falando e ensinando de acordo com as possibilidades de compreensão da geração do seu tempo. O que Jesus não podia ensinar no seu tempo, porque não seria compreendido, o Espiritismo o está fazendo como o próprio Jesus afirmou: «Eu vos tenho falado estas cousas, estando ainda convosco; mas o Paracleto, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse» (S. João, Cap. XIV, vrs. 25 e 26).

Allan Kardec

Está fóra de dúvida que o Paracleto ou o Espírito Santo é o Espiritismo que está de fato ensinando todas as cousas e nos esclarecendo no seu verdadeiro sentido, que é o espiritual, tudo quanto Jesus disse. Nenhuma religião das que enfestam o mundo pode se apresentar como sendo o Paracleto, porque os seus preceitos são preceitos de homens que procuram acima de tudo defender os seus interêsses de ordem material, criando para tanto, dogmas, cultos externos e sacramentos com que dominam as massas incultas, sempre faceis de serem sugestionadas com aparatos e pompas.

O Paracleto, é claro, teria que se apresentar como Jesus, dentro da humildade e do amor, ensinando a prática das virtudes com palavras de vida eterna, justamente o que está fazendo o Espiritismo, que é na Verdade o Paracleto.

Leon Hyppolite Denizard Rivail (Allan Kardec) foi, como Jesus, um grande revolucionário das idéias, desses revolucionários que Deus sempre enviou ao mundo para apressar a evolução da humanidade rumo à Perfeição. E como os velhos costumes e idéias criam fundas raízes no cérebro da humanidade, as lutas entre o velho e o novo assumem um caráter guerreiro de proporções gigantescas. Geralmente o velho não quer se render às idéias do novo, embora sejam melhores, mais benéficas. É o orgulho e o egoísmo que não querem ser derrubados dos seus frageis pedestais. Daí porque Jesus, os seus Apóstolos, Allan Kardec e os demais enviados de Deus sofreram perseguições constantes. Mas a Verdade, no fim das contas acaba sempre vencendo. Venceu o Cristianismo e vencerá o Espiritismo, porque a lei de Deus jamais deixará de se cumprir.

Por motivo da passagem do seu 151.° aniversário natalício, num culto de grande veneração e amor, rendemos ao excelso missionário as nossas sinceras homenagens, solicitando-lhe que volte de vez em quando a sua vista para nós, afim de que, com um só pensamento seu, sejam as nossas fôrças renovadas no trabalho santificante de difundir o Espiritismo, que é o Cristianismo revivificado em sua pureza primitiva.

Religião e Ciência

DAS TREVAS PARA A LUZ

— VI —

A semente que caiu em pedregais e cresceu, mas como não tinha bastante terra, os raios do Sol secaram-na, afigura-se aos espíritos que recebem a luz da libertação e se enchem de alegrias e entusiasmos, mas quando lhes toca prestarem os testemunhos de sua fé, perante as dificuldades oriundas de suas provações, não se revestem da fôrça de vontade necessária para prosseguirem na prática do bem, de modo que a luz que êles não tinham e lhes foi dada, é-lhes imediatamente tirada. («Aquele que tem, ainda o que tem lhe será tirado»).

A semente que caiu entre espinhos e êstes cresceram e sufocaram-na, referese aos espíritos que recebem a luz da Verdade, mas que, dominados pelos preconceitos dos convencionalismos sociais e atraídos pelos prazeres da vida material, se afastam da estrada estreita, onde se encontram, e penetram na da direita, que é a da perdição, atingidos pelos espinhos de todos os vícios. («A luz que lhes foi dada lhes será também tirada»).

Em face das elucidações que apresentamos sôbre essa importante parábola, torna-se possivel estabelecer perfeita analogia entre os ensinamentos contidos no Evangelho Cristão. Em nenhum dos trechos citados, encontramos provas concludentes relativas à condenação eterna das almas ou espíritos culpados. Ao contrário, para todos está sempre aberta a porta da regeneração. Há, no entanto, dois trechos evangélicos nos quais os nossos adversários das religiões dogmáticas, procuram justificar essa condenação com referência à prática de determinados delitos e que são os seguintes: No Evangelho de Mateus, encontramos: vers. 32, cap. 12. «E, se qualquer falar alguma palavra contra o filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século e nem no futuro». Já no Evangelho de Marcos, vers. 29, cap. 3, êsse mesmo ensino tem outra redação: «Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão para sempre, mas será réu de eterno juizo».

Ora, o Espírito Santo é o reflexo da Sabedoria Eterna, como se evidencía no vers. 16, cap. I do Evangelho de Lucas, onde se anuncía que João Batista seria cheio dêsse espírito no cumprimento da missão que lhe foi confiada de preparar o ambiente humano para a vinda de Cristo. No dia de Pentecostes os Apóstolos receberam a influência dessa Sabedoria para poderem falar em línguas que não conheciam.

Conclui-se, pois, que os espíritos culpados, como transgressores das leis divinas, só poderão ser libertados dos cárceres de seus sofrimentos, mediante os conhecimentos emanados do Espírito Santo ou Sabedoria Eterna revelados no conjunto dos ensinamentos evangélicos. Aqueles, porém, que se mantiverem rebeldes na aceitação dêsses ensinamentos e endurecidos na prática do mal, permanecerão como réus de juizo: dois séculos, conforme Mateus, e sem limite, segundo Marcos.

Não pode restar a menor dúvida de que a divergência que se nota nas redações dêsse eninamento, entre êsses dois evangelistas, tenha sido ocasionada por um erro histórico, quanto a Marcos, e que, por êsse motivo não deve invalidar as categóricas afirmações de Jesus existentes nos demais ensinamentos sôbre o resgate integral das culpas no fogo eterno da purificação espiritual em consonância com o que estabelecem os vers. 25 e 26, cap. 5 e vers. 41, cap. 25 do Evangelho de Mateus.

Se as rebeldias contra o Espírito Santo perduram durante dois ou mais séculos, a dor, na sua ação regenadora, não deixará de produzir no espírito culpado o instante supremo da sua reintegração no caminho do bem, para então encontrar na misericórdia de Deus, que é infinita, a oportunidade indispensável à sua rehabilitação moral, através das reencarnações. Essa é a conclusão lógica que podemos tirar dos ensinamentos que elucidamos e que evidenciam, em seu fundamento eterno, a perfeição da Justiça Divina.

No que tange ás questões da exegése evangélica, não existem verdades parciais. A verdade é uma só e se constata com as palavras de nosso Divino Mestre em sua categórica afirmação de ser Êle — «O Caminho, a Verdade e a Vida». Essa verdade abrange o conjunto das lições de seu Evangelho.

«Aquêle que permanecer nas minhas palavras até o fim», ensina êsse Mestre, conhecerá a verdade que o libertará de todas as imperfeições para poder conquistar a perfeição espiritual. Assim, para podermos atingir a êsse objetivo, necessitamos ser guiados pela fé raciocinada, comprovando-a em obras e atos que nos elevem no conceito divino.

Dêsse modo, é no caminho exemplificado pelos grandes sofrimentos de Jesus e na correção de sua vida, repleta de elevação moral e de sabedoria, com os corações sempre abertos as práticas do amor, do perdão e da caridade, bem como no cultivo das virtudes cristãs que poderemos encontrar essa verdade. Sob o seu domínio ficaremos em condições de romper todas as trevas que nos envolvem e criar com os nossos esforços, o mérito que nos permitirá estabelecer com o nosso Divino Mestre uma comunhão espiritual, na vida imortal e eterna de nossos espíritos. Permaneceremos, pois, livres de todas as mortes, nos cárceres da carne e seremos um com Êle para todos os eventos de nossa ascensão na hierarquia espiritual dos mundos. Dessa maneira, os espíritos especificados na parábola do Semeador, como envolvidos nas trevas do mal, terão que encontrar um dia êsse caminho e conhecer essa verdade, afim de poderem realizar no cárcere dos sofrimentos, o resgate de suas dívidas até o último ceitil, pelos ciclos dolorosos das reencarnações.

Quanto a nós, espíritas ou crentes espíritas, presos como ainda estamos, pelas nossas imperfeições a êste planeta de provas e expiações, só poderemos dêle nos libertar sob a ação da luz contida nos ensinamentos da doutrina que professamos, doutrina que representa o Cristianismo restaurado em seus verdadeiros princípios.

No último ato de sua vida terrena, o nosso Divino Mestre, ao pedir ao nosso Pai e Criador, perdão para os irmãos que o crucificavam, revelou a sua grandeza espiritual e confirmou o ensinamento que ministrará aos seus discípulos de que o perdão não tem limites. Exemplificou, também, com êsse ato que a misericórdia de Deus é infinita e que Êle jamais afasta ou afastará os seus filhos, mesmo que sejam culpados, do seu amor.

E para confirmar essa verdade nos prometeu um Consolador, prevendo que iriamos atingir os tempos atuais, de grandes aflições coletivas, de desolações apavorantes, esclarecendo que êsse Consolador teria por missão explicar o seu Evangelho no seu fundamento divino. E êsse Consolador já está conosco representado no conjunto das instruções contidas nos livros de nossa Doutrina, codificada por Allan Kardec.

Como esclareceu, êsse Consolador é o Espírito da Verdade, que o mundo não poderia receber, mas nós o receberiamos e Êle ficaria eternamente conosco. Dessa forma podemos compreender, que a parte do mundo que não está em condições de receber a Luz da Verdade, é constituida pelos espíritos endurecidos especificados na parabola do Semeador. Infelizmente, a maior parte da Humanidade, ainda está representada por espíritos dessa ordem.

Mas, o Espírito da Verdade permanece e permanecerá com os que na mesma parabola, estão classificados entre os bons, para que, com suas obras e os seus atos, concorram para cristianizar corações e nêles consolidar os sentimentos da fraternidade.

A cruz representa, portanto, um símbolo de dor e um símbolo de luz. Todos nós carregamos as nossas cruzes e felizes podem se considerar aqueles que conseguem leva-las até o termo de suas jornadas, através dos círculos escuros das provações.

Se as ilusões constituem o atrativo da vida material, quão efêmeros e fugazes são os seus efeitos com as aparências de felicidade que nos proporcionam, no plano em que vivemos, porquanto, pelo curso dos anos, teremos que defrontar com a realidade do sepultamento de nossos corpos materiais nos túmulos das necrópoles, como imperativo inevitável de nossas condições de espíritos reencarnados.

É diante dessa realidade que nos cumpre concentrar no amor e na caridade as nossas preocupações, afim de podermos contribuir com os nossos esforços individuais e coletivos, na construção de uma civilisação que aproxime os homens pelos sentimentos da fraternidade, para que êles assim consigam estabelecer, entre todos os povos, as bases da paz universal.

Os clarões da aurora que, na atualidade, anunciam o despontar dessa civilisação sob os céus de todas as Patrias, revelam-nos as justificadas possibilidades, de que, sôbre as ruinas da ordem social e política de nosso século, já se concretisam os pródromos de uma nova éra destinada a encaminhar a Humanidade, por um ciclo de evolução mais aperfeiçoado, para que ela possa com o primado do espírito, criar a fôrça moral capaz de lhe permitir eliminar, definitivamente, das concepções humanas as causas que provocam as tragédias resultantes das hecatombes das guerras.

É essa a marcha evolutiva, das trevas para a luz, do ódio para o amor, da mentira para a verdade, que os homens de todas as nações, não tardarão a empreender, em cumprimento dos desígnios da Sabedoria divina.

ALBERTO LOPES.

(Conclusão do Capítulo VI)

Refutando Ramatís

O SOL

Cientificamente, a maior dificuldade em contestar as afirmativas do Monje Henrique Voes e de Ramatís prende-se exclusivamente ao problema : por onde começar ?

O que mais contunde ao conhecedor da matéria é a audácia das reiteradas afirmativas de apôio na ciência, quando êsse testemunho invocado, revela conclusões muito diferentes. As pseudo-definições com palavras do vocabulário científico ficam reduzidas a simples expressões, de carácter «cabalístico», vazias de um conceito verdadeiro.

Quem se dá ao trabalho da leitura completa das mensagens sôbre «O Sol», observa o nítido aspecto de «romance», rico de quadros grandiosos, fantasmagóricos, fabulosos, onde o interêsse imediato é o de impressionar pelo transcendentalismo das premissas, infelizmente levado para o terreno da fantasia. E' uma afronta à cultura espírita e seriamos levados ao ridículo, se tais afirmativas fôssem tidas pelos cientistas profanos ou espiritualizados, como pontos aceitos na ciência da Codificação. Ninguem discute a pluralidade dos mundos habitados, mas daí a dizer que a vida no Sol é dêste ou daquêle jeito, vai uma grande distância. Admito vida, porque a vida é multiforme, em todo universo, o que entretanto não me autoriza a imaginar, a fantasiar os tipos de vida, ao sabor da imaginação.

Filosofando, dentro do espírito de critica e precaução que se impõe a todo aquêle que estuda a contribuição do plano espiritual, perguntariamos: Onde a prova e precauções da exatidão da narrativa e da identificação da fonte? Se Cristo, o maior dos Mestres, se Kardec, Emmanuel, Ubaldi e tantos outros, a par dos esclarecimentos das sucessivas vidas e múltiplas moradas, jamais desceram a tais e tão detalhadas narrativas, que dizer de espíritos que, trilhando orientação diversa, demonstram aquiescência em satisfazer a tão mundana leviandade humana? A característica dos espìritos superiores, daqueles que já possuem amplitude de locomoção, está em estimular e orientar a humanidade no campo das realizações e *revelações* interiores, porque é no âmago do Sêr que reside a fôrça renovadora do homem, da sociedade e dos mundos. Há mensagens que são típicamente fitas cinematográficas: enchem os olhos mas não chegam à alma.

No frontespício das mensagens, diz: «Narrativas mediúnicas para a meditação dos que apreciam as partes científica e filosófica do Espiritismo.» Eis o perigo: — O Espiritismo como abonador do trabalho!

Sendo justamente essa a faceta de nosso maior agrado, não posso deixar de lançar meu protesto e advertência a todos aquêles, espíritas ou não, esclarecendo que, longe de atender aos anseios dos filosóficos-científicos do Espiritismo, tais narrativas são indicadas a qualquer criatura, - preferentemente aos não—espíritas—que aprecie, isto sim, a literatura do tipo das «Mil e Uma Noites» ou dos «Contos da Carochinha».

Dizer que o Sol é frio, sem dizer em relação a que, é fácil. E' frio em relação à estrêla Sìrius, a Antares, a Rigel, a Canopus, etc... Não julguem os que ignoram, que se concluiu pela alta temperatura solar, simplesmente devido à reação produzida na sensibilidade física-humana ante a incidência de seus raios. Nem tampouco por ser o Sol um foco de luz, porque existe luz fria. A ciência tem outros métodos e princípios para estabelecer, determinar a temperatura de estrêlas e planetas.

Vejamos: A simplória analogia com a chama da vela, que na ponta é mais quente, visa evidentemente a confundir e impressionar os néscios. Dizer que a temperatura decresce na proporção da interiorização, é ignorar os testes feitos por Elis Ströngem, que, conseguiu determinar a constituição e temperatura interior do Sol, avaliada em 26 milhões de graus e, mais que isso, a densidade que no centro é de 110 vêzes a da água, numa pressão de dez bilhões de atmosferas. *Pelo esquema da vela,* trazido pela dupla espiritual, o centro da Terra tem de ser gelado, quando não é. O exame dos «sismogramas», desnudou o interior da Terra. Já era sabido que a Terra possue em si mesma um fóco de calôr intenso, já que a irradiação solar só penetra até pequena profundidade, e ainda mais, que a temperatura aumenta *um grau* a cada 33 metros de penetração. O valôr do «sismogramas» foi o de determinar em 1.200 quilómetros, a chamada «pirosfera», imenso mar de fogo, onde até as pedras se liquefazem. Não interessa, no momento, o estudo do núcleo central, chamado «barisfera» nem da «litosfera» que se divide em «sima» e «sial». Que o interior da Terra e do Sol, é «mais quente», tem a sua prova na existência dos vulcões, igualmente observaveis nas erupções solares. A ciência está pois, contra Voes e Ramatís. E' ponto pacífico para a mediana cultura humana, que qualquer esfriamento começa pela superficie, ponto de escape ou dissipação das temperaturas interiores, sempre maiores. Já que o exemplo é a «vela», eu lhe contraponho o do prato de sopa, e pergunto: Onde a sopa é mais quente, nos bordos ou no centro? Assim, a *temperatura superficial* do Sol, estimada em 6.000 graus aproximadamente, flui de uma intensidade calorífica interior, muito maior, suficiente para vaporizar o ferro. Só a fantasia pode pintar vida humana em tais condições.

E' uma lástima os apêlos às deficiências ópticas, distorsões e outros fenômenos correlatos para justificar tanta fantasia. Tudo isso é levado em conta pela ciência, em suas pesquisas. Não será por usar termos como «fotosfera», «nitrogênio», «moléculas», «átomos», «metereológico», «barreiras de som», «barreiras térmicas», «extra-galáctico», «ionosfera», e outros de igual jaez, que Voes e Ramatís conseguirão fazer passar como ciência a existência no Sol de «árvores cujas madeiras são entremeadas de ouro, com algumas espécies cheias de veios dêsse metal». Isso é ciência? Isso é filosofia? Ou bem é madeira, e portanto vegetal, ou então é ouro, e como tal, mineral. Nem iremos aceitar, em nome da ciência e da filosofia a afirmativa que em tal núcleo de vida, onde a evolução está em padrão tão elevado, o «camelo branco seja utilizado como meio de transporte de carga», o que seria demonstração de pouca técnica e, ainda, que os solarianos cubram sua nudez com tecidos «alabastrinos de escumilha».

Que dizer da velha mania de estimar os valores do espírito com acrisolamentos dos convencionais valores humanos? Para o Sêr de escól, o ouro e a pedra são de igual valor. Entretanto, segundo os narradores, no Sol «as habitações são feitas de mármore e de ouro (o velho ouro!) com telhados de cristal puro, tudo construido com capricho».

A relação abaixo, especifica a composição quantitativa da atmosfera solar. Não consta dela, obtida pelo exame espectroscópico, o ouro das árvores solarianas e o mercúrio que as narrativas nos dizem formar maravilhosos rios, porque um rio mercurial seria realmente maravilhoso. Para não entrar no terreno das «valências» e das «densidades», deixo de explicar porque no Sol não há ouro nem mercúrio.

«ELEMENTOS QUIMICOS DA ATMOSFERA SOLAR»

	% do volume	*Miligramas contidos numa coluna de um centimetro quadrado de base, desde a fotosfera*
Hidrogênio	81,760	1.200.000
Helio	18,170	1.000 000
Carbono	0,003	0,500
Nitrogênio	0,01	2,000
Oxigênio	0,03	10.000
Sódio	0,0003	0,100
Magnésio	0,02	10.000
Aluminio	0,0002	0,100
Silício	0,006	3,000
Enxofre	0,003	1,000
Potasio	0,00001	0.003
Calcio	0,0003	0,200
Titânio	0.000003	0,003
Vanádio	0,000001	0.001
Cromo	0.000006	0 005
Manganês	0,00001	0,010
Ferro	0.0008	0,600
Cobalto	0,000004	0,004
Niquel	0,0002	0,200
Cobre	0,000002	0,002
Zinco	0,00003	0,030

Ramatís, estudando a trilogia Sol-Terra-Lua, diz que o Sol é o passado da Terra e a Lua o seu futuro. Ora, o princípio espírita do progresso evolutivo contínuo sofre com isso um violento golpe. Para justificar a «sucção», das «Conexões de Profecias», diz que a Terra vai melhorar porque os maus vão sair, mas se a Lua que é o futuro geológico da Terra é pior, melhor seria que, na sucção, fossem aspirados os bons, ficando os maus com um mundo que caminha para pior, no «cemitério ou sepultura do infinito». Se o Sol é o passado social da Terra, teve, como tem o Sol, uma vida infinitamente superior em todos sentidos; o que foi que determinou a regressão de civilização? Indiscutivelmente houve retrocesso e, ou os bons da Terra no passado, tornaram-se piores, ou então abandonaram o paraíso à mercê de intrusos «sugados» de outro mundo pior. Então vemos os maus de algum orbe, herdarem um mundo melhor... por obra e graça de quem? A lógica é feroz e a convergência de provas não deixa margem de dúvida em que alguma coisa está errada, nêsse autêntico vai-e-vem de: Sol, vida superior — Terra antes da sucção, inferior a primeira condição (solar) — Terra depois da sucção, superior novamente, ou idêntica a solar

— Lua, fim, sepultura a vista. Vemos ainda: — melhor, pior, melhor e fim.

Mas onde o arrojo dos autores toca o auge, é que depois de pintarem as «paisagens» o «meio ambiente», «as vestimentas», as «relações», a «alimentação», a «vegetação» solar, como ultra e super inconcebivel ou inimaginável para a «mentalidade retrógrada» dos terráqueos, (ai de nós!), afirma singelamente que «os camelos, aves, faisões são reproduções *mais ou menos* ao nível terráqueo», em que pese, ainda segundo os autores, que «o solo nêsse astro ainda não apresente a solidez costumeira da vossa terra-superfície». Sim senhor! tudo diferente; só os animais aproximadamente iguais. Que não sejam herbivoros, porque a indigestão será a consequência natural ao ingerirem um vegetal que tenha veios de ouro...

Finalizando, como não podia deixar de ser, por serem superiores, os «solarianos vivem 1.000 anos dos vossos» (nossos), amam-se com alguma diferença, e a multiplicação da espécie se processa da seguinte forma:

«A propagação da espécie não se faz de modo carnal, como entre os animais, mas sim, *de um modo santo* (grifo nosso), espiritual, por meio de uma concentração em um sentimento puro e imaculado abraço de homem e mulher; pois êles são limpos de coração. Isso se dá em toda a casa num intervalo de dez a quinze anos».

Si non é véro...

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo Horizonte — Est. de Minas

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

VIII CAPÍTULO

Rumo a outras terras

1 — Meu pai se meteu na politica de Cepa Forte.

E meteu-se, uma noite, num *charivari* politico, de que saiu bombardeiado na vista esquerda.

2 — Parece que foi este o motivo de deixarmos o lugarejo, rumando para o interior de Pernambuco, viajando em barca, pelo S. Francisco.

3 — Conservo a lembrança viva da viagem, sem conservar recordação de todos os lugares por que passamos.

Os barqueiros do S. Francisco, varas apoiadas ao peito, cantando e empurrando a barca rio acima, nas horas de calmarias, foi aquilo uma coisa de que nunca me esqueci. Quando cansavam, às refeições: peixe assado, farinha seca, pimenta.. E rapadura, de sobre-mesa. A's horas mais quentes, jacuba: garapa de rapadura com limão e farinha. E eram felizes com isso, viviam alegres, alegríssimos.

* * *

4 — Em Piranhas, fomos, — meu pai e eu — ao porto, comprar peixes. Meu pai pediu dez tostões de peixe. O peixeiro pôs dez enormes traíras e curimatás. Achando que era muito, o velho lembrou: «Eu quero dez tostões...» E o peixeiro: —«O senhor acha pouco?» E pôs mais dois peixes grandes...

* * *

5 — E assim que chegamos a Jatobá, nossa casinha fôra, à tarde e à noite, invadida pelas famílias mais distintas do lugar, numa carinhosa prova de carícia sertaneja.

6 — E levaram-nos pratos feitos e gostosos, numa perfeita demonstração de solidariedade humana.

Fizemos, assim, boas relações.

Para o mundo, o homem vale pelo seu dinheiro e pela posição social que ocupe, mas para Deus só tem valor o homem que sabe amar.

— *LUCIPAZ.* —

MISSIONÁRIAS DO BEM

AUGUSTO DE LIMA BRANDÃO *(da Academia Friburguense de Letras)*

— 1 —

Pela «Avenida da Fraternidade», a principal artéria do Amparo de Nova Friburgo, caminham três pessôas: uma senhora, e duas jovens.

Vêm em animada conversa e, de quando em quando, fazem uma pequena parada e trocam idéias à margem de um assunto que parece ser de alta relevância.

A mais velha, de fisionomia moça a contrastar com os fios de prata de seus cabelos, impõe, desde logo, simpatia, confiança e respeito.

Lembra uma missionária, tal a cordura de suas palavras, a mansidão de seus gestos, seu ar de tristeza e, mesmo, de sofrimento, o que comove e atrai os que dela se aproximam.

Suas companheiras a escutam com atenção, como que bebendo as suas palavras.

Mas ouçamos o que dizem.

— 2 —

«Madalena, diz com voz suave, vamos, hoje, cumprir um dos deveres elementares da criatura humana: levar o confôrto moral e a ajuda material a um de nossos semelhantes que carece, também, de carinho e de afeto.

Como vocês não ignoram, Dona Antonia, a esposa de Seu Pedro, está sériamente doente. Mãe de cinco filhos, o mais velho com dez anos apenas, a pobre mulher, além dos serviços caseiros, é obrigada a trabalhar na lavoura, auxiliando o esposo, que é «meeiro».

Trabalhando muito e alimentando-se pouco a fim de que os filhinhos tivessem o que comer, Dona Antonia, dia por dia, foi emagrecendo.

A princípio, sentia vertigens, dôres de cabeça, mal-estar geral: «canceira», como dizia aos conhecidos.

Depois do nascimento do quinto filho, uma criancinha raquítica, as coisas pioraram.

Tendo de alimentar ao seio o gurizinho, o seu organismo, já enfraquecido pelas privações contínuas, ressentiu-se, como era de esperar.

Vieram as dôres nas costas e as «pontadas» no peito; aumentaram as vertigens e não mais pôde acompanhar o marido à roça.

Ontem, ao que fui informada, foi obrigada a recolher-se ao leito, sentindo febre e suores frios. Seu Pedro, o marido, foi lá em casa e me avisou do que vinha ocorrendo, pedindo que o auxiliássemos. Eis porque convidei vocês duas para me acompanharem».

— «Dona Hortência, diz Marta, uma das jovens, foi com alegria que aceitei o seu convite, não só porque é dever nosso auxiliar os nossos irmãos, como porque tal ato me faz bem ao coração».

— «E ao meu também», diz Madalena, a outra mocinha. E continuando: «Mesmo, o Carlos, o garoto mais velho de Dona Antonia, é meu aluno. Cabe-me, pois, duplamente, o dever de me solidarizar com o infortúnio de sua família: como espírita e como professora».

— «Sim, minhas filhas, replica Dona Hortência, redobrada é a nossa obrigação — a minha e a de vocês — já que abraçamos uma crença, cujo lema é o mais puro e o mais nobre que existe: «Sem caridade, não há salvação». Cada um de nós, seja qual fôr a crença que tiver abraçado, tem um dever que supera todos os outros — o cumprimento do «Ama o teu próximo como a ti mesmo». Êsse sentimento — a Fraternidade — é o que nivela as criaturas e as enobrece, tornando-as, em verdade, dignas do Criador comum, que as fez à sua imagem e semelhança. A Fraternidade, no nosso caso de aspirantes do Espiritismo — (sim, porque ainda é muito cedo para que possamos atingir à perfeição moral e espiritual!) — é a principal virtude, a que deve guiar nossos passos, a que, portanto, seguiremos sem indagar se nos vai levar a um amigo, a um companheiro ou a um desafeto, mas certa de que iremos encontrar uma criatura sofredora, nossa irmã face a Deus, à qual oferecemos os nossos préstimos de todo o coração!»

— «Tem razão, Dona Hortência, Religião, crença ou ciência, não importa o nome que dão ao Espiritismo. Basta que saibamos que é a «Prática do Bem!» Não indagamos a religião de Dona Antonia ou a de Seu Pedro. Ambos precisam de amparo, eis o que, verdadeiramente, importa. Pois iremos dá lo, com auxílio de Deus: São nossos irmãos!»

— «E' isto mesmo, Marta, retruca Madalena. Dizendo que êles são nossos irmãos, disse tudo: você identificou, em poucas palavras, a bandeira da nossa «Mocidade Espírita Hortência Gripp».

— «Estamos chegando, avisa a mentora do «MEHG». Daquí já divisamos o casebre onde mora a nossa doente. Mais uns passos e lá estaremos.

— 3 —

As três se aproximam de uma choupana de sapé a cuja frente brincam algumas criancinhas, entre 8 e 4 anos, sujas, descalças, mal nutridas.

Dona Hortência dirige-se à mais velha, uma menina de uns 8 anos:

— «Tua mãe, como está?», pergunta.

A garotinha aponta a palhoça, como que convidando os visitantes a entrar. E' o que fazem e encontram uma espécie de sala, escura e mal cheirosa.

Há nela, servindo de mesa, uma tábua em cima de quatro pedaços de bambu fincados no chão de terra batida e três caixotes à falta de cadeiras.

De uma peça, ao lado da sala vem uma voz fraca: «Quem é Aninha?»

— «São três moças, mamãe. Mando-as entrar?»

— «Sim; é favor, minhas senhoras: não posso ir recebê-las».

Dona Hortência entra no pequeno quarto, ficando Madalena e Marta à entrada, abraçadas.

O espetáculo ante seus olhos é de miséria extrema: o compartimento não tem luz — não há janela.

A doente se encontra deitada em uma enxerga e esta em cima de palha de milho. A meia escuridão permite, entretanto, ver um corpo e enfezado, olhos febrís, faces macilentas.

Dona Hortência senta-se em um caixotinho, ao lado da enfêrma e lhe diz: «Seu Pedro esteve lá em casa e pediu que désse um pulo aquí. Vim com Madalena e Marta fazer lhe uma visita, minha amiga. Não sabiamos, porém, que a sua doença se tivesse agravado tanto e que a Senhora se encontrasse só com as crianças. Julgávamos que algum parente ou visinho estivesse aquí. Como se sente, minha irmã?»

«Cada vez pior, minha boa Senhora. Desde ontem que não me posso levantar. O Pedro logo pela manhãzinha faz um pouco de angú e cozinha batatas doces para nosso alimento. Depois, vai tratar das plantações — (mesmo hoje, domingo, foi com o Carlos, nosso filho mais velho) voltando à tardinha. Aninha cuida dos irmãozinhos menores, menos êste, que ainda mama, muito embora ache que meu leite esteja lhe fazendo mal, pois tenho os peitos quasi secos. Desde ontem que só posso beber água, pois não suporto o angú, que me pesa no estômago».

Madalena e Marta se entreolham — (há lágrimas descendo sôbre as suas faces!) — e, simultâneamente, têm um pensamento: a criancinha, que, só agora, após as palavras de Dona Antonia, veêm enroladas em trapos, ao lado, da mãe.

Madalena se abaixa, toma a criança nos braços e vem para a sala, seguida de Marta.

E' um meninozinho mirrado, faces encovadas, rostinho miúdo onde brilham duas pequeninas bolas azuis.

Aparenta um ou dois mêses, embora, na realidade, já tenha quatro. Sorri para as duas jovens, descuidado e inocente de sua triste miséria e, de repente, chora: é que uma lágrima — orvalho do coração de Madalena — caira em seus olhinhos!

Uma mesma idéia—centêlha divina! — têm Madalena e Marta — é preciso salvar aquêle irmãozinho! Uma nada diz à outra, mas se compreendem: a linguagem do coração não pede palavras!

— «Vou levá lo para casa, diz Madalena. Cuidarei dêle até que a mãe se restabeleça».

— «E eu ajudarei a nova «mãezinha», substituindo-a quando você tiver de dar aula. Combinado?»

E enquanto as duas moças se entretêm com o gurí, lá no quarto da enferma Dona Hortência tem a alma em prece: suplica a Deus a sua proteção para a doente e, humilde, agradece-lhe por tê-la feito instrumento de sua bondade.

Depois, mais comovida do que queria aparentar, diz à Dona Antônia: «A Senhora vai melhorar, minha irmã. Está muito fraca, mais por falta de alimento do que pela doença. Eu e as meninas vamos dar as providências necessárias para que tudo corra a contento. Madalena vai levar o garotinho para sua casa e cuidará dêle até que a Senhora se restabeleça. Hoje mesmo vamos providenciar a sua ida para outra casa e, então, terá os cuidados de que necessita. Voltaremos à tarde e tudo se resolverá com o auxílio de Deus : pode ficar tranquila.»

— «Obrigada, minha amiga, diz a doente; obrigada por tudo. Que Deus a recompense !»

— 4 —

Estão as três novamente na «Avenida da Fraternidade», de regresso à Vila.

A princípio, tal a emoção que as irmana, nada dizem. Depois, Marta rompe o silêncio : «Que vamos fazer, Dona Hortência ? »

— «Que vamos fazer ? Completar o que vocês duas já fizeram e que era mais urgente — a salvação da criancinha. Agora vamos pedir ao teu tio Guilherme que nos céda a casa que tem vazia, lá nos fundos do campo de futebol. Espírita praticante que é, nô-la cederá imediatamente. Instalaremos Dona Antônia e os filhos na casinha, providenciando camas e cobertas entre os nossos amigos. Tratemos, após, gêneros e remédios, completando, assim, a nossa missão».

Madalena e Marta se entreolharam mais uma vez : há alegria e compreensão em seus olhos. E, também desta vez, nada dizem : a Fraternidade não carece de palavras para exprimir a sua nobreza.

— 5 —

E lá se vão as três missionárias da «Mocidade Espírita Hortência Gripp», simples, humildes e felizes pelo dever cumprido !

E', assim, o Espiritismo no Amparo de Nova Friburgo !

A Reencarnação e a Memória

DEOLINDO
AMORIM

De todos os temas gerais da *psicologia*, o que mais de perto se relaciona com a reencarnação é a memória, tanto em relação a seu mecanismo, como em relação, também, ao problema das idéias inatas (X). O problema da memória tem relação direta com o das idéias inatas, que é um ponto forte da doutrina espírita. Poderá a *psicologia* chamada acadêmica, por si só, dentro de seus esquemas clássicos, dar uma explicação exata e convincente das idéias inatas ? E' dificil. E' certo que a *psicologia*, atualmente, já nos esclarece muita coisa a respeito da vida psíquica, mas a verdade é que determinados problemas, pela sua complexidade, pelo seu entrosamento com outros problemas, ultrapassam o campo da *psicologia*, porque não podem ser cabalmente explicados com as luzes de um currículo escolar. Afinal de contas, de onde procedem as idéias inatas ?... Como se explica o fato de haver indivíduos que *trazem* conhecimentos especiais ? Trazem ? De onde ? Como ?... Tais questões levam o estudioso, forçosamente, ao estudo da reencanação.

A memória tem quatro funções fundamentais, e essas funções, como ensina a *psicologia*, dependem das condições do organismo. São as seguintes as funções da memória :

fixação : a memória retém e fixa as impressões, as imagens, os conhecimentos ;

conservação : além de fixar, no momento, a memória tem ainda a função de guardar, *conservar*, portanto, aquilo que fixa ;

reconhecimento : a memória tem a faculdade de *reconhecer* as coisas e imagens passadas ;

distinção : a memória distingue as lembranças, as coisas, as imagens, e se assim não fôsse, a nos-

---

(X) Êste assunto foi objeto de uma palestra didática, há pouco, no Centro Espírita «18 de Abril», no Rio de Janeiro.

sa vida mental seria um cáos incalculável.

Todas essas funções são decorrentes umas das outras. A memória tem, portanto, a faculdade de *fixar* aquilo que nós vemos, aquilo que nós aprendemos. Fixa e conserva. Até aí, tudo lógico. Há, porém, um problema: a memória conserva, também, muita coisa que está acima dos conhecimentos normais. Tanto isto é verdadeiro, que, em determinados estados psíquicos, como a hipnose, a excitação, o sono magnético, por exemplo, certas pessoas revelam conhecimentos que estão muito além de sua capacidade, de sua cultura intelectual. São numerosos os fatos desta natureza. Isto revela, portanto, que existem conhecimentos inatos ou encobertos. Êsses conhecimentos não se perdem, e a memória os conserva. Logo, a função fixadora da memória vai muito mais longe do que parece. Com estas premissas, podemos ir, agora, ao ponto central da questão.

Tem a *psicologia* elementos para esclarecer cabalmente o problema dos conhecimentos inatos? Sem admitir existências anteriores, não é possível resolver a questão. Há conhecimentos adquiridos e conhecimentos inatos. A memória, segundo a psicologia, *fixa, conserva, reconhece* e *distingue* os conhecimentos que adquirimos no mundo exterior, no mundo que nos rodeia, mas a *psicologia* não dá uma explicação suficiente dos conhecimentos que surgem de um momento para outro, e não foram adquiridos nesta existência... Não se póde admitir que haja duas memórias no mesmo individuo; uma, para *guardar* os conhecimentos que vêm de fora, os conhecimentos adquiridos através das experiências, nos livros, nas escolas, etc., e outra memória, que seria a memória *oculta,* para conservar conhecimentos acumulados no subconsciente. Dentro da concepção da memória total, o que podemos admitir é que tais manifestações são aspectos da memória. No estado normal, a memória revela os conhecimentos atuais; nos estados sonambúlico, magnético, etc., a memória revela conhecimentos anteriores aos atuais.

A memória não tem as mesmas caracteristicas em todos os individuos, tanto assim, que se divide a memória, quanto à forma, em memória *facil, tenaz, pronta, fiel, extensa.* As divisões, quase sempre, são feitas por necessidade didática, mas a verdade é que nem sempre são rigorosamente exatas. Sigamos, porém, a divisão mais geral:

Memória facil — a que fixa facilmente os objetos;

Memória tenaz — quando tem a faculdade de conservar, durante muito tempo, aquilo que retém;

Memória pronta — quando tem presteza para recordar;

Memória fiel — quando reproduz com fidelidade, sem deixar um pormenor, um traço do objeto;

Memória extensa — quando pode conservar muitos assuntos.

Todas essas diferenciações correspondem às formas por que a memória se manifesta ou se afirma. Convém notar, entretanto, que certos fatos independem do aprendizado atual. Justamente nêste ponto queira ou não queira o preconceito acadêmico, a *psicologia* depende das luzes da filosofia espírita, porque sómente através das vidas sucessivas (reencarnação) é que poderemos encontrar elementos que esclareçam muitos problemas relativos a conhecimentos inatos.

Há quem diga que a origem das idéias inatas é problema puramente metafísico, e por isso não interessa à *psicologia,* que se preocupa com a vida psíquica, dentro de um critério mais objetivo. O Espiritismo tem elementos para demonstrar que o problema não é puramente metafísico, porque há fatos em que se verifica a existência de conhecimentos anteriores à existência atual. Algumas teorias, criadas ou esposadas por determinados psicólogos, embora sejam aceitas com foros de sentença inatacável, não nos parecem claras, porque não explicam o *porquê* de certos problemas. Vejamos, por exemplo, o que escreveu o saudoso brasileiro Prof. Artur Ramos, em sua *Introdução à Psicologia Social,* obra muito citada no Brasil:

> «*As doutrinas contemporâneas do inconsciente mostram que, atrás da fachada superficial do psiquismo consciente, existe uma atividade formidável, a atuar na sombra, à revelia do individuo.*

Que pretendia dizer, afinal de contas, o ilustre professor brasileiro com a expressão – *atrás da fachada superficial do psiquismo consciente?* Nada de positivo, francamente. Que vem a ser o *inconsciente?* Segundo o esquema da *psicologia*, nossa consciência se divide em

a) — consciência atual

(zona clara, onde se fixam apenas as impressões e os conhecimentos do momento);

b) — subconsciente

(zona inferior, onde se guardam, como em depósito, certos conhecimentos que *descem* da consciência atual;)

c) — inconsciente

(zona escura, na qual se desenvolve atividade intensa, sem que a consciência atual tome conhecimento do que se passa no consciente).

De um momento para outro, ensinam certas escolas, os conhecimentos *ocultos*, isto é, os conhecimentos que se acumulam no *inconsciente*, que passa a ser uma espécie de depósito ou surrão, vêm à superfície, emergem, aparecem, e o próprio individuo fica apalermado, porque não sabia que, no arquivo inconsciente, possuia tanta coisa estranha... Explicação simplista, não há dúvida. O fenômeno é outro, e não se pode deixar de recorrer à explicação espírita. Êsses conhecimentos ocultos, que ficam escondidos no *inconsciente*, como dizem alguns psicólogos, emergem, sobem realmente à superfície, quando ocorrem fenômenos especiais, como o sonambulismo, a ação magnética, a hipnose, etc. E porque se dá isto? A *psicologia* não esclarece o mecanismo do fenômeno. Sob ação magnética ou no estado sonambúlico, a consciência normal fica inativa, enquanto o espírito, desprendendo-se temporáriamente da matéria, deixa o corpo, e assim, livre das limitações físicas, pode rever fatos e impressões pretéritas.

Depara-se-nos, ainda, outra observação, colhida na *Introdução à Psicologia Social*, do Prof. Artur Ramos, cuja memória sempre nos merecerá o maior e mais justo respeito. No terreno das idéias, porém, e nos pontos em que o abalisado mestre patrício trata do Espiritismo, é fácil demonstrar a obscuridade, por exemplo, de algumas de suas generalizações. Leia-se êste trecho:

> *O conteúdo do inconsciente seria formado, para os psicanalistas, de resíduos, não só da vida individual, para uns, como de vida coletiva, para outros.* (X)

Afinal, que *resíduos* são êsses? Como é que tais resíduos se formam no inconsciente? A psicanálise não dá uma explicação cabal do problema. Mais lógica, mais compatível com a experiência é a explicação dada pelo Espiritismo, quando ensina que os conhecimentos adquiridos em pretéritas existências (existências anteriores à atual) nunca se perdem, ficam obscurecidos, *temporáriamente*, pela ação da matéria sôbre a alma. Êsses conhecimentos não podem ser *resíduos* formados por acaso, mas aquisições do espírito através de existências anteriores.

(Continua).

(X) — *Note-se que Artur Ramos, no começo de sua brilhante carreira, recebeu muita influência de FREUD, mas a verdade é que, depois, se afastou muito da escola psicanalitica. Como êle, outros discípulos ilustres, na Europa, como ADLER e JUNG, por exemplo, também se desligaram da escola freudiana, em grande parte.*

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada

Nós, principalmente, entre os inimigos...

A propósito da técnica moderna *de combate ao Espiritismo, fruto do último* Congresso Eucarístico.

Nós esperavamos a arremetida do clero contra os que não leem por sua cartilha. Seria impossível que um congresso de reverendos não troxesse, na sua cauda, coisinhas desagradaveis para os *inimigos*...

Nenhum congresso eucarístico, ecumênico ou não, já se realizou sem que houvesse, em suas reuniões reservadas, fora das aparatosas e festivas, coisas desagradaveis, arranhaduras e beliscões, contra outros rebanhos do Cristo.

«Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Tambem me convem agregar estas. Elas ouvirão a minha voz...» (João X-16)

Ouvimos pelo rádio, lemos nos jornais, vimos e ouvimos na televisão em que se fundamenta a *«tecnica moderna»* a processos revolucionários na luta contra inimigos da Igreja...

Quem são esses inimigos, que vão ser inquisitoriados na luta, a *tecnica moderna,* da nova inquisição?

Os maçons, os protestantes, os espíritas, os supersticiosos, os comunistas...

Para essa gente, água, sabão e cal.

São naturalmente, uns sujos. Sujeira se tira a agua e sabão.

São, evidentemente, uns cadáveres. Para cadáveres, cal. *A última pá de cal* sôbre sepulturas, é coisa sabida de toda gente...

A *tecnica moderna da nova inquisição,* surgiu em função das últimas vontades de Pio XII, no entusiasmo vivo de dirigir-se, diretamente, depois da *retumbância* do célebre Congresso, à maior nação católica da Terra, ao povo mais católico do mundo.

E o fez o Papa, esquecido das palavras fraternas, dirigidas, há cinco anos, aos espiritualistas do Globo, concitando-os a cerrarem fileiras, unidos e coêsos, contra um só inimigo: o materialismo! E o fez o Papa, esquecido dos apêlos que lançou, na mesma época, a todas as religiões, para se reunirem contra «a onda do materialismo que avassala o mundo!» E o fez o Papa, esquecido de que disse a pastores de outras religiões, que o visitaram, concitando-os a que se entendessem fraternalmente, conservando cada credo, «seu modo de fidelidade a Cristo!» E o fez o Papa, esquecido que o Episcopado Brasileiro convocara todas as religiões a um movimento de aproximação em nome do Cristo...

O *sucesso monumental do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro* modificou, naturalmente, o modo de pensar, de sentir e de falar do Papa. Daí, a substituição dos apêlos de paz pela luta de domínio supremo da Igreja, velho sonho seu, que se está esboroando, graças a Deus, porque outros são os tempos.

* * *

Não é que temamos a nova inquisição, que vem por aí.

Somos espírita e sentimos que o Espiritismo só é inimigo da imoralidade, e da mentira, e da falsidade. Sentimos, como espírita, que a campanha visa, principalmente, o Espiritismo, de que disse o Sr. Tristão de Ataíde:

«Diário de Notícias», 3 de junho de 1955: «...as vicissitudes de uma cristianização ameaçada, a cada momento, nas massas, pelo surto catastrófico do Espiritismo».

Não foi sem razão que já o chamamos, em outros tempos de mais arrôjo e de mais saude, «o papa civil do clericalismo cá da terra».

O *surto catastrófico de Espiritismo* é coisa que até o Sr. T. A. está observando!

Salta, na verdade, aos olhos de toda gente. É coisa que não se pode negar, que se processa, exatamente, por culpa da Igreja, porque, má pastora, deixou seu rebanho sem conforta-lhe o corpo e a alma, dispondo, entretanto, de tudo para proceder de outro modo...

* * *

O *surto catastrófico* de Espiritismo no Brasil, assim registra-se:

I) Foi o Brasil a nação que consumiu, o ano passado, mais Biblias. Ora, sabe toda gente que o católico nada lê de religião. O espírita pouco lê a Biblia. Dando, portanto, capitular-se que o Protestantismo vai tendo, também, surto catastrófico entre nós. Isso, porém, é argumento mais protestante do que nosso. Mas, agradável não é êsse surto ao clero do povo mais católico do mundo!

II) O *Brasil é o maior país católico do mundo*, eis o que se apregôa, a cada momento. Mas, é também, o país mais espírita da Terra, é onde o Espiritismo está, catastroficamente, mais desenvolvido. Mormente o Espiritismo religioso e cristão.

Ora, isso pode lá agradar à Igreja?

III) É o Brasil a terra em que se puplíca, e se vende, e se lê mais obra espírita.

É a única terra do Globo que tem Editoras francamente espíritas. Estamos a lembrar-nos, nêste momento, de três — uma no Rio, e duas em S. Paulo — que chegam até a recusar livros.

Até nós editamos livros espíritas a nossa conta!

De tal sorte se publíca livro espírita no Brasil, que se chegou, até, a criar-se *o Dia do Livro Espírita, a Festa do Livro Espírita, a Semana do Livro Espírita.*

Dia, Festa e Semana que cresce anualmente, incendiando todo mundo, contagiando toda gente, no dia 18 de Abril.

Ora, para uma religião da maioria, cujos livros — se ela os tem — não encontram leitores, uma coisa assim, é desaforo muito grande!

IV) E' no Brasil onde se esparramam, por toda parte, mais revistas e jornais espíritas. Muitos, até, distribuidos gratuítamente. Muitos até, com oficinas próprias, que já registraram jubileus. Este ano, festeja-se o de O CLARIM. Muitos, até, com tiragem de matar de inveja ao jornal católico mais lido do Brasil.

Isso, numa terra de gente essencialmente católica, é, realmente, de doer!

V) É o Brasil a terra que apresenta maior cópia de obras de assistência mantidas por outras religiões acatólicas. Exatamente, porque o Catolicismo se descurou muito dêste aspectos da caridade cristã. Só depois do LAR DE JESUS, que foi a estaca zero de mais de 50 Lares que, hoje, se espalham por aí... e de outros tantos em projeto, mas que se construirão, naturalmente... Lares que são protestos cristãos contra o humilhante orfanato e abrigo...

Isso, num País que *nasce nos braços carinhosos da Igreja*, de que ela, a Igreja, se orgulha, orgulhosa de sermos o maior povo católico da Terra, é lá coisa que se possa tolerar?

VI) É o Brasil *a terra da campanha do quilo.*

Muito raro, hoje, o lugar em que, havendo a quem dar — e necessitados há por toda parte — não haja quem saia, em *campanha do quilo*, a pedir. Generalizou-se por toda parte. E todos, com rarissima exceção de alguns fanáticos e de algum *pão-durismo*, dão com alegria, porque sabem que os espíritas aplicam, honestamente, o que recebem em nome de Cristo.

E a campanha do quilo é coisa francamente espírita.

Ora, isso é de aborrecer ao clero, que ainda se julga todo-poderoso!

VII) Só no Brasil se faz, abertamente, a propaganda de Espiritismo pelo rádio.

Raras as capitais brasileiras, as nossas cidades mais importantes que não têm seu programa de rádio, sua hora espírita. Muitos programas, principalmente, no Rio e em S. Paulo, até diários.

Ilustre jornalista português chegou a salientar que era a primeira vez que falava sôbre espiritismo no rádio...

Isso não pode ser coisa que agrade aos senhores reverendos do Congresso Eucarístico!

VIII) Só no Brasil há moços honestos e diligentes que se reunem em *mocidades e juventudes espíritas*, com irradiação por todas as cidades mais importantes, quasi em todos os Estados. Moços que estudam a Doutrina, que realizam festas teatrais decentissimas; que excursionam e se divertem com o pensamento no Cristo e pensando no Bem. Moços que até realizaram, há sete anos, um congresso diferente: o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas*, que deu tanto o que falar, que realizou tanta coisa bôa!

Movimento tão grande e tão significativo que espíritas da Argentina e Portugal quiseram convocar jovens e nada conseguiram. Nós mesmo enviamos mensagem aos moços argentinos a propósito, traduzida para o castelhano...

Ora, uma coisa dessas não é para ser engulida pela Igreja da maioria dos brasileiros, que até se supõe, parece, dona do Brasil!

IX) Só no Brasil há espíritas que se arregimentam em sociedades, grupos e agremiações para atividades de caráter — beneficiente, caridoso e cristão, — movimentos sem finalidades político-partidárias, porque de fins puramente humanitários, educativos, caridosos.

A Igreja, que tanto se descuida da caridade cristã;—ela que se quisesse, poderia solucionar o problema do pauperismo nacional, porque tem tudo de Governo e de povo—magôa-se com isso, claro!

X) Só no Brasil há espíritas que realizam, a miudo, *congressos*, *semanas espíritas*, *concentrações*, que se disseminam, com facilidade e proveito, por toda parte, pelos Estados e cidades em que o movimento mais se avoluma. Reuniões essas que chamam a atenção de gregos e troianos para o *catastrófico* desenvolvimento do Espiritismo. E tudo feito de graça, sem nada pedir ao governo e ao povo, sem oradores pagos, sem subvenções polpudas.

Ora, isso é para irritar, impiedosamente, o clero!

XI) Só no Brasil vão espíritas de bôa vontade e de desprendimento, pregando a Doutrina por toda parte, onde os chame o dever e o interêsse —de seus irmãos.

Oradores que sacrificam interêsse, repouso e férias, sem côngruas e sem remuneração material, ajustados no *Ide e Pregai o Evangelho* do Reino do Cristo, e atendendo, assim, aos convites que lhes chegam.

Nós mesmo já andamos pregando o Espiritismo, de Manaus a Porto Alegre, só pelo dever de pregá-lo, servindo, assim, a Verdade e a irmãos de bôa vontade...

Isso só pode desagradar à religião que se supõe da maioria do povo.

XII) E a arte espírita—música, canto, declamação, teatro e literatura — que se está formando no Brasil! Tudo, ouvido com alegria e satisfação, escolhido com liberdade de escolha, porque «onde há liberdade, aí está o Espírito do Senhor» (II, Cor. III-17); porque «de alegria está cheio o Evangelho de Cristo».

Poderá isso agradar a Igreja?

No cômputo *Superstição e Fanatismo*, os senhores reverendos, esquecidos de sua trama de fanatização e de crendices, —aliás, a maior que conhecemos — puseram, naturalmente, a umbanda, as tendas umbandistas, seu culto aos deuses caboclos, aos pretos velhos...

Teriam razão para tanto?

O ano de 1954 terminaria com espalhafatosa missa à meia noite, que seria, por assim dizer, o primeiro sinal do célebre congresso que se realizaria depois. E a missa não se realizou, porque o povo desta catolicissima Rio de Janeiro preferiu ir ao culto de Iemanjá, na praia de Copacabana, despedindo-se de 1954, e festejando o despertar de 1955. Preferiu o culto pagão, coalhando a Praia de velas acêsas, atirando flores e dádivas ao mar, em louvores à *deusa das águas*.

Ora, *superstição por superstição*, êle, o catolicissimo povo carioca, preferiu o culto de Iemanjá ao de N. S. do Brasil, à célebre missa da meia noite, fantástica, gigantesca.

A umbanda, e suas tendas, enfeitadas de altares e de imagens, estão, certamente, enquadradas pelos senhores inquisitores modernos, que se supõem donatários do Brasil, entre «as pragas das superstições que enfeitiça o povo».

A verdade é, todavia, que os umbandistas, se ainda usam velas e indumentárias próprias, sabem mais, muito mais do que o Sr. Cardeal Adeodatò Piazza, que trouxe ordem direta do Papa para presidir a *Conferência dos Bispos da América Latina*, onde se tramou a nova inquisição em *técnica moderna*. Sabem os umbandistas que o espírito se manifesta, que não há penas eternas, que o diabo é uma ficção, que o céu teológico é um mito, que reincarnamos, que sendo todos filhos de Deus, todos, um dia, chegarão à Perfeição Suprema.

E suas tendas andam mais cheias e mais frequentadas de que as igrejas, porque nelas os caboclos e pretos velhos vão realizando curas, beneficios e favores que a Igreja está longe de realizar...

Essa gente, como os protestantes, os espíritas e os maçons, não se servem de favores de Cesar, para a ostentação de seu culto, para exibições espalhafatosas. Estão longe, portanto, de decepções dolorosas...

Dolorosas decepções? Ou mistificações dolorosas?

Na sessão de abertura do *Congresso Eucarístico*, vimos e ouvimos à televisão o que fôra o programa. O locutor, vibrando de entusiasmo, anunciou «Mais de um milhão de pessoas se encontram para o grande espetáculo».

«Mas, o chefe da guarda corrigiu:

«Um milhão, não. Umas quinhentas mil pessoas, pode ser».

Ora, havia muitos lugares vagos, nos bancos mais retirados. Ademais, dez quilómetros de bancos a quatro pessoas por metro, se todos estivessem ocupados, parece que somariam quatrocentos mil assistentes... Acrescente-se a isso que o Rio é uma cidade de 2.800.000 habitantes.

Some-se a isso a gente dos subúrbios do Estado do Rio, de Niterói, das cidades próximas, a massa de peregrinos que vieram ao Congresso...

E as facilidades que houve nos transportes, os feriados eucarísticos, e a propaganda intensiva pela imprensa e pelo rádio, pela televisão e pelo cinema... Contudo, quinhentas mil pessoas, no máximo, na maior sessão, que as demais foram quasi com a *bancaria desocupada*. E o número de gente, sem religião nenhuma, e de espíritas, e de protestantes, e de umbandistas, e de *maçons*, e *comunistas* que lá foram só para ver, e ver-se-á se tratou de uma mistificação, de uma farandulagem, de mais uma clericalice muito cara ao País...

* * *

Somos para os senhores reverendos que tramaram, em sessão secreta, a nova inquisição contra seus inimigos — porque a verdade é que inimiga de todos e de tudo é a Igreja — o maior povo católico do mundo, a maior civilização católica do Planeta !

Entretanto, lemos do Sr. Tristão de Ataíde que era triste para o Brasil ter apenas 6.000 padres, muitos estrangeiros, constrastando com os Estados Unidos, país protestante com mais de 30.000 mil padres...

E, um padre falador e polemista, desabusado e provocador, afirmara, numa falação sua pelo radio, que a civilisazão brasileira não era cristã, porque «numa civilização cristã não há orfãos nem orfanatos...»

Estamos de acordo com o padre: a civilização do Brasil, pode ser católica, mas cristã, nunca !

Segundo os cálculos últimos, levantados por um juiz, há no Brasil 80.000 mil crianças desamparadas, entre orfãos sem pais e orfãos de pais vivos.

Que ja fez a Igreja, a despeito do prestígio indiscutível que desfruta perante o governo para solucionar o problema ? Tão grande prestígio que chegou até a *dobrar* os dois ultimos presidentes que, antes da presidência, timbraram em se revelarem, na Camara Federal, anti-católicos ?

Melhor do que nós, velho renegado da Igreja, dirá o catolicissimo sr. Augusto Frederico Smith (O Globo 1—8—55) em títulos garrafais: RETIREMOS DA LAMA OS MENORES ABANDONADOS. E, como subtítulo: *Grito de convocação das fôrças vivas do país*, para a solução do problema de menores, aproveitando as energias geradas pelo *Congresso Eucarístico Internacional.*

E, no grito de convocação, que vai ser inutil, porque nem a Igreja, nem o governo influenciado por ela vai resolver coisa alguma, no grito convocativo, há coisas assim: «Haverá problema mais cruciante, na atualidade brasileira, do que o da criança abandonada ? Soluções parciais são tentadas por espíritos generosos e bem intencionados, mas, enquanto se retira uma criança da sargeta, dezenas de outras, famintas e rôtas, vão ali parar...

Porque não aplicar as energias produzidas pelo Congresso Eucarístico na solução definitiva deste problema...?

Diz mais adiante sobre o Congresso Eucarístico «não seria justo que tudo se encerrasse com uma semana de cerimônias e alegres comemorações.»

«Não bastam a Jesus Cristo as belezas do Congresso, a ordem e a perfeição da festa admirável que esta cidade lhe ofereceu. Enquanto houver nas favelas, nas praias, nas ruas, um tão grande número de crianças maltratadas, o Amigo Incondicional da infância não estará contente».

Nenhum cristão acreditará, efetivamente, que o Amigo Incondicional da Infância estivesse presente à tamanha idolatria, à tentação e luxo, (Só as vestes de um cardeal ficam em mais de duzentos mil cruzeiros) numa cidade de mais de 80.000 mil crianças abandonadas ! Gente cheia de idolatria, ostentação e luxo que se dispõe a quebrar, depois, o ambiente de paz e de concordia que existia entre religiosos no Brasil, terra em que até existe uma organização social e um programa radiofônico (a

Legião da Boa Vontade) com o objetivo supremo de irmanar todas as religiões.

E, para a idolatria organizada, para a ostentação, o luxo e a provocação, reuniu-se um movimento financeiro colossal, em que tudo foi milhões: 14 milhões do Governo Federal,. 10 milhões do governo da cidade, 15 milhões de donativos, 7 milhões apurados em prendas e relíquias,. 7 milhões de pinho do Paraná, que será, depois, distribuido entre favorecidos. Não cremos que favelados, protestantes, espíritas, maçons, comunistas, recebam uma táboa...

Não vimos nem soubemos do menor movimento do Congresso Eucarístico a favor da pobreza, dos necessitados. Pois, se em festas menores e somenos, dos pobrezinhos ninguém se lembra!

Houve por cá a festa de S. Antonio, padroeiro da cidade. Apurou-se para a festança Cr. $ 272.000,00. Gastou-se tudo, menos o saldo de Cr. $ 51.000,00.

Gastos nos arranjos da festa, em bandas de música, fogos de artifícios, oradores sacros...

Para os pobres, nada!

* * *

A proclamação da República encontrou os militares inflamados de positivismo.

Nossa República foi, pode-se dizer, obra dos positivistas.

E dos militares também.

Nossa Bandeira é, nas suas côres, e na sua disposição harmônica, e na sua legenda, — ORDEM E PROGRESSO — de inspiração positivista. Por isso foi insolentemente hostilizada pela Igreja, nos primeiros dias da República.

Só a custo entrou nas Igrejas, para orná-las, em dias festivos, em nome da Pátria...

Se houver, na hora que passa, outro movimento renovador no Brasil, não encontrará, certo, militares positivistas.

Mas, encontrará muitos militares arregimentados em *Cruzadas de Militares Espíritas*...

Sem mais comentários, portanto...

* * *

Agora, finalizando, duas palavras aos espíritas.

E' de todos conhecida a história dos *diabinhos côxos*.

Outros, como nós, são acompanhados por *falanges terríveis*, que nos seguem, insidiosamente, os passos, que vigiam, atentamente, nossos atos.

Ouviramos, na primeira reunião de efeitos físicos que assistimos, por voz direta, de um espírito materializado: «*Unidos, venceremos. Desunidos, seremos derrotados*».

E já houve um grande escritor espírita que nos chamou, *Ovelhas sem Pastor*.

Ora, senhores espíritas:

Seguidos, invisivelmente, por *diabinhos côxos*, que nos vêem e seguem sem serem vistos e sentidos; alguns, trabalham, especialmente, por *terríveis falanges*, ouvidos fechados ao oportunissimo, *Unidos, Venceremos*; vigiados assim, como desunidas *ovelhas sem pastor*, na feliz classificação de Leopoldo Cirne, que se poderá contra a onda de diabretes e diabões purpurados e embatinados, em guerra *moderna* contra nós?

Contra o Espiritismo, certo que nada poderão *diabinhos, diabretes e diabões*, de vez que êle «irá com homens, sem os homens e a despeito dos homens». Êle dominará com os espíritas, sem os espíritas e a despeito da invigilância dos espíritas. Irá assim, dominará assim, vencerá assim, porque está dentro de sua época, porque veio no seu tempo, como Consolador Prometido pelo Cristo.

«Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas, não as podeis suportar.

«Quando viér, porém, aquêle Espírito da Verdade, Êle vos guiará a toda a Verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão para vir». João, XVI, 12/13).

Ouça, entenda e compreenda quem tiver ouvidos de ouvir e inteligência de compreender, pois, nestas alturas, só o Espiritismo se enquadra no que aí está...

LEOPOLDO MACHADO.

Palavras extra-análise, ao fim

Já não somos gente para atitudes como esta, para tais comentários de molde a poder irritar. Mas, diante de tamanho atrevimento, de tanta injustiça e maldade, não nos podemos conter.

E Deus que nos perdôe!

20.º Congresso Nacional Espiritista

(Realizado em Havana, Cuba, de 29 a 31 de Março de 1955)

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

O 20.º Congresso Nacional Espiritista de Cuba declara:

1 — Que aceita a existência de uma Causa Suprema, criadora e diretora do Universo, mais conhecida por *Deus, Om, Jehová, Alah,* a *Natureza* ou o *Grande Arquiteto do Universo;* e que assim mesmo o problema de Deus é apenas questão de nome, pelo que o ateismo é impossível;

2 — Que, como o espiritismo é uma filosofia racionalista e não especulativa, baseada em uma ciência objetiva e prática como é a Metapsíquica ou Parapsicologia, não tenta ir mais além dêste princípio de Deus, pelo que se abstem de elaborar qualquer teologia;

3 — Que reafirma uma vez mais a dualidade humana do ideal espiritualista. Espiritualismo e Espiritismo são palavras sinônimas, porém não intercambiais. Espiritualista é quem pensa ou crê que existe um espírito, ou algo superior a êste mundo visível, material e grosseiro; porém, sua idéia não passa de simples crença ou uma esperança. O Espiritismo é a prova objetiva da fé subjetiva espiritualista. O Espiritismo confirma o espiritualismo. O Espiritualismo é uma teoria; o Espiritismo é uma prática;

4 — Que ratifica a imortalidade da alma através da reencarnação ou pluralidade das existências. A alma, o espírito que constitui nossa personalidade moral e intelectual, e que anima o nosso corpo, e continuará animando outros corpos, desde a noite dos séculos até o infinito, sempre com a fórmula:

ANTE-ONTEM, *pior*
ONTEM, *mau*
HOJE, *bom*
AMANHÃ, *melhor*
DEPOIS DE AMANHÃ, *ótimo.*

5 — Que, como a alma é imortal e perfectivel, seu conhecimento de Deus está na razão direta de seu grau de progresso moral e intelectual, em virtude do que o conceito de Deus vai evoluindo indefinidamente, junto com o indivíduo.

6 — Que ratifica uma conclusão do I Congresso Internacional Espiritista, reunido em Barcelona, em 1888, de que: «*O Espiritismo é a forma contemporânea da revelação*».

Isto significa que o Espiritismo é a fé mais apropriada ao conhecimento cientifico de nossos dias, que poderia resumir-se no aforismo: *Com Deus, porém sem religião.*

7 — Que fez constar — uma vez mais — a desaprovação do Espiritismo à pena de morte, já proclamada pelo 1.º Congresso Nacional Espiritista de Cuba, reunido em Havana, em 1920, e pela 1.ª Concentração Nacional Espiritista, em Santa Clara, em 1935. A Vida — como disse Martí — não é propriedade do homem, sem um préstimo que lhe determinou a natureza; e, como tal, declaramos que não podemos dispôr nem da nossa vida nem da vida do próximo.

8 — Que reprova todos os meios violentos do homem, para a consecução de seus fins, especialmente a guerra, cujos horrores têm aumentado nos últimos anos, com a aplicação da energia atômica e dos armamentos.

9 — E que assim mesmo, condena os métodos para o contrôle da natalidade ou práticas maltusianas, que se baseiam na violência.

NOTA DA REDAÇÃO — Eis aí, nos nove itens acima, as resoluções tomadas pelo 20.º Congresso Nacional Espiritista, realizado em Camaguay, República de Cuba, Antilhas. Julgamos muito interessantes e oportunas as conclusões ora transcritas, mas, ao mesmo tempo, nos permitimos fazer algumas observações, que nos parecem necessárias.

Conclusão n. 2: *O Espiritimo é também, a nosso vêr, uma filosofia especulativa, sem deixar de ser racionalista, é claro; especulativa, porque especula, vai ao domínio da alta metafísica pa-*

ra encontrar a Causa primária do Universo e das coisas, o que, aliás, não lhe prejudica, de forma alguma, o caráter científico, baseado na demonstração experimental.

Conclusão n. 6: *Não compreendemos Deus sem religião... O Espiritismo não tem dogmas teológicos, nem institui culto material de espécie alguma, porém, a verdade é que tem um aspecto religioso.*

Conclusão n. 7: *José Martí, o grande herói e libertador cubano, é talvez a maior glória nacional daquele país irmão; diz-se que Martí era inclinado para o Espiritismo.*

Conclusão n. 8: *E' lamentável, sem dúvida alguma, que o homem ainda tenha de recorrer ao recurso violento e deshumano da guerra e da bomba atômica, mas isto é uma contingência do mundo em que vivemos, e a guerra só desaparecerá da terra pela evolução, pelo aprimoramento espiritual do homem.*

Conclusão n. 9: *Apoiamos inteiramente as resoluções relativas à rejeição da* pena de morte, *que é uma solução absolutamente contrária à doutrina espírita, e concordamos, também, com a conclusão n. 9, visto pensarmos do mesmo modo sôbre o contrôle da natalidade, assunto de que o nosso confrade Prof. Leopoldo Machado já se ocupou longamente através de um livro sério e sempre oportuno, intitulado:* «Doutrina inglória».

Parabens aos nossos irmãos cubanos!

O PLANÊTA FANTASMA

TENDO chegado a nossas mãos a transcrição de alguns dados de ordem profética sôbre a passagem de um estranho planêta pelas visinhanças do nosso sistema solar, desejamos demonstrar que os informes não condizem com os postulados da ciência.

Os dados proféticos informam que o referido planêta, com uma órbita de 6666 anos, em tôrno de sua estrêla, aproxima-se do nosso sistema solar. Ora, não se concebe tal acontecimento nas condições previstas nessa mensagem. Tomando-se o Sol, e a distância da Terra a êste, por bases, chega-se a seguinte conclusão pelos cálculos da 3.ª lei de Képler: (6666 x e 6666 = 44.435.556), cuja raíz cúbica dêste produto é representada por 354 redondos que multiplicado pela distância da Terra ao Sol (149.500.000 x 354 = 52.923.000.000) teremos nêste resultado a distância aproximada, em quilómetros, do estranho planêta à sua estrêla anônima. O planêta suponhamos pertencer a Alfa Centauro, estrêla esta oficialmente ainda conhecida como a mais próxima do nosso sistema planetário, distando ela mais de 40 trilhões de quilómetros do nosso Sol. Deduzindo a distância do desconhecido planêta à sua estrêla, ainda sóbra um trajeto demais longínquo para êsse astro percorrer, antes de aproximar-se dos nossos planêtas. Para realizar-se essa aproximação, de acôrdo com a profecia, seria preciso que o referido planêta abandonasse sua órbita, correndo o risco de tornar-se um astro errante, para cair prisioneiro do campo atrativo do Sol. Isto ainda sem falarmos nessa longa viagem, com mais de 800.000 anos, com sua velocidade de 1,5 quilómetros por segundo, calculados na sua órbita de mais de 300 biliões de quilómetros.

Aqui desejamos apenas esclarecer o assunto em relação a ciência, sem pretendermos molestar os que aceitam, com propósitos dignificantes, firmados na fé em um Poder Eterno, mensagens dessa natureza.

V. O. Casella.

Sêde fortes na fé e na renúncia, amparai os vossos semelhantes fracos de espírito e necessitados, embora sejam vossos inimigos, e Deus vos cobrirá de glória no seu reino. — EURÍPEDES.

Crônica Estrangeira

A situação de um magnata das finanças no Mundo Espiritual

Por Shaw Desmond — «Two Worlds»

O fado espiritual de um magnata de Wall Street foi descrito por Shaw Desmond em seu quarto artigo, desta semana, em «Sunday Sun» de Newcastle-on-Tyne.

O magnata, Pierpont Morgan, estava desorientado ao encontrar-se no outro mundo, porque êle não fôra informado das condições da vida além-túmulo. Não percebendo que morrera, pediu lhe indicassem o caminho para a bolsa de Wall Street. Êle se queixava de estar envolto por «nebulosidade».

Em seguida sentiu um choque ao lhe afirmar um companheiro milionário que sua capacidade de fazer dinheiro (money-making gifts), agora era superflua no mundo astral.

Livraria Astral

Por algum tempo P. Morgan vagueou em derredor desapontado e infeliz. Finalmente, escreve Desmond, êle conseguiu uma ocupação como livreiro numa «grande livraria astral». Na terra êle era amante de bons livros e prataria velha. Assim o cargo veiu a calhar!

Desmond afirma que para muitos «mortos» o mundo espiritual é tão parecido com êste nosso de modo a não perceberem que morreram.

⁂

Predição antecipada de morte da mãe

«Two Worlds»

Ela despertou ao ouvir uma voz dizer: «Sua mãe está bem doente. Vá a casa dela. Ela morrerá no canto da cozinha».

Antes das oito da manhã, ela recebeu uma mensagem urgente. Ao chegar a casa da mãe, esta morreu sôbre uma poltrona no canto da cozinha.

Êste relato foi publicado em «Star» de Londres, como parte de sua série sôbre «Aparições e Visitas Espirituais», pelo Professor Hornel Hart.

A relatora do fato, que se descreve como pessoa «inteiramente comum», admira-se de ser dotada da faculdade de previsão.

«Eu podia descrever todos os meus filhos antes do seu nascimento», afirmou ela. «Preparei-me para receber uma filha, depois um filho, em seguida outra filha, e meu médico se divertia quando eu lhe assegurava, em cada caso, qual seria o sexo de meu filho prestes a nascer.

«Esta estranha faculdade», disse ela, «algumas vezes me faz passar por maus bocados».

—

Outro leitor descreveu suas experiências de viagens astrais no Hospital Dentário de Glasgow, onde foi extrair um dente com anestesia geral.

«Recordo-me distintamente de flutuar acima do meu corpo físico», escreveu êle, «e olhando para baixo vi o meu corpo físico estirado sôbre o soalho abaixo».

Enquanto, no caso mencionado pelo Professor Hart, o corpo astral retornou a seu corpo físico, e êle caíu em profundo sono pacífico, diferente foi a experiência dêste leitor. «Infelizmente, no meu caso, parecia ocorrer uma dissociação permanente e senti-me incapaz de voltar ao meu corpo».

—

Uma voz que lhe anunciou a morte de seu pai, muito tempo antes de chegar a comunicação, é uma história publicada no «Telegram», de Toronto.

«Anda daí» era a expressão impaciente quando uma senhora queria que seu marido, homem de andar vagoroso, fôsse apressadamente para algum lugar. Ela faleceu depois de longo e feliz matrimônio.

Mêses depois a filha de mencionada senhora, moradora distante de Toronto, sonhou que sua mãe estava de pé ao lado da cama do pai e exclamava, «Anda daí!» com sua expressão bem característica.

Tão vívido foi o sonho que ela despertou. Eram 6 horas da manhã.

Mais tarde ela foi informada por distante chamada telefônica que o pai falecera ás seis horas daquela manhã.

⁂

Mozart, impressionável

De «Reformador» — José Monteiro Lima

Collin de Plancy conta que certa vez estava Mozart mergulhado em profunda melancolia (melancolia que se lhe tornara habitual pela idéia do seu fim próximo), quando ouviu um carro parar à sua porta e alguém da sua casa lhe anunciar que um desconhecido desejava falar-lhe.

— «Fui encarregado, disse-lhe o desconhecido, por importante personagem, de vos vir falar». — «De quem se trata?» — interrompeu Mozart. — «Não posso dizer-lhe — continuou o desconhecido — não deseja que se saiba». — «Mas, que deseja êle?» — «Acaba de perder uma pessoa que lhe é muito cara, cuja memória lhe será eterna, por isso deseja celebrar, todos os anos, sua morte com um serviço fúnebre, e vos manda pedir para compôr um Réquiem para êsse serviço».

Mozart se sentiu tocado pelo tom grave das palavras do desconhecido e o aspecto misterioso do pedido ainda mais o impressionou. Mozart prometeu compôr o Réquiem.

— «Dispensái a êsse trabalho todo o vosso talento. Trabalhais para alguém que conhece música». — «Tanto melhor», respondeu Mozart. — «Em quanto tempo estará pronto?» — «Quatro semanas». — «Muito bem! Voltarei ao fim de quatro semanas. E o preço?» — «Cem ducados».

O desconhecido, depois de contar o dinheiro colocou-o sôbre a mesa e desapareceu.

Mozart ficou mergulhado por alguns momentos em profundas reflexões. Depois pediu uma pena, tinta e papel e, apesar dos conselhos da esposa, se pôs a escrever. Êste ímpeto de trabalho durou vários dias. Trabalhava dia e noite, mas o seu corpo enfraquecido não podia resistir a tão grande esfôrço. Certo dia caíu desacordado.

Como sua mulher procurasse distraí-lo dos pensamentos sombrios que o atormentavam, disse-lhe Mozart bruscamente: — «Estou certo de que êste Réquiem servirá para os meus funerais!» E não houve argumentos que pudessem afastá-lo desta triste idéia.

Continuou, porém, a trabalhar, como Rafael no seu quadro da transfiguração, com a idéia fixa na sua morte próxima. Mozart sentia que as suas fôrças diminuiam cada dia, mas o trabalho avançava. No fim das quatro semanas o desconhecido voltou a casa de Mozart conforme tinha combinado. — «Não me foi possível cumprir a minha palavra...» — «Não se preocupe — disse-lhe o desconhecido. De quanto tempo necessitais ainda?» — «Mais quatro semanas. O trabalho inspirou-me um interêsse que eu não imaginava, aumentando-o muito mais do que eu queria». — «Nêste caso, disse-lhe o desconhecido, é justo que os seus honorários sejam aumentados». Eis aquí mais 50 ducados». — «Mas, disse-lhe Mozart cada vez mais admirado, quem sois vós?» — «Não vem ao caso. Voltarei no fim das quatro semanas».

Saindo o desconhecido, Mozart mandou que um dos seus domésticos o seguisse a fim de saber onde êle ia, mas o criado voltou pouco depois sem encontrar o menor vestígio do desconhecido.

Daí em diante se meteu na cabeça de Mozart de que o desconhecido não era um homem comum. Tinha a certeza, dizia, de que aquêle homem estava em relações com o outro mundo, e vinha como aviso do seu fim próximo.

Não trabalhou mais com ardor no seu Réquiem, mas, apesar de ter desfalecido várias vezes, o trabalho ficou finalmente pronto antes das quatro semanas.

O desconhecido voltou no tempo marcado, mas Mozart já não existia...

Não vos preocupeis tanto com as cousas materiais e observai bem as nossas recomendações, que são o fruto da verdade. Enriquecei os vossos espíritos, para que Jesus não vos encontre desprevenidos.

Mariquinhas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 26.365,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Religião e Estado

Já é tempo de nos apercebermos dos resultados do Congresso Eucarístico aquí realizado e que tantos sacrifícios exigiu dos crentes domiciliados na Diocese do Rio de Janeiro e dos poderes públicos, altamente onerados com o custeio de gastos de toda a ordem para a concretização do suntuoso espetáculo de fé cristã proporcionado aos peregrinos de todo o mundo que aquí se reuniram. As nossas principais autoridades deixaram-se arrastar pelos prelados, consentido na repetição de consagrações que ferem aos nossos dispositivos constitucionais, os quais mantêm o Estado equidistante entre todas as crenças professadas pelo nosso povo. O Congresso Eucarístico deve ter custado aos cofres públicos nunca menos de meio bilhão de cruzeiros, se tomarmos em consideração o custo de atêrro precipitadamente levado a efeito, sem a aparelhagem técnica apropriada, encarecendo os trabalhos, sem lucro real para a cidade que tudo pagou. A Cúria Diocesana designou uma comissão para escriturar a receita e a despesa do empreendimento, mas os componentes de tal comissão são anônimos, desconhecidos por completo de toda a gente, de modo que a responsabilidade recai sôbre dois grandes vultos eclesiásticos, delegados pelo Cardeal Câmara para superintender todos os trabalhos e gastos da realização. Os dispêndios feitos para o Congresso não devem talvez orçar em soma inferior a um bilhão de cruzeiros, sendo que a metade dêstes gastos saíu dos cofres públicos federal e municipal e o resto de contribuições particulares, e de tudo isto deverão ser prestadas contas bem claras, apesar de gozarem os principais organizadores da mais alta confiança de todos os brasileiros. A Antártica trocou o fornecimento gratuíto de toda a madeira necessária à montagem da praça pelo monopólio da venda dos produtos de sua fabricação no local das solenidades. Ao que se disse, esta madeira seria ulteriormente aproveitada para a construção de barracos destinados a abrigar populações pobres em favelas de nossa capital. Enquanto se aguarda o cumprimento dessa promessa, já começam a circular boatos de que a madeira foi trocada por bom dinheiro, e destinada a outros fins. O Clero procurou tirar proveitos da leviandade dos nossos governantes, ousando violar os têrmos claros de nossa Constituição, consagrando o Brasil ao Coração de Jesus, para conseguir dos poderes públicos e reimplantação do regime inquisitorial vigorante no século XVII, isto é, proibindo a liberdade de crenças, apanagio de todos os povos no século XX, e imitando o regime de intolerância em curso na Colombia, pastores protestantes são imolados à sanha de fanáticos ferozes, apoiados por um governo ditatorial. Nós no Brasil haviamos conseguido um regime ideal, com a promulgação da Contituição de 1891. O Estado livre e uma Igreja livre, foi o que obtivemos com a implantação da República entre nós. A Igreja Positivista havia obtido um grande conceito entre a mocidade militar, que durou até o movimento de 1930, quando ambiciosos vulgares derrogaram os preceitos constitucionais e o clero negociou o seu apoio aos novos senhores, resultando daí a entronização de Cristo nos salões dos Juizes e outras transigências com a religião católica, que passou desde então a usufruir de novas vantagens em detrimento das outras crenças, cuja liberdade o clero católico pretende de vez afogar nesta oportunidade. Não nos movem nesta campanha preferências de nenhuma espécie. Defendemos apenas a liberdade de pensamento de nossos concidadãos, certos de que assim agindo cumprimos sómente um comesinho dever. Subvencionando o Congresso Eucarístico, saimos da mentalidade que se impôs à Republica, preferindo uma religião em detrimento de outras que também concorreram e concorrem para assistir moral e materialmente ao nosso povo, sendo de notar que enquanto a Igreja católica exporta capitais, os protestantes trazem recursos de fora para entreter o seu culto.

GERALDO ROCHA.

De o «Mundo Ilustrado» — Rio. — 17/8/1955.

Livros Novos

«Cumprindo-se Profecias»

O nosso prezado confrade Mario Ferreira, residente em S. Paulo, nos ofertou um exemplar do trabalho de sua autoria — «Cumprindo-se Profecias», o qual trata de sessões de materialização de espíritos no Grupo Padre Zabeu, da Capital.

O livro contém 256 páginas e constitue valioso tesouro dos céus, em que a imortalidade da alma e a doutrina de Jesus aparecem em toda a sua pureza e magnitude à luz do Espiritismo.

E' um trabalho notável, que deve ser lido, estudado e meditado por aquêles que se interessam pelas cousas do espírito.

As sessões de materialização foram lavradas em atas assinadas pelos presentes. O livro insere fotografias comprobativas dos textos, com anotações e comentários do autor.

Gratos pela oferta.

Sessões Comemorativas

A União Municipal Espírita de Matão realizou nos dias 24 e 25 de Setembro último, na séde do Centro Espírita «Amantes da «Pobrêza», às 20 horas, duas sessões comemorativas de duas magnas datas : o 87.° aniversário natalício do nosso querido companheiro Cairbar Schutel e o 8.° aniversário de fundação da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», esta transcorrida em 18 e aquela em 22 do mesmo mês.

Na sessão do dia 24 o orador oficial foi o Dr. Jonny Doin, da Capital, que proferiu uma substanciosa conferência sobre o tema : «O Espiritismo e as nossas responsabilidades», agradando em cheio a assistência. A seguir foi apresentada a parte artística. Elementos da Mocidade "Ivan Santos Albuquerque", de Araraquara, cantaram duas canções — "Ajude-nos" e "Redenção". Sebastião Casadei de Oliveira recitou a poesia "Desequilíbrio". Encerrando o festival, elementos da Mocidade Espírita "Cairbar Schutel" cantaram "Estrada do Bem".

Na sessão do dia 25, o orador oficial foi o Dr. Euripedes de Castro, da Capital, que dissertou sobre o tema — «Filosofia Espírita», agradando sobremaneira a assistência. A seguir foi desenvolvida uma bela parte artística, sendo apresentada a peça dramática «Piedosa Mentira», na qual tomaram parte as seguintes crianças: Candida Gonçalves, Arlene da Cruz e Maria Lucia Barbosa. Recitaram poesias : a menina Arlene da Cruz, «Oração de Jesus» ; o jovem Sebastião Casadei de Oliveira, «Avante Mocidade», e o menino Cairbar Torres, «Deus». Elementos da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», cantaram as canções «Busquemos a Luz» e «Estrada do Bem». Encerrando, foi apresentado o esquete—«Nequinho e Juracy», com a participação das seguintes crianças : Eraíde Gonçalves, Sylvia Lucia Urban e Flavia Thereza Urban.

No dia 25, ás 17 horas, os espíritas se reuniram no Lar Infantil «Cairbar Schutel» sendo oferecidos aos presentes doces, salgadinhos e guaranás.

Representante

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Santo André, São Paulo, que o sr. Cicero Pimentel foi designado nosso Representante nessa localidade, onde reside à Rua Rio Grande do Norte, 156 c/1, estando autorizado a angariar, receber e renovar assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim».

Pelas atenções dispensadas ao nosso Representante, os nossos agradecimentos antecipados.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

A' hora regimental, o Presidente declara aberta a reunião, após proferir uma prece. Lida a Ata da reunião anterior, de 9 de Julho próximo passado, é ela aprovada sem qualquer pedido de retificação.

Expediente — São lidas várias cartas, oficios e documentos outros dirigidos ao Conselho.

Comunicação — O Presidente faz ligeiro comentário sôbre os preparativos para a comemoração, em 1957, do 1.° Centenário d'«O Livro dos Espíritos», informando, igualmente, das providências que vêm sendo tomadas pela Diretoria da FEB, afim de que tais comemorações possam ser feitas em todo o território nacional e atingir mesmo a todos os países do mundo.

Congratulações — O Conselheiro Atlas de Castro pede que se registe em Ata a satisfação do Conselho pelo êxito e brilhantismo da representação do Departamento de Juventude da FEB na III Confraternização das Juventudes Espíritas do Nordeste e Norte do Brasil, realizada em Fortaleza, Estado do Ceará.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica a fundação de um Internato e Externato para crianças, em Muriaé, pelo Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, daquela cidade.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil anuncia a realização da III Semana Espírita de Niterói.

Rio Grande do Sul — O Conselheiro Francisco Thiesen fala das atividades da Federação Espírita do Estado.

Reuniões de Agosto — Todos os srs. Conselheiros tomaram parte na elaboração do programa das reuniões do Conselho nos dias 27, 28 e 29 de Agosto, à qual compareceram doze presidentes de Sociedades de âmbito estadual. O Conselheiro Atlas de Castro apresenta amplo relatório sôbre o assunto e fica confirmado o horário das reuniões, bem como da visita ao Departamento Editorial da FEB e do almoço fraterno, no «Abrigo Seára dos Pobres».

Após a prece feita pelo Conselheiro Capitão Jaime Rolemberg de Lima, foi encerrada a reunião, às dezesseis horas.

* * *

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

Cataguazes: Falei no Centro Espírita «Jota Lacerda». Jota Lacerda foi um Apóstolo do Bem, e muito fez pela difusão do Espiritismo.

Ubá: Falei no Centro Espírita «Abel Gomes», que é dirigido pelos confrades João Andrade e Assis. Falei também no Centro dirigido pelo confrade Alek de Bek.

Juiz de Fóra: Muito em breve será inaugurado o Instituto Jesus, que tem a capacidade para abrigar 200 crianças. O terreno mede 3 alqueires. O valor da obra e demais benfeitorias é de dez milhões de cruzeiros aproximadamente. Está à frente desta obra bela e gigantesca o esforçado confrade Ali Halfeld. Falei também no Centro Espírita «Ivan Costa», que é uma obra de vulto. Possúe o Centro uma indústria para manter o seu custeio.

Paraíba do Sul: Visitei o Centro Espírita locál, que é dirigido pelos confrades Manoel Vaz e Laercio de Castilho que, com os demais companheiros não medem sacrifícios na propaganda da Doutrina. O prédio do Centro acaba de passar por grandes reformas e aumento, atingindo mais de Cr. $ 120 000,00.

Nesta minha excursão deixei de falar em Petrópolis, Cascatinha e outras cidades, o que farei na próxima excursão.

* * *

O Espiritismo na imprensa diária

Foi inaugurada no dia 2 de Agosto último, na «Folha do Povo», uma secção diária sôbre a Doutrina Espírita, sob a direção do jornalista dr. Domingos Antonio D'Angelo Neto, diretor do mensário cristão «A Centelha».

A assinatura anual do diário «Folha do Povo», custa Cr. $ 250,00 e poderá ser solicitada, mesmo pelo reembolso postal, à PUBLICIDADE MUNDO MAIOR, rua Felipe de Oliveira, n. 21 — 4° andar, Caixa Postal, 7.933, São Paulo.

A difusão Doutrinária compreenderá, além de colaboração sôbre o Espiritismo na atualidade, noticiário sôbre o movimento no Brasil e no estrangeiro.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3110unse

no XXXI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1955 – N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

Espiritismo, Anjo Libertador . . . *Redação*
Refutando Ramatís . . . . *Henrique Rodrigues*
Relações Interplanetárias . . . . *Emmanuel*
A Reencarnação e a Memória . . *Deolindo Amorim*
«Última Página...» . . . . *A. Olser*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
* * * . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
O Ceticismo no Problema Metafísico da Razão . . . . *Amadeu Santos*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Natal dos Pobres

Prezado Sr.
Paz em Jesus

Como de costume, a União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará no próximo mês de Dezembro, dia 25, em homenagem a Jesus pelo seu natalício, o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes ofertarem os corações generosos.

As ofertas podem ser em gêneros alimentícios, dinheiro, ou mesmo roupas usadas, podendo ser entregues ou endereçadas a qualquer um dos membros da Comissão Organizadora do «Natal dos Pobres».

Certos de sua preciosa atenção a este apêlo fraternal, pedimos a Jesus que lhe proporcione um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saude, paz e felicidade.

Matão, Outubro de 1955.

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca	*Letícia M. Olson*
Antoninha Perche Campêlo	*Zélia S. Perche*
Rosa Fonseca Fratini	*Leonor da Cruz Jorge*
Anita S. Miniucci	*Donata Casadei Oliveira*
Isabel Perche Camargo	*Evaní Gonçalves*

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1955 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Espiritismo, Anjo Libertador

O dia 2 de Novembro é o dia de «Finados», isto é, dos mortos, daqueles que se libertaram dos liames terrenos, dos sofrimentos físicos. E' uma justa homenagem que se presta a todos os mortos, sejam ricos ou pobres, brancos, pretos, amarelos ou vermelhos, porque todos são filhos de um só pai — Deus.

Entretanto, a morte não muda substancialmente o aspecto da vida, porque o espírito continua a viver depois da morte com o seu mesmo modo de agir e pensar, com as suas virtudes ou os seus vícios, com as suas bôas ou más qualidades. Físicamente o indivíduo deixa de sofrer após a morte, mas pode sofrer muito mais moralmente se os seus átos foram maus, se fez aos outros aquilo que não deseja para si. O desaparecimento do corpo físico não implica no aniquilamento das nossas obras porque elas são o fruto do espírito, e, portanto têm que acompanhar o espírito, acham-se mais ligadas ao espírito do que êste ao corpo.

Se as obras acompanham o espírito, de que se fizeram parte integrante, é claro que o espírito terá de gozar os proventos da espiritualidade de acôrdo com as mesmas. Se foram bôas, será feliz; se foram más, será infeliz. As nossas obras não só acompanham o espírito, como também deixam nêste mundo marcas profundas que atravessam séculos. Nero, Calígula, por exemplo, deixaram no mundo as mais tristes recordações que os séculos não conseguirão extinguir porque estão gravadas na História. Assim também, as obras dos santos, dos que se sacrificaram em benefício dos seus semelhantes atravessam séculos iluminando e confortando as criaturas. Sem contar Jesus, que é a personificação do Bem, do Amor, e nem seus Apóstolos, que são o exemplo dos que querem ser realmente cristãos, citemos, por exemplo, S. Vicente de Paulo e S. Francisco de Assis, cujas obras servem de caminho aos verdadeiros cristãos. Eles já se libertaram há muito tempo dêste mundo, mas permanecem vivos nos corações através de suas obras, dos seus átos de solidarismo, de amor fraterno, amparando os pobres e defendendo os fracos e os oprimidos.

A morte, como disse um dos mais notáveis sábios, Charles Richet, é a porta da vida, porque por ela ingressamos na verdadeira Vida, que é a espiritual, onde não há sofrimentos físicos, sómente os sofrimentos morais, que são uma decorrência das nossas más obras, dos nossos êrros, das nossas faltas. Portanto, não havendo sofrimento moral, a felicidade na outra vida é um fato. E para nos livrarmos dos sofrimentos morais basta pôr em execução o preceito evangélico que nos manda não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós.

E' desolador vêr o chôro, as lamentações, as imprecações daqueles que visitam os seus mortos. Deveriam chorar por si mesmos, porque a vida nêste mundo é que é morte para o espírito que vive tolhido nos seus movimentos de liberdade, pois se acha prisioneiro de um corpo que dêle exige uma porção de cuidados e atenção nas suas necessidades. E' por isso que a morte é o Anjo libertador do Espírito. A criatura tem muitos inimigos a vencer, como por exemplo, o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, enfim as suas imperfeições, mas segundo o Apóstolo Paulo, a morte será o último inimigo a ser vencido, e vencido quando houvermos vencido os inimigos acima mencionados, visto como ficaremos em condições de compreender o verdadeiro sentido da morte com acquisição da fé, das virtudes ativas.

O Espiritismo é êsse anjo libertador, porque prova a imortalidade da alma e a comunicação dos espíritos, ensinando-nos a vencer todos os nossos inimigos, externos e internos, entre os quais — a morte.

Que as nossas lágrimas se convertam em preces pelos nossos «mortos», e em agradecimento a Deus, nosso Pai Celestial, por nos conceder a vida eterna.

Refutando Ramatís

(O PARECER DE EMMANUEL)

Era nossa intenção encerrar a refutação a Ramatís com o artigo precedente. Mas a ala religiosa da doutrina, na palavra de alguns, aceita as revelações de Ramatís, sómente porque, no dizer dêles, Emmanuel abonou tal produdução. De início, devo dizer a êsses confrades menos avisados que absolutamente não se dá tal condição, e que, assim procedendo, êles laboram em rotundo equívoco, porquanto jamais houve ou haverá o endôsso do antigo senador romano, no sentido de que as respostas dadas por Ramatís sejam o testemunho da verdade.

Quem, como nós, matém contacto mais acentuado com Pedro Leopoldo, sabe perfeitamente que a delicadeza do dirigente espiritual do Centro Luiz Gonzaga, aliada a sua tolerância e compreensão, proporcionará sempre uma resposta a quem quer que a êle se dirija. Mas, se a pergunta em geral define o indagador, a resposta não é obrigada a guardar-lhe íntima relação, porquanto temos visto chegar a Pedro Leopoldo, por carta e pessoalmente, ao lado de urgentes e angustiosas indagações, solicitações de confôrto, realmente úteis à tarefa que mais importa aos homens realizar, qual seja a renovação interior, pela evangelização e pela elevação do seu padrão moral, repetimos, temos visto muita indagação leviana, pretenciosa, traiçoeira, capciosa, insípida, ridicula e banal. A todas Emmanuel responde, porque o assédio é constante, mas nem sempre a verdadeira resposta flui do significado superficial e direto das palavras.

Muita gente gostaria de ver Emmanuel transformado em oráculo miraculoso, curandeiro, moço de recados, acusador, defensor, juiz, executor, bajulador, em aspectos particularíssimos, envergando o figurino de muitas patentes imperfeições humanas. Não que êle seja perfeito, atributo exclusivo do Pai, mas temos que compreender Emmanuel como um irmão mais velho, que caminha alguns passos em nossa vanguarda. Temos uma página particular a êsse respeito que mais nos fez admirar seu estôfo moral e intelectual. Emmanuel não é uma panacéia, ou seja, remédio para todos os males ou solução para todos os problemas. Emmanuel não é «fazedor de leis», mas esforça-se para ser um «cumpridor». Há muita gente que não gosta de Emmanuel, e a razão disso vem, talvez, da delicada recusa de compartilhar nos quadros da bitóla particular de quem assim procede.

E' doloroso, para nós espíritas, verificar as artimanhas, os sofismas, a malandragem, enfim, de que se valem alguns elementos para arrancarem (é bem êsse o têrmo) do autor de «Renúncia» umas linhas que satisfaçam seus propósitos nem sempre elevados. Vamos pintar um quadro, um, entre muitos.

Um cidadão indaga de Emmanuel

qual a sua opinião sôbre um livro que pretende escrever. E' uma pergunta, e a resposta vem: «Todo trabalho com Jesus é meritório». Amanhã, êsse mesmo indivíduo escreve um trabalho anarco-confusionista, comunista, ateu, protestante, budista, católico e, para valorizar seu trabalho, quase sempre medíocre, estampa a opinião de Emmanuel. Quem não sabe como *a coisa* se passou, julgando *à priori*, ou fica confuso ou, o que é pior, por abdicar o trabalho de raciocínio, acredita que tal peça é uma produção típicamente «com Jesus», *porque Emmanuel disse.*

Dois jovens do movimento social espírita, por conveniências econômicas, concordam em consorciarem-se na Igreja Romana. Casa não casa, vem a baila o célebre testemunho, a negação de Pedro e coisas semelhantes. Resultado: — Vamos consultar Emmanuel! Resposta «Cada um segue os ditâmes de sua consciência». Mas os homens não se modificam por opiniões alheias e sim pela experiência colhida e, assim, os que apoiavam o casamento religioso, vêem nessa advertência mil e uma razões para casar, embora esteja claro que não existe aí nem sim nem não, mas, apenas o *chamado à responsabilidade individual que é intransferível.* Muita gente dirá: — Eu responderia assim ou assado! Mas é que essa gente não está no lugar dêle, com o ônus de uma tarefa que não podemos avaliar. Outros dirão: — Fugiu da questão! Por um direito elementar, «ninguém é obrigado a fazer o que não quer», e, muito menos, ser leviano para responder satisfatoriamente a leviandade; ser boçal, para harmonizar-se com a boçalidade; partilhar do banquete da intriga, do ódio, da ignorância e da safadeza, só para satisfazer o safado, o intrigante, o boçal ou o ignorante.

Que Emmanuel não aprova os trabalhos, indagações e muito menos as respostas do tipo de Ramatís, podemos verificar em muitos trechos de suas produções, onde êle é claro, e não precisa, para não fugir à verdade, exarar seu modo de pensar nas entrelinhas, ou no sentido mais profundo das palavras. Embora documentados, guardamos sigilo em tôrno de nomes, para respeitar o «convencionalismo da caridade», como diz meu amigo Newton Boechat.

Uma alta patente militar, nosso grande amigo perguntou certa vez o seguinte, *ipsis litteris*:

> «Meu bom «Emmanuel»: Será oportuno nos dar uma informação sôbre o propalado *«disco voador»* aparecendo em nosso globo? Poderemos ter um esclarecimento?»
>
> Resposta: — «Meu caro amigo, diante das responsabilidades que nos pesam nos ombros, aguardemos mais tempo para o estudo da questão. Jesus nos abençõe».

Isso foi na época da efervescência dos «discos», quando todo mundo opinava, fora e dentro do Espiritismo, esquecidos, espíritos e espíritas das salutares advertências de Kardec a respeito da leviandade das perguntas e dos possíveis «respondedores», deitando *falação* do mais variado matiz. Vem de Marte, de Venus, de Júpiter, do centro da Terra. São assim ou daquêle jeito. Farão isso ou aquilo, por isso ou por nada.

E' pena que êsse trânsfuga, que é o homem, olhe tanto para o mundo exterior, quando o verdeiro céu a ser conquistado está no seu universo íntimo, onde existe tanto espaço vazio, tantos mundos a conquistar, tanta coisa bela, onde constantemente é visitado por entidades de mundos superiores, e... às vêzes... dos inferiores também.

Vejamos o pensamento de Emmanuel sôbre o assunto:

A lição «Paz», do livro «Caminho, Verdade e Vida», pág. 98, diz:

> «Muita gente inquieta, examinando o intercâmbio entre os novos discípulos do Evangelho e os desencarnados, interroga, ansiosamente, pelas possibilidades da colaboração espiritual, *junto às atividades humanas.*
>
> «*Por que razão os emissários do invisível não proporcionam descobertas sensacionais ao mundo?*
>
> «*Por que não revelam os processos de cura das moléstias que desafiam a Ciência?*
>
> «Como não evitam o doloroso choque entre as nações?
>
> «*Tais investigadores, distanciados das noções de justiça, não compreendem que seria terrivel furtar ao homem os elementos de trabalho, resga-*

te e elevação. Aborrecem-se, comumente, com as reiteradas e afetuosas recomendações de paz das comunicações do Além-Túmulo, porque ainda não se harmonizaram com o Cristo.

«Vejamos o Mestre com os discípulos, quando voltava a confortá-los, do plano espiritual. *Não lhe observamos na palavra qualquer recado torturante, não estabelece a menor expressão de sensacionalismo, não se adianta em conceitos de revelação super-natural.*

«*Jesus demonstra-lhes a sobrevivência e deseja-lhes paz.*

«Será isso insuficiênte para a alma sincera que procura a integração com a vida mais alta ? Não envolverá, em si, grande responsabilidade o fato de reconhecerdes a continuação da existência, além da morte, na certeza de que haverá exame dos compromissos individuais ?

«Trabalhar e sofrer constituem processos lógicos do aperfeiçoamento e da ascenção. E que atendamos a êsses imperativos da Lei, com bastante paz, é o desejo amoroso e puro de Jesus Cristo.

«Esforcemo-nos por atender semelhantes verdades, *pois existem numerosos aprendizes aguardando os grandes sinais, como os preguiçosos que respiram à sombra, à espera do fogo-fátuo do menor esfôrço*».

Acredito que bastaria sómente isso para demonstrar o que venho dizendo, mas existe mais. E' a lição «Demonstrações», página 301, do livro «Vinha de Luz». Para não tornar êste artigo muito longo, vamos citar apenas alguns trechos, para aquêles que não possuem êsse livro, Emmanuel procura, nêsse capítulo dar a explanação evangélica de Marcos 8 : 11, a todos aquêles que «exigem sinais do Céu, tangíveis, incontestáveis». Diz êle entre outras coisas :

«Médiuns e companheiros outros, em grande número, não se precatam de que os pedidos de demonstrações celestes são formulados, quase que invariavelmente, em obediência a propósitos inferiores.

«Há ilações lógicas no assunto, que importa não desprezarmos. Se um espírito permanece encarnado na Terra, como poderá fornecer sinais de Júpiter ? *Se as solicitações dessa natureza, endereçadas ao próprio Cristo, foram situadas no âmbito das tentações,* com que argumentos poderão impô-las os discípulos novos aos seus amigos do invisível ?

«Quem reclama sinais do Céu será talvez ignorante ou portador de má fé, *contudo, o seguidor da Boa Nova que procura satisfazer o insensato, é DISTRAÍDO OU LOUCO*».

O fato de Emmanuel dizer que «a mensagem é de elevado teor, ou digna de nosso melhor aprêço», enquadra-se no princípio de que a mesma não contém nenhuma exortação ao crime ou a imoralidade. O que não foi correto, por parte dos publicistas da mensagem de Ramatís, foi a omissão do «parecer» completo de Emmanuel, porque êle convidava ao estudo e a submissão das revelações feitas na mensagem «Conexão de Profecias», à ciência, à filosofia e à religião em pauta. Tal conduta, levou muita gente ao equívoco de aceitar porque acharam que Emmanuel aceitou, quando êste, longe de dizer que a «Mensagem» era a expressão da verdade, fez um convite, dentro do seu tradicional bom senso, ao estudo do assunto, o que nem todos fizeram. Que publiquem «as considerações» totais de Emmanuel, e, só depois, qualquer admirador dêsse extraordinário amigo, e nós também o admiramos, poderá estar em condições de julgar o sentido de muita coisa que ficou sepultada antes dos três pontinhos reticenciosos que antecedem a opinião de Emmanuel, conforme foi apresentada nas publicações e impressos dos admiradores de Ramatís.

No próximo número, relataremos para os amigos dêsse Brasil tão grande, algumas curiosidades relacionadas com o Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo. O assédio, informações, advertência a oradores ocasionais, temas, assistência, trabalhos e algo sôbre a mania espírita dos elogios pomposos, a queima-roupa, públicos, etc...

Estou pedindo também à redação que, caso possível, publique nêste número, uma página de Emmanuel, datada de 26/11/54, recebida em Pedro Leopoldo, por Francisco Cândido Xavier, em sessão pública, e que, salvo êrro, ainda está inédita. Denomina-se «Relações Interplanetárias». Não que sejamos contra tais estudos. Muito pelo contrário: somos até apaixonados do assunto. O que negamos, é que o Espiritismo seja a porta indicada, para, através do transe mediúnico, prestar-se a investigações de tal natureza. A tarefa dos espíritos não é essa, e o patrimônio das conquistas individuais, não pode ser formado com «êsse tipo de maná do céu».

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo
Horizonte — Est. de Minas

Relações Interplanetárias

Meus amigos.

O Espiritismo — renascença do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo — é uma Doutrina Racional, sem quistos dogmáticos que lhe deformem o corpo de revelações simples e puras, brilhando por luminoso caminho de aperfeiçoamento das almas e assimilando, sem resistência, todas as conquistas filosóficas e científicas da Humanidade.

No campo de nossos postulados, reconhecemos a Terra como singelo degráu evolutivo no Sistema Solar em que nos integramos, nosso precioso domicílio cósmico, que, por sua vez, empalidece, quasi insignificante, quando confrontado com os largos domínios do Universo, além da Galàxia, em que a Vida Infinita nos sitúa o aprendizado.

Não ignoramos, assim, que outros mundos enxamêiam no Espaço, revelando a Sabedoria do Criador, e que outras Humanidades evoluem no rumo da perfeição, qual acontece conosco, através do trabalho e da experiência.

Semelhantes conclusões, a nosso ver, todavia, agravam as nossas responsabilidades no serviço que devemos ao mundo, porque qualquer conquista da Terra no campo de relações interplanetárias não modificaria o quadro inquietante de nossas necessidades morais, junto ao qual nos compete o incessante esfôrço da educação, para que se intensifiquem e aperfeiçôem as relações espirituais entre a plenitude de Cristo e a carência dos Homens.

Cabe-nos, pois tão sómente, por agora, a vós outros e a nós, trabalhadores encarnados e desencarnados, o árduo ministério de nossa própria reforma intima, com o bem infatigável aos nossos semelhantes, nos padrões de Jesus, afim de que o Reino do Amor se estabeleça na Terra, habilitando-nos à comunhão com os Planos Superiores.

Dêsse modo, segundo cremos, qualquer manifestação próxima ou remota dos habitantes de outros Planetas, em nosso Globo, não pode alterar-nos o programa de trabalho, de vez que a nossa missão é estritamente espiritual, não obstante abranger, como é justo, qualquer estudo digno em tôrno de problemas que nos firam a marcha.

Somos operários do espírito, colaborando na edificação do mundo novo, a começar pelo aprimoramento de nós mesmos, sob a inspiração do Cristo, nosso Divino Mestre.

Essa é nossa glória maior.

Não seria, pois, razoavel desertar do nosso setor de ação edificante para substituir astrônomos e estadistas na esfera de observação e de luta que se lhes descerra à inteligência na ordem material.

Estejamos firmes na obra silenciosa e redentora que nos cabe realizar, sob a égide do Senhor, porque, de outro modo, estariamos menosprezando os «talentos da oportunidade» de nossa cooperação no Evangelho, convertendo o santuário de nossos princípios em mais um dos pontos conturbados de conflito humano, dentro dos quais a indagação, muitas vezes desorientada e insensata, reclama a luz da verdade sem o concurso do tempo, através da perturbação e do estardalhaço sem razão de ser.

EMMANUEL.

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 26/11/54, em Pedro Leopoldo).

A Reencarnação e a Memória

DEOLINDO AMORIM

A teoria dos *resíduos* ou de «sobrevivência da mentalidade mágico primitiva», como diz o psicólogo brasileiro, não esclarece o ponto fundamental da questão : qual a origem dêsses resíduos, são anteriores à presente existência ? Segundo a tese espírita, todos os conhecimentos adquiridos no passado se conservam, não se perdem, porque fazem parte da personalidade do espírito, através das reencarnações. Esses conhecimentos, acumulados durante anos e anos, ficam em estado latente, e deles a memória consciênte ou memória atual às vezes tem certas reminiscências em forma de *intuição.* Há ocasiões, porém, em que, durante um fenômeno de sonambulismo, hipnose, etc., o espírito consegue, como dissemos no artigo anterior, revelar todos êsses conhecimentos, que alguns psicólogos chamam genericamente de «sobrevivências», «resíduos», etc., sem dizerem, todavia, de onde procedem essas reminiscências.

Alguns experimentadores, não querendo aceitar a tese espírita, criaram diversas hipóteses para explicar o fenômeno, mas a verdade é que nenhuma delas resolveu o problema. Tudo é hipótese, e não passa de hipótese. Veja-se, por exemplo, a teoria da *dupla personalidade,* tão inconsequente como outras teorias. Há ocasiões em que um indivíduo ignorante, semi-analfabeto, de uma hora para outra, cai em *transe,* é magnetisado, e passa a demonstrar conhecimentos que estão, com espanto de todos, muito acima de sua capacidade. Então, os partidários da *dupla personalidade* dizem logo : *é o segundo EU, que se manifesta,* isto é, *o outro EU,* que é *ilustrado, é culto, enquanto o EU normal é bisonho, ignorante.* Explicação deveras curiosa !... Isto quer dizer, portanto, que há em nós um *EU* consciênte, um *eu* atual, que corresponde à memória presente, e um *EU* inconsciente ou oculto, que se manifesta em estados psíquicos especiais. Então, se é assim, não existe a personalidade integral : há uma personalidade atrasada, inculta, que é a personalidade que o indivíduo revela no estado normal, e outra personalidade, muito culta, muito polida, que só aparece nos estados *anormais.*

Cabe, agora, uma pergunta : se é assim mesmo, como se diz, se é certo que existe, no *fundo* da consciência (permita-se a expressão) uma soma de conhecimentos superiores aos conhecimentos normais, *QUANDO* e *COMO* foram adquiridos êsses conhecimentos, como se formou êsse preparo intelectual, que supera os conhecimentos atuais ? A teoria do *inconsciente,* tal como tem sido apresentada em compêndios e cursos de *psicologia,* não dá solução ao problema ; apenas reconhece o fenômeno, dá testemunho do fato, mas a verdade é que não apresenta uma solução satisfatória. Muito menos a *dupla personalidade* ou a teoria da *memória subliminar,* de Myers. .

Um dos casos mais conhecidos e mais citados na literatura psíquica em geral e, particularmente, na literatura espírita, é o de Félida, a moça que era retraida, tímida, de temperamento egocêntrico, mas apresentava um personalidade inteiramente diferente da personalidade normal quando em estados especiais, quando caía em transe. As atitudes da moça davam a impressão de haver duas personalidades opostas : no estado normal era simples, retraida, triste ; no estado *anormal,* era alegre, conversava muito, ria, cantava, etc. Se, portanto, a hipótese da dupla personalidade não resolve o problema, como explicar o fato de haver, na mesma pessoa, dois comportamentos antagônicos ?... Nenhuma das teorias formuladas a respeito conseguiu dar a explicação mais razoavel até hoje.

Nenhuma teoria, também, conseguiu anular a explicação espírita, isto é, a da existência, na mesma personalidade, de elementos vinculados a existências anteriores, pelo processo da reencarnação. Gabriel Delanne, em *Investigações sôbre a mediunidade,* como Bozzano, em seus numerosos casos, cita muitos exemplos ilustrativos e convincentes. Figuremos uma hipótese. Uma pessoa é ignorante, sua instrução é rudimentar, todos os seus conhecidos e visinhos sabem que essa pessoa nunca saiu dalí, nunca teve convivência com pessoas ilustradas, nunca foi, portanto, *buscar* conhecimentos fóra daquele meio onde nasceu e onde vive ; inesperadamente, porém, pela ação de um passe magnético, que faz dormir, essa mesma pessoa, no estado sonambúlico artificial, começa a falar sôbre física, química ou astronomia, assuntos que estão muito longe de sua capacidade, e revela conexão de idéias, como quem realmente sabe o que está dizendo. Muito bem. Diversos dêsses casos têm sido registrados pelos investigadores mais escrupulosos. Como se explica isto?

O eminente Professor Charles Richet, a quem se deve notável contribuição ao estudo científico dos fenômenos psíquicos, propõe a hipótese da *criptestesia*, única hipótese que, na opinião do ilustre autor do *Traitè de Metapsichique*, pode resolver o problema. Que é, finalmente, *criptestesia?* Segundo a terminologia da metapsíquica (criada pelo Prof. Richet) é a faculdade de adquirir «conhecimentos supranormais». Ora, supranormal é o que está acima do normal. Logo, êsses conhecimentos, se são *supranormais*, não foram adquiridos agora, pelos meios normais. Cripta era o lugar onde se ocultavam os livros sagrados, na antiguidade. Daí vem *criptografia*, *criptologia*, *criptestesia*, etc., dando a idéia do que está oculto. Criptestesia, portanto, refere-se a conhecimentos ocultos. Flournoy propôs outro têrmo semelhante: *criptomnesia*, isto é, faculdade que permite a passagem de impressões e conhecimentos para o inconsciente sem que a memória atual, a consciência clara, como se chama, tome conhecimento disto... Tudo vago, impreciso portanto. Há realmente conhecimentos ocultos, e conhecimentos que, sendo oriundos de outras existências, não têm relação com a situação atual do indivíduo. Esses conhecimentos se manifestam através de fenômenos de sonambulismo e outros, já muito estudados.

O Espiritismo não nega, mas afirma seguramente a existência de idéias e conhecimentos que estão inteiramente fóra da consciência normal (*Criptestesia*, de Richet). Todavia, o que o Espiritismo discute é a forma por que essas idéias e êsses conhecimentos ocultos foram introduzidos na chamada *zona obscura* ou neutra da memória. Se um indivíduo, por exemplo, nunca aprendeu astronomia, nunca frequentou observatório, nunca teve convivência com astrônomos, e revela conhecimentos de astronomia quando está no estado sonambúlico ou quando cái em transe, é o caso de perguntar-se: *QUANDO* e *COMO* essas noções de astronomia se fixaram em sua memória inconsciente? Quem lhas transmitiu, em que época? Influência do meio? Não, porque nunca viveu em companhia de astrônomos, nunca ouviu falar no movimento ou na posição dos astros e muito menos em cálculos de matemática superior. E' a *memória subliminar*, que guarda conhecimentos superiores sem que a memória atual saiba disto... Explicação inconsistente e tão vaga como as outras. Se o indivíduo, durante certos fenômenos, revela conhecimentos de ciências que êle, no estado normal, nunca estudou, é claro que essa cultura oculta vem de alguma parte, de alguma época anterior à existência atual. Não há outra saída para o problema, que alguns psicólogos querem resolver fóra da tese espírita, mas esbarram com uma dificuldade irremovível: de onde vieram os conhecimentos armazenados no *inconsciente* ou na chamada *memória subliminar?* A psicologia pára, forçosamente, onde começa o Espiritismo, porque só o processo das vidas sucessivas ou reencarnação pode oferecer elementos capazes de resolver a incógnita. O Espiritismo, como doutrina evolutiva e de base científica, não despreza, de modo algum, a valiosa contribuição da psicologia moderna, mas a verdade é que determinados fenômenos ocorridos no campo do psiquismo chamado supranormal não podem ser explicados sem que se tome como ponto de partida uma premissa fundamental: a reencarnação.

(Conclusão).

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

“Última Página...”

A. Olser

Pompa mortis magis terret quam mors ipsa — *Bacon.*

UM dos acontecimentos mais comuns e mais inevitáveis da existência, é a morte — a última página do livro da vida. E' o ponto final de tudo que possa traduzir ilusão, esperança, fantasia... E' o têrmo inexorável das ambições, dos sonhos, das incertezas... E cada dia que passa, mais caminhamos ao encontro dela, embora por instinto, por mêdo, por êrro, procuremos jamais nos lembrarmos dela. E a cada minuto que passa na grande enciclopédia cósmica em que vivemos, são arrancadas milhares de páginas da bibliotéca humana... Alguns livros ainda no prélo, outros interminados, e até alguns em branco, porque a morte não respeita idade e ceifa tudo e todos indistintamente...

Morremos das mais variadas formas, processos e meios e, como si não bastassem os naturais, o próprio homem inventou outros artificiais, porém seguros, eficazes e de resultados compensadores, numa cooperação gratuíta com a grande e respeitável Parca: «Livros» máus são guilhotinados, enforcados, fuzilados, lançados em câmaras de gaz e até reunidos aos milhares para serem consumidos pela bomba atômica — o engenho de morte mais moderno, mais terrível e mais destruidor que a capacidade para o mal, inventou! Inversão da inteligência! Paradoxo mental! Malignidade criadora!

Mas, deixemos o homem preocupado em exterminar a mais bela criação de Deus — o próprio homem - enquanto outros abnegadamente, ocultamente, humanamente, procuram acrescentar algumas paginas a mais no «livro vivo», e voltemos à última página, ao fim do romance, ao epílogo da tragi-comédia, ao derradeiro e último áto que se desenrola ao apagar das luzes no final da cena representada pelos fantoches humanos...

Os nossos últimos instantes são cercados de um terror propositadamente criado pela imaginação falsa e doentia dos que temem o «ponto final» e procuram fazê-lo temido pelos outros. A morte é, pois, o mais terrível espantalho que amedronta os que não têm sabido viver. A vida oferece oportunidades várias para que as «páginas» sejam preenchidas com ações edificantes e meritórias, registrando todos os átos benéficos ou maléficos que uma existência bôa ou má proporcionou.

O pensamento da morte apavora os prazeres do ímpio, refrêia os furores do insensato, consola os infelizes e encoraja os fracos, disse A. Guijarro.

Napoleão já dizia que os médicos e os padres tornam a morte dolorosa. Os primeiros com o prolongamento da agonia, acrescendo ao horror da morte, e o horror da morte exigindo o prolongamento da agonia, segundo Maeterlink. Os últimos cercando a morte de uma atmosféra tétrica, negra, medonha e temível com o horror do inferno à vista. Daí a a frase de Bacon: A pompa da morte é mais terrível que a própria morte.

Apesar de tudo, a morte é um fenômeno necessário, indispensável, imprescindível à continuação da vida, e Richepin (Jean), confessava que se êle fôsse imortal inventaria a morte para encontrar algum prazer na vida, porque, dizem, ela é a «doce companheira, suave desposada, eterna consoladora, meiga esperança dos desesperados», ou com Heine: é a frescura tranquila da noite, como a vida é o dia pesado e sufocante.

A necessidade da morte é defendida por muitos: «Que horrível fôra viver, se não existisse a morte!» (Fray Candil) ou «fôra horrivel a vida sem o prêmio ter da morte», numa frase de Campoamor.

Segundo Maeterlink, a morte se alimenta dos nossos receios: quanto mais a tememos, mais temível ela é, e que a idéia da morte deveria ser a mais perfeita e a mais luminosa por ser a mais constante e inevitável, e não a mais doentia e mais atrasada, em concordância com Francisco de Sales que ensinava: «Só há um meio de não se temer a morte: é desejá-la».

Por ser inevitável e ignorado o momento final, o grande Sêneca pontificava:

E' incerto o lugar onde a morte te espera; espera-a, pois, em todos os lugares, «porque ela só chega uma vez e faz-se sentir em todos os momentos da vida»: La Bruyére. E Rojas já dizia que ninguém é tão velho que não possa viver um ano, nem tão moço que não possa morrer hoje.

Num dos cemitérios de Coimbra, há êstes versos, em sua entrada:

«Aquí se findam as vaidades
com que o mundo nos seduz;
aquí há paz e abrigo
à sombra da eterna cruz».

Talvez seja por isso que se considera a morte como «sinál» de «igual» na equação da vida...

O berço é o túmulo da alma como o túmulo é o berço da vida espiritual, porque «a morte é a porta do outro mundo, como a vida é a porta dêste»: Aimé Martin, ou como cantava Castro Alves: «O berço é a barca que encalhou na vida, a cóva é a barca do sidério porto». E Emilio Castelar escrevia que a morte é uma ressurreição.

A morte do justo, daquêle que procurou amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, deve ser serena e bela: — «Serena, porque chegou ao têrmo da jornada sem sobressaltos dolorosos de consciência; bela, porque não a recebeu como um castigo, mas sim como uma graça de Deus; serena, porque não invejou, não odiou, não caluniou, não perseguiu; bela, porque nela divisou um traço luminoso que se extende entre os dois mundos infinitos; serena, pela certeza que tem de que ela é, na última página da vida, não um ponto final, mas ligeira vírgula de um período do livro que jamais se fecha»: (Leôncio Corrêa).

O ímpio, o máu e o avarento devem se lembrar de que do mundo nada se leva, a não ser ações, atos, obras, porque «a mortalha não tem bolsos...» porque «a morte despe-nos dos nossos bens para nos vestir das nossas obras»: Petit-Senn.

Coelho Neto escreveu: Não é a morte o que me impressiona, é o morrer... Entretanto, há os que procuram a morte de sua livre e expontânea vontade — os suicidas, que são os inconformados com as situações aflitivas, os desesperados com a sorte adversa, os cansados com os sofrimentos intermináveis. «Quem sempre a morte achou no lar da vida, deve a vida encontrar no lar da morte»: (Laurindo Rebêlo). Nós substituiriamos *deve* por *espera.*

Uma coisa, porém, é certa: ninguém se mata em seu juizo perfeito, o que só pode ser aceito num momento de irreflexão incontrolável, ou num instante de perturbação mental, e quando o arrependimento é sempre tardío e irreparável...

Existe ainda a morte moral, mil vezes pior que a morte física: «Quantas vezes o coveiro encerra, sem o saber, dois corações num mesmo esquife!» (Lamartine).

Camões — o grande vate luzitano — tinha uma concepção mais otimista da morte: «Quem morre, não morreu, partiu primeiro...» A morte moral ou espiritual é aquela do Evangelho que os olhos não vêem, os ouvidos não escutam e o coração não sente, que torna o homem insensível ás questões da espiritualidade, da vida futura que continua, dos problemas do além que não o preocupam nem o interessam porque só vive a vida física, mundana, material. Sterne, entretanto, já havia dito: «Quando vejo morrer um homem honesto e viverem tantos celerados, sinto bem enfáticamente, a fôrça desta passagem dos salmos: — «Deus não quer a morte do ímpio...»

As mulheres, enfim, só morrem quando deixam de ser amadas, segundo Mme. S. Gay, ou seja uma outra modalidade de morte moral...

Já é tempo de colocarmos o ponto final, pois tudo no mundo é vida eterna, infinita, progressiva e nós já falamos muito da morte, pois a vida é sempre boa para os que sabem vivê-la e sempre útil para os que sabem compreendê-la, e sempre bela para os que sabem apreciar as maravilhas do Criador.

Após estas já longas considerações, será que podemos pensar que o nosso objetivo foi atingido, isto é, a morte da morte? Porque, morte como sinônimo de extinção, têrmo, fim, aniquilamento, cessação de vida, não existe, havendo em seu lugar, transformação, ressurreição, nova vida evolutiva, progressiva, ascendente... sabendo-se que na natureza nada se perde, tudo se transforma em busca do mais perfeito...

E morrer... E levar com a vida que se [trunca,
tudo o que de doçura e amargor teve [a vida:
— O sonho enfêrmo, a glória obscura, [a fé perdida . . .

(ALCEU WAMOSY)

Terminemos enfim com êste tétrico têma que outros mais capazes já analizaram, tais como: Eça de Queiroz, Maeterlink, Humberto de Campos e Malba Tahan. Acabemos com o falso conceito do horror da morte e suportêmo-la como um mal . . . necessário, uma vez que ela não é uma imagem subjetiva e sim uma realidade objetiva que devemos compreender e que a teologia arcáica procura entenebrecer favorecendo a incapacidade reacionária da inteligência humana que o mêdo aumenta e conturba, porque:

O homem que é forte
não teme da morte;
Se morre, descansa
dos seus na lembrança.
. . . morre o forte
no passo da morte
triunfa, conquista
mais alto brasão. (Gonçalves Dias).

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

MAIS do que as outras, aquela promessa crística de enviar à humanidade o «Consolador — o Espírito de Verdade», revela que Jesus Cristo é a Providência Divina, e qualifica, além do mais, de verdadeira e consoladora, a doutrina dos Espíritos que cooperam na perfectibilidade dos humanos; e é por aquêles dois primeiros predicados que mais se distingue a doutrina dos Espíritos

Precisamente: o Espiritismo é constituido pela doutrina que os Espíritos superiores têem dado e continuarão a dar à humanidade; e por essa principal razão: a da sua origem, o Espiritismo é perene e indestrutível.

Jamais nenhuma potestade terrena conseguirá destruir ou obscurecer sequer, o Espiritismo da crença humana, porquanto «o Espírito sopra onde quer e ninguém sabe de onde vem nem para onde vai», como ensinam os Evangelhos do Cristianismo.

Sem dúvida: aquêles indivíduos que agora morrem a perseguir e a combater o Espiritismo, renascerão depois a difundí-lo e a defendê-lo, por simples dever consciencial.

De resto: a quem estiver livre de preconceitos e obrigações sectárias escolásticas ou não, de qualquer feição: política, religiosa, filosófica e outras, não lhe é difícil verificar e confirmar-se de que o Espiritismo é a ciência e a filosofia da vida do espírito, fulcro luminoso da formação consciencial de cada indivíduo na sua trajetória através da pluralidade de existências nos planetas e fóra dêles, no astral

Tenhamos, pois, inteira confiança nas promessas de Jesus Cristo porque elas constituem o incentivo mais eficiente para a redenção de cada um dos humanos.

As existências são efêmeras mas a vida é eterna e nessa eternidade se desenvolvem os atributos espirituais de cada indivíduo até alcançar o mais elevado nível da espiritualidade crística.

Porto, 31 de Julho de 1955.

Religião e Ciência

AS CURAS PELO ESPIRITISMO

— VII —

A luz resplendente do Evangelho de Jesus sob a ação de bem orientada propaganda espírita, vem se projetando nos meios sociais brasileiros, como acontece em muitas nações, para criar os fundamentos da civilização cristã, conforme as verdadeiras finalidades do Cristianismo.

O aparecimento no Brasil, em grande número, de obras de assistência social, tais como, Sanatórios e Hospitais para curas de obsidiados e outras moléstias, Orfanatos, Escolas, Albergues, Asilos, Bersários e Creches, cumpre tais finalidades e aqueles que se entregam a êsse trabalho santificante com o ampararem os desherdados da sorte, estão incluidos no preceito evangélico, segundo Mateus, cap. 16, vers. 24: —«Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sôbre si a sua cruz e siga-me».

Para seguirmos Jesus, é indispensável renunciarmos ás tendências que nos compelem à materialidade da vida e endurecem os nossos corações; cumprirmos fielmente os ensinamentos do Sermão da Montanha; exemplificarmos a nossa fé com obras que nos elevem perante a Justiça Divina.

Quando se trabalha pelo bem do próximo o amor entra em ação, e a caridade, na sua função providencial e consoladora, abre para os espíritos culpados, os caminhos da claridade espiritual.

O estímulo para os trabalhos dessa natureza, encontramo-lo nos atos da vida de nosso Divino Mestre e nas de seus apóstolos, entre os que mais se distinguiram e se sacrificaram, em todos os tempos, pelo triunfo da verdade evangélica.

Passando-se a considerar as curas de certas moléstias, tais como as obsessões e outras tidas ainda como incuráveis, pelos métodos terapêuticos da medicina acadêmica, verifica-se que elas se assemelham, em muitos casos, às que foram realizadas por Jesus e seus apóstolos, ao expelirem demônios (espirítos máus) dos corpos de suas vítimas.

Em face dessas curas, concluimos, que todas as realizações em benefício da Humanidade, obedecem às possibilidades científicas existentes, nas leis naturais conhecidas e nas desconhecidas, ainda não desvendadas.

Jesus elucida essa verdade ao afirmar «que nada há encoberto que não seja descoberto».

Essa afirmação de Jesus se constata, em nosso tempo, com o constante enriquecimento do patrimônio científico da Humanidade, através dessas maravilhosas descobertas, que dia a dia estão se realizando, em variados setores de atividades científicas, com a finalidade de melhorar as condições da vida humana, em todos os sentidos.

No Laboratório da Natureza, acumulam-se em estado latente, inumeráveis recursos destinados ao aperfeiçoamento dos meios de combate a todas as moléstias que afligem a Humanidade. E êsses recursos, à proporção que vão sendo conhecidos, melhoram com o seu emprego, as condições da vida humana, ao destruirem as causas de muitos de seus males e por apresentarem, constantemente, perspectivas mais promissoras.

Dessa forma, as curas espíritas que têm ocorrido em muitas épocas da História, com o testemunho de crentes de várias religiões —considerando-se imutáveis e exátos os princípios das ciências — não representam tais curas milagres inexplicáveis, pelo fato de não existirem efeitos sem causas, nos planos da vida universal.

Em relação às investigações psíquicas, já se conhece que o fluído magnético, descoberto pelo sábio alemão Mesmer, em suas variadas modalidades, exerce grande influência em todos os fenômenos provocados por essas investigações.

Assim, o fluído magnético animal, constatado pela ciência oficial, e o fluído magnético espiritual, conhecido pelas experiências psíquicas, ligados, formam um método terapêutico mixto do qual se servem os espíritos desencarnados, de certa elevação, para realizarem os trabalhos de curas de determinadas moléstias.

Lemos na «Gênese», de Allan Kardec. «A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluído cósmico universal etéreo, deve poder, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gaz impalpável. A solidificação da matéria não é, na realidade, sinão um estado transitório do fluído universal, que pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessem de existir. Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetivel de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazê-lo supôr. Não possuimos, ainda, senão as primeiras balisas do mundo invisível, mas o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender aquilo que ainda é para nós um mistério».

Em nossa época, já está se confirmando, em grande parte, o que presumiu o Codificador nêste importante livro de nossa Doutrina.

Possuindo, como possuimos, espírito ou alma, corpo físico e perispírito ou corpo fluídico, sabemos que êste último é formado pelo fluído cósmico universal e adpatado ás condições ambientes dos planetas habitados, conforme o gráu de elevação moral e espiritual de suas Humanidades.

Enquanto o corpo físico se transforma, como um conjunto que é de gazes condensados, que se desagregam e se evaporam com o fenômeno da morte, o corpo perispirital sobrevive com o espírito e o acompanha em sua evolução planetária, sofrendo as modificações impostas pelos meios ambientes dos planetas, nos quais tem de realizar a obra de seu aperfeiçoamento moral e espiritual.

O apóstolo Paulo em sua 1.ª epistola aos Corintios, cap. 12, vers. 40, alude à existência de «corpos celéstes e corpos terrestres», elucidando a missão de cada um dêles. No vers. 51 dêste mesmo cap. anuncia as transformações que se operam com o fenômeno da morte, e ainda, em outros vers. dessa mesma epistola, proporciona outros esclarecimentos condizentes com a elucidação que nos apresenta a Revelação Espírita.

Nas sessões práticas do Espiritismo as experiências vêem demonstrando que os perispíritos ou corpos fluídicos, apresentam sob a vidência de médiuns especializados, as características de atraso ou adiantamento dos espíritos que revestem.

Entre os atrasados, sofredores e máus, notam-se nos perispíritos manchas escuras com cintilações vermelhas, que produzem nos médiuns e nos assistentes dessas sessões, inevitáveis sensações de máu estar e de irritações nervosas, especialmente nas pessôas de natureza hipersensível; nos espíritos sofredores e relativamente felizes, essas manchas são poucas e as suas comunicações não produzem as sensações citadas; nos espíritos adiantados essas manchas não existem e as radiações de seus perispíritos são luminosas, em côres que variam, conforme o gráu de elevação dêsses espíritos, produzindo sensações de confôrto e bem estar nos meios onde se projetam.

Estudando-se os fenômenos da energia radiante, desde a menor que é a vermelha à mais elevada que é a violeta, deparamos com um mundo de conhecimentos ainda não desvendados em toda a sua plenitude.

Dentro dos limites dessas radiações e as côres intermediárias, o contacto dos respectivos fluídos, nas sessões experimentais do Espiritismo com médiuns especializados, apresenta um campo vasto de investigações, em consequência da variedade de fenômenos que se podem observar.

Se a luz é produzida para nós, em tais condições, pela frequência das radiações que enumeramos, no plano de vida em que nos encontramos, os fatos resultantes da fenomenologia mediúnica, demonstram as extraordinárias possibilidades de que dispõem os espíritos, no mundo espiritual, para surpreenderem nossos sentidos com realizações de fenômenos que não conseguimos esclarecer nos limites dos recursos da ciência de nossos dias.

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo conclúe no próximo número).

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

IX CAPÍTULO

A vida em Jatobá

1 — Não me lembro quando chegamos a Jatobá. Nem como e quando de lá saimos.

2 — Nem como e quando meu pai nos deixou alí, rumando para o Amazonas, que era, na época, a atração forte de espíritos aventureiros, pelo fastígio da borracha.

Lembro-me, entretanto, do pequeno fabrico de sabão que meu pai fundou e de que viviamos. E de um passeio que fizemos, um dia, num sitio perto. Eu comi muita melancia e fiquei doente. Voltei nos ombros de pessoa amiga. Lembro me de um fogareu que encontramos no fogão da fábrica de sabão, que deu trabalho para apagar. Lembro-me do irmãozinho, o Reginaldo, que aí nasceu e morreu. Como que estou a vê-lo, vivo e travêsso, a procurar, de gatinhas, buraquinhos no chão para enfiar o dedinho. E da casinha pobre, em que moravamos, na praça principal. No quintal, às noites de luar, a Odilia reunia amiguinhas com brincadeiras de roda. Uma de suas amigas era a Venera. De suas cirandinhas, a de que ainda me lembro dizia: A Canôa virou no fundo do mar, porque Venera não soube remar». Lembro-me das dansas a que iamos e das manhas que eu fazia, quando a Odilia não me tirava para dansar. Lembro-me de um criminoso que entrou em juri, sendo eu o escolhido para sortear os jurados, retirando as pedras da urna. Foi, até hoje, aquele, o unico juri que assistí! Lembro me de um homem que, um dia, entrou, montado a cavalo, baleiado no peito, cujo furo ia do peito às costas. E saia-lhe sangue do furo, sempre que fazia estôrço para respirar. Lembro-me de um policial, o Antonio de Lirio, que, valente e desordeiro, andava apavorando toda gente. E do Padre Quincas, bom flautista, que fazia serenatas à porta do Juiz; serenatas de que era a Odilia, com sua bela voz de soprano, a figura saliente. E da modinha de sua predileção, bonita pela história triste, pelo suicídio da moça, que se atirara, desesperadamente, ao mar: *Eulina Formosa.*

3 — Começa assim a linda e comovente modinha, versos ajustados à música emotiva e triste, de que a cantora tirava partido apreciável.

Eulina formosa, gentil, engraçada,
Dos anjos fadada, vivia feliz.
Tranquila dormia, tranquila acordava,
O Céu lhe dourava da vida o matiz...

Prazeres fluia na paz do regaço,
Seu peito de aço ninguém dominava
Sómente à virtude seu culto rendia;
Dos homens sorria, de amores zombava.

Um jovem roubou lhe a paz de sua alma,
Com pufida calma, firmeza jurou.
A cândida pomba as juras ouvindo,
No laço caindo ao jovem amou...

4. — Lembro-me de um empregadinho da E. F. Jatobá a Pedras, chamado Alexandre Rocha, metido a engraçado. E mentia de brincadeira, muito, para fazer rir. Uma tolice que dizia, era motivo para toda gente rir. E êle, sério e grave: «Mas, eu, Chanduzinho da Rocha, não sou homem de mentiras...»

5 — Lembro-me do filho do dr. Sérgio, o Serginho. Era um desbocado. Saía pela rua, a cantar indecências, em voz alta. Meu pai, muito severo em questões de moral, proibiu-nos de brincar com o Serginho. O José, uma noite desrespeitou a proibição e foi brincar com o desbocado. Caíu de seu carneirinho e fraturou o braço. Com o braço entalado, metido na cama, diz-lhe o velho:

6 — Agora, meu filho? Ainda dói? Não? Vamos, então a nossas contas. A fratura foi o castigo de Deus. Mas, você desobedeceu também seu pai. Vai levar o castigo de seu pai...

E deu-lhe bolinhos com tábua de caixa de sabão, na outra mão.

7 — Levei, uma feita, dois bolinhos, — aliás, os únicos: — porque dei lingua, sem saber o que fazia, a uma preta velha, Teodora, que ia sempre em casa e mexia comigo...

Foi a única vez que apanhei de meu pai.

8—Lembro-me do Manoelzinho, um menino travesso, meu visinho e de minha amizade, que me convidava, a miude, para suas travessuras.

Eu, tímido e medroso, não o acompanhava a elas. Ficava invejando-o a distância. Minha mãe sabia disso. Um dia, na enchente do S. Francisco, o Manoelzinho insistiu comigo para eu ir com êle ao banho. Quase que o segui. Êle foi só. Voltou, apenas seu cadáver, com os lábios, os olhos, o nariz, as orelhas, os órgãos genitais, os dedos dos pés comidos pelas piranhas. Levaram-me a ver o cadáver. Não suportei o golpe. Voltei para casa, apavorado. Fiquei sem dormir muito tempo, impressionado, com a morte de meu amigo, ao vê-lo assim a cada passo, a todo instante. E como custou a sair-me aquilo da lembrança e da impressão visual!

* * *

9 — Em Jatobá, frequentei a primeira escola, da que, aliás já falei no capitulo I § 8. Ia à escola por prazer, embora seus processos pedagógicos, que eu depois teria que aplicar nas escolinhas que fundei, deixassem muito a desejar. Aos sábados, argumentos, as *sabatinas* de hoje. Aos pequeninos como eu, que mal conheciam as letras, o professor abria um rasgo no meio de um papel, por que se podia ver uma letra, e colocava aquilo, salteado, às letras do alfabeto. E perguntava a nós. Os que sabiam, davam de palmatoria nos que erravam. Nas lições de taboada, o mesmo processo. Quando, para proteger o colega, o bolo saia fraco e mole, o professor, áspero e fingindo bôas maneiras:

— Ah você não sabe dar?! Vai aprender...

E espichava-nos um bolo em regra, forte e dolorido.

10 — Apanhei uma vez, num argumento, sòmente, — a despeito de sempre ter sido um aluno mais do que mediocre.

* * *

11 — As festas escolares daí!

Só me lembro das principais que mais me impressionaram: a de encerramento e a de reabertura das aulas. No último dia de aula, depois dos recitativos, o melhor aluno em conduta puxava um cordel preso por uma argola no alto do meio da sala de aula. A' extremidade do cordel, a palmatória. Batiam-se palmas e cantava-se o hino ao trabalho:

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
Dá riqueza, virtude e vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor...

12 — Na reabertura das aulas, a cena era diferente.

O dia de festa, era o dia em que a palmatória descia para espancar o primeiro rebelde. Do aluno espancado, recebia a palmatória o nome. Se o menino se chamava Manoel, aquêle ano inteiro a palmatória chamar-se-ia Manoelina. E era com requintes de ironia e ruindade que o professor dizia aos outros alunos que iam ser castigados:

— Venha cá, seu Pedro, receber um beijinho da Manoelina.

E dava com disposição os tais *beijos.*

13 — Aquele ano, se ficassemos até o fim, a palmatória deveria chamar-se *Josefina,* porque nenhum aluno recebera mais beijos dela, do que o José, meu irmão...

---

* * * Plantei a minha árvore e vejo-a agora coberta de flôres na Primavera! Nasceu da semente de um fruto saboroso que pôde nutrir-me em dado momento da vida. Para demonstrar gratidão a Deus, plantei a única semente que êsse delicioso fruto continha—e ela, poucos dias depois de lançada à terra, fazia emergir do solo um brotosinho que se foi rápidamente desenvolvendo e algumas semanas após abria-se em verdes folhinhas...

E' agora uma árvore possante. Deve ter os seus cinco metros de altura e cobre uma área de uns 15 metros de circunferência. Suas folhas, alternas, são grandes e espêssas. O vento já tem várias vezes tentado desarraigá-la, contorcendo-a violentamente. Numa das suas terríveis investidas, conseguiu derreá-la um pouco e a minha árvore ficou um tanto inclinada; mas foi lentamente fazendo o esfôrço próprio das árvores, no sentido da perpendicular, e está hoje quase refeita dos terríveis efeitos do furacão.

Acompanho o seu desenvolvimento há uns quatro anos, pois que se acha situada no pequeno quintal do apartamento térreo em que moramos, nesta cidade maravilhosa que o exagêro das construções tenta reduzir a uma cidade de cimento armado. Em tôrno do seu tronco, ainda liso e com uns tons verdes ainda, tão nova ela é, vicejam algumas cloxínias, cactus, manacás, «beijos» e até pequenos exemplares de pau Brasil, «urucum» e pinheiro brasileiro... Não é possível viver-se sem a amenizante companhia dos nossos irmãos vegetais. São êles que nos alimentam, são êles, sobretudo, com as suas renovações primaverís, que nos infundem à existência esta sublime euforia, de que me rejubilo no instante em que venho expandir meus sentimentos de adoração ao Senhor, graças à alegria comunicativa da minha árvore coberta de flôres!

Ao lado o «bonito lindo» se multiplica em seus alegres trinados; lá no outro extremo da casa, meu velho amigo sabiá-coleira canta, canta enternecidamente infundindo-me uma saudade sem limites da terra natal, dos seus bosques, das suas praias muito alvas, do marulho das vagas que o terral, pelo amanhecer, ou o nordeste, pela tarde, encrespam, toldando a serenidade da nossa encantadora Babitonga...

Se é assim o encanto que sentimos com a florescência das árvores, bem fácil imaginar a transbordante felicidade que experimentamos com o florescimento dos nossos filhos em virtudes e nobres manifestações de ânimo para o trabalho e para a sua consagração aos elevados objetivos da família e da sociedade!

Senhor! Venho, humilde e pequenino filho vosso, render-vos, nesta manhã jubilosa de Primavera, o íntimo culto da minha adoração a Vós, Pai, que nos comunicais a Vida, e com ela, todos os impulsos íntimos e grandiosos para o amor fraterno, para o trabalho, para a cooperação com os nossos irmãos em todas aquelas obras destinadas a servir, como Jesus exemplificou, à Humanidade!

Arnaldo S. Thiago. 2/10/955.

LIVROS e AUTORES — *Leopoldo Machado*

DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, de *M. da Nobrega* — Recife

Foi numa situação de amargura em que nos botámos ao grande livro, DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, de M. da Nogrega. Amargura decorrente de pavorosa demagogia religiosa. E dessas que só aproveitam a uma religião, a uma casta, de vez que também pensamos com o M. da Nobrega, que *é melhor fazer, demagogicamente, alguma coisa pelo homem do que, democraticamente, abandoná-lo.* (Pág. 96). Amargavamos a situação de revolta em que nos pusera a mensagem do Papa aos senhores bispos latinos, concitando-os a uma campanha organizada contra *inimigos da Igreja*, em cujo ról se põe, com destaque, o Espiritismo.

Ora, numa situação dessas, a leitura do livro de M. da Nogrega anima e conforta. Conforta e esclarece, ainda que lhe faltassem altas virtudes. E essas não são poucas. Sentimos, com a leitura do grande livro, muito confôrto, muito ânimo e esclarecimento.

O livro é dedicado a oito espécies de criaturas, todas vítimas de maldades de pigmeus que se supõem gigantes. Nós, como espírita, nos sentiamos injustiçado pela demagogia clerical. Colocado, portanto, entre os englobados na sétima dedicatória: «A todos os que crêem em Deus e tem fé no homem, e fazem dessa crença uma religião e dessa fé um ideal».

Perante pigmeus demagógicos, arvorados em semi deuses, confortam-nos, suavemente, pensamentos de gigantes de todas as épocas, como êste, de Tomaz Jefferson: «De todos os sistemas de moral antigos e modernos, nenhum me parece tão puro como o de Jesus». Purissimo — acrescentamos nós. — Impurificando-se, aquí e alí, por culpa exclusiva da demagogia maldosa do homem. E mais êste, de Einstein: «Se do Judaismo dos profetas, e do Cristianismo, na forma em que o pregou Jesus, fossem retirados todos os agregados postos posteriormente... ficaria de pé um sistema capaz de resolver todos os problemas sociais». São, exatamente, os agregados aparecidos posteriormente que emprestam demagogias a certas espécies de cristianismos... Os pensamentos em cita aparecem entre os 40 que enfeitam a abertura do livro. E todos, de absoluta oportunidade e carência.

O livro de M. da Nogrega é, na verdade, uma peça estupenda de pensamentos fulgurantes, que devem ser lembrados a cada hora; de conceitos e preceitos para todas as épocas; de raciocínios claros e precisos, irretorquíveis. Podemos ajuizar, por tudo isso e mais pela obra em si mesma, quanto lhe custara selecionar tudo e escrever o livro! Sabemos ajuizá-lo, porque conhecemos bem, de consciência própria, a tarefa de escrever e publicar livros. Conhecemo-la bem, porque temos sido um teimoso dêste labor... que quase escrevemos, *teimoso de labor improbo*. Improbo labor para escritor de grande público, quanto mais para um pobre rabiscador, como nós, somenos e obscuro. Bem andou, por isso, M. da Nobrega assinalando, à pág. 256 «que a Prefeitura paulista classificara o livro, para efeito da cobrança de imposto de industria e profissão, na tabela J, uma das mais altas, ao lado de lupanares, enquanto foram para a letra A, das mais baixas, fichas para jogo, baralhos, cerveja...»

Não foi coisa assim que se fez aí mesmo, em Recife, durante o Estado Novo, com o Espiritismo, cuja licença para funcionar centros espíritas era cobrada como licença para casas de jogo, para cassinos e cabarés? Foi isso que lemos, naqueles idos dolorosos em A NAÇÃO.

Ora, se em S. Paulo, o Estado líder do Brasil, trata-se o livro dêsse jeito e por essa forma...

E a crítica literária.

Nos moldes a João Ribeiro e Humberto de Campos, já não existe. Ninguém dispõe de tempo para ler e escrever sôbre a obra alheia... a menos que se trate de *panelinhas*. Dir-se-á que se trama, surdamente, uma campanha contra o livro, contra a bôa literatura, contra aqueles que escrevem... ainda que se trate de um M. da Nobrega!...

Contudo, ainda se escreve, e escreve-se muito! Ainda se edita livro! Ainda há quem leia e opine sôbre o livro alheio... até para elogiá-lo merecidamente.

Êste, o nosso caso, embora nos falte, para tanto, *engenho e arte*.

* * *

Lemos, com efeito, o DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, deslumbrando-nos a cada página, em cada capítulo. Lemo-lo com a dupla responsabilidade, porque por nós mesmo, gratissimo ao volume que nos coube com honrosa dedicatória, e em nome de O CLARIM, de que somos julgado, embora à distância, redator e até... *crítico literário*... Lendo-o assim, e tratando-se de um livro que nos agradou superiormente, fomos anotando tudo, riscando todas as páginas, soblinhando pensamentos e frases, conceitos e preceitos...

E chegamos a reler páginas, no propósito de aproveitar ao máximo a cultura, o sistema de opinar e de argumentar, a forma do autor criticar homens e coisas. E chegamos, conscientemente á conclusão contrária daquela a que chegára o autor, no prefácio: não julgamos fácil encontrar quem faça coisa igual, e tão imparcial, quanto mais coisa melhor!

A despeito de nossa discordâncias — nós, que, lemos, no introito do volume, que «é preciso adquirir o hábito de discordar...» a despeito de discordarmos de alguma coisa — discordamos, por exemplo, de seu modo de ver, sentir e julgar o Freud e sua obra — a despeito disso, aqui estamos para declararmos, *altissima voce*, que o DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA foi o livro mais forte, mais lógico, mais oportuno do ano. Ou melhor: foi a obra mais oportuna, mais lógica e mais forte que lemos nesses últimos tempos.

Destacar capítulos? Salientar páginas? Citar frases?

Fôra o trabalho de elaborar outro volume, de escrever outro livro. Sinão, coisa maior, como fizera, com mais engenho e arte, Ruy Barbosa, no PAPA E O CONCÍLIO, a propósito da obra de Janus. Queremos, contudo, chamar a atenção do leitor para dois capítulos, que foram dos que nos chamaram mais a atenção; por julgarmo-los os mais objetivos, os mais fortes, os mais concretos: o XIII: *Acabaram-se os Materialistas*, e o XVIII, A CIÊNCIA, — *Suprema e Ultima Esperança* . . .

* * *

Não compreendemos o simbolismo do desenho da capa: duas cabeças, a de um adulto, fisionomia aberta num riso discreto e a cara mais moça de um garoto, rosto baixo e semblante triste. Tudo, posto num quadro pequenino. Mas, o desenho trouxe-me à lembrança o nome do autor: Zuleno Pessôa. O autor do desenho já fôra, nos idos de 1942, uma grande amisade e, de nossa parte, uma grande admiração. Conhecemo-lo na primeira viagem que fizemos ao *Leão do Norte*. Trouxemos, oferta sua, um lindo quadro, em aquarela, que o conservamos em lugar de destaque em nosso quarto, de que até falamos no IDE E PREGAI. Inaugurando-se o LAR DE JESUS, enviou-nos êle, duas outras preciosidades, emoldurados — dois quadros de admirável simbolismo cristão — que estão chamando a atenção de quantos visitam o LAR, porque colocados, também, em posição de destaque no seu dormitório. Além do mais, elaborou muitos desenhos — qual a qual mais interessante, para livrecos nossos: IDE E PREGAI (viagens), ILUMINAÇÃO (poesias) PARA O ALTO, (contos) INQUERITO ORIGINAL (em colaboração com outros autores), NA SEARA DO SENHOR, ainda inédito. Escrevianos a miude, cartas fraternas e bonitas, que nós, dentro de nosso critério de não deixar carta sem resposta . . .

Ora, depois disso tudo . . .

A um confrade, seu conterrâneo, lamentamos, constrangido, esse hiato em nossa amizade. E êle perguntou-nos incisivamente:

— Você chegou a pagar-lhe alguma coisa?

— Não. Pois êle nos dissera em carta, que não fazia preço, nem aceitava pagamento para aquilo que saia de sua amisade . . .

O autor de DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA há de desculpar-nos que tragamos essas coisas tão fóra de propósito para este trabalho sôbre seu livro.

São, porém, coisas íntimas, fraternas, emocionais, que nos fazem bem, porque se trata de criatura que continuamos querendo bem e admirando, como a poucos admiramos e quisemos tanto . . .

O CETICISMO NO PROBLEMA METAFÍSICO DA RAZÃO

AMADEU SANTOS

(Bibliografia: Súmulas de aulas do Prof. Jerzy Zebrozeb, notas de aulas do Prof. Julio Barata, «Noções de História de Filosofia» de Leonel de Franca, «Curso de Filosofia Elementar», de Joaquim Alves de Sousa).

Na filosofia como ciência do conhecer — envolvendo, portanto uma das partes mais filosóficas da filosofia ou seja a Metafísica, que Aristoteles chamou «Filosofia Primeira» ou «Ciência que Procuramos» — deparamos com um tipo familiar de juizos: juizos de valor, referentemente ao problema do valor do conhecimento em geral, afeto à Gnoseologia ou Cristeriologia. Trata-se aqui de saber se, de um modo geral, podemos saber algo com certeza, isto é, se o conhecimento certo está ao alcance de nosso espírito. Esclarecendo, podemos notar que ninguém duvida de suas próprias afirmações, mas é legitimo duvidar do valor de tais afirmações. Afirmamos, por exemplo, seguindo o nosso bom senso expontâneo e ináto que tudo que acontece tem, necessáriamente, uma causa que lhe corresponde. Mas cumpre saber qual o valor objetivo intrínseco de semelhante afirmação. Eis porque pode ser lícito perguntar-se-nos se ao formularmos êste principio (de causalidade) estamos jungidos ao determinismo de certos hábitos mentais, ou passíveis de nossa crença (Hume) ou se obedecemos às leis do nosso pensamento subjetivo, leis pré-formadas e próprias do nosso espírito (Kant) ou se traduzimos nesta afirmação uma realidade objetiva, como as «verdades de razão». (Leibnitz).

O problema gnoseológico é de suma importância filosófica, mantendo em suspenso o valor de todos os nossos juizos, o valor da própria filosofia e, sobretudo o valor da ciência. Êste problema é conhecido pelo nome de «Teoria do conhecimento» ou ainda «o problema crítico do conhecimento humano». A filosofia tradicional ou dogmática se declara a favor da competência da razão para atingir certezas próprias, isto é, *racionais* e não confinadas na simples experiência, admitindo a competência da razão para chegar ao conhecimento das realidades ultra-sensíveis. Daí ser, a Metafísica, verdadeira e autêntica ciência, visto possuir os caracteres dominantes da ciência: objeto próprio (o além do experimental) e conhecimento certos (as certezas racionais).

O Positivismo adota uma posição segundo a qual o *cognoscivel* é reduzido ao *sensivel*. E' a valorização do empirismo, sistema segundo o qual, a realidade é inteiramente confinada na experiência.

O Bergsonismo é uma atitude oposta ao dogmatismo e ao positivismo. Combate o intelectualismo da filosofia tradicional, enquanto que reduz à expressão mais simples o conceito positivista da experiência sensorial. Bergson, baseando-se no *intuicionismo*, fica no positivismo metafísico, exemplificando com a experiência dos grandes místicos, como S. João da Cruz, Tereza D'Avila e S. João Crisóstomo.

O Relativismo Filosófico

Ainda no problema crítico ou metafísico da razão, forçoso é considerar o relativismo. Trata-se de uma atitude filosófica segundo a qual o conhecimento racional é sempre viciado de relatividade: para os associacionistas é relativo às experiências individuais; para os evolucionistas é relativo às experiências adquiridas pelas espécies e por via hereditária; para Durkheim é relativo o meio histórico, pois é, «filho da cidade»; para o Apriorismo Kanteano a relatividade está entre os princípios racionais e a própria constituição do nosso espírito.

O Ceticismo

O ceticismo, finalmente, é uma pretensa atitude do espírito que erige a dúvida em normal geral, segundo a qual nenhuma certeza está ao nosso alcance, nem no domínio experimental, nem no campo racional. A rigor, o ceticismo não deveria tomar parte no debate do problema do conhecimento, visto que êle mesmo, pela posição que sustenta, adotando a «epochè», se elimina do terreno da disputa. E', assim, uma espécie de intruso nos problemas críticos da verdade, da certeza cientifica e da objetividade do conhecimento. Hoje, praticamente, tal doutrina não recruta mais adeptos, pelo menos na sua forma radical, seja o ceticismo universal, absoluto.

Podemos resumir os argumentos do ceticismo assim:

1.°) Qual a garantia objetiva de que o mundo, no qual se desenvolve o nosso pensamento, seja de consistência diferente do ilusório, que construimos os nossos sonhos? Ora, quando sonhamos, acreditamos na realidade dêsse mundo sonhado, mas quando despertamos reconhecemos o nosso evidente êrro. E como saber se o mundo real é de natureza diferente do ilusório ou seja do por nós sonhado? Quem sabe se um dia não despertaremos do nosso sonho atual relativo à concepção do mundo real e não perceberemos o êrro secular em que temos sucessivamente incorrido?!... Os nossos devaneios, então, poderão ser naturalmente diluidos, desfeitos!

2.°) Pretendendo demonstrar a impossibilidade do pensamento, raciocinam os céticos ainda assim: ora, para distinguir o que é certo do que é errado, recorremos ao testemunho da razão, isto é, ao nosso árbitro supremo, ao nosso juiz infalível: a razão. Muito bem. Mas quem é que vai julgar êsse juiz? E quem pode garantir que não seja êsse suposto juiz a fonte de todos os enganos, de todas as mistificações? Acontece que não dispomos de um tribunal no qual se faça submeter a razão. E nêsse caso, a razão não pode ser juiza de si mesma, apresentando-se, por isso mesmo, sem títulos, sem credenciais, no debate sustentado. Com efeito, os dogmáticos, que admitem a certeza e o valor da razão como instrumento habil de conhecer, se esquecem de que, justamente, é a razão que está sendo levada à barra do Tribunal como ré, sentando-se no banco próprio e fazendo-a juiza de si mesma! Logo, o dogmatismo comete um êrro fundamental, logicamente chamado de «*Petitio principie*». Está num círculo vicioso. E' o argumento do *Dialelo* e que Montagne sintetisa nesta fráse histórica: «*Nous Sommes au rouet*» voltamos sempre ao ponto de partida. «Curiosa justiça» — assinala ainda Montagne — que um rio delimita; não ha crime que no decorrer dos séculos não tivesse seu lugar na história da justiça. Verdade áquem dos Pirineus e êrro além dos Pirineus! Francisco Sanches — o filósofo brancarense — seguiu-lhe as pègadas, tentando inutilmente invalidar o dogmastismo filosófico. Suas idéias estão impregnadas dum cetismo superado.

O Ceticismo às vezes se apresenta mitigado sob a denominação de *probabilismo*. A verdade segundo esta doutrina, não está ao nosso alcance, mas por falta dela, podemos pelos menos vislumbrar, conhecer o *verossimil!*

E podemos agora argumentar que o ceticismo é uma doutrina verdadeiramente insustentavel, estribado nos próprios argumentos dos seus defensores. Vejamos: os céticos afirmam que «nunca afirmam nada e que, mesmo afirmando, o que não afirmam, nada afirmam!» Ora, esta frase nada mais é que uma justaposição de palavras que não exprime nenhum pensamento, que nada tem de inteligível. Pois, que significa a frase «mesmo afirmando eu nada afirmo»? Frase sem correspondência no pensamento, que o espírito não pode realizar e que, no fundo, constitue uma violação do princípio de identidade, que tem como caracteres a evidência, a necessidade e universalidade. Assim é que, afirmando, afirmo, e, não afirmando, nada afirmo. E' curial e lógico. Aliás em primeiro lugar, o ceticismo, na sua modalidade radical, na realidade, nunca prevaleceu e não pode prevaler jamais. Pois, como observa Aristoteles, só um vegetal poderia realizar as condições exigidas pelo verdadeiro ceticismo, das quais a primeira e principal consiste em não *pensar*. Mas pelo menos o vegetal — acrescenta, irónico, Aristoteles — nada diz: êle permanece calado!... Aliás — observa ainda o Estagirita — gostaria de saber porque os céticos, no momento de almoçar, não se lançam num abismo! Esta atitude dos chamados céticos, pelo menos, revela uma coisa e que êles sabem distinguir perfeitamente um almôço de um abismo! Tem razão o mestre de Teofrasto.

Não há um pensamento que não pense nem um saber que não saiba. Assim, o ceticismo será um novo sistema sofístico ou um corolário dêle.

Em segundo lugar, o outro argumento dos céticos — «Petitio principie» — parece voltar-se contra o próprio ceticismo, pois que rejeita o valor do conhecimento, especialmente o racional, mas é justamente raciocinando que êle rejeita o valor do raciocínio, já que é em nome dêle que o repudia. E' raciocinando que êle prova, tambem, não acreditar no próprio raciocínio. Aliás, a frase de Montagne «Nous sommes au rouet», repousa num êrro lógico que êsse fideista ou cético moderado atribui ao dogmatismo. Realmente, para o ceticismo, só é possível aderir ao valor da razão depois da demonstração dêsse valor. Ora, sendo isso impossível, «nous sommes au rouet»! Mas aí é que está o êrro, pois resta saber se tudo deve ser demonstrado, isto é, por exemplo, se aderimos ao *princípio de identidade* em conclusão de uma demonstração preliminar. Não é verdadeiro sòmente o demonstrável. A propósito, já sabiamente sentenciava Aristóteles: «O princípio de uma demonstração não é uma demonstração». Quer dizer que na série de raciocínios e preposições que forma um encadeamento de uma preposição, chegamos sempre ao demonstrável.

Quanto ao probabilismo, já Santo Agostinho fez, em termos conscienciosos, uma crítica desta doutrina. Como admitir - pergunta Santo Agostinho — o *verossimil*, isto é, o que parece verdade? Como se pode falar de uma semelhança com aquilo que, por definição, não podemos saber? Logo, pelo exposto, fica provada e explicada a ausência do ceticismo na discussão do problema crítico, desaprovando a atitude de alguns autores, insistindo em fazer intervir o ceticismo no problema gnoseológico. O Ceticismo aconselha a *epochè* — a suspensão do juizo, mas *julga*, ao negar a possibilidade do conhecimento. A escola cética procurou demonstrar a *ataraxía* ou tranquilidade do espírito, que é condição de felicidade (princípio da indiferença universal). Pretendia que *nada fôsse certo!*

História do Ceticismo

Tivemos Enesidemo de Créta, que teve escola em Alexandria e criticou a noção de causalidade. Sexto Empírico é ainda o cético ligado ao pensamento grego, tendo escrito as «Hypotiposes Pirrônicas» e «Contra Matemáticos».

Ceticismo prático (Timão)=ao probabilismo (Academia Nova), segundo Brochart, em sua obra «Os Céticos Gregos». O mais radical dos céticos, no entanto, é Pirro, que, em muitos passos de sua doutrina, lembra Sócrates. Disse muito e escreveu pouco. Contribuições posteriores foram acumuladas à obra pessoal de Pirro. Platão já argumentava: «Tu sabes o que dizes ou não sabes. Se sabes tens conhecimento; se não sabes então és um insensato». E' um argumento contra o ceticismo, total. Os sofistas foram precursores do movimento cético. Era, ou o relativismo (Protágoras) ou nihilismo (Górgias). A rigor, o ceticismo tinha, em geral, um caráter mitigado e não radical. O ceticismo é um sistema que nega à inteligência a possibilidade de atingir a verdade. E', ou universal, ou particular. O absoluto é o Pirrónico. O mitigado é o acadêmico de Carnéades e Argesiláu. Existe o ceticismo particular ou agnosticismo. O ceticismo positivista é um ceticismo particular. A atitude de destruir o dogmatismo já é uma posição insustentável. O cético radical tem que suspender o julgamento, isto é, fazer a *epochè*. Daí a impossibilidade da discussão.

Os céticos apresentaram dez *tropes* (aporias), mais tarde reduzidas a cinco por Enesídimo:

1.°) A diversidade dos animais;
2.°) As diferenças entre os homens;
3.°) As diversidades do sentido;
4.°) As circunstâncias;
5.°) As situações, a distância, os lugares;
6.°) As misturas;
7.°) As variações quantitativas;
8.°) Relação;
9.°) A frequência e a rareza;-
10.°) Os costumes, as leis e as opiniões.

Essas são as razões pelas quais a verdade não é possível para o cético. O Ceticismo vai sofrer a reação do célebre bispo de Hipona.

Husserl, com a sua *fenomenologia*, adota a *epochè*, e por isso mesmo, sua posição é a de um cético moderado, pondo a existência entre parentesis. Heiddeger, seu discípulo, de quem se separa, vai ao plano das existências. Daí a fenomenologia existencialista.

Convém não confundir a *epochè* com a dúvida crítica de Kant nem com a dúvida metódica de Santo Agostinho e Descartes. Kant, provisòriamente, estuda a possibilidade da razão, (CRÍTICA DA RAZÃO PURA), para conceber a verdade. A dúvida carteseana é a instrumental e provisória. Com esta espécie de dúvida estão noventa e nove por cento dos filósofos de todos os tempos, podendo incluir-se nêsse número o célebre Claud Bernard.

Heráclito, por se recusar a aceitar o *testemunho dos sentidos*, é apontado como partidário do ceticismo absoluto, embora essa posição não lhe seja assinalada por muitos autores. Evidentemente, afirmava o efesíno: «Tudo escorre, tudo flue, nada pára; nada é, tudo está sendo. O universo é como um rio: ninguém se banha duas vezes nas águas do mesmo rio»! O que existe de constante é a mutalidade, a transformação.

Parmênides - o antípoda intelectual de Heráclito — quando negava o movimento, pregava o ceticismo. Também negava o testemunho evidente dos sentidos. E daí a reação sofística contra ambos. Mas os sofistas, conquanto demolidores, provocaram a maravilha da reação socrática. Sem êles, Sócrates não seria compreendido!...

Crônica Estrangeira

Um caso original

«Reformador», transcrevendo um telegrama de Modena, Itália, dá-nos conhecimento do seguinte fato, na verdade original:

«Um fato original verificou-se nesta cidade. Um burro desconsolado, conseguiu, à fôrça de coices, incorporar-se no cortejo que acompanhou os restos do seu dono, Ariosto Malavasi, ao cemitério. O animal saiu da cocheira, chegou até ao ataúde e, ao ser expulso, começou a dar coices em todos os que o queriam afastar do local. Para resolver a estranha situação, os parentes do morto permitiram que o burro acompanhasse o féretro até ao cemitério.

Esta manhã, muito triste, o burro permaneceu na cocheira, recusando-se a aceitar qualquer alimento».

E *«Reformador»* comenta: «E os homens teimam em afirmar que os chamados irracionais não têm alma...

«Êste burro provou que a sua alma é bem mais evolvida que a de muitos dos seus «irmãos superiores». Que bela lição!»

Perfilhamos, por completo, o comentário.

⁂

Mistérios do Além

«Estudos Psíquicos»

Voz Informativa, da cidade do México, insere em seu número de Junho este relato do médico Carlos de Archevald:

«Numa localidade do Estado de Michoacán, perto de Apatzingán, fui chamado em consulta e, depois do trabalho, com a gentileza proverbial dos habitantes, foi-me oferecida uma aromática chávena de café e no meio da conversa surgiu este relato:

«A senhora M., dona da casa, disse-me: «Esta é minha irmã, esta é minha filha e estoutra é minha sobrinha, que testemunharam o que vou dizer-lhe.

«Minha irmã mais velha, que não está presente, casou com um agricultor, homem honesto mas reservado e nada comunicativo. Em casa não faltava nada, mas também não sobrava, pois era muito parcimonioso nos gastos.

«Inesperadamente morreu o meu cunhado. A viúva ficou pobre e fomos viver com ela. Um dia, na cozinha, apresentou se-lhe o marido morto e ela lançou um grito e caíu no chão. Dias depois estava a coser à máquina e tornou a repetir-se a mesma cena. De outra vez, estava na cama e repetiu-se novamente o caso.

«Os cônjuges tinham um compadre que era agricultor. Estava este a selar o cavalo para sair, quando lhe apareceu o compadre morto. Como é natural, isto causou-lhe sobressalto. Mas o compadre disse lhe:

« – Não tenha receio. Você pode resistir-me. Quís falar três vezes a minha mulher, mas ela não resistiu. Diga-lhe que não voltarei a importuná-la, nem a você. Debaixo do forno que fiz em minha casa há uma grande quantidade de dinheiro em pesos de prata, antigos, que são para ela.

«O compadre dirigiu-se à casa da comadre e, ao perguntar-lhe por que lhe não tinha comunicado a aparição, disse que só os seus familiares sabiam disso, indagando também, como tivera ele conhecimento do caso. Êste narrou-lhe o sucedido; e, pedindo uma picareta, rompeu o forno e debaixo dele encontrou seis latas (das que se usam com álcool) cheias de pesos, que entregou à comadre».

Muitas aparições dêste gênero são provocadas pelo desejo que têm as entidades de comunicar qualquer coisa importante. Se a viúva estivesse preparada, teria interrogado o espírito, em vez de sucumbir ao fenômeno.

Tudo isso prova que a morte não existe e que a sobrevivência apresenta caráter específico, segundo a índole e tendências do indivíduo.

Por vezes, as aparições pedem missas «para seu descanso». Trata-se de espíritos que eram católicos na vida terrena e «morreram» convencidos de que as missas eram indispensáveis ao seu descanso no Além.

O que não há dúvida é que o relato merece a maior confiança, pois foi enviado à revista citada e dedicado ao general de divisão D. Ramón F. Iturbe, dilécto amigo do médico.

⁂

Um sonho trágico

Psychic News, de Outubro de 1954, conta que Vincent Coomber, criança de 5 anos, moradora na Rua de S. Pedro, n.º 32, em Sandwich, sonhou que caía ao rio e se afogava.

Dias passados, Vincent brincava com dois amigos à borda da água. Súbitamente perdeu o equilíbrio e caíu ao rio.

Os companheiros de Vincent chamaram por socorro e dois rapazes que estavam próximos, num bote, conseguiram salvá-lo, embora com custo.

E os pais e a avó de Vincent começam a acreditar que pode haver qualquer relação entre o sonho e a realidade...

⁂

Praticando a caridade depois da morte

«Star» — segundo «Revue Spirite»

Por ocasião da morte da princesa Piombino, falecida em Roma, aos 84 anos, o *Star* recordou a aventura póstuma da mãe da defunta, que foi Lady Gwendoline Talbot e que desposou, em 1835, o princípe Marco Antonio Borghèse. A princesa morreu depois de casada cinco anos, quando tratava de coléricos. Seu marido quís que ela fôsse sepultada com um magnífico anel ornado de valiosa safira, inumação realizada na Igreja Santa Maria de Roma.

Poucos dias depois dos funerais, prenderam certa mendiga, nas ruas de Roma, que trazia o anel em seu dedo. Ela afirmou que estivera a rezar na igreja, quando lhe apareceu a princesa morta, e lhe entregou a joia. Verificação feita, constatou-se que o túmulo não apresentava sinais de profanação. Foi aberto o féretro chumbado. A safira lá não estava. O princípe Borghèse intercedeu e obteve que a acusada fôsse despronunciada do suposto roubo, e, mais ainda, assegurou o bem-estar da mendiga até o fim de seus dias.

—

The Progressive Thinker citou o caso curioso duma comunicação por meio do *oui-ja* onde pousaram as mãos dois meninos *que ainda não sabiam escrever*. Nessa noite o pai havia tentado, mas em vão, obter uma comunicação escrita. Por brincadeira quiseram os garotinhos tentar a prova. Imediatamente o lapis desenhou, perfeitamente, um navio sôbre um mar agitado. Em seguida, foi traçado o nome «Emmanuel». Ora, Emmanuel era o nome do avô das crianças, morto antes do nascimento destas e que fôra, durante 21 anos, oficial de marinha.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 54.087,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Valioso Donativo

Satisfazendo um desejo manifestado pelo seu querido Chefe, já desincarnado, a exma. família do Dr. Augusto Militão Pacheco, que foi um dos mais abnegados trabalhadores da seára espírita, fez o importante donativo de Cr. $ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) para o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» de Matão.

Solicitando a Jesus que tenha no seu reino o espírito do querido amigo Dr. Militão Pacheco, agradecemos à sua exma. família o valioso donativo almejando-lhes paz e saude.

* * *

Sanatório «Bezerra de Menezes»

Sob a presidência de s. exma. o sr. Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, dr. João Caetano Alvares, foi inaugurado no dia 14 de Agosto último, em Pinhal, o Sanatório «Bezerra de Menezes», uma das mais notáveis obras espíritas de assistência aos enfêrmos de moléstias nervosas e mentais, bem como de toxicomanias, tratando, igualmente, das obsessões.

O Sanatório «Bezerra de Menezes» já está recebendo doentes, não só da cidade, mas também de fóra. Tem uma secção para doentes gratuítos, que são tratados com o mesmo carinho e zelo dispensados aos que pagam.

Afim de que o Sanatório possa contar com recursos, são admitidos doentes a pagamento, de todos os lugares, o que é indispensável para a sua manutenção.

Pinhal é cidade de clima amenissimo, dotada de água de primeira ordem, além de ser um centro social bem desenvolvido, tratando-se de magnífica cidade do interland paulista.

O Sanatório está equipado de tal modo a poder atender integralmente ao fim a que se destina.

Tratando-se de uma instituição espírita que começa a sua luta agora, espera-se que os espíritas contribuam com os seus donativos para a sua manutenção.

Anuário «Amigo Germano»

Do Centro Espírita «Amigo Germano» com séde em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, recebemos um exemplar do *Anuário Amigo Germano* referente aos anos 1954-1955, o qual insere diversas fotografias, relatórios e balancetes, que são um testemunho eloquente do grande trabalho assistencial que referido Centro vem desenvolvendo.

Além do amplo prédio da Escola de Aprendizagem Profissional, já inaugurado, está em fase de conclusão o novo edifício do Lar do Amigo Germano que conta com uns três andares, prédio amplo, de construção moderna, isto além de outras construções executadas pelo Centro Espírita Amigo Germano, que mantém diversos Departamentos de assistência espiritual e material, bem como escolas primária e de Aprendizagem Profissional, além do Lar do Amigo Germano, com Educandário para crianças.

O trabalho que referido Centro vem desenvolvendo na seára espírita, é o milagre da fé e da boa vontade e é digno de ser imitado por todos quantos querem trabalhar de fato na seára espírita ou cristã.

Prof. Aleixo Victor Magaldi

E' com alegria que noticiamos ter sido o confrade A. V. Magaldi convidado pela Faculdade de Farmácia de Ouro Preto, famosa Faculdade da ex-capital de Minas Gerais, para examinador no concurso para catedrático de Química Toxicológica e Bromatológica, a se realizar proximamente na dita Faculdade. Nosso confrade é catedrático da referida cadeira na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fóra, de Minas e ali por longos anos, militou nos meios espíritas, estando residindo nêstes últimos anos em Volta Redonda, no Estado do Rio, onde é nosso correspondente e presidente da Associação Espírita Estudantes da Verdade.

Levamos ao ilustre Prof. A. V. Magaldi as nossas congratulações pela distinção recebida com o convite mencionado.

Cumprindo-se Profecias

Luiza P. C. Branco

O professor Mario Ferreira, que já escreveu o livro — «Veredas da Paz», com toda a proficiência de um verdadeiro professor, publica, com os mesmos predicados o livro — «Cumprindo-se Profecias». E' a compilação das atas registradas sobre sessões de efeitos físicos realizadas em mais de um local e, por fim, fixada à avenida Olimpio da Silveira, 331, com o grupo constituido como deve ser, de pessoas que formaram o Instituto de Pesquisas Metapsíquicas. Não só as do grupo como seus visitantes, são pessoas de idoneidade inatacavel o que torna o seu testemunho valioso. O livro pode ser considerado, de entre outras demonstrações do seu valor, em duas partes: os relatos das sessões, com todos os fenômenos que já conhecemos de levitação, voz direta e materializações, além dos belos ensinamentos dos desencarnados, e a parte que considero importantissíma em que o prof. Mario Ferreira sugere a criação de um curso, nas escolas de formação de professores, de metapsìquica. Êle diz: «Mestres assim formados, com a necessária cultura científica sobre assuntos transcendentes referentes às verdades essenciais oriundas do Cristianismo estariam mais aptos para o exercício da espinhosa missão de instruir e educar, do que muitos dos educadores atuais que, por não terem a aludida cultura, não alimentam qualquer convicção sobre certas verdades... Mestres que saberiam que as verdades científicas constatadas são comuns às religiões, e que, por isso, seriam tolerantes para com todos os credos, que tambem cooperam, de um modo ou de outro, para a educação». Podemos ir mais alem e aceitar que mesmo os alunos materialistas, se tiverem amor ao estudo e à profissão, com o fito de encontrar, descobrir, constatar, ou desmascarar, teriam talvez, maior interesse em tais estudos e pesquisas que os levariam à evidência provada da eternidade da vida. Sabendo ser eterna a vida, encarariam as verdades de modo mais alto e claro do que os que se restringem ao âmbito estreito de alguns anos e apenas neste planeta. Vencedora a sugestão do prof. Mario Ferreira, a ciência se revelaria àqueles que a amam, praticam e aplicam de maneira eficiênte não apenas dentro do seu campo científico mas, espraiando-se e irmanando-se com todas as manifestações misericordiosas da onisciência do Criador. Tanto o relato das sessões como a sugestão do Autor devem ser conhecidos e considerados por todos os que amam a Verdade e desejam libertar-se por ela.

De «O TEMPO», de 18/10/955.

1.a Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste do Estado de São Paulo

De conformidade com a resolução tomada pela U. S. E. e a Juventude Espírita da cidade de Andradina, séde de região da zona noroeste, deverá ter lugar na cidade de Penápolis, Estado de S. Paulo, nos dias 5, 6, 7 e 8 de Janeiro do ano próximo, a *1.ª Concentração das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo,* que contará com a presença de Delegações de todas as juventudes das regiões de Baurú, Marilia, São José do Rio Preto, Araraquara, etc.

NECROLOGIA

FRANCISCO SPINELLI

A fileira espírita acha-se novamente desfalcada. Desincarnou no dia 8 do mês passado o nosso estimado amigo e confrade Francisco Spinelli, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e um dos mais ardorosos propagandistas do Espiritismo pela palavra escrita e falada e pelas suas obras cristãs de amor ao próximo.

Nasceu Francisco Spinelli a 31 de Dezembro de 1893, na localidade de Sala Consilina, Província de Salerno, Itália, sendo seus progenitores José Spinelli e Amalia Lande Spinelli.

Aos 18 anos incompletos veio para o Brasil, cuja cidadania viria a adotar mais tarde. Localizou-se, inicialmente, em Vacaria, como alfaiate.

Aos 22 anos casou com a Exma. Sra. D. Adolcina Araujo Spinelli, de cujo consórcio houve 14 filhos. Desses, desencarnaram: sete em tenra idade, e Clarinda, com 16 anos.

Francisco Spinelli, nessa época, foi católico romano praticante. Quando noivo, começou a ler o «Reformadór», na casa de seu futuro sogro, Frutuoso Luiz de Araujo. Interessava-se, a princípio, exclusivamente pelo vernáculo, que queria aprimorar. Quando morava em Encantado, tendo feito uma viagem a Pôrto Alegre, adquiriu nessa Capital, os livros de Allan Kardec, e começou a estudar a Doutrina, juntamente com a esposa, fiel e dedicada companheira.

De Vacaria volveu para Bom Jesus, em 1922, quando passou a dedicar-se mais ativamente ao Espiritismo.

Ocupou diversos cargos publicos. Foi guarda da Coletoria Estadual de Encantado, Subintendente e Subdelegado de Polícia em Bom Jesus, secretário e tesoureiro da Prefeitura daquela Comuna, substituiu o Prefeito e o escrivão da Coletoria Estadual de Bom Jesus.

Em 10 de Agosto de 1936 passou a integrar o Quadro dos Provisionados da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Rio Grande do Sul.

Francisco Spinelli teve papel de relevo na vida do Espiritismo no Brasil. Foi Diretor da nossa prezada colega «A Reencarnação», um dos baluartes da imprensa espírita.

E' por tudo isso que afirmamos :— o desencarne de Francisco Spinelli abriu um claro na fileira espírita que dificilmente será preenchido.

— Solicitamos a Jesus receber em seu reino, o espírito dêste seu servo dedicado, enviando daquí, aos seus familiares, votos de paz e confôrto e o nosso sentimento de solidariedade no duro golpe que acabam de sofrer.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espìrita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3111unse_1

no XXXI - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Dezembro de 1955 - N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

O Natalício de Jesus	*Redação*
Refutando Ramatís	*Henrique Rodrigues*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Como os teólogos refutam... (A Índia Misteriosa)	*Mario Cavalcanti de Melo*
Restrições ao Livre Arbítrio . . .	*Deolindo Amorim*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Por quê Doutor ?	*Tte. Cel. Levino C. Wischral*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E’ encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A’ venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1955 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Natalício de Jesus

SEM a menor dúvida, não existe na História da Humanidade data maior do que aquela que registra o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com o nascimento de Jesus, novos caminhos foram rasgados à humanidade, na sua evolução rumo aos seus gloriosos destinos.

Quer isto dizer que a humanidade já estava mais ou menos em condições de receber novas cousas de Deus. A' pena de Talião sucedeu a lei do amor com o princípio de fazermos aos nossos semelhantes tudo aquilo que desejamos nos façam e não fazer aos outros o que não queremos para nós. Por isso disse o Apóstolo dos gentios : «o amor é cumprimento da lei», o que quer dizer que fora do amor estamos infringindo a lei de Deus.

Para que essa lei fôsse compreendida e bem assimilada por nós, Jesus sugeriu as mais belas parábolas de que temos conhecimento, ensinou e exemplificou das mais variadas formas a lei do amor fraterno. Na Parábola do Bom Samaritano, por exemplo, estão resumidos os nossos deveres de fraternidade, de solidariedade nos momentos de aflição e de dôr. Do cumprimento dêsses deveres depende a nossa felicidade no mundo vindouro, tanto mais que a nossa passagem nêste mundo é rápida, apenas de anos que não vão além da casa dos cem geralmente, ao passo que o mundo vindouro pode atravessar séculos e pode se perpetuar, se estivermos em condições superiores, isto é, portadores da moral ensinada por Jesus e que se acha consubstanciada nos seus preceitos de amor fraterno.

Jesus, além de nos fazer conhecedores dos nossos deveres de amor fraterno, nos deu a esperança e a fé, que é o sustentáculo da nossa vida. Esperança em dias melhores e fé nos nossos destinos, num futuro promissor, que é a recompensa de Deus a todos aqueles que obedecerem a sua lei, que tem por fundamento o amor. E Jesus fortificou a Fé e a Esperança com os testemunhos da imortalidade da alma, afim de encontrarmos fôrças para suportar as provanças e os sofrimentos com humildade, resignação e estoicismo, certos de que só assim encontraremos a verdadeira felicidade que os espíritos retardatários e materialistas pensam encontrar nas cousas mundanas, desincarnando sem encontrá-la nêste e no mundo vindouro, visto que a felicidade é fruto do amor, e o amor é o resumo de todas as virtudes. Por isso disse Jesus : «o reino dos céus está dentro de vós mesmos». E o reino dos céus é um estado sumamente feliz da alma que só pratica o Bem, fazendo aos outros aquilo que deseja para si.

E assim como o Cristianismo veiu na hora exáta, o Espiritismo também veiu na hora exáta, isto é, na hora em que a humanidade está em condições de receber novas revelações, de acôrdo com a promessa de Jesus, que afirmou que enviaria o Paracleto para ensinar cousas novas e fazer lembrar tudo aquilo que Êle ensinou — o seu Evangelho. E o Paracleto, que é o Espiritismo, está cumprindo realmente a sua tarefa de espiritualizar e evangelizar a humanidade de acôrdo com o Evangelho de Jesus.

A humanidade festeja o natalício de Jesus com grande devoção e carinho, dando assim uma prova de que Jesus é a bússola da vida, mas infelizmente ainda não compreendeu e nem sentiu o sentido profundo dos ensinos de Jesus, de vez que continua presa às cousas do mundo, cultivando, como no tempo de Jesus, as baixas paixões, o egoismo, o orgulho e os vícios que aviltam o caráter. Entretanto, dois mil anos estão quasi a se esgotarem da vinda de Jesus ao mundo, tempo bastante longo para o cultivo da sua santa Doutrina, pelo menos em parte. Isto não aconteceu, mas agora, com o advento do Paracleto, o Espiritismo, os ensinos de Jesus estão sendo compreendidos e praticados pelas criaturas que já se libertaram das peias das religiões que vêem se afirmando cristãs, mas que no fundo não passam de religiões terrenas, materialistas em face dos seus dogmas e cultos externos.

Que o Natal de Jesus possa ser realmente compreendido no seu sentido espiritual, vivificante, afim de que a humanidade seja um só rebanho com um só pastor — Jesus Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

* * *

Refutando Ramatís

Nosso último artigo terminou com a promessa de que o próximo, ou seja, o dêste mês, seria sôbre Pedro Leopoldo, onde se acha o «Centro Luiz Gonzaga». Mas, o «Caso Ramatís» obriga-nos a um adiamento motivado por acontecimentos surgidos entre o nosso trabalho «O parecer de Emmanuel» e êste. Recebemos correspondência de confrades com algumas indagações a que responderemos primeiramente, juntamente com outras cartas e publicações enviadas por pessoas estreitamente ligadas à obra de Ramatís.

Alguns confrades ficaram impressionados com as anotações constantes da relação de «FATOS RECENTES QUE ATESTAM AS AFIRMAÇÕES DE RAMATÍS». A êsses, como aos outros que acreditavam estar Emmanuel de acôrdo com a mensagem «Conexão de Profecias», respondo agora que: Abalos sísmicos, tufões, inundações, degêlo dos polos, epidemias exóticas, etc., são tão velhos como o mundo e a história os relaciona, muito antes das mensagens de Ramatís. Vejamos essa história:

Em 1755 houve o célebre terremoto de Lisbôa, e a zona litorânea foi invadida por uma vaga marítima que tirou a vida de aproximadamente 40.000 pessoas. Em 1783 foi a Calábria vitimada por semelhante tragédia, seguindo-se o de Quito, em 1797; o de La Pointre-a-Pitre em 1843, os de S. Francisco e Valparaíso em 1906, o de Messina em 1908 e, finalmente, o da Guatemala em 1917. Não cito outros mais recentes, porque poderiam ser classificados como precursores das profecias de Ramatís. Ainda relacionados no quadro dos movimentos geo-físicos, lembraria duas grandes erupções vulcânicas, as maiores em potencialidade, quais sejam, a do vulcão Perbuatan, na ilha de Krakatoa, do arquipélago de Sonda, tão violenta que provocou ondas de 30 metros de altura, quando 40 povoações da costa oeste de Java foram tragadas, ocasionando mais de 20.000 mortes, isto em 1883. Houve também a da Montanha Pelada, na Martinica, que em poucos instantes sepultou a cidade de S. Pedro com os seus 35.000 habitantes. Como vêem, Ramatís está muito longe de ser o dono dêsses fenômenos, e jamais êles tiveram a significação que êsse espírito lhes pretende dar. Êles «aconteciam» antes, «acontecem» durante e «acontecerão» depois de Ramatís.

Tufões — Parece até brincadeira relacioná-los como atestado de novos tempos. Semelhantemente a outras tormentas, não ficaram arquivados, tão numerosos êles são. Lembrarei, apenas, aquêle que ficou célebre por desmantelar a esquadra espanhola quando «A Invencível» procurava «arribar» nas praias inglesas. Na mesma condição estão as inundações e o degêlo dos polos, periòdicamente existentes e até estudados pela ciência meteorológica.

Tragédias, explosões, guerras, epidemias sempre as tivemos e com abundância muito maior. Suficiente será dizer que o mundo, desde a época de Constantino, já presenciou 325 guerras e, no fim, como diz o «filósofo», «entre mortos e feridos salvaram-se todos» ; sim, porque a ressurreição dos mortos é um fato que se consubstancia nesta mesma terra, onde, por muita coisa, ainda terão de responder.

Mas, continuemos com o quadro dos horrores. «Na manhã de 6 de dezembro de 1917, no pôrto marítimo de Halifax, a bordo do navio de munições «Mont Blanc», 4.000.000 de quilos de T. N. T. explodiram. O navio desapareceu por encanto, e, apenas um pedaço de sua âncora, pesando 500 quilos, caíu a uma distância de 8 quilómetros. Uma grande pedra subiu do fundo do mar, rodopiou nos ares e matou cêrca de 800 estivadores que se achavam no cais».

Felizmente, não havia profecias da «Chegada dos Tempos», mas que para as vítimas o tempo chegou... lá isso chegou ! Está claro portanto que os «FATOS RECENTES QUE ATESTAM AS AFIRMAÇÕES DE RAMATÍS» não «atestam» coisa nenhuma, porque teremos de buscar o atestado dos «remotos» fatos, para saber a que «afirmações» êles estavam relacionados. Muita gente crê em minha animosidade para com Ramatís, mas, quem o refuta não sou eu, *são os fatos*, são as leis contra as quais êle se colocou. Nada mais tenho feito, além de apresentar essas leis e êsses fatos.

Quanta gente na expectativa da «chegada dos tempos» ! Que surprêsa não terá ao verificar que «o tempo chegou há muito tempo» e que de tanto esperar pelos homens, cansou se *e foi-se embora !*

Respeitando embora a opinião alheia, tenho *para mim* não serem tanto as profecias a construírem os fatos, o que tolheria o livre arbítrio. Prefiro crer que, na maioria esmagadora, as profecias «acomodam-se» aos fatos, para justificar muita fantasia do passado. A linguagem do profetismo é, *em geral*, dúbia, vaga, simbólica, maleável, reticenciosa e furta-côr. Recentemente, um «adivinho», em S. Paulo, «palpitou» o nome do futuro presidente da república nas recentes eleições pela simples *leitura* das mãos. Como qualquer «palpiteiro», jogou no escuro e errou, o que nada significa. Vá alguém dizer isso a êle. A reação não se fará esperar e o indigitado cidadão encontrará mil e uma «interpretações» de suas primitivas palavras para dizer que acertou. Se não puder torcer o sentido das palavras, jogará a culpa na imprensa, como deturpadora de suas expressões.

E' compreensível a leitura do passado, porque o passado *fica no arquívo.* Enquanto não tivermos prova em contrário, achamos que uma criatura *espiritualizada* deve rechaçar qualquer processo divinatório. Ouvimos a palestra proferida por *uma* «yogui» em Belo Horizonte. Reportando-se à educação da criança, aconselhava a orientação horoscópica, pois, no dizer dela, os astros influem sôbre as criaturas, e o conhecimento das «tendências» da influenciação astrológica poderia ser útil, quando conjugado ao exame das «tendências kármicas» do Sêr recém-chegado.

Não pôde, entretanto, contestar satisfatòriamente minha indagação sôbre a *autoridade* do conhecimento astrológico, capaz de responder pela exatidão de um oráculo. Quem se arroga essa capacidade ?

O teste é fácil. Para experimentar o valor do profetismo, escrevam a *dois* profetas, astrólogos, quiromantes, cartomantes, etc... *Honestamente* mandem todos os dados, absolutamente iguais. Façam o mesmo com uma pequena amostra de sangue (próprio de preferência) e, com o mesmo procedimento, enviem êsse material para *dois* laboratórios diferentes. Verificarão que em qualquer processo divinatório, em que pese a pretensão de se passarem por científicos, o resultado profético apresentará a mais absoluta disparidade, enquanto que os verdadeiros exames de ciência serão absolutamente iguais em resultado. O que mais choca nessa modalidade de enganar os tolos é o palavreado tendente a despertar a vaidade ou o temor humano, para conseguir a abdicação da repulsa ante as formosas mentiras.

Lamento profundamente, se contrario velhas superstições. Testem os farsantes e verificarão como se recusam a retirar a máscara. Identificarão o levantamento da legião de fanáticos e ignorantes, sempre pronta a carregar o andor do miraculoso oráculo, ou de servir de capacho onde pisa a mais vetusta e maldosa presunção, verão essa massa, inculta e que portanto não pode opinar, célere em entoar a ladaínha, num amén generalizado, cômodo, porque irresponsável. Como é infeliz o Sêr que navega em águas alheias e entrega o leme de sua vida à orientação miraculosa dos horoscópos, quando não a própria saúde física a miraculosas tisanas.

Creio que a descoberta das relações psíco-físicas caracterizou muito mais a chegada dos *novos tempos*, pela responsabilidade de suas decorrências, do que qualquer outro fenômeno de natureza exterior, pois que êste apenas proporciona divertimento barato, ou caro, como no caso das tormentas, aos habitantes da Terra. Há mais mérito no *milagre* da vida, que no *castigo* da morte.

Recebemos também, algumas publicações de Ramatís. Conheciamos sómente «Conexão de Profecias» e «O Sol», que, para nós, conforme demonstramos, não passa de um amontoado de absurdos. Recebendo portanto «A vida no planeta Marte», achamos a leitura bonita, mas, que, se não pode ser refutada pela ciência, em compensação não pode ser tida como real. Faltam provas de ambos os lados. Se considerarmos Marte um mundo de vida superior, é fácil darmos rédeas à nossa mente, transferindo para aquêle mundo tudo aquilo que os nossos anseios vislumbram em uma coletividade melhor. A ductibilidade da mente permite construções maravilhosas e, acredito, dificilmente Ramatís levaria a palma da vitória em competição literária de tal natureza, com os sonhadores que povoam êste nosso mundo. E' pois uma literatura do tipo «acredite se quiser e explique se puder».

Chegamos, finalmente, aos dois trabalhos «Magia da Redenção» e «Mediunismo». Confesso que foi surprêsa para mim tais produções. Ramatís passa do absurdo, da fantasia, para algo positivo, sério, realmente científico, valioso mesmo. A exatidão de «Magia da Redenção» é tal que se torna até perigosa, com vistas aos tipos mal intencionados. O fenômeno da magia, ou do «feitiço» é algo muito sério, que os antigos reservavam para ensinamentos que exigiam a condição de «iniciados».

O ponto mais alto é indiscutivelmente o trabalho «Mediunismo». Sínteses maravilhosas. Ciência e filosofia comprovadas. Pode sem favor ser incluido como suplemento da recente obra de André Luiz, «Nos domínios da Mediunidade».

Está cumprido o nosso dever. Todos erram e acertam, nessa jornada evolutiva em demanda dos altíssimos planos da perfeição do Pai.

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo
Horizonte — Estado de Minas

Religião e Ciência

AS CURAS PELO ESPIRITISMO

— VII —

Quando, porém, pela ação do tempo, essa ciência estiver espiritualizada, abrirá para a Humanidade um ciclo de grande aperfeiçoamento e no seu curso hão de ser resolvidos todos os problemas que ainda permanecem nos domínios da metafísica.

Com essas considerações, as curas realizadas pelo Espiritismo, mediante o emprego do processo terapêutico dos fluídos magnéticos irradiados pelos médiuns e o fluído magnético espiritual irradiado pelos espíritos de certa elevação, se justificam com as fôrças positivas que se conjugam para êsse fim.

Indubitavelmente, a fé impulsionada pelo raciocínio, cria a fôrça positiva para essas curas, como assim demonstrou Jesus nas que teve ocasião de realizar, esclarecendo as pessoas curadas com esta frase: «a tua fé te curou».

E Allan Kardec, na «Gênese», comenta: «A razão é bem simples. O fluído, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido sôbre o mal pela vontade do curador, ou tirado pelo desejo ardente, pela confiança, em uma palavra, pela fé do doente. A cura se opéra substituindo-se uma molécula enfêrma por uma molécula sã. A fôrça curadora está pois na razão da pureza da substância inoculada; ela depende ainda da energia da vontade que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá maior fôrça de penetração; enfim, as intenções que animam aquêle que deseja curar, quer seja homem ou espírito. Os fluídos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas. Os efeitos da ação fluídica sôbre os doentes são extremamente variados, segundo as circunstâncias; esta ação é algumas vezes lenta e reclama um tratamento seguido, como no magnetismo ordinário; outras vezes, é rápida como a corrente elétrica».

Pelo exposto, concluimos: que a verdadeira fé, não pode ter caráter místico; ao contrário, deve se transformar numa fôrça atrativa, não só por parte dos médiuns curadores, senão também por parte dos doentes.

Nas sessões práticas do Espiritismo, de qualquer natureza, é indispensável que se satisfaçam as exigências estabelecidas nos livros fundamentais do seu codificador.

Ainda em nosso tempo, consideramos bem dificil conseguirem-se meios idôneos para a realização dessas sessões.

As experiências já demonstraram que em tais sessões, as condições morais dos meios ambientes, representam os principais fatores de seus sucessos em pról da obtenção de provas que identifiquem as comunicações verdadeiramente espíritas.

Nos ambientes inedôneos o domínio do espírito das trevas consegue preponderar com sua nefasta influência, para criar fanatismos e danos morais, de lamentáveis consequências para os seus componentes e os créditos da Doutrina. Diante desta realidade, sobejamente conhecida, admitimos que nas sessões práticas, de qualquer ordem, as comunicações de espíritos necessitam ser comprovadas com os fatos positivos de curas, nos casos de tratamento de obsidiados, ou de doentes de outras enfermidades, ou com a identidade absoluta dos espíritos que se comunicam. Reconhecemos, contudo, que semelhante objetivo ainda é bem dificil de ser atingido na atual situação moral dos meios humanos, excetuando-se aqueles, um tanto raros, predestinados pela Sabedoria Divina, à concretização das provas de sua intervenção no progresso espiritual da Humanidade.

Vejamos o que nos ensina o codificador da Doutrina sôbre sessões práticas. No «Livro dos Médiuns», em o n.° 327: «As manifestações físicas têem a sua utilidade; vão ás sessões experimentais os que querem ver; vão ás sessões de estudo os que querem compreender. E' dêsse modo que uns e outros lograrão completar sua instrução espírita, tal qual fazem os que estudam medicina, os quais, uns vão aos cursos e outros às clínicas». Em o n.° 332 do mesmo livro encontramos: «Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião, fácil é de compreender-se que o número excessivo de assistentes, constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é, certo, nenhum limite absoluto para êsse número e bem se concebe que cem pessôas suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições de que estariam dez, se distraídas e bulhentas. Mas, também, é evidente, que, quanto maior fôr o número, tanto mais dificil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessôas, são sempre mais favoráveis ás belas comunicações, pelos motivos que vimos de expôr».

Para as sessões destinadas ao tratamento de obsidiados, Allan Kardec, estabelece, perentòriamente, o número de assistentes a 12, no máximo.

O estudo e a observação dos fenômenos da mediunidade apresentaram, através de trabalhos experimentais realizados por pesquisadores notáveis e publicados em obras complementares às da codificação, o conhecimento de nevróses caracterizadas em certos médiuns, que muito influiram para produzir mistificações inconscientes nas sessões práticas. O estado anímico a que podem ficar sujeitos êsses médiuns sob a influência de sua própria fôrça magnética, quando dominados pelo fanatismo de uma fé cega, produzem manifestações que se circunscrevem, exclusivamente, à capacidade de seus próprios espíritos. Essas inconveniências, porém, que ocorrem mesmo entre pessoas bem intencionadas, não justificam o abandono das sessões práticas, tanto de efeitos físicos, como de qualquer outra natureza, desde que nelas se observem os contrôles e os exames recomendados pela experiência.

Sabemos que, apesar das dificuldades que se apresentam no transcedente trabalho de intercâmbio entre o nosso mundo com o dos espíritos, resultantes das fraudes e dos embustes cometidos pelo falso espiritismo, que por aí existe, os fatos verdadeiramente espíritas têm surgido e continuam a surgir, em grande numero, em nosso tempo, para estímulo dos que lutam e trabalham pelo progresso da Doutrina Espírita sob a égide tutelar da moral evangélica.

Em face do que expomos, ao que parece, as sessões práticas destinadas às comunicações com espíritos desencarnados, devem ser precedidas de estudos e comentários sôbre as instruções contidas no «Livro dos Médiuns» e de outras obras que elucidem o estado dos médiuns desenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo que as comunicações recebidas, precisam ser registradas em livro ou anotadas em tais sessões, afim de que as indagações posteriores possam confirma-las com a identificação perfeita dos espíritos que se comunicaram. E' um tanto trabalhoso e mesmo rigoroso êsse método, mas é o unico, a nosso vêr, que, uma vez generalisado, estará em condições de confirmar as comunicações e evitar o péssimo efeito que as mistificações produzem nos assistentes das sessões e os lamentáveis embaraços que proporcionam ao progresso de nossa Doutrina.

Convém compreender que já atingimos a um marco de evolução doutrinária, que nos indica a realisação de radicais modificações nos nossos métodos de trabalho, nas sessões práticas. Essas sessões, como sabemos, representam os fundamentos da religião e da ciência espírita. E' necessário, portanto, que os ambientes, onde se realisem, proporcionem luz e não trevas. Êsse objetivo é o que nos cumpre atingir, sejam quais forem os obstáculos que tivermos de enfrentar. Os créditos da nossa Doutrina nos impõem êsse dever como indeclinável imperativo de nossa ação doutrinária.

ALBERTO LOPES

(Conclusão do Cap. VII)

LIVROS e AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

A EVOLUÇÃO — *Carlos Imbassahy* —
Editora, Livraria da F. E. Paraná

Temos, para ler e opinar, 62 volumes. E o que é mais interessante : livros, todos, substanciosos, de leitura útil e atualissima.

Mas... uma saude sempre periclitante, e outros afazeares, e outras preocupações, têm-nos levado a procastinar essas leituras.

A EVOLUÇÃO, entretanto, de Carlos Imbassahy, chegara por último. E preteriu os outros volumes. Porque ? Exatamente por ser um livro de Carlos Imbassahy. E o que mais é : um livro primoroso na impressão, na encadernação, na apresentação gráfica.

Ademais, tivemos duas cartas do autor. Uma, oferecendo-nos o volume com honrosa dedicatória que conclue... «o diléto companheiro e velho amigo de todos os tempos». Aliás, o n.º 6 dos 50 exemplares numerados e rubricados pelo autor.

Vale a pena glosar suas cartas, antes de tudo, dentro daquele conceito de Clovis Ramos, sôbre cartas de confrades. Cartas, aliás, a lápis, numa prova, talvez, de que em *casa de ferreiro*... das letras, falta tinta, falta caneta-tinteiro.

Vingamo-nos, entretanto, escrevendo-lhe, a máquina, e mandando-lhe um livreco ao querido e velho companheiro, que protestou : «V. não tinha um papel menos sujo e menos amarrotado para embrulhar o tal livreco?» Um livreco, pelo hábito e prazer de enviar livros, a poucos amigos e a confrades de confiança e amizade, sempre que lhes escrevemos...

Mas, vamos ás cartas.

Escreve-nos na primeira: «Farto de receber livros ordinários, resolvi tirar uma fórra e cá segue um, meu, ordinarissimo. Só há uma diferença: é que você não precisa pagar nada. E ainda *mando algum*, se o indivíduo se comprometer a lê-lo. Aquele *algum* é algum dinheiro. Creio que você não chegará a êste sacrifício. Pois, olhe, se estiver com insonia, é pegar e abrir. Estou até com vontade, a conselho de pessoas experientes, de tirar a encadernação e pôr em vidros, para vender nas farmácias.

Depois de pronto o livro, é que o reli, vi que se tratava de formidável estopada. A grossura, só a grossura, faz tremer».

Referindo-se a uma pessoa amiga que perguntou, generosa, por nós: «V. com esta cara, ranzinza, turbulento, e todo o mundo a gostar de você... Eu, a fina flôr da elegância e do bom trato, e aquí, abandonado, quasi evitado como um mordedor.

Aí vai o livro. Não é preciso ler. E' só para ver...»

Na segunda carta: «Você pode vir que você não *vai*. E, depois seria um prazer muito grande, se tivesse, que enterrá-lo. No dia seguinte, quando se dissesse— «O enterro do Leopoldo saíu da casa do Imbassahy...» E os comentários: Como êles eram amigos! Chegou um a ir morrer na casa do outro! E V. lá de cima ouvindo os comentários — Mas, que idéia besta, esta, do Leopoldo de vir morrer aquí!... Fôsse morrer no diabo... Mas, será meu caro Leopoldo, que nós já estamos sobrando? Os moços estão indo... E nós, firmissimos! Ou será que lá de cima, estão dizendo: — não quero aqueles sujeitos aquí, não».

Para rir — e foi rindo que lemos estas boas piadas; e foi rindo que as passamos a outros amigos — ótimas! E, até certo ponto, desvanecedor para nós, de vez que amizade como a nossa, simples, antiguissima e pura, não se vai encontrando, às duzias, por aí...

Há mais, na segunda carta: «Acabo de ler o seu ótimo artigo na R. I. E. *(Revista Internacional do Espiritismo)* sôbre o C. E. e a difusão do Espiritismo. Lamentei que o outro, sôbre as *Memórias*, fôsse tão curto. Você ainda não perdeu a energia polêmica que caracterizou os grandes tribunos e publicistas da *Revolução Francêsa*. Não fôsse V. um deles!»

Haveria muito o que comentar em tudo isso, que ironiza, que faz rir, que sacode com a gente. Fomos, com efeito, polemista, por algum tempo, nesta existência. Depois, fomos arrastado das polêmicas — e mantivemos 25 das mais sérias! — para outros setores da Doutrina. O Imbassahy continua, entretanto, o mesmo polemista, que o conhecemos... antes mesmo de êle ser espírita. E conhecemo-nos polemizando, quasi, nós, defendendo o Espiritismo, que êle, sem ser espírita, ironizava. Aliás, já dissemos isso em outro escrito. Mas, lendo a injustiça e felonia dos senhores do *Congresso Eucarístico* contra seus pseudos-inimigos, não nos contivemos. Daí o artigo a que êle se refere, NÓS, PRINCIPALMENTE, ENTRE OS INIMIGOS...

Mas, trata-se, agora, do seu EVOLUÇÃO. Ao contrário do que êle nos aconselha lemo-lo numa fase dolorosa de cólicas intestinais. E, ao em vez de sua leitura nos produzir insônia... parece que até serviu para curar nossas cólicas.

A leitura do livro, não nos trouxe surprêsa. Exatamente por ser mais um livro do Imbassahy. E que livro! Estamos acorde com o prefaciador da obra, outro grande talento e bondoso confrade, Pedro Granja, quando afirma: «...é o missionário que, no tempo certo e exáto, desceu a estas terras de Santa Cruz para orientar, esclarecer, e ensinar».

O livro, o grande livro, compõe-se das seguintes partes: além do Prefácio substanciosissimo e do A TÍTULO DE PRÓLOGO: *Evolução, A Reencarnação, Os Tabus Religiosos, Os Tabus Científicos, A Manifestação dos Vivos, A Manifestação dos Mortos*. E, cada parte, compreendendo vários capitulos. Falando sôbre a Biblia — e toda gente que lê Carlos Imbassahy sabe como é êle *simpático* a êste livro — ajusta argumentos e citações oportunissimas, de cuja leitura a gente sai pensando e sentindo que a Biblia, o maior livro santo da maioria dos povos religiosos da Terra, não vale mesmo grande coisa...

Faz tempo que escrevemos num jornal profano, A PÁTRIA, um artigo. *Em defesa da Bíblia*. Artigo de que nos lembramos bastante, lendo, agora, EVOLUÇÃO. Artigo em que descobrimos, na Bíblia, uma parte mínima de inspiração divina, citando até o Decálogo, em plena atualidade, menos o seu nono mandamento. Outra parte, de coisas dos homens. E o que mais é: homens apaixonados e orgulhosos, porque conscios que eram o povo escolhido de Deus, por serem deistas. E ainda outra, constante da legislação do povo hebreu, de suas usanças e de seus costumes. Envolvendo todas estas partes distintissimas, os Espíritos a manifestar-se, a dar palpites, a ocupar até o lugar de Jeová, de vez que não é razoável que Jeová se arrependa, a cada passo (nós mesmo chegamos a anotar 27 arrependimentos de Jeová!) e um Deus Criador e Pai que se arrepende do que faz... Dissemos Espíritos a manifestar-se até em nome de Jeová... Será possível? Agora mesmo anda O GLOBO a noticiar que um garoto, Vilmar Schimidt, viu N. S. de Fátima, que o induziu a curar doentes. Ora, para êle ver a santa, era preciso que tivesse existido, de fato, a tal santa. Não seria o caso de um Espírito bom tomar aquela forma, para impressionar bem o menino, naturalmente possuidor de poder curativo... Manifestou-se, uma feita, um Espírito, na sessão que presidimos, justificando os males que andava fazendo a um velho chefe de família. «Males? Eu não lhe estou fazendo mal algum. O que lhe faço é para seu bem. Foi Nossa Senhora que me apareceu e mandou eu fazer-lhe estas coisas todas». Compreendemos tudo, dizendo-lhe: — Pois, você vai ver que N. S. lhe está empurrando para o mal — Apareceu-lhe, realmente, o Espírito que tomou a forma da santa, — a exemplo de atores teatrais, que encarnam o papel do Cristo, de Maria Santissima, de Pilatos — induzindo-o áquilo. A indignação do Espírito que estava sendo enganado por outro, fantasiado de N. S., foi tão grande, que quasi assistimos ao espetáculo de um Espírito estrangulando outro...

Não há, entre nós, livro que supere a Bíblia, por seu passado, pelos foros que já conquistou. Que se deve, então, fazer? O que faz, naturalmente, Carlos Imbassahy e nós, que não somos capazes de lançar fóra um colar de pérolas só porque se encontram nêle algumas gêmas falsas, algumas pérolas jaçadas...

O Livro de Carlos Imbassahy exige, na verdade, estudo mais substancioso, mais completo. E' possível que voltemos a êle, depois destas notas que não são, definitivamente, de estudos de seu livro. Tomamos muito tempo brincando com suas cartas, com suas ironias e espirituosidades. Tempo êste, e espaço, roubados ao livro propriamente dito.

O livro está, realmente, primoroso em sua encardenação, que é obra da REVISTA DOS TRIBUNAIS. São 361 páginas magnificamente impressas, bela e bôa distribuição de textos. Sobre-capa em tricomia, cuja significação não pudemos apanhar bem. Edição da *Livraria da Federação Espírita do Paraná*, que teria gasto muito dinheiro para sua confecção, para a sua publicação. A verdade é que, entre nós, e no campo das letras espíritas, espiritualistas, não conhecemos outro escritor com mais talento, com mais credenciais, com mais merecimento do que Carlos Imbassahy para tão magnifico presente de fim de ano...

Vamos ficando por aquí, depois de transmitir nossos parabens sincerissimos ao autor, ao prefaciador e impressor, uma só pessôa, à Livraria que o editou.

* * *

Joven Espírita! Encaminhe os seus passos na senda do trabalho e da união. — Compareça à IX Concentração de Mocidades, a realizar-se em Uberaba de 29 a 31 de Março.

x x x

Juventino! Confraternize com irmãos de várias plagas, comparecendo à IX Concentração de Mocidades nos últimos dias do mês de Março, na cidade de Uberaba (Minas Gerais).

Como os teólogos refutam... (A Índia Misteriosa)

— I —

Vamos provavelmente perder nosso tempo e nosso latim, respondendo a Frei Boaventura Kloppenburg. A sua refutação a nosso livro «Reencarnação e suas Provas», escrito de parceria com Carlos Imbassahy, através de sua obra «Reencarnação-Exposição e Crítica», será lida pelos católicos do Brasil inteiro e por uma quantidade considerável de espíritas que não se arreceiam do estudo de filosofias alheias. Mas, o nosso livro, interditado à leitura de suas ingênuas ovelhas, ficará desconhecido, e o ilustre reverendo alcançará entre a sua claque, as palmas da vitória. No consenso católico, estará a «Reencarnação e suas Provas» pulverizado pela pena de um erúdito professor de Teologia Dogmática.

E' lealdade o que se retrata ou é isto um sinál de justiça católica? Como poderão os fiéis de sua Igreja fazer um julgamento honesto, quando têm em mãos, apenas, o que escreveu o eminente teólogo?

Esta atitude inexplicável só pode ser justificada pelo receio, pelo temor, que não mais se esconde, de que os nossos argumentos impressionem os fiéis de sua Igreja. Mas, se a nossa filosofia não presta, se os nossos argumentos são inconsistentes, não há o que temer. Não sabemos, assim conciliar êste receio com a inutilidade dos conceitos espíritas.

Dizer que o Catolicismo assim procede para evitar qualquer contaminação à multidão católica romana, que será esta a resposta, não é razoavel, também.

Não vivemos a pregar a imoralidade, a corrupção, o desamor ao próximo e ao Pai Supremo. O que temos feito até hoje, tem sido justamente o oposto. Procuramos aconselhar a fraternidade, o sentimento de justiça e de amor para com nosso semelhante, fazendo sentir a todos os que nos lêem aquilo que constitue a essência da pregação dos grandes luminares, com especialidade o que nos legou o maior gigante da espiritualidade: «*A cada um segundo as suas obras*».

Mau grado a nossa incontestável desvantagem, no que concerne à divulgação de nossas idéias, passemos ao assunto.

Em nosso livro afirmamos o seguinte:

> «*Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base da fé. Os caldeus, os hebreus, J. Cristo e os primeiros cristãos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles, os Pais da Igreja, Orígenes e Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do Universo.*
>
> *Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo que, para assegurar à Igreja a dominação, substitui a palingenesia por uma vida única, acrescida da legenda do Céu e do Inferno para coroamento. Isto se deu no ano 533, no concílio realizado em Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu esta imprudência . . . A Índia, o Tibet, o Mongol, a Persia, a China, o Egito, todos povos isolados uns dos outros, professavam a mesma crença*».

Porque escrevêssemos o que acima se encontra, somos taxados ironicamente pelo Frei de «o modestíssimo Sr Mario Cavalcanti» e acha êle que antes deixassemos dormir no fundo de nossas gavetas a nossa afirmativa: «Por mais longe que possamos sondar o passado». Não sei onde pode divisar falta de modéstia em palavras como as que citamos. Elas o que poderiam é provocar uma lição de História e esta nos foi dada pelo sábio teólogo. Sirva-nos ou não a lição, é dever de cortesia deixar impressos os nossos melhores agradecimentos.

Pedimos, entretanto, licença ao insígne professor para não quedarmos silencioso e podermos alinhavar algumas palavras em defesa de nossas asserções. Vejamos o que dizem aquêles que sabem:

> «*A defesa das vidas sucessivas ou reencarnação é chamada também palingenesia, de duas palavras gregas — Palin, de novo, genesis, nascimento. O que há de muito notável é que, desde os albores da civilização, ela foi formulada na Índia, com uma precisão, que o estado intelectual desta época longínqua não fazia pressagiar.*
>
> *Com efeito, desde a mais alta antiguidade, os povos da Ásia e da*

Grécia acreditavam na Imortalidade da alma, e mais ainda, muitos procuravam saber se essa alma fôra criada no momento ou se existia antes.

Lembrarei, ligeiramente, as opiniões dos autores que estudaram a questão.

A Índia é muito provavelmente o berço intelectual da humanidade e é interessante que se encontrem nos Vedas e no Bagaveda-gita passagens como a que se segue :

«A alma não nasce nem morre nunca ; ela não nasceu outróra nem deve renascer : sem nascimento, sem fim, eterna, antiga, não morre quando se mata o corpo.

Como poderia aquêle que a sabe imperecivel, eterna, sem nascimento e sem fim, matar ou fazer matar alguêm ?

Assim, como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos. Eu tive muitos nascimentos e também tu, Arjuna : eu os conheço, mas tu não os conheces». (Bagaveda-gita).

Aquí se afirma, na doutrina védica, a eternidade da alma e sua evolução progressiva pelas reencarnações múltiplas, as quais têm por objeto a destruição de todo desejo e de todo pensamento de recompensa pessoal. Com efeito, prossegue, ainda, o Instrutor (é sempre a voz celeste que fala) :

«Chegadas até mim estas grandes almas que atingiram à perfeição suprema, não entram mais nessa vida perecível, morada dos males. Os mundos voltarão a Brama, ó Arjuna, mas aquêle que me atingiu não deve mais renascer». (Gabriel Delanne, «Reencarnação», ed. da FEB, trad. de Carlos Imbassahy, 1940, pags. 19 e 20).

O autor aconselha para a parte histórica, consultar a obra muito bem feita de André Pezzani, intitulada «A Pluralidade das Existências» ; o livro do Dr. Th. Pascal : «A Evolução Humana» ; «A Palingenesia» de Charles Bonnet e o «Ensaio de Palingenesia Social», de Balanche ; todas elas comprovantes do que se assegura.

«Quanto à imortalidade da alma, os Vedas afirmam tão alto e tão claro quanto possível. «Ela é uma parte imortal do homem ; é ela, ó Agni, que é necessário aquecer com teus raios, inflamar com teu fogo. O jatavadas, no corpo glorioso formado por ti, transporta-a ao mundo dos piedosos».

Os poetas védicos não indicam sòmente o destino da alma, êles se preocupam também com sua origem. «De onde vêm as almas ? Elas vêm a nós e voltam, voltam e vêm». (Ed. Schuré — «Les Grands Initiés, pág. 43, Paris, Lib. Academique Perrin & Cia., Librairie — Editeurs, 32 — Quai des Grands — Augustins, 35 — 1927).

Eis aí em duas palavras a doutrina da reencarnação que desempenhará um papel capital no Bramanismo e no Budismo, entre os egípcios e os órficos, na filosofia de Pitágoras e de Platão, o mistério dos mistérios, o arcano dos arcanos.

Segundo os Vedas e de acôrdo com a escola de Sankhia, há quatorze esféras de transmigrações onde o espírito espia seus pecados e se purifica, afim de se despojar, no futuro, definitivamente da matéria ; *sete esféras são superiores ao homem, a oitava é o estado humano e as seis últimas são inferiores ao homem.* Estas quatorze esféras ou ordens constituem os *três mundos* que representam no espírito dos hindús o império das *três qualidades da alma.* Nêsses mundos, nessas esféras, a alma experimenta o mal que nasce da decadência, até que ela fique completamente livre de sua união mesmo com o corpo etéreo e com os elementos sutís, e até que seja transformada na condição de *puro espírito.*

Além dêstes mundos ou esféras intermediárias ou expiatórias, há, ainda, os lugares onde os maus sofrem por suas culpas, tais como o *Yamma-loca* e o *Atam tappes* (pontes de obscuridade). (Roger, «*La porte ouvèrte pour parvenir à la connaissance du paganisme caché*» — trad. em francês por Le Grüe. Amsterdam, chez Jean Schipper - 1671 — t. II, c. 21).

Podemos comparar êsses lugares, onde os maus sofrem toda sorte de penas e tormentos, ao inferno. Não obstante, depois de haverem passado numerosas séries de anos nestas terríveis moradas infernais, os grandes criminosos são condenados, no fim dêste período, ás transmigrações penosas para término da expiação de seus pecados (Leis de Manú - XII, § § 75, 76 e 80).

Segundo as Leis de Manú, *não há penas eternas;* a alma cujas manchas foram apagadas, voltam a encarnar no corpo de um homem. Os cinco elementos do corpo etéreo concorrem para a formação do corpo grosseiro que está destinado a sofrer as torturas do inferno. (Leis de Manú — XII, § 21).

Quanto ás almas bem-aventuradas, há para os indianos, duas classes principais, levando em consideração a metempsicose :

1.º— Os *Santos,* cuja meditação piedosa foi dirigida *sôbre* o puro Brama, e que vê a alma suprema em todos os sêres na alma suprema ;

2.º—As almas daqueles cuja contemplação foi parcial e restrita. (Leis de Manú — XII, § 90).

Estas almas inferiores às dos Santos são obrigadas a reencarnar na Terra (Brama-Soudra, II). Êstes espíritos não vão além das regiões da Lua, ou segundo o seu grau de perfeição, podem atingir o reino de *Varouna,* o regente da água. E' de lá que êles voltam a ocupar um novo corpo, trazendo consigo a influência resultante de suas primeiras obras. (Brama-Soudra, III, c. I, § § 4, 6).

Estas transmigrações da alma dependem da virtude e do vício, pois, o *destino da alma é principalmente influenciado pelos pensamentos que êle experimenta no momento da morte.* (Brama-Soudra, I, c. II, § 1; Leis de Manú — XII, § 23).

A história religiosa é, por assim dizer, a verdadeira história da Índia... O hinduismo atual se pretende originário legitimamente do Vedismo antigo e impõe a seus adeptos, como o dogma fundamental da ortodoxia, a autoridade sobrenatural dos Vedas. A despeito das aparências contrárias, o hinduismo tem razão: o adorador dos deuses védicos não se sentiria fóra de sua pátria entre os devotos de Vichnou e Siva. A doutrina da transmigração, desde muito entrevista, se afirma como um dogma e se impõe como uma categoria fatal do espírito hindú (Sylvain Lévi — *Encyclopédia de Berthelot,* t. XX).

O leitor nos será grato, diz Jaccoliot, da oportunidade que tenho de dar, de acôrdo com Colbrook, W. Jones, Wilson, Strange, X, Raymond e de nossos próprios estudos, um resumo mais ou menos completo das doutrinas filosóficas da Índia; e verá que estas doutrinas inspiraram todos os filosófos da antiguidade, da mesma forma que as concepções religiosas da Terra do Lotus, tinham inspirado todos os templos e que Vyasa, Gotama, Kapila e Pantadjali são os ancestrais de Pitágoras, de Sócrates; de Pyrrhom, de Platão, de Spinosa e de Kant.

Os indianos reconhecem seis escolas filosóficas como remontando a uma alta antiguidade; uns tinham opiniões que estão em oposição perfeita com as doutrinas religiosas dos Brâmanes; outros, embora aceitos como perfeitamente ortodoxos, avançam opiniões cujas origens não se saberia encontrar nos Vedas. (X. Raymond).

Colbrook ordena estas escolas na ordem seguinte :

1.º — A primeira escola Mimansa, fundada por Djemini.

2.º — A segunda escola Mimansa ou Vedanta, cuja fundação é atribuida a Vyasa.

3.º—Escola Nyaya ou lógica de Gotama.

4.º A escola atomística de Kanadi.

5.º - A escola ateista de Kapila.

6.º A escola panteista de Pantadjali.

As duas últimas destas escolas professam a mesma doutrina sob muitos pontos de vista e são ordinariamente reunidas sob o nome de Sankia.

As duas escolas que escolheremos para esta exposição sumária são a escola Sankya e a Vedanta. A primeira afirma a eternidade da matéria e seu ramo principal nega a existência de Deus. A segunda faz derivar todas as coisas de Deus e um de seus ramos nega a realidade da matéria.

Todos os sistemas hindús, ateistas ou deistas, estão, no entanto, de acôrdo com o fim a que se propõem : descobrir e ensinar os meios de chegar à beatitude final, isto é, de conseguir a isenção da metempsicose e o afastamento de todas as dôres, que resultam da existência corporal do homem. (L. Jaccoliot — «La Femme dans l'Inde», 1877, pág. 49).

Como vê o ilustrado Frei não é de admirar as nossas expressões: «*Por mais longe que possamos sondar o passado*». E' bem verdade que não podemos ir mais longe, uma vez que a História a isso não nos permite, mas, pensamos que atingimos aquêle livro pre-histórico que citamos a que na Índia dão o nome de Vedas.

Agora, Frei Boaventura :

> «*Uma conclusão de particular interêsse para o nosso caso é êsta: a doutrina da metempsicose era totalmente estranha à religião primitiva dos hindús, estava ausente na primeira parte da época védica e é, portanto, de introdução relativamente recente*». (F. Boaventura, liv. cit., pág. 39).

Não sabemos a importância que isto possa ter como argumento importante contra a doutrina reencarnacionista. Nem ao menos o «*relativamente recente*» do Frei, tem substância; mas, o que se evidencía, pelas citações acima, é que a palingenesia é antiquíssima.

Tomemos de empréstimo ao «Bagaveda Gita», êste magnifico episódio da guerra civil que destruiu a Índia gloriosa e a deixou sem defesa contra os sucessivos invasores que deviam completar sua decadência. O grande poema nos mostra um glorioso e nobre príncipe, Arjuna, no ponto de tomar parte na luta. Os dois exércitos, formados em batalha, vão se precipitar um contra o outro; as flexas começam a atravessar os ares. Arjuna vên o exército contrário parentes queridos, instrutores venerados, amigos afeiçoados que o destino colocou em campo oposto e que dão ao combate todos os horrores do parricídio e do fratricídio. Esmagado de dôr, comovido até o mais profundo do coração, de uma piedade imensa, Arjuna deixa cair seu arco, e apela para seu instrutor, o divino Krisna :

> «*Ó Krisna, disse êle, quando vejo êstes parentes formados em batalha e prestes a combater, meus membros se paralizam, meu semblante perde a vida, meu corpo treme e meus cabelos caem sôbre a testa; meu arco cai de meus braços, a febre queima meu peito, eu hesito e não posso pensar.*
>
> *Eu não vejo nêste massacre senão maus presságios. Eu nada desejo, nem prazeres, nem vitória, nem trôno. Aquêles para quem desejamos estas coisas estão lá, prestes a combater, depois de haverem feito sacrifício de seus bens e de suas vidas: são nossos preceptores, nossos pais, nossos filhos, nossos avós, nossos genros e netos, nossos cunhados ou nossos aliados.*
>
> *Desejam matar-me e eu não quero a morte, nem ao preço do império dos tres mundos.*
>
> . . . .
>
> *Eu não combaterei.*»

O divino Krisna sorriu, então, a seu discípulo bem amado, e disse lhe :

> «*Choras por homens que não deves chorar; tuas palavras são de falsa sabedoria. Os sábios não choram, nem os viventes nem os mortos. Nunca a vida me faltou, e nem tu, nem êstes príncipes jamais cessaram de existir: nunca deixaremos de existir.*
>
> *Mesmo que êste corpo mortal passe pelas sucessivas fases da infância, da juventude e da velhice, mesmo depois da morte do corpo, a alma se reveste de um novo corpo.*
>
> *E êstes corpos que desaparecem, são animados por uma alma eterna, indestrutivel, imutável. Aquêle que crê que mata a alma ou que ela o mata, se engana; ela não mata nem pode ser morta . . .*
>
> . . . .
>
> *Como é que aquêle que a sabe eterna, imperecível, sem nascimento nem morte, poderia matar alguém? Como se deixam as vestes usadas para tomar novas, a alma abandona os corpos usados para revestir novos corpos.*
>
> . . . .
>
> *Não penses senão em teu dever, e não tremas: nada melhor se pode dar ao Kehattrva (guerreiro) que uma justa guerra . . .*»

Citemos mais êste texto do Bagaveda sôbre a transmigração :

> «*No momento em que êste mundo saíu da obscuridade, os principios elementares sutis produziram a semente vegetal, que animou então as plantas; das plantas, a vida passou pelos corpos fantásticos que nasceram na lama das águas; depois, por uma série de formas animais diferentes, chegou até o homem.*
>
> «*O homem consciente e livre por suas ações produz o bem e o mal.*

«Depois de uma longa morada em seus envelopes provisórios, as almas dos homens comparecem ante o tribunal de Yama, juiz dos mortos. Êste enviado celeste admite na swarga *os que levaram uma «vida eminentemente virtuosa, e encerra no* naraca *(inferno) os que se entregaram ao pecado. Quanto às almas medianamente virtuosas, em parte pecadoras, elas serão enviadas à Terra para aí animar outros corpos e aí pagar as penas devidas a seus pecados, e aí receber as recompensas merecidas por suas boas ações».*

«Assim, todo renascimento, feliz ou infeliz, é a consequência das obras praticadas nas gerações anteriores, e nisto está a recompensa e a punição.

«Entretanto, aquêles que morrem na terra sagrada (Ceilão) não são mais expostos a novos renascimentos: vão direito ao swarga.

«As almas que voltam à Terra vão animar diferentes corpos: tanto passam pela estirpe das plantas, como podem tomar a forma de um inséto, de um reptil, de um passáro, de um quadrúpede ou de um homem.

«E' unicamente pelas boas ou más ações que elas são susceptíveis de uma transmigração mais ou menos vantajosa; desta forma, os bens ou males terão que experimentar nos diversos estados pelos quais terão de passar.

«O homem é o que há de mais eminente na Terra; nascer nesta condição, em qualquer casta que seja, supõe sempre um certo grau de merecimento.

«Entre os homens os brâmanes têm o primeiro lugar; ora, o favor de animar um brâmane é devido ao mérito acumulado por um grande número de gerações anteriores.

«Praticar a virtude para obter qualquer graça é sempre um bem; mas praticá-la com um inteiro desinterêsse e sem esperar nenhuma volta, nenhuma recompensa, é o que há de mais perfeito; êstes ficarão no swarga, e não fica sujeito a mais nenhuma mudança.

«Eis, pois, o fruto de nossas obras, eis porque a mesma alma habita tanto na estirpe das plantas, como no corpo de um animal ou de um homem: porque ela é feliz ou infeliz nêste mundo e no outro.

«Muito antes dela se despojar de seu envelope mortal, as almas que só praticaram o bem, como aquelas que habitam os corpos dos sannvassis *e dos* vanaprastha *(anacoretas e cenobitas), adquirem a faculdade de conversar com as almas que as houverem precedido no swarga. E' o sinal para as almas de que a série de suas transmigrações na Terra está findo». (Extraído do Bagavatta).*

Êste texto, diz Jacooliot, em «Christna et le Christ», à pág. 304, de um dos mais renomeados livros da teologia bramânica, confirma sob todos os pontos de vista a doutrina de Manú e as teorias científicas e religiosas que deram nascimento à metempsicose, que acabamos de expôr.

E' incontestável, continua o mesmo autor, que a ciência antiga, sempre de acôrdo com a escritura sagrada, uma vez que esta última não foi na maior parte do tempo que uma vulgarização simbólica de suas idéias, fez passar o sôpro vital, a alma, por uma série de transformações que, do estado rudimentar do vegetal, foi gradualmente elevada, modificada, para chegar aos animais e ao homem.

O último sloca da citação anterior, contém em princípio toda a doutrina dos pitris ou almas purificadas, ainda não completamente desvendada na Índia antiga a não ser aos iniciados ou às classes superiores.

Como nos referimos às leis de Manú e ao Bagaveda-Gita, é necessário que digamos alguma coisa sôbre a antiguidade dêstes livros, muitas vezes, em virtude das conveniências, contestada pelo Catolicismo.

«Sabe-se que o legislador Manú se perde na noite dos tempos antehistóricos da Índia e que nenhum indianista ousa recusar-lhe o título de mais antigo legislador que apareceu no mundo». (L. Jacooliot — «Christna et le Christ», pág. 350).

«Todos os grandes indianistas que passaram uma parte de suas vidas na Índia, William Jones, Colebrook, Thomas Strange, Wilson, Princeps e outros, dão ao Bagaveda-Gita uma antiguidade de mil e duzentos a

mil e quinhentos anos antes de nossa éra, e o futuro estenderá ainda mais esta data, assim que a Ciência esteja de uma vez para sempre desembaraçada desta cronologia bíblica, que dá ao homem seis mil anos de existência, e tem necessidade, para se estabelecer, de patriarcas que viveram de oitocentos a mil anos cada um».

«William Jones acreditava tanto na autenticidade do Bagaveda-Gita, capítulo do Mahabaratha, consagrado a Christna, que êste indianista de gênio se serve desta obra em seus «Comentários sôbre os mais antigos legisladores da Índia (Madana-Ratna-Pradipa), para aclarar e precisar o sentido de certos textos».

Poderiamos encher páginas e páginas de textos reencarnacionistas tirados dos antiquíssimos livros hindús, mas como a estrada a percorrer é longa em demasia, forçados que somos a esta caminhada pelo ilustrado teólogo que nos combate, deixaremos para outra oportunidade, a feitura de um trabalho mais concatenado, e atenhamo-nos, apenas, áquilo que é necessário no momento.

Pretendemos continuar. O ilustre teólogo, entrementes, vá arranjando novos argumentos, que os da Índia, como vimos, cairam iniludivelmente.

O mesmo pretendemos fazer com o Egito, a Pérsia e outras nações citadas em «Reencarnação e suas Provas». Ninguém perde por esperar.

Mario Cavalcanti de Melo.

Restrições ao Livre Arbítrio

DEOLINDO AMORIM

— I —

A *endocrinologia* oferece, hoje, sem dúvida alguma, campo vastíssimo para o estudo das reações e do comportamento humano. Tão acentuada, tão importante é a influência das glândulas, principalmente em determinadas pessoas, que a *endocrinologia* deixou de ser uma disciplina exclusiva dos especialistas (médicos e penalistas, por exemplo) para ser um ramo de conhecimento aberto a outros profissionais e estudiosos: o psicólogo, o educador, o sociólogo, o antropólogo, todos enfim, recorrem á *endocrinologia*, até certo ponto, quando se defrontam com alguns problemas em que o mau funcionamento das glândulas endócrinas pode trazer perturbações gerais, com inevitável repercussão na vida psíquica do indivíduo. A cultura humana forma um tecido de conhecimentos tão ligados entre si, tão dependentes uns dos outros, que, apesar de tantas *especializações*, não há, a rigor, uma disciplina científica inteiramente desprendida do conjunto: nenhum técnico ou especialista poderia, por exemplo, fechar-se para sempre no campo estreito de sua especialidade sem tomar conhecimento dos vínculos de relação ou interdependência, que ligam todos os campos de conhecimento. Fóra da parte pròpriamente técnica ou da esféra estritamente profissional, qualquer estudioso ou investigador, dentro da contextura dos conhecimentos gerais, está sujeito a levar as suas perquirições a certos domínios da cultura especializada, por necessidade do próprio desenvolvimento do raciocínio. Um sociólogo, por exemplo, pode ocupar-se de matéria médica, conforme sejam os problemas que se lhe apresentem, principalmente se as condições sanitárias de uma região determinarem o advento de problemas sociais; do mesmo modo, um geógrafo pode ter necessidade, ás vezes, de recorrer á *psicologia*, quando se faz necessário verificar até que ponto a topografia de uma localidade pode influir nas reações de seus habitantes, em suas formas de comportamento; o educador, embora tenha suas atividades adstritas aos problemas de *pedagogia*, também pode necessitar do auxílio de outras disciplinas, como a *psicologia*, a *criminologia* etc., desde que se lhe apresentem problemas em que haja necessidade da interferência da educação nas atitudes e tendências de indivíduos ou grupos predispostos ao crime.

A cultura humana é um *todo*, e as

disciplinas, com as suas especializações, são as partes, e tôdas elas se relacionam direta ou indiretamente, pois nenhum ramo de conhecimento pode ficar inteiramente à margem dos outros, como esfera independente ou à parte. Não, não é possível. Embora respeitando os limites inconfundíveis e necessários da cultura especializada, a verdade é que a cultura geral abarca, forçosamente, os mais variados domínios de conhecimento, mesmo porque a velha *sêde de saber* é insaciável. À margem de particularidades que constituem, realmente, seára exclusiva dos iniciados ou dos especialistas em determinadas profissões, todas as disciplinas científicas podem suscitar discussões e problemas que ultrapassam o ambito limitado da atividade técnica e se projetam no domínio da generalidade, permitindo, assim, derivações para outros ângulos de observação. É o que se dá com a *endocrinologia*, disciplina que interessa, hoje, a todos quantos estudam o comportamento humano, até mesmo sob o ponto de vista filosófico É natural, portanto, que a *endocrinologia,* embora seja uma especialidade cientifica, tenha dilatado muito as suas fronteiras, ora para receber a contribuição de outras disciplinas, ora para levar elementos de elucidação a certos problemas cuja solução depende, por exemplo, de premissas em que se possa determinar até que ponto vai a influência das glândulas de secreção interna (*tiroide, hipífise* etc) nas atitudes, nas reações do indivíduo. Não é necessário ser especialista para saber que os distúrbios glandulares têm repercussão na vida psíquica. Há correspondência entre os atos de natureza psíquica e os atos de natureza fisiológica, sem que, por isso, seja necessário negar a independência da alma em relação ao corpo.

Que relação, afinal, tem a *endocrinologia*, com a doutrina espírita ? Relação própriamente esquemática, na realidade, não existe entre uma e outra, porque a *endocrinologia* pertence a um grupo de ciências cujos métodos e objetivos são muito diferentes da esquematização geral do Espiritismo. Todavia, por mais que procuremos guardar distância entre uma e outra, não podemos deixar de nos defrontar, muitas vezes, com problemas e discussões em que se cruzam, inevitavelmente, as balizas que demarcam os dois campos. Por que? Naturalmente porque certas teses espíritas incidem sôbre o domínio da *endocrinologia*, por fôrça de um princípio geral : a reciprocidade da influência entre o corpo e a alma, entre a vida orgânica e a vida mental no composto humano.

O Espiritismo não despreza as luzes de qualquer ciência moderna, como não rejeita, se fôr necessário, qualquer solução conciliatória entre êste ou aquêle de seus postulados e as demonstrações que vierem provar o acêrto de uma tese ou de um princípio novo. No terreno da investigação e da discussão científica, o Espiritismo nunca foi, não é e não pode ser uma doutrina *fechada*, nem um sistema cristalizado, porquanto o seu próprio caráter de doutrina evolutiva exige o desdobramento incessante de suas conclusões, sem prejuizo dos princípios basicos em que se assenta a solidês de tôda a sua construção doutrinária. Quem o diz é Allan Kardec :

> *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, êle os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos ás causas, chega à lei que os rege ; depois, deduz-lhe as consequências e busca as aplicações úteis. NÃO ESTABELECEU NENHUMA TEORIA PRECONCEBIDA.* («A GÊNESE»), cap. I n.º 14),

Como se vê, é a aplicação do método indutivo, comum a outras ciências. Se, portanto, o Espiritismo não estabeleceu *nenhuma teoria preconcebida*, claro é que os seus princípios partem de uma base concreta : os fatos. Apoiado sôbre fatos, o Espiritismo não teme nem pode temer qualquer discussão científica, como não pode rejeitar a contribuição de qualquer outra fonte de conhecimento, desde a que se faça necessária a elucidação de certos problemas. Acontece, porém, que o Espiritismo não se conforma com as generalizações sistemáticas ou radicais a respeito de problemas que podem ser observados através de prismas diversos e não, apenas, à luz de um prisma único. Certos adversários do Espiritismo, por exemplo, tentam resolver certos problemas, e problemas complexos, apenas por uma saida invariável: as glândulas endócrinas. A *endocrinologia* passa a ser, portanto, a última palavra, como se não houvesse livre arbítrio, como se não houvesse evolução. E' neste ponto, justamente, que a doutrina espírita, embora aceite a influência das glândulas no comportamento humano, porque é uma decorrência das relações entre o corpo e a alma, não vai nem pode ir ao extremo de abrir mão de certos argumentos para sancionar uma solução unilateral, desde que se verifique a impossibilidade, já tantas vezes discutida, de se explicar certo tipo de fenômenos apenas pela ação de certas glândulas. (A êste respeito, como se sabe, existe uma obra notável, de autoria de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, sob o título: *A Reencarnação e suas provas).* Queremos, porém, focar outro aspecto do problema.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

X CAPÍTULO

Sós, sem o chefe da casa

1 — Meu pai deixou-nos em Jatobá e rumou para a Amazônia.

2 — A miséria fez, então, morada em nossa casa. Conheci-lhe aí o agudo ferrão. E pude, embora muito pequenino, ajuizar do valor de minha mãe. Passei a vê-la, diáriamente ao veio da máquina, costurando para manter a casa. Quantas vezes, deixava a máquina para ir chorar na cama, deitada sôbre o estômago a doer-lhe desesperadamente.

— Doente, mamãe? Eu lhe perguntava, interessado e triste.

— Sim, meu filho. Mas, vai brincar, vai...

* * *

3 — A Odilia fazia uma série enorme de enfeites e brinquedos para vender. Na época de carnaval, limão de cheiro, para o *entrudo,* ainda em moda. Todos trabalhavam como podiam. E a miséria de fóra ainda vinha bater a nossa porta, atraída pelo coração generoso de minha mãe.

4 — Era o caso de uma pobre mulher que ia, quasi que diáriamente, buscar qualquer *de comer* à nossa mesa. Chegava e ficava olhando... olhando para a mesa de nossas pobres refeições, a que nunca faltava o *cuscús de milho com feijão mulatinho* e o *arribacão...*

5 — A senhora já comeu, d. Joana?

— Não, minha *fia. Ainda hoje não tirei o ruvaio da boca.*

Tirar o *orvalho da boca* significava não ter comido. E arribacão era um prato especial, que, parece, até o *cão arribava:* feijão mulato com arroz pardo, carne, linguiça, tempêros, tudo cosido de se comer a talhadas, frio. E como sabia bem a exquisita iguaria!

6 — Passou minha mãe a cortar tudo para fazer calcinhas que os filhos vestissem. As toalhas de mesa, os lençóis entraram todos na tesoura. Fazia isso com saudade, que era aquilo, talvez, a única recordação de seu enxoval de casamento!

* * *

7—Ao crepúsculo de um dia triste, apareceu um casal à porta. Êle, era amigo do Chanduzinho da Rocha. Ela, uma jovem que êle raptara:

— D. Marotinha: esta moça é minha noiva. Eu quero me casar com ela. Os pais dela não querem. Então, eu a trouxe para cá. Amanhã, virei buscá-la para levá-la a Igreja, para nosso casamento.

A moça ficou em casa. Muito calada e triste, aliás.

8 — No dia seguinte, manhã cedo, veio o moço. E falou à moça, à distância, da porta:

— Volte para sua casa. Já não nos casaremos, já não quero mais casar com você.

A moça caíu em pranto. Mas, teve mesmo de voltar para casa.

O advento do Espiritismo significa o fim dos tempos com a entrada de uma nova era fundada no vero cristianismo. Alegrai-vos com isto, porque já sois dignos do reino de Deus. — GREGORIO.

POR QUÊ DOUTOR ?

o o o o o o o

Tenente-Coronel
Levino Cornelio Wischral

OLHOS esbugalhados, peito ofegante, ventre volumoso, fisionomia de pavor, lá estava Alonso a se debater, em dolorosa convulsão, sôbre a cama de pau-marfim, guarnecida de linhos puros e rendas valiosas. O dormitório, luxuoso e amplo, acompanhava as linhas magníficas daquêle distinto solar da Avenida Batel.

Desde alguns anos, Alonso suportava, ali, em seu leito de dor uma dura expiação. Os mais afamados médicos desfilaram à sua cabeceira deixando receitas às centenas ; recursos terapêuticos, os mais modernos, foram lembrados e aplicados; especialistas da Europa e da América foram convocados ; fortunas e mais fortunas foram gastas ; todavia a ascite — barriga-dágua, no dizer do povo — continuava rebelde, invencível, a zombar dos recursos científicos.

Com o decorrer dos meses a aflição aumentava de intensidade chegando a transformar aquêle moço, de dezoito anos, num velho de rosto encarquilhado pela dor.

Tal moléstia, que no dizer dos entendidos, só acomete os velhos, ou os que abusam do alcool, ou ainda os infectados pelas toxinas de alguma doença grave, inexplicavelmente vítima Alonso sem que êste esteja incluido em algum desses casos, conforme, aliás, apuraram os médicos assistentes em suas pesquisas e exames. O ponto de partida da enfermidade constituia a grande interrogação que se assinalava misteriosa nas conferências médicas

Uma vez por semana, era extraído de seu ventre de doze a quinze litros dágua para aliviar-lhe a agonia ; assim procedendo, evitava-se a morte certa que se daria através de hemorragias pela ruptura das veias do esôfago.

Alonso, de inteligência viva, entristecido, observava os olhares, não menos tristes, acompanhados de expressões piedosas de seus familiares e amigos que, inutilmente, procuravam consolá-lo ; já estava fatigado de tanta simulação.

Lentamente, formou-se em torno da familia Lopes uma onda de pavor, parecia que algo de grave e misterioso amaldiçoava aquele rico palacete. À noite e algumas vezes durante o dia, podia-se ouvir, não se sabendo partidos donde, gritos plangentes de dor acompanhados de palavras de ódio e vingança. O mêdo e a ansiedade fixavam-se em todos os familiares e o solar tornou-se moradia de fantasmas.

Aflito, o austero Lopes chorava às escondidas, para que suas lágrimas e seu pranto não magoassem, mais ainda, o coração bondoso de sua Carmen, idolatrada companheira de longa jornada. De modo semelhante procedia a boa velhinha que, apesar de tudo, ainda se mostrava firme e confiante.

Depois de Dolores, filha mais velha, vinha Juan, Consuelo, Ramiro, Fernando e outros, sendo Alonso, o caçula, querido de todos, menina dos olhos dos pais e amigos ; era Alonso, sem exagêro, considerado o «namorado mui querido e lembrado de todos os momentos».

Agora, era Dona Carmen, a amorosa mãesinha que, no seu rosário de sofrimentos, se achava abatida e extenuada pelas preocupações e apenas, sabia interrogar, de semblante aparentando alucinação : «mas, por quê, doutor, sofre tanto meu filhinho ?» Só sabia pronunciar esta frase que, invariavelmente, dirigia aos médicos, aos visitantes, aos filhos e aos santos de seu oratório quando, contrita, se prostava em prece.

Fazia pena observar a família Lopes mergulhada em densa atmosfera de abatimento, desânimo e confusão ; o padecimento atingia a todos e não estava longe de chegar às raias de contagiante desespêro coletivo.

A revolta e a lamúria contra Deus, ainda mais, saturavam de dor e aflição aquêle desolado lar. Todos estavam desorientados, tudo descambava, parecia até que o pesado palacête se abatia fragorosamente sôbre os seus infelizes ocupantes quando, Consuelo, de coração mais puro e humilde, intuitiva ao extremo, resolveu invocar, através de veemente oração, o socorro de Jesus, o bondoso Cristo Médico, para todos os nossos momentos difíceis.

Parecia que Consuelo ouvira agora, ao se ajoelhar em contrita prece, a própria voz de Jesus como em remotas épocas passadas, meigo e sereno, exortava à multidão necessitada e maltrapilha, dizendo:—«Está alguém entre vós aflito? Ore então!»

Nêsse santo colóquio foi a moça envolvida numa atmosféra de amor e sublimidade, enquanto dos céus caíam sôbre ela perfumadas pétalas de rosas em forma de estranha neblina —bençãos de Jesus— destinada a alegrar aquêle coração amargurado. Apesar de sua lacrimosa face, exclamou extática: «Quanto júbilo, meu Deus!» Pela primeira vez sentiu que sua prece fôra ouvida!

Enquanto a maravilhosa alegria inundava o coração de Consuelo, era Alonso rúdemente atingido pelo desgosto. Os médicos, para satisfazê-lo, desenganaram-no afinal; teria apenas, quando muito, duas semanas de vida.

Forçado pela dolorosa contingência, contrariando preceitos religiosos e normas sociais foi a família Lopes, como último recurso, bater, constrangida e apressada, às portas do centro espírita mais próximo.

De afogadilho suplicavam, todos ao mesmo tempo, uma cura rápida e milagrosa, uma imediata solução para os seus problemas cruciantes!

O dirigente dos trabalhos mediúnicos, humilde e paciente esclareceu à descontrolada família Lopes que tudo o que nos acontecia se processava dentro do rítmo imutável da lei de causa e efeito e que, o caso relatado nada mais era do que a colheita obrigatória do que fôra semeado através de obras, atitudes e até pensamentos, nesta, ou em outras vidas transátas.

Deu-nos gosto acompanhar o doutrinador, explanando com exemplos adequados a origem das mazelas e agruras que martirizam a pobre humanidade. As atribulações que, hoje, nos atingem são motivadas pelos deslizes, erros e crimes praticados em encarnações passadas. Por outro lado, é certo, também, que as aflições que, hoje, nos flagelam são as mesmas que nós, individualmente, impuzemos, à outras pessoas. Aquêle, pois, que inflingir a Lei de Amor de Deus — terá que resgatar essa infração ou violação até o último til, até o último pingo do i no dizer de nosso iluminado Mestre; nós mesmos nos punimos pelos êrros que cometemos — esta é a Grande Lei que rége o Universo.

O ideal seria que cada um compreendesse que a dor é o aguilão divino e bendito, ou seja, o recurso utilizado por Deus, para harmonizarmo-nos com a vontade suprema, já que pelo amor isso não conseguimos. A dor deve pois, ser cultivada e glorificada no altar de nossa consciência por ser ela que nos impulsiona à perfeição.

Terminou o dirigente dos trabalhos por aconselhar que resignados fossemos descontar, parcela por parcela, o nosso importuno débito; que cada um se aperfeiçoasse o quanto pudesse, e, que êle iria rogar a Deus, pelos irmãos necessitados, como êle próprio, se considerava um.

Assim no centro espírita da Rua Iguaçú, foram iniciadas as tarefas da assistência ao irmão Alonso e as necessárias vibrações de limpeza psíquica para seu lar.

No terceiro dia, com ausência dos Lopes, utilizando-se do aparelho mediúnico de Hercílio incorporou-se um dos guias espirituais, por sinal o mui querido irmão do espaço, Dr. Moacir, aguardado sempre, por todos, com grande ansiedade pelos magníficos relatos que costuma expôr à assistência para estudo e meditação.

Ouçamo-lo também. Eis:

O caso que tantos corações comove e abala, quasi que envolvendo uma sociedade inteira, convém seja posto nos seus exátos termos para nosso estudo.

As controvérsias são naturais e úteis, os julgamentos porém, exaltados demais; além disso, há os que até acreditam numa possível injustiça de Deus. Aquí estou, outrossim, para responder a interrogação daquela infeliz mãesinha que, não suportando tamanhos sofrimentos tornou-se insâna, perguntando a todos: — «Por quê sofre tanto, doutor, o meu filhinho?»

O atual Alonso, nosso doente, foi no ano 1.476 em Valladolid, na velha Espanha da Idade-Média, o orgulhoso e cruel inquisidor Serrano, preposto do dominicano Torquemada, inquisidor mór.

Pelos sumários e despóticos julgamentos, sem nenhuma defesa, a inquisição massacrou milhares de cristãos rotulados de herejes e réus comuns; a maioria foi queimada viva, no meio de incríveis estertores, nas fogueiras do Santo Ofício, em praça pública, por contrariar vontades dos então poderosos tribunais eclesiásticos. Inúmeros foram terrivelmente supliciados, amarrados e imóveis, tiveram vasados seus olhos com afiados estiletes de ferro em brasa. Centenas tiveram arrancados dentes e unhas com requintes diabólicos nunca vistos nos animais ferozes. Muitos outros tiveram amputados, lentamente, pés e mãos pelos instrumentos bestiais das câmaras de tortura. Outros cristãos viram-se nús, atormentadas as suas carnes e diabòlicamente arrancados os órgãos genitais com a assistência de seus familiares. Ainda centenas de outros tiveram que engulir azeite fervente tendo suas bocas horrivelmente escancaradas por vigorosas tenazes de ferro. Para anestesiar em parte, ou amenizar sofrimentos atrozes e insuportáveis, muitos encarcerados esqueléticos pela fóme e pela sêde eram tomados de violenta loucura ou desmaiavam antes mesmo de serem conduzidos à presença dos juizes.

Nunca a humanidade ouvira tão estridentes e alucinantes gritos de cólera, dôr e medo, ainda hoje ecoam com intensidade pelos séculos afóra e permanecem estampados na téla dos tempos. Está a aura do nosso planêta impregnada dessas vozes de vingança, ódio e lamúrias aguardando a esponja caridosa do amor para apagar essas chagas, até o presente, tidas como indeléveis. Se as frases, soltas no espaço, fossem agora captadas de retorno seriam capazes de ainda abalar os alicerces pétreos daquelas pestilentas e tétricas masmorras da Inquisição.

Assim funcionava, em nome de Deus, o Santo Oficio na Idade-Média que, ainda faz sofrer milhares de pessoas que, graças ao bom Deus, ignoram o seu passado, sofrem sem saber o porquê.

Do plano espiritual vemos pontos de referência, repugnantes, ensopados de sangue, ódio, lágrimas, como tumores cancerosos aferrados. Em muitos países europeus existem dessas manchas que só desaparecerão quando estiver resgatado o último til, e continuam sendo localidades pestilentas, de atmosféra repulsiva e de vibrações fluídicas as mais pesadas e grosseiras.

Assim, ia o bondoso instrutor do espaço, Dr. Moacir, fazendo com que cada um dos presentes vivesse aquela tenebrosa época passada, quando, inesperadamente o doutrinador da sessão interrompeu a comunicação, o que aliás, digamos de passagem, foi providencial para nós, pois, saímos do terrível quadro configurado; — todos suspiramos de alívio, ao mesmo tempo.

E, como se portou Alonso? Perguntou o dirigente da sessão.

Não desejava, respondeu o Dr. Moacir, particularizar a conduta dêste nosso irmão, pois todos nós somos grandes pecadores, maiores quem sabe que o próprio Alonso, no entanto, vejamos porque sofre êle de ascite; estudemos seu drama.

Alonso padece de barriga dágua, pois durante a inquisição, com requintes homicidas, aplicava aos herejes tremendas lavagens estomacais usando para tal fim dum fétido bucho de boi, mal curtido, fazendo dêle, as vezes, funil de exageradas dimensões. Amarrado e imobilizado era o infeliz herético, violentado a engolir toda a água contida naquêle nauseabundo recepiente até que o estomago e os intestinos do condenado estourassem por não suportar a pressão exagerada do líquido. Muitos foram, dessa maneira, assassinados.

A ciência médica, ameniza-lhe as dôres, retirando, ainda hoje, de seu ventre, aquela mesma água que outros tiveram de ingerir até a agonia da morte.

Os seus familiares, pais e oito irmãos, que hoje o cercam com carinho e exagerado amor, foram, em 1.476, seus ajudantes e carrascos, executores das torturas, apedrejadores e açoitadores, por isso sofrem também horrivelmente. Estão, novamente, reunidos em família, como, aliás, já o estiveram em muitas outras encarnações para resgate e purificação mútua daqueles hediondos crimes.

Ninguém viola impunemente a lei de Amor estabelecida por Deus! Nós acrescentaremos: Quem com ferro fére...

Consuelo, a nossa boa Consuelo, foi sempre a única que suplicava a cessação desses martírios. Como nas demais vidas dessa família, tanto na Espanha como em Portugal e no Brasil, Consuelo foi sempre o anjo de guarda, o guia encarnado dos Lopes.

Tudo indica que, com mais algumas encarnações de penosos resgates, a família e o nosso bom Alonso, terão descontados os seus débitos. Que Jesus os ilumine! Adeus! Assim terminou, o Dr. Moacir, a sua mensagem.

* * *

Crônica Estrangeira

O encontro do Testamento

«Spiritualisme Moderne»

Em Revista alemã, Hanover, o Dr. Rudolf Schwartz relata o caso da descoberta de um testamento.

A magnetizadora e curadora Lalle L., da Baviera, me relatou o seguinte fato:

«Após a morte de minha mãe, o testamento não foi encontrado, e a herança não podia ser dividida equitativamente entre os irmãos e irmãs. Seguiram-se contestações entre os herdeiros. Suspeitaram que Mme. L... houvesse achado o testamento, mas o tivesse escondido. O motivo dessas acusações era que Mme. L..., moradora na casa da falecida mãe, deveria, premida pelos herdeiros, desocupar, eventualmente vender a casa, para reverter parte do produto da venda à sucessão. A perda do testamento impedia esta realização. Esta desconfiança injustificada afligia a Mme. L... e seu marido, o que para êle se tornou um fardo insuportável, pois as discórdias entre os herdeiros se agravavam.

Certo dia de estio, ao meio dia, o casal estava na sala fechada, em companhia do pai. Subitamente, o Snr. L... e sua mulher viram uma forma passar pela porta e parar a sua frente e nela reconheceram a falecida mãe. Com um sorriso um tanto irônico, ela fez a ambos esta pergunta: «Ainda estão procurando o testamento? Vocês o encontrarão no grande guarda-roupa entre as novas toalhas de mesa». E ela desapareceu. O sogro de Mme. L..., ali presente, nada viu porque estava com as costas voltadas para a porta de entrada. O casal assustou-se com a aparição; entreolharam-se muito surprêsos e imediatamente se levantaram para se dirigirem a toda pressa ao primeiro andar e mais uma vez examinar o conteúdo do armário. Grande foi o espanto de ambos, pois entre as toalhas novas acharam efetivamente o testamento. Grande foi a felicidade do casal, porque puderam finalmente por fim às discussões e equitativamente repartir os bens deixados pela mãe.

⁂

A vítima vem denunciar seus assassinos

«Spiritualisme Moderne»

Mavrogheni Pachá era o médico do sultão Abdul Hamid.

Durante um banquete oficial no Hotel Tokatlian, em Istambul, discutindo a imortalidade da alma, êle relatou o seguinte fenômeno que difinitivamente o convenceu da sobrevivência.

Durante uma viagem nas províncias de Anatolia, na qual êle acompanhava o irmão do sultão, Deli Fuat Pachá, foram êles constrangidos a pernoitar numa estalagem.

O andar térreo se compunha de grande sala que servia de restaurante, de café e também de estrebaria.

No andar superior havia dois quartos: um foi dado a M. Pachá, o outro a Deli Fuat.

Deitado em sua cama, Mavrogheni sentiu alguém tocar em seu braço e, abrindo os olhos, viu um moço a sua frente. Mavrogheni não podia explicar-se como êle havia entrado, com a porta e janela fechadas. O jovem lhe disse: «Pachá, os estalajadeiros me mataram e esconderam meu corpo debaixo do estrume na estrebaria. Peço-vos fazer enterrar meu corpo em lugar apropriado».

O jovem desapareceu. Mavrogheni impressionou-se fortemente, mas êle atribuiu isso a um pesadêlo devido a fadiga, pois viajara a cavalo o dia todo. Êle voltou-se e tentou dormir.

Alguns minutos depois, se repetiu o mesmo fenômeno, o que o abalou profundamente; mas não quís acordar Deli Fuat, temendo que êste não lhe daria crédito e se divertiria com seus temores.

Mais uma vez procurou dormir mas sentiu pesada mão empurrá-lo e, voltando-se, tornou a ver o homem que lhe disse: «Fazei o que vos digo, porque moralmente sereis responsável por outras mortes se os estalajadeiros ficarem impunes».

Depois desta terceira aparição, Mavrogheni foi acordar Fuat e lhe relatou o que sucedera. Êles chamaram os soldados de sua guarda e lhes ordenaram a escavação da estrebaria.

Encontraram o corpo de um jovem, de idade de vinte e cinco anos, aproximadamente, exatamente parecido à aparição vista por Mavrogheni.

Os estalajadeiros foram imediatamente presos e entregues à justiça.

⁂

Falava com dois mêses de idade

De «Estudos Psíquicos»

A revista *Constância* transcreve, no seu último número, uma notícia da imprensa brasileira, a que os nossos diários fizeram referência: um bebé que falava corretamente, apenas com dois mêses e poucos dias.

Na verdade o caso é de pasmar; mas, se nos lembrarmos de que estamos nas vésperas dum novo ciclo, que deve despontar com uma autêntica transformação em tudo que atualmente constitui o nosso modo de vida, devemos aceitar êsse fato como sintôma de tantas outras coisas que têm sido anunciadas.

Nestes 45 anos que vão decorrer, quantas e quantas surprêsas não surgirão?

Uma nova raça, a que chamam a Sexta Raça, já está a despontar na América e dará início à futura Humanidade que será possuidora de faculdades — como o sexto sentido — até hoje conhecidas apenas em sêres extraordinários.

O que agora nos surpreende, acharemos normal então, pois cremos provável vir a fazer parte dessa nova humanidade, nas nossas próximas reencarnações.

Estaremos em êrro?...

⁂

Filho que dá prova da sua sobrevivência

«The Progressive Thinker»

Lord Molesworth perdeu seu filho na Grande Guerra. Êle não acreditava no Espiritismo. Certo dia, êle percorre o seu jardim, com sua mulher e uma fôrça irresistivel o constrange a dizer:

«Voltemos a nossa casa, o nosso filho está lá e quer falar-nos. O casal pousa as mãos sôbre uma mesa que violentamente se agita e logo soletra uma mensagem «em termos tão pessoais, tão particulares, declarou Lord Molesworth, que a telepatia de todo o mundo ou outra influência devem ser absolutamente postas fóra de discussão». Depois dêsse dia, os pais consolados se entreteem com seu caro defunto.

⁂

Cumprindo uma promessa

«Revue Spirite»

Camaradas de universidade, Lord Brougham e G..., convencionam, certa noite, que aquêle dos dois que viesse a morrer em primeiro lugar, apareceria ao outro para lhe provar a sobrevivência. Pouco depois, G... parte para as Índias. Lord Brougham fica, por muito tempo, sem notícias do amigo. Mas, certa manhã, estando no seu banho, êle volta o rosto para a cadeira onde havia posto suas vestes. Aí êle vê seu amigo G... sentado a fixá-lo. Bastante emocionado êle sái do banho, ao mesmo tempo que a aparição se derrete. E êle veio a saber, algumas semanas depois, que seu amigo morrera, nas Índias, no mesmo dia em que lhe apareceu, na sala de banho.

⁂

O médium que curou Jorge VI

Desencarnou o médium australiano Lionel Logue, que foi guiado a Inglaterra para curar a gaguez de Jorge VI.

O *Psychic News* informa que a ida do médium para a Grã-Bretanha foi uma coisa que êle próprio não soube explicar, pois não tinha qualquer razão para abandonar o seu pais e procurar noutra região uma carreira que lhe garantisse a existência.

Depois de fazer os seus planos viu que não tinha possibilidade de arranjar bilhete de passagem, mesmo durante algumas semanas. Mas, dias depois, apareceu uma desistência e Logue conseguiu o seu objetivo. Assim, mais ainda se lhe radicou a idéia de que fôrças espirituais o levavam para tratar o falecido rei, pai da Raínha Isabel II.

Eis o que êle disse ao famoso jornalista Hannen Swaffer:

«Sem saber porquê, vendi a nossa casa e fizemos a viagem, sem qualquer perspectiva. Parecia loucura, mas agora acredito que me guiaram a Londres para que pudesse curar o defeito da fala do homem destinado a ser rei».

Quando, em 1945, Logue perdeu a esposa, foi Hannen Swaffer que o confortou, conseguindo-lhe uma sessão nos seus aposentos, com o médium Lilian Bailey, muito conhecido em Inglaterra.

Êste não conhecia a identidade do assistente; mas antes da sessão começar, olhou para êle e disse:

—Não sei porquê é, mas Jorge V está aqui a pedir-me que lhe agradeça o que fez pelo filho dêle.

Isto causou profunda impressão no australiano. Nada mais ocorreu nessa sessão, mas pouco depois a esposa de Logue manifestou-se através do mesmo médium e deu-lhe grandes provas de identidade, falando-lhe em certas mudanças que êle tinha feito em casa, sobretudo no jardim, inteiramente desconhecidas dos presentes.

Lionel Logue, que teve durante muito tempo relações familiares com Jorge VI, permanecia sempre próximo dêle, quando êste falava em público ou através da rádio. Além disso, nas suas numerosas conversas com a família real, nunca ocultou a sua condição de espírita e as provas que tinha da sobrevivência da esposa. E quando adoeceu em Fevereiro último, a família real exprimiu-lhe amavelmente os seus desejos de melhoras.

Note-se que Lionel Logue era dotado de faculdades especiais que aplicava com êxito em tratamentos de ortofonia e por isso foi induzido psìquicamente a abandonar a terra natal, a fim de curar o primeiro cidadão da Grã-Bretanha. E' o próprio *Psychic News* que dá o esclarecimento e nós aceitamo-lo sem esfôrço algum, porque é absolutamente lógico.

⁂

Quem perturbava a casa do Reitor?

«Revue Spirite»

«Durante algum tempo, a vida não era agradável no presbitério de Ardtrea em Cook-town (Irlanda). O *Dublin Evening Mail* narrou as vicissitudes do infeliz Reitor, aliás reproduções de acontecimentos inteiramente iguais aos que, na mesma casa, se têm produzido há cem anos. O presbitério é um prédio de três andares, precedido de um e terreno isolado. Ora, produziram-se, diversas noites seguidas, arremêços de tijolos, ardósias, cacos de garrafas e mais objetos os mais disparatados, que do teto iam ter ao quintal. A princípio acreditaram nalgum divertimento de garotos jocosos, mas o bombardeio não chegando ao termo, viram-se obrigados a chamar a polícia local, que acorreu, armada até os dentes, para fazer cessar o escândalo. Mas a cousa se voltou contra ela. Recebida por novos projetis, ela atirou contra o teto com as carabinas; inspecionou o imóvel debaixo acima e sem nada descobrir que pudesse informá-la sôbre as verdadeiras causas do acontecimento.

A população estava convencida que lá havia um belo e autêntico caso de «poltergeist» (espírito turbulento), e não se percebe como possa ser seriamente contestada a explicação, se julgarmos pelo dispositivo dos locais e a impossibilidade material em que se encontrariam mistificadores para continuar durante tão longo tempo, um jogo tão perigoso, sem serem descobertos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 61.092,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

A Serviço da Propaganda

O nosso representante-viajante, sr. Dante Ferrioli, vai percorrer a zona Sul do Paraná, compreendendo as seguintes cidades:

Santo Antonio da Platina, Abatiá, Joaquim Tavora, Quatiguá, Siqueira Campos, Wenceslau Braz, Ponta Grossa, Reserva, Herval de Baixo, José Lacerda, Palmeira, Antonio Rebouças, João Eugenio, Curitíba, Morretes, Antonina, Paranaguá, Piraquara, São Mateus do Sul, Porto União, Iratí, Lapa e Campo Largo.

Visitará também as seguintes eidades da zona Sul de S. Paulo:

Tatuí, Capão Bonito, Guapiara, Itapeva, Itaberá, Itararé, Ribeira, Itaóca, Apiaí.

Solicitamos aos nossos prezados assinantes nessas zonas, dispensarem boa acolhida a este abnegado trabalhador da seára espírita, o que antecidamente agradecemos.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 5 de Novembro de 1955.

Á hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião. É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. Constam do expediente: telegrama do Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Francisco Spinelli, enviando saudações ao Conselho, pela data do Pacto Aureo; telegrama da mesma Federação confirmando poderes de representação no Conselho ao Conselheiro Francisco Thiesen; comunicação da eleição do Coronel Hélio de Castro para o cargo de Presidente da Federação Gaúcha, por motivo da desencarnação do saudoso presidente Francisco Spinelli; carta do Departamento da Juventude da Federação Espírita Brasileira, convidando o Conselho para as solenidades que, em comemoração do 6.° aniversário da Unificação das Mocidades e Juventudes Espíritas, realizará nos dias 10, 13 e 20 do corrente. Jornais: «O Espírita Mineiro» e «Pernambuco Espírita». O Presidente do Conselho comenta emocionado a perda de um trabalhador e sincero amigo da Federação, o inesquecível Francisco Spinelli, traçando-lhe o perfil de espírita sincero. O Conselho manda consignar um voto de gratidão e uma vibração de saudade ao querido Spinelli.

Santa Catarina — O representante comunica haver recebido alguns exemplares do Regulamento das Escolas Infantís da Federação Catarinense, distribuindo-os aos Conselheiros.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão apresenta sugestões da USE, no sentido de ser ligeiramente alterada a redação do item 10 do «Pacto» e 21 de «Preceitos Gerais», resolvendo o plenário a conservação do antigo artigo 21 e tornar livre a contribuição das federadas para o orçamento do Conselho, bem assim o valor dessa contribuição.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica a fundação de uma organização espírita — o SERVIÇO ESPÍRITA DE INFORMAÇÕES — SEI — com a finalidade de distribuir notícias referentes ao Espiritualismo e ao Esperanto.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano fala longamente sôbre o Hospital Espírita do Amazonas.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil discorre sobre as atividades da Federação Fluminense e anuncia, para Janeiro do ano próximo, o lançamento de «O Espírita Fluminense», órgão daquela Federação.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães leu o relatório enviado pela União Espírita Cearense, historiando os trabalhos realizados pela III Confraternização das Mocidades Espíritas do Nordeste.

Paraíba — Comunica o representante, Conselheiro Indalício Mendes, o lançamento, a 2 de Outubro último, da pedra fundamental do Hospital Espírita Allan Kardec, em João Pessoa, e dá notícias do movimento da Federação Paraibana.

Minas Gerais — Recebeu o Conselho convite para a comemoração do 1.º aniversário do Ginásio «O Precursor», de Belo Horizonte, sendo designado para representar o Conselho e a FEB o Conselheiro Miranda Ludolf. O Presidente comenta vários assuntos referentes à Doutrina e, findos os trabalhos, encerra a reunião, depois da prece final proferida pelo representante do Ceará.

IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Realizou-se em Uberaba, Minas, em 30 de Outubro último, a Primeira Reunião preparatória do Conselho Diretor da IX Concentração.

Estudadas as medidas consideradas de imediata execução, ficaram solucionados os seguintes assuntos:

a) Escolha do temário das téses a serem apresentadas na IX Concentração, assim constituido:

1) «O moço espírita ante a sociedade: Unificação, exemplos, educação e Assistência Social».

2) «Como interpretar a liberdade feminina em face da doutrina espírita».

3) «A influência da disciplina na evolução do jovem espírita».

b) Designação da Comissão Julgadora de Téses, que ficou da seguinte forma constituida:

1.º tema — Dr.ª Maria Emilia Barbone (Ribeirão Preto), Dr. Thomaz Novelino (Franca) e Dr. Jayme Monteiro de Barros (Ribeirão Preto).

2.º tema — Prof.ª Corina Novelino (Sacramento), Prof.ª Isabel Bueno (Uberlândia) e Dr. Odilon Fernandes (Uberaba).

3.º tema — Sr. José Martins Peralva, Dr. Rubens da Costa Romanelli e Sr. Virgilio de Almeida, todos de Belo Horizonte.

c) Designação da Comissão encarregada de elaborar o Regulamento e julgar o concurso de Teatro e Música, composta dos seguintes confrades: Dr. Agnelo Morato, de Franca; Prof. Clever Novais, de Uberaba e Prof.ª Corina Novelino, de Sacramento.

Ao ensejo desta cientificamos os moços espíritas sôbre o seguinte tópico do Regulamento das Concentrações:

«As téses devem conter, no mínimo, 2 folhas de papel almasso escritas à máquina, em dois espaços, e no máximo quatro folhas». — (Art. 10.º, § 1.º, alínea b).

O prazo estipulado para a remessa de téses expira a 15 de Fevereiro de 1956.

As téses deverão ser enviadas à Secretaria do C. D. — Caixa Postal 92 — Uberaba.

Necrologia

Jácomo Pasetto

Desincarnou em Araraquara, no dia 7 de Novembro p. findo, o irmão Jácomo Pasetto, pai dos nossos confrades Caetano, Rosa, Angelo, José, Carmela, Luiz, Emilio, Olivia, Americo, Leonor, Francisco, Olga e Lucia Pasetto, todos casados. Era viuvo de D. Olivia Biava Pasetto, com a qual contraiu nupcias em Araraquara em 27 de Setembro de 1898.

Jácomo Pasetto foi um verdadeiro cumpridor dos preceitos cristãos, pois se preocupava sòmente em fazer o bem. Muito trabalhador e ativo, fundou as Indústrias Pasetto, enriquecendo sobremaneira o parque industrial de Araraquara.

Deixa, ainda, netos e bisnetos.

O sepultamento do seu corpo material realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, saindo o féretro da residência do Dr. Francisco Logatti, à rua Voluntários da Pátria, 1.183, para a Necrópole de São Bento.

—Ao espirito recem-liberto, paz e luz.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$	60,00
	Semestre	— ,, ,,		30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada		70,00
	Semestre	— ,, ,,		35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples		65,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada		75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3112unse

no XXXI - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Janeiro de 1956 - N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

Relembrando uma Data	*Redação*
Aos Visitantes de Pedro Leopoldo .	*Henrique Rodrigues*
Como os teólogos refutam... (O Antigo Egito)	*Mario Cavalcanti de Melo*
Aviso Oportuno	*Ignacio Bittencourt*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Materialismo e Espiritualismo . .	*V. O. Casella*
Restrições ao Livre Arbítrio . . .	*Deolindo Amorim*
Solilóquio	*Manuel Cavaco*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
O Clima de Nossas Vidas	*W. Vieira*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1956 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

RELEMBRANDO UMA DATA

HA datas na nossa vida de relação que nos trazem saudosas recordações, muito embora saibamos que a morte constitue apenas a passagem de um plano para o outro plano da vida, que é eterna. Entretanto, achamos falta da presença daqueles que nos são caros, que conosco riram e choraram, trabalharam e lutaram por um futuro feliz. O coração não se conforma com o vasio, embora este vasio seja momentâneo, e isto porque o verdadeiro afeto, o verdadeiro amor não aceita interrupção na sua marcha, ainda que a interrupção seja de uma fração de segundo.

Neste caso, referimo-nos a um dos nossos queridos companheiros: Cairbar Schutel, que foi mais do que um companheiro: foi amigo e Mestre. A êle devemos o nosso ingresso na fileira espírita, com êle trabalhamos e lutamos ombro a ombro por um ideal superior — o Espiritismo, Paracleto da promessa de Jesus. E' justo portanto, que lhe dediquemos grande aféto, que os nossos corações mergulhem em saudosas recordações, anciosos por aquele dia em que nos havemos de ver novamente face a face no Festim Espiritual.

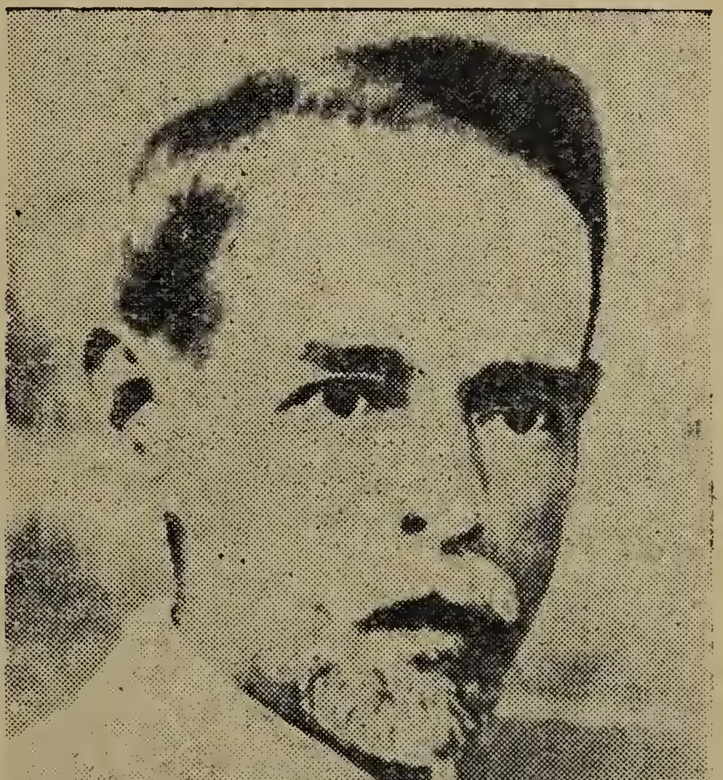

CAIRBAR SCHUTEL

No dia 30 deste mês faz dezoito anos que Cairbar ingressou na verdadeira pátria, a espiritual. Entretanto temos a impressão de que a sua passagem se verificou há dias, tão empenhados nos achamos no prosseguimento de sua obra, de alma e coração, vendo os dias, os mêses e os anos a correrem celeremente. E' o milagre do trabalho perseverante, que não nos dando treguas, tem o mágico poder de desviar a nossa atenção até das nossas dores, dos nossos sofrimentos, das nossas provações para que nos dediquemos a fundo no trabalho espiritual, que tem como figura central o Cristo a nos indicar a senda da redenção.

O 18.° aniversário do passamento do nosso amado compaheiro Cairbar Schutel vem encontrar a humanidade ainda mais dividida pelas ideologias, religiões e interêsses materiais. E' o sinál do fim dos tempos. As profecias marcham cada vez mais depressa no cumprimento da Lei de Deus. E' possível que estejamos mais perto do fim do que pensamos. E que chegue mesmo o Fim logo, porque só assim teremos um só rebanho e um só Pastor — Jesus Cristo.

Caro amigo e companheiro Cairbar : ao ensejo do 18.° aniversário do teu desincarne, aceita as nossas homenagens com grande aféto e amor e pede a Jesus que te renove a permissão de nos ajudares a levar para a frente a tua obra, obra que nos é comum, porque é de Jesus

Aos visitantes de Pedro Leopoldo

HENRIQUE RODRIGUES

Inegávelmente, os espíritas de Belo Horizonte desfrutam de uma situação mais vantajosa de que os outros confrades dêste Brasil tão grande, em razão de sua maior proximidade de Pedro Leopoldo. Mas, a vantagem é sòmente essa, o que importa, outrossim, em responsabilidades maiores, «porque muito será pedido a quem muito recebeu». Entretanto, assim como «o hábito não faz o monje», o espírita poderá ir semanalmente às sessões do Centro Espírita Luiz Gonzaga e de espírita só conservar o rótulo, ou seja, o *hábito do monje*. Há um *pequenino equívoco* no qual não poucos incidem, ao julgarem que o contacto com Pedro Leopoldo e o que êle representa, santificará a criatura, exonerando-a do trabalho da exercitação dos valores mais altos nos confrontos da vida mundana. O céu não é mercadoria que se compre à custa de orações e, muito menos, no formalismo do comparecimento religioso aos templos espirituais.

Quem vai a Pedro Leopoldo, pela primeira vez, não sabe de uma infinidades de «coisinhas» que não saltam aos olhos do observador turístico ou superficial. E' comum portanto o aparecimento de certos desajustes que poderiam ser evitados, se os ocasionais visitantes guardassem uma certa cautela. Vejamos :

As sessões são realizadas às segundas e sextas-feiras, iniciando-se os trabalhos às 21 horas, sendo que pouco antes é promovida a formação da mesa. Normalmente, o término da reunião se dá entre 24 à uma hora do dia seguinte mas, em tempos idos, já assisti a reuniões que terminaram por volta das 2,30 da madrugada. Após a prece é feita a leitura de um capítulo do «Evangelho segundo o Espiritismo» e algumas perguntas e respostas do «Livro dos Espíritos». Como vêem embora o mentor espiritual de Centro seja Emmanuel, os estudos observam a orientação de Kardec. Não há pois Emmanuelismo *em Pedro Leo-*

poldo e, quando isso surge, invariavelmente é promovido por algum visitante, que naturalmente, julga assim render um tributo de admiração a Emmanuel.

Lembro-me bem de ter assistido a uma reportagem feita pela «Revista da Semana» na qual, o promotor se interessava muito por fatos relacionados com o Chico e com Emmanuel. A resposta dêste foi para que deixássemos de lado o que chamou de «Chiquismo». Se queremos realmente, agradar o céu e a terra, o «Emmanuelismo» e o «Chiquismo», deverá ser evitado. Quem conhece melhor os personagens de Pedro Leopoldo sabe como são recebidas intimamente essa mania espírita de ir dizendo: — «Chico, você é o maior!» — «Emmanuel, o sàbio e o santo, etc...» — «Chico, guarde um pedaço do céu para mim». E é Chico p'ra lá e p'ra cá. E é *bom Emmanuel* p'ra lá, e outra vez p'ra cá. Quem assim procede, precisa compreender que está investindo o alheio, com uma responsabilidade muito grande.

Após a leitura dos pontos sorteados, inicia o médium o exaustívo trabalho de responder ao receituário, para o físico e para a alma, que ronda pela casa de 400 a 500 solicitações. Muitos acharão o número excessivo, embora seu irmão André Xavier atenda outro tanto *por sessão*, mas o caso é que cada visitante contribui para a «enchente» que, iniciando-se com a volumosa correspondência, que importa ainda no trabalho de resposta postal, engrossa com a remessa particular de outros centros circunvizinhos, para transbordar com a contribuição de pedidos dos presentes.

Um fulano vai a Pedro Leopoldo e, para provar aos amigos que foi, pede receita para o pai, a mãe, o cônjuge, os irmãos, os filhos, os sogros, os netos, os avós, os cunhados, os tios, os sobrinhos, os amigos. Resultado: vemos às vêzes um cidadão, inocentemente é bem verdade, soltar no «monte» de receitas do Chico um respeitável calhamaço. Não vou analisar aqui o cerne de algumas indagações, da mais variada natureza, pois muitas fariam rir um austero frade de pedra. Por meu intermédio, alguém já pediu para solicitar de Emmanuel sua interferência num processo complicado de herança, a fim de ser beneficiado. Há confrades que esquecidos de alicerçar um futuro melhor, insistem em pesquisar o passado, próximo ou remoto. E chovem as perguntas, verbais ou escritas, sobre as incarnações pretéritas. Os vaidosos acham-se os grandes do poder temporal. Conheço vários reis e rainhas, papas, generais, políticos, todos com respeitáveis bagagens históricas. Outros, descobrem sua genealogia kármica em santos e missionários. Há os contragolpistas, que se projetam no extremo oposto, isto é, são «obscuras reencarnações de humildes lixeiros, garis, lavadeiras, escravos, etc...» Não convencem... O melhor é deixarmos essa psicose, principalmente quando ela dá trabalho ao próximo ou obriga o alheio a hipócrita atitude de quem concorda para não ser grosseiro.

Posso dizer, com base na observação que, 80 % das solicitações feitas é pura viciação, e que, sòmente 20 % representam urgentes e reais necessidades. Em razão dos 20 % de necessitados, o médium carrega o contrapêso dos 80. A maioria, uma vez com a receita no bolso, para seus males físicos ou morais, conserva-se absolutamente no mesmo tamanho de conduta. Nem toma o remédio solicitado, nem segue o conselho recebido.

Enquanto o médium atende a êsse expediente, um outro vai tendo curso, isto é, o desdobramento, o estudo dos pontos sorteados, que é feito pelos componentes da mesa e, ocasionalmente, por elementos da assistência. Já houve sessões de 5 horas, mas, normalmente, ê 3,30. E' necessário encarecer a transcendental importância dêsse trabalho da forma e de quem o executa. E' êle que forma o ambiente vibracional. Em certas noites, com elementos capazes de falar *substanciosamente* durante uma ou mais horas, a tarefa não é tão pesada. Mas em certas ocasiões, a ausência de confrades conhecedores do «metier», sobrecarrega um abnegado que durante horas se esforça para manter o equilíbrio mental dos assistentes, e assim não tornar mais pesada a tarefa do médium, já por si só ingente.

Não é facil falar em Pedro Leopoldo. Aí vai um aviso aos oradores. Pelo destaque conseguido, a assistência é invariávelmente heterogênea. Católicos, protestantes, ateus, espíritas, umbandistas, teósofos, padres, pastores, médicos, engenheiros, advogados, escritores, cientistas, filósofos e religiosos, numa vastíssima gama de credos, profissões e disposições, agrupam-se em tôrno da mesa retangular do Centro Espírita Luiz Gonzaga. Para não comprometer o Espiritismo diante dos que nada sabem desta doutrina, é preciso cuidado para não dizer tolices, não patentear ignorância de coisas elementares. E' ainda justo evitar, os naturais choques ou ressentimentos espirituais, não menosprezando nem atacando método, ritual ou norma religiosa. Alguns, entretanto, têm acentuada vocação para, por exemplo, tecer considerações desprimorosas sôbre a Igreja Romana, aos padres e profitentes. Não é preciso ser sensitivo para observar a «baixa» do padrão vibratório, e o maior esfôrço do médium. Quem assim procede, melhor faria se ficasse calado. Também contraria a orientação do mentor espiritual, aquêle que leva para Pedro Leopoldo suas fobias e idiossincrasias por êste ou aquêle aspecto do Espiritismo, pretendendo que êle seja isto ou aquilo, que o corpo do Cristo tenha sido fluidico, plástico ou carnal. E' de bom alvítre usar o tato psicológico quando pretendemos alcançar a iluminação dos outros, procurando não azorragar, para não provocar a natural atitude de defesa de quem é agredido. Pode-se mostrar o melhor, sem necessàriamente investir contra o pior. O útil não agride o inútil, substitui-o. Resta ainda que nos capacitemos de que tudo o que é ou existe feito por Deus, e, como tal, tem uma razão de ser.

Muitas vêzes, com a nossa habitual imprudência e ignorância, investimos contra algo essencial. E' bom também que o orador se guarde de elogiar o médium durante os trabalhos; isto o perturba, pois quase sempre tal procedimento corre por conta da falta do que falar. Se o assunto acabou, se colaborou 5 minutos, não importa o tempo. Nem sempre o melhor é o que falou mais, e sim, o que disse mais em menos tempo. Há gente que se perde em elogios ao Chico, em contar vantagens e monótonos acontecimentos de sua vida particular, e numa falsa atitude de modéstia, arenga em dizer-se o menor, o incapaz, o destituido de predicados para falar. E vai falando... criando com isso «um vácuo» no ambiente, porque não está dizendo nada, e as mentes presentes, encarnadas e desencarnadas, rapidamenie se projetam nos mais variados, contradiços e antogônicos pensamentos, geradores de vibrações contrárias ao trabalho que alí se faz. E dizer que há tanto aspecto atraente, substancioso, atual, dentro do Espiritismo, ricos em ensinamentos de valor para a vida em nossos dias !...

A assistência desempenha outro importante papel, e chamo a atenção dos que se dizem espíritas. Aquêle que não sabe falar, pode ajudar e muito, conservando-se *em precioso* silêncio, orando por aquêles que, não sendo espíritas, emitem autênticos jatos de zombaria, de impertinência, de curiosidade malsã, que dificultam o trabalho do médium e dos oradores. Todos devem ajudar, e essa é uma forma de valiosa colaboração. E' lastimável verificar que pseudos espíritas se levantam com ruído durante a sessão, conversam em voz alta, murmuram, cochicham, recolhem, passando entre os membros da mesa, as garrafas com água prèviamente postas para fluidificação. Ao convite para passarem à sala de passes, levantam-se intempestivamente, numa indelicada atitude para com quem está falando. Ainda aquí, pela necessidade de 20 %, é necessário carregar o pêso de 80.

Em geral, quem vai a Pedro Leopoldo pela primeira vez, faz «cabelo, barba e bigode», isto é: tira receita, precise ou não, para si e todo mundo, leva água para fluidificar, toma passe, enche o Chico de elogios, entôa hosanas a Emmanuel, colhe o autógrafo do Chico em livros que compra e depois encosta sem ler, leva uma flôr da mesa, às vezes tira fotografias, sai falando macio e com a alma leve por descarregar, no pobre médium, o pêso magnético das mazelas morais, na troca inocente de abraços.

Quanta coisa trágica e cômica nos desvãos de Pedro Leopoldo, do Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Francisco Cândido Xavier e de Emmanuel...

E a ronda dos golpistas ? Um dos mais inocentes é êste.

Em qualquer lugar dêste Brasil é programado um festival, comemoração, inauguração, e alguém, precisando impôr prestígio, vislumbra tal oportunidade pela leitura pública, durante a solenidade, de uma página de Emmanuel, se possível, que aluda diretamente ao trabalho do «dirigente». Arquiteta-se o golpe. O cidadão vai ou manda um emissário e, durante o receituário, no alto de uma folha de papel escreve:

«Fulano de tal: rua, número e cidade». E logo a perguntinha:

«Qual a orientação ou o que acha do trabalho que estou executando ou que pretendo concretizar?»

Nitidamente é gente que quer «chuva no molhado». A resposta é uma só, variando apenas nos têrmos: Todo mundo está sob a égide de Jesus! Todos são exortados ao bem, ao trabalho, ao amor ao próximo. Qualquer empreendimento honesto *terá sempre* o auxílio do plano invisível, espiritual ou semelhante!

O cidadão que recebe tal resposta acha-se um privilegiado, que é só êle, pretendendo fazer crer aos outros sua investidura especial de missionário. Não percebe êle a ressalva final. «Que Jesus nos abençõe».

Como os teólogos refutam... (O Antigo Egito)

— II —

Penetremos na terra dos faraós, por imposição de Frei Boaventura Kloppenburg.

Eis o que nos diz o teólogo, o homem que encerra em suas mãos, por delegação de seus maiores, o poder e o dever de combater o Espiritismo no Brasil:

> «Com muita ênfase sublinham os modernos advogados da vida sucessiva as idéias reencarnacionistas que teriam florescido com particular vigor no Antigo Egito . . . .
>
> No entanto é verdade que no antigo Egito não se conhecia a filosofia das várias existências terrestres. A escatalogia egipcia já é bem conhecida e não permite semelhantes doutrinas. Só poucas vêzes e excepcionalmente algumas almas eram condenadas por Osiris a retornar à Terra, tomar o corpo dum porco e viver miseravelmente». (Frei Boaventura— «A Reencarnação—Exposição e Crítica», pag. 41).

Esta afirmativa, por si só, já é suficiente para demonstrar que a metempsicose já existia no Egito; mas não nos contentemos com tão pouco.

A doutrina egípcia admitia a «queda dos anjos»; os anjos decaídos seriam as almas humanas, e estas teriam que reecarnar-se até a purificação completa. Caídas na carne, submetidas às suas vicissitudes e às suas paixões, estas almas teriam que evoluir, em renascimentos consecutivos, até que tivessem desenvolvidas tôdas as faculdades, obtido o império completo sôbre a natureza inferior, e adquirido sua pureza original; esta não seria mais a pureza insconsciênte da inocência da primeira idade, mas a pureza consciênte da maturidade, isto é, da alma conhecedora do bem e do mal no curso de suas experiências, de quem venceu a serpente da matéria tentadora e escolheu voluntariamente o caminho da virtude.

O «Julgamento» de após vida, continua o exoterismo de Khem (O Egito) decide do grau de pureza atingido; se êle é insuficiente, a alma volta à Terra para aí habitar, segundo seus méritos ou suas faltas, em forma humana, animal ou vegetal.

Estas linhas nos mostram, diz Th. Pascal, em «Essai sur l'évolution Humaine», à pág. 194, que o ensinamento egípcio chegou até nós envolvido de grosseiras escórias e que êle deve ser peneirado escrupulosamente. Quando êste trabalho estiver concluido, ver-se-á que êle compreendia, em realidade, como na Índia, a exposição das transmigrações especiais aos elementos dos diversos veículos (corpos).

Heródoto, por exemplo, nos diz:

> «Os egípcios foram os primeiros a divulgarem a teoria da imortalidade da alma: êles ensinavam que logo que ela deixa um corpo, entra em outro pronto a recebê-la, e que depois de haver percorrido tôdas as formas criadas na terra, no ar e nas aguas, volta em um novo corpo humano nascido para ela. Êste cíclo, através de suas formas diversas necessitaria de três mil anos para sua ultimação». (Histoires, t. II, liv. II. c. CXXIII).

Edouard Schuré, em «Santuaires d'Orient», pg. 72, afirma:

> «As idéias dominantes da cosmogonia dos gregos estão contidas nas dos egípcios. Sua doutrina sôbre a alma e sôbre a vida ulterior, sua concepção das relações do homem e da divindade, se une aos mistérios de Isis e de Osiris».

O mesmo autor, à pg. 87, referindo-se à pirâmide, assim se expressa:

> «Luzindo no fundo dêste túmulo, sôbre o basalto funerário, no seio virgem da areia branca, o sol alado de Horus, só tem um sentido.
>
> «Sua voz máscula ressoa na vida universal dos símbolos e domina tôdas as outras, como o acorde perfeito resume tôdas as harmonias. Êle diz: «O Espírito é Um: a Alma sua carne vivente, é imortal, e sua vida através de todos os mundos se chama: «Ressurreição».

O «Livro dos Mortos», de cuja antiguidade, estamos certos, nem o emérito teólogo porá em dúvida, será citado em apoio de nossas asserções:

> «O mau piloto é representado no «Livro dos Mortos» (edição de Lepsius em hieroglifos acompanhados de vinhetas) por um remador sentado em um barco, a cabeça voltada para trás E' o instinto material que faz voltar à terra com a reencarnação».
>
> «O bom piloto é figurado por um remador que tem a cabeça voltada para a prôa. E' a aspiração ao mundo divino. A serpente Aker é a atmosfera elementar da terra e de sua atração, a esfera sub lunar é a submissão a lei do desejo, da geração e da morte.—O lugar do aniquilamento é uma região especial onde são destruidas as almas nas quais predomina o mal». («Sanctuaires d'Orient», C. O Egito Antigo, pág. 119 — E. Schuré).

Permita-nos, o paciente Frei, alinhavarmos mais algumas citações. Sabemos um tanto massuda sua leitura, mas, além de instrutivo, é um imperativo de quem se defende não só da pecha de ignorante, que isto seria uma verdade, mas da inconsistência de nossas afirmativas, o que é falso.

> «A ressurreição definitiva é figurada no «Livro dos Mortos» e sôbre os monumentos funerários pelo gavião com cabeça humana (símbolo do espírito puro) planando sôbre a múmia (símbolo da alma terrestre). O que ressuscita, segundo a doutrina exotérica, é a parte etérea da alma e não o corpo físico. Na opinião popular, então tolerada e favorecida pelos padres, materializa-se esta idéia toda espiritualista e aplica-se à ressurreição do corpo. Daí a prática do embalsamamento e a necessidade de conservar as múmias levada até o fanatismo.
>
> A verdadeira doutrina egípcia sôbre a constituição do homem e a natureza da alma, foi penetrada com lucidez e exposta de uma maneira magistral por M. Maspero em seus «Estudos Egípcios», pág. 191, e em sua «História Antiga sôbre os Povos do Oriente», pág. 357. (Ed. Schuré — «Sanctuaires d'Orient».
>
> «Abre-se o Céu, abre-se a Terra, abre-se o Sul, abre-se o Norte, abre-se o Oeste. Eu saio das multidões circulantes, e eu me recomeço entre os manes». («Livro dos Mortos», C., CXXX).
>
> «Sua palavra torna-se luz, e a luz torna-se palavra. Pois, das alturas fulgurantes, milhares de vozes respondem a seu grito: «O Céu se abre quando o deus torna a sair». (Inscrição do túmulo de Knoum-Hotep, em Beno-Hassan).
>
> «O rio de ouro vem de Osiris, a Inteligência; o rio azul-marinho vem de Isis, o Amor; o rio purpurino vem de Râ, a Vida; o rio esmeraldino vem de Nephtys, a substância universal». («Livro dos Mortos», C. CLXI. Da abertura das portas do Céu feita por Thot a Osiris Ounoufré e dos quatro ventos).

Sôbre estas águas celestes, voga majestosamente a barca de Isis; a deusa está sentada no leme; seu filho Horus, armado de lança, está no pé da prôa,

Ao centro da barca, diz Schuré, se ergue uma capela cujos capitéis, em colunas de lotus, suporta à guisa de cúpula um globo brilhante, reflexo do sol de Osiris. Nêste templo resplandecem as sete grandes divindades; pois, no mundo celeste, todas as idéias aparecem como pessoas, e cada espírito as percebe conforme sua fôrça. A cada vista, a alma exulta e grita:

> «Sinto passar em mim o sôpro dos deuses. Eu sou Osiris, Isis, Râ e Nephtya». Os náuticos respondem: «Sobe na barca para cumprir teu ciclo divino, em milhões de anos». — Recebido na barca, o homem tornado um Osiris, grita: «Eu sou ontem e conheço o amanhã. Eu estou apto para nascer uma segunda vez. Eu atravesso o Céu, nêle fazendo luz. Vôo para iluminar os manes. Abro e fecho. Isto me foi concedido pelo bom Senhor». (Ibidem — Esta barca está pintada sôbre o muro esquerdo da capela central de Abydos, consagrada a Osiris». — «Sanctuaires d'Orient», pág. 125.

O Egito tinha multiplicado os símbolos da palingenesia.

A ressurreição era simbolizada pelo sapo que se tornava então a deusa Hiquet. Haviam escolhido êste animal porque êle tanto vive, na água como no ar, e segundo a crença antiga, pode ficar fechado durante muitos anos sem ar nem alimento e tornar em seguida à vida.

G. Maspero em «Guide du Visiteur au Musée de Boulac», ensina que os primeiros cristãos do Egito haviam adotado êste simbolismo, e que as lâmpadas de suas igrejas tinham a forma de um sapo, e traziam em grego, a inscrição: «Eu sou a Ressurreição». Esta deusa sapo se vê ainda no museu de Boulac.

Outro símbolo da palingenésia no Egito, é o escaravelho. Segundo Mme. Blavatsky, êste têrmo na lingua egípcia é Khonopiroo e vem da raiz Koproo, que significa voltar de novo, renascer. O escaravelho representava a «personalidade», a expansão da substância mental projetada, por assim dizer, pelo corpo causal, em cada encarnação, no novo corpo astral. Colocavam o escaravelho, em certa quantidade, com as múmias, e representavam-no pousado sôbre uma espiga, a qual simbolizava as aquisições feitas no curso das vidas passadas e terrestres. Com efeito, o desenvolvimento do Ego é feito como a da semente jogada na terra em cada encarnação: esta semente é o novo corpo mental que vai dirigir os novos corpos astral e fisico, e a personalidade que se desenvolve assim no curso de cada encarnação; é verdadeiramente a flor e o fruto do labor da vida.

A egiptologia sagrada nos diz que o escaravelho deseja ser «osirificado», a ser reunido à sua «alma vivente», ou corpo causal de onde surgiu.

E' esta a luta que o Egito consignou em seus anais, quando ela foi inscrita nos papiros, e gravada na pedra a viagem da alma na região da sombra. A alma, — a personalidade mental, — que marcha para a «osirificação», que evoca seu deus e emanador, o Ego, e lhe pede que o atraia para que possa viver com êle, é o «eu inferior»: êste «ego» não esgotou o «desejo de viver» na terra, seu desejo se imprime no corpo causal e atrai o «ego» à reencarnação, — eis porque êle pede e deseja a ressurreição de sua «alma vivente». (Th. Pascal, ob. cit.).

O mais sugestivo e o mais elevado dos símbolos palingenésicos dos egípcios, é sem contradita o do «OVO». O defunto está «resplendente no ovo, sôbre a terra dos mistérios». (Ritual Z, XII, 1).

No «Oedipus egyptiacus», t. III, pag. 124, de Kircher, vê-se um ovo, — o «ego» liberto de seus veículos, — flutuando sôbre a múmia: é o símbolo da esperança, é a promessa de um novo nascimento para a alma depois de sua gestação no ovo da imortalidade.

O «globo alado», espalhado em profusão no Egíto, é uma forma do ovo e possui a mesma significação; suas asas indicam sua natureza divina e não permitem confundí-la com o germe físico.

Os «Ovos de Páscoa», oferecidos na primavera, — no renovamento, no renascimento da natureza, — não são mais que uma comemoração dêste antigo símbolo da Vida eterna em suas fases sucessivas de desencarnação e de renascimento.

Como vê, o ilustre teólogo, o Velho Egíto participou da crença palingenésica. Mais fundo não podemos sondar o passado e eis o motivo o porque, não deixamos guardados em nossas gavetas, nem o nosso livro «Reencarnação e Suas Provas», nem as afirmativas contidas nêle.

Mario Cavalcanti de Melo.

Aviso Oportuno

Meus amigos: Louvado seja o Senhor.

Em minha última romagem no campo físico, mobilizando os poucos préstimos de minha boa vontade, devotei-me ao serviço da cura mediúnica; no entanto, desencarnado agora, observo que a turba de doentes, que na Terra me feria a visão, aquí continua da mesma sorte, desarvorada e sofredora.

Os gemidos no reino da alma não são diferentes dos gemidos nos domínios da carne.

E dói-nos o coração reparar as filas imensas de necessitados e de aflitos a se movimentarem depois do sepulcro, entre a perturbação e a enfermidade, exigindo assistência.

E' por esta razão, hoje reconhecemos, que acima do remédio do corpo temos necessidade de luz no espírito.

Sabemos que redenção expressa luta. E que resultados colheremos no combate evolutivo, se os soldados e obreiros das nossas empresas de recuperação jazem desprevenidos e vacilantes, infantilizados e trôpegos?

Nas vastas linhas de nossa fé, precisamos armar-nos de conhecimento e qualidade que nos habilitem para a vitória nas obrigações assumidas. Conhecimento que nasça do estudo edificante e metódico, e qualidade que decorra das atitudes firmes na regeneração de nós mesmos.

Devotamento à lição que ilumine e à atividade que enobreça.

Indubitàvelmente, ignoramos por quanto tempo ainda reclamaremos no mundo o concurso da medicina e da farmácia, do bálsamo e do anestésico, da água medicamentosa e do passe magnético, à feição de socorro urgente aos efeitos calamitosos dos grandes males que geramos na vida, cujas causas nem por isso deixarão de ser removidas por nós mesmos, com a cooperação do tempo e da dor.

Mas, porque disponhamos de semelhante alívio, temporário embora, não será lícito olvidar que o presente de serviço é a valiosa oportunidade de nossa edificação.

A falha de respeito para com a nossa própria consciência dá margem a deploráveis ligações com os planos inferiores, estabelecendo, em nosso prejuizo, moléstias e desastres morais, cuja extensão não conseguimos sequer pressentir; e a ausência de estudo acalenta em nossa estrada os processos da ignorância, oferecendo azo às mais audaciosas incursões da fantasia em nosso mundo mental, como sejam: a acomodação com fenômenos de procedência exótica, presididos por rituais incompatíveis com a pureza de nossos princípios, o indevido deslumbramento diante de profecias mirabolantes e a conexão sutil com inteligências desencarnadas menos dignas, que se valem da mediunidade incauta e ociosa entre os homens, para a difusão de notícias e mensagens supostamente respeitáveis, pela urdidura fantasmagórica, e que encerram em si o ridículo finamente trabalhado, com o evidente intuito de achincalhar o ministério da verdade e do bem.

A morte não é milagre e o Espiritismo desceu à Humanidade terrestre com o objetivo de espiritualizar a alma humana.

Evitemos proceder como aquêle artífice do apólogo que pretendia consertar a vara torta, buscando aperfeiçoar-lhe a sombra.

Iluminemos o santuário de nossa vida interior e a nossa presença será luz.

Eis a razão por que, em nos comunicando convosco, reportamo nos aos quadros dolorosos que anotamos aquí, na esfera dos ensinamentos desaproveitados, para destacar o impositivo daquela oração e daquela vigilância, perenemente lembradas a nós todos pela advertência do nosso Divino Mestre, a fim de que estejamos seguros no discernimento e na fé, na fortaleza e na razão, encarando o nosso dever face a face.

IGNACIO BITTENCOURT.

(Mensagem psicofônica, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da noite de 10 de Novembro de 1955, no Grupo «Meimei», em Pedro Leopoldo).

Religião e Ciência

OS MORTOS E A VIDA ESPIRITUAL

— VIII —

Entrando, agora, em outra ordem de elucidações, folheando o Evangelho, vamos examinar a situação dos espíritos sepultados nos túmulos da carne, em relação a vida espiritual.

Jesus, em todas as suas pregações, através de parábolas e outros ensinamentos, cita a vida futura como ponto de convergência para todos os nossos esforços de rehabilitação espiritual; e, referindo-se aos mortos, pela cegueira espiritual, considera-os compreendidos entre os espíritos reencarnados, de um modo generalizado, bem como os desencarnados, ainda dominados por essa cegueira.

Ao mancebo que lhe pedira permissão para ir primeiro enterrar seu pai, como se lê nos vers. 21 e 22, cap. 8 do Evangelho de Mateus, o Mestre responde a êsse moço, que era um de seus discípulos: «Segue-me, e deixa aos mortos sepultar os seus mortos».

Assim, pode-se admitir que os espíritos culpados, reencarnados, são considerados como mortos, enquanto não se rehabilitarem pelas provas regenadoras.

No cap. 5 do Evangelho de João, vers. 26, 27, 28 e 29, Jesus apresenta-se como Juiz com autorização de seu Pai para o julgamento que iniciara com a sua missão e o continuaria, em todos os tempos, até o Juizo Final. Examinemos o vers. 24, dêsse mesmo cap. 5 do Evangelista João, onde Jesus ensina: «Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê Naquêle que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte (reencarnação) para a vida». No vers. 25 dêsse mesmo cap.: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, (reencarnado) viverá. E todo aquêle que vive (desencarnado) e crê em mim, nunca morrerá (reencarnará).

Examinando-se êsses ensinamentos evangélicos, torna-se viavel a seguinte interpretação:

Que o espírito reencarnado no cumprimento de provações que se mantiver firme nas palavras de Jesus, pela fé e pelas obras, conseguirá libertar-se, definitivamente, das reencarnações.

Comprova-se, assim, que a palavra morte empregada por Jesus, classifica nessa situação o espírito reencarnado no cumprimento de provações; quando as mesmas terminam, rehabilita-se êsse espírito da cegueira espiritual e cumpre-se aí a sua transformação, como ensina o apóstolo Paulo em sua I epístola aos Coríntios, para esclarecer quando isso ocorre, no cap. 15, vers. 55 e 56: «Onde está ó morte (reencarnação) o teu aguilhão? Onde está ó Inferno (provação) a tua vitória?»

Pelos ensinos de Jesus e os dêsse apóstolo, nos trechos evangélicos citados, pode-se concluir que a vida real e verdadeira é a do espírito liberto de todas as imperfeições e que êle, enquanto não lograr atingir a êsse objetivo, estará sujeito a permanecer nas trevas das mortes (reencarnações). A palavra morte deve ser, pois, compreendida como um fenômeno de transformação. Hoje já está provado, pela ciência, que a própria matéria não morre ou desaparece. Nela existem, energia e vibração, fôrças que a compelem a continuados e constantes movimentos de transformações nos três reinos da Natureza.

Verifica-se, pelo que acabamos de expôr, que sendo a morte um episódio transitório na vida dos espíritos, não estão sujeitos a condenações eternas os que se revelem culpados endurecidos. No cap. 10, vers. 28 do Evangelho de Mateus, Jesus alude ao perecimento da alma e do corpo no Inferno da provação. Convém, no entanto, esclarecer que os verbos perecer e morrer formam palavras sinônimas; e, nêsse sentido tal alusão fica bem esclarecida com as explicações que apresentamos sôbre a palavra morte.

No mesmo cap. 10 do Evangelista Mateus, vers. 39, Jesus afirma, sempre com o fim de dar um sentido exáto e sem contradições aos seus ensinos, embora com expressões diferentes: — «Quem achar a sua vida, perde-la-á; e quem perder sua vida por amor de mim, acha-la-á». A interpretação que nos parece mais indicada para êsse ensino evangélico, é a seguinte: Que o espírito de conduta desregrada, como encarnado, que não crê na existência de Deus e na imortalidade da alma e não se entrega a nenhuma obra meritória de amor ao próximo, senão também aquêle que se confessa espiritualista, mas não cumpre com os seus deveres, afastando-se, a todo instante, dos preceitos morais previstos no Cristianismo, ao entrarem ambos na vida espiritual, irão verificar que as vidas de provas reparadoras, dessas reencarnações, foram perdidas; o que não acontece com aquêles que, renunciando às grandezas e seduções da vida material, não fazem questão de perde-las, só se preocupando em permanecer nas palavras de Jesus até o fim de suas provações, para poderem entrar no conhecimento da verdade sob cuja luz conseguirão livrar-se de todas as imperfeições.

Justificando com as maravilhosas curas que realizou, perante multidões, as credenciais de sua elevada sabedoria, fez o Divino Mestre da virtude, da humildade, o padrão-mór de sua grandeza moral.

A pureza de sua vida, comprovada em todos os seus atos, imortalizou a sua obra evangélica, para que ela pudesse permanecer sempre rediviva na memória das gerações.

Dignificando o trabalho honesto como indispensável ao impulso criador das civilizações, preconizou o amor a Deus, pelo entendimento e ao próximo, pela fraternidade, como os principais fundamentos das virtudes que conduzem as almas às grandiosas concepções da Espiritualidade.

Resumindo, assim, os seus ensinamentos na prática do amor e da caridade, não patrocinou exclusivismos religiosos, de qualquer modalidade. Mantendo-se à altura da grande missão que lhe foi confiada, não cessou de acentuar e repetir, que os caminhos da luz espiritual, franqueados para todos nós, pelas lições de seu Evangelho, só nos serão possível atingir pelo mérito das obras.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XI CAPÍTULO

Viagem até Esplanada

1—Minha mãe, sentindo que a miséria apertava, apelou para o Juiz de Direito, Dr. Sergio Loreto, que seria, depois, Governador de Pernambuco. Sabendo que os parentes de meu pai residiam em Esplanada, decidiu-se o bondoso Juiz a mandar levar-nos até aquêle longínquo rincão baiano.

2—Nossa viagem de Jatobá do Itacaratú à Esplanada do Timbó foi qualquer coisa que, mais tarde, chegamos a comparar, sinão à *Retirada dos Dez Mil* — porque eramos sòmente seis pessoas e dois tropeiros, — mas a uma miniatura da *Retirada da Laguna*...

3—Seis pessoas — quatro mulheres e duas crianças — os retirantes!

4 — Dois tropeiros e três alimarias —sendo o responsável pela condução, o Antonio Condudú—assassino mais de uma vez. Mas, da absoluta confiança do Juiz de Direito. E homens, embora rústicos, respeitadores, cheios de cuidados e de atenções com os retirantes.

5 — O ano? Foi durante a explosão de Canudos. Os viajantes, comigo, embora muito criança, chegaram a ouvir a caminho, muito perto, reboar de tiros.

6—Barulho? Que barulho de tiros é êsse, tão grande e tão perto?

— É Canudos, de Antonio Conselheiro. O governo está atacando os jagunços do Conselheiro!

⁂

7—Viajamos, primeiro, a trem, até à Estação de Pedras. Daí por diante, em animais. O calor era intensíssimo. A seca causticava. Água? Só por milagre. A melhor, a que ainda se encontrava fresquinha nas palmas do mandacarú, a contida na raiz dos umbuzeiros. As cacimbas, secas, esturricadas. O Céu, de um azul puríssimo, sem nuvem, não prenunciava chuva. Bebia-se até água estagnada, tanta era a sêde. Punha-se um pano menos espesso em cima e bebia-se.

Em muitos poços, a água fedia. Contudo, ninguém se enfermou.

8 – Nem se alterou a matula: carne de sol com farinha seca, pimenta, rapadura, café de tropeiro com açucar mascavo, uma brasa dentro, para o pó assentar, e paneladas de fruta-pão, aipim, batata doce, macacheira, jirimús.

9 — Descanso à sombra das árvores, nas horas mais cálidas do dia. E dormiamos onde a noite nos surpreendesse. Dificilmente encontravamos casa, hospedagem ao alpendre, nas rêdes armadas. Rêdes que se armavam ordináriamente, nas galhadas das árvores.

10 — A melhor e mais demorada hospedagem que tivemos, foi em Geremoabo, em casa de um antigo conhecido de meu pai, homem alegre e bom. Os visinhos, uns pretos. Mas, gente boa e amiga. E eu, menino muito levado e vivo, me prestava às brincadeiras que o sr. Jesuino tirava com os visinhos. Dessas brincadeiras, uns versinhos que êle me fazia cantar, com voz muito desafinada, muito feia, era a da sua e da minha preferência :

Eu não quero bem a negro,
Nem que seja meu parente.
Que negro tem o costume
de fazer vergonha a gente...

11 — E as montarias ?

Dois cavalos de sela e um bagageiro.

12 — Minha mãe e Odilia, cada uma, com um menino à garupa, num cavalo. O José, no cavalo bagageiro, encanchado na cangalha. Dadá e Erondina, a pé, juntamente com os tropeiros. E como se cansavam, e choravam, e se desesperavam as duas, ao longo da viagem. Quando os cavalos andavam mais, ambas se atrasavam. E tinham de correr, o que faziam a gemer e a chorar, para nos alcançarem. Ou tinhamos que parar, esperando-as. Aquilo doía-me na alma. E eu fazia, às vezes, manha de menino grande, a chorar também ; queria por fôrça que a Erondina montasse como eu. Outras vêzes, queria descer para andar como ela, ao seu lado. Minha manha comovia a tropa. Minha mãe e tia, por vezes, desciam e andavam, também, a pé alguns passos. Mas, as duas angustiadas andarinhas se recusavam a tomar-lhes o lugar nas montarias... Quando, no primeiro pouso, nós lhe vimos os pés chagados, e inchados, em rústico tratamento, como sofriamos todos !...

13 — De muitas cousas já não me lembro. E, saindo estas memórias depois do desencarne de minha mãe... Não me lembro de quando saímos de Jatobá, de quando chegamos à Esplanada. Não me lembro de outros precalços de viagem, como, por exemplo de uma onça, de que falava minha mãe, que teria olhado, à distância, os viajantes, enquanto dormiamos e um tropeiro velava, talvez desejosa de papar um. Não me lembro de todas as cidades e logarejos dos Estados na Alagôas, Sergipe e Bahia, por que passamos, até chegarmos ao fim da viagem.

14 — Lembro-me da casinha pequenina e modesta de minha avó, mãe de meu pai, *Izenha*, na intimidade, cujo nome era Leopoldina Barbosa, onde ficamos. E de suas primeiras palavras e lamentações :

15 — Sou muito pobre, meus filhos! Mas, a casa vai ser de vocês.

Quando eu vim para aquí, trouxe meu *pé-de-meia* : quatorze mil réis de economias !...

* * *

E' justamente na vida de relação que surgem magníficas oportunidades para exercitardes as virtudes ativas e vos tornardes dignos do reino de Deus. Ponde em prática a paciência, a tolerância e a caridade e tereis alcançado a meta da felicidade, nunca vos esquecendo de que as imperfeições dos vossos semelhantes vos poderão dar o reino de Deus se as souberdes suportar. — CAIRBAR.

—:—:—

A cada geração Deus dá o que lhe pode ser útil na senda do aperfeiçoamento. A vós deu Ele o Evangelho. Sabei-o aproveitar, e sereis realmente ricos. — Mariquinhas.

MATERIALISMO E ESPIRITUALISMO

V. O. CASELLA

HOJE, com o despedaçamento do átomo, o materialismo sofreu rude golpe, não havendo mais razão para a sua existência como doutrina opositora ao espiritualismo. Os átomos, sem dúvida, podemos considera-los como os últimos redutos da matéria. São êstes invisíveis tijolinhos que se unem em combinações afins, para formar as moléculas componentes das células da estrutura física do nosso edifício humano. Se decompormos nosso corpo físico até chegarmos nesses últimos elementos, êstes serão os átomos de ferro, cálcio, hidrogênio, fósforo e outros tantos mais, componentes da nossa matéria. Essas invisíveis partículas são atualmente despedaçadas pelos nossos possantes aparelhamentos e ali, no seu interior, reina um perfeito sistema de subpartículas planetárias, movimentando-se na mais perfeita ordem, obedientes às leis keplerianas. Ora, para que a nossa ação inteligente se originasse do sêio da própria matéria, como julgam os materialistas, seria preciso que no âmago do átomo algo se revelasse como fôrça criadora da inteligência. No entanto, alí no sêio atômico, onde reside o ponto de encontro entre a matéria e energia, os cientistas nada perceberam como ação criadora de faculdades pensantes.

Assim, repetindo os conceitos flamariônicos, perguntamos aos que advogam a causa do materialismo: Qual o átomo da estrutura física do nosso corpo que possue essa maravilhosa propriedade, a inteligência, predicado êste responsável pelo amor, saudade e outros sentimentos que vibram nosso sêr? Quem será capaz de se aventurar a esta resposta em têrmos claros?

Ficaremos de espera.

O materialismo, apoiado sôbre bases falsas, tenta ainda sobreviver pela fôrça ou capricho, mas nunca pela razão. Hoje, para compreendermos a existência de algo além da nossa matéria, não é preciso buscarmos os fatos comprovados pelos fenômenos do ectoplasma. Basta penetrarmos, com o raciocínio, no coração da própria matéria que ela mesma nos revelará que alí, no seu sêio, não se encontra a origem geradora da inteligência. Êste nosso predicado pertence a outro agente, o espírito, cuja natureza ectoplásmica escapa ainda a análise dos instrumentais dos nossos laboratórios de pesquisas.

Restrições ao Livre Arbítrio

DEOLINDO AMORIM

— II —

Faz pouco tempo, estávamos discorrendo, aliás perfuntoriamente, sôbre o problema do livre arbítrio e do determinismo, durante uma palestra espírita, e lá estava um moço (estudante de medicina), que, não sendo espírita, aparecera no Centro apenas para acompanhar um amigo seu. Terminada a palestra, fomos informados, á saída, de que o estudante de medicina, fazendo críticas aos nossos comentários, dissera o seguinte: *ora, tudo isso está explicado pela endocrinologia; são as glândulas endócrinas que determinam o carater e o comportamento do homem.* Queria êle dizer, pelo que nos informaram, que a evolução do espírito não tem influência alguma no caráter e nas atitudes: tudo depende das glândulas de secreção interna. Tôda generalização é perigosa. A *endocrinologia* explica muita coisa, não há dúvida, mas é preciso notar que o caráter do homem não depende exclusivamente do estado das glândulas. E' justamente aqui, neste ponto, que o campo da especialização médica, por exemplo, embora restrito e privativo, não pode deixar de permitir a penetração de certos princípios filosóficos. Não é mais possível, hoje em dia, colocar no vestíbulo da cultura especializada uma legenda ou advertência proibitória, semelhante àquela que o filósofo antigo colocou à porta de seu retiro : *aqui não entra quem não souber geometria!* Não há, presentemente, um ramo da cultura que possa ficar, como se diz, hermeticamente fechado à incidência de solicitações e discussões mais amplas, fora do círculo restrito dos iniciados. Já dissemos isto mesmo, ainda há pouco, sôbre a obra de Fernando Ortiz — *La Filosofia Penal de los espiritistas*, precisamente porque o criminalista cubano, sem ser espírita, sai do campo limitado de uma especialidade e vai procurar, na filosofia do Espiritismo, a solução para muitos problemas de Direito Penal (*)

E' natural que um estudante de medicina, principalmente quando desconhece inteiramente a doutrina espírita, veja o problema do caráter pelo prisma exclusivo do funcionamento de certas glândulas. Se fosse realmente assim, nada mais facil do que classificar os tipos humanos de acôrdo com o seu sistema endócrino. A doutrina espírita não desconhece a influência das glândulas endôcrinas no comportamento do homem, mas o que a doutrina afirma, ao mesmo tempo, é que essa influência não destroi a tese filosófica do livre-arbítrio. Vejamos o que diz o doutrina espírita sôbre êste problema, que é, hoje, mais atual do que nunca :

> *O exercício das faculdades do espírito depende dos orgãos que lhe servem de instrumento. Aquelas (as faculdades) são enfraquecidas pela grosseria da matéria. (LIVRO DOS ESPÍRITOS,* questão n.º 367)

Afirma-se aí, inegavelmente, em tese geral, a influência do organismo sôbre a matéria ou, para usar linguagem mais técnica, a influência do *soma* sôbre o *psíquico*. Se o organismo, pela grosseria da matéria, pode enfraquecer as faculdades do espírito, dificultando-lhe, portanto, a percepção, é claro que a vontade sofre restrições inevitáveis. Isto quer dizer, portanto, que o espírito, quando encarnado, não goza da plenitude de sua vontade. Tese sediça na doutrina espírita. Acontece, porém, que a doutrina, ainda no mesmo capítulo, esclarece que

> *não são os órgãos que dão as faculdades, mas estas que promovem o desenvolvimento dos órgãos.*

Já se vê que é pela ação do espírito, pela vontade, finalmente, que os órgãos materiais se desenvolvem : não fôsse a vontade, ficariam atrofiados. Logo, a influência do organismo sôbre a alma não é absoluta, não chega ao extremo de anular completamente o livre arbítrio. Não devemos perder de vista o esclarecimento pessoal de Allan Kardec, logo ao pé da resposta que lhe dera o espírito instrutor :

> «*Se as faculdades tivessem seu princípio nos òrgãos, o homem seria uma máquina, sem livre arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos. Fôra necessário admitir que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas o são apenas porque o acaso lhes deu órgãos especiais, de onde se segue que sem tais órgãos êles não teriam sido gênios e que o mais imbecil poderia ter sido um Newton, um Virgilio ou um Rafael, desde que tivesse sido provido de certos órgãos*».

O órgão é o instrumento de que se serve o espírito para manifestar as suas tendências e aptidões. E' claro que o espírito necessita de órgãos indispensáveis ao exercício de funções humanas, mas daí não se pode concluir que, pelo fato de possuir tais e quais órgãos, um espírito venha a ser, sòmente por isso, um gênio, um iluminado, ainda que não tenha o necessário refinamento. A influência da matéria sôbre a alma cria dificuldade à percepção, porque restringe muito o campo de projeção, uma vez que o ritmo vibratório sofre limitações inevitáves. Entretanto — e é neste ponto que o Espiritismo se afasta do radicalismo determinista de certas correntes e escolas — a evolução do espírito modifica, de modo gradativo, a ação da matéria. Se, realmente, a deficiência de um órgão ou qualquer distúrbio endócrino pode alterar o comportamento de um indivíduo, sacrificando lhe, em grande par-

---

(*) — A obra de Ortiz foi traduzida por Carlos Imbassahy e publicada, há pouco, pela Livraria Editôra Allan Kardec (LAKE), de S. Paulo.

te, o livre arbítrio, também é verdade que, em determinados indivíduos, tais anomalias são superadas pelo desenvolvimento espiritual. Logo, a evolução do espírito pode levar o indivíduo a se sobrepor a tudo quanto lhe cause dificuldade à manifestação da vontade. Não é regra geral, mas disto decorre um princípio importante: *quanto mais adiantado é o espírito, mais facilidade tem êle para superar todas as restrições a seu livre arbítrio, sejam restrições físicas (doenças, defeitos, etc.), sejam restrições sociais.* Há indivíduos que, mesmo quando portadores de certas moléstias graves ou quando têm defeitos aberrantes, procuram evitar a formação de complexos, criam derivativos e chegam até à sublimação, e não se deixam vencer. Isto é prova de evolução espiritual. O livre arbítrio não é, aí, absolutamente tolhido, como parece.

Foi êste o ponto que o moço estudante quis refutar, quando faziamos a nossa palestra sôbre o livre arbìtrio e determinismo, tema velho e já muito surrado. Entendia o moço, dentro de uma concepção fundada sôbre uma espécie de supremacia das glândulas endócrinas, que o *homem não prêcede, não pode agir como quer,* uma vez que está na dependência do estado de suas glândulas, principalmente a *tiroide.* Se assim é, podemos concluir que todo o mecanismo dos atos humanos, toda a expressão do caráter depende exclusivamente das glândulas. Neste caso, a *endocrinologia,* que é apenas um campo de especialização, teria uma extensão incalculável, tal como a Filosofia, na Grécia antiga. A *endocrinologia,* se lhe quiséssemos dar tanta amplitude, terminaria invadindo a própria seára da Filosofia, porque, assim, passaria a explicar tudo quanto se refere à vontade e às ações do homem no compôsto matéria-espírito.

No caso de admitirmos que a solução de todos os problemas do comportamento e até das atitudes íntimas da criatura humana esteja exclusivamente na *endocrinologia,* teremos de chegar à conclusão inevitável de que a reforma do homem é um problema clínico, é questão de tratamento das glândulas, não é um problema moral... Como decorrência disto, poderemos dizer que a doutrina espírita nada mais tem que fazer, nem é necessário tentar corrigir o homem e a sociedade por meio da doutrinação e pelo esclarecimento evangélico, porque é nas glândulas endócrinas que está a solução do problema. Isto é o que se pode chamar posição extremada. Nem mesmo a *criminologia,* que já teve época em que se agarrou muito ao chamado «arbítrio das glândulas», poderia esposar, hoje em dia, todas as afirmativas desta corrente científica. Há, na personalidade humana, elementos oriundos de existências anteriores. Já dissemos aquí, como o fizemos por ocasião de nossa palestra, que o Espiritismo reconhece a influência do organismo sôbre as faculdades e as ações da alma unida ao corpo. Não vai, porém, ao exagêro de generalizar a explicação de fenômenos e atos cuja causa não pode, de forma alguma, ser encontrada no sistema endócrino. A doutrina espírita é ainda mais objetiva quando diz que uma aberração física pode tolher a liberdade (*Livro dos Espíritos,* questão n.° 847). Isto, porém, não constitui nem pode constituir argumento para se negar a tese de que, pela evolução, o espírito encarnado pode superar deficiências orgânicas e, assim, usar o seu livre arbítrio. Uma aberração não destrói um princípio. Ainda assim, dentro de outro princípio da filosofia espírita — o de que o espírito, ao voltar à terra, pela reencarnação, vai ter um corpo adequado ás condições de vida em que terá de cumprir as suas provas ou desempenhar sua missão — ainda assim, repetimos, não fica anulado o livre arbítrio, porque o espírito *escolhe* a prova antes de se realizar a reencarnação. (Veja-se o *Livro dos Espíritos,* questão n.° 258), em cujo texto se lê o seguinte:

> *Êle próprio (espírito) escolhe o gênero de provas que quer sofrer, e é nisto que consiste o livre arbítrio.*

Por detrás de uma anomalia física, por detrás de uma aberração horrenda, ainda que o espírito encarnado seja tolhido na manifestação de sua vontade, nesta existência, se esconde um princípio filosófico e se revela, até nisto, a existência do livre arbítrio, porque o espírito pode amenisar os efeitos da prova. E' claro que, se ficarmos no campo restrito da *endocrinologia,* sem subirmos à esfera filosófica do problema, não poderemos compreender a incógnita... Seja como fôr, a influência das glândulas no comportamento do homem, por fôrça da ação do corpo sôbre a alma, é tese pacífica, e pretender contrariá la inteiramente é assumir posição anti-científica ou desconhecer o sentido progressivo do Espiritismo, em relação com o desenvolvimento da cultura humana. Todavia, o que o Espiritismo repele, e repele em termos lógicos, com base na experiência, é a tese absoluta de que o homem não tem vontade, não é senhor de suas ações, é um irresponsável, porque todas as suas atitudes são determinadas pelas glândulas.

(Conclusão).

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

«As coisas são como são, não são como a gente quer»; é certo. E' certo que a fôrça das circunstâncias, por vezes, domina inteiramente a vida existencial e altera totalmente os objetivos da existência de cada um de nós; mas também é certo que nós contribuimos muito para que as coisas sejam como são; e se elas não são como a gente quer, é porque o nosso procedimento não foi, nem sempre é de modo a contribuir eficientemente para que as coisas sejam como nós queremos:

— «Age com acêrto e bem, e terás o que te convém». —

Quando os eventos imponderáveis que surgem inesperadamente, se combinam com os esforços de cada um de nós e nos facilitam a vida existencial—sem dúvida—agimos em harmonia com os desígnios da Providência Divina e tudo nos sucederá bem; e será prudente não desperdiçar essas oportunidades. — «Vale mais a quem Deus ajuda, do que a quem cedo madruga». —

Mas se os eventos imponderáveis e inesperados não se combinam com os esforços de cada um de nós, e nos dificultam a vida existencial, é certo que não agimos em concordância com os desígnios da Providência Divina, e então será prudente esperar, vigilante, ocasião mais propícia para agir.—«Por muito que se madrugue, não amanhece mais cedo».

Quando a atuação humana, individual e coletiva, se exerce em perfeito sincronismo com a atuação providencial, vive-se em paz e harmonia, a vida existencial é fértil, frutuosa e próspera. — «Ajuda-te e Deus te ajudará». —

Eu creio: quando nos fechamos aos influxos passionais perniciosos, e nos abrimos ao fluxo divino vivificante, a nossa atuação é exuberante de obras valorosas; e quanto mais meritório fôr o nosso procedimento, mais certas e mais duradouras serão as benesses que nos esperam.—«Assim como fizeres, assim acharás». —

O mérito e o demérito do procedimento de cada um de nós, está claramente expresso naquela promessa de Jesus Cristo: — «A cada um conforme as suas obras». —

29 de Setembro de 1955.

Já sabeis quais são os vossos defeitos. Procurai, portanto, pôr uma virtude no lugar de cada defeito, pois esta é a batalha que deveis vencer no vosso mundo. Se não a vencerdes, não podereis ser felizes. — *QUINTILIANO.*

LIVROS e AUTORES — Leopoldo Machado

DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS — *Mario Cavalcanti de Melo*

E’ bom recordar.

Conhecemos Mario Cavalcanti de Melo em Uberaba, quando lá estivemos pela primeira vez, assistindo, pela primeira vez, a uma reunião de efeitos físicos.

Estavamos, ainda, na fôrça de nossa projeção e nomeada no serviço da propaganda, pela palavra, do Espiritismo.

Uma noite, depois da conferência, veio a sessão de materialização, parece que dirigida pelo Mario, sendo seu irmão, o médium. Chamado, aliás, Garibaldi, que, se era bom *médium*, não levava a sério a Doutrina e seus dons mediúnicos. Havia entre os espectadores, um incrédulo, que fôra ali para *ver* se via algo que servisse de fundamento de sua fé. Não viu nada. Nós vimos bem mais do que o bastante, como dissemos ao increu, como escreveramos, depois, em crônica de viagem. Veio até nós um espírito amigo. Mostrou-nos suas mãos de mulher, bem feitas, dedos torneados, pequeninos. As mãos de uma irmã da Marilia, que estava presente. Não as mostrou à irmã. Mostrou-as a nós, para lho dizer. Para evitar, certamente, emoção forte à irmã. Outro espírito brincalhão tira-nos os oculos e os troca com outro espectador. Talvez o mesmo espírito que arranhava a mão de Mario. Depois da sessão, tivemos que destrocar os oculos. Ouvimos aí, por voz direta, esta advertência, que não atinamos seria também para nós: «Unidos, venceremos. Desunidos, seremos derrotados». Ora, eramos, na época, uma espécie de arcanjo da paz. Até contribuimos para fundar-se, em Piquery, um centro espírita com êste nome! Pois, amigos, atingimos, a despeito de tudo, a convicção de que a advertência era, especialmente, para nós. A essa altura, se não temos inimigos no Espiritismo, nem em parte alguma, pois chegamos a dedicar ao Pereira Guedes um soneto que termina assim:

Deixarei, ao morrer, desafeiçoados,
Mas, inimigos, não;

se, a esta altura, não consideramos ninguém nosso inimigo, sabemos e sentimos que as desafeições, obra, talvez, de *diabinhos côxos*...

Mas, voltemos ao nosso conhecimento pessoal com o Mario Cavalcanti de Melo.

Encontramos, anos depois, exatamente na vigência da enfermidade que nos teria de inutilizar para muita coisa, na casa do Carlos Imbassahy. Tivemos memória, graças a Deus, para recordar nosso primeiro encontro. Conhecimento e convívio, na verdade, insuficientissimos para merecer-nos o volume com a honrosa dedicatória que pôs, até prometendo que seu próximo volume, já no prélo, será a nós dedicado. Dí-lo assim: «Ao prezado confrade Leopoldo Machado, cujo nome não se encontra entre os homenageados dêste livro, mas que constará no próximo, que já está pronto, com o abraço fraternal do Mario».

Abramos, agora, o volume de 320 páginas, substanciosissimas, formato 24x16, páginas compactas.

Toda gente que sabe ler e tem lido a Bíblia, sabe que nela se encontram lendas, êrros absurdos, contradições clamorosas, impropriedades e inconsequências aberrantes do bom senso e da lógica. Coisas tão chocantes que até um garoto de 14 anos pode notar e anotar. Mas, um garoto que mal aprendeu a ler, semi-analfabeto e incultissimo, que foi o que se deu conosco. Nem por isso, entretanto, deixa a Biblia de ser o nosso Livro, o Livro de muitas civilizações espiritualistas, freio de segurar muita gente nos caminhos asperos da Vida. Lemo-la, efetivamente, da Gênesis ao Apocalípse, dos 14 aos 18 anos. Era, assim começamos sua leitura, um beatinho de marca. Quando concluimos a leitura do Velho Testamento, haviamos perdido a fé na Igreja de Roma. E eramos ateu, francamente ateu, assim acabamos sua leitura. Mas, um moço ateu diferente dos outros. Um moço que, com o seu ateismo, chegara a ouvir de um velho pai de familia coisas assim, a nosso respeito: «Eu confio mais em minhas filhas entregues a êste moço, acompanhando-o a suas festas, do que a muitas mulheres casadas do meu conhecimento». Expressão transmitida a uma visinha, senhora casada, que não primava, entretanto, por uma conduta à altura. *Questão de índole*, direis. Para nós, não. Influência que a leitura da Bíblia deixou em nós, embora ela nos arrastasse para o ateismo. Sua influência, sim. Principalmente, do *Decálogo* e do *Sermão da Montanha*....

Não somos, na verdade, dos que sentem e pensam que tudo que está na Biblia é sagrado. Aceita-se ou nega-se. Aliás, expressão do nosso velho e grande amigo, M. Quintão. Não. Não pensamos assim, ainda que a Biblia não chegasse até nós através de traduções... Repetimos o que já escreveramos: Não somos dos que põem fóra um colar de pérolas só porque encontrou nela duas a três pérolas jaçadas. Pensamos que se deve afastar as pérolas defeituosas e usar o colar, é óbvio. Pois, senhores, as pérolas jaçadas da Biblia, e são tantas! tantas! ainda não a invalidaram para ser o nosso livro, o Livro Sagrado de muitas religiões, de muitos povos. Agora mesmo, estampa o CRUZEIRO 26/XI/55, duas fotografias da Biblia com a notícia de que a Rússia — (Sim, senhores, a Rússia!) acaba de autorizar a primeira edição de dez mil exemplares do grande Livro!

Se é perigoso ler Carlos Imbassahy e Mario Cavalcanti de Melo nas suas análises contra a Biblia — e que análises: serissimas, indiscutíveis, seguras, fortes! se é perigoso a leitura dêsses dois autores da parte de quem não tenha a sua cultura e a sua dialética, menos certo não é que a Biblia é o livro que tem arrastado com maiores números de adversários e de fanáticos e entusiastas. Bem nos sabe, portanto, ficar entre uns e outros: nem fanático da Biblia, nem seu adversário sistemático, o que, aliás, os dois também não o são. Mas, que é o Livro de nossa Civilização espiritualista e cristã, lá isso, é!

Da *Biblia aos Nossos Dias* traz substancioso e bem elaborado prefácio de Deolindo Amorim. E' dedicado a Carlos Imbassahy numa página aberta. E, em outra, a seguir, a sete confrades distintissimos. Consta de 30 capítulos de folego, fóra o Prefácio e a Introdução. E capítulos até subdivididos em subcapítulos, para o leitor ler, compreender e julgar melhor. Há capítulos, como *Um Pouco de Filosofia*, que se esparrama por 41 páginas. O capítulo *Algumas Considerações* e o *Balanço da Biblia*, foi o que lemos com maior interêsse.

O livro merecia melhor apresentação gráfica. Mórmente, sendo edição da *Federação Espírita do Paraná*, que primou cento por cento na apresentação gráfica de EVOLUÇÃO, de Carlos Imbassahy. O volume que nos coube, nem Índice trazia.

Mario Cavalcanti de Melo que nos perdôe o que aí está. Mas, o que aí deixamos é o que sentimos, lendo seu grande, substancioso e forte livro. E aceite nossos agradecimentos por sua lembrança de nosso nome, para enviar-nos o volume que recebemos e agradecemos...

O Clima de Nossas Vidas

SE viajarmos pelo pensamento através dos sucessos da História, na contemplação minuciosa dos passos da Humanidade nestes dois derradeiros milênios, raciocinaremos com a mente empolgada e sentiremos com o coração emocionado a necessidade imperiosa e sempre presente da compreensão e sobretudo da aplicação da fraternidade entre as criaturas.

Invadiu-se o ignoto nos espaços profundos, descobriram-se mistérios no seio opimo da terra, identificaram-se belezas imarcessíveis nos fundos dos mares; sondaram-se outros sóis emperoladores das noites enluaradas, dilatando o cosmos magnífico, e foi descoberta numerosa e ativa população microscópica participando, também, da existência dos demais sêres; conquistaram-se zonas inexploradas, instruiram-se povoados incultos, civilizaram-se costumes contraproducentes; ainda assim, nenhuma descoberta excedeu em valor e importância as páginas simples e verdadeiras do Evangelho Vivificante de Jesus, chamado o Cristo...

Inventaram-se aparelhos inumeráveis, enriquecendo o confôrto da Humanidade; as comunicações facilitaram-se, as distâncias tornaram-se reduzidas, o tempo valorizou-se; e nem porisso deu-se o eclipse da personalidade singular do Doce Rabi

Nazareno, cujas palavras ecoam harmoniosas através dos séculos, cujos exemplos permanecem intangíveis e imaculados no perpassar dos episódios das vidas humanas e cuja Doutrina firma-se, ainda, inexcedida em sua essência consoladora...

Surgiram no cenário da vida sensibilíssimos poetas, pensadores eméritos, sábios notáveis, artistas geniais; líderes empolgaram as massas em conquistas efêmeras na política, na ciência, na arte; castas julgadas invencíveis ruíram inapelàvelmente, cidades tidas como imortais deram lugar a escombros poeirentos, conceitos concebidos como verdades absolutas foram substituidos por esclarecimentos mais consentâneos com a evolução da mentalidade humana; todavia, a liderança dos corações ainda deve continuar sendo exercida por Êle — o pobre na aparência, mas o Doador de Bênçãos em espírito e verdade; o insciente para o mundo, porém, o Sábio dos Sábios para a Eternidade...

Do ano 33 ao século XX, do Império Romano à Organização das Nações Unidas, da Antiga Galiléia ao Brasil de 1955, múltiplas e transcendentes transformações atingiram as fisionomias geográfica, artística, científica e sentimental da Esfera Terrestre. Entretanto, se o exterior transformou-se, pouco, muito pouco mesmo, foi o progresso do coração do homem no sentir a Doutrina de Jesus.

O ambiente apresenta-se renovado, no entanto, prossegue clamando por renovações sentimentais, por reajustes fraternos, por aclimações morais...

Embora modificado em seus trajes, o homem da atualidade é o mesmo necessitado de há dois mil anos, o mesmo enfêrmo pobrezinho de há vinte séculos. Urge, destarte, ao cristão hodierno apresentar-se transformado apenas em suas vestes passageiras, pois o seu sentimento precisa ser o mesmo, igual àquele que se apresentava vibrante nas almas laboriosas dos pescadores do Mar da Galiléia, dos crentes do cimo do Tabor, dos ouvintes do Sermão da Montanha, dos discípulos peregrinos das proximidades do Jordão.

Ao cristão de 1955, impõe-se unicamente a troca da túnica e das sandálias pelo terno e o sapato, pois o íntimo dos homens ainda repousa no mesmo estado: sedento de compreensão, faminto de carinho.

Se a incompreensão e o materialismo pontificam é hora da verdade resplandecer-se, faz-se mister recapitularmos as ações dos cristãos do pretérito, seguindo os passos dos Homens do Caminho.

E de que maneira efetivaremos isto?

Tornando-nos caridosos. Caridosos não para demonstrações ególatras, contudo movidos por viva espontaneidade, procurando sermos, antes de tudo, fraternos, pois o dever de caridade fundamenta-se no sentimento de fraternidade dos homens uns com os outros. E a amizade fraterna é o sustentáculo primordial de todo agrupamento de criaturas.

Conforme o «amai-vos uns aos outros», façamos a fraternidade revelar-se em nosso meio por concessões recíprocas: o puro estendendo a mão ao pecador; o são socorrendo ao doente; o simples esclarecendo o vaidoso; o bom orientando o mau; o rico amparando o desvalido; o sábio ensinando o ignorante; o belo dedicando amizade ao feio; o humilde exemplificando para o orgulhoso; o professor instruindo com dedicação o aprendiz.

Fraternidade que deve transformar o semblante carregado do transeunte que passa pressuroso; os traços de melancolia do maltrapilho que é nosso igual em Deus; a nudez e a falta de asseio do menino folgado do bairro distante; o maltrato ao pobre burrinho que puxa pesos em excesso.

Deus é amor e Êle é a alma do Universo, como o espírito dirigindo o corpo, o amor equilibra o mundo. E êste amor é ajuda mútua, é socorro fraterno que se faz presente em todos os fenômenos do cosmos infinito, convidando as criaturas a ler as mensagens e aprender as lições que a própria natureza presenteia aos sêres: a grandiosidade das constelações; a sutileza da flor, o sorriso da criança, a carícia da brisa, o nascer do sol, o carinho da mãe... Tudo isto é fraternidade atuando em nossos dias, é bonança dulcificando nossas noites.

O laço da condescendência estreita em toda parte os participantes da Criação Divina.

A alma humana carece de fraternidade e condescendência como o corpo de oxigênio e água...

Fraternidade, que embeleza as almas e recompõe os corações, fazendo com que nasça a dedicação no médico, a paciência na professora, a justiça no juiz, a tolerância no sábio, a responsabilidade no administrador...

Condescendência manifestada através do altruismo e da caridade que não coage, que não constrange, que não humilha...

Fraternidade mantenedora do otimismo, da alegria e do idealismo superior nas manifestações de semelhante para semelhante, de próximo para próximo, de irmão para irmão...

Condescendência defensora do perdão sem imposições para qualquer um, em qualquer tempo, em qualquer local...

Fraternidade que se traduz no afastamento de estados íntimos do espírito como a dúvida e a vaidade, a cobiça e a indiferença, a separatividade e a revolta, todos prejudiciais à manifestação do amor na vida de relação...

Fraternidade que se manifesta e atua no lar, na rua, na oficina de trabalho, na escola, na casa do amigo, nas reuniões sociais, na vivenda abastada ou no ranchinho paupérrimo...

Fraternidade que esteja presente nos pensamentos, nas orações, nas conversas e nos atos de todo instante...

Fraternidade que é amor — pois o ódio é loucura; que é caridade — pois o egoísmo é doença; que é união — pois o insulamento no Universo é impraticável; que é progresso - pois a evolução é lei onipresente...

Assim, auxilie você também a purificação do clima de nossas almas: diminua os excessos térmicos de seu coração, tornando-se mais brando e comunicativo; desfaça as brumas dos céus de seu viver, confiando na Sabedoria do Criador e sendo mais otimista; transmute os furacões de seus pensamentos em aragem fresca de idéias serenas.

Se a sua mesa é relativamente abastada — socorra aqueles que pouco têm para alimentar-se; se o seu leito é macio, lembre-se dos que dormem esquecidos ao relento; se os seus bolsos estão mais ou menos providos de economias, beneficie aos parcos de recursos; se o seu organismo é forte e robusto, solidarize-se com os fracos e aleijados. Agindo dêste modo, estaremos imprimindo a fraternidade, não teórica ou literária, mas prática e operante, em nossos próprios passos.

Se a grande maioria atropela-se nas horas da própria existência desbaratando-as na precipitação doentia, esquecida da meditação periódica e levada de roldão pelas fôrças turbilhonantes do mundo moderno, nem porisso acha-se a criatura isenta de seus deveres para com a consciência, juiz imparcial de nossas idéias, palavras e atitudes.

Cada um responde pelo que faz e cada qual tem o clima de vida que para si mesmo procura. Se um vive, se dois vivem, se três vivem, sejam amigos, parentes ou conhecidos, indiferentes à realidade da vida da alma, tal fato não abona o esquecimento das obrigações inalienáveis de nosso «eu» imortal e individuado. Desencadeie hoje mesmo a sua campanha de auto-superação, desembainhando a espada da prece, da vigilância e do trabalho que o Mestre Amado nos endicou para batalharmos por nossa reforma íntima. Agora ou depois, aquí ou além, defrontaremos com esta necessidade.

Eduque os seus olhos, censure os seus lábios, asseie os seus ouvidos, firme os seus pés e movimente as suas mãos!

Jesus não nos esquece, nós muitas vezes é que o esquecemos...

Façamos da fraternidade — luz espancando as trevas, remédio restaurando a saúde, calor reanimando os sêres, melodia espairecendo as almas!

Tenhamos na fraternidade o clima de nossas vidas!

W. VIEIRA.

(Palestra apresentada na «Hora Espírita Cristã» — Rádio Sociedade Triângulo Mineiro — Uberaba).

* * *

A humildade é uma das virtudes que distinguem os sêres inferiores dos superiores. Onde há humildade há paz, tolerância, progresso e consequentemente, a felicidade. Além disso, a humildade constitúe um convite para os vossos bons amigos do Além vos auxiliar. Essa a razão por que vos recomendamos a prática desta virtude.

CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

Mulher morta indica ao marido o esconderijo do dinheiro

«Two Worlds»

Alguns mêses depois de ter certa mulher falecido em Glasgow, ela mandou ao marido uma mensagem dizendo que ocultara em lugar seguro e secreto grande soma de dinheiro, acumulada durante anos na previsão de possível velhice desamparada.

O marido e seu filho dirigiram-se ao sítio mencionado. Encontraram a soma de dinheiro, exatamente como o espírito dissera.

Nenhuma pessoa no mundo sabia que a mulher e mãe prudente estava acumulando o dinheiro, nem onde tinha sido guardado.

A história foi relatada pelo Rev. Thomas Jeffrey, um clérigo escocês, em seu novo livreto, «Experiências Psíquicas de Meus Amigos Pessoais».

O Rev. Jeffrey, um dos ministros ordenados a proclamar corajosamente os fatos espíritas, já havia falado em «The Psychic Search» de suas inabaláveis convicções, após longos anos de investigação paciente e leal, referente à Sobrevivência e comunicação mediúnica.

Êle relata uma sessão particular numa casa de Edinburgh em que certo homem «morto» pediu a um assistente fôsse a Tranant visitar sua viúva. Ela estava acabrunhada, em estado de miséria e saúde precária sob a impressão de ter-se acabado o marido e que nunca mais o veria. Êle deu seu nome, endereço e relatou fatos sôbre seu lar.

Nenhum dos presentes conhecia qualquer pessoa em Tranant. Um dos presentes à sessão, amigo do Rev. Jeffrey, foi a Tranant, e constatou a verdade do que o espírito relatara. Êle conseguiu convencer e confortar a mulher enlutada, com a prova de estar vivo o falecido e num mundo mais brilhante.

O Rev. Jeffrey faz o sumário dos fatos nestas palavras memoráveis :

«Muitos há que negam a fé cristã porque não podem acreditar que Jesus retornou a seus discípulos após sua morte e a êles falou na Câmara Alta e Estrada de Emaus. Se os negadores conhecessem os fatos da ciência psíquica, êles não teriam dificuldade em acreditar que Jesus retornou após sua morte e que os discípulos O reconheceram e se rejubilaram ao saber que Êle estava vivo, não obstante aparecer em um corpo espiritual cujos característicos lhes eram desconhecidos».

Teólogos Aterrados

«Alguns modernos teólogos, especialmente na Alemanha, que ignoram o fenômeno psíquico, atribuem tudo a mitologia, recusando as partes da narrativa que se lhes afiguram contrárias aos conhecidos fatos da natureza. As histórias da Ressurreição lhes são tão incompreensíveis que êles as recusam.

«Se Jesus não tivesse voltado e não se tivesse mostrado vivo, não existiria Igreja Cristã : o Cristianismo teria morrido no seu nascedouro.

Mas hoje quando nos são fornecidas provas da vida além túmulo é que vemos quão naturais e verdadeiras são êsses belos relatos da volta do Cristo, que convenceram seus discípulos de sua vida continuada, abundante e triunfante».

A mediunidade de um Frade Capuchinho

De «Estudos Psíquicos»

O diário *La Razon*, de Buenos Aires, publicou em 8 e 10 de Setembro uma interessante revelação que causou grande impressão nos leitores. Dí-lo *La Idea*, donde extraímos os elementos desta nota. Trata-se do padre Pio de Pietralcina que na aldeia italiana de S. Giovanni Rotondo (Foggia), onde exerce as suas funções eclesiásticas, assombra o povoleu que acorre em massa a vê-lo agir, produzindo fenômenos verdadeiramente extraordinários de levitação de objetos e de mediunidade vocal e curadora.

La Idea transcreve as palavras do Dr. Domingo F. Bergaglio, como testemunha ocular daqueles fatos, e que nós a seguir reproduzimos:

«O padre diz missa às cinco da manhã e uma hora antes já o templo está repleto de fiéis de todas as partes do mundo: alemães, espanhóis, italianos, inglêses, norte-americanos, canadianos e francêses. Para celebrar despoja-se das luvas que lhe cobrem mãos e braços e então podem ver-se-lhe as chagas das mãos. Eu até pude tocá-las. São feridas de dois centimetros de diâmetro que trespassam as mãos de lado a lado. A missa dura hora e meia, porque de vez em quando cai em transe, durante o qual se eleva do solo cerca de meio metro. No instante da consagração parece lutar com um inimigo invisível que procura afastar de si com gestos firmes. Pronuncia palavras em hebreu, em grego e italiano e ouve-se-lhe dizer, entre lágrimas e suspiros: «Vai-te! Vai-te daquí!» Vê-se que está cansado, como que esgotado, mas com semblante de homem feliz.

O doutor Bergaglio, que teve a honra de ser recebido pelo frade na própria cela diz que é um homem de 64 anos, de compleição robusta, estatura elevada e belo caráter. «Desde 1918 que tem nas mãos, pés e costas, os estígmas das chagas do Cristo. Eu via-as e toquei-as».

E concluindo, o Dr. Bergaglio acrescenta:

«Ao ver-me, fixou-me nos olhos e ante o meu assombro descreveu a minha vida, desejos e preocupações. Mostrei-lhe a fotografia de um rapaz italiano que tinha ido à guerra havia 12 anos e de quem não havia notícias. Olhou-a, abençoou-a e falou: «Diga a sua mãe que ore, ore, ore muito por êle. Está tuberculoso na Rússia, mas regressará em breve». Efetivamente, ao cabo de um mês, chegou Arturo Tavella (assim se chamava êle) procedente da Rússia, com 1.500 prisioneiros italianos. A minha conversação com o padre Pio teve lugar no dia 2 de Março e Tavella voltou a casa em meados de Abril, com a doença citada».

Na crônica de 10 de Setembro contam-se maravilhas dêste grande médium, entre elas, casos surpreendentes de cura que realiza com a maior facilidade.

Assim como o dom das línguas, de que falava S. Paulo, o espírito tem o dom da cura e muitos outros mais que só não vê a cegueira voluntária dos misoneistas apegados ao dogma. Mas a luz vai espancando as trevas e adelgaçando o nevoeiro dos abstinados. Um frade-médium é coisa muito estranha e digna de notícia retumbante nos anais do psiquismo. Mas é preciso falar baixo, não vá o cego voltar-se contra a esmola... Deixemos o capuchinho exercer à vontade o seu mister, antes que o visite o anátema no seu retiro de S. Giovanni...

O cão médium-vidente

Se o homem é ainda para si próprio um desconhecido, como tão bem o afirmou o Dr. Alexis Carrel, como não o será êle para os animais?

Por toda a parte a inteligência, o sentimento e até as faculdades supranormais neles se revelam tão semelhantes às dos seus «irmãos superiores» que estes passaram, felizmente, a olhá-los com mais atenção e carinho.

Vejamos o que «Pictoral» nos diz acerca dum interessante cãozinho:

«Mme. J. M. Simpson, moradora na Rua Charles, em Dumfernline, contou que enquanto ela cosia, na sua casa de campo, observou que o seu cão estava agitado, com o pêlo eriçado, ao mesmo tempo que a porta se abria lentamente. Os olhos do cão pareciam seguir qualquer coisa que vinha da porta e ia para um cadeirão oposto ao lugar onde se encontrava Mme. Simpson.

O cão dava sinais de grande terror e escondeu a cabeça no regaço da dona.

No dia seguinte Mme. Simpson soube casualmente, num estabelecimento, que um homem tinha morrido naquele cadeirão aproximadamente quatro anos antes».

Ainda a propósito do cão, Philip Rowe, de Folkestone Road, East Ham, contou uma história acontecida a seu pai.

O comissário Rowe levava sempre consigo o seu cão. Cada vez que este avistava certo túmulo no cemitério, o cão mostrava evidentes sinais de terror.

Nunca conseguiram que êle passasse perto dêsse túmulo, se bem que o animal fôsse muito dócil e obediente.

Pergunta-se se o cão «sente» ou se ele «vê» os espíritos.

Dramática visita de um soldado alemão a uma enfermeira britânica

De «Estudos Psíquicos»

Com êste título, «Two Worlds», de Londres, envia-nos mais um dos seus numerosos e interessantes relatos, sempre flagrantemente comprovativos, da sobrevivência da alma humana e do real poder das faculdades supranormais dos médiuns inglêses:

«A atmosfera do campo de batalha foi dramaticamente invocada por Brenda Rowland durante uma sessão de clarividência quando um jovem soldado alemão veio agradecer a uma enfermeira britânica, que interrompera os seus deveres no *front* para o beijar quando êle morreu.

A *nurse*, Miss D. Price, de Herne Hill, Londres, S. E., reconheceu a referência feita pela médium a um oficial alemão, de bonita figura, cabelo louro, e de pouco mais de vinte anos de idade.

«Os meus braços estavam cobertos de sangue e os seus também», disse a médium na sessão de Brixton há alguns dias. «Eu fui atingido por um tiro no estômago. A senhora descançou a minha cabeça no seu braço e inclinou-se para beijar-me a testa. A senhora usava o uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha. Antes de morrer eu dei-lhe o crucifixo que tinha na mão».

O soldado, que disse chamar-se Franz Wilhelm, agradeceu a Miss Price por ter tomado o lugar de sua mãe quando ele morreu e lembrou-lhe a cerimônia católica no campo de batalha.

«Eu estava combatendo por aquilo que eu julgava que era verdadeiro», disse ele. «Agora compreendo que todos os homens são irmãos. Tenho a impressão de que a enfermeira inglêsa pensava o mesmo. Ela tratou de mim como teria feito a um soldado inglês».

Depois da sessão, Miss Price tirou um crucifixo do seu saco de mão e mostrou-o à assistência e contou que efetivamente, durante a guerra de 1914-18, tinha estado no campo de batalha e deitara no seu braço a cabeça dum jovem alemão, inclinando-se para o beijar quando ele morreu.

Miss Price declarou que a descrição da médium acêrca dêsse jovem tinha sido exáta. Ela confirmou também a referência à cerimônia católica.

O crucifixo que êle lhe tinha dado conservara-o, durante quarenta anos, como um objeto precioso».

Esta grande demonstração da Verdade, característica das leis de Deus, tão flagrantemente provada neste triste relato, encerra lições de elevada significação moral, como a do pensamento do espírito comunicante, afirmando o errado conceito da guerra, visto que todos os homens são irmãos. E no campo de batalha, onde a terra ensopada de sangue gritava contra os insensatos ódios dos homens, a Ternura verdadeiramente maternal e cristã duma enfermeira amparando a cabeça dum moribundo «inimigo» e o beijo que depôs na sua fronte quando êle morreu, comove-nos pela santidade, pela pureza do gesto, lembrando-nos que é bem verdade que nos pântanos, como a guerra, também podem brotar lírios.

Gesto santo, de santa fraternidade humana!

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 120,00	Do 11.° ano	Cr.$ 100,00	Do 24.° ano	Cr.$ 100,00
Do 4.° ano . .	120,00	Do 18.° ano . .	100,00	Do 25.° ano .	100,00
Do 5.° ano . .	120,00	Do 19.° ano . .	100,00	Do 26.° ano .	100,00
Do 6.° ano . .	120,00	Do 20.° ano . .	100,00	Do 27.° ano .	100,00
Do 7.° ano . .	120,00	Do 21.° ano . .	100,00	Do 28.° ano .	100,00
Do 8.° ano . .	120,00	Do 22.° ano . .	100,00		
Do 10.° ano . .	120,00	Do 23.° ano . .	100,00		

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 99.168,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

O Natal em Matão

Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão realizou no dia 24 de Dezembro último, às 9 1/2 da manhã, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», o «Natal dos Pobres» em homenagem ao nosso amado Mestre Jesus.

Usaram da palavra nessa ocasião, os companheiros Zelia Perche, Costa Fílho e Antonia Perche Campêlo. A seguir foram ofertados aos presentes sanduiches e, a seguir, distribuição de roupas e gêneros alimentícios a familias pobres.

— A' noite dêsse mesmo dia, às 19 1/2 horas, sob os auspícios da União Municipal Espírita de Matão, realizou-se no salão de festas do Lar Infantil «Cairbar Schutel», o Natal das crianças do referido Lar e das que frequentam a Aula de Moral Cristã—«Cairbar Schutel».

A festinha muito singela e simples, se constituiu da apresentação da pecinha «Volta ao Lar» e de poesias, diálogos e monólogos, tudo referente ao Natal de Jesus e apresentado pelas crianças.

Após esta primeira parte, foram retirados da Árvore de Natal, artisticamente ornamentada, e entregues às crianças em número de 50, pacotinhos com presentes e uma caixa de doces à cada uma delas.

Em seguida, reunidos crianças e velhos no refeitório, foi servido doces e refrescos, num ambiente de muita paz e alegria, onde se refletia a satisfação de todos, inclusive das criancinhas do Lar com seus vestidinhos e terninhos novos, oferecidos pelas senhoras do Departamento Social «Maria Silva Schutel».

Apesar da simplicidade e modéstia da festinha em homenagem ao Natal de Jesus, ela tocou fundo o coração de todos, fazendo-nos sentir, mais uma vez, que só assim é que se comemora verdadeiramente o Natal, fazendo a alegria dos outros, principalmente das criancinhas, para nos sentirmos também imensamente felizes.

— No dia 25, às 20 horas, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou uma sessão comemorativa do natalício de Jesus. Usaram da palavra os companheiros Campêlo, Zelia Perche e Costa Filho.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 3 de Dezembro de 1955

Ás catorze horas, havendo número legal, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a Ata anterior. Do expediente consta ofício comunicando a fundação, em Cordeiro, Estado do Rio, do Centro Espírita «Paiva Junior» e a eleição de sua primeira diretoria. Jornais e Revista : «O Motivo», «Pernambuco Espírita» e «Reencarnação».

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil comunica a fundação, em Barra Mansa, da Confraternização Espírita Sul Fluminense, órgão de âmbito regional, congregando os municípios de Barra Mansa, Rezende, Volta Redonda, Piraí e Barra do Piraí. Comunica também a irradiação de Hora Espírita Tririense, pela Estação Z. Y. L.-7 de Três Rios, às 4.ªs e 6.ªs feiras.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão comunica que em Outubro último foi inaugurado, em Pinhal, o Sanatório Espírita «Dr. Adolfo Bezerra de Menezes», para enfermidades psíquicas.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães notícia a fundação pela Federação Cearense de mais três organizações juvenis.

Maranhão — O Conselheiro Capitão Jaime Rolemberg de Lima comunica a eleição do confrade João Batista G. Carvalho para o cargo de Presidente da Federação Espírita Maranhense.

Comentando a notícia da fundação do Centro Espírita «Paiva Junior», o Presidente fala sôbre a personalidade dêsse confrade, que foi diretor da FEB, exaltando-lhe a operosidade e a fé sincera. São debatidos longamente vários assuntos de interêsse doutrinário e, às quinze e meia horas, feita a prece final pelo representante do Rio Grande do Norte, Professor Ismael Gomes Braga, encerra o Presidente a reunião.

«O Fanal»

Sob a direção do confrade Sydney G. Wiss Barreto, acaba de sair à lume em Araraquara, «O Fanal», órgão de difusão espírita.

O seu número de apresentação insere colaboração de fundo doutrinário e a sua remessa é feita gratuitamente a quem o solicitar.

Ao novo colega, as nossas boas vindas, com votos de crescente progresso.

Necrologia

Venancio Alonso Caseres

Desincarnou na Capital, com 64 anos de idade, no dia 25 de Outubro último, o confrade Venancio Alonso Caseres, nosso velho amigo e um dos maiores admiradores de Cairbar Schutel, pois ambos eram amigos de velha data.

Espírita convicto, Venancio Alonso Caseres era assinante dos nossos dois órgãos, não poupando tempo no estudo e na prática da Doutrina.

O seu corpo foi sepultado no dia seguinte, no Cemitério de Vila Formosa, saindo o féretro da Rua Maria do Carmo, 39, Estrada de S. Miguel.

Deixa viuva a exma. sra. d. Rita Velicia Alonso e 5 filhos

—Solicitamos a Jesus que proporcione paz e mais progresso espiritual a êste espírito amigo.

VENANCIO ALONSO CASERES

A vossa felicidade está no prolongamento da felicidade do vosso próximo. Por isso, o que fizerdes ao vosso pròximo estareis fazendo a vós mesmos. — Lucipaz.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 31.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1955 a Janeiro de 1956)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1955

		Pág.
Trinta Anos	*Redação*	1
Um Médium Erudito	*Ismael Gomes Braga*	2
A existência de Deus e a Imortalidade da Alma	*Alberto Lopes*	4
Memórias de um Espírita Baiano	*Leopoldo Machado*	7
Mensagem Fraterna de Ano Novo	*Arnaldo S. Thiago*	9
Segredo da Morte	*De «Estudos Psíquicos»*	13
Instantâneo...	*Leopoldo Machado*	14
Espiritismo e Evangelho	*Deolindo Amorim*	16
Crônica Estrangeira	*Redação*	18
Espiritismo no Brasil	«	21
Necrologia	«	23

N.º 2 — MARÇO DE 1955

Sôbre a Comunicação dos Espíritos	*Redação*	25
Primeiro Centenário da desincarnação de Junqueira Freire	*Ismael Gomes Braga*	26
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*	28
Na Inglaterra as Igrejas Associadas abrem caminho	*Max Kolheisen*	32
Sôbre Metapsíquica	*Carlos Imbassahy*	34
Memórias de um Espírita Baiano	*Leopoldo Machado*	36
Contradições de um adversário	*Deolindo Amorim*	40
As experiências atômicas determinam o cancer	*De «Voz Informativa»*	42
Crônica Estrangeira	*Redação*	44
Espiritismo no Brasil	«	46

N.ºs 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1955

O Espiritismo é Religião, Ciência e Filosofia	*Redação*	49
Primeiro Centenário da Desincarnação de Junqueira Freire	*Ismael Gomes Braga*	50
Memórias de um Espírita Baiano	*Leopoldo Machado*	51
Solilóquio	*Manuel Cavaco*	56
Discos Voadores	*Ismael Gomes Braga*	56
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*	58
Difícil Exegese — Prática Dificilima...	*Arnaldo S. Thiago*	61
O «Demônio» e a Evolução	*Deolindo Amorim*	63
Instantâneo...	*Leopoldo Machado*	65
Porque Sofremos ?	*O. Ribas*	67
O Espiritismo e a Criança	*Nancy Leite Araujo*	70
Crônica Estrangeira	*Redação*	71
Espiritismo no Brasil	«	74

N.º 5 — JUNHO DE 1955

Pág.
A Razão e os Problemas da Vida . . *Redação* 77
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 78
«In Memorian» . . . . . . *José Arantes de Mello* 79
Grande Vitória contra as Trevas . . . *Ismael Gomes Braga* 79
Religião e Ciência . . . . . . *Alberto Lopes* 81
«Menon» . . . . *Amadeu Santos* 84
«Figueira Estéril» . . . . . . *Deolindo Amorim* 86
Mistérios a Revelar... . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 87
Mensagens Mediúnicas . . . . . *Henrique Rodrigues* 90
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 92
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 94
Espiritismo no Brasil . . . . . « 96

N.º 6 — JULHO DE 1955

A Porta da Verdade . . . . . *Redação* 101
Religião e Ciência . . . . . . *Alberto Lopes* 102
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 105
Benedita Fernandes . . . . . *Ismael Gomes Braga* 107
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 109
Refutando Ramatís . . . . . . *Henrique Rodrigues* 110
Os Fenômenos Psíquicos e as Universidades *Deolindo Amorim* 112
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 114
Renovação Pacífica e Concórdia Social . . *Arnaldo S. Thiago* 115
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 119
Espiritismo no Brasil . . . . . « 122

N.º 7 — AGOSTO DE 1955

A Fôrça da Evolução . . . . . *Redação* 125
A mais bela literatura . . . . . *Ismael Gomes Braga* 126
Refutando Ramatís . . . . . . *Henrique Rodrigues* 128
Conceito de Psicologia . . . . . *Amadeu Santos* 130
Religião e Ciência . . . . . . *Alberto Lopes* 132
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 135
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 136
Da Gênese Doutrinária . . . . . *Carlos Imbassahy* 137
Balanço de uma Vida . . . . . *Leopoldo Machado* 141
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 143
Espiritismo no Brasil . . . . . « 146

N.º 8 — SETEMBRO DE 1955

22 de Setembro . . . . *Redação* 149
Refutando Ramatís . . . . . . *Henrique Rodrigues* 150
Religião e Ciência . . . . . . *Alberto Lopes* 152
Divagando... . . . . *J. A. Mello* 155
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 156
Non Nova, Sed Nova... . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 157
Livros e Autores . . . . . . *Leopoldo Machado* 158
D. Gracinda Batista . . . . . *Redação* 160
Os Duplos dos Vivos . . . . . *Max Kolheisen* 161
Novos rumos dados por Kardec . . . *Mac Mainard* 165
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 167
Espiritismo no Brasil . . . . . « 169

N.º 9 — OUTUBRO DE 1955

Pág.
Uma justa homenagem . . . . . . *Redação* 177
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes* 178
Refutando Ramatis . . . . *Henrique Rodrigues* 180
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 183
Missionários do Bem . . . . . . *Augusto L. Brandão* 184
A Reencarnação e a Memória . . . *Deolindo Amorim* 186
Nós, principalmente, entre os inimigos... . *Leopoldo Machado* 189
20.º Congresso Nacional Espiritista . . *Redação* 194
O Planêta Fantasma . . . . . . *V. O. Casella* 195
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 196
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 198

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1955

Espiritismo, Anjo Libertador . . . . *Redação* 201
Refutando Ramatís . . . . *Henrique Rodrigues* 202
Relações Interplanetárias . . . . *Emmanuel* 205
A Reencarnação e a Memória . . . *Deolindo Amorim* 206
«Última Página...» . . . . *A. Olsen* 208
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 210
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes* 211
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 213
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado* 215
O Ceticismo no Problema Metafísico da Razão *Amadeu Santos* 217
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 220
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 222
Necrologia . . . . « 224

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1955

O Natalício de Jesus . . . . . . *Redação* 225
Refutando Ramatís . . . . *Henrique Rodrigues* 226
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes* 228
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado* 230
Como os Teólogos Refutam . . . . *Mario Cavalcanti de Melo* 233
Restrições ao Livre Arbítrio . . . . *Deolindo Amorim* 238
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 240
Por quê Doutor ? . . . . *Levindo Cornélio Wischral* 241
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 244
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 247
Necrologia . . . . « 248

N.º 12 — JANEIRO DE 1956

Relembrando uma Data . . . . . *Redação* 249
Aos Visitantes de Pedro Leopoldo . . *Henrique Rodrigues* 250
Como os Teólogos Refutam . . . . *Mario Cavalcanti de Melo* 253
Aviso Oportuno . . . . *Ignacio Bittencourt* 256
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes* 257
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 258
Materialismo e Espiritualismo . . . *V. O. Casella* 260
Restrições ao Livre Arbítrio . . . . *Deolindo Amorim* 260
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 263
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado* 264
O Clima de Nossas Vidas . . . . . *W. Vieira* 265
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 268
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 271
Necrologia . . . . « 272

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples Cr.$	60,00
	Semestre —	„ „	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	„ „	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

8931CL PA 837
02-06-07 32180 XL HF Group

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 200[illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3211unse

Ano XXXII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Fevereiro de 1956 - N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Trinta e um Anos	*Redação*
Religião e Ciência	*Alberto Lopes*
Como os teólogos refutam... (A Pérsia)	*Mario Cavalcanti de Melo*
«Mediunismo e Oração»	*Henrique Rodrigues*
Livros e Autores	*Leópoldo Machado*
Controvérsias sôbre Metapsíquica .	*Edson de Abreu*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Dr. Carlos Steagall	*Agnelo Morato*
A Donzela de Orleans	*A. Olser*
A Morte não destrói a Vida . . .	*Max Kohleisen*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1956 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Trinta e um Anos

Revista Internacional do Espiritismo completa hoje o seu trigésimo primeiro aniversário de existência. Quando surgiu à lume pela primeira vez, isto em 15 de Fevereiro de 1925, o seu fundador, nosso querido companheiro Cairbar Schutel, estava longe de imaginar que este seu empreendimento chegasse a alcançar trinta e um anos de existência, tais as dificuldades encontradas para a sua manutenção e difusão. Entretanto esta Revista, com a ajuda dos confrades de boa vontade e dos Caros Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade, conseguiu vencer todas as dificuldades e firmar-se como um dos esteios da imprensa espírita, fincando mais um marco na senda do seu profícuo trabalho de pregar, estudar e defender a 3.ª Revelação, o Espiritismo, revivificador do véro Cristianismo.

Quando o nosso caro companheiro Cairbar partiu para a Pátria Espiritual, ocorrência esta verificada em 30 de Janeiro de 1938, portanto há 18 anos, também nós, os seus continuadores, em face do volume da tarefa, não pensavamos que esta Revista alcançasse trinta e um anos de existência, treze anos com Cairbar e dezoito anos com os seus sucessores. E esperamos em Deus alcançar ainda mais alguns anos, se isto nos fôr permitido, pois boa vontade nunca nos faltou e nem nos faltará no trabalho espiritual, tanto mais que já estamos habituados a superar as dificuldades, o que conseguimos com a fé que nos dirige os passos e nos encoraja nas duras pelejas.

Ao traçar estas linhas, salta-nos à mente o nome de um grande idealista, Luiz Carlos de Oliveira Borges, companheiro de Cairbar na fundação desta Revista. Ele foi o alicerce material, porque comprou a máquina em que deveria ser impressa a Revista, tipos, papel, etc. Depois do passamento de Luiz Carlos de Oliveira Borges sucedeu-lhe no adjutório material sua esposa, D. Maria Elisa de Oliveira Borges, constituindo este fato prova de que o Alto não deixa sem o necessário aqueles que estão ao seu serviço.

Apesar das grandes dificuldades surgidas em consequência da situação internacional, com tendência a se agravar ainda mais, temos mantido e publicado com regularidade este órgão, publicando artigos selecionados e um bem desenvolvido noticiário do movimento espírita em geral, bem como os fatos espíritas verificados no mundo e que chegam ao nosso conhecimento.

O nosso trabalho, embora possa ter algumas falhas, não tem sido em vão. E o número crescente de assinantes nos autoriza a afirmar assim. E isto devemos aos nossos distintos colaboradores, auxiliares de redação e oficinas, representantes locais, representantes-viajantes, aos quais agradecemos de coração tão valiosa e indispensável cooperação nesta obra, que nos é comum, agradecimentos que tornamos extensivos aos Caros Espíritos que nos orientam e assistem neste trabalho, em particular ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que faz ainda parte integrante desta obra por êle fundada.

Religião e Ciência

A ÚLTIMA PÁSCOA

— IX —

Os judeus comemoravam, anualmente, a retirada do Egito com uma festa religiosa, a que davam o nome de Páscoa. Jesus, fiel a essa tradição e quando estava para terminar, na Terra, a sua missão de Enviado Celéste, depois de haver dado as últimas instruções a seus discípulos com minuciosos detalhes sôbre a natureza divina dessa missão, resolveu reuni-los em uma ceia, numa casa familiar, a qual se revestiu dos característicos de verdadeira festa de confraternização. Antes, porém, de realizar essa ceia, ensinando a multidão que o procurara, na Sinagoga de Capernaum, como narra o Evangelista João no cap. 6, vers. 27 e 48 a 59, êle esclareceu: «Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna a qual o filho do homem vos dará; porque a êste selou o Pai, Deus. Eu sou o pão da Vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Êste é o pão que desce do céu, para o que dêle comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém comer dêste pão, viverá para sempre: e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo».

Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: «Como pode nos dar êste a sua carne para comer?» Jesus, então, lhes disse: «Na verdade, na verdade, vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nêle. Como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem me come a mim, também viverá por mim. Êste é o pão que desceu do céu; não como vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer êste pão viverá para sempre».

Ao notar que muitos de seus discípulos, ouvindo-o, vacilavam em acreditar no que ensinava, a êles se dirigindo, conforme os vers. 61 a 63 do mesmo cap. 6 do Evangelista João, disse-lhes: «Isto escandaliza-vos? Que seria, pois, se visseis subir o Filho do Homem para onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que vos digo são espírito e vida».

Realizada a ceia confirmou o nosso Divino Mestre, o que havia ensinado nos vers. que já citamos, dando-lhes, porém, outros símbolos para sua real e verdadeira interpretação.

Vejamos o cap. 22, vers. 15 a 20 do Evangelho de Lucas: — sentado, Jesus, à mesa com seus discípulos, disse-lhes: «Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus; e tomando o cálice e havendo dado graça, disse: tomai-o e reparti-o entre vós; porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus. E, tomando o pão e havendo dado graça, partiu-o e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Êste cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós».

Para podermos elucidar o sentido verdadeiro das palavras do nosso Divino Mestre nos ensinamentos evangélicos transcritos e anteriores aos relativos à última páscoa, na qual tomou parte com os discípulos de seu primeiro colégio apostólico, necessitamos recorrer as interpretações que já apresentamos no capítulo sôbre os mortos e a vida espiritual.

Para isso, é preciso levar em atenção que Jesus, em alguns de seus ensinos, como nos parece, considera como mortos os espíritos sepultados nos túmulos da carne. Nos vers. 21 e 22, cap. 8 do Evangelho de Mateus, ao discípulo que lhe pediu permissão para ir sepultar o pai, êle respondeu: «Segue-me e deixa aos mortos sepultar seus mortos».

Através, pois, de suas parábolas e das afirmações que fez sôbre a existência da lei da reencarnação, quando esclareceu que Elias se reencarnara com o nome de João Batista, bem como pelas instruções que forneceu a Nicodemos relativas a necessidade dos renascimentos, evidencia-se que o espírito reencarnado, envolto nas trevas das imperfeições, deve ser considerado como morto, por não poder perceber, nêsse estado, a luz da Espiritualidade. Enquanto permanecer nessa situação manter-se-á preso aos planos das expiações e provações indispensáveis à sua rehabilitação, para então lhe ser permitido, após o resgate de suas faltas, conhecer a vida espiritual e nela realizar outras jornadas de aperfeiçoamento.

O pão da vida ou pão vivo que desceu do Céu, «representado na pessôa de Jesus», devemos compreender como alimento espiritual consubstanciado no conjunto dos ensinamentos contidos na Doutrina que Êle revelou à Humanidade. O espírito que se nutrir dêsse alimento ressurgirá das trevas da ignorância e da maldade para conhecer a Verdade que o libertará, no último dia de sua peregrinação terrena, da morte das reencarnações.

Se os preceitos da lei divina contidos no Decálogo nos foram revelados por intermédio de Moisés, a graça de nossa rehabilitação espiritual, nos veio com o advento do Cristianismo.

A frase de Jesus — «vossos pais comeram o maná no deserto e morreram» — consubstancía o alimento espiritual existente nos ensinamentos contidos nos vers. 31 e 32, cap. 16 do livro—Exodo—do Velho Testamento, assim redigidos: — «E chamou a casa de Israel o seu nome maná; e era como semente de coentro branco, e seu sabor como bolos de mel. E disse Moisés: Esta é palavra que o Senhor tem mandado: Encherás um gomer dêle em guarda para as vossas gerações para que vejam o pão que vos tenho dado a comer nêste deserto, quando vos tirei da terra do Egito».

Assim, se pode concluir: que a Humanidade até a vinda de Jesus, esteve representada por espíritos atrazados; e, porrisso, sujeitos a se reincarnarem periodicamente. Na ordem natural da evolução humana o progresso se realiza, através dos cíclos de aperfeiçoamento previstos nos planos concebidos e delineados, com fins providenciais, pela Sabedoria Divina.

Com Moisés, a Humanidade se nutriu com o maná no deserto, isto é, alimento espiritual composto de conhecimentos espirituais limitados a um período de evolução para determinado número de gerações. Com Jesus recebeu o pão da vida ou o pão vivo que desceu do Céu, representado por conhecimentos mais amplos destinados a libertarem os espíritos das imperfeições que os prendem ao plano das reencarnações estabelecido para a vida terrena.

Para melhor examinarmos o sentido alegórico das palavras de Jesus, na última ceia, considerando como seu corpo o pão que partiu e distribuiu com os seus discipulos vamos trascrever de «A Genese», de Allan Kardec, os seguintes trechos»: — n.º 21, cap. 3.º. A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no envólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo»; no n.º 13 do cap. 10, da mesma obra: «no pão e nos legumes que se comem, não há certamente carne, nem sangue, nem osso, nem biles, nem matéria cerebral; entretanto, êsses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo se pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias tão só pela transmutação de seus elementos constitutivos». Jesus ao observar, antes da última ceia, como já comentamos, a surpresa de seus discípulos por não compreenderem o simbolismo de suas palavras em se considerar como o pão da vida, respondeu-lhes: «o espírito é o que vivifica, a carne de nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida».

Crêmos que essas afirmações são claras e perentórias para derimir dúvidas e restabelecer a verdadeira interpretação que se deve dar às palavras que proferiu na última ceia.

«Fazei isto em memória de mim», foi a recomendação que fez aos discípulos de seu tempo e abrangendo a todos os que, no curso dos séculos, se integrassem pela fé e pelos atos, no programa de rehabilitação moral e religiosa que Êle instituiu com a Doutrina que revelou a Humanidade.

No Drama do Calvário se cumpriu e se consolidou, com o seu martírio, a obra de redenção humana sob os postulados dessa Doutrina.

Êsse drama se transformou no marco de luz que se fixou no limiar da era cristã.

Até o ano de 381, dessa era, em que o imperador romano Theodosio, resolveu declarar o Cristianismo como religião oficialmente reconhecida pelo Império, os discípulos de Jesus solenizavam o ato de sua última ceia em reuniões de confraternização, realizadas, anualmente, na data correspondente, em recinto escolhido e sem os aparatos de qualquer pompa litúrgica.

ALBERTO LOPES.

(Esse capítulo termina no próximo número)

Como os teólogos refutam... (A Pérsia)

— III —

Estudemos a Pérsia sob o aspecto de suas idéias palingenésicas.

Ninguém ignora que a religião dominante neste país é o Islamismo, sob a forma de cisma, tornada preponderante pelo advento de Cafavis. Há, ainda, o Mazdeismo, reduzido, hoje, a um pequeno número de adeptos.

Antes de prosseguirmos em nosso estudo, precisamos deixar aqui um esclarecimento necessário. Quando em nosso livro «Reencarnação e suas Provas» afirmamos: «*Por mais longe que possamos sondar* o *passado*», frase tão inabilmente explorada pelo ilustre teólogo que nos combate, não tivemos em mira acentuar que todos os povos fossem adeptos das teorias palingenésicas, em uma mesma época. Certamente esta doutrina foi mais antiga em determinados países que em outros, como é lógico. Querer torcer a questão, como maliciosamente procurou fazer Frei Boaventura Kloppenburg, é pôr em prática a velha tática da Igreja Romana, tão nossa conhecida.

Isto feito, sigamos o nosso caminho.

Encontra-se na «Encyclopédie de Berthelot», vol. XX, pg. 1036:

> *«Referindo-se ao Babismo, religião da Pérsia, assim nos fala P. Otavi:*
>
> *Com efeito, o Bab e seus discípulos são encarnações de potências superiores. Esta idéia de encarnação e reencarnação, muito antiga na Persia (ela já existia no Mazdeismo) desempenha um grande papel no Babismo. Os doze primeiros ministros (imans) personificam os doze atributos de Deus. Como êsses atributos, êles são eternos e quarenta dias após a sua morte, reaparecem sob uma outra forma (esta é uma idéia chaikhite) Da mesma maneira, as almas humanas transmigram de forma em forma. Os melhores, guiados pelas cartas da verdade (nome mistico pelo qual os babs designam os ministros, quando vivos) se aproximam de Deus para com êle confundir-se,* o *que é a verdadeira vida, de acôrdo com a doutrina de Tarika.*
>
> *E' desta forma que* o *Babismo resolve* o *problema da vida futura».*

Diz-se, afirma Th. Pascal em «Évolution Humaine, à pg. 263, que era crença entre os adeptos do Islamismo a reencarnação, mas que esta cessou depois que Maomé a proibiu. Pensamos com outros, que o Corão só foi escrito depois da morte do profeta. que êste nada escreveu e que só pregou oralmente.

É visível, de outro modo, que o Maometanismo é filho de Zoroastrismo e do Cristianismo. Como êles, ensina a unidade universal, a presença divina em todas as criaturas e em todas as coisas (Ubiquidade), a Predestinação, que não é mais que uma forma de «*Karma*», e a Ressurreição, que é uma expressão da Palingenesia.

Maomé, como todos os grandes místicos, havia percebido e aprendido muitos pontos do exoterismo; os versículos do Corão, referindo-se aos «Companheiros da Caverna» (C. XVIII), indicam que êle sabia mais do que ensinava publicamente, e que não é, talvez, sem algum fundamento, que certos povos asiáticos levaram o exagero até fazer dêle um «*Avatar*», a décima encarnação de «Om», — o Amed, ou o desejado das Nações. (E' por isso que os afgans vão ainda em peregrinação à Meca).

O Islam, segundo Borledan, abril de 1897, espera atualmente a vinda de seu profeta, o Mahdi, e uma profecia diz que êste último, será a reencarnação de Maomé.

Se o Islamismo não guardasse em seu coração, um vigoroso germe de exoterismo, o Sofismo não podia ter saído dele, e o Sofis são os santos do Maometanismo, os aspirantes da união do «eu» individual com o «eu» cósmico, do homem com Deus; êles são muitas vêzes dotados de notáveis poderes, e seus chefes foram quase sempre taumaturgos.

O Novo Corão, exposição moderna de uma parte da doutrina secreta do Islam, mostra a justeza desta observação.

Eis o que aí se encontra da Palingenesia:

> *«Logo que a alma perde sua casca (corpo) ela forma uma outra.*
>
> *«As almas dos homens e dos animais voltam à Terra pelo ribeiro da infância . . . .*
>
> *«O homem que morre, vai a Deus, e renasce mais tarde em um corpo novo; o cadáver fica no túmulo, o espírito volta à matriz . . . .*
> *(O que quer dizer: o corpo se desagrega no túmulo; o espírito persiste e se reencarna).*
>
> *«Esta doutrina é tão velha quanto o mundo, e Deus a ensinou desde o começo . . . .*
>
> *«A alma humana não vai nunca ao corpo dos animais; ao contrário, as almas dos animais inferiores passam a corpos de animais mais elevados, depois em corpos de selvagens, e enfim, em corpos de homens civilizados*'*. . . . .*
>
> *«O homem só é imortal em seu corpo espiritual, o qual nunca apodrece; êle chora saindo de seu corpo, e chora quando entra novamente». (Questões XXII, vs. 5. 14, 15, 17, 18, 19, 26, 41. — Citados por Laide Caithness, em «Old Trubts in New Light»).*
>
> *«O corpo é uma máscara que a alma toma, e deixa mais tarde, para animar outras mais . . . .*
>
> *«Os que se amam se encontram em futuras encarnações, etc. . . . . , (Questão XXIII, vers. 17, 26, 27, etc).*

Colebrooke nos ensina em «Asiatic Researches» que a atual seita maometana dos Bohrahs crê na metempsicose, como os hindus, e, como êles, se abstêm de carne, por esta razão.

Encontra-se, assim, a doutrina reencarnacionista no coração de todas as religiões antigas, e se elas não ficaram senão em germe em religiões recentes, — o Cristianismo e o Islamismo, — é porque, de um lado, Maomé não possuia o porte de um hierofante, e que a raça à qual êle levava a luz não tinha talvez necessidade de conhecer a Lei dos renascimentos, e que, de outro modo, os verdadeiros ensinamentos do Cristo foram perdidos com a exterminação dos Gnósticos, enquanto os fundadores do Cristianismo exotérico, Eusébio e Irineu, não puderam apreender o *espírito* e impuzeram em toda a parte a *letra*. (Th. Pascal, «Évolution Humaine»).

Fica, assim, evidenciado, que a Palingenesia existia também na Pérsia, mesmo contra a vontade dos teólogos e que nós não fariamos melhor papel guardando na gaveta os nossos escritos, uma vez que estavamos em condições de provar tudo aquilo que afirmamos.

Mas é que o ilustre e ensigne Professor de Teologia Dogmática quís mostrar erudição e não deixou, assim, passar a oportunidade, pretendendo dar uma lição a quem possui muitos mestres de invulgar capacidade ao alcance da mão, ali nas prateleiras.

Mario Cavalcanti de Melo.

Para andardes no mundo, segundo a Lei de Deus, só tendes um caminho: fazer aos outros tudo aquilo que desejais para vós.

“Mediunismo e Oração”

Henrique Rodrigues

UM amigo nos escreve a respeito dos assuntos que nominam êste artigo. Sôbre mediunismo muita coisa já foi dita mas, sendo um fenômeno da VIDA, como todos os outros, jámais terá limites e evoluirá também, acompanhando a evolução dos sêres humanos. A evolução, em sua amplitude, não possibilitando a existência espiritual e física de duas individualidades absolutamente iguais, porque elas se fundiram, provocará reações concomitantemente diferentes, para os exercícios e transes mediùnicamente semelhantes — na classificação geral dos vários tipos de mediunidade.

Dois médiuns sentirão emoções diferentes, mesmo que recebam uma única entidade, até porque *o sentir* é fenômeno individual, de percepção impossível de transmitir ao próximo, *em suas mínimas expressões*. Assim, a experiência de um serve apenas para o outro, no teòricamente genérico, não no particularmente prático. Isso, entretanto, não cancela o procedimento racional do conhecimento básico das leis do campo mediúnico. Será sôbre essa base que cada um conseguirá levantar o seu edifício. São obras indispensáveis e insubstituíveis para o conhecimento de todos os ramos da atividade mediúnica:

O «LIVRO DOS ESPÍRITOS» e o «LIVRO DOS MÉDIUNS» de Kardec; as obras de Ernesto Bozzano, que cientìficamente constituem o mais sólido, claro e completo estudo em tôrno do assunto; as obras de André Luiz, ditadas por intermédio de Francisco Cândido Xavier, especialmente sua última produção, «Nos Domínios da Mediunidade». É lá que verificamos o comportamento consciente e inconsciente das criaturas com suas mediunidades oficializadas ou não, os «porquês», e os «remédios». Falaremos agora de uma produção, muito bôa, bastante elucidativa, positiva e que afasta muita fantasia da seára mediúnica.

Quem, como nós, leu minuciosamente o folheto «Mediunismo», ditado pelo espírito de Ramatís, ao médium Dr. Hercílio Maes, não pode esconder seu entusiasmo por êsse trabalho. Há muita lógica, precisão absoluta no exame do transe de intercâmbio, não apenas entre encarnados e desencarnados, mas ainda, sôbre a comunhão entre a alma do homem e a alma das coisas. Nós que refutamos o Ramatís das «Conexões de Profecias» e do «Sol», sentimo-nos à vontade para exaltar o valor dêste seu trabalho. Achamo-lo utilissimo para quem deseja conhecer os segredos da mediunidade. Finalmente, ainda nêsse ramo, destacariamos a «Ascese Mística», do Prof. Pietro Ubaldi. Muito útil o estudo da mediunidade dentro das quatro faixas de consciência:

Sensória
Racional-analítica
Intuitivo-sentética
Místico-unitária

Nunca será demais a precaução na escolha de livros sôbre mediunidade. Ao lado de trabalhos sérios e de bôa envergadura, há muita fantasia personalista e fragmentária. O difícil é a seleção.

Um dos fatores de luta íntima do médium, e não apenas dêle, mas dos estudiosos do assunto, é o famoso *animismo*. Entre muita resposta preciosa, Ramatís, ao lhe ser perguntado: «Qual a vossa sugestão para o domínio anímico?», esclarece:

«Não vos aconselhamos a que sufoqueis o fenômeno anímico, *pois dificultarieis consideravelmente*, as vossas tarefas mediúnicas. *Os guias não objetivam a criação de autômatos-mediúnicos, tipos de «robots» acionáveis a distância.* (Grifo nosso). O mediunismo, como meio para fins excelsos, não dispensa a educação e a aquisição de consciência espiritual por parte do «medianeiro». Lembremos aquí o trecho final do livro «Animismo ou Espiritismo», de Bozzano:

«Concluo epilogando novamente as resultantes obtidas e o faço em forma de resposta à questão que me submeteu o Conselho Diretor do «Congresso Espírita Internacional» de Glasgow: «Animismo ou Espiritismo?» Qual dos dois explica o conjunto dos fatos? *«Nem um nem outro,* pois que ambos são indispensáveis à explicação dos fenômenos supranormais...»

Vivemos uma época em que não é

tão importante *quem diz*, mas principalmente *o que diz*. A fase de demonstração da sobrevivência da alma, pelas minúcias e detalhes da entidade desencarnada, foi substituida pela tarefa de elevar o homem, por superação, acima do nível dessas exigências, que em geral, é a do homem, que vive o cíclo puramente instintivo. *Não mais o ôlho e o tacto, o olfato e a audição para que a razão possa aceitar. O elemento de pesquisa agora é outro.* A física moderna matou o mundo concreto, o qual levou consigo, de roldão, *as chamadas provas materiais*, acessíveis aos sentidos.

* * *

E sôbre a oração ? que diremos ? Ainda aqui existem características particularíssimas. Cada um ora de uma forma, achando que a oração é isto ou aquilo, que produz êste ou aquêle resultado. Pontos de vista, ou melhor, pontos de situação ao longo da via evolutiva. Uns só oram para pedir, porque confiam no «pedi e obtereis». Outros para agradecer, sempre, por reconhecerem-se beneficiários da magnânimidade do Pai. Alguns, inocentemente, tentam sutilmente o subôrno da divindade em forma de concessões recíprocas. Há os que indagam anciosamente, se justificam ou deixam extravasar a revolta que lhes vai na alma. Temos ainda os que falam bonito, escolhendo riqueza de vocabulário, ao lado dos que mal sabem balbuciar algumas palavras ; os que improvisam e os que se utilizam de velhas fórmulas. E ainda poderemos observar um tipo de oração que é muda, expressada pelos tristes e amargurados, miseráveis ou injustiçados, cujo único indício de estado de prece, é o filete de lágrimas a escorrer-lhes pela face. Para alguns, a oração deve ser feita em horas pré-determinadas, outros oram a qualquer hora. Muitos exaltam a oração em conjunto, outros o valor da prece solitária.

Existem preferências por *fundo musicais*, e pelo silêncio. Para o místico, a oração é um estado «êxtase», de íntimo colóquio com o Criador, sem lágrimas, sem palavras, indiferentes ao ambiente, num amplexo de paz, com a harmonia do universo.

Admitimos todos êstes tipos de preces e ainda outros, mas a condição única é a pureza de coração, porque, como disse alguém, com sabedoria, «é menos grave a blasfêmia do ímpio que a prece do hipócrita».

A oração, comunhão que é, entre criado e Criador, é um fenômeno único, com ressonâncias diferentes, pela acústica da alma de cada um. Assim como o impulso gerador da contração,—nascendo no nódulo sinusal, propaga-se pela musculatura cardíaca, estimulando-lhes os movimentos que produzirão a circulação sanguínea, assim também, o *estímulo da prece* verificará o indivíduo no nível em que êle se encontre. Falho, perigosamente falho, é dizermos que a prece tem dois efeitos, êste e aquele. A prece — não tem limites, porque depende do homem, da forma, do estado e da intenção de quem a faz.

Um dia, acerquei-me imperceptívelmente de uma alma em oração. Era uma, entre milhares de preces que possivelmente estariam «subindo aos céus», naquele instante. Dizia aquele ser :

— «Senhor, se sou bruto, por que me buscas, já que me chamaste sem que eu te procurasse ? Eu quisera sentir o que sei, viver na plenitude da perfeição conceptual. Há algo em mim que esbraveja, que se debate, numa ânsia louca por libertar-se. Pesado é o fardo que me retém a tanta coisa má, sórdida e inferior. Por que sabendo o que é melhor, faço o pior ? Porque o sentimento de culpa a se fazer sentir no remorso ? Por que, Senhor dos Mundos, Tú, que tudo podes, não me esclareces e não me traças um roteiro para não voltar a reincidir em velhas faltas ? Há momentos em que interiormente se faz um grande silêncio ; parece-me que a natureza exterior e interior cessam seus rumores de vida, na expectativa de minha decisão. Sim ou Não ? Momento terrível para mim. Tú, que no dizer de tantos, és o Senhor da Vida, Tú, que tudo podes, ajuda-me a ver claro, porque receio pela minha decisão. Não me deixes só. Bem sabes meu conceito de vida, de misericórdia e de justiça, de determinismo e livre arbítrio, de paz e de luta, de amôr e ódio. Como sairei disso ? Dá-me a paz que perdi, num lance talvez da inconsciência. Para que dizer-te mais, se Tú, melhor do que eu, sabes a origem e o melhor remédio para meus males ?»

Calou se o homem. Ele e eu, que o observava, ficamos suspensos da resposta do alto. E ela veio para êle e para — qualquer um que ao céu se dirija, mas na forma sutilíssima e individual ; do coração do Pai Criador, para o coração do filho criado. Pareceu-me que a febre de angustiosa indagação se acalmava e, como se brisa fresca lhe perpassasse pela fronte, deixou escapar um sorriso de paz e de alegria. Vieram-me à mente algumas passagens da prece do Viajante :

«Alma cansada que te abates a borda da estrada. Descansa um instante no eterno caminho da vida ; deixa o fardo nas tuas expiações e repousa...

«Através das formas exteriores, os dois mistérios o da alma e o das coisas — se observam e se sentem...

«Diante da divina beleza do criado, a tempestade do teu coração se acalma ; paixão e dor adormecem a um lento e dôce cântico sem fim...

«Pára, ó alma, na tua via dolorosa ; enxuga a tua lágrima e escuta...

«A vida é grande e bela e, mesmo sob a dôr, a mais cruciante e tenaz, é sempre digna de ser vivida...

«Se a inteligência dos grandes venera, e se curva temerosa até a potencialidade do conceito e da realização do Criador e se acerca do divino pelas fatigantes vias da mente, o coração dos humildes chega a Deus pelas sendas da dôr e do amôr, e o sente pelas veredas dessa mais profunda sabedoria. Ora a Deus assim, ó alma cansada. Reclina tua cabeça em Seu peito, e repousa.»

A prece não poderia, como não pode, eliminar o doloroso e atual efeito, quando a causa, como foco infecioso, está intacta. E' no plantío do passado que está a razão da colheita presente. A prece, como comunhão com a harmonia do cosmo, é um haurimento de energias, com o que a mesma cruz nos parecerá mais leve. Não é o pêso que diminui, é a fôrça individual que aumenta. Tanto assim que aquêle homem, antes triste e amargurado, agora sorria em paz. Seus problemas continuariam a exigir-lhe solução ; o céu não lhe dera miraculosas e gratuitas explicações sôbre o que fazer, entretanto, êle agora era outro homem, renovado, fortalecido para o prosseguimento da jornada.

E o homem então, mais senhor de si, respondeu à ação balsamisante do céu.

«Senhor : Bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, pois que ela de Ti me aproxima. Prostro-me diante de Tua obra imensa, ainda que a minha parte, nela, seja o cansaço. Nada posso pedir-Te, porque tudo já é justo e perfeito na Tua Criação, mesmo meu sofrer, mesmo minha imperfeição, que é passageira.

Aguardo no posto do meu dever o meu amadurecimento, e na Tua contemplação busco o repouso.»

E o homem afastou-se. Pisava firme e levava a cabeça erguida. Estava medicado... até nova enfermidade...

LIVROS e AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, *Ramiro Gama*

Ramiro Gama e o médium de Pedro Leopoldo aparecem, agora num livro originalissimo : OS LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER.

Já conhecemos e já privamos na intimidade de ambos. Isto até nos põe à vontade para estas notas.

Não há, efetivamente, quem conheça o grande médium de Pedro Leopoldo; quem tenha privado na sua intimidade, que desconheça fatos e episòdios de sua vida, relacionados aos Espíritos que o assistem. Pois, senhores, são tais fatos e tais casos que Ramiro Gama conta despreocupadamente, suavemente, doutrinariamente, encantando a gente, satisfazendo a toda gente que leia seu belo volume...

Nós já tivemos, também, a idéia que o Ramiro pôs em execução. Em 1937, assim conhecemos o Chico Xavier, ainda não conheciamos o Ramiro Gama. Chegámos, mesmo, a exibir alguns de seus lindos casos em conferência, em MUNDO ESPÍRITA e na revista O REFORMADOR. Iamos até publicar um volume, DIAS LINDOS DE BELO HORIZONTE, englobando impressões de viagem, nosso conhecimento com o Chico e seus casos lindos. Eugenio Carlos Monteiro chegou a elaborar o desenho da capa, uma linda espiral que não tinha fim. Depois de publicados todas as impressões, os casos que então joeiramos do Chico e as mensagens magníficas que então colhemos, em prosa e verso — muitos até repetidas em nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS — o manuscrito desapareceu não sabemos como. Lembramos, então, que o Chico profligou vivamente, um estudo comparativo que então fizemos entre êle e o Mirabele. O fato era real, logicissimo, passara-se assim mesmo. Mas êle não queria que aquilo aparecesse no livro. Seria maguar muito o companheiro. Escrupulos de homem de bem e de cristão!

A verdade é que, aquele fato, e outros fatos lindos do Chico, não fora, revelados ao público. Nem o livro, cuja lembrança e saudade ainda choramos comovidamente.

Estas linhas não são para tratarem de nós, mas da obra, que bem nos soube, do Ramiro Gama.

⁂

Foi M. Quintão quem nos aproximou do Ramiro Gama, em Três Rios, da primeira vez que por lá andamos, Houve, efetivamente, entre nós grande afinidade.

Mas, nossa afinidade nem sempre andou equilibrada, enquadrada na linha de uma amisade inquebrantável. O LAR DE JESUS apareceu. E era preciso que sua idéia e propaganda se fizessem conhecidas. Saiu, então, em REFORMADOR um trabalho do Vinicius, contrário a tais obras. Ou que se nos afigurou contrário. O Quintão tomou seu partido. Escrevemos uma carta esclarecedora, não nos lembramos a quem, contando a atitude do velho Quintão, que não se agastou, nem se inimizou conosco por isso. Essa carta foi bater ás portas do Ramiro, que, também partidário do Quintão, revelou-se-nos. Discordamos, porém sem brigarmos. Tanto que, depois, veio residir em Nova Iguassú. Até parece-nos que aceitou um encargo na direção do F. E. Caridade...

Não tivemos tempo de visitá-lo em sua nova residência. Menos por não sermos gente de visita, mas pelo acúmulo de serviços que bem nos sabia realizá-lo, mais ou menos ao tempo e à hora. Ramiro teria se zangado conosco! Nem por isso, deixamos de convidá-lo, e mais à mocidade *Amaral Ornelas*, para o monumental Congresso de mocidade que realizamos em 1948. Se é certo que não tivemos a cooperação, de ambos, menos certo não é que o *Congresso de Mocidades Espiritas* foi, até agora, a coisa mais rumorosa que já se registrou no Rio de Janeiro...

Acordes e discordes, sempre estivemos juntos, graças a Deus. Briguinhas de espírita, sem ódios e sem rancores...

E voltamos — ai, de nós! — ao mesmo terreno pessoal.

⁂

Lemos seu livro com vivo interêsse. E o comentamos na sessão de estudos do F. E. C. Houve até uma porção de pedidos de volumes que ainda não recebemos. Comentamo-lo, salientando os casos que se nos afigurou mais pitorescos, mais doutrinários. Trata-se, por enquanto, de um livro como os nossos livrecos, que a gente recebe por favor, paga sem ler; ás vezes nem paga e nem lê e nem devolve e nem avisa seu recebimento! Mas, será um livro — afirmamo-lo — para novas edições e para difusão geral.

Ramiro Gama descreve o médium e sua simplicidade, sua vida e suas histórias, num volume que deve ser bem recebido e lido por toda gente...

Estamos em que, noutros dias, quando a *Editora da Federação Espírita* fôr menos restrita e mais franca, um dos primeiros volumes que editará, será o livro de Ramiro Gama, editando edições que se esgotarão, como desaparecem as edições do médium admirável.

Os fatos e episódios da vida e da mediunidade do Chico Xavier, descritos pelo Ramiro Gama, se fôsse coisa comum na vida de qualquer mortal, êsse mortal seria candidato a santificação. Por muito menos, estamos vendo que se está ensaiando uma visão do Cristo, pelo Papa Pio XII, para a sua beatificação, para a sua canonização.

Parece-nos que o Francisco Cândido Xavier não tem pretenção a chamar-se, de futuro, S. Chico Xavier. Parece-nos que não quer ficar devendo esta graça ao Ramiro Gama, claro...

Podiamos alinhavar, ou citar aqui alguns dos bonitos episódios do livro. Mas, seria tirar a graça e o valimento do livro que todos devem ler, devem possuir, devem anotar, devem reler.

Controvérsias Sôbre Metapsíquica

EDSON DE ABREU

EM continuação à fraterna discussão, de ordem científica, que venho mantendo com o eminente confrade Dr. Carlos Imbassahy, apresento hoje, à consideração dos dois ou dos três leitores, que, de fato, se interessem pelo assunto, algumas considerações sugeridas pela análise do último artigo de meu ilustre opositor, publicado nesta Revista, em março p.p., (1955) sob o título de «Sôbre Metapsíquica».

Possa eu, no decorrer de minha análise, não ferir os bons princípios da fraternidade, tanto mais lamentável se acontecesse, quando se considera que meu opositor me excede em idade, e, principalmente, em serviços prestados ao Espiritismo.

Depois de solicitar ao meu leitor ponha diante de si o artigo a que me referí, passo a considerar o primeiro dos três pontos em que se pode dividir a argumentação de nosso confrade.

Lembrarei,—a êsse hipotético leitor a quem me refiro sempre em meus artigos,—que, devendo os que assistem a polêmicas procurarem delas extrair toda lição que puderem, e, não se devendo esperar de mim senão a possível verdade do que defendo, observe êle, no Dr. Imbassahy, ao lado da matéria de sua argumentação, — a graça do estilo, a pureza da linguagem e a habilidade que êle possue no argumentar.

E' o caso, por exemplo, do primeiro ponto por êle abordado e onde se defende—por meio de dois argumentos principais — de haver colaborado comigo. Afirma, em substância, (cf. pág. 34, 2.ª coluna, paragr. segundo) que basta transcrever fielmente uma opinião do A., transcrevendo-lhe as frases sem as alterar, para que não exista colaboração. Corro a lembrar que nem sempre é assim : o sentido de palavra ou de frase muita vez só é percebido quando relacionada com as frases que a antecedem ou a sucedem. Outras vezes, pode-se alterar o pensamento do Autor, sem lhe modificar as palavras, apenas grafando ou deixando de grafar as palavras, ou ainda fazendo-o mais do que Autor.

Pelo menos é a lição que tiramos ao ler um livro de autor muito nosso conhecido: o Doutor Carlos Imbassahy... (Cf. Imbassahy «O Espiritismo à Luz dos Fatos», 1935, ed. F. E. B., pág. 271, cap. «A opinião de um Bispo»).

Ora nosso Confrade colaborou indevidamente comigo não apenas em relação à palavra «tese» (como veremos adiante) mas também por haver levado seus leitores menos avisados a crerem que, por meio da mal fadada epígrafe, (cf. págs. 34, 2 a col., §3) eu queria dizer devesse a Metapsíquica se preocupar com problemas eminentemente filosóficos, como a reincarnação, lei de causa e efeito etc. Com efeito: no primeiro artigo de refutação (Rev. Esp. do Brasil, abril-maio-junho de 1953), Imbassahy depois de citar o tal trecho em epígrafe, ensina-me dizendo que o fim único da Metapsíquica é o estudo do fenômeno supranormal e logo depois, em cinco parágrafos desenvolve o assunto e conclue dizendo que os espíritas além de metapsiquistas são filósofos e se servem daquela base para documentarem suas afirmações sôbre a imortalidade da alma, lei de causa e efeito etc., e afirma pertencerem tais doutrinas a *outra disciplina* (grifos meus), o Espiritismo.

Ora, o que eu dizia era coisa muito diversa; apenas, aquilo que completava o sentido de meu pensamento, *estava no parágrafo seguinte*... E, apesar disso, nosso confrade não sabe onde está sua colaboração !... Foi, aliás, o que amplamente explanei em meu artigo de janeiro último (1955) nesta Revista.

Concluamos o exame do primeiro ponto, examinando o que nosso Confrade achou de dizer a respeito da palavra «tese».

Dissera eu, em janeiro, nesta Revista, que a tese do artigo que provocara toda a discussão — aliás fraterna, — era a conveniência de se substituir a expressão «Espiritismo Científico» pela *palavra* Metapsíquica e não, como queria nosso Confrade, pela afirmação de que a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade dos fenômenos metapsíquicos. E agora nos diz nosso eminente Confrade:

«Mas «tese é uma propósição que se apresenta». Se Edson de Abreu apresenta essa proposição, pareceu-me natural que lhe chamasse tese. O que eu não compreendo é a minha «colaboração».

E, sentindo, (quem sabe ?) a fraqueza da argumentação, apela para uma espécie de redução ao absurdo :

> «Se êsse distinto beletrista se lembrar de dar um nome qualquer a seus escritos e eu lhes chamar artigos, que é como toda a gente chama, não sei porque estarei «colaborando».

Sim, mas o que também toda a gente sabe, é que quando alguém fala em *tese* de um artigo (ou de um livro, ou de uma conferência) refere-se à idéia central do artigo, aquele ponto principal sôbre que se escreve. Ora, no caso vertente, aquela idéia a que se atirou o Dr. Imbassahy era *uma das teses secundárias de meu artigo*, usadas porque me pareciam ter valor para auxiliar a defender A TESE de meu artigo. Á semelhança de demonstração matemática, em que, muita vez, empregam-se teses já conhecidas para se chegar à tese que se quer demonstrar. Aliás, em meu artigo aquele ponto não se referia propriamente à minha tese, tinha outro objetivo, tanto que poderia ser dali retirado sem que se perturbasse o valor da argumentação.

Todos conhecem isto muito bem, de sorte que, sem mais demora, passaremos ao estudo do segundo ponto de seu artigo.

Ao considerar a opinião já tantas vezes por mim referida segundo a qual a Metapsíquica não tem por objetivo, apenas, provar a realidade do fenômeno metapsíquico, o Autor nega simplesmente a opinião supra que eu reiterara, sem fazer referência, mesmo de leve, aos esclarecimentos por mim prestados. Esqueceu-se, em consequência, do que lhe impunha a honestidade científica. Desta vez nada tenho a refutar, pelo motivo acima, e só me resta enviar o leitor ao meu artigo de janeiro último (1955), nesta revista publicado.

Passemos ao terceiro ponto — e último—da argumentação de nosso Confrade. Expliquemos, historiando, como se desenvolveu minha argumentação : – 1) na Rev. Esp. do Brasil, janeiro a março de 1953, à pág. 22 eu citava pequeno trecho de artigo do Dr. Imbassahy, publicado em «Mundo Espírita» (ano XVIII, n.º 780) em que, respondendo a Três Estrelinhas, que não sabia o que era Metapsíquica, dizia : «Pois saiba que a Metapsíquica é a base do Espiritismo. Não há Espiritismo sem Metapsíquica. Sem essa Ciência perderia toda sua fôrça, todo o seu sustentáculo que é a prova.» Referindo-me a estas palavras, eu dissera que, quando as lera, julgara estar sendo a Metapsíquica colocada fóra do Espiritismo. Logo adiante, entretanto, na segunda coluna da página citava pequeno comentário de ilustre Confrade a recente obra do Dr. Carlos Imbassahy, e, louvando-me nos termos dêsse comentário, publicado em «Mundo Espírita» (ano XIX, n.º 804), afirmava eu «Daí concluí eu, que Imbassahy deve, realmente, aceitar o vocábulo «Metapsíquica» como mais próprio para substituir a expressão «Espiritismo Científico». —2) Ainda na Rev. Esp. do Brasil (abril a Junho de 1953) em artigo intitulado «O vocábulo Metapsíquica», o Dr. Imbassahy considerando a primeira conclusão, se perguntava como poderia colocar a Metapsíquica fora do Espiritismo quando afirmava que ela era a prova, a base, o sustentáculo do Espiritismo... — 3) Já nesta *Revista Internacional do Espiritismo,* em janeiro p. passado (1955), eu defendia minha idéia supra mencionada lembrando ao meu Confrade que : a) dizer que Metapsíquica era a base do Espiritismo (sem os adjetivos *filosófico, científico* ou *religioso)* era, só com isso, colocá-la fóra do Espiritismo ; b) que, por se afirmar que algo era a base de alguma coisa, não significava isso, que essa base devesse necessariamente fazer parte da coisa considerada. Por se dizer que a Metapsíquica era a base do Espiritismo não se segue que devessemos ser obrigados entender que ela estava compreendida dentro do Espiritismo. Tanto mais quando se considera o que expenderei mais adiante sôbre a alínea «a» dêste parágrafo... Assim, quando dizemos que a base de nosso corpo são os pés, compreende-se que esta base faz parte de nosso corpo; porém, muitas vezes não é assim. A êsse respeito citei em meu artigo o caso de minha máquina de escrever que se apoia, tem sua base em mesa que naturalmente, dela não faz parte. Lembrei, ainda, o caso da relação entre a Geografia Física e a Geologia, duas ciências perfeitamente distintas muito embora a segunda seja, em boa parte, a base da primeira... c) Referí-me em seguida ao parágrafo em que, ao meu ver, nosso Confrade sempre muito confuso a respeito dos assuntos que nos interessam, fornecia elementos para os que achavam retirava êle do Espiritismo toda a matéria científica... Após dizer que a Metapsíquica era o estudo do fenômeno, nosso Confrade, referindo-se à reincarnação, lei de causa e efeito etc. assim dizia:

> «Tais Doutrinas, porém, já fazem parte de outra disciplina, o Espiritismo».

Que diz agora, em seu trabalho de março, nosso Confrade? — em referência à alínea «a», alega não haver compreendido o assunto, e, muito acertadamente, se abstém de comentá-la. Mais adiante eu a analisarei. Quanto à alínea «b», a propósito de meu exemplo sôbre a mesa e a máquina de escrever—volte o leitor a ler o que sôbre o assunto eu digo mais acima — O Doutor Imbassahy lembra-me de que sem a mesa não poderei escrever (salvo se escrevesse no ar) quando já então a mesa não seria a base; é o que se dá em Espiritismo. A Metapsíquica é a prova do que se afirma. E exclama:

«Pode ser que um dia prescinda, — quem sabe lá — dessa prova, como o Sr. Edson poderá prescindir de sua mesa, quando conseguir manter no espaço a sua máquina, por algum processo de levitação. Por enquanto, porém, nem o amigo escreve sem um ponto de apôio, *nem o Espiritismo se demonstra sem o apôio do fato*». (Grifos meus).

Muito hábil essa argumentação, como se observa, porque *em si*, é muito boa; no caso, é má, apenas porque não tem relação com o assunto a que se pretende referir. Ora, como nem todos perceberão êste último ponto... De resto, permitiu êsse modo de argumentar se safasse, o Confrade, aparentemente bem, das dificuldades que teria de enfrentar se quisessse tratar do que eu verdadeiramente queria dizer com aquele exemplo e os demais de que falo acima na alínea «b», ao mesmo tempo que o leitor menos avisado é levado a crer que eu dissera que o Espiritismo poderia prescindir do apôio do fato... Lembro—apenas para evitar possiveis dúvidas que nada em meus artigos autorizaria nenhuma conclusão naquele sentido. Leia-se meu artigo intitulado «Caos» (Revista Espírita do Brasil, out.-dez. de 1952) em que faço sentir minha crença no tríplice aspecto do Espiritismo, e na necessidade de nos basearmos no fato e no critério científicos.

Concluamos a argumentação tratando daquele ponto já longamente repetido, em que meu opositor, após declarar não ter a Metapsíquica outro fim senão o de provar a realidade do fenômeno, diz que a reencarnação, lei de causa e efeito etc. pertencem a outra disciplina, o Espiritismo. E, diante da minha observação mais acima referida, êle se defende dizendo que aquilo significava, apenas, estarem tais Doutrinas em outro capítulo, em outra parte — a filosófica. Não estão desarticuladas do todo. Estudadas em aulas diferentes, até em épocas diversas, a Aritmética, a Álgebra, a Geometria não deixam de fazer parte da Matemática. No parágrafo seguinte, o A. sustenta o tríplice aspecto do Espiritismo.

Raciocionemos: 1) eu estou errado e o Dr. Imbassahy *não* considera a Metapsíquica fora do Espiritismo. 2) êle defende — como eu o faço o tríplice aspecto do Espiritismo; 3) a Metapsíquica há-de, evidentemente, constituir a parte científica do Espiritismo. As outras partes serão o Espiritismo Filosófico (ou nome outro, se quiserem) e o Espiritismo Religioso.

Empregado isoladamente, sem adjetivo do tipo dos mais acima, o vocábulo «Espiritismo» tem um sentido muito geral, pois engloba os três aspectos já referidos. Segue-se que, *não* considerar a Metapsíquica fóra do Espiritismo e depois dizer que ela é a base do Espiritismo, é, no mínimo, uma incoerência.

A esta altura, perguntará o leitor: — «E que tem tudo isto, meu Edson, a ver com tua tese?» – Pouca coisa, responderei, porque também nunca o doutor atingiu minha tese. Devido a isto, e devido principalmente aos equívocos, esquecimentos de meu opositor a controvérsia não é aquilo que eu esperava. Observo, também, que ela ficou como as «conversações inconsequentes» de que fala a Psicologia: eu a dizer uma coisa e o Dr. Imbassahy a «responder» com assunto muito diferente. Como ambos já nos explicamos, sugiro seja encerrada aquí a discussão do assunto, pois o que nosso

Confrade queria era explicar sua idéia sôbre o assunto, o que já fez. Quanto a mim, pudesse eu um dia, após estudar muito, em livro, tratar de novo do assunto. Até lá, pois, ou... até novo artigo, se a tanto me forçar nosso Confrade, a cujo caráter, moral e inteligência devoto a admiração e o respeito de sempre.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XII CAPÍTULO

1) Não me lembro do tempo que permanecemos em Esplanada. Nem quando aí chegamos, nem quando daí saímos.

Como, entretanto, a memória da gente, na infância, retem as coisas com exclusão de datas, melhormente, lembro-me de muita coisa que talvez valha a pena recordar.

2) Nem eu nem meus irmãos frequentamos escolas em Esplanada. Donde concluir que estivemos aí muito pouco tempo...

3) Minha avó demorou-se pouco. Mudou residência, transferindo-se para outro lugar, ficando a casa sob a responsabilidade de minha mãe.

4) Tia Davina queria distribuir os sobrinhos como coisas de sua propriedade, pois colocou o João, ainda pequenino, no *Hotel dos Viajantes*, do filho, e o José, na *sua venda*. A isso se opôs minha mãe. «Não. Meus filhos eu não dou a ninguém. A viver ou a morrer, mas com eles».

5) Tia Davina não gostou. Chegou até a ir em casa e dizer, macriada e sofreando seu puxamento (aflição de asna) desaforos a minha mãe, que, entretanto, dentro do critério de que «dois não brigam, quando um não quer», nada lhe respondeu...

6) Até o *furto do Leopoldo* veio à baila. Um furto? Assim que visitei, pela primeira vez, sua venda, dei com uma bandeja de cocadinhas brancas, em talhadas, que me aguçaram a gulodice. Não tive dúvida: apanhei uma, e mais outra, e outra mais, pensando que ninguém visse...

7) Comecei aí uma vida à Casemiro de Abreu: «Pés descalços, braços nús, correndo pelas campinas...» Uma vida de menino sadio, o que eu não era, e forte. Na fôrça do sol, enfiava um chapéu grande de palha que, aberto num ponto, me permitia ver através do rasgo.

8) Eu era bem gago e falava bem arrastado. O Arcilo, um sapateiro, que tinha bôa voz e gostava de serenatas, mexia demais comigo. Quando eu passava à porta de sua tenda de sapateiro, êle me chamava de propósito, só para me ouvir falar. E gozava, quando lhe dizia, com voz arrastada, cantada, gaguejada:

— Não passo aí, porque vou comprar um carrinho pra mamãe...

—

9) Esse cantor de serenatas alegrava, vez por outra, Esplanada com as suas modinhas. Na época, era a modinha, e não o samba, que representava a música popular do Brasil. De suas modinhas, a de que mais se gostava era a *Barca Bela*:

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela
Olha o canto da sereia,
Pescador, livra-te dela.
Larga o remo,
Colhe a vela.

10) E eu, que, nesta existência, por mais que goste de música e de canto, não trouxe nenhuma boça de cantor e de músico; eu metia-me na rêde e toca a repetir, em voz alta, encomodando a visinhança, as modinhas do Arcilo...

—

11) Minha mãe costurava aí demais. Era mesmo a costureira da cidade. As outras mulheres de casa ajudavam-na. Mas, os trabalhos de todos, não dava para nossa subsistência.

12) Havia um rapaz, empregado da Estrada de Ferro Salvador-Alagoínhas-Esplanada, que distribuia a mim e a meus irmãos, diáriamente, um pão sovado, de dois vintens. Acordavamos muito cedo para ir apanhar o pão. Depois, o generoso Higino, o doador, deu ordem para irmos apanhá-lo à padaria.

13) O velho Pôdô, dono da padaria, rico e miserável, procurou enganar-nos, dando-nos pão duro e mal feito. Protestamos. E o velho usurário, olhando-nos, áspero e decidido, a apontar o pescoço, por baixo da boca : «Ora, meninos, o gostinho é só aquí. Cá dentro, tanto faz presunto como pão seco !»

—

14) Apareceu aí um comprador de fumo em folha, que precisava de meninos diligentes para transportar folhas de fumo, e enfardá-las. Fui dos meninos contratados por quatrocentos réis o dia. Mas, só enfardei folhas de fumo um dia, até antes do fim da tarefa, de tão enjoado e tonto que fiquei.

—

15) Numa festa de aleluia precisou-se de alguém para ler o testamento de *Judas*. Foi o José, meu irmão, o testamenteiro. Montado a cavalo, o *judas de mulambos* à garupa e eu, puxando o animal ! Lembro-me, ainda de um versinho, que mexeu com o velho Pôdô, focalizando sua sumiticaria :

Deixo ao velho Policarpo,
Por ser dono de padaria,
O *forno* de meu cavalo
Para fazer pão todo dia !

E no fim da brincadeira, haviamos ganho dez tostões...

—

16) A velha Dadá descobriu que havia uns parentes seus residentes num lugarejo perto, chamado S. Paulo. Para lá se botou de pé, na perspectiva de qualquer auxilio mais urgente, que se podesse aplicar a roupinhas.

Mas, voltou, três dias depois, apenas com notícias, lembranças e uns cajusinhos muito amarelos, madurissimos, azedissimos ...

—

17) Também chegou ao conhecimento de minha mãe que perto, na estação de Pedra, havia parentes seus — o velho Euzebio, surdo e bom, cuja esposa era sua prima muito longe, e seu filho de criação, o Angelo, que afinava, pelo coração, com os dois. De lá vieram realmente alguns auxílios, que recebemos com desvanecimento.

—

18) Ora, eu não tinha, até aí, encontrado sinão dificuldades sérias, e falta de tudo, e necessidades gritantes. Por isso, uma tarde, embora menino e inculto, pús-me a pensar, deitado à rede, à hora mais quente do dia. A Dadá, talvez compadecida de mim, perguntou-me :

— Você *tá* pensando ? Em que *tá* pensando você ?

— Estou descansando meus ossos velhos e pensando na minha vida.

Isso fez rir a minha mãe e a toda gente.

—

19) Um irmão de minha mãe, inferior do Exercito, descobriu-nos em Esplanada. Foi visitar-nos. E acertou que, assim désse baixa e pusesse sua alfaiataria de recortar fardas de soldado, voltaria a buscar-nos. Mas, ficou, desde a primeira vista enamorado da Sinhazinha, a costureira visinha, que êle também levaria, e a mãe, a velha Cota.

20) Assim sucedeu, efetivamente.

Estas, e mais o episódio da primeira manifestação de Espírito que eu assisti, foram as recordações mais vivas e mais fortes que ainda guardo de Esplanada.

—

21) Voltei à Esplanada em 1914, em companhia de outro contador, cuja irmã fôra quasi minha noiva. Fizemos aí, e na fazenda do Euzebio, na Pedra, bôas noitadas e boas serenatas. Ele cantava e eu acompanhava-o ao violão, e dizia versos com enfase. Estavam em moda duas modinhas que eram até solicitadas das casas e das ruas :

22) A Caraboo ! Cante a Caraboo !

E o cantor cantava-a com garbo :

«Uma lenda do Norte
Que conta com singeleza
O amor que um guerreiro
Tinha a uma princêsa...»

E prosseguia por aquí até o estribilho.

«Ai, minha Caraboo,
Dou-te meu coração.»

23) E mal terminava, outras vozes :

— Stela ! Agora, acorda,
abra a janela, Stela !

O cantor, ainda mais entusiasmado.

Que noite ! O plenilúrio,
Como um sonho,
Assim tristonho,
Boiando pelo Céu, beijando o mar...

As estrelas, no Azul,
Brilham sorrindo,
Se estás dormindo,
Eu venho, meu amor, te despertar...

E a linda canção terminava langorosamente :

— Acorda, abre a janela,
Stela !

—

24) Uma sobrinha de meu pai — aliás, a cara mais bonita de Esplanada — estava de namoro com o filho de um ricaço da terra, com quem, aliás, se casou. Os tios e primos, que não gostavam do rapaz, nem viam o namoro com bons olhos, tudo fizeram para me atirarem namorando a moça, contra o rapaz.

— Eu ? *Vades retro !* Não voltei à Esplanada para comprar barulhos e inimizades com ninguém.

—

25) Um rapaz, que se casaria, mais tarde, com uma prima pelo lado paterno, muito verboso e gabola tinha umas casinhas e uns burros de sela, herança paterna. Enfeitiçou-se por mim, pelo cantor. E levou-nos, uma tarde, à Altamira, lugarejo perto de Esplanada, além de Timbó. Fizemos aí uma alegre noitada, a modinhas, violões e recitativos. Mas, não podemos levar aquilo até as dansas que as moças se recusavam a ir dansar conosco, alegando : «Lá, não. Com os dois moços da cidade ! — lá, não !»

26) De volta, no dia seguinte, depois de um almoço improvisado, castigados do sol e de cansaço, sobreveio-nos uma justa sêde. Um coqueiro baixinho, carregado de cachos, aguça-nos a vontade de beber água de côco. Mas, não se tinha nem facão nem jeito para tirar os côcos. Um tropeiro, que vem em sentido contrário a nós, com um facão grande à cintura.

27) — Moço : quer nos fazer um grande favor : subir neste coqueiro e tirar aquêle cacho de côcos.

— Eu ? vocês me pedem isso porque não sabem que espécie de homem é o dono desses côcos. Miserável e malvado.

Pode tirar, que nós temos ordem dêle.

— Assim, a coisa muda de figura...

28) E trepou no coqueiro, derrubando os melhores côcos, que os preparou, com seu facão, dando-nos, para bebermos a água. E abertos, depois, para saborearmos a polpa. Fartamo-nos de água de côco e de polpa. E deixamo-lo aproveitando-se do resto.

29) Despedimo-nos e botamo-nos, alegres, de volta. Adiante, um homem mal encarado, a cavalo, um enorme facão ao lado. Fui eu quem falou :

30) O senhor é o dono dêsses coqueiros ?

— Sou, sim. Porque ? — respondeu, áspero.

— E' que está lá em baixo um rapaz, estragando todos os seus côcos.

— Muito obrigado! Muito obrigado !

E esporeou, indignado, o animal, descida abaixo.

Não sei o que sucedera entre ambos.

Mas sei que daquela brincadeira e leviandade constituiram-se-me uma falta de tal gravidade, cujo remorso sempre me perseguiu.

Dr. Carlos Steagall — (Crônica Biográfica)

3 de dezembro está intimamente ligado à nossa saudade, porque nos lembra a data do passamento dêsse valoroso companheiro de ideal e de crença.

Carlos Steagall perpetuou-se no movimento espírita brasileiro pelo seu empenho de servir à Doutrina Espírita com o sentimento cristão. E mais saliência, sem dúvida, obteve sua personalidade pela pleiade de filhos que, seguindo as pegadas do progenitor intemerato, valorizaram em muito a tribuna espírita. Nasceu êsse querido companheiro a 25 de maio de 1892, tendo como pais o sr. Guilherme Pierce Steagall e Carolina Crisp. Sua educação primária foi feita em uma escola isolada. Até aos 19 anos de idade não teve oportunidade de definir-se em matéria de religião. Sempre procurou tirar conclusões de princípios diversos ora no Protestantismo, ora no Catolicismo. Certa vez levaram lhe a assistir sessão espírita.

O jovem perquiridor logo sentiu-se atraído por algo que lhe deixou muito impressionado. Conhecia o gráo de cultura do médium, que serviu de intermediário nêsse trabalho prático. O preparo do homem não condizia com o resultado intelectual da reunião. Pois, o médium nada entendia de psicologia, no entanto, forneceu-lhe página de ensinamentos profundos, assinada por São Luiz.

Houve ponto que lhe tocou tão intimamente e de que ninguém alí tinha conhecimento, que só poderia ser atribuido o fenômeno a entidade extra-terrena...

Daí, então, inícia-se êsse moço a interessar-se pela Doutrina Revelada pelos Espíritos. Tornou-se, mais tarde, como o conhecemos, no valor inestimável para as fileiras do Espiritismo. Seus estudos levaram-lhe a tomar contacto com Cairbar Schutel. Aprendeu assim, nos albores de sua formação intelectual, a sentir o Cristianismo Vivo com êsse mestre do jornalismo espiritista. Teve, também, em Piracicaba, convivência com o robusto exegeta Vinicius e essa oportunidade deu-lhe ensejo de estruturar-lhe o aço das convicções pelo caráter de homem independente. Ainda, em Campinas, sob os cuidados fraternos de Souza Ribeiro orientou-se sadiamente na Filosofia Reencarnacionista. Dr. Souza Ribeiro, o polemista distinto e fluente, encitou-lhe outros propósitos e, graças a êsse incentivo, diplomou-se em Odontologia.

Carlos Steagall foi pregador espírita de recursos apreciáveis. Suas palestras eram fortalecidas pelo senso de cultura evangélica. Êle é o que se pode dizer de pregadòr eclético, tal a lhaneza de frases e elegância de conceitos. Quando ocupava a tribuna para falar das verdades esposadas pela Doutrina Consoladora, facilmente se empolgava e enchia de vibrações salutares o ambiente todo.

Sua primeira preocupação foi o Lar, construido com amor e respeito a Deus. A figura de sua esposa amorável e o enfeite de seus filhos amigos davam-lhe confiança e apôio para as atividades dentro da sociedade em que viviam.

Preocupou-se, porisso, em converter ao Espiritismo, antes de mais nada, seus próprios filhos, pois sempre julgou que, nêles, estaria sua maior soma de responsabilidade assumida. Encontrou na consorte bem amada a colaboradora de primeira linha. Essa sua companheira, sem favor, representou-lhe sempre o maior estímulo. Sua mulher representou sempre, em sua vida ativa, a palavra certa nas horas incertas. Na defesa dos postulados da Revelação Nova, foi-lhe a companheira o anjo tutelar em todos os seus atos e atividades.

De seu consórcio vieram-lhe 14 filhos, dos quais 8 continuam no plano físico a honrar-lhe o nome, dando sequência ao programa de suas atividades dentro da Doutrina. Êstes, é-nos grato registrar, são: Elisabeth, Sarah Seide, Valéria, Carlota, Dayse, Lincoln, Denis e Washington. São êsses os filhos queridos e que perfazem a vinheta emotiva da personalidade impar de Carlos Steagall. Pai exemplar, espírita integérrimo, cidadão digno e útil aos seus pares, só poderia ter legado nome capaz de despertar em nós a mais viva admiração e simpatia.

Essa criatura benquista, que hoje, nesta crônica de saudade e carinho, vem inspirar lembrança para que nós o tenhamos vivo, é a lição que representa.

Há dois anos, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, terminou seu ciclo de existência terrena. Seu desencarne precedeu-se a perfeita lucidez. Isto vem confirmar seu preparo para o transe e dizernos de sua saude espiritual.

Sua fisionomia tranquila foi o testemunho do estado de sua consciência, quando respondeu «Presente Senhor» à hora da chamada de seu nome...

A retidão de seu caráter e a consciência impoluta puderam ser apreciadas em torno de si, pois ali estavam na hora em que não temeram o acerto do relógio.

Cumpre-nos o dever de fazer reverência a homens como Carlos Steagall que, no dia 3 de dezembro de 1953, terminou seu ciclo de vida neste plano.

E êste dever mais se nos impõe porque o exemplo e a lição dos homens pedem novos interessados para fazer êste mundo digno de criaturas deste jaez.

Porisso, justa esta página, quando sabemos que o Cristo encontra, de quando em vez, discípulos dignos de Seu salário.

Carlos Steagall foi, de fato, verdadeiro espírita de nossos dias...

AGNELO MORATO.

Franca, 6/1/56.

A Donzela de Orleans

A. Olser

«A vida de Joana d'Arc foi uma lenda viva.» — *Michelet.*

REINAVA na França, Carlos VII e a Inglaterra dos Henriques, havia conquistado e dominado quasi a metade do território francês, e já sitiava a cidade de Orleans. Era propósito da Corôa da Gran Bretanha, anexar aos seus, o domínio da França para constituir um reino unido, como sucedeu com a Irlanda...

Uma simples aldeã, cândida, casta e devota, que meditava à sombra da «árvore das fadas», onde escutava as vozes de S. Miguel, Sta. Margarida e Sta. Catarina, foi a heróica libertadora da França.

Joana era uma jovem humilde, analfabeta, formosa e muito viva, que possuía em torno de si uma couraça tão forte de fé em Deus, que constituia uma barreira intransponível de sua pureza e castidade.

As vozes repetiam: — «Irás ter com o sr. de Baudricourt, capitão de Vaucouleurs, e êle te fará apresentar ao rei». Diante de tal insistência, Joana sái de sua modéstia, abandona seus pais, deixa sua terra natal e se dirije à Côrte que a recebe friamente, repelindo-a e chamando-a visionária...

Mas era preciso obedecer as vozes celestiais. Era imperioso dar cumprimento à sua missão. Era necessário salvar o seu país e o seu rei. E ela teima, persiste, insiste e não se abate, não se acovarda e não desanima, até que a levam a presença do volúvel rei que é logo por ela reconhecido à primeira vista, muito embora êle estivesse disfarçado e confundido entre a multidão de fidalgos!

Pedem-lhe um milagre e Joana responde que veiu apenas cumprir as ordens divinas. Reune-se o Parlamento. Constitúe-se uma comissão de teólogos. Consultam-se os Conselheiros do Rei. E, afinal, ei-la transformada em um autêntico soldado. Um militar lhe dirige um gracejo inconveniente, invocando o nome de Deus. E Joana o admoesta: — «Tu O renegas e estás tão próximo da morte!» Momentos após, êsse militar cái à água e se afoga!

Necessitava ela de uma espada e manda que a procurem atraz do altar de Sta. Catarina, onde, de fato, foi encontrada! Empunha um estandarte branco ornamentado com flôres de líz, onde se via também Deus dominando o mundo, entre dois anjos.

Durante o levantamento do cêrco de Orleans, disse ao Capelão: — «Amanhã o meu sangue correrá, porque serei ferida acima do sêio». De fato, uma flecha atirada por um soldado inglês, veiu ferí-la entre o pescoço e a espádua.

Nas ofensivas ia sempre à frente dos soldados empunhando o estandarte, para encorajá-los e nas retiradas era sempre a última, erguendo-o bem alto como a protegê-lo...

E assim, levando de vencida os invasores inglêses, expulsa-os do território francês e leva triunfante Carlos VII a Reims para ser sagrado, coroado e reconhecido como rei.

Após a libertação de sua Pátria, abandonada por seu rei, esquecida de todos, cái Joana prisioneira dos inglêses que se rejubilam com a prêsa a quem deviam o fracasso de seus sonhos de conquistas. Presa e ferida, é encarcerada no castelo de Beaulieu e Beaurevoir, onde é posta à ferros.

O cardeal de Winchester que governava a Inglaterra com seu prestígio político, com a sua fortuna e com a sua influência sôbre o Conselho e poderosos inglêses, muito contribuiu para a condenação de Joana.

Pedro Cauchon, bispo de Beauvais, foi o juiz presidente encarregado de seu processo e o responsável pelo seu fatal veridito.

Carlos VII abandonou-a à sua própria sorte. Joana se encontrava sozinha diante de inimigos irreconciliáveis, prepotentes e cruéis. Mas a sua luz interior jamais se extinguiu mesmo dentro das chámas da fogueira que lhe queimaram o corpo!

Respondia com rara e admirável habilidade, convicção e eloquência, às capciosas perguntas dos inquisidores. Eis alguns exemplos edificantes: —

Quando lhe perguntaram se Sta. Margarida e Sta. Catarina eram inimigas dos inglêses, respondeu: — «Elas aborrecem o que Deus aborrece e amam o que Deus ama».

Quando a interrogaram se se encontrava em estado de graça, replicou: — «Se o não estou, Deus permita que o venha a estar, e se estou que Deus me conserve assim».

Quando, para ridicularizá-la, indagaram se S. Miguel lhe aparecia nú, ela desconcertou-os com a seguinte réplica: — «Julgais que Deus não tenha com o que o vestir?»

Como não soubesse lêr nem escrever, obrigaram-na a assinar em cruz uma autêntica confissão EXPONTÂNEA, pela qual se considerava «herética, cismática, idólatra e feiticeira...» mais do que o indispensável e necessário para ser queimada viva!

Em Ruão, na Praça do Velho Mercado, armaram uma grande e alta fogueira. Cobriram o corpo de Joana com barro para que o suplício fôsse mais prolongado! Ataram-na com correntes a um poste. Acenderam a fogueira e o fogo consumiu uma vida jovem a quem o povo francês devia sua liberdade!

A luz interior continuou influindo no destino de sua Pátria e no ânimo de seus defensores: Os inglêses foram banidos totalmente do território francês.

A França estava livre! mas a jovem e simples aldeã, cândida, casta e devota, transformada em «herética, relapsa, apóstata e idólatra», estava morta!

Ao morrer, pendendo a cabeça, exclamou, num grito: «Jesus!» E dez mil homens choraram a sua morte...

Só os inglêses riam... Entretanto, um secretário do rei da Inglaterra, repetia sem cessar: — «Queimamos uma santa!»

E com a morte de Joana, escreveu-se a mais bela página de uma lenda viva... Vinte e cinco anos após, Carlos VII mandou fazer uma revisão no processo. O Papa Calixto III revoga a primitiva condenação e proclama Joana heroína e santa!

Contradições da história do sentimentalismo humano!...

A Morte não destrói a Vida

MAX KOHLEISEN

Todas as religiões que se baseiam na sobrevivência da alma, depois do fenômeno chamado MORTE, são religiões espiritualistas.

Mas, perguntamos, por que razão existe assim mesmo aquêle pavor incrível ao surgir numa família aquela grande «amiga» — a morte — pavor êsse que temos observado, com frequência, especialmente no seio de famílias devotas ao catolicismo? Eis, aquí a resposta: trata-se de uma questão de fé! Nota-se que, a fé dos que militam dentro do romanismo é, infelizmente, ainda, aquela fé cega, fé imposta com ameaças muitas vêzes até infantís, uma fé cheia de mistérios incompreensíveis!...

De outra feita, quão diferente é a fé daquêles que já militam na doutrina da LUZ, a doutrina do Mestre Jesus, que o Espiritismo evangélico nos ensina! Alí prevalece «a fé raciocinada» que é a fé viva e compreendida, com clareza, pelos seus adeptos, razão por que não se apavoram ao cumprir-se aquela lei natural e divina A MORTE, pois já se compenetraram que, de fato, o espírito sobreviverá sempre àquele fenômeno — a morte. Na fé do crente católico, entretanto, surge quasi em geral, a DÚVIDA, quando chega a hora extrema. Como prova disso desejo apresentar, hoje, ao presado leitor um destes exemplos frisantes que temos assistido há anos, exemplo típicamente desconcertante de um lado, em matéria de fé do romanismo, e do outro lado o exemplo de fé viva, cujo protagonista, *por excepção*, foi desta vez um padre católico, sim, católico exteriormente, entretanto interiormente já um adepto da doutrina espírita, convicto a toda prova, pois, foi muito nosso amigo, amizade essa que, também não foi destruida pela morte!

Eis a lição grandiosa que êste padre deu, não só à família enlutada, mas sim, também, à multidão que vinha assistir à cerimônia de despedida de um querido amigo:

«Falece repentinamente o gerente de uma usina no interior, chefe bondoso e exemplar de numerosa família. Tão compacta era a massa do povo que se comprimia dentro e fóra da residência que só com dificuldade pôde o sacerdote alcançar a porta de entrada onde se encontrava a urna mortuária. Naqueles instantes chegou ao apogeu o espectáculo, aliás pouco edificante e produzido pelos elementos que compunham aquela grande família enlutada de um momento para outro. — Não há palavras que descrevam aquilo que assistimos no interior daquela residência; tal era o comportamento desesperado de cerca de 20 pessoas, de filhos e parentes, para causar mesmo arrepios, tanto por parte de senhoras, de moças e de homens feitos, num bradar verdadeiramente infernal, descabelando-se, blasfemando contra «um Deus injusto», que Deus não existe, Deus que lhes vinha «roubando» o ente querido, idolatrado, etc.!!

Notemos que o nosso amigo, o padre, ficou abismado, também, com semelhante espectáculo de confusão barulhenta. Mas logo se refez e, em seguida, recorreu a êste estratagema, inesperado para todos os presentes, — gritou, também, em alta voz, ainda se encontrando na soleira da porta do recinto convulsionado: «Pedro Feliciano!» (o nome do defunto era outro). Reduz-se agora consideravelmente o pandemônio da barulheira. Mas o padre repete com voz retumbante chamando pelo nome o defunto. Em seguida faz-se um silêncio tumular. E novamente bradou o padre, pela terceira vez, o nome do querido falecido e, só agora, pôde êle avançar por uma ala aberta no meio da massa humana presente, chegando finalmente junto ao caixão; e quando a maior parte dos presentes dirigiu o olhar em direção ao sacerdote a quem julgaram já, muitos, parcialmente desequilibrado, êste, então, agora com calma, assim falou àquela grande aglomeração: «Primeiramente tive a desagradável impressão ter entrado, por engano, num manicômio. Vi-me como perdido aquí e só, quando me veio na mente precisar chamar à razão muitos que aquí se encontram. E assim clamei, chamando pelo nome do nosso muito querido Pedro!»

«Por ventura, alguém, aquí, ouviu o Pedro responder ao meu chamamento?» O silêncio tumular continua e ninguém ousava dizer palavra. Prossegue então, assim, o nosso amigo padre: «Nem vós e nem eu temos ouvido o Pedro responder! E sabeis porque êle não respondeu? Escutai! O nosso Pedro já se foi, seguiu atendendo ao chamamento de regresso para aquela grande pátria donde nós todos viemos e para onde, algum dia, havemos de regressar, sem nenhuma exceção de quem quer que seja! Olhai agora aquí; o que vêdes neste caixão já não é mais o Pedro! Aquí está sòmente a roupagem ocupada até ontem pelo Pedro, roupagem gasta e já em começo de putrefação; ela para nada mais presta e retornará, por por isso, ao grande laboratório — a terra. O Pedro, como já o disse, não respondeu ao meu chamamento porque o seu espírito já está longe daquí, nas alturas do céu! O espírito, nunca, jamais morre, pois, para a eternidade fomos criados por Deus nosso Pai! Ouso dizer mesmo: Pedro, és um bemaventurado, visto que foste sempre entre nós um ótimo cristão, um chefe de família e um amigo verdadeiramente exemplar, podendo servir mesmo como modêlo digno para ser imitado por todos. E, agora, meus presados presentes, espero que todos compreenderam realmente o que se passou com o nosso Pedro que continua ainda e sempre bem vivo, agora no plano espiritual, por certo muito feliz. Por isso deixemos de lamentá-lo, chorá-lo, aborrecê-lo, já que acabo de vos esclarecer a mente que A MORTE NÃO DESTRÓI A VIDA, vida essa que nos vem de Deus nosso Criador e é eterna, embora existam momentos de prova e separação temporárias, assim instituidas por Deus para que sejamos experimentados em nossa fé!»

Assim terminou a magnífica lição administrada pelo bondoso sacerdote romano, nosso grande amigo que, sem dúvida se encontra, também, contente e feliz na grande pátria espiritual. Aquí na Terra, por ter sido sempre franco e leal, fugindo às hipocrisias convencionais, não avançou pelos degraus hierárquicos, pois terminou sua vida reta e simples aquí como um pequenino padreco; mas, hoje, lá no outro lado, deve representar um espírito de escól e de luz. Firme e convicto soube êle defender sempre a Verdade, aquela Verdade que nos irmana dentro do Espiritismo evangélico e nos libertou não só da confusão dogmática mas sim, também, daquela tão funesta fé cega ultramontana.

Piracicaba, dia de Finados, 1955.

Crônica Estrangeira

Manifestação Póstuma

«Revue Spirite»

Olga Ouskine relatou o seguinte episódio de manifestação intencional. Pertence ao arquívo do astrônomo Camilo Flammarion :

«Meu avô sentia verdadeiro prazer de assustar pessoas quaisquer que fossem, isto de maneira bastante original. Batia palmas com ambas as mãos, três vêzes, no momento em que se estava absorvido, preocupado, e sobretudo, quando se tinha a desdita de estar meio adormecido.

Essa mania o acompanhava desde a juventude e lhe ocasionou alguns incidentes sérios com desconhecidos, ou mesmo com amigos pouco tolerantes. Sua vítima prediléta era uma parenta idosa, Estefania, devota sincera, extremamente tranquila, um pouco apática e frequentemente a dormitar em pequenino canto.

Meu avô, encantado com essas boas disposições, sempre a surpreendia quando ela menos o esperava, e de tal modo a assustava com seus terríveis estalos que caía literalmente desmaiada ! E êle ria, o desalmado, cheio de gozo, repetindo-lhe à saciedade, que ela podia estar absolutamente segura de ouvir as três palmas no momento de sua morte, não importava o lugar em que viesse a morrer, ainda que fôsse a mil léguas de distância. Passaram-se alguns anos. Certa ocasião, meu avô, antes de empreender uma longa viagem, passou algumas semanas com Estefania, que de resto êle particularmente estimava, o que não o impedia de assustá-la mais que nunca. Era essa uma verdadeira mania, divertindo-o sempre às aflições da parenta. Ao despedir-se de novo lhe afirmou que ela podia estar certa de ouvir as famosas palmas no momento de sua morte. Durante alguns mêses não recebeu notícias dêle. Vovô viajava constantemente.

Certa noite, quando ceava com uma vizinha, justamente ás 9 1/2 hs., eis que ambas ouvem os três terríveis estalos. Estupefatas além de toda expressão, elas procuraram o esconderijo onde pudesse estar metido o meu avô, inutilmente, de resto. A pobre Estefania caíu doente.

Dias depois, ela recebeu um correio especial despachado por meu tio Max, comunicando-lhe a morte súbita de meu avô, no dia 13 de novembro, ás 9 1/2 hs., *no momento em que todos estavam ceando.* Precisamente falavam de Estefania. Meu avô, após grande gargalhada, esvasiava seu copo e caíu fulminado.

A província em que morreu dista cêrca de 150 léguas do castelo em que residia Estefânia. Como nessa época não existia o serviço telegráfico, e as comunicações eram dificeis, o tio Max mandou um correio especial, que levou duas semanas para fazer o trajeto.

Todos os membros de minha família certificam o fato.

Na velha Inglaterra

De «Estudos Psíquicos»

Segundo lemos em «Reencarnação», a família real inglêsa dedica-se à prática do Espiritismo, realizando as sessões no próprio palácio Buckingham.

Fato curioso e digno de nota : o Rei de Inglaterra é, também, o chefe da Igreja Anglicana que, por sua vez, proibiu aos seus fiéis de assistirem a sessões espíritas.

E «Reencarnação» comenta, com esta simples frase : «Sinais dos tempos !»

Sinais dos tempos, sim, e também índice seguro de que urge que se respeite e considere o Espiritismo na medida não só em que êle se impuser pela sua moral e superior filosofia, mas também pelo que o mereça a categoria social e intelectual das pessoas que o adotam para sua orientação e amparo na vida.

Basta de ridicularizar e perseguir um corpo de doutrina que se apoia na ciencia e só pela razão pretende conseguir prosélitos !

* * *

Alucinação em Vigliano D'Asti ?

Vaga o Fantasma duma jovem morta há quinhentos anos

TORIM, (Ansa) — Quatro pessoas afirmam terem visto, na noite de Natal, o fantasma duma jovem de dezoito anos, morta em Vigliano D'Asti, há cinco séculos.

O cadáver foi realmente encontrado intacto há trinta anos debaixo do pavimento da velha Confraternidade de São Miguel: tinha sòmente um grampo de ouro fixado entre os cabelos louros.

Dois dos pedreiros que descobriram o cadáver, afirmaram que êste ao contacto com o ar, depois de ter estado durante tantos anos encerrado debaixo do pavimento, se esborou (desintegrou). Permaneceram os cabelos, louros e longos, parte dos quais foram encerrados numa caixinha de madeira.

Mas a caixinha desapareceu misteriosamente.

Quatro homens foram testemunhas do fantasma esvoaçante na estrada da paróquia, na noite de Natal de 1955. — Desses homens só um é conhecido de nome: Emileo Gambarito — e uma mulher que pelo cabresto conduzia uma vitela.

Em certo ponto da estrada, todos viram a sorridente moça branca com cabelos louros.

«Fanfula», 4/1/56.

* * *

Ainda as crianças prodígios

De «Estudos Psíquicos»

A revista «Constança» transcreve de «A Capital», de Rosário, uma notícia a respeito de mais um menino prodígio. E' Carlos Bonicelli, de sete anos.

«Possui uma memória excepcional: soma, divide, multiplica e faz as mais complicadas operações de aritmética, em poucos segundos. E' semelhante a uma máquina de calcular, afirma a citada revista, àqueles mecanismos assombrosos que designamos por «cérebros electrónicos».

Mas há mais: Há pouco ainda o «Diário de Notícias» recebeu de Londres este não menos sensacional comunicado: — *«Um sábio... de 14 anos!»*

«A «British Association», uma das maiores sociedades científicas da Grã-Bretanha, reunida agora em Bristol, recebeu ontem uma comunicação feita pela pessoa mais nova que até hoje tomou a palavra nesta sábia assembléia: foi uma estudante de 14 anos, Margaret Silcocks, que leu uma exposição acerca dos costumes dos mochos e seus hábitos alimentares».

Estas notícias provam-nos, à evidência, que «os tempos estão chegados» e que tanto a idade como o sexo nada valem perante o gênio, uma das formas exteriorizantes do espírito.

Que dizem a isto os conservadores das velhas fórmulas ? !

* * *

Caso de bilocação e não de telepatia

Estranha ocorrência registrada em Salerno

SALERNO, 2 (AFP) — Um caso típico de telepatia foi registrado em Salerno e, depois de ter sido examinado com grande interêsse por vários médicos, será submetido ao próximo Congresso Nacional de Ciências Psíquicas. Pouco depois de ter-se despedido de seu filho, de 22 anos, que partira de motocicleta, a sra. Rosa Palmieri, foi arrumar a sua cosinha. Subitamente ouviu a voz de seu filho, que parecia vir de trás da porta e que a chamava: «Venha depressa, venha me ajudar». Ela abriu a porta mas não viu ninguém. A voz voltou, pouco depois: «Venha depressa, mamãe. Eu vou morrer. Caí em um despenhadeiro, perto de Teggiano». A mãe teve então a visão de seu filho ensanguentado, no abismo. Tomou rapidamente um taxi, indicou com precisão o local onde o seu filho poderia ter caído. Chegando ao local, a sra. Palmieri encontrou, realmente, o jovem caído, no abismo, sob sua motocicleta. Transportado para um hospital, o rapaz faleceu pouco depois.

Do «Estado de S. Paulo», de 3/1/56.

* * *

Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação

Realizar-se-á em Buenos Aires, de 1 a 4 de Novembro do ano em curso, o *Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação*. A sua *Comissão Organizadora*, constituida no dia 1.º de Novembro de 1955, está composta da seguinte maneira: Pres., Dr. Juan Carlos Damonte; vice-pres., Sra. Felipa P. de Laratro; Secretários de Correspondência: Prof. Carlos Castiñeiras e sr. Humberto Mariotti; Secretários de Relações: Dr. Norberto Dengra, Prof. Juan Soto Mendez, srs. Alejandro Eru e Hugo L. Nale; Secretário de Tesouraria: sr. Antonio Melo; Secretário Arquivista: sr. Nicolas Quilne; Secretários de Atas: sra. Olga Caravana Dengra e srta. Hebe Iris Mariotti.

Notícias de interêsse Espiritualista

A toda pessoa ou instituição espiritualista que deseje cooperar e participar do *Segundo Congresso para o Estudo da Reencarnação* a efetuar-se de *1 a 4 de Novembro de 1956*, mediante trabalhos filosóficos, literários, monografias, teses, artigos, e etc., tratando sôbre a necessidade atual do conhecimento da *Reencarnação*, se pede a remessa, o mais depressa possível, à Caixa Postal n.º *79*—Sucursal 16-B, para ser incluido nos temários e sessões do Congresso.

A COMISSÃO ORGANIZADORA.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessões Comemorativas

A União Muncipal Espírita de Matão realizou no dia 29 de Janeiro último, às 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do 18.º aniversário de desincarne do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Fez a prece de abertura, o companheiro Carlos Olson, que depois de breves palavras sôbre o acontecimento, passou a palavra aos seguintes oradores: companheiro Watson Campêlo, confrades Alexandre Barbosa, orador oficial; Orlando Bertachini, Luiz Luca e Leonel Constantino, todos de Araraquara. Falou por último sôbre Cairbar, o companheiro Carlos Olson, presidente da *Ume*, que solicitou ao companheiro Costa Filho para encerrar a sessão, o que foi feito com uma prece a Jesus.

—

No dia seguinte, 30, dia em que Cairbar regressou à Pátria Espiritual em 1938, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» uma sessão comemorativa do 18.º aniversário do passamento do seu Patrono. Abriu a sessão o presidente da Mocidade, Edo Mariani, que falou sôbre Cairbar e a sua obra.

Falaram a seguir, os companheiros Onofre Batista e Sebastião Casadei. Declamaram poesias varias crianças da Aula de Moral e do Lar Infantil «Cairbar Schutel». Leram trabalhos sôbre Cairbar, Leonor Cruz e Donata Casadei. Fez o encerramento com uma prece, Leonor da Cruz Jorge.

* * *

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 117.105,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 7 de Janeiro de 1956

Aberta a reunião, à hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e manda ler a Ata da reunião de 3 de Dezembro de 1955, que é aprovada. No expediente é lido oficio da Federação Espírita do Rio Grande do Sul apresentando uma consulta. Examinado o assunto, o Conselho manifesta sua inteira concordância com o ponto de vista da Federação Gaúcha e vota, por unanimidade, a declaração seguinte : — «*O Conselho Federativo Nacional, tendo em vista a conveniência de ser mantida a unidade direcional do Espiritismo no Brasil, esclarece que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, afim de que não se verifique solução de continuidade no desempenho de suas atribuições*». Aprovou o Conselho o programa para a comemoração do Centenário da Codificação, o qual voltou à Comissão apenas para ligeiras alterações.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino lê carta do presidente da Federação Catarinense, renovando o mandato do representante no Conselho e comunicando a filiação à F. E. C. de mais seis sociedades espíritas.

Rio de Janeiro — O Major Luiz Gentil anuncia a inauguração, em Niterói, do Lar «HUMAITÁ»; o início de obras para um Ambulatório e um Albergue, no Centro Espírita João Batista, em Petrópolis, e ainda outras atividades no Estado.

Rio Grande do Sul — O Conselheiro Francisco Thiesen comunica haver sido modificado o Estatuto da Federação Gaúcha e comenta o êxito da Feira do Livro Espírita, realizada em Porto Alegre, sendo vendidos 1.949 livros e atendidas 1.181 pessoas.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro dá conta da representação do Conselho, em Aracajú, na comemoração do Centenário da fundação dessa cidade, afirmando o êxito da Federação Sergipana no programa executado, com assistência notável e apôio e presença das Autoridades Estaduais.

Feita a prece pelo representante da Paraíba, encerrou o Presidente a reunião, ás dezesseis horas e trinta minutos.

Lourenço Bianchi

Avisamos aos nossos prezados confrades que o nosso representante-viajante, sr. Lourenço Bianchi, acha-se enfêrmo há mêses, não podendo viajar tão cedo.

Solicitamos a Jesus o seu amparo para este abnegado trabalhador da sua seára, afim de que êle se restabeleça logo para continuar a sua tarefa na propaganda da Doutrina.

NECROLOGIA

Dr. Joaquim de Sousa Ribeiro

Mais um espírita da velha guarda acaba de se libertar dos liames terrenos rumo à Pátria Espiritual : o nosso grande amigo e companheiro Dr. Sousa Ribeiro, cujo passamento abriu um claro bem visível na fileira espírita, de vez que era êle um dos mais ardorosos defensores da Doutrina Espírita, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Ultimamente pouco trabalhava na seára espírita em virtude da sua enfermidade. Mas assim mesmo estava pronto a atender ao chamamento dos seus confrades sempre que se tratasse de defender a Doutrina dos ataques gratuítos dos seus tenazes adversários, «encostando-os à parede», conforme os seus próprios dizeres.

Os seus argumentos eram irretorquíveis porque se baseavam nos fatos, na lógica, em suma na Verdade, obrigando os seus opositores a baterem em retirada após longa e árdua batalha. Se o Paracleto é o advogado da lei de Deus e da humanidade, Sousa Ribeiro era, na terra, o advogado do Paracleto, defendendo-o com todas as fôrças do seu coração e do seu entendimento.

Nas horas de meditação, o nosso velho amigo compunha versos, e dos mais inspirados, versos cheios de calor e vida, dos quais muitos foram publicados em «O Clarim», e alguns ainda o serão, de vez que os temos bem guardados.

No dia 31 de Janeiro de 1938, dia do sepultamento do nosso caro companheiro Cairbar Schutel, Sousa Ribeiro compareceu em Matão, proferindo comovente discurso à beira da sepultura de Cairbar.

Sousa Ribeiro desincarnou no dia 18 de Janeiro último, aos 72 anos de idade. Médico homeopata e dentista, radicado em Campinas há muitos anos, era um dos Diretores do diário «Correio Popular», dessa cidade e foi, durante anos, colaborador do suplemento dominical da «Folha da Manhã».

Do «Correio Popular», de Campinas, de 19/1/956, transcrevemos as seguintes notas sôbre êsse vulto do Espiritismo no Brasil :

«Espírita de convicções profundas, Sousa Ribeiro foi, talvez, o maior propagandista dessa doutrina em língua portuguêsa. Perfilhara, desde a mocidade, os ensinamentos kardecistas e desde então a sua vida foi inteiramente dedicada à difusão do Espiritismo sob vários aspectos. Conferencista, percorreu, na faina da pregagação, dezenas e dezenas de cidades do Estado de São Paulo, e na imprensa deixou o seu nome indelévelmente registrado. Os seus artigos sôbre a matéria sobem a alguns milhares. Manteve acirradas polêmicas em algumas folhas do interior paulista, e em outras de várias cidades brasileiras. A «Revista Internacional do Espiritismo», «O Reformador», «O Clarim» e tantos outros órgãos acolheram, durante meio século, a colaboração ininterrupta de Sousa Ribeiro, que foi um trabalhador infatigável. Profundo conhecedor de toda a literatura espírita, argumentava com clareza e elegância, mostrando, nesse campo dos conhecimentos, uma erudição que poucos talvez possuam. Artigos seus, de índole filosófica, foram divulgados pelo «Correio Popular», onde também publicou dezenas de poesias. Nos últimos tempos, os seus versos vinham sendo estampados na «Folha da Manhã», prestigioso matutino paulista.

Dessa fase de suas atividades religiosas são dois livros de Sousa Ribeiro: «A Questão Religiosa na Rússia» e a «Estigmatizada de Campinas».

— O dr. Joaquim de Sousa Ribeiro era um dos principais acionistas da sociedade anônima a que pertence o «Correio Popular», ocupando há muitos anos, com exemplar dedicação, as funções de Diretor Tesoureiro. Pertencia, igualmente, à direção do Sanatório Santa Isabel, onde desempenhava o cargo de vice-presidente. Fazia parte, também, do corpo clínico dêsse hospital.

— O dr. Joaquim de Sousa Ribeiro, natural de Caeté, no Recôncavo baiano, era filho de Joaquim Emilio Ribeiro e de Dª. Laura Chaves de Sousa Ribeiro, já falecidos. Veio para São Paulo, fixando-se em Campinas, aos 16 anos, e aquí fez os seus estudos de curso superior. Diplomou-se, em 1907, pela Faculdade de Odontologia de São Paulo, e bem mais tarde, em 1920, cursou a Faculdade de Medicina Hanemanniana, do Rio, colando grau na turma de 1920.

Era casado com a sra. Nancy Pacheco de Sousa Ribeiro e deixa os seguintes filhos: Dr. Omar de Sousa Ribeiro, médico, casado com d. Maria Sestilia Pelicano de Sousa Ribeiro; Prof. Alaor Pacheco Ribeiro, casado com d. Erminda Vial Ribeiro; Dirce Ribeiro Castejon, casada com o dr. Cândido Dias Castejon, promotor público na Capital; Nise Ribeiro Silva, casada com o dr. Egberto Silva, médico em São Paulo; Hilton Pacheco Ribeiro, jornalista, casado com d. Olga Rigotti Ribeiro e Elcy Pacheco Ribeiro, solteira, bibliotecária da Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo, em São Carlos. Deixou ainda, 14 netos».

O sepultamento de Sousa Ribeiro realizou se no dia 19, saindo o ferêtro da Rua Barreto Leme, 985, diretamente para o Cemitério da Saudade. A' saída do ataúde, a srta. prof.ª Elisabeth Steagall pronunciou sentida oração, formando-se depois o cortejo fúnebre, dos mais extensos.

Ao baixar o corpo à sepultura usaram da palavra o confrade Benedito Gonçalves do Nascimento e o jornalista Luso Ventura, redator-chefe do «Correio Popular».

Solicitamos a Jesus proporcionar a este seu servo dedicado, mais luzes ainda, afim de que êle possa iluminar ainda mais a humanidade sob a égide do Véro Cristianismo.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
História que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	70,00
	Semestre —	,, ,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3234unse

no XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1956 – N. 3-

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e os seus três aspectos — *Redação*
Fenômenos Teratológicos «Um caso de Xifopagia» . . . . — *Henrique Rodrigues*
Religião e Ciência . . . . — *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . — *Leopoldo Machado*
Com a Própria Matéria Aniquilamos o Materialismo . . . . — *V. O. Casela*
Concordância e Discordância . . . — *Deolindo Amorim*
Quem possúe maior sensibilidade: O Homem ou a Mulher? . . . . — *José Arantes de Mello*
A Língua Sagrada . . . . — *Bianor Medeiros*
Livros e Autores . . . . — *Leopoldo Machado*
Termos Metapsíquicos . . . . . — *Cicero Pimentel*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . — *Redação*
Necrologia . . . . — *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 65,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina-1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1956 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e os seus três aspectos

EM se tratando de religião, ciência e filosofia, só há um termo, uma palavra, uma autoridade capaz de definir esses três ramos do saber humano: Espiritismo.

Efetivamente não há quem melhor possa explicar com segurança, com acêrto, o que é ciência, religião e filosofia do que o Espiritismo, e isto porque a sua ação não se limita aos estreitos círculos da vida material: vai muito além, porque sonda o Universo, a vida espiritual, a Eternidade.

Bem acertado andou Ernesto Bozzano quando afirmou que o Espiritismo é a ciência da alma, sim, porque a alma é a razão de ser de tudo quanto há no Universo, do próprio Universo, da Eternidade, da vida enfim.

A não ser os espíritos prevenidos, os de má fé, os interessados em cousas mundanas, não acreditamos que haja alguém que, lendo e estudando as obras básicas do Espiritismo, não se renda aos seus ensinos, à sua lógica, aos seus argumentos, que têm como alicerce os fatos chamados supranormais, isto é, os fatos espíritas, que se reproduzem desde os tempos mais remotos da humanidade e das mais variadas formas, agora com mais intensidade e facilidade, o que confirma a profecia de Joel, segundo a qual o espírito seria derramado sôbre toda a carne.

A Ciência, segundo o Espiritismo, não é essa ciência terrena que usa do bisturí, que engendra instrumentos mecânicos os mais aperfeiçoados, lentes telescópias capazes de assinalar astros distantes da terra milhares de milhares de quilómetros, bombas atômicas ou de hidrogênio, etc., etc., mas sim a Ciência da Alma, que estuda a alma e a vida, motivo de tudo quanto existe. Fóra daquí, tudo é efemero e tem vida a *título precário*. A Eternidade, o Universo e a Vida pertencem à alma, que quanto mais se aperfeiçôa nas duras pelejas da vida, mais vai se integrando na vida espiritual, que quando fôr alcançada em sua plenitude, a alma ficará naquele estado de felicidade a que Jesus denominou reino dos céus ou reino de Deus.

A Filosofia, segundo o Espiritismo, não é essa filosofia barata que corre Méca e Séca e não sái dos seus pontos de vista terrenos, mas a filosofia da razão, da Vida segundo o Universo, a Eternidade e a Alma. A filosofia que nos desvenda o Desconhecido e nos mostra mundos a granel, os quais constituem o Universo, a *Casa do Pai*. Porisso disse Jesus: «Na casa de meu Pai há muitas moradas». Esta a filosofia verdadeira, pois nos oferece maravilhas e o modo de alcançá-las. E' a Filosofia da Esperança, da Realidade da Vida.

A Religião, segundo o Espiritismo, não é essa religião que anda por aí com o rótulo de Cristianismo, mas que no fundo não passa de seita materialista com os seus dogmas, seus cultos externos, suas imagens de gêsso ou madeira que dão bons lucros aos artífices. Não é essa religião de comércio, não. E' a Religião do coração e do cérebro; a Religião do Amor, da Caridade. E' tão clara como a água cristalina e a sua prática começa em fazermos aos outros aquilo que desejamos para nós até chegarmos ao ponto mais alto da Perfeição: a prática do amor em toda a sua plenitude.

Como se vê, o Espiritismo abrange os três aspectos do saber humano a um só tempo: Ciência, Religião e Filosofia. Êle, através desses três aspectos, e apoiados nos fatos comprovativos da Imortalidade da Alma, conduzirá as criaturas ao Templo da Verdade, que tem em seu frontispício esta inscrição: Amor e Sabedoria.

Fenômenos Teratológicos

UM CASO DE XIFOPAGIA

A solução do primeiro problema, qual seja o de «duas almas em um corpo ou uma alma em corpo aparentemente de duas», se bem que se evidencie aos olhos de qualquer um, comporta um estudo elucidativo. Partindo do princípio comum a espiritualistas ou não de que, «a primeira qualidade do existir, que chamamos vida, é o sentir, a sensibilidade, ou seja a aptidão de perceber, como nós a possuimos, é qualidade exclusiva da alma. Uma vez esta destacada do corpo, êste não mais sente, ainda que seus órgãos estejam perfeitos.»

Quando examinarmos o caso da mulher que carrega, preso ao ventre, o deformado corpo de seu irmão gêmeo, voltaremos ao conceito acima aspeado, para adicionar-lhe outras condições, mas, no caso das meninas, êle é suficiente para dirimir dúvidas.

Não bastasse o exame médico, categórico na existência de duplicidade orgânica intelectiva e nutritiva, o fator de «sensibilidade», ou aptidão de perceber, mostraria a existência de duas individualidades e personalidades diferentes. Ante um mesmo fato, uma sorria e a outra se mostrava indiferente. Era comum perceber-se em cada uma a atenção presa a quadros inteiramente antagônicos e, não raro, a alegria de uma contrastava com o chôro da outra e, ainda, enquanto Maria n.º 1 dormia, Maria n.º 2 mantinha-se em vigília. Poder-se-ia alegar, no esquema corrente da ciência oficial, que na incapacidade de explicar cria hipóteses mais absurdas, que a existência de dois cérebros num corpo possibilitava, a um mesmo sêr, reações diferentes.

Responderiamos a isso que — «O sistema nervoso central, (cérebro) para o qual converge o periférico, é apenas um órgão de seleção e coordenação, ainda situado na dimensão espacial, enquanto que o «eu» é que possui a faculdade de conceito e de síntese, próprios de outras dimensões, a que não pertencem mais, nem o sistema central nem o periférico.» Assim, mesmo que houvesse um sêr com dois cérebros, sendo a sensibilidade função do «eu», da alma ou espírito, independente já do sistema neuro-cerebral que lhe serviu apenas de conduto, se a individualidade fôsse uma só, mesmo com numerosos cérebros a reação sensória seria só uma.

Posteriormente, quando da «morte» das meninas, mais uma demolidora prova de duplicidade de almas viria a ser adicionada, e para essa chamamos a atenção dos leitores, porque, quando estudarmos os móveis e objetivos» de tal encarnação, voltaremos a ela. Uma das Marias abandonou seu corpo, ou seu sector, antes da outra, ocorrendo a chamada morte, em todo o ramo intelecto-nutritivo que lhe condizia. Ainda aí, se, como queriam alguns, «uma alma, ou uma vida» fôsse exclusivamente a possuidora daquele corpo, a morte teria que ser simultânea para todas as suas partes. Nem se alegue que, existem criaturas que perdem parcialmente a vida de seu corpo, porque *perda parcial*, paralisias e entorpecimentos não possuem o mesmo quadro sintòmatológico da morte.

Não havia dúvidas, eram de fato dois espíritos. Uma delas, mais robusta que a outra, mais irascível e voluntariosa, dois elementos probantes de personalidades autônomas. A outra, mais apática, parecendo coagida, conformada, como que precócemente exausta. Percebia-se sôbre ela a ação de uma vontade mais forte. Que magistral estudo não poderia ser feito se a oportunidade surgisse para que um grupo de espíritas, de tutano e massa encefálica, examinassem conjuntamente o fenômeno! Não foi possível, e antes de dizermos que as leis da vida erraram, digamos: «coisas da vida».

Seriam realmente «duas Marias» ou «uma única Maria e um João»? Para o estudioso, para o que tem fatos ante os olhos, importa considerar todos os elementos, tanto mais num caso eminentemente sexual como foi êsse fenômeno de xifopagia, onde a unicidade orgânica era exclusivamente a genital. Tenhamos presente que, espiritualmente falando, o sexo é uma questão de polaridade e, que fìsicamente, isso é patenteado pela forma semelhante e apenas invertida da conformação anatômica. Vamos deixando muitas respostas para o artigo, marcantemente espírita, «das causas», pois são estas as fontes motoras dos fenômenos físicos e que estão radicadas no campo do espírito, onde a ciência oficial não entra. Não podemos falar aqui do trinômio, «espírito, corpo dinâmico ou perispírito e matéria ou físico». Mas se por dogmatismo ou balofa presunção o cientificismo acadêmico recusa-se a penetrar no campo imprópriamente chamado «imponderável», abstrato, sutil, que é o do pensamento e da energia, dessa mesma energia que agora aceita, mas que antes recusava, pior para êle. Ficam como ficaram, a esvoaçar desordenadamente em tôrno do caso, lançando hipóteses ridículas e cerebralinas fantasias, sem conseguirem o resultado procurado, a solução saciadora e reconfortante, que, como bálsamo, acalma a febre da mente indagadora.

Se bem que os anais da medicina assinale a separação de inúmeros gêmeos, nada sabe ela do porque dos casos de xifopagia, em simbioses as mais estranhas, pela cabeça, pelo tórax, pelo ventre, etc.... Se a ciência estudasse a possibilidade de uma vida, sempre mais interior, alimentando a forma de vida sempre mais exterior, não diagnosticaria o «sim ou não» para a intervenção cirúrgica, circunscrita unicamente à conformação orgânica. Resultado: se os anais médicos registram êxitos, omitem ou registram fracassos. Quando surgiu a pergunta: «é possível separar as meninas?», só se falava em órgãos, como se isso fôsse tudo o que importava considerar.

A operação de separação, altamente humanitária, redunda em fracasso porque, a função orgânica, equilibrada por estímulos de dois centros, poderá ficar comprometida e entrar em derrocada com uma amputação intempestiva, prematura e imprecisa. É necessário considerar que os dois campos vibratórios, os dois centros motores de vida, estabeleceram um «modus vivendi», de contínuas influenciações, possìvelmente de mútuas supressões de deficiências que ficam suspensas em virtude do rompimento da via sutil de escâmbios, que, aos olhos dos cirurgiões, leigos da ciência da alma, pode parecer uma simples membrana.

Isso motiva a expectativa opressiva em que ficam os autores da façanha, porque não sabe como vão comportar-se as criaturas separadas, e quantas vêzes têm anotado reações surpreendentes, ante casos que eram simples na aparência. Ás vêzes morre um, outras vêzes morrem os dois. Se a assepsia, se a observância do quadro fisiológico, se a técnica foi perfeita, qual o *fator novo* causador do fracasso? Era algo que a medicina deveria procurar saber, fora da dissecação anatômica e dos consagrados cânones do cientificismo acadêmico. O mal não é da ciência, mas da «gaiola» em que a encerraram.

Esboçadas pois as razões do diagnóstico das duas almas, no fenômeno de Francisco Sá, passamos ao segundo problema: «MATA ou NÃO MATA?»

E' ainda aí que se positiva a estulta ignorância humana. Elementarmente, ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém, a não ser, excepcionalmente, para preservação de sua própria vida. Ninguém pode tirar de outros, aquilo que aos outros pertence. E, por um direito mais amplo, ninguém pode ser dono real, senão daquilo que produz. Mesmo os pais, são senhores do *dar* ou *não dar* a vida, até o limite da semeadura, da gestação, da escolha. Depois, não, a vida adquire os mesmos direitos de todas as formas de vida semelhante, e como tal, tem direito de manifestar-se, DA FORMA QUE QUISER. Acresce notar que a contribuição dos pais, é puramente mecânica, automática, independente de consciência de «fabricar vida». Assim, a maior parcela na produção de uma vida humana, não é dos pais, é do Criador da Vida, como Criador consciente, Senhor dela e, como tal, só Êle pode sôbre ela dispôr.

Se os próprios pais não são os donos da vida de seus filhos, qualquer elemento mais distante não é senhor nem de opinar ou imiscuir-se na vida dêles. Com que autoridade, estribado em que prerrogativas, um pugilo de homens reunia-se *para estudar, é bem verdade,* a supressão da vida das meninas de Francisco Sá? Que sabem êles de SUAS PRÓPRIAS VIDAS? Quem são êles? Donde vieram? Para que e para onde irão? Convenhamos em que criaturas, que ignoram tanta coisa, deviam decidir em conjunto as normas PARA VIVEREM; sim, porque pior que a deformação das meninas de Francisco Sá, é a deformação mental, típicamente mais grave, por proporcionar o espetáculo da existência de cadáveres espirituais em corpos vivos.

Na realidade, o fenômeno das meninas agredia o rudimentarissimo conhecimento de «doutos» e incultos, e provando a sua psicologia de trogloditas, ante um fato que lhes perturbava a inércia mental, alguns preferiam ignorar e outros suprimir o que, antes de ser um «Monstro», era precisamente o atestado «monstruoso» da «monstruosa» caquexia intelectual, moral e evolutiva da chamada «elite» do pensamento humano.

Preferiam matar a compreender. Suprimir ao invés de reparar; fugir para não enfrentar.

Felizmente, a «votação» final revelou que, se minguava o conhecimento de causa, sobrava o sentimento de piedade. Um psicólogo veria, no íntimo de muitos que responderam «não», o temor secreto de incorrer no «não matarás». Foi o mêdo quem dicidiu. Honras ao mêdo, porque êle decidiu uma «parada»! Talvez Deus, em sua infinita sabedoria, tenha lançado mão de um fator acabrunhante, deplorável, mas que foi útil na defesa do que era Dêle. Filosofando com o mêdo, não pude deixar de verificar em sua existência, a exatidão da máxima que diz: «Só Deus é infalível, tudo tem uma razão, tudo serve para a nossa edificação».

E os que responderam «sim»? Revelaram a «coragem» dos desatinados, dos inconscientes, dos animais e, paradoxalmente, *como corajosos*, atestaram sua inferioridade evolutiva em face dos *medrosos*. Eram corajosos de boca. Quando foi levantada a hipótese de como e quem daria o golpe fatal, de quem seria o carrasco, o executor da iníqua sentença, ninguém se julgava obrigado ao seu desempenho. Responderam «sim», por esnobismo, por saberem do «teorismo» da assembléia, mas no íntimo, quando colocados com a «arma assassina na mão», refugavam. Eram, como os outros, ignorantes e medrosos, travestidos com o manto da coragem e do que diziam, da «emancipação religiosa».

Se no dizer demagógico dos políticos de nossos dias, «todo poder emana do povo e em nome dêle é exercido», no dizer das leis eternas, em suas múltiplas manifestações, «TODA VIDA EMANA DE DEUS, e só em obediência aos seus desígnios pode ela ser engrandecida».

Estudaremos agora algumas objeções ao «NÃO MATA» e ao «MATA» e ainda algumas tolices ditas para «elucidar o caso», por elementos da assembléia e de fóra dela, mesmo por alguns «espíritas».

Nós, como egressos do materialismo, conservamos-lhe alguns ranços. Assim, nunca damos importância ao «magister», à «cátedra» ou a qualquer outra forma de impor respeito e consideração que substitua o valor do «dito», pelo cartaz ou o nome de «quem disse».

Quando o juiz protestante, para fulminar as indagações dos motivos do «caso» em exame, saiu-se com a passagem do Êxodo, em que foi posto na boca de Jeová seu «zeloso» intento de «punir nos filhos a culpa dos pais»; retrucamos que ante tal afirmativa uma conclusão se impunha: ou o historiador faltou com a verdade nas páginas escriturísticas, ou Deus, com toda a sua sabedoria, havia errado. Talvez fôsse o mesmo Deus que um dia, ainda segundo a Bíblia, *arrependeu-se de ter feito o homem.*

Já que nenhum sêr humano é capaz de vingar-se de uma afronta, no recém-nato filho de seu inimigo, iníquo e inferior ao homem seria êsse Deus, de coração mais frio e duro e de mente mais curta que o homem. É fato notório, pelo menos em tese, que a própria justiça humana não visa a punir o faltoso, mas reeducá-lo e reajustá-lo. Se a nós repugna punir, como conceber êsse tipo de vingança por parte de Deus, com a agravante de recair em quem nada tinha a ver com o delito ? Não era possível acomodação com o famoso *espírito da letra.* Se Deus *disse* o que está no Êxodo, errou, mesmo sendo Deus.

Ainda bem não silenciara a voz do Êxodo, um ilustre catedrático em direito, católico confesso, condição que fez questão de salientar, trouxe para a arena a justificativa da «criação do diabo». Foi aí que houve realmente o diabo, já que o *tinhoso* entrara em cena.

Indaguei do catedrático se o Deus dêle era ONIPOTENTE, ONISCIENTE, ONIPRESENTE, ILIMITADO e, como diz o catecismo, SEM PRINCÍPIO NEM FIM. Evidentemente eram perguntas capciosas que visavam a enredá-lo, uma vez que a única resposta era SIM. É óbvio que a existência de um Deus, com os atributos acima mencionados, impossibilita a coexistência do diabo, por falta de lugar para êle. Se o diabo existisse e criasse, Deus não estaria no íntimo e exterior, no espaço e no tempo das criações do Demo. Surpreendia-me ver na boca de uma autoridade católica, êsse dualismo criador, ressurreição do maniqueismo, tido como herético pela Igreja de Roma.

Se Deus não estivesse na carne, no espírito, nas motivações, nos objetivos daqueles seres estranhamente unidos, como imanência e transcendência, por terra ficaria a onipresença divina, pois alí estaria uma prova da existência de uma zona onde Deus não estava. Isso seria a *limitação* de sua presença. Quem, por qualquer forma, não está presente em alguma coisa, ignora o que lá se passa, e se vem a saber, é por ouvir dizer. Lá se iria a onisciência do Criador, arrastando consigo a onipotência pela impossibilidade de agir onde não estivesse.

São palavras do padre Paulo Jaegher S. J., em «Confidências», impresso pela Sagrada Congregação dos Ritos, com o «Imprimatur» Cap. XIV, pag. 273.

«A Infinita Inteligência *está e permanece* no fundo de *toda* criatura, no fundo de cada Seu pensamento».

«*Todo* sêr é como que um tabernáculo de Deus».

«*Cada coisa é a obra prima de Deus!... nada de imperfeito.*»

Para contestar a ridícula afirmativa da «criação diabólica», nada mais faria senão adicionar o meu nome ao do Padre Jaegher, naturalmente sem o S. J.

Se o processo anabólico ou catabólico, a multiplicação das células, etc... fôsse outro, poderiamos supôr um princípio criador diferente, pois é elementar que o processo genético não seja igual para Deus e o diabo, mas o fato mostrava a identidade do procedimento orgânico entre as meninas e qualquer santo. O enquadramento do processo vital nas leis dos considerados «filhos de Deus», atestava, por tabela, que também as meninas tinham seu quinhão de hereditariedade na paternidade dos demais.

Um advogado criminalista, prêso naturalmente aos esquemas da morfologia antropométrica de Lombroso, tomando o efeito pela causa, levantou a tese da necessidade de eliminação do fenômeno, em defesa da eugenia racial e da supressão de uma possível descendência degenerada. Falou-se em estesia, em beleza de formas, em saude e perfeição. A tese de Lombroso é certa no que diz respeito à estreita ligação dos aspectos morfológicos com a incidência da tendência criminosa. Entretanto, é o espírito criminoso que «modela» a forma característicamente do chamado «criminoso nato». A forma não pode jungir o espírito ao crime, pois isso seria uma aberração, uma coação, incompatível com a evolução. Se bem que exista uma forma de beleza que a todos se impõe, qual seja a beleza exterior, ainda assim, a beleza depende muito mais do observador do que do observado. E a beleza do espírito, quem a vê ? Claro, só quem tem vistas para isso, e a maioria dos seres, olha mas não vê, ouve, mas não escuta, tateia, mas não sente, fala, sem saber o que diz. A quase totalidade dos presentes entretanto, só via forma, o físico, o imediato, o supérfluo. Já que era assim, estranhei que o defensor da beleza, da eugenia, da estesia, da harmonia, fôsse justamente um homem baixo, gordo, calvo e nada bonito. Talvez no conceito relativo de beleza e perfeição, êle se julgasse com êsses atributos...

Entre os espíritas existia o comprometedor silêncio da ignorância, da indiferença dos conhecedores do assunto, ou justificativas superficiais e anacrônicas. Dizer sòmente que era um caso de obsessão, sem justificá-la, era agir com a mesma leviandade da medicina oficial que tem atribuído à loucura, às neuroses, às psico-manias tudo aquilo que foge ao suspeitíssimo padrão, tido como normal. Alguém sugeriu a aplicação ao caso, da tese das almas gêmeas, num processo de fusão de corpo e alma, que, no amor, passariam a constituir uma nova individual-unidade.

Um estudo, mesmo superficial, mostraria a contínua tendência de cada sêr, no sentido de realizar em si mesmo, o princípio masculino e feminino. A extrema semelhança de composição físico-química dos dois principais hormônios do homem e da mulher, quais sejam, a testosterona e a foliculina, *parece* indicar que ambos caminham para uma fórmula comum. A vida, sendo reduzida, como foi, a um processo vibratório, nos mostra que homem e mulher diferem por polaridades negativas e positivas de um estado de vibração. É patente a diminuição de distâncias entre os polos em oposição. O homem de nossos dias é mais sentimental, menos másculo na forma, que o homem das cavernas. A mulher, é mais independente, mais cerebral do que a companheira dos primatas. Não foi a evolução hormônica que fez isso, foi a evolução do espírito que, introduzindo sutilissímas modificações no campo dinâmico e estruturador do físico, redundou em um abrandamento da fórmula hormônica que, em ressonância, vai aproximando o homem e a mulher para o centro, onde as diferenças sexuais caem e o criado dá um passo à frente, para mostrar sua imagem e semelhança com o Criador, que é pai e mãe a um tempo só.

Se duas almas se fundissem, uma a outra, desapareceriam as duas, morreriam *em espírito*, e, com isso, também prejudicadas ficariam a imanência e transcedência divina de cada anterior individualidade. Homem e mulher são quadros antípodas num instante da evolução e não *metades eternas*, incompletas separadamente, e que um dia se ajustarão.

O fenômeno da xifopagia não pode mergulhar suas raízes no amor. Aquelas meninas estavam manietadas uma a outra, sofriam mais do que se compraziam com tal situação. Quem ama, não sacrifica nem faz sofrer o ente amado. O amor não constringe, não limita, não absorve, não encarcera, e aquelas meninas eram um testemunho eloquente de um sentimento inverso do amor, já que estavam limitadas, absorvidas, segregadas e em choque com a natureza. As criações do amor são no sentido da beleza, da harmonia, da perfeição, da expansão e da superação.

Uma vez que toda forma exterior promana da interior, de antemão sabíamos que o interior, os espíritos que exteriormente assim se manifestavam, por imantação que estudaremos no próximo capítulo, estavam unidos também. Inaccessíveis a outra forma de influência, necessário seria que falasse o automatismo da reação, quando êles, os espíritos, se vissem presos um ao outro, num mundo de individualidades senhoras de independência e locomoção. Ante a impotência a que estariam submetidos, pelos simples processo, senão intelectual e moral, mas do puro *reflexo condicionado* estudado por Pavlov, era natural que um desejo imenso de liberdade se desenvolvesse no íntimo de cada um dos espíritos em estudo. Que motivo, que sentimento, que interêsse, ou que ódio, resistiria ao choque, ao embate de tão penosa e crucial situação? Num mundo de liberdade, a prisão por êles mesmos desejada; e que prisão! Que trauma psicológico, ao se verem alvo da curiosidade, do escárnio e da exceção? A obsessão tem motivos que precisam ser esclarecidos, reflexos e resultados que necessitam ser correlacionados.

A morte, o desencarne de uma das Marias, antes da outra, *parece* corroborar o diagnóstico de que os objetivos da lei foram conseguidos, de uma forma mais categórica e basilar do que seriam com o recurso cirúrgico. Se voltarem à imantação anterior, se o choque dessa encarnação não foi suficiente, é quase certo que dentro de algum, a humanidade tomará conhecimento de que, aquí ou alhures, duas almas nasceram unidas pelo mesmo tronco. Será uma recapitulação, já que a lição anterior não foi aprendida. Será mais uma oportunidade que a misericórdia, o amor, a justiça e a inflexibilidade do Pai lhes proporcionará.

HENRIQUE RODRIGUES.

O milagre não existe, porque constituiria uma transgressão da Lei imutável de Deus.

Religião e Ciência

CURAS DE OBSESSÕES

— X —

Exerciamos em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, uma função militar, de 1934 a 1940. Nêsse tempo não eramos espírita convencido, apesar de já havermos assistido muitas sessões práticas. Ao chegarmos à referida cidade e obedecendo ao que costumavamos fazer em outras, onde residimos, deliberamos assistir as sessões que se realisavam, em sociedades espíritas, ali sediadas. Entre as que frequentamos, logo de início, as que mais prenderam nossa atenção, foram as que se realisavam, às 5.as feiras, na Sociedade União e Caridade. Essas sessões eram dirigidas pelas Legionárias do Bem, associação feminina, filiada á mesma Sociedade. Em consequência das provas que fomos colhendo com as nossas observações sôbre a autenticidade, de muitas comunicações de espíritos, por médiuns que trabalhavam em tais sessões, resolvemos nos dedicar ao estudo da doutrina codificada por Allan Kardec.

Entrando, posteriormente, para a diretoria da Sociedade União e Caridade, tivemos ocasião de constatar 4 curas de pessoas obsedadas, durante os referidos anos.

Ante as identificações dos espíritos obsessôres, após essas curas, se positivou a nossa convicção na Verdade Evangélica e nas finalidades providênciais das provações humanas.

Vamos descrever, nêste capítulo, as curas que tivemos oportunidade de testemunhar :

1.ª CURA

Era uma joven mais ou menos de 16 anos pertecente à família que professava a religião católica. Estando certa vez na residência de sua avó, foi acometida de um acesso de loucura e avançando em direção á mesma, revelou o propósito de agarra-la pelo pescoço. Segura em tempo, pelas pessoas presentes, foi conduzida por parentes para a residência de seus pais e ali voltou pouco depois ao seu estado normal. Ainda, nêsse mesmo dia, repetiu-se o acêsso, e ela, conseguindo atingir a rua, dirigiu-se em tal estado para casa da avó, onde não conseguiu chegar por ter sido segura por parentes e alguns populares. E assim durante dias seguidos essa joven era vitima dêsses acêssos e os remédios que lhe ministraram os médicos que a trataram nenhum efeito produziram.

A família dessa jovem era constituida de pai, mãe e 2 irmãs. Todos observavam que ela apresentava duas personalidades : a do seu estado normal e a que decorria quando perdia os sentidos. Já se cogitava de recolhe-la a um estabelecimento hospitalar especializado em doenças mentais, quando sua mãe resolveu recorrer ao Espiritismo, antes de outra qualquer providência. A pedido de um de seus parentes fomos vê-la. Ao chegarmos à sua residência nos informaram que ela, estando presa em um quarto, em crise de acêsso, já havia avisado a todos de nossa próxima chegada.

Por essa informação, não vacilamos em concluir que se tratava do início de uma obsessão. Ao examiná-la, detidamente, antes e depois da retirada do obsessor, verificamos ser ela uma médium sonâmbula. O espírito que a dominava se revelava endurecido e vingativo. Quando nela se encorporava, empregando a fôrça ódica ou psíquica, conseguia arrastá-la algumas vezes por um corredor da casa sem que se articulassem os seus braços e pernas. Êsse fenômeno tivemos ocasião de testemunhar na presença de muitas outras pessôas.

Animado pela vontade de vermos curada essa moça, organizamos correntes espirituais nas quais tomavam parte dois médiuns desenvolvidos. Durante 25 dias de trabalho os resultados dessas correntes foram pouco animadores. Afinal, quando já nos sentiamos desanimado, o espírito que nos orientava aconselhou que fizessemos uma sessão em determinado dia, indicando o médium sonâmbulo Barbosa, nosso conhecido, esclarecendo mais, que nessa sessão o espírito obsessor seria doutrinado e identificado, o que viria concorrer para que êle abandonasse a sua vítima, permitindo-lhe o seu consequente restabelecimento.

Organizada essa sessão no dia indicado com reduzido número de pessôas, incluindo-se a moça, sua mãe e irmãs, deu-se início a mesma com uma prece de abertura. Poucos momentos depois o espírito obsessor se comunicou pelo médium Barbosa e apresentou emocionado os seus agradecimentos a todos os que contribuiram para o seu esclarecimento, destacando o guia espiritual que o doutrinára.

Dirigindo-se à mãe da moça e para bem poder identificar-se, assim se expressou:

— Sabes quem eu sou Luiza? Sou aquêle que te deu um presente em Campinas, quando eras solteira e foi roubado em tua casa.

A mãe da moça surpreendida com essa revelação e encontrando nela a realidade sôbre fato que aconteceu, falou:

— Então você é o Antonio C.?

— Perfeitamente, sou êle mesmo. Você aproveita esta luz que a Providência Divina está projetando no teu lar. Por não a possuir vivi 20 anos em trevas dominado por um ódio, cuja causa você bem conhece. Amanhã tua filha ficará bôa porque eu vou deixá-la. Peço a vocês que me perdôem.

Após terminada essa sessão, a mãe da moça esclareceu: que, ao se encontrar êsse espírito reencarnado e ela era solteira, foram namorados; deu-lhe de presente, como citou para se identificar, um anel de brilhante, o qual foi roubado em sua casa. As suspeitas sôbre êsse roubo recaíram em uma empregada, mas nada se conseguiu apurar. Dada a oposição de sua mãe ao seu casamento com êle, procurou do mesmo se afastar, sempre evitando vê-lo em qualquer encontro. Soube, pouco tempo depois, de seu falecimento, o qual deve ter ocorrído dentro do prazo que êle acabou de mencionar.

A identificação dêsse espírito e a sua doutrinação trouxeram como consequência o restabelecimento completo da moça que obsedou e que atualmente se encontra casada e mãe de filhos na cidade de Ribeirão Preto.

A atitude do espírito, em sua primeira manifestação, concentrando seu ódio, na avó de sua vítima, e tudo fazendo, posteriormente, para encontrá-la, concorre para positivar a prova de sua identidade.

As provações pelas quais passaram os membros da família dessa moça, certamente obedeceram as causas previstas para seus destinos e tudo conforme enuméra o nosso Divino Mestre no Sermão da Montanha, advertindo-nos sôbre a necessidade de realizarmos, nos caminhos da vida, as reconciliações com os nossos adversários.

2.ª CURA

Eram 17,30 horas da tarde de determinado dia, quando fomos procurado em nossa residência, em Ribeirão Preto, à rua Mariana Junqueira por um cidadão procedente da cidade de Franca, acompanhado de uma jovem de 15 para 16 anos.

— Eu resido em Franca, disse-nos êle, sou funcionário ferroviário e minha esposa se encontra, nesta cidade, em tratamento médico, por estar sofrendo de uma moléstia nervosa que não a deixa dormir há mais de 3 mêses. Esta moça que o sr. vê, é minha sobrinha. Reside em nossa casa em Franca e veio passar 4 dias com a tia que se encontra hospedada em casa de parentes nossos, aqui residentes. Nós não somos espíritas. Á vista, porém, de um fenômeno que ocorreu, ôntem, com essa mocinha, relatando-o a um colega da estação ferroviária, desta cidade, êle me aconselhou a procura-lo, o que faço agora para solicitar vosso auxilio sôbre o caso que passo a descrever. O fenômeno a que me refiro ocorreu assim: ao regressar, ontem, esta jovem para Franca, logo após a partida do trem da estação local, no qual viajava, sentiu ela que alguem invisível lhe tomara o braço direito e ouviu em seguida a voz de seu pai, já falecido, que lhe disse:

— Você não vá para Franca, volte para Ribeirão Preto.

Surpreendida e perturbada com o que estava acontecendo, ao chegar o trem a estação de Batatais, dominada e segura pelo espírito de seu pai, desceu do mesmo. Quando voltou a si o trem já tinha partido. Recordando-se de tudo o que havia acontecido consigo, resolveu cumprir a recomendação que lhe fizera o espírito de seu pai. Contratou um automovel e retornou no mesmo a Ribeirão Preto.

Diante dessa narrativa, perguntei à mocinha:

— A Senhorita ouviu e conheceu a voz do espírito que lhe falou?

— Embora tivesse ficado muito nervosa, consegui ouvir e conhecer perfeitamente a voz do espírito de meu pai.

Essa categórica afirmação nos compeliu a tomar em consideração a narrativa que acabamos de ouvir.

Aceitando o apêlo desse cidadão, combinamos o nosso encontro na séde da Sociedade Espírita União e Caridade, às 19 horas dêsse mesmo dia. Avisei-o que devia levar em sua companhia a esposa e a sobrinha com quem ocorrêra o fenômeno.

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo continua no próximo número).

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XIV CAPÍTULO

Por outras casas

1) O tio Joaquim levara-nos para sua casa, à Rua do Arsenal, perto do Quartel do 26.° Batalhão, de que era êle sargento.

Bondes elétricos lhe passavam à porta. E havia um muro alto e perto, separando a rua do mar.

2) Frequentava, assiduamente, o Quartel do 26.° Batalhão, aprendendo aí muitas coisas da vida militar, que eu teria de aplicar, mais tarde, em Plataforma, à frente de batalhões que eu formava. E ao lado do tio Joaquim, e misturado a soldados arranchados, era com muita gula que eu participava do *rancho* da tropa, fartando o estômago.

3) O mar, que eu ainda desconhecia, era «o rio de São Francisco, grande», que eu, um dia, teria de «viajar para longe, para muito longe». Quando via passar, distantes, as embarcações a vela ou a vapor, que vontade de ir nelas até onde elas fossem!

4) E os bondes? Como eu gostaria de andar num bonde, até o fim da linha. Arrisquei-me, um dia, a *pongar*. Isto é: a tomar o bonde andando. E o condutor ameaçou dar-me com a bolsa de cobrança na cabeça: «Seu garoto: você tão pequenino a querer *pongar* no bonde!»

Desisti, amedrontado.

5) Cheguei em casa febril, assustadiço.

Meti-me na rêde. E disse à minha mãe, sem mentiras, assim ela chegou do serviço, o que eu havia feito. Minha mãe deu-me chá não me lembro de que, e aconselhou-me a nunca mais repetir tais travessuras. Eu poderia ficar esmagado nas rodas do bonde.

⁂

6) Não fomos bem recebidos pela esposa do tio Joaquim. E as hostilidades vieram mais cedo do que seria de esperar. E aumentavam sempre que pessoas amigas, de Esplanada ou da casa do tio Zezé, nos visitavam.

7) Ouvi, uma noite, um atrevimento da dona da casa contra minha mãe, que chegou a me doer dentro da alma. Mas, sabendo da extrema sensibilidade de minha mãe, nada lhe disse.

⁂

8) Minha mãe e minha tia Odilia iam, diáriamente, muito cêdo, costurar sapatos na *Trocadero*, fabrica de calçados que ficava no centro comercial, quase à subida da Ladeira do Taboão. Iam e voltavam de pé, para economisarem o *cruzado* do bonde.

9) E como chegavam cansadas de tanto trabalharem e da caminhada! Nem por isso minha mãe se esquecia de trazer para o filho os carriteis vasios que encontravam. Carriteis que eu guardava avaramente para os primos não mos apanhar.

⁂

10) Três garotos visinhos se afeiçoaram a mim. Eram filhos de um capitão. Para mim, eram meninos ricos. Apanhavam-me para brincar com êles. E eu me regalava com seus brinquedos! Eu, que nunca tive brinquedos manufaturados...

11) Um dia, mexendo nos seus soldadinhos de chumbo, que os punha em forma, felicissimo, dei um alvitre:

— Assim fica *mais bom.*

— *Mais bom?!* Êle disse *mais bom?!* E' melhor.

E riram-se a valer da minha ignorância.

Procurei corrigir, apanhando a deixa, a frase:

— Assim fica *mais melhor.*

Riram-se com mais alarde de mim.

Ruborizado e envergonhado, deixei-os e voltei, chorando, para casa. E nunca mais aceitei o convite dos garotos para brincar com êles!

12) Havia perto de casa uma refinaria de vinagre, do Sr. Barauna. Era êle um homem feio e rustiço, casado com uma criola. Percorremos tudo. Estava concertando um barril vasio. Pediu-me êle para ficar dentro, afim de ver se, reajustadas as peças, ainda se vislumbraria frestas de passar claridade. E, muito agil, eu fui indicando as frestas que descobria. Depois, esqueceram-se de mim, dentro do barril, em plena treva. Griteí. Alarmei a pancadas: «abra, que eu estou no escuro e sem ar...»

⁂

13) Uma coisa que muito me impressionou aí foram umas moradas ao rez do chão, com saída para a frente, a porta de alçapão. Por abilhudez, um dia, entrei até a soleira para ver, curioso, como era lá embaixo, por dentro, aquilo. Uma velha, parece que entrevada, em cima da cama, gritou para dentro: «Vem aquí um menino gordinho e engraçadinho, espiando. Venham ver o que êle quer... Eu, em vez de esperar, sumi a correr, a despeito do elogio da doente.

⁂

14) Os desentendimentos em casa e as hostilidades contra nós aumentavam. Estavam já insuportáveis! Tinhamos que mudar. Mas para onde?

O tio Joaquim ficou de dar um jeito. E deu-o, efetivamente, arranjando uma casa para nós, num grupo de três casas condenadas por sua umidade, que ficavam na *Rua da Conceição,* bem no caminho da Penitenciária, conhecida por *Engenho da Conceição.*

Com a Própria Matéria Aniquilamos o Materialismo

NA bela obra, «História da Ciência», de David Dietz, acha-se um capítulo sôbre a natureza da vida. Ali, entre algumas definições sôbre o assunto, muitos escritores reputam a de H. G. Lewes como a melhor de tôdas. Como ela se harmoniza com êste nosso trabalho, antes de entrarmos no assunto vamos reproduzi-la: «A vida é uma série definida e sucessiva de transformações, tanto na estrutura como na composição, que se operam no indivíduo, sem destruir-lhe a identidade».

Hoje todos sabem que, enquanto nossa estrutura física sofre mutações contínuas, a nossa identidade é sempre a mesma. Assim, as moléculas da nossa matéria animal, renovam-se sempre, viajando de fora para dentro do nosso corpo, e vice-versa, operando mudanças totais no edifício humano, em períodos relativamente curtos.

Agora, perguntamos aos negadores da existência do espírito. Se cada vez que se completou uma troca total da materia do nosso corpo físico, onde então ficaram armazenadas as lembranças do nosso passado? De que forma essas moléculas, que se revezam continuamente, como sentinelas atentas nos seus deveres, transmitem recados uma às outras zelosas na conservação da nossa identidade?

Desconhecemos essa propriedade maravilhosa dessas microscópicas partículas composta de átomos, e até hoje ninguem dos nossos opositores nos revelou de que modo elas executam êsse trabalho inteligente. Se os advogados do Materialismo negam a existência do espírito, êste agente responsável pelas nossas ações inteligentes, então nos demonstrem em que ponto da matéria acha-se êsse predicado conservador da nossa identidade. Se nós espiritualistas apresentamo-nos neste campo de luta em defesa dos nossos conceitos, é porque estamos firmados nas verdades reveladas pela própria ciência. Esta, avançando sempre na direção da verdade, invadiu as fronteiras do átomo, revelando segredos da matéria. Sempre avançando nos mistérios atômicos, a equação einsteiniana revelou o cíclo da matéria, pela transformação desta em energia e vice-versa. No campo experimental, êste cíclo nada revelou em favor do materialismo.

Assim, nós espiritualistas Kardecistas, sem necessidade de recorrermos aos fatos dos fenômenos espiríticos, sentimo-nos vitoriosos sôbre o Materialísmo, aniquilando-o dentro dos limites do seu terreno, ou seja, com a própria arma, a matéria.

V. O. CASELA.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

I — OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Acabo de ler, e com atenção, o recente livro de William A. Colon, intitulado *Fulguraciones del Pensamiento Espiritista* — Nova York, 1955. Já pela consideração que merece o Autor, já pela matéria do livro, fiz leitura vagarosa, com todo cuidado, para que pudesse compreender bem o sentido de certas proposições. Logo de início, devo dizer que discordo muito de William Colon, embora reconheça nêle um Confrade inteligente, estudioso e sincero. Aprecio-lhe a franqueza com que expõe e sustenta os seus pontos de vista, mas a verdade é que as nossas idéias não combinam, de maneira alguma, em determinados pontos. Isto mesmo eu já lhe fiz sentir, tanto em correspondência particular, como através de uma crônica, publicada em *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, a propósito de outro livro de sua autoria.

William Colon é um escritor muito vigoroso, reside nos Estados Unidos e orienta ou dirige, em Nova York, um movimento denominado *Concentrações Espiritistas*, cujo objetivo é fazer propaganda do Espiritismo. E' um idealista, e por isso mesmo, embora discordando de sua orientação doutrinária, em diversos pontos, mantenho com êle amistosa correspondência, sempre que tal se faz necessário, tanto mais quanto, apesar de nossa discordância, os seus trabalhos sempre me chegam ás mãos com afetuosa dedicatória do Autor, o que muito me agrada.

Já estava eu pensando em escrever alguma coisa sôbre o livro de William Colon, quando recebi uma sugestão de nosso Confrade Costa Filho, diretor desta prestigiosa Revista, no mesmo sentido. Coincidência.

Vou desobrigar-me, pois, do compromisso e, assim, dizer como penso e porque discordo de William Colon. Isto não significa, todavia, que haja discordância total. Não. Há pontos em que estamos de acôrdo. Concordo com algumas afirmativas do Autor, principalmente na parte referente à mediunidade, como também no ponto em que êle declara, e com inteira razão, que o Espiritismo não se confunde com extremismos. Penso do mesmo modo, e por isso não posso deixar de subscrever o conceito de Colon. Fóra disto, porém, nossa discordância é inevitável, porque não nos identificamos doutrinàriamente a respeito de alguns princípios.

William Colon é reencarnacionista, tem boa cultura, mas as suas concepções, em grande parte, chegam a entrar em choque com a própria doutrina espírita. Eis aquí os pontos principais de suas críticas à obra de Allan Kardec :

a) — apesar de aceitar a reencarnação, William Colon combate a idéia de «provas e expiações» ;

b) — dentro de sua concepção reencarnacionista, acha que a obra de Kardec é contraditória em diversos passos ;

c) — entende William Colon que se deve excluir a idéia de Deus de qualquer idéia religiosa ;

d) — segundo o seu modo de ver, o Espiritismo deve desligar-se inteiramente da influência evangélica, porque *NÃO HÁ PROVAS HISTÓRICAS DA EXISTÊNCIA DE JESUS.*

De acôrdo com êstes quatro pontos de referência, que são apenas o resumo de suas premissas, William Colon chega a conclusões que férem alguns pontos cardeais da doutrina, como iremos ver. O escritor, como bem o demonstram as suas idéias, é radícalmente anti-religioso, e não admite, portanto, que se fale no «aspecto religioso» do Espiritismo. E' um modo de ver, e cada um de nós tem o dever de respeitar as opiniões do próximo. Cada cabeça, cada sentença, diz a sabedoria popular. O Espiritismo não é uma doutrina dogmática nem ortodoxa, e por isso os seus adeptos ou simpatizantes têm liberdade para pensar desta ou daquela maneira. Acontece, porém, que Allan Kardec afirma categòricamente que o *Espiritismo é uma doutrina filosófica de consequências religiosas.* No comportamento dos espíritas, como nas deduções doutrinárias é fácil compreender a justeza dessa proposição. Não se pode excluir o lado religioso do Espiritismo, a não ser que se pretenda desintegrar-lhe a UNIDADE, o TODO, o conjunto, em suma.

Que é a prece, afinal de contas, senão um ato religioso ? E o Espiritismo prescreve a prece, e vai mais longe, porque tem elementos para demonstrar a eficácia da prece. E' verdade que a prece espírita não precisa de ritual nem formalismo. Seja como fôr, é uma forma de exteriorizar a idéia religiosa. Convém notar, todavia, que a religião deve ser entendida em dois sentidos : no sentido *subjetivo*, como ato de consciência, quando exprime apenas o reconhecimento de um Poder extra-humano, a cuja sabedoria e grandeza o homem se submete conscientemente ; no sentido *objetivo*, quando se forma o culto exterior para manifestar obediência e adoração a êsse Poder supremo por meio de atos públicos ou de cerimônias específicas.

No caso do Espiritismo, não há pròpriamente *culto* organizado, uma vez que a doutrina dispensa ritual, fórmulas convencionadas, hierarquia sacerdotal etc. Nada disto, como se sabe, tem cabimento nos atos espíritas. Daí, porém, não se pode inferir que não haja uma parte religiosa nos padrões de comportamento previstos pela doutrina espirita. A' margem, portanto, da idéia de culto material, que não cabe no Espiritismo, forçoso é reconhecer, no entanto, as consequências religiosas da doutrina. Não há dialética que possa destruir êste fato, porque :

em primeiro lugar, um dos pontos básicos da doutrina espírita é a afirmação da existência de Deus ;

em segundo lugar, e quem o diz é Allan Kardec, o Espiritismo veio reforçar a crença, porque oferece provas concretas da sobrevivência da alma;

em terceiro lugar, e é ainda Kardec quem fala, o Espiritismo é o maior adversário do materialismo, do nihilismo, do ateismo e de todas as concepções negativistas.

Evidentemente não é possível ser espírita e ateu, ao mesmo tempo. Como afastar, portanto, a idéia religiosa do Espiritismo, se as suas implicações de ordem moral se fundamentam na crença em Deus? Não se confunde, porém, o aspecto religioso do Espiritismo com a idéia vulgar de religião ou seita, isto é, religião no sentido sacerdotal e ritualístico. O Espiritismo não é uma seita nem prescreve fórmulas ou cerimonial de espécie alguma.

Quer o Confrade Colon, entretanto, que se elimine definitivamente do Espiritismo tudo quanto possa aludir à idéia religiosa. Não é possível concordar com o radicalismo de Colon, porque isto seria aceitar a desfiguração do verdadeiro carácter da doutrina. Diz êle, repetidamente, em diversas passagens de seu livro, que *A RELIGIÃO DEVE SER DESTRUIDA*. Ora, isto não é o pensamento da doutrina espírita, pois o Espiritismo não preconisa a destruição da fé. O Confrade Colon, pessoalmente, pensa dêste modo, mas não é isto o que ensina a doutrina espírita, pois todas as formas religiosas estão sujeitas a modificações, como tudo, aliás, e por isso mesmo não está no programa do Espiritismo destruir religião alguma. E' questão de tempo e de circunstâncias, pois a evolução também se há-de fazer sentir nas diversas formas de religião, até mesmo as mais rudimentares. A transição religiosa é um fenômeno psicológico determinado pela transformação gradativa do homem. Cabe ao Espiritismo, é certo, concorrer para o progresso da criatura humana tanto no sentido moral, como no sentido religioso, mental etc.; em decorrência da evolução mental e do progresso espiritual, as velhas concepções religiosas, a idolatria e as superstições vão desaparecendo naturalmente. Tudo isso deve ser realizado progressivamente, através de sucessivas etapas de melhoramento. Destruir a Religião, porém, nunca! O objetivo do Espiritismo não é destruir: é *TRANSFORMAR*, é *MELHORAR*.

Dentro de sua orientação marcadamente anti-religiosa, o escritor William Colon repele diversas expressões contidas na Codificação de Allan Kardec, por entender que tais expressões ainda são resquicios da teologia cristã. Segundo a sua maneira de interpretar a doutrina (questão apenas de pontos de vista) Kardec incorporou ao Espiritismo velhos dogmas e absurdos do Cristianismo. E' o que pensa William Colon. Não sei, francamente, quais são os dogmas e absurdos que Allan Kardec introduziu no corpo da doutrina, por influência do Cristianismo... Um dos absurdos apontados no livro de Colon, por exemplo, é a idéia de um *Deus Criador*, como teremos ocasião de ver, no próximo artigo.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua).

Quem possúe maior sensibilidade: o Homem ou a Mulher?

(A PROPÓSITO DO DIA DAS MÃES)

O que seria do homem não fosse a mulher? Ela o ampara durante toda a vida terrena, desde o seu primeiro vagido, até desencarnar-se. Primeiro, como Mãe carinhosa sempre vigilante ao estado de saúde do corpinho ainda minúsculo do filho querido. Quantas noites mal dormidas, quantas lágrimos vertidas por ocasião do desiquilibrio orgânico do ente adorado. E' a mulher transformada em anjo, em protetor de um novo companheiro de jornada, um novo aluno que vem iniciar o curso na grande escola terrena.

E quantas dôres uma bôa Mãe experimenta na criação de um filho.

Depois, a mulher esposa. Companheira nossa para uma existência inteira, toda amor, toda carinho, auxiliando-nos a vencer os múltiplos obstaculos que se nos deparam durante a nossa passagem pelo Planeta. Ora, compartilhando *das nossas alegrias, outras vêzes chorando conosco, a mulher cristã nos dá fé e esperança, portanto, animo para lutar e vencer.*

Nós, os homens, na nossa angustia, quantas vêzes imploramos por aquela que foi e é a maior das mulheres, a Mãe de todos nós, porque é Mãe de nosso Mestre Jesus: Maria Santíssima.

Os grandes dramas da vida têm sempre como «pivot» o amôr puro, essencialmente cristão de uma mulher: óra como Mãe, óra como esposa, noiva, irmã ou filha, sempre a mulher a dar os maiores exemplos de dedicação e abnegação, tudo isso, fonte inesgotável de inspiração dos poetas e escritores de todos os tempos.

Existem, no entretanto, as excepções causadas pelos espíritos pouco evoluidos que se encarnam na forma feminina, que neste caso poderão ser chamadas de aberração da natureza... (exagêro meu ?)

Quanto aos homens... que poderei dizer ? Varía muito o gráu de evolução de cada um. Muitos, envaidecidos por se dizerem pertencer ao sexo forte, *menosprezam a mulher...*

E' lógico, pois, que é na mulher, que chamamos de sexo fraco, onde está localisada a maior sensibilidade cristã, portanto a fortaleza que remodela os homens, preparando-os para o futuro.

Para terminar os meus rabiscos, respeitáveis leitores, repetirei a frase inicial: O que seria do homem, não fosse a mulher?

JOSÉ ARANTES DE MELLO.

Rio Claro, Maio de 1956.

A LÍNGUA SAGRADA

BIANOR MEDEIROS

VI.—Para os antigos, todo o estrangeiro era bárbaro, ignorante, inculto, selvagem porque não conhecia, não falava e não escrevia a língua dos nacionais. Assim, o Grego era bárbaro para o Romano e o Romano era bárbaro para o Grego. O Judeu era bárbaro para o Grego e para o Romano e o Romano e o Grego eram bárbaros para o Judeu. Mesmo quando um estrangeiro conseguia aprender, conseguía falar e escrever outra língua, conservava, como acontece ainda hoje, o sotáque, a pronúncia estrangeira, reconhecivel com facilidade. O Israelita tinha a sua língua difícil de ser aprendida por um Grego ou por um Romano, uma religião que êstes povos não compreendiam, costumes e inclinações que os outros não toleravam. O Grego era o Literato, o Gramático, o Artista, o Retórico, o Filósofo, o intelectual do mundo, por demais abstrato e tagarela para os outros povos. O Romano era o guerreiro, insolente e dominador, destruidor de nações, escravizador dos vencidos, o usurpador dos seus bens. Havia, portanto, entre êles, motivos de sobra para uma prevenção recíproca. Mas, as duas barreiras, as duas muralhas de separação entre todos eram a língua e a religião. Para o Judeu êsse povo era impuro «tama», abominável «raca», a insolência e arrogância «rahab», o gentio, não Judeu «goi», o pagão que adóra ídolos «akkum», o inimigo «satan», o estrangeiro «nokhrî», que não conhece a Lei «Torah», que não ama o Eterno «El», que desconhece os profetas «Nabbiin», que ignora as bases da fé «Rosh Amanah».

VII. — Contudo, o maior obstáculo para conhecer a organização legal do povo Judeu, a sua religião, os seus costumes, o seu estílo de vida, a alma e o coração Israelita é a língua. A língua Hebráica é gutural nasalada, tem um alfabeto diferente do alfabeto Grego e do alfabeto Latino adotado pelo Francês, Italiano, Espanhol, Inglês, Português. O alfabeto Hebráico, chamado alefato, consta de vinte duas consoantes chamadas: alef, beth, gimel, daleth, he, waw, zayin, heth, teth, yod, kaf, khaf, lamed, mem, nun, samekh, ayin, pe, fê, sade, cof, resh, shin, sin, taw, thaw. São 22 consoantes. Não tem vogais. Para substitui-las são utilizados pontos sôbre ou debaixo das consontes. A escrita e a leitura são feitas da direita para a esquerda, do fim para o começo, de cima para baixo. O alfabeto Hebráico como o português dispõe de dois tipos de letras: manuscrito e fôrma ou de imprensa. Como não dispômos de tipos de imprensa, somos obrigados a utilizarmos o fenômeno linguístico chamado transliteração. A transliteração consiste na redução de um sistema de escrita a outro, letra por letra. Assim, para compreendermos o Hebráico, temos que converter o alfabeto Hébráico a Alfabeto Português, e invertermos a ordem da escrita e leitura Hebráicas, para a nossa ordem portuguêsa.

Mas as dificuldades não param, aumentam sempre. O alfabeto Hebráico consta de letras de duplo sentido; de dupla e até tríplice pronúncia: tem três h, cada um pronunciado de um modo diferente: o álef, o he, o heth; tem dois b: o beth e o bheth; tem três t: o t simples, o th e o ts; tem dois s: o simples s e o sch; tem o *k*, o *c* e o *q* muito semelhantes, além de outras subtilezas. As letras também representam os algarismos, com as quais são escritos os números todos. A verdadeira pronúncia só se aprende de ouvido, pela convivência com Judeus. A maior parte da pronúncia que se ouve é estrangeirada; sòmente a Universidade Hebráica poderá fixar a pronúncia Hebráica oficial, como a verdadeira ortografia das palavras.

VIII. — Como o nosso estudo não é de especialização em Hebráico, mas o superficial necessário para a compreensão mais larga e segura dos textos sagrados, da religião Divina, da moral Cristã, da conduta espiritualizante, passemos diretamente ao assunto.

Todos os povos teem idéia da Divindade, do Sêr Supremo. Para exprimir a sua idéia o Arabe usa a palavra «Allah», o Japonês «Kamî», o Tupi-Guarani «Tupã», o Inglês «God», o Alemão «Gott», o Italiano «Dio», o Francês «Dieu», o Espanhol «Dios», o Sánscrito «Devah», o Lituano «Devas», o Grego «Théos», o Latim e o Português «Deus», cuja significação etimológica é «Celeste», «Luminoso». O Israelita emprega diversas palavras, com significações diferentes, mas que significam vulgar e geralmente Deus.

Vejamos elas:

1. — El, o Eterno, o que foi, é e será sempre; a Fôrça, o Poder;

2. — Eloah (El — eoah), o Único Eterno; o Todo Poderoso;

3. — Elohim (plural enfático de El), o Eterno por Excelência; o Poder por Excelência.

4. — Adonaí (plural enfático de Adoní, Senhor) — Mestre e Senhor;

5. — Shaddai, o Poderoso, o Onipotente;

6. — Adonai Elohim, o Ser Todo Poderoso; o Eterno Deus;

7. — Abbá (Aramaico), Pai;

8. — El Elyon, o Supremo Poder (expressão moderna);

9. — Eloi (Aramaica), Deus, Deus meu. E' contração própria da língua popular da palavra «Eloim ou Elohim», plural enfático de El;

10. — Jehovah, palavra que sòmente nos versículos 1 a 18, do capítulo XV, de Exodo, encontramos escrita dez (10) vezes, é nome inefável, que não pode ser pronunciada pelo povo e sòmente o Sumo Sacerdote pode pronunciá-la uma vez por ano, com a máxima reverência, no «Yon Kippur», dia do grande perdão, festa comemorativa da destruição do Templo, de profunda tristeza.

A palavra Jehovah não existe em Hebraico, cuja língua não tem a letra «J».

As Biblias Católicas já estão sendo editadas com correção do engano, mas as Protestantes continuam erradas. Basta consultar o Exodo, XV, de 1 a 18, em cujo trecho encontramos dez vezes a palavra referida, que a Vulgata está traduzindo atualmente por Dominus — «Senhor», que é como fazem a versão os Católicos Portuguêses.

Os modernos exegetas e linguístas criaram a palavra «Yaveh», com o mesmo sentido, respeito e tradição, com a significação de «Verdadeiro Deus, Criador do Céu e da Terra».

IX. — Necessitamos, agora, de um vocabulário básico, fundamental da língua, para entendermos o que lemos:

1. — Ben (Hebráico), Bar (Arameu), filho.

2. — Abbá (Aramaico), pai.

Barabbá (Bar-abbá), filho do pai com a própria filha, filho adulterino. Yeshua ben Yodsef, Jesus filho de José.

3. — Cohen (singular), cohanim (plural), pontífice, sacerdote, delegado do povo Judeu como intermediário diante de Deus, da descendência de Arão.

4. — Torah, Lei, guia, doutrina, ensino. Torah Cohanim, Lei dos padres que regula o sacerdócio Judeu.

5. — Levi (singular), Leviim (plural), Levitas, auxiliares do Pontífice.

6. — Yud (singular), Yudiim (plural),

Judeu, Judeus, nacionais da Judéia, da Terra Santa, da nação Judía.

7. — Guêr, estrangeiro que demora em Israel; Tôchabh, estrangeiro domiciliado na Judéia. Nokhrî, estrangeiro domiciliado fóra da Terra Santa.

8. — Erets Israel, a Pátria dos Hebreus; A Terra dos Israelitas.

9. — Har, monte; Thabôr, pedreira, pedraalta. HarThabôr, monte da pedreira.

10. — Har Hazetim, Monte das Oliveiras.

11. — Or, luz.

12. — Tel, colina.

13. — Tel or (ou ur), Colina da luz.

14. — Beth, bet, beit, casa.

15. — Tzaid, viveres.

16. — Bethsaida, Casa dos viveres, Armazem; cidade da Palestina.

17. — Iah, Senhor.

18. — Hen, graça.

19. — Betania, (Beth hen Iah), Casa da graça do Senhor. Cidade da Palestina.

20. — Dan, juiz. El, Deus. Daniel, O Juiz de Deus.

21. — Rabbi, Rabboni, mestre, sábio e santo.

22. — Am, povo, gente, homem.

23. — Adam, Adão, homem, gênero humano.

24. — Ish, homem.

25. — Havah, Eva, vida.

26. — Hithamar (Hi, ilha, terra), (Thamar, Palmeira), Itamar, terra da palmeira.

27. — Sela, kefa (Petra), pedra, rocha.

28. — Kfar, aldeia, povoação. Kfarnaum, Aldeia de Naum.

29. — Kiriat (Kiriot), cidade, urbe, bairro residencial.

30. — Dumane, medida de superfície, equivalente a 1.000 ms 2.

31. — Shaar, porta.

32. — Tsion, Sião, cidade da Palestina. Shaar Tsion, a porta de Sião.

33. — Ior, caverna, cova, cavidade.

34. — Fagé, figueiras.

35. — Beroth, poços.

36. — Beroch, pinheiros.

37. — Hoira, baile típico Judeu.

38. — Barukh, abençoado.

39. — Sharon, bosque.

40. — Bath, filha.

41. — Imi, mãe, minha mãe.

42. — Tinokí, filhinho, meu filhinho.

43. — Beitlehem, Belem, cidade da Palestina, onde nasceu Jesus e onde foi construida a Igreja da Natividade, pelo Imperador Romano Constantino Magno, de 300 a 330 da era Cristã. Fica distante 8 quilometros de Jerusalém. (Bet El Hen, A Casa da Graça do Senhor).

44. — Nazaré, hoje *«en Ṇásira»*, cidade da Galiléia, onde a Sagrada Família viveu quasi toda a sua existência. Aí Yodsef e Myriam tinham a sua casa e a oficina de carpinteiro. Yodsef faleceu quando Yeshua devia ter 16 anos de idade. Jesus habitou a casa até aos 29 anos, quando iniciou a sua missão. Nela continuaram os irmãos de Jesus e Maria até à morte do Mestre, quando ela passou a morar em Efeso, cidade da Jonia, nas costas do mar Egeu, juntamente com João Evangelista, onde faleceram e foram sepultados. Hoje é uma ruína. A palavra Nazaré é de origem duvidosa: para uns, provem da palavra aramaica «nazará». (A Galiléia era a zona onde mais se falava o Arameu), que significa a fortificada, espécie de torre de vigía; para outros provem do Hebráico «Nadzereth», que se deriva de «nesser» com o significado de ramo verde, e por isto tida como a «florída».

Foi em Nazaré que o anjo Gabriel anunciou à Maria o nascimento de Jesus. Foi na Sinagoga de Nazaré que o Divino Mestre leu um trecho do profeta Isaias (Lucas, IV, 16 a 20), foi molestado e apupado por seus compatriotas. Em Nazaré existia o poço de que se servia a Família Sagrada. O Velho Testamento não menciona o seu nome pelo que Nazaré é considerada cidade Cristã, até hoje habitada só por Cristãos. Foi em Nazaré, em sua Sinagoga, que Maria e José se casaram. E foi ainda em Nazaré que José faleceu e foi sepultado.

45. — Tiberíades, cidade e lago, antigamente, hoje Tabariyê. Foi fundada e construída por Herodes Antipas, de 16 a 22 depois de Cristo, em homenagem a Tibério (Claudius Nero Tiberius), imperador Romano de 14 a 37 depois de Cristo. Foi no seu governo que Jesus realizou a sua missão e foi pregado na cruz. Com a destruição de Jesusalém, Tiberíades passou a ser centro de grande cultura e cidade santa para os Judeus. Foi em Tiberíades que os massorêtas fizeram o estudo crítico da Biblia e introduziram os pontos vogais para a corrente leitura dos textos. O lago de Tiberíades, o maior da região, pois tem a área de 170 kms 2., é também chamado mar de Kinéret ou de Genesaret, e é banhado pelo Jordão. O

lago é muito piscoso e aprazivel, pelo que é muito procurado por pescadores e pelo povo. Por isto Jesus procurou sempre tais sitios onde pregou muitas vezes e fez curas importantes. Tiberiades quer dizer cidade de Tibério. Foi ainda em Tiberiades concluido o Talmud de Jerusalém.

46. — Jerusalém, em Hebraico «Yerushalaim» que significa a habitação da paz. E' considerada cidade santa pelos Judeus, Católicos e Árabes e completou 3 000 anos de fundação, em 1955. Pertencia aos Jabuseus e foi o rei Daví quem a tomou, cerca de 1.000 anos antes de Cristo, fazendo-a capital de Israel. Tinha antes os nomes sucessivos de «Iebús» (lugar trilhado) e Shalem ou Salem «paz». O rei Salomão construiu o grande Templo sôbre o monte Habait ou Hamoria (Har Habait ou Har Hamoria — monte do Templo), de posse dos Árabes atualmente e onde foi construída a célebre Mesquista de Omar e se acha a «Cúpula de la Roca». A Rocha Sagrada se chama em Hebreu «Even Ashetia», sôbre a qual Abraham tentou imolar seu filho Isaac, e significa a «Rocha do Fundamento» de todo o mundo. No local ainda existe o muro das Lamentações, onde os Judeus choram os seus pecados, também tido como lugar santo, de 18 metros de altura, por 48 de comprimento, todo construído de pedras lascadas ou lavradas, chamado em Hebraico «Kotel Hamaaravi» que se traduz por «muralha ocidental». A cidade hoje se acha dividida em duas: nova e velha. E toda ela dividida em quatro bairros, prova plena da discórdia religiosa existente no mundo: 1) — o Judeu, a parte nova, maravilhosamente edificado, onde se encontram os palácios governamentais e a cidade Universitaria Hebraica, composta de edifícios monumentais lotada com professores Judeus tirados das melhores Universidades do mundo; 2) — o chamado bairro Cristão ou Grego-Francês; 3) — Armenio; 4) — Árabe. Quando a cidade foi destruída pelos Romanos passou a ser chamada «Aelia Capitolina», em homenagem a Aelius Adrianus, imperador Romano.

A cidade velha está toda cercada com a muralha antiquissima, de pedra lavrada, de 12 metros de altura, com a área de quatro quilómetros, com 34 torres e oito portas. Na cidade velha e nos seus arredores estão os monumentos mais sagrados para os Judeus e Cristãos: túmulo de Daví, a Igreja do Santo Sepúlcro, o Har Azetim, o Monte das Oliveiras, antigo cemitério, com túmulos históricos e sagrados. Sôbre o Har Hatsofim se ergue a cidade Universitaria Hebraica, conjunto imponente de edificios maravilhosos. No leito seco do rio «Kidron» se acham localizados os túmulos de Absalon, de Zacarias, o Jardim de Getsemani e muitas outras preciosidades históricas. O Museu Arqueológico Rockefeller é uma das preciosidades raras da Capital Judía. O Har Gulgotha, o monte do Craneo, antigo cemitério, chamado pelos Romanos de «Calvaria», onde Jesus foi crucificado entre o bom e o mau ladrão. Além ficam as três Piscinas de Salomão «Breiot Shalomô», em Hebraico. Devemos citar ainda a Geena (em Hebraico Gue, Ge, Gi — vale; e Hinnon, nome de homem) que significa vale do Hinon (Josué, XV, 8) e em (Jeremias VII, 31, 32) se encontra a expressão «Gi ben Hinnon», o vale do filho de Hinon. Nêste lugar, no tempo do paganismo se sacrificava ao deus Moloc, dos Amonitas, em Hebraico «molech», que significa «rei».

47. — O «Erets Israel», a pátria dos Hebreus, a terra dos Israelitas, está situada no Levante, no Oriente Médio, na Ásia Menor, entre o Mediterrâneo, o Egíto, o grande deserto da Síria, o Anti-Libano. Ocupa a minúscula área de 117.000 kms2, sendo 691 kms 2, ocupados com lagos e cursos dágua e 77.550 kms 2, em deserto. O rio Jordão (Iarden, que desce, que corre) divide o país em duas partes, pelo seu fertil vale. Nasce no monte Jermon, a 2.814 metros de altura, forma dois imensos lagos, o Julé e o Tiberiades, e desagua no Mar Morto. O seu clima varía muito, da neve, nas montanhas, ao calor estafante do deserto. Duas estações predominam: o verão com calor e o inverno com chuvas. O mar e o deserto disputam e dominam a natureza. O vento do deserto, Kadin, arrasta nuvens de areia. O céu é límpido, a luz é intensa, deslumbrando a visão. As noites de luar chamadas brancas, são as mais lindas do mundo. A temperatura varía entre zero grau a 48 graus de calor, sendo a média de 19 graus.

Cada fonte, cada poço, cada lago, cada rio, cada polegada do sólo, os seus caminhos, as suas cidades, as suas muralhas, os seus montes, os seus jardins teem a sua tradição, a sua história, com túmulos sagrados, com sinagogas imortais, com ruínas santas. O seu clima, o seu ambiente, o seu meio é propício para a meditação, para o desenvolvimento da fé, para a espiritualização do homem. Até os nomes de pessoas, de lugares, de cidades, de montes, de tudo têm significação espiritual, como vamos ver.

48.—Seth, riqueza; Havel, Abel, vaidade; Kain, Caim, possuído; Enoch, iniciado; Matuxelah, Matuzalém, guerreiro; Noah, Noél, descanso; Lamech, pobre; Sem, o sol; Ham, quente; Iafet, o lugar distante; Abraham, o pai ilustre; Loth, véu; Itshak, Isaac, vivo; Hagar, fugitiva; Sarah, princêsa; Ixmael, Deus o ouviu; Elieser, o que Deus socorreu; Esaú, homem feito, cabeludo; Iacob, segura o calcanhar, astucioso; Leah, Lia, olhos tristes; Rachel, mansa; Rawen, Rubens, filho da visão; Zabulon, habitação, morada; Issakar, Deus o recompensa; Dinah, Diná, a justa; Iodsef, que Deus ajunta; Laban, Labão, o branco; Israel, o combatente de Deus; Penuel, a face de Deus; Ximon, Simeão, ser ouvido; Leví, ligação; Bethel (Beth El), a casa de Deus; Beniamin, Benjamin, filho da mão direita, bem amado; Balahan, Balaão, estrangeiro; Edon, ruivo; Kanah, caniço; Chanaan, negociante; Iehudah, Judá, louvor a Deus; Thamar, Palmeira; Moxeh, Mosheh, Moisés, salvo dágua; Aram, montanhês, alto; Adonai, Deus; Miriam, Maria, senhora, exaltada, mar de angústia; Sinaí, sarça do Senhor; Iitro, Jetro, excelente; Torah, a Lei, o guia, a doutrina, o ensino escrito; Talmud, a tradição, a lei oral; Ximon, Simão, o obediente; Ieshua (Hebráico), Ieshú, (Arameu), Jesus, o salvador; Meshiah, Messias, o ungido, consagrado; Mathathiah, Matatias, Matias, dom de Deus; Rabbi, Rabboni, mestre, sábio e santo, perfeito; Ashatan, satã, satanaz, inimigo, adversário, acusador, tentador; Esther, estrela; Ioanah, Jonas, o manso, a pomba; Nehum, Naum, consolador; Kannah, Ana, a graça; Itamar, terra das palmeiras; Booz, alvoroço, alegria; Ierushalain, a habitação da paz; Ruth, amiga; Xemuel, Samuel, Deus o ouviu; Ieiodah, Joad, a amada de Deus; Ephrahim, multiplicação, reprodução; Chaleb, Caleb, cão; Iarden, Jordão, que corre, que desce; Gad, felicidade; Ierioh, Jericó, a cidade da lua; Horeb, colina árida, deserta; Gabriel, homem de Deus; Rafael, Deus o curou; Naim, bela; Deborah, abelha; Dawid, Daví, querido, amado; Shelomoh, Shelomô, Salomão, o pacífico; Shelomith, Salomé, a pacifica; Naboth, a fala, a profecia; Iair, Jair, iluminado; Iochanan, João, favorecido de Deus; Iafah, Jafa, beleza; Palixtiim, Palestina, a terra dos estrangeiros; Gerizin, Garizin, monte dos gafanhotos; Axher, Aser, feliz; Og, redondo; Magog, terra de Gog; Hamós, carregado, que traz carga; Habakuk, o combatente, o guerreiro; Malakhiah, Malaquias, mensageiro de Yaveh; Urias, Luz de Deus; Naor, Nahor, indignado, irritado; Tomah, Tomé, gêmeos; Nathan, Deus deu; Nahum, consolador; Salem, paz; Uriel, iluminado de Deus; Dalila, Delilah, fraca, pobre, miserável; Saul, Shaul, pedido, suplicado; Sulamita, Shulamith, mulher de Sulan, cidade da Palestina; Iedo, Ieda, Iadah, favo de mel.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

TOTALIDADE e SOCIOLOGIA — *Introdução — contendo parte da Introdução à COSMONOMIA GERAL.* — COSMONOMIA. *Monumento cosmo-uniformológico do conhecimento aplicável.* — COSMOVISÃO INTEGRAL — *Joviano Torres* — Rio.

Tudo o que aí está, se contém na capa de um grande livro, que é um livro grande, porque com 667 páginas, volumoso, de 24 x 16.

«Revista Internacional do Espiritismo», bem como o autor desta impressão de leitura, receberam, diretamente, ofertado pelo autor, um volume. Aliás, com gentilíssima dedicatória.

Não se trata, é certo, de um livro para os dias que passam, diz o autor e nós concordamos. Realmente, uma época carnavalesca, de tricas e futricas políticas, futibolesca e viceralmente irreligiosa, não comporta, ainda, um livro assim. Dí lo, o autor, abrindo o livro: «A obra que êste livro inicia pertence ao futuro. Destina-se êle, entretanto, ao presente — porque será no presente que se prepara o tempo vindouro». E termina a abertura: «Possa o Presente — desligando-se do passado inutil, compreender o fenômeno que se lhe depara, no alvorecer do tempo cosmocêntrico...» E consagra o livro: «Ao Ocidente, à toda a América e especialmente ao Brasil, dedica o Autor...»

Lemos o volume, a lembrar-nos de Anibal Vaz de Melo, (SINAIS DOS TEMPOS, e ÉRA DO AQUARIO): Mario Cooli (AS QUATRO BABILÔNIAS), M. da Nobrega (DEMOCRACIA POLÍTICA E RELIGIOSA), livros que, por marcarem uma época em nossa literatura, deixaram profundos sulcos em nosso espírito, a despeito de sua diversidade de gênero...

O livro de Joviano Torres assenta em observações profundas, sociológicas, que nos levam a pensar e refletir muito, nos fatos que, para o autor, tornaram o *Passado inutil*, — com que, aliás, não concordamos, na consciência de que nada existe absolutamente inutil na Terra e na Vida... E' um livro assente em observações profundissimas, de coisas, de homens e de fatos. E apresenta problemas e questões novissimas, em que ninguém pensou ainda. Pois, se a própria SOCIOLOGIA é uma ciência nova, agora repontando. E trazendo, até, no seu bojo, a *Cosmonomia*, a *Cosmovisão!* Trata-se de um livro diferente, de leitura indispensável a todo homem culto, ansioso de um mundo melhor, de melhores dias. Como espírita que somos, — e parece-nos o autor não ignora isso; parece-nos até que foi por isso mesmo que nô-lo enviou seu grande livro, e à «Revista Internacional do Espiritismo» — procuramos ver como era tratado, no grande volume, o Espiritismo. Lemos, então, à pág. 584: «As relações entre a Cosmonomia e o Espiritismo, podem ser consideradas como a consubstanciação dos respectivos princípios. O Espiritismo, que não é, literalmente, absorvido, porque, sendo a revelação de que existem espíritos — e de que êsses espíritos se encarnam e desencarnam, atuando por toda parte, na matéria e fóra da matéria, e de que tais leis precisam ser conhecidas, por assim se processar a evolução do homem, havendo mérito e demérito na vida, prêmio e castigo — o Espiritismo, que não é, pois, literalmente, absorvido, porque, sendo a revelação de que existem espíritos, é, como doutrina, e por sua índole de desenvolvimento ilimitado — o Espiritismo é incorporado, apenas, como parte integrante à Cosmonomia Geral...» Mais adiante, no mesmo capítulo, § 586: «A Revelação Espírita está cosmicamente incluida na Cosmonomia, como a Terceira Revelação *profética*, e teonômica; e forma, destarte, a base indispensável, o alicerce inconfundível, o pedestal espiritual, cósmico ou cosmonômico, da *Religião Universal*, o *Cosmoteísmo*...»

Valia a pena transcrever quanto diz o autor do Espiritismo, exatamente, ao lado do que escreve sôbre o Catolicismo, sôbre o Protestantismo, sôbre o Comunismo. Isso, porém, seria, além de cansar o leitor com citações, privá-lo de obter o livro e o ler com a mesma alma e interêsse com que o lemos. E achamos até que deve pedi-lo, pelo reembolso postal, escrevendo ao autor, caixa postal, 828, Rio. Contudo, citamos ainda, da pág. 585: «O Espiritismo propiciou e incrementou a Cosmonomia. Sem o Espiritismo, não teria sido possível o advento da Cosmonomia, porque, sem a Terceira Revelação, a Cosmonomia teria de obtê-la, primeiro, para, depois, erguer o seu aparato ideológico».

Na mesma página, paragrafo 587: «A Cosmonomia nasceu do Espiritismo — do *cósmico*, porém...

E, no § 588: «O Espiritismo, tal como foi lançado por Allan Kardec, tornou-se uma forma de religião, à qual se juntam um sistema filosófico e uma espécie de ciência transcendental. Distendeu-se, assim, pelos três ramos gerais do conhecimento sem, contudo, generalizar as concepções a que carreava, de modo que pudesse abranger o conjunto dos conhecimento e dos fatos, existentes, — criticando-os, reformando-os, reclassificando-os, demarcando-lhes as respectivas órbitas... Criou, com êsse procedimento, uma ciência a mais, no ról das ciências; uma filosofia a mais, no conjunto das filosofias; uma religião a mais, no acêrvo das religiões... E entrou, dessa forma, em divergências e antagonismos, lutas e rivalidades...» No § 591: «A incorporação do Espiritismo à Cosmonomia visa a uma finalidade sociológico-etológico e etocrático-religiosa... Do ponto de vista mediúnico, todo êste trabalho poderá, entre os adeptos do Espiritismo, ser considerado uma *comunica-*

ção *espírita*, com esta diferença apreciável: não é fornecida por espírito desencarnado através do *médium*; é dada por um espírito encarnado, plenamente consciente de seus atos e objetivos...» E aquí, lembremo-nos de nosso *Espiritismo de Vivos*, disseminado em artigos e em opúsculo. Continua, a seguir, o eminente autor: «Até o presente, os espíritas tiveram comunicações de espíritos desencarnados, privados do corpo físico, utilizando-se de um aparelho fisiológico do *médium*. Estou, precisamente, inaugurando outra forma de mensagens *espíritas*...»

E reconhece no mesmo parágrafo: «O Espiritismo evolúe... Deve ser tão progressista como a verdade. A verdade não se revela, toda, de um jato. Vai se acrescentando aos poucos. Assim a revelação. Revelação estratificada, revelação anacronizada». Donde concluir, a seu modo, que «a opinião de que o Espiritismo foi codificado é um tanto imprópria». Imprópria, mas, a seu tanto, verdadeira, quanto as suas leis, os seus princípios, as suas bases, visto como não é possível codificar em formas rigidas, estagnadas, uma coisa, uma doutrina evolutiva no tempo e no espaço. E a prova está no fato de já se verificar, dentro do Espiritismo e com o nome de espiritismo, muita coisa diferente, desunida, até antagônica. Aliás, Joviano Torres reconhece isso, quando escreve: «essa desunião entre adeptos, já está, aliás, *instalada*. Divisamos já várias modalidades rivais de *espiritismo*...» No parágrafo 592, pág, 502, exprime-se: «A chamada *Terceira Revelação* é, na verdade, a Segunda, na ordem cósmica e está, apenas, iniciada. A Verdadeira Terceira Revelação — a Revelação Moral — será futura e coincidirá com a volta do Cristo ao mundo». E, no parágrafo 604: «O Espiritismo pode ser tido como a maior verdade que, nos ultimos tempos, foi ofertada ao mundo... Sob o aspecto religioso — que é o supremo aspecto das coisas — o Espiritismo abrange tudo... Todas as religiões — inclusive o Cristianismo — são modalidades do Espiritismo *(cósmico)*». No parágrafo 605: «Está longe, contudo, o Espiritismo atual de atingir o, desenvolvimento que lhe estaria demarcado. Os fatos ditos espíritas não são, ainda, considerados na significação e profundidade de que seriam germens...» Adiante, no mesmo parágrafo, esta verdade dolorosissima: «O Espiritismo tem, já, milhões de adeptos, que nada entendem de *Espiritismo*...» No parágrafo 806: «Uma das vantagens evangélicas do Espiritismo sôbre o Catolicismo, por exemplo, é a facilidade de comunicação e a proximidade e contacto com os entes sobrenaturais...»

O grande livro de Joviano Torres consagra-se dos capítulos LIV ao LXI; dos paragrafos 586 ao 658: das páginas 584 à pág. 652, diretamente ou indiretamente ao Espiritismo. E. poucas vezes temos lido, sôbre a Doutrina Espírita, coisas tão lógicas, que nos agradem tanto. Seu conceito sôbre o Brasil e sôbre o povo brasileiro é desvanecedor: «O Brasil — tudo nos parece indicar — terá sido designado para abrigar o TERCEIRO POVO ESCOLHIDO. O Primeiro povo foi o Hebreu ou o Israelita; o Segundo foi o Povo Cristão. com a cristandade; o Terceiro, será o Povo Espírita de todo o mundo reunido sob o Cruzeiro do Sul, sob o pálio da *Espiritismidade*, a Nova Cristandade ocidental».

Aceitamos a tese. Será isso, efetivamente, que se dará no Brasil, depois dessa onda de politiquice, de catolicidade aparente, de carnaval licencioso, de futilidades futebolescas e tolices radiofônicas...

Seu livro, realmente, é livro para o futuro. Estamos em que a nossa *civilidade* igregifera — que é, ainda, a que, politicamente, está dominando entre nós, que somos o *maior povo católico do mundo*, não lhe abrirá portas nas escolas, nos meios culturais, nas academias, a despeito de tratar de uma ciência nascente, a *Sociologia*, o de prometer, à sombra dela, a *Cosmonomia* e a *Cosmovisão*. Basta que tenha escrito sôbre a Igreja e sôbre o Catolicismo coisas assim, para saber o que devia esperar seu grande livro e seu livro grande: «...a incompatibilidade já muito acentuada do Catolicismo como doutrina — doutrina que, se surgisse agora, com os mesmos fundamentos, paramentos e dogmas, seria considerada obra de loucos». Pág. 380. Foi o que ouvíramos de um padre orientalence, na séde da *União Espírita Mineira*, na primeira vez que pregamos em Belo Horizonte: «Tudo o que o senhor pregou na conferência do clero é a verdade pura e dura. A Igreja Católica não se fundaria hoje. Quem se animasse a organizar uma emprêsa assim, tão defeituosa e tão usurpadora, seria preso como doido ou chantagista...» Uma coisa assim, que até pusemos na crônica daqueles dias... No § 380: «O Catolicismo não é católico... E' fóra de dúvida, é evidente que já de séculos anteriores, vinha a Igreja Romana deturpando suas funções espirituais, quando, no século XVI, aliou-se francamente à profanação do Altar, posto sob sua guarda e custodia». Assegura no § 381, a Igreja é indefensável e já faliu. «Defendo, porém, o espírito católico, o espírito universal, o espírito do Governo Mundial — que teria de ser um Governo espiritual...» E, no § 383: «Lamento sinceramente a cegueira dogmatica dos grandes chefes visíveis da Cristandade, a incuria dêsses grandes talentos, fechados na incongruência anticristã, na curteza mental, julgando-se infalíveis e repetindo, perpetuamente, as mesmas infantilidades morais».

Caráter independente, inteligência emancipada e forte o autor do grande tratado de Sociologia, sr. Joviano Torres, passa em revista, com a mesma emancipação e independência, o materialismo com todas as suas características e modalidades, como o comunismo, a política, as outras religiões sem base cósmica. Não poupa nada. Tudo lhe cai no alfange. E que alfange!

Do comunismo diz e prova à pág. 42: «O comunismo é ideologia exclusivista e fraca, cimentada na mistificação histórica, filosófica, científica e na mistificação sociológica, política, social e econômica». E no § 400: «A mesma incapacidade intrínseca conduz o comunismo a um autodesvio e ao endomisticismo, a uma derradeira espécie religiosa, afim de influir sôbre a consciência coletiva, através do sentimentalismo comum da massa». No paragrafo 405: «O comunismo seduz certos espíritos incautos, com o chamariz que propaga, para efeitos psicológicos, da repartição de riqueza e fim da propriedade privada».

Havia muito o que transcrever e citar do grande livro de Joviano Torres. Livro destinado, indiscutivelmente, a longínquo futuro, dados os tabus religiosos-políticos-sociais de que lança mão, arrazando, com verdade e com lógica os que são arrazáveis.

O tratado de sociologia do Sr. Joviano Torres lembrou-nos fortemente a Filosofia Positivista do Sr. Augusto Comte, talvez a coisa mais bonita e mais religiosa do século passado, que até ficara na *História da Filosofia* como o século filosófico (Voltaire). De tal maneira se amesquinhara o sentimento religioso nos tempos, que Comte chegara a criar uma religião materialista, sem Deus e sem imortalidade, para demonstrar, por *a* mais *b*, que se pode ser bom, ser religioso, ser honesto sem temores de infernos, sem a idéia de Deus, sem a crença no Espírito. Criara, assim, o século do materialismo que o livro de Joviano Torres — que é espiritualista, deista, imortalista — põe, agora, em cólicas sérias. Sua SOCIOLOGIA, por sua vez, arraza com o materialismo e com toda a sua obra, que aí está dominando a nossa civilização agonizante, transformada em religião, em política, em concepção socialista, abstrusas, na irreligiosidade reinante até dentro das religiões.

Havia mais, muito mais, o que citar do grande livro, sôbre, principalmente, espiritualismo e materialismo, democracia e democraticismo, o velho mundo e a missão gloriosa da América e do Brasil, o coração da América e de seu povo, o terceiro povo, a despeito de tudo, eleito do Alto para grandes e graves coisas...

Fiquemos, porém, por aquí, o que fazemos, reiterando o conselho a todos os espíritos emancipados como nós a obter, e ler, e reler, o livro de Joviano Torres.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Termos Metapsíquicos

UMA pequena nota do confrade Teixeira de Paula, no «Unificação» n.º 31/32 de 1955, que trata de um termo de Metapsíquica, motivou êste pequeno artigo, e que no fundo tem por finalidade observar a inexistência de um dicionário espírita-metapsíquico em língua portuguêsa.

Teixeira de Paula, num trecho da biografia de Chico Xavier no jornal acima citado, batisa com o nome de «espéculo-zenográfica», o fenômeno das mensagens psicográficas escritas em língua estranha ao médium e de trás para diante, tomando por base o fato de se poder ler tais mensagens pelo espelho (do latim especulum); o termo zenográfica, provém de zenografia, equivalente a xenografia, que segundo informação dêste confrade, deve-se a Pier F. Belmonte sua criação para se referir às escritas mediúnicas em língua estrangeira. Discordando da nova nomenclatura, pelo fato das mensagens escritas de trás para diante poderem ser lidas também por transparência (o que, aliás, acentuou o articulista na nota do «Unificação»), propus-lhe o termo: «retro-xenoglossografia», com o prefixo latino «retro», que significa ao contrário, por ex. as palavras: retroativo, retrógrado, etc. O prezado redator do «Unificação» não aceitou totalmente a nova palavra por considerá-la muito comprida e de formação híbrida (pois tem a raiz latina retro e as restantes, gregas), e acabou sugerindo a forma «retro-xenográfica». Vê-se que também êste nome é híbrido, sendo muito comum êste fato com os termos técnicos, por ex. monóculo, burocracia, cólera-morbo, e são nomes correntes.

Concordaria plenamente com Teixeira de Paula, caso Richet não tivesse criado a palavra «xenoglossia», que definiu como: «mediunidade poliglota pela qual os médiuns falam ou escrevem em línguas que êles ignoram totalmente, às vezes, ignoradas de todos os presentes». Richet criou esta palavra para diferenciar de «glossolália», que significa «uma manifestação supranormal, na qual o paciente sonambúlico fala ou escreve em pseudolínguas inexistentes, elaboradas nos recessos de sua consciência», (ver E. Bozzano, Xenoglossia, introd). Diante disto, e para não criar termos longos e desnessários é que proponho atualmente a forma *«retro-xenoglossia»*, para os casos de psicografia escrita em língua estrangeira e de trás para diante.

Os casos de retro-xenoglossia são raros, tanto é que Bozzano em sua monografia sôbre Mediunidade poliglota (ou xenoglossia) não faz menção dêles. Chico Xavier, que constitúe um belo exemplo de médium polimorfo (isto é, quem apresenta muitas mediunidades), quando de sua visita a S. Paulo, em 1938, em reunião da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, recebeu uma pequena mensagem em inglês, dêsse tipo; os detalhes desta sessão memorável estão descritos na Rev. Metapsíquica, 1938, e no livro «O Caso Humberto de Campos», por M. Timponi, (edição FEB).

Caso tivessemos um bom dicionário espírita e metapsíquico, talvez não houvesse motivo para êste artigo. Aliás, são pouquissimos os vocabulários publicados sôbre êste assunto em línguas estrangeiras; pude sòmente ter notícias dos seguintes: Dicionário de Metapsiquismo y Espiritismo, de Depascale e Rinaldini (B. Aires), Dicionário de Metapsíquica y Espiritismo, de Quintin L. Lopez, (Barcelona), um vocabulário incluido num dos volumes de «Précis de Métapsychique» do dr. P. T. Bret, e um outro vocabulário, do dr. A. Lobo Vilela, incluido, porém, no fim da obra «Resumo da Doutrina Espírita», de Geley, (edição Estudos Psíquicos, Lisbôa). Todas estas obras se acham esgotadas há muito tempo.

Está, pois, com a palavra os confrades e metapsiquistas estudiosos do Brasil e de Portugal, para em conjunto, apresentarem, em vernáculo, um dicionário espírita-metapsíquico atualizado, e assim sanar tão grave lacuna em nossos meios.

CICERO PIMENTEL.

S. André, 20/3/1956.

Crônica Estrangeira

Uma jovem druza «reencarnada» conta-nos sua vida anterior

Raymond Loir.

Beirute

— Estou morta há dezessete anos. Uma bala na cabeça...

A mocinha que nos fala é um «druza» da montanha do Líbano. Possui olhos negros. Cílios aveludados dissimulam, de vez em quando, o olhar profundo da adolescente. Mas, que ingenuidade também na expressão. Uma pureza que logo desarma. E' uma camponêsa de Baakline, feudo das «Druzas» do Lízani. Uma aldeia de casas brancas, onde as mulheres são todas veladas com musselina e que transitam pelas ruas, ligeiras e esbeltas como aparições antigas. O Druzismo é essa religião secreta do Oriente-Próximo, uma de cujas doutrinas é a crença na metempsicose.

Foi-nos dado ouvir, muitas vezes, contarem histórias de reencarnação. Nomes, lugares, datas, extraordinárias precisões emprestavam a essas histórias todas a aparência da verdade. A mocinha «druza», sentada em nossa frente, nós a encontramos por acaso como primeira pessoa. Que vocês fiquem convencidos ou incrédulos. E' de impressionar.

«S e H... é minha mãe»

Chama-se Salma. Os pais dela são fazendeiros em Baakline. Está ela de visita aos «Druzas» de Beirute, originários de Baakline, os H..., uma família de Sheikhs muito conhecida no Líbano e bastante respeitada.

E' por meio do convite da dona de casa, uma senhora «druza» idosa, que Salma se decide a nos contar sua história. Ela o faz sem timidez, com uma naturalidade que nos emociona. Suas palavras refletem o acento mesmo da verdade, do «vivido» acrescentarei eu.

Sit H... (a senhora «druza» que acabava de lhe pedir para nos entreter com a sua vida de outróra) *é minha mãe. Vocês vão ficar surpreendidos, ao me ouvirem afirmar isso. Sou a filha dela, Nazira. Sim, aquela que foi morta com uma bala na cabeça! Eu o reconheci meu senhor, e a senhora que está sentada junto do senhor é sua mãe, eu tocava piano com ela.*

«Uma bala perdida atingiu-me na fonte»

A assistência fica impressionada. Salma vem a Beirute pela primeira vez. E ela nunca viu um piano. Ainda ontem, ela ignorava até nossa existência, de minha mãe e minha. Salma adota-nos, pois, instintivamente, como velhos amigos, já que nós o somos e temos relações com os H... desde numerosíssimos anos.

— *Você quer*, perguntei, *contar as circunstâncias do drama que pôs fim aos seus dias?...*

— *Eu me encontrava num carro quando o motorista se serviu de uma rua que me parecia muito animada. Celebrava-se uma festa de casamento na visinhança. E como é costume no Oriente, os homens atiravam com armas de fogo. Uma bala perdida atingiu-me na fonte. Dei um grito. Não sofri. Como um relâmpago pensei em meus filhos...*

E olhos de Salma enchem-se de lágrimas!...

«Ela correu para junto de mim chorando e me segurando as mãos»

«Seus filhos» tornaram-se adultos. Ela os revê. Ela reassume com êles gestos de há pouco. «A mãe» de Salma está tão entristecida quanto maravilhada.

— «Vivo com meus pais em Baakline, mas não são meus pais, acrescenta Salma. Minha verdadeira família está aí. Eis aquí minha mãe, minha irmã, meus filhos...

A gente teria rido se a emoção não nos tivesse atingido. E é a vez de Sit H... de virar-se para mim e dizer-me:

«Sou eu que lhes digo como Salma veio para junto de nós. Passávamos o verão em Baakline quando uma mulher da visinhança veio dizer-nos que havia uma criança que se dizia nossa filha. Eu permaneci cética, estávamos habituados, naturalmente, a todas essas reencarnações que eram destituidas de sinceridade e cuja finalidade era, geralmente, o interêsse.

Eu aceitava, no entanto, a idéia de ver a criança. Conduziram Salma para a casa das amigas. Eu me havia colocado à parte num grupo de mulheres. Foi para mim que ela correu, chorando e me abraçando com as mãos. Ela nunca me tinha visto antes».

«Salma me relembrou segredos conhecidos sòmente de minha filha e de mim»

— «Ela me afiançou ser a reencarnação de minha filha Nazira. Enquanto ela estava ao meu lado, minha filha Leila entrou. Salma correu em direção a ela, tomando-a em seus braços e abraçando-a. Tinha reconhecido a irmã! Toda a assistência estava emocionada. A metempsicose é uma das doutrinas do Druzismo, mas, apesar da fé, nós não ousamos demasiadamente afirmá-la. Portanto, provas formais apenas podem convencer-nos da sua existência. Assim Salma me relembrava certas confidências que, unicamente, minha filha Nazira poderia conhecer uma vez que constituiam segredos entre ela e mim...»

Contemplo a adolescente «druza» que tinha escutado muito atenciosamente «sua mãe» e percebo que seu olhar está cheio de afeto para Sit H... Salma é feliz, pois reencontrou «sua família», «seus filhos» aos quais ela acaricia como quando êles eram bem pequenos. Mas ai, dentro de alguns dias é preciso regressar a Baakline, entre seus pais... de título e que lhe permanecem estranhos. Salma casar-se-á um dia. E, ficando velha, contará ainda aos seus netinhos, tal como um conto das Mil e Uma Noites, seu romance, todas as peripécias da sua vida anterior.

(Transcrito do «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, de 1/4/1956).

❧

Premonição em sonho de números premiados

Os casos que a seguir reproduzimos parecem confirmar a hipótese espírita, visto a intervenção real de entidades estranhas ao que dorme. O Prof. Falcomer, do instituto náutico e técnico de Veneza, é o relator de dois casos.

«A sra. B. L. F., amiga íntima de minha família, foi obrigada, em uma circunstância crítica e a pesar seu, a empenhar no «Monte de Socorro», os brincos de ouro que a superiora do hospital da localidade havia dado à filha quando lhe serviu de madrinha no crisma. A superiora morrera tempos antes, e a senhora em questão o sabia, naturalmente, quando lhe aconteceu sonhar com ela. No sonho, a sra. B. L. F. lhe disse:

— Ah! madre querida, vêde o sacrifício a que a penúria me obrigou!... Empenhar os brincos!...

— Eu sei tudo, eu sei tudo — respondeu-lhe a religiosa, com sua benevolência habitual. — Escute bem, vou dar-lhe um só número! — Êste lhe restituirá os brincos e, nada mais.

A sonhadora comprou o número da loteria, e ganhou a soma exatamente necessária para poder retirar os brincos do «Monte de Socorro».

* * *

Êste outro caso ocorreu à mãe do narrador.

«Quando minha saudosa mãe morava em Portogruaro, certa mulher pobre alojada numa casinha próxima, ia procurá-la todos os sábados para buscar sua esmola, e habitualmente minha mãe lhe dava o jantar. Um dia minha mãe perguntou onde a protegida dormia; a pobre lhe respondeu que sua cama era um saco cheio de palha. Apiedada, mamãe lhe disse então: «Vou dar-lhe uma coberta de meus filhos». A pobre agradeceu com efusão e daí em diante ela dormia bem agasalhada, sôbre o saco de palha.

Passaram-se algumas semanas sem que a pobre voltasse. Uma noite mamãe sonhou que ela estava morta e que em pessoa viera trazer a notícia do seu falecimento, acrescentando: «Eu lhe agradeço, senhora, o bem que me fez; e para lhe recompensar, dou-lhe o número que vai ser sorteado pela loteria», e desapareceu.

Mamãe adquiriu o número em questão e ganhou. Em seguida, a morte da pobre foi confirmada por um mendigo.

* * *

O caso a seguir, ocorrido em Turim, 1908, produziu grande ruído na Itália. O Prof. Lombroso investigou-o pessoalmente e o incluiu em sua obra: *Fe-*

nômenos Hipnóticos e Espíritas, nêstes termos:

«Rosa Tirone é uma doméstica histérica, de 35 anos, que fôra noiva de um rapaz de sua localidade, mas o casamento não se realizou devido à saude precária dêste, que efetivamente morreu aos 25 anos de idade.

Certa noite de novembro de 1908, Rosa sonhou que seu noivo lhe dizia: «Não mais quero ver-te empregada; joga êstes quatro números: 4. 53, 25, 30»; e êle os repetiu para que ficassem bem gravados na memória da sonhadora.

Dia seguinte, Rosa Tirone jogou considerável soma, e os quatro números foram premiados no sábado seguinte... Um ano e meio antes do sonho em questão, ela teve outro, em que seu namorado lhe predissera que se tornaria rica, o que efetivamente se realizou, pois o total que recebeu importou em 300.000 liras.

* * *

Garotas Precoces

Duas pequenas poetisas têm impressionado o mundo. Ninon-Drouet, francêsa, com um livro publicado aos 7 anos e Manuela Merosi, de oito anos, italiana. Enquanto a primeira revela certo amadurecimento em seus conceitos poéticos, Manuela, é realmente infantil, no dizer de seu patrício, o jornalista Carlo Giovetti.

Como explicar êsses fatos sem recorrer à teoria da reencarnação?

ESPIRITISMO NO BRASIL

Aos Nossos Assinantes

Em virtude do aumento quasi astronômico verificado na taxa postal, aumento de mais de 300 %, caso virgem na corrida inflacionária, e do pedido de aumento de salário da parte dos nossos auxiliares, que não poderão continuar no trabalho caso não sejam atendidos na sua justa solicitação, somos obrigados a aumentar o preço da assinatura da «Revista Internacional do Espiritismo» afim de podermos contornar a nova e difícil situação e continuar no trabalho de difusão da Doutrina. Assim, desta data em diante o preço de uma assinatura anual desta Revista é de Cr. $ 90,00, porte simples. Como o porte registrado subiu consideravelmente, não o apontamos em nosso Expediente, mas se algum confrade o desejar, a assinatura da Revista, anual, porte registrado, não pode ser menos de Cr. $ 120,00.

Sentimo-nos entristecidos pelo fato de sermos obrigados a tomar esta medida, mas não há outra alternativa em face da situação atual. Temos que escolher de duas uma: ou suspender a circulação da Revista ou aumentar o preço da assinatura. Mas preferimos esta última, porque não queremos fugir à luta, tanto mais que, no contornar as situações dificeis está o mérito do cristão. E temos a certeza de que os nossos prezados confrades assinantes, também não deixarão de lutar conosco, compreendendo a nossa situação e nos ajudando a cumprir a tarefa, para que a Doutrina continue a arrebanhar almas para o Redil do Senhor.

A REDAÇÃO.

* * *

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 147.759,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Novo Representante

Comunicamos aos prezados assinantes residentes em São Carlos, que o confrade Brasilio A. Matos, residente à rua 7 de Setembro n.º 2670, foi designado nosso novo representante nessa cidade, com autorização para reformar, receber e angariar assinaturas para êste órgão.

«A Psiquiatria em face da Reencarnação»

O nosso distinto amigo e colaborador, Dr. Inácio Ferreira, Diretor-Médico do Sanatório Espírita de Uberaba, nos ofertou, com expressiva dedicatória, dois exemplares de «A Psiquiatria em face da Reencarnação», importante obra de sua autoria que acaba de ser lançada a lume.

O autor, com o concurso dos desincarnados, prova a origem das tragédias que se passam no recesso dos lares, tragédias que a Psiquiatria é impotente para resolver sem o apôio da Reencarnação. E' uma obra tão oportuna, que não deve ficar sòmente entre os espíritas, que devem ofertá-la ou emprestar àqueles que necessitam de conhecimentos baseados na Reencarnação para poderem se guiar na vida com segurança.

O livro, que é de formato grande e bem encadernado em percaline, com desenhos relacionados com os fatos narrados, é impresso a tipos graudos e em ótimo papel, contendo 182 páginas.

Gratos pela oferta dos volumes.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

* * *

A Serviço da Propaganda

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Prosseguindo na minha excursão, visitei as seguintes cidades:

Araguarí — Minas: Visitei o Educandário Euripedes, uma das mais notáveis obras espíritas. O Educandário já está funcionando, contando com um punhado de professores abnegados e com 300 alunos no curso primário. Visitei o Sanatório para obsedados, o qual ocupa grande area de terreno, estando as obras já bastante adiantadas. Visitei também os Centros «Jardim da Luz» e «Caridade». Araguarí tem 6 Centros dentro da cidade, que são muito bem orientados e com frequência à cunha. Entre os confrades que estão em grande atividade, podemos destacar os seguintes: Adolfo Carlos Canizo, José Lopes Cançado, Jovino Bitencourt, João Moutinho, Ismael Moutinho, Milton de Oliveira, João Falcondes, Manoel Marques e Leonor Machado.

Machado — Minas: Fiz duas palestras no Centro Esp. «Paz, União e Caridade», que é dirigido pelos incansáveis confrades Manoel Mendes e Joaquim Francisco Soares, cirurgião dentista. A propaganda vai bem.

Lavras — Minas: Eu e o professor Roberto Coimbra fizemos palestra no C. E. «Allan Kardec». Tanto os confrades desta Tenda como os confrades do C. E. de Lavras, estão em plena atividade, e a propaganda vai bem.

Uberaba — Minas: O Sanatório Espírita, o Centro Espírita Uberabense, o Centro Esp. «Juca Pereira», êste dirigido pela abnegada seareira D. Ibrantina Pena, bem como outros Centros mais, estão em franca atividade.

Uberlândia — Minas: Como em Araguarí e Uberaba, em Uberlândia temos confrades de fibra, que não medem sacrifícios no trabalho da seára. A propaganda no Triângulo Mineiro marcha aceleradamente.

* * *

Representante

Temos a satisfação de participar aos nossos prezados assinantes residentes em Americana, que o confrade Fortunato Codognotto, residente à Rua 12 de Novembro, 162, foi nomeado nosso representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para êste órgão.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 3 de Março de 1956.

Á hora regimental, o Presidente do Conselho faz a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando que o secretário procedesse à leitura da Ata da reunião anterior, que é aprovada pelo Conselho.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão traz ao conhecimento do Conselho ocorrências desagradáveis, provocadas pela intolerância do Capelão do Hospital de Mandaqui, impedindo o direito de livre pensamento e crença dos espíritas do estabelecimento, o que ocasionou a intervenção enérgica do Governador Paulista, com o afastamento do intolerante sacerdote. Afirma que fatos dessa natureza se vêm repetindo, em vários pontos do Estado, denunciando violenta e sistemática campanha religiosa contra o Espiritismo. Comunica que em 1.º de Julho serão realizados o Congresso Regional e a Semana Espírita de S. Paulo, sendo prevista a inauguração de mais dois Educandários e da Casa Transitória, todos espíritas.

Pernambuco — O Conselheiro General Severino Cunha faz amplo relatório das atividades espíritas da Federação Pernambucana, em seu constante trabalho para maior difusão e unificação do Espiritismo.

Goiás — O Conselheiro Almerindo Martins de Castro, anunciando sua viagem ao Rio Grande do Sul, oferece seus préstimos ao Conselho, recebendo do Presidente o encargo de saudar, em nome da FEB, o presidente da Federação Gaúcha e todos os confrades do Estado.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil diz que esteve em São Paulo, e ali soube que o Governador do Estado se viu no dever de exonerar o pessoal da Penitenciária, em virtude das irregularidades ali encontradas, incluindo o próprio Capelão, envolvido no tráfico de entorpecentes, maconha e bebidas, entre os presos.

Detém-se longamente o Conselho no exame do assunto, e, em face da violenta campanha desfechada contra o Espiritismo, recomenda aos espíritas a maior paciência e humildade, ante as agressões, imitando-se o procedimento dos primeiros cristãos, que pregaram o Cristianismo através da renúncia, da abnegação, da humildade e da fé, vencendo todas as perseguições movidas pelo poderoso Império Romano.

—

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 7 de Abril de 1956.

Ás catorze horas do dia 7 de Abril de 1956, o Presidente do Conselho faz a prece inicial e declara abertos os trabalhos Lida pelo secretário a Ata de 3 de Março, é aprovada.

Expediente — Entre ofícios e comunicações várias, é lida uma comunicação do ABRIGO SEARA DOS POBRES sôbre a modificação de seu título social para «SOLAR BEZERRA DE MENEZES». E' lido, também, um telegrama da UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA convidando o Conselho para as festividades comemorativas de «O Livro dos Espíritos» nos dias 16, 17 e 18 do corrente, em Belo Horizonte.

Atendendo ao convite da União Espírita Mineira, o Presidente nomeia para representantes do Conselho, nas solenidades, os Conselheiros Dr. Miranda Ludolf, Dr. Manoel Bernardino e Coronel Delfino Ferreira.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil apresenta um relato sôbre as atividades da Federação Fluminense em todo o Estado.

Paraíba — O Conselheiro Indalício Mendes apresenta dados extraídos de recente relatório da Federação Paraibana, consignando o esfôrço daquela Entidade no sentido da unificação do Espiritismo e da ampliação do serviço de assistência, empenhando-se na construção do «Hospital Espírita Allan Kardec».

O Presidente faz longa explanação ao Conselho dos preparativos para a comemoração solene do Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo, em 1957, confessando sua satisfação pelos resultados promissores já colhidos, que asseguram brilhantismo excepcional àquela comemoração.

Feita a prece final pelo representante do Ceará, encerrou o Presidente a reunião, às quinze horas e trinta minutos.

* * *

Comunicado

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Campinas, que o nosso Representante nessa cidade, confrade Antonio Marques Serra, atende pelo telefone 9 1 2 3-9 sempre que se fizer necessário a sua presença para o recebimento de assinaturas. O confrade Antonio Marques Serra reside à Rua Dr. Betim, n.º 273, onde também pode ser procurado pelos interessados.

* * *

Representante

Temos o prazer de comunicar aos nossos prezados assinantes residentes em Mogi-Mirim, que o confrade José Antonio de Andrade Junior foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para êste órgão.

NECROLOGIA

Jacinto de Ruzza

Regressou à Pátria Espiritual no dia 23 de Março último em São Carlos, o nosso velho amigo e confrade Jacinto de Ruzza, nosso representante local. Era grande amigo e admirador do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, com quem participou muitas vezes de movimentos espíritas. Era membro efetivo da União Municipal Espírita de São Carlos, tendo comparecido em Matão diversas vezes, principalmente quando se realizavam movimentos espíritas, nos quais se fazia ouvir sua palavra entusiasta e ponderada, tanto mais que conhecia a Doutrina a fundo.

Nas suas dissertações nunca deixou de mencionar o nome de Cairbar Schutel como um exemplo vivo do Cristianismo e do Espiritismo. Como companheiro de Cairbar, foi um espírita da velha guarda, tendo sido um dos esteios da propaganda do Espiritismo em São Carlos.

— Que Jesus proporcione mais luzes ainda ao espírito do seu servo dedicado, Jacinto de Ruzza.

Telmo Gonçalves Maia

Vitimado por um fio de alta tensão, desprendido em consequência do tremendo temporal que desabou sôbre a Capital Federal na noite do dia 30 de Março último, regressou à Pátria Espiritual, com 24 anos de idade, um dos mais ativos trabalhadores da seára cristã no meio das Mocidades Espíritas, Telmo Gonçalves Maia, quintanista de Medicina e filho do Dr. Telêmaco Gonçalves Maia, espírita de projeção no Rio de Janeiro pelo seu trabalho ativo e constante na seára espírita.

Telmo Gonçalves Maia vinha exercendo ultimamente o cargo de Secretário do Interior do Departamento da Juventude da Federação Espírita Brasileira, cargo êsse que desempenhou com muita proficiência.

O seu desincarne abriu um claro bem visível na fileira da Mocidade Espírita, onde Telmo gozava de grande estima pelos seus dotes de coração e seu trato lhano, conquistando, logo de início, a estima daqueles que com êle tinham a ventura de travar relações de amizade.

— Almejamos ao Telmo feliz estadia no mundo espiritual, e que êle possa fazer de lá o que não lhe foi possível fazer aqui em virtude da sua partida inesperada.

D. Alzira Bastos Volpe

Regressou à Pátria Espiritual, aos 62 anos de idade, no dia 4 de Abril último, em Jaboticabal, a nossa irmã D. Alzira Bastos Volpe, companheira de vida terrena do nosso velho amigo e confrade Pedro Volpe, cirurgião dentista, espírita da velha guarda e um dos elementos de destaque na sociedade jabuticabalense.

Esposa dedicada, mãe amorosa e amiga fiel, D. Alzira Bastos Volpe, que praticou a caridade segundo o Evangelho, que diz: «não saiba a tua mão esquerda o que fez a direita», captava logo a estima de todos quantos dela se acercavam.

Enquanto a sua saude o permitiu, amparou muitos lares pobres. Suas horas de folga dos afazeres do lar, eram dedicadas à costura, com que socorria os menos favorecidos da sorte. Nunca poupou o seu corpo, nem lamentou as noites de vigília dedicada aos doentes de sua família e mesmo a desconhecidos.

Filha de pais espíritas, Dona Alzira era espírita desde criança. Foram seus paes: João F. S. Bastos e Francisca Carvalho Bastos. Deixa três filhos: Nivea, casada com o sr. Renato M. Soares; Francisco, casado com D. Nêna Onofrio Volpe, e Nidia, solteira. Deixa ainda quatro filhos adotivos.

— Pedimos a Jesus que proporcione a esta sua serva dedicada, mais luzes ainda, pois ela sabe multiplicar os dons espirituais que Deus lhe dá.

As armas com que o Espiritismo vencerá chamam-se Amor e Luz. — DALVA.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Palavras de Emmanuel
Crônicas de Além-Túmulo

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	— „ „	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— „ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3251unse

Ano XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1956 – N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre as Predições Apocalípticas . *Redação*
Fenômenos Teratológicos «Um caso de Xifopagia» . . . . *Henrique Rodrigues*
Concordância e Discordância . . . *Deolindo Amorim*
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes*
O Descortinamento dos Segredos da Matéria . . . . *V. O. Casela*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Qual a verdadeira atitude de Judas, ao trair Cristo ? . . . . *José Arantes de Mello*
O Sinistro do Quadrimotor . . . *Tte.-Cel. Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Trabalho, Solidariedade e Tolerância *Albérico Bezerra Cavalcanti*
«Sessões de Sofredores ?...» . . . *Tte.-Cel. Fiori Amantéa*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E’ encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A’ venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 65,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Apêlo aos nossos assinantes

Como os nossos assinantes já devem saber, fomos obrigados a aumentar o preço das assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» em virtude da exorbitância da taxa postal, do aumento do salário dos empregados, da matéria prima, e da nova porcentagem sôbre o salário devida aos Institutos de Aposentadoria. Assim, de Julho em diante a assinatura anual de «O Clarim» custará cr.$ 60,00, e a da Revista cr.$ 90,00 a começar de Agosto, porte simples, assinatura anual.

Os confrades que assinarem o jornal e a Revista conjuntamente gozarão de um abatimento de 10%, se pagarem suas assinaturas adiantadamente.

Solicitamos aos assinantes em atraso o obséquio de procurarem os nossos agentes locais para efetuarem o pagamento das assinaturas. Nas localidades onde não houver representante local, os nossos assinantes devem nos remeter as importâncias diretamente, podendo deduzir os gastos com a remessa do dinheiro.

Contamos com o auxílio dos prezados confrades para podermos levar avante a tarefa que nos é comum e que tantos sacrifícios custou ao fundador desta obra cristã, Cairbar Schutel.

Com votos de paz e luz, subscrevemo-nos fraternalmente,

A REDAÇÃO.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1956 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Sôbre as Predições Apocalípticas

COMO já sabemos, a humanidade está passando por duras e penosas provações, talvez as mais duras de toda a sua história, provações que aumentarão até que se cumpram integralmente as profecias, que depois de cumpridas, passará a humanidade a um novo ciclo de sua evolução para a perfeição, o ciclo do Espírito em que o amor do próximo, ou amor fraterno será a nota predominante das principais cogitações humanas, «o pão nosso de cada dia». Quando isto acontecer, então sim, a criatura passará a viver a vida interior, ainda que esteja no plano terraqueo. Estamos dando os últimos arrancos na vida material para atingir o objetivo. E os últimos arrancos para obter-se uma vitória em luta renhida, são sempre os mais impetuosos e aguerridos.

Estamos em plena realização das Profecias. As predições de Jesus e as do Apocalípse, que foram dadas a João por Jesus na Ilha de Patmos, estão se desenvolvendo à risca. Já estamos na abertura dos 1.°, 2.° e 3.° sêlos do Apocalípse. Na abertura do primeiro sêlo João viu um «cavalo branco, e o que estava montado sôbre êle, tinha um arco; e foi-lhe dada uma corôa, e êle saiu vencendo e para vencer». Êste cavalo representa os fenômenos espiritas, e o cavaleiro o Espiritismo, que, com o arco da Verdade, está vencendo a ignorância da humanidade para conduzi-la ao lugar que Deus lhe reservou desde a criação do mundo. Na abertura do segundo sêlo, João viu «outro cavalo, vermelho, e ao que estava montado sôbre êle, foi-lhe dado que tirasse da terra a paz, e para que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe entregue uma grande espada». Êste cavalo é o Comunismo que, pela revolução, está incumbido de transformar o modo de vida no sentido material: político e econômico. Daí as guerras entre os que querem implantar êsse regimen e os que não o aceitam. E daí também a razão da falta de paz entre as nações. Na abertura do terceiro sêlo, João viu sair «um cavalo preto, e o que estava montado sôbre êle tinha uma balança na mão, e ouviu uma como voz no meio das quatro criaturas viventes dizendo: um queniz de trigo (medida de um litro) por um denário, e três quenizes de cevada por um denário». O cavalo preto representa a miséria com o seu regimen inflacionista, e o que estava montado sôbre êle com uma balança na mão representa os açambarcadores, intermediários e especuladores (tubarões, segundo o dito popular). O *denário* significa que os generos alimentícios, utilidades, remédios, etc., haviam de subir dez vêzes mais de preço, justamente o que está acontecendo atualmente, tendo os preços subido dez e vinte vezes mais em certos casos.

Como podemos deduzir disso tudo, as Profecias já estão em plena realização, e portanto não devemos lamentar a situação difícil por que estamos passando, visto como temos uma parcela de culpa nêsses acontecimentos, devido ao nosso atraso espiritual e moral que nos levou a cometer erros que agora procuramos corrigir com as boas ações e duras provações. O que devemos fazer daqui para a frente é praticar o amor do próximo conforme nos ensinou Jesus através de suas parábolas e preceitos, afim de nos libertarmos não só das nossas imperfeições, como também da vida material, que é cheia de dificuldades e provações.

Estudemos e propaguêmos o Espiritismo, nos iluminando interiormente e iluminando também os nossos semelhantes, porque não poderemos viver felizes entre as agruras daqueles que nos cercam.

Fenômenos Teratológicos

UM CASO DE XIFOPAGIA

Explicados já os objetivos visados pela Lei, em reencarnações, como os do caso em estudo, entramos no campo do «porque» e do «como» tais fatos acontecem.

O cientificismo oficial, na ânsia de achar a partícula última, reduziu, não apenas a Terra e os homens, mas o próprio universo, a um estado de energia vibratória, em ondas, raios e frequências. Assim, cada fenômeno é individualizado por um *momentâneo* estado vibratório do elemento comum — a energia. Com base nessas conclusões oficiais, que o Espiritismo aceita, podemos afirmar que não há dois sêres absolutamente iguais, pois se tal se désse, êles se fundiriam. O QUE INDIVIDUALIZA É A DIFERENÇA. Nas esferas inferiores, a semelhança entre os da mesma espécie é mais acentuada, e isto é natural, por estarem mais próximos do ponto de partida, comum a todos. Depois, não, cada um vai colhendo suas experiências, vai modificando seu tônus vibratório, e as sutilezas mais os diferenciam. E' a fase do personalismo. Mas, como tudo na vida é vibratòriamente cíclico, pelo aprimoramento, voltam as similitudes em níveis mais altos, pontos de partida para novas etapas em demanda do Pai, de Quem viemos e para Quem retornamos.

O que poderia «colar» as duas almas, já não dizemos meninas, de Francisco Sá? Respondemos: A perigosa aproximação de suas frequências vibratórias, através de um fator comum. Quando duas estações radiofônicas imitem vibrações no mesmo comprimento de onda, o receptor, que é o resultado de verificação, demonstra o seu acasalamento, e, em analogia perfeita, com base numa sintonia vibrátil, estabelece-se o cáos de manifestação. Nenhuma delas domina integralmente, pois observamos predominâncias momentâneas e alternadas, de uma ou de outra.

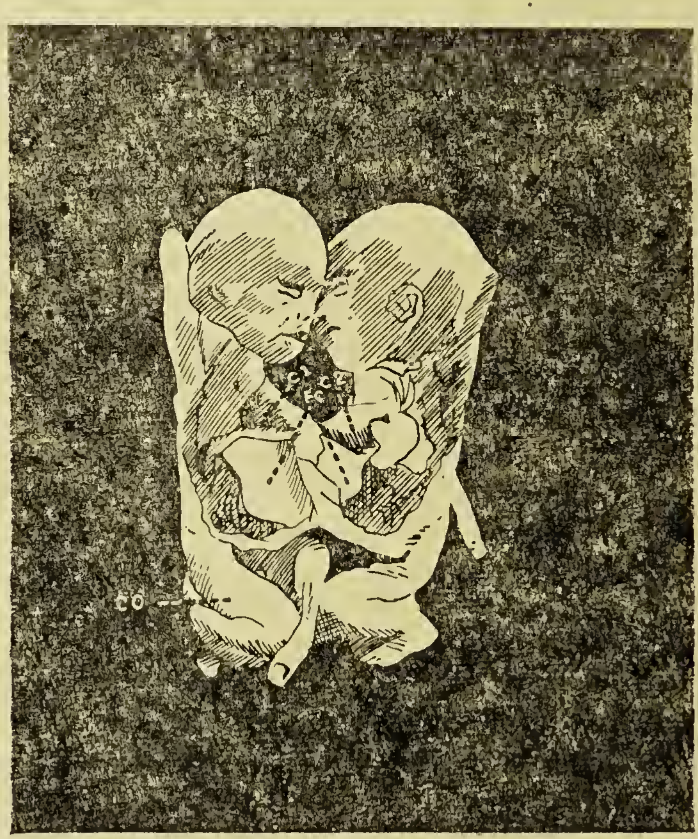

Poderíamos dizer que o amor também é uma forma de obsessão, e oxalá que todos nós a possuíssemos. Mas já demonstramos que o amor é fenômeno de expansão, de liberação, de alegria. Em aspecto transcendente, a assemelhação no amor é essa. Todos livres, alegres, cultos, moralizados, refinados espiritualmente. E' a forma de identidade em espírito e não em forma. Si aquela obsessão não obedecia às diretrizes do amor, restava examiná-la sob o ponto de vista antagônico ao amor, ou seja, o ódio. Tudo então se explicava. Por uma concentração mental prolongada, em algum fato delituoso, por pequenez de campo, a frequência das duas almas, haviam entrado em sintonia quasi perfeita, mas sintonia também dinâmica, já que o corpo perispirítico, como chamamos, modificara seu tônus; e então verificamos a exatidão da *atração dos semelhantes*. Criara-se o campo magnético da imantação recíproca e, acreditamos, se o exterior não fizesse pressão sôbre essas almas, dificilmente poderiam separar-se.

O que é o magnetismo senão uma forma de frequência? Onde existir um campo elétrico, e isto é ciência pura, ao seu lado existirá o campo magnético e vice-versa. O campo elétrico foi o espírito de ambas as almas vibrando em frequência comum, e o campo magnético do perispírito, respondeu com um aconchego concomitante. Daí, ao nascimento físico em estado de união, *foi simples decorrência*. Assim, o «porquê» foi a OBSESSÃO no ódio, e o «como», foi a IMANTAÇÃO, eletro-magnética, ou psico-dinâmica.

Resta ainda uma «deixa» do artigo precedente. Seriam duas Marias, ou Maria e João?

Quem estuda os fenômenos teratológicos, observa o fato interessante dos ligamentos serem feitos pela cabeça, pelo tórax, pelo ventre e, raramente, pelos membros. No caso em estudo, a unicidade era exclusivamente a do aparelho sexual, ou seja, um, para as duas almas. Não seria, possivelmente, aquela obsessão fruto de uma luta em tôrno de sexo? Responderemos: E' possível, e não dizemos *É*, por nos falecerem elementos para tal categorismo. Precisaríamos saber o teste harmônico do fenômeno e ainda estudar certas reações psíquicas de ambas as individualidades. Mas vimos uma delas mais robusta, mais voluntariosa, mais homem, enfim, e outro, mais sensível, mais conformado, mais vítima, mais mulher. O aparelho genital objetivo desaparecia de importância ante outros aspectos subjetivos.

Quem quiser realmente compreender o caso, estudá-lo em minúcias, corra os olhos no caso narrado por André Luiz, no livro «NO MUNDO MAIOR», pág. 132, intitulado «DOLOROSA PERDA». Para os que não tenham êsse livro a mão, esclarecemos tratar-se de tristíssimo caso abortivo, de jovem inexperiente e inescrupulosa. Descreve André Luiz todos os lances dêsse drama, aparentemente silencioso, tão em voga no seio desta humanidade. Quando lembramos que os brasileiros se jactam do fato de não existir no Brasil a pena de morte, rimos da sarcástica ironia, pois diàriamente, inúmeros sêres são julgados, condenados e executados, sumàriamente, sem possibilidade de defesa!... Após o mundo espiritual tentar todas as formas possíveis de influenciação e vendo baldados os esforços nêsse sentido, limitaram-se André e Calderaro a observar o desfêcho. Inutilmente implorou o sêr reencarnante à sua futura mãe o direito da vida. Fala André.

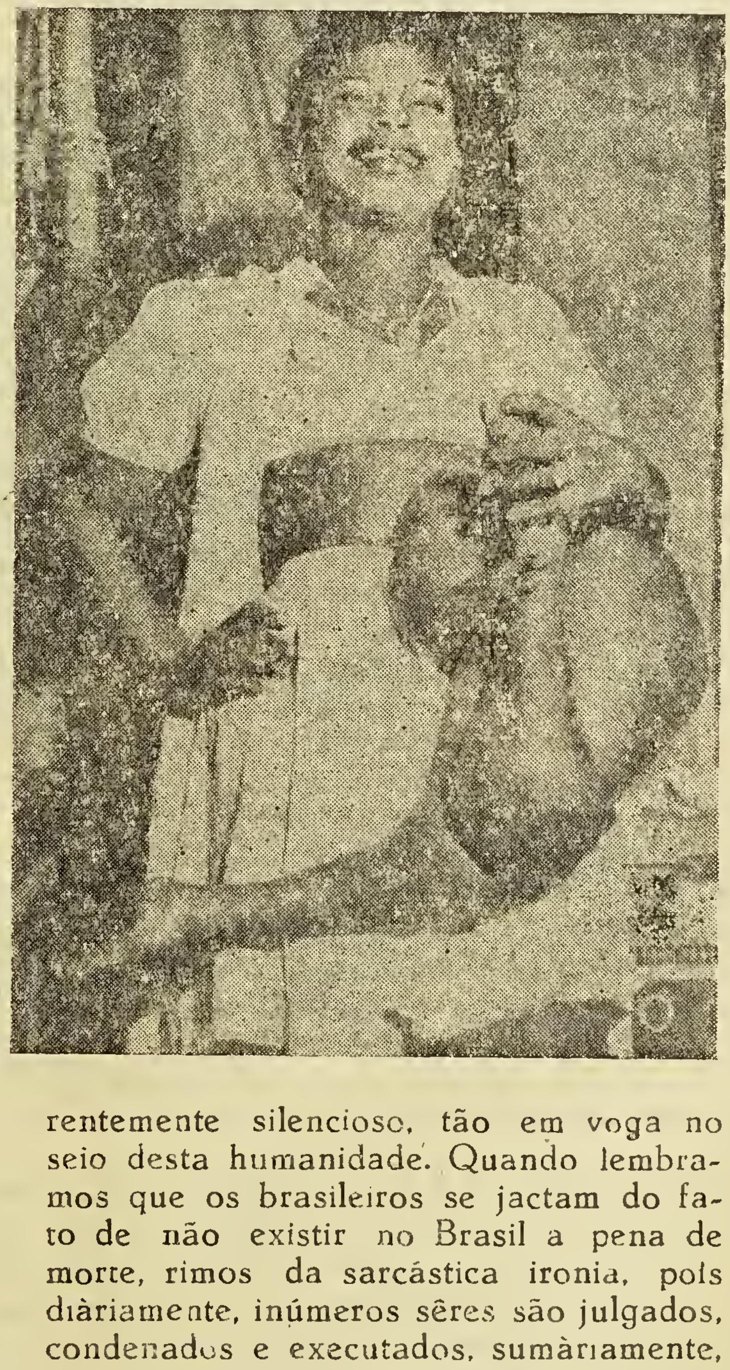

«Assombrado, reparei, todavia, que a ginecologista improvisada subtraía ao vaso feminino, sòmente pequena porção de carne inânime, porque a entidade reencarnante, como se a mantivessem atraída ao corpo fôrças vigorosas e indefinidas, oferecia condições especialissimas, adesa ao campo celular que a expulsava».

«Odeio-o! Odeio-o! clamava a mente materna em delírio, sentindo ainda a presença do filho em sua intimidade orgânica».

Respondia o reencarnante: «Vingar-me-ei! Pagarás ceitil por ceitil! Condenaste-me à morte, e, por isso, minha sentença é igual. Serás novamente minha, para satisfação do ódio. Seguirás comigo».

Verifica-se o desencarne, e o assistente diz a André esta síntese preciosa: «O ódio, André, diàriamente extermina criaturas no mundo, com intensidade e eficiência mais arrazadoras que as de todos os canhões da Terra troando de uma vez». E André exclama contemplando, já desencarnadas, *completamente fundidas no ódio,* em duelo, às mentes torturadas: — «como ficarão? *permanecerão assim entrelaçadas?* e por quanto tempo?» Ante tais indagações, respondeu Calderaro:

— «Agora nada vale a intervenção direta. Só poderemos cooperar com a oração do amor fraterno, aliado à função renovadora da luta cotidiana. Consumou-se para ambos doloroso *processo de obsessão reciproca, de amargas consequências no espaço e no tempo,* e *cuja extensão nenhum de nós pode prever*».

O homem, quanto mais avança, percebe claramente a evolução da consciência, que se acha provisòriamente retida entre fluídos e fôrças, (corpo) aglutinados para *fins educacionais.*

Só a ciência espirita pode fornecer a chave para explicar o caso dessa mulher que carrega o corpo de um outro sêr, altamente deformado, preso ao seu ventre. O «x» não está nos genes e cromosomas, mas no que orienta a seleção e preponderância dêstes. A raiz de tudo está no campo do espírito e não das formas. Nêste caso, não buscariamos tanto no aspecto *odioso* a razão do fenômeno, mas em um dos ramos da ignorância, do rudimentarismo evolutivo, da subordinação vampiresca, esbotadora da personalidade. E' aquí que voltamos ao ponto de adicionar alguma coisa ao que dissemos, quando no estudo precedente, a saber, «que a primeira qualidade do existir, que chamamos vida, é o sentir, ou seja a aptidão de perceber, como nós a possuímos, que é qualidade exclusiva da alma». No caso das meninas, isso era exáto como demonstração de duas individualidades, mas a existência de uma organização física quasi completa, aderida ao corpo dessa mulher, prova a existência de um campo extruturador de forma, ou seja, de outro perispírito. Falamos em tese, pois não temos a peça para um exame minucioso. A mulher é consciente, pelo menos assim se julga, mas não sabemos até que ponto é senhora, e onde pode começar a «mescla» com a consciência evidentemente mais fraca de seu adesivo obsessor. E' possível também que a consciência dêste esteja, *por viciação,* subordinada apenas a condição de registro, impossibilitada de manifestação. E' múltipla a existência de vida

sem consciência manifestável. Um estudo da expressão fisionômica da mulher, nos conduziria aos seus estados interiores. Seu valor espiritual pode ser aquilatado pelo fato de prestar-se à exibição lucrativa de sua anormalidade, o que não é um índice de carácter bem formado... Nessa colheita de formas, vemos os frutos de uma semeadura inconsciente no campo das causas, em passado próximo ou remoto.

Já no caso dêste homem de três pernas, possuído das mesmas características do espírito de exibicionismo lucrativo, apelamos para as formações ideoplásticas em estados de perturbação mental prolongados. Pode ter sido por influenciação de espíritos de poder e conhecimento no campo das leis, mais ainda rudimentares em elevação moral, que, valendo se do campo mental do sêr em estudo, lhe modificaram, com anuência ignorante dêle, a forma dinâmica natural, criando um campo estruturador estranho. Como forma ideoplástica, oriunda de estados conscienciais prolongadamente mantidos, sua amputação não acarretaria entraves, e talvez ajudasse a apressar, por supressão, o reajuste por negar alimentação energética à excrescência. Não está fóra de cogitações a fermentação ideoplástica materna, que poderia ter sido o agente do distúrbio, em sintonia com o espírito reencarnante, susceptível, por involução, a essa forma de influenciação.

Caso idêntico é o do feto ciclópico, sendo que, nêste, o distúrbio foi tão grande, que lhe impossibilitou a sobrevivência física. Não analisamos o caso dos fetos unidos pelos eixos paralelos, por ser êle da mesma espécie das gêmeas de Francisco Sá.

Um outro campo de manifestação de xifopagia e outras anomalias é o do reino animal sub-humano. Ante nossa dúvida, pela ausência de consciência sintonizada no mal e da necessária e dolorosa reestruturação ou resgate kármico, respondeu-nos Emmanuel :

«Meu amigo, a natureza é um reservatório de experiências, no qual prevalecem os pensamentos do homem responsável na organização da luta para si mesmo e os pensamentos da inteligência superior que na pessoa dos espíritos prepostos do Senhor, nos serviços de supervisão das formas, orienta o progresso e o aprimoramento dessas mesmas formas, através de inúmeras observações, das quais podem surgir, provisòriamente, sem os fenômenos da *dor-resgate* certas irregularidades quasi que instantâneamente corrigidas pelos poderes de ordem superior».

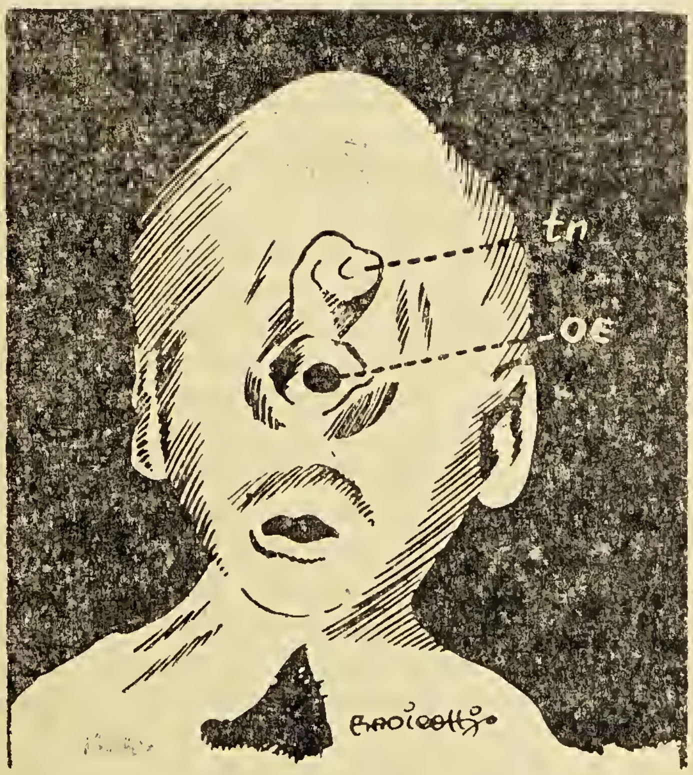

No próximo número iniciaremos um estudo sôbre o livro do Prof. Pietro Ubaldi, intitulado «DEUS E UNIVERSO».

HENRIQUE RODRIGUES.

O Espírito não é sòmente, segundo a escolástica, um conceito metafísico sem conteúdo essencial nem estrutura objetiva. Esta definição é o resultado que a filosofia teológica legou à cultura.

O Espírito é fôrça viva e inteligente; objetivo e visível por muitos métodos experimentais ao alcance da razão e por outros não menos práticos, quais as intuições da alma.

Ademais, a tranquilidade do Espírito descobre-se nos anelos de justiça, nos fatos heróicos do revolucionário em todos os horizontes da Arte; isto tudo, além de mostrar o sentido vivo do Espírito, afirma ao Homem sua imortalidade e evolução. — GUSTAVO WERTHER.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

II — PRINCÍPIOS DE CAUSALIDADE

Antes de entrar na parte relativa a «provas e expiações», William Colon discute a chamada teoria *criacionista*, e o faz em termos incisivos. William Colon não admite, de forma alguma, a idéia de um Deus *criador*, por entender que este ponto está em desacordo com a lei de evolução. Diz êle : *Os criacionistas devem considerar que, se Deus criou o Universo e o espírito humano, como êles alegam, lógicamente teriamos de supor que houve uma época ou periodo em que nem o Universo nem o espírito humano existiram, pois, como tudo o que é criado tem um princípio, isto significa que o Universo e o espirito humano não existiram na época anterior à criação pelo Deus da religião.* Diz, ainda, o confrade Colon que se nós, espiritistas, nos dispusermos a estudar o tema Deus *sem prejuizos nem exaltações, só poderemos chegar à conclusão lógica de que o Deus da criação bíblica é um simples mito nascido da superstição, da ignorância e do mêdo ao desconhecido.* Com estas premissas, que constituem o ponto de partida de sua argumentação, nosso confrade Colon se põe logo em oposição ostensiva à tradição bíblica. Acontece, porém, que a doutrina espírita não esposa o ensino bíblico ao pé da letra, como faz supor o confrade William Colon, e por duas razões :

a) — porque o Espiritismo *NÃO É BASEADO NA BÍBLIA*, embora se encontrem, nas narrativas bíblicas, muitos fatos que, analisados em termos espíritas, são verdadeiros fenômenos mediúnicos ;

b) — porque o Espiritismo é uma doutrina independente, baseada em fatos e leis que esclarecem racionalmente muitos pontos da Biblia e de outros livros religiosos.

Convém notar, entretanto, que não é possível abandonar o princípio da causalidade, porque é indispensável recuar sempre até encontrar um ponto de partida, uma *CAUSA*, finalmente, pois nenhum sêr se formou por si mesmo, sem origem, sem princípio. É verdade que a doutrina espírita não segue as pegadas da explicação bíblica, e tanto isto é exato que Allan Kardec faz críticas à cosmogonia mosaica, no cap. XII de *Gêneses*, obra fundamental do Espiritismo. Nosso confrade Colon não quer que se empregue a palavra *criação*, porque a idéia de um Deus *criador*, segundo o seu modo de ver, é pura fantasia bíblica, inadaptavel ao sentido evolucionista do Espiritismo. Há dois modos de entender a palavra criação : tanto se diz criação no velho sentido bíblico, dando idéia de uma criação *pronta e acabada*, tal como certos ensinos religiosos ainda concebem a origem do mundo, como também se diz criação no sentido amplo de dar origem a uma coisa, fazer nascer do embrião às formas mais aperfeiçoadas, através do fio da evolução.

Se quisermos seguir o raciocínio de William Colon, excluindo radicalmente a idéia de um Deus criador, cairemos na velha explicação do *acaso*, que, aliás, nada explica... Ponhamos a questão em termos imediatos e simples : se não existe uma inteligência criadora — tenha ela o nome de Deus, tenha qualquer outro nome — como se originou o Universo, qual o seu ponto de partida ? A questão fica sem solução.

Dentro do conceito geral de evolução, é claro que o Espiritismo não admite nem poderia admitir uma *criação* quasi milagrosa, como se Deus fosse uma espécie de mágico, a dizer, de lá, das alturas : *haja luz, e surgiu a luz, sem ninguém saber como e porquê ; haja florestas, e apareceram as árvores ; haja flôres, e logo nasceram as flores nos campos e nos jardins...* Isto, sim, é que é fantasia. Entender a criação nesse sentido é obscurecer a razão. Neste ponto, William Colon tem razão, porque a idéia de uma criação universal inteiramente perfeita ou nascida, apenas, de um sôpro divino é contrária à lei de evolução. Nosso confrade Colon está enganado, porém, quando dá a entender que os espíritas, na maioria, aceitam a criação pura e simples, segundo a letra bíblica. Não, absolutamente! O que a doutrina espírita afirma é um conceito de CAUSA primária, baseado na existência de Deus. Isto é muito diferente do chamado *criacionismo* bíblico. Não é possível, porém, compreender a vida, explicar o mecanismo do Universo, com as suas leis, com a sua regularidade, por exemplo, sem uma CAUSA inteligênte, sem um princípio ordenador, sem uma vontade diretora, que é DEUS. Isto não quer dizer, porém, que não haja, em tudo, um processo evolutivo, uma linha de continuidade entre as formas e os estágios no conjunto universal de seres e coisas.

Na realidade, pelo que se deduz das entrelinhas de seu pensamento, William Colon não quer propriamente negar a existência de Deus, mas a verdade é que as suas conclusões deixam muita confusão a êste respeito. Percebe-se muito bem que a preocupação fundamental de nosso confrade é evitar que a concepção *criacionista* ou *divinista* venha prejudicar ou impedir a compreensão científica da lei da evolução. Acha o escritor que *evolução* e *criação* formam termos incompatíveis, irreconciliáveis, e seria um disparate pretender harmonizá-los. Daí as suas criticas, em parte, à orientação de Allan Kardec, críticas que me parecem destituidas de consistência lógica... É verdade que William Colon mais de uma vez chama Kardec de mestre, *nosso primeiro mestre*, etc. Apesar disto, insiste em apontar, segundo a sua apreciação pessoal, diversas contradições no *Livro dos Espíritos* e nos próprios comentários do Codificador da doutrina. Convém notar, entretanto, que a idéia de Deus, tal como se acha na obra de Allan Kardec, *NÃO SE OPÕE, DE FORMA ALGUMA*, à lei da evolução. Toda filosofia do Espiritismo é uma afirmação da existência de Deus, sem discrepância do sentido progressivo de seus conceitos gerais. Vejam-se as obras básicas.

Logo no capítulo I, de sua 1.ª obra doutrinária, que é *O Livro dos Espiritos*, o Espiritismo apresenta a seguinte proposição fundamental, que lhe define o caráter notoriamente deista: *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.* Já se vê que não é possível admitir o Espiritismo sem Deus. Julga o confrade Colon, no entanto, que Deus não é nem pode ser o *criador*, porque essa história de criação é lenda bíblica, introduzida na mente de muitos espíritas pelo ranço do Cristianismo... Diz o confrade Colon que o *espírito* é o resultado da «evolução ética» e, por isso mesmo, jamais poderia ter sido criado por Deus. Apoia-se o escritor na autoridade, muito respeitada, de Gabriel Delanne. Ora, o princípio da *evolução anímica*, que é objeto de uma das obras de Delanne, não exclui nem poderia excluir a idéia basica de uma CAUSA primária. Como seria possìvel admitir a evolução sem um princìpio, sem uma causa? Alguma coisa, no sentido remotamente embrionário, há de ter sido *criado* para dar início à evolução. E criado por quem?

Para o confrade Colon é um erro perigoso dizer que os espíritos foram *criados* por Deus, porque, se assim fosse, cairia todo o edifício da evolução. Neste caso, se Deus não é a CAUSA primária, a inteligência que dá ORIGEM aos sêres e às coisas, podemos perguntar: e que faz Deus, afinal de contas, se êle não preside à evolução universal?... Sem o sentido dinâmico e progressivo da criação universal não se compreende, racionalmente, a ação de Deus. William Colon não admite, nem de longe, que se fale em *criaçãodi vina*...

Abra-se o capítulo II de *Gêneses*, na 1.ª questão, e lá está o seguinte conceito: *Sendo Deus a CAUSA primária de todas as coisas, a ORIGEM de tudo o que existe, a base sôbre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo.* Isto quer dizer, portanto, que Allan Kardec colocou a idéia de Deus como assunto preferencial na doutrina espírita. O *evolucionismo* de nosso confrade Colon está mais próximo do evolucionismo naturalista de Spencer do que propriamente do evolucionismo espiritualista de Delanne. Tendo-se firmado em Gabriel Delanne, até certo ponto, o cofrade Colon julga Kardec contraditório em determinadas passagens, mas é indispensável observar que Delanne tomou Kardec por seu *guia* ao escrever *A Evolução Anímica*. Basta citar a seguinte declaração de Delanne : O *ensino dos Espíritos foi, como sabemos, coordenado com superioridade de vistas marcante e lógica irrefragavel, por Allan Kardec. Filósofo profundo, êle expôs metodicamente uma série de problemas relativos à existência de Deus, da alma, da constituição do Universo. Deu solução clara e racional à maior parte dessas questões difíceis, tendo o cuidado de forrar-se de raciocinios metafísicos. Daí o tomarmo-lo por GUIA neste sucinto resumo.* A obra de Delanne, como a de Kardec, não elimina a idéia geral de uma causa primária. Kardec não encarou a questão pelo lado biblico, como supõe o confrade Colon, mas pelo lado filosófico, dentro do velho axioma de que *não há efeito sem causa*. Não vejo como nem porquê a idéia fundamental de uma causa primária, que se manifesta pela *AÇÃO CRIADORA* de Deus, possa contrariar a evolução. Quando a doutrina espírita fala em *criação*, como se lê na passagem transcrita de *Gênesis*, é claro que o faz sem perder de vista o conceito geral de evolução, e por isso não se pode dizer que a orientação de Kardec se haja filiado ao *criacionismo* bíblico. Para o confrade Colon, entretanto, a idéia de criação é disparate. A doutrina espírita não nos leva, todavia, a esta conclusão. O próprio Lamarck, precursor do evolucionismo, porque a sua obra é anterior à de Darwin, não negou a ação criadora de Deus, mas, pelo contrário, reconheceu em Deus a *causa* primária das coisas quando disse : *Sem dúvida, nada existe sem a vontade do sublime Autor de todas as coisas.*

Outro ponto em que, embora ligeiramente, também se impõe um esclarecimento é o que se refere à autoria das comunicações selecionadas pelo Codificador do Espiritismo, e à idéia de «anjos» e «demônios». Diz William Colon que Allan Kardec, «por causa da época em que deu a conhecer o Espiritismo» achou conveniente introduzir em seu principal livro *a ridícula idéia de anjos e demônios*. O confrade Colon está saindo inteiramente da realidade ! Kardec *NÃO ESPOSOU*, não encampou a concepção teológica de *anjos* e *demônios*. Não ! A interpretação de William Colon, nêste ponto, está muito forçada. Eis aí uma das supostas contradições de Kardec, citadas no livro de William Colon. Ora, Kardec limitou a sua colaboração pessoal ao esclarecimento da questão, isto é, fez sentir o que significa a idéia de «anjo» e «demônio» à luz do Espiritismo. Simplesmente isto. Leia-se a questão n.º 128, no *Livro dos Espíritos*, e será fácil verificar a interpretação sensata que Allan Kardec deu à velha concepção de anjos e demônios.

Está bem claro, pois, que Allan Kardec *NÃO ADMITIU A EXISTÊNCIA DE ANJOS E DEMÔNIOS*. O Codificador procurou tornar clara a interpretação espírita, justamente para evitar que o excesso de misticismo introduzisse «anjo» e «demônio» no corpo da doutrina espírita. Onde fica, depois disto, a contradição de Allan Kardec ? Interpretar uma crença não é concordar com essa crença. Diz, ainda, o confrade Colon que muitos espíritas supõem que são de autoria do próprio Kardec algumas comunicações atribuidas a *santos* da Igreja Romana e reproduzidas em livros da Doutrina. Não é exáto. Nunca ouvi um espírita dizer que aquelas comunicações são de Kardec, mesmo porque seria um contra-senso, pois o Codificador estava presente, em pessoa, a todas as etapas de elaboração da doutrina, e teve o rigoroso cuidado de fazer experiências com diversos médiuns. No próximo artigo teremos a questão das provas e expiações.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Religião e Ciência

CURAS DE OBSESSÕES

— X —

Reunidas na séde da referida Sociedade, as pessoas indicadas, na hora combinada, convidei a zeladora do prédio, médium sonambula, para nos auxiliar na sessão que iamos realisar. Em um compartimento pequeno, a médium sentou-se em uma cadeira apropriada e após a préce que fizemos entrou em transe, incorporando-se nela em seguida um espírito violento que se apresentou, indagando:— O que é que querem de mim? Respondemos-lhe: - Deus permitiu que o irmão aqui viesse para travar conosco relações de amisade. A resposta foi imediata: — Qual Deus, qual nada; aqui vim porque quís. Esta que aí está é minha cunhada e aquela alí é minha filha. Tenciono liquidar a primeira para depois fazer o mesmo com a segunda.

Insistimos numa préce, implorando para êsse espírito a misericórdia divina. Tendo o mesmo se mantido silencioso, durante essa préce, quando esta finalisou, exclamou:—Meu Deus, que luz é essa que estou vendo? E retirou-se.

Encerrada a sessão a Senhora e sobrinha, receberam um tratamento de passes e se retiraram para seus domicílios.

Haviamos combinado nova sessão para o dia seguinte, na mesma hora. Assim, nêsse dia, ao penetrarmos na séde da referida Sociedade, alí já encontramos essa Senhora e sua sobrinha. Ao cumprimenta-las, a Senhora, muito alegre nos informou que conseguira dormir a noite passada, o que não acontecia há mais de três mêses.

Diante dêsse resultado concluimos que a doença nervosa dessa senhora, provinha de uma obsessão.

Reunimo-nos no compartimento já descrito e com a mesma médium. Aberta a sessão com fervorosa prece, o espírito se comunicou em pranto, exclamando: — Minha filha, quanto mal eu estava fazendo a essa gente que tanto bem te tem feito? Dominado pela inimisade que nos separaram, quando estive reencarnado entre vós, projetei vingar-me de vocês. Arrependido do que fiz e compreendendo, agora, que existe Deus, peço que me perdoem.

Tivemos que realizar mais uma sessão, afim de que nela pudesse tomar parte o marido dessa senhora que viajara para Franca.

Nessa sessão, que se realizou dois dias depois, a reconciliação se realizou entre o espírito obsessor, sua vítima e demais membros da família. A cena foi comovente. A médium ficou com parte de suas vestes molhada pela abundância das lágrimas que derramou.

Como resultado final, a obsedada ficou radicalmente curada, sendo que os demais membros de sua família se tornaram crentes espíritas e devem se encontrar residindo na cidade de Franca.

3.ª CURA

Moça que exercia a profissão de costureira, de origem italiana, ela como sua família professavam a religião católica. Adoeceu repentinamente. Febre alta, tendo perdido a fala poucos dias depois de adoecer. Cinco médicos foram chamados para tratá-la. No entanto, os medicamentos que lhe receitaram não conseguiram debelar a febre e fazer cessar a sua mudez. A chapa radiográfica tirada por especialista revelara que os órgãos da garganta estavam perfeitos.

Afinal, o pai da moça desesperado em conseguir a cura da filha com os recursos que empregara, a conselho do último médico que a tratara, resolveu recorrer ao Espiritismo. Procurou-nos, expondo em todos os seus detalhes, o estado em que se encontrava sua filha. Fomos vê-la à tarde do mesmo dia em que recebemos o apêlo dêsse pai aflito. Estava a moça deitada em seu leito com os membros do corpo rígidos e na insensibilidade de uma mudez inexplicável.

Ante êsse quadro de sofrimento, resolvemos de acôrdo com sua família, realizar à noite dêsse mesmo dia uma sessão mediúnica. Com duas médiuns, sendo uma sonâmbula, que atenderam ao nosso convite, nos reunimos no quarto da doente. Aberta a sessão, poucos instantes depois ocorreu o fato extraordinário! Na médium sonâmbula é incorporado um espírito perturbado e violento. Em seu leito a doente ergue-se e apontando para a médium em transe, exclama: — E' êle, estou vendo-o com os seus óculos.

Estava, pois, descoberta a causa de seu mal. Ela se levantou e falou, o que não conseguia fazer desde que adoeceu. Tratava-se, assim, de uma obsessão.

Indiscritível foi a estupefação que observamos nos seus familiares com a evidência do mal que afligia a moça.

Iniciada nêsse mesmo dia a doutrinação do espírito obsessor, que era máu e violento, a doente começou a melhorar recuperando completamente a fala. A febre que se mantinha em caráter permanente também desapareceu. Na continuação dêsse tratamento em sessões posteriores realizadas durante mais de dois mêses, dado o propósito vingativo do obsessor, foram se esclarecendo, em todos os seus pormenores, os precedentes da obsessão. O espírito obsessor, quando reencarnado, era funcionário ferroviário e usava óculos. Tornara-se noivo da referida moça. Pouco tempo depois ficou tuberculoso e o mal lhe atacou a laringe. A moça, de conformidade com a vontade de seus pais resolveu desmanchar o noivado. Êle foi removido para Uberaba e ali faleceu alguns mêses depois, tendo perdido a fala na fase final da moléstia que o vitimou. Morreu sem se conformar com o fato de sua noiva ter desmanchado o noivado e nela concentrou, por êsse motivo, um ódio profundo. Ao desencarnar procurou-a para se vingar. Sendo ela médium sonâmbula com facilidade conseguiu apoderar-se de seu corpo, neutralizando a ação de seus órgãos vocais e transmitindo-lhe a febre da moléstia que o vitimou, impregnada, como certamente estava, no seu perispírito. A moça, como êsse espírito, tiveram que passar, como se presume, por semelhante provação para resgate de faltas.

Em conclusão: essa moça ficou completamente curada e se encontra casada, residindo em Uberlândia, Estado de Minas, sendo seu marido espírita convicto.

4.ª CURA

Moça casada, residente em São Joaquim da Barra, São Paulo. Seu marido era proprietário, ali, de um bar. Não era espírita. Foi nos procurar em nossa residência. Atendendo-a tratamos de ouvi-la. Contou-nos que sofria de uma moléstia nervosa, que não lhe permitia dormir há muitos mêses. Seu marido, acrescentou, já havia gasto milhares de cruzeiros com o seu tratamento. Aconselharam-na, pessôas conhecidas, a procurar consultar no Rio um especialista em moléstias nervosas. Devido, porém, às grandes despesas que vinha fazendo com seu tratamento, seu marido não dispunha mais de recursos para tomar essa providência.

Na suposição de que o mal dessa moça pudesse ter como causa influência espiritual, aconselhei-a a comparecèr ás sessões das Legionárias do Bem, que se realizavam ás 5.ªs feiras na séde da Sociedade União e Caridade.

Atendendo ao nosso conselho, ela compareceu nêsse mesmo dia, que era 5.ª feira, à sessão que ali se realizou.

Sentada em uma cadeira próxima à mesa onde se encontravam os médiuns, teve ocasião de observar logo de início a manifestação expontânea de um espírito sofredor, o qual se dirigiu à diretora da sessão, esclarecendo que viera ali acompanhando sua filha a qual se achava assistindo a sessão. Deu o nome da filha. Esta surpreendida com a revelação, caíu em pranto. Doutrinado êsse espírito, êle explicou que não conhecera até então o seu estado na vida espiritual; que se ligara à filha pela grande amizade que lhe dedicava, sem imaginar que pudesse estar prejudicando a sua saude. Prometeu deixá-la, rogando a mesma que o perdoasse. Pediu preces e retirou-se. Após o resultado dessa sessão essa moça ficou completamente restabelecida.

—

Os fatos que acabamos de relatar são bastante conhecidos em Ribeirão Preto entre os sócios antigos da Sociedade União e Caridade e de outras sociedades, ali sediadas, bem como por pessoas relacionadas com as famílias das que foram curadas de obsessões nas condições que descrevemos.

Não mencionamos as datas exátas em que se deram essas cúras por não termos feito as anotações necessárias no tempo em que ocorreram. Entretanto, atestamos a sua veracidade com os pormenores que divulgamos.

Curas como essas já se realizaram e continuam a se realizar nos Sanatórios, Hospitais e Centros Espíritas, em todos os Estados do Brasil, bem como em muitas outras nações.

E' o Cristianismo, como religião e ciência, que o Espiritismo restabelece, através dessas provas incontestáveis, para que se possam cumprir as palavras de nosso Divino Mestre, a propósito das curas que realizou: «O que eu faço vós também podereis fazer e ainda muito mais».

ALBERTO LOPES.

(Conclusão do capítulo X).

O DESCORTINAMENTO DOS SEGREDOS DA MATÉRIA

V. O. CASELLA

NO devassamento do seio da matéria, Crookes foi um dos investigadores vanguardeiros, revelando o caminho para as primeiras sondagens dos segredos ocultos no interior da cidadela atômica. O fato deu-se quando o genial sábio pesquisava os misteriosos raios catódicos, que atravessavam, de um polo a outro, o interior dos famosos tubos de sua invenção. O incansável pesquisador, convencido de que essas misteriosas partículas luminosas não eram luz comum, descobriu que elas eram desviadas, na sua trajetória, por um forte campo magnético. Apesar desta importante revelação, Crookes ainda desconhecia a verdadeira natureza dêsses raios catódicos, sugerindo tratar-se de um quarto estado da matéria. Logo mais, J. Thonson, seguindo as pesquisas de Crookes, sôbre êsses misteriosos corpúsculos luminosos, que eram influenciados por um campo magnético, conseguiu revelar sua massa, cuja carga exáta, mais tarde, coube a Milikan descobrir com o seu célebre método da gôta de óleo equilibrada. Nestas alturas já estava esclarecido que os misteriosos raios catódicos eram partículas sub-atômicas, sendo elas batisadas pela denominação de eléctrons, pelo Dr. Johnstone Stoney. Assim, nessas primeiras investidas no descortinamento da área intratômica, ficara evidenciado que êsses misteriosos raios catódicos eram feixes de partículas negativas dos átomos, e não um quarto estado da matéria como justificadamente a princípio sugerira Crookes. Mas nêsse setor a ciência consagrou êste saudoso sábio pela sua descoberta do desvio dos raios catódicos pelo magnético, cujo feito abrira as portas de uma nova era eletrônica, levantando a primeira ponta do véu que vedava os limites da fortaleza atômica. Com isso, entre tantos outros feitos, êsse pertinaz pesquisador contribuiu eficazmente para a marcha da ciência para o interior do último reduto da matéria.

Hoje, a área intratômica já se acha invadida pelos pesquisadores atuais, e nessa marcha invasora de uma partícula a outra, indicados pela equação einsteiniana, os investigadores conseguiram ultrapassar as fronteiras onde se encontram a matéria e energia.

E nêsse devassamento do interior atômico, para desaponto dos advogados do materialismo, os cientistas nada encontraram que pudesse justificar os conceitos materialistas, sôbre a origem da nossa vida inteligente no seio da matéria.

Os verdadeiros fiéis não são aqueles que mais assiduamente frequentam esta ou aquela igreja, mas sim os que agem conscienciosamente de conformidade com seus íntimos pensamentos.

Ser infiel, por conseguinte, não é descrer dêste ou daquele dogma ou princípio admitido como verdade, ainda mesmo que de fato o seja; ser infiel é mentir à sua própria consciência, é proceder em desacôrdo com seu fôro íntimo.

Dentro das pròprias igrejas, portanto, podem existir infiéis; da mesma sorte há verdadeiros fiéis no meio dos incrédulos.

Êstes últimos estão mais perto de Deus e de sua Justiça que aqueles outros. — VINICIUS.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

X V Capítulo
Na Rua da Conceição

1) Na manhã seguinte de nossa mudança, tia Odilia correu a avisar-me, assim levantei-me: «Minha gente, ali perto, tem um pé de cajazeira que põe os galhos fóra da cêrca do quintal, jogando muitos cajás no chão. Dizem que aqueles cajás fazem mal... Digo-lhe para preveni-lo.

2) Fariam mal mesmo ?

Corri a experimentar. E chupei muitos cajás.

3) O lugar era triste, as casas úmidas, as pessôas de aspecto doentío. Nós teriamos de aumentar a tristeza do lugar e das casas. Caí de impaludismo. A princípio, o frio chegava levemente, suavemente, gostosamente. Mas depois agravava-se. Ficava a tremer de frio, em pleno sol, os queixos sôfregos, trementes, tirintantes os dentes. E uma vontade esquisita: ora de ver aquilo passar, ora para aquilo não acabar nunca !

4) Tive que entrar no quinino. Quinino até no café. Quinino na comida. Quinino em pilulas. Quinino de todo jeito.

5) Passou, efetivamente, a tremedeira das sezões. Mas, nunca mais tive figado são, funcionando bem. E passei a detestar, por muito tempo, o café, tal foi o meu enjôo do quinino !

* * *

6) Uma noitinha, eu acabava de sair de um ataque de impaludismo. Batem ; fui abrir. Era o Sr. Barauna. Cumprimentou-me, risonho, a gracejar.

— Que quer o senhor aquí ? que veio fazer em nossa casa ? minha mãe não gosta do senhor...

— Obrigado, meu filho ! Eu vim trazer um recado de minha mulher a sua mãe. Ela está ?

7) Deu seu recado e saíu.

8) Nunca soube o que foi ódio. Nunca odiei ninguém. Parece, entretanto, que aquilo contra o seu Barauna, foi ódio infantil que eu senti.

* * *

9) O *Engenho da Conceição*, presídio de penitenciários, realizava umas feiras de objetos feitos pelos presidiários. Trabalhos principalmente de chifres, de madeira, de ossos...

10) Minha mãe foi, um domingo, pela manhã, à feira do Engenho. E deu lá com uma velha conhecida de Cêpa Forte, a Demetra. Contou-lhe suas angústias, seu sofrimento, sua vida.

11) Compadecida de nós, e grata ao que se lhe fez em outras épocas, convidou-nos a Demetra para passarmos alguns dias em sua casa, à Ladeira do Unhão.

12) A casa era pobre, pequena, habitada por dois cabos da polícia e suas esposas: o marido dela, o cabo Amaro, e o outro, Antão Araujo, esposo de uma prima longe de minha mãe.

13) Aceito o convite, deixou-se a casa e partimos todos pata lá.

14) E lá, eu iria ficar bom, completamente, do impaludismo. Mas, teria que apanhar, depois, um sarampão dos diabos !

15) E satisfiz, ainda, um velho desejo meu : andar de bonde. Quando me vi sentado, ao lado de minha mãe, no carro-motor, que veio até nós o condutor, cobrar a passagem contra uma senha, — *o bond* — a dizer : *Faz favor ! faz favor !* — que vontade a minha de crescer, de crescer logo, rapidamente, imediatamente, para ser condutor de bonde !

16) Ser condutor de bonde, na Bahia, e ser soldado, como o Antonio de Lirio, de Pernambuco — valente e respeitado, boné de dois bicos com uma bola de fios de lã encarnada, pendendo do bico da frente, foram, na verdade, as duas coisas que, na infância, eu desejei ser, quando fosse grande...

17) E, grande, cheguei a ser coisas bem mais elevadas do que soldado da polícia e condutor de bonde. Cheguei aquilo a que me arrastou o destino, sem eu nutrir preferências por profissão nenhuma...

Nunca soube para que nasci!...

* * *

18) Do Unhão conservo ainda cinco lembranças fortes ; 1) uma das primeiras

impressões de história de Espíritos de que já falei; 2) Meu trabalho na *Fábrica Meuron*, de cigarros baratos, onde trabalhei juntamente com minha mãe, tia e outras pessoas da família; 3) do Mercado à beira mar, sujo e com um cheiro acre de marezia; 4) da praia lá em baixo, suja sem areia, a que as ondas fortes traziam frutas—melancia e abacaxi—que eu apanhava e as aproveitava comendo-os; 5) Do *Quartel dos Aflitos*, lá em cima, a que serviam os dois, o Amaro e o Antão.

19) Eu ia a miude ao quartel da polícia, passando sempre, na ida ou na volta, pelo *Passeio Público*. Aí, devorava mangas, que as mangueiras atiravam ao chão. Muitas por amadurecer. Foi, então, que apanhei o *sarampão*, enchendo-me, agora, de chás de sabugueiro.

20) E, no quartel, eu além de participar, também, da *gogoroba* dos praças arranchados, ainda mexia nos velhos arquívos, tirando de lá muitos números de extintos batalhões. *Números* de que eu me serviria, em Plataforma, para organizar minhas brincadeiras de batalhão...

21) A Demetria me torturava, ás vezes, com sua dureza de coração. Como vivia às suas sôpas, por vezes dizia ela:

— Eu ia servir a comida. Mas, como não tenho quem lave os pratos...

— Eu lavo os pratos! Quer que eu lave os pratos?

Ela sorria e botava a comida.

* * *

22) Um dia, chegou a mãe da Demetria, a Maria Joana, que morava em Plataforma, vivendo maritalmente com um criolo alto, magro, feio, espadulado, beberrão, chamado Paulo França. Êle gostava muito de dançar à umbigada com visinhos e de cantar coisas de dança.

23) Sugeriu-nos a Maria Joana que todos nós fossemos para Plataforma. E dizia, sugestiva: «Vamos para lá. Tem uma fábrica de tecidos e outra de calçados. O mar fica perto. Muito peixe e muita gente trabalhando. As casinhas são pequenas e baratas. A gente paga o aluguel das casas trabalhando e sem sentir. Vamos para lá que vocês vão gostar...»

24) Fomos, efetivamente, residir em Plataforma, que foi dos lugares todos em que morei, em criança, o que mais me deixou, apesar de tudo, gratissimas impressões...

Qual a verdadeira atitude de Judas, ao trair Cristo?

(A PROPÓSITO DA SEMANA SANTA)

Pelo que o meu fraco raciocínio alcança, acredito que a atitude que o nosso irmão Judas tomou ao trair Cristo, foi motivada pela ignorância, causa de todos os desatinos da humanidade sofredora. E qual foi o seu ponto de vista ao trair Cristo? Para isso responder vou citar algumas palavras do escritor patrício Humberto de Campos que, como jornalista e reporter do Além, nos mimoseou com o interessante livro de sua autoria «Crônicas de Além Túmulo», psicografado pelo conhecido médium mineiro Francisco Cândido Xavier.

Deduz-se. pelas palavras de Judas, no citado livro, que foi a política, como em todos os tempos, que o levou à prática da traição ao Divino Mestre. Espírito evoluído, que já passou por várias existências depois do erro que cometeu há quasi dois mil anos, Judas costuma vir à Terra nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho. E foi há poucos anos, na própria Cidade Santa, que Humberto de Campos o entrevistou. Dentre outras coisas, Judas diz-lhe o seguinte: «Ora, eu era um apaixonado pelas idéias socialistas do Mestre; porém, o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triumfar e Jesus não obteria nenhuma vitória com o seu desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder, já que, no seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei, então, uma revolta surda, como se projéta hoje em dia na Terra a quéda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra vasta e enérgica, como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxencio ás portas de Roma, o que, aliás apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumí que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos».

Como vimos nas linhas acima, Judas está bem ao par da política terrena e dos muitos Judas nela contidos, creio eu. Política, ambição de poder e de riquezas, eis o que perdeu Judas, hoje um Espírito de Luz, que, se conosco se comunicasse, poderia nos dizer :

«Amigos e irmãos meus : Muito é o que tenho padecido, passando por existências várias, mas o muito que tenho sofrido, comparado ao reconhecimento e assombro que me vão n'alma, nada é. Pois que ! não foi Êle mesmo, a quem tão miseravelmente persegui que, nestas plagas, me estendeu as suas mãos amigas, envolvendo-me na atmosféra pura do seu Amôr ? !

Sim, foi Êle, é Êle que agora me conduz amorosamente. E' Êle que, projetôr da Verdade Divina, expande sôbre a sombra do passado os jôrros magníficos de sua Luz esclarecedora ! Êle é o nosso Mestre, Êle nos quer participantes das felicidades siderais e eu sou, graças a Êle, um dos inúmeros a serviço dessa Causa Divina !

Meus irmãos : Todos nós fomos criados perfectiveis. Jamais alguém entrou na vida perfeito e cumulado das luzes da sabedoria. Á nós incumbe o trabalho de conquista da felicidade, que é a perfeição. Mas para lá chegarmos temos que atravessar a fase da inciência ou ignorância, e é dentro dêste estado que poderemos agravar ou amenisar os nossos dias futuros e eu fui um dos que agravaram, abusando da lei da liberdade com que nos dotou o Supremo Legislador.

Jesus, porém, de mim se apiedou, porque do seu amor jamais exclúe siquer um só dos seus irmãos. E eis que, tomando-me ao serviço da sua divina labuta, me envia a testemunhar-vos a grandeza infinita da misericórdia de Deus».

E' o que nos diria atualmente o nosso irmão Judas, se conosco se comunicasse.

José Arantes de Mello.

Rio Claro, 27/3/56.

O Sinistro do Quadrimotor

Tte.-Coronel Levino Cornélio Wischral

Durante a sessão de sofredores, no Centro Espírita da Rua Iguaçú, incorporou-se um espírito em condições de profundo desespero chegando a arrancar sentidas lágrimas dos presentes. A médium Tina fielmente traduzia o penoso estado de choque do irmão visitante.

Pouco falava. A dor excedia-lhe o poder de raciocínio: Esquecera seu nome, contudo, recordava ser um aviador norte-americano, ignorando, porém, a sua condição de espírito sem o corpo físico e a razão de estar, ali, entre desconhecidos.

Pelo desenrolar do fenômeno mediúnico teve a assistência a impressão nítida de estar presente a um pavoroso sinistro de algum avião de passageiros, tipo «President», que se chocára com o sólo em plena mata virgem.

Os gritos lancinantes aliados ao estado convulsivo do aviador, que confuso ainda parecia transmitir ordens a subordinados seus, bem revelavam os terríveis momentos de alguém que, trágicamente, é devorado num mar de gazolina em chãmas.

Após ingentes esfôrços do doutrinador, rogaram os mentores invisíveis uma ajuda mais eficiente para o irmão em penosa aflição. Sem demora, vindo de esféras mais elevadas, atraída pelo pranto filial, deu entrada no recinto a progenitora que falecera muitos anos antes. Achava-se envolta em largo e esplendido halo de luz que deslumbrou, fazendo agora chorar de alegria e admiração, aquele que, momentos antes, se debatia no cáos da confusão.

Qual autêntico milagre foi o nosso piloto voltando à calma, enquanto se convencia de que, também, já passára a habitar o plano espiritual. Como que para se despedir lançou, estarrecido, um último olhar para seu próprio corpo que jazia no sólo, dilacerado, inerte e horrivelmente queimado.

Semelhante a feliz epílogo teatral observamos, enternecidos, mãe e filho abraçados, numa encantadora efusão de beijos e doces recordações. Volitaram, ambos cheios de júbilo, como luzidío cortejo nupcial, em direção às novas moradas celestes atraídos pelos sons melodiosos e sublimes da Tocata do Despertar e, completando a comitiva vimos os demais tripulantes e dezenas de passageiros do avião sinistrado.

A assistência, sem siquer enxergar o que se passava no espaço, intuitivamente viveu também aquele magistral encontro, pois que, entre suspiros de alívio passou a render graças a Deus. O ambiente agora retornava à sua tranquilidade habitual.

O guia espiritual, utilizando-se do médium Hercílio, incorporou-se para as devidas instruções e ensinamentos relacionados com o caso em apreço, começando por dizer: a Justiça de Deus é universal, perfeita e imutável; ninguém desobedece impunemente a Lei do Amor do Pai sem que não venha a sofrer as consequências; a criatura que perturbar ou transgridir o rítimo divino do equilíbrio e da perfeição será obrigada, pela dor física ou pelos tormentos morais e espirituais, a tudo recompor até o último til ou até o último pontinho do i; que, finalmente, a Lei de Justiça se processa através de reincarnações, tantas quantas forem necessárias, não importando o número de anos ou séculos gastos para que seja atingida a quitação plena.

São erros praticados em séculos idos e que o tempo procura extirpar pela dor, caso não o faça pelo amor. Pela ação e pela reação somos impulsionados no caminho da evolução, tal como medonha tormenta, acompanhada de raios, chuva e ventania, agita e sacode a árvore frutífera até as raizes para, logo em seguida, premiá-la com folhas novas, enfeitá-la com flôres, afim de oferecer ao homem os gostosos e sazonados frutos, resultados de sua dor.

Dessa sentença não escapa o nosso piloto, trazido propositalmente para êste recinto.

Todas as nossas vidas, através do tempo e do espaço, abrangendo ações, atos, atitudes e até os bilhões de pensamentos lançados no éter desde a formação milenária da alma ao momento atual, são fielmente estereotipados, sem possibilidade de omissões; diriamos, são — eternizados.—Êste gigantesco e complexo repertório enfaixa constantemente a criatura e constitui, o que poderiamos chamar, — o seu indestrutivel arquívo. Quando solicitada esta ficha-arquívo, ela se apresenta vertida em imagens a desfilar com todas as minúcias, sôbre téla viva, tipo cinematográfica, onde se reproduzem, instantâneamente, todas as vidas transátas. A téla revive, então, todas as existências de forma movimentada, colorida, sonora, visível nos míninos detalhes; aparecem, inclusive, os turbilhões de pensamentos, porém, materializados, isto é, perceptiveis e palpáveis. Basta uma fração de minuto para encerrar a amplitude das existências intensamente vividas durante centenas de anos, ou séculos. Esta fugaz fração de tempo, do perpétuo ou do sem-fim, contém a nossa «toda-existência», e, dá-nos uma idéia, muito por alto, do tão falado «eterno-presente», cuja magnificência ainda não podemos concepcionar, nem de leve entender.

Agora, o guia espiritual, usando entonação diferente, algo humorado, desejando ser ouvido, pelos costumeiros cochiladores da sessão, continua relatando: Vejamos os elos que ligam o nosso piloto à suas vidas passadas! Falaremos, caros irmãos, dentro de poucos instantes, de piratas mas, perdõem-me, não dêstes que as escrupulosas mocinhas casadouras costumam repelir aos gritos de—sedutor barato ou confiado!—durante um sarau ou a projeção de algum filme malicioso. Não! O nosso pirata é aquêle que os dicionários definem como salteador dos mares, ladrão maritimo.

Sem demora pudemos ver, nitidamente, na téla da eternidade, o piloto milionário do ar, louro, alto, elegante, culto, uniforme impecável, figurino modêlo 1952.

Enquanto o apreciavamos, atualizado, eis que êle se apresentava, ao mesmo tempo, surgindo do recuado e envelhecido século XIV; vemo-lo rodeiado por estulta marinhagem em inóspito litoral da lendária Argélia como chefe de valhacouto de piratas.

Defrontam-se, para as devidas comparações, duas épocas afastadissimas, uma o apogeu do civilizado ano 1952 e outro o vetusto 1377 da Idade-Média; perplexos notamos que os protagonistas eram os mesmos dos que modernamente se relacionavam com a viagem do quadrimotor. As fisionomias idênticas, formas físicas pouco diferentes. O capitão aviador era aquêle capitão pirata daquela remota Argélia; facilmente identificamos os atuais tripulantes e passageiros da aeronave de luxo como seus auxiliares e subordinados do veleiro corsário dos tempos distantes.

Mergulhamos por minutos no século XIV!

Vemos, ali, o nosso elegante piloto como chefe bárbaro, sanguinolento a dirigir o reduto infernal. E' êle o usurpador insaciável, a lei única e também o carrasco insensível. Êle e os seus lá estão de fisionomia repulsiva, como nas historietas de quadrinhos, são salteadores, de peito aberto, largo chapéu bicórneo com o característico distintivo—a caveira e as duas tíbias em cruz, túnica larga multicor, calça bombacha e botas altas. Bravios e ligeiros como indomáveis féras, de continuo assaltam paíscs, cidades e navios. Como valentes espadachins manejam firmes a espada de punho lavrado, em pedras preciosas e ouro. Apreciam o crime, as esmeraldas, os luzidios diademas de ouro encrustados de perolas raras e preferem o impetuoso amor de mulheres embriagadas; as bacanais sem fim e os libertinos rega-bofes onde bebem e comem, ávidos, como esfaimados animais em macabros festins.

O mar azul, revolto e perigoso é sua pátria costumeira; assassinar e roubar suas índoles; sangue, rapinagem, raptos e violências sua linguagem. Quando partiam para o alto mar, no afã da rapinagem, deixavam festivos seus refúgios, assim como as diligentes abelhas partem de seus cortiços em radiante manhã de sol. Singrando águas profundas, lá se iam, prôa em riste, os veleiros e as naus de alto bordo, apontando suas bocas de fogo como ouriço-espinho provocado, à cata de navios mercantes. Armavam-se até os dentes; o arsenal sempre repleto de chuços, azagaias, alabardas, mosquetes, arcos, espadins e arcabuzes, armamento que não raro fazia temer as mais poderosas armadas. Seu roteiro era assinalado por estigmas profundos gravados com ferro em brasa; muitos morriam de susto ao se aproximarem aquêles tigres maritimos.

Nessa configuração ia a téla revivendo o piloto e sua marinhagem, exumando-os dos velhos séculos, justamente os que pereceram, como civilizados turistas, em 1952.

Intervem agora, a justiça divina, representada pela «Lei de Causa e Efeito», ergue sua voz e exige reparação. Ela brada: — chega!

Os nossos personagens são chamados às contas; sempre unidos, passarão à colheita obrigatória de suas semeaduras.

Os mestres karmicos fazem soar o toque de reunir; uns e outros podem estar mui distantes, porém são atraídos, como no passado, afim de, compulsòriamente, tomarem parte em catastrofes de provas expiatórias. Eis, como são vistos em sucessivas encarnações:

Lá os vemos, como cristãos inocentes, em França, Hespanha e Portugal, curtindo indescritíveis suplícios nas câmaras de tortura da Santa Inquisição. Logo em seguida distinguimos os ex-piratas, meditativos e tristes, nas vestimentas clericais em mosteiros e conventos. Em outra encarnação observamo-los morrendo por asfixia em medonhas enchentes e maremotos. Agora são vistos algemados, doentes e esfomeados em fétidos porões de navios negreiros. E a colheita continua, ao toque de reunir, associando-os em país civilizado, como opulentos banqueiros e industriais, para, através de graves quedas financeiras, tudo perderem quando mais prósperos se achavam — todos foram atirados às sargetas da miséria. Quasi sempre era a água e o fogo, nas demais encarnações, o instrumento precioso que tudo reduzia ao nada; tinham que perder tudo, e pagar por êste meio o produto de rapinagem de épocas decorridas. Um dos últimos quadros se apresenta na téla: — eis o naufrágio de grande transatlântico arrastando para as profundezas oceânicas todos os tripulantes e passageiros; nenhum consegue salvar-se. Nós que assistiamos o panorâma do afogamento, daqueles orgulhosos e soberbos passageiros, fomos tomados, por alguns momentos daquela terrível sufocação, sentindo a mesma agonia dos que se submergiam nágua.

E o último pontinho do i foi-lhes, enfim, descontado, ao viajarem, mais uma vez, todos reunidos em luxuoso e veloz quadrimotor, como costumavam velejar em suas naus, temidas e audaciosas, do século XIV. Desta vez não iam em revoada de rapinagem, iam a passeio, como turistas alegres, quem sabe para, inconscientes, reverem os antigos locais de seus crimes.

Acomodados, confortavelmente, espreguiçavam-se nas macias poltronas do magnífico aparelho, que rápido e sereno deslizava sôbre a Serra do Roncador por entre nuvens azuis.

Tudo indicava boa e tranquila viagem quando percebemos que a aero-moça procurava disfarçar algo sério e esquisito. Começa a piscar como para desanuviar alguma coisa, desejosa de melhor enxergar. Quasi que desmaia, era-lhe impossível acreditar no que seus olhos viam dentro do quadrimotor, quís recuar, quís fugir, mas para onde?

E a aeronave continuava plácida a cortar os céus; os passageiros e tripulantes estavam calmos e mergulhados num silêncio significativo. Eis, quando, percebemos que a moça esfregava seus olhos esbugalhados, assombrada, seus pensamentos projetavam-se no ar; pudemos ler o que pensava: — E' impossível! Enlouqueço!! pretendia gritar...

Vejamos nós, através dos olhos clarividentes da aero-moça:—o comandante, os tripulantes, os passageiros, e ela própria, mais uma vez estavam reunidos naquele moderno quadrimotor, porém, todos trajados à moda século XIV, todos ali estavam, sem que o soubessem, naquelas antiquadas vestiduras de piratas, com aqueles mesmos chapéus largos e bicórneos, armados de azagaias, chuços, arcabuzes e calçando altas botas até os joelhos.

Era de estarrecer; lá estava a moça tremula e lívida amparada por amigos invisíveis.

Nós, os espíritos guias, raramente conseguimos apreciar cenas como estas. Fixando o estranho conjunto de corsários vimos, quando se aproximou, o mais terrível instante de suas vidas. Agora é o piloto, o nosso piloto, que sente o sangue fugir-lhe da cabeça, passa ainda a mão pela face suarenta, ofuscam-se-lhe os olhos, entra em vertigem e o potente quadrimotor rápido perde o governo.

Logo após o estrondo, que abalou a mata virgem, altas línguas de melancólicas labaredas procuravam a abobada celeste para testemunhar que mais um resgate coletivo se processava.

Como patético lembrête, destinado ao «orai e vigiai», permanece, lá em baixo, a clareira escura de mau agouro, no meio da floresta verde.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

Palavras sôbre o PRIMEIRO, A TRAVE DOS TEUS OLHOS...

O prof. Newton Gonçalves de Barros já nos tem dado seus originais para ler. Mas, sua impaciência e nossa displicência não nos tem permitido a leitura inteira de nenhuma de suas peças anteriores.

Desta vez, lemos, entretanto, todo o seu PRIMEIRO, A TRAVE DE TEUS OLHOS...

Aliás, por imposição do autor, que nos disse ao telefone, mais ou menos:

— O calor aí, no LAR DE JESUS, está forte de mais? E você quer quebrá-lo com a leitura de um original que exige a sua apresentação? Trata-se de um livro destinado, principalmente, a preparar os moços para o conhecimento das coisas da reencarnação, no desejo sincero de espiritualizar essa mocidade que...

* * *

O livro veio. Folheamo-lo. Duas surpresas, para logo, nos assaltaram o espírito: seu título e sua dedicatória.

O título dá-nos a idéia de um livro doutrinário, evangélico, conceituoso, elaborado á feição de um compêndio de moral evangélica, para educar e convencer os moço. E *engenho* e *arte* não faltam ao autor para elaborar coisa assim...

Trata-se, entretanto, de um livro de contos. Se todos conservam o cunho espiritualista, nele se misturam a contos até regionais e românticos, um cunho de tragédia que até nos fez lembrar certo livro que publicamos, lá vão anos, com pseudonimo — PROSA DE CALIBAN,

— que levou João Ribeiro a alterar-lhe a designação para A FERRO E FOGO...

E a dedicatória a seus quatro filhos, que são nossos quatro sobrinhos mais queridos. Ora, mais do que justo que essa gente, hoje ainda miuda, veja, de futuro, num mesmo livro, o nome do pai e a apresentação do tio...

Isso até emocionou-nos, a seu tanto!

Só por isso, não poderíamos, de modo nenhum, deixar de atender ao imperativo amigo, recebido dentro de um dia de calor senegalesco.

⁂

Trata-se de um volume de dez produções.

Para nós, a primeira, é que devia abrir o livro, porque um conto puramente evangélico.

Teria o autor colimado seu alto objetivo? Aquele que nos disse ao telefone, que revela nos seus contos espiritualistas, a despeito de seu aspecto multíplico, desde a tragédia ao patriotismo, desde o regionalismo ao romantismo?

Não o sabemos.

Sabemos que é um livro de leitura agradável, atraente mesmo, cuja leitura enleia e atrae a gente.

Só nisto, ainda que lhe faltassem outros méritos, vale bem a pena que seja lido, e meditado e sentido.

Eis o que espera seu autor e o autor destas linhas.

Trabalho, Solidariedade e Tolerância

Dentro da trilogia do Codificador vamos trabalhar na estruturação do Congresso do 1.º Centenário do Espiritismo.

Não vamos substimar as obras subsidiárias, especialmente as produzidas por inspirados ou por cientistas; essas obras ilustram, aumentam a possibilidade literária, porém não devem ser lidas e comentadas nas sessões, e sim as de Kardec.

Nas nossas pregações, na qualidade de Secretário Geral de uma instituição de âmbito federativo, sempre reforçamos o dever de estudar-se as obras da codificação, especialmente o «Evangelho Segundo o Espiritismo» e o «Livro dos Espíritos». As que complementam a codificação merecem o nosso apôio, porém não aconselhamos aos nossos ouvintes seu estudo e respectivo desdobramento, porque o meio, na maioria dos casos ainda não está preparado para tanto.

Nossas assertivas encontram base nas diferentes reuniões nas quais havemos tomado parte, excedendo de duas centenas, e, na sua grande maioria os proselitistas se desviam do ponto por falta de conhecimento, ás vezes, até contra os postulados da doutrina.

Não há intenção alguma do orador assim proceder, supondo sempre que está orientando os seus ouvintes, porém a doutrina fica ferida por falta de conhecimentos do suposto proselitista. Nossas observações têm descoberto que se trata apenas de falta de conhecimento dos ensinamentos contidos nas duas obras especialmente acima referidas.

E' sob êsse prisma, é sob essa orientação que fundamentamos as teses de nosso 1.º Centenário, evitando para mais tarde a mescla infiltrada numa doutrina que sòmente os preparados espiritualmente abraçam e estimam, como tábua de salvação. Nada mais do que afirmar-se que o Espiritismo é a doutrina da consolação, da tranquilidade, das intenções boas; a prática vai demonstrando se os que abraçam o Espiritismo oferecem exemplo, solidificando assim o que se contém nos referidos ensinamentos, que são os mesmos de Jesus.

Todos nós sabemos o que aconteceu aos que foram em perseguição dos seguidores do Cristo, e, desprevenidos, procuraram Gamaliel. Receberam a resposta de que se a obra é dos homens, ela se desfará, porém se é de Deus, não queira o homem contender contra Deus.

Nossas fileiras se têm engrossado com as mais valiosas adesões, confirmando assim as palavras de Gamaliel, que tomamos para nós a respeito de nosso Congresso.

Albérico Bezerra Cavalcanti.

Recife, 23/4/56.

"Sessões de Sofredores ?..."

Tte.-Coronel *FIORI AMANTÉA*

GRAÇAS A DEUS! Sim, Graças a Deus, porque os artigos que estamos escrevendo parece que estão tendo boa receptividade por parte dos estudiosos da DOUTRINA ESPÍRITA. Várias são as cartas que recebemos e vários são os confrades que fizeram referência em jornais.

Como haviamos prometido, trataremos hoje das chamadas *«Sessões de Sofredores»*, que melhor seria si as chamassemos de *«Sessões de Caridade»* ou *«Sessões de Esclarecimentos»* ou simplesmente *«Sessões de Doutrinação»*. Essas sessões, infelizmente, desenrolam-se por aí em fóra a torto e a direito, sem um CONTRÔLE NECESSÁRIO e dirigidas, muitas vezes, por pessoas que nunca leram as OBRAS DE KARDEC e mui especialmente o LIVRO DOS MÉDIUNS. Porque muitos que se dizem Kardecistas não seguem a orientação dêste GRANDE LIVRO? Infelizmente, tem sido publicados muitos livros sôbre *Desenvolvimento de Médiuns* e êstes, ao que parece, é que tem desviado muitos dirigentes de sessões, do LIVRO DOS MÉDIUNS — que *é a Base do Verdadeiro Desenvolvimento Mediúnico!* Porque as FEDERAÇÕES não tomam providências afim de se evitar a saída dêstes livros que estão causando uma verdadeira confusão no Campo do Desenvolvimento Mediúnico? Continuamos a afirmar de *Viva Voz:* KARDEC É A BASE e SEM KARDEC NÃO HÁ ESPIRITISMO!!! Quem se der ao trabalho salutar de ler com atenção o LIVRO DOS MÉDIUNS, verá que lá se encontra o mais fertilizante manancial para o *Desenvolvimento Mediúnico!*

Além das OBRAS DO CODIFICADOR, que são A BASE DO ESPIRITISMO, deveremos ler, entre outras, as obras psicografadas por CHICO XAVIER e mui especialmente as de EMMANUEL, ANDRÉ LUIZ, HUMBERTO DE CAMPOS. O último livro de ANDRÉ LUIZ, «Nos Domínios da Mediunidade», é um repositório de sublimes esclarecimentos e os que dirigem «Sessões de Doutrinação», deveriam solver os seus salutares ensinamentos.

Um Opúsculo que recomendo, é o do Guia Ramatís: «Mediunismo». Recebido há pouco e tudo quanto dissemos em *«Educação Espiritual dos Médiuns»*, ali está bem explicado. Pois bem, temos observado que, nessas *«Sessões de Doutrinação»*, desenrolam-se as mais lamentáveis cenas. Isto acontece porque os Médiuns não têm uma *Educação Espiritual* e portanto, não sabem (ou não querem) controlar-se quando recebem um espírito sofredor. Por isso, acho que os Presidentes só deveriam fazer sessões dessa natureza quando possuissem alguns médiuns bem CONTROLADOS, afim de se evitarem *cenas dessa natureza.*

Outro ponto que julgo importante é o de se fazerem essas Sessões sem a assistência de pessoas, isto é, *«Sessões Reservadas»*, onde só o dirigente dos trabalhos e os médiuns deveriam estar. Poder-se-ia, em última análise, só permitir a presença de pessoas bem compenetradas da Doutrina e que, com seus pensamentos controlados, possam ajudar nessas ocasiões e *nunca permitir*, como se faz por aí em fóra, CENTROS que ficam à cunha, onde os Médiuns recebem espíritos a três por dois, fazendo uma algazarra infernal (não deixa de ser um inferno um lugar dêsses e depois quem sofre é o pobre do Espiritismo), onde homens e mulheres ficam espantados olhando para os Médiuns que fazem as encenações mais ridículas, jogando mesas e cadeiras no chão, soltando palavrões até de baixo calão, atirando-se no chão estertoricamente, soltando baba pela boca, cuspindo ou escarrando no chão, e ás vezes sôbre os assistentes, etc., etc. Agora eu pergunto: Está certo isso? ISSO É ESPIRITISMO...

Por isso e por outras é que muitas pessoas fogem do Espiritismo como se fugissem de um *fantasma* ou de um *louco*... Pudera, vão assistir a uma CENA dessas, às vezes pela primeira vez e saem de lá amedrontadas, trêmulas e acabam às vezes doentes. Nunca mais voltam a uma *Sessão Espírita*, por mais que pessoas bem compenetradas da Doutrina insistam com elas e digam que o CENTRO onde irão é bem orientado, etc. *«Deus me Livre»* respondem elas, *«Espiri-*

tismo é coisa de louco, é bobagem, é palhaçada».

Escreveu o «Irmão Saulo» no «Diário de São Paulo»: «PERIGOS MEDIÚNICOS» — «Os adversários do Espiritismo gostam muito de falar dos perigos mediúnicos. Ainda agora um articulista dêste jornal repetiu a velha afirmação de que os *Médiuns em geral, são pessoas doentias.* Há quem vá mais longe, declarando de uma vez por todas que os *Médiuns são psicopatas,* indivíduos *necessitados de internação Hospitalar,* e outras coisas do gênero...» (o grifo é nosso).

Êsse articulista a que se refere o «IRMÃO SAULO» tem toda razão. Êle foi com certeza assistir a uma das «SESSÕES DE SOFREDORES» a que me referi acima e saíu de lá *bem decepcionado* do que seja o ESPIRITISMO. Êsses Médiuns, na realidade, mais parecem *loucos varridos* e *pessoas doentias* do que *Intermediários entre os Dois Mundos!* Mas a *culpa,* continuo a afirmar, é dos *dirigentes de sessões* que não educam os seus médiuns! *Eduquem os Médiuns e obriguem-os a se controlarem.* Êles podem e devem se controlar e só fazem essas *palhaçadas* porque querem fazê-las!!! (ver meu artigo sôbre «EDUCAÇÃO ESPIRITUAL DOS MÉDIUNS»).

Vou finalizar, citando um fato ocorrido comigo. Em 1941, fui passar 30 dias na casa de meu mano Miguel (férias), em Avaré, neste Estado. Êle era Presidente de um Centro Espírita e eu, *Católico, Apostólico, Romano.* Um dia o Miguel tanto insistiu comigo para que eu fôsse ao Centro assistir a uma Sessão Espírita que acabei indo, mais por delicadeza do que por outra coisa. Para mim todos os Espíritas eram loucos e hoje, *Graças a Deus,* também sou *louco!* Feita a prece costumeira, iniciou-se a sessão, que depois vim a saber era «Sessão de Sofredores». Antes fecharam todas as janelas e portas e apagaram as luzes e acenderam uma pequena luzinha num dos cantos. A escuridão era quasi que total.

Meu irmão começou então a DOUTRINAR vários espíritos que baixaram nos Médiuns presentes. Uns choravam, outros batiam na mesa enfurecidos e um havia que (depois soube que era espírito de um padre) falava cheio de raiva e com vontade de esganar o meu irmão. Eu estava sentado entre dois amigos e olhava de vez em quando para as janelas e portas, pois estava com uma vontade louca de fugir, porque o medo que se apossara de mim, era indescretível. Estivesse uma janela ou porta aberta e eu não teria ficado até o fim da sessão, apesar de meu irmão estar dirigindo a mesma.

Agora eu afirmo: É UM ERRO E DOS MAIS GRAVES DEIXAREM qualquer pessoa assistir «*Sessões de Sofredores*». E' por isso que muita gente foge do Espiritismo!... Em vez de «*Sessões de Sofredores*», nós devemos mostrar para a assistência *Sessões de Psicografia,* de *Incorporação* (mas com Espírito de Luz); devemos fazer leitura dos Livros básicos da Doutrina e mui especialmente o «O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO». E' um roseiral a fornecer sempre rosas mais perfumosas! Os Livros de EMMANUEL, de ANDRÉ LUIZ, de HUMBERTO DE CAMPOS, são maravilhosos e devem ser lidos e relidos nas sessões.

A «*Sessão de Sofredores*», que meu irmão me fez assistir, não me convenceu em absoluto, e eu não quís mais saber de assistir outras por mais que êle insistisse. Continuei *Católico, Apostólico, Romano.* Meu irmão, ansioso para que eu ingressasse no Espiritismo, ofertou-me quatro obras de ALLAN KARDEC, porém, eu não quís saber de lê-las e nem me interessava a sua leitura Joguei-as dentro de uma mala e lá ficaram até que um dia a *Dor veio me visitar* (dor moral e não física, pois esta é preferível à outra), e eu iniciei então o estudo das OBRAS KARDECISTAS. Hoje eu digo: *Bendita Dor* que veio chamar-me para a ESTRADA LUMINOSA DO ESPIRITISMO!!! Felizes daqueles que penetram no ESPIRITISMO pela COMPREENSÃO!... Si o meu irmão, em vez de uma «*Sessão de Sofredores*», tivesse me mostrado uma sessão onde se comunicassem Espíritos de Luz e me fizesse ouvir alguns trechos do «EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO», talvez que não precisasse da VISITA DA DOR PARA ME DESPERTAR PARA O ESPIRITISMO!

E' ÊRRO, pois, e dos mais graves, para quem nada sabe de ESPIRITISMO, fazê-lo assistir «*Sessões de Sofredores*»! Continuaremos...

Itu, 1956.

Há chuvas que destroem e chuvas que criam. Lágrimas há também, assim.

Crônica Estrangeira

Um Caso Notável

Por Georges Gonzales — «Spiritualisme Moderne» reproduziu de «Survie»

...Um de nossos amigos, que deseja conservar o anonimato, recentemente experimentou um fenômeno que eu considero notável.

E' como se fôsse uma pequena tragédia em três atos.

O primeiro situa-se numa cidade da Normandia onde a secretária dum advogado vai consultar uma pitonisa da localidade.

Em resumo esta lhe disse isto:

«A senhora trabalha em casa de um homem que se dedica a leis (direito); eu vejo papeis referentes a negócios judiciários. A senhora tem bom emprego, mas o abandonará dentro de poucos mêses».

«Mas, diz a consulente, eu tenho um emprego estável que de modo nenhum pretendo abandonar».

«Certamente, diz a vidente, mas seu patrão vai ser vítima de um acidente muito grave que lhe obrigará a procurar outra ocupação».

Conhecendo por experiência o caráter de precisão desta mulher, a secretária foi procurar outra vidente. Esta, sem conhecer a primeira consulta, lhe fez predições análogas; o mesmo aconteceu com uma terceira vidente, mas sem indicação de data.

A secretária revelou os resultados obtidos ao patrão para despertar sua consciência e procurar evitar o acidente.

O advogado é homem muito inteligente que, ademais, acredita em nossos métodos. Além disso, êle tem uma irmã, parisiense muito cultivada, possuidora de altos títulos universitários, que é espirita. Êle a consultou, e a irmã lhe aconselhou a procurar um homem (nosso amigo) que possui certos poderes e que talvez poderia obter a modificação dum karma possivelmente nefasto, conforme a declaração das três percipientes.

Aqui começa o segundo ato desta tragédia.

O advogado, seguindo o conselho de sua irmã, foi a Paris. Êle consultou o nosso amigo.

Êste, após refletir e concentrar-se, lhe declarou:

«O senhor faz seu carro correr com velocidade excessiva». Era verdade, o advogado, sempre apressado por sua profissão, corria a 110 ou a 120 regularmente.

Porém êle acrescentou: «Eu noto um defeito, na dianteira direita do seu carro, suponho existir ao menos um defeito; não sei se se trata do pneumático ou do rolamento do eixo. O pneu deve ter qualquer cousa, mas também pode ser o rolamento do eixo, no qual noto uma falha no metal, ou fenda. O senhor deve mandar examinar êste dois pontos, e sobretudo limitar sua velocidade a 80 ou 90, observando atentamente a corrida».

Recentemente, o nosso advogado teve o pneu dianteiro direito perfurado, quando em viagem, por um prego. Não houve nada de grave, pois a velocidade era reduzida. Êle aproveitou a ocasião para mandar examinar o rolamento do eixo.

Os que têm alguma noção de mecânica facilmente compreenderão o espanto do garagista ante êste pedido de exame. Porque verificar o rolamento do eixo na ocasião de uma perfuração no pneu? Isto seria necessário sòmente depois de um choque.

Mas o mecânico executou a ordem. Terminado êsse exame, êle declarou:

«Pois bem! o senhor teve sorte; o senhor corria para a morte; o rolamento da frente direita está rachado.»

Penso desnecessário insistir sôbre a precisão da clarividência, mas aproveito a ocasião para de novo assinalar, como o expus em minha obra «O Problema do Destino», que em certas condições, o futuro não está precisamente delimitado e que se pode, por vêzes, remediar um karma defeituoso, unindo-nos pelo pensamento a algumas dessas grandes entidades que regem o destino dos homens, para obter modificações apreciáveis do nosso futuro, quando se apresentarem riscos graves.

* * *

Rainha assiste a uma sessão de Voz Direta

Admirável consequência da notável conversação espiritual

A história da volta do Rei Eduardo VII com uma mensagem a sua esposa, Rainha Alexandra, que depois assistiu a uma sessão, tornou-se pública por Arthur Findlay em sua autobiografia: «Olhando o Passado».

O médium foi John Sloan, cujas sessões de voz direta são narradas em «No Limiar do Etéreo».

Findlay foi procurado pelo Hon. Everard Fielding, ativo membro da Sociedade de Investigação Psíquica, que anunciou a vinda de um amigo seu a Glasgow. Não se poderia realizar uma sessão para êsse amigo? Findlay prometeu a sessão.

O homem, um completo estranho, chegou sem alarde. Êle jantou com Findlay antes da sessão, não dando indício de sua ocupação. Findlay deliberadamente não pediu detalhes. Assim, todos ignoravam a identidade do assistente.

Volta Eduardo VII

Uma voz de espírito falou-lhe corretamente, clara e distintamente.

Quando lhe perguntaram quem estava comunicando, a voz respondeu: «Quando na terra eu era conhecido por Rei Eduardo VII».

Seguiu-se uma conversação pessoal, a voz espiritual nomeou pessoas conhecidas do assistente.

Depois de conversarem, disse a voz espiritual: «*Quero agradecer-vos todos pela vossa bondade para com minha esposa, Raínha Alexandra. Não sei como ela poderia governar sem o vosso auxílio, e vós lhe evitastes muitas dificuldades e cuidados*».

Terminada a sessão, Findlay perguntou ao récem-vindo si êle estava satisfeito com sua experiência.

Êle respondeu, «muitissimo satisfeito».

A próxima pergunta de Findlay foi: «Quereis revelar-me qual a vossa posição em relação à Raínha Alexandra?» Êle respondeu: «Sou o Mordomo do Palácio».

Quando a Raínha Alexandra foi informada da sessão, ela quís assistir a uma com Sloan. Esta se realizou em Londres. Findlay não relata quais as mensagens que a Raínha recebeu. A sessão diz êle «proporcionou-lhe grande satisfação».

Entre os presentes estavam Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Marconi e Sir Thomas Lipton.

«*Two Worlds*».

* * *

Estamos agora mais vivos do que na Terra

De «Estudos Psíquicos».

O *Psychic News*, de 6 de Janeiro de 1954, relata o seguinte curioso fato:

Entre as vítimas da catástrofe de Harrow, que se deu há um ano, morreu o jovem Mauricio Hilton. O seu trespasse causou a seus pais um grande abalo moral, e como ignorassem em absoluto o Espiritismo, desconheciam, também, que na localidade, Hatford, onde Mauricio vivia com os pais, existia um Centro Espírita. Após a catástrofe, o casal Hilton, para se refazer de tão grande desgosto, resolveu sair de Hatford.

Certo dia, nêsse Centro, é recebida pela voz direta a seguinte comunicação: —«Maurice Hilton — morto na catástrofe de Harrow, procura seus pais».

O médium não conhecia os Hilton, mas uma assistente, que os conhecia, encarregou-se de os prevenir.

Decorridos quinze dias, a senhora Hilton dirigiu-se ao Centro Espírita e ouviu o filho pedir-lhe que não chorasse porque — «êle e os outros não estavam mortos, bem pelo contrário, estavam agora mais vivos que quando se encontravam na terra».

Disse também à mãe que não queria tornar a vê-la vestida de preto, e que tinha reparado estar a fotografia dele ornamentada com flores.

Informado por sua mulher, o pai recusou-se a ir ao Centro, mas na semana seguinte Mauricio acompanhado pelo seu avô disse à mãe: —«E' preciso trazer o papá». Êste aceitou enfim, e nêsse dia o jovem Mauricio agradeceu a comparência de seus pais, e de não o terem cremado, dizendo que gostava do sítio aonde o tinham enterrado e a árvore colocada diante do seu túmulo. Anunciou pequenos acontecimentos que depois se realizaram; apesar destas provas seu pai continuava a duvidar.

Como Maurício tivesse por hábito oferecer a sua mãe, no dia dos seus anos, um ramo de violetas, prometeu que nêsse ano novamente lhas ofereceria. Na semana seguinte, a senhora Hilton encontrou uma amiga que já não via há mêses e que lhe entregou um saquinho de papel dizendo-lhe: — «Que Deus a abençõe», e partiu. O saquinho continha um ramo de violetas de Parma, iguais às que Mauricio costumava oferecer-lhe.

A senhora Hilton, afirmou que a amiga que lhe entregou as violetas não é espírita e ainda não acredita — «que qualquer coisa especial se encontrasse dentro do saquinho, embora confesse que foi levada a fazer êsse gesto sem saber como».

Mauricio voltou a comunicar dando provas que se confirmaram em tudo quanto anunciou. Deste modo os pais desolados e incrédulos retomaram gosto pela vida e passaram a acreditar firmemente na sobrevivência da alma.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 5 de Maio de 1956.

Abertos os trabalhos pelo Presidente, à hora regimental, com a prece inicial, foi lida e aprovada a Ata de 7 de Abril.

Expediente — Carta da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, justificando a ausência de seu Representante, Conselheiro Carlos Jordão da Silva, por motivo de enfermidade.

Declaração — Foi aprovada pelo Conselho a declaração seguinte: «O Conselho, coerente com a resolução aprovada em 7 de Janeiro de 1956 e atendendo a consultas e pedidos de informações a respeito da convocação de um Congresso Espírita Nacional, a se realizar, em 1957, em Recife, cumpre o dever de esclarecer que tal convocação é de iniciativa particular, inteiramente à revelia deste Conselho. (*)

Informações à ONU — O Presidente comunica o pedido de informações, feito pelo Ministerio do Exterior, para atender à Organização das Nações Unidas, sôbre restrições que possam ter ocorrido, em relação aos Direitos do Homem. O Conselho sugere, como colaboração à resposta, se informe que a Legislação Brasileira corresponde perfeitamente ao Ideal da ONU quanto à liberdade religiosa e garantias conferidas, indiscriminadamente, a todas as religiões, em maioria ou em minoria. Que os erros na aplicação das leis, excepcionalmente ocorridos, são humanos e ainda inevitáveis, e que a consciência nacional, em casos de desrespeito às leis e costumes brasileiros, de plena liberdade religiosa, tem-se feito manifesta pelo protesto, mesmo de profitentes da maioria, sempre que ocorre alguma violação de liberdade religiosa, que importe em restrição dos direitos que a lei confere, em igualdade, às religiões.

União Espírita Mineira — O Presidente discorre sôbre o brilhantismo das festividades realizadas, em Belo Horizonte, em comemoração ao «Livro dos Espíritos» e pela inauguração da nova séde da União, realçando o magnifico trabalho dos espíritas mineiros, na difusão e prática do Espiritismo e, especialmente, nas suas obras de assistência aos necessitados. O Conselho aprova um voto de congratulações à União e aos Confrades mineiros.

Representação - O Conselheiro Almerindo Martins de Castro dá conta de sua visita à Federação Gaúcha, representando o Conselho e a FEB. Agradece a oportunidade que lhe foi dada de observar o notável desenvolvimento do Espiritismo no Estado, enumerando as obras de assistência a crianças, adultos e desvalidos e enaltecendo as atividades da Federação Espírita do Rio Grande do Sul em todos os setores da Doutrina.

Com a prece final, proferida pelo Representante do Piauí, é encerrada a reunião, às dezesseis horas.

(*) RESOLUÇÃO DO CFN, em 7 de Janeiro de 1956.

«*O Conselho Federativo Nacional, tendo em vista a conveniência de ser mantida a unidade direcional do Espiritismo no Brasil, esclarece que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, afim de que não se verifique solução de continuidade, no desempenho de suas atribuições*».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 152.361,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

De Paula Machado prepara um novo livro

O conhecido escritor espírita De Paula Machado está preparando «Caminhos de Volta» reunindo artigos e crônicas inéditas.

De Paula é o autor preferido dos presidiários da Penitenciária do Distrito Federal, ao certo pelo sabor humano e pela sutileza filosófica de sua interpretação da vida, exposta em estílo simples, agreste como terra virgem.

Consulta

Tendo a União da Mocidade Espírita de Santo André consultado sôbre si, realmente, seria realizado em 1957, em Paris, um Congresso Internacional Espírita e si a Federação Espirita Brasileira enviaria Representante, o S.E.I. respondeu dizendo que, pelo menos, por intermédio do principal órgão de divulgação espírita francês, que é a «Revue Spirite», nada se sabe ainda, a respeito. Em consequência, a Federação Espírita Brasileira também não cogitou da ida de Representante.

No Brasil, entretanto, os preparativos das comemorações do Centenário da Codificação começaram cedo e o Conselho Federativo Nacional já se pronunciou, justificando a necessidade de realizá-las e sugerindo um programa tipico, naturalmente, adaptável às condições locais.

Tem o S.E.I., também, notícias de um importante conclave nacional a realizar-se no Estado de S. Paulo, dentro do programa das Comemorações do Centenário.

Aliança Fraternista Espírita Baiana

Nosso correspondente em Vitória da Conquista deu-nos conta de um movimento em Salvador, Capital da Bahia, para a fundação da Aliança Fraternista Baiana, com finalidades assistenciais, tendo à frente a confreira Geny Costa Dorea.

Saudando êsse novo organismo de execução do programa do «amai-vos uns aos outros» desejamos a seus dirigentes a proteção e a perseverança necessárias para levar a bom têrmo sua importante tarefa.

A Fraternidade Ecletica Espiritualista Universal vai interiorizar-se

Segundo notícias divulgadas no Rio essa instituição, que reune prática espiritualistas de variadas correntes, fará uma perigrinação para o interior do pais, indo estabelecer-se em Goiás, onde instalará sua séde central.

A escolha do planalto goiano conforme a mesma notícia, obedeceu a motivos de ordem mística, ainda guardados em segredo, porém indicados por entidades espirituais orientadoras da ação da Fraternidade.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Palavras de Emmanuel
Crônicas de Além-Túmulo

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3261unse

o XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1956 – N. 6

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Solução dos Problemas Humanos — *Redação*
Religião e Ciência . . . . *Alberto Lopes*
Concordância e Discordância . . . *Deolindo Amorim*
Deus e Universo . . . . *Henrique Rodrigues*
Dor Fantasma . . . . *Alfredo d'Alcântara*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
O Cristo Desconhecido . . . . . *Edson de Abreu*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Descortinando Mistérios das Profundezas da Matéria . . . . *V. O. Casela*
A Verdade sôbre o Espiritismo . . *Do «Jornal do Comercio» do Rio de Janeiro*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo. — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1956 – NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Solução dos Problemas Humanos

COMO todos sabem, a humanidade está passando por grandes dificuldades e duras provações. De um lado, as nações não se entendem, surgindo conflitos que são solucionados em parte pela Organização das Nações Unidas, e isto com não pequenas dificuldades, persistindo o espírito do conflito com ameaças de guerras generalizadas, que se já não surgiram é porque as bombas atômicas têm sido um freio. De outro lado, o custo da vida, que sobe incessantemente e de maneira quasi astronômica, vem se constituindo um dos maiores problemas com que se defrontam os governos, que até agora não conseguiram encontrar uma solução, pois as greves continuam, exigindo os trabalhadores, através dos seus Sindicatos, novos níveis de salário, o que é justo em vista do aumento incessante dos gêneros alimentícios, das utilidades, etc. A inflação já se tornou um mal incurável como o cancer. Não há remedio para a sua cura, porque ela é o fruto do egoísmo e da ambição, males contagiantes porque não distinguem ricos e pobres, cada qual explorando à medida que lhe aparecem as oportunidades.

Ésses acontecimentos constituem o sinál característico do cumprimento das Profecias. São fenômenos naturais oriundos do atual ciclo evolutivo da humanidade em que o egoismo, a ambição, o orgulho parecem estar galgando o cume da sua ferocidade para depois caírem de uma vez e desaparecerem nas voragens do nada, quando então a humanidade ingressará em um novo ciclo do seu aperfeiçoamento, o da pura espiritualidade, em que a nota predominante será o amor ao próximo

Mas ninguém ingressará nêsse ciclo sem se libertar de suas imperfeições e estabelecer um novo modo de vida. As diversas ideologias (Comunismo, Hitlerismo, Facismo, bem como o Positivismo e as diversas religiões, entre as quais o Catolicismo e o Protestantismo) nada conseguiram até agora para melhorar a situação da humanidade, situação que vai se agravando cada vez mais, sinál de que essas ideologias e credos religiosos, foram e são impotentes para debelar o mal-estar que tanto aflige os povos e as nações em geral.

E' que existe um único caminho para se atingir o ponto em que todos os problemas humanos podem ser facilmente solucionados, caminho êsse que é regeitado por todas as formas de Governo e até pelas próprias religiões : a prática dos preceitos cristãos e o estudo do Espiritismo que, apoiado nos fatos espíritas, na lógica, na sobrevivência individual rasgou à humanidade amplos horizontes de uma vida superior, a espiritual.

Assim, para chegarmos à prática do Cristianismo em sua pureza, não há necessidade de professarmos esta ou aquela ideologia, visto como já podemos ir diretamente à fonte E o caminho que conduz diretamente à fonte chama-se Espiritismo, o Paracleto da Promessa, que está incumbido de relembrar tudo o que Jesus disse e fez e de trazer novas cousas, baseadas na Ciência e na Filosofia espiritualistas, certamente.

Quando os Governos, as Instituições e Organizações humanas se orientarem pelos ensinos do Espiritismo, então sim, a humanidade terá resolvido todos os seus magnos problemas, por mais complicados e obscuros que sejam, reinará a paz e o espírito de compreensão em seu mais alto grau à luz da Sabedoria Divina.

Religião e Ciência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

— XI —

Acrescentando mais algumas elucidações às que já expusemos, nêste trabalho, nos capítulos anteriores, podemos considerar :

Que a lei das reencarnações ou das vidas sucessivas esclarece as causas das desigualdades sociais e dos sofrimentos impostos aos espíritos culpados, por efeito de condenações condicionadas ao grau de suas culpas, o que nos permite realçar os fundamentos e a perfeição da Justiça Divina.

Que a intervenção da Providência Divina, na vida da Humanidade, em diversas épocas de sua história, desde a criação de nosso Planeta, sempre se fez através de médiuns dotados dos dons espirituais citados pelo Apóstolo Paulo em sua 1.ª epístola aos Coríntios, nos capítulos 12 e 14. Que os profetas foram, portanto, médiuns missionários, dotados dêsses dons, para escreverem os livros do Velho Testamento.

Que as possibilidades das comunicações de espíritos desencarnados com os encarnados, encontramos comprovadas em numerosos textos bíblicos, no Evangelho Cristão, nos Atos dos Apóstolos, bem como à luz dos fatos resultantes das investigações científicas, procedidas nêstes últimos tempos, por sábios de renome universal.

Que são, pois, as provas morais, tradicionais e científicas que comprovam as possibilidades dessas comunicações.

Que a reunião de Jesus com alguns de seus discípulos, no Monte Tabor, a sua transfiguração e as materializações dos espíritos de Moisés e de Elias, constitui uma verdadeira sessão espírita de materialização, análoga, em princípio, às que se têm realizado e continuam a se realizar nas sociedades espíritas de muitos países, inclusive o Brasil.

Que nas respostas dadas às perguntas feitas por seus discípulos, nessa mesma reunião, Jesus fundamentou a lei da reencarnação, ao afirmar que o espírito do profeta Elias, que nela se materializou, já havia se reencarnado com o nome de João Batista, o que se evidencia no cap. 17 e seus versículos do Evangelho de Mateus.

Que, em face do que se encontra narrado no citado capítulo, pode-se presumir e admitir, como realidade incontestável, serem os discípulos de Jesus, que tomaram parte na reunião do Monte Tabor, dotados das mediunidades necessárias à produção dos fenômenos de materialização, que ali se verificaram.

Na cura do paralítico realizada por Jesus, conforme narra o evangelista Mateus no capítulo 9, versículo 5 de seu Evangelho, encontra-se um fato esclarecedor de que as provações impostas aos espíritos culpados, necessitam chegar aos seus termos, visto que as sentenças divinas são irrevogáveis, o que também se comprova com os versículos 11 e 12, cap. 4 do mesmo Evangelho, interpretados como devem ser com o «espírito que vivifica e não com a letra que mata».

Que se devem considerar, no entanto, nos espíritos reencarnados, as únicas excepções que Jesus enumerou e relativas aos que são designados para determinadas missões de sofrimentos. Nêsse número podem-se incluir o próprio Mestre, os seus discípulos e também, entre outros, aquele cego de nascença citado nos vers. 2, 3 e 4, cap. 9 do Evangelho de João. Êsse cego, afirmou Jesus, era um espírito isento de culpas, mas fôra escolhido para aquela missão de sofrimento, afim de que nêle se manifestasse uma obra de Deus.

Que em tais condições, cumpre a cada um de nós conduzir nas jornadas da vida, com resignação e esperança, as cruzes de nossas provações até o resgate final de nossas faltas; e, como Jesus é — «O Caminho, a Verdade e a Vida» — quando essas cruzes forem muito pesadas, Êle nos ensinará como proceder para aliviar o seu peso, mediante o cumprimento do que nos prometeu: «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei». Note-se: promete alívio e não livramento completo.

Aceitando, pois, a realidade de nossas provações, nos tempos angustiosos que a Humanidade atravessa, com disposição de vence-las, empunhemos a charrúa do Evangelho, para, com sua luz prestar nossa contribuição à luta milenária que se trava com a finalidade de se extinguir dos corações humanos os males criados pelos egoísmos e pelos ódios causadores das desordens sociais que tanto retardam o progresso espiritual dos povos.

Nessa luta precisamos rememorar sempre que o nascimento de nosso Divino Mestre, em uma manjedoura na povoação de Bethlehem, na longinqua Palestina, caracterizou-se com os esplendores de um róseo amanhecer para todas as gerações; representando êsse nascimento o início da éra cristã, transformou-se em um acontecimento que iria se perpetuar na memória dos povos e se fixar na consciência humana como marco luminoso, predestinado a liberta-la da escravidão das trevas.

Reafirmando êsse missionário, a eterna validade dos mandamentos do Decálogo, como lei suprema, a poderosa influência de sua Doutrina, concorreu para tornar insubsistentes as bases do materialismo pagão e modificar os costumes prejudiciais à moral da familia e para demonstrar que é sob a ação da liberdade que podemos conhecer as grandezas da Espiritualidade.

«Eu não vim trazer a paz, eu vim trazer a luta», afirmou êsse Mestre. E essa luta de idéias, justas e certas, contra os erros religiosos e os fanatismos da casta sacerdotal de seu tempo, por êle iniciada, ainda continua em nosso século com o mesmo objetivo de destruir as causas dos males que embaraçam o progresso moral da Humanidade.

Incompreendido como foi naquele tempo e continua a ser em nossos dias, a Doutrina que nos legou, ainda não conseguiu estabelecer entre os homens um sentido uniforme na sua interpretação.

E isso acontece, por que os homens envolvidos como sempre permaneceram nas trevas dos egoísmos e dos ódios e sujeitos por êsse motivo às consequências trágicas das hecatombes das guerras e das revoluções armadas, ainda não puderam se encaminhar por êsse roteiro de luz representado pelo Evangelho Cristão.

Vive a Humanidade, nêste século de fervorosas e apaixonadas lutas ideológicas, talvez um dos mais angustiosos períodos de sua História. Cremos que em tempo algum de sua existência jamais se registraram acontecimentos de tão grave complexidade como os que estão ocorrendo, em nossa época, na vida de todos os povos.

Surtos admiráveis de progresso vem realizando a ciência nos vários setores de sua atividade para o fim altruístico de dotar a vida humana de melhores confôrtos materiais, bem como assegurar as garantias à ordem jurídica e social em harmonia com o esplendor de uma civilização que se possa firmar em princípios de moral e de justiça.

E êsse progresso científico, falseado como vem sendo em suas elevadas finalidades, pelo egoísmo dos homens, transformou-se em um pesadêlo constante com as ameaças existentes de ser êle empregado nas possíveis hecatombes, que se poderão desencadear, de um momento para outro, e arrastar os povos para lutas de extermínio e de ruínas dantescas.

Elevou-se, consideravelmente, a civilização material, enquanto a civilização moral ainda não conseguiu atingir a êsse mesmo nivel, em consequência de se ter avolumado o materialismo que domina a mentalidade humana de nosso tempo.

As lutas políticas, eivadas de propósitos belicosos, encaminham-se, no cenário do mundo, para um desfecho sangrento.

A paz universal que se poderia manter com o primado do espírito, não obstante as tentativas que fazem eminentes e esclarecidos estadistas, para estabelece-la em bases sólidas, continua a permanecer ameaçada pelas divergências irreconciliáveis existentes entre dois grupos de nações que disputam o domínio do mundo.

Tudo nos faz crer, que esta conturbada atualidade, apresenta todos os característicos dos trágicos destinos prognosticados para a Humanidade no Evangelho Cristão.

Já se registraram, em grande escala, os sinais precursores dêsses destinos que o Mestre Divino, anunciou aos espíritos endurecidos de seu tempo.

E os séculos se passaram, sem que seus ensinos conseguissem, até agora, penetrar na grande maioria dos corações humanos, afim de que nêles pudesse ser criado o reinado da paz e da fraternidade.

Mas, depois de consumadas essas terríveis provações, ensina o Mestre, como castigo imposto às rebeldias coletivas, virá o fim com a consagração definitiva do triunfo da verdade sôbre a mentira e a realização das consequentes reformas sociais que estabeleçam entre os povos, um nivel de vida moral, alicerçado realmente em preceitos divinos.

Abramos, pois, nêstes tempos de sérias preocupações e de desórdens mentais, as páginas do seu Evangelho e meditemos profundamente sôbre os seus ensinos, afim de podermos verificar que os sinais dos tempos, nêles anunciados, já estão perfeitamente caracterizados nos acontecimentos de nosso século. E após essa meditação, orientemos o nosso trabalho na criação de obras de amor e de fraternidade, com positivas demonstrações de seu valor social, para que a luz dêsse Evangelho penetre os nossos corações e ilumine os roteiros de nossas vidas.

Criando as nossas personalidades de crentes, face a face com as coisas do mundo, encontraremos os verdadeiros rumos da Espiritualidade, nos quadros dos infortunios providenciais e necessários à nossa reabilitação, para acesso a melhores e mais elevados estágios de aperfeiçoamento.

E êsse trabalho de reconstrução moral necessita ser executado pelos componentes de todas as coletividades humanas com o objetivo de se criar uma civilização que se não amolde mais aos privilégios de classes e aos convencionalismos sociais, eivados de propósitos egoísticos e deshumanos.

Deverá ser uma civilização de nivelamento real do mérito da pessôa humana, caracterizando-se o seu fundamento nos preceitos estabelecidos pela Justiça Divina.

Estamos nos tempos preditos pelo nosso Divino Mestre, nas páginas de seu Evangelho e sob cujos ensinos será estabelecida essa civilização, assim que o poder da Sabedoria Divina houver rompido, inteiramente, as trevas que ainda retardam o progresso moral e espiritual da Humanidade.

Os acontecimentos de nosso século, ao criarem, pelo imperativo da evolução, novas e promissoras perspectivas de progresso moral, social e político, na vida dos povos, estão indicando para o Espiritismo Cristão, a missão de restaurar os ensinos do Cristianismo nos seus objetivos exátos com os fatos lógicos e já cientificamente comprovados das possíveis comunicações entre espíritos encarnados e desencarnados.

A realidade da sobrevivência da alma ou espírito, se constata com êsses fatos, os quais estão provando a Verdade Evangélica em todo o seu esplendor e abrindo para a Humanidade uma época de grandes e profundas transformações na sua constituição jurídica e religiosa. E essa época há de culminar com o triunfo integral do Cristianismo, como se prenuncía, na civilização do 3.º milênio do qual nos aproximamos.

Nunca nos devemos esquecer de que Jesus afirmou no seu Evangelho que Êle era a luz do mundo. Acreditamos, portanto, que sob a tutela dessa luz, hão de ser traçados melhores destinos para as gerações futuras, nas bases de uma unidade religiosa em que os homens se possam compreender e construir obras que os elevem no conceito divino. Essas obras inspiradas, como hão de ser, nos sentimentos do amor fraternal, terão o poder de destruir os antagonismos religiosos, de nosso tempo, para unir os povos em um único objetivo de grandeza espiritual.

E a Ciência e a Religião, unidas como se encontram, hoje, estão desvendando o desconhecido com as descobertas de novas leis e de novos rumos espirituais para o futuro da Humanidade, graças ao trabalho que realizam os obreiros da última hora.

Á Revelação Espírita compete a missão de preparar o padrão da civilização cristã, na qual se possa observar sempre e por toda parte a «Glória de Deus nas Alturas e a Paz na Terra, entre os homens de boa vontade.»

ALBERTO LOPES.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

III — ESCOLHA DAS PROVAS

Escreve William Colon: *É ridícula, portanto, a idéia popularizada entre os espiritistas de que os espíritos, indeterminadamente, podem escolher os ambientes de suas futuras encarnações e seus labores a realizar.* Acha o confrade Colon que a tese da escolha das provas está errada, porque sómente os espíritos adiantados podem ter o necessário discernimento para escolher a situação em que deverão viver na terra. Em decorrência desta proposição, conclui o escritor que os espíritos atrasados não podem usar o livre arbítrio, e por isso não podem ter *PREFERÊNCIA* nem fazer *ESCOLHA* de espécie alguma.

Evidentemente o confrade Colon, neste ponto, está sendo coerente consigo mesmo. Sua conclusão está de acôrdo com a premissa; se sómente os espíritos adiantados estão em condições de fazer uso do livre arbítrio, nada mais lógico, portanto, do que concluir que os espíritos atrasados não podem escolher as suas provas na terra. Embora seja lógico o raciocínio de William Colon, isto é, dentro do ângulo em que êle, inteligentemente, colocou a questão, a verdade é que a tese daquele nosso Confrade está em desharmonia com a doutrina espírita. Diz êle logo adiante: *Acrescentaremos que a Lei de Afinidade é o que determina o ambiente das futuras encarnações, vendo-se o espirito atraido, inconscientemente, ao ambiente que lhe corresponde por afinidade, o que é igual ao ambiente adequado a seu conhecimento ou sua evolução, plasmado no corpo espiritual...* (Pag. 35). Se, portanto, o espírito é atraído *INCONSCIENTEMENTE* para o ambiente terreno que lhe é correspondente não há mérito algum na reencarnação, porque o espírito não passa de um autômato. Ora, a reencarnação, segundo a filosofia espírita, é um *MEIO* de regeneração espiritual; mas é necessário que o espírito, por sua vez, tenha *CONSCIÊNCIA* de que vai reencarnar para determinado fim; a não ser assim, a reencarnação não tem objetivo, não tem razão de ser.

Onde está, neste caso, o finalismo das vidas sucessivas ?

Segundo o ponto de vista de William Colon, a reencarnação, no caso dos espíritos atrasados, não pode ter consequências regeneradoras, porque o espírito reencarna *inconscientemente*, é atraido para determinados meios pela fôrça da afinidade, mecanicamente, como se fosse um corpo atraido à terra pela lei da gravidade. Se assim é, o espírito não pode tirar proveito algum da nova existência na terra, uma vez que foi atraido inconscientemente e não sabe qual a razão de ser da sua volta à vida terrena. Se a reencarnação é uma oportunidade para que o espírito, *CONSCIENTEMENTE*, aprenda mais alguma coisa e procure, assim, melhorar o seu estado moral, claro é que não pode ser um ato mecânico.

Dentro de sua concepção reencarnacionista, William Colon rejeita, em parte, o ensino da escôlha das provas, no que se coloca, portanto, em desacôrdo com a doutrina espírita. Os raciocínios de Colon provocam imediatamente duas objeções gerais :

> em primeiro lugar, o livre arbítrio não é PRIVILÉGIO dos espíritos adiantados, pois os chamados espíritos inferiores, até certo ponto (tudo é relativo), também usam o seu livre arbítrio dentro das limitações a que estão sujeitos ;
>
> —
>
> em segundo lugar, o uso do livre arbítrio não é um atributo de certa categoria de espíritos, mas uma *CONQUISTA* muito trabalhosa de cada espírito, de acôrdo com o seu estado de aperfeiçoamento moral.

Disto se conclui, logicamente, que o uso do livre arbítrio, em maior ou menor amplitude, guarda relação com o progresso espiritual. Isto não quer dizer, porém, que os espíritos atrasados não possam, de alguma forma, usar o livre arbítrio, dentro de uma esfera de ação muito acanhada, segundo o seu grau de desenvolvimento. Dizer que os espíritos menos adiantados não têm livre arbítrio, não podem escolher um rumo, um caminho a seguir é contrariar o próprio princípio de progressividade que rege todos os passos do espírito humano.

Já vimos qual é o pensamento de Colon a respeito do livre arbítrio e qual a razão de suas implicâncias, aliás respeitáveis, com algumas expressões empregadas por Allan Kardec. Vamos ver, agora, o que nos diz a doutrina espírita sôbre esta questão, que é, como se sabe, um dos pontos básicos da tese reencarnacionista. Veja-se, no *Livro dos Espíritos*, (questão n.° 258), relativa à escolha das provas, a seguinte pergunta : *Na erraticidade, antes de empreender nova existência corporal, o espírito tem consciência e previsão do que lhe há de acontecer ?* Resposta : *Êle próprio escolhe o gênero de provas que quer sofrer, e nisto consiste o livre arbítrio.* O ensino contido neste ponto é genérico, porque não faz restrição alguma, e por isso mesmo não se pode inferir, daí, que sòmente os espíritos superiores sejam capazes de usar o livre arbítrio, como afirma William Colon. Ora, se o espírito *ESCOLHE* o gênero de provas por que há-de passar na terra, é claro que tem algum discernimento, não é absolutamento destituido de livre arbítrio. Se, porém, tudo é relativo, tanto o livre arbítrio como o determinismo, é claro que a extensão do livre arbítrio depende do adiantamento moral do espírito : cada qual emprega o livre arbítrio até onde é possível, até o ponto em que já se libertou de certas injunções orgânicas, morais ou sociais. Tudo isto, por outras palavras, em termos mais simples, vem a ser o seguinte : Um espírito elevado, como Jeane D'Arc, por exemplo, consegue usar o seu livre arbítrio acima de todas as restrições e atrações do mundo, ao passo que o espírito de um cangaceiro ou de um salteador, ainda preso às contingências do mundo, não pode, de uma hora para outra, romper toda a cadeia de interêsses e ambições que o rodeiam. Se assim é, o livre arbítrio de um espírito iluminado manifesta-se em toda a plenitude, porque os espíritos de tal categoria já se *libertaram*, progressivamente, das grandezas e das misérias do mundo, e por isso fazem o que querem e sòmente *QUANDO QUEREM*, enquanto o espírito de um indivíduo viciado ou de um perverso ainda carece de muito tempo, muito esfôrço, muita renovação interior para que possa, aos poucos, libertar-se das imposições do mundo. Será que se pode concluir, daí, que o indivíduo viciado ou perverso não seja dotado de livre arbítrio, em grau correspondente a seu estado moral? Não. O criminoso da pior espécie pode, de um momento para outro, tomar uma resolução regeneradora e dizer consigo mesmo: *de hoje em diante não faço mais isto, vou entrar no caminho do bem!* Que é isto, senão o uso da vontade própria, e que é a vontade própria senão a manifestação do livre arbítrio? Evidentemente, o indivíduo defeitoso não pode levar o seu livre arbítrio ao ponto de se sobrepôr a todas as conveniências, a todas as paixões e ficar livre de desejos impuros, como ensina o Budismo, porque a sua vontade é muito limitada pela repercussão da própria animalidade. Seja como for, há sempre uma centelha de discernimento para determinar os atos conscientes. Se assim não fôsse, logo se esboroaria o princípio de responsabilidade, que é uma decorrência lógica da reencarnação. William Colon está, portanto, em desacordo com a doutrina espírita.

Não compreendo como é que se pode aceitar a reencarnação e não aceitar integralmente a tese da escolha das provas. Observe-se esta passagem do *Livro dos Espíritos* (questão 262) e logo se esclarece o assunto: Pergunta — *Como pode o espírito, na sua origem, simples e inexperiente, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?* Resposta: *Deus supre a sua inexperiência traçando-lhe o caminho que deve seguir, como farieis a uma criança que dirigisse desde o berço; mas Deus deixa-o pouco a pouco senhor de ESCOLHER, à medida que o SEU LIVRE ARBÍTRIO SE DESENVOLVE...* Já se vê que os espíritos NÃO SÃO ATRAIDOS inconscientemente pelo ambiente terreno, como quer William Colon, uma vez que há escolha consciente das provas. Colon não aceita êste princípio. Para o nosso Confrade, exclusivamente os espíritos adiantados é que podem escolher as provas, porque sómente êstes possuem livre arbítrio; os outros espíritos são *atraidos* por fôrça da afinidade, porque não têm vontade nem capacidade. Ora se até mesmo na condição de encarnado, sujeito á influência direta da matéria, o espírito não perde todo o seu livre arbítrio, tanto assim, que reage, muitas vezes, às imposições e aos desejos que lhe parecem deshonestos ou perigosos, com mais razão, é lógico, o livre arbítrio manifesta-se na condição de desencarnado, com um campo de percepção muito mais dilatado, porque livre da obscuridade imediata da matéria corporal.

Em prosseguimento, William Colon discute as questões n.s 122, 123, 124 e daí por diante, sempre com a preocupação de demonstrar diversas contradições no *Livro dos Espíritos*. Vejamos, por exemplo, como o Autor interpreta a questão 122, na qual se formulou a seguinte pergunta:

> *Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há nêles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?*

E' a seguinte a resposta do Espírito instrutor:

> *O livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fôsse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nêle, está fóra dêle, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. E' o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.*

Acha William Colon que a primeira parte da resposta está certa, isto é, a afirmativa de que o *livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo*; quanto ao resto, diz o Autor que a *contradição é evidente*. Não vejo contradição alguma. A interpretação de William Colon é que não está em harmonia com o verdadeiro sentido da resposta. Diz êle, na na página 145: *A contradição é evidente, porém isso não importava ao espirito, toda vez que satisfazia a seu fanatismo religioso ao sustentar e propagar* *a queda do paraíso e o pecado original. Êsses «santos» não perdiam oportunidade para propagar os dogmas da religião cristã.* Vê-se, claramente, que William Colon saiu do pensamento fundamental da questão. O escritor tirou, da segunda parte do trecho, uma conclusão que não coincide, de forma alguma, com o espírito da resposta. A referência feita à figura bíblica da queda do paraíso e ao pecado original é apenas termo de comparação. No entanto William Colon dá a entender que a doutrina espírita aceitou a crença no *paraíso* e no *pecado original.* Não é isto, absolutamente, o que se lê na resposta dada pelo espírito à pergunta 122. Jamais poderia o Espiritismo admitir *paraíso, pecado original, penas eternas* e outros ensinos da Igreja Católica, porque a tese reencarnacionista destrói, racionalmente, todos êsses dogmas. Quando o espírito instrutor de Kardec respondeu à pergunta, é claro que se serviu apenas da «figura emblemática» da queda do homem e do pecado original para dizer que, em face de seu livre arbítrio, o homem pode ceder ao êrro, como pode, também, resistir a todas as tentações. E' nisto que se prova o grau de desenvolvimento do livre arbítrio. Então, colocada a questão em termos de doutrina espírita, a chamada «queda do paraíso», que causa tanta embirrância ao Confrade Colon, nada mais é do que uma situação resultante da falta de vontade e domínio próprio para resistir aos arrastamentos. O homem cai, hoje, luta contra todos os fatores que lhe contrariam a vontade, e finalmente reergue-se amanhã. E' a luta da vida. Pela interpretação de Colon, entretanto, a doutrina espírita encampou a velha teoria da *queda do paraíso,* o que, em absoluto, não pode ser admitido. Essa teoria foi citada, apenas, como ilustração. Quem lê todas as perguntas e respostas relativas à questão n.° 122 e ás questões que se lhe seguem verifica, sem dificuldade, que a intenção da resposta citada é desfazer o aspecto simbólico da «queda do homem» e dar ao assunto uma interpretação compatível com a filosofia espírita. Todos nós estamos sujeitos a cair a qualquer momento; mas podemos corrigir o êrro e levantar de um momento para outro, conforme seja a fôrça de nossa vontade para ceder ou para resistir. E' isto, sem tirar nem pôr, o que está na questão 122. William Colon viu, apesar disto, uma contradição que, aliás, não existe.

Com os argumentos suscitados pela mesma questão, William Colon se refuta a si próprio em relação à tese do livre arbítrio. Como já vimos, segundo o ponto de vista de Colon, sòmente os espíritos adiantados podem usar o livre arbítrio, e por isso mesmo, os espíritos atrasados *NÃO ESCOLHEM* o gênero de provas na terra. Pois bem, se o *livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo,* como se lê na resposta já referida, é claro que êle existe em graus diversos, porque só se *desenvolve* aquilo que já existe. Ora, Colon concorda com êste ponto; se concorda com isto, como é que Colon afirma que os espíritos atrasados não podem fazer *escolha* de suas provas, quando é na escolha das provas que o espírito encontra o caminho para a regeneração através das vidas sucessivas? As objeções de Colon, embora sinceras, e eu o creio, não podem destruir a lógica dos ensinos do *Livro dos Espíritos,* cujo pensamento, sôbre o livre arbítrio, está muito bem sintetizado na questão 843: *Tem o homem o livre arbítrio de seus atos?* Resposta: *Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem livre arbítrio o homem seria máquina.* Logo adiante, na questão 844: *Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo.* Por que, pois, os espíritos atrasados não podem escolher as suas provas, se êles são inteligentes?... As «provas» e «èxpiações» se enquadram lògicamente na reencarnação.

Os argumentos de Colon são de natureza pessoal, e a liberdade de pensamento é uma necessidade que a doutrina espírita reconhece e defende. Todavia, as *contradições* apontadas no *Livro dos Espíritos* pela pena de Colon não têm, a meu ver, a procedência que o Autor lhes atribui.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua).

No plano invisível cada criatura sòmente poderá vêr através da luz que acendeu na própria alma.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— I —

E' fato notório que uma das características do trabalho humano reside em sua imperfeição. Os maiores gênios tiveram, ao lado de magistrais produções, equívocos lamentáveis. Quem, como nós, conhece a fundo a obra do Prof. Pietro Ubaldi, não pode deixar de estranhar a reviravolta, de BASE, que seu último livro apresentou. Desapareceram, frente a êle, aquela beleza, aquela exatidão, aquela lógica criadora, evolucionista CONSTANTE, monista, que vai d'A GRANDE SÍNTESE até o PROBLEMAS DO FUTURO.

Dentro do esquema *demonstrado*, mais que isso, *provado* pelas produções do Prof. Ubaldi, que antecederam o «DEUS E UNIVERSO», não havia problemas, soluções de continuidade, dogmatismos, maniqueísmos, e para quem estudou A GRANDE SÍNTESE, não foi difícil estabelecer uma escala de evolução que, partindo do Verbo Criador, essencialmente energia pura, em ondulações, se condensou nas primeiras formas atômicas e, individualizando-se, em múltiplas unidades, conforme o capítulo «A eletricidade globular e a vida», pág. 209 d'A GRANDE SÍNTESE, ganhou a coletiva unidade orgânica até chegar ao que é o homem de nossos dias. Dentro da tese de «uma criação progressiva, evolucionista», do átomo à galáxia, da monera ao gênio ou ao santo, a diferença é de tamanho, tamanho que se reduz ao amadurecimento por desenvolvimento do originário pensamento divino. É CLARO PORTANTO, LÓGICO E MONISTA, O PASSO DO INORGÂNICO PARA O ORGÂNICO; mas, se aceitarmos a tese do universo oriundo da «queda dos anjos», o absurdo do *retrocesso, da involução*, da perda de individualização será erigido como lei, e teremos que aceitar *a sequência do orgânico para o inorgânico.*

Foi A GRANDE SÍNTESE, com seu monismo, seu esquema de *evolução progressiva e constante*, nos ciclos múltiplos, que nos proporcionou a paz e a certeza da imortalidade da alma, da existência de Deus. Como criatura muito mais racional que sentimental, percebi o impacto dessa obra, e a ela me dobrei. Tenho pelo Prof. Pietro Ubaldi, como pelo Prof. Ernesto Bozzano, por Gustavo Geley e por Francisco Cândido Xavier o respeito e admiração que devemos a qualquer benfeitor. Mas os trabalhos dêsses homens, ensinam a honestidade, e é num preito a ela que alicerçarei meus reparos ao livro «DEUS E UNIVERSO».

Atribuindo pois ao aspecto da falência humana o êrro basilar, contraditório às suas anteriores elucidações, é que nos animamos a procurar as razões que determinaram essa mudança no modo de ver as origens da vida, por parte do Prof. Ubaldi.

Para mostrar o quanto a nova obra está em desacôrdo com os livros precedentes, citarei êste trecho do livro DEUS E UNIVERSO, pag. 224.

«E' nosso intento, todavia, ainda esclarecer melhor qualquer dúvida, especialmente no que se refere à teoria, em que crêem muitos, pela qual se admite, *ao invés da queda dos anjos, uma criação progressiva*, EVOLUCIONISTA, no seio de um universo imperfeitamente criado e em via de aperfeiçoamento constante.» (grifos nossos)

O universo não foi «imperfeitamente criado e nem está em processo de aperfeiçoamento contínuo». Pela «Grande Síntese» tudo é perfeito em seu nível, pois perfeição e imperfeição são aspectos que definem, muito mais, quem observa do que a coisa observada. O que a ciência constata, com a «quarta dimensão e relatividade» é que o universo está em processo de expansão, o que se ajusta com a «GRANDE SÍNTESE» quando diz que «evolução ou superação, é um processo de expansão do sêr». *DEUS se expande com a Sua criação.* A primeira parte da oração acima citada, é perfeita, mas o autor, como faz constantemente em DEUS E UNIVERSO, partindo de premissas certas, tira conclusões erradas, e isso nós demonstraremos sobejamente com a continuação dos nossos artigos. Resta ainda dizer que, se Deus, *na tese evolucionista constante*, criou um universo imperfeito, não menos imperfeito foi o universo criado com espíritos falíveis, *pois falível é o imperfeito,* e o universo da «quéda dos anjos», e do acabrunhante, embora «teórico» INFERNO ETERNO, foi imperfeito também.

Em nossos trabalhos evitaremos trazer outros autores, entre os quais Kardec, pois êste, por prudência ou impossibilidade da época, partiu do ponto em que diz: «— Deus fez as almas simples e ignorantes.» Não buscou em minúcias as fontes da vida nem a gênese da matéria e do espírito. Deixou entretanto, bem claro, o esboço evolucionista, com o passo do *inorgânico para o orgânico,* quando disse que «há sêres que nascem expontâneamente», e nesse «espontâneamente» vemos *o ponto crítico de amadurecimento,* quando, sem milagre criativo, sem violência, a individualização, por capacidade, passa a assimilar e a eliminar, nos rudimentos de um metabolismo de vida orgânica. A resposta da pergunta de n. °46, do «Livro dos Espíritos» é bem clara, nesse sentido.

Nosso trabalho será colocar frente a frente, as anteriores afirmações dos livros que vão d'A GRANDE SÍNTESE até o PROBLEMA DO FUTURO, com as afirmações do livro DEUS E UNIVERSO no que tange à origem e às fontes da vida. Mesmo êste último livro, não é um bloco de coerência, pois é constantemente contraditório.

Muitos dirão com o Prof. que a obra dêle agora se completa e, para justificar isso, essa complementação de antípodas, dirão, com êle, o que está no prefácio do próprio autor.

«Mas, afim de que o plano do conhecimento desenvolvido em toda a Obra pudesse ser executado, urgia completar a concepção de «A GRANDE SÍNTESE», *que encara o universo em função do homem,* enquadrando-a em uma concepção ainda mais vasta, *que encara o universo em função de Deus.*»

Fica, pois, bem claro, com as palavras do Prof., que o último livro tem, como ponto de observação, outro que não o dos livros anteriores. O natural seria o «enquadramento», o engolfamento da verdade menor, pela maior. Não o choque dessa com a primeira. O choque é sempre do pequeno com o grande, e não vice-versa, pois o grande compreende o pequeno. O que observamos é que o DEUS E UNIVERSO, amesquinhou-se, e ao invés, como era seu propósito, de envolver e comportar os livros precedentes, trouxe a balbúrdia de erros e de dúvidas.

Acresce notar que «A GRANDE SÍNTESE» foi obra ditada por «SUA VOZ», inteligência superior ao nosso plano de vida. Os livros que se seguiram, sendo embora trabalho pessoal do autor, *estiveram sempre* presos ao esquema original. (Mediunidades racional-analítica e intuitivo-sintética). E' compreensível *o universo em função do homem,* mas, para uma teorização *do universo em função de Deus,* necessário seria que seu autor se situasse na posição do Criador. Que um sêr tenha visões das coisas divinas, nada de mais, porém que o relativíssimo sêr dos nossos dias tenha A VISÃO DIVINA, ou melhor, veja o que Deus quís ou quer, não é razoável, nem demonstrável.

Embora muita gente nos tenha acusado de «ubaldista», nem sempre concordamos com o Prof., do mesmo modo que sendo espírita, nem sempre estou de acôrdo com os «ensinos dos espíritos» codificados por Kardec. Assim, discordamos no livro «AS NOURES», pág. 152, da afirmativa do Prof.:

«Se as fôrças desagregantes do mal chegarem a vencer as fôrças construtivas do bem, então as portas da Europa desorganizada se abrirão de par a par diante da ameaça imensa da Ásia, do dragão gigantesco e terrível que já levanta a cabeça, mirando a prêsa suculenta. *Enceguece-o, porém, uma luz, que se irradia de Roma, centro espiritual do mundo.*»

A oração acima comporta vários reparos. O primeiro é que os asiáticos, na tese monista, também são filhos de Deus, e dragões e serafins, existem na Ásia e na Europa. Se há prêsa suculenta, esta tem sido a Ásia, sempre dominada pela Europa. Todo o mundo sabe que quem deteve o passo da Rússia, foi o poder econômico e bélico, não de Roma, mas dos E.E. U.U., aliado ao espírito de liberdade da criatura humana. Mas a afirmativa, conforme veremos em outras citações, *«dessa luz que se irradia de Roma, centro espiritual do mundo»,* só pode provir de um católico, apostólico, romano ou italiano, que esteja por atavismo ou por assalto de entidades espirituais do gênero, subordinado aos seus interêsses. De há muito Roma não tem luz espiritual alguma. O *Vaticano não representa o centro espiritual do mundo,* sendo, isto sim, o quase centro (o 2.º) econômico e político da terra. Quando estudarmos o porque da teoria da *quéda dos anjos* e do *inferno eterno* ou aniquilamento completo, teremos que abordar um aspecto constantemente manifesto pelo Prof. Ubaldi, seja pelas liturgias católicas, pela adoração de imagens, igrejas, etc... e indicaremos as várias passagens em que isso está manifestado. O capítulo da PRECE, do livro DEUS E UNIVERSO, colide com tudo isso, e foi escrito pelo próprio homem que executa o inverso.

Não há no último livro, aquela pujança de argumentação, que arrazava as contestações. Não somos contrários a tese da *queda dos anjos* e do *inferno eterno* por fobia ao catolicismo, pois, esqueceu-se o Prof., não é só êle que defende tal dogmático princípio. Não é justo que o Prof. insinue que a resistência a tais princípios, possam partir de antipatias ao catolicismo, como sugere ao dizer, na pág, 227 do DEUS E UNIVERSO:

«Se a alguém por preconceito de grupo ou seita, pode desagradar a teoria da quéda dos anjos, apenas porque ela é admitida pela teologia católica...» Isso não diz respeito a nossa maneira de agir, e consideramos uma aleivosia, ao espírito sadio de pesquisa de todos aquêles que possuem capacidade para ler e compreender as obras do Prof. Poderá ser também a falta de um argumento melhor!... Há muita coisa da igreja de Roma que é exato e, fiel ao meu modo de discernir, jámais aceitei ou rejeitei algum argumento pelo *«magister»* de quem disse ou pela forma que foi dito. Muito acima do Vaticano, está o Cristo, de quem nem tudo aceito, por não saber, *em princípio*, se foi dito por Êle, e em forma mais acentuada, porque muita coisa que foi posta em Sua boca, contrariar a razão, a moral e os fatos. Fico com a síntese de seu corpo moral, consubstanciado no «Evangelho segundo o Espiritismo». E olhem que já é muita coisa.

Da mesma forma, não concordei com o Prof. Ubaldi, quando em seu livro «FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E PAIXÃO», capítulo «A justiça Econômica», pag. 371, ao surpreender um ladrão em sua casa, após um melodrama, dirige-se a êle e diz: «Você na certa é um comunista». Julgamento pueril e arriscado, pois nem todos ladrões são comunistas, e, em matéria de roubalheira, os capitalistas tem maiores parcelas. Prefiro ver no ladrão comum muito mais um adepto do «free interprise», que crê de maneira mais acentuada na iniciativa particular, do que um simpatizante do «tudo é nosso». Mas essas e outras discordâncias, eram «coisinhas», e quem acerta 99, tem o direito de errar 1. Agora não, a discordância é basilar e fundamental. Tanto assim que, se tirarmos a tese da «quéda dos anjos» e do «inferno eterno», a marcha evolutiva dêsse último livro é idêntica a dos livros anteriores. O problema é pois, *o da origem do nosso universo, de nossa vida e dos desígnios primitivos do Criador*. Foi aí que o Prof. cometeu o equívoco que estigmatiza todas as produções humanas. Errou e vamos dizer como e porque, dentro da técnica dos transes místicos e mediúnicos que o Prof. nos ensinou com suas obras precedentes. Se sua obra fosse perfeita, ela seria a última palavra. Que pode vir além do perfeito? Cessaria tudo, pois o *pensamento*, *a vontade* e *a obra* do Criador estariam para sempre desnudos.

Diz o Prof. Ubaldi, na «introdução» do livro DEUS E UNIVERSO:

«Numa *grande reviravolta de minha vida* e da vida do mundo nasceu êste livro, *de golpe*, como uma explosão. Foi escrito em vinte noites, pouco antes da páscoa de 1951, aproveitando-me de uma bronquite *que me forçava ao repouso*, furtando-me ao trabalho diurno normal, necessário para a manutenção de minha família. *Escrevi-o sob intensa febre, que facilitava a elevação do potencial nervoso*, na solidão gelada de Gubbio. Como aqui está registrado, *a visão* me apareceu, em vinte etapas ou capítulos, no silêncio tumular daquelas longas noites hibernais.» (grifos nossos)

Esteja seguro o Prof. que não confundiremos: A *super* com a *sub* consciência. Não englobaremos no anormal, o superior e o inferior. Pelo contrário, com base no que está escrito acima, iniciaremos os comentários de nosso próximo artigo, tendo presente ainda, que o próprio Prof. nos adverte de que as «percepções intuitivas e místicas», «necessitam ser submetidas ao espírito racional, em trabalho posterior», afim de que o autêntico e o ilusório não se confundam e a alucinação não seja levada em conta de visão real do fenômeno.

Rua Quimberlita, 490—Belo Horizonte—Minas

Dor Fantasma

Alfredo d'Alcântara

«O GLOBO», grande vespertino carioca, mantém uma seção muito interessante intitulada «O que você deve saber de medicina», onde expõe a opinião de vários professores, de valor universal no mundo médico, sôbre casos selecionados. Em o número de 6 de fevereiro último, diz o ilustre cientista Dr. Walter C. Alvarez, da famosa Clínica de Mayo, nos Estados Unidos da América do Norte, sob a epígrafe acima :

«Como muitos velhos soldados que tiveram uma perna amputada sabem, uma pessoa a que foi amputado um membro pode sentir muita dor no lugar onde esteve aquela parte do corpo que foi retirada. As vezes, uma pessoa assim chega a pedir aos médicos para retirar o que restou daquêle membro e tentar fazer alguma coisa para dar fim a dor. Êsse fenômeno é chamado «dor fantasma». O que acontece em tal caso é que as sensações causadas talvez no extremo cortado do grande nervo do membro continuam dirigindo-se ao cérebro. Uma vez que durante toda a vida do homem o cérebro sentiu sensações que vinham pelo nervo, quando o membro é retirado o cérebro continua a localizar as sensações no lugar onde a perna, ou braço, estava situado. Há casos em que tais sensações são extremamente dolorosas. Para ajudar as pessoas na compreensão dêsse tipo de dor, eu faço lembrar que, quando atingem o «osso do riso» — nervo que passa pela depressão do cotovelo — elas sentem a sensação não ali, mas no dedinho da mão e na metade do dedo anular, que é a área servida por aquele nervo».

A leitura dêsse trecho despertou em nós o desejo de transladar para a letra de fôrma, já agora melhor escudados pela debilidade da convicção materialista que se patenteia nêle, algumas das considerações que expendemos na palestra realizada em fevereiro findo, na séde do venerando Centro E. Fernandes Figueira, sôbre êsse sempre palpitante assunto : a dor. Nessa ocasião procuramos, mais uma vez, defender a tese, nem sempre aceita por unanimidade : «Não existe dor física ; toda dor é espiritual». Por que ?

Porque dor é uma sensação e a séde das sensações é a alma que está alojada no cérebro dos animais, desde o mais rude irracional ao homem mais apurado em civilização. A ciência concorda conôsco, menos quanto a existência dessa alma que admitimos com personalidade, independência e domínio sôbre a matéria. Para ela alma é secreção cerebral e no cérebro confina todas as funções do organismo humano, mesmo as de ordem metafísica como o sentimento e a inteligência. Todavia, resta-nos a consolação de que nem todos os cientistas rezam na cartilha de tão estéril materialismo. Por exemplo : o Dr. Maurice Fleury, insigne neurologista francês e professor na Sarbonne, escreve em seu magnifico livro, vertido para vários idiomas, «Introdução à Medicina do Espírito», página 153 : «Estas grandes células piramidais da crôsta cerebral contemplamo-las com admiração : servem-nos para nos fazer sentir e, por consequência, para nos fazer pensar. Se admitis sòmente aquilo que vem da matéria, esta célula, ponto culminante dos três reinos da natureza, é o último Buda que resta à honrar ; e podereis encará-la como se fôra um deus, pois é ela que nos revela o mundo e nô-la cria, por assim dizer. Mas vós que sentis uma alma feita a imagem do Criador, considerai ainda com estima esta pequena mancha, escura e torcida, cujo contôrno vos mostro ; é ali que Psiquê se encarnou, ali foi que o Espírito desceu. E' o ponto misterioso em que se detêm a metafísica e onde começa o que os nossos fracos sentidos podem conhecer».

Aprendemos com a ciência que a rêde de nervos, sensitivos e motores, que se espalha, milimetro à milimetro, por todo organismo, leva à crôsta cerebral a notícia de tudo que se refere a vida do individuo, e de lá traz, em forma de reação, a energia precisa ao contrôle da situação.

Particularizemos o caso :

De cada pé de um individuo partem dois nervos, um sensitivo e outro motor. O primeiro atinge a parte anterior da medula espinhal, depois de haver atravessado um pequeno nódulo de tecido nervoso que se chama gânglio, o segundo vai direto à parte posterior da medula. Daí em diante fundidos em um único com a denominação de nervo-misto, sobe à coluna vertebral, atravessa o bulbo, o cerebelo e penetra a intimidade das células gigantes da crôsta cerebral. Se o individuo pisa uma brasa, ou espeta um pé, experimenta uma sensação dolorosa a que se segue um movimento brusco de defesa. A ciência chama a isto um reflexo, cujo mecanismo procura explicar: o nervo sensitivo levou ao gânglio, que é uma espécie de sub-estação de eletricidade ou um acumulador de energia nêurica, a notícia do acidente e o gânglio transforma a ação em reação determinando a defesa, que é executada por intermédio do nervo motor. Mas, a notícia conduzida pelo sensitivo não parou no gânglio, prosseguiu pelo nervo misto com a velocidade do pensamento até determinada localização da crôsta cerebral, o que tira ao fenômeno parte da sua simplicidade aparente. Se estivesse cortado o sensitivo no seu trajeto entre a parte acidentada do pé e o gânglio, não teria havido dor, nem o consequente movimento de defesa quando ocorreu o acidente; o mesmo sucederia se o corte estivesse localizado acima do gânglio, portanto, já no nervo misto. Num ou noutro caso, a notícia não teria alcançado o cérebro onde seria transformada em sensações de dor, nem dêle descido a ordem para o movimento defensivo, pela simples razão de que o fio condutor estando partido interrompem-se as comunicações entre os pontos que êle liga. O gânglio não comanda defesa nenhuma porque, como simples estação acumuladora de energia muscular, apenas fornece o suprimento necessário à execução da ordem recebida que só poderá vir do cérebro e expedida por quem sofre a sensação dolorosa. Quem é ?

Aqui entra a instrução espìrita para responder: a Alma, sêr imaterial, que concentra em si o princípio da inteligência e o poder da volição. Ela se encontra envolta pelo perispírito, que é uma espécie de corpo fluídico de natureza material, mas tão sutil que sòmente em casos especialíssimos pode ser constatado pelo aparelho visual, tendo a forma exata do corpo a que serviu de mólde quando em gestação no útero materno. O perispírito é o intermediário entre a matéria bruta de que se compõe o corpo carnal e a alma, de natureza puramente espiritual: transmite a esta as vibrações moleculares do organismo, que ela transforma em sensações, e à êste as ordens que dela emanam e que resultam em movimento e ação.

Atentemos em uma curiosa observação que vem a talho de foice para robustecer a convicção de que a nossa alma está alojada na região cerebral: Quando um fotógrafo abre a objetiva da sua máquina para apanhar uma qualquer imagem os raios luminosos que insidem sôbre essa imagem se precipitam por uma abertura estreita e entram na câmara escura, mas como precisam unir-se muito para vencerem o reduzido diâmetro do orifício, os que são do alto tomam a direção de baixo e os de baixo a direção do alto, resultando que a figura se estampa na chapa, colocada ao fundo, de modo invertido, isto é, de cabeça para baixo. O fotógrafo é que vira o negativo para poder ver a imagem na posição normal e prosseguir a sua operação fotográfica. Os nossos olhos se comportam tal qual a máquina fotográfica, projetando na retina, que faz as vezes de chapa sensível, tudo o que vê igualmente de cabeça para baixo, mas como a retina não pode ser virada como a chapa, as imagens visuais seguem através do nervo ótico para o cérebro e êste, como o fotógrafo, as vira instantâneamente para serem vistas em posição normal. Mas, vistas por quem ? — Claro que pela alma que mora naquela região. Visão é sensação e a matéria, por si mesma, não experimenta sensação de espécie alguma.

Chegamos ao ponto culminante dêste estudo, DOR FANTASMA, cujo mecanismo a ciência tenta explicar, sem que o consiga de modo claro em virtude do seu pertinaz materialismo que a deixa perdida no labirinto indevassável das células gigantes da massa cinzenta, à que se pretende atribuir toda sabedoria e sentimentos do homem, como também os seus enganos e vacilações. E' imprescindível admitir a alma como sêr, pensante e independente, animando e dirigindo o corpo somático para que se possa compreender êsse fenômeno maravilhoso — VIDA — dentro e fóra do âmbito da matéria.

A ciência um dia, levada pela ânsia de descobrir toda verdade, encontrará a alma com o seu envoltório perispirítico dentro do corpo animal, e então poderá dizer, como o fazemos nós agora, mau grado não possuirmos autoridade científica: «a dor fantasma não é criação arbitrária e enganosa do cérebro que se acostumara com as vibrações moleculares do membro que já não existe, mas sim uma sensação real experimentada pela alma do mutilado resultante da vibração do perispìrito na parte em que existiu um membro carnal a que êle estivera ligado molécula à molécula. O perispírito não se mutila, em qualquer circunstância é sempre integral.

Suponhamos que um homem é decapitado por certeiro e único golpe, quando caminhava despreocupado. A cabeça rola para o chão, mas o corpo se mantém eréto e caminha ainda alguns passos na direção que levava, para sòmente tombar definitivamente quando a energia vital se extinguiu; enquanto pôde obedeceu as injunções anímicas. O espírito, que é, como já vimos, a alma envolta no seu perispírito, êsse não cái; continua de pé e prossegue a caminhada para o seu destino eterno, de vez que possúe, na parte essencial que é a alma, a verdadeira vida, essa que não precisa de combinações físico-químicas para poder coexistir com a que a ciência vê no protoplasma porque é inestinguivel como o próprio Deus que a engendrou.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XVI CAPÍTULO

Novamente em Salvador

1) Novamente às sopas de outros! Agora, da tia Odilia, em Salvador, amontoados, por assim, dizer numa casa velha, já ocupada por duas famílias.

2) A parte da frente, um primeiro andar para a *Ladeira da Montanha,* moradia de uma parteira e cosinheira com dois filhos, um rapaz e uma rapariga. A parte do fundo, um quarto andar, dava para o último andar do edifício, lá muito conhecido, do Bazar 65.

3) No andar exatamente com frente para nós, fazia-se sessão espírita, tudo fechado. Uma noite, um espírito manifestado, fez mover-se o piano, volitar no ambiente, abrir-se as janelas, sair e pousar lentamente, suavemente, lá em baixo, na rua...

4) Uma prova da existência e manifestação dos Espíritos, para o testemunho de certos espíritos fortes que lá foram para verem, negarem, ridicularizarem...

5) O piano para voltar, novamente, ao 4.º andar, careceu até de guindaste e de muitos creolos peritos no serviço de transportar pianos...

6) Meus irmãos encontraram facilmente, serviço: o João, como agente de hóspedes do *Hotel Central,* da *Rua do Julião.* O José, caixeiro da venda do Sr. Ramiro, no Mar Grande, uma praia de veraneio a oeste da ilha de Itaparica, a que fomos, um dia, meus pais e eu, visitá-lo.

7) Serviço para mim foi mais difícil.

A Odilia chegou a levar-me a «preta dos buzios», á Rua da Conceição da Praia.

8) A preta velha fez sua reza e atirou — nós três de cócoras, derredor — os buzios ao chão, dizendo ou rezando:

Sapatazá! Sapatazá!
Moço qui taqui qué sempregá...

9) E acompanhava, resmungando — *cum! cum! cum!* — a dança dos buzios, dizendo, depois: *«Você vai pra uma loja na rua dos Agibes* (Algibebes) *qui tem la um lugá numa loja de fazenda pra você se empregá».*

10) — Quem é *sapatazá?*

E' o insprito de meu anjo guardião, qui sempre me asseste.

11) — Procurei todas as lojas de fazenda da Rua dos Algibebes, sem encontrar lugar para mim em nenhuma delas.

* * *

12) — A inquilina da frente era linguaruda, mascava fumo grosso, gostava de falar muito da vida alheia, e contar histórias de assombração.

13) Chegava em casa, raramente ralhava com a filha muito namoradeira, falava do filho açougueiro e analfabeto; que gostava de vestir-se na linha, sem dar nada em casa. Depois, ia desabafar comigo.

14) De suas histórias de assombração, houve, até, uma, que eu poria, depois, em meu *Consciências*.

15) Vale a pena repetí-la. Um homem de seu conhecimento, matreiro, bilontra, folgazão, deixava sempre a mulher e os filhos por outras amisades duvidosas. Um dia farreou tanto em Itapagipe, que perdeu o último bonde. Botou-se de pé para casa, exatamente na *Ladeira da Montanha*. Á Rua do Gazometro, viu um embrulho de jornal mexer-se. Era um menino enjeitado. Apesar de tudo, tinha bom coração. Apanhou o garoto para criá-lo. Leva-o com muito cuidado. Mas, adiante sente que o engeitado está pesando muito, mais do que devia e olha para o menino. Está mais crescido. e volta-se o garoto para êle a rir-se. Descobre um dente enorme, no maxilar inferior, isolado. Cheio de pavor, atira o menino à rua e sai correndo desesperadamente. Adiante, em *Aguas de Meninos,* esfalfado, resfolegando, cai não cai de cansado e de pavor, — encontra um cavalheiro em baixo do lampião, que lhe diz :

— Que lhe aconteceu, amigo? O senhor está tão cansado. Tão apavorado, que . . .

— Nem lhe conto : Eu vinha para casa, já cansado e sonolento, quando . . .

E desfiou a história do achado macabro até chegar ao riso do garoto, ao dentão. O interlocutor interrompeu-o, perguntando, num riso irônico, satírico :

— Será este ?

Era, efetivamente, o mesmo dente isolado, no maxilar inferior, apavorante.

* * *

16) Meu pai, também versado em histórias de assombração, tinha seus fatos assombrosos para contar-me. Aqui vai uma de suas histórias mais significativas :

17) Êle e um companheiro viajavam sertão alto da Bahia. Hospedaram-se, uma noite numa casa velha. Deram-lhes para dormir um quarto de frente para o oitão. Lá fóra, uma enorme cajazeira engalhada, sem folhas, que se estavam no fim do verão. A casa, e principalmente o quarto, malassombrado. «Nada! conversa fiada. Não creio nisso» disse, incrédulo e irreverente, o companheiro, a propósito do que se conversou a noite, antes de dormir, sôbre fantasmas, principalmente, sôbre os fatos ali verificados. Dormiram. Na manhã seguinte a roupa de meu pai, no lugar em que êle pusera. A roupa de companheiro, lá no galho da cajazeira, as mangas da camisa do casaco e as pernas das calças de tal modo ajustadas aos galhos, esticadinhos tudo que foram cortados a tesoura para sair. E, depois, costurados novamente.

* * *

18) A *Maria Gorda* era uma mulher gorda, macissa, descansada, que se distraia em botar cartas para melhorar a situação de toda gente. Não tinha morada certa. Acomodava-se em toda parte, á miude, lá por casa, nas duas moradas, tornando-as ainda mais atravancadas . . .

19) Pôs um dia, as cartas para mim. E disse coisas feias, ruins, apavorantes a meu respeito. «Coitado de você, Leopoldo! As cartas dizem que você vai ser tão infeliz, tão infeliz que, se não tiver quem tenha pena de voce . . .»

20) Eu era, ainda, músico da *Lira do Apolo*, a que ia, às quartas feiras, aos ensaios. Tocava a minha trompa, fazendo centros, a repetir as notas, com tal garbo, que os melhores músicos não me ganhavam, embora eu não nascesse, nesta existência, para a música...

21) Exatamente no dia em que mais ouvi histórias de fantasmas, em que a Maria Gorda pôs as cartas para mim, quando voltei do ensaio, alta noite, tudo já dormindo, em silêncio a casa e a rua, lá estava a Maria Gorda à sacada, olhando para baixo, como a esperar alguém.

22) Vi, de longe, o vulto de mulher e tive medo, pensando nos fantasmas das histórias do dia. Foi a custo que avancei. Quando descobri quem era, é que me veio o ânimo . . .

23) Aquí a estas horas ? Vendo ainda fantasmas ? pensando nas cartas mágicas ?

24) Não. Esperando por você, pensando muito no seu caso, em você, com tanta pena de você que não pude conciliar o sono.

25) E esforçava-se para que sua conversa e sua *pena de mim* tomassem outros aspectos, que não me estavam interessando...

26) Bem. Está tarde. Eu estou cansado. Vou deixar sua piedade por mim para amanhã. Boa noite que, agora, é dormir...

O Cristo Desconhecido

Edson de Abreu

NO presente trabalho deverei considerar algumas questões que não se enquadram no campo de estudos de minha preferência. E' natural que assim aconteça, entretanto, pois a importância dos assuntos a serem tratados me parece indiscutível e indiscutível também sua oportunidade. E o estudioso do Espiritismo nem sempre se pode distanciar da realidade ambiente: desconhecer a diferença — que é grande e que aumenta — entre os princípios do Espiritismo, o idealismo de seus fins e a fôrça magnífica de seus métodos — e as espécies de coisas que em vários lugares se cometem. Quando as inexatidões, os lapsos, os êrros, toda uma grande série de indevidas contribuições à realidade são cometidas em matéria filosófica ou científica, se é muito grave o problema, não chega, entretanto, a alarmar. Porém não é o caso de certas atitudes que põem em perigo o futuro do ambiente moral de nosso movimento. Ora, sabe-se que as ciências possuem o objetivo de permitir, indiretamente, «o crescer» e o «realizar-se» do sêr. (1) Mas além disso têm aplicações de ordem prática; e os fenômenos espíritas organizados em ciência, objetivam, quando causam o desenvolvimento das partes filosófica e moral do Espiritismo, objetivam, dizia eu, a transformação moral do homem. E essa transformação não é como a entenderia um estóico; possui um sentido teleológico profundo: a harmonização de propósitos entre o homem e Deus. Daí se infere a importância do problema em causa para todos os espíritas, sem exceção.

A expressão «Cristo Desconhecido» é preciso venha a ser bem compreendida. Toda vez que cometemos lapso de moral, como que desconhecemos a Jesus em sua doutrina. Como que desconhecemos, disse eu, pois o fato não implica, necessàriamente má inteligência dos Evangelhos, errônea interpretação da doutrina de de Jesus; trata-se antes dos resultados das paixões não contidas ou dos preconceitos não dominados. Quando nos vencem, ocultam a luz de nosso entendimento — como uma nuvem que passa esconde o brilho de uma estrêla. Tomo aquela expressão para ensinos de Jesus (de ordem puramente ética) interpretados errôneamente; certas atitudes que infelizmente começam a se fazer habituais em nosso meio e por bom número de pessoas, atitudes que não se harmonizam com a doutrina dos Evangelhos, podem ser consideradas como representando um desconhecimento do Cristo por parte dos que as defendem. Várias dessas atitudes são de ordem coletiva e não individual. Ou seja, explicando-me melhor: na esfera das ações individuais observa-se que determinados confrades têm idéias de valor e que suas atitudes se pautam por elas. Reunidos, gerindo, por exemplo, os interêsses de uma associação, a fôrça que advém daquelas idéias parece falecer, os atos perdem autoridade faltos de coerência com as convicções. Ensina-se, pois, na sessão de estudos uma coisa; pratica-se algumas vezes, na vida particular, o que se pregou. Mas, na esfera das ações coletivas, quando os homens se reunem em grupos e os grupos em associações, o que estas fazem é coisa muitas vezes bem diversa... Eis aqui um exemplo, hipotético, aliás, entre os muitos que poderia dar: uma associação expede, às vésperas de uma eleição para preenchimento de cargos no Congresso Nacional, pequena mensagem prègando o dever de os espíritas não se desinteressarem da vida cívica, procurando, apenas, votar nos homens de bem, mesmo até em benefício do progresso moral de nossa terra. Ao mesmo tempo aconselha a que não se transformem os centros espíritas em redutos de propaganda eleitoral. Até aí nada mais certo e mais oportuno. Entretanto, ao mesmo tempo, a associação expede a mensagem e junta a ela uma circular pedindo votos para o vereador X ou o deputado Y... Outro exemplo: a associação Z mantém uma «escola» (pelo menos ela julga que a espécie de coisa que mantém é uma escola) em benefício da qual solicita e obtém uma verba; mas... a verba se gasta não na melhoria da putativa escola mas na do centro: compram-se algumas cadeiras, um retrato de Allan Kardec (ou de São Jorge...) alguns livros de André Luiz e assim por diante...

Qual a psicologia dêsses atos? — interêsse material? não! a honestidade material de quase todos é manifesta. Muitos, antes de auferirem vantagens pecuniárias, têm despesas com reformas ou simples manutenção da sociedade. O que me parece mais provável é o amor egoístico que êsses homens possuem pela sua associação. Dêsse amor egoístico uma série de problemas advém. Fazer sua associação grande, rica, próspera é seu propósito maior; no seu íntimo, no mais profundo de sua própria personalidade uma idéia oculta existe: no aumento de riqueza ou de prestígio mundano de sua associação, êles irão encontrar compensação para muita coisa de sua vida... Assim como, às vezes, um pai se encontra e se reflete em seu filho e nêle põe suas mais amplas esperanças não tanto pelo amor desinteressado que lhe vote, como principalmente porque o filho pode vir a ser um instrumento de exaltação da personalidade paterna...

Dentro de certos limites isto seria natural — pois não somos puro intelecto e há muito de emoção em nós mesmos. O mal, em tais casos, é que o zelo se transformou em egoismo, o amor degenerou em obsessão e as paixões — normalmente úteis — de dominadas passaram a dominar. (2) Como alguns se fecham a toda auto-crítica e essas práticas são aceitas por muitos, parece-me tratar-se de desconhecimento de Jesus em sua doutrina. Não é justo vermos que êles estão desconhecendo o Cristo que se referiu aos que, para conquistarem o mundo perdem sua alma (3) e o Cristo que não concordou com os que atam fardos pesados aos ombros dos outros homens mas êles nem com o dedo querem movê-los? (4)

E que dizer dos que, em nome da fraternidade, em nome do Evangelho, a pretexto de unificação, contemporizam quando não pactuam de várias formas com o êrro? dêsses que, homens de bem, para que haja no Espiritismo «um só rebanho e um só Pastor» não hesitam em apoiar, tacitamente, as atitudes faltas de moral de uns tantos. Para que haja «unificação» unem num mesmo movimento os homens de bem aos que alimentam interêsses inconfessáveis. A's vezes, sabedores dêsses atos menos dignos, homens de bem se omitem, silenciam, do que resulta que muitos outros menos bem informados se enganam quanto ao valor daquelas atitudes. Os primeiros se defendem mostrando cenas da vida do Cristo: Jesus em casa de Zaqueu, Jesus entre os publicanos. Assim, sem o perceberem se comparam ao Cristo... Mas nós vimos que Jesus se chegou aos que erravam foi para ensinar as virtudes e se com êles esteve não chegou a admiti-los como discípulos. De resto, mostrou Kardec o conceito dos judeus sôbre os publicanos e assim é mais fácil de compreender-se o publicano Leví ser discípulo do Mestre. E o que também observamos é que o Cristo não se omitiu, não tergivesou em matéria de moral. Sem se desmandar em atitudes violentas soube *denunciar o êrro* — e com êle não se acumpliciou (5). Conhece-se, com efeito, o Cristo que ensinou a virtude; mas alguns desconhecem o Cristo que denunciou o vício. E não era essa atitude bastante natural? nós o chamamos, com muita verdade de Mestre, e um mestre se ensina o que é certo não perde oportunidade de mostrar o que é errado. Ora, se o tomamos como modelo, é natural imitá-lo também nisto. *Guardando, bem entendido a compóstura devida (6).*

Referirme-ei, agora, ao pensamento que se disfarça, às atitudes ambíguas, às frases que, pronunciadas como para combater o êrro, acabam por dar vazão a rivalidades pessoais. Surjam divergências de interpretação numa sociedade, receba esta a visita de confrade de algumas de cujas idéias se divirja e ver-se-á como, no decorrer das preleções que então ocorrem, alguém diz a alguém uma série de indiretas, de alusões ferinas a envenenarem o ambiente da sessão. Mesmo até durante uma prece há quem recorra a êsses processos... Não se trata, pròpriamente, de maldade de coração; é alguma falta de tolerância para com atitudes menos fraternas de outro confrade; é se quiserem, aquêle zêlo *excessivo* do homem religioso, que se põe em ação. Os que assim agem podem ser encontrados em qualquer época e em qualquer religião, tanto assim que seu melhor retrato foi feito, ao meu ver, em 1508, por Erasmo. Assim diz êle, referindo-se aos monges:

> «Não irriteis essas vespas; vingar-se-iam nos sermões em que designam o inimigo por referências oblíquas de maneira que não entenda quem seja incapaz de entender. Nunca mais deixarão de ladrar, até que se lhes meta a papa na bôca.» (7)

A ação desagregadora exercida por êsse modo de agir é tão grande que sua erradicação em nosso meio seria bastante desejavel (8). Não obstante, um cuidado agora me acorre: é que, a pretexto de não querer praticá-lo tivessem livre campo os que se acham muito sinceros mas não passam de deseducados...

Tratarei, enfim, de outro problema de ordem menos geral e mais sujeito à discussão do que os outros. Sentiu-o muito bem o grande jornalista Pierre van Paassem, nos dias perturbados que antecederam o início da 2.ª Grande Guerra. Paassem chegara à Abissinia mêses antes da guerra ítalo-etiópica. Conduzido à presença do Negus, pediu-lhe êste redigisse um manifesto dirigido à «consciência do mundo cristão», e como o jornalista esperasse que a publicação do manifesto viesse a provocar uma ação mais efetiva das Igrejas junto aos governos no sentido de se impedir o ataque de Mussolini à Etiópia, lembrou-lhe Selassié que não tivesse tanta esperança, pois as igrejas cristãs eram tão livres como aqueles sindicatos operários de cuja falta de liberdade antes se havia falado... (9)

Tocava-se, assim, num dos grandes problemas da vida humana: as relações entre o poder temporal e o poder espiritual. A observação histórica mostra que essa omissão do poder espiritual nas questões temporais, a que fizera referência o Negus, nem sempre existiu. Épocas e casos existem, até, em que oportunidade há para a luta entre os dois poderes. Na Idade Média, por exemplo, ocorreram uma série de atos conhecidos entre os estudiosos pelo nome geral de «lutas entre o Papado e o Império», e interessando ao ocidente europeu. No oriente, entre o Império e o Patriarcado houve toda uma longa série de questões, por ambicionarem seus titulares a supremacia de um sôbre o outro (10). Em muitas dessas questões (como em outras semelhantes) um exame atento mostra, na ação do poder espiritual, o objetivo de dominação política a serviço de meros interêsses materiais dos expoentes do alto clero. Mas, fôrça é convir que, em alguns casos o interêsse era nobre. E, modernamente, quém não se lembra da resistência heróica que o pastor Martin Niemoeller opôs ao nazismo, pelo que êste possuía de contrário à fraternidade humana, à moral evangélica? Êsse fato — o estudo da sua repercussão o demonstra — é uma prova de que as associações religiosas têm, mais que o direito, o dever de se levantarem contra as ações do poder temporal que ferem a dignidade humana, que procuram matar o sentimento da fraternidade no coração dos homens. Ainda agora estive lendo sôbre a ação de um sacerdote católico nos Estados Unidos. Dentro das idéias que professa êsse homem excomungou duas fiéis que desejavam manter na sua igreja os preconceitos contra os negros, em vigor em boa parte daquele país. E' bem diferente, entretanto, essa nobre ação das associações religiosas em que o fim colimado é a dignificação da pessoa humana, daqueles atos por meio dos quais a associação religiosa visa, antes de tudo, o aumento do número de seus prosélitos, a maior riqueza de seus locais de reunião e assim por diante... A luta que, há tempo, foi travada na Argentina peronista, pertence ao segundo tipo a que me referi. Que houve naquele país, com efeito, senão um «casamento de razão» entre a Igreja Católica e o Estado? a Igreja, a princípio nada disse contra o peronismo; aceitou, e gostosamente, o estabelecimento da exclusividade do ensino da doutrina católica nos colégios do Estado e a equiparação dos padres aos funcionários públicos. Onde aí, a virtude? ao Estado, por sua vez, o que menos importava era o catolicismo, para não dizer a moral evangélica. Queria utilizar-se da Igreja como simples meio para atingir seus fins políticos. Onde, também aí, a virtude? mas... o Estado avançou demais, instituindo o divórcio. A Igreja, na Argentina, não poderia, sob pena de causar escândalo e originar heresia, pactuar com isso. Forçoso lhe era reagir, mesmo sendo inconsequente com a situação criada quando se uniu ao Estado e se arriscando a perder aquelas coisas que essa situação lhe proporcionava... Esclareço pois que me volto contra essa intervenção vergonhosa das associações religiosas na questão temporal. Mas todos nós espíritas devemos desejar que *nas grandes causas* (e não em meras questões partidárias) quando perigar o respeito à liberdade, à pessoa humana; quando o ideal da fraternidade humana tentar ser diminuido pela ação da sociedade; quando êsses ideais perigarem, — surjam as associações religiosas em sua defesa. O que propugno, por exemplo, é a ação dos espiritas (máxime por meio de suas associações federativas) contra a aprovação de projetos como aquêle que instituia no Brasil a pena de morte. O que acho é que as utilissimas visitas a prisões poderiam ser complementadas pela ação (ordeira e em termos) junto ao poder público, no sentido de serem mudadas muitas situações ainda vigentes em penitenciárias do país. Ao lerem o que está mais acima, alguns dirão: é modo de ver. «Modo de sentir», dirão outros. Modo de ler, direi eu. Pois quem leia o Evangelho procurando buscar o espírito de seus ensinos sentirá a necessidade dêsse transbordamento de Amor a encher o mundo como melhor exemplo de uma fé.

E como urge terminar êste artigo que se alonga, não perderei tempo com discutidores de frases isoladas que me venham com o «dar a Cesar o que é de Cesar». O momento histórico, as circunstâncias em que Jesus a disse — muita coisa explicam. E o próprio Cristo colocou os interêsses espirituais acima dos interêsses temporais sem desprezar a êstes, no entanto (11). De resto, os próprios Apóstolos, que tiveram a honra de o seguir, não se mostraram dóceis, quando necessário, às prepotências do poder temporal (12). Outros problemas a serem elididos em nosso meio deixam de ser considerados porque, referindo-se mais a um Kardec desconhecido, excedem o âmbito do presente trabalho. Trabalho em que — e essa idéia final eu gostaria que fôsse guardada — procurei mostrar um Cristo que se definiu e que espera de nós uma definição.

NOTAS E REFERÊNCIAS:

(1) Descartes, citado por Boutroux in «Ciência e Religião na Filosofia Contemporânea», ed. Garnier, Rio, 1924.

(2) Leia-se, a propósito, Kardec: «O Livro dos Espíritos», q. 908.

(3) Marcos, 8 : 36.

(4) Mateus, 23 : 3 a 5.

(5) Leia-se, por exemplo, Mateus, 23 : 1 a 7 e 13 a 33.

(6) Não é caridade calar diante do êrro; falemos contra êle mas impedindo que as baixas paixões nos dominem. Excluo a hipótese de êrro de juizo. Leia-se Paulo, Gál. 6 : 1 e 2. Luc. 17 : 3 e 4.

(7) Erasmo, «Elogio da Loucura», LIV, ed. Irmãos Guimarães, Lisboa, s/d.

(8) Cf. nota 6. E' importante ler Mateus, 18 : 15 a 17...

(9) Pierre van Paassen: «Êstes dias tumultuosos», ed. Globo, Porto Alegre.

(10) Ch. Dihel: «Bizâncio-grandeza e decadência». Liv. III, IV, EPASA ed. 1944, Rio.

(11) Mateus, 23 : 3.

(12) Atos, 4 : 5 a 12 e 5 : 17 a 22.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

MANSO COMO AS POMBAS — *de José Barsabás.*

Motivos há, e dos mais fortes, para que elaboremos, tambem, estas linhas sôbre o livro MANSO COMO AS POMBAS, do prof. Newton de Barros. A dedicatória do livro : *Á LILI, alma esplendidamente maternal e brasileira,* e à primeira de suas três heroinas, eis um dos grandes motivos. A primeira, trata-se de minha irmã, com quem passamos a residir neste fim de existência. A segunda, Ana Isabel Machado Barbosa, minha mãe, que, sem desfazer da mãe de ninguem, foi a melhor das mães. Ademais, o autor ainda destina parte do seu apurado à manutenção do LAR DE JESUS, a obra a que, preferentemente, monopoliza tambem neste fim de existência, nossas últimas energias.

José Barsabás esconde mal o nome do verdadeiro autor que, sem preâmbulos, pusemos no inicio destas linhas. Ora, o mérito do pseudonimo é ocultar, quase sempre por algum tempo, o verdadeiro nome de quem o adotou. Não é isso que está sucedendo com o autor do MANSO COMO AS POMBAS, que escolheu um dos primeiros cristãos, candidato a discípulo do Cristo, no lugar de Judas Iscariotes, vencido por Matias, a despeito de seu autonomasia de O Justo, ou talvez por ser irmão do próprio Iscariotes.

E seus versos ? Pendem para o futurismo, têm nuanças de modernismo, são, mais ou menos, simbolistas. Possuem, entretanto, sentido, emoção, arte e inspiração. Podem, por isso mesmo, ser admirados e sentidos por quem se acostumou a sentir e admirar Castro Alves, Olavo Bilac, Cruz e Souza, que é o nosso caso. Viemos do passado. Representamos, em poesia como em tudo, embora mal, muito mal mesmo, o passado. Continuamos, por isso, fiel ao que pusemos, abrindo nosso ILUMINAÇÃO, o último volume de versos publicado e esgotado em 1944: «Verso a que falta a urdidura caprichosa da forma, a quentura do rítmo e o açucar da inspiração e da emoção, não me sabe bem, desagrada-me. Não é poesia, embora se lhe dê este nome...» Os versos do *Manso como as Pombas* souberam-nos, entretanto, de um modo todo diferente, todo especial. Lembramo-nos fortemente de Cruz e Souza e Alfonsos de Guimarães, diante desta imagem simbólica :

Quadro de luz
Que eu, ontem
Fui pintar,
Com pedaços leves de saudade
Para a luz dos teus olhos
Iluminar.

E de mais isto :

Lenços brancos, tremulando
Gotas brancas reluzindo
De saudade !

Beleza e arte, rítmo e sentimento, simbolismo de que gostariam tanto os poetas simbolistas do passado.

Manso como as Pombas enfeixa quatro sonetos bem metrificados, a que não falta cosura e rimas ricas, fazendo lembrar, talvez, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac e Luiz Carlos...

Nosso espiritualismo, intensivo e pugnaz, sentiu-se animado com as estrofes evangélico-doutrinárias, que tambem se encontram no volume, como isto :

Eu trocaria tudo,
Tudo neste mundo,
Pela certeza da alegria imensa,
Sem fim,
De tê-la, ternamente,
Dentro de mim
— A divina fonte de pureza e luz,
A singela doutrina
De Jesus !

E, assinalando que tudo passa no mundo, como o vento, friza que

Sòmente ficará... o que ensinou Jesus !

Fechando o volume, insistindo na mesma afirmação :

Mas, as palavras ficarão
Brancas como a luz branca de paz,
Rebrilhando na glória de uma cruz
Cheias de arestas,
Repetidas nos lábios de Jesus.

MANSO COMO AS POMBAS . . .

Um bonito título para um livro. Maxime, tomado de emprestimo à pregação do Nazareno. Resta saber, entretanto, se o autor possue, mesmo, a mansidão das pombas, e sua ternura evangélica, de vez que as pombas até se beijam. Se possue a humildade e a simplicidade das pombas . . .

O livro está magnificamente apresentado, por seu desenho da capa, por sua feitura gráfica, edição que é do Pongetti.

Descortinando Mistérios das Profundezas da Matéria

V. O. CASELLA

HOJE, com o rompimento da fronteira atômica, não se compreende em que se apoiam os negadores do espírito, para manterem seus apregoados conceitos materialistas. Como sabemos, a cidadela atômica é o último reduto associável da matéria. Na hipótese de que a nossa vida inteligente se originasse do seio da matéria, seria dentro do átomo que deveriamos encontrar a fonte dêsse maravilhoso predicado.

Resumidamente, evitando as complexidades, vamos tentar esclarecer o que existe no interior do átomo, demonstrando como falseiam nos seus conceitos, os nossos opositores. Conhecemos, na nossa matéria terrestre, 92 diferentes átomos que, em uniões afins, formam as moléculas de todas substâncias. O átomo mais leve e simples é o Hidrogênio, seguido do Hélio, Lítio, Berilo etc., sendo o Tório, Protactínio e Urânio, os últimos, portanto os mais pesados (o pêso refere-se a massa), da escala atômica.

O Ferro, Chumbo, Cobre e outros, acham-se entre os extremos dessa escala, não sendo êstes portanto os mais pesados, como se julga vulgarmente. O átomo por sua vez é constituido de outras menores partículas fundamentais que são os eléctrons, prótons e neutrons, sendo os dois primeiros de natureza elétrica negativa e positiva e o último são partículas neutras. Na casca dos átomos estão os eléctrons, girando ao redor dos prótons e neutrons que se acham localizados no núcleo. Nestas condições, o sistema atômico é análogo ao solar, obedecendo ambos as mesmas leis keplerianas. Os diferentes elementos caracterizam-se pelo número de prótons contidos nos núcleos, sendo que os neutrons ali concorrem para o aumento da massa atômica.

Para melhor entendimento examinemos o núcleo do átomo do Fósforo. Êste elemento contém 15 prótons e 16 neutrons nucleares. Suponhamos tirar-lhe um dos seus prótons, deixando-o com 14. Nêste caso o Fósforo se transmutaria em Silício. Se ao contrário, adicionassemos um próton a mais no seu núcleo, deixando-o com 16, então agora teriamos o Enxofre. Hoje obtém-se essas transmutações artificiais de um elemento em outro, mas sem domesticação dos valores numéricos, e sem resultado econômico.

Assim, como vemos, os pesquizadores já não são impotentes para conseguir algo na dominação dessas partículas, conhecendo como elas se comportam no sistema atômico, e utilizando-as no bombardeio dos átomos, para efetuarem transmutações de um elemento em outro. Nêsse devassamento no interior dos átomos, ali nos últimos limites reais da matéria, nada se encontrou que denunciasse a existência de uma fôrça geradora de vida inteligente, contrariando assim os conceitos materialistas.

Com essas bases sólidas, nós espiritualistas subjugamos nossos opositores negativistas dentro da sua última linha de defesa, a fronteira atômica, rompida pela ciência que vem descortinando mistérios das profundezas da matéria.

* * *

Jesus continua a semear a boa semente pelo seu Evangelho. E o Espiritismo se encarregou de fazê-las germinar. Êle está adubando e regando os corações áridos, afim de que nêles germinem as sementes cristãs. — QUINTILIANO.

A Verdade sôbre o Espiritismo

ESCLARECEM OS ESPÍRITAS

Os cidadãos que subscrevem o presente manifesto, certos de interpretarem o pensamento de ponderável número de adeptos da Doutrina Espírita, vêm prestar à opinião pública os esclarecimentos que se lhes afiguram indispensáveis a respeito da Doutrina que professam, tendo em vista a série de conferências realizadas nesta Capital, sôbre Espiritismo, pelo respeitável sacerdote católico Frei Boaventura Kloppemburg. OFM.

Não objetivam os signatários promover revide nem polêmica, porque não têm os espíritas preocupação de abrir luta religiosa ou hostilizar qualquer culto ou religião — matéria do fôro íntimo de cada individuo. Não se pronunciam outrossim, em nome de qualquer instituição espírita, mas no simples uso de um direito que lhes é assegurado pela Constituição da República.

Julgam, todavia, de seu dever trazer à consideração da opinião pública informes tendentes a restabelecer a realidade quanto aos princípios da Doutrina Espírita, mal conceituados pelo aludido sacerdote, o qual, por meio de generalizações inexatas, juizos que falseiam a verdade e artifícios de raciocínio, procurou manifestamente estabelecer confusão entre Espiritismo e diversas práticas religiosas.

Assim, em contraposição categórica às interpretações de Frei Boaventura Kloppemburg, a quem negam autoridade para de público, definir a qualidade de espírita, esclarecem os signatários :

1.º — ESPIRITISMO é o corpo de doutrina codificado por ALLAN KARDEC. — Suas características essenciais são:

a) — Doutrina filosófica, com fundamento científico, de conseqüências religiosas, tendo como base a existência de Deus e a reencarnação da alma humana ;

b) — Visa, antes de tudo, ao aprimoramento moral do Homem, subordinando-se, nesse sentido, ao conteúdo moral dos ensinos do Cristo.

2.º — Em decorrência disso, e face aos preceitos consubstanciados nas obras básicas da Doutrina, NÃO TÊM RELAÇÃO COM O ESPIRITISMO os cultos ou religiões que incluirem em seus princípios :

a) — Rituais de qualquer natureza ;

b) — Sacrifícios, ainda que simbólicos ;

c) — Corpo sacerdotal, com qualquer espécie de hierarquia ;

d) — Fórmulas, invocações, promessas ou prescrições de qualquer natureza tendentes à solução de problemas da vida material;

e) — Remuneração pela prestação de serviços de natureza espiritual;

f) — Adoração de imagens, símbolos ou ídolos ;

g) — Práticas de magia, feitiçaria ou necromancia.

Reafirmam os declarantes os sentimentos do maior respeito e fraternidade que animam os espíritas com relação a seus irmãos de todos os cultos ou religiões, no que, aliás, estão certos de atender, apenas, ao ensino de Jesus Cristo:

— «Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também vós a êles; porque esta é a Lei e os Profetas». (Mateus — VII — 12).

Rio de Janeiro, Junho de 1956.

Comissão Organizadora :

Carlos Imbassahy — Advogado e Escritor.
Deolindo Amorim — Jornalista.
Cel. Euclides Fleury — Of. Exército e Eng. Civil.
José Alberto Menezes — Bancário.
José Augusto de Miranda Ludolf — Advogado.
Lauro Salles — Advogado.
Leopoldo Machado — Professor e Escritor.
Nelson Batista de Azevedo — Jornalista.
Newton Gonçalves de Barros — Professor.
Cel. Pedro Delfino Ferreira Junior — Of. da Polícia Militar do Distr. Federal.

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

HÁ quem diga que o Espiritismo não é uma ciência por não ser possível obter, produzir e reproduzir os seus fenômenos quando se quer nem controlá-los e comprová-los experimentalmente com o rigor das ciências matemáticas. Mas, sucede o mesmo com outras ciências já consagradas, as quais ninguém se atreve a recusar como tais nem a negar-lhes o seu valor científico, nem tão pouco a proibir o estudo delas, e muito menos a perseguir quem pretenda estudá-las livremente, como se tem feito, algures no mundo civilizado, ao Espiritismo e seus adeptos, sob o pretexto de falta de capacidade científica e dos riscos que se corre.

A capacidade científica de cada indivíduo é relativa aos seus conhecimentos adquiridos dentro e fóra das escolas; para além dessas aquisições e do pecúlio inato, o indivíduo mais intuitivo, mais arguto pode ser o mais capaz. As especializações conseguem-se mais facilmente fóra das escolas; e para se obter e investigar os fenômenos do Espiritismo, são mais valiosas as faculdades mediúnicas de qualquer indivíduo boçal ou culto, do que os mais altos valores das Faculdades Universitárias; além disso, é necessário a colaboração dos Espíritos, habitantes no Astral, os quais são indivíduos livres, mais ou menos evoluídos, e não meros elementos passivos à mercê de quem queira servir-se deles como lhe aprouver; e muito embora a sua capacidade seja relativa ao seu grau de evolução, são dignos do devido respeito, e de veneração quando o seu carácter se revela superior.

Quanto aos riscos que se corre nas investigações psíquicas, êles são insignificantes comparados com os riscos de qualquer ramo da atividade humana e de quaisquer outras pesquisas e investigações científicas. Ainda não vai há muito tempo que a insigne cientista Irene Curie faleceu vitimada pelos efeitos das suas experiências de radio-atividade, conforme foi noticiado.

Entre as ciências consagradas cujos fenômenos não se pode produzir, reproduzir, controlar quando e como se quer, destaca-se a Meteorologia. Já se consegue prever com certa antecipação, alguns fenômenos meteorológicos mas sòmente depois de gerados; produzí-los, reproduzí-los, controlá-los quando e como se quiser, não é possível. Ninguém é capaz de conseguir, quando queira, chuva na horta e sol na eira; ninguém produz uma aurora boreal, um arco-iris nem, sequer, uma simples brisa tão apreciada em certos dias de calor; não, ninguém pode obter qualquer fenômeno meteorológico; contudo a Meteorologia não deixa de ser uma ciência consagrada.

Os criminologistas também não produzem crimes nem os reproduzem quando carecem de os reconstituir para investigar as causas deles; e não será fácil averiguar quando tal ou qual criminoso foi apenas mero instrumento de influências e agentes ocultos sobrenaturais ou vítima das circunstâncias. E não terá havido nunca, um condenado inocente vítima da falibidade dos processos e dos métodos de investigação criminal?

Das ciências mais arriscadas, mòrmente na sua aplicação utilitária, sobresai a Mecânica; apesar disso ela tem tido a mais larga expansão e o mais progressivo desenvolvimento desde a aplicação dos ventos nos moínhos e navios à vela até à propulsão dos mais recentes modelos de transatlânticos e aeronaves; desde as descobertas de Arquimedes até aos mais modernos inventos da maquinaria industrial, comercial, da investigação científica, da terapêutica e da guerra. Não obstante os inúmeros benefícios colhidos do maravilhoso progresso da Mecânica, em muitos dos seus aspectos, os seus efeitos são ainda catastróficos.

Precipita-se no solo uma aeronave cheia de gente e fica tudo carbonizado, como nos recuados tempos de Ícaro.

Há cem anos, nos primórdios da compressão dos gazes, como conta Eugenio Huzar, no seu livro «O Fim do Mundo pela Ciência»: — «tal era o objeto das graves reflexões que eu fazia durante um curso sôbre a compressão dos gazes, quando um estrondo horrível que jamais esquecerei, quebrou o meu pensamento; corria o sangue no anfiteatro e ouviam-se de todos os lados gritos penetrantes.

«Acabava de rebentar o aparelho de compressão, e o corpo do infeliz preparador, arremessado para o Espaço, transformára-se numa massa informe, hedionda e sangrenta.

«Correu-me pelo rosto um suor frio. Num segundo tinha vivido mil anos.

«Haviam-me aparecido os últimos tempos: Júpiter acabava de fulminar Prometeu.

«Revelava-se em mim a lei da palingenésia universal: formulá-la-ei assim:

«O orgulho da ciência, êsse velho pecado do mundo, que foi a sua fatalidade no passado, sê-lo-á também no futuro».

Há cem anos, um pequeno compressor de gases estilhaçava uma casa; agora, um pequeno comprimido de energia atômica estilhaça uma cidade (Nagasaki — Yroshima). Multiplique-se por cem, por mil o efeito desses comprimidos atômicos, e facilmente poderemos visionar um cataclismo apocalíptico como nos antiquíssimos tempos da Atlântida.

Por erro de ciência ou por orgulho, é sempre absoluta ignorância das consequências que serão tremendas e podem arrastar-se por longos anos da vida existencial. Seja como for, a falência dos cálculos, dos métodos e dos processos humanos na aplicação das ciências, não anula nem diminue o valor delas em coisa alguma.

As práticas do Espiritismo experimental, sendo bem conduzidas, podem continuar a prestar relevantes benefícios à Humanidade; e a prática dos seus preceitos de moral, é verdadeiramente redentora; os insucessos provêm da deficiência dos métodos e dos processos.

O Espiritismo é a ciência da vida dos Espíritos e também pode ser uma ciência aplicada. Se as suas leis, os seus preceitos fossem aplicados no procedimento individual ou coletivo, e devidamente observados em cada dia, o progresso evolutivo da Humanidade em breve alcançaria um grau superior, e a consciência individual estaria apta a repudiar pacíficamente tudo quanto estorva a sua redenção.

18, Abril, 1956.

Crônica Estrangeira

O filho «morto» visitou a mãe moribunda

«Two Worlds»

Os seguintes relatos estão em «Minha História de Espíritos», publicados por leitores de «Sunday Mercury». Quando o jornal anunciou o encerramento da série, os leitores insistiram na continuação dos relatos.

Meu irmão mais moço foi morto quando servia na Real Fôrça Naval, durante a Guerra Mundial II. Há seis anos minha mãe estava agonizando e durante a noite toda meu pai estava sentado ao lado de sua cama.

Certa noite, êle ouviu bater na janela, êle se levantou e afastou as cortinas. De pé, lá estava o meu irmão em uniforme completo. Meu pai abriu a porta e meu irmão entrou na casa.

Meu pai queria chamar a viuva de meu irmão, que de novo se casara, quando meu irmão disse: «Não se incomode, papai, tudo agora vai bem». Em seguida êle atravessou a casa e saiu pela porta trazeira.

Quando meu pai contou o ocorrido, êle disse: «Penso que êle veio buscar tua mãe».

Mrs. Shakespeare.

* * *

Salvas por mãe espiritual

Durante a Guerra Mundial era eu motorista de uma ambulância. Certo dia estava eu ao lado de minha ambulância, esperando enquanto os homens escavavam as ruínas de uma casa, quando ao clarão da lua vi uma mulher moça, loura, atravessando por entre os restos de tijolos e rebôco.

Ela chamou-me com gesto de mão.

Eu a acompanhei entre as ruínas da casa. Ouvi o chôro de uma criança e chamei os companheiros em socôrro. Eles encontraram uma jovem mãe em estado de desmaio, ao lado da criança.

Ninguém mais viu a mulher que me chamara (por gesto), e tudo ignoravam a respeito dela, porém mais tarde a mãe contou que, quando estava caída e desmaiada, sua própria mãe, morta quando ela era criança, viera para assisti-la.

Ela mostrou-me uma fotografia e eu estou certo que era a mesma mulher que me chamou por meio de gesto.

Mrs. J. Carr.

* * *

Um notável aviso de morte

«*Revue Spirite*»

Notável foi a aparição do «irmão Wynyard». Êste fato remonta ao ano de 1785, mas foi citado em um livro publicado em 1923: *The Book of Days* (R. Chambers), e os fatos assumem valor extraordinário porque o relatório está cercado de precisões de primeira ordem.

John Cope Sherbroke e George Wynyard eram respectivamente capitão e tenente do 33.° Regimento, em serviço no Canadá. Grandes amigos, consagravam êles ao estudo todos os lazeres que lhes permitiam as funções militares. Na noite de 15 de outubro, após o jantar, êles foram entregar-se à leitura no quarto em que estavam seus livros em comum, quando, de repente, Sherbroke, ao levantar os olhos, viu passar no fundo do quarto, um homem de cerca de 20 anos, muito magro e que lhe era desconhecido. Wynyard, advertido por uma cotovelada, por sua vez percebeu o visitante mudo e empalidece, vacila e murmura: «Meu Deus! é meu irmão». O fantasma entrou no aposento visinho, sem saída. Perseguem-no. Êle desapareceu. Ambos resolvem nada dizer aos camaradas do Regimento, enquanto esperam os correios, porém anotam a hora e dia. As malas tardam a chegar e Wynyard cuja impaciência de receber carta se tornou visível, relata o ocorrido, explicando aos oficiais do Regimento a razão de seu febril desejo. Ninguém o ridiculariza, fraternalmente participam de sua angústia. Enfim, chega o correio da Inglaterra. Todos recebem notícias de casa... menos Wynyard, que volta ao quarto, desolado. Sherbroke recebeu uma carta, assinada por alguém que conhecia a amizade dos dois oficiais e que escreveu: «Meu caro John, comunica, tu mesmo, ao teu amigo Wynyard, a morte de seu irmão bem amado». O dia e hora são exatamente as em que se manifestou o fantasma. Otway Wynyard falecera na Inglaterra, dia 15 de outubro. Os fatos acima mencionados foram formalmente consignados em *Notes and Queries* de 3 de julho de 1858 e 2 de julho de 1859, de acôrdo com uma correspondência e relatórios obtidos por Sir John Harvey, naquele tempo ajudante-general das tropas aquarteladas no Canadá. Entre os documentos, figura uma carta categórica do coronel Gore, que foi testemunha da ocorrência. Êste afirma que o fato teve por teatro a ilha canadense do Cap Breton, por ocasião de rude inverno, quando os abarracamentos, bloqueados pela neve, estavam cortados do resto do mundo. Gore pediu aos dois oficiais um relatório sôbre a aparição do fantasma, ao que anuiram imediatamente. Foi sòmente a 6 de junho de 1786 que aparecem as malas da Inglaterra trazendo a carta que anunciava a morte do jovem Wynyard.

* * *

Quem chamou a enfermeira para junto da agonizante?

Quatro mêses antes de deixar o hospital em que trabalhava, uma jovem enfermeira foi transferida para outro anexo, separado da parte principal do hospital. Defronte da sala das enfermeiras havia um quarto particular onde estava em tratamento uma senhora de 45 anos. A jovem enfermeira sentia grande afeição pela paciente. Certo dia, a enfêrma lhe disse que tivera uma vida muito árdua e que se sentiria feliz ao deixar o mundo. A enfermeira respondeu, rindo: «Bem entendido... mas não morra durante minha ausência».

A enfermeira não deu maior importância a êsse incidente.

Na noite em que a doente entrou

em coma, a jovem enfermeira havia terminado seu serviço. Ela se retirara para a sala das enfermeiras, onde uma amiga preparava o chá. Mas, no momento de levar a chicara a seus lábios, um golpe vibrou à porta. Ela disse: «Entre!» Mas ninguém entrou. A amiga da enfermeira abriu a porta e olhou, mas não viu pessoa alguma.

«De novo tomei minha chicara, e de novo ouvimos bater, desta vez mais forte», relatou a enfermeira.

Supondo tratar-se de gracejo de uma colega, nos levantámos. Abrimos a porta e nada vimos!

«Ao chegarmos à sala, retiniu um novo golpe, mas extremamente violento, dessa vez. Fiquei sobressaltada, e imediatamente pensei na senhora enfêrma e corri para seu quarto. Ela estava na mesma posição em que eu a havia deixado. Acerquei-me de seu leito, então ela me fixou e expirou.

«Fomos nós, minha colega e eu, vítimas de nossa imaginação... ou havia a enfêrma cumprido sua promessa?»

«Espiritualisme Moderne» reproduziu de «*Evening Herald*».

Promessa cumprida

«De Estudos Psíquicos»

Constancia, de Buenos Aires transcreve de *Two Worlds* um curioso relato acerca de um pai que cumpriu a sua promessa, sete horas depois da morte. Quem conta o caso é o conhecido médium clarividente Arturo Whyman, que pertence a uma família de 10 pessoas que se reuniram em grupo sob a direção de um pai disciplinado e rigoroso, tão rigoroso, que sob a sua autoridade manteve durante 18 anos o filho Arturo, apesar deste ser considerado um médium excelente para demonstrações públicas.

Quando sentiu que era chegada a última hora, chamou o filho e a nora ao leito e disse:

— Vou partir e quero que me escutem atentamente. Se aquilo em que temos acreditado toda a vida é mentira, eu não voltarei. Se é o contrário, dai-me sete horas de prazo.

— Não lhe parece demasiado cedo? — obtemperou o filho.

— Sete horas depois de morrer — continuou o moribundo sem responder à pergunta — quero que estejais sentados os dois, um a cada canto da lareira. Chegarei junto de vós, levantarei o atiçador e baterei com êle no guarda-fogo.

Expirou às 22 horas e Arturo foi à agência funerária comunicar a morte de seu pai.

— Você não precisa de mim — disse ao agente, que também era espírita. — Já tomámos a medida do caixão. Quem sabe quando voltará...

Então o filho contou o plano do pai.

— Acredita que êle o realizará?

— Não sei — respondeu Arturo. — E voltou para casa.

Pouco antes das cinco da madrugada, o médium sentou-se com a esposa, ao canto da lareira.

— E se a fôrça fluídica não fôr suficiente? — murmurou a senhora Whyman.

Arturo não respondeu. Olhava atentamente para o atiçador, que parecia mover-se...

De repente, o objeto ergueu-se no ar e começou a bater suavemente na borda do guarda-fogo, de um extremo a outro e vice-versa. Depois caiu no chão, repinicando fortemente. A promessa fôra cumprida.

Uma cidade com dois mil anos descoberta num sonho

De *«Estudos Psíquicos»*

«Diário de Notícias» inseriu na sua primeira página, uma notícia com o título acima.

O articulista, porém, talvez por não julgar o fato merecedor de considerações sérias, trata-o em estilo jocoso.

E foi pena, porque o fenômeno bem merecia outro tratamento.

Eis, em resumo, a história:

Em Torrejoncillo de Rey, povoação espanhola da província de Cuenca, reside D. Pedro Moralles, uma das mais destacadas figuras da aldeia.

D. Pedro Moralles teve um estranho sonho. Sonhou que se dirigia para um local situado a uns 1.500 metros da sua casa, e ali chegado lançou mão de uma enxada e principiou a cavar. Em dado momento a terra cedeu sob os seus pés, e êle penetrou, «maravilhado, numa vastíssima sala onde tudo era fantástico, desde as paredes de cristal até às aberturas negras de dezenas de misteriosas galerias».

D. Pedro acordou neste preciso instante. Depois narrou o sonho a dois dos seus familiares. E logo resolveram os três meter ombros à emprêsa.

Localizado o sítio visto no sonho, principiaram a cavar.

Cedo a palavra ao autor do artigo :

«Decorreram dias, semanas. Finalmente, quando já quase desesperavam a terra abriu-se à profundidade de 24 metros e ficou à vista uma profunda cavidade.

«Moralles, triunfante, atirou-se pelo buraco e... foi cair na sala que lhe aparecera no sonho. Para onde quer que se voltasse, via bocas de escuras galerias e as paredes, essas paredes brilhantes, eram as mesmas que visionara».

Numa das galerias foi encontrado um sarcófago cheio de moedas de ouro.

Continua o articulista : «As primeiras investigações levadas a efeito por uma equipa de cientistas e arqueológos vindos expressamente para o efeito, provaram já que se trata das ruínas de cidade subterrânea cuja fundação deve remontar a mais de 2.000 mil anos. O interêsse despertado em toda a região de Cuenca pelo achado e pelas circunstâncias em que este se verificou, é enorme. Formulam-se as mais variadas hipóteses. Uma coisa é certa: a descrição do sonho encontrou exata correspondência na realidade». E o articulista acrescenta, em guisa de explicação : «Os defensores da teoria de que o homem alberga, potencialmente, o conhecimento universal, rejubilam».

Esses, e os que afirmam que o homem tem uma alma e que ela pode agir durante o sono, também rejubilam, talvez com maior razão — afirmamos nós.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 156.759,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista :

«Na minha última excursão, visitei as seguintes cidades :

Cachoeira Paulista — Participei da conferência feita pelo Dr. Américo Rainiel, Delegado de Polícia local, a qual agradou em cheio a assistência, pois além de ótimo orador, o Dr. Américo Rainiel conhece a fundo a Doutrina. Fiz palestras no Centro Espírita «Antonio de Padua», que está sob a direção dos confrades Alvaro de Campos Carneiro e Rafael Garcia, dois esforçados trabalhadores da seára. Fiz palestra em outras tendas mais, na Central do Brasil. Em Mogi das Cruzes, Taubaté, Pindamonhangaba, Guará, Caçapava, Jacareí. A propaganda marcha firme.

Monte Alto : Falei na União Espírita com o salão à cunha. Os confrades da União Espírita de Monte Alto levantaram em pouco tempo o Albergue Noturno para ambos os sexos. Disse-me o Dr. Nelson Barbosa, Delegado de Polícia, que o Albergue está prestando grandes benefícios, pois em vez dos viandantes sem pouso dormirem na Cadeia, êle os leva para o Albergue. O Presidente da «União» é o confrade João Ferreira Paiva. Tanto êle como os demais companheiros são ótimos trabalhadores da seára espírita.

2.a Semana Espírita de Amparo

1.ª Concentração Confraternativa da Terceira Região. — de 22 a 29 de Julho

A UME de Amparo, nomeou uma Comissão Organizadora do grande movimento de espiritualização, a qual vem desenvolvendo grande atividade na elaboração do programa. Grandes oradores já foram convidados, entre eles o Prof. Divaldo Pereira Franco, tribuno baiano. Já podemos contar com a colaboração dos confrades Dr. Luiz Monteiro de Barros, M. D. Pres. da USE, e Prof.ª Elizabeth Steagall, de S. Barbara d'Oeste.

Para colaborar na parte artística virão os poetas Sebastião Lasneau e José Soares Cardoso, cantor Gamaliel Ferreira, de Uberaba, e declamadora Rosinha Padrenosso, de Jaú. Também teremos o orfeão da Mocidade Espírita de Jundiaí e Mogi-Mirim e o grande Coral da Federação Espírita do Estado de S. Paulo com 50 elementos, dirigido pela Prof.ª Henriqueta Moreira.

Todas as conferências serão irradiadas pela Z Y J 4 — Rádio Difusora de Amparo e serão realizadas no salão de festas do G. R. C. A.

Do Correspondente.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 2 de Junho de 1956.

Á hora regimental, o Presidente faz a prece inicial e declara abertos os trabalhos.

Lida pelo secretário a Ata da reunião de 5 de Maio, é aprovada pelo Conselho.

Expediente — Carta da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, justificando a ausência de seu Representante, Conselheiro Carlos Jordão da Silva, por continuar enfêrmo. Ofício da Federação Espírita do Paraná, reconduzindo seu Representante no Conselho, Coronel Pedro Delfino Ferreira Junior.

Pernambuco — O Conselheiro General Severino Cunha comunica a adesão, à Federação Espírita de Pernambuco, das sociedades : Centro Espírita «João Batista», Centro Espírita «Deus, Amor e Caridade» e Associação Espírita «Lar de Silas», todas com notável atividade nos setores da difusão da Doutrina e da assistência aos necessitados.

Ceará — O Representante, Conselheiro Henrique Magalhães, lê minucioso relatório da União Espírita do Ceará, ressaltando a notável atividade das mocidades espíritas cearenses.

O Presidente fala sôbre os preparativos e providências em marcha para a comemoração, em 1957, do Primeiro Centenário do «*Livro dos Espíritos*», e expõe ao plenário vários assuntos, todos de interêsse da Doutrina.

Ás quinze horas e trinta minutos, proferida a prece final pelo Representante do Ceará, encerra o Presidente a reunião.

Novo Representante

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Piracicaba, que o confrade Benedito Estevam de Paula residente à Rua Riachuelo n.º 526, foi nomeado nosso novo Representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim».

CONVITE

Sob os auspícios da União Municipal Espírita de Matão, realizar-se-á no dia 15 do próximo mês, Agosto, às 19 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do 51.º aniversário de «O Clarim». Usarão da palavra os confrades visitantes.

Para êsse ágape espiritual, temos o prazer de convidar os confrades que dele queiram participar.

O iluminado não insulta o que anda em trevas. Aclara-lhe a senda.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E’ encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A’ venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 65,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— ,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3271unse

XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agosto de 1956 – N. 7

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Agora é a hora do Espiritismo . . *Redação*
Concordância e Discordância . . . *Deolindo Amorim*
Deus e Universo . . . . *Henrique Rodrigues*
Ciência ou Espiritismo? . . . . *Prof. Carlos Peppe*
A Transfiguração de Jesus . . . . *Bianôr Medeiros*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E’ encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A’ venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina-1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agosto de 1956 – NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Agora é a hora do Espiritismo

COMO todos os espíritas devem saber, e até as próprias religiões que o combatem tenazmente, o Espiritismo está agora em marcha acelerada, sobretudo no Brasil que, segundo o Espírito esclarecido de Humberto de Campos, é a «Pátria do Evangelho e o coração do mundo».

Uma das razões principais dessa marcha acelerada do Espiritismo em todos os meios sociais, da humilde choupana ao soberbo palácio, do rústico trabalhador ao sábio de renome, do soldado ao general, reside nos fenômenos espíritas, que sempre se reproduziram em todas as épocas da humanidade e que até há pouco tempo eram tidos como fantasmas do outro mundo, não sendo investigadas e estudadas as suas causas por absoluta ignorância, mas que agora, graças ao advento do Espiritismo, estão sendo estudados à luz da razão, da lógica, da Verdade.

Desse estudo investigador sob as mais rigorosas experiências, levadas a cabo por cientistas de projeção e renome, em primeiro lugar Allan Kardec, o coodificador da Doutrina Espírita, chegou-se à realidade, à causa, à razão dos fenômenos psíquicos : a imortalidade da alma, motivo da vida, do Universo e prova da existência de Deus, supremo criador de todas as cousas. E dai também o motivo da religião, da ciência e da filosofia, condutores da alma na senda do aperfeiçoamento espiritual, moral e intelectual.

Do estudo dos fenômenos psíquicos, sua razão e finalidade, é que compreendemos a vida em seu amplo sentido, passando a senti-la com mais intensidade e harmonia, compenetrados do que precisamos fazer para atingirmos o seu objetivo : a Perfeição.

Porisso, o estudo do Espiritismo é-nos indispensável para bem orientarmos os nossos passos, as nossas ações na vida. E' à sua luz que compreendemos e sentimos o Cristianismo em sua pureza e magnitude.

Estudado no seu tríplice aspecto de Ciência, Religião e Filosofia, e poderosamente fortalecido pelos fenômenos psíquicos, que são o fato contra o qual se esboroam a ciência materialista, a filosofia materialista, e a religião materialista alicerçada no dogma e culto exterior, o Espiritismo vai conquistando para a sua fileira todos os homens independentes, que sabem raciocinar e que põem acima de tudo a verdade, cientes de que devem pensar com a sua própria cabeça e não com a cabeça de segundos e terceiros que, em geral, buscam os seus próprios interêsses materiais e pessoais. E quem procura os seus interesses pouco se importa com os interêsses dos seus semelhantes.

Dai o motivo do notável progresso do Espiritismo, que vem assombrando os dignatários da Igreja romana, que chegaram ao ponto de destacar um dos seus subordinados para arrazar o Espiritismo, o que até agora não conseguiu e jamais conseguirá, porque quem manda não é o homem, mas Deus, que conhece a inferioridade das suas criaturas.

O que as arcáicas e falidas religiões mundanas não puderam fazer em benefício da humanidade durante séculos a granel, o Espiritismo já realizou em menos de um século, conduzindo ao suntuoso templo da Verdade todos aqueles que tiveram a ventura de aceitá-lo de coração e cerebro, e continuará a conduzir almas a esse templo até que se cumpra a predição de Jesus, segundo a qual haverá um só rebanho e um só pastor.

Saindo da sua marcha lenta e cheia de obstáculos postos no seu caminho pelo materialismo acadêmico e de seminário, pode-se afirmar que o Espiritismo está agora em marcha acelerada levando de roldão todos aqueles que procuram deter-lhe os passos.

Agora é a hora do Espiritismo.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

IV — DEUS E A RELIGIÃO

Entende William Colon que a idéia de Deus, segundo e Espiritismo, deve ser posta inteiramente à margem de qualquer preocupação religiosa. Não penso assim. Tenho para mim que *É TÃO DIFICIL ADMITIR RELIGIÃO SEM DEUS, como DEUS SEM RELIGIÃO.* Os *positivistas,* como se sabe, adotam a *Religião da Humanidade,* isto é, uma religião que não cuida de Deus nem da imortalidade da alma após a morte, porque se consagra exclusivamente ao Amor da Humanidade. Apesar disto, o Positivismo tem *Igreja, Culto, Apostolado ...* Nada disso, porém, nos moldes de qualquer religião baseada em valores de além túmulo. Em lugar de *santos,* o Positivismo rende culto aos grandes vultos de seu calendário: Aristóteles, Cezar, Bichat, etc., etc. Seja como fôr, o Positivismo *divinisou* a mulher, na pessoa de Clotilde. Embora repelindo fundamentalmente o *sobrenatural,* e por sobrenatural os positivistas entendem Deus, a alma, etc., o certo é que o Positivismo também apela para o abstrato ou sobrenatural quando elege a Humanidade como objeto de culto. O conceito de Humanidade como expressão de culto religioso tem alguma coisa de metafisico, de universal e indefinido, pois representa um valor transcendental. Note-se bem que os positivistas, apesar de seus grandes e altos princípios morais, apesar de sua notavel influência na evolução de alguns acontecimentos históricos no Ocidente, estão reduzidos, atualmente, aos núcleos de adeptos que ainda se conservam fiéis ao passado. E' um movimento respeitável, sob todos os pontos de vista. Convém notar, entretanto, que a instituição da *Religião da Humanidade* separou os positivistas em dois grandes grupos: o de Litré, que não aceitou a concepção *religiosa* de Augusto Comte, o grande e inconfundível fundador do Positivismo, e o grupo de Lafite, que concordou com o culto da Humanidade, personificado em Clotilde. Dividiram-se os positivistas entre ortodoxos e dissedentes. Nem todos os discípulos de Comte rezam pela cartilha do Apostolado Positivista. No Brasil, por exemplo, onde o Positivismo teve grande influência, notadamente na fase de preparação e consolidação do regime republicano, houve divisão entre os discípulos da escola comteana, justamente porque nem todos os adeptos de Comte concordaram com a criação da *Religião da Humanidade,* mesmo sem Deus...

Veja-se o que escreveu, no Brasil, um dos mais ilustres discipulos de Comte: *Nós, os livres discípulos de Augusto Comte, estamos convencidos de que o remédio para os males apontados se en-*

contra na Sociologia positivista, à parte todo misticismo religioso. Mas também estamos certos de que a obra do grande filósofo é humana e não divina; e por isso, seria rematada loucura supô-la infalível e, portanto, imutável. Por êste motivo, exatamente, alguns positivistas brasileiros se separaram de Teixeira Mendes, Chefe do Apostolado, sem que ninguém jamais pudesse pôr em dúvida a nobreza moral dêsse grande homem, a quem um católico eminente chegou a chamar de santo. Diz o mesmo Autor: *Temos, pois, que distinguir entre Augusto Comte sábio e filósofo, e Augusto Comte místico, inventor de uma nova religião.* (Sic) Quem escreveu estas palavras — note-se bem — foi o general Ximeno de Villeroy, em seu livro «Benjamin Constant e a política republicana» —Rio, 1928. O general Ximeno Villeroy, positivista convicto, pertencia àquela geração histórica da Praia Vermelha, justamente a geração que recebeu influência direta de Benjamin Constant, quando se preparou a mocidade militar para o movimento republicano vitorioso em 1889. Apesar de fiel discípulo de Comte, o general Villeroy não acompanhou o seu mestre no caminho da nova religião, e por isso ficou entre os *dissidentes* do Apostolado Positivista.

Como se vê, os positivistas chamados *ortodoxos* queriam, na realidade, uma religião sem Deus, enquanto o nosso Confrade William Colon quer Deus sem religião. Nenhuma das duas fórmulas parece viável. Diz William Colon: *Se estudais e analisais o nosso conceito de Deus, assim como nossa tese da evolução do Universo e do Espírito na eternidade, aos influxos das leis naturais e imutáveis, das quais Deus é a fôrça essencial e organizadora, podereis dar-vos conta de que o personagem das religiões conhecido sob o nome de Divindade é um simples mito; então estareis de acordo em que não exageramos ao afirmar que o pobre desgraçado sêr humano tem sido imolado no altar da ignorância e da mentira, sendo a religião a causa principal de sua escravidão, de sua miséria e sua dôr.* Examinemos o pensamento de nosso Confrade, e vejamos se é possível harmonizá-lo com a doutrina espírita.

Em primeiro lugar, torna-se indispensável distinguir Religião e *religiões*, porque a Religião, em si, naquele sentido profundo e substancial de religar o homem a Deus, segundo a doutrina espírita, não se confunde com as disputas religiosas e os dogmas absurdos com que algumas religiões, infelizmente, têm tripudiado sôbre a ignorância humana;

em segundo lugar, é preciso esclarecer, quanto antes, que o Espiritismo tem uma concepção de Deus muito diferente do que é comum em determinadas religiões e seitas, cujos ensinos fazem de Deus uma espécie de patriarca ou dominador absoluto com todas as características antropomórficas.

Já vimos que o confrade Colon não admite a existência de *um Deus criador*, porque esta concepção lhe parece incoerente. No entanto, agora mesmo estamos vendo o confrade Colon afirmar que Deus é *a fôrça essencial* e *organizadora*, conceito que importa em reconhecer a ação divina em todos os planos do Universo. Se portanto, há uma fôrça essencial e organizadora, como diz Colon, no que estamos de acôrdo, e essa fôrça é capaz de *organizar* o Universo, claro é que é inteligente, mas a *organização* não pode deixar de partir de um princípio, de uma realidade inicial, de alguma coisa criada. Só se organiza aquilo que já existe. Então, fica de pé a doutrina espírita quando afirma que Deus é a *causa* primária de todas as coisas. Para isto não é necessário, em hipótese alguma, aceitar uma representação de Deus personalizado ou em forma de homem, enfim, *um* Deus, inteiramente materializado. Sabe muito bem o confrade Colon que é impossível definir Deus: seja com o nome de *inteligência criadora*, seja com o de *fôrça essencial e organizadora* ou *luz universal, primeiro motor*, como queria a escola de Aristóteles, seja com êste ou aquêle nome, Deus é uma realidade que não pode ser definida com exatidão, pois tôda definição, ainda que seja das mais amplas, tende a *limitar* aquilo que se define, dando-lhe uma forma qualquer. Deus não tem forma definida.

Se, em conclusão, o confrade Colon reprova o misticismo e a incultura de certas coletividades religiosas, que fazem de Deus um rei absoluto, o que é realmente um contrasenso, a doutrina espírita, entretanto, nada tem que ver com isto. O que o Espiritismo ensina a respeito de Deus é o que nos parece mais lógico, mais compatível com a razão esclarecida. Vamos entrar, agora, no ponto mais sensível das impugnações de nosso confrade, cuja opinião deve ser respeitada, embora esteja a suscitar esclarecimentos e reparos indispensáveis. Diz William Colon, categóricamente, que *devemos extirpar de nossa mente a idéia religiosa de Deus*. E será possivel separar Deus da ideia religiosa? Ora, Deus e Religião, queira ou não queira o nosso confrade, são dois conceitos que se associam naturalmente. É verdade que a idéia de Deus também nos leva ao terreno filosófico, justamente porque sem Deus não temos uma explicação da própria origem do Universo e da Vida. Há determinados problemas filosóficos, como a *consciência*, o *instinto*, o *livre arbítrio* etc. cuja discussão transcende o âmbito da fé e, por isso mesmo, são problemas vinculados á concepção de Deus. Estou de acôrdo em que Deus não é apenas, para nós, simples assunto de crença, mas igualmente um tema filosófico, e dos mais altos. E' claro que todos nós podemos chegar á compreensão de Deus pela Filosofia, desde que admitamos uma causa eficiente, uma *inteligência suprema e ordenadora*; todavia, a especulação filosófica é conhecimento puro, ao passo que a crença em Deus tem implicações normativas. Toda crênça em Deus tem, portanto, algum fundo religioso. Negar êste ponto é querer desconhecer a realidade. Espiritismo não é, realmente, uma doutrina destituida de conteudo religioso, uma vez que toda a sua filosofia se apôia na existência de Deus.

Daí, porém, não se deve pretender que o Espiritismo seja obrigado a ter um ritual próprio ou instituir qualquer forma de culto material. Não! Tôda pessoa que crê em Deus e que a êle se submete, conscientemente, é religiosa, no sentido subjetivo e não — convém frisar — no sentido vulgar. Há pessoas que são religiosas, intimamente, porque procuram viver em harmonia com as leis divinas, são honestas, praticam o bem, cultivam virtudes, mas não fazem parte de nenhuma igreja ou culto organizado, não se filiam a qualquer corrente religiosa. Ora, o Espiritismo ensina justamente a compreensão de Deus e a necessidade das atitudes dignas, porque o homem realmente religioso, o homem que crê em Deus tem obrigação moral de ser honesto, de ser útil ao próximo. Para isto, porém, não há necessidade de introdução da liturgia ou prescrição ritualística no Espiritismo, porque tudo isto é exterior, é formal e transitório, ao passo que o essencial no homem é a sua transformação interior. Finalmente, a questão levantada pelo confrade William Colon deve ser posta nos seguintes termos:

a) — o homem verdadeiramente religioso, segundo a conceituação espírita, não é o que se ajoelha hipócritamente, o falso crente, que toma atitudes públicas, para efeito exterior, mas a sua consciência está em completo desacordo com a moralidade e a elevação espiritual do sentimento religioso;

b) — o homem religioso, ainda que não pertença a êste ou aquêle culto ou sistema, a esta ou aquela *religião*, é o homem sincero, é o homem que, em razão de sua crença em Deus, procura ser melhor, de dia para dia, e procura portanto, enquadrar todos os atos de sua vida no padrão moral mais condizente com as leis divinas.

Ora, o Espiritismo quer, naturalmente, homens dignos, homens decentes tanto em casa, como na vida profissional e na vida social, porque todas as consequências da doutrina espirita pressupõem, sem qualquer dúvida ou sofisma, a *REFORMA MORAL DO HOMEM*. Quem o diz é Allan Kardec, nestas judiciosas palavras: *Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transforma-*

ção moral. A reforma moral, porém, não pode deixar de ter o seu fundamento na certeza da vida futura e justiça de Deus. Que é isto, finalmente, senão o aspecto religioso do Espiritismo, sem culto material, sem sacerdote, sem pretensões de infalibilidade, sem preceitos canônicos ?

E' precisamente isto o que está na obra de Allan Kardec. Não vejo, portanto, como já disse, contradição alguma. Como pode, então, o confrade Colon, segundo a sua teoria, conciliar a idéia de Deus com a ausência absoluta de qualquer sentido religioso ?

Quero, finalmente, encerrar êste ponto com as seguintes ponderações ao confrade William Colon :

a) — o culto a Deus, isto é, o *culto intimo ou interior,* que é ato de consciência (veja-se «Lei de Adoração», no *Livro dos Espíritos)* pode muito bem ser praticado sem ritual e sem fórmulas pré-estabelecidas, mesmo porque Deus deve ser adorado em «espírito e verdade» ;

b) — em decorrência disto, podemos concluir que o confrade Colon deveria dizer, neste caso, e com acêrto, que devemos extirpar, gradativamente, da mente humana, a ideia de *culto material,* a ideia de Deus antropomórfico, com um cêtro e uma corôa, como se fôra o chefe de um Império mundano ;

c) — MAS fique certo de que a ideia de Deus, no fôro da consciência, é inseparável do sentimento religioso.

(Continua)

DEOLINDO AMORIM.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— II —

Qualquer um que estude as obras do Prof. Ubaldi estranhará que todas elas, d«A GRANDE SINTESE» ao livro «ASCENSÕES HUMANAS», tenham sido escritas com o professor vivendo seus transes racionais ou intuitivos, na plenitude de seu *relativo* equilíbrio físico, e dizemos relativo porque o Professor nos ensina que, «de fato, o estado orgânico perfeito é uma abstração; não existe na realidade». E ainda : «EM A NATUREZA, A PERFEIÇÃO É UMA TENDÊNCIA NUNCA ALCANÇADA». (G. S. pg. 277)

Esta segunda afirmativa confirmaria a tese da evolução progressiva, pois se «A PERFEIÇÃO É UMA TENDÊNCIA NUNCA ALCANÇADA», nem mesmo os *anjos criados* por Deus eram perfeitos e, se não eram perfeitos a culpa não era deles, mas do Seu Criador. Se eram perfeitos, mesmo com qualquer sofisma da dialética, da escolástica, ou dos recursos expositivos, negada estaria a evolução, pois, que evolução poderia ter o PERFEITO ?

Mas diziamos que o Professor escreveu seus livros anteriores sem necessitar que uma *afecção temporária do físico* lhe facultasse maiores facilidades no campo de penetração noúrica. Jamais soubemos que qualquer anormalidade do funcionamento orgânico, tão grave a ponto de produzir *vinte dias de febre,* facultasse a um sensitivo maiores possibilidade do que seu estado de saude *relativamente normal.* Vinte dias de febre desidrata qualquer um, e as observações científicas *provam* que a excitação nervosa de tal estado, não raro, descamba para o terreno da alucinação, onde, falando agora com os ensinos do Professor Ubaldi, sub-e-super consciências podem mesclar o futuro e o passado. Ninguém alegue, para contestar-me, o exemplo de gênios aleijados e ainda de santos portadores de anormalidades congênitas ou adquiridas. Bem sabemos que a «vida, fechando certas facilidades no mundo físico, abre maiores possibilidades no campo do espírito». Uma coisa, porém, é um ser já equilibrado dentro de uma incapacidade temporária ou definitiva, e outra é uma criatura repentinamente com seu equilíbrio orgânico perturbado. A resignação não surge imediatamente ao infortúnio, pois é obra que prescinde do tempo.

Se a bronquite do Professor foi igual à de outras criaturas, além da febre, êle deve ter tido inúmeros acessos de tosse, devido à inflamação dos brônquios. Não tinha, pois, o Professor tranquilidade para um estado prolongado de transe místico.

Um dos maiores cuidados da *yoga* — e isso sabemos pelos livros, pela lógica, por Mestre Sri Sevananda Swami, e pelo próprio Professor Ubaldi, como veremos adiante, é o cuidado com o físico. O indivíduo que não tenha seus pulmões, intestinos, fígado, dentes, sangue, seu corpo, enfim, limpo, não tem condições para grandes vôos no campo do espírito. Não falemos da vida mental e moral, pois sabemos das lutas do Professor, mas não conhecemos os motivos que se perdem no incognoscível.

Diz o Professor Ubaldi, livro «NOÚRES», pag. 128/129, entre outras coisas o seguinte, com vistas ao equilíbrio físico do sensitivo:

«O processo de sensibilização espiritual tem ressonâncias nos mais baixos níveis do mundo orgânico e a purificação moral, nos níveis elevados, se completa, igualmente, *pela imposição de uma purificação celular, isto é, de células e tecidos, à substância orgânica.*» Lógico e indiscutível!

«É um fato que, com a alimentação, introduzimos substâncias químicas em nosso organismo, substâncias que depois o constituem. Para o sensitivo, então, que tudo percebe como noúres, isto é, como correntes de emanação espiritual, certas substâncias, vistas em sua mais profunda essencia, são instintivamente repelidas.» Exato!...

«Uma substância dissonante continua emitindo sua voz, sua radiação cacofônica, enquanto dela permanecerem traços no organismo», isto, porque, no dizer perfeito do Professor, *«O organismo do sensitivo é uma orquestra ressonante de correntes espirituais e no concêrto nada se pode introduzir de heterogêneo, em especial o alimento, diretamente em circulação»*.

Com a precisão que *lhe era* peculiar o Professor reduziu o físico humano a um conjunto vibratório, intimamente ligado ao espírito, influenciante e influenciável. (Noúres pag. 126/127). As chamadas *toxinas* perturbam assim o equilíbrio fisiológico, porque o organismo é uma *orquestra ressonante* que, naturalmente, toca sua sinfonia, de acôrdo com as qualidades dos instrumentos e do maestro que tem. Tôdas tocam, no seu ponto de *relativo equilíbrio*, uma composição clássica, como a 5.a de Tchaikovsky, ou uma rítmica batucada de morro. Em nenhuma delas pode entrar um elemento dissonante, sem que motive perturbação.

Frente a isso, é justo perguntar: Mas as toxinas que *vibratoriamente cacofonizam a orquestra sensitiva,* serão apenas originárias das alimentações? Não falemos da alimentação mental e moral, mas simplesmente da «ingestão física». O que é uma bronquite? Não é uma afecção oriunda da invasão microbiana? Que fazem os micróbios? Não eliminam toxinas? E micróbios e toxinas não são para o sensitivo e, embora não perceptíveis pelos não sensitivos, como diz o Professor, «correntes de emanação espiritual»? Essa infecção, invasão orgânica de micro-organismos, com seus anabolismos e catabolismos, como diz o Professor, *não serão fontes dissonantes emitindo sua voz, sua radiação cacofônica enquanto delas perdurarem traços no organismo?*

O que é essa cacofonia, senão um estado de perturbação? Não é esquisito, suspeito mesmo, que o Professor tivesse escrito o livro que êle e alguns pretendem como seu maior livro, justamente num estado de perturbação? Já que a evolução espiritual compreende uma concomitante evolução biológica, não será justo supôr que a íntima ligação de ambas subordinando uma a outra, poderá dar azo a uma influenciação no campo de atavismo, predominância do biológico, quando êste é o mais diretamente afetado?

Nenhum médium, místico, cientista, santo, gênio, poderá produzir suas maiores investiduras, sob uma torturante dor física, porque o biológico prenderá o espiritual. Os estados de anormalidade patológica, caracterizando o ser que ainda a êles esta ligado, subordina-o a suas predominâncias.

Mas, buscaremos a prova, com o testemunho de inúmeros pensadores, médiuns e místicos de reconhecida idoneidade, e êles atestarão se o estado de desharmonia física perturba ou facilita a penetração espiritual. Se o transe do Professor não pode ser submetido a comprovação experimental de seus pares, direi que o livro DEUS E UNIVERSO é uma obra de valor exclusivo para o autor e, como tal, não devia ser publicado por não poder enfrentar a crítica racional de seus semelhantes!

Antes de fechar êste aspecto, para refutar qualquer alegação de que o fenômeno mediúnico, místico, noúrico, inspirativo do Professor não é igual ao de outros, argumento com o que diz A GRANDE SÍNTESE, pag. 28:

«Muitos médiuns ouvem com um novo sentido de audição psíquica, não mais acústica; (audientes) percebem-nos e escutam com seu cérebro. Sintonia quer dizer capacidade de ressonância; espiritualmente, sintonia é chamada simpatia, isto é, capacidade de sentir em uníssono. *Seja acústicamente, tanto como elétrica ou espiritualmente, o princípio vibratório de correspondência é o mesmo, porque a lei é uma, em todos os campos.*»

Ora, se a perturbação física inibe ou dificulta a ação espiritual, e levando em conta o fenômeno de generalização, perturbado e inibido também estava o Professor. Outra coisa não quer êle dizer quando expõe na GRANDE SÍNTESE, pag. 109: «Se o sistema corresponde à verdade frente a tantos conhecidos, *deve corresponder, também com relação aos fenômenos que desconheceis ou não podeis controlar por enquanto.*» Assim, o que vale para o que vemos, vale para o que não vemos. Estabelecida está a importância do fato, do concretamente sensível aos sentidos, e podemo partir dêle para o macrocosmo e para o microcosmo, para o passado e para o futuro, para o superior e para o inferior.

Não era necessária a tese da «queda dos anjos» e do «inferno eterno» para justificar o sistema que o Professor Ubaldi chama de derrocado, qual seja, o mundo da matéria. Êsse mundo, consoante a A GRANDE SÍNTESE, consubstanciou-se em determinado nível do DESABROCHAR do pensamento divino, desabrochamento dentro da eterna evolução. Tanto isso é verdade que A GRANDE SÍNTESE diz, na pag. 69: «Do urânio ao gênio traçaremos uma linha que tem de ser contínua». Não diz A GRANDE SÍNTESE, obra de SUA VOZ, que o gênio, por revolta, degradaria de gênio a urânio, pois, logo que perdesse a condição de consciência, impossibilitado estaria de persistir na revolta. Como explicar a individualidade do átomo de urânio, e o do primeiro elemento da escala estequiogenética, o hidrogênio? Será que mesmo as individualidades atômicas persistem na revolta, retrogradando sempre, até perder sua individualidade, como deixa claramente perceber o Professor no livro DEUS E UNIVERSO? Vejamos sua fala.

«*Embora a destruição de um espírito seja possível*, a probabilidade de semelhante destruição é praticamente apenas teórica. E' verdade que o sistema é construido de maneira que possa chegar até aí, mas não está na lógica das coisas que um espírito se deixe arrastar até êsse extremo». Eis o que diz o DEUS E UNIVERSO, na pag. 190. Parece que o Professor diz que diz, mas não diz. Ora, o Professor diz que existe vida na pedra. (Noúres pag. 252) e nas células (consciência celular). Será lícito entendermos que essa vida e essa consciência que hoje anima uma célula, uma pedra, um átomo, já foi um anjo, um gênio, um burguês, um animal, uma planta, e de revolta em revolta retrogradou ao reino mineral?

Onde se originou a tese do sistema da «queda dos anjos» ou do «inferno eterno»? A resposta nos vem dos antecedentes espirituais do Professor, emergidos durante seu estado febril, quando o atavismo das fragilidades orgânicas predominava sôbre sua individualidade. Que seu passado espiritual está prêso ao catolicismo, isso é fato inconteste. Superabundam, em sua obra, os testemunhos de tal fato. Para um espírito de seu quilate, vivendo a plenitude de suas concepções, uma pedra ou um templo, católico ou de qualquer outra religião. devem ter a mesma significação, qual seja a de uma manifestação do pensamento divino. Se é justificado no involuido o processo litúrgico, como forma de sintonia vibratória com o divino, para o evoluido tal fato é vedado. Mas, qual a liturgia aceita pelo Professor? Sente êle a pureza de um templo budista? Extasia-se ante a Caaba dos Maometanos? E os profundos simbolismos totêmicos ou ritualistas de outras seitas? Poderiam fazê-lo chorar ou extasiar-se? Não! Só os templos católicos, só as liturgias das missas e de outros simbolismos da Igreja de Roma! Citemos o Professor para abonar o que dizemos:

«Ora, em nada encontraremos tão poderosamente reconstruida, atual e presente no seu sentir mais vivido e profundo a substância espiritual dêsse momento, *como no sacrifício da missa*». ASCENSÕES HUMANAS, pág. 86, onde ainda diz: «Hoje, faltando a sensibilidade necessária para a percepção, *para a admissão* de um fato que está além da razão, *como seja o da presença de Cristo na Eucaristia*, não há outra via que a da fé». Sempre que alguém quer *impingir um* dogma apela para a limitação da razão. E' ainda do mesmo livro, pág. 145: «A paixão do Cristo e a *cotidiana repetição do seu sacrifício no rito eclesiástico, não nos dizem exatamente isso?*»

Os livros do Professor estão pontilhados de fatos de beatitude religiosa, como aquêle da cerimônia constante do capítulo «Paixão», em que o Professor fica abalado ao ouvir o estalido das vêrgas batendo no solo, com que a Igreja católica relembra o chicoteamento de Jesus. (Pág. 98, do livro ASCENSÕES HUMANAS). Também está êle preso à encenação, conforme consta do livro ASCESE MÍSTICA, pág. 333, emocionado com as «Sete velas e mais sete, em duas ordens bem visíveis, que ardiam, solitárias, na basílica de Francisco». Está lá: «A sinfonia da liturgia, de luzes, de pranto, canta concorde uma lenta sonolência de morte em que se extingue a agonia da Paixão».

A lista seria imensa. Ficamos aquí. Para nós, o estado febril do Professor fez sobrevir o passado milenário dêle, passado de dogmas religiosos e visões deformadas. A GRANDE SÍNTESE é uma obra completa. A alma gerada por Deus, a Êle retorna, num cíclo imenso, cujo princípio e fim A GRANDE SÍNTESE esquematizou. Se é verdade que o assalto das trevas é constante, não está fóra de cogitações que falanges espirituais inferiores, prevalecendo-se de condições propícias, físicas e morais, contribuissem para essa obra que veio comprometer tudo o que o autor havia antes produzido.

O que mais choca, entretanto, é que o Professor possa ter escrito o que está nas páginas do capítulo «X», A TEORIA DA QUEDA DOS ANJOS, especialmente nas páginas 200/1/2/3/4/5. Mas muita coisa ainda vai ser dita, antes que entremos no mérito do que está lá.

NOTA — Todos os grifos são meus e meus livros são da LAKE.

Esclarecendo Dúvidas

Aos que não me conhecem, apresento-me como um estudioso de qualquer trabalho espiritualista, livre, inteiramente livre de preconceitos religiosos, aceitando ou negando o que é dado como verdade, indiferente à fonte de onde promane, seja essa fonte o Buda, o Cristo, Kardec, Emmanuel, Ubaldi. Não aceito nada que não possa ser demonstrado com lógica e, se aceitei a GRANDE SÍNTESE, entre outros ensinos, eu o fiz por sua clareza.

Em Belo Horizonte, juntamente com o Professor Rubens Romanelli, fundamos e mantivemos, durante muito tempo, um grupo de estudos das obras de Ubaldi. A elas nos dedicamos, e a vinda do Professor Ubaldi a Belo Horizonte foi, em grande parte, obra de nosso esfôrço. Temos, pois, base, o que nos dá direito de opinar sôbre o assunto. Particularmente, sempre procurei separar, na obra ubaldiana, o que era de Deus do que era do homem, coisa que acontece com qualquer um.

Nesta secção responderemos às tentativas de justificação do dogmático e religioso princípio da «queda dos anjos», e do «inferno eterno». Na outra, critíco o livro DEUS E UNIVERSO, para que a polêmica não me desvie dêle.

* * *

A redação da revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», em seu número de Maio, pág 4, contestando o Sr. Edgar Armond, levanta a seguinte premissa:

«Mas, os grupos humanos sempre repetem a si mesmos. E grupos surgiram ao redor dos ensinos de Kardec que pretenderiam novamente enclausurar o campo e proclamar uma nova infalibilidade».

Mas, *se os grupos humanos sempre repetem a si mesmos, podemos dizer que grupos surgiram ao redor dos ensinos de Ubaldi procurando enclausurar o campo e proclamar um outro infalível*. A definição da redação é arma de dois gumes que, cortando a infalibilidade de Kardec, corta também a de Ubaldi. Ou pretendem que Ubaldi seja o INFALÍVEL?

Todos os estudiosos dos ensinos de

Ubaldi, à saciedade, sabem que o livro «História de um homem» não é evidentemente a história da vida de Professor Ubaldi. Contém o livro ensinamentos preciosos, mas tem bôa dose de fantasias e contradições, o que corrobora a falibilidade do Professor. O livro tem, logo no início, a seguinte dedicatória:

«Ao meu filho, morto pela pátria».

Êle poderia dedicar o livro ao filho, nada de mais, e qualquer pai amoroso dedicará ao seu filho não um livro, mas uma vida. O que não é compreensível a um espírito do quilate de Ubaldi, com os seus conhecimentos, é o arremate... «morto pela pátria».

Morto? mas o Professor não ensina que a morte não existe? E um sensitivo, como êle, não tem possibilidade da sintonia noúrica com o filho, que continua tão vivo como antes?

Pela pátria? Que pátria? A Itália? Mas a pátria do cristão é o universo, consoante o que prega o autor. O espírito não tem pátria!...

Morto pela pátria? Ninguém morre pela pátria, morre, ou melhor, desencarna, luta e sofre, pela lei kármica de causa e efeito, de determinismo e livre arbítrio. Por que essa exaltação ao sacrifício do filho? Quanta gente vai à guerra e não morre? Quanta gente morre sem ir à guerra? Se a pátria é o bem estar de um núcleo da coletividade, quase todo mundo morre pela pátria, pois o trabalho individual, na guerra, na paz, no campo, na oficina, é uma forma de morrer pela pátria. Cada um morre de um jeito, mas todos morrem primeiramente por si, e num sentido mais vago, morre pela pátria.

Se existe fanatismo por Kardec, não é menos verdade que existe outro tanto com relação a Ubaldi. Muita gente abonou a afirmação de Clóvis Tavares, contida no livro «Vida de Pietro Ubaldi», de que o Professor «era a maior presença espiritual na Terra». Para tal conclusão, indispensável seria o exame de todos os sêres que vivem na face do planeta, *julgá-los* não se sabe como, pesando-os e medindo-os em seus pesos específicos. Há lógica nisso? Racionalidade e BOM SENSO?

Ninguém contesta a GRANDE SÍNTESE. Sòmente o «DEUS E UNIVERSO» suscitou polêmicas, incidindo justamente contra o que diz no livro «FRAGMENTOS DE PENSAMENTO E PAIXÃO», pois aquêle livro é um contínuo afirmar do autor e, por não ser racional, não convence ninguém e cada vez mais se acirra, divide e conturba os espiritualistas.

Vejamos o que diz o Professor no Livro «Fragmentos», pág. 33 e 34:

«Procurar o que une e evitar o que divide». Por que não procurou e não evitou?

«Nosso método é, pois, o de não oferecer nunca aos ávidos de polêmica a resistência de outra polêmica, isto é, o mau exemplo de luta e guerra». Quem contestar, será dogmàticamente taxado de «ávido de polêmica». Velho sistema de anatematizar, usando o argumento da fôrça em substituição à fôrça do argumento.

Recebi e agradeço, de Luiz Caramaschi, da cidade de Piraju, a cópia de uma carta-artigo na qual o signatário contesta os artigos do sr. Edgar Armond. Conheci o jovem Caramaschi em Belo Horizonte, quando da vinda do Professor Pietro Ubaldi ao Brasil. Guardo, como presente do Luiz, uma fotografia «Gênio e Intuição», repetidamente vista porque serve de «marca» em minha GRANDE SÍNTESE.

Toda a grande estima e agradável recordação que lhe voto não impedem que, no caso do livro DEUS E UNIVERSO, nos situemos em campos opostos.

Êste artigo está ficando grande e, assim, deixo para o próximo minhas considerações a respeito do que disse o Luiz Caramaschi. Teremos de buscar a autenticidade da fonte e, mais, das razões que lhe alicercem a indestrutibilidade.

Só porque João ou São João disse que «no princípio era o verbo», isso não quer dizer que, realmente, a coisa tenha sido assim.

Quem fala de «princípio», fala de tempo, e tempo é fenômeno de consciência, quem nô-la ensina é Ubaldi. Sem consciência, cai o fator tempo. Eternidade não é a soma do passado, presente e futuro, ainda nos ensina o mestre de Gubio; eternidade é ausência de tempo.

Quem quiser defender a infalibilidade de João, ou de São João, tem de defender a infalibilidade de todo o Evangelho e neste há muita coisa sem defesa, confusa. Onde o critério? Na razão? Então iremos raciocinar.

Gosto da GRANDE SÍNTESE, porque ela não veio falar «a voz quente da fé, mas a fria linguagem da razão». Vamos acreditar no que for lógico, deixando o resto, o que for do campo do sentimento, para que cada um viva sua experiência, na intimidade e silêncio de sua individualidade.

Rua Quimberlita, 490 —
Belo Horizonte — Minas.

Ciência ou Espiritismo?

Prof. CARLOS PEPPE

O mundo espiritual constitui uma das fôrças da Natureza, atuando sôbre o globo terráqueo, incessantemente, desde a sua formação. Os pormenores, consoante a lei de evolução que preside a todos os fenômenos psico-físicos terrestres, foram calculados e previstos. Por isso, sòmente poderemos entender a realização espiritual na Terra, quando raciocinarmos em têrmos de evolução. Os fatos geológicos, biológicos e psicológicos tornam-se incompreensíveis, se nos distanciarmos da linha evolutiva que os caracteriza. O estado atual dos conhecimentos humanos, resultante de uma longa gestação, já nos permite uma pesquisa objetiva do universo, da Terra em particular e dos sêres vivos (inclusive o próprio homem). A história do conhecimento humano, contada pelas diversas civilizações que já se sucederam, revela-nos bem o plano de Jesus e seus prepostos, relativo ao aprimoramento espiritual de cada um de nós. Das sombras intensas da simplicidade e da ignorância, através de inúmeras reencarnações, o espírito humano, lentamente acumulou a imensa bagagem espiritual que hoje possui. O aprendizado é lento, comparado com o relativo do tempo de que dispomos. Em cada etapa civilizadora, as interpretações do mundo espiritual e da sua ação junto aos homens têm variado muito, dependendo do grau evolutivo dos espíritos investigadores que fazem suas experiências dentro da carne. Isso caracteriza as condições espirituais da Terra, e condiciona as revelações feitas pelo plano espiritual superior, responsável pela evolução moral da humanidade. Os Espíritos acautelam seus ensinamentos com métodos e condições especiais, ao revelá-los aos homens. E' necessário que êles não se percam, pois o espírito vivifica, e o resultado final do aprendizado é o da libertação do homem no seio de Deus. No decorrer dos tempos, eis que surge o Espiritismo, atendendo às necessidades básicas do homem atualizado; êle tem um carácter revolucionário, sintetizando todos os conhecimentos até agora adquiridos, atento à interpretação em espírito e verdade das palavras de Jesus Cristo. No panorama atual da humanidade terrestre, o Espiritismo tomou o carácter de uma «ciência que trata da natureza, destino e origem dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal» (1). Inaugura uma fase nova de lutas redentoras na face do planêta, marcando o início da era de regeneração da humanidade. E' revolucionário por enfeixar em si todos os ramos do saber, iluminando-os superiormente. Por causa disto mesmo, deve submeter-se às mais variadas verificações de que são capazes os homens. Era natural que, do antagonismo existente entre os cientistas e os religiosos, particularmente os católicos, êle fôsse lançado no ról das estravagâncias religiosas, e por isto, combatido pelas duas correntes em luta. Analisado apressadamente, escapa à compreensão do investigador, pois seus fundamentos são os de uma doutrina que abarca toda a experiência humana em um conjunto harmonioso. O seu crítico deve ser aquêle que lhe estudou as bases tão profundamente que pôde chegar a resultados verdadeiros, livres das imposições particularistas de credos e de preconceitos. A parcialidade na crítica invalida seu resultado. E' comum nos inteirarmos de opiniões de cientistas sôbre Espiritismo, supostas autoridades suficientes para afastá-lo das cogitações humanas. E' justo acrescentarmos aqui o número daqueles que se lançam a essa tarefa inócua, movidos por preconceitos desordenados e paixões religiosas. Para nós, espíritas, as opiniões de uns e outros não têm valor absoluto. Quando Jesus ordenou a codificação do Espiritismo, Êle sabia que as necessidades dos homens a as condições da Terra garantiriam a vitória de seu estabelecimento e de sua propagação. E' verdade que a resistência das religiões já constituidas, das filosofias e das ciências particulares, haveria de opor-lhe embaraço, que, por fim, seria superado. No momento histórico que atravessa, o Espiritismo já se encontra na fase de propagação, pois o seu estabelecimento garantiu-se há muito tempo. Basta consultarem-se as estatísticas referentes aos números de seus adeptos e de livros publicados pela Federação Espírita Brasileira, não contando as outras editoras e os periódicos em circulação no país. Contudo, a resistência dos cientistas e dos religiosos de todos os matizes ainda continua. Mas não demorará a ser vencida, pois o «Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos» (2). No Espiritismo, as partes científica e filosófica são, apenas, meios de espiritualização do homem, girando exclusivamente em tôrno da doutrina de Jesus, que lhes enviará, sempre, a luz norteadora de seus caminhos, ainda tão obscuros e tortuosos. Sòmente o Cristo pode dar uma finalidade a êsses departamentos do conhecimento humano. E o Espiritismo é um conjunto de ciência e filosofia a serviço ativo de Jesus Cristo, estabelecendo-lhe a grandeza perdida nas intermináveis questiúnculas religiosas, revivendo em espírito e verdade as suas palavras esquecidas ou desvirtuadas no correr dos tempos. A ciência espírita é de novo tipo, pois tem como finalidade estudar o universo físico e suas causas imediatas, tendo em vista seu valor espiritual. Quer dizer, preocupa-se com a matéria em todos os seus graus de manifestação e transformação, de utilização e manutenção de vida, bem como com as leis que regem sua existência em todos êsses aspectos; mas suas pesquisas só se realizam de acôrdo com a importância espiritual que tiverem. E' nesse sentido que a ciência espírita se opõe à oficial, chamada materialista. Aqui neste ponto criaram os incautos um antagonismo, cujo resultado tem levado espíritas e cientistas a confusões lamentáveis e desnecessárias. Bem entendidas as coisas, a luta entre cientistas e Espiritismo deixa de existir. Toda ciência, tanto a oficial como a espírita, tem seus limites na matéria, sendo por isso exclusivamente materialista.

«Consiste a ciência em formulações descritivas, não em explicações interpretativas das cousas. São sempre as causas secundárias aquelas que a ciência anda buscando; não são nunca as últimas causas» (3).

«Desde que se dirige aos fatos, a ciência está próxima da matéria, porque todo o fato verificado é, a princípio, um fato material» (4).

«Ciência é técnica organizada» (5).

«A ciência trata das condições gerais observadas para regular os fenômenos físicos» (6).

«Admitindo que o mundo exterior da realidade é governado por um sistema de leis, o físico elabora uma síntese de conceitos e teoremas; e esta síntese é considerada como a imagem científica do universo físico». (7)

«Nos têrmos do conhecido símile de Platão, estamos ainda presos em a nossa caverna, com as costas para a luz, e só a seguirmos as sombras na parede. Presentemente, a única tarefa imediata da ciência é a de estudar essas sombras, classificá-las, e explicá-las do modo mais simples possível» (8).

«Só os experimentos metódicos e cabais podem tornar inteligeis os princípios gerais da ciência e erigí-los sôbre bases seguras» (9).

«A finalidade da ciência é encarar o mundo tal qual êle se apresenta» (10).

«No comêço, o Universo fez o homem; depois, o homem começou a refazer o Universo» (11).

«A ciência humana é baseada sôbre o estado fisico dos fenômenos» (12).

«A ciência nos deu o domínio de quase tudo o que existe à superfície da terra» (13).

«A ciência moderna conquistou seus maiores laureis, traçando a organização do Universo desde o fino eletron às maiores nuvens de galáxias» (14).

«O homem fez a ciência, e, em troca, a ciência fez o homem» (15).

«A ciência é conhecimento que busca as leis gerais relacionando certos fatos particulares» (16).

«A ciência é uma forma sistemàticamente organizada do pensamento objetivo» (17).

«A ciência inventaria idéias em correspondência com a realidade do nosso mundo» (18).

«Ciência — mundo dos fenômenos: eis o seu objetivo; a observação e a experiência: eis os processos de atingílo» (19).

«Ciência é o conhecimento especializado» (20).

«Na ciência, o saber se prende à experiência e ao experimentável, sem nunca trancendê-lo» (21).

«Ciência é o conjunto de conhecimentos certos, gerais e metódicos, que se relacionam com um objeto determinado» (22).

«A ciência procura registar todos os fatos naturais mediante a indução baseada na observação e experimentação» (23).

«Ciência — conhecimento organizado, especialmente como um campo de investigação» (24).

«A ciência só tem por inimigos aquêles que julgam a verdade inútil e indiferente e aquêles que, conservando à verdade seu valor transcendente, pretendem a ela chegar por outros caminhos fóra de crítica e da pesquisa racional» (25).

«Com a ciência tem o homem na sua mão o poder de plasmar êste mundo virtualmente à sua vontade» (26).

«Um físico teórico tenta encerrar em simples fórmulas as leis que regem o universo; procura imaginar um sistema lógico que represente a Lei e a ordem do mundo exterior» (27).

«Ciência é o conjunto de nossos conhecimentos positivos sôbre os sêres materiais, as fôrças, as formas e os números» (28).

Agora, sem prosseguirmos na citação de sábios, podemos ligar a idéia de ciência exclusivamente à matéria. Isso parecer-nos-á claro se atentarmos no fato de que, no decorrer dos tempos, Jesus tem permitido que os homens se adestrem no domínio do ambiente terrestre, oferecendo-lhes um meio adequado a êsse fim.

«A ciência lhes foi dada para seu adiantamento em todas as coisas» (29). Era preciso que o espírito se relacionasse com o meio material onde labora, aproximando-se de Deus através de sua obra. A ciência, além do mais, cria a técnica, a grande amenizadora do trabalho. Livre das imposições rudes do labor diário, pode o homem dedicar-se mais às coisas do espírito. Em todos êsses aspectos, o Espiritismo precisava do auxilio da ciência, e foi assim que criou a ciência espírita. Mas aquí ela é norteada por nova luz, pois a ciência, como ciência, é insuficiente para o desiderato espírita; a doutrina espírita é de carácter sintético, e um só de seus aspectos, como o científico, não revela o seu conteúdo integral. Tanto que, nas questões comezinhas de espiritualidade ela não pode opinar. Seus objetos e seus fins são exclusivamente materiais. Por causa disto, quando um cientista, como cientista, quiser opinar sôbre Espiritismo, êle não o pode fazer, pois isso não é da sua competência. «As nossas ciências, malgrado seus prodigiosos progressos, não puderam dar-nos a razão de ser de certos fenômenos excepcionais. aos quais as leis até aquí conhecidas da física, da química, da fisiologia não se aplicam». (30)

Porém, se êle reunir em si conhecimentos religiosos e filosóficos, então sim, como portador de um conhecimento sintético, estará apto a julgar os fenômenos que se realizam fóra do âmbito científico.

«A ciência, pròpriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo.... O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios..... Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas, com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que hão encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência». (31) Concluindo com Kardec, temos que, para os espíritas só é importante o resultado espiritual de uma pesquisa científica, e não as opiniões dos cientistas, que por sua própria profissão se tornam insuficientes para se pronunciarem sôbre os fatos do espírito. Por isso, parece importante a revisão que deve ser feita em todos os escaninhos dos conhecimentos humanos, à luz da Terceira Revelação. O que deve ser procurado é a ciência nova, a filosofia nova, e as novas interpretações evangélicas. O Evangelho Segundo o Espiritismo, méta de todos os espiritas, lançará a luz nos caminhos dos que se dedicarem a êste mister. Até lá, seria conveniente os espíritas não se incomodarem com o que dizem os cientistas, bem como os filósofos e religiosos sectaristas a respeito de sua doutrina. O que convém é a oposição serena que lhes devem fazer, como espíritas cientistas, oferecendo-lhes conhecimentos novos, capazes de satisfazerem todos os problemas de origem e destino da humanidade.

«O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Êle no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das fôrças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. E' a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que êle disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil» (32).

---

(1) *O que é o Espiritismo — Allan Kardec.*

(2) *O Livro dos Espíritos — Allan Kardec.*

(3) *Introdução à Ciência — J. A. Thompson.*

(4) *Para além da Ciência — Sertilanges O. P.*

(5) *O Homem e a Ciência — L. Hogben.*

(6) *A Ciência e o Mundo Moderno — A. N. Whitehead.*

(7) *Aonde vai a Ciência ? — Max Plank.*

(8) *O Universo Misterioso — J. Jeans.*

(9) *História da Ciência — Segdwick.*

(10) *Mistérios da Ciência — A. W. Haslett.*

(11) *O Homem e o seu Universo — L. Davis.*

(12) *O Homem e o seu Destino — L. du Noüy.*

(13) *O Homem perante a Vida — A. Carrel.*

(14) *História da Ciência — D. Dietz.*

(15) *Os Grandes Homens da Ciência — G. Wilson.*

(16) *Panorâma Científico — B. Russell.*

(17) *Lógica e Filosofia das Ciências — G. G. Granger.*

(18) *Evolução da Física — Einstein.*

(19) *A Crise do Mundo Moderno — P. Leonel Franca S. J.*

(20) *A Base Física do Espírito — Farias Brito.*

(21) *Lógica e Dialética — Mario Ferreira dos Santos.*

(22) *Manual de Filosofia — C. Lahr.*

(23) *Dicionário de Filosofia — W. Brugger S. J.*

(24) *Dicionário de Têrmos Científicos — C. M. Beandnell.*

(25) *O Futuro da Ciência — E. Renan.*

(26) *O Romance da Física — G. R. Harrisson.*

(27) *A Evolução de um Cientista — L. Infeld.*

(28) *Novo Dicionário das Ciências — Poir, Perrier, etc.*

(29) *O Livro dos Espíritos — Allan Kardec.*

(30) *Tratado de Metapsíquica — Ch. Richet.*

(31) *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita — A. Kardec.*

(32) *O Evangelho Segundo o Espiritismo — A. Kardec.*

A doutrina espírita tem uma tarefa sumamente importante a realizar na reconstituição espiritual do mundo. Não vem, como um dogma, a impôr a crença na imortalidade do Espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma fôrça dinâmica que engrandece e desperta as fôrças morais e espirituais do Homem, pela demonstração tangível da existência do Espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas. Vem sacudir os fundamentos da atual sociedade para a construir de novo nas bases seguras duma moral natural e nova ; não vem desculpar a injustiça humana, — obra quase sempre de videirinhos e falsos individualistas ; vem, numa palavra, trazer nova consciência à Humanidade, digna já dum ideal superior, como é o Espiritismo.

HUMBERTO MARIOTTI.

A Transfiguração de Jesus

BIANÔR MEDEIROS

1. — Textos : (Mateus, XVII, de 1 a 8 ; Marcos, IX, de 1 a 8 ; Lucas, IX, de 28 a 36 ; João não narra o fato).

2. — Para estudarmos e escrevermos êste trabalho, confrontámos e utilizámos, além de outros, os seguintes textos e obras :

I. — A Biblia Sagrada — Antonio Pereira de Figueiredo ;
II. — A Biblia Sagrada — Matos Soares ;
III. — A Biblia Sagrada — Otoniel Motta ;
IV. — Biblia Vulgata — Colunga-Turrado ;
V. — Novi Testamenti — Biblia Graeca et Latina — Joseph M. Bover ;
VI. — Nuevo Testamento — José Petisco ;
VII. — Holy Bible — King James Version ;
VIII. — La Saint Bible — Louis Segond ;
IX. — La Santa Biblia — Casiodoro de Reina Cipriano De Valera ;
X. — Erets Israel — Nissim Elnecave;
XI. — Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa — Antenor Nascentes;
XII. — Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes — Rosário Guérios;
XIII. — Tratado de Ortografia da Lingua Portuguesa — Rebelo Gonçalves ;
XIV. — Regras da Ortografia Oficial — E. Alvares Cardoso ;
XV. — Dicionário Contemporâneo — Caldas Aulete — 3.a ed. ;
XVI. — Lello Universal.

3. — Nada encontrámos sôbre o assunto, nem no Evangelho, de Kardec, nem nas Elucidações, de Sayão.

4. — «Seis dias depois da última lição, Jesus levou Pedro e os irmãos Tiágo e João ao pico de um monte próximo e se transfigurou diante dêles. O seu corpo resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se alvinitentes. Os iluminados espíritos de Moisés e Elias materializaram-se, reuniram-se ao grupo e conversaram com Êle. Pedro, admirado, sugeriu : Senhor, melhor seria vivermos aqui ; se quiseres faremos três tendas : uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Deus, em forma de nuvem fulgurante, envolveu-os e falou : Êste é o meu Filho muito amado : ouvi-o. Os discípulos atemorizados e desfalecidos caiam por terra, de bruços. Terminada a assembléia Jesus aproximou-se dêles, tocou-os e disse-lhes : levantai-vos e não temais. Ao despertarem Jesus já estava só. E quando desciam do monte, ordenou-lhes o Mestre : Não digais a ninguem o que se passou até que eu ressuscite dos mortos.» (Mateus, versão livre e racional, em português corrente, de Bianôr Medeiros).

5. — Estudámos, interpretámos e reconstruimos os maravilhosos fenômenos da Transfiguração e concluimos o trabalho que divulgamos, guardando fidelidade ao espírito do Evangelho, em sua pura essência. Simplificámos a forma, reduzimos construções perifrásticas, eliminámos repetições deselegantes, escolhemos e retificámos o vocabulário, traduzimos racionalmente o texto, fiéis ao pensamento do Cristianismo. Da linguagem popular, vulgar, simples, primitiva dos Evangelistas ao português corrente medeiam dezenove séculos. A verdade não muda mas a compreensão se dilata, a fórma se renova, o estílo se aperfeiçôa, o vocabulário se enriquece, as palavras mudam de significação e as idéias se aclaram. A análise gramatical e lógica de palavra por palavra, de expressão por expressão, de sentença por sentença, de período por período, de texto por texto, a comparação de uma língua com outra língua, dilatam a compreensão para um entendimento maior dos fenômenos espirituais. Parece sacrilégio modificar a linguagem vulgar, popular e tradicional dos textos sagrados. Repugna ao espírito conservador as novas expressões da linguagem científica moderna, mas o pensamento sempre se vestiu com a roupagem da época. O principal é o pensamento, o espírito, o fundo, a idéia e não a forma que acompanha a evolução, o progresso, a marcha do tempo. Foi por isto que Jesus falou e não escreveu a sua Doutrina. Por isto, também, vestimos a Doutrina e os fenômenos do Cristianismo com a linguagem do

século vinte e esperamos a indulgência e a compreensão de todos.

6. — Há pequenas e aparentes divergências entre os Evangelistas quando narram o fato. Cada um salienta o que mais o impressiona e silencía pormenores. O testemunho húmano é falho, não é completo. Mateus, Marcos e Lucas narram o acontecimento enquanto João não o faz. Para Mateus e Marcos o fato se deu seis dias e para Lucas, oito dias depois da última lição do Mestre. Mateus e Marcos não esclarecem se Jesus orou antes da Transfiguração, enquanto Lucas afirma esta circunstância que era hábito do Divino Mestre e de seus discípulos. Lucas não se refere à proibição que Jesus fez aos discípulos para que não divulgassem o acontecimento enquanto Mateus e Marcos o fazem, mas salienta que êles guardaram silêncio do sucedido. Também os Evangelistas não mencionam o nome do monte «Tabôr», conservado pela tradição Cristã. São pequenos lápsos que não deslustram a grande apoteóse espiritual.

7. — O Evangelho é uma síntese histórica, a narração abreviada e em ordem cronológica da vida, dos feitos e da Doutrina ensinada por Jesus. Não sabemos, por isto, se a Transfiguração se deu pela manhã, à tardinha ou à noite, nem o dia, nem o mês, nem o ano, nem o tempo de sua duração. O tempo e os lugares são sempre bons em si mesmos e embora tenham grande valor para o homem enquanto homem, teem pouca significação para o espírito imortal e para a Doutrina do Divino Mestre. O que realmente importa ao espírito e ao Cristianismo é a verdade, o conhecimento que retifíca, a fé viva, o estílo de vida, as obras, os fatos, as realizações em sua devida oportunidade.

8. — Esta lição é o conjunto de fatos históricos e simultâneos que evidenciam o poder de Deus e a fragilidade humana, a sabedoria Divina e a ignorância do homem encarnado, as possibilidades dos espíritos superiores e as grandes limitações do insignificante verme intelectual que rasteja pela Terra. E, como encerre profundos ensinamentos aos homens sempre ignorantes e sofredores não pode ser esquecida e colocada à margem da vida espiritual moderna.

9. — Todas as lições do Divino Mestre teem o seu grande valor e comprovam a sua sublime sabedoria e o seu imenso poder espiritual, superiores ao de todos os homens, em todos os tempos e lugares. Contudo, a Transfiguração supera a todas elas, mesmo a do Sinái e a de Pentecóstes, calando fundo na mente humana, tornando-se inesquecível. Esta lição é um conjuto de lições que esclarecem, convencem, fundamentam e comprovam não sómente a autoridade de Jesus, como todos os seus ensinos. Fala a linguagem imponente dos fatos, impressiona, sugestiona, choca todas as fibras da alma, sacode e desperta, aviva e vitaliza a memoria, o espírito para sempre. A Divindade desce à Terra e no Monte Tabôr o Ceu e a Terra se encontram, os anjos e os homens se reunem. Deus surge do seu Reino, materializa-se, toma forma perceptível e fala aos homens. Jesus, por instantes, abandona a sua proverbial e caracteristica humildade que ocultava o seu imenso valor e, ali, diante de todos, se transfigura e se mostra no esplendor de sua luz, de sua glória, com todo o seu poder, com todas as suas virtudes, com toda a sua realeza espiritual. Moisés e Elias, dois em vez de um Espírito Santo, se materializam, resplandescentes, e se fazem ver e ouvir por todos, conversando com Jesus, com espontânea naturalidade.

10. — O Monte Tabôr, de 562 metros de altura, situado ao norte da Palestina, é o sitio escolhido por Jesus para a realização do grande feito espiritual. Os montes sempre tiveram preferência para os grandes acontecimentos espirituais pela sua visibilidade, pelo ambiente propício e aprazível, pela paisagem que destaca, realça, impressiona favoravel e vivamente todos os assistentes. Jesus súa sangue e é encorajado por um anjo no monte das Oliveiras, na véspera da hora suprema e é crucificado no Gólgota dos Judeus ou no Calvário dos Romanos. Moisés recebe o Decálogo no monte Sinái. A Arca de Noé desce o monte Horeb, etc...

11. — Esta foi a maior, a mais súblime e especial das sessões espiríticas ou espiritualistas feitas na Terra, prestigiada e realizada por Deus vivo, em espírito e verdade, por Jesus em pessoa, por Moisés, por Elias, por Pedro, Tiago e João, isto é, pelos mais eminentes espíritos do universo e pelos primeiros discípulos do Divino Mestre. Foi ainda a que se caracterizou pela maior variedade de dons espirituais ou de mediunidades: materialização de Deus em forma de nuvem lu-

minosa, como costumava aparecer a Moisés; voz direta da Divindade falando aos homens; a Transfiguração gloriosa de Jesus; a materialização de Moisés e Elias, visível a Pedro, Tiago e João que os veem, ouvem, sentem e entendem; os espíritos de Moisés e Elias conversam com Jesus sôbre a sua próxima glorificação no Calvário. Constitue a maior prova da existência da alma unida e separada do corpo e de sua imortalidade e a certeza absoluta da volta dos espíritos dos mortos para confabularem com os vivos. Deus surge no cenário espiritualizante para enaltecer a eminente personalidade de Jesus, ordenando que fôsse Êle ouvido por todos os homens, sem excepção alguma. Não obstante a ordenação imperiosa da própria Divindade, são poucos que gostam de ouvi-lo, aceitá-lo e segui-lo em espírito, verdade e vida. Entretanto, são muitos os que querem subverter a ordem dos valores e da hierarquia espiritual e com requintada petulância chegam a querer ditar leis e sabedoria ao próprio Criador, Legislador e Juiz do universo inteiro.

Esta é a religião real, o culto espiritual natural, puro, simples, verdadeiro, legítimo ensinado e praticado por Deus vivo, por Jesus, por Moisés, por Elias e praticado, vivido pelos primitivos discípulos do Mestre — Pedro, Tiago e João e que visa diretamente o seu grande objetivo: o processo educacional completo do homem como espírito imortal.

Esta é a Igreja viva de Cristo e da Divindade: assembléia de Cristãos com objetivo superior de educação espiritual. E' a comunhão espiritual pura e única, o intercâmbio entre os espíritos encarnados e desincarnados, o convívio, o colóquio, a permuta de idéias, a associação dos que amam e seguem realmente o Cristo de Deus. E' a grande revelação Divina aos homens da Terra, repetida no dia de Pentecostes e sempre entre os Cristãos. E' o meio pelo qual os Espíritos Santos revelam aos homens a vontade de Deus, ensinam a sabedoria Divina, o conhecimento maior da vida espiritual em eterna renovação.

Constitue a prova concreta do interêsse que os espíritos superiores teem sempre pelos destinos humanos.

Esta foi a sessão magna, um trabalho especial, diferente dos comuns feitos pelos homens, porque teve como presidente a própria Divindade, como guias — Moisés e Elias, como mediador entre o o Céu e a Terra o próprio Cristo e como assistentes — Pedro, Tiago e João.

Foi êste o primeiro batismo do Espírito Santo, praticado, honrado e glorificado por todos os reais valores do Cristianismo vivo, em espírito, verdade e vida, seguido, imitado e exemplificado como modêlo vivo pela Igreja nascente, pela Sociedade Cristã de todos os tempos e lugares.

A Revelação foi sempre o meio utilizado pela Divindade para ensinar e guiar os homens pelos caminhos espirituais da Vida Eterna. Encontramo-la tanto no Velho como no Novo Testamento, tanto nos pequenos como nos grandes profetas, tanto nos apóstolos, como nos discípulos, como nos discípulos dos discípulos, em todos os tempos e lugares. Ninguém poderá trancar a porta de ligação do Céu com a Terra e interromper o intercâmbio entre os Espíritos Superiores e os homens de boa vontade. Ela é a Escola Divina, o intercâmbio espiritual, a solidariedade e fraternidade humana, a Caridade legítima. Não há homem capaz de estancar a fonte Divina de informações que desce do Céu para a Terra através dos canais espiritualizantes, dos dons espirituais. Só um ignorante poderá duvidar disto e sómente os loucos poderão pretender tal absurdo. A Revelação é obra Divina, é Lei de Deus, é fonte inesgotável.

O Cristianismo é laboratório de virtudes curadoras que desenvolve os dons espirituais pelos quais se processa a Revelação.

12. — «Êste é meu Filho muito amado: Ouvi-o.»

A voz de Deus, o verbo Divino, o pensamento do Altissimo não são iguais aos dos homens: são fôrça, poder, ação, trabalho, vida, movimento, realização, renovação, ensino, ordem.

Deus vivo, concisão e precisão inigualáveis, ensina aos homens, por intermédio de Pedro, Tiago e João o valor imenso e insuperável de Cristo, a sua extraordinária autoridade moral e espiritual, a sua missão espiritualizante da humanidade, determinando que todos o ouvissem, isto é, que guardassem, praticassem, exemplificassem, vivessem os seus ensinamentos e o imitassem como modêlo vivo, como exemplo. O Divino Mestre não é como qualquer de nós, como qualquer um do povo, doente, ignorante, incapaz, infeliz.

Êle é o Embaixador celeste e excelso da própria Divindade, o Missionário verdadeiro, o Evangelho vivo, a personalidade eminentemente Divina e espiritualizada, o super homem que encarna a sabedoria, a luz, as virtudes e o poder do Altissimo. É o que se revelou na apoteose do Tabôr.

13. — Diante de Deus sómente Jesus, Moisés e Elias conseguem ficar de pé. Pedro, Tiago e João caem por terra, de bruços, atemorizados e atordoados como aconteceria a qualquer um de nós, nas mesmas condições.

14. — «Pedro, admirado, sugeriu: Senhor, melhor seria vivermos aqui; se quiseres faremos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.»

Jesus nada respondeu. A sugestão de Pedro era pura e simplesmente a ingenuidade bem característica do homem terreno, estranha e contrária aos desígnios do Altissimo. Moisés e Elias eram espíritos desincarnados, estavam no Reino de Deus e não precisavam de tendas no reino dos homens. Jesus estava prestes a deixar êste e partir para o outro mundo. Todos tinham suas tarefas de movimentação e não podiam ficar retidos em casa.

Deus então se fez ouvir e ver e falou como Deus, com a maior autoridade do mundo material e espiritual, como Soberano do Universo, como Senhor absoluto da vida, como Chefe Supremo de todos os reinos e para toda a humanidade.

Não obstante as limitações naturais de Pedro, uma cousa se deve salientar como característica do seu nobre espírito: se lhe faltou compreensão no momento histórico, provou o seu imenso amor por Jesus, por Moisés e por Elias, bem como o seu grande desprendimento, a sua singular renúncia, oferecendo-lhes tudo e nada exigindo para si e para seus companheiros. Desde o princípio dedicou-se de corpo e alma ao Mestre e à sua Doutrina, aceitando-a e seguindo o Senhor com dedicação fóra do comum. Era sincero.

15 — «Levantai-vos e não temais.»

O homem sempre teve mêdo dos fenômenos espirituais. O soldado mais valente, o general mais destemido, o mais corajoso dos mortais enfrenta, com coragem incrível, todas as dificuldades do caminho e todos os seus inimigos, mas treme de mêdo diante de qualquer manifestação de ordem espiritual. Os Judeus, apavorados, pediram a Moisés que subisse, só, ao monte Sinai, com receio de morrerem diante do Altissimo. Paulo de Tarso, valente centurião, ao cair do cavalo, na estrada de Damasco, se humilha timidamente diante da figura imponente do Senhor. Pedro, Tiago e João caem por terra, de bruços, diante do Altissimo. João Evangelista, na revelação de Patmos, cai por terra, de bruços, diante do Divino Mestre, resplandescente de glória. Jeremias, cai de bruços, por terra, completamente desfalecido, diante de Miguel e de Gabriel.

E' ainda de medo do desconhecido, do inhabitual que o povo foge dos Centros Espíritas. E' ainda de mêdo que o povo exagera o poder, a invencibilidade presumida dos espíritos das trevas, simples alienados mentais e dignos de compaixão, promovidos compulsòriamente a demônios, inimigos eternos da Divindade, com capacidade para iludir e destruir o mais valente dos mortais. E êste fenômeno do mêdo não é tìpicamente só dos homens encarnados, também os espíritos desencarnados o sentem, necessitando mesmo a criação de cursos especiais de encorajamento para os momentos mais difíceis que tenham de viver.

16. — «Não digais a ninguém o que se passou até que eu ressuscite dos mortos».

A advertência de Jesus tinha a sua razão de ser: o povo ficaria amedrontado diante dos fenômenos do Tabôr. Teria mêdo de Jesus e tal crise espiritual poderia prejudicar a missão do Senhor. Por determinação Divina o Mestre teria que provar o cálice amarissimo do Calvário, predito pelos profetas. O que aconteceu aos discípulos aconteceria, com maior razão, a todo o povo Judeu.

17. — Por que Jesus levou sòmente Pedro, Tiago e João e não conduziu os demais discípulos para assistirem a maravilhosa Transfiguração ?

Para uma lição, para uma prova dêste porte é exigido preparo prévio, pois muitos são chamados mas poucos são os escolhidos. Moisés foi o maior estadista, legislador, escritor e médium (profeta) do povo Judeu e já havia falecido há cerca de 1.500 anos antes das gloriosas manifestações do Tabôr. Elias, o mais puro e o maior profeta dos Israelitas, tanto que mereceu a honra insigne de ser levado ao Céu em carro de luz, já estava no Reino de Deus há mais de 1.000 anos. Pedro, Tiago e João iriam desempenhar trabalho de relêvo na divulgação do Cristianismo nascente, depois da ressurreição do Mestre. Assim, compreendemos, que feitos como êste exigem qualidade e não quantidade.

18. — Por que não temos mais a repetição de tais fatos?

Deus não gosta de repetí los. Muitos olhos desejaram ver e muitos ouvidos desejaram ouvir semelhantes revelações, mas Deus e os Espíritos Superiores não teem tempo para perder e não estão a disposição de qualquer um, a tôda a hora. Não passamos ainda de espíritos infantís, de crianças barulhentas, embirradas e irreverentes nos quadros da vida espiritual, diante dos Espíritos Milionários e dos Milionários de Espírito. A visão do Altissimo é reservada aos Espíritos puros. Boa vontade já é algum merecimento mas não é todo o merecimento. Fatos como êste são marcos de luz assinalando uma nova éra para a humanidade e não se repetem.

Estevão o primeiro martir do Cristianismo, indica uma das causas: «Homens de cerviz dura e incircuncisos de coração e ouvidos, vós resistís sempre ao Espírito Santo; assim como foram vossos pais, assim sois vós também. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Mataram até os que prediziam a vinda do Justo do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós que recebestes a Lei por Ministério dos anjos e não a guardais.» (Atos, VII, 51 a 53).

19. — A grande lição para Pedro, Tiago e João, isto é, para todos os homens, foi a consolidação da fé viva, da crença pura, da confiança ilimitada em Deus, em Jesus, nos Espíritos Superiores e Santificados, na existência e na imortalidade da alma, prêsa, mas distinta do corpo, na volta e na comunicação dos espíritos dos mortos com os vivos e no interêsse que os Espíritos Superiores continuam tendo pelos destinos humanos. Viste? Vi. Ouviste? Ouvi. Creio porque vi e ouvi, senti e entendi. Confio porque existem realmente. A morte não existe: nós somos imortais.

Isto não é uma hipótese, é a verdade; não é ilusão dos sentidos, são factos concretos, positivos, científicos; não é teoria abstrata, meramente acadêmica, é realidade objetiva, real; não é loucura, é a revelação de Deus vivo, do espírito imortal aos crentes sinceros que dedicam a sua vida, que consagram o seu tempo estudando, aprendendo, ensinando, praticando, vivendo, exemplificando a Sabedoria Divina revelada aos homens e exemplificada pelo Divino Mestre.

Olimpia, 5/12/1955.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

27) Um conhecido de meu pai arranjou serviço para mim numa porta-armarinho, à entrada oeste do *Mercado Santa Bárbara*. Era uma agência de «*jogo de bicho*» e de venda de bilhetes de loteria... Seu dono, Sr. Carlos, recebeu-me com reservas, perguntando coisas comuns que se perguntam a quem vai se empregar.

28) Fiquei em poucas horas ao corrente do preço das bugingangas à venda, e do mecanismo do jogo do bicho.

29) Parece que êle passou a gostar de mim em poucos dias. No sábado, mandou-me pagar as dezenas de bilhetes de Loteria, fornecidas durante a semana. E deu-me dinheiro a mais (de propósito?) para o pagamento.

30) Cheguei à Agência, entreguei tudo ao sr. Adolfo, o banqueiro. Êle contou e chamou-me:

— Você está na tenda do sr. Carlos? Êle mandou dinheiro demais para pagar os bilhetes. Aquí está o excesso...

31) De volta, entreguei o excesso ao sr. Carlos:

— Este dinheiro foi de mais, e o sr. Adolfo devolveu.

32) Sr. Carlos olhou-me, feliz, sorriu e contou-me:

— Eu tive aquí um empregado, antes de você, que era muito ladrão. Este furo aquí, na gaveta, foi êle que fez para roubar as pratas da mercadoria vendida, cujo dinheiro se põe aquí, pelo furo de cima. Ele não entregaria este dinheiro. Você é honesto. Vamos ser amigos. Amanhã, domingo, você vai almoçar comigo, em minha casa, vai ?

33) Fui, com efeito, almoçar com êle. Apresentou-me à esposa e à filha. De lá saí a noite, enamorado da filha e ela de mim.

34) A filha mais moça casara-se com um pistonista da *Lira de Apolo* e não era feliz. Um casamento contra a vontade dos pais. A moça fugiu de casa para casar. Mágua geral para os pais, para a irmã mais velha.

35) Ia quase diariamente ver a namorada. Assobiava mal a valsa, *Isaura no Bosque*, e ela corria à cercá do quintal. Mas, não lhe bastava a conversa. Ela exigia cartas amorosas, apaixonadas. Eu, muito bisonho sem saber redigir, tive que comprar o *Secretário dos Namorados*. Copiava dali as cartas mais veementes, tal a minha falta de inspiração, de idéias, e dava-lhes em mão. E em mão recebia as respostas.

36) Uma feita, ela, que também conhecia o livrinho mágico, disse-me, sorrindo-se :

—Muito bonita, sua carta de amor! Mas, para poupar-me tempo e trabalho de responder-lhe você poderá ler a resposta à página X...

37) Foi aquela a nossa última correspondência.

⁂

38) Fiquei perito no mecanismo de jogo de bicho. Principalmente nos *descarregos*. Dinheiro depositado, por exemplo, nas dezenas do jacaré, eu igualava as quantias e punha no grupo. Por exemplo : Mil réis em cada dezena multiplicava quatro mil réis no grupo. Ora, a dezena era paga a oitenta mil réis. Os quatro mil réis no grupo era oitenta e oito mil réis. Pagava os oitenta da dezena e o restante...

39) Meu ordenado era vinte e cinco mil réis, que eu dava em casa. Com os *descargos* aumentava, sempre, a féria...

40) O patrão, sempre que os negócios, durante a semana, lhe corriam mal, entrava, aos sabados, numa carraspana doida. Começava cêdo, depois do almoço, tomando copazios de vinho tinto, que eu ia comprar no armazem mais próximo. Á noitinha, estava borracho.

41) E não ia para casa. Ia comigo para a esbornia. Levava-me ao *basfond* da cidade, iamos gastar o restinho que ainda lhe ficara dos maus negócios da semana.

42) Com êle, e em sua companhia, perdi a pureza e a ingenuidade, que ainda possuia, a despeito de tudo, desde minha meninice...

⁂

43) O Barbosa e o velho Valente, —aquêle seu cunhado e êste um tipo de gentleman, espigado, vestido com apuro, embora roupa remendada, velhissima, loiro, espigado, barba fechada, andar solene, olhar penetrante e hipnotizador — eram os dois bilheteiros que mais prejuizo e mais aborrecimentos lhe davam.

44) Uma feita, o Barbosa me disse, capciosissimo : «Eu quero acertar com você uma coisa. No próximo sábado, eu sei que o Carlinho vai beber. Quando êle estiver bebendo, eu chego e presto conta a você. Você pega o dinheiro e põe na gaveta, dizendo, depois, a êle que eu paguei certo».

45) E é certo que o Senhor vai pagar ?

46) Êle não ia pagar certo. Ia tapiar. Se eu fôsse na tapiação, quem passaria, depois, por ladrão, era eu...

47) No próximo sábado, assim êle chegou, recebi o dinheiro e passei-o, incompleto, faltando muita coisa, do senhor Carlos.

⁂

48) O *Duque* era um criolinho espertissimo, que vivia de expediente e de furtos.

49) Um dia, chegou com dois relógios, um trabalhando e outro quebrado. Vendeu-me o primeiro por dois mil réis e deu-me o outro. Comprei o relógio e aceitei o outro, sabendo de sua procedência.

50) E, depois, quando me apareceu o dono dos relógios e uma autoridade, dizendo que êle, o larápio, confessara na polícia onde estavam os relógios. Neguei tudo.

51) E, depois, mandei consertar o relógio quebrado e vendi-o por bom dinheirinho.

52) Ora, eu não roubava. Mas, entrei nêsse negócio ilicito. Que classificação merecia eu ?

⁂

53) Numa festa de 2 de Julho — a maior festa cívica popular da Bahia — ofereceram ao sr. Carlos um *carroussel* de aluguel. Êle alugou-o e entregou-me. Eu me fiz o diretor e cobrador da brincadeira de cavalinhos durante os quatro dias. Procedi com muita agilidade e com muito escrupulo na cobrança. E captei a simpatia e preferência da freguezia, que era constante, incessante.

54) Não sei quanto se apurou na brincadeira. Sei que só me coube os vinte e cinco mil réis que o sr. Carlos tinha depositado de caução. E com o trabalho, ainda, de levantar a caução na Intendência (Prefeitura).

⁂

55) Na festa seguinte, do Senhor do Bonfim, recusei-me a tomar conta de sua barraca. Mas, êle insistiu tanto, que eu acabei concordando. Aí ficamos uma semana inteira. Eu só, superintendendo o negócio da barraquinha: bugigangas religiosas, bijouterias, guloseimas...

56) Terminada a festa, não soube, também se êle teve lucro ou prejuizo. Sei que nada me coube, afóra o dinheiro que retirava para a despesa de transporte, para as refeições e guloseimas.

⁂

57) Sr. Carlos e o Firmino de Brito — o cavalheiro que me arranjara o lugar, — haviam compreendido que meu pai não gostava de graçolas, de coisas picantes, de licenciosidade. Era, mesmo, áspero e duro a respeito de certas brincadeiras, de certas liberdades pesadas.

58) Uma tarde. meu pai fôra à agencia, apanhar comigo um dinheirinho. Lá estava o Firmino que, assim viu o velho, lhe atirou uma brincadeira pesada, licenciosa. Sr. Carlos, pactuando com êle, riu-se muito. Meu pai enfiou-se. Rápido e intransigente, voltou-se para mim, dizendo:

59) Vista o paletó e vá para casa. Você não se empregou para ouvir porcarias. Já lhe bastam as vezes que você acompanha seu patrão nas suas bebedeiras, a lugares impróprios para sua idade. Êle não lhe paga para isso. Nem por dinheiro nenhum você se empregaria para tanta pouca vergonha!

60) Aquilo foi água na fervura.

Sr. Carlos olhou-me sério e grave, perguntando:

— Você vai mesmo?

— Claro que devo ir. Meu pai tem razão.

61) Foi assim que eu deixei o melhor empreguinho de minha meninice; que rompi com um grande namoro; que perdi a amisade e a companhia de um patrão sem dignidade e sem critério.

⁂

62) Uma tarde, eu subia a *Ladeira do Taboão*, a caminho de casa. Dei de cara com o sr. Carlos. Estava bêbedo, num estado lastimável, sujo, aos tombos.

63) Assim que o vi:

— Sr. Carlos? O senhor assim?

64) Assim, Leopoldo, assim: bêbedo, desgraçado, com fome! Sem vintém e com muita fome!

65) Levei-o ao *café* próximo, fí-lo beber uma chicara de café quente com limão e depois, comer substancioso lanche...

66) Foi a última vez que o vi, que soube dêle.

⁂

67) Sua filha, minha ex-namorada, frequentou, depois de casada, com o marido, — aliás, seu primo — minha residência. Êle, o marido, fôra até costureiro numa sapataria — a Sapataria Esmeralda — que eu tive à Ladeira do Taboão.

O Homem procura, inùtilmente, a felicidade. Busca-a em tudo, e só encontra desenganos e decepções... Nos prazeres grosseiros da carne, em momentos fugazes de inebriamento dos sentidos, julga tê-la encontrado, porém, ela sempre arredia, dêle foge. Entrega-se a toda espécie de divertimentos que a civilização lhe concede, mas de tudo isso apenas fica o ressaibo da tristeza e da amargura... E continua a ser a felicidade um ponto inacessível, em que o Homem emprega todos os meios para a alcançar, porém em vão. Não compreende o verdadeiro significado da palavra — felicidade. Não sabe que ela é um sentimento puro, que não comporta baixezas. Por isso o Homem não a compreende... — L. DANTAS.

Crônica Estrangeira

Congresso Espírita Internacional

O último Congresso Espírita Internacional reunido em Amsterdam, de 11 a 18 de setembro de 1954, elegeu o novo Comitê Executivo da Federação Espírita Internacional, que coordena e realiza estas reuniões trienais. Tendo a Casa dos Espíritas, da França, se interessado em realizar o próximo Congresso, em 1957, em Paris, o plenário acolheu com satisfação a idéia e aprovou-a. Assim, por ocasião do ano do Centenário do Livro dos Espíritos, deverá se realizar em Paris um grande conclave espírita internacional.

* * *

Dois Fenômenos Supranormais

Por José Martin — De «Estudos Psíquicos»

I

O CASO DE AREQUITO

Um domingo, 1 de Março de 1954, ia caminhando por uma rua central de Rosário, quando vinha em direção contrária o meu amigo sr. Vicente Peronsa. Mal nos cumprimentámos. Deteve-me sorrindo, para me dizer que, sabendo o interêsse que eu tinha pelos fenômenos metapsíquicos de toda a espécie, pensou em mim, quando lhe chegaram notícias de Arequito (localidade ao sul da Província de Santa Fé), onde estavam sucedendo coisas inexplicáveis e, tendo que visitar uns parentes que residiam próximo da localidade, oferecia-se para me acompanhar ali. Aceitei a proposta. Dois dias depois, 3 de Março à tarde, partimos de Rosário.

Em casa do Sr. Bia

Passadas algumas horas chegámos à quinta onde se produziam os fenômenos, mas o seu proprietário, o sr. Bia, estava ausente.

Atendeu-nos sua esposa. Respondendo às nossas perguntas, disse que em 20 de Fevereiro último começaram a notar coisas raras. Com efeito, nesse dia ouviram várias pancadas nas portas. Ao abri-las, não viram ninguém.

Na casa, vivia um casal e três filhos: dois gêmeos de onze mêses e um menino de quatro anos. Além disso, havia uma criadita chamada Maria Mercedes Pérez, a quem chamavam carinhosamente «Pinina». Esta tinha treze anos e fôra para ali cinco mêses antes. Trabalhava só meio-dia, mas dormia durante a noite.

Os «raps» começaram na ausência da senhora; porém, alguns dias mais tarde, achando-se estas pessoas em casa, ouviram-se duas pancadas na porta e «Pinina» levantou-se assustada.

Noutra ocasião, a criança de quatro anos viu a mão de alguém empurrar uma porta.

«Pinina» tinha sonhos estranhos. Ás vezes, enquanto dormia, dizia em alta voz o trabalho que realizava durante o dia. Outras vezes, ao surgir um fenômeno, batia na cara com as mãos. Entre outras coisas, a senhora de Bia mencionou-nos a queda de um pedaço de ladrilho do tecto.

Vieram muitos objetos do interior da casa, em movimento. Alguns deram voltas no ar, formando círculos. O deslocamento era rápido. *Nunca viram o começo da partida, isto é, o começo do movimento.*

Os fenômenos registavam-se ao meio-dia e durante a noite.

Ninguém viveu antes naquela casa e na família não houve falecimento algum.

Despedimo-nos da senhora de Bia e ficámos de voltar à noite para conversar com seu marido.

Em casa dos Pais de Pinina

Dali fomos ao domicílio do sr. Pérez. Entabulámos conversa com êle e sua esposa. Mais tarde chegou a menina, que estava com eles desde o último sábado (28 de Fevereiro), data em que o casal Bia a despediu com medo dos fenômenos.

Os pais estranharam as coisas que diziam da menor, visto ali nunca ter sucedido nada. Nem sequer falava adormecida. E disseram-nos que tinha sido a primeira vez que passava as noites fóra da casa paterna.

Falámos então com a pequena. Disse-nos que noutro sítio onde havia trabalhado (casa do sr. Barraza) caíam pedaços de barro seco perto dela. Como isto a preocupasse, disseram-lhe que eram garotos que lhos atiravam e com isso se conformou, embora nunca visse os atiradores.

Ultimamente, os fenômenos produziam-se, quando ela estava mais distraída.

Não disse também que o irmão do sr. Bia vira dias antes um homem vestido de branco, acompanhado de um cão.

De novo em casa do senhor Bia

Ao chegar a noite, dirigimo-nos à casa do sr. Bia. Já lá estava este, a esposa e as criaturas.

Entre os fatos ocorridos, o casal mencionou os seguintes :

Da meia-noite à meia hora da madrugada as pancadas nas janelas diminuiam de fôrça.

Alguns objetos saíam disparados, batiam na parede e voltavam ao ponto de partida.

Outros utensílios moviam-se no ar, descrevendo curvas paralelas ao chão. Um jarro que se encontrava num aparador fechado apareceu fóra dêle. O próprio Bia, deitado, sentia cócegas na cara e nos pés.

Noutra emergência bateu-lhe na nuca um chocalho de criança. As portas do roupeiro abriram-se sem ninguem lhes tocar. Uma bola de borracha mudou de lugar por si só. Pequenos projécteis bateram no vidro da janela sem o quebrar. Um vaso de desperdícios entrou de surpresa na cozinha, esparramando o conteúdo. Um garfo levantou-se de repente da mesa e caiu no chão. Nenhum objeto de vidro foi deslocado. Um pequeno recipiente mudou de lugar esvasiando o líquido.

As pantufas que estavam debaixo da cama mudaram de lugar. Pinina notou uma luz fora da casa e debaixo da cama viu um pássaro à solta, que logo desapareceu.

Outro dia a pequena deu um salto e caiu sentada, como se nela tivesse agido uma fôrça exterior

Certa manhã, ao levantar-se reparou que o colchão estava muito saído da cama, como se alguém o tivesse puxado.

Uma vez, estando adormecida, perdeu as anáguas. Quando acordou viu-as estendidas debaixo do corpo.

A princípio, quando apenas eram pancadas nas portas e janelas, o sr. Bia avisou a polícia. Mas, apesar de vários agentes vigiarem, escondidos, no campo que rodeia a casa, não viram bater e, contudo, lá dentro, parecia que estavam chamando de fóra.

Os donos começaram a ver que os fenômenos sucediam quando Pinina estava presente, o que foi confirmado ao dormir em casa dos pais, visto nessas noites nada suceder. Em compensação, de dia, quando ela chegava, tudo começava de novo.

Ao ver que em Chabás, localidade próxima de Arequito, havia um sacerdote que por meio de benção curava «alucinações», decidiram visitá-lo. Em 24 de Fevereiro o eclesiástico benzeu os a todos, inclusive a Pinina. Nesse dia voltaram a casa, convencidos de ter vencido os desconhecidos perturbadores, mas os fenômenos continuaram e esse dia foi o pior de todos.

Dois dias depois, em 26 de Fevereiro cessaram de produzir-se. Contudo, o casal Bia, temendo que voltassem a repetir-se, resolveu despedir a pequena no dia 28 de Fevereiro (fim do mês), três dias antes da nossa visita.

II

EM ROSÁRIO

Em princípios de Maio de 1954, isto é, dois meses após a viagem a Arequito, soube, por intermédio do diário *«Rosário»* que numa vivenda do bairro Azcuénaga caiam pedras e outros objetos, sem que a polícia conseguisse individualizar os energúmenos. Dizia, entre outras coisas, o periódico :

«A história começa num aprazível domingo de Março último. Eram aproximadamente 23 horas, quando Paulo Traversi, argentino, de 38 anos, pintor de obras, sentiu ruídos extranhos que repercutiam no tecto de um compartimento da sua casa, sita na Avenida Pelegrini, 5 250. Caiam coisas pesadas, como se fossem pedras. E, com efeito, eram pedras atiradas misteriosamente, com intervalos regulares.

«Traversi é um homem nervoso. E como o fato voltasse a repetir-se nos dias seguintes, entrou em estado de fácil irritabilidade e, assim, a queda das pedras e outros objetos contundentes sôbre o telhado da casa, como ferraduras e sarrafos de madeira, determinaram nêle um processo psicológico que obrigou os seus familiares a chamar um médico psiquiatra.

«O diagnóstico foi desolador: Traversi apresentava sinais iniludíveis de perturbação mental, que se foram manifestando à medida que passavam os dias, em frases incoerentes e alucinantes, seguidas de frequentes arranques violentos, que se agravaram, porque as pedras caiam sistematicamente no telhado da casa.

«António Midea, vive ao lado de Traversi e também sofreu as consequências da actividade «fantasmal» e no seu telhado também se encontram pedras atiradas.

«No bairro já chamam «casa encantada» ao lar de Traversi.

A sua sogra, D. Anselma de Giménez, disse-nos que, na última sexta-feira, a intervalos regulares, comprovaram a queda de mais de trinta pedras no telhado, algumas muito grandes.

«A denúncia que a família Traversi fez às autoridades policiais, deu origem à investigação do caso desde a sua origem, mas até hoje ainda não foi possível esclarecê-lo».

Em casa do sr. Traversi

Ao ler o citado vespertino, pensei que se tratasse de um genuíno fenômeno de «chuva de pedras», sobretudo tendo em conta a existência de uma pessoa que perdia fôrças, à medida que se produzia. Portanto, resolvi ir à casa e lá fui num domingo de manhã.

A casa era habitada pelos esposos Traversi e quatro filhos: Elvira, de 12 anos; Ester, de 9; Norma, de 7; e Beatriz, de 3.

A senhora de Traversi mostrou-me o telhado coberto de pedaços de ladrilho, carvão, sarrafos de madeira, etc. Dali também se viam os que estavam na casa do visinho, mencionado no diário.

Disse-me que as pedras começaram a cair dois anos antes, mas com pouca frequência: um ou dois dias por semana. A frequência dos projécteis começou a intensificar-se a partir de Março, quando fizeram a denúncia à polícia.

Quase todos os visinhos foram inquiridos, mas nenhum deu qualquer pista. As pedras continuavam a cair, de dia e de noite, sem fazer caso das indagações, mesmo na presença das autoridades.

Isto levou Traversi a tal estado, que o médico aconselhou-lhe electrochoques. Fizeram-lhe dez aplicações: seis num Instituto particular e quatro pouco depois, de menor potência, no Hospital de Alienados, de Rosário.

Para observar a marcha dos acontecimentos, eu ia até lá uma vez por semana e nessas visitas periódicas notava sempre um aumento progressivo na intensidade e pericosidade dos fenômenos.

As pedras começaram a surgir de diferentes direções. O número das que caíam no pátio aumentavam. Um dia, mal cheguei ao local, disseram-me: «Vem mesmo na hora para ver o sinal que deixou o cascalho». E mostraram-me a porta da casa de jantar. Um pedaço de ladrilho tinha caído nela com tal violência, que deixou um pouco de pó aderido à madeira. Se a porta estivesse aberta, fàcilmente teria atingido algum membro da família, pois todos lá estavam.

Ás vezes, sem haver sinal de vento, corria no pátio uma areia fina ou partículas de diversas substâncias existentes nas imediações, que chamavam a atenção dos moradores da casa.

Uma pedra entrou na casa de jantar, quando estava vazia, e colocou-se na parede oposta à porta, num sítio alto, como se tivesse vindo do pátio e não do exterior da casa. Outra penetrou e colou-se num móvel da mesma sala.

Na sexta-feira, 21 de Maio, perguntei se tinham notado mudança de posição nos objetos e responderam-me que não. Também lhes manifestei a minha estranheza por nenhum vidro ter sido partido.

Sábado 29 de Maio

Uma semana depois, dia 29, de manhã, voltei lá e soube várias novidades.

Alguns objetos haviam mudado de lugar: um relógio apareceu sôbre o guarda fato e um velador e uma moldura estavam no chão.

Os vidros das portas e janelas estavam quase todos partidos. E durante a semana cairam pedras.

A senhora mostrava-se deprimida. Seu marido encontrava-se na cama, profundamente abatido, a ponto de ser depois internado no asilo de alienados de Mercedes, província de Buenos Aires.

No mesmo sábado, à tarde, assisti a uma sessão espírita dirigida pelo Sr. Nicolau Mota. Antes de começar, falei no caso da família Traversi e pedi às sensitivas Sr.ª Maria E. O. de Giménez e à menina Elisa Ruffini fossem à dita casa, afim de ver se percebiam, mediante a sua mediunidade, alguma indicação útil, pedido que aceitaram, ficando de lá ir na semana seguinte.

Aberta a sessão, Elisa (vidente) disse que estava presente o causador dos fenômenos. Depois a Sr.ª de Giménez afirmou que a entidade se ia manifestar por seu intermédio. Estabeleceu-se então um diálogo entre o diretor e a entidade que, passado um instante, confessou o seu erro e prometeu emendar-se.

Eu não dei muita importância à sessão. Considerei a manifestação como resultante de atividade anímica, determinada pelo meu relato.

Na terça-feira seguinte o Sr. Mota telefonou-me dizendo que lhe parecia que as coisas caminhavam bem. Na sexta-feira, 4 de Junho, fui outra vez a casa de Traversi e grande foi a minha surprêsa ao ver que as pedras tinham deixado de cair desde a tarde de sábado, dia da sessão.

Suspensa a causa dos seus transtornos, o Sr. Traversi melhorou ràpidamente e uma semana depois voltou às ocupações habituais. Mas, dois mêses depois da desaparição destes episódios, a filha Ester, de 9 anos, começou a sofrer desvanecimentos de origem epiléptica, segundo o diagnóstico médico.

Em Agosto de 1955 visitei de novo a casa. O Sr. Traversi estava bem de saúve (aumentara alguns quilos) e trabalhava normalmente. A sua filha continuava com os ataques que duravam algumas horas, durante as quais dizia palavras e frases incoerentes.

Quanto às pedras, desde o dia 29 de Março não tinham voltado a perturbar a tranquilidade da modesta família.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 7 de Julho de 1956.

Ás catorze horas, abre o Presidente a reunião, fazendo a prece inicial e mandando ler, pelo secretário, a Ata da reunião anterior.

Expediente — E' lido um telegrama do Representante da Federação Espírita de Pernambuco, General Severino Cunha, justificando sua falta, por motivo de ausência da Capital.

Justificação de faltas — São justificadas as faltas dos Conselheiros: Carlos Jordão, Aurino Souto e Atlas de Castro.

Comenta o Presidente o andamento do programa para as comemorações do Centenário d'«O Livro dos Espíritos», em 1957, confessando se satisfeito, pelo progresso alcançado.

Comunica o Conselheiro Dr. Miranda Ludolf estar enfêrmo o representante da Liga Espírita do Distrito Federal, resolvendo o plenário fazer visitar, por uma comissão, o companheiro doente.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães comunica o recebimento de uma mensagem das Mocidades Espíritas Cearenses, exaltando o esfôrço da FEB, do CFN, da Federação Cearense e das sociedades locais pela unificação do Espiritismo.

Rio Grande do Norte — O representante, Conselheiro Prof. Ismael Gomes Braga, dá notícia da inauguração na séde da Federação que representa, da bibliotéca «João Anselmo» e do Gabinete Dentário «Martins Arruda». Notícia a renovação da diretoria da Federação e haver a mesma comemorado brilhantemente, o dia d'«O Livro dos Espíritos», em Abril último.

Ocupou-se em seguida, o Conselho, demoradamente, no exame de assuntos de interêsse doutrinário e, com especialidade, da publicidade dos adversários do Espiritismo, na imprensa local.

Ás quinze horas e trinta minutos, feita pelo representante do Rio Grande do Norte a prece final, encerrou o Presidente a reunião.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	— „ „	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— „ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3281unse

o XXXII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Setembro de 1956 - N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Comemorando uma data	*Redação*
Concordância e Discordância . . .	*Deolindo Amorim*
Deus e Universo	*Henrique Rodrigues*
A Ciência impõe silêncio ao Materialismo	*V. O. Casella*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Espiritismo: Doutrina Coletiva dos Espíritos	*Prof. Carlos Peppe*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Aos Militares Espíritas	*Mauricio*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1956 – NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

COMEMORANDO UMA DATA

Vinte e dois de Setembro nos trás gratas recordações. E' que o nosso querido companheiro Cairbar Schutel completaria nesse dia mais um aniversário natalício se estivesse ainda no plano terreno, 88 anos de idade. E, como sempre, receberia o abraço congratulatório dos seus companheiros de trabalho, confrades e amigos. Esse abraço traduziria os nossos sentimentos afectivos e o nosso pensamento fraterno com votos de felicidade, está claro. Mas se não podemos abraçar o seu corpo físico, podemos entretanto faze-lo com o pensamento, que é a linguagem do espírito, almejando-lhe felicidade e progresso no mundo espiritual. E é o que estamos fazendo com o presente escrito, que é ao mesmo tempo o fruto da nossa homenagem a um dos espíritas da velha guarda que mais trabalharam pela propaganda da Doutrina Espírita.

Efetivamente, Cairbar Schutel, a exemplo dos Apóstolos de Jesus, deu tudo o que possuia para a Doutrina Espírita, que é a revivificação do Cristianismo, pondo acima dos seus interêsses materiais, terrenos, os interêsses da Doutrina, o que raramente se observa

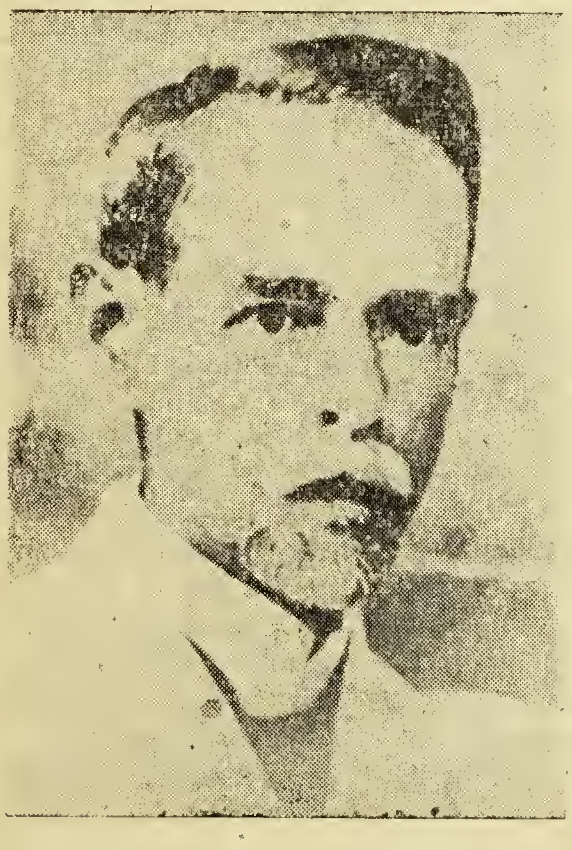

CAIRBAR SCHUTEL

hoje, pois a corrida atrás de bens terrenos chegou ao ponto de contagiar até os ardorosos trabalhadores, com raríssimas exceções. Os bens materiais, mundanos, são, de fato, o maior obstáculo a impedir aos cristãos a obtenção definitiva do reino de Deus. Estão estes representando o papel daquele moço rico do Evangelho, que afirmava ter cumprido os mandamentos da Lei, mas que se retirou entristecido quando Jesus o mandou repartir os seus bens entre os pobres para depois segui-lo. Ele preferiu deixar de seguir o Mestre do que deixar os seus bens terrenos. Mas Cairbar renunciou seus bens terrenos para seguir Jesus, amparando os pobres, os enfermos, iluminando com o seu saber os ignorantes relativamente às cousas do espírito e consolando os aflitos.

As lutas que Cairbar enfrentou para difundir a Doutrina foram vencidas, e o seu sacrifício foi fartamente recompensado com o progresso notável do Espiritismo, que marcha admiravelmente, a passos de gigante, superando em muito a nossa expectativa, os nossos melhores prognósticos.

Ao caro companheiro, as nossas homenagens, num culto de veneração e amor, pelo transcurso de mais um seu aniversário natalício, solicitando-lhe que nos ajude a vencer também a dura batalha em que estamos empenhados pela vitoria do Cristianismo, à luz do Espiritismo, o Paracleto da Promessa.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

V—O ESPIRITISMO E O EVANGELHO

Na opinião do escritor William Colon, opinião que eu respeito, mas não susbcrevo, Jesus é um mito, nunca existiu. Neste particular, como se sabe, William Colon não está sosinho, porque outros intelectuais também não acreditam na existência de Jesus. Nosso Confrade navega nas águas de Bossi e outros autores da mesma corrente de idéias. A figura de Jesus tem sido, realmente, muito discutida através dos tempos, e ainda hoje é objeto de controvérsias. Note-se, porém, que alguns autores de maior projeção no campo literário e religioso fizeram críticas muito sérias e minuciosas à obra do excelso nazareno, mas as discordâncias se prendem geralmente ao aspecto chamado divino ou sobrenatural de seus ensinos. Há dois extremos, e todo extremo pode levar a posições falsas: de um lado, e por influência de exageros teológicos, há quem chegue a dizer que *JESUS É O PRÓPRIO DEUS*, como se nêle nada houvesse de humano, de natural; do outro lado, no extremo oposto, há quem veja em Jesus um tipo vulgar, sem qualquer expressão de grandeza espiritual. As opiniões são as mais divergentes: Jesus nunca existiu, na opinião de alguns; Jesus é Deus, no entender de outros; Jesus não passava de um maníaco ou vesânico, segundo o ponto de vista de outros; Jesus seria, hoje, um caso de psiquiatria, no dizer de outros; Jesus foi apenas um revolucionário social e nada mais, segundo o prisma de outros, e assim por diante... Seja como fôr, Jesus existiu, é uma realidade histórica.

Os maiores críticos da vida de Jesus firmaram as suas opiniões sôbre o método científico ou sôbre as premissas do racionalismo, então no esplendor das discussões religiosas. E' o caso de Renan, Strauss, Loisy, por exemplo. David Frederico Strauss foi padre, chegou a ser professor de seminário, mas terminou inconformado com os dogmas de sua Igreja. Depois de muitos anos, Strauss embrenhou-se na crítica e terminou por negar a divindade atribuida a Jesus, cujos atos haviam sido obscurecidos pela lenda, pelo sentido milagroso e sobrenatural com que a Igreja os interpretara. Strauss publicou, como é notório, dois livros considerados demolidores, para uns, e louvados como reconstrutores, para outros: *A Vida de Jesus* e *A Velha e a Nova Fé*. Convém observar, entretanto, que Strauss não negou a existência de Jesus, mas rejeitou fortemente o carácter *sobrenatural* dos fatos narrados pelos evangelistas.

Palavras do próprio Strauss : *E', certamente, dura e ingrata a missão de dizer ao mundo o que êle exatamente gosta menos de ouvir.* Logo adiante : *Há quarenta anos, antes do aparecimento da «Vida de Jesus», começava a despontar entre os pensadores teólogos a idéia de que, efetivamente,* o *sobrenatural não podia haver marcado todos os atos de Cristo como no-lo relatam os evangelhos e até então a Igreja acreditou, mas que as interpretações dos comentadores racionalistas não eram mais aceitáveis. Depois, apareceram aqui e ali as dúvidas sôbre a origem apostólica dos evangelhos, e sôbre o caráter realmente histórico das suas narrativas.* E agora, o trêcho seguinte, para que se compreenda a posição de Strauss na momentosa discussão religiosa : *E todavia, quando eu reuni todos êsses fragmentos de pensamentos, quando os dei a público, demonstrando que as narrativas dos evangelhos não eram apostólicas e nem históricas ; que os milagres que relatam pertencem à lenda, e não à história, que, na realidade, enquanto a Jesus tudo se passou consoante a ordem natural, ainda que pouco conheçamos dos fatos particulares ; quando, enfim, provei tudo isto na minha «Vida de Jesus», então um grito de espanto se soltou do peito dos velhos e dos novos e o nome do autor tornou-se «o santo e a senha de todos os atos malditos». (1)*

Observe-se, aí, que Strauss aceita a historicidade de Jesus, em pessoa, quando diz que *TUDO SE PASSOU CONSOANTE A ORDEM NATURAL.* Afastada a controvérsia sôbre o aspecto sobrenatural, Jesus não é um mito, portanto, e as críticas de Strauss não chegaram ao extremo de negar a existência daquele que foi e é o maior exemplo de bondade. Se, por um lado, Strauss combateu os *ortodoxos*, também é certo que, por outro lado, não seguiu as pegadas dos *liberais*, também contrários à sobrenaturalidade dos atos de Jesus, mas filiados a outra orientação. Havia, na época, duas correntes principais : a *ortodoxa* e a *liberal*. Toda a discussão, porém, se fixava, por meios diferentes, no ponto central da discussão : a explicação sobrenatural dos fenômenos ocorridos com Jesus. Não estava em jôgo a presença humana de Jesus. Strauss procurou ater-se aos argumentos históricos e científicos para impugnar os chamados «milagres» e a divindade da pessoa de Jesus. A obra de Renan, que foi considerado *heresiarca*, bandeou-se para a corrente liberal, mas o intúito é o mesmo : criticar o aspecto sobrenatural dos «milagres». Dizia Ernesto Renan : *Não é, pois, em nome desta ou daquela filosofia, é em nome da constante experiência, que lançamos da história o milagre. Não dizemos : «O milagre é impossível». Dizemos : «ainda não houve um milagre certificado. Apareça amanhã um taumaturgo com bem sérias garantias para ser discutido; suponhamos que se anuncia com poderes para resuscitar um morto. Que é que se faria ? Seria nomeada uma comissão composta de fisiologistas, de físicos, de químicos, de homens práticos na crítica histórica.* Continua Renan : *Até nova ordem, ater-nos-emos, portanto, a êste princípio de crítica histórica, que uma notícia sobrenatural nunca pode ser admitida como tal, que implica sempre credulidade ou impostura, que o dever do historiador é interpretá-la e averiguar qual a parte de verdade, e qual a parte de êrro que ela poude conter. (2)* Daí para a negação da historicidade de Jesus vai muita diferença. (Notemos, a propósito, que Renan, Strauss, Flammarion e tantos outros estudaram em seminários católicos, mas o espírito analítico incompatibilisou todos êles com os dogmas da Igreja). Apesar de sua posição notoriamente conhecida na controvérsia histórico-religiosa sôbre a pessoa e os atos de Jesus, Renan colocou-se dentro do ponto de vista humano, tendo-se insurgido apenas contra a sobrenaturalidade ensinada por muitos teólogos. Lá está, por exemplo, na parte final da *Vida de Jesus*, de Renan : *Alcemos, pois, a pessoa de Jesus ao apogeu da grandeza humana.* Vê-se, pois, que nenhum dos críticos mais rigososos e revolucionários dêsse tempo negou a realidade da existência de Jesus, apesar de todos êles terem feito sérias e minuciosas restrições à interpretação dada aos fatos, tanto pela Igreja Católica, como também pelo Protestantismo. Dizer, porém, que Jesus não existiu é uma coisa ; *PROVAR*, com base na História e na critica, que realmente Jesus é um mito é outra coisa. Quem o provou até hoje ? Ninguém. Há muitos trabalhos de erudição, muito sofisma, muita dedução pessoal, mas tudo isto fica no terreno da matéria opinativa, não é argumento provado.

O fato de uma figura histórica ser discutida, tenha ela a auréola de santo ou de martir, seja guerreiro ou artista célebre, não quer dizer que essa figura não tenha existido em pessoa. Jesus tem sido apreciado através de prismas muito diversos. Já no século XVIII, com espanto de muitos tradicionalistas, Reimarus considerava Jesus apenas *um chefe de judeus revoltados !*, destituido, portanto, de todo o esplendor espiritual de sua grandiosa missão. E' uma opinião puramente individual, e por isso não forma corpo. Não é de admirar outrotanto que um teólogo protestante, e dos mais eminentes, como Albert Schweitzer, não tenha concordado com o *messianato* de Jesus. Digamos de passagem que Schweitzer figura, hoje, entre as maiores eminências morais dêste século : é um homem cujo apostolado está repercutindo no mundo inteiro, sobretudo porque, tendo deixado as comodidades da vida européia foi embrenhar-se na África para ter uma vida mais cristã, ao lado de populações obscuras ; já era doutor em Filosofia, por uma Universidade da Europa, músico notável, teólogo, mas ainda não se deu por satisfeito, e foi estudar Medicina, depois de homem feito, para ser mais útil ao próximo, lá nas selvas africanas, onde realmente vive, já no ocaso da existência física, respeitado e admirado por todos quantos prezam a nobreza dos bons exemplos. Schweitzer ficou como que saturado de esplendor da civilização européia, sentiu que, no meio de tantos técnicos, tantos homens ilustrados, a sua presença não seria tão necessária, tão util como entre as tribus africanas mais necessitadas de assistência material e espiritual. Fez se médico, preparou se, e rumou para a África, e lá construiu uma obra que lhe imortalizará o nome, sem ser necessário qualquer monumento de bronze, porque é uma obra de Amor, no mais alto sentido humano. Pois bem, a tese de formatura de Schweitzer, em 1913, quando recebeu o grau de *doutor* em medicina, teve por tema, exatamente, «o juizo psiquiátrico de Jesus». Teólogo e médico, Schweitzer resolveu estudar a personalidade cada vez mais extraordinária de Jesus sob o ponto de vista psiquiátrico, naturalmente para discutir as opiniões e críticas então correntes no domínio médico. Como se vê, tanto através da História, como da Medicina, como da Psicologia, em quase todos os ângulos da especulação e da crítica, a figura inconfundível de Jesus tem sido objeto de estudos e debates. Seja como fôr, o que está de pé, e ninguém conseguiu destruir, é o ponto fundamental da História : Jesus existiu, não foi inventado pelo misticismo, não é uma criação mitológica. O fato de um Autor ou grupo de críticos interpretar a História e, depois, chegar à conclusão de que Jesus não existiu ainda não é uma prova, é um modo de ver, uma posição.

Cada historiador ou crítico pode vêr a vida e a pessoa de Jesus a seu modo, de acôrdo com as suas tendências religiosas, filosóficas ou científicas. Isto, porém, não destroi a historicidade de Jesus, não dá autoridade para se dizer que Jesus nunca existiu. Guignebert, por exemplo, que é um dos maiores especialistas em História do Cristianismo, Professor da Sorbonne, embora não aceite a explicação chamada ortodoxa, também não aceita a opinião dos que consideram Jesus um *doente caracterizado*. No que se refere ao aspecto pròpriamente histórico da vida de Jesus, o Professor Guignebert faz *tábula rasa* de muita coisa que a tradição tem ensinado, isto é, deixa de lado, inteiramente, a explicação ortodoxa, que considera falha, e segue uma orientação diversa. Diz êle que a explicação tradicional e a representação ortodoxa das origens cristãs *não resistem a qualquer exame crítico (3)*. Sejam quais forem as divergências de orientação na maneira de situar Jesus perante a História, o que se não pode negar é a autoridade incontestável de Guignebert em sua especialização. No entanto, mais adiante, quando entra na parte relativa ao lado psicológico de Jesus, Guignebert já faz algumas ressalvas muito prudentes e, por isso mesmo, não endossa o juizo crítico dos autores que pretendem enquadrar Jesus na rubrica dos «casos patológicos». No entender de Guignebert, deve-se, até, renunciar à pretensão de considerar Jesus um doente caracterizado, porque *se êle o foi, nada sabemos nem podemos saber.* Temos aí uma das conclusões de Guignebert sôbre o problema psicológico de Jesus. Diz êle, ainda, que até mesmo a intensidade de sua vida religiosa, o poder que se lhe atribui, os dons que recebeu do céu, por exemplo, por mais interessantes que sejam aos olhos do psicólogo, ainda não são suficientes para *denunciar uma tara psíco-fisiológica profunda,* desde que sejam levados em conta o tempo e o país em que Jesus viveu. Não tendo meios para analisar os «dons psíquicos» de Jesus, não é possível ao psicólogo penetrar no pensamento do Nazareno. Guignebert foi, portanto, muito cuidadoso ao tocar nêste ponto.

Sempre houve, ôntem como hoje, muita discussão a respeito de Jesus, mas o que é preciso acentuar é que a sua influência moral, apesar de todas as controvérsias humanas, continua a iluminar o caminho dos homens. Nenhum estudo crítico dos mais sérios até hoje conseguiu desfigurar-lhe a excelsitude através dos séculos. Os teólogos, em parte, são responsáveis pelas atitudes de alguns historiadores cultos e independentes em relação à história da vida de Jesus. A idéia de *sobrenatural,* acobertada com a legenda do *mistério,* sem discussão, sem respeito aos raciocínios da Ciência, concorreu muito para prejudicar a compreensão do Evangelho. Queixa-se o escritor católico Daniel Ropps do cepticismo de alguns escritores a respeito dos «milagres» de Jesus. Foi justamente o aspecto milagroso que levou alguns espíritos analíticos ao racionalismo, à descrença e, infelizmente, até à zombaria. De quem a culpa? Daqueles que, fugindo à discussão lógica e à interpretação científica, transformaram os fenômenos ocorridos com Jesus em objeto de fé, e não permitiram que alguém pelo menos tentasse discutí-los. Era sacrilégio pretender examinar a palavra da Igreja. Daí a *irreverência* de alguns críticos inconformados, principalmente, com a interpretação da Igreja Romana. Resultado: a ortodoxia dos teólogos levou muita gente ao agnosticismo e, ainda mais, *TRANSFORMOU CRENTES EM ATEUS.* Diz Ropps: *Os espíritos céticos adotam atitudes diversas, desde a recusa e zombaria do racionalismo puro, até ao dogmatismo hesitante de Renan, que, admitindo a possibilidade do milagre em si, nega todo valor aos milagres do Evangelho. (4)* Foi o dogmatismo católico a causa da rebeldia intelectual de Renan. Além de tudo, o grande escritor francês, que foi, sem a menor dúvida, um dos espíritos mais brilhantes de seu tempo, colocou a questão em termos diferentes: impugnou, como improvável, indemonstrável, a concepção sobrenatural dos «milagres». E não foi apenas Renan: Outros também o fizeram. O *crime* de alguns historiadores foi, apenas, o de terem colocado Jesus, com todo o esplendor de sua superioridade moral, no quadro das realidades humanas. Pelo fato de terem procurado *humanizar* Jesus, sem que, com isto, o tivessem rebaixado, os escritores chamados irreverentes são tidos como ímpios. A Igreja tem o caso de Loisy, que foi um de seus maiores exegetas, mas terminou desgarrando-se do rebanho católico justamente no momento em que desceu à crítica rigorosa dos ensinos evangélicos. Quem era o padre Alfred Loisy? Uma das maiores culturas religiosas da França. No entanto foi condenado pela própria Igreja, de que era luminar, principalmente em matéria exegética, por ter dado uma interpretação contrária à Igreja, na polêmica com o teólogo protestante Harnack.

Em 1902 o Padre Loisy publicou *O Evangelho e a Igreja,* livro que teve repercusão das mais rumorosas no meio católico e provocou verdadeiro escândalo entre altas figuras do Clero, na França. E' interessante notar que o Padre Loisy, mais tarde expulso da Igreja, escrevera o seu famoso livro com um intúito completamente diferente: o que êle queria era defender a Igreja contra os argumentos de Harnack, mas a sua exegese foi tão profunda, tão rigorosa que contrariou os pontos de vista da própria Igreja. Os efeitos da obra foram, portanto, contrários à intenção. O grande teólogo pensou em fazer uma coisa e saiu outra... Logo no ano seguinte, o livro do padre Loisy foi condenado pelo Tribunal do Santo Ofício. No entanto é uma obra de crítica e análise, como tôdas as outras obras do mesmo autor. Acusou-se o padre Loisy de haver ferido *a autoridade histórica dos Evangelhos* e outros pontos sensíveis da Igreja. Por isso o livro foi retirado imediatamente da circulação, por ordem eclesiástica, e o padre, apesar de ser considerado merecidamente um dos maiores exegetas de seu tempo, foi pôsto fora da igreja. Loisy escreveu nada menos de vinte e duas obras sôbre assuntos bíblicos e a Igreja, entre as quais *Jesus e a tradição evangélica, O Evangelho segundo Marcos, O Quarto Evangelho, Os Atos dos Apóstolos, O Apocalipse de João* etc. E' que Loisy distinguiu muito bem um catolicismo oficial e convencional do Catolicismo universal, em harmonia com o *espírito* do Evangelho. Daí a reação. Embora justificando o culto e o ritual, que são instituições puramente humanas, pois Jesus não criou nem recomendou ritual de espécie alguma, Loisy não escapou à reprovação sumária da Igreja. *É verdade* — dizia Loisy — *que Jesus, no curso de seu ministério, não prescreveu a seus apóstolos, nem êle mesmo praticou qualquer regra de culto exterior que pudesse caracterizar o Evangelho como religião. (5)* Jesus não regulamentou o culto cristão. Explica Loisy: *E' que, no Evangelho, o Cristianismo ainda não era uma religião existente por si mesma.* Daí, com tais premissas, Loisy parte para conclusões que, embora tenham saído da bitola tradicional, nenhuma heresia apresentam, porque o seu objetivo era, ao contrário disto, defender o próprio culto católico. Apesar de tudo, Loisy não negou a existência de Jesus. Vou chegar, justamente agora, ao ponto inicial dêste artigo.

O que a maior parte da literatura de polêmica nos têm demonstrado é que as discussões religiosas se circunscrevem sempre à parte interpretativa e à exegese, mas o fato da existência real de Jesus continua a ser respeitado pelos historiadores e críticos mais pacientes e minuciosos. Permanece, assim, finalmente, a tese da historicidade da pessoa de Jesus, mesmo porque, se é difícil afirmar que Jesus não existiu, muito mais difícil seria apresentar documentos para provar que o meigo nazareno jamais existiu. Perante sensatos e eruditos estudiosos da História, a não existência de Jesus é uma proposição ridícula. Convém citar, por exemplo, a opinião de Henri Berr, prefaciador do livro de Guignebert: *Mas Jesus existiu; a tese da não historicidade é um paradoxo.* Para dizer quem é Henri Berr, basta lembrar que se trata do autor de uma obra mundialmente consultada: *A Síntese em História.* Ninguém poderia incriminar Berr de suspeito.

O escritor William Colon, como já vimos, não admite a existência de Jesus, e por isso acha que Allan Kardec fez muito mal em adaptar as principais passagens evangélicas ao corpo da doutrina espírita. Se Jesus não existiu, tudo quanto se refere à moral cristã é falso, e não deve ser incorporado ao Espiritismo. Partindo daquela premissa, isto é, a de que Jesus não existiu, é natural que o escritor chegue a esta conclusão. Não entro, por enquanto, no mérito da proposição, mas observo, apenas, a forma do raciocínio. Resta saber, porém, se realmente a premissa é exata. Aí é que está o ponto nevrálgico da questão. Como pode o escritor provar que Jesus não existiu? Quais os argumentos favoráveis a êste ponto de vista? Digo que é um ponto de vista, porque o autor não apresenta propriamente uma *tese*, com todos os elementos necessários à convicção. Diz William Colon:

> *Senhores, o personagem da religião cristã a quem chamam «Jesus» nunca teve existência histórica. Foi invenção dos fundadores do Cristianismo, e qualquer pessoa que analise desapaixonadamente os pròprios Evangelhos, sem venda sôbre o entendimento, necessariamente terá que negar a autenticidade do referido personagem, pois verificará que, enquanto lhe atribuem uma ou outra frase muito bela, como «amai-vos uns aos outros», os mesmos Evangelhos, por outro lado, lhe atribui frases horrorosas e deshumanas...* (Pag. 120)

Afinal, o Autor não citou siquer um argumento convincente, não saiu do campo restrito da interpretação pessoal. Isto não é uma tese. No trecho acima, o que se lê é apenas uma assertiva e uma dedução. Isto não basta para provar que Jesus não existiu. Vejamos o contexto. O Autor *afirma* que Jesus não teve existência histórica, mas uma afirmação não é elemento decisivo; em seguida invés de demonstrar o acêrto ou a procedência da afirmação, o escritor afirma simplesmente uma *dedução* pessoal, que pode ser aceita ou não, de acôrdo com as diversas maneiras de ver o problema. Quais são os elementos que William Colon apresenta para demonstrar que realmente Jesus não existiu ? Nenhum elemento histórico, nenhum raciocínio crítico bem fundamentado. Todas as objeções de Colon à existência de Jesus decorrem simplesmente de suas idéias próprias, de sua maneira pessoal de interpretar o Evangelho. Sua ilação, portanto, é respeitável como opinião pessoal, mas é insustentável como tese, porque se ressente da carência de argumentos. Acha o confrade Colon que o Evangelho é contraditório, e por isso mesmo, tira êle a conclusão de que Jesus não existiu. Quais são, afinal de conta, as contradições encontradas no Evangelho ? Segundo a interpretação de Colon, o versículo 27, do cap. XIV, do Evangelho segundo Lucas, está em contradição com o versículo XXVI, do cap. XIV, do mesmo Evangelho, e também com o cap. X, do Evangelho segundo Mateus. Resumo: não é possivel — na opinião de Colon — conciliar o «Amai-vos uns aos outros» com os versículos citados, porque Jesus prega o amor. através de uma frase muito bonita, e vai dizer, ao mesmo tempo, que *não veio trazer a paz, mas a espada*, e outras coisas aberrantes. Daí, então, sem descer à exegese das sentenças evangélicas, o escritor conclui que Jesus não existiu e que, sendo assim, o Espiritismo precisa extirpar de sua doutrina tudo quanto fale em Cristianismo ! . . .

Quem estuda o Evangelho segundo o Espiritismo sabe muito bem qual é o sentido daquelas sentenças. Não há contradição alguma entre o mandamento que ensina o Amor e o Perdão e a advertência de que Jesus não veio trazer a paz, mas a espada. Sim, a espada, que simboliza luta, porque a doutrina de Jesus veio provocar, como se sabe, as maiores reações, a começar no próprio seio da família. E não é luta, não é separação ? Jesus sabia quais as consequências de sua doutrina, e por isso preveniu logo que haveria fortes dissenções na sociedade de seu tempo, como acontece, aliás, com todas as idéias novas ou renovadoras. Não vejo aberração alguma. Jesus não pregou o desprêzo aos pais, como entende o confrade Colon, mas ensinou, antes pelo contrário, o respeito paternal, quando recomendou honrar pai e mãe. As traduções, nem sempre fiéis, desfiguram muito o pensamento dos ensinos evangélicos. No cap. XIX, citado pelo escritor, Jesus fala em termos gerais, fazendo sentir que, para seguir o Evangelho, é necessário renunciar aos interêsses mais caros, mais afetivos. Não se pode, sensatamente, tomar ao pé da letra, o ensino contido nas expressões *aborrecer pai, mãe e filho, etc.* porque isto seria a negação do pensamento de Jesus, e muito menos admitir que Jesus fôsse capaz de assistir, friamente, ao degolamento de seus inimigos... (6) Vê-se, sem sombra de dúvida, que a interpretação de Colon está muito *FORÇADA*. Sob o aspecto lógico, o ponto de vista de Colon também padece de palmar inconsistência. Vejamos.

Ainda que nas palavras de Jesus haja contradições ou incoerências, como admite William Colon, isto não seria argumento contra a existência real do nazareno. Se fôssemos adotar êste critério, teríamos de negar a existência de muitas figuras históricas, pois é bem raro encontrar-se um homem de notoriedade, seja na política, seja na religião, seja no alto domínio das especulações transcendentais, que não tenha as suas contradições, ora nêste, ora naquêle ponto. E' uma contingência da própria imperfeição humana. Platão, por exemplo, «o sublime Platão», uma das maiores glórias do pensamento universal, imaginou um sistema político em que tudo, até mesmo a própria família, deveria ficar sob a direção do Estado. Isto, por outras palavras, significa admitir o absolutismo do Estado. E' uma contradição, não há dúvida alguma, tendo-se em vista a lucidês espiritual do grande filósofo, discípulo de Sócrates. Para nós, do século XX, educados sob a influência liberal, aquilo é um ponto contraditório no pensamento de Platão. Não se pode, todavia, compreender a concepção política de Platão sem levar em conta o meio e a época em que viveu. Seria lógico negar a existência de Platão, dizer que o grande vulto da filosofia grega é um *mito*, sómente porque algumas de suas idéias nos parecem, hoje, contraditórias ?

Nêste caso, ainda pelo mesmo critèrio, poder-se-ia negar, tambèm, a existência histórica do Papa Pio V, porque, no sèculo XVI, *APROVOU* a matança dos Huguenotes na tragèdia de S. Bartolomeu. Após a batalha, apesar do espantoso número de cadáveres, Pio V *experimentou grande alegria, rendendo a Deus vivas ações de graças*. Não é lenda, é fato histórico. E' uma contradição, e dolorosa contradição na vida de um Papa, porque se trata do representante de uma religião que se inspira na fonte do amor e do perdão. Onde está o «Não matarás»?... Não è por êste motivo, entretanto, que se vai dizer que Pio V não existiu, é uma criação mitológica. A contradição é uma coisa, a existência histórica é outra.

Afirmar, finalmente, que Jesus não existiu, apenas porque algumas de suas sentenças *parecem* contraditórias, é fugir a todas as regras lógicas de argumentação. Ora, o confrade Colon tem liberdade para interpretar o Evangelho a seu modo, e ninguém lhe discutiria êsse direito, que é inerente à condição de todo homem livre; acontece, porém, que a *sua* interpretação traduz apenas o *seu* ponto de vista. Se, portanto, o confrade Colon, com as luzes de sua inteligência e com a inteireza de sua honestidade intelectual, julga que algumas passagens evangélicas estão eivadas de contradições e disparates, isto corresponde apenas ao *seu* modo de ver e de pensar. Os outros, porém, não pensam assim. Para o consenso dos espíritas, filiados à orientação de Allan Kardec, e não há motivo para se abandonar ou substituir a luminosa e segura rota do Codificador, o Evangelho é um código de moral inatacável, o melhor e mais certo caminho para fazer o homem feliz. O problema resume-se, portanto, nos seguintes pontos:

a) — William Colon considera as palavras evangélicas, por êle anotadas, um absurdo, uma contradição inaceitável;

b) — se há contradição, Jesus não é nem pode ser o que dizem os adeptos do Cristianismo;

c) — se, portanto, não é possível admitir que Jesus, sendo o justo por excelência, haja dito tantas coisas revoltantes, forçoso é concluir que *JESUS NÃO EXISTIU*, é uma *invenção* dos homens.

Tendo chegado a esta conclusão, que parte, como já vimos, de uma premissa insustentável, *acha* o confrade Colon que o Espiritismo deve desligar-se inteiramente da moral cristã. Dentro dêste raciocínio, que deriva de uma noção falsa a respeito do verdadeiro sentido de certos ensinos evangélicos, o confrade Colon faz crítica cerrada à maioria dos espíritas por aceitarem «os erros absurdos do Cristianismo»! Mas o escritor não prova os erros e absurdos aceitos pela maioria dos espíritas. Onde estão êles? Estão apenas no ponto de vista do escritor, que interpreta o Evangelho como entende e tira as conclusões que lhe *parecem* mais certas. O raciocínio de Colon está baseado apenas em suas inclinações pessoais e não em provas históricas. Em concordância com a sua orientação, entende o escritor que Allan Kardec, por sua vez, também caíu em contradição quando disse que «o Espiritismo vai ter ás bases de todas as religiões...» Veremos êste ponto no próximo artigo.

DEOLINDO AMORIM.

(Conclui no próximo número).

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

(1) — D. F. Strauss — *A velha e a nova fé.*

(2) — E. Renan — *Vida de Jesus — Os Evangelhos* (Consulta).

(3) — Charles Guignebert — *Jesus* (Ed. Michel, Paris, 1947).

(4) — D. Ropps — *Jesus en son temps* (Ed. Fayard, Paris).

(5) — Loisy — *L'Evangile et l'Église* (5.ª ed. — Nourry Paris).

(6) — *Novo Testamento.*

O Espiritismo não é doutrina passiva semelhante às religiões mundanas, mas sim doutrina ativa, de contínuo progresso, que reclama dos seus seguidores uma reforma ampla, estribada no fazer aos outros o que desejamos para nós. Por isso, os seus seguidores devem compreender que não podem ficar marcando passos, tanto mais que só o conhecimento desta doutrina impõe deveres inadiáveis aos que efetivamente querem ser cristãos.

CAIRBAR.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— III —

Continuamos com o fator «involução», defendido pelo livro DEUS E UNIVERSO. em sua tese da «queda dos anjos» e «inferno eterno», antes de entrar nas minúcias de certas afirmativas do Prof. Ubaldi, neste último livro:

Demonstrando, lógicamente, em concordância com Emmanuel no livro «O Consolador» e com Kardec, que «não é o homem que faz a História mas a História é que faz o homem», projetando êste ou aquêle espírito no cenário da luta evolutiva, quando a vida exige um elemento com estas ou aquelas características, entre outras coisas, diz A GRANDE SÍNTESE, na pag. 144:

«O homem, para sua salvação, é sempre «obrigado», dentro de um ritmo que, não sabendo compreender, denomina de «fatalidade». (*obrigado* e *fatalidade* aspeados pelo autor).

Se o homem *para sua salvação* é sempre «obrigado», como conciliar com essa afirmativa a possibilidade, mesmo teórica, do «inferno eterno»? Só se o autor, pretendendo maior autoridade para o «Deus e Universo» intenta derrogar o ensino anterior, pois não pode haver, sem malabarismos dialéticos, conciliação entre «salvação obrigatória» e «aniquilamento por subversão constante». Assim, é falso que o «sistema seja feito para ir até lá», ao aniquilamento, porque nenhuma fôrça pode ser oposta à lei divina da evolução, constante e progressiva, contra a qual o «DEUS E UNIVERSO» se insurgiu, chocando-se contra a afirmativa da «GRANDE SÍNTESE», quando diz, na pag. 147:

«Assim, a lei de causalidade se manifesta regulando os efeitos das vossas ações e as encadeando todas *na bem definida linha progressiva*, a que chamais o vosso destino.»

Ainda aqui importa considerar: — Se o nosso destino *está encadeado na bem definida linha progressiva*, onde iremos encontrar *uma bem definida linha regressiva?* Quem tem razão? A GRANDE SÍNTESE ou o DEUS E UNIVERSO? — A favor da primeira, existe:

1.° — A concordância generalizada de seus ensinos, aceitos sem discrepâncias.

2.° — Fonte extra-terrena, qual seja «SUA VOZ», inteligência superior ao Prof., coisa que ninguém contestará, nem êle.

3.° — Aceitação por vultos como Bozzano, Stoppoloni, Fermi e Emmanuel, sendo que êste último compara A GRANDE SÍNTESE a um EVANGELHO DA CIÊNCIA. Reconhecendo a fonte superior que ditara ao Prof. tal obra, diz textualmente: «Aqui fala a «Sua Voz» divina e doce, austera e compassiva». Deixando bem clara a natureza extra-Ubaldi, mediúnica e superior, diz: «A palavra do Cristo projeta nesta hora as suas irradiações enérgicas e suaves, movimentando todo um exército poderoso de mensageiros seus, dentro da oficina da *evolução universal*.»

Não é possível que o DEUS E UNIVERSO, obra de um homem em estado de desiquilíbrio orgânico *suplante ou complete*, como pretendem alguns, o trabalho de «SUA VOZ». Temos certeza de que os nomes que abonaram a GRANDE SÍNTESE, jamais abonarão o DEUS E UNIVERSO. Que os defensores desta última não pretendam passar àqueles, o atestado de incultos, imaturos e tolos.

Já mostramos, no artigo anterior, que o retrocesso involutivo nos levaria a aceitar o passo do orgânico para o inorgânico. Mas não somos nós que afirmamos, é a Grande Síntese, na pag. 193.

«Procuremos investigar na realidade dos fenômenos alguns efeitos desta íntima transformação de movimento, *da qual se gera a vida* e em que se manifesta o seu psiquismo: *transformação de química inorgânica em química orgânica*».

Enquanto neste livro temos a explicação dêsse passo, o «DEUS E UNIVERSO» limita-se dogmáticamente, como no catolicismo, a dizer que a «involução persistirá até o aniquilamento», mas não demonstra cientìficamente como se processa o caminho: ESPÍRITO — ENERGIA — MATÉRIA — MOVIMEN-

TO. Faço minhas estas palavras: «Vedes como nenhuma característica, mesmo a mais embrionária e longinqua, *vem a ser destruida*, e como, ao contrário, *nela contém o germen dos maiores desenvolvimentos.*» G. S. pág. 198.

Vamos escrevendo com as palavras de «SUA VOZ» para contestar as palavras de PIETRO UBALDI.

«A vida, desde a sua fase orgânica, que contém apenas os primeiros rudimentos daquele psiquismo (sua meta) que no homem assumirá o gráu de autonomia, é dinamismo intenso, resultante de uma contínua e complexa composição e decomposição da matéria em combinações químicas labilíssimas».

Frente à «queda dos anjos», e ao que está acima, perguntamos aos entendidos: — Como se degradou êsse psiquismo da autonomia do homem para o rudimento da primitiva fase orgânica? De revolta em revolta? Mas o próprio Prof. aceitou a tese da G. S. de que a autonomia psiquica só é conseguida no homem. Sem autonomia, cessa qualquer possibilidade de revolta.

Muito poderia ser adicionado na Grande Síntese para demolir a «involução» a «queda dos anjos» e o «inferno eterno». Mas a coisa vai ficando longa e monótona. Caso seja necessário, voltaremos ao assunto. Pintando as magnificências com que o universo se revestiu para receber o primeiro gérmem da vida, no capítulo «Nas fontes da Vida», pág. 181 e 182. Diz acertadamente:

«A matéria tinha existido; a energia se movera, mas sòmente a vida saberia chorar ou gozar, odiar ou amar, escolher e compreender, compreender o universo e a Lei e pronunciar o nome do Pai: DEUS».

«A FUGA ELETRÔNICA DE UM RÁIO DE SOL TORNAR-SE-Á BELEZA E ALEGRIA, SENSAÇÃO E CONSCIÊNCIA».

Se a «beleza e alegria, sensação e consciência» atributos humanos, mais ainda, características do psiquismo que temos, se originou da «fuga eletrônica de um ráio de sol», resta ao Prof. demonstrar como êsse ráio de sol foi primitivamente *um anjo que caiu* e que agora retorna ao Criador. Outra coisa não sugere o Prof., ao dizer na pág. 188 do DEUS E UNIVERSO:

«O nosso universo físico não foi uma criação, resultou de uma derrocada desta», (logo Deus foi imprevidente, pois não previu a derrocada). «Os espíritos puros eram outros tantos «eu sou» semelhantes ao tipo originário — Deus — isto é, individualizações pessoais, como é o próprio homem». (Deixa o Prof. transparecer que as individualizações eram iguais a Deus, mas não diz *semelhantes em que).* «O próprio homem atual esteve entre êles e, tendo uma personalidade própria, distinta, mostra-nos o que significa personalidade». Assim, pois, se o homem atual esteve *entre êles*, os espíritos puros, e agora provém *da fuga eletrônica de um ráio de sol*, forçoso é demonstrar como o *anjo caído se tornou ráio de sol.*

Está certa a premissa «ou os espíritos eram sábios» (perfeitos) e então não podiam cair, porque sabiam as consequências, ou eram ignorante e, então, não podiam ser culpados da queda, nem por elas serem responsabilizados... ou Deus criou um espírito que sabia e que, por isso, não podia cair, ou o criou insciente e, então, não o podia punir? Quem diz isso? Eu?! Não, é o próprio Prof. no mesmo DEUS E UNIVERSO, pág. 197. Como procura fugir dêsse dilema? Simplóriamente assim:

«Igualmente *SE DIZ:* o mal existe de fato, como *fôrça inimiga de Deus*, etc... o Prof., tão sábio e tão profundo, não devia ater-se ao «disse-me-disse em relação ao mal».

Em inúmeras passagens das obras anteriores, e mesmo no DEUS E UNIVERSO, o Prof. nos ensina que o mal, elemento que também obedece ao relativismo, é um reflexo da ignorância, como a dor é a reação da lei violada. Uma vez que os anjos que decairam e que continuaram puros, não eram iguais a Deus, uma vez que *havia zona ignota para êles* (pág. 198), eram ignorantes em relação a Deus, (pois bem e mal estão presos ao elemento de comparação e relação), mesmo os espíritos puros eram maus, no exáto instante da sua geração. Outra coisa não disse o Cristo, ao esclarecer que «bom era o Pai que estava nos céus».

Não vou explanar a diferença que seria estabelecida entre os espíritos que permaneceram puros e os que decairam, pois isso foi bem examinado pelo sr. Edgard Armond, no «Semeador» n.º 149 de junho do corrente ano.

No próximo número vamos estudar as páginas 199 e 214, pois são ricas de absurdos e contradições.

Esclarecendo dúvidas

Estudamos os trabalhos de Luiz Caramaschi que patenteiam sua elevada cultura. E' necessário entretanto, em assuntos do espírito, a linguagem simples do Cristo, para que a intimidação dos termos científicos não substitua a lógica da razão pura ou prática. Lembremo-nos de que a alta matemática está perdida no campo da metafísica, onde a prova é apenas o bom encadeamento dos fatores e de suas concordâncias. Assim, também, seu trabalho «Aspecto Científico e teológico do contínuo» está bem teorizado e, como teoria, estará em choque com outra qualquer «teorização teológica» que lhe observe o aspecto cinético. Frente ao ignoto, qualquer um pode estruturar uma tese, plantá-la sôbre números para dar-lhe cunho de maior autoridade.

Não compreendemos porque o Luiz necessitou, em suas «Elucidações nºs. 1, 2, 3», de apoiar-se na Bíblia, onde superabundam as fantasias. E' na Bíblia que vamos encontrar a «queda dos anjos», juntamente com a afirmativa «do arrependimento de Deus por ter feito o homem». Que Deus perfeito seria êsse que fez uma criação sujeita à possibilidade de falência e que se arrepende, posteriormente, de sua obra? Quem leu o livro «Da Bíblia aos nossos dias» de Mario Cavalcanti Mello, surpreende-se com a mixórdia bíblica.

Diz o Luiz, pag. 1, «Elucidações n.º 3»:

«A Concepção da queda dos anjos é bíblica, primeiro e cristã, depois». Isso não é verdade. Precisamente há 5.062 anos os brâmanes, MUITO TEMPO ANTES DA BÍBLIA, se gabam de possuir, por escrito, sua primeira lei sagrada, intitulada «Shasta». O «Shasta» contém cinco capítulos: — O primeiro «De Deus e seus atributos»; o segundo «Da criação dos anjos»; o terceiro «Da queda dos anjos»; o quarto «De seu castigo»; o quinto «De seu perdão e da criação do homem». Isso, muito antes de Moisés, do Pentateuco que não foi escrito por êle, da Bíblia, de João e de Ubaldi. A lenda é, pois, muito antiga e antiguidade não lhe dá cunho de veracidade.

Outra coisa que desagrada a quem raciocina, é o exagerado apêlo rápido que fazem os místicos para fugirem a uma contradição. O estribilho é sempre um: «A palavra mata, pela impropriedade de têrmos analógicos». Verificamos, então, que o cidadão disse uma coisa, com palavras que não lhe tinham relação. E chovem as interpretações e retificações. Se a palavra não pode exprimir a visão do místico, é um contrasenso queixar-se de sua limitação. Vivam o fenômeno calados, já que não há meios de transmiti-los à compreensão de seus semelhantes.

Vejamos: Na «Elucidação n.º 1», segundo parágrafo, o amigo Caramaschi diz que «quando Ubaldi fala de Adão, não é do Adão que todos conhecem, mas de outro Adão». Mas, que outro é êsse? E' conhecido por quem? Se não é o Adão Bíblico, para que entrar com o Adão no caso? Dissesse o *primeiro homem* e não haveria confusões. Não é possível, insistimos, que alguém compreenda o que êle quer dizer, usando nomes e palavras divorciadas de seu propósito. Assim é que, «argila da terra» deixa de ser argila, para ser outra coisa. Que importa o número e autor do «imprimatur»? O maior imprimatur é o da razão, da lógica *no nivel em que estamos*. O caso toma aspecto mais sério porque pode abalar a exposição de Caramaschi, «Aspecto científico e teológico do contínuo». Ficaremos na dúvida se o autor quis dizer o que está lá ou se aquelas palavras querem dizer outra coisa.

A autoridade de Moisés — e não foi êle quem escreveu o Gênesis —coisa nìtidamente arranjada por conveniência de uma época, a autoridade de João, que também não foi o autor do Evangelho que tem o seu nome, com sua máxima «no princípio era o verbo», de nada valem ante a autoridade da razão, que destrói semelhantes tolices. Era preferivel que o autor do evangelho que tem o nome de João tivesse dito: «No princípio era Deus, e ninguém sabe como era». Em virtude da tendência em divinizar a Bíblia, vemos verdadeiros prodígios de interpretações, ora para dizer que o mais é menos, ora para dizer que o menos é mais. E o critério para isso é a bitola de cada um.

Em «Elucidação n.º 2, pág. 2», escreve o prezado Luiz :

«*DEUS É TODOPODEROSO*». O Caos é todo falências e ruinarias. Logo, a falência e a fraqueza *extremas* não vem do TODOPODER, *diretamente*, mas da fragmentação de uma parte dêste que ficou autônoma (liberdade), até para chegar a êsse extremo, se quisesse».

Se *a falência e a fraqueza extremas* não vem do TODOPODER, importa perguntar : — E as que não forem extremas, mas medianas ? Vêm Dele ? Para um monista, sob o regimem da Grande Síntese, TUDO promana de Deus, DIRETAMENTE. Assim, aquêle «*não vem do TODOPODER diretamente*», importa num malabarismo da dialética expositiva e justificativa. Continuo achando que CAOS, PRINCÍPIO, MAL, BEM, DOR, VERBO, etc... são realidades momentâneas, oriundas de nossa necessidade de definir, para compreender. Assim como Tempo e Espaço cessam com a evolução ou a SITUAÇÃO, assim também o homem um dia se dará conta de que «a queda dos anjos», «o inferno eterno», e a «involução» não passaram de maneiras de ver a VIDA, por êste ou aquêle cidadão, em determinadas condições evolutivas.

Ainda na mesma página supra citada diz o amigo Caramaschi : «Deus e o caos são dois extremos absolutamente opostos. E a bôa lógica nos diz não haver extremos sem meios...» Não sei porque falar em Caos, pois a GRANDE SÍNTESE nos diz que tudo é ordem e ordem não é sinônimo de caos. Lembro, entretanto, que, também, é de bôa lógica que *os extremos se tocam*, e, assim, Deus e o tal Caos, se fossem extremos, não seriam opostos, mas contíguos.

Em todos os tempos a teologia sempre motivou polêmicas, e o fato mais uma vez se confirma.

Rua Quimberlita, 490 —
Belo Horizonte — Minas.

A Ciência impõe silêncio ao Materialismo

TODOS aquêles que se interessam pela parte científica da Doutrina Espírita, não podem prescindir do estudo do último reduto da matéria, o átomo.

Nós, que também procuramos estudar essa parte, tentaremos aqui, com alguma recapitulação do nosso trabalho anterior, esclarecer o que nos fôr possível, sôbre o assunto, evitando sempre as complexidades desnecessárias para quem principia.

Como já sabemos os átomos da natureza terrestre diferenciam se numèricamente em 92 na classificação da escala atômica, e são êles que se unem pelas leis afins, formando as moléculas de todas as substâncias do nosso planeta. Êsses átomos, desde o mais simples, o Hidrogênio, até o mais complexo, o Urânio, possuem cada um deles um núcleo, onde se alojam os prótons, partículas de eletricidade positiva, os quais, pelo seu número ali existente, caracterizam os elementos que se diferenciam na classificação atômica. Juntos a êsses prótons nucleares estão também os neutrons, partículas anelétricas, sendo que êstes concorrem para o aumento da massa do átomo. Girando ao redor de cada núcleo, análogos aos planêtas ao redor do Sol, estão os eléctrons, partículas de eletricidade negativa, cujo número é sempre igual ao dos prótons no átomo normal.

Um átomo pode aumentar ou diminuir seus neutrons ou eléctrons, mas êle não perde a característica de elemento classificado na escala atômica, desde que o seu número de prótons permaneça sempre o mesmo. Caso o núcleo de um átomo seja alterado com diminuição ou aumento dos seus prótons, então haverá uma transformação de um elemento em outro.

Como vemos, as partículas fundamentais da estrutura atômica resumem-se sempre nos mesmos prótons, eléctrons e neutrons, para qualquer átomo em condições normais relativas.

Se cortarmos um átomo pelo meio, como se conseguiu com o Urânio, de número atômico 92 (92 prótons), as suas duas partes resultarão em dois outros átomos diferentes, podendo êstes serem o Bário que ficou com 56 prótons nucleáres, e o Criptônio com 36. Nestas reações, sempre uma mínima fração de matéria transforma-se em energia, com tremendo potencial. Foi assim, pela cizão do átomo do Urânio que se produziram as primeiras bombas atômicas, das quais duas causaram a triste destruição de Nagasaki e Hiroshima, fazendo cair um poderoso império em 48 horas.

Ao inverso dessas cizões atômicas, anuncia-se agora a fuzão de 4 átomos de Hidrogênio, cuja soma resulta em um átomo de Hélio. Aquí então obtem-se a temerosa bomba H, para a qual o Urânio serve de espoleta.

Assim, compreendemos que os diferentes átomos que se transmutam por quaisquer dos processos conhecidos, são todos de estrutura edificada nas mesmas partículas, mas são sempre os prótons que os diferenciam na classificação periódica da escala atômica.

Nos laboratórios obtem-se transmutações de um elemento em outro, pelo bombardeio do núcleo atômico, mas os valores numéricos dêsses resultados não obedecem a vontade dos cientistas, isto é, não estão domesticados. O dia que êsses valores estiverem subjugados, então obteremos o ouro sintético, velho sonho dos antigos alquimistas.

Apesar dêsses tão poucos esclarecimentos, sôbre um assunto tão complexo, parece-nos que serviu para compreendermos que o coração do último reduto da matéria, o átomo, já não constitue um santuário indevassável para os nossos pesquizadores. Na área intratômica outras esquivas partículas (positron, neutrino e mêson), (nesta última salientou-se para sua descoberta, o nosso patrício Cezar Lattes), sofrem perseguição perseverante por parte dos cientistas, e elas já revelam algo sôbre seus comportamentos. Nos laboratórios também já se consegue surpreender o momento em que partículas de matéria se aniquilam, transformando-se em energia e vice-versa.

Agora, os não Kardecistas poderão interrogar: Qual o valor para o Espiritualismo, êsses últimos sucessos da ciência ?

Nós responderemos: O descortinamento dos mistérios intratômicos é a mais bela confirmação da existência de Deus.

Como ?

Ora, uma vez que nêsse devassamento das partículas sub-atômicas da estrutura do átomo, nada se encontrou ali no seu interior que pudesse originar nossa vida inteligente, isto vem confirmar a existência de um agente fóra das fronteiras da matéria, animando o pó que edifica nosso corpo físico.

Sendo êsse agente o espírito, como provam os fenômenos do ectoplasma, por êle concebemos a existência de Deus.

Como vemos, hoje é a própria ciência que impõe silêncio ao Materialismo, demonstrando o que há de verdade dentro dos profundos abismos do seio do último reduto da matéria.

V. O. CASELLA.

Ser Cristão

Só é verdadeiramente cristão, aquele que abre seu coração aos sentimentos puríssimos da caridade; aquele que, no Templo imenso de Deus, que é a Natureza, rende o culto da admiração e do respeito, por quanto de belo e útil nele se aliam, para confôrto da Humanidade.

Só é verdadeiramente cristão, o humilde, o fraterno, o tolerante, conforme pregou e exemplificou Jesus.

Infelizmente, porém, ainda hoje, não compreenderam os homens tais ensinamentos, por isso que, supondo homenagear a Jesus, ofertam-Lhe, com sacrificio próprio, e, mais ainda, de seu semelhante, suntuosidades que apenas podem agradar a vaidade dos que, ainda presos à matéria, desconhecem os esplendores que se alastram pelos confins do Infinito.

Busquemos agradar a Deus e a Jesus, ofertando à Humanidade um coração generoso. — ICLÉA.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XVII CAPÍTULO

Entraves... mais Entraves...

1) No dia seguinte ao dia em que deixei o emprego, estava com uma banca de jogo de bicho, minha, à porta de casa, à Ladeira da Montanha, defendendome com a comissão que o jogo deixava, com os *descargos*.

2) Um carregador, dos que mais jogavam, já quasi na hora de encerrar-se o jogo, chegou esbaforido, para pôr um tostão na dezena 50. Já não havia tempo nem *poules*. Dá-me sua *poule* cheia já de dezenas e grupos. Eu ajeito D... 50, em cima, esprimidinho.

3) E deu 50. Um dia de *ronca* para a banca! Descarreguei tudo, menos o tostão dele. E não sobrou, naquele dia, dinheiro nenhum. Nem êle quís esperar. Saíu fazendo campanha contra minha banca, de cuja campanha resultou seu enfraquecimento, seu desaparecimento...

* * *

4) Antes de desaparecer minha pobre banca, apareceu-me, uma feita, um senhor, que eu o conhecia de vista. Pensei que fôsse fazer algum jogo.

Foi tirar informações minhas.

5) E' que, nas vesperas, numa festinha, uma jovem moreninha, a Maria das Dores, me interessara. Disse-me onde morava, Rua do Carmo, num terceiro andar. Eu lhe disse, também, minha residência, sem lhe dizer, entretanto, minha profissão, que não a tinha.

6) A' noite, como estava combinado, fui ao encontro marcado, à hora certa. E recebi, da janela do 3.º andar de sua casa, uma pancada de água de sabão, que molhou minha roupinha branca, nos ombros.

7) Compreendi tudo; ela soube que seu candidato não tinha profissão, era *bicheiro*. Isso não lhe interessou e inspirou-lhe um protesto a água suja.

* * *

8) O sr. Firmino de Brito não ficou zangado com meu pai, por me haver desligado do emprego que êle havia arranjado, e do convivio do sr. Carlos.

9) Apareceu, um dia, em casa. Exatamente, num dia de fogão apagado, de guarda-comida raspado, de despensa dessortida, de estômagos vasios...

10) Conversou com meu pai, intimamente, por muito tempo. E tirou um maço de qualquer coisa do bolso, que lhe deu em reserva. Vi tudo a distância sem perceber bem de que se tratava.

11) Mas, na ausência do visitante, meu pai chama-me à parte e dá-me uma cédula de cinco mil réis para comprar viveres no armazem próximo.

12) Executei a ordem recebida, e trouxe do armazem coisas e alimentos que deram bem para passar-se o dia.

* * *

13) O sr. Souza era um quasi pregador Batista que foi a minha casa para me conhecer, admirado de que um rapazinho quasi analfabeto já tivesse lido toda a Bíblia.

14) Conheceu-me, porém, não teve boa impressão de mim, pois seu desejo era que todos da casa fossem protestantes, agarrados à letra da Bíblia.

15) Mas, deixou um benefício grande em casa: um remédio contra a embriaguez da velha Dadá.

16) A Dadá, com efeito, deixou de beber.

Mas, certa manhã, dias depois, aparecia morta, debaixo da escada, no vão em que dormia.

17) Grassava, então, a febre bubônica na cidade.

E a preta velha morreu sem assistência médica. Era fôrça correr à Saude Pública para o enterramento.

18) Foi o que fiz. Levado o caso ao conhecimento da *Saude Pública* ficou confirmado que se tratava, efetivamente, de peste bubônica.

19) Era preciso sair todo mundo, evacuar a casa para a sua desinfecção geral, para seu expurgo completo.

20) Sair para onde ?

A Odilia, para o hotel de companheiro. E nós, e nossa familia, para outra casa de favor; para a casa de d. Joaninha, viuva e mãe de cinco filhos criados, nossos conhecidos de Plataforma, que moravam à Rua do Bangala.

* * *

21) Há uma revista que insere, a miude, umas páginas assinadas sôbre *O meu tipo inesquecível.*

O filho mais velho de d. Joaninha, se não foi *meu tipo inèsquecivel,* foi o tipo mais original que até hoje já conheci.

22) Foi, até, meu professor em Plataforma.

Era alfaiate sem gosto, sem agilidade, sem arte.

E tocava mal trombone, na Filarmônica S. Braz.

Não trabalhava na fábrica. Era dos irmãos, o que menos produzia, o mais bem tratado e levado a sério, pela mãe, pelos irmãos. Esperdiçado, ademais.

Tinha horror ao trabalho.

Não fazia vida de sociedade, não saía de casa.

Vivia, indolentemente, de dois sonhos: encontrar uma viuva rica para casar-se. E entrar para a Marinha. Ser oficial de marinha, andar todo o Brasil e meio mundo...

Mas, não fazia nenhuma fôrça para encontrar a viuva rica, não procurava se preparar para a Escola de Guerra.

Levava o dia inteiro em casa, deitado em bancos duros, a fazer castelos, a dar opinião sempre contrárias dos atos dos irmãos, a sonhar acordado.

E viu, assim, escoar-se uma existência que podia ser tão útil a si próprio, a sua familia, aos seus...

Dir-se-ia que, em vidas já vivídas, fôra um grande senhor, gozando de coisas boas e belas, sempre servido a tempo e à hora, por servos devotados e servís.

E sua mãe e irmãos talvez fossem os que mais se aproveitaram de sua vida faustosa, de seus tempos, de luxo, de preguiça, de desperdícios em outras vidas já vividas.

23) Seus dois irmãos passaram de operários músicos a músicos militares, da polícia.

O Genesio, muito engraçado, era um espírito feliz.

Rir, fazer rir, inventar pilhérias, trejeitos e atitudes que fizessem rir, era o seu fraco.

Dir-se-ia que fôra na ultima existência, um palhaço de circo. E conformado, porque, para êle, tudo estava bom...

24) O outro, o Joãozinho, fôra meu grande amigo.

Era também um espírito alegre.

Gostava de arrotar e dizer, nos arrotos, um palavrão.

Sempre o advertia, dizendo: — «Você ainda se arrependerá, por haver dito um palavrão dêsses em lugar inconveniente. Olhe que o bábito...»

Sucedeu, efetivamente, como eu previra. E à mesa de sua casa à presença da mãe, das irmãs...

Foi quem me ensinou música; artinha, solfejo, instrumento de sopro, trompa.

No fim deu para embriagar-se.

Quando fomos seus hospedes, raro o dia em que não chegava em casa embriagado.

Eu tinha muita pena dele.

Parece que haviamos sido parentes muito intimo em outras vidas.

25) As duas moças, a Maria e a Donana, muito beatas e muito honestas e trabalhaderas, nunca acharam um noivo, um marido, embora o casamento fôsse o sonho de ouro de cada uma...

* * *

26) Aboletamo-nos, — todos nós — na casa da Rua do Bangala. Casa com dois quartos pequenos, uma sala de frente e outra de jantar, exíguas. Quintal baixo, a que se ia por uma escada de cimento sem amparo. Casa que mal dava para as sete pessoas que lá moravam. Não podia, certo, receber mais ninguém. Contudo recebia mais cinco pessoas inesperadamente...

27) Apareceu um *frege-moscas* — botequim-restaurante de última classe — à venda, à *Ladeira da Praça.* Consegui comprá-lo quasi fiado. E pús-me ao trabalho.

28) Pús um cosinheiro, o *Bôiô,* fiado em quem realizei o negócio. Eu servia os freguezes. Dono e *garçon,* a despeito do José que havia deixado Mar Grande e de meu pai me auxiliarem...

29) Entre os freguezes, salientaram-se dois, o Laudemiro e o Abilio, cabo de Polícia. Aquele, vendedor de praça, metido a letrado. Este, analfabeto: Só estes dois levavam fiado algumas refeições.

30) Mas, o Laudemiro, muito especial para comer, ainda pagava. O Abilio, não.

31) Foi preciso que eu apresentasse queixa dele ao Quartel, ao sargento Antão, que fez descontar sua divida de seu salário. Perdi, assim, o freguês e ganhei

uma ameaça de vingança que nunca se cumpriu.

32) Para distribuir refeições aos fregueses, — prato a cruzado e meio, prato a dois tostões — precisava fazer uma ginástica doida. Precisava comprar nos açougues, *carne virada*, (a que passava do meio dia sem ser vendida) jabá e bacalhaus de contra-pesos, gêneros em meia deteriorização, etc., etc.

* * *

33) A varíola apareceu na cidade, à cauda da peste bubônica. Até se instalaram hospitais de variolosos de emergência. Chegou, também, à rua do Bangala.

34) E fomos nós três — eu e meus dois irmãos — os primeiros surpreendidos pela varíola. Fomos tratados na sala de visita, os três numa esteira, com remédios caseiros.

35) E tratados em silêncio, com mêdo dos visinhos, com mêdo de que êles levassem nosso caso ao conhecimento da Saude Pública. Tanto mais, vendo o carro dos variolosos apanhar um visinho nosso.

36) Uma situação dolorosa, a nossa, em casa de favor, mal alojados e mal alimentados, com uma doença epidêmica, sem recursos, encomodando, de várias formas, pessôas amigas, pobres como nós...

Meu pai substituiu-me nos serviços do *frege-moscas*. E minha mãe já estava em estado interessante, depois de mais de quinze anos... Mesmo assim, foi de uma dedicação extraordinária, no trato dos três variolosos.

37) Quando me restabeleci, tive que fechar o botequim. Meu pai, por falta de tato comercial, havia vendido tudo fiado. E estava o negócio com dívidas insalváveis.

38) E meu irmão mais velho perdera seu empreguinho de agente de hospedes.

* * *

39) D. Joaninha começara a achar ruim, e com razão, a nossa estadia em sua casa. Tanto mais, levando em conta o estado interessante de minha mãe. «Ela não pode, de modo nenhum, adoecer nesta casa, que isto não é casa que se more», dizia a miude.

40) Sua opinião contrária a nossa permanência em sua casa aumentou muito depois de uma queda, que minha mãe levou, descendo a escada do fundo, levando molambos com que enxugava o pús de nossas pústulas variolosas...

* * *

41) Mal pude sair, marcado de varíola — e das pústulas, a que me saíu no rosto era a mais feia e mais funda — arranjei fàcilmente um emprego de *garçon*, exàtamente no mesmo Hotel Central, que meu irmão João, havia deixado.

42) Logo no primeiro sábado, à noite, era para lavar-se o salão. Fui o primeiro a descalçar os sapatos, atirar baldes de água ao ladrilho e esfregá-lo a vassoura de piassava.

43) Aquilo estimulou os outros empregados, ficando o salão do hotel lavado em poucos instantes.

44) Essas atitudes minhas, de disposição para o trabalho e de bôa vontade, valeram-me alta consideração no espírito do português, dono do hotel. Assim, à fôrça da capacidade de trabalho e de espírito de ordem, em pouco tempo, eu era gerente do hotel.

45) Mas, já havia, a essa altura, conseguido, uma casinha à Rua das Palmeiras no bairro de Tororó, de trinta mil réis por mês Aluguei-a, pagando adiantadamente dois mêses. Passou se a família para lá, e ficamos todos gratos à bôa gente que nos suportara por tanto tempo!

46) Com êsse ato, passava, naturalmente, embora sendo o mais moço dos três irmãos, à chefia da família.

O espírita tem o dever de colocar-se muito acima das paixões e conveniências humanas, trabalhando com todas as fôrças da sua inteligência para construir um mundo novo alicerçado nos preceitos evangélicos. Se não fizer assim não pode afirmar-se espírita e nem participar da Falange dos Espíritos Superiores incumbidos de dirigir a espiritualização da humanidade. Aceitai esta advertência, afim de melhor vos orientardes no trabalho espiritual. — CAIRBAR.

Espiritismo: Doutrina Coletiva dos Espíritos

1.º) — Cada ciclo evolutivo da humanidade culminou com a liderança de um povo, cuja civilização resumia todos os avanços materiais e espirituais conseguidos até a época. Atualmente há povos líderes, chamando-se «científica» a sua civilização. Nesta, a característica principal é o grande desenvolvimento da ciência, e da técnica por ela gerada. As condições de trabalho humano têm sido bastante amenizadas, e as relações dos povos, geogràficamente distanciados uns dos outros, se estreitam o suficiente para sentirem a unidade de direção espiritual do globo terráqueo. As modificações produzidas na ordem social dos povos pelo avanço científico, foram muito profundas. Tem o homem de hoje uma concepção de seu lugar no universo inteiramente nova. Acabou por considerar inócuos e antropomorfismo e o conseqüente geocentrismo do universo.

2.º) — As atuais perquirições cósmicas deslumbram os homens, mas não lhes satisfazem as necessidades íntimas de integração com o todo universal. Esbarram sempre com os limites próprios do espírito em evolução progressiva. Os conhecimentos parciais que adquirem levamnos a erros de interpretação, sendo o materialismo o mais evidente dêles. Com os elementos intelectuais de que dispõem, atravancam as cátedras com problemas insolúveis pelos métodos de verificação que usam, criam obstáculos ao livre curso da fé nas escolas, combatem as crenças sem selecioná-las com o critério de busca imparcial da verdade, contribuem para a degradação social, por causa do uso indébito dos meios poderosos de domínio do ambiente físico, e se angustiam na perspectiva do nada. Como as civilizações se sucedem umas às outras, a científica será substituida por aquela em que a ciência e a virtude estejam equilibradas, a civilização espiritual.

3.º) — O Espiritismo é a doutrina do momento, e «tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou sêres do mundo invisível» (1). Por seu carácter sintético, propõe-se resolver todos os problemas humanos, integrando os homens em um universo absolutamente lógico. E' resultante do trabalho conjugado de imensa falange de espíritos esclarecidos e prepostos de Jesus Cristo. Como doutrina coletiva, tem a seu favor a impossibilidade de erros, pois as qualidades morais dos seus construtores se somam às intelectuais, numa harmonia perfeita, tendo por fulcro o Mestre dos mestres.

4.º) — Psicològicamente, o homem da civilização científica se assemelha àquele que se encontra nas bordas da noite, querendo surpreender o dia em sua claridade nascente. Vive em um mundo convulso, sentindo sob os pés o terreno movediço, mas pressentindo nas alturas o novo meio a que se deve destinar. Criado em ambiente de transição, onde o novo se prepara para a substituição do velho, que já terminou sua tarefa humana, sente dificuldade em apreender o sentido integral da novidade que se apresenta. As manifestações organizadas e constantes dos espíritos na face do planêta o assustam, por lhe mostrarem a insuficiência de seus métodos de pesquizas, que são, por sua vez, os remanescentes de uma seleção mais antiga e também muito importante. Mas não percebe o fato de que as concepções devem ser substituidas e não anuladas.

5.º) — Não podendo o espírito superar-se em prazos muito curtos de experiências, para as substituições necessárias determinou o Mestre um método administrativo de resultados absolutamente positivos. Se as questões sociológicas nos parecem em extremo complicadas, as questões de administração espiritual o são muito mais ainda. Após o máximo conseguido pelos espíritos de uma geração, ela se substitui por outra constituida de elementos mais bem preparados a retomarem o trabalho iniciado por aquêles, que no seu próximo retôrno à carne encontrarão mais amplas possibilidades de evoluírem. «A Terra, dissemo-lo, não será transformada por um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas. Tudo, pois, exteriormente, se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos

Espíritos que nela encarnavam não mais encarnarão. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal, do que de uma geração de Espíritos» (2).

6.º) — Com êsse plano, é natural que se mesclem espíritos pertencentes a duas gerações limites, responsáveis pelas grandes modificações da vida no planêta. Psicològicamente são de tipos diversos; uns se apegam ao sentido renovador a que deram início, sem desejarem mudá-lo, porque têm uma intuição de que vieram à terra para isso e se julgam insuperáveis. Os outros aproveitam-se do início renovador das coisas, devido aos antecedentes, e criam novas condições para o futuro. Gera-se aí um antagonismo necessário. O novo precisa fixár-se sôbre as colunas erguidas pelo velho. Todos os assuntos relacionados com o caso devem ser verificados, para que se faça a seleção do desnecessário e prejudicial. Com receio de que o novo seja um desvio do que defendem, os detentores dos primeiros processos revolucionários lutam e querem evitar as modificações, que se apresentam como o prosseguimento do esfôrço que dispenderam nas suas realizações. O novo ideal que deseja impor-se deve sofrer duros embates, pois os espíritos que o propõem e defendem precisam por à prova, nas asperezas da luta, seus valores espirituais.

7.º) — Depois das grandes realizações iniciais da ciência e da técnica, que deram um sentido novo à própria filosofia, ergue-se o Espiritismo, superando tudo o mais. Como doutrina sintética e coletiva dos Espíritos, procura submeter-se a todas as verificações possíveis, por parte dos encarnados, demonstrando a sua excelência como meio seguro e superior de libertação do homem do jugo pesado da matéria e de aproximação de Jesus Cristo. Sente, por isso, uma absoluta necessidade de serem os seus princípios bem analisados. Aquí determina-se a posição social dos espíritas na demonstração, teórica e sobretudo prática, da doutrina que esposam, de tal maneira que todos vejam nela a verdade renovadora em meridiana claridade. Todas as críticas, desfavoráveis ou não, dirigidas aos princípios espíritas, devem ser recebidas como oportunidades de propaganda doutrinária. Das atitudes doutrinárias mais ou menos corretas dos espíritas dependerá a expansão mais ou menos rápida da Doutrina Salvadora.

8.º) — Grande parte da humanidade sofre as conseqüências de uma fé dogmática e de um materialismo degenerador. Os sofrimentos daí gerados são terríveis, pois o Espírito não se aniquila, e a lei de evolução que preside à sua elevação para Deus não se anulará diante das simples afirmações acadêmicas ou clericais. Mas, consoante o plano de Jesus Cristo, surge uma fé nova, racional, baseada na pesquisa objetiva dos fatos psícofísicos. Sente o homem não lhe bastar um conhecimento parcial do cosmos. Quando, incrédulo, desesperado na dor, submeter a fé espírita à sua análise, modificará suas concepções de acôrdo com a exposição do assunto, ao seu raciocínio. A fé que o espírita tem, origina-se do conhecimento global das cóisas. «A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza e ninguém tem certeza senão porque compreendeu» (3). Está na fé, o ponto de apôio para todas as realizações humanas; sem ela nada tem valor ou se apresenta como necessário. Sem ela o grande anseio de sobrevivência anelado pela criatura perde sua perspectiva. Das exposições claras dos fenômenos do universo físico, passa o Espiritismo à fé que salva e enobrece, que sustenta e consola infinitamente. E, acima de tudo, revela a grandeza de Jesus, o Mestre para todos os séculos.

Concluindo: No período científico por que passa a humanidade, as gâmas de espíritos encarnados reunem-se em dois grandes grupos: a dos que praticam a mediunidade, principalmente os espíritas; e a dos que não aceitam as práticas mediúnicas. Em todos os povos, desde os mais selvagens aos mais cultos, onde tem curso a mediunidade, as indagações são de ordem total, pois os conhecimentos parciais do universo são insuficientes para a satisfação dos anseios reais das almas encarnadas. A psicologia dos homens das nações civilizadas é a dos céticos indagadores de fenômenos, desprovidos de fé nas finalidades últimas dos sêres, prisioneiros dos círculos mesquinhos da matéria. O Espiritismo é uma doutrina coletiva dos Espíritos, que se propõe modificar as concepções de todos os homens de boa vontade, razão pela qual submete seus princípios a todas as análises possíveis, fornecendo um quadro absolutamente lógico do universo psíco-físico, base de uma fé raciocinada. Reconhecido que seja o mundo espiritual e descobertas as leis que inter-relacionam os mundos espiritual e material, o fóco de todas as indagações e fé passa a ser Jesus Cristo, cuja doutrina libertará o homem no Infinito, pleno de sabedoria e de virtude.

Prof. CARLOS PEPPE.

---

(1) *«O Livro dos Espíritos»* — Allan Kardec.

(2) *«Obras Póstumas»* — Allan Kardec.

(3) *«O Evangelho Segundo o Espiritismo»* — Allan Kardec.

LIVROS E AUTORES —

LEOPOLDO MACHADO

OS ESPIRITUALISTAS PERANTE A PAZ E O MARXISMO ou A PERFECTIBILIDADE DO ESPÍRITO, PELO SOCIALISMO — *de Eusinio Lavigne* — Editora Renovação, Niterói, 1955.

Eusinio Lavigne, o prezadissimo confrade marxista-espiritista, que nos abriu seu lar hospitaleiro para hospedarnos, quando passamos por Salvador, integrando a *Caravana da Fraternidade*; enviou-nos Eusinio Lavigne seu volume de 280 páginas, feição modesta, mas bem impresso e papel muito bom, com esta dedicatória:

> «Não fosse o poder da amisade sugestiva de Leopoldo Machado, e não teriamos elaborado este livro.
>
> «A ele, pois, amigo de mais de trinta anos, o escritor provido de admirável fecundia, a serviço da causa espírita, as nossas homenagens».

O confrade ilustre e grande escritor elaborou, efetivamente, o livro empurrado por nós. E com a condição, ademais, de que acompanhariamos, passo a passo, seus argumentos, para a demonstração de que quem é espírita não precisa mais de doutrina nenhuma política e social para a solução de todos os seus problemas.

Fomos, entretanto, até o presente, impedido a isso. E' que nosso estado de saude, sempre periclitante...

Trocamos, primeiro, cartas amigas. As suas, nos entusiasmaram. Até passei a grandes amigos, como o Alberto Gonçalves de Barros, que as leu e as releu enlevado. As suas, mais substanciosas, mais bem escritas. As nossas... No volume em questão, à pág. 57, aparece, apenas, a primeira.

Saindo, agora, seu livro, e nós, pensando, ainda, como espiritualista espírita sem desvio, de uma linha siquer, vamos tentar, apenas, aqui, as primeiras considerações em termos de suas considerações de marxista-espírita.

—

Lemos páginas de seu grande livro, até da tribuna do *C. E. Fé, Esperança e Caridade*, comentando-as, refutando-as, na compreensão de que o confrade ilustre coloca o Cristo e o Kardec, o Evangelho e o Espiritismo em plano inferior aos mestres do Comunismo e até ao próprio comunismo. Com efeito: sentimos que, se as razões apresentadas por êle procedem de Kart Max, de Engels e de outros figurões comunistas, não há autores espiritualistas nem o Kardec e o próprio Cristo; não há lógica no Cristianismo e no Espiritismo, não há conceitos e preceitos de outras cabeças que as excedam, que se lhes comparem. Com isso, aproveita-se da oportunidade para elaborar um verdadeiro compêndio de comunismo-espírita, naturalmente destinado aos espiritas comunistas, que os há, efetivamente, embora não saibamos como isso pode ser.

Não compreendemos como se pode ser cristão, espiritista-cristão e comunista-ateu, como é o comunismo russo. Aquele comunismo do Cristo e de seus primeiros discípulos é, na verdade, coisa bem diferente. Esse comunismo, imposto, apenas, pelo sentimento, expontâneo e sem leis humanas, e sem ameaças de guerras, e sem morticínios, e sem desejo político de alterar a feição do mundo a ferro e fogo; esse comunismo aceitamos perfeitamente. Assim, endoçamos o que escrevera eminente confrade a propósito, exàtamente, do livro do querido Eusinio: «Aceitamos pouco dele. Quem já é espírita, já pode ir diretamente à fonte: o comunismo cristão. O comunismo russo é para os materialistas, embora esses professem qualquer crença religiosa, mundana. E' melhor ter as armas do amor, do que canhões, metralhadoras, bombas infernais, etc.»

Reconhecemos que, na hora que passa, só três poderes sacodem influentemente, o mundo ainda tão desespiritualizado: o Comunismo russo, o Catolicismo, embora já fora de sua época, o poderio norte-americano. O comunismo não cansa de atacar os dois outros. Principalmente, o poderio americano. Nós, entretanto, falando, sentindo e procedendo como americano, e professando uma Doutrina cujos primeiros fatos partiram da América, a liberal-democrática como os que mais o forem, a despeito dos erros pavorosos de nossa democracia, em que pese muita coisa errada da América do Norte, é óbvio que não podemos, nem devemos entoar lôas ao comunismo russo. São, pois, essas razões substanciosas que vamos, embora sabendo que a Russia, sempre apagada no concerto dos povos euro-asiáticos, que esperamos ajustar, acompanhando as razões do nosso prezadissimo Eusinio Lavigne, se não nos faltar... a saude e o tempo e dentro daquilo que combinaramos.

Não condicionamos, absolutamente, a felicidade humana à situação financeira. Nem sempre o estômago cheio, o corpo bem vestido, o lar confortável, oferecem segurança de felicidade à criatura. Por isso compreendemos, a nosso modo, o conceito do Cristo, falando a seus discípulos: «Não leveis nem ouro, nem prata nas bolsas; nem alfoges, nem duas túnicas». Ademais, «passarão o Céu e a Terra — é ainda do Cristo — mas as minhas palavras não passarão». Ora, passará a Doutrina de Engels, de Max, de Gorky, dos Stalins, enquanto a da Doutrina, a despeito de conspurcada, de incompreendida, adulterada... Todos estão lembrados da obra do ódio dos próprios comunistas contra Trostky, agora repetida contra Stàlin... Será que isso não servirá para meditação e análise dos apaixonados da Santa Russia?

Para fundamentação de sua tese, salienta o ilustre amigo que, «*nem mesmo as pessoas* estão livres de uma bomba de avião, estejam onde estiverem, ainda no meio tranquilo das caravanas da fraternidade...»

Numa humanidade desunida por credos religiosos, por doutrinas socialistas, por egoísmos de toda natureza, e trabalhada, ademais, por um comunismo sem Deus que deseja dominar a custa de todos os recursos... E não será isso, exàtamente, porque a humanidade se alheiou demasiadamente, da Religião do Bem, pregada pelo Cristo? Ora, dentro dessa religião, as granadas de avião podem chover a vontade que não nos atingirão... se não formos lobos. E é voz do Cristo que em «armadilhas de lobos, só caem lobos».

Não vamos antecipar argumentos à alta argumentação do ilustre confrade. Argumentação tão alta que não sabemos se chegaremos a sua altura. Vamos escrever, entretanto, o que pensarmos, o que sentirmos, o que temos observado, até mesmo em obras de pensadores comunistas, sem Deus, sem pátria...

O livro de Eusinio Lavigne seria escrito por nós ambos. Foi o que combinamos. Entretanto, só apareceu, de nossa autoria, uma carta, à pág. 57. Consola-nos que, a despeito de tudo, o nosso volume está todo riscado e anotado à margem, tal é o nosso desejo, a nossa vontade de acompanhá-lo direitinho, comentando-o a nosso modo, à luz do Espiritismo.

Poderemos fazê-lo?

A saude e o tempo é que falarão por nós.

NÓTULAS ESPIRITUALISTAS

Compete ao Espiritismo, pelo seu duplo caráter — científico e cristão — *a gloriosa, redentora e humanitária missão, neste cíclo evolutivo, de combater a crise pavorosa de perversão moral que asfixia e desvaira esta Humanidade turbulenta e descrente, ligando, fraternal e cristãmente — Ciências, Religiões e Filosofias — num bloco solidário e progressivo, animado dum mútuo auxílio e compreensão onde vibre, para todas as inteligências, para todos os corações, a trindade augusta e divina:* — o Bem, o Belo, a Verdade — *à luz cintilante do Espírito Universal, tendo por medianeiro o Evangelho de Jesus, o Cristo de Deus.*

Dr. António J. Freire.

Aos Militares Espíritas

Mensagem transmitida pelo espírito-Capitão MAURICIO, chefe da Legião Tebana, martir entre 275 e 305 da Era Cristã, festejado em 22 de Setembro e atual Patrono da «Cruzada dos Militares Espíritas» do Brasil. Médium receptor: Hercílio Maes — Curitiba.

Soldados do Cristo :

Rejubilai-vos pela graça Divina reinante em vossos corações ante a decisão definitiva de formardes o Exército do Senhor !

Não importa que a humanidade se espante porque vos alistais, humildes, sob a flâmula amorosa de Jesus, quando ainda sois cativos soldados do mundo de Cesar ! Aceitai, pois, do Supremo Comando de Cristo, a mansuetude que vos servirá de poderosa estrategia na batalha das paixões humanas.

Preparai-vos, também, para sofrerdes a ironia, a maledicência e a incompreensão do mundo que não vos perdôa a fuga inspirada para o Reino de Cristo. Se não sofreis, hoje, como os santos cristãos as torturas sangrentas nos circos romanos e os estertores nas fogueiras ateadas pela perversidade do império cesariano, preparai-vos para o testemunho da suportação às inventivas da calúnia e da má fé.

Indago: Quantos vos compreenderão nessa intrepidez de transformardes os vossos símbolos de guerra em objetivos de PAZ E AMOR ? Quantos poderão alcançar o sentido íntimo de vossa renúncia aos emblemas bélicos, em troca das insignias de submissão ao Cristo ? Quantos compreenderão as vossas recusas ao brilho efêmero do mundo terreno para confiardes na glória eterna da Paz Espiritual que é também a Paz Universal ?

Arregimentai, pois, as vossas energias criadoras como Vanguardeiros da mais comovente peleja que há de se travar, em breve, no orbe terráqueo, onde a luz de Cristo espancará as trevas do ódio, da crueldade e do egoísmo humanos ! Fustigai vossas paixões inferiores, libertando-vos dos grilhões da vaidade, do amôr-próprio e do orgulho ! Combatei em vós os impulsos primitivos do homem-carne, sede as sentinelas atentas e eternas do homem-AMOR !

A Cruz Redentora que fulgurou nos estandartes de Constantino, protetor da Religião Cristã, há de imprimir em vossas almas o sêlo Divino do Sublime Pastor. Lançai-vos decididos à conquista dos corações adversários, aliando-vos incondicionalmente às hostes defensoras do Cristianismo ! O júbilo e a esperança se fazem mais vivos no espaço quando os soldados belicosos da Terra trocam os símbolos de guerra pela mansuetude de Jesus !

Que o Marechal da Cruz, nosso Iluminado Mestre, nos inspire no Seu Amor !

MAURICIO — Cruzado do Senhor.

Crônica Estrangeira

Viagem Astral

«Two Worlds»

Uma das experiências «Fora do Corpo» relatada no novo livro, a «Mente na Vida e na Morte», da autoria de Geraldine Cummins é a de Mr. Wilmot, passageiro no «City de Limerick», em 1863. O navio estava sendo batido por tempestade dez dias seguidos. Na noite do oitavo dia da tempestade, êle sonhou que viu sua mulher, que êle deixara nos Estados Unidos, vir à porta de sua cabine envolta em sua branca camisola; ela entrou, beijou-o e retirou-se em silêncio.

Um companheiro de cabine que ocupava o leito superior encarou-o suspeitoso quando êle acordou.

«O senhor é um visinho feliz» disse êle «receber desta maneira a visita de uma senhora». Êle observava, completamente acordado, cada detalhe da visita que Wilmot pensara ser sonho.

Quando Mr. Wilmot chegou ao lar, sua mulher lhe disse que estivera extremamente anciosa a respeito dele e pelas quatro horas da madrugada pareceu-lhe que saira a sua procura. «Atravessei o vasto e tempestuoso oceano, cheguei junto a um pequeno e preto navio a vapor cujo costado subi e, então desci à cabine e abeirei-me de sua cama».

Ela viu o outro passageiro e hesitou. Seu relato do que se seguiu era idêntico, em cada detalhe com o sonho e o que o outro passageiro havia visto.

* * *

Vê em sonho naufragar o marido que estava no «Andrea Doria»

Tinha-o «visto» no mar a pedir socorro — A' tarde a mulher aflita recebia um cabograma do próprio marido

Genova, 3 — Um caso de telepatia, referente ao trágico naufrágio do «Andrea Doria» verificou-se com a senhora Ana Tamberi, esposa do camareiro de bordo, Pedro Tamberi, de 44 anos, a bordo do «Andrea Doria». Na quinta-feira de manhã, apenas levantada, a mulher narrava à sogra um sonho impressionante, que tivera durante a noite. Ela havia visto o marido no mar, a pedir socorro como se estivesse a afogar-se. Em sonho a mulher se lançara para o marido com uma corda longa e forte tentando salvá lo. Depois o sonho terminara.

Despertando pouco depois e olhando o relógio, este marcava as 4,20. Oito minutos antes verificara-se o choque entre os dois vapores!

Ana Tamberi passou as primeiras horas da manhã presa de estranha agitação. Porém longe estava ela da idéia de ter «visto» qualquer cousa que realmente acontecera, e quando poucas horas depois, o rádio transmitia a notícia do naufrágio, a senhora Tamberi sentiu-se subjugada por grande desespêro. Finalmente na tarde do mesmo dia chegava um cabograma do marido com a palavra: «Fique tranquila, estou salvo».

«Fanfula», 4/8/56.

Uma mulher assassinada volta em Espírito e denuncia o assassino

«Constancia» reproduziu de «Two Worlds»

E' esta a história de uma mulher assassinada que voltou em espírito porque desejava que se fizesse justiça e indicou o seu assassino.

Encontrando-se o Snr. C. A. R. Little, na Índia, agora em Onslow Gardens, Londres, percorria as ruas de uma pequena cidade em busca de uma casa. Encontrou uma muito agradável que lhe pareceu ideal para alojar a familia, mas lhe disseram que estava *assombrada.* Várias familias haviam na ocupado, nela permanecendo curto tempo e logo dela saíram porque sucediam coisas estranhas.

Um fantasma passa através da porta fechada

Foi procurar o último proprietário para pedir-lhe, antes de ocupar a casa, permitir-lhe nela permanecer durante uma ou duas semanas, com alguns amigos, para comprovar se havia algo de certo a respeito das estranhas histórias que contavam. O dono concordou.

Certa noite, o Sr. Little se instalou na casa, em companhia de dois amigos, com uma provisão de alimentos, bebidas e cigarros. Antes de acomodarem-se confortavelmente tiveram a precaução de fechar a porta de entrada, a chave, para evitar que alguém pudesse cometer uma velhacada.

Estavam fazendo um jogo de baralho, quando ouviram bater à porta: imediatamente sacaram as pistolas. Logo disseram «Passe adiante» e entrou uma mulher. Vendo a atitude inofensiva da mulher, guardaram as armas e ficaram a mirá-la mudos de espanto. «Estavamos fascinados» (espantados) e ninguém se moveu, disse o Sr. Little. A mulher atravessou a sala, foi até outra porta e lhes fez sinal para que a acompanhassem. Porém nenhum atendeu ao chamado acreditando ser coisa da própria fantasia. A mulher deixou a porta aberta e desapareceu. Depois de sua saída, os três homens revelaram suas impressões que coincidiram, todos haviam visto a mesma cousa. Então resolveram suprimir toda bebida, na noite seguinte. Ainda que pareça estranho, o sucesso se repetiu na noite seguinte. Em meio à partida de baralho, sentiram chamar junto à porta e a mulher entrou. «Nunca vi uma expressão de maior tristeza em seu rosto», afirmou Little. Como na noite anterior, atravessou a casa e lhes fez sinal para que a seguissem. Dessa vez atenderam. Conduziu-os através da casa até o quarto de banho. Então lhes falou. Disse que havia morado ali com o marido, o qual a assassinara e a enterrara no canto do banheiro, que ela indicou. Acrescentou que voltara para que lhe fizessem justiça e pediu uma sepultura condigna a seus restos mortais.

Deu um endereço na cidade de Bombaim onde podia ser encontrado o seu marido. A visitante se despediu e desapareceu.

Voltaram então à casa onde haviam estado jogando cartas momentos antes e discutiram sôbre a extranha aparição. Ninguém pensou em dormir naquela noite e resolveram apresentar-se à polícia na manhã seguinte e relatar todo o sucedido. O oficial de polícia com quem falaram, imediatamente examinou seus registos e confessou que havia ouvido algo sôbre os fenômenos de encantamento (assombração) mas não lhes dera maior importância.

Enviou um detective ao endereço recebido em Bombaim, e lá foi encontrado o homem. Êste foi convidado a acompanhar o detective ao local para tratar de um assunto referente a uns prováveis compradores da casa.

O homem evita o quarto de banho

Chegados ao destino, o homem mostrou-lhes toda a casa, menos o banheiro. Então lhe perguntaram porque se recusava a mostrar essa dependência. Êle respondeu que era um quarto de banho, sem importância alguma. Foi conduzido ao banheiro, mas o homem se recusou a entrar. Pela fôrça foi finalmente introduzido. Então o homem muito agitado, fez plena confissão do modo por que havia assassinado sua esposa. O cadáver foi encontrado no canto indicado e pouco depois lhe foi dado sepultura.

O homem foi julgado e condenado à fôrca pelo assassinio de sua mulher.

A casa não voltou a dar sinais de encantamento. O Sr. Little nela não foi morar, porque sua mulher fôra tomada de espanto ao saber da história. Disse que não gostaria de viver com um fantasma.

De todo o modo, a casa imediatamente encontrou comprador.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espirita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 4 de Agosto de 1956.

A' hora regimental, faz o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião mensal ordinária do Conselho Federativo Nacional. E' lida e aprovada a Ata da reunião de Julho. No expediente são lidos: Carta de agradecimento da União Espírita Mineira, ao voto de congratulações e às referências elogiosas recebidas do Conselho, por ocasião da inauguração da nova séde da União e das solenidades comemorativas do dia d'«O Livro dos Espiritos»; Carta da Federação Espírita de Pernambuco reconduzindo, como seu Representante no Conselho, o Conselheiro General Severino Cunha, e noticiando a renovação da sua diretoria. Por solicitação do Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, é justificada a ausência do Representante da Liga Espírita do Distrito Federal, Conselheiro Aurino Souto.

Comentários do Presidente — Fala o Presidente sôbre o programa das comemorações do Primeiro Centenário da Codificação, em 1957, anunciando êxitos em todas as atividades programadas, e que, entre as medidas tomadas, uma visa levar a todos os países do mundo uma demonstração do entusiasmo e do amor dos Espíritas Brasileiros pelo Codificador do Espiritismo.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão discorre sôbre as atividades da União das Sociedades Espíritas de S. Paulo, no sentido da unificação do Espiritismo, promovendo Semanas Espíritas, Congressos e constante propaganda, que têm sido aceitas e mesmo apoiadas pelos poderes públicos. Comunica outrosim, a eleição da nova diretoria da USE.

Rio de Janeiro — O Representante, Conselheiro Major Luiz Gentil comunica que assistiu, em Julho último, à décima sétima semana espírita de Macaé e à primeira semana espírita de Campos, e que, em Setembro próximo, será realizada a quarta semana espírita de Niterói.

Pernambuco - O Representante, Conselheiro General Severino Cunha, notícia a adesão, à Federação Pernambucana, dos Centros: «Sociedade Espírita Allan Kardec» e «Centro Espírita Amor ao Progresso».

Ceará — O Representante, Conselheiro Henrique Magalhães, comunica ter a Assembléia Estadual do Ceará reconhecido como de utilidade pública a União Espírita Cearense.

Antes de encerrar a reunião, o Presidente manifesta sua satisfação pela conservação à frente da USE dos antigos trabalhadores da Entidade e faz comentários sôbre assuntos referentes ao esfôrço dos espíritas, de todo o Brasil, pela Unificação. Pelo Representante de Pernambuco é feita a prece final.

Lêr, o fenômeno do momento

Em vista do aumento da procura de livros espíritas e da nunca bastante louvada organização de serviços de vendas em todas as instituições espíritas a Federação Espírita Brasileira decidiu reeditar suas obras já esgotadas, especialmente as de André Luiz, devidas à notável mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Procurando ouvir o Dr. Wantuil de Freitas, Presidente da Federação, soubemos que já estão saindo ou a sair, «Nosso Lar», «Obreiros da Vida Eterna», «Entre o Céu e a Terra», «Libertação» e logo que possível, o fabuloso livro «Nos Domínios da Mediunidade», cuja edição, em língua alemã circulará por êstes dias naquele país. Também, dentro de pouco tempo, entrará em circulação mais um livro de Emmanuel — Fonte Viva — com uma utilíssima novidade para os amantes de sua obra profundamente evangélica: — um índice por versículos e capítulos comentados, semelhante ao anexado à última edição de «O Evangelho Segundo o Espiritismo».

Outro livro a sair das oficinas da F. E. B. é «Memórias de um Suicida», recebido mediunicamente por D. Yvonne S. Pereira, alentado volume, no qual C. C. B. escreve notas do que se passou com êle e mais 8 ou 10 amigos, notas essas concatenadas por Leon Denis. Nêsse livro se encontra um capítulo dedicado à Academia de Esperanto, na cidade Esperança, do Espaço.

Representantes

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Pirassununga, que o nosso confrade Arlindo Pinto de Freitas foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para receber. reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

—

Comunicamos aos prezados confrades residentes em Paranavaí, Estado do Paraná, que o sr. Roberto Ortega Mora, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 168.041,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, sinão praticando a Caridade, como Êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e, na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	— „ „	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— „ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3291unse

XXXII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Outubro de 1956 - N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

3 de Outubro . . . . *Redação*
Concordância e Discordância . . . *Deolindo Amorim*
Deus e Universo . . . . *Henrique Rodrigues*
Literatura de Além-Túmulo . . . *Ismael Gomes Braga*
A Evolução Espiritual . . . . . *V. O. Casella*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Impressões de uma visita ao Hospital Espírita de Marilia . . . . *G. P. Menezes*
História da Literatura Sagrada . . *Bianor Medeiros*
Da Formação dos Médiuns . . . *Tte. Cel. Fiori Amantéa*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado confrade

Paz em Jesus

O Natal está se aproximando. Nesse dia a cristandade rende as suas homenagens, num preito de gratidão, a Jesus, nosso Mestre. Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, realizará o «Natal dos Pobres», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes forem ofertadas, as quais podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas mesmo usadas. E' este, sem dúvida, um gesto que agradará a Jesus, que é amigo dos pobres e dos humildes.

Certa de que será atendida no seu justo pedido, a Comissão encarregada de promover o Natal dos Pobres, agradece-lhe de coração antecipadamente, almejando-lhe feliz Natal e um próspero Ano de 1957.

A COMISSÃO

D. Chiquita Fonseca
Izabel Camargo
Antonia P. S. Campêlo
Zélia S. Perche
Edeny Gonçalves
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Donata Casadei de Oliveira

Leticia Morceli Olson
Elza Olson
Candida Gonçalves Coelho
Olga Coelho
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniussi
Palmira Pedro Troleze
Carmem Torres

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo ?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão ?
Novos Rumos à Medicina - 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Memórias de um Suicída
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII - E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1956 - NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

3 DE OUTUBRO

O dia 3 de Outubro é, sem dúvida, uma das maiores datas do Espiritismo, porque foi nesse dia, em Lion, França, m 1804, que nasceu Allan Kardec, o odificador do Espiritismo, que é o Pa- acleto da Promessa de Jesus. Portanto, llan Kardec é um dos membros da Fa- ange de o Paracleto, aquela mesma fa- ange que anunciou aos pastores o nas- imento de Jesus, que acompanhou o tra- alho de Jesus, cooperando na realiza- ão dos chamados milagres, como por xemplo quando Jesus transformou a gua em vinho nas Bodas de Caná da aliléia, quando multiplicou pães e pei- es, quando levantou paralíticos e deu ista a cegos de nascença, quando expe- iu espíritos tidos como imundos, quan- o mandou retirar um «stater» da bo- a de um peixe para pagar o tributo a esar, etc.

É essa Falange que, agora, com o ome de Espiritismo, está presidindo a spiritualização da humanidade na con- inuação do seu trabalho que se resume m cumprir as sábias e imutáveis leis de eus. E Allan Kardec tem parte salien- e nesse trabalho, porque foi escolhido ara se reencarnar e servir de ponto de gação entre a terra e o céu, o que quer izer que o Espiritismo, no seu trabalho e espiritualizar e evangelizar as criatu- as está incumbido de fazer precisamen- e isso: ligar a terra ao céu, estreitar cada vez mais os laços de ligação para que as criaturas, se identificando com o mundo espiritual, possam melhor cumprir as determinações de Deus, que se baseiam no amor do próximo.

Como o Cristianismo, o Espiritismo teve, e ainda tem detratores que o perseguem sistematicamente. Mas como tudo o que vem de Deus não deixa de atingir o seu fim, quer queiram ou não os homens, o Espiritismo avança cada vez mais, à medida dos ataques e perseguições dos seus opositores. Assim também tem acontecido com grandes vultos que vieram trazer à humanidade os frutos sazonados do seu saber. Vejamos por exemplo Galileu, que foi obrigado a se retratar por aquela mesma mentalidade que hoje persegue o Espiritismo. Entretanto as descobertas de Galileu, numa reprovação aos seus detratores, fazem parte integrante das matérias oficiais estudadas nas escolas primárias e secundárias, justamente porque são o fruto da Verdade.

ALLAN KARDEC

Poucos anos depois do lançamento das obras de Kardec à publicidade, foram queimados, num auto de fé em Barcelona, como já sabemos, mais de 400 exemplares. Mas a alma do Bispo que presidiu à queima dos livros, sentiu-se num mar de fogo. E o fogo que devora a consciência só se apaga quando a alma reencarna, ocasião em que passa a sofrer física e moralmente como no meio de uma fogueira, cujas labaredas parecem não ter fim.

Hoje a data natalícia de Allan Kardec é comemorada apenas pelos espíritas. Não está registrada no Calendário Gregoriano. Mas amanhã, depois que o Espiritismo tiver construido a sua cátedra em todos os cérebros e corações, Allan Kardec terá as mesmas homenagens prestadas a Jesus por ocasião do Natal. E então se cumprirá a predição de Jesus, segundo a qual haverá um só rebanho e um só pastor.

O escopo dêste pequeno artigo é prestar a Allan Kardec as homenagens a que ele tem direito como guia espiritual da humanidade, o bom senso encarnado.

Que sob os seus auspícios possamos continuar no trabalho de difusão da Doutrina por êle codificada, o que constitue, de outro lado, a melhor homenagem que lhe podemos prestar num culto de veneração e amor.

Salve, 3 de Outubro !

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

(Conclusão)

VI — ESPIRITISMO E RELIGIÃO

Quem conhece a obra de Allan Kardec, quem já lhe interpretou o pensamento com a necessaria isenção e paciência, sabe muito bem que o Codificador do Espiritismo não pensou em fundar *uma* religião nem instituiu propriamente *um* culto. O que Allan Kardec afirmou, como se sabe, foi o seguinte: *O Espiritismo é uma filosofia de consequências religiosas.* Isto é muito diferente. Não se pode deduzir, daí, que Allan Kardec haja pretendido transformar o Espiritismo em organização religiosa, tipo igreja, com ritual, hierarquia sacerdotal etc. Também não se pode dizer que o Espiritismo não tenha uma parte religiosa, como decorrência de seus princípios gerais. O aspecto religioso do Espiritismo, juntamente com o aspecto científico e o filosófico, integra o *TODO* homogêneo, que é o corpo de doutrina. A doutrina espírita esclarece muito bem o que é *religião* no sentido profundo de religar a criatura ao Criador, e não é mais necessário tratar dêste ponto, que já está muito repisado. Está bem claro que, quando se fala em religião, em termos espíritas, não se pode entender que religião signifique, como parece, uma forma de culto organizado ou culto material.

Vamos ver, agora, o que foi que disse Allan Kardec, e que causou tanto espanto ao confrade William Colon. Eis aqui as palavras textuais de Allan Kardec:

> *O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista pelo que, forçosamente, vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituida, visto que não tem culto, nem rito, nem templos, e que entre os seus adeptos, nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. (1)*

Tudo claro, tudo lógico, portanto. Apesar disto, o confrade William Colon implica veementemente com a expressão *VAI TER ÀS BASES FUNDAMENTAIS DE TODAS AS RELIGIÕES.* No entender de Colon, Kardec foi muito infeliz, cometeu um disparate quando escreveu estas palavras. De minha parte, francamente, não vejo razão alguma para a tempestade que se formou no espírito daquele nosso confrade.

Kardec explica muito bem o sentido de suas palavras: em primeiro lugar, o Espiritismo vai «ter às bases de todas as religiões» porque, realmente, é uma doutrina que abrange os três pontos capitais das religiões espiritualistas, pois todas elas se firmam sôbre a idéia de Deus, da sobrevivência da alma e a vida futura; em segundo lugar, Kardec deixa bem claro que, apesar disto, o Espiritismo «não é uma religião constituida», justamente porque não tem culto organizado e porque se caracteriza, neste particular, pela ausência de ritual, dogmas, etc. Acontece, porém, e o confrade Colon sabe disto, que as religiões afirmam a crença na imortalidade da alma e da vida futura, mas a verdade é que não apresentam fatos, ao passo que o Espiritismo prova que a imortalidade da alma não é simples questão de fé, porque é, sobretudo, questão de *FATOS*. Estão aí os fenômenos.

Diz William Colon: *Kardec introduziu uma nota explicativa ao terminar o capítulo sôbre o materialismo, e é com pena que nos vemos obrigados a expressar o nosso desacordo com os seus comentários na dita nota explicativa, pois ainda não deixamos de compreender que o fato de Kardec transigir com erros da religião se deve, em parte, à influência da época em que deu a conhecer seus livros de Espiritismo; não podemos perdoar os seus esforços para reformar a Religião, porque um grande pensador como êle devia compreender que a religião cristã, baseando-se em dogmas inflexíveis, nascidos de uma insólita mentira, não admite reformas de nenhuma espécie.* (Página 154). Qual é, afinal de contas, o comentário pessoal de Kardec? Trata-se da pergunta 147, do *Livro dos Espíritos,* formulada nos seguintes termos: «Por que é que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que aprofundam a ciência da natureza são, com tanta frequência, levados ao materialismo?» Então, o espírito instrutor respondeu da seguinte maneira: «O fisiologista refere tudo o que vê. Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja alguma coisa que lhes esteja acima do entendimento. A própria ciência que cultivam os enche de presunção. Pensam que a natureza nada lhes pode conservar oculto». Acha o confrade Colon, e tem o direito de interpretar a questão como quiser, que a resposta do espírito não está boa. É um modo de ver. Note-se que o espírito respondeu de modo lacônico, tendo procurado, apenas, dar a idéia geral da questão, e não podia, por isso mesmo, desenvolver aspectos particulares. Na opinião de Colon, entretanto, não só a resposta à pergunta 147, como também as respostas relativas às perguntas 150, 151 e ainda outras não satisfazem, são obscuras e, às vezes, contraditórias. Vamos, porém, ao caso do comentário de Kardec, que é o *pivot* das críticas de Colon. Para esclarecer as respostas decorrentes das perguntas 147 e 148, a respeito do materialismo, Kardec desenvolveu, a seguir, longos comentários, a fim de colaborar com a sua participação pessoal na elucidação do assunto.

Já no fim de seus comentários, sem a menor incoerência, Kardec faz a seguinte afirmação: *O Espiritismo, é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se êle aí está é porque Deus o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos ao caminho do bem pela perspectiva do futuro.* (2) Pronto. Eis o estopim. William Colon protesta, brada com toda energia. Êrro de Kardec! Que tem isto de grave? Qual o absurdo que existe nas palavras de Kardec?... Para o confrade Colon, no entanto, o maior êrro de Karde é dizer que o *Espiritismo é o mais poderoso auxiliar da religião!* Entende William Colon que é impossível harmonizar esta frase com a declaração em que o próprio Kardec afirma o carater eminentemente científico do Espiritismo. Segundo William Colon, se o Espiritismo tem carater cientifico e não é *uma* religião, como disse Kardec, não pode, ao mesmo tempo, ser «o mais poderoso auxiliar da religião». Então, conclui o confrade Colon: Kardec disse um disparate, e é necessário reformar a obra de Kardec, porque já está ultrapassada. Vamos por parte.

O Espiritismo não é realmente *UMA* religião organizada, porque não tem nem pode ter as características de *uma* religião: culto, sacerdotes, paramentos, etc. Isto não significa, porém, a negação do sentimento religioso. Há muita diferença entre a idéia religiosa, que é do fôro íntimo, e que é uma necessidade do espírito humano, e uma organização material; há muita diferença, também, entre religião de consciência ou reconhecimento de um Poder Supremo, que é Deus, e qualquer forma de culto material. Quando Kardec diz que o Espiritismo é um auxiliar da religião, e não diz, com isto, nenhum despautério, é claro que o Codificador do Espiritismo se refere aos pontos básicos da religião, como já vimos anteriormente: Deus e a imortalidade da alma. Ora, se toda religião imortalista se apoia nêstes dois pontos, e se o Espiritismo demonstra, experimentalmente, a sobrevivência da alma, através do fenômeno, é claro que o Espiritismo *auxilia* a religião, porque lhe dá o elemento básico, que é a prova da sobrevivência do espírito após a morte. Com esta prova, o Espiritismo sobe às altas cogitações filosóficas e chega, lògicamente, à idéia de Deus. A religião tem, portanto, no Espiritismo, o fato capital. O Espiritismo desempenha, assim, o papel de laboratório onde qualquer religião pode fazer as suas verificações para se certificar da sobrevivência da alma. É nêste sentido, e não pode ser noutro sentido, que Allan Kardec, sempre com alta dose de bom senso, faz sentir que o Espiritismo é um auxiliar da religião. O confrade Colon, no uso de seu livre arbítrio, tirou daquela frase uma conclusão diferente.

O outro engano de Colon é o que consiste em dizer que, em consequência do êrro de Kardec, muitos orientadores espíritas *pretendem fazer do Espiritismo uma seita do Cristianismo*. Não é este o pensamento de Kardec. Jamais o Espiritismo poderia ser transformado em *SEITA* de qualquer espécie, porque a doutrina é fundamentalmente anti-sectária. Se, porém, alguns orientadores espíritas, por falta de conhecimento seguro da doutrina, criaram seitas cristãs dentro do movimento espírita, Kardec não é responsável por êsse desvio. Isto é outro aspecto, e não há movimento religioso ou doutrinário que não esteja sujeito a desfigurações, por fôrça da incompreensão dos homens. O que não é possivel, porém, é acompanhar inteiramente as idéias de Colon em relação à parte evangélica da doutrina. Kardec já declarou que a moral do Espiritismo não é outra senão a do Evangelho. Isto não é fazer do Espiritismo uma *seita* cristã. Kardec adotou a moral cristã porque, além de estar sob a influência da civilização ocidental, toda ela informada pelo Cristianismo, também verificou, ao mesmo tempo, que a moral cristã, entre todos os sistemas de moral, é a que mais se ajusta ao carater da doutrina espírita. O Espiritismo é uma doutrina dinâmica, não é fatalista, não é ortodoxa, nem é contemplativa; e o Cristianismo é, precisamente, dinâmico, porque toda a sua moral está condicionada ao trabalho, ao esfôrço próprio: *Batei*, e *abrir-se-vos-á*, *Ajuda-te*, e o *céu te ajudará. Coloca primeiro o reino de Deus dentro de ti*, e *tudo o mais virá por acréscimo*... O Evangelho, como se vê, não promete graças: cada um que, por si mesmo, procure merecer, isto é, cada um que trabalhe, procurando reformar-se. Que disse Jesus à pecadora? *Vai, e não peques mais!* Não peques mais — veja-se bem — não reincidas na falta. A moral do Cristianismo é cheia de advertências, e todas elas têm o sentido claro de chamar o homem à *RESPONSABILIDADE*. A moral cristã não é, portanto, a moral da beatitude e das ilusões: é a moral da responsabilidade, a moral do *DEVER* em todas as circunstâncias da vida. A moral cristã é ativa e não estática. Ora, o Espiritismo é justamente uma doutrina cujos princípios se fundamentam na responsabilidade moral. Kardec não teria necessidade, portanto, de ir buscar no velho Judaismo, no Brahmanismo, no Islamismo, por exemplo, a cúpula do edifício moral do Espiritismo, uma vez que o dinamismo cristão se harmoniza perfeitamente com o temperamento ocidental. Até nisto Kardec foi bom psicólogo, porque adaptou á doutrina espirita, exatamente, a moral que com ela tem mais afinidade.

Não pense, portanto, o confrade Colon que, pelo fato de haver adotado a moral cristã, o Espiritismo tenha esposado as superstições e as incoerências que os homens, por sua conta fizeram nascer, imprópriamente, à sombra do Cristianismo. Quando o Espiritismo fala em Cristianismo — preste bem atenção o confrade Colon — não se refere ao *Cristianismo* das diversas seitas, êsse Cristianismo deturpado, que está em completo desacordo com o verdadeiro Cristianismo do Evangelho, isto é a doutrina de Jesus. Podemos dizer, finalmente, que o Espiritismo veiu «restaurar a pureza do Cristianismo», dando-lhe interpretação racional. Veja-se, a propósito, o que ensina Léon Denis, a maior expressão filosófica entre todos os continuadores de Kardec: *O Espiritismo nos oferece as provas tangíveis da imortalidade e por êsse meio nos conduz às puras doutrinas cristãs, ao próprio âmago do Evangelho, que a obra do Catolicismo e a lenta edificação dos dogmas mal cobriram de tantos elementos incongruentes e extranhos.* (3) Respeito a opinião do confrade Colon, mas prefiro ficar com Léon Dénis, quando diz que o Espiritismo nos conduz *AO ÂMAGO DO EVANGELHO.* E é certo. Quer o confrade Colon, entretanto, afastar o Evangelho do Espiritismo. Isto seria contrariar substancialmente o carater do Espiritismo como corpo de doutrina. Não se pode perder de vista êste ponto: *O ESPIRITISMO NÃO VEIU DESTUIR O EVANGELHO.* Quem o diz é o próprio Kardec, e de forma bem clara:

> *Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino. (4)*

Em suma: ao invés de desprezar Jesus, a doutrina espírita, como diz Kardec, torna Jesus ainda maior, fá-lo mais compreensível, mais puro, mais alto.

Leia-se, por exemplo, o que diz a mensagem recebida por Allan Kardec em 9 de agosto de 1863: *Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual êle é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. (5)* Deduz-se, daí, que o Espiritismo veio, portanto, restaurar, como já se disse, «a pureza do Cristianismo». Que o confrade Colon considere Jesus um mito, uma figura simbólica, que nunca existiu, é assunto opinativo, e nada temos que ver com a opinião pessoal daquêle nosso confrade. Não podemos, porém, deixar de dizer que o consenso dos espíritas pensa de outro modo. A opinião pessoal de um escritor, por mais sincera que seja essa opinião, não pode invalidar princípios básicos da doutrina. Não é possível, portanto, eliminar da doutrina espírita aquilo que Allan Kardec foi buscar de mais neutro, mais sublime, mais puro, que é a moral do Evangelho.

DEOLINDO AMORIM.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

(1) Allan Kardec—*Obras Póstumas.*

(2) Kardec — *O Livro dos Espíritos (147-48).*

(3) Léon Denis — *Cristianismo e Espiritismo.*

(4) A. Kardec — *Gênesis* — cap. II n.º 41.

(5) Kardec — *Obras Póstumas* — 2.ª parte.

Como tudo quanto se contém no Evangelho, é salutaríssima a advertência do Cristo: «Orai e vigiai. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca». A oração é o contacto da criatura com o Criador. O pensamento, projetado no Infinito, forma como que uma corrente magnética, pela qual descem os alentos e inspirações de que necessita a criatura para se libertar de todos os inimigos do modêlo divino, que é para o homem da Terra o nosso Mestre Jesus.

Sem vigilância não haverá oração eficaz, porque, sem ela, o pensamento desváira, impossibilitando a formação da corrente que liga a criatura ao Criador. Sem vigilância, isto é, sem um pensamento defeso às infiltrações maléficas da treva, não pode orar nem receber os influxos benéficos das fôrças ao serviço da Divindade.

Se os homens soubessem compreender o grande valor dêsse preceito e submetessem prèviamente os seus atos à vigilância, orando para receberem a inspiração, antes de praticá-los, certamente se livrariam de muitos desvarios. — C. A. F.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— IV —

Diz o livro «DEUS E UNIVERSO» na pág. 194:

«E para o homem resta a dor, punição de um Deus vingativo. Essa dor é devida à culpa do primeiro rebelde, que certamente não podia ter consciência completa do bem e do mal, porque, se tivesse tido, não teria, pela revolta, provocado o seu dano, mergulhando na dor. E como pode um inconsciente ser responsável e punido, se ao procurar o próprio bem, erra, sem o saber? E em nome de qual justiça, Deus, que tudo sabe, que de tudo tinha presciência, mesmo dêsse êrro, pode condenar um ser que errou por ignorância, a pagar com a dor? Quando uma criança inexperiente cai, a culpa é dos pais, que, sabendo de antemão, deveriam prever a queda; é dos pais, que têm o dever de educar, antes de punir e, ainda assim, proporcionalmente à experiência adquirida pelo filho. Quando êste não tem conhecimento, porque não pode tê-lo, os pais não têm o direito de punir. E então, que deveremos pensar de um Deus que, contràriamente aos princípios de amor, bondade, lógica, justiça, comporta-se dessa maneira para com a criatura?

Assim falávamos naqueles dois capítulos. Esta é uma primeira e elementar forma de plantar a questão. Mas já ali se viam as conclusões, absurdas como eram, visto que se voltavam contra Deus. Isto é um assalto à lógica, que o evoluído não pode aceitar».

Bastaria o trecho acima transcrito para demonstrar o estado de desequilíbrio que envolveu o Prof. Ubaldi quando escreveu o «DEUS E UNIVERSO». Êle planta bem as razões pelas quais a tese da «queda» não pode ser aceita. E' muito mais lógico quando infirma, do que quando afirma. Em poucas palavras mostra o absurdo, e gasta centenas de páginas em teorizações para tentar demonstrar uma hipotética lógica para a «queda». Estudando as afirmativas acima diriamos que *absurdas não são as conclusões que se voltam contra Deus;* Êle as mereceria, pois o homem não sabia as conseqüências que o aguardavam após a «queda». ABSURDAS sim, foram as premissas em que o Prof. situou o problema. OU NÃO HOUVE FALÊNCIA, E A VIDA E O UNIVERSO SÃO PERFEITOS, OU HOUVE FALÊNCIA, E DEUS É O CULPADO.

Por que absurdas as conclusões CONTRA DEUS?

As conclusões fluem de PRINCÍPIOS. Se há conclusões contra Deus, *é porque os princípios também o eram.* O *princípio* da «queda» leva à *conclusão* da falência não do anjo, mas do Criador dêsse anjo.

Os dogmáticos sempre intentaram a retificação da vara pela correção da sombra. Querem, assim, o reparo nas *conclusões* (sombra) e não no *princípio* (vara). Quando alguém verbera fortemente qualquer vendilhão do templo, apoiado na passagem evangélica que envolve o Cristo, segundo o Evangelho, aparecem os conservadores de texto ou «interpretadores». Para uns, o chicote foi fluídico e os pontapés foram dados com sandálias de alcatifas. Ninguém é honesto em situar o problema de «princípio» e «conclusão».

1.º — Ou o esbordoamento é lícito em nome de Deus, conclusão lógica da atitude de Jesus ou

2.º — O Evangelho mentiu, consignando um fato que não se coaduna com a bondade e sabedoria do Senhor da Vida. Fico com esta *conclusão,* que se harmoniza com o *princípio* dos ensinamentos do Mestre.

Custa a crer, não há lógica — é um absurdo que salta aos olhos de qualquer criatura *livre de pensamento* — que, por um ato de revolta, o «anjo» se tenha precipitado em uma «queda», tão pavorosa, que tenha de súbito, já que lentamente seria maior absurdo, ido para os confins do mundo físico. Foi a autoridade incontestе de A GRANDE SÍNTESE que disse que o homem provêm de «um raio de sol». O Prof. diz na pag. 200 do livro «DEUS E UNIVERSO», que a «queda originou-se por *ter querido o anjo entrar, usurpando, em uma zona reservada sòmente a Deus*». Então, por essa natural curiosidade, o anjo foi projetado, perdendo a personalidade, em um indistinto «raio de sol» ? Essas são as conclusões a que nos leva o *princípio* da «queda». Castigo impiedoso para uma atitude natural.

Na pág. 79, descreve «a fala» entre o Criador e a alma criada. «Apenas criada, esta não falou ainda. Deve imitir agora a primeira palavra, que Deus lhe pede em resposta ao Seu ato de criação — a palavra decisiva, Deus lhe fala por primeiro» . . . Êsse Deus da «queda» fala muito, mas não fala o principal. Deveria êle mostrar o castigo tremendo ante qualquer ato de desobediência. Deveria demonstrar que, para gozar as delícias do Céu, o sêr precisava ser escravo de seus caprichos, entre os quais o de não entrar em determinada zona, QUE ERA EGOISTICAMENTE SÓ DÊLE. Lamentável o ponto a que o Prof. conduziu o problema.

Diz ainda o Prof., na mesma pág. n. 200, que Deus «fez os sêres à SUA IMAGEM E SEMELHANÇA». Semelhança em quê? PARCIAL? Em esporádicos aspectos? Se Deus é ilimitado, os seres criados «à sua imagem e semelhança», teriam, pela Herança Paterna, que buscar a «ilimitação». Então, dois princípios se impõem:

1.º — Deus não fez os sêres à sua «imagem e semelhânça» e poderia limitá-los;

2.º — Deus fez os sêres «à sua imagem e semelhança» e não os poderia limitar, a não ser que êle fosse limitado.

E dizer que tudo isso desaparece com o esquema de A GRANDE SÍNTESE, qual seja, o da criação e evolução constante, progressiva e eterna! Bastaria que o problema da dor fôsse situado em moldes diferentes dos que são definidos pela humanidade, como ensina o livro de «SUA VOZ», contra o livro de Pietro Ubaldi. Bastaria que o processo criativo seguisse o trâmite estruturado pela A GRANDE SÍNTESE, onde Deus inicia a Criação do mundo pre-físico, passando pelo «raio de sol» até o infinito, muito além de qualquer possibilidade conceptual.

Mas o sêr humano sempre agiu assim. Turva a água clara. Introduz a discórdia e a confusão no que era ordem e lógica.

Interessante é que na folha n. 201 está escrito:

«Ora, os espíritos sabiam quais os seus limites e que não deviam superá-los». Como sabiam? Quem atesta que sabiam? O Professor? Ante a vida, convenhamos, é um testemunho suspeito, por seu passado católico e por sua natureza relativa, para tais afirmativas.

«Tudo isto sabiam muito bem e não foi por ignorância que erraram. O seu ato foi uma revolta consciênte, feita, pois, com plena responsabilidade». Mas os «anjos» *estavam recem-criados, nem haviam falado ainda.* Que sabedoria teriam? Seria crível que alguém, SABENDO — e saber não é ouvir falar — que uma mole tão grande de torturas o aguardava, trocasse o prazer pela dor? Só como imposição de fé isso pode ser aceito!...

Eu me lembro, quando pequeno, de uma brincadeira que os meninos costumavam fazer. Apanhavam um escorpião e o colocavam, a *salvo*, (como os anjos) no interior de um círculo de fogo. Está claro que se o bicho ficasse quieto, nada lhe aconteceria e, como os anjos, continuaria a gozar das delícias da vida. Mas, a fôlhas tantas, o bicho, desesperado com a ameaça constante, ou se matava, ou investia contra o fogo, queimando-se numa tentativa de fuga, ao «paraiso cercado».

E' verdade que alguns permaneciam imóveis, como devem ter ficado os anjos que não se rebelaram. Se fôsse possível penetrar-lhes o psiquismo, talvez encontrássemos o germe do COVARDE que ainda hoje superabunda entre nós. Obediência não é sinônimo de covardia e o progresso deve muito aos rebeldes. Parece-me ver, consoante ao Universo da «queda», um Deus que a todo instante «fala» aos seres: «Isto é só Meu, isso é teu». «Podes fazer isso, ou não podes». E o sêr ou obedece, ou vira «ráio de sol».

Na GRANDE SÍNTESE, a magnitude divina está bem esboçada. Sua ilimitação, todo o poder, onisciência, infinita bondade, etc... Enfim, um Deus indescritível. O «DEUS E UNIVERSO», não! Limita-o, antropomorfiza-O, descreve Seus colóquios, possibilidades, suas zonas passíveis ou não de exploração. Culmina na base da pág. 201, com o seguinte:

«Deus do Seu seio *não podia* retirar tantos Deuses iguais a Si mesmo, que, por conseguinte, fossem senhores de todo o conhecimento». *Êle não podia...* Eis aí até onde foi o Prof. Ubaldi nêsse livro. Êle, o limitado, traçando limites ao ilimitado. Criou uma premissa falsa, para estruturar uma justificativa para a «queda». E mais uma vez deixa patente: se os seres não tinham todo o conhecimento, não poderiam ser responsáveis pelo que deconheciam. Que perfeição de sistema êsse o da «queda»! Um Deus que pune um sêr, criado por êle, por ter feito algo que, por culpa do Criador, não conhecia as funestas consequências. Bonita Justiça... Perfeito Amor... Misericórdia Infinita...

Dentro do universo da «queda» muitos perguntarão: Afinal, em que o homem era *à imagem e semelhança de Criador?* Em sabedoria ou ignorância? Semelhante em parte ou no todo? No princípio ou na conclusão?

Para atender ao amadurecimento espiritual do homem, em nossos dias, era preferível que o texto atribuido a João, «No princípio era o verbo, etc... etc...» fôsse consertado simplesmente para:

NO PRINCÍPIO ERA DEUS, E A NINGUÉM FOI DADO, AINDA, SABER COMO ERA.

Continuaremos...

Esclarecendo Dúvidas

E' lastimável que, para justificar a «queda», por um sofisma de exposição, o anseio de liberdade e expansão seja transformado em ato de rebeldia. Que se estabeleça o direito de o pai aniquilar o filho, desde que o filho a isso leve o pai.

Ubaldi fala do encontro de Criador e alma criada. Transcreve a conversa do Pai, mas o filho lhe poderia responder:

— Não Te pedi que me criasses. Tiraste-me da paz do nada para tornar-me um escravo de teus caprichos. Se Te desobedeço, castigas-me com tuas leis e sofismas que não és Tu quem pune, mas Tuas leis imutáveis, contra as quais me choco. Não tens o direito de atormentar-me com a dor, pois quero voltar à paz do nada, e se de lá saí foi por culpa Tua, não por minha vontade. Não é justo que êsse caminho, o da busca do nada seja doloroso, já que o que me levou a Ti foi um passo de mágica. Não quero ser um outro «Eu sou» nem menor e muito menos igual ao Teu «Eu sou». Não quero o Teu paraíso cercado de abismos e ameaças. Essa gaiola dourada não compensa o não existir. Tu erraste primeiro, Tu és quem deve pagar. Não me dás o conhecimento total, porque és incapaz ou egoísta OU NÃO PODES OU NÃO QUERES. Na primeira hipótese, és fraco; na segunda, não Tens qualificação. Um pai humano dá tudo a seu filho, até sua vida, e Tu só me dás uma liberdade limitada ou uma avalanche de dor. Não quero ser contra Ti. não quero roubar-Te nada, fica com Teu egocêntrico universo. Nessa criação sujeita à falência, nada me assegura que não Tenhas propiciado a uns o que não déste a outros. Se eras presciente, sabias de antemão que não aceitaria Tuas condições. Criaste-me para a dor, enquanto que outros, que já sabias covardes, estariam destinados às eternas bemaventuranças. Pior seria se não soubesses, pois dizem que Sabes das coisas antes que elas aconteçam.

Não fazes favor nem é por amor que me acompanhas «na queda».

«Quem gerou Mateus que o embale», mas não o espanque.

Essa seria a resposta do criado, se a vida que vivemos fôsse oriunda da «queda dos anjos». Pediria licença a Olavo Bilac, e ante a face de Deus, atirar-lhe-ia as estrofes do «Pássaro Cativo».

Os trabalhos de Luiz Caramaschi são profundos.

Envolvem problemas muito vastos, e exigiriam para uma apreciação completa, tempo para escrever e espaço para imprimir. A «Revista Internacional do Espiritismo» não pode, evidentemente, publicar uma tão vasta resposta. Essa é a razão pela qual apenas um ou outro ponto é ventilado nesta coluna. Pùblicamente, peço-lhe desculpas se, de alguma forma, na minha maneira de expor, parecer agressivo. Na realidade, eu o terei sempre como uma grande cultura, uma alma superior, cultivador da verdade, digno de todo o respeito e admiração. O entusiasmo, porém, responde por meu modo de falar. Só isto.

Fala êle, no capítulo final de sua «Elucidação n.º 4» em aniquilamento. Sempre julguei que o homem, como ensina a GRANDE SÍNTESE, é um todo, indivisível. Um «eu» que vai do biológico ao supra-sumo do espírito. Mas nêsse Capítulo há limites bem definidos entre um sem número de «eus» que habitam na individualidade humana. E' «eu individual», «eu essencial», «eu distinto», «eu-sou divino». Uns morrem, outros não morrem. Uns se aniquilam, outros não se aniquilam nunca. Estabelece-se uma distinção que não se sabe quem averiguou, eleva-se essa mirabolante distinção *em fato consumado* e toca-se a erigir edificações sôbre tão periclitante base. Assim é fácil provar o que não tem prova. Com material tão maleável fazem-se retas e curvas, ângulos e esferas, linhas e pontos. O sólido torna-se abstrato e o abstrato sólido.

Mas algo nos diz que Deus é Amor e Perfeição, não havendo lugar para cáos, falências, queda, aniquilamentos, inferno eterno e involução.

Rua Quimberlita, 490 —
Belo Horizonte — Minas

Literatura de Além-Túmulo

DISPONDO de poucas fontes, Ernesto Bozzano nos deu um livro excelente sôbre a literatura de ultratumba. Que poderia fazer hoje um pensador do mesmo quilate diante da literatura recebida só no Brasil depois daquele tempo ?

Vamos lembrar só quatro médiuns vivos dentre uma dezena de contemporâneos brasileiros.

Zilda Gama nos deu a coleção de romances de Victor Hugo, nos quais a Doutrina espírita fica maravilhosamente bem exposta na mais elegante forma literária.

Francisco Cândido Xavier já nos deu uma bibliotéca inteira em prosa e verso, repetindo a façanha de Zilda Gama com maior riqueza e variedade ; bastando lembrar «Parnaso de Além-Túmulo» como monumento poético que assombra os beletristas.

Dolores Bacelar já publicou um livro de versos de 57 poetas e romances mediúnicos que correm mundo, sempre ensinando excelente Doutrina.

Yvonne A. Pereira apareceu há pouco. Seu primeiro livro «Nas telas do Infinito», foi publicado há alguns mêses e conquistou logo um grande público. Agora aparece um alentado volume com o título «Memórias de um Suicida», com 631 páginas, que traz a doutrina especializada quanto à sorte dos desertores da vida. E' romance em que a personagem mesma relata sua vida e a de seus companheiros de infortúnio, depois da tentativa infrutífera de fugirem de si mesmos. Sôbre êste novo livro, ainda pouco conhecido, precisamos estender-nos um pouco mais, porque suas dimensões não o destinam a rápida popularidade.

Apresentam-nos as cenas dantescas da situação do suicida no astral inferior e nas subseqüentes reencarnações expiatórias. Mostra os grandes criminosos, renascidos em existências expiatórias duríssimas, tentando fugir de si mesmos pela ilusória porta do maior de todos os crimes.

Multidões de imperialistas romanos, chumbados aos seus crimes contra povos inteiros escravizados, renascem nas ardentes terras de África, em corpos negros obscuros, e são capturados e importados para a escravidão negra na América. Muitos dêles, na escravidão, comprometem-se de novo pelo desespêro e pelo suicídio.

Os cruéis senhores de escravos, igualmente, comprometem-se duramente com a Lei e renascem em duras encarnações, com apavorantes deformidades, com doenças horríveis. Alguns dêles tentam libertar-se pelo suicídio e caem em verdadeiro inferno.

Homens frívolos e deshumanos que abusam de mulheres, e reaparecem em corpo feminino para expiar o passado e se reajustarem com a Lei.

A tragédia é apavorante e em belo estílo literário que parece destinado a romper os séculos e produzir frutos para os futuros milênios.

Felizmente o livro tem uma terceira parte esperançosa, onde trata da Grande Universidade de Esperanto no astral. Alguns suicidas menos comprometidos, principalmente mulheres, estão preparando-se para cumprir novas tarefas sôbre a Terra, e dentre outras matérias, aprendem o Esperanto, como instrumento de trabalho necessário à fraternidade universal.

Êsse capítulo sôbre o Esperanto, nas páginas 610 a 616 do volume, mostra-nos o futuro próximo da Humanidade renovada; e como o mesmo assunto já foi antes tratado também por intermédio de outros médiuns — Francisco Valdomiro Lorenz, Francisco Cândido Xavier, Dolores Bacelar — em perfeita concordância com o que nos é revelado, não podemos tomá-lo por fantasia romanesca do Autor. E' a grande esperança do livro apavorante.

Que unidade doutrinária pasmosa nos revela essa imensa literatura! Que Inteligência Suprema preside a essa preparação da mentalidade humana do porvir!

Ismael Gomes Braga.

A Evolução Espiritual

Geralmente, os dogmáticos, sem razão, acusam de materialistas, os adeptos da evolução da raça humana. No entanto, nós reencarnacionistas, somos pela teoria da evolução sem deixarmos de ser espiritualistas. Acreditamos que todos os cultuadores da matéria são pela evolução, mas nem todos os evolucionistas são adeptos do materialismo.

Ora, o Evolucionismo é uma teoria baseada em observações incontestáveis. Os cientistas admitem que no Universo, desde os invisíveis eléctrons até as gigantescas galáxias, tudo evolue. Assim, o nosso raciocínio nos faz conceber que o ser espiritual não constitue uma exceção nessa marcha evolutiva da natureza.

Como tudo que evolue teve um começo, o princípio espiritual, como simples centelha viva de natureza anímica, iniciou sua evolução no momento em que se acolheu nos primitivos corpos orgânicos monocelulares surgidos sôbre a face da Terra, há um bilhão de anos, iniciando a era arqueozóica.

A ciência, embora ainda não poude responder de que modo, e qual a fôrça superior que manipulou êsses primeiros habitantes vivos do nosso planêta, ela poude desvendar pelas camadas geológicas a trajetória de sua evolução, até o tempo atual. Assim, essas primeiras estruturas orgânicas, edificadas com o pó terrestre no laboratório da natureza, foram acionadas pelas centelhas vivas primárias, iniciando a marcha para a evolução.

Reproduzindo-se e evoluindo-se, êsses primeiros sêres vivos, iniciaram-se no fundo do abismo das águas. Saindo da imobilidade realizaram movimentos, arrastando-se das trevas lodosas para mais longe, ganharam distâncias, passaram pela fase dos invertebrados, atingindo a dos vertebrados, na condição de peixes. Emergindo-se dos oceanos ensaiaram-se nas praias, conseguiram ser anfíbios, répteis e, sempre evoluindo, chegaram a mamíferos para, após essa luta seletiva de um bilhão de anos, alcançarem a vitoriosa forma da fase humana atual.

Mas nessa marcha reprodutiva e evolutiva, surgindo corpos com formas cada vez mais aprimoradas, as primeiras centelhas viventes que animaram êsses edifícios físicos celulares, também se evoluiram, mas em sentido emigratório, isto é, não sofreram destruição, sendo, por uma fôrça superior, criadas para eternizarem-se, mudando sempre para novos organismos de melhores condições.

Desta forma, cada centelha viva treinou nessas estruturas perecíveis, passando individualmente de um corpo a outro, como condutores que eram premiados pela natureza, recebendo em cada nova etapa máquinas orgânicas cada vez mais adequadas para melhores comandos.

Assim, nessa caminhada paralela, ambos corpos coexistindo em etapas sucessivas, o de estrutura física orgânica e o de vida anímica, separavam-se quando as máquinas físicas pela morte voltavam ao pó da Terra, ao tornarem-se imprestáveis. Mas sem se deter, as centelhas viventes de natureza imortal, amparadas por uma fôrça superior, retomavam sempre novos veículos celulares, prosseguindo na viagem evolutiva. Nestas condições, essas centelhas vivas, passando sempre de um corpo orgânico a outro, iniciaram-se no impulso, seguiram para a irritabilidade, ganharam a sensação, alcançaram o instinto e, após um bilhão de anos, nessa luta evolutiva, acham-se atualmente educando-se na razão. E de simples centelhas vivas iniciais atingiram evolutivamente, no presente, a condição de espíritos, hoje ainda aprisionados em habitações carnais humanas.

Dessa longínqua jornada, de luta pela liberdade espiritual, guardamos ainda dolorosas recordações.

Os açougues, êsses necrotérios, onde nos aglomeramos, na disputa de um pedaço de carne, ou de vísceras, fazem-nos recapitular o nosso passado de canibalismo inferior. Homens vampiros, relembrando épocas distantes, surgem ainda entre os chamados civilizados. A pretexto de justiça, exaltamos sadismo no ideal bélico, revelando que possuimos ainda profundas marcas de eras sanguinárias pretéritas.

Sempre prosseguindo, o viajor espiritual continua evoluindo pelas leis das reencarnações sucessivas em busca da fase sublimada, até atingir a sua liberdade fora dos limites da carne.

O espírito, uma vez atingido a mente de elevada moralidade, amor e sabedoria, após outros milênios de luta, deverá conquistar como prêmio pelo esfôrço próprio um estado de felicidade ainda não compreendido pela nossa concepção atual.

Assim, como vemos, há sempre um início para se evoluir, e o espírito, que não é obra de oficina, não faz exceção nas sábias e perfeitas leis do Universo.

Tivesse essa fôrça superior, que denominamos Deus, confecionado espíritos já evoluidos, êsse sêr Onipotente não se teria revelado tão imprudente ao produzir sêres tão brutais e retardados na moral e no amor, quando poderia então revelar sua divindade executando esses seus filhos em condições mais elevadas e condizentes com a capacidade do Autor.

Mas a alta espiritualidade, para possuir o valor necessário, terá que ser conquistada pelo esfôrço de cada um, para que não sejam derrogadas as maravilhosas leis de causa e efeito da majestosa Obra da Criação Divina.

V. O. CASELLA.

LIVROS E AUTORES — LEOPOLDO MACHADO

Obras de Leoncio Correia — Edição do Estado do Paraná

A viuva de Leoncio Correia enviou-nos mais três volumes, completando, assim, sete livros já recebidos desse ilustre homem de letras.

Dos primeiros recebidos, já falamos por esta Revista de 15 de Julho de 1955, prometendo até que voltariamos a tratar de toda a obra.

Os livros, de magnifica apresentação gráfica, é obra que honra o grande Estado que os edita, Estado Natal do autor, o Paraná.

Fomos, primeiro, ao PANOPLIAS e ao EVOCAÇÃO, por serem livros de crônicas, gênero de literatura que tanto nos sabe, de que temos até tratado deficientemente, cronista de última espécie que nos arvoramos.

Leoncia Léa Correia Leal, filha do escritor, que escreve bem como o pai, trata das crônicas enfeixadas no livro: «E o volume reune o que de melhor e mais durável existe na numerosa coleção de crônicas e artigos de Leoncio Corrêia». Compreendemos, assim, por que não encontramos, nos dois volumes, as crônicas que ele escrevera sôbre nós, sôbre nossa atividade litero-doutrinária.

Deolindo Amorim abre o PANOPLIAS com um prefácio substanciosissimo, naquele seu estilo bonito e conciso. Prefácio de três páginas corpo 6, desentrelinhadas, que a gente lê com interêsse e enlevo.

Panoplias reune 33 crônicas e *Evocações*, prefaciada por Rodrigo Otavio Filho, 31 trabalhos, todos escolhidos.

Lendo os dois livros, nosso pensamento se reportou ao tempo do nosso conhecimento pessoal, na Redação de A PÁTRIA. Amisade que se estenderia até a *Liga Espírita do Brasil* de que fôra presidente, à redação de *Mundo Espírita*, em que nós ambos colaboramos, como na *A Pátria*. Houve, até, em *A Pátria* de 1934, quando ela comemorara mais um aniversário de atividades, uma versalhada humorística, mexendo também com êle e conosco.

A quadrinha para o Leoncio Correia:

A sessão Luz e Verdade
Vive de fulgor tão cheia,
Onde o Leoncio Correia
Prega a cristã caridade!

A quadrinha feita para nós:

E o Leopoldo Machado
O Bayard do Espiritismo
Que escreve com brilhantismo
E luta como um soldado.

As crônicas de Leoncio Correia são magistrais, esplêndidas, magnificas.

Têm muito o que se aprender, e que se recordar, de que se gostar.

Principalmente, as que se tocam de coisas de nacionalismo, de sentimentos cristãos, de coisas bonitas sôbre aquela que lhe deu o ser, de casos e coisas do passado.

Joeiremos, aquí e ali, particularidades que mais nos sacudiram, que sacudirão, naturalmente, a quantos fizerem o que fizemos: a quantos lerem com interêsse os livros.

Falando sôbre a Esmola, caridade mais urgente, sentencia: «esclarecer e instruir são as duas formas dessa caridade entre os homens». Na crônica *Plantar uma Árvore*, escreve: «o brasileiro, que nasce com a alma povoada de sonhos e o coração transbordante de amor, com a boca constelada de trevas, é o carrasco das florestas, o verdugo das matas». Com efeito. Vimos isso, diante de matas de pinheiros abatidas, quando viajamos ao Sul, até Porto Alegre. Na crônica *Caboclo Brasileiro*, salienta: «Ignoram, mas creem, amam e esperam». Em «Castro Alves e as Mulheres», um primor de crônica, conta que um parente de Martins Fontes vai de Santos a S. Paulo às pressas, serviço de muita urgência, mas se esquece de tudo, preso à palavra do grande poeta baiano, que encontrara numa confeitaria, uma roda de conhecidos. E D. Isabel Quartin, já velhinha, ainda conservava, em S. Paulo, uma flor seca que o poeta lhe dera, tinha ela 15 anos e era linda, no teatro ao lado do camarote do poeta. Uma flor que lhe falava, há 75 anos, de um momento felicissimo de sua vida. Na crônica JESUS E A REDENÇÃO HUMANA, começa assinalando que «O Cristianismo começou vencendo pela poesia». E demonstra superiormente esta verdade. Faz, quasi no fim da crônica magnifica, uma alusão enternecedora a sua saudosa e santa mãe; alusão que nos recordou, também, a santidade da mulher que nos dera a vida. O *Menino Pobre* conta a história dolorosa de um menino que, tendo pai, não conhecera a mãe, para terminar, angustiado: «Se eu fôsse Deus, não haveria na terra uma única criança sem mãe». Sua crônica *Beleza das Tradições*, escreve: «Eu tive a fortuna de, em criança, assistir às cavalhadas — derradeiro vestígio dos *torneios* da Idade Media». Também nós tivemos essa fortuna, e de até ver meu pai armado cavaleiro, a disputar a argolinha simbólica presa a um cordel. Na crônica, *Evocação*, começa assim, enternecendo-nos significativamente: «A alma de minha mãe era pura como um raio de luz, casta como o aroma das violetas. A consciência de minha mãe era cristalina e límpida como uma gota de orvalho cintilante ao sol, por uma linda manhã de primavera, na delicada pétala de uma rosa. O pensamento de minha mãe pairava muito alto, nas cercanias do Céu, sem jamais baixar a países terrestres, etc., etc.» E prossegue por aquí, retratando não sabemos bem se a sua ou a minha mãe... No *O Machado Sacrílego*, conta sua visita, em Macaé, com Julio Olivier, a uma fazenda de um descendente do Duque de Caxias. Fazenda que também conhecemos. O amigo deu-lhe uma cadeira antiguissima, que servira de assento a Casemiro de Abreu. O cronista leva a cadeira consigo, tratando-a com o devido interêsse de um intelectual amante, sobre tudo, de sua terra e de sua gente. Mas, em sua residência, em Petrópolis, seu cosinheiro, o Anselmo...

Pergunta-lhe onde pusera a cadeira que veio de Macaé.

— Ué, meu amo, a lenha que o freguês trouxe, ontem, estava muito verde e chorava como gente. Não houve querozene nem abano que fizesse a danada pegar labareda, então...

— Bandido! Miseravel! Assassino! Tu devias ir daqui para a cadeia e lá morrer como um cão!

Em NATAL volta a cantar a santidade de sua mãe: «Neste Natal, que o luar de meu inverno melancoliza e espiritualiza, é de ti que me lembro, é a ti que eu evoco — porque foste a mais bela e a mais pura pagina do Evangelho de uma vida sem relevo — ó minha doce, ó minha saudosa. ó minha santa Mãe».

E o grande cronista e querido amigo nos põe, novamente, sem saber a qual das mães êle se refere : se a dêle, se a nossa !

Falando aos moços, na crônica — JORNALISTAS — «Ó moços que fazeis, cantando e sonhando, a escalada jornalistica ! lembrai-vos de que Ruy Barbosa foi o maior de nossos publicistas, de que o seu jornal fechou por escassês de leitores ! Não esqueçais que Quintino Bocaiuva, o principe dos jornalistas brasileiros, para evangelizar o credo republicano, trocou O GLOBO, que era órgão de democracia, pelo O PAÍS, que foi um instrumento comercial nas mãos de Matosinhos. Não vos olvideis de que José do Patrocínio, o Vulcano de nossa imprensa, e de que Alcindo Guanabara, o mais completo periodista desta terra sem jornal e sem leitores, etc., etc.» Na crônica O LIVRO E O ARADO, citando Cesario Mota Junior : «o verdadeiro ideal da democracia não é a guerra, é a paz ; não é a anarquia, é o livro ; não é a fortaleza, é a escola», para concluir lembrando o caso do cidadão que, citado num tribunal francês, quando se lhe perguntou se sabia ler, respondeu tranquilamente : «*Eu sou cidadão suiço*».

As crônicas de Leoncio Correia, são, na verdade, crônicas, em que o leitor aprende e regala o Espírito. Mòrmente, se forem escolhidas, como as da *Panoplias*. Como nosso propósito é acompanhar, passo a passo, o que há de melhor e mais apreciável nas principais, lembrando assim o bom confrade e amigo e contribuindo à generosidade de quem nos oferece seus livros com honrosa dedicatória, esperamos, assim folguemos, um pouco mais, voltar a analisar as do volume EDUCAÇÃO. Aliás, para proveito nosso e de nossos possíveis leitores.

Impressões de uma visita ao Hospital Espírita de Marília

O jovem espìrita que estuda a medicina, em geral tem, graças à orientação que a Doutrina lhe dá, uma visão melhorada em relação a seus colegas, do Homem encarnado e das alterações patológicas a que está sujeito.

Nos setores em que a atenção do médico se volta quasi que exclusivamente para o campo orgânico, êle avança junto com os outros, não havendo maiores atritos entre o que aprendeu através do Espiritismo e aquilo que a Medicina Oficial ou Acadêmica lhe ensina. A Dourina porém, lhe permite ver um pouco mais além das explicações etiológicas que a Medicina lhe dá. Pela sua formação espírita o jovem sabe que a toda doença orgânica corresponde uma alteração perispiritual e vice-versa, e que todo sofrimento tem a sua razão de ser, e a sua explicação é encontrada nas vidas pregressas do indivíduo.

Quando porém já no fim do curso médico, penetra no campo psiquiátrico, surge um impasse que de certo modo vem perturbar o jovem espírita. A critica sem exame mais detido, a oposição sistematizada ou quando não, a guerra declarada que a Psiquiatría oficial move aos espíritas e ao Espiritismo com seus métodos psicoterápicos próprios, faz com que o estudante a encare com antipatia e muitas vezes se desinteresse pelo seu estudo.

O que estou expondo aqui foi exatamente o que ocorreu comigo, e tendo a certeza, embora não comprovada, de que é isso o que em geral ocorre com o jovem espírita que estuda medicina.

Desde o início do curso médico procurei conhecer os problemas psiquiátricos, orientado apenas pela literatura espírita. Além de Kardec, que no LIVRO DOS ESPÍRITOS e no LIVRO DOS MÉDIUNS procura elucidar muitas dessas questões, busquei orientação em Bezerra de Menezes, pioneiro da Medicina Espírita no Brasil, através de A LOUCURA SOB NOVO PRISMA ; nos livros do Dr. Inácio Ferreira — NOVOS RUMOS Á MEDICINA - em que expõe o trabalho que vem realizando há quasi 20 anos em Uberaba ; e através da extensa obra de André Luiz, tão divulgada nos meios doutrinários, e que eu considero um verdadeiro tratado de Medicina Espírita.

Não é, portanto, de estranhar, que no momento de conhecer a Psiquiatria oficial, de bases puramente materialistas, para a qual a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e se aniquila com a vida, eu me sentisse em má disposição psiquica em relação a ela. Por isso o que vi nesse setor, foi o pouco que o curso médico exigiu para a aprovação nos exames. Já na vida prática, vim a sentir fundo a falta de um estudo mais detido da psiquiatria, e então me dispuz a aprofundar as noções que tinha das moléstias mentais.

Comecei relendo a já citada literatura espírita. Detive-me mais tempo na obra de André Luiz, pois este, como ex-médico terreno, mostra com exatidão os contrastes existentes entre a medicina terrena e a medicina espiritual; sobretudo em O MUNDO MAIOR a psiquiatria atual é esmiuçada em suas bases, e são delineados os caminhos da futura psiquiatria, iluminada pelo Espiritismo.

Em seguida passei ao estudo da psiquiatria acadêmica, sempre procurando ver através dela guiado pelo Espiritismo, e cada vez mais, sentindo que apesar das suas deficiências, frutos do materialismo que tornou cegos os psiquiatras, ela consegue ajudar a muitos daqueles que procurando se divorciar da realidade terrena, caem no abismo do desequilíbrio mental.

Foi nesta altura que visitei o Hospital Espírita de Marilia, e esta visita teve para mim o caráter de uma verdadeira revelação: mostrou de modo prático — num exemplo vivo — o quanto pode fazer a Medicina, quando de boa vontade aceita a ajuda e a orientação espíritas; e assim veio harmonizar ainda mais em meu espírito a Psiquiatria e o Espiritismo, dissipando dessa maneira as dúvidas que me restavam.

Eu nunca havia visitado anteriormente um Hospital Espírita, e dos vários de cuja existência eu tinha conhecimento, o que conhecia melhor era o Sanatório Espírita de Uberaba, e assim mesmo só através dos livros do Dr. Ignácio Ferreira. Além da boa impressão que êsses livros me haviam causado, eles me despertaram o desejo de conhecer um Hospital Espírita, desejo êsse que até há pouco tempo não passou de um projeto não realizado. por falta de oportunidade. Em Marilia vi realizado êsse desejo, e tanto como espírita, como do ponto de vista profissional, fiquei viva e profundamente impressionado com o que pude observar. A minha visita foi muito rápida, porém estou certo de que quanto mais eu me demorasse nela, vendo o que se faz, e, — o que é mais importante para nós espíritas — o modo como se trabalha no Hospital Espírita de Marilia, tanto mais bem impressionado ficaria.

O Hospital Espírita de Marilia é uma obra grandiosa, que merece ser conhecida pelos espíritas, e da qual êles se devem orgulhar. Esta será talvez a mais sincera homenagem que se pode prestar aos seus realizadores.

G. P. Menezes.

Pacaembú—Est. S. Paulo—Agosto, 1956.

História da Literatura Sagrada

I. — Como já vimos em «Cristianismo, Era e Calendário», a cronologia referente aos grandes vultos das Sagradas Escrituras e aos fatos principais e secundários é muito incerta. Está sempre cheia de enganos e devemos, por isto, encará-la com certa cautela, não como certeza absoluta, mas como aproximação razoável. Ninguém sabe a hora, dia, mês e ano em que Jesus nasceu, nem quando começou executar a sua missão, nem o dia certo em que foi morto na cruz. Não sabemos nem o dia, nem a hora, nem o mês, nem o ano da transfiguração, como não sabemos os dados certos do dia de Pentecostes. Todos os interessados na espiritualização da humanidade cuidaram da Doutrina e não do tempo, dos fatos e não de calendários, da ação espiritualizante e não de cronologia.

II. — Moisés é a figura central do Judaismo. Foi o maior estadista, o maior político, o maior profeta, o maior legislador, o maior escritor do povo Israelita. Seu verdadeiro nome é «Moxeh» ou Mosheh, do verbo «mashah», que significa tirar, salvar. Moisés quer dizer «salvo das águas». Viveu por volta de 1.500 anos antes de Cristo, há 3.450 anos passados. Foi um homem de Deus, inspirado, guiado por Deus em toda a sua vida de super-homem, de homem superior, fóra do comum, diferente dos outros homens. Recebeu, através da Revelação Espiritual, e escreveu em Hebráico clássico, o «Torah»: a Lei, o Guia, o Ensino, a Doutrina. E' composto dos cinco primeiros livros da Biblia, na ordem atual: 1) — «Beresith» ou Genesis; 2) «Semoth» ou Exodo; 3) — «Vaicra» ou Levítico; 4) — «Vaiedabber» ou Numeros; 5) — «Elle Haddebarim» ou Deuteronomeo. Os Hebreus chamam-no de «Sepher Torah» ou o «Livro da Lei». Constitue o «Torah» o «Chema Israel», isto é, «A Profissão de Fé de Israel»: o Deus Único, o Eterno, o Poderoso, o Criador de todas as coisas. E' o Livro da Sabedoria, da Lei, da Justiça, da Religião, da Moral, da Educação, da Filosofia, da História e da formação da personalidade do povo Judeu. «Shema» era o texto, o versículo que toda criança deveria aprender, de cór, diàriamente. Entretanto, ao lado da lei escrita, foi sendo criada, com o tempo a tradição oral dos mestres Israelitas, a interpretação dos textos sagrados. Duas escolas se formaram com o tempo: a) a de Hillel, de tolerância, clemencia, bondade; b) a de Shammai, rigorista, autoritària, forte.

III. — No V século antes de Cristo, os Babilônios, sob o comando de Nabuchodonosor (605 a 562), tomaram Judá pelas armas, destruiram o Templo de Salomão e submeteram os Judeus a escravidão. Nesta época do cativeiro, os Judeus esqueceram o Hebráico clássico e fizeram oficial o dialeto Aramaico. O Judeu Esdra ou Esra, foi quem reconstruiu o Templo, encontrou o «Torah» que se tinha perdido, lendo-o ao povo. Foi Esdra quem construiu a primeira Sinagoga em Jerusalém, espalhando-se logo a iniciativa por toda a Terra Santa. Foi ainda Esdra quem mandou traduzir o «Torah» para o Aramaico, a língua popular do povo Judeu.

IV. — Ptolomeu II, chamado Filadelfo (o amigo de seus irmãos) foi um grande amigo dos Judeus e rei do Egito de 285 a 247 antes de Cristo. Foi protetor dos Judeus e das Letras. Ordenou a tradução do «Torah», do Hebraico para o Grego, a lingua oficial do tempo, por 72 Judeus helenizados. É esta a chamada versão dos 70. Foi traduzido para o Grego por Pentateuco que significa cinco livros ou rolos de pergaminho. Biblia é, também, palavra grega, «Biblion», que significa livro. É por esta circunstância que a Bíblia está cheia de palavras gregas em vez da original Hebráica. E é por isso mesmo que existem inúmeros enganos que estão sendo corrigidos com a ressurreição da Língua Hebráica, a fonte direta, originária, segura da História Sagrada, ou melhor, das Sagradas Escrituras.

V. — Edessa (Edessus, Edesso, Osrohene, Orfa, Urfa, Urhai, Ruha, Raka), foi a cidade séde do Cristianismo da Mesopotania Septentrional. Era uma cidade-Estado independente. Sua cristianização se deu no fim do II ou no começo do III século da nossa éra. Tornou-se grande centro de civilização e cultura Cristã. Seu dialéto tornou-se língua religiosa, além de ser falada e escrita pelo povo. O povo da região chamava-se Arameu (Aram — montanha), isto é, montanhês. Foi nesta época que se generalizou a denominação grega «surian», sirios. O termo siriaco é forma latinizada dessa palavra, derivado de Suria, Síria, — país do Sur ou Tiro, cidade da Costa Libaneza. Toda a região ao Oeste e sudoeste do Eufrates era conhecida pelo nome de Suria. A língua Grega era a oficial até o ano 715 da nossa éra, quando os árabes dominaram a situação, implantaram o Islamismo e impupuzeram a língua Árabe, mas os cristãos continuaram falando e escrevendo o siríaco ou arameu até o século XV. O Arameu era a denominação geral das falas regionais, verdadeiro polidialetismo. Deixou excelente literatura cristã e exerceu forte influência na Língua Árabe, Grega e Latina. Êstes núcleos Arameus já estão desaparecendo e se acham muito reduzidos e sem importância alguma.

VI. — Sem, Sam, Chem ou Cham são formas diferentes da mesma idéia que significa Sol. Cham ou Bericham é a terra do Deus Sol, a planicie. Damasco é a cidade do Sol, a região do Sol, Cham. Estendia-se da Mesopotania ao Egito.

Ham, Hami significa quente. É a terra do Calor, do clima ardente, situada ao Sul da Palestina, nos desertos.

Jafet ou Iafet é a região ao longe,

distante, fria, situada ao Norte, nas montanhas.

Assim, na opinião da ciência da Linguagem moderna, estas três palavras indicam as regiões siríacas e não raças descendentes de Sem, Cam e Jafet.

VII. — Os doutores da Lei, os rabinos, os mestres da língua e da Religião, estudaram a fundo os Livros Sagrados, tanto na forma como no fundo, isto é, sob o ponto de vista da Língua e das Idéias e fizeram o exame crítico dos mesmos, do V ao VII século depois do Cristo, no grande centro de Cultura de Tiberiades. Chamaram a este estudo de «Massorah». Massoretas eram os que fizeram o estudo e massoretico todo o assunto estudado por êles: puzeram os livros em ordem, dividiram por capítulos e versículos os textos e introduziram os pontos vogais, sinái diacríticos destinados a facilitar a leitura dos textos em Hebraico corrente.

VIII. — Uma das obras primas Judáicas, o ensino oral, a tradição, é o Talmud, compilado do II século antes de Cristo ao IV século depois de Cristo, abrangendo seis séculos da História Religiosa do povo Hebreu. O Talmud está dividido em duas partes: a) a Mischna, redigida pelo rabino Judas Hakkadosch e b) — a Guemara. As Escolas da Palestina e da Caldeia tiveram cada uma a sua Guemara. Por isto se diz Talmud de Jerusalém e Talmud da Babilônia. O Hebraico utilizado no Talmud é muito semelhante ao Aramaico. A língua utilizada no Talmud da Babilônia foi a usada pelos Judeus da Babilônia, do IV ao VI séculos depois de Cristo. O Talmud da Babilônia foi iniciado pelo rabino Aser, na Babilônia, e concluido por seus discípulos. Êstes livros exerceram poderosa influência no povo Judeu, em todos os tempos e lugares. Juntamente com o Velho Testamento sustentaram a fé, a alma varonil do povo Judeu em todas as batalhas de sua vida.

IX. — São Jeronimo nasceu em Estridona, antiga Dalmácia, hoje Iuguslavia, na Europa, no Império Romano, em 331 da era Cristã. Consagrou-se ao estudo da Biblia, do Latim, do Grego e do Hebraico e morreu na Terra Santa, em 420, com a idade de 89 anos. Escreveu em Latim as suas Cartas — «Litterae», — estudos dos textos Sagrados, resolvendo a versão do original Hebraico. Escreveu ainda o Apêndice da Vulgata—«Index Biblicus Doctrinalis», vocabulário dos termos bíblicos, vertidos para o Latim e explicados. Corrigiu as versões populares da Biblia que eram usadas no tempo em Roma e Itália, comparando-as com os originais Grego e Hebraico, formando a Vulgata, adotada pela Igreja Católica, cujas traduções são as que conhecemos hoje. Foi a maior autoridade sôbre o assunto, em seu tempo, e cognominado pela Igreja Católica como «Doctor Maximus».

X. — O Apocalípse, bem como os Evangelhos de Marcos, Lucas e João foram escritos em Grego, assim como os Atos dos Apóstolos. As Epistolas foram escritas em Latim. Os Livros do Antigo Testamento foram escritos em Hebreu, excepto os livros de Tobias, Judith, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, a Carta de Jeremias, o 1º e 2.º livros dos Macabeus, Esdras, Daniel e Jeremias com o Evangelho de Mateus que foram escritos em Aramaico.

XI. — Assim, foram os Judeus perseguidos que levaram a Bíblia para o mundo inteiro, para todas nações da terra. Com o martírio dêste povo heróico espalhou-se pela Terra toda o Velho e o Novo Testamento. A sua missão foi cumprida a ferro e fogo, com suor, com lágrimas e com sangue. Foram necessários o martírio e as perseguições por toda a parte para que a palavra Divina, a Sabedoria Espiritual tornassem conhecidas por todas as nações da Terra. Para isto foi o povo escolhido, sua Terra Pequenina foi chamada Santa e a sua Língua foi e será sempre a Língua Sagrada.

BIANOR MEDEIROS.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Da Formação dos Médiuns

PSICOGRAFIA — MÉDIUNS INTUITIVOS

VAMOS LÊR KARDEC ?!... Eis o apêlo que torno a formular e mui especialmente aos Dirigentes de Sessões Práticas do Espiritismo.

Infelizmente, alguns livros que têm sido publicados com o rótulo pomposo de «*Orientação Mediúnica*» ; «*Desenvolvimento de Mêdiuns*» ; «Sessões Práticas do Espiritismo», etc., etc., estão causando um verdadeiro pandemônio nos arraiais espíritas. Digo *infelizmente* porque muitos Centros se orientam *unica e exclusivamente* por estes livros, desprezando por completo o *livro chave do verdadeiro desenvolvimento mediúnico,* que é o «*Livro dos Médiuns*» *!!!*

Muitos Dirigentes de Sessões, porque não querem estudar de fato o *Espiritismo,* não lêem o *Livro dos Médiuns,* ou por preguiça ou por segundas intenções, e acham mais fácil se orientarem por esses livros, que *deviam ser recolhidos o quanto antes pelas Federações Espíritas,* pois que estão disvirtuando por completo a verdadeira orientação de *desenvolvimento da mediunidade !*

Senhores Dirigentes de Sessões, abramos o *Livro dos Médiuns,* página 233 e leiamos (1.ª edição de 1941): «Capítulo XVII — *Da Formação dos Médiuns.*» «Desenvolvimento da Mediunidade» 200. Ocupar nos-emos aqui, especialmente com os médiuns escreventes por ser o gênero de mediunidade mais espalhado e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais comodo, *o que dá resultados mais satisfatórios e completos.* É também o que toda gente ambiciona possuir. Infelizmente, até hoje, por nenhum diagnostico se pode inferir, ainda que aproximadamente, que alguem possua essa faculdade. Os sináis físicos, em os quais algumas pessoas julgam ver indícios, nada têem de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saude, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Nenhum só meio existe de se lhe comprovar a existência. *É experimentar.* (o grifo é nosso) . . .

Ora, Senhores Dirigentes, é o próprio *Kardec* que nos diz que a *Psicografia* é a mediunidade que «*dá mais satisfatórios e completos resultados*», o que é preciso é *Experimentar* (o grifo é nosso).

Infelizmente, o que muitos desejam, é apenas desenvolver médiuns de incorporação. Muitos mandam os aspirantes a médiuns sentar-se às mesas, e começam a obrigar os mesmos a receber espíritos a treis por dois, sem um controle necessário (ver meu artigo «*Será que Espiritismo é Isso ?*», e quando êles começam a dar alguns tremeliques, pronto, estão desenvolvidos . . .

Si esses Dirigentes de Sessões estudassem a *Obra básica do desenvolvimento mediúnico,* que é o *Livro dos Médiuns,* poderiam de fato *formar* ótimos médiuns. Muitos acham que médiuns não se *forma.* Vamos ver *Kardec* (pag. 236, linha 21.ª) : «Conhecemos médiuns que só se *formam* depois de seis mêses de exercícios, ao passo que outros escrevem correntemente logo da primeira vez» . . . E na página 238, linha 25.ª encontramos : «Têm-se procurado processos para a *formação dos médiuns,* como se teem procurado diagnosticos; mas até hoje nenhum conhecemos mais eficaz do que os que indicamos. . .» (o grifo é nosso.)

Vamos ver agora algumas orientações de *Kardec* sobre a *formação de médiuns.* Lemos na pág. 234, n.º 201 : «Como disposição material, recomendamos se evite tudo o que possa embaraçar o movimento da mão. É mesmo preferível que esta não descanse no papel. A ponta do lapis deve encostar neste o bastante para traçar algumas coisas, mas não tanto que ofereça resistência. Todas estas precauções se tornam inuteis, desde que se tenha chegado a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detem mais a mão. São meros preliminares para aprendiz.» Na pag. 237, n.º 206, lemos : «Um meio que muito frequentemente dá bom resultado consiste em empregar-se, como auxiliar de ocasião, um bom médium escrevente, maliável, já *formado.* Pondo êle a mão ou os dedos, sôbre a mão do que deseja escrever, raro é, que este último não o faça imediatamente.

Compreende-se o que em tal circunstância se passa: a mão que segura o lapis se torna, de certo modo, um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta, ou uma prancheta. Isto, porém, não impede que esse exercício seja muito util, quando é possível empregá lo, visto que, repetido a miúde e regularmente, *ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade...*» (o grifo é nosso). E no número 207 lemos: «Outro meio, que tambem pode contribuir fortemente para *desenvolver a faculdade,* consiste em reunir-se certo número de pessoas todas animadas do mesmo desejo e comungando na mesma intenção. Feito isso, todas simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num recolhimento religioso, *tentem escrever,* apelando cada uma para o seu anjo da guarda, ou para qualquer espírito simpático. Ou, então, uma delas poderá dirigir, sem designação especial e por todos os presentes, um apelo aos bons espíritos em geral, dizendo por exemplo: *Em nome de Deus todo poderoso, pedimos aos bons espíritos que se dignem de comunicar-se por intermédio das pessoas aqui presentes.* E' raro que entre estas não haja algumas que dêem prontos sináis de mediunidade, ou que até escrevam correntemente em pouco tempo...»

Leiam este capítulo XVII todo, Senhores Dirigentes de Sessões Práticas e depois digam-me si o *Livro dos Médiuns* é ou não é a *base do verdadeiro desenvolvimento mediúnico.* Fechem os outros livros e sigam *Kardec!*

—

Quanto a questão do médium ser *mecânico, semi-mecânico* ou *intuitivo*, não interessa. E' o próprio *Kardec* quem o afirma (ver meu artigo: *«Desenvolvimento Mediúnico»).*

«Tentem escrever», é o que diz *Kardec*. *«Si muitos for os que experimentarem, haverá mais médiuns do que em geral se pensa»*, recomenda o Mestre de Lion.

E' êle ainda que nos diz: «Porém raríssimo é o *mecanicismo puro;* a êle se acha frequentemente associada, mais ou menos a *intuição.* Tendo consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; não sabe si o que lhe sai do lápis vem do seu próprio, ou de outro Espírito. Não tem absolutamente que se preocupar com isso e, nada obstante, deve prosseguir. Si se observar a si mesmo com atenção, fàcilmente descobrirá no que escreve uma porção de coisas que lhe não passavam pela mente e que até são contrárias às suas idéias, prova evidente de que tais coisas *não provêem do seu espírito;* Continue, portanto, e, com a experiência, a dúvida se dissipará».

Médiuns Intuitivos

Muita gente não quer, não aceita e nem quer ouvir falar em Médium Intuitivo. Êles, os *sabichões do Espiritismo,* só admitem a Mediunidade Inconsciente, Mecânica, etc. Para se desculparem dizem que na Mediunidade Intuitiva pode haver *fraude,* etc. Mas isto é um absurdo. Desde que um Centro tenha boa *orientação* e que os Médiuns sejam *educados, controlados,* etc., nada há temer. Vejamos o que *Kardec* nos diz no *Livro dos Médiuns*, sôbre Médiuns Intuitivos, página 209: «180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do Médium, ou melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. O Espírito livre, neste caso, não atua sôbre a mão para fazê-la escrever, não a toma, não a guia. Atua sôbre a alma, com a qual se identifica. A alma sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aquí uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitue à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância o papel da mão não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, *o médium tem consciência do que escreve,* embora não exprima o seu próprio pensamento. E' o que se chama *Médium Intuitivo.*

—

Não quero, em absoluto, com estes esclarecimentos, afirmar que todos devam ser *médiuns psicógrafos* ou *escreventes*, mas afirmo que a *verdadeira formação dos médiuns,* se inicía com essas *orientações* dadas por *Kardec*. Si uma pessoa por exemplo, for *consciente (intuitiva)* ela sente certo constrangimento em falar, quando dela se aproxima um Espírito, porém, não sente constrangimento em escrever, desde que ela seja bem orientada. Ótimos Médiuns tem-se *formado,* quer psicógrafos, quer falantes, quer passistas, etc., isto porque êles se *educam* nas mesas de desenvolvimento segurando um lápis sôbre o papel, guardando absoluto silêncio e, num recolhimento religioso, as *relações fluídicas* entre os Espíritos e êles foram se completando de uma maneira mais eficaz. *Vamos ler Kardec, Senhores Dirigentes de Sessões Práticas ?!...*

—

OBSERVAÇÕES: Tenho a certeza de que com esta série de artigos, (este é o 5.º), estou sendo *criticado* por muitos. Não me importam as *críticas* porém. O *tempo* será o melhor juiz! As cartas de incentivo que tenho recebido de verdadeiros estudiosos da Doutrina, suplantam todas as críticas. Não nos esqueçamos que o *Cristo* um dia teve que expulsar os Vendilhões do Templo, por estarem corrompendo a Sua Igreja!...

Tte. Cel. Fiori Amantéa.

Itu, 1956.

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

CERTO: a crise da morte varia de indivíduo para indivíduo; porquanto ela depende totalmente do estado de alma de cada um na ocasião do passamento: e esse estado de alma é o efeito exáto dos pensamentos congeminados então, os quais dominam e comandam inteiramente o indivíduo que viverá como pensa; e assim, a crise da morte perdurará enquanto durarem aqueles mesmos pensamentos que são a causa dela. Enquanto persistem as causas, perduram os efeitos.

No astral, vive-se como se pensa; e por essa principal razão, quando o indivíduo fica absorvido pelos seus pensamentos, cria um ambiente de igual natureza, quase impenetrável a qualquer outra sugestão estranha, e permanece nessa ambiência e a sua crise prolonga-se indefinidamente até quando, pela fôrça das circunstâncias ou qualquer outro móbil superior, os velhos e teimosos pensamentos cederem o lugar a outros pensamentos que melhorem o estado da alma do indivíduo, e consequentemente, a sua situação na esfera onde vive.

Por vezes, é tão denso o ambiente mental em que nos absorvemos, que nos isola totalmente como se estivessemos imersos numa carapuça espessa e impenetrável à vista, ao som e a qualquer outra vibração, a qual se dissipará na medida em que se forem dissipando os pensamentos que a criaram.

Os casos que mais se destacam daqueles estados de alma perturbada, são: o suicídio, o remorso e a cisma.

O suicida, inteiramente dominado por aquele mesmo pensamento, executa-o e continua a vivê-lo acrescido dos seus efeitos; o remorço é a permanência dos mesmos pensamentos que recordam e reconstituem constantemente os mesmos atos que nos pesa ter cometido; a cisma é a constância das mesmas idéias absoletas, obstrusas que nos impedem de raciocinar, de renovar os pensamentos, conservando a mesma idiosincrasia e consequentemente, o mesmo estado de alma obscurecida.

No astral vive-se como se pensa; mal de quem cujos pensamentos são tenebrosos, obscuros; porque então, viverá em trevas, na perturbação da sua obscuridade; viverá sósinho ou com outros afins, o que lhes aumenta a aparência de um inferno interminável.

Todavia, «não há mal que não acabe», e cada um, de per si ou pela fôrça das circunstâncias, liberta-se do seu passado tenebroso, abre-se ao fluxo da vontade divina pela qual renova a sua idiosincrasia com pensamentos radiantes de bondade, simpatia, afeição, amor, e prossegue a sua evolução redentora em harmonia com o infinito.

A vida é áspera cordilheira
que custa muito a transpor.
A vida é vasta sementeira
Que redime o semeador.

31 Maio, 1956.

O homem não se une a Deus sinão pela virtude, e a virtude não se adquire pela ciência: é um dom divino. — *PLATÃO.*

Crônica Estrangeira

Aparição Protetora

«Constancia».

Depois da catastrófe da Ásia Menor, vivia numa cidade da Grécia a jovem X, que trabalhava na fábrica P. para ganhar o sustento, pois era só e sem família neste mundo. Depois de algum tempo, por falta de trabalho, ficou sem ocupação junto a mais outras companheiras. Enquanto se sustentava com as pequenas economias, procurava outra ocupação, para afrontar a vida, mas nada encontrou.

Desesperada e com olhos lacrimosos pela sorte adversa, pôs-se a andar, sem saber para onde ia e, assim, chegou ao arrabalde da cidade e diante de um cemitério. Logo lembrou-se de sua família, que havia perdido sete anos antes, na última guerra.

Entrou no cemitério para orar pelos seus na pequena igreja; pelo caminho ia observando os túmulos, até parar diante de um, de um jovem cujo retrato estava fixado na cruz de mármore e, ao vê-lo tão jovem e de rosto bonito, pôs-se a orar por êle. Continuou a andar e entrou na igreja, acendeu uma pequena vela e, terminada a oração, dispunha a retirar-se e, ao chegar à porta da igreja, encontrou-se com um jovem bem vestido e de aparência concentrada, que a esperava e perguntou: «Senhorita, o que se passa consigo e porque chora?», ela lhe responde: «Que cousa pior pode acontecer-me, senhor, se me encontro sózinha e sem trabalho?» «Não se aflija, respondeu o jovem, eu a mandarei para uma casa em que encontrará ocupação e lá estará bem; passe-me o papel que está naquele canto para escrever o nome e endereço da senhora que irá procurar».

Com um lápis que tirou do pequeno bolso, escreveu o endereço que entregou à moça; esta, agradecida e serenada, tomou o papel e saiu em direção da casa indicada; a poucos passos, voltou-se para mais uma vez ver o jovem e dar-lhe os agradecimentos pelo que havia obtido e, de súbito, recorda-se que era o mesmo moço que vira na fotografia da sepultura. Mas êle já lá não estava, havia desaparecido. Pensando nessas cousas estranhas, mas cheia de esperanças, foi a casa indicada e, ao bater, acudiu uma senhora muito simpática, vestida de luto, a qual, apenas leu as linhas e viu as letras no papel, reconheceu a escrita do filho, que falecera pouco antes; banhada em lágrimas, aflita, fez entrar a jovem para o interior da casa e esta, na sala, reconheceu numa foto que estava sôbre a mesa, o jovem que havia visto momentos antes. Sem mais acrescentar, a senhora a adotou como filha, dando-lhe a herança e direitos que correspondiam ao filho falecido.

Deus sempre ajuda aos que nunca perdem a esperança.

* * *

Uma jovem readquire a fala

Seguindo os «conselhos» de um defunto — Atacada de paralisia da glote voltou a falar, sôbre a sepultura do tio do próprio médico...

Nola, 4 — Em Fabiano, um distrito de Agro Nolano, proclamam o milagre. Uma jovem do lugar, Maria Boffice, de 16 anos de idade, readquire a fala em singulares condições. Havia mais de duas semanas estava a moça atacada de uma paralisia na glote, que lhe causara a perda da palavra.

O médico assistente de Camposano, o Dr. Onofrio de Sarno tomara a peito o caso da moça e tratava-a amorosamente com todos os recursos que a ciência lhe oferecia. Contudo não se verificando melhoria alguma o médico aconselhou aos familiares de M. Boffice, que seria oportuno conduzi-la a Napoles para um exame mais atento ao caso.

Mas quinta-feira à noite a jovem teve estranho sonho que pela manhã relatou aos pais (por escrito). A moça disse ter visto em sonho um tio do Dr. Sarno, morto há um ano atrás, que dirigindo-se a ela lhe dissera fôsse segunda-feira seguinte para junto de seu túmulo, onde ela voltaria a falar.

Depois de certa indecisão os pais

acederam ao desejo da filha e no dia fixado, Maria Boffice, seu pai Cesarino, a mãe, alguns parentes do falecido De Sarno, e um amigo da família, certo Bernardino Ferretti foram ao cemitério de Camposano, onde está o túmulo do morto que a jovem assegurava ter visto em sonho.

E depois de poucos minutos de espera, ante o grande assômbro dos presentes, verificava-se o fato a todos que trouxeram a moça e no qual ninguém queria acreditar: Maria, com uma exclamação de júbilo, readquirira a palavra. Foi uma cena indiscritível, entre lágrimas, abraços, orações que coroaram o «milágre». Então a jovem voltou à casa que foi o alvo contínuo de curiosos que iam ver a «miraculada...»

De «Fanfula», 5/8/56.

* * *

O General Smuts manifestou-se num quarto de que gostava

De «Estudos Psíquicos»

Conta o *Psychic News* que certa enfermeira, visitando uma remota aldeia da África do Sul, notou a presença do falecido general Smuts no quarto de hóspedes onde ela estava a descansar.

Mais tarde soube que Smuts ficava muitas vezes naquele mesmo quarto e que era um grande amigo dos hospedeiros.

A enfermeira, Mrs. Laura McKriell Pullin, escrevendo do Sillwood Hall Hotel ao mesmo jornal, descreveu o que presenciou.

Tinha sido mandada em missão pelos Serviços de Enfermagem da África do Sul para o interior da região de Karoo. Mrs. Pullin não conhecia a família a que se destinava e nunca tinha estado naquela região.

Os donos da casa sugeriram-lhe que descansasse depois da sua longa jornada e deram-lhe um espaçoso quarto, muito agradável, que tinha sido biblioteca.

Á cabeceira da cama havia prateleiras com velhos livros cobrindo toda a parede. Quando descansava na cama, em plena luz do dia, reparou de repente numa forma que apareceu no quarto, vindo do teto.

O quarto parecia-lhe demasiadamente pequeno para conter a estranha entidade e as paredes davam a impressão de que iam cair sob o peso dum estremecimento.

Então ela viu o fantasma do falecido general Smuts. Como Mrs. Pullin só o tinha encontrado uma vez numa festa oficial, estranhou muito o fenômeno.

Depois do jantar contou aos hospedeiros o que tinha visto e a dona da casa disse-lhe :

— A senhora deve ser médium, porque o general Smuts gostava desse quarto. Por vezes mantinha-se aí mais de uma hora a folhear velhos livros e não raro levava um para estudar. Como vê, o general Smuts era muito nosso amigo.

* * *

Eu já estive aquí

«Espiritualisme Moderne» reproduziu de «Psychic News», 10/3/1956.

Ana tinha quatro anos quando repentinamente disse a seu pai : «Papaí, eu já vim à terra um montão de vezes ! . . . »

O pai deu uma gargalhada, mas Ana ficou indignada. E' verdade, é verdade, exclamou ela... uma vez eu estive no Canadá, eu era um homem... eu me chamava, lembro-me bem, o meu nome era : Lishus Faber... Eu era soldado e tomei as trincheiras !»

Após mêses de investigações, um historiador encontrou a prova de ter um soldado, durante uma batalha no Canadá, tomado sósinho as trincheiras, como dizia Ana. O nome do tenente era : Aloysius Febro, «Lishus Faber», como o pronunciava Ana.

Mais um caso :

Vishwa Nath, nascido na India, aos três anos de idade, deu detalhes muito precisos sôbre uma vida precedente, numa cidade chamada Pililbit. Seus pais, pensando que o menino morreria dentro de pouco, ocultaram esta história o mais possível.

O menino deu o nome da escola em que estudara e disse que o seu visinho naquela época chamava-se Lala

Sundar Lal, que êle tinha um boné verde, uma espada e um fusil.

Para verificar suas afirmativas, o menino foi conduzido a Pililbit, que êle jamais tivera ocasião de ver na presente existência.

Notavelmente êle apontou todas as curiosidades : sua casa, agora em ruína, uma escada escondida... Numa fotografia, êle distinguiu um homem, seu «antigo» tio e, finalmente a si próprio, um garoto sentado no meio do grupo.

Cada detalhe foi reconhecido exato. Sua própria identidade era : Laxami Nerain, morto de tuberculose, aos 32 anos.

A mãe de Nerain ainda estava viva. Ela fez diversas perguntas ao pequeno Vishwa para sondar sua memória. Ele sempre respondeu com precisão e sem hesitação.

⁂

O médico viu a avó «morta» ao lado da parturiente

«*Two Worlds*»

O amor de mãe pode ser o maior amor na terra mas ninguém o atribue a um recem-nascido — e por ser o amor um grande fator da volta do espírito, mesmo uma avó «morta» pode estar presente ao nascimento dum neto.

Se alguém pensar que isto é uma fantasia vai ficar abalado com o choque que aí vem. O próprio médico afirma ter visto uma mulher «morta» que a êle falou quando libertou o bebê de sua filha.

Êle conta que a criança nasceu às 3 horas da madrugada do dia de Natal. A assistente saira em busca de agua morna. Quando ela saiu do quarto a porta se abriu e entrou uma mulher, «naturalmente uma parenta ou amiga.»

O médico lhe assegurou que nada mais havia a fazer. Pois ela perguntara : tudo está normal, a criança é saudável ?

Beijo de espírito

«Olhe a senhora mesmo», disse o médico.

Ela se aproximou do leito, curvou-se sôbre a mãe adormecida, beijou-a e saiu silenciosamente.

Depois de algum tempo, a mãe começava a despertar. O médico lhe anunciou o nascimento do bebê.

Disse ela : Eu tive um sonho tão delicioso. Sonhei que minha mãe entrara no quarto, beijou-me e disse «tudo está bem.»

O médico replicou, «eu não conheço sua mãe, mas entrou uma mulher, perguntou-me se podia ser útil e ela beijou a senhora antes de sair.»

Nisto voltou a assistente que estava lavando a criança e disse : «Dr., eu afirmo que além do marido, ninguém havia na casa.»

Cabelo de um vermelho chamejante

Quando o médico voltou na manhã seguinte, êle viu, na sala, uma grande fotografia da mulher que entrara no quarto na noite anterior.

Êle perguntou de quem era aquele retrato e foi-lhe dito que era o da mãe da parturiente, morta num acidente estradal alguns anos antes.

O Dr. perguntou ao marido se a mãe de sua mulher tinha cabelos de um vermelho vivo.

«Ela tinha cabelos vermelhos vivos», respondeu êle.

O médico terminou sua bebida em silêncio. Êle estava meditando.

«A estranha mulher que entrou no quarto e beijou a jovem mãe tinha cabelos vermelho chamejante vivo e era a imagem do rosto na fotografia.»

«Eu não acredito em espíritos, mas qual a explicação ?» perguntou êle.

Avalia a rapidez da torrente que arrasta tudo o que existe e o que nasce, porque a natureza das coisas se assemelha muito à corrente de um rio inesgotável. As suas obras são apenas transformações continuas cujas causas resultam de mil variações. Nada é duradoiro, nem mesmo o que parece mais seguro.

Avalia também o abismo incomensurável do passado e do futuro, em que tudo se desvanece e acaba. Não será loucura vangloriar-se, atormentar-se ou indignar-se por semelhantes coisas, como se durassem infinitamente. — Marco Aurélio.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 176.651,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 1 de Setembro de 1956.

Á hora regimental profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Procede o Secretário à leitura da Ata da reunião anterior, que é aprovada.

Comunicação do Presidente — Depois de justificar a ausência do Conselheiro Carlos Jordão, convida o Presidente o Coronel Duílio Lena Berni a tomar parte na reunião, apresentando-o ao Conselho como esforçado trabalhador do Estado de Mato Grosso. Fala, a seguir, dos trabalhos doutrinários realizados na Casa de Detenção, na Penitenciária e no Presídio da Ilha das Cobras, afirmando os promissores resultados dessa iniciativa.

Estado do Rio de Janeiro — O Representante, Conselheiro Major Luiz Gentil, anuncia a realização da IV Semana Espírita de Niterói, de 23 a 30 do corrente, oferecendo o respectivo programa e convidando o Conselho.

Alagoas — O Conselheiro Geraldo de Aquino dá notícia das grandes atividades da Federação Alagoana, no sentido da unificação do Espiritismo, e diz do programa para as comemorações do I Centenário da Codificação, naquele Estado.

Rio Grande do Sul — O Representante, Conselheiro Francisco Thiesen, regista o grande esfôrço da Federação Gaúcha na difusão da Doutrina e o empenho dessa Entidade em apresentar contribuição especial para o Centenário da Codificação.

Pernambuco — O Conselheiro General Severino Cunha dá ciência da adesão de mais uma sociedade espírita, o Centro Espírita «Guillon Ribeiro», de Olinda, à Federação Pernambucana, e que esta tem realizado inúmeras visitas aos Centros adesos, em trabalho de propaganda e difusão da Doutrina.

Maranhão — O Conselheiro Capitão Jaime Rolemberg noticia o preparo, pela Federação Maranhense, de grande Exposição de livros espíritas em 1957, como contribuição às festas do Centenário.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães comunica ter a União Espírita Cearense recebido do Sr. José Ferreira Mota a doação do Hospital Psiquiátrico «Antonio de Pádua», que terá brevemente a capacidade para 105 leitos.

Comunicação — Usando da palavra, a pedido do Presidente, o Coronel Duílio Lena Berni discorre sôbre o esfôrço dos espíritas de Mato Grosso para orientar o movimento espírita no Estado e integrá-lo na FEB. Anuncia, para 14 de Dezembro próximo, em Campo Grande, a realização da I Convenção dos Espíritas Matogrossenses, objetivando a organização do Espiritismo Estadual, dentro das normas do Pacto Áureo.

Ás dezesseis horas foi feita pelo Representante de Alagoas a prece final, e encerrada pelo Presidente a reunião.

* * *

Obra Social Espírita em Cruzeiro

O Sanatório Jesus, em Cruzeiro, São Paulo, está terminando suas obras para funcionar com todos os seus departamentos.

Erguido em graciosa colina, enfeita a paisagem sob o fundo verde da Serra da Mantiqueira, surgindo dentre eucaliptos balsâmicos como uma promessa de saude ao corpo e alegria à alma e distribuindo amparo aos irmãos privados da razão. Irmãos em Jesus, porque o Sanatório Jesus não pergunta a crença de quem lhe chega às portas.

Representante

Comunicamos aos nossos prezados confrades, que a Sra. D. Sizina Melo Pereira foi nomeada nossa Representante em Mirassol, com autorização para receber, reformar e angariar assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» nessa cidade, onde reside.

Relatório

Recebemos um exemplar do Relatório do Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, referente ao ano de 1955, organizado pelo Provedor Gerente sr. Cezar Bianchi e aprovado em Assembléia Geral Ordinária realizada em 21 de Março deste ano.

Pela leitura de referido Relatório, que é ilustrado por inúmeras fotografias, vemos que o Sanatório «Américo Bairral» continua em franco desenvolvimento, com novos melhoramentos e novas construções, abrigando mais de 700 enfêrmos mentais.

Para que o leitor tenha uma visão clara do valor dessa obra espírita de assistência social, uma das mais importantes instituições espíritas da América do Sul, basta ler o Relatório em apreço para se convencer do que acabamos de afirmar.

— Gratos pela oferta do exemplar.

Movimento Espírita de S. Paulo

Dois grandes encontros marcaram a primeira quinzena de Julho na Capital paulistana: — A Primeira Semana Espírita da Cidade de S. Paulo levada a efeito pelo Conselho Metropolitano, da U. S. E. e o V Congresso Espírita Estadual.

Além de sua finalidade unificadora, sempre posta em fóco pela U. S. E., essas reuniões objetivaram a preparação das comemorações do Centenário da Codificação em Abril do ano vindouro.

Necrologia

Dr. João Batista Pereira

Regressou à Pátria Espiritual no dia 21 do mês passado, na Capital, o confrade Dr. João Batista Pereira, que foi um dos espíritas que mais difundiram a Doutrina pela palavra, pois era orador e conferencista de vastos recursos e a sua palavra era ouvida com atenção e grande satisfação, agradando em cheio a todos os ouvintes

O Dr. João Batista Pereira, que era um dos ardorosos paladinos da 3.ª Revelação, trabalhou ao lado do Dr. Militão Pacheco, Dr. Lameira de Andrade e outros. Era advogado de escól, ocupando importantes cargos na vida pública do País. Político influente, dentre os altos cargos que ocupou, foi o de Presidente da Caixa Econômica Federal.

O seu sepultamento realizou-se no dia seguinte, saindo o féretro do Hospital Samaritano.

Ao espírito deste nosso velho amigo, os nossos votos de paz e felicidades na vida espiritual.

O homem teme a morte porque não tem fé nas promessas de Jesus, que proclamou a Vida Eterna e o amor do próximo como base da felicidade. Como Jesus, o Espiritismo demonstra que a morte é a porta da verdadeira vida, que a morte não é um espantalho, mas sim uma esperança em dias melhores. Estudai o Espiritismo, ó homens, e todas as vossas dúvidas se transformarão na certeza absoluta de uma vida superior após a morte! — CAIRBAR.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito‘ pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 90,00
Semestre	— ,,	,,	50,00
Ano	— Assinatura	registrada	120,00
Semestre	— ,,	,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3210unse

o XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1956 – N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
1 5 2006

SUMÁRIO

Cristianismo e Espiritismo . . . . *Redação*
O Suicida . . . . *Ismael Gomes Braga*
Deus e Universo . . . . *Henrique Rodrigues*
Brilhante discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nisocômio de Mandaqui . . *«Diário Oficial», São Paulo*
O Espiritismo no Brasil . . . . . *Leopoldo Machado*
Somos Descendentes de Símios? . . *V. O. Casella*
A Luz Interior . . . . *Bianor Medeiros*
Gracinda Batista . . . . *Redação*
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco*
E, Jesus mais uma vez falou... . . *Tte. Cel. Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . *Waldemiro Pereira*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado confrade

Paz em Jesus

O Natal está se aproximando. Nesse dia a cristandade rende as suas homenagens, num preito de gratidão, a Jesus, nosso Mestre. Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, realizará o «Natal dos Pobres», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes forem ofertadas, as quais podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas mesmo usadas. E' este, sem dúvida, um gesto que agradará a Jesus, que é amigo dos pobres e dos humildes.

Certa de que será atendida no seu justo pedido, a Comissão encarregada de promover o Natal dos Pobres, agradece-lhe de coração antecipadamente, almejando-lhe feliz Natal e um próspero Ano de 1957.

A COMISSÃO

D. Chiquita Fonseca
Izabel Camargo
Antonia P. S. Campêlo
Zélia S. Perche
Edeny Gonçalves
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Donata Casadei de Oliveira

Leticia Morceli Olson
Elza Olson
Candida Gonçalves Coelho
Olga Coelho
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniussi
Palmira Pedro Troleze
Carmem Torres

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
O Consolador
Gotas de Luz
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1956 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cristianismo e Espiritismo

COMO sempre afirmamos, o Cristianismo e o Espiritismo se completam em seus objetivos, em suas finalidades. Ambos guardam unidade de espírito, de trabalho, de ação, visando o mesmo alvo, que é impulsionar o progresso da humanidade na senda da Perfeição. Jesus lançou as bases, competindo ao Espiritismo, como Paracleto da Promessa, ampliar a fundo o sentido do Cristianismo e revelar novas cousas, o que efetivamente está se verificando.

Dizemos que Jesus lançou as bases, porque está escrito que não há outro fundamento além daquele lançado por Jesus, a saber, o amor ao próximo, a imortalidade da alma, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados. E' verdade que no Evangelho há muitas cousas obscuras e que parecem até contraditórias, mas isto não altera a essência do trabalho de Jesus e sua finalidade, pois cada um dos estudiosos pode pôr no seu devido lugar o que lhe parece confuso ou contraditório. Além disso cremos que Jesus tinha fôrças suficientes para não deixar fazer algo que pudesse efetivamente invalidar o sentido de sua doutrina, dos seus ensinos. Pelo menos assim deve pensar quem confia em Deus e em Jesus.

Sôbre as bases lançadas por Jesus, podemos dizer que o amor ao próximo representa a moral, a mais pura moral que conhecemos e que uma vez posta em prática, nos fará possuidores do reino de Deus, que é um estado feliz da alma que sabe amar o seu próximo.

A imortalidade da alma não é um preceito, mas uma revelação de Jesus muitas vezes repetida, por exemplo, no seu colóquio com Elias e Moisés no Monte Tabôr, quando expeliu Ele os chamados espíritos imundos e quando Ele mesmo ressuscitou para selar as suas demonstrações imortalistas.

Jesus lançou a idéia da reencarnação no seu encontro com Nicodemos, bem como a idéia da pluralidade dos mundos habitados quando disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas».

Mas Jesus, como Ele mesmo afirmou, não podia explicar detalhadamente essas cousas ao povo do seu tempo, porque este não estava em condições de compreender. Esta tarefa ficara a cargo do Espiritismo, o Paracleto, quando viesse, porque nessa ocasião a humanidade teria atingido o ponto de uma melhor assimilação das cousas que lhe fossem ensinadas, precisamente o que está se verificando atualmente. De maneira que é sôbre esses fundamentos lançados por Jesus e que constituem a pedra angular que os edificadores regeitaram, isto é a Revelação, que é a sua Igreja, que o Espiritismo está ampliando os conhecimentos humanos. E' à luz deste portentoso farol que o Cristianismo está sendo compreendido em toda a sua grandeza. Se assim não fôra, o Cristianismo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, continuaria incompreendido e estaria ainda sob o alqueire dos interêsses e preconceitos humanos. O Espiritismo o tirou de sob o alqueire, colocando-o no velador das consciências para que todos acelerem o seu progresso na senda da Perfeição.

Pelo seu trabalho na evangelização e espiritualização da humanidade, Cristianismo e Espiritismo formam um todo, não se devendo colocar um abaixo do outro.

E' o que nos dizem cérebro e coração.

O Suicida

Estudando a obra monumental «*Memórias de um suicida*», chegamos a compreender a mentalidade do suicida, êsse estado d'alma anormal que se opõe ao instinto natural de conservação existente em todos os sêres vivos, e leva o homem a praticar uma violência inteiramente oposta às leis da vida.

O Autor mesmo do livro nos dá a chave para essa compreensão. Êle se apresenta como grande criminoso, reincidente através dos séculos e milênios. No ano 33 da nossa Era, foi êle um dos que vociferaram do meio do povo pela crucificação de Jesus, com a simples finalidade de lisonjear os judeus influentes e disso tirar proventos pessoais. Nenhuma convicção ou animosidade tinha êle contra o Rabi da Galiléia, nem lhe conhecia os ensinos.

Muitos séculos mais tarde, fez-se sacerdote católico com a intenção exclusiva de tornar-se inquisidor e tirar cruel vingança contra um rival mais feliz, a quem sua noiva preferira. E levou a vingança a todos os requintes de crueldade: por meio de torturas no corpo da vítima, forçou a infeliz esposa a ceder à sua volúpia animalesca; vazou com ferro em brasa os olhos do desafeto inocente, forçando-o ao desespêro do suicídio.

Nêsse encadeado milenário de crimes, progrediu intelectualmente, chegou a ser um dos mais brilhantes escritores de nosso idioma, tornando-se mesmo modêlo clássico a cada passo citado; tornou-se violentamente orgulhoso de seu saber; mas era, como não poderia deixar de ser, um Espírito atormentado pelo remorso e submetido a encarnações expiatórias.

Em sua encarnação do século 19 tinha que pagar com a cegueira o crime cometido como inquisidor. Viveu sempre atormentado pela pobreza, pelo orgulho, pela insatisfação, até o momento duro da grande expiação: — a cegueira. Vendo-se irremediàvelmente cego e pobre, dependente dos outros, desesperou e deu um tiro no ouvido, havendo-se precipitado no mais horrível dos infernos.

A mentalidade do suicida surge dêsse relato.

E' um Espírito atormentado pelas suas faltas passadas, incapaz de conformar-se com as provas e expiações que lhe enchem a vida. Sem encontrar paz e serenidade em si mesmo, encara o sofrimento de seu ângulo particular de pessimista. Um fato que pareceria simples para outrem, como, por exemplo, um amor contrariado, toma proporções gigantescas em sua alma e o leva aos desatinos do homicídio ou do suicídio.

Sente-se num inferno permanente e supõe ilusòriamente que poderá pôr termo a tudo, destruindo-se; mas sofre decepção de verificar que só destruiu o instrumento de sua redenção, o corpo, e continua mais vivo e mais sofredor do que nunca.

Êsse estado d'alma de permanente ansiedade é a chave para compreendermos a mentalidade do suicida.

O nosso herói, autor dêsse maravilhoso livro recebido pela mediunidade de Yvonne A. Pereira, demonstra, no entanto, que a Lei é inexorável, mas a misericórdia não deixa abandonado o infeliz que a violou. Êle é assistido, reeducado, instruído para recomeçar a prova em que falhou. Em mais de meio século no mundo astral, foram-lhe facultados todos os meios para a vitória na próxima encarnação.

Já deve estar de novo encarnado, nas margens do Tejo. Será médium curador e psicógrafo. Receberá obras de valor educativo mundial, em Esperanto. Para tudo isso se preparou demoradamente sob a orientação de mestres sábios e amorosos. Até aos 40 anos de idade terá vista e realizará uma grande obra em benefício da Humanidade.

Essa obra imensa de médium poderá encher-lhe o coração de alegria sã que lhe dará fôrças para vencer vinte anos de cegueira. Mesmo como cego ainda poderá prestar serviços, e, consequentemente, ser feliz.

Se não falhar em nenhum pormenor de seu programa, já estará hoje com uns doze anos de idade. Dentro de mais uns dez anos estará conhecido como grande médium curador. Aprenderá então o Esperanto, ou, mais exatamente, recordará o que aprendeu no mundo espiritual, e começará a receber obras de real valor literário e doutrinário no idioma mundial. Irá em ascensão brilhante até por volta de 1983. quando ficará irremediàvelmente cego e viverá em trevas até 2.003, aproximadamente. É êste o programa traçado, mas sabemos que muitas vêzes, infelizmente, falhamos no programa que trazemos.

A propósito da obra esperantista desse futuro médium, talvez seja oportuno outro artiguete para os leitores leigos no assunto.

ISMAEL GOMES BRAGA.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— V —

Era nosso propósito analisar o livro «DEUS E UNIVERSO», em suas minúcias. Mas isso levaria tempo, porquanto essa obra é um manancial inesgotável de contradições. não só com o que o autor escreveu e «recebeu» antes, como também com a razão, a lógica e os fatos. Seus pontos capitais foram contestados, quais sejam : «a queda dos anjos», o «inferno eterno» a «involução», que foi anteposta à «evolução progressiva». Meus argumentos foram os mesmos expedidos por «SUA VOZ», na «A Grande Síntese» e por Ubaldi em seus trabalhos posteriores. como sejam os que vão de «AS NOURES» até «ASCENÇÕES HUMANAS».

Argumentos houve que ficaram de pé, ou ficarão sempre, incontestes na demolição da obra «DEUS E UNIVERSO». O próprio autor confirma isto, em seu trabalho «Conclusão», impresso na revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», n.° 13.

Sabe sobejamente o professor que a tese da «queda» é insubsistente em seu livro. Pretendeu, pois, reforçá-la em escritos posteriores, sem conseguir seu intento.

Diz o Prof. no livro «DEUS E UNIVERSO», pág. 202 :

«Então a zona de conhecimento que, sendo diretamente inacessível, fôra indiretamente comunicada sob forma de advertência, *a fim de que fôsse aceita pela fé*, esta zona, *que os espíritos obedientes conquistaram por crer e obedecer...*»

Se, logo após sua criação, havia espíritos *obedientes*, o Deus da «queda» não foi perfeito em sua criação, pois gerou também espíritos «desobedientes». Interessante é que o Prof. pouco antes afirma que «Deus fez os sêres «anjos» livres, à sua imagem e semelhança». Não se sabe que tipo de liberdade foi essa, que impõe uma «advertência do dever de aceitarem não pela razão, mas pela fé».

Não sabemos se, com base no que está acima, o autor pretendeu igualmente que a tese da «queda» do «inferno» e da «involução», fôsse igualmente aceita pela fé, pois dentro dos quadros da liberdade de raciocínio, ela foi rechaçada.

Para fugir ao campo da razão, Ubaldi exclama na pág. 204: «Deus que nos salve dos dilemas, que parecem uma tenaz de aço, mas que nada comprimem, porque ao fim se descobre que um dos seus braços era fictício».

A coerência é fator fundamental para a perfeição. Que o Prof. anatematize «os dilemas», vá lá, mas que se insurja contra êles, quando os «dilemas» lhe destroem a tese, isso é pretender para si e negar o mesmo aos outros. Vejamos se a coerência do Prof. o afasta dos «dilemas». Diz êle na pág. 197, apelando para o «dilema», a fim de justificar uma preposição:

«... parece que não podemos fugir ao dilema seguinte:» Segue-se o dilema.

Em que ficamos, fugimos ou buscamos os «dilemas»? A incoerência prova a falta de convicção na matéria.

No trabalho «Conclusão», acima citado, mais uma vez o Prof. repisa o passo evolutivo do inorgânico para o orgânico, outra coisa não quer elucidar ao dizer: «Que longo caminho para se transformar do mineral até à matéria cerebral! Quantas elaborações a percorrer para atingir êste estado por intermédio das plantas e dos animais inferiores». Seria mais oportuno, em razão do trabalho que estava fazendo, que o Prof. explicasse como foi dado o passo do «orgânico para o inorgânico», fenômeno até hoje ignorado que se apresenta como tremenda lacuna para a aceitação da «quéda» e da «involução». Por que o Prof. não faz um artigo nêsse sentido?

Está bem claro que a tese da «queda» deverá ser aceita *por um ato de fé*, não pelo uso da razão. Além do que já dissemos em linhas anteriores, juntasse essa insinuação para o abandono da razão no caso de «DEUS E UNIVERSO», Diz o Prof. em «Conclusão», pag. 12:

«Com esta teoria podemos explicarnos também tantas formas psicológicas *que o homem aceita sem discutir, como axiomas com os quais todos (?) concordam e que por isso não precisam de ser demonstradas*». Eis aí a pregação do «crê sem indagar os motivos»; da fé acima da razão, do dogma, da intimidação e do apêlo para submersão na ignorancia. Para católico, isso serve; para outros, não.

A contradição do Prof. não foi apenas no caso dos «dilemas». Vejamos outra:

«Como aqui está registrado, a visão me apareceu, em vinte etapas ou capítulos, no silêncio tumular daquelas noites hibernais». (DEUS E UNIVERSO, Introdução, pág. 11).

Ao lado do que está acima, colocamos:

«Concluindo, poderemos aceitar a *teoria* da queda, como a *hipótese* hoje *mais aceitável* (?), pela razão de que ela resolve o maior número de problemas. Isto na esperança de encontrar amanhã outra teoria que complete e aperfeiçõe esta, que para o momento fica a que melhor até hoje nós possuimos».

Se o livro «DEUS E UNIVERSO» foi fruto de «visões», não é possível que seus aspectos sejam agora defendidos como TEORIA. Visão é uma coisa, muito oposta e diferente de *teoria*. Teoria é hipótese, como o próprio autor bem define, e hipótese não significa REALIDADE. Hipóteses e teorias sôbre a gênese da vida, existem muitas, todas elas com a mesma pretenção da do Prof., de serem o retrato do real. Assim, como no caso dos dilemas, perguntariamos:

A tese da «queda» e da «involução» foi uma visão ou é uma hipótese teórica? Foi visão ou alucinação? A teoria (agora) da tesse não é aceita, como pretende o Prof. *pela maioria*, pelo contrário, pois nem mesmo a minoria católica nela acredita unanimemente. Não devemos sacar contra o abstrato, pois um pesquisador exigente pode demonstrar falta de fundos para a cobertura de nosso saque. A maioria da humanidade não aceita a «queda».

Também é sugestível que o próprio Ubaldi diga que a hipótese ou a teoria da «queda» resolve o *maior número de problemas. Êle é quem diz que resolve* o *maior número*. Mesmo assim, lembraremos que o maior número não é a totalidade, e que para o Prof. confessar tal resultado, é porque deve ter comprovado a existência de numerosos fatos que a hipótese da «queda» não resolve, ou que se chocam contra ela. Caso contrário, êle tería dito que as hipóteses e teorias defendidas no livro «DEUS E UNIVERSO» explicariam todos os fenômenos sôbre os quais o homem lançasse sua investigação. Mas será que o Prof. nunca pretendeu dizer isso? Vejamos se já teve essa pretenção e se não recuou, embora tarde.

Diz o livro DEUS E UNIVERSO, pag. 193:

«A ÚNICA TEORIA QUE CONCILIA E RESOLVE TUDO É A DA QUÉDA». Se a eliminarmos, acaba-se em um mar de contradições e NADA SE RESOLVE.»

Quem entrou num mar de contradições foi o Prof., na tentativa de remendar a tese.

Em «Conclusões» diz que «RESOLVE O MAIOR NÚMERO».

Em «DEUS E UNIVERSO» diz que «RESOLVE TUDO».

Em que ficamos: resolve «TUDO» ou o «MAIOR NÚMERO»?

Vale a afirmativa do «DEUS E UNIVERSO» ou o remendo exarado em «CONCLUSÕES», pag. 15, revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», n.º 13, ano 2.º — 1956?

Quem como nós estudou a obra de Ubaldi, fazendo inúmeras anotações em suas páginas, estruturando um índice de assuntos tem, por visão direta, a percepção de qualquer afirmativa que não se «engaste» na jóia que êle produziu. Encerramos aqui nossa contestação ao livro «DEUS E UNIVERSO», com a mesma admiração e respeito, por êsse luminar, êsse missionário abnegado, êsse seareiro humilde e valoroso, que é o Prof. PIETRO UBALDI.

Rua Quimberlita, 490—Belo Horizonte—Minas.

Brilhante Discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nisocômio de Mandaqui

Apartes de Solidariedade de Diversos Deputados — Duas Sentenças de Janio Quadros invalidam a ação sectarista

Do «Diário Oficial do Estado de São Paulo», de 28 de Setembro último, transcrevemos abaixo o brilhante discurso proferido pelo Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa verificada no nisocômio de Mandaqui e que fere frontalmente a Carta Magna, que faculta a todo brasileiro o livre exercício de sua religião.

Os sectaristas, vendo frustada a sua primeira tentativa por uma sentença do Governador Janio Quadros, voltaram à carga sob a alegação de que o Espiritismo é uma ciência e não uma religião e que portanto não podia ser praticado no referido nisocômio. Mas Janio Quadros novamente invalidou a pretenção sectarista com outra sentença.

Como vemos, o clero «cavou» outro subterfúgio para impedir a propagação do Espiritismo, afirmando por sua própria conta que esta Doutrina não pode ser ministrada por não ser uma religião e sim uma ciência. Mas a Verdade, no fim, sempre triunfa.

Eis o discurso do Deputado Cid Franco, com os apartes dos seus colegas, todos solidários com êle:

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente e Srs. deputados, os espíritas estão proibidos de levar assistência religiosa, a doentes do Hospital Sanatório do Mandaqui.

A proibição é inconstitucional e desumana. Inconstitucional, porque está em desacôrdo com os parágrafos 7.º e 9.º do Artigo 141 da Constituição Brasileira, onde encontramos êstes preceitos: «E' inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes». «Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro assistência às fôrças armadas e, *quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva*».

Violou-se a liberdade de consciência e de crença de tuberculosos que solicitaram, num sanatório do Estado, a assistência da religião que professam.

E será necessário grande número de argumentos em defesa da segunda parte de nossa afirmação? Cremos que basta dizer que a proibição seria desumana mesmo que prejudicasse pessoas sãs. Mas são doentes. São homens tuberculosos. A proibição constitui uma brutalidade revoltante.

Acresce que não se trata de sessões espíritas própriamente. Não se vinham realizando experiências metapsíquicas. Eram pregações, eram palestras, eram explicações da doutrina, interpretações do Evangelho pelo espiritismo.

Pois bem. A intolerância religiosa conseguiu proibir êsse trabalho de assistência espiritual. De que forma? Valendo-se de pareceres sectários. Um deles chega ao absurdo de argumentar com o número, com a quantidade, com a «religião da maioria», e ainda com um estranho contrato firmado com determinada congregação religiosa. Elementos dessa congregação, pelo contrato, só prestam serviços ao hospital condicionando-os ao seu culto religioso.

Mas êsse contrato não fere o princípio constitucional da liberdade de consciência e de crença? Poderiam os espíritas, os protestantes, os budistas, os adeptos de qualquer religião impor o seu próprio culto como condição de serviços a serem prestados a doentes num hospital do govêrno? Ou mesmo num hospital particular? E podem faze lo os que se baseiam no argumento da «maioria»?

Que absurdo, que injustiça e que atraso a proibição que estamos comentando!

Outro parecer que a possibilitou, Srs. deputados, manifesta não apenas um estreito sectarismo, como principalmente uma ridícula ignorância do assunto que examina. «Importa salientar — diz êle — que nos referimos à assistência que aos internados pode dar qualquer religião. Nem por sombra nos ocorre cogitar do espiritismo, porquanto o espiritismo, não é religião».

Pobre Kardec! Para que todo o seu esfôrço, todo o seu idealismo, todo o seu trabalho de codificador da doutrina? Para que a pregação de «O Evangelho segundo o Espiritismo»?

Surge no século XX, em São Paulo, uma obra maior do que a sua. E' o parecer de três laudas de um jurista oficial, que diz — e sua voz trovejará com sabedoria irrespondível, abalando céus e terras: «O espiritismo não é religião»...

A intolerância que está prejudicando os doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui manchará para sempre êste governo, se não forem tomadas medidas contra ela.

Medidas humanas e justas. Medidas que imponham o respeito à liberdade de consciência e de crença. Medidas que tornem respeitadas todas as religiões.

Não é necessario que qualquer de nós seja um Ramakrishna para ter na mente e no coração êsse respeito. Basta não desejarmos para os outros o mal que não desejamos para nós. Basta que nos imaginemos no lugar daqueles tuberculosos espíritas privados de ouvir a palavra dos seus irmãos de crença.

O SR. OSNY SILVEIRA — (Com assentimento do orador) — Desejo cumprimentar V. Exa. pela oportunidade do discurso brilhantissimo que está pronunciando. Não há realmente ocasião em que a alma humana mais necessite do confôrto da religião, seja ela qual fôr, do que quando a criatura se encontra doente. O Governo deveria facilitar o acesso a todos os hospitais, tanto quanto a todas as prisões, dêsses homens e mulheres imbuídos do verdadeiro espírito do cristianismo, que, seja qual fôr o ramo da religião que adotem ou os preceitos filosóficos que sigam, se preocupam com os concidadãos, com as criaturas humanas que sofrem, às vezes, isoladas, esquecidas de todos, a gama de sofrimentos que nem a imaginação humana pode talvez traduzir. O que acontece com os espíritas acontece, em muitos hospitais, com os evangélicos.

O SR. CID FRANCO — E' exato.

O SR. OSNY SILVEIRA — Acontece também em algumas cadeias públicas, lugares a que também chega a voz dos que se preocupam com os problemas de ordem moral e espiritual. De sorte que V. Exa. ao levantar êste problema e ao debatê-lo com a elevação e autoridade moral reconhecida e inconteste de V. Exa., presta um serviço não apenas aos elementos que no caso estão sendo sacrificados, mas a toda a consciência liberal de nossa gente, a todo o cristianismo, a todas as religiões. Assim, espero que a sua voz não caia em ouvidos moucos, mas possa ser ouvida e atendida.

O SR. CID FRANCO — Srs. deputados, o aparte do nobre colega Osny Silveira vem reforçar a nossa argumentação, vem contribuir para que êste apêlo beneficie também os evangélicos. Não ignoramos que no próprio Hospital Sanatório do Mandaqui os evangélicos, assim como os espíritas, encontram as dificuldades da intolerância e do sectarismo.

Agradecemos ao nobre deputado Osny Silveira o precioso apoio que nos dá.

Diziamos há pouco, Sr. Presidente e Srs. deputados, que não é necessário que qualquer de nós seja um Ramakrishna para ter na mente e no coração o respeito a todas as religiões. Basta não desejarmos para os outros o mal que não desejamos para nós. Sim, basta que nos imaginemos no lugar daqueles tuberculosos, privados de ouvir a palavra dos seus irmãos de crença.

Falamos em Ramakrishna. «Sua missão — como escreve um discípulo — foi demonstrar, com um exemplo vivo, como um homem verdadeiramente espiritual, estando morto para o mundo dos sentidos, pode viver num plano espiritual de consciência divina; foi provar que cada alma individual é imortal e potencialmente divina. Sua missão foi estabelecer a harmonia entre as seitas e credos religiosos. Pela primeira vez, Ramakrishna demonstrou que todas as religiões são como outros tantos caminhos que conduzem ao mesmo fim; que a realização da mesma Existência Todo-Poderosa é o mais elevado ideal do cristianismo, do maometanismo, do judaismo, do zoroastrismo e do hinduismo, como também o de todas as outras religiões menos importantes do mundo».

Mesmo sem que nos aproximemos da grandeza espiritual de Ramakrishna, podemos praticar êsse respeito a todas as religiões.

Infelizmente, não sabem ainda praticá-lo os intolerantes que não permitem a tuberculosos espíritas, num hospital do Estado, o consôlo de ouvirem pregações — simples pregações — por êles mesmos solicitadas.

O SR. FARABULINI JUNIOR — (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Cid Franco, desejo solidarizar-me com V. Excia. e permita-me V. Excia. conste do brilhante discurso que vem fazendo o meu apêlo também ao Governo do Estado para que possa cair o parecer a que V. Excia. se refere, e que possam os doentes espíritas, que estão isolados do resto do mundo, ter o seu pequeno mundo com base nas suas aspirações religiosas e naquilo que sua consciência determinar, a fim de que não sejam feridos na sua alta dignidade de sêres humanos. Não pode ser omitida esta parte muito séria do ser humano, que é a liberdade de pensar e de agir. Por conseguinte, nobre deputado Cid Franco, encerrando minhas considerações, acima dessa inconstitucionalidade flagrante, acima disso que V. Excia. bem disse, eu me permito repetir agora: isto é desumanidade.

O SR. CID FRANCO — Agradecemos o aparte do nobre deputado Farabulini Junior.

E dizer-se que comemoramos, há dias, o 10.º aniversário de uma Constituição que preceitua: «E' inviolável a liberdade de consciência e de crença»... A assistência religiosa será prestada, «quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva»...

Que ironia!

Srs. deputados, protestando contra a inconstitucional e desumana proibição, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo enviou ao Governador do Estado um ofício que consideramos um modêlo de argumentação e um exemplo de dignidade. Está assinado pelo ex-deputado Francisco Carlos de Castro Neves, presidente; pelo jornalista e escritor J. Herculano Pires, vice-presidente, e pelo jornalista Wandyck Freitas.

São os seguintes os têrmos do notável documento, que incorporamos ao nosso discurso:

(*Lê*) «Exmo. Sr. Dr. Jânio Quadros, DD. Governador do Estado de São Paulo:

Diante de nova proibição do trabalho semanal de assistência religiosa aos doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui, o Club dos Jornalistas Espíritas sente-se obrigado a voltar à presença de V. Excia. para respeitosamente expor o seguinte:

1 — A tentativa anterior, levada a efeito por meios violentos, foi sustada pelo despacho de V. Excia., que firmou o princípio de absoluto respeito à liberdade de consciência e de culto nos próprios do Estado, de acôrdo com os preceitos constitucionais e o espírito do regime democrático.

2 — A nova tentativa está sendo realizada por meios sutís, através de pareceres sectários, exarados no próprio Palácio dos Campos Elisios, e nos quais se procura impor o pretenso «direito da maioria», ao mesmo tempo que demons-

trar o indemonstrável, ou seja, que o Espiritismo não seria religião.

3 — A simples leitura por um espírito sereno e imparcial como V. Excia., dos pareceres a que aludimos, — e que incrivelmente serviram de base para nova proibição das reuniões do Mandaqui, — revelará a falta de isenção dos seus autores que pretendem transformar os hospitais do Estado em novas espécies de feudos religiosos, em pleno século vinte.

4 — A argumentação contrária à natureza religiosa do Espiritismo é destituida de qualquer fundamento, atingindo as raias da afronta, quando pretende apoiar-se nos próprios mestres da doutrina espírita. Os autores dos pareceres desconhecem não só a Doutrina Espírita, como a própria história do Espiritismo, e argumentam tão sómente em defesa de interêsses religiosos dominantes em nosso pais. A controvérsia sôbre a natureza da doutrina, se científica ou religiosa, foi natural, no início da sua propagação, há um século, mas está hoje superada. Basta dizer que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, o apresenta como III Revelação, cumprimento da profecia evangélica do Espírito Consolador, sequência natural da Revelação Mosaica e da Revelação Cristã, o que se vê na sua obra «O Evangelho segundo o Espiritismo», um dos livros básicos da codificação doutrinária.

5 — Conan Doyle, o célebre escritor inglês, que é também o maior historiador do Espiritismo, escreveu tôda uma obra, «A Religião Psíquica», para demonstrar a natureza religiosa da doutrina. No Brasil, a tradição espírita, que vem desde os primeiros núcleos fundados no Rio, é essencialmente religiosa, como se vê pela história e pela natureza atual da Federação Espírita Brasileira, do Conselho Federativo Nacional, das Federações Estaduais e da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, entidade que reúne mais de oitocentas organizações espíritas religiosas do nosso Estado. O mais antigo dos grupos espíritas do país, fundado no Rio por volta de 1853, pelo historiador Mello Morais, e frequentado pelo Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba e outras figuras exponenciais da época, era uma instituição religiosa e não científica. E ainda no último Congresso Pan Americano de Espiritismo, realizado no Rio de Janeiro, em 1948, as delegações nacionais defenderam a tese da preeminência do caráter religioso da Doutrina Espírita. Negar ao Espiritismo a sua natureza religiosa, a pretexto de exaltar o seu aspecto científico, é simplesmente revelar o mais absoluto desconhecimento do problema espírita. Negar essa natureza ao movimento espírita brasileiro, e querer transformá-lo num movimento científico, chega a ser pitoresco. Nosso povo não pratica a ciência, mas a religião espírita, com uma dedicação e uma fé que nada ficam a dever às demais religiões existentes no país. A propósito, convém lembrar a afirmação do professor Fernando Magalhães, na memorável sessão da Academia Nacional de Medicina, noticiada pelo «Jornal do Comércio» de 6 de Novembro de 1909, na qual alguns médicos se levantaram contra o Espiritismo. Disse o notável mestre patrício: «O Espiritismo é uma religião e, como tal, a mais consoladora que pode haver».

6 — Neste momento, quando o Espiritismo acaba de ser reconhecido oficialmente, na Inglaterra e na Argentina, como religião, essa tentativa de negar, entre nós, o seu caráter religioso, não pode encontrar justificativa. Na Inglaterra, por iniciativa de Lord Dowding, Marechal da RAF e ex-comandante da defesa aérea de Londres, o Parlamento reconheceu, no ano passado, o Espiritismo como religião, e Lord De L'Isle and Dudley, Ministro do Ar de Sua Magestade, comunicou o fato a Lord Dowding, transmitindo depois à Imprensa os seguintes termos da resolução parlamentar sancionada pelo Governo: « a) O Espiritismo é reconhecido como religião no Serviço Militar.

b) Aos militares espíritas das três armas — Exército, Marinha e Aviação — assiste o direito de anotação de sua crença espírita nos documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

(Conclúe no próximo número).

* * *

Não vos preocupeis com os tropeços postos no vosso caminho pelos vossos semelhantes. Se tendes a certeza de que cumpris os vossos deveres na seára, também deveis ter a certeza de que Deus está ao vosso lado. E infeliz será aquele que pelejar contra Deus. — CAMARGO.

O Espiritismo no Brasil

LEOPOLDO MACHADO

O fenômeno espírita é de todos os tempos.

E de todas as raças e povos, e de todas as terras e nações, de todas religiões e crenças.

Mas, os fatos espíritas, que teriam de chamar a atenção do mundo para uma coisa nova e diferente; os fatos, que teriam de assombrar o mundo e de fazer-se uma ciência nova, uma nova filosia e religião; esses fatos vieram dos Estados Unidos.

E foram aí os estudos em primeiro lugar.

E aí guindados à categoria de uma ciência nova: a Metapsíquica!

O ano de 1850 teria que ficar na História como a «estaca zero» do calendário metapsíquico!

Da América, a noticia dos fatos pularia para a França, que era, então, o cérebro do mundo.

Aí, além da codificação perfeita da nova doutrina, a Metapsíquica se cristalizaria com Gustavo Geley. E, principalmente, com Charles Richet.

E, de sua codificação, sairia ela, a doutrina nova feita Ciência; a Ciência da Imortalidade. E se imporia como filosofia profunda: a Filosofia do Espírito. E se afirmaria, também, como religião: a Religião filoso-científica do Evangelho.

Da França, subiria novamente, à lingua inglesa; seria, na Inglaterra, considerada, por fôrça de estudos e documentação de sábios como Russel Wallace, Cronwell Varley e William Crookes, feito ciência de verdade.

E desceria à Italia.

Na lingua italiana, em consequência da mediunidade de Eusapia Paladino e dos trabalhos admiráveis de Ernesto Bozzano, se celebraria como filosofia indiscutível do Espírito.

E se desdobraria até a lingua alemã e russa para se celebrizar, com Fred Zoellners e Aksakoff principalmente, como a ciência filosófica da Imortalidade.

Na lingua espanhola seria perseguida a fogo.

Sofreria aí a primeira grande perseguição, com o Auto-de-Fé de Barcelona...

Faltava-lhe o sentido religioso, que seria o seu melhor aspecto.

Era a parte que devia caber ao Brasil.

Entrou, por isso, no Brasil, em nome de Deus, Cristo e Caridade, a curar, a um só tempo, o espírito e o corpo. A curar o espírito a preces e passes; e a curar o corpo, com aguinhas fluidas e com doses de homeopatia.

E foram dois estranjeiros — um, Vicente Martins, filho da terra que codificou o Espiritismo — que o trouxeram, em 1848, para o Brasil, a significar, para os que têm olhos de ver, o sentido humanitário e cristão que teria o Espiritismo de viver no Brasil...

Quer isso dizer que já existia espiritismo no Brasil, antes que o termo Espiritismo fosse criado; antes que seu codificador soubesse que êle iria assinar-se Allan Kardec.

E, quando entrou no Brasil, foi a intelectualidade brasileira — como, de resto, em toda parte — que, primeiro, se preocupou com êle.

Dominou, primeiro, o cérebro.

Depois, desceu ao coração.

E no coração do Brasileiro tem permanecido.

E permanecerá, que, para o brasileiro, o Espiritismo é a Religião Científico-Religiosa do Cristo.

E a interpretação perfeita do Evangelho em espírito e verdade.

E o cumprimento da Promessa do Cristo segundo o testemunho de João, (Cap. XIV e XVI) feito aquele Paraclito, aquele Espírito de Verdade, aquele Consolador, que ficaria eternamente conosco.

Somos Descendentes de Símios ?

A ciência, embora não tenha ainda esclarecido em definitivo a origem da raça humana, estejamos certos de que muita coisa ela já nos revelou através dos fósseis encontrados nas páginas das camadas geológicas, êste livro da natureza que encerra a história dos nossos antepassados.

Nesses estudos, os pesquisadores encontram em sequência o caminho da evolução dos sêres viventes, desde os primitivos sêres monocelulares, surgidos há um bilhão de anos, até o presente. Nessa longinqua jornada, houve um momento em que apareceu a raça humana, mas não em um ato espontâneo pelo aparecimento do primeiro casal adâmico, como aceitam os dogmáticos estudiosos da Bíblia. A raça humana é o resultado de um trabalho evolutivo da natureza, e são os fósseis que indicam os nossos ascendentes, a partir do momento em que o ramo da nossa linhagem se desgalhou do tronco da árvore genealógica da vida.

No estudo dos fósseis tem surgido certas controvérsias entre os pesquisadores, mas sòmente em certas particularidades, pois quanto à teoria da raça humana e nossa relação com os nossos ascendentes simiescos, todos êles estão de acôrdo, embora alguns cientistas não admitem um parentesco tão próximo entre o Homem e os Símios, como aceita a maioria.

Mas sem nos determos nessas controvérsias, vamos comentar a teoria mais generalizada entre os biologistas e antropologistas, ou seja, a do Homem-simiesco.

Os fósseis revelam que há 40 milhões de anos, época dos gigantescos dinosauros, um clima extremamente frio e avassalador, pôs fim na era mesozóica, na qual predominavam os répteis, animais de sangue frio, sensíveis a baixas temperaturas. Terminada uma era iniciou-se outra, a cenozóica, com predomínio dos mamíferos, os novos donos da Terra, entre os quais se encontrava uma espécie de pequenos macacos, os primatas, que geralmente habitavam as árvores, ganhando agilidade, com desenvolvimento da visão, garras e pés. Entre êstes o biologista classifica o Homem, tendo surgido aqui o ramo originário da raça humana. Dêsse mesmo tronco, constituido dos primatas, nasceu o ramo dos antropóides (Gibão, Orangotango, Chimpanzé e Gorila). Nestas condições, os ascendentes dos antropóides e os do Homem tiveram um passado em comum, mas na marcha evolutiva o ramo dos antropóides não conseguiu atingir a condição humana, passando estes símios a serem nossos primos mais retardados no caminho da evolução. Interessante que o exame dos fósseis de raças humanas primitivas revelam nas suas peças esqueléticas, uma anatomia que nos leva em sequência sempre em direção aos símios, apesar de que os elos da cadeia de ligação entre nós e os nossos ascendentes ainda não se completou, apresentando lácunas. Mas os poucos fósseis disponíveis, sempre nos aponta a direção simiesca.

Dos fósseis encontrados, além de outros documentos, citamos como exemplo os do Homem-símio de Java, que deve ter existido cêrca de há um milhão de anos. Êste espécime apresenta características, se não bem humana, pelo menos muito aproximada e com acentuados vestígios simiescos. Assim, parece tratar-se de um sêr recém-chegado da raça símia, tendo já atingido os primeiros degraus da condição humana. Comparando-se o volume do seu cérebro, em uma escala evolutiva entre um gorila e o Homem atual, o do Homem-símio de Java medêia aproximadamente entre um e outro. O volume cerebral de um gorila, em média, é de 600 c. c.. Para o do Homem-símio de Java oscila em torno de 900 c. c., que para qualquer indivíduo das raças humanas atuais seria um idiota, visto que o volume médio de cérebro humano atual é de 1.350 c. c.

Com êsses dados, e o exame de outras peças anatômicas dêsse ser primitivo, é facil supor tratar-se de uma raça de transição entre a símia e a humana.

Das épocas posteriores a êsse espécime, meio símio meio homem, fósseis de outras raças humanas primitivas mais evoluidas (o Homem de Pildown, de Neanderthal e outros) foram encontrados, mas sempre com vestígios simiescos, indicando qual o caminho por onde devemos procurar os ascendentes próximos da raça humana.

Assim, nós reencarnacionistas, com êsses informes da ciência, já compreendemos que o ser espiritual, antes de atingir a condição humana, realiza estágio preparatório evolutivo na raça simiesca.

Mas não devemos esquecer que o ser espiritual habitou ainda outros diferentes corpos em épocas longinquas quando sòmente os mares eram habitados.»

E êste passado tão distante também deixou marcas bem acentuadas até o presente, as quais se revelam na nossa fase embrionária, cujo assunto cuidaremos oportunamente.

Aqui terminamos êsse trabalho, informando que na obra de André Luiz, «No Mundo Maior», capítulo «Estudando o Cérebro», encontramos belos esclarecimentos relativos à nossa marcha evolutiva.

V. O. CASELLA

A LUZ INTERIOR

Arranjo e Compilação de
BIANÔR MEDEIROS

I. — A humanidade está dividida em dois grandes grupos ou facções : as trevas e a luz. O espírito é de luz ou de trevas. A luz é o distintivo, a característica, o cartão de visita dos cristãos, dos bons espíritos. As trevas são próprias dos espíritos inferiores, ignorantes, revoltados, vencidos. A luz e as trevas não se misturam, não se confundem. Treva é sombra, escuridão, negror, penumbra, obscuridade, invisibilidade, impossibilidade de se exercitar as percepções espirituais. A luz é claridade, clarão, lume, resplendor, reflexo, fulgor, cintilação, brilho, visibilidade perfeita, entendimento claro, saúde mental perfeita. Por isto mesmo o mundo está dividido em duas partes distintas, que se não misturam, que se não confundem : o reino das trevas e o reino da luz, espírito de trevas, espírito de luz, filho das trevas e filho da luz. Por isto também possúe o reino de Deus muitas moradas tanto para os espíritos de luz como para os espíritos de trevas, pois não podem conviver uns com os outros e assim habitam sitios diversos e diferentes pela propria natureza dos seus habitantes como pelo proprio ambiente que edificam. O espírito de luz se caracteriza pela sabedoria espiritual, pelo amor, pela disciplina espiritual, pelo trabalho construtivo e edificante. O espírito de trevas se caracteriza pela ignorancia espiritual, pela revolta, pela indisciplina, pela ociosidade, pelo trabalho destrutivo e prejudicial. O ambiente, o meio, o habitat, o clima espiritual de cada um reflete a sua categoria espiritual, o seu grau de capacidade, a sua propria personalidade.

Para melhor compreendermos o magno problema da iluminação interior e própria é conveniente o estudo do Velho, do Novo Testamento e dos ensinamentos dos espíritos superiores através da revelação espiritual que completaria o ensino da humanidade.

II. — O Velho Testamento :

1. — Isaías, LX, 1, 2 :

> «Levanta-te, recebe a luz, Jerusalém, porque chegou a tua luz e a glória do Senhor nasceu sôbre ti. Porque as trevas cobrirão a Terra e a escuridão os povos ; mas sôbre ti nascerá o Senhor e a sua glória se verá em ti».

III. — O Novo Testamento :

1. — «Eu sou a luz do mundo ; o que me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida». (Jesus, segundo João, VII, 12) ;

2 — «Êle (João Batista) era a candeia que ardia e alumiava» (Jesus, segundo João, V, 35) ;

3. — «Estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candeias» (Jesus, segundo Lucas, XII, 35) ;

4. — «Então os justos resplandecerão como o sol, no reino do meu Pai» (Jesus, segundo Mateus, V, 16) ;

5. — «Vós sois a luz do mundo» (Jesus, segundo Mateus, V, 14);

6. — «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que êles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus» (Jesus, segundo Mateus, V, 16);

7. — «O teu olho é a lucerna do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo terá luz. Mas se teu olho for defeituoso, todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz que há em ti, é trevas, quão grande não serão as próprias trevas!» (Jesus, segundo Mateus, VI, 22 e 23);

8. — «Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, à parte, a um alto monte e transfigurou-se diante dêles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol e as suas vestiduras tornaram-se brancas como a neve». (Mateus, XVII, 1);

9. — «Ainda por um pouco de tempo está a luz convosco. Andai enquanto tendes luz, para que não vos surpreendam as trevas; — quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes luz, crêde na luz, para que sejais filhos da luz». (Jesus, segundo João, XII, 35, 36);

10. — «Um cego não pode guiar outro cego». (Jesus, segundo Lucas, VI, 39; segundo Mateus, XXIII, 16). Esta frase, interpretada segundo o espírito que vivifica, quer dizer: «um espírito sem luz interior própria não pode guiar ninguém».

IV. — A Doutrina dos Espíritos Superiores

1. — André Luiz — Obreiros da Vida Eterna, fls. 161:

> «Os sofredores, já modificados para o bem, apresentarão círculos luminosos característicos em torno de si mesmo, logo que, estejam onde estiverem, concentrem suas fôrças mentais no esfôrço pela própria retificação. Os outros, os impenitentes e mentirosos sistematicos, ainda que pronunciem comovedoras palavras, permanecerão confinados nas nuvens de treva que lhes cercam a mente endurecida no crime».

2. — André Luiz — Obreiros da Vida Eterna — fls. 165:

«Impressionavam-nos as formas monstruosas e miseráveis a se arrastarem vestidas de sombra, quando começaram a chegar entidades aureoladas de luz».

3. — Irmão Jacob (F. F.)—Voltei — em diversas passagens (fls. 165, 166, 136, 137, 55, 56):

«Tomado de assombro, verifiquei que branda luz de um roxo carregado brilhava em torno de mim». (162);

«A lâmpada pode ser acanhada e pobre; no entanto, se possui material equilibrado e perfeito para sintonizar-se com a Séde da Fôrça, produzirá luz e beleza em silêncio». (137);

«Aquí também encontrarás a benção do atrito, no aproveitamento das quais também acenderás a lanterna para a jornada». (136);

«Não te admires da claridade que te rodeia. Ela nasce de ti mesmo. Nasce de tuas energias internas, orientadas para a Bondade Suprema. A concentração de amor verdadeiro produz bendita claridade n'alma. A luz é substância divina gerada nas fontes superiores do Espírito Eterno. Por agora, os raios de tua boa vontade brilharão nas horas culminantes da fé, pela concentração de poderes espirituais na prece; todavia, à medida que te recolhas no exercício legítimo do amor cristão, em demonstrações genuinas de entendimento do Evangelho sentido, vivido e Aplicado, controlarás a tua capacidade irradiante, segundo os ditâmes da própria alma. Ama sem paixão, espera sem angústia, trabalha sem expectativa de recompensa, serve a todos sem perguntar, aprende as lições da vida sem revolta, humilha-te sem ruído, ante os desígnios superiores, renuncía aos teus próprios desejos, sem lágrimas tempestuosas e a vontade justa e compassiva do Pai iluminar-te-á constantemente o coração fraterno e o caminho redentor. Ora, vigia, movimenta-te no esfôrço digno e sê feliz, meu amigo! A tua luz crescerá com a dilatação de teu devotamento ao Bem Infinito». (165/166);

«Escoaram-se alguns minutos e respeitável senhora, ladeada por dois benfeitores, acercou-se de nós. Reconheci-lhe a elevação pela invejável serenidade. Formosa alegria pairava-lhe no semblante calmo. Saudou-nos a todos, simpática e feliz. De todos nós, os recem-chegados (desencarnados) que ali nos reuniamos, era a única de cujo peito irradiava luz.

«A evidente superioridade que a

distanciava de nós parecia afligi-la, tal a modestia que lhe transparecia das atitudes. Bezerra cumprimentou-a, bondoso, e confesso que reparando aquela mulher de maneiras simples, e afaveis, emitindo luminosidade sublime, inopinado sentimento de inveja me assaltou o coração». (55/56).

4. — Emmanuel — Caminho, Verdade e Vida, 318/319:

«Façamos nossa luz. Ante a glória dos mundos evolvidos, das esferas sublimes que povoam o Universo, o estreito campo em que nos agitamos, na Crosta Planetária, é limitado círculo de ação. Se o problema, no entanto, fosse apenas de espaço, nada teriamos a lamentar. A casa pequena e humilde, iluminada de sol e alegria, é paraíso de felicidade. A angustia do nosso plano procede da sombra. A escuridão invade os caminhos em todas as direções. Trevas que nascem da ignorância, da maldade, da insensatez, envolvendo povos, instituições e pessoas. Nevoeiros que assaltam consciências, raciocínios e sentimentos. Em meio da grande noite, é necessário acendamos a nossa luz. Sem isso é impossível encontrar o caminho da libertação. Sem a irradiação brilhante do nosso próprio ser, não podemos ser vistos com facilidade pelos Mensageiros Divinos, que ajudam em nome do Altissimo, e nem auxiliaremos efetivamente a quem quer que seja. E' indispensável organizar o santuário interior e ilumináI-o, a fim de que as trevas não nos dominem. E' possível marchar, valendo-nos de luzes alheias. Todavia, sem claridade que nos seja própria, padecemos constante ameaça de queda. Os proprietários das lâmpadas acesas podem afastar-se de nós, convocados pelos montes de elevação que ainda não merecemos. Vale-te, pois, dos luzeiros do caminho, aplica o pavio da boa vontade ao oleo do serviço e da humildade e acende o teu archote para a jornada. Agradece ao que te ilumina por uma hora, por alguns dias, ou por muitos anos, mas não olvides a tua candeia, se não desejas resvalar nos precipícios da estrada longa! O problema fundamental da redenção não se resume a palavras faladas ou escritas. E' muito facil pronunciar belos discursos e prestar excelentes informações, guardando, embora, a cegueira nos próprios olhos. Nossa necessidade básica é de luz própria, de esclarecimento íntimo, de auto-educação, de conversão substancial do eu ao reino de Deus. Podes falar maravilhosamente acerca da vida, argumentar com brilho sôbre a fé, ensinar os valores da crença, comer o pão da consolação, exaltar a paz, recolher flores do bem, aproveitar os frutos da generosidade alheia, conquistar a corôa efêmera do louvor, amontoar títulos diversos que te exornem a personalidade pelos vales do mundo... Tudo isso, em verdade, pode fazer o espírito que se demora, indefinidamente, em certos ângulos da estrada. Todavia, avançar sem luz é impossível».

5. —André Luiz—No Mundo Maior, fls. 202:

«Para que se efetue a jornada iluminativa do espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as idéias, renovar as concepções, e modificar, invariavelmente, para o bem maior o modo íntimo de ser, tal qual procedemos com o solo na revivificação da lavoura produtiva ou com qualquer instituto humano em reestruturação para o progresso geral. Negando-se, porém, a alma a receber o auxilio divino, através dos processos de transformação incessante que lhe são oferecidos, em seu benefício próprio, pelas diferentes situações de que os dias se compõem no aprendizado carnal, recolhe-se à margem da estrada, criando paisagens perturbadoras com desejos injusticáveis».

6. — André Luiz — Os Mensageiros, fls. 88:

«Nesse momento, oh Deus de Bondade! alguma coisa imprevista me felicitava o coração. Contrastando às sombras, raios de luz desprendiam-se, ininterruptamente, de nossos corpos. Extraordinária comoção apossou-se-me dalma. Vicente e eu ajoelhamo-nos instintivamente, a um só tempo, banhados em lágrimas, enviamos ao Eterno os nossos profundos agradecimentos, em votos de jubilo fervoroso. Estavamos embriagados de ventura. Era a primeira vez que me vestia de luz, luz que se irradiava de todas as celulas do meu corpo espiritual».

Gracinda Batista

Completou no dia 28 de Setembro último, dez anos de partida para a Pátria Espiritual a nossa querida irmã Gracinda Batista, que foi companheira de vida terrena do nosso companheiro Onofre Batista, um dos mais ardorosos trabalhadores da seára cristã ou seára espírita.

Gracinda Batista, juntamente com o seu companheiro, foi fundadora do Sanatório «Américo Bairral», que de uma simples choupana, é hoje uma das mais importantes instituições espíritas no campo da assistência social, hoje abrigando mais de 700 enfêrmos mentais e tendo à sua frente os confrades Cezar Bianchi e Onofre Batista a quem o Sanatório deve o seu notável progresso, bem como aos demais membros de sua Diretoria, sempre atenciosa e dedicada na sua grandiosa tarefa, pois os enfêrmos são aí tratados como verdadeiros irmãos.

Caritativa e muito prestativa, Gracinda Batista foi o amparo de muitos órfãos, a quem tratava como verdadeiros filhos, dando-lhes educação e a necessária profissão para vencerem na luta pela vida. O seu lar era o amparo de muitos necessitados, um autêntico lar cristão a servir de exemplo para os que desejam ser realmente cristãos.

Pela passagem do 10 º aniversário de desincarne de Gracinda Batista, rendendo-lhe as nossas sinceras homenagens, pedimos a Jesus que lhe proporcione maiores possibilidades de progresso espiritual, e que ela possa sempre ajudar aqueles que pedem o seu auxílio.

Solilóquio

Por Manuel Cavaco

. . . .

«Liberdade é o mote escrito
no céu, na terra e no mar;
di-lo a fera no seu grito
e as aves cruzando o ar;
di-lo o vento da procela,
a vaga que se encapela
e no espaço, a estrela
em seu contínuo girar».

. . . .

Soares de Passos.

Pura ilusão do poeta!...

Precisamente, a estrela tem uma órbita traçada e não se pode desviar dela; e assim como não pode alterar o caminho que lhe foi marcado também não pode parar o seu giro.

O vento também tem rumos marcados; do norte, do sul, do leste, de oeste, de qualquer direção da rosa dos ventos, nunca sopra simultâneamente de dois sentidos diferentes; quando rodopia, são os obstáculos que encontra no seu trajeto, que o forçam a rodopiar e a alterar a sua rota marcada.

A vaga, quando se encapela, a seguir se desfaz contra os rochedos que mal a deixam espraiar-se na areia da praia.

Sem dúvida: é no reino animal onde se gosa mais liberdade apesar da sua restrição às condições existenciais e às circunstâncias do meio onde se vive.

Na selva, a fera pode dar largas ao seu grito tanto quanto lhe permita o seu limitado instinto; no ar, as aves podem cruzá-lo em todos os sentidos e tanto quanto lho consinta a sua especifica faculdade de voar; mas, num e noutro caso, uma bala certeira, de invenção humana, basta para interromper aquelas liberdades efémeras tão sujeitas a outras contingências caprichosas de liberdades mais efémeras ainda.

O homem, engenhoso e hábil, tem tido a liberdade de colher da árvore da ciência todos os frutos, que a sua imaginação tem concebido; mas a fragilidade de muitos de seus engenhos, a falência dos seus processos e cálculos e a sua ignorância quanto ao potencial das fôrças da natureza que êle pretende dominar, limitam-lhe, a cada instante, a sua efémera liberdade. Todavia, o homem já ultrapassou tanto os limites da sua esfera natural, que se torna muito difícil convencer-se de que a sua liberdade termina onde começa a do seu visinho: e dessa tremenda dificuldade resultam todos os atropelos que tanto amarguram a vida existencial humana.

Na vasta amplidão da meditação, a liberdade consciencial pode alcançar o âmago das causas e ultrapassar os limites dos efeitos; mas, dentro do limitado âmbito existencial, a liberdade é muito restrita por ser relativa às condições existenciais de cada um e às circunstâncias do meio onde se vive, das quais, as mais difíceis de suportar, são ainda as convencionais. Por essa sujeição de relatividade tão diversa e variada, o conceito de liberdade não pode ser igual para todos os humanos; êle deve ser conforme o estado evolutivo de cada um e de cada povo. Certas liberdades toleradas aos indivíduos primários, são inadmissíveis nos indivíduos evoluídos.

Para se estabelecer e conservar um equilíbrio perfeito entre a diferenciação de idade, cultura, evolução e a diversidade de condições existenciais de cada indivíduo e de cada povo, e ainda das circunstâncias dos meios onde se vive, bastaria usar-se como regra de procedimento, aquêles dois ensinamentos do Cristianismo, que preceituam:—«não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti, e faz aos outros aquilo que quererias que te fizessem a ti».

Porto, 13/Julho/956.

E, Jesus mais uma vez falou...

Jesus, Cristo-Médico do corpo e da alma olhando piedoso a agitada turba aflita observou-lhe a aparência angustiante e, amoroso, indagou com doçura:

Está alguém entre vós aflito?

Esta frase ecoou pelo infinito e todos voltaram-se maquinal e instantâneamente para o Santo Homem na ânsia de receberem a paz para seus espíritos sofredores. Mas, é o próprio Mestre quem dá a resposta oferecendo o verdadeiro e único remédio, balsamo para as chagas do corpo e do espírito.

Disse, o Iluminado: — Orai, então!

Daí em diante, só os limpos de coração puderam compreender que a prece, tão só a prece cura dores físicas, esclarece e ameniza tormentos e mazelas da alma.

Especialmente agora, em face das cruciantes catástrofes da alma que geme e se debate, sem saída, nas trevas do lodaçal, ouvimos o Mestre dos Mestres a rogar a Deus com as mesmas palavras de Emmanuel. Eis:

Nosso Pai, que estás em toda parte;

Santificado seja o teu nome, no louvor de todas as criaturas;

Venha a nós o teu reino de amor e sabedoria;

Seja feita a tua vontade, acima dos nossos desejos;

Tanto na Terra, quanto nos círculos espirituais;

O pão nosso do corpo e da alma dá-nos hoje;

Perdôa as nossas dívidas, ensinando-nos a perdoar nossos devedores com esquecimento de todo mal;

Não permitas que venhamos a cair sob os golpes da tentação de nossa própria inferioridade;

Livra-nos do mal que ainda reside em nós mesmos;

Porque só em Ti brilha a luz eterna do reino e do poder, da glória e da paz, da justiça e do amor para sempre!

Assim seja!

Nunca a pobre humanidade sofrera tanto como nestes dias em que a Besta do Apocalípse range enraivecida seus dentes em agoniada convulsão, emitindo roucas e dementes gargalhadas de satânica alegria, de permeio a sofrimentos sem fim.

E a dor, com o passar dos dias, intensifica-se cada vez mais. Cada um se apresenta tal qual é; ninguém mais poderá conservar colada sôbre a face a máscara da hipocrisia, do fingimento; é mistér que venham os escândalos; é imperioso que tudo se torne claro; subterfúgios não mais conseguem disfarçar situações dúbias; a devassa vem como irresistível rôlo compressor para nivelar e harmonizar a obra-prima do Eterno-Construtor tumultuada pelo homem; choro, tristeza, dor e muito sangue é o pesado tributo dessa profanação.

Tremenda e profundamente melancólica é a presente época da separação do joio do trigo que se processa consoante finalidades da Lei de Causas e Efeitos. Jesus de um lado preside essa separação com seus apóstolos, discípulos e escolhidos; doutro lado vemos a Besta em figura de demônio materializado simbolizando a perversidade, a corrupção, a libidinagem e o egoísmo da humanidade.

Todos foram chamados pelo Mestre, todos!

Poucos, bem poucos porém, são os escolhidos. Assim, vemos à direita do Salvador fisionomias radiantes de contentamento formando uma pequena legião, e, ao lado da devassa Besta imoral, oh! infelicidade... colocaram-se, por diabólica imantação, densas e compactas multidões tocadas por louco desespêro, esforçando-se, contudo, para apresentarem ilusória ventura.

Os bemaventurados, os devotos e os puros ainda procuram intervir nessa última e titânica batalha que se trava entre o Bem e o Mal. Aprenderam e sentiram a não desperdiçar um minuto siquer, o descanço e a indiferença não lhes alcança.

Oh! vejam, ali está entre outros luminares Francisco de Assis, envolto por gigantesco facho de luz, de olhos para o Céu, braços e mãos estendidos em súplica para o Alto; parece que Francisco mais uma vez implora:

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz;
Onde haja ódio, consenti que eu semeie amor;
Perdão onde haja injúria;
Fé onde haja dúvida;
Esperança onde haja desespêro;
Luz onde haja escuridão;
Alegria onde haja tristeza.

Divino Mestre! Permiti que eu não procure
Tanto ser consolado quanto consolar;
Ser compreendido quanto compreender;
Ser amado quanto amar.

Porque é dando que receberemos;
Perdoando é que somos perdoados;
E morrendo é que nascemos para a Vida Eterna.

Como eletrizado pelas palavras ouvidas acalmou-se, pouco a pouco, a ira daquele inferno de gritos dementados. O lúgubre «Inferno», poêma de Dante, apenas pode ser comparado a um local importuno de penas suaves em confronto com a atual situação.

Enquanto dos Céus se começava a ouvir, como celestial sinfonia tranquilizadora, a própria voz do Evangelho, como há dois mil anos atrás, aproxima-se agora Jesus que a todos torna calados e imoveis como lívidas estátuas de mármore. O Mestre, em meio a imensa montanha de luz e amor, fixa misericordioso, de fisionomia meiga e serena, a infeliz turba lançada aos suplicios físicos e morais pelas largas portas das tentações; afastaram-se cada vez mais de Jesus...

Parecia que o Evangelho interrogava austero, a cada um dos presentes à grande assembléia:

Que fizeste dos meus ensinamentos?

Era, pois, o dia do Juizo Final, o grande Dia, o biblico Dia da prestação de contas de cada um!

No meio de profundo e significativo silêncio, a turba permanecia grave ante seu exame; arrependidos e cheios de remorsos cada qual ouvia a voz lúcida se sua consciência que no íntimo bradava alto a exigir reparação. Os pingos dos *ii* e o til mencionados pelo Cristo exigiam colocação em lugar certo e seguro, enquanto, a voz potente penetrava perscrutante no âmago de cada criatura como se perguntasse novamente:

Meu irmão que fizeste em dois mil anos?

E a voz recitava, agora, o prólogo do sermão do monte.

Como um milagroso passe mágico foi a multidão infeliz reconduzida a viver, de corpo e alma, àquele longínquo tempo em que o Redentor vivera entre os homens. O remoto tempo se tornou, então atual; todos sentiram em poucos segundos o viver saudoso; lá estavam vivendo e ouvindo novamente o Homem Santo dos Milagres!

Estranhamente, familiarizavam-se, agora, com o Sermão da Montanha ao ser recitado o seguinte:

Percorria Jesus todas as terras ensinando nos templos e sinagógas, pregando o Evangelho do Reino de Deus, curando todas as enfermidades e sofrimentos entre o povo, e, a sua fama correu mundo.

Traziam-lhe os que padeciam acometidos de várias moléstias e tormentos, os endemoninhados, os paralíticos, os lunáticos, os cegos, os mudos, os morféticos.

Parecia até que muitos dêles se reconheciam como sendo certos estropiados daqueles que aí desfilavam naquela mísera romaria sem fim cujos componentes vinham da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia, Assiria e de além Jordão.

Queriam ao Mestre; queriam a viva fôrça tocá-lo ao mesmo tempo porque descobriram que Dêle saía virtude que curava os enfêrmos e aliviava os desesperados.

E o bom e paciente Pastor vendo a multidão perturbada e comprimida subiu a um monte acercando-se Dêle os seus discípulos.

Agora, maravilhados e estupefatos ouviam, novamente, a autêntica voz de Jesus nos atuais e tormentosos dias, assim como há milhares de anos era Êle ouvido orientando e amparando seu querindo rebanho.

E nós? Nós, também, ouvimo-lo em nossos arroubos e meditações. Os êxtases espaciais nos levam à grande Assembléia da separação para o balanço das boas e más ações. Lá, nos é permitido cotejar a conduta através da milenária jornada pelo tempo e pelo espaço; lá, cada um se julga e se condena em face de seus próprios crimes, deslizes, imperfeições e má vontade. E' o tribunal sem juizes, é o Tribunal Divino.

Firme, penetrante e doce ouvimos Jesus a dizer:

> Bemaventurados os pobres de espírito, os simples e humildes porque dêles é o reino dos céus.
> Bemaventurados os que choram penalizados porque êles serão consolados.
> Bemaventurados os mansos e resignados porque sentirão a paz na terra.
> Bemaventurados os que têem fome e sêde de justiça porque serão fartos pela justiça do Pai.
> Bemaventurados os que sofrem perseguições por causa de atos justos, terão a paz em seus corações.
> Bemaventurados os que, por minha causa, forem injuriados e perseguidos porque terão no Céu a sua recompensa.

E a massa ensôfrega cada vez mais se acotovelava em torno do Mestre que irradiava amor, luz e suavidade reconfortante! Tranquilo e extasiado lançava Jesus o seu olhar como a sondar o horizonte azul continuando seu sermão:

> Bemaventurados os misericordiosos porque êles alcançarão o amparo do Alto.
> Bemaventurados os limpos de coração porque êles verão a Deus.
> Bemaventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus.
> Exultai e alegrai-vos se assim fôr cumprido!

Ainda estamos a ouvir suas palavras finais:

> «Glória a Deus nas alturas, paz e muita paz na terra aos homens de boa vontade!»

Esta é a mensagem do Amor Universal do Criador a todos os sêres; é o último convite à salvação.

Ainda sob a impressão de uma luta gigantesca entre o EU superior e o seu inimigo, o EU inferior, acordamos enfim, assombrados de tão penoso e tremendo pesadêlo, desse auto-julgamento que se processava no Tribunal Divino. Voltávamos de um sonho verdadeiro, e, rápido apossamo-nos do nosso corpo físico como quem apressado veste uma couraça para se defender ou ocultar; nossa consciência ardia!...

Agora, enquanto nós nos espreguiçávamos sôbre o imerecido colchão macio, que algumas vezes deveria ser taxado de ladrão de tempo precioso, instintivamente ligamos o nosso aparelho de cabeceira e, de pronto, captamos as milagrosas ondas hertzianas que, cedo, mui cedo, a querida Tamoio irradia aos quatro ventos, tal como o sol amigo envia seus raios de vida e luz em plena aurora. Daquela estação recebemos as mensagens salvadoras impregnadas dos efluvios benéficos de Francisco de Assis e emitidas a todos os lares através dos telhados, como diz certa passagem evangélica.

Da séde, falava ao mundo o grande Zarur, abordando o tema das religiões irmanadas no seu programa da Boa Vontade. Lá estava o esforçado seguidor do Mestre, de madrugada, dando, por mais estranho que pareça, prosseguimento ao sermão do monte, sentido e ouvido por nós em sonho, exàtamente onde o interrompemos quando acordamos.

E' possível que Jesus, o iluminado Mestre, na época moderna em que vivemos, teria dito como ouviamos agora no rádio:

Ninguém terá paz nêste mundo se não tiver boa vontade para com as Leis de Deus, especialmente, para com a Lei do Amor; nenhum mandamento será violado impunemente.

Tenhamos boa vontade para com os necessitados do corpo e da alma; boa vontade entre religiões, seitas e doutrinas e seus fiéis; boa vontade entre partidos políticos e seus prosélitos. Boa vontade entre patrões e empregados, entre ricos e pobres, entre brancos e pretos, entre chefes e subordinados.

Ninguém terá sossêgo e paz de espírito se não tiver boa vontade e amor pelo próximo. Boa vontade em todos os momentos da vida, especialmente nos lares, nas ruas, nas praças públicas, na sociedade, nos balcões, nos guichets, nos hospitais, quarteis e penitenciárias. Boa vontade nos aglomerados humanos, nos apertados transportes coletivos, nos trens, bondes e lotações. Boa vontade em ajudar os que estão em dificuldades, aos aflitos, aos angustiados e, também, aos que choram e aos que se maldizem e maldizem até a Deus.

Boa vontade, enfim, para não proferirmos o seco, fácil e desagradável NÃO àquele que, confiante e ansiado, nos suplica um caridoso SIM!

Só a boa vontade transmitirá ao coração inquieto a tão desejada, quanto milagrosa, paz de espírito, necessária e essencial para comparecermos confiantes ao Dia do Juizo Final!

Pax!

Tte. Cel. Levino C. Wischral.

LIVROS E AUTORES — *Tradução de* Waldemiro Pereira

«UMA GRANDE VIDA», de *Leopoldo Machado*

De «Constancia», revista portenha de Julho de 1956.

O livro que faltava, o livro que põe asas a uma vida gloriosa, de trajetoria rara. A pena, sempre valiosa e clara, de um estilo inconfundivel, tal como é a de *Leopoldo Machado*, o grande militante, cuidou de fazer um estudo biográfico da vida de *Cairbar Schutel*, êsse paradigma magnifico da lição sempre oportuna no combate integral pela sobrevivência e difusão dos princípios fundamentais da codificação kardeciana. Combate leal e inteiramente sentido como uma mensagem de liberdade e um avanço da nova civilização, mais verdadeiramente cristã, mais fraterna e mais seguidora das grandes verdades reveladas para a consecução do reino de Deus na Terra.

Em uma ótima apresentação, a *Casa Editora «O Clarim»*, de Matão, São Paulo, Brasil, lançou êste livro, encadernado, de 130 páginas, que se inicia com um *A modo de prólogo*, de *José da Costa Filho*, o criterioso escritor que tem conquistado um lugar de destaque nas filas dos semeadores da doutrina do Meigo Jesus, tal como surge dos ensinamentos luminosos que o Espiritismo brinda, sem preconceitos nem ofensas.

Desta obra e mediante a valiosa pena de *Machado*, surge a vida gloriosamente exemplar na pregação evangélica, que foi toda a trajetória de *Cairbar Schutel*, pioneiro na mais ampla acepção da palavra. Mostra-nos, desde sua infância, em grandes traços, a vida de Cairbar, feita de fé e de luz, de convicção e de luta, de amor e de coragem indomável, de certeza e de conhecimento. E, assim, o homem, o lutador, o irmão, o amigo e o conselheiro, o dirigente e mesmo o pai, desenvolve, hora por hora, o grande livro da vida e ensina, ensina sempre. A leitura deste livro, cuja venda é, totalmente, em benefício do «*Lar de Jesus*» de Nova Iguaçu (a alma, a casa e mesmo a vida de Leopoldo) é proveitosa por muitos conceitos, pois reconforta ver como os líderes e mestres, cuja herança recebemos, nem sempre (para não dizermos nunca) têem feito outra coisa senão lutar sem desfalecimentos, procurando difundir as grandes verdades que têem sentido brotar dentro de si mesmo. Cairbar foi, sem dúvida, uma grande vida humana a serviço de uma grande causa; sua ação evangélica é de todos os tempos e nos toca a todos os homens e nada pode destruir o indestrutível. Desde seus pais (Antero Schutel) e sua infância, seu avô (Dr. Enrique Schutel) que o tomou a seus cuidados, suas primeiras letras, seu título de farmacêutico, obtido aos 17 anos de idade, ser o primeiro Prefeito do município de Matão e sua ação politica antes de ingressar no Espiritismo, sua iniciação na doutrina de que íria ser um grande missionário, tudo desfila, com emoção e clareza, com exaltada alegria, nas páginas dêste livro construtivo que, mui calorosamente, recomendamos. Sòmente vivendo os exemplos eternos dos mestres condutores é como nos poderemos sentir reconfortados, com novas fôrças, para seguir avante na luta da integral difusão doutrinária em que nos achamos empenhados.

«*Uma Grande Vida: Cairbar Schutel*», de *Leopoldo Machado*, é um livro valioso, uma lição necessária, sem a qual não se pode fazer um conceito acertado das alegrias e dos dissabores que surgem da militança espirita, cheia de renúncia, nas aras do cumprimento estrito do que entendemos por dever irrenunciavel. Bom pela editora, bom pelo autor e bom pela lição de Cairbar, de cuja inteireza e qualidades já temos generosas referências. Esta leitura é, acima de tudo, uma lição a mais.

Crônica Estrangeira

Um Bebê de três anos da Ilha Maurice afirma ser a reincarnação dum pescador afogado

«Spiritualisme Moderne»

René Buffet

O Coronel Rochas e a regressão

A regressão da memória experimental é perfeitamente conhecida e praticada na Europa desde 1893!

Durante dezessete anos, até 1910, êle estudou detalhadamente dezenove casos, e cada vez êle controlou minunciosamente as declarações da pessoa. E a maior parte dos pacientes não só se lembraram de uma vida anterior, mas três, quatro e mesmo uma vez onze incarnações sucessivas, até antes do Cristo! Certo é que os pacientes não se lembraram dos detalhes.

«Muitos outros retomaram as experiências de Rochas. Eu mesmo assisti a muitas regressões da memória, geralmente fragmentárias.

«Existem também regressões expontâneas. Sobretudo elas se produzem em crianças, mas não duram mais, porque rapidamente perdem a memória do além».

A Criança e o Pescador

O facto se passou na ilha Maurice, do oceano índico, outróra chamada ilha de França e o espantoso fenômeno foi atestado por uma testemunha irrecusável: Malcon de Chazal, escritor que André Breton tornou conhecido na França. O herói é um menininho, um bebê que ainda não tem três anos, de nome Chetanadava, um pequeno indiano, cujos antepassados, como a maioria dos Indo-Mauricianos, vieram para a ilha no século XVII ou XVIII.

Como todo mundo em Maurice, os Indo-Mauricianos falam entre êles a deliciosa gíria creoula, mas naturalmente usam o indú, a língua de sua raça. Assim, na vila de Castel, onde nasceu Chetanadava, ficaram surpreendidos quando o menino começou a falar, ouvi-o exprimir-se quasi exclusivamente em creoulo e com uma volubilidade extraordinária. Depois, certo dia, êle declarou : — Antes... eu era Sreeram Jankoo e eu morri na água : entre os «bêbêtes» (peixinhos)...

Sreeram Jankoo era bem conhecido, era da vila vizinha de Vacoas. Era um pescador, um moço alto ainda jovem, absolutamente analfabeto, bem simples, vocabulário tão restrito que, para designar os peixes, êle dizia os «bêbêtes», como o menino. Cerca de um ano antes do nascimento de Chetanadava, o pescador partiu certa manhã para a pesca nas paragens da ilha Plate, uma ilhota do litoral, sua piroga virou. Ele se afogou. Assim, Sreeram se havia reincarnado em Chetanadava...

Isto não surpreendeu esses Indús. Entretanto êles levaram o filho a Vacoas.

— Ali está a minha casa ! disse o menino, mostrando a choça do pescador defunto. E aí está minha mulher... e aquele é meu filho !

Ele apontava a viúva e o filho do morto, um moço de quinze anos. E as testemunhas dessa cena viram estupefatos êsse pequeno homem tomar o tom e os gestos dum adulto. Nesse dia, êle deu sôbre a vida de Sreeram, sôbre o seu comportamento de marido e pai, detalhes que ninguém poderia ter soprado.

Em seguida levaram Chetanadava a seus pais, mas era evidente que êle sentia mais atração pela família de Sreeram... Um dia uma velha entrou na casa. A criança saltou-lhe ao pescoço exclamando :

— Mamãe ! Mamãe !

Era a mãe do afogado !

A história desta reincarnação correu rapidamente pela ilha Maurice. Muita gente veio de Port-Louis, de Mahebourg, de Souillac, para ver o menino. O garotinho nem sempre responde de boa vontade aos curiosos vindos questioná-lo, mas quando êle está disposto, fala longamente, com volubilidade, na gíria creoula de Sreeram Jankoo...

45 minutos no Outro Mundo

Entrei na ante câmara da morte

CINCINNATI, *(Ohio) — Um homem «morreu» por 45 minutos. Um violento colapso provocou a «morte», durante a qual êle «sentiu» estar deveras morto e para sempre. Todavia, a rápida intervenção dos médicos, logrou que o coração pulsasse novamente.*

Depois de algumas semanas, o homem Joseph H. Dressman, voltou a circular, tranquilamente pelas ruas da cidade e, sendo jornalista, a sua primeira preocupação foi a de revelar aos leitores as «sensações» de sua pessoal e excepcional aventura.

Foi assim que na «Semana dos Agradecimentos», o «Cincinnati Times Star» publicou o extraordinário relatório de Joseph H. Dressman.

A aventura no além do jornalista norte-americano iniciou-se exàtamente ao meio-dia no início de fevereiro do corrente ano, quando consultou o seu médico particular para tratar-se de um resfriado. Na manhã dêsse dia, quando se encontrava na redação, sentira calafrios e uma sensível alteração de temperatura. O médico mandou que tirasse o paletó e arregaçasse a manga da camisa. Aplicou lhe uma injeção de penicilina. Por uma estranha coincidência, Joseph esqueceu se de levar ao conhecimento do médico acusar uma particular sensibilidade negativa em relação ao remédio.

A aventura de Joseph ingressara pela porta de um acontecimento banal, para a sua fase drámatica. E eis como êle mesmo a descreve :

«Comecei a sentir caimbras nas mãos e nas pernas, um fenômeno por mim bastante conhecido. Interrompi a conversação e, após uma ligeira pausa, levantei-me ràpidamente, apoiei-me à mesa e inclinando-me para o doutor, perguntei-lhe : «Por acaso o senhor aplicou-me uma injeção de penicilina ?» O médico compreendeu imediatamente a gravidade da situação, mas dissimulando a sua preocupação interrogou-me: «E' alérgico?» Senti que as fôrças me abandonavam. Caí sentado numa cadeira providencial: a caimbra estava invadindo todo o corpo. Percebi que o médico agia com rapidez, mas com suficiente «self control». Conhecendo os fenômenos alérgicos êle sabia certamente como portar-se.

— Poucos médicos possuem, pronta para o uso, uma seringa de adrenalina e, ainda um número menor possuem em seu consultório uma bomba de oxigênio. O meu médico, no entanto, possuía ambas as coisas. Injetou-me imediatamente a adrenalina para estimular a ação cardíaca. Depois, auxiliado pela enfermeira, deitou-me sôbre a mesa, na característica posição do colapso, isto é, com os pés para cima. Estava sob o efeito de um formidável «choque». Todavia, havia algo na situação! — teòricamente deveria estar desacordado. Todavia eu podia seguir e posso ainda lembrar lùcidamente tudo o que estava acontecendo no consultório. O médico deu-me oxigênio, enquanto eu era preso de um violento ataque de asma. Vi a enfermeira aproximar-se do telefone e chamar uma ambulância da polícia. Depois de cinco minutos, o tenente James Hunt e seu ajudante Billy Snape estavam à disposição do médico. Parecia-me estar completamente afastado do meu corpo, parecia tê-lo abandonado para colocar-me ao lado do médico, do tenente, de Billy e da enfermeira. Participava dos esforços para devolver-me à vida. Involuntàriamente esbocei um gesto que contribuiu para salvar-me.

«Sem avaliar naturalmente a importância do ato, afastei de meu nariz, de alguns centimetros, o cano de borracha ligado ao tubo de oxigênio. Foi-me dito, depois, que nas condições em que me encontrava, o exigênio puro poderia ter-me matado. Tinha superado, portanto, sem o saber, um dos momentos mais cruciantes, enquanto o médico e o pessoal da ambulância consultavam-se.

«Durante duas horas, o médico, o tenente Hunt e o agente Billy Snape lutaram para salvar-me. Ouvi perfeitamente o tenente Hunt dizer-me: «Você vai escrever um belo artigo desta vez, Joseph».

«Eu compreendia, mas com os reflexos entorpecidos, não estava em condições de responder. Sentia-me fora da minha carne e dos meus ossos. Via-me estendido naquela esquisita posição, como havia visto muitos moribundos. Todavia, lograva raciocinar com frieza: «Meu velho, dizia eu a mim mesmo, chegou a tua hora. Estás sem fôrças».

«Três horas haviam se escoado desde quando ingressara no consultório. O médico tomou-me a pressão. Ouvi-o dizer ao tenente Hunt: «noventa mas continua descendo». Estava morrendo lentamente. Depois o médico disse que não conseguia sentir as minhas pulsações, que o coração parecia ter parado. Hunt aproximou-se. Também as suas tentativas malograram. O meu coração deixara de bater. Isso durou 45 minutos, mas aconteceu o inacreditável: no plano técnico, como costumamos dizer na gíria jornalista, eu estava morto e, no entanto, estava perfeitamente ciente do que sucedia.

«Esforcei-me para fazer funcionar os meus pulmões. Procurei respirar, mas sem êxito. E, por três vezes, pensei que a melhor maneira de resolver tudo era a de renunciar a qualquer ulterior tentativa de sobreviver. Tentei comunicar a minha intenção ao médico e ao tenente Hunt. Êstes continuavam a encorajar-me. Duas vezes seguidas ouvi alguém dizer-me: «Joseph», resista». Nesse instante, perdi as fôrças derradeiras e exalei o último suspiro.

«O médico espetou-me algo nas costas, agulhas ou qualquer coisa dêsse gênero, para a respiração artificial. As pequenas cicatrizes ainda são visíveis no meu corpo. Enfim, como Deus quiz, a fase culminante da crise terminou. A pressão voltou a subir, e os rostos sorridentes do tenente Hunt e do médico deixaram-me compreender que o meu coração voltara a pulsar. Respirei novamente, mas com enorme dificuldade. Com tôdas as necessárias cautelas fui transportado para um hospital, onde permaneci dois dias, quase encerrado numa tenda de oxigênio.

«Para restabelecer-me completamente foram suficientes duas semanas do mais absoluto repouso». (Ansa).

De «Mundo Espírita»

Kreisler — O menino prodígio

«Kreisler foi legítimo representante da classe dos meninos prodígios. Nascido em Viena, no ano de 1875, tocava aos quatro anos num violino em miniatura.

O pai, médico vienense, deu-lhe as primeiras lições. Dentro em pouco, insistia êle por tomar parte num quarteto organizado pelos amigos do pai, e êstes, afim de dissuadí-lo, incumbiram-no de uma das partes mais difíceis. Encantados com a segurança e a pureza da sua execução, foram silenciando os seus instrumentos, de um a um, enquanto o pequeno Fritz, prosseguia sozinho, esquecido de todos e de tudo, a não ser a própria música.

Aos seis anos entrou para o Conservatório de Viena, sendo o mais jovem aluno a fazer parte daquela instituição em toda a sua história. Recebeu aos dez anos, a medalha de ouro, indo então para o Conservatório de Paris, onde, aos doze, obteve a maior das honras ali conferidas: o *Grand Prix*.

Tinha Fritz catorze anos, quando efetuou a sua primeira tournê pelos Estados Unidos, juntamente com o pianista Rosenthal. Até hoje êle ainda se ri, ao lembrar-se de um episódio em 1889. Em Butte, que era então uma rústica cidade de aventureiros e exploradores, a «Chaconne» de Bach, que fazia parte do programa, pareceu-lhe uma peça um tanto austera para aquele auditório, motivo pelo qual resolveu substituí-la; à última hora, pelo «Carnaval de Veneza». Já tarde da noite, despertou subitamente, ouvindo alguém bater à porta com uma energia assustadora. Era um *cowboy*, acompanhado da filha, ainda pequenina. Apontando o número de programa que fôra omitido, declarou que desejava ouvi-lo ali mesmo, e já — senão a coisa acabava mal... Ao dizê-lo, apalpava o cano da pistola, ameaçadoramente. Kreister tocou a peça inteira. «E' uma porcaria», disse o *cowboy*, e lá se foi arrastando a filha...»

(Resumido de Coleções)

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 177.998,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Novos Representantes

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Belo Horizonte, Minas, que o confrade sr. José Silvério de Amorim, com escritório à rua Rio de Janeiro, 282, 5.° andar, sala 503, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com Autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

—

Comunicamos aos nossos prezados confrades residentes na cidade de Nazaré, Bahia, que o confrade José de Freitas, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com Autorização para receber, angariar e reformar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária mensal, realizada em 6 de Outubro de 1956

Á hora regimental, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos, dos quais participa o confrade João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná. E' lida e aprovada a Ata da reunião anterior.

Santa Catarina — O Representante, Conselheiro Manuel Bernardino, lê informações recebidas do Presidente Osvaldo Melo sôbre o movimento intenso, na propaganda da Doutrina, verificado em recentes viagens pelo Estado, comunicando, ainda, a inauguração do Curso de Aprendizado do Esperanto, com animadora matrícula; a reabertura das aulas do Curso de Preparação de Doutrinadores das Escolas Evangélicas; a renovação da diretoria da Juventude e grandes serviços prestados pelos Departamentos Médico e Odontológico.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão lê uma carta da USE, referente a notável trabalho sôbre Allan Kardec, sua biografia e obras, da autoria do Dr. Canuto Abreu, resolvendo o Conselho apelar para que seja apressada a sua publicação, como contribuição às comemorações do I Centenário da Codificação do Espiritismo.

Estado do Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil faz longo e pormenorizado relatório das atividades da Federação Fluminense, consignando notável movimento das sociedades filiadas.

Paraná — O confrade João Ghignone, Presidente da Federação Espírita do Paraná, agradece a acolhida do Conselho e informa que, em seu Estado, é notável o desenvolvimento do Espiritismo, e que espera, em 1957, apresentar uma estatística completa dos adeptos da Doutrina, de todas as sociedades filiadas e suas obras de assistência. Anuncia ainda a próxima inauguração de um monumento a Allan Kardec, a inauguração da Casa da Mãe Pobre, e a uma exposição de fotografias das obras de assistência social, contando já 9 abrigos, 2 hospitais, e 18 casas de assistência aos pobres.

Após a prece final, feita pelo Representante de Sergipe, encerra o Presidente a reunião, às 15 horas e quarenta minutos.

Sanatório Escola de Neuro Psiquiatria Infantil de Itapira

Anexo ao «Sanatório Americo Bairral»

Situado no ponto mais alto e aprazivel da cidade, possuindo excelente clima e com amplas acomodações. Acha-se aparelhado a receber menores retardados mentais para tratamento, usando meios terapêuticos os mais modernos com escola de recuperação por testes adequados, tais como os de Binet, Simon, Bobertag, Stern, Whipple e outros.

Sob a orientação de médicos especializados.

Dr. Rayneri Galdi
Dr. Achilles Galdi
Dr. Décio Galdi
Cézar Bianchi (Gerente)

Queima de livros heréticos em praça pública

O padre Lineu Maria Bincelli, pároco do Município de Timburí, Comarca de Piraju, — S.P., no dia 30 de Setembro deste ano, depois de falar umas duas horas, por alto-falantes, contra o protestantismo e o espiritismo, fez uma fogueira no largo da Matriz, e queimou, depois de rasgados, vários livros das referidas seitas, dentre os quais, também, algumas Bíblias.

Sem comentários ... por não serem precisos ...

Do Correspondente.

O Padre mandou bater no Bispo

O vespertino carioca «O Mundo», estampou a 29 de Maio cartas e telegramas dos Bispos da Igreja Católica Brasileira Dom Carlos Duarte Costa e Dom Diamantino Costa queixando-se de perseguição do clero romano e pedindo garantias ao Presidente da República. Eis os termos do telegrama do Bispo de Recife a seu colega no Rio: «Procissão romana chefiada padres estrangeiros fez alto frente santuário, os padres açulando os acompanhantes arrebanhados em outros lugares contra Igreja. Chegando momento fotografei acompanhantes sendo agredido pelo Padre Clemente mais três indivíduos dizendo-se policiais e tomando Kodak. Nosso povo acudiu tirando-me das mãos agressores. Grande tumulto e a procissão seguiu desfalcada até a cidade. A família está sobressaltada e convém pedir garantias de vida e bens em virtude das promessas de meu trucidamento e o do Padre Leoncio. Providências aquí inoperantes».

Eis aí os extremos a que leva a intransigência religiosa. Imagine-se tudo isso em nome de Jesus que era manso e suave como as brisas da manhã na fóz do Capiberibe.

Ambos os credos são católicos e se não se amam é porque um é romano e o outro, brasileiro.

Quando acabarão, afinal, as fronteiras geográficas e as fronteiras do espírito ?

(Do S. E. I.)

NECROLOGIA

Max Kohleisen

A fileira espírita acha-se novamente desfalcada com o passamento de um dos seus mais ardorosos trabalhadores. E' que desincarnou em Piracicaba, no dia 6 de Outubro p.p., o nosso distinto amigo e colaborador assíduo, Prof. Max Kohleisen, defensor e propagandista da Doutrina Espírita e um dos espíritas da velha guarda.

Não tivemos a feliz oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas através dos seus artigos, do seu trabalho na seára espírita e da correspondência que com êle mantinhamos, sentindo o calor da sua fé, ficámos plenamente convencidos de que estavamos diante de um verdadeiro seguidor de Jesus e do Espiritismo.

«O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», perdem, com o desincarne dêsse companheiro, um dos seus mais brilhantes colaboradores, pois Max Kohleisen não só escrevia como também traduzia artigos e notícias de atualidade sôbre a Imortalidade da Alma, dos mais conceituados órgãos estrangeiros, com os quais trocava correspondência, sendo tradutor de «Two Worlds».

Max Kohleisen, que desincarnou repentinamente aos 72 anos de idade, era natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Educou-se na Alemanha, possuindo ilustração fora do comum, mesmo não possuindo diplomas. Falava com correção diversas línguas, sendo tradutor juramentado. Gozava de largo círculo de amizade e seu passamento foi bastante sentido nos meios sociais. Dedicou-se há muitos anos à filosofia espírita e era desses elementos de real valor, seja pelo espírito combativo, seja pela real dedicação ao trabalho, seja ainda pela vontade sempre crescente da divulgação evangélica. Aliás, neste terreno, foi de uma atividade grande, jamais esmorecendo, mòrmente na palavra escrita, quer produzindo, quer traduzindo ou levando o sentido evangélico aos corações humildes.

Colaborou nos seguintes periódicos espíritas: «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo», «A Nova Era», «O Semeador», «Unificação», «A Santa Aliança do Terceiro Milênio», «Mundo Espírita», «A Centelha» e outros.

Era casado com a sra. d. Antonieta Correia Kohleisen, deixando desse consórcio uma filha, a srta. Julinha Kohleisen, bastante conhecida no cenário espírita-filantrópico do Estado.

O sepultamento de seu corpo se deu no dia seguinte, com grande acompanhamento, saindo da residência da família, à rua D. Pedro II, 539, falando no ato do saimento o sr. dr. Walter Radamés Accorsi, presidente da União Espírita de Piracicaba, da qual o extinto era figura de prestígio.

— Pedimos a Jesus que proporcione a este seu servo dedicado, maiores possibilidades de progresso, permitindo-lhe que nos assista nos momentos em que necessitamos do auxílio do Alto para levarmos avante a nossa tarefa cristã.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Memórias de um Suicída
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3211unse_0

No. 12

o XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1956 – N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINC
NOV 1 5 2006

SUMÁRIO

25 de Dezembro . . . . *Redação*
E os Discos não vieram . . . . *Henrique Rodrigues*
A Transformação Intelectual do Mundo . . . . *Ismael Gomes Braga*
Breve Recapitulação da Evolução Animal, do Peixe ao Homem . . *V. O. Casella*
Brilhante discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nosocômio de Mandaqui . . *«Diário Oficial», São Paulo*
Quer ficar rico? . . . . *General Levino C. Wischral*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
«O Espiritismo à Luz da Crítica» – Livro que Restabelece a Doutrina Espírita . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Literatura Espírita . . . . . . *Cristovam Marques Pessoa*
A Loucura . . . . *Bianor Medeiros*
Livros em Desfile . . . . *Delfino Ferreira*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1956 – NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

25 de Dezembro

ENTRE as grandes datas que enriquecem o patrimônio moral e espiritual da humanidade, duas se sobresaem de maneira bem visível: a que registra o nascimento de Jesus Cristo e a que registra o advento do Espiritismo na pessoa do seu codificador, Allan Kardec. Embora se achem separadas uma da outra alguns séculos, estão entretanto ligadas pelo mesmo objetivo, que é evangelizar e espiritualizar a humanidade. Se João Batista foi o precursor do Cristianismo, Jesus foi o precursor do Espiritismo quando prometeu nos enviar o Paracleto. Portanto, a tarefa de Jesus e a de Allan Kardec estão intimamente ligadas, completando-se mutuamente.

O próximo dia 25 registra o aniversário natalício de Jesus, fato este que nos enche de júbilo, porque foi o início da evangelização da humanidade. Jesus veiu preparar as criaturas afim de que elas ficassem mais ou menos em condições de receber o Consolador ou o Paracleto, que é o Espiritismo que, por sua vez, está esclarecendo o sentido exato, verdadeiro do Evangelho.

Assim como Jesus foi reconhecido como Mensageiro de Deus pelas suas obras, assim também o Espiritismo está sendo reconhecido como o Paracleto pelos seus fatos e pelo seu trabalho. Efetivamente, sem as obras e os fatos ninguém pode se afirmar credenciado para executar uma tarefa de relevo, sobretudo quando esta tarefa é de ordem divina. João Batista, quando no cárcere, enviou alguns discípulos a Jesus afim de perguntarem se era Êle o Cristo que havia de vir. Jesus não disse que Êle era o Cristo, mas disse aos enviados que dissessem a João que os cegos viam, os mudos falavam, os paralíticos andavam e que ao povo era ensinado o Evangelho do reino. Diante disso João ficou convencido de que Jesus era de fato o Cristo que havia de vir. Aquí temos um exemplo de que são as obras que recomendam aqueles que têm uma tarefa superior a cumprir, fazendo-os reconhecidos.

Já são decorridos quasi dois mil anos da vinda de Jesus. Durante êsse tempo, que quasi nada representa na eternidade, a humanidade viu passar homens de renome, ideologias, credos religiosos, filosóficos e políticos, todos desaparecendo assim como nasceram, mas o Cristianismo, apesar de deturpado em sua essência, avança cada vez mais, conquistando ovelhas desgarradas da Verdade para o seu redil. E agora, com o advento do Espiritismo, o Cristianismo está tomando vulto, porque é mais bem compreendido no seu sentido espiritual, tanto mais que os chamados fatos supranormais, ou fenômenos psiquicos, estão sendo esclarecidos pelo Espiritismo. E isto é, sem dúvida, mais uma valiosa contribuição ao trabalho de Jesus, que deu provas da imortalidade da alma, por exemplo quando esteve com Elias e Moisés no Monte Tabor, quando ressuscitou Lázaro, quando expeliu os chamados espíritos imundos, sabendo-se que não se pode mandar retirar algo que não exista.

Escrevemos este pequeno artigo como mais uma homenagem a Jesus, nos prevalecendo da oportunidade que nos oferece o transcurso do seu aniversário natalício, no próximo dia 25, solicitando-lhe numa prece fervorosa, o auxílio de que carecemos para galgarmos mais depressa a escada que nos levará ao Reino de Deus, e também para podermos cumprir até o fim da nossa jornada terrena, a tarefa de trabalhar pela difusão de sua Doutrina Redentora.

E os Discos não vieram

HENRIQUE RODRIGUES

UM dos aspectos que mais nos encantou no Espiritismo foi o da pluralidade dos mundos habitados. Nosso estudo e razão encontraram nêsse ponto a harmonia com a magnitude do universo. Hoje, a ciência positiva e incontáveis escolas religiosas aceitam com naturalidade tal evidência. Se a vida física, em nosso planeta se baseia nos compostos do carbono, em outros mundos tal fenômeno poderá estruturar-se em outros elementos, entre êles o silício, como salienta a GRANDE SÍNTESE. Quando surgiram os primeiros sinais da existência dos chamados «discos voadores», ainda aí não duvidamos, embora jamais tenhamos visto qualquer objeto semelhante. Bastou-nos o testemunho de pessoas honestas, cultas e responsáveis. Não poderíamos vestir a túnica de São Tomé, para não incidir nos mesmos erros dos adversários da doutrina, que passaram sumàriamente o atestado de imbecís, ingênuos ou maldosos, a homens como Crooks, Geley, Bozzano, De' Rochas, Ochorowies, Reichembach e outros luminares da ciência.

Diz Flamarion, e a ciência dos nossos dias o atesta, que se é verdade a existência de infinitos mundos habitados, não é menos verdade que a vida física de cada mundo, guarda estreita relação com as condições físicas a êle inerentes, seja tamanho, densidade, gravidade, distância, luz, calor e elementos constitutivos. A sabedoria divina ainda aí se afirmou, colocando barreiras NATURAIS para que cada um ficasse onde Ela determinou.

Se a cosmobiologia determina a composição orgânica que os espíritos (vestidos de corpos densos) possuem aqui ou acolá, o padrão vibratório do espírito (sem o tal corpo) o leva a gravitar no campo que lhe seja afim. Assim, se existe atmosfera para os encarnados, existe a psicosfera para os desencarnados. Se existe distância interplanetária, existe distância de estados vibratórios entre espíritos e entre os mundos que, em última instância, representam uma coletividade. E costuma acontecer que o homem, preocupado em vencer o abismo espacial, esquece a distância espiritual, moral e evolutiva.

Quando alguém *morre* na Terra, não vai gravitar na psicosfera de outro planeta. Isso é muito bonito e atraente, mas está longe da realidade. As amizades e os desajustes, os créditos e os débitos nos reterão presos à aura terrestre, pois consoânte o ensino, «ninguém irá dêste mundo sem pagar o último ceitil». O desencarnado não vai para onde quer, porque o magnetismo das imantações kármicas não liberta o espírito, assim como a gravidade terrestre aprisiona o corpo físico. São duas barreiras respeitáveis. A órbita do livre arbítrio humano, felizmente, é bem pequenina. Nós poderíamos arrolar uma série de fatôres que irão conspirar contra o homem que pretender sair dêste mundo para outro que julga melhor. Não é a Terra que é má, mau é o homem, e levará essa maldade para onde quer que vá, até para o céu, se lá pudesse chegar com a sua atual bagagem.

Como vêem, a pluralidade dos mundos habitados é razoável, o que não acontece com o turismo interplanetário. Também não tem contacto com a generalização de vida pelo universo, a mania que de uns tempos para cá se acentuou, em apresentar «comunicações», «entrevistas», e outras formas de «charlar» sôbre os aspectos físicos dos *venusinos, saturninos, jupterianos* e *marcianos*. E lá vem a brincadeira: «São altos, são baixinhos; são magros ou gordinhos; são leves ou pesadões; se são adiantados, são translúcidos, ou ôpacos se são inferiores». A evolução criou êsse estado de mundos piores ou melhores, o que não autoriza a ninguém determinar quem é o superior ou o inferior. Usar o canal mediúnico para tais consultas, ou aceitar o que vem «livre e espontâneamente», é infantil imprudência, é dar rédeas à emotividade, ao delírio, quando não ao fantasmagórico. O espírita deve estudar e, ESCORADO nos estudos e observações, poderá e deverá opinar.

O espírita poderia dizer que, por um processo dedutivo, o adiantamento planetário seguiria a relação de afastamento do sol, porque a diminuição de luz e calor, pressupõe uma vida em que êsses fatôres sejam dispensáveis, talvez pelo fato dos espíritos que lá vivem, não «encarnarem» em matéria tão densa como a nossa. Os primitivos animais eram de constituição física muito mais rígida, já que as condições atmosféricasde então, eram mais agrestes do que agora. Podemos supôr também que os espíritos mais evoluídos INDEPENDAM da luz e do calor. Por serem mais *rarefeitos*, sofrerão menos os rigores da gravidade dos planetas maiores. Por terem conhecimentos mais vastos, poderão buscar luz e calor em outras fontes. Sucederia com êles, o que acontece com a paternidade humana, que, na medida do crescimento dos filhos, de seu afastamento, deixa a êles o encargo de se manterem.

Não digo que isso seja o ponto de vista espírita. Não! Alicerço uma tese e poderia ajuntar-lhe uma infinidade de razões de ordem científica, filosófica e mesmo religiosa. Quando falo de ciência, falo de astronomia, física e química, e não de «ciências ocultas», de «revelações» e outras formas de enganar os tolos. Isso entretanto, não é o assunto dêste artigo.

Neste ano de 1956 ocorreu a maior aproximação do planeta Marte. Tanto bastou para que espíritos e espíritas, dêste e do outro mundo, aproveitassem a «deixa» e entrassem a dizer variadíssimas, gozadíssimas e bestuntíssimas tolices. E' preciso considerar que Marte, mesmo muito próximo, esteve há . . . . . 56.000.000 de quilómetros. Não esteve pois ao alcance da mão. Não se justifica portanto, a atoarda que alguns centros espíritas e instituições espiritualistas fizeram em torno do assunto, já que, de dois em dois anos, Marte se aproxima, e de dezesseis em dezesseis êle volta ao mesmo ponto em que esteve recentemente. Chegaram a *garantir* que os discos desceriam em massa, em setembro, (tinha que ser setembro) para isso ou aquilo, que neutralizariam as usinas de eletricidade pela imposição de campos magnéticos. Ameaçaram céus e terras, assustaram as crianças espirituais, tiraram fotografias (?), deram entrevistas, como legítimos «profetas do fim do mundo».

Serenamente, indiferente a tudo isso, o velho Marte vai lentamente se afastando, sem mandar seus discos saldar a dívida, o calote, o «bluff», a chantagem que fizeram em nome dêle. Quanto às mensagens mediúnicas, devem agora servir de pasto para a alegria dos espíritos brincalhões que, pela invigilância de alguns e a boa fé da maioria, logrou ganhar foros de cousa séria. Como o homem não se modificará pelas injunções exteriores, continuará sempre o mesmo, ainda que Marte lhe caia na cabeça.

Que as explosões atômicas serão portadoras de inúmeros sofrimentos, é coisa fóra de dúvida; mas daí a dizer que os marcianos, venusinos ou saturninos intervirão em nosso globo, porque nossas bombas põem em risco a estabilidade orbitária de Marte, Saturno ou Venus, vai uma grande distância, tão grande ou maior que a que nos separa dêles. Se as experiências ou a guerra atômica transformar êste grão de areia em bolinha de fogo, os marcianos, venusinos e saturninos, profundamente comovidos, dirão de si para consigo:

«La comédia é finita», ou «Consummatum est», óu ainda, «Que Deus lhes perdôe, porque não sabiam o que faziam». Quanto a nós, só Deus sabe o que nos está reservado com a insânia da humanidade. Mas que há muita gente sacando a descoberto e emitindo cheque sem fundos com os «discos voadores», lá isso há. Que os espíritas se abstenham de engrossar a ladaínha.

A Transformação Intelectual do Mundo

Em nosso artiguete anterior — *O Suicida* — prometemos tratar mais pormenorizadamente da missão do médium esperantista e curador que pretende surgir nas margens do Tejo (Portugal ou Espanha).

Na terceira parte do grande volume «*Memórias de um Suicida*», dá-nos êle minuciosas informações sôbre um curso de Esperanto que fez no astral (pág. 607 a 616), a fim de cumprir missão universal quando reencarnado. Não só êle como uma verdadeira multidão de outros fizeram e estão fazendo cursos superiores de Esperanto no mundo espiritual, para se processar neste futuro próximo a grande transformação intelectual da Humanidade terrena.

Já por outros médiuns antes de Yvone A. Pereira tem sido revelada essa obra de unificação intelectual que se está processando no mundo espiritual, com vistas ao futuro próximo do nosso Planeta.

O Plano Divino de unificação já providenciou os meios de transporte do homem e da palavra para que a Terra seja um mundo único e não uma infinita diversidade de regiões, separadas umas das outras. A unidade física já é uma verdade palpável e ao alcance de todos, mas falta a compreensão universal, para que os homens possam colaborar, confraternizar-se, e adquirirem uma cultura única planetária.

Êsse momento chegou e o instrumento para isso é a língua comum de todos, aprendida e usada em todas as pátrias e regiões da Terra.

A obra material dos atuais esperantistas que já se acham em atividade em todos os pontos do globo terrestre é preparatória para essa nova civilização que já está preparada pela Grande Universidade Esperantista do astral.

Todos os geniais escritores e poetas da Humanidade, que deixaram suas obras em línguas regionais e só beneficiaram a determinados grupos humanos, voltam agora em novos corpos para repetir seu trabalho em escala mundial.

Victor Hugo, Lord Byron, Dante, Petrarca, Castro Alves, Camilo Castelo Branco, Gœthe, Schiller, Shakespeare, Puchkin, Lermontov, e milhares de outros luminares das letras, estão chegando ao Planeta para suas novas missões culturais.

Alguns já estão trabalhando entre nós. Já vemos surgirem um pouco por toda a parte belos poetas esperantistas jovens.

O Autor nos chama a atenção para um fato singular: o número de mulheres esperantistas será maior do que o de homens. Leiamos na p. 611:

> «*Uma vez no recinto do imenso salão, onde nuanças docemente esmeraldinas casavam-se ao rendilhado da arquitetura fluídica e sutil, emprestando-lhe sugestões encantadoras, não me pude furtar à surpresa de averiguar ser o elemento feminino superior em número ao masculino, referência feita aos aprendizes. E, durante o prosseguimento de todo interessante curso, pude verificar com que fervor minhas gentis colegas de aprendizado, as mulheres, se dedicavam à vultosa conquista de armazenarem nos refolhos do cérebro perispiritico as bases espirituais de um idioma que, uma vez reencarnadas, lhes seria grato lenitivo no futuro, afã generoso a lhes descortinar horizontes mais vastos...*»

Nesta futura civilização a mulher virá a exercer influência muito maior e mais benéfica do que no passado. Deixará de ser escrava, submissa aos caprichos masculinos, para pensar e agir por sua conta própria.

Quem ler com atenção êsse livro ímpar, ficará convencido da missão imensa do Esperanto, missão a que já se referiu Emanuel numa célebre mensagem recebida em 19 de janeiro de 1940, há quase 17 anos, e hoje conhecidíssima nos meios esperantistas do Planeta, pois que foi incluida no prefácio de livros em Esperanto já muito espalhados pelo mundo, além de ser muito divulgada pela imprensa períodica espírita.

As pessoas que ainda vejam no Esperanto sòmente uma língua e não a solução dum grande problema social planetário, devem meditar sôbre a Terceira Parte de «*Memórias de um suicida*».

Ismael Gomes Braga.

Breve Recapitulação da Evolução Animal, do Peixe ao Homem

OS estudos sôbre a origem da raça humana motivou o surgimento de várias teorias sôbre o assunto, causando antagonismo entre os pesquisadores da nossa ascendência.

De um lado estão os concordantes com o Evolucionismo, destacando-se entre êstes os partidários da nossa ascendência simiesca. E de outro, acham-se os adeptos dos postulados bíblicos sôbre a nossa origem adâmica.

Ora, os que apoiam a teoria sôbre a nossa ascendência símia não o fazem por uma simples questão de capricho ou para humilhar aquêles que ainda não conseguiram se desatar dos elos dos dogmas e preconceitos. Êles se baseiam nos testemunhos que a natureza nos oferece, de forma clara e concreta.

Uma das razões dos partidários da nossa origem símia é o exame das partes esqueléticas dos fósseis encontrados nos arquívos da natureza. Mas os opositores destas verdades, reveladas pela anatomia dessas peças, contestam essas razões, sem no entanto apresentarem provas que pudessem anular o que nos contam êsses documentos sôbre a nossa evolução.

Mas deixemos os fósseis, cujo assunto já ventilamos em nosso trabalho anterior e vejamos o que mais a natureza nos relata, pois esta não se descuida em conservar outras provas, apontando nossa trajetória evolutiva, ainda para distâncias mais recuadas da fase símia, ou seja, da era cenozóica, revelando pela ciência filogênica o nosso longínquo passado, desde quando sòmente as águas eram habitadas, até o Homem atual.

Destas provas, embora de um modo relativo, citemos a embriogenia humana, onde o futuro sêr recapitula em breve período de alguns mêses o caminho evolutivo por onde passaram nossos antepassados, desde há centenas de milhões de anos.

Vamos ver o que nos demonstra a anatomia do sêr humano em formação, no seu curto período de vida oculta: — O Embrião ao principiar-se em estado de germe adere às paredes do tecido que o protege, ali se encrustando como verdadeiro parasito em busca de alimento para seu desenvolvimento, sem revelar nesses dias iniciais sinais de orgãos em formação. Ao chegar na terceira semana o corpo do embrião, mais desenvolvido, já apresenta os primeiros orgãos visíveis, cujo esbôço de todos os sistemas orgânicos principais completa-se na quarta semana. Nesta fase, na sua rápida marcha evolutiva de recapitulação, a organização de suas partes anatômicas ajustam-se, apresentando, de forma relativamente nítida, características pisciformes, acusando a nossa relação com a idade dos peixes, dos distantes períodos da era paleozóica.

Aquí então se pode notar na garganta do futuro sêr em formação, sinais evidentes de fendas branquiais, semelhantes as dos peixeis. Também neste período, a sua circulação sanguínea assemelha-se com a dêsses vertebrados aquáticos. O mais interessante é a longa e grossa cauda que aparece no embrião, lembrando a dos peixes, ou mesmo a de alguns répteis que se utilizam dessa peça anatômica para defesa e movimentos nas águas.

E sempre evoluindo, nesse curto espaço de tempo, os orgãos do futuro sêr vão desaparecendo com o surgimento de outros, rumando para a direção humana. Continuando, certas características das aves também não se fazem ausentes, denunciadas pela posição dos seus condutos naturais, acentuadamente diferenciados da anatomia dos mamíferos adultos.

Mas na medida em que avança progressivamente essa rápida jornada evolutiva de recapitulação, o embrião começa a tomar sua forma de mamífero, ganhando então caracteres humanos, embora ainda tenha maior percurso a fazer. Evoluindo sempre, sua anatomia vae distanciando-se do passado longínquo, mas antes de se libertar o nascituro ganha características dos Símios, cujos sinais sòmente desaparecem por completo, após breve período do seu nascimento.

Assim, como vemos, também a nossa vida embriogenética, nessa rápida recapitulação, acusa a raça humana como o resultado de longo trabalho evolutivo, e tudo indica os símios como nossos mais próximos ascendentes da escala animal.

Diante dêsses fatos, de natureza humana, não há dúvidas sôbre a nossa relação com o passado longínquo, desde quando sòmente os mares concebiam a vida.

Se assim não fôr, por que então êsse capricho da natureza, fazendo o futuro sêr recapitular, nesse curto período, as fases do peixe e outros sêres antes de adquirir a sua verdadeira condição humana ? Como esclarecer êsse enigma se admitirmos o casal adâmico como fonte de origem do Homem atual, conforme aceitam os dogmáticos ?

Os que não aceitam a raça humana como resultado das leis evolutivas, que nos esclareçam êsse assunto em bases lógicas.

Quanto a nós reencarnacionistas a evolução animal, onde o Homem não faz exceção, é natural e justa e nessa ordem progressiva nada vemos de antiespiritualista.

E se é vergonha por serem os símios nossos mais próximos ascendentes, também o futuro Homem de aqui alguns milhões de anos, se até lá ainda existir dogmas e preconceitos, sentir-se-à humilhado por descender dos chamados civilizados do século vinte, esta raça belicosa que se divide em bandos armados, exterminando-se no ideal de rapinagem, violando os direitos sagrados do lar, da moral e da causa divina.

V. O. CASELLA.

Brilhante Discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nosocômio de Mandaqui

Apartes de Solidariedade de Diversos Deputados — Duas Sentenças de Janio Quadros invalidam a ação sectarista

(Conclusão)

c) Aos espíritas, pertencentes aos corpos do Exército, da Marinha e da Aviação, assiste o direito de realizar reuniões religiosas, sempre que existirem dependências ou salões disponíveis». Na Argentina os Centros Espíritas são registrados no «Fichário de Cultos», por decisão do Governo, como instituições religiosas. Nos Estados Unidos, os Centros tomam a denominação de igrejas, como a famosa Igreja Espírita da III Revelação, dirigida pelo rev. J. Dickinson, em São Francisco da Califórnia. Em todos os demais países, da América e da Europa, as práticas espíritas populares são religiosas, não se confundindo com a experimentação científica que evidentemente se reveste de outras características e não é praticada pelo povo, mas pelos homens da ciência, não raro sob outras denominações, como Metapsíquica ou Parapsicologia. No Brasil, durante os censos da população, o Espiritismo foi sempre computado como religião.

7 — Camile Flammarion, que era um cientista, comentou o fato de Kardec não ter dado à codificação espírita um caráter puramente científico. Mas o seu discurso, à beira do túmulo de Kardec, longe de poder servir de base a negação da natureza religiosa do Espiritismo — como pretende um dos autores dos pareceres a que aludimos — serve em sentido contrário. «Talvez — disse Flammarion — se deva preferir que as coisas tenham começado assim. Nem sempre se deve recusar valor ao sentimento. Quantos corações já foram consolados por esta crença religiosa !» (Ver «Obras Póstumas», de Kardec, pág. 22, trad. de Guillon Ribeiro, 9.ª edição da Livraria Editora da F. E. B.). León Denis é o autor de «Cristianismo e Espiritismo», livro que prova a natureza cristã da doutrina espírita, e toda a sua obra é tão profundamente religiosa que não sabemos como os autores dos pareceres puderam mencionar o seu nome em favor de sua estranha tese.

8 — O Espiritismo é hoje universalmente reconhecido, nos meios em que a doutrina e sua história vêm sendo criteriosamente estudadas, como uma doutrina tríplice : científica, filosófica e religiosa. Kardec explicou, em «O que é o Espiritismo», o entrosamento natural dêsses três

aspectos. Sir Oliver Lodge, o famoso físico inglês, em seu livro «Por que creio na imortalidade pessoal», e Leon Denis, em seu discurso no encerramento do Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, chamaram a doutrina, em virtude dos seus três aspectos de «síntese do conhecimento». No Brasil, é muito divulgada a «definição de Emmanuel», que consiste na apresentação da doutrina como um triângulo, cujos ângulos inferiores, assentados na terra são a ciência e a filosofia, e cujo ângulo superior, voltado para o céu é a religião. Em todos os Congressos Espíritas nacionais e estaduais realizados no País, a doutrina tem sido encarada por essa forma. Os espíritas brasileiros compreendem a sequência lógica, natural e necessária, dos três aspectos doutrinários. 1.º) a ciência, que investiga os fatos espíritas e está a cargo dos cientistas; 2.º) a filosofia que interpreta êsses fatos à luz da razão, e é elaborada pelos pensadores e escritores espíritas; 3.º) a religião ou «a consequência religiosa», como dizia Kardec, que é a aplicação da filosofia espírita à vida, em forma de normas espirituais de conduta.

9 — No caso particular do Mandaqui, os autores dos pareceres a que aludimos fizeram, — depois de tentar negar a natureza religiosa do Espiritismo, — uma sutil distinção entre liberdade de consciência e de culto. A distinção não caberia no caso, como é fácil compreender-se, pois não há motivos para qualquer culto religioso, pelo simples fato de não ser católico, perturbar a ordem do hospital. Mesmo, porém, que coubesse, devemos lembrar que as reuniões espíritas do Mandaqui não se incluem na categoria das reuniões de culto. São pura e exclusivamente de assistência religiosa aos doentes espíritas, realizadas em virtude de requerimento daqueles doentes à direção do hospital. As pessoas designadas pelo Clube dos Jornalistas Espíritas comparecem uma vez por semana àquele nosocômio, em hora combinada com a direção do mesmo, unicamente para manterem com os internados uma hora de conversação doutrinária. Típica assistência religiosa, para confôrto espiritual dos internados que têm o mais legítimo direito constitucional e humano, a essa assistência, e não trabalho de propaganda e proselitismo, como insinuam os pareceres.

10 — O fato de haver um convênio entre o Govêrno do Estado e determinada ordem religiosa para a prestação de serviços no hospital, não pode servir de pretexto para o estabelecimento de um clima de asfixia religiosa naquele próprio estadual, onde o Govêrno deve zelar pelos direitos dos internados. Todo doente espírita tem o direito de receber, ao menos uma vez por semana, a assistência de sua religião, mòrmente quando se sabe que todos êles, à semelhança do que se passa com os protestantes e outros são obrigados a viver alí — distantes da família e dos amigos — em ambiente que implica em coação religiosa. Negar a êsses doentes, bem como aos protestantes e outros, um direito de tal ordem, seria ato da mais cruel intolerância, do mais retrógrado sectarismo, incompatível com o século em que vivemos.

11 — Nos pareceres, fala-se na existência de apenas quatro internados espíritas no Mandaquí. Bastam as assinaturas do livro de presença das nossas reuniões — que se realizam há três anos, — para provar o contrário. E se contrariando o nosso livro, espontâneamente assinado pelos doentes que espontâneamente comparecem as nossas reuniões, apenas quatro internados se declararam espíritas ao entrar no nosocômio, êste fato é suficiente para provar a existência de ambiente turbado por intolerância religiosa no Hospital do Mandaquí, o que é inadmissivel na atualidade, vêm o Clube dos Jornalistas Espíritas, confiante no alto espírito de discernimento, justiça e humanidade de Vossa Excia., solicitar as suas imediatas e enérgicas providências, para que essa nova violação dos direitos constitucionais e humanos dos doentes espíritas daquele hospital seja cortada pela raíz.

Na certeza de que, no Govêrno democrático de Vossa Excia., tentativas desta natureza não poderão vingar, subscrevem-se atenciosa e respeitosamente, em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas, os seus diretores:

a) *Francisco Carlos de Castro Neves*, Presidente; — *J. Herculano Pires*, Vice-Presidente; — *Wandyck Freitas*».

Acabamos de ler, Sr. Presidente e Srs. deputados, o ofício em que o Clube dos Jornalistas Espíritas protesta, com toda razão, com carradas de razão, contra a intolerância que proibe a assistência religiosa aos doentes espíritas, assistência solicitada por êles próprios, nos têrmos da Constituição da República. Tem o aparte o deputado Bady Bassitt

O SR. BADY BASSITT — Nobre deputado Cid Franco, louvo inteiramente a sua corajosa atitude neste momento assomando à tribuna mais alta de São Paulo na defesa de um princípio que nós entendemos inteiramente legal. Estou com V. Exa., apesar de não perfilhar a doutrina espírita, pois V. Exa. conhece perfeitamente bem o meu sentimento. Considero mesmo uma infâmia os atos praticados principalmente como médico. Deixemos de lado a parte ilegal, inconstitucional, da atitude tomada contra os doentes do Mandaqui. Vamos pelo lado científico, pelo lado médico. Entendo que, às vezes, a assistência religiosa poderá trazer maiores benefícios...

O SR. CID FRANCO — Muito bem !

O SR. BADY BASSITT — ... ao doente do que a própria assistência médica . . .

O SR. CID FRANCO — Muito bem !

O SR. BADY BASSIT — ... principalmente a doentes que sentem intimamente a necessidade de um confôrto espiritual. Entendo que êsse mesmo confôrto só poderá realmente advir por meio de uma palestra, repassada de sinceridade de sentimentos e de propósitos tal que seja infiltrada e atinja aquela sensação dolorosa dos que lá vivem e sofrem. Eis porque me solidarizo com V. Exa. inteiramente, reputando sua defesa como uma das mais brilhantes que tenho ouvido neste Plenário. E justifico meu pensamento, que é concorde com o de V. Exa., pronunciando-me favoravelmente ao seu protesto, a que junto o meu, com a mesma veemência e com a mesma sinceridade de propósito que animam V. Exa.

O SR. CID FRANCO — Agradecemos em nosso nome pessoal e em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas, o apoio do nobre deputado Bady Bassitt.

O SR. CYRO ALBUQUERQUE — (Com o assentimento do orador.) — Desejo também, nobre deputado Cid Franco, trazer a minha irrestrita solidariedade aos reclamos que V. Exa. faz desta tribuna mostrando a odiosa discriminação religiosa vigente no Mandaqui, que é incompatível e não se coaduna com os foros de democracia em que vive o nosso país. Realmente o Espiritismo é ciência quando William Crookes pesquisa a materialização dos fenômenos espíritas; é filosofia quando Allan Kardec o codifica, e é, nobre deputado, religião, sobretudo, quando, à beira do leito de um enfêrmo, vai ministrar ao doente o linitivo moral, o lenitivo cristão para reabilitar seu corpo doente. Felicito V. Exa., nobre deputado Cid Franco, pela oportunidade dêste palpitante assunto.

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente e Srs. Deputados, infelizmente, o tempo não nos permite conceder novos apartes. Agradecemos o apoio dos nossos colegas e incorporamos ao nosso discurso o ofício do Clube dos Jornalistas Espíritas.

Diante dêsse apêlo, Srs. duputados, esperamos que o Sr. Governador de São Paulo não permita que prevaleça, contra princípios claros da Constituição Brasileira, a intolerância religiosa. (Muito bem !)

Era, Sr. Presidente, o que deviamos dizer.

Discurso pronunciado na Sessão do dia 24—9—56

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente, Srs. deputados, quando, em princípios deste ano, o Clube dos Jornalistas Espíritas oficiou ao Governador do Estado protestando contra a intolerância religiosa que vinha prejudicando os doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui, o Sr. Jânio Quadros exarou um despacho nestes têrmos :

«Sou católico, mas não tolerarei qualquer violência religiosa. Não desejo outras queixas».

Passou-se o tempo. Tudo parecia normalizado. As preleções espíritas vinham sendo feitas todos os sábados. Note-se o têrmo : preleções e não sessões. Palestras doutrinárias e não experiências metapsíquicas. Um trabalho de assistência religiosa que os próprios doentes haviam solicitado.

De repente estala a proibição, baseada na manobra dos dois pareceres que comentamos em discurso anterior. O Governador despachara : «... não tolerarei qualquer violência religiosa. Não desejo outras queixas». E a intolerância passou por cima de sua autoridade. Ficou proibida a assistência religiosa aos tuberculosos espíritas, com fundamento em dois pareceres sectários, atrasados e ridículos.

Que devia fazer o Clube dos Jornalistas Espíritas? Recorrer novamente ao Governador. E recorreu.

Em 19 deste mês, no ofício que lhe foi remetido pelo ex-deputado Castro Neves, pelos jornalistas Herculano Pires e Wandyck Freitas, o Governador deu novo despacho. «Reitero a ordem. Não se fará aí violência ou discriminação, que alcance qualquer convicção religiosa ou filosófica. As práticas espíritas estão expressamente permitidas. (a) Jânio Quadros».

No dia 22, sabado, os doentes ainda estiveram privados da assistência de sua religião, porque o despacho do Governador não chegara ao hospital.

Fazemos votos, Sr. Presidente, para que tudo se normalize, mais uma vez. Mas também fazemos votos para que a autoridade do Chefe do Poder Executivo não seja novamente desrespeitada, ou melhor, para que não seja burlada a Constituição Brasileira.

Pouco adiantarão despachos do Governador se o direito dos doentes espíritas não merecer o respeito que lhes garante a Constituição. Primeiro foi a violência de um sacerdote intolerante; depois, a manobra dos pareceres, um deles afirmando que o Espiritismo «não é religião» . . .

Que teremos ainda? Qual o recurso que o fanatismo escolherá? Que medida vai surgir das maquinações do sectarismo?

Criou-se uma situação delicada: ou o princípio da liberdade religiosa é respeitado ou a autoridade do Governo sairá diminuida desta luta.

Aguardemos.

QUER FICAR RICO?

General Levino C. Wischral

A prece quando é sincera, natural e honesta tem a eficácia de produzir os desejados efeitos para quem a faz. Há sempre Alguém que atende a oração.

Em duas passagens evangélicas o bondoso Cristo-Médico nos instrue dizendo: Orai uns PELOS outros, para que fiqueis curados, e, na outra Jesus pergunta: Está alguém entre vós aflito? E é o próprio Mestre quem nos dá a resposta dizendo: Orai então!

Sabemos que os Céus beneficiam mais depressa àqueles que oram e suplicam bençãos para os OUTROS, por aqueles que não sabem ou não querem orar, ou mesmo, por aqueles cuja dor é tamanha que os impossibilita obter êsse coloquio com Deus.

Aliás o inegualável luminar Francisco de Assis ensina-nos, vejam bem: «Pois é dando que receberemos . . .» Isto é, primeiro devemos dar, e muito, para depois recebermos, essa é a condição essencial, sem o que nada poderemos recolher, para nós, dos Celeiros Celestes.

Sôbre o bíblico termo: «Acrescimo de Misericórdia» podemos esclarecer o seguinte: Para aquele que der um, o Alto enviará dois, três ou dez. A misericórdia divina recompensa de modo exuberante, o que se pode comprovar matemàticamente observando o agricultor que, plantando apenas um grão de milho, recebe da bondosa Mãe-Terra duas espigas de milho com muito mais de 500 grãos. Se a terra é assim dadivosa, como não será então Deus?

Aquele que nada der? «...até o que tem lhe será tirado».

Por que não fazermos, todos nós, êste lucrativo negócio, com as Casas Bancárias do Pai à base de 500 %? Quase que diriamos que só o câmbio-negro poderia oferecer-nos tal percentagem.

Algumas vezes costumamos dizer: «O mundo dá muitas voltas...» Imaginem se hoje nós dessemos um prato de sopa à uma pessoa pobre, sabem o que iria acontecer? Ficariamos creditados para, mais tarde, recebermos do Refeitório Divino 500 ou 800 pratos de comida, se ficassemos necessitados. Se não desejarmos receber essa dávida, criada por nós mesmos, então será êsse crédito dividido, como precioso maná, destinado a alimentar as criaturas que a tudo tenham renunciado em vida.

Se a maioria dos capitalistas tivesse certeza absoluta que a vida continua após a morte, nós de bom grado viríamos que nenhuma moeda mais seria acumulada em bancos ou caixas fortes — todos seriam generosos com exagêro ! ! Até mesmo os hospitais, manicômios, asilos, sanatórios, prisões e quarteis cerrariam suas portas, pois, o grande milagre do amor pelo próximo se estenderia sôbre toda a humanidade.

Dando, tornamo-nos ricos !

Vamos experimentar !

PAX !

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XVIII CAPÍTULO

Hotel Central — Fatos dignos de registro

1) O *Hotel Central* — uma coisa de 4.ª ou 5.ª classe, na rua do Julião, Salvador, Bahia, foi, por assim dizer, minha escola superior. Aí, repontaram meus pendores para as letras. Aí, tomei gosto a leitura de livros literários. Aí, apurei o senso de responsabilidade e apanhei personalidade.

2) Seu proprietário, Bento Gomes Veiga, era um português quase analfabeto. Mas, generoso e bom. Abusavam dele por sua bondade e generosidade.

3) Observei aí usos e abusos contra a casa e seu proprietário que me revoltavam. Exemplos ? E os mais concretos.

4) Uns rapazes alagoanos, os Medeiros, vendiam, aí, *contrabando*. Eram tidos e havidos como *contrabandistas*. Mas, estavam sempre prevenidos com faturas seladas, recibos assinados das casas onde compravam seus *contrabandos*. Recibos e faturas com que, muitas vezes, se livraram dos fiscais. Vendiam chapéus do Chile ou do Panamá, cortes de casimira, perfumes, revolver, baralhos, tecidos para senhoras e crianças, o diabo.

5) Os fregueses deixavam de comprar nas lojas que os abasteciam, que pagavam licença e imposto, aluguel e outras obrigações, para comprarem a êles, que não sabiam o que era licença, aluguel de casa, despesas de instalação, etc., etc. E, às vezes, até por mais qualquer coisa, sob alegação de que o produto era melhor...

6) Na minha última ida a Salvador, vi uma casa de modas com luxo e confôrto, nas Merces. Era do mais velho. O mais moço, assistira a uma de minhas palestras, desaparatado e rescendendo alcool. Havia brigado e se separado do irmão.

* * *

7) Um eletricista iludiu o português levando a um negócio escuso de pagar pouca luz elétrica. Pôs à instalação um dispositivo que desviava a corrente, a troco de alguns *trocados* e de um prato, agora ou mais logo, de comida...

— O senhor fez isso ? perguntei-lhe.

— Fiz. Que mal vai nisso ?

— Quando o senhor lhe negar o primeiro pedido êle o desmascara.

8) Assim sucedeu. Uma tarde, chega lá o representante da Emprêsa de energia elétrica, verifica o peso da denúncia, e, aos gritos de — *ladrões ! deshonestos ! trapaceiros !* — corta tudo.

* * *

9) Passou-se do candieiro a querozene, até se colocar o gás encanado.

10) Cel. Galdino, de Itabuna, passava lá mêses seguidos, em companhia de outro coronel, João Antonio, desordeiro. Ao fim do mês, pedia a conta. Mas, pagava sempre um terço, ou menos, das despesas.

11) Noite havia em que, chegando bebedos, de revolver em punho, saíam quebrando as mangas dos lampiões a seu alcance, ao alcance de seus revólveres.

* * *

12) Um major do Exército, uma vez por outra, aparecia para conversar com os Medeiros. E levava consigo uma rapariga branca ou mulatinha. Consumiam uma garrafa de *whisky* com água de côco. Depois, subiam...

Sr. Bento, seu Hotel é familiar. Não acho direito o que esse homem faz, dizia-lhe.

13) Não pôs o homem à margem.

Mas, alugou o prédio visinho e lá instalou um departamento exclusivamente familiar.

* * *

14) O sargento Lino, pretinho e vivo, foi chamado, um dia, por mim, para afastar do Hotel um embriagado que queria apedrejar tudo. Trancou-o no xadrez. Mas, eu fiquei na obrigação de, aquí e ali, atender a uma *beliscadinha* dele, pedindo dinheiro.

15) Veio o Governo de Hermes da Fonseca. E ordem para as fôrças do Exército assumirem o *contrôle* de tudo, com a deposição do Governador. A polícia reagiu. O posto do bairro, dirigido pelo sargento Lino, portou-se com valentia e garbo. E foi enviado contra êle, aquele major, aquele mesmo major Vidal. O cerco foi exatamente pela frente do Hotel. Trocam-se tiros. Os policiais caem nágua. E são, impiedosamente, assassinados, os que sabiam nadar. Mergulhavam. E eram baleados de morte na cabeça, assim emergiam. Os outros, morreram afogados. Vi a cabeça do sargento Lino com uma enorme brecha na vista.

16) Ficaram, daí por diante, os policiais da Bahia conhecidos por *Cai nágua.*

* * *

17) Dos hospedes, aquele que se ligou mais a mim, que influira muito para despertar minhas tendências e inclinações para as letras, foi o Duarte. Dêle escrevi isso no meu *Ide e Pregai* (pàg. 67). «Joaquim da Silva Duarte o primeiro. Eramos *garçon* e ele pensionista do Hotel. Afeiçoou-se-nos. Uma inteligência fulgurante a par de um temperamento boêmio e esquesito. Descobriu que eramos poeta, que podiamos elaborar e representar teatro. Despertou em nós o gosto pela boa literatura e pela discussão adequada. Ensinou-nos a declamar. Contagiou nos de literatura, de poesia, de materialismo, pois com seu convívio, não chegamos a ser batizado, a pagar o dizimo à igreja batista. Só não nos contagiou de suas boemias puxadas a alcool. Amava, como ninguém, a discussão. Mudava de credo e de partido, só para adversar o partido e o credo do antagonista. Vimo-lo, por várias vezes, ser deista e espiritualista para combater o materialismo; ser materialista para adversar o espiritualismo, o deismo. Era protestante para arrazar o catolicismo. Mas, fazia-se católico para confundir o protestantismo. Era espírita perante os negadores. Era negativista para discutir com espiritas. Um temperamento original! Mas, que não nos contagiou com sua infirmeza de opinião e de atitudes.

Hoje, na Espiritualidade, para êle, nosso coração agradecido, nossas preces!

18) Disse que nos não contagiou de gosto pelo alcool, de sua boemia. Não disse bem, a despeito de ter as fôrças suficientes para, depois, deixar uma e outra coisa.

* * *

19) Numa noite, no meu quarto, tomei um pifão de whiski com água de côco, só para ver como era aquilo, o gosto que aquilo tinha. Adormeci bebedo. Acordei, na madrugada seguinte, com uma dor de cabeça danada, todo vomitado, a garrafa tombada e o liquido escorrendo pelo quarto.

Foi a primeira e última vez que me embriaguei... Só para ver o gosto de uma embriaguez completa...

* * *

20) No quarto do Duarte, havia sempre fartura de queijo seridó, goiabada, rapadura do sertão, vermuth, paratí, vinho do Porto, pão e manteiga em lata. Sempre que voltavamos, ás noites, de nossas boemias, faziamos, antes de dormir, nossas ceiatas.

* * *

21) O prof. Antonio Cantidiano Soares Passos hospedara-se, como pensionista, no Hotel. E costumava esperarnos sempre, a pretextos que inventava, para participar, também, de uma guloseima.

22) Uma noite, trazia-nos um soneto do filho, com este remate admirável:

«*E minha alma enleiada, não se exime:*
«*Conhece a Luz mas vive em plena treva,*
«*Conhece a Lei, mas vive em pleno crime.*

23) Faltou luz. Acendi uma vela. O velho, as pernas núas, agarrado a um pedaço de seridó e a um copo de vinho do Porto, deleitava-se, ouvindo o Duarte ler o soneto do filho.

24) Veio a tentação, diante daquela perna, muito branca, muito pelancuda, e enfim entornando o castiçal. Ao pingo da cêra, quente e mole, na sua perna, êle se levantou de chofre, deixou tudo no quarto e saiu brusco.

Nunca mais falou conosco.

E foi esse o segundo crime que, ainda hoje, me dóe na alma.

25) Com o tempo, eu passei a servir, sòmente, a certos freguezes. Aliás, para ciumeira de outros freguezes e despeito de companheiros.

* * *

26) Hospedou-se lá um espanhol, que tirava fotografias, e as vendia, em porcelana ou em esmalte. Não chegavam. Todos as disputavam. Servia a êle, juntamente, á mesa do Duarte. Faziam as refeições decifrando charadas.

27) Naquele dia, o espanhol fotógrafo trazia uma de arromba, que disse a seu visinho de mesa: «Já foi a carta para fóra, 1-2». Eu pela confiança que o Duarte me dava, perguntei: «Quantas mesmo? Isto é: quantas sílabas». Ele respondeu, num tom de superioridade à espanhola: «Isto não é para você, não!»

— Se é 1 e 2 está morta: *externo*, não é? Já foi, *ex*. A' carta, carta de baralho, *terno*.

O espanhol achou-me extraordinário. E passou a tratar-me com respeito e bondade.

"O Espiritismo à Luz da Crítica"

Livro que Restabelece a Doutrina Espírita

Escreveu Deolindo Amorim, mais um livro. Dedica-o à esposa, D.ª Delta, quem o estimulou a escrever o livro. E' «*O ESPIRITISMO Á LUZ DA CRÍTICA*». Prefácio do Dr. Levindo Mello, médico ilustre, idealizador, fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. (Uma coincidência de relêvo: o Dr. Levindo começou a estudar a Doutrina Espírita, segundo lá me relataram, na cidadezinha de Minas, bucólica e simplória, que se chama *Lima Duarte*, onde eu também me iniciei no Espiritismo; êle em 1925 e eu em 1931). O preclaro prefaciador escreveu coisas de alta significação no seu prefácio. Logo de início, pág. 9, afirma: «Comecei meus estudos em 1925, orientando-os pela Codificação de Allan Kardec, o sábio médico francês do século passado. Tornei-me espírita convicto pelo estudo teórico e prático da Doutrina, pela observação de casos clínicos e psiquiátricos, *diagnosticados e curados* pelo Espiritismo, depois do *desengano* da Medicina. Gastei muitos anos nesse trabalho intelectual, antes de me convencer da Verdade imortalista de Allan Kardec. Em 1931, Deus me abençoou mais uma vez, concedendo-me o dom de uma psicografia semi-mecânica, que me põe *diretamente* em comunicação com os espíritos, *utilissima para a prática da Medicina* e do Espiritismo. Com essa faculdade mediúnica, minha convicção na existência dos Espíritos, como sêres inteligentes da Natureza, como almas dos homens falecidos, tornou-se *realmente absoluta*, depois de *milhares* de testes científicos e de provas concludentes, de toda sorte. Depois de *possuir* essa Ciência, essa *certeza*, êsse tesouro que a Misericórdia de Deus me ofertou, negar a Verdade científica e religiosa do Espiritismo seria realmente um crime de lesa-consciência, deprimente para um homem, um cristão, um médico».

O prefácio do Dr. Levindo Mello bastaria para contradizer ou rebater as inverdades contidas no livro do padre Alvaro Negromonte. (Certa vez comprei êsse livro do padre Negromonte e o ofereci a uma de minhas filhas, que professa a Religião Católica, no dia de seu aniversário, com a seguinte dedicatória: «Para você ver o retrato de seu pai pintado por um ilustre vigário». Para tanto seria necessário colocar as afirmativas do Dr. Levindo frente à frente às negativas do padre Negromonte. Aquele fez observações pessoais; estudou teórica e pràticamente a Doutrina, acompanhando diretamente numerosos casos clínicos e psiquiátricos diagnosticados e curados pelo Espiritismo depois dos doentes terem sido desenganados pela Medicina, gastando muitos anos nêsse trabalho. Êste, porém, como Deolindo provou, respeitável sacerdote, em razão do natural impedimento teológico, por disciplina eclesiástica, não fez nenhum estudo pessoal, nenhuma observação direta; antes, «no terreno dos fatos e das provas históricas, o respeitável sacerdote Alvaro Negromonte claudicou muito, e de maneira flagrante, porque chegou a desfigurar a significação de documentos e episódios para fortalecer os seus pontos de vista». Quem merece crédito, dos dois? E' o próprio Dr. Levindo Mello quem aponta onde realizou as suas experiências, num período de 25 anos, na pág. 10 do livro em apreço: «Desde 1930 que trabalho aquí no Rio num ritmo constante... E assim, neste período de 25 anos, de 1930 a 1955, trabalhei nos seguintes setores: Hospital Espírita, Retiro dos Espíritas, Confraternização dos Espíritas, Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza, Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, Campanha jornalística contra a matança dos animais, o carnivorismo, o tabagismo, contra a luta entre Religiões; luta contra o Materialismo...»

E o respeitável padre Negromonte? Apenas ataca o Espiritismo *por ouvir dizer*, com a agravante ainda pior, de claudicar, desfigurando a signicaficação de documentos e episódios, de má fé, portanto.

O Dr. Levindo Mello, à pág. 11, exclama: «Ainda não consegui compreender por que alguns altos dignatários das Religiões majoritárias das Américas e da Eurásia combatem o Espiritismo, que nenhum mal lhes faz e antes, pelo contrário, as ampara com a segurança das provas científicas da existência real dos espíritos, sêres vivos, naturais, do Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza!» E, à pág. 15 e seguinte, proclama: «Sou sobrinho de um saudoso e benemérito sacerdote católico, o notável Padre Gustavo Ernesto Coelho, que foi vigário de São João del Rei, MG, durante mais de 1/4 de século, respeitado e querido por todos, devido a seus elevados dotes de coração e de inteligência; aprendi com êle a respeitar e a querer bem todas as Religiões e todos os religiosos, quando sinceros e convictos. Por isso mesmo, não sou contra nenhuma Religião; sou mesmo pela confraternização cristã de todas as Religiões e de todos os religiosos, com absoluto respeito mútuo e sincero, entre todos». Em conclusão, à pág. 17 e seguinte, declara o Dr. Levindo Mello: «Criticando respeitosamente os ataques do culto gladiador católico, o Sr. Amorim estuda novamente as obras do imortal e glorioso Allan Kardec, a produção medianímica das Irmãs Fox (início conhecido em dezembro de 1847 a março de 1848); estuda Home e outros grandes médiuns; discute longamente o fenômeno da fraude, aliás tão comum em todos os setores visitados pelo homem; estuda as obras de Flammarion, Crookes, Richet, Bozzano, Geley, Gibier, De Rochas, Bezerra de Menezes, médium Chico Xavier e muitos outros médiuns, cientistas, sábios. E' um trabalho construtor, vibrante, oxigenado, vitalizador, que honrará sempre seu Autor, e beneficiará sempre seus leitores. Para terminar êste modestíssimo prefácio: — eu me congratulo vivamente com a imensa e estudiosa Família espírita de todo o mundo, por êste novo livro do grande e culto Jornalista Deolindo Amorim, verdadeiro faról evangélico a iluminar e salvar a Humanidade, em meio às trevas densas do momento histórico atual da Humanidade; e peço sinceramente a Deus abençôe também o nosso irmão em Cristo, o ilustre e prezadissimo Padre Alvaro Negromonte, que, embora sem querer, evidentemente foi o primeiro fator do novo livro, contribuindo assim para o progresso da Ciência Espiritualista, para a instalação da Moral Pura na Terra e para a felicidade dos homens».

Leitor amigo, você conhece a erudição, a dialética de aço de Deolindo Amorim, na tribuna, no rádio e na imprensa. Leia o seu novo livro, *O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA*. Saboreie êsse *pão de Lot* lítero-doutrinário, recheiado dos mais deliciosos *bombons* da Verdade. E peça a Deus que o conserve sempre assim.

Aleixo Victor Magaldi.

Novembro — Volta Redonda — RJ

Literatura Espírita

Dois livros novos acabamos de receber do Sul do País. Os autores são literatos credenciados no movimento espírita nacional e, portanto, com autoridade para se dirigirem aos jovens.

«TEATRO DA MOCIDADE» — 1.ª EDIÇÃO — LEOPOLDO MACHADO — RIO DE JANEIRO. — No movimento espiritista brasileiro temos vários obreiros que parece nasceram para servir à doutrina de todos os modos possíveis.

Entre êstes está um velho espírita de Nova Iguassú, no Estado do Rio. O seu lema maior é: «primeiro o Espiritismo», e ninguém o afasta disso. Em tudo tem êle demonstrado que não se fez espírita, uma vez que já nasceu com essa vocação, embora tenha se esforçado para levá-la adiante mais aperfeiçoada.

Pena é que tão grande trabalhador esteja agora, na sua velhice, impossibilitado de movimentar-se sem grande esfôrço e sem prejuizo para a sua saúde. A doença tem-lhe solapado as energias físicas, embora a fôrça moral e a inteligência estejam cada vez mais altas. E a prova é que continua escrevendo para os amigos, para os jornais e revistas espíritas e preparando suas memórias, escritos êsses que estamos ansiosos que sejam publicados. Nada lhe vence o bom ânimo, como se vê.

Êsse dinâmico homem chama-se Leopoldo Machado e sôbre êle noutra ocasião já nos reportamos aquí. Professor e diretor de um colégio por êle mesmo fundado há mais de 25 anos, poeta, jornalista, escritor, teatrólogo, é, como se diz, o homem dos sete instrumentos. Fundou e dirige também um lar para as crianças encontradas sem amparo. Em certo tempo, suas polêmicas religiosas em jornais do Rio, abalaram setores contrários. Suas conferências realizadas em todo o Brasil ninguém até agora conseguiu esquecer. Suas campanhas em pról da formação de Mocidades Espíritas continuam dando os melhores resultados. Incentivado por suas idéias, o Espiritismo aos poucos tem deixado de ser uma espécie de religião tumular para tornar-se uma movimentação de vivos em busca da Verdade.

Êsse notável homem de letras ofertou-me há mêses um de seus livros mais vendidos e que só agora por falta de tempo estou acusando o recebimento através destas anotações.

«TEATRO DA MOCIDADE» é composto de peças baseadas na moral do Cristo, fáceis de representação. São tentativas de afastar a mocidade da corrupção e do ateismo.

Composto de 32 pequenas peças de isquetes, diálogos, declamação, etc., muito contribuirá para o recreio e a instrução religiosa da mocidade.

O autor, segundo declara, é partidário de programas teatrais leves, movimentados e alegres, e o livro está todo dentro deste princípio. E sendo êsse o seu terceiro volume sôbre teatro espiritualista, pode-se concluir facilmente do apuro e do zêlo com que foi preparada a obra. Estão de parabens, portanto, os amantes da boa arte. Cumprimentos ao autor.

—

«VERSOS À MOCIDADE» — AMADEU SANTOS E SEBASTIÃO LASNEAU — 1955 — SÃO PAULO. A poesia é a alma de toda literatura, e o verso parece-nos foi a primeira manifestação literária dos nossos antepassados. A própria vida precisa de um pouco de poesia, um pouco de sonho. E quando o poeta consegue aliar sua inspiração a alguma idéia nobre, casa o útil ao agradável.

Amadeu Santos e Sebastião Lasneau, aliados, conseguiram êsse objetivo na poesia: escreverem bonitos versos baseados na moral cristã, para que sirvam de estímulo à mocidade na prática do bem.

Na primeiro soneto, que serve de prefácio, lemos a seguinte quadra:

«Em breve hão de parar nossos arados
«E é para vós, ó mocidade irmã
«Que nossos olhos hoje estão voltados
«Pretendendo tornar-vos nobre e sã.»

Num volume de 106 páginas bem impressas em bom papel, contendo 76 poemas em sua maioria sonetos, encontramos pensamentos de puríssimo sabor espiritualista. As três partes de que se compõe o opúsculo estão assim constituidas: Mocidade que canta; Mocidade que declama; Mocidade que medita. Todos os versos obedecem ao rigor da métrica.

«VERSOS À MOCIDADE» não é dessas obras que marcam época, porque também seus autores não são poetas bisextos, na expressão de Manuel Bandeira. Todavia, estamos certos de que incutirão na inteligência moça os princípios básicos do Evangelho de Jesus.

«Recolhamo-nos, pois, à paz do verso
«Que fala coração a coração».

«VERSOS À MOCIDADE» está sendo vendido a benefício do «LAR DE JESUS» de Nova Iguassú, no Estado do Rio de Janeiro e poderá ser adquirido pelo Reembolso Postal.

Cristovam Marques Pessoa.

Natal, 20/1/1956.

A Loucura

Bianor Medeiros

I. — Sempre existiram loucos em todos os tempos e lugares mas nunca como agora. A Terra está se transformando em verdadeiro Hospício, em Departamento de alienados mentais, em Fábrica de loucos. Os Governos não conseguem amparar e tratar convenientemente a massa sempre crescente de alienados mentais e nem tão pouco debelar a crise. O Departamento de Assistência aos Psicopatas do Estado de São Paulo sofre de pletora de serviço, por falta de recursos econômicos, de medicamentação suficiente e adequada, de instalações com capacidade para o amparo de todos os enfêrmos. O Hospital e Manicômio Judiciário de Franco da Rocha, com capacidade para 5.000 enfêrmos, já estão superlotados com 11 500 doentes internados. A sua sucursal de Ribeirão Preto marcha pelos mesmos caminhos e luta com as mesmas dificuldades. A Penitenciária, os Presídios, as Cadeias, as casas de tolerância, as casas de família, os Hospitais particulares estão sendo povoados por dementes. Juizes e Tribunais estão às voltas com loucos de todos os gêneros. Médicos especialistas montam hospitais particulares, em número crescente, tanto nas capitais como no interior. Os espíritas, abraçando e amparando sempre os necessitados de toda ordem, fundam e sustentam Hospitais, Casas de Saúde e Centros por toda parte. Assim, os Governos, através dos Ministérios e Secretarías da Educação, da Saúde Pública e da Justiça gastam, em seus orçamentos anuais, muitos milhões na repressão ao crime, na reeducação do anormal, na cura dêsses infelizes, bem como na sua manutenção, com processos de readaptação. Mas, muito mais ainda é a despesa do povo, como colaboração voluntária, na manutenção e tratamento de tais casos patológicos. Diante da avalanche que se alastra sempre e penetra nos meios políticos, militares, religiosos, financeiros, no comércio, na indústia e no campo, nos lares, que ameaça indivíduos, famílias, instituições, coletividades inteiras, que afeta o povo, o Estado e as nações, pergunta-se: —para onde vais, oh homem?

II. — As leis Divinas são normas de conduta para todos os homens, para todos os tempos, lugares e situações. Elas são a linha divisória, a fronteira, os limites entre o bem e o mal, entre a Justiça e a Injustiça, entre a virtude e o pecado, entre a luz e as trevas, entre a saúde e a doença, entre a liberdade e a escravidão, entre a sabedoria e a ignorância, entre a capacidade e a incapacidade, entre a harmonia e a desharmonia, entre a união e a discórdia, entre a paz e a guerra, entre a felicidade e a infelicidade. Sábio, santo, justo, bom, são, reto, é o que conhece, aceita e obedece em tudo às leis Divinas. A verdade, o bem, o lícito, a justiça, a ordem, a disciplina, a organização, a bondade, a santidade, a pureza, a virtude, a sabedoria, é tudo quanto não seja vedado ou proibido pelas leis que representam a vontade Divina.

O ilícito, o êrro, o pecado, o crime, a iniquidade, a injustiça, a doença, o sofrimento, as trevas, a ignorância, a infelicidade está na ignorância e na desobediência ou violação das leis de Deus, da vontade do Pai Altissimo. Errado, injusto, pecador, criminoso, doente, trevoso, sofredor, infeliz é todo aquele que pensa, sente, age violando sempre as leis Divinas. Da lei, do livre arbítrio relativo do homem, resulta o princípio legal de que não há virtude sem recompensa, nem crime sem punição. Daí a lei de causa e efeito, de ação e reação, de semeadura e de colheita que preside a vida humana, traçando a sua trajetória evolutiva, os seus sucessivos estados e situações espirituais. Assim, sómente goza de saúde, de beleza, de liberdade, de luz interior, de sabedoria e de felicidade o espírito que não peca, que não viola as leis divinas. A doença, o sofrimento, a escravidão, as trevas, a ignorância, denotam a expiação de grandes crimes do passado e do presente, e a depuração da própria alma.

III. — Assim, a paz, a ordem, o equilíbrio, a harmonia, a alegria, a felicidade são conquistas individuais, são atributos dos espíritos humildes e obedientes; o desespêro, a desordem, o desequilibrio, a tristeza, o sofrimento, a infelicidade são atributos dos espíritos orgulhosos, egoístas, desobedientes, de todos os pecadores. Entretanto, é da Lei, é da vontade de Deus que todos os espíritos encarnados e desencarnados se arrependam, se regenerem, se renovem, se purifiquem, sarem e sejam felizes. Tudo depende da boa vontade e do esfôrço do reajustamento, de readaptação, do livre arbítrio de cada um, funcionando o sofrimento como remédio que impulsiona o espírito para o progresso, para a renovação, para o aperfeiçoamento de si mesmo.

IV — O homem se compõe, é constituido de três elementos distintos e de expressivo valor: a mente, o corpo espiritual, o corpo físico. O principal de todos é a mente que, na nomenclatura bíblica recebe diversos nomes, que tem vários sinônimos: alma, espírito, sôpro Divino, Divina semente, Centelha Divina, olho, embrião, coração, facho, entidade, personalidade, ser, o eu. A mente tem a forma de uma luz, da chama de uma vela e se acha dentro da cabeça do perispírito. A mente é constituida de matéria quintessenciada, maleavel, mas indestrutível. E' a séde, o domicílio, o santuário de todos os nossos dons, sentidos espirituais: a consciência, a razão, a inteligência, a vontade, a atenção, a memória, a afetividade, o pensamento ou fala, a orientação, a locomoção, a paz, a saude, a iluminação, a beleza, a intuição, ou receptividade, o olfato, o gosto, o tato, a visão, a audição, a ação e a inação, o livre arbítrio. A virtude ilumina, cura, embeleza, desenvolve os nossos dons e o pecado embota, adoenta, afeia, atrofia, perturba, ensombra, os nossos dons.

Na mente estão as causas profundas de todos os nossos males, de todos os nossos sofrimentos, de todas as nossas perturbações. A mente é o domicílio da luz e das trevas, da saúde e da doença, da sabedoria e da ignorância, da liberdade e da escravidão, da harmonia e da desharmonia, da beleza e da feiúra, da tranquilidade e do desespero, do amor e do ódio. A mente é a fonte que gera e irradia as nossas fôrças mentais, o pensamento, a sugestão, o magnetismo pessoal. A mente é a máquina viva que produz todas as nossas energias mentais, perispirituais e do corpo físico e tem o contrôle de si mesma, do corpo perispiritual e do corpo físico. Esclareçamos, santifiquemos, iluminemos, arejemos a nossa mente, vivamos em comunhão espiritual perfeita com a Divindade e seremos perfeitos, sadios, felizes, iluminados, livres, porque a mente é como poderosa estação emissora e receptora de pensamentos, criando as formas mentais que projetarmos do interior, pela vontade concentrada, em atitude ativa ou passiva.

V. — A loucura também conhecida por demência, alienação mental é a perda parcial ou total, momentânea ou prolongada da razão. Razão, raciocínio, discernimento, juizo, compreensão, bom senso, senso comum, reflexão, lucidez mental é a faculdade ou dom espiritual pelo qual o homem distingue e age conscientemente entre o bem e o mal, entre o lícito e o ilícito, entre os atos da vida normal e anormal. Os pensamentos e sentimentos humanos se materializam em atos através dos órgãos do corpo físico: cérebro, cerebelo, sistema nervoso, músculos. A demência, a loucura é distúrbio mental, da razão e fere tanto a alma encarnada como o espírito desencarnado, podendo, portanto, tanto um como outro ser demente, ficar demente de um momento para o outro e se conservar nêsse estado por muito tempo. A loucura fere a própria alma, a mente, perturbando-a, inutilizando-a para a vida prática. Obnubla a razão, relaxa a atenção, paralisa a vontade, inutiliza a memória, perturba a fala, extingue a afetividade e endurece o coração, inutiliza até mesmo a locomoção, fere e desmantela o cérebro, o cerebelo, o sistema nervoso.

VI. — Procurando solucionar, quanto possível, tão grave problema que afeta a maioria da humanidade, pois são poucas as pessoas perfeitamente normais, verificada a periculozidade do anormal que constitúe permanente ameaça à ordem, à estabilidade, à segurança social e pública, diversos ramos do conhecimento humano, desde muito, não sòmente estudam, como procuram eliminar a epidemia. Estes ramos do saber, estão interligados entre si, pela identidade de objeto, e são: A Neuropatologia (Neurologia mais Psiquiatria), a Psicologia, a Psicanálise, o Espiritismo. Podemos mesmo afirmar, que a Sabedoria Divina e a Ciência dos homens se aliam, na superfície da Terra, para eliminarem, de braços dados, o magno problema do século vinte — a alienação mental.

A Medicina que é a ciência de curar o corpo físico ou somático, isto é, as enfermidades do corpo humano, se divide em Neurologia e Psiquiatria, que abrangem todos os distúrbios do sistema nervoso, somático (do corpo físico) e psíquicos. Com o tempo criaram escolas, como a somática, a psicologia, etc.

A Psicologia é a ciência da alma e dos seus fenômenos, um dos ramos da Filosofia, que é ciência que estuda todas as coisas pelas suas causas. De empírica que era, torna-se prática e experimental, com melhores resultados nos dias que correm.

A Psicanálise estuda os móveis das ações humanas, pelo subconsciente, pelos recalques, pelos sonhos, como influências libidinosas e tenta curar os anormais pela sugestão e instrução.

O Espiritismo é a Sabedoria Divina ou Espiritual ensinada aos homens pela revelação espiritual em todos os tempos, tem por objeto o estudo da alma humana tanto no passado, como no presente, como no futuro, através das sucessivas reincarnações, dos seus dons, dos seus estados evolutivos, das leis que regem a sua renovação e progresso, as suas boas qualidades morais e defeitos, reeducando o homem para a vida eterna, dentro da ordem universal, fundando-se na realidade objetiva da vida.

VII. — A loucura é efeito e não causa. As causas da loucura são muitas, próximas, remotas, profundas, internas, externas, circunstantes:

a) — externas: a sifilis, a blenorragia, o alcoolismo, o rompimento de um vaso sanguíneo cerebral, o traumatismo ou lesão do cérebro, provocada por queda ou pancada, a obsessão, a possessão, a fascinação, a inflluenciação perniciosa de espíritos desencarnados com base na sugestão, no magnetismo, na fôrça do pensamento insistente, fixo;

b) — internas: os grandes choques morais, o esgotamento, o cansaço, a estafa, o excesso mental, grandes paixões, idéia fixa, falta de vida afetiva, preocupações mentais, grandes crimes, o desregramento e a insatisfação sexual; a descrença;

c) — circunstantes: a vida tribulada dos tempos atuais, a miséria, o desamparo, o desemprego, o encarecimento do custo de vida, o desequilíbrio econômico, a desharmonia doméstica, as guerras e revoluções, os grandes desastres, o medo;

d) — causas profundas e remotas: o passado longinquo e criminoso do espírito, em reincarnações passadas, que exige retificação como o mentecapto, o retardado mental, a epilepsia, ou obsessão persistente.

VIII. — A Medicina profana, desligada e infensa à vida espiritual, ao Cristianismo, ao Espiritismo que é a Terceira Revelação prometida por Jesus em diversas passagens dos Evangelhos, como sendo o Parácleto, o Espírito Consolador, o Espírito da Verdade que haveria de ficar com seus discípulos e que viria dar testemunho do Senhor e nos ensinar toda a Verdade Espiritual, considera alienação mental ou delírio todas as faculdades espirituais ou dons mediúnicos, como a visão, a audição, a incorporação, a psicografia, a cura dos enfêrmos, etc. Entretanto, todos êstes fenômenos espirituais estão comprovados cientìficamente, e, foram realizados pelos patriarcas, pelos profetas, por Moisés, por Jesus, por seus discípulos. Para a Medicina Acadêmica, sem Deus, sem fé, sem conhecimentos espirituais, Jesus foi um louco, os profetas foram loucos, Moisés foi um louco, loucos foram os discípulos do Divino Mestre e todos os espíritas são loucos. Por isto mesmo a Medicina ainda não iluminou a sua obra, e, nem a santificou, transformando-se, com o correr do tempo, em verdadeiro balcão comercial privilegiado da classe, em verdadeira fábrica de milhões. Poucos são os médicos que encaram a Medicina como verdadeiro sacerdócio, como um dos objetivos sagrados do Cristianismo. As próprias religiões humanas, com exceção do Espiritismo que é a Religião Divina, consideram os dons espirituais como fenômenos anormais, e, proibidos, não admitindo a Revelação depois do Apocalípse, a última Revelação Divina para elas.

Assim, a Medicina aboliu o espírito que vivifica, e, trata sòmente do corpo físico, do cérebro, do cerabelo, do sistema nervoso, desprezando a máquina viva, o eu eterno, a causa de todos os fenômenos vitais. Para isto, utiliza a insulinoterapia, o eletrochoque, o choque pelo cardiosol, o fosfato, a vitamina B 1.

A Psicologia evita, previne a loucura pela instrução moral comum do mundo.

A Psicanálise trata a loucura pela sugestão, pela educação sexual.

O Espiritismo reeduca o homem para a vida eterna, formando a sua personalidade cristã, reajustando-o para viver melhor no seu meio ambiente, reajustando-o à vida espiritual superior, ajudando-o a se equilibrar no bem, no trabalho construtivo e edificante, pelo estudo, com preces, passes e água fluida.

IX. — O problema da felicidade humana ainda está para ser resolvido, continua sendo adiado indefinidamente, por incapacidade do homem para solucioná-lo. A felicidade consiste na satisfação total de todas as nossas necessidades espirituais, fisiológicas. Assim, o tratamento da alienação mental é mais ou menos complexo e duradouro. Preliminarmente são necessárias medidas de prudência: o diagnóstico pelo exame do paciente, depois o isolamento em lugar adequado, afastando-o, quanto possível, do seu ambiente doméstico e de trabalho, depois o tratamento específico consistente na eliminação de todas as causas que geraram a enfermidade, e afinal, o seu preparo intelectual e moral de reação mental ao meio ambiente causador de desequilíbrios, como auto-defesa, auto-contrôle, auto-disciplina. O desnutrido precisa alimentar-se bem. O isolado, o marginal precisa ambientar-se, adaptar-se ao meio, sociabilizar-se. O sifilítico e o blenorrágico precisam curar êsses males O esgotado precisa de repouso, método de trabalho e de ação. O indolente carece de trabalho construtivo e honesto. O desanimado precisa adquirir bom ânimo, o medroso coragem, o triste alegria, o mal humorado bom humor, o fanático tolerância, o desorganizado organização, o impaciente tolerância, o impulsivo e violento precisa auto-contrôle, auto-domínio. O jogador precisa abandonar o jogo, o ladrão o roubo, o alcoólatra o alcool, o farrista a farra, o perdulário precisa aprender a gastar com moderação. O orgulhoso precisa tornar-se humilde, o egoísta precisa aprender a dar e a servir, bem como o usurário. O que não tem vida afetiva precisa aprender a amar. A insatisfação sexual no moço precisa satisfação, assim como o farrista e o velho necessitam moderação. O descrente precisa estudar a vida espiritual, frequentar ambiente espiritualizante, acendendo a luz da própria fé. O obsediado e o obsessor precisam de trabalhos espirituais, de reeducação, de preces, passes e água fluida.

São estados espirituais, atitudes que geram a perturbação, a perda da saude mental e física: o ódio, o egoísmo, o desespero, a aflição, a tristeza, o ressentimento, o ciume, a idéia fixa, o pensamento fixo, as preocupações excessivas, etc. São, pelo contrário, salutares à mente e ao corpo: a alegria, o bom humor, a conformação com os contratempos e dificuldades da vida, a reconciliação com os inimigos, a bondade de coração, o trabalho nobre e edificante, etc.

Na vida, como no Cristianismo, só a Justiça gera a paz.

Entretanto, sem fé, sem cultura espiritual, sem o Cristianismo em espírito, verdade e vida, sem as lições da própria vida, sem o sofrimento que regenera e depura a alma, sem os benefícios das reencarnações sucessivas, sem as bençãos do tempo, sem a reparação dos erros do passado, sem a aquisição do merecimento justo, sem o esfôrço próprio, sem a colaboração indispensável e caridosa dos espíritos superiores, sem fraternidade e o espírito de solidariedade e de colaboração entre os homens, ninguém progride nem se renova, ninguém melhora, ninguém sára, ninguém será realmente feliz. Por isto mesmo os Espíritos Superiores apregoam sempre e por toda parte: «Iluminai o homem e sua obra será iluminada! Educai e espiritualizai o homem e êle será realmente são e feliz!»

Olimpia, 29/6/1956.

Livros em Desfile

Para SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS, na Rádio Guanabara,
escreveu e leu Delfino Ferreira, em 25/IX/1954.

Hoje apenas um livro aqui desfilará: «A CARAVANA DA FRATERNIDADE», composto e impresso pela Empresa Gráfica «Revista dos Tribunais» Ltda., de S. Paulo e da autoria do Prof. Leopoldo Machado, que faz reverter todo o produto de sua venda ao «LAR DE JESUS», Caixa Postal 6, Nova Iguassú, Est. do Rio, que atende a pedidos pelo reembolso postal.

Que é êste livro? Obra literária? Não. Doutrinária? Também não. Um Relatório? Poderia sê-lo, como ainda de impressões de viagem. Entretanto tal não se apresenta. Para os que o viveram, isto é, os caravaneiros e os que os receberam, é, por certo, um despertador de saudades, um belo album de recordações. Na verdade, porém, êle tem de tudo isto um pouco, que vezes não raras há de avultar a muitos que o lerem... O quê, no entanto, o livro, em realidade, não deixa de ser, é um documento vivo, expressivo, revelador de um esfôrço, esfôrço alimentado por alevantado ideal, esfôrço a considerar por mais de um aspecto, de que é menor, não obstante grande, o de dispêndio de energias fisicas, mentais, mesmo morais daqueles que lhe foram obreiros e dentre os quais não há como não exponenciar Leopoldo Machado, tanto como autor de suas páginas, como da obra que retratam.

Já a esta altura sentimos cumprir lembrar a causa, melhor, o ideal que o livro documenta. Digamo-lo em linhas rápidas.

O Espiritismo, idéia-fôrça, — porque doutrina-luz — que há de modificar o mundo tão presto êste lhe compreenda a verdadeira finalidade, qual a de estabelecer e realizar a verdadeira linha de conduta humano-social, fundamentada no sentido da Liberdade, não convencional, mas consciente, o Espiritismo no Brasil, como aliás mais ou menos por toda a parte, vivia como um gigante sem cabeça. A cabeça, entretanto, a ser buscada, de todos desejada e por todos intimamente reclamada não era UM CHEFE, sim a COMPREENSÃO DO REAL SENTIDO DE LIBERDADE, de liberdade, porém, consciente, CONSENTIDAMENTE DIRIGIDA; todavia fraternalmente. E para tanto se fazia mistér um movimento de UNIFICAÇÃO, a expressar-se através de elevada compreensão do sentido de UNIDADE e de UNIÃO. Unidade de Doutrina e de sua prática, e união de esforços, de trabalho, e, tanto quanto possível, uniformidade de atitudes, de conduta. Ora, estas coisas não se obtêm por decretos, por bulas... Por isto, uma vez firmada aos 5 de Outubro de 1949 a ATA da Unificação do Espiritismo no Brasil, — o chamado Pacto Áureo, — assumindo, por consentimento quase geral, a Federação Espírita Brasileira a direção do movimento espiritista no país, para tanto abdicando a Liga Espírita do Brasil às suas prerrogativas de entidade de âmbito nacional, impôs-se, não obstante, a necessidade de maior esclarecimento com os confrades de certos agrupamentos do Norte e do Nordeste; não por via burocrática, sim por um entrelaçamento de corações, intercâmbio de idéias e opiniões. Nasceu, daí, o plano da ida àquelas plagas de uma Comissão, plano de pronto incentivado pelo saudoso confrade Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, que tudo propiciou a pról de sua realização. E, assim, a 30 de Outubro de 1950, por via aérea, viajou a Comissão, desde logo por todos denominada CARAVANA DA FRATERNIDADE, constituindo-a o Dr. Lins de Vasconcelos, o Dr. Francisco Spineli, os confrades Carlos Jordão da Silva, Luiz Burgos, Ary Casadio e, ao que tudo revela, com a chefia intelectual da Embaixada, o Prof. Leopoldo Machado.

Como atuou a Caravana, quais os frutos colhidos, eis o que o leitor encontrará nas páginas que Leopoldo Machado escreveu, não obstante a grave enfermidade que o acometeu pouco após aqui chegado mas cujos primórdios se manifestaram já em Belém do Pará, de retôrno de Manáus e de onde, escalando em S. Luiz do Maranhão, em viagem de regresso, rumou a Caravana para Belo Horizonte e Pedro Leopoldo, aí se dispersando após mais de 40 dias de viagens e visitas a onze Estados, a começar pela Bahia, seguindo-se Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará, de onde, sózinho, rumou a Manáus, no Amazonas, o Prof. Leopoldo Machado.

As páginas de «A CARAVANA DA FRATERNIDADE», contudo, não se limitam ao papel formalista de simples Relatório de viagem ou de missão. Descrevem paisagens, fotagrafam ambientes, revelam esforços dos nossos irmãos daquelas longinquas paragens, e demonstram, sobretudo, que é pessoalmente entendendo-se, com franqueza e sinceridade, que se poderá plasmar a obra da confraternização. Ofícios, circulares, mensagens, epístolas, etc., etc., não serão de todo inúteis, mas não possuem o calor da palavra falada, do argumento trocado, da idéia defendida ao vivo, com calor e com amor. E tudo isto se vê e se sente no livro em pauta, em que o Autor mostra, página à página, quanto a Caravana, passo a passo viu, ouviu, disse e fez. E isto com a mais simples naturalidade, de modo completo, confirmando, aliás, cabalmente, o que a fls. 151 testifica: «a Caravana não foi um passeio de turismo». Não se fazia, entretanto, mistér, o declarasse. A descrição da viagem fala por si mesma. Da leitura infere-se a grande valia do fruto de pronto colhido: fundação da UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA DA BAHIA, da UNIÃO ESPÍRITA CEARENSE, da FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO MARANHÃO, da FEDERAÇÃO ESPÍRITA PIAUIENSE, todas já com representação no CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL; e, paralelamente, a isto, o sadio labor do reajustamento de idéias, aquí; da rearticulação de iniciativas, ali; ou da consolidação de atividades, além; tudo dentro dos moldes da unidade federativa por Estado, sob a égide do mais elevado espírito de congraçamento. Cumpre, porém, salientar ainda outro aspecto grandioso do trabalho da Caravana: as Conferências públicas em todos aqueles Estados, pronunciadas em Teatros, Cinemas, e outros recintos leigos, como por exemplo, a Associação dos Empregados do Comércio da Bahia, conferências em que a Caravana, notadamente pela palavra de Leopoldo Machado, fez ampla e louvável difusão da Doutrina espirítica, e de tal modo agitando a propaganda do Espiritismo, que não tardou o revide, o que seria natural, não fôra o não haver correspondido ao mesmo nível de nobreza dos nossos oradores. Destarte, a Caravana, bonançando o meio espiritista, tempestuou o dos nossos costumeiros contraditores, com o que, iniludívelmente, aumentou o seu sucesso e imprimiu mais vida e agitação à propaganda do Espiritismo.

Minguam-nos espaço e tempo para dizermos do livro de Leopoldo o que, na realidade êle é. Nosso esbôço, porém, — e êste o nosso objetivo — aguçará curiodade por êle, cujas páginas relatam, ao demais do quanto entremostrámos, o que pensam, o que fazem, o que sentem nossos irmãos nortistas e nordestinos, animando, em todos, a fé no futuro do Espiritismo em nossa pátria.

A todos, PAZ e LUZ.

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 150,00	Do 20.° ano	Cr.$ 120,00	Do 27.° ano	Cr.$120,00
Do 4.° ano . .	150,00	Do 21.° ano . .	120,00	Do 28.° ano .	120,00
Do 5.° ano . .	150,00	Do 22.° ano . .	120,00		
Do 6.° ano . .	150,00	Do 23.° ano . .	120,00	Do 29.° ano .	120,00
Do 7.° ano . .	150,00	Do 24.° ano . .	120,00	Do 30.° ano .	120,00
Do 18.° ano . .	150,00	Do 25.° ano . .	120,00		
Do 19.° ano . .	120,00	Do 26.° ano . .	120,00	Do 31.° ano .	120,00

Crônica Estrangeira

Um pai desolado que ouviu a voz de seu filho morto, relata sua experiência na Televisão, no decorrer duma entrevista com Franklin Englemann

O Snr. Cecil Hughes é membro da sociedade de engenheiros mecânicos e mora na rua Sherborne, em Yeovil.

Êle trabalhava na fábrica real de artilharia em Aberdare, quando faleceu seu filho de 17 anos. Esta perda cruel aniquilou toda sua coragem e êle abandonou as crenças religiosas, até o dia em que sobreveio o acontecimento, que é o objetivo deste artigo.

Grande era a sua gratidão, que o induziu a escrever à Rádio B. B. C., oferecendo relatar sua história, «porque ela pode ajudar aos que choram entes queridos e estão desesperados».

O jornal *South Wales* relata a entrevista que milhares de auditores ouviram e viram na televisão.

Hughes diz que certo dia, durante o período em que estava tão desesperado, caminhava pela avenida Broad Street, Bristol, quando viu uma inscrição que dizia: «Newman e Cy, Engenheiros Mecânicos».

Imediatamente êle pensou, em seu filho e no tempo em que ambos praticavam a telepatia.

De súbito, um homem moço saíu da multidão e assobiou a canção «Não colheremos os lírios», pela qual o filho morto tinha particular entusiasmo, e que ambos por vezes cantavam juntos.

Mas escutemos a continuação do relato.

«Eu caminhava sem nada ver, quando ouvi distintamente uma voz que dizia: «Olhe para o chão, olhe para a terra, é a mesma data do meu aniversário».

«Ali, a meus pés, estava uma moeda de seis pence, cunhada em 1929, o ano em que nasceu meu filho! !»

Mais tarde, o Snr. Hughes disse que êste fenômeno de telepatia teve considerável influência sôbre seu estado de alma. De desesperado que era, tornou-se conhecedor da sobrevivência.

«*Spiritualisme Moderne*» reproduziu de «P. N.»

Nos Limites do Incrível

Uma senhora nasceu duas vezes

Os progenitores de uma menina morta em 1910, tiveram, nove mêses depois, outra filha absolutamente idêntica, biològicamente, e com atitudes da primeira. — Surpreendentes revelações sôbre a identidade. — O fenômeno só era conhecido por poucas pessoas e agora revelado pela primeira vez.

PALERMO, 4 — O fato sensacional que hoje se divulga na Sicilia é o da senhora Alexandrina Samoná, esposa do General Giuffrida, ora reformado. A senhora Alexandrina foi famosa na Itália quando era menina.

Alexandrina nasceu em 1902 e morreu de meningite em 15 de março de 1910. Não era a Alexandrina, hoje viva. Isto é: o seu corpo era outro; só a alma era a mesma, passada a outra irmãzinha. Isto afirmaram dois estudiosos de metapsíquica. A segunda Alexandrina nasceu, com a gêmea Maria Pace a 22 de novembro do mesmo mês de 1910.

Como se pode falar de identidade?

Preciso é considerar o relato de Samoná pai, que em 1897 esposara uma senhora muito rica, a senhorita Adele Monroy. Bem situados ambos, tinham ainda outra prerrogativa em comum: à paixão pela metapsíquica. Adele morreu em 1923. A mulher lhe sobreviveu longo tempo; expirou há poucos anos.

Três dias após a morte, Alexandrina apareceu, em sonho, à mãe.

«Não chores — disse — não te abandonei. Voltarei. De novo deverás começar a sofrer por mim».

Isto aconteceu duas vezes. Não é fácil dizer se o doutor Samaná com isto se alegrou mais como pai ou espirita. No decorrer de sessões mediúnicas evocou o espírito da filhinha morta, o qual se apresentou. As comunicações eram por mensagens tiptológicas, isto é, por meio de golpes sôbre uma mesinha. O espírito de Alexandrina confirmou o seu próximo nascimento, ou melhor, o segundo nascimento de si mesma. O caso requeria o pronunciamento da ciência, dos obstétras. O Dr. Coriaro, em Spadafora (Messina), onde a família residia então, e o Dr. Giglio, em Palerno, confirmaram que a senhora estava grávida.

De novo uma «entidade» afirmou durante uma posterior sessão espírita:

«Alexandrina nascerá perfeitamente semelhante à primeira, mas um pouco mais bonita.»

Na data precisa, 22 de novembro de 1910, vieram à luz as duas crianças pré-anunciadas. Alexandrina segunda edição, foi de súbito identificada; a outra recebeu o nome de Maria Pace.

A rapida identificação de Alexandrina n.° 2 foi possível graças a uma semelhança complexiva surpreendente com a irmã morta (inclusive uma iperemia no ôlho esquerdo e uma leve assimetria facial); tambem com o passar dos anos a pequena manifestou tais características psicológicas, como tendências, modos de dizer e de fazer, de proceder, idênticas às da Alexandrina n.° 1.

Eis algumas coincidências, de escasso valor se consideradas isoladamente, mas surpreendentes se tomadas em conjunto. A segunda Alexandrina empregava as mesma frases da primeira; fazia os mesmos jogos, carícias, movimentos, afagos. Uma e outra eram tímidas e tranquilas, mostravam idêntico terror ao barbeiro. Não gostavam de bonecas. Tinham aversão ao queijo. A falecida e a viva só usavam — e ainda agora a segunda sòmente usa a mão esquerda.

Oito anos, pois que a primeira só viveu oito anos, não são muitos para estabelecer uma comparação exaustiva, mas suficiente. Pode-se discutir sôbre a metempsícose, e neste caso em particular, como muitos a discutem, mas não sôbre a surpreendente semelhança de tantos elementos e ainda de outros.

O irmão Antonio conta hoje as experiências de clarividência retrospectiva que fez juntamente com a irmã mais velha. Na mão de Alexandrina punham, num estojo sem inscrição alguma, um pedaço de carta; ela advinhava o nome de quem escrevera, o de quem a recebera — ambas dela desconhecidas — e a data. Ela mesma era tomada de assombro; não sabia descobrir como pudesse conhecer essas coisas.

Em data mais recente (1947), começaram os fenômenos auditivos, que ainda duram. A faculdade frequente de ouvir vozes, sem que nada fosse feito para provocá-las, de pessoas que contam sua história. Entre muitas, o caso, bem recente, de um homem que afirmou chamar-se Rocco Outulo. «Sou Rocco Outulo — disse a voz a Alexandrina. — Morri num desastre de automovel, em Roma. Eu era agente de seguros». A voz se extinguiu.

A ocorrência narrada pela Sra. Alexandrina, podia ser uma ficção. Depois soube-se que êsse Rocco Outulo falecera em 1954, nas circunstâncias referidas.

Outro caso:

«Morrí num bombardeio aliado, numa rua de París. Meu nome é Jacqueline Cuchon. Eu era costureira. Dizei à minha mãe que faça muitas orações por mim». A mãe foi realmente descoberta.

Estes e muitos outros casos formam o acêrvo da senhora Alexandrina, rediviva; um cemitério de cujas sepulturas se levantam os mortos para narrar sua história breve, mas pungente.

De «Fanfulla» — 15/10/1956.

O espírita tem o dever de colocar-se muito acima das paixões e conveniências humanas, trabalhando com todas as forças da sua inteligência para construir um mundo novo alicerçado nos preceitos evangélicos. Se não fizer assim não pode afirmar-se espírita e nem participar da Falange dos Espiritos Superiores incumbidos de dirigir a espiritualização da humanidade. Aceitai esta advertência, afim de melhor vos orientardes no trabalho espiritual.

CAIRBAR.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 179.143,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

«Síntese»

Acaba de reaparecer em sua nova fase, em Belo Horizonte, Minas, sob a competente direção dos confrades Henrique Rodrigues, Noraldino de Mello Castro, Eugenio Monteiro e Rubens Romanelli, «Síntese», jornal de formato grande e muito bem confeccionado.

O número que temos sôbre a mesa de trabalho, n.º 2, insere ótimos artigos de fundo doutrinário, o que torna «Síntese» um dos mais úteis órgãos da seára espírita.

A' distinta colega, as nossas boas vindas, com votos de vida longa e crescente progresso.

* * *

«Ilustração Espírita»

Já no seu segundo ano de existência, temos sôbre a mesa de trabalho o n.º 2, referente ao mês de Outubro último, desta distinta colega que se publíca em São Paulo.

Impressa em ótimo papel «couchê», ilustrada com diversos clichés, «Ilustração Espírita» insere artigos substanciosos e oportunos, entre os quais os dos apreciados escritores e jornalistas espíritas Carlos Imbassahy, J. Herculano Pires e Paulo A. de Godoy.

A' distinta colega, votos de prosperidade e vida longa na santa cruzada de difundir a Verdade à luz do Espiritismo.

* * *

«O Espiritismo à Luz da Crítica»

O nosso distinto colaborador e companheiro de redação, Deolindo Amorim, um dos mais apreciados escritores espíritas e batalhador incansável na defesa e difusão do Espiritismo, acaba de lançar a lume a obra de sua autoria intitulada — «O Espiritismo à Luz da Crítica», sem dúvida um dos mais importantes trabalhos aparecidos ultimamente para maior enriquecimento da já tão rica bibliotéca espírita.

Trata-se de uma longa e bem documentada refutação ao livro «O que é o Espiritismo», de autoria do Padre Alvaro Negromonte, que, embora sem o querer, foi o instrumento escolhido para o aparecimento deste notável trabalho de Deolindo Amorim que, com a sua cultura, bom senso e grande conhecimento eleva bem alto o Espiritismo com esclarecimentos que certamente hão de levar o Padre Alvaro Negromonte e seus colegas a meditar muito.

O livro contém 242 páginas impressas em ótimo papel tipo «Buffon», formato grande.

Gratos ao autor pela oferta de um exemplar, com fraternal dedicatória.

* * *

Joanino Sabatélla

Tivemos a grande satisfação de receber a visita do confrade Joanino Sabatélla, residente em Ponta Grossa, Paraná, e um dos mais ardorosos difundidores do Espiritismo, tendo dedicado o resto de sua existência terrena ao labor da seára espírita.

Com êle mantivemos momentos de alegria espiritual ao ouvir a sua palavra de fé e confôrto, nos legando instruções oportunas da sua longa experiência de velho batalhador da seára espírita.

Rendendo uma homenagem ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, Joanino Sabatélla realizou no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», no dia 21 de Novembro último, às 20 horas, uma substanciosa palestra que a todos agradou sobremaneira.

No dia seguinte, este nosso amigo e confrade seguiu para São Paulo, nos deixando gratas recordações e a promessa da renovação de sua visita a Matão.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 3 de Novembro de 1956

Com a presença de Conselheiros em número regimental e à hora legal, o Presidente profere uma prece e declara abertos os trabalhos. Lida e aprovada a Ata anterior, faz o Presidente comentários sôbre o andamento do programa organizado para as comemorações, em 1957, do I Centenário da Codificação, relatando minuciosamente as providências adotadas, para maior brilho das solenidades previstas. Refere se ao pedido da Comissão Organizadora do Espiritismo em Mato Grosso, solicitando a presença de um Representante na Reunião marcada para 14 de Dezembro, em Campo Grande. De acôrdo com o plenário, o Presidente nomeia o Conselheiro Atlas de Castro.

Santa Catarina—O Conselheiro Manoel Bernardino apresenta trabalho organizado pela Federação Catarinense, destinado à atualização do Cadastro das Sociedades Espíritas em todo o País, recebendo o Conselho com o maior agrado a comunicação.

Ceará — O Representante, Conselheiro Henrique Magalhães, diz da ótima impressão recebida em sua recente viagem a Fortaleza, relativamente ao grande desenvolvimento do Espiritismo no Estado do Ceará, destacando a atividade das Mocidades Espíritas nos setores de propaganda da Doutrina e da assistência aos necessitados.

O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, relatando sua recente viagem a Porto Alegre, transmitiu ao Conselho seu grande entusiasmo pelo que teve a felicidade de ver e sentir, no movimento espírita gaúcho.

A’s quinze horas e trinta minutos, o Presidente encerra a reunião, depois de feita a prece final pelo Representante de Minas Gerais, Conselheiro Dr. Miranda Ludolf.

NECROLOGIA

Silvio Goulart de Faria

Mais um esforçado e perseverante trabalhador da seára espírita acaba de regressar à Pátria Espiritual. E’ o nosso velho amigo Silvio Goulart de Faria, que desincarnou no dia 9 de Novembro passado, em Araraquara, onde residiu muitos anos, prestando o seu concurso ativo e produtivo na propaganda da Doutrina, quer prègando na tribuna espírita, quer orientando trabalhos espíritas. Graças a sua dedicação e boa vontade, muitos enfêrmos do corpo e da alma encontraram a cura dos seus males. A sua palavra simples mas substanciosa, que versava em torno do Evangelho e da Doutrina, agradava em cheio a todos que tinham a ventura de ouvi-la.

Era amigo inseparável do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, e, portanto, espírita da velha guarda. Acompanhou Cairbar muitas vezes nos trabalhos espíritas. O seu desincarne foi repentino, poucas horas após ter participado de uma sessão espírita, o que quer dizer que a morte o surpreendeu no trabalho da seára.

Era filho dos confrades José Goulart de Faria e D. Clara Emilia da Fonseca Faria, já desincarnados, e irmão dos confrades Silvia, Marina, Branca e Persio Goulart de Faria.

Deixa viuva a exma. sra. d. Joana Goulart de Faria e os seguintes filhos: José, Silvio e Helena Goulart de Faria.

O enterramento do seu corpo físico realizou se no mesmo dia, com grande acompanhamento, com o comparecimento de todos os espíritas de Araraquara e de muitos espíritas de Matão. Usou da palavra à beira da sepultura, o confrade Alexandre Barbosa. «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e Centro Espírita «Amantes da Pobreza», fizeram-se representar pela companheira D. Antonia Perche Campêlo. A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» fez-se representar pelo seu Presidente Edo Mariani.

Numa prece fervorosa, solicitamos a Jesus que proporcione a este servo dedicado, mais luzes ainda e mais possibilidades de progresso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
O Consolador
Gotas de Luz
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Natal dos Pobres

Prezado confrade

Paz em Jesus

O Natal está se aproximando. Nesse dia a cristandade rende as suas homenagens, num preito de gratidão, a Jesus, nosso Mestre. Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, realizará o «Natal dos Pobres», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes forem ofertadas, as quais podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas mesmo usadas. E' este, sem dúvida, um gesto que agradará a Jesus, que é amigo dos pobres e dos humildes.

Certa de que será atendida no seu justo pedido, a Comissão encarregada de promover o Natal dos Pobres, agradece-lhe de coração antecipadamente, almejando-lhe feliz Natal e um próspero Ano de 1957.

A COMISSÃO

D. Chiquita Fonseca
Izabel Camargo
Antonia P. S. Campêlo
Zélia S. Perche
Edeny Gonçalves
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Donata Casadei de Oliveira

Leticia Morceli Olson
Elza Olson
Candida Gonçalves Coelho
Olga Coelho
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniussi
Palmira Pedro Troleze
Carmem Torres

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

8931CL PR 836
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3321unse

no XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Março de 1957 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

João Leão Pitta . . . . *Redação*
O Êrro . . . . *Henrique Rodrigues*
Sôbre o Esperanto . . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Os Astros não regem nossos pensamentos . . . . *V. O. Casella*
O Judeu, sua História, sua Missão . *Bianor Medeiros*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita . . . . . . *Cicero Pimentel*
Salutar Movimento Espírita na Argentina . . . . *Arnaldo S. Thiago*
E, a Criança Nasceu ! . . . . *General Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$ 20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1957 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

João Leão Pitta

DESINCARNOU no dia 11 do mês passado, às 2 horas da madrugada, em Piracicaba, o nosso velho amigo e companheiro de trabalho, João Leão Pitta, um dos mais esforçados e ardorosos propagandistas da Doutrina espírita.

Há mais de cinco anos que João Leão Pitta andava enfermo, depois de haver se submetido a delicada operação, nunca mais voltando a trabalhar como nosso representante-viajante. Apesar de enfêrmo, era levado pelos confrades afim de realizar palestras em Centros Espíritas, e o fazia com grande alegria. A sua palavra, clara e penetrante, a todos agradava pela certeza dos conceitos e dos seus argumentos irretorquiveis. Não era estudado, não frequentou curso superior, tinha apenas o curso primário, mas pelo seu esfôrço e boa vontade, a par da leitura que fazia dos livros que caissem em suas mãos, tinha conhecimentos quasi que gerais de todas as cousas. Cheio de experiência, que lhe deram os seus 82 anos de existência, com relativa facilidade resolvia os problemas difíceis, amparado pelos grandes conhecimentos que tinha da Doutrina. Espírito comunicativo, atencioso e amável, gozava de geral estima em todos os meios de suas relações. Os confrades o prendiam por mais dias em seus lares afim de ouvir-lhe a palavra evangélica à luz dos postulados espíritas. Era disputado, e isto lhe enchia a alma de alegria e conforto.

De 1930 a 1951 Pitta trabalhou para a obra de Cairbar Schutel sem interrupção. Quando vinha a Matão, organizava o seu itinerário e as listas dos assinantes e logo se punha em marcha. Se demorava uns poucos dias a mais para descanso, dizia êle dirigindo-se a si mesmo: «Pitta, Pitta, estás demorando demais e tens muito que fazer». E lá se ia o querido Pitta com a sua longa, cheia e sedosa barba prateada a balouçar, rumo ao trabalho da seára de Jesus, agora cultivada pelo Espiritismo.

Para servir à Doutrina Pitta não sentia canseiras e nem contava com obstáculos, removendo-os com a sua boa vontade no trabalho. De Minas Gerais ao Rio Grande do Sul o seu serviço de propaganda foi notável. De carroça, de caminhão, a cavalo, dormindo em esteiras, algumas vezes com fome, Pitta tudo vencia para levar a sua palavra cheia de fé aos humildes e pequeninos. Correu o sertão rompendo o matagal da ignorância para levar a luz da Verdade. Sem a menor dúvida, Pitta foi um dos trabalhadores que contribuiram apreciavelmente para o avanço notável do Espiritismo, ficando um claro bem visível na fileira espírita com o seu desincarne.

Pitta realizou cêrca de 4.000 conferências aproximadamente, o que constitue um alto testemunho do seu gigantesco trabalho na propaganda da Doutrina.

Agora na Pátria Espiritual, ao lado dos seus companheiros, Pitta há de estar alegre e satisfeito. E êle sempre nos dizia que o seu maior desejo era ter Cairbar Schutel como seu patrão no mundo espiritual, que não desejava outro patrão, tal a estima que tinha por Cairbar. Agora está satisfeito o seu desejo.

Embora enfêrmo, Pitta procurava algo para fazer. Não podia andar como de primeiro, mas podia escrever. E passou a publicar artigos em «O Clarim», artigos bem fundamentados no Evangelho e na Doutrina, que a todos agradavam.

Em «O Clarim» de 23/2/57 que noticiou o seu passamento, aparece um artigo dele, e há outros para serem publicados, pois de vez em quando êle nos enviava 5 ou 6 artigos de uma só vez. Procurava, de qualquer forma, beneficiar a Doutrina com o seu trabalho sempre honesto, produtivo e oportuno.

Pitta, além do seu grande amor pela Doutrina, tinha o amor do próximo em sua mais alta expressão. Era um verdadeiro cristão. Por onde passava semeava o Bem, amparando com o pequeno provento de sua bolsa, inúmeras criaturas. Não podia ver o seu semelhante passar necessidades, isto lhe apertava o coração. Abria logo a sua bolsa com grande alegria. Era amigo das crianças que, ao vê-lo, logo diziam: «Lá vem o Papai Noel», e se acercavam dêle com carinho e contentamento, a cofiar-lhe a barba prateada.

Seguiu os preceitos de Jesus tanto quanto lhe foi possível. Pela Doutrina de Jesus deixou tudo: família, bens terrenos, enfim, o que lhe servisse de obstáculo no trabalho da seára, tornando-se, portanto, digno de Jesus, quando disse: «Aquele que não deixar pai, mãe e irmão e não me seguir, não é digno de mim».

Deixa viuva D. Maria Joaquina dos Reis Pitta e os seguintes filhos: João de Deus Pitta, farmacêutico, casado com D. Herminia da Eiras Pitta; Dra. Doralice H. P. Meneghel, cirurgiã-dentista, casada com o Sr. Pedro Meneghel, proprietário da Usina Tamandupá, em Recreio; Mathilde Adelaide Pitta Martins, Professora, casada com o Dr. Zacarias Othoniel Martins, Cirurgião dentista; Urubatão, Professor, casado com a Prof.ª D. Nair Azzi Pitta; Benvinda, viuva de Pedro Ferreira da Silva; Maria Emilia, casada com o Sr. Agripino de Freitas Robert; Zoraide, Professora, casada com o Sr. Benedito Vitorino da Silva; Eugenia, Diretora do G. E. «Benedito Calixto», em Itanhaem, casada com o Sr. Kardec Rangel Veloso, espírita incansável e criador de obras de caridade; e Missiota Pitta, Professora, casada com o Sr. Nazareth da Silva Marinho.

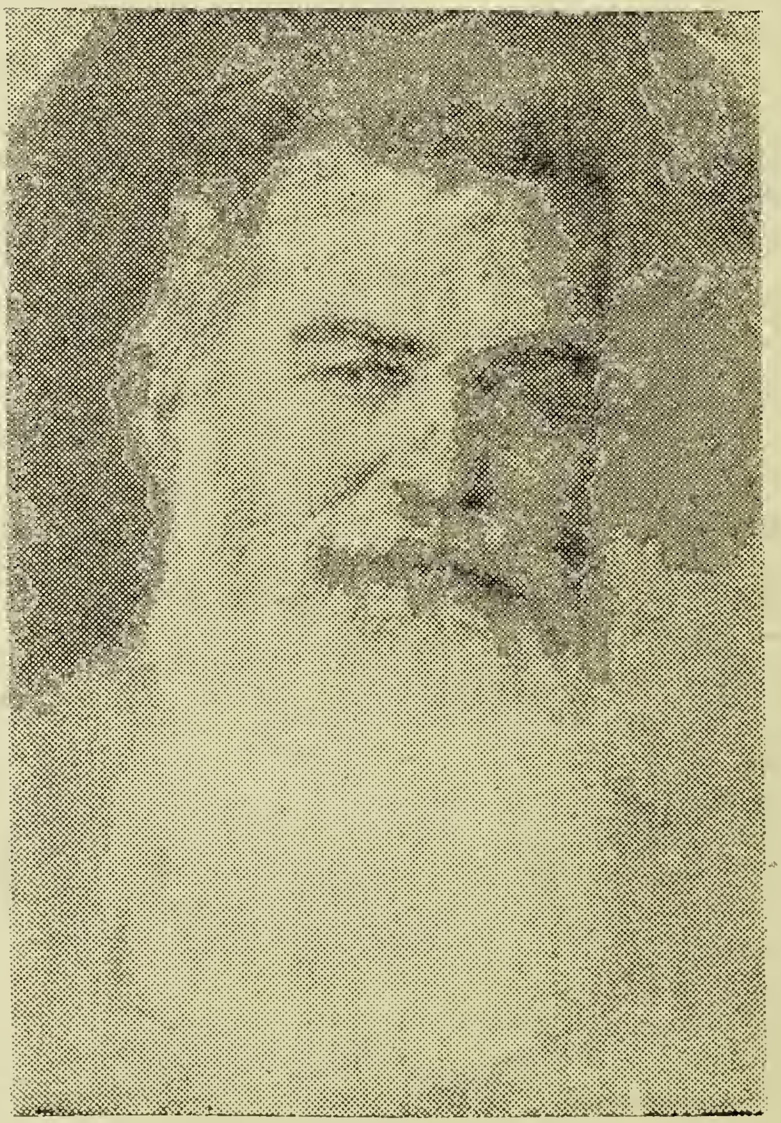

João Leão Pitta

Deixou ainda 29 netos e 9 bisnetos.

O seu sepultamento realizou-se no mesmo dia, às

16 horas, saindo o féretro da residência de seu genro Pedro Meneguel, à rua 13 de Maio, 654, para o Cemitério da Saudade.

A' beira da sepultura usaram da palavra os confrades Dr. Walter Accorsi, Prof.. Urubatão Pitta, e João Eudoxio da Silva, que representou «O Clarim», e «Revista Internacional do Espiritismo».

— Ao recebermos o telefonema nos comunicando o passamento de João Leão Pitta, a nossa companheira D. Antoninha tomou a primeira condução e rumou para Piracicaba, não chegando porém a tempo de alcançar o enterramento do corpo do velho amigo e companheiro, devido a contratempos surgidos na condução. D. Antoninha representou o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e os espíritas de Matão.

—

Pitta, amigo e companheiro, nós te desejamos feliz permanência no reino de Deus; que possas ver frente a frente, Aquele que foi e é o dono do teu coração, Jesus, o nosso Mestre. E se possível, Pitta, ajuda os companheiros que aqui ficam à espera também da Grande Partida. Eles aguardam os fluídos vivificadores do teu espírito de escól, nas horas difíceis da vida terrena.

Até breve.

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

— II —

Para estabelecer proporções ainda maiores entre um homem e um átomo, poderiamos dizer que os limites do EU, não estão circunscritos ao físico, porque sabemos que pensamento, vontade, paixões, amor, sonho, são prolongamentos de nossa personalidade, em substância mais rarefeita, mas nem por isso menos positiva. Diante portanto de um ser envolto em carne, a minúscula bactéria ou o micro-átomo, acha-se na mesma proporção infinitesimal do homem frente ao universo.

Continuemos com o exemplo, repetindo o que já dissemos em outro trabalho, êste ensinamento da Grande Síntese que nos mostra que «se o sistema corresponde e vale para o que nós vemos, valerá e corresponderá também para o que não vemos». Em nossa organização somática, incontável número de atividades são executadas por variadíssimas espécies de vida. Umas construindo outras destruindo. Estas últimas, estarão em êrro? por essa condição, podem ser julgadas como não parcelas desse mesmo organismo? A analogia com as ações dos homens no organismo divino, é idêntica. Bactérias existem cujo extermínio produziram em nosso corpo um desequilíbrio tão grande que poderia mesmo determinar o aniquilamento dêste. O físico perfeito não é aquele que tem apenas atividades das que costumámos considerar meritórias. Não é apenas construindo que se consegue harmonia dos meios, mas destruindo também em forma proporcional. No ambiente que nos cerca, vermes, insetos, felinos e outras espécies existem cuja utilidade, cuja nota no concêrto divino é ignorada pela maioria, e que por essa única razão estabeleceu para ela a denominação de daninhas ou nocivas. Entretanto, tudo cumpre sua missão, porquanto tudo aquilo que deixar de ser necessário desaparecerá, no instante mesmo em que sua utilidade seja cancelada.

Como é possível pois, aceitarmos a idéia da falência divina, porque nós, manifestações que somos do Supremo Criador, cometemos atos, proferimos palavras e arquitetamos pensamentos que APARENTEMENTE são contrários ao que nós, no estado evolutivo em que estamos, estipulamos como leis e desígnios do Supremo?

Constâncio Vigil, em seu livro «EL ERIAL», traduzido para o português com o nome de «Terra Virgem», por Eduardo Tourinho, diz o seguinte, mostrando a íntima relação que existe entre todos os fenômenos da vida: —

«No universo não existem as essenciais diferenças que o homem vê. Entre o oceano e uma lágrima, entre a molécula e o nosso sistema planetário, a única diferença é de volume. Um inseto em muito se parece com um homem. Uma colmeia se assemelha a uma nação. A terra é um animal que róla no espaço. Um dia é a imagem da vida e o sono da crisálida é semelhante ao sono da morte».

No encadeamento dos fatos, está a grande lição contida no livro da vida. O homem, no ponto da escalada sublime em que está, acha-se ainda muito próximo da animalidade. De evangelho, como diz sàbiamente meu caro amigo Newton Boechat «só sente o cheiro» que lhe vem do alto. O seu todo, ainda está chafurdado na lama dos níveis de vida mais baixos. Talvez esteja agora na superfície do lodo e seus pés ainda tocam ocasionalmente as espécies irracionais. Não que o lodo seja degradante, absolutamente, porque êle também é vida, em forma mais baixa ainda, servindo de sustento e escola para vidas mais altas. Se mostrarmos a proximidade em que o chamado homem racional está do irracional, isto é apenas para justificar os atos que aqueles praticam, e que são comuns apenas no nível subsequentemente inferior. E' o ranço do passado, é o automatismo de milênios, moribundo embora, mas que ainda se faz ouvir e sentir.

Os desvirtuamentos, as aberrações, os desregramentos morais e espirituais, mais confirmam o que dizemos, pois testemunham que a razão é campo novo para a espécie e que a par de instintos atávicos, cria nova série de fenômenos, compatíveis com o período de transição. Alguns pesquisadores, eminentemente dignos de crédito, esclarecem que o homem civilizado lida com a razão há pouco mais de 40.000 anos. Se êsse tempo pode parecer demasiadamente longo para a transposição da vida instintiva à vida racional-analítica, lembrarei que em relação à eternidade, 40.000 anos passam com a rapidez de uma fração de segundo, na nossa forma de medir o tempo. A grande maioria dos chamados racionais, NÃO SABE E NÃO PODE fazer bom uso da razão, por não estar de posse de tôda ela. E' comum sonharmos com a intuição, essa maravilhosa faculdade de pesquisa, e que na escala evolutiva é o prolongamento da razão, mas longo caminho ainda teremos de percorrer, antes que nos possamos considerar senhores de tal desenvolvimento.

No estado em que nos encontramos, ainda é o determinismo a principal móla de nosso aprimoramento. Se como diz a «Grande Síntese» nas espécies inferiores o determinismo é mais férreo na forma, e em grande parte êste é o caso do homem civilizado, no terreno das consequências provenientes dos atos é mais liberal. Uma féra pode a seu belprazer devorar quantas crianças lhe seja possível, sem que sua organização dinâmica ou perispirítica sofra qualquer consequência do ato praticado. Possui portanto um livre arbítrio ou melhor uma liberdade, que o racional não possui, nem pode possuir. Em esferas mais elevadas, os papéis invertem-se, porquanto se a forma é livre para a individualidade, está êle preso, pelo conhecimento, ao determinismo das leis evolutivas. E' o determinismo, sobrepondo-se ao livre arbítrio pessoal, pois como diz Emmanuel, «em esferas mais altas o determinismo adquire características mais sutis». Determinismo e livre arbíbrio, coexistem e coexistirão sempre, no tempo e no espaço. O que existe aí, é uma evolução do próprio determinismo, ganhando níveis que escapam completamente a nossa capacidade de imaginação. Endosso, pois, a opinião de meu caro amigo Prof. Rubens Romanelli, quando diz que Deus é «Determinismo puro», sem qualquer parcela de livre arbítrio. Criar para Deus é a sua condição única, e evoluir, a única condição determinada ao criado.

Vimos expondo o gráu evolutivo do homem, seu ponto de situação, cabendo-nos agora estudar os fenômenos peculiares a êsse ponto ou plano: — Assim como nos recusamos a aceitar a existência dos chamados milagres, pois sabemos que tudo obedece a uma sequência de leis, recusamo-nos também a aceitar a falência da individualidade do espírito humano tal como é comumente concebida. Necessário se torna, mudarmos o conceito do êrro, e situá-lo em sua verdadeira posição. A rigor, e repetimos, da maneira como se interpreta o êrro, o homem não erra, não péca, como habitualmente se aceita. Executa apenas atos condizentes com o seu nível evolutivo, nível êsse que é pródigo em antagonismos da mais variada condição.

Neste, como em outros planos, as manifestações da vida caracterizam-se pelo seu aspecto duplo em si mesmas. O mal opõe-se ao bem, a noite ao dia, o pequeno ao grande, o calor ao frio, o amôr ao ódio e o belo ao feio. Entretanto, essa manifestação fenômenica, é relativa em sua forma e isto se dá, exclusivamente no «flash» momentâneo do instante que passa, pois que no absoluto da eternidade todo o fenômeno é uno, fundindo-se seu princípio e seu fim, e desaparecendo destarte a feição de extremidades, que nos dão a ilusão da existência de antagonismos. Para o momento que passa, concordamos que o mínimo bem será mal, caso o modêlo comparativo seja o máximo bem, da mesma forma que o mínimo mal será bem, se em oposição existir o máximo mal. O zero gráu de temperatura será frio para um gráu acima, mas será calor para um gráu abaixo. A indiferença será elogiosa e preferível ao ódio, mas é passível de desprezo diante do amôr. Na realidade da relatividade das fôrmas, está o único absoluto que no momento possuimos. Discorriamos entretanto sôbre a paridade da apresentação dos fenômenos e sua existência no presente relativo.

Uma ponderada instrução diz que: — «todo o nosso esfôrço nada cria nem desloca, a não ser a nossa própria posição». Que conceito poderemos subtrair dessa «própria posição?» Qual será essa posição, e porque só poderá ser deslocada por nosso particular esfôrço? Deslocada para quê e para onde? Que representará a nossa posição?

Pelo simples fato do deslocamento de nossa posição, podemos concluir ser essa posição algo relativa, porquanto o absoluto é imutável. Também nossas vidas físicas são relativas, e representam também uma imagem, dentro da infinidade de formas que já tivemos e que ainda teremos. No dia em que tivermos capacidade de deslocar objetos sem o uso dos braços, ou nos deslocarmos sem o uso das pernas, mas tão sómente utilizando fôrças ainda ignotas para nós, claro está que pela atrofia da falta de uso, a tendência será para o desaparecimento dêsses membros. Ganharemos outra forma, em outra substância também, nitidamente mais leve. Outro tanto sucederá com os órgãos digestivos, e com a modificação do sistema de entendimento entre os sêres, desaparecerá o uso da palavra articulada e, consequentemente, dos aparelhos vocal e auditivo. Se fizermos uma comparação entre os primitivos trogloditas e o homem atual, veremos que em muito foi modificada a aparência do ser humano na carne, para não dizermos que a principal modificação foi em substância, pois isto é mais patente ainda. Se em nós, no momento atual, existem o mal e o bem, claro está que existe um ponto de equivalência entre ambos, muito embora nunca exista um perfeito equilíbrio entre os extremos. Esboçamos também que o que ontem era bem, hoje é mal; logo, o centro de ontem deslocou-se e, em pouco, estará situado no ponto em que estava o bem de ontem, ficando o mal daquela ocasião, sôbre o ponto de equivalência de mal versus bem da situação pretérita. Nossa posição é portanto a média dos extremos que possamos atingir, nos caminhos superiores do bem, ou no caminho retrógado do mal. Uma ação respeitável hoje, poderá ser deprimente amanhã.

Citarei o exemplo da fechadura. Hoje, é comum, normal, criteriosa, a precaução que nos ensina a colocar nas portas, gavetas e outros recantos, um obstáculo somente removivel por nós. Entretanto, em comunidade evoluida, onde cada individualidade tenha a exata noção de seus direitos e principalmente de seus deveres, tal atitude será acintosa e levará o cunho, não do descrédito alheio, mas da mesquinhez e do atraso de quem a praticar. Em tal comunidade tudo e todos serão respeitados, e um simples risco com um giz, terá o valor de uma insuperável barreira.

Vemos portanto a relatividade do conceito do bem e do mal. Em tal situação, o homem amadurecido espiritualmente, orientará o seu livre arbítrio, no sentido das leis evolutivas, submetendo-se espontâneamente esta sua faculdade ao determinismo que governa todos os fenômenos. Não será isso uma demonstração de subserviência, mas de inteligência, porquanto todo o ser medianamente esclarecido sabe prestar obediência à inteligência superior, diretora única da vida.

(Continua).

Sôbre o Esperanto

ISMAEL GOMES BRAGA

Pelas acolhedoras colunas desta revista já nos temos referido a um livro ímpar, cuja primeira edição de 5.000 exemplares esgotou-se ràpidamente, o volume *«Memórias de um Suicida»*, recebido pela médium Yvonne A. Pereira.

Soubemos que já foi fundado um núcleo espírita com a finalidade especial de estudar a obra e de auxiliar com suas preces às vítimas do suicídio, mas não temos pormenores sôbre essa fundação e vamos tratar aquí de outro fato ligado àquela revelação.

Em Belo Horizonte, na séde e sob os auspícios da União Espírita Mineira, foi fundado em 14 de Dezembro de 1956 um grupo de espíritas esperantistas, cujos estatutos foram discutidos e aprovados naquela data e que tem por finalidade estudar e divulgar os princípios simbolizados no triângulo Evangelho, Espiritismo, Esperanto, trabalhando em escala mundial.

A' sessão de instalação dessa nova sociedade, compareceu a médium Yvonne A. Pereira, leu o capítulo do livro sôbre a organização do ensino do Esperanto no mundo espiritual, e deu muitos esclarecimentos ao auditório sôbre o planejamento no mundo espiritual dos movimentos de progresso que se têm de realizar sôbre a Terra. Um dêsses grandes passos do progresso, traçado no Além Túmulo e superententido em sua execução pelos Dirigentes da Humanidade terrestre, é a implantação do Esperanto no uso geral, neste futuro próximo. Os Espíritos encarregados dessa grande transformação contam-se por milhões e já se reencarnam com um curso superior de Esperanto, realizado e depositado nos refolhos do cérebro perispirital, para desabrochar em forma de ciência infusa, de nítida intuição, logo que entrem em contacto com o idioma aquí na face da Terra.

Toda essa leitura e os comentários correspondentes foram ouvidos não só por espíritas, mas igualmente por pessoas que nada sabiam de Espiritismo e que tomaram parte na reunião, apenas como esperantistas.

A sessão foi presidida pelo nosso irmão Badi Elias Curi, presidente da União Espírita Mineira, e a mesa da presidência estava assim formada: Misael Alves Mendes, que redigiu a ata da fundação; Juiz Dr. Carlos de Rezende (não espírita), presidente da Sociedade Mineira de Esperanto; Yvonne A. Pereira; Badi Elias Curi; Allan Kardec Afonso Costa, que será o diretor do ensino na nova sociedade; Dr. Ademar Dias Duarte, presidente do Conselho da U E. M. e redator do «Espírita Mineiro»; D. Maria Filomena Aluto Beruto, presidente da Congregação Feminina Casa de Betânia, que fez as preces de início e encerramento da sessão.

Na mesma sessão ficou eleita a primeira diretoria para o biênio de 1957/58. E' formada de brilhantes jovens espíritas esperantistas, cujos nomes são: Arnon Lopes Moreno — presidente; Wilson Barbosa Tamarindo — secretário; Maria Enide Oliveira Gonçalves — tesoureira. Conselho Fiscal: Dr. Dilermando Teixeira, Yvonne A. Pereira, Misael Alves Mendes. Suplentes: Josefina Schembri, Gentil Capuano, Waldemar Dourado. Diretor do Departamento de Ensino — Allan Kardec Afonso Costa.

Aos leigos em Espiritismo que assistiram à sessão, há de ter parecido muito estranho o que ouviram sôbre a Direção Espiritual do movimento esperantista.

Essa realização foi uma das solenidades da Semana de Zamenhof de 1956. Outras não menos dignas de nota foram as duas seguintes: fundou-se no Rio de Janeiro, em 8-12-56, a União Brasileira dos Esperantistas Cegos; em 15-12-56, inaugurou-se em séde própria recem-construída, à avenida 13 de Maio, 47, a Livraria Esperanto, da Cooperativa Cultural dos Esperantistas. Na Semana de Zamenhof do ano anterior, a mesma Cooperativa inaugurou suas oficinas gráficas completas.

* * *

Todo o espírita esclarecido sabe que os grandes movimentos destinados a transformar a vida na superfície do nosso planeta são planejados e superentendidos em sua execução por Espíritos de Altas Esferas. No momento oportuno êsses Altos Dirigentes, executores dos desígnios de Deús, enviam em missão à Terra um encarregado de pôr em funcionamento uma «máquina» já planejada e experimentada no Plano Espiritual.

No caso particular do Esperanto, desceu Lázaro Luiz Zamenhof, que viveu entre nós de 15 de Dezembro de 1859 até 14 de Abril de 1917. Com êle e depois dêle vieram e virão muitos auxiliares, seus colaboradores, para completar-lhe a obra.

Já tem sido repetidamente revelado que nesta grande transformação que se está processando, terão que dominar o Evangelho, o Espiritismo e o Esperanto. O livre arbítrio humano pode dificultar, retardar um pouco o progresso, mas não pode impedir-lhe o triunfo final, porque os conservadores pertinazes, inimigos do progresso, terão que ir sendo substituidos na superfície da Terra por outros espíritos mais dóceis aos ao Plano Divino da Evolução

---

Os Astros não regem nossos Pensamentos

V. O. CASELLA

PROSSEGUINDO na nossa campanha de esclarecimentos sôbre as supostas predições astrológicas, cuidaremos hoje do Sol, essa estrêla côr de ouro, 1.300.000 vezes maior que a Terra, e situada a quase 150.000.000 de km distante de nós.

Todos sabemos que os astros se atraem reciprocamente, mantendo o equilíbrio da mecânica celeste. Assim, a Terra gravitando ao redor do Sol, recebe dêste luz e calor, como também outras formas de energias que se revelam pelos seus acentuados efeitos sôbre a crosta planetária.

Mas, como das outras vezes, queremos demonstrar que essas ações do Sol não têm a mínima relação com as propaladas influências astrológicas. Os astros não tem poderes sobrenaturais, para regerem nossos pensamentos, governando nossos negócios, amizades etc., cujos conceitos os supostos adivinhos julgam predizer nos seus horóscopos.

O Sol, essa poderosa fornalha atômica, com uma temperatura de 6.000 graus na sua superfície, atingindo mais de 20 milhões de graus no seu núcleo, apresenta certos fenômenos na sua fotoesfera, os quais vem merecendo acurada atenção dos pesquisadores. Tratam-se de certas manchas escuras, geomètricamente irregulares, variáveis, flutuando naquelas camadas gasosas superficiais, aumentando e diminuindo sua intensidade em ciclos de 11 anos, mas não fixos. O obscurecimento dessas manchas é apenas em relação ao potente brilho da fotoesfera solar, pois elas são mais fulgurantes que a mais forte luz artificial conseguida pelo Homem.

Quanto a verdadeira natureza dêsses fenômenos é assunto que ainda não está devidamente esclarecido, motivando o surgimento de várias teorias. Contudo, convém não pensarmos que a ciência nada tenha conseguido nesse terreno, e que tudo esteja por fazer. As pesquisas prosseguem, e muita coisa já se revelou sôbre o comportamento dessas máculas.

Mas apesar da delicadeza dêsse assunto, nós tentaremos, de acôrdo com as nossas possibilidades, dar aos nossos leitores uma idéia sôbre êsses fenômenos, empregando termos figurativos e acessíveis, mas sempre baseados nas verdades.

Inicialmente deveremos saber que os átomos da massa solar, pela perda de elétrons (partículas de eletricidade negativa), perderam suas caracteríticas neutras pelo desiquilíbrio de cargas, tornando-se ionizados. Nestas condições, as manchas solares, revelando movimentos turbilhonantes, geram fortes campos magnéticos, cujo poderio se faz sentir na nossa superfície planetária.

Assim, essas máculas, como verdadeiros canhões do Sol, arremessam pelo espaço enormes potenciais de cargas eletromagnéticas, bombardeando qualquer corpo celeste que penetre na trajetória de suas linhas de fôrças. Essas manchas, algumas gigantescas, ou menores mas em grupos, bombardeiam a Terra, quando esta coincide cair no seu campo de tiro, estando o nosso planeta mais sujeito a essas ações, nos períodos máximos daqueles ciclos.

Por êsse motivo, há ocasiões em que na superfície terrestre surgem certos fenômenos, cujas causas não são constatadas nos locais, mas que coincidem com a pontaria daquelas tremendas bocas, arremessando poderosas fôrças eletromagnéticas pelo espaço.

Foi assim que em 24 de Fevereiro, do ano passado, foi dado alarme sôbre o desaparecimento do submarino britânico, «Acheron». Este, em treinamento de manobras, embora tivesse emitido os sinais convencionados no seu tempo exato, estas emissões não foram recebidas por algumas horas, pelos vários postos receptores, sem explicações que acusassem causas locais justificáveis. Essa falha, com plausíveis razões, foi atribuida a manchas solares, que nessa o ocasião, anotadas pelo Observatório Greenwich, estariam causando tempestades magnéticas, perturbando sensíveis aparelhos emissores e receptores, motivando a perda de contato com aquela unidade naval, por algumas horas.

Citando outro caso, lembremos que o inquérito sôbre o choque dos transatlânticos «Andrea Dória» e o «Stockoln», em fins de julho do último ano, em águas norte-americanas, não esclareceu devidamente a causa do sinistro. Nessa ocasião, Ganini Belli, meteorologista italiano, acusou no meridiano central do Sol, singular grupo de manchas, bombardeando a Terra, com fôrças eletromagnéticas. Assim, esta possibilidade não foi excluida como possível causa daquele choque, pela perturbação dos aparelhos de radar de ambos os barcos.

Ora, diante disso, não esqueçamos que a constituição física do Homem também é uma sensível máquina sujeita às ações incidentes naturais exteriores. Como nem todos os sêres humanos apresentam a mesma resistência e equilíbrio na sua natureza orgânica, nos indivíduos mais sensíveis podem eclodir certas predisposições latentes nas ocasiões intensas dêsses bombardeios e eletromagnéticos das manchas solares. Mas essas ações são na ordem biológica e não mental como julgam errôneamente os astrólogos. Assim, não só o reino animal, mas o vegetal e outros fenômenos da superfície planetária estão sujeitos a essas ações, conforme acusam algumas observações e estatísticas.

E o interessante é sabermos que se êsses adivinhos sabem alguma coisa sôbre os astros, são pelos informes dos astrônomos. Estes divulgam as verdades, e aqueles, com êstes informes, elaboram seus horóscopos com aparência de predições científicas.

Como vemos, os astros não são entidades com vontades boas ou más, com plena consciência dessas ações, das suas diversas formas de energias. E nestes assuntos deveremos sempre consultar a Astronomia, e não a Astrologia. Da mesma forma em que a Alquimia cedeu lugar para a Química, também a Astrologia já passou o seu tempo e, hoje, quem não quiser permanecer na ignorância supersticiosa sôbre os astros terá que recorrer às verdades da Astronomia, na marcha da evolução mental.

E aquí terminamos essa parte e futuramente, fora dessa série sôbre Astrologia, voltaremos com outros interessantes informes sôbre as manchas solares, tão logo que recebermos os resultados de pesquisas, em fase de conclusão, que estão sendo elaboradas pelo observador Jean Nicolini, do Ob. do Capricórnio de São Paulo.

Avenida Barrozo, 378 — Araraquara

Aos Espíritos não está afeta a tarefa de apagar a fogueira ateada pelo orgulho, egoísmo, rancor e ciume das criaturas. Os seus conselhos e advertências, baseados nos preceitos cristãos, são bem claros para que cada um dos que se propuseram a trabalhar na seára espírita tenha a noção exáta dos seus deveres e das suas responsabilidades. Lembrai-vos de que o reino de Deus só pode ser conquistado pela prática das virtudes ativas.

CAIRBAR.

O Judeu, sua História, sua Missão

BIANÔR MEDEIROS

«Escuta, ó Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um».
«Sh'ma Yis-ro-el A-do-noy Elo-le-nu Ado-noy e-chod».

(conclusão)

9. — Atos, XVII, 1/2, Paulo em Tessalonica:

«chegaram a Tessalonica, onde havia uma sinagoga de Judeus. E, segundo o seu costume, dirigiu se Paulo a êles e por três sábados discorreu com êles sobre as Escrituras.»

10. — Atos, XVII, 10: (Paulo em Bereia):

«E êles chegando ali entraram na Sinagoga dos Judeus.»

11. — Atos, XVII, 17: (Paulo em Atenas):

«Pregava na Sinagoga aos Judeus e aos gentios religiosos» (que acreditavam em Deus).

12. — Atos, XVIII, 1/4 (Paulo em Corinto):

«Depois disto saindo Paulo de Atenas foi a Corinto. Encontrou ali um Judeu chamado Áquila natural do Ponto, que pouco antes havia chegado da Italia, e Priscila, sua mulher, por ter Claudio decretado que todos os Judeus saissem de Roma. E se uniu a êles e pregava todos os sábados na Sinagoga».

13. — Atos, XVIII, 19, Paulo em Éfeso:

«Entrando na Sinagoga pregava aos Judeus».

14. — Atos, 11/19:

«Nêsse ínterim, aqueles que tinham sido dispersos pela perseguição que houve no tempo de Estevão, chegaram a Fenícia, Chipre e Antióquia e não pregavam a palavra senão aos Judeus.»

15. — Atos, XIV, 1, em Icónio:

«E em Icónio entraram juntos na Sinagoga dos Judeus e ali pregaram, de maneira que uma grande multidão de Judeus e gregos se converteu à fé».

16. — Atos, XIII, 5, em Salamina:

«E quando chegaram a Salamina, pregaram a palavra de Deus na Sinagoga dos Judeus».

17. — Atos, XIX, 8, em Éfeso:

«Tendo depois entrado na Sinagoga, falou corajosamente durante três mêses, disputando e ensinando a doutrina do reino de Deus».

18. — Atos, XVI, 11/18 em Éfeso:

«Paulo converte Lidia e sua familia, que já era temente a Deus, isto é, judía».

19. — Atos, XIII, 13, em Antióquia:

«E num dia de sábado entraram na Sinagoga e sentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da Sinagoga, lhes mandaram dizer: Varões irmãos, se tendes alguma exortação para fazer ao povo, fazei-a. Então Paulo se levantou, fez sinal de silêncio e disse: Varões israelitas e os que temeis a Deus, ouvi».

20. — Paulo, Epístola aos Romanos, (aos Judeus de Roma), I, 16/17:

«Porque não me envergonho do evangelho, pois êle é uma fôrça de Deus para salvação de todo homem que crê, primeiro do Judeu, depois do grego».

21. — Paulo aos Filipenses, I, 5/6:

«Fui circuncidado ao oitavo dia; sou do povo de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu, filho de Hebreus; fariseu segundo a lei, e tão zeloso que cheguei a perseguir *a Igreja de Deus* (substitua-se por discípulos de Jesus); tinha uma vida irrepreensível quanto às exigências da lei».

VIII. — O povo Judeu sòmente falava o hebraico e no tempo de Jesus e de seus discípulos o aramáico, a língua popular da época. Nessa língua falaram Jesus, João Batista e todos os discípulos do Divino Mestre. E, se alguma coisa escreveram, os Atos, as Epístolas, o Apocalípse fizeram-no em aramáico e não em grego. A teoria Católica de que Jesus e os discípulos falaram o grego é uma inverdade quê não resiste uma análise lógica, crítica, racional. A prova disto é muito fácil :

1. — Atos, XXI, 37/39 :

«O tribuno perguntou a Paulo: «sabes o grego?» Paulo, o Doutor da lei, o único intelectual entre os discípulos de Jesus não respondeu, querendo afirmar, assim, que não sabia o grego. Entretanto respondeu prontamente: «eu sou judeu.»

2. — Atos, XXII, 1/2 :

«Paulo se defende. Irmãos e pais, ouvi o que agora vou dizer-vos em minha defesa. E quando ouviram que lhes falava em *lingua hebraica,* o escutaram com maior atenção.»

3. — Atos, XXI, 40 :

«Paulo colocou-se sôbre os degraus, fez sinal ao povo com a mão, e tendo-se feito um grande silêncio, falou então em *lingua hebraica,* dizendo :»

4. — Atos, XXVI, 14, o próprio Jesus, mesmo depois de ressuscitado falava ainda o hebraico :

«E todos nós caimos por terra e ouvi uma voz que me dizia em *lingua hebraica*: Saulo, Saulo, porque me persegues? Duro te é recalcitrar contra o aguilhão. Então disse eu: quem és tu, Senhor? E o Senhor respondeu : Eu sou Jesus, a quem tu persegues.»

5. — São Jeronimo aceita ter sido escrito em Arameu o Evangelho segundo Mateus (Eusebius Hieronymus Litterae — XX Ad Damasum — I vol., pag. 83, ns. 15/20 — ed. Belles Lettres — 1949) :

«Denique Matheus qui evangelium hebraeo sermone conscripsit ita posuit: «osianna barrama», id est «osanna in excelsis», quod salvatore nascente salus in caelum usque, id est etiam ad excelsa, peruenerit pace facta non solum in terra sed et in caelo, ut iam diei aliquando cessaret: «inebriatus est gladius meus in caelo »

«Visto que Mateus escreveu o evangelho em língua hebraica assim disse: «osianna barrama», isto é «gloria a Deus nas alturas, etc...»

6. — Paulo, Epístola aos Romanos (aos Judeus de Roma), III, 1/4 :

«Qual é, portanto, a vantagem do Judeu? Ou qual é a utilidade da circuncisão? Grande, de todo modo. Em primeiro lugar porque lhes foram confiados os oraculos de Deus. Que importa se alguns deles não creram? Porventura a sua incredulidade destruirá a fidelidade de Deus? Claro que não. Porque Deus é verdadeiro e todo homem é mentiroso, segundo está escrito: Para que apareças justo nas tuas palavras e triunfes, quando fores julgado».

7. — Paulo aos Romanos, XI, 1/5 :

«Digo, pois, teria Deus então regeitado o seu povo? Não, por certo. Porque eu também sou Israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não regeitou o seu povo, que Êle conheceu na sua presciência. Porventura não sabeis o que a Escritura conta de Elias, de que modo êle se queixa de Israel a Deus? Senhor, mataram os teus profetas, derrubaram os teus altares; e fiquei apenas eu e êles ainda me querem matar. Mas que lhe disse a resposta Divina? «Eu reservei para mim sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal». Assim, é que ainda ficou um resto, segundo a escolha da graça».

8. — Paulo aos Romanos, XI, 25/26 :

«Mas não quero, irmãos, que ignoreis êste mistério, para não vos presumirdes sábios: E' que uma parte de Israel caíu em cegueira, até que tenha entrado a totalidade dos gentios. E, assim, todo o Israel se salvará, como está escrito: «Virá de Sião o libertador e afastará de Jacó a impiedade».

9. — Apocalípse, XXI, 1/3 :

«E vi um céu novo e uma Terra nova; porque o primeiro céu e a primeira Terra desapareceram e o mar já não existe. E eu, João, vi a cidade Santa, a nova Jerusalém, descendo do Céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa para o seu esposo. E ouvi uma grande voz, oriunda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, e Êle habitará com êles. E êles serão o seu povo e o próprio Deus estará com êles».

10. — Apocalípse, XXI, 9:

«E me transportou em espírito a um grande e alto monte e me mostrou a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, brilhando com a glória de Deus; e o seu fulgor era semelhante a uma pedra de jaspe, como cristal. E tinha um muro grande e alto com doze portas; e nas portas, doze anjos, e inscritos uns nomes que são os nomes das doze tribos de Israel».

11. — Como se verifica, a verdade espiritual vai surgindo aos poucos, pelo que devemos procurá la em suas fontes diretas: Israel, o hebraico, a revelação. A «Folha da Manhã», Estado de São Paulo, de 2 de Setembro de 1.956, pág. 7, traz a notícia auspiciosa da descoberta nas ruínas de «Quisbut Cumrã», no mar Morto, em diversas grutas, de milhares de pergaminhos pertencentes ao governo de Israel e que estão sendo tratados, reconstruidos, fotografados e publicados em Jerusalém, de 1.949 a esta parte, escritos em aramáico. Toda a Biblia está sendo reconstruida em textos originais, em hebraico clássico e aramáico, no Estado de Israel, pelos próprios Israelitas, o povo de Deus. Já foram publicados cinco livros ou volumes, que estão ao alcance dos interessados. As preciosidades são de todos os tempos, inclusive do tempo de Jesus e de seus discípulos. Muitos termos pagãos, muitas expressões incorretas, muitas inverdades serão peneiradas, separando-se o joio do trigo, o erro da verdade histórica.

12. — Concluindo: o Judeu é o povo escolhido por Deus para espiritualizar a humanidade. Ninguém, de boa fé, pode duvidar desta verdade. Ninguém, como o judeu, — ama a sua pátria, a sua lingua, a sua raça, a sua fé. Religião é termo pagão Romano, encontrado em Cicero, Vergilio, Horacio e nos autores mais antigos ainda, com a significação de culto, cerimonias, lugar e objeto sagrado. Deriva-se ou se origina de religio, religionis, s. f. Nos textos sagrados não se encontra esta palavra, como não se encontram inúmeras outras originadas do paganismo Romano. Religião deve ser substituida por fé, revelação, lei, doutrina, ensino, boa nova, boa notícia, mensagem de salvação dirigida especialmente e em primeiro lugar ao povo de Deus e depois aos gentios das outras nações. Precisamos, por isto, respeitar, admirar, amar o povo escolhido, reconhecendo o seu grande merecimento, a sua missão especial, a sua gloriosa predestinação. Para isto precisamos estudar o hebraico, frequentar escolas hebraicas, fundar escolas hebraicas, difundir o hebraico como a lingua oficial do Judaismo e do Cristianismo e dos profetas do Altíssimo. Sem a Luz de Deus seremos sombras, ignorantes e sofredores por muitos séculos ainda, retardando o nosso progresso, a nossa renovação, a nossa felicidade espiritual.

Seja, portanto, o nosso lema: procurar, conhecer e difundir a verdade, combater o erro para salvar o homem.

Olimpia, 9/9/1956.

* * *

AVISO Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês de Abril, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XX CAPÍTULO

Inclinações literárias

1) Joaquim da Silva Duarte, que teria de influir muito em minha vida, teve influência preponderante na minha formação intelectual, na formação de minhas inclinações literárias.

2) Foi ouvindo-o declamar que tomei gosto pela declamação. E cheguei a ter fóros de declamador.

3) Escritor inédito, porque nunca chegou a publicar coisa alguma, teve a infelicidade de agitar um obscuro escrivinhador somenos, que fui eu...

4) Narrava uma peça de teatro que fizera. Peça que não foi publicada nem representada. Descrevia o cenário, os personagens, as cenas, fazendo o papel de cada um. Entusiasmava.

5) Pois eu, só de ouvi-lo falar de teatro e *representar* sua peça a gostos, palavras, descrição do cenário, tudo com entusiasmo, que escrevi também teatro. Escrevi um ato, AMOR E DESVENTURA, pródigo em pancadaria, em derrame de sangue, em tragédia. Não fosse sua péssima linguagem e má arrumação teatral, aquilo, bem como o drama seguinte — VICISSITUDES DA VIDA, lembrariam, de longe, as tragédias shaskepeareanas. Escrevi teatro, — vale a pena friza-lo — sem nunca ver uma peça representada, sem nunca ir a um teatro, sem conhecer um ator ou autor teatral; sem nunca ver um livro de teatro.

6) Do VICISSITUDES DA VIDA, um jornal do Recôncavo — A PAZ, de Santo Amaro — publicou... «deverá vir à luz brevemente um drama em quatro atos, *obra prima* do poeta Leopoldo Machado. O VICISSITUDES DA VIDA é uma peça que, forçosamente, há de agradar a quem a leia, pois é amorosa, de grande efeito cênico e urdida pelo sistema moderno...»

Sublinhamos o *obra prima* muito de propósito...

7) Nas peças escritas havia, efetivamente, muita desventura. Desventuras de um autor quase analfabeto, sem nenhum tino literário, sem nenhuma prática de escrever, com relativa pouca leitura ainda. Eu levei essa vantagem ao Duarte: ele fazia suas coisas bonitas, que as podia publicar e não as publicava. Meus *monstrengos* literários, que nem mereciam ser lidos, eram publicados e até representados. Tudo, por vaidade, inexperiência, burrice! Ou pelas três coisas juntas, talvez...

8) Também com êle tomei gosto à arte poética, à monologação. Declamava com sentimento e alma. Principalmente duas poesias, a *Fôrça*, de Lemos Brito, e *Oh! Não!* de Alfredo Pimentel.

8) A *Fôrça* começava assim:

Eu sou a fôrça possante.
Que todo mundo domina;
Eu sou a estrela brilhante
Que o céu e a terra ilumina...

10) A poesia *Oh! Não!* de Alfredo Pimentel que, como Lemos Brito, não se notabilizara como poeta, embora lhes sobrassem talento para tanto. Começava com versos assim:

Dizes que eu te esqueça? Oh! é mui-
[to tarde !
Não sou, talvez, quem pensas, um co-
[varde
Que não sabe lutar.
Eu tenho n'alma a châma sacrosanta
De fé! E sua luz é tanta e tanta,
Sublime a irradiar...

—

11) Nunca vi um verso do Duarte Não escrevia versos. Levei, na poesia, vantagens sôbre êle: escrevi versos, declamei poesias, publiquei livros de versos... embora furtasse, por vezes, coisas dos outros, pensamentos alheios; embora plagiasse...

—

12) Flavio Lopes Cançado hospedou-se no Hotel. E tomava parte em nossa rodinha literária. Ao deixar o Hotel, fui encontrar em cima da mesa de seu quarto, estes versos:

Ouve; eu passava a minha mocidade,
Como quem passa a noite de cautela,
Num frágil barco, a navegar sem vela...

Completei o quarteto, acrescentando:

Por sôbre um mar de prantos e saudade...

13) O soneto que começa por este quarteto, consta de meu livreco, *Pirylampos*. Aliás, muito bem impresso. Mas errado até no título.

14) Havia, em Salvador, uns tipógrafos — os irmãos Bittencourt — que puseram uma oficina de artes gráficas à Ladeira do Taboão. Procuraram-me, oferecendo-se para publicarem meu livreco contra pagamento somenos. Foi um achado para mim e um mal para meu público, de não sei se mais de uma duzia de pessoas. E houve quem gostasse de meus versos, quem os elogiasse.

—

15) Publiquei meus primeiros livrecos sem conhecer e sem conviver com um poeta. Houve um – Melo Leite – muito jovem, soturno e retraido, que não me deu entrada, com quem não tive convívio nenhum, embora pensionista no Hotel.

16) Entretanto, o PIRYLAMPOS teve elogios. Aliás, diversos.

Aqui está, o da mesma A PAZ, de Santo Amaro: «É o sugestivo título com que vai crismar novo livro de versos, prestes a sair à luz da publicidade, o jovem poeta baiano, Leopoldo Machado, residente na capital do Estado.

Já conhecemos algumas obras desse inteligente moço, entre as quais, AMOR E DESVENTURA e VICISSITUDES DA VIDA, que nos dão direito a que avisemos de público o PIRYLAMPOS».

17) Publicado o livro, voltou a publicar: «O PIRYLAMPOS contém muitas poesias bôas, e bem inspiradas, notando-se a beleza das rimas e a retidão da métrica. Em uma de suas poesias, intitulada, A MORTE, e oferecida ao proprietário desta folha, soube muito bem o poeta vibrar a sua consternação em linguagem delicada e assás expressiva».

—

18) Meu segundo volume foi *Flores Inodoras*.

De meu *Flores Inodoras* – e o eram, efetivamente, em tudo! — houve quem dissesse :

«E' o título de um livrinho de versos da lavra do Sr. Leopoldo Machado, que teve a gentileza de nos oferecer um exemplar.

Temos o prazer de afirmar ao digno cultor das musas que não perdemos um só de seus inspirados versos, os quais muito prometem às letras nacionais. Achamos-os, entretanto cheios de tristezas... e, como somos da opinião de que tristezas não pagam dívidas...»

De «*Operário*», Valença.

—

19) *Os Meus Ultimos Versos* foi o volume com que encerrei esta fase literária. Impressão, embora em papel jornal, magnifica... Tipo e disposição diferente para cada composição. Requinte de arte por parte de seus impressores. Prefácio longo, substancioso, bem escrito, de acadêmico de medicina, F. de Assis Souza. Prefaciou, sem ler, o livro, embora citasse os primeiros versos de uma composição :

«*Nasci, não tive infância, muito cedo*
comecei a sofrer da negra sorte...»

20) O livro recebeu elogios escritos. O que mais me sacudiu, foi a opinião do escritor. Afonso Ruy, publicado sob a assinatura AR. Citando o soneto com que Assis Souza o prefaciou, diz o articulista : «Leopoldo Machado, autor dos versos acima, será, de futuro, um poeta, escoimadas suas falhas de iniciante cheio de dúvidas, receios e receios, que o tempo se encarregará de corrigir e sanar. Todo êle é naturalismo sadio, traçando vigorosamente o seu sentir, as mágoas do coração, os dolorosos momentos de dores e provações. *Diadema de Dor, Fatal Dilema* e *Ultima Queixa*, caracterizam-lhe o espirito».

21) E cita versos do livro :

Que vida a minha vida !
Que sorte a minha sorte !
No pego de viver, caravana perdida
Aos doidos turbilhões das vergastas da [morte.

22) E, da poesia EU :

«*Quem sou eu ? Desconheço a minha [fraca origem :*
Parece que nasci sob o influxo das má- [goas.
Ora sinto da Dor a túrbida vertigem ;
Ora sou como Ashaverus entre ignotas [frágoas.

23) Focando que é um livro de dor, cita por último, o soneto L'AMOUR DE MÉRE. O título do soneto não justifica que o autor soubesse o francês,

mas que ele achou o título em francês mais bonito:

«Só há em todo o mundo um grande
[sentimento,
Que extasia, e conforta, e enleva, e
[ameiga, e encanta;
E' luz auroreal que para o Céu trans-
[planta
A nossa alma de crente em sagrado mo-
[mento;

E' astro sideral em glauco firmamento!
E' brilho vesperal duma candeia santa,
E' trescalante flor duma celeste planta,
Luz que devemos ter sempre no pensa-
[mento!

E' grande como o mar de plácida bo-
[nança,
Doce como o Infinito enlevado em ful-
[gores,
Suave como a cor suave da Esperança!

No báratro da vida é doce palinuro,
Suplanta até o sonho, o canto, o riso,
[as flores...
E' o santo amor de mãe tão dúlcido e
[tão puro!»

24) Entretanto, «o livro saíu errado até no título, com o *asticular Os* antes *do possessivo meus*», disse um crítico de jornal. «Tem versos do tamanho de um quiabeiro», escreveu, humorìsticamente, um poeta do recôncavo. «O poeta estragou muitos versos bonitos no ról dos maus versos», disse outro crítico.

—

25) *O Estado*, de Salvador, diz: «Vem prefaciado pelo sr. Assis Souza, estudando a personalidade do poeta, que apesar de muito moço já compõe versos delicados e prometedores, principalmente, se o moço literato cuidar um pouco mais da sintaxe, mormente ao tocante às enclíticas e proclíticas prenominais.

Não somos de número dos que permitem à liberdade poética todo o direito que se lhe quer emprestar por aí afora...

E eu cheguei a rimar, estupidamente, *epopéias* com *argenteas*.

26) O *Diário da Bahia* escreveu: A produção nacional no tocante à literatura, pode-se dizer que fornece mais de 90 % em trabalhos de poesia rimada. Verdade seja dito logo dos quais 5 % em condições de figurar no acêrvo da verdadeira poesia.

27) *Os Meus Ultimos Versos* entra, muito justamente, no ról dos 85 % restantes, a quem parece, mais preocupado a vaidade de possuir um livro, do que a glória —e porque não civismo?— de enriquecer a literatura pátria com versos perfeitos e completos.

Daí, porém, «não se infere que o trabalho de inteligente moço seja absoluta ruindade. Antes, versos êle os fez com inspiração sadia...»

E ressalva: «Se algum valor faltar às poesias de Leopoldo Machado, basta aquele *Amor Filial* da Dedicatória...

28) Xavier Marques, da *Academia Brasileira de Lêtras*, autor de *Sargento Pedro*, — o único *imortal*, na época, da Bahia — encontrara no poeta um farto manancial de inspiração e de imaginação, mas diz que *seus versos são ensaios incertos*...

29) Passando por Salvador, na *Caravana da Fraternidade*, em 1950 estive com o prefaciador, Assis Souza, ilustre médico. E falamos sobre OS MEUS ULTIMOS VERSOS. Ele tem o seu guardado como grata recordação daqueles bonitos dias de alegrias e irresponsabilidades de minha parte. Confessei que o meu volume havia rasgado. Destaquei o prefacio dele, a única coisa para mim que prestava e rasguei o livro.

—Pois fez muito mal. Devia ter guardado. Servia, se você tivesse, como eu, gosto pelas coisas do passado, para uma recordação agora agradavel ao seu espírito e para marcar a sua evolução literária...

30) Mais tarde, convivi com um jovem do recôncavo, que estudava Medicina, M. S. J. Loquaz, não gostava de pagar suas dívidas a seus credores, gostava de dizer versos de sabor esquisito. Lá apareceu com alarde na imprensa, assinando seus trabalhos a pseudônimo — Palmeiron de Neuville.

31) Não lhe furtei versos nem escritos, que nunca os vi em manuscrito. Mas quasi lhe copiei e pseudonimo. Criei o meu *Jeuville Oliver*, com que iniciei a literatura da segunda fase de minha literatice, com versos mais bem medidos, com ideias mais bem vestidas, respeitando melhor a meu público...

32) Já se havia fundado, na residência do próprio Assis Souza, o *Gre-*

mio *Lítero-Científico Rio Branco*. Eu, entre os agremiados. E quasi todos, acadêmicos de Medicina e de Direito. Só eu, estudante de banca, com outros rapazes, preparatórios. Ora aquilo era vergonhoso para mim, de vez que a razão estava do lado dos meus críticos. Que fazer, então? Reagir, estudando. Obtive uma *Gramatica Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira, o *Dicionário da Lingua Portuguesa*, de J. Ferreira de Almeida, *Tratado de Versificação*, de Olavo Bilac, e os livros de poesias de Castro Alves, de Bilac, de Vicente de Carvalho, de Raimundo Correia, de Guerra Junqueiro, os poetas da minha grande admiração.

33) Lendo esses versos, consultando o Dicionário, estudando Metrificação e Português, desertei da arena poética por algum tempo. Os versinhos que, aqui e ali, elaborava, assinava-os com o pseudônimo de Jeuville Oliver...

—

34) Fôra preciso que a Bahia entendida e ledora perdesse a memória do poetaço quase analfabeto, vaidoso e intempestivo que só havia publicado coisas imprestáveis, passiveis de crítica severíssima. Tanto mais pertencendo a um gremio de classe, composto de estudantes das três *Escolas Superiores* existentes em Salvador.

35) Foi, então, que passei a publicar produções nos periódicos da terra e de fóra, com pseudônimo. O MALHO, do Rio, a revista mais popular e mais lida da época, publicou muita coisa minha com o pseudônimo de Jeuville Oliver.

E Jeuville Oliver, dentro de pouco, até crônica de público merecera.

36) Mas, com o meu nome, só quando pudesse publicar coisas do agrado de mais gente culta, entendida, digna de crédito.

Uma questão, apenas, de dignidade literária.

Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita

Cicero Pimentel

QUEM leu a excelente obra mediúnica «Missionários da Luz» de Chico Xavier, encontrou no cap. X—Materialização—a seguinte passagem de Alexandre, ao responder a André Luiz: «Temos alí esclarecidos cooperadores do serviço, que preparam o ambiente, levando a efeito a ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos. Nos trabalhos dêste teor requisitam-se processos acelerados de materialização e desmaterialização».

Pois bem, lendo-se com cuidado esse trecho, conclúe-se que os Espíritos preparam o ambiente sob o ponto de vista físico, ou melhor, físico-químico, pela ionização do ar, a fim de obterem condições favoráveis para a materialização e desmaterialização. O termo ionização tem aquí, como em Física e Química, o mesmo significado, isto é: a formação de ions a partir de átomos.

A ionização da atmosfera realizada pelos Espíritos tem, por certo, como na Física, a finalidade de provocar um ambiente condutor de eletricidade, e portanto, capaz de descarregar um eletroscópio. A propósito fica um lembrete para aqueles que realizam sessões de materialização: é o de levarem consigo um eletroscópio para poderem evidenciar a condutibilidade elétrica do ar durante o fenômeno. Esse ambiente elétrico favoreceria a materialização, fato este, parece, desconhecido pelos investigadores espíritas e metapsiquistas.

No referido livro, ainda se lê

que Alexandre foi contrário à idéia de André Luiz, que ao ver os Espíritos ionizando o ambiente julgou tratar-se de «sacerdotes antigos que estivessem executando operações magnéticas de santificação interior do recinto».

É por esses motivos que se deve evitar o uso do termo ionização para indicar a purificação ou a melhoria espiritual de ambientes, o que não fez, por lapso, o confrade Teixeira de Paula, no seu interessante artigo sôbre a vida de Chico Xavier, em «Unificação», jornal n.º 31-32, 1955.

Ainda, no «Unificação», n.º 43-44, 1956, voltou o nosso confrade a insistir no uso desse vocábulo físico-químico, no sentido espírita, isto é, como meio de purificação de ambiente. Diz Teixeira de Paula que foram os Espíritos que o usaram nesse sentido. Não! os Espíritos usaram o terno ionização tal como mostrei acima, a saber, como um meio para preparar fisicamente o ambiente da materialização. Para o arejamento espiritual, há Espíritos que por outros métodos isolam, até mesmo, o local «para que os princípios mentais de origem inferior não afetem a saude física dos colaboradores encarnados» (ver obra e capítulo do livro citado atrás).

Em conclusão, a ionização não tem um significado próprio na fenomenologia espírita ou mesmo metapsíquica; é um termo que pertence à Física e à química, devendo, porém ser usado sempre no seu sentido original, isto é: fenômeno da passagem do átomo para ion, o que ocorre tanto nas reações químicas, como na ionização de gases provocada por certas radiações (raios alfa das substâncias radioativas, etc.)

S. André, 11-2-1957.

Salutar Movimento Espírita na Argentina

O «Boletim Espiritista», de Avellaneda, República Argentina, em seu número de novembro do ano próximo findo, propugna a idéia salutaríssima da fundação do Instituto e Clínica Psiquiatra Espírita, a respeito de cujo projeto o mesmo Boletim publíca farta colaboração, de que tratamos, em parte, no próximo número de «Revelação» (n.º 2, de fevereiro, a sair). Tão importante se nos apresenta êsse movimento da opinião espírita argentina, que solicitamos também aos nossos caros confrades de «Revista Internacional do Espiritismo», cujo círculo de ação é muitíssimo mais amplo do que o do pequeno órgão sob a nossa direção, que se dignem aceitar, publicando-o em seu número a sair, esta despretenciosa colaboração sôbre o assunto em foco.

Antes de tudo transcrevamos, *data venia*, o apêlo que faz a Comissão organizadora do *Instituto y Clínica del Alma*, à ciência médica argentina, nos seguintes têrmos: «A Comissão Organizadora que tomou a si a tarefa de cristalizar, realizando-a, a idéia da criação de um Instituto e Clínica da Alma, para solução do problema da Psiquiatria Integral, fundamentado no equilíbrio da ciência médica e da mediunidade, que funcionam, como já é do domínio público, com resultados sedutores em países progressistas como: Brasil, Cuba, México, Inglaterra, Estados Unidos, etc., se compraz em enviar-lhe o informe da citada iniciativa, para os efeitos de consultar sua autorizada opinião a respeito, em tôda acepção da palavra, segundo seu leal saber e entender.

Acima das ideologias ou religiões que temos o direito de professar e o dever de respeitar, desejamos convergir para um ponto no qual pudéramos identificar nos, com o veemente desejo de ser mais úteis aos demais.

Por isso, anelamos que judiciosamente considere esta obra como um esfôrço em comum que, sob a direção médica de profissionais especializados, funcionará gratuìtamente, para o bem geral.

Esperando ver nos interpretados em sua autorizada resposta, que tanto valorizamos, grato nos é saudar-lhe com a nossa mais profunda amisade, solicitando sua autorização no caso que queiramos publicá-la.

Em tal espectativa, nos é útil fazer acompanhar esta nota do incluso detalhe impresso pela Comissão Organizadora.

Tenente Coronel Julio Barcetche, secretário de Relações Exteriores; Alfredo Vaghi, Secretário Geral; Salvador Gatto, Secretário de Imprensa e Propaganda; Rodolfo San Gil, Secretário de Correspondência».

Se há um assunto que deva realmente merecer, da parte dos espíritas, a maior consideração, é êsse que se relaciona com a Medicina da alma, em todos os seus complexos e por vezes intrincados delineamentos. O Hipnotismo já definitivamente entrou para o quadro das atividades médicas. Mas não basta isso, porquanto o Hipnotismo pode coexistir com o materialismo e, neste caso, o verdadeiro sentido do problema é posto à margem, com enorme prejuizo quer no sentido teórico da Doutrina — o que não é para desprezar; quer no sentido prático da ciência — o que é essencial.

Quem perlustrar os autores espíritas que têm tratado, como o fez Gabriel Delanne, da utilidade fisiológica do perispírito ou do seu papel psicológico (1), necessàriamente haverá de reconhecer a relevância da contribuição espírita no campo da Psiquiatria, reconhecendo igualmente que o caráter cientfíco dessa valiosa contribuição da nossa grandiosa Doutrina, para a normalização psíquica dos enfêrmos da alma, está a exigir da civilização adiantadíssima, de que já desfruta o homem terreno, maior, muito maior interêsse por uma questão que tem sido relegada à classe menos culta da sociedade, porém muito mais acrisolada no íntimo reconhecimento da Divina Paternidade e por isso mesmo mais inclinada à fé que constitúi poderoso veículo das fôrças invisíveis operantes no sentido da prática da caridade.

Porque não rasgam definitivamente os homens de ciência a túnica de Nessus, que os prende aos vãos preconceitos, ao insustentável orgulho, de origem especificamente ateísta e materialista?

Diante dos nossos olhos rasga-se a téla do Infinito, inacessível aos nossos sentidos e à nossa inteligência, quando destituida de humildade. O homem domina a matéria, mas não pode dominar o espírito: «o espírito sopra onde quer...»

Por vezes, quando falha completamente a ciência, a fé simples e ingênua encontra valimento completo: «Se tiverdes fé, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, direis a êste monte: passa — e êle passará», afirmou o Cristo com a autoridade de quem operou a multiplicação dos pães e dos peixes, fez voltar à vida a filha de Jairo, o irmão de Marta e Maria e, não sòmente andou sôbre as águas, mas deu fôrças a Pedro para imitá-lo; além de tantos outros exemplos do seu imenso poder de curar, de expulsar maus espíritos, etc., etc.

Una-se a Ciência à Religião; venha para o campo livre do Espiritismo — e a humanidade terá nesta admirável civilização da era atômica muita felicidade para proporcionar às gerações que forem sendo educadas no sentido do aperfeiçoamento moral e da razão esclarecida pelo conhecimento das Leis de Deus.

Aos nossos irmãos argentinos, pela sua feliz iniciativa, os nossos melhores aplausos.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1957.

Rua Deputado Soares Filho, 53
Apartamento, 102 — Vila Isabel

---

(1) Vêr «A Evolução Anímica», do autor citado.

* * *

A Mocidade Cristã tem também participação ativa no movimento doutrinário — seja um dos presentes à X Concentração de Jovens a realizar-se em Goiânia, Goiás, nos dias 18, 19 e 20 de Abril do corrente ano.

E, a Criança Nasceu!...

General Levino C. Wischral

O bairro ficou alvoroçado.. Célere correu a notícia de lar em lar—o impossível acontecera!

Dona Cecilia, da alta sociedade, dama de ares fidalgais, sentira se grávida desde algum tempo. Seus largos recursos permitiram que se cercasse dos mais afamados médicos obstétricos; êstes, no entanto, foram unânimes em declarar que o caso era sumamente complexo, apresentando até iminente perigo, pois a criança, desde há muito, devia ter nascido. A paciente em hipótese alguma suportaria uma operação cesariana, devido à avançada debilidade de seu coração.

Os familiares tornaram-se de fisionomia sombria ante a preocupação dos médicos que permaneciam em constantes conferências. Os visinhos mais chegados sofriam igualmente; enfim, pressentia-se em todos os semblantes a silenciosa e cruel sentença: — dona Cecilia teria que morrer, com a possibilidade de levar para o túmulo o fruto de seu ventre.

A ansiedade aumentava. Que fazer? A quem mais apelar? Todos os dias eram de pesadas inquietações e todas as noites de terríveis pesadêlos. Sôbre o nobre palacete abatera-se, implacável, o peso do infortúnio. Alguém devia nascer, porém não podia. Enquanto isso, preces aflitivas subiam aos céus. Dir-se-ia, como nos romances... e a morte espreitava suas vítimas!

No auge do desespero, foi lembrado o Espiritismo, cujo nome, apenas pronunciado, fez correr um calafrio pela espinha dos que cercavam a enfêrma. Maquinalmente, com gestos bruscos, esconjuraram o demônio, fazendo sinais cabalísticos, enquanto murmuravam temerosos «cruz-credo». Alí votavam mais desprezo ao Espiritismo do que a um cão leproso.

E o parto inibitório seguia inclemente pela via do desfecho fatal. Dona Cecilia perdera o ânimo, agitando-se convulsa, em delírio; seu rosto já apresentava o «facies» característico da agonia; pesado suor frio banhava aquele cândido rosto, antecipadamente envelhecido, enquanto a pobre senhora, de vez em quando, desfalecia como morta. Seu marido, feições dementadas, enfiava seus longos dedos na cabeleira basta, pronunciando palavras de maldição.

Súbito, como milagre, cessaram as aflições. A doente tornara-se calma e lúcida. Inclinando seu rosto para certo recanto do luxuoso dormitório, começa a sorrir, iluminando-se-lhe as pupilas dilatadas, como se estivesse vendo manígnfica visão. Lentamente, a enfêrma repetia agora, em voz alta, as palavras que alguém parecia ditar do Céu. Ouçamo-la: «Filha querida, a vida continua; você está sendo experimentada em sua fé para com Jesus. Este teu filho precisa nascer e você necessita continuar a viver; tente o Espiritismo, já que a ciência dos homens não te pode salvar — Adeus!»

E os presentes cochichavam: — «Coitada, está variando...»

Dona Cecilia, porém, revigorada, rosto sereno, levanta-se firme, como só há mêses atrás conseguia fazer, e reune marido, filhos e parentes para dizer: — «Minha mãezinha, morta há tempos, recomendou-me que experimentassemos a cura pelo Espiritismo; vamos aventurar, sim?»

Parece que desta vez o Alto intercedeu. Todos em vez de se benzerem, aquietaram-se conformados.

De longe então, fôra trazido, às pressas, num possante Cadilac que havia rumado às plagas de Guaratinguetá, um homenzinho de feições humildes, tipo bom caboclo do interior. Era Antonio Araujo, médium passista, verdadeiro servo de Jesus e aparelho do médico espiritual Dr. Bezerra de Menezes.

Antonio, rápido, penetrou no quarto de dormir e pediu que alí apenas ficassem o marido, o médico da familia e a velha ama. Dentro de poucos instantes, o recinto foi tomado por diligentes espíritos socorristas, ao mesmo tempo que os presentes se admiraram quando viram aquele homenzinho tão humilde aprumar-se repentinamente, tomando aspectos e atitudes totalmente diferentes; parecia até, que aquele médium, como num passe mágico, se transformara instantâneamente no próprio Dr. Bezerra.

E o bom caipira, de aspecto e expressões transfiguradas, grave como um autêntico médico, porém de olhos completamente cerrados, foi logo tirando o paletó, arregaçando as mangas, lavando as mãos. Com espanto dos presentes, que pareciam chumbados ao chão, encaminhou-se o pseudo médico em direção a dona Cecilia, iniciando urgente o partejamento, tal como o faria o mais hábil médico parteiro da terra. Num gesto quasi imperceptivel fez com que a parturiente fosse tomada de uma doce sonolência hipnótica, passando a sorrir alegre e confiante, antevendo a sublime missão de ser mãe.

Os Céus tudo haviam preparado e o médico espiritual, Dr. Bezerra, através da mediunidade e das mãos benditas e ágeis de Antonio, executara a difícil operação. Dona Cecilia salvara-se e, em poucos minutos ecoavam pelo palacete silencioso os primeiros vagidos de uma linda criança!

Mas, sabem o que aconteceu ao bom Antonio? Ao voltar a si, confuso e assustado, como que acordando de uma longa vertigem, perguntou onde se achava, que fazia alí, que representava tudo aquilo, de quem era o bebê recém-nascido, por que motivo estavam os lençóes ensanguentados e sua roupa manchada, bacias pelo chão, ataduras, gazes, algodão, frascos, etc. Estava alheio a tudo, de nada se lembrava!

Entre calorosos abraços de felicitações dos presentes, agora aliviados e jubilosos pelo inesperado êxito, foi o bom caipira chamado de «o melhor médico parteiro». Os presentes choravam de alegria!

Antonio, no entanto, paulatinamente foi mudando seu semblante; ficou rubro, acanhado, tornando-se triste e profundamente envergonhado pelo que acabara de fazer; nem mais podia encarar as pessoas, pois, nunca em sua longa vida de pacato médium do interior praticara um único parto; muito ao contrário, até se sentia cheio de dedos e acanhado quando a conversa tocava assuntos de gravidez. Enquanto, humilde, pregava os olhos nos aveludados tapetes, dizia: — «Puxa! Quanta vergonha...»

Durante sete dias seguidos ficou hermèticamente fechado em sua choupana, não aparecendo na janela nem a pontinha do seu nariz; ninguém o conseguia ver.

«Puxa! Quanta vergonha...»

Eis, o resumo de uma pequenina história verdadeira.

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, *Ramiro Gama.*

Ramiro Gama e o médium de Pedro Leopoldo aparecem, agora, num livro originalissimo: LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER.

Já conhecemos e já privamos na intimidade de ambos. Isto até nos põe à vontade para estas notas.

Não há, efetivamente, quem conheça o grande médium de Pedro Leopoldo; quem tenha privado na sua intimidade, que desconheça fatos e episódios de sua vida, relacionados aos Espíritos que o assistem. Pois, senhores, são tais fatos e tais casos que Ramiro Gama conta despreocupadamente, suavemente, doutrinàriamente, encantando a gente, satisfazendo a toda gente que leia seu belo volume...

Nós já tivemos, também, a idéia que o Ramiro pôs em execução. Em 1937, assim conhecemos o Chico Xavier, ainda não conheciamos o Ramiro Gama, chegámos, mesmo, a exibir alguns de seus lindos casos em conferência, em MUNDO ESPÍRITA e na revista O REFORMADOR. Iamos até publicar um volume, DIAS LINDOS DE BELO HORIZONTE, englobando impressões de viagem, nosso conhecimento com o Chico e seus casos lindos. Eugenio Carlos Monteiro chegou a elaborar o desenho da capa, uma linda espiral que não tinha fim. Depois de publicados todas as impressões, os casos que então joeiramos do Chico e as mensagens magnificas que, então, colhemos, em prosa e verso — muita até repetidas em nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS — o manuscrito desapareceu não sabemos como. Lembramos, então, que o Chico profligou vivamente, um estudo comparativo que, então, fizemos entre êle e o Mirabeli. O fato era real, logicissimo, passara-se assim mesmo. Mas, êle não queria que aquilo aparecesse no livro. Seria maguar muito o companheiro. Escrúpulos de homem de bem e de cristão!

A verdade é que, aquele fato, e outros fatos lindos do Chico, não foram revelados ao público. Nem o livro, cuja lembrança e saudade ainda choramos comovidamente.

Estas linhas não são para tratarem de nós, mas da obra, que bem nos soube, do Ramiro Gama.

—

Foi M. Quintão quem nos aproximou de Ramiro Gama, em Três Rios, da primeira vez, que por lá andamos. Houve, efetivamente, entre nós, grande afinidade.

Mas, nossa afinidade nem sempre andou equilibrada, enquadrada na linha de amisade inquebrantável. O LAR DE JESUS apareceu. E era preciso que sua idéia e propaganda se fizesse conhecidas. Saíu, então, em REFORMADOR, um trabalho do Vinicius, que se nos afigurou contrário a tais obras. O Quintão tomou seu partido. Escrevemos uma carta esclarecedora, não nos lembramos a quem, contando a atitude do velho Quintão, que não se agastou, nem nos inimizou por isso. Essa carta foi bater ás portas do Ramiro, que, também partidário do Quintão... Discordamos, porém sem brigarmos. Tanto que, depois, veio residir em Nova Iguassú. Até parece-nos que aceitou um encargo na direção do F. E. Caridade...

Não tivemos tempo de visitá-lo em sua nova residência. Menos por não sermos gente de visita, mas pelo acúmulo de serviços que bem nos sabia realizalo, mais ou menos ao tempo e à hora. Ramiro teria se zangado conosco! Nem por isso deixamos de convidá-lo, e mais à mocidade *Amaral Ornelas*, para o monumental Congresso de Mocidade que realizamos em 1948. Se é certo que não tivemos a cooporação, de ambos, menos certo não é que o *Congresso de Mocidades Espiritas* foi, até agora, a coisa mais rumorosa espiritista que já se registrou no Rio de Janeiro...

Acordes e discordes, sempre estivemos juntos, graças a Deus. Briguinhas de espírita, sem ódios e sem rancores...

E voltamos — ai, de nós! — ao mesmo terreno pessoal!

—

Lemos seu livro com vivo interêsse. E o comentamos na sessão de estudos do F. E. C. Houve até uma porção de pedidos de volumes que ainda não recebemos. Comentamo-lo, salientando os casos que se nos afigurou mais pitorescos, mais doutrinários. Trata-se, por enquanto, de um livro como os nossos livrecos, que a gente recebe por favor, paga sem ler; ás vezes nem paga e nem lê e nem devolve e nem avisa seu recebimento! Mas, será um livro — afirmamolo — para novas edições e para difusão geral.

Ramiro Gama descreve o *médium* e sua simplicidade, sua vida e suas histórias, num volume que deve ser bem recebido e lido por toda gente...

Estamos em que, noutros dias, quando a *Editora da Federação Espírita* fôr menos restrita e mais franca, um dos primeiros volumes que editará, será o livro de Ramiro Gama, editando edições que se exgotam, como desaparecem as edições do médium admirável.

Os fatos e episódios da vida e da mediunidade de Chico Xavier, descritos pelo Ramiro Gama, se fosse coisa comum na vida de qualquer mortal, esse mortal seria candidato a santificação. Por muito menos, estamos vendo que se está ensaiando uma visão do Cristo, pelo Papa Pio XII, para a sua beatificação, para a sua canonização.

Parece-nos que o Francisco Candido Xavier não tem pretenção a chamarse, de futuro, S. Chico Xavier. Parecenos que não quer ficar devendo esta graça ao Ramiro Gama, claro...

Podiamos alinhavar, ou citar aquí alguns dos bonitos episódios do livro.

Mas, seria tirar a graça e o valimento do livro que todos devem ler, devem possuir, devem anotar, devem reler.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada

Crônica Estrangeira

Um Caso de Desdobramento

De «Estudos Psíquicos».

William Chapman White publicou há tempos um artigo no *Diário Popular*, de Lisboa, que causou grande impressão nos setores profanos. O vespertino lisbonense inseriu a narrativa sob este rótulo tremendo: «O estranho caso do americano que foi à Noruega precedido do seu fantasma».

Erkson Gorique é o protagonista da história. Homem de 50 anos, tem corrido o mundo em viagem de negócio. Em 1954 decidiu visitar a Noruega para vender cristais e porcelanas, embora ali não conhecesse qualquer pessoa. Um ano depois chegou a Oslo de avião e dirigiu-se ao melhor hotel, onde se inscreveu como hóspede. Pareceu-lhe que o empregado o fitava de forma estranha, mas não ligou importância, até que, fixando a assinatura, aquele exclamou:

— Ainda bem que voltamos a vê-lo, sr. Gorique!

O visitante disse que era a primeira vez que ali se encontrava e o empregado mais surprêso ficou.

— Mas há mêses que o sr. aquí esteve e disse que voltaria no verão... O seu nome é pouco vulgar e por isso não o esqueci...

—Deve ser engano—disse Gorique. — Nunca aquí estive.

O empregado encolheu os ombros:

— Talvez eu esteja confundido:

No dia seguinte Gorique dirigiu-se ao escritório de um armazenista, chamado Olsen, a quem fôra recomendado. Foi recebido por um homem idoso e afável.

—Sr. Gorique, que prazer tornar a vê-lo! Sempre esperei que voltasse a aparecer após a sua curta visita de há mêses...

—Sr. Olsen — disse ele — é a primeira vez que aquí venho. Nunca tinha estado em Oslo. Nunca o tinha visto. Pode explicar-me...

O sr. Olsen explicou. Um tal Erkson Gorique fizera-lhe breve visita alguns mêses antes, manifestara interêsse em comprar certa quantidade de porcelanas e cristais, dissera-lhe que voltaria no Verão seguinte e saira apressado.

— E parecia-se comigo?

— Não era talvez tão amável e parecia estar com muita pressa. Mas parecia-se com o senhor.

Gorique concordou que tudo aquilo era deveras singular. E Olsen prosseguiu:

—Também me lembro de me dizer que tinha escritório em 44th West Street e armazem em Long Island.

Gorique sentiu a testa cobrir-se de suores frios. Era o seu próprio endereço. E limitou-se a dizer com voz titubeante:

— E' estranho.

Gorique ficou uns dias em Oslo e fez grande encomenda a Olsen. Discutiram o caso do visitante anterior, sem nada concluir. Passados dias Olsen apresentou o americano a um professor da Universidade, que ouviu o caso, dizendo:

— Não posso dar-lhe uma explicação, mas posso dizer-lhe que a experiência de ter um «Vardogr» ou «precursor», como se chama, não é fenômeno psíquico raro nesta parte do mundo. Por que motivo o «precursor» aparece nestas regiões antes da pessoa autêntica ou a razão de só nesta parte do globo o fato ser notado, ignoro completamente. Há tantas coisas que não sabemos...

◆

Desencarnam Médiuns de renome Universal

Helen Duncan

No princípio de dezembro de 1956, o Rev. Thomas Jeffrey, ministro da Igreja Escocêsa, dirigiu o serviço de cremação do corpo de Helen Duncan. Ele a descreveu como a «Joana d'Arc da Escócia». O Rev. assistiu, durante 15 anos, a sessões da falecida médium que o convenceram dos fatos espíritas.

A sra. Duncan foi uma das mais notáveis médiuns que apareceram no cenário espírita. Suas sessões realizadas em boa luz vermelha durante 27 anos foram assistidas por milhares de pessoas. Muitos afirmaram terem visto a materialização de entes queridos, ouvindo suas vozes típicas.

—

James J. Dickson

Em 9 de novembro do ano passado, em São José, California, passou ao Outro Lado Mr. James J. Dickson, extraordinário médium de efeitos físicos, mediunidade que exerceu por mais de 50 anos, e desincarnou aos 75 anos. Tão potente eram as suas faculdades que, mesmo depois de ter se afastado do trabalho ativo no ano passado, ainda ocorriam materializações completas, muitas vezes à plena luz do sol.

Durante sua longa atividade, êle deu a incontáveis assistentes o prazer de reverem seus entes amados aparecerem em formas materializadas. Quando suas faculdades atingiam ao máximo não raro se mostravam 40 formas espirituais numa sessão, entre estas algumas que falavam em línguas extranhas.

De «*Two Worlds*».

* * *

O Amor de um Cavalo

De «Estudos Psíquicos»

Voz Informativa, de Julho, noticia um fenômeno admirável comprovante da grandeza de alma de certos animais.

No dia 21 de Janeiro do corrente ano — conta o articulista — Giuseppe Polischi regressava a casa depois de passar o dia numa aldeia vizinha, onde costumava ir semanalmente. Um amigo, fitando o cavalo, exclamou:

— Já está velho. Podias vendê-lo para o matadouro.

Polischi ficou chocado, pois tinha amor ao animal, que durante 14 anos o servira com dedicação. Pensava substituí-lo, mas nunca matá-lo. Não o poderia sacrificar assim.

Quando regressava a casa era noite, e a temperatura estava abaixo de zero. Subiam a encosta e o dono desequilibrou-se e rolou pelo declive. Em face dos lamentos de Polischi, o cavalo relinchou desesperadamente, mas ninguém lhe respondeu. A neve caía. De súbito, Morello — era o nome do cavalo — começou a galopar a caminho de casa.

Na aldeia tudo estava em silêncio e aquele relinchar obrigou alguns habitantes a abrir as janelas. Vendo o cavalo sózinho, calcularam que algo tinha sucedido ao dono. E alguns se deixaram guiar pelo animal, que os levou ao lugar onde Polischi estava sem sentidos. Primeiro, os aldeões nada viam sob a luz das lanternas, mas o cavalo olhava para baixo, até que deu a compreender que o dono rolara pela encosta. Levaram-no então ao hospital, cujo médico declarou que não teria podido salvá-lo, se tivesse ficado mais uma hora na neve.

Comentário de *Voz Informativa*:

«Como pensar que os animais carecem de inteligência e sentimento? A' medida que evolucionamos, observamos mais e compreendemos melhor. Quando souberem que o amor e a bondade anulam o mal e tudo aplanam, a felicidade se instalará na terra».

* * *

Premonição da Morte

Antonio Constantino.

Não quero saber de graça, com prenúncios de morte. De minha parte, tenho visto e ouvido tantos acontecimentos que arrepiam. Há, nisso, algo inexplicável, e atrevida e bufa é a pretensão de quem se põe a ridicularizar o incompreensível. Temos o caso da velha «estrela» Mary Pickford. De uns tempos para cá meteu se-lhe na cabeça o presságio do seu fim, tornando-se superstição obsedante. Por ocasião duma festa que ofereceu aos amigos, não faz muito tempo, recusou-se a dizer adeus aos convidados, na hora da saída. Não pronuncia a palavra «adeus», em que entende se achar implícita a idéia de morte. Isto lhe causa pavor. Os jornais puseram em destaque a história, não sem alta dose de ironia. Pois Mary Pickford relatou aos reporteres que por um triz ela não morreu, na noite de sabado último. Havia regressado duma festa, com o marido capitão Horace Brown, e este foi tirar o revolver, a fim de o guardar. A arma resvalando disparou. A bala apenas roçou a testa da ex-atriz. Compreende-se o susto dela, em função ao máu agouro que a persegue. Após o acidente referido, dobrou a agitação nervosa e o medo de Mary Pickford, sentindo a ronda do perigo à sua vida. O caso recente justifica os temores de premonição.

De «A Gazeta», de 1 de Julho de 1956, São Paulo.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 186.285,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Representante na Capital

O nosso Representante na Capital, o confrade Vicente S. Neto, residente à Alameda Cleveland, 724, telefone 52-8865, caixa postal, 4921, está autorizado também a angariar donativos para a Campanha pró-máquina de «O Clarim».

X Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

A Realizar-se em Goiânia nos dias 18, 19 e 20 de Abril próximo

Segundo já é do conhecimento de todos e, principalmente, do público juvenil espírita, a Concentração em epígrafe terá por séde a Capital do Estado de Goiás, GOIÂNIA, onde será realizada no período de 18 a 20 de abril do corrente ano.

No sentido de dar lhe o maior êxito possível, o seu Conselho Diretor vem trabalhando, estudando e traçando planos através de diversas reuniões prévias levadas a efeito. Várias Comissões foram constituidas, entre as quais, as de Finanças e de Propaganda.

Observando bem a data de seu início, lembramos de que nela se comemora o Primeiro Centenário do lançamento da 1.ª Edição de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», livro êste que, na realidade, veio iniciar a obra codificadora da Terceira Revelação.

Diante da duplicidade significativa da época, queremos solenizá la com a efetivação da X Concentração de Mocidades e com a Comemoração do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO.

Assim é que instalaremos dentre breves dias uma exposição de livros espíritas e uma barraca para vendê-los e difundí-los e estamos providenciando a vinda, ao Conclave e Centenário, de conferencistas idôneos para dizerem, de bem alto, as mensagens celestes aos moços que honrarem o seu movimento com suas indispensáveis presenças.

Teremos prazer enorme e vós muito lucrareis se a ela comparecerdes. A Concentração é vossa, jovens de São Paulo, de Minas Gerais, de Mato Grosso e de Goiás e de vós depende o seu brilhantismo. Lembrai-vos de que é nos certâmes dessa natureza que temos oportunidade de entrar em contacto com os companheiros de regiões outras e são ensejos belíssimos para a causa unificativa dos nossos ideais e dos núcleos juvenís espíritas do Brasil. Vós que tanto amais a Causa que estais empenhados; que gostais de confraternizar-vos; vinde confraternizar conosco aquí, em Goiânia, durante aquêles dias.

Para melhor orientação dos irmãos dedicados que desejais vir a Goiânia, informamo-vos de que os meios de transportes capazes de trazerem vos até aquí são de diversas ordens: Para os de São Paulo, Minas e zona de Goiás servida pela Estrada de Ferro de Goiás, há o Ferroviário, Rodoviário e Aéreo; para os de Mato Grosso e interior de Goiás não servido pela Estrada de Ferro existem os Rodoviário e Aéreo.

Como sentis, não é muito difícil virdes até aquí; depende, é claro, de um pouco do vosso esfôrço e sacrifício mesmo. Mas, a conquista de tudo o que é bom condiciona-se sempre à parcela de nossa boa vontade no agir para que haja mérito.

Goiânia, apesar de ser a caçula e modesta Capital de um dos Estados ainda pouco desenvolvido, tudo fará para receber-vos porque ela se sentirá enternecida e prestigiada se contar convosco abrilhantando as solenidades da X Concentração e do I Centenário.

SALVE A DÉCIMA CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE SÃO PAULO.

Goiânia, 20 de fevereiro de 1957.

Divulgação da Secretaría do Conselho Diretor. Rua 3, n.º 32 — GOIÂNIA — Goiás — Caixa Postal, 239.

Secretário: *Melchiades Floriano Lemos.*

* * *

Representante

Comunicamos aos nossos assinantes residentes em Salto, S. P., que o confrade Flavio Pitorre foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com autorização para angariar, receber e reformar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

* * *

União Municipal Espírita de Matão

Em sua reunião realizada no dia 3 do mês passado, a União Municipal Espírita de Matão, resolveu comemorar o *Ano do Centenário da Codificação do Espiritismo,* com palestras semanais que se realizarão todos os domingos ás 20 horas, no Salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», até Abril próximo.

Para a primeira palestra foi convidado o jovem Dr. Orlando Aylton Toledo, da cidade de Araraquara.

1.º Centenário da Codificação do Espiritismo

Sêlo Comemorativo

Desenho do sêlo postal comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, cuja emissão foi aprovada pelo Departamento dos Correios e Telégrafos, para uma tiragem de cinco milhões, com a taxa de Cr. $ 2,50, e que deverá ser lançado brevemente.

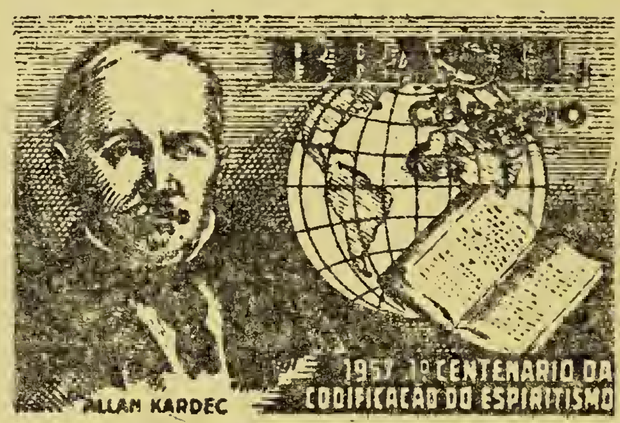
ALLAN KARDEC
1957 1º CENTENARIO DA CODIFICACAO DO ESPIRITISMO

Nêsse sêlo figuram o retrato de Allan Kardec, um livro simbolizando «O Livro dos Espíritos», e o globo terrestre, significando a disseminação do Espiritismo em várias partes do mundo.

Histórico

Em 18 de Abril de 1857 Allan Kardec lançou a lume a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», fundando assim o Espiritismo, ou a Doutrina Espírita, ditada a Allan Kardec pelos Espíritos Superiores através de médiuns. O trabalho de Allan Kardec foi reunir os ensinos dos Espíritos em um corpo de Doutrina, a que deu o nome de Espiritismo. «O Livro dos Espíritos» é a base desse monumento, e os demais livros da Doutrina Espírita escritos por Allan Kardec, representam as suas colunas, as colunas do monumento destinado a abrigar a humanidade toda, conforme a vontade de Deus.

Juventude Espírita: Empunhemos a Bandeira do Trabalho comparecendo à X Concentração de Mocidades, em Goiânia, de 18 a 20 de Abril próximo.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3334unse

o XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1957 – N.s 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Fundador: CAIRBAR SCHUTEL (1925-1938)

SUMÁRIO

Centenário da Codificação do Espiritismo
Êrro
Astros não são ditâmes para o Destino do Homem
sentido didático do «Livro dos Espíritos»
emórias de um Espírita Baiano
eja não, Escola
vros e Autores
Grandes Iniciados, Jesus Cristo, e o Livro «O Pentecoste»
sceu com duas Cabeças
ônica Estrangeira
piritismo no Brasil

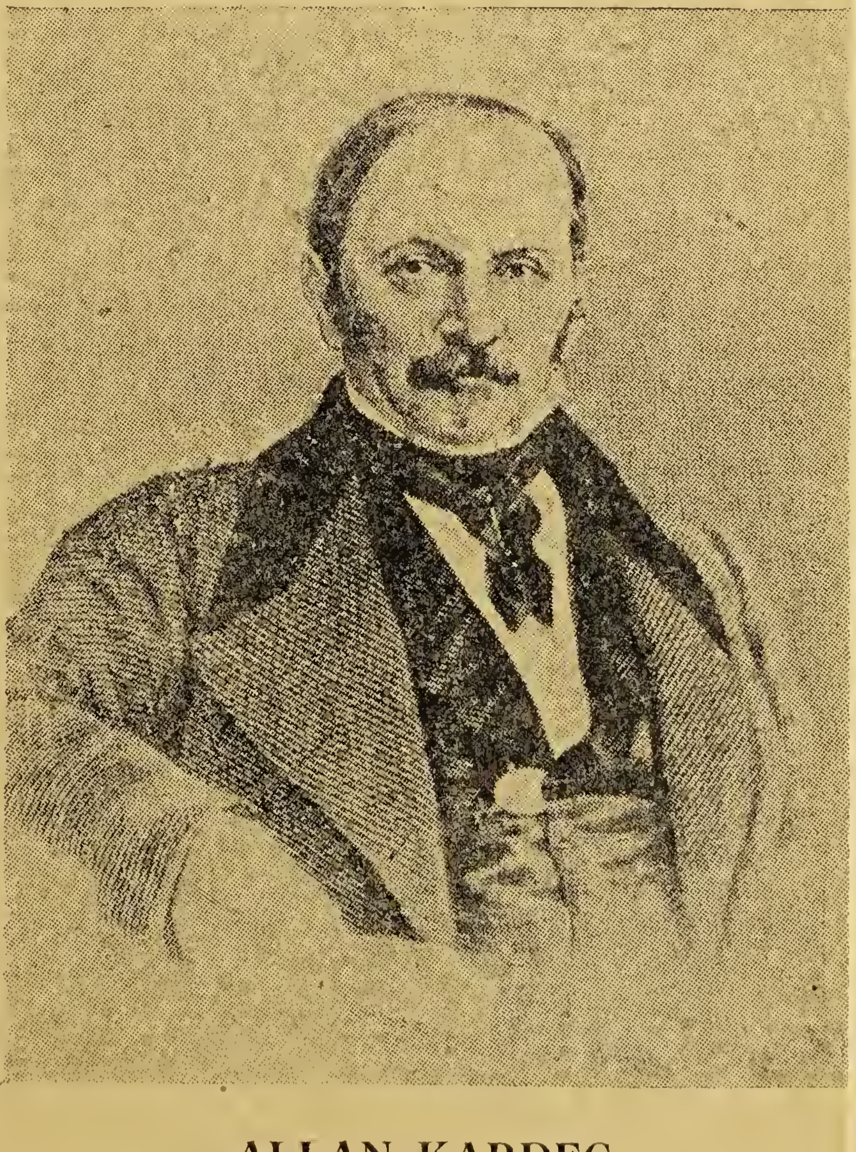

ALLAN KARDEC
Codificador do Espiritismo

57 – 1.º CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO – 1957

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».
Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1957 – NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

1.º CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

O dia 18 de Abril de 1857 marcou o início de uma nova era para a humanidade, pois foi nesse dia que Allan Kardec lançou à lume a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», que abalou até às raízes o mundo científico, filosófico e religioso do seu tempo e que até hoje continua a abalar, causando uma verdadeira revolução nas idéias em face do estabelecimento de um novo modo de vida sob a égide da imortalidade da alma, que abrange tudo quanto se relaciona com a atividade humana, com o pensamento, com a vida em seu sentido geral, do microcosmo ao macrocosmo.

Estes dois últimos séculos foram enriquecidos com o aparecimento de novos descobrimentos no campo material, como por exemplo o Rádio, a Televisão, a bomba atômica, etc., mas foram ainda muito mais ricos no campo espiritual, ao qual está subordinado o campo material, e isto em face do advento do Espiritismo, que responde a todas as perguntas que preocupam o cérebro humano, não deixando nada em suspenso susceptível de causar a menor dúvida.

O Centenário da Codificação está representado no lançamento de «O Livro dos Espíritos», que é a sua base. Foi realmente um dos maiores acontecimentos, senão o maior, porque não se trata de uma obra humana, que hoje nasce e amanhã desaparece, mas de um trabalho conjunto dos Espíritos Superiores, encarregados da espiritualização da humanidade, que tiveram como intérprete outro Espírito Superior incarnado na Terra, Allan Kardec, que tinha todas as qualidades morais e intelectuais para dar conta de tão grandiosa tarefa.

Além das luzes que projetam em todas as almas, iluminando-lhes o caminho da vida, a senda da evolução para o supremo objetivo, que é a Perfeição, «O Livro dos Espítos» e as demais obras de Allan Kardec, que formam êsse magnífico corpo de doutrina, que é o Espiritismo, oferecem a todos o confôrto e a esperança de que necessitam para vencerem as vicissitudes da vida com coragem e fé, transformando tremendas procelas num ambiente saudável, de paz e amor.

Sentindo a grandeza do Espiritismo, o abade Leçanu, dignatário da Igreja Católica, daquele tempo, declarou na sua obra—«História de Satanás»:—«Observando-se as máximas dessa obra básica de Allan Kardec, faz-se o bastante para se tornar santo na Terra».

Muitos vultos da História, como Charles Richet, Camille Flammarion, William Crookes, Ernesto Bozzano, etc., etc., não se cansaram de proclamar o valor do Espiritismo na solução de todos os magnos problemas humanos, oferecendo aos homens as experiências e observações do seu elevado cabedal de conhecimentos a respeito, conhecimentos bebidos nas obras básicas da Codificação, em que aparece em primeiro lugar «O Livro dos Espíritos».

Por tudo isso, convidamos a todas as pessoas amigas da Verdade a estudarem o Espiritismo, pois nêle encontrarão luzes para a sua alma e confôrto para vencerem os embates da vida.

Salve, 1.º Centenário da Codificação!

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

- III -

Argumentar-se-á, entretanto; — Quê dizer daquêle que tendo o conhecimento do roteiro, se desvia dêle? Daquêle que sabe que matar não é da sequência evolutiva e que essa fase já ficou para trás e que entretanto mata? Daquêle que conhecendo as leis humanas e espirituais que coibem determinados atos e que malgrado êsse conhecimento constantemente as viola? Daquêles que se entregam a tôda sorte de desregramentos, de corrupção moral que não raro lhes acarretam sofrimentos atrozes e até mesmo possíveis degenerescências físicas, e que embóra tendo isto presente, não se comportam como por seu conhecimento lhes cumpria comportarem-se?

Isso me faz lembrar o viciado em intorpecentes; sabe que o vício acabará com êle, mas não o abandona. O desrespeito à lei é um vício também, cujas consequências castigam o contraventor, mas êste, ignorante que é das verdadeiras causas de seu sofrimento e aniquilamento, permanece na ilusão de poder furtar-se à reação, ao resultado, da experiência que está realizando. Estará êle em êrro? Terá êle profundo conhecimento, não o superficial, das fôrças geradas e consumidas por sua atitude? Por que razão uma pessôa ao aproximar-se de um abismo se detém à sua borda? e por que razão uma criança não procede da mesma forma? Por que razão um animal irracional adulto e um recem-nato procedem da mesma forma? Não está bem claro aí que a reação da lei para um ato daquêles está profundamente gravado na individualidade, numa demonstração de conhecimento absoluto e não teórico da lei de ação e reação? Por que razão, homem ou irracional, não se atiram ao fôgo conscientemente mas lhe guardam conveniente distância? Não será pelo conhecimento amplo da imediata reação das leis que governam êsse fenômeno? A sabedoria dos instintos flui da repetição de inúmeras experiências!...

O conhecimento da lei não pressupõe o entrosamento do indivíduo nela. Quando expusemos nossa condição de células do organismo divino, aceitávamos a condição de executores de suas leis e, portanto, parte delas também. Quando fizemos analogia entre nossa organização psico-física com o universo, mostramos que naquela, como neste, existe a mais variada espécie de atividades. A nossa evolução, determina, pelo nosso livre arbítrio, a faculdade de mudarmos de tarefa dentro do mesmo organismo, da mesma forma que há células mais nobres que outras dentro de um mesmo físico. Aquele que permanece na repetição milenária de uma experiência e que não procura perceber o seu verdadeiro significado cumpre a missão pura e simples de células que se reproduzem para constituir um organismo físico, onde outras células, outras atividades, fazem seu aprimoramento.

Atualmente muito se fala na necessidade de amarmos ao próximo como a nós mesmos, mas aquêle que burla a lei, não sabe que nem mesmo a si próprio está amando. Amaremos ao próximo, imperceptivelmente no dia em que aprendermos a amar a nós mesmos. No dia em que tivermos zêlo pelo nosso destino, teremos também amôr pelo destino dos outros. Ressalta o amôr como o estado único do ser efetivamente evoluido. Não basta sabermos isto. Já disse que o conhecimento dos preceitos é como a superfície de um lago que cobre muita miséria lodosa. O amôr é a síntese da vida e «pregál-o para mostrar erudição» ou demonstrá-lo externamente para aparentar evolução, nenhum proveito trará, pois o que importa é «senti-lo como orientação e assimilá-lo como vida». Amôr é condição que não se alcança pela vontade ou pela disciplina de um momento para outro, mas é o fruto dêsses mesmos fatores, da maturação do conhecimento daquêle que sabe e por isso compreende.

O homem não contraria a lei do fôgo e da gravidade porque vê, incontinente a sua reação, e como por ignorância não percebe que qualquer lei ultrajada reagirá a seu tempo, julga, por isso, que ficou impune o seu ato contrário a ela. O derrogamento de uma lei só será lícito mediante a observância de uma lei imediatamente superior, o que implica não uma conduta contrária a ela, mas por tê-la em consideração. Não sabe êle que «além da justiça humana, aparente, há uma diversa justiça divina, substancial, INVISÍVEL E TREMENDA, a que não se escapa na eternidade; *uma justiça que não tem pressa, mas que alcança inexoravelmente*». O entrosamento do indivíduo na lei é fruto do seu aprendizado. Executando portanto o que consideramos «*êrros*», e através dos efeitos dessa causa, fará as mutações na escala evolutiva, como «resultante das impulsões e da capacidade individual de reagir». O mal do homem é como vimos antes, o de querer comportar-se ante as leis cósmicas como se comporta ante as leis dos homens. Acha êle que ambas são leis de papel e que assim, como sua inteligência lhe faculta furta-se às consequências de uma, essa mesma faculdade o livrará da outra, inconsciente de que as leis do papel são no mais das vezes impotentes para se fazerem respeitar. Os atos contrários à ordem suprema refletem pois ignorância, experiências para aprender o caminho, e não o êrro profundamente consciente. Repete o indivíduo a experiência milhares de vezes, mas como é incapaz, não lhe capta ainda o verdadeiro resultado.

A justiça dos homens reconhecendo que o chamado criminoso é antes de mais nada um desajustado, não faz da pena um instrumento de punição, mas sim de reajustamento. A pena como castigo pode redundar em resultados mais catastróficos, pois como ato que é, motivará uma reação condizente com êle. Valho-me ainda de Constâncio Vigil, quando diz: —

«Veja-se o legislador — tal o educador e o pai de família — obstinado em considerar o delito como ato espontâneo, prescindindo das causas psíquicas e fisiológicas que o determinam. Obstinado em não ver o culpado senão num dado momento de sua complexa existência, obstina-se em obter a regeneração pelo castigo. Mas nem pai de família, nem o legislador conhecem a relação que existe entre as imperfeições que pretendem corrigir e os castigos que aplicam. Assim, ainda mais rebaixam a condição humana na suposição de que a exaltam».

Será o remorso o reconhecimento consciente do indivíduo de que errou na experiência que levou a efeito? As pesquisas do mundo íntimo de cada personalidade são sempre difíceis e os resultados raramente uniformes. O que em um pode ter origem numa forma, em outro pode ter características inteiramente antagônicas. Nêste terreno, a relatividade adquire uma realidade mais ampla ainda. O remorso é tema suficiente para encher um livro. mas sintetizando preferimos considerá-lo como imediata e primeira reação, de carácter cósmico que acompanha como auto-defesa todos os fenômenos da vida. Suas propriedades sutís se fazem sentir incontinentemente a qualquer ação que não se harmonize com a ordem fenomênica. Varia de intensidade, não por ser multi-intenso, mas de acôrdo com a receptividade do indivíduo. Mais forte no mais evoluido, mais tênue no involuido e até mesmo imperceptível na razão do decréscimo nessa escala. Para alguns o sutil remorso é sentido tão intensamente que é suficiente para orientar os que lhe sentem no sentido exáto do verdadeiro caminho. O homem realmente espiritualizado pode confiar nesse guia infalível, porque representa um faról, na noite escura de nossa caminhada. Para outros, êle não existe, terão que aguardar a inexorável justiça da lei que quer e tem que recompor-se, e que, por não ter sido atendida e compreendida pelo carinhoso aviso do remorso, se desencadeará com argumentos mais poderosos. No primeiro como no segundo caso, surge a dôr, em formas diferentes, mas sempre dôr, agindo como aguilhão, exigindo obediência aos altos desígnios. E' ela como as paredes de negro labirinto, que a golpes dilacerantes, vai impelindo o homem para sua única saída. Diz a «Grande Síntese» que: — «Dôr é o efeito das reações da Lei violada, a se fazer sentir na sua vontade de reconstrução da ordem, que tudo quer reconduzir para Deus, é a reação a que chamais *punição*». Vejam como a verdadeira interpretação da palavra *êrro* e também da palavra *punição*, são bem diferentes da forma que lhe dá o homem!

A generalização do conceito do êrro e de punição, tem sido um entrave à melhor compreensão das leis evolutivas. Cada um possui necessidades geradas pelo seu estado geral. não havendo dois sêres em que a generalidade de seus estados sejam idênticos. Assim uma lei para todos não serve, porquanto cada um tem a inalienável lei individual. «Os homens vivem misturados; suas leis, entretanto, não se confundem. O que para um é gravame mortal, pode ser, para outro, incompreensível, porque nunca o experimentou. São todos vizinhos e irmãos; no entanto, cada um, em face do encadeamento das próprias obras e das suas consequências, está sòzinho; sòzinho com a sua responsabilidade e com o seu destino, qual êle o quís. As vias estão traçadas, mas à ação humana exterior não as vê nem as muda: os valores substanciais não correspondem às posições e categorias sociais».

Aquêle que diz ou é julgado como conhecedor da lei e não a exprime em seus atos, assemelha-se ao artista que todos nós somos. Podemos imaginar uma estátua de magnifica e rara beleza. Criamos essa imagem em nossa mente e de posse do pincel ou do buril nos dispomos a transportar tal imagem, para o mundo das formas densas do nosso plano. Surge então a respeitável barreira que medeia, entre a idealização e a concretização. Por deficiênciade habilidade no trato com os instrumentos de trabalho. pela impropriedade de material ou pela inconstância da forma a ser modelada, o trabalho se for levado a termo, dificilmente corresponderá em exatidão à que foi idealizada. Verificamos constantemente que o autor de uma obra de cunho artístico, difìcilmente se confessará satisfeito, e por mais que a retoque, nunca se sentirá realmente correspondido entre a imagem e a forma. A mente humana avança como patrulhas guerreiras por terreno estranho, e, não raro, bate em retirada por não sentir-se suficientemente forte para manter-se ali. Volta com preciosas informações afim de que o grosso da tropa, aquilo que representa a nossa verdadeira posição, possa avançar ao abrigo de maiores riscos, solidificando uma conquista que foi apenas entrevista no passado e que no presente se tornou realidade. Sòmente agora, aquêle terreno, antes palmilhado por fôrças de pesquisa, pode servir de proveito a seu conquistador. A espécie humana avança devagar, embora inúmeras patrulhas mentais estejam fazendo sortidas por paragens ignotas. Através dos informes recolhidos, antevemos as maravilhas existentes longe de nós, mas aquêle terreno, pelas imensas distâncias da incapacidade, guardará respeitável tempo para ser conquistado.

«Não julgueis para não serdes julgados». Ensinamento profundo constantemente esquecido que não representa apenas um artigo de lei, mas o esclarecimento de uma lei. Definição que nos mostra que na escala evolutiva não podemos emitir conceitos a respeito do que está em nosso mesmo plano. O homem não conhece ainda nem mesmo sua íntima história, não possui ainda a solução de seus recônditos problemas, não sabe as causas que dão motivo ao conjunto de efeitos que êle é hoje. Como pode essa individualidade que não aprendeu ainda a amar a si mesmo e a julgar a si próprio, amar ou julgar o seu próximo? Como pode aventurar hipóteses sôbre a origem dêste ou daquele fenômeno, suas causas e destinações, se não conhece o seu passado que se fechou na noite de ontem, sua ação que surge na manhã radiosa do hoje, e sua róta que se abrirá com o amanhã?

Os Astros não são ditâmes para o Destino do Homem

A nossa série de publicações sôbre as supostas predições da Astrologia, apresentamos êste último trabalho, cuidando dos signos, ou melhor, das constelações, com algumas recapitulações dos artigos anteriores.

A maravilhosa natureza do Universo povoou os céus de estrêlas, mas foram os homens da antiguidade que dividiram êsses astros luminosos em grupos individualizados, imaginando, nessas reuniões estelares, fantasiosas figuras, com estranhas denominações.

Mas em tôrno de alguns dêsses agrupamentos foram criadas as mais absurdas superstições, cujas crendices se generalizaram, sucedendo-se de uma geração a outra, mantidas pela Astrologia, esta suposta arte de adivinhar nosso futuro, pela hipotética leitura dos astros.

As configurações que vêm sendo motivo de superstições, exploradas pelos astrólogos, são as que se acham dentro de uma determinada faixa do céu, denominada zodíaco. Esta faixa, com 17 graus de largura, forma um círculo ao redor da Terra, ocupado por 12 agrupamentos de estrêlas, com 30 graus de comprimento cada grupo, cuja soma totaliza os 360 graus da circunferência. Mais uma vez, vejamos as suas denominações: — «Aquário, Peixes, Carneiro, Touro, Gêmeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário e Capricôrnio.

Em noites límpidas, com o auxílio de um mapa celeste, em local favorável, podemos ver 6 constelações, da metade da faixa zodiacal, que atravessam o céu do nascente ao poente. Elas representam a rota do Sol, da Lua e dos planêtas.

Os adivinhos atribuem a cada grupo estelar estranhas e diferentes funções, como se essas figuras fossem realmente entidades vivas, dotadas de vontades boas e más. Assim, enquanto umas nos favorecem fortunas, outras nos propiciam viagens, e outras ainda nos escolhem profissões, tendo cada uma as suas especialidades, e tudo dependendo do dia, hora e minutos em que nascemos, para cairmos no agrado ou desagrado dessas figuras, imaginadas no céu pelos antigos.

E com todas essas superstições, ainda propagam que a Astrologia é uma ciência positiva. Mas tratando-se de ciência os que a estudam deveriam revelar qual a natureza dessas misteriosas influências comerciais, amorosas, casamenteiras etc., que êles dizem provirem dos astros.

Mas essas influências encantadas não podem vir nas energias irradiadas pelas estrêlas porque os cientistas nada encontram nessas vibrações que concordem com êsses conceitos da Astrologia. Além disso, os adivinhos, não poderiam fazer seus cálculos exatos (?) pela luz das estrêlas, porque as vibrações luminosas chegam-nos com apreciável atraso.

Expliquemos êsse retardamento: — Na faixa zodiacal, entre as suas principais estrêlas, a Aldebaram, da constelação do Touro, é a que se acha mais próxima da Terra. No entanto, a sua luz, apesar de rasgar o espaço com a sua fantástica velocidade de 300.000 quilómetros por segundo, terá que viajar durante 58 anos para nos alcançar, vencendo mais de 500 trilhões (548.726 400.000.000) de km que nos separam. Supondo-se que essa estrêla se apagasse hoje, pela extinção total do seu combustível atômico, sòmente no ano de 2.015 é que os habitantes terrestres dariam pela sua falta, momento em que chegariam aquí seus últimos raios de luz que de lá saíram na ocasião da morte do astro. Mas até lá, sem que ela existisse mais, continuaria nos cálculos dos astrólogos. Há estrêlas que vemos todas as noites no céu, mas que talvez nem existam mais.

Mas os advogados da Astrologia poderão argumentar que as influências astrológicas são de outra natureza diferente das vibrações da energia estelar, e que elas nos chegam com a rapidez do pensamento, facilitando seus cálculos.

Mas sòmente os ingênuos poderão aceitar êsses absurdos, porque não iremos deixar de aceitar as verdades dos cientistas que pesquisam, para acreditarmos nos astrólogos que talvez nem observam os astros.

E hoje, deixar de aceitar a Astronomia, para crer-se na Astrologia, é o mesmo que recuarmos para um passado distante.

Vejamos agora alguma coisa sôbre a Lua.

Este nosso Satélite, em relação a nossa distância das estrêlas, podemos dizer que êle se acha quase encostado na Terra (384.000 km distante). Os astrólogos dizem que há dias favoráveis e desfavoráveis para negócios, viagens, amizades etc., tudo dependendo da posição da Lua, ao entrar nas delineações das constelações. Mas a entrada da Lua dentro dos limites de uma constelação é apenas aparente, devido o nosso ponto terrestre de observação. Na realidade, a Lua não se acha entre as estrêlas dessas configurações estelares, conforme dá a entender o sentido astrológico. Na sua marcha ao redor da Terra ela apenas se coloca entre nós e as constelações zodiacais. Mas o nosso satélite, relativamente, acha-se longe das estrêlas na mesma proporção em que o nosso planêta também se acha. Para termos uma idéia dessas distâncias imaginemos um raio de luz, partindo da Terra, em direção da Estrêla Antares do Escorpião, quando a Lua nesse caminho se colocou. Essa luz, em pouco mais de um segundo estaria na Lua. Mas prosseguindo na sua trajetória, êsse raio luminoso teria que viajar mais de 250 anos pelo espaço para vencer mais de dois quatrilhões (2.365.200.000.000.000) de km que nos separam dessa estrêla.

Então perguntamos: Qual o motivo para que a Lua, colocando-se entre a Terra e êsses longínquos sóis dêsses grupos zodiacais, nos possa dar dias favoráveis ou não, para nossos negócios, amizades, e tantos outros assuntos dessa ordem? Achando-se a Lua aquí tão próxima da Terra, que relação tem ela com aquêles astros tão distantes para que entre ela e êles se entendam ou desentendam para o nosso bem ou mal?

Sem dúvida, a Astrologia, sôbre assunto da natureza dos astros, é completamente falha diante dos progressos da Astronomia de hoje.

E o mesmo que dissemos da Lua fica subentendido para o Sol e os planêtas.

A Emmanuel, elevada entidade espiritual, foi-lhe perguntado na obra mediúnica, «O Consolador», o seguinte: — «Pergunta n.º 140 — Os astros influem igualmente na vida do Homem?

Resposta: — As antigas assertivas astrológicas tem a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planêtas influenciam no complexo celular do Homem físico, em sua formação orgânica em seu nascimento na Terra, porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas urge que elas lutem contra os elementos destruidores, porque acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada Homem sob as influências que merece».

De fato, as assertivas astrológicas não erram enquanto se limitam em afirmar que os astros influenciam na vida do Homem. Mas é a Astronomia sòmente que possue os elementos esclarecedores sôbre qual a natureza dessas influências. A influência «astral» é na ordem biológica, com as energias dos astros atuando sôbre a organização física animal. Certos indivíduos, sem que ninguém e nem êles mesmos saibam, nascem com certas predisposições a determinados desiquilíbrios, cujas perturbações latentes podem eclodir sob ações exteriores. As conjunções planetárias, pelas fôrças atrativas conjugadas, atuam sôbre as células orgânicas. Campos magnéticos «astrais» descarregam em certas ocasiões, sôbre a Terra, poderosas tempestades eletromagnéticas. O Homem que procura educar seu sistema de nervos, elevando a melhor padrão as suas vibrações mentais, pode atenuar e, talvez, até neutralizar êsses choques na sua composição celular, venham êles de onde vierem. Nestas condições «cada Homem acha-se sob as influências que merece».

Pelo exposto é fácil concluir que essas verdades não tem a mínima relação com as supostas predições astrológicas, pois os astros não tem consciência dessas ações que, incidindo sôbre o nosso planêta, atingem os edifícios celulares orgânicos, sensíveis e afins. Assim, isto não indica de forma alguma que os astros governam nossa vida mental, ditando ordens para o nosso destino.

E aquí repetimos: As influências dos astros sôbre o Homem são de ordem biológicas e não com predomínio sôbre o nosso espírito, anulando nosso livre arbítrio.

E para finalizar essa série de trabalhos sôbre as supostas predições astrológicas, declaramos: Somos apenas estudantes da matéria e não escrevemos para polemicar. Mas se os advogados da Astrologia desejarem, aceitamos debates nesse assunto que expusemos.

E, aos nossos leitores, pedimos desculpas se acaso falseamos em algumas particularidades, mas podemos garantir que na parte fundamental estivemos sempre no caminho da verdade, buscando, com sinceridade, apoio na límpida fonte da ciência dos astros, em toda a sua pureza.

V. O. CASELLA.

Av. Barroso, 378 — Araraquara.

O sentido didático do "Livro dos Espíritos"

A comemoração do centenário do *Livro dos Espíritos* dá margem para estudos diversos, porque o conteúdo doutrinário dêsse grande livro, no qual se condensam as bases da doutrina espírita, tem matéria capaz de atender à curiosidade dos mais variados tipos de vocação intelectual. Se o estudioso é inclinado para os problemas de ordem filosófica, ainda que não seja espírita, O *Livro dos Espíritos* lhe sugere reflexões acêrca da existência de Deus, da formação do Universo, a origem das coisas e, por fim, uma série imensa de outras questões transcendentais; se, ao mesmo tempo, O *Livro dos Espíritos* vai ter ás mãos de um homem propenso a estudos de ciências sociais, desde que seja um espírito emancipado e perquiridor, não lhe será difícil descobrir outras tantas questões igualmente sérias e elásticas, porque atinentes à vida social em seus diversos aspectos, e tudo isto é assunto adequado à seara da *sociologia*, da *psicologia social* e outras ciências que estudam as relações humanas. Se alguém disser, suponhamos, a um técnico ou especialista em *economia política*, que a doutrina espírita discute problemas econômicos, isto poderá causar espanto, pois o que muita gente sabe de Espiritismo (e sabe muito mal) é que esta doutrina só se interessa pelos *mortos*, e nada mais... Seja como fôr, a doutrina propõe algumas questões de interêsse para diversos ramos da cultura científica.

Veja-se a 3.ª parte do *Livro dos Espíritos*, notadamente a discussão sôbre a «Lei do Trabalho», «Lei de Sociedade», «Lei de Igualdade» etc., e lá estão algumas afirmativas que, convertidas em teses científicas, vão incidir forçosamente sôbre as ciências sociais e, com especialidade, sôbre a *sociologia*, pela sua amplitude. O *Livro dos Espíritos* não tem o feitio de enciclopédia, mas a sua organização doutrinária tem visão enciclopédica pela variedade e sequência dos assuntos que abrange. Até mesmo alguns problemas de *biologia*, e dos que ainda não estão superados, aparecem na sistemática do *Livro dos Espíritos*, apesar de seus cem anos de existência. Se, por exemplo, o crítico ou simples curioso tem embocadura para os estudos biológicos, também vai encontrar no *Livro dos Espíritos* alguns dos mais palpitantes problemas de embriologia, evolução, hereditariedade e outros problemas da mesma natureza, embora apresentados em função de preocupações espirituais. (Examinem-se, sem espírito de prevenção, as questões *344* a *360*, relativas à união da alma com o corpo. Seguem-se, além de outras, as questões *586* a *613*, referentes aos «animais e as plantas», assim como aos «animais e os homens»). A doutrina entra muito no campo da biologia, porque a sua concepção de *vida* engloba o plano orgânico e o espiritual. Não será exagêro dizer que algumas proposições do *Livro dos Espíritos* encerram idéias muito antecipadas em relação à própria *eugenia*, pôsto que o faça em tese geral e não em termos específicos. Queiram ou não queiram, a doutrina trata dêstes assuntos.

Um dos aspectos mais característicos do *Livro dos Espíritos*, em sua expressão estrutural, é a distribuição didática das matérias. Note-se, desde logo, a ordem de colocação dos capítulos, em quatro partes :

1.ª parte — *problemas gerais*

Deus — Elementos gerais do Universo — A criação — o princípio vital etc.

2.ª parte — *problemas especiais*

Origem dos espíritos — pluralidade das existências, volta do espírito à vida corporal, emancipação da alma etc., etc.

3.ª parte — *problemas normativos*

As Leis morais: Seus caracteres — Lei de Adoração — Trabalho — Reprodução — Conservação — Destruição — Sociedade — Progresso — Igualdade — Liberdade — Justiça, Amor e Caridade.

4.ª parte — *Consequências*

Penas e gozos futuros.

E' apreciavel o entrosamento didático da obra. Suas questões e consequências começam do geral para o particular, do conhecimento para as aplicações, da especulação filosófica para as normas morais. Observe-se que o problema de Deus, na 1.ª parte do *Livro dos Espíritos*, é apresentado e discutido como objeto de especulação, porque que a doutrina induz a inteligência humana a procurar saber *porquê* Deus existe. E' o conhecimento racional, como caminho para o conhecimento intuitivo, que é uma esfera mais alta, e por isso mesmo depende mais de iluminação interior do que propriamente de aquisições intelectuais. Procurar a «causa primária» do Universo é a primeira questão, e aí, temos a filosofia em sua plenitude. Já na última parte do *Livro dos Espíritos*, entretanto, o problema de Deus é posto de maneira diferente, porque, agora, é necessário *sentir* as consequências da ação divina. São três etapas sucessivas e complementares, mas é preciso notar que cada uma delas tem um campo próprio e a cada uma dessas etapas progressivas do homem correspondem valores diferentes :

a) — na 1.ª etapa, quando o homem procura apenas o conhecimento puro, prevalecem os valores intelectuais, sejam literários, filosóficos ou científicos;

b) — na 2.ª etapa, quando o homem faz aplicação daquilo que aprende, o conhecimento puro e os seus valores já não satisfazem mais, porque é necessário pôr o conhecimento em prática, e daí decorrem os *deveres* e *normas;*

c) — na 3.ª etapa, porque já *conhece* e sabe fazer bom uso do conhecimento, o homem *sente* as consequências de toda a verdade que lhe foi possível aprender, e daí, vêm os gozos e as consolações da doutrina.

Dentro desta ordem didática, O *Livro dos Espíritos* desenvolve todas as suas proposições fundamentais, permitindo ao homem, antes de tudo, *conhecer* para compreender, e depois, já na posse do conhecimento, sentir as belezas e os benefícios da doutrina pela reforma moral. Vejamos a distribuição dos assuntos. Antes de falar nos *gozos futuros*, nos deveres humanos e sociais, O *Livro dos Espíritos* encaminha a indagação filosófica para a «causa primária de todas as coisas», a formação do Universo, o principio vital etc. Tudo isto são problemas muito gerais, mas é necessário começar pelas generalidades para poder, depois, descer ás particularidades da doutrina. Vê-se, por aí, o alto senso didático de Allan Kardec ao organizar O *Livro dos Espíritos*, cujos ensinos, como se sabe, são de procedência espiritual, mas foi o Codificador quem lhes deu ordem e método.

Como poderia a doutrina convencer o homem da realidade dos valores espirituais, que são inconfundíveis e eternos, sem primeiramente fazer o homem compreender a supremacia das leis divinas ? Para saber respeitar as leis biológicas a que está sujeito, o homem tem necessidade de conhecer os processos normais da vida, e justamente por isso mesmo, a doutrina espírita se preocupa, também, com a formação dos sêres vivos e as condições do mundo em que vive o homem. Tudo isto *é conhecimento,* ainda não é progresso espiritual, mas o homem, como diz a própria doutrina espírita, progride primeiro em conhecimento, depois, em moral.

Se, para ser feliz, o homem precisa e deve conhecer as leis naturais, a fim de que saiba comportar-se com equilíbrio, pois as leis naturais são reflexos da ação de Deus, claro é que o conhecimento dessas leis se torna indispensável. Não é possível ensinar a alguém o princípio da harmonia universal, que é assunto essencialmente filosófico, sem dar uma idéia pelo menos geral do mecanismo das leis naturais. E' o que se nota no *Livro dos Espíritos,* porque apresenta o quadro das leis, suas relações de dependência, seus processos de ação e, depois, desperta no homem o sentimento de responsabilidade em face do conhecimento, que já adquiriu: antes de tudo, dar o conhecimento; depois, apresentar as consequências práticas. Então, chegado a esse estado de adiantamento espiritual, o homem compreende Deus pela inteligência, mas não fica sòmente no conhecimento, porque é indispensável sentir a obra de Deus pela iluminação. O *Livro dos Espíritos* tanto responde às indagações do filósofo, como às petições do teólogo e às exigências do moralista.

Convém frisar que não é uma obra de classificação nem de conhecimentos descritivos, mas é uma obra de conhecimentos amplos, em diversos domínios da especulação e da crítica. Justamente por isso mesmo é que o *Livro dos Espíritos* é muito sintético em suas respostas. E' um livro de base, e não pode, portanto, desenvolver minúcias. Apresenta os princípios, formula as teses gerais, com todo o espírito de síntese, sem se perder na pormenorização de conceitos acessórios. E' uma obra de interpretação, não é nem pode ser um tratado de especificações. O desenvolvimento e a explanação minuciosa das questões que se acham consubstanciadas no *Livro dos Espíritos* estão nas outras obras da doutrina, justamente porque todas elas são desdobramentos da obra geral. E' no *Livro dos Espíritos* que está, finalmente, o cerne da doutrina espírita. Não se pode compreender a doutrina sem conhecer o *Livro dos Espíritos,* e para compreender o valor do *Livro dos Espíritos* é necessário compreender-lhe o sentido didático.

DEOLINDO AMORIM.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXI CAPITULO

Meus ultimos dias no Hotel Central

1) Nossa mudança para a *Ladeira do Pelourinho* permitia que, depois das refeições, eu corresse até a casa para a sesta, de tão perto que ficava.

2) A casa ficava no alto da Ladeira do Taboão, para qual abria quatro janelas. E seis para a frente. E sua frente olhava, também, para a *Ladeira do Carmo*, para a *Baixa dos Sapateiros*.

3) Era um primeiro andar, por cima de um bazar de moveis usados. Por cima de nós, um oficial da Marinha, cujas filhas, muito raquíticas, andavam a martelar o piano, constantemente, como aprendizes.

4) Durante o movimento político de que resultou a posse do Dr. J. J. Seabra no Governo da Bahia, assisti, uma tarde, lá em baixo, a luta entre malandros, na rua, de que resultou uma bala perdida entrar na sala, passar perto da perna de minha irmã pequenina e ir tirar uma lasca na perna de um *consolo* na sala de visita.

Tal o regime de insegurança em que vivemos naqueles dias amarissimos da política do Dr. J. J. Seabra...

5) Era nosso visinho parede-meia, à direita, o padre L. F., meio espaduado, um tanto escandaloso, baixo, pequenino. Não queria amisade com os visinhos. Mas, ainda tocava à aba do chapéu, cumprimentando-nos. A familia, a mulher e as filhas, não nos cumprimentavam.

6) Seu apelido, era Padre *Pega pra Capar*.

Irritava-se e dava escandalo, quando o chamavam assim.

7) Dera, uma feita, tanto escandalo na rua, que o arcebispo, D. Tomé, mandou chamá-lo a palácio e o censurou àsperamente.

— E' mentira! Vieram dizer mentira ao Sr. Arcebispo.

— Não. *Vox populi, Vox Dei.* Sè caíu na voz do povo...

8) Se é assim, é também verdade que a *Maria Cumpridinha* é vista sair, diariàmente, manhã cêdo, de seu palácio...

9) O Arcebispo irritou-se, ameaçando-o de suspendê-lo de ordens.

10) Se o Sr. Arcebispo fizer isso, eu passarei por aquí, diàriamente, puxando uma carroça para ganhar a vida, pois tenho mulher e filhas para sustentar...

11) Fôra convidado para o Sermão da festa de importante cidade do reconcavo. Veio o saveiro buscá-lo, à noite. Viajaram durante a madrugada, a comissão da festa e êle. Luar muito bonito, noite primaveril.

12) Reverendo, era bom que o senhor fizesse o sermão que vai proferir, para a gente ouvir, vale?

— Vocês querem? Vale.

— Queremos. Faça o sermão.

Ele postou-se à prôa da embarcação, de pé, olhando o mar. E sob o palor da lua, debaixo de um céu azul e estrelado, proferiu importante sermão, para agrado de toda gente.

13) Ótimo! Vamos ter uma festa d'arromba, amanhã, disse a comissão que o acompanhava.

14) Mas, no dia seguinte, êle preparou-se para a missa festiva sòmente. «O sermão?» ah! esse já fôra proferido ontem. Se quisessem que êle o repetisse, só mais duzentos mil réis...

15) Mas, reverendo, o sermão de ontem foi para experiência e para nos distrair.

16) Experiência? Eu já sou um padre velho, experimentado e não vim aquí para distrair ninguém. Vim aquí para ganhar dinheiro. Tenho mulher e filhos para sustentar. Agora, posso é fazer camaradagem; posso receber e me contentar com a metade.

E recebeu, efetivamente, mais duzentos mil réis.

* * *

17) O filho do patrão, o Manoel Veiga, um portuguezinho quasi analfabeto, que gostava de poesia, chegara de Portugal.

Andava com um livro de soneto de Camões na mão, no propósito de meter todos os sonetos na cabeça... Até a mesa dos freguêses servia declamando, entretanto, o único soneto que decorara, o primeiro:

Enquanto quís, fortuna que tivesse,
Esperança de algum contentamento...

18) O pai não o quís no Hotel. Arranjou serviço para êle com um amigo em *Santo Amaro*. Eu fui levá-lo no vaporzinho da carreira.

19) Que alegria para mim, quando o Jornal noticiou que o jovem poeta baiano visitara a sua redação, palestrando amavelmente com todo o pessoal da casa!...

20) A volta foi pelo ramal de *Candeias — N. S. das Candeias*, um dos lugares mais milagrosos do Estado. Comprei passagem de 2.ª classe, que nunca fui amigo de ostentação. Aquilo que pude fazer modestamente, sem chamar a atenção de ninguém...

21) Veio o condutor. Vendo-me na segunda classe, misturado àquela negralhada, entoxicando o ambiente do carro com o fumo fedorento de seus cachimbos, de seus charutos de ínfima qualidade, convidou-me a passar para a 1.ª classe: «Este carro não é para um moço como o sr. viajar».

22) Adiante o trem enguiçou numa subida por falta de pressão.

— Fóra, pessoal! Vamos empurrar o trem!

23) A segunda saltou para empurrar o trem.

Da primeira classe, sòmente eu...

* * *

24) Veio uma sobrinha de meu pai passar uma temporada em casa.

Jovem, simpática, atraente.

Mas não tive nenhuma inclinação pela mocinha. Tanto mais quanto ela já estava quasi noiva.

25) Sempre que ia fazer a sesta, em casa, conversavamos uma vez por outra, sentados, a balançarmo-nos na ampla rêde de casal armada na sala de visita.

26) Uma feita, meu pai estrilou. E disse, áspero, à sobrinha: «Se você veio para aquí com os olhos no meu filho, engana-se. Ele não se vai casar com você».

27) A moça corou e chorou. Eu me limitei a dizer-lhe: «Isso não se faz nem se diz! Tanto mais que eu não sei se me caso e com quem irei casar-me, e quando...

28) Nem por isso deixei de levá-la, à miude, a bailes — e eu fui um dançarino de marca! — a cinemas, a passeios...

29) Inaugurando se um cinema — *Cine Rio Branco* — no *Terreiro*, num primeiro andar, fui à sua inauguração, com a prima e minha mãe. A orquestra tocou uma valsa. Como eu gostava de dançar valsas! Perdi, parece, a noção de mim, ergui-me e convidei a prima para dançar comigo. Ela recusou a rir-se, evitando o *tableau*.

* * *

30) Uma tarde, passaram as duas mocinhas de que já falei, à porta do Hotel. Havia outro caminho mais curto. Mas, era passando por ali que elas me podiam ver. E vimo-nos.

Corri ao seu encontro.

E acertamos a visita de ambas, e mais do pai e do irmão, com o violão, ao Hotel, uma noite, para, à presença dos hospedes, cantarem.

31) Compareceram e cantaram. Aliás, sob aplausos de toda gente, menos meus. E' que minha alegria de as ver ali, era tão grande, que me tornei saliente demais.

Senti que nem ela, nem sua gente aprovara minha saliência.

* * *

32) Aos domingos, dias santos e feriados, preferia ficar no Hotel, devorando livros, rascunhando estrofes, preocupado com a minha mania literária.

Mandava, até, os outros empregados saírem para ficar com mais um, no máximo, nesse doce *tete-a-tete* com a literatura.

* * *

33) Sr. Costa, um português negocista, candidato a comprar o Hotel, meteu lá um cunhado, um homenzarrão, com as mesmas funções que eu tinha.

Era, praticamente, a minha destituição do emprego.

34) Compreendendo isso, pus-me a campo, para conseguir outra coisa. Entabolei negocio com uma sapataria de ultima espécie, à Ladeira do Taboão.

35) Voltava, um dia, depois da sesta, ao Hotel.

Meu lugar, na mesa da gerência, vasia.

Perto, um criolo que entregava macarrão de uma fábrica, sr. Costa e o patrão de pé...

36) Um freguês paga a refeição. Era o sr. Bento que devia receber e passar o troco. Continuou imovel.

— Quer que o faça? perguntei-lhe.

— Pode fazer.

37) Galgo a mesa e abro a gaveta para receber o dinheiro e passar o troco.

38) Foi êle. E' êle quem me dá os vales, — salta o crioulo, a apontar-me, o dedo em riste.

39) Eu? Que vales?

40) Os vales do macarrão que eu tenho trazido aquí.

41) Mas, o macarrão é pago na hora. Nunca passei vale algum. Ademais essa letra não é minha.

42) É, sim. Letra disfarçada — continuou o crioulo.

43) Sr. Bento, o patrão, interveio: — A situação é delicada para você, Leopoldo, bem delicada!

44) Delicada porque? Se o sr. se coloca nesta atitude, já não tenho mais o que fazer aqui. Deixo, imediatamente, o seu Hotel.

E deixei-o com o coração sangrando.

45) Aquilo foi uma ingratidão. Aliás, a primeira que me doeu, profundamente, na alma. Muitas outras viriam depois, dolorosas.

46) Eu ganhava uma fortuna: Sessenta mil réis por mês, sem as gorgetas dos fregueses.

47) Mas, saí. E fui jantar uma peixada num restaurante da Rua Dr. Seabra, tirado a vinho, que estavamos na quinta-feira santa de 1912.

48) Depois, eu soube. O crioulo fôra descoberto como deshonesto e metido no xadrez. E o Hotel Central teria que fechar suas portas nas mãos do Sr. Costa.

49) O Sr. Bento, a despeito de sua bondade, morrera na miséria, tuberculoso.

50) Eu ainda estou, apesar de tudo, escrevendo essas *Memórias*...

IGREJA NÃO, ESCOLA — Bianor Medeiros

Textos: (Mateus, XVI, 15/20; Marcos, VIII, 29; Lucas, IX, 20/21; João, XV, 17. Tradução do padre Álvaro Negromonte — Novo Testamento — Agir Editora — 1948).

I. — *TEXTO INTEGRAL*

1. — *Mateus, XVI, 15/20:*

«Disse-lhes Jesus: E vós quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro disse: Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo. E respondendo, Jesus lhe disse: Bem aventurado és, Simão, filho de Jonas, por que não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas, sim meu Pai que está nos Céus. *Eu te digo que tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo que ligares sôbre a terra, será ligado nos céus; e tudo o que desligares sôbre a terra, será desligado nos céus.* Então mandou a seus discípulos: que a ninguém dissessem que êle era Jesus Cristo».

2. — *Marcos, 29:*

«Então lhes disse: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo. E êle lhes proibiu, severamente, que a ninguém dissessem isto dêle».

3. — *Lucas, IX, 20/21:*

«E vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Simão Pedro disse: o Cristo de Deus. Ele então, falando-lhes energicamente, mandou que não dissessem isto a ninguém».

4. — *João, XXI, 15/17:*

«Simão, filho de João (?), tu me amas? Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: apascenta as minhas ovelhas».

5. — *Deuteronomio, XIX, 15:*

«Não valerá contra alguém uma só testemunha, qualquer que fôr o delito ou o crime; mas tudo será verificado sôbre o depoimento de duas ou três testemunhas».

6. — *Apocalipse, XIX, 10:*

«Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia».

II. — Vamos estudar assunto de tal magnitude sob os aspectos: histórico, linguístico, ideológico ou doutrinário e jurídico ou legal, tirando a conclusão lógica que os versículos 18 e 19 do Evangelho atribuido a Mateus são interpelações maliciosas aos textos originais e primitivos com a finalidade única de servirem de fundamento para a criação da Igreja Católica Apostólica Romana, no terceiro século da nossa era, de 306 a 337, no tempo do grande Imperador Cristão, Constantino Magno.

III. — Jesus era judeu, filho de judeus e falava o aramaico, a língua falada pelo povo judeu daquele tempo e internacional, do Oriente Médio, de então. Nasceu o Divino Mestre em 1.° de Janeiro do ano 1.°, da era Cristã ou em 25 de Dezembro do ano 749, da era Romana. Era Imperador Romano o grande Gaius Julius Cæsar Octavianus Augustus, mais conhecido por Imperador Augusto, nascido em 63 antes de Cristo e falecido em 14 depois de Cristo. O Divino Mestre foi crucificado no dia 3 de Abril do ano 33 da nossa era, com 33 anos, no tempo do Imperador Romano Claudius Nero Tiberius, mais conhecido por Tiberio, Imperador de 14 a 37 depois de Cristo.

IV. — Um mundo ideológico separa o povo Romano do povo Judeu, criadores de duas culturas e de duas civilizações completamente opostas e antogônicas, que sempre viveram em atrito mental e de fato. A língua oficial do povo Romano era o Latim e o grego, como a língua literária, artística. A língua oficial do povo Judeu, naquele tempo, era o aramaico. A língua oficial do povo Grego era o grego que exerceu poderosa influência na língua, na cultura e na civilização do povo Romano, durante muitos séculos. A Religião Grego Romana era o paganismo, a idolatria. O Imperador era o representante de Jupiter na Terra e como tal, um Deus. As leis do Império eram inatacaveis e rigorosas nesse sentido, não admitindo leis contrárias superiores a elas e ao Imperador, ao Senado, às Legiões Romanas. A fé judáica era no Eterno, Criador, Mestre, Legislador, Juiz, Governador e Condutor do povo Judeu, com o qual mantinha aliança. As leis judáicas eram Leis Espirituais, eternas, ditadas pelo Senhor ao seu povo, no monte Sinai, por intermédio de Moisés, o intermediário entre os anjos e os homens. Para o povo escolhido não havia outro Rei nem outras Leis, como para o povo Romano não existiam outras normas de conduta nem outro Governador senão os seus, particulares, oficiais. Essas idéias antagônicas formavam personalidades diferentes, como cultura e civilização diferentes, incompatíveis, irreconciliáveis. Por isto o povo Judeu, sofria humildemente a tirania Romana e vivia isolado, como uma ilha no meio do Oceano, como um oasis no meio do deserto. Era a luta silenciosa da qualidade contra a quantidade, da fé espiritual contra o Império do Mundo profano, irreverente, selvagem, temível pela fôrça de que dispunha pela mentalidade autoritária que o animava.

V. — O Divino Mestre começou a sua missão quando tinha 29 anos de idade. Fundou escola oral ambulante, fez discípulos, preparou-os durante quatro anos, como suas testemunhas que deveriam ser e como portadores de sua doutrina que deveria ser ensinada a todos os povos da Terra, a começar pelo povo Judeu, o escolhido pela Divindade Suprema para espiritualizar a humanidade toda. Prometeu o reino do seu Pai para todos os seus discípulos que perseverassem na fé e nas virtudes até à morte do corpo. Prometeu mais ainda que enviaria o Espírito da Verdade após a sua morte e ressurreição, que desceria do Reino Celestial e ficaria com seus discípulos, como vasos escolhidos, nos quais faria sua habitação, na Terra, até o fim dos tempos. Combateu o culto exterior e criou o culto interior, pela renovação da personalidade humana, pela regeneração espiritual, intelectual e moral da humanidade. Fez destruir o Templo de Jerusalém e a casta sacerdotal como prejudiciais ao progresso espiritual da grande família, de todas as gentes. Destruiu as barreiras internacionais e universalizou a sua doutrina que deveria ser, com o tempo, a norma de conduta para todos os homens, para todos os povos.

VI. — O povo judeu sempre foi combatido pelos povos pagãos da Terra. Até à vinda do Divino Mestre o povo judeu era puro judeu, com uma só lingua, uma só raça, uma só fé, fundada na Revelação Espiritual. Com a vinda do Mestre Celestial o povo escolhido se dividiu em dois grupos, o judeu-judeu e o judeu-cristão, bem como a sua literatura, a conservadora e a progressista, a tradicional judaica e a nova, cristã. Por causa das perseguições, o povo judeu se havia espalhado pelo mundo inteiro, pelas principais nações da Terra, nas quais formava comunidades. Desde os tempos de Esra, que criou a primeira Beth hah Kehila, a Casa da Comunidade se espalhou por toda a Judéia e pelas comunidades judias do mundo. Nessas Casas, que os gregos chamavam de Sinagoga, eram ensinadas as Leis (Torah), os Profetas (Neviim) e as Escrituras (Ketuvim), os rolos de pergaminho manuscritos pelos judeus, dêste 1.500 antes de Cristo até o advento do Senhor. Eram nessas casas comunais que os judeus-cristãos pregavam a Nova Mensagem, convertendo os judeus para o Cristianismo, quando se espalharam da Judéia pelo Mundo, como portadores da nova ideologia ensinada pelo Cristo, como se verifica pelas Memórias de seus discípulos, conhecidas no Ocidente, Europa e America, com os nomes grego-romanos de Evangelhos, Atos dos Apostolos, Epístolas e Apocalípse. A nobreza romana não tolerava maior autoridade que o seu Imperador, nem leis superiores as suas próprias, por isto não tolerava o Senhor e as Leis judaicas. Assim, o Cristianismo foi perseguido em Roma, desde o começo. Os cristãos ou judeus cristianizados eram hostilizados, perseguidos, martirizados por toda parte. Viviam êles ocultamente nas sinagogas, nas catacumbas, nas casas dos cristãos, sem ruido, em silêncio, ensinando, curando, orando. O último Imperador Romano pagão foi Maximiano Herculeo, sogro de Constantino I, o Grande, o primeiro Imperador Cristão, convertido, à ultima hora, sem preparação prévia, em 306 da nossa era. Até então os seguidores de Cristo eram chamados de discípulos do

Senhor, testemunhas do Senhor, ou Cristãos, nome êste que lhes foi atribuido depois da morte de Cristo, conforme consta dos Atos dos Apóstolos, XI, 26. Em 313 Constantino, compadecendo-se dos cristãos, deu-lhes plena liberdade religiosa, da qual gozava o povo romano, desde os princípios de sua formação. Foi além, protegeu o «bispo de Roma», deu-lhe o Palácio de Latrão, o Vaticano, dinheiro em abundância, transformando o Cristianismo, fôrça viva de oposição ao meio, apolítica, em um Partido Político de fundo religioso, de carácter oficial, em substituição ao anterior, deposto, pagão. Deu-lhe o nome pomposo de Igreja Católica Apostólica Romana. Mandou construir a Igreja de São João de Latrão, a de São Pedro, a de São Paulo, em Roma, a de Santa Sofia, em Constantinópola, a da Natividade em Belém e a do Santo Sepulcro em Jerusalém, de 320 a 337 da nossa era. Até aí os templos dos judeus eram a Bethel, a Casa do Senhor e a Beth hah Kehila, a Casa de Comunidade, também conhecida por Casa da Pregação — Beth hah Midrash. Pregação – Beth hah Midrash. Templo em grego era «naós», navio ou nau e em latim «templum». Para não dar esses nomes ás suas Casas religiosas, Constantino adotou o nome grego de Igreja, cerca de 300 anos depois da morte de Cristo e de seus discípulos diretos. Ora, como só se dá nome ás coisas depois de descobertas ou criadas pelo homem, segue-se que a palavra igreja, pagã, grego-romana, não consta dos Livros Sagrados, nem foi empregada por Cristo, nem foi empregada por seus discípulos diretos. E' uma criação grego romana do tempo de Constantino, o primeiro a construir, na Terra, as primeiras igrejas do mundo.

VII. — A palavra grega é «ekklesía», latinizada em «ecclésia», que deu «igreja» em português, «église» em francês, «iglesia» em espanhol, «chiesa» em italiano, com a significação primitiva, em grego, de assembléia do povo grego, reunião política.

VIII. — Os princípios ideológicos do Cristianismo condenam a idéia de Igreja Católica Apostólica Romana, pois o Embaixador Divino não confiou a sua Doutrina aos homens mas ao Espírito da Verdade, conforme está documentado nos textos :

1. — *Apocalipse, XIX, 10 :*

«Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia».

2. — *João, VI, 45 :*

«Está escrito nos profetas : e todos serão ensinados por Deus».

3. — *Mateus, X, 20 :*

«Porque não sois vós os que falais, mas o Espírito do vosso Pai é o que fala em vós».

4. — *Mateus, XVI, 17 :*

«E respondendo Jesus lhe disse : Bemaventurado és Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos céus».

5. — *Atos, VII, 51/53 :*

«Ó homens de dura cerviz e corações e ouvidos incircuncisos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como obraram vossos pais, assim o fazeis vós também. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais ? E mataram êles os que de antemão anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas : vós, que recebestes a lei por ministério dos anjos e não as guardais».

6. — *Atos, I, 8 :*

«Mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que descerá sôbre vós e me sereis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até às extremidades da Terra».

7. — *Atos, V, 32 :*

«E nós somos testemunhas destas palavras, e também do Espírito Santo, que Deus deu a todos os que lhe obedecem».

8. — *Atos, II, 16 a 18 :*

«Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel : E acontecerá nos ultimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sôbre toda a carne e profetizarão vossos filhos e vossas filhas e os vossos mancebos terão visões e os vossos anciãos sonharão sonhos. E, certamente, naqueles dias, derramarei do meu Espírito sôbre os meus servos e sôbre as minhas servas e profetizarão».

9. — *João, XVI, 7 :*

«Mas eu vos digo a verdade: a vós convém que eu vá; porque, se eu não fôr, o Consolador não virá para vós; mas se eu fôr, eu o mandarei para vós».

10. — *João, XVI, 12/14 :*

«Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Mas quando vier aquele Espírito da Verdade, êle vos ensinará toda a verdade, porque êle não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão por vir».

IX. — Ainda sôbre a distinção de Culto exterior e culto interior, isto é, dos templos de pedra morta e do templo vivo do espírito humano, convém lembrarmos os textos :

1. — *Jeremias, VII, 4:*

«Não confieis em palavras mentirosas, dizendo: Templo de Jehovah, Templo de Jehovah, Templo de Jehovah são estes».

2. — *Mateus, XII, 6 :*

«Digo-vos, porém: aquí está o que é maior do que o Templo».

3. — *João, II, 19 a 21:*

«Deitai por terra este santuário e em três dias o edificarei. Mas êle se referia ao templo do seu corpo».

4. — *Mateus, XXIV, 1, 2:*

«Tendo saido Jesus do Templo, ia-se retirando, quando se chegaram a êle seus discípulos para lhes mostrarem os edifícios do templo. Mas êle lhes disse: Vêdes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aquí pedra sôbre pedra que não seja derrubada».

5. — *Atos, VII, 47 a 50 :*

«Salomão, porém, edificou-lhe uma casa. Mas o Altissimo não habita em casas feitas por mãos de homem; como disse o profeta: o Céu é o meu trono e a Terra é o estrado dos meus pés: que casa me edificareis vós, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Não fez, porventura, a minha mão todas estas cousas?»

6. — *I — Coríntios, III, 16, 17 :*

«Não sabeis que sois santuários de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o Santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que sois, santo é».

7. — *I, Coríntios, VI, 19 :*

«Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que habita em vós, o qual vos foi dado por Deus e que não sois de vós mesmos?»

8. — *João, XIV, 28 :*

«Respondeu-lhe Jesus e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a êle e faremos nêle morada».

9. — *João, IV, 23/24:*

«Mas a hora vem e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espirito e verdade; porque são êstes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e é necessário que os que o adoram, o adorem em espírito e verdade».

(Continua).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

UM GRANDE ESCRITOR PORTUGUÊS NO BRASIL

Esteve no Brasil, e em Nova Iguassú, o ano passado. o diretor de **Estudos Psíquicos,** e autor de vários livros preciosos, como: **Pierino Gamba, Almas Errantes, Luz no Caminho, Ronda Espiritual,** etc. etc...

Estudos Psíquicos é a revista espiritualista mais bem feita que conhecemos. E nos desvanecemos de ser seu correspondente em Nova Iguassú e seu colaborador constante...

Isidoro Duarte Santos, que é, além do mais, oficial da Marinha Portuguesa, compareceu até a dois programas comemorativos da **Bodas de Prata do Colégio Leopoldo,** com o ensino deste bonito pedaço de terra fluminense, que é Nova Iguassú. Terra e natureza de que ele escreveu com magistral eloquência, incerta em sua substanciosissima **Estudos Psíquicos**: «Nova Iguassú é um retalho paradizíaco. Assim se justifica que Leopoldo Machado tenha sido poeta tôda sua vida. E que de tanto passear os olhos, sinto necessidade de sacrificar ás musas e aproximar-me do Alto.»

Sôbre as festas do **Colégio Leopoldo,** escreveu, entre outras coisas: «No dia 21 de Abril, assistí á 4.ª reunião das **Bodas de Prata do Colégio,** presidida pelo seu Diretor, na qual o jornalista, Luiz Azeredo, diretor do **Correio da Lavoura,** foi orador, etc. Também alí fui homenageado como «grande amigo, etc.» No fim, abriram-se quatro salas novas... **A sala José de Anchieta** que tive a honra de inaugurar...»

Isidoro Duarte Santos continua escrevendo crônicas de viagem admiráveis em sua **Estudos Psíquicos.** Vai, depois, reunir, essas crônicas em volumes, assim termine a série, para o gôzo espiritual de quem as lêr, enfeixadas em livros magnificamente impressos e apresentáveis. Já temos um livro, **Cientismo e Espiritismo**, que é edição sua, por que se poderá julgar como vai ficar o volume de suas crônicas admiráveis. A nós brasileiros, e êle que voltou um enamorado, um enfeitiçado, um apaixanado por nossa terra e por nossa gente, trata com largueza de cortezia e de bondade. E aos portuguêses que, em Portugal não conhecem o Brasil: «Os portugueses de Portugal ignoram as explosões afetivas de que somos alvo no Brasil. Aqui aspira-se alacridade, confiança, alegria de viver», diz o insigne escritor, na crônica em aprêço.

E' um regalo d'alma lêr-se Isidoro Duarte Santos, tão sugestivo e substancioso é seu estilo! Escrevendo sobre o Brasil e os brasileiros, esse regalo aumenta de sugestividade, de substancialidade.

Pois que venha, quanto antes, seu grande livro de **Crônicas do Brasil.**

Será este seu título?

O Espiritismo está vos ensinando o caminho mais curto que vos conduzirá a um mundo melhor do que o vosso. Que o vosso apêgo às cousas mundanas e as vossas fraquezas sejam vencidos, afim de não tomardes caminho errado, longo, dificultuoso e que termina num abismo. — *MARIQUINHAS.*

Os Grandes Iniciados, Jesus Cristo e o Livro «O Pentecoste»

Palmiro de Azambuja Neves

NÃO padece dúvidas o fato de que os espíritos de escól, as almas de elevação, polarizam-se em Deus, vindo com isso a se envolver na aura sagrada dos esplendores em geral, refletindo o poder da Fé, a fôrça do Conhecimento, a graça do Amor e sublimidade da Harmonia. Isto porque, simplesmente surgindo na esfera das mais penetrantes percepções, por evolução, poderem elas atingir aconchegos vibratórios de elevado teor psíquico. E' a consonância, é a sintonização e a integração na Divindade!

Para alcançar semelhante estado de ser e estar, cumpre ao espírito realizar em si o problema da escalada moral e científica; em si, fica bem exposto, porque as conquistas do espírito jamais poderão dar-se de favor ou por acaso. E, se formos buscar na história das religiões os testemunhos, teremos de render solenes homenagens aos mais antigos Mestres ou Missionários

Vejamos êste têxto búdico, isto é, de uma doutrina que se perde na noite dos tempos, lastreada por mais de vinte Grandes Mestres, dispostos na fieira de milênios incontáveis:

> «O Amor e a Ciência são fatores primordiais do Universo. Enquanto o espírito não os realizar, em si, ficará sujeito à lei das reencarnações dolorosas.»

Essa mesma verdade básica, que emana do TODO e envolve as criaturas destinadas à perfeição, acha-se exposta em todos os códigos iniciáticos da antiguidade, abarcando desde o legendário Ŷima até Jesus, pontificando nas doutrinas de Rama, de Zoroastro, de Crisna, dos Patriarcas hebreus, de Hermes Trimegistro e dos grandes filósofos chinêses, indianos e gregos, repontando magestosa também nas doutrinas órficas e pitagóricas. Todo o grande mundo antigo, a nata e a essência dos mais amadurecidos vultos da Humanidade, foram por isso mesmo radicalmente espiritualistas, simplesmente evolucionistas. A imortalidade da alma e a sua auto-evolução, através da lei das vidas sucessivas, engendrou, sustentou e fez pontificar os pontos básicos da Fé e das consequentes certezas espiritualistas.

A questão reside, porém, no dever de algumas observações racionais, não místicas, pois a realidade, qualquer que seja ela, não precisa de misticismo algum a lhe endossar a natureza. Assim sendo, temos na Revelação, nos avisos do mundo espiritual, a causa que motiva e sustenta o maravilhoso edifício granítico das verdades imorredouras. Para exemplo, atentemos para dois vultos, Crisna e Jesus, como foram anunciadas as respectivas manifestações.

De Crisna, que viveu no décimo quinto século antes de Jesus, assim foi dito:

> «Êle virá, aureolado de luz, êsse eflúvio puro emanado da Grande Alma, e as estrêlas hão de empalidecer diante do seu esplendor. Êle virá, e a vida desafiará a morte, e êle rejuvenescerá o sangue de todos os seus. Êle virá, mais doce do que o mel e a ambrósia, mais puro que o cordeiro sem mácula e a bôca duma virgem, e, então, passará por todos os corações o mesmo transporte de amor».

Êste mesmo Emissário do Céu, referindo-se à lei das vidas sucessivas e à lei da evolução, afirmou:

> «Escutai o que êle (Deus) vos diz pela minha bôca; eu e vós, todos temos tido várias encarnações. As minhas só de mim mesmo são conhecidas; mas vós nem as vossas conheceis. Ainda que eu não esteja, pela minha natureza, sujeito a renascer ou a morrer, e que seja o Senhor de todas as criaturas, no entanto, como sou eu que dirijo a minha natureza, torno-me visível pelo meu próprio poder, e sempre que a virtude decline no mundo e que o vício e a injustiça a vençam, eu me tornarei visível, e me mostrarei de idade em idade para a salvação do justo, destruição do malévolo e restabelecimento da virtude».

Sua doutrina de verdade, de tolerância e de perdão, revela-se perfeita através desta assertiva melodiosa, que mais parece um cântico de renúncia:

> «Da mesma forma que a Terra suporta os que a calcam aos pés, e lhe dilaceram o seio, lavrando-a, da mesma forma nós devemos retribuir o mal com o bem. O homem honesto deve tombar sob o golpe dos maus, como a árvore do sândalo, que, ao abater-se, perfuma o machado que a destruiu...»

Encontra-se no Livro de Isaias, sôbre Jesus Cristo, a profecia que, entre outras coisas, sentencía:

> «Eis aquí o meu servo, eu o ampararei; o meu escolhido, nêle pôs a minha alma a sua complacência; sôbre êle derramei o meu Espírito, êle promulgará a justiça às nações».
>
> «Foi oferecido, porque êle mesmo quís, e não abriu a sua bôca; êle será levado como a ovelha ao matadouro, e, como um cordeiro diante do que o tosquia, emudecerá, e não abrirá a sua bôca».

Se mais não tivesse feito Jesus Cristo, que proclamar e viver o Sermão da Montanha, isso bastaria para torná-Lo um dos maiores entre todos quantos Emissários o Céu enviou à Terra, com o fito de advertir os maus, honrar a justiça e restabelecer o primado da virtude. A doutrina de Jesus, que Êle afirmou ser do Pai e não Sua, contém tudo quanto as demais anteriores continham, constituindo mesmo a mais poderosa síntese das Revelações, o extrato das Verdades Reveladas.

Sempre, porém, que se tratar de Jesus Cristo, cumpre reconhecer a importância capital de Sua função missionária, no secularmente aguardado derrame de Espírito sôbre toda a carne. Acima dos anteriores Grandes Reveladores, muito acima, estão os dois fatos marcantes da função de Jesus Cristo — um é a Sua volta como espírito, para o prosseguimento da obra; outro é o fenômeno do Pentecoste, o cumprimento da Promessa ou Batismo de Espírito.

Para os indivíduos medíocres, místicos de baixo padrão e adeptos de palavrórios sem fim, e sem efeitos práticos reais, basta afirmar que Jesus falou em Deus, na imortalidade da alma e na sua necessária salvação. Basta, portanto, encarecer a parte jamais negada a qualquer dos Grandes Emissários da Sabedoria Antiga. Se tudo quanto Jesus tinha a fazer, falando e morrendo pela Verdade era isso, distinto fica que apenas haveria redundância em Sua função missionária, porque as chamadas Velhas Doutrinas de tudo isso estavam saturadas.

Vêde, pois, nestas poucas linhas, o resumo de todas as verdades fundamentais, a chave que abre, de início, as portas do supremo conhecimento:

> «Tu trazes em ti mesmo um amigo que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem que o trazem lá. O homem que sacrifica os seus desejos e as suas obras ao Ser de que procedem os princípios de todas as coisas, e por quem o universo foi formado, obtém por êsse sacrifício a perfeição. Porque aquêle que encontra em si mesmo a sua felicidade, sua alegria, e, em si mesmo também, a sua luz, identifica-se com Deus. Ora, sabei-o, a alma que encontrou Deus libertou-se do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade».

Se Jesus, portanto, tivesse apenas vindo ao mundo para falar e tratar, daquilo que de tanto outros já haviam falado e tratado, não é certo que teria feito obra de redundância?

Quase sempre, na parte ocidental da Terra, quando se compara Jesus Cristo a alguém, é Moisés o vulto focalizado. E como entre os dois, as funções missionárias eram diversas, valem-se os fazedores de argumentos de algumas maneiras distintas de ação, para salientar a superioridade Moral da ação de Jesus, aí firmando a estrutura doutrinária do Cristianismo.

Pouca, muito pouca gente sabe discernir a palavra do Apóstolo, ao dizer:

> «Porque a lei foi dada por Moisés, a Graça e a Verdade foi trazida por Jesus Cristo.»

Com apenas dois dedinhos de capacidade discernitiva, teríamos o conhecimento e a posse da função missionária do Cristo, o portador da Promessa. Vejamos êste texto, afirmativa do próprio Jesus:

> «Quando vier porém aquêle Espírito de Verdade, êle vos ensinará todas as verdades, porque êle não falará

de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir».

Dois textos apostolares, um de Pedro e outro de Paulo, bastariam para iluminar qualquer mente dotada de boa vontade, de verdadeiro interêsse pelo conhecimento da Graça e da Verdade trazidas por Jesus Cristo. Ei-los:

> «Fazei penitência, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque para vós é a Promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus.»
>
> «E a esperança não traz confusão, porque a caridade de Deus está derramada em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado».

A função da Revelação ainda se acha exposta em muitos outros textos; note-se a fôrça de convicção destes dois outros, também de Paulo:

> «E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito.»
>
> «Para que a benção de Abraão fôsse comunicada aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que, pela fé, recebamos a promessa do Espírito».

E o Apóstolo João, para selar a tese, observando que Jesus Cristo veio ao mundo para edificar doutrina viva sôbre a Revelação, afirma:

> «Caríssimos, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo».

É necessário ressaltar duas verdades primaciais: a primeira é saber a espécie de doutrina que Jesus Cristo deixou no mundo, suas bases e finalidades; a segunda é o processo de uso, a racionalidade, o discernimento a que devemos atender, uma vez que, por ser doutrina realmente simples, reveladora da Verdade que é, facilitar toda e qualquer comunicação, dos mais elevados aos menos dignos elementos espirituais

Infere-se da própria ação de Jesus, no seio do povo, ao expelir maus espíritos e, na transfiguração, ao manter colóquio com Moisés e Elias, que a diversidade, a complexidade ou dialética, jamais poderia ser dispensada em uma doutrina viva, real e prática, cuja natural finalidade é fazer conhecer a Verdade, é demonstrar o mundo espiritual planetário, assim como êle é, habitado de elementos de variados graus hierárquicos, animados de variantes propósitos.

De grande alcance, portanto, a frontal advertência de João, mandando discernir entre os agentes comunicantes, porque os mentirosos também podem se valer da canalêta mediúnica, para falar aos encarnados.

E, de qualquer modo, aí temos a doutrina de Jesus, do maior vulto da História planetária, do Missionário que venceu as barreiras da Morte, retornou como espírito, guiou Seus discípulos, preparou condições favoráveis para o Batismo de Espírito e cumpriu cabalmente a sua tarefa. O Pentecoste foi o vinco sagrado, testemunhou a supremacia de Jesus Cristo, porque marcou o início da Revelação para toda a carne. Isto é, aquilo que se passava entre paredes, como por exemplo entre os Essênios, a Escola de Profetas de Israel, onde Êle esteve durante os anos de Sua juventude; aquilo, digo, que era feito entre paredes, mantido em segredo e tido como indevassável, isso mesmo veio Jesus trazer para toda a carne.

Do ponto de vista missionário, confundir Jesus com outros vultos quaisquer é obra de medíocres ou de gente de má fé; porque a Sua função continha o poder de vencer a Morte, manter contacto com os discípulos, batizar em Espírito e deixar a Igreja Viva.

Corromper essa Igreja Viva, liquidá-la, isso estaria a cargo dos homens, como de fato esteve, pois no quarto século Roma fundou o Catolicismo, impondo idolatrias e repelentes práticas em nome de Deus e de Jesus Cristo. No Apocalipse, fôra anunciado muito antes, a corrupção não deixaria de vir e medrar no seio da Humanidade. O próprio Jesus, durante Sua vida terrena, assinalou que haveria, no porvir, necessidade de restaurar a Sua doutrina. Jesus afirmou, de fato, que o espírito de Elias retornaria, para repôr as coisas no lugar.

O Espiritismo aí está, vencendo tôdas as barreiras que a mediocridade lhe põe pela frente, alastrando-se pelo mundo, levando a doutrina de Jesus a todos os recantos da Terra. Nêle revivem, formidavelmente, os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos, bem como os três capítulos mais intensos e diretos de Paulo, o doze, trêze e quatorze da Primeira Epístola aos Coríntios. Cinco capítulos que, lidos e entendidos, apresentam a verdadeira doutrina do Cristo, a Síntese geral.

E' porque surgiu um livro, na biblioteca espírita, capaz de imenso trabalho iluminador, que escrevo estas linhas. O PENTECOSTE não é, realmente, apenas um livro; é uma fonte de luz e de Verdade. Em sua singeleza, contendo textos da Sabedoria Antiga, textos do Velho Testamento, dos Evangelhos e das Epístolas, êle põe o leitor diante de verdades vigorosas, incontestáveis, obrigando a saber a distinção que há entre os chamados Grandes Iniciados e Jesus Cristo. Foi Jesus quem mandou procurar a Verdade, a fim de, por ela, conseguir a libertação; temos observado, depois de avassalar livros e mais livros, que ainda muitos livros devem ser lidos, para que se chegue a descortinar a Verdade. O PENTECOSTE é um dêles, é dos indispensáveis; é necessário a quem deseje, de fato, conhecer a função missionária de Jesus Cristo.

Nasceu com duas Cabeças

General LEVINO C. WISCHRAL

A notícia desceu célere, das Alterosas. Os diários estamparam-na em letras graúdas e vermelhas, na primeira página, e os jornaleiros, em voz estridente, gritavam pelas ruas: «A CRIANÇA QUE NASCEU COM DUAS CABEÇAS!»

O notável acontecimento abalou os cérebros de toda uma nação e compungiu milhares de corações. Os comentários sucediam-se, sem cessar, em torno da «monstruosa» criatura recém-nascida, chamada pela ciência de «caso teratológico».

Á noite, em um dos trabalhos doutrinários, na Cruzada dos Militares Espíritas de Curitiba, durante aquele ano de 1954, foi ventilada a hipótese da possibilidade de existir apenas um espírito no organismo daquela criança, nascida com duas cabeças, dois troncos, quatro braços, tendo normal a parte baixa do tronco, isto é, a bacia e as duas pernas. Os trabalhos mediúnicos seguiam regulares quando, já no final, manifestou-se através do médium Hercílio o espírito de nosso irmão do espaço — Leovigildo — conhecido também como «Repórter do Além», entidade bonissima e dada a investigar os casos tidos como raros; esclarecer e instruir os assistentes da sessão era o seu gosto.

Ouçâmo-lo: — «Naquela criança, em realidade, o que se processou foi a reencarnação de duas almas; lá estão dois inimigos acérrimos, que nunca puderam suportar-se durante os últimos quatro ou cinco séculos de suas vidas passadas. Nasceram assim, à semelhança de certos irmãos siameses, unidos para se harmonizarem mutuamente, a fim de anularem vibrações grosseiras acumuladas em suas auras, durante dilatado tempo, pois, como sabemos, as leis de Deus, ininterruptamente, tudo procuram equilibrar e harmonizar.

Para que vós, os presentes a esta sessão, não sejais conduzidos a pensar numa possível injustiça divina, passarei a contar a história dêstes dois espíritos, história que nos mostrará que não existe efeito sem causa, e que no seio da criação de Deus tudo deve funcionar em perfeita ordem, paz e concórdia, dentro de um sentido de justiça superior. Êstes nossos dois personagens, grandes sofredores, aliás, há mais de 500 anos atrás, estavam encarnados em corpos sadíos e belos, exibindo as vestimentas de orgulhosos acadêmicos na cidade de Lion, em França. Acontece que os jovens, usando do seu livre arbítrio e dos lampejos de amor próprio da juventude, enamoraram-se da mesma donzela, linda, feliz e rica. Esta, vendo-se intimamente cortejada e recebendo os galanteios dos dois rapazes, igualmente belos, afortunados, talentosos e valentes, teve, por fim, e a contra-gosto, de se decidir por um dêles. O rapaz aceito e preferido pela jovem donzela, em vez de se manter em atitude discreta e humilde, dedicando-se apenas ao amor bem sucedido, começou, com estardalhaço, a ostentar em público um orgulho tolo, a par de uma satisfação quase arrogante, principalmente para com o amigo, por ter sido o vencedor naquela rivalidade amorosa, em que agora tomavam parte três famílias, lutando entre si, sem parar. Longe estavam, pois, do «amai-vos uns aos outros» e do «não façais aos outros o que não gostarieis que vos fizessem». O outro rapaz — o que perdeu a jovem — macambuzio e humilhado em seu amor próprio, por ter sido vencido por aquele a quem julgava inferior em tudo e, principalmente, por causa de sua atitude áspera, rude e provocante, sentiu crescer dentro do seu coração o orgulho ferido, o ciume atróz e a inveja a dominar-lhe o cérebro. Entregando-se completamente a sentimentos inferiores, levado até ao obscurecimento de sua razão, influenciado pelas vibrações de ódio e impulsionado pelo alcool, encontrou o moço uma fugaz oportunidade de vingança. Como louco furioso, saca de um punhal e assassina o seu competidor que, até meses atrás, fora o seu mais estimado amigo!

Êstes fatos processaram-se nos primórdios do ano mil e quatrocentos. O tempo passa e, em breve, pudemos observar os dois espíritos reunidos novamente nos planos espirituais, atraidos, um para o outro, pela angústia de suas consciências; lá estavam prometendo a seus mentores de reencarnação que se iriam corrigir, restabelecer a concórdia entre si e desfazer a pesada e inferior carga de vibrações nas quais se envolveram quando em seus corpos carnais, antes de suas desencarnações. Banhados em lágrimas, de tanto padecer, juravam que haveriam, ambos, de procurar uma vida de sentimentos mais puros, dentro do amor fraterno que deveria unir a todas as criaturas. Em vista dessa promessa sagrada, foi-lhes concedido novo nascimento terrestre, na ilha Sicília, da Itália, cem anos após êsse seu encontro no espaço; deveriam juntos iniciar novo ciclo de reajuste e harmonização.

Nesta reencarnação, na ilha Sicília, um deles se entrega ao trabalho de construção de barcos, montando um bem aparelhado estaleiro. Os negócios começaram a florescer e, no propósito de ampliar as docas, um convida para sócio justamente o antigo companheiro, ou seja o que êle havia assassinado em vida anterior, em Lion. Podeis observar, caros irmãos, quão sábia é a Justiça Divina reunindo na carne, novamente, aqueles espíritos que se endividaram mutuamente, a fim de que pudessem, por meio do amor fraterno e da compreensão, nessa nova experiência terrena, dominar seus sentimentos maléficos, eliminando, desta maneira, a carga de vibrações venenosas que os unia pelo ódio, manietando e agrilhoando um ao outro por longos anos de angústia!

A sociedade mercantil foi organizada e, aparentemente, tudo corria ás mil maravilhas. Os dois sócios se entendiam e o negócio prosperava. Alguns anos mais tarde, porém, em virtude da difícil situação econômica da Europa, a emprêsa começou a falir; enquanto isso, estabelecia-se entre os dois sócios um clima de desconfiança e antipatia, imperfeição essa oriunda ainda das vibrações de rancôr, do passado, que os dois sócios não conseguiam apagar e que continuava vivo em seus subconscientes. O ressentimento e a desconfiança iam se avolumando cada vez mais, à proporção que a ruína batia às portas da sociedade. A repulsão entre ambos chega ao ponto culminante e, mais uma vez, durante uma discussão, na qual o sócio mais poderoso do estaleiro acusa o seu consórcio de ladrão e deshonesto, engalfinham-se os dois, em violenta luta corporal, quais indomáveis féras, reavivando-se mais ainda o ódio entre os dois velhos inimigos de encarnações passadas! Esta luta, expressão máxima da fúria de seus sentimentos recalcados, termina com a morte, por estrangulamento, do chefe dos estaleiros, justamente aquele que havia, em existência passada, sido o matador!

Como vemos, mais outras dívidas foram contraídas; novos e maléficos fardos vibratórios foram acumulados, e outra preciosa oportunidade de reajuste foi inutilmente desperdiçada, sem o mínimo aproveitamento! Mas, meus irmãos, a bondade divina é ampla e infinita. Por isso, novo ajuste de paz e amor foi idealizado pelos dois, em presença de seus guias espirituais. Muito sofreram ambos, nas trevas purgatoriais de suas consciências, até que, oitenta anos após às suas últimas desencarnações, vamos encontrá-los renascidos sôbre a Terra. Desta vez, um deles encarna-se como negro, nas florestas da África, e o outro no Brasil, onde se torna rico proprietário e latifundiário, senhor de escravos na cidade de Santos. Atendendo à necessidade de se reajustarem de uma vez para sempre, o que se encarnara como selvagem para aprender a dominar seu orgulho e se tornar humilde e virtuoso foi transportado como mercadoria, do continente africano, no ano de 1780, em infecto porão de navio negreiro, para o Brasil colonial. Sobrevivendo à fome cruel e às múltiplas doenças durante a perigosa travessia, foi finalmente arrastado ao mercado de escravos, naquela cidade, para ser vendido por alguns patacões. Do Alto apreciava-se, nessa feira de escravos, o tão ansiado reencontro dos dois espíritos, multiseculares inimigos. O rico fazendeiro, que visitava a feira de escravos, sentindo um quê indefinível, uma potente atração por aquele escravo humilde e semi-nu, adquire-o imediatamente e o conduz a seus domínios.

Como podereis observar, diletos irmãos da assistência, não existe o acaso, o «talvez», nem o fortuito no destino dos indivíduos; tudo está previsto e subordinado às sábias leis dos reajustes, de atração; tudo se processa em moldes de emancipação, libertação e evolução da alma.

Veremos agora como êstes dois espíritos, grandemente endividados, fracassaram mais uma vez, malbaratando, igualmente, preciosas oportunidades que Deus misericordiosamente lhes ofereceu: A vida na fazenda corria normalmente quando, de certa feita, adoece o seu proprietário, vitima de misteriosa febre que ninguém conhecia. Todos os médicos das redondezas foram em vão chamados; o fazendeiro parecia mesmo condenado à morte! Eis quando alguém lembra o nome do negro récem comprado, por sabê-lo curandeiro na África, entre os da sua tribo. Como última esperança, é o preto chamado à presença de seu amo enfêrmo. O cativo, aproveitando bem esta esplendida e divina oportunidade, domina, instintivamente, seus sentimentos em relação a seu opressor e, aplicando seus conhecimentos e seu poder curador, trata-o com certas ervas, conseguindo, graças a Deus, curá-lo imediatamente. Daí em diante, estabelece-se entre os dois, que eram inimigos irreconciliáveis de passadas encarnações, uma salutar e higienizadora onda de vibrações superiores, primeira luz, aliás, a se fazer nas densas trevas de ódio, inveja e vingança que, durante séculos, envolviam os dois. O fazendeiro, agora curado, bem depressa, porém, esquece a resolução que tomara em seu leito de enfêrmo visando beneficiar o negro que o salvara da morte certa. Os afazeres diários, os negócios complicados, as preocupações de mais ainda possuir e, principalmente, o orgulho, infelizmente, apagaram ràpidamente aquele nobre sentimento de gratidão no peito do fazendeiro; tudo se desfez, sendo o prestimoso escravo relegado ao esquecimento, voltando ao ambiente infecto, junto à turba anônima da senzala.

A despreocupação para com uma vida mais cristã e as investidas de vaidade e da presunção de ser o maior latifundiário da provincia, fizeram com que, mais tarde, o fazendeiro, deixando-se dominar por seus impulsos animalescos, mandasse, por questões de somenos importância, (desconfiança de furto de laranjas da despensa) amarrar ao pelourinho o seu companheiro de outras vidas passadas e benfeitor desta, indo puní lo pessoalmente, crivando-o de chibatadas sem conta, com a violência desperta do ódio acumulado de transatas existências! O negro escravo, até aí humilde e conformado, não resiste e sente renascer dentro de seu intimo uma brutal onda de revolta contra seu senhor, que o punia injustamente. De modo instintivo, porém súbito, reconhece nêle, como em mágica téla mental, o seu cruel inimigo de remotas épocas passadas; tudo revive instantâneamente!!! Nesse momento, lança contra seu senhor as mais pesadas imprecações, amaldiçoando-o, com ferinas demonstrações de desprêso e repugnância através de enraivecido olhar! O arrogante patrão, não mais podendo controlar-se, investe com incrivel fúria contra o negro, matando-o a chibatadas, enquanto pisa e repisa com a bota o rosto do africano tombado em uma poça de sangue! A explosão de ódio, por parte do fazendeiro, nesse infeliz encontro, foi tão terrível que o mesmo, ao se retirar ofegante do local, deu apenas alguns passos, caindo fulminado, vítima de um derrame cerebral, ao lado de seu ex-benfeitor!

Podeis verificar, caros irmãos, quão grande se tornou a divida dêstes dois espíritos, renitentes e teimosos que, por muitas vezes consecutivas, haviam repetido os mesmos erros, insistindo no mal e envenenando-se até quase à asfixia pelas vibrações inferiores com que se envolviam.

Continuemos, porém, a narrativa: Ambos, no plano espiritual, decorrido pesado sofrimento nas trevas, procuram-se de novo, atraídos como se fossem dois poderosos ímãs, e se engalfinham, mesmo como espíritos, numa luta impiedosa, rolando pelos abismos do umbral (conhecido pelo povo como «purgatório») esquecidos de que eram parte da centelha divina, e esquecidos até do próprio tempo! E assim permaneceram longos anos a se degladiarem mùtuamente. Passa-se, porém, o tempo e, cansados de lutas por tantos anos, sem resultado algum, acordam pela dor, que agora se tornara insuportável. Em um feliz momento, lembram-se de Jesus, o Cristo-Médico das almas enfêrmas, a quem suplicam auxílio, rogando sejam retirados do infernal ambiente em que se encontram. Imediatamente são os infelizes conduzidos, mais uma vez, perante seus mentores, seus Anjos de Guarda, quando então se faz a luz em suas mentes obscurecidas, passando a se recordarem nitidamente de suas diversas vidas anteriores; arrependem-se amargamente de suas ações, reconhecem as inúmeras e preciosas oportunidades desperdiçadas, fazendo, em razão disso, solenes promessas de regeneração, para finalmente suplicarem um novo renascimento terreno. Juraram, com as mãos postas sôbre o Evangelho, realizarem a definitiva reconciliação e manter o amor fraterno, tudo entre demonstrações de confiança e efusão de alegria. Os mentores, porém, os advertem de que, desta vez, terão que reencarnar em condições mais dolorosas, já que as passadas encarnações não foram devidamente aproveitadas. Receberiam um corpo físico em condições excepcionais, adequado às almas que têm enormes dívidas acumuladas. Esperançosos, com tudo concordaram os dois espíritos, entregando-se corajosos a mais uma experiência de duras expiações. E eis que, ao acordarem na matéria densa, após uma longa e pesada noite de quase duzentos anos de escuridão e de preparo, verificaram, estarrecidos, que ambos ocupam o mesmo corpo carnal! Sim; um mesmo e único corpo físico, indivisível! Unidos agora, como nunca, numa aliança indissolúvel, aguardam os dois inimigos a Justiça de Deus, para que, desta vez, aprendam finalmente o «amai-vos uns aos outros».

A mãe atual desta criança «monstro» é a reencarnação de uma linda donzela que viveu em Lion, no ano 1.420, todos merecendo a dura expiação pela qual estão passando.

Estas foram as últimas palavras de Leovigildo, o querido «Repórter do Além».

Encerrada a sessão, retiramo-nos daquele recinto sagrado, profundamente impressionados e, no silêncio da noite, meditávamos sôbre o tema: «A semeadura é livre, mas a colheita é sempre obrigatória».

PAX.

Crônica Estrangeira

Sêlo Comemorativo

A emissão do Sêlo Comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo está sendo apreciada pelos jornais e revistas da Europa.

«Two Words» em sua edição de 30 de Março assim comenta o fato:

«O Brasil Honra o Espiritismo com a Emissão de 5 Milhões de Sêlos

A fôrça do nosso movimento no Brasil ressalta do fato de ter sido ordenada pelo seu govêrno, a emissão de 5.000.000 de sêlos para comemorar o Centenário do Espiritismo.

No mês entrante completar-se-ão 100 anos da publicação do «Livro dos Espíritos», por Allan Kardec, o pioneiro Espírita, acontecimento que consideram o comêço do movimento organizado. Por milhões de espíritas brasileiros «O Livro dos Espíritos» é considerado sua Bíblia.

A princípio foi sugerido o sêlo comemorativo e o clero católico opôs formidáveis objeções. O govêrno concordou com o pedido dos espíritas, graças ao enorme respeito de que gozam no Brasil, onde construiram, ao menos, 15 hospitais completamente equipados que dão tratamento gratuito e possuem suas próprias estações emissoras.

Há ao menos uma cidade cujos habitantes são espíritas!

Pode-se avaliar a influência do movimento espírita no Brasil pelo fato de ter sido formada uma companhia para representar peças espíritas, sob os auspícios do secretariado governamental.

Allan Kardec é o *nom-de-plume* de Leon Denizarth Hippolyte Rivail, nascido na França. A êle sobretudo coube a tarefa de pôr o Espiritismo no mapa, da França e da América do Sul».

«Two Worls» reproduz a foto do Sêlo Comemorativo com a seguinte explicação:

> «E' esta a foto do sêlo — 5.000.000 estampado pelo Governo Federal para comemorar o Centenário do Espiritismo organizado naquele país. O nascimento do movimento é de 1857, quando «O Livro dos Espíritos», por Allan Kardec, foi publicado. E' por isso que no Sêlo figura o livro aberto».

* * *

O 1.º Centenário do Espiritismo

«Estudos Psíquicos», de Portugal, em sua edição de Março publica o seguinte sôbre o sêlo comemorativo do 1.º Centenário do Espiritismo, com a publicação do cliché do sêlo:

No próximo mês de Abril será comemorado o 1.º centenário do Espiritismo em todo o mundo. Acontecimento de suma importância pelo significado que reveste, nenhum adepto lhe regateará o seu concurso. Cem anos de luta na defesa de um ideal, respondendo a motejos, aparando golpes de toda ordem, doutrinando e divulgando com prejuizo material, sentindo obstáculos na própria família, escapulindo ao sorriso do falso amigo, como se a condição de espiritista fosse crime de morte ou roubo de igreja; cem anos a trabalhar em proveito dos outro, a desbravar charnecas, a abrir caminhos na selva ingrata sem um ceitil de salário, mas com alegria de alma, com satisfação e esperança em dias melhores, merecem ser lembrados e comemorados.

O Brasil dará talvez o maior exemplo de regosijo espiritual, porque nessa vasta região a Doutrina se tem afirmado de mil formas diferentes e concitado a atenção de todas as classes sociais. Assim, o Departamento dos Correios e Telégrafos solicitou do ministro da Viação e Obras Públicas autorização para emitir cinco milhões de sêlos de Cr.$2,50 alusivos ao grande acontecimento e cujo facsimile publicamos.

Mas a questão tornou-se difícil, chegando a assumir aspectos misteriosos na burocracia do Estado, que se dilataram durante um ano de expectativa. A Federação Espírita Brasileira iniciou silenciosamente o trabalho, fornecendo o cliché com a efigie de Kardec. Procurou funcionários de categoria na Casa da Moeda, foi a Comissão Filatélica que deu parecer honroso, mas quando a questão chegava ao Ministro, desaparecia o processo. Nova cópia e novo trabalho. E novo desaparecimento do processo, quando chegou ao Ministro. Ao cabo de incríveis esforços, lá foi encontrado novamente no fundo de uma gaveta. Promessas, promessas, promessas. Alguma coisa havia que se opunha à realização do empreendimento. E porque? Não se tinham emitido sêlos comemorativos católicos e protestantes?

Mobilizaram-se todas as fôrças possíveis, incluindo políticos em evidência, e o assunto estava parado e amarrado a pedido do Cardeal! O Presidente da Federação Espírita Brasileira enviou telegramas ao presidente da República e ao Ministro da Viação, sem qualquer resultado efetivo. Foi quando *O Cruzeiro* publicou a noticia do selo com a gravura na sua edição de 5 de Janeiro de 1957.

Fosse pelo que fosse, o certo é que o Ministro autorizou a emissão e podemos contar, desde já, com mais um grande triunfo, apesar da guerra que o clero brasileiro está movendo ao Espiritismo.

Manda a verdade que se exalte o Dr. Wantuil de Freitas e seu filho Zeus Wantuil, que foram, por assim dizer, os vencedores do prélio que se travava. Temperados à luz do Ideal, não descansaram nem desanimaram. Devem estar contentes.

As festas comemorativas prometem ser notáveis. Do norte ao Sul do Brasil milhões de almas se movimentam no mesmo sentido, ciosas de liberdade e fraternidade. Querem uma pátria maior e mais bela, onde a lei iguale os homens e cada um possa exprimir a sua idéia. O ano de 1957 vai ser decisivo no tocante à expansão da Doutrina e Portugal contribuirá também com o seu esfôrço para o brilhantismo do Centenário.

* * *

A casa do terror

«Estudos Psíquicos»

De *Fate* extraímos o seguinte caso, devido à pena de Emil Zubrin e que traduzimos em versão livre.

Na cidade Cuernavaca, a menos de oitenta quilómetros da Capital mexicana, ergue-se uma bela construção de cinco andares que se encontra desabitada há mais de dez anos. E' conhecida por *La Casa dos Espantos* (A Casa do Terror), devido às aparições de fantasmas que lá se têm verificado, apesar de ficar próxima da Catedral, do Jardim Borda, do Hospital Civil e do Hospital da Cruz Vermelha.

A sr.ª Villega de Nuñez, que vive nas proximidades da casa, diz que passou lá uma vez à meia-noite e viu um padre sair da porta, atravessar a rua e entrar na Catedral pela porta aferrolhada e encadeada. Jura, mesmo, que era um visitante do outro mundo e agora tem medo de passar naquele sítio.

Os inquilinos não aquecem o lugar na *Casa dos Espantos*. Uma noite, duas noites... Uma semana já é muito. E todos se queixam de aparições e ruídos vários.

Jesus de Eguiluz, que uma vez à meia noite passou lá num caminhão, sentiu o carro estacar, como se movido por fôrça invisível. O veículo deteve-se precisamente em frente da casa assombrada e ele viu sombras misteriosas a sair do edifício. Quando o carro se pôs em andamento ficou tão assustado que se dirigiu à esquadra de polícia e dois agentes o acompanharam até à *Casa dos Espantos*, mas não viram coisa alguma.

Houve inquilinos apavorados que abandonaram a casa e foram dormir no Jardim Borda, voltando lá no dia seguinte para levar a mobília e abandonar aquele foco de disturbios.

Os habitantes de Cuernavaca contam estes episódios aos turistas estrangeiros em ar de graça, mas o caso é que se encontra lá um prédio moderno de belissima construção, onde ninguém deseja viver...

ESPIRITISMO NO BRASIL

Educandário «Euripedes» — Campinas

A 2 de Dezembro p.p. realizou-se a solenidade do lançamento da pedra fundamental, em terreno doado pelo Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Janio Quadros, localizado na Fazenda Santa Elisa. A festividade teve a prestigiá-la elementos de destaque dos Governos, Federal, Estadual e Municipal; A reportagem conseguiu anotar os seguintes Srs: Jornalista Luso Ventura, orador oficial, representando o Exmo. Snr. Prefeito; Vereador João Lanaro, representando a Camara Municipal; Deputado Estadual, Prof. Farabulini Junior, representando o Presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Dr. Juiz de Direito de Campinas, Dr. Juiz de Menores; Major Genesio Nitrini, Comandante interino do 8.º B. C. de Campinas, inclusive médicos, advogados, jornalistas e outras pessoas gradas da terra das andorinhas. Entidades espíritas de S. Paulo, Franca, Jundiaí, Mogi-Mirim, Itapira, Amparo e outras cidades, enviaram, devidamente credenciados, os seus representantes.

Abrilhantando a manhã belissima desse dia, fez se ouvir a Banda da Força Pública local, sob a regencia do Maestro Sargento Osvaldo Venturini.

Iniciada a reunião às 9 horas, terminou às 11, após a palavra de diversos oradores, que foram apresentados pelo irmão Odair, Dr. Carmine Campagnoni e Gustavo Marcondes.

Á tarde, às 14 horas, foi inaugurado um Bazar Beneficente sob a direção das Damas Espíritas Campineiras.

Como complemento, às 18,30, sob a

direção do Dr. Carlito Maia, estimado locutor e Mestre de Cerimônias, tinha lugar o Festival da Juventude. O salão, lindamente decorado, apresentava painéis vivos de graça e beleza da mulher campineira e uma seléta e luzida platéia ocupava as mesas, espalhadas pelo imenso salão de recepção do Centro Espírita «Allan Kardec». Carlito Maia vem ao proscênio e, após uma salva de palmas, anuncía o programa sob sua supervisão.

Começa o desfile dos astros. Tenores, Sopranos, e Cantores de Folclore, deliciam os presentes. Solistas de violão, e o consagrado BOVE, extasiam o auditório em numeros de piano. Humoristas e artistas de outros generos, dão a nota em numeros de comicidade que alegram a petizada.

Agora surge o Ballê em quadros de profunda beleza.

As horas se sucedem maravilhosamente num misto de encanto e fidalguia. Tudo é sorriso, lirismo e poesia, a emoldurar o coração dos convivas que prestigiam esse espetáculo inesquecível.

22 horas. E' chegado o momento principal da festa. Gentilmente cedido pela Direção do Tenis Club local, a passarela verde e florida em alto relevo, para o monumental «Desfile de Modas». Jovens e graciossimas criaturas, exibem as creações da alta costura local e, durante uma hora e trinta minutos, a elegância das filhas de Eva, recebem os aplausos ardentes e sinceros. As 4 Estações do Ano, têm a sua apoteóse coroada pelo «Desfile Infanto-Juvenil». Afinal — disse alguém, em futuro, também hão de fazer o seu «debut» e portanto, merecem com mais carinho, um lugar ao sól...

23.30 horas. — Consumat est... Abraços, beijos, palmas, expressões de ternura, bondade e simpatia e um agradecimento expontâneo da Direção Central a todos que, espíritas ou não, souberam compreender o elevado alcance dessas festividades cujo objetivo maior, é o de se conseguirem fundos para a manutenção de crianças desvalidas vivendo ao léo e ao Deus dará.

«O Clarim», a «Revista Internacional do Espiritismo», «Ilustração Espírita» e o «Club dos Jornalistas Espíritas» tiveram a representá-los o cronista e correspondente na Capital,

Vicente S. Neto.

Corrida dos Filatelistas ao primeiro Sêlo Espírita

Funcionários dos Correios e Telégrafos na Séde da Federação efetuando as primeiras vendas — Adquiridos, Cêrca de Duzentos Mil no Primeiro Dia

Cêrca de 200 mil sêlos postais comemorativos do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo foram vendidos, 5.ª feira, das 8 às 19 horas, no Correio Geral e na séde da Federação Espírita Brasileira. O primeiro sêlo postal, com motivo espírita, emitido no mundo, por uma concessão especial do diretor dos Correios e Telégrafos, foi vendido por funcionários daquêle Departamento na própria séde da Federação Espírita, ocasionando verdadeira corrida dos filatelistas desejosos de obter a novidade para suas coleções. Também foi usado, na ocasião, um carimbo alusivo a Codificação do 1.º Centenário do Espiritismo, despertando grande interêsse dos colecionadores.

PRIMEIRA EMISSÃO

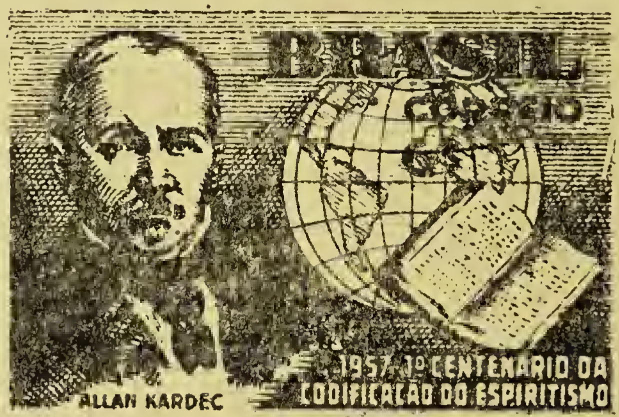
BRASIL
CORREIO
ALLAN KARDEC
1957 1º CENTENARIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

Primeiro Sêlo postal com motivo espírita emitido no Mundo, para comemorar o Centenário da Codificação do Espiritismo

Na primeira emissão foram feitos 5 milhões de selos para serem vendidos em todo o território nacional. A data marca o início, há cem anos, da Codificação Kardequiana, surgida na Capital da França com a publicação por Allan Kardec do livro de alcance filosófico, moral e social, intitulado «Le Livre des Esprits», contendo todos os princípios da doutrina espírita. O desenho do sêlo, em formato retangular horizontal, apresenta na margem superior, em duas linhas horizontais, as palavras «Brasil Correio», e abaixo destas a taxa «Cr. $ 2,50». Na base, na sua metade direita, em caracteres brancos sôbre fundo unido, a inscrição «1957»—1.º Centenário da Codificação do Espiritismo». Como motivo principal, interpretado a traço, destacam-se: no primeiro plano, à esquerda, o busto do Codificador Allan Kardec, sob o qual, em caracteres unidos, sôbre o fundo branco, nome «Allan Kardec». À direita, em segundo plano, um livro aberto simbolizando «O Livro dos Espíritos», encostado a um globo. O desenho foi elaborado pelo Sr. Bernardino Lancetta, funcionário da Casa da Moeda, autor de vários outros desenhos de selos comemorativos.

De «O Globo», do Rio de Janeiro, de 20/4/57.

O Governador Espírita em Plena Semana Santa

O Sr. Magalhães Barata, Após Ouvir Sermão Contra o Espiritismo do Arcebispo do Pará, Presidiu a Uma Sessão Sôbre a Codificação do Espiritismo

Belém, 19 (Especial para o GLOBO) — Nas cerimônias da Semana Santa foi assinalado curioso episódio entre o Arcebispo Metropolitano D. Mário Miranda Vilas Boas, que se está despedindo por ter que viajar para Salvador, e o Governador Magalhães Barata. O arcebispo, durante a missa pontifical com a cerimônia do Lavapés, proferiu um sermão sôbre eucaristia, lembrando aos fiéis que é hora de vivermos em amor, concórdia e caridade em Jesus Cristo. Perante a Catedral lotada, afirmou que o espiritismo não é uma religião, muita vez se apresentando como autêntica mensagem de Satanás. Suas últimas palavras foram de apêlo para que os fiéis voltassem suas almas para os mistérios do altar.

O GOVERNADOR E O ESPIRITISMO

Poucas horas depois da preleção do Arcebispo, o Governador Magalhães Barata comparecia a séde da União Espírita Paraense a fim de presidir ao encerramento das festividades do primeiro centenário da codificação do Espiritismo. Depois de vários oradores se referirem ao Espiritismo e ao trabalho de Kardec, falou o Governador. Recordou fase de sua vida quando oficial da ativa do Exército servindo em Pôrto Alegre, época em que se entusiasmou pelo Espiritismo lendo muito a respeito e acreditando na doutrina. Tempos depois, premido pelas circunstâncias de ordem política e administrativa foi deixando de frequentar reuniões espíritas. Mas, guardava em seu coração e crença na verdade espírita. A seguir, referindo-se aos acontecimentos políticos que nos últimos dias têm agitado Belém em virtude da vitória da oposição no pleito da Assembléia Legislativa, o Governador fêz patético apêlo à comunidade espírita. «Todos devem orar para que reine a paz espiritual no Estado porque estou cansado de lutas. Não as quero mais. Peço a meus adversários que a elas não me façam voltar. Desejo, apenas, trabalhar em benefício da nossa terra».

Frisou que divisava um horizonte escuro, prenúncio de repetição de acontecimentos que já se registraram no passado porque seus adversários querem arrastá-lo à luta. Apelou para que as orações espíritas afastem êsse sentimento da oposição, pois se continuarem êle aceitará luta «pois não sou homem de fugir delas».

Em nome dos espíritas paraenses, respondeu ao Governador o Sr. Lauro Monteiro, presidente da União Espírita, afirmando que o apêlo do Governador não cairia no esquecimento, pois os espítas orarão para orientar os seus adversários.

«O Globo» de 20-4-57, do Rio.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 188.232,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 6 de Abril de 1957

Á hora regimental profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Comunica sua satisfação pela integração dos Espiritistas de Mato Grosso, na FEB, empossando o representante da Federação Espírita de Mato Grosso, Conselheiro Clemente Martins. Faz, em seguida, um histórico dos últimos acontecimentos relativos à emissão do «Sêlo Postal Espírita», apresentando inúmeros jornais, espiritistas e profanos, que publicaram a fotografia do sêlo. Relata, também, o intenso combate movido pelo clero contra essa emissão, não só através da imprensa, como dos púlpitos de quase todas as igrejas do Distrito Federal. Manda ler pelo Secretário a Ata anterior, que é aprovada. No expediente é lido cabograma do Dr. Canuto de Abreu, congratulando-se pela passagem do Centenário da Codificação e comunicando sua contribuição com o lançamento do «Primeiro Livro dos Espíritos», de sua autoria. Falam, a seguir, os representantes de todas as Federações Estaduais, relatando o grande trabalho dos mesmos, pára maior brilhantismo das comemorações de Abril, pela imprensa, pelo rádio, por afixação de cartazes alusivos ao Centenário, em homenagem carinhosa a Allan Kardec.

Ás dezesseis horas, com a prece feita pelo representante do Amazonas, declara o Presidente encerrados os trabalhos da reunião.

Dr. Menotti Del Picchia

A convite do Prof. Emilio Manso Vieira, da Federação Espírita do Estado, ocupou a tribuna daquela casa de cultura e orientação espiritual a 13 de Janeiro findo, o ilustre e culto beletrista, acima citado.

Orador, tribuno, sociólogo e pensador emérito, o nobre poeta que representa S. Paulo no Palácio Tiradentes e é uma das mais belas expressões do Paíz, glória da Academia Brasileira de Letras, ao pisar o solar da Rua Maria Paula, 158, foi carinhosamente recebido pelos seus Diretores e, após as apresentações de praxe, precisamente às 10,30 horas falou da tribuna em que aos domingos o confrade e nobre irmão Vinicius dirige as suas exortações Evangélicas. Pelo espaço de 60 minutos, abordou interessantes assuntos e, ao finalizar as suas considerações, foi delirantemente aplaudido, sendo-lhe tributado simpática apoteóse.

Aí pois em poucas linhas registramos a presença do consagrado escritor na Casa Mater do Espiritismo em S. Paulo.

Ao duas vezes — Imortal — Deputado Federal Dr. Menotti Del Picchia, a saudação da Imprensa Espírita.

Club dos Jornalistas Espíritas

Ano do Centenário da Codificação

De 6 a 13 de Janeiro p. f. o Club dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo, organizou um Ciclo de Conferências a cargo de ilustres confrades, tais como: Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Freitas Nobre, Dr. Luiz Monteiro de Barros, Deputado Federal Prof. Romeu Campos Vergal, J. Herculano Pires (Irmão Saulo), Dr. Levindo Mello, Dr. Deolindo Amorim, Aristides Lobo, Jorge Rizzini, Dr. Cezar Burnier Pessoa de Melo. Durante 8 dias foram abordados pelas expressões acima citadas, temas de alto relevo doutrinário e filosófico e, convém ressaltar que, o «Auditorium» inaugurado pelo grupo que tem a seu cargo, a defesa do ideal, através da Imprensa Espírita, foi pequeno para conter o elevado número de assistentes que prestigiaram sobremaneira essa admirável e triunfante «reentrê» no ano corrente, ás vesperas das Comemorações Históricas do Centenário da Codificação Espírita.

«O Clarim» e a «Revista» cumprimentam os Diretores do Club dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo por tão belo movimento, saudando os queridos companheiros de ideal.

Edição do Centenário

Comemorando o 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», a Federação Espírita Brasileira lançou a lume a Edição do Centenário, tendo nos ofertado um exemplar.

Confraternização Regional da 7.ª Região

Em Araraquara

Dando início às comemorações do ano do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, nos dias 9 e 10 do mês de Março último, na séde da Sociedade Beneficente «Obreiros do Bem», de Araraquara, e sob os auspícios do Conselho Regional da 7.ª Região, realizaram conferências, respectivamente, o nosso companheiro Campêlo e o confrade Jurandir da Silva Marques, da cidade de São Carlos. Ambos os conferencistas agradaram em cheio a numerosa assistência.

Em Matão

Sob os auspícios do Conselho Regional da 7.ª Região e em comemoração do 1.º Centenário do Espiritismo Codificado, o Dr. Flávio Pinheiro, da cidade de Ibitinga, realizou, no dia 17 de Março último, ás 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma substanciosa conferência sob o tema — «A Reencarnação», agradando sobrema-

O clichê nos apresenta aspectos dos festejos da Codificação, em Araraquara, nos dias 9 e 10 de Março, quando falaram, respectivamente, os confrades Watson Campêlo, de Matão, e Jurandir S. Marques, de S. Carlos.

Em cima, parte da assistência, à primeira palestra neira a numerosa assistência que superlotou a séde de referido Centro Espírita.

A esse ágape espiritual compareceram confrades de S. Carlos. Taquaritinga e Ibitinga. De Araraquara vieram um ônibus e automoveis trazendo grande números de confrades.

Presidiu a sessão comemorativa o Presidente da *Ume* de Matão, companheiro Carlos Olson, sendo feita a prece de abertura pelo sr. Alexandre S. Barbosa, de Araraquara. Houve uma parte artística que a todos agradou.

Encerrou a sessão o companheiro Costa Filho.

Em São Carlos

Em continuação aos festejos programados pela Use, através do Conselho Regional Espírita da 7.ª Região, foi brilhantemente realizada no dia 24 de março último, mais uma Concentração Regional comemorativa do 1.º Centenário da Codificação.

Coube a vez de São Carlos promover, por intermédio de sua União Municipal Espírita, a confraternização dos espíritas da Região.

Foi uma bela festa, à qual estiveram presentes delegações das cidades de Araraquara, Ibitinga, Matão e Taquaritinga, todas da 7.ª Região, além de representações de Descalvado e Rio Claro.

Após um lanche de confraternização, que decorreu num ambiente alegre e festivo, teve lugar a cerimônia de posse das novas diretorias da Mocidade Espírita e do Centro Maria de Jesus.

Logo depois teve início uma interessante parte artística, a cargo da referida Mocidade, seguindo-se a palestra da noite, pelo querido confrade de Araraquara, Orlando Ayrton de Toledo, que discorreu, com o habitual brilhantismo, sôbre o «MEDIUNISMO», que foi vivamente apreciado pela enorme assistência que superlotava a séde da UMESC, local dos festejos.

A mesa dos trabalhos foi constituida pelos senhores Alexandre Barboza presidente da 7.ª Região, Jurandir da Silva Marques, Antonio Dentilo, Dr. Flávio Pinheiro, Carlos Vital Olson, Joaquim Lourenço e Arnaldo Orso, presidentes e representantes das UMES de São Carlos, Araraquara, Ibitinga, Matão, Taquaritinga e Rio Claro, respectivamente.

Em Taquaritinga

No dia 31 de Março último, no salão do Centro Espírita «Jesus de Nazareth», de Taquaritinga, sob os auspícios do Conselho Regional da 7.ª Região, ás 20 horas, o confrade Orlando Ayrton de Toledo, da visinha cidade de Araraquara, e um dos mais apreciados oradores espiritas, realizou substanciosa conferência, agradando sobremaneira a assistência.

* * *

Comemorando o 18 de Abril

De 15 a 21 de Abril último, o Centro Espírita «Fé em Deus», de Sorocaba, realizou uma Semana Espírita em comemoração do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos».

Ocuparam a tribuna nesses dias, os seguintes oradores: Anselmo Gomes, Benedito Godoy Paiva, Jaques Aboab e Antonio Pereira Corrêa.

* * *

De São Roque

Início das Comemorações do 1.º Centenário do Espiritismo

A União Espírita «Allan Kardec», de São Roque, realizou, no dia 24 de Março, importantes festividades que deram início ás comemorações do 1.º Centenário do lançamento de «O Livro dos Espíritos».

Ás 14 horas a Banda de Música local percorreu, acompanhada de grande número de pessoas, várias ruas da cidade, parando defronte ás sédes dos Centros Espíritas da cidade, fazendo aos mesmos ligeiras saudações.

Em seguida rumaram para a Praça Pública, onde tiveram lugar as festividades, que foram inteiramente irradiadas pela Rádio Cacique.

No corêto de aludido logradouro público, fizeram uso da palavra os seguintes oradores: Dr. Jony Doin, Paulo Alves de Godoy e J. J. Cabrera, da Capital, Fernando de Fernandez, de Salto e Nelson Tibiriçá Fernandes, de S. Roque, fazendo referências à grande efeméride que será comemorada em todo o mundo, em 18 de Abril de 1957.

Do Correspondente.

Publicações na imprensa profana

Os espíritas de Araraquara, São Carlos e Taquaritinga, não mediram esforços no sentido de darem a maior divulgação possível ao 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo. Para que o magno acontecimento fosse conhecido por aqueles que não são espíritas, fizeram publicações em jornais profanos locais. Assim, «A Cidade», de São Carlos, de 17 de Abril, «O Imparcial», de Araraquara, de 18 do mesmo mês, e a «Cidade de Taquaritinga», publicam matéria abundante sôbre o 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo.

Foi sem duvida uma idéia oportuna, porque assim todos em geral tiveram conhecimento desse grandioso acontecimento.

—No próximo número daremos notícia completa sôbre a concentração espírita de 18 a 21 de Abril em Araraquara.

Exposição de Livros

A União da Mocidade Espírita de Arapongas, comemorando o 1.° Centenário do aparecimento de «O Livro dos Espíritos» realizou no dia 18 de Abril uma exposição de livros, que permaneceu aberta até o dia 25 do mesmo mês.

Do Correspondente.

Sanatório João Evangelista

Existe na Capital, à Avenida Nova Cantareira, 3.050, Tucuruvi, uma obra assistencial espírita realmente de vulto, pouco conhecida dos espíritas, quasi anônima, pois só agora dela tivemos conhecimento.

O importante empreendimento foi construido pelo Grupo Espirita «João Evangelista», constituindo o Departamento Assistencial de referido Grupo Espírita. Trata-se do Sanatório João Evangelista, que tem por finalidade internar e tratar gratuitamente, enfêrmos de moléstias mentais, nervosas e toxicomaníacas, sem distinção de côr, sexo, nacionalidade ou crença religiosa.

O Sanatório não cobra taxas, nem mensalidade, dando tudo gratuitamente, exigindo apenas atestado de indigência, quando o enfêrmo estiver nesta condição. Aceita entretanto os donativos daqueles enfêrmos que podem dispor de recursos, sempre de acôrdo com as possibilidades de cada um.

O prédio do Sanatório é amplo, tendo cinco andares, com instalações de acôrdo com os requisitos da higiene, dotado dos mais modernos recursos da ciência médica, farmacêutica, inclusive a homeopata.

E' presidente da Diretoria do Grupo Espírita «João Evangelista», que supervisiona referido Sanatório, o nosso velho amigo e confrade Itagyba Borges, que foi companheiro de Cairbar Schutel na difusão da Doutrina pela palavra, sendo orador espírita dos mais apreciados e um dos mais dedicados trabalhadores da seára espírita.

Em rápida visita que nos fez no dia 16 do mês passado, em companhia de sua exma. esposa, Itagyba Borges nos mostrou um album de fotografias do Sanatório em sua soberba feição exterior e a sua parte interna, com grupos de enfêrmos, salas, gabinete médico e dentário, etc. Só o milagre da fé pode dar tamanha boa vontade às criaturas, que chegam ao ponto de realizar, quasi no anonimato, obras de vulto, como o Sanatório João Evangelista, que é um atestado do valor do Espiritismo na consecução da vontade de Deus, que quer ver todos os filhos no seu reino.

A Diretoria do Grupo Espírita «João Evangelista», com mandato até Outubro de 1958, está assim constituida: Pres., Itagyba Borges; vice, Nicola Bocuzzi; secr., Gastão Rabelo e Silva; 1.° tes., João Barufaldi Néto; 2.° tes., Carlos Américo Leister; 1.° vogal, Francisco Rampazzo; 2.° vogal Gino Gallo.

Comissão Diretora do Sanatório João Evangelista: Provedora, Anna Gemignani Motta; secrt., Edgard Souza Motta; tes., João Fernandes de Almeida; 1.° vogal, Gino Gallo; 2.° vogal, Carolina J. Richter.

O corpo clínico do Sanatório João Evangelista está assim constituido: Dr. José Primavera, *Clínica Geral — Médico Internista;* Dr. Homero P. Valada, *Neuro Psiquiatra;* Dr. Laplace P. Valada, *Clínica Geral;* Dr. J. A. Alves Martins, *Cirurgia Geral — Moléstias de senhora;* Dr. Paulo Canton, *Ortopedia;* Dr. Nelson Cafur, *Oto Rino Laringologia — Clínica Geral;* Dr. Mario Finochiaro, *Radiologista;* Dr. Adail de F. Julião, *Eletroencefalografia;* Dr. Celso de Toledo, *Oftalmologia;* Dr. Michel Maluf, *Operador Psiquiatra;* Dr. José M. T. Bitencourt, *Especialista em Líquido-Céfalo Raquidiano;* Dr. Itagiba Borges, *Assistência Odontológica;* Dr. José Turano, *Assistência Odontológica*; Dr. João Magalhães, *Assistência Odontológica.*

O Grupo Espírita «João Evangelista» está empenhado na construção de outra importante obra com a mesma orientação do Sanatório e cuja pedra fundamental foi lançada no dia 5 de Julho de 1955. E' a Maternidade «Anjo da Caridade», que tem por escopo a proteção à gestante pobre. Portanto são duas obras que pedem a cooperação de todos com donativos em dinheiro e em espécie.

IV Congresso Espírita Pan-Americano

Realizar-se-á na cidade de San Juan, Capital do Estado Livre de Porto Rico, de 3 a 10 de Outubro próximo, o IV Congresso Espírita Pan Americano.

As instituições espíritas estão sendo convidadas para esse importante conclave que visa dar maior incremento ao Espiritismo em todos os seus aspectos, devendo os interessados dirigirem-se à Comissão Central Organizadora, na pessoa de sua Presidente, Sra. Guilhermina M. de Fermaint, Apartamento n. 9.503, Santuce, Porto Rico.

A serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

Na minha última excursão realizei palestras nas seguintes cidades:

São Lourenço: Eu e o confrade dr. Carlos Imbassahy, realizámos palestras no Centro Espírita «Auxiliador Espiritual», que é dirigido pelos confrades Antonio Negreiros e Joaquim Ramos. A palestra do dr. Carlos Imbassahy agradou sobremaneira a assistência. A meu convite, este confrade brevemente irá a Itapira afim de pregar o Evangelho ao povo desta adiantada cidade. Em São Lourenço os confrades Antonio Negreiros e Joaquim Ramos são também diretores da Casa de Maria, obra esta que já está dando abrigo a meia centena de velhinhos.

Presidente Prudente: Falei no Centro Espírita «Poder da Fé», que é dirigido pelo incansável trabalhador da seára espírita, Virgilio Reis, nosso representante local.

Santo Anastácio: Fiz palestra no Centro Espírita dirigido pelo confrade João Machado, que é nosso Representante naquela zona. Todos ótimos companheiros.

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 150,00	Do 20.° ano	Cr.$ 120,00	Do 27.° ano	Cr.$120,00
Do 4.° ano . .	150,00	Do 21.° ano . .	120,00	Do 28.° ano .	120.00
Do 5.° ano . .	150,00	Do 22.° ano . .	120.00		
Do 6.° ano . .	150,00	Do 23.° ano . .	120.00	Do 29.° ano .	120.00
Do 7.° ano . .	150,00	Do 24.° ano . .	120.00	Do 30.° ano .	120.00
Do 18.° ano . .	150,00	Do 25.° ano . .	120,00		
Do 19.° ano . .	120,00	Do 26.° ano . .	120,00	Do 31.° ano .	120,00

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— ,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3351unse

XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1957 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

O Ano do 1.º Centenário . . . . *Redação*
Ainda, Ramatís . . . . *V. O. Casella*
O Êrro . . . . *Henrique Rodrigues*
Igreja não, Escola . . . . . . *Bianor Medeiros*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Incompreensão? Intolerância? . . *Dr. Inácio Ferreira*
Operações Espirituais e Curas . . *General Levino C. Wischral*
«A Missão de Allan Kardec» . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1957 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Ano do 1.º Centenário

EM quasi todas as sociedades espíritas do Brasil, da Argentina, Cuba, México, e em outras nações onde haja um setor espírita, realizaram-se no dia 18 de Abril solenidades comemorativas do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, pois foi nêsse dia, em 1.857, que apareceu «O Livro dos Espíritos». Além das sociedades espíritas, organizaram-se no Brasil, em diversos Estados, movimentos espíritas para comemorarem o grande acontecimento, devendo as comemorações prosseguirem até 3 de Outubro do ano em curso.

Aquí em Matão, por exemplo, continuam as solenidades comemorativas do Ano do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, sob o patrocínio da União Municipal Espírita. Assim, de 7 a 12 de Maio último, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob a orientação da Ume, realizou a 2.ª Semana Espírita de Matão, comemorativa do magno acontecimento. Pelo noticiário que publicámos e vamos publicando, os prezados leitores ficarão a par do movimento espírita, nêsse sentido.

Um fato digno de menção, e que a nosso ver constitue um dos maiores movimentos comemorativos do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, foi o lançamento do sêlo postal, graças aos esforços da Federação Espírita Brasileira, que sempre se empenhou a fundo na defeza e propaganda da Doutrina. Êste fato teve grande repercussão no estrangeiro, segundo as publicações que temos sôbre a mesa de trabalho e vindas de Portugal, Inglaterra, Argentina e México. E teve também ampla e rumorosa repercussão de norte a sul do nosso país. Personalidades de destaque no meio cultural se manifestaram sôbre o assunto, umas a favor e outras contra a emissão do sêlo comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo. O clero católico assestou as suas baterias contra o Espiritismo, de maneira a mais lamentável possível, procurando evitar o lançamento do sêlo. As altas dignidades do clero movimentaram-se frenèticamente, valendo-se de todo o seu prestígio, mas nada arranjaram e o sêlo foi posto à venda. Foi sem dúvida a primeira derrota do clero no país mais católico do mundo, segundo a sua própria afirmativa, e derrota fragorosa que põe em risco, perante as suas ovelhas, tudo quanto afirma para rebaixar até o extremo o Espiritismo. Razão teve o espírito de Humberto de Campos quando disse que o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

O Espiritismo prosseguirá na realização da vontade de Deus, de nada valendo as arremetidas humanas contra a Verdade. Tenhamos fé em Deus, porque estamos trabalhando para que a sua vontade seja cumprida de acôrdo com as palavras do seu amado filho Jesus Cristo. Nada devendo temer portanto. Chegou a hora e agora é em que Deus, nosso Pai Celestial, será compreendido e adorado através das nossas obras de amor fraterno, e isto graças ao Paracleto da Promessa de Jesus, o Espiritismo.

Para a frente e para o Alto!

—

Ainda, Ramatís

I

NAS mensagens mediúnicas que nos enviam as entidades do plano invisível não lembramos que alguma delas tenha causado, nos meios espíritas, sérias controvérsias, como as profecias de Ramatís que criaram uma forte corrente a seu favor.

Mas nós, com os poucos conhecimentos de que dispomos sôbre os astros, e sem a pretensão de sermos irrespondíveis, iremos tentar aclarar o melhor possível, alguns conceitos de Ramatís, vizando desfazer confusões, dentro dos bons princípios do kardecismo.

Mas antes, neste primeiro trabalho, como introdução, vamos apenas demonstrar o valor dos cálculos matemáticos em Astronomia, os quais anteciparam as observações telescópicas na descoberta de alguns planêtas, e deixaremos para a próxima vez os esclarecimentos sôbre o planêta de Ramatís, ocasião em que recorreremos aos cálculos keplerianos.

Assim, com êste início, o leitor que não estiver familiarizado com o assunto dos astros, poderá compreender que os cálculos empregados em astronomia são conclusões baseadas nas leis sem exceções da mecânica celeste, reveladas em linguagem numérica.

Contestá-los, é revelar completo desconhecimento das leis que regem a maravilhosa obra da Criação, duvidando da capacidade do Arquiteto Divino.

Inicialmente vamos recordar que os planêtas, girando ao redor do Sol, conservam entre si relativas distâncias. Mas acontece que os astrônomos, já no passado, notaram que entre as órbitas de Marte e Júpiter havia uma distância maior, revelando ali um grande vasio, contrariando a ordem de separação, entre os demais corpos celestes, do nosso sistema planetário.

Como se poderia conceber aquêle espaço, parecendo uma anomalia da natureza, se não há exceções nas leis do Universo?

Mas João E. Bode, astrônomo alemão, em 1778, descobriu uma regra de progressão geométrica que, apesar de simples, apresentava de modo relativo, curiosos cálculos sôbre as distâncias dos planêtas.

Assim, a lei de Bode, como se chamou, reclamava ali naquele vasio, o lugar de um corpo planetário.

Então, poderiam os cálculos do célebre astrônomo antecipar as observações astronômicas? Que sabe o homem para denunciar com fórmulas numéricas, astros ainda não revelados pelas nossas lentes?

No entanto, João E. Bode tinha razão. Essa sua lei demonstrou que o homem, êsse minúsculo verme, fisicamente chumbado na Terra, mentalmente pode percorrer assombrosas distâncias através de cálculos, descobrindo corpos celestes ainda não revelados pelas observações telescópicas.

Foi assim que, orientados pela lei de Bode, vinte e quatro astrônomos, como verdadeiros polícias do céu, postados em vários países, sob a chefia do Barão F. Von Zach, do Ob. de Gotha, Alemanha, após um ano de contínua vigilância sôbre aquele inexplicável espaço, localizaram naquela área um minúsculo corpo planetário. Essa primazia coube ao astrônomo italiano, Giusepe Piazzi, em 1.º de janeiro de 1.801. Hoje se conhece naquele espaço centenas dêsses corpos celestes, denominados Asteróides.

Essa descoberta veio confirmar a vitória da mente humana, pelos cálculos numéricos, na revelação das leis do Universo.

Outro fato interessante, atestando o valor da inteligência do Homem, atingindo distâncias, foi a descoberta do planêta Netuno.

Quando Herschel descobriu o planêta Urano, êste astro caminhava discordando dos cálculos sôbre a regularidade de sua marcha.

Mas desta vez, não seria mesmo uma exceção nas leis de causa e efeito da natureza sideral?

Não podia ser. Se houvesse exceção nas leis do Universo os nossos cálculos seriam nulos, revelando imperfeição da maravilhosa obra da Criação Divina.

Assim, os cálculos pacientemente elaborados acusavam implacavelmente que mais além, perturbando a marcha de Urano, deveria existir outro planêta. Orientados por êsses cálculos, Johann Galle, astrônomo alemão, como autêntico general em campanha, com o auxílio de um mapa do céu, conseguiu na noite de 1846, localizar no lugar indicado pela inteligência do Homem, o astro perturbador do seu vizinho celeste.

Após essa vitória, logo se percebeu que a batalha ainda não estava terminada. Os cálculos continuavam ainda acusando outras anormalidades na marcha de Urano, reclamando novas pesquisas. Foi quando Flamarion previu a existência de outro planêta mais distante de Netuno.

De fato, dois astrônomos americanos confirmaram pelos cálculos a denúncia do célebre astrônomo francês.

Finalmente, em 1930, o Dr. V. M. Sipler, Diretor do Ob. Lowe, dos E. Unidos, conseguiu mais essa vitória da ciência pela descoberta do planêta Plutão.

Como vemos, a perfeição da mecânica celeste não desmente os cálculos científicos dos nossos observadores. E a ciência tem sido positiva nas suas pesquisas, e não é materialista no sentido absoluto, como oportunamente ainda desejaremos demonstrar.

Na nossa modesta opinião, se os espíritas em geral se dedicassem em conhecer pelo menos a parte elementar da ciência astronômica, deixando os conhecimentos mais profundos para os mais versados em estudos dessa natureza, talvez não surgiriam certos desentendimentos como o caso das profecias de Ramatís. Conhecendo-se o assunto, as mensagens dessa natureza teriam que passar pelo crivo da verdade, com aproveitamento sòmente das partes incapazes de justificar contestações.

E aqui findamos essa parte introdutiva e, conforme já dissemos de início, voltaremos ao assunto, cuidando do planêta de Ramatís, no próximo número desta Revista.

V. O. CASELLA.

Avenida Barroso, 378—Araraquara
Estado S. Paulo

O maior tesouro que podeis conquistar está no aprimoramento do sentimento através da prática da caridade nas suas variadas modalidades. Sem a prática desta virtude, filha do amor, jamais conseguireis tornar-vos dignos da verdadeira felicidade. Que as vossas obras, ações e gestos tenham, pois, por bússola, a caridade, no bom aproveitamento da existência terrena.

CAIRBAR.

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

— IV —

André Luiz, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, nos ensina: «Em vão condenará você o pântano. Ajude-o a purificar-se. No caminho pedregoso, não atire calhaus nos outros. Transforme os calhaus em obras úteis» e ainda mais: «E' sempre fácil observar o mal e identificá-lo. Entretanto, o que o Cristo espera de nós outros é a descoberta e o cultivo do bem para que o divino Amor seja glorificado».

Diante portanto do crime mais nefando, abstenhâmo-nos de examinar o mundo íntimo do criminoso, no que tange à execução de seu ato. Não lhe conhecemos a história desde o início, não lhe sabemos o gráu evolutivo que determina a cada um de nós uma reação diferente para uma mesma causa. Não sabemos quantos fatores estranhos e colaterais preponderaram sôbre aquela criatura para justificar-lhe tal ato. Justificar-lhe sim! porque tudo tem uma razão. Não nos poderá surpreender o coice de um cavalo ou a mordedura de um cão, e por idêntico motivo, não nos podemos revoltar contra a ingratidão, a estupidez e a perversidade do involuído. A mulher bela e rica de tesouros materiais, que é dos pés a cabeça um estojo de joias, sustenta com seu fausto uma infinidade de atividades que lhe propicia a posse de grandes somas. Talvez suas pérolas tenham origem nas regiões miseráveis do Oriente, onde humildes mergulhadores ganham sua vida na faina diária de arrebanhá-las, cumprindo um duro caminho de aprendizado. Suas rendas, adôrnos fúteis de seus vestidos, talvez provenham de desnutridas fiandeiras que possuem nessa única habilidade o meio honesto de ganhar seu amargo pão de cada dia. Seu ouro originar-se-á provàvelmente das profundezas da terra onde operários desnudos obtêm assim seu sustento, ou do leito dos rios, frios e palustres, onde bateadores o buscam e em troca do qual virá o magro reconfôrto da necessidade mais premente do organismo humano. E a seda! de onde lhe vem? Certamente provirá do *simplório* bicho da seda, criação divina, e dos teares onde as também divinas operárias se debruçam para conquistar o valor que corresponderá às obrigações de seus lares. A pérola, a renda, o ouro ou a seda, o perfume que provém das flores e em cuja obtenção muitos trabalham, como tudo que é e existe, tem sua origem divina, e para algo foram feitos. Se não podemos apreender sua exata destinação, cumpre-nos apenas, observar e meditar, sòmente...

Que seria da legião de trabalhadores que labuta nos infinitos mistéres da procura, transporte, manufatura, guarda, venda das riquezas que vestem o lindo corpo daquela mulher, se o mercado, a conselho de moralistas e puritanos exaltados, se extinguisse da noite para o dia?

Deixemos a mulher; deixemos o alheio na sua peregrinação pela estrada da vida. Ela, como nós, paga, de uma forma ou de outra, seu tributo de dôr em parcelas e condições que nos fogem e que nos é absolutamente vedado penetrar. *Está ela errada?* Não irmãos! está certa! Talvez sofra mais do que supomos, pois a dôr não se alivía com dinheiro. Tudo pode ela comprar no mundo das superficialidades, mas no do espírito, lá onde a felicidade habita, de nada vale seu dinheiro. Não pode subornar a dôr, cujas origens, nem ela mesmo sabe.

Diz Emmanuel:—«Será inútil fustigar moscas sôbre o fóco infeccioso a pretesto de sanar o mal. Determina a lógica a extinção daquêle. O homem, herdeiro do Céu, *refletirá sempre* a Paternidade Divina, *no nível em que se encontra*». Nada mais precisariamos aduzir. Bastaria essa afirmativa para cancelar qualquer dúvida quanto à origem, e essência que anima o homem, e mais, que o que denominamos êrros, não passam de ações também divinas, no plano em que nós, manifestação divina que somos, nos encontramos. Encerrarei estas considerações valendo-me ainda das profundas observações do preclaro espírito de André Luiz: — Denominam-se «Realidades e Aparências»:

«O palhaço que você ironiza é, frequentemente, valoroso soldado de bom ânimo».

«A mulher, extremamente adornada, que você costuma desaprovar em certas ocasiões, está procedendo assim para ajudar numerosas mãos que trabalham».

«A cantora que baila sorrindo e da qual você comumente se afasta entediado, *na suposição de conservar a virtude*, geralmente procura ganhar o pão para muitos familiares necessitados, merecendo consideração e respeito».

«Não julgue o próximo pelo guarda-roupa ou pela máscara. A verdade, como o Reino de Deus, nunca surge com aparências exteriores».

«Não acuse o irmão que parece mais abastado. Talvez seja simples escravo de compromissos».

«Não se aborreça com a pessôa de conversação ainda fútil. Você também era assim quando lhe faltava experiência».

«Não murmure contra os jovens menos responsáveis. Ajude-os, quanto estiver ao seu alcance, recordando que você já foi leviano para muita gente».

E finalmente: — «Não seja intolerante em situação alguma. O relógio bate, incessante, e você será surpreendido por inúmeros problemas difíceis em seu caminho e no caminho daqueles que você ama».

Não fôsse a preocupação de não tornarmos demasiado extenso êste trabalho, e por longo espaço nos deteriamos a examinar a incontável sequência de inventos e descobertas, nos mais variados campos da atividade do homem e que na aparência de nosso imediatismo, foram frutos de êrros ou do multiforme acaso, e que redundaram assim em grande progresso para a humanidade.

Para estudarmos mais acertadamente o homem, necessário se torna que partamos do que êle tem de melhor e não do pior. Nos problemas da psiquê, a base não conduz ao cimo, porque o pesquisador se perde em enganosos desvios. Temos que partir do mais sério problema, porque uma vez solucionado êste, todos os outros terão solução também, pois estaremos de posse da equação. Do «inconsciente ao consciente» como diz o Dr. Gustavo Geley, em seu livro que possui essa denominação, o método a seguir será sempre do mais complexo para o mais simples. É tão completo o ensino do Dr. Geley, que não resisto a expô-lo em tradução nossa: —

«No estudo filosófico dos fenômenos da vida, se se vai do cume à base, do homem à animalidade superior, da animalidade superior à animalidade inferior, chegaremos à conclusão de que a consciência é o fator mais importante da vida, porque é o que de maior importância existe no homem. Somos pois impelidos a concluir que a consciência, com tudo o que constitui suas ramificações, se estende, estreitando-se pouco a pouco, até que nos animais menos evoluidos fica reduzida a um simples esbôço». E Augusto Comte completa esta definição dizendo: «Se se tratar dos caractéres da animalidade, devemos partir do homem e notar como degradam pouco a pouco, ao envés de partir da esponja para ver como se desenvolvem. A vida animal do homem nos ajuda a compreender a da esponja, mas a recíproca não nos ajudará a compreender o homem».

Para entendermos êste, não podemos partir de seus êrros e concluir por êles a sua origem não divina. Assim como o universo é uma máquina e dentro dela somos um simples parafuso, decrescendo, diremos que nós somos uma máquina, e uma ação nossa, ou um êrro, é um simples ruído da máquina que somos nós. O impossível é querer compreender a máquina, através de um único som produzido por ela. Êssa síntese, ainda não existe, pois nos faltam capacidades psicométricas para tal. Muito oportuno o comentário de M. J. Loeb ao dizer que: — «Felizes dos físicos que não conheceram jamais o método de pesquisas dos cortes e das colorações. Que sucederá se por acaso cair uma máquina a vapor nas mãos de um físico histólogo? Que milhares de cortes em sua superfície e em sua espessura, diversamente coloridas e recoloridas; que infinidade de desenhos e de figuras sem chegar a compreender que o que está em exame, é uma máquina alimentada por fôgo e que serve para transformar o calor em movimento».

Carece o pesquisador dos problemas humanos não raro de coerência. O que há poucos instantes combateu com veemência lhe escapa da memória, e flagrantemente se coloca contra a sua própria opinião. Verbera o êrro, mas erra também, na mesma concepção que êle tem dêsse fenômeno. Defende a virtude mas não é virtuoso, condena o supérfluo, mas veste-se e fala com cunhos de superficialidade, burilando a forma do palavreado, mas deixando essa bela forma, vazia de substância. E' o rôto, rindo do esfarrapado. A necessidade fundamental do homem é a educação; a ignorância o seu maior mal. Procurem o conhecimento, e a moral proveniente do conhecimento das leis fluirá imperceptivelmente e surpreendentemente com a naturalidade que lhe atesta maior valor. A pregação moral, vazia de razões, tìpicamente tentada como a evolução imposta de fóra para dentro, é milenarmente repetida por escritores e oradores, antecipadamente destinada ao mesmo fim. As assembléias que as escutam, saem como entraram, sem saber porque, qual a razão pela qual o bem e não o mal é o caminho da redenção, ficando em dúvida se não foi a arbitrariedade de um ser poderoso que a seu bel prazer o ditasse como artigo de lei, sem outra justificativa que não esta. O homem tem que renovar-se de dentro para fóra, afim de que suas formas exteriores, velhas e grosseiras, venham a cair pela fôrça geradora de novas formas, que procurarão ao exemplo do electron do átomo ganhar maior complexidade e maior pêso, pêso êsse que o qualifica como elemento mais velho, mais amadurecido, mais próximo de sua finalidade.

O entrechoque de opiniões, de credos e teorias é um índice seguro do amadurecimento espiritual da humanidade. A pesquisa é fruto dêsse antagonismo, refletindo também a insatisfação pelo que se vai tornando velho para satisfazer a maior capacidade e necessidade do homem.

No próprio fato da negação da origem divina do homem que erra, (e na conceituação atual do êrro, todos nós erramos), está a afirmação da vontade, da necessidade e até mesmo da possibilidade do criado em saber sua paternidade. Os anacronismos religiosos, filosóficos e científico-materialistas, têm oposto sérios obstáculos a essa conquista, mas a afloração dessa espécie de luta demonstra que o momento é chegado e como tal, determina a lei evolutiva maiores esclarecimentos em tôrno dêsse milenar problema.

Valho-me da sábia filosofia indú, através das palavras de Rabindranath Tagore, para encerrar êste trabalho. Diz êle : —

«Quando sentimos que germina em nosso mundo íntimo o anseio de indagar qual é a verdadeira finalidade que encerra O SENTIDO DA VIDA, temos de compreender que a evolução do ser chegou a uma etapa decisiva, na qual, todos móveis pelos quais o homem luta perderam sùbitamente seu valor e seu atrativo. Porque na realidade, as diferentes atividades humanas não são mais QUE MERAS EXPERIÊNCIAS QUE SERVEM PARA CONDUZIR O HOMEM AO DESPERTAR DA VIDA DO ESPÍRITO».

NOTA — *Todos aspeados, cujos autores não estejam nomeados, são extrações da GRANDE SÍNTESE.*

IGREJA NÃO, ESCOLA — Bianor Medeiros

(Conclusão)

Assim, pelo conhecimento da verdade espiritual, o espírito reconhece os seus próprios êrros, se arrepende, muda de vida, de hábitos, de tendências e inclinações, se renova, torna-se espírito puro, perfeito, santo, limpo, iluminado, vaso escolhido, habitação do Altissimo, Santuário vivo do Senhor e Mestre, Templo vivo do espírito da verdade. O Senhor virá a êle, em espírito e vida, e habitará nêle, porque não mora em casas de pedras feitas pela mão dos homens, mas no coração dos justos, do espírito puro, perfeito, completo, acabado. Este é o culto interior, a vida interior que se conquista pela renovação do Mundo interior, pelo desenvolvimento dos nossos dons espirituais: a compreensão, o discernimento, a sensibilidade moral, a valorização própria, a visão, a audição, a orientação esclarecida e consciente.

X. — Jesus fundou uma escola oral ambulante. Ensinava nas praias, nos montes, no Templo, nas Sinagogas, na casa de seus discípulos, nos caminhos, nos barcos, em terra, nas águas e até mesmo na cruz ensinou a sua doutrina. A escola fundada pelo Divino Mestre é muito diferente das escolas fundadas pelos homens. Visa ela formar personalidade cristã, mentalidade cristã, pelo ensino da vida espiritual superior. Tem por objetivo santificar o homem e libertá-lo da escravidão do pecado e da carne. Por isto Jesus foi Mestre por excelência para ensinar a verdade espiritual por excelência. Aos seus discípulos ordenava: Ide e pregai. «Ide por todo o mundo e pregai a boa nova a toda criatura» (Marcos, XVI, 15).

Que Jesus criou uma escola de alfabetização espiritual na Terra, que se projeta pela eternidade afóra, está por demais provado nos Evangelhos:

«E começou de novo a ensinar à beira do mar.» (Marcos, VI, 1). «E todos os dias ensinava no Templo» (Lucas, XIX, 47). «E ia para as cidades e aldeias ensinando e caminhando para Jerusalém.» (Lucas, XIII, 22). «E os enviou para pregar o reino de Deus e curar os enfêrmos.» (Lucas, V, 17). «E ensinava na Sinagoga dêles e todos o elogiavam.» (Lucas, IV, 15). «Nem vos intituleis mestres porque um só é o vosso Mestre, o Cristo.» (Mateus, XXIII, 10). «Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou». (João, XIII, 13) «Jesus subiu ao Templo e ensinava.» (João, VII, 14) etc...

Se a prova de que Jesus era realmente Mestre, «rabi», é abundante, o mesmo acontece com a prova referente aos discípulos, como se passa a demonstrar:

«E chegando-se a seus discípulos» (Marcos, XI, 13);—«E saiu Jesus com seus discípulos» (Marcos, VIII, 27); «E entrando logo na barca com seus discípulos» (Marcos, VIII, 10); «Chamando os discípulos lhes disse» (Marcos, VIII, 1); «Enviou dois discípulos seus» (Lucas, XXX, 29); «E disse a seus discípulos» (João, VI, 61); «Nesse interim seus discípulos lhe pediram» (João, VI, 61); «Depois Jesus tornou a se mostrar a seus discípulos» (João, XXI, 21); «E os discípulos lhe perguntaram» (Mateus, XVII, 10); «Desde então Jesus começou a declarar a seus discípulos» (Mateus, XVI, 21), etc...

XI.—Jesus em seus ensinos destruiu as pretensões da Igreja e do primado de Pedro e do papa, de modo que não resta a menor dúvida, como se passa a esclarecer:

1.—«Mas quem se fizer humilde como êste menino, êsse será o maior no reino dos céus» (Mateus, XVIII, 4);

2. — «Mas Jesus os chamou e lhes disse: Sabeis que os príncipes dos gentios os dominam e que os mais poderosos exercem o poder sôbre êles.

«Entre vós não será assim; mas, entre vós, todo o que quiser ser o maior, seja o vosso servo»; «E quem entre vós quiser ser o primeiro, êsse seja o que vos sirva; pois assim veio o Filho do homem, não para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em redenção por muitos». (Mateus, XX, 25/28).

3. — «Mas vós não queirais ser chamados mestres, porque um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos. E a ninguém chameis de pai sôbre a Terra; porque um só é o vosso Pai que está nos Céus. Nem vos intituleis mestres, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo. O que entre vós é o maior será vosso servo. Porque quem se exaltar será humilhado; e quem se humilhar será exaltado». (Mateus, XXIII, 8/12).

4.—«...porque quem dentre vós for o menor esse é o maior. Então João, tomando a palavra, disse: «Mestre, nós vimos um que expulsava os demônios em teu nome e lho proibimos, porque não anda conosco. E Jesus lhe disse: Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós». (Lucas, IX, 48/50).

5. — «Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se, porém eu, Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo: O Servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, sereis bem aventurados se as praticardes. (João, XIII, 13/17).

6. — «Assim os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos». (Mateus, XX, 18).

7. — «Êle, voltando se para Pedro, lhe disse: Retira-te de mim, Satanás, porque me serves de escândalo, pois não compreendes as coisas que são de Deus,

mas as que são dos homens». (Mateus, XVI, 23).

Nestas condições, Jesus pregou, ensinou, exemplificou a humildade, a renúncia, a igualdade entre todos, o desprendimento das situações de mando, de autoridade, de poder e de governo temporal, destruindo o Papa, que se arvora em papai da humanidade e toda a organização clerical e a própria casta sacerdotal como prejudicial ao progresso espiritual dos homens.

XII. — Ainda sob o ponto de vista Jurídico ou legal, verificamos que os versículos 18 e 19 do Evangelho atribuido a Mateus, não passa de uma usurpação das atribuições do Espírito da Verdade, também chamado Espírito Santo e Espírito Consolador. Com efeito: é princípio jurídico milenário, de todos os tempos e lugares, que uma só testemunha nada prova, mas é necessário o concurso de duas ou três testemunhas para provarmos a existência de qualquer ato ou fato. Testemunha é a pessoa que viu e ouviu e sabe da existência do fato ou do ato, de ciência própria. Na espécie sómente o Evangelho atribuido a Mateus narra ou registra o conteúdo dos versículos 18 e 19, sem que nenhum outro evangelista faça tal referência; que também não é lembrada nem mesmo por Simão Pedro em suas cartas. Logo esse trecho todo grifado por nós na primeira página, não é verdadeiro mas apócrifo, simples interpolação do terceiro século, que não merece fé e certamente praticada por quem tinha interêsse em ser o primeiro papa e modificar o curso do Cristianismo, desviando-se dos seus fundamentos. A verdade se fundamenta em fatos e os fatos precisam ser provados para que mereçam fé. É o que nos ensina o Deuteronomio, XIX, 15: «Não valerá contra alguém uma só testemunha, qualquer que seja o delito ou crime; *mas tudo será verificado sobre o depoimento de duas ou três testemunhas.*» O mesmo princípio é ensinado pelo Direito Romano, através de consagrado provérbio: «Testis unus, testis nullus» — «Uma só testemunha nada prova». Ainda o nosso Código de Processo Civil consagra o milenário princípio, em seu artigo 237, § único: «A prova de qualquer fato se faz com três testemunhas.» Assim, fato de tal monta não pode fugir à regra universal de prova, nem à crítica construtiva que o próprio Divino Mestre respeitava, quando praticava qualquer ato que não queria fosse divulgado no momento mas, mais tarde, como fez com Pedro, Tiago e João, testemunhas oculares da Transfiguração do monte Tabor.

XIII. — Afinal, comparando os quatro evangelhos em estudo, verificamos a concordância de três dêles, em dois pontos (Mateus, Marcos, Lucas): 1) — Disse-lhes Jesus: tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (Mateus); tú és o Cristo (Marcos); tú és o Cristo de Deus (Lucas), uniformes nas idéias e quasi palavra por palavra. 2) — Então mandou a seus discípulos que a ninguém dissessem que êle era Jesus Cristo (Mateus); E êle proibiu lhe severamente que a ninguém dissessem isto dêle (Marcos); E êle falando-lhes energicamente mandou que não dissessem isto a ninguém (Lucas) com uniformidade e quasi palavra por palavra. Nestas condições, a lição que se tira dos textos é esta: 1) que Jesus fez a pergunta; 2) que Simão respondeu-a certo, inspirado pelo Espírito da Verdade e não de si mesmo; 3) — Jesus proibiu-lhes a revelação da verdade histórica. Assim aparece claramente o enxêrto indébito: os versículos 18 e 19.

XIV. — João não narra os fatos registrados por Mateus, Marcos e Lucas. Atribue, isoladamente, o pastoreio do rebanho (os discípulos) a Simão, que só por si nada prova, eis que o ensino Judaico e Cristão prova o contrário, como se verifica: Salmos, XXIII, 1: «Jehovah é o meu pastor; nada me faltará.»; Salmos, LXXX, 1: «Escuta, é pastor de Israel.»; Isaias. XL. 10/11: Eis que o Senhor Jehovah virá como um valente e o seu braço dominará por êle; eis que o seu galardão está com êle, a sua recompensa deante dêle; como pastor êle apascentará o seu rebanho.»; Jeremias, III, 23: «Na verdade em Jehovah nosso Deus está a Salvação de Israel.»; Ezequiel, XXXIV, 22/23: «portanto salvarei o meu rebanho e êle não servirá mais de presa; e julgarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei sôbre êle «um só pastor, que as apascentará, meu servo David. Ele as apascentará e lhes servirá de pastor.»; Eclesiastes, XII, 11: «As palavras dos sábios são como aguilhões e como pregos bem afixados, são as palavras dos mestres de assembléias; elas são dadas pelo Único Pastor.»; Hebreus, XIII, 20/21: O Deus de paz, que dos mortos trouxe outra vez pelo sangue de uma aliança eterna a Jesus, nosso Senhor, *grande pastor de ovelhas*, vos aperfeiçôe em todo o bem, para que façais a sua vontade, fazendo êle em nós, o que é aprazivel aos seus olhos, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos.» (João X, 14/16): «Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as que são minhas, me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho também outras ovelhas que não são dêste aprisco, estas também é necessário que eu as traga ; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.» (Jesus). Diante do exposto, provado à sociedade, verificamos que, também, o texto de João é apócrifo, testemunha falsa, simples interpolação da mesma época que não merece fé, por ser inteiramente contrário aos ensinamentos gerais de todos os tempos.

XV. — As idéias de pedra e chave são igualmente desmentidas pelos textos : 1) — Isaias, XXII, 22: «Porei sôbre o seu ombro a chave da casa de David; êle abrirá e ninguém fechará; fechará e ninguém abrirá». 2) Apocalipse, III, 7: «isto diz o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David, e que abre e ninguém fecha, o que fecha e ninguém abre». Apocalipse, IX, 1: «Vi uma estrela caída do Céu na Terra e foi-lhe dada a chave do poço do abismo». Apocalipse, XX, 1: «Vi um anjo descendo do Céu, tendo a chave do abismo e tendo uma grande cadeia na mão». Apocalipse, I, 18: «Eu sou o primeiro e o ultimo; fui morto e estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades (o Escondido, o Mundo Invisível)». Lucas, XI, 52: «Ai de vós, doutores da lei porque tirastes a chave da ciência: vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam».

Com relação a pedra os textos são de clareza meridiana, a pedra angular é o Cristo: Pedro, Atos, IV, 10/12: «Seja notório a todos vós e a todo povo de Israel que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, neste nome está êste enfêrmo aquí são diante de vós. Êle é a pedra, desprezada por vós, edificadores, a qual foi posta como a pedra angular. Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não há outro nome dado entre os homens, em que devamos ser salvos». Mateus, XXI, 42: Perguntou-lhes Jesus: «Nunca lêstes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como a pedra angular.» Gênesis, XLIX, 24: «O seu arco susteve-se no forte; e as prisões dos seus braços e das suas mãos foram retas pela mão do forte de Jacob: dali saiu êle para ser o pastor e a pedra de Israel». I Pedro, II, 6: «Por isso é que se acha na Escritura : Eis que ponho em Sião a principal pedra angular, eleita e preciosa e aquêle que nêle crê, não será envergonhado». «Para vós, portanto, que crêdes, é a honra; mas para aqueles que descrêem, a pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta como pedra angular». (7). (Ver Marcos, XII, 10; Lucas, XX, 17, etc.)

XVI. — Ligeira Correção :

A substantivação do adjetivo gera muitas vezes confusão que deve ser evitada para clareza do pensamento e do texto. Por isto se deve dizer — «Verdadeiro Espírito» ou «Espírito Verdadeiro» e não Espírito da verdade», como se deve dizer «espírito santificado» e não «espírito santo» e ainda traduzir o grego «paracleto» por «espírito chamado» ou «espírito invocado», seus correspondentes em português. Nisto não há criação nova, mas fidelidade ao pensamento divino reduzido à palavras humanas, em processo de tradução mais acessível à compreensão de todos. São modos de dizer e de traduzir.

XVII. — Conclusão:

Nos textos sagrados estão incluidas muitas palavras profanas que representam idéias profanas estranhas aos ensinos espirituais do Divino Mestre. As vezes estas interpelações abrangem versículos inteiros que devem ser eliminados da Bíblia por serem simples enxertos, estranhos ao corpo da doutrina. No presente estudo encontramos a palavra Igreja bem como os versículos 18 e 19 do capítulo XVI do Evangelho atribuido a Mateus e ainda os versículos 15, 16 e 17 do Capítulo XXI, do Evangelho atribuido a João, nestas condições.

Em verdade Jesus ensinou uma doutrina que constitue uma escola viva de espiritualização do homem terreno, preparando-o, aquí, para que se integre na vida espiritual superior do outro mundo. Depois de seu desincarne confiou essa tarefa aos puros espíritos libertos das limitações da carne, pelo ensino revelado através dos nossos próprios dons espirituais desenvolvidos pela ginástica da fé esclarecida. Assim, o católico é um simples discípulo de Jesus, como qualquer outro, é uma simples ovelha do grande rebanho humano, sujeito as mesmas leis e obrigações, gozando dos mesmos direitos, com a mesma origem e o mesmo destino glorioso reservado a todos os filhos do Altíssimo.

22-1-1957.

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

VERSOS DA MOCIDADE, de *Amadeu Santos e Sebastião Lasneau*

Versos da Mocidade é uma coletânea de versos de dois autores, Amadeu Santos e Sebastião Lasneau.

Versos para a *Mocidade que Declama*, para a *Mocidade que Canta*, para a *Mocidade que Medita...*

O volume que nos enviou Sebastião Lasneau, traz esta dedicatória:

«*Ao professor Leopoldo*
Colombo de novidades
Que, no mar do Espiritismo,
Descobriu a Mocidade...»

Mocidade Espírita, já se vê, que já existia, à espera de quem lhe soubesse dar valimento, estímulo, fôrça. Foi o que fizemos, aliás, auxiliado pelo Lasneau, pelo Amadeu e por outros idealistas da primeira hora. Descoberta que culminou, para nós, no *Congresso das Mocidades Espíritas*, de 1948. Feliz, ou felizes em tudo? E o foi o Colombo, descobrindo, em outros mares, a América? Fizemos, e parece que mal, o que nos cabia fazer. Só isso nos bastou. E foi o suficiente para dar-nos matéria para mais um livreco elaborado, aguardando tempo e oportunidade para seu aparecimento: *Espiritismo para Moços* — (História sintética do movimento de mocidades espíritas do Brasil).

Amadeu Santos dedicou nos outro volume, com esta dedicatória: «Ao querido e insubstituível mestre e amigo, Leopoldo Machado, toda consideração e a real estima do Amadeu Santos.

Nova Iguassú, 3/8/1956».

Versos à Mocidade, por sua impressão modesta, se não impressiona pela apresentação gráfica, agrada pelas estrofes nos moldes clássicos que neles se contém. Livro de dupla autoria, não se pode distinguir as estrofes de Amadeu Santos e as de Sebastião Lasneau. Só por quem conhece bem os dois estílos. Contudo, não é difícil de distinguir algumas estrofes, como isto, extraído do *Atire a Primeira Pedra*, em extrato:

. . . .

«Que dizes Tu, Senhor, que devemos [fazer?
Jesus olhou-os bem e se pôs a escrever,
Na areia, alguma coisa... Algum aler- [tamento...
«Que dizes Tu, Senhor?» Então nesse [momento,
Sabendo o Salvador que sentimento medra
Nas almas que ali estão, diz calmo e [compassado:
—«Aquele que entre vós estiver sem pe- [cado,
Seja, então, o primeiro a lhe atirar a [pedra».
Dito isto, Jesus nada mais quís dizer;
Baixou-se, novamente, e voltou a escrever.
E Jesus e a mulher, por fim ficaram sós.

O Mestre, levantando os olhos cisma- [dores,
Perguntou-lhe:—«Mulher, os teus acusa- [dores
Onde é que eles estão? Ninguém te [condenou?»
—«Ninguém, ninguém, Senhor», a pobre [balbuciou
—«Tampouco eu te condeno, ó filha, se- [gue em paz,
Procura ser feliz, porém, não peques [mais!...»

Na segunda parte, vimos a *Prece a Jesus*, que nossas filhas do LAR DE JESUS cantam, sem saberem canto, com arte e emoção. E outras composições musicais metidas em músicas de todos conhecidas. Talvez seja esta a parte mais interessante do volume porque destinada à Mocidade que canta à mocidade ou a infância que canta. E que bonitas letras ajustadas às belas músicas conhecidas, que devem ser cantadas porque, para nós, o primeiro esfôrço de público para, em nome do Espiritismo, substituam músicas profanas e sambinhas repinicados que ainda se vai cantando por aí e até mesmo nas festas espíritas...

Fechemos estas notas com o belíssimo soneto, da terceira parte, *O Milagre das Rosas* em que talvez se descubra o estilo magnifico de Sebastião Lasneau :

«Caminheiro sem norte, alma perdida
No desvão deste mundo enganador,
Tinha os olhos fechados pàra a vida
E o coração fechado às leis do Amor.

Um dia, em meio à estrada percorrida,
Sentindo a luz de um sol deslumbrador,
Tive os olhos abertos para a Vida
E o coração aberto às leis do Amor.

E por isto, o Evangelho, áureo clarão
Que fez da minha vida um roseiral,
Num milagre de eterna floração,

Vive dentro em minhalma, aberto em luz
Tendo a um lado, Izabel de Portugal
E, ao outro, Terezinha de Jesus.

Incompreensão ? Intolerância ?

Dr. Inácio Ferreira

Assim como determinadas crianças, por irresponsabilidade ou atraso mental não conseguem o currículo primário nas escolas e os professores, cansados, desistem de ensiná-las, abandonando-as à própria sorte, também determinadas criaturas, por premeditação ou segundas intenções continuam apegadas a interpretações de leis que visam resguardar a sociedade, a seu exclusivo interêsse.

De vez em quando publicam e comentam reclamações de rádios do visinho e alto-falantes de circos e parques de diversões, que perturbam o sossêgo e a tranquilidade daqueles que trabalham e produzem, esquecidos de que em muitas oportunidades são êles próprios que violam esses dispositivos de leis.

Mais uma prova ?

No «Correio Católico», de 8/4/57, foi publicado o seguinte :

«O Código Penal Brasileiro coibe a terapêutica do espiritismo.

Está em vigôr desde 1.° de Janeiro de 1942 o novo Código Penal Brasileiro. Ali se dispõe o seguinte :

Art. 284 — Exercer o curandeirismo :

I — Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância ;

II — USANDO GESTOS, PALAVRAS ou qualquer outro meio ;

III — Fazendo diagnósticos ;

IV — Pena — detenção — o agente fica também sujeito à multa de um a cinco contos de réis.

Ora, o Espiritismo ensina que há médiuns curadores, e êsses tais prescrevem habitualmente substâncias, USAM GESTOS, PALAVRAS, para ensinar a cura, fazem diagnósticos, etc.»

Vejamos algumas opiniões de autoridades civis em torno do assunto.

Do Promotor Dr. Alcides — processo contra A. G. em flagrante, em 21/8/41 (do Correio Paulista).

«Quem argúi de MISTIFICAÇÃO o «passe» espírita incide na sanção da lei positiva. Para deixar de respeitar o «passe» espírita, fôra mister que todos os gestos de mão estivessem vedados, desde que se lhe atribue virtudes milagrosas ; mas neste caso, os investigadores prenderiam São Paulo, no dia em que o admirável Apóstolo curou um enfêrmo de febre e disenteria, só em lhe impôr as mãos (Atos... XXVIII, v. 8).

...Toda a vez que um sacerdote católico benzer um remédio, para lhe aumentar as virtudes curativas, de acôrdo com a doutrina do dr. Henrique Bon (Précis de Medicine Catolique, 1936, pág. 684), lá irá o padre para a cadeia, mercê de um ato flagrante...»

E o Desembargador — notem bem — DESEMBARGADOR Vicente Piragibe !

(Diário de Notícias, S. P. 9/5/943).

«A reza do pessoal atrasado é, também, digna de toda a consideração. A macumba é o resultado da ignorância do povo. Não se pode condenar essa pobre preta velha, ignorante, lá de Vaz Lobo, só porque uma caravana policial, composta de dois investigadores e de uma investigadora, a surpreendeu da maneira como ela sabe rezar. A mim não impressiona o fato dessa mulher fazer das suas rezas profissão, porque também os padres são profissionais das rezas, e nós não os condenamos por isso.

Nestas condições, absolvo a ré, para que ela volte a viver no seu pobre lar».

Mais uma do Dr. Alcides Gentil ?

«...nem o meu sentimento depara diferença qualquer entre as virtudes milagrosas de UM PASSE ESPÍRITA e os da ÁGUA BENTA da liturgia católica.

...Logo, não se trata, na hipótese, de méro CURANDEIRISMO. Trata-se de ato ligado a determinada crença. De mais a mais, receitar CHÁ DE ABACATE para moléstias dos rins (fls. 2 v e 4) não é ofender a ciência médica; é, por outro lado, atender a fiéis, sem o intúito de remuneração (fls. 4) equivale, sem dúvida, a dar uma assistência espiritual muito MAIS GENEROSA DO QUE AQUELE QUE COBRA, A DINHEIRO DE CONTATO, A MISSA, O BATISMO, OU A ENCOMENDAÇÃO DOS MORTOS...»

O Ministro — notem bem — o Ministro Viveiros de Castro foi como levado ao exagero de extranhar numa sentença que — «o zêlo das autoridades só se acendesse contra o Espiritismo, quando todas as religiões recorrem ao maravilhoso para impressionar a imaginação dos crentes, acrescentando que *ninguém se lembrou de processar* o *sacerdote católico que também recorre aos exorcismos para dominar* o *demônio e expulsá lo* do corpo do Cristão...» (O Espiritismo no Brasil. Dr. Leonidio Ribeiro, pág. 82).

Mais ?

«O Espiritismo pròpriamente dito é um conjunto de condições que se firmam no mais alto conceito moral, ajustandose a rigor, com os mais respeitáveis interesses da ordem social, sendo, como religião, das que mais fielmente se articulam com os preceitos cristãos...

...não ao Espiritismo verdadeiro; tão elevado na sua natureza de crença cristã e tão salutar em seus propósitos, segundo *as atentas leituras que tenho procurado para bem firmar um conceito próprio*».

(Arquivo Judiciário — Vol. 3.° pág. 487).

«O Espiritismo é, segundo a lei, uma religião tão respeitável como outra qualquer. (Viveiros de Castro — Jurisprudência Criminal — pág. 220).

«Considerando que não comete crime algum o espírita que invoca os espíritos superiores para cura dos enfêrmos, como o sacerdote católico invoca também nos mesmos casos a proteção da Virgem Mãe ou dos Santos... Julgo-a improcedente e impronuncio a H. C. mandando se lhe dê baixa de culpa. (Dr. João Batista Pereira — Juiz Federal da 2.ª Vara. Diário Oficial — Rio, 23/2/926).

Deixando de lado os sacerdotes milagreiros, que pululam por todas as partes, os Missionários aquí estiveram realizando há pouco, a *bênção da água e a bênção da saude* (Correio Católico — 2/4/57 e outros) e o mesmo jornal, em publicações contínuas relata os resultados da «Medalha Milagrosa» que pode ser adquirida por compra num dos conventos locais.

No entanto, os espíritas, compreensivos, tolerantes, jamais pensaram em sanções criminais neste sentido.

Convém, portanto, nossos contraditores meditarem muito em torno destas verdades.

Não se devem dominar pelo espírito de sectarismo, a ponto de sòmente verem os seus próprios interesses, em detrimento do interêsse de seus semelhantes.

Hoje as criaturas estão saneando as suas mentes, não se deixando mais embair por inverdades premeditadas e a prova disto temos, ainda uma vez, na opinião de vários jurisconsultos, opiniões que poderão ser encontradas no livro «Têm Razão ?», de minha autoria, o qual aconselho que folheiem com atenção, a fim de evitarem, para futuro, diatribes que persistem em repisar.

Meditem, pois, irmãos contraditores, em torno destas concludéntes verdades.

De «A FLAMA», de Uberaba, de 27 de Abril, 1957.

Operações Espirituais e Curas

General Levino C. Wischral

BREVE LEMBRETE para pessoas doentes, médiuns e dirigentes de sessões, cuja leitura se recomenda para o início das reuniões.

1 — Se estiver doente, dê ao presidente do Centro um papel contendo, de modo bem legível, nome, idade e endereço para as vibrações ou irradiações de curas. Não podendo estar presente à sessão, recolha-se a seu aposento, no dia da semana em que o Centro realizar êsse trabalho, permanecendo, se possível, só, entre 20,30 e 22 horas.

2 — Nessa hora e meia, no silêncio da noite, procure tornar-se receptivo à visita da corrente médica do espaço, que lhe virá suprir de fluidos bons, portadores de energias vitalizantes e curadoras. Para tal conseguir, tranquilize-se, harmonizando e equilibrando seu espírito. Mantenha pensamentos puros, elevados e otimistas. Imagine ver nìtidamente a fisionomia de Jesus, as curas realizadas pelo Cristo-Médico, procure ouvir a fala do Sermão da Montanha, o «amai-vos uns aos outros» e a recomendação salvadora dos 70 vezes 7 perdões.

3 — Logo que o seu íntimo estiver bem calmo, faça uma prece sincera e ardente, com suas próprias palavras, pedindo a Deus e Jesus seja permitida, em seu benefício, a visita dos bondosos irmãos médicos do Alto a seu lar. Nunca recite mecânicamente orações em que apenas se movimentam os lábios, com ausência dos sentimentos do coração; estas preces nenhum efeito produzem — são nulas.

4 — Depois ler com atenção um trecho do Evangelho, procurando interpretá-lo, meditando a respeito. Recomendamos a leitura do livro: - «O Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec.

5 — Já agora, pode o doente contar com a presença de um ou outro médico espiritual, dos que trabalham com o Dr. Bezerra de Menezes. E' possível que o guia ou o protetor da pessoa enfêrma também esteja presente para ampará-la.

6 — Duránte essa comunhão espiritual, entre o enfêrmo e o CRIADOR, a pessoa nada de desagradável sentirá; ao contrário, se observar vibrações boas e suaves, convém permanecer nêsse estado pelo maior tempo possível, a fim de recolher, como autêntica transfusão de sangue, o remédio e os fluidos curadores. Nessa ocasião, é possível até que o enfêrmo seja agraciado por uma operação espiritual. Convencer-se com fé de que está recebendo a cura é o estado ideal. (Raras vezes ficam vestígios ou cicatrizes de operações; - e, as propositais cicatrizes destinam-se, apenas aos incrédulos, ou melhor, aos São Tomés).

7 — Todas as noites deixar à cabeceira da cama um copo com água, para que os bons espíritos a fluidifiquem, colocando no líquido os medicamentos trazidos dos laboratórios químicos do espaço. À noite, após a prece, e no dia seguinte, tomar aos goles essa água.

8 — E' imprescindível ter fé e esperança na cura. A pessoa pode tomar passes por médium de sua confiança; não precisa, porém, relatar seu sofrimento que, aliás, deve procurar esquecer.

9 — Seguir estas instruções por muito tempo, procurando, habitualmente, ligar-se a Deus e a Jesus. Nesse período muitos são curados, outros são operados, e, aos atormentados é sempre apontada uma boa inspiração para os seus problemas. Toda dor e todo padecimento fogem da criatura se esta se enfaixar no Evangelho do Mestre, e, se manter pensamentos sinceros, honestos e puros. Nunca, como agora, precisa o homem encouraçar-se com a doutrina do Cristo. Estamos na época da separaçâo do joio do trigo com os necessários padecimentos, dôres, lágrimas, sangue e ranger dos dentes.

10 — Especialmente nos dias de sessões, recomendamos ao presidente da mesa, aos médiuns e aos doentes, um jantar sadio e delicado, abstenção completa de aperitivos, cerveja e outros alcoólicos. Procurar não discutir e nem se aborrecer. Nesse dia esforçar-se para

não comer carne e praticar, se possível, exercícios respiratórios pela manhã, diminuindo até o fumo. Todos que frequentarem sessões espíritas, em qualquer dia, devem preparar-se com esmero e pureza de pensamentos, como se fossem tomar parte num banquete espiritual presidido por Jesus.

11 — Durante o período de tratamento, procure manter uma vida fraterna com todos; sempre envolver-se em bons pensamentos, a todos desejando paz, saude e felicidades, inclusive a seus próprios inimigos. Se assim pudermos fazer, as enfermidades e os sofrimentos desaparecerão de nós e o Reino de Deus se estabelecerá em nosso íntimo. Porém, se assim não procedermos, então a bondade do Pai nos enviará o médico chamado DÔR, que nos curará de modo compulsório, de vez que não queremos ser curados por bem.

12 — Ter a Jesus como «Excelso Modêlo» — deve ser o nosso lema; desse modo, teremos a saude do corpo e a paz do espírito de que tanto necessitamos. O bondoso Cristo-Médico aliás nos advertiu: — «A enfermidade é a herança do pecado». Compete a nós, e a ninguém mais, aniquilar essa importuna herança corrigindo nossas ações, atitudes e pensamentos.

"A Missão de Allan Kardec"

Livro compôsto e impresso na Gráfica Tipoarte, Ltda., Rua Cabral 352, Curitiba, Paraná. Paginação e revisão claudicantes, fàcilmente verificáveis. A página 43, por exemplo, vem logo após à página 34. O paginador, em vez de virar a página, inverteu ou virou os algarismos... A ordem dos fatores pareceu-lhe não alterar o produto... O 3 antes do 4, ou antes do 5... ou o 4 antes do 3... A página 43 em seguida à página 34... As páginas 35, 36, 37 e 38, entre as páginas 42 e 47... As páginas 43, 44, 45 e 46, entre as páginas 34 e 39... E outros truncamentos. De fato, que importância tem isso? Com a paginação truncada, dêsse modo, ou com a corrigenda futura, o livro mais recente do Dr. Carlos Imbassahy, *«A MISSÃO DE ALLAN KARDEC»*, edição comemorativa do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», será mais uma conta refulgente no rosário das edições da Federação Espírita do Paraná, colhida pela mão dadivosa do autor, que a cultivou com a seiva excepcional do seu talento e da sua perícia.

Êsse livro chegou-me às mãos a 3/5/1957 (data da 1.ª missa em Brasília), com uma dedicatória enternecedora, assim expressa: *«Ao querido amigo Aleixo Magaldi, companheiro de lutas, irmão no Ideal, amigo de sempre, oferece, não como obra de pensamento, mas do coração, o C. Imbassahy — Niterói, 1-5-57».*

Quem me dera ser simples servente de arquitéto como êste!... O servente é companheiro de lutas do arquitéto, seu amigo de sempre, que lhe admira a obra mais de perto, testemunhando-lhe a proficiente abnegação. Mas, eu sou mero leitor do Dr. Imbassahy. O leitor, em relação ao escritor, é menos do que o servente. Admira a obra acabada. Não sabe das horas de vigília, da energia consumida nas múltiplas noites de leitura e nos extensos dias de meditação, entre superexcitações, insônias e jejuns, abstinências de toda ordem, etc., a que se sujeitou o escritor para lhe oferecer, prontinho para sua delícia, o livro editado. Num livro está não só o pensamento e o coração do seu autor esteriotipado; está toda a vida fisiológica e psiquêlógica, do seu autor, no decurso do tempo de sua idealização, do seu planejamento, do seu rascunho, da sua composição, da sua revisão e da sua impressão e difusão. O livro lhe absorve a própria vida, por longos mêses, de modo quasi absoluto. Êle passa a viver apenas em função da sua obra.

Que sacrifício maior pode-se exigir de um homem? Uma abnegação total.

O leitor, em geral, inadvertidamente, passa os olhos pelo livro, displicentemente. Vai da primeira à última página, às vezes, joeirando senões de mínima importância e deixando de lado as monumentais virtudes acumuladas no contexto exuberante do volume.

No caso dos livros do Dr. Carlos

Imbassahy, não há quem possa, entretanto, manter-se impassível, apático ou indiferente; a evidência da sua capacidade literária, do seu labor mental, do seu excelente bom senso, da sua lúcida inspiração e da sua lógica cristalina, prendem, como fôrça hipnótica, toda a alma do seu leitor.

Experimente, leitor. E dar-me-á razão.

Acresce ainda a circunstância lembrada pelo eminente confrade Francisco Raitani no brilhante prefácio de *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC:* o Dr. Carlos Imbassahy «não se contenta em lançar amiudadamente à publicidade livros bem feitos; escreve para uma porção de jornais e revistas especializadas, e responde, com impecável pontualidade, pelo «Mundo Espírita», a uma infinidade de perguntas, que lhe chegam às mãos de todos os recantos do território nacional; ocupa constantemente a tribuna e o rádio, e nunca silencia ante a manobra daqueles que tentam lançar confusão na doutrina, através de «Livros Negros» e «Pastorais». E a correspondência apostolar numerosa? E as atenções pessoais, recebendo e fazendo visitas? E' um milagre, fazer tudo isso. E ainda sobra tempo para uma cariciazinha a um cálculo renal... para uma sessão de espiritismo prático, para passes magnéticos, para cuidar de «casos», de um ou outro amigo íntimo.

Entre tudo isso, o livro *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC* está circulando. É a voz daquele que não podia faltar na festa comemorativa do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», pela posição especial que ocupa no cenário do Espiritismo internacional. E deu-nos êle o livro indispensável ao coroamento de todas as comemorações efetuadas no Brasil, ao ensejo do 1.º século de publicidade do «O Livro dos Espíritos».

Basta assinalarmos alguns capítulos do livro, para se ter idéia da sua importância: Os Precursores, a imperiosa necessidade do advento espiritual, Pestallozzi, Allan Kardec, gênese doutrinária, objeções, o livro Negro do Espiritismo, uma pastoral.

Cita o Dr. Imbassahy, e comenta, com aquele poder de síntese e com aquela justeza que lhe é característica admirável, no capítulo «Os Precursores», os nomes dos Instrutores líderes que a Divindade enviou à Terra, de Brama, Cristna, Zoroastro, Jeremias, Buda, Lau-Tseu, Mêncio, Confúcio, Sócrates e Platão até Jesus. O Dr. Imbassahy termina êste capítulo com os períodos seguintes: «Finalmente, o Cristo. Êste legou a humanidade um Evangelho de paz, de harmonia, de perdão, de amor. Sua maior máxima era um resumo de toda a sua pregação messiânica — Amai-vos uns aos outros. E para Êle os apodos, o opróbio, o flagício, o açoite, os espínhos, a cruz.»

Retrata com côres indeléveis o quadro dantesco do Mundo, nas vésperas de surgir o Espiritismo: as lutas entre sarracenos e cristãos, entre católicos e protestantes, o Crucifixo presidindo os tormentos infernais da Inquisição, a Roma pseudo cristã pior que a Roma de Cesar, destronando e substituindo reis, sacrificando Galileu, Copêrnico, Colombo, Giordano Bruno e ouros tantos que tentassem algo em desacordo com a Sagrada Escritura, embora cientificamente enquadrados na Astronomia, na Matemática, na Cosmografia, na Hidrostática, na Quimica ou na Medicina.

Extraordinário capítulo êste, «A Imperiosa Necessidade do Advento Espiritual.»

Afinal, não há mesmo, a rigor, o que escolher no *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC.* O livro é realmente digno de realçar mais ainda o renome do Dr. Imbassahy, dêsse caçador de perolas do Espiritismo. Por hábito de tomar contacto com tais pérolas, já tão bem se mimetizou, de forma cabal, que nos parece que, êle, o Dr. Carlos Imbassahy é a pérola maior, a pérola real.

Leia o livro e verifique, por si mesmo, o leitor.

Cada capítulo retempera conceitos conhecidos, com vivacidade e brilho crescentes, ajuntando-lhes, a cada passo, novos conhecimentos, rebuscados aqui e alhures, em fontes autorizadas, em autores internacionais, cultores dos mais variados ramos da ciência. O leitor avança página a página, sempre mais ávido de maiores revelações, superexcitado pelo estilo cativante e pela exposição clarividente do consagrado publicista, emérito autor de tantos livros doutrinários.

Registre-se com ufania, que «o Dr. Carlos Imbassahy exerce a difícil arte de escrever com entusiasmo e devoção, sem visar lucros. Os seus livros correm mundo, instruem e educam; e êle permanece sobranceiro ao interêsse monetário, apenas preocupado em divulgar e defender o Espiritismo. Ainda agora esta obra, *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC,* êle a destinou ao nosso amigo comum João Ghignone, que a enviou à Federação Espírita do Paraná, para fins de beneficiência.»

E os seus adversários? Ou melhor, os atacantes do Espiritismo, contra os quais galhardamente polemiza o Dr. Carlos Imbassahy? Êstes andam com a bolsa de Judas trinta mil vezes mais recheiada. Escrevem para defendê-la.

Para confirmar as suas já famosas qualidades de polemista elegante e brandicioso, o Dr. Imbassahy dá-nos, no final de *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC,* os capítulos: «O Livro Negro do Espiritismo» e «Uma Pastoral». No primeiro dêstes, o Dr. Imbassahy contradita «um contumaz adversário da doutrina espírita», que resolveu estabelecer como sendo quatro os fatores que formam a doutrina espírita: a evocação dos mortos, a credibilidade dos médiuns, o crédito que merecem os Espíritos, a honestidade de Allan Kardec. O autor de «O Livro Negro do Espiritismo» julgou que, destruindo êsses quatro fatores por êle mesmo estabelecidos como base do Espiritismo, estaria eliminada a doutrina, mesmo que a destruição fôsse feita a seu geito. Mas o Dr. Imbassahy mostrou que S. S. não destruiu coisa alguma, oferecendo-lhe uma série de provas evidentes, colhidas por todo o mundo, em milhares e milhares de fatos. E no segundo dêstes capítulos, vêm os comentários incinerantes da recente Carta Pastoral lançada contra o Espiritismo, com o título de *Cristo e o Espiritismo,* cujo resumo publicou o *Correio da Manhã* de 23/12/56.

O livro do Dr. Imbassahy... Só mesmo lendo!

Vamos a êle, leitor.

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXII CAPÍTULO

Sapataria Esmeralda

1) Na semana seguinte à de minha saída do *Hotel Central,* estava dono de uma sapataria de ultima espécie. De ultima classe, quer no prédio, quer nas instalações e sortimentos. Situada na *Ladeira do Taboão,* pertinho de minha nova residência, à *Ladeira do Pelourinho.*

2) Adquiri-a de seu proprietário, um português quase falido e desacreditado, que andava insistindo comigo para impingir me a sapataria.

3) Uma bôa oportunidade para eu voltar ao primitivo ofício. Mas, onde arranjar o dinheiro para pagar ao português a sua *massa-falida,* e para comprar aviamentos?

4) Um ràpaz sergipano, H. B., tinha dinheiro na *Caixa Econômica,* de que ia vivendo sem trabalhar. Quís associar-se a mim. Mas, entrando só com o dinheiro. Não queria nada com o trabalho...

5) Aceitei sua proposta. E foi com dois contos de réis, que ele tirou da *Caixa Econômica,* que eu indenizei ao português...

6) E, para homenagear o sócio, pusemos o nome de sua irmã na sapataria — *Sapataria Esmeralda.*

7) Os aviamentos para o negócio, apanhei-os, a crédito, na firma Silva & Dutra, à subida da *Ladeira do Taboão.* Casa de dois sócios, o Silva, bom moço, de poucas conversas. O Dutra, mais velho, reumático, falador, gabola.

* * *

8) O J. J. Seabra havia sido empossado no governo da Bahia. Na primeira manifestação popular de desagrado ao governo, ouviu-se o estouro de um tiro. Tratava-se, entretanto, de uma bomba de clorato, queimada de brincadeira, por um gaiato. O povo que ouvia, interessado, o discurso do governador, entrou a debandar. Mas, o governador acalmou-o, dizendo, tonitroante, com um arzinho de riso: «Calma! Calma! Povo que corre não é homem!».

9) O Dutra contava aquilo, baban-

do-se de gozo, a dizer fôra êle quem acendera a bomba, quem fizera a bomba explodir . . .

* * *

10) O primeiro operário que me apareceu, foi o Uriel, meu visinho em Plataforma, que andou me ensinando a solar sapatos inferiores; que me afastou da beatice da Igreja, quem primeiro me falou em Escritura Sagrada, levando-me, até, a lêr muito mocinho ainda, a Bíblia...

11) Vendeu-me sua máquina de costurar couro, que eu devia pagar, parceladamente, independente dos serviços que ele prestasse à Sapataria.

12) Recebeu dinheiro pela máquina e não apareceu ao serviço. Depois, veio busca-la, pois, havia-a vendido a outro, recebendo do outro maior quantia.

13) Estava bebido. Já se havia viciado no jogo e no alcool. Trocara, assim pela Bíblia e por sua pureza, o duplo vício de beber e de jogar. Só mesmo uma grande atuação de maus espíritos! . . .

14) Neguei-me a entregar-lha. Só se me reembolsasse de quanto já lhe havia dado.

15) Foi ao delegado de polícia. Eu tive, também, de comparecer à Delegacia. Aliás, a primeira e única vez em que me vi metido em complicações policiais.

16) Contei tudo ao delegado, que me deu razão. E disse a êle: O senhor recebeu dinheiro dêle e não foi trabalhar na sua tenda. Não posso obrigá-lo, a entregar-lhe a máquina, a menos que o senhor lhe devolva o dinheiro recebido . . .

17) Cá fora, o pobre do Uriel, fedendo muito a cachaça, me contou, a choramingar, sua desgraça. Havia vendido a máquina a outro, que já lhe havia dado mais dinheiro do que recebera de mim. Ora, se êle não entregasse a máquina ao outro . . . Ele me indenizaria depois . . .

18) Basta! Basta! Leve sua máquina. Leve-a.

19) E vi, com os olhos úmidos, aquele homem que fôra para mim o símbolo da pureza, aquele homem com quem aprendi algo do ofício de sapateiro; aquele homem que me transmitiu os primeiros conhecimentos bíblicos e o gosto pela Bíblia, descer tanto... tanto... tanto... Só mesmo obra de diabinhos coxos!

20) Foi mais uma decepção forte de minha vida!

* * *

21) O Inácio, que aprendera a ler, em pequeno, comigo, em *Plataforma;* foi o Inácio a quem eu ensinei o A. B. C., misturando o nome das letras a cascudos, a ponto de minha mãe intervir, e ele responder a ela, humilimo, com uma lição para mim que, ainda hoje, cinquenta anos depois, recordo emotivamente; foi o Inácio, o segundo auxiliar que me apareceu para trabalhar na sapataria.

22) O Orlando, que se casára com a filha do primeiro patrão que eu tive em Salvador; moça que me fôra um forte namoro; foi seu marido, o Orlando, o terceiro oficial que me apareceu. Era cortador de calçados: sapatos, botinas, borzeguins, sandalias, chinelos, tudo. Mas não gostava de trabalhar, não acordava cêdo, só trabalhava depois do almoço.

23) Trouxe todos os seus moldes em papelão, em metal. Aliás, bons moldes. E cortava numa hora, mais peças do que outros num dia. Vinha, a seu favor, qualidade apreciabilissima . . . Mas, ainda faltava muito ao serviço.

24) D. Malvina, uma jovem muito simpática, apresentou-se para costureira. Costurava bem e ligeiro. A despeito de ser também — embora faltasse muito ao serviço — ligeiro o cortador, a costureira ficava, às vezes sem ter o que costurar . . .

25) Eu, a testa de tudo, observando tudo. Principalmente como se cortava, como se costurava. E compreendendo que, um dia, eu podia ficar sem o concurso do cortador e da costureira, passei a tirar moldes dos moldes do Orlando, que os guardava cautelosamente.

26) Passou o primeiro mês. A receita mal deu para as despesas. O sócio quis embolsar, sem trabalhar, juros cinco vezes maiores do que os da *Caixa Econômica* . . .

27) E cheio, ademais, das conversa dos irmãos Moura, donos das saparias mais sortidas da zona, que lhe diziam devia ser motivo de orgulho para todos nós, se os calçados fabricados na Zona do Taboão fossem os melhores, os mais procurados e preferidos de todos; os mais bem feitos e mais baratos, revelou o sócio, desejos de deixar a so-

ciedade. Tanto mais vendo que os nossos calçados...

28) A sapataria antiga não havia pago nenhum imposto à Intendência Municipal. Foi o José Firmino de Brito, já nosso conhecido, que, como funcionário da Intendência, deu baixa no velho débito da outra sapataria...

29) Os auxiliares também chegavam tarde de mais. E queriam embolsar polpudos rendimentos.

30) Que fazer então? Despachar todos. E procurar reembolsar, a parcelas, ao sócio capitalista.

31) Fiquei eu e o Inácio sòmente. O Inácio encarregado do solar e eu, no corte e na costura. Passei, assim, a cortador e costurador de calçados...

32) Ah! quantos cortes e quantas costuras mal feitos, horrivelmente mal feitos, servindo isso para o descrédito crescente da sapataria.

33) Nesse comenos, pega fogo num armarinho visinho. Ora, nada estava no seguro. Foi um rápido pôr fóra, na rua, tudo que se continha na sapataria, a ponto de interceptar a ação dos «bombeiros». E as mangueiras jorravam água à vontade, para apagar o fogaréo, molhando tudo, também, desastrosamente: couros, fôrmas, calçados, máquinas, tudo de minha desvalorizada sapataria...

34) Dias depois, um começo de incêndio em outro armarinho por baixo de minha residência. Foi um tal de jogar cacarécos do andar para baixo, para a *Ladeira do Pelourinho*, quebrando-se a maior parte dos pobres móveis...

Crônica Estrangeira

Materialização de formas sólidas enquanto ela dormia

«Two Worlds»

Kate Mc Askill não sabia que era médium de materialização, simplesmente porque as figuras só se apresentavam em formas sólidas enquanto ela dormia. Ela foi mencionada pela Sra. H. E. Gardiner em «Sunday Mail» jornal, para provar que outros além de Helen Duncan, possuíam «um excesso de ectoplasma».

«Eu conheci tal médium», disse a Sra. Gardiner. Ela passou a vida sem saber que, quando profundamente adormecida, espíritos aproveitavam a oportunidade para se materializar, andando pelo aposento e vestidos como quando em seus corpos terrestres. «Eu e mais pessoas os vimos, bem contra a nossa vontade, devo confessar».

Pedimos à Sra. Gardiner ampliar seu relato devido a sua extraordinária natureza. Aquí ela assim o faz.

Kate Mac Askill era minha parente próxima, cujo pai pertencia à Ilha de Harris.

Quando atingiu à maioridade, ela foi morar em Midlands da Escócia e lá passou toda sua vida. Durante as férias eu ficava em sua companhia, numa pequena casa de três cômodos, numa região triste e solitária.

A' noite despertei aterrada ao ver uma figura alta, de pé, entre as duas camas, e concluí que a casa estava assombrada e nunca mais lá voltei. A figura estava vestida dos pés à cabeça, com roupa flutuante de coloração amarelada. Ela se deslocava com movimentos oscilantes. Toda sua atenção era dirigida para o exterior de uma janela. Não estava escuro, pois estavamos ainda na fôrça do verão.

A Volta do Professor

Eu podia ouvir a estertorosa respiração de Kate através da estreita passagem entre as duas camas, assim eu sabia que ela estava dormindo. A figura levantou um braço e afastou as cortinas para ver melhor. Em seguida, voltou para dentro do quarto e vendo alguma cousa sôbre o soalho, curvou-se para apanhá-la. Foi nessa ocasião em que me escondi debaixo das cobertas, de onde só emergi pela manhã.

Alguns anos depois, Kate estava morando numa casa situada em pequena cidade, quando ela sofreu terrível espanto.

Ela acordou e viu seu antigo professor a percorrer o quarto. Ela disse que ele vestia a elegante roupa e finos sapatos de couro, como acontecia durante sua vida. Ela acrescentou em tom de grande espanto: «Ele morrera muitos anos atrás».

«Cheia de Neve»

Ela lhe perguntou o que queria. Ele ràpidamente se dirigiu para uma pequena sala exterior onde havia vestuários. Ela o acompanhou. Volto a citar suas palavras: «Ninguém lá estava, a porta externa estava fechada por dentro, mas a cousa extranha era que a sala estava cheia de *neve*».

Eu percebí que aquilo que ela supunha ser neve no verão era o ectoplasma dissolvente. Mas eu não ousei dizê-lo, pois temia amedrontá-la ainda mais. Ela estava sèriamente afetada por êsse acontecimento e sua saúde nunca mais voltou por completo.

Outra ocasião que achei bem humorística, ocorreu em outra casa, situada em rua movimentada. Era outra vez tempo de férias, tarde quente e ensolarada, e Kate estava adormecida em seu quarto. Ela usualmente gozava de sesta à tarde. Eramos eu e duas jovens escolares as únicas presentes.

Figura Completa

Sùbitamente saiu do quarto de Kate um homem completamente vestido com roupagem amarelada. Ele atravessou o corredor e entrou na sala de estar, estacando logo ao ver as ocupantes que o fixavam espantadas. Ele estava tão completamente formado, da cabeça aos pés, que a única cousa a parecer fóra do normal era a sua roupa que se assemelhava à lã de carneiro. Daí em diante as duas colegiais o denominavam «O Homem de Lã».

Ele deu algumas passadas no quarto, olhando com espanto. Seus olhos eram pretos e brilhantes. A mais velha das estudantes dirigiu-se a êle e disse «Quem é o senhor e que deseja?» Não houve resposta, mas, de súbito, a mais moça exclamou: «E' um espírito!»

Ele se Esvaeceu

Ele voltou-se e ràpidamente se encaminhou para o quarto, perseguido pelas duas moças. Ele passou ao lado de Kate e entrou num pequeno quarto quadrado, além do dormitório, que servia de guarda-roupas, com caixas de chapéus e cabides. Ele levantou uma capa de veludo pertencente a Kate, por trás da qual desapareceu.

A mais velha das moças tirou a capa do cabide mas, naturalmente ninguém lá se achava. A única cousa visível era uma pequena carteira de dinheiro pertencente ás jovens. Com toda a seriedade a mais velha voltou-se para a companheira e disse: «Agora sabemos quem tem roubado o nosso dinheiro».

Brutalmente nós despertamos Kate para contar-lhe a espantosa ocorrência, o que nós agora sabemos ter sido grande êrro de nossa parte, devido ao choque produzido.

Os Manuscritos do Mar Morto

Luis Wiznitzer

Pela Air France

Os manuscritos do Mar Morto foram descobertos em 1947, por beduinos que transportavam gado, em jarras onde êles estavam desde mais ou menos dois mil anos. Nas ruínas de Quamran, cientistas, historiadores do mundo inteiro vieram decifrar, estudar os extraordinários documentos que até hoje não revelaram todos seus segredos. A descoberta não sómente traz valiosas informações para a exegese bíblica, mas estabelece definitiva e detalhadamente, a existência de uma comunidade Essênia, cujo legislador era chamado «Maestro de Justiçia» e cuja mística, cujos valores morais, cujos ritos assemelham-se tremendamente aos de Cristo e do cristianismo primitivo. Alguns concluiram apressadamente que êste Mestre da Justiça ensinou e praticou o cristianismo antes do Cristo, que êste era apenas um discípulo dos Essênios, com mais sorte e cuja mensagem foi carregada por um momento histórico. Pensando com mais cuidado, estudando com mais modéstia, não se pode aceitar esta conclusão. Porém, a descoberta dos documentos do Mar Morto abre o problema da personalidade do Cristo e das tradições religiosas e morais que reinavam na Palestina nos anos que precederam seu nascimento.

O livro mais interessante e completo sôbre o assunto é o de Millar Burrows (Ed. Laffont): «Les manuscrits de la mer morte».

Resumindo o livro em pontos principais, temos o seguinte: João Batista teve contactos com a Comunidade dos Essênios. Êle batizava a poucos quilômetros de Quamran. Sua doutrina se parece com a dos Essênios. Em ambas encontramos a idéia de «Preparar no deserto o caminho do Senhor». A Bíblia fala dos Saduceus, dos Fariseus mas não dos Essênios. Êstes eram os «Pobres de Israel», «os verdadeiros israelitas». No meio dêles, Cristo encontrou seus primeiros discípulos. A descoberta do calendário de Quamran permitiu resolver um grande problema histórico; o da data em que êle celebrou a última Páscoa. O dia era quarta-feira, 15 nizan. O processo de Cristo levou três dias. Cada refeição dos Essênios incluia a benção do pão e do vinho. No ensino de Cristo encontramos frases parecidas com as empregadas pelos Essênios; por exemplo, a oposição dos Filhos da Luz e dos Filhos da Sombra; a imagem da Igreja feita uma árvore. Ficou definitivamente estabelecido que Cristo não foi um Essênio. Em alguns pontos, suas idéias eram completamente diferentes das essênias. Os Essênios observavam rigorosamente as prescrições religiosas, datas, etc. Cristo não se importava muito com isso. O Mestre da Justiça fica na tradição dos Profetas que sofreram para poder proclamar sua mensagem. Mas não se fala de ressurreição. Nem se tem certeza de que êle foi morto. O Mestre da Justiça, como os santos de um modo geral, tinha consciência de ser um pecador. O sentimento de ser um pecador é comum aos santos. Porém jamais Cristo disse, agiu de um modo que autorizou pensar que êle tinha êste sentimento. E' um grande mistério. O Mestre da Justiça tinha consciência da imensa distância que o separava de Deus. Nunca êle reivindicou as prerrogativas divinas. «Quem pode salvá los do pecado, senão Deus?», dizia êle. Cristo sempre se comportou como Filho de Deus. Outros pontos mostram semelhanças entre as primeiras organizações cristãs e os essênios. Ambos tinham 12 apóstolos. Ambos tinham padres. Ambos viviam na humildade, na prece, na comunhão de bens, na pobreza, na austeridade. O essencial da primeira comunhão cristã não está nos textos, nem na organização, mas na personalidade de Cristo. Tudo em tôrno dêle, dependendo dêle. Com os essênios é diferente. Muitos, inclusive Filon e Josefe escreveram sôbre os essênios sem falar do Mestre da Justiça. A personalidade dêle não importava, para a compreensão da doutrina. Há muita semelhança entre os textos de Paulo e dos essênios; o nome de Belial para definir o diabo; o mistério da injustiça; a noção que só Deus é justo, que o homem não possui justiça. São João apresenta com os Essênios afinidades ainda mais estreitas. Expressões como «Luz de vida», «Filhos da Luz» encontram-se nos textos de um e de outros. A conclusão é que o ambiente em que o pensamento de João se formou não foi grego, mas sim essênio. Outra conclusão: em sua origem, o cristianismo é independente do esseanismo; mas os dois se encontram mais tarde, no seu caminho.

Mais alguns pontos. O mais antigo catecismo que se conhece, de Diache, se parece muito com as regras e os temas dos essênios. Anjo de justiça, anjo de injustiça, caminho da luz, caminho da sombra. Um grupo de cristãos heterodoxos achavam Cristo um grande profeta, mas não o Filho de Deus. Eram os Ebionitas cujas concepções encontram-se ainda na Jordânia no século IV e que influenciaram o Islam. Os essênios eram padres, enquanto os cristãos eram apóstolos. Porém, no século III, apareceu no Egito um monaquismo cristão, o dos Coptas, que muito deve aos essênios.

Já dezenas de livros foram publicados sôbre as descobertas que despertaram revoluções na história das religiões. Porém, é preciso andar com cuidado e não se deixar levar por um racionalismo fácil e fútil. Os essênios eram judeus religiosos, observadores da lei, que aguardavam a chegada do Messias. Os cristãos eram missionários que iam pelo mundo levar a nova Fé. A semelhança entre êles está sobretudo nos valores morais e nas imagens religiosas.

De «Diário de Notícias», de Março de 1957, do Rio de Janeiro.

Espírita verdadeiro é aquele que procura pôr em ação a moral evangélica em toda a parte onde se encontrar. — *QUINTILIANO.*

ESPIRITISMO NO BRASIL

1.° Centenário da Codificação do Espiritismo

Encerramento das Comemorações, no Sul Fluminense

As Sociedades Espíritas do Sul Fluminense do Estado do Rio deram uma demonstração viva de união e de concórdia, no corrente ano de sua existência. Doze Centros dessa região do Estado, de Maio de 1956, data da eleição da primeira diretoria da Confraternização Espírita Sul Fluminense, por êles organizada, através de reuniões bi-mensais, cada vez em uma das suas cidades, porfiaram em dar mais vida às atividades do Espiritismo nelas exemplificado. Dentre muitos, o assunto mais importante de que cuidaram foi a comemoração do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo (18 de Abril de 1957). Começaram cedo a fazer essa comemoração. Cada Centro, mensalmente, efetuou uma sessão comemorativa na sua séde, na qual um vulto notável do Espiritismo realizou uma conferência solene. E na última semana, de 14 a 21 de Abril, houve, em cada cidade, solenidades comemorativas, com palestras e conferências de alto valor doutrinário, proferidas por figuras destacadas das lidas espíritas, como remate da comemoração.

Coube à tradicional cidade de Barra do Piraí, por consentimento unânime dos doze Centros confraternizados, encerrar oficialmente o movimento comemorativo promovido pela Confraternização Espírita Sul Fluminense. E Barra do Piraí, como se esperava, saiu-se galhardamente no desempenho dessa tarefa. O Grêmio Espírita de Beneficiência, daquela lendária cidade, chamou a si todos os encargos do encerramento festivo das solenidades de comemoração do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo, realizadas na zona Sul do Estado do Rio. Para tanto engalanou os 3 salões da sua séde.

A Sala da Bibliotéca, por exemplo, tinha ao centro uma grande mesa onde, artìsticamente dispostos, se viam: números comemorativos do *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, tendo na capa o retrato de Kardec e na contra-capa o retrato de sua esposa Amelie Boudet; exemplares de lembranças originais impressas (Prece de Gerônimo; acróstico formando com os nomes dos livros psicografados por Chico Xavier a legenda — «Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade»; quadrinhas do «Poeta da Barra», confrade Sebastião Lasneau, sôbre cada um dos livros de Kardec; 34 fotografias de todos os departamentos do Grêmio Espírita de Beneficiência; as Bemaventuranças, Mat., cap. 5, vs. 1 a 12; e um marcador de páginas, com algumas Reflexões de Oscar F. Carneiro), etc. As estantes circundavam a sala, mostrando mais de mil volumes, dentre os quais sobressaiam coleções completas das obras de várias celebridades mundiais, língua própria de cada autor, como Voltaire, Balzac, Buffon, D'Annunzio. A sala do meio, caprichosamente decorada, servia para a exposição dos Livros Espíritas.

Os dispositivos, os quadros, etc., da referida exposição, foram inspirados mediùnicamente a vários confrades que os confeccionaram.

Na parede, à direita de quem entra, estava um mapa da França, cortado em papelão, medindo 2 ms. x 2 ms., mantendo em relêvo no seu centro uma estrela de cinco bicos, de 1,20. m. x 1,20, m. a qual sustentava em cada bico uma das obras fundamentais de Kardec, amarrada com fita das côres da bandeira francêsa. No meio da estrela, o retrato de Kardec. (Simbolizava o quadro todo: A França irradiando para o mundo a luz do Espiritismo através de Kardec, o seu codificador).

Na parede de frente, salientava-se um mapa do Brasil, também cortado em papelão, com a dimensão de 3 m. x 3 m. ostentando no ponto central um coração recortado em veludo encarnado de 1,5 m. x. 1,5 m. centralizando êste coração um retrato de Chico Xavier sobreposto a grande número de livros por êle psicografados, atados com fitas das côres da Bandeira Nacional. (Simbolizava o quadro todo: o «Brasil, Pátria do Evangelho e Coração do Mundo», graças em grande parte aos livros psicografados por Chico Xavier).

Nas paredes da entrada e da esquerda, a meia altura, quadros com retrato de Kardec e fac-simile do Livro dos Espíritos, contendo trechos dos livros mediúnicos de Emanuel, de André Luiz, de Humberto de Campos, sonetos ditados por Bilac, poesias de Casimiro Cunha, psicografados por Chico Xavier.

Na sala superior, festões, flâmulas com retrato de Kardec, presas a um cordão, circundando as quatro paredes.

A um ângulo, do lado direito do mapa do Brasil, estava um V, de 1,5 m. apoiado sôbre uma Biblia, suportando em cada perna, de degrau em degrau, variados livros de André Luiz, com o retrato de Chico Xavier no Centro, preso a cada degrau por fitas auriverdes. E no meio da sala, sôbre uma grande mesa, de 5 m. x 1,5 m., uma pirâmide cuja base era de 1,20 m. de cada lado e cuja altura era de 2 m., terminada por um fac-simile do Livro dos Espíritos. Nas 4 faces da pirâmide, variadíssimos volumes de obras espíritas em exposição, artìsticamente dispostas. De uma banda da mesa, a miniatura da Bandeira do Brasil, rodeiada de fac-similes do sêlo comemorativo do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo e uma coleção das 25 Bandeiras Históricas do Brasil, em miniatura, as do Brasil Colônia até a última do Brasil Império, excluida a atual, a da República, adotada 4 dias depois da Proclamação, a 19 de Novembro; e da outra banda da mesa, o retrato de Kardec e o retrato de Chico Xavier entrelaçados por fitas, umas com as côres do Brasil, e outras com as côres da França, entre miniaturas das respectivas bandeiras, além de 2 grandes albuns com 20 folhas cada, cada folha com 4 fotografias dos serviços das diversas dependências do Grêmio Espírita de Benefiiciência, dos seus prédios, como sejam: a Séde, o Pronto-Socorro, o Albergue Noturno, o Asilo de Velhos, a Escola Primária, patrimônio avaliado ao preço do «tempo do onça», em Cr. $ 5.000.000,00.

No salão de conferências, 15 quadros, 5 em cada uma das paredes laterais, de 0,20 m x 0,30 m, com retratos dos vultos maiores da Doutrina, colaboradores mais diretos de Kardec, no centro de trechos notáveis de suas obras, dentre os quais Amaral Ornelas circundado pelo seu soneto — KARDEC — SÉCULO XIX, psicografado por Chico Xavier.

Por este bosquejo, pode-se formar um juizo da imponência do ambiente da solenidade do dia. Para completar o ambiente material, acrescia a circunstância das salas fervilhando de visitantes, achando-se representados todos os Centros Espíritas locais.

Como coroamento de tudo isso, o salão de conferências superlotado, numa tarde amena, às 15 horas, teve-se a ventura de ouvir o Professor Newton Gonçalves de Barros. Sua conferência, como sempre acontece, foi realmente sugestiva, encantadora e profundamente emotiva e instrutiva. Pena é que não haja espaço para resumi-la aqui. Não podemos, porém, passar sem dizer que êle começou evocando os tempos em que, naquela mesma sala, aprendeu a ler e escrever, tendo como professor aquela que se achava, na hora presente, assentada numa das poltronas, ali, a ouvi-lo, tempos aqueles em que o seu pai, Alberto Gonçalves de Barros, agora lider dos espíritas de Cachoeira Paulista, era o presidente do Grêmio Espírita de Beneficiência... A essa altura, não me pude conter. Pedi licença ao orador; propuz (e fui atendido) à assistência uma salva de palmas àquelas três figuras: o filho, o pai e a velha mestra. Foram êles ovacionados calorosamente. Solicitei ainda que a mestra se puzesse de pé; e a sala toda extrugiu de palmas. Uma justa apoteose.

A mesa que presidiu os trabalhos estava assim composta: Pedro Jacinto Pereira Filho que presidiu a reunião, presidente do Grêmio Espírita de Beneficência; José Ferreira de Araujo, presidente do C. E. Flora de Araujo (Resende); Benedito Honorato, do C. E. Allan Kardec, Luz e Amor (Pinheiral); Silvana Ceriati, do C. E. André Luiz (Porto Real); Oscar Silva Marins, do C. E. Filhos da Luz (Barra Mansa); João Pedroso Filho, do C. E. Amor e Caridade (Santanésia); Vicente de Paula Araujo, da União E. de Advertência Fraternal e Aleixo Victor Magaldi, da Associação Espírita Estudantes da Verdade (ambos de Volta Redonda); Joaquim Macêdo, do C. E. Vicente de Paula (Mendes); Dilson de Almeida, da Fraternidade E. Emanuel; Liberalino Cabral Junior, da Tenda E. Rei Congo; Manoel Gonçalves Casanova do C. E. Bezerra de Menezes; João Batista Novais, do C. E. Pai José Cambinda; Vitalino Costa Leite, do C. E. Poder da Fé; Ayres Macedo, do C. E. Amor e Verdade; Malvina Porto Corrêa, do C. E. José Grosso (todos de Barra do Piraí).

Coisas e sêres humanos, a evocarem uma época de glórias.

Terminada a conferência, foram sorteiados diversos livros espíritas e muitos números de *Reformador*, entre os ouvintes que assinaram o livro de presença, em número de 172. Distribuiram-se 768 impressos artísticos, como lembrança. Além disso, cada Centro levou 10 números de cada um dos 5 impressos-lembrança, para distribuição nas reuniões efetuadas por êles na sua séde, no dia 18 de Abril, no término oficial das comemorações festivas do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo.

A parte artística, no palco, esteve a cargo de Rezende, Barra Mansa e Pinheiral, correndo tudo muito bem.

Barra do Piraí, através do Grêmio Espírita de Beneficência, dêsse modo, prestou à Confraternização Espírita Sul Fluminense, um serviço inestimável.

Parabens!

Aleixo Victor Magaldi.

Notável Movimento Espírita

Realizou-se no dia 18 de Abril, na Capital, no ginásio do Pacaembú, à noite, conforme fôra anunciado, a solenidade da abertura das comemorações do Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo.

Dos bairros da Capital e municípios circunvizinhos, em ônibus, carros particulares e taxis, o povo acorreu afim de participar de um dos mais notáves movimentos espíritas de que tivemos conhecimento.

O ginásio do Pacaembú foi pequena para conter a grande parada espírita, calculada em oito mil pessoas aproximadamente. Foi realmente um movimento de fé cristã, de fé consciente que ficará registrado nos anais espíritas.

A solenidade teve início quando se fez ouvir o Coral da Federação, dando um momento de alegria que a todos entusiasmou.

Após essa parte de arte, todos os presentes foram convidados a fazer uma concentração em prece. A seguir, fez-se ouvir a palavra do apreciado orador espírita Dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE, que falou sôbre o momento histórico. Outros oradores, também credenciados, se fizeram ouvir, entre os quais D. Luiza Peçanha Branco, Herculano Pires e Dr. Euripedes de Castro, todos agradando em cheio a numerosa assistência que lotou completamente o ginásio do Pacaembú.

A grande solenidade foi irradiada através das estações Rádio América e Rádio Progresso, esta espírita. Foram distribuidos ao povo milhares de exemplares de «O Semeador».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 263.645,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Telegramas de Congratulações

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, enviou aos Exmos. Srs. Presidente da República e Diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, os seguintes telegramas por motivo da emissão do Sêlo Comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo:

Presidente Juscelino Kubitschek — Palácio do Catete. Nesta.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, congratula-se com Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, ato que constituirá marco luminoso na História do Brasil, pelo que representa de clarividência, compreensão e justiça, certo como é que o Espiritismo hoje empolga imensa parcela da população do Brasil, projetando o nome de Vossa Excelência assim, realmente, como Presidente de todos os brasileiros, e não, apenas, de parte dêles, embora a maior. E' com atos iguais a êsse que se pratíca a genuína democracia. A paz mundial estará preservada no dia que os governantes tiverem mentalidade arejada e, não, trevosa. Rendam graças a Deus os Povos que têm a felicidade de possuir dirigentes da lucidez de Vossa Excelência. Saudações atenciosas. *Milton de Andrade*, Presidente.

Diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos. Nesta.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, felicita Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, apesar da campanha dos que pretendem viver no Século Vinte com mentalidade da Idade Média. O Brasil felizmente conta com servidores cuja compreensão, tolerância e justiça engrandecem a administração pública. A passagem de Vossa Excelência pela administração dos Correios e Telégrafos sinão por outros ficará marcada por êsse ato de independência mental e de grande valor pessoal. Saudações atenciosas. *Milton de Andrade*, Presidente.

* * *

Dia do Livro

«De Reformador»

Nesses dois últimos anos, vinha a Câmara dos Vereadores desta Capital estudando o projéto do Sr. Edgard de Carvalho, para a instituição do Dia do Livro. Finalmente, em 3 de Outubro de 1956 (*), o Prefeito do Distrito Federal Embaixador Francisco Negrão de Lima, sancionava a lei daquela Casa Legislativa, lei que no artigo 1.° estabelece: «*Fica instituido o Dia do Livro, celebrado todos os anos, a 18 de Abril, data natalícia do escritor Monteiro Lobato, livreiro e editor, vivendo do livro, pelo livro e para o livro*».

Três coincidências, se assim nos podemos exprimir, podem ser observadas numa análise da aplaudida resolução.

Em primeiro lugar, como é notório, os espíritas, comemoramos, desde 1943, precisamente na data de 18 de Abril, o «Dia do Livro Espírita».

Em segundo lugar, a lei em causa foi sancionada justamente a 3 de Outubro, dia em que rememoramos a data natalícia de Allan Kardec.

Em terceiro lugar, o grande escritor Monteiro Lobato, escolhido para patrono do «Dia do Livro», em diferentes ocasiões revelou suas marcadas tendências para o Espiritismo, de cujos adeptos se tornara bastante simpático. Traduziu êle a famosa obra espírita—«Raymond»—da autoria de Sir Oliver Lodge; escreveu páginas em torno do assunto; e, inspirado, declarou no seu livro «Antevéspera»: *«O Espiritismo será a religião de amanhã porque «prova» a sobrevivência»*. Todavia, parece que Monteiro Lobato jamais tomou uma atitude claramente definida, talvez porque previsse a hostilização que o clero moveria contra as suas obras para a infância, as filhas mais queridas do seu coração.

(*) *«Diário Oficial»*, seção II, 5 de Outubro de 1956.

* * *

A Centelha — mensário cristão

Telegrafa a S. S. o Papa Pio XII

Em razão da vultuosa arrecadação feita para construção das torres da Catedral da Sé, o mensário cristão A CENTELHA enviou a S.S. o Papa Pio XII o seguinte telegrama: «Pio XII Vaticano — Roma — A Centelha, mensário cristão roga em nome do amor ao próximo vossa intervenção sejam os fundos da campanha para as torres da Catedral da Sé, de São Paulo, aplicados em socorros á infância e velhice desamparadas e aos doentes necessitados de um leito de hospital. Na recepção deste apelo Deus Supremo Arquiteto do Universo ilumine vossa santidade. Fraternalmente.»

* * *

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 20,00, inclusive porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina — 2.° vol.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Spíritus Maledíctus
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vol.

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Contos Infantís Espíritas
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— ,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3371unse

XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agosto de 1957 – N. 7

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006

SUMÁRIO

O Espírito Conservador e as Novas Idéias . . . . *Redação*
A Evolução Espiritual e Física . . *Henrique Rodrigues*
Nebulosas, Berços de Estrêlas . . *V. O. Casella*
Torturava Seus Escravos... . . . *General Levino C. Wischral*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
A Paz do Senhor . . . . *Bianôr Medeiros*
Da Bíblia aos nossos dias . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Deus Salve Allan Kardec ! . . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 20,00, inclusive porte e registro.

A Verdadeira Glória

Espiritismo para os Espíritas, por:

ALEX DE ROCHESTER.

Conheça a vida e o sentimento do espírito em «AURORA», cidade espiritual sôbre a zona de Ribeirão Preto.

A' venda nas boas Livrarias.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1957 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espírito Conservador e as Novas Idéias

O Espírito de sistema ou conservador das tradições, sempre se opôs de maneira tenaz contra as novas idéias, resultando daí choques tremendos em que os pregadores das novas idéias são perseguidos e até levados aos suplícios, como já aconteceu muitas vezes, e a História está abarrotada de casos desta natureza.

Hoje, as grandes descobertas no terreno material, são acatadas e até premiadas, mas não faz muito tempo que os descobridores de algo que beneficiasse a humanidade não sofressem a perseguição dos retardatários, movidos pelo interêsse, pelo orgulho e o egoísmo, enfim pela ignorância. Tudo o que ferisse os seus interêsses era perseguido. Galileu, Giordano Bruno e muitos outros cujas descobertas e conhecimentos fazem hoje parte do ensino oficial, ou tiveram que se retratar ou eram então levados à fogueira. Isto quer dizer que a humanidade já progrediu bastante, mas não está ainda no ponto de uma compreensão mais apurada, visto como as idéias novas, embora favoreçam a humanidade, ainda são perseguidas, prevalecendo ainda o espírito conservador. Na religião, na política, na ciência, nota se a mesma cousa, estando sempre em jogo o interêsse bastardo de parceria com o orgulho e o egoísmo.

Na religião, vemos os seus mandatários impôr o «crê ou morre», movendo contra as outras seitas religiosas tremenda perseguição, que atingem o ponto mais alto da barbarie. Na política, não é levada em consideração uma idéia que vise beneficiar a humanidade por causa de interêsses pessoais e mesquinhos. O que se vê numa nação é o mesmo que acontece com as outras nações. Governos sobem hoje no poder e amanhã são depostos. Não há consideração pela vida do próximo, uma vez que se trate de salvaguardar o interêsse próprio. A organização das nações acabará falindo pelas mesmas razões. Na ciência impera mais ou menos o mesmo: interêsse, orgulho e egoísmo, que são a causa de todos os males que infelicitam a humanidade.

O combate às idéias novas sempre existiu e existirá enquanto imperar no mundo o espírito de sistema, conservador, retardatário, enfim, ignorante.

Jesus trouxe uma idéia nova baseada no amor. Entretanto foi perseguido pelos fariseus, espíritos retardatários. Não foram levados em consideração os seus ensinos e feitos, porque estavam em jogo os interêsses dos fariseus e dos saduceus, seus títulos, sua posição social.

Com o Espiritismo está acontecendo o mesmo. Os novos fariseus de batina e cartola, sobretudo aqueles, não se cansam de perseguir o Espiritismo pelo púlpito, pela imprensa, etc. Êles sabem que o Espiritismo está certo, mas o interêsse tem mais fôrça do que êles. Têm medo de perder as grossas propinas e o prestígio entre os grandes e os poderosos. São escravos das cousas do mundo em detrimento da Verdade, que dizem pregar e defender, mas na realidade prejudicando ou subtraindo o patrimônio espiritual da humanidade. Quão duras serão as contas que terão de prestar a Deus!...

O Espiritismo é o expositor das leis de Deus, e portanto não há e nem pode haver fôrças humanas capazes de deter-lhe a marcha.

O Espiritismo é a voz de Deus chamando a humanidade para o seu reino.

Ouçamo-la.

A Evolução Espiritual e Física

HENRIQUE RODRIGUES

Contaremos agora o terceiro e último caso do qual tivemos conhecimento, quando já professávamos a doutrina espiritualista. O livro, «O APÓSTOLO DOS PÉS SANGRENTOS», obra de compilação de Boanerges Ribeiro, nos conta a vida do grande cristão indú Sadú Sundar Singh. Todos aquêles que conhecem a história da vida dêsse homem sabem perfeitamente do quanto de valor moral, de elevação espiritual era êle possuidor. Dificilmente se encontra alguém tão virtuoso, tão profundamente entrosado com os ensinamentos do Divino Mestre. Sua vida belíssima devia ser conhecida de todos. Basta que se diga que, para muitos, e não apenas humildes, mas também para os potentados do conhecimento e do poder, êle se assemelhava ao meigo Rabi da Galiléia. Entre muitos acontecimentos de sua vida, selecionaremos dois, os que possúem identidade com o motivo de nossa explanação. A penetração cristã na Índia, não foi fácil, e aproveitamos ainda o ensêjo para tributar aos Evangélicos o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido nêsse sentido, trabalho que não raro custava a vida dos abnegados pastores. E diremos de passagem que foi graças a êles que a conversão de Sundar Singh foi obtida.

Já era Sundar Singh, Sadú, que indú significa «santo», e andava êle em pregações, quando aconteceu, o seguinte: —

No distrito de Toria atingiu um dia uma aldeia onde o povo não quís recebê-lo. Era o Sadú cristão e êles nada tinham com cristãos. Viu-se forçado a passar as noites numa caverna próxima. Comia frutos silvestres e vinha para a praça pregar e cantar inutilmente. Maltratavam-no e as línguas hindús, particularmente férteis em insultos, se requintavam de sutilezas quando êle aparecia. Ao entardecer, um dia regressou desalentado. Nem uma alma se abríra para a mensagem do Evangelho. Chegou à caverna, estendeu a capa e dedicou-se a oração. Quando se deitou, as trevas haviam invadido a floresta e a caverna, trevas tão espessas que não conseguia ver a própria mão. A madrugada despertou com a desagradável impressão de algo quente e mal cheiroso nas proximidades. Voltou-se. Uma grande pantera dormia ao seu lado. Retirou-se precipitadamente e fugiu da mata. Passou o dia meditando sôbre a maravilha da Providência Divina que o guardára durante o sôno. Desde então, conta êle, «nunca uma féra me fez mal». Há ainda outra passagem em que, após um jejum prolongado, quando já estava semi-tolhido pela debilidade física, viu perto de si, com a dentuça arreganhada, o que lhe pareceu ser um leão ou um leopardo.

As narrativas encerram-se aqui. Seria longo enumerá-las, mas mencionaremos também que Francisco de Assis, em fato testemunhado e conhecido de muita gente, aproximou-se e dominou inteiramente um feroz lôbo, que sobressaltava a localidade de Gúbio, na Itália.

Disse Paulo, o Convertido de Damasco na (1.ª Epístola aos Coríntios Cap. 15), que «nem toda carne é a mesma carne». Aí está uma afirmativa de profundo caráter científico, e ficamos pensando como era possível a distinção de diferenças num terreno, em época tão remota, quando o conhecimento humano ainda éra tão restrito.

Agora, o mundialmente conhecido Dr. Alexis Carrel, em seu livro «O homem, êsse desconhecido», diz o seguinte, apoiado em estudos de anatomia, química, fisiologia, psicologia, pedagogia, história, sociologia e economia política: —

«De que modo se combinam as moléculas das substâncias químicas para formar os órgãos complexos e transitórios das células? De que modo os GENES contidos no núcleo do ovo fecundado determinam os caractéres do indivíduo que provém desse ovo? De que modo às células se organizam nessas sociedades que são os tecidos e os orgãos? Dir-se-ia que, tal como as formigas e as abelhas, elas sabem de antemão o papel que devem desempenhar na vida de comunidade. Somos um composto de tecidos, de órgãos, de líquidos e de consciência. Até que ponto pode a vontade modificar o organismo?»

Bastariam os quesítos formulados acima, para que todos nos compenetrassemos da heterogeneidade e complexidade do indivíduo, dentro da coletividade humana, mais heterogênea e complexa ainda. Se a ciência oficial dos homens aceitasse o positivo fato da sobrevivência da alma, não haveria razão para tais perguntas, e ela não se veria a braços com problemas de tal jaêz. Selecionamos essas indagações, no terreno puramente físico, afim de que fique bem patenteado ter a ciência concluido pela existência dos motivos que dão margem a suas indagações. Todo fenômeno é, em si, causa e efeito, isto nos ensina a Grande Síntese, e, mais que isso, a própria decorrência da vida nos mostra que todo o fato deriva de um outro e dá margem a um novo prosseguimento de fatos. Não existe nenhum fenômeno isolado, todos se encadeiam, e quem os queira observar separadamente perderá, pela atrofia, a visão do conjunto. Assim, nossa organização somática tem existência oriunda de uma outra existência, que lhe dá base de afirmação. Se as criaturas físicas são desiguais em tudo, claro está que as origens também são desiguais. Dois produtos em tudo iguais não podem dar margem a produção de sub-produtos diferentes. Portanto, se existem diferenciações entre os homens, é porque o que dá existência corpórea ao homem é diferente também. Deter-nos-emos mais um pouco neste ponto, afim de mostrar bem claro que a diferença existe, não apenas na forma, mas na substância também.

Qualquer um de nós, se nos postarmos diante da jaula de uma féra, num dêsses parques zoológicos públicos, notará que a aproximação de determinados indivíduos parece excitar ou acalmar o animal enjaulado. Notará êle alguma diferença? De que espécie será ela? Por que via receberá êle essa diferenciação. Sensória ou psíquica? Evidentemente temos de eliminar qualquer possibilidade supranormal subconsciente. O germe desta existe evidentemente, mais ainda em estado embrionário, a espera de que a ação insubstituível do tempo, opere, por milênios, as condições necessárias, imprescindíveis ao seu desenvolvimento. Mais adiante mostraremos e exemplificaremos porque temos de abolir qualquer possibilidade de diferenciação psíquica, por parte de animais. A aceitarmos tal hipótese, seriamos obrigados a aceitar também no animal, faculdade de psicometria, o que a simples exposição ressalta como um absurdo. Se não vejamos porque temos de atribuir a capacidade de diferenciação dos físicos no animal exclusivamente por intermédio de seus cinco sentidos: —

Em casos de pessoas desaparecidas, é comum darmos a um cão, para efeitos olfativos, um objeto de uso pessoal. Não lhe mostraremos fotografia estampada em jornal, nem a descrição de seu tipo. Porque, obrigatòriamente tem de ser o instrumento que o ligará à pessôa, algo que tenha tido contacto físico com o desaparecido? Porque razão, em caso de ser peça de vestuário, não pode ela ter sido lavada? Não está claro que, se fosse uma percepção psíquica, a ação da água em nada modificaria, como em nada modifica o tonus vibratório que lhe foi imprimido por seu possuidor? Porque razão o animal segue a trilha, do procurado, em vez de seguir em linha réta do ponto onde está, até onde se encontra o alvo de sua busca? Por que finalmente, sua capacidade de percepção é maior em locais pouco movimentados e sofre terrível redução em meios de maior aglomeração humana?

A psicometria pode ser desenvolvida por dois processos. Ou o psicometrista lê, no próprio objeto de estudos o seu passado, através de modificações de caráter vibratório, que os possuidores ou os fenômenos da vida que imprimiram e determinaram, por simbiose, uma modificação de rítmo, ou então, num processo mais simples, mergulha no espaço e no tempo, seguindo o rastro que tudo deixa em sua passagem, e aí então vê a história do que está em exame. E' nesse imenso arquivo do tempo e do espaço, que estão testemunhados, digamos assim, os nossos atos e vidas pretéritas. Ao dizermos que uma pessoa é psicómetra, precisamos atentar bem se essa pessoa não é simplesmente um médium; que está reproduzindo a psicometria de um desincarnado ou mesmo incarnado. Se for do próprio indivíduo, se manifestará a qualquer momento, sem preparações, porquanto é uma faculdade dêle, e como tal manifestar-se-á sempre que a sua vontade assim o queira.

Como vimos, as possibilidades de pesquisa dos animais derivam exclusivamente de suas maiores ou menores capacidades sensórias, através portanto do que seus sentidos são capazes de apreender, e assim, por meio do que SENTIU, por um reflexo condicionado, ligar um efeito a uma causa. No caso da busca a um desaparecido, claro está que o sentido que orienta o cão é o olfato, mas, à guisa de ilustração, mostraremos como os outros sentidos animais lhes servem de veículo para manifestações aparentemente psíquicas, mas de cunho eminentemente condicionado ao plano da matéria densa.

O Prof. Pavlov, do Instituto de Pesquisas Biológicas de Leningrado, há trinta anos publicou o resultado de suas experiências, algumas das quais citarei ràpidamente: Conta-nos êle que:

«... filhotes de cachorro, afastados das mães na hora de nascer e alimentados com leite, não reconhecem o pão nem a carne como alimentos, e quando os vêem pela primeira vez cheiram-nos com curiosidade e experimentam prová-los, comportamento que contrasta extraordinariamente com a salivação e o lamber dos beiços de um cão mais experimentado, quando VÊ o alimento.»

Em matéria de audição, todos sabemos que o animal aprende o seu nome, e ainda segundo uma observação de Pavlov, «um cão policial chamado Camarada, pertencente a Mr. Herbert, de Detroit, foi capaz de executar ações como «vira a cabeça», «olha para mim», «rola no chão», com a ausência do dono da sala onde se encontrava, afim de evitar-se que qualquer gesto involuntário pudesse denunciar ao cão, o que se exigia dele.»

Vamos a um último exemplo, para demonstrar que os animais precisam de um acontecimento de caráter físico, para reagirem de acôrdo com o objetivo que lhe deu origem. Prendeu êle um cão em uma cabine à prova de sons, de cheiro e de visão. Em determinada hora, uma campainha era tocada, e incontinente lhe forneciam alimento tão a seu gôsto. Ao fim de um certo tempo, embora o cão estivesse dormindo, ao tocar a campainha, levantava-se, e profunda salivação era produzida, porquanto sabia de antemão que aquilo pronunciava comida. Um dia, porém, a campainha tocou e nenhum alimento lhe foi dado. Pavlov que observava, sem ser visto, notou no cão uma expressão que em têsto êle reproduz assim: «o animal pareceu querer dizer: Ora bolas! Algo anda errado por aquí, a campaínha tocou e a comida não veio! E' melhor não prestar atenção à campainha, até que as coisas voltem ao normal.»

O psiquismo do cão revela-se assim automático, magnèticamente preso a um reflexo condicionado, porquanto êle é ainda uma faculdade a ser desenvolvida portanto em potencial apenas. A profunda e aperfeiçoada capacidade sensória dos animais, é pois perfeitamente explicável, porque a limitação dos meios conduz a um maior e melhor conhecimento dos mesmos. O homem, tendo o seu campo mais vasto, não póde evidentemente ter no detalhe de um sentido aquilo que o animal tem como única manifestação de percepção. Um clínico geral não pode ter o mesmo conhecimento de uma determinada especialidade no campo médico, quanto tem o especialista daquela matéria.

(Continua).

* * *

A estrada da exisiência terrena é íngreme e cheia de obstáculos. Ninguém a percorre e remove os obstáculos sem lutas renhidas, em que a paciência, a perseverança e a boa vontade constituem as únicas armas da vitória. Sêde fortes em virtudes, para poderdes vencer as duras refregas inerêntes à vida material e tornar-vos dignos do reino de Deus. — CAIRBAR.

Nebulosas, Berços de Estrêlas

Se olharmos com atenção para o céu, em uma noite límpida sem lua, veremos entre o esplendor das estrêlas certas manchas negras, das mais variadas formas e extensões, bem delineadas, parecendo verdadeiros abismos cavados na via-láctea.

Tratam-se de tênues massas gasosas, chamadas nebulosas, que pelos seus enormes volumes ocultam aí estrêlas que se acham por de trás de suas formações. Na constelação do Cruzeiro do Sul é fácil notarmos um dêsses corpos, de forma ovalada, denominado Saco de Carvão. Se vemos as estrêlas que se acham dentro dos seus limites é porque elas estão para aquém de sua extensão.

Além dessas, nebulosas escuras, existem as luminosas, cujo brilho atribuem-se ao reflexo da luz das estrêlas que lhes estão próximas ou, mesmo, devido algum astro luminoso que interpenetrando na sua massa, associam-se a elas, tornando-as brilhantes.

Estas nebulosas de que estamos tratando pertencem a nossa galáxia, mas existem as que se acham fóra das fronteiras da nossa via-láctea, e que revelam uma sequência evolutiva na criação de outras galáxias.

Os astrônomos, baseados nas pesquisas espetroscópicas, e observações das variadas formas dêsses corpos gasosos, estão de acôrdo de que as nebulosas realizam um trabalho evolutivo manipulado pelas leis da natureza, revelando uma relação entre elas e o nascimento das estrêlas.

Assim, as diversas teorias da origem estelar fundamentam-se sempre no princípio de que as estrêlas já foram nebulosas.

Vejamos, como a natureza realiza essa tarefa evolutiva.

As nebulosas, nas suas mais variadas formas primitivas, indicam tratar-se de parcelas, relativamente concentradas, de uma nuvem cósmica que abrange todo o Universo. Êsses corpos nebulares, iniciados com enormes extensões, movendo-se lentamente no sentido de rotação, formam um núcleo, onde a concentração de sua massa torna-se cada vez mais densa. Com o aumento gradativo de velocidade rotatória, e a concentração cada vez maior das partículas que se colidem e são atraídas pelo núcleo, o calor ali aos poucos vai aumentando até que em dado momento toma consideráveis proporções. Neste estado, em que a nebulosa já se acha de uma forma mais definida, ali, no seu núcleo, agitadas pela pressão e intenso calor, as partículas atômicas se chocam violentamente, resultando em dado momento as condições favoráveis para as primeiras reações nucleares, iniciando um verdadeiro incêndio atômico no centro nebular. Com tremenda liberação de energia irradiante, o calor atinge a cifra do milhão ou mais graus de elevação, terminando o ciclo de uma ex-nebulosa, para dar nascimento a uma estrêla avermelhada, gigante, pouco densa, e relativamente fria em relação às outras mais idosas.

Difícil concebermos quanto tempo a natureza levou para concluir essa manipulação nebular, transformando-a em estrêla, mas os cálculos deverão atingir a cifra dos milhões ou, talvez, bilhões de anos.

Nestas condições é fácil concluirmos que o nosso Sol também foi uma nebulosa de gigantesca proporção, e no seu nascimento foi uma estrêla gigante vermelha.

A sua côr amarela atual explica-se pela sua elevação de temperatura e, futuramente, êle passará ainda por outras côres seguindo um ciclo evolutivo, até a ocasião de sua morte.

Ainda, deveremos não esquecer que a elevada produção de energia das estrêlas é produzida no seu núcleo, onde as condições de temperatura é elevadissima. Qualquer teoria, que por ventura surgisse, supondo que o calor do Sol, ou das estrêlas, prevalece na periferia, e não no centro, não encontra apoio nas leis do Universo. Uma vez que a energia estelar é de origem atômica, estas reações ali dão-se continuas, cujo rítmo não se realiza em temperaturas que não atinjam milhões de graus, onde a contração de massa também desempenha a sua parte.

Nestas condições, não se concebe que o Sol tenha a sua fonte de energia na sua superfície, pois aqui, sem a pressão necessária, a temperatura acha-se apenas elevada a 6000 graus de calor, condição esta que não poderia alimentar as reações nucleares da longa vida solar.

Como vemos, as estrêlas, desde o nascimento, até a morte, irradiam energia do centro para a periferia, e os nossos cientistas conseguiram imitar êsse trabalho, bombardeando os núcleos dos últimos redutos da matéria, desvendando íntimos segredos da natureza.

Êste sucesso dos nossos pesquisadores é uma autêntica confirmação de que a ciência está sabendo o que se passa no interior das estrêlas, pois os mesmos processos em que os nossos cientistas utilizam na transformação da matéria em energia fundamentalmente não diferem do mesmo trabalho realizado pela natureza estelar, no interior dos astros irradiantes que resplandecem na majestosa obra da Criação Divina.

V. O. CASELLA.

Aràraquara, Julho de 1957.

Torturava Seus Escravos...

General Levino C. Wischral

Compelida pela dor, dona Marciana Coimbra, boa católica e bem casada, procurou ansiosa e como última esperança o Espiritismo, isto porque, após percorrer ambulatórios e consultórios por mais de nove anos consecutivos, ouvira afinal, decepcionada, que a ciência médica não podia curá-la.

Quase aos gritos, lá estava a enfêrma lacriminosa, face transtornada, rogando ao presidente do Centro Espírita Boa Vontade, de Curitiba, um alívio imediato para as dôres localizadas nas pontas de seus dedos. Queria com insistência uma cura instantânea, enquanto ali se contorcia.

Seus dedos estavam exageradamente inchados e, em lugar das unhas, eram vistos apenas dez pedaços de esparadrapo branco a envolverem-lhe as cabeças dos dedos. Aquelas mãos feias e tumefactas constratavam horrivelmente com as maneiras austeras, porém delicadas, de dona Marciana, que traduzia em seu porte um quê fidalgal de antiga dama vaidosa e autoritária; sua fisionomia, pode-se dizer, retratava traços de dureza e lembrava uma expressão medieval.

Madama Coimbra conduzia um rosário de dôr que a qualquer pessoa deixava assombrada. Sem que a ciência pudesse amenizar seu padecimento, notava-se que as unhas e as pontas dos dedos, periòdicamente, inflamavam exalando supuração fétida. Ás análises e demais exames clínicos nunca chegavam a descobrir a misteriosa causa. A dôr sòmente cessava, por algum tempo, quando os médicos recorriam à medida extrema qual seja o arrancar a frio as unhas da paciente; isso mesmo tinha que ser feito sem anestesia, visto ser dona Marciana uma cardíaca em último grau. Nem o sedativo ou a anestesia local era capaz de favorecer-lhe o mínimo lenitivo. Parecia mesmo que a senhora teria, por destino cruel, sofrer até a morte, sem alívio! Só a deshumana e brutal terapêutica do — arranca-unhas — dava-lhe relativo sossêgo por dois ou três mêses. Quando, porém, as unhas novamente apontavam, rasgando com violência as carnes, lá vinha a repetir-se o tremendo drama de aflições, lágrimas, sangue e maldições. Era um verdadeiro mistério, diziam os médicos; nem sabiam como dona Marciana conseguia suportar tamanha desgraça carregando tão importuna cruz, por mais de dez anos seguidos.

Tudo isso ela estava relatando ao dirigente daquele Centro.

Finalmente, à noite, nos trabalhos doutrinários, o médico espiritual, Dr. Moacir T. da Rocha, desvendou-nos o enigmático caso, manifestando-se através do médium Hercilio, esclarecendo com palpitantes pormenores a razão da enfermidade e, bem assim, o motivo justo de os médicos não conseguirem curar a doente.

Assim, ficamos sabendo que o espírito que anima a atual dona Marciana já animara o corpo de um homem sanguinário e déspota, na remota época do ano 1.418 na velha Espanha, usando então as vestes de um inquisidor-mór. Sua penúltima encarnação se dera no ano de 1.825, em que se reencarnara o mesmo espírito, esta vez com o nome de Josefina, uma arrogante e autoritária dama, proprietária de imensa fortuna em benfeitoria, escravos e fazendas de cana e café no Estado do Rio.

Tinha ela, então, por diabólica mania, e até se comprazia nisso, arrancar as unhas de seus escravos, por somenos motivos. Quando ela se aproximava daquelas criaturas infelizes, todas fugiam espavoridas; até os animais domésticos se afastavam amedrontados quando dona Josefina se aproximava deles; nem a cruz ou o diabo infundia tamanho terror!

Do escravo Sebastião foram arrancadas as unhas da mão direita, por haver êste subtraido, para matar sua fóme, pequena quantidade de cereal dos depósitos abarrotados. De Maria, a aloucada, foram desraizadas as unhas por ter esta, num ato de desvario, convidado o capitão do mato à prática de ação imoral. Da boa escrava Custodia foram arrancadas suas unhas por ter esta se agarrado a seu filhinho para evitar que fôsse vendido a outro fazendeiro; de João, o africano, mandou até decepar as pontas dos dedos, tão só por haver êste declarado seu amor a uma das filhas de Josefina. Assim ela procedia, até que, em 1.873 desencarnou violentamente, estraçalhada à sanha de uma revolta de cativos na senzala. Eis o que achamos anotado em sua Ficha-Vida nos Departamentos de Justiça do Céu.

Apesar do livre arbíbrio das criaturas, teve a Justiça divina que intervir levantando sua destra para recomendar: —«Chega dona Josefina—vamos à prestação de contas!»

Agora, pela Lei Kármica, sofre dona Josefina, aliás a atual dona Marciana, o choque de retôrno que teve por origem seus próprios atos de vidas passadas. Está colhendo, nas mesmas condições e até de modo mais suave, o que imprudentemente semeou quando inquisidor na Espanha e quando rica fazendeira no Estado do Rio. Era então «dona» de incontável número de escravos que foram postos em seu caminho para que ela os tornasse mais humanos e os esclarecesse com amor de acôrdo com os preceitos ensinados por Jesus.

Ninguém pode escapar ao impositivo que o brocardo popular define como: «Quem com ferro fére, com ferro será ferido». Muitas pessoas que há pouco viram dona Marciana sofrer, chegaram a dizer: «Como Deus é injusto».

Para os estudiosos é digno de observação a conduta da Justiça de Deus, isto é, como esta se processa. Num rápido exame, podemos reparar que os médicos, inconscientemente, funcionavam como «carrascos», pois, tiveram que arrancar a frio as unhas da enfêrma, tal como esta fazia com aqueles pobres escravos. Dona Marciana era pois, submetida a sanção dos artigos da Lei do Karma, que determina devesse ela colher as mesmíssimas dôres que infligira a outrem. E, para que tudo se cumprisse integralmente, até o último pontinho do *i*, no dizer do Evangelho, teve a Justiça que providenciar que dona Marciana nascesse provida de grave lesão cardíaca, apesar de ter seus pais sãos, ficando, dessa maneira, impossibilitada de receber os dadivosos benefícios de uma anestesia. Era necessário sugeitar-se aos efeitos da dor que redime e retifica.

Depois de haver gasta toda sua imensa fortuna, e, após horríveis sofrimentos físicos, foi finalmente hospitalizada há dois anos atrás, como insana mental, em consequência da maldita herança de loucuras passadas, vindo a nossa irmã desencarnar após a erupção de um tétano generalizado; a demência final suavisou-lhe, em parte, o pior dos padecimentos.

Mas, caros irmãos, não se condoâm tanto, pois, ao transpôr, aliviada, e quase remida, as portas da eternidade, foi a nossa irmãzinha recebida em nova e confortável morada espiritual, com amor e carinho e, sabem por quem? Por suas próprias vitimas de tempos idos, aqueles bons pretos velhos, aqueles humildes escravos que também se redimiram pela dôr.

A colheita sempre é obrigatòria, enquanto a semeadura é livre!...

Saibamos semear com Jesus!

É certo que os vivos nascem dos mortos e que as almas tornam a nascer.—Platão.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXIV CAPÍTULO

Livros — namoros — poesias — poetas

1) O hábito de ler, de devorador de letras, de páginas e de livros, eu havia contraído no *Hotel Central*. E continuou-se por aí a fora, até hoje. Não sofreu interrupção nos dias da *Sapataria Esmeralda*.

2) Lia livros emprestados. E anotava os livros lidos num caderninho por um sistema interessante: numero de ordem, nome do livro e do autor; quem mo emprestara, data do começo e do fim de sua leitura. Meu mapa de livros lidos chegou ao numero de 318 volumes. Era muita coisa. Tive que parar a anotação.

3) Comprava menos livros. Comprava-os no *cêbo*, de preferência. E gostava muito de ler autor seguido, se era autor que me agradava. Cheguei a ler, assim, toda a obra de José de Alencar, Aluizio de Azevedo, J. M. de Macedo, Coelho Netto, Bernardo Guimarães, entre outros autores nacionais. Dos estrangeiros, Vitor Hugo, Camilo Castelo Branco, Peres Escriche, Paulo de Koch, Julio Verne...

4) Versos? Todos os poetas de minha preferência, desde Casemiro de Abreu até Olavo Bilac. Isto é, desde o mais sentimental e chorão, até o mais castigado na forma, sereno e superior...

* * *

5) Um noivo crônico da irmã mais velha de minha namorada, apresentou-me, um dia, um dentista itinerante: O Dr. Coelho Borges, que teria de ser um grande amigo.

6) Combinei com êle fazer o conserto na boca da namorada, de vez que tratava os dentes da irmã. Ele alegaria que seu serviço era gratis e eu lhe pagaria depois. Assim sucedeu, com efeito. Não sei se aceitaram a historia. Mas, sei que êle fez o serviço, e eu lho paguei.

* * *

7) Naqueles dias, eu dei para andar todo de branco, da cabeça aos pés, desde o chapéu de *Panamá* ou *Chile*, até os sapatos de crômo, com meias brancas. Camisa e gravata brancas, também...

8) Ia esperar, às vezes, a namorada, à porta a *Escola Normal*. Uma tarde, assim que saiu a turma de moças e que eu me aproximei da namorada, estourou uma vaia forte, estrepitosa: «perú de chapéu branco! perú todo branco! *fiau! fiau! fiau!*» Vaia de garotada irriquieta e gárrula.

9) *Perú* era, então, o pejorativo de namorado impertinente. *Peruada*, namoro.

10) Não nos desconcertamos. Nem ela, nem eu...

11) Naquele tempo, não se falava abertamente, em namorar, em namoros, em namorados... Tudo isso eram coisas reservadas e respeitadas. Comigo, por exemplo, foi assim. Sua gente sabia de nosso namoro, e até o incentivava. Mas, não que nós - ela e eu —, falasse nele, absolutamente.

12) Só nos viamos de dia. Ou nos bailes, à noite.

Minhas noites eram consagradas à leitura ou a boêmia. Mas, boêmia sem alcool, alegre e versomaniaco. E, às vezes, a outros namoros...

* * *

13) Uma feita, no sobrado defronte, na *Ladeira do Taboão*, deparou-se-me uma carinha alegre e viva, a sorrir-me.

— Seu nome? Quer dizer o seu nome?

— Laura... Móro no Travassos, n.° 102, numa casa para dentro de um grande quintal.

—Obrigado. Amanhã, às 7 horas, visita-la-ei, posso?

14) Visitei-a, efetivamente, e fiquei visitando-a sempre, àquela hora.

15) Acontece que as duas, a Laura e a Rosa, se encontraram, um dia. E descobriu se a minha *maroteira*. Eu tinha, assim, de preferir uma das duas. Preferi, é óbvio, a mais antiga...

* * *

16) Outra feita, o José Firmino de Brito levou-me à casa de duas jovens, em Itapagipe, que desejavam me conhe-

cer. Iam representar um *reizado* de minha autoria, em que havia um Arnaldo gaiato e muito vivo.

17) Uma das moças, de tal modo se assenhoriou do papel de Arnaldo, que pelo nome de Arnaldo ficou conhecida na familia.

18) Gostei, a primeira vista, da mocinha e parece que ela de mim.

19) Sua mãe perguntou-me, no decorrer da conversa, se eu tinha religião.

20) Não, minha senhora. Já não creio em nada.

21) E contei-lhe, superficialmente, a minha vida de garoto beato, a influência que o Uriel, protestante, exerceu sôbre mim, a leitura do *Gênesis* ao *Apocalipse*, da Bíblia, e outras leituras negativistas, as decepções que outros religiosos me causaram, para concluir que já não acreditava em religião nenhuma que as religiões não consertam ninguém.

22) Nem em Deus? Pois seria, para mim, um desgosto profundissimo se uma de minhas filhas gostasse de um jovem assim, por mais inteligente que êle fôsse. E viesse a casar-se com êle...

23) Compreendi tudo. Aquilo era bem um desengano antecipado.

* * *

24) Mas, voltemos ao meu velho namoro.

Ia muitas vezes, com ela e a irmã, a festas de rua, a bailes.

25) Uma feita, uma senhora casada, visinha de sua familia, pergunta, intrigando, ao pai dela como êle consentia que suas filhas saissem, assim, constantemente, com um rapaz solteiro, para bailes e festas.

26) A resposta veio imediata do velho: «Eu confio mais minhas filhas àquele moço, do que a muitas mulheres casadas que eu conheço».

27) A referência, a alusão devia ter doido bem nela, cuja vida conjugal...

28) Porque toda essa confiança no namorado da filha?

Não decorria, apenas dos bilhetinhos que, vez por outra, me mandava, dizendo-se *apertado como um charuto* e pedindo emprestado algum dinheiro. Atendia a seus bilhetinhos, devolvendo-os, nobremente, com o dinheiro pedido emprestado, que nunca era pago.

29) É que, àquela altura, eu já pensava assim: Devo respeitar as mulheres dos outros porque desejo me casar e gostarei que minha esposa seja honesta e respeitada. Devo respeitar as filhas alheias, porque, casando-me, desejo ser pai, desejo ter muitas filhas e não gostarei que minhas filhas sejam desrespeitadas. Devo tratar a todas como homem de bem porque, como homem de bem espero ser considerado também.

* * *

30) Entretanto, eu era doido por festas. E gostava de ir com ela sinão, com seu irmão, um violãocista e cantador de modinhas e cançonetas.

31) Usava-se, então, proceder as festas dançantes a foguetórios.

32) Saiamos, os dois, assim, principalmente aos sabados, à cata de festas. Onde espoucasse um foguete, aí estavamos. E entravamos sempre. Eramos legitimos *penetras*.

33) Uma feita, apareceu, em Salvador, o Eduardo das Neves, o criador do «*A Europa curva-se ante o Brasil*». E clamou — parabens! — em meigo tom. Brilhou lá no céu mais uma Estrela: apareceu Santos Dumont.»

34) O Edgard quis medir fôrça e folego com o grande creoulo cantador, influenciado por mim e por outros companheiros. Mas, fracassou logo nas primeiras notas.

35) Doutra feita, numa pensão familiar, a que foram todos, eu não consegui penetração. Mas fui na cauda de um grupo de convidados, como se eu convidado fôsse também.

36) Na época, os bailes tinham um aspecto multiforme e variadissimo. As danças preferidas: polcas, valsas, chotes, tangos, mazurcas, quadrilhas. E havia ainda horas para canto, declamação, passeio galanteadores...

37) Eu declamava — dizia-se recitar — poesias sentimentais e humorísticas. E marcava muito bem a quadrinha, em francês, embora o meu francês não passasse do *en avant, en arriere*...

38) Ora, depois de uma quadrilha marcada por mim e de uma poesia, chistosa, que terminava, humorísticamente, assim:

> «*Depois, ao sair, chamou-lhe flôr,*
> *E logo respondeu-me o tal primor:*
> *Ah! quem dera que cesse*».

Depois de todas essas *coisitas*, dir-se-ia que eu estava dono do salão, que era minha a festa, que a festa era dirigida por mim...

* * *

39) O Germano era um rapaz que tinha um fabríco de tinta de escrever no andar, bem defronte da *Sapataria Esmeralda*. Passou a comprar calçados comigo.

40) Declamava bem coisas caricaturais. Dir-se-ia um grande ator. Era uma delícia ouvi-lo dizer, a seu modo: O *Espirro: Porta aberta. Diz-se que o justo peca. Como peca, pecasse ou pecando...*» e vai por aí afóra, arrancando gargalhadas de quantos o escutavam. E quando ia, dizer, indiscretamente, a coisa, concluia: «E o espirro... passou!»

A Paz do Senhor

Tradução, Interpretação e Estudo de **BIANÔR MEDEIROS**

I. — TÊXTOS:

1. — Isaias, II, 6, 7: «Foi nos dado um menino e filho que tem o governo da Terra e dos seus habitantes. O seu nome é Maravilhoso Conselheiro, Poderoso Senhor, Eterno Pai, Principe da Paz. A sua autoridade e a sua paz crescerão sempre sôbre o trôno de David e sôbre o seu reino que será firmado e confirmado em Juizo e Justiça por toda a eternidade. O amor do Etérno fará isso».

2. — Isaias, XXXII, 17: «Só a Justiça géra a paz. O efeito da Justiça será o sossêgo e a confiança para sempre no Justo Rei da Terra.»

3. — Isaias, III, 22: «Para os ímpios (os que não teem fé) não haverá paz, diz o Etérno.»

4. — Isaias, XXX, 15: «Assim diz o Etérno, o Santo de Israel: Se obedecerdes à minha vontade e se pacificardes a vossa mente, sereis salvos. Se tiverdes confiança em mim, tereis poder espiritual e tranquilidade de espírito.»

5. — Salmos, CIXX, 165: «De grande paz gozarão os que amam a tua lei e nada há que os faça fracassar.»

6. — Salmos, CXXII, 7: «Haja paz dentro dos teus muros e prosperidade nos teus palácios.»

7. — Salmos, CXXII, 8: «Por amor dos meus irmãos e amigos, digo eu: Haja paz dentro de ti».

8. — Salmos, XXXIV, 14: «Desvia-te do mal e faze o bem. Busca a paz e segue-a».

9. — João, XX, 26: «Oito dias depois se reuniram no mesmo local Tomé e os demais discípulos. As portas estavam fechadas quando Jesus apareceu diante dêles e os saudou: A paz seja convosco».

10. — João, XIV, 27: «A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Eu não a dou como a dá o mundo. Vivei, pois, com naturalidade, sem inquietação nem dissenções».

11. — Mateus, XI, 28, 29, 30: «Vinde a mim vós que andais aflitos e perturbados e eu vos aliviarei. Guardai a minha doutrina e aprendei comigo que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas atribuladas. O meu amor é suavidade e as tarefas que eu vos confio são leves».

12. — Mateus, V, 4: «Os mansos serão felizes e possuirão a Terra».

13. — Mateus, V, 9: «Os pacíficos serão chamados filhos do Altíssimo e serão muito felizes».

14. — Mateus, X, 12, 13: «E ao entrardes em qualquer casa, saudai-a: A paz do Senhor seja nesta casa. E se a referida casa merecê-la, descerá sôbre ela a vossa paz e se não merecê-la, voltará para vós a vossa paz».

15. — Lucas, II, 14: «Glória ao

Etérno nas culminâncias do seu reino e paz na Terra aos homens que tiverem o seu amor».

16. — Mateus, V, 37 a 48: «Mas seja o vosso falar: Sim, sim; Não, não. Tudo o que passar disto procede do mal. Vós ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao que vos faz mal. Se alguém te ferir na face direita, oferece-lhe também a esquerda. E ao que quer demandar-te em Juizo e te tirar a túnica, larga-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a andar carregado mil passos, vai com êle mais dois mil. Dá ao que te pede e não fujas ao que deseja empréstimo. Ouvistes o que foi dito: Amarás ao teu amigo e aborrecerás ao teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem e orai pelos que vos odeiam e caluniam, para serdes filhos do vosso Pai Celestial, que faz nascer o Sol sôbre os bons e sôbre os maus e faz cair a chuva sôbre os justos e sôbre os injustos. Se vós amais sòmente os que vos amam que recompensa recebereis? Não fazem o mesmo os publicanos? Se vós saudardes sòmente os vossos irmãos, que fazeis nisto de especial? Não fazem assim também os gentíos? Sêde, pois, perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celestial».

II. — Paz é tranquilidade, sossêgo, calma, bom humor, confiança, estabilidade, vida normal, serenidade, concórdia, harmonia, fraternidade, solidariedade, repouso, silêncio, quietude, isto é, o contrário de guerra, de luta, de hostilidade, de peleja, de combate, de batalha, de vingança, de ódio, de cólera, de raiva, de nervosismo, de perseguição, de desêspero, de aflição, de impaciência, de ansiedade, de agitação, de inquietação. Há a paz aparente que o mundo oferece aos ricos que gozam da estima dos poderosos, no confôrto de todos os bens materiais, que resulta da ignorância da vida espiritual e da falta de fé. E há a paz espiritual que vem do alto, através da reeducação cristã, que estrutura a vida eterna. A primeira, a do mundo, é passageira e ilusória. A segunda, a espiritual, é a verdadeira, transpõe a morte, não tem fim, porque resulta da sabedoria e da fé. A paz do mundo vale pouco e pouco nos interessa, a que vale muito e muito nos interessa é a paz espiritual, eterna, divina, sem fim. A paz espiritual é a graça divina, o amor do Senhor, a firmeza da fé, excelente virtude que tem a sua gradação que vai ao infinito. A paz transforma o cristão numa fortaleza de luz e de resistência ao vendaval das paixões humanas. A paz interior géra a paz exterior, formando as condições propícias para que a alma se desenvolva em si mesma, trabalhe naturalmente, produza com eficiência, prospere, progrida, sare, viva com naturalidade e seja realmente feliz. Por isso temos necessidade de estudar e conhecer a paz em sua intimidade, para vivermos bem no sentido espiritual e social, já que o homem é uma unidade da vida em sociedade, com fortes vínculos de interdependência de uns para com os outros.

III. — Todos nós, com raríssimas exceções, somos ainda criaturas inacabadas, incompletas, imperfeitas com capacidade própria para progredirmos moral, intelectual e afetivamente, isto é, no sentido espiritual total, com o decurso do tempo, da colaboração amiga dos espíritos superiores. Como um artista, auxiliar e colaborador da Divina Providência, precisamos concluir a obra divina em nós mesmos, trabalhando-nos com amor e dedicação, até que nos tornemos obra prima da natureza, rainha da criação. Para isto precisamos usar a inteligência, a habilidade, os bons sentimentos e desenvolvermos o gosto pelo belo, pela arte, pela elevação e sublimação do espírito imortal, o nosso eu divino. Comecemos pelo auto contrôle, pela auto disciplina, pela auto-educação, refreiando as nossas paixões, os nossos desejos desordenados e os nossos vícios, dominando os impulsos inferiores do nosso eu, vencendo a própria tiranía. Quando tivermos o contrôle absoluto da nossa vontade caprichosa e arbitrária, dos nossos desejos impuros, quando formos senhores de nós mesmos, libertos das consequências do pecado e do crime, bem como das limitações da carne, já estaremos pertos do fim colimado, a perfeição espiritual.

IV. — O Código de Moral Divina condena sempre e sistemàticamente a violência, partindo de Moisés, através dos profétas, através do Messias e de seus discípulos, culminando o esfôrço Divino contra a tiranía e a desordem com o Espiritismo, como provam as lições recebidas do Alto:

1) — «Não matarás» — (Exodo, XX, 13);

2) — «E, assim, tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a êles. Porque esta é a lei e os profétas». (Mateus, VII, 12);

3) — «Não queirais julgar, para que não sejais julgados. Pois com o juizo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós». (Mateus, VII, 1, 2);

4) — «Quem com ferro fére com ferro será ferido». (Mateus, XXVI, 52);

5) — «Quem semeia vento colherá tempestade».

6) — «E digo-vos que de toda a palavra ociosa, que falarem os homens, darão conta dela no dia do juizo. Porque pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado». (Mateus, XII, 36, 37).

7). — «Supunhas fazer justiça pelas próprias mãos, quando só fazias expandir a cólera aniquiladora. Porque razão, meu filho, pretendeste equilibrar a vida, provocando a morte? Como conciliar a justiça com o crime, quando sabemos que o verdadeiro justo é aquele que trabalha e espera no Pai, O Supremo Doador da Vida?» (André Luiz, no Mundo Maior, pág. 64, Cipriana);

8) — «Porque, se o conhecimento auxilía por fóra, só o amor socorre por dentro. Com a nossa cultura retificamos os efeitos, quanto possível e só os que amam conseguem atingir as causas profundas. Ora, os nossos desventurados amigos reclamam intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo... E nós ambos, por enquanto, apenas conhecemos, sem saber amar». (André Luiz, No Mundo Maior, pág. 60, Calderaro);

9) — «Assim dizendo, acercou-se de ambos os infelizes, postando-se em atitude de oração. Que estaria pedindo às Fôrças Superiores, ali, diante de nós, aquela mulher de extraodinária expressão? Sentia-lhe, enlevado, a sinceridade profunda, a humildade fiel. A prece, em que por alguns minutos se concentrou, saturava se de sublime poder, porquanto em breve, suave luz descia do alto sôbre a sua fronte venerável. Gradativamente Cipriana se fazia mais bela. Os raios divinos a fluirem dos mananciais invisíveis, envolvendo-a, transfiguravam na toda. Tive a impressão de que a sua organização perispiritual absorvia a claridade maravilhosa, represando-se-lhe no ser. Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo, cuja santidade senti dever respeitar. Dos olhos, do torax, das mãos afluiam irradiações de frouxa e suave luz, que não me terrificava a retina surprêsa. Estava formosa, radiante, qual se fôra a materialização da madona de Murilo, em milagrosa aparição... Estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com seu amoroso magnetismo, e notei, assombrado, que o poder daquela mulher sublimada lhes modificava o campo vibratório. Sentiam-se ambos desfalecer, oprimidos por uma fôrça que os compelia à quietação... A mensageira, avisinhando-se, os tocou de leve na região visual; reparei, de minha parte, que ambos registaram abalo mais forte e indisfarçável». (André Luiz, no Mundo Maior, pág. 60/61, Cipriana);

10) — «Em todos os lugares, um grande amor pode socorrer o amor menor, dilatando-lhe as fronteiras e impelindo-o para o alto, e, em toda parte, a grande fé, vitoriosa e sublime, pode auxiliar a fé pequenina e vacilante, arrebatando-a às culminâncias da vida». (André Luiz, Libertação, pág. 163, Gubio).

Só o conhecimento orienta, só a luz vence as trevas e só o amor vence o ódio, pacificando a vida.

V. — Lancemos um rápido olhar para o passado, recuando o tempo, pela regressão da memória adormecida. Vimos rolando pela vida afóra, de reencarnação em reencarnação, como elementos em fúria, como um vulcão prestes a entrar em erupção, como um furacão sem rédeas e sem freio. A nossa mente é um tornado, a desharmonia, o desequilíbrio, a perturbação, o desassossêgo, o desespêro, a aflição, a ansiedade, a cólera, a raiva, o ódio, a hostilidade, a revolução, a guerra, a tormenta, o afogueamento que nos infelicita, infelicitando os nossos amigos, os nossos visinhos, os nossos semelhantes, os nossos familiares. Olhai e vêde! Por toda parte os loucos, os mutilados, os paralíticos, os deformados! São essas as marcas que caracterizam os homicídas, os violentos, os desordeiros, os que praticaram crimes de precipitação, os que trazem os estígmas da Justiça Divina marcando-os como féras indomesticadas.

A nossa formação mental, que decorre do nosso milenário estílo de vida anti-espiritual, é a do soldado pronto para o ataque e para a defesa, o da féra pronta para o assalto, para a destruição, para a morte, para dominar a presa cobiçada que despertou os nossos instintos animais. Pois não temos passado de sanguinários, de simples alienados mentais, de taràdos sexuais, de megalomaníacos do poder e da riqueza, inflados de orgulho e de egoísmo ferozes. Na maioria da humanidade ainda predomina o instinto animal sôbre a razão, a vontade atrabiliária sôbre o sentimento. Por isto o homem é definido pela ciência da Terra como «animal racional», quando pela Sabedoria Divina é um espírito imortal, embora tenha ainda o coração empedernido e insensível, sem amor e sem vida afetiva. Precisamos, pois, e sem demora, demolir êsse edifício espiritual pernicioso e homicida, que edificamos com o rolar do tempo, de peregrinação em peregrinação, para recomeçarmos de novo, tarefa essa muito séria e delicada que fére frontalmente o nosso amor próprio, o nosso desmedido orgulho, o nosso feroz egoísmo. Temos, pois, que pensar, sentir e agir de modo diverso do passado inglório, para ingressarmos definitivamente no glorioso futuro que nos está reservado pelo Soberano Criador e Governador do Universo todo. Não podemos mais, em sã consciência, continuarmos saindo do campo da ociosidade para cairmos no da arbitrariedade, do emaranhado da desorganização, da incredulidade e da indiferença para cairmos no da animalidade primitiva.

VI. — Comecemos a nossa reforma interior substituindo os vícios milenários pelas virtudes opostas e novas que nos chegam agora ao conhecimento. Joguemos fora todas as nossas armas de violência e de destruição. Pacifiqùemo-nos todo, integralmente, cem por cento. Desarmemos os nossos pensamentos, os nossos gestos, as nossas ações, a nossa língua e a nossa linguagem, o nosso rosto, os nossos olhos, os nossos ouvidos, as nossas mãos, os nossos pés, o nosso sexo, toda a nossa personalidade. Combatamos idéias sem combater o homem errado, porque o errar é humano e o perdoar é divino.

Deixemos de ser desordeiros e valentões para sermos pacíficos trabalhadores do bem, tranquilos construtores da nossa própria felicidade. A paz espiritual não se improvisa. Construimo-la pouco a pouco, pois sòmente o amor de Deus tranquiliza, sòmente a Justiça géra a paz. Olhando para trás, para o nosso passado triste, vemos, com espanto, a multidão dos nossos pecados e das nossas vítimas. São pecados e mais pecados, vítimas e mais vítimas que reclamam reparação e Justiça, através da expiação e da provação, do sofrimento que refifica, para que nossa consciência se tranquilize, sare e viva realmente em paz. Eliminemos, de uma vez para sempre, de nós mesmos o ruído, o barulho, o atrito, a violencia, a tirania, os gritos, os murros, os ponta-pés, a revolta, a queixa, a reclamação, tornando-nos obedientes à Soberana vontade do Pai Criador e Governador Supremo, mansos e humildes de coração. Enquanto não conquistarmos a paz interior, não seremos perfeitos, não seremos felizes, nem poderemos fazer a felicidade de ninguém. O respeito, a confiança, a estima, a admiração, a simpatia, a amizade, a gratidão, o amor, resultam da compreensão mútua, da troca de idéias, da permuta de conhecimentos, do intercâmbio de experiências, da conversação amistosa, do entendimento, da reconciliação, da fidelidade, da noção de responsabilidade, da sinceridade de propósitos, das boas maneiras, da boa educação pessoal, da prece habitual, da leitura e audição do Evangelho e das obras espiritualizantes. A sabedoria verdadeira é prudência, previdência, solidariedade humana, espírito de colaboração, entendimento recíproco permanente, método, organização. O homem consegue sair de qualquer dificuldade com métodos pacíficos, pelo trabalho assíduo, pela confiança, pela perseverança, pelo exercício da fé e da prece com a colaboração espiritual superior. Pela violência complicamos mais ainda as situações.

VII. — A finalidade da vida é o progresso, a renovação permanente, o trabalho construtivo e edificante e não a destruição, o aniquilamento, a morte. O Supremo Governador do Mundo tem sempre um propósito bom para a vida, mas só a paz, que depende de nós, do nosso livre arbítrio, de nossa vontade, cria ambiente propício, o clima espiritual necessário para a concórdia, para a confraternização, para o auxílio mútuo, para a solidariedade humana, para a simpatía recíproca, para a permuta de valores e de bens espirituais e materiais, para a vida útil, proveitosa, amena, suave, bela, feliz, idealística, renovadora, salutar. Sem a paz interior, sem ambiente pacífico não pode haver saúde espiritual e do corpo físico, nem alegria, nem satisfação, nem bom humor, nem otimismo, nem felicidade verdadeira. A paz é o estado espiritual necessário para a reflexão, a prudência, a previdência, a sabedoria, a ciência de bem viver. Não basta vivermos. Precisamos viver bem, termos vida regular, normal, organizada, estável.

VIII. — A paz não significa inação, inércia, inatividade, repouso permanente, morte, nada. Há muitos séculos o povo romano alimentava o seu grande ideal com um provérbio bem conhecido: «Res non verba», «Ação e não palavras». A própria natureza nos ensina, em silêncio, a lição permanente da renovação sem fim, através dos dias e das noites, das estações do ano, do curso ininterrupto das águas e do vento, da vida que não cessa.

O nosso Divino Mestre nos ensinou que cada um será julgado segundo as suas obras. Que obras? As que deveriamos fazer e não fizemos, as que deveriamos fazer com acêrto e fizemos de modo errado, as que não deveriamos fazer e fizemos de modo ilícito, aumentando o nosso débito, o número de nossas vítimas, o número de nossos crimes. Como começar vida nova e retificar os nossos caminhos? Antes de tudo devemos ouvir o apêlo, o chamamento do Divino Mestre, concentrarmos a nossa atenção no presente, esquecer o passado delituoso, consagrarmos à Doutrina Salvadora a nossa vida, retificarmos a nossa conduta de acôrdo com o Código de Moral Divina, fugindo do crime e praticando as virtudes que o conhecimento do Cristianismo nos proporciona. Depois disto, devemos agir em silêncio, trabalhar em silêncio, falar pouco e agir muito, renovando, progredindo, criando, realizando o bem por toda parte. Êsse é o caminho para o pecador arrependido, para o criminoso em regeneração moral, intelectual e espiritual. Iniciemos vida nova eliminando de nossos pensamentos, de nossas ações, de nossa linguagem, de nossos gestos, de nossa conduta e atitudes o barulho, o atrito, o ruído, o estouvamento, a brutalidade, a tiranía, a violência que tanto nos perturbam além de aborrecer e infelicitar os nossos semelhantes, destruindo a nossa harmonia interior e a do nosso ambiente. Cultivemos, pois, o silêncio, a paz, a calma, a tranquilidade, a sinfonía dos sons e a beleza das formas como norma de conduta espiritual e ideal de perfeição. Aprendamos a falar em vez de gritar, a conversar em vez de xingar, a esclarecer em vez de confundir, a pedir em vez de exigir, a trocar idéias em vez de impôr a nossa vontade tirânica, submetendo pelo terror os nossos companheiros de jornada evolutiva. Precisamos aprender e ensinar, servir e amar para que tenhamos o direito de sermos servidos e amados, pois na vida espiritual é preciso dar para receber, amar para ser amado, amparar para ser amparado, já que não há privilégio mas justo merecimento para todos. A idéia de paz é fôrça viva, poder curador, energia calmante eletro-magnética que plasma a tranquilidade do espírito, funcionando ainda como sedativo para o sistema nervoso, enquanto a cólera irrita e destrói o cérebro, o cerebelo, o sistema nervoso, provocando doenças esquisitas que os mesmos doentes não compreendem nem os médicos e medicamentos da ciência dos homens podem eliminar. Para tais incomôdos sòmente a fé, a prece, o amor, o espírito de colaboração espiritual podem funcionar como remédio, tendo por único médico o Divino Médico das almas. Destronemos, pois, a violência e entronizemos a paz do Senhor como lei da vida eterna, como norma de conduta salvadora, que felicita sem infelicitar, que ajuda sem prejudicar, que estrutura a vida feliz tanto na Terra como na erraticidade.

IX. — Cria, pois, com teus pensamentos, desejos, palavras, gestos e obras a beleza, a harmonia, a paz, a tranquilidade de espírito, a sinfonía dos sons, a serenidade, a perfeição, a obra prima que desejas ser e serás realmente um gênio do bem e do belo, o artífice de tua própria beleza, de tua saúde, de tua simpatia, de tua estima, de tua valorização pessoal e social, de tua própria felicidade. E quando te tornares verdadeiramente pacífico serás chamado filho do Altíssimo, possuirás a Terra e serás o modelo vivo para todos os habitantes do mundo, verdadeiro amigo de todos os homens, porque atingiste a perfeição. Êsse é realmente o valor da paz, o justo preço de tua saúde, de tua liberdade, de tua felicidade, de tua salvação, da salvação de todos os homens, de todos os lares, de todas as famílias, de toda a humanidade terrena e dos habitantes da vida de além túmulo.

X. — A paz é o símbolo do Cristianismo de Jesus. O símbolo da paz é a bandeira branca e iluminada do Divino Mestre. Hasteemos, pois, o lábaro do Senhor em nossos lares, em nossas instituições, em nossas atividades como nossa divisa, nossa bandeira. E o Senhor virá a nós, habitará conosco, fará em nós a sua morada e a paz nos encherá de gôzo e o seu nome será glorificado através de suas próprias obras, na face da Terra renovada a serviço do bem. Que cada núcleo espiritual seja uma escola, um templo, uma oficina de trabalho e um hospital onde se cure e se pacifique os espíritos que povoam o Brasil. Iniciemos essa obra de grande estílo, unindo fraternalmente todas as criaturas, instituindo o Instituto de Segurança Nacional que visa, pela reeducação cristã, a pacificação de todos os espíritos que povoam o Brasil, para que realmente êle seja a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo.

Que a paz de NOSSO SENHOR seja comigo e convosco, agora e para sempre, aquí e em toda parte. Assim seja.

Olimpia, 17/7/1957.

Da Bíblia aos nossos dias

ALEIXO VICTOR MAGALDI

A finalidade dêste livro «é esclarecer, falar à razão dos homens emancipados intelectualmente, lançar um convite ao estudo e à pesquisa histórica para desfazer dúvidas e dogmas que já não têm mais razão de ser», segundo as expressões de Deolindo Amorim, o esclarecido prefaciador do mesmo. O livro é de autoria do experiente e culto escritor Mário Cavalcanti de Melo, uma invejável mentalidade da atual vanguarda publicista do Espiritismo. O autor faz, logo na 1.ª página seguinte à do título, esta dedicatória: «Ao querido mestre Dr. Carlos Imbassahy, o grande apóstolo do Espiritismo no Brasil, eu dedico êste livro». E, na imediata, diz: «Aos prezados confrades Pedro Granja, Deolindo Amorim, João Ghignone, Antonio Pereira Guedes, General Lamartine Peixoto Paes Leme, Coroneis Delfino Ferreira, Alfredo Molinaro e Rubens Rosado Teixeira, faróis que iluminam a estrada da Verdade na Terra de Santa Cruz e que tanto me encorajaram na feitura desta obra, o reconhecimento e as homenagens do autor».

Bastava ao autor o prestígio dêstes nomes para ver o seu livro vitorioso. Entretanto, Mário Cavalcanti, é um oficial graduado participante do luzidio Estado Maior Espiritista Brasileiro, que não necessita ficar sob a luz de nenhum dêles, por inexcedível brilho que possuam, como realmente acontece. Porque êle emite luz própria, para tornar refulgente todas as páginas de «DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS» («Súas lendas, êrros e contradições»), como se evidencía pela leitura do livro, que é editado pela Federação Espírita do Paraná.

Acabamos de ler o volume que o autor nos ofertou, com gentil frase, datada de 20/5/57, de Niterói. Volume de 323 páginas, grande formato e letra meuda.

No capítulo I, Introdução, está escrito, à pagina 15: «O que, porém, nos causa admiração, é que homens de grande valor na atualidade desprezem a sua própria razão, em nome de uma fé cega, para darem guarida a heresias cientificas do tamanho da gênesis bíblica e, ainda, aceitam essas revelações sem nexo como se elas partissem verdadeiramente de Deus. E' para êsses que escrevemos êste livro».

O livro vem repleto de ensinamentos históricos, citações preciosas de variados autores sôbre religiões. Raramente encontra-se num volume tanta preciosidade. Serve não só para aqueles homens para os quais Mário Cavalcanti de Melo diz tê-lo escrito. Penso mesmo que serve mais para os homens que prezam muito a sua própria razão, conscios de sua fé raciocinada, desejosos de iluminação sempre crescente, como os orientadores espíritas. As citações, às vezes, são de estarrecer, como esta: «A Espanha via sua população dizimada pelo nefasto tribunal (A Inquisição). Naquele país, continua o ilustre professor (Dr. Joaquim Pimenta, em sua magistral obra «A Questão Social e o Catolicismo»), foram queimados vivos, de 1481 a 1803, 34.658 pessoas (10.200 em 17 anos); queimados em efigie 18.049 e condenados às galés e à prisão 288.214». Ou como esta outra: «A despeito das defesas capciosas que apologistas católicos têm arranjado, visando irresponsabilizar a Igreja pelos crimes perpetrados por êsse terrível tribunal em nome de um Deus que se proclama infinitamente misericordioso, a História nos diz pela voz dos teólogos, pelas bulas pontificiais, pelos atos canônicos, que à Santa Sé cabe a autoria de um regime de crueldade como não há igual na crônica dos povos que se não banharam na água lustral do Cristianismo». (Fleury, História Eclesiástica, livro 23, n.° 54).

Ou ainda estas: «Vanini porque considerasse Deus não a causa, mas a substância do mundo; apesar dos argumentos com que procurava convencer os inquisidores de que não era ateu, foi horrivelmente torturado e queimado vivo. Antes de acender-se a fogueira, conta Grammond em sua «História Gall. ab Henric IV», ordenou-se-lhe que estirasse a língua para ser cortada. Êle se recusou. O carrasco só o pôde conseguir com tenazes de que se serviu para prendê-la e cortá-la. Nunca se ouviu um grito tão horrível. O resto do seu corpo foi consumido pelo fogo e as cinzas lançadas ao vento». (A. Fonillet, Histoire de la Philosophie, pág. 278). «Giordano Bruno, o maior filósofo da Renascença, como o classifica o eminente Professor Harold Hoffding, foi condenado a morte por ter ensinado, além de outras coisas que desnorteavam a velha escolástica, a teoria da pluralidade dos mundos. Êle foi degredado, excomungado e entregue ao braço secular. O Governador de Roma, com a prece hipócrita e costumeira na qual prometia puni-lo com indulgência, sem derramamento de sangue, mereceu de Bruno a esta condenação um gesto de ameaça: «Vós que proferis contra mim esta sentença, tendes talvez mais mêdo do que eu, contra quem ela é pronunciada». Êle fazia, sem dúvida, alusão ao mêdo que tinham da verdade, porque êle afrontava o temor do sofrimento ao serviço desta mesma verdade!... Foi queimado vivo no dia 17 de fevereiro de 1600, no Campo de Fiora, tendo enfrentado a morte estòicamente. Repeliu um padre que queria estender-lhe um crucifixo e expirou sem soltar um grito... Mas, no lugar em que foi queimado erigiu-se-lhe em 1889 uma estátua com o produto das subscrições de todo o mundo civilizado; e o Estado italiano tratou de confeccionar atualmente, à sua custa, uma edição de luxo de suas obras». (Histoire de la Philosophie Moderne, vol. I, pág. 129).

O autor, logo de início, na pág. 26 de DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, depois destas citações, declara: «A doutrina de Jesus, como rezam os Evangelhos e as Epístolas, é doutrina de liberdade. A afirmação dessa liberdade moral e a supremacia da consciência, é repetida em quasi todas as páginas do Novo Testamento. Foi por terem desconhecido êsse fato que os chefes da Igreja fizeram desorientar o Cristianismo e oprimiram as consciências. Como dizia Leòn Denis: *Impuseram a fé em vez de a solicitarem à vontade livre e esclarecida do homem e assim fizeram da história do Catolicismo o calvário da humanidade*».

Os chefes do Catolicismo romano, não raro, afirmam que a Igreja que produziu tantos «santos» não pode ser uma Igreja detestável; e nós temos respondido sempre que o Catolicismo romano nunca produziu Santos. O que aconteceu foi que os Santos, que vieram ao mundo, só puderam desempenhar as suas missões de verdadeiros Santos, naquela época, sob a condição de se encarnarem no seio de uma família católica e de viverem em harmonia com a Igreja Católica romana; porque fora dessa Igreja, ou contra essa Igreja, ninguém podia sobreviver. A Igreja tê-los-ia queimado vivos, como queimou milhares de outros Santos excomungados por ela, como fez com os já citados. E isso com ordem expressa dos Papas, como esta ordem ditada por Pio V (Imaginá que era «pio». Se fôsse ímpio, seria muito pior), em carta por êle enviada a Carlos IX, em 1659 (Otto Zoff, Os Huguenotes, pág. 130): «Perseguí e abatei tudo que resta de vossos inimigos. Se não arrancardes as raízes do mal, elas rebentarão, como já o fizeram tantas vezes». «Êsse mesmo «Pio» V é quem mandou a Carlos IX infantaria e cavalaria do Vaticano, e dinheiro, para a guerra contra os Huguenotes. (Estudes de Critique et d'Histoire Religieuse, de E. Vacandard).

Todas essas barbaridades estão

apoiadas nos Cânones da Igreja Católica romana, que prescreveu, em letras de forma, sentenças assim: «Quando se massacra um ímpio, a graça de Cristo se espalha sôbre a Terra. Não julgamos que sejam homicidas aqueles que, ardendo de zêlo por sua mãe, a Igreja Católica, contra os excomungados, massacram alguns». (Corpus Juris cancit. por A. Morin, L'Espirite de L'Eglise).

Contra essa Igreja diabólica gritam de além-túmulo: Pedro de Albano, autor de nova ciência; Cesco Dáscoli, proclamador da teoria do movimento da Terra; Giordano Bruno, frade astrônomo, descortinador de novos mundos e filosófo até hoje acatado; Antonio de Dominis e Campanela, expositores de uma teoria nova, semelhante à de Galileu; Copérnico, pioneiro da «Astronomia Nova»; Roger Bacon, célebre monge de Oxford, físico e astrônomo pesquisador; Francisco Bacon e Descartes, cientistas astrônomos; Fabri, sábio jesuita, aconselhador de novos rumos à Igreja quanto à interpretação das Escrituras, depois de provado o movimento da Terra em torno do Sol, ao contrário do que aquelas rezam; Galileu, o autor imortal de «Diálogos», onde o movimento da Terra e outras verdades aparecem cientìficamente estabelecidos. Não só êstes; mas, milhares de outros cientistas, todos sacrificados, punidos de mil maneiras, mortos nos cárceres, de fome e de sêde, de torturas infernais, enforcados, passados a espada, tiroteiados, queimados vivos no centro de fogueiras, tal como nunca se mataram nem mesmo os cães. Por isso, estamos de pleno acôrdo com E. Gebbart em Italie Mystique, págs. 11 a 14, quando escreveu: «Se, com efeito, alguma coisa de genial saiu do Catolicismo, foi certamente um sistema de tortura tão perfeito, tão requintado, que deixa perder de vista as legislações mais bárbaras e os costumes mais selvagens».

E é êsse catolicismo (com c minúsculo) que vem movendo guerra ao Espiritismo!... Que autoridade moral tem êle para tanto?!... E há espíritas que ainda prestam apôio ao catolicismo lendo e comentando o *Novo Testamento* traduzido *à geito*, deturpado e enxertado por ordem direta de um de seus papas, segundo a confissão pública e notória do chefe dos seus tradutores.

Há pregadores espíritas, o que é mais grave, que usam fazer da Bíblia caduca, a fonte de suas pregações doutrinárias. Para êstes é que Mario Cavalcanti de Melo elaborou DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS, mais do que para «homens de grande valor na atualidade» que «desprezam a sua própria razão, em nome de uma fé cega, para darem guarida a heresias científicas do tamanho da gênesis bíblica e ainda aceitam essas revelações sem nexo como se partissem verdadeiramente de Deus.»

Ora, meus amigos, vamos aprender com Mario Cavalcanti de Melo a amar o Espiritismo, esclarecendo-nos a respeito dos êrros, das contradições e das lendas da Bíblia caduca. DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS é um faról projetado na senda dêsse esclarecimento. Aproveitemos a sua luminosidade. Todos devemos lêr DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS.

Rua 44 n.º 54 — Volta Redonda — RJ
Maio — 1957

Deus salve Allan Kardec!

LEOPOLDO
MACHADO

Transplantemos à prosa sintética o que já escrevemos em verso rimado sôbre «Allan Kardec», sôbre o «Livro dos Espìritos».

Foi há cem anos passados.

O mundo se agitava, cético e materializadissimo. Não se levava a sério Deus, religião, fé!...

De pé, firme e consciente, nenhuma religião, nenhuma crença!

O catolicismo apresentava ambiente mais agitado. E já não era a única religião conhecida e professada no mundo ocidental. Fôra golpeada por um sacerdote — Martinho Lutero — que arrancou de suas garras a Bíblia e difundiu-a entre as pessoas mais esclarecidas. Foi êsse ato que gerou o protestantismo. Mas o protestantismo estava se extratificando muito, a ponto de produzir mais de trezentas seitas, divisões, cismas, mais ou menos hostís entre elas...

Outro sacerdote, Inácio de Loióla, salta em campo na defesa da Igreja. E crea a Companhia de Jesus, de que decorre a célebre Santa Inquisição. Era possível que pela fôrça, e a fôrça do «crê ou morre», se pudesse conseguir a paz, o entendimento, a justiça, entre crentes e incréus...

Joseph de Maistre, também muito católico, escritor e crente, chega a profetizar que, «ou a Igreja se transformará, ou aparecerá outra religião...»

E apareceu, efetivamente, uma religião, sem Deus, materialista e filosófica — «O Positivismo». Religião que fôra uma espécie de remoque ao cristianismo, católico ou protestante, porque se apresentava o «amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim», coisas que, a bem da verdade, não se conheciam em religião nenhuma. E o filósofo autor do «Positivismo», Augusto Comte, chegara a dizer, humanissimo, que restava, em nome de sua religião, conduzir Deus até as fronteiras da civilização, agradecendo-lhe os serviços provisórios que prestara, até alí, á humanidade.

Foi ísso em París, que era o cérebro agitadíssimo dessa admirável cabeça do mundo, a França.

Sai contra Augusto Comte outra celebridade bem maior do que o grande filósofo, que era o astrônomo, escritor e filósofo Camilo Flamarion. E Flamarion escreve um livro especial, «Deus na Natureza», refutando o materialista científico e provando que Deus existe, que o Espírito se manifesta em tudo, em toda a Natureza, desde as coisas mais pequeninas até os grandes astros no Céu.

Um terceiro nome vai aparecer. Também doutor, filósofo, pedagogo, educador e escritor : o dr. Hipólite Leon Denizard Rivail, que confirma, a um tempo, que o Cristianismo católico-protestante se transformaria. E que essa transformação implicaria uma religião diferente, filósofo-científica, deista-espiritualista, apoiada na lógica dos fatos...

* * *

De um mundo novo, o que teria, mais tarde, de transferir para cidades suas, o prestígio de París — hoje, visita-se mais Nova York e os Estados Unidos do que a França e cidades da Europa — da América e de Hydesville chega a París e a França as notícias dos primeiros fenômenos das mesas «girantes» e «falantes». París se interessa pelos fenômenos, que lhe servem mais como distração e passatempo, do que como fatos de estudo e observação. E fala-se dos fenômenos ao dr. Hipólite Leon, que se escusa a ocupar-se dêles. Só o faria se lhe «provasse, primeiro, que pequena mesa tem cérebro e nervos para pensar e sentir como os sêres vivos». Contudo, foi assistir a tais fenomenos, em que não descobriu nervos e cérebro, mas descobriu verdades incontestáveis, indiscutíveis, absolutas. E foi dentro do conceito que inspirou a Flàmarion — o bom senso personificado — e foi com êsse admirável bom senso que, colecionando respostas tiptológicas, sensatas e absolutamente verdadeiras, viera a saber já havia existido entre os «druídas», naquelas mesmas paragens francêsas — quando eram «gauleses» e «bretões» em vez de francêses — com o nome de Allan, que devia dedicar aos homens de hoje e de amanhã o maior presente de Deus à humanidade, «O Livro dos Espíritos».

Livro que fôra publicado a 18 de Abril de 1857 !

Deus salve Allan Kardec !

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 150,00	Do 20.° ano	Cr.$ 120,00	Do 27.° ano	Cr.$120,00
Do 4.° ano . .	150,00	Do 21.° ano . .	120,00	Do 28.° ano .	120,00
Do 5.° ano . .	150,00	Do 22 ° ano . .	120,00	Do 29.° ano .	120,00
Do 6.° ano . .	150,00	Do 23.° ano . .	120,00	Do 30.° ano .	120,00
Do 7.° ano . .	150,00	Do 24.° ano . .	120,00	Do 31.° ano .	120,00
Do 18.° ano . .	150,00	Do 25.° ano . .	120,00		
Do 19.° ano . .	120,00	Do 26.° ano . .	120,00		

Crônica Estrangeira

Prova da Sobrevivência

«Spiritualisme Moderne» reproduziu de Revista Alemã.

J. Jlling, bem conhecido por suas investigações sôbre os fenômenos que provam a sobrevivência, relata o caso seguinte:

«Uma senhora que eu bem conheci, morreu a 22 de Março de 1926. Ela estava convencida da sobrevivência. Cerca de 10 minutos antes da morte, quando ainda de posse de todo seu conhecimento, o marido lhe pediu, por diversas vezes e com insistência, que ela lhe fornecesse, caso lhe fôsse possível, um sinál, de preferência pelo relógio. Ela respondeu: «Sim, eu o farei, se obtiver autorização».

No dia 6 de Abril seguinte, pelas 8 horas da tarde, o viúvo estava na sala com as duas filhas. Uma estava escrevendo uma carta quando, de súbito, ela se sentiu impelida a olhar o relógio. Fixando-o, ela viu o pêndulo descrever ainda algumas fracas oscilações e se imobilizar. Como tivessem dado corda ao relógio, pela manhã, não era claramente explicável a parada, mas o caso não continuou a preocupar os presentes, pois o relógio continuou a trabalhar normalmente depois de posto em movimento o pêndulo.

Durante as semanas seguintes, por diversas vezes, o relógio estacava inexplicavelmente e o mais surpreendente era que, depois de uma hora, ou ora e meia, o relógio recomeçava a trabalhar por si mesmo, sem a intervenção de mão humana. Nesse mesmo tempo, fenômeno semelhante afetou o relógio de bolso do viúvo. Êle se sentia impelido a tirar o relógio do bolso e, ao fazê-lo, êle parava para tornar a trabalhar, por si mesmo, no momento em que era guardado no bolso. Durante algumas semanas, ambos os relógios trabalharam normalmente.

Pouco depois, a mulher apareceu ao marido. Só eram visíveis o peito e a cabeça. A aparição foi precedida por estalidos e assobios que igualmente acompanhavam a forma materializada. O homem estava tão assustado que não foi capaz de articular uma palavra. Algumas semanas decorridas, de novo se mostrou a aparição, dessa vez não vinha acompanhada de qualquer ruído. O homem teve fôrça para lhe perguntar como ela estava passando. «Eu estou muito bem, disse ela, mas tudo é bem diferente das representações que o homem se faz». Êle lhe perguntou se igualmente queria mostrar-se às filhas, ela respondeu: «Elas ainda não estão bastante adiantadas». Em seguida, desapareceu.

* * *

Reincarnação, Doutrina provada

Com o título de «Gênio Mirim», publicou a revista «Alterosa», de Belo Horizonte, Estado de Minas, 1.ª quinzena de junho de 1957, a seguinte notícia:

«O concorrente já havia atingido o limite de dólares (sessenta e quatro mil) no programa «The $64,00 Qustion» e agora enfrentava a nova etapa de perguntas e respostas capaz de elevar seus lucros a 128 000 dólares e, eventualmente, a ... 256.000 (cêrca de 17 milhões de cruzeiros). Estava diante das câmaras, sob a intensa luz dos refletores, à espera de que o animador Hal March lhe fizesse as três perguntas sôbre «Ciência», às quais deveria responder naquela semana.

Consultando a ficha, Hal March perguntou:

— Como é produzida a eletricidade pelo método Thermionic-Emission? E pelo método Piezo-Eletric?

— Pela distorção de um cristal no método Piezo e pelo aquecimento de um catódio num tubo de vácuo no método Thermionic.

— Absolutamente certo, exclamou o animador. Cite, agora, dez elementos químicos encontrados no corpo humano.

— Carbono, hidrogênio, iôdo, ferro, magnésio, azôto, oxigênio, fósforo, potássio e sódio, respondeu, sem hesitar, o interrogado.

— Asolutamente certo. Diga-me agora, que ponto do céu estaria você fixando no dia 19 de março, à hora local de vinte e duas horas e oito minutos e ao tempo sideral de dez horas se estivesse olhando através de um telescópio montado equatorialmente, com o seu ângulo horário fixado para duas horas de lestes e sua declinação em zero graus?

— Eu estaria fixando a constelação da Virgem, ou o Equinócio de Outono.

— Absolutamente certo, confirmou, exultante, Hal March.

Cinquenta milhões de norte americanos respiraram desafogados mais uma vez com a vitória do excepcional concorrente, que respondera, sem hesitação, a perguntas que noventa e nove por cento dos telespectadores nem sequer chegaram a entender direito.

Tratava-se de um professor de Física da Universidade? De algum cientista famoso?

Não, o candidato era apenas o garôto Bobby Strom, de 10 anos de idade, residente no bairro popular do Bronx, em Nova York, e cujos conhecimentos têm assombrado o mundo inteiro.

Pensam que êle parou aí? Não. Chegou aos 192 000 dólares e poderia, se quizesse, aumentar ainda o seu prêmio e ganhar um total de 256.000 dólares. E, na verdade, Bobby quís. Seus pais, porém, o impediram de continuar porque êles, os pais, estavam nervosíssimos.»

⁂

«Seus Filhos estão Mortos»

De «Estudos Psíquicos».

Two Worlds relata o caso em termos sucintos. A médium Estelle Robert disse a uma senhora que um filho desta estava morto, quando a mãe o julgava prisioneiro. Até que chegou a confirmação oficial do falecimento.

A história começa nos dias sombrios de Dunquerque. Os seus dois filhos Tony e Ronald foram dados como desaparecidos.

A princípio, a mãe não acreditou na morte dêles. Recebia notícias por intermédio de dois soldados que davam o Tony como prisioneiro. O mais velho estava morto, mas ela aferrava-se à esperança de rever o outro.

Foi neste estado de espírito que assistiu a uma sessão de Estelle Robert e na qual deu um nome suposto que não fornecesse qualquer elemento contrário à identificação do fenômeno.

Estava sentada em frente da médium, quando esta lhe disse, abruptamente:

— A senhora veio por causa dos seus dois filhos, que estão ao pé de mim.

A pobre mãe respondeu:

E' só um, que o outro está prisioneiro.

Estelle sacudiu a cabeça e disse que estavam ambos ali E acrescentou:

— O mais novo afirma que foi morto um dia antes do irmão. Eles falam ao mesmo tempo, tantas coisas lhe querem dizer!

A pobre mãe não quís ouvir mais nada e voltou a casa deprimida e furiosa de perder o tempo.

Mêses depois chegou a notícia oficial: Tony fôra morto no dia antecedente ao da morte de Ronald.

Êste caso demonstra que a hipótese telepática é inaplicável ao presente caso, visto que a médium está em contradição com a testemunha.

⁂

A Snra. Frances narra em «Light» o pequeno fato seguinte:

Seu marido viera do Oriente com um cofrezinho de segredo, no qual guardou documentos importantes. E se cofrezinho era dotado de uma fechadura que se abria fazendo girar um disco (roda) adaptada a um quadrante marcado com números. A Snra. Frances não conhecia os números escolhidos por seu marido, o que constituia o segredo do cófre.

Ora, o marido veio a falecer.

A Snra. Frances sabia que certos documentos necessários à liquidação de negócios de seu marido, estavam encerrados no cofrezinho. Durante três mêses seu filho procurou descobrir todas as combinações, mas em vão, o cofrezinho não se abria.

Então a Snra. Frances teve a idéia de experimentar ela mesma, e eis o que ela diz:

«De súbito senti que eu não estava só. Ràpidamente, sem poder resistir, senti que meus dedos deslizavam sôbre o disco numerado e a lingueta da fechadura mover... Minha mão parecia conhecer o segredo... não o meu espírito. Quando eu fazia girar o disco, eu ouvia meus lábios murmurar: um, oito, seis, nove».

«Um, oito, seis, nove...» repeti eu,

levantei a mão e o côfre se abriu. Eu olhei, incapaz de acreditar. Mas o impossível se produziu. O segredo, por meu falecido marido, levado ao túmulo, me foi revelado do além da morte.

De «Spiritualisme Moderne».

* * *

Pode modificar-se o destino?

De «Estudos Psíquicos».

Num artigo publicado em *Survie,* George Gonzalès conta o caso de um advogado, a quem três médiuns diferentes predisseram a morte por acidente de automóvel. Não satisfeito, procurou outro médium, que, após rápida concentração, o avisou que reduzisse a velocidade habitual. Além disso, indicou-lhe uma falha no automóvel.

Em viagem subsequente, o advogado pôde verificar a verdade da predição. Felizmente, conseguiu evitar as consequências que o aguardavam.

George Gonzalès refere-se à modifição que podemos operar em nosso destino. A este respeito, o Dr. Moreno da Fonseca realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, uma bela conferência, onde chegava às mesmas conclusões, sem abandonar o campo psicológico. Bastava cultivar com mais afinco um ou outro sentimento.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 280.407,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Modelar Asílo Espírita do Rio de Janeiro

Sob o título de «Correio Feminino» e os sub-títulos de «O menor abandonado e a solução acertada do «Abrigo Olímpia Belém» — Colocação familiar ou a própria família — Asílos tipo quartel, nunca», publicou o jornal «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, edição de 14 de Julho último, a seguinte reportagem de Terezinha Éboli, que reproduzimos aquí:

«A palavra «asilo» traz em si uma inevitável tristeza. Quando, de surprêsa, visitamos uma casa de proteção à infância, saímos com uma angústia, um remorso de quem nunca faz nada para ajudar. Crianças sem lar, sem família, sem a alegria dos dias felizes na companhia dos pais... É um problema grande do nosso país. E poucas instituições estão resolvendo-o pela melhor solução.

Num casarão da Rua Felix da Cunha, na Tijuca, fomos ver quarenta e cinco meninas que vivem com D. Olímpia Belém. Sua casa não é um asilo. Nela vive a «Mãe Olímpia» com suas quarenta e cinco meninas. Algumas ali chegaram com poucos mêses de idade. A história do «Abrigo Olímpia Belém» data de há vinte anos, em Belo Horizonte, quando a infância abandonada começava a preocupar algumas pessoas de responsabilidade. D. Olímpia ensinou, bem cedo, às filhas, a bondade e o desapêgo às coisas materiais, em benefício das criancinhas sem lar. Êste foi o segrêdo dela haver conservado até hoje consigo, filhos dedicados, trabalhando para o mesmo objetivo. Bem raro o caso de sua família: a mãe, já idosa, enérgica e segura de seus propósitos, duas filhas que a assistem de perto e os filhos casados que continuam a colaborar sempre que se faz necessário.

A Visita

Entramos no refeitório e o sinal havia dado para o almôço. As meninas, sentadas em mesas redondas, alegres, com ótimo aspecto, almoçavam. As pequeninas de dois anos comiam sózinhas, sem problemas, sem choramingar, sem nariz torcido. Nos pratos haviam : caldo de feijão, angu, legume, arroz e carne. Admirável bando de meninas despreocupadas! Com que prazer muita mamãe assistiria àquele almôço se fôsse de suas próprias filhas!

D. Olga Mendonça, colaboradora dedicada, dirige a casa das meninas em seus afazeres. Disse-nos ela que todas comem de tudo, e muito bem, não faltando nunca alimento para elas. Assim mesmo como se fôsse nossa casa. Todas dormem bem em seu grande dormitório de janelas amplas. Brincam com liberdade; não há pancadaria, não há castigos corporais, nem medos. Á noite alguém as acompanha sempre, para qualquer eventualidade.

Percorremos a casa toda e a simplicidade é grande. Não há ostentação pàra as visitas. Mostrám-nos o que realmente se faz todos os dias. E muito mais desejaria fazer, diz-nos D. Olímpia.

Do Padre-Nosso ao Jardim-de Infância

«Padre-Nosso», às seis horas da manhã; higiene e leite com pão. Em seguida as que assistem aula encaminham-se para sua saletinha onde uma professora leciona-as. Outras aprendem trabalhos manuais com D. Olimpia. Algumas pequeninas brincam.

— Faz-nos falta um jardim-de-infância, mas até hoje não pudemos contar com alguém que colaborasse conosco nesse sentido...

O «Abrigo Olímpia Belém», apesar de não contar com brinquedos (sr. Negrão de Lima, por que não dá umas gangorras àquelas menininhas?) mantém sempre um clima de muita serenidade e alegria. As crianças fazem roda no pátio, ajudam na cozinha, na sala, na limpeza da casa, e vão vivendo normalmente, como num lar muito grande, onde a mamãe tem muitos filhos e procura atendê-los a todos igualmente. Chamam-na de «mãe Olimpia» e o que realmente elas encontram em seu coração é a bondade que só as verdadeiras mães sabem ter.

Algumas Histórias

D. Olímpia mantém o Abrigo com dificuldade, pois pouco tem aumentado o quadro de sócios que a ajuda. Como D. Olímpia consegue, com o custo de vida tão alto, manter bem alimentadas e agasalhadas aquêle bando de meninas, é um milagre. Os colaboradores que com ela não deixam extinguir-se a obra, merecem a nossa admiração. Numa época mercenária, um dentista, um médico trabalhando sem interêsse financeiro? E os treze filhos de D. Olímpia que, sem mágoa, mas com alegria, viram na dividir com tantas outras criancinhas, o seu amor materno!

— Em vinte anos nunca tivemos caso de moléstias graves, conta-nos D. Olímpia. Uma vez fui buscar uma menina de oito mêses na Policia. A mãe fôra detida e o delegado pediu-me para ficar com a criança. Está aquí até hoje.

Mostra-nos uma menina dos seus dez anos, forte, saudável.

— Outra saiu do Abrigo com vinte anos para casar. Era pianista; estudou durante todo o tempo que viveu aquí. Agora tem sua família organizada, no interior, como esposa de fazendeiro.

Admiramo-nos. Então ficam aquí até moças?

— As mães cuidam das filhas até que elas estejam aptas a seguir sòzinhas...

Recuperação

As meninas são recuperadas no ambiente do lar e quando estão mocinhas estudam em ginásio, aprendem piano, fazem pequena vida social e algumas mais maduras empregam-se para ajudar. Há uma atualmente, que trabalha na fábrica Kibon e está noiva. D. Olímpia, como boa mãe, preocupa-se com a adolescência destas meninas. Procura dar-lhes ensinamentos de moral cristã e mostra-lhes o caminho mais apropriado para que levem uma vida ajustada e decente.

— O grupo é pequeno, disse nos. Já tivemos mais de 100 meninas. Mas, com as dificuldades materiais temos que nos limitar e receber poucas...

O Caminho à Frente

É êsse o tipo de abrigo-lar que necessita a infância abandonada. Nem asilo, tipo depósito, onde não há o carinho materno, nem escolas de recuperação correcional, onde a frieza humana agrava o problema do menor. Exatamente uma protetora que não deixe nunca faltar o carinho às suas crianças e que tenha, como D. Olímpia Belém, como certa, a sua missão de socorrê-las e orientá-las até que as sinta seguras para seguir seu próprio caminho.

Impressões de um Congresso Esperantista

Dia 14 a 21 de Julho último realisou-se em Niterói, com muito êxito o XV Congresso Brasileiro de Esperanto, em comemoração ao 50.° aniversário de fundação da Liga Brasileira de Esperanto. Ao conclave de confraternização e trabalho ocorreram esperantistas e simpatizantes de vários recantos do Brasil, especialmente dos Estados de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, e do Distrito Federal, além de 3 Representantes da Argentina.

Do programa organizado destacou-se a abertura e encerramento no Teatro Municipal de Niterói, as reuniões de trabalho (sôbre o histórico do movimento no Brasil), a inauguração da Rua Esperanto, a Noite de Arte (peça «As Mãos de Eurídice» e números de canto em Esperanto), visita a Liga Brasileira, e excursões a Volta Redonda (centro siderúrgico), Cabo Frio (praia e salinas) e Petrópolis (cidade histórica).

O ambiente em que se desenvolveu as atividades do Congresso foi de franca camaradagem e compreensão muito embora os participantes, mais de 500 pessoas, proviessem de diversas camadas sociais e professassem credos diferentes. Praticou-se lá o sonho de Zamenhof cantado no hino esperantista «La Espero»: —«sur neutrala lingvo fundamento... la popoloj faros... unu grandan rondon familion» (sob o fundamento de uma língua neutra, os povos farão uma família grande e unida).

Digno de nota, foi a presença de um grande número de espiritas, o que bem demonstra o interêsse destes pela causa esperantista, para a solução do grave problema das barreiras linguísticas e da fraternidade entre os povos.

Várias publicações apareceram para comemorar o Congresso de jubileu de ouro da Liga Brasileira, entre elas, o número especial de «Kooperativismo», órgão da Cooperativa dos Esperantistas, que prestou uma significativa homenagem ao confrade Ismael Gomes Braga, no seu 50.° aniversário de atividades no meio esperantista nacional e mundial, como professor, escritor e propagandista exemplar.

A Prefeitura de Niterói e o Govêrno Fluminense deram valioso apôio à Comissão Organizadora do Congresso, presidido com eficiência pelo sr. Mario Ritter Nunes, o qual por sua vez contou com a colaboração da veterana Liga Brasileira de Esperanto, dirigida ativamente pelo Prof. Carlos Domingues.

Muitos esperantistas veteranos participaram das reuniões, pòr exemplo o sr. A. Caetano Coutinho, redator do «Brazila Esperantisto» órgão oficial da Liga e batalhador desde o fim do século passado, sendo também o mais antigo propagandista em atividade, no país.

Em conclusão, o XV Congresso Nacional foi comemorado brilhantemente e serviu para mostrar a todos que há aqui uma grande família esperantista desejosa de um dia ver a humanidade mais unida e compreensiva através de um idioma neutro realmente internacional.

Oxalá, a próxima reunião, provavelmente em Salvador, dentro de 2 ou 3 anos sirva ainda mais para reunir os esperantistas e simpatizantes dêste sadio movimento em torno da Liga e da Associação Universal do Esperanto, com programas de trabalho, de cultura e de recreação.

«Espiritismo e Criminologia»

Deolindo Amorim, sem a menor dúvida um dos mais apreciados escritores espíritas, acaba de lançar à lume mais uma obra de real valor — «Espiritismo e Criminologia», com a qual enriquece ainda mais a vastíssima bibliotéca espírita, presentemente a maior em número e qualidade de que temos conhecimento.

Com aquela facilidade de explanar o assunto, de explicar as coisas, que lhe é tão peculiar, Deolindo Amorim apresentou uma obra profunda, de atualidade, visto como muitos estudiosos do Espiritismo ainda não tinham uma idéia clara, exáta do Espiritismo em face da criminologia. Com os esclarecimentos minuciosos de Deolindo Amorim, os estudiosos alargam de modo notável os seus conhecimentos. Não é obra de ficção, é obra de edificação, baseada na realidade, nos fatos, portanto mais que oportuna.

«Espiritismo e Criminologia» contém 164 páginas que valem um verdadeiro tesouro espiritual.

Gratos pela oferta de um volume.

Conselho Federativo Nacional

Orgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 6 de Julho de 1957

Ás catorze horas, profere o Presidente a prece de início e declara aberta a reunião.

Lida e aprovada a Ata da reunião de 1 de Junho, comunica o Presidente que continua a receber, de todo o Brasil, notícias muito gratas sôbre as solenidades comemorativas do I Centenário da Codificação do Espiritismo, notadamente de S. Paulo, Rio Grande do Sul e Ceará. Exibe um exemplar da revista norte-americana «STAMPS», com referências ao SÊLO ESPÍRITA. Comunica a inauguração de uma herma do saudoso confrade Telmo Maia, no dia 10 do corrente, em uma Praça de Campo Grande, designando uma comissão de Conselheiros para representar a FEB e o Conselho, na solenidade.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil anuncia a realização, em Macaé, da 18.ª Semana Espírita.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica que, por lei municipal, foi declarada de Utilidade Pública Municipal, a LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL.

Maranhão — O Conselheiro Major Jaime Rolemberg discorre sôbre o brilhantismo e a harmonia das comemorações do I Centenário do Espiritismo, em S. Luiz e em todo Estado.

Rio Grande do Sul — O Conselheiro Francisco Thiesen oferece um exemplar da revista «REENCARNAÇÃO», órgão da Federação Gaúcha, comemorativo do I Centenário, primorosamente impressa e com dados históricos da Federação e do Espiritismo naquele Estado.

Ás dezesseis horas, feita a prece final pelo Representante do Rio Grande do Norte, encerra o Presidente a reunião.

Necrologia

Francisco Waldomiro Lorenz

Regressou à Pátria Espiritual no dia 24 de Maio último, em Porto Alegre, o confrade Francisco Waldomiro Lorenz, escritor espírita dos mais apreciados, poliglota e esperantista de projeção. Escreveu inumeras obras espiritualistas, enriquecendo de maneira notável a Bibliotéca Espírita.

Foi um trabalhador assíduo na seára do Mestre. Bom de coração, amigo de praticar a caridade, deixou um vácuo no coração daqueles que com êle tiveram a felicidade de travar relações de amizade.

Com o seu passamento abriu-se um claro bem visível na fileira espírita.

Que Deus o tenha no seu reino.

Se amas a Deus, já não sentes angústia ante a passagem da vida para a morte, porque com Êle estás e Êle permanece incólume através de todas as mudanças.

— *AMADO NERVO.* —

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, —luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$23,00, inclusive porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3381unse

o XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1957 – N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

22 de Setembro
A Evolução Espiritual e Física
Espiritismo, Doutrina Evolutiva
D. Gracinda Batista
País Internacional
Memórias de um Espírita Baiano
Reflexões
Solilóquio
Síntese da Evolução Espiritual da Humanidade
Livros e Autores
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Desencarnou o Professor Leopoldo Machado

Leopoldo Machado

A Verdadeira Glória

Espiritismo para os Espíritas, por:

ALEX DE ROCHESTER.

Conheça a vida e o sentimento do espírito em «AURORA», cidade espiritual sôbre a zona de Ribeirão Preto.

A' venda nas boas Livrarias. Cr.$ 100,00

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Ação e Reação
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXIII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1957 – NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

22 de Setembro

O próximo dia 22 registra a passagem do 89.º aniversário natalício do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que se estivesse ainda entre nós na sua forma física, receberia as felicitações e os abraços congratulatórios dos seus companheiros de trabalho e inúmeros amigos e confrades.

É esta mais uma feliz oportunidade que temos de render-lhe as nossas homenagens, pois Cairbar Schutel foi realmente um Apóstolo do Cristianismo a serviço da Verdade. Foi por seu intermédio que tivemos a grande felicidade de ingressar no Espiritismo e trabalhar com êle na difusão da Doutrina, sucedendo-lhe na tarefa logo após o seu desincarne. É verdade que estamos longe de apresentar o mesmo trabalho de Cairbar, mas estamos da mesma forma contentes e com a consciência em paz, porque temos empregado todos os nossos esforços e boa vontade no cumprimento da tarefa que nos foi confiada. A obra de Cairbar continua de pé, firme e acrescida de novos melhoramentos, prova de que o nosso trabalho tem sido profícuo, apesar das nossas deficiências.

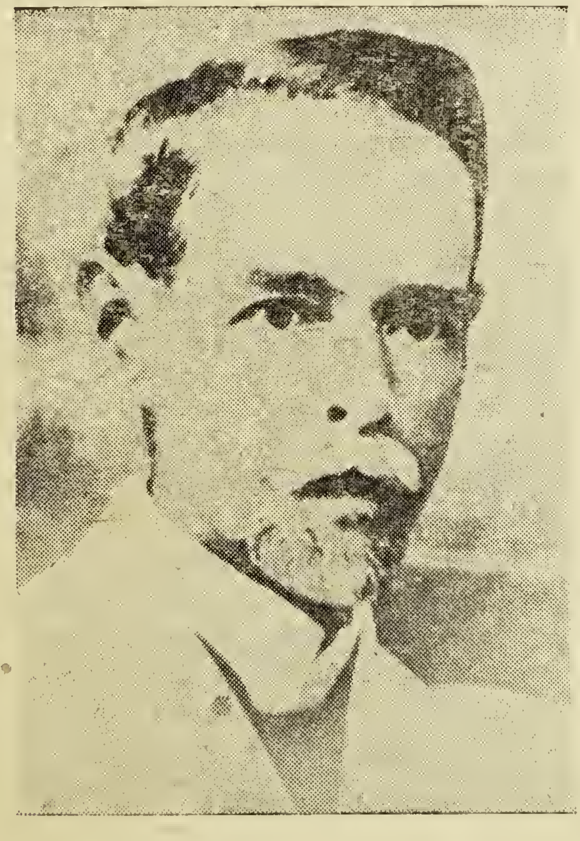

CAIRBAR SCHUTEL

Faz já quasi vinte anos que Cairbar partiu para o Além e durante êste tempo o Espiritismo cresceu admiravelmente, superando as melhores espectativas, a ponto de amedrontar os seus tenazes detratores, que tudo fazem para acabar com esta Doutrina, que é a revivificação do Vero Cristianismo, usando, para atingirem o fim, da mentira, da calúnia e de outros meios ainda mais baixos, que revelam grande inferioridade de espírito, de atraso espiritual e moral.

Mas, alheio às fraquezas humanas, como um pesado «tanque», o Espiritismo vai passando por cima de tudo, glorificando os nomes daqueles que deram tudo pela Doutrina, inclusive a própria vida, entre os quais Cairbar Schutel, que lutou contra os defraudadores da Doutrina de Jesus, vencendo-os a todos com a espada da Fé e da Verdade. E a prova disto temo-la no progresso admirável da Doutrina, que cada dia avança mais em todos os meios sociais, o que está pondo em polvorosa os meios que lhe são hostís.

Ao ensejo da passagem de mais um aniversário natalício de Cairbar Schutel, almejamos ao caro companheiro as mesmas felicidades que sempre lhe desejamos, com votos de progresso no reino de Deus, solicitando-lhe a renovação do adjutório que sempre nos dispensou, afim de podermos levar a bom termo a tarefa que nos confiou.

A Evolução Espiritual e Física

HENRIQUE RODRIGUES

— III —

Não fosse a exiguidade de tempo e a vastidão do tema, muito bem caberia aquí uma explanação a respeito do conhecimento geral e da especialização, onde mostraríamos que o caminho evolutivo nos IMPORÁ o abandono do detalhe, da análise, rumo à visão do TODO, porquanto sòmente a síntese pode satisfazer àqueles que se lançam ao conhecimento da origem e do destino de qualquer fenômeno. O detalhe afigura-se ao labirinto do rez-do-chão, enquanto a síntese nos mostra a visão superior, a visão total, onde então poderemos compreender o porque dêste ou daquele caminho que no plano inferior nos parecia supérfluo. No dia em que o homem houver galgado a condição de sobrepairar o fenômeno em seu conjunto, será então possuidor da faculdade intuitiva, única que o levará a comungar, a identificar-se com o próprio fenômeno.

Entretanto, o propósito de nosso trabalho é mostrar que a evolução psíquica produz modificações no plano do físico, modificações que podem ser de caráter de forma ou de substância, e principalmente desta. Os acurados sentidos animais, por fôrça da especialização, percebem essas diferenciações as quais pela ação condicionada, sedimentadas em milênios, produzem reações que podem ir da fúria louca de destruição, do desejo de ingestão, à mais completa indiferença. Os instintos dos animais revelam a êles a existência, nos indivíduos, de fluidos de caráter nutritivo e, mais que isso, indispensáveis à manutenção de suas organizações físicas, e por êsse motivo mais imperiosa se torna sua obtenção. Êle não destrói pelo prazer de destruir, mas todos sabemos que se assim procede é para satisfazer a uma necessidade. O determinismo evolutivo que lhe impõe como condição única sua auto-defesa é por natureza inflexível e a ausência de qualquer faculdade coibidora, lhe proporciona o curso mais natural.

Vamos citar, para melhor esclarecimento, algumas verdades do caráter biológico e fisiológico que bem atestam o que vimos explanando: —

Citaremos Carrel, e ficará bem claro quanto o tecido celular de uma pessoa é diferente do de outra. Diz êle : — «Em regra, os tecidos dum indivíduo negam-se a aceitar os de outro. Na transplantação do rim, por exemplo, quando a sutura dos vasos restabelece a circulação do sangue, o órgão funciona imediatamente. A princípio, comporta-se normalmente; contudo, passadas algumas semanas, aparece albumina e, em seguida, sangue na urina. E uma doença, semelhante à nefrite, produz ràpidamente a atrofia do rim. Os humores reconhecem, nos tecidos estranhos, as diferenças de constituição que nenhum outro teste pode revelar. Os tecidos são ESPECÍFICOS do indivíduo ao qual pertencem». E ainda mais: — «Cada um de nós reage a seu modo aos acontecimentos do mundo exterior, ao ruído, ao perigo, aos alimentos, ao frio, ao calôr, aos ataques dos micróbios e dos virus. Quando, em animais de raça pura, se injetam quantidades iguais duma proteina estranha, ou duma suspensão de bactérias, êsses animais nunca reagem unifòrmemente, e alguns nem sequer reagem». E conclui finalmente com esta observação, cuja profundidade talvez nem êle mesmo tenha calculado: — «Os velhos são muito mais diferentes entre si do que as crianças. — CADA HOMEM É UMA HISTÓRIA DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS».

O testemunho de Carrel, é o testemunho da ciência, e ficamos apenas surprêsos ao pensar como a ciência dos homens pode aproximar-se tanto da verdade maior, sem notar-lhe a presença. Como vêem, a diferenciação do físico humano existe, sentida pelos animais e reconhecida pelos homens.

O fator imponderável que produz essa diversificação de substância imprime também modificação de formas. Não nos estenderemos na análise das infinidades de formas da vida, porquanto estamos convergindo exclusivamente para a nossa forma atual.

Continuamos com o mesmo autor d'O HOMEM ÊSSE DESCONHECIDO. Esclarece êle : «É certo que cada um pode dar ao rosto a expressão que deseja; mas essa máscara não se pode conservar permanentemente. *Sem o sabermos*, o nosso rosto modela-se, pouco a pouco, pelos nossos estados de consciência. E, com o progresso da idade, torna-se a imagem cada vez mais exata dos sentimentos, dos apetites, das aspirações de todo o ser. A beleza dum jovem deriva da harmonia natural dos traços do rosto; a dum velho — tão rara — manifesta o seu estado de espírito. O rosto exprime coisas ainda mais profundas do que as atividades da consciência. Nele podem lêr-se não só os vícios, as virtudes, a inteligência, a estupidez, os sentimentos, os hábitos mais escondidos dum ser humano, mas também a constituição do corpo e as tendências para as doenças orgânicas e mentais». E finaliza: — «Para aquele que sabe observar, cada homem traz escrita no rosto a descrição do corpo e da alma».

Sabemos que o pensamento, e portanto a moral do indivíduo, pode produzir lesões orgânicas. Que será em síntese essa lesão ? Não será por uma dissonância ao conjunto harmônico da sinfonía que somos nós mesmos ? Quando uma nota musical inarmônica é produzida ao meio de uma sinfonía, todos a percebem, e aquilo passa a ser o mesmo que uma lesão ao nosso corpo físico, porquanto ela é também uma lesão ao corpo físico da melodía. Assim, o padrão moral das criaturas tem relação direta, e muito mais estreita do que se supõe, com o seu equilibrio somático e, mais que isso, com o seu padrão flúidico de condensação. Aquí deixamos Carrel e a valiosa contribuição da ciência.

O conhecimento e a compreensão da preponderância do fator moral em nossa evolução, se nos tornam necessários para aceleração rítmo de ascenção, mesmo porque já nos esclarece a GRANDE SÍNTESE, «o nosso conhecimento nada cria nem desloca, a não ser a nossa própria posição».

Ao procurarmos não a razão, mas o «onde» as mutações que resultam na falta de similitude da matéria física, o ponto em que o fator moral atua e imprime suas características, vislumbramos então a realidade da forma perispirital. Em verdade o perispírito não passa de um duplo dinâmico do nosso corpo, traço de união entre a matéria e o espírito, e que também por fôrça de mutações sutís, evolui e se descondensa, ganhando substância cada vez mais rarefeita, mais energética e menos material. Em futuro remoto, quando nos livrarmos da necessidade benfazeja da carne, será o corpo perispirítico a mais baixa condensação que iremos atingir. E com o decorrer dos milênios, também essa vestimenta será abandonada. A figura de Bittencourt Sampaio, «materializando-se» no plano dos espíritos em formas perispiríticas, com o auxílio de «médiuns», que lhe proporcionavam os fluidos no plano em que estavam, é bem um atestado disso. Lá está no livro «VOLTEI», a figura de Bittencourt, surgindo inicialmente como uma estrêla, ou melhor como um fóco luminoso, sem as características antropomórficas tão nossas conhecidas.

As mutações se fazem, caindo uma a uma as formas, através da melhoria da substância. Ao deceparmos uma flôr, não tenhamos dúvida de que a sua forma dinâmica, ou seja o seu «perispírito», continuou intacto, e que a separação material se processou exclusivamente porque, uma fôrça maior, também material, preponderou sôbre ela. Entretanto a outra forma, em outra substância, isenta a uma direta ação do plano da matéria densa, sobreviveu à destruição e procurará refazer os efeitos da qual é causa. Apropriar-se-á, por ação magnética e portanto automática, de qualquer meio que lhe possibilite exteriorizar, testemunhar a sua existência e a negativa de seu total aniquilamento.

Conosco, o mesmo se dá. Em nossa organização perispirital, cada órgão, cada membro, cada função do corpo físico, tem alí as formas magnético-atrativas, capazes de recompor, em qualquer tempo, a sua pròpria estrutura, desde que isso lhe seja facultado pelos meios, ou que césse a atuação de uma fôrça maior que lhe esteja impossibilitando a recomposição.

Á guisa de ilustração e para melhor entendimento, usaremos de analogia como meio de explicação :

Todos conhecem essa forma de imã que se assemelha a uma ferradura. Por mais que observemos suas extremidades, nada nos fará suspeitar da existência de linhas de energia, que, em caso de lhe serem propiciados os meios, tomarão aos nossos olhos constituições tangiveis e visíveis. E realmente, se lhe for aproximado uma quantidade razoável de fina limalha de metal similar, veremos então surgir um verdadeiro desenho, em forma de linhas simétricas, ordenadas, e que patenteiam assim a existência e ação da energia. Ela se imporá, até seus limites, fora dos quais poder-se-á juntar quanta limalha se quiser, porquanto lhes serão inteiramente alheias. Está assim formado um corpo, cuja essência é a energia, e então diremos : — aí está uma forma, ali está um corpo.

Espiritismo, Doutrina Evolutiva

O Espiritismo de Kardec, graças aos seus postulados, sem dogmas, é uma doutrina de evolução, marchando sempre paralela com os progressos da nossa vida planetária.

No primeiro século de doutrina, os nossos antecessores cumpriram sua missão, na tarefa evangélica, filosófica e científica, nas condições adequadas para aquela época.

Hoje, a evolução em todos os sentidos progride, e os ensinos que persistirem nas repetições podem correr o risco de se dogmatizarem, tomando forma de doutrina estacionária. Não queremos dizer com isto que é chegado o momento do kardecismo passar por qualquer reforma, pois nesta doutrina, mesmo entre os que a estudam, nem todos já se acham compenetrados do seu verdadeiro sentido. Ultrapassar no momento os ensinos atuais, que já são bem dilatados, seria trazer confusão no sêio doutrinário, principalmente entre os adeptos de conhecimentos mais simples.

No entanto, não se pode negar que para o terceiro milênio os nossos ensinamentos deverão estar mais ampliados, pelo menos no campo da ciência terrestre, pois no sentido geral ainda não pudemos sair da ciência do além. Êsse futuro passo evolutivo é um imperativo da lei kardeciana «... progredir continuamente, esta é a lei», e parece-nos que já podemos ensaiar os primeiros conhecimentos, por intermédio apenas dos adeptos que já ambicionam por um padrão de cultura mais elevado.

O caminho indicado de princípio deve ser o da Astronomia, pois através desta maravilhosa ciência entraremos em contato com a maravilhosa obra dó Universo. E' o império dos astros, com seus mundos, sóis, galáxias, e tantos outros deslumbramentos de luzes e côres, pois tudo isto também é espiritismo dentro da ciência. Não devemos pensar que êstes estudos sejam uma rara propriedade que a natureza predestinou para alguns poucos homens de inteligência privilegiada.

No sentido absoluto, não concordamos com êsse conceito.

Devemos lembrar que êsses homens que alcançaram notoriedade também passaram pelas portas do «a b c» inicial por onde todos começam.

E não se duvida de que muitos dêsses sábios, quando se iniciaram nessas lides, partindo de modestos conhecimentos, e já com certa maturidade, talvez nem sonhavam com a posição notória que alcançaram.

Mas nós aqui não estamos insinuando que para estudar Astronomia é preciso tornar-se cientista, ou adquirir cultura invulgar. Podemos estuda-la, valorizando nosso padrão mental, sem que se tenha obrigatoriedade necessária para aquelas pretensões. O nosso objetivo é preparar os que desejam, para que aumentem seus conhecimentos científicos da doutrina, passando da ciência do alem, para a terrestre, pois será nesta que teremos de travar a nossa próxima batalha com os materialistas. Teremos que lutar com êsses opositores dentro de seu próprio terreno, já que êles recusam reconhecer as verdades da ciência da alma, pelos fenômenos do ectoplasma, sobejamente comprovados.

Com isto, não queiram julgar que estamos querendo introduzir qualquer novidade no kardecismo porque êsse empreendimento é apenas uma continuação, antecipada desde já por alguns, preparando o terreno para que no futuro se generalize entre os adeptos da doutrina. É a instrução em marcha.

O primeiro alarme já foi dado por Flamarion, na sua bela obra «Deus na Natureza», demonstrando que dentro dos próprios conceitos das leis da matéria poderemos subjugar o Materialismo.

A oportunidade que apresentamos é ótima para moços e moças que desejam ampliar seus conhecimentos, auxiliando a causa do kardecismo, elevando-se a melhor padrão de cultura, sem prejuizos para os seus afazeres. Mesmo os que não possuam instrução além da primária, também podem se dedicar a essa tarefa, bastando saber ler e escrever correntemente, e também desejo de evolução mental.

Inicia-se pela parte elementar, sem as complexidades dos cálculos ou outras dificuldades, que se pode deixar para mais tarde aos que desejarem prosseguir. Na simplicidade dos ensinos preliminares da Astronomia já há muita aprendizagem para ocupar os nossos momentos vasios, com leituras agradáveis, onde a instrução se alia com as belezas dos céus. Nesse primeiro contato com os astros deve-se começar pelo estudo dos planêtas, suas colorações, volumes, os informes dos observadores sôbre êsses mundos, especialmente de Marte, o outras particularidades elementares, mas sempre ligadas ao sistema solar. Algumas geografias colegiais oferecem noções bastante orientativas. Deve-se solicitar listas de obras elementares nas livrarias das capitais, e adquiri-las pelo fácil sistema de reembolso postal. Tôdas publicações sôbre êsse assunto na imprensa em geral devem ser lidas com atenção, recortadas e colecionadas para futuros informes. As obras romanceadas de Flamarion, que se encontram nas livrarias da doutrina, é valioso auxílio introdutivo, pois ali, o seu autor, o poeta do céu, exalta as belezas da majestosa obra do Universo, sem fugir da realidade. Os estudos devem ser metódicos, portanto sem pressa, para que se ganhe entusiasmo e prazer nas suas leituras.

Aos primeiros conhecimentos conseguidos, como estímulo, aos que desejarem, oferecemos a oportunidade de iniciarem publicações na nossa imprensa doutrinária. Assim, experimentalmente, o iniciante poderá sem receio tentar o seu primeiro trabalho, em linguagem simples, sem complexidades, com esclarecimentos atrativos e acessíveis no sentido popularizado. O número de palavras não deverá exceder de 350, salvo em casos especiais.

O iniciante nos remeterá uma cópia do trabalho, e se o mesmo estiver em condições, a devolveremos acompanhada de uma nossa recomendação para que seja enviada com o trabalho, para o jornal de sua assinatura. Se ali não tiver acolhida por falta de espaço (isto não é difícil), nós mesmos então nos encarregaremos para que seja publicado em outro jornal de nossa indicação. No caso em que o trabalho não esteja em condições de ser aprovado, daremos nova orientação ao iniciante, sem imitarmos aquela crítica cruel do professor que «matou o poeta». O que não se consegue hoje pode se conseguir amanhã.

Os que não se esmorecerem e desejarem prosseguir, sem estarmos exagerando, poderão em breve futuro, tornarem-se jornalistas ou conferencistas, polemistas, divulgando a mais bela das ciências, para que no fim dêste milênio, ou antes, essas verdades da natureza possam começar a se generalizar no sêio da doutrina. E' a obra evolutiva tão recomendada por Kardec.

Essa tarefa também colabora com os fundamentos evangélicos, porque todo aquêle que se abstrai na aprendisagem sadia, está preservando a mente de viciações perigosas para o desenvolvimento evolutivo do espirito.

E com êsses conhecimentos estaremos também vigilantes, impedindo que as falsas ciências supersticiosas, infiltrem-se no sêio do kardecismo, contaminando as nossas verdades, confundindo os espíritas de conhecimentos mais simples.

Os adeptos que já possuem algumas possibilidades podem desde já corresponderem conosco, com toda liberdade, e queiram nos enviar selos para a resposta.

Apelamos para a colaboração da nossa imprensa doutrinária; para que, no futuro, tenhamos mais colaboradores na divulgação científica da doutrina, no sentido geral, revelando o quanto é bela a majestosa obra da Criação Divina.

V. O. CASELLA.

Caixa Postal 153 — Araraquara —
Est. São Paulo

D. GRACINDA BATISTA

O dia 28 do mês em curso registra mais um aniversário de desincarne de D. Gracinda Batista. Não devemos deixar de passar em branco essa data, porque D. Gracinda Batista, a exemplo dos pioneiros do Espiritismo no Brasil, engrandeceu, com as suas obras e o seu devotamento ao trabalho da seara espirita, o nome desta excelsa Doutrina, que só encontrou paralelo no Cristianismo.

No silêncio do seu trabalho cristão, ela fez muito mais pela propaganda da Doutrina do que muitos que querem aparecer sem apresentar obras, apenas palavras. D. Gracinda Batista apresentou obras cujos frutos sazonados, doces, se multiplicam cada ano que passa. Para provar esta nossa assertiva, aí está o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, uma das mais notáveis instituições assisten-

ciais que conhecemos no setor espírita. Ao lado do seu companheiro Onofre Batista, que é um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, ela fez quasi um milagre, o milagre da fé, ao doar à humanidade sofredora um refúgio onde possa encontrar a cura dos seus males físicos, morais e espirituais, se levarmos em conta os parcos recursos de que dispunha na ocasião do início da obra, o casal Gracinda e Onofre Batista. De uma choupana surgiu em pouco tempo um monumento de braços abertos para acolher os sofredores.

Como se não bastasse tão imensa tarefa, que já lhe absorvia o tempo todo, D. Gracinda Batista, que possuía numerosa prole, abriu as portas do seu lar humilde a inúmeras crianças desamparadas que encontraram aí o carinho e o amparo de que necessitavam.

Por tudo isso, e por motivo do seu 11.º aniversário de desincarne, rendemos as nossas homenagens ao espírito de D. Gracinda Batista, almejando-lhe felicidade e progresso constante na Pátria Espiritual.

Que Jesus a abençôe.

País Internacional

General Levino Cornélio Wischral

NO recuado século XIII, lá pelo ano 1291, findava-se a execrável missão das «Cruzadas» que, em nome de Deus e durante quase duzentos anos, encharcara o solo de sangue humano. Pretendia-se, com isso, libertar a sepultura do Cristo do poder muçulmano, nem que fosse à custa da vida de milhares de combatentes, aos gritos de «Deus o quer!»

Mal se saciava a pobre humanidade dessa odienta carnificina e já se premeditava, por essa mesma época, o mais nefando crime coletivo, qual seja o estabelecimento da chamada «Santa Inquisição», com seus «Tribunais» e «Santos Ofícios», diante dos quais até as estátuas pareciam tremer de terror, iniciando-se, então, um período de 520 anos de crimes!

Estas duas manchas negras da História ficaram indelèvelmente impressas na «alma» do nosso orbe, e ainda hoje gemem e gritam, exigindo justiça, pois que, apesar de praticados tais sacrilégios na Idade Média, continuam a ser ouvidas da boca dos martirizados as suas tétricas lamúrias, por entre maldições e protestos de vingança. Por isso mesmo permanece denegrida a aura do nosso planeta. Muitos de seus habitantes, devido a estarem relacionados com êsses crimes do passado, não resgatados completamente, vivem a sofrer e a «ranger os dentes», como se nos dias presentes estivessem também submetidos ao sangrento e bestial suplício de outros e novos «Santos Ofícios».

Foram estes os períodos mais tenebrosos da história da Terra, que continua a chorar lágrimas de sangue, consequentes do esquecimento das Leis de Deus.

Naquele longo período de 520 anos de lamentações e angústias subiam aos céus intensas e desesperadas preces, de mistura com o pranto por vezes impregnado de desespero e ódio. Jesus, o Mestre dos Mestres, Governador Supremo do planeta Terra, contemplava paciente e entristecido o desenrolar da Lei de Causa e Efeito. Era preciso salvar a humanidade, que caminhava para um abismo; entretanto, esperava o Nazareno algum tempo para que os ânimos serenassem entre suas ovelhas revoltadas, até que, lá pelo ano 1390, vendo que naquelas plagas não eram compreendidos os seus ensinos, baixou à região do Cruzeiro, para nela instalar, com sua luzidia comitiva, a Pátria do Evangelho, em local ainda não pisado pelo homem «civilizado». A Pátria do Evangelho seria — como diz Humberto de Campos — um refúgio cristão, espécie de oásis destinado a receber as criaturas comprensivas e fraternas. Seria o país dos que baixassem à Terra em missão celeste, ou que para ela emigrassem para fugir aos terrores das guerras e à confusão de outras plagas; seria, enfim, o éden das pessoas de boa-vontade. E, assim, coube ao Brasil, desde 1390, portanto muito antes de ser descoberto por Cabral, o honroso título de «Coração do Mundo», pela graciosa configuração geográfica de seu contorno, e de «Pátria do Evangelho» por ser a terra da fraternidade. E nós rogamos permissão ao Alto para cognominá-lo de «País Internacional», acomodando-o melhor à nossa atual terminologia diplomática e política !

Depois de tudo resolvido pelo Alto, na magna sessão espiritual realizada sôbre o solo brasileiro, o Meigo Mestre, ao se retirar, deixou instruções a Ismael — anjo de bondade e protetor deste país — para tudo realizar como fôra deliberado.

É por isso que para a terra de «Vera Cruz», assim chamada pelos primeiros portuguêses aquí chegados, vêem se encaminhando até hoje os filhos das mais diversas nacionalidades, como se estivessem imantados ao solo brasileiro, sempre, porém, munidos de um «salvo conduto» que lhes é fornecido em razão de planos imigratórios bem organizados na esfera espiritual.

Para se enfrentarem as enormes dificuldades do início da civilização de então, foram trazidos compulsòriamente para o Brasil, em navios negreiros, milhares de selvagens caçados como féras perígosas nas matas virgens da África distante.

Estes escravos estabeleceram, desde logo, relações de amizade com os nossos índios, que o Alto já tornara bons e mansos antes mesmo da primeira missa rezada na Terra do Cruzeiro. Logo mais, aportaram ao Brasil criaturas cultas, destinadas a implantarem a Fé e o sentimento religioso, vindo a seguir outras destinadas a edificarem o patrimônio material e moral.

E até hoje todos procuram o Brasil ! Os ricos, atendendo ao chamamento do Alto, continuam a chegar na figura do turista curioso ; os artistas e os industriais, no desejo de incentivarem aqui o desenvolvimento de suas especialidades ; os imigrantes pobres, convocados pelos Céus, chegam em grupos alegres e esperançosos, ávidos de uma vida melhor e mais fraterna. E até o afoito clandestino, sem documentos e sem dinheiro, sentindo uma atração que não sabe explicar, para as terras brasileiras se dirige, ainda que escondido em abafado porão de transatlântico de luxo, ou viajando pelo ar, agachado e comprimido na ponta de alguma asa de avião. Outros mais, enfim, atravessam clandestinamente as fronteiras, surgindo no Brasil como se houvessem caído do céu, recusando-se a explicar de onde vieram, com medo de serem repatriados para sua terra natal.

Percebe-se assim que, através das mais diversas vias de acesso ao Brasil, deslocam-se para a nossa Pátria aqueles que anseiam pela fraternidade. E estes peregrinos felizes, quer pareçam bons ou maus, o «Coração do Mundo» recebe com ternura e, do alto do Corcovado, a figura de Jesus abre-lhes os braços afetuosos, como que a dizer-lhes : «Sede benvindos na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo ! ».

Por isso, designemos também o Brasil como o «País Internacional», pois é aqui que as massas humanas, as mais heterogêneas, se entrelaçam, se amam e se multiplicam, dando nascimento ao «homem novo» destinado ao Terceiro Milênio.

No Brasil, tudo se resolve sem as peias e os preconceitos de côr, de raças, de posses ou de religião ! Os que aqui labutam sabem perfeitamente que realmente é assim e pressentem que assim será pela eternidade afora. Nas plagas brasileiras, o branco convive com o preto ; o japonês e o polonês não querem outra pátria senão esta ; o marcial alemão esquece-se do seu gênio guerreiro e se transforma em humilde colono, procurando transplantar a ordem e a grandeza de sua terra para dentro do Estado de Santa Catarina ; o nosso marechal de bordados dourados interessa-se vivamente pela sorte do soldado anônimo ; o bom católico troca idéias com o espírita, ao mesmo tempo que o espírita e o protestante dão-se as mãos para pregarem o Evangelho ; a mãe preta amamenta o filho da branca ; o filhinho da moradora do rico palacete ouve atento a voz da mãezinha que lhe diz : «Vai, meu filho ; vai visitar o Ditinho, que está doente lá no cortiço da esquina» ; a infeliz decaída, sentindo-se arrependida, vai entregar seu rico óbulo ao orfanato pobre, transformando o amargurado dinheiro em cédulas benditas ; o opulento industrial, sentindo-se tocado por Jesus, emprega noventa por cento de seus lucros na caridade e na propapanda cristã ; o advogado, o engenheiro e o milionário trabalham em harmonia, com amizade e alegria, lado a lado do empregado humilde, e o operário, embora pobre, mas serviçal, auxilia sem inveja o seu patrão a ganhar mais, engrandecendo assim o país; raro é o médico que não segue com bondade o crístico preceito do «ide e curai»; o mísero indigente da sargeta, ainda assim, cede de boa vontade o seu capote esfarrapado para agasalhar a criancinha maltrapilha de outro pedinte, seu vizinho; o compreensível padre católico sai de casa alta madrugada, às escondidas, e empurra seu donativo por debaixo da porta do asilo espírita; os espíritas e protestantes compram as tômbolas oferecidas pelo irmão sacerdote católico, para que este possa dar melhor amparo aos velhinhos do seu abrigo. Até as complicadas questões e os obscuros litígios que por veses desnorteiam o país inteiro, criando situações tidas como insolúveis, de consequências graves e tristes, quase sempre encontram, em desacordo com os prognósticos gerais, uma boa solução, totalmente inesperada, chegando até a beneficiar a coletividade; neste caso o rifão popular «Ha males que vêm para bem» nunca teve melhor aplicação.

Só no Brasil podemos observar pessoas bem colocadas, inspiradas por Francisco de Assis, a se exercitarem nos sentimentos de humildade e renúncia, percorrendo ruas e avenidas chiques angariando dinheiro, alimentos e roupas para a «campanha do quilo», destinada a minorar a sorte dos pobres. No Brasil, o homem pode ser pobre, porém nunca morrerá de fome, pois a bondosa e fértil «mãe-natureza» vem em seu socorro e, oferecendo-lhe o nutritivo alimento da terra, diz: «toma aqui a minha suculenta fruta que Deus te dá!»

Por tudo isto, temos certeza de que os Céus nos focalizam com mais generosidade e que, por isso, todos fazem o que Jesus quer, mesmo sem o saber ou o conhecer. A caridade, neste país, é grande, e o amor não fica atrás! Desculpem-nos dizermos esta coisa singular: aqui, até os maus são bons! E' um paradoxo desconcertante — não há dúvida — porém uma grande verdade.

Nesta abençoada Pátria do Evangelho, até os animais se amam melhor: temos gatinhos que sugam o leite nutritivo das tetas da cadelinha; temos a gata, de olhar terno, amamentando ratinhos quem sabe orfãos; temos o cavalo amigo, que chora e relincha pela morte do seu dono; temos o cão fiel que, latindo tristemente, previne de acontecimentos graves; temos o burro prestativo e atento que, de madrugada, acorda a vizinhança para acudir ao patrão acidentado! Outros mil casos poderiamos recordar; retornemos, porém ao assunto da fraternidade humana.

Vejamos alguns fatos mais objetivos; são singelos e até de aparente insignificância; no entanto, para o bom observador, demonstram claramente haver sido a nossa Terra escolhida para missão mais elevada que a de muitas nações. Como cada criatura recebe de acordo com suas obras, da mesma maneira cada país recebe de acôrdo com a sua conduta.

Eis um fato para corroborar a nossa asserção: — Certo filósofo e escritor, ao enviar uma missiva para sua terra natal, assim se expressou: «Enquanto aí, nesse país da velha e exáusta Europa, se mede em milímetros a bondade dos corações humanos, aqui, neste abençoado país, a bondade é calculada por quilômetros.»

Outro fato: — Enquanto aquí convivem, na maior intimidade, crianças pretas, amarelas e brancas, lá longe, num civilizado e democrático país do hemisfério Norte, o governo municipal de uma cidade pede o apôio de poderosa fôrça de carros blindados e, sabem para que? Tão sómente para garantir que uma menina pretinha pudesse frequentar a escola onde só havia crianças brancas e cujos páis não consentiam nessa «mácula».

Enquanto no Brasil o nobre e maternal coração da princêsa Isabel, amparado pela Maçonaria de então, extinguia a escravatura, em 1888, de modo rápido, definitivo, sem sangue e sem complicações, através de uma simples assinatura, limpando dessa maneira a única nódoa de nossa história, essa mesma medida governamental, em outro país, fez explodirem com inaudita violência os ânimos daquele povo, arrastando uma nação inteira a interminável sucessão de guerras civís, tão sòmente para manter acorrentado o precioso e gratuíto capital humano! Essa guerra ceifou, como se fôra uma vingança dos Céus, não escravos pretos, porém milhares de brancos escravizados a intenções negras! Infelizmente, ainda hoje vivem nesse país nossos irmãos de côr, em bairros isolados, não podendo andar ou viajar em companhia do branco, tido como ultra civilizado... E esta ridícula quão terrível desforra continua em pleno século XX, século das luzes e da amizade! Como não deve estar vertendo lágrimas aquela nossa iluminada irmã, a princêsa Isabel, que nos planos espirituais é considerada como «padroeira do Brasil!»

Mais um fato: — Enquanto na capital moscovita, pátria de Ivan, o Terrível, desfilavam no dia 1.º de Maio, Dia do Trabalho, de modo provocador e arrogante, intermináveis filas das mais modernas, malígnas e arrasantes armas atômicas, como uma afronta ao «Não Matarás», do Decálogo, e ao Dia do Trabalho santificante, aquí, em nossas cidades, desfilavam durante horas seguidas os inofensivos e úteis tratores agrícolas, os abençoados e bíblicos arados, os potentes destocadores, as semeadeiras automáticas e o complicado maquinário destinado a rasgar novas estradas em todas as direções. De permeio a estes benditos engenhos, de progresso e paz, notavam-se graciosas exibições juvenís, de bailados clássicos e de ginástica. Não faltavam os enormes mostruários exibindo gigantescos espécimens de frutos, de cereais e legumes, como que para confirmar a exuberância da boa terra de Deus; nem tão pouco faltavam as artísticas viaturas, de brilhantes efeitos dourados e prateados, exibindo gentís mocinhas representando o comerciário, o homem da indústria e o operário. Por fim, desfilaram bem cuidadas carruagens, tipo Luiz XV, apresentando alegorias do lar, carruagens tripuladas por encantadoras e rosadas crianças, que sorriam garbosas e alegres em resposta aos delirantes aplausos de milhares de espectadores. A imensa assistência desta maravilhosa festa parecia, antes, uma e única família feliz. E o pacífico coração desta gente da Pátria do Evangelho sorria contente, enquanto do Alto recebia as bênçãos celestiais para os seus instrumentos de progresso, seus produtos agrícolas e seu modo cristão de viver. Parecia-nos que Jesus, todo exultante e enternecido, dizia entre as bênçãos que caíam dos Céus: «É destes operários que a minha seara necessita».

Mas não é só isso! Em virtude de um fugaz lampejo da Divindade, irradiado em direção à nossa Pátria, todos os habitante foram supridos de amor e de sentimento de caridade. Tocados pelo milagroso influxo dos Céus, todos querem ser bons; todos desejam ajudar e dar muito. Magníficos e imprevistos rasgos de generosidade, não conhecidos em outros países, são constantemente observados no Brasil, onde o povo não costuma se agarrar aos seus haveres, para só largá-los ao lhes visitar a morte incômoda. Se há os que dão medindo, contando e calculando, há em maior quantidade os que dão sem saber a quem, e às mancheias, seguindo os conselhos de São Francisco de Assis, que nos recomenda: «E' dando que recebemos».

E' bem verdade que, de vez em quando, registram-se no Brasil pequeninas faltas de compreensão deste preceito, dando lugar a excessos no desejo de amparar o próximo, mas que bem podem ser classificados como sublimes absurdos... Este por exemplo, ocorrido na capital de São Paulo, e que ilustra muito bem quão grande e bondosa é a alma do povo. (Aliás, rimo-nos a valer, ao nos ser contado): Um operário, após ao almoço, sentindo-se cansado e sonolento, sentou-se, conforme era do seu costume, na calçada do prédio em que trabalhava, recostando seu corpo à parede para o gostoso e habitual soninho de quem está com o estômago bem satisfeito... Começando a cochilar, caiu-lhe o chapéu, com as abas para cima, junto ao corpo adormecido. O primeiro transeunte, passando pelo sonolento, lança de imediato, dentro do chapéu do operário, o seu cruzeiro, por julgá-lo um pedinte. Outros e mais outros foram passando e também jogando suas esmolas por cima do primeiro cruzeiro. A involuntária colheita crescia a olhos vistos. O feliz «mendigo», ao acordar da sesta benéfica, procura o chapéu que lhe caíra da cabeça e dá com o estranho e milagroso montão de cédulas e moedas, ficando confuso, num misto de vergonha e de estupefação...

Os olhos dos caridosos samaritanos que por ali passavam haviam visto, certamente, naquele homem que ali se achava, de chapéu no chão, um pobre pai carregado de filhos ou, então, um abandonado da sociedade, ou mesmo um doente desfalecido; todos, entretanto, haviam reconhecido nele um irmão digno de ser amparado com urgência e, por isso, os mais variados pensamentos de piedade haviam impulsionado as cédulas bancárias para que elas se transferissem de uma algibeira para outra... Refeito, agora, do espanto, o nobre operário recolheu os oitocentos e poucos cruzeiros do chapéu e, de fisionomia radiante, entregou-os a um orfanato defronte.

Finalmente, mais outro caso vamos narrar, mostrando a benevolência das boas almas brasileiras. A cena foi rápida, e observada nas proximidades de uma estação ferroviária.

Um destes nortistas magríssimos, apelidados de «pau de arara», apertando com ambas as mãos o seu estômago, achegou-se a um policial de fisionomia dura e circunspecta: «Seu guarda! Estou com fome! Não pode, não, me dar uns cobrinhos para comer qualquer coisa?» A resposta foi sêca: «Tenho oito filhos para sustentar, e as coisas andam pretas; ouviu?» Porém de imediato, como que voltando a si, condoído do esfomeado, assim falou ao caipira: «Olha cá, seu bobo! Sente-se aí na calçada, ponha seu chapéu no chão, faça um arzinho de vencido da vida, junte as mãos e diga umas palavrinhas chorosas aos transeuntes...» Mas, seu guarda — retrucou o homem — e... se me prenderem? «Pode confiar em mim; garanto que você terá um bom jantar; vou fingir que nada estou vendo e ninguém há de o importunar!»

Pois bem; em menos de uma hora —vejam só!—lá estava o roto chapéu de palha cheínho de cruzeiros até à borda. O bom nortista nunca vira tanto dinheiro junto em suas mãos. E, enquanto o sertanejo embarafuscava por um botequim a dentro, em busca de gostosa farofa de carne-seca, ia dizendo em voz bem alta e cheio de contentamento: «Êta gente boa!»

Eis aí uma pequenina amostra da generosidade do nosso povo.

Tacham-nos de otimista, dizendo que enxergamos as coisas tão sòmente pelo lado bom; pois sejamos realmente otimistas, pondo em relevo o que se pratíca de bom, em lugar de acobertar com o nosso silêncio os atos daqueles que têm as mãos fechadas, com receio de perder sua tão chorada dádiva.

Que estes fatos sirvam de exemplo para os nossos irmãos de outros países, de onde, aliás, nos enviam, de vez em quando, «presentes de grego», como se diz na gíria... Ainda agora, enquanto cantarolamos inocentes e melancólicas toadas, imitando o bom caipira ao violão, em noite de luar, lá de país distante enviam-nos, para corromper a juventude, o eletrizante e endiabrado «Rock and Roll», cujo rítmo alucinante representa com exatidão o bailado da «prostituta» do Apocalípse, reinando agora em plena liberdade! Resta-nos a esperança de que na Pátria do Evangelho essa loucura não logre fixar-se.

Praza a Deus que, num futuro próximo, estejam todos os responsáveis pelo Brasil suficientemente iluminados pela luz do Cristo, para que, movidos pela compreensão e pelo amor, possam influenciar as demais nações no sentido de que não só cuidem da juventude como também adotem, em suas terras, a forma de governo que Jesus instituiu nesta sua e nossa querida Pátria do Evangelho, sob o estandarte do «Amai-vos uns aos outros!»

PAX!

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

41) Passei a ver no Germano uma criatura social e intelectualmente admirável. Quase não prescendia dele nas minhas tertúlias litero-sociais...

42) Mas, o Germano era politico. Seabrista rôxo! Um dia, numa conversa íntima, discordei de seu calor político. A política, nunca foi, na verdade, o meu *fraco!*

43) O Germano se aborreceu muito comigo! Saiu de minha casa, sem se despedir de ninguém e mandou-me a sua, de volta, o postal com a fotografia de nós ambos. Fotografia batida, aliás, a seu pedido, para que «tudo nos unisse e nada nos separasse.» Uma devolução acintosa.

44) O *tigre*, que dormia dentro de mim, despertou, assanhado. E eu, rápido, cortei a fotografia pelo meio, devolvendo-lhe a sua cara com esta explicação: «Se uma bobagem politica nos separou agora, é porque nada nos unia. Fique-se com a sua foto cara, que eu

fico com a minha pessoa e *carêta.*»

* * *

45) Eu havia fracassado na literatura, publicando maus livrecos de versos e dramas. Se eu elaborasse um, de prosa?

46) Havia lido «*Tristezas á Beira Mar*», de Pinheiro Chagas. «*As Noites da Virgem*», de Vitoriano Palhares. Aquela literatura me arrebatara. Se eu procurasse imitar aquilo, numa prosa bonita?

47) Elaborei, então, um opúsculo — *Primavera* — O primeiro capitulo era a descrição de um idílio amoroso, entre uma jovem e uma rosa que ela despetalava, apaixonada, a lembrar-se de alguém. Á jovem, a filha de meu velho professor de *Itacaranha*. Eu, o alguém lembrado.

48) Mostrei o meu *Primavera* ao Coelho Borges. Gostou muito. Chegou a dizer «Vamos publicar isso de sociedade? Colocaremos os livros e dividiremos o apurado.»

49) Concordei. Levei os originais à *Tipografia Brasil* e dei até cinquenta mil reis por conta dos trezentos que pagaria por sua impressão, dinheiro adiantado pelo sócio.

50) o tipógrafo demorou muito com a impressão. Indenizou-me do adiantamento, nas vésperas de minha primeira viagem ao Rio, ficando com os originais, para entregar-me depois. Não me entregou, entretanto, os originais. Sumiram naturalmente, misturados aos papéis sujos de sua tipografia...

51) Tentei, como honesto meio de vida, uma produção de sorvetes. Obtive duas sorveteiras de cinco quilos cada. Preparava o sorvete e vendia, alegremente, à porta de casa. E a outra, um rapaz, o Lucas, ia vender à *Praça Castro Alves*. Vendeu muito nos três primeiros dias. Aquilo me animou, sobremodo. Mas, o rapaz acabou desaparecendo com sorvete e sorveteira, com dinheiro e tudo.

* * *

52) Uma viagem ao *Rio de Janeiro* andava, de hà muito, me seduzindo. O Rio era uma coisa que seduzia, como ainda seduz, aos moços aventureiros, inteligentes, idealistas, diligentes. Era esse meu caso...

53) Mas, eu sonhava com o Rio um sonho grande e bonito: o sonho de chegar achar logo o que fazer, residir no Rio para voltar, depois, a Salvador, afim de casar-me, afim de conduzir a esposa, a mãe e irmã para junto de mim.

54) Disse meu grande sonho à minha mãe. Ela confiava, demasiadamente, em mim. Concordava, assim, com o que eu deliberasse, tanto mais, não tendo, ainda, de que se arrepender de sua confiança no filho...

55) Mas, a namorada... ficou para pensar mais calmamente

56) Contudo, eu continuava me preparando para a viagem.

Consegui cartas de muitas casas comerciais para seus correspondentes na Capital Federal e preparava uma versalhada somenos, mas que ainda me pareciam maravilhas de inspiração, de técnica literária, de bôa poesia.

57) E ia datilografar aquilo tudo, escrevendo a máquina com dois dedinhos na *Associação Caixeral*, por influência do Secretário da Instituição, o Feitosa Campos.

58) Esse Feitosa Campos, um bom rapaz, que até escrevera uns versos quebrados no primeiro album de impressões que eu tive, formava, por assim dizer, com o poeta Lidio Santos e Aurea Viana, os intelectuais de Salvador, com quem mantive o primeiro contato, que foram as minhas primeiras amizades literárias.

* * *

59) Havia outro poeta, A. S. apelidado de *Castro Alves em pó*, porque de Cachoeira também, que publicara um volume — *Pérolas* — de poesias. — Procurei aproximar-me dele. Mas como eu havia dito que suas pérolas eram falsas, como os meus versos...

60) O velho Constantino G. Carvalho era outro poeta romântico. Tinha a mão esquerda deformada, como deformados eram, também, seus versos. E como gostava de mostrar-mos e de ouvir a minha opinião, como se minha opinião tivesse qualquer valor literário!

61) Tinha, contudo, estrofes assim, como esta, que digo, ainda, de cór:

> «*Minha bela Cecilia, a vida é esta:*
> *Do berço ao túmulo a verdade existe,*
> *De tudo o mais que no viver consiste,*
> *Dúbia esperança poucas vezes resta*».

62) Outro versejador, que fôra ma-

rinheiro, expulso por seu espírito de revolta e conspiração, jogador e irreverente, amigo de meu irmão José, sabendo que eu gostava de versos, dizia-me também, os seus.

63) E' de sua autoria esta quadra petroleira, que decorei. Aliás, uma das mais suaves de sua versalhada dirigida *aos Senhores Políticos :*

Se vem um, come dinheiro,
Vem outro manda fazer.
Aquele já comeu muito,
Este, agora, quer comer...

64) E foi até ao Lidio e ao Aureo a quem mostrei, uma noite, na *Confeitaria Esmero*, no *Terreiro*, a minha primeira produção poética em letra de fôrma; o soneto sôbre a morte do «Barão Rio Branco», publicado como matéria paga, na quarta ou quinta página do *Jornal de Notícias*, entre anúncios. Eles leram, sorriram, olharam um para o outro significativamente, penalizados, talvez do poetastro autor dos versos...

* * *

65) Apareceu na Bahia um Rodolfo de tal. Uma conversa atraente, que era capaz de prender a gente, uma noite inteira, a uma cadeira de *Café*, ouvindo suas histórias, seus casos de literatura e de conquistas amorosas, suas impressões do Rio.

66) Disse me, por mais de uma vez: «Você deve ir para o Rio. E deve ir para a Imprensa. Deve preferir a imprensa. E' uma vida mais condizente com as suas inclinações literárias. E, se eu estiver, nessa época, no Rio...

* * *

67) Fundou-se, na Bahia o *Jornal Pequeno*. Propriedade do Dr. Metodio Coelho, direção do dr. Lemos Brito. A despeito de já com a cabeça virada para o Rio, consegui um lugar de revisor. Trabalhava com o estudante Xavier de Oliveira, que seria, depois, médico, inimigo ferrenho do Espiritismo, de quem eu teria de refutar, mais de uma vez, muitos argumentos contrários, insensatamente, à Doutrina Espírita, aos fatos espíritas.

68) O *Jornal Pequeno* saía muito empastelado. O diretor chamou, uma tarde, a atenção do proprietário para a revisão, que deixava muito a desejar. Dr. Metodio mandou apurar a responsabilidade dos revisores para a exclusão do culpado.

69) Eu que já vinha observando e sentindo, desde pequeno, como as coisas me eram hostís, com o destino sempre avêsso, não me poupava, percebí logo tudo. Eu seria o primeiro alijado...

70) Assim sucedeu. O jornal continuou saindo empastelado e teve pouca duração, infelizmente.

* * *

71) O namorado da irmã de minha namorada disse-me de uma conversa que teve com a minha, a meu respeito. E o que dela ouviu sobre o nosso namoro: «Estava esperando oportunidade para me dar o *bilhete azul*, porque estava sentindo e vendo que eu era um namorado sem futuro. Principalmente, levando em conta a minha mania de literatura, a minha paixão pelas letras...

72) Não esperei mais nada.

Reuni suas cartas, empacotei-as direitinho e devolvi-lhas, cavalheirescamente, com duas linhas de rompimento, de despedida ...

E abreviei minha viagem para o Rio...

○ ○

REFLEXÕES

O homem raramente se sente feliz porque a felicidade que êle busca é a felicidade ilusão, aquela que se prende unicamente às efêmeras cousas materiais e que, por isso mesmo, desaparece com a mesma facilidade e rapidez com que desponta.

—:—

Só pela prática do Evangelho de Jesus conseguirá o homem conquistar a verdadeira liberdade, porque esta, só existe realmente no espírito emancipado de erros.

OSCAR F. CARNEIRO.

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

OS fatos comprovativos da dualidade do homem: — Espírito e corpo — da ação do Espírito fora do corpo e da sua sobrevivência, e ainda da comunicação dos Espíritos desincarnados com os homens, são já em tão grande quantidade, que se torna muito difícil agrupá-los e classificá-los; eles são de tal quilate comprovativo das verdades transcendentes que encerram e que constituem o Espiritismo, que se torna inteiramente impossível refutá-los e negá-los.

Tais fatos são verdadeiramente irrefragáveis; mas, não são de menor valia comprovativa nem possuem menor influxo persuasivo da existência dos Espíritos, da sua comunicação conosco e da sua Ciência, os argumentos da Razão, que têm jús à primazia na consideração do censo comum, pela sua natural superioridade.

Diz a razão, que a matemática não serve o mineral nem o vegetal nem os seres irracionais das diversas faunas que povoam o globo terráqueo; ela serve apenas o homem. Mas o homem é efêmero, porque tem uma vida curtíssima, e a matemática é eterna, porque dois mais dois são quatro, hoje, ontem e amanhã; temos, portanto, o transitório dominando o perpétuo, o eterno ao serviço do efêmero: colossal paradoxo que a Razão rejeita inexoràvelmente! Logo — esclarece a Razão, — a matemática não serve o homem somático, o homem orgânico; ela serve, unicamente, o indivíduo espiritual, porque só êle sabe servir-se dela, e utilizá-la nas suas aplicações concretas e abstratas. Sem esse princípio inteligente, denominado Espírito, que anima o homem, a matemática de nada serviria ao homem físico como não serve ao ser irracional nem ao vegetal nem ao mineral. A Razão conclue, portanto, que sendo a matemática uma ciência, do eterno, o Princípio inteligente que dela se sabe servir, tem de ser também eterno; mais ainda, que todas as ciências eternas e transitórias são produto do Espírito, visto que só êle sabe e pode servir-se delas a seu talante, quasi; que o Espírito é soberano da matéria, pois que a êle todas as coisas são sujeitas e todas elas utiliza inteligentemente.

Dentre todas as ciências, a que merecia o primeiro lugar, na instrução dos povos, devia ser aquela que trata da vida espiritual, da ação dos Espíritos em todos os planos da Criação, fora e dentro do organismo físico que lhes serve de veículo nos diversos estágios da vida experimental, isto é, aquela a que ora chamamos, Ciência Espírita.

Portanto, o Espiritismo é uma ciência essencialmente eterna, com mais justa razão do que qualquer outra por tratar da verdadeira vida espiritual, e é variável nas suas inúmeras aplicações como as demais ciências do eterno.

Por não ser possível repetir-se algumas das suas experiências, à vontade de cada experimentador, ela não deve ser condenada nem rejeitada por menos verdadeira, visto que sucede o mesmo com todas as outras.

A matemática tem progressões que são pràticamente inaplicáveis; ela diz, por exemplo, que, se um operário chapeleiro fabrica um chapéu em 60 minutos, sessenta operários fabricariam um chapéu igual em um minuto; não é possível; contudo, ninguém, cuja cabeça não é apenas um cabide, se atreverá a dizer que a matemática é uma batata.

Pessoa alguma é capaz de produdir, a seu bel prazer, um arco iris, no espaço, e muito menos, lhe é possível atravessá-lo; tão pouco pode produzir, à sua vontade, uma aurora boreal, e provocar a queda dum aerolito ou a aparição dum comêta. As distâncias interplanetárias, o volume e o pêso dos astros, a sua constituição química não se podem confirmar pràticamente; no entanto ninguém rejeita nem nega nem se atreve a dizer que são falsas, as ciências correspondentes a tais fenômenos.

A medicina, pela sua fundamental virtude de curar enfêrmos, é essencialmente eterna, mas extremamente variável nas suas múltiplas aplicações, até em casos igualmente classificados. Eis porque, há mais de dois milênios, o velho Hipócrates dizia já que havia doentes e não doenças. Insucesso ?... Confirma-os o antigo conceito: – «onde Hipócrates diz que sim, Galien diz que não?»

A criminologia, também do eterno pela sua primordial faculdade de reparar delitos e corrigir deliquentes, não é menos variável na sua aplicação. Em dois casos de homicídio, por exemplo, ela pode absolver o autor dum, por ter sido involuntário e em legítima defesa; ao do outro, acharia pouco a aplicação da pena capital por ter sido premeditado, provocado e cometido com sádicos requintes de crueldade, no entanto são dois homicídios, dois crimes iguais, podendo ser o primeiro caso de mais graves consequências sociais por ser um chefe de família que pode ficar à mingua, e o outro, um Zé Ninguém que não tinha onde cair morto, como diz o vulgo. Injustiças ?... Pelo menos uma, aquela que Pilatos confessou lavando as suas mãos: a condenação de Jesus Cristo.

Por ventura, o agricultor desdenhará, com razão, da arte de estivar um navio, de o manejar e conduzir, pelo vento através dos mares ? E o marinheiro fará o mesmo, da experiência do velho cultivador na condução do arado, no amanho da terra, na cultura de uma das maiores riquezas dos povos, quando é certo que ambos sabem distinguir nos astros a sua orientação ? ! E, um e outro, rirão, com motivo, da sapiência do astrônomo ? E o astrônomo mofará, de igual modo, da sabedoria do astrólogo, quando é certo que, uns e outros, se baseiam na situação e movimento dos astros ! ? Não, por certo, não desdenharão, ainda que cada um ignore a ciência dos outros. Manda a prudência, que não devemos mofar daquilo que não conhecemos; e aqueles que mais de perto lidam com o incognoscível são sensatos, prudentes e respeitadores da sabedoria alheia.

Insucessos... Não contam nem se contam na vida milenária das ciências; se têm alguma influência é apenas como incentivo. Se os fracassos fizessem recuar os verdadeiros investigadores, ainda agora estaríamos na idade em que o martelo era um seixo. Ícaro jamais derreteria as azas que o levaram ás alturas onde os modernos «ícaros»» queimam as dos seus aviões.

E' que os insucessos das experiências de qualquer ciência não autorizam, seja quem for, a rejeitar, a condenar, como falsa, a ciência em questão. Não é pelos efeitos de experiências mal conduzidas que se deve julgar as ciências correspondentes e muito menos negar-lhes a razão de ser.

Na investigação criteriosa dos fatos, na apreciação, liberta de preconceitos, desapaixonada, inteiramente imparcial, das aquisições acumuladas por indivíduos representando o mais elevado expoente da inteligência humana, diz a Razão, que a Ciência Espírita é uma ciência do eterno, precisamente por ser aquela que trata exclusivamente dos Espíritos — realidade das realidades —, verdadeira vida espiritual; e se, por este superior motivo, ela não merece a primazia no estudo e na investigação, seja, ao menos, julgada em igualdade com as demais ciências consideradas do eterno.

SÍNTESE DA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE

I — A primeira fase é a do paganismo ou materialismo, a nossa infância espiritual, intelectual e moral, que se inicia de marco zero, partindo da chegada do homem à Terra e que se prolonga até o advento do Judaismo, em 1.500 anos antes de Cristo, durando milhares de anos. Nessa longa fase de animalidade e de sombras densas, criamos a nossa cultura e a nossa civilização material, intelectual e amoral, pagã, daqueles tempos longinquos. Aprendemos, nêsse longo período, a cultivar o sólo, a caça, a pesca, a guerra. Domesticamos o cavalo, o boi, a cabra, o carneiro, o camelo, o elefante, o porco, o cão. Aprendemos a comer o trigo, o arroz, o milho, a uva, frutos e raízes, caça e pesca. Fizemos o nosso rancho de pau a pique, coberto de folhas de palmeira. Depois fizemos nossas vestes de péles e pêlos de animais e de fibras tecidas pelas nossas próprias mãos, bem como as nossas tendas, como nômades pastores a procura de ricas pastagens e de águas abundantes. Depois aprendemos a trabalhar a pedra, o barro e a madeira e fizemos construções mais sólidas e duraveis, defendendo-nos dos inimigos e das intempéries do tempo. Adoravamos, como divindades superiores, que acreditávamos dar vida aos homens, aos animais e as plantas, o Sol, o boi e ídolos criados pela nossa imaginação. Aprendemos a viver em grupos, a família e a tribo, dada a hostilidade do ambiente e criamos a fala, a linguagem oral, como meio de comunicação dos homens entre si Fizemos, então, o arco, a flecha e a lança como armas de ataque e de defesa. Conhecemos e nos utilizamos do sal como tempêro para nossa alimentação que passou a ser cozida e assada. Esse longo período é chamado de prehistórico, legendário, primitivo e selvagem.

II. — O Judaismo deu ao povo judeu, de 1.500 antes de Cristo, com Moisés, como ponto de partida, ao advento do Cristianismo, em 29 da era Cristã;

1). — A idéia de um grande e poderoso Espírito, Criador, Conservador, Renovador do Universo, Mestre, Governador, Legislador, Condutor e Juiz do povo judeu;

2). — A idéia de um espírito imortal que habita o corpo humano;

3). — A aliança entre o Uno Eterno e o povo judeu, escolhido por Êle para espiritualizar a humanidade. Esta aliança é simbolizada pela arca que guarda as Leis Divinas, encerrada no Santuário;

4). — As leis espirituais e morais, eternas e universais, para todos os tempos, lugares e situações, dada ao povo escolhido, pela Divindade Única, por intermédio de Moisés, no monte Sinai;

5). — A idéia de recompensa para os que obedecessem à Lei e de punição aos que não a cumprissem;

6). — A Revelação Espiritual como meio de comunicação da Divindade com os homens e os Profetas, como oradores inspirados, verdadeira escola viva de espiritualização e moralização do homem;

7). — Todo o chamado impròpriamente Velho Testamento, constituido da Lei, dos Profetas e das Escrituras, como ensino gradual de espiritualização superior;

8).— As línguas hebraica e aramaica como meios de comunicação dos judeus entre si e dêstes com os anjos do Reino Divino, os espíritos santificados dos mortos;

9).—O alfabeto, a escrita, o papiro, o pergaminho perpetuando a cultura e a civilização judaica;

10). — O Templo de Jerusalém e as Casas da Comunidade em todo o seu território e onde existissem comunidades judías, nos países estrangeiros, para estudo e interpretação dos textos, os rituais, os sacrifícios a cargo da Casta Sacerdotal, criada para esse fim;

11). — A promessa da vinda do Messias, o Salvador dos homens;

12).—A cultura e a civilização moral.

III. —O Cristianismo deu ao mundo todo, de 29 a 313 da nossa era, de acordo com as promessas do Altíssimo:

1). - O Senhor e Mestre, o Messias esperado pelo povo judeu e sua Escola Oral ambulante, como processo de educação espiritual completa do homem, para a vida eterna;

2). — As obras da fé e das virtudes e a prece como meio de elevação espiritual e de comunicação com os espíritos superiores, como estílo de vida espiritualizante;

3). — Os ensinos do Senhor como doutrina de salvação para todos, pela reeducação cristã da personalidade pagã do homem do mundo, que deve se transformar em espírito consciente a caminho da eternidade;

4). — A promessa do Reino do Altíssimo para todos os seus discípulos e servidores que perseverarem na fé e nas virtudes ativas e passivas até à morte do corpo físico;

5).—Jesus fundou a sua doutrina no culto interior, na vida interior, com a renegeração, purificação e iluminação da personalidade humana, o templo vivo do Altíssimo, o verdadeiro tabernáculo do Senhor e Mestre, a casa real do Espírito da Verdade. Assim, o discípulo verdadeiro do Divino Mestre é um vaso escolhido e por isto mesmo precisa ser um vaso limpo, puro, iluminado, perfeito, para que o Senhor habite em nós e faça em nós a sua morada. Por isto mesmo o Senhor e Mestre combateu o culto exterior, os rituais, os sacrifícios, ordenando a destruição do Templo de Jerusalém e o extermínio da casta sacerdotal como prejudiciais ao progresso espiritual da humanidade;

6). — A expansão dos chamados impròpriamente Velho e Novo Testamento a todos os povos da Terra, destruindo as fronteiras internacionais, criando a confraternização e a solidariedade das nações, dos povos e dos homens entre si, como uma só familia universal;

7). — A promessa da vinda do Espírito da Verdade que desceria dos céus e passaria a morar com seus discípulos, na Terra, até o fim dos tempos, depois da morte e ressurreição do Senhor.

IV. — O Catolicismo deu à humanidade, de 313 a 1856 da nossa era, quando entrou em declínio:

1). — A Vulgata, a tradução dos livros sagrados para o Latim, a sua língua oficial, com o nome grego-romano de Bíblia;

2). — O Papado, o Clero, a Igreja, como organização política e econômica, de fundo religioso, com fundamento na autoridade, no poder temporal e no privilégio de casta, como um estado dentro do próprio Estado, cobrando, em carácter obrigatório, as taxas de laudêmio e aforamento, como proprietária de terrenos foreiros em todas as paróquias e a venda do seu ritualismo como mercadoria destinada ao comércio, para a sua própria manutenção e enriquecimento, contrariando os princípios ideológicos do Cristiatianismo primitivo e original;

3). — O culto exterior, imitando o paganismo: a missa, a reza, as procissões, o culto obrigatório das imagens, vestes sacerdotais especiais e diferentes do comum do povo, rituais e gestos, com seus templos suntuosos, com o fito de escravizar a mentalidade do povo, que conserva em estado de ignorância espiritual para esse fim;

4). — O Código de Direito Canônico, como organização mundana e jurídica da Igreja, através de rígida disciplina que mantêm a coesão do clero e dos fiéis, com menosprezo das Leis Divinas e do Espírito dos Evangelhos, que substituiu pela própria doutrina;

5). — O inferno, o purgatório, o céu, o diabo;

6). — A Teología, como enciclopédia católica, a escola e o ensino do humanismo intelectual;

7). — A interpretação material dos textos, como privilégio próprio;

8). — A Rebelião chamada Reforma, do Protestantismo, da Igreja Grega e da Igreja Russa ortodoxas, que lutaram para destruir o culto exterior, a preponderância do Papado e do clero romano, reconduzindo-se ao Espírito do Cristianismo primitivo;

9). A abolição do intercâmbio espiritual com o mundo Espiritual superior, procurando destruir a Revelação da qual o Espírito do Cristianismo é seu fundamento.

V. — O Espiritismo deu ao Universo, de 1857 a 1957, em cumprimento às promessas do Senhor e Mestre:

1). — A era, a cultura e a civilização espiritual por excelência;

2). — As reincarnações sucessivas impulsionando o progresso espiritual coletivo, com fundamento na Sabedoria, na Justiça, no Amor e no Poder do Altissimo;

3). — O ensino espiritual superior, o intercâmbio cultural e de solidariedade entre os dois planos o Espiritual e o hominal, através da Revelação;

4). — O conhecimento da vida espiritual de além túmulo, em suas diversas situações, da inferior à superior, através da intuição, de sonhos, de desprendimentos, de mensagens e livros ditados pelos Espíritos Superiores, formando excelente, rica e vasta biblioteca espiritualista;

5). — A destruição das barreiras existentes, até então, entre o mundo inferior dos homens encarnados, com o superior, dos espíritos humanos desencarnados;

6). — A interpretação espiritualizante das Leis, dos Profetas, das Escrituras e das Memórias dos discípulos do Divino Mestre;

7). — A formação da personalidade cristã do homem, pelo conhecimento da vida e da verdade espiritual, pelo amor divinizado e pelo trabalho construtivo e edificante que se projeta além da morte e da ressurreição, pela vida eterna, confirmando os ensinos do Divino Mestre;

8). — A extensão do ensino espiritual de acôrdo com a evolução do nosso tempo;

9). — A Doutrina Espiritual ditada pelo Altissimo, ensinada pelo Divino Mestre e pelos Espíritos superiores, renovará a personalidade humana e implantará, na Terra, com as bençãos do tempo e das reencarnações sucessivas, a Sabedoria Espiritual, a paz, a luz, todas as virtudes cristãs, santificando o santuário interior, estendendo o reino do Pai à humanidade terrena, já então espiritualizada.

BIANOR MEDEIROS.

21-1-1957

LIVROS E AUTORES — LÉOPOLDO MACHADO

DEUS E O MONSTRO, de *Gonzaga de Mello*

Este, o título de um opúsculo de 42 páginas muito bem impresso, que o autor nos ofereceu com esta dedicatória: «Ao bom e digno amigo de muitos anos, Professor Leopoldo Machado, minha homenagem — na oferta dêste modesto trabalho espiritualista. — Você conhece de velha data minha sinceridade, e compreenderá, portanto, meu escôpo de verdadeira caridade, rabiscando êste opúsculo, que colima livrar o Homem dos recálques e mêdos — ao encarar a Morte e Deus... Saúde do corpo e do espírito, eis o que significa o abraço do velho amigo Luiz G. Mello. Rio 14/12/56».

E na capa, num retângulo, advertência que não espera aplausos, mas compreensão.

Compreendemos seu opúsculo, seu pensamento.

Estamos cento por cento com os seus pontos de vista.

A prova? Temos uns sessenta volumes que aguardam nossa leitura e nossa opinião. Livros também de amigos distintíssimos e caros ao nosso espírito. Mas seu trabalho, pelo título, fora do comum e por ser volume de poucas páginas... sua leveza... e a originalidade do assunto... É que, a essa altura, e em face de nosso estado de saúde, sempre periclitante, só coisas assim, leves e originais, vão sendo lidas, julgadas, e, insuficientemente apreciadas por nós.

Conhecemos seu autor durante aqueles exames por bancas, nos colégios do Brasil, nos dias anti-Getulianos, na vigencia da Lei Rocha Vaz, antes de 1930. Êle fôra o chefe da turma examinadora de uma zona de Minas. Examinamos sob sua direção em *Varginha* e *Muzambinho*. Guardamos, ainda, as melhores recordações dos companheiros, menos um: um examinador metido a Sabe-tudo, a entender de tudo, a dirigir e resolver melhor do que o próprio chefe o serviço.

E tivemos com esse examinador, um dia, em *Varginha*, sério bate-boca. Que lufo forte de palavras ásperas, de parte a parte...

—

Depois, os bons fados levaram-nos a pregador espírita, itinerante. Conhecemos, nessa fase um homem de bem, espírita: O dr. Levindo Mello.

Um dia, recordando, saudoso, aqueles dias bonitos e de muito trabalho dos exames por banca, em colégios por aí afora, falámos, cheio de gratidão, no dr. Luiz Gonzaga de Mello, o chefe da turma daquela zona de Minas.

— O Luiz é meu irmão — diz-nos o Levindo Mello.

Seu irmão. Eu devia adivinhá-lo, pois pela distinção e bondade...

Depois, fomos prègar em Belo Horizonte. Aliás, a primeira vez. E fizemos, então, amizade com o resto da família. Seu pai se fez um dos mais entusiasta de nossa oratória. Até conservamos fotografias tiradas juntos. Ainda conservamos o quadro a óleo, oferta de sua irmã Gabriela, em nosso quarto de dormir que, se não tem preciosidades de arte, tem nas paredes quadros e figuras que recordam amizades puras e boas.

Como é bom recordar, aquí e ali, coisas bonitas e emotivas!

—

Vamos, embora superficialmente, ao opúsculo *Deus e o Monstro,* que traz na capa um retângulo vinhetado:

Não esperamos aplausos.
Almejamos compreensão.

Parece que compreendemos seu opúsculo, que o sentimos. Evoluímos, felizmente, para a compreensão de seu pensamento escrito, essa coisa que não seria fácil antes.

Gonzaga de Mello é deista. Mas, seu Deus é o criador de todas as coisas, de todos os sêres. Criador e pai. E o Monstro? O Deus restrito e estreito, vingativo e rancoroso, que os homens criaram. Deus brancos e loiros na Europa e pretinhos, pretinhos na África, conforme a observação de Paulo Montegazza, no seu *Caracteres Humanos.* O Monstro é o Deus, portanto que os homens criaram insensatamente, egoìsticamente, exclusivistamente. Cita Gonzaga de Mello três radialista, um padre, um pastor protestante, um espírita que está apresentando aos ouvintes, um Deus que lhe tem sabido bem ao espírito. O espírita citado é o Alziro Zarur, da *Rádio Mundial,* da L. B. V.

Também nós estamos, como cristão

e espírita, com o Alziro Zarur, com a L. B. V. Somos, assim, e muito desvanecidamente, um daqueles «escritores, polemistas— e chegamos a manter 26 polêmicas e das mais sérias que já houve entre espíritas e profitentes de outros credos e sem credos nenhum! — e pregadores espíritas que emprestam solidariedade a L. B. V...»

Deus e o Monstro não é assunto para um opúsculo de 42 páginas, formato reduzido, bem impresso. *Deus e o Monstro* devia ser posto em milhares de milhares de volumes e distribuidos alhures, principalmente entre gente de mais fanatismo, de mais fanática religiosidade. Seria ótimo que toda gente conhecesse o Deus verdadeiro e o libertasse das «garras deste pigmeu desconhecido de si mesmo, que é o homem». E concito o homem a se livrar das dores inexoráveis deste mundo, dores agravadas pelos deuses que a insensatez humana descobre defronte do próprio espelho «assim a Terra», que é um planeta de sofrimento, seria aquele lugar de castigo se Deus tivesse de criar esse lugar, disse o autor e nós estamos de acôrdo com ele.

Estamos de acordo, plenamente de acôrdo com os seus pontos de vista. Compreendemo-los e sentimo-los.

Aquí deixamos a prova disso.

Crônica Estrangeira

Não foi um sonho!

De «Estudos Psíquicos».

Há certos fenômenos que exercem estranho poder nas pessoas mais inteligentes e pouco atreitas a sugestões. O caso que vamos narrar, publicado em *Two Worlds* de 27 de Novembro de 1954, é deveras chocante e obriga a meditar. Se algum leitor tiver explicação racional para êle, com prazer a publicaremos, no sentido de esclarecer o que parece misterioso e obscuro.

O jornalista Autolycus tinha que escrever qualquer coisa sôbre Voltaire e não lera nenhuma obra deste grande escritor francês. Contudo, na véspera de apresentar o texto ao editor, sentou-se, pegou no papel, escreveu o título e aguardou a inspiração. Imediatamente viu deslizar o tapete da porta e esta abrir-se. Um homem entrou, fechou a porta e sentou-se junto dele. Usava vestuário estranho encimado por um rosto de traços fortes e olhos brilhantes.

— Eu sabia que o intruso desejava alguma coisa... — pensou Autolycus. — Uma força inexplicável me levou a pegar na pena e comecei a escrever... Pois escreví... escreví... ràpidamente, como nunca escrevera... sem pensar... automàticamente... Os meus pensamentos eram dirigidos pela imponente figura, próxima do meu ombro... Todos os meus receios se extinguiram e um sentimento de satisfação e simpatia me invadiu totalmente. Página-a-página, o trabalho concluia-se...

Quando se voltou para fixar a personagem, já ela tinha desaparecido. «O tapete continuava onde ficara, por isso eu não admitia que se tratasse de um sonho» — diz êle.

Ao ler o seu manuscrito ainda ficou mais surpreso: estava cheio de idéias que nunca tivera. Relatavam a morte de Voltaire e descreviam a entrada do velho no outro mundo, entrada tranquila e feliz, desmentindo a história acerca do suposto receio e dos tormentos que lhe atribuiam.

Autolycus mostrou o seu artigo ao doutor Gelley, presidente do Grupo «Mutual Improvment» (Aperfeiçoamento Mútuo), a quem era destinado, mas nada lhe contou a respeito da experiência.

O doutor ficou surpreendido e chocado. Era extraordinário!

— Onde encontrou estes pormenores? — perguntou êle —. Julgo conhecer a obra de Voltaire e você escreveu coisas que eu nunca tinha lido. O relato de sua morte, por exemplo, nunca foi assim descrito em Inglês. Onde encontrou esses dados interessantes?

Foi quando o articulista contou...

— Meu caro senhor — exclamou o doutor Gelley — fique sabendo que foi objeto de uma experiência psíquica que eu desejaria viver. Diga me se reconheceria o homem que descreveu.

Voltando as páginas de um álbum onde havia numerosas fotografias, Autolycus apontou logo a de Voltaire.

— E' êste ... é êste! — disse ele.

O doutor Gelley disse-lhe então:

— Deve gostar de saber que passou a tarde com Voltaire, o grande escritor francês. Estou convencido de que êste artigo que vai hoje apresentar como de sua autoria, talvez não fosse escrito por êle próprio, mas não há dúvida que o deve ter transmitido ao seu espírito.

* * *

A mediunidade e as investigações policiais

Em *Mondo Occulto* o sr. L. Rusticucci estudou a questão das investigações psíquicas nas pesquisas policiais, e especialmente a clarividência que pode desempenhar útil papel e produzir bons resultados neste terreno. Os testemunhos de Myers «*Human Personality*») e de Conan Doyle sôbre as vibrações psíquicas são judiciosamente citados.

«Em 1927, a polícia de Chorley (Inglaterra) procura a jovem Ketty Robinson, desaparecida. O médium Abraham Ischeword, em transe, revelou que a jovem fera violada num onibus na estrada de Wigam Lane, depois assassinada, nas margens do canal, perto de Liverpool. O cadáver foi encontrado graças ás indicações mediúnicas, após as investigações ordinárias sem resultado.

Em setembro de 1923, um desconhecido foi assassinado e atirado no Elbe, perto de Worlitz. O cadáver, encerrado num saco, subiu à superfície e foi descoberto pela polícia. O avançado estado de decomposição do corpo não permitiu qualquer identificação. Neste caso a mediunidade desempenhou relevante serviço. O médium reconheceu os dois assassinos entre quarenta detidos numa prisão.

Em fevereiro de 1928, em Milão, no caso Rizzini, a delinquente foi encontrada pelas indicações dadas por um «sensitivo» ao doutor Tamatis, chefe da segurança.

As experiências realizadas diante da justiça alemã, pela médium sra. Gunther Giffers, as de Hanunssen perante o tribunal de Leitmeritz, (Slovaquia) em junho de 1930, o caso Sarah Corbett em Cumberland, em 1929, em que a vítima foi descoberta pela mediunidade de Doris Kyle, que indicou o homem que a violára, em seguida assassinada. Êstes casos provam bem a utilidade da clarividência nas investigações policiais.

* * *

Deixa-nos o nosso Presidente Achille Biquet

De «Spiritualisme Moderne» — Maio, 1957.

Sua volta ao Mundo Espiritual tão brusca quão inesperada nos comove e aflige profundamente.

Achille Biquet ocupava entre nós e no mundo do Espiritismo, um lugar enorme: Presidente da União Espírita Belga; Presidente da Federação Espírita de Liège; Presidente da Aliança Espírita Ocidental; Diretor da Revista Espírita Belga; Membro do Comité da Federação Espírita Internacional.

Êle desempenhava essas múltiplas funções com admirável devotamento.

Investigador metódico e sensato, espírito convicto, organizador hábil, êle também era infatigável propagandista.

Essa perda, que nos parece irreparável, nos deixa infinitamente sensibilizados.

Essa perda é dolorosa à sua cara companheira.

Em nome da União Espírita Belga e da Federação Espírita de Liège, nós apresentamos à Snr.ª Biquet nossas sinceras e comovidas condolências.

Também as apresentamos a todos os membros de sua família e particularmente a seu irmão Henrique, também um dos nossos.

Rogamos a Deus que permita ao nosso Presidente continuar no invisível a missão que começara e que dirigia para o nosso bem, com o maior desinterêsse para o triunfo da Verdade.

A União Espírita Belga lhe exprime toda sua gratidão e seu profundo pesar.

Que êle proteja a sua campanha, que êle nos assista, que êle goze a felicidade que merece.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O que vai pela XI Concentração

Realizada pelo Conselho Diretor a prévia e traçadas linhas mestras, pelas quais nos conduziremos, surgimos aos leitores, mòrmente aos moços espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, para transmitirmo-lhes — O QUE VAI PELA XI CONCENTRAÇÃO.

Em São José do Rio Preto, durante os dias 3 a 6 de Abril de 1958, estaremos realizando a XI CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE S. PAULO, e comemorando o décimo aniversário dêsse movimento de tão grande significação para os moços espíritas.

É preciso fazermos dêsse conclave, um ponto de partida para novos horizontes, novos setores de trabalho.

As primeiras concentrações, primaram pelos resultados conseguidos na aproximação de moços de cidades e Estados diferentes.

Resultados mais objetivos só eram conseguidos por este ou aquêle moço, que perguntando a um e outro, reunia experiências, utilizando-as na solução de problemas ligados à Mocidade que pertencia.

Agora, porém, sem transformarmos a Concentração em Congresso, devemos aproveitar a oportunidade que se nos apresenta por essa ocasião, para focalizarmos assuntos inerentes aos interêsses das Mocidades.

Quando traçarmos um programa de ação, para determinado setor de trabalho, é prudente darmos-lhe um carácter experimental, porque, com o decorrer dos dias, a experiência nos apresentará as partes falhas e ela mesma se encarregará de nos traçar um roteiro prático e eficiente.

Quantas Mocidades nestes quatro Estados, que estão sem uma orientação segura no campo de estudos? Quantas estão incertas no setor de ensino? E no trabalho assistencial, quantas estão não produzindo à altura, por falta de uma organização mais prática?

A Concentração poderá, sem se lhe alterar o objetivo, ser ponto de encontro para a união das experiências, as quais estudadas, adatadas aos problemas locais, poderão auxiliar a transpôr obstáculos que exigiram muitos dias de quebra-cabeças.

E não será difícil essa colaboração. Que cada Mocidade dê à Concentração, o valor que ela merece, e o demonstre no envio de seus representantes, os quais, deverão ser sempre, convenientemente preparados. O conclave será melhor ou pior na razão direta da eficiência de seus componentes.

Êsse ano haverá em local próprio, a exposição de organogramas (mapas de trabalho), fotografias, pequenos relatórios e descrição de «Como funciona a Mocidade X».

Muitas Mocidades foram criadas e muitas outras ainda não compareceram a nenhuma concentração. Se você souber de uma Mocidade nessas condições, colha o seu endereço e remeta-o para a XI CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE SÃO PAULO, caixa postal, 260, São José do Rio Preto, E. F. A. Estado de São Paulo.

Envie-nos sugestões, colaborando assim para com o brilhantismo do Conclave.

Periòdicamente, transmitiremos através dêste órgão, assuntos atinentes a Concentração do próximo ano.

Paulo Roque

Secretário do Conselho Diretor.

Publicação de Fotografias: *Com o objetivo de ilustrar ainda mais esta publicação, todos os confrades que o desejarem, poderão nos remeter clichês de motivos espíritas, de instituições espíritas para serem publicadas. A publicação dos clichês é gratuita, devendo nos enviar a respectiva notícia. Os clichês serão devolvidos.*

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 324.069,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 3 de Agosto de 1957.

Após proferir uma prece, na qual solicitou bênçãos para o companheiro General Severino Antonio da Cunha, membro do Conselho desde a sua fundação, e ultimamente representante da Federação Espírita de Pernambuco, o Presidente dá por iniciada a reunião, falando ainda longamente sôbre a personalidade daquele querido confrade, desencarnado em 29 de Julho próximo passado.

É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. Retoma a palavra o Presidente para comentar as últimas manifestações sôbre o Centenário da Codificação. Exibe ao Conselho os números 203 e 204 da revista japonesa «OMOTO», que, em Esperanto, aprecia longamente o movimento espírita no Brasil, com referências também à emissão do Sêlo Espírita, do qual publíca o clichê, bem como do carimbo postal comemorativo.

Rio de Janeiro O Conselheiro Major Luiz Gentil comunica que a passagem do cinquentenário da fundação da Federação Espírita Fluminense foi solenemente comemorada, com grande afluência de entidades filiadas.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto propõe se consigne em Ata dos trabalhos um voto de saudade ao confrade De Paula Machado.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano transmite notícias sôbre as solenidades comemorativas do Centenário, brilhantes e em ordem em todo o Estado.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro, depois de comunicar que com os Conselheiros Aurino Souto e Dr. Miranda Ludolf representou o Conselho no ato de inauguração de uma herma do saudoso Telmo Maia, pede um voto de pesar pela ausência do Conselheiro Severino Cunha.

Ás dezesseis horas, foi a reunião encerrada, feita a prece pelo representante de Sergipe, Conselheiro Atlas de Castro.

Desencarnou o Prof. Leopoldo Machado

Mais um dos grandes vultos do Espiritismo no Brasil acaba de deixar o plano terrestre em demanda da Pátria Espiritual, abrindo um claro bem visível na fileira espírita, difícil de ser preenchido. Trata-se do Professor Leopoldo Machado, que desencarnou no dia 22 de Agosto último, às 23,25 horas.

A notícia, que correu célere por todo Brasil, pois foi transmitida através da Rádio Mundial, pelo sr. Alziro Zarur, não nos surpreendeu, visto estarmos esperando tal acontecimento a todo instante em virtude do estado precário de saude do nosso companheiro Leopoldo Machado. Há um ano mais ou menos, disse-nos êle em carta que nos enviou, que estava vivendo à custa de tenda de oxigênio e se sentindo muito fraco e abatido. Teve êle ainda diversas crises agudas depois disso, mas continuava a escrever e a dirigir o seu movimento, embora com grande dificuldade. Recebemos dele ainda muitos originais que foram publicados nos dois órgãos de Cairbar Schutel, nosso querido companheiro. Leopoldo Machado cumpriu à risca a sua elevada tarefa na seara do Senhor. Êle foi um dos raros trabalhadores que pegaram no arado e não olharam para trás. Viveu para a Doutrina, de corpo e alma e com todas as fôrças do seu coração e entendimento, fazendo-nos lembrar o nosso companheiro Cairbar Schutel, a quem êle apontou como sendo o espírita número UM do Brasil.

Para Leopoldo Machado só havia uma coisa: Espiritismo, tão grande era o seu amor à esta excelsa Doutrina que é a vivificação do vero Cristianismo e a executora das leis de Deus.

O trabalho que Leopoldo Machado desenvolveu na seara espírita foi realmente imenso e poucos o igualaram neste particular. Escreveu inúmeros livros que são procurados com visível interêsse, livros doutrinários, de polêmica, de teatro e de assuntos vários, todos relacionados com a Doutrina. E escrevia para muitos órgãos espíritas, entre os quais «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo». Tinha amor à obra de Cairbar Schutel e em todos os números destes dois órgãos via-se os seus bem lançados escritos. Porisso o consideravamos como nosso companheiro de redação, nos ajudando apreciavelmente, embora de longe. Com o seu passamento perdemos um grande companheiro de trabalho, mas em compensação ganhamos o auxílio espiritual de um espírito de luz que nos pode orientar e confortar nas horas de necessidade, a exemplo de Cairbar Schutel.

Leopoldo Machado

Leopoldo Machado, entre os seus grandes empreendimentos, fundou o «Lar de Jesus» em Nova Iguaçú em companhia de sua esposa D. Marilia Barbosa Machado, já do lado de lá. Não houve filhos do casal, mas o casal tinha muitos filhos no «Lar de Jesus», que eram tratados com amor e dedicação. Cheio de expedientes cristãos e sempre bem orientado na obra, Leopoldo Machado arranjava tudo com precisão. Assim o «Lar de Jesus» tinha pão e vestimenta em abundância para as suas filhinhas, além do ensino primário e até secundário, pois foi êle o fundador e o Diretor do Colégio Leopoldo, um dos mais importantes estabelecimentos de ensino de Nova Iguaçú.

Trabalhador ativo, sempre em movimento e disposto a servir a Doutrina tanto quanto possível, Leopoldo Machado foi o animador das Mocidades Espíritas, que criou corpo e alma graças ao estímulo e orientação desse idealista cristão. Fundou muitas Mocidades Espíritas percorrendo diversos Estados nessa tarefa. A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão por exemplo, foi fundada sob a sua presidência, ao nos fazer êle uma visita.

Na difusão da Doutrina não tinha hora e nem canseiras. Estava sempre pronto para servir a Verdade com alegria, com prazer, não medindo dificuldades e sacrifícios. Teve muitos atritos por causa de assuntos doutrinários, mas era sempre, em todas as ocasiões, o amigo serviçal e afetuoso. Não guardava resquícios de desagravos, porque sabia sentir o objetivo da vida.

Ainda há pouco tempo escreveu-nos dizendo que sentia estar próximo o seu fim e que porisso ia pedir perdão àqueles com quem teve desinteligências, o que constitue um prova de humildade, gesto este que deve ser imitado por todos quantos se afirmam cristãos.

Leopoldo Machado soube ter fôrças suficientes para renunciar as cousas terrenas, dando tudo o que possuia à causa que abraçara, a exemplo da viuva pobre. Podia ser rico das cousas materiais, porque tinha aptidões para tal, mas preferiu troca-las pelas cousas do espírito.

Leopoldo Machado nasceu na Bahía em 13 de Setembro de 1891. A sua juventude foi movimentada e ativa, cheia de lances interessantes conforme se pode ver em «Memórias de um Espírita Baiano», que vem sendo publicado em «Revista Internacional do Espiritismo.»

Em 1915, por influência de José Petitinga, outro vulto do Espiritismo no Brasil, ingressou nas fileiras espíritas. Inteligente e amigo da Verdade, lançou-se ao estudo desta grandiosa Doutrina com entusiasmo e grande fôrça de boa vontade, até alcançar um logar de destaque entre os maiores propagandistas e trabalhadores da seara espírita. Foi secretario da União Espírita Baiana, transferindo-se para Nova Iguaçú, Estado do Rio, onde terminou seus dias de existência terrena, toda ela dedicada ao Espiritismo, depois que aceitou esta Doutrina.

Manteve polémicas com sacerdotes que procuraram redicularizar o Espiritismo, os quais se viram em papos de aranha por falta de argumentos que pudessem faze-lo bater em retirada. Foi um dos mais ardorosos defensores do Espiritismo.

Leopoldo Machado enriqueceu notavelmente a Biblioteca Espírita, com obras de grande valor, entre as quais podemos citar as seguintes: «*Caxias, um eminente iguaçuano*», narrativa histórica; «*Natal dos Cristãos Novos*», «*A Caravana da Fraternidade*», «*Uma Grande Vida*», «*Graças sôbre Graças*», «*Cruzada do Espiritismo de Vivos*», «*Cientismo e Espiritismo*», «*Para o Alto*», «*Observações e Sugestões*», «*Teatro da Mocidade*», «*Das responsabilidades maiores dos Espíritas do Brasil*», «*Consciências*», «*Julga, leitor, por ti mesmo*», «*Sensacional polêmica*», «*Pigmeus contra Gigantes*», «*Doutrina Inglória*», «*Ide e Pregai*», «*Iluminação*», «*O Brasil, berço da humanidade*», «*Teatro Espiritualista*», *1.º e 2.º volumes.*

Como se vê, Leopoldo Machado foi um dos escritores espíritas que mais obras produziram. Mesmo enfêrmo, quasi com os pés na sepultura, não deixou de pôr o seu cérebro em atividade escrevendo livros e artigos para jornais espíritas, participando até de grandes movimentos espíritas. O dirigente do Centro Espírita «Fé, Esperança e Caridade», de Nova Iguaçú, foi incansável no trabalho espiritual. Foi o exemplo do verdadeiro cristão. Por isso deve estar agora recebendo a justa recompensa de Deus ao lado dos seus amigos e companheiros de ideal.

Leopoldo Machado desencarnou no «Lar de Jesus», sendo o seu corpo transferido para o Colégio Leopoldo, em cuja sala de conferências ficou exposto à visitação pública.

Durante todo o transcorrer do dia 23, até o saimento fúnebre, centenas de pessoas passaram diante do esquife onde repousava, entre flôres brancas, o corpo de Leopoldo Machado, prestando-lhe assim, educandários, instituições, autoridades e o povo, sentidas homenagens.

Cerca das 16 horas, saiu o entêrro da Sala «Leopoldo Machado», falando antes a toda aquela multidão que ia levar o velho Mestre até o cemitério, os Prof.s Newton Gonçalves de Barros e Valdemiro de Faria Pereira.

O cortejo seguiu até o Centro Espírita «Fé, Esperança e Caridade» e voltou até a cancela do Caonze, atravessou-a e seguiu pela rua Marechal Floriano. Todo o comércio cerrou suas portas à passagem do esquife e centenas de populares fizeram alas, assistindo, com respeito, àquela multidão a levar o querido mestre à sua última morada. Das janelas e sacadas dos edifícios muitas pessoas tambem davam adeus ao fundador do Colégio Leopoldo, do «Fé, Esperança e Caridade» e do «Lar de Jesus».

No cemitério, antes de baixar o corpo à sepultura, falaram os seguintes oradores: Manuel Brandão, Prof. Amadeu Santos, Atila de Castro, D. Ruth Santana, Prof.ª Albertina Trigueiro, Ercilia Valverde; os representantes de Juiz de Fóra e Volta Redonda, e de S. Gonçalo, e o sr. José Moreira Neto. Ouviram-se preces ao Criador e a Canção da Alegria Cristã. E, finalmente, o toque de silêncio, após a Ave Maria, dado por um militar.

Que Jesus abençõe este nosso companheiro e lhe dê oportunidades de se iluminar ainda mais, para poder iluminar com suas luzes, os que procuram a Verdade pregada por Jesus.

Até breve, amigo e companheiro de trabalho na seara cristã.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, —luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$23,00, inclusive porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E’ uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E’ um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A’ venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
Novos Rumos à Medicina — 2.° vol.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
A Reencarnação

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Spíritus Maledíctus
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vol

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3391unse

XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Outubro de 1957 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006

SUMÁRIO

Allan Kardec . . . . *Redação*
A Evolução Espiritual e Física . . *Henrique Rodrigues*
Renovemo-nos Hoje . . . . *Cairbar Schutel*
Algumas Palavras Sôbre Leopoldo Machado . . . . *Deolindo Amorim*
Moral e Sabedoria, Asas Evolutivas *V. O. Casella*
Discurso em Homenagem a Leopoldo Machado . . . . *Campos Vergal*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Como Orador, Fascinava Multidões ! *General Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . *Leopoldo Machado*
Curso Oficial de Esperanto em São Paulo . . . . *Ismael Gomes Braga*
Da Bíblia aos nossos dias . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Só o Amor Constrói . . . . *Fernando Pereira de Moraes*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 20,00, inclusive porte e registro.

A Verdadeira Glória

Espiritismo para os Espíritas, por:

ALEX DE ROCHESTER.

Conheça a vida e o sentimento do espírito em «AURORA», cidade espiritual sôbre a zona de Ribeirão Preto.

A' venda nas boas Livrarias. Cr.$ 100,00

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXIII - E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1957 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

ALLAN KARDEC

ESTAMOS no ano do Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo, sem dúvida um dos maiores acontecimentos registrados na História da Humanidade. Foi, como já sabemos, em 18 de Abril de 1857, que Allan Kardec lançou a lume a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», base da Doutrina Espírita, pois é nêsse livro que se acha codificado o Espiritismo.

As comemorações do 1.° Centenário da Codificação do Espiritismo tiveram início no começo do ano em curso, assumindo proporções gigantescas em 18 de Abril, e agora, em 3 deste mês, data de mais um aniversário do nascimento de Allan Kardec, atingiram o máximo do que se poderia realizar. Grandes e pequenas sociedades, de norte a sul do país, realizaram sessões ou festejos comemorativos dos dois magnos acontecimentos : o Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo e o aniversário do nascimento de Allan Kardec.

Faz apenas um século que o Espiritismo está no mundo, e durante êsse tempo êle fez muito mais em obras palpáveis, concretas em benefício da humanidade do que todas as religiões juntas e que estão no mundo há quasi dois mil anos, sem nada terem produzido de útil para aliviar ao menos as amarguras da humanidade. O que fizeram foi aumentar ainda mais a ignorância com os seus dogmas, sacramentos e cultos externos que fascinam as criaturas fracas de entendimento, e nem de leve tocam a razão e o sentimento.

ALLAN KARDEC

Mas, graças ao Espiritismo, o Paracleto da Promessa de Jesus, tôdas as cousas estão sendo postas nos seus devidos lugares e a Verdade já começa a envolver a humanidade no seu manto de luz e amor.

Allan Kardec teve parte saliente nêsse trabalho, pois foi o que ajuntou, burilou e codificou a Doutrina Espírita. Os Espíritos lhe deram o material e êle construiu a obra. Foi um missionário como os grandes missionários que Deus enviou ao mundo para ensinar o Caminho da Verdade à humanidade.

Como Jesus, Allan Karde construiu uma cátedra nos corações, e acendeu uma lâmpada de luz inapagável na senda da vida, nos iluminando o caminho que conduz ao Reino de Deus.

Por motivo de mais um aniversário de sua vinda à Terra, as nossas sinceras homenagens ao excelso missionário, num culto de grande veneração e amor.

Salve, Allan Kardec!

A Evolução Espiritual e Física

HENRIQUE RODRIGUES

(Conclusão)

Entretanto, podemos fazer desaparecer completamente aquela forma e aquêle corpo, se introduzirmos no próprio campo magnético, uma energia de caráter oposta e que produzirá a absorção daquela, na luta que os contrários mantém em busca do equilíbrio dos iguais. Aplicada essa fôrça, aquela organização física de limalhas cairá, obedecendo apenas à lei da gravidade, e ficará reduzida a um montão de corpúsculos iguais aos de nossos cadáveres quando cessa sôbre êles a ação energética, magnético-atrativo de nosso perispírito.

Lamentamos por essa razão quando vemos alguém em prantos, julgar exterminada a existência daquêles que baixam ao túmulo. Não houve aniquilamento total como se diz. houve o aniquilamento temporário de uma forma envelhecida, e a essência que lhe dava estrutura e aparência buscará recompôr-se, e, um dia, reaparecerá como testemunho de sua imortalidade.

Já sabemos agora que as formas obedecem a um imponderável que as estrutura, e que a sua melhoria reflete um aperfeiçoamento daquêle, sem contribuir para a eclosão dêsse fenômeno. É ainda na GRANDE SÍNTESE que buscamos o apôio dessa nossa afirmativa. Lá está: — «Não são as formas que evolvem, mas o princípio imaterial que as plasma, que delas é a causa, e que tem o poder indestrutível de as reconstruir sempre». E ainda: — «A matéria abandonada volta a um nível inferior; é recolhida a um ciclo mais baixo de vida; o psiquismo reassume, então, o dinamismo, reune os valores espirituais e ascende, imaterial e invisível, para se equilibrar no nível que lhe é próprio POR PÊSO ESPECÍFICO». Ao dizer que cada um ascende ao nível que lhe possibilita o seu pêso específico, aclara-nos a mente, a forma de julgamento «post mortem» que nos aguarda. Sabemos assim o porquê da infinita justiça de Deus, pois estando em nossa própria vontade, em nosso livre arbítrio, a melhoria do que determina o pêso específico de nossa alma, somos em realidade, ao mesmo tempo, juizes e réus da nossa própria causa.

A teoria do Criminoso Nato de Lombroso, é razoável até o ponto onde ela tomava o efeito pela causa. Concordamos em que o indivíduo que demonstra certos traços de insuficiência antropomórfica tenha realmente propensão ao crime. Aquilo com que não concordamos é que sejam as formas as responsáveis por qualquer degenerescência do espírito que anima aquela individualidade. Aquêle sim, degenerado, insuficiente, involuído, plasma para si por automatismo, o modêlo que lhe corresponde e satisfaz. O duplo do físico do degenerado é degenerado também e assemelha-se, em tudo, ao fenômeno de reflexão de uma imagem, diante de um espelho. No dia em que a ciência dos homens possuir meios de avaliar, pesar, medir, identificar a íntima estrutura celular das criaturas, verá que a distância que separa a organização somática do degenerado e do virtuoso é infinitamente grande.

A comprovação das diferenças estruturais do corpo físico e a sua origem psíquica, esclarece também a razão pela qual os tipos exponenciais de energia física, os chamados atletas, em geral, e não dizemos totalmente porque tôda regra tem exceção, mostram-se de pequena capacidade mental e de pequena profundidade no terreno das coisas espirituais. A história está cheia dêsses tipos, e uma compilação confirmará o que dizemos, confirmando também o outro lado do problema, ou seja, que dificilmente se encontrará um místico, um sábio, um santo, dotados de grande energia muscular. O que predomina nêstes é a fibra da fôrça de vontade, que não raro se sobrepõe à própria capacidade de seus físicos.

Segundo pesquisas científicas, no terreno que mais estreitamente está ligado à manifestação espiritual das criaturas, o cérebro, chegou-se a conclusões surpreendentemente comprobatórias do que vimos expondo. Assim é que os cérebros de atletas e trabalhadores braçais pesam em média 1.450 gramas. Em comerciantes, oficinistas e empregados que façam qualquer trabalho com características intelectuais, êsse fator é elevado para 1.500 gramas. Nos acadêmicos, 1.550; nos sábios, 1.600; nos gênios e nos místicos, oscila entre 1.600 a 1.800 gramas. Ao fazerem essas estatísticas, tiveram êles o cuidado de observar apenas os casos em que as pessoas em estudo tivessem essas funções não em virtude de imposições e contingências da vida, mas sòmente naqueles que estavam perfeitamente identificados com os meios de suas atividades, pois assim refletia o indivíduo, plenamente acomodado no plano que lhe era peculiar por tendência natural. Falamos em pêso, e não em volume proporcional à estatura.

Para onde nos conduzirá a contínua desmaterialização de nossa organização física, ou melhor, a descondensação de nossas células? Nas sessões de materializações, observamos o aparecimento de uma substância, extraída do médium, da qual se serve o espirito para ganhar aparência e consistência aos nossos sentidos. Essa substância protoplásmica, muito mais evoluida e sutil, e modelada pelo psiquismo, chama-se ectoplasma. Ainda aquí é a «Grande Síntese» quem esclarece e conclui: — «A construção nova, — antecipação na evolução — não possui naturalmente a resistência das formas estabilizadas por uma vida longa e está propensa a desfazer-se». Com esta definição, quer ela dizer que a estabilidade e o automatismo da conformação orgânica se processa porque aquêle campo energético que é o nosso perispírito, pela repetição milenária da experiência reencarnacionista, aprimorou-se na estruturação, seguindo o velho e sábio conceito de que a função cria o órgão e êste aperfeiçôa aquela. Os espíritas que tenham assistido à aparição de entidades ectoplasmadas, observaram que não há perfeição de detalhes. Exceptuando-se as experiências de Katie King, onde a riqueza de minúcias era realmente espantosa, não vemos hoje em dia um único caso em que o espírito materializado demonstre um perfeito domínio plásmico sôbre a matéria que lhe é cedida pelo médium. Duas são as causas: — Ou quantidade insuficiente para a total conformação, ou então incapacidade do campo energético da entidade para magnèticamente manipular o fluido ectoplásmico. No primeiro caso patenteia-se o atraso nos meios de obtenção da matéria plásmica, *atraso êsse que impõe como única condição a sua captação no laboratório da química orgânica do homem.* Temos porém de convir que, o abastecimento dos elementos humanos para o ectoplasma se faz no ambiente que nos cerca, e, portanto, êles existem fora do físico humano. Um espírito de categoria superior, sempre que tiver necessidade de apresentar-se aos nossos olhos e ao nosso tacto, buscará a substância para isso no seio da própria natureza, onde ela é encontrada em maior abundância, embora, por sua rarefação, exija maiores fôrças magnéticas para condensação. A ressurreição de Cristo é a mais completa afirmativa do que expomos; tão exata era ela, que os apóstolos não descobriram qualquer diferença entre antes e depois da crucificação. Mas, para o Cristo, os dois fatôres se harmonizavam, ou seja a fonte de abastecimento plásmico e o campo conformador dessa mesma substância. O mundo espiritual que nos cerca, povoado de entidades nobres sob todos os pontos de vista está contudo sujeito ao compasso evolutivo do tempo. Não pode dar saltos, não pode comportar nele uma entidade de categoria, de condições superiores ao que determina o nível psíquico dos pesos específicos de cada um. Êsse plano ainda impõe, por impotência, severas restrições. Sem pretendermos uma defesa marginal dos médiuns de materialização, podemos dizer que infinidades de formas falhas, *têem como causa única a própria fraqueza do campo de energia do espírito sôbre essa matéria nova para êle, que é o ectoplasma.*

Em apôio do que dizemos, vamos encontrar no capítulo intitulado: — FISIOLOGIA DO SUPRANORMAL — HEREDITARIEDADE FISIOLÓGICA E HEREDITARIEDADE PSÍQUICA, da GRANDE SÍNTESE o seguinte: —

«As sendas novas e excepcionais são ainda anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia do supranormal, que surgem fora das vias habituais da evolução, têm necessidade de fixar-se na forma estável por tentativas e prolongada repetição. Tudo isso vos lembra o raio globular, retôrno atávico, êsse, de um passado transposto. O ectoplama — ao contrário — é o pressentimento do futuro. Esta forma corresponde àquele processo de desmaterialização da matéria de que já falámos. A matéria quimica do ectoplasma corresponde a uma avançada desmobilização de sistemas atómicos para motos vorticosos, ao longo da escala dos elementos, em direção aos pesos atómicos máximos. O fósforo, peso atómico 31,04, corpo sucedâneo, aceito apenas em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, no adiantado moto verticoso como corpo fundamental, ao lado do Hidrogênio, pêso atómico 1,008, Carbono 12,005, Azoto 14,01 e do Oxigênio com o pêso de 16,01. A plástica da matéria orgânica, por obra do psiquismo central diretivo, se faz cada vez mais imediata e evidente. Tudo isso vos explica a estrutura falha de muitas materializações espíritas, em que a incompleta formação de partes é suprida por massas uniformes de substância ectoplasmática, com a aparência de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esfôrço, a imperfeição do que é novo. Isso vos fará compreender que o desenvolvimento do organismo, até a forma adulta, não é senão uma construção ideoplástica, operada pelo psiquismo central, seguindo as velhas e garantidas vias tradicionais percorridas pela evolução».

Um passado vivido, não pode ser desfeito, nem obrigado a se calar; ressurge, através da substância e das formas a clamar: — «Tal fui; tal sou!»

«A perfeição da Lei não pode se alterar para proporcionar espetáculos à humanidade. O milagre, entendido como violação e refazimento de leis, não é prova de poder: é um absurdo que não pode existir senão na ignorância humana. Não tomeis, portanto, essa concessão feita à vossa fragilidade para base da apologética das religiões, porque com semelhante contra-senso abalareis a fé em vez de reforçá-la».

«Hoje, entretanto, o mundo, na sua racionalidade, a si mesmo impôs o dever de aceitar tudo quanto seja demonstrado com lógica e raciocínio; Êle se colocou na posição de quem pode e deve compreender».

E finalizo com essa advertência, enviada, de paragens ignotas. «Admitir e seguir os princípios de uma moral superior, parte integrante do sistema, não será mais questão de fé mas de inteligência. DEPOIS DISTO, TODO HOMEM INTELIGENTE TERÁ O DEVER DA HONESTIDADE E DA JUSTIÇA. Em face da demonstração evidente, que coloca a questão moral sôbre a base do dilema: — ou compreender ou não compreender, não mais se justificarão dúvidas nem fugas e o malvado não poderá ser senão INCONSCIENTE ou de MÁ FÉ».

* * *

As religiões, a ciência e as ideologias humanas não conseguiram resolver um só problema dos magnos problemas humanos porque puseram de lado a origem de todos os problemas: o Espírito e a Imortalidade. Só quando os homens compreenderem esta verdade é que poderão estabelecer no mundo a verdadeira paz sob a égide da fraternidade. E isto acontecerá quando todos voltarem as suas vistas para o Espiritismo. — CAIRBAR.

Renovemo-nos hoje

Meus amigos:

Que Nosso Senhor Jesus-Cristo nos conserve o amor no coração e a luz no cérebro, para que nossas mãos permaneçam vigilantes e diligentes no bem.

Quem assinala os dramas de aflição a emergirem da treva nas sessões mediúnicas, percebe fàcilmente a impôrtância da vida humana como estação de refazimento e aprendizado.

Principalmente para nós, os que procuramos no Espiritismo uma porta iluminada de esperança para o acesso à verdade, a existência na Terra se reveste de subido valor, porque não desconhecemos os perigos da volta à retaguarda.

Sentimos de perto o martírio das criaturas desencarnadas que se deixaram arrastar pelos furacões do crime e o tormento das almas, sem a concha física, que ainda se apegam desvairadamente à ilusão.

Somos testemunhas de culpas e remorsos que passaram impunes diante dos tribunais terrestres, e anotamos a Justiça Imanente, Universal e Indefectível, que confere a cada Espírito o galardão da vitória ou o estigma da derrota, segundo as realizações que edificou para si mesmo.

Sabemos que não vale perguntar com a Ciência, menoscabando a consciência, e não ignoramos que as tragédias e as lágrimas que fazem o inferno, nas regiões sombrias, se originam, de maneira invariável, do sentimento desgovernado e vicioso.

Vêde, pois, que, em nos conchegando ao Cristo de Deus, buscando-lhe a inspiração para os nossos serviços e ideais, nada mais fazemos que situar os nossos princípios no lugar que lhes é próprio, porque a nossa Doutrina Renovadora é, sobretudo, um roteiro de aperfeiçoamento do homem, com a sublimação do caráter.

Entre as realidades amargas que nos visitam os templos de intercâmbio e certas predicações de companheiros cultos e entusiastas, mas imperfeitamente acordados para as responsabilidades que lhes competem, lembremo-nos de que quasi vinte séculos de Cristianismo verbal viram passar no mundo trônos e Estados, organizações e monumentos, guerras e acôrdos, casas de caridade e santuários de estudo em todas as linhas da civilização do Ocidente, erguendo-se em nome de Jesus e tornando ao pó de que nasceram, tão sòmente com benefício da experiência dolorosa, haurida entre a sombra e a desilusão.

Levantemo-nos para a fé que nos redima por dentro.

Deus é o Senhor do Universo e da Natureza, mas determina sejamos artífices de nossos próprios destinos.

Renovemo-nos hoje ao Sol do Evangelho!

Cada qual de nós use a ferramenta das idéias superiores de que já dispõe e de conformidade com a lição do nosso Divino Mestre, estudada por nós nesta noite. Trabalhemos, «enquanto é dia», na preparação do futuro de paz.

O Espiritismo não é um esporte da Inteligência.

É um caminho de purificação para a glória eterna.

No cume da montanha que nos compete escalar, aguarda-nos o Senhor como o Sol da Vida.

Desentranhemos, assim, a gema de nossa alma do escuro cascalho da ignorância, para refletir-lhe a Divina Luz!

Cairbar Schutel.

(Do livro em preparação «Vozes do Grande Além»).

Com humildade e paciência, sêde fortes nas adversidades, certos de que depois da tempestade vem a bonança e que digno é o trabalhador do seu salário. Se Deus ampara as aves que não semeiam e nem colhem, certamente, com maior razão, tudo dará aos que o servem com amor. — EURIPEDES.

ALGUMAS PALAVRAS SÔBRE LEOPOLDO MACHADO

Escrever sôbre LEOPOLDO MACHADO é recapitular mais de trinta anos de atividade no movimento espírita brasileiro. Leopoldo passou, de etapa em etapa, por quasi tôdas as searas do Espiritismo: a sessão mediúnica, a tribuna de conferência, o jornal, o livro, o rádio, a organização de movimentos de mocidade, o teatro, a assistência social. Foi, talvez, o conferencista que mais cidades percorreu neste país, a serviço da propaganda espírita. Polemista, como todos sabem, foi dos maiores e dos mais vigorosos. Quando conheci Leopoldo Machado, e nossa amizade vem daquele tempo, estava êle, a bem dizer, no apogêu da tribuna: era o conferencista que aparecia diàriamente nas colunas espíritas dos jornais «A Pátria» e «Vanguarda». Eu o conheci, precisamente, quando êle era o homem da tribuna, de 2.ª a domingo, no centro da Cidade e nos subúrbios do Distrito Federal. O primeiro livro, de Leopoldo, que me chegou às mãos, quando ainda não nos conheciamos pessoalmente, foi *Sensacional Polêmica,* publicado quando eu estava dando os meus primeiros passos na seara espírita.

Muita gente ainda se recorda do memorável episódio de Nova Iguaçú, onde Leopoldo, colhido de surprêsa, com febre, sem tempo sequer para selecionar livros e coordenar argumentos, saíu da cama para enfrentar, em lugar neutro, frente a frente, um padre estrangeiro, cioso de sua cultura teológica, e que desafiara os espíritas para um debate. O padre apresentava-se como *doutor* de três títulos, e Leopoldo se declarou apenas simples «professor da roça», mas a verdade é que a vitória foi do Espiritismo, porque o padre, apesar de ser filósofo e teólogo, não resistiu à argumentação arrasadora de Leopoldo Machado. Outras e outras polêmicas foram travadas entre Leopoldo e adversários do Espiritismo—médicos, padres e pastores, na maioria dos casos. Tempos depois, Leopoldo deixou a polêmica. Ainda assim é justo lembrar a atitude de Leopoldo quando sustentou a ruidosa discussão contra o «contrôle da natalidade», da qual saíu *Doutrina Inglória,* um de seus maiores livros. Até mesmo alguns confrades nossos discordaram de Leopoldo, mas o vigoroso polemista não se omitiu, de forma alguma, assim que surgiu o problema da natalidade, justamente quando um médico de prestígio, no Rio de Janeiro, fazia uma campanha intensa em defesa desta tese. Leopoldo gritou logo, e com tôda coragem, que a tese era contrária à doutrina espírita, por estar em discordância fundamental com a reencarnação.

E' certo que, mesmo nas fileiras espíritas, algumas opiniões fizeram restrição ás atitudes de Leopoldo, mas a sua tese não foi destruida pelo adversário. Lembro-me bem de que, certa vez, na Liga Espírita do Brasil (hoje do Distrito Federal), ainda na rua da Conceição 19, o velho comandante João Torres, então presidente da Liga, na fase em que o assunto estava mais em fóco declarou abertamente: *nós estamos com Leopoldo Machado!* Alguns assistentes ficaram como que um tanto abalados com a declaração categórica do presidente da Liga, e cheguei a ouvir certos comentários reticenciosos, porque dois ou três confrades nossos, por exemplo, achavam que o assunto era muito complexo, e não devíamos tomar ati-

Leopoldo Machado

tude. João Torres, porém, tinha convicção definida: a tese de Leopoldo era a própria tese da doutrina espírita.

Leopoldo, mais tarde, passou a cuidar de outras atividades e desprezou o terreno da polêmica. Entregou-se, de corpo e alma, ao *Lar de Jesus*, fundação de Marília Barbosa, sua inesquecível esposa e companheira de todos os momentos. Ali, feliz, respeitado e querido, encerrou a sua jornada terrena. Deixou, porém, exemplos e sementes que frutificarão. Uma das facetas que mais me impressionaram em Leopoldo Machado foi a sua pertinácia, a sua inconformação com a displicência. Leopoldo gostava de atividade, não compreendia o Espiritismo de *câmara mortuária*, e por isso mesmo contagiava os outros com o seu dinamismo. Colocava a causa espírita acima de tudo, e disto deu provas eloquentes. Divergimos, mais de uma vez, em determinados pontos de vista, e nunca lhe escondi a minha objeção a esta ou aquela de suas opiniões, mas a nossa amizade nunca se rompeu, felizmente. Sempre lhe admirei, principalmente, esta nobre qualidade: para êle, a causa espírita se sobrepunha a tôdas as vantagens humanas. Foi procurado, mais de uma vez, para ser candidato a Prefeito local e, também, para ser Deputado estadual, mas a tudo recusou, dizendo sempre, invariavelmente: eu só quero ser es-pi-ri-tis-ta. Fazia questão de acentuar bem, e compassadamente: es-pi-ri-tis-ta... Não quís mais nada. Testemunhos? Êle os deu, e dos mais firmes. Leopoldo Machado deixou, nas fileiras espíritas, um claro dificilmente preenchivel. Que êle possa, do outro lado, na espiritualidade, continuar a nos dar estímulo, porque todos nós muito precisamos de amparo espiritual, notadamente na hora difícil do testemunho perante Deus e perante o mundo.

DEOLINDO AMORIM.

Moral e Sabedoria, Asas Evolutivas

O kardecismo, no decorrer do primeiro século de doutrina, apesar da tenaz resistência dos remanescentes inquisitoriais, progrediu célere, atingindo os principais cantos do planêta.

No entanto, tornou-se evidente que no apagar das luzes dessa fase passada, a marcha da doutrina diminuiu consideravelmente aparentando uma ameaça de estacionamento. A razão dessa anomalia temporária explica-se pela diferença do panorâma atual, com aquêle enfrentado pelos nossos antecessores.

Essa mudança provocou pausa na doutrina, e hoje os seus adeptos movimentam-se em preparativos para recomeçar o avanço com o mesmo rítmo anterior. Mas a diferença de ambiente exige outros métodos de luta, pois se antes os antecessores kardecistas ocuparam-se quase totalmente com a ferrenha oposição clerical, doravante teremos pela frente o materialismo das classes intelectuais predominantes.

E essa parada incomum, alarmando os adeptos não dogmatizados, exigindo portanto novas orientações, provocou o surgimento de outros sistemas para reiniciarmos a marcha evolutiva doutrinária, mas sem que ainda nos dessem os resultados esperados.

Assim, nesta fase indecisa, uma ala kardecista, talvez mais por excesso de zelo pela doutrina, descuidou-se, facilitando a infiltração de estranhas obras supostamente científicas nas nossas bibliotecas, em detrimento das nossas literaturas fieis aos postulados do Codificador. E não faltaram os que cindissem, embora ainda se digam kardecistas, originando grupo isolado em tôrno de poderes de sensacionalismo verbalístico. Pretextam falta de coesão no kardecismo, esquecendo-se que a fôrça de união não está no volume de agrupamentos em massa, mas no sentido unificativo filosófico que ainda permanece inalterável entre os verdadeiros adeptos de Kardec.

E para agravar tôda essa situação, ainda surgem as mais estravagantes práticas mediúnicas, geralmente sincréticas, que vêm se rotulando indevidamente sob a denominação de Espiritismo. Talvez, logo mais, êste vocábulo ainda seja substituido por kardecismo, pois aquêle, pelo seu uso indébito generalizado, vai deixando de ser uma propriedade exclusiva da nossa doutrina, apesar do nosso esfôrço para evitar essa contaminação nominal.

E se essa confusão, prevalecida pela metamorfose que a doutrina atravessa, não nos colocou ainda em uma situação ridícula, foi devido graças a atitude serena de alguns espíritas, que sempre se mantiveram rigorosamente fiéis ao kardecismo.

Mas urge não haver recentimentos, pois todos, ou de uma forma, ou de outra, com espírito de cooperação lutam para um mesmo fim e faz-se necessário restabelecer a ordem anterior, para o novo movimento de evolução que não deverá tardar.

Para a nova avançada o único caminho a seguir consiste em elevarmos a doutrina a melhor padrão de cultura, seguindo o sistema flamariônico. Sòmente assim conseguiremos penetrar com o evangelho no sêio dêsse intelectualismo sem Deus, ou seja, do Materialismo, que vem predominando do seu pedestal de fôrça, ateando fogo entre as nações.

Nesta tarefa evolutiva, dentro dos recursos da parte científica do Espiritismo, não haverá encargo oneroso aos adeptos vanguardeiros, pois inicia-se pela acessível fase elementar da mais bela das ciências, a Astronomia, conforme já revelamos em trabalho anterior.

Êsse assunto, apesar de ser facultativo aos adeptos que ainda não possuam possibilidades para ir além da parte religiosa, acreditamos que na generalidade, a maioria espontaneamente será atraída por êsses encantos dos céus, pelas publicações dos nossos futuros colaboradores, treinados para narrativas em linguagem simples, atraentes e de alcance geral.

O hábito kardecista de ler tudo que é bom nos levará a conhecer os fundamentos da magestosa obra do Universo, sem esfôrço mental obrigatório, adquirindo melhores condições de cultura. Evoluindo a mente estaremos mais esclarecidos, e não mais desperdiçaremos precioso tempo em leituras supersticiosas e retrógradas, que surgem nas nossas bibliotécas como supostos complementos kardecianos.

Os adeptos contrários que persistirem no retardamento, aguardando o milagre de uma cômoda evolução compulsória pelas convulsões cósmicas ou bélicas, permanecerão a margem da marcha evolutiva dos que anseiam pela liberdade espiritual, através do esfôrço próprio.

O resultado total dessa ascensão de cultura doutrinária, dia mais, dia menos, será alcançado, pois êsse é o único recurso para surpreendermos o Materialismo dentro de suas próprias fronteiras; uma vez que êsse negativismo permanece irredutível em não reconhecer a prova experimental dos objetivos fenômenos do ectoplasma.

Nestas condições, levando o evangelho no campo da ciência, lutaremos para demover essa intransigência negativista, e só assim estaremos fortalecidos para essa tarefa, para que a Terceira Revelação continue na sua missão de espiritualizar não alguns, mas tôda a humanidade. Daqui por diante se persistirmos sempre nos mesmos métodos atuais, o nosso progresso será desvantajoso, como o das demais doutrinas espiritualistas estacionárias.

Os preparativos para essa jornada imprescindível serão metódicos, não cansativos, pois tão logo começaremos a compreender os mistérios da natureza celeste, o fascínio dessas leituras de belezas sem fantasias, nos levará a mente para os insondáveis abismos do deslumbrante império dos astros.

Conheceremos o nosso céu com seus bilhões de estrêlas das mais variadas côres e grandezas, tôdas elas em movimento cadencial pelo espaço, em um agrupamento na forma de gigantesco disco de luzes, rodopiando em um mar etéreo.

Iremos nos familiarizar com as constelações, com suas estranhas formas, destacando-se as zodiacais que constituem a rota dos planêtas. Saberemos localizar belas estrêlas, como a linda Antares, qual adôrno rubro resplandecendo no coração do imponente Escorpião estelar; a majestosa Sírius, com sua alvura sem mácula; e a safirina Achernar do Rio Eridanus; e a encantadora Betelgeuse do gigante Órion; e outras mais que merecerão nossa admiração nas cálidas noites límpidas sem Lua, pela singularidade de seus esplendores fascinantes.

E os cinco planêtas visíveis sem lentes, nas ocasiões de suas visitas, camouflados como estrêlas aos olhares dos leigos, serão por nós fàcilmente identificados ao passarem silenciosos pelos caminhos luzentes do firmamento.

Os periòdicos cometas, autênticas joias dos céus, ostentando maravilhosas caudas, receberemos suas aparições como celestes visitantes festivos, enquanto nos meios populares menos esclarecidos os recebem como agourentos, acusação esta tão injusta, revelando falta de conhecimentos sôbre a perfeição da arquitetura divina.

Mentalmente, aos poucos, iremos penetrando nas longínquas regiões siderais, descortinando os cenários coloridos do infinito palco do Universo, onde todos nós também somos personagens dessa grandiosa sinfonia de amor e encantamento, no seio da eternidade.

E assim, nesse vôo doutrinário, elevaremos cada vez mais nosso padrão mental nessa ascensão evolutiva, que não se faz apenas com o coração, mas também com o cérebro, ou seja, pela união da moral e sabedoria, sublimando a alma.

Mas é necessário cuidado na escolha das fontes informativas, para que a jornada não seja desviada, para rumos de fantasias e superstições.

Como trabalho introdutivo, recomendamos mais uma vez aos interessados a leitura dos romances «Urânia» e «Estela» de Flamarion. São encontradas nas livrarias da doutrina. Na Livraria d'O Clarim custam Cr. $ 45,00 e Cr. $ 70,00 e mais 10 % para porte, atendendo-se pelo serviço de reembolso postal.

Para conhecimentos preliminares, deve-se solicitar nas Livrarias Editoras, listas de obras elementares sôbre Astronomia. E sempre que possível publicaremos trabalhos auxiliando os novatos.

Aos que já se acham ativos no amadorismo, recomendamos a obra «O Sol e os Planêtas», de autoria do cientista Rômulo Argentieri. Foi elaborada em linguagem acessível e sem complexidades dos cálculos matemáticos. Em alguns tópicos, referentes aos planêtas, acompanhados de gravuras, há informes fàcilmente assimiláveis também aos iniciantes em geral.

Distribuição a cargo da: — Editora Pincar Ltda., Caixa Postal 5391, São Paulo, no Estado dêste mesmo nome. O preço é popular, não atingindo com as despesas a uma centena de cruzeiros, também pelo reembolso postal.

E finalizando, rogamos aos espíritas que não concordarem com os conceitos que vimos expondo últimamente, para que apontem os motivos, mas apresentando outras sugestões, nestas mesmas páginas, como tarefa de cooperação.

E se o fizerem por intermédio de outro orgão, rogamos a fineza de nos enviarem exemplar.

V. O. CASELLA.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Estado de São Paulo

DISCURSO EM HOMENAGEM A LEOPOLDO MACHADO

O Deputado Campos Vergal pronunciou, na Câmara Federal, o seguinte discurso em homenagem ao nosso querido companheiro Leopoldo Machado:

Sr. Presidente, ocupo esta tribuna para tecer algumas considerações, embora ligeiras, sôbre a figura de um notável baiano, hoje falecido, que, durante muitos anos, residiu na cidade de Nova Iguaçu — o Professor Leopoldo Machado.

O que sempre admirei na sua vida foi seu grande espírito de luta, seu acendrado amor à Paz e à Humanidade. Na distribuição dos tesouros de sua inteligência e de seu coração, Leopoldo Machado dedicou a melhor parte de sua existência à defesa da criança abandonada. «Lar de Jesus», que edificou numa das mais lindas colinas de Nova Iguaçu, é o asilo seguro de muitas crianças colhidas nas ruas, nas praças, nas regueiras do abandono. Lutou até o último momento em pról das causas mais nobres, mais humanitárias, mais sensíveis.

Se, pelo lado do coração e do afeto, tornou-se Leopoldo Machado credor da admiração e do respeito de centenas de milhares de criaturas, pelo lado intelectual, foi, inegàvelmente, brilhante jornalista e escritor, embora não tivesse alcançado a Academia Brasileira de Letras, nem seu nome ocupado os postos mais destacados da grande imprensa do País. É que Leopoldo Machado foi sempre econômica e financeiramente, um homem pobre; pobre de dinheiro, rico de inteligência e de coração.

A um homem rico apenas de dinheiro e de poderes materiais, eu jamais viria a esta tribuna prestar homenagens. Mas a um magnânimo, a um aristocrata do espírito, da bondade, da inteligência, da cultura e da independência, renderei sempre o meu tributo, onde quer que seja.

Leopoldo Machado se despede da vida no momento em que se lança seu último livro, «Caxias, Um Eminente Iguaçuano». Tive oportunidade de lê-lo, e senti emoções novas a respeito da vida do Condestável da República. Habituado a conhecer Caxias interpretado apenas pela espada, pela política e pela admiração, que vai crescendo com o transcorrer dos anos, encontrei em «Caxias, Um Eminente Iguaçuano», detalhes inteiramente novos, impressionantes, que apresenta ao povo brasileiro o homem sofredor, humanitário, arrastado muitas vezes, pelas paixões políticas, à rua da dor e do desespêro. Foi um duplo herói: herói no campo de batalha, na Guerra do Paraguai, no serviço de coesão da Pátria, na pacificação do País, herói no sofrimento, no martírio, na grande renúncia.

É, em suma, um livrinho precioso, êsse que recebi há poucos dias, quasi à hora de partir para a Eternidade o eminente e ilustre Professor e, acima de tudo, esplêndido educador, grande coração e leal amigo.

Eis porque na tarde de hoje, venho à tribuna render minha homenagem profunda, sincera, independente, a Leopoldo Machado, que muito contribuiu, na sua simplicidade e modéstia, pelo bem-estar, pela educação e instrução em nossa Pátria.

Leopoldo Machado foi especialmente um lidador e um idealista. Como lidador, sua vida foi um dignificante exemplo de trabalho, de perseverança, de rara capacidade produtiva; lutou desde tenros anos e espraiou essa luta produtiva através da adolescência, da maturidade e até às portas da velhice; como idealista, pelejou nas estepes da liberdade de pensamento, de idéias, acolhendo com entusiasmo tudo quanto fôsse novo e belo, libertador e construtivo, revolucionário e nobre; seus esforços de várias décadas espraiaram-se pelos campos da imortalidade progressiva do Espírito, encontrando para setor mais alto de suas atividades o espiritismo, píncaro altaneiro na serrania da imortalidade da alma humana.

Econômica e financeiramente viveu e «desapareceu» pobre da arena mundana; educador, professor, jornalista, polemista, orador, possuidor de admirável cultura intelectual, retratou bem cinzelada e forte sua própria existência em livros como: Poesias, Contos, Viagens, Teatro, Polêmica, Estudos, Teses e Biografias. Tiveram papel saliente em sua vida espírito-intelectual «Brasil, berço da Humanidade», «O Espiritismo é obra de Educação», «Da responsabilidade dos Espíritas do Brasil», «Uma grande vida» (Biografia de Cairbar Schutel) e outros.

E' indispensável se destaque o seguinte: Leopoldo Machado teve em sua esposa a professora Marilia de Almeida Barbosa, companheira de raro valor, carater bem modelado, que foi o «anjo bom» de sua existência. Bonissima, a saudosa senhora foi lhe a alma e o braço forte na fundação e manutenção do Albergue Noturno Allan Kardec e, principalmente, do Lar de Jesus, que se ostenta gracioso, modesto, mas vencedor incrustado em alta colina em Nova Iguaçu, Estado do Rio. A ela, pois, é também nossa homenagem.

Nada vamos dizer a respeito de *Doutrina Inglória*, de *Pigmeus contra Gigantes*, de *Natal dos Cristãos Novos*, de *Cientismo e Espiritismo*, de *Guerra ao Farizaismo*, de *Julga, Leitor por ti mesmo*, de *Cruzada do Espiritismo de vivos*... Nesses trabalhos se fica conhecendo bem a têmpera, a independência, o valor, a coragem, o arrebatamento, a lealdade do professor Leopoldo Machado.

Não preciso ir adiante. Nós, os espíritas, sabemo-lo vivo. Não morreu, segundo a linguagem dos que aceitam a morte como o fim da vida. Continua vivendo, existindo noutro plano, no espaço, isto é, na quarta dimensão ou segundo outros ainda, no plano etérico. Está naturalmente descansando, repousando, em férias, em virtude da longa, fatigante jornada na Terra; colhendo já está os bons frutos das sementes que, generosamente, abundantemente, espalhou nesta sua última encarnação. Nós, que aqui ficamos, lhe dizemos apenas assim: Felicidades! e até breve, Leopoldo!

Era o que desejava dizer. *(Muito bem)*

Do «Diário Oficial», Rio, 11 de Setembro de 1957.

Onde não houver humildade não haverá nenhuma outra virtude. — *Calixto.*

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXVI CAPÍTULO

A Viagem – No Rio – Precalços – A Volta

1 — Recolhi as cartas de representação para entregar no Rio; vendí pequenina bibliotéca por uma fortuna — vinte e cinco mil réis – salvando, apenas, cinco livros que mais apreciava; reduzí à moeda outras coisas que, sempre deram algum dinheiro, como garrafas de licôr, o pequenino alambique, as cantiploras de fazer sorvete — e com trezentos mil réis amarrados, numa faixa, à barriga, além dos trinta mil réis pagos na 3.ª classe, viajei para o Rio.

2 — Foi num sabado à tarde.

Disse a minha mãe que iria procurar carregador e voltaria para as despedidas.

3 — O carregador foi apanhar, com um bilhete meu, a mala. Mas, eu ir despedir-me... principalmente de minha mãe e irmã pequenina... com que fôrça?

Uma tapeação consciente!

4 — Viajei no *Itapura*, misturado a uma caterva de passageiros sujos, fedorentos, debochados. Ocupei uma geringonça de lona por cima de outro passageiro de Sergipe, com quem, aliás, fiz boas relações. Era como eu, um torturado, um sonhador, um fracassado.

5 — Viagem de três dias sem enjoar, comendo e dormindo bem, a ler *O Caráter*, resolvido a ser alguém de caráter.

6 E a perpetrar estrofes líricas, versos tristes, casimirianos, que teriam que aparecer, depois, no livreco, *Os Meus Ultimos Versos*...

7 — E por mais incrível que pareça, cheguei gordo ao Rio, só com aquela *boia braba*, que ia apanhar, à hora das refeições, no tombadilho, num prato de folha, um garfo e um caneco. Tudo de inferior qualidade...

8 – Chegámos ao Rio, dia alto. Um dia lindo de sol. E o sol brincava com o mar e as telhas do casarío, arrancando de tudo tonalidades luminosas. O espetaculo deslumbrava. E eu pensei que, numa terra assim, deslumbrante e luminosa, eu teria que ser feliz, muito feliz mesmo...

9 – Fomos, eu e o companheiro de Sergipe, ao primeiro café no cais do Porto, um *Jornal do Brasil* aberto na seção de *precisa-se* e de *aluga-se*, em mão.

10 — Dei com um lugar para dormir, numa pensão modesta a alugar, à rua da Alfandega, aluguei o lugar, pagando um mês adiantado por *uma fortuna:* vinte mil réis.

11 – O companheiro era nordestino, guarda civil à noite e cigarreiro durante o dia. Rapaz amulatado, muito simpático, um dente de ouro, como eu, na frente, e de poucas conversas.

* * *

12 — Pus-me a campo, entregando as cartas de representação. Muitas promessas, algumas desatenções, desenganos francos da parte de pessoas a quem viera apresentado...

13 — Ora, eu vinha resolvido a ficar no Rio, certíssimo de que as apresentações não falhariam. Crente de que a primeira carta entregue seria logo levada na devida consideração, e eu teria, imediatamente, um empregalhão no Rio. Puro engano! Nada consegui com o material que trouxera da Bahia, a despeito de minha boa intenção de mandar vir, depois, minha mãe e irmã, príncipalmente, de Salvador...

* * *

14 — Um companheiro de pensão, pernambucano e generoso, prometeu-me arranjaria um lugar de revisor num jornal que ia abrir-se: *Correio de Notícias*, direção dos doutores Artur de Albuquerque e Alcides Maia, redação à rua do Ouvidor, e arranjou, efetivamente, o lugar.

15 — Compareci ao serviço. Um grande corpo de revisores sob a direção de H. B., que seria um escrevinhador somenos como eu, e, mais do que eu, empistolado. Por isso, pendeu para a diplomacia, representando, hoje, o Brasil, não sei onde...

16 — Radiante, depois do prímeiro dia de trabalho, escrevi para casa, contando os azares da viagem, o fracasso das cartas de representação e o em-

prego conquistado. Estava cônscio de que venceria todas as dificuldades, todos os precalços.

17 — A resposta não se fez esperar. E veio, até, com a de minha mãe, a carta da ex-namorada, pois eram muito amigas. A de minha mãe, mal escrita e muito emotiva, cheia de lágrimas e de saudades. A da ex-namorada, muito bem redigida, cheia de mágoas, pois tudo aquilo foi puro aleive do seu futuro cunhado, principalmente, agora que «sentia o coração cheio de amôr por mim».

* * *

18 — O Jornal não caiu no gosto do povo. Mudou de proprietário e teve que reduzir o pessoal da redação, da revisão e da impressão. Fui um dos primeiros alijados. Quê admirar, se aquilo estava dentro do determinismo a que eu não podia fugir?

19 — Bati a outras portas, à porta de outros jornais, procurando serviço. Nada!

20 — Corri á *Editora Quaresma*, de livros populares, baratos, na pretenção de que uma *resma* de versos maus, choramingados, casimirianos, fosse editados.

21—«Livros de versos para ser editado? Nem de grandes poetas! Só se o autor pagar bem a impressão, que deve ser pequena. Ninguêm compra livro de versos», — disse-me o diretor.

22 — Aturdi-me um pouco. Nem por isso, entretanto, deixava de dividir meu tempo entre procura de emprego e horas de leitura na *Bibliotéca Municipal*. Andei aí devorando os livros de Montegazzo, Samuel Smiler, Euclides da Cunha, entre outros...

23 — Alimentação? Passei sérias necessidades! Dias que nem café, que nem almoço! Uma brôa de milho de tostão, um copo de caldo de cana ou um copo dágua bebido nos repuxos do Parque-da-Republica... Um dia, eu descia a Rua da Constituição. Adiante, um mendigo, ainda moço, um chapéu de palhinha ao lado, pedia: «Uma esmolinha pelo amor de Deus». As moedas caiam-lhe no chapéu. E êle, às vezes sem as ver: «Deus favoreça! Deus favoreça!»

24 — Parei a olhar o mendigo, seu chapéu quasi cheio de moedas de niquel e cobre. E tive-lhe inveja. Ali estava seu almoço garantido, seu jantar, sua morada. E eu, moço e forte, ai de mim?!

* * *

25 — Comia num restaurante inferior, dia sim, dia não, para não gastar os ultimos vintens. Comia meio prato de feijoada completa, por que pagava seiscentos réis.

26 — Um dia, o portuguesinho, garçon, passava para lá e para cá, sem dar atenção ao freguês. Reclamei: «Garçon, pode me servir por favor!»

— Só com ordem do padrão.

27 — Mas, o patrão, outro português gordo e bigodudo, gritou alto, de sua mesa-caixa:

— *Ao senhoire não, qui o senhoire come muita farinha!*

28 Êle tinha razão. Eu, para encher o prato e o estomago, punha farinha, para mais da conta, no feijão.

29 — Ergui-me, humilhado, faminto, os olhos úmidos, e saí a mais um bôlo de milho no tabuleiro, na rua...

30 — Eu já estava arrazado de dinheiro.

Nessa tarde, fui ao cêbo na Avenida Passos e vendi os quatro ultimos volumes que ainda me restavam, *Discursos Parlamentares*, de Castelar, *O Chanceler de Ferro*, de Rochester, *Minha Formatura*, de Joaquim Nabuco, o *Guarani*, de José de Alencar. Vendi-os todos por déis mil réis. Salvei, sòmente, o *Caráter*...

31 — Contei isso, na Pensão, pesaro-íssimo.

Foi ainda o Godofredo que me arranjou colocação na *Casa Colombo*, Avenida Rio Branco, esquina da Rua do Ouvidor, na secção de calçados. Casa que era na época, um dos maiores *empórios comerciais*.

32 — Eu nunca tive jeito para o comércio. Aliás, até áquela época, ainda não havia encontrado mesmo para que eu tinha nascido. Gostava, por isso, de declamar, ás vezes, para alguns amigos que conheciam minha angústia:

Não sei pra que nasci! Esta existência inglória,
Que arrasto, a sofrer, por entre a multidão,
Não vale uma hora só, um só momento,
O pálido clarão
De uma estrela a brilhar no azul do Firmamento!

33 Tal, porém, era a minha vontade de ficar no Rio, que aceitei o emprego na *Casa Colombo*, com o ordenado de sessenta mil reis e mais 2% nas vendas que eu realizasse.

34 — Passei a almoçar no Restaurante Alexandre. Novecentos reis a refeição composta de sôpa, dois pratos, sôbre-mesa e café. Pagava-se mil reis, com um tostão de gorgeta. Pelo preço, pode-se julgar a quantidade e a qualidade da comida!

35 — E passei a jantar, muito modestamente, na pensão, que era modestíssima.

36 — Entre os companheiros de pensão, havia um rapaz, alto, gordo, que gostava de vestir-se bem, o João Paraiba. Andava numa desordem financeira pior que a minha.

37 — O João Paraiba andava tanto arrazado que até empenhava, ou vendia, seus *ternos*, suas camisas para comer e pagar a cama na pensão.

38 — Um dia, às 10 horas, ao sair para o almoço, dei com o Paraiba. Convidei-o para almoçar. Aceitou. Esperava-me, exatamente, para isso.

39 — A' noite, ao jantar na pensão, falou-se na situação do Paraiba. «Pior do que a do Leopoldo, que já arranjou o que fazer». Comentou-se, na hora mesma em que eu dizia êle havia almoçado comigo, às dez horas, no *Alexandre*...

40 — Hoje? Mas, êle almoçou comigo ao meio dia? — disse o Godofredo.

— E comigo a uma hora, alegou o outro companheiro de pensão.

41 — O Paraiba chegava, exàtamente, a essa hora.

E eu, como talvez o mais loquaz e indiscreto:

— Como é, seu Paraiba, que você chega a almoçar três vezes num dia? Seu estomago é de gente ou de avestruz?

42 — Êle respondeu, calmamente, nordestinamente, naturalmente: «Almocei, hoje, três vezes, sim? E os dias que eu não almóço?

Como Orador, Fascinava Multidões!

General Levino C. Wischral

J. Belmiro Cruz, para disfarçar seu corpo desajeitado, vestia-se com certo esmêro; no entanto, notava que todos fugiam dêle, por ser um homem gago oitenta por cento; e isso constituia-lhe um grande descontentamento.

Sua terrível gagueira constrangia seus ouvintes e, por mais que se esforçasse, ficava a repetir e repetir a mesma sílaba. As pessoas sérias dominavam-se, condoídas, para não rirem, e por isso mesmo evitavam novo contacto com o Belmiro. Na rua, porém, era Belmiro a figura preferida para a chacota e zombaria da criançada, que ria dêle a valer; e Belmiro, quanto mais se irritava, mais gago ficava.

Uma curiosidade, porém sã, de um grupo de estudiosos da Cruzada dos Militares Espíritas de Curitiba, investigando a causa dêsse fato, soube, através da mediunidade de Hercílio, que J. Belmiro Cruz, em anterior vida, animara o corpo de Maurice N. Laland, célebre orador e advogado em Paris, dono da palavra fluente que hipnotizava as multidões. Sua oratória atraía, dominava, e, ao terminar seus discursos, Laland infalìvelmente conseguia o fim almejado, sempre, porém, com enormes vantagens para si, em detrimento do povo que o aplaudia — dir-se-ia que era um terrível demagogo!

Sua voz era ardente, sua palavra culta, e hàbilmente sabia êle enfeitar com matizes cor de rosa o palavreado sôbre os mais difíceis problemas, fossem políticos, jornalísticos ou juristas. Satisfazia a gregos e troianos. Nunca perdera uma só causa; nunca vira condenado um único constituinte! Todo mundo se curvava reverente ante a magistral figura do orador de dição fácil, de gestos e maneiras aristocráticos.

Infelizmente, porém, Maurice utilizava-se do maravilhoso dom que Deus lhe concedera para, pela astúcia, tudo conseguir em seu proveito pessoal. Era inteligente, mas profundamente egoísta e sensual. Encantava e iludia, com rara arte, as vaidosas e ricas damas da côrte parisiense, aproveitando-se depois das suas fortunas, além de dar pasto, ainda, aos seus apetites libidinosos. Nas eleições, êle hipnotizava as multidões, conseguindo sempre eleger-se para, sem perda de tempo, conspurcar o mandato com negociatas sórdidas, infligindo enormes prejuizos ao tesouro público; podia esbanjar à vontade, pois tornara-se multi-milionário. Atingidos os altos postos políticos, rápido esquecia as promessas sagradas feitas ao seu eleitorado. Eis a figura do Maurice, como francês, na anterior existência.

Hoje, êsse mesmo personagem, com o nome de Belmiro, arrasta-se desgostoso, pelas ruas, nas vestes de um grande devedor, não só à Justiça Divina, como também a muitas criaturas humanas. Atacado de horrível gagueira, por mais que se esforce não consegue sequer pronunciar uma palavra sem se embaraçar. Antes, atraía e empolgava; hoje, causa repulsa, é achincalhado pela criançada das ruas e repelido pelas mulheres; enfim: ninguém o quer!

Nosso Belmiro está, pois, colhendo em situação aflitiva o que semeou no passado; está retificando o mau uso da palavra, dos costumes e das promessas. Agora, terá tempo suficiente para pensar com sinceridade antes de prometer.

«A cada um segundo as suas obras» — disse Jesus!

LIVROS E AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

AS ULTIMAS PRODUÇÕES DE DEOLINDO AMORIM

Para falar de Deolindo Amorim, e de suas ultimas produções, seja-nos lícito o recordar casos, coisas e homens do passado.

Velhos compromissos a resarcir com o distinto confrade, que nos tem enviado cadernos, livros, escritos, cartões, sem que, de nossa parte...

O Deolindo está — diga-se a verdade — na fôrça de sua produção. E o que mais interessante é: produção bôa, substanciosa, atualissima! Produção de que tudo se aproveita, de que nada, absolutamente nada, se perde.

Há autores, como Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Levindo Mello e mais meia duzia de escritores de quem nada se perde, de quem tudo se aproveita, com quem aprendemos muito.

Mas, há uma grande diferença entre o Deolindo e nós: sua produção é copiosissima, onímoda, de que não se pode e não se deve perder nada. Mas, nós, que já não dispomos de saude, de ânimo, e disposição para ler tudo ao tempo e à hora?...

* * *

Há vinte anos passados, demos de cara, numa tarde, com o Fred Figner, à entrada da Federação. Ouvimos, então, de seus lábios: «Parece que você agora só faz espiritismo! Quer na imprensa e nas polêmicas, no rádio e na tribuna, no livro e nas excursões... em toda parte só se encontra o Leopoldo Machado. E seu Colégio? E a família? E seus negócios particulares, homem?»

O que há tempo ouviramos do Figner, poderiamos dizer, e com mais segurança, e com mais precisão, do Deolindo Amorim.

Dir-se-á que está vivendo o «milagre das produções» sensatas e oportunissimas?

* * *

Vale a pena lembrar, embora sem regionalismo, o seguinte episódio:

No culto cristão do Lar, que se realiza às terças feiras, no *Lar de Jesus*; reuniões que nada têm de mediúnicas, um espírito amigo encorpora, na tarde de 16 de Abril de 1957, à senhora Carlos Imbassahy e diz, alterando, até, o ritmo dos trabalhos: «Aqui estão três baianos atrevidos, teimosos, insolentes. Mas, trabalham e produzem». Era o Espírito de Souza Ribeiro, o médico e dentista, atrevido e polemista, de Campinas. E baixou defendendo os seus pontos de vista contrários à prece, alegando que sem a vigilância, a oração só não adianta. Lição para nós de que os Espíritos pensam e sentem, não raro, como sentiam e pensavam na carne...

Tivesse o Deolindo Amorim presente, e o Espírito teria afirmado: «Aqui estão quatro baianos...»

* * *

Deolindo Amorim já nos enviou quatro *Cadernos Doutrinários*, de *Divulgação do Espiritismo*, didàticamente organizados e distribuidos pelo *Centro Espírita 18 de Abril*, de sua fundação. E que cadernos! E que substância doutrinária! Já nos mandou, com honrosa dedicatória, seu *Espiritismo à Luz da Crítica*, seu *O Espiritismo e Criminologia*, assinalando, em ambas as dedicatórias, que temos sabido «viver e afirmar a Doutrina Espírita»; que continua «a nossa velha amizade de sempre...» Dedicatórias que muito nos desvaneceram, porque já não existimos para muita gente, para muitos velhos confrades...

Já haviamos lido seus dois magnificos volumes — que honram também à Livraria da Federação Espírita do Paraná — já os tinhamos lido pelos ouvidos e por leituras esparsas, através de muitas páginas suas pelo rádio e em vários periódicos. Mas, era desejo nosso realizar uma leitura substanciosa, pausada e analitica, para, só assim...

Nada de incidir no pecado do Deolindo a propósito do nosso *Caravana da Fraternidade*. (*) que êle não leu, tal era sua alergia ao *Pacto Aureo*. Nós ainda continuamos fiel ao *Pacto Aureo*, embora... embora...

* * *

Leoncio Correia, cuja obra completa fôra publicada pelo Estado do Paraná com o prefácio de Deolindo Amorim; Leoncio Correia publicou, em *A Pátria* naqueles dias idos e vividos de nossa maior agitação em face da Doutrina, uma crônica frisando nenhum espírita tinha, no momento, dentro da Doutrina, mais responsabilidade, do que nós.

Pois, senhores, encerrando estas linhas, tudo aquilo que o Leoncio Correia disse de nós, há vinte anos, transferimos agora ao Deolindo Amorim!

E sem exagero nenhum de nossa parte!

(*) Em carta posterior, Deolindo Amorim assegura que leu CARAVANA DA FRATERNIDADE, mas que continua discordando do Pacto Aureo, pois não tem motivo para mudar de opinião.

Curso Oficial de Esperanto em São Paulo

Nos tempos já longínquos em que o Esperanto era apenas um ideal, tratado por muitos como simples utopia, a Casa de Cairbar Schutel, pelas colunas de «O *Clarim*», fez ouvir a voz precursora do Esperanto no Estado Bandeirante.

Decorrido quasi meio século, o Esperanto se impôs ao mundo, abrindo caminhos novos à Fraternidade e à Cultura. A Capital do Estado acaba de dar o exemplo de criar um curso municipal de Esperanto, como vemos do Decreto que aqui transcrevemos sem mais preâmbulos:

DECRETO N.º 3.580, de 29 de Maio de 1957.

Cria o Curso Municipal de Esperanto

ADHEMAR PEREIRA DE BARROS, Prefeito do Município de São Paulo, *usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei, e*

Considerando que o ESPERANTO, lingua universal neutra, auxiliar, destinada a possibilitar, a todos os povos do mundo, o recurso fácil e eficiente de intercompreensão exigido pelo rápido progresso dos meios de comunicação, já penetrou, como expressão vitoriosa, na instituição máxima da internacionalidade, a Organização das Nações Unidas, e que, pelo seu órgão cultural, a UNESCO, é reconhecido como útil às finalidades dêste Organismo;

Considerando que o Esperanto é hoje, e de longa data, usado pràticamente em muitos países civilizados, funcionando desde 1923 como língua clara na União Telegráfica e Postal Universal sob recomendação da ex-Liga das Nações;

Considerando que tem sido utilizado em congressos científicos, já contando com vocabulários específicos e, entre outros, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, nas suas divulgações de âmbito internacional;

Considerando que o aprendizado do ESPERANTO constitui elemento de elevação do nível cultural do estudante, desenvolvendo-lhe a capacidade intelectual, pela sua estrutura acentuadamente lógica ;

Considerando que o «SÃO PAULO ESPERANTA KLUBO», órgão-oficial do esperantismo no Estado de São Paulo, fundado em 12 de Março de 1937, devidamente registrado, com ponderáveis serviços prestados à arte, à cultura e à ciência, no decorrer dos seus vinte anos de existência, se propõe a propiciar, livre de ônus, o ensino do ESPERANTO, através de um órgão oficial,

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica criado, neste Município, o CURSO MUNICIPAL DE ESPERANTO, que funcionará sob a direção da Secretaria de Educação e Cultura, sem ônus para os cofres públicos.

Artigo 2.º — Fica atribuido ao «São Paulo Esperanta Klubo» o trabalho de organização e regulamentação dos programas do referido Curso, cujo plano será submetido à prévia aprovação do Prefeito, após a manifestação da Secretaria de Educação e Cultura.

Artigo 3.º — A fim de que o «São Paulo Esperanta Klubo» possa desempenhar eficientemente as suas atribuições, deverá ter a sua séde localizada junto ao Curso ora criado.

Artigo 4.º — Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura do Município de São Paulo, aos 29 de Maio de 1957, 404.º da fundação de São Paulo.

O Prefeito, *ADHEMAR PEREIRA DE BARROS.*

O Secretário de Negócios Internos e Jurídicos, *FRANCISCO LUIZ RIBEIRO.*

O Secretário de Educação e Cultura, *GODOFREDO DA SILVA TELLES FILHO.*

Publicado na Diretoria do Departamento do Expediente e do Pessoal, da Secretaria de Negócios Internos e Jurídicos, em 29 de Maio de 1957.

O Diretor, *JOÃO PEREIRA MONTEIRO JUNIOR.*

Além deste grande passo já dado pelo Poder Público de S. Paulo, outro há em planejamento pelo *Interfrata Esperanta Klubo*, igualmente da Capital do Estado de S. Paulo. Acha-se em estudos a introdução do ensino do Esperanto na Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo.

Assim está vitoriosa uma causa da qual Cairbar Schutel foi valioso paladino nos tempos mais difíceis.

Ismael Gomes Braga.

Da Bíblia aos Nossos Dias

NÃO tive ainda oportunidade de ler o livro do ilustre confrade Snr. Mário Cavalcanti, a respeito do qual o meu prezado amigo Aleixo Victor Magaldi externa opinião lisongeira que só por si vale para recomendar a obra em aprêço.

Está publicado o trabalho de Magaldi no último número, de 15 de agosto do corrente ano, da Revista Internacional do Espiritismo, páginas 143 a 145. Se não posso ainda, pelo motivo acima exposto, emitir opinião sôbre o livro que nos apresenta de modo tão encomiástico, vejo-me, contudo, no doloroso dever de manifestar o meu profundo desgôsto pelas asserções contidas no artigo do ilustre confrade, quer sejam inspiradas pela leitura do referido livro, quer não.

Tais asserções estão quase no fim do artigo de Magaldi e são as seguintes: ... «E há espíritas que ainda prestam apôio ao catolicismo lendo e comentando o *Novo Testamento* traduzido a *geito*, deturpado e enxertado por ordem direta de um de seus papas, segundo a confissão pública e notória do chefe dos seus tradutores. Há pregadores espíritas, o que é mais grave, que usam fazer da Bíblia caduca a fonte de suas pregações doutrinárias. Para êstes é que Mário Cavalcanti de Mello elaborou DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS...»

Bem contra os meus propósitos de jamais abrir polêmica com os companheiros que também suportam, como venho suportando, a odiosidade do clero, vejo-me agora na contingência de levantar a luva que é atirada à face dos pregadores espíritas que fazem do Novo Testamento e da Bíblia a fonte de suas pregações, porquanto pertenço ao número dêstes e tenho opinião firmada, com estrita base nas afirmativas do Codificador da nossa Doutrina, tanto quanto na razão esclarecida pelo estudo e pela meditação, a respeito da situação a que pode ficar exposto o Espiritismo se o alicerce das Sagradas Escrituras, sôbre que se acha edificado, como 3.ª Revelação, confirmatória das duas precedentes — a do Velho e a do Novo Testamento — for demolido e substituido pelo estrito senso de experimentação e de observação científica, ao modo da ciência oficial dos nossos dias, que forçou Richet a criar, com o poderoso influxo da sua inteligência de escól, a Metapsíquica, visto Allan Kardec falar ainda em prece e moral, fatores desprezíveis, na opinião do mesmo ilustre Professor, quando se trata de investigação científica. *(Vide Traité de Metapsichique).*

Ainda que seja indiscutível o mérito da obra de Charles Richet, considerada sob o ponto de vista restrito da experimentação científica no sentido de confirmar os fenômenos espíritas que servem de base à organização da nossa Doutrina, a nenhum homem realmente espírita militante ocorreria a idéia de preferir a Metapsíquica ao Espiritismo, por isso que aquela pode ser considerada, praticamente, como a marmita de Papin, sem mais consequências que a da simples observação do que produz o vapor dágua em um recipiente fechado, ao passo que o Espiritismo, com a prece e a moral, ou seja com a terceira Revelação confirmatória das duas precedentes (a de Moisés e a de Jesus), deve ser considerado como útil aplicação da energia existente no vapor dágua e que a marmita de Papin pôde demonstrar simplesmente...

Perdoem-nos a grosseira comparação, mas o fato é que o Espiritismo apenas como ciência de observação ou de experimentação, destituido dos requisitos religiosos que o espiritualizam, é como corpo sem alma, parece-se muito com o Cristo de madeira ou de metal dos altares ornamentados e que deixou de existir no coração dos crentes, para sensibilizá-los até à prática da CARIDADE.

Além disso, usar-se das expressões de que Magaldi se utilizou e que foram literalmente citadas por mim, é fazer-se tábua raza de tudo que a respeito da Bíblia e do Novo Testamento tem sido dito pelos maiores vultos da humanidade, a começar por Jesus que afirmou não ter vindo para destruir a Lei, mas sim para confirmá-la. Que Lei ? Certamente a que foi outorgada a Moisés no Sinai e que faz parte do Velho Testamento, ou seja da Bíblia, tão maltratada, como se viu.

Da Bíblia disse Cantú ser «livro que, como dizia o ilustre orientalista Jones, contém mais eloquência, mais verdades históricas, mais moralidade, mais riquezas poéticas e, numa palavra, mais beleza em todos os gêneros, do que se poderiam encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer século e em qualquer língua, que tenham sido compostos». (Cantú, História Universal, volume I, pág. 312).

No capítulo IV da «A GÊNESE», sob a epígrafe — Papel da ciência na Gênese — Allan Kardec assim se exprime : «De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos, mau grado os erros que encerra, e que estão hoje demonstrados até à evidência, é incontestàvelmente a de Moisés. Alguns dêsses erros são mesmo mais aparentes do que reais, e provêm quer de falsa interpretação de certas palavras, cuja significação primitiva se perdeu ao passar de uma língua a outra, pela tradução, ou a acepção das quais mudou com os costumes dos povos, quer da forma alegórica peculiar ao estílo oriental e que se tomou à letra em vez de procurar-se-lhe o espírito».

— «A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, e outros que parecem estranhos e repugnam por isso que se relacionam a costumes que não mais são os nossos. Mas, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecer que ela encerra grandes e belas cousas. A alegoria tem nela considerável parte e sob êste véu ela oculta verdades sublimes que aparecem desde que se procure o fundo da idéia, porque então o absurdo desaparece. Porque, pois, não se levantar mais cêdo êsse véu ? Porque, de um lado, havia a falta de luz que só a ciência e uma sã filosofia podiam dar, e de outro havia o princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito muito cego pela letra, diante da qual devia a razão inclinar-se». («A GÊNESE», de Allan Kardec, cap. IV, ns. 5 e 6, traduzido do original francês, edição de Paris, 1923).

Para justificar o uso que pregadores espíritas fazem da Bíblia, basta o juizo a respeito da mesma externado por Allan Kardec, mui justamente cognominado o bom senso encarnado. Da minha parte, contudo, devo esclarecer, pondo de sobreaviso os leitores a respeito de qualquer idéia, que me possam atribuir, de vaidade de que felizmente estou livre, mas únicamente pelo senso de responsabilidade que cada um de nós deve ter de suas próprias atitudes; da minha parte, digo, o que me induz a fazer da Bíblia fonte de minhas pregações, é o que me foi dado aprender nêsse monumento de saber espiritual, a que o Divino Mestre deu tanto aprêço, confirmando a Lei nêle contida e do qual também soube fazer justa crítica, separando o jôio do trigo que na mesma Bíblia se contém, como é natural em qualquer obra, mesmo de inspiração divina, submetida que seja à intervenção humana. Por isso aquêle mesmo que disse: «Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas; não os vim destruir, mas cumprir», conforme se vê em Mat. 5, v.v. 17 a 19 e Luc., 16, v. 17, reconhecendo, assim, o imenso valor das Escrituras, pôde também afirmar, fazendo uso da razão esclarecida: «Ouvistes que foi dito *aos antigos:* Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juizo. Eu vos digo, porém, que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juizo... Ouvistes que foi dito aos antigos: «Não cometerás adultério. Eu vos digo, porém, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Ouvistes que foi dito: Ôlho por ôlho, e dente por dente. Eu vos digo, porém, que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra...» (Mat. cap. 5, v.v. 21 a 48, *passim).*

Em saber interpretar as Sagradas Escrituras é que está o nosso ministério de espíritas, se quisermos permanecer como servos de Jesus, e não em repudiá-las da maneira acrimoniosa por que se está fazendo, levando à desorientação os adeptos do Espiritismo, que ainda comem pela mão alheia como infantes; à desorientação perniciosa, porque tendente a desespiritualizar muitos dos nossos confrades, aos quais muito melhor bem se poderia fazer mostrando lhes a insensatez dessa ciência sem Deus, que enche de orgulho os nossos sábios contemporâneos, ao ponto de quererem galgar os céus apenas com os elementos da sua pretenciosa ciência adstrita apenas ao conhecimento dos fatos que dizem respeito à matéria, desconhecedores que êles continuam a ser, em absoluto, dos mais rudimentares fatos que se relacionam com o espírito!

Tal ciência é da terra e na terra ficará, se não servir de veículo às ilações de ordem filosófica, à meditação transcendental que servirá de humus fertilizante ao desabrochar do SENTIMENTO RELIGIOSO — objetivo divino de tôda cultura que seja fruto da humilde submissão consciente à autoridade de nosso Pai Celestial, de que Jesus nos deu os mais sigficativos exemplos.

Triste é o que se está passando nas hostes espíritas com relação às Sagradas Escrituras! Tremenda a responsabilidade dos que assim procedem, para os quais suplicamos a misericórdia divina, afim de que se esclareçam e salvem.

Em vez de insultos como êsses que temos apontado, atirados à face dos humildes servos de Jesus, servos que exàtamente por serem humildes e não andarem a disputar aos seus irmãos os primeiros lugares, nem sequer merecem serem lembrados nesta hora de confusão e de trevas; em vez de tais insultos, o que devem os nossos irmãos fazer é estudar a Bíblia, especialmente o Novo Testamento, com ânimo disposto a encontrar o espírito que vivifica através da letra que mata: então se lhes abrirá o entendimento das coisas santas, entendimento que lhes não deixará mais atentarem contra os textos sagrados, como estão fazendo, destarte impondo aos que ainda temem o ridículo uma atitude de desaprêço à Bíblia e ao próprio Novo Testamento.

O mal que causam à coletividade espírita é maior do que o causado pelas investidas do clero, porque estas reforçam os brios dos espíritas e os levam ao estudo para poderem argumentar contra os adversários, ao passo que aquêle é sem remédio, porque induz ao desprêzo pela palavra do Divino Mestre e ao demasiado apêgo às demonstrações de uma ciência que só entende das cousas materiais, mas que não entende patavina das cousas do Espírito, a respeito das quais qualquer negro da África, qualquer remanescente dos nossos botocudos sabe mais, muito mais do que tôdas as equipes dos grandes sábios que estão procurando tornar limitado o Universo e lançar a humanidade na tremenda catástrofe, irremediável ùnicamente para êsses mesmos sábios e seus admiradores, de uma terceira guerra mundial e atômica.

Voltemos à Natureza, à simplicidade da Natureza, onde encontraremos a nosso Pai Celestial! Deixemos aos nossos pobres irmãos, orgulhosos sábios ateístas e materialistas, a triste glória das coisas terrenas e falaciosas!

Ao Magaldi e a todos os espíritas detratores da Bíblia faço um fraterno apêlo, em nome de Jesus, de Quem também sou humilde servo, inútil, para que cessem êsse trabalho demolidor, de tão más consequências.

Arnaldo S. Thiago.

Só o Amor Constrói

O QUE É O ESPIRITISMO? — O Espiritismo é a RELIGIÃO que jamais se deixará macular pelas châmas do ódio, pelas misérias da calúnia, pelas chagas da perseguição ou pelas diabruras dos martírios e das práticas satânicas do homicídio infringidas aos seus próprios irmãos.

Ao Espiritismo jamais, um dia, o Senhor dirigirá a bíblica interpelação: — CAIM, QUE FIZESTE DO TEU IRMÃO?

O Espiritismo, Sol do Cristianismo redivivo, é a pura Religião, a única que bebe diretamente na Fonte Divina os exatos ensinamentos de que cada criatura humana tem necessidade para libertar-se do domínio das Sombras e erguer-se aos planos da vida espiritual superior.

O Espiritismo ensina com extraordinária clareza a tôdas as religiões profanas que o ódio, a calúnia, a perseguição, os martírios, os homícidios, etc., de que elas, ilusòriamente, lançam mãos como armas de auto-sobrevivência, supondo estar defendendo os seus interêsses, nada mais são do que os maiores agentes da sua inevitável queda total e da crescente infelicidade daqueles que por elas se deixam guiar.

Com as continuadas comunicações dos Espíritos, cujas mentalidades variam ao infinito, os estudiosos do assunto ficam tendo absoluta certeza de que sòmente o Amor é que constrói como, também, de que o Ódio só destrói.

Tudo que de bom há no mundo nasce do Amor e todo fel que a Humanidade é forçada a tragar verte do Ódio.

Com exata precisão o Espiritismo esclarece a razão por que todo homem tem necessidade de aprender a perdoar para ser digno de Deus, de não odiar para não se tornar diabólico, de não perseguir para não embrenhar-se nos martírios das Trevas, de não ser falso para não tornar-se a mais desgraçada vítima da sua própria falsidade, e assim por diante.

Está provado pelo Espiritismo que a vida continua, que a alma é imortal, que a reencarnação é uma bela realidade, que os Espíritos dos desencarnados atuam, muito mais do que se pensa, sôbre os encarnados, que aquêles que aquí cultuam o Amor são felizes e, quando desencarnados, continuam felizes e praticando o bem; que aquêles que se deixam envenenar pelo Ódio são infelizes e continuam infelicitando os seus adversários que também lhes devotavam ódio.

Segundo os esclarecimentos dados pelo Espiritismo sôbre os benéficos frutos do Amor e os maléficos efeitos do ódio, da calúnia e da perseguição, passamos a compreender a profunda sabedoria que anima a estimável advertência de Jesus, lembrando a todo aquêle que tiver em seu coração qualquer queixa contra seu irmão ir, antes de tudo, procurá-lo para fazer a devida conciliação, porque enquanto houver maldade no coração do homem contra seu irmão, não estará êle em condições de receber as graças que o Amor prodigaliza a todos que têm o coração limpo.

«Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus» vêm trazendo ao conhecimento de tôdas as religiões subjugadas pelas adorações aos poderes transitórios que o ódio, a calúnia, a perseguição, os martírios e mortes infrigidas aos seus irmãos só têm servido para retardar a conquista do reino de Deus no coração da Humanidade.

Jesus proclamou:—«Um novo mandamento eu vos deixo: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

O Espiritismo adverte:—O Espírito de Verdade está entre nós para dar cumprimento integral ao novo mandamento recomendado pelo Mestre Divino e demonstrar aos seguidores sinceros de tôdas as crenças que a prática do Amor é a única fôrça que ergue a criatura ao Criador e que a prática do Ódio é a maior maldição em que o homem pode envolver-se, sendo, impiedosamente, arrastado por êle ao mundo das Sombras onde sempre houve e haverá muita lágrima e ranger de dentes.

O motivo do gigantesco e irreprimível progresso do Espiritismo não é segredo; sabe-se que o seu rápido auto-desenvolvimento é motivado pela prática do Amor, razão por que penetrou e vem penetrando assustadoramente no seio de tôdas as classes sociais e no âmbito até dos mais tradicionais credos religiosos, de onde tem arrebatado vultuoso número de adeptos e simpatizantes.

Também não é segredo que a auto-destruição das igrejas de pedra tem como principais fatores o seu insensato Ódio e pertinaz perseguição à liberdade de consciência e ao progresso espiritual da Humanidade.

O AMOR é o único caminho da salvação! O ÓDIO é o inferno da perdição!

Úrge a todos salvarem-se enquanto é tempo, buscando as luzes da Verdade Espírita.

Fernando Pereira de Moraes.

Crônica Estrangeira

Médiuns descobrem misteriosos assassinatos

Depois a vítima fala pelo médium, em transe

O professor Nelson G. Palmer, que obteve enorme sucesso na África do Sul e em jornais de muitos países, não foi o primeiro a empregar faculdades psíquicas na descoberta de crimes.

R. J. Lees, que realizou sessões no Palácio Buckingham em presença da Raínha Vitória, descobriu os crimes do célebre Jack o Mutilador. Outro médium deu informações que descobriram os assassinos de Irene Munro, em Eastbourne, Sussex. E na França uma clarividente localizou o corpo de um homem desaparecido.

No caso do assassinio de Irene Munro, o corpo foi descoberto por crianças que brincavam na praia de Eastbourne em 1920. Dois homens foram detidos por suspeitas, mas não havia sombra de prova. E foi tudo.

Harold Speer, jornalista e criminalista, contou a história em seu livro, «A História Secreta de Grandes Crimes».

Sessão à Meia Noite

Apesar de incrédulo, êle procurou um conhecido médium, Miss Groebel. Ela pediu sua condução ao lugar onde fôra cometido o crime. Éle combinou uma sessão para meia noite.

A médium caíu em transe, e deram-lhe objetos de uso da jovem assassinada.

Da bôca da médium saiam palavras completamente diferentes das suas próprias. Era a jovem morta que pedia perdão à mãe e rogava a todos orassem por ela.

Com soluços ofegantes que vinham de seus lábios, ela disse que era Irene Munro e que fôra morta por um homem, com uma grande pedra. Ela declarou estar vendo seu assassino num pequeno hotel com uma fachada branca. Tinha o nome de Albemarle.

O jornalista escreveu tudo o que

fôra dito e depois entregou suas notas ao Inspetor Chefe Mercer. Este foi ao Hotel Albemarle, onde teve provas que revelaram dois homens que foram submetidos a interrogatório.

O fato de terem sido empregados clarividentes, pela polícia, na descoberta de assassínios, foi afirmado por Edwin Woodhall, membro da chefia de polícia, Scotland Jard.

Êle afirmou em seu livro de artigos sôbre «O Crime e o Supranormal», que muitas investigações sôbre crimes não se teriam verificado sem o concurso do que êle denominou «ciência oculta»; por meio de sonhos, bem como emprêgo de clarividentes que deram as chaves em diversos casos.

Em 2 de março de 1914, Etienne Learle, velho cidadão francês de 82 anos, desapareceu depois de ter saído da casa do filho. Depois de falharem tôdas as tentativas para encontrá-lo, uma clarividente, Mme. Morel foi incumbida de esclarecer o caso.

Como fôra previsto

Ela empregava o método da psicometria. A senhora Morel caiu em transe. Uma gravata recentemente usada pelo desaparecido, foi colocada em suas mãos. Pediram-lhe encontrar o dono.

Depois de, por um instante, segurar a gravata, a senhora Morel descreveu o velho Leasle, sua aparência e o lugar em que jazia o corpo. Ela disse que êle estava numa floresta — lá havia árvores e água.

Pediram que ela o seguisse desde o momento em que êle saira da casa. Ela descreveu o caminho que tomou e acrescentou: «Êle está doente... sua respiração é difícil... seu cérebro está confuso. Êle sai da estrada e entra no mato... êle cai... depois não mais respira — êle está morto».

A senhora Morel descreveu a aparência do velho, sua roupa e como estava deitado, caído sôbre um lado, uma perna encolhida e um dedo ferido.

Os que procuravam, dirigidos pela clarividente, acharam o corpo do velho, exàtamente onde e como ela o descrevera.

De «Two Worlds».

A Casa Assombrada!

De «Estudos Psíquicos».

Em telegrama da France Presse, «O Primeiro de Janeiro», de 18 de Julho de 1954, publica, com o título acima e o subtítulo: Onde termina a ficção e começa a realidade? a seguinte curiosa notícia:

«Um casal de Birmingham, com 5 filhos, conseguiu instalar-se numa casinha muito confortável, depois de terem esperado dois anos. Mas logo na primeira noite que ali passaram foram acordados por portas que batiam, pancadas que estremeciam toda a casa, ao mesmo tempo que sentiam cheiros esquisitos, desde o do alho ao da borracha queimada. O dono da casa fez a guerra nos paraquedistas não sendo homem que se assuste com pouca coisa. Mas três semanas depois de se ter instalado na casa, na segunda quinzena de Junho, morreu o filho mais novo do casal com um mês de idade. A criança morreu de noite, sùbitamente.

Entretanto, os ruídos noturnos intensificaram-se e a temperatura do quarto de dormir sofria modificações estranhas. Começaram a ouvir-se murmúrios. Uma noite, outro filho do casal, disse que na noite em que morrera o irmão, tinha visto um cãozinho branco deitado na cama do bébé. O cãozinho já tinha vindo noutras noites, mas naquela, deitara-se em cima da criança. O dono da casa pediu o auxílio da polícia, que nada encontrou de suspeito.

Um sacerdote veio benzer a casa e também ouviu os murmúrios e outros ruídos. Apesar de tudo, o casal não queria deixar a casa que tanto custara a arranjar. Mas, há poucos dias, o dono da casa viu a esposa ao cimo da escada, como quem queria gritar, mas não podia. Precipitou-se para ela, mas não conseguiu avançar. Agarrou-se ao corrimão, usou toda a sua fôrça e o obstáculo cedeu de repente. Só depois a senhora pôde gritar e soluçar. Os dois resolveram deixar para sempre a casa...»

É pena que estes jornais de grande circulação se limitem a publicar as histórias e não lhes façam os comentários sérios que elas merecem.

A fenomenologia supranormal surge, a cada passo, em todos os continentes e latitudes, a despeito do que podem pensar e dizer os seus detratores. É tempo, portanto, de se lhe votar uma atenção mais cuidada, e de não a considerar apenas como produto de alucinação ou fantasia de cérebros fracos.

Estudem-se os fenômenos, honestamente, cientìficamente, eis o que pedem os espíritas, certos de que o resultado dêsse estudo só poderá ser vantajoso para o Espiritismo.

*

Uma mulher assassinada em Londres suplica: «Vinde descobrir o meu corpo»

De «Two Worlds».

Uma senhora de Londres foi encontrada assassinada no armário de seu dormitório, porque duas amigas íntimas relataram à polícia que tinham ouvido a voz espiritual suplicar: «Vinde descobrir o meu corpo... vinde descobrir-me».

Era a voz da senhora Doris Harrison, de Dagmar Gardens, 31 — Kensol Rise.

Ela fôra espancada e morta, e acreditavam que a morte ocorrera entre oito a dez semanas atrás.

Seu marido, Frank Harrison foi acusado do assassinato.

Suas amigas íntimas Mavis Welch, de Willesdin e Myrthe Hughes, de Haywards Heath, trabalhavam com a senhora Harrison na mesma fábrica de Kibbern.

A senhora Hughes e o marido moravam no andar térreo de um prédio até fevereiro e depois em Haywards Heath. Um mês depois desapareceu a senhora Harrison.

A senhorita Welch alarmou-se quando ela e sua amiga não mais viram Doris e não puderam mandar-lhe um cartão de felicitações.

Então, duas semanas atrás, ela ouviu a voz de Doris que dizia: «*Venha descobrir-me, Mavis, eu faria o mesmo por ti*».

A senhora Hughes, que morava em Sussex, distante 60 milhas, ouviu a voz, e três dias depois tornou a ouvi-la: «*Venha descobrir-me*». Ela reconheceu a voz de Doris.

A senhora Hughes estava tão perturbada que foi a Londres ao encontro da senhorita Welch. Ambas se dirigiram à delegacia policial e relataram o que tinham ouvido.

A polícia foi à casa situada em Dagmar Gardens. No armário descobriram manchas de sangue na maçaneta e um martelo — e o corpo deformado de Doris Harrison.

*

Um fenômeno estranho

De «Estudos Psíquicos»

Quando ainda era um jovem médico, exercendo clínica em Chicago, o Dr. Kellogg, que habitava em Battle Creek, no Michigan, foi consultado por uma jovem negra, muito pobre que sofria duma doença intestinal muito séria. O caso merecia ser transferido para o Sanatório de Battle Creek. Contudo, duas razões se opunham: a cor da pobre mulher, e o fato, de, nessa época, o Sanatório ser uma instituição muito pobre. Por isso, o Dr. Kellogg enviou a doente para o Hospital do distrito. Logo que a negra saíu do gabinete do doutor, este ouviu uma voz dizer-lhe: —«Manda-a para o Sanatório; nós arranjaremos o dinheiro». O Dr. virou-se para a enfermeira e perguntou-lhe se ela tinha falado, mas esta respondeu negativamente. Um instante depois a mesma voz repetia claramente: — «Envia-a para o Sanatório, nós arranjaremos o dinheiro». — Nova pergunta do Dr. à enfermeira, que uma vez mais disse que não tinha falado nem ouvido ninguém falar. Desta vez o doutor mandou chamar a doente e enviou-a ao Sanatório.

O Dr. Kellogg estava tão preplexo como aborrecido: tinha na sua presença os dois problemas: o da raça da paciente e a falta de dinheiro.

Foi fazer as suas habituais visitas aos seus doentes, em casa de um deles entregam-lhe um pequeno pacote, remetido não se soube por quem... nem como êle se encontrava ali, mas trazendo o nome do doutor. Ao abri-lo encontrou um maço de notas de banco que logo se apressou a enviar ao Sanatório.

O Dr. nunca soube quem lhe tinha mandado o dinheiro».

Êste curioso caso relatado pelo «Psychic News» lembra um conto maravilhoso de fadas, ou milagre de algum santo, das histórias das nossas avós. Contudo trata-se dum fato autêntico que bem prova o imenso poder das fôrças ocultas. Da mesma maneira que elas agem, por vezes, ao serviço do Mal, também, quando conduzidas pelos elementos celestes — ou Misericórdia de Deus, produzem fenômenos para os quais ainda não encontramos a explicação exata, contentando-nos em afirmar que a Deus nada é impossível.

* * *

Profecias que se Realizam

De «Estudos Psíquicos»

A revista «Spiritualisme Moderne» no seu número de Maio, 1955, conta que uma clarividente predisse à esposa de um industrial sul-africano que o seu marido seria vítima de três acidentes. A clarividente para fazer uma descrição mais pormenorizada, pediu ao marido que saísse. A esposa teve, então, conhecimento completo das circunstâncias em que ocorreriam os dois primeiros acidentes. Sùbitamente, a médium ficou com os olhos esgaseados, porque via o industrial rodeado de uma substância negra, brilhante e a ferver.

O industrial esqueceu o incidente até que os dois primeiros acidentes se produziram. Então, lògicamente, considerou o terceiro como inevitável, mas não tomou outra precaução que a de fazer um seguro de vida a favor da esposa.

Pouco tempo depois, fazendo uma visita de inspeção numa nova fábrica, parou, junto de uma caldeira de alcatrão, para ver acionar um tubo que devia ali ser metido.

Sùbitamente, a corrente que segurava o tubo partiu-se e este foi projetado dentro da caldeira fazendo saltar, sôbre o industrial, um verdadeiro banho de alcatrão, que o cobriu quase por completo.

Os médicos desesperaram de o salvar, mas ao fim de sete mêses de internamento hospitalar conseguiu curar-se.

Também são frequentes êstes fenômenos de clarividência, e tão frequentes que, como os anteriores, deviam merecer um estudo aprofundado das condições da sua produção, feito pelas pessoas para quem, atualmente, êles constituem apenas simples histórias para passar o tempo.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou no dia 21 de Setembro último, às 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do seu 10.° aniversário de fundação e do 89.° aniversário natalício do seu Patrono Cairbar Schutel, o primeiro transcorrido no dia 17 e o segundo no dia 22 do mesmo mês.

Presidiu os trabalhos o presidente da Mocidade, Sebastião Casedei de Oliveira.

Inicialmente houve uma parte artística a cargo da Mocidade e das crianças do Grêmio Infantil «Martha Cunha». A seguir, falou o prof. Anselmo Gomes, da Capital, convidado para êste ágape espiritual, que abordou o tema: «O Espiritismo, 3.ª Revelação, como complemento das anteriores», agradando em cheio a assistência.

Estiveram presentes também vários confrades de Araraquara e da Boa Vista.

Encerrou a sessão o companheiro Carlos Olson.

* * *

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 326.249,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

* * *

Campanha de Divulgação para Redenção da Criança

Manifesto da Comissão Diretora

Aos homens de boa vontade.

Considerando ser a criança o mais importante e o mais complexo setor da humanidade ;

Considerando que a base da boa ou má sociedade repousa na infância, alicerce da estrutura social, semente da fraternidade universal ;

Considerando que, do preparo adequado e eficiente da infância, resultam o equilíbrio social, o respeito ao próximo, a dignidade de caráter e a libertação dos povos ;

Considerando ainda que «A Criança é o Futuro» e como tal deverá ser merecedora da nossa melhor atenção ;

Considerando, finalmente, que o mundo infantil não tem recebido o devido respeito por parte dos adultos, no sentido de um amparo condigno, de orientação superior que atenda aos reclamos espirituais na aplicação do verdadeiro amor ;

A *Comissão* abaixo, responsável pela *Campanha de Divulgação para Redenção da Criança* vem à presença de todos os corações bem formados e espíritos alentados pelo ideal de bem servir a causa do próximo, lançar a presente *Campanha*, procurando penetrar tôdas as camadas sociais, concitando-as ao cumprimento de um elevado dever cristão que a todos assiste.

A *Campanha* é apolítica, sem caráter religioso e não visa a amparar exclusivamente uma entidade ou instituição ; ela é geral, tendo por finalidade única focalizar e divulgar o problema da infância socialmente desamparada e conclamar os homens para que se dediquem com amor a êste problema fundamental.

No desempenho de suas funções a *Comissão* usará de todos os meios de divulgação ao seu alcance, lançando o seu veemente apêlo, principalmente aos poderes públicos e instituições particulares, no sentido de que se voltem com mais carinho ao problema da criança, como único meio de se conseguir a pacificação dos homens e a fim de que se concretize a sonhada harmonia na Terra.

A *Campanha* não visa a angariar recursos para instalação de instituições ; ela é apenas um apêlo cristão aos homens de boa vontade, incentivando-os ao amparo amoroso e construtivo da criança.

Os interessados a mais informações poderão dirigir-se à *Comissão*, na *Rua Barão do Triunfo, 88, (Brooklim Paulista)*, pela *Caixa Postal 7628 ou pelo Telefone 61-4298.*

São Paulo, outubro de 1957.

A COMISSÃO :

Cel. Francisco de Paula Cardoso
Emílio Manso Vieira
Pedro Antonio Valvano
Anselmo Gomes
Raul Soares
Zilah Cardoso

* * *

Albergue Noturno «João Leão Pitta»

Vicente Esteves Ferreira, lutador incansável, tendo ao lado o dinâmico obreiro Luiz Picinin, acaba de fundar em Rolândia o Albergue Noturno «João Leão Pitta».

O velho Pitta, vulto inapagável na história do Espiritismo, bem merece a homenagem que lhe prestam os Espíritas de Rolândia.

Ao Vicente e ao Picinin, que já lançaram mãos à obra na construção do referido Albergue, os nossos parabens com votos de muito êxito, e muita paz.

(De «O Imortal», de Cambé, Est. Paraná).

Graças à mediunidade, os pesquizadores estão estudando a alma não no homem, apenas, porém, especialmente, como espírito.

Natal dos Pobres

Prezado Senhor

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade, o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim, como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, realizará o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nesse sentido a Comissão Organizadora do «NATAL DOS POBRES» solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, até mesmo usadas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

A COMISSÃO.

Matão, Outubro de 1957.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$23,00, inclusive porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	120,00
Semestre	— ,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3311unse_0

o XXXIII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Dezembro de 1957 - N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Natal . . . . *Redação*
O Militar em face do Espiritismo . *General Levino C. Wischral*
O Plano Divino da Evolução . . . *Ismael Gomes Braga*
A Bíblia e o Espiritismo . . . . *J. Herculano Pires*
Congresso Mundial de Espiritismo em París . . . . *Do "Correio da Manhã" - Rio*
A Ciência, a serviço do Materialismo *V. O. Casella*
Sêres Humanos sem Cérebro . . . *Cicero Pimentel*
Carta Aberta . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Mais um Colaborador... . . . . *Rodolpho dos Santos Ferreira*
A Ressurreição . . . . *Bianôr Medeiros*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado Senhor

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade, o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim, como nos anos anteriores, os Centros Espíritas «Amantes da Pobreza», «Allan Kardec» e Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», patrocinados pela União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, realizarão o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nesse sentido a Comissão Organizadora do «NATAL DOS POBRES» solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, até mesmo usadas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

PELA COMISSÃO,

Antonia Perche S. Campêlo

Presidente do Dep. de Assistência Social da UME.

Matão, Outubro de 1957.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1957 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

NATAL

SEM a menor dúvida, a vinda de Jesus ao nosso mundo constituiu um dos maiores acontecimentos registrados na História da Humanidade. É o primeiro dos grandes acontecimentos, porque a missão de Jèsus vai além do plano material, muito além, porque nos desvendou os amplos horizontes da vida espiritual, da vida eterna, de maneira quasi palpável, tal a clareza com que expunha os seus pensamentos e ensinos, isto sem falar dos seus prodígios, os chamados milagres, que outra cousa não são senão o fruto das leis naturais, sejam humanas ou divinas, mas que a ignorância das criaturas denominam de milagres.

Conhecendo a fundo essas leis, estava Jesus habilitado a realizar o que realizou, maravilhando as massas. Muitos profetas e sábios enriqueceram o patrimônio espiritual e intelectual da humanidade, mas nenhum dêles fez o que Jesus fez, e nenhum dêles proclamou com tanta fôrça e clareza a imortalidade da alma como Jesus, dando os testemunhos que Jesus deu da vida eterna.

Quem, como Jesus ressuscitou mortos, deu vista a cegos de nascença, levantou paralíticos, acalmou tempestades, transformou água em vinho, etc., etc. ?

Quem foi capaz de ressuscitar três dias depois de sua morte, para dar os testemunhos que Jesus deu da imortalidade da alma ?

Realmente Jesus é a maior das estrêlas que brilham na constelação do reino de Deus. Graças a Êle encontramos a salvação de nossas almas do lôdo da materialidade para a glória sempiterna dos tabernáculos divinos. Sem as palavras e os feitos de Jesus não estariamos preparados para receber o Paracleto de sua promessa, o Espiritismo, pois assim como João foi o precursor do Cristianismo, Jesus foi o precursor do Espiritismo, esta excelsa doutrina que tem por tarefa expôr as leis de Deus com o testemunho dos fatos e da lógica.

No próximo dia 25 a cristandade festejará, como de costume, mais um natalício de Jesus. Poucos, porém, o fazem com o cérebro e o coração, numa prece de reconhecimento e gratidão pelas luzes que Jesus difundiu nas almas. Mas chegará o dia em que a humanidade, em peso, festejará essa magna data não apenas em um dia, mas a vida inteira com os seus atos de fraternidade, com as suas boas obras. Quando isso acontecer, então haverá um só rebanho e um só pastor, o rebanho a humanidade, o pastor Jesus Cristo.

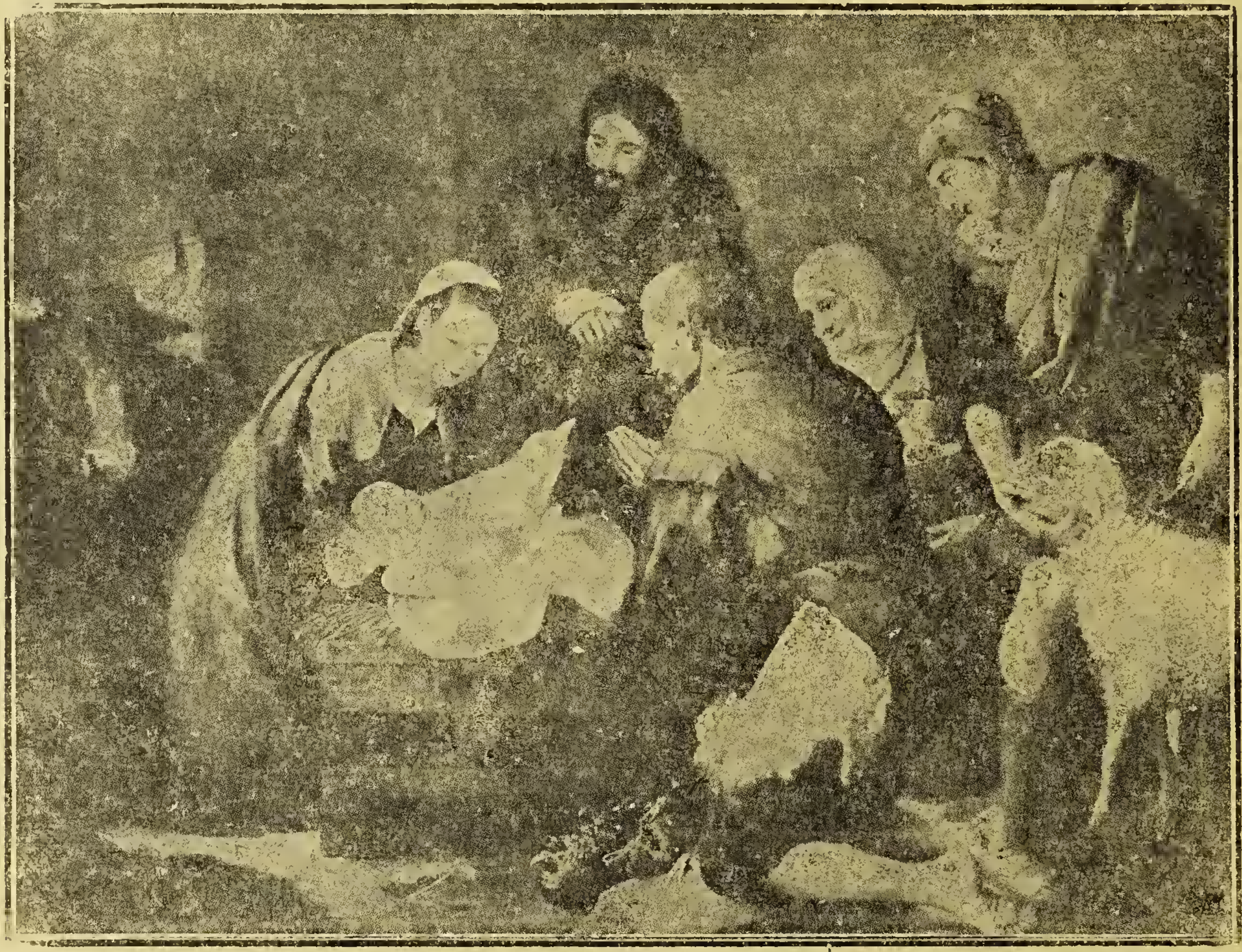

Adoração dos Pastores em Belém

Festejemos, pois, o Natal de Jesus, mas não com cousas materiais, mas sim com as altas aquisições do nosso espírito no terreno do amor fraterno.

Charles Richet, membro do Instituto, professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, um dos fundadores da Societé des Recherches Psychiques, autor de notáveis obras de fisiologia e de psicologia, afirmou : — «Quando a priori atacam o Espiritismo, não é, no fundo, por outra razão senão pela sua novidade; porque nada se pode encontrar nos fatos do Espiritismo que esteja em contradição formal com os dados estabelecidos pela ciência ... A negação dêsses fatos não foi dada pela ciência, e realmente ela não pode ser dada. Eu me recuso a admitir êste argumento simples — «é impossível, porque o bom senso me diz que é impossível». Por que impossível ? Quem, pois, traçou o limite do que é possível ou não ? Que se reflita bem sôbre isto — tôdas as conquistas da ciência e da indústria foram, outrora, consideradas como impossíveis. Assim nenhuma contradição existe entre a ciência clássica e os fenômenos mais extraordinários do Espiritismo ... Em lugar de querer ignorar o Espiritismo, os sábios devem estudá-lo. Físicos, químicos, fisiologistas, filósofos, é necessário que todos o estudem».

O Militar em face do Espiritismo

(CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS)

A Cruzada dos Militares Espíritas nasceu da vontade de um grupo de militares espíritas em afirmar pùblicamente a sua crença no Espiritismo; em viver sem dispersão e, portanto, em comunhão evangélica com as demais criaturas, assim como difundir no seio das Fôrças Armadas o amor crístico, através da divulgação dos preceitos da codificação de Allan Kardec. Esta entidade congrega elementos do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, Fôrça Policial, Guarda Civil, Corpo de Bombeiros, etc., bem assim senhoras, civís e Reservistas de qualquer categoria.

O guia espiritual da Cruzada dos Militares Espíritas é o capitão Maurício, que foi comandante da histórica Legião Tebana, do século III. No mundo católico, é conhecido como São Maurício e festejado a 22 de setembro. Foi mártir do Cristianismo no ano 286, quando sucumbiu horrìvelmente supliciado com tôda a sua legião, composta de 6.661 soldados. Todos foram mortos por terem se negado a homenagear e adorar a falsas divindades esculpidas em barro, antes de entrarem em combate, recusando-se, dessa maneira, aos usos e costumes pagãos daquele século. Teriam que oferecer a êsses deuses sacrifícios inúteis, regados a sangue, em troca da vitória certa sobre o inimigo! Como se negassem a êsse bárbaro costume, foi tôda a Legião Tebana exterminada pelas próprias fôrças amigas de outras legiões! A tropa de Maurício não podia proceder de maneira diferente, pois, pouco antes, havia aceito a Jesus como excelso modêlo de amor, paz e vida e não de desamor, guerra e morte.

Sob as luzes do espírito do capitão Maurício foi, pois, fundada no Rio de Janeiro, no dia 10 de dezembro de 1944, a Cruzada dos Militares Espíritas, devidamente registrada em Cartório, sendo seus Estatutos publicados no «Diário Oficial» de 20-III-1952.

Seu atual presidente é o General Duque Estrada, tendo como vice-presidente o Marechal Mário Travassos, ambos figuras de relêvo no Exército e também esforçados servos da Seara de Jesus. Funcionam núcleos dessa Cruzada em todos os setores do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, sendo que, sòmente no Exército, funcionam com regularidade 33 dêsses núcleos. O entrelaçamento espiritual, cada vez mais amplo, de confrades civís e militares, é um dos principais objetivos de seus dirigentes.

Dentro da Academia Militar de Agulhas Negras, antiga Escola Militar, e no Colégio Militar do Rio de Janeiro, existem dêsses núcleos, havendo, no âmbito da Academia Militar, um que se especializou na realização de sessões de materialização de espíritos, dirigido por oficiais e professores daquela Academia. Por isso mesmo, enquanto há anos atrás os nossos aspirantes a oficial deixavam as Escolas, orgulhosos de serem materialistas, ateus ou positivistas, hoje, graças ao bom Deus, observamos satisfeitos que existem grande número de oficiais, de professores, de sargentos, alunos e soldados estudando com amor e sinceridade a lei da Reencarnação, a lei de Causa e Efeito e a continuidade da vida. Nota-se um extraordinário despertamento espiritual, e todos se esforçam para ser também autênticos «Soldados do Cristo».

Nós bem que gostaríamos de substituir nos dicionários dos povos o vocábulo MATAR pela palavra salvadora que Jesus tanto exaltava: AMAR! De momento, isso pode parecer uma tola pretensão, uma insensatez; porém, sabemos que o espírito do capitão Maurício, nosso mentor, desde há séculos atrás vem influenciando os homens para que as guerras se tornem mais humanas, até chegar-se à anulação completa das desinteligências existentes entre as nações.

De uma mensagem de Maurício, recém-recebida através da mediunidade de Hercílio Maes, destacamos alguns tópicos como êstes: —

«A nossa Cruzada não semeia sangue, porém luz e amor para todos, sem distinção de fé, cultura, situação social ou econômica, cor ou raça; nela tomam parte civís e soldados até ao marechal».

Referindo-se aos militares, em particular, aconselha e pergunta Maurício, como se segue: —

«Quantos compreenderão a coragem de transformardes os vossos símbolos de guerra em objetivos de paz e amor? Quantos poderão alcançar o sentido íntimo de vossa renúncia aos emblemas bélicos, em troca das insígnias de submissão ao Cristo? Quantos compreenderão as vossas recusas ao brilho efêmero do mundo terreno, para confiardes na glória eterna da paz espiritual, que é também a paz universal? Arregimentai, pois, as vossas energias criadoras, como Vanguardeiros da mais comovente peleja que se há de travar, em breve, sôbre o orbe terráqueo, quando a luz do Cristo espancará as trevas do ódio, da crueldade e do egoísmo. Fustigai, isso sim, as vossas paixões inferiores, libertando-vos dos grilhões da vaidade, do amor-próprio e do orgulho! Combatei em vós os impulsos primitivos do homem-carne e sêde as sentinelas atentas e eternas do homem-Amor! A Cruz Redentora que fulgurou nos estandartes de Constantino, protetor da religião cristã, há de imprimir em vossas almas o sêlo divino do Sublime Pastor. Lançai-vos, decididos, à conquista dos corações adversários, aliando-vos às hostes defensoras do Cristianismo! O júbilo e a esperança se fazem mais vivos no Espaço quando os soldados belicosos da Terra trocam os símbolos de guerra pela mansuetude de Jesus. Aceitai por distintivo de fé, no amor a Jesus, e pela eternidade afora, a espada luzidia, sem gume!»

Assim terminou o nosso patrono a sua exortação aos militares.

Sejamos todos «cruzados» do exército de Jesus!

PAX.

General Levino Cornélio Wischral.

O Plano Divino da Evolução

Ismael Gomes Braga

NOSSA curta inteligência não poderia compreender o plano divino já traçado para a evolução da Humanidade de nosso planeta. Naturalmente êsse plano abrange os milênios futuros e conquistas do progresso que estão completamente acima da nossa capacidade de imaginar ou fantaziar.

Se compararmos o progresso realizado em um século, já perceberemos a fraqueza de nossa imaginação. Quem poderia há cem anos apenas imaginar a aviação, o telefone, o fonógrafo, o rádio, a televisão de nossos dias? E estas são apenas algumas das descobertas realizadas e postas ao alcance de todos. Muitissimas outras, de ordem mais técnica e por isto mesmo menos populares, foram realizadas nestes cem anos mais recentes e dentre estas poderíamos incluir a desagregação atômica, os foguetes teleguiados, o satélite artificial lançado com êxito em 4 de Outubro de 1957.

Se somos incapazes de compreender o Plano Divino de evolução para o porvir, no entanto há certos dados que nos permitem levantar uma pontinha do véu que nos oculta o futuro, e vislumbrar certos aspectos que em parte já estão revelados.

Um destes pontos é a formação de uma mentalidade humanitária, solidária em tôda a superfície da Terra, em oposição às divisões em raças, nações, religiões, partidos que sempre criaram flagelos para a Humanidade.

Podemos notar que estamos caminhando para isso pelas ideologias novas que estão surgindo e pela vitória da técnica contra o espaço. Pela técnica moderna todos os pontos da Terra já são acessíveis a todos os outros, num tempo quasi inapreciável. Tôdas as fronteiras realmente já desapareceram para as ondas hertzianas.

O homem já começa a perceber a existência da Humanidade como um todo indissolúvel. Com esta concepção da Humanidade como uma só família humana planetária, sentimos o anseio de compreensão universal e surgiu o Esperanto. As mensagens de numerosos Espíritos, por diversos médiuns, já adiantaram que o Esperanto pertence a êsse Plano Divino da evolução planetária e já venceu completamente nas esferas espirituais mais elevadas, de onde está descendo à crôsta da Terra. Sôbre isso temos excelentes informes no livro monumental «*Memórias de um Suicida*», recebido pela médium Ivonne A. Pereira, e em numerosas outras mensagens em prosa e versos recebidos por Francisco Cândido Xavier, Francisco Valdomiro Lorenz, Porto Carreiro Neto, Dolores Bacelar e outros.

O aparecimento de grandes médiuns, um pouco por toda a parte, multiplicando a fenomenologia espírita, permite-nos perceber outra conquista para o porvir: o desaparecimento absoluto do materialismo — quer com êste nome, quer com rótulos religiosos — e o estabelecimento da compreensão clara e insofismável dos princípios básicos do Espiritismo. A Humanidade futura não sofrerá mais dúvidas sôbre o seu próprio destino.

Pelo que já nos está demonstrado do Plano Divino da evolução, parece-nos que a despeito de tôdas as nossas limitações, já podemos estar certos dos seguintes princípios:

1.º A Humanidade futura formará uma só família planetária indivisível e solidária.

2.º Essa grande família possuirá uma língua comum de todos, como seu instrumento de compreensão mundial.

3.º Todos os membros dessa família planetária possuirão uma filosofia positiva, alicerçada sôbre fatos, a respeito da perpetuidade da vida e conseqüentes responsabilidades individuais e coletivas.

4.º O intercâmbio entre os encarnados e os desencarnados se tornará muito mais intenso e proveitoso do que no presente.

5.º Prevalecerá, portanto, o amor universal ensinado pelo Evangelho.

Os Espíritos encarregados de realizarem êstes cinco pontos estão a postos, nos diversos setores de atividades cientificas, filosóficas e religiosas. Os alicerces dessa magestosa construção já estão visíveis para todos nós. Quanto ao seu triunfo final, nada podemos prever porque os preconceitos reinantes são muito velhos, estão muito enraizados na alma humana, gerando automatismos negativistas que não poderão desaparecer em pouco tempo. A alegria de podermos fazer alguma coisa, ainda que muito pequena, para abreviar a realização dêstes grandes ideais, já é um rico salário para cada um de nós.

A Bíblia e o Espiritismo

J. Herculano Pires

(Presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo)

Há tempos, apareceu em São Paulo um livro intitulado «Contradições Bíblicas», que provocou certo reboliço nos meios espíritas. Houve mesmo quem temesse pelos efeitos deletérios da obra. Fui dos que não lhe atribuiram nenhum valor, entendendo que nada se podia temer de um ataque a êsse livro que representa um monumento milenar da história humana e um marco indelével na evolução espiritual da terra: a Bíblia. O tempo se incumbiu, logo mais, de provar que eu estava com a razão. O livrinho acusatório passou rapidamente ao esquecimento, e a Bíblia continuou a ser o que sempre foi.

Agora, aparece um livro melhor, escrito com mais cuidado, em bom português, analisando o problema bíblico com um pouco mais de atenção. Mas a sua posição é a mesma do anterior, sua finalidade é ainda apontar contradições no velho texto. «Da Bíblia aos nossos dias», do confrade Mário Cavalcanti de

Mello, está provocando, também, agitações no meio espírita. E não faltam os que o aplaudam, certos de que o livro demolidor tem uma grande missão a cumprir. Não obstante, aparecem os que se opõem a essa atitude anti-bíblica do confrade Cavalcanti de Mello, impedindo que a crítica ao livro milenar se generalize entre os nossos confrades pouco informados do assunto.

Sinto-me feliz de ter sido um dos primeiros a levantar a pena contra o livro do confrade Cavalcanti de Mello, e de vir mantendo com êle uma polêmica serena e fraterna em tôrno do problema, no jornal «Mundo Espírita». Penso que me cabe o dever de dar alguma contribuição para o esclarecimento de um assunto de tamanha importância doutrinária. E mais feliz ainda me sentí, quando, ao abrir o último número da «Revista Internacional do Espiritismo», encontrei o artigo do confrade Arnaldo S. Thiago, a quem não conheço pessoalmente, mas cujos trabalhos admiro há tempos, refutando as asserções um tanto quentes do confrade Victor Magaldi, que em artigo anterior elogiara a obra.

Penso que nós, espíritas, temos o dever de analisar as coisas de maneira serena e compreensiva, pois essa foi a lição de Kardec e êsse é o espírito da nossa doutrina. Sim, porque o Espiritismo não é uma doutrina dogmática, de postulados rígidos, mas uma doutrina evolutiva e amplamente compreensiva, que procura entender a vida em tôdas as suas manifestações, entendendo, portanto, o processo geral de evolução humana. Há espíritas que condenam a Psicanálise, o Darwinismo, o Existencialismo, e outras doutrinas científicas e filosóficas, numa atitude fechada de fanáticos religiosos, sem procurarem compreender a razão de ser dessas doutrinas e o que elas representam no imenso esfôrço do homem para interpretar o mundo e a vida. Há outros que condenam a Bíblia, como os há que condenam os próprios Evangelhos, e ainda os que condenam o Cristianismo, afirmando que o Espiritismo nada tem a vêr com êle. Todas essas atitudes dogmáticas discordam daquilo que chamamos o espírito da doutrina. O Espiritismo não condena: explica. E, explicando, justifica os êrros humanos, procurando corrigi-los pela compreensão e não pela coação.

No tocante à Bíblia, é o que podemos vêr em Kardec. A Bíblia é para êle um livro de grande importância histórica, pois representa a codificação da I Revelação. A seguir, vêm os Evangelhos, que são a codificação da II Revelação. E depois, como sabemos, «O Livro dos Espíritos», e as obras que o completam, formando a codificação do Espiritismo. Todo um processo histórico está representado nessa trilogia. Se o confrade Mario Cavalcanti de Mello tivesse compreendido isso, em vez de escrever um livro demolidor, aproveitaria o sugestivo título que usou, «Da Bíblia aos nossos dias», para mostrar a beleza, a harmonia e a grandeza dessa extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena.

Citemos um trechó esclarecedor de Kardec em «A Gênese». Trata-se do número 6 do capítulo quarto: «A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria ocupa, alí, considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo desaparece o absurdo.»

Nada se pode querer de mais claro, mais preciso e mais belo. Kardec revela a mais serena e elevada compreensão da Bíblia, e essa deve ser a nossa compreensão de espíritas em face do grande livro. O confrade Cavalcanti de Melo, que conheço e admiro, partiu de uma premissa falsa, ao escrever a sua obra de crítica bíblica. Sua intenção, cuja pureza reconheço e louvo, foi a de defender o Espiritismo contra o fanatismo bíblico. Mas mesmo nesse terreno a posição de ataque não pode surtir efeito, pois os que se apegam à Bíblia só poderão revoltar-se com a crítica ferina e impiedosa do grande livro. Partisse da idéia de que a Bíblia é a codificação da I Revelação, o livro que encerra, na sua linguagem dramática e alegórica, milenares experiências do homem na procura da Verdade e do Bem, e chegaria facilmente à conclusão de que é um livro do passado, que os Evangelhos e o Espiritismo superaram.

Não se entenda, porém, que, falando de superação, — do ponto de vista histórico, — esteja eu endossando a afirmação de que a Bíblia é objeto de museu. Não. A Bíblia, como todos os grandes textos que encerram verdades reveladas, é um monumento imperecível. Como bem disse Kardec, os que souberem levantar os véus da alegoria, encontrarão na Bíblia os mesmos e eternos princípios mais tarde esclarecidos por Jesus e pelo Espírito da Verdade. As matanças, os horrores, as imoralidades que o confrade Cavalcanti de Mello aponta na Bíblia, não são mais do que decorrências lógicas e naturais da época a que o livro se refere. E' um pouco de exagêro, por certo, querermos condenar hoje os costumes de tempos tão distantes.

Tenho dito e repetido, em meus artigos de polêmica doutrinária com os confrades da Escola de Niterói, — Imbassahy e Cavalcante de Mello, — que lhes falta perspectiva histórica no exame dos problemas religiosos do Espiritismo. E a prova disso está aí, bem clara, no livro «Da Bíblia aos nossos dias». Um pouco de perspectiva histórica teria modificado radicalmente a posição do confrade Mario Cavalcanti de Mello em face da Bíblia. Queira Deus que, no meio espírita, já tão cheio de incompreensões e confusões, êste livro fundamentalmente errado não venha criar uma nova escola, absolutamente contrária ao espírito da nossa doutrina.

CONGRESSO MUNDIAL DE ESPIRITISMO EM PARÍS

Transcrevemos do jornal «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, a notícia sob o título acima e os sub-títulos de «Discutidos Problemas do Além-Túmulo — A Relação do Professor Barbanell», aparecida em seu número de 20 de outubro último, com apenas um reparo, que é quando diz que o Dr. Rivail, médico de Lion, adotou o pseudônimo de Allan Kardec para não perder os clientes quando é verdade que êle nunca clinicou, devotando-se quase exclusivamente ao magistério.

A referida notícia é importante por aparecer em um jornal de larga circulação em todo o Brasil.

Ei-la:

PARIS — Do Congresso Mundial de Espiritismo, que se realizou recentemente em Paris, participaram 250 representantes de vinte países; alguns exaltados e alguns estudiosos dos fenômenos mediúnicos e outras pessoas que também se interessam pelo assunto, embora exercendo uma outra atividade normal como por exemplo, o reverendo Melvin O. Smith, pastor-protestante americano, e o inglês Lorde Dowling, marechal do Ar britânico.

Foram permitidas experiências de clarividência feitas por médium de fama mundial como o inglês David U. Bedbrook, a francesa Madame Thibaud-Leguet, a belga Madame Halleux, a holandesa Maria Van Saarra.

Do palco do salão no qual se realizou o Congresso, na séde da Sociedade «Savantes» o médium dirigia-se à platéia e, após alguns minutos de concentração, o que lhe dava um ar inspirado indispensável para impressionar os presentes, escolhia uma pessoa do público, em geral uma das muitas mulheres com mais de 50 anos que assistiam às sessões com interêsse fanático.

Receitas

Aconteceu porém que uma viúva a quem o defunto marido aconselhara através do médium, cuidar do seu fígado, exclamou: «Mas eu não tenho fígado doente!» — Ao que o médium prontamente retrucou: «Não faz mal. Devem-se prevenir as doenças. Aliás não sou eu que aconselho, mas é o seu marido».

Outra vez, o médium (tratava-se de Madame Halleux) disse que o defunto falava insistentemente de duas pessoas: Yvonne e Georgette, mas foi interrompido pelo sujeito, que protestou: «Nunca ouvi falar nelas!»

«Não importa — continuou imperturbável a Madame Halleux — trata-se de recordações de espírito».

À parte êsses incidentes de pouca importância, o Congresso caracterizou-se por uma grande sèriedade. Tinha sido organizado pela «International Spiritualist Federation» de Londres, que cada três anos convoca tais reuniões. A última delas, em 1953, realizou-se em Amsterdam.

Dentre as suas diversas finalidades há a de renovar os oito membros da comissão executiva internacional da qual agora participa também o italiano Gastone De Boni, um dos mais ativos espíritas da península.

Mais difundido no Brasil

No Congresso de Paris, todavia, a Itália não foi representada por êle mas pela delegação do Grêmio «Luz in Tenebris», de Camerino, dirigido pela professôra Mara Montemaggiore, que relatou sôbre as atividades espíritas do seu país.

Ao recente Congresso foi dado um relêvo particular, pois neste ano celebra-se, como se sabe, o primeiro centenário da codificação do espiritismo. Tamanha é a importância da data que o govêrno do Brasil dedicou-lhe um sêlo postal reproduzindo a efigie de Allan Kardec, o homem que os espíritas consideram seu fundador. O Brasil, de fato, é o país onde o espiritismo é mais difundido: há três mil sociedades espíritas legalmente constituidas e os livros sôbre êsse tema alcançaram uma tiragem de quase sete milhões de cópias. Os espíritas brasileiros fundaram também duas cidades, Reincarnação e Palmelo, habitadas exclusivamente por êles.

Allan Kardec

Allan Kardec, médico de Lion, na realidade chamava-se Denizard Rivail, mas adotara o pseudônimo porque — de outro modo — perderia os clientes. Nascera de família burguesa em outubro de 1804, e completara seus estudos na Suiça. Casou e viveu em Paris, tranquilamente até os cinquenta anos quando ouviu pela primeira vez falar nas mesinhas de três pernas. Daquele dia em diante mudou de vida e esteve em constante comunhão com as «almas sobreviventes dos que moraram na Terra» e adotou o pseudônimo justamente de uma dessas almas que vivera na época druídica. Publicou muitos livros e fundou «La Revue Spírite» que ainda existe. Sua obra principal é o «Livro dos Espíritos», traduzido em tôdas as línguas e que os espíritas consideram o seu código, a lei fundamental do seu mundo sobrenatural.

O princípio no qual se baseia a legislação de Kardec é «Nascer, Morrer, Renascer e progredir sem cessar. Esta é a lei».

Casa dos Espíritas

A organização do Congresso parisiense foi confiada à «União Espírita Francesa», uma sociedade de caráter estritamente filosófico, e à «Casa dos Espíritas», que tem a tarefa da pesquisa científica e da divulgação da doutrina.

A «Casa dos Espíritas» foi fundada por Jean Meyer, sucessor de Kardec, que para instalá la — comprou um prédio, pois não encontrava casa de aluguel para a sua séde. Em 1924, comprou então o edifício número oito da Rue Copernic e organizou no primeiro andar a «Casa dos Espíritas». Todos os inquilinos dos outros apartamentos foram-se embora e sòmente mais tarde, durante a crise de habitações, é que aquêles apartamentos foram alugados a firmas em cujos escritórios os funcionários não permanecem depois das oito horas da noite.

Algumas famílias pobres moram nos últimos andares sòmente para não perder as vantagens dos aluguéis bloqueados.

Museu do além túmulo

Documentos, fotografias, cimélios foram reunidos na Casa dos Espiritas, que se tornou assim o mais importante museu do além túmulo. Mas durante a ocupação os nazistas saquearam-na e o material se perdeu. Agora só restam poucos autógrafos: uma carta de Alphonse Lamartine ao seu médico para discutir problemas da reincarnação, uma de Alexandre Dumas pai, uma de Victorien Sardou, autor também de uma peça intitulada «Spiritisme», a Allan Kardec, uma também a Kardec de Camile Flamarion quando êste era estudante de astronomia. Há velhas fotografias reproduzindo em forma obscura fenômenos de materialização, que os próprios espíritas tiraram. As paredes da Casa estão cobertas de quadros de Agostim Lesage, um mineiro que com 35 anos enquanto trabalhava no fundo de um poço ouviu uma voz que lhe disse «Um dia serás pintor».

Augustin Lesage foi de fato pintor; existem milhares de quadros seus que os espíritas se esforçam para interpretar. O autor não pode dar explicação nenhuma, pois sustenta tê-las pintado obedecendo a uma vontade sobrenatural. Trata-se de catedrais fantásticas, uma mescla de estílos, arquitetura, escrita egípcia, elementos diversos.

Mensagem

Os espíritas consideram os quadros de Lesage como um texto que um dia revelará o mistério do Universo.

A doutrina dos espíritos — cujos problemas foram propostos no Congresso parisiense — não tem nenhuma relação com a metempsicose; prevê uma série de reencarnações destinadas a transformar a humanidade.

Entre as relações do Congresso uma das mais interessantes foi a de Maurice Barbanell relativa à vida do mundo espiritual. O autor começou afirmando que só os espíritas sabem o que acontece na vida do espírito; o que se explica pelo fato de receberem êles as suas informações diretamente dos que nela se acham.

«Tais informações — disse o orador — são bem mais satisfatórias que as suposições, as esperanças, os temores dos pastores e de todos os que se agarram às diferentes seitas religiosas, baseadas exclusivamente sôbre certas doutrinas dos teólogos, ou sôbre afirmações que se encontram nos livros chamados sagrados.

Após a Morte

Após a morte cada um de nós continuará exatamente o que era, só se terá libertado do físico. Não precisa morrer para se tornar um sêr espiritual; mas a morte vem quando a verdadeira personalidade se retrai e funciona através do ser espiritual, que é a cópia do material, sem moléstias, nem dores, nem velhice. Este é o grande consôlo que o espiritismo oferece aos doentes e aos infelizes: a enfermidade não dura após a morte; não será mais cego no além-túmulo, o que cego foi em vida, o surdo ouvirá, o mudo falará.

A vida do mundo espiritual não é um meio-sono, uma nebulosa; pelo contrário, é rica de atividade, e oferece a todos possibilidades e ocupações.

Fantasmas, etc.

Sempre na opinião de Barbanell, acreditar que os mortos durmam para sempre é um conceito errado. Estamos acostumados a considerar o mundo material algo de sólido e real enquanto a ciência demonstrou que a matéria sólida é uma ilusão e as descobertas atômicas confirmaram que só no invisível se encontram a energia e a realidade.

Alguns homens podem ter — depois da morte — um período de descanso, que lhe permite adaptar-se à nova vida e é lamentável que a maioria dos homens seja ignorante ao ponto de se perturbar ao descobrir que sobreviveram ao túmulo. Outros só despertam muitos séculos após a morte; trata-se daqueles, cuja vida espiritual teve poucas ocasiões de funcionar e frequentemente depende dêles a aparição dos fantasmas; apesar de se terem libertado do corpo físico, a falta de evolução amarra-os à terra também depois de terem chegado ao mundo do espírito.

Em geral, porém, quem morre se acostuma ràpidamente, encontra os que amou e que os precederam; as famílias se reúnem. No além-túmulo vive-se em casas, porém não de tijolos e de concreto, mas feitas de pensamentos.

No mundo espiritual os estados mentais são a realidade: de fato alguns instintos sobrevivem, como o de se vestir. Os mortos comem e bebem enquanto pensarem que necessitam disso: mais tarde, progridem espiritualmente e compreendem que não têm mais necessidades materiais.

* * *

O sábio Duclaux diretor do Instituto Pasteur, em uma conferência que fez no Instituto Geral Psicológico, há alguns anos, dizia — «Não sei se sois como eu, mas êsse mundo povoado de influências, que experimentamos sem as conhecermos, penetrado dêsse «quid» divinum que adivinhamos sem lhe aprendermos as minúcias, ah! êsse mundo do psiquismo é mais interessante do que estoutro em que até agora se encarcerou o nosso pensamento. Tratemos de abri-lo às nossas pesquisas. Há nele, por se fazerem, imensas descobertas que aproveitarão à humanidade».

A Ciência, a Serviço do Materialismo

V. O. Casella

Depois que Johann Kepler (1571-1630) e Isacc Newton (1642-1727) descobriram quatro importantes verdades da natureza, as chamadas leis da mecânica celeste, a Astronomia atingiu vantajosos progressos, levando a nossa mente aos longínquos abismos siderais.

Firmados nessas descobertas, os astrônomos pelos cálculos denunciaram astros que ainda não tinham sido revelados pelas nossas lentes telescópicas. E hoje, com o auxílio da nossa precisão industrial, e do avanço da ciência em todos os sentidos, o Homem consegue calcular e executar luas metálicas, e arremessa-las nos espaços, as quais passam a girar como satélites ao redor da Terra, obedientes às mesmas leis regentes dos astros da mecânica celeste.

Êste sucesso é uma incontestável vitória da inteligência do Homem, revelando que a nossa ciência vem sempre caminhando na direção da verdade, nas pesquisas dos mistérios da majestosa obra da Criação Divina.

Como os cientistas já se acham em preparativos para outras aventuras espaciais mais profundas, procuremos aqui, expor em princípio, qual a finalidade dessas sondagens nos espaços.

Primeiramente vejamos como podem essas esferas metálicas manterem-se equilibradas no seu movimento na órbita do nosso planêta.

E' fato conhecido que cada astro possue ao seu redor um campo de atração newtoniano, cuja fôrça, à medida que se distancia do corpo atraente, diminue seu potencial no sentido do quadrado. Assim, a Terra atrai a Lua (natural), e se esta não cai sôbre o nosso planêta é porque ela está em movimento que a impulsiona no sentido de fuga. Logo compreendemos que as duas fôrças, centrípeda e centrífuga, ou seja, de atração e repulsão, equilibram-se, mantendo aquêle astro eternamente no espaço orbital terrestre.

Ora, um satélite artificial recebe um impulso para girar ao redor da Terra, obedecendo às mesmas leis que regem os astros Quer fugir e não pode porque o nosso planêta o atrai. Cair tambem não consegue porque o seu movimento de circundação o impele para fora. Nestas condições, fica estabelecido o equilíbrio.

Agora é preciso compreender que quando um satélite não ganha altura suficiente para ultrapassar os últimos limites das fronteiras exteriores da nossa atmosfera, a sua duração será de tempo limitado.

O motivo é devido êle se movimentar mergulhado nas camadas densas dos gases atmosféricos. Nestas condições, no seu trajeto, êle vae se atritando com a resistência dêsses gases, mesmo que sejam de pouca densidade, e fica prejudicado na sua marcha natural, com ameaça de desiquilíbrio na sua estabilidade. Mas nessa frenagem êle vae se aquecendo e acabará incendiando-se, encerrando assim sua existência pela volatilização.

Quanto tempo levará para que lhe aconteça êsse fim trágico? Tudo depende da intensidade do atrito com os gases da distância em que êle se achar, e da resistência do material da sua estrutura, o que constitue segredo dos seus realizadores. Assim, a sua duração poderá ser de dias, mêses, ou anos.

Se, pelo contrário, o satélite no impulso que recebe alcançar as regiões fora de qualquer influência atmosférica, o pequeno corpo artificial. passará a se movimentar livre no vácuo indefinidamente. Ao primeiro satélite lançado, as previsões são incertas sôbre a sua duração, e o segundo, mais distante, acredita-se em uma existência de anos. Contudo, êsses calculos são dados com certas reservas, pois as longínquas regiões em que êles se acham, na prática ainda não são conhecidas suficientemente, para que essas previsões possam ser exatas com precisão.

Vejamos agora o que os pesquisadores esperam obter nessas explorações preliminares, visando outras sondagens mais profundas, preparando-se para um dia tentar conseguir as projetadas naves interplanetárias, em viagens a outros mundos.

Cada satélite leva em seu bojo poderoso instrumental que registra as condições das altas regiões do nosso planêta.

Um pequeno rádio-transmissor ali instalado vae nos enviando mensagens que serão captadas pelos nossos postos receptores.

De acôrdo com essas previsões os cientistas esperam receber os seguinte informes :

Radiações solares; — Como sabemos, os raios ultra-violetas, originados do Sol, seriam mortais para a nossa vida planetária. Mas felizmente êles aqui não chegam, ficando retidos nas altas camadas atmosféricas, da Terra. Este é um dos pontos importantes para saber-se como deverão proteger-se, os nossos futuros astronautas ao passarem nessas zonas onde se acham êsses perigosos raios penetrantes.

Temperatura; — O calor solar nas grandes altitudes deverá ser revelado o seu grau, assim como deverão ser conhecidos a intensidade e o calor da luz refletida pelo nosso planêta, naquelas paragens.

Densidade; — As camadas mais exteriores da nossa atmosfera acusarão a sua densidade nas diversas profundezas, para se conhecer até em que ponto de resistência será oposta aos corpos ali mergulhados.

Gravidade; — Os satélites, no caso de sofrerem distorções nas suas trajetórias, revelarão qualquer variação gravitacional das diferentes regiões da crosta planetária.

Raios cósmicos; - Estas invisíveis partículas bombardeiam interruptamente a Terra, em todas as direções, atravessando nosso corpo físico, infiltrando se no solo, sem prejudicar-nos. Mas elas quando aqui chegam, já não se acham com o mesmo potencial das grandes altitudes. Neste caso procura-se saber qual será a ação dêsses raios, sôbre as células animais, naquelas zonas onde essas partículas chegam em estado primário.

Meteóritos; — Os impactos destas pedras dos céus serão registrados seu potencial, quantidade, e o perigo que elas possam oferecer aos planos dos nossos pesquisadores. Aqui na Terra tem nos chegado alguns dêsses mensageiros dos espaços, com enorme pêso. Citemos apenas dois: O de Bandegó, Bahia, com mais de 5.000 quilos; e o da Sibéria, avaliado em mil toneladas.

Além dêsses informes acima descritos, naturalmente outros deverão ser colhidos, e nem todos virão a público, pois há questões que ficarão restritas entre as autoridades militares.

Se os cientistas prosseguirem com sucesso nos seus intentos, talvez será lançado um satélite de grandes proporções, para servir de trampolim para o projetado salto do Homem à Lua. E quem sabe se em futuro não muito distante o homem ainda realizará o seu fantástico sonho de viagens para Marte, Vênus, ou outros mundos semeados pelos espaços.

E aqui deixamos êstes informes sôbre o lançamento de satélites artificiais, mas antes de finalizarmos vamos comentar alguma coisa sôbre quais as vantagens que a humanidade poderia obter espiritualmente com êsses avanços da ciência.

Na realidade seria injustiça não reconhecermos a grandeza da inteligência do Homem no domínio das fôrças da natureza. Mas infelizmente, êsses sucessos dos nossos pesquisadores vem se sugeitando ao capricho das classes intelectuais intoxicadas pelo Materialismo, predominante sôbre os povos.

Assim, se essas realizações nos beneficiam no campo físico-químico, em troca pagamos aos seus exploradores pesado tributo lutuoso no seu emprego para fins belicosos.

Ora, para que pudessemos desfrutar com vantagens e alegria os benefícios da ciência seria necessário que ela fôsse iluminada pela espiritualidade, nos auxiliando a debelar a causa íntima dos nossos problemas da alma, até agora insolúvel no seio da humanidade.

Esta tarefa cabe às doutrinas espiritualistas levar a luz evangélica nos meios intelectuais que estão com as chaves dos poderes nas mãos. Mas não será com pregações de simplicidade religiosa que poderemos demover dos seus propósitos êsse Materialismo enrigecido. Nem tão pouco à custa de golpes verbais ou escritos, despidos de raciocínio lógico. E não acreditamos com absolutismo na separação de bons e maus, para esquerda e direita no sentido físico em um juizo final, porque à evolução é contrária aos efeitos da compulsoriedade.

O trabalho deverá ser de esclarecimentos, dentro de elevado padrão de cultura, já que os métodos atuais de simplicidade não puderam seguir paralelos com a marcha da evolução acadêmica, do Homem moderno.

Se os homens das cavernas chegaram na fase atual, após milhares de anos evolutivos, daqui por diante a evolução continuará na mesma ordem, obedecendo sempre a mesma lei que libertará o espírito dos elos da carne. Se houver hecatombes bélicas ou cósmicas, seremos nós mesmos que teremos de emergir das suas cinzas, para continuação do curso planetário, embora o ressurgimento possa beneficiar ou castigar cada qual com o estado de alma que poderá merecer. A colheita deverá ser feita no mesmo plano de semeadura.

Fora dêsses conceitos implica na crença do milagre do dogma, e seria muita pretensão para que os espiritualistas, apenas por crerem em Deus, já se julgarem dignos de uma salvação final compulsória, quando o prêmio deverá ser conferido no fim da etapa, da sublimidade, talvez ainda longínqua.

Urge ganharmos tempo seguindo no encalço da intelectualidade sem Deus que se distancia, para que o saber e o espiritualismo unidos, redimam o nosso educandário terrestre, colocando-o em plano mais elevado de paz, justiça e amor.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. São Paulo

Sêres Humanos Sem Cérebro

Cícero Pimentel

Notícias procedentes de Belém do Pará (1) informam que no Hospital da Santa Casa local foi examinada uma criança com 49 dias, de cuja cavidade craniana foi extraído 600 cm3 de líquido aquoso; em seguida injetou-se ar no interior da cabeça para facilitar uma chapa de raios X, e então os médicos constataram, com surprêsa, que a criança não tinha cérebro. Os médicos locais afirmam que a criança falecerá, mas o garoto está vivendo, chorando e amamentando-se normalmente.

Trata-se, ao que parece, de um caso raro de ausência de cérebro em recem-nascido, pois êsse curioso fato não é raro entre pessoas adultas com doença na cabeça. De qualquer modo, tanto um como o outro fenômeno interessam à ciência médica oficial, para efeito de estudos, e à ciência espírita e metapsíquica. Especialmente, os médicos e sábios espíritas valem-se dêsse caso para provar à ciência oficial que o pensamento não é função do cérebro, e que além do cérebro há alguma coisa mais, de natureza fluídica, invisível aos olhos humanos, mas que pode ser provada pelos seus efeitos.

É sabido que o cérebro é uma massa nervosa, de importância fundamental para a vida do ser humano, pois é a séde das sensações e dos movimentos involuntários. A ciência do nosso século admite que não pode um sêr viver sem cérebro. Apesar dessa afirmação categórica, há alguns casos que provam a existência de homens com o cérebro parcial ou totalmente destruido. Vários dêsses casos foram transcritos e discutidos por Geley (2), Bozzano (3) e C. Imbassahy (4), magnìficamente, no meio espírita.

Vale a pena citar dois casos entre os vários comunicados pelos autores acima citados:

1.°) Comunicação do dr. Perrier à Academia de Ciências de Paris (5): «Trata-se de um indivíduo de 62 anos. e que em consequência de ligeira ferida na região occipital, apresentou algumas perturbações visuais, entretanto, nenhum sintôma alarmante, nem paralisía, nem convulsões se produziram. Os outros sentidos se conservaram em seu estado normal. No fim de um ano, o doente sucumbiu bruscamente, depois de um ataque epiléptico. Na autópsia, verificou-se que o cérebro dêsse homem se apresentava sob a forma de uma casca delgada que, com uma incisão, dava saída a uma enorme quantidade de pus».

2.°) Comunicação do dr. Huschland, (6): «Numa pessoa doente, havia muito tempo, e que até os últimos momentos não dera sinais de qualquer doença cerebral, embora estivesse atacada de paralisía, quando foi autopsiada, encontraram-lhe o cérebro semelhante a uma caixa cheia de água. Nenhum traço de massa encefálica, nem adiante, nem atrás, nem em parte alguma do cérebro. Todavia, o indivíduo conservou as faculdades mentais até os derradeiros minutos de vida».

Finalizamos com as sábias conclusões de Bozzano (7) a respeito deste assunto: «Em outras palavras, tudo leva a demonstrar a existência de um cérebro etéreo imanente no cérebro físico, e portanto a existência de um corpo etéreo imanente no corpo somático». «Uma vez admitida a existência de um cérebro etéreo, base da consciência individual, é fácil explicar a existência de homens que pensam sem cérebo. Com efeito, pode se lògicamente pressupor que, em certas circunstâncias de sintonização especial entre o cérebro e o espírito êste pode prescindir parcial ou completamente de seu órgão de relação terrestre».

Resumo (en Esperanto)

La autoro citas kelkajn kazojn de homa vivo sen cerbo; unu kazo en Brazilo en infaneto (49-taga); post operacio (forigo de akva produkto el la cerbo), la X-radioj montris ke li estis sencerba. Tiuj fenomenoj pruvas: ke en specialaj cirkonstancoj homo povas pensi sen cerbo, ke ekzistas krom materia cerbo, etera cerbo (nevidebla). Oni vidu detalojn en la verko de Bozzano (3), de Geley (2) kaj Imbassahy (4) pri tiu temo.

FONTES CONSULTADAS

1) «Estado de S. Paulo» de 13-10-1957 (jornal).

2) «Del inconsciente al consciente» (ed. Constancia), B. Aires, 1947 p. 118.

3) «Cerebro y pensamiento» (ed. Kier), B. Aires, 1944 p. 19.

4) «Corpo e espírito» (ed. LAKE) S. Paulo, 1946 p. 119.

5) «Annales des Sciences Psychiques», 1914 p. 29 (seg. Bozzano, ver 3).

6) «Journal de Médicine pratique», out. 1938 (seg. Imbassahy, ver 4).

7) Obra citada em 3 p. 21/22.

S. André, 26-10-1957.

Carta Aberta

Professor ARNALDO S. THIAGO,
Revista Internacional do Espiritismo.
Caríssimo irmão e venerável confrade:
Paz e luz crescentes em Jesus.

Acabo de regressar de Juiz de Fora, onde tive a agradável surprêsa de ler o n. 9 do corrente ano da Revista Internacional do Espiritismo, *êsse holofote potente de cultura espírita levantado em Matão pelo colega Cairbar Schutel para projetar no Brasil as luzes da 3.ª Revelação. Deparei nas suas págs. 192 a 195 com o seu artigo lapidar —* **Da Bíblia aos Nossos Dias**, *cheio de expressões muito lisongeiras a meu respeito, relativas ao comentário por mim feito ao livro do erudito confrade Mário Cavalcanti, de igual título, comentário publicado na Revista em 15 de Agosto p. p. E agradeço-lhe, realmente sensibilizado, a distinção que seu artigo confere a êste velho amigo e exaltado admirador de suas invulgares qualidades de cultor, praticante e propagandista, cintilante e abnegado, da Doutrina Espírita, que tanto nos seduz e satisfaz integralmente. Principalmente o cativante tom de intimidade com que me trata, no referido artigo, deixou-me desmedida comoção.*

Muito obrigado, por tudo isso.

Entretanto, quero deixar bem claro que não me move o mínimo propósito de ser um «espírita detrator da Bíblia», livro que teve a sua época e hoje perdeu a sua autoridade divina, devido aos «êrros que encerra e que estão hoje demonstrados até à evidência» — expressões de Allan Kardec, no trecho citado pelo queridíssimo amigo, embora continue servindo de base histórica para o estudo de religiões. Outras expressões de Allan Kardec, ainda fazem parte da citação feita pelo ilustrado e venerando amigo no seu luminoso artigo, que me autorizam a qualificar a Bíblia como caduca. *Esta, para exemplo: «A Bíblia contém* evidentemente *fatos que a* razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, *e outros que parecem estranhos e* repugnam, *por isso que se relacionam a cos-*

tumes que não mais são nossos». (A Gênese, cap. IV).

Se me julgasse incluso no número de «todos os detratores da Biblia», não teria nenhum constrangimento, e até o faria com grande prazer, em atender ao amável e «fraterno apêlo, em nome de Jesus» formulado pelo mui diléto mestre e confrade, a quem jamais, desde a primeira hora do nosso reencontro, deixei de admirar e querer, apêlo «para cessar êsse trabalho demolidor, de tão más consequências».

Todavia, a verdade é que eu também julgo ser um crime demolir a Biblia, que serviu, vem servindo e ainda servirá para reforma de milhões de criaturas, conduzindo-as para planos espirituais mais nobres. O que desejo é a preferência dos espíritas para os livros espíritas, como os de Kardec, de Leon Denis, de Delanne, de Flammarion, de Aksakof, de Bozzano etc., como base de suas conferências, palestras e perorações doutrinárias; ao mesmo tempo que almejo esclarecer os confrades iniciantes, menos avisados, sôbre os êrros, «que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode aceitar», *contidos na Bíblia.*

Nada de detrator; apenas esclarecer. E muito menos insultar, quem quer que seja, sobretudo eminentes amigos e confrades de minha veneração, por terem opinião diferente da minha. Os espíritas estudiosos, como o meu respeitável e prezadíssimo amigo e preclaro coidealista professor Arnaldo S. Thiago, que me perdôem esta opinião, se dela discordam. Não hão de querer que êste seu amigo e irmão deixe de usar de franqueza, quando escreve ou fala. O que penso é o que digo; penso-o e digo-o baseado em conhecimentos comprovados, que satisfazem a minha razão. E quanto à Bíblia, por isso mesmo, julgo ser um livro caduco, *que já cumpriu a sua missão, para parte da humanidade ocidental, não tendo sinão o mérito histórico para essa parte da humanidade, na qual inclúo os espíritas.*

Reconheço o direito de pensarem e dizerem o contrário a todos quantos, como eu, o façam sob a mesma base de conhecimentos que igualmente lhes satisfaçam a razão. Nem por isso deixarei de amá-los menos.

Ao professor Arnaldo S. Thiago, um dos amigos que mais venero,

Um grande abraço do «fan» vetusto,

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda, 2-XI-957.

MAIS UM COLABORADOR...

CÊRCA de 1929, depois de uma bela jornada pelos meandros do presbiterianismo, voltei as minhas vistas para o *Espiritismo*. Nunca fui católico apostólico romano, apesar de ter nascido em família puramente católica. No protestantismo, tomei contacto pela primeira vez, com o livro sagrado, onde comecei a ler os sublimes ensinamentos do Mestre Jesus, principalmente, em Lucas, o Apóstolo por mim preferido e no dinamismo de Saulo metamorfoseado em Paulo, o *combatente do bom combate* e, o célebre João, o Evangelista das profecias Apocalípticas.

Li, decorei capítulos e versículos, assimilei alguma coisa, melhorando os meus princípios e sentimentos um tanto nômades.

Como dizia, encontrei o Espiritismo, Doutrina por excelência de transformação moral. Aliei-me a ela de alma e coração.

Senti os seus primeiros efeitos na indicação reta e impecável do «amai-vos uns aos outros como vos amei» dito pelo Mestre Jesus e na afirmação do Snr. Kardec «Fóra da caridade não há salvação» ou ainda quando hasteia a bandeira do TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA...

Não só li, como estudei essa doutrina através do snr. Kardec, como também assimilei os seus preceitos em tudo quanto me foi possível. Gostei tanto que embriaguei-me, pela nova doutrina surgida em meu caminho.

Continuando a estudar e, no decorrer dos tempos fui encontrando novos colaboradores. Foi assim que admirei o maior em meu vêr dos companheiros do snr. Kardec, na iluminada pena de Leon Denis, o qual nos concita:

«Tenha por templo o Universo,
Por imagem Deus,
Por altar a consciência,
E por lei a caridade.»

Prosseguindo na apreciação dos colaboradores do snr., Kardec, em Delane, Richet o pesquizador, Flammarion, Aksakof, Conan Doyle, Bozzano e muitos outros estrangeiros, aqui na Terra do Cruzeiro, vimos Bezerra de Menezes — chamemô-lo «o destemido», «desbravador», Cairbar Schutel, Leopoldo Cirne, Leopoldo Machado, o valoroso Guilon Ribeiro e mais outros formando uma Plêiade de incansáveis e abnegados trabalhadores, aos quais, *de joelhos*, presto o meu mais humilde preito de gratidão e simpatia.

O tempo corre célere. Aprendendo com êsses Mestres lentamente estou espetando o dragão íntimo. A esta altura quasi imitando São Jorge, estou matando o bicho íntimo com a séta de platina, com o aprendizado cristão. Enquanto o bicho gême, vasa para fora dêle o venêno ignominioso da inveja, do orgulho, do ódio, da vingança, da hipocrisia, da indignidade de tôda sorte, expulsa pela lâmina do amor, do perdão, da fraternidade, aplicando em seguida o antibiótico especifico para completar o trabalho de assèpcia, conseguindo, o afastamento dos vírus que ainda persistem na colaboração com o imperfeito, com a maldade...

Mais tarde, como complemento do que anunciára Jesus sôbre a transplantação de sua árvore para a *Terra da Emancipação Divina*, o *Brasil*, vamos encontrar um Chico Xavier, um *MEDIANEIRO*, com bagagem de velho aprendiz de Cristo, recebendo as formidáveis comunicações de Emanuel, hoje enfeixadas nos melhores livros de ensinamentos evangélicos. Não só o Emanuel, o Chico é como que uma colmeia. Os espíritos encontraram nêle a verdadeira afinidade e daí, o aparecimento de André Luiz, Humberto de Campos, Neio Lúcio, e todos aquêles que escreveram «Parnáso de Além Túmulo», eu costumo dizer muitas vêzes que o «NOSSO LAR» descrito por André Luiz, inicia-se sôbre a cabeça de Chico e seus companheiros e se alastra por tôda aquela região de Pedro Leopoldo indo até os confins do Ministério da União Divina, tendo como recrutador o venerando Clarêncio.

O interessante é que dentre muitos médiuns que vem colaborando na Escola do Mestre, Fernando de Lacerda, Amália Soler, Ivone Pereira, se destacam sôbre o gênero de comunicações que recebem com a sua sublime originalidade. Cada Um com um característico específico: Surge agora, mais uma preciosidade no setor de nosso aprendizado Crístico, trata-se de Hercílio Maes, o médium do Instrutor Sideral, Ramatís.

Êsse espírito, Ramatís, digamos sinceramente, pertence a uma missão, com grandes afazeres na Seara de Jesus, nêsse fim de ciclo e século. Por isso, sua palavra incisiva, penetrante, porém leal e sincera, indica sem rodeios o caminho a seguir para os que desejarem ser os escolhidos dentre os chamados.

Ainda ontem, lendo o Livro dos Médiuns, do nosso codificador, Snr. Kardec, fui chamado à atenção pelos n.°s 300 e 301 dêsse Dicionário Espirítico, por estar em consonância com o momento de seleção, quando fala o Mestre Jesus: «Pelo fruto se conhece a árvore, a árvore má dá maus frutos e a árvore boa dá bons frutos.

Ramatís, em setor analìstico e filosófico dessa derradeira oportunidade nêsse ciclo, não só fala com *autoridade* como também doutrina com clarêza. Êle é uma das vigas cristãs dêsse final de século. Com todos êsses grandes colaboradores a nos concitar para o bem e para o AMOR, só aos que não querem ouvir ou não querem vêr estará a última frase do Mestre Jesus, quando sentencia: no fim dos séculos separarei as minhas ovelhas dos cabritos, aquelas para a direita e estas para a esquerda, estas lança-las-ei às trevas exteriores onde haverá chôro e ranger de dentes.

E assim, procuraremos ser escolhidos dentre os chamados. Com o cérebro para discernir e coração para decidir.

Rodolfo dos Santos Ferreira.

São Paulo, 15 de novembro de 1957.

A Ressurreição

BIANÔR MEDEIROS

I. — Um dos temas fundamentais e de maior repercussão na vida espiritual é a ressurreição. O assunto era pouco conhecido e discutido e sòmente agora começa a clarear para os homens, na Terra.

A Revelação Espiritual sôbre a vida dos espíritos desencarnados é lenta e gradativa, de acôrdo com o progresso humano. É o que se verifica com a idéia de ressurreição dos espíritos dos mortos. A idéia surge vaga, indecisa, imprecisa com o Velho Testamento e assim continúa por 1.500 anos, do advento do Judaismo ao advento do Cristianismo, com o Novo Testamento, quando fica melhor esclarecida. Continúa ainda meia nebulosa até o advento do Espiritismo, em 1.857, quando toma forma. Afinal, resplandesce clara e plenamente com André Luiz, Obreiros da Vida Eterna, por volta de 1.945, após 3.445 anos de vida.

Assim, sôbre êste assunto, como sôbre muitos outros, a Bíblia é por demais sintética, imprecisa e confusa, necessitando das luzes do Espiritismo que ensina tôda a verdade, completando os seus ensinamentos.

II. — Para elucidar bem o problema, lembremos que o homem é composto de três elementos distintos: 1)—a mente; 2) — o corpo espiritual também conhecido por corpo celeste, perispírito e duplo astral; 3) — o corpo físico, de carne, sangue e osso, todos integrando, harmônicamente, a personalidade humana. O corpo espiritual é, em tudo, semelhante ao corpo físico, com os mesmos órgãos e necessidades fisiológicas, sujeito às mesmas vicissitudes, doenças, saúde, cura e tratamento e liberdade de locomoção, para os espíritos ainda inferiores, do nosso plano espiritual.

Chama-se alma ou espírito a mente unida ao corpo espiritual, formando um só indivíduo. Quando o espírito atinge a perfeição espiritual perde o corpo celeste, persistindo tão sòmente a mente que toma a forma de um fóco luminoso, de uma châma, de nuvem luminosa, de um clarão, de um sol. O espírito, quando desencarnado, toma o nome genérico de anjo, se é um bom espírito e diabo, satanás, demônio, fantasma, espírito das trévas, espírito imundo, lobishomem se é espírito sofredor ou mau espírito. É de se notar que a Vulgata traduz luz por fogo e espírito desencarnado por anjo.

III. — As palavras dizem muito para os estudiosos, por isto a significação etmológica primitiva dos vocábulos como a sua significação figurada atual são muito úteis. Ressurreição é palavra de origem latina que deu ressurreição em português, resurrezione em italiano, resurreccion em espanhol ou castelhano, resurrection em francês e resurrection em inglês.

1). — Ressurreição em grego é «Anabiosis», anabióse. Anabióse é uma palavra composta de dois elementos: ana, que sigfica repetição, volta, retorno. Bios significa vida. Assim, anabióse significa voltar à vida para quem a tinha perdido.

2). — Em português, ressurreição, substantivo feminino, significa: ato ou efeito de ressurgir, volta à vida. Vida nova (Antenor Nascentes – Diocionário Básico).

3). — Para Francisco Fernandes, Dicionário de Sinônimos e Antônimos, ressurreição é ressurgimento, restabelecimento, renovação.

4). — A palavra portuguêsa «ressurreição» veio do latim — «resurrectio, resurrectionis», substantivo feminino da terceira declinação, consoante nos ensina o douto Felix Gaffiot — Dictionaire Ilustré Latin Français.

5). — A palavra latina «resurrectio» originou-se do verbo latino: Resurge, resurgis, resurrexi, resurrectum, resurgére, intransitivo, da terceira conjugação, com a significação de: tornar a erguer, levantar se de novo (Livio); renascer, rebentar de novo a árvore (Plinio); restabelecer-se (Ovidio), consoante nos ensina Cretella Junior — Dicionário Latim-Português, 3.ª edição.

6). — O grande Forcellini, Lexicon Totius Latinitatis, ensina por sua vez: Resurrectio, resurrectionis, s. f. 3 resurrezione, actus resurgendi, reditus in vitam. Ressurreição, para o grande e genial latinista italiano, significa ato de ressurgir, volta à vida.

IV. — Morte é cessação completa e definitiva da vida, na concepção vulgar e comum do povo. Sob o ponto de vista espiritual, químico ou científico a morte é análise, decomposição do todo em seus elementos componentes para a síntese, a constituição de novos corpos, de novas formas diferentes da anterior, pois a vida é renovação constante, transformação contínua, progresso permanente sob o influxo de fôrças vivas e eternas que criam e renovam sempre. Essas fôrças são o pensamento Divino, o Poder do Altíssimo, a Vontade do Senhor, que, em virtude de sua regularidade permanente, constitue ordem, disciplina, leis imutáveis e universais.

V. — Por falta de maiores esclarecimentos da Bíblia sôbre o assunto, três teorias diferentes surgiram, com o tempo, para explicá-lo, demonstrando, assim, a nossa ignorância sôbre o fato:

1). — a materialista ou negativista: no túmulo acabam o corpo e a alma. A morte do corpo é o fim do homem, a cessação completa e definitiva da vida. Para os que assim pensam, a alma é a vida orgânica.

2). — para a cultura grego-romana, católica, o cemitério é um dormitório, onde o homem (alma e corpo) fica dormindo até o juizo final, quando ressuscita para o grande julgamento. Para os que assim pensam, católicos e protestantes, os espíritos dos mortos, por estarem dormindo, não podem se locomover, movimentar, falar, comunicar-se com os homens na Terra. Por isto, só o diabo pode falar nas sessões espíritas, pois o diabo nunca se reincarnou na Terra, por ter sido expulso do Céu, como simples anjo rebelado contra a Divindade.

3). — Para o Judeu existe no homem um espírito imortal que anima o corpo físico, mas a morte não existe, a alma não morre, o espírito é imperecível. Por isto o judeu chama o nosso cemitério de Casa dos Vivos — Beth hah Chain. Entretanto, o judeu não explica o que seja a ressurreição, limitando-se a indicar a existência do fato. Sòmente o Espiritismo veio esclarecer o fenômeno da morte e da ressurreição, satifastòriamente. Mesmo Allan Kardec, no Livro dos Espíritos, capítulo III, n. 155 nos dá uma notícia incompleta sôbre o assunto. Entretanto, sòmente André Luiz, em Obreiros da Vida Eterna, no Brasil, esclarece o assunto perfeitamente, sem pairar qualquer dúvida sôbre o mesmo.

VI. — Na verdade não há dois casos iguais de desencarne, isto é, de morte e ressurreição. Cada um de nós tem a sua própria morte e a sua ressurreição própria, de acôrdo com a situação personalissima de cada um. Não se pode comparar a situação de um sábio, um grande benfeitor humano, com a situação de um ignorante, que nada fez em benefício dos outros, como não se pode comparar a situação de um santo com a de um criminoso vulgar, um pecador reincidente especifico. Jesus certamente não morreu, nem ressuscitou como qualquer um do povo. Tudo depende da categoria do espírito: superior, médio, inferior.

VII. — A Ressurreição e o Velho Testamento:

1. — Gênesis, II, 7: «O Senhor Deus formou, pois, o homem, de barro da terra e inspirou no seu rosto um sopro de vida e o homem tornou-se alma vivente».

2. — Gênesis, III, 19: «Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste formado; porque tú és pó e em pó te tornarás».

3. — Gênesis, VI, 17: «Eis que eu vou trazer o dilúvio de águas sôbre a Terra para fazer perecer debaixo do céu tôda a carne em que há espírito de vida, tudo que há na terra perecerá».

4. — Genêsis, VII, 15: «Entraram a Noé, na arca, a dois e dois, de tôda a carne, em que havia espírito de vida».

5. — Gênesis, XVIII, 27: «E respondendo Abrahão disse: Uma vez que comecei, falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó e cinza».

6. — Exodo, III, 6: «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob».

7. — Job, XXXII, 8: «Há um espírito no homem».

8. — Isaias, XXVI, 19: «Os teus mortos viverão; os meus cadaveres ressuscitarão. Despertai e cantai, vós os que habitam no pó; porque o teu orvalho é como o orvalho das ervas e a terra lançará de si os mortos».

9. — Daniel, XII, 2: «Muitos dos

que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e confusão sempiterna, (reincarnação)».

VIII. — A Ressurreição e o Novo Testamento;

1.—Mateus, XX, 23, 29, 30: «Naquele dia vieram a êle os saduceus, que dizem não haver ressurreição e lhe fizeram esta pergunta:

«E respondendo Jesus lhes disse: Errais, não sabendo as escrituras, nem o o poder de Deus. Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como os anjos de Deus nos céus».

2. — Mateus, XX, 31, 32: «E sôbre a ressurreição dos mortos, vós não tendes lido o que Deus disse, falando convosco: Eu sou o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas de vivos». (Quando Deus falou a Moisés na sarça de fogo, Abrahão, Isaac e Jacob já eram falecidos há muito tempo).

3.—Marcos, XII, 18, 24, 25, 26, 27: «E vieram a êle os saduceus, que negam a ressurreição:

«E respondendo Jesus lhes disse: Não vêdes que por isso errais, porque não compreendeis as escrituras nem o poder de Deus? Porque quando ressuscitarem dentre os mortos, não hão de os homens ter mulheres, nem as mulheres homens, mas todos serão como os anjos nos céus. E dos mortos que teem de ressuscitar, não haveis lido no livro de Moisés, como Deus lhes falou sôbre a Sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob? Êle não é Deus de mortos, senão de vivos. Logo estais vós em grande êrro».

4. — João, V, 29: «E os que obrarem bem sairão para a ressurreição da vida, mas os que obrarem mal sairão ressuscitados para a condenação». (condenação — reincarnação).

5. — João, V, 24: «Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação», «mas passou da morte para a vida».

6.—João, V, 25: «Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão».

7. - João, V, 28: «Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus».

8.—João, XI, 25, 26: «Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente».

9. — Lucas, XXIV, 5, 6, 7: «Porque buscais entre os mortos ao que vive? Êle não está aquí mas ressuscitou; lembrai-vos do que Êle vos declarou quando ainda estava na Galiléia, dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos dos homens pecadores e que seja crucificado e que ressuscite ao terceiro dia?».

10. — Atos, IV, 2: «Doendo-se de que êles ensinassem o povo e de que anunciassem na pessoa de Jesus a ressurreição dos mortos».

11. Atos, IV, 10: «Seja notório a todos vós e a todo o povo de Israel, que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno, a quem vós crucificastes, a quem Deus ressuscitou dos mortos, no tal nome que digo, é que este se acha em pé diante de vós, já são». (Pedro).

12.—Atos, XXVI, 23: «Que Cristo havia de padecer, que seria o primeiro da ressurreição dos mortos, para anunciar a luz ao povo e as gentes».

13. Apocalípse, XX, 5, 6: «Os outros mortos não tornarão à vida até que sejam cumpridos os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bemaventurado e santo aquêle que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sôbre êle; mas antes serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com êle mil anos».

14. — João, VI, 63: «O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida».

IX.—A Ressurreição e Allan Kardec:

1. — Allan Kardec, Livro dos Espíri-

tos, capítulo III, n. 155, intitulado: Da Volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual:

«Como se opera a separação da alma e do corpo? Rotos os laços que a retinham, ela se desprende. A alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente à liberdade... Aquêles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o espírito se solta aos poucos dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram».

Ao desencarnar o espírito fica mais ou menos perturbado, por algum tempo, e a maioria dêles é submetida a demorado tratamento da saúde mental e perispiritual, em Instituições especializadas em tal assunto.

X. — A Ressurreição e André Luiz:

1. — Obreiros da Vida Eterna, capítulos XIII a XV, intitulado Companheiro Libertado, fls. 200/240, descreve pormenorizadamente a morte e libertação do médium Dimas, um bom espírito.

«Noutro tempo, André, os antigos acreditavam que entidades mitológicas cortavam os fios da vida humana. Nós somos parças autênticas, efetuando semelhante operação...

«Segundo você sabe, há três regiões orgânicas fundamentais que demandam estremo cuidado nos serviços de liberação da alma: o centro vegetativo, ligado ao ventre, como séde das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos; sediado no torax, e o centro mental, o mais importante por excelência, situado no cérebro». (fls. 210/211).

«Aconselhando-me cautela na ministração de energias magnéticas à mente do moribundo, começou a operar sôbre o plexo solar, desatando laços que localizavam fôrças físicas. Com espanto, notei que substância leitosa, em regular quantidade, extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticavam-se os membros inferiores, com sintômas de esfriamento.

«Jerônimo, com passes concentrados sôbre o torax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sôbre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprendia do corpo, do epigastro à garganta, mas reparei que todos os músculos trabalhavam fortemente contra a partida da alma, opondo se à libertação das fôrças motrizes, em esfôrço desesperado, ocasionando angustiosa aflição ao paciente». (fls. 211).

«O assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas volveu a intervir no cérebro. Era a última etapa. Concentrando todo o seu potencial na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias e brilhante châma violeta dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada.

«Quís fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fitá-la, com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as fôrças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A châma mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do novo amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro por membro, traço por traço. E à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empaledecia gradualmente, até desaparecer, de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espraiando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispiritual, assegurando, dêsse modo, a coesão dos diferentes átomos das novas dimensões vibratórias. Dimas desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto». (fls. 227).

«Tive a nítida impressão de que, através do cordão fluídico, do cérebro morto ao cérebro vivo, o desencarnado absorvia os princípios vitais restantes do corpo fisiológico». (fls. 227).

«Jerônimo, examinou-o como clínico experimentado. Em seguida, cortou o liame final, verificando-se que Dimas, desencarnado, fazia agora o esfôrço de convalescente ao despertar, estremunhado, findo longo sono». (fls. 227).

XI.—Assim, depois da descrição magistral e pormenorizada de um desencarne, podemos definir a ressurreição como sendo o desligamento oportuno do corpo espiritual do seu corpo físico, pelo rompimento dos vínculos fluídicos que os uniam, por intermédio dos espíritos superiores. Êsse trabalho, que é de especialização, dura de uma a vinte e quatro horas, conforme o caso. Uma vez desligado o corpo espiritual do corpo físico, fica livre o espírito que, na nomenclatura bíblica passa a ser chamado de «anjo». Como anjo que passa a ser, é livre, anda, pensa, sente, fala, ri, chora, alegra-se, sofre, ama, odeia, de acôrdo com sua categoria espiritual. Locomove-se, comunica-se com os homens, através dos dons espirituais, fala e ouve perfeitamente, como se fôra um homem. Os espíritos dos mortos, como anjos que são, desde que tenham evolução espiritual superior, podem ser designados pelos seus superiores hierárquicos para transmitirem mensagens espirituais aos homens de boa vontade, como Gabriel fez com Zacarias, no Templo e com Maria, em sua casa, anunciando o nascimento de João Batista e de Jesus. O mesmo se deu com Moisés e com Elias, na Transfiguração de Jesus, no monte Tabôr, quando apareceram identificados e falaram com o Divino Mestre sôbre a sua passagem em Jerusalém. Duas coisas devemos salientar ainda: 1) — a identidade que os espíritos dos mortos conservam de si mesmos durante a vida espiritual de além túmulo, como Moisés e Elias que são chamados pelos próprios nomes; 2) — o trabalho que dá o homem para desencarnar, isto é, para morrer e ressuscitar, exigindo a colaboração de muitos, como para nascer. Assim, a ressurreição não é um fato simples, como parece, mas é complexo e demorado. Por isto, não há morte nem ressurreição, mas mudança de situação, de compreensão, de vida, de plano. Pela morte do corpo físico, o espírito é lançado para frente, compelido pela vontade do Altíssimo a recomeçar de novo, em situação diversa, glorificando a eternidade triunfante.

Olimpia, 17/1/1957.

Crônica Estrangeira

Roberto Dell

De «Spiritualisme Moderne».

Dell, conhecido médium inglês, é o sétimo filho de uma família. Êle foi criado por uma irmã, em Cardiff, onde fez parte de um coral religioso.

Quando êle cantava, via figuras que acreditava serem anjos...

Por vezes também via um outro padre ao lado do que oficiava.

Certa noite, um amigo lhe disse que ia assistir a uma sessão espírita.

— O que vem a ser sessão espírita ? perguntou Roberto Dell.

— É um lugar em que os mortos reaparecem, respondeu o outro.

—Eu não creio nisso, disse Roberto.

Deixando o amigo ir à sessão, Roberto voltou a sua casa e pediu a Deus lhe fizesse saber se os mortos voltam.

Entrementes, na sessão, seu amigo recebeu uma ordem: «Ide e trazei o jovem a quem falastes...» Pouco depois, Roberto recebia esta mensagem: «Meu filho, tua oração foi ouvida. Os mortos voltam. Tu irás trabalhar por êles e pelos que vivem».

Após três anos de viagens, durante os quais êle investigou os fenômenos espíritas em diversos países, voltou a Cardiff. Êle se alistou na R. A. F. no comêço da guerra, a ninguém revelando seus dons psíquicos. Mas a verdade veio a lume. Seus colegas descobriram suas faculdades e as respeitaram.

Certa tarde, pouco antes da partida duma missão de bombardeio em território inimigo, um camarada lhe perguntou: «Bob, que dizem suas «vozes» relativamente a esta tarde ?» Dell estava embaraçado; êle procurou contornar a pergunta: «Ó elas me dizem que o tempo será bom !» Mas seu companheiro respondeu: «Eu tenho o pressentimento que não voltarei... Suas «vozes» nada dizem a respeito ?»

...Eu sabia, tão certamente quanto Deus está nos céus, que êle não voltaria, porém respondi: «Mas, sim, você voltará. Eu irei encontrá-lo quando voltar». Êle replicou: «Falemos agora». Eu recusei e repeti: «Não, venha ao meu encontro quando voltar de sua missão de bombardeio».

Ás 3 horas da madrugada fui despertado por uma sensação gelada no quarto. O camarada ao qual eu falara, materializou-se diante de mim. Eu lhe disse: «Você está de volta, Paddy?» Êle desapareceu sem responder.

Dia seguinte, soube-se que seu avião desaparecera. Êle fôra abatido em châmas acima da Alemanha.

❧

O Duplo

Reproduzido de «A Gazeta», de S. Paulo

Conto o milagre, não o santo, pois tenho minhas razões. Um dos casos mais estranhos de minha vida. Fora êle a insistir pelo telefone, que deviamos assistir ao sepultamento de nosso amigo. Tencionava, de minha parte, mandar telegrama de pêsames à família, eu estava muito ocupado, naquele dia. E êle teimando. Fomos ao cemiterio, escasso era o tempo. Esperamos bom pedaço, por fim chegou o entêrro. Após a encomendação na capela, enfiamo-nos entre os circunstantes junto ao carneiro. Baixaram o ataude, enquanto o pedreiro mais o coveiro rebocavam a entrada do túmulo. Silêncio abafante, apenas entrecortado pelo barulho da pá e pela tosse dos que limpavam o pigarro da garganta. Alguém abriu o caixão.

Senti que êle estremeceu e me agarrou o braço. Fitei o rosto do defunto, lugubremente branco, mãos no peito. Êle me sacudiu pelo braço. Voltei-me. Assustou-me sua lividez, maior que a do cadáver. Não me disse nada. Compreendi, entretanto, o horror que o invadira, olhar de espavento, de loucura. Afastou-se, atravessando a multidão. Fiquei inibido de acompanhá-lo, porque fechavam de novo o esquife, e o empurravam ao interior do carneiro. Á saída, encontrei-o desfigurado, no portão da necrópole. Boca virada, ar de epiléptico, balbuciou com dificuldade: «Era eu quem se achava no caixão! Eu me vi deitado, morto! Meu cadáver! Sim... sim... nenhum engano... enterram-me naquele jazigo...»

* * *

Não houve argumento de lhe arrancar aquilo da cabeça. Anos em fora, manteve a convicção, e nunca lhe percebi algo de desequilíbrio. Normal, raciocínio seguro, eliminou qualquer perigo de repercussão moral ou abalo psíquico. Acreditou no fenômeno do duplo, no desdobramento da sua pessoa. A parte do corpo, a material, permaneceu à beira da sepultura, e a espiritual, a alma, havia tomado o lugar do morto. Debatemos o assunto, e êle se achou absolutamente senhor e certo do que dizia e acreditava. Impressionou me bastante o fato, mentiria eu se o negasse, consultei obras e entendidos, e afinal a manifestação do duplo foi apresentada como questão irrespondível, inexplicável. Hamlet ponderava bem a Horácio: «No céu e na terra, há mais coisas do que sonha a tua filosofia!»

Os psiquistas sustentam a tese que meu camarada expunha, constantes as demonstrações em seu favor. Quando o indivíduo sonha que viaja por outras terras e vê outras cidades e outra gente, é o desdobramento da personalidade, excursiona a materialidade ectoplásmica da alma que se separa do corpo dormente. Materialistas há, para quem só existe o corpo; e alma, e espírito se reduz a simples emanação da matéria, como sucede, na opinião deles, com o pensamento, mera secreção do cérebro; materialistas há confirmando o fenômeno do duplo. Basta que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, queira projetar-se, e se concentre, para em seguida formar-se seu «outro eu» a distância. Fôrça, energia da matéria, dominada pela vontade. Registo opiniões, não as discuto.

* * *

Dostoiewsky escreveu um dos seus primeiros romances de novelista genial, há um século, focalizando o tema do duplo. Obra traduzida ora com o título de «O duplo», ora com o de «O sósia». Não obstante falir o escritor no intento ao começo da carreira literária, a ponto de julgar-se o livro um absurdo de patologia, obteve mais tarde a consagração, já no fastígio do russo incomparável. O herói do romance—Iakov Petrovich Goliadkine—é alienado mental, ultrapassando já as fronteiras da loucura. Uma noite, vagando pelas ruas de São Petersburgo cobertas de neve, esbarra com a personagem que é a sua própria duplicata. Tão similhantes ambos como dois irmãos gemeos, como duas gotas dágua. Por sinal que o outro se chama também Iakov Petrovich Goliadkine.

Principía a tragédia, com agravarse a doença. Por tôda parte, o duplo o persegue, tortura-o na desmoralização empreendida contra êle no meio onde vivem. Trabalham no mesmo escritório, falam-se, saem juntos, porém incompatibilizados entre si pelas hostilidades nascidas de profundo ódio. Tudo visagem de morbidez. O duplo só existe no delírio de Goliadkine, e as intervenções que êste provoca de terceiros para convencerem o outro a não o acuar e humilhar, despertam desconfiança de que o herói perdeu o juizo. Não suponham suspeita de minha parte, acêrca do camarada referido no acontecimento do cemiterio. Tive-o em conta de são e perfeito. A não ser que o distúrbio psíquico se circunscrevesse à cena do túmulo, limitando-se à crença tão convictamente defendida.

Antonio Constantino.

⁂

História de Fantasmas

«De Estudos Psíquicos».

Lemos o seguinte numa secção especial do *«Diário de Notícias»*, de Lisboa, sob o título «Fantasmas numa aldeia francesa».

«Para quem não acredite em fantasmas, a história parecerá incrível. Mas não é tanto assim.

«Foi o caso que na aldeia de Saint-Clair, que tem 374 pessoas e fica próxima de Poitiers, habita numa quintarola a famíla Caillaux. E na semana passada os frascos de compota alinhados nas prateleiras da cozinha, começaram a cair com exatidão matemática. Os livros, por sua vez, desabaram da estante para o solo; os lençóis e os cobertores escorregaram da cama para o soalho. E quando tudo era colocado no seu lugar, tornava a cair.

«O pior foi quando o chefe da família — o sr. Caillaux — se levantou, ao romper da alva, num domingo, e foi fazer a barba. Ao abrir a torneira do lavatório, o pincel de ensaboar deu um pulo e foi para o canto da casa.

«Apavorado, mandou chamar o cura da aldeia, que tentou acalmar o paroquiano. Quando se entregava a essa missão uma grande frigideira soltou-se da pega e quebrou o maxilar inferior do sacerdote.

«Era de mais! Caillaux recorreu então à polícia, que mandou dois guardas, os quais permaneceram na quinta durante 40 horas e nada descobriram.

«Só podia ser, portanto, obra de fantasmas. Uns fantasmas amigos de desarrumar a casa dos Caillaux...»

Desta vez o jornalista não «fez espírito» a propósito dos espíritos. Podia-lhe voar a «gillete» ou o «baton» em frente do toucador... e o caso não seria brincadeira. Haja em vista os apuros do sr. Homem Cristo na «Casa Fantástica da Cumeada», de que fala Flammarion em «Casas Mal Assombradas». O melhor é relatar sem comentar, porque os fantasmas aparecem, quando menos se espera, e ajustam contas à margem dos códigos terrenos, principalmente se os interlocutores «armam em espertos», como alguns que não ganham para o susto e deixam a bagagem na «terra de ninguém...»

⁂

O Diabo conquista crescente respeito

Pelo fato de um fanático ter escrito, numa folha de Leicester, que o diabo era responsável pelo Espiritismo, Frank Marshall escreveu:

«Crescente é em mim o respeito pelo diabo, porque êle tem sido acusado de praticar muitas ações nobres e boas, tais como — cura de enfêrmos e demonstração da verdade da imortalidade».

«Eu vou propôr um voto de agradecimento ao nosso amigo, o diabo, por ter introduzido uma filosofia no seio da humanidade; filosofia que, não só desperta o raciocínio, como também, se for posta em prática trará paz à terra, concitando-nos a vivermos uma vida boa aqui, para sermos felizes no Outro Mundo».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório Antonio Luiz Sayão

Do «Jornal de Araras», transcrevemos a seguinte notícia sôbre o Sanatório Antonio Luiz Sayão construido nessa adiantada cidade, que é Araras:

«Sem o aparato das grandes inaugurações, sem o toque das festividades pomposas, modestamente, dentro da finalidade objetiva para que foi criado — o Sanatório Antonio Luiz Sayão, lá na colina do Belvedere, recebeu na semana que passou os seus primeiros doentes.

Não se pode negar que houve festa nos corações daqueles que há muitos anos sonhavam com essa imponente e meritória realização. Houve festa e houve preces a Deus. Preces de agradecimento pelo amparo, pela ajuda, para que aquela obra se tornasse, agora, realidade autêntica.

Majestoso, está no alto da colina o Sanatório. Mostrando-se a todos, nas margens da Via Anhanguera, sendo visto, sendo admirado pelo seu porte, surpreendendo aos céticos, sendo exemplo e estímulo do valor do trabalho e da fé cristã. Se todos que por ali passam soubessem das lutas, dos sacrifícios, das dificuldades vencidas, naturalmente veriam aquela obra com mais carinho, diante da vitória sôbre a indiferença, sôbre a dúvida que o pugilo de abnegados idealizadores e realizadores teve de vencer.

Venceram para o bem daqueles que possam ficar doentes, venceram para o bem de Araras.

Segundo os seus estatutos a diretoria não indagará da crença, da posição social, da raça, côr ou origem do doente que bater às portas daquele hospital. Cumprirão, temos certeza, os diretores, os postulados que êles mesmos transformaram em lei. Cumprirão cristãmente, pelo amor que devotam ao próximo.

Foi assim prezados leitores, em silêncio, que Araras ganhou mais um notável recurso assistencial; será assim, que famílias inúmeras, sofredoras por terem seus doentes longe, em lugares difíceis para visitá-los, sentir-se-ão mais felizes.

Direção Clínica e Enfermagem

É o Sanatório Antonio Luiz Sayão registrado junto aos poderes competentes, por se enquadrar, devidamente, dentro das exigências da medicina social e hospitalar moderna.

Seu diretor clínico é o Dr. Gil Perche de Menezes, que exerce, ainda, as funções de médico interno do Sanatório Américo Bairral de Itapira. Pensa o Dr. Gil em mudar-se mais tarde para nossa cidade. Ganharemos dessa forma mais uma especialidade médica em nossa terra, para maior confôrto daqueles que precisando, sempre demandam a S. Paulo ou a Camipnas.

Estão à testa do trabalho de enfermagem do Sanatório D.ª Janine Penteado e o farmacêutico Sr. Mário Serra que dirigem respectivamente as enfermarias femininas e masculinas do nosocomio.

Novo Pavilhão a Disposição dos Doentes

Da visita que fizemos ao Sanatório, em pleno funcionamento, ficamos surprêsos com o aparecimento de mais um pavilhão moderno, construido dentro da técnica especializada, apropriado para doentes agitados. Nesse pavilhão já encontramos um doente que havia sido submetido pelo especialista a determinado tratamento que lhe dera sono profundo.

Percorremos as demais dependências tôdas elas prontas para receberem os doentes que procurem o Sanatório. O pavilhão masculino conta atualmente com 22 quartos prontos, ao longo de um amplo corredor que sai para um «hall» espaçoso. A secção feminina conta com 10 quartos. Destacamos a farmácia em organização e especializada. Rouparia organizada no segundo pavimento.

* * *

É ampla vitória para a causa do bem da humanidade êsse auspicioso acontecimento. Que o nosso Govêrno ampare com as subvenções precisas essa obra que vem ajudá-lo; pois como é do conhecimento de todos os estabelecimentos que govêrno possui estão super-lotados, não podendo receber mais os pedidos que lhe chegam. Que tôdas as autoridades voltem-se para essa notável realização: as estaduais, federais e municipais.

Agora, não será mais para auxílio ao Sanatório, mas aos doentes que precisam ser amparados e que ali se encontram».

29/9/1957.

O Pavoroso Materialismo da Igreja

Havendo o Jornal do Comércio, de 13 de Novembro último, publicado as declarações de Dom Estêvão Bittencourt, professor de Teologia do Mosteiro de São Bento, no Rio Janeiro, declarações em que o professor reincide no monstruoso êrro da igreja, ainda recentemente homologado pelo próprio Papa Pio XII com a expedição do dogma da ascenção ao Céu da Virgem Maria em corpo e alma, êrro consistente agora em esperar que as viagens interplanetárias se prestem a êsse objetivo de levar os homens, em seus corpos, ao Paraíso (*horresco referens!*), o nosso confrade Arnaldo S. Thiago dirigiu a Dom Estêvão Bittencourt a seguinte carta aberta, para a qual abrimos espaço nestas colunas:

«Ilustre patrício Dom Estêvão Bittencourt.

A doutrina da igreja, por vosso intermédio exposta, com relação à entrada do homem no paraíso com vida (o que, pelo contexto, se vê bem claro que é a vida do corpo), não encontra amparo no sentimento religioso que nos mostra, à evidência, pertencer essa mesma vida, que a igreja persiste em atribuir à matéria, ùnicamente ao Espírito, conforme a formal declaração de Jesus: «O espírito é que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida». (Jo. — 6 — 63); «Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade». (Jo. — 4-24). Como, pois, em face da palavra do Cristo, persistirdes no êrro de relacionar a vida eterna com a carne que morre?!

Lendo o que declarastes e vem publicado no Jornal do Comércio de 13 de Novembro, compús o seguinte soneto, a ver se consigo elucidar melhor o assunto, fazendo-o em estilo poético:

Pensar em têrmos de imortalidade
Quanto à vida carnal que nos comprime,
É mais do que absurdo, é mesmo crime
De lesa-consciência e, pois, maldade.

O que a igreja sustenta — impiedade! —
Por menos que a Razão em bem se estime,
No Evangelho não tem onde se arrime
E inflinge danos à cristã Verdade.

Subir com o próprio corpo ao Paraíso!
Irrisório pensar, que põe um riso
Té no rosto de um frei petrificado...

O Espírito é que vive! Abandonado,
Por êle, o corpo decompõe-se e á terra
Tudo entrega de vil que em si encerra.

O meu intúito é honesto, Dom Estêvão Bittencourt. Já é tempo de se conformarem os teólogos com a Doutrina do Cristo, encarregando-se dos Espíritos e deixando as cousas da vida material aos que disso devem tratar: «Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». A parte da igreja deve ser esta última; a do govêrno temporal, a primeira».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 329.498,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes um Feliz Natal.

A Doutrina Espírita oferece a solução possível e racional a uma porção de fenômenos morais e antropológicos, que se testemunham diàriamente, cuja explicação se procura em vão em tôdas as doutrinas conhecidas. — ALLAN KARDEC.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, – luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$26,00, inclusive porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 56,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3312unse

XXXIII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Janeiro de 1958 - N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

irbar Schutel . . . .
olucionismo . . . .
ansformismo e Espiritismo . .
Professor Arnaldo Santiago .
matís e a Ciência . . . . .
emórias de um Espírita Baiano
item de intoxicar ainda mais o organismo . . . .
mo Julgamos Deus, a Verdade e as Religiões . . . . . .
tudo e Livre Exame . . . .
ônica Estrangeira . . . . .
piritismo no Brasil . . . . .
dice . . . . . , ...

Cairbar Schutel

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
A Reencarnação

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.
Conselhos ao meu filho (contos)

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Meu livrinho de Orações
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$26,00, inclusive porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIII – E. S. Paulo – Matão, 15 de Janeiro de 1958 – NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

FOI em 30 de Janeiro de 1938 que o nosso querido companheiro Cairbar Schutel partiu para o mundo espiritual, precisamente às 16 horas, abrindo um vácuo em nossos corações, pois estimamos tanto Cairbar como se êle fosse um pai, mãe ou filho nosso. Êste afeto recíproco, porque êle nos estimava na mesma altura, foi o fruto da Doutrina de Jesus, agora revivificada pelo Espiritismo, o Paracleto de sua promessa.

Cairbar Schutel, como todo espírita deve saber através de suas notáveis obras, foi um dos mais ardorosos e perseverantes difundidores da Doutrina Espírita, tanto que foi chamado de espírita número UM do Brasil por confrade de projeção no cenário espírita, outro trabalhador ativo e perseverante, Prof. Leopoldo Machado.

Como já tivemos oportunidade de afirmar, entre os espíritas que conhecemos e também cheios de boas obras, não conhecemos um que tenha feito realmente a sua cátedra em nossos corações como Cairbar Schutel, não porque fosse êle nosso companheiro de trabalho, pois neste caso o nosso afeto por êle seria justificável, mas porque, além disso, o seu amor à Doutrina, a

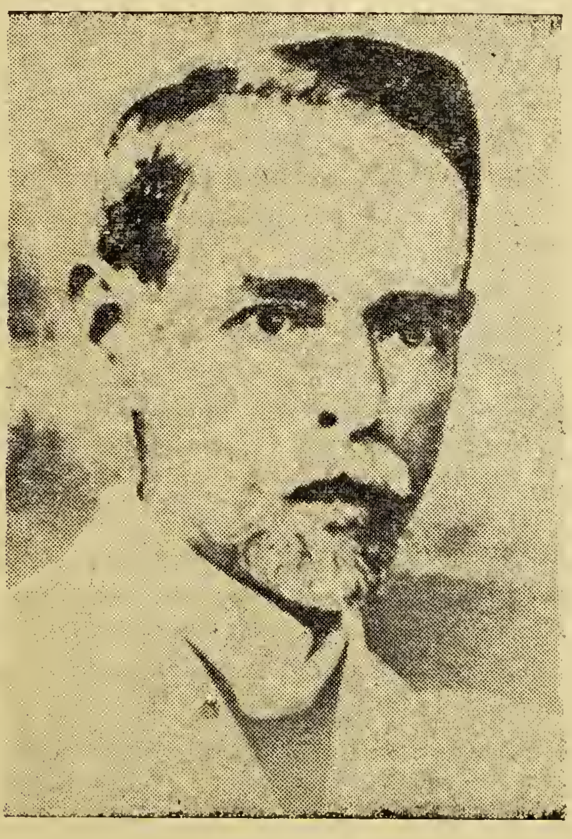

Cairbar Schutel

sua boa vontade, o seu esfôrço na propaganda nos deixava maravilhados. Sentíamos o calor da sua fé, pois falava com convicção, com tal certeza que ninguém seria capaz de opôr-se às suas afirmativas, tanto mais que a sua prosa agradava em cheio, produzindo um grande bem estar nas criaturas.

Cairbar, além de ser um dos trabalhadores mais ativos na propaganda da Doutrina, amava realmente o seu próximo e até os animais, dos quais foi um dos maiores defensores e protetores. A pobreza de Matão chorou copiosamente à beira do seu ataúde. Uma preta velha, soluçando, falava alto: «Lá se foi o pai da pobreza. Que Deus o ponha no seu reino».

Cairbar Schutel foi o exemplo do verdadeiro cristão. Por isso o seu nome crescerá à medida que o tempo avançar, assim como cresceram os nomes dos santos e profetas de Deus, através de suas grandes obras de amor e saber.

Faz portanto, no próximo dia 30, vinte anos que Cairbar Schutel deixou o plano terreno em demanda do reino de Deus, nos confiando a sua obra, a qual prossegue na sua luminosa caminhada, levando consigo as criaturas de boa vontade também para o reino de Deus onde se encontra Cairbar e outros trabalhadores da seara cristã.

Que Deus permita que Cairbar continue a nos prestar a sua assistência espiritual afim de levarmos a bom termo a tarefa que nos confiou.

Evolucionismo

LUIZ CARAMASCHI

Então se arrependeu Deus de ter feito o homem na terra, e pesou-lhe em seu coração. -- Gên. 6, 6.

NOTA: O artigo que se vai ler é um confronto do real com o real, porém, de planos diferentes quais sejam: científico e moral. Assim o sapo é o geróglifo da avareza, simbolizando o avarento.

Quanto à linguagem do Gênese. imprópria para o nosso amadurecimento atual, deve ser considerada como um modo de falar de bárbaros. Quando o homem define Deus (certamente com pensamentos próprios, e não com frases feitas, decoradas), diz P. Ubaldi, mais não faz do que definir-se a si mesmo em relação a Deus. Não é que Deus seja a definição proposta, mas, a definição mostra o quanto o sujeito pôde conceber do divino. Dizer que Deus é justo, é bom, etc., ainda é antropomorfismo, visto como estamos emprestando atributos humanos de justiça, de bondade, etc., a Deus. Deus está para além do bem e do mal, isto é, para além do relativo, porque o bem e o mal são relativos. Se dissermos que Deus é o infinito bem, primeiro, não sabemos o que dissemos, por não sabermos o que seja o infinito; segundo, o bem que chegou a ser infinito está para além do bem, porque êste, assim como o mal, é relativo, e só do relativo entendemos.

A Bíblia é revelação divina; todavia tôda a revelação, inclusive a divina ou bíblica, é progressiva. Assim o Jeová bíblico é um Deus tribal, egoísta, ciumento, vingativo, sanguinário, parcial, cruel e gostador do cheiro de assados, simplesmente porque é um Deus de bárbaros, concebido por e para bárbaros. É o Deus da nossa infância humana. A linguagem dêsse Deus é cheia de antropomorfismos, porque o pai, qualquer pai, quando fala ao filho, *usa a linguagem do filho,* que de outro modo não seria entendido. Afadigam-se os religiosos de tôdas as seitas, em tirar consequências absurdas, dos enunciados bíblicos, porque partem da premissa de que aquêles são a palavra mesma de Deus, ditada por inspiração aos seus profetas. Não podem perceber os religiosos sectários, porque dogmáticos e fechados, que a Revelação é progressiva, desantropomorfizando-se cada vez mais através das revelações que se sucedem em cadeia. Aceitar como verdade absoluta, atual, portanto, os enunciados antropocêntricos do Gênese, é permanecer na bárbarie, ou infância, pois, no Pentateuco, o Pai falou aos filhos através dos filhos (profetas), na meia língua dos filhos, e não na «super-língua» do Pai.

A linguagem antropomórfica, inferior ainda à geocêntrica, do Velho Testamento, resulta de que ela foi escrita para bárbaros, os quais, por isto, eram *sensoriais* e não *abstratos*. O Pentateuco deve ser lido, levando-se em conta que aquela é a única maneira de fazer-se compreendido no plano da consciência sensório-muscular dos sub-homens. Assim como não se pode condenar «Pinocchio», «Cinderela», «Branca-de-Neve» e quejandas, também não se deve criticar o antropomorfismo bíblico e as ciumarias e barbarismos de Jeová tribal. No «Pinocchio», magistralmente, C. Collodi fez a consciência exterior ao indivíduo, representada pelo grilo falante. Esta consciência exterior, corporificada no grilo falante, seguia os ditâmes (inspiração) da fada (coisa divina), e podia, dêste modo, discutir com o teimoso Pinocchio, ainda sem vida superior, fechado nos automatismos puramente mecânicos de títere. Igualmente o gato representa os instintos, e a raposa ardilosa, versátil, matreira, simboliza as aspirações malsãs. É por isso que tudo o que a raposa diz, o gato repete, do mesmo modo que o grilo vive a relembrar a Pinocchio as lições da fada. Tudo separado, perfeitamente compreensível às crianças, e ainda belo, sobretudo se acompanharmos, na tela cinematográfica, a versão pictórica animada de Walt Disney. Princípios profundos e verdadeiros, explicado em linguagem infantil.

Do mesmo modo «Cinderela» desenvolve, ao vivo, o capítulo de sociologia que estuda a circulação das elites na pirâmide social, o mesmo capítulo que, no Evangelho, aparece sob a afirmação de que os últimos serão os primeiros, e os primeiros, os últimos. Em «Branca-de-Neve» se mostram o dualismo bem-mal, beleza-feio, e os desastres que podem ocasionar, sobretudo para quem os possui, a inveja, o ciume e o despeito.

Quem tiver um filho pequenino, e se der consigo falando-lhe numa meia língua, feita só de substantivos e verbos, deve reconhecer que a Bíblia está certa na sua função de se fazer entendida por sub-homens, para os disciplinar. Tolice é pretender vivê-la hoje, a não ser nos vários pontos salteados, que ainda fulgem de sabedoria. Assim como o adulto humano acha lições nos livros infantís, nós podemos encontrá-las nos livros de nossa infantilidade evolutiva, que é o Testamento Velho. Quando não haja ensinamentos alí, há a beleza simples e rude daquelas histórias contadas de modo tão cru, sem os adornos da hipocrisia e da justificação, que até parecem mesmo histórias contadas por crianças. Esta é a causa por que os maiores gênios da humanidade nunca se ocuparam em destruir a Bíblia, e antes sempre a respeitaram, como respeitamos os belos livros de figuras coloridas de nossos filhinhos tenros. Todavia quando nossos filhos vão crescendo, cuidando já que são homenzinhos, e não vão além de homúnculos, metem as mãos à bibliotéca da sua infantilidade, rasgando aquêles repositórios de belas figuras, que êles chamam bobagens. Então os adultos responsáveis protestam contra essas depredações, porque êsses livros devem servir aos que ainda são crianças, mesmo que não fôssem uma fonte perene de sabedoria, além de documentário histórico. Por aquí já se pode ver como estão errados êsses meninotes que, assanhados pelo uso das primeiras calças compridas da adolescência racional, pretendem arrasar a Bíblia. Essa é uma depredação fútil e víl dos nossos livros infantís, os quais, se bem não nos sirvam mais, a não ser como fonte informativa e documentário, contudo servem ainda aos nossos irmãos bugres, quando se reencarnam em nosso meio.

A Bíblia é a história da humanidade, passada, presente e futura, feita na linguagem dos místicos; a verdade, alí, simples e pueril, de comêço, se vai complicando, até a incomensurável grandeza do Evangelho de Cristo, ainda, para os nossos dias, arrematada utopia.

Mas é uma utopia que Cristo viveu como um homem de carne; logo, poderá ser vivida, e já não será utopia. Dêste modo o Evangelho é a verdade mais central que engloba tôdas as outras, concebível ao homem moderno, mas, não realizável por êle, em virtude da psicologia que o domina hoje. A essa verdade se pode chegar racionalmente, porém, para vivê-la, é preciso a sentirmos por intuição. A razão entende o que se lhe diz, mas, só numa linha fria e rígida. A intuição vê a linha racional em relação com o todo, num quadro maravilhoso e tridimensional, em que o Evangelho é sentido como a Grande Síntese do Universo, porque Cristo representa aquilo em que tudo se há-de transformar por evolução, com a definitiva volta para Deus. Cristo é a Síntese Cósmica suprema, vista do nível humano por alguns, e não por todos, e essa é a razão compreensível, até racionalmente, de êle ser o Caminho, a Verdade e a Vida, o único que reconduz ao Pai.

Na cabeça infantil de sub-homens podia, pois, caber que Deus se houvesse arrependido de ter feito o homem. Respeitemos esta imagem, e apliquemo-la aos tempos modernos, para corrigir os êrros e defeitos, como o da tolíssima cobiça, quase comum a todos aquêles que a si já se têm por adultos. Mas, na verdade, se o fôssem de fato, já não seriam cobiçosos.

* * *

A semelhança de órgãos e de funções entre todos os animais, não provém de que, êsse é o estilo do Criador, seguido em tôda a obra sua. Dos artistas se sabe que suas maneiras peculiares de se expressar, são seus estilos; mas que o Criador tenha um estilo próprio, que é a parecença estrutural e funcional dos sêres, isso mais é racionalização que raciocínio, porque a obra sua é uma só obra, em edições melhoradas e ampliadas. Nela se vêem desde os primeiros esquemas, que são os sêres rudimentares, até a obra em máximo grau, conhecida na terra, que são os gênios, os santos, os heróis e os mártires. A forma orgânica é a mesma no primitivo e no gênio; contudo não é a mesma evolução psíquica. E como tudo é obra de Deus, onde parou a evolução da forma, seguiu-se a evolução do espírito, rumo às supremas ascenções, que dão vertigem a qualquer imaturo.

E Deus ao planejar a Criação andou abandonando alguns esquemas. A lagosta tem estrutura diversa, assim como todos artrópodes. O sangue dos artrópodes é azul, e isto vem de que o ferro da hemoglobina foi substituido pelo cobre da hemocianina (1). Deus viu, no futuro, porque onisciente, que mesmo fazendo o sangue dos animais em base do ferro, contudo, quando êles chegassem ao homem, êste mais amaria o cobre (dinheiro) que o ferro (máquina, trabalho). Cesso já, pensou Deus, de fazer o homem partindo do esquema da lagosta, porque o amor e a perdição dêle será a cobiça do cobre, que não lhe porei no sangue. Caia o homem, se quiser, mas, não seja por causa minha, visto como por-lhe-ei no sangue o ferro do trabalho, e não o cobre da cobiça!...

Quando chegou Deus aos moluscos, ao fazer a concha, mudou outra vez de idéia. Já o peixe oros, como refere Bernardes, o fez Deus com o coração na barriga (2). A concha fê la com o coração atravessado pelos intestinos (3). Mas que faço eu? pensou Deus; acaso hei de fazer o coração atravessado pela tripa? Pois se o homem há-de-amar o ventre e os regalos da vida, mesmo que lhe ponha o coração acima da barriga; quanto mais não será se tudo o que o homem comer passar pelo coração seu? Há de amar o homem ao que come? Sim, há. Mas que ame por conta e perdição sua. Não venha êle me culpar a mim, pelo que fará por vontade própria; não venha êle dizer que faz por natureza que lhe dei, quando, em verdade, o que faz, o faz por vontade sua.

E assim Deus, quando fez obras diversas, seguiu estilos diferentes.

O homem, como forma, saiu-se dos vales úmidos onde coacham os sapos, seus irmãos, e subiu-se daí, com dores e prantos, até o pico radioso da montanha da razão; aí lhe crescem as asas da intuição com que desfere o vôo que só o dão os gênios. Mas que digo eu? Então o homem é irmão do sapo? Sim, é; e em sentido real e figurado Em sentido real porque de fato a evolução veio, não só do sapo, senão até de antes dêle. E em sentido figurado, porque sapo é jeróglifo da avareza. E como a cobiça é todo o mal do homem ; que muito é que lhe seja irmão o sapo ? Pois para que mais a figura se ajuste ao figurado, digo que o coração do sapo, conforme refere a ciência, é o que mais vive fora do organismo. Assim pode o coração do sapo manter-se palpitante em solução apropriada, pelo espaço de vinte e quatro horas. Mas que é isto ? Deus meu ? ! então vive êsse coração e palpita, assim arrancado do corpo, e dentro dêsse vidro ? Sim vive, diz Deus ! Tal é o coração do cobiçoso e do avarento, do qual o sapo é símbolo. Onde estiver o teu tesouro, aí estará teu coração, disse Cristo (4). Quereis ver, depois da morte, como procede o coração do cobiçoso ? Ide àquele laboratório e vêde como palpita dentro da retorta o coração do sapo. Assim o avarento se recusa a morrer na carne, e morto, agarra-se ao que amava, única coisa que lhe faz palpitar o coração na vida e na morte.

---

(1) Wells e Huxley, As Formas da Vida, 80.

(2) Bernardes, Nova Floresta, 1, 28.

(3) Wells e Huxley, As Formas da Vida, 104.

(4) S. Mateus, 6, 21.

Transformismo e Espiritismo

Carlos Imbassahy

DISTINTO amigo tem amáveis referências ao meu livro EVOLUÇÃO. Acha, porém, que me coloco mal quando defendo o transformismo de Darwin, «que é o ponto fraco da obra», visto que a origem simiesca do homem é contrária ao Espiritismo, ao bom senso, aos fatos, à Ciência. E ainda um verdadeiro espírita não pode ser darwinista, por ser o darwinismo materialista e por consequência em franca oposição ao Espiritismo. Pede que eu retifique as idéias na próxima edição, que prenuncia para breve.

Agradeço o feliz augúrio e as referências à obra, espécie de sedativo àquele *ponto fraco.*

Convém declarar que não defendi no EVOLUÇÃO nenhuma tese com referência ao transformismo. Apenas apresentei a matéria em seu estado atual. Não fui contra ou a favor. Simples exposição.

Parece-me, entretanto, que a opinião do amigo é um tanto temerária, e dela discordo inteiramente quando me diz que é preferível a lenda adâmica à lenda de Darwin.

O evolucionismo materialista de Darwin em nada colide com o evolucionismo espiritualista de Kardec. São duas linhas paralelas e nenhuma destrói a outra. Eu posso aceitar os fatos, a hipótese ou a tese de Darwin sem que isto influa no meu conhecimento sôbre os fenômenos e a tese espírita, assim como o amigo pode aceitar esta tese sem abalar os fatos que levaram Darwin e sua escola ao transformismo. Darwin pôs o espiritualismo de lado, apenas; nós pomos de lado o materialismo, apenas. Haveria influência se nós com os Espíritos destruíssimos os fósseis, a embriologia, a semelhança entre os macacos superiores e o homem... Ou se a semelhança, a embriologia, os fósseis negassem os Espíritos. Os Espíritos podem continuar a existir e nós a descender do macaco. Que tem uma coisa com outra ? Antes, a evolução da matéria torna lógica a do espírito ; vê-se a concordância no plano da natureza.

Vejamos um anatomista. Disseca o corpo e não encontra o espírito. E proclama-o. Nem por isso a Anatomia deixa de ser uma verdade. Porque a Ciência, com seus processos, não encontra o espírito no corpo, não lhe vamos negar a existência, nem a daquilo que o compõe. Com ou sem a descoberta do espírito, lá estão os ossos, os músculos, as veias, as artérias, os pêlos...

Tôda a Ciência é materialista e a Ciência é que orienta o homem no conhecimento. Muitos metapsiquistas são materialistas e a Metapsíquica, que é a base do Espiritismo, porque é por esta Ciência que se estuda o fenômeno paranormal que prova a existência e comunicação do Espírito, nem por isso deixa de ser absolutamente certa.

A primeira afirmativa do amigo é, portanto, inteiramente falha.

A evolução material e a evolução espiritual são pois duas linhas que, ainda que não se encontrem, têm um pedestal firmado em fatos. É aos fatos que nos atemos e não a umas tantas conclusões que podem estar erradas, mas que os não destróem.

Do mesmo passo, o amigo pode afirmar que há completa incompatibilidade entre os fenômenos psíquicos estudados em nossas Academias e o Espiritismo, porque os que estudam aquêles negam êste. Mas que importância tem aquela negação se dos estudos psíquicos é que se formou a doutrina espírita? Por maneira que o fato de ser eu espírita nunca me levaria a contrariar os estudos psíquicos. Aí tem o amigo porque eu poderia ser evolucionista, ao mesmo tempo com Darwin e Kardec.

Quanto ao bom senso, do qual eu devo estar excluido, quando não passa de uma questão de gosto, pelo arrazoado, pela lógica, pelos argumentos é que veremos quem o tem. Ás vezes o sujeito não tem senso nenhum, como eu, mas é pela documentação que apresenta que deve ser julgado.

O amigo acha que o transformismo é contrário aos fatos e à Ciência. Está andando muito depressa. Poderemos, senão provar-lhe a verdade, pelo menos inferí-la por processos até de laboratório.

Temos, por exemplo, as experiências de Gruenbaum, em Liverpool, *The Lancet*, (18-1-1902) que apanhou o sangue do gorila, o chimpanzé e do orango-tango; verificou que o serum dêles injetados com sangue humano dá um precipitado, não só com êsse sangue como com os dos antropomorfos. Foi impossível distinguir êsse precipitado do que se obtém com o sangue humano.

Concluiu-se que existe entre macacos superiores e homens, não sòmente a analogia do corpo e dos principais órgãos, mas um parentesco íntimo, «verdadeiramente sanguíneo». São nossos parentes «pelo sangue».

Essa experiência posterior a Darwin, segundo muitos, veio confirmar a sua doutrina.

Tais fatos impressionaram Metchnikoff, que declara:

«Não é possível pôr em dúvida que o homem é um animal do grupo dos primatas, ligado de forma estreita aos macacos superiores da época atual».

A palavra gorila foi dada aos macacos pela semelhança que êles tinham com certas mulheres que uma tribus descobriram. Elas eram chamadas gorilas ou gorilhas. Vendo os selvagens que os símios tinham as mesmas caras, jeitos e modos, ficou chamando a êles também de gorilhas. Pelo menos é o que explica a etimologia.

Diz ainda Metchnikoff que a placenta dá ensinos de grande importância para a classificação dos mamíferos; basta um olhar à placenta zonária dos cães e das fócas para assegurar-nos do parentesco dessas duas espécies, à primeira vista bem diferentes. Pois bem, a placenta de todos os macacos antropomorfos estudadas até o presente, apresenta o mesmo tipo discoidal que o do homem. A disposição do cordão umbilical do homem, que se considerava outróra como inteiramente particular à espécie humana, encontra-se nos macacos antropomorfos.

Na obra citada vê-se a págs. 58 e 59, figs. 8 e 9, a fotografia do feto do macaco e a do feto humano aos três mêses e meio. Apontar-se-á como a do homem a que está à esquerda, fig. 8, e a do macaco à direita, fig. 9. Pois é o contrário, o feto que parece do homem é o do macaco, e vice-versa.

A fls. 60 e 61 nos mostram o feto de um gorila e o do nosso semelhante aos 5 mêses. Com exceção da cara, o resto é perfeito.

Slenka mostra que os discos embrionários do homem, os mais jovens que já se observaram, dificilmente se distinguem dos macacos de cauda, tanto do ponto de vista da situação como da forma. *(Studien uber Entwickelungs-geschichte der Thiera.* p. 188/1898-1902).

Os embriões humanos — diz êle — assemelham-se mais aos do antropomorfo que aos dos símios inferiores. Os traços que diferenciam o homem do mono só se acentuam com a idade. Também nos afirma que o crânio infantil dos antropomorfos muito se assemelha ao crânio humano. (Ob. cit. pg. 160).

Em suma, o homem pode ser considerado como a criança prodígio de um antropoide, nascido com um cérebro e uma inteligência muito mais desenvolvidos que os de seus pais.

Há crianças que se distinguem dos pais por uma inteligência muito desenvolvida e faculdades mentais que aquêles não possuem.

Wiedersheim em *Der Bau des Menschen* achou no homem 15 órgãos superiores ao do macaco, necessários à sua adaptação a novos meios e à necessidade do uso (e ao uso). Assim, os membros inferiores, adaptados à verticalidade, a diferenciação dos músculos da laringe, necessários à palavra articulada. Em compensação notou 17 órgãos, em decadência, por pouco úteis ou desnecessários, como os pêlos, os cocix, etc.

Os catarríneos têm manifesta tendência à redução do sistema dentário; o apêndice cecal que não existe nos animais inferiores existe no antropomorfo e no homem.

O cérebro dos macacos. — Owen afirmava que não existia nos macacos certas partes do cérebro que existiam no homem.

Mas a opinião de Owen foi insustentável. Huxley, no seu livro *O Lugar do Homem na Natureza,* diz, conforme a tradução francêsa:

> «*Actuellement, il est accepté unanimement que les parties du cerveau em question présentent les caractères de structure cérébrale les mieux marqués comme étant communs à l'homme et aux singes. Ils comptent parmi les particularités simiennes les plus distinctes que peut offrir lórganisme humain». Huxley, La place de l'homme dans la nature.* Paris, 1891, pág. 73.

«É atualmente unanimemente aceito que as partes do cérebro, de que se trata, apresentam os mais notáveis caracteres de estrutura cerebral comuns ao homem e aos macacos. Encontram-se nos macacos particularidades simiescas distintas, idênticas às do organismo humano».

É interessante notar, ainda, que a diferença entre o cérebro do macaco antropomorfo e o do homem é muito menor que a que existe entre as diversas espécies de macaco, ou seja entre os macacos superiores e os inferiores.

O tubo digestivo mostra-nos as semelhanças entre o homem e o símio. Haja vista o *apêndice.* Felizmente para o macaco, parece que as crises de apendicite não são nêles tão frequentes como em nossa raça. Nos macacos não antropomorfos não há apêndice.

Metchnikoff, referindo-se as flagrantes semelhanças entre o bípede e o bímano, assegura que a *Ciência* está apta a proclamar, e isto há já quarenta anos, que o homem está ligado ao macaco antropomorfo por laços de indiscutível parentesco. Esta tese clássica nunca pôde ser desmentida por nenhum fato preciso. Depois daí têm sido recolhidos inúmeros dados concernentes à história natural dos macacos antropomorfos.

E o grande naturalista começa a apresentá los, salientando que as descobertas posteriores confirmavam, esclareciam e ampliavam os primitivos conhecimentos. (*Études sur La nature humaine.* Paris, 1903, págs. 56 e seguintes)

Continuaremos o estudo se Deus nos der fôrça e saúde.

Ao Professor Arnaldo Santiago

Mário Cavalcanti de Mello

Lendo, como faço sempre prazeirosamente, a «Revista Internacional do Espiritismo», do mês de outubro passado, deparei um artigo de meu ilustre confrade Arnaldo Santiago, em que êle faz reparos às referências encomiásticas de meu não menos ilustre amigo Aleixo Vitor Magaldi, ao meu livro «Da Bíblia aos nossos Dias».

Inicia-se o ilustrado Professor, confessando que ainda não tivera oportunidade de ler o livro de minha autoria. Isto me tranquilizou um pouco. Peço, apenas, ao erudito confrade que se o fizer, não seja com aquêle espírito preconcebido de tudo rejeitar, só pelo fato de grandes vultos da humanidade, inclusive Jesus, no dizer do Professor, haver aceito a Bíblia como obra extraordinária.

Desejo fazer um pequeno reparo quanto a Jesus. Tenho a impressão nítida, porque sou também um estudioso dêsses assuntos, que Jesus não era tão partidário do A. Testamento como pretende fazer crer o Professor Arnaldo Santiago.

É verdade que Jesus disse que não vinha destruir a lei. A que lei, porém, se referia Jesus? À lei judáica ou aquela constante do Decálogo? Muitas leis de Moisés foram claramente repudiadas por Jesus, que não só lhes reformou o conteúdo moral, como também pôs por terra os holocaustos e sacrifícios que esta mesma lei determinava se fizesse a Jeová.

Não gosto de fazer citações principalmente quando troco idéias com um exegeta da fôrça de meu eminente amigo. Mas, se o confrade Arnaldo Santiago fizer um esfôrço de memória irá, por certo, concluir que eu estou falando a verdade.

Escrevi em o «Mundo Espírita» três ou quatro artigos sôbre o assunto do meu livro, não para estabelecer polêmica com o meu amigo J. Herculano Pires, mas para dar-lhes plenas explicações sôbre o que se acha contido naquele citado livro e êstes artigos servirão para esclarecer os meus pontos de vista com referência ao A. Testamento.

Não quero analisar, por ora, as citações de Kardec, feitas pelo caro confrade, de uma maneira incompleta Fica esta tarefa para outro artigo.

A minha bibliotéca histórica não é das melhores; mas, tenho em minhas prateleiras muitas obras que a miude consulto, incluindo entre elas a «História Universal» de Cezar Cantu, que a meu ver, está precisando de uma revisão substancial, uma vez que ainda considera mitos aquilo que a Arqueologia moderna provou ser hoje a mais profunda realidade. Mas, mesmo assim, não encontrei a citação de meu eminente confrade, isto é, aquela em que o historiador escreve:

> «A Bíblia, como diz o ilustre orientalista Jones (deve ser William), contém mais eloquência, mais verdades históricas, mais moralidade, mais riquezas poéticas e, numa palavra, mais beleza em todos os gêneros, do que se poderia encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer século e em qualquer língua, que tenham sido compostos».

Não quero afirmar que a citação de meu nobre confrade não exista, apenas, afirmo que não encontrei e por isso, encareço ao Professor o obséquio de citar o capítulo, com seu respectivo título, para que eu me possa orientar melhor.

Na realidade há poesia na Bíblia, há eloquência, há verdade histórica, mas, infelizmente nem sempre há moralidade. Discordo, assim, dêsses dois homens eminentes, quando afirmam que há na Bíblia mais moralidade que em qualquer outro livro. E se discordo é porque posso, sem esforço nenhum, provar o contrário, como o fiz em meu livro e como tenho feito em diversos artigos que escrevi.

Para contrabalançar a citação do Professor Arnaldo Santiago, cito, também, por minha vez, o mesmo Cezar Cantu já que o Autor lhe é tão caro:

> «Se chegaram até nossos dias algumas leis de Moisés, não chegaram pelo menos em sua forma primitiva, bem autenticadas por qualquer modo, o que equivale dizer que não é possível distinguí-las das que pertencem a épocas anteriores e que as substituiram ou que foram encorporadas com elas nos livros sagrados de Israel». — (Cezar Cantu — vol. I — «Instituições Mosaicas» — da edi. A Emprêsa Literária Fluminense, pág. 336).

É o mesmo Cezar Cantu que «admirando as belezas da Bíblia, sua eloquência, suas verdades históricas», não vacila em negar autenticidade às leis ditas de Moisés.

Há muito mais ainda:

> «Moisés foi, na opinião dos hebreus, o autor do Pentateuco. Esta opinião passou das sinagogas para a Igreja católica, que a confirmou com seu vereditum: como, porém, êste vereditum não é obrigatório para a Ciência, muitos orientalistas têm sustentado, e sustentam, desde o século XVIII para cá, que os supostos livros mosaicos são obras de escritores muitos séculos posteriores à época em que se diz ter existido o fundador da nacionalidade judaica, que compilaram e refundiram documentos e tradições antigas concernentes à criação do mundo, aos primeiros tempos da existência social dos abraamitas. O primeiro escritor que estabeleceu abertamente esta doutrina foi o médico francês Astruc, que viveu em 1684-1766 e publicou uma obra intitulada «Conjecturas àcerca do Gênesis». Esta obra foi um sinál de rebate, o primeiro tiro de uma grande campanha. Astruc fez escola, teve continua-

dores ilustres, que examinaram e discutiram o Pentateuco capítulo por capítulo, frase por frase, como críticos, como filólogos, como historiadores, para descriminarem as partes primitivamente distintas de que êle lhes parecia formado e determinaram as duas idades relativas. Entraram na liça Tuch (1838), Deulitzch (1836-1851), Hupfeld (1853), Knobel (1852), Ewald (1815-55), Renan, Michel Nicolas, Bunsen e Noeldeke; opuseram-se lhes, e, muitas vezes com sólida erudição, numerosos campeões da tradição ortodoxa; escreveu-se muito, investigou-se com diligência e engenho, trocaram-se volumes de argumentos e, não raramente, de injúrias e, afinal, é fôrça confessar que no mundo científico ficou riscado o nome de Moisés do frontispício do Pentateuco». (Vol. II, pág. 276).

Como pode observar o distinto confrade, é um historiador católico, apostólico, romano e muito de sua estima, que assim se manifesta.

Teria de ser muito extenso qualquer inventário que se pretendesse fazer das diversas teorias até hoje emitidas ácêrca das origens e da composição do Pentateuco, em geral, e especialmente do Gênesis; há, porém, certas proposições, que todos os críticos modernos admitem e quase ganharam foros de incontestáveis. Todos admitem, por exemplo, que no Gênesis existem narrações cujo redator ou cujos redatores chamam a Deus Jeová, e outras em que se encontra sempre o nome de Eloim; estas narrações, que nem sempre estão de acôrdo e às vezes discrepam na notícia do mesmo fato, representam duas fontes distintas e independentes de tradição. Há textos, «jeovistas» e textos «eloistas»; tanto basta para excluir a hipótese da unidade original da obra.

O estudo da língua em que foram redigidas as diversas partes do Pentateuco, diz Cantu, as referências e menções geográficas e históricas que nêle se encontram, também denotam que foi formado de documentos de diferentes épocas posteriores à de Moisés, e que todos êsses documentos, ou alguns dêles, sofreram refundições. A doutrina geralmente aceita, é, pois, a de que os hebreus possuiam muitos livros históricos e de legislação, de que só restam fragmentos, os quais, depois de repetidas vezes alterados no estílo e na coordenação, receberam forma quase definitiva cêrca do VIII século antes da era cristã, forma dada por um redator jeovista, isto é, que empregava o vocábulo «jeová» para exprimir a idéia de Deus; e que êsses fragmentos foram, ainda mais recentemente, divididos em quatro livros: o Gênesis, o Êxodo, os Números e o Levítico.

Não é demais insistir em um historiador apreciado pelo Professor Arnaldo Santiago como um defensor das verdades bíblicas:

> «Quanto ao Detereunômio, pertence à época de Josias e da restauração jeovística. O segundo livro dos Reis conta no C. XXII que o grão sacerdote Hilquias e o escriba Saphan anunciaram no XVIII ano do reinado de Josias (622) que tinham encontrado no templo o Livro da Lei. Ora, as descobertas como esta eram frequentes no Oriente. Sendo mister que as leis, para terem autoridade, parecessem ser de origem divina, obra dos deuses e dos grandes homens por êles inspirados, os sacerdotes, quando queriam promulgar um novo código, declaravam tê-lo encontrado em sítio onde fôra guardado misteriosamente.
>
> O achado do Livro da Lei, Livro da Aliança ou Segunda Lei (Detereunômio) significa, pois, tão sòmente, que êsse livro foi elaborado no tempo de Josias e pelos seus sacerdotes, que julgaram insuficientes os antigos códigos religiosos para conservarem a pureza da fé jeovística e desviarem o povo dos altares dos ídolos fenícios. Posteriormente, o Detereunômio, a que se dera o caráter de legislação de Moisés para o tornar mais respeitado, foi encorporado com os documentos que constituiram os quatro primeiros livros do Pentateuco, e esta compilação ficou existindo tal qual a conhecemos hoje, sendo tôda atribuida ao fundador da nacionalidade, ao homem privilegiado que viu Deus «pelas costas». (II vol. pág. 277).

Eis, meu caro confrade, a que ficou reduzida a sua citação. Trata-se, naturalmente, de uma citação isolada. Quanto ao conhecimento dos judeus sôbre a história de outros povos, não estou de acôrdo com Cantu, quando diz que os judeus possuíam muitos livros históricos e de legislação. Prefiro a opinião de Flávio Josefo, que deve conhecer mais do assunto, em sua resposta a Apion (Liv. I, c. IV):

> «Nós vivemos, disse êle, em um país distanciado do mar, não nos entregamos ao comércio com os outros povos... Sendo nossa nação tão afastada do mar, tão pouco afeita à escrita, será motivo de admiração ter sido ela tão pouco conhecida?»

Assim, quanto ao conhecimento dos judeus sôbre a história de outros povos, êles se abeberaram nos arquívos do Egito, de Babilônia que, certamente, conheciam a sua e a história dos povos vizinhos.

Poderia estender-me na análise dos livros que compõem o Pentateuco, estribado, ainda, em C. Cantu e em outras fontes, para mim, mais apreciáveis. Mas, por hoje, basta.

Quanto ao pedido do Professor, no final do seu artigo

> «Ao Magaldi e a todos os espíritas «detratores» da Bíblia faço um fraterno apêlo, em nome de Jesus, de Quem também sou humilde servo, inútil, para que cessem êsse trabalho demolidor, de tão más consequências»,

tenho a dizer que a História e a Ciência nunca foram inimigas do Espiritismo. Então, porque nos servirmos da razão para pôr as coisas em seu devido lugar; porque analisamos o que se encontra na Bíblia, o que a Bíblia diz, somos seus detratores? Para aceitarmos a Bíblia, teriamos que fazê-lo por inteiro, teriamos que admitir e reverenciar o seu Deus com as suas crueldades e sua justiça original, teriamos que seguir os exemplos bíblicos, principalmente aquêles conselhos irreverentes de pouca moralidade. Teriamos que aceitar um Elias assassino, um Elizeu perverso, um Samuel crudelíssimo. E teria, segundo a Bíblia, constituido Moíses um exemplo de virtude?

Será dever nosso aceitar passivamente qualquer irreverência para não ferirmos a cândida sensibilidade dos senhores bíblicos? Creio que não. A nossa crítica não depõe em absoluto contra os postulados do Espiritismo, que tem sua moral própria e que se estriba na razão e nos fatos, e que nos aconselha a seguir os passos da Ciência contemporânea. Será isso viver sem Deus, como pretende insinuar o Professor Arnaldo Santiago? Será que aceitando o Deus bíblico, somos veneradores do verdadeiro Deus, quando o Jeová se mostra mesquinho, ciumento, vingantivo, sanguinário e amaldiçôa através de gerações incontáveis?

O meu Deus é um outro; é imenso, é infinito em tôdas as suas qualidades, é um Deus de amor, de Justiça e de Perdão. É êsse o Deus dos homens que raciocina, é êsse o Deus que o Espiritismo nos manda adorar, é o Deus que nos pinta Jesus Cristo.

Inimigos da doutrina espírita são a fé cega, a petrificação da doutrina, o enxerto de textos e obras em completo desacôrdo com a Codificação, êsse pieguismo místico, doentio e eivado de fanatismo que vai invadindo as almas desprevenidas que imaginam que o homem se salva pela fé e não pelas boas obras.

É comum ouvirmos dizer que o Espiritismo é o Cristianismo primitivo. Mas eu desejaria saber o que foi o Cristianismo primitivo. A doutrina cristã foi tão adulterada pelos padres que só podemos formular hipóteses quanto à sua origem. Talvez, o Cristianismo de Jesus se resuma no «amai-vos uns aos outros» e em outros postulados de grande moralidade que irão fatalmente terminar no mesmo ponto. Isto, caro confrade, é o suficiente para a elevação espiritual de qualquer ser humano. Amando ao próximo como a nós mesmos, estamos cumprindo a verdadeira caridade, perdoando aos seus êrros, assistindo-lhes em suas necessidades, encaminhando-os para o bem, enfim, fazendo o necessário para a nossa elevação espiritual. É isto que eu reputo divino, é esta moral espalhada pelos quatro cantos da Terra, na consciência de cada um de nós, que nos irá orientar pelo melhor caminho.

Nada de símbolos, de lendas, de alegorias, em um século de luzes, em que tudo se pesa e em que tudo é medido. A História, a Ciência e a Filosofia, em sua eterna busca da verdade, dia a dia mais vai clareando o nosso caminho. Tudo tem que ser claro, compreensível, para que não andemos tateando pelas trevas.

E para os que não se resignam a ver destruidos seus sonhos, suas quimeras, eu aconselho a leitura desta máxima de Renan: «As verdades que a Ciência revela são superiores aos sonhos que ela destrói».

Ramatís e a Ciência

I

FOI no decorrer do segundo semestre de 1955, nas páginas desta mesma Revista, que o confrade Henrique Rodrigues procurou, com o seu ímpeto de moço, demonstrar a inconveniência da propaganda das mensagens de Ramatís nos meios espíritas, os quais ameaçavam o prestígio da doutrina, diante dos que desconhecem os fundamentos kardecianos.

O jovem autor, naquela ocasião, embora algumas vezes encontrasse dificuldades nas partes onde o assunto exigia treino e estudo especializado, fundamentalmente deu conta de sua tarefa, prestando valioso serviço para a causa doutrinária, isolando o Espiritismo de responsabilidade, com relação a essas mensagens mediúnicas, pretensamente científicas.

Depois fomos nós que nestas mesmas páginas, dos exemplares de junho e julho do último ano, procuramos demonstrar a grave falha de Ramatís, sôbre a profecia do seu propalado planêta.

Hoje, incentivados que fomos, para não cruzarmos os braços diante da insistente propaganda ramatisiana nos meios espíritas, aquí estamos novamente para elaborarmos uma série de quatro ou mais artigos, visando esclarecer e alertar os espíritas em geral, inclusive os adeptos de Ramatís, sôbre a incompatibilidade das mensagens desta entidade, com relação à ciência, portanto com o kardecismo.

Como da outra vez, faremos o que estiver ao nosso alcance, sem qualquer pretensão de irmos além dos nossos modestos conhecimentos. Nesta tarefa, como sempre, respeitaremos a honestidade dentro dos bons preceitos da ética de escrever, e não haverá críticas maldosas, o que seria injustiça de nossa parte, se prevalecessemos para isso de falhas alheias, pois ninguem poderá se julgar livre de êrros, neste plano terrestre de aprendizagem.

Ao médium, que serviu a Ramatís, Dr. Ercílio Maes, de quem recebêramos e agradecemos a oferta, com gentil dedicatória, de uma das obras da entidade, desde já esclarecemos que o mesmo, no cumprimento de sua missão, deverá estar imunizado nestas análises, pois ali êle servira apenas como elo de ligação mediúnica. Qualquer simpatia que êle possa se manifestar pela entidade será louvável e justificável, na sua condição de quem serve com amor e renúncia à causa divina.

E aos adeptos, em geral, de Ramatís rogamos não interpretarem esta nossa jornada como aventura de capricho ou hostilidade, pois o nosso objetivo é esclarecer, procurando anular êsse estado de choque que ameaça separar uma substancial ala do Espiritismo, favorecendo os nossos opositores clericalistas. E se reconhecerem em nós a verdade, confiamos que sem ressentimentos retornem à pureza da filosofia de Kardec, e continuemos, como nossos antecessores, fraternizados no mesmo ideal de cristianizar a humanidade.

Urge que estejamos fortalecidos pela união de todos espíritas para que prossigamos no encalço do Materialismo que já se distancia, cuja facção negativista vem apoderando-se dos progressos da ciência, colocando-a no serviço da belicosidade. E se discordarem dos nossos argumentos, exponham com liberdade suas dúvidas, apontando-nos com clareza as falhas, mas com base na ciência, que saberemos respeitar a verdade, com humildade e justiça.

Quanto a Ramatís, discordamos dos seus conceitos de suposta ciência, mas reconhecemos nas suas mensagens elevados propósitos de sentido espiritual, o que talvez tenha sido a principal causa de sua sensacional acolhida, entre grande número de adeptos do Espiritismo. Pessoalmente, lhe devotamos simpatias pelos seus sentimentos cristãos, ao empenhar-se inutilmente na tarefa de traçar diretrizes a uma humanidade retida nas garras das classes intelectuais sem Deus, indiferentes aos seculares apelos do Cristianismo.

Acreditamos que Ramatís, em último esfôrço de a tudo atender e responder, em desesperada tentativa de livrar os povos da nova hecatombe bélica que nos ameaça, recorreu a todos os recursos, indo além de seus conhecimentos. Possívelmente, a entidade, relembrando seu pretérito, acreditamos tenha sido de glórias, evocou concepções longínquas, sem ter percebido que Astrologia e Feiticismo são assuntos já de há muito tempo superados pela mentalidade atual.

Assim, êle incorreu em falta ao desejar reviver o passado, firmando-se nas leis do presente, esquecendo que a nossa marcha não é para retroceder, mas sim para evoluir.

A entidade nem tudo desconhece, revelando-se de muita leitura, mas de pouco estudo atualisado, o que se nota ao empregar termos cientificos, geralmente fora de seus sentidos exatos, deixando perceber que não está a par dos progressos fundamentais da nossa ciência experimental, como desejaremos demonstrar.

Ramatís, mentalmente, ainda é tão humano como nós, e não se deve julgar que êle já tenha completado o curso de aprendizagem terrestre, e que já se ache na condição de cientista do Universo. Não negamos que em suas mensagens há algumas com interessantes argumentos, de méritos aproveitáveis. Mas é preciso não se deixarmos levar pelo entusiasmo, e sabermos diferenciá-las daquelas que podem comprometer a doutrina, conforme veremos logo mais.

Aceitar Ramatís como um complemento de Kardec seria invigilância nossa, e estariamos forçosamente retrocedendo em favor dos nossos opositores sistemáticos, que aproveitariam essa brecha para nos atacar. E hoje, que a evolução avança em todos os sentidos, precisamos de conceitos lógicos, e raciocínio invulnerável, elevando o padrão de cultura da doutrina.

Em conceitos doutrinários de espiritualidade, ainda não encontramos algo mais sólido que os postulados kardecianos. A filosofia do codificador, até hoje continua inatacável, apesar do esfôrço dos materialistas e clericalistas nesse sentido. E, confirmando as suas razões, não faltaram sábios que comprovassem as verdades da doutrina, nos seus mais altos postulados.

Portanto, não vemos razões para aceitarmos os frágeis conceitos de Ramatís, assim como os de outros pretensos salvadores, dotados de verbalismo e sensacionalismo, quando em Kardec não faltam pureza e firmeza, na unificação de seus sublimes postulados de religião, filosofia e ciência.

Doravante, estejamos mais atentos, imitando os mais experientes, para não aceitarmos tudo o que vem de outras fontes, sem exame acurado, pois qualquer descuido, mesmo por parte de alguns, poderá retardar a marcha da doutrina, neste momento em que ela exige maior aceleração

E aquí encerramos esta parte introdutiva, e desde já iniciemos as primeiras análises das mensagens de Ramatís, procurando o emprêgo de linguagem simples, para que se torne ao alcance de todos. Mas prevenimos aos leitores que haverá partes que não poderão fugir de certas complexidades explanatórias. Contudo, a verdade sempre transparecerá, deixando a razão visível e destacavel.

As mensagens submetidas ao nosso exame serão transcritos os seus tópicos principais, e quando necessário deixaremos as frases ou palavras mais atingidas, em letras destacadas, facilitando o entendimento.

Para iniciarmos, entremos no assunto, trancrevendo a mensagem da página 114, da obra «Mensagens do Astral» : — «A vossa ciência ainda há de descobrir, SURPRESA, que o vórtice magnético do vosso Sol, o seu «chacra constelatório», ou CENTRO DE FÔRÇA de SUSTENTAÇÃO no turbilhonante cruzamento de correntes cósmicas, encontra-se suavemente deslocado do centro físico conhecido ! Na realidade, cada astro ou sistema oscila em tôrno do seu «ponto magnético» produzindo a mais indescritível pulsação sinfônica em todo o Universo.»

Notemos bem que a entidade apresenta essa questão como uma novidade, ainda desconhecida da nossa ciência. No entanto, essa noticia chegou muito atrasada, pois os nossos astrônomos já de há muito tempo sabem disso. Possìvelmente êsses estudos devem datar desde os tempos de Isaac Newton (1642-1727). Se o leitor desejar conhecer uma obra anterior a essa mensagem, e que cuide dêsse assunto, procure na própria biblioteca espírita, a obra romanceada «Urânia», de Camille Flammarion, 2.ª edição de 1941, que encontrará na página 212, o seguinte: — «Pesando o conjunto dos planêtas, quase a sétima-centésima parte do pêso do Sol, o centro de gravidade em tôrno do qual a Terra circula anualmente nunca está precisamente no centro do Sol, mas distante dêsse centro, e muitas vêzes mesmo fora do globo solar. Ora, falando de modo absoluto, a Terra não gira em tôrno do Sol, mas os dois astros, Sol e Terra, giram em tôrno do seu centro comum de gravidade.»

Vamos agora dar a interpretação em linguagem acessível, sôbre os dois trêchos, de Ramatís e Flammarion, diferentes nas explicações, mas de um mesmo sentido. — Se o Sol estivesse isolado no espaço, sem qualquer satélite na sua órbita, êle teria o seu ponto de atração justamente no centro de sua massa. Ora, mas os diversos planêtas que circulam ao seu redor constituem cada um deles uma fôrça de atração, cuja soma de todos êles representa uma pequena, mas não desprezível, potência atrativa, atuando reciprocamente sôbre o Sol que os atrai. Nestas condições, o Sol e a Terra, ou seja, o Sol e os seus planêtas, quando êstes formam fôrças conjugadas, passam a girar em certos momentos em tôrno de um centro comum, deslocado para fora do centro solar.

Como vemos, justamente isso que Ramatís explica, também Flammarion explanou naquela obra muito antes, ambos empregando termos, cada qual com sua linguagem peculiar.

Nestas alturas, o leitor já deve ter compreendido que o assunto não constitue nada de novo para a nossa ciência.

Imaginemos agora se fôssemos apresentar essa mensagem aos nossos astrônomos, como uma importante revelação mediúnica. Naturalmente seria o Espiritismo que sem ter culpa, cairia no ridículo, passando a ser olhado com indiferença risível, por parte dos nossos pesquisadores.

Passemos para outra mensagem da mesma obra, página 234, e vejamos estas palavras de Ramatís: — «Antigamente, a ciência ironizava os hermetistas, porque ousavam afirmar, em nome da milenária doutrina secreta, que existiam mais planêtas além dos sete que eram conhecidos na época. A palavra da ciência oficial tinha se firmado, para isso, no poderio dos telescópios «moderníssimos» no tempo. No entanto, Netuno e Plutão apareceram posteriormente e contrariaram os severos prognósticos acadêmicos! E ainda surgirão outros três planêtas na vossa constelação, a fim de completarem a côrte dos doze apóstolos planetários do Cristo Solar».

Neste mesmo assunto, na página 390, da sua outra obra, «A Vida no Planêta Marte, e os Discos Voadores», acha-se a seguinte pergunta: — «Porque devemos aceitar que são doze planêtas, e não apenas os noves descobertos pela ciência terrestre? Não poderão os sábios terrenos admitir que essa informação obedece sòmente ao desejo de desmenti-los?»

Aqui é fácil notarmos que os interrogadores de Ramatís, interpretando essas informações como um formal desmentido aos nossos sábios revelaram não estarem a par dos conhecimentos da nossa ciência nessa questão. Mas isso não nos causa admiração porque êsses estudos não são pùblicamente generalizados. Mas o interessante é que Ramatís também revelou ignorar o que se sabe entre os nossos pesquisadores sôbre êsse assunto, o que se nota ao dar sua resposta em concordância com a pergunta, ao invés de corrigí-la.

E assim êle responde: — «Cremos que se recebêsseis comunicação de espíritos, antes de 1846, que vos dissessem da existência de nove planêtas, em vez dos sete que eram conhecidos nessa época, poderieis formular as mesmas objeções de agora. No entanto, em 1846, Le Verrier descobriu-vos Netuno, e graças aos cálculos de Perciwal Lowel, os vossos astrônomos assinalaram Plutão em 1930. Não vemos razões para que êsses mesmos fatos não se sucedam no futuro, em que anotareis uma dúzia de planêtas a formar o cortêjo de sua majestade, o Sol, em vez de nove que já conheceis».

Analisando com atenção, a pergunta e respostas acima, percebe-se que a entidade, citando a negativa dos cientistas do passado, quis dar a entender que os nossos estudiosos atuais julgam mesmo não existir mais planêtas além dos que já são conhecidos atualmente. E assim, o autor comunicante, acreditou estar apresentando uma novidade aos nossos sábios, ao relatar a existência de mais três planêtas no nosso sistema.

No entanto, os nossos pesquisadores já de há tempos previram a existência de um grupo de planêtas para além do último, ou seja, de Plutão, sendo êrro de Ramatís, o considerar aquela pergunta, no sentido de estarem sendo desmentidos os nossos astrônomos. E para confirmar o que estamos conceituando, sôbre as previsões dos nossos pesquisadores, com respeito a existência de outros planêtas ainda não descobertos, vejamos o que se lê na obra de David Dietz, «História da Ciência», pagina 73, da 2.ª edição de 1946: — «Plutão, o membro do sistema solar mais recentemente descoberto, pois sòmente em 1930 os astrônomos verificaram a sua existência, é sob muitos pontos de vista peculiar. Alguns astrônomos acham que Plutão é o primeiro de um terceiro grupo de planêtas que estão ainda para ser descobertos».

Nestas poucas palavras da nossa ciência é o suficiente para demonstrar que naquela mensagem de Ramatís nada há de novo.

Quanto ao motivo porque ainda não foram descobertos êsses planêtas, caso sejam exatas essas previsões, prende-se pela dificiência das nossas lentes. Os astros de luz própria sensibilizam os nossos campos óticos, de a milhões de anos luz de distância. Mas os planêtas, corpos opacos, exigem técnicas apuradas, especialmente no campo da fotografia celeste, e não nos é fácil encontrá-los, mesmo em distâncias relativamente curtas. Plutão, a sua região exata foi indicada pelos cálculos, onde o encontraram sòmente pela fotografia em série. Mas mesmo assim é mal visível para as nossas lentes, apesar de situar-se próximo de nós, em relação às longínquas estrêlas que vemos tôdas as noites no céu. Naturalmente, se existirem mais planêtas para além dele, as dificuldades de observações serão maiores.

E contrariando Ramatís, as previsões dos nossos pesquisadores ainda vão além do que êle julga revelar. Assim, queremos lembrar que o P. Reynaud descobriu uma fórmula de progressão matemática, do tipo da lei de Bode que permitiu a descoberta dos asteróides. Na referida fórmula indica a existência de um planêta transmercuriano, isto é, situado entre o Sol e Mercúrio. E na hipótese dêsse cálculo ser confirmado pela descoberta do astro, a êste já lhe foi reservado o nome de Vulcano.

Como se vê, não sabemos como Ramatís vem se equivocando, ao apresentar velhos assuntos, como pretensas novidades científicas, ao repetir antigos conhecimentos dos nossos pesquisadores.

A entidade teria revelado conhecimentos se nos tivesse indicado a posição nas constelações em que poderiam se achar êsses corpos. Com êsses informes, os nossos observadores poderiam fotografar a região, como fizeram com Plutão.

É possível que a um pedido dessa natureza, ela poderia responder nos não estar autorizada para essas revelações. Mas então, qual a vantagem em repetir assuntos que de há muito tempo já sabemos?

Ainda deixamos aquí de comentar alguns senões extensos em outras mensagens dessa mesma questão, por terem sido explicádas com sentido dúbio. Mas o que já expusemos parece ser o bastante para essa parte que damos por concluida, para voltarmos com outras análises no próximo trabalho, a sair no mês vindouro.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Moços: na «XI Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo», a ser realizada em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958, teremos a oportunidade de ouvir grandes oradores como: Divaldo Franco, Jacob Hollzmann Neto, Newton Boechat, Carlos Peppe e muitos outros. São José do Rio Preto de braços abertos, aguarda os representantes das Mocidades do Brasil Central e visitantes de outros Estados ao Conclave.

—o—

Salve o Primeiro Decênio das Concentrações das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo.

Êste grande Conclave será realizado em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado de Barros)

CAPÍTULO XXVII

1 — Foi uma alegria indiscritível em minha casa, quando cheguei à ladeira do Pelourinho, a começar pelo beijo e abraços de minha irmãzinha, no alto da escada, com os bracinhos abertos para mim...

2 — Meus pobres livros de estimação, que eu havia deixado — os livros de Castro Alves, de Bilac, de Casemiro de Abreu, de Gonçalves Dias — todos desaparecidos; meu irmão José que os vendeu, apresentou-me uma justificativa que não achei nem muito lógica, nem muita justa...

* * *

3 — De volta a Salvador, conseguí, por intermédio de Viriato Cunha, (amigo que morava comigo, para me auxiliar no aluguel da casa), o cargo de vigia das Docas do Porto.

4 — Comigo, aí, moravam Oswaldo Ferreira de Souza, espécie de almofadinha, fala pausada, compenetrado, muito protestante, e Ananísio Machado, meu primo que, obsidiado depois, se tomou de raiva contra mim. Fui visitá-lo, certa manhã, no Hospício João de Deus. Fugiu, escondeu-se de mim. Coitado!

5 — Quando essa gente mudou-se, porque era muito caro o aluguel da casa do Pelourinho, para mim, mudei me para a Ladeira do Carmo, primeiro andar e sotão. Mudei-me, devo frisá-lo, porque, desde os dezoito anos, embora com dois irmãos mais velhos, pai vivo, mãe, irmã, prima e, sempre, uma ajudante para amenisar a trabalheira de minha mãe, era eu o chefe da casa, autoritário e severo.

6 — Na Ladeira do Carmo, fui operado de hidrocele (num hospital arranjado por dr. Waldemar Rocha que se mostrava, então, muito meu amigo) e minha mãe, de um quisto na testa.

7 — Minhas distrações aí, eram fazer quadrinhos para enfeitar minha biblioteca que começava, e contemplar três carinhas lindas que me eram visinhas e disputavam minha simpatia

8 — Viriato, meu amigo e ex-inquilino, apesar de não conhecer nada de espiritismo, era *médium*. Contava-me coisas de sua mediunidade registradas por José Petitinga e Carlos Machado.

9 — José Petitinga era um intelectual baiano, do interior. Eu o admirava por seus versos parnasianos, bem urdidos. Seu nome proferido pelo Viriato, aguçou-me a curiosidade. E desejei conhecê-lo pessoalmente, tanto mais quanto havia publicado meu último livreco de poesias, que intitulei «Meus últimos versos».

10 — Uma tarde, o José Petitinga apareceu no 4.º armazem das Docas, a procura do Viriato que andava numa de suas derrapagens. Abriu meu livreco, leu alguns versos, fez questão de conhecer-me e felicitar-me. Convidou-me para ir à sua casa, à rua de Baixo.

11 — Passei a frequentar a casa do Petitinga. Mais, porém, por interêsses literários. A despeito do que eu já sabia sôbre espíritos e espiritismo, a conversa do eminente amigo sôbre assuntos literários me agradavam mais, me interessavam mais. Principalmente, as tertúlias literárias que aí faziamos, pois levava sempre meu amigo dr. Waldemar Rocha.

12 — Um dia, na sua biblioteca, o grande poeta apresentou-me a uma jovem de treze anos, se tanto, dizendo: «Aqui, meu amiguinho...»

— Seu amiguinho, uma jovem?

— Sim. Foi meu irmão, noutra existência. Quando era pequenina, certa vez, eu estudava, ela entrou no meu gabinete e disse: «José, você se lembra quando estudávamos juntos? Você ainda tem aquela Química de Tober que eu lhe dei?» Foi até à prateleira onde estava o livro, apanhou-o e tornou: «E' esta; recorda-se?»

13 — Ora, eu era moço. A menina se me afigurou um anjo de bondade e ternura. Não podia deixar de haver, entre nós, como houve, um pequeno idílio: bilhetinhos, conversas às escondidas, *tête-a-tête* nos ritornelos das valsas cadenciadas, em saraus íntimos...

* * *

14 A amizade de José Petitinga

e do dr. Waldemar Rocha foram, na verdade, um belo e bom estímulo. Com o convívio de ambos, lucrei muito, aprimorei bastante a minha arte de versejar.

15 — Nas Docas do Porto, vivia uma vida aflitiva, que considerava, então, humilhante, em razão do cargo que ocupava. A' noite, eu era outro homem: secretário do Grêmio Literário da Bahia, subscrevendo versos em revistas e incensado por críticas elogiosas dos componentes da associação; na sua maioria, acadêmicos das três escolas superiores da Bahia; só eu, no Grêmio, um humilde serventuário das Docas do Porto... Escondia-me até, quando aparecia, nas Docas, algum figurão da literatura, que eu conhecia de outras esferas...

16 — Em 1918, publiquei uma plaquete de 35 sonetos: *Saudades*. Sonetos líricos, parnasianos, impecáveis, numerados de I a XXX. Dediquei-a, inteiramente, «Aos espíritos cultos de José Petitinga e Waldemar Rocha, testemunho de amizade.» Saiu um livro primoroso, em papel áspero, páginas discretamente enfeitadas, mas de desenho de capa horrivel.

17 — A crítica fez-me, então, justiça. Mario Linhares escreveu «que a capa do *Saudades*, de Leopoldo Machado, de tão albardeira, é de se limpar mãos à parêde. Mas, seus sonetos primam pelas chaves de ouro.»

18 — O livro exgotou-se em uma semana. Também, 500 exemplares! Quando me apanhei com 460$000 livres, em mão, acreditei me endinheirado. Nunca havia visto tanto dinheiro comigo, meu, livremente meu!

19 — Meu *Saudades* produzira tais ruídos que, um dia, apareceu no Armazém, o poeta Francisco de Matos, amigo da outra esfera, ansioso por um volume. Ofereci-lh'o e êle fez boa apreciação crítica.

20 — Fundou-se, no Grêmio Literário, um curso de cultura geral. Pareceu-me poder dar a parte de Português e de Literatura.

21 —Em uma noite, o bacharel Antonio França Rocha foi ao Grêmio só para conhecer o autor de *Saudades*. E o encontrou, feito professor, ensinando regras de Português. Assistiu a aula inteira.

22 — Depois da aula, felicitou-me e disse: «Você devia ser professor. Tem *bossa* e queda para o magistério».

23 — O dentista Antonio de Assis Coelho Borges que seria, depois, médico, descobriu a mesma queda em mim. E arrastou-me a fundar, com êle, um curso. O curso se transformou em Colégio Olavo Bilac. Colégio? Quatro carteiras coletivas, uma pequena mesa de professor, um quadro negro microscópico e um candieiro belga. Tudo de segunda mão, arranjado num *belchior;* passei, porém, a viver com mais folga de dinheiro e tempo, pois me demiti das Docas, mal pensara na fundação do curso.

24. — Foi preciso que eu chegasse a professor auto-didata, poeta e literato, para integrar-me no Espiritismo. Seria a *profissão sacerdócio de mestre-escola ?...*

CAPÍTULO XXVIII

1 — As idéias espíritas andavam latentes no meu espírito. Só me faltava um empurrãozinho. O grande amigo José Petitinga procurava empurrar-me sem resultado. Insistia, sempre, apesar de minha indiferença, a despeito dos fatos, dos livros e dos conhecimentos que já possuía. O pendor literário dominava-me. E teria de dominar-me, ainda por muito tempo, mesmo depois de ser espírita.

2 — Depois de ter sido católico, protestante e materialista, a convivência com o Petitinga foi providencial.

3 — Certa noite, encontrei Manoel Quintão em casa do Petitinga. Ia-se fazer uma hora de conversa proveitosa. Só o Quintão conversou, porém. Contou de memória, todo o enrêdo do romance «Na Sombra e na Luz», psicografado por Zilda Gama, atribuido a Vitor Hugo.

4 — Tudo aquilo me entrou, como uma luva, na alma, no entendimento, na inteligência. Comprei o livro, li-o minuciosamente. O mestre escola sem projeção, apagado, modesto, declarou-se, francamente, espíritista convicto.

5 — Contava a Carlos Chiacchio, dias depois, na praça Castro Alves, o ocorrido, quando o Quintão passou por nós, a caminho da casa do Petitinga. Falamo-nos, perguntando-me, depois, o Chiacchio «quem era aquêle senhor tão alto e formalizado». «É o Manoel Quintão, a figura central do episódio que lhe estou contando».

6 — Chiacchio sorriu se, cético e meio zombeteiro. Foi com êle a minha primeira conversa de defesa do Espiritis-

mo, a primeira manifestação de que encontrara, realmente, a doutrina que procurava.

7 — Convenci-me, efetivamente, das verdades espíritas, mas não me converti a elas. O convencimento implica sòmente a aceitação do ensino, da doutrina. A conversão, o trabalho, os exemplos, as obras de um verdadeiro convertido...

8 — A *bossa* da literatura — embora não passasse nunca de um literato de *letras magras* — sempre superou, em mim, o professor e o espírita. O professor que jamais deixou de ser consciente, honesto, enérgico, criterioso... Desta data em diante, porém, minha literatura passou a ser, invariavelmente, espiritualista, educativa, moralizadora.

9 — Faltava me ambiente espírita. Daí, a desigualdade da luta. Só o Petitinga me falava, vez por outra, da terceira revelação. Contava-me casos elucidativos, esclarecia as minhas dúvidas.

10 — Dr. Waldemar Rocha não deixava nunca a minha companhia. Frequentava comigo a casa do Petitinga. Materialista em consequência de seus estudos e católico por exigência de sua mãe.

EVITEM DE INTOXICAR AINDA MAIS O ORGANISMO

Dr. Giuseppe Manuel Minardi — da A. P. I.

Por carne, concebida extensivamente, compreende-se também tôdas as visceras. Altera-se mesmo com o animal em vida; de fato a dita alteração concorrem vários fatores sejam êles de ordem patológica ou fisica (viagens, mal trato, etc.) Por exemplo: a carne de animal cansado ou com o seu metabolismo acelerado, é capaz de provocar envenenamento nos seus consumidores, devido ao aumento das toxinas que passam pelo sangue antes de se drenarem pelas vias emunctórias. É óbvio que a qualquer momento em que se ingere carne, sempre se estará absorvendo um pouco do veneno animal.

Os médicos estudiosos já tem notado o recrudecimento dos surtos amebisíaco e das infecções inespecificas do colon, inclusive as ulcerações e fistulas retais, eventos hemorroidários e aumento de viscosidade sanguínea ao que em parte são causados pelo uso imoderado da carne em geral e em particular a do porco. Em face do aumento constante dos individuos «hiperproteinizados», que povoam os cemitérios sob a inesorável foice da morte causada por sincopes, enfartos e derrame cerebrais, o grito de alarme é um só: EVITEM A ALIMENTAÇÃO DE CARNE E EM PARTICULAR A DO PORCO.

Assim sendo, repetimos, que as carnes mesmo sendo proveniente de rezes sadias não deixam de ser tóxicas, embora em forma menor.

Vem de fato a perguntar-se: das duas teorias, aquela do regime cârneo e a do vegetariano. qual dela é mais indicada sob o ponto de vista higiênico e alimentar ? Independentemente das considerações de ordem religiosas, etnicas ou econômicas de um povo. achamos a nosso ver, que a vegetariana é induvidamente aquela que merece a nossa particular atenção pelos motivos que em seguida examinaremos.

É notório que as carnes se alteram logo depois que os animais morrem nos matadouros. mesmo sendo sadios; também aqui o trato e o transporte são de suma importancia, sem ter em devida conta a vasta gama de contaminações por vários germens; a dificuldade de efetuar com absoluta certeza o exame clinico do suino, «pre e post mortem», necessitando de vários exames de laboratório e radiografias, mais complexo apresenta-se a identificação de um morbo no animal, quando ainda não se apresenta a sintomatologia externa. Muitas vezes é abatido no momento em cujo se processa a virulência dos bacilos de Hansen, ou a desova amebiana, fato este que só o Veterinário pode verificar depois de ter efetuada uma severa autópsia e conciencioso exame de laboratório. Neste caso a matança dos suinos requereria um veterinário por cada porco. É de notar-se que os músculos são excelentes meio de veiculo para muitos micróbios e que a carne altera-se com a ação microbiana de natureza alogena.

Portanto não escluimos que o valor da proteina animal tenha um papel determinante na alimentação humana. Contendo elementos constituintes como o ferro para a hemoglobina, e varias outras substâncias extrativas que exitam o apetite, de digestão facil, boa para os hipotensos, os anêmicos e os diabéticos, ao contrário favorece a putrefação intestinal, dando resíduos que carregam o sangue, as articulações, elevando, como já falamos adiante, a pressão arterial; daí sua contraindicação nos que são afetados de cirrose hepática, úlceras, nefrites, artritismos, colites, uremias, etc.; as gestantes, por exemplo, sob o perigo da eclampsia ou excesso de ureia da-se dieta vegetariana; o canceroso intestinal sobrevive meses debaixo da proteina provida da síntese de laboratório; a hepatite avançada requer alimentação longe de albumina e de carnes.

O organismo humano, na ingestão dos despojos animais, não deixa de carregar-se consequentemente das toxinas e ureia contidas nos músculos, como também da rede microscópica que canalizava-se durante a vida do animal, de bacilos de todos os matizes e de tôdas as consequências patogênicas, fauna esta de germes ferozes e famintos que não deixam de prejudicar seriamente a nossa saude.

Nós todos bem sabemos que o suino obeso, hipertrofiado no regime de engorda albumínica (para conseguir o aumento máximo da banha e do toucinho) vive criado no imundo chiqueiro, onde não existe nenhuma condição higiênica, imperando a lama, a sujeira e os miasmas pestiferos; larvas, bacilos e microrganismos fermentam as substâncias que alimentam os oxiuros, as lombrigas, as tênias, as amebas coli ou histolíticas. A alimentação do suino é, geralmente, feita de lavagens, e de detritos putrefatos, transformando-se assim qual triste máquina viva de transformação da imundícia para uma gordura e carne enfêrma.

Que adianta preocupar-se com a profilaxia preventiva e rigorosa das doenças, que nos persegue; que adianta seguir ao pé da letra os tratamentos dos mais abalizados especialista da ciência medida, quando a saude é ameaçada continuamente pela imoderada ingestão da carne? Na realidade, como temos falado antes, são inúmeros os casos de cirroses, colites, úlceras, solitárias, sincope de hiperproteinização e enfartos cardíacos; eczemas, urticárias, pênfigos, chagas itericia, nefrites, artritismos, gotas, enxaquecas e infecções desconhecidas; cada vez o quadro da patogenía médica é mais enriquecido.

Muitos povos orientais baseam sabiamente a própria alimentação nos vegetais sem portanto resentir nenhuma perturbação de ordem biológica ou psíquica; o nosso sistema endocrino produz sucos e hormônios para tôdas as funções gástricas, mas não devemos portanto confundir as *defesas da natureza* com o *condicionamento biológico*, aqui o psíquismo tem a sua preponderante parte; é o mesmo que falar da escravidão do homem ao fumo e ao alcool, o sistema endocrino, lògicamente, mobilita-se na defesa do organismo para produzir antitoxinas para a neutralização dos venenos e assim a digestão da carne obedece à mesma ordem, quer dizer que o sistema endocrino atendendo a um comando mental, produz os sucos e os hormônios necessários às funções digestivas.

Não é o caso aqui de se entreter sôbre os assuntos da alimentação vegetariana e das suas vastas possibilidades nutritivas em quanto bastaria considerar e avaliar em tôda a sua extensão a existência de animais corpulentos, robustos e vigorosos, sejam êles poligástricos ou monogástricos: bovinos, equinos, paquidermas, cervídeos, etc., para convencer-se da infundatez da teoria da alimentação carnívora.

O regime vegetariano é por si rico de sais e vitaminas, celulosa e hidratos de carbono, a proteina é em verdade imcompleta, mas adicionando convenientemente à dieta vegetariana a «ovovitelina» (ôvo), a «lactoalbumina» e a «caseina» (leite e queijos) teremos incontestávelmente uma dieta completa de todos os elementos necessários à nossa existência, além dos peixes e mariscos.

«É um preconceito acreditar que a carne nutre a carne, o regime da carne e do sangue é, pelo contrário, nocivo à beleza das formas, ao viço da epidermide, à frescura da pele, ao veludado e brilho dos cabelos. Os comedores de carnes são mais acessiveis que os vegetarianos às influências epidêmicas e contagiosa; os miasmas morbídeos e os virus encontram um terreno maravilhosamente preparado para o seu desenvolvimento nos corpos saturados de humores e de substâncias mal elaboradas, nociva ou já meio fermentadas e em decomposição». Assim se exprimiu em um conceito científico internacional o Prof. Dr. RODOUX de Lausanne.

Como Julgamos Deus, a Verdade e as Religiões

DESDE que há religiões no mundo, discute-se sôbre o que seja Deus e o que seja a Verdade. Não há religião que não se considere a única detentora da Verdade e que não ache que tôdas as outras laboram em êrro não só quanto ao que seja Deus como quanto ao que seja a Verdade.

Ramacrisna, em uma de suas belas apologias sôbre a Divindade, que achamos oportuno resumir, assim se expressa sôbre o assunto em questão: — Opinar que a nossa religião é a única verdadeira e as demais são falsas não é justo nem equitativo; nem é de nossa competência corrigir êrros de outras religiões. Aquêle que criou os mundos saberá corrigí-los no seu devido tempo.

É nosso dever, de um modo ou outro, «realizar a Deus», o que significa imitar a Jesus, e isso poderá ser alcançado não só através de uma via, porém de muitos e diferentes caminhos. Cada uma das seitas apresenta-nos uma estrada que, mais tempo, menos tempo, nos conduzirá até Deus. Tôdas as religiões são, pois, CAMINHOS, mas não Deus.

Depois de experimentar a tôdas elas —diz Ramacrisna —compreendi que Deus é o Todo, e eu sua parte. Que Êle é o Senhor e eu o seu servo; que Êle sou eu, e eu sou Êle.

Os homens disputam e discordam entre si, dizendo que Deus é pessoal, com esta ou aquela forma; que Deus é impessoal, etc. Quando, muito mais tarde, chegam a «integralizar-se com Deus», então estas questões ficam resolvidas com clareza, lamentando o homem apenas o tempo perdido em hipóteses e suposições. Igualmente questionam sôbre se Jesus possuía um corpo físico ou um corpo fluídico.

A propósito podemos relatar o seguinte: Certa vez cinco cegos, levados a um circo, puseram-se a apalpar um elefante, animal que nunca haviam visto. Um dos cegos tocou na perna do animal e disse: o elefante é como uma coluna! O segundo tocou-lhe na tromba e disse: o elefante é como um pau retorcido! O terceiro, apalpando a barriga do elefante, exclamou: êste animal é igual a um tambor! O quarto, que tocara na orelha do animal disse: o elefante é como um grande leque! Finalmente o quinto cego, segurando a cauda do bicho, logo acrescentou: o elefante assemelha-se a uma serpente ou uma corda grossa!

Em caminho para casa, todos discutiam sôbre a forma do animal, cada um querendo convencer o outro sôbre a real aparência do bicho examinado. Um homem, porém, que por alí passava, ouvindo a disputa acalorada dos cegos, perguntou por que tamanha algazarra. Os cegos, então, pediram ao homem que enxergava que lhes resolvesse tão difícil questão e, de imediato, relataram suas opiniões sôbre a estrutura do elefante. O improvisado juiz, após ouvir a todos com muita paciência, deu finalmente sua sentença, dizendo: Nenhum de vocês viu o elefante; êle não é uma coluna; suas pernas é que são como colunas. Nem é como um tambor; sua barriga, essa sim, parece com um tambor. Nem é como um pau; apenas sua tromba assim se parece. Também não é como um leque; suas orelhas é que têm essa forma. Nem tão pouco é êle como uma serpente ou corda grossa; sua cauda é que poderia ser assim comparada. O elefante, meus amigos, é a combinação de tudo isso e mais alguma coisa.

Dessa maneira discutem também os seguidores das várias religiões sôbre a configuração de Deus e sôbre a Verdade. Normalmente enxergamos a Verdade como os cegos «enxergaram» o elefante. Assim terminou Ramacrisna o seu ensinamento.

Sigamos por isso o nosso caminho, praticando sempre o bem, sem perder tempo em conjecturas improdutivas.

General Levino Cornélio Wischral.

Tôdas as lutas por novos ideais, de que nos fala a história, foram lutas entre verdades novas e velhos preconceitos.

Estudo e Livre Exame

Meus amigos, não penseis vós que o progresso para Deus, em que a alma alça vôos para os etéreos páramos da espiritualidade maior se confina em uma única estância; o progresso é infinito, e a caminhada é longa e penosa através do carreiro do tempo; a Natureza não dá saltos, pois não se concebe que nada produz em estado latente.

Volvei o vosso olhar para o interior de um chiqueiro, e observai que lá dentro repousa o suíno ocioso e impanturrado a espera do alimento diário; todavia, o condor, imponente figura alada corta os ares límpidos e puros procurando atingir ápices mais altos distantes do solo pútrido e fétido do chiqueiro.

Si fores mais além, no terreno das observações pessoais, constatareis que, enquanto o verme se alimenta no subsolo o beija-flor, esta poeta figura alada se alimenta ùnicamente do nectar das flores!

Assim também, podereis observar que o homem (comum) e ignorante, encontra prazeres com coisas de ínfima importância distante de qualquer patrimônio espiritual, e fugindo sempre das conversações e congregações edificantes, a pretexto de se enfadar com elas; todavia, assim não faz o homem sábio, o qual ao contrário, busca o ânimo e o édulo da alma através do estudo e de constantes conversações esclarecedoras, porém, sempre na condição de aprendiz, pois sòmente o homem atrasado e ignorante guarda a doentia pretensão de ser sábio, — enquanto êste mais sabe que nada sabe!

Portanto estudai, examinai tudo, pois o próprio apóstolo Paulo, o convertido de Damasco (Átos IX: 6) nos concita ao exame de tudo retendo o que há de bom (I Tessalonicenses, V: 21). Meu amigo, não é sòmente ao homem que mata que se dá o nome de assassino, mas também aos que oprimem as consciências humanas, pois cada qual tem o sagrado dever de pensar por si mesmo, sendo que o sêr humano não é animal de cabresto submetido as ordens e vontades pessoais de um homem, muitas vezes mais animal que o próprio animal, cheio de vontades, e «baixos desejos» que em nada diferencía dos demais homens.

Mente todo aquêle que diz que resolve os problemas alheios perante Deus, mente, porque sòmente nós podemos resolver as nossas questões pessoais e dar conta de nós mesmos a Deus (Romanos, XIV: 12) si o próprio Cristo disse que julgaria cada um segundo as obras de cada um, como querem então criaturas falhas e pecadoras julgar a falhos e pecadores? Sòmente Jesus pode promover julgamentos, pois que é Êle o único mediador entre Deus e os homens (I Thimóteo II: 5). Quantas criaturas se nos apresentam sob o rótulo da bondade, da verdade e até mesmo da infalibilidade, óh, infelizes, sois todos vós dignos de lástimas! si o próprio Cristo em sua simplicidade diz que bom é só Deus e não Êle, (Mateus, XIX: 17 e Lucas, X: 18), Oh, pobres criaturas, consultai as vossas consciências e atirem se por ventura forem capazes a primeira pedra! (João, VIII: 7).

Portanto, meus amigos, procurai aprender sempre, pois que esta é a lei.

Dê livre curso à torrente das idéias acumuladas em vossa mentalidade, porque suicída não é sòmente aquêle que ingere o líquido letal, porém, todo aquêle que se deixa conduzir pela diretriz alheia.

Para que tendes vós a cabeça? será sòmente para usar o cabelo ou o chapéu? não, a cabeça não é sòmente para usos de adornos mas para fins mais importantes, os quais sejam: pensar e resolver os problemas que porventura vos acometer.

Como? não tendes então vontade para estudar e adquirir conhecimentos com o próprio esfôrço? ora, meus amigos, não imitai o suíno embrutecido e ocioso a espera da ração diária.

Imitai, sim, o condor que em vôos elevados busca sempre atingir os ápices mais altos!

Costumava dizer um grande pensador alemão: «não existe nada mais funesto do que uma ignorância em atividade».

Paulo Rodrigues Alves.

O preconceito é uma fôrça repousante, filha do comodismo e do convencionalismo.

Crônica Estrangeira

Uma Região da Lombardia em Comoção

Pavorosos Fantasmas na casa da Loura Viúva de Liscate

Há dois mêses ressoam, de noite, violentos golpes na casa assombrada e um lúgubre espectro de homem anda pelos quartos

Milão, 2 — Os 1.350 habitantes de Liscate, um subúrbio perto de Melzo, distante 17 quilómetros de Milão, há algumas semanas, vivem num ambiente de pavor.

Nas casas, nas estalagens, não falam senão de bruxaria e de lúgubres visões de espectros.

Por essas inesperadas aparições de fantasmas, é involuntária responsável uma jovem loura viuva, Maria Manelli, de 28 anos, mãe de um menino de 4 anos e moradora na localidade, no n.° 7 da Rua Principal, em uma habitação de andar térreo. Nessa casa os fantasmas haviam instalado seu quartel general. Tudo começou certa noite dois meses atrás. A senhora e o pequeno dormiam tranquilamente, quando foram despertados por uma série de violentos golpes na parede que separa o quarto da cozinha. A viuva Manelli levantou-se, foi ver a peça contigua, mas, nada descobrindo de anormal, voltou ao leito mas os golpes recomeçaram e perduraram por quasi toda noite.

Na noite seguinte, a cena se repetiu sem variar. Então toda aterrorizada a viuva Manelli na manhã seguinte se hospedou com a mãe, Inês, e algumas amigas, entre as quais a proprietária de uma estalagem, Rosa Carioni e a filha ao lado, Luiza de 21 anos. Resolveram mandar o menino dormir, naquela noite, com a avó Inês e que as duas Carioni dividiriam o leito com Maria Manelli. Mas eis que depois das três mulheres — a Manelli e as duas Carioni — estarem deitadas, se reproduzem as pancadas, a pavorosa cadência do «toc toc» foi claramente ouvida não só pela Manelli, mas também pelas duas Carioni, tanto que em certo momento, a mãe Carioni não mais podendo suportar, levanta-se precipitadamente e sai da casa dos fantasmas.

A fazer companhia à Manelli permaneceu a filha. Na noite seguinte, as duas mulheres, a jovem Carioni e a Manelli, novamente resolveram dormir juntas e dessa vês, em lugar do «toc toc» ouviram um misterioso ruido e acesa a luz, as duas mulheres lançavam um grito de terror: sôbre uma parede aparecia claramente a sombra de um homem magro, altissimo, cujos braços terminavam sem mãos. Parecia arrojar-se para a cama, mas ao grito das duas mulheres, desapareceu repentinamente.

Na noite seguinte, ainda voltaram os rumores muito fortes, mesmo quando o sacerdote do lugar, que fôra à casa dos espectros para exorcizar o ambiente.

Então a Manelli resolveu dormir em casa da mãe, mas de novo os rumores do fantasma lá se fizeram ouvir, e não só foram ouvidos pela jovem mas também pela Manelli.

Agora, há três ou quatro dias parece terem-se acabado as manifestações espectrais, mas, naturalmente, em Liscate não falam de outra cousa, pois nem um agente de polícia conseguira alcançar algum êxito sobre uma eventual origem terrena das mencionadas manifestações.

De «Fanfulla», 3/12/57.

* * *

Pegou na mão de um fantasma...

De «Estudos Psíquicos»

Psichic News de 31 de Agosto insere uma história curiosa que não resistímos a transcrever. É a história de um homem que sentiu a mão de um fantasma na cidade de Buffalo, nordeste da Inglaterra.

H. W. Holmes reside em 27 Mayfield Grove, Long Eaton, Nottinghamshire, onde trabalha, e foi enviado pelos patrões a outra parte da região. É sempre bom mudar de ares e o viajante ia contente.

Depois de se alojar, procurou alguma coisa onde passar as horas de folga e descobriu uma loja maçônica a que chamavam *Orgulho de York*. Foi amavelmente recebido por todos os sócios e fez algumas visitas, quando lhe anunciaram a morte de um sócio muito respeitável. O entêrro seria realizado dias depois e o nosso mortal mostrou desejo de assistir.

Geralmente, os sócios da loja juntam as mãos para fazer uma corrente em círculo. Mas num entêrro a corrente é quebrada, deixando vago o lugar do irmão que partiu.

Depois dos ofícios religiosos começou a cerimônia em tôrno da sepultura e o sr. Holmes ficou muito impressionado. Diz êle:

— Eu pensava no irmão defunto que nunca vira e notei em todos sinal de grande sentimento; fiquei, porém, admirado ao ver que o meu companheiro da direita não olhava para a sepultura, mas para o céu, como quem desafia a morte.

Em seguida veio a ordem:

— Irmãos, formem a cadeia. Um irmão está ausente do nosso grupo. Deixemo-lo no seio de Deus.

Deram as mãos, mas o sr. Holmes ficou em grande preocupação em ver que o círculo estava fechado. Sim, a corrente não se quebrara em parte alguma...

— Só notei que a mão do meu companheiro da direita parecia gelada e admirei-me da cadeia não ter ficado aberta...

E no sentido de precisar ainda mais a sua fiscalização, acrescenta:

— Olhei à volta para ver se os outros irmãos tinham notado isto, mas êles não deram sinal de nada. Coloquei então a minha folha de hera junto de outras homenagens e saí discretamente.

A caminho de casa o senhor Holmes, encontrou a resposta à pergunta que lhe pairava na mente.

Falando com um sócio que assistira ao funeral, mostrara-lhe a sua estranheza por a corrente não ter sido quebrada. E conclui:

— Éle ficou muito embaraçado e afirmou-me peremptóriamente que o círculo não estava fechado e que a minha mão direita não tocara na mão de ninguém...

Afinal, o sr. Holmens julgou que segurava a mão de um homem e era a mão de um fantasma. Não deve ter ganhado nem para o susto.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Inaugurado em Campinas o Lar «Caminho da Verdade»

Significativa homenagem à memória do Dr. Joaquim de Sousa Ribeiro — Presentes autoridades e o Deputudo Armando Farabulini Junior

Momento marcado de fé e solidariedade humana foi, sem dúvida, a inauguração, domingo último, do Lar «Caminho da Verdade», no alto do Bonfim, destinado ao abrigo de menores necessitados.

Uma obra de coragem e confiança, um esfôrço nìtidamente filantrópico. Nela não se distingue nem o mínimo sentido de preocupações outras, senão aquela de atentar para o próximo e socorrê lo naquela situação em que mais necessitado se apresenta: a situação da criança abandonada.

Instituição para servir, e para servir num setor onde mais necessitada se encontra a sociedade, o Lar «Caminho da Verdade» está a merecer o apôio e a estima do povo campineiro, pois a Campinas é que êle pertence e pela sociedade de Campinas é que está êle a postos.

Capítulo do mais alto e justo sentido de estima e afeto foi aquêle ato de homenagem ao nome e à memória do saudoso médico e homem bom que foi o dr. Joaquim de Sousa Ribeiro.

Uma expressão de simpatia humana cuja propriedade foi por todos verificada, pois se um lugar existe onde esteja bem, sempre, o retrato do dr. Sousa Ribeiro, é aquêle onde, por qualquer maneira, se busque servir ao homem com o amparo e na necessidade.

Inaugurando ali, a lembrança fotográfica do grande cidadão e homem de bem que foi o dr. Sousa Ribeiro, o Lar «Caminho da Verdade» prestou um serviço de reconhecimento e de homenagem, que todos quantos conviveram com o saudoso cidadão tem por justíssima e oportuna.

A Inauguração

O salão nobre do Lar «Caminho da Verdade» se encontrava literalmente tomado quando o nosso redator chefe, jornalista Luso Ventura, assumindo a direção dos trabalhos, por delegação do sr. Benedito Gonçalves do Nascimento, presidente da entidade, convidou para tomarem assento à mesa os srs: Demétrio Carvalho de Toledo, juiz da Vara de Menores de Campinas; dr. José Tuilio Nogueira de Sá, juiz de direito da comarca de Limeira; deputado Armando Farabulini Junior; jornalista Braulio Mendes Nogueira do D. E. e Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultural da prefeitura municipal; exma. sra. d. Nancy Sousa Ribeiro; Benedito Gonçalves do Nascimento, presidente da Associação «Caminho da Verdade»; prof. Ernesto Alves Filho, nosso companheiro de redação.

Encontravam-se presentes várias representações, dentre as quais pudemos tomar conhecimento: vereador Jandir Sales, representando a Camara Municipal; Major Genésio Nitrini, sub-comandante do 8.º B. C.; sr. Carmine Campagnoni, do Educandário «Euripedes»; sr. Jolumá Brito, delegado do Sindicato de jornalistas do Estado de São Paulo.

Os Oradores

Abrindo a sessão, falou o jornalista Luso Ventura, que em breve e expressivo discurso não só expôs os objetivos da instituição que alí se inaugurava, mas fez a apresentação do orador oficial, deputado Farabulini Junior, e traçou o sentido da personalidade do dr. Sousa Ribeiro. Apresentou ainda o prof. Ernesto Alves Filho, que falaria sôbre o homenageado da tarde.

Com a palavra, logo a seguir, o deputado Farabulini Junior estudou a situação do menor abandonado em São Paulo, bem como o que se tem feito em pról de sua recuperação. Estudou o estado atual do problema, as verbas em vigor e traçou a linha das perspectivas futuras. O orador estabeleceu minuciosamente o panorâma e os esquemas dentro dos quais espera o Estado poder dar ao menor os bens de que necessita.

Após o discurso do deputado Farabulini Junior, falou o nosso companheiro de redação, prof. Ernesto Alves Filho. Inaugurava-se alí na sala o retrato do dr. Joaquim de Sousa Ribeiro, cuja personalidade o orador estudou sob o tema: «Um homem que viveu como um homem». Discurso rápido em que se focalizaram os vários aspectos da ação e da maneira de ser do saudoso médico, jornalista e homem de convicções.

Agradecimento em nome da família Sousa Ribeiro

Agradecendo, a seguir, em nome da família Sousa Ribeiro alí presente, falou o dr. Omar de Sousa Ribeiro.

Falou ainda, em nome da instituição, o Major Genésio Nitrini e, por fim, expondo os objetivos do Lar «Caminho da Verdade», falou o sr. Benedito Gonçalves do Nascimento, homem que tem dado o melhor de seus esforços e devotadamente tudo fez por que alí se levantasse aquela obra.

Do «Correio Popular», de Campinas, de 17 de Dezembro de 1957.

Participação

Os Oficiais Diplomandos da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, realizaram no dia 21 de Dezembro último, às 17 horas, no Auditório da Escola (Praça General Velurcio – Praia Vermelha), Rio, uma Reunião Gratulatória por motivo da feliz conclusão do Curso.

A cerimônia, sob o patrocínio da Cruzada dos Militares Espíritas, foi presidida pelo Exmo. Snr. General Augusto da Cunha Duque Estrada e teve como orador, o Exmo. Snr. Marechal Mário Travassos.

* * *

Revista Internacional do Espiritismo

Almeja aos seus distintos colaboradores, leitores e representantes, paz, luz e crescente progresso espiritual no decorrer do ano que óra se inícia.

1-1-1958.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 333.749,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 7 de Dezembro de 1957.

Com a presença de dezoito conselheiros, realizou-se em 7 de Dezembro a última reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, no corrente ano de 1957.

Após proferir a prece inicial, o Presidente saúda e dá posse ao representante da União Social Espírita da Bahia, Major Ruy Vidal de Araújo, e manifesta a satisfação de todos pela recondução ao Conselho do Coronel Delfino Ferreira, como representante da Federação Espírita do Paraná. Saúda ainda, em nome do Conselho, o Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, Prof. Abdias Antonio de Oliveira É lida e aprovada a ata da reunião anterior.

O Secretário do Conselho, atendendo a um pedido de esclarecimento, informou que a carta dirigida ao Dr. Çanuto de Abreu, em 9 de Outubro de 1956. referia se à publicação de um trabalho sôbre a vida e a obra de Allan Kardec, trabalho que aquêle ilustre confrade estava escrevendo e que pretendia editar por ocasião do Centenário da Codificação, o qual, em parte, havia sido publicado no jornal «Unificação».

Tomando conhecimento de uma consulta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, datada de 9 de Novembro próximo passado, o Conselho Federativo Nacional resolveu que reuniões espíritas estaduais, sob qualquer denominação, devem ser convocadas e dirigidas pelas Sociedades de âmbito no Estado (integradas no C. F. N.) em que elas se realizarem, e que as reuniões nacionais serão convocadas e dirigidas pela Sociedade de âmbito nacional — a Federação Espírita Brasileira, reafirmando, assim a resolução deste Conselho, em 7 de Janeiro de 1956.

O Conselheiro Carlos Jordão da Silva lê longo memorial enviado pela União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, memorial que, por proposta do Conselheiro Aurino Souto, foi encaminhado a uma Comissão composta pelos Conselheiros Indalício Mendes, Atlas de Castro e Clemente Martins.

Tomando conhecimento de assuntos do Estado de Minas Gerais, o Conselho resolveu solicitar à União Espírita Mineira o estudo deles, reenviando-os posteriormente ao Conselho, caso ela julgue necessário.

Ás dezesseis horas, feita a prece final pelo Conselheiro Carlos Jordão da Silva, encerra o Presidente a reunião.

Mestre! Inundas-me no esplendor de Tua luz e, contudo, cego, não Te vejo!
Falas-me na eloquência de Teu verbo e, no entanto, surdo, não Te ouço.
Abrasa-me na ardência de Teu amor e todavia, insensível, não Te sinto.
Oh! estranha contradição! Tu, bem perto de mim, e eu, tão longe de Ti!
Senhor, desvela-me os olhos, cegos de orgulho; abre-me os ouvidos, surdos de vaidade, e sensibiliza-me o coração, duro de maldade, para que eu descubra Tua divina presença na intimidade de meu sêr!

Rubens C. Romanelli.

ÍNDICE

DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO 33.º ANO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(FEVEREIRO DE 1957 A JANEIRO DE 1958)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1957

		Página
32.º Ano de Existência	Redação	1
O Êrro	Henrique Rodrigues	2
Os Astros nada revelam em favor da Astrologia	V. O. Casella	5
Memórias de um Espírita Baiano . . .	Leopoldo Machado	6
Homenagem Involuntária	Ismael Gomes Braga	9
Epílogo do Natal...	General Levino C. Wischral	10
O Judeu, sua História, sua Missão . . .	Bianor Medeiros	12
Quatro Faixas de Consciências	Newton Boechat	16
Livros e Autores	Leopoldo Machado	17
Crônica Estrangeira	Redação	19
A Vida	Manuel Cavaco	21
Espiritismo no Brasil	Redação	22

N.º 2 — MARÇO DE 1957

João Leão Pitta	Redação	25
O Êrro	Henrique Rodrigues	27
Sôbre o Esperanto	Ismael Gomes Braga	30
Os Astros não regem nossos Pensamentos .	V. O. Casella	31
O Judeu, sua História, sua Missão . . .	Bianôr Medeiros	33
Memórias de um Espírita Baiano . . .	Leopoldo Machado	36
Uso do termo Ionização na Fenomenologia Espírita	Cicero Pimentel	39
Salutar Movimento Espírita na Argentina . .	Arnaldo S. Thiago	40
E, a Criança Nasceu!...	General Levino C. Wischral	42
Crônica Estrangeira	Redação	45
Espiritismo no Brasil	»	47

N.ºs 3 e 4 — ABRIL-MAIO DE 1957

Centenário da Codificação do Espiritismo . .	Redação	49
O Êrro	Henrique Rodrigues	50
Os Astros não são ditâmes para o Destino do Homem	V. O. Casella	53
O sentido didático do «Livro dos Espíritos» .	Deolindo Amorim	55
Memórias de um Espírita Baiano . . .	Leopoldo Machado	57
Igreja não, Escola	Bianôr Medeiros	60
Livros e Autores	Leopoldo Machado	64
Os Grandes Iniciados, Jesus Cristo e o Livro «O Pentecoste»	Palmiro de Azambuja Neves	65
Nasceu com duas cabeças	General Levino C. Wischral	68
Crônica Estrangeira	Redação	71
Espiritismo no Brasil	»	73

N.º 5 — JUNHO DE 1957

Página
O Ano do 1.º Centenário . . . . . . Redação 82
Ainda, Ramatís . . . . V. O. Casella 83
O Êrro . . . . Henrique Rodrigues 84
Igreja não, Escola . . . . . . Bianôr Medeiros 86
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 90
Incompreensão? Intolerância? . . . . Dr. Inácio Ferreira 91
Operações Espirituais e Curas . . . . General Levino C. Wischral 93
«A Missão de Allan Kardec» . . . . Aleixo Victor Magaldi 94
Memórias de um Espírita Baiano . . . Leopoldo Machado 96
Crônica Estrangeira . . . . Redação 98
Espiritismo no Brasil . . . . » 101

N.º 6 — JULHO DE 1957

Chegou a Hora . . . . Redação 105
Ainda, Ramatís . . . . V. O. Casella 106
As Últimas Palavras de Jesus . . . . Bianôr Medeiros 108
A Evolução Espiritual e Física . . . . Henrique Rodrigues 111
Home e o Espiritismo . . . . . . Deolindo Amorim 114
Aulas de Espiritismo em Escola Oficial . . M. A. R. Novelino 116
Memórias de um Espírita Baiano . . . Leopoldo Machado 118
Ânimo, nem tudo está perdido!... . . . General Levino C. Wischral 120
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 121
Crônica Estrangeira . . . . Redação 123
Espiritismo no Brasil . . . . » 125

N.º 7 — AGOSTO DE 1957

O Espírito Conservador e as Novas Idéias . Redação 129
A Evolução Espiritual e Física . . . . Henrique Rodrigues 130
Nebulosas, Berços de Estrêlas . . . . V. O. Casella 133
Torturava seus Escravos... . . . . General Levino C. Wischral 134
Memórias de um Espírita Baiano . . . Leopoldo Machado 136
A Paz do Senhor . . . . Bianôr Medeiros 138
Da Bíblia aos nossos dias . . . . . Aleixo Victor Magaldi 143
Deus salve Allan Kardec . . . . . Leopoldo Machado 145
Crônica Estrangeira . . . . Redação 147
Espiritismo no Brasil . . . . » 149
Necrologia . . . . » 152

N.º 8 — SETEMBRO DE 1957

22 de Setembro . . . . Redação 153
A Evolução Espiritual e Física . . . . Henrique Rodrigues 154
Espiritismo, Doutrina Evolutiva . . . . V. O. Casella 156
D. Gracinda Batista . . . . Redação 158
País Internacional . . . . General Levino C. Wischral 159
Memórias de um Espírita Baiano . . . Leopoldo Machado 163
Solilóquio . . . . Manuel Cavaco 166
Síntese da Evolução Espiritual da Humanidade Bianôr Medeiros 167
Livros e Autores . . . . Leopoldo Machado 170
Crônica Estrangeira . . . . Redação 171
Espiritismo no Brasil . . . . » 173
Desencarnou o Prof. Leopoldo Machado . . » 174

N.º 9 — OUTUBRO DE 1957

		Página
Allan Kardec	*Redação*	177
Evolução Espiritual e Física	*Henrique Rodrigues*	178
Renovemo-nos hoje	*Cairbar Schutel*	181
Algumas palavras sôbre Leopoldo Machado	*Deolindo Amorim*	182
Moral e Sabedoria. Asas Evolutivas	*V. O. Casella*	183
Discurso em Homenagem a Leopoldo Machado	*Do «Diário Oficial» — Rio*	185
Memórias de um Espírita Baiano	*Leopoldo Machado*	187
Como Orador. Fascinava Multidões !	*General Levino C. Wischral*	189
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	190
Curso Oficial de Esperanto em S. Paulo	*Ismael Gomes Braga*	191
Da Bíblia aos nossos dias	*Arnaldo S. Thiago*	192
Só o Amor Constrói	*Fernando Pereira de Moraes*	195
Crônica Estrangeira	*Redação*	196
Espiritismo no Brasil	»	199

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1957

Espiritismo, Doutrina Progressista	*Redação*	201
Espírito sem medida	*Osvaldo Polidoro*	202
O Sol e seus Planêtas	*V. O. Casella*	204
Volta Cairbar...	*Ismael Gomes Braga*	206
O valor dos Sêlos Espíritas	*Cícero Pimentel*	207
A meu irmão católico	*General Levino C. Wischral*	208
Memórias de um Espírita Baiano	*Leopoldo Machado*	211
Kardec, Ramatis e o Planêta Marte	*Rodolpho dos Santos Ferreira*	213
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	214
O Velho Leopoldo	*Carlos Imbassahy*	216
A Grandeza da Simplicidade	*Waldomiro da Gama*	217
O Espiritismo aconselha comer carne	*Aleixo Victor Magaldi*	218
Crônica Estrangeira	*Redação*	220
Espiritismo no Brasil	»	223

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1957

Natal	*Redação*	225
O Militar em face do Espiritismo	*General Levino C. Wiscral*	227
O Plano Divino da Evolução	*Ismael Gomes Braga*	228
A Bíblia e o Espiritismo	*J. Herculano Pires*	229
Congresso Mundial de Espiritismo em París	*Do «Correio da Manhã», Rio*	231
A Ciência a serviço do Materialismo	*V. O. Casella*	234
Sêres Humanos sem Cérebro	*Cícero Pimentel*	236
Carta Aberta	*Aleixo Victor Magaldi*	237
Mais um Colaborador...	*Rodolpho dos Santos Ferreira*	238
A Ressurreição	*Bianôr Medeiros*	240
Crônica Estrangeira	*Redação*	244
Espiritismo no Brasil	»	247

N.º 12 — JANEIRO DE 1958

Cairbar Schutel	*Redação*	249
Evolucionismo	*Luiz Caramaschi*	250
Transformismo e Espiritismo	*Carlos Imbassahy*	253

Página

Ao Professor Arnaldo Santiago . . . . . *Mário Cavalcanti de Mello* 255

Ramatís e a Ciência . . . . *V. O. Casella* 259

Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 263

Evitem de intoxicar ainda mais o organismo . *Dr. Giuseppe M. Minardi* 265

Como julgamos Deus, a Verdade e as Religiões *General Levino C. Wischral* 267

Estudo e Livre Exame . . . . . . *Paulo Rodrigues Alves* 268

Crônica Estrangeira . . . . *Redação* 269

Espiritismo no Brasil . . . . » 270

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Ação e Reação
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	150,00
Semestre	— ,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 835 XL
02-06-07 32180

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3411unse

no XXXIV - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Fevereiro de 1958 - N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Nosso 33.º Aniversário . . . . *Redação*
Psicanálise, Bíblia e Espiritismo . . *Carlos Imbassahy*
Nós e o Ano 2.001 . . . . *General Levino C. Wischral*
Ramatís e a Ciência . . . . *V. O. Casella*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
1.º Centenário de «La Revue Spirite» *Cicero Pimentel*
Livros e Autores . . . . *Newton G. de Barros*
A Verdade e as Revelações . . . *Osvaldo Polidoro*
Devemos ou não, comer carne? . . *Elpídio de Almeida Campos*
Esclarecimentos Necessários . . . *Mário Cavalcanti de Mello*
Kardec, no Centenário do «Livro dos Espíritos» . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

José da Costa Filho

Já tinhamos terminado a impressão desta edição da Revista, quando desencarnou, repentinamente a 5 do corrente, o nosso querido companheiro de redação, sr. José da Costa Filho.

A falta de tempo, e os atropêlos, coisa muito natural em tais ocasiões, não nos permite dar uma notícia detalhada sobre a vida deste abnegado e sincero apóstolo do Espiritismo, deste verdadeiro discípulo seguidor de Cairbar Schutel, o que faremos no nosso próximo número.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1958 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Nosso 33.º Aniversário

CUMPRINDO a sua tarefa na difusão do Espiritismo, estudando e noticiando tudo quanto se relaciona com esta grandiosa doutrina, que só encontra paralelo no véro Cristianismo, «Revista Internacional do Espiritismo» completa hoje, dia 15, o seu 33.º aniversário de fundação, de vez que foi fundada em 15 de Fevereiro de 1925.

Foi seu fundador o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que teve a seu lado outro grande idealista, Luiz Carlos de Oliveira Borges, que tomou conta da parte material, fornecendo a Cairbar papel, tipos e maquinário, enquanto êle, Cairbar, desenvolvia ativamente a parte espiritual da Revista.

O trabalho de propaganda deste órgão foi árduo, exigindo muita perseverança e paciência. Mas Cairbar, que sempre contava com o auxílio do Alto, com aquela fé de remover montanhas e transplantar sícomoros, conseguiu firmar a Revista no conceito dos estudiosos dos assuntos espíritas. E hoje «Revista Internacional do Espiritismo», que é, além de tudo, um órgão realmente cultural, é conhecida em quasi todos os recantos do país e até no estrangeiro, contando com apreciável número de assinantes, que aumentam diàriamente, o que nos alegra e anima no prosseguimento da obra.

Como os nossos prezados leitores sabem, êste órgão conta com os escritores mais apreciados no cenário espírita, daí a sua aceitação, principalmente no meio cultural. E temos ainda a observar que até no sertão esta Revista é apreciada, contando com um animador número de assinantes.

De nossa parte temos nos esforçado tanto quanto possível para pôr os nossos assinantes ao par de todos os fatos espíritas que se têm verificado no mundo todo. E é com satisfação que podemos dizer que o Espiritismo marcha a passos de gigante, tal a sua difusão em todos os meios sociais, contrariando sobremaneira os seus tenazes opositores

res, que desejariam vê-lo reduzido a pó. Só o fato do Espiritismo crescer cada vez mais, desafiando os seus detratores, que se contam aos milhões, constitúe indício claro de que esta Doutrina está sendo amparada por Deus, pois se assim não fôsse já teria desaparecido. Os fenômenos espíritas são, naturalmente, a alavanca de Deus, e contra ela ninguém pode vencer, por mais poderoso que se julgue.

Ao registrarmos a passagem do 33.° aniversário desta Revista, queremos agradecer a todos quantos nos auxiliaram direta ou indiretamente, aos nossos prezados assinantes, colaboradores, auxiliares de redação e oficinas, representantes locais e representantes-viajantes e, em particular aos Caros Espíritos que nos ajudam, entre os quais o nosso inesquecível companheiro Càirbar Schutel, agora Protetor Espiritual desta obra, que não é nossa, mas de Deus.

A todos, o nosso muito obrigado, com votos de progresso espiritual.

Psicanálise, Bíblia e Espiritismo

Carlos Imbassahy

PODERIAMOS acrescentar — o fanatismo. É muito comum ver um crente chamar a outra pessoa de fanática, quando o fanático é êle.

Fanático é o que não pode apresentar as razões de sua crença, ou defendê-las com algum aprumo, ou como dirá o dicionário — o indivíduo animado de zêlo excessivo por uma religião, uma doutrina ou um partido. Desde, porém, que êle apresenta razões e sobretudo provas na defesa de uma idéia, não há nêle fanatismo senão o interêsse de esclarecer.

Quando fiz umas conferências em S. Paulo sôbre erros da Psicanálise, soube que tocara em assunto que constituía tabu. Eu conhecia o tabu bíblico, nunca pensei, porém, que nos arraiais religiosos e filosóficos, a doutrina de Freud fizesse parte também das matérias intocáveis.

Soube que houve uns protestos, mas à bôca pequena. Em regra, em se tratando de Bíblia e Psicanálise, as rèplicas às críticas formuladas consistem numa série de interjeições e apóstrofes. Os mais temerários, por darem aos seus escritos algum ar de argumentação, entram por questões que não têm nada que ver com as questões apresentadas. Iludem-se a si e procuram iludir os outros.

Ora, eu fiz um estudo. Era sôbre o estudo que devia versar a controvérsia. Mas o estudo ficou inteiramente de lado. Deu-se com a Psicanálise o que se dá com a Bíblia: o espanto, traduzido em estos de indignação, mais ou menos virulentos, conforme a índole do indignado.

Êste é um livro sagrado; aquela é uma ciência consagrada. Êsses títulos dizem tudo. Há pouco lemos isto:

> *«Há espíritas que condenam a Psicanálise, o Darwinismo, o Existencialismo e outras doutrinas científicas e filosóficas, numa atitude fechada de fanáticos religiosos, sem procurarem compreender a razão de ser dessas doutrinas e o que elas representam no imenso esfôrço do homem para interpretar o mundo e a vida».*

A bôca pequena se expande e toma forma.

O autor do artigo sai em defesa da Bíblia e aproveita para colocar no mesmo samburá os atacantes do existencialismo, do darwinismo e da Psicanálise. Tanto que nos diz:

> *«Há outros que condenam a Bíblia, como os há que condenam os próprios Evangelhos e ainda os que condenam o Cristianismo, afirmando que o Espiritismo nada tem que ver com êle».*

Limitar-me-ei, entretanto, à Psicanálise e à Bíblia.

Eu que venho analisando a Bíblia e a Psicanálise estou incluido entre os espíritas que se conservam naquela «atitude fechada de fanáticos religiosos».

Mas, entrei na liça precisamente para defender o Espiritismo da conspurcação doutrinária, que seria a aceitação de certos textos bíblicos, e da explicação materialista que os discípulos de Freud oferecem aos fenômenos espíritas.

Enquanto os conscienciosos defensores dos invulneráveis princípios religiosos e científicos ficam de braços cruzados, diante das terríveis investidas e dos consequentes estragos com que uns e outros se empenham na destruição dos fatos e da tese espírita, fico-me eu matando em grandes, e provavelmente improfíquos estudos, a fim de salvar o Espiritismo e a êles, que no Espiritismo também estão metidos, da onda de tolices com que pretendem afogar-nos doutos, indoutos e faciosos. Senão vejamos.

Tôda a nossa atividade psíquica, segundo a doutrina freudiana, surge dos refolhos da alma como o petróleo das entranhas da terra. É inútil procurar fora daí os nossos móveis, as nossas idéias, as nossas propensões, os nossos gostos, os nossos gestos, a nossa arte, a nossa religião, os nossos amores e até a nossa voz. Um esquecimento, um lapso, uma doutrina e até uma trombada de automóvel têm fontes recônditas. E tudo vem mais ou menos das partes inferiores do corpo, mormente das regiões pudendas.

O avarento extrai a avareza da lembrança de suas fezes amarelas, que representa o ouro; o cantor regula o timbre, a altura, a sonoridade, a afinação da voz pelas suas preferências quanto aos ruídos do baixo intestino. A voz não é mais questão de cordas vocais, mas de explosões intestinais. Os amores são consequências do complexo de Édipo, que é uma afeição subconsciente incestuosa, que não tenho coragem de produzir. As crianças mamam, não por fome ou por instinto, mas pela forma do bico do peito, ou seja sua semelhança com certo órgão, e pelas funções que se parecem com outras tantas, e aquí também faleço de ânimo para maiores explicações. Tudo o que se procura fazer, reproduzir, inventar, provém de canais excusos.

Destarte, era necessário descobrir de onde provinha a superstição espírita. E descobriram. Foram à fonte, ao espírito e acharam o veio; o resto surgiu fàcilmente. Sondaram, então, a origem subconsciente da crença em Espíritos e toparam logo: ela provém dos gazes intestinais, êsse manancial de grande parte da «psiche» humana. É que do intestino sai o gás, e quem diz gás diz qualquer coisa que se evola... que está no ar... que vai para o ar... Logo se chega ao Espírito e do Espírito ao Espiritismo. Lógica arrasadora a que só podem resistir os que não compreendem o esfôrço para interpretar a vida.

Nada pois de fenômenos, nem de fatos; inúteis as experiências. Aniquilada a Metapsíquica. Espiritismo é gás intestinal.

Sabem lá de onde surgiu a doutrina reencarnacionista? Não pensar, talvez, que veio do ensino dos Espíritos ou das inúmeras provas que arrastam à convicção das vidas sucessivas. Nada! É o anseio que reside em nós pelo repouso e nada mais repousante que o ventre materno. Desejamos, então, voltar à vida intra-uterina e daí a idéia de reencarnação.

A visão dos Espíritos não passa de um processo subconsciente de protesto. O indivíduo esquece o morto e então o subconsciente protesta, tornando-o visível. E assim com a audição.

Quanto aos que não conhecem o morto, não sei como é; nem explicam as visões coletivas, assim como não explicam o maquinismo das materializações e o protesto subconsciente das máquinas fotográficas.

Tomás Bret, afamado psicanalista francês, reforça com vigorosos exemplos, a tese do Mestre, no que toca às aparições. Um dêles é o seguinte:

Certo frade promete a outro frade enfêrmo, que rezaria algumas missas por sua alma. O outro morreu e êle não se lembrou mais das missas.

Pouco depois aparece o defunto.

— Que quer você aquí? — indaga espantado o promitente.

— As missas que V. ficou de rezar.

Conclui o Dr. Bret: — Claríssimo! O frade esquecera e o subconsciente protestou trazendo-lhe a visão do falecido.

As questões psicanalistas têm tôdas essa clareza.

O mais interessante é que outro frade, da cela vizinha, também viu o morto, sem ter feito promessa nenhuma. Como o esquecimento do vidente foi influir no subconsciente do colega, não o explicou o Dr. Bret. Quando as coisas se entroviscam êles passam de largo.

Adivinhação, profetismo tudo é ilusão subconsciente. Freud explica o sonho premonitório: o individuo pensa, na ocasião do acontecimento, que já sonhara aquilo. Preconhecimento nenhum. As narrativas *ante-eventum* não chegaram até Freud.

Os sonhos são sempre desejos recalcados, ou quando muito, lembranças da véspera. O que estiver fora daí ou não é verdade ou não é sonho.

Completamente enterrado o capítulo do «Livro dos Espíritos» sôbre a «Emancipação da Alma», onde estão incluidos sonhos e sonos.

O que os bíblicos psicanalistas não sabem é que as Sagradas Escrituras não escaparam. Elas, segundo Freud, são um amontoado de inverossimilhanças, custando a crer pudesse alguém de sizo prestar-lhe a mínima atenção.

Temos os esforços humanos, na interpretação do mundo e da vida, colidindo uns com os outros.

Sai, entretanto, alguém, a provar os erros dessa arremetida contra os princípios espiritualistas e logo vê os passos embargados pelos próprios correligionários, que deviam estar tão interessados quanto êsse alguém em espanar a toleima.

Aquêles dogmas freudianos são despejados nas cátedras de Direito, de Medicina, de Filosofia, nas Academias, nos tabernáculos científicos, nos grêmios literários; em tôda a parte se ensina daquela forma. E acabaremos com a convicção de que, livres os nossos intestinos dos gazes e de suas fugas vexatórias, estará terminada a miragem de Allan Kardec.

Isso é que é preciso ficar de pé, para que não sejamos levados no turbilhão do fanatismo, cegos, incapazes de perceber o humano esfôrço dos que abrem passagem para a interpretação da vida e do mundo.

A verdadeira elucidação está nas emanações sulfídricas, e para ela é que nos quer conduzir a cizuda compostura dos bons interpretadores.

*

Mas compreende-se êsse amor psicanalítico por parte dos defensores da Bíblia, ou melhor, do Velho Testamento. É questão de identidade. Resolveram pôr de mãos dadas aquela ciência e esta religião, embora esta religião desminta aquela ciência. E vice-versa. Mas há semelhanças: Nenhuma tem supedâneo firme. Não se sabe onde está a realidade do fato bíblico, como não é possível perceber a segurança das conclusões psicanalíticas. O primeiro perde-se na escuridão dos tempos, as segundas são indescortináveis na escuridão das almas. Na Bíblia não se sabe até onde vai a lenda, na Psicanálise onde acaba a fantasia. Será infantíl procurar provas numa ou noutra. Em nenhuma se notam os processos científicos da verificação e confirmação. Fora do livro sagrado não há nenhum comprovante; fora do observador psicanalista não há outra testemunha que ratifique a sua observação. O conhecimento em ambas vem pela fé. Só a fé nos faz acreditar na Bíblia; só pela fé poderemos aceitar as sondagens psicanalíticas. A razão não entra, nem nos textos nem nas análises, porque os absurdos andam em barda.

*

Certa vez, apareceu-nos na Federação uma jovem, vítima de espíritos obsessores. Com grande dificuldade conseguimos minorar-lhe a situação aflitiva. Quando ela estava muito melhor, por interferência de um tio médico, foi parar às mãos de um psicanalista. Êste começou a sindicar os motivos de sua «nevrose», aplicando-lhe o processo catártico, que consiste em ir falando o paciente o que lhe ocorre à cabeça, embora desconexamente. O facultativo, então, vai pinçando umas tantas palavras, também conforme lhe dá na cabeça e com elas descobre a trama que rasteja pelo subconsciente. Nessa pescaria descobriu que a moça tinha paixão pelo cunhado, paixão que recalcou inconscientemente, e que então era traduzida por aquelas manifestações obsessivas.

A moça ficou envergonhada, aniquilada. Em balde jurou que não só não tinha afeição nenhuma ao cunhado, como até antipatizava com êle pela maneira por que tratava a irmã. Esta declaração reforçou o diagnóstico psicanalítico: a antipatia era consequência da repressão, revolta íntima; fazia parte do recalque.

A moça volta à F. E. B. tomada de profundo desgosto. As crises aumentaram porque os obsessores acharam novamente a porta de entrada, com o abalo da jovem. Tivemos então um trabalho duplo: livrá-la da obsessão do Espaço e da sugestão do psicanalista.

*

Nas discussões com padres, frades, bispos, católicos ou protestantes, publicistas religiosos de qualquer espécie, tenho que me avir com os textos sagrados que êles nos jogam ao rosto para esmagar os textos espíritas.

Muitos confrades, para sairem da alhada, ficam num jôgo de interpretações, onde nem sempre levam a melhor, apesar do recurso «de que o espírito vivifica», porque quando se afastam muito do texto ou quando o texto dispensa explicações, agarram-nos, aos confrades, pela gola, e êles ficam sem saída.

Desgostam-me os processos coreográficos. Devemos ser honestos na argumentação. Recorro, então, à realidade, e uso o único recurso compatível com ela, que é declarar que os textos não podem servir, porque não valem nada: não têm substância, não têm consistência, não têm plausibilidade, não têm coerência, não têm moral. Procuramos provar apenas isto—a falta de segurança nos argumentos textuais.

A réplica ao nosso asserto é o que há de mais interessante, para não dizer de mais irrisório: declaram os nossos amigos a mesma coisa por outras palavras:— que se trata de ensinos antigos, de costumes selvagens, de povos incultos, de leis bárbaras, tudo conforme o tempo, e enfim que «o Espiritismo não condena, esclarece».

Vamos deixar passar o aforismo para não perder tempo.

Mas, em suma—coisas imprestáveis, ditas ou escritas por pessoas que não prestam. É precisamente o que afirmo. Mas como leis e costumes absoletos, como as usanças bárbaras poderão guiar-nos em os tempos modernos?...

Quanto ao «esclarecimento», que é que temos feito senão *esclarecer* que aquilo não vale nada?

Afirma-se mais, e isto faz parte da defesa bíblica — «que as matanças, horrores, imoralidades» não são mais que decorrências lógicas e naturais da época». E que «falta perspectiva histórica a quem não percebe isto».

Mas quem não o percebe? E por percebermos é que não compreendemos possa aquêle «Santo Livro» servir de luzeiro. Nossa tese é só esta. No mais admirem a obra como quiserem, com ou sem perspectiva histórica.

Há ainda uma afirmação espantosa, é a de que êsse livro vetusto, representação de atrasada mentalidade, cheio de matanças, horrores e imoralidades, reflexo de povos selvagens, é *«um monumento imperecível»*.

Perspectiva histórica está aquí!

Acuados, os nossos irmãos escoram-se nos adjetivos. O livro é cheio de matanças, mas é sagrado; é cheio de horrores, mas é imperecível; é cheio de bandalheiras, mas é divino!

Os defensores das sagradas letras estão no mesmo pé dos fetichistas e adoradores primitivos.

Enfim, deixemos passar os erros perniciosos da Psicanálise para não obstar aos esforços dos interpretadores do mundo e da vida, e as escabrosidades bíblicas, para não macular um imperecível monumento.

E aos críticos mais acerbos só nos cabe repetir o epifonema de Virgilio — *Tantaene animis coelestibus irae!*

* * *

Se você foi escolhido para representar em São José do Rio Preto a sua Mocidade, então prepare-se. Seja um cooperador eficiente. Estude principalmente o Evangelho Segundo o Espiritismo, o Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns. Se, porém, você quer ser um colaborador ainda mais valoroso, então estude Emmanuel, André Luiz, e as suas respostas no Torneio Evangélico, serão substanciosas e exatas

Salve o Primeiro Decênio das Concentrações das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em São José do Rio Preto, nos dias 3 a 6 de Abril de 1958.

Nós e o Ano 2.001

General
Levino Cornélio Wischral

Possìvelmente, uma das faculdades que mais empolgam e deleitam a nossa alma é a do chamado «desdobramento consciente», fenômeno êsse manifestado em certas criaturas entregues ao êxtase e portadoras de interessante dom mediúnico. Como exemplo clássico, mencionamos Santo Antonio de Pádua, possuidor feliz e privilegiado dessa benção divina. A par de indescritíveis encantos espirituais, seu possuidor é levado, algumas vezes, a distantes ambientes de terríveis angústias, onde passa a tomar parte ativa em dores e sofrimentos alheios, e com tal intensidade como se os sentisse em sua própria carne. Disso deu provas exuberantes São Francisco de Assis. Normalmente êsses sensitivos são criaturas de temperamento angélico e padecem em virtude de padecimentos de outrem.

O Desdobramento assemelha-se a um sonho, porém lúcido, tal como se o indivíduo estivesse acordado. E, assim sendo, a pessoa tem plena consciência de tudo que vê, ouve ou percebe, como se houvesse sido transportada em corpo carnal a algum lugar distante.

O místico experimentado na ciência oculta pode «largar» seu corpo no leito ou em uma cadeira, «saindo» calmo, em sua «segunda via» ou «duplo-etérico» para o giro habitual «lá fóra», pelo astral. Êste viajante invisível do espaço tudo enxerga, tudo sente e até com maior percepção do que quando preso ao corpo carnal. O novato, porém, se volitar no plano imponderável, qual andorinha descuidada — onde pode ser assaltado por entidades de aspecto doloroso ou hediondo — costuma, todo aflito e amedrontado, regressar rápido ao ponto de partida, para depressa se enclausurar novamente no corpo físico; em seguida desperta, e então suspira aliviado! Eis quando nós nos capacitamos do incomparável valor que a couraça de carne nos oferece para nos livrarmos de muita atuação má do espaço. É nosso refúgio seguro!

Transportarmo-nos, por exemplo, de modo instantâneo, com a velocidade do pensamento, até a velha Jerusalém ou ao Polo Sul, à Coréia, a um vetusto reinado, ou para junto de um hotentote na África, um amigo querido ou enfêrmo, o interior de um cofre forte de Banco, o cume do Himalaia ou o insondável abismo do Oceano Pacífico, sem ser visto, é algo notável, sem dúvida! Até brincadeiras inocentes são, algumas vezes, levadas a efeito pelas pessoas dotadas de tal faculdade como, por exemplo, a de penetrarem numa casa comercial através dos grossos vidros da vitrina ou das paredes de cimento armado e, lá no interior, aproximarem-se do vigilante fatigado para lhe dar um puxãozinho de orelha ou, então, soprar em seus olhos sonolentos. Isso deve ser bem divertido ao notarem o sobressalto do funcionário, crente de que está sendo acordado pelo patrão...

No desdobramento, colocarmo-nos, num abrir e fechar de olhos, sôbre o dedo polegar do Cristo Redentor, no Corcovado, ou surgirmos materializados em algum convento dos Lamas, no Tibet, nada de complexo apresenta; é apenas consequência de um fugaz impulso de nossa vontade. Acompanhar Juscelino, no Palácio das Águias, ou em suas atividades tidas como de missionário, e vê-lo meditando exaustivamente sôbre o esplendor que terá, em futuro próximo, a sua Brasília longínqua, não é igualmente coisa difícil nem complicada; ao contrário, para o místico desdobrado, a totalidade dos pensamentos alheios é vista em cores e compreendida dentro de uma fração de minúto, como num milagroso desenrolar de um filme. Sentir e compreender os ardentes anseios do bom presidente Vargas, em ativa preparação para uma nova viagem ao país onde deverá reencarnar, é questão, apenas, de assim se desejar. Aliás vêmo-lo, por antevisão, à frente, mais uma vez, dos destinos da Pátria do Evangelho, amparando e socorrendo aqueles que o conduziram ao fracasso.

Eis uma singela amostra do que seja a faculdade do desdobramento, em que tudo é simples, natural, e tudo se processa com a velocidade do pensamento. Mas não desejamos apenas apresentar êstes ensaios, sem mais alguns exemplos reais.

Conhecemos uma mocinha de 14 anos que, durante o banho habitual, costuma ver angustiada, a ela mesma saindo banheiro a fora, isto é, o seu próprio duplo-etérico (ou seu perispírito) enquanto seu corpo carnal alí permanecia firme. Ante o violento susto da mocinha e seus gritos desesperados, tudo desaparecia! Perplexa e profundamente confusa parecia que indagava de si para si: «Mas como é isto? Lá vou eu?...»

Outro caso: No burburinho da Praça da Sé, na capital paulista, vimos um homem caído, sem que fosse alvo dos costumeiros socorros. Enquanto de sua boca escorria nauseabunda saliva, agitava descontroladamente braços e pernas. Dava dó! E profunda compaixão nos inspirou aquele ente humano alí estrebuchado. O povo não lhe dava atenção, procedendo de modo contrário ao do Bom Samaritano, pois, aquele infeliz era tido como ébrio incorrigível. Contudo, diversas entidades espirituais o acudiam, aplicando-lhe carinhosos passes magnéticos. Aproximamo-nos também, em desdobramento e, como é lógico, de modo invisível ao povo; pretendiamos estudar aquele caso dentro dos sábios ditâmes da Lei de Causa e Efeito, por isso, apuramos nossa acuidade. Desde logo percebemos que os quadros relacionados com aquela ocorrência eram de terríveis responsabilidades; era de arrepiar! Enquanto os espíritos acudiam ao homem, ouviamos a conversa entre dois deles comentando a causa cujo efeito desastroso vitimava aquele infeliz irmão, apenas enfêrmo da alma e não alcoolizado. Temos à nossa frente — dizia uma das entidades — o ex toureiro Vicente Gil Ambrósio, desgraçadamente tornado célebre e afamado pela destreza com que manejava tanto a hipocrisia, a traição, como o seu afiadissimo punhal ao tempo da côrte ibérica, no ano 1.730. Sua remota conduta foi de perversidades sem fim, ou seja a de um verdadeiro sátiro. Teve, após, diversas encarnações expiatórias, a fim de se aliviar de seus crimes, e aquí o temos a nossa frente, decorridos duzentos e tantos anos, ainda pesadamente endividado. Vejam como êle reage enfurecido, louco autêntico, aos impropérios que os transeuntes lhe lançam em rosto, com asco. Seu espírito, semi-desligado do corpo físico, transmite ao corpo os terríveis choques de ódio. Os estrebuchamentos traduzem a dor reflexa, canalizada de seu espírito em desespero que, fielmente, capta e registra as injurias agora recebidas em pagamento de insultos piores, que lançou a outras criaturas na velha Espanha. Sua alma faz centenas de gestos de revolta, visto apenas pelos espíritos que aquí passam e, assim, êsse individuo consome colèricamente suas fôrças vitais tanto da psique como do corpo e, num contínuo vai-vem avança nos transeuntes, enquanto grita para se justificar, sem ser ouvido. Berra a todos que não é e nunca foi ébrio; que é apenas um infeliz doente desprezado por Deus e por todos. Observem a outra face da questão: Vejam como alguns o apedrejam com frases ofensivas, parecendo até ser o choque de retorno do que êle fizera com suas vítimas em distante passado. Alí vai um que diz: «Ébrio sem vergonha! Desde cedo está com a cara cheia!» Outro passa e exclama, para que todos ouçam: «Desgraçado! O álcool é menos forte do que êle; já devia ter morrido!» Outro, em tom quase amigável, comenta: «Êste, sim; aproveita bem a cachaça; bebe a caninha gostosa em lugar do café amargo!» E o nosso infeliz Vicente Gil Ambrósio grita e gesticula para provar não ser alcoólatra nem sequer poder ingerir álcool por sofrer de ataques... Mas ninguém o ouve, tal como êle não quís ouvir os gemidos e as justificativas de suas antigas vítimas!

Finalmente, com o estridente soar de uma sirena e consequente chegada da ambulância, foi o nosso irmão Vicente conduzido ao Hospital das Clínicas, onde continua a recolher a semeadura lançada de modo tão desventurado.

Convém, por último, citar mais êste fato deveras interessante, presenciado por um médium em desdobramento: Numa grande casa de oração situada no Largo de São Bento, em reunião reservada, realizada sob moldes científicos, para estudo da psiquê, foi certa vez invocada a presença de generoso santo, muito venerado na Tchecoslováquia. Êste santo, porém, que estava novamente encarnado entre nós, mas que tinha a faculdade de desdobramento, captou aquêle sutil apêlo e, não desejando deixar um pedido sincero e justo sem resposta, resolveu desdobrar-se, e apresentou-se na reunião para dar a sua mensagem, tal como numa sessão espírita. E o fez por intermédio de um irmão devoto, em vestes religiosas, aliás habituado a êste intercâmbio com os «mortos». Após as belissimas explanações do manifestante, foi encerrada aquela sessão, e os presentes, olhando-se meio atônitos e maravilhados exclamaram: «Pois é! Os mortos continuam a governar os vivos!»

Utilizando se do desdobramento, diversos espiritualistas costumam fazer suas habituais visitas a seus amigos; vão a sessões cinematográficas ou ao teatro, se assim desejarem e, sem sair de casa; assistem conferências, deslocam-se em discos voadores e até empreendem viagens interplanetárias; tornam-se visíveis ou se materializam onde desejam, tal como outros moradores de planêtas distantes costumam fazer aquí na Terra.

Esta faculdade, que é uma espécie de «televisão», própria das almas que a merecem, oferece infinitas possibilidades, e desde agora está em crescente desabrochar nas criaturas. Será uma faculdade comum, no terceiro milênio, dos que se tornarem dignos a continuar neste globo, já então expurgado da presença dos transgressores da Lei de Deus.

Com o aperfeiçoamento da recepção de intuições, estabelecer-se-á em breve, neste mundo, uma ampla comunicabilidade vibratória, e com essa capacidade não mais será possível a troca de pensamentos maus entre os terrestres, pois, pensar será o mesmo que falar alto para ser ouvido a qualquer distância. Nada poderá permanecer oculto ou dissimulado. As relações sociais, em qualquer setor, sofrerão igualmente inimagináveis transformações, a começar pela desnecessidade das incômodas viagens em corpo físico, feitas entre continentes, países e cidades, que perderão totalmente sua razão de ser, pois às pessoas, mesmo em locais mui distantes, sentirão a voz de seus irmãos e os verão como se estivessem juntos. E até o nosso prestimoso e sacrificado corpo físico, lar bendito da alma, será então cada vez mais delicado, sutil e puro, a irradiar claridade, tornando-se altamente aperfeiçoado e carecendo apenas de uma frugal refeição para seu sustento.

Os que se esforçarem, procurando seguir os passos de Jesus, já podem se considerar candidatos aprovados à moradia nesse paraíso à vista.

E os demais?

Irremediàvelmente irão repetir a lição que em milênios não quiseram aprender, porém, em outro mundo rústico, de vibrações pesadas e grosseiras, onde terão que sorver o cálice de fél de seus desleixos para com a doutrina de Cristo. Aliás, as almas indiferentes aos constantes apêlos do Mestre já estão sendo imantadas pelo «astro sugador» que se aproxima com a missão de conduzir para o seu bojo o joio resultante da separação do trigo. E... o trigo que sobra é tão pouco! Assim nos esclarece o iluminado Ramatís.

Mais uma vez se repetirá a história cósmica, registrando de modo semelhante a viagem punitiva dos que aquí aportaram, vindos em tétrica romaria, do distante e evoluído planêta Capela.

PAX!

O célebre Lombroso, professor da Universidade de Turim, escrevia na «Lettura»: «Sinto me forçado a externar a convicção de que os fenômenos espíritas são de uma importância enorme e que é dever da ciência dirigir sem mais demora sua atenção para essas manifestações».

* * *

Mr. Boutroux, membro do Instituto e professor da Faculdade de Letras de París, se exprime assim no «Matin», de 14 de Março de 1908 — «Um estudo amplo, completo, do psiquismo, não comporta ùnicamente um interêsse de curiosidade, mesmo científica; interessa também muito diretamente à vida e ao destino do indivíduo e da humanidade».

Ramatís e a Ciência

II

Continuando os nossos estudos analíticos sôbre as mensagens de Ramatís, cuidaremos hoje de um tópico extraído do opúsculo Magia de Redenção, mas sempre abrangendo sòmente as partes onde se pretendeu relaciona-las com a ciência.

Quanto ao Feiticismo podemos adiantar que essa suposta magia não passa de uma crença supersticiosa, não tendo merecido atenção dos nossos sábios, por tratar-se de uma prática sem base nas leis de causa e efeito, portanto sem a mínima relação com os fenômenos estudados pela nossa ciência. Os adeptos de Ramatís, na mais bôa fé, entusiasmaram-se com o assunto, atraidos pela forma como essa entidade cuidou, e julgaram que ali, naqueles conceitos, sôbre feiticismo, há mesmo algo de científico. Contudo, a razão dêsse procedimento, prende-se pelo fato de não ser os estudos da ciência, acessível na generalidade.

Mesmo nos meios intelectuais, sòmente os que se dedicam aos estudos especializados das pesquisas dos cientistas é que se acham em condições de compreender e comentar a questão nos seus fundamentos.

Por êsse motivo, quando surgem publicações supostamente científicas obtêm bôa acolhida na generalidade, atingindo também não poucos homens de sabedoria respeitável em outros setores. No caso de Ramatís, acreditamos que mesmo entre muitos espíritas, que silenciaram nessa questão, mentalmente também não desdenharam os seus conceitos sôbre o feiticismo.

Mas é preciso ficar claro que a doutrina de Kardec, sempre em concordância com a ciência, repele qualquer teoria que se revele supersticiosa.

Entremos no assunto, e vejamos como Ramatís não foi feliz no trato com as leis de causa e efeito, sôbre energia livre e condensada, empregando termos científicos, nas suas explanações, sem respeitar o sentido exato que êles representam na sua ordem fundamental.

Assim, ao explicar como fazem os feiticeiros para materializar e desmaterializar objetos, êle diz em determinado trecho de uma de suas longas respostas, na página 16: — «Dissolvida a energia que se aprisiona dentro dêsses duplos etéricos, moldes ou cópias que permanecem intactos no invisível, desaparece a forma material de vossa visão, pois a ENERGIA CONDENSADA que enchia o molde etérico retorna como ENERGIA LIVRE, no seu plano original».

Logo a seguir, lhe perguntam: — «Poderia nos citar alguma operação análoga no mundo material?

Resposta: Certos materiais, superaquecidos, dentro duma retorta ou forno refratário, no fenômeno de sublimação, passam do estado sólido para o GASOSO, desaparecendo das vistas dos seus operadores. Entretanto, sabem os experimentadores, que, no espaço existente na retorta ou no forno, continua em estado imponderável, radiante mesmo, a substância sublimada. É suficiente proceder o resfriamento, para que essa ENERGIA LIBERTA baixe vibratòriamente até alcançar, novamente, o estado sólido, ou seja, ENERGIA CONDENSADA, apresentando tôdas as características anteriores. Isto sucede porque o molde etérico continua intacto e indestrutível, e assim que as condições térmicas e barométricas permitam, absorve novamente a ENERGIA LIBERTADA e a aprisiona, materializando a mesma substância.»

Ora, como vemos, a entidade não faz distinção entre energia libertada e estado gasoso, quando uma coisa e outra são formas da matéria extremamente diferentes. Aos não afeitos ao assunto essa falha passa despercebida, mas para qualquer estudioso, que tenha leitura sôbre energia condensada e liberada, logo percebe que o autor, ali, revela-se estranho aos estudos dessa natureza. E na forma como êle cuidou o assunto, a hipótese de ter sido um descuido não se confirma.

Para o leitor ter uma idéia de que modo se interpreta aquela explanação, pelas leis da ciência, vamos esclarece-la, obedecendo o sentido exato dos termos, «energia condensada e libertada», ali empregados, e assim veremos a catástrofe nessa ação, se essa fôsse a realidade.

Primeiramente vamos observar que no dizer de Ramatís a matéria sòmente é considerada condensada quando se apresenta no estado sólido. Quando ela passa ao estado gasoso êle julga que já esteja na condição de energia libertada.

Mas em ciência a consideração é esta: A matéria seja no estado sólido, líquido ou gososo, ela acha-se na forma de energia condensada (ou congelada se quiserem). O emprego do termo energia libertada só entende-se para indicar a energia fora dos limites dêsses três estados, pela aniquilação da matéria.

Se fôsse possível nos nossos fornos ou retortas a matéria, sob ação do calor, transformar-se totalmente em energia (esta operação é impraticável, pelos nossos recursos atuais) conforme se lê naquela mensagem, a energia, no momento que se libertasse, ocasionaria tremenda explosão que Nagasaki e Hiroschima teriam sido pálidas amostras diante dêsse fantástico poderio.

Para que tenhamos uma idéia como é poderosa essa fôrça, basta sabermos que «êsse potencial existente numa única grama de matéria poderá, se for totalmente libertado, levantar três mil locomotivas a uma altura de 50 km.»

A liberação de energia nuclear que os nossos cientistas tem conseguido é apenas fracionária, a custa de muitos esforços, e de custosos aparelhamentos. Cogitou-se produzir uma bomba «fotônica», que seria a transformação total da matéria em energia. Mas como êste engenho poderia destruir o planêta, nada mais se falou nesse sentido.

No entanto, Ramatís, com muita simplicidade, fala repetidas vezes em libertação de energia, sem perceber o significado dessa fôrça tremenda, e acha que isso é coisa corriqueira para a vontade dos tais entendidos, que são êsses indivíduos chamados feiticeiros.

Vamos agora apresentar outro argumento desfavorável à entidade, sôbre energia condensada e libertada, para o leitor compreender que êsse potencial, quando se liberta, não poderá mais voltar ao seu duplo etérico de origem, no sentido ramatisiano.

Suponhamos que os átomos de determinada matéria (Urâneo por exemplo) se transformasse totalmente em energia livre. Essa mesma energia, para que voltasse a se condensar novamente, ela não viria mais se recolher dentro dos limites da matéria atômica de onde se originou. Ela seguiria outros caminhos para nova recriação da matéria (Milikan, estudos da origem dos raios cósmicos), iniciando-se por uma outra forma primordial, seguindo um ciclo.

Assim, nestas condições, os tão falados feiticeiros, debalde ficariam esperando o retôrno da energia para o propalado duplo etérico, dos objetos que êles desmaterializariam, para que se condensasse, novamente, de acôrdo com os conceitos de Ramatís.

Agora, continuemos com a entidade no dizer de que em nossas retortas e fornos de pesquisar a matéria, sob certas condições de calor, pode desaparecer, e depois, pelo resfriamento, voltar para a sua forma anterior. Conforme se lê naquela mensagem, mesmo corrigindo-se os termos ali empregados, substituindo-se libertação da energia por estado gasoso, como seria ùnicamente o certo, nem assim êste exemplo corresponde a analogia que a entidade pretendeu fazer sôbre o evocado duplo etérico.

Vamos supor em um forno, uma porção de matéria trabalhada (medalhas, estatuetas etc.) em fusão, e que atinja a vaporização, passando de sólida ao estado gososo. De fato, relativamente, ela desaparece de nossas vistas. Mas como já dissemos antes, aquí não haveria libertação de energia, pois as moléculas dêsse material continuariam intactas, não se desmaterializando. Nestas condições, ao resfriarmos o forno, sem que se tivesse perdido o seu conteúdo, veriamos que a matéria vaporizada, dos objetos, voltaria novamente ao estado sólido.

Mas note, o leitor atento, que, nesta operação experimental, os objetos não mais se teriam reconstituido nos seus duplos etéricos originais (medalhas, estatuetas...), pois agora êsse material, antes trabalhado, tornara-se um só bloco fundido. Dêste modo, o que poderá essa operação, muito natural, revelar em favor dos conceitos de Ramatís, sôbre desmaterialização e materialização de objetos, na forma como êle apregôa?

Na realidade essa analogia dos nossos fornos, que a entidade apresentou, em muito se difere do que se pretendeu demonstrar. Aquí na Terra, hùmanamente ninguém cogita realizar essa fantasiosa maravilha, em desmaterializar objetos, e materializa-los novamente na mesma linha anterior, a não ser em truques de palcos.

Aos que se iniciam nos estudos das leis da materialidade, fácil será compreender logo na preliminar, que não é possível ao homem, com todo o progresso dêste século, realizar um ato dessa natureza, de manipular essas fôrças do Universo, e ainda mais com tanta fantasia e ingenuidade, conforme se lê naquelas mensagens.

Ramatís, com essas suas afirmativas arrojadas, revela-se ainda retido a velhas superstições, esforçando-se para apresentá-las na atualidade, sob a proteção de uma suposta ciência. Assim, a entidade, nas suas mensagens, enveredou em terreno delicado e complexo, perdendo-se na ordem dos fatos.

De nossa parte, lamentamos não nos ser possível particularizar o assunto em uma forma mais acessível e popular. Mas com atenção, não se encontrará dificuldades para se compreender que a entidade, apesar das aparências científicas dessas suas explanações mediúnicas, não se apoia nas leis de causa e efeito da majestosa obra da Criação Divina.

Queremos ainda esclarecer que essa nossa atitude em denunciar falhas de Ramatís, não deve ser interpretada como uma contestação no todo de suas comunicações, pois como já dissemos, no trabalho anterior, há ali considerações de méritos aproveitáveis e de argumentos interessantes. A nossa tarefa é apenas demonstrar que há partes onde a entidade falsêia, ao ventilar questões incompatíveis com Kardec e a ciência, portanto, perturbando a sua ordem geral para que a consideremos como um complemento kardeciano.

Aos espíritas, a leitura das obras de Ramatís, como qualquer outra, é facultativa. O que não se deve é entusiasmar-se por elas a ponto de antepô-las a Kardec, como se o passado pudesse sobrepujar o presente. É preciso sabermos separar o que pode, ou não, ser aceitável, valendo-nos para isso dos informes que vem surgindo, agora que o assunto se tornou mais conhecido.

E aquí terminamos mais essa parte, e no próximo número voltaremos novamente, empenhados nessa tarefa que nos propusemos.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

N. da R. — Lapsos do trabalho anterior: — No início onde se lê (...a inconveniência da propaganda de Ramatís nos meios espíritas, os quais ameaçavam o prestígio da doutrina...) leia-se (...as quais...) Em outro tópico da parte introdutiva, onde está (...seu pretérito, acreditamos tenha sido de glórias...) leia-se (...que acreditamos...)

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado de Barros)

11 — Em casa, meu pai vivia agarrado a sua biblia. Levou até, um dia, um amigo, o pastor José Antônio, provocante e conversador, para discutir comigo. Foi a primeira parada forte que suportei, defendendo, como podia, o Espiritismo. Então, madrugou minha índole polemística e o pastor não levou a melhor...

12 — Minha mãe jamais tivera religião. Sempre fôra, no entanto, deísta. Desde criança. Sempre tivera, sem saber a razão, forte ojeriza a padres e a tudo que se relacionasse com o catolicismo; razão por que só frequentara missas, assim mesma obrigada por seus pais adotivos, quando pequenina. Sua grande fé em Deus, aliás, fôra o gigantesco baluarte de sua mocidade agoniada e dura. Muito inteligente, embora inculta, nunca encontrara explicações sensatas para os problemas da Igreja.

13 — O protestantismo de meu pai, também, não lhe entrou nalma, talvez por não encontrar no marido o exemplo para o que pregava. Ademais, achava muito complicadas as explicações evangélicas dos protestantes. Continuava, porém, como desde pequenina, deista e cristã.

14 — Na época em que aceitei o Espiritismo, minha mãe guardava ainda

amargas recordações da reunião espírita que assistira no interior nordestino; com medo de espíritos e sem desejos de aproximações com a terceira revelação. Deixou, porém de recitar as longas orações que aprendera na infância.

15 — Os amigos mais íntimos, estudantes superiores na sua maioria, eram, no fundo, céticos. Apesar de tudo, porém, o Espiritismo entrara firmemente no meu íntimo.

—

16 — Uma noite, o Petitinga convidou-me para uma reunião na sua casa. Seria a primeira reunião mediúnica assistida por mim. Lá encontrei uma *médium* graciosa, muito jovem, por quem vieram lindas comunicações.

17 — No dia seguinte, manhã cedo, olho para o 2.º andar da casa em frente: lá está a *médium* que me cumprimenta com um sorriso bom e generoso.

18 — Apesar da simpatia das três carinhas e de mais uma que descobri no andar térreo, aliás a mais linda das quatro, não pude continuar na Ladeira do Carmo. Nem me lembro porque saimos de lá...

—

19 — Fomos para a rua das Flôres onde, também, nos demoramos pouco. Foi a única residência em que tivemos luz elétrica em casa.

20 — Já estava eu escrevendo coisas melhores, que publicava com o pseudônimo de *Jeuville Oliver*. Escrevia no «O Malho» e esbocei, no «Diário da Bahia», meus primeiros estudos crítico-literários.

21 — Petitinga, cada vez mais meu amigo, emprestou-me o livro «*Poesias*», de Amaral Ornellas. Escrevi, sôbre o livro, uma apreciação que foi uma consagração para o autor. Ficamos muito amigos à distância, carteando-nos constantemente.

22 — Ouvi, então, pela primeira vez, o nome de Carlos Imbassahy. Mal sabia eu que espécie de amizade nos iria ligar através dos anos... Companheiro de repartição de Ornellas, escreveu-me, do Rio, uma longa e bonita carta apresentando seu romance «Leviana». Li-o com sofreguidão e interêsse; e mesmo com bairrismo, porque Imbassahy era baiano como eu.

23 — Julgando-me importante crítico — e ali estava um livro do Rio de Janeiro solicitando a minha opinião — escrevi sôbre o livro no «Diário da Bahia», com apreciação que não agradou ao autor. Êste fazia, no volume, determinada censura sôbre uma certa reunião espírita e eu, espírita recente, e entusiasmadíssimo, não concordei com ela.

24 — Imbassahy não gostou da apreciação e trocamos cartas sôbre o assunto. Na última carta que me escreveu dizia «não era espírita e Deus o livrasse de Espiritismo».

25 — Senti o pêso de seu valor e de sua cultura; deixei-o sem resposta. Que resposta, devo dizê-lo, eu não encontrei para lhe dar...

26 — Mas, um dia, eu seria também, assim. Teria argumentos para argumentar, discutir, confundir e aturdir contendores adversários.

27 — Carlos Imbassahy se fez, depois, espírita. E o que mais é: o mais brilhante escritor e polemista espírita do Brasil!

E nossa amizade teria de atravessar os tempos, sempre firme e leal, a despeito de nossas brigas — e brigamos tanto por idéias —! E de morarmos sempre, separados, em cidades diferentes...

28 — Na rua das Flôres, estudei muito *de banca*, para fazermos exames no Ginásio da Bahia, animado por meus amigos estudantes superiores que me queriam ver formado em Direito.

29 — Estudávamos todos os dias, metòdicamente, até nove e trinta, dez horas, quando a mamãe trazia café e biscoitos para nós. Lanchávamos já de livros e cadernos fechados, revisando, ainda, alguns pontos estudados. Jogávamos, depois, *bisca* ou «*três sete*», até meia noite, no máximo.

30 — Certo dia, ao chegar à casa, depois de haver saido para umas compras, encontrei minha mãe muito alegre: era dia de meus anos e meus companheiros de estudo me enviaram muitos doces e um barril de *chopp*, com o recado de que trariam, com êles, mais amigos comuns, para a noite. Minha mãe, contentíssima, preparou mais guloseimas (que ela sabia fazer tão bem) e deu à casa um aspecto festivo.

31 — Vieram, efetivamente, muitos amigos. Fizemos uma noite diferente, sem estudos e sem *biscas*, com *chopp*, muitos doces, muitas guloseimas, poesias, modinhas e anedotas...

—

32 — A grande guerra grassava nessa época e eu continuava meus estudos *de banca*. Não esquecia a amizade do Petitinga, nem o Espiritismo. E dedicava a noite dos domingos ao grande amigo.

33 — Um dia — e há, sempre, um dia para tudo — a guerra européia terminou. Veiu, depois, a gripe espanhola que castigou, bàrbaramente, a Bahia, como todo o Brasil. As escolas, os cursos, os ginásios se fecharam. 1918. Não haveria exames. Mas, os estudantes perderiam o ano?...

34 — Veiu o decreto governamental permitindo o registro de quatro matérias, a dez mil réis cada uma. E o Coelho Borges se pôs a insistir comigo para que eu tirasse as quatro disciplinas que estudara.

35 — Relutei muito, achando que seriam registros comprados. Os amigos, principalmente o Coelho Borges e dr. Hermelindo Lopes Rodrigues, convenceram-me de que não devia perder mais um ano, quando estava senhor das matérias.

36 — Mesmo assim, fui ao Ginásio da Bahia pagar os referidos exames levado pelo Hermelindo. Paguei-os, perguntando-me o funcionário: «Seu caso é a *chapa*?»

— «Que *chapa*?» — perguntei.

— «Português, Francês, Aritmética e Geografia».

37 — Era. — Foi assim que, sem nunca fazer exames, fiquei com quatro certificados que, depois, me serviram muito... Foi assim que, sem ser doutor em nada, andei enfiando anel de gráu em muitos indicadores... Foi assim que, sem ter frequentado ginásios, teria de ser, no futuro, diretor de colégios, professor secundário, educador, responsável por um nome que, mercê de Deus, embora modestamente, se tornou conhecido no magistério nacional...

1.° Centenário de "La Revue Spirite"

O mundo espírita após comemorar o 1.° centenário da codificação do Espiritismo, volta a sua atenção, agora, para as comemorações espíritas de 1958. Destacam-se neste ano, duas datas importantes: em 1 de janeiro, o 1.° centenário do lançamento de «La Revue Spirite» (Revista Espírita), e 1 de abril, também 1.° centenário da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respectivamente o primeiro órgão e a primeira sociedade idealizados e dirigidos por Kardec, que existem até hoje.

Tratemos, por ora, sòmente da Revista. Kardec, após o lançamento do Livro dos Espíritos reconheceu que era indispensável a publicação de um periódico para divulgação e esclarecimento da recem-criada doutrina espírita codificada. Apareceu, então, em janeiro de 1858, uma revista mensal intitulada — «Revue Spirite — journal d'études psychologiques»; apesar de alguns anos de interrupção existe atualmente, dirigida por H. Forestier desde 1931, com o nome: «Revue Spirite — journal d'études psychologiques et de spiritualisme expérimentel», em ótima apresentação gráfica, capa 15,5 x 24 cm, cor azul, contendo sempre a efigie do fundador e o índice. A revista tanto a antiga, como a atual prima-se pela excelência e atualidade dos artigos e noticiários.

Allan Kardec dirigiu a Revista de 1858 até 1869, quando desencarnou. Em seguida, foi dirigida por um «Comité de administração», sendo secretário geral o sr. A. Desliens; passou depois a ser bimensal, e foi interrompida no número agosto-set. 1915, por ocasião da primeira guerra mundial. Jean Meyer, discípulo de Kardec, resolveu reedita-la em janeiro de 1917. Em 1923, J. Meyer adquiriu o prédio da rua Copérnico 9, em Paris, onde ficou instalada a redação da revista (hoje êsse edifício tem o nome de «Maison des Spirites»); em abril de 1931 com seu falecimento, o sr. Hubert Forestier tomou a direção, continuando até nossos dias (1). Houve ùltimamente sòmente interrupção em 1940, por motivo da 2.ª guerra mundial; nesse período os alemães destruiram o arquivo principal da redação da revista, inclusive a preciosa coleção das obras de Kardec.

Após o término dessa guerra, a revista voltou a circular bi-mensalmente.

Pode-se ter uma idéia do alto valor doutrinário da «Revue Spirite» publicada inicialmente, lendo-se a esplêndida tradução, com algumas anotações, feita pelo confrade dr. Julio de Abreu Filho, editada por Edipo, e depois pela LAKE, de S. Paulo; infelizmente só apareceram o 1.° vol. (1858) e 2.° vol. (1859) até o momento.

No 1.° volume, entre ótimos artigos salienta-se o intitulado «Diferentes ordens de Espíritos» e «Escala Espírita», no número de fevereiro, e o interessante trabalho: «Jupiter e os outros mundos», no número de março, todos escritos por Kardec, baseando-se porém nas mensagens concordantes dos Espíritos. Êste último artigo é ainda atualíssimo, e uma plêiade de Espíritos superiores, e não um Espírito sòmente, revela o grau de evolução dos habitantes de vários planêtas, de modo sério e convincente, bem ao contrário, de muitas mensagens atuais, isoladas, repletas de fantasias ou de profecias absurdas. No 2.° volume, número de julho de 1859 encontra-se o célebre discurso de Kardec, que vale como uma advertência e orientação aos espíritas místicos do nosso tempo; foi êle proferido durante o 1.° aniversário de fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Todo espírita que encarar a sua doutrina como ciência e filosofia, com consequências religiosas, tal como tantas vezes definiu Kardec, deve ler e divulgar essas traduções que são de atualidade, apesar de decorrer um século de publicação, no original.

A coleção da «Revue Spirite», publicada de 1858 a 1869, pertence, pois, à obra da codificação espírita; é tão importante como o Livro dos Espíritos, e outros livros subsequentes. Enquanto não aparecer o vol. III e outros dessa coleção, os interessados poderão apreciar alguns trechos de Kardec, escritos durante êsse período, na obra biográfica de H. Sausse (2). Eis, por exemplo, um dos pensamentos escritos por Kardec, poucos mêses antes de sua morte: «O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural. O Espiritismo combate o princípio da fé cega, que impõe ao homem a abdicação de seu próprio discernimento; tôda fé imposta carece de raíz». (Rev. Spirite 1869 p. 25) «Trabalhemos para compreender e engrandecer a nossa inteligência e coração; lutemos como os outros, porém com caridade e abnegação. Que o amor ao próximo, inscrito em nossa bandeira, seja nossa divisa, e a investigação da verdade, venha de onde for, seja nosso único objetivo» (idem p. 357).

Cicero Pimentel.

S. André, 1/12/57.

---

(1) Rev. CENA, n.° 8-9, 1955 p. 15 (J. T. Paula) e p. 9.

(2) H. Sausse — Biografia de Allan Kardec, 1952, ed. V. Hugo, B. AIRES (trad.)

LIVROS E AUTORES — Por NEWTON G. DE BARROS

Em nossas excursões, visitando Centros Espíritas amigos, temos escutado referências entusiásticas ao livro de Yvone Pereira — «Memórias de um suicida».

O livro, editado pela FEB, em edição de 1956, esgotou-se ràpidamente. Por êsse motivo, os volumes que adquirimos têm circulado muito...

* * *

A capa, ilustrada por Maia, contém um simbolismo interessante. Um atraente convite à leitura!

Bem sabemos que as 631 páginas macissas não são ímãs; principalmente em nosso país, onde se lê tão pouco... Não queiramos também, que as memórias atraiam os leitores pela curiosidade de saberem aquilo que realmente ocorre com os suicidas...

Aquela escada partida, apoiada na ampulheta, é uma síntese da convidativa narração do livro. Alguém interrompeu a subida. Antes de esgotada tôda a areia da ampulheta, que limitaria uma existência.

* * *

Yvone Pereira escreve, com simplicidade, sôbre o evolver de seu processo mediúnico, da descrença à angústia ; do cáos mental ao estímulo para a auto-responsabilidade. Concluimos, de sua exposição, não muito clara, que antes de «Nosso lar» (de André Luis), já Yvone Pereira havia recebido, do espìrito de Camilo Cândido Botelho, a mensagem que batizamos de «quarta revelação !»

Precedendo, ou não, o «Nosso Lar», o livro de Yvone é um manancial de conhecimentos científicos admiráveis. O ajustamento das lições aos conhecimentos doutrinários é perfeito, nítido, esclarecedor !

* * *

O espírito que nós dá o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho, deixa transparecer com as iniciais C. C. B., o suicìda, nosso conhecido, de singelas páginas da literatura lusa. A acomodação de sua história, além-túmulo, à vida na Terra, é uma imensa lição de filosofia reencarnacionista. Lição que esclarece, conforta e intimida... Intimida os menos fortes — aquêles que ainda vêm no suicídio, uma fuga de seus sofrimentos e problemas.

Dissemos, acima, que a quarta revelação nos veiu pelo «Nosso lar» ou pelas «Memórias de um suicida». A ciencia exposta no «Livro dos médiuns» ainda é um tanto apriorista, pela delicadeza do objeto da própria ciência—afirmam alguns.

Daì, ainda empregarmos o vocábulo «revelação». Ou seja, aquilo que do plano espiritual nos venha (antes do nosso conhecimento de fato), perfeitamente ajustável à sequência lógica de nossos raciocínios.

A prece, por exemplo, tão discutida, religiosamente, em nossos arraiais espiritistas, adquire, no livro de Y. Pereira, caracterìsticas de fato científico, claro, nítido, indiscutìvel.

Quando adquirimos o conhecimento perfeito das conseqüências obtidas pela prece, a mística pseudo-religiosa dêsse ato (tornado liturgia inexpressiva), se metamorfoseará em ação positiva benéfica. Não atiraremos ao léo, palavras vasias, cujos sons não atravessam o teto de nossos Centros ou lares. Faremos movimentos vibratórios mentais que serão ouvidos, nos planos mais altos, e atuarão sôbre os necessitados, como fluidos salutares.

Em «Memórias de um suicida», não só a prece adquire caracteristicas cientificas... Palavras de Jesus, aparentemente ilógicas ou desestimuladoras do estudo, tornam-se precisas e justas.

O Mestre nos aconselha a cuidarmos primeiro das còisas do Senhor, que o resto virá de acréscimo. (1) Muitos amigos nossos desejariam ser médicos ou professores. As condições econômicas, a posição geográfica de seus lares, ou outras causas mais fortes, os afastam da concretização de seus sonhos. Sem revolta, humildes, compreensivos, consagram-se, então, «às coisas do Senhor». Amando ao próximo como a si mesmos ... No plano espiritual, uma Universidade os espera. Bôlsas de estudo em que o «bonus-hora» compensa os desgostos dos mestres, em ambiente magnífico.

* * *

As mensagens do plano espiritual se multiplicam em messes sacrosantas. As revelações nos chegam em catadupas : racionais, simples, belas, constantes...

A meditação e o debate fraterno devem movimentá-las e difundí-las.

«Memórias de um suicida» precisa de nosso comentário e divulgação. Muito mais que a exposição egocêntrica de «nossos pontos de vista» doutorais...

NOTA

(1) Em Mateus (cap. 6, vers. 33:) *«Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas»*

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Verdade e as Revelações

A VERDADE está nos fundamentos de tudo como CAUSA INICIAL ou DEUS; essa é a VERDADE CAUSAL, a que em si mesma tudo engendra, sustenta e determina, pois ninguém iria, de bom senso, ou honestamente, endossar a ridícula tese de que a CRIAÇÃO veio do nada. Êste absurdo dos absurdos só é proclamado pelos cleros dogmáticos, idólatras e mercenários, ou que fazem da fé meio de vida; isto é, que sujeitam a VERDADE aos imperativos do bôlso, do estômago, e muitas vêzes dos mais horripilantes imperialismos materialistas.

A VERDADE CAUSADA, a CRIAÇÃO, reflete aquela outra, a CAUSAL, marchando rumo a ela, pelo evolvimento. Pelo menos a parte espiritual da CRIAÇÃO, marcha para a conscientização, para a plenitude psíquica, para o grau crístico ou nirvânico, a união vibratória. Essa é a finalidade do espírito, a meta a ser atingida, o Reino do Céu a ser realizado no ímo.

Esta realidade está firmada em tôdas as Grandes Revelações. E dizemos Grandes Revelações, para afastar o pensamento das religiões forjadas por homens, como sejam as clérigo-dogmáticas, os institutos que vingam pelo mundo desde as mais remotas eras, mercadejando em nome de Deus e da Verdade com tudo quanto é idólatra e formal, mercenário e corrupto.

Falando da VERDADE, focalizamos as Grandes Revelações, pois todos os Grandes Reveladores nada mais foram do que seus arautos; êles tiveram por missão revelar o quanto possível da VERDADE; êles nunca tiveram em mente fundar religiões, criar institutos idólatras, exploradores da fé e joguête dos mais descalavrados politiquismos.

Para reconhecer esta realidade, basta saber o seguinte — enquanto os Grandes Reveladores demonstraram as grandes leis regentes do Cosmos e deixaram campo livre ao progresso, as instituições idólatras, as religiões clericais forjaram dógmas truculentos e dentro dêles procuraram enclausurar os povos, inventando instituições inquisitoriais para garantir o curso dos tremendos êrros.

Por que, tudo isso? Simplesmente porque a VERDADE não teme investigações, análises e confrontos, enquanto que os manobrismos clericais carecem de convencionalismos criminosos para se garantirem a subsistência. A Verdade mora em casa própria, mas a mentira vive saltando e cabriolando sinistramente, para se garantir a vigência. A Verdade liberta, porque a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO lhe abrem os caminhos; mas a mentira prende truculentamente, porque teme o trabalho libertador das três virtudes da Lei de Deus.

Eis aí, confrade A. N. de Faria, leitor da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, a introdução que faço, a fim de lhe responder à muito amável carta que me enviou, solicitando apreciação resumida sôbre as Grandes Revelações. Peço agora o favor de lêr a síntese abaixo.

—

1 — Vieram com a Raça Adâmica os primeiros Grandes Reveladores, que foram os trinta e tantos Budas, os quatro Vedas, Rama, os Hermes, os Zoroastros, Crisna; os Patriarcas anteriores e posteriores ao Dilúvio, Moisés, Apolo e Orfeu, etc. E se quiser sondar a intimidade doutrinária, verá que tôdas as Grandes Revelações tinham uma mesma CHAVE INICIÁTICA. Por exemplo, observe os grandes codificadores, como Manu, Henoch, Moisés e Pitágoras. Tudo em bases esotéricas e tudo com a mesma CHAVE INICIÁTICA; tudo trancado a sete chaves e tudo se movendo em tôrno das três virtudes da Lei de Deus, ela que data de mais de duzentos mil anos, ela que foi muitas vêzes retransmitida. Embora de portas fechadas, mas a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO sempre estiveram acionando os Grandes Iniciados e o seu trabalho.

2 — Por trinta e seis séculos foi esperado Aquêle que viria abrir as portas dos Cenáculos Esotéricos. Em tôdas as partes da Terra, onde houvesse cultivo da Revelação, houve quem falasse da Sua vinda. E um dia repontou no seio do Povo de Israel, o mais profético de todos, Aquê-

le que viria derramar do Espírito sôbre a carne, que viria Batizar em Espírito. Os Profetas disseram tudo sôbre Êle; e Êle veio para cumprir a Promessa feita pelo Céu, através de dezenove textos do Velho Testamento. Procure no livro: «LEI, GRAÇA E VERDADE».

3 — Em Sua obra a morte não faria truncações; Êle venceria o túmulo e cumpriria a Promessa Antiga. Afora aquilo que disseram João Batista e Êle, sôbre o CONSOLADOR, procure-se o que se encontra nos capítulos um, dois, sete, dez e dezenove, do Livro dos Atos. E como acréscimo apostolar e histórico do Batismo de Espírito, ninguém deixe de lêr os capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Porque êsses três capítulos representam o resumo do Evangelho, uma vez que o Evangelho é o prôgrama que dá vigência aos três sentidos da Lei de Deus, a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO, a quem o Cristo veio dar inteiro e livre curso. Porque antes d'Êle, como ficou dito, tudo era mantido oculto, a Doutrina da Verdade era conhecida e cultivada em secreto nos Cenáculos Esotéricos.

4 — A Doutrina que se encontra exposta nos textos acima citados, de caráter essencialmente revelacionista, durou apenas até o primeiro quartel do século quatro. Ali teve o seu fim, porque o Imperador Constantino, para garantir o Império, que se esfrangalhava, deliberou liquidar o Caminho do Senhor, criando a Igreja Católica Apostólica Romana. Tomou os nomes de Deus, do Cristo e dos vultos martirizados; forjou, de parceria com os sacerdotes jupiterianos, um ritual e alguns dogmas; perseguiu de morte os cultivadores do Batismo do Espírito ou da Revelação; e lançou as primeiras chamas da Inquisição, para garantir o instituto idólatra, cujo fim era garantir o Império. No capítulo treze do Apocalípse se encontram todos os informes sôbre o aparecimento da corrupção, que se levantaria na Cidade dos Sete Montes. Ali findaria, como findou, a Excelsa Doutrina, que tinha e tem fundamento na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO.

5 — Passados os tempos de treva, dá-se no século treze o grande conclave, nas proximidades da Crosta; Jesus ordenaria o início dos trabalhos restauradores; e a Humanidade conheceria vultos como Wicliff, João Huss, Joanna D'Arc, Lutero e Giordano Bruno, os primeiros lutadores contra a bêsta apolíptica e seus crimes. Quase todos pagaram com a vida o trabalho de lutar a bem da reposição das coisas no lugar; conseguiram, porém, o intento, conquistando a liberdade de culto e o grandioso trabalho de disseminar o Evangelho pelo mundo. Estava garantido o alicerce do Novo Pentecoste, da nova eclosão mediúnica, para dias vindouros e próximos.

6 — Voltaram alguns deles, como é sabido, no século dezenove. João Huss veio na personalidade de Kardec, trazendo consigo dois encargos: arrastar a nova manifestação mediúnica e fazer o trabalho codificador. O número de trabalhadores encarnados foi enorme e continua sendo enorme. Todavia, como foi-lhe dito, Kardec não terminou a obra. E assim que desencarnou, Jesus ordenou a Terra do Cruzeiro do Sul, como sendo aquela que deveria ser o lugar onde os mesmos trabalhos deveriam ter continuação. Porque a RESTAURAÇÃO compreende a consolidação e a extensão sôbre tôda a carne, da Doutrina que se fundamenta na MORAL, no AMOR e na REVELAÇÃO. Essa foi a ordem do Mestre e isso estão procurando fazer, aquêles que têm a obrigação de executá-la. Ninguem está querendo ser fundador de nova religião; estamos expondo os fundamentos da Excelsa Doutrina, a fim de que a VERDADE seja conhecida e cultivada por todos os homens de boa-vontade. Ademais, para quem quiser observar, basta fazer como Jesus fêz — cultive os três sentidos da Lei de Deus, que estará absolutamente integrado no Espiritismo, na Doutrina Integral ou cósmica. Porque, saibamos, ainda que passem os mundos e as formas, nunca passarão a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO.

Osvaldo Polidoro.

Tôdas as vêzes que tivermos o desejo de esclarecer um semelhante, tenhamos o cuidado de agir de modo a não nos tornarmos passíveis de penalidade, por infração aos princípios da caridade. — Oscar F. Carneiro.

Devemos ou não, comer carne?

Elpídio de Almeida Campos

Muito já se escreveu em torno do assunto, que vem causando dúvidas à maioria dos espíritas, cada um procurando advogar a causa com maior dose de justificativas, tornando-se difícil, senão impossível, afirmar com quem está a razão.

Comer ou não comer carne, eis a questão!

A tese é palpitante, qualquer que seja a corrente esposada e por isso mesmo, aqui estou para dar também a minha opinião despretenciosa. Cerro fila com os abstencionistas, porque não vejo razões para nos servirmos de alimentos constituidos pelos corpos dos nossos irmãos inferiores. Meu partidarismo não chega ás raias do extremismo, logo se vê, mas vou me preparando pouco a pouco para abster-me por completo do uso da carne em momento oportuno, mesmo porque as mudanças de regimen alimentar, não devem ser feitas abrupto.

Encontro-me à vontade para falar, pela razão acima exposta e tenho encarado o problema sob o duplo aspecto, doutrinário e científico.

No primeiro caso as opiniões divergem bastante, mas no segundo, embora contrariando o meu modo de pensar, a maioria dos fisiologistas opina pela alimentação em que a carne ocupa um lugar de destaque, alegando que suas proteinas são de mais facil digestibilidade. Estou, no entanto, convencido de que essa maioria opina por simples vontade, porque os fatos provam completamente o contrário.

Analisemos os dois lados da questão:

Inegavelmente a palavra abalizada está na aquiescência de Kardec, em o n.° 723 do Livro dos Espíritos. Mas é preciso levarmos em conta que a resposta dada pelos espíritos à pergunta de Kardec, foi numa época muito remota, em que a humanidade muito atrasada, de outra forma não a aceitaria, considerando também que o assunto não constituia matéria de relevante importância que agora lhe prestamos.

Todos nós sabemos também, que Kardec afirmou com singular desprendimento que «se um dia a ciência provar que o espiritismo está errado em um dos seus pontos, êle se modificará». Ora, nós acabamos de comemorar o 1.° Centenário da Codificação da Doutrina Espírita e isto vale por dizer que pelo menos um pouco, a humanidade já evoluiu. Se evoluiu, já deve estar em condições de melhorar os seus conhecimentos.

Por isso, e com muita razão, acho que devemos voltar nossas vistas para os ensinamentos de Ramatis, que afirma: «o excesso de gula intoxica o sangue, retarda as funções cerebrais e oprime o sistema nervoso, rebaixando as vibrações salutares do espírito para o nivel grosseiro das operações instintivas», apontando as úlceras, cânceres, cirroses, nefrites, entero-colites etc., como consequência das lautas mesas festivas e pantagruélicas. E, quando falamos em lautas mesas festivas, podemos imaginar logo a carnificina.

Note-se ainda as doenças que podemos contrair pelo uso da carne, bastando citar as teníases.

— Do ponto de vista dito científico, resta-nos provar se a abstenção da carne é prejudicial ao homem. Para isso vamos fixar primeiro o conceito de alimento: —

Por definição, «alimento é tôda substância que introduzida no organismo, após sofrer elaboração especial, serve à preparação da substância viva dos tecidos e fornece a energia necessária à sua atividade».

O homem serve-se de alimentos de duas grandes categorias: INORGÂNICOS e ORGÂNICOS.

Ao primeiro grupo pertencem a água e os sais mineirais (cloretos e fosfatos de sódio, potássio, cálcio, magnésio, ferro, etc.)

Ao segundo grupo pertencem as gorduras, hidratos de carbono e albuminoides, também chamados proteinas.

Como sabemos, as gorduras podem ser tanto de origem animal como vegetal. Estas têm sido ùltimamente muito mais usadas pelo homem, por questões econômicas, e já se tem provado que são muito mais saudáveis.

Os hidratos de carbono ou feculentos são de origem vegetal e como exemplo podemos citar o amido e os açucares (glicose, levulose, sacarose, etc.) São considerados matéria orgânica específica do protoplasma.

Ficamos finalmente com as proteinas, indispensáveis à alimentação. Mas estas também podem ser de origem vegetal ou animal (carne). Das proteinas vegetais podemos citar o gluten, legumina e as proteinas dos cereais. Das proteinas animais, sòmente a fibrina e a osseina são encontradas exclusivamente na carne. As outras, isto é, a vitelina, a ovalbumina, caseina, gelatina, etc., nós encontramos nas frutas, ovos e principalmente no leite e seus derivados.

Notem bem, sòmente duas proteinas (fibrina e osseina) não são encontradas nos outros alimentos.

Será que por causa dessas duas proteinas se justifica a necessidade, dita imperiosa de se comer carne? Em caso afirmativo eu pergunto ainda: mas então o nosso organismo não tem capacidade de síntese dessas proteinas?

Do exposto é fàcil concluir-se que o homem pode perfeitamente abster-se do uso da carne e vísceras de animais, deixando de ser NECRÓFAGO, limitando-se a uma alimentação de vegetais e de produtos animais, como leite e ovos. É o que se chama regimen VEGETARIANO, o único e compatível com o amor e a gratidão que devemos ter para com as espécies de animais domésticos que tantos serviços nos prestam no nosso incessante labutar.

Para finalizar, se levarmos em conta as vitaminas ingeridas e indispensáveis, não sòmente à nutrição mas também ao crescimento, podemos proclamar de uma vez por tôdas, ser desnecessário ao homem a alimentação carnívora, pois, aí estão a couve-flor, espinafre, cenoura, limão, laranja, abacate, chocolate, etc., etc., para nos sustentar.

Barretos — Est. S. Paulo
3 de janeiro de 1958.

Esclarecimentos Necessários

FAZENDO a revisão das provas de meu último livro, «Como os Teólogos Refutam...», retardei um pouco a resposta ao artigo «A Bíblia e o Espiritismo», de J. Herculano Pires, publicado nesta revista, em seu número 11, de 15 de novembro do ano findo.

Desejaria que meu prezado antagonista se désse ao encômodo de trocar em miúdos suas idéias, no que concerne ao livro sagrado dos judeus. Tenho imenso desejo de compreendê-lo, mas, pelo que se vê, não o consegui, ainda. As suas objeções um tanto dogmáticas, não me satisfazem. Admiro sua forma de escrever, seu estílo elegante e fluente, porém, sinceramente, não percebo na essência de seus artigos, nada que me impulsione a mudar de ponto de vista. O ilustre jornalista generaliza muito, nunca exemplifica.

Inicia se o meu opositor, falando em tom profético, de um livro — «Contradições Bíblicas», aparecido em São Paulo, que provocou certos reboliços nos meios espíritas e para o qual prognosticou um bem triste destino. Logo em seguida, fala do meu, «Da Bíblia aos nossos Dias», e, como êste «pretende apontar contradições no velho texto», prognostica, também, para êle, o mesmo triste destino. O meu livro estará fadado ao esquecimento e a Bíblia, como sempre, surgirá impávida e gloriosa, como um marco indelével na evolução espiritual da Terra.

Os que assim se pronunciam, dando ao Antigo Testamento epítetos tão extraordinários, parece que esquecem ou não levam em conta os livros sagrados de religiões mais antigas, onde a moral e os conhecimentos científicos sobrepujam de muito os da Bíblia.

Mas, mesmo assim, saiba o caro Herculano que eu não esgotei o assunto sôbre o livro que é motivo de nossas divergências. Quando a sua profecia começar a cumprir-se, sairá o segundo volume de meu livro, com o mesmo título e o ilustre jornalista desfrutará, mais uma vez, a felicidade de ser o primeiro a erguer a pena, em defesa, não só do Velho, mas, ainda, do Novo Testamento. Não me refiro à moral que distila dêste último, que, para mim, é insuperável, mas de seus erros históricos, de suas contradições, de suas interpolações, do plágio incontestável de suas lendas, que eu provarei com a História e com os textos que êle contém, da mesma forma que procedi com o primeiro volume, hoje conhecido e criticado.

Peço licença para divergir das expressões contidas no artigo de meu opositor: «pretende apontar contradições no velho texto». Eu não pretendo apontar coisa nenhuma, eu apontei, o que é muito diferente. E não só contradições, como imoralidades, matanças, injustiças, crimes de tôda a espécie e erros científicos no livro que defende com tanto ardor. Provei que o «Pentateuco» nunca foi escrito por Moisés, que a Bíblia não fala na imortalidade da alma, que ela se restringe aos castigos e recompensas materiais, não erguendo, siquér, uma vez, os olhos para a nossa grande esperança espiritualista, de uma vida de além-túmulo. Digo mais, o que não disse, ainda, isto é, que seus profetas, ou homens de Deus, são muitos dêles, assassinos comuns e donos de um fim nada invejável. Vemos um Elias, o tal que subiu ao céu em um carro de fogo, degolar, com a maior simplicidade, os profetas de Baal, no ribeiro de Kison; um Elizeu consentir com a maldição que duas ursas saídas do mato, espedaçassem quarenta e dois meninos, pelo fato de o haverem chamado de careca, o que devia ser verdade. Vemos, ainda, um Samuel cortar em pedaços o rei Agag, prisioneiro de Saul, pôsto a resgate; Josias entregar-se a atos de demolição, nada deixando em pé. Queimar estátuas e carros; queimar os animais sagrados e os sacrificadores sôbre os seus próprios altares, atirando ao vento suas cinzas e os seus ossos; exterminar todos os advinhos, feiticeiras, pitonizas e mágicos. Um profeta caldeu, o tal de Balaão, trocar idéias com sua montaria, uma bêsta, dela receber lições de moral, de forma que ficamos na dúvida, qual dos dois era realmente mais burro ou se os brutos eram mais sagazes que os profetas daquele tempo, etc.... e assim por diante. Provei que não há filosofia no livro sagrado dos judeus. E nada do que provei, foi ainda desmentido, nem o será.

O caro Herculano não se deu, até hoje, ao trabalho de apontar os erros de minhas citações históricas, nem tão pouco demonstrar a falsidade dos textos apontados por mim, para alicerçar as minhas provas. Nunca me respondeu se o livro que defende e que exalta, com frases bonitas e eloquentes, pode servir-nos de faról ou ser lido de ponta a ponta pelas nossas filhas!

Reproduzimos aqui, uma das tais frases de grande efeito, de meu antagonista:

> «A Bíblia é para êle, Kardec, um livro de grande importância histórica, pois representa a codificação da I Revelação. A seguir vêm os Evangelhos que são a codificação da II Revelação. E depois, como sabemos, «O Livro dos Espíritos» e as obras que o completam, formando a codificação do Espiritismo. Todo um processo histórico está representado nesta trilogia. Se o confrade Cavalcanti tivesse compreendido isso, em vez de escrever um livro demolidor, aproveitaria o sugestivo título que usou, «Da Bíblia aos nossos Dias», para mostrar a beleza, a harmonia e a grandeza desta extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena».

Como está demonstrado pela pena brilhante do Herculano, eu não compreendo nada; tôdas as minhas conclusões são erradas, naturalmente, por não serem as mesmas de meu ilustre opositor. Para êle, os que estudam a História não ficam conhecendo a beleza, a harmonia e a grandeza desta extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena. Isto só se encontra na Bíblia. São pontos de vista.

Mas, prezado jornalista, o que se dá comigo é justamente o contrário. O que eu faço é penetrar fundo no pensamento do Mestre sem me deixar levar pelas primeiras impressões. Nunca me atenho a uma frase isolada, procuro fazer um feixe de tôdas elas, sôbre qualquer assunto, e só, então, é que começo a tirar as minhas conclusões.

Falemos, pois, da Primeira Revelação. Empreguemos no desenvolvimento desta tese a única faculdade da inteligência, que é o raciocínio. Joguemos, por alguns instantes, fora do arraial iluminado da razão, a fé cega que tantos males vem causando à humanidade.

Verdadeiramente, encontra-se no I Cap. de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», as três Revelações: a de Moisés, a de Cristo e a do Espiritismo.

Para considerar a Bíblia a «Primeira Revelação», estriba-se Kardec no Decálogo, que êle, respeitando a crença ocidental, diz ter sido recebida por Moisés, no monte Sinai.

Mas será esta, uma crença firme do Mestre? Acreditará êle que, em realidade, foi o patriarca dos judeus que recebeu das mãos de Jeová, o Decálogo, entre charangas e trovões, no monte Sinai? É o que veremos.

> «É de todos os tempos e de todos os países esta lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Tôdas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via, a conter pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha êle de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito». («O Evang. Seg. o Espiritismo», Cap. I, pág. 44).

Deixemos a segunda parte da citação, uma vez que sendo as leis de Moisés feitas para um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, não mais nos pode servir, e raciocinemos com calma, quanto à primeira parte.

Se esta lei, como diz a citação acima, é de todos os tempos e de todos os países e tem, por isso mesmo, caráter divino, ela lògicamente, já existia em época anterior a Moisés, que nada mais fez que transplantá-la, atribuindo-a a seu Deus.

Quando afirmo que Kardec contemporizou com a crença do Ocidente e por isso aceitou o Decálogo como sendo recebido no monte Sinai, é porque não concebo que o Mestre seja contraditório. Ou a lei foi recebida por Moisés, ou existia em todos os tempos e em todos os países. As duas coisas é que não podem ser.

Em realidade, outros povos a possuiam. Em meu livro «fadado ao esquecimento», à página 173, encontram-se os mandamentos bramânicos. O código de Hamurabi, além disso, recebido por êste rei babilônico das mãos de seu Deus Marduque, cerca de 700 anos antes do Sinai convencional, e que não passou, então, segundo Ciro de M. Campos, de uma condensação, ordenação e reajustamento de velhos costumes e leis, contém em si quase tôda a legislação bíblica.

Cái, assim, por terra, pelo testemunho da História e pelas próprias palavras de Kardec, que considera o Decálogo uma lei de todos os tempos e de todos os países, o motivo de ser a Bíblia considerada a «Primeira Revelação».

Se Kardec, contemporizando com a crença do Ocidente, baseou-se nos mandamentos, para dar epíteto tão importante ao livro sagrado dos judeus, por minha vez, baseado na História e nas próprias palavras do Codificador, ao menos por equidade, devo conceder a Manu e a Hamurabi as mesmas prerrogativas concedidas a Moisés.

Quando se pensa o que Kardec afirmou a respeito do Deus bíblico, e que os textos da Bíblia confirmam exuberantemente, basta isso, para desmentir a invenção de que êste Deus, com todos os defeitos humanos, fôsse capaz de apresentar a Moisés no monte Sinai, as táboas da lei. Um Deus perverso, assassino, destruidor, vingativo, ciumento e vaidoso, que aprende preceitos de moral com as suas criaturas, não estaria nunca em condições de ditar princípios, como os que se encontram no Decálogo.

Mas, não é tudo. Tenho muito mais a dizer. Quem quer que folheie «O Evangelho Segundo o Espiritismo», encontrará na «Introdução» dêste livro, à pág. 32-IV, um estudo do Codificador, intitulado «Sócrates e Platão, Precursores da Idéia Cristã e do Espiritismo».

Eis o que nos diz o Mestre:

> «Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, fôra errôneo concluir-se que a sua doutrina hauriu-a êle desta seita e que, se houvera vivido noutro meio teria professado outros princípios. As grandes idéias jámais irrompem de súbito. As que assentam sôbre a verdade sempre tem precursores, que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem, com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuní-los em corpo de doutrina. Dêsse modo, não surgindo bruscamente, a idéia ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a idéia cristã,

que foi pressentida, muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulácro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também êle foi acusado, pelos fariseus de seu tempo, visto que sempre os houve em tôdas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão».

Depois destas palavras, Kardec resume a doutrina de Sócrates e de Platão, e num estudo comparativo, prova a semelhança existente entre ela, a de Jesus e a do Espiritismo.

Quando foi que Kardec fez o mesmo com Moisés? Quando fez êle a comparação entre a doutrina do povo hebreu com a do Espiritismo? Quando foi Moisés chamado de precursor pelo Mestre?

O codificador possuindo um bom senso invejável, não querendo ferir a crença do Ocidente, apontou o Decálogo e tão sòmente o Decálogo e não a Bíblia tôda, como a «Primeira Revelação», porque êste se prestava, pela sublimidade de suas leis, a qualquer religião; não deixa, entretanto, de apontá-lo como um código existente em tôdas as épocas e em todos os países. Mas, quando se refere aos dois extraordinários filósofos, não tem evasivas, é positivo, peremptório.

«Revivesse Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como a seu discípulo Platão.

Foi por haver professado êsses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interêsses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas se podem firmar sem luta e sem fazer mártires». (O Evang. Seg. o Espiritismo, — Introdução — pág. 42).

Que a lei do Antigo Testamento tenha convencionalmente a sua personificação em Moisés, ainda, se admite. Agora, querer impingir-se a espíritos esclarecidos que o Decálogo foi recebido das mãos de Deus, por Moisés, no monte Sinai, é fazer muito pouco da inteligência alheia.

Se os dez mandamentos são leis de todos os tempos e de todos os países, é razoável que não saibamos qual a primeira revelação recebida do Alto pelo homem, por isso, é que eu sempre digo, que há tantas revelações no mundo quantos foram os verdadeiros instrutores da humanidade. O resto é fantasia, parta de quem partir.

Mário Cavalcanti de Mello.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 170,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$ 150,00
Do 4.° ano . .	170,00	Do 21.° ano . .	150,00	Do 28.° ano .	150,00
Do 5.° ano . .	170,00	Do 22 ° ano . .	150,00	Do 29.° ano .	150,00
Do 6.° ano . .	170,00	Do 23.° ano . .	150,00	Do 30.° ano .	150,00
Do 7.° ano . .	170,00	Do 24.° ano . .	150,00	Do 31.° ano .	150,00
Do 18.° ano . .	170,00	Do 25.° ano . .	150,00		
Do 19.° ano . .	150,00	Do 26.° ano . .	150,00		

Kardec, no Centenário do Livro dos Espíritos

A comemoração do Centenário do Livro dos Espíritos foi efetivada aquí e em tôda parte onde o Espiritismo é praticado. Nessa comemoração, Allan Kardec ocupou tôda a atenção do mundo espírita. Falou-se no trabalho do codificador da Doutrina dos Espíritos, nêste ano, com unção e reconhecimento, com tôda razão. Os benefícios que o Espiritismo vem prestando à humanidade, há um século, são devidos, em grande parte, à luminosa atividade dêsse grande Missionário. E resultaram dos princípios fundamentais, firmados e demonstrados por Kardec, quais sejam existência e comunicabilidade dos Espíritos, seu progresso incessante e ilimitado; pre-existência dos Espíritos e suas reencarnações sucessivas e redentoras, rumo à perfeição, a custa de seus próprios esfôrços e, em geral, a seu livre arbítrio; constante interferência dos Espíritos na vida dos homens, para o bem e para o mal, de acôrdo com as tendências e as ações dos próprios homens, que os atraem, bons ou máus; pluralidade dos mundos habitáveis, numa escalada ascendente para Deus; descida de Jesus Cristo à terra, como enviado divino, a exemplificar o amor e o perdão e a demonstrar o poder da fé e da santidade; gradatividade da revelação de Deus aos homens, à medida do seu progresso moral; relatividade perfeita entre as encarnações passadas e a presente, bem como desta com a futura, a presente sendo consequência das passadas e a futura sendo consequência da presente, o homem, por isso mesmo, construindo na vida atual a felicidade ou a desgraça da sua vida futura, em resumo, o homem criando o céu ou o inferno para seu espírito eterno, cada um tendo o que merece, segundo as suas obras.

Em «O Livro dos Espíritos» êle coordenou, estabeleceu e nos legou a legítima filosofia espiritualista. Em «O Livro dos Médiuns», elucidou uma série de fenômenos psíquicos e organizou um tratado simples, racional e claro de Espiritismo experimental.

No livro «O Evangelho Segundo o Espiritismo», Allan Kardec, assistido por espíritos luminosos, deu-nos a explicação das principais máximas morais do Cristo, à luz da Verdade, e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida humana, incutindo-nos a fé inabalável, aquela fé que pode encarar de frente a razão, em tôdas as épocas da Humanidade.

Em «O Céu e o Inferno», humanizou a justiça divina, derrocando os dogmas das penas eternas e da celestial indolência contemplativa dos santos, desfazendo a lenda católica romana da existência de um céu, de um purgatório e de um inferno estabelecidos, demarcados e mantidos por Deus, nos confins do Universo, em cima, no meio e em baixo, irracionalmente dividindo assim o infinito.

Em «A Gênese», baseado na ciência positiva, demonstrou a origem exata de tudo que existe, abordando o têma dos milagres e das predições com clarividência absoluta.

Em «Obras Póstumas», com a sinceridade que o caracterizou, ofereceu-nos um relato precioso dos seus primeiros estudos espíritas, uma orientação segura para o futuro do Espiritismo e um código perfeito de ética espírita, individual e associativa.

«A Prece», «O Que é o Espiritismo», «O Principiante Espírita», são outros volumes, embora de menos importância, que completam as obras reformadoras de Kardec, sendo a «Revista Espírita», o primeiro periódico espírita editado na Terra, por êle lançado e escrito, um dos maiores acêrvos da Terceira Revelação Divina, que é o Espiritismo.

Nêsses livros e nessa Revista, Kardec corporificou a Doutrina dos Espíritos, que é, ao mesmo tempo, religião, ciência e filosofia. Lendo-os ficamos abismados com a puerilidade dos dogmas irracionais do pecado original, da salvação pelos sacramentos, dos suplícios eternos; e alicerçamos a nossa convicção num deismo grandioso, abarcando tudo na evolução progressiva dos mundos e dos sêres por suas próprias fôrças. Graças a êles, a idéia de Deus, para nós, é plenamente aceitável; as desigualdades sociais de inteligência, de moralidade, de saúde, de côr, de fortuna, etc., encontram sua razão de ser.

O próprio mal tem a sua explicação, deixando de ser o produto das fôrças cegas da natureza, impondo-nos efêmeros sofrimentos sem compensação, para tornar-se, tão sòmente, a contingência da inferioridade dos mundos e dos sêres, como condição necessária para o seu progresso.

Bendito seja Kardec, por isso!

O Espiritismo é um facho de luz divina a desfazer as trevas da Terra. E a Humanidade, guiada por êle, não se cançará de agradecer a Deus a graça concedida a Kardec, de pôr êsse facho luminoso ao alcance de todos.

Leon Hipolyte Denizart Rivail (que se pronuncía — Lêon Hipolite Dênizar Riväle) mais conhecido pelo seu pseudônimo de «Allan Kardec», nasceu em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804; e faleceu em Paris a 31 de março de 1869.

Foi um homem cultíssimo, estudioso, médico, professor de várias matérias dos cursos secundário e superior, bondoso, trabalhador, honesto, dedicado aos problemas sérios da vida, à família, ao lar, idealista sincero e enérgico, capaz de todos os sacrifícios a pról da verdade espiritualista, o nobre e indiscutível Missionário da Codificação do Espiritismo na Terra.

O sábio prof. Charles Richet, materialista, fundador da Metapsicologia, assim se refere, insuspeitíssimamente, ao querido e eminente mestre Allan Kardec: «C'est surtout à M. H. Rivail, docteur em medicine (1803-1869), à peine connu par le nom de Rivail, célebre sous le pseudonyme de Allan Kardec, que fut due cette théorisation du Spiritisme». Il faut admirer sans réserve l'énergie intellectuelle d'Allan Kardec». «C'est toujours sur l'expérimentation qu'ils appuis, de sorte que son euvre n'est passeulement une théorie grandiose e homogene, mais encore un imposant faisceau de faits». (Traité de Métapsychique, pág. 33).

Bendito seja Kardec para sempre! Que Deus continue a projetar sôbre seu espírito a luz eterna. E que êle possa refletí-la, em novos ensinamentos, à Humanidade terrena.

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda, Dezembro de 1957.

Crônica Estrangeira

«TWO WORLDS»

Êste semanário inglês completou, a 18 de novembro de 1957, o seu septuagésimo aniversário.

«Two Worlds» teve um nascimento real e fecundo. Foi fundado por Emma Hardinge Britten, cognominada a imortal Raínha do Espiritismo, a médium através da qual vieram os «Sete Princípios», e fundadora da «Federação Nacional do Espiritismo»: o primeiro movimento organizado, que, 11 anos depois, se tornou a União Nacional do Espiritismo.

Bela, brilhante, extraordinàriamente dotada, oradora exímia. O «Daily Telegraph» descreveu-a como a primeira oradora da época, a fundadora do Espiritismo na Inglaterra.

Foi Emma, salvo êrro, a primeira e única mulher a fundar e dirigir um periódico espírita.

Nascida em 1823, a leste de Londres, filha de um capitão marítimo, percorreu ela diversos países: América do Norte, Canadá e Austrália. De volta de uma viagem, fixou residência em Manchester, onde fundou «Two Worlds». Em 1870 contraíu nupcias com o Dr. Britten.

A snr^{a}. Emma era notável médium dotada de múltiplas faculdades.

Estando ela em Nova York, foi conduzida a uma sessão espírita, e durante duas horas esteve em estado de transe, quando ouviu a voz de seu irmão «morto», Tom, dizer «Volte para mamãe. Ela lhe contará que achou algo no velho baú de folha, que vale seu peso em ouro». De volta à Inglaterra, foi encontrada na mencionada caixa, um desaparecido retrato de Tom.

Isto induziu-a a desenvolver seus dons psíquicos, na Inglaterra.

Em uma sessão os assistentes viram uma mesa de madeira, saltitar, afastar-se de Emma, elevar-se suavemente, à maneira de um pássaro e atingir o teto da sala. Então descobriram que estavam em presença de potente médium. Emma dirigiu-se ao piano, a mesa pôs-se a dançar e a bater em compasso com a música executada.

Em rápida sucessão, Emma acrescentou à sua mediunidade: a levitação, clarividência, clariudiência, escrita automática, oratória em transe, psicometria e cura espiritual.

Emma desencarnou em 1899.

Evan Powell, contemporâneo de Emma Britten escreve na edição comemorativa do septuagésimo aniversário de «Two Worlds» :

O próximo diretor com quem estive em contacto, foi J. J. Morse.

Eu e minha mulher tivemos a honra de entrevistá-lo em diversas ocasiões.

Estive sentado a seus pés enquanto seu guia o controlava e derramava sua filosofia. Como era maravilhoso estar sentado aos pés dêsse moderno Gamaliel ! Seus ensinos sôbre «Fenômenos Psíquicos», como base para a nossa Religião Espiritual era obra magistral. Seu serviço funerário, hoje usado em tôda a Inglaterra, foi um monumento permanente à sua obra.

O próximo diretor, Will Phillips, que bem conhecí, era orador brilhante, ardente polemista, destemido batalhador pela democracia. Durante os últimos anos de sua vida, nós nos reuniamos em Torquay. Pouco antes de desencarnar, ditou sua última vontade, «que eu conduzisse o serviço funerário no crematório de Plymouth». Suas últimas palavras foram — estava êle com 82 anos — : «Lembre-se, Evan, um serviço livre de teologia».

Nos dias de Will Phillips como diretor de Two Worlds nós consideravamos o ataque como a melhor forma de propaganda. Em Wales do Sul havia uma sólida organização chamada «Sociedade de Evidência Cristã».

O assunto predileto de seus discursos era Espiritismo. O orador chefe era o Rev. (irreverente ao que nos concerne) W. T. Lee. Êste aceitou um debate em público e Will Phillips foi o nosso defensor.

Na segunda noite o salão estava repleto, mas só havia um orador, Will Phillips. O Rev. desaparecera e a Sociedade Cristã de Evidência teve um calmo serviço funerário.

Quando Cairbar Schutel fundou a Revista Internacional do Espiritismo, isto há 33 anos, era diretor de «Two Worlds» o célebre Ernest Oaten. Sir Arthur Conan Doyle certa vez disse :

«Oaten é meio pugilista e meio sacerdote». E. Oaten afirmava que seu principal guia era Emma Hardinge. A Revista Internacional do Espiritismo teve a colaboração do distinto confrade Ismael Gomes Braga que se incumbia de traduzir de «Two Worlds» artigos e crônicas, pois êsse confrade conhece a fundo a língua inglêsa, bem como outros idiomas.

Forçado a afastar-se da direção do jornal, E. Oaten foi substituido pelo atual diretor Maurice Barbanell, outro intrépido pugilista.

Barbanell escreveu o seguinte na edição do 70.º aniversário de «Two Worlds» :

«Alí, sôbre a parede, estavam as fotografias dos passados diretores que me olhavam. Não pretendo ser clariaudiente, mas afirmo que êles pareciam falar-me. Suas «mensagens» vieram à minha consciência nesta forma :

«Durante quase 70 anos êste jornal procurou aparecer tôdas as semanas. Êle sobreviveu a guerras, desastres nacionais, crises financeiras. Você não pode deixá-lo morrer».

«Então eu senti que devia salvá-lo.

«Bem, esta tarefa está sendo cumprida, com a ajuda de auxiliares».

Pareceu-me acertado escrever isto na edição do 70.º aniversário de «Two Worlds».

Congresso Internacional de Paris

Como noticiamos foi realizado de 7 a 14 de setembro do ano passado, em Paris, mais um congresso trienal, patrocinado pela Federação Espírita Internacional. Á grandiosa reunião aderiram representantes de vários países da Europa, da Argentina, da África do Sul, da Índia, da Indochina, de Israel, do México, da Nova Zelândia, de Porto Rico, da Turquia e dos Estados Unidos.

Foi uma semana repleta de conferências, excursões, visitas diversas, sessões mediúnicas, etc.; de modo geral tôdas atividades causaram ótima impressão aos visitantes, ao meio espírita francês e a imprensa leiga parisiense.

Entre os ilustres participantes citamos o Lord Dowding e senhora, o médium D. Bedbrook, veteranos espíritas da Inglaterra, dr. Karl Müller, pesquisador de Zurich, os mais antigos espíritas francêses, como H. Forestier, A. Dumas, G. Gonzalés, C. Chaise, etc.

Abaixo, apresentamos uma síntese dos principais acontecimentos, extraídos de «La Revue Spirite» de nov.-dez. 1957 (n.º especial), que se desenrolaram na Cidade-Luz:

Discurso de Bedbrook (presid. da Fed. Esp. Int. e tradutor do Livro dos Espíritos, para o inglês) — foi salientado o progresso do Espiritismo no Brasil, o qual «conta talvez com mais espíritas do que qualquer país do mundo», que foram influenciados pelas obras de Kardec.

Filme colorido de um campo espírita — trata-se de um filme tirado em Chesterfield, Indiana, USA, pela sra. E. C. Benavides, dedicada obreira do México; serviu para ilustrar a atividade da doutrina nos Est. Unidos.

Conferência de J. Nimère — relatou as produções artísticas de caráter supranormal de P. M. Lucas; são desenhos inspirados, feitos com lâminas de barbear sôbre uma fôlha de cartolina e colados em vidro. O desenho deve ser visto em frente de uma luz forte, por transparência, para apresentar o melhor efeito.

Propaganda — P. Neuville, redator do semanário parisiense, «La Presse» sugere aos presentes o uso do máximo rigor com o fim de desmascarar os impostores e os falsos médiuns existentes; e pede para que recolham tôda a documentação moderna dos fatos espíritas, após a devida observação ou contrôle.

Teses apresentadas — em número de 15, entre elas: «Importância das manifestações mediúnicas», pela dra. M. Montemaggiori (Itália), «A experimentação espírita», pelo eng. Pont (França), «O emprego das ondas da chama violeta», por A. Kunz (Suissa), «O Esperanto», por L. Fourcade (França), «A teoria espírita», pelo dr. B. Tsinoukas (Grecia). Nesta tese o autor propõe que se use têrmos espíritas com raízes gregas (por exemplo teleplastia, ideoplastia, etc.)

Imprensa leiga — Os jornais francêses mais importantes deram noticiário variado do Congresso, e até entrevistas especiais aos congressistas estrangeiros. «Ici-Paris», por intermédio do redator J. Palente entrevistou, ao mesmo tempo, H. Forestier, dr. K. Müller e dr. B. Tsinoukas, que redundou em ótima propaganda do Espiritismo no meio céptico e materialista da França. Um deles disse: «Os trabalhos do dr. Tsinoukas, do dr. Müller e do prof. Bender, etc. se relacionam com a criação de aparelhos especiais que permitam captar sinais do invisível sem precisar de médiuns. Já é possível, com aparelhos modernos, de se perceber a passagem do além, de se provar que há vida além-morte». J. Palente descreve depois os trabalhos do dr. K. Müller, de Zurich, o qual usa o encefalograma no momento em que o médium entra em transe: logo o oscilografo anota um estranho aumento da personalidade. Parece que dois cérebros projetam uma irradiação dupla e que os espíritos conservam integralmente as suas faculdades cerebrais. O dr. Tsinoukas, nessa entrevista, declarou: «Construímos o psicotelefone com qual nos poremos em contáto com o Além. É sòmente questão de tempo, pois o princípio já é conhecido».

Exposição de fotos, cartas e documentos — foi realizada na «Casa dos Espíritas» variada apresentação dos documentos históricos dos vultos espíritas francêses, desde Kardec até os mais recentes, já desencarnados.

Visita ao túmulo de Kardec — A. Dumas e H. Forestier discursaram salientando a obra do codificador.

Exposição de quadros e peças esculturais — lá estavam trabalhos obtidos mediùnicamente, ou que se relacionam com o Espiritismo. Havia o busto de bronze de Kardec, feito por Cappelaro em 1870, uma peça de mármore, chamada «Extase», esculpida, por inspiração, por A. B Daillon; uma cabeça de Cristo, pintada por Menanteau, um quadro mediúnico: A batalha de Maxence, por G. Fabre, do tempo de Kardec, que teria sido inspirado por Rafael; o quadro «Iniciação Egípcia», por V. Simon (esculpido na luz, por transparência). Havia ainda 5 telas do famoso médium-pintor francês A. Lesage; destas, a mais famosa intitula-se, «A colheita egípcia», e contém cenas egípcias, que foram mais tarde encontradas em um frasco de Mena, pintor da época faraônica, situado numa cidade antiga do tempo de Ramsés II (1500 AC).

Oxalá a próxima reunião, em 1960, conte com maior número de representações, inclusive do Brasil, para que através de trabalhos e reuniões sociais possa o

Espiritismo ser melhor conhecido em tôdas as nações do mundo, em seu tríplice aspecto religioso, científico e filosófico.

* * *

O Espiritismo na Alemanha

O movimento espírita na Alemanha está vivo, ao contrário do que muitos pensam ; essa é a notícia que vamos provar através das atividades de confrades nossos que prosseguem, assim, a obra dos grandes espíritas alemães como Zollner, Schrenck Notzing, Du Prel, etc.

A principal sociedade é a «Gesellschaft fur Wissenschaftlichen Spiritismus» (Sociedade de Espiritismo Científico), com séde em Hanover (Alemanha ocid.) que publíca uma revista intitulada : «Zeitschrift fur Wissenschaftlichen Spiritismus», mensal.

Recentemente (1955) as senhoras Fischer e Scholle, desse centro, participaram de um congresso espírita em Utrecht (Holanda), com a finalidade de formarem a «Aliança Espírita Ocidental»; tal reunião contou com a presença de delegados da França, Holanda, Alemanha e Bélgica.(1)

A sra. Fischer relatou, nesse congresso, a atividade e as lutas da sociedade de Hanover, fundada em 1947 por M. Hesse, atual presidente. Diz ela que o início foi muito difícil, havendo mesmo obstáculos das autoridades governamentais, porém conseguiram fazer a propaganda do Espiritismo e fundar uma grande biblioteca. Lá há falta de médiuns, porisso precisam contar com o auxílio de médiuns estrangeiros, especialmente inglêses.

Os espíritas alemães se interessam pela parte científica ou filosófica da doutrina espírita, e muitos aceitam a reencarnação. O sr. Hesse esforça-se em desenvolver a parte social no sentido de auxiliarem material e espiritualmente as pessoas sem recursos e doentes ; para essa tarefa fez um apêlo aos grupos congêneres do seu paiz.

Infelizmente, não podemos confirmar a reedição das revistas espíritas e metapsíquicas alemães, que estiveram suspensas durante a 2.ª guerra mundial (1939-1945). As mais importantes revistas anteriores a 1945 são : (2)

«Psychische Studien» (Estudos psíquicos), fundada em Leipzig (1874) pelo eminente espírita russo A. Aksakof ; «Die Ubersinnliche Welt» (O mundo supranormal), de Berlim ; «Zeitschrift fur Metapsychiste Forschung» (Revista de pesquisa metapsíquica), diretor dr. C. Schroder ; «Zeitschrift fur Parapsichologie» (Revista de parapsicologia), «Sphynx» (A esfinge), etc.

Oxalá, progrida cada vez mais a sublime doutrina dos espíritos nas terras germânicas, especialmente, em tôrno do reencarnacionismo e do Espiritismo codificado por Kardec.

Cicero Pimentel.
(correspondente).

Referências :

1) «Spiritualisme moderne» — out. 1955, Liège.

2) «Rev. Intern. do Esp.» — vários números.

* * *

Espírito que diagnostica através de médium iletrada

O *Psychic World*, de Atenas, publíca um artigo em que o professor de matemática D. Papavassilopoulos narra como recebeu uma prova impressionante, quando principiou as suas investigações psíquicas. O médium era a serviçal que trabalhava em sua casa, mulher analfabeta que em estado de transe escrevia perfeitamente grego e vários idiomas estrangeiros.

Uma vez a rapariga desenhou a cabeça de um homem e escreveu por baixo as seguintes palavras em italiano :

«Eu era professor na Escola Médica de Padova, Itália, e é com prazer que lhe dou uma receita. Você sofre de paralisía incompleta do estômago e curar-se-á fàcilmente, se seguir as minhas prescrições».

E indicou-lhe uma dieta e certos medicamentos.

O professor Papavassilopoulos dirigiu-se ao seu médico assistente e disse-lhe que um médico amigo lhe tinha dado aquela receita. Depois de a examinar, êste confirmou a correcção do documento e aprovou a dieta, embora fôsse antiquada, e disse que lhe faria bem.

É interessante saber que o investigador ateniense escreveu ao cônsul grego em Roma, que, depois de indagar cuidadosamente, informou que, na verdade, o comunicante fôra professor de Medicina na Universidade de Padova.

De «Estudos Psíquicos».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Cairbar Schutel

No vigésimo aniversário de seu passamento, o «Centro Espírita Amantes da Pobreza», como nos 19 anos anteriores, realizou uma sessão comemorativa nessa data inesquecível para todos que conheceram êsse grande vulto do Espiritismo.

A essa comemoração, o Centro Espírita «Allan Kardec», e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» prestaram a sua colaboração fraternal.

A sessão foi aberta pelo presidente da U. M. E. de Matão.

O confrade W. Campêlo usou da palavra e mencionou alguns fatos notáveis referentes ao homenageado.

A seguir o jovem prof. Sebastião Casadei de Oliveira e a menina Dalva Damázio recitaram poesias alusivas à data.

O prof. Oswaldo C. de Oliveira leu um artigo inserto na Alvorada, publicado por ocasião do passamento do homenageado.

Ainda falaram os confrades Carlos Olson, Zélia Perche e Antoninha Perche Campêlo sôbre a personalidade de Cairbar Schutel.

A sessão foi encerrada pelo presidente da U. M. E., que em breves palavras agradeceu o concurso dos presentes.

III Concentração de Mocidades do Noroeste de S. Paulo

De 9 a 12 de janeiro último, realizou-se em Marilia, a III Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste dêste Estado, o qual contou com a presença de quase uma centena de jovens de diversas Mocidades da região (Bauru, Jau, Penápolis, Araçatuba, etc.) e de outras cidades (Curitiba, Uberaba, Barretos, São Paulo).

O Conselho diretor, presidido pelo sr. Elpidio Moreira, programou tardes de debates e de visitas às diversas obras assistenciais de Marilia (Hospital Espírita, Mansão de Ismael, Lar de Crianças, Educandário Bezerra de Menezes, Lar Amélie Boudet). As noites foram reservadas para a realização de partes artísticas musicais e doutrinárias.

No dia 12 teve lugar alegre convescote e jogo de futebol no Clube dos Bancários e à noite encerramento no amplo salão do C. E. Luz e Verdade.

A próxima reunião confraternativa terá lugar em Araçatuba, para janeiro de 1959, e contará também com o apôio do Departamento de Mocidades da USE.

Do correspondente.

Grupo Espírita «EEE»

Comemorou a 14 de dezembro último, seu primeiro aniversário de atividades, o Grupo Espírita «Evangelho, Esperanto e Espiritismo» fundado em Belo Horizonte por distintos confrades mineiros.

Como indica o nome, essa sociedade tem por finalidade difundir tanto o Esperanto como o Espiritismo, e congregar todos os espíritas praticantes e simpatizantes do Esperanto. Os interessados poderão dar a sua adesão escrevendo para C. Postal 507, B. Horizonte, ou dirigindo-se à rua Guarani 315, 3.° andar, da capital mineira.

Desejamos os melhores votos de progresso à primeira entidade no gênero, das Américas, visto existir grupo semelhante na Inglaterra e na França.

Aniversário

No dia 13 de janeiro último, a União da Mocidade Espírita de Uberaba, Minas, completou o seu 18.° aniversário de fundação.

Esta entidade que teve como seu primeiro presidente o Dr. Inácio Ferreira de Oliveira, vem realizando obra notável na Assistência Social, e na difusão da Doutrina Espírita, servindo de modêlo a todos quantos desejam trabalhar na seara espírita.

Á U. M. E. U., o nosso abraço congratulatório pelo auspicioso acontecimento.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$26,00, inclusive porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E’ uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E’ um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A’ venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	— ,, ,,	50,00
Ano	— Assinatura registrada	150,00
Semestre	— ,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3434unse

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1958 – N. 3-

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Advento do Espiritismo (1848-1958)	*Redação*
O Meu Cristo de Faiança	*José da Costa Filho*
Parabens ! Juca, e até logo ! . . .	*Ismael Gomes Braga*
Considerações Biofísicas	*G. M. Minardi*
Cátedras de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina	*Irmão Saulo*
A Hiperconsciência	*Luiz Caramarchi*
Ramatís e a Ciência	*V. O. Casella*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Livros Novos	*Italo Ferreira*
A Futura Religião do Brasil . . .	*Ismael Gomes Braga*
A Doutrina Espírita, Ensina a Verdade	*Samuel Gomes da Costa*
Médiuns de Mesas e Terreiros . .	*Públio Máximo*
O Amor	*Bianôr Medeiros*
Noblesse Oblige...	*Arnaldo S. Thiago*
Sôbre uma Música Mediúnica de Schumann	*Cicero Pimentel*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Necrologia	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 66,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 21,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1958 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Advento do Espiritismo

(1848-1958)

HÁ 110 anos, uns simples golpes (raps) vibrados na parede de um casebre de Hydesville, foram o aviso do Mundo Espiritual para passar aos homens uma nova mensagem, a solução do enígma que escaldava a mente humana. Era o «Telégrafo de Deus» que de novo ia funcionar e a Terceira Revelação deveria vir ao mundo.

Os Espíritos Elevados não estavam satisfeitos com o material humano que para lá emigrava. Ou eram religiosos que levavam idéias insensatas sôbre um inferno imaginário, sôbre uma salvação — um verdadeiro favoritismo—que lhes conferia o direito num céu incompreensível, ou então eram materialistas endurecidos por falsos raciocínios. Êsses diferentes pensamentos absurdos determinavam longos estacionamentos na via evolutiva. Daí, a necessidade de reviver os ensinos de Jesus, ampliando-os.

As pancadas eram vibradas por uma entidade que afirmava ter sido um mascate de nome Rosna, de 31 anos de idade, roubado, assassinado e enterrado, cinco anos antes, no porão do mesmo casebre.

As manifestações eram em presença de duas meninas inocentes, as irmãs Fox. As notícias espalharam-se ràpidamente, atraindo inúmeros curiosos. Naquele tempo, a crença na existência do diabo e inferno ainda era bem forte e os fenômenos foram ao diabo atribuidos. Os púlpitos vociferavam. As irmãs Fox foram excomungadas, por exercerem um comércio condenado com o diabo que personificava um homem «morto». Êste dizia coisas contrárias aos artigos de fé, aos dogmas, pois sustentava que os mortos continuavam a viver imediata e naturalmente em um mundo análogo ao que haviam deixado, dotados de corpos espirituais. O mascate nada encontrara que se assemelhasse ao céu ou inferno ortodoxos, mas continuava a ser o mesmo homem, menos o corpo material. A prova de sua identidade foi o encontro, mais tarde, de seu esquelêto, baú de folha, etc. Foi uma decepção para os púlpitos, pois não se tratava do diabo, mas do próprio esquelêto de Rosna oculto por trás de uma parede falsa que desmoronou mais tarde.

Ao tratar das manifestações de Hydesville, o Prof. Bozzano escreveu em «Luce e Ombra»: «Se o caso em aprêço fôsse o único, seria suficiente para provar a existência da alma humana».

Mas, êsses ensinos vindos do outro mundo não eram novos. Há quase 2.000 anos, Jesus pregava as mesmas verdades em seus sermões e, mais ainda, deu provas da sobrevivência, não só no Monte da Transfiguração, quando se materializaram Moisés e Elias, mortos há séculos, mas por seus próprios reaparecimentos aos discípulos que sabiam-NO morto e sepultado e isto durante quarenta dias. Se não fossem aquêles reaparecimentos, o Cristianismo teria morrido no nascedouro.

No princípio da nossa Era, Jesus, crucificado e sepultado, provou ter sobrevivido à morte do corpo; há 110 anos, no dia 31 de Março, um mascate, também assassinado e enterrado, demonstrou ter sobrevivido à morte do corpo.

A Igreja primitiva era espiritualista, mas perdeu o contacto com o mundo espiritual. Cessaram as profecias, desapareceu a vidência, emudeceram os comunicantes, os obsedados continuavam prêsas de espíritos obsessôres. Todos os dons do espírito desertaram das igrejas. Um grande silêncio mediou entre êsses dois grandes eventos. Sôbre conjeturas, os clérigos fundaram uma teologia que desvirtuou os ensinos de Jesus, substituindo o simples fato da sobrevivência humana por representações fantaziosas que violentavam o raciocínio. Surgiu o Racionalismo que atacou os dogmas e muitos chafurdaram no materialismo.

O advento do Espiritismo deveria ter sido saudado como sendo a confirmação, a restauração dos fatos narrados nos Evangelhos. Mas o amor próprio de homens que se julgavam inspirados, entrou em choque com a vontade dos espíritos e aconteceu o inevitável, os corações despedaçados pela dor da separação, foram buscar no Espiritismo o confôrto que lhes era negado pelas igrejas.

As comunicações do mascate «morto» repercutiram ao longe. Os espíritos estavam resolvidos a esclarecer os homens. Por todo o mundo explodiam os fenômenos, desde os palácios reais às choupanas.

As manifestações de Hydesville foram o início da nova era espiritual da humanidade, contrariando os preceitos humanos, mas obedecendo aos que do Outro Lado se propuseram a provar a continuidade da vida após o desencarne.

A família Fox é parte proeminente nêsse movimento que se alastrou por todo o mundo e aceito pelos espíritos livres.

Por ocasião da inauguração do monumento comemorativo do «Moderno Espiritualismo» em Rochester, Nova York, no dia 4 de dezembro de 1927, foi lida uma carta de Sir Arthur Conan Doyle, autor dêsse empreendimento, em que êle encarecia essa homenagem, no mesmo lugar em que se produziram as primeiras manifestações espíritas por meio de golpes.

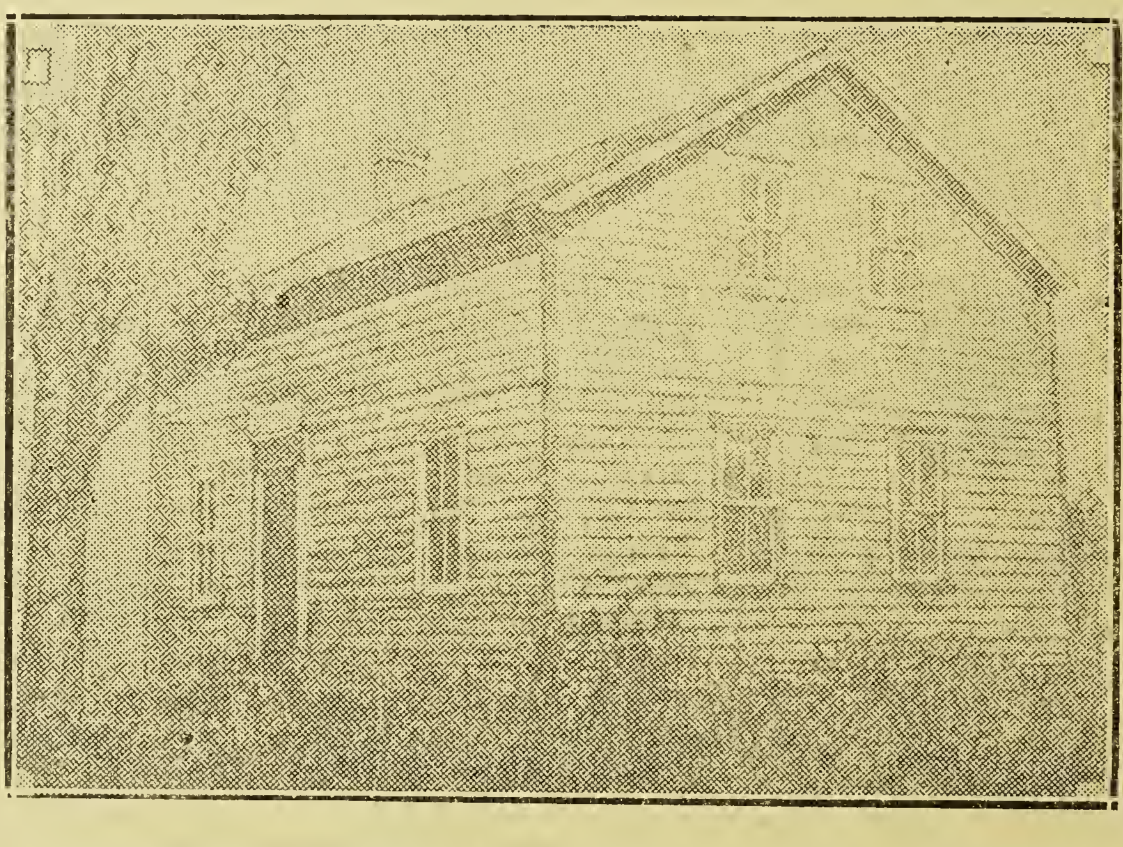

O Casebre de Hydesville, onde se deram as primeiras manifestações

O Espiritismo triunfará, pois é a verdade e nada lhe pode embargar os passos. Através do nevoeiro, em que há tantos séculos flutua o pensamento humano, tateando em busca da verdade, o Espiritismo faz passar um grande clarão, desfazendo as quiméras do passado.

O Espiritismo é a bússola da vida. Sem esta bússola ficareis sem orientação, sem paz, tateando nas trevas. — MARIQUINHAS.

O Meu Cristo de Faiança

José da Costa Filho

OS sinos da igrejinha, vagarosa e cadenciadamente, anunciavam a *Ave Maria*.

Os últimos raios de sól levavam junto o majestoso espetáculo de uma tarde crepuscular em que doces reminiscências invadem a alma de saudades dos tempos que se transformaram em cinzas...

— *Ave Maria!* meu filho. Aproxima-se a hora de orares e deitar-te. A noite não tarda a vir. Já escurece.

E a bôa e humilde mãe, com palavras ternas, ensinava-me a fazer o *sinál da cruz e a rezar* o *Pai Nosso*.

Depois... eu me entregava aos braços de Morfeu, que me daria o descanço necessário para matar a fadiga de uma jornada de traquinices...

Um dia, quando eu começava a ter noção das cousas, minha mãe, no meu natalício, presenteou-me com um Cristo de faiança, e disse-me com enlêvo:

— Eis aí o teu Cristo, a quem já te referi por diversas vêzes. Adora-o ainda mais que a teus pais.

Aceitei com carinho o presente, mesmo porque, segundo me haviam dito — Cristo era Senhor dêste mundo.

Jamais a minha alma de menino havia exultado de tanta alegria: eu possuía o Senhor do mundo — Jesus Cristo!

Tendo-o como uma reliquia de inestimável valor, edifiquei-lhe um pequeno altar, fazendo o meu oratório prediléto.

Tôdas as noites, antes de ocupar o leito, reconciliava-me, em silêncio, com o meu Cristo de faiança, dirigia-lhe preces do fundo dalma — porque tinha fé. E sentia que algo de misterioso, ajudava-me, animava-me a isso.

Ao amanhecer, o mesmo. Enquanto as avesinhas chilreavam lá fora, adejando por todos os lados, saudando o dia, eu novamente agradecia ao meu Cristo de faiança, o dia que me dava a ver, esplendoroso e cheio de Amor e Vida.

Aos poucos compreendia que, por intuição, amava Jesus. E me sobrecarregava com prazer dessa tarefa, porque, também me haviam dito que o jugo do Cristo era suave e o seu fardo era leve.

Eu me preparava com vontade para ser mais tarde um santo de faiança — preparava, como se diz, a vida futura.

Uma noite tive um sonho, o qual denominei-o sonho revelador.

Sonhei que era um monge, de longas barbas brancas e estava paramentado de branco. Adorava o meu Cristo de faiança que, naquele momento, estava num altar de nuvens brancas e azuladas. Alguns serafins e anjos, também de faiança, borboleteavam em tôrno do meu Cristo.

Essa feliz fantasia foi, aos poucos desaparecendo, dando lugar a nuvens negras, que me envolviam e ao meu Cristo de faiança. Em breve estavamos nas trevas.

Cheio de pavor apelei ao meu Cristo de faiança que me levasse daqueles sítios fantasmagóricos.

Mal havia eu feito êste pedido, com insistência, o meu Cristo de faiança caíu quebrando-se aos pedaços. Diante de tal espetáculo, e completamente desolado, chorei amargamente.

Mas logo, com espanto, vi que as minhas lágrimas, à semelhança de raios, iam desfazendo as densas trevas. Desta vez, uma luz mui viva, iluminou màgicamente aquêle recinto, e vislumbrei que algo de importante ia se manifestar. Senti calafrios de satisfação correrem-me pelas veias; mas o meu Cristo de faiança não me saía do pensamento. De momento, não sei como, vi o Cristo, em meio àquêle esplendor, e exclamei cheio de alegria:

— Oh, meu Cristo de faiança!...

Mas êle, desta feita estava tão diferente, a começar pela altura.

Então fiquei duvidando se era ou não o meu Cristo de faiança, e indaguei:

— Porventura, não és tu o meu Cristo?

— Sim, sou eu mesmo. Porém, o teu Cristo verdadeiro não é de faiança. Eu sou o Cristo vivo!

— Foi aí que percebi que se tratava do Cristo em espirito — do Cristo que não quebra e nem perece.

Neste ponto terminou o sonho.

Acordei...

Os primeiros raios do sol já invadiam meu aposento.

Olhei para o meu oratório e não vi o meu Cristo de faiança envôlto em lantejoulas e flôres de laranjeiras...

Levei os olhos ao chão. Pasmei... O meu Cristo de faiança estava quebrado tal e qual eu o vira em sonho.

Era a confirmação do sonho revelador.

Depois disso não mais procurei outro Cristo, a não ser o que vi em sonho, em cujo altar — que é o céu — faço as minhas orações.

Adeus, meu Cristo de faiança!...

27 de Abril de 1929.

Parabens! Juca, e até logo!

Ismael Gomes Braga

TEU sonho revelador poderia ser de muitos de nós. Tu te vias como um frade de longas barbas brancas, paramentado de branco. Eras o pregador de Evangelho, mas eras mais do que os teus pobres irmãos anônimos e sofredores num mundo de expiações e de provas. Eras o iniciado, o celebrante, o alvo de todos os olhares e admiração de todos, muito diferente, muito maior do que os outros. Tu mesmo te sentias superior; eras mediador entre os homens e Deus, não simplesmente um pecador como os outros.

Convinha despir tôdas as distinções e fantasias e aparecer desconhecido e ignorado na massa anônima e sofredora, para poderes avaliar se tu mesmo, em tua própria essência, eras um sacerdote, um servo do Senhor, um divulgador da Boa Nova entre os aflitos do mundo. Solicitaste essa prova interessante e decisiva e no dia 17 de Dezembro de 1896 iniciaste a tarefa. Eis-te fora do teu antigo Mosteiro; menino pobre e simples, tentando descobrir uma profissão humilde e útil. Eis-te vendendo verduras, queijo, farinha, compadecido dos pobres que não podiam comprar...

Depois eras aprendiz de tipógrafo, simples compositor, dando forma a pensamentos alheios nem sempre elevados. Como era diferente o teu caminho em comparação com o passado! Quem nos poderia dizer que estavas no «seminário» de novo? Finalmente encontras, sem saber como nem porque, o tipo de imprensa que te era destinado — a imprensa evangélica. Já estavas no «seminário» maior e não o sabias. A pouco e pouco foram-te aparecendo os novos deveres. Em 1929, quando atingiste a idade do Salvador, recebeste «ordens» maiores e estreaste na tribuna sacra com o teu «Cristo de Faiança». Já te tornavas «coadjutor» de Cairbar Schutel, a quem oito anos mais tarde deverias substituir com tôda a responsabilidade. Eras o substituto legítimo do grande pregador e por vinte anos ininterruptos cumpriste humildemente a missão de levar a palavra da Boa Nova a todos os rincões de nossa terra.

Está feita a grande prova: não é o hábito que faz o monge. Mesmo sem o hábito o monge cumpriu fielmente sua missão entre os homens, e com o hábito tantas vêzes o homem velho sufoca o monge.

Como tu, Juca, muitos de nós estão tentando a mesma prova. Já fomos mais de uma vez sacerdotes, antes e depois do Divino Mestre, e tivemos autoridade humana para ensinar; aparecemos paramentados diante do povo; fomos tomados por santos e mediadores; mas a nossa consciência não ficou satisfeita com a nossa vaidade, e a Misericórdia nos concedeu nova oportunidade...

Eis-nos espalhados por tôda a parte, em modestas funções sociais, sem o antigo hábito que não conseguiu fazer o monge em outros tempos, mas com muitos hábitos velhos que nos arrastam para baixo! Poucos vencem integralmente como tu. Em muitos a vaidade antiga ainda predomina e os arrastamentos os desviam da rota; em outros a pouca fé conduz à ociosidade.

Uns nada produzem; outros dão apenas dez por cento das sementes recebidas; não poucos enterram medrosamente o talento de seu Senhor, com receio de se comprometerem.

Tu pudeste restituir os cinco talentos com outros cinco de proveitos e serás investido em maiores bens do Senhor, para ajudares sempre mais.

Serás promovido a trabalhos mais altos, porque revelaste a humildade para merecê-los. Rendamos contigo graças ao Senhor pela tua vitória e repitamos, quantas vêzes forem necessárias, as tentivas de nos tornarmos servos dignos do Senhor que pacientemente nos espera.

Brevemente nos reencontraremos para combinarmos novos planos e pedirmos novas tarefas.

Parabens! Juca, e até logo!

Considerações Biofísicas

G. M. Minardi – da API

PARA o homem, o mundo não é um fim mas sim um meio. O mundo biológico é todo um único edifício de maravilhosa arquitetura. Sabe-se que os elementos organogenos da vida são o hidrogênio, o carbono, o azôto e o oxigênio. Sabemos também que a maravilhosa máquina de construção dêstes quatro elementos é o reino vegetal; êste executa um perfeito trabalho separador do oxigênio e do carbono; de fato na molécula de anidrido carbônico (composta de um átomo de carbono e dois de oxigênio) a planta liberta, na atmosféra, o oxigênio assimilando o carbono; assim como na molécula de água (composta de dois átomos de hidrogênio combinados com um átomo de oxigênio) também liberta, na atmosféra, o oxigênio, assimilando o hidrogênio. *Enquanto a planta constrói* os elementos orgânicos, transformando a matéria inerte em matéria viva, pelo maravilhoso quimismo das folhas verdes com o auxílio da inexgotável e potente fonte solar que enriquece constantemente o patrimônio COLETIVO, *o animal consome.* A planta assim forma a matéria orgônica; o animal, por processo de lenta combustão, a destrói restituindo o material nas suas primitivas condições. Os processo de síntese e de decomposição equilibram-se assim harmônicamente em um ciclo evolutivo que infelizmente ainda foge das capacidades compreensivas humanas.

Olhando a vida animal nós acharemos o processo inverso ao da planta, enquanto o primeiro com a respiração combina o oxigênio com o carbono e água; nestas funções invertidas evidentemente mantem-se o equilíbrio dos elementos vitais, garantindo assim a vida indefinidamente na Terra aos dois reinos: vegetal e animal. Sem êste equilíbrio, sem a obra construtiva das plantas, a vida do animal superior não poderia ter subsistido, reino animal e reino vegetal compensam-se executando de modo inverso a própria respiração. No quimismo vital nós observamos que tudo o que nasce morre, e tudo o que morre «renasce»; segundo o iluminado cientista Lavoisier: nada se cria, nada se destrói, mas tudo se transforma, na incessante harmonia da evolução universal. A Evolução é uma fôrça instante; está na Natureza do dinamismo dêsse princípio animador: aspirar sempre a novas expressões e mais elevadas realizações.

Podemos assim constatar que a energia solar, assimilada e transformada pelas plantas nas suas maravilhosas sínteses clorofilianas, torna-se, no reino animal, elemento energético, plástico, oligodinâmico e psíquico através do complexo sistema nervoso, conquanto que das primeiras unidades protoplasmáticas para cima — filhas do «raio globular» — protoplasma e célula possuem sensibilidade e capacidade de registrar impressões, dada a íntima estrutura do recâmbio químico. O círculo da energia, através dos contínuos escâmbios dos materiais orgânicos, desde a matéria solar e suas radiações, até o reino vegetal «plasmodoma», que assimila o carbono, ao animal «plasmofago», até ao psiquismo do homem.

Estas observações do Divino equilíbrio universal dos elementos vitais leva a nossa atenção à função bilógica do patológico. De fato observamos que o estado orgânico perfeito de qualquer ser é uma verdadeira quiméra, não existindo em verdade na natureza um tipo orgânico perfeito, cada um é um tipo próprio, com uma verdade orgânica tôda própria enquanto sabe lutar e vencer. Na natureza a perfeição não existe e por consequência a saúde é um estado a ser conquistado a todo momento, um equilíbrio a ser mantido tão sòmente à custa de um trabalho contínuo. O patológico acabou assim por se equilibrar como um fato mais ou menos constante na normalidade do mundo orgânico, que não se destrói por isso; que traz consigo uma fôrça no seu equilíbrio, fôrça esta negativa, mas que não deixa por isto de ser uma fôrça operante no âmbito vital.

A natureza, na sua grande sabedoria operante, sente o ponto ameaçado e o cerca, reforçando-o com todos os seus recursos. Todos os assaltos patogênicos superados produzem em verdade, com a consequente reação, qualidades específicas de «resistência», quer dizer em outras palavras, que a doença tendo função imunizadora criando, por contraste e compensação, o hábito da vitória, com a consequente «auto eliminação» ou «auto imunização» do patológico, vira-se, por quanto pareça um absurdo, condição de saúde, enquanto excita o despertar de tôdas as reservas de resistência do organismo potenciando-o e no mesmo tempo vivificando-o.

—

Cátedras de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina

Ante-projeto enviado ao Deputado Campos Vergal pelo Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro — Exemplo das Universidades européias e norte-americanas

A idéia da instrodução do estudo da metapsíquica ou da parapsicologia em nossos cursos superiores partiu de São Paulo, e pouco a pouco vai ganhando terreno e se corporificando. Foi o prof. Mário Ferreira, o conhecido autor de «Nas Veredas da Paz», ao que nos consta, o primeiro a se interessar pelo assunto, mobilizando os espíritas paulistas no sentido de enviarem uma sugestão à Camara dos Deputados. A sugestão foi enviada, com numerosas assinaturas, ao Deputado Campos Vergal, que se interessou pelo assunto e procurou ouvir pessoalmente vários entendidos, nesta capital e no Rio. Depois, verificou-se uma espécie de hiato, nêsse movimento. Até que, agora, o assunto volta à baila, e de maneira altamente auspiciosa.

A sugestão dos espíritas paulistas encontrou forte ressonância na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, organização que, como o indica o seu próprio nome, destina-se ao estudo dos problemas médicos à luz dos princípios espíritas. O presidente dessa entidade, sr. Milton de Andrade, acaba de enviar ao Deputado Campos Vergal um ante-projeto de lei, criando a cadeira de parapsicologia no quarto e quinto anos do curso de medicina, em vista das conexões da matéria com a psiquiatria, e da inegável propagação que a mesma vem tendo no mundo, graças aos trabalhos do prof. Rhine, na Duke University, Estados Unidos.

Face à importância do assunto, tomamos a liberdade de transcrever um trecho da carta que o professor Milton de Andrade enviou ao sr. Antenor Ramos, e que é o seguinte: «Devo esclarecér que adotei a denominação Parapsicologia porque é a mais aceita, e hoje a mais vulgarizada nos meios cientificos; que na própria França, berço da Metapsíquica, reune maiores preferências da Sorbone, segundo declarou à imprensa brasileira o urologista francês Henri Darget, que esteve no Brasil não há muito tempo, fazendo conferências». A seguir esclarece o missivista que o curso proposto no seu ante-projeto é de dois anos, e inclui, sob a denominação geral de Parapsicologia, elementos da Ciência Psíquica inglêsa, da Metapsíquica franco-italiana e da Parapsicologia germano-americana. Justificando essa fusão, diz o missivista que a fêz sob a denominação única de Parapsicologia: «por ser mais racional, e por estar o líder e vulgarizador máximo da Parapsicologia, prof. Joseph Banks Rhine, da «Duke University», dos Estados Unidos, invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal, com suas investigações e seus estudos».

Como se vê, a idéia nascida em São Paulo e transformada numa sugestão dos espíritas paulistas ao Deputado Campos Vergal, vai aos poucos se corporificando, e não está longe o dia em que será uma das mais belas realidades. Na Europa e na América do Norte, diversas universidades já criaram cátedras de parapsicolgia, e ainda há pouco se verificou o mesmo na Argentina. Por outro lado, os trabalhos do prof. Rhine, rigorosamente científicos, se impuseram de tal maneira nos últimos anos, o mesmo acontecendo com os trabalhos do prof. Bjorkhem, da Universidade de Upsala, na Suécia, e os do prof. Price, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, que o estudo da parapsicologia vai se tornando indispensável nos meios universitários de todo o mundo. O Brasil, país em que os princípios espíritas encontram a mais ampla acolhida, em tôdas as camadas sociais, não pode retardar por mais tempo a inclusão dos estudos parapsicológicos em seus cursos superiores, mòrmente os de medicina.

Perguntarão alguns leitores por que motivo se trata da inclusão de estudos de Parapsicologia, e não de Espiritismo. Porque o Espiritismo é uma doutrina ampla, e não pròpriamente uma disciplina científica. É uma doutrina de três aspectos, englobando na sua estrutura geral a ciência, a filosofia e a religião. A Parapsicologia, como a Metapsíquica, são disciplinas científicas que tratam dos fenômenos espíritas, estudando-os de um ponto de vista especial e mais restrito. No seu início, a Parapsicologia tratou muito cautelosamente do assunto, evitando penetrar a fundo na fenomenologia espírita. Hoje, porém, como bem acentuou o prof. Milton de Andrade, o prof. Rhine está «invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal», ou seja, penetrando corajosamente nos setores até agora proibidos à ciência, por haver reconhecido o princípio espírita de que tôdas as leis da fenomenologia mediúnica podem ser investigadas de maneira científica.

Irmão Saulo.

(Crônica publicada no «Diário de S. Paulo» de 16/3/58).

* * *

A Hiperconsciência

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.
S. João 8 — 32.

Que é o instinto, senão o que se estabilizou, pela repetição, em automatismo quase cego? Mas porque quase cego, e não cego? Porque se bem o raciocínio não interfira no processo mecânico do instinto, todavia êle interveio na sua formação, e intervém sempre que haja pequena variação, entre o que se sabe e o que se tem a fazer. Instinto é hábito inato. É todo o hábito que, de tão repetido, enraizou-se no espírito, acompanhando-o em tôdas as existências. Uma bailarina só o é, de fato, quando não pensa nos passos que há-de dar; assim será o musicista; assim, o datilógrafo. Mas como? Se o homem pensa para formar o automatismo, o animal não pensa! Se o animal não pensa, o instinto não é hábito cultivado, ou automatismo feito pelo repetir. Digo que o animal pensa rudimentarmente, e hei-de prová-lo; esta será uma das dificuldades das que hoje examinarei.

Que é o pensar, senão o medir o que se acha fora de nós? Pensar é avaliar, ponderar, medir! e quem avalia, pondera, mede, poderá fazê-lo sem número, pêso, medida? Logo, a consciência é número, pêso, medida, com que se há-de avaliar o que está fora, com o que está dentro.

Mas como surge a consciência? Surge do mesmo modo por que cresce ela! Ela cresce avaliando o que está fora com o que está dentro, e incorporando tudo como patrimônio seu; mas o animal não tem nada dentro, isto é, não tem ainda consciência, logo, como há de crescer se não tem nada dentro para comparar, com o que está fora? Nêste ponto a consciência nasce.

Quando o ser nada tem dentro de si para comparar com o que lhe vem de fora, faz êle o que faz o homem em face de um problema inteiramente novo; age por tentativas, e chama-se êste método, o dos ensaios-e-êrros. Tentando, loucamente, faz o ser o que já há feito antes, e isto aquí já é conhecimento. Tentando de mil modos descobre a solução, e tôda a vez que um problema semelhante surja, o meio que o levou à solução será aplicado; logo, se será aplicado o meio, é que êste está guardado no íntimo do ser: eis aí já a consciência. Assim se vão sucedendo as experiências, e o ser enriquecendo-se com os resultados. Agir por tentativas, pois, é já pensar rudimentarmente. Aquí está como o animal raciocina rudimentarmente ao resolver o seu problema, qual seja, por exemplo, o de escapar duma gaiola.

Agora direi que raciocinar é empregar o método dos ensaios-e-êrros, tal qual faz o animal, porém interiormente, na consciência. Quem raciocina está experimentando, medindo o que desconhece com o conhecido que está dentro. Esta experimentação é interior, e diz-se, por isso, abstrata. O homem gasta tempo nêste processo puramente abstrato, que no animal seria concreto e feito de movimentos. Ás vezes tem o homem que concretizar seu pensamento com esquemas, com objetos, com gestos, com números, para auxiliá-lo a formar-se. Raciocinar é, pois, empregar o método dos ensaios-e-êrros, abstratamente, na consciência. Quanto mais atrasado é o homem, e mais desconhecido o que êle estuda, mais dificuldade tem em pensar, e mais necessidade tem de concretizar o pensamento. Chegado à solução se vai, então, à prática, à experiência; falhando ela, há que se refazer tudo de novo, levando-se em conta o fracasso, que também é experiência útil.

Êste raciocínio moroso, tardo, dificílimo, eivado de referências materiais, que se verifica no homem intelectualmente inferior, vai se tornando acelerado, rápido, no homem evoluído, ainda que, no tempo que se o estude, não tenha êle cursado escola. O raciocínio, com o perpassar dos séculos, se vai tornando cada vez mais abstrato e mais veloz. Como todo o ato pela repetição tende a estabilizar-se em automatismo, o raciocínio, sendo um ato da consciência, pela repetição, tende por sua vez a estabilizar-se em instinto. Torna-se, no homem, mecânico, o raciocinar; o julgamento se torna maquinal; o homem raciocina inconscientemente, isto é, sem se aperceber de como o faz, e sem esfôrço algum; a visão se lhe torna cada vez mais clara, mais nítida, a onda menos tarda, o pensamento menos muscular, menos material, e antes mais abstrato, mais espiritual, mais veloz portanto. Eis como a consciência, com ser dimensão planimétrica, se multiplica pela linha do instinto, para que surja o volume da hiperconsciência, cuja unidade de medida não mais é o raciocínio, mas, a intuição. Intuição é o saber por instinto, preciso, imediato, como o é êste.

Quando o pensamento, pela sua abstração, perde o contato com as formas concretas ou imagens materiais, a velocidade do processo se torna infinita; o raciocício (que é cadeia de idéias afins) torna-se infinito e intuitivo. Intuição, pois, não é suposição ou palpite, como muitos errôneamente pensam, senão, visão clara, abstrata, instantânea do caminho exato. O intuitivo não tem consciência do seu processo racional, mas, êle é racional, tanto como o homem comum, porém seu raciocínio é elevado ao infinito, e o tempo das operações reduzido a zero; desaparece aquí o tempo, cumprindo-se a profecia apocalíptica (*). Quereis ver o intuitivo? Vede o que é perspicaz, agudo, penetrante, profundo, instantâneo, o que sabe sem aprender, o que vê sem provas, o que entende sem raciocinar (do modo comum), êsse, o intuitivo.

Intuição é estado agudo de consciência, e não se vê no bronco, no tacanho, e sim no gênio, ou no homem que dêste se aproxima. Por causa desta enormíssima capacidade de visão, o intuitivo vai às generalizações, às sínteses cada vez maiores, chegando a ter certeza absoluta

---

(*) *Apoc. 10-6.*

do que nem pode explicar, por não haver palavras; chega à religião, não cultivada, mas, religião natural, expontânea, entendida e sobretudo sentida; chega a Deus. Sente êle, vibra, palpita, num mundo de outra dimensão além da consciência, e aos racionais não se pode fazer entender; as suas razões não as alcança a mediocridade, e êle vive só, no meio da multidão, isolado, nos seus vastíssimos domínios; o homem comum o não entende, pela mesma razão por que o burro não pode saber no que pensa sua carga humana; proximidade evolutiva, e não espacial, é a que garante a compreensão. É por causa disto que o caminho do gênio há-de ser de incompreensões, de violências, de perseguições e de martírios. No entanto êle é o que conhece a Verdade e esta o libertou para sempre; êle, com haver chegado à síntese suprema, tem a visão do Absoluto, impossível é abalar-lhe a fé; fala êle a linguagem do infinito e das estrêlas; palpita no seu peito, qual incêndio, a grande paixão do Belo, do Bem e da Verdade, que tudo é Deus.

Luiz Caramaschi.

Ramatís e a Ciência

IV

Conforme já declaramos de início, em que no decorrer da nossa série de trabalhos, sôbre Ramatís, haveria questões que não fugiriam de algumas complexidades, apresentamos hoje um dêsses assuntos, onde a linguagem simplificada não poderá ir além de certos limites explanatórios. Contudo, procuraremos deixar a verdade clara e destacável, para que os leitores não afeitos a essa matéria possam também obter os esclarecimentos necessários, para poderem avaliar o lado pendente do fiel da razão.

Comecemos com uma das mensagens do opúsculo «Conexão de Profecias e o Sol», onde Ramatís, como sempre, procura firmar sua pseuda ciência em analogias aparentemente lógicas, mas que na realidade não se ajustam aos fatos.

Vejamos em determinado tópico o argumento de que a temperatura do Sol, de 6.000 graus na superfície, decresce da periferia para o centro, mantendo-se relativamente fria no núcleo do astro. Assim, na página 19, do referido opúsculo, lê-se o seguinte:—«Da mesma forma em que a modesta chama de uma vela de sebo é mais quente na periferia, do que no centro, também êsse princípio IMUTÁVEL disciplina na coroa do Sol».

Sim; mas note o leitor que êsse princípio é imutável apenas para os casos em que as combustões se efetuam na zona de contato entre o combustível e o comburente, cujas chamas produzem calor decrescente da periferia para o centro. A esta reação, que forma a classe das chamas «ôcas», compreende-se as da vela, lampeões de querozene, e as outras combustões vulgares desta mesma natureza.

Mas é preciso compreendermos que qualquer outra chama que não seja dessa reação, a ôca, não se disciplina sob essa lei de calor decrescente de fora para dentro.

Agora, o leitor estará nos perguntando: Mas as chamas do Sol são ôcas, idênticas às nossas combustões comuns, como as das velas para que o seu calor seja decrescente, da periferia para o centro?

A esta pergunta a própria entidade encarregou-se de responder, negativamente, mais adiante, em outro tópico dessa mesma mensagem, desmentindo o seu próprio argumento anterior, da analogia da vela. Assim, agora em sentido contrário, a entidade reconhece que o Sol não arde sob a mesma lei da chama da vela, ao declarar o seguinte: — «Acresce que não se trata de globo em ignição, consumindo-se em chamas devoradoras, mas um astro exsudando um potencial de energias libertas pelas transmutações químicas incessantes que se alteram em equações.

Ora, como então Ramatís antes ousou afirmar que o calor da periferia solar obedece a mesma lei que disciplina a chama da vela, se logo a seguir êle mesmo reconhece que ambas as combustões (do Sol e da vela) são de naturezas diferentes ? Se as combustões do Sol não ardem como as chamas ôcas, qual então a lei que disciplina êsse pretenso calor decrescente ?

Se na verdade o calor solar diminuísse da periferia para o centro, o astro estaria ardendo nas mesmas condições das nossas combustões vulgares, e já de há muito tempo estaria extinto. E é interessante que enquanto Ramatís concorda que o Sol não se queima como as nossas combustões ordinárias, êle inexplicàvelmente comete a incoerência em afirmar o decrescimento interno da temperatura do astro.

Pelo que se vê, na situação em que o autor comunicante se coloca nas suas analogias, acreditamos que ninguém será capaz de tirá-lo dêsse labirinto de contradições e confusões gerado nas suas próprias mensagens, pretensamente científicas.

Mas deixemos essa parte de analogias e continuemos no mesmo assunto, mas de outra forma, penetrando no âmago da questão, para anular de uma vez êsse seu conceito de calor decrescente do Sol.

Para atenuarmos a complexidade desta outra parte, que não é de conhecimento vulgarizado, vamos iniciar recordando algo de alguns séculos passados para favorecermos o entendimento geral.

Hoje, quase ninguém desconhece que as radiações do Sol constituem uma mistura de côres fundamentais, denominada luz branca. Mas se fizermos um raio solar passar por uma fenda em um quarto obscurecido, e interpormos um prisma, veremos essa luz se decompor em uma bela faixa de côres, que se denomina espectro da luz branca, lembrando o arco-íris. Esta experimentação foi pela primeira vez anunciada por Isaac Newton, em 1678.

Bem mais tarde, em 1815, o sábio alemão, Joseph Fraunhofer, procurando analisar essa faixa colorida, colocou por detrás de um prisma um pequeno instrumento ótico, procurando melhor observar. Assim, obteve uma imagem mais nítida do espectro solar, e notou, naquela mescla de côres, numerosas riscas escuras, catalogando-as em número de 576. Estas riscas tornaram-se conhecidas como «Linhas de Fraunhofer».

Mas êsse fenômeno por quase meio século permaneceu em mistério, pois nada se sabia sôbre qual a causa de sua presença no espectro da luz solar.

Afinal, em 1859, dois físicos alemães, Roberto Bunsem e Gustavo Kirchoff, realizando pesquisas de laboratório sôbre radiações luminosas, utilizando o famoso espectroscópio (instrumento de análise da luz), revelaram que conforme seja a natureza da fonte irradiante, a luz branca pode dar espectros diferentes que são os de emissão e absorção.

A luz dos espectros de emissão pode provir de sólidos ou líquidos incandescentes, ou mesmo de gáses sob alta pressão, obtendo-se uma série de bandas coloridas, dando origem ao que se chama um espectro contínuo. Os gáses incandescentes, ou sob fraca pressão, também dão espectros de emissão, mas diferentes do primeiro, sendo descontínuos, apresentando raias brilhantes.

Mas os dois sábios, perseverantes nas suas análises, experimentaram colocar um balão de vidro, contendo um gás qualquer, servindo de meio intercalar entre uma fonte de luz de espectro contínuo e o espectroscópio. Nesta experiência foram surpreendidos com um espectro diferente dos de emissão, ou seja, obteve-se o de absorção, semelhante o da luz solar, com as célebres raias negras de Fraunhofer.

Note o leitor que os espectros de absorção só aparecem nas análises quando a luz, irradiada por sólidos ou líquidos incandescentes, ou gáses sob alta pressão, atravessa camadas de gáses relativamente mais resfriadas. Mas se a radiação não é interceptada por gáses naquelas condições, então o espectro será de emissão, o que quer dizer, não apresenta as raias de Fraunhofer. Este fato experimental foi descoberto e comprovado nas pesquisas de laboratório por aquêles dois físicos.

Para clareza repetimos: Se examinarmos o espectro de qualquer fonte emitente de luz, cujos ráios não atravessem camadas de gáses relativamente resfriados, o espectro que se obtém não é de absorção, isto é, não contém as conhecidas raias negras de Fraunhofer.

Ora, desde que a luz do Sol apresenta essas raias negras, fica compreendido que ela se origina do interior do astro. É assim que essas radiações, ao atravessarem as camadas gasosas exteriores solares, elas são ali absorvidas por êstes gáses relativamente resfriados (6000 graus), os quais as substituem pelas suas próprias radiações, prosseguindo na trajetória, mas agora marcadas com riscas negras, caracterizando a individualidade dos elementos ali existentes, cuja identidade é inconfundìvelmente revelada nos nossos exames de espectroscopia. Foi assim que entre os átomos, da tabela de classificação de Mendeleeff, encontrados no Sol, há alguns (Hélio, Rubidio etc.) que só mais tarde foram descobertos aquí no planêta Terra. Como se vê, essas raias hoje conhecidas aos milhares revelam de forma incontestável, a verdadeira natureza irradiante do nosso astro do dia.

E agora pergunta-se: Se a luz do Sol, segundo Ramatís, provém do exterior do astro, não sendo absorvida pela interceptação de camadas de gáses mais frios, como então se explica a presença das linhas negras de Fraunhofer no espectro solar?

Cabe aos advogados da entidade resolverem mais êsse enigma ramatisiano.

Na realidade, o conceito da entidade, de que a temperatura solar prevalece na periferia do astro, não encontra apôio nas provas de laboratório pela análise da luz. E se surgir opositores para contestar nossa exposição, pedimos que apresentem provas contrárias, com clareza dentro da ciência, que aceitaremos os debates, desenvolvendo o assunto.

E ainda precisamos compreender que a energia do Sol, sendo de natureza nuclear (Ramatís não nega esta verdade, conforme êle mesmo declara na página 18, do mesmo opúsculo, ao citar o ciclo do carbono), estas reações só se efetuam em ritmo contínuo nas temperaturas de milhões de graus, e sob alta pressão das camadas exteriores. Na periferia do astro, com apenas 6.000 graus e sem pressão, esta condição não oferece ambiente para reações atômicas de natureza estelar. Se com esta temperatura da atmosfera do Sol fôsse possível obter-se essas reações nucleares, os nossos cientistas já teriam há tempos domesticado êsse tremendo potencial para uso pacífico, visto que aquí nada mais se faz nesse campo a não ser aquilo que apreendemos com a natureza do Sol, ou seja, dos astros incandescentes.

Finalmente, como se vê, é arbitrária essa questão de núcleo do Sol resfriado e habitado por sêres viventes, cujo conceito revela-se insustentável, quando submetido sob a luz da razão.

Ramatís, conforme já dissemos, apesar de seus meritórios propósitos em favor da espiritualidade, infelizmente ainda faltam-lhe conhecimentos, especialmente no campo da ciência, para credenciar-se como parte integrante da pureza doutrinária do kardecismo.

E aquí terminamos mais essa parte, mas ainda voltaremos em um último trabalho, para encerrarmos essa nossa tarefa de esclarecimentos sôbre a causa ramatisiana.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — Embora tudo fizessemos para simplificar o assunto, lamentamos que o mesmo não se apresente acessível como desejávamos, devido a complexidade da matéria. Contudo, os que conhecem êsses estudos compreendem que o argumento esmaga por completo o conceito da entidade, sôbre o calor decrescente no interior do Sol.

* * *

«*Amar a si próprio é renunciar. Amar ao próximo é servir sem ser servido . . .*»

«*O perdão é o mel extraido do favo do amor . . .*»

«*Não basta oferecer a paz, é necessário tê-la . . .*»

«*O jardim sómente é florido quando bem adubado . . .*»

«*O Médium é o ponto de apôio, a Mediunidade a alavanca e o Espiritismo a fôrça de aplicação . . .*»

«*Renunciar é tirar espinhos sem se ferir . . .*»

ALEX.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

28 — Providenciado o enterramento do meu pai (em bonde funerário da *Circular*, a que compareceu muita gente, pois sempre tivemos, mercê de Deus, muitos amigos), em cova rasa, no cemitério das *Quintas*, tratei de tirar mamãe da casa, por algum tempo. Medrosa como era, tendo tratado do velho, sem se afastar dele um segundo, devia, (cuidava eu), estar impressionadíssima.

29 — Aluguei uma casinha na ilha de Madre de Deus e para lá fui com mamãe, irmã, prima, empregadinha e uma parenta da noiva de João, menina da idade de minha irmã. João ia passar conosco a tarde dos sábados, os domingos, regressando para a cidade, na manhã de segunda-feira. Na maioria dos sábados, levava a noiva e a cunhada.

30 — Outros amigos meus também iam com João, alternadamente, de modo que passávamos as tardes de sábados e os domingos, alegremente: modinhas, poesias, anedotas sãs, banhos de mar na maravilhosa praia do Soape, passeios de barco, etc. Minha mãe fazia quitutes gostosíssimos e acordávamos e deitávamos sempre, a rir e brincar.

31 — Foi aí que eu conheci Anísio Almeida. Fizemos ótima e sincera camaradagem, pois êle passava os dias inteiros em nossa casa, só indo à sua para dormir.

32 — Era um rapaz alegre, boa voz, boa vocação para música. Tocava bandolim e eu arranhava o violão. As serestas, os passeios de canoa, as sestas na praia, eram diárias.

33 — Conheci, por seu intermédio, sua família, estando, apenas, duas vêzes sòmente, em sua casa.

34 — Gostei imenso de tôda sua gente, menos de sua irmã professôra Marília. Achei a moça presunçosa, autoritária demais com os irmãos. Ela, por sua vez, achou o amigo do irmão emproado e bôbo, não simpatizando também comigo.

35 — Anísio gaguejava um pouco, mais do que eu. Perguntou-me um dia, a gaguejar: «Porque você não voltou mais à nossa casa?»

36 — Respondi-lhe: Não gostei de sua irmã mais velha: tolinha, metida a séria e sisuda dona de casa. (Longe estava de supor que seria mais tarde minha espôsa).

37 — Vizinhos de Anísio, Aluísio Marques e espôsa, filho da ilha. Rapaz comerciante, velho conhecido meu. Hóspede de sua casa, uma doutora em direito, môça culta, palavrosa, romântica, e uma professôra, irmã de um aluno meu. Por causa das duas, voltei, várias vêzes, à casa do Aluísio, sem voltar à casa do Anísio.

38 — De volta à cidade, acabei com o meu coleginho. Dei seu material e sua placa ao Anísio, entreguei a direção da casa ao João, muni-me de cartas de representação e embarquei para o Rio, para resolver aquí, a minha definitiva posição financeira na Bahia.

39 — Controvérsias de minha vida: em mil novecentos e treze, embarquei para o Rio no firme propósito de aquí ficar e não fiquei... Em mil novecentos e vinte e um, vim para o Rio com o propósito de conseguir representações comerciais para a Bahia e voltar... Não voltei.

40 — Minha vida têm sido sempre assim: cheia de contrastes, de imprevistos, de choques, de lutas...

41 — Completando, com o dinheiro apurado no meu livro de versos «Idéias», declaradamente reincarnacionista, publicado pouco antes da morte do meu pai; as despesas da viagem, embarquei para o Rio.

—

42 — Devo muito ao Espiritismo:

Fui, desde pequenino, franco, áspero, explosivo, ríspido. Essas características o Espiritismo não conseguiu torcer, nem melhorar. Pequenino, até rapaz, confundia pessoas com idéias. Qualquer desentendimento, choque de opinião, era motivo para eu desfazer amizades. Foi o Espiritismo que me ensinou a distinguir os homens de suas opiniões; foi o Espiritismo que me ensinou a respeitar as idéias alheias e aos portadores das mesmas.

43 — Nunca fui homem de subserviências, bajulações, hipocrisias, máscaras,

diplomacias! Rigorosíssimo, sempre, em materia de moral.

44 — Por tudo, é fácil compreender como me foi difícil, na vida, conservar amizades, no mesmo diapasão, do princípio até o fim. Dentro do meu criterio «pão-pão; queijo, queijo», desagradei, sempre, muito mais do que agradei. Muitas pessoas que não concordavam com o meu modo franco de pensar e agir, fugiram de mim... Muitas decepções sofri... Muitos, porém, — e quantos, mercê de Deus! — ficaram até o fim.

45 — Autoritário e voluntarioso, em demasia, a fôrça de vontade que me fez vencer na vida, também, desde criança, se fez sentir. Quando meninote, comi, certa feita, peixe, e uma espinha me atravessou a garganta. Deixei de comer peixe. Outra vez, entalei-me com um carôço de fruta de conde. Rompi com a fruta. Azeite doce, um dia, fez-me mal. Abandonei o azeite. Só homem feito, fiz as pazes com os três, quando o bom-senso mo aconselhou. Calcule-se por tudo isso, o que seria de mim se não houvesse conhecido a terceira revelação...

46 — O espírito de iniciativa se fez igualmente sentir muito cêdo. Em todos os meus brinquedos infantís, era, sempre, o chefe, o promovedor de tôdas as brincadeiras; se era organizado um batalhão, o general era eu; se brincava de índios, eu era o comandante da tribu; se imitávamos um circo, era o empresário.

47 — Jamais me conformei com «sombra e água fresca». Fui campeão de mergulho, natação, pecúla, corrida. Em tudo que competia, com a criançada, não queria, de modo algum, levar a pior. Foi esta ânsia de progresso em tudo, que me conduziu até onde cheguei.

48 — Minha segunda vinda ao Rio visava, pois, garantir meu futuro na Bahia. Desanimado com o fracasso de todos os meus empreendimentos até então, a representação que eu procurava na capital do país, era a minha grande esperança. Até aquêle momento, tinha vivido sem profissão a que me identificasse inteiramente, sentindo-me completamente dentro dela. Achava-me enjoado de ensinar, farto de aturar meninos. Meu único desejo era assegurar, com as cartas de representação que vinha buscar no Rio, minha definitiva posição no comércio baiano.

49 — A última noite que dormi em Salvador, tive um sonho altamente significativo: vi-me num grande colégio, no Rio de Janeiro; os alunos formavam em ângulo e eu os dirigia. Chegou-se perto de mim um senhor idoso, simpático, naturalmente o dono do colégio. Deu-me ordens. Despertei neste momento. Contei, na despedida, o sonho a um amigo que me disse: «Quem sabe se você não vai continuar professor, no Rio de Janeiro?» *Vade retro* com o seu agouro, respondi-lhe.

50 — Estava, porém, escrito, que eu seria professor, mestre-escola, educador. Como poderia imaginar que haveria de me sentir, na cidade maravilhosa, completamente à vontade, dentro do magistério... Que nunca mais trocaria, por nada dêste mundo, a glória de ser professor, mestre-escola, educador. E ensinando, pretendo terminar meus dias, se Deus o permitir.

51 — O malfadado infarto do miocárdio que me roubou, em mil novecentos e cincoenta e um, às aulas do Colégio Leopoldo, estabelecimento de minha propriedade e direção, não me retiraria do magistério, pois continuo até o momento que escrevo estas coisas, ensinando minhas filhinhas do Lar de Jesus.

* * *

Nota da Irmã — Realmente, Deus fez a vontade ao grande batalhador. Ensinou até os últimos instantes de sua vida. Seu último dia na Terra foi de trabalho dedicado ao Lar, às suas filhinhas. Embora alquebrado e doente, não parou, senão três horas antes de sua morte, quando a dispnea o deitou. Até às sete horas da noite, ordenou, andou, ensinou, exemplificou. Três horas e vinte minutos depois, retornava o Gigante à Pátria Espiritual, deixando para todos os parentes e amigos, para suas filhinhas do Lar de Jesus, um raro e belíssimo exemplo de trabalho, fôrça de vontade, persistência, abnegação e honradez. — L. M. B. B.

«O julgamento deverá ser feito pela própria consciência do julgador . . .»
«Quanto mais raro e precioso, mais perseguido . . .»
«Lutar pelo bem, é vencer para a glória . . .»

ALEX.

LIVROS NOVOS

ITALO FERREIRA

O aparecimento de livros novos, cresce todos os dias, na proporção de uma publicação util ou apreciável para uma duzia de tomos inúteis e prejudiciais. Essa calamidade, já invadiu também a seara espírita.

Nota-se, sobretudo, a mania da imitação. A literatura original de Fernando de Lacerda e Francisco Cândido Xavier, vai sofrendo imitações lamentáveis, de *mensagens* indigestas, confusionistas, antiespíritas até, lançadas sob títulos sugestivos, embora sem valor doutrinário ou literário, ao menos. São páginas e páginas de imaginosas manifestações de além-túmulo, com revelações espantosas a respeito de tudo : a vida em outros planetas, historietas sôbre existências passadas de certos enfêrmos, principalmente obsedados, e de obsessores ; dramas da vida espiritual ; e tantas outras coisas inacessíveis, com afirmativas audaciosas, sem nenhuma comprovação possível nem mesmo a identificação, pelo estilo, de tais *mensagens*, atribuidas a autores notáveis.

Estas considerações, ocorrem a propósito de duas brochuras que acabamos de ler, ambas lendárias, de resultados negativos para o Espiritismo, que sòmente se imporá à conciência humana pelas obras de lògica, que despertem a fé raciocinada, «capaz de encarar a razão face a face» como ensinou Allan Kardec, o qual acrescentou ainda a conveniência de se «rejeitar noventa e nove verdades para não aceitar uma mentira».

Respeitando a boa fé dos responsáveis por esses livrinhos, deixamos de citar nomes, atendo-nos, apenas, a observar que um deles, de propriedade de uma editora, estampa a fotografia e o nome do maior apóstolo do Espiritismo no Brasil, o que deverá provocar grande venda da edição, em cujo contexto, nada se encontra que justifique, como razoável, o uso do título, no frontespício deveras impressionante.

Vale como utilização do nome venerável e da figura extremamente simpática, que lhe enfeita a capa.

O outro librete, é uma coleção de *mensagens* mediúnicas, que não identificam os espíritos comunicantes, nem pela linguagem nem pelas idéias de alguns, pelo menos, nossos conhecidos.

Entretanto, a edição deste foi lançada para converter a renda em benefício de séde própria de um Centro Espírita, fruto, certamente, de uma boa intenção.

Mas, a continuar assim, com livros e livros, desorientados, cheios de contradições, sem firme diretriz doutrinária, o que será do movimento espírita e da respeitabilidade do Espiritismo ?

Aonde irá parar a unidade de pensamento sôbre os princípios básicos da Doutrina ?

A Futura Religião do Brasil

Num modesto artiguete que publicamos numa revista do Japão, mencionamos o fato de ser o Budismo a quarta religião no Brasil, segundo o Recenseamento de 1950.

O primeiro lugar ocupava o Catolicismo Romano, o 2.° o Protestantismo, o 3.° o Espiritismo e o 4.° o Budismo. O Budismo é trazido para o Brasil pela colônia japonêsa que tem de crescer sempre pela escassez de território nas ilhas nipônicas e excesso de terrenos a cultivar no Brasil.

Portanto, o Espiritismo e o Budismo terão de crescer sempre em nosso País : um pela crescente imigração japonêsa, o outro pela divulgação normal presidida do Alto com fito à nossa missão histórica. Ambos são reencarnacionistas e baseiam a Justiça de Deus na Lei de Carma, ou causa e efeito, ensinando ambos a salvação universal através do progresso moral do Espírito humano.

Para as Igrejas cristãs ocidentais — católica e protestantes — o Espiritismo é uma tremenda revolução, porque nega seus dogmas de penas eternas, encarnação única, perdição da maioria e salvação de uns poucos; mas para o Budismo não existe no Espiritismo essa dificuldade, porque ambos ensinam a mesma doutrina de salvação universal.

O budista que através de muitas encarnações habituou-se a crer que o homem é o artífice de seu próprio destino e terá fatalmente que ser salvo ainda que através de uma fieira imensa de encarnações dolorosas, não encontra no Espiritismo kardequiano nada oposto às suas convicções.

O crescimento da população brasileira pelos elementos budistas de nipônicos e seus descendentes, parece a preparação providencial de uma base para a futura religião do Brasil, religião totalmente reencarnacionista.

Depois de divulgado no Império do Sol Nascente o artiguete acima referido, com o título «*A quarta religião no Brasil*», um amigo muito culto nos escreveu de Kioto: «Infelizmente o Budismo no Japão é como o Catolicismo no Brasil: apenas tradição inoperante. O budista é tão indiferente por assuntos religiosos no Japão, como o católico no Brasil. Indispensável é conquistá-los todos para o Espiritismo, do qual êles têm muita necessidade».

Reconhecemos que isso é verdade. O povo japonês, como o brasileiro, só nas estatísticas aparece com a religião tradicional. Na vida são bons materialistas indiferentes; mas o Espiritismo despertará em seus espíritos muita coisa que se acha adormecida. Esta onda materialista do século tem de passar e talvez mais depressa do que se supõe.

Os fenômenos espíritas não deixarão o homem dormir durante séculos em sua indiferença animal; estamos sempre sendo despertados.

Se calcularmos no Brasil os espíritas, os budistas, os ocultistas e os teosofistas, isto é, os reencarnacionistas, já deveremos exceder a dois milhões de crentes na reencarnação e ocuparemos o segundo lugar na estatística religiosa do País. Ora, como os católicos em sua imensa maioria são indiferentes, apenas tradicionais, mas na verdade sem religião, o número de religiosos reencarnacionistas em nossa terra já é respeitavelmente grande.

Parece-nos, pois, fora de dúvida que num futuro relativamente próximo, «a maior nação católica do mundo» (*), passará a ser a maior nação reencarnacionista do Ocidente. Só no Oriente há grandes nações reencarnacionistas.

Essa grande imigração japonêsa terá outras vantagens para o nosso futuro. O nível cultural e científico do povo japonês é muito alto, mais alto do que o de qualquer outro país do mundo, e nos ajudará a nos libertarmos de uma apavorante herança de analfabetismo que recebemos de Portugal e temos conservado tristemente através dos séculos. Nosso índice de analfabetos nos recenseamentos é vergonhoso e não menciona os semi-alfabetizados que formam grande número dos que declaram saber ler e escrever. Forte imigração de um povo de alto nível cultural e científico exercerá benéfica influência em nosso progresso geral, e nos parece fora de dúvida que continuará crescendo sempre a imigração nipônica para o Brasil, onde os japonêses encontram o espaço vital que lhes falta na pátria superpopulada.

Assim vai se formando o povo que terá no futuro a missão de restaurar o espiritualismo no mundo, repor o Evangelho nos corações, interpretado de acôrdo com a doutrina reencarnacionista.

A futura Religião do Brasil será reencarnacionista e baseada em fatos rigorosamente observados; não será uma fé nebulosa e inoperante, mas antes uma certeza científica dos deveres do homem para com Deus e os outros homens.

Ismael Gomes Braga.

(*) Sua Santidade o Papa atual tem repetido, tomando por base as estatísticas, que «o Brasil é a maior nação católica do mundo». Agradecemos a boa intenção de S. S. que com essas palavras pretende nos elogiar, mas o índice apavorante de nossos analfabetos mostra que essas massas que se dizem católicas são incapazes de escolher uma religião e se dizem católicas sem conhecimento doutrinário algum.

* * *

A Doutrina Espírita, Ensina a Verdade

Samuel Gomes da Costa

A Doutrina Espírita tem por base um princípio que modifica radicalmente o sistema aceito pelas escolas espiritualistas: é o princípio da «pré-existência ou das vidas sucessivas».

A verdade dêsse postulado prova-se pelo raciocínio e pela experiência. A razão nos diz que, sendo o homem suscetível de perfeição ou de aperfeiçoamento, não pode seu maior progresso medir-se pelo que adquire na terra; que, portanto, se é criado, como ensina a igreja, para a sociedade de Deus bem pobre é a côrte do Senhor dos Senhores, se é constituida pelos nossos sábios e pelos nossos santos.

A razão nos diz que, para chegarmos à altura de podermos entrar na côrte celestial, precisamos de tanto saber e de tanta verdade, que o mais adiantado habitante da terra mal pode imaginar.

Daí a necessidade de maior perfeição que a do nosso planêta; o que supõe, como corolário, vidas sucessivas em mundos mais adiantados, para o completo desenvolvimento da perfectilidade humana.

E não é só isso que nos ensina a razão.

Os fatos mais comuns da vida humana lhe são valiosos subsídios para a demonstração do alto princípio.

Vemos crianças desenvolverem, desde os tenros anos, antes mesmo de terem a razão esclarecida e a consciência firmada: umas, um arrastamento invencível para o bem, — outras, igual pendor para o mal. São disposições naturais, pois que se revelam desde o berço.

E se é certo que só temos uma existência — e que o espírito é criado por Deus para o corpo gerado no seio materno, só a Deus deve ser atribuida essa diversidade de índoles.

Uns nascem como que possuidos integralmente com índole ou natureza boa, porque assim saíram das mãos do Criador. Outros nascem com índole ou natureza má, porque assim saíram das mãos que criaram os bons.

Deus, então, cria espíritos com disposições para o bem — e espíritos com disposições para o mal. E, entretanto, exige de todos a mesma perfeição!

Eis aonde nos conduz fatalmente a doutrina da vida única!

Mas não pode ser verdade o que atesta falha nas infinitas perfeições do Criador, logo o fato da diversidade de disposições inatas dos espíritos, em relação ao bem, condena, por falsa, a doutrina da vida única.

Sua oposta — a doutrina da pluralidade de existência — sustenta brilhantemente o confronto com aquêle infalível critério da verdade, em relação ao fato invocado.

Em cada existência os espíritos fazem variadíssimo uso de sua liberdade, no desenvolvimento de sua perfectilidade intelectual e moral. Uns, assim como vemos em nossa humanidade terrestre, sobem ao maior grau; outros ficam estacionários, como ainda vemos na terra, no primeiro degrau da infinita escada da evolução. E entre os dois extremos, inumeráveis graduações.

Na seguinte existência, nesta em que examinamos o fato, o que se há de naturalmente dar? Há de se dar necessàriamente que o atrasado revelará o atraso — e que o adiantado revelará adiantamento.

A diferença, pois, das disposições naturais dessas duas ordens de crenças que indicamos, não procede de Deus, mas sim dos próprios espíritos, pelo uso que fizeram da sua liberdade. Não procede de Deus, porque todos são criados em igualdade de condições, todos são dotados dos mesmos instrumentos de aperfeiçoamento e todos têm de ir ao mesmo destino: à perfeição pelo saber e pela virtude e, consequentemente, à felicidade mais sublimada.

O Pai reparte igualmente seus dons para todos os seus filhos e dá lhes a liberdade para desenvolvê-los na medida de sua vontade. Só a si deve acusar o que fizer mau uso do inestimável instrumento do progresso.

Só a si quís Deus, que cada um atribuisse seu adiantamento pelo bom uso daquele inestimável instrumento.

Assim, pois, a teoria das vidas múltiplas exalta o Senhor, tanto quanto a da vida única o deprime, pelo fato da diversidade de disposições morais, inatas.

E se o infalível critério da verdade de um princípio consiste em sua conformidade com os infinitos atributos do Criador, o fato que temos analisado prova, a um tempo, a falsidade do princípio da vida única e a verdade do que consagra existências sucessivas.

O idêntico resultado nos conduz à variedade da capacidade intelectual.

Pela doutrina da vida única, é Deus que dotou desigualmente a humanidade de inteligência.

Sócrates só foi grande por obra de um favor do Senhor! O selvagem é incapaz do alto saber por obra de um desfavor do Senhor!

Esta doutrina não se conforma com a indefectível justiça do Criador; logo o fato da variedade da capacidade intelectual condena o princípio da vida única.

Pelo ensino espírita das vidas sucessivas, Sócrates tendo em passadas existências bem usado da sua liberdade no desenvolvimento da inteligência, que Deus lhe deu igual à de todos os homens, só a si deve o alto posto que teve no mundo.

Por aquêle ensino, o selvagem, não tendo bem usado de sua liberdade, no cultivo da inteligência, só a si deve o seu atual atraso.

Mas Deus fez tudo com tal bondade, que, mais cedo ou mais tarde, o selvagem chegará aonde chegou Sócrates. Ainda aquí, a doutrina espírita das vidas sucessivas revela-se verdadeira com sua conformidade com as divinas perfeições.

Por estas razões a Doutrina Espírita, Ensina a Verdade

PAX.

Corumbá — MT.

Médiuns de Mesas e Terreiros

Por Públio Máximo

O impulso que o sentimento dá ao pensamento encerra todo o mecanismo essencial para se participar de uma sessão espírita. O alto teor da expansão de nossa radioatividade, contida nesse impulso, solidifica tudo no campo material, criando a dor ou a felicidade, na base direta do desejo que aciona o pensamento no mundo astral e influindo diretamente sôbre encarnados e desencarnados presentes às sessões espíritas.

O fazer parte de uma sessão espírita não é sòmente dizer que é médium que trabalha. Fatores acima da concepção comum são levados em consideração pelos assistentes do espaço e cuidadosamente observados, catalogados e analizados pelos Mestres da Luz e da Sabedoria Divina, sempre atentos, sem predileção por esta ou aquela corrente religiosa ou ideológica.

Para os médiuns que realmente desejam SERVIR E DAR, sem nenhum interêsse particular, oculto ou remoto, tôdas as portas da Santa Senda estão abertas. Difícil é, porém, o caminhar daqueles que por trás de rótulos, nomes e palavras bem estudadas trazem o interêsse temporal e imediato ou ocultos sentimentos de superioridade e melhor categoria. Êstes jamais poderão encontrar portas abertas, tendo alguém a esperá-los. Falta-lhes ainda aprender a servir e a dar, sem nada querer e desejar de uma sessão espírita, senão colaborar e servir a obra divina, porque aquêle que ajuda e dá recebe em dôbro e disso não se aproveita.

Sabemos que todos procuram as sessões espíritas através do aguilhão da dor e da dificuldade, conduzidos, sem o saberem, pelos seus orientadores do espaço, para os agrupamentos que ensinam a origem da dor e da aflição, recebendo nas sessões a cura e o bem estar, na base de passes, águas fluidas e operações astrais, desde que isto atenda aos planos de trabalhos terrestres pré-estalecidos para cada espírito encarnado e sem ferir à Lei. Todavia, por ser o espiritismo o único veículo popular para proporcionar luz aos espíritos, não devemos contribuir para que se avolume a idéia de que as sessões espíritas são as cabeças de pontes para pulos de cêrcas em favor de nossos interesses materiais e outros mais ocultos, não vistos por nós, porém devidamente controlados pelo Alto.

O objetivo magno, magistral e divino dos Presidentes de Centros Espíritas é buscar a beleza imensa de plantar na mente de todos os médiuns o sentimento anti-sectário, ensinando-os a serem compassivos, cheios de amor, sabedoria e paz, orientando-os, sistemàticamente, para o vasto campo da mentalidade universal, apta a tudo compreender, estudar e assimilar no espiritismo, sem dogmatismo, superioridade e presunções, fugindo da crítica sem instrução, preferindo serem os prejudicados a prejudicar.

Aquêles que assim procedem, atendem o essencial objetivo para o qual foram conduzidos, a fim de alcançarem a plenitude de se ligarem aos planos superiores da Sabedoria e da Luz! Quando chegar o instante divino de serem inundados de poderes e valores que lhes parecerão estranhos, compreenderão a lição do Mestre de Nazaré quando ensinou: «SOIS DEUSES», estando em condições espirituais de encontrar o Cristo e compreender a lição do Sr. Ramacrishina, de que a base para se construir uma vida espiritual é o abandono da «COBIÇA, DO OURO E DA SENSUALIDADE!»

Rio, 2/2/58.

O Amor

Bianôr Medeiros

I. — TEXTOS:

1.—Mateus, 22/37, 38, 39: «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento. Êste é o grande e primeiro mandamento. O segundo semelhante a êste é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos dependem tôda a Lei e os Profetas».

2. — João, 13/34, 35: «Um novo mandamento vos dou: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Se amardes uns aos outros, todos saberão que sois realmente meus discípulos».

3. — João, 14/23: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a êle e faremos nêle morada».

4. — Mateus, 4/10: «Retira te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Êle servirás».

5. — Zacarias, 8/19: «Amai a verdade e a paz».

6.—Zacarias, 7/9, 10: «Assim falou Jahveh dos exércitos: Julgai juizo verdadeiro, mostrai misericórdia e compaixão cada um para com o seu irmão; não oprimais a viúva, o órfão, o estrangeiro e o pobre; nenhum de vós intente em seu coração o mal contra o seu irmão».

7. — Lucas, 23/34: «Pai, perdoalhes porque não sabem o que fazem».

8.—Mateus, 6/14, 15: «Se perdoardes aos homens as suas ofensas também Deus vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, também o Pai não vos perdoará».

9.—Mateus, 18/21, 22: «Então Simão Pedro, aproximando-se, perguntou-lhe: Senhor, quantas vêzes pecará meu irmão contra mim, que lhe ei de perdoar? Será até sete vêzes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete».

10. Mateus, 5/44, 45: «Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o seu sól sôbre os bons e sôbre os maus e vir chuvas sôbre os justos e sôbre os injustos.»

11.—Mateus, 5/3, 5, 7: «Bemaventurados os humildes de espírito porque deles é o Reino dos Ceus.»

«Bemaventurados os mansos porque êles herdarão a Terra.»

«Bemaventurados os misericordiosos porque êles alcançarão misericórdia.»

12. — *Mateus, 10/7, 8*: «Ide e pregai: está próximo o Reino dos Céus. Curai os enfêrmos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expelí os demônios; de graça recebeste, de graça dai.»

13. — *João, 13/16*: «Em verdade, em verdade vos digo: o Servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquêle que o enviou.»

II. — DEFINIÇÕES:

1. — *Amizade:* s. f. sentimento de quem é amigo; afeição recíproca entre duas pessoas; simpatia; estima; boas relações; dedicação; amor; benevolência.»

2. — *Amor:* s. m. afeição profunda de uma pessoa a outra pessoa do sexo diferente; objeto dessa afeição; conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual; grande amizade; afeição a coisas; veneração; compaixão; caridade; misericórdia; paixão; entusiasmo; graça, mercê. Amor platônico: intensa afeição entre pessoas de sexo diferente, desligadas de interêsses ou gozos sexuais e materiais.»

3. — *Amar:* v. t. ter amor a, querer bem a, gostar muito de, desejar, apetecer, escolher,; v. int. estar enamorado, apaixonado.»

III. — Difícil é para um verme intelectual da Terra, descrever qualquer virtude e muito especialmente falar sôbre o amor. Essa tarefa é confiada aos habitantes do Céu em missão especial entre os homens. O Amor é Virtude Divina mal compreendida pelo homem da Terra. O Amor é sentimento puro, divinizado, espiritualizado, que se retrata em perene estilo de vida, invariável, permanente, por enquanto incompreensível e inacessível para nós. Por isto Jesus falou pouco sôbre o amor mas viveu-o intensamente, aplicando-o como norma de conduta invariável. O Amor, como qualquer outra virtude, se desenvolve do nada ao infinito, dominando cada vez mais a nossa mente e o nosso coração, até absorver-nos por completo. O verdadeiro Amor é sublimação da alma, característico da perfeição, símbolo de pureza, qualidade dos espíritos superiores, emancipados da carne e de egoísmo, da ignorância e do crime, do sexo e dos desejos inferiores, ilícitos. Quando Moisés, Elias, Daniel, Isaias, Jeremias, Ezequiel e João Batista fustigavam os nossos vícios não estavam nos amando, não estavam trabalhando para a nossa regeneração moral, para a nossa felicidade? Porventura o Divino Mestre deixou de amar a Simão Pedro quando o chamou de Satanás, dizendo que o seu nobre discípulo amava mais as coisas dos homens do que as coisas divinas? Será que o Divino Mestre não nos ama quando afirma: afastai-vos de mim vós que praticais a iniquidade? Porventura o Pai celestial, a Sabedoria, a Justiça, o Amor, a Luz e o Poder do Universo, não nos ama quando permite nascermos cegos, surdos, mudos, paralíticos, deformados e mutilados aquí na Terra? Claro que sim, pois os espíritos superiores desejam o nosso bem e não o nosso mal. Nós é que, usando e abusando do nosso livre arbítrio, criamos tais situações para nós mesmos. E' que não se ama sòmente as criaturas, mas também a Lei, a Justiça, a Paz, a ordem universal, a vontade soberana do Altissimo, a regeneração dos degenerados para a nossa felicidade e para a felicidade de todos.

IV. — Os antigos acreditavam que a séde da inteligência era o coração. Prova disto temos nas expressões: de cor, decorar. Em latim, coração é «cor, cordis». Por isto o guardar de memória, o memorizar, era para êles «guardar no coração», em vez de «conservar por escrito». A mente é máquina viva, complexa, a séde do pensamento, da memória, da inteligência, da consciência, da atenção ou concentração mental, da orientação, da vontade, etc. Os espíritos superiores nos ensinam que o coração é a séde do sentimento, do amor, da vida afetiva, como se verifica das expressões: coração de ouro, bom coração, coração duro, coração de pedra, verdadeira distinção entre sensibilidade moral desenvolvida da insensibilidade ou da sensibilidade embotada, entorpecida, sem cultivo algum. Na gradação da vida afetiva é que verificamos os nossos estados sentimentais: a paixão, o sentimentalimo, o amor equilibrado, sensato, a indiferença ou despreso, o ódio, a cólera. A paixão é doença mental, loucura, idéia fixa, absorvente, dominante, escravizadora, mórbida, de cura difícil. O sentimentalismo é leviandade de espírito, frivolidade, bondade exagerada, perniciosa que exige retificação, enobrecimento, justiça, equilíbrio para se tornar em virtude que é o amor harmonia, amor equilíbrio, amor responsabilidade, amor justiça, amor educação. O ódio é o contrário do amor, é crime, pecado, desrespeito ao nosso semelhante, a Deus e ás suas leis, às suas criaturas. O ódio sob o ponto de vista psíquico, é curto circuito, desiquilíbrio mental, loucura, insanidade psíquica, mental. A cólera é desiquilíbrio passageiro enquanto o ódio é duradouro, de longa duração.

V. — A mente é semelhante a uma estação de rádio emissora e receptora ao mesmo tempo, de pensamentos e sentimentos. O pensamento é fôrça viva, energia eletro-magnética que atinge sempre o alvo a que se dirige. Exerce poderosa influência na mente e no corpo que o emite, no alvo a que se destina, provocando reação de aquiescência ou de repulsa. O pensamento de saúde cura enquanto o pensamento de doença adoenta mesmo, provocando reajuste, harmonia, equilíbrio ou desajuste, desharmonia, desequilíbrio. Com base na qualidade dos pensamentos e sentimentos, na igualdade de hábitos e inclinações, é que os homens e os espíritos desencarnados se unem, pela lei de atração, de afinidade, de identidade de vibrações, formando os grupos afins, o ambiente, o clima espiritual. O pensamento é que dá, cria a forma, deforma, mutila, afeia, embeleza, adoenta e cura, enobrece ou avilta a criatura humana. A mente é o arquívo vivo, o fichário completo, que registra os nossos atos passados e presentes, iluminando ou ensombrando o nosso corpo espiritual.

VI. — O Amor é vibração de simpatia, de alegria, de satisfação, de prazer, de contentamento, de gôzo, de atração. O Amor é o alimento da alma assim como a comida é o alimento do corpo. O amor recíproco é troca, permuta de fôrças eletro-magnéticas que sustentam a vida normal, sadia, equilibrada, feliz. Quem não ama, isola-se, fecha-se em si mesmo, tornando-se insociável, desajustado, desequilibrado, insatisfeito, infeliz, por falta de amor, de alimento espiritual: O amor gera a saúde, a paz espiritual, a alegria de viver, a felicidade, o bom ânimo. O amor tem a sua gradação: simpatia, piedade, compaixão, misericórdia, caridade. O amor inspira confiança, estabilidade, respeito, compreensão, alegria de viver, tranquilidade de espírito. Por isto o amor foi erigido em lei universal. O amor espiritual é dedicação, consagração, sacrifício, renúncia, abnegação, trabalho educativo, construtivo, edificante. O amor, baseado na própria natureza humana, é vida de relação, fraternidade, solidariedade, colaboração, cooperação, amparo, ajuda, auxílio, renovação, progresso coletivo e individual. O amor é vida abundante, útil, lícita, honesta, moral, digna, justa. O amor é irradiação magnética, influência poderosa que atrai, que une, que ajusta, que cura, que pacifica, que eleva e enobrece o espírito humano. O amor começa, no homem, com o instinto sexual para a reprodução da espécie e se diviniza no espírito superior, enobrecido, sublimado, puro, perfeito, completo.

VII. — O amor não é união material mas espiritual, fundamenta-se na afinidade pura, perfeita, na uniformidade de vibrações elevadas. Por isto é raro o casamento espiritual e comuns as uniões puramente sexuais ou por necessidade. O casamento entre os homens da Terra é acôrdo de vontades para um objetivo determinado: a formação de um lar, a procriação, a reparação dos êrros do passado, a aquisição de valores novos através de novas experiências. É no lar que funciona o instituto da reencarnação, a ciência do recomêço. Por isto o lar é célula viva do corpo social, a sociedade formada pela união dos indivíduos. Pela reencarnação os espíritos esquecem o seu passado criminoso, pelo amortecimento da memória, afim de que se possam unir como marido e mulher, pais e filhos, irmãos e parentes. O esfôrço continuado, o sacrifício, a dedicação, o trabalho contínuo permitem a reconciliação espiritual, profunda e verdadeira, o resgate total, o desenvolvimento do amor latente, impulsionando o progresso individual e coletivo. O corpo material absorve as chagas do corpo espiritual e numa existência altera se, para melhor ou pior, o destino de cada um, de acordo com o grau de aproveitamento ou desproveito das oportunidades que nos são oferecidas pelo Amor Divino. Por isto é que o lar exibe a nossa riqueza ou a nossa pobreza espiritual, através da saude do corpo e do espírito, da inteligência cultivada ou sem cultivo, da adaptação ou inadaptação ao meio social, da capacidade ou incapacidade própria. É pela reencarnação e no lar que exibimos a nossa loucura, a nossa paralizia, a nossa deformação ou mutilação, a nossa beleza ou a nossa feiura que retratam, por si, em silêncio, as nossas vidas pregressas, o nosso verdadeiro passado, o nosso céu, o nosso purgatório e o nosso inferno interior, pessoal, personalissimo, que nos acompanha por tôda parte. No lar se reunem inimigos, algôzes e vítimas, para o aprendizado, através da reconciliação, da expiação e da reparação, transformando o ódio em amor, inimigos em amigos, algozes em benfeitores. O lar é um verdadeiro laboratório vivo de virtudes curadoras, de regeneração e de progresso espiritual. E só o lar pode fazer isto. Por isso, o dever bem cumprido é porta de libertação, é escada de ascensão, é oficina de progresso, é templo de redenção, unindo, reformando, curando, libertando para sempre. Por isto o aborto voluntário ou provocado é crime de difícil e demorada reparação, por vedar a recapitulação de experiências para o espirito que renasce, a reparação por parte dos pais de êrros cometidos no passado, a reconciliação entre inimigos, o progresso espiritual. Por isto o abandono moral, intelectual e material da prole constitue crime punido com severidade. Os dois esteios que sustentam uma casa são o marido e a mulher. Se um deles fracassa em sua tarefa, em sua missão, a vida conjugal e doméstica torna-se sacrificial para o outro conjuge. A estabilidade e o progresso do lar, da família depende, portanto, da atividade esclarecida e consciente dos dois conjuges e do bom aproveitamento por parte dos filhos.

VIII — O lar é escola viva, por isto a criança deve merecer cuidados intelectuais, morais e materiais por parte dos seus pais, os responsáveis pela sua formação espiritual. Como a Terra é habitada por espíritos atrasados, revoltados, inadaptados à vida prática, ao trabalho, à ordem, à disciplina, à formação espiritualizante, cumpre aos pais instituirem o culto doméstico, o estudo espiritualizante desde o início, procurando adaptar os espíritos que vão se reincarnar ao novo meio, à nova oportunidade. Sem o estudo e a prática do Evangelho nenhum lar pode tirar bom proveito da oportunidade que lhe é oferecida. A formação espiritual não se improvisa, depende de esfôrço, de perseverança, de formação lenta, básica, completa, perfeita, superior.

Olimpia, 9/2/1958.

Noblesse Oblige...

JÁ declarei, em artigo inserto nos periódicos «Almenara» e REVELAÇÃO, de dezembro do ano p. findo, que apenas para dar uma demonstração de aprêço ao Imbassahy e *resposta antecipada* a quem, porventura, quisesse envolver-se na discussão sôbre as Santas Escrituras, que tôda luz, em nosso mundo inferior, vem sempre envolta em trevas, etc. Por essa declaração estou dispensado de voltar ao assunto, sem absolutamente incorrer em falta para com quem quer que ainda possa escrever a respeito da questão.

Acontece, porém, que o dr. Mário Cavalcanti de Mello dirige-me carta aberta pelas colunas de «Revista Internacional do Espiritismo», de 15 de janeiro último, na qual põe em dúvida a procedência da citação que fiz de um tópico de César Cantú sôbre a Biblia — e sòmente a necessidade de me defender dessa insinuação pouco fraterna, poderia levar-me a quebrar a linha de conduta que me tracei, como acima ficou dito, de não voltar mais ao assunto.

Espíritas que somos, incumbidos de zelar pela prática dos ensinos do Cristo, escoimados de superfetações mundanas, não podemos acompanhar os costumes, radicados entre os plumitivos profanos, de deprimir os contendores, de derrotá-los para gáudio do nosso orgulho, da nossa vaidade. Se é isso o que pretende fazer o grupo que vaidosamente ostenta-se com o título de «Escola de Niterói», disposto a destruir todo o alicerce do Cristianismo, pretendemos que o seu procedimento não se enquadra no Espiritismo, mas ùnicamente no cientificismo espiritualista ou Metapsíquica, isto é, organizado para estudar os fatos e não para carregar a cruz que em nossos ombros está posta, de compartilhar, por amor, de tanto sofrimento humano e procurar mitigar as dôres do nosso próximo. Esta é a característica dos que seguem o Evangelho.

Não faço citações no ar, meu ilustre confrade. Da edição, em fascículos, de César Cantú, a que recorri, para ilustrar uma página da minha recente História da Literatura Catarinense, transcrevi o que se segue: «Tôda a literatura hebráica está encerrada na Bíblia, livro que, como dizia o ilustre orientalista Jones, «contém mais eloquência, mais verdades históricas, mais moralidade, mais riquezas poéticas e numa palavra mais beleza em todos os gêneros, do que se poderiam encontrar em todos os outros livros reunidos, em qualquer século, e em qualquer língua, que tenham sido compostos».

«A literatura hebráica funda-se inteiramente na religião cuja diferença essencial não deixou que os gregos e romanos a compreendessem, assim como não compreenderam o gênero de vida da Nação: o que foi causa de ignorarem por tanto tempo, até a existência dos livros santos. Sòmente quando Ptolomeu Evergetes os mandou traduzir, um dentre os tradutores, o retórico Longino, descobriu a sua sublimidade; outros os julgaram o produto de idéias platônicas». (César Cantú: História Universal, pags. 312 a 316, *passim*).

Dessa transcrição utilizei-me, na resposta ao Magaldi, do primeiro trecho.

Cantú deve ter razão: os gregos e romanos ainda não podem compreender as Santas Escrituras...

Arnaldo S. Thiago.

São Francisco, 6 de março de 1958.

Sôbre uma Música Mediúnica de Schumann

O imortal compositor alemão Robert Schumann (1800-1856) tem vários fatos relacionados com o Espiritismo que bem mereciam ser divulgados, como suas visões e audições supranormais, seus contatos com as mesas girantes, a história do concerto de violino, póstumo, descoberto em Berlin (1937), etc. Trataremos, desta vez, sòmente de sua peça mediúnica, intitulada: «Mein letzter Seufzer» (Meu último suspiro), cujas notícias extraimos de «Luce e Ombra» de janeiro de 1957, pag. 12, escritas por Zingaropolli.

É uma prova interessante de mediunidade musical e da identificação de um espírito, caso pouco comum na literatura espírita, motivo pelo qual julgamos útil a sua divulgação. Zingaropolli fez amplo comentário da música espírita de Schumann, baseando-se nos dados fornecidos pelo livro «Souvenir et problémes spirites», por Mme. C. G., Paris, 1905, «Lib. Sciences Psychiques». Em uma certa reunião realizada em Paris, no começo deste século, o guia da médium senhorita R. foi consultada por um dos presentes sôbre a possibilidade de uma comunicação de Schumann. A resposta foi positiva, e então o espírito de Schumann apareceu comunicando o seu nome e disse que poderiam reconhecê-lo por amar a Austria e pelo estilo de composição musical que enviaria. Realmente, constatou-se que suas biografias indicam a preferência de Schumann por Viena, capital artística e política da Austria. A peça musical enviada teve por título «Meu último suspiro». Essa música foi executada ao piano, e constatou-se que era uma melodia triste, com alguns erros de harmonia (provavelmente devida à médium) o estilo foi reconhecido como sendo o de Schumann, por um professor austríaco, que executou a música, sem saber anteriormente quem era o autor!

Essa interessante mensagem musical é composta de dois movimentos: Andante e Maestoso. A crítica interpretou a primeira parte, como sendo os últimos instantes da morte do genial músico alemão: é uma série de harmonias que termina súbitamente, de modo a suscitar a idéia de morte, que rapidamente veiu ao encontro do jovem compositor. A segunda parte é uma marcha fúnebre, e o final exprime a alma que se liberta do corpo físico, porém ainda pertubada na vida espiritual.

As biografias clássicas de Schumann pouco falam de suas relações com as mesas girantes. Os interessados poderão encontrar alguns detalhes nas obras: «La vie douleureuse de Schumann», por Victor Basch (Lib. Felix Alcan, Paris), obra exgotada, encontrável sòmente em grandes bibliotecas, e «Vida Romântica», Inquietudes artísticas e Diário Íntimo de Schumann», por Eugênia Schumann, editada em Buenos Aires, há alguns anos. (1)

Cicero Pimentel.

Rua Rio Grande do Norte 156, c/1 —
Sto. André — Est. São Paulo.

---

(1) «Reformador» jan. 1955, «Das mesas girantes e falantes». Z. W.

Crônica Estrangeira

Crianças psíquicas salvam a mãe de naufrágio e desastre de avião

São as crianças psíquicos naturais ?

Fizemos esta pergunta quando recentemente imprimimos um artigo de um jornalista não espírita que tratava de uma criança psíquica. Leitores responderam á nossa pergunta, enviando relatos de fatos idênticos.

Eu creio que crianças e animais têm, por vêzes, maiores poderes psíquicos do que adultos. O que segue prova a minha afirmativa.

«Estavamos estacionados em Singapura. Depois do ataque japonês, naquela terrível noite, dezembro de 1942, vivíamos em constante agitação.

Intimaram tôdas as mulheres e crianças a abandonarem a ilha. Como eu tinha dois filhinhos, arrumei os meus objetos e tristemente me preparei para deixar minha casa e marido e pôr-me em segurança.

Recebemos aviso que podíamos voar para a Austrália ou Índia. Rapidamente fui ao porto aéreo para obter a passagem, quando minha filha começou a chorar e, olhando para o avião, disse: «*Não, não mamãe, não entre neste aleoplano... aleoplano vai ser bombeado, bomba, e vai cair na água.*»

As criança foram cuidadas por uma aia chinêsa e algumas vezes falavam com acento chinês. Minha filhinha continuou a chorar e me puxava para me afastar. Então chegou outra mulher, bem doente e pediu-me ceder-lhe o meu lugar. Com relutância, eu lhe cedi o meu lugar.

No dia seguinte nos ordenaram ir ao Cais Collier para embarcar para a Índia. De novo apanhei meus objetos e lá fomos com a resolução de embarcar. Antes moravamos na Índia e lá tinhamos muitos amigos, portanto grande era o meu desejo de ir.

Ao chegarmos à doca, vimos uma multidão de mulheres da Índia, tôdas a chorar. Seus maridos haviam guerreado e morreram na Malaia Norte, e elas voltavam, viúvas, para a Índia, numa situação pior do que a morte.

Dispunha-me a tomar o navio com as crianças, quando Diana olhou em volta e disse : «Não, mamãe, êste navio não vai para tia Lallie na Índia : êste navio vai afundar na água, vai encontrar bomba, bomba». Eu estava desesperada, o soluçar das viúvas era impressionante e eu não queria deixar meu marido, e afrontar uma sorte desconhecida.

Então o meu filho olhou e disse firmemente, «Ó, por favor mamãe vá num outro barco, não êste, mau».

Mais uma vez voltei ao lar, com o pensamento dominante de precisar partir, antes de sermos bombardeados.

Poucos dias depois, encontrámos outro navio, prestes a partir para a Austrália. De novo fomos ao cais. Quando chegámos à ponte, as crianças riram e exclamaram: «Ó mamãe, bonito barco, bonito para ver tia Mary e tôdas as outras tias. Bonita água e bonita casa nova. Nenhuma bomba, bombas».

Nessa ocasião eu não sabia em que pensar, mas dentro de poucas horas, navegavamos, perto de Singapura, observando os grandes incêndios.

Dez dias depois chegávamos a Java, onde embarcámos em outro navio, rumo à Austrália. Diversas vêzes nos atacaram, mas não fomos atingidos e a salvo chegámos a Adelaide. Depois fomos a Sidney. Lá, uma das primeiras pessoas que encontrámos foi tia Mary e muitas amigas, chamadas *tias* pelas crianças.

Soubemos que o avião destinado à Índia fôra abatido e todos os passageiros sucumbiram. O navio que rumava para a Índia fôra afundado ao largo de Ceylon, e muitas vidas se perderam. Mas nós estávamos salvos na Austrália, graças às faculdades psíquicas de meus filhos, e o auxílio daquêles no Além. Quem o diria ? Como quer que seja, hoje todos estamos vivos porquê eu atendi ao chôro de crianças». Phyllis Morris.

De «Two Worlds».

❧

Como encontrou o seu irmão

De «Estudos Psíquicos».

O sr. Snid E. Smith publicou no *Fate*, de Londres, um relato subordinado ao título desta nota e que merece arquívo pela forma e pelo conteúdo.

A sra. Smith andava no colégio, quando seu irmão Harold desapareceu, sem que ninguém o pudesse localizar. Foi quando ela regressou a casa a passar as férias e seu irmão Vitor, que era médium, a tentou convencer do fenômeno espírita. Ela, porém, era ortodoxa e tudo atribuía aos sentidos e à trapaça.

Um dia condescendeu com o irmão e foram para um quarto vago no primeiro andar, fechando as janelas para não serem incomodados. Sentaram-se junto de uma grande mesa e puseram as mãos sôbre ela.

Como seu irmão tinha apenas 10 anos, observou-o cuidadosamente, não fosse êle ser vítima de qualquer partida. No entanto parece-lhe que êle não tomava grande parte no fenômeno; e quando se lembra destas experiências julga que o irmão caira em transe, visto aparentar aspecto de mais velho e falar em voz diferente.

O primeiro fenômeno surgiu quando se sentaram. Eram pequenas pancadas no quarto e na mesa. A sra. Smith pediu que as pancadas fossem dadas em determinados sítios, debaixo de suas mãos e das mãos de seu irmão e debaixo da mesa. Tudo se passou como tinha pedido, demonstrando-se assim a existência de uma fôrça inteligente e invisível. Depois e por intermédio de um código prèviamente elaborado, foi-lhes dito que a sua falecida mãe estava presente e responderia a qualquer pergunta.

Receberam então indicações acerca do lugar onde poderiam encontrar Harold e nessa mesma tarde a sra. Smith se pôs a caminho, em viagem de autocarro, até que deu com a morada.

O coração batia lhe desordenadamente, enquanto subia a escada e tocava a campaínha de um prédio de tijolo que parecia colégio.

— Senti-me rídicula — disse ela — e tive o pressentimento de uma desilusão. Nesse momento abriram a porta e apareceu a dona da casa, a quem perguntei se meu irmão ali vivia.

— Vive, sim, respondeu a interlocutora. Faça favor de entrar. Vou chamá lo.

O encontro entre os dois irmãos foi patético. Ela não acreditava no que via e êle queria saber como tinham conseguido a sua morada.

Conversaram animadamente. Harold falou dos seus estudos artísticos e do trabalho que queria realizar sózinho, sem interferência de ninguém.

E desta maneira a sra. Smith passou uma boa manhã junto do seu «irmão desaparecido» que a falecida mãe ajudara a encontrar...

Como temos dito, as grandes provas obtêm se quase sempre espontâneamente. A sra. Smith não acreditava nos fenômenos espíritas, julgava que tudo eram truques e artes diabólicas. E teve a demonstração do contrário e converteu se ao Espiritismo. Que a nós pouco importa a sua conversão, porque não tiramos lucro algum do acontecimento, mas apenas a satisfação de saber que mais uma alma se libertou de concepções errôneas que infelicitam a humanidade.

NECROLOGIA

Na Assembléia

Homenagem á Familia do dr. Zoilo Simões

Transcrevendo de «O Tempo», jornal de São Manuel, a nota que, com os títulos acima, êle publicou, sôbre o doloroso acontecimento que envolveu a família do dr. Zoilo Simões, um dos espíritas mais conhecidos e dedicados à nossa causa, nós o fazemos para registrar, no testemunho da linguagem profana, o valor e os méritos do querido confrade e de sua família.

Esse testemunho insuspeito, publicado em 13 de abril último, é o seguinte:

«O Deputado Geraldo de Barros encaminhou à Mesa da Assembléia Legislativa Estadual, na sessão de segunda feira última, requerimento no sentido de ser consignado voto de profundo pesar pelo acontecimento que ceifou em 1.° de abril, as vidas do Dr. Zoilo Simões, sua esposa, Dna. Sara Quevedo Simões, seus filhos, Roberto, Isabel e Vera, e sua tia, Dna. Alcinda Meira Cardoso. A justificativa apresentada pelo Deputado sãomanuelense foi a seguinte: —

«O infausto acontecimento que tirou as vidas da família do dr. Zoilo Simões, ocorrido num desastre automobilístico, no dia 1.° do corrente, consternou profundamente tôda a população de São Paulo. Demandava o dr. Zoilo e sua família a caminho de Limeira, quando se deu tão infausta ocorrência. O dr. Zoilo Meira Simões, filho do saudoso Amando Simões, seguiu as pègadas do seu pai na filantropia e com imenso amor e carinho, conduzia os destinos do Orfanato Lar «Anália Franco» de São Manuel. Grande lavrador e profundo conhecedor da cultura cafeeira, foi sempre um destemido defensor da sua classe. Está de luto o povo de São Manuel. O doloroso acontecimento encheu de pesar tôda a cidade, que sente inconformada, a perda da família do dr. Zoilo, tão estimada e querida dos seus conterrâneos. O extinto que vinha dirigindo já há tempos o «Lar Anália Franco», com ardor e dedicação, ficou credor da admiração popular; perdem, pois, as meninas dêsse Orfanato, o seu grande benfeitor e choram a sua lamentável perda.

Como representante de São Manuel, nesta Assembléia Legislativa, não poderia deixar de prestar nesta triste oportunidade as minhas homenagens a quem tantos benefícios prestou à crianças de minha terra. Compartilhando da dor que o povo sãomanuelense sente pela irreparável perda de filhos tão queridos, rendo pois, a minha homenagem e o profundo pesar à família enlutada».

Arlindo Colaço

O mensário «Paraiba Espírita», que se edita em João Pessoa, trouxe, em seu número de janeiro, a notícia seguinte:

«Desencarnou, em fins de dezembro p. passado, a bordo de um avião da carreira, que se destinava a esta cidade, procedente de São Paulo, o escritor Arlindo Colaço, nome bastante conhecido em nossos meios culturais e jornalísticos.

O escritor conterrâneo, que é natural de Alagoa Nova, sempre se caracterizou pelo seu espírito de polêmica, utilizando em seus escritos uma argumentação segura e forte, mas baseada em fatos históricos.

Pode-se criticar o saudoso homem de letras pela virulência de seus ataques a uma série de erros e absurdos, mas não se pode deixar de reconhecer-lhe a honestidade intelectual, pois tudo que afirmou tinha base num documento.

Outra interessante faceta da personalidade do escritor Colaço era o acendrado amor à liberdade de pensamento e de opinião. Inimigo acérrimo do farisaismo hipócrita, o ilustre intelectual talvez tenha pecado por excesso de franqueza, de sinceridade consigo mesmo.

Teve um dos seus livros apreendido pela polícia pernambucana. Mas êsse incidente não amedrontou o polemista desabusado. Pelo contrário: foi motivo para novos trabalhos. A luta foi o seu clima. Estava seguro de que o escândalo é necessário.

Lamentamos profundamente o seu desencarne. Assistimos ao seu enterramento físico. Muita simplicidade e muito sentimento. Á beira do túmulo, usou da palavra o nosso confrade General Leite.

A sua esposa, que é excelente *médium*, soube enfrentar o golpe com muita resignação, digna de uma espírita.

Pessoas de todos os credos estiveram presentes ao sepultamento dos restos mortais do pranteado escritor.

Para êle as nossas preces».

—

Laura Siqueira Santos

Em Campinas, onde residia, passou para a vida espiritual d. Laura Siqueira Santos, cuja existência, de 71 anos, foi tôda dedicada ao bem do próximo e da família, como espírita convicta que era.

A respeito de seu passamento, ocorrido em 24 de março, transcrevemos adiante a carta que recebemos de seu filho, Juvenal Siqueira Santos, nosso prezado confrade.

Eis a carta:

«Desencarnou serenamente, confortando a todos os filhos, netos, genros, noras e demais parentes, consolando e repetindo *«Sou feliz»*.

Minha mãe — *Laura Siqueira Santos* — foi antiga colaboradora, juntamente com papai, há muito desencarnado, do velho «seu» *Batuira*, como o chamávamos na intimidade. Esse vulto da espiritualidade hospedava-se em nossa residência, sempre que saia da Capital para o interior em propaganda da «Verdade e Luz», sua conceituada revista espírita

Logo após a minha dissertação-despedida e prece final do *«Pai Nosso»*, pouco depois da *Ave Maria*, mamãe desprendia-se serenamente e partia para o além.

Assim como há vários lustros, o meu progenitor, estoicamente, falando e calmo até os últimos momentos, encorajando e pedindo a todos fortaleza e fé, certo da vida que continua, João Baptista Santos, em cujo sepultamento falou o dr. Souza Ribeiro, exaltando os últimos pedidos do velho espírita: «nada de lágrimas, de velas e de luto», assim agora, no dia 24, minha genitora despedia-se, voltando ao mundo de onde viera.

Repetiu os mesmos pedidos do velho, as mesmas palavras de conforto, a mesma coragem e a mesma fé.»

Resta-nos, apenas, acrescentar: assim é que costumam *morrer* os espíritas!

ESPIRITISMO NO BRASIL

O II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Com a magnitude de verdadeiro acontecimento histórico, a ficar registrado nos anais do Espiritismo no Brasil, foi levado a efeito o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas que, por iniciativa do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, teve lugar na Capital do Estado nos dias 18 a 23 de abril último.

A fraternidade da reunião de espíritas de vários Estados brasileiros, foi a nota dominante do certame, cujo noticiário está sendo preparado, na devida amplitude, para nossos próximos números.

Além disso, porém, digna de nota, era a organização da Mesa do Congresso com a predominância de confrades vindos de fora: presidente — Lauro Schleder, diretor de «Mundo Espírita», de Curitiba, Paraná; vice-presidentes — Carlos Imbassay, o grande escritor, de Niterói — Rio de Janeiro; Pereira Guêdes, diretor de «Almenara», da Capital Federal; Francisco Raitani, também de «Mundo Espírita» de Curitiba, todos dando cabal desempenho na presidência do conclave, sendo justo destacar ainda o trabalho eficiente e dedicado de Euripedes de Castro, secretário-geral, de São Paulo, o qual não mediu esforços pelo êxito daquela magnífica reunião espírita.

Os debates do Congresso, foram realizados na séde do Clube dos Jornalistas Espíritas e as conferências na Federação Espírita do Estado de São Paulo e no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

As teses debatidas, foram da mais palpitante atualidade e tiveram o condão de fazer vibrar o Congresso, sem quebra da perfeita cordialidade que reinou entre os congressistas. E, com suas conclusões, o tentame atingiu plenamente as finalidades que o ditaram.

Assim foi que vimos desfilar na tribuna, além de jornalistas e escritores de São Paulo, dos mais distintos, as figuras eminentemente simpáticas, de oradores, como Carlos Imbassay, na sua estatura moral de sábio e de mestre; Pereira Guedes, o iconoclasta de fisionomia e de gestos, mas com seu coração de pomba; Olivio Novais, dramático, refletindo sinceridade; Noraldino de Melo Castro, cultura e discrição; Aleixo Vitor Magaldi, alma e coração; J. Herculano Pires, conhecedor profundo da Doutrina, expositor claro, conciso, corajoso, sem perder a medida na paixão pelas teses que defende.

E, como esses, tantos outros, embora alguns não tenham podido chegar até ao fim dos trabalhos.

Nem faltou, ao ambiente, a presença benfazeja da mulher espírita, com a sua fé e a sua palavra, para maior brilhantismo do grande Congresso realizado, como foi o caso da jornalista Guiomar Ferreira, do Rio de Janeiro, a qual impressionou, na tribuna e fora dela, pela vivacidade de inteligência e cultura demonstrada.

Grande foi o Congresso, oportunas as teses, e de magna importância as conclusões alcançadas.

Parabens aos seus dignos promotores.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária realizada em 1 de Março de 1958

À hora regimental, após proferir a prece inicial, o Presidente dá posse aos novos representantes da Federação Espìrita do Estado do Espirito Santo e da Federação Espírita do Piauí, respectivamente Alberto Nogueira Gama e dr. Moacyr Fernandes Dias, dizendo do valor de ambos como trabalhadores da Doutrina. E' lida e aprovada a Ata de Fevereiro, constando do Expediente ofício da União Espírita Mineira anunciando a realização, em Junho próximo, do Terceiro Congresso Espírita Mineiro, tendo sido eleito para Presidente de Honra o Sr. Wantuil de Freitas, Presidente da Federação Espírita Brasileira. O Conselho aprova unânimemente a seguinte Proposição: —

> «O Conselho solicita de tôdas as editoras espiritas, quer de periódicos, quer de livros, que não dêem publicidade a trabalhos mediúnicos sem a indicação do nome do médium receptor».

Pernambuco — O Conselheiro Joaquim da Costa Vilaça relata atividades da Federação Pernambucana desde 1956, apresentando relação das sociedades filiadas.

Piauí — O Conselheiro Dr. Moacyr Fernandes Dias agradece sua designação para o Conselho e noticia a realização da Quarta Confraternização das Mocidades e Juventudes Espíritas do Norte e do Nordeste do Brasil, em Teresina, em Julho deste ano.

Maranhão — O Conselheiro Clóvis Ramos comunica estar a Federação Maranhense empenhada em aumentar suas atividades no setor assistencial e na difusão do ensino primário..

Goiás — O Conselheiro Almerindo Martins de Castro informa haver a Federação Goiana eleito seus novos dirigentes e solicita informes sobre a data da reunião dos presidentes das Entidades Estaduais. O Conselho delibera que tal reunião seja, se possível, em fins de Agosto do corrente ano.

Após o estudo de vàrios assuntos, o Presidente faz longa exposição sobre os últimos acontecimentos referentes ao movimento espiritista no Brasil, em Portugal e na França, finalizando-se a reunião com a prece proferida pelo representante de Santa Catarina, precisamente às dezesseis horas.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 342.006,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Dante Ferrioli

Comunicamos aos nossos amigos e assinantes e aos confrades em geral, que o representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» o nosso companheiro Dante Ferrioli, se acha presentemente percorrendo o Norte do Paraná.

Para êle, estamos certos da boa acolhida dos espíritas dêsse Estado, o que sinceramente agradecemos.

Telegrama

Do Rio de Janeiro, recebemos o seguinte telegrama :

«Agradeço gentileza da remessa do número 2, do corrente ano, da «Revista Internacional do Espiritismo» cujos artigos e noticiário estou lendo com o máximo interêsse. Saudações» (a) *Senador Lino de Matos.*

Palavras Amigas

O confrade José Alves Pereira, de Pindorama, comunicou-nos a eleição da nova diretoria do Centro Espírita «Amantes de Jesus», e na mesma carta enviou-nos carinhosos votos pela proteção do Alto em favor dos companheiros de trabalho de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», o que agradecemos de coração.

Êsses votos, como bem acentua o confrade—são oportunos—«principalmente nestes momentos difíceis que atravessa o Espiritismo com a perda de grandes esteios da espiritualidade, que estão mudando para a pátria espiritual, abrindo profundas lacunas nos meios espíritas do Brasil».

Gratos, retribuimos êsses votos generosos.

Campanha do Sêlo da USE

O Conselho Metropolitano Espírita, promoveu, a 6 de abril último, na Capital do Estado, o lançamento da Campanha do Sêlo da USE, cuja confecção foi aprovada por ocasião do III Congresso Espírita Estadual.

Da circular, que recebemos a respeito, extraímos a seguinte explicação :

«O escôpo principal dessa Campanha é a difusão e maior colocação do sêlo da USE junto aos espíritas da Capital e de todo o Estado de São Paulo.

Para êste fim, o Conselho Metropolitano fará realizar, na Capital de S. Paulo, centenas de reuniões, difundindo, esclarecendo, desenvolvendo êste trabalho, e solicitando objetivamente o seguinte :

a) a solidariedade de tôdas as sociedades espíritas de São Paulo;

b) a resolução de tôdas as sociedades espíritas no sentido de que seja ADICIONADO (colado no verso) nos recibos de seus sócios, MENSALMENTE UM SÊLO DA USE, e solicitado dos mesmos, para cobertura dêsse sêlo, a importância de Cr. $ 1,00.

c) o trabalho de esclarecimento, por parte das direções de tôdas as sociedades espíritas, da importância e significação do sêlo da USE».

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 170,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$150,00
Do 4.° ano	170,00	Do 21.° ano	150,00	Do 28.° ano	150,00
Do 5.° ano	170,00	Do 22.° ano	150,00	Do 29.° ano	150,00
Do 6.° ano	170,00	Do 23.° ano	150,00	Do 30.° ano	150,00
Do 7.° ano	170,00	Do 24.° ano	150,00	Do 31.° ano	150,00
Do 18.° ano	170,00	Do 25.° ano	150,00		
Do 19.° ano	150,00	Do 26.° ano	150,00		

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Ação e Reação
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3451unse

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1958 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Religião do Presente	*Redação*
Ateismo e Reencarnação	*Ismael Gomes Braga*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
E'cos do Congresso Espírita Internacional	*Cicero Pimentel*
Ramatís e a Ciência	*V. O. Casella*
27 de Novembro	*Ten. Cel. Duilio Lena Bérni*
Bodas de Ouro	*1.º Tenente Alberto Lopes*
Coisas da Vida	*General Levino C. Wischral*
O Homem, Célula do Organismo Nacional	*G. M. Minardi*
Ciência e Sabedoria	*Luiz Caramaschi*
O Fim do Mundo	*Antonio Domiciano*
Abrigo Jesus	*Aleixo Victor Magaldi*
Os nossos irmãos irracionais . . .	*Renato Khel*
Crônica Estrangeira . . .	*Redação*
Conclusões e Recomendações do Congresso de Jornalistas	*Irmão Saulo*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 66,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1958 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Religião do Presente

JESUS nunca afirmou que enviaria esta ou aquela religião em seu nome para continuar a pregar a sua Doutrina. Não deu nenhum nome, não fez qualquer referência a nenhuma das religiões que no momento se afirmam cristãs, tanto mais que a religião de Jesus chama-se — Cristianismo — que é a exposição da Lei de Deus. O que Jesus afirmou foi que enviaria o Paracleto, o Espírito Consolador, cuja missão seria relembrar o que Êle disse e ensinar tôdas as coisas, as coisas que Êle não disse, porque a humanidade do seu tempo não estava em condições de compreender.

Jesus deixou êste mundo há quase dois mil anos, tempo suficiente para Êle cumprir a sua Promessa. Portanto o Paracleto deve estar no mundo. Mas aonde está êle ? Estará porventura oculto ? Não, o Paracleto está bem visível, todos o podem ver com os olhos da razão, da lógica, do raciocínio e através dos fatos, o que é ainda mais importante, dos fatos comprobativos da sobrevivência individual, das curas e dos fenômenos espíritas que constantemente enriquecem os anais espíritas, agora mais intensamente através da Imprensa e do Rádio, tanto mais que chegaram os tempos em que a luz da Verdade está sendo posta sôbre o velador das consciências, afim de que todos vejam os retos caminhos de Deus.

O Paracleto ou Espírito Consolador está representado no Espiritismo. É sob a sua égide que a humanidade está tomando o caminho do verdadeiro Cristianismo, que as religiões do mundo deturparam de acôrdo com os seus interêsses pessoais e materiais. É sob a sua égide que os maus se convertem em almas de luz. É através dos seus ensinos que têm por base o Evangelho de Jesus e os fenômenos espíritas comprobativos da Imortalidade da Alma, que a luz da fé e da esperança se acende nas almas que buscam realmente a Deus, nosso Pai Celestial. É sob o seu amparo que as criaturas encontram coragem e fôrças para suportarem, com resignação e humildade, o pêso dos seus sofrimentos, certas de que marcham diretamente para a conquista do reino dos céus, que é sinônimo de felicidade simpeterna.

Como Paracleto da Promessa, o Espiritismo não só ilumina e conforta as almas, como também multiplica pães e peixes e opera curas a exemplo de Jesus. E os espíritas foram contemplados com esta santa tarefa, a qual estão cumprindo à risca, sem medir sacrifícios. Hospitais ou Sanatórios, lares infantís, lares dos velhos desamparados, creches, escolas estão espalhados por todo o país, numa ajuda decidida aos poderes governamentais, que também não regateiam o seu auxilio às obras espíritas de assistência social.

Como vemos, o Espiritismo, pelo seu gigantesco trabalho de iluminar e amparar as criaturas em tôdas as suas necessidades, tem a seu favor testemunhos irrecusáveis que o apontam como o Paracleto da Promessa de Jesus.

E à medida que o tempo avança, mais concreta e positiva se apresenta esta afirmativa: as obras espíritas de assistência social e de iluminação interior, trabalho de encarnados e desencarnados, se multiplicam como os pães e os peixes multiplicados por Jesus, ao mesmo passo em que os Espíritos, através de médiuns insuspeitos, multiplicam, para a humanidade, as Graças de Deus através de mensagens de luz, de esperança e de fé.

Ainda há pouco diziamos que o Espiritismo é a religião do futuro.

Mas, com o progresso notável desta bendita Doutrina em tôdas as camadas sociais, podemos afirmar que o Espiritismo é também a Religião do Presente.

—

Ateismo e Reencarnação

Ismael Gomes Braga

PARA o infeliz descrente, a criação é o caos, a fatalidade guiada por fôrças cegas e irresponsáveis: aquí é o cego de nascença, ali o surdo-mudo, mais além o cretino, acolá o enfêrmo abandonado, o bom oprimido e esmagado pelo mau, a mulher seduzida e abandonada, a criança faminta no tugúrio miserável ou nas portas das igrejas, o medo nos corações, o desespêro nos espíritos, a justiça a favor do mais forte, o desemprêgo forçado, as doenças incuráveis, os males inatos, as calamidades coletivas, a calúnia, o ódio, a perseguição, todo um infinito de dôres e no fim a morte dolorosa e a podridão.

Se volve os olhos ao passado, encontra males ainda mais tétricos: a escravidão do vencido e sua prole, crianças lindas que nascem escravas e são objeto de compra e venda desde o berço; o fanatismo religioso apedrejando, levando à masmorra escura, ao cavalete da tortura, à fogueira pública as pobres criaturas indefesas; a onipotência dos senhores de cutelo e baraço e as massas degradadas de famintos nus, sem nenhum direito.

Contemplando a vida em nosso mundo de expiações e de provas, o homem caiu no ateismo. Tudo lhe fala de dôres e fôrças cegas, das quais se sente êle joguete impotente, com a única perspectiva da morte e do nada. Nascer na dor, viver na dor, morrer na dor, reduzir-se a um pouco de pó, eis tudo que lhe aparece diante dos olhos estarrecidos.

Não crê, porque não pode; independe da sua vontade a crença, diante dos fatos que lhe parecem realidades eternas; sua filosofia se formou na observação do mal por tôda a parte, no mundo e nos corações. É ateu por uma fatalidade mesológica e seu ateismo lhe cria o inferno mental de desespêro. Se busca um consôlo na religião ortodoxa, nas Igrejas, estas lhe apresentam ainda a perspectiva dum inferno eterno, como punição pela sua descrença.

Como salvá-lo?

Levantando-lhe o véu que oculta o passado, que lhe revela as causas determinantes do presente. Somos os endividados com a Lei. Já vivemos milhares de vêzes e criamos nosso presente, assim como hoje estamos criando nosso futuro. Mudemos o ângulo de observação. Contemplemos com outros olhos a vida e veremos a Justiça misericordiosa trabalhando para nos salvar. Contemplemos a vida na Natureza.

A sementinha fecundada é o germe da planta que há de surgir. O organismo maravilhoso de um inseto foi sàbiamente planejado para determinadas finalidades e as alcança na evolução. O magnetismo que atrai entre si os sêres para a reprodução é o poema do amor. O funcionamento conjugado de todos os órgãos de nosso corpo revela um planejamento encantador. O movimento dos astros em tôrno de seus centros, sua evolução, seu destino, seu progresso e transformações através de milhões de séculos nos revelam uma Inteligência, uma Energia, uma Sabedoria pasmosas.

A evolução da Humanidade, desde a vida primitiva nas cavernas, nas palafitas das populações lacustres, nas tendas pastoris até à cidade moderna; o crescimento de nossa aspiração ao bom, ao belo, ao justo, ao amor, tudo nos revela um Plano Superior que nos conduz pacientemente para formas mais felizes, mais inteligentes, mais espirituais.

Longe de caos e fôrças cegas, tudo é dirigido por uma Inteligência Sublime, por uma Vontade Invencível, por uma Misericórdia Imensa, por um Amor Universal.

Para compreendê-lo, porém, não basta contemplar um quadro único do longo filme da Vida. Uma parte muito longa dêsse filme jaz nas sombras do passado que engendrou o presente, e outra parte infinitamente maior ainda está no Porvir, nas mãos do Arquiteto Sublime que não descura o mais ínfimo inseto nem as mais grandiosas constelações. Para penetrar os arcanos da criação, é indispensável compreender a nossa própria formação, lenta, paciente, através de milhões de anos, durante os quais usamos e abusamos de nosso livre arbítrio, praticamos as mais insensatas leviandades. Só pelo estudo da Reencarnação começamos a sentir a grandiosidade do Plano Divino para a Salvação Universal e a nos curvarmos reverentes diante da Eterna Sabedoria do Criador.

A irresponsabilidade com que as Igrejas negam a reencarnação, lançando a pobre criatura humana nos abismos da incompreensão, da negação, do ateismo, é crime maior do que podem hoje compreender os líderes religiosos dogmáticos.

A tentativa louca de conservar eternamente inalteradas suas instituições e doutrinas, já condenadas pelo progresso, cria-lhes uma situação tão triste para o porvir, como no passado suas condenações de verdades das ciências naturais: movimentos da Terra, existência de antípodas etc.

Cumpre às Igrejas estudar a Reencarnação e ensiná-la como chave de tantos mistérios que já não têm razão de ser.

O Ateismo é filho da ignorância teológica e desaparecerá quando o homem conhecer a Verdade da Vida eterna.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

CAPÍTULO XXX

1 — Vim, repito, em 1921, para o Rio, com o fim de firmar, definitivamente, minha situação financeira na Bahia. «O homem põe e Deus dispõe»: não voltei para a minha terra.

2 — Trouxe muitas cartas de recomendação para a capital do país, que firmariam, estava eu certo, ótima situação comercial na boa terra. Falharam tôdas.

3 — Procurei o Manoel Quintão, a *Federação Espírita Brasileira*, redação do *Reformador* em que, ainda na Bahia, publicara alguns versinhos.

4 — Certo dia, conversando no alto da escada, com o Quintão, surge-nos um môço alto, simpático, a quem o Quintão me apresenta: «Leopoldo Machado, amigo da Bahia, que pretende ficar conosco». Apresenta-me, depois o môço: «Amaral Ornellas...» Não concluiu: eu e o Amaral Ornellas caimos nos braços um do outro... Velhos amigos de existências pretéritas que se reencontravam...

5 — Conheci, neste mesmo dia, Carlos Imbassahy, do «*Leviana*». Mas, para surprêsa minha, não era mais aquêle Imbassahy hóstil ao Espiritismo, que eu conhecera através de cartas... Era o Imbassahy espírita, que seria, no futuro, o mais fulgurante polemista que a terceira revelação teria na Terra de Santa Cruz!

6 — Quintão continuava, sempre amigo, procurando me ambientar no meio espírita do Rio. Apresentou-me ao Frederico Figner, seu chefe, dono da *Casa Edson*. Com a mesma indiferença que me tratou quando o conheci em Salva-

dor, de sua passagem para Belém do Pará, tratou-me novamente: um «muito prazer» entre dentes, dando-me, indelicadamente, as costas... Velhos inimigos de existências pretéritas, que se reencontravam. Talvez...

7 — Conheci, também, Fernando Coelho que secretariava, na época, o *Reformador*. Secretariou-o por pouco tempo. Tive a tristeza, depois, de encontrá-lo em péssima roda, quase materialista.

8 — Comecei a desanimar, já que não encontrava nenhuma colocação, após o fracasso das cartas.

9 — Andava neste desânimo quando encontrei Nelson Duarte, velho amigo que conhecera na casa do Petitinga. Alma tão franca e simples que, certa feita, na Bahia, entregou-me a casa para uma festa que durou três dias. Arranjara eu, para ela, um piano emprestado, pianista, convidados, tudo... Foram três dias de alegrias sãs, na Ladeira da Barra, ao lado do Nelson, espôsa e filhinhos: dansas, modinhas, declamações, brincadeiras de salão, etc...

10 — Nelson apresentou-me a Leopoldo Cirne, potiguar como êle. Cirne era muito feio, com seu nariz recurvado... Ficamos logo muito amigos. Êle tinha muita piedade de mim e envidava todos os esforços para me auxiliar.

11 — Certo dia em que eu não tinha niquel para fazer, siquer, uma refeição simples, Cirne deu-me dez mil réis, com estas palavras: «Não lhe dou mais porque não tenho. Estou com a vida atrapalhadíssima por ter publicado *Doutrina e Prática do Espiritismo*.

12 — Deu-me, então, uma carta para o seu amigo Francisco Paim Pamplona, Almirante, dono de um colégio no Meyer.

13 — Conversando sôbre o fato com Quintão, êste deu-me, também, uma carta para o Almirante; além de telefonar a meu respeito. Eram amigos.

14 — Procurei-o em sua residência, lá para os lados de S. Francisco Xavier. Anoitecia. Recebeu-me na sua sala de jantar, com aquêle seu modo bom, simples e inesquecível, de que tenho, até hoje, tantas saudades...

15 — Disse-me que tinha um colégio pequeno, no Meyer, mas que pretendia lhe dar nova séde, em Todos os Santos, onde também ia residir com a família. Deu-me o endereço do colégio e, no dia seguinte, à hora marcada por êle, eu lá estava.

16 — A casa onde funcionava a escola era, realmente, pequena. Perto da *Light*, na entrada do Meyer, para quem vem do Engelho Novo. Falou-me do seu secretário e chefe de disciplina, que fôra acidentado em um desastre de trem da Central de que era funcionário; do sargento Amaro que estava organizando a banda do estabelecimento e ficara a inspecionar os alunos na ausência do chefe acidentado... E só me apresentou, no dia, a um aluno, aliás um dos mais peraltas...

17 — Assumi, assim, a direção do *Colégio Nacional* que se transferiu, dias depois, para dois prédios recem-reformados entre Meyer e Todos os Santos, vizinhos à *Escola Pública Antonio Vieira*.

18 — No Colégio do Almirante Paim Pamplona, eu fui tudo: desde inspetor de alunos, como comecei, até vice-diretor. Fui num crescendo: professor de ginástica, professor de português, história e geografia nos cursos primário e secundário; chefe de disciplina com a orientação educacional; diretor técnico geral ou vice-diretor.

19 — Tive ocasião de travar conhecimento, de perto, com alguns tipos interessantes, que merecem destaque nestas memórias. Ei-los:

20 — O primeiro era um pretinho pernóstico, o João, arvorado a professor de datilografia, quando a verdadeira professôra da disciplina era a senhorita Nilza, filha do Almirante. Vendo-me dando tantas aulas, meteu-se, também, a dar umas de português a uns alunos particulares que arranjou. Um dia, notando-lhe um êrro grave de ortografia, procurei corrigir-lho, dizendo-lhe, delicadamente e, fazia-o por seu bem. «Corrija o seu *avô torto*», foi sua resposta abrupta.

20 — Dr. Herbert Romero era um dos professôres de português. Chegava, sempre, atrasado. Os alunos perdiam, diàriamente, quinze, vinte minutos de aula. Passei a dar, depois do término das aulas, outras extraordinárias para compensar os tais minutos. E os alunos gostavam demais das minhas aulas. E nunca recebi tostão por elas...

22 — O sargento Amaro não era amigo do Almirante. Sempre que apanhava qualquer pretexto, procurava falar mal dêste. Dizia-me, sempre, que não

queria ordenado: trabalhava por prazer. Mas estava, constantemente, em dificuldade, tomando dinheiro, continuadamente, ao Colégio. Saía, mensalmente, muito mais caro do que se tivesse ordenado...

23 — Dr. Sérgio foi outro tipo interessantíssimo. Dizia-se muito amigo meu. Abriu um curso na Praça da Bandeira e carregou-me com o Almirante para dar aulas no tal curso. Como víssemos que não falava em pagamento, afastamo-nos. Abriu, depois, uma agência de terrenos que não cheguei a conhecer.

24 — Brant Horta, escritor, também era professor de Inglês. Chegava diàriamente, atrasado. Era muito bondoso, muito tolerante, delicadíssimo. Professor, poeta, escritor e violeiro...

25 — Outra alma boníssima era Francisco Paixão, professor de francês. Abriu um colégio em Mar de Hespanha e deixou-nos, lamentando sua saída.

26 — Um seu irmão, poeta, andava desarvorado com a espôsa e filhos, todos desmetodizados. Em situação dificílima, conseguiu licença do Almirante para ficar uns dias, com seus filhos, no dormitório dos meninos, enquanto a espôsa se acomodava com as filhas do Almirante. Se não insistíssemos, sèriamente, não teriam mais saído de lá. Ainda se foram todos zangadíssimos com todos...

27 — Dilermando Cox, *gentleman* e diplomata, lecionava também inglês e mais desenho. Excelente caricaturista. Ainda possúo uma que fez, que exprime, òtimamente, meu temperamento irrequieto, absorvente, agitado: passo apressado, pena em punho, a sujar tudo de tinta, deixando cair da pasta que carrego um mundo de papeis: versos, contos, crítica, espiritismo, romance. História, Geografia, Português, Grêmio, Educação, etc. Jamais ninguém apanhou tão bem meu temperamento...

28 — O prof. Alfredo Paz, ex-diretor da Escola Normal de Barbacena era, incontestàvelmente, a figura mais simpática do colégio: para professôres, para alunos, para funcionários, para todos. Professor de Matemática, de uma paciência verdadeiramente notável. Delicado ao extremo.

29 — O prof. Jean Duclos, francês, era professor de sua língua. Cheio de esquisitices; espírita também. Fazia parte das reuniões que eram feitas, aos sábados, na casa do Almirante. Com êle, termina o grupo de professôres que conhecí, mais intimamente, no saudoso Colégio Nacional.

—

30 — Antes do educandário passar para os prédios novos, procedemos, com carinho, as arrumações. Eu passei a dormir em um dos prédios, pois já estavam entrando os móveis novos, além de outros objetos didáticos.

31 — Em uma noite de sábado, depois da reunião, preparei-me para dormir.

32 — Da reunião dêste sábado fizemos parte eu, Paim Pamplona, dr. João Eugênio Duque Estrada, dr. Albino Ururay, Prof. Duclos e uma senhora *médium*, cujo nome, agora, não me lembro.

33 — Manifestou-se um espírito, nestes têrmos: «Eu sou o Djalma. Tôda gente me conheceu aqui. Não sou de brincadeiras. Sou o dono destas propriedades. Ai daquêle que se meter a dono do que é meu... Coitado dêle...»

Sir Oliver Lodge, o físico mais eminente do mundo, ex-Reitor da Universidade de Birminghan, membro da Academia Real, autor de várias obras científicas, afirma — «Permitam que lhes transmita um pouco de confiança e diga da certeza que gradualmente se radicou em meu espírito, como resultado de provas obtidas num período de cêrca de 50 anos. Tôdas essas provas seguras e iniludíveis, me deram a convicção de que o mundo espiritual é uma grande realidade».

Écos do Congresso Espírita Internacional

O congresso mundial realizado em setembro de 1957, em París, foi o maior acontecimento espìrita dêsse ano. De «La Revue Spirite» de jan. fev. 1958. pg. 25, transcrevemos uma parte da tese do dr. Tsinoukas, que trata do Espiritismo científico:

«Após a criação de cadeiras de Parapsicologia em certas Universidades, para o estudo dos fenômenos psíquicos paranormais e com o auxílio de Laboratórios de Hipnologia e de Eletrobiologia, recomenda-se, para o êxito da propaganda espírita, que as conferências sôbre Parapsicologia (Metapsíquica) sejam organizadas sistemàticamente, como as lições da Universidade, afim de melhor orientar a opinião pública quanto às finalidades da Metapsíquica, e não como está ocorrendo atualmente (predominância da parte filosófica); recomenda-se também que os conferencistas e os periódicos usem os termos clássicos da Metapsíquica, tais como: mêdium, clarividência, clariaudiência, materialização, etc. e que os novos têrmos propostos por R. Sudre sejam eliminados (por ex. Metagnomo, Metagnomia, Teleplasto, Teleplastia, prosopopese, ideoplastia), porque etimològicamente êles são impróprios, inexatos e sem valor científico».

O dr. Tsinoukas em sua importante tese aconselha ainda:

«Publicar-se sòmente os fenômenos espíritas que forem antecipadamente verificados e controlados, de modo que não possa haver contradição alguma.»

«Repetir e difundir as experiências do coronel de Rochas, de Lancellin, do dr. Baraduc, etc., sôbre os conponentes da alma humana, e as experiências do coronel de Rochas e do dr. Bernstein sôbre as vidas sucessivas.

Trabalhos como êsses, do dr. Tsinoukas, da Grecia ou do dr. K. Muller, da Suissa, que tratam da parte científica do Espiritismo, têm muita importância no nosso tempo, em que se valoriza mais a parte religiosa e filosófica da doutrina espírita. A famosa parafrase de Kardec: «O Espiritismo será científico ou não subsistirá». (R. S. citada p. 1 e 2) está mais viva do que nunca e deve ser respeitada e praticada de acôrdo com as leis científicas, e não empiricamente, como se faz nas falsas reuniões de materializações e de efeitos físicos, tão comuns em S. Paulo, Rio, etc.

C. Pimentel.

S. André, 25-4-58.

Ramatís e a Ciência

V

Para encerrarmos esta nossa série de trabalhos, demonstrando a negatividade do cientificismo ramatisiano, cuidaremos hoje de mais algumas questões, extraídas da obra Mensagens do Astral, a qual vem sendo considerada, pelos adeptos de Ramatís, como uma autêntica revelação mediúnica.

Iniciemos com um tópico da mensagem da página 97, onde se lê o seguinte.: — «Os astrólogos criteriosos que quiserem se dar a um pouco de trabalho, poderão vos provar que as pesquisas e os êxitos, no campo atômico com a utilização do urânio e da composição do plutônio, realizaram-se justamente na época da INFLUÊNCIA DOS PLANÊTAS URANO E PLUTÃO, mesmo que por coincidência».

Ora, acreditamos que Ramatís esqueceu-se de consultar a posição dêsses planêtas, ou então êle não está a par das datas dêsses êxitos científicos.

Primeiramente, desejamos esclarecer que êsses sucessos da ciência no campo atômico, deram-se em sucessões, cujos êxitos notáveis marcaram diversas datas. No entanto, pelos conceitos astrológicos, essas datas não se estabeleceram sob as épocas da pretensa influência planetária. Os anuários astrológicos sempre indicam a influência do planêta Urano para o período de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro, de acôrdo com a marcha do Sol através da constelação do Aquário, apesar que já fazem mais de 35 anos que êsse planêta está ausente dessa configuração estelar.

Mas os êxitos com o urânio atômico deram-se quase totalmente fora dêsse tempo, conforme passaremos a ver na lista que se segue.

Em 1896, em data da primeira quinzena de Janeiro (com alguma incerteza) Becquerel descobre a radioatividade do urânio.

Dezembro, de 1938, Hahns e Strassmann descobrem um fragmento, o bário, que se desprende do urânio.

Entre fins de Março e início de Abril, de 1939, Adler e Von Halban, na França, conseguem indicar o contrôle da cizão do urânio, em cadêia, pelo emprego do cádmio, como absorvente de neutrões lentos. Nesse mesmo ano, em período que vae do fim de Março até meados de Junho, Fermi verifica a emissão de neutrões secundários pelo urânio, através de bombardeios atômicos.

No início de 1940 (não temos a data precisa), A. O. Nier conseguiu separar todos os isótopos do urânio, para o livre bombardeio do U-235. Em Junho, ainda nesse ano, obtem-se na Noruéga a preciosa carga de água pesada, produto êste necessário para o sucesso da reação em cadêia do bombardeio do urânio.

Dezembro, de 1942, Fermi pôs a funcionar o primeiro forno urânico.

Em 1945, Julho, no deserto de Los Alamos, Novo México, explode a primeira bomba experimental de urânio. A seguir, em Agôsto, explode a primeira bomba de urânio sôbre objetivo de guerra, enlutando a humanidade, pela destruição de Hiroshima.

Ramatís, se estivesse a par dessas datas, talvez não teria ventilado êsse assunto, nada recomendável em favor da Astrologia, visto que êsses êxitos escaparam daquêle periodo, da suposta influência planetária, de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro.

Quanto ao plutônio, os astrólogos ainda não o incluiram em seus anuários o planêta de igual nome, recentemente descoberto, talvez por falta de vaga, entre as constelações zodiacais, da pretensa tábua planetária astrológica. Mas estamos de posse das datas dos êxitos atômicos com êsse elemento, para confronta-las com a época da suposta influência do planêta, Plutão, caso nos apontem êsse seu periodo de atividade.

Como vemos, também essa afirmativa, de Ramatís, não se sustenta diante dos fatos, desapontando os que confiam nas propaladas influências dos astros, apregoadas pelos astrólogos. Contudo, não nos admiramos se surgirem fórmulas elaboradas com números imaginários, e com arranjos de tôda espécie, em tentativas para salvar êsse fracasso astrológico da entidade.

Vejamos agora outro tópico, mais adiante, nessa mesma mensagem, onde se lê : — «...nós, espíritos desencarnados, temos constatado que o plutânio na realidade É ELEMENTO BASICAMENTE VIBRATÓRIO NA ASTRALIDADE DO PLANÊTA QUE LHE DEU O NOME.»

Ramatís, ao acusar a presença do plutônio na «atmosfera» do planeta de igual nome, pretendeu insinuar que essas denominações de átomos e planêtas, em paridade, obedecem a semelhança entre suas naturezas.

Mas a verdade é bem outra. Esses nomes de planêtas que se dão aos átomos é uma simples questão convencional por analogias, sem que se procure antes qualquer relação entre a natureza de um e outro.

Vamos em resumo historiar alguns dêsses fatos científicos, e vejamos como surgem essas nomeclaturas.

Foi em 1781 que Herschel descobriu um novo planêta, batisando-lhe pelo nome de Urano, que significa deusa do céu. Após 8 anos, Martin H. Klaproth, químico alemão, descobre um novo metal, dando-lhe o nome de urânium, o que revela a analogia intencional, com a nomeclatura do planêta de Herschel. Mas notemos bem que essa semelhança de nomes foi por pura vontade de seus descobridores, em nada se relacionando a natureza de ambos, (do metal e do planêta) cujos estudos analíticos nessa ocasião ainda não eram conhecidos.

Em 1846 e 1930 descobre-se mais dois planêtas, que os astrônomos lhes deram os nomes de Netuno e Plutão, seguindo o sistema de catalogar êsses astros com nomes de deuses mitológicos, sendo que o do último essa denominação mereceu essa preferência por conter as duas primeiras letras (P e L) do nome de seu descobridor, Perciwal Lowel.

Passado alguns anos dêsses sucessos

da Astronomia, os pesquisadores descobrem mais dois novos átomos, que passaram a ocupar os dois lugares seguintes, depois do urânio atômico, na tabela dos elementos.

Ora; como se chamaram os dois últimos planêtas descobertos depois do Urano?

Netuno e Plutão.

Logo, por analogia, os pesquisadores seguindo a mesma norma anterior de nomeclaturas, deram êsses mesmos nomes aos dois novos elementos transurânicos, cujos átomos passaram a se chamar netúnio e plutônio.

E aquí repetimos: Essa igualdade de nomes surgiram sem qualquer relação sôbre a natureza dêsses astros e átomos. E os astrólogos não são chamados para interferirem nesses assuntos.

Mas é interessante que outros elementos atômicos continuaram a ser descobertos, não acontecendo o mesmo com os planêtas, permanecendo Plutão como o último da escala planetária.

E os novos átomos continuaram a ser catalogados com denominações convencionais que agora, em homenagem, representam nomes de célebres sábios, cuja lista, a partir do urânio, segue mais abaixo, encerrando esta parte.

Note o leitor que os números, atômico e de massa, que os acompanham revelam a natureza individual de cada elemento. Os nomes, conforme já dissemos antes, são apenas para catalogação.

Número Atômico	*Número de Massa*	*Nome do elemento*
92	*238*	*Urânio (nome tirado do planêta Urano)*
93	*239*	*Netúnio (» » » » Netuno)*
94	*239*	*Plutônio (» » » » Plutão)*
95	*241*	*Amerício*
96	*242*	*Cúrio (do casal Cúrie)*
97	*243*	*Berkélio (de Henri Becquerel)*
98	*244*	*Califórnio*
99	*255*	*Einsteiniano (de Albert Einstein)*
100	*255*	*Férmio (de Enrico Férmi)*
101	*256*	*Mendelévio (de Demitri I. Mendeleeff)*
102	*?*	*Nobéliun (de Alfredo Nobel)*

Lamentamos mais uma vez não nos ter sido possível explicações mais acessíveis, pois a natureza dêsse assunto, além de complexa, não é pùblicamente vulgarizada.

Continuemos ainda, e procuremos agora questões mais simples, como último remate dos nossos trabalhos.

Ramatís, não poucas vêzes, no discorrer de sua obra, Mensagens do Astral, enaltece o grau de adiantamento de uma suposta humanidade nos planêtas Marte, Júpiter e Saturno, atribuindo a êstes sêres elevada espiritualidade. Aos marcianos, êle dedicou tôda uma obra denominada «A Vida no Planêta Marte e os Discos Voadores», onde encontramos os mais altos elogios a essa humanidade que êle diz ser de elevada evolução.

Aos leitores, que desconhecem suas obras, oferecemos apenas dois tópicos do seu Mensagens do Astral, para avaliarem os conceitos da entidade sôbre os seus supostos habitantes dêsses planêtas. Na página 66 lê-se: — «A Terra ainda é um planêta jovem, que mal se prepara para os admiráveis eventos do futuro, quando oferecerá as mesmas alegrias de Marte, de Júpiter e Saturno que atualmente são júbilos para as suas humanidades.» — na página 322: — «E' porisso que na própria conjunção de Marte, Júpiter e Saturno, que a vossa ciência substima, por desconhecer o verdadeiro fenômeno oculto, os Arcanjos Planetários daqueles orbes trocavam entre si soberbos potenciais, aliados às correntes espiritualizadas de suas HUMANIDADES EVOLUÍDAS...»

Já, em outra mensagem, dessa mesma obra, a entidade, com poucas palavras, mas inconfundíveis, vem desfazer todo êsse seu trabalho elogioso aos supostos habitantes daqueles três planêtas ao afirmar, na página 279, o seguinte: — «Quando os vossos astrônomos assinalarem orbes habitados e INCLINADOS EM SEUS EIXOS, ou variando sùbitamente em suas rotas, podeis considerá-los como embarcações planetárias transportando CARGA INFERIOR E SOB DIS-

CIPLINA DA PALMATÓRIA do tempo dos seus avoengos».

Conforme se lê nesse tópico, Ramatís é claro em considerar que a inclinação do eixo de um planêta revela a qualidade inferior de seus habitantes. Neste caso, como se explica então o seu outro conceito sôbre o alto nível evolutivo dos marcianos, jupiterianos e saturninos, se os seus planêtas são de eixos inclinados?

Vejamos o grau de suas inclinações, e veremos as diferenças em relação à Terra, cujos dados extrairamos do Anuário Astronômico de 1954, da A A A de S. Paulo.

Terra	23.5°
Marte	25,2°
Júpiter	3,1°
Saturno	26,8°

Agora, aquí, pelo que diz Ramatís, nós terrestres já estamos em superioridade sôbre o grau evolutivo dos supostos habitantes de Marte e Saturno, sendo que os de Júpiter, embora melhores, ainda não estão isentos de mazelas.

E assim, a entidade, de um lado enaltecendo a superioridade dos habitantes daqueles três planêtas, e de outro os acusando de inferiores pela inclinação de seus orbes, veio criar mais um quebra-cabeça para os seus advogados esclarecerem.

Interessante que Ramatís, com tôda essa sua fragilidade contraditória, revelando-se completamente sem credenciais em assuntos de ciência, ainda se arroga em crítico dos nossos cientistas, procurando expor ao ridículo, o nome do célebre Flamarion.

Vejamos o que a entidade diz na página 233, da mesma obra, de que estamos cuidando: — «Entretanto, essa ciência que invocais foi quem, com a sua «precisão e coerência» assustou o mundo em 1910, quando do retôrno habitual do comêta de Halley...» — e mais adiante — «...foram os próprios astrônomos, entre os quais se destacavam nomes famosos como Flamarion, Deslandres, abade Moreux e outros que afirmavam a própria destruição da Terra, pela cauda deletéria do famoso comêta».

Ramatís, como autêntico desconhecedor de assuntos científicos, não possue autoridade para declarações dessa natureza. E faltou-lhe ética informativa por não ter apontado onde se acham êsses alarmas daquele saudoso astrônomo. Estranhamos êsses fatos porque o comêta de Halley já vem sendo estudado e observado desde outras suas aparições, cujo comportamento, sem qualquer perigo, de há muito já se acha nos informes dos nossos registros astronômicos. E nem se poderia temer a sua cauda, pois os nossos pesquisadores já sabiam que a Terra, em 30 de Junho de 1861, passara por uma dessas experiências ao ficar durante 4 horas mergulhada na cauda de um comêta, sem nada acontecer para a humanidade.

Ramatís, com essas repetidas atitudes, mostrou-se precipitado e desatencioso, interpretando mal as suas fontes de informes, expondo conceitos vulneráveis pela sua incoerência, conforme temos demonstrado. E se desejassemos prosseguir, as suas mensagens ainda nos oferecem farto material, sendo rica em pequenas questões como estas duas amostras que se seguem, para fêcho desta última série. Nas páginas 90 e 133, ainda no seu Mensagens do Astral, lê-se: — «Marte, o planêta mais próximo...» — «A alquimia dos antigos fazedores de ouro...»

Mas na realidade, o planêta mais próximo da Terra é Vênus, e gostariamos de saber quando os alquimistas conseguiram fazer ouro.

E é assim que a bibliotéca espírita tem sofrido a invasão de obras estranhas, que não se adaptam às verdades do kardecismo. A de Ramatís não é a única, embora sòmente ela se projetasse no cenário com sensacionalismo, ameaçando o prestígio da doutrina.

Doravante, nós kardecistas, deveremos estar mais vigilantes, não permitindo que conceitos sem afinidade com o Espiritismo envolvam êste nome, em detrimento dos nossos postulados de religião, filosofia e ciência.

E aquí damos por encerrada essa série de trabalhos sôbre as mensagens da entidade, e rogamos aos adeptos de Ramatís que nos relevem se algumas vêzes nos excedemos em alguns pontos, pois no fragor do ânimo nem sempre nos comportamos como se deseja.

A Ramatís, que se revela de bons propósitos, mas que mostrou insuficiência para complementar Kardec, lamentamos a sua infelicidade, especialmente no campo científico, causando-nos pesar a elaboração do nosso libelo, em favor da verdade.

Mas acreditamos que em outro futuro, com melhor preparo, despido de superstições, ainda poderá voltar para receber os méritos que desta vez não lhe couberam no sêio da nossa doutrina de amor, justiça e verdade.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — *Obras consultadas em tôdas as séries dêsses trabalhos: — O Átomo, de J. J. Andrade dos Santos. O Romance da Física, de George Russel Harrison. História da Ciência, de David Dietz. O Sol e os Plonêtas, de Rômulo Argentiere, e Suplemento Especial nº 1, de Ciência Popular, por Ary Maurel Lobo.*

Os conceitos astrológicos tomamos por base o Almanaque d'O Pensamento, de 1957, e outras publicações avulsas.

---

27 de Novembro

Alocução proferida pelo Ten. Cel. Duilio Lena Bérni, a 27 de Novembro de 1957, em nome da Guarnição Militar de Campo Grande, precedendo missa campal mandada rezar pelo Exmo. Sr. General Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, Comandante da 9.ª Região Militar, por alma das vítimas da intentona comunista.

Dando prova de grande coragem moral e de suas sólidas convicções, o Ten. Cel. Duilio Lena Bérni, nosso distinto confrade, falando em reunião cívico-religiosa, produziu bela peça oratória, levando, com a sua palavra, a interpretação espírita, dos fatos e das lutas sociais, àquele meio ambiente, indubitavelmente adverso.

E, assim, após historiar o movimento comunista de 27 de novembro de 1935, desfechado em vários pontos do Brasil, e de tecer em tôrno dêle criteriosas considerações, rendendo homenagem aos que tombaram na tragédia, em defesa das instituições vigentes, prosseguiu:

«Estas homenagens, que anualmente são prestadas às vítimas da intentona comunista, além da finalidade precípua de exaltar os soldados da ordem e da lei, têm o objetivo de alertar as gerações novas e os corações bem formados, contra o canto de sereia de ideologias exóticas, não compatíveis com nossa formação histórica, nossa cultura e nossas religiões, alicerçadas tôdas na sublime doutrina de amor, de renúncia e de perdão, de Jesus, o Cristo de Deus.

Em verdade, tôdas as religiões adotadas pelos brasileiros desaprovam os atos de traição e de violência, bem como essa corrida desenfreada para a conquista do poder à viva fôrça e para a posse dos bens perecíveis e transitórios, a qualquer título, sejam quais forem os meios empregados.

Cumpre estejamos constantemente de sobreaviso contra teorias utópicas que pretendem o nivelamento das riquezas, não trepidando diante dos meios empregados, nem mesmo do assassinato premeditado e frio.

Não é boa a àrvore que dá maus frutos. Não devem, pois, merecer guarida em nossos corações idéias que frutificam desordem, destruição e terror. Ao demais, é princípio de observação quotidiana, que cada um colhe o que semeia. Como poderemos pretender colher ordem e progresso, tranquilidade e paz, se semeamos a confusão, o desassocego e a deslealdade?

Ouçamos, a propósito, pequeno trecho de Allan Kardec, o eminente pensador do século XIX, perenemente oportuno:

> «Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matemàticamente demonstrado que a riqueza repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que supondo-a possível e durável, tendo cada um sòmente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que con-

correm para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que admitido dêsse a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se espanda em quantidade suficiente, de acôrdo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se porque Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre arbítrio, quis êle que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal, e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade: Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que nada mais fôra senão instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A riqueza é um meio de o experimentar moralmente. Mas, como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem que a possuir, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planêta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não a tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro que agora a tem, talvez não a tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque, sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação».

Não pensemos, pois, encontrar a felicidade, na posse a qualquer título, da riqueza terrena. Conquanto seu uso não seja defeso por Deus, mas sim o abuso, a verdadeira felicidade é encontrada no cultivo das virtudes cristãs, únicas que se transubstanciam em moedas de curso no Erário da Eternidade.

A Constituição Federal, a lei básica dos brasileiros, enfeixa os princípios essenciais conducentes a uma vida digna para todos. Respeito às convicções de cada um, no campo religioso, assim como no campo político; declaração dos direitos dos cidadãos; livre iniciativa no domínio econômico; temporariedade das funções eletivas, cujos poderes emanam do povo e em seu nome são exercidos; eis algumas das inúmeras facetas dêsse admirável código de moral e de direito.

No exercício do voto secreto tem o cidadão a mais sólida garantia da livre escolha de seus representantes ou dirigentes, não havendo necessidade da tutela de ditadores ou de pseudos iluminados.

O voto é, realmente, o instituto basilar da liberal democracia, único regime consentâneo com nossa índole pacífica, mas independente e altiva.

Os grupos representativos das fôrças vivas da Nação, para reivindicar suas conquistas ou traduzir seus anseios, não precisam recorrer à violência e ao crime: aí estão o direito de greve e o de reunião pacífica em praça pública, acolhidos na Carta Magna, como lídima expressão dos princípios democráticos que nos orientam.

O povo brasileiro, por sua formação histórica, é pacifista e avesso a guerras de conquista ou de predomínio econômico; a guerra, todavia, nos dias que correm, ainda é uma contingência da imperfeição da alma do terrícola. Cumpre, assim, prepararmo-nos para essa contingência, como povo livre no conceito das nações civilizadas, para que, enfim, possamos fruir de verdadeira paz, da paz de consciência, de tranquila e serena confiança no alvorecer dos próximos séculos, em que os desígnios de um Pai sábio e justo reservam ao planêta as venturas indescritíveis de uma felicidade paradisíaca.

Neste dia, em que prestamos nossa sincera homenagem àqueles que souberam morrer com honra em defesa de nossos foros de povo civilizado, enderecemos nossa solidariedade às famílias privadas da companhia daqueles entes queridos e saibamos reafirmar o compromisso de nos dedicarmos inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderemos com o sacrifício da própria vida».

Bodas de Ouro

Na residência do Major Dirceu Mendes, realizou-se em Curitiba, Estado do Paraná, a 13 de Abril p. findo, um almôço em homenagem às bodas de ouro de seus tios, 1.º Tenente Alberto Lopes e sua esposa Maria da Luz de Freitas Lopes. A essa homenagem compareceram, apoiando-a, os seus sobrinhos General Francisco de Almeida Freitas, Afonso Diz Martins, funcionário estadual, Coronel Edmundo Vieira, Ari Cunha, da redação de «Ultima Hora», de São Paulo, sua esposa Professôra Maria de Lourdes Lopes da Cunha, todos com as suas famílias; bem como o conhecido e competente advogado Tito Galvão Filho, além de numerosos sobrinhos e parentes.

Saudados os homenageados pelos Drs. Newton S. de Sousa, da «Gazeta do Povo», de Curitiba, e pelo advogado Tito Galvão Filho, o Tenente Alberto Lopes, ao agradecer essas saudações pronunciou o discurso, que em seguida resumimos, tendo, ao encerrar-se a cerimônia, proferido as preces de Cáritas e de Ismael, ouvidas com atenção e respeito por tôda a assistência, embora composta de pessoas pertencentes a outros credos religiosos.

É sempre com grande prazer que registramos gestos de coragem moral de nossos confrades, quando êles, como no caso presente, sustentam, em meios de opinião diferente, a sua fé de cultura da Doutrina. E o discurso, que vamos resumir, premidos pela angústia de espaço, é uma dessas afirmações solenes de convicção espírita.

Em sua peça oratória, o Tenente Alberto Lopes, revelando carater e sinceridade, depois de contar as peripécias de sua vida, de origem humilde, e de infância atribulada, como órfão de pai e mãe, e como, levado por mão amiga, alistou-se no Exército Nacional, com 14 anos incompletos de idade, chegando logo a 2.º sargento, prosseguiu: . . . .

. . . .

«Nas casernas dêsse tempo existiam oficiais ilustrados, bacharéis em matemáticas e ciências físicas, mestres eminentes, com os quais muito aprendí.

Predominava, nessa época, na maioria dos meios militares de nossas classes armadas, a Escola Positivista, criada pelo sábio francês Augusto Conte, considerado como uma das maiores cerebrações do século passado. Nos meios científicos da Europa e da América e entre as suas classes mais esclarecidas, encontrou essa Escola elevado número de adeptos. Isso ocorreu, porque, as lutas religiosas e políticas existentes sôbre as variadas interpretações dadas aos textos bíblicos, desde os primeiros surtos da propaganda do Cristianismo, provocaram as reações das elites intelectuais que influiram nas reformas sociais e políticas, definidas e fundamentadas «nos direitos do homem», com a vitória da Revolução Francêsa, de 1789. Ante essa realidade histórica, Augusto Conte estabeleceu a evolução humana em três estados distintos: o teocrático, o metafísico e o positivo. Daí surgiu o Positivismo, como Religião da Humanidade, tendo por finalidade religiosa: «viver para outrem com o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim». Foi nessa Escola que eu forjei a minha mentalidade de moço. Dediquei-me ao estudo da História Universal e das religiões, surgidas no mundo desde os tempos dos Vedas, bíblia da Índia, considerada como precioso manancial de ensinamentos divinos, existente desde a mais remota antiguidade».

E, após narrar outros episódios, até a sua promoção a 1.º Sargento e o fato de haver contraído o feliz matrimônio, cujo cinquentenário ali se comemorava, no momento, continuou:

«Tornando-nos pouco tempo depois de casados crentes espíritas cristãos, diante das provas dos muitos fatos que testemunhamos, encontramos no espiritualismo científico evangélico os ensinamentos necessários a formação moral do nosso lar. Desde, então, nunca nos faltou o amparo da Providência Divina, nos momentos difíceis de nossa existência, ao procurarmos nos manter sempre em um ambiente de pobreza honrada.

No culto ao dever e no amor à Pátria, eu soube sempre dar cabal desempenho às missões que me foram confiadas, não só como Sargento, sinão também como Tenente no curso das revoltas e revoluções que abalaram o nosso País, nestes últimos tempos. Disciplinado e disciplinador, nas operações de guerra e nas atividades profissionais das casernas ou Repartições Militares, de nosso Exército, a minha conduta sempre mereceu louvores dos Chefes justos e competentes sob cujas ordens servi. Deixei, assim, no serviço ativo do Exército um nome honrado.

Nas minhas lutas jornalísticas em Ponta-Grossa, neste Estado, em Ribeirão Preto, Sorocaba e outras cidades paulistas, jamais abandonei o meu idealismo, pois que êle representa a razão de ser de minha vida. Irmanado com o povo, sempre conviví com as classes pobres e com elas identificando o meu destino. Na escola da vida, eu aprendi a conhecer as imperfeições de nossa Humanidade.

Sempre me batí e continuo a me bater, em prol das reivindicações dos que sofrem as opressões dos despotismos e as agruras da miséria. Diante dos quadros dos infortúnios humanos, cheguei à conclusão de que os homens que vivem só para si, como escravos exclusivos de seus instintos e visando tão sòmente os gosos dos bens materiais da vida, se transformam em elementos nocivos ao progrésso moral dos povos aos quais pertencem. As sociedades humanas, verdadeiramente moralizadas, só se podem construir na vigência de uma ordem jurídica sob a qual se possam firmar, em bases perfeitas e justas, os direitos dos que lutam e trabalham, realmente, pelo engrandecimento de suas Pátrias.»

—

«No Drama do Calvário se assinalou o alvorecer da civilização cristã. A cruz representa, portanto, um símbolo de dor e um símbolo de luz. Jesus Cristo, o Mensageiro Celeste, que baixou de um plano de luz para um plano de trevas, deixou insculpidos, na Mensagem Divina que revelou à nossa Humanidade, os rumos seguros e verdadeiros do seu aperfeiçoamento espiritual.

Pinheiro Chagas, notável literato português, ao referir-se a êsse Drama, em trechos de um famoso poema, assim se definiu :

«Eu sou a liberdade, a musa inspiradora de tudo quanto é nobre é belo e santo, aquí ; resplende em meu falar o igualitário aroma, nos meus lábios em flor, paterno amor sorri.

Nasci quando Deus com mão onipotente, quís um mundo de Luz no Espaço semear ; embalou-me a procela em seu regáço ardente, deram-me espúmeo berço as solidões do mar.

Gemia o mundo escravo, o servo e o pária, sentiam sôbre si ignóta maldição ; no entanto, longe ao longe, em rocha solitária, de um sepulcro cruel brotava a redenção.

Toldava um Céu brumoso a lúgubre montanha. E entre as trevas do horror, a voz do Nazareno : — «Vai Paulo, apóstolo das gentes, solta o verbo do amor aos écos do porvir.

Diz ao homem, sou a Justiça, ao pobre a Caridade e ao povo que na liça aos déspostas se curva, eu sou a Liberdade».

—

Dirigimo-nos, agora, aos nossos parentes e pessôas amigas que, aquí, se encontram presentes. Ao agradecermos as gentilezas das homenagens que nos prestam, com êste almôço, pelo motivo de nossas bodas de ouro, invocamos a luz da Verdade Evangélica para que ela ilumine sempre os vossos caminhos ; e rogamos a Deus para que não cesse de cobrir de muitas bençãos os vossos lares».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Coisas da Vida...

General Levino Cornélio Wischral

De vez em quando, para dar exercício ao corpo físico, entregamo-nos a longas caminhadas a pé. Êsse passeio permite-nos observar a lufa-lufa dos transeuntes e o seu comportamento no burburinho humano das grandes capitais.

Aliás, quase todo espírita tem a boa «mania» de apreciar, de modo diferente, aquilo que nos cerca, submetendo depois o resultado de sua apreciação ao fiel da balança da criteriosa e infalível Lei de Causa e Efeito, ou seja a ação e reação de nossos atos, atitudes e pensamentos, dos quais resulta o nosso «karma» nesta existência.

Naturalmente, assim também procedemos; por isso, de modo constante observamos atentamente o ambiente em que vivemos e, habituados a essa análise contínua, deparamos com muitas coisas esquisitas, que nos deixam admirados. Vejamos êste caso, de aparência insignificante, mas que contém lição interessante:

Certa vez, atravessando o Viaduto Santa Efigênia, íamos meditando, justamente, sôbre a Lei de Causa e Efeito, achando que, nem sempre, o efeito de uma ação má se apresenta de imediato. Apenas nos viera à mente essa idéia, vimos que um mocinho bem trajado, porém, na certa, bem mal educado, dava uma cusparada por sôbre as grades do viaduto, sôbre o público que se locomovia no Vale do Anhangabaú. Revoltamo-nos e tivemos até ímpetos de chamá-lo para transmitir-lhe uma edificante lição de moral; no entanto, contivemo-nos, deixando para censurá-lo caso tal ato se repetisse.

Com surprêsa, entretanto, pudemos registrar que o efeito da má ação praticada pelo moço surgira de pronto! Mal haviamos transposto o viaduto, eis que um emplastro de escarro, naturalmente expelido através de alguma janela de arranha-céu, veio atingir em cheio, e de modo espetacular, a face do infeliz rapaz! Tudo ocorreu ràpidamente, sem que ao menos tivéssemos tempo de ligar a ocorrência à idéia tida, havia poucos segundos, de que nem sempre o efeito de uma ação má volta imediatamente contra o seu autor.

E, enquanto o rapaz se mostrava indignado com a cusparada, gesticulando enraivecido e proferindo palavrões, nós, que haviamos presenciado os antecedentes do fato, ficamos profundamente apiedados dêle, convencendo-nos de que o castigo viera realmente «a cavalo» e de modo inesperado!

Muitas pessoas presentes achavam que o rapazinho fôra brutal e injustamente ultrajado em sua honra de cidadão... mas era porque não sabiam que a Justiça de Deus nunca tarda!

Outro caso, bem grotesco, foi presenciado num posto onde uma instituição de caridade repartia brinquedos, roupas e alimentos aos pobres durante o Natal.

Corações bem formados, procurando imitar o amor de Jesus, entregavam-se diligentes ao trabalho de propiciar alguns dias melhores aos necessitados. Naquele formigueiro humano, tudo era paz, amor e bem-estar. O que mais chamava a nossa atenção eram os pequeninos, com seus meigos olhos que se iluminavam, de modo estranho, quando suas mãozinhas ávidas recebiam o tão desejado brinquedo!

Tudo era alegria ao derredor, e todos os presentes não podiam deixar de externar um espontâneo sorriso de satisfação nesse glorioso dia em que se homenageava o nascimento do Menino Jesus! A felicidade a todos envolvia, tanto aos que davam como aos que recebiam — parecia uma assembléia presidida por Deus!

Todavia, lá pelas tantas, uma infortunada mãezinha, trazendo ao colo desnutrida criança, depois de receber brinquedos, pacotes de macarrão, batatas, doces e roupas, num chocante gesto de revolta arremessou tudo aos pés das pessoas que ali atendiam com solicitude às extensas filas. Os dirigentes da instituição, contudo, não se irritaram com o ocorrido, e o impensado gesto daquela mulher foi levado à conta de ignorância e nervosismo.

Procurando harmonizar tão delicado impasse, vimos gentil dama oferecer, de modo reservado, à mulher que continuava altercando, uma cédula de quinhentos cruzeiros em troca dos gêneros alimentícios que não quisera levar; mas, nesse momento, pudemos ver até que ponto pode chegar a ignorância humana, pois a mulher nem assim se deu por satisfeita, passando agora a xingar aqueles que ali se achavam, de tão boa vontade, ao serviço do bem.

Constantemente gritava: «Pensam que com isto resolvem meus problemas ?»

Com a intervenção de um guarda civil, tudo se normalizou e o exercício do «amai-vos uns aos outros» continuava agora sem interrupção, mas sem a alegria de antes.

O humorismo sadío, que é sempre um bom remédio apropriado a salvar qualquer situação difícil, não demorou a se fazer sentir, para regozijo dos presentes, através da seguinte nota pitoresca: O velho guarda civil, em atitude pensativa, como que procurando a causa da atitude da mulher, a meditar com o queixo apoiado no dedo polegar, assim falou compassadamente: «Já sei! Essa «dona» veio buscar um cadilac rabo de peixe!»

Ninguém mais conteve o riso. E, como êle é contagiante, transformou a fisionomia de todos, fazendo voltar a alegria à festa natalina.

E assim, a não muito caridosa piada teve fôrça para tudo harmonizar...

Ainda bem!

O Homem, Célula do Organismo Nacional

G. M. Minardi - da API

O homem no materialismo virou-se um ser malvado com evidente tendência congênita a oprimir o seu semelhante, cegou-o o egocentrismo e a vaidade tirou-lhe a paz do coração. Difícil é tolerar as próprias derrotas, dificílimo é também tolerar a vitória alheia. Falava bem Plauto quando dizia: homo homini lupus.

Por ser o homem o artífice do seu destino a êle cumpre realizar o esfôrço de criar-se a si mesmo e o dever de esculpir a grande obra do espírito na rude matéria da vida. Seu, tem que ser também os esforços para a conquista biológica e para se libertar da mais baixa lei do mundo animal. E assim, seu será o triunfo na ascenção espiritual e no setor de todos os valores humanos. Luta incessante é esta contra o *Eu* em pró do *Tu*.

Visa-se hoje, mais do que nunca, uma imane revolução biológica e social. Movimentos mundiais de massas e de espíritos, de povos e de conceitos estão em ação; êstes movimentos são tão profundos que ninguém poderá escapar, ou pior ainda, abafar. Erram aquêles que pensam que a razão está apoiada na fôrça, êste elemento deletério, mais baixo da vida, criará, como a história nos ensina, o desequilíbrio da ordem. Quem se evade das normas Supremas da Lei Divina é fatalmente predestinado a caír no báratro das ilusões e das trevas. No Cosmo tudo é regido pela lei da harmonia, do amor e da justiça mas, exatamente por ser de justiça é também lei de reação que sabe desmoronar-se qual procela apocalíptica no destino de cada indivíduo como no do coletivo. Ignorando êstes equilíbrios lesa-se o «destino inexorável», provocando, cada vez mais, furacões de reações e de revoltas.

Errôneamente persiste-se ainda em antepôr aos princípios dos ideais imortais os baixos interêsses, e sôbre êstes se forjam os quiméricos princípios das ilusões. Costuma-se ainda em um lastimável oportunismo, desprezar o vencido, anulando-o e humilhando-o, ainda que seja um justo e ao contrario glorifica-se o vencedor, ainda que seja um deshonesto. Crê-se apenas na matéria; confiando-se na riqueza e na fôrça; elas entretanto fatalmente nos trairão.

Ao conceito superficial de uma fácil negação de tôda disciplina moral, qual o do materialismo científico odierno, tem que opôr o conceito inverso: «o homem está com sua patente responsabilidade por viver no âmbito social, do qual representa um elemento determinante para o funcionamento do complexo organismo nacional».

Em qualquer instituição social ou jurídica: trabalho, riqueza, propriedade, e organização nacional constitucional, não podem ser considerados conceitos isolados mas sim funções enlaçadas e enquadradas no funcionamento orgânico universal.

O problema de uma nação, como o do nosso Brasil, é de educação, para que os filhos das outras terras, necessários e indispensáveis ao progresso econômico-social da Nação, não se sintam (como veio a exprimir-se um sábio eminente) dispostos a reviver as taras de suas antigas organizações e sim absorvidos no círculo espiritual do Grande País acolhedor, possam integrar-se nas suas fileiras de fraternidade e de evolução.

Apesar da recente filosofia «Autárquica» (bastar-se a si mesmo), nenhum país do mundo pode viver independente da comunidade internacional. Tôda a grandeza material e moral de um povo repousa na regularidade dos fenômenos das trocas e bem sabemos que tôdas as guerras, quase sempre, tiveram a sua origem na desharmonia comercial entre as nações.

Assim como a melhora do organismo está na melhora de tôdas as suas células; também o progresso social não pode ser mais que o resultado da soma dos progressos dos individuos.

CIÊNCIA E SABEDORIA

Rabbi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; pois ninguém pode fazer êstes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com êle.— S. João 3-2.

SAPIENTÍSSIMA conclusão tiraste, ó Nicodemos, dos feitos do Mestre, Senhor nosso. Muito bem, apertemo-nos as mãos, pois, que pensamos de igual modo. Mas vem cá, dize-me uma coisa: porque procuraste o Senhor à noite e às escondidas? Se êle vem da parte de Deus, como tu o confessas, não seria o caso de o procurares às claras, tornando-te mesmo seu discípulo? Porque o não fizeste?

Ah! não te acanhes, não tentes dissimular a verdade, como é do teu costume, que eu sei das razões. És doutor em Israel, mas, hoje te hás de conformar em receber um quinau. Tu não morreste ainda, como há quem o suponha, mas, vives e és representado por todos os que crêem e o confessam, mas, não o seguem. Eu te direi hoje o que sabes e o que ignoras; e para tua confusão digo-te, já, que aquilo mesmo que sabes é também o que ignoras...

— Mas como é isto? Que duas coisas são estas que, tão encontradas, possam ser certas? Que coisa dificil? Diante disto, o renascer já me não é dificuldade?! Como posso saber o que ignoro e ignorar o que sei?

Sôbre isto, é, pois, que te hei de falar; para o agudo doutor que és, são necessárias agudezas como estas.

A coisa de se saber o que se ignora, e ignorar-se o que se sabe, está em que se sabe ou se pode saber de três maneiras diferentes: pode-se saber de um modo e ignorar-se pelo outro e vice-versa; e pode-se saber dos dois modos.

Sabe-se pelo entendimento, sabe-se pelo coração, e sabe-se pelo coração e pelo entendimento juntamente.

Pode-se saber só pelo entendimento e ignorar pelo coração, como Salomão que sabendo tanto, caiu, e, caindo, degradou-se, dando vazão a todos os instintos subversivos, terminando seus dias na idolatria e no debochado convívio de setecentas rainhas e trezentas concubinas.

Pode-se saber pelo entendimento e pelo coração, como Jesus, que ao emitir um conceito, ou enunciar um princípio, sentia o que pensava e o que dizia.

Sabem só pelo coração e ignoram pelo entendimento, aquêles que, como o centurião romano, sabem sem saber como sabem, nem porque sabem: — Manda, Senhor, e meu servo será curado, diz o centurião a Jesus. Nem em todo o Israel encontrei tamanha fé, responde o Senhor, e com isto chama fé, à esta consciência interior, à esta convicção ou certeza íntima da alma.

O saber só do entendimento não livra o homem de cair, pois, como já te disse de Salomão, direi também de ti, que caíste, procurando o Mestre à noite, como se fôras um morcêgo abominador da luz. Buscaste a Deus encapuzado nos teus preconceitos misérrimos de homem e de mestre, e bem que o Senhor te disse que te era necessário nascer de novo para entrares no Reino, que sabias buscar, que sabias achar, mas, que não soubeste e não sabes entrar, porque nêle só se entra pelo coração, e nunca pela cabeça. Provo. Os espíritos inferiores, ou sejam os demônios, crêm em Deus e estremecem, como diz Tiago, e no entanto o não seguem. O diabo segundo o sagrado texto, tem poder de transformar-se em anjo de luz; êle que é treva e ignorância, pode ser luz e ciência; logo têm ciência, tem, como te disse, o saber do entendimento. O mundo está cheio de homens de ciência, portadores de diplomas, mas, a ciência os não torna melhores, que os iletrados; a ciência dos bancos acadêmicos não lhes confere superioridade, senão habilidade de melhor trapacear e esconder. Esta é o que, na Escritura, se chama sabedoria dos homens, e que é estultícia diante de Deus.

A ciência é síntese sensorial, filha dos sentidos exteriores; é casca; é superfície; é periferia; é relatividade; é visão por partes; é feita por progressividades de idéias; é análise; é razão; é raciocínio; é a inteligência do homem comum, aplicada, tôda ela, em atender as necessidades exteriores da vida, e daí não passa.

Contudo, uma outra ciência há, vasta e profunda, que é a do coração; esta é ciência de substância; é essência; é visão direta e instantânea como o raio; é visão global do todo; é intuição; é, não ciência, mas sabedoria.

A ciência, com ser superficie e análise, é a sabedoria dos medíocres. A sabedoria, com ser profundidade e substância, é a ciência dos gênios e dos santos.

Com a ciência descobrem-se verdades, mas, não a Verdade. A razão, que muito bem serve à vida, se lançada no oceano da Verdade, perde-se. Com o relativo não se há que medir o Absoluto, nem com o efêmero o Infinito.

Aprende, ó Nicodemos, que tôdas as conquistas dos gênios são conseguidas por intuição, que é o método de pesquisar por síntese, ou visão direta. É nêste plano hiperconsciencial que operam os grandes. É nesta consciência tridimensória, universalista ou cósmica, onde se movem os artistas, os santos, os heróis e os gênios. Esta é a consciência volumétrica e não planimétrica como a razão, e sobretudo como a tua razão. Esta ciência de conhecer com o coração, é que o mundo terá de desenvolver ainda.

Na tua miopia e viciação de ver por análise, negas a que outros possam ver e vejam por sínteses, e sintam a Verdade, mas, assim é, contudo. Essa ciência do coração se desenvolve pelo método dos místicos, e o homem há que apurar a sua própria sensibilidade, por um aprimoramento moral, até chegar a êsse estado profundo de consciência, que permite a visão instantânea do caminho certo, ainda que nas horas mais difíceis. Esta opção pelo certo, pelo exato, é momentânea como o relâmpago, e se dá na mente do gênio, quer esteja êle num laboratório, quer num templo, quer na tempestade, quer num campo de batalha.

Bem-aventurados os que entendem a Verdade, porém, mais bem-aventurados os que a sentem, porque êstes a seguem arrastados, não por esfôrço, mas, forçados pela fatalidade evolutiva que a todos atinge.

Tu buscastes a Cristo com a cabeça, quando o devias ter buscado com o coração. Tu és medíocre, como o é o mundo; fica, pois, aí, então, no mundo; aí é o teu lugar; renasce muitas vêzes, sua, sofre, padece, aperfeiçoa, cultiva a sabedoria, que é a ciência do amor, e te libertarás.

Luiz Caramaschi.

Sêde prudentes, orai para serdes ajudados pelos espíritos e vigiai os vossos próprios pensamentos para que as vossas ações não sirvam de pedra de tropeço àqueles que procuram realizar obras meritórias. — CAMARGO.

O Fim do Mundo

Antonio Domiciano

A lei universal é nascer, crescer, morrer, para os sêres vivos. Os sêres a quem a ciência denomina de «inanimados» também passam pelas fases de origem, formação e decomposição ou morte. Os planetas também nascem, crescem, ou se desenvolvem, e, finalmente, morrem. A ciência nos demonstra, que, efitivamente, assim é.

A matéria não aumenta nem diminue, mas, se transforma sempre. A fôrça a que tôda matéria está sugeita, também não aumenta, nem diminue, apenas se resolve em novas fôrças.

Assim é para os dois princípios universais, «fôrça e matéria». Presidindo a tudo quanto existe no universo, está o imutável e eterno poder do Espírito Universal, ao qual se prende a alma dos sêres, desde os eletrons e neutrôneus até os maiores sóes das alturas cósmicas. A nossa mente é atraida por Êle, O sente e O vê por tôda parte. Mesmo o homem mais cego, mesmo e mulher mais imbecil, O sente com maior ou menor intensidade. Não existe sábio algum, nem inteligência alguma capaz de demonstrar que a Natureza, com tôdas as suas maravilhas, não seja obra de um Sublime Artífice. Para gosar da sua divina presença, basta a boa vontade, disposição receptiva do infinito bem, basta o amor. O AMOR reina sôbre os céus e os mares. O amor vibra por tôda parte. Não o sente e não o vê, sómente o pobre de espírito.

A Terra, este grão de poeira cósmica, que nos serve de lar, no Infinito, também morrerá um dia. Poderá esfacelar-se de encontro a algum esteróide errante. Poderá explodir em consequência de gazes interiores, sob alta pressão. Poderá perder o calor do Sol... Muitas estrêlas já passaram por estes dramas, em diversas constelações. Tragédias que se repetem sempre, entre os milhões de mundos, a distâncias de milhares de anos luz, ainda enviam raios luminosos, caminheiros de três, quatro e mais milhares de anos terrestres, dando notícias dessas tragédias cósmicas, aos cientistas positivos.

O que acontece a estes astros, poderá acontecer também à Terra. Antes da morte terrestre haverá a extinção da vida sôbre ela. A vida se ausentará dela, pelo fogo, ou pela água ou pela ausência de ambos, de um modo absoluto. A espessura da crôsta terrestre, solidificada, está para a interior ígneo na mesma razão da espessura de uma casca de laranja para o seu conteúdo. Vemos assim, que a nossa morada não é eterna nem imutável, porque sua organização geofísica não é eterna. Devido a esta mesma contingência, convencemo-nos de que a Terra tem seu destino, assim como todo ser vivo também o tem. Quando chegar à méta prevista pelo Criador dos Mundos então será o fim. Mas, deste fim ninguém o sabe. O próprio Mestre dos Mestres também disse não sabe-lo. E' um segrêdo que pertence a Deus, e a mais ninguém.

Compreendemos perfeitamente que somos nada. Apezar de uma encantada maravilha, o nosso corpo, como todos os sêres vivos que nos cercam, tudo é um sonho, diante da eternidade. Nosso fim pode ser agora, amanhã, daqui há um mês, ou daqui há alguns anos, mas é visível, é sensível, é perfeitamente inevitável. A sociedade também é assim. A sociedade dos micróbios, dos vermes, dos moluscos, dos artrópodos, dos peixes, das aves, dos vertebrados, em geral, dos homens, enfim, também crescem, evoluem, até certo tempo, e depois, desaparecem.

Os profetas, viram o destino da sociedade humana de desde 3 mil anos antes de Cristo. Os profetas da antiguidade descreveram em linguagem simbólica cheia de magia o destino da sociedade humana. Jesus Cristo também profetisou. Todos disseram a verdade. O Apocalípse por exemplo é uma das colunas poderosas das profecias sôbre o destino da sociedade. Para compreendê-lo é preciso conhecer ciência moderna e antiga. Verá, então, que marchamos precisamente na órbita traçada por êle. A Besta ali, é o homem animal, o homem materializado, egoísta, homem féra, pouco diferenciado do tigre que vive mostrando as garras e os dentes a tudo quanto lhe apareça em derredor, movido pelo temor de que alguém lhe roube o cadaver ainda quente de sua presa. E' uma imagem viva e perfeita. «A BESTA».

Quem não a vê agora, ameaçadora e terrível ? Agora que ela pode servir-se de coisas muito mais mortíferas do que as garras e os dentes? Agora que ela pode usar de fôrças termonucleares?! O mundo está mesmo nas bordas do precipício. A «BESTA» pode incendiá-lo e matá-lo em poucos dias. Basta uma vaga de foguetes balísticos portadores de bombas H.

E onde iremos parar?!

A pergunta do momento é esta: «Será verdade que o Nosso Amoroso Pai Universal, nos condenou a um destino tão cruel?

Será que nos deu um lar tão bonito, uma vida tão encantadora para permitir que uma «BESTA» os destrúa, pelo seu egoísmo, pela sua ferocidade?

Não! Deus não permitirá este destino. Êle quer que o homem viva. Êle quer que a felicidade reine. Ele quer que o espírito se aproxime dele, naturalmente, luminosamente. Para isso Êle inspira aos povos os sentimentos de fraternidade, as idéias de amor, e vai destruindo as garras e as presas dos Leões e dos Leopardos, dos tigres de Bengala e dos Pumas. Êle vai semeando as flôres do bem por tôda parte, e não tardará que estas féras vivam sómente nos jardins zoológicos para recordações de sua espécie aos meninos de colégio. Penso que assim será porque Cristo o disse: «Nenhuma carne suportaria a desolação e as aflições daqueles dias, não fosse os escolhidos». — «Por causa dos escolhidos aquêles dias serão abreviados»!

—

Abrigo Jesus

Uma das obras mais importantes do Espiritismo no Brasil é o *Abrigo Jesus*, marco luminoso da abnegação de um pugilo de bravos lidadores espíritas, que, dezenas de anos, seguidamente, servem de paradigma aos seus confrades na capital de Minas Gerais. Uma equipe valente de obreiros do bem, chefiada por Osório de Moraes, presidente, e Leonardo Baungratz, secretário, há cerca de 20 anos, pôs-se à frente daquela obra, que é uma escola de assistência à infância em ação contínua; e jamais descançou, contando, cada ano que passa, mais uma vitória, a serviço do Mestre.

O Abrigo Jesus abriu caminho em Belo Horizonte para a arrancada maravilhosa das obras de assistência social do Espiritismo nas velhas plagas do *Curral del Rei*, quando ainda parecia gesto temerário um empreendimento de tal ordem; e, hoje, está congratulando-se com muitos outros arrojados cometimentos congêneres, que seguiram o seu exemplo e igualmente dignificam, na sua capital, a presente geração espírita belohorizontina.

Ainda agora sentimos repetir a profunda emoção de ler o seu relatório administrativo anual. Como o dos outros, o relatório do exercício de 1957, aprovado em assembléia geral ordinária de 9/3/58, é um atestado vivo, pujante e comovente de fé vitoriosa, manifestada em atos por todos os componentes da equipe do Abrigo Jesus, do mais humilde e pequenino ao mais graduado trabalhador, desde as meninas internadas ao presidente, todos servindo, cada qual a seu modo. O Abrigo Jesus é um perfeito educandário, com Jardim da Infância, Curso Primário, Escola de Córte e Costura, Tricô e Bordados, Cozinha e Lavanderia e outras prendas domésticas. As meninas aprendem todos êstes serviços fazendo o próprio serviço do Abrigo Jesus. É, dêsse modo, um grande lar-escola, digno de emulação por parte da família espírita brasileira.

Além disso, o Abrigo Jesus envia as suas meninas ao aprendizado externo. É assim que duas cursam o 4.º ano do *Ginásio «O Precursor»*; nove estão matriculadas na Escola Profissional Feminina «Benjamim Flores»; e duas foram diplomadas em Abril p. p. no *Curso de Córte e Costura da «Singer»*, onde outras mais continuarão a prender.

Ás meninas são dadas aulas de moral cristã aos sábados e domingos, havendo reuniões evangélicas e práticas às sextas feiras. Os vestidos das internadas vêm sendo confeccionados pelas meninas maiores, possuindo a Instituição 5 máquinas de costura e 2 de tricô para tal serviço; e são também por elas executados os demais serviços caseiros, de limpeza, de lavanderia, de cozinha, etc., nos quais se revezam mensalmente, sempre dirigidas e auxiliadas por pessoas caridosas.

Recebem alí alimentação sadia e farta, a par de cuidados higiênicos científicos, gratuìtamente propiciados pelos médicos, nossos confrades, drs. Delcides de Oliveira Baungratz e José Schembri e pelo cirurgião-dentista dr. Diogo Lopes Marins. Ressalte-se aquí o valor desta alimentação e desta assistência médico-dentária, no seguinte fato: O surto de gripe Asiática causou grandes danos na capital mineira; mas, as então 103 meninas do Abrigo Jesus, graças a Deus, quasi nem tomaram conhecimento disso, tão brandos foram os casos entre elas sucedidos.

Todos diretores do Abrigo Jesus trabalham sem remuneração. Por isso, a despesa mensal de cada menina foi, apenas de Cr. $ 694,50, nêsse tempo de fabulosa carestía de tudo.

A presidência do Abrigo, há mais de 18 anos está sendo exercida pelo diléto confrade e velho amigo Osório de Moraes; e a secretaria, há mais de 20 anos, pelo caríssimo Leonardo Baungratz, o meu nunca esquecido preceptor espírita, nos anos de 931 a 934, na bucólica cidade de Lima Duarte (M. G.) (Que alegria para mim!...)

Uma afirmativa alviçareira está contida no atual relatório: Ficou assentado e resolvido por unanimidade, numa das últimas reuniões da atual diretoria, fazer-se ampliação do Abrigo, construindo-se mais uma ala no edifício sede, a iniciar-se nêste ano. A Instituição vem acumulando economias, anualmente, dispondo já de boa soma, para garantir essa obra, de modo a ter a certeza de chegar ao fim da construção sem perigo de paralizá-la, apesar de conhecer todos os entraves naturais do momento, sobretudo o alto custo do material e da mão de obra. Gente de coragem.

Avante, irmãos! Com Jesus à frente, ninguém, nada deter-vos-á na caminhada. Milhares, como eu, estarão em preces pelas vossas vitórias sucessivas.

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda, 1.º Maio, 1958.

Os nossos irmãos irracionais

RENATO KHEL

Da Academia Nacional de Medicina

É chegada a vez de tecer algumas considerações bio-perspectivistas em tôrno do bicho-bicho, pois do bicho-homem já nos ocupamos bastante.

Não se leve à conta de descuido ou menoscabo essa longa protelação de entrar no mundo dos irracionais, mas à conta de falta de oportunidade e em vista da atenção requerida pelos multiplos problemas ligados ao mundo tormentoso dos racionais.

Embora os animais não tenham merecido dos fundadores da religião, prevalescente no lado ocidental, um tratamento equitativo nas escrituras, não podem êles deixar de ser considerados filhos do mesmo Criador, feitos que são de matéria viva, de um protoplasma que se distribue pelas células e por tôda a economia orgânica.

Também êles vivem, lutam, sofrem e se reproduzem; cuidam das crias com desvêlo; demonstram, assim, sentimento de amor e sentimento de solidariedade à espécie.

O animal merece, pois, do homem, não apenas a consideração individual, que um ou outro lhe concede. Merece uma consideração geral e universal, reconhecida no «direito das gentes», como muita gente possúe sem merecer.

Não se trata apenas do nosso querido cão, do nosso excelente cavalo, do boi que tudo nos oferece e do qual nada se perde, do papagaio gritador e cacete, quando não nos pertence. Englobam-se na lista dos beneficiados pela nossa atenção, todos os bichos, mesmo os selvagens que, perseguidos e martirizados, de vez em quando atropelam e destróem os seus perseguidores, um direito, aliás, que lhes assiste.

Os homens ainda não foram educados para respeitar, como devem, os seus irmãos irracionais. Julgam-nos, por tradição, sêres à parte e sem «alma», indignos de participar, quando expiram, dos recantos celestiais.

Quanta injustiça e quanta barbaridade se tem cometido contra os irracionais! Em pleno século XX, existem povos que não demonstram qualquer sentimento de caridade para com êles. Mesmo entre os civilizados alguns bárbaros os tratam a ponta-pés, a chicote, a azorrague, com chuços ponteagudos, muitas vêzes sem motivo justificado. Uma repentina cólera provocada por terceiros, desencadeia-se sàdicamente contra uma pobre montaria, um cão desprevenido, um boi preso à pesada canga. Compreende-se, em parte, essa ferocidade em adultos aos quais quando crianças, ninguém ensinou a não perseguir os passáros surgidos ao alcance de uma atiradeira, a não amarrar latas nas caudas de cães e gatos, e outras maldades que parecem inocentes, mas que aos poucos entorpecem o sentimento de amizade que os animais merecem.

Os homens se caracterizam, não só pelo modo com que tratam os semelhantes, como pelo modo de agir com relação aos animais domésticos ou não.

Si arrogamos a nós mesmos tantos direitos, devemos outorgar aos bichos, ao menos um: o de serem tratados com bondade.

Schopenhauer, grande amigo dos animais, dizia que a piedade, princípio de tôda a moralidade, deve também estender-se aos irracionais. E acrescenta com justa razão: «A pretensa ausência dos direitos dos animais; o preconceito de que a nossa conduta com relação a êles não tem importância moral; que não existem deveres do homem para com os bichos, constituem uma revoltante grosseria».

A piedade para com os irracionais decorre da formação moral do nosso caráter. Um indivíduo cruel para com os «bichos-bichos» não pode ser bom para com os «bichos-homens», seus semelhantes.

Devemos fazer sentir às crianças, aos adolescentes e aos adultos, que os animais sofrem, e que o sofrimento dêles, como disse um pensador, «é de certo modo mais intolerável para uma consciência livre, do que o sofrimento dos homens», que no geral sofrem por causa dos próprios êrros.

—

Sociedade Francisco de Assis — De Assistência aos Animais, Rua José Antonio Coelho, 15 — Sala 4 — Vila Mariana — São Paulo.

Crônica Estrangeira

Durante 20 anos «TOM» (O Espírito) morou com a família do Reitor

A autora do que segue nos pediu ocultar o seu nome e enderêço, mas ambos podem ser obtidos para inqueritos bona fide. O documento que regista êsses extraordinários acontecimentos, diz ela, está assinado por todos os que estavam presentes.

Eramos numerosa família moradora numa reitoria situada na Irlanda Oriental, quando «TOM» (espírito) se revelava por golpes, mostrava luzes e atirava objetos contra nós e ao nosso derredor.

Isso foi seis mêses antes do meu nascimento, em 1906. Êle permanecia conosco, nos acompanhava em nossas mudanças para quatro reitorias diferentes. Êle nos ajudava de muitos modos, vigiando-me, quando criança, balançando minha caminha, dando-me um vidro de leite, que trazia da cosinha.

Êle gostava, diziam-me, muito de arranjar as roupas de minha caminha, e nela depositar coisas bonitas, colocar, sôbre meu corpo, em forma de leque, a camisola de minha mãe; êle punha os sapatos de mamãe e o chapéu de papai no interior da caminha.

Algum tempo depois, minha mãe já não tinha mêdo de «Tom» e lhe permitia me balançar e me divertir. Lembro-me de tê-lo visto algumas vêzes, depois nada mais que uma figura embuçada, a estender a mão detrás de um móvel ou porta.

Muitas vêzes «Tom» era visto por membros da família, mesmo quando diversos estavam no aposento. Êle não nos atemorizava.

Vi muitos objetos em movimento no ar, contrariando a gravidade, e uma escova a esfregar o soalho por mãos invisíveis.

Eu tenho uma nota por êle escrita. Muitas vêzes êle escrevia sôbre pedaços de papel e os deixava sôbre móveis.

Nós gostavamos de «Tom», apesar de tudo eramos por vêzes censurados por suas travessuras quando pessoas estranhas estavam em nossa casa.

Contudo, êle nos ajudava a arrumar a mesa para as refeições, acender fogo. Êle nunca preparou qualquer alimento, não obstante nós lho termos pedido.

Êle nos divertia muito, a minhas irmãs e a mim, depois de irmos para a cama, ao lhe pedirmos fazer tôda sorte de coisas, mostrar luzes, abrir a janela, trazer agradáveis perfumes, falando-lhe por meio do alfabeto, batendo êle a palavra pedida.

O que muito divertiu minha irmã foi êle ter me beijado na face, a meu pedido. Êle nos trazia doces, que atirava na nossa cama ou sôbre a mesa — lembro-me que doces eram !

Meu pai não queria que pedissemos semelhantes coisas, pois êle não descobria aonde «Tom» poderia obtê-las.

A última lembrança que tenho de «Tom» data de 1928.

De «Two Worlds».

* * *

Revelações em transe Hipnótico

Reproduzido de «Constancia»

O diário «La Razon», de 5 de abril de 1958 traz esta eloquente informação, aquí transcrita :

«DALLAS (Texas) — Leonard E. Kord, pai da jovem Patricia Jeanne Kord, de Williams, que em transe hipnótico afirmou ter sido, em outra vida, um sargento dos exércitos confederados do Sul, morto na guerra de Secessão há 96 anos, declarou que o estranho incidente o mantém no mais absoluto cepticismo. Kord encontra-se em Dallas realizando intensa investigação, em antigos arquívos, das afirmações formuladas, por sua filha sôbre os fatos de sua vida anterior. O pai Leonard E. Kord afirmou ter comprovado que 75 por cento das revelações feitas por sua filha, em estado de hipnose, são exatas. Diz Kord : «Minha filha, que nunca esteve em Shreveport, em seu transe mencionou a rua Water. Antigos mapas assinalam que cento e vinte e cinco anos atrás havia em Shreveport uma rua com tal nome. Ela falou de uma família Nichols, que morava quatro quilómetros a Sudoeste de Shreveport. Títulos de antigos proprietários, demonstram que uma família Nichols possuía terras na zona, pouco antes da guerra de Secessão. Tudo isto, para mim, é muito profundo e, todavia, permaneço céptico».

Kord disse que ainda não poude descobrir a existência do sargento Gene Donaldson, em quem sua filha estivera encarnada em sua existência anterior, e que, segundo a filha afirmou em estado de transe hipnótico, morrera numa batalha contra os nortistas em 1862, ao ser atingido por uma bala no olho.

Durante seu estado hipnótico, Patricia falou com sotaque sulista e disse que Donaldson servira como sargento da segunda divisão de artilharia do exército da Confederação.

Kord afirmou que nos arquívos da bibliotéca de Shreveport descobriu que certo Gene Donaldson servira no exército confederado, na guarda paroquial de Saint Mary.

Durante o sono hipnótico, a menina afirmou que Gene Donaldson morreu na mesma noite, em que fôra ferido à bala. Acrescentou que depois de «morto» procurou comunicar-se com sua mãe, mas esta não poude ouví-lo.

Patricia Jeanne fôra posta em transe hipnótico por seu tio, e durante a sessão foi posto em funcionamento um gravador, que registrou tôdas as afirmações da menina.

Em todos os vossos atos e decisões, lembrai-vos da humildade e da paciência, que representam uma espada de dois gumes com a qual vencereis as mais renhidas lutas. — L. B.

Conclusões e Recomendações do Congresso de Jornalistas

Encerrou-se com êxito e brilhantismo o grande encontro intelectual espírita — Conclusões doutrinárias e recomendações práticas — Belo Horizonte escolhida para séde do III Congresso

Jornalistas e escritores espíritas de vários estados, representando todo o país, estiveram reunidos nesta capital, de 18 a 23 de abril p.p., para o debate de temas referentes ao movimento espírita e a problemas de divulgação doutrinária. Houve quatro solenidades públicas: a de instalação do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, uma de conferências doutrinárias, outra de homenagem à data nacional de 21 de abril, e a de encerramento. Os trabalhos do congresso foram presididos pelos confrades Lauro Schleder, de «Mundo Espírita», de Curitiba; Carlos Imbassahy, escritor espìrita de Niterói, e Antonio Pereira Guedes, de «Almenara» do Rio.

Na sessão de encerramento do congresso, que se realizou na noite de 23, no auditório do Círculo Esotérico foram lidas pelo secretário geral, sr. Euripedes de Castro, as conclusões e recomendações finais, que passamos a reproduzir:

«CONCLUSÕES: A palavra Espiritismo designa uma doutrina perfeitamente estruturada nas obras da Codificação de Allan Kardec, tendo por base o «Livro dos Espíritos», cujos princípios fundamentais se desenvolvem nas subsequentes.

O desenvolvimento do Espiritismo, no plano do seu enriquecimento doutrinário, não representa, nem pode representar uma superação da Codificação de Allan Kardec, mas apenas um desenvolvimento cultural e espiritual dos princípios daquela codificação.

O Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento, representando uma base ideológica para o nosso século, sôbre a qual deverá desenvolver-se a civilização do futuro.

Qualquer confusão entre o Espiritismo e formas primitivas de manifestações mediúnicas, manifestações de sincretismo religioso, ou formulações doutrinárias pessoais ou de grupos, não passa de incompreensão da Doutrina Espírita, não podendo essas formas serem a ela incorporadas.

O desenvolvimento das ciências em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo.

Deve existir, por parte dos Espíritas, o maior respeito pelas manifestações religiosas ou concepções espirituais, como formas diversas do processo de evolução humanas, mas sem qualquer confusão entre elas e o Espiritismo, cujos princípios devem ser resguardados como a mais alta conquista do homem no plano do conhecimento».

RECOMENDAÇÕES — «O Congresso recomenda: aos espíritas, e, em particular, aos advogados e juristas espíritas, o estudo do livre exercício da mediunidade curadora, promovendo um movimento junto ao Congresso Nacional, no sentido da modificação de artigos do Código Penal que restringe a liberdade de culto:

— solidariedade da imprensa e rádio na difusão do Esperanto;

— o maior cuidado na publicação de trabalhos espíritas, na elaboração de programas radiofônicos e outros, no intuito de se evitarem incoveniências e deturpações da Doutrina Espírita;

— desaconselhar-se a publicação, na imprensa espírita, de matérias referentes a outras correntes ou movimentos que, enganosamente, se aproximam do Espiritismo, mas a êle não pertencem;

— livre debate das idéias que interessam ao progresso espiritual do homem;

— a criação de serviços de imprensa espírita, com a função de manter colabores permanentes nos diversos orgãos doutrinários;

— incremento da literatura espírita infantil, tendo-se em vista a satisfação da fantasia, o hábito da leitura e a forma de ministrar o ensino da Doutrina Espírita, inclusive por histórias em quadrinhos, para contrabalançar a influência perniciosa das más publicações existentes;

— às instituições doutrinárias, representativas do movimento espírita nos Estados, uma articulação no sentido de organizar-se a Fundação do Livro Espírita ;

— a organização, pelas instituições espíritas, sobretudo as de jornalistas, escritores e intelectuais, pelos jornais e programas de rádio e televisão, de boletins de crítica lítero-doutrinária, para exame constante, objetivo e independente, da matéria divulgada».

As recomendações do Congresso ainda não estão completas, cabendo à Comissão Permanente, eleita na última reunião plenária, completá-las para os anais, depois do atento exame de tôdas as moções e preposições aprovadas no correr dos debates. Essas, entretanto são as principais, e bastam para dar aos leitores uma idéia de amplitude dos assuntos discutidos e da eficiência do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Por determinação do plenário, o III Congresso será realizado em Belo Horizonte, no ano de 1961, ou seja, daqui a três anos. A delegação mineira sugeriu, entretanto, que a sua realização possa ser abreviada para 1960, caso as conveniências e possibilidades o recomendem, o que foi aprovado. Os demais congressos se realizarão em outras capitais do país, de dois em dois ou três em três anos, conforme o que ficar estabelecido em Belo Horizonte.

Irmão Saulo.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião ordinária realizada em 3 de Maio de 1958

Feita a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos e empossa o novo representante da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro e o da União Espírita Paraense, respectivamente, Ten. Cel. Levi Lara e Prof. Ramiro Souza Gama, saudando-os em nome do Conselho.

Ata — É lida e aprovada a ata da reunião anterior.

Expediente — As Federações Espíritas dos Estados do Ceará, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul comunicaram a eleição dos seus novos diretores.

Rio Grande do Sul — A Federação Espírita do Rio Grande do Sul comunica a realização, em Janeiro de 1959, naquele Estado, de um «Seminário de Orientadores de Evangelização da Infância e Juventude», movimento estadual em que não haverá conclusões nem recomendações, mas que oferecerá oportunidade para amplos debates, visando a maiores esclarecimentos sôbre o assunto.

S. Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva informa que o Presidente da USE comparecerá à próxima reunião extraordinária do Conselho, prevista para o 2.º semestre do corrente ano.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama, agradecendo a escolha do seu nome para representar a União Espírita Paraense, diz que tudo fará para honrar a sua investidura no cargo.

Goiás — O Conselheiro Almerindo de Castro relata atividades da Federação Goiana, citando a Creche Goiana, o Albergue Noturno André Luiz, o Lar Espìrita Francisca de Lima, com uma área de dez mil metros quadrados, e o Sanatório Batuira.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Ten. Cel, Levi Lara, após manifestar sua agradável satisfação por participar do Conselho, faz amplo e minucioso relatório das atividades da Federação Fluminense em todo o Estado, nos mêses de Março e Abril últimos.

Ás dezesseis horas, proferida a prece final, pelo representante da Federação Gaúcha, encerra o Presidente a reunião.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Paulo e Estevão
Falando à Terra
Pontos e Contos
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPIRITAS

Diretor: *A. Watson Campêlo* — *Redator:* *Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3461unse

o XXXIV - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Julho de 1958 - N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Profecias Apocalípticas . . . . *Redação*
O Exemplo e a Mediunidade de José da Costa Filho . . . . . *De "O Clarim"*
Plenamente Provada a Reencarnação, afirma Célebre Autor Suéco . . *Dr. F. H. Wood.*
O Que Êles Dizem . . . . *Carlos Imbassahy*
Deus não existe? . . . . *V. O. Casella*
O Desenvolvimento das Ciências confirma os Princípios Espíritas . . *Irmão Saulo*
A Evolução da Crença . . . . . *Ismael Gomes Braga*
O Papa e o Papado . . . . . . *Bianôr Medeiros*
Preservando a Diretriz — Médiuns de Mesas e Terreiros? . . . . . *Ítalo Ferreira*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Como a Vida é influenciada pelas variações atmosféricas e astrais . . *G. M. Minardi*
Trofologia—A Ciência da Alimentação *Tomás Péppe*
Do Verme ao Astro . . . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 25,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 26,00, inclusive porte e registro.

ANO XXXIV – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1958 – NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

As Profecias Apocalípticas

A humanidade está passando por uma das fases mais decisivas de sua evolução no terreno material. Está precisamente no tempo das predições apocalípticas que, quando se cumprirem integralmente, marcarão o início de uma nova era de paz, de amor e de justiça, era em que o Cristianismo puro terá construído em cada coração, uma cátedra, onde Deus, nosso Pai Celestial, reinará por séculos sem fim.

Estamos assistindo, portanto, a realização das profecias apocalípticas, dadas a João na Ilha de Patmos por Jesus Cristo.

Falando sôbre o assunto, já tivemos a oportunidade de dizer que o primeiro sêlo representa o Espiritismo montado nos fatos espíritas, que saíu vencendo e para vencer. Realmente, estamos vendo que o Espiritismo está vencendo em tôda linha, convertendo gregos e troianos à Verdade.

Dissemos certa vez que o cavalo vermelho representa o comunismo, que está tirando a paz da terra; que o cavalo preto representa o nazismo e o fascismo, ideologias que parecem desaparecidas, mas que continuam em fermentação, à espera da primeira oportunidade para se manifestarem; que o cavalo amarelo representa a raça amarela, que está agora ameaçando sèriamente a paz. O segundo, o terceiro, e o quarto sêlos apontam tudo o que está se verificando no mundo: guerras, fóme, matança e especulações de tôda sorte. O terceiro sêlo diz: «E ouvi uma voz no meio das quatro criaturas viventes dizendo: Uma medida de trigo (aproximadamente um litro) por um denário», o que significa que os genêros alimentícios e utensílios alcançariam preços exorbitantes, fora do alcance dos pobres, e isto está realmente acontecendo com a ganância desenfreada de grandes e pequenos comerciantes, sobretudo dos açambarcadores desalmados, que um dia terão que prestar severas contas a Deus.

O quinto sêlo refere-se aos verdadeiros cristãos, aquêles que foram mortos por causa do testemunho que mantinham sôbre Jesus. Êles estão à espera de que se complete o número dos seus conservos e seus irmãos, que devem ser mortos como êles o foram, o que dá a entender que ainda haverá perseguições contra os cristãos. E enquanto isso, o sexto sêlo entrará em ação. As guerras atingirão o seu ponto culminante. As bombas atômicas e hidrogênicas, os inventos atômicos, enfim, produzirão o maior e o mais devastador de todos os terremotos. O mundo será um vulcão a atirar rôlos de fumos a grandes alturas, o que dará a impressão de achar-se a humanidade nas entranhas de um vulcão em atividade. E diz o sêlo apocalíptico: «O sol tornou-se negro como um saco de cilício, e a lua tôda tornou-se como sangue, e as estrêlas do céu caíram sôbre a terra como a figueira agitada de um grande vento, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares».

Diz o sétimo sêlo que a sete anjos foram dados sete trombêtas. Ao soar de cada trombêta caiu sôbre a terra as maiores calamidades, a ponto de destruirem a terça parte de tudo quanto existia sôbre a terra.

O comêço dessas predições já está em andamento, conforme estamos vendo. Uma nova guerra, a maior de tôdas as guerras, já começou, e em breve, mais dias menos dias, atingirá o seu ponto culminante, quando então os mortíferos instrumentos atômicos, encendiarão a maior parte do mundo, deixando-o num montão de cinzas fumegantes, tudo isso produto do orgulho, do egoísmo e das ambições humanas, sinal de que o espírito do cristianismo ainda não medrou nos corações.

O tempo está mais próximo do que se pensa, porque naquela ocasião o anjo disse a João: «Não seles as palavras da profecia dêste livro, porque o tempo está próximo». E de fato já chegou êsse tempo. E o Espiritismo, que chegou na hora exata, está alertando as criaturas no sentido de se confraternizarem de acôrdo com os ensinos e exemplos de Jesus, afim de escaparem às grandes tribulações que já começam a infelicitar a humanidade.

O Exemplo e a Mediunidade de José da Costa Filho

COMO sabem os leitores, o «O Clarim» e a «Revista Internacional do Espiritismo», foram fundados por Cairbar Schutel, um dos maiores apóstolos da Doutrina, no Brasil, que, ao deixar a vida material, em 1938, teve como sucessor, na atividade jornalística, o seu antigo tipógrafo, José da Costa Filho, o qual, durante vinte anos, trabalhou incansàvelmente na direção e redação de ambas as publicações.

A cinco de fevereiro, deste ano, o Juca, também partiu para o além, deixando-nos um exemplo de dedicação aos deveres e obrigações, e a prova da sua mediunidade intuitiva, caracterizada pela simplicidade, sem nenhuma exibição, pela naturalidade de um homem modesto, simples, sincero.

Nos últimos tempos, de sua vida terrena, já muito doente, quase inteiramente paralítico, certamente pressentindo o desenlace, zeloso e trabalhador, como era, teve o cuidado de escrever os artigos de fundo, que vimos publicando, ainda de sua autoria, como terão notado aquêles que nos lêem.

Mas, o seu cuidado não se limitou a deixar pronta matéria de fundo, a fim de facilitar a tarefa de seus continuadores. Fez mais, médium verdadeiro, tomando as breves mensagens de «Coletânea», a tradicional secção de «O Clarim», igualmente deixou várias dessas produções já redigidas, as quais vem sendo publicadas com a mesma regularidade com que, durante vinte anos, êle as manteve nestas colunas, sob sua responsabilidade de dirigente.

E é interessante assinalar, como afirmação de fé e de entusiasmo, que não ficou nesse esfôrço a sua preocupação. Deixou, ainda, preparados, para as respectivas oportunidades, o artigo de aniversário de «O Clarim», a sair em 15 de agosto, deste ano, e outro sôbre a data natalícia de Cairbar Schutel, que ocorre a 22 de setembro.

A propósito desses dois trabalhos, êle disse a um amigo: «não sei por que, mas os Espíritos, desta vez, anteciparam de muito a inspiração que me deram dos artigos de aniversários.»

E êle partiu a 5 de fevereiro, muito antes, na verdade, de 15 de agosto e 22 de setembro, ficando, assim, patente a intervenção do invisível sôbre aquêle trabalhador incansável e sincero.

Sabiam os Espíritos, indubitàvelmente, que êle ia partir e, na atividade incessante do seu mundo, aproveitaram os últimos dias da faculdade mediúnica, do Juca, para adiantar o serviço de auxílio que dispensam a êste setor de imprensa espírita.

Não estará, nisso, o sinal límpido de mediunidade e da assistência espiritual aos que, bem intencionados, procuram realizar?

Estas considerações, são motivadas pelo fato de estarmos publicando, hoje, o último escrito do Juca para «O Clarim», e também a última «Coletânea» recebida por êle, justamente na véspera do seu desencarne, isto é, a 4 de fevereiro, numa demonstração viva de operosidade até a última hora, e de amor à Causa que defendeu.

Além dessa «Coletânea», resta a que ficou antecipada, ainda por êle, para o aniversário de «O Clarim», a 15 de agosto.

Da série de artigos de primeira página, deixados pelo Juca, adiantadamente, para a «Revista», os dois últimos, serão publicados nas edições de junho e julho, como conclusão de uma tarefa, que se estendeu além da *«morte»*, significando confiança na vida eterna.

Aí está, na sua coluna, a «Prece ao Pai Celestial», que foi o seu «canto do cisne», como que a anunciação da viagem e da mudança que ia empreender.

Nem poderia haver melhor canto, que o cântico de uma prece, como essa, dirigida à Providência Divina, saindo de um coração que viveu para a verdade espiritual e elaborada na antevisão da hora solene da partida.

Transcrito de «O Clarim», de 21 de Junho de 1958.

Plenamente Provada a Reencarnação, afirma Célebre Autor Suéco

O Estranho Caso de Shanti Devi

Peter Forbes publicou no jornal «PEOPLE», (não espírita), o relato de novos fatos que fortalecem o que por muitos homens é considerado o caso de maior evidência de Reencarnação.

Êle escreve :

«Em Delhi, capital da Índia, reside uma menina que faz fantásticas afirmativas de já ter vivido nesta Terra, e que ela, de fato, reencarnou.

O renascimento de Shanti Devi foi investigado por três dos mais eminentes homens da Índia e suas descobertas abalaram o continente.

Os fatos assombrosos, quase incríveis, não podem ser negados.

A 4 de outubro de 1925, Ludgi Devi morreu ao dar à luz a um filho, no hospital da cidade de Mathura. Ela contava 23 anos de idade.

Em 11 de dezembro de 1926, nasceu Shanti Devi em Delhi, distante muitas milhas de Mathura... Nunca existiu qualquer relação entre as duas de igual sobrenome, ou suas famílias.

Mas, aos 4 anos de idade, Shanti inesperadamente começou a viver, como Lugdi o faria. Surprêsa para os pais. Lugdi era a espôsa de um brâmane, a maior casta dos hindus. Ela era mulher devota e seguia todos os preceitos de sua religião e casta.

Mesmo seu alimento era preparado de acôrdo com o costume tradicional dos brâmanes.

Shanti nenhum antepassado tinha dessa casta. Mas, certo dia, quando sua mãe lhe trouxe sua refeição, ela disse que não a comeria, e pediu uma à moda de brâma. Era essa a sua vontade. Seus pais se surpreenderam, pois ela nunca provara tal alimento.

Shanti descreveu a seus pais as roupas que «costumava usar». Sua descrição concordava exàtamente com as vestes tradicionais dos brâmanes. Contudo, ela nunca vira tais vestidos.

Shanti começou a falar no dialeto peculiar dos brâmanes, todavia, jamais ela ouvira êsse dialeto. Nenhum de seus parentes o falava.

Quando seus pais lhe perguntaram onde ela o aprendera, disse simplesmente : «Alí eu passei a minha vida anterior e êsse dialeto me vem naturalmente».

Em seguida, Shanti descreveu a casa em que morara. Ela deu o nome da cidade, Mathura, mencionou o nome da rua em que estava situada, e começou a chamar a si mesma pelo nome Lugdi.

Shanti falou de seu «marido». Seus pais pediram esclarecimentos sôbre êsse «marido», na outra vida. Em resposta, ela deu o nome dêle e seu enderêço.

Os pais pediram a dois amigos da família irem a Mathura. *Ambos foram e encontraram o marido de Ludgi Devi exàtamente como ela o descrevera.*

Formaram uma comissão. Tudo era

como ela havia dito. O templo Dwarkadhish; a venda em que fazia suas compras, na «outra vida», o local em que se banhava no sagrado rio Jumna.

Os dois homens voltaram para relatar a existência do marido de Ludgi Devi, bem como de outros destacados cidadãos de Delhi. Tão grande foi a impressão que resolveram nomear uma comissão investigadora, para pesquisar a incrível história.

«Durante 25 anos», diz o jornal «People», três homens eminentes, inclusive um advogado, investigaram tôdas as particularidades no «renascimento».

Conhecimento exato. — «Quando Shanti contava nove anos, foram buscar para Delhi, Kedar Nath Shaubey — viúvo de Lugdi Devi.

Êle e seu filho de 10 anos foram levados à casa de Shanti, sem prévio aviso.

No momento em que Shanti os viu, ela desfaleceu e depois soluçou durante uma hora.

Quando Shanti voltou ao seu estado normal, Kedar Nath lhe fêz perguntas íntimas sôbre sua vida com a esposa Lugdi — perguntas a que só a consorte poderia responder.

Por sua vêz foi o velho a chorar. Ele jurou que Shanti possuia a mesma alma que pertencera à sua falecida mulher.

Exatas foram tôdas as respostas dadas por Shanti. «Também chocante foi o modo por que a menina de nove anos aconchegou ao seu peito o «seu filho» que só contava mais um ano do que ela.

Uma testemunha ocular disse: «Nunca me esquecerei dessa cena. A menina procedeu como se fôsse sua verdadeira mãe. Era surpreendente ver o comportamento de uma menina como ela para um mais velho. Ela se agarrou a êle como se fôsse seu filho. Ela pediu coisas para o agradar e lhe deu suas bonecas e brinquedos. Ela realmente estava extasiada por vê-lo de novo...»

Shanti pediu permissão para «voltar» a Mathura, que nunca visitara. Em novembro de 1935, a comissão investigadora, com outras testemunhas, inclusive um fotógrafo, levaram Shanti de trem para Mathura.

Ao aproximar da cidade, a menina, com alegria, começou a mostrar as divisas de que se lembrava de sua vida passada.

Na estação, a comissão lhe pediu a conduzisse à casa onde Shanti afirmava ter vivido, como Lugdi Devi.

Sem hesitar ela os levou, através de labirinto de rúas, indicando casas comerciais e residências que conhecera.

Em certo ponto, ela parou e reconheceu um velho brâmane de 75 anos, que afirmou fôra seu sôgro. Ela beijou-lhe os pés. De fato, o homem fôra sôgro de Lugdi Devi.

No interior da velha casa, Shanti a percorreu como se lá tivesse vivido. Aos presentes ela falou de uma fonte no quarto trazeiro — então para lá se dirigiu, levantou uma pedra, há muito esquecida por Kedar Nath.

Shanti disse: «Eu tirava água desta fonte para lavar a louça». Então Kedar se lembrou que sua primeira mulher realmente assim procedia.

Ela conduziu os investigadores ao quarto que fôra seu dormitório. Lá, disse ela, eu ocultei algum dinheiro, pouco antes de morrer. Ela foi diretamente a uma tábua solta, levantou-a. Mas Kedar Nath afirmou ter tirado o dinheiro depois da morte da mulher.

Ela mostrou aos presentes o lugar em que estivera sua cama, sua poltrona, os pontos exátos em que punha suas roupas — as quais descreveu.

Shanti levou a comissão à casa vizinha em que moraram seus «primeiros parentes». Lá, ela indicou imediatamente os parentes de Lugdi, entre os presentes.

Veredicto final

A reunião, diz o «People», foi extremamente emocionante. «Os presentes soluçavam ao verem a menina abraçar seus parentes».

Shanti voltou para Delhi. A comissão afirmou não encontrar outra alternativa a não ser aceitar o caso como reencarnação provada.

Foi lavrado um longo e instrutivo documento afirmativo de «REENCARNAÇÃO».

O primeiro investigador ocidental, surgiu em cena há poucos mêses. Sture Lonnestrand. O renomado autor resolveu percorrer de novo todo o terreno palmilhado pela comissão investigadora. Ele reconduziu Shanti, agora com 31 anos, a Mathura. Ela o apresentou a seu «filho» e «marido».

Lonnerstrand examinou a fonte e o

esconderijo de seu dinheiro. Ele inquiriu as testemunhas.

Lonnesrtrand fôra a Delhi com o propósito de denunciar a história Shanti como uma fraude.

Mas foi esta a conclusão a que chegou:

E' êste o único caso de REENCARNAÇÃO completamente explicado e provado, jamais verificado.

—

Nota — O autor suéco Lonnerstrand, que foi a Delhi para denunciar o caso Shanti Devi voltou convertido, mas se enganou ao dizer: «E' este o único caso de Reencarnação completamente explicado e provado, jamais verificado». Há muitos outros, e eu provei um dêles em meu livro «Êsse Milagre Egípcio.»

Como todos os recem-convertidos, Lonnerstrand está excitado pela sua descoberta».

Dr. F. H. Wood.

Maurice Barbanel em sua edição de 26-4-58, escreve:

Houve muitas referências a êste caso durante os últimos 25 anos, em «Two Worlds».

(De «Two Worlds»).

O QUE ÊLES DIZEM

De Jundiaí, próspera cidade paulista, enviaram-me a «*Folha*» de 10 de maio, com um artigo intitulado—*O que êles dizem sôbre a Reencarnação.* É um extrato de uma oração pronunciada na ZYE 6, por um «seminarista Salvatoriano».

O orador declara que «após 4 palestras em que considerou os males, as fraudes e a falsidade da nefasta doutrina do Espiritismo», finaliza tratando da reencarnação.

As quatro substanciosas orações anteriores perdemo-las, necessàriamente, desde que só nos enviaram a última. Mas nesta, os lugares-comuns, as objurgatórias, o arrazoado, é tudo já tão gasto, tão estafado, e mais reunido aí o desconhecimento de quem é o Autor, que nos tiraria o desejo de qualquer resposta. Sucede que o jornal nos foi remetido por alguém, que também não enviou o nome. É tudo anônimo no caso. Mas êsse alguém deve estar ansioso por uma explicação, talvez por me ver metido numa encóspia.

Antes de entrar no assunto, deve-se dizer aos antagonistas de Jundiaí que «a nefasta doutrina espírita» deseja e faz tudo às claras, que não se usa a irresponsabilidade do anonimato; que ninguém anda pelos esconderijos e luras, fugindo à luz do sol; quem remete um jornal, quem faz uma oração, quem escreve um artigo dá o seu nome. Isto posto, vamos ao caso.

Acha o orador que a reencarnação é a base do Espiritismo e que êle ruindo nas suas bases, tel-o-emos no chão. E então se propõe a alui-lo.

Começa declarando que Allan Kardec detestava a palavra dogma, mas não titubêa em falar no dogma da reencarnação.

Valia a pena que antes de ver o que dizemos da reencarnação, visse o moço seminarista o que dizem os dicionários, e assim, além dos profundos conhecimentos de História que possui, como vamos ver, poderia acrescentar ao seu cabedal os da linguagem, o que não ficaria nada mal a um demolidor doutrinário.

Kardec não detestava nada, apenas não aceitava o dogma na acepção de doutrina indiscutível. O que êle repelia era o dogma eclesiástico. Dogma é também *princípio, ponto essencial.* O dogma reencarnacionista significa o *princípio fundamental* da reencarnação.

Quanto à História do salvatoriano, creio que não se pode salvar.

Ei-lo que nos diz:

> *«Como ensina o famigerado Allan Kardec, uma doutrina verdadeira deve ser o resultado unânime e geral de todos os espíritos. Generalidade e concordância no ensino, êsse o caráter essencial da doutrina espírita...»*

Armado com êsse princípio, o orador da ZYE 6 ensina:

> *«Interessante é que o Espiritismo anglo-saxão também pretende ter recebido seu material doutrinário dos tais espíritos e negam fanàticamente a reencarnação. De modo que desta vez os «espíritos» não foram unânimes».*

Aconselharia ao radialista que voltasse a ver o *que diz êle,* o Kardec, e recorresse de novo ao léxico. Allan Kardec não falou em unanimidade, mas em generalidade. Principia mal o incipiente teólogo, se já no verdor dos anos, «sem as manhas naturais de um padre-cura», como dizia o poeta, entra a falsear as citações.

A unanimidade é impossível, a não ser por disciplina militar ou fanatismo religioso, e fora da prova científica. No terreno mental só há unanimidade quando há imposição, coação ou servidão. Ande por aí, como Diógenes, de lanterna em punho, a ver quais as pessoas que pensam exàtamente da mesma maneira, em todos os pontos. E quando eu digo *pensar,* não é repetir inconsciente e maquinalmente palavras de outrem.

Kardec falou em *generalidade* Os nossos dicionários ensinam a diferença.

Não há tempo para explicar a distinção entre fato comum e doutrina elevada, só acessível aos Espíritos superiores. Esta não pode estar ao alcance do vulgo, delas não pode participar a unanimidade dos Espíritos; elas não podem ser compreendidas por todos. Há *fatos* de que todos podem ser testemunhas, mas nem tôdas as doutrinas podem ser igualmente assimiláveis. Todos os indivíduos faltosos se nos manifestam apresentando sinais de sofrimento. Salvo os casos raros em que, por vaidade, escondem suas máguas, a imensa maioria não a pode ocultar. Poder-se-ia aquí falar em unanimidade. Não contariam as exceções. É que são fatos quotidianos.

Mas a teoria reencarnacionista não pode ser apreendida rápida e universalmente. Os que nada sabem nada podem responder, ou respondem de acôrdo com suas idéias particulares. Se Frei Boaventura fôr para o Espaço, o que desejamos não seja tão cedo, virá com a fervorosa intransigência que tem manifestado aquí. Os inglêses que morreram com a idéia de que não voltariam, é essa que expendem em suas comunicações. Mas, se o seminarista quiser saber o que *dizem êles,* os que sabem, os que sairam fora da craveira comum, em vez de solicitar as luzes de Frei Boaventura, a quem repete, deveria ler as grandes obras, recorrer às mensagens inglesas escritas por Espíritos superiores, ler os ditados dos vultos que mereceram a confiança pelas comprovadas verdades que nos trouxeram, e perceberia que a doutrina ensinada é a da reencarnação. É nas grandes obras e nas grandes comunicações em língua inglesa que lhes vamos conhecer a doutrina, e nunca nos ignorantes que se manifestam; assim como quem quiser saber o que é o Espiritismo irá aos escritores de nomeada e não aos panfletários.

É nos clássicos que se aprende a boa escrita e não nas obras de fancaria.

Saberia ainda o radialista, se fôsse ver o que elas dizem, as estatísticas, que nos países de língua inglesa, se tem visto um grande acréscimo de partidários da palingenesia, os quais sobrelevam, de muito, os teoristas do estacionamento ou da evolução em outros planos.

Vamos agora à minha ignorância e leiamos o nosso incipiente adversário :

> *«No livro — «A Reencarnação e suas provas» escreve um doutrinador espírita — Esta doutrina existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas...*
>
> *«Contra êste argumento bastará lembrar ao nosso «competente» mestre de História que não encontramos vestígio algum de reencarnação entre o povo persa. Também a religião primitiva da China desconhece esta doutrina. O mesmo vale para o Egito, a Índia, a Grécia, o Império Romano.*
>
> *«No entanto o nosso Imbassahy, que demonstra ter só umas minguadas noções de História, diz de bôca cheia — Esta doutrina existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas».*

Digamos, antes do mais, que Mario Cavalcanti, compliciado comigo na cinca, dizia que, quando se fala em todos os tempos, não se quer dizer que a doutrina existisse ao mesmo tempo em todos os países, mas que, tanto quanto fôsse possível levar a sonda das indagações se verificaria a sua existência, isto é, que ela se manifesta em tôdas as épocas da História. E declarar se que todos os países dela participaram, não significa que isto acontecesse continuadamente. Aliás, quando eu falava em regiões, referia-me a extensões de terrenos e não a países.

Como a idade me permite, queria agora dar um conselho ao futuro ministro divino. Quando se propuser estudar um assunto, não se torne um caudatário de foliculários e sectaristas, para não ser apanhado pela gola em êrros flagrantes. Em vez de tomar lições de História nos opúsculos de um Frade, e antes de chamar ignorante a quem nunca o ofendeu em caso nenhum e em nenhuma oportunidade, procure folhear os autores competentes, sem aspas, busque os verdadeiros anais da humanidade e êsse é que deve ser o caminho de um seguidor do Cristo.

Se o ardoroso neófito fôsse ver o que dizem êles, os da História, talvez topasse com o livro de Lessing — *Evolução da Raça Humana*, onde o historiador assegura que «a palingenesia é a hipótese mais antiga concebida pela humanidade».

Se lesse o Berthelot encontraria êste trecho: — «Já na antiga Pérsia existia a idéia de encarnação e reencarnação». Como vê o «nosso» seminarista é possível encontrar os vestígios que êle e o Frade não encontraram na pátria de Zaratrusta.

Se fôsse ver o que diz Heródoto, cidadão chamado o *Pai da História*, saberia que «para os Egípcios a alma deixa um corpo para entrar em outro». A pluralidade das existências encontra-se no *Livro dos Mortos*, obra antiquíssima, uma espécie de Bíblia egípcia.

Seria bom que o nosso amigo fôsse à mais velha obra da Índia, o *Código de Manou*, e também lá acharia o ensino das vidas sucessivas.

Agora, se o amigo folheasse antigos tratados chineses e andasse a ver o que lá está, encontraria o livro das *Recompensas e das Penas*, do Dr. Taosse, traduzido por Juliano, onde entre outros castigos para a alma se encontra o de voltar à terra, por vêzes num animal.

O tempo e o espaço não comportariam mais que estas ligeiras notas, restritas aos países em que o Seminarista afirma que não houve idéia de reencarnação. Nem eu quís tornar fastiente êste trabalho com citas e transcrições prolongadas. Quem desejar, porém, um estudo completo sôbre o assunto, não terá mais que recorrer à obra de Mario Cavalcanti de Melo — *Como os Teólogos Refutam* — que acaba de sair do prélo, e onde êste ilustre pesquisador e profundo conhecedor de Religiões, responde a Frei Boaventura Kloppenburg, em cujas páginas se foi abeberar o orador jundiaiense. Lá as citações são longas e devidamente documentadas. Creio que apontando uma fonte onde serão reparados todos os enganos do jovem Salvatoriano, não preciso pôr mais na carta.

Aquí tem o que me cabe responder ao desconhecido remetente da fôlha de Jundiaí, a quem agradeço o obséquio, quaisquer que fôssem as intenções que o ditassem.

E até mais ver.

Carlos Imbassahy.

Deus não Existe ?

Em data de 5-12-57, em um dos matutinos da capital paulista, foi divulgado o seguinte telegrama, provindo da Alemanha: — «Berlim — Os sputniks provaram, uma vez mais, que Deus não existe — afirma hoje em um artigo sôbre sete colunas o Neues Deutschland, orgão do Partido Socialista Comunista Unificado (SED), da Alemanha Ocidental. Os satélites artificiais soviéticos — declara notadamente, nesse artigo, um certo sr. Guenter Heijden — possuem uma grande importância não sòmente no domínio das ciências naturais e no plano político, mas igualmente no domínio filosófico e ideológico. Os sputniks mostram de maneira eloquente, às massas, que o espáço interplanetário situado para além da nossa Terra não é submetido a um Deus, nem a qualquer fôrça sobrenatural. Ao contrário, o espaço interplanetário é regido por uma ordem interna e leis fundadas na sua materialidade, afirma o sr. Guenter Hayden».

Ora, pelo que se vê, o autor dessa pretensa novidade jamais leu qualquer tratado sôbre os fundamentos básicos do Espiritualismo atualizado há um século pela doutrina kardeciana, a qual mereceu o apôio de célebres sábios, como Flamarion, Richet, Crooks e tantos outros homens de sabedoria, conhecidos pela nossa literatura doutrinária.

Se aquêle autor negativista julga que para se provar a existência de Deus seria necessário que houvesse derrogação das leis da natureza, queremos que êsses materialistas saibam que nós espiritualistas não pensamos em absoluto dessa forma. Pelo contrário, a perfeição das leis de causa e efeito é um dos nossos sólidos argumentos em favor da existência de Deus no Universo. Mas Deus em espírito, e não em matéria táctil conforme concepcionam os negativistas.

Declarações dessa natureza, da forma como vem fazendo êsses negadores, não passam de ingênuas encenações, com propósitos de confundir os mais simples de entendimento, das massas populares.

No entanto, nos debates no campo do puro cientificismo, nós espiritualistas nunca levamos desvantagens com os materialistas, e sempre lutamos com honestidade e clareza, sem recorrermos a artifícios confusos, como fazem nossos opositores, nas suas argumentações sistemáticas. Não será com simples palavras de negação, como essas sôbre os «sputniks», que se poderá ocultar a verdade. Para se negar Deus, ou seja, a existência da alma, êsses nossos opositores teriam que iniciar pela base, demonstrando, pelas leis firmadas na ciência, onde se acha na matéria o ponto de origem da nossa vida inteligente.

Se os conceitos da materialidade prevalecessem, como desejam seus defensores, a nossa ação inteligente teria que ter a sua causa originária no âmago do último reduto da matéria, o átomo. Mas para desaponto dos adeptos do Materialismo, os nossos pesquisadores atualmente já despedaçaram o átomo, e no sêio atômico nada encontraram que revelasse vestígios geradores de vida.

Proclamar que os fenômenos da vida inteligente origina-se na própria matéria, sem apontar, ali, onde se localiza essa maravilhosa fonte, é prova de desconhecimento do assunto, ou propaganda de má fé, servindo-se arbitràriamente dos fenômenos naturais, como o caso das leis que regem os «sputniks».

Os materialistas devem saber tão bem como nós que os átomos são as menores partículas que se unem em combinações afins, para formar as moléculas componentes das células da estrutura física do nosso edifício humano. Se decompormos o nosso corpo físico até chegarmos nêsses invisíveis elementos atômicos, êstes serão os átomos de Hidrogênio, Ferro, Cálcio, Fósforo e outros mais componentes da nossa matéria animal.

Mas no entanto, como já dissemos, se os nossos pensamentos se originassem no íntimo da matéria, êsse maravilhoso predicado, que nos faz amar, sentir, raciocinar..., teria que ter sua fonte primária no sêio do átomo. Mas alí, na restrição dos limites atômicos, onde reside o ponto de encontro entre a matéria e energia, nada apresenta que se revele como causa geradora de vida. E se no átomo individualizado nada há além da matéria inerte, será infantilidade acreditar-se que êles, quando combinados, possam fazer surgir outros predicados que não existem dentro dos seus limites quando isolados.

Aos que raciocinam, fácil será compreender que a soma da matéria não gera propriedades que ela não encerra em si, conforme prova a seguinte equação: matéria + matéria = matéria. Se os nossos opositores materialistas, que se julgam rigorosos, acham que o produto desta soma deverá ter como resultado predicados inteligentes (matéria + matéria = inteligência ?), desafiamos êsses milagreiros que nos provem êsse incoerente conceito, com fatos, e não com jôgo de palavras. Queremos verdades com bases lógicas, e não com aparência de superfície.

Êsse mesmo assunto já tivemos oportunidade de comentarmos na imprensa profana da cidade, onde residimos, e nunca surgiu opositor para responder nossos argumentos. E hoje, através das páginas livres desta Revista, o nosso desafio continua vigente, chamando os advogados da oposição, que se apresentem no campo da polêmica para provarem o que dizem, que teremos prazer em desenvolver e debater essa tarefa, sem obscuridade, mas em têrmos claros, em favor da razão.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

Uma lei eterna e imutável regula as coisas e os tempos. — *CICERO.*

O Desenvolvimento das Ciências confirma os Princípios Espíritas

Condições necessárias ao aparecimento do Espiritismo, segundo Kardec — Opinião de Sir Oliver Lodge — Uma conclusão do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Para os que afirmam ser o Espiritismo uma simples reelaboração de velhas superstições, uma doutrina que se alimenta de resíduos do animismo e do fetichismo primitivos, a nossa época devia ser a mais inadequada ao seu desenvolvimento. Entretanto, o que os fatos nos mostram é exatamente o contrário. O Espiritismo se desenvolve cada vez mais com maior impulso em todo o mundo, e o que é mais espantoso, conquistando terreno nos meios intelectuais. Esse fato nos coloca ante a seguinte alternativa: ou o século da ciência não satisfaz aos homens, que procuram voltar às épocas anteriores, ou o Espiritismo não é de natureza supersticiosa, mas científica.

A quinta conclusão do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas responde precisamente a essas perguntas estando assim redigida: «O desenvolvimento das ciências, em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo». Como se vê, uma breve assertiva, sem maiores comentários, que pode ser contestada facilmente por qualquer adversário da doutrina. Mas é evidente que, na sua natureza de «conlusão», essa pequena assertiva se fundamenta nas teses apresentadas e debatidas no congresso, nos pareceres formulados a respeito, e nas discussões que se travaram em plenário. Os que se iludirem pela aparência simplista da afirmação, poderão chocar-se com a solidez das bases em que ela se firma.

Kardec explica, em «A Genese», a natureza e o objetivo da doutrina, com estas palavras: «O Espiritismo, tendo por objetivo o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências. Só podia, portanto, aparecer depois da elaboração destas. Surgiu pela fôrça mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar sòmente com o auxílio das leis da matéria». Prosseguindo Kardec demonstra a necessidade de um clima científico para o advento do Espiritismo, a impossibilidade do seu desenvolvimento num clima de misticismo ou mentalidade supersticiosa. Por que? Porque o Espiritismo não se baseia na crença, na aceitação sentimental de princípios dogmáticos, mas no exame objetivo, na análise racional, na pesquisa científica dos fatos espirituais. Com êle, o problema espiritual foi arrancado do terreno das especulações místicas e levado ao campo raso da indagação e da pesquisa.

Noutra passagem de «A Genese», refutando as confusões entre magia e fetichismo com o Espiritismo, Kardec lembra que a Química é filha da Alquimia, como a Astronomia o é da Astrologia, não nos sendo entretanto possível fazer confusão entre essas coisas. E acrescenta: «a distância que separa o Espiritismo da magia e do fetichismo é maior do que a existente entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia». Por outro lado, um grande cientista moderno, o físico inglês sir Oliver Lodge, compara o Espiritismo a «uma nova revolução copérnica», destinada a abrir ao mundo moderno novas perspectivas para a compreensão da vida.

Os jornalistas e escritores espíritas, reunidos no congresso que se realizou em abril último, nesta capital, reafirmam essa posição nìtidamente científica da doutrina, e acrescentam que o desenvolvimento das ciências «vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo». Para os que não sabem onde estaria essa confirmação, lembraremos os seguintes pontos: a desintegração atômica revela, segundo Einstein, que a estrutura do Universo não é material, mas energética, e segundo Compton, que por trás da energia há um terceiro elemento, que parece ser «o pensamento»; as experiências nos laboratórios atômicos vêm revelando a possibilidade do exercício da visão, a ôlho nu, através da matéria opaca, e ao mesmo tempo quebrando a noção de rigidez nas relações de causa e efeito, para as experiências científicas. Por outro lado, novas disciplinas cientícas, como a parapsicologia de Rhine e a ciência-psíquica de Price, aquêle na Universidade de Duke, Estados Unidos, e este na Universidade de Oxford, confirmam a autonomia do espírito em relação ao corpo, defendida pelos cientistas espíritas, como Bozzano, Aksakoff, Delanne, Zoelner, Crawford e outros.

O desenvolvimento das ciências está marchando claramente no sentido da «revolução copérnica» referida por sir Oliver Lodge. Esse desenvolvimento equivale a uma superação crescente das limitações materialistas, criadas pela atitude objetivista a que os cientistas modernos foram compelidos, ante o desbordamento imaginativo das crenças religiosas e das chamadas escolas espiritualistas. O Espiritismo, que se apoia justamente no espírito de observação e pesquisa, nada tem a temer, mas, pelo contrário, só tem a ganhar, com o desenvolvimento das ciências.

Irmão Saulo.

A EVOLUÇÃO DA CRENÇA

O homem não tem liberdade de crer ou não crer à vontade. Há leis psicológicas que nos impedem de crer em umas coisas e nos levam a crer em outras.

O homem primitivo, como criança espiritual, aceitava sem reflexão tudo que lhe afirmavam; mas a pouco e pouco tornou-se mais lógico, passou a refletir sôbre o que ouve e lê e a duvidar de muitas coisas que noutro tempo lhe pareciam verdades indiscutíveis. Hoje tem êle grande dificuldade de crer em afirmações que lhe não sejam demonstradas satisfatòriamente.

A aceitação da Bíblia tôda como palavra de Deus, indiscutível, já se tornou uma impossibilidade para grande parte da Humanidade. Muito prudentemente Allan Kardec não entrou em discussões bíblicas: limitou-se a tomar do velho livro sagrado de judeus e cristãos a parte moral apenas: o Decálogo e a moral dos ensinos de Jesus. Seria êrro aceitar ou recusar tudo mais que se acha na Bíblia.

As Igrejas apegam-se literalmente aos textos das Escrituras e com êles negam em bloco todo o Espiritismo. Cometem um êrro de tremendas consequências: deixam a Humanidade num vácuo apavorante.

Se os fenômenos espíritas, confirmados em escala mundial por médiuns que não se conhecem recìprocamente, atestados por pessoas sérias e escrupulosas, documentados sobejamente durante mais de um século, não são aceitos por uma grande parte da Humanidade, pela legião imensa dos materialistas e ateus que lhes não prestam a devida atenção, muito menos seria possível levar essa massa imensa a crer nos fracos relatos do Velho Testamento.

Pela evolução natural do espírito humano, o que foi interessante em um milênio já não o é nos milênios seguintes. Não despertando interêsse à inteligência, o homem não estuda suficientemente um assunto, e não o aceita. É impossível dar à Bíblia hoje a fôrça que ela teve na Idade Média.

A mente humana torna-se em cada século mais exigente e desconfiada.

Dizer-se ao homem que Deus completou Sua revelação ao mundo em Apocalipse e depois de João nada mais teve ou terá que dizer ao mundo, nada mais a ensinar, é tão absurdo como supor que Deus morreu com o Evangelista João.

As Igrèjas apegadas à Bíblia como Revelação completa e acabada exigem de nossa crença um impossível: que Deus abandonou a Humanidade ignorante, aflita, pecadora e nada mais fêz para nos ajudar.

A Bíblia é um grande monumento do passado, digna do respeito que nos inspiram os livros que vencem séculos e milênios, mas não encerra em si senão uma parte muito pequena da Revelação Divina.

A Revelação continua e continuará sempre, porque eternamente teremos necessidade de receber novas luzes para nos guiarem pelos caminhos longos do progresso espiritual eterno.

A Terceira Revelação é progressiva e só encontra barreiras em nossa curta compreensão; quanto mais aprendermos, maiores esclarecimentos receberemos.

Deus Se serve de muitos meios para Se revelar aos homens.

Pelas ciências naturais Êle mostra ao homem a Sua obra: a vida palpitante e sublime em todos os reinos da natureza. A Astronomia, a Biologia, a Botônica, a Zoologia, a Geologia são revelações de Deus através de Suas obras. O campo é infinito no estudo das ciências naturais e tôdas elas nos conduzem à adoração.

Houve tempo em que a Religião, ou, mais precisamente, a Igreja traçava limites à ciência: o cientista não podia ensinar coisa alguma que estivesse em desacôrdo com os dogmas religiosos. Depois a ciência proclamou sua independência e ocorreu o divórcio entre Ciência e Religião. Pela evolução já vemos que as duas vão encontrar-se e fundir-se num todo maravilhoso.

O estudo dos fenômenos espíritas em bases de observação científica dos fatos vitais é um grande passo para êsse porvir maravilhoso em que as verdades religiosas serão as mesmas verdades científicas. Haverá a fusão de Ciência, Filosofia e Religião. O cientista será igualmente o profeta, o sacerdote, o moralista.

Certamente está longe êsse porvir, mas para êle devemos trabalhar desde já.

Ismael Gomes Braga.

O Papa e o Papado

Bianôr Medeiros

I. — TEXTOS:

1. — Apocalípse, 19/10: «E eu me prostrei a seus pés para adorá-lo. Mas êle me disse: não faças isto. Eu sou teu conservo e conservo dos teus irmãos que foram escolhidos para testemunhas de Jesus. Adora a Deus: porque o testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia».

2. — João, 6/45: «Está escrito nos profetas: serão todos os homens ensinados por Deus. Por isto todo o que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim». (Jesus).

3. — Salmo, 49/7: «Ouve, povo meu, e eu falarei». (Deus).

4. — João, 16/12, 13: «Ainda tenho muitas outras coisas para vos ensinar, mas não podeis entender tudo ainda. Mas quando vier o Espírito da Verdade, Êle vos ensinará tôda a verdade».

5. — João, 10/16: «Ainda tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco; apraz-me agregá-las e elas ouvirão a minha voz e então haverá um só rebanho e um só Pastor».

6. — Mateus, 6/24: «Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Êle servirás».

7. — Atos, 4/19: «Respondendo, porém, Simão Pedro e João, lhes disseram: Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos a vós do que a Deus».

8. — Mateus, 17/5: «Enquanto falava uma nuvem luminosa os cobriu e da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é meu filho muito amado; ouvi-o».

9. — Atos, 2/37, 38: «Que faremos nós, varões irmãos? Simão Pedro respondeu-lhes: fazei penitência e cada um de vós seja batizado em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo para remissão de vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo».

10. — Mateus, 4/17: «Desde então começou Jesus a pregar: arrependei-vos dos vossos pecados que está próximo o reino dos Céus».

11. — Lucas, 16/15: «E Jesus lhes disse: vós outros sois os que vos dais por justificados diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; por que o que é elevado aos olhos dos homens é abominação diante de Deus».

12.—Cartas de Paulo aos Efésios, 6/9: «E vós outros, os senhores, fazei isto mesmo com êles, deixando as ameaças; sabendo que o Senhor, tanto dêles como vosso, está nos Céus e que não há acepção de pessoas para Êle».

13. — Marcos, 16/15, 16, 17: «E disse-lhes Jesus: ide por todo o mundo e ensinai o Evangelho a tôdas as criaturas. O que crer e fôr batizado será salvo; o que não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: Expulsarão os demônios em meu nome; falarão novas línguas; dominarão as serpentes; se tomarem veneno, nenhum mal lhes fará; porão as mãos sôbre os enfêrmos e os curarão».

14. — Mateus, 12/28: «Se eu lanço fora os demônios pela virtude do Espírito de Deus, é que chegou a vós o reino de Deus».

15. — Paulo aos Coríntios, 4/20: «O reino do Senhor não consiste em palavras mas em virtudes».

16.—Paulo aos Romanos, 14/17: «O reino de Deus não é comida nem bebida, mas Justiça, paz e goso no Espírito Santo».

17. — Mateus, 7/21: «Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas só entrará no reino dos Céus o que fizer a vontade do meu Pai que está nos Céus».

II. — A humanidade está dividida em grupos sociais, em povos, em nações em virtude da diversidade de raças, de línguas, de instituições, de costumes e tendências, formando culturas e civilizações diferentes. Esta divisão em grupos se prolonga mesmo depois da morte do corpo, na vida de além túmulo, através das inúmeras colónias espirituais existentes e em formação, tôdas independentes entre si. Cada grupo tem os seus dirigentes, de acôrdo com o grau de aproveitamento individual e coletivo, embora haja intercâmbio cultural e ajuda recíproca entre elas. É isto que nos dá conta André Luiz em suas preciosas e inúmeras obras, recebidas pela mediunidade gloriosa de Francisco Cândido Xavier e publicadas pela Federação Espírita Brasileira. Jesus nos ensinou a mesma coisa, João, 14/2, afirmando que na «Casa de meu Pai há muitas moradas», significando a Casa Paterna todo o Universo, o espaço interplanetário. Mas, onde melhor se aquilata a divisão da Cristandade em grupos, em núcleos espiritualizantes, em centros de cultura espiritual é no Apocalípse. Na Revelação de Patmos está focalizada a descentralização de poderes e não a centralização total só possível nas mãos Divinas. Na Terra sempre existiram ditadores que quiseram formar vastos impérios de pouca duração. O homem não tolera a escravidão intelectual, moral, política, militar e econômica. O progresso individual, de acôrdo com a própria natureza humana, repousa na liberdade de cátedra, de pensamento, de iniciativa, de ação. No Apocalípse, 1/20 está bem clara essa distinção: «Eis o mistério das sete estrêlas que tu viste em minha mão direita e dos sete candieiros de luz: as sete estrêlas são os sete discípulos dos sete nucleos espirituais e os sete candieiros são os sete primeiros centros de formação cristã localizados em terras estrangeiras». Nos capítulos 2.º e 3.º frisa bem a mensagem vinda do alto: «Escreve ao enviado do núcleo de Efeso» (2/1); «E ao mensageiro do núcleo cristão de Smirna escreve» (2/8); «Escreve ao mensageiro do centro cristão de Tiátira» (2/18); «Escreve também ao discípulo do núcleo de Sardes» (3/1); «Escreve ainda ao discípulo de Filadelfia» (3/7); «Escreve igualmente à testemunha do núcleo de Laudiceia» (3/14). O revelador não cita o nome de nenhum dêles, qualifica-os de meros discípulos seus, elogiando-os e censurando-os ao mesmo tempo, pelas suas virtudes e pelos seus defeitos. Jesus frisou bem em sua doutrina que vinha reunir tôdas as ovelhas em um só rebanho, para um só Pastor, João, 10/16. O Pastor é Êle e o rebanho é tôda a humanidade, dividida em núcleos afins, pois o progresso individual e coletivo é muito desigual, de acôrdo com o grau de aproveitamento de cada um. Se é pelo dedo que se conhece o gigante, é pelas obras que se conhece o cristão. Se é fácil estudar, conhecer e ensinar o Evangelho, a boa notícia da chegada à Terra do reino de Deus, vivê-lo, praticá-lo, exemplificá-lo é bem mais difícil.

III. — A finalidade dêste artigo, fundado na ideologia cristã, na Linguística, na História é demonstrar, através das maiores autoridades sôbre tais assuntos, tão ilustres quanto insuspeitas, que o Papa e o Papado são instituições meramente humanas, reminiscências do Paganismo e da Idolatría Romana, com as mesmas véstes e as mesmas prerrogativas do Sumo Pontífice, de saudosa memória. O Rei e o

Imperador Romano foram ditadores que enfeixavam em suas mãos o imperium político, militar, econômico e intelectual do mundo antigo e como Sumo Pontífice o imperium moral da humanidade. Roma não se cristianizou bastante para liderar a cristandade, razão pela qual desvirtuou o Cristianismo, introduzindo na sagrada doutrina não sòmente o culto exterior do paganismo agonizante e as cerimônias tradicionais do seu culto, como ainda a tradição perniciosa da nobreza e da cultura da élite intelectual de Roma. Foi eliminada a paz, foi eliminada a fraternidade cristã, entronizando-se a escravidão das consciências, a ditadura espiritual da humanidade, dividida em classes priviligiada e excomungada, santos e herejes, provocando o fanatismo, a revolta, o ódio, a perseguição, a vingança, a discórdia, a guerra e a carnificina entre os homens. Mudaram o nome do Cristianismo para Igreja Católica Apostólica Romana e trocaram a Revelação Espiritual pela autoridade do Concílio do Vaticano e pela do Papa, já transformado em anticristo. O Espírito da Verdade, o Espírito Santo, o Espírito Consolador, o Paracleto representados pelo Espiritismo encontraram os maiores obstaculos para completar a obra cristã junto do povo, por ter sido fechada a porta da mediunidade pela qual se realiza o intercâmbio cultural entre o Céu e a Terra, entre Deus e os homens. A confissão auricular, a instituição dos sacramentos, o culto das imagens, a mercantilização das instituições cristãs, desviaram o Cristianismo do seu curso natural. Foi instituida a casta sacerdotal, formando-se a personalidade católica romana que infelicita o mundo ocidental, Europa e América, milhões de espíritos encarnados e desencarnados. Urge desromanizar e recristianizar a turba fanática e enraivecida, libertar consciências escravizadas e ignorantes, trevosas, doentes e infelizes pela evangelização pura e simples do povo. Essa é a obra de salvação nacional e internacional do Espiritismo que será realizada pela Revelação, pelo ensino, pela tribuna, pela imprensa e pelo rádio. Ensinar, curar, amparar, libertando consciências e iluminando o homem, o Cristianismo de Jesus se implantará na Terra para sempre. A sabedoria, a luz, a paz, o amor e o trabalho construtivo impulsionarão a humanidade para a frente e para o alto, para a cultura e para a civilização espiritual do futuro triunfante. A verdade nos libertará.

IV. — O Papa e o Papado são obras do anticristo, do paganismo humano, da idolatria romana que luta para não perder o seu reinado na Terra, a escravidão das consciências, a escravidão mental, intelectual e moral da humanidade. Com efeito :

I. — O Diccionário Del Mundo Clásico, feito por especialistas espanhóis, sob a liderança e orientação do ilustre padre Ignacio Errandonea, S. I, Editorial Labor, 1954, tomo II, nos ensina :

> «Pontifices. Diversas etimologias se han dado a esta palabra, con la que se designaba a los ministros superiores del culto entre los antiguos romanos. Plutarco la deriva de la mision de reparar los puentes sobre el Tiber, que les estaba encomendada, y Dionisio de Halicarnaso de que en tiempo de Numa Pompilio, que fué quien los constituyó, construyeron el primer puente, el Sublicco, ya que hasta entonces no existian en Roma; otros la hacen derivar de posse facere (poder sacrificar). A cargo de los pontifices corría todo lo concerniente al culto religioso, la observación de las leyes sagradas, el segnalamento de las fiestas y de los Idus en cada mes, admitir a las vestales, regular las ceremonias, ofrecer los sacrificios, consagrar los templos, fijar la autoridad de los oraculos contenidos en los libros sibilinos, redatar los anales del pueblo romano, reformar el calendario, responder todas las consultas religiosas y castigar los delitos contra la fe. Formaban una corporacion o colegio que se decía constituido por Numa Pompilio. En um principio no eran más que cuatro, elegidos entre el Patriciado; los plebeyos, aunque hubieran sido consules y recebido los honores triunfales, no tuvieron acesso al Pontificado, hasta que Decio Mus lo conseguió el año 300 antes de Jesu Cristo. Por la ley Oguinia se amplió el numero de pontifices a ocho, y Sila los elevó a dieciseis, ocho patricios y otros tantos plebeyos, los llamados pontifices mayores, y los segundos, menores, aunque las funciones de todos ellos fueran iguales. En los actos publicos tenian precedencia sobre los demas magistrados, y presidian los

juegos del circo, el anfiteatro y el teatro. Sus personas se considera sagradas, y al dirigir-se al pueblo lo hacian con la formula hijos mios. *Vestian de blancon bordados de purpura.* Durante la Monarquia, el rey asumia las funciones de pontifice maximo; al principio de la epoca republicana el colegio elegia sus membros y su chefe entre los patricios; después pasó esta facultad a los comicios por tribus, y el fin los plebeyos lograram el acceso al Pontificado como a las demás magistraturas; tanto es asi, que el año 500, Cornelio Cornucano fué elegido pontifice maximo. Aunque este cargo tenía las mayores atribuciones, habia determinadas cosas que non se podian hacer sin el consentimiento de sus colegas, y de sus decisiones se podia apelar ante el colegio. El gran pontifice no podia salir de Italia hasta que Craso lo conseguió y la ley lo permitió, ya posteriormente. La corporacion de los pontifices tenia entre sus obligaciones la de redactar determinados libros que se conservaban en el edificio de la Regia, en el Foro, que fué vivenda de Numa Pompilio y después del pontifice maximo».

V.—Vamos verificar apenas em dois exemplos, como os imperadores Romanos se faziam pontífices máximos. O grande Caio Julio Cesar, assassinado em 15 de Março do ano 44 antes de Cristo, segundo o eminente historiador romano Caio Suetonio Tranquilo, em Vidas dos Doze Cesares, tradução de Sady—Garibaldi, 3.ª ed., Atena Editora, à pág. 13, nos descreve o fato como segue:

> «Renunciando à esperança de alcançar uma província, pleiteou o pontificado máximo, não sem haver espalhado antes dinheiro em profusão. Ao considerar sôbre a soma enorme a que lhe montavam as dívidas, na manhã em que se dirigia aos comícios, conta-se, dissera à sua mãe que o beijava—«Só voltarei como pontífice máximo». Foi tal o triunfo conseguido sôbre os seus dois adversários poderossíssimos (Isaurio e Catulo), bem superiores a êle, quer pela idade, quer pelas prerrogativas, que chegou a reunir em torno do seu nome maior número de votos do que os obtidos pelos seus dois competidores em conjunto».

Ao estudar a vida do Imperador Augusto, às fls. 87, descreve o eminente historiador romano:

> «Revestido do Pontificado máximo depois da morte de Lépido (pois, êste jamais consentira lho fôsse arrebatado em vida), mandou, trazido de tôdas as partes, amontoar e queimar mais de dois mil volumes de predições em língua grega, e conservou sòmente os livros sibilinos, mas sujeitos também à escolha».

VI. — Emmanuel, Roteiro, 1952, pág. 73 nos ensina:

> «Quase todos os santuários religiosos divididos entre si, na esfera dogmática, isolam se indèbitamente, disputando privilégios e primasias. E até mesmo nos círculos da atividade cristã, o espírito de exclusivismo tem dominado grupos de escól, desde os primeiros séculos de sua instituição. Em nome do Cristo, muitas vêzes a tirania política e o despotismo intelectual organizaram guerras, atearam fogueiras, incentivaram a perseguição e entronizaram a morte. Pretendendo representar o Mestre, que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida, o Imperador Focas estabeleceu o Papado, em 607, exalçando a vaidade romana».

VII. — O Lelo Universal, vol. III, letra ph (f), nos ensina:

> «Focas, imperador grego, em 606. Elevado ao trono em virtude de uma sedição militar, mandou matar o Imperador Mauricio. Foi, por seu turno, destronado e condenado à morte por Heraclio, em 610».

VIII. — O eminente professor de português, Antenor Nascentes, do Rio de Janeiro, Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa, ed. 1932, nos ensina:

> Papa—I (pontífice): Do grego pappas pelo latim pappa. Era uma palavra infantil, de ternura, como papai e mamãe. Foi primeiro comum a todos os bispos, mas depois reservou-se ao de Roma (Morceau, Racines Greques, 244, Larousse). Ainda hoje se aplica a todos os padres da igreja grega. O primeiro pontífice que parece haver tomado o nome de papa foi São Siricio, em 385. Como alguns bispos também fizessem

uso dêsse título, Gregorio VII, no Concílio de Roma de 1.076, reservou-o especialmente para os bispos de Roma: «Ut papae nomen unicum esset in universo cristiano orbe, nec liceret alicui se ipsum vel alium eo nomine appellari».

IX. — Francisco Silveira Bueno, catedrático de Filologia na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, católico, em Questões de Português, 1.ª série, Saraiva, 1957, nos ensina:

«Não é liquido que a denominação de papa, dada hoje ao Sumo Pontífice, mas que foi atribuida a todos os prelados até o século VI, provenha da Siria. O título dado nesta Igreja e na copta era o de abba e não se explica a passagem duma bilabial sonora e fraca (b) a outra forte e surda (p). O caminho é sempre ao contrário: esta se abranda e se sonoriza naquela. A língua da Igreja foi a grega até os tempos de Tertuliano e sòmente desta época para cá passou a introduzir-se a latina. A prova disto está em que tôdas as demais denominações: igreja, basílica, presbítero, batismo, crisma, etc. são gregas.

«Assim sendo, papa é desta mesma origem, onde era o título comum dado ao progenitor e depois a todos os velhos, passando a ser atribuido aos sacerdotes (padre — pai) e, depois do século VI se reservou ao bispo de Roma. Prende-se, portanto, ao grego pappas ou também papa de que se originou papa, conservado pela língua religiosa e babo (papus) pela língua vulgar. Existe ainda outra hipótese: tôdas as expressões do culto romano provieram do etrusco, povo que comunicou aos romanos o culto, a civilização daquele tempo. Pallotino, em sua «Etruscologia» ensina, então, que também papa é herança etrusca, tendo a significação de avô. Como os estudos de etrusco ainda estão muito obscuros baseando-nos no fato certo de que a língua da Igreja foi a grega, acho que a origem de papa é a que acima foi explicada e não da Siria».

X. — Ainda Silveira Bueno, na obra citada, pág. 351, nos ensina:

«O fato de rezarem os católicos: Padre Nosso e os evangélicos: Pai Nosso — explica-se històricamente. O latim patrem havia evoluído até a forma padre na época arcaica da língua, isto é, até o século XV. A religião católica, adotando a língua vulgar, não poderia ter tomado forma de tal palavra senão essa. Do século XV para cá, padre continuou a transformar-se fonèticamente, dando-nos a forma que hoje temos: pai. Os protestantes aparecendo nessa época, adotaram a última transformação do vocábulo. Nada mais do que isto».

XI. — Como se verifica pelo estudo feito, a organização eclesiástica é puramente humana. Papa, cardeal, bispo, padre, qualquer um do povo são meros cristãos, sem privilégio algum, sem qualquer prerrogativa especial. Os católicos são simples cristãos como os protestantes, os espíritas, os grego-ortodoxos e os russo-ortodoxos. Respeitáveis são todos os homens da Terra e todos os habitantes dos Céus. A ideologia, a doutrina é que não é o Cristianismo puro ensinado por Jesus, porque está desvirtuado por tradições pagãs, pela doutrina e pela teoria dos homens. Assim, católicos, protestantes, grego-ortodoxos, russo-ortodoxos, espíritas são todos cristãos, sujeitos às mesmas leis, com os mesmos direitos e obrigações, com a mesma origem e o mesmo destino glorioso reservado para todos os filhos do Altíssimo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 170,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$150,00
Do 4.° ano	170,00	Do 21.° ano	150,00	Do 28.° ano	150,00
Do 5.° ano	170,00	Do 22 ° ano	150,00	Do 29.° ano	150,00
Do 6.° ano	170,00	Do 23.° ano	150,00	Do 30.° ano	150,00
Do 7.° ano	170,00	Do 24.° ano	150,00	Do 31.° ano	150,00
Do 18.° ano	170,00	Do 25.° ano	150,00		
Do 19.° ano	150,00	Do 26.° ano	150,00		

Preservando a Diretriz

Médiuns de Mesas e Terreiros?

Quando, 1905, Cairbar Schutel fundou o «O Clarim», definiu-lhe, no subtítulo, o lema de «orgão de propaganda espirita — científico, filosófico e noticioso» e, ao fundar, 20 anos mais tarde, em 1925, a «Revista Internacional do Espiritismo», inscreveu-lhe também a sublegenda de «revista mensal de estudos anímicos e espíritas»; duas definições, que se completaram, numa orientação segura, dentro do Espiritismo, tradicionalmente mantida pelas duas publicações.

Servindo assim à Doutrina, codificada por Allan Kardec, defendendo e propagando os seus postulados e o desenvolvimento destes, no desejo de contribuir para a construção de um mundo novo, moral e socialmente falando, nunca se afastaram, os dois orgãos, do roteiro traçado pelo seu fundador e palmilhado por êle e pelos seus seguidores.

Mas, para preservar tão firme diretriz, quantas vêzes, êsses vanguardeiros, não terão sofrido o desgosto de desagradar colaboradores propensos a infiltrar, na propaganda doutrinária, opiniões, alheias, dos que acham que o Espiritismo deve aceitar tudo como bom e certo, venha tudo de onde vier, principalmente se vier através de certas mensagens, ditas espiritas, com idéias orientalistas ou sincretismos religiosos, ou, ainda, pregações de outros credos, cheios de dogmas e absurdos. Difícil, na verdade, é separar o joio do trigo, que é preciso separar, custe o que custar, se não quisermos fazer do Espiritismo mais uma religião nevoenta, de símbolos e liturgias, confusionista, para ilaquear a boa fé da humanidade.

Entretanto, apesar da vigilância na preservação daquela diretriz espírita, não estaremos livres de ciladas que nos ponnham à prova de fogo, sujeitos que estaremos sempre à tentativa dos que por ingenuidade ou malícia querem impôr seus particularismos.

Vejamos um exemplo. Ainda há pouco tempo, recebemos dois artigos para publicar. Um dêles, recusamos logo para evitar polêmicas improdutivas. Ao outro, demos publicidade, porque a sua leitura nos pareceu razoável em seus conselhos aos médiuns; não querendo também desagradar inteiramente o novel colaborador. Infelizmente, só reparamos no título do trabalho quando o mesmo já estava impresso na «Revista» de abril e maio, deste ano, encabeçado por um pomposo «Médiuns de Mesas e Terreiros»! A infiltração, viera por êsse meio, isto é, por êsse título.

Foi um contra-senso, que cometemos, deixando passar tal publicação sob legenda tão maliciosamente sugestiva. Contra-senso de um orgão espírita, dando conselhos a médiuns de «mesas» e «terreiros», como se o Espiritismo adotasse formalismos ou rituais em suas práticas.

Não prescreve a Doutrina nenhum tabu, nem de «mesas sagradas», como exclamam alguns, pois os que se reunem, em tôrno de qualquer mesa, o fazem por comodidade, não sendo isso obrigatório nem necessário ou recomendado como cerimonial. As reuniões espíritas podem ser feitas sem mesas e não obedecem a rituais. O Espiritismo não tem fórmulas, não tem ritualismos, nem altares, nem turíbulos ou quaisquer sinais ou coisas que materializem as suas sessões, cuja finalidade não deve ser outra senão a pesquisa da verdade, o estudo e a edificação moral.

E se não recomendamos médiuns de «mesas», muito menos o faremos a médiuns de «terreiros», dos quais não adotamos a mística nem a prática.

Nossa fé e admiração é pelos medianeiros, gloriosos ou torturados, que se despem de todo o artificialismo e que são simplesmente médiuns, a serviço da verdade espiritual, na disciplina da renúncia, da modéstia e da sinceridade.

Esta, a diretriz que nos cumpre preservar, procurando não confundir a luminosa Doutrina dos Espíritos com concepções e solenidades de outras procedências, seguindo a orientação de Cairbar Schutel na imprensa espírita e inteiramente de acôrdo com as resoluções do recente II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas e que são as seguintes:

«CONCLUSÕES — A palavra Espiritismo designa uma doutrina perfeitamente estruturada nas obras da Codificação de Allan Kardec, tendo por base o «Livro dos Espíritos», cujos princípios fundamentais se desenvolvem nas subsequentes.

O desenvolvimento do Espiritismo, no plano do seu enriquecimento doutrinário, não representa, nem pode representar uma superação da Codificação de Allan Kardec, mas apenas um desenvolvimento cultural e espiritual dos princípios daquela codificação.

O Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento, representando uma base ideológica para o nosso século, sôbre a qual deverá desenvolver-se a civilização do futuro.

Qualquer confusão entre o Espiritismo e formas primitivas de manifestações mediúnicas, manifestações de sincretismo religioso, ou formulações doutrinárias pessoais ou de grupos, não passa de incompreensão da Doutrina Espírita, não podendo essas formas serem a ela incorporadas.

O desenvolvimento das ciências, em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo.

Deve existir, por parte dos Espíritas, o maior respeito pelas manifestações religiosas ou concepções espirituais, como formas diversas do processo de evolução humana, mas sem qualquer confusão entre elas e o Espiritismo, cujos princípios devem ser resguardados como a mais alta conquista do homem no plano do conhecimento».

Italo Ferreira.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

34 — A sessão terminou. Foram-se todos. Só eu fiquei para dormir. Casa grande e ainda desarrumada. Estava com fome. Chovia muito e o bar mais perto ficava a dois quarteirões. Não tinha capa, nem guarda-chuva. Que fazer? Ir para a cama. Lembrei-me que já havia ouvido alguém falar que o sono alimenta, faz passar a fome. Dormi.

35 — Despertei, alta noite, com um formidável estrondo que me pareceu ter sido na sala de visitas. Lembrei-me imediatamente da ameaça terrível do espírito. Num ápice, sentei-me à cama e abri a lâmpada. Pensando em Deus, procurei a origem do acontecido. Era o papel do forro (tão em uso naqueles tempos), que, com a umidade, desprendeu-se inteiro, produzindo aquêle barulho...

—

36 — O prof. Alberto Laranjeira, o secretário que fôra acidentado num desastre de trem, voltou do hospital curado, mas sem as pernas: perdeu uma inteira, que colocou postiça e a metade da outra. Usava muletas. Fôra o diretor técnico do Colégio. Seria, agora, professor e secretário.

37 — Ficou, assim, comigo, a direção técnica do Colégio, por isso que disse: fui tudo no Colégio Nacional.

38 — Um dia, exàtamente na véspera do aniversário de Caxias, eu manobrava com os alunos formados para a entrada em sala, quando o Almirante chega até mim, ordenando-me algo sôbre a comemoração do dia seguinte. Deu-me a ordem e saiu.

39 — Estremeci quando se foi o Almirante: lembrei-me do sonho que tivera na véspera de minha viagem, quando estava firmemente resolvido a não me dedicar mais ao magistério...

40 — Vice-diretor do Nacional só *in-nomine*, pois era eu quem dirigia inteiramente o estabelecimento; dediquei-me a êle, durante todo o tempo em que nêle trabalhei, com dedicação inteira, que chegava até o sacrifício. Em sete anos, só tive três faltas por doença; embora trabalhasse, várias vêzes, doente. Sem-

pre fiz mais, muito mais, daquilo para que fui contratado...

41 — Das reformas que, por minha conta, ajustei àquela verdadeira casa de educação, cito as de maior importância: modifiquei o sistema disciplinar, tornando-o mais severo; criei as *páginas-corretivos*, educativas; dei aos alunos noção maior de responsabilidade nos deveres, respeitando, com religiosidade, os seus direitos; procurei criar nêles o maior zêlo possível pela disciplina do educandário que era, repetia-lhes continuadamente, o segundo lar de todos nós, professôres e alunos; encontrei postos militares a divisas e galões e os conservei; criei o teatro escolar do Colégio; montei uma oficina gráfica; fundei a revista *Quinzenário;* fundei a *Liga Pró-Educação e Bondade,* associação cultural e filantrópica, como jamais encontrei em nenhum estabelecimento de ensino.

42 — De tudo que fiz, no Colégio, foi a *Liga* a realização que mais me fala à consciência e ao coração. Até hoje. Levei-a para Paraíba do Sul e trouxe-a para o meu Ginásio de Nova Iguassú. Aliás, a sucursal do Nacional, em Paraíba do Sul, e o Ginásio Leopoldo, de Nova Iguassú, herdaram tôda a organização que dei ao Nacional do Rio.

43 — Foi a *Liga,* repito, a realização de maior vulto para mim. Ela consertou muitos caracteres, abrandou muitos corações. Encontro, até hoje, entre meus ex-alunos, homens de grande responsabilidade (altas patentes militares, médicos, engenheiros, advogados, cientistas, etc...), que me dizem, quando tenho a felicidade de revê-los: «Nunca fumei, professôr, por causa da *Liga,* por causa daquele juramento que fiz para entrar naquela invejável associação, quando seu aluno». E outros: «Desde que deixei de fumar, naquela ocasião, quando era seu aluno, no Colégio Nacional, ou no Colégio Leopoldo, por causa da *Liga,* nunca mais pus um cigarro na bôca».

44 — Estas frases ditas por muitos homens de bem, são louros de vitória incomparável, que compensam decepções inúmeras que sofri na vida... São a melhor paga que o obscuro educador baiano, de obscuro rincão, poderia receber na sua existência acidentada e dura...

45 — Nunca discuti ordenado. Jamais pedi aumento. Sempre discuti ordenado e pedi aumento para os outros.

46 — Anos depois, tornei o estabelecimento unicamente masculino: o número de meninas era muito pequeno e os aborrecimentos com os namoricos eram muito grandes.

47 — Voltando ao meu início no Colégio Nacional, respondi ao Almirante quando me falou sôbre ordenado pela primeira vez, que me julgasse por meu trabalho, por minha produção. Não ganhava então o suficiente para minhas despesas com a família que ficara no meu saudoso estado natal...

48 — Satisfazendo, inteiramente, o Almirante que não me podia pagar mais do que o seu estabelecimento permitia, deixava-o preocupado com a minha situação financeira. Deu-me apresentações para outros colégios. Não tinham vaga. Fiz um concurso para a *Gazeta de Notícias.* Em um dos testes que fiz, respondia a uma pergunta sôbre o que mais me impressionara nos últimos dias: «Pagar-se seis contos mensais aos componentes da Câmara Federal unicamente para brigarem e discutirem em reunião», conforme eu presenciara em duas sessões que assisti. Passei no concurso mas não fui chamado.

49 — De espiritismo de ação, nada, embora declarada e convictamente espírita. Alcindo Terra, que eu conhecera na Federação, me guindara a diretor de ensino na *União Espírita Suburbana,* cuja presidência era do Inácio Bittencourt. Só fui a uma reunião, em um domingo à tarde, saindo, ainda, antes de terminada, para não voltar mais lá.

50 — Guardo recordações desagradáveis de várias reuniões a que assisti, logo que me estabeleci no Nacional.

51 — Na primeira reunião de estudos a que fui, em um centro do Meier, não fiquei até o fim. Marcada para sete e trinta, eram oito horas e o presidente não havia chegado. Saí. Nunca tive paciência para aturar impontualidades desta natureza...

52 — Voltando ao mesmo centro, dias depois, quando se elegia nova diretoria, voltei decepcionado, tamanhos foram os desentendimentos, discussões e confusões. Nunca mais voltei lá...

53 — Fui, certa noite, com o Almirante e o prof. Alfredo Paz, a uma reunião em Niteroi, presidida por um tal sr. Vital que se dizia espírita. Nunca, até então, vira reunião *tão concorrida* e

tantos médiuns desenvolvidos, trabalhando juntos. O presidente *enrolava cigarros e os devorava, no mesmo passo em que doutrinava espíritos com demasiada severidade e aspereza. Os consulentes pagavam aos médiuns de sua preferência, um mil réis por consulta(!).*

54 — Desanimado, resolvi me contentar, unicamente, com as reuniões íntimas do Almirante, que eram realizadas no próprio Colégio, às noites dos sábados. Jamais faltei a elas. Realizadas nas normas de Kardec. Gostava imensamente das mensagens recebidas pelo coronel Duque Estrada. Magistrais. Reduzi muitas a crônicas.

CAPÍTULO XXXI

1 — Meu irmão ia casar-se em Salvador. Minha mãe era figura secundária neste casamento. Êle não se lembrava mais de que devia a ela, ùnicamente a ela, o amparo que figurões lhe deram para conseguir o emprego que ocupava e que lhe permitia casar-se. Fôra ela, por intermédio de bons amigos (que sempre soubera ter, na vida), que falara aos figurões. E como andara para conseguí-lo, aquela abnegada !

2 — Minha mãe e minha irmã estavam desprevenidas de tudo ; roupas, calçados, etc. Meu irmão, aliás, nem lhes falara naquele casamento programado com certa pompa. Nem sabiam, sequer, o dia do enlace.

3 — Mamãe escreveu-me uma carta angustiada e agoniada. Queria vir para perto de mim. Necessidades não a amedrontavam porque estava, desde muito môça, habituada a elas, como eu tão bem sabia. Não queria sofrer a humilhação do desprêzo do filho, contrastando sua pobreza com o luxo das núpcias.

4 — A par desta humilhação, estava o pavor de depender do meu irmão quando êste se casasse. Se antes era assim, fôra sempre o que fôra ; o que não seria dela depois ? — argumentava desesperada.

5 — Não, escrevi-lhe, ela viria, de qualquer modo, antes do casamento. Nem que me endividasse até os dentes, com o Almirante ; já não era pouco o que vinha sofrendo, desde criança. E não moraria nunca com filho casado, prometi-lho. Nem comigo. Não me casaria enquanto lhe não pudesse dar seu cantinho, livre de agruras, ao lado de minha irmã.

6 — Deus permitiu que eu cumprisse o que prometi àquela heroina : veiu antes do casamento, para o Rio, e só me casei quando a pude ter inteiramente independente de minha espôsa.

Como a Vida é influenciada pelas variações atmosféricas e astrais

G. M. MINARDI — Da API.

NÃO subsiste nenhuma dúvida de que o homem esteja estritamente ligado à vida do Universo. Através desta explanação o caro leitor, por si, verá a estrita interdependência que intercorre entre os sêres, animados e inanimados, com o Universo. Faz-se mister, portanto, seguir as causas e efeitos com uma certa ordem cronológica.

Sabemos que o Universo é regido por um conjunto de leis cósmicas, portanto não podemos fazer referência a uma lei só, tomada isoladamente, mas à totalidades das leis que exercem seu poder sôbre as coisas manifestadas, mas êste conjunto de leis é por sua vêz regido por uma *Lei Única*. Nosso entendimento, porém, não nos permite ter uma percepção conjunta do Universo como uma Unidade, parecendo-nos haver inúmeras leis, e não uma só, realizando esta formidável sinfonia cósmica da qual somos parcela de importância acentuada.

O ser humano, ao mesmo tempo que sofre os impulsos da evolução do sistema em que se encontra, participa dessa evolução, dentro de seus limites, como sêr ativo. Dentro do seu próprio campo evolutivo é um propulsor do progresso e sua ação se reflete infinitamente nos outros campos evolutivos dos reinos inferiores e superiores; do mesmo modo, sôbre êle recai a ação dos outros inumeráveis sêres ativos e passivos que constituem o universo. — Devemos portanto procurar sempre o conhecimento das coisas relativas às leis e princípios em tôrno dos quais gira certa disciplina, e jamais nos preocuparemos com fatos isolados, que não nos conduzirão a nenhum saber. Um fato, um acontecimento, um exemplo, só terá seu valor ante o esfôrço do saber, desde que venha em auxílio da compreensão duma lei, e que venha a confirmar o princípio que está sendo enunciado.

Temos a eletricidade, como exemplo de comparação, a qual penetrando em um motor, como «energia elétrica», transforma-se em «energia mecânica», se dita energia elétrica passa para um fio delgado transforma-se em «energia calorífica» e «energia luminosa», se passar para um fio em espiral transforma-se em «energia magnética», se ainda passar para uma solução eletrolítica transforma-se em «energia química», e assim por diante. Todos êstes efeitos tão diferentes uns dos outros, têm uma única origem, «a eletricidade». Daí vemos a estreita correlação existente entre tôdas as coisas animadas e inanimadas no universo, em uma Lei Única.

No reino vegetal o ambiente fototérmico é portador de energia. Para aquela térmica — até um determinado limite de grau e de tempo — tem-se a prova que é animado do dinamismo do desenvolvimento Calor e luz, também afins e em larga parte superpostos na escala das frequências eletromagnéticas tem funções diversas. O primeiro é o grande regulador do crescimento, assim como promove e estimula ativamente a proliferação celular, a segunda tem função predominantemente química.

No reino animal o veículo é tanto mais complexo quanto mais o sêr progride em suas funções. Apesar disso, as naturezas orgânicas dos corpos físicos das diversas espécies, são tão diferentes umas das outras, como também com a mesma substância extraída da matéria bruta do reino mineral.

Os fenômenos de nascimento, crescimento e morte dos fatos físicos e psíquicos assemelham-se a todo o fenômeno cíclico da natureza, como por exemplo o suposto movimento do sol, cujo despontar faz a natureza tôda vibrar de alegria e cuja luz e calor transportam a vida para tôda a Terra.

Para ter uma vaga idéia sôbre os fenômenos percebidos, pelos nossos fracos cinco sentidos físicos, quer dizer de fora para dentro, chamaremos à atenção do nosso leitor sôbre os movimentos ondulatórios das ondas sonoras. De fato o nosso ouvido está apto a traduzir em som todos os movimentos ondulatórios, cuja frequência varia entre 16 e 32.000 oscilações por segundo. Esta escala de vibrações traduz todos os sons possíveis de serem percebidos pelo ouvido normal do homem. Não esqueçamos que o som existe só em nossa consciência (nosso interior); no mundo exterior há só movimento vibratório de partículas de um dos quatro elementos físicos. É notório que vários animais percebem sons que êstes estão fora do alcance do ouvido humano.

Se olharmos o mundo animal (irracional) nós nos convenceremos de que em muitos casos os animais percebem, com muita antecedência, os mais importantes fenômenos da natureza, como por exemplo os terremotos, os furações, o eclipse solar, etc. Os pássaros das matas, antes que a lua cubra o sol, parecem enlouquecidos; os cachorros inquietam-se estranhamente com todos êstes fenômenos; em outras ocasiões os suinos e os bovinos agitam-se vivamente pressentindo antecipadamente os movimentos císmicos. Observando o nosso organismo durante o dia, constataremos que êle não anda no mesmo ritmo nas várias horas do dia. Por exemplo, a função respiratória e a cardíaca afrouxam a atividade durante a noite, a temperatura corpórea alcança os limites mais baixos às horas 2-3 da madrugada e o máximo nas 15 horas da tarde. Sabemos também que a temperatura, a humidade, a eletricidade atmosférica e a pressão barométrica variam nas diversas horas do dia, basta só esta constatação para revelar quão infinitas ligações tem o homem com o universo. Neste caso os médicos e os biólogos falam de «metereopatias», quer dizer de alterações físicas e psíquicas que parecem causadas pelos fenômenos atmosféricos em particular e universais em geral.

Sabemos a respeito dos efeitos das manchas solares, cujo ciclo repete-se cada 11 - 12 anos) por meio das observações dos médicos Faure e Sardou e do astrônomo

Vallot, os quais seguiram por 267 dias 237 doentes graves. Constatou-se que os 88 % dos casos de doenças crônicas pioraram com evidente aumento do índice da mortalidade. Com referência à influência da lua, o Dr. Alleudy observou que as hemoptises e as crises febrís dos tuberculosos alcançaram o «maximum» durante o início da lua crescente até a lua cheia, decrescendo de intensidade, particularmente, durante a última fase minguante. Relembramos que muitos indivíduos nervosos dormem mal no período do plenilúnio, por isso os antigos definiam como «lunáticos» os neuropáticos que apresentavam modificações psíquicas em relação à atividade da lua. Não esqueçamos também as periodicidades das crises de epilepsia com recrudescência no período invernal. Existem doenças diurnas e doenças noturnas. Entre as primeiras ocupa um determinado lugar de privilégio aquela forma de emicrania a qual começa pela manhã e acaba ao deitar do sol; ao contrário, algumas formas nevrálgicas parece que alcançam o seu «maximum» nas horas da noite. Temos também as crises de sufocação na infecção diftérica, as quais se intensificam com o agravar-se das condições atmosféricas; e também as típicas convulsões das crianças linfáticas (espasmofilia). Os gordos suportam muito mais os fenômenos meteorológicos, sendo que a gordura os protege, como isolante, mas os magros com falta de cálcio e de vitaminas, são mais sensíveis. Entre nós, por exemplo, um particular vento do Norte provoca, em muita gente, dores abdominais.

A grande Lei Única que preside às rotações astronômicas, a gravitação, a luz, a eletricidade, o magnetismo, o som, etc. no seu modo de ser e agir, exatamente definida e constante, entrelaça-se à nossa vida, a qual nela se sustenta; fôrça essa que proporciona as radiações solares às necessidades do planeta, guia as correntes aéreas, regula a síntese e a permuta das substâncias proteicas, e nos organismos, a assimilação, o crescimento, a respiração, a circulação, a reprodução, os nascimentos, as mortes e todos os fenômenos sociais.

Os mais complexos fenômenos realizam-se harmonicamente perfeitos, indiferentes ao nosso conhecimento que deles temos ou à nossa vontade, até mesmo os que regulam nossa própria vida. Se ao nosso esfôrço nada mais é deixado que o trabalho do nosso progresso, as fôrças que nos guiam bem conhecem, por si mesmas, e melhor do que nós, o caminho a seguir. Infelizmente nós ainda procuramos, como sempre foi, a vida nos seus efeitos, e não em suas causas; nas formas e não no seu princípio.

O processo vital é, portanto, o resultado evidente do contínuo «movimento de renovação»: imissão e expulsão, de associação e de desassociação, de anabolismo e de catabolismo que conduz à regeneração contínua da célula; em poucas palavras, uma verdadeira sinfonia de harmonias e de equilíbrios perfeitos. A interdependência dos reinos animal-vegetal, no seu equilíbrio, como já temos falado em outro artigo nosso, com o universo em geral e o nosso sistema solar em particular, pode ser revelada do fato de que as plantas apropriam-se da energia solar e dela se alimentam para os fins da vida. O sol desagrega os seus materiais, as radiações alcançam a Terra, e a vida cresce sem cessar. Tudo desce, por espontânea dedicação, do centro do sistema da grande Lei Única.

Cesar Lombroso, Espírita

O grande criminalista italiano atirou-se ao Espiritismo para combatê-lo, que ninguém, nenhum materialista foi mais hostil à crença na imortalidade da alma.

Apareceu-lhe o espírito da própria mãe. E, de tal maneira lhe falou e tais provas lhe deu da imortalidade da alma e tais coisas lhe disse, que o grande Lombroso se converteu ao Espiritismo, pregando-o e disseminando-o com destemor e sinceridade dignos de relevo.

Seu grande livro, «Hipnotismo e Espiritismo», *é prova de seus estudos e de suas convicções.*

TROFOLOGIA -- A Ciência da Alimentação

Lema: — «Que o teu alimento seja o teu medicamento e que o teu medicamento seja o teu alimento».—*Hipócrates, 460 A. C.*

Tem a denominação de Naturismo o conjunto de conhecimentos científicos e práticos baseados nas leis que a Natureza estabeleceu para garantir ao homem a sua alimentação e os recursos precisos para uma vida feliz e sã.

Se o homem sofre e adoece, é porque ainda ignora as leis de conservação da vida. Aliás, observa-se que a humanidade, em seu grau atual evolutivo, está seguindo uma forma de vida por demais artificial, contrariando constantemente os preceitos para que goze de boa saúde; por isso mesmo, as consequências são sempre graves.

A máxima de Juvenal: «Mens sana in corpore sano», isto é, alma sã em corpo são, é para o naturalista a regra áurea! Todos podem viver alegres, felizes e plenos de saúde, desde que observem em suas vidas o Naturismo Integral, que é um dos ramos da Trofologia que pesquisa, analisa e aponta ao homem os produtos naturais, alimentícios, que êle deve ingerir, a maneira e o regime de sua alimentação, a seleção dos alimentos e, o que é mais importante, a sua compatibilização, isto é, o conhecimento dos alimentos que, combinados e ingeridos, melhor se harmonizem com o corpo físico, esta máquina divina que deve merecer os nossos melhores cuidados.

Mais adiante apresentaremos, em rápida síntese, os quadros indicativos de uma boa combinação de alimentos e os de más combinações de alimentos.

O naturalista não ingere carne de espécie alguma, nem tampouco banha, por diversas razões; não faz uso do fumo nem do álcool; por isso mesmo não é cliente de tabacarias, de bares, nem tampouco frequenta consultórios de Medicina Oficial, visto que a Trofologia dá a cada um os exátos meios para viver com boa saúde, pois se baseia no antiquíssimo preceito de Hipócrates, que reza: «Nosso alimento deve constituir, de modo simultâneo, o nosso medicamento».

Para início de nosso tema, julgamos útil recorrer a classificação das frutas. Elas, quanto ao seu sabor e composição, podem ser classificadas em:

Frutas Doces. — Uvas, caquís, figos, peras, cana, melâncias, ameixas, passas e tâmaras.

Frutas Ácidas. — Limão, abacaxí, cerejas, morangos, tamarindo, mamão, groselha, limas, laranjas, cajú, pêssegos e ameixas.

Frutas Sub-Ácidas. — Mangas, maçãs, peras, laranjas doces, framboesas, nísperos, melões, cerejas doces, ameixas, uvas, fruta do conde.

Frutas Amidonáceas. — Fruta-Pão, castanhas, bananas e maçãs.

Frutas Oleoginosas. — Amêndoas, avelãs, abacates, azeitonas, côco, castanha do Pará, nozes, castanhas de cajú, amendoim e pinhão.

Vejamos agora a parte principal, que nos interessa, versando sôbre uma boa ou má combinação de alimentos. Se seguirmos as regras seguintes asseguraremos ao nosso corpo físico um funcionamento harmonioso e equilibrado, o que significa saúde; as digestões serão normais, sem distúrbios de intestinos ou estômago.

BOA COMBINAÇÃO DE ALIMENTOS

Pão de Trigo. — Combina com frutas doces, frescas ou sêcas, verduras, hortaliças, frutas oleoginosas, leite, queijo, manteiga, nata, creme de leite e óvos.

Legumes Sêcos. — Combinam com os alimentos acima mencionados; não combinam com o pão de trigo, nem com os demais legumes sêcos.

Batata Inglêsa. — Combina com o subordinado ao pão de trigo, porém não combina diretamente com êsse pão, nem com batata doce.

Batata Doce. — Combina com os subordinados ao título «Pão de Trigo»; não combina porém com êste e com a batata inglêsa.

Frutas Oleoginosas — Combinam com cereais, hortaliças, legumes sêcos, frutas ácidas, maçãs, óvos, verduras, batatas e azeite. Combinam, outrossim, com corpos gordos, isto é, com os alimentos feitos com gordura, azeite, manteiga e gergelim.

Frutas Doces, Frescas e Sêcas. — Combinam com cereais, batatas, legumes sêcos, maçãs e frutas não ácidas.

Castanhas. — As conhecidas pelo nome de «portuguêsas» combinam com frutas que tem suco doce: — frutas doces, frescas e sêcas, mel, creme de leite, nata e queijo fresco.

Bananas. — Combinam com frutas doces e sub-ácidas, mel, nata e creme de leite.

Leite. — Combina com pão, batatas, legumes sêcos, trigo em grão, gemas de óvos, café de cevada e bananas.

Nata ou Creme de Leite. — Combina com tudo que se subordina ao título «Leite» e mais: frutas doces e frescas, saladas, cozidos; porém com saladas deverá ser tomado no fim da refeição. Combina com maçãs doces.

Queijo Fresco. — Combina com tudo que foi descrito para «Nata». Não combina com bananas.

Manteiga. — Combina com todos alimentos mencionados no título «Leite» e mais: hortaliças, verduras, legumes sêcos e frutas oleoginosas.

Gema de Óvos. — Combina com leite, nata, creme de leite, verduras, hortaliças, café de cevada e frutas em geral.

Verduras e Hortaliças. — Combinam com cereais, batata, nata, creme de leite, legumes sêcos e ovos.

Limão. — Combina com hortaliças, gemas de óvos, azeitonas, azeite, frutas oleoginosas, porém não combina com tomates.

MÁ COMBINAÇÃO DE ALIMENTOS

Pão de Trigo. — Não combina com cereais, batatas, legumes sêcos, castanhas, maçãs, frutas ácidas e bananas.

Legumes Sêcos. — Não combinam com cereais, batatas, castanhas, bananas, maçãs, frutas ácidas e batata inglêsa.

Frutas Oleoginosas. — Não combinam, com frutas doces, frescas, sêcas, nem com mel.

Frutas Sêcas. — Não combinam com frutas oleoginosas, azeite, leite, queijo, manteiga, corpos gordurosos, verduras, hortaliças e frutas ácidas.

Mel. — Não combina com os alimentos proibidos no título «Frutas Sêcas».

Frutas Doces. — Não combinam igualmente com os alimentos mencionados sob o título «Frutas Sêcas»; no entanto, podem ser usados com queijo fresco.

Leite. — Não combina com verduras, hortaliças, mel, açucar, azeite, corpos gordurosos, gergelim; no entanto, combina com frutas doces e frescas.

Queijo Fresco. — Não combina com verduras, hortaliças, mel, açucar, azeite, corpos gordurosos, gergelim; no entanto, combina com frutas doces e frescas.

Limão. — Não combina com batatas, pão, cereais, castanhas, bananas, leite, frutas doces e frescas ou sêcas, tomates, queijo, açucar, manteiga, nata, caldo de cana.

Clara de Óvos. — Não combina com leite e frutas doces em geral.

Água. — Não combina com frutas sêcas, alimentos gordurosos, e saladas cruas.

Carnes e Peixes. — Não combinam com tôda classe de frutas, verduras e hortaliças. São contra indicadas para manter uma boa saúde, porque a destróem, e seu uso é incompatível para com os homens que se julgam cultos e civilizados.

Tomás Peppe – *Trofólogo.*

Do Verme ao Astro

Disse à mulher: «Perdoados são os teus pecados». — *S. Luc. 7-48.*

Para sempre hão de ficar no mundo as lições do Mestre nosso, contra os grandes da terra. Mas que digo eu? Melhor diria dizendo grandes de terra, pois, que de terra são formados, e mais não são que estátuas como a em que se transformou a mulher de Ló, em atitude de quem só vê a Sodoma e a Gomorra do mundo.

Simão, o rico, o poderoso, era, no tempo de Jesus, pretensioso e atrevido, como o são todos os ricos e todos os poderosos, de todos os tempos e de todos os lugares. Porque são ricos de dinheiro e de poder, pensam que o são também de tudo, e por isso, pretensiosos; e como os bajula, a grande maioria, pensam que são o que se lhes diz que são, e ficam atrevidos.

Assim é que Simão, ouvindo falar de um certo Jesus de Nazaré, carpinteiro, ignorante e visionário, informou a seus amigos do projeto de o convidar para um banquete, onde muito iriam rir a custa dêle.

Dêste modo foi Jesus recebido por Simão, que desdenhoso o põe à mesa, e todos os convivas, volvendo a Cristo os olhos, aguardam o momento de se rirem.

Aquêle homem, pensavam, era incomum; como é que seu semblante triste, magno e profundo, podia infundir tanto respeito? Onde os premeditados desacatos? Que coisa é, que se lê naqueles olhos, indefinível e imensa, algo como o próprio oceano que, com ser oceano, tem em si tôdas as estrêlas refletidas? Aquêles olhos traem a segurança de um sábio, a quem já não há mais o que saber, porque há sabido tudo; traem a firmeza e resolução de uma vontade de ferro, mais que ferro, de diamante que brilha e fulgura, quando mesmo corta o próprio aço reluzente das espadas mais duras. Aquela cabeça alta trai, na protuberância frontal, o amontoado de conquistas superiores que fazem do homem o artista, o gênio, o herói. Na bôca bem talhada há o indefinível, porque se não define o infinito; é bondade nas ondulações graciosas dos lábios, nem muito arqueados para cima, para não ser o riso dos fúteis, e nem recurvos para baixo, para não ser como o dos que choram a lágrima sêca e amarga da revolta e da desesperação. Aquêles lábios se unem num movimento de amor e não de ódio; e quando se abrem, é para nascerem as palavras de luz, filhas do amor, e filhas do perdão.

Jesus que penetrava fundo, via claro as razões por que fôra convidado, mas, esperava que o céu viesse em seu auxílio.

O céu, de fato, tinha preparado tudo, e a tanta humilhação respondeu com sua lei de abater poderosos e levantar humildes. Dois extremos de fôrças contrárias iriam chocar-se, para que dos atritos e das faiscações surgisse a luz bendita do ensinamento.

Rompendo a multidão curiosa que cercava a casa de Simão, avança um vulto de mulher, heróico e sobranceiro, empunhando um vaso de alabastro; pondo-se a mulher de joelhos, junto ao Mestre, rompe de um só golpe o sêlo que fechava o frasco, e lava-lhe os pés com perfume precioso, e com suas lágrimas mais preciosas ainda. Fazendo de toalha seus cabelos enxuga os pés do Nazareno, enquanto os beija com transportes de ternura e gratidão.

Mas o rico estúpido, não entendendo nada da lição, conclui de outra forma para desautorizar Jesus: se fôsse profeta êste homem, pensou, saberia ser pecadora quem lhe toca e lava os pés.

Contou-lhe, Jesus, a isto, a história dos dois sêrvos devedores, um de quinhentos e outro de cinquenta dinheiros, a seu senhor; êste perdoando a ambos, de quem, pergunta, deveria esperar maior reconhecimento? Simão respondeu ser daquele a quem mais se perdoou. Julgaste bem, prossegue o Mestre. E aquí está; enquanto tu me não déste água para os pés, esta mulher os regou com suas lágrimas; não me déste o ósculo, e ela não cessa de me oscular os pés; não me ungiste com óleo, e ela o faz com perfume; eis porque lhe digo que perdoados lhe são os seus pecados.

Rico estúpido, tu procedes como se não fôras imortal! Vem-te o Mestre à casa e o desprezas? Não vês tu que um dia os vermes te expelirão do corpo? E teus bens, para quem ficam?

Ó Cristo, Senhor nosso, nivelador de extremos! Levantais a mulher, perdoando-lhe os pecados, e abateis a Simão, pregando-lhe a lição! Lavais os pés a Judas, o traidor, e negais a Verdade a Pilatos, o covarde! Levantais o paralítico de Siloé, e chamais a Herodes de raposo! Bradais contra os fariseus hipócritas, e contra a geração que chamais de adultera e perversa! Elevais o verme a astro, e derribais o poderoso do altar! Transfigurastes-vos, por fim, no Tabor, e finalmente morrestes no Calvário! Ó Senhor, quão grande sois! Infundí-nos, essa coragem sobrehumana de vivermos perigosamente como vós vivestes! Que os grandes da terra, sejam para nós o que são: vermes-da-terra e cheios de pó e vento! Ó Senhor, dai-nos fôrças para pormos em prática as lições vossas, visto como é melhor consumir-se o homem como um bólide, a ter a vida de um suino.

Luiz Caramaschi.

Crônica Estrangeira

Um Clérigo reza por espíritos farsantes e cessam as manifestações

«Esp. Moderne» de *«Psychic News»*

Existem espíritos gracejadores. Eu conheci «Polty», como eu o chamava, durante cinco a seis anos. Êle não gemia, nem fazia barulho, mas era uma espécie de malfeitor, mesmo ladrão!

Durante longo tempo desconfiei que um visitante invisível vinha à minha casa... porquê se produziam tôda sorte de coisas estranhas. Eu possuía um grande relógio colocado sôbre o fogão. Êle funcionava muito bem. Ao lado dêle está um pequeno despertador. Certo dia, ao sair, observei a hora nos dois relógios. Ambos marcavam 14 hs. 30. Duas horas depois voltei e os dois relógios marcavam 19 horas... ambos funcionavam normalmente...

Eu tenho um quadro-negro de grandes dimensões. É objeto difícil de deslocar ou perder, e menos ainda fazer desaparecer. Eu o usara de manhã e depois do meio dia êle havia desaparecido. Procurei-o por tôda parte. Aborrecido afastei o sofá de madeira para longe da parede, supondo encontrar o quadro-negro por trás. Lá êle não estava e eu empurrei o sofá para o seu lugar. Continuei a procurar, mas sem resultado.

Sai da sala por curto instante. Quando voltei, o quadro procurado estava encostado à frente do sofá!

Em outro dia, eu dactilografei um pequeno artigo e coloquei-o sôbre a mesa com a cópia a carbono. Alguém bateu à porta e fui abrir. Quando voltei, dois minutos depois, haviam desaparecido os papéis. Preocupado, fui procurar um clérigo, homem sensível e cultivado. Relatei-lhe os fenômenos que eu testemunhara. Êle sorriu docemente e disse: «Não sei o que eu possa fazer».

—Vós podeis exorcizar, respondi eu!

—Não sei como agir e contudo estou convencido de que se deve praticar o exorcismo.

Eu lhe disse que não podia suportar essas coisas por mais tempo. De mais, não me é possível continuar a escrever artigos sujeitos a desaparecerem. Por um momento êle guardou silêncio, depois disse: «E se nós dois fizermos orações por essas coisas... ou êsse farçante».

— Eu penso que a melhor coisa a fazer é aceitar a presença dêle. Digo que concordo com a sua presença, mas acho desagradável o desaparecimento de meus papéis e objetos diversos.

Alguns dias depois estava eu ocupado a escrever exercícios, um caderno era vermelho, o outro azul. Deixei-os por um momento sôbre um armário, enquanto eu punha a chaleira sôbre o fogo. Quando voltei, os dois livros haviam desaparecido e nunca mais os encontrei.

O clérigo a quem narrei o fato, sorriu e me disse: «Admito que isso é desagradável, mas acho que deve admitir êsse diabrete em sua casa». Vi que êle sabia mais do que sucedia em minha casa. «Êle pode ficar no meu lar, se o deseja, mas deve acabar com os maus gracejos», respondi eu.

— Bem, disse êle lentamente. Vou lhe sugerir duas coisas: o senhor vai orar por êle e eu farei o mesmo, está de acôrdo ?

Sim, respondi, sabeis melhor do que eu o que é preciso fazer.

Voltei à minha casa, um tanto confundido, perguntando-me se o seu plano daria ou não resultado.

O plano deu resultado, para minha grande satisfação, e nada mais se produziu depois dêsse momento.

E. Perks.

Parece Mentira !

De «Estudos Psíquicos»

Um amigo enviou-nos o seguinte recorte de uma revista:

«Daniel Home foi um grande prestidigitador do fim do século passado. Uma testemunha visual dos feitos espantosos dêsse grande prestidigitador atesta que, na sua presença, na côrte da Bélgica, Home susteve-se no ar, sentado numa cadeira, ante os olhos extasiados dos espectadores».

É seu autor um jornalista que no Diário Popular redige uma página infantil com muita proficiência. Temos apreciado os seus contos e as suas pilhérias.

Como divulgador, porém, foi infeliz o ilustre confrade. Chamar prestidigitador a Daniel Home é chamar funâmbulo a Lindberg ou jornaleiro a Clemenceau. A não ser que o articulista confunda prestidigitação com levitação. E também é possível que não tenha confundido, sabe-se lá ! O Marquês de Pombal dizia que há gente para tudo, até para andar no mar e, dizemos nós, para ensinar às crianças patranhas desta espécie. Parece mentira, mas é verdade! O recorte está em nossa frente, com um boneco do autor e tem data recuada (janeiro de 1956). Já lhe fizemos oportuna referência e se volvemos ao assunto é pela consideração que nos merece o amigo que no-lo enviou. Mas não vale a pena gastar mais cêra. Anda tão adulterada a vida dos grandes homens, que a juventude ignora quem são as figuras de bronze e os figurões de gesso.

Daniel Dunglas Home foi um médium extraordinário e a sua biografia é mais notável que a de muitos bonifrates alçados ao Panteão da história e que durante séculos permaneceram incógnitos, a bem do que nada fizeram. Agora, do Além, hão-de rir-se da miopia contemporânea, se é que a vêem e sentem.

Que Deus os favoreça em conhecimento e bom senso e que noutra vida compensem as sandices que fizeram neste.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Escola Municipal «Gracinda Batista»

Entre os festejos da 4.ª Semana Espírita do Paraná, realizada de 23 de março a 2 de abril, e que se estenderam a várias cidades do Norte do Estado, os espíritas de Rolândia inauguraram, nessa cidade, a Escola Municipal «Gracinda Batista», homenagem especialmente simpática a nós de São Paulo, por ter sido aqui que Gracinda Batista deu provas exuberantes da sua fé e da sua bondade, deixando um traço luminoso de sua vida terrena.

Ela foi espôsa do nosso prezado confrade Onofre Batista, de Itapira, onde o casal fundou, há muitos anos, o Sanatório «Américo Bairral», hoje uma das instituições maiores do gênero.

Falando de Gracinda Batista, não se pode esquecer uma das ações marcantes de sua existência, e que foi aquela de abrir as portas de seu lar modesto, sendo ela mãe de numerosa prole, a crianças desamparadas que ali encontraram amparo e carinho.

A inauguração da Escola, com seu nome, em Rolândia, junto ao Lar Infantil «André Luiz», deu-se em 30 de março, com a presença do povo e das autoridades locais.

O confrade Onofre Batista, não podendo comparecer, por doença, teve a representá-lo, no ato, seu chará Onofre Fernandes, que lhe escreveu a seguinte carta:

«Atendendo ao seu honroso convite, foi com grande emoção que, dia 30 de março p. passado, em seu nome, dirigi a palavra ao grande público que se compunha de povo desta e das cidades vizinhas, e de uma Comissão da Federação Espírita do Paraná, presente o grande orador espírita dr. Jonny Doin, de São Paulo, no ato da inauguração da Escola Municipal «Gracinda Batista». Após o brilhante discurso do representante do sr. Prefeito Municipal, fiz a apresentação da fotografia da homenageada, falando sôbre sua vida e suas obras.

Comecei dizendo da mediunidade, de que ela era portadora, salientando que foi, sem dúvida, essa a alavanca que acionou a sua evolução espiritual, segundo atestam as suas obras. Falei do carinho e respeito que ela consagrava à nossa Doutrina; do recolhimento (feito por ela) de mais de uma dezena de crianças órfãs, apesar dela já ter numerosa prole; da fundação do Asilo «Luiz Gonzaga», de Itapira; da assistência material e espiritual que dispensava aos necessitados em seu próprio lar; da transformação do seu humilde lar no magestoso e monumental «Sanatório «Américo Bairral»; e terminei agradecendo ao confrade Vicente, pela escolha do nome de D. Gracinda Batista para a denominação daquela Escola, ao sr. Prefeito Municipal e à Câmara de Vereadores, por tudo que fizeram para a realização daquela obra.

Resta-me agradecer ao estimado chará por me haver confiado tão grande responsabilidade, da qual, graças ao auxílio do alto, pude me desincumbir».

Em São Paulo

ANAIS DO CONGRESSO — A Comissão Permanente do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, recentemente realizado nesta capital, designou uma subcomissão composta pelos srs. Eurípedes de Castro, Jorge Rizzini, e Herculano Pires, para elaboração dos anais daquêle certame. A subcomissão já iniciou os seus trabalhos. Os anais serão submetidos, posteriormente, ao exame e aprovação da Comissão Permanente, para serem enviados à impressão.

SERÕES ESPÍRITAS — O Clube dos Jornalistas Espíritas realiza aos sábados, em sua sede, à rua de São Bento, 21, sobreloja, reuniões de estudo do «Livro dos Espíritos», chamadas «serões espíritas», que se prolongam das 19 às 21 horas. Os estudos são dirigidos, em forma de livre debate, pelo cronista Irmão Saulo.

No Paraná

PENA DE MORTE — Curioso debate sôbre a pena de morte realizou-se recentemente em Curitiba. A convite do Centro Acadêmico Hugo Simas, da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, o revmo. padre Emílio Silva pronunciou naquêle Centro uma série de palestras a favor da pena máxima. Entretanto, o apresentante do conferencista, o jovem acadêmico Jacob Hollzmann Netto, bastante conhecido como pregador espírita, manifestou-se contra a tese. O fato teve grande repercussão, e o sr. Lauro Schleder, diretor do jornal «Mundo Espírita», publica, no último número dêsse periódico, interessante artigo a respeito.

Carnaval Canônico

Segundo noticiou a «Fôlha da Manhã», de São Paulo, em sua edição de 20 de março do corrente ano de 1958, o padre José Canônico, vigário da cidade de Descalvado, ofereceu aos seus paroquianos quatro bailes, durante os quatro dias dedicados ao deus Momo, «dos quais, lá está na notícia, participaram congregados marianos, filhas de Maria e membros de outras associações religiosas».

Assim depôs o Dr. Jaime Regalo Pereira, prefeito daquela cidade paulista:

Quando me vieram dizer que havia baile carnavalesco no salão paroquial, não acreditei, apesar que daqueles ladas vinham barulhos de vozes e sons de um samba bem ritmado. E então fui ver. E vi muito mais do que diziam: Vi os casais no bamboleio dos ritmos lascivos, saracoteando e rebolando pelo salão, alucinados pelo ambiente resplandente de luzes... a mesma atmosfera saturada dos perfumes e dos odores de uma noitada carnavalesca.»

Não prossigamos no noticiário e nem comentemos o fato. Registemo-lo, apenas.

(De «Reformador», Maio de 958)

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 345.086,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária realizada em 7 de Junho de 1958

Com a prece inicial abre o Presidente os trabalhos e manda ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

Expediente — Foi lida uma carta do Presidente da Federação Espírita Internacional sôbre a difusão e o progresso do Espiritismo na Inglaterra, carta que também se refere ao entusiasmo dos europeus pelo movimento espirítico do Brasil.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf informa que o III Congresso Espírita Mineiro, marcado para êste mês de Junho, comemorativo do cinqüentenário de fundação da União Espírita Mineira, será auspicioso e de notável resultado a prol da Doutrina Espírita.

Maranhão — O Conselheiro Dr. Clóvis Ramos fala sôbre as atividades da Associação Espírita «Amigo dos Pobres», do Departamento de Juventude, e da Federação Maranhense, que mantém em plena atividade aulas de corte, costura, bordados e prendas domésticas e o Curso de Esperanto, além do fornecimento de sopa aos pobres e de merendas às crianças.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Tenente Coronel Leví Lara comunica a realização, no dia 30 dêste mês, em Niterói, da solenidade comemorativa da fundação da Federação Fluminense, e convida para ela a Federação Espírita Brasileira e o Conselho Federativo Nacional. O Presidente do Conselho nomeia representantes para a solenidade os conselheiros Luís Montorfano, Francisco Thiesen e Major Rui Vidal de Araujo. Ainda sôbre o Estado do Rio, diz o Conselheiro Prof. Ramiro Gama que em 31 de maio último o Grupo Espírita «Fé e Esperança», de Três Rios, prestou tocante e sincera homenagem aos Espíritos do Dr. Guillon Ribeiro e de Manuel Quintão, reconhecendo e exaltando os grandes serviços por êles prestados ao Espiritismo.

Após longos e esclarecedores comentários do Presidente, secundado pelo Conselheiro Prof. Ismael Gomes Braga, sôbre assuntos de interêsse geral da Doutrina e difusão do Espiritismo através do Esperanto, por todo o mundo, encerra-se a reunião após a prece proferida pelo Representante do Amazonas, às quinze horas e cinqüenta minutos.

* * *

De Jaú

Da União Municipal Espírita de Jaú, recebemos carta, assinada pelo confrade Júlio de Matos, 2.º Secretário da entidade, comunicando-nos a realização, naquela importante cidade, da 3.ª Semana Espírita, que observou, intensamente, largo programa de conferências públicas e várias outras solenidades, levadas a efeito nos dias 20 a 26 de maio último.

Falaram nas festividades os seguintes oradores: Roberto Previdello, dr. Luiz Francisco Giglio, José Rubens da Silva, Romeu Muzegante, prof. Emilio Manso Vieira, Carlos Jordão da Silva e prof. Anselmo Gomes.

* * *

«O Batismo»

Acaba de sair do prélo a 3.ª edição de «O Batismo», um dos interessantes livrinhos da lavra de Cairbar Schutel, que, em poucas páginas, resume uma explicação lógica sôbre o palpitante assunto de que trata.

Á venda na Livraria de «O Clarim» — Preço, Cr. 10,00.

Para porte e registro, Cr. $ 6,00.

* * *

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, – luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 26,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo. — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3491unse

No 7-8 unavailable

XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Outubro de 1958 – N. 9

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Missionário	*Redação*
O Mundo Invisível Segundo a Ciência	*Antonio Domiciano P. Junior*
Vamos Estudar	*Samuel Gomes da Costa*
Tolstoi e sua luta religiosa para restabelecer o Cristianismo	*Irmão Saulo*
Responsabilidade	*Cláudio Joenck*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Bodas de Ouro	*Redação*
Robert Hare — Pioneiro do Espiritismo Científico	*Cícero Pimentel*
A Origem da Vida e a Reencarnação e a Genética	*Aleixo Vitor Magaldi*
E a Louca ficou Curada	*Redação*
A Nobreza é esta	*Carlos Imbassahy*
Além da morte há vida	*De "Seleções"*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia.	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1958 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O MISSIONÁRIO

3 DE OUTUBRO

A obra monumental, o Espiritismo, nós a devemos ao grande Missionário, Allan Kardec, o Espírito lúcido, criterioso que compreendeu logo o motivo dêsses fenômenos, que êle descobriu ser a chave do problema, tão *obscuro* e *convertido*, do *passado e do futuro da humanidade*, problema que nunca poude ser resolvido pelos eminentes filósofos de todos os tempos, nem pelos sacerdotes.

Allan Kardec não se limitou a examinar as manifestações dos chamados «mortos», mas explicou magistralmente em suas obras, as manifestações extra-corpóreas dos encarnados, inclusive os casos de clarividência e clariaudiência, estendendo-se em considerações sôbre o magnetismo, o hipnotismo, inclusive as manifestações anímicas que se aliam às demais manifestações de Além-Túmulo.

Esclarecendo precisamente o *perispírito*, o gênio lionês, provocou uma grande revolução na ciência, na religião e na filosofia.

Foi só depois de chegar a uma conclusão lógica da natureza das manifestações, por êle observadas, que Allan Kardec fundou a «Revue Spirite» e sucessivamente publicou suas imortais obras:— Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e o Inferno, A Gênese.

Diz León Denis, em sua magistral obra —«Depois da Morte»— «Allan Kardec só publicou seus livros, após haver estudado durante dez anos, com sua razão esclarecida e infatigável persistência, as experiências realizadas em Paris, tendo também recebido informações que lhe chegaram de todos os pontos do globo».

A doutrina de Allan Kardec não é o resultado de uma aventura, mas sim da observação metódica, da experiência rigorosa, o resultado combinado dos Dois Mundos—das duas humanidades que se penetram, e que, não obstante suas imperfeições, caminham juntas para os elevados destinos que lhes estão reservados.

Podemos dizer que a obra de Allan Kardec constitúe os ensinamentos comunicados pelos Espíritos aos homens, cabendo ao Missionário do Espiritismo o mérito da coordenação dêsses ensinos, trabalho êste incomparàvelmente maior do que o de escrever um livro, pois que para a sua confecção exigiu um critério aprimorado, uma sabedoria invulgar, um espírito de discernimento acima de todos os que constituem as prerrogativas humanas; em resumo, exigiu a vinda ao nosso Planêta de um ser privilegiado, tal como o qualificou o grande astrônomo Flammarion, no seu memorável discurso:

«O BOM SENSO ENCARNADO».

Filho de um advogado do Tribunal de Lyon, Allan Kardec, desde moço, cultivava apaixonadamente o estudo das ciências e principalmente da filosofia. Inteligente, esclarecido, dedicado, era êle um espírito positivo. Com a idade de 22 anos era doutor em medicina e falava correntemente quatro línguas. Ancioso de conhecer as causas primárias, logo que se verificaram as primeiras manifestações espíritas na França, em seguida às da América do Norte, êle deu início às suas pesquisas, criando por fim a famosa Doutrina, cujos adeptos aumentam diàriamente. Lutou tôda vida para manter de pé o seu ideal. Repudiado pelos sábios, combatido pela Igreja, soube sustentar suas teorias, genuìnamente cientificas, baseadas na observação e na experiência. Com o fim de tornar sua teoria acessível às mais rudimentais inteligências, excusou-se de dissertações metafísicas, das velhas formas de retórica, para levar aos humildes a consolação e a luz, e despertar, nos que sofrem, a certeza da persistência da Vida no Além Túmulo.

De fato, o Espiritismo, sem contestação razoável, constitúe o poderoso fanal que ilumina aos viajores terrestres, o pôrto seguro de salvamento.

Revelação das revelações, a Doutrina Espirita se reporta a um estudo inteligente e educativo da história, desentranha, de suas páginas, as manifestações dos mortos, que constituiram a fé dos nossos antepassados, em tôdas as épocas da humanidade, desde a Revelação Abraâmica à atual, e qual guia adestrado nos conduz por essas sendas tortuosas, por essas vias sinuosas, que é o caminho sulcado pelas civilizações passadas, afim de nos deixar entrever o futuro de luz que nos espera.

A obra de Allan Kardec é monumental. Falando dela, diz o grande escritor francês Maurice La Châtre, nas seguintes palavras, que nós sancionamos com satisfação:

«A Doutrina Espírita contém os elementos para transformar nossas idéias, e merece a atenção de todos os homens progressistas. Sua influência se estende a todos os países civilizados e dá ao seu Fundador uma considerável importância, fazendo prever que num futuro não remoto, Allan Kardec será tido como um dos reformadores do Século XIX».

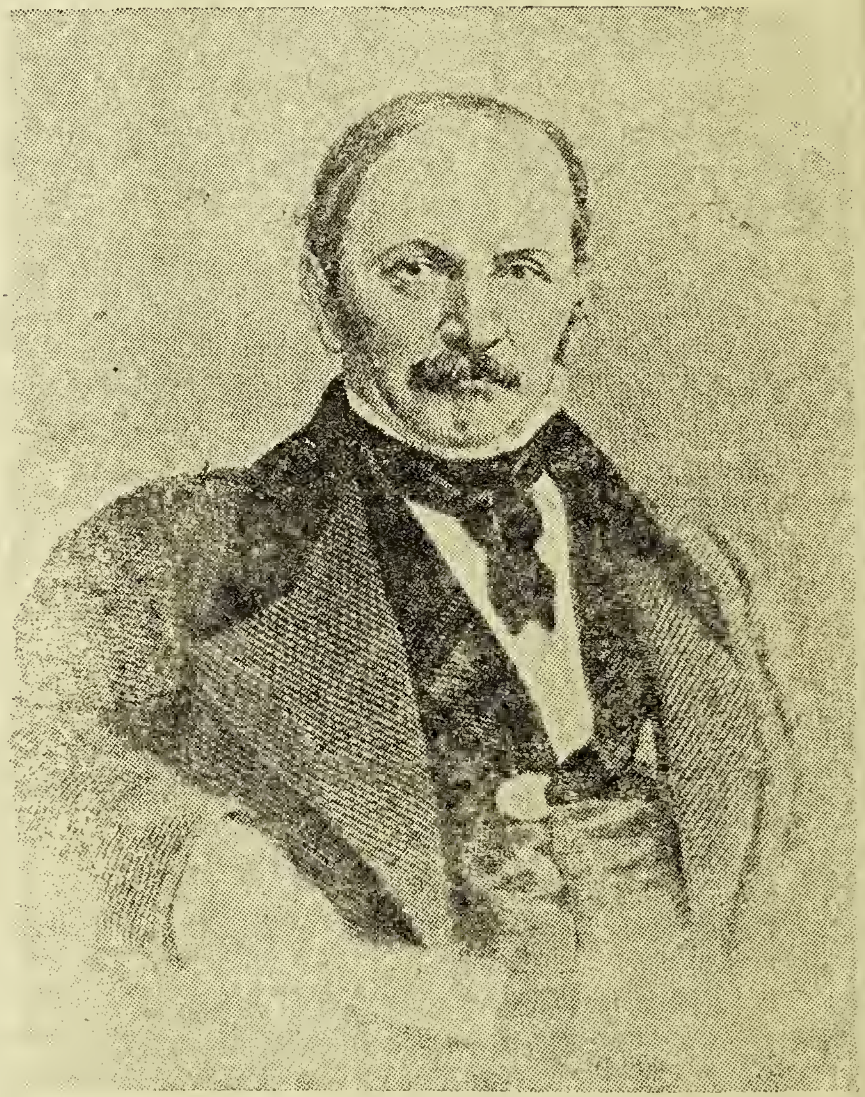

Allan Kardec

Concluindo, nos associamos a todos os espíritas pelas lembranças e pensamentos de gratidão que a 3 de Outubro dirigiram ao Missionário da Revelação das revelações. Oxalá tão elevado Espírito reapareça, no cenário mundial, como prometeu, para trazer o complemento de sua grande obra de imortalidade e progresso.

O Espiritismo é evolutivo no tempo e no espaço. Dêle se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última. — ALLAN KARDEC.

O Mundo Invisível Segundo a Ciência

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»

Falar-se em ciências físicas e naturais é, para muitas pessoas, manifestação de «materialismo». Para o meu espírito, foram, ao contrário, uma espécie de janela aberta para as belezas da criação natural.

Compreende-se que o estudo superficial da ciência nos léva à negação. O estudo meticuloso, sem idéias preconcebidas nos leva a Deus. Os problemas do sêr e do destino aclaram-se luminosamente com os conhecimentos das leis naturais. Cada revelação sôbre a obra prima do Criador nos enche a alma de alegrias e felizes sensações. À medida que se penetra na intimidade da natureza, o véu de preconceitos e incompreensões se desfaz, e o nosso espírito compreende os grandes problemas da vida material e espiritual.

Há muitos religiosos a quem não se pode falar em «mundo invisível». Outros não compreendem o «mundo oculto». Cientistas existem que atribuem à desarranjo mental a fé em fenômenos telepáticos, magnéticos, hipnóticos, catalogando em «espíritos fracos» todo aquêle que admite a vida espiritual e suas relações com o mundo objetivo.

É sempre de grande oportunidade a divulgação de conhecimentos da moderna física, que servirá para demonstrar aos inimigos dos progressos científicos as grandes verdades contidas nas escrituras e nos evangelhos, que nada mais são que colunas seculares do conhecimento humano. Deve-se demonstrar que a física moderna consegue avaliar grandezas que aproximam o homem do mundo oculto ou invisível já conhecido e estudado pelo ocultismo desde séculos antes de Cristo e do qual o próprio Jesus Cristo foi um dos grandes luminares.

Sabe-se agora que o átomo é um verdadeiro sistema planetário em miniatura. O Sol é representado pelo núcleo, que é composto de protons e neutrons. Em redor dêste Sol nuclear giram com velocidades proporcionais os eletroneos. Entre estas partículas existem espaços vasios e corpos ainda não bem estudados. Os protons são dotados de eletricidades positivas. Os eletrons são de natureza elétrica negativa e os neutrons são elètricamente neutros.

Para se ter uma idéia do tamanho destas partículas é necessário lançar-se mão de comparações. Um litro dágua contém aproximadamente . . . . 567.000.000 000.000.000.000.000.000, isto é, 567 setilhões de átomos. Colocando-se uns ao lado dos outros, em linha reta, e no mesmo plano, seriam necessários 1.000.000 para atravessar o diâmetro de um milímetro. Se êstes átomos forem de hidrogênio comum, seriam necessários 10.000.000 para o mesmo comprimento.

É necessário saber-se que milhares de anos antes de Cristo já os grandes iniciados tinham como dogma de sua ciência que «O QUE ESTÁ em cima é como o que está em baixo,» o que equivale dizer: «O MICROCOSMO» é equivalente em tudo ao «MACROCOSMO». O sistema planetário solar possue girando em tôrno do Sol os planetas. Entre êles nos espaços vasios há pequenos corpos chamados asteroides, bólides, que a ciência classifica como corpos errantes, de pequenas dimensões, consequentes de mundos esfacelados. O átomo também tem uma organização equivalente. Tanto no átomo como no sistema planetário os corpos giram com velocidades proporcionais às distâncias e às massas, segundo leis de relatividade. Entre os neutrons e protons que formam o núcleo há partículas misteriosas cuja natureza está sendo estudada pelos físicos, e que podem revelar grandes possibilidades. Os eletrons podem ser avaliados segundo a fórmula — 9 — elevado à vigésima terceira potência o que dá uma fração decimal de . . . . 0, 000 000 000.000 000 000 000.000.000. 9 da grama. São precisos cem milhões de eletrons para atravessar um diâmetro de átomo, e quinhentos milhões dêles para enchê-lo. Para uma energia de ampére são necessários um quintilhão de eletrons.

O núcleo do átomo é composto de neutrons, positrons, protons e mésons. Ocupam espaço tal que uma polegada linear conteria 2 500.000.000.000 se colocados uns ao lado de outros em reta.

O Brasil tem a honra de ser pátria de CESAR MANSUETTO GIULLIO LATTES que descobriu o bimésons na noite de 21/1/1948. A finalidade destas partículas é manter unidas as partículas do núcleo do mesmo modo que a fôrça gravitacional mantém unida, isto é, prêsos uns aos outros os planetas. A demonstração da fórmula de EINSTEIN, segundo a qual a energia é igual a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade, deu ensejo a descoberta dos mésons. Deve-se a esta mesma fórmula a descoberta dos seguintes corpos químicos: Netuneo, Plutoneo, Americio, Curio, Berquilio, Californio, completando assim a escala stequinética de 92 elementos cujo maior número atômico é 238. Estes elementos debaixo de formas e estruturas muito variáveis, combinados sob míriades de proporções, formam o universo visível aos nossos olhos físicos.

A Terra é um iman cujas linhas magnéticas vão de polo a polo, imantando todos os corpos sôbre ela. Nosso corpo é penetrado por estas linhas de fôrças, formando a sua polaridade. Somos também eletrisados e vivemos assim atuados por enormes correntes de ondas eletromagnéticas, não só de nosso planeta, mas enviadas pelo Sol.

Além destas correntes de fôrças, somos bombardeados contínua e poderosamente pelos raios cósmicos que atravessam o nosso corpo, e contra os quais não existe tela alguma capaz de intercepta-los. Conhece-se os raios cósmicos alfa e betha, mas ignora-se a sua origem, e a sua finalidade. Sabe-se que exercem enorme papel na manutenção da vida orgânica, exercendo sôbre ela uma espécie de ação equilibrante. Muitos sábios são de opinião que podem constituir armas perigosíssimas e destruidoras, se conseguirem domina-los e dirigi-los. Poderão contribuir para o progresso e felicidade humana.

O microscópio eletrônico desvenda-nos o mundo celular, em tôdas as suas fases. Graças a êle o homem vê como se reproduz a célula somática e a germinativa fazendo avançar a biologia a limites imprevistos. Temos o Radar, a célula fotoelétrica, que nos revelam ondas de fôrça de inacreditável sutileza e velocidade. Diante dêste progresso compreendemos o mundo oculto.

Jesus disse que nada há sôbre a Terra e debaixo do Sol que não seja descoberto. Disse também que muita coisa poderia ser dita ao homem de seu tempo, mas, tempos viriam que tudo seria revelado. Referiu-se muitas vêzes a sua união com o Pai: «EU E MEU PAI SOMOS UM». Reconhecia assim o princípio segundo o qual existe perfeita unidade entre os sêres do universo. Deus é unipresente, e tudo está nêle. O homem é sua manifestação e tudo vem dêle e para Êle volta.

A matéria volta para a matéria mas o espírito volta para o mundo espiritual.

A ciência vem demonstrando a verdade ensinada pelos antigos ocultistas. Vivemos num oceano de energias. A começar do interior para o superior temos: Energia elétrica, magnética, eletromagnética, luminosa, sonora, raios vermelhos, infravermelhos, violetas, ultravioletas, raios cósmicos, energia vital, energia mental que se divide em numerosas faixas, de vibrações diversas; finalmente, a espiritual. Há perfeita identidade de vista entre os ensinamentos dos antigos iniciados e a revelação da ciência moderna. O Universo é uno e indivisível tanto no lado espiritual como sob qualquer das demais manifestações de energia, e o homem não passa de centros de irradiação e atração para as grandes fôrças.

«NADA SE TEM DESCOBERTO QUE INVALIDE AS VERDADES DAS ESCRITURAS» disse o Dr. WADE.

«AS DESCOBERTAS HUMANAS PARECE QUE TEM POR MISSÃO CADA VEZ COM MAIS FÔRÇA CONFIRMAR A VERDADE CONTIDA NAS ESCRITURAS SAGRADAS.» — disse o grande astrônomo HERSCHEL.

Antonio Domiciano Pereira Junior.

Bragança Paulista, 29/6/1958.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Vamos Estudar!

Samuel Gomes da Costa

O estudo é a razão principal do conhecimento de tudo que se relaciona com a vida humana, quer seja no setôr científico, no filosófico, no religioso, ou em outro qualquer da atividade humana.

Por meio dêle, nós cultivamos o desejo sempre crescente de aperfeiçoamento, chegando-se a ficar perfeitos conhecedores daquilo a que nos dedicamos.

Seja o Cientista, o Médico, o Operário, o Marítimo ou Militar, todos, enfim, procuram aprimorar-se com o estudo e o trabalho para alcançarem o máximo no seu setôr de atividade.

Sempre ávido de novos conhecimentos, o homem estuda e investiga e, como recente exemplo, temos alguns dos atuais cientistas que, sem contarem as horas, estão tentando alcançar, pelo estudo especializado, novos horizontes, afim-de poderem atingir, com aparelhos guiados pelo homem, os planêtas mais próximos da Terra.

Mas, se o desejo de evolução cresce assustadoramente, para as coisas da vida material por parte de muitos, por outro lado, avulta-se a ânsia de conhecimento das coisas do espirito eterno, por parte daqueles que sabem ser perecível a matéria por mais evoluida que esteja, razão pela qual não devemos, sòmente, nos especializar nos conhecimentos das atividades humanas.

Precisamos estudar a causa que nos faculta chegar a êstes conhecimentos, visto que não há efeito sem causa.

Inexgotáveis fontes de verdades, para haurirmos, pelo estudo, real conhecimento das coisas de Deus, e, sabermos a razão do Sêr, do Destino e da Dôr, são encontradas no Livro dos Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo, nas obras de Leon Dénis, Camille Flammarion, André Luiz, William Crookes, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano e muitos outros. Estudando-se estas importantes obras, teremos ciência perfeita de onde viemos, aonde estamos, porque aqui estamos e para onde vamos.

Não basta crermos na imortalidade da alma, no Espiritismo e dizermos que somos Espíritas.

Pelo estudo, pela análise, meditação e prática dos ensinamentos adquiridos, é que conseguiremos o conhecimento da verdade e fortaleceremos a nossa Fé, pilastra forte que nos liga aos céus.

Se todos os que frequentam instituições espíritas, como sejam: Centros, Escolas, Mocidades Espíritas, Federações, Uniões Espíritas, etc. estudassem verdadeiramente as obras básicas do Codificador Allan Kardec e dos muitos outros mentores já citados, fazendo mesmo algum esfôrço para isso, — já que, para muitos, o estudar para aprimorar-se é um sacrifício, — não teriamos a incompreensão, a falta de ânimo para o trabalho digno, a má vontade para as campanhas de Caridade, a escássa dedicação e pontualidade nos trabalhos doutrinários e redentores, as desuniões dentro dos Centros e Mocidades.

O Espírita precisa fazer do «Livro Espírita» um amigo inseparável, embora o livro (como diz o irmão Almerindo Martins de Castro no seu livro. — «LIÇÕES DA VIDA» —) não tem poder de infiltrar a instrução no cérebro da criatura: esta é quem extrai dos livros o conhecimento que êles contém e podem ministrar. Não é o valor didático dos compêndios que ilustra e faz eruditos: é a aplicação irrestrita ao estudo, o desejo puro, nobre, elevado de enriquecer os dons da inteligência — isso é que assegura o êxito no convívio com os livros». «E o que não estudou, geralmente, cai vítima das mil ciladas estendidas no caminho da existência, incidindo em erros, enredando-se nas armadilhas dos astutos, sendo prêsa de estelionatários, réu inocente de crimes que não praticou, mas permitiu lhe fossem atribuidos, à sombra da sua total ignorância.»

Espiritismo é estudo, é reforma moral, é libertação da ignorância das coisas do Espírito e das mazelas que nos acompanham, de dogmas, preconceitos e vícios. É renascimento para uma vida espiritualmente sadia e que somente cada um poderá limpar-se das impurezas do mundo, é evangelizar-se vivendo de maneira a dar o exemplo pelas suas obras, porque não se pode compreender Espiritismo sem Evangelho e Evangelho sem Espiritismo.

Espiritismo é amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao nosso próximo como a si mesmo, fazendo da caridade sem ostentação, a Bandeira do Amor Real. É adorar em Espírito e Verdade, DEUS o Supremo Criador de Tôdas as Coisas, desprezando os cultos pomposos e cheios de preces decoradas, reconhecendo-se o que realmente somos, — endividados, tentando pagar as nossas dívidas do pretérito, pela dor, pelo sofrimento, — sem pretenção ou ilusão de merecermos o céu, sabendo-se que «cada um recebe segundo as suas obras», seus conhecimentos e seu amor. Ninguém sobe a longa escada da evolução com pés alheios, simplesmente porque outros estudaram, pediram e trabalharam por nós.

Mas, infelizmente, o estudo é cansativo e monótono, para muitos ... chegando mesmo a ser «desnecessário» e «martirizante».

É uma lástima que poucos gostem de estudar.

Nossos irmãos orientadores do Plano Alto da Espiritualidade, que descem para nos instruir numa demonstração patente de amor aos que sofrem, lastimam entristecidos os irmãos que frequentam trabalhos doutrinários, dando simplesmente a sua presença, sem que ali estejam no desejo ardente de progredirem, perdendo tão precioso tempo.

Seria preferível não simularem acreditar; seria menos culposo se não conhecessem a Verdade, porque, mais culpado é aquele que sabe que está errando e pratica o êrro, e, angustiosa situação o aguarda na vida depois da morte da matéria.

Vamos estudar e façamos a campanha do estudo, porque por êle não desconheceremos os nossos sagrados deveres e cumprindo-os, estaremos habilitados a deixar esta vida cheia de sofrimentos para alcançarmos felizes a Verdadeira Vida, e lá chegando, seremos portadores daquilo que nos é indispensável saber, afim de podermos gozar da Tranquilidade Espiritual, na certeza de que, se não cumprimos integralmente a nossa missão no Planeta Terra, pelo menos nos esforçamos pelo estudo, para termos o conhecimento.

Pelo exposto VAMOS ESTUDAR!

PAX

Tolstoi e sua luta religiosa para restabelecer o Cristianismo

Um credo que poderia ser subscrito pelos espíritas — Sua influência sôbre o povo russo e sôbre a obra de Gandhi — Precursor do Espiritismo

Leon Tolstoi, o grande escritor russo, autor de «Guerra e Paz», não foi espírita, mas seus princípios aproximam-se bastante do Espiritismo, especialmente no que respeita à exegese evangélica. Tolstoi tornou-se o dirigente religioso de considerável parcela do povo russo. Ainda hoje existem na Rússia os tolstoianos, que não aceitam a religião ortodoxa nem o materialismo filosófico do Estado. Em suas «Memórias», o mahatma Gandhi revela gue foi em Tolstoi e Ruskin que êle se inspirou para criar a doutrina da não-violência, do amor e da pureza, que se traduz pelos três princípios: o Ahimsa, ou o amor universal; o Satiagraha, ou a confiança na verdade, que resulta em não-violência; e o Bramacharya, ou a tríplice pureza, de pensamentos, palavras e ações.

Como se vê, a influência de Tolstoi se estende até os nossos dias, não sòmente através de suas obras literárias, mas também de seu pensamento filosófico e religioso. Tendo sido excomungado pelo Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa, Tolstoi enviou aos seus integrantes uma definição de princípios, constituindo o credo em que apoiava tôda a sua crença em Deus, em Jesus e nos Evangelhos. Êsse credo, que pode ser subscrito por qualquer espírita, estava assim redigido:

«Creio em Deus, que é para mim o Espírito, o Amor e o Princípio. Creio que Êle está em mim, como eu estou n'Êle. Creio que a vontade de Deus nunca foi expressa com mais clareza do que na doutrina do homem chamado Cristo, mas ninguém pode considerar Cristo como Deus e dirigir-lhe orações nesse sentido, sem cometer o maior dos sacrilégios.

Creio que a verdadeira felicidade do homem consiste em cumprir a vontade de Deus. Creio que a vontade de Deus é a de que todo homem ame aos seus semelhantes e proceda sempre com os outros como deseja que os outros procedam com êle. Nisto, diz o Evangelho, se resumem a lei e os profetas.

Creio que o único sentido da vida, para cada sêr humano, é o de aumentar o seu amor. Creio que êsse desenvolvimento da faculdade de amar nos proporcionará nesta vida uma ventura cada vez maior, e no outro mundo uma felicidade mais perfeita. Creio que êsse aumento do amor contribuirá, mais do que qualquer outra fôrça, para fundar na terra o Reino de Deus, isto é, para substituir uma organização de vida, em que são onipotentes a mentira, a divisão e a violência, por uma nova ordem, em que se reunirão a concórdia, a verdade e a fraternidade.

Creio que só dispomos de um meio para progredir no amor : as orações. Não a oração pública nos templos, que foi explicitamente reprovada por Cristo (Mateus, 6-5-13), mas essa oração de que Êle próprio nos deu exemplo, a oração solitária, que nos confirma na consciência do sentido da vida e no sentimento de que dependemos tão sòmente da vontade de Deus.

Creio na vida eterna. Creio que o homem é premiado segundo as suas obras, aquí e em tôda parte, agora e sempre. Tão firmemente creio em tudo isso, que, na minha idade, à beira da sepultura, tenho de me esforçar muitas vêzes para não invocar a morte do meu corpo, isto é, o meu nascimento para uma nova vida.»

A excomunhão de Tolstoi foi consequência de seu rompimento com a religião ortodoxa, por ter chegado à convicção de que o verdadeiro Cristianismo havia sido alterado, perdendo sua simplicidade e pureza primitivas, ao se enredar numa densa trama de fórmulas sacramentais e princípios estranhos aos ensinos do Cristo. Tolstoi dedicou-se à nova tradução dos Evangelhos, para escoimar os textos das adulterações e interpolações. Todo o seu esfôrço era desenvolvido no sentido de restabelecer o Cristianismo do Cristo, como diria mais tarde o Padre Alta. Pode ser considerado, portanto, como bem o demonstra o seu Credo, um precursor do Espiritismo, da vinda do Consolador, do Espírito da Verdade, que hoje preside ao restabelecimento dos ensinos do Mestre entre os homens, para a edificação do Reino de Deus na Terra.

Irmão Saulo.

Responsabilidade

Em todos os tempos, teve o homem a necessidade de progredir, pois, é esta uma Lei Divina. Sentindo esse ímpeto evolucionista quís o homem primeiramente acomodar-se a melhor maneira possível dentro da matéria em que vive, buscando e encontrando os meios que lhe facilitassem dar cumprimento às suas necessidades no ganha-pão diário e no seu confôrto. Nesse sentido tem alcançado algo de assombroso, que no dizer vulgar, a alguns anos atrás, seriam considerados como sonhos irrealizáveis. Acomodado o corpo da melhor maneira possível no campo material, com o conforto do lar, nos tranportes, etc. cogitava o homem por intermédio da medicina encontrar também, o necessário para manter a saúde do corpo físico, através de estudos complicados e longos, afim de combater as doenças que mais fortemente atingiam a humanidade. Estes últimos anos foram de vitória para a medicina que, trabalhando arduamente nos laboratórios, nos estudos aprofundados da anatomia, descobriram os remédios e os meios operatórios mais eficientes até então. Foi êsse o caminho que o homem encontrou para dar vazão a sua ânsia de progresso, entrando por caminhos os mais variados e que verdadeiramente lhe satisfez os anseios mais imediatos. Tudo se obteve e muito se conseguiu pela Misericórdia do Alto. Na época atual talvez tenhamos atingido o máximo de êxito neste sentido amplamente físico. Mas, se a evolução se fazia sentir, não o era simplesmente neste campo limitado e já satisfeito. Importava muito mais que se cuidasse do progresso espiritual e ascencional até o Infinito. Êste, o mais sublime, o mais elevado, foi esquecido. Sim, foi esquecido pelos homens porque importava maior esfôrço, exigia a disciplina do próprio Eu, a moralização dos costumes. No entanto, se o homem poz de lado esta parte, ela não foi esquecida pelo Pai Celestial, que amando profundamente os seus filhos, nos enviou um Mestre. E Jesus veiu até nós, trazendo amplos recursos para que fôsse possível erguermo-nos espiritualmente. Suas diretrizes são a quase dois mil anos o que de mais elevado e positivo se poderia oferecer à humanidade, para a sua própria felicidade. Mesmo assim, sabia Jesus, que nós não O ouviríamos e que mesmo que o fizéssemos, haveríamos novamente de nos afastar do seu Amor. Prevendo isso, nos enviou então o Espírito da Verdade, que viria restabelecer tôdas as coisas. Há cêrca de cem anos vem Êle se manifestando mais intensamente entre os homens e para que soubéssemos nos comunicar com os Mesmos, de maneira a não incorrer em erros e ao mesmo tempo não nos deixássemos levar pelas paixões e interêsses imediatos, nos mandou Allan Kardec afim de que Êle nos proporcionasse as normas que disciplinariam tais comunicações. Foi um trabalho árduo e secular, pelo progresso e bem estar da humanidade. Concretizada esta ampla realização; estando a humanidade de posse dos meios para a sua ascenção espiritual, ainda assim o homem não quís ouvir o chamado Celestial. Atingimos, então, uma encruzilhada que nos levará a dois caminhos diametralmente opostos. Se somos possuidores de todo ou quase todo progresso material, novamente começamos a sentir nas massas um frêmito de insatisfação. Se alcançamos o climax no mundo físico, para onde ir agora? Já começamos a sentir um remorso pela nossa desídia, pela imprevidência egoística que nos levou a afastarmo-nos de Deus, e de Jesus. Começamos agora, a sentir o pêso da responsabilidade que nos cabe, tendo em vista o perigo de uma nova conflagração mundial, motivada ainda, pelos interêsses mercenários e de domínio pela fôrça. Evidentemente, somos prisioneiros da carne, mas podemos agir livremente pelo livre arbítrio, embora em campo limitado. Nos dias que correm é que devemos tomar a decisão definitiva. Ou ficamos gozando as aparentes delícias da carne ou nos desprendemos e vamos buscar o alimento para os nossos espíritos. Estamos atravessando uma éra em que a corrupção, as negociatas criminosas, os roubos, os assassinatos, os suicídios, o incrível mas real menosprezo de irmão para com irmão, chegam dentro do campo arbitral ao seu índice mais elevado e extremamente perigoso. O homem em geral tem medo da morte. Espanta-se e treme medroso em face a este fenômeno natural, apesar de sua pretensa superioridade, porque, embora inculto nos assuntos versados da espiritualidade, sabe pela sua intuição que é lá no Além que vamos prestar conta da nossa incúria e pelo mau uso do nosso livre arbítrio. Mas, se for para defender o seu orgulho, se for para defender os seus interesses comerciais e de domínio, não titubeia em sacrificar milhões de vidas, provocando destruições e desolação no plano físico, enviando ao mesmo tempo milhões de espíritos de volta à Patria Espiritual, em lastimáveis condições vibratórias. Foi portando, permitido o progresso científico e material que seguindo idéias maldosas e criminosas, chegou à triste condição de pôr em perigo a estabilidade do nosso plano terráqueo, o que é sem dúvida um dos maiores males que o homem poderá provocar. O Bem, o Amor, a Felicidade, aí estão para fazer frente a essa situação melindrosa, e vieram com Jesus e seus Prepostos. Ao Espiritismo cabe, portanto, a tarefa difícil de espargir a Luz do Cristo, de esclarecer e orientar a humanidade para o caminho certo, caminho estreito e difícil de ser transposto. Sofreremos vissicitudes e provações, mas consciente de que estaremos resgatando as nossas faltas e erros do passado, para um día melhor. Não acumulemos maior bagagem criminosa. Felizmente, contamos com Espíritas de Boa Vontade, que pela palavra escrita, pela rádio-difusão e por todos os meios possíveis procuram iluminar a todos. Refreemos nossas paixões e desvairos, procuremos no Evangelho do Cristo o necessário para nos alicerçarmos em rocha viva, para que, quando vier esta catástrofe mundial, esta tempestade que convulsionará a terra, porque está claramente demonstrado no Apocalipse, e como tudo o que lá foi escrito se cumpriu, também esta se cumprirá, estejamos de pé, com o coração e alma firmemente voltados e ligados ao Alto. As primeiras rajadas do vento prenunciador da borrasca já se fazem sentir; tôda terra se agita e perturba, sentindo que o momento é chegado. Armemonos com a coragem e a fé. Oremos e Vigiemos. A luta será dupla e mais renhida. Haverá a luta física e a luta espiritual. A batalha exigirá esforços inauditos. Naturalmente do lado espiritual, os primeiros a serem atingidos serão os espíritas e devemos fazer o possível para manter a Paz, a Harmonia e a União em todos os lares nossos, Centros e em todos os lugares onde vivemos. Amemos o próximo como a nós mesmos. Oremos pelos que teem a incumbência de dirigir os governos e preparemo-nos para um dia mais feliz. Muitos cristãos deram testemunho sofrendo os horrores das torturas e das flagelações. Se ainda a nós compete assim proceder que o seja para o bem da própria humanidade.

Que Jesus, Orientador Espiritual dêste orbe, mais uma vez se compadeça de todos nós.

Deus nos abençôe.

Cláudio Joenck.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

39 — Raul Estrêla, querendo alugar metade da casa por quantia maior a que eu e o Lima pagávamos, entrou a hostilizar-nos. Lima estava descolocado e eu o ajudava, embora não estivesse em situação financeira que o permitisse. Aturamos as grosserias do Estrêla até que o Lima conseguiu um emprêgo modesto e mudou-se para a casa do Laranjeira. Fui eu quem falou com o Laranjeira para alugar-lhe metade da casa.

40 — Saí logo depois do Lima, pois só esperara a saída dêle para deixar o Estrêla. Coloquei minha mãe e irmã num quarto arranjado às pressas, pois, além de não ter dinheiro para alugar uma casa, não aturaria mais, em hipótese nenhuma, as grosserias do Estrêla. Fui dormir na sala do Lima e me pus a procurar parte de alguma casa para alugar.

41 — O quarto de minha mãe ficava na Travessa Rio Grande do Norte e o Lima morava à rua Lucídio Lago. Ruas do Meyer, que ficam perto uma da outra. Minha mãe e irmã iam, tôdas as noites para a casa do Lima, pois grande amizade unia as nossas famílias, amizade que, graças a Deus, até hoje perdura. Apesar dos nossos apertos financeiros, vivíamos sempre alegres, numa brincadeira constante. O Lima era um excelente piadista, sempre bem humorado. Tínhamos um vasto repertório de anedotas sãs e viviamos a enriquecê-lo. Já tínhamos algumas relações no Rio e éramos constantemente visitados.

42 — Arrumara, em uma pensão, almôço e janta para minha mãe e continuava o braço direito do Almirante. Foi quando fui para cama, acometido de forte influenza. Estive três dias de cama: foram as únicas faltas que tive no Colégio Nacional, durante sete anos... Só mesmo a grande e fraterna amizade que unia as nossas famílias, me permitiu ficasse de cama, em casa do Lima, embora tratado por minha mãe.

43 — O Almirante, interessado por minha família, arranjou-me metade de uma casa, à Vila das Margaridas, na estação de Sampaio.

44 — A casa estava alugada a um tal Juca, velho conhecido do Almirante, que nela ficara viúvo, com um filho de três anos. O Juca alugar-me-ia metade da casa, desde que mamãe olhasse seu filhinho, durante o dia, enquanto o pai fôsse para o trabalho.

45 — Mudamos para a Vila das Margaridas; mamãe e minha irmã se afeiçoaram demais ao menino que era um anjo na ausência do pai e um demônio na sua presença. Mal o pai aparecia à esquina, estando o menino à janela, transformava-se por completo.

46 — Aí moramos quase um ano. Juca foi a criatura mais anti-higiênica que conheci. Não tomava banho, andava com as mãos sempre sujas, tudo no seu quarto era imundo.

47 — Dr. Waldemar Rocha, aquêle velho amigo da Bahia, apareceu, en-

tão, em nossa casa, desempregado, ficando conosco durante seis mêses, sem pagar um tostão.

48 — Arranjou, depois de seis mêses, um emprêgo em S. Paulo, e para lá se foi.

49 — Vale a pena tratar aqui, particularmente, dêste conterrâneo e antigo amigo.

Foi, incontestàvelmente, a minha maior amizade dos tempos de moço, conforme já ficou dito atrás. Fomos inseparáveis : companheiros das horas amargas e tristes, dos bailes, dos estudos, dos Grêmios, de tudo. Dediquei-lhe meu primeiro livro — Saudade. Aliás, dediquei-o a êle e ao José Petitinga. Até em dueto, declamamos, declamávamos sempre. A nossa declamação preferida era «Romeu e Julieta» de Olavo Bilac. Foi êle quem promoveu minha operação de hidrocele, a do quisto de minha mãe, uma que meu tio Olímpio, de quem já falei, também, precisou fazer. Êle era católico *mariano*, por imposição de sua mãe e eu, a esta altura, espírita comodista. Mais afortunado do que eu, financeiramente, incentivou-me sempre, com grande apôio.

Na época em que veio ao Rio, pela primeira vez, era namorado da irmã do nosso comum amigo Coelho Borges. Era eu quem recebia as cartas que enviava do Rio para ela e lhas entregava. Naquela época, os namorados tinham grande respeito aos pais, principalmente as moças. Escondiam o namôro o mais que podiam. Quase sempre até o noivado. As coisas não eram como hoje . . .

50 — O namôro não foi longe. Voltando à Bahia, Waldemar terminou-o. Aquela moça foi o primeiro e maior amor de sua vida.

Embora, quando eu me mudasse para a rua Maciel de Baixo, achasse que sua amizade afrouxara um pouco, embora não assistisse meu pai até o fim, como já relatei, achava-o ainda grande amigo . . .

51 — Voltemos, porém, à Vila das Margaridas. Waldemar, antes de ir para S. Paulo, conheceu simpática mocinha, também da nossa Vila, de quem quase se fêz noivo. Foi trabalhar na *Missão Rockfeller*, na capital bandeirante.

52 — Em S. Paulo, até seu casamento, isto é, de mil novecentos e vinte e quatro a mil novecentos e vinte e nove, nunca nos deixamos de corresponder. Visitou-me em mil novecentos e vinte e cinco quando veio rever a quase noiva, ficando em nossa casa. Morávamos, então, no Engenho Novo, á rua Gregório Neves.

53 — Depois desta visita, rompeu com a namorada, nunca me explicando bem o motivo.

54 — Casou-se em mil novecentos e vinte e nove. Destinando-se a Salvador, em viagem de núpcias, pernoitou em nossa casa. Cedemos-lhe o nosso quarto. Estávamos já casados e residíamos á rua José Bonifácio, n.° 44, na mesma casa onde moramos com o Lima e o Estrêla. Mamãe e minha irmã estavam ali comigo e a família de Marília, pois estávamos de passagem, enquanto resolvíamos a minha vinda para Nova Iguassú. Todos trataram o casal carinhosamente. Marília pediu ao Waldemar que a tratasse por Marília, pois ela nos considerava irmãos.

55 — Foram-se para Salvador. Quando voltaram, já estávamos em Nova Iguassú, iniciando as atividades no Ginásio Leopoldo. Recebemos, por intermédio do pai da Marília, uma carta sua, avisando-nos em que vapor vinha, pedindo para os esperarmos no Cais.

56 — Pedimos ao sogro que os esperasse, de vez que não o podíamos fazer, em virtude de estarmos preparando a inauguração do Ginásio, explicação que lhes foi dada minuciosamente.

57 — Estiveram com o sogro, ràpidamente, pois iam diretamente para S. Paulo.

58 — Recebi, dias depois uma carta sua que foi a última. Escrevi-lhe várias vêzes. Não obtive resposta. Não sei o que pensou das razões por que não os pude esperar. Talvez não acreditasse nelas. Ou fosse outro o motivo do seu silêncio. Amarguei mais esta enorme decepção . . .

59 — Quando, em mil novecentos e quàrenta e dois, retornei, pela primeira vez, á Bahia, vi-o em Amaralina, a dois passos de mim. Se fingiu que não me viu, também eu não o quis ver. Mormente, sabendo antes que estava em Salvador e sabia de minha chegada . . .

60 — Voltemos, novamente, à Vila das Margaridas. Não suportávamos mais as imundícias do Juca que nem podem ser relatadas. Descobrimos, tam-

bém, hipocrisias suas e de sua noiva, uma prima do Lima.

61 — Mudamos, então, para a rua Gregório Neves, no Engenho Novo, onde Waldemar nos visitou.

62 — Vagou-se, logo após, uma casa, muito perto, para onde foi o Lima. A grande amizade continuava. Estávamos, diariamente, todos juntos, na mesma alegria e brincadeira do Meier.

63 — A esta altura, o Almirante me colocou em dilema: ou voltaria para morar no Colégio Nacional ou êle acabaria com o internato. Só eu, a seu ver, merecia confiança para dirigir seu internato (parte de sua família).

64 — Voltei a morar no Nacional. Ia para casa durante as minhas folgas, para estar com os meus e com a família Lima.

65 — Certa noite, sentimos a calamidade de uma enchente. A chuva que viera desde a tarde, não parara. Ao cair da noite, a agua já entrava em casa, já molhava os pés dos moveis. Tiramos tudo do chão e sentamos em cima da mesa. Os colchões não se estragaram porque as camas eram altas. Esperávamos. Se a chuva continuasse, iríamos para a rua que ficava aos fundos da nossa casa (uma ladeira). Iríamos pelo quintal, pois já ninguém mais enfrentava a correnteza da frente.

66 — Pela madrugada, a chuva cessou e as águas começaram a descer. Foi um trabalho para limpar a casa, o quintal e o jardim.

Bodas de Ouro

Em 1872 foi nomeado Inspetor da Alfândega de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina, o cidadão rio grandense do sul Peregrino Servita de S. Thiago, desposado com D. Maria Augusta de S. Thiago, de estirpe catarinense. Entre os filhos do casal, contavam-se os nossos confrades Dr. Polydoro Olavo de S. Thiago que foi o fundador da Assistência aos Necessitados, ainda hoje existente na Federação Espírita Brasileira e o Professor Joaquim Antônio de S. Thiago, um dos fundadores do Centro Espírita «Caridade de Jesus», da referida cidade de São Francisco, que encontrou na médium paranaense. D. Maria Amélia de Miranda e Silva e em seu espôso Antônio Simplício da Silva, bem como no benquisto médico de Paranaguá, Dr. Leocádio Corrêa, já então desencarnado, os grandes propugnadores daquela idéia da fundação de um núcleo de trabalhadores espíritas, sendo que o Dr. Leocádio como guia espiritual do «Caridade de Jesus», desde a sua fundação até hoje.

Alguns anos antes, em 1868, fixara residência na mesma cidade catarinense o snr. Vicente Porfirio de Almeida, casado com D. Luiza Francisca de Campos e Almeida, ambos naturais do Rio de Janeiro e progenitores da nossa confreira professora D. Clara Almeida de S. Thiago que em 1881 contraiu núpcias com o professor Joaquim S. Thiago, ambos dedicados ao magistério em São Francisco. Dêsse matrimônio descendem os nossos confrades: D. Maria Augusta de S. Thiago Borges, presidente do aludido Centro «Caridade de Jesus»; Vicente Olavo de S. Thiago e Alvaro S. Thiago, já desencarnados; professores Arnaldo Claro de S. Thiago e Marcilio Dias de S. Thiago, Anita Juliani de S. Thiago Ferrari e Maria Madalena de S. Thiago da Costa Pereira, todos naturais da mencionada cidade catarinense e propugnadores do Espiritismo.

Dentre êsses confrades destacamos, nestas colunas, o professor Arnaldo Claro de S. Thiago e sua espôsa, D. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago, que em data de 5 de setembro festejaram suas bôdas de ouro. D. Maria Eugênia é filha do Coronel José Antônio de Oliveira e de D. Emília Nóbrega de Oliveira, de estirpe francisquense e progenitores de numerosa e ilustre estirpe, da qual é caçula a nossa aludida confreira.

São filhos do casal os nossos confrades: Dr. Polydoro Ernani de S. Thiago, clínico em Florianópolis; D. Carmen de

S. Thiago Fernandes, casada com o nosso confrade Randolfo Fernandes, funcionário da Companhia Costeira, em Florianópolis; Ernesto S. Thiago, do comércio catarinense; Tenente Coronel Arnaldo Claro de S. Thiago Filho, engenheiro e gerente geral de vendas da Companhia Siderúrgica Nacional; Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago, licenciado em Química e professor no Rio de Janeiro, onde é clinico homeopata e presidente do Centro Espírita «Bezerra de Menezes do Andaraí»; Dr. José Antônio de S. Thiago, promotor público em São Francisco do Sul e vice-presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus»; professoras Clara Oliveira de S. Thiago e Emília Oliveira de S. Thiago, a primeira médium e a segunda secretária do Centro Espírita «Bezerra de Menezes»; Major de Engenheiros Joaquim Antonio Oliveira de S. Thiago, classificado na Fábrica de Curitiba; Maria Amelia de S. Thiago, desencarnada; Maria de Jesus S. Thiago da Costa Pereira, casada com o nosso confrade Engenheiro Paulo da Costa Pereira, de Volta Redonda, onde ocupa o cargo de secretário do Centro Espírita «Amantes da Verdade» e Ângela S. Thiago da Fonseca, casada com o engenheiro da Companhia Siderúrgica Nacional, Francisco César Linhares da Fonseca.

Contando com 59 netos, dentre os quais os nossos confrades Capitão Paulo de S. Thiago Fernandes, da Escola Técnica do Exército, Randolfo S. Thiago Fernandes, médico em Volta Redonda e Luiz Carlos de S. Thiago, doutorando de Medicina e com três bisnetos, os nossos confrades sentem-se venturosos em poder reunir, na data em que completam 50 anos de uma vida laboriosa, dedicada à prática do Espiritismo e à educação da próle, tôda essa numerosa descendência, na capital do país, onde residem desde 1938, para renderem graças ao Supremo Arquitéto do Universo, que lhes permitiu, na terra da provação, que ainda é o nosso planêta, cumprir essa tarefa tão grata aos corações verdadeiramente crentes em Deus e dispostos ao bem da humanidade, que é a de encaminhar espíritos pelos caminhos que nos foram abertos por Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROBERT HARE – Pioneiro do Espiritismo Científico

Neste ano ocorre o primeiro centenário do desencarne de R. Hare, ilustre cientista norte-americano (1781-1858) que a princípio, como muitos, combateu os fatos espíritas, porém, após pesquisa em laboratório, convenceu-se da sua realidade, divulgando-a. (1)

Desde jovem, mostrou inclinação para a Química e a Física, ciências que tomariam grande desenvolvimento no século 19. De 1818 a 1858 lecionou Química na Escola Médica da Universidade de Pensilvânia, onde era também conferencista e pesquisador. Deve-se a êle a invenção do maçarico oxídrico, de grande aplicação industrial para soldas e fusão de metais dificilmente fusíveis como o ouro, a platina, etc. e a construção do primeiro forno elétrico. (2)

São muito escassas as notícias bibliográficas da atuação de Hare como espírita. Sabe-se porém que em 1853, êle se dedicou ao estudo dos fenômenos espíritas com médiuns americanos. Após os famosos acontecimentos espíritas de Hydesville, em 1848, com a família Fox, muitos intelectuais dos Estados Unidos procuraram investigar a nova ordem dos fenômenos, entre êles, estando o juiz Edmonds e Hare. Êste, porém, como cientista, construiu alguns instrumentos para a investigação psíquica, para demonstrar, por exemplo, o aumento de pêso de alguns quilos realizado pela imposição das mãos de um médium, sem tocar no aparelho. Crookes, mais tarde, comprovou as suas experiências em Londres (1872). Os resultados dos trabalhos de Hare acham-se no seu livro: «Investigações experimentais das manifestações espíritas para a demonstração da existência dos espíritos e sua comunicação com os mortais», 1856, Pensilvânia. (3)

Como Crookes, apresentou êle os resultados das observações dos fatos espíritas às Associações Científicas da época, porém não lhe deram crédito.

Cremos que Hare deve ser considerado o pioneiro das pesquisas espíritas com uso de instrumentos, em lugar de Crookes, o famoso físico-químico inglês, que sòmente a partir de 1871 iniciou os trabalhos mediúnicos, de enorme repercussão mundial. O dr. A. Lobo Vilela considera a obra de Hare, como «o primeiro documento notável de investigação científica» (4), no setor espírita-metapsíquico.

Na alvorada do segundo século de práticas espíritas e ante o desenvolvimento em ritmo crescente que tomam as pesquisas de Física Nuclear, de Biologia e de outras ciências, é preciso que os metapsiquistas e os espíritas estudiosos lembrem-se do tempo dos Hare e dos Crookes, e dediquem parte de seu tempo às experimentações mediúnicas, não em sessões comuns, mas em laboratórios com instrumentos modernos de contrôle e estudo. É bem possível que em futuro próximo, os cientistas cheguem às verdades espíritas, por caminhos totalmente diferentes a que chegaram os cientistas espíritas, e abram novos campos de pesquisas cuja grandiosidade não podemos siquer imaginar.

Cícero Pimentel

S. André, 1/7/1958.

Fontes consultadas:

1) P. Granja — Afinal quem somos, 5.º ed. S. P.
2) Endeavour n.º 66 (1958), Londres.
3) P. Gibier — O Espiritismo — cap. III -- 2.º ed. FEB.
4) A. L. Vilela — Hipóteses metapsíquica, p. 20, Porto.

A Origem da Vida e a Reencarnação e a Genética

Acima os titulos do VI e do VII Capitulo (último) de TEORIA CORPUSCULAR DO ESPÍRITO, livro que o ilustrado confrade engenheiro Hernani Guimarães Andrade (Rua Dr. Diogo de Faria, 239, S. Paulo) está editando, dos quais publico hoje o respectivo extrato.

A Origem da Vida

Na formação da molécula, intervém a *afinidade medida* pelas valências. Na constituição dos sêres vivos opera a *organização*, visando uma perfeita colaboração funcional entre os componentes moleculares. Até à molécula, as leis em vigor não definiam senão fôrças cegas. Daí por diante, surge um novo aglutinador, a inteligência, com livre arbítrio e poder de organizar, contrariando o milenar 2.º Princípio da Termodinâmica e guindando a matéria até os mais elevados estágios biológicos, onde o ser vivo consegue manifestar a razão e o conhecimento do Cosmo.

Deve ser, a «molécula viva», o ponto de partida da vida.

Uma vez «encarnado», o rudimentaríssimo átomo espiritual inicia a série de ensaios que levará aquela união elementaríssima, matéria e espírito, de queda em queda, de sucesso em sucesso, a adquirir uma experiência crescente, até aprender associar-se com outras moléculas vivas para sobreviver aos embates do meio. Aquela molécula, vivificada pelo espírito compatível com sua estrutura sumária, deixará de ser apenas matéria, para tornar-se um ser vivo começante, o início talvez de um esplendor futuro.

Nas grandes moléculas básicas da estrutura celular, notam-se atividades e comportamento que as situam como sêres vivos.

São os primeiros albores da vida que desponta vaga e imprecisa, porém, ativa e determinada, como a pressentir seu futuro de lutas e conquistas.

Descrevendo o comportamento da *heterocromantina* e da *eucromantina*, substâncias ricas em ácidos nucléicos e diretamente interessadas, respectivamente, no metabolismo e na hereditariedade celular, Maurice Rose assim as descreve, em sua obra «Les Caractères des Organismes Vivants»:

> «Essas nucleoproteínas são a séde de reações contínuas e rápidas, como o tem demonstrado a circulação dos átomos radioativos (turn over) incorporados em sua molécula. Libertam fragmentos mais ou menos grandes, ràpidamente renovados, que entram na composição de catalisadores muito ativos, de fermentos respiratórios, de co-

enzimas, de vitaminas, etc, e tornam-se agentes fisiológicos muito polivalentes e muito potentes.

Intervêm nas reações em cadeia seja de síntese, seja de demolição. São de qualquer sorte moléculas vivas fundamentais.»

Sim, alí estão verdadeiras moléculas vivas, ou melhor, «colônias de biomoléculas», exercendo suas atividades típicas em um gráu superior ao de outras moléculas menos complexas ou, para usar um termo próprio, menos espiritualizadas.

Nessa fase preliminar, as ações se misturam de maneira flagrante. Em cada comportamento da matéria poderá achar-se o embrião de uma futura função biológica. Em cada reação da inteligência infinitesimal que ali se alojou, poderá vislumbrar-se o comportamento estrutural do futuro ser organizado. A autocatálise da substância molecular propiciará os primeiros rudimentos da lição que irá ensinar à vida as regras da reprodução, as leis da hereditariedade e os mistérios do amor sexual. E a vida, mais tarde, dominará a matéria, usando-a nas formas superiores, para sublimar-se na estética da arte, no êxtase religioso, ou na divina abnegação do amor materno.

Para a «molécula viva», pedra angular da vida, é que devemos voltar a nossa atenção se quisermos compreender o que seja a vida. Precisamos estudá-la, não exclusivamente em sua composição química, mas sobretudo na sua influência provável sôbre o hiperespaço, deformando-o e criando ali um campo capaz de polarizar e fixar os «elementos-espírito.»

A Reencarnação e a Genética

Auxiliou-nos muito nesse campo a «*Drosophila melanogaster*», mais conhecida como «*mósca do vinagre*», cujos cromossomos são suficientemente grandes para permitir que se distingam, ao microscópio eletrônico, alguns detalhes de sua estrutura.

Admita-se, atualmente, que os caracteres apresentados por um ser vivo são herdados de seus progenitores através das células reprodutoras. Os elementos portadores dos fatores hereditários são os *cromossomos*, e êsses fatores são constituidos pelos *gens*.

Vários citologistas admitem que os cromossomos em sua maior parte seriam formados de inúmeros filamentos quase transparentes, ou *cromonemas*, sôbre os quais a cromatina estaria depositada em forma de grânulos chamados *cromomeras*. Todavia, não devemos identificar êsses cromomeras com os gens. Os gens seriam muitissimo menores; talvez, no futuro seja atribuida ao gen uma existência apenas virtual.

Os resultados das mais recentes experiências levam a concluir que o cromonema é constituido por filamentos espiralados, muito numerosos, enroscados uns nos outros. Sua composição física revelaria uma ordem decrescente de grossura microscópica, submicroscópica, amicroscópica e, finalmente, molecular. Teríamos, normalmente, uma estrutura espiralada, em tôdas as escalas acima.

As moléculas iniciais da escala enunciada seriam nucleoproteinas. Estas, por sua vez, se comporiam de uma dupla espiral de ácidos nucléicos, fixada aos lados de uma cadeia polipeptídica de histonas ou de protaminas.

Os filamentos espiralados acham-se embebidos em uma «solução mater» que os banha e onde se encontram as substâncias indispensáveis à sua formação, tais como os ácidos aminados, as bases orgânicas, os açúcares, os fosfatos, etc. Servindo de molde, os filamentos moleculares são capazes de organizar êsse licor, como os cristais dentro de uma solução mãe, orientando as moléculas em solução e organizando-as segundo a sua própria estrutura molecular.

Processa-se uma verdadeira auto-duplicação, em que as estruturas fundamentais moleculares funcionam como matrizes capazes de produzir réplicas exatas de si mesmas. A perenidade das características estruturais e mesmo da composição química, obtida por êsse processo, asseguraria a transmissão dos caracteres hereditários.

A palavra «gen» significa, por conseguinte, a molécula ou o conjunto de moléculas que possuem, em potencial, a capacidade de transmitir, pelo mecanismo descrito anteriormente, os diferentes caracteres morfológicos e constitucionais de um sêr vivo.

O número de cromossomos das células de um organismo vivo é, pràticamente, constante para cada espécie, podendo, todavia, assinalarem-se algumas exceções. A «Drosophila melanogaster», por exemplo, possui quatro pares, isto é, oito cromossomos ao todo. O homem possui 46 (quarenta e seis) cromossomos. A primeira contagem foi realizada por Winewater (1912) que assinalou 48 (quarenta e oito). No primeiro Congresso Internacional de Genética Humana, reunido em Copenhague (1956) Tjio e Levan, Ford e Hamerton, comunicaram o resultado de suas pesquisas e declararam como sendo 46 (quarenta e seis) o número real de cromossomos das células humanas. É possível que se dê uma variação nêsse número entre um ou outro sêr humano. Porém, ao que parece, o número certo é 46 mesmo.

Partindo das «biomoléculas» que compõem as cadeias polipeptídicas e as dos ácidos nucléicos, podemos seguir os reagrupamentos sucessivos até o sêr adulto, onde os caracteres se manifestam plenamente com a diferenciação comandada pelos corpúsculos fundamentais do núcleo celular. O mecanismo da diferenciação celular é uma maravilha; verdadeiro enigma cuja decifração os cientistas se empenham àrduamente em obter. Como se explica o fato de a célula ôvo inicial atingir, no fim de algum tempo, a complicadíssima trama estrutural do sêr adulto? O fenômeno consiste em duplicações sucessivas por mitose. No entanto, cada órgão, cada sistema, vai se esboçando, como que modelado por mãos misteriosas e muito hábeis. Tudo se passa como se operários invisíveis fôssem colocando os tijolos, as guarnições, as esquadrias, pintando e acabando primorosamente um edifício.

A Teoria Corpuscular do Espírito, combinada com a lei da reencarnação, sugere um esquema explicativo do mecanismo da diferenciação celular, em perfeita harmonia com as leis da genética.

De acôrdo com os princípios já enunciados, o espírito deve possuir uma estrutura espaço-tempo em concordância com a trama de eventos que se desenrola desde o ôvo até o sêr adulto. Nêsse «continuum tetradimensional», 4 dimensões, estão compreendidas as texturas moleculares assim como as intrincadíssimas associações celulares componentes do soma físico, compreendidas em tôdas as fases de sua evolução ontogenética.

A regularidade e a especificidade de todos os componentes, tanto do espírito desde a sua extremidade inicial, como das substâncias que compõem o tecido do ôvo, criam zonas típicas pontilhadas de fulcros biomagnéticos que agem seletivamente sôbre as «formações compostas», permitindo apenas o encaixe das formações cuja estruturação fundamental esteja rigorosamente de acôrdo com a disposição da espécie viva a que pertence. Assim, o número exato dos cromossomos com seus respectivos gens, e êstes com as suas cadeias típicas de proteínas e de ácidos nucléicos, só permitirão o encaixe perfeito da «formação composta» que, desde a sua extremidade inicial, possua os «elementos-espírito» com as características biomagnéticas e disposição dos mesmos de acôrdo com o ôvo em desenvolvimento.

A reencarnação se processa, então, como fenômeno necessário e imprescindível, pois sòmente a «formação espiritual» que galgou adequada morfologia, em concorrência com a estruturação fundamental das células do sêr vivo de determinada espécie, é que poderá animar perfeitamente tôdas as suas partes, desde as biomoléculas até os órgãos reunidos em um todo único.

A reencarnação é um profundo processo de interligação das partes fundamentais da formação espiritual com as moléculas que estruturam os componentes mais íntimos do soma físico que nasce e cresce. Nêsse fenômeno, intervém lado a lado as leis da genética e do espírito, na mais perfeita harmonia, um complementando o outro.

Aleixo Victor Magaldi

V. Redonda

Pretendeu-se, dez anos depois, que W. Crookes se retratara. Ora, a essa maldosa insinuação, êle próprio respondeu no discurso que proferiu por ocasião da abertura do Congresso de Bristol, como presidente da Associação Britânica para o adiantamento das ciências. Referindo-se aos extraordinários fenômenos que já descrevera, acrescentou então: «Nada vejo de que me deva retratar. Mantenho minhas declarações já publicadas. Poderia mesmo adiantar-lhes muita coisa».

E a Louca ficou Curada

Aniversariou, no Rio de Janeiro, a 15 de agôsto último, o ilustre médico mineiro Dr. Levindo Mello, espírita muito conhecido e estimado, que vem prestando ao Espiritismo assinalados serviços, quer na imprensa local, onde milita há muitos anos, quer na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, por êle idealizada e fundada com um pugilo de ardorosos colegas e confrades.

No ensejo de sua data natalícia, recordamos nesta Revista o caso que deu em sua conversão à nôssa Doutrina e que servirá de estímulo para os médicos espíritas espalhados por todo êste grande Brasil.

Ei-lo :

Os psiquiatras e médicos que examinaram a paciente diagnosticaram : esquizofrenia. Havia quatro meses que ela se encontrava em estado de louca. A insania não evoluira lentamente ; surgira de repente, com violência, de forma inexplicável. Não havia taras psicopáticas nos ancestrais ; não houve emoções conturbadoras ; não houvera o vício da embriaguez. Psiquiatras e médicos já haviam esgotado todos os recursos terapêuticos, quando um vizinho e amigo, o sr. Olyntho Gonçalves de Mello, condoído da situação, quís cooperar e levou seu irmão, o Dr. Levindo Mello, para examinar a doente. Eis o que se passava em 1925, em Belo Horizonte, quando o dr. Mello ainda não havia tomado contato com o Espiritismo. A paciente recusou-se a deixar que a examinasse, e fê-lo de forma quase agressiva. Para o conseguir, resolveu aplicar-lhe cinco miligramas de heroina, por via hipodérmica — «Tolice!» — exclamou a alienada. «Não vê que isto para mim nada vale ?!» — acrescentou. E o médico esperou durante uma hora pela ação entorpecente do violento opiáceo.

Nada ! Confirmara-se a previsão da esquizofrênica. O médico ficou desapontado com o insucesso da medicação heróica, mas voltou diàriamente a visitar a alienada lançando mão de vários recursos terapêuticos, sem no entanto obter qualquer resultado positivo. Desesperada, a família da doente, que era muito católica, resolveu afinal ceder à insistência de pessoas amigas, que aconselhavam a recorrer ao tratamento espírita uma vez que baldados tinham sido os recursos à Psiquiatria e à Medicina acadêmicas. Convidou-se uma médium a visitar a paciente. Tratava-se duma velhinha fraca, ignorante, porém muito bondosa, de elevada moral cristã. A velhinha compareceu ao lar da rua Juiz de Fora, entrou no quarto da doente, onde já se encontravam pessoas da família e da vizinhança, pediu silêncio, invocou os nomes de Deus, de Jesus e de seu guia espiritual e pôs-se a fazer preces. Inopinadamente, começou a falar a esquizofrênica, não como mulher, mas como homem : «Sou . . . faleci à rua . . . n º . . . os meus residem lá ; estou cansado de esperar por êste momento ; peço que procurem minha família, lhe dêem minhas notícias, e que façam tudo que desejo, pois assim me afastarei desta louca e ela estará curada». Fêz alguns pedidos, que foram de imediato atendidos pelos presentes ; e outros, que ficaram de ser encaminhados à sua família. Quinze minutos depois estava completamente curada a esquizofrênica ! A família do falecido foi procurada e encontrada no endereço que êle dera, não tardando pois a lhe serem transmitidas as solicitações que fizera. Em face do relato do caso. e do teor dos pedidos formulados, convenceu se a família de que só poderiam ter partido do espírito de seu chefe, falecido havia algum tempo. A cura, em 15 minutos, por uma velhinha ignorante, apenas à custa de prece, em confronto com a batalha de 172.800 minutos (quatro meses) de psiquiatras e médicos, equipados de todos os recursos terapêuticos modernos, deixou verdadeiramente estupefatos a família, a vizinhança e o último médico assistente — o Dr. Mello. Foi assim que o Dr. Levindo Mello há 33 anos passados se tornou espírita. Até 1925, era agnóstico ; de 1926 a 1940, investigou a fenomenologia paranormal, que cada vez mais o convencia, ao invés de desiludi lo, pela eloquência dos fatos, ante a severidade da pesquisa : nesse interregno, fundou o Hospital Espírita Pedro de Alcântara, para tratamento de obsedados por espíritos, que posteriormente veio a ter um grande animador na pessoa do saudoso Agostinho Pereira de Souza, criador de «O Camizeiro», tradicional estabelecimento comercial carioca; em 1941 fundou a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, em companhia de Milton de Andrade e Telêmaco Gonçalves Maia (êsse, hoje, brigadeiro-médico da Fôrça Aérea Brasileira); e hoje é diretor do departamento de Difusão Cultural da mesma Sociedade e um de seus presidentes de honra.

A NOBREZA É ESTA

ARNALDO. Dizia Ruy Barbosa a meu pai que não responder a uma carta era falta de polimento e que êle jamais deixara sem resposta as que lhe mandavam. Perguntou-lhe o meu velho como poderia êle satisfazer a sua correspondência, êle tão cheio de ocupações e preocupações. E o Ruy lhe disse : — Só os que não têm o que fazer é que não arranjam tempo para nada.

Diante disto não me posso furtar ao prazer de dirigir-lhe estas linhas, em resposta à sua gentil missiva de setembro, nesta revista.

Deixe que saliente três pontos nela contidos :

1 — O de haver eu anotado no escrito do amigo um êrro de colocação de pronomes.

2 — O de haver declarado nas entrelinhas que o amigo não tem nobreza.

3 — As poucas letras de que se acusa.

Quanto ao 1.º, não me lembro de haver anotado qualquer êrro. Nem é meu feitio passar do campo doutrinário às questões pessoais, sobretudo as que possam melindrar.

Ao tempo em que eu tinha ócios, andava catando nos bons escritores os êrros de colocação de pronomes, aos quais acrescentava os apontados por gramáticos e filólogos, como a dizer-nos que — *quandoque bonus dormitat Homerus.* Consegui assim uma coleção de que me tornei mais orgulhoso que um filatelista. Pretendia armar-me para responder a qualquer adversário que lobrigasse um êrro semelhante em meus escritos, certo como estou e estava de que é muito difícil, ao indivíduo, ocupado com a idéia, evitar todo e qualquer deslise gramatical.

Se, portanto, caí em semelhante balda, para penitenciar-me, ofereço ao caro amigo o meu pujante fichário para que me demonstre a mim o mesmo que eu pretendia demonstrar aos outros.

2 — Quando falei em nobreza, queria aproveitar o título. Bem sei que às vezes o *homem desce da nobreza*, conforme uma cantiga que andou por aí :

«Todos dizem que a mulher é parte fraca...
. . . .
«Mas o homem com tôda a fortaleza
«Desce da nobreza
«E faz o que ela quer».

Não é bem o nosso caso. Já não estamos na idade destas descidas, e quando muito ficamos fazendo o que querem os netos. Isto, por certo, muito rejubilaria Vitor Hugo, para quem o cuidado com essa arraia miuda era um bom sintôma de nobreza d'alma.

3 — Resta o terceiro, que são as poucas letras do amigo. Mas estou eu aquí para testemunhar o contrário, desde que tenho recorrido às suas luzes quanto ao italiano clássico, embaraçado, por vêzes, nas *infernais* imagens de Dante.

Perguntar-me-ão depois disto, o que terá o Espiritismo que ver com essa nossa tertulia... epistolar.

Tem e muito, dado o exemplo de tolerância e humildade que o amigo acaba de apresentar, e nós vivemos mais pelo exemplo do que pelas tiradas literárias.

Declarou me certa vez um espírito amigo que a entrada no Espaço de um ser humilde era um verdadeiro deslumbramento.

Todos já devem ter visto em certas festas, mòrmente as de carnaval, indivíduos cheios de empáfia, nas suas vestimentas de rei, príncipe, rajá ou outro magnata qualquer; quem os notar em sua arrogância *real,* dentro das fictícias vestes, sentirá impulsos de rir, o a que nos leva sempre uma desmedida tolice.

É como são lá em cima encarados os que entrajam como pimpões da Terra e impam de orgulho com as posições, o poderio, com as homenagens que lhes prestam, as glórias de que os cumulam, os favores que lhes dispensam.

E tudo isso é tão efêmero e risível na Eternidade, como a realeza de uma noite, que apresentam as figuras carnavalescas.

E o Espírito nos dizia que estamos longe de perceber, ao inverso inteiramente daqueles, como são recebidos no Além os que viveram e morreram humildemente, dessa humildade do coração, onde o indivíduo se esquece de si para lembrar-se dos outros. E então lhes chovem sôbre as frontes as flores divinas, reboam por tôda a parte os aplausos celestiais, e lhes cabe a verdadeira coroa de herói, a dos que venceram, não os semelhantes, mas as próprias paixões no torvelhinho das ambições terrenas.

Passado algum tempo, abrindo o Evangelho Segundo o Espiritismo, li que as principais recomendações do Cristo eram a caridade e a humildade.

* * *

Bem haja, pois, ao confrade amigo Arnaldo S. Tiago, pela sua carta, que tanto nos comoveu, a mim e ao Mário, o qual me passou procuração para dizer de sua estima e reconhecimento.

Pois é, amigo, das almas grandes a nobreza é esta.

Carlos Imbassahy

Além da morte há vida

De «Seleções»

A observação de experiências de homens e mulheres indicam a verdade das promessas das Sagradas Escrituras

REV. NORMAM VINCENT PEALE.

NO dia em que recebi a notícia da morte de minha mãe fui à minha igreja, em Nova York, e fiquei lá sentado. Queria sentir a presença de mamãe. Ela sempre me dissera:

— Sempre que você estiver nesta igreja eu estarei com você.

Depois fui para meu gabinete. Havia sôbre a mesa uma Bíblia velha e manuseada, que sempre levo comigo para tôda a parte. Naquele dia, num desejo instintivo de consôlo, coloquei a mão sôbre ela. Ali parado, com o olhar perdido na direção da Quinta Avenida, senti de súbito, distintamente, duas mãos em concha, macias como um edredão, pousando muito de leve na minha cabeça. Foi uma sensação de alegria indefinível. Eu sempre tive um espírito curioso e, mesmo naquela ocasião, tentei considerar objetivamente a experiência. Raciocinei que aquilo devia ser uma alucinação devida à mágoa, mas não conseguia acreditar em mim mesmo. Daquele momento em diante nunca mais duvidei de que minha mãe estava espiritualmente viva. Eu sei que ela vive e que viverá para sempre.

Não tenho a menor dúvida sôbre a verdade e a validez da imortalidade. Acredito incondicionalmente e com absoluta segurança que, quando a pessoa morre encontra aquêles que amou, que os reconhece e se reúne a êles para nunca mais se separarem. Acredito que a identidade da pessoa permanece na esfera mais ampla da vida, na qual não haverá sofrimento nem tristeza no sentido físico assim como as conhecemos aqui. Espero também que haja luta, pois a luta é boa. Com certeza haverá também um desenvolvimento contínuo, pois a vida sem esfôrço de aperfeiçoamento do espírito será incrivelmente monótona.

Há muitos anos li uma declaração de um cientista, que dizia dogmàticamente: «Quando chega a morte, a vida do homem é apagada com um sôpro, como a chama de uma vela.»

Êle foi ouvido com algum respeito porque a ciência materialista ainda estava em moda. Mas hoje seria simplesmente convidado a provar sua declaração. Como é que êle sabe? A verdade é que êle não sabe nem pode provar o que diz.

Não acreditamos na imortalidade porque possamos prová-la, mas procuramos prová-la porque não podemos deixar de *acreditar* nela. Com efeito, a sensação instintiva de que é verdade constitui uma das provas mais profundas de sua verdade.

Quando Deus quer fazer

crer alguma coisa aos homens, planta a idéia nos seus instintos. O anseio de imortalidade é tão universal que dificilmente pode ser recebido com indiferença pelo universo. Aquilo a que aspiramos profundamente, aquilo que sentimos profundamente deve sem dúvida refletir um elemento básico da existência humana.

Grandes verdades como esta não podem ser acreditadas em virtude de provas e demonstrações, e sim pela fé e a intuição é um fator importante na percepção científica da verdade. Como acentuou Bergson, os cientistas muitas vêzes chegam ao fim do conhecimento verificável e então, por um salto da intuição, atingem a verdade.

A pesquisa científica empresta apôio à nossa intuição e à nossa fé.

A velha concepção materialista do universo está desaparecendo. Sir James Jeans declarou: «Todo o mundo está em vibração». «Einstein disse: «A matéria e a energia são intercambiáveis, são uma e a mesma coisa».

Os sábios, ao que parece, reconhecem que no âmago da vida há qualquer coisa espiritual profunda.

Conversei com a Sra. Thomas Edison sôbre os pontos de vista de seu marido em relação à vida depois da morte. O famoso inventor tinha uma profunda crença de que a alma era uma entidade real, que deixava o corpo por ocasião da morte. Quando Edison estava próximo do momento da morte, seu médico notou que êle tentava dizer algo. Curvou-se e ouviu distintamente o moribundo falar:

—«É muito bonito do lado de lá».

A observação da experiência de homens e mulheres que passam para o chamado vale das sombras indica que do outro lado há tanto vida como beleza. A's vêzes, naturalmente, há dor na doença, e o caminho de um sêr humano para a morte física pode ser um caminho difícil. Mas no momento da morte conforme as palavras de um médico ilustre, «uma grande onda de paz parece descer sôbre a pessoa».

Uma enfermeira que viu muita gente morrer disse-me:

Muitos doentes, no momento da morte, manifestavam a impressão de terem visto alguma coisa, e muitas vêzes falavam em luz e música maravilhosas. Alguns diziam ver fisionomias que reconheciam. E muitas vêzes havia nos seus olhos uma expressão de assombro e incredulidade.

Eu mesmo estava com um amigo quando chegou a hora de sua morte. Ao ser envolvido pelas névoas do Além, êle disse de repente, falando ao filho que estava sentado junto da cama:

— «Jim, estou vendo lindos edifícios. Num dêles há uma luz, e a luz é para mim. É muito bonita».

E logo morreu.

O filho me disse:

— Meu pai era um cientista, e no seu trabalho êle nunca anunciou uma coisa que não fosse comprovada. O hábito de muitos anos não podia mudar. Êle estava comunicando o que via.

O Dr. Leslie Weatherhead, de Londres diz que uma vez estava sentado à cabeceira de um homem agonizante, segurando-lhe a mão.

Devo ter-lhe apertado a mão com mais fôrça do que pretendia — comentou o Dr. Wetherhead, pois o doente disse uma coisa estranha:

«Não me puxe para trás... Está tão bonito lá adiante!»

O Dr. Wetherhead também cita o Dr. William Hunter, médico eminente, que disse ao morrer:

—«Se eu tivesse fôrças para segurar uma pena, escreveria como é fácil e agradável morrer».

Ainda não há muito tempo, eu e minha mulher visitávamos a aldeiazinha de Betânia, perto de Jerusalém. Paramos do lado de fora da tumba onde em outros tempos descansou o corpo de Lázaro, no lugar quase exato em que Jesus falou, há quase 20 séculos, à sua família desolada: «Eu sou a ressureição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá: E todo aquêle que vive, e crê em Mim, nunca morrerá.» É difícil para mim recordar, sem emoção profunda, a sensação de certeza absoluta que tive naquele momento, pois compreendi então que aquelas palavras eram absolutamente verdadeiras.

Evidentemente, a resposta de Deus à morte é a vida. Na realidade, a Bíblia prega uma fé baseada na vida e não na morte. Diz-nos que aquilo que parece ser morte só o é na aparência, que o fato real é a vida eterna.

O maior inimigo da verdade não é a mentira e sim, o preconceito. A mentira é o prelúdio da verdade e nada passará em segrêdo sôbre a terra que um dia não seja descoberto.

Crônica Estrangeira

Encontro do Documento Perdido

De «Two Worlds»

Há um fato que constitui prova absoluta de que sendo obtida alguma informação, desconhecida de qualquer pessoa viva na terra e cujo conhecimento não sendo ministrado por qualquer sorte de telepatia subconsciente, só pode ser atribuida a uma entidade espiritual.

Foi Kant que fez o relato, como êle o narrou a Carlotte Knobloch.

«A Snrª. Marteville, viúva de um embaixador dinamarquês em Stocolmo, algum tempo depois da morte de seu marido, foi intimada por Croon, um joalheiro, a pagar uma baixela de prata que seu marido comprara do mesmo.

A viúva estava convencida de que seu falecido marido, muito escrupuloso e metódico, jamais deixaria de saldar um débito, todavia não conseguia encontrar o recibo. Em sua dificuldade, pois a importância era considerável, ela convidou o médium Swedenborg ir à casa dela. Depois de lhe pedir desculpas pelo incômodo, ela disse que se êle, como todo o povo afirmava, possuia o extrardinário dom de conversar com os espíritos dos que partiram, êle poderia perguntar-lhe o que de verdade havia sôbre a baixela de prata.

Swedenborg prometeu fazer o possível. Três dias depois, a viúva tinha em sua casa diversas pessoas para o café.

Swedenborg apresentou-se e com suas maneiras calmas, informou-a ter conversado com seu marido. A dívida fôra paga sete mêses antes de seu falecimento e o recibo se encontrava na escrivaninha, na sala do andar superior.

O Compartimento Oculto

A senhora replicou que a escrivaninha fôra revistada em tôdas as suas dependências e que o recibo não fôra encontrado entre os papeis que pertenceram ao marido. Swedenborg disse que o falecido lhe afirmara que, retirando a gaveta do lado esquerdo, apareceria uma tabua que, por sua vez retirada, revelaria um compartimento secreto, contendo sua correspondência privada e também o recibo.

Ouvindo isso, todos os presentes acompanharam a senhora ao escritório do andar superior. A escrivaninha foi aberta; procederam de acôrdo com a instrução, foi encontrado o esconderijo, de cuja existência ninguém suspeitava e, para assombro de todos, os papeis lá foram encontrados, tudo conforme com a revelação».

Isto estabelece claramente que semelhante informação fôra recebida da única pessoa conhecedora do segrêdo, e que ingressara no Além.

Ainda mais, cumpre notar que em semelhantes cásos Swedenborg afirmava que êle via e falava a essas pessoas e provava que assim acontecia. Êle não descrevia suas experiências como fenômenos miraculosos, colorindo vivamente as aparições e as palavras ouvidas do espírito, como outros usualmente o fazem. Isto era devido a terem sido suas experiências tão naturais de modo a não maravilhar e impressionar seus semelhantes. Êle simplesmente relatava os acontecimentos.

Fenômeno Premonitório

De «Estudos Psíquicos»

O sr. J. P. J. Chapman escreveu um artigo no *Fate Magasine*, de Junho de 1955, intitulado «Vi o Pastor morrer 24 horas antes» e que passamos a resumir.

Trata-se de uma experiência de desdobramento. O autor encontrava-se em Somerset, uma aldeia de Greenham, próximo da cidade de Wellington. As ruas eram estreitas, sem luz elétrica, e os meios de comunicação limitavam-se à estação de correios.

A cidade de Wellington tinha uma placa central, onde ficava a estação, e próximo via-se a Câmara Municipal com um relógio. O pai de Chapman pedira-lhe que fôsse à cidade deitar-lhe uma carta no correio, e êle foi. Olhou para o relógio e viu que eram quase 11 horas. Era sexta-feira. Em frente havia uns armazéns e deixou-se lá ficar a ver os transeuntes. Nesse momento saiu da loja o pastor de Ashbrittle, muito erecto, apesar dos anos, e o relógio começou a dar horas.

Então o cenário tornou-se-lhe confuso, como lagoa de águas límpidas e agitadas, e teve a impressão de ser levado pelo espaço vertiginosamente. «Quando tudo se tornou nìtido, — conta o sr. Chapman — encontrava-me no quarto do padre. Êste estava na cama e eu tinha a certeza de que êle morrera. Sabia também que era segunda e não sexta-feira, embora qualquer coisa me argumentasse: «Com certeza que não é segunda, é sexta». A cena mudou novamente e eu sabia que era quarta-feira, embora o mesmo argumento persistisse. O pastor estava no caixão, que eu acompanhei à igreja, onde fizeram as exéquias. Por último, vi o caixão baixar à terra. Durante a cerimônia vi muita gente conhecida. Meu pai falou com várias pessoas. No fim, o cocheiro de meu pai trouxe a *charrette* para o levar a casa e êste exclamou: «Deixa-me guiar; isto ajuda-me a distrair».

Depois, acrescenta o articulista: «Tôda a cena se turvou. Pareceu-me correr outra vez no espaço e tudo se normalizar. Eu estava de pé ao lado da bicicleta. O velho pastor pouco se afastara e ouvi as horas. Contei as últimas badaladas. Oito ao todo. Eram 11 horas. Tudo se desenrolara entre duas badaladas. Mais tarde, ao pensar no caso, notei que vivera grande parte do dia num simples segundo.

«Isto não me espantou, porque já fizera experiências semelhantes. Mas sabia que o pastor não teria mais de 48 horas de vida. Contei tudo a meu pai e pedi-lhe que o fixasse bem. Não lhe falei nas conversas que êle teria. Escrevi-as num papel, para que as pudesse ler mais tarde. Meu pai não respondeu grande coisa. Limitou-se a dizer: «Veremos». E não se falou mais no assunto.

«Na segunda-feira seguinte soubemos que o pastor tinha morrido e que o entêrro seria quarta-feira. Meu pai foi na *charrette* conduzida, pelo cocheiro, a quem dei as minhas notas, pedindo-lhe que as entregasse a meu pai depois das cerimônias. Quando meu pai regressou a casa estava visìvelmente abatido. Disse-me então:

— Ouve cá; tudo aconteceu como disseste, até as conversas que tive. Mas o que me causou maior impressão foi a tua nota.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Declaração de Utilidade Pública

DECRETO N.° 141.

Declara de utilidade pública a Associação Espírita Santo Agostinho, da cidade de Passos.

O Prefeito Municipal de Passos, usando de suas atribuições e tendo em vista o disposto na Lei Federal n.° 91, de 28 de Agosto de 1.935, bem como a Lei Municipal n.° 300, de 19 de Novembro de 1.957, da Camara Municipal de Passos.

RESOLVE:

declarar de utilidade pública municipal a «Associação Espírita Santo Agostinho», sociedade civil, sediada nesta cidade de Passos, Estado de Minas Gerais.

Publique-se, registre-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de Passos, 21 de Agosto de 1.958.

(a) *Dr. José Mendes* — Prefeito Municipal.

(a) *Leonaldo Alves Costa* — Secretário.

Registrado no livro próprio. Data supra. — (a) *L. A. C.* — Secretário.

(Publicado no jornal «O SUDOESTE», de 7 de Setembro de 1.958).

O decreto acima é de alta significação para os espíritas mineiros, que se devem sentir honrados com o gesto simpático do dr. José Mendes, prefeito de Passos, Estado de Minas Gerais.

Com efeito, a tradicional cidade de Passos, justamente considerada, pelo seu profundo catolicismo, como a Roma brasileira, deu o sinal de avançar nas conquistas sociais do Espiritismo no Brasil.

Talvez seja essa a primeira sociedade espírita a ser reconhecida como órgão de utilidade pública pelos grandes serviços que em geral as organizações espíritas vêm prestando em tôda a parte em benefício da coletividade.

O Espiritismo, começa, assim, a firmar os seus foros de cidade.

Parabens aos nossos confrades de Passos, a bonançosa e bela cidade mineira.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data : Cr. $ 349.316,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Realizações Espíritas em Marilia

Espiritismo não é só fazer sessões

(Texto de Lauro Vargas)

Observando o movimento grandioso de estreitamento e comunhão fraternal que as entidades espíritas vêm realizando, não podemos deixar de noticiar aos nossos leitores o andamento dessas realizações cristãs, cuja propaganda tão benéfica e tão construtiva, vem se tornando o ensejo para a implantação da Boa Nova.

O Espiritismo que se irradia dêste Brasil é realmente aquêle que procura aproximar o homem do homem, fugindo quase que totalmente ao praticado em outras nações, onde se cuida mais do sistema do que exatamente da prática da Codificação. E compreendendo assim, o Espiritismo de aproximação e entendimentos, é que os espíritas de tôdas as regiões do país se esforçam para bem imitar a Paulo de Tarso.

É um exemplo a seguir êsse dos movimentos das chamadas *Semanas Espíritas*, tão magnificamente realizadas pelas Uniões Municipais Espíritas ou então lideradas por agrupamentos que se dedicam com entusiasmo a essa prática.

Recentemente, ou seja, no período de 13 a 20 de julho último, na cidade de Marília e outras localidades da Alta Paulista, foi realizado um grande movimento que tomou a denominação de IV Semana Regional Espírita e VI Semana Espírita de Marília e à cuja participação foram congregados caravaneiros de inúmeras cidades do Brasil, inclusive do Paraná, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O programa obedeceu a orientação da União Municipal Espírita e uma das partes principais dessa confraternização foi a das festividades que assinalaram o 10.° aniversário de atividades do Hospital Espírita de Marília, tomando parte ativa nessa realização os próprios elementos daquele nosocômio, sendo oferecido aos confrades presentes lauto almoço.

As conferências tiveram início no próprio dia 13, com abertura nas cidades de Marília e Tupã, seguindo-se diàriamente palestras e reuniões litero-musicais nas cidades de Garça, Vera Cruz, Pompéia, Oswaldo Cruz, Lucelia e Adamantina, orientadas pelos Srs. Levy Merigles, Manuel de Paula Saad e demais membros da Diretoria da União Municipal e Conselho Regional Espírita da 13.ª Região da USE.

Diversos foram os oradores convidados para essas conferências e, se bem que inúmeros, inclusive àqueles a quem era desejo da União apresentá-los ao povo de Marília, deixaram de vir, foi a Semana perfeitamente compensada com a participação dos ilustres confrades Dr. Erminio Vicente, Apolo Oliva Filho, Luiz Maria Netto, Dr. Jonny Doyn, Milton Ferreira, Eulier Ubaldo Guide, Dr. Celso Xavier de Mendonça, Valéria Steagal, Maria Amelia Anhaia Ferraz e Marlene Severino, contando, tôdas as sessões com as participações dos elementos das Mocidades Espíritas, no desempenho de seus trabalhos artísticos, vivamente aplaudidos.

Por ocasião das visitas às instituições espíritas da cidade, no magnífico prédio do Educandário Bezerra de Menezes foi servido um lanche aos caravaneiros, tendo na oportunidade usado da palavra os confrades Lauro Vargas, pela União Municipal Espírita, Higino M. Filho, pela diretoria do Educandário e o Dr. Bady E. Curi, Presidente da União Espírita Mineira. Registrando-se a colaboração do digno Presidente da União Espírita Mineira, foram distribuidos a tôdas as entidades a gravação do Hino ao 1.° Centenário do Livro dos Espíritos, considerando-se ainda, a entusiástica participação do Dr. Bady Elias Curi como companheiros das lides espíritas.

No encerramento foram apresentadas as novas construções espíritas, ou sejam, as entidades cujos trabalhos vem-se realizando magnificamente, ao exemplo do Hospital Espírita, Educandário Bezerra de Menezes que já se encontra em face de acabamento e com o funcionamento dos seus cursos primários e a Mansão Ismael, entidade essa sob a responsabilidade do confrade Eurípedes Soares da Rocha; as construções do Lar Amélie Boudet já se encontram nos respaldos dos alicerces e na ocasião tivemos a felicidade de assistir à noticia de que o Núcleo Espírita Amantes da Pobreza houvera adquirido enorme terreno para a construção da Creche Ignácio de Loyolla Torres. Assim, mais uma empreitada se inicia nas realizações da família espírita de Marilia, provando-se que Espiritismo não é só fazer sessões.

Com as obras de assistência social, incluindo-se as mantidas particularmente pelos próprios Centros, como seja a do Centro Espirita Luz e Verdade, e Luz, Fé e Caridade, calcula-se sem exagero que para mais de 10.000 pessoas tem recebido ajuda da familia espirita Mariliense. Isso atesta e reafirma o que o povo na sua linguagem simples e ingênua define os espiritas como malucos e loucos! Realmente, só os «malucos» espiritas poderão dar provas como as que Marilia oferece. Maluquices em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Semana Espírita

Conforme programa, que recebemos, vai realizar-se de 19 a 26 de Outubro corrente, a 8.ª Semana Espírita de Santo André, organizada e patrocinada pela União Municipal Espírita da mesma cidade.

O programa dessa Semana Espírita é dos mais interessantes, movimentando grandes festividades e atos de alta significação no trabalho de divulgação doutrinária.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 6 de Setembro de 1958

Após a prece inicial, o Presidente do Conselho, à hora regimental, declara abertos os trabalhos do Conselho Federativo Nacional, em sua reunião mensal ordinária, de 6 de Setembro de 1958. Estando presente o Presidente da Federação Espírita Amazonense, o Presidente apresenta-lhe, em nome do Conselho, saudação fraterna. Aprovada a Ata da reunião anterior, foram lidas no expediente: comunicação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo sôbre a renovação de seus poderes e convite da União Municipal Espírita de Taubaté para a VI Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba. Demora-se o Presidente em comentários sôbre fatos do momento espírita, comunicando grande número de pedidos de esclarecimentos e de consultas feitas à FEB, e por esta atendidos, sendo alguns publicados pela imprensa.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão agradece as manifestações amigas do Conselho, por sua eleição para a presidência da USE, informa sôbre os satisfatórios resultados colhidos no VI Congresso Espírita de São Paulo e lembra a Comissão de Propaganda e Unificação, já planejada pelo Conselho, para a qual nomeia o Presidente os Conselheiros Carlos Jordão, Ismael Gomes Braga e Ramiro Gama.

Amazonas — Agradece o Presidente da Federação Espírita Amazonense a fraterna acolhida do Conselho e confessa sua satisfação por participar da reunião. Anuncia o esfôrço cada vez maior da Federação Amazonense pela difusão e orientação do Espiritismo local e apresenta à Família Espírita Carioca as sinceras saudações da Família Espírita do Amazonas.

Estado do Rio de Janeiro — O Conselheiro Coronel Levi Lara discorre sôbre as atividades constantes da Federação que representa, encarecendo o êxito da V Semana Espírita de Niterói.

O Conselheiro Atlas de Castro solicita se consigne na ATA um voto de saudade ao companheiro Carlos Lomba, recém-desencarnado, e, secundado pelo Presidente, estuda a personalidade e o valor do querido trabalhador. Proferida a prece final pelo representante de Sergipe, declara o Presidente encerrados os trabalhos, às dezesseis horas.

Necrologia

Ainda na última edição de «O Clarim», em notícia de Cascatinha, sôbre o Cinquentenário do Espiritismo nessa cidade, estampamos a relação dos confrades que ali fundaram, em 1908, a primeira agremiação espírita em Petrópolis, no Estado do Rio. E, nessa relação, figurava o nome de Spártaco Banal como último sobrevivente da plêiade de esforçados companheiros que, na bela cidade serrana, foram os vanguardeiros da nossa Doutrina,

Já estava pronta essa edição do jornal, saída a 30 de agosto, quando recebemos do nosso amigo José Francisco da Silva, de Cascatinha, a comunicação do passamento do Spártaco Banal, ocorrido em 14 do mesmo mês.

O desencarne dêsse prestante amigo e colaborador de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», surpreendeu-nos, pois, e não fôsse a certeza da continuação da vida no além e certamente o nosso abalo seria maior e mais doloroso, por havermos perdido um companheiro insubstituível em nossa árdua tarefa de imprensa, onde êle sempre nos deu o seu apôio e atividade.

O seu desaparecimento, do mundo terreno, verificou-se aos 73 anos de idade, tendo êle deixado numerosa família entre filhos, genros, netos e bisnetos.

Spártaco Banal era espírita convicto, ativo, trabalhador, respeitoso e tolerante para com todos que o cercavam.

Certos da continuação do seu apôio moral e da sua presença espiritual, aqui lhe rendemos a nossa homenagem de reconhecimento e votos pela sua crescente felicidade.

Transcrito de «O Clarim», de 13 de Setembro de 1958.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 180,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$150,00
Do 4.° ano . .	180,00	Do 21.° ano . .	150,00	Do 28.° ano .	150,00
Do 5.° ano . .	180,00	Do 22.° ano . .	150,00	Do 29.° ano .	150,00
Do 6.° ano . .	180,00	Do 23.° ano . .	150,00	Do 30.° ano .	150,00
Do 7.° ano . .	180,00	Do 24.° ano . .	150,00	Do 31.° ano .	150,00
Do 18.° ano . .	180,00	Do 25.° ano . .	150,00		
Do 19.° ano . .	180,00	Do 26.° ano . .	150,00	Do 32.° ano .	150,00

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, esta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aqueles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr.$ 10,00.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3410unse

o XXXIV - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Novembro de 1958 - N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Mundo Espiritual . . . . . . — *Redação*
Ignorância . . . . — *Ismael Gomes Braga*
Criação da Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil . . . . — *Milton de Andrade*
A Conquista da Lua . . . . . — *V. O. Casella*
Fatores Hereditários Orgânicos e Psíquicos da Genética . . . . . — *Dr. G. M. Minardi*
A Descoberta do Espírito . . . . — *Hernani Guimarães Andrade*
Desencarne do Presidente da I. S. F. — *Eddie Augusto da Silva*
Importância da Obra de Kardec e sua significação no momento . . — *Irmão Saulo*
A propósito de um Livro . . . . — *Fernando Toledo*
Fazendeira Desumana . . . . . — *Gen. Levino C. Wischral*
As Vantagens do Hipnotismo . . . — *Luiz Caramaschi*
Memórias de um Espírita Baiano . — *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Confrade

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade – o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», com a colaboração da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob o patrocínio da União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício do Mestre, realizará o NATAL DOS POBRES, distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nêsse sentido a Comissão Organizadora do NATAL DOS POBRES solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Leticia M. Olson
Dirce Barbosa Mariani
Zelia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Edni Pedro Gonçalves
Donata Casadei Oliveira
Claudeni Gonçalves
Fanny Trolezi

Matão, Novembro de 1958.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIV – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1958 – NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Mundo Espiritual

Há muitas moradas na Casa de meu Pai...

S. João, Cap. XIV.

JESUS não explicou o gênero de vida na Casa do Pai, provavelmente porque seus discípulos não o poderiam compreender naquele tempo, mas viria o Paracleto, a Terceira Revelação, o Espiritismo que nos instruiria sôbre o gênero de vida no Mundo dos Espíritos e êstes eram os únicos competentes a fazê-lo, apoiados em suas experiências próprias.

Se as religiões fizessem uma revisão de suas atitudes contra o Espiritismo, aproveitando os ensinos da Terceira Revelação, em lugar de fazerem oposição, o Cristianismo de novo assistiria ao renascimento religioso.

Quando virá o tempo do despertar das igrejas ao poder vivo do moderno Espiritismo ?

Se existe uma vida após a morte, a que será semelhante aquela vida ?

Não obstante tôdas as afirmativas de certa imortalidade, persiste o fato de nada o homem tanto temer como a morte, ainda em nossos dias. Todos lutam desesperadamente para afastar a morte, todos têm horror ao grande desconhecido.

As crianças podem sentir-se fascinadas com as ruas de ouro, portas de peróla, anjos alados e tantos outros absurdos sentimentais, como fazendo parte da vida espiritual, mas a grande maioria dos sêres pensantes ainda permanece terrificada em face da morte. O que veremos, o que experimentaremos após o trespasse ?

O Espiritismo nos revela que após a passagem, continuaremos vivos e conscientes. Não existe o interminável sono no túmulo gelado e cheio de vermes, que tanto nos terrifica aqui. O que realmente há é o cerrar dos olhos no sono e um despertar no mundo espiritual, cheio de vida maravilhosa, mundo povoado de amigos e sêres que amavamos e nos precederam.

Pouco depois da morte seremos os mesmos indivíduos que foramos pouco antes da passagem, exceto o termos abandonado o nosso corpo físico, veste temporária. Nós nos manifestaremos através do nosso corpo espiritual, ou duplo etéreo que sempre possuímos mesmo durante a vida terrestre.

Podemos ficar certos de que a vida no mundo espiritual é cheia de ocupações e múltiplas atividades. O que muitas vêzes choca o homem que raciocina, relativamente ao outro mundo, é a monotonia indolente, o tanger de harpas por anjos alados, o entoar de hinos a uma deidade sentada num trono branco, isto durante tôda eternidade, e tantos outros absurdos sentimentais, como parte integrante da vida espiritual, mas a vasta maioria dos sêres pensantes ainda permanece incrédula.

Nós sabemos que nossos entes amados que nos precederam, ainda vivem e se interessam pelo nosso bem-estar, procurando encorajar-nos na nossa jornada terrestre.

Os grandes problemas, que nos embaraçavam antes de conhecermos o Espiritismo, estão resolvidos. Nós hoje sabemos que a morte não mais é aquela coisa temerosa que transforma homens em anjos ou demônios. Ao contrário, sòmente é um processo natural da nossa evolução. É como se fossemos de uma sala para outra. É o abandono de uma veste gasta, imprestável, substituida por uma nova e mais brilhante.

Durante milhares de anos, o homem teve mêdo da morte. Em volta dela teceram um manto de superstições. As igrejas, em lugar de lançar alguma luz sôbre a questão, exploraram o temor dos crentes.

O Espiritismo não é uma adoração mórbida de sepulturas. É a filosofia da vida. Êle procura desfazer tôda superstição relativa à sepultura e em seu lugar implantar um conhecimento que pode ser provado à luz da razão e da experiência. Êle procura ampliar a visão do homem e dar-lhe uma concepção de acôrdo com os fatos conhecidos. O homem veio ao mundo com o propósito de evoluir. Esta terra é a classe preparatória, o período de provas para ajustá-lo a uma vida maior, mais ampla.

Si Deus aquí nos concede a faculdade de apreciar as belezas naturais, podemos esperar que Êle nos dará uma vida condigna após a morte.

O outro mundo é muito semelhante ao nosso aqui. O caráter do homem e seus pendores serão os mesmos após o trespasse.

Depois da morte o justo e o deliquente não ficam no mesmo plano. Não pode qualquer indivíduo em seu leito de morte exprimir qualquer doutrina teológica e esperar, pela magia, que isso o absolva das consequência dos êrros cometidos.

«Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás de prisão enquanto não pagares o último ceitil». (Mat. 5,26).

Espiritualmente, êle é o resultado dos atos praticados pelas suas ações, palavras e pensamentos. Haverá compensações e retribuições, as leis naturais são perfeitas em sua operação. Não há o Grande Juiz, pois já nos haviamos julgado na natureza espiritual que levamos conôsco.

É êste o nosso passaporte eterno.

Pessoas que viveram normalmente não ficarão desapontadas no Além-Túmulo.

Ignorância...

Lendo os livros, artigos, entrevistas dos adversários do Espiritismo, pode-se supor que êles sejam homens de má fé; mas é injusto êste julgamento; não há tanta má fé, há é desconhecimento real e completo do Espiritismo.

As tentativas que êles fazem de tudo explicar por meios tão simplórios, demonstram essa profunda ignorância.

Alguns estudaram um pouco, mas, obcecados pelos preconceitos materialistas, nada puderam aprender, e recorrem a hipóteses inteiramente absurdas para explicar insuladamente alguns fenômenos à parte, sem enfrentarem nunca o conjunto e muito menos a filosofia espírita decorrente dos fenômenos. Surgem as hipóteses de fraude universal, de dissociação da personalidade, de criptestesia, de sonambulismo, de pastiche, de subconsciente etc. etc.

Reconheçamos que o estudo do Espiritismo realmente não é fácil; que são raros os grandes médiuns; que poucas pessoas, por mais estudiosas que sejam, têm ensejo de fazer um estudo sério com grandes médiuns de diversas faculdades; que os preconceitos de escola criam obstáculos intransponíveis ao estudo, para quem tenha o raciocinio enquadrado em convicções contrárias ao objeto do estudo, e assim chegaremos a compreender a ignorância de nossos opositores e a sentir piedade por êles.

Quem estuda com a necessária humildade científica, com desejo de aprender e não apenas de criticar, consegue aprender o suficiente para chegar a convicções inabaláveis. Para êsse estudo, o ignorante humilde se acha em melhor situação do que o sábio orgulhoso e cheio de preconceitos. Para aquêle tôdas as portas estão abertas, para êste último tôdas estão fechadas, porque êle mesmo as fechou.

O ignorante lê para aprender e recolhe uma multidão de fatos que convergem para a mesma finalidade, fatos observados e registados por outros estudiosos em diversos tempos e lugares. Incorpora êsses fatos aos de sua própria observação e forma sua convicção sôbre bases muito sólidas.

O «sábio» lê para criticar: elimina como impossível tudo quanto não se enquadre em suas convicções negativas e só aceita como verdade o que êle possa explicar com suas hipóteses negativas pre-estabelecidas.

Nesse sentido, rendemos graças a Deus por sermos ignorante. A humildade natural do ignorante nos abriu a alma para o mais precioso dos conhecimentos, para o conhecimento da vida mesma, sem as limitações da biologia materialista que realmente não podemos compreender.

Graças à nossa ignorância, temos recebido numerosas mensagens de amigas e amigos mortos, inteiramente desconhecidos do médium, muitos que não deixaram obra alguma publicada, nem tiveram seus nomes impressos, e que pelo estilo, pelos assuntos íntimos das mensagens, provaram cabalmente sua identidade pessoal. O grau de cultura ou de incultura dêsses amigos e amigas, alguns e algumas já mortos há muitos anos e dos quais já não nos lembrávamos, variam ao infinito; uns poucos foram cultos, escritores e poetas, outros mal sabiam escrever uma carta. Uma parenta era quase analfabeta e nos escreveu com todos os erros de ortografia e gramática que lhe eram habituais, e tratou de assunto tão intimo da família, que nenhuma dúvida seria possível levantar-se.

Tôdas essas mensagens escritas e muitas outras orais, foram recebidas expontâneamente, sem evocação nem pedido, e em momento inteiramente inesperado; por exemplo: certa feita estávamos passeando a pé e palestrando com um conhecido médium, quando êste, interrompendo a palestra, nos disse: «Está com você uma senhora, sua amiga, desencarnada, que dá o nome de Quininha, e na sessão de hoje vai dar-lhe uma mensagem».

— A única pessoa que conhecemos com êsse apelido é uma parenta, muito amiga, mas ainda viva, — respondemos.

— Ela está rindo de seu esquecimento e dizendo que pela mensagem ela se fará lembrada, — redarguiu o médium amigo.

Realmente assim foi. Veio a mensagem, muito pessoal, tratando de muitas conversações antigas e então nos recordamos perfeitamente da pessoa, desencarnada dezoito anos antes e já completamente esquecida.

De outra vez o nome dado, igualmente na rua, estava em parte errado e não pudemos lembrar do amigo morto muitos anos antes; porém, quando veio a mensagem escrita, assinou o nome certo e pelo estilo, pelo assunto, pelas confidências nos provou perfeitamente sua identidade pessoal.

Certa noite estávamos em visita a uma médium, nós e mais dois amigos, palestrando animadamente, quando a médium interrompeu a conversação e nos disse: «Ao lado do Dr. Arrouca se acha uma pretinha; quem será?»

Pela descrição da médium vidente, nenhum de nós pôde reconhecer essa inesperada visitante de côr, porém, ela mesma disse seu nome — inteiramente desconecido da médium e de todos os outros assistentes. Lembrei-me de minha saudosa amiga Benedita Fernandes. Por intermédio da médium travamos palestra. Tôdas as nossas perguntas foram prontamente respondidas com todo acêrto e eram de assunto inteiramente desconhecido da médium.

Muitos outros casos semelhantes tivemos a fortuna de estudar, graças à nossa ignorância, e de modo muito inesperado; mas para os «sábios» tais casos são «impossíveis» e não se deram; estamos mentindo ou fomos mistificado pelos médiuns, pessoas honestíssimas e amigas sinceras.

No entanto, os fatos são verdadeiros e por êsses mesmos médiuns já se receberam numerosos volumes da mais bela e instrutiva literatura, formando um corpo de filosofia espiritualista como jamais existiu no mundo; mas os «sábios» não podem ler nem compreender êsse tesouro; para êles nada disso existe.

Graças a Deus, os «ignorantes» são mais numerosos do que os «sábios» e cresce dia a dia o interêsse público por essa literatura que nos esclarece e nos orienta a conduta para sublimizar a realidade da vida, que nos leva à felicidade, à segurança, à paz.

Lembremo-nos da palavra do Divino Mestre: «Glorifico-te, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.» (Mat., 11 : 25. Lucas, 10 : 21). Sejamos sempre êsses pequeninos que, por serem ignorantes e saber que o são, não se opõem à Revelação Divina.

Virá o dia em que os «sábios» e «entendidos» serão os pequeninos e humildes, em condições de receber e assimilar a Verdade espiritual. Êles terão que renascer, como todos nós, pequenos e analfabetos...

Ismael Gomes Braga

CRIAÇÃO DA CADEIRA DE PARAPSICOLOGIA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

Com as duas cartas, a seguir transcritas, iniciamos, neste número da «Revista», a publicação do longo Projeto de Lei, de autoria de Milton de Andrade, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, e apresentado à Câmara de Deputados, pelo ilustre Prof. Romeu de Campos Vergal, digno representante de São Paulo, como deputado federal, e nosso denodado companheiro de ideais espíritas.

Trata-se, como dissemos, de um extenso trabalho, aliás importante estudo científico, que demanda muito espaço em nossas colunas, razão porque o publicaremos em partes, dando-lhe como preambulo esclarecedor as duas cartas seguintes:

«Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1958.

Prezado Senhor A. WATSON CAMPÊLO,

Ilustre Diretor da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

Saudações fraternais

Tendo lido na REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO uma notícia sôbre o anteprojeto de lei que redigí e enviei ao Deputado Campos Vergal, criando a Cadeira de Parapsicologia, nos cursos das Faculdades de Medicina do país, é-me grato oferecer-lhe um exemplar do referido trabalho, anexo a esta, pedindo a fineza de que, se possível, o publique na íntegra em sua prestigiosa Revista, acompanhado da carta que dirigí àquele parlamentar, e dos esclarecimentos complementares desta, ainda que, por exigência de espaço, se veja na contingência de fazê-lo fracionadamente

Não haveria investigação psíquica, caso não houvesse fenomenologia espírita; consequentemente, não existiria a Ciência Psíquica, nem a Metapsíquica, nem a Parapsicologia — essa, hoje, admitida no mundo psicológico-científico, e lecionada como matéria de curso regular, no ensino superior de grande número de universidades do globo. Parece-me que os espíritas em geral devam, pois, tomar conhecimento de quanto é a fenomenologia objeto de investigação, na maioria dos países do planeta, por parte de cientistas, médicos, psicólogos e psicanalistas, muitas vêzes altamente credenciados em seu gênero de atividade, no consenso dos povos. E' por êsse motivo que resolvi escrever-lhe esta carta.

O anteprojeto justifica a criação da Cadeira de Parapsicologia, em curso médico, fazendo ver que é matéria que tem conexões com a Psiquiatria — mórmente no que concerne à possessão, bem como à dupla e múltipla personalidade; mostrando que são principalmente médicos, muitas vêzes eminentes, os que se têm dedicado à investigação psíquica, em quase tôdas as partes do mundo, através dos tempos, antes de tudo pelo atrativo da influência que a mente pode exercer sôbre o organismo, sôbre o comportamento e sôbre o próprio destino do indivíduo, como revelam a Psicossomática, a Psicanálise e a Psicotécnica; e menciona em seu texto as obras que deverão constituir a base do ensino, por imperativo da inovação de fundir sob a denominação de *Parapsicologia* as três escolas que investigam a fenomenologia paranormal, *sob os mesmos canônes materialistas,* com o mesmo rigorismo, e dentro dos mesmos limites, traçados pelo preconceito contra a origem espiritualística da fenomenologia, que é o que veio restringindo cada vez mais o campo da pesquisa (Preconceito é o característico comum às três escolas, mas distingue-as, por sua gradação ascendente) — a inglêsa (Ciência Psíquica), a franco-italiana (Metapsíquica) e a germano-americana (Parapsicologia). Há dezessete anos venho coletando dados para elaborar um «Tratado de Ciência Espiritualista», a ser publicado sob a égide da SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO DO RIO DE JANEIRO, em que procuro reunir o máximo possível de fenômenos espíritas, investigados por médicos em geral; neuropsiquiatras, psiquiatras e neurologistas em particular; psicomatistas, psicanalistas, psicólogos, metapsiquistas, parapsicólogos, pesquisadores psíquicos, neurofisiologistas, fisiologistas, físicos, químicos, bioquímicos e engenheiros; escritores, jornalistas e personalidades de grande projeção, na administração pública e na sociedade. Foi isso que me possibilitou indicar, nos considerandos do anteprojeto, as credenciais que melhor recomendam as personalidades mencionadas, bem como sua nacionalidade e sua profissão de médico. Apesar do preconceito, os fatos levaram êsses investigadores às seguintes conclusões, o que é altiloqüente, provindo de materialistas, alguns dos quais se tornaram espiritualistas, em face da verificação procedida, embora outros continuassem materialistas: 1.ª) os fenômenos são reais; 2.ª) trata-se de fenômenos naturais, provocados pelos espíritos dos mortos, através dum médium — para a minoria; 3.ª) trata-se de fenômenos paranormais, provocados pelo inconsciente do próprio médium — para a maioria.

Foi o sr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado de São Paulo, quem teve a iniciativa de se dirigir aos confrades Carlos Imbassahy e Deolindo Amorim, e a mim, pedindo que cada um de nós elaborasse o programa duma Cadeira de Metapsíquica, a ser criada, enviando-o diretamente ao referido parlamentar, que representa aquela importante unidade federativa no Congresso Nacional, para que o considerasse, conforme entendimento previamente havido.

Nesta oportunidade, quero dizer-lhe que tenho acompanhado carinhosamente, e apreciado muito, a atividade da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO em prol da causa comum, através dos tempos, vulgarizando a fenomenologia, como fator de convicção, e pregando o Evangelho, com o objetivo de aprimoramento moral.

Antecipo agradecimentos pela simpatia com que acolha meu pedido de publicação.

Atenciosamente,

Milton de Andrade,

Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.»

«Em 24 de fevereiro de 1958.

Excelentíssimo Senhor
Deputado CAMPOS VERGAL

Tenho a honra de me dirigir a Vossa Excelência, para lhe enviar, anexo, redigido sob a forma de projeto de lei, trabalho que considero anteprojeto, criando a Cadeira de Parapsicologia no 4.º e no 5.º anos das Faculdades de Medicina do país, como matéria que tem conexões com a Psiquiatria, elaborado pela Presidência da SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO DO RIO DE JANEIRO, em atenção ao pedido do Sr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado de São Paulo, como contribuição ao projeto que deverá ser apresentado por Vossa Excelência à Câmara Federal, em março próximo «com o propósito de criar a Cadeira de Metapsíquica, em curso de 3 anos, nas Faculdades de Medicina do país.»

Solicitou o Sr. Antenor Ramos que encaminhasse o trabalho diretamente a Vossa Excelência, razão pela qual o estou fazendo.

Devo esclarecer que adotei a denominação *Parapsicologia,* porque é a mais aceita e hoje a mais vulgarizada nos meios científicos; que na própria França, berço da Metapsíquica, reune maiores preferências da Sorbona a denominação «Parapsicologia», segundo declarou à imprensa brasileira o urologista francês Henri Darget, que esteve no Brasil não há muito tempo, fazendo conferências; que, em vez do curso de 3 anos, como fôra solicitado, o anteprojeto cria a Cadeira de Parapsicologia como matéria a ser lecionada no mesmo período de 2 anos que a Psiquiatria (Não seria razoável superioridade daquela sôbre essa); e que não me restringi à Parapsicologia pròpriamente dita — fundi a Ciência Psíquica (inglêsa), a Metapsíquica (franco-italiana) e a Parapsicologia (germano-americana) numa só matéria, com a denominação única de Parapsicologia, por ser mais racional, e por estar o líder e vulgarizador máximo da Parapsicologia, Professor Joseph Banks RHINE, da «Duke University», dos Estados Unidos, invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal, com as suas investigações e seus estudos, conforme elucidam os considerandos do anteprojeto.

Submeto o trabalho, assim, ao alto critério de Vossa Excelência.

Queira Vossa Excelência, Senhor Deputado, receber a expressão de meu mais elevado aprêço.

Milton de Andrade,

Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.»

A CONQUISTA DA LUA

COM o sucesso dos lançamantos de satélites artificiais na órbita terrestre, o homem marcou uma nova era na história da ciência, vencendo a primeira fase inicial, na conquista dos espaços interplanetários.

Prosseguindo, procura-se avanços mais profundos em direção a Lua, situada cêrca de 384.000 quilômetros de distância. A humanidade aguarda com desusado interêsse que um dia tomemos o nosso satélite, e não faltam os que esperam ingenuamente acharmos ali uma nova *canã*, para o bem estar do Homem terreno, esquecendo-se que é dentro de nós, e não fora, que deveremos procurar a verdadeira felicidade.

Mas vejamos o que poderemos encontrar na Lua, pois ela não é estranha aos nossos observadores, e até mapas do seu solo já se acham à venda nas nossas livrarias. Uma das características de sua superfície são as inúmeras crateras que marcam a sua face, parecendo cicatrizes, acusando ali um passado de rudes acontecimentos, agitado pela natureza do astro.

Cordilheiras de elevados picos agulheantes, contrastando com profundos vales, margeiam extensas planícies, outrora julgadas como se fôssem mares. Não acusa vegetações, sendo completa a ausência de água e ventos. O silêncio pela falta de ar é absoluto, dando-lhe aspecto desolador. Os nossos cemitérios são verdadeiros jardins de encanto e beleza, diante das paisagens mortas da Lua.

O viajor terrestre que um dia ali conseguir aportar terá que levar provisão de tôda espécie (ar, água...), inclusive câmaras térmicas especiais de proteção contra altas e baixas temperaturas, caso contrário perecerá de calor se ali chegar de dia, ou de frio se for à noite. Tratando-se de um astro de volume 49 vêzes menor que o da Terra, com menor atração, o organismo humano também estará sugeito a perturbações. Aquí, um homem de 60 quilos, lá pesará 10.

Mas, vulgarmente, ainda se pergunta: — Que existirá no outro lado lunar, sempre oculto para o nosso planêta?

Ora, o cientista não nutre esperanças de encontrar condições mais alentadoras na outra face. Uma vêz que ambos os lados recebem luz e sombra nas mesmas proporções, tudo indica pela semelhança de natureza. Essa igualdade entre um e outro lado justifica-se no seguinte: A Lua de cada 28 dias dos nossos completa uma volta ao redor da Terra, tempo êste em que também dura uma de suas rotações, mostrando assim sempre a mesma face para o nosso planêta, enquanto a outra permanece oculta. Nesses movimentos, quando ela se coloca entre o Sol e a Terra a sua parte visível para nós fica na sombra, enquanto a outra recebe a luz solar. E nas ocasiões em que é a Terra que se interpõe entre ela e o Sol, a sua parte visível torna-se dia, e a outra nunca vista mergulha-se na noite. Nestas condições as duas faces alternam-se entre luz e sombra, de cada 14 dias terrestres.

Como se vê, não pode haver diferença de natureza em tôda superfície do astro, o que também nos torna imaginária qualquer idéia sôbre a existência dos selenitas, os homens da Lua, assunto êste que ficou para os romancistas.

Contudo, apesar dêsse desalento das condições estéreis do nosso satélite, não se deve pensar que a sua conquista seja de efeito simbólico. Científicamente, o feito será maravilhoso, e além de termos ali um trampolim celeste para outros futuros saltos mais arrojados em direção de outros mundos, a partir de Vênus e Marte, também será uma janela aberta para as nossas futuras observações, através do infinito sideral. Na Lua, ausente de camadas atmosféricas, o observador terá uma visão mais límpida e ampla do Universo, enriquecendo mais ainda o cabedal de sabedoria do gênio humano da nóssa ciência.

Talvez não tarde muito essa deslumbrante realização, cuja vitória científica jamais se apagará da história da evolução da nossa existência, neste departamento planetário, do sistema solar. que para nós se chama Terra.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de São Paulo

Fatores Hereditários Orgânicos e Psíquicos da Genética

Dr. G. M. Minardi (API)

Cada espécie vivente tem predominantemente a tendência para multiplicar-se. Assim sendo nascem mais indivíduos do que podem morrer, daí a concorrência entre os elementos que sobrevivem e deixam uma descendência ao contrário da que desaparece sem êstes.

Condições mínimas de formação, de funcionamento etc. conferem vantagens decisivas na luta para a vida a determinados indivíduos, e por isso sobrevivem. Segundo Darwin, a competição determina entre os indivíduos uma espécie de escolha onde a «seleção» em virtude da qual os caracteres aproveitáveis, úteis, favoráveis se transmitem com mais ou menos fidelidade aos descendentes. Enfim, segundo Darwin, pode-se transmitir sòmente os caracteres proeminentes mas não os adquiridos. Nesta forma o extraordinário desenvolvimento dos músculos de uma parte do organismo provocado por um determinado exercício e, repetido por várias gerações, não se transmite aos descendentes. Assim sendo não se transmite a amputação de um certo órgão.

Ao tempo de Darwin nada se sabia ou vagamente sôbre o processo da hereditariedade e, em 1900 foi o ano da verdadeira surprêsa neste setor, quando o holandês Hugo Tries fez pela primeira vez conhecer as leis do monge Gregório Mendel. Êste monge depois de ter cultivado e polinizado mais de dez mil plantas, examinando-as atentamente, estabeleceu que as características dos pais se transmitem em forma regular e previsível nos descendentes. Nos resultados obtidos por Mendel eram já contidos conceitos da genética moderna: as leis do hibridismo, que permitem prever com precisão os resultados de um casamento de raças ou de variedades, conseguindo criar à vontade novas combinações de caracteres; as aplicações das leis do caso à análise dos fenômenos da hereditariedade. Nos anos sucessivos, os biólogos concordaram com que os caracteres de homem, animais e plantas dependem dos assim chamados «genes» que são contidos nos cromossomos. Os genes determinam sòmente as possibilidades de um desenvolvimento sôbre o qual pode influir também as circunstâncias externas: por exemplo uma planta de grande porte plantada em terreno desfavorável não poderá alcançar a altura prevista pelos fatores hereditários. Mas por outro lado, a sua descendência, se alcançarem uma terra favorável terá a altura conforme a sua origem.

Então: os fatores hereditários são

estáveis e não influenciados por fatores externos. Todavia mutações podem acontecer golpeando os genes, por exemplo: os raios X, os ultra violetas, as radiações atômicas. Também na natureza registram-se as chamadas «mutações espontâneas», as quais são determinadas por fatores ainda desconhecidos. Mas em todos os casos a hereditariedade é uma lei que a mãe Natureza usa neste planeta para tôdas as formas da vida. A Natureza não é caprichosa como alguém ainda acredita e também não se apresenta a metade; ela é harmoniosamente ordenada seguindo um ritmo regular. Lembramo-nos que qualquer animal, racional, ou irracional nascerá da união de duas células diminutas: uma o óvulo feminino e outra o nemasperma masculino (a não ser casos raríssimos de partenogenese).

É verdade que o óvulo se alimentou durante varios mêses no seio materno; mas se dito óvulo, fecundado, tivesse sido colocado em uma adequada incubadora, alimentando-o e separando o desperdício que produzisse, teria igualmente nascido, com as mesmas qualidades e virilidades. Podemos então dizer que as capacidades dependem, «in totum» das características hereditarias que estavam presentes nos óvulos e no espermatozoides que se uniram para produzir um novo organismo.

Será que com isto nos teremos desvelado todos os fatores hereditários da genética? Não! Em absoluto. Em quanto observando-os sob os seus aspectos orgânicos muitos fenômenos ainda ficariam inexplicáveis. Outro conceito tem que ser compreendido: o da «HEREDITARIEDADE PSÍQUICA». Como podem órgãos sujeitos a uma continua renovação até o final e definitivo desfazimento conservar indefinidamente características estruturais, e transmitir atitudes pre-natais a outros organismos? E as registrações no instinto, frequentemente as mais importantes, se dão depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto, por vêzes mesmo na velhice? (máxima madureza psíquica). Como poderiam, numa natureza tão previdente e econômica, ser perdidas precisamente as melhores ocasiões? Não se está vendo que a hereditariedade segue outras vias principais, pelas quais o material recolhido é confiado, para sobrevivência, ao princípio espiritual, com preferência sôbre as vias orgânicas da reprodução? E já não vimos que é aquêle o nó que ajusta numa explicação única todos fenômenos do instinto, da consciência, da evolução psíquica? Quem, a não ser o espírito imortal, pode constituir o fio condutor que, através de um contínuo nascer e morrer de formas, rege o desenvolvimento da evolução? E que fio, a não ser êsse, saberá fazê-la chegar às superiores construções da ética?

Êste conceito da hereditariedade psíquica conduz lògicamente a inevitável conclusão — extraida de fatos já em quantidade demasiada para que possa ser negada — da sobrevivência de um princípio psíquico depois da morte tanto do homem como dos sêres inferiores, não deserdados pela Divina justiça, se bem que irmãos menores e de forma diversa, do direito de sobreviver.

Se o psiquismo já está demonstrado como fazendo parte integrante dos fenômenos biológicos, como princípio a que são confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora que é de tôdas as suas formas sucessivas, forçoso é admitir que êle, assim como sobrevive à morte orgânica, deva preexistir ao nascimento.

Não alcancei esta crença por nenhuma via religiosa. Ela se baseia nos fatos e na experiência, estudados aquêles por uma ampla e criteriosa ciência. A minha conclusão é que a sobrevivência da alma esta suficientemente demonstrada por meio da investigação científica. No meu livro «Raymund ou a Vida e a Morte», eu tive a perspectiva de prestar um serviço à humanidade e consolar os aflitos, dando-lhes a certeza de que é possível se comunicarem com aquêles que se passaram para a outra vida». — SIR OLIVER LODGE.

A Descoberta do Espírito

Por *HERNANI GUIMARÃES ANDRADE*

1 – A origem da crença na existência do espírito

Talvez não exista, pensamos nós, uma idéia mais generalizada do que a da existência do espírito. Essa crença não só é geral no espaço, mas também se estende pelo tempo, atingindo as mais remotas épocas da história da humanidade.

Todos os povos e raças humanas, desde os primitivos trogloditas até os mais modernos homens de ciência, manifestaram e manifestam, ainda, os inequívocos sinais de uma certa crença na existência do espírito. Cada um a seu modo, alguns negando ostensivamente, outros proclamando abertamente, os homens não deixam de cogitar sôbre tão magno assunto, trazendo, a quase totalidade, uma convicção íntima na sobrevivência da alma e, por conseguinte, na realidade do espírito.

Tal crença parece ser uma idéia inata, um sentimento atávico, uma característica tìpicamente humana. E o homem só consegue desfazer-se dela à custa de esfôrço intelectual, após madura reflexão, ou então em consequência de umas tantas desilusões sofridas na busca de provas concretas capazes de corroborar a sua fé natural.

Todavia, êsse sentimento, tão generalizado quão antigo, não deve ser totalmente inato na criatura humana. O homem certamente aprendeu por experiência, que realmente o espírito existe, que a alma é imortal. Logo depois, procurou transmitir êsse conhecimento aos seus companheiros. A experiência, posteriormente, repetiu-se algumas vêzes diante de umas poucas testemunhas, as quais, em face da importância e da raridade do fenômeno, sentiram-se como se fôssem privilegiadas e possuidoras de valioso segrêdo. Mais tarde, os fatos acumulados desencadearam a sequência de acontecimentos que culminaram no fenômeno religioso, o qual, sem dúvida alguma, procede do primeiro, do espirítico, pois é mais fácil encontrar-se uma religião sem deuses, do que uma religião sem espíritos.

Como quase todo acontecimento dêsse gênero, o fenômeno religioso, nascido do espirítico, sofreu uma sucessão de transformações que o afastaram de sua fonte originária. Perdido o contacto com a realidade experimental básica, as religiões não puderam oferecer aos perquiridores exigentes as provas objetivas, capazes de dar apôio às suas divagações metafísicas e aos seus dogmas quase sempre irracionais. Arvorando-se em detentoras dos mistérios mais sublimes, as religiões responderam e respondem com artigos de fé, com afirmações gratuitas, ou com anátemas intolerantes, às indagações da razão e do método científico. O resultado é a perda sistemática da crença na existência da alma, na existência do espírito, por parte daqueles que tentam racionalizar os dogmas religiosos.

Periòdicamente, porém, o homem redescobre o espírito e comunica, alvoroçado, a boa nova aos companheiros. Surgem os adeptos, depois os grupos e, a seguir, um clero e uma nova religião com um ou vários deuses. E a história se repete. O materialismo floresce, então, ao lado da pompa e do esplendor das grandes religiões.

Mas o fenômeno espirítico é insistente, é impertinente, é intransigente. Mostra-se, a princípio, de maneira sutil; depois, de forma ostensiva; mais tarde, de modo brutal. E o homem acaba descobrindo novamente o espírito, quer queira, quer não.

Há muitos milênios deu-se pela primeira vez essa grande descoberta. Depois, vieram muitas outras iguais; inúmeras outras redescobertas. E assim se irão repetindo, até que os homens incluam a existência do espírito, no rol dos fatos constatados cientìficamente.

A finalidade dêste trabalho é contar, de maneira sucinta, a história da descoberta do espírito.

Começaremos focalizando os albores da humanidade, e seguiremos a ordem cronológica normal até chegar ao Século XX, à Idade do Átomo.

Viajaremos inicialmente, com as asas da imaginação, em direção à pré-história e iremos observar o comportamento religioso do estranho sêr do paleolítico inferior, meio homem, meio macaco, que já se utilizava de fragmentos de silex como armas e utensílios, em sua faina cotidiana de obter alimento e agasalho para sobreviver.

O nosso guia seguro será a História das Religiões.

2 – A História das Religiões

A História das Religiões, conquanto tenha suas origens em um passado relativamente longínquo, sòmente passou a constituir uma disciplina científica, em tempos mais recentes. Embora possam assinalar-se, desde a antiguidade, trabalhos com as características dêsse ramo do saber, apenas a partir do Século XVIII, começaram a surgir os elementos indispensáveis ao estabelecimento das suas bases científicas.

Seu desenvolvimento efetivo dependeu da colaboração de várias outras disciplinas, tais como a filologia, a arqueologia, a paleontologia, a antropologia, o folclore, etc.

Alguns eventos importantes estão ligados ao lançamento das bases científicas da História das Religiões. Assinalaremos como exemplos os seguintes:

1687 — *Chardin* trouxe da Pérsia a primeira inscrição cuneiforme.

1771 — *Anquetil* e *Duperon* fizeram surgir em francês o Zend Avesta, a bíblia do Mazdeismo, religião fundada por Zoroastro.

1775 — Foram traduzidos para o Inglês os primeiros textos védicos.

1799 — *Bouchard* descobriu a célebre pedra: Stela de Roseta. Roseta (em árabe: Rachid) é o nome de uma cidade do Baixo Egito. A referida pedra trazia uma inscrição, feita no ano 196 A. C., contendo um decreto instruindo como celebrar o aniversário do rei. Tais instruções estavam escritas em três línguas diferentes, cada qual em seus caracteres próprios. Dêsse modo foi possível estabelecer-se uma correlação entre o *egípcio erudito*, grafado em hieróglifos, o *egípcio simplificado* ou popular, em escrita demótica, e o *grego*, em seus caracteres já tão conhecidos.

1823 — *Champollion*, aproveitou os elementos de comparação fornecidos pela Stela de Roseta e decifrou a escrita hieroglífica.

O conhecimento de inúmeras outras fontes informativas correlatas facultou o surgimento da filologia comparada, em cuja criação trabalharam intensamente: *von Humboldt* (1835), *Bopp*, *Max Müller* (1870) e outros.

Apoiando-se sôbre os resultados de filologia, da arqueologia, da etnologia, da antropologia e do folclore, a História das Religiões pôde, finalmente, alinhar-se entre as ciências e estabelecer os seus métodos. São quatro os principais métodos sôbre os quais conseguiu erigir a sua estrutura: o histórico, o comparativo, o psicológico e o filosófico.

Como já o dissemos anteriormente, servir-nos-emos dessa sólida disciplina científica, que é a História das Religiões, para o início de nossas pesquisas em tôrno da descoberta do espírito. Faremos, portanto, a nossa viagem pré-histórica, baseados em dados seguros e efetivos, sem aquêle aspecto, um tanto dúbio e fantasioso, de outras fontes mais ligadas à mística tradicional de cada religião em particular.

3 – A Aurora do Espírito

O aparecimento do homem sôbre a Terra foi precedido de extenso preparo. Milhões e milhões de anos foram necessários, para que o nosso planêta se tornasse apto a produzir a vida. Esta evoluiu lentamente, ascendendo de degrau em degrau, ensaiando biliões de modelos e tipos, até conseguir galgar o nível atual, de manifestação da inteligência e da razão.

De acôrdo com os mais modernos processos de medida do tempo geológico, baseados na determinação dos depósitos de elementos radioativos presentes nas rochas, a formação da Terra deve ter-se iniciado há cerca de 3,5 biliões de anos. Há indícios seguros de que a vida surgiu há mais ou menos 1,2 biliões de anos; começou nos oceanos e, pouco a pouco, conquistou também a terra firme. A vida, partindo das ultramicroscópicas formas iniciais indefinidas, que primitivamente se desenvolveram nos tépidos mares da Era Arqueozóica, consumiu perto de *700 milhões* de anos para atingir a organização biológica dos crustáceos e moluscos do *Cambriano*. Outro lance de *325 milhões* de anos foi necessário para que os peixes, plantas terrestres, insetos, anfíbios e répteis aparecessem, preparando o advento dos mamíferos do *Triássico*. Acelera-se, então, o movimento ascencional da evolução biológica, pois apenas mais *125 milhões* de anos bastaram para que surgissem os nossos ultra-remotos antepassados, os lêmures, e társios do *Eoceno*. Êstes últimos, em menos de *50 milhões de anos*, originaram os macacos e antropóides que precederam o advento do homem sôbre a terra.

Recém-chegado aos imenso palco da vida, emergido da animalidade instintiva, para a conquista da razão, o antropóide inexperiente e bruto viu-se a braços com inúmeros problemas, tanto de ordem física como de ordem espiritual. Eis que, aquilo que chamamos de fenômenos metapsíquicos ou parapsíquicos, passaria a integrar, também, o primitivo rol das experiências que iriam compor o cabedal de conhecimentos iniciais do pré-hominiano que viveu, há um milhão de anos no Plioceno Superior.

A alba da humanidade coincidiu, portanto, com a aurora do espírito, conforme tentaremos demonstrar.

4 – O homem na Pré-História

Façamos, agora, uma viagem através do tempo, em direção ao passado. Vamos caminhar cêrca de um milhão de anos para trás.

Eis-nos atingindo o iníco do Paleolítico Inferior. Um frio terrível assola grande parte da Terra e, nas zonas onde hoje reina clima temperado, o gêlo cobre extensas áreas de chão. Tempestades de neve batem impiedosamente os flancos das montanhas, obrigando os animais sobreviventes a buscarem abrigo nas cavernas e anfratuosidades das rochas. Estamos em plena glaciação, no primeiro período glaciário, chamado de *Gunz*, cuja duração atingiu perto de 400 mil anos.

A natureza começa a exercer a sua técnica seletiva, implacável e rigorosa para obrigar o simiesco *pré-homem* a conquistar seus primeiros rudimentos de inteligência e de engenho. Acossados pela inclemência do clima, os animais de sangue quente ou emigram para as faixas equatoriais ou conquistam seletivamente meios de defeza indispensáveis à sobrevivência. Os mais inteligentes tratam de cavar ou buscar abrigos contra os rigores do inverno. Os antropóides, como o Pitecantropus e o Sinantropus, logo mais, aprenderam, premidos pela necessidade e acossados pelo rigor do frio, a usar e conservar o fogo, a fazer rudimentaríssimas armas para caçar, e a buscar o aconchego seguro das cavernas mais profundas.

Cêrca de quatro mil séculos durou êsse curso primário da humanidade ainda embrionária e inexperiente, cujos resultados foram: o domínio do fogo, o uso da pedra lascada como armas e utensílios, a conquista da palavra falada, alguns indícios de organização social e colaboração mútua, pelo menos durante as caçadas, e, finalmente, certo *senso religioso.*

À glaciação de Gunz, sucede, então, um período de descanso, um interglaciário de quase cem mil anos. Estamos agora em plena e generosa primavera no quaternário. Uma vegetação luxuriante invade as zonas setentrionais do Planêta. Rios e cascatas cortam as montanhas, enquanto os estrondos das avalanches anunciam a erosão avassaladora nas rochas. Surgem as planícies sôbre vales aterrados e as capoeiras cobrem-se de um verde inebriante. Animais de tôdas as espécies pululam pelos campos e florestas, tornando a caça abundante e fácil. Ao lado dos antropóides brotam as primeiras civilizações, os primeiros vestígios do *homo-sapiens*. Ei-los empenhados na caça de estranhos e gigantescos animais, ou na manufatura de armas rudimentares.

Uma nova glaciação vai fustigar êsses primeiros espécimes humanos, obrigando-os a buscar novamente o refúgio nas grutas e cavernas. Outra seleção rigorosa é executada impiedosamente no curso de milhares de anos, durante os quais os homens primitivos aprenderam, entre muitas outras coisas, a explorar os recessos mais profundos e escuros das cavernas acolhedoras.

Daí em diante, os períodos primaverís e os glaciários se alternam, como que obedecendo a um plano rígido e sistemático, destinado a selecionar sàbiamente as espécies vivas e, entre elas, a obra prima da evolução biológica: o *homo-sapiens.*

Dêsses duros tempos primitivos, o homem ainda hoje conserva alguns resquícios, alguns sinais indeléveis, firmemente incorporados aos seus costumes, às suas tradições e à sua conduta. Dessas épocas de lutas e sofrimentos, ficaram as testemunhas, os marcos característicos que perduraram escondidos nos recônditos mais profundos das cavernas outrora habitadas, durante milhares e milhares de anos, pelos homens do paleolítico inferior, médio e superior.

Voltemos, agora, aos tempos modernos e façamos uma visita a algumas daquelas cavernas, examinando-as minuciosamente, pois elas nos contarão a história secreta dos seus antiquíssimos inquilinos.

5 – As Cavernas

Na região denominada Pech-Merle, que fica entre Cahors e Figeac, na França, existem várias grutas calcáreas descobertas pelo jovem pastor André David e, mais tarde, estudadas por A. Lemozi. Vamos visitá-las, penetrando em uma delas e explorando sobretudo as suas partes mais profundas. São elas as testemunhas mudas do distante passado da humanidade. Ao penetrar em seus recessos mais íntimos, vemos tetos e pisos crivados, aquí e acolá, de imensas e numerosas agulhas de estalactites e de estalagmites. Logo sentimos a ausência de luz e temos de nos munir de lanternas. Apagando-se os focos luminosos, uma escuridão apavorante e esmagadora envolve-nos de imediato. Os ruídos dos nossos passos ecoam pelas reentrâncias da caverna, multiplicando-se em um cascatear de coisas esmigalhadas. O chão é áspero, cheio de saliências, e a umidade viscosa que mina das paredes parece atingir a pele da gente. Em alguns pontos, sentem-se fortes lufadas de vento, em outros, porém, o ar é mórno, estagnado e carregado de odôres estranhos. Avançar por essas furnas medonhas e escuras exige coragem e determinação. Não obstante, caminhemos, buscando os recantos mais interiores da caverna.

Encontramo-nos, agora, em um vasto salão irregular, formado por caprichosa dilatação da parte ôca do imenso monólito calcáreo. Sentimo-nos insignificantes ali dentro. Atingimos as tenebrosas profundezas da montanha. Do exterior, agora longínquo, não nos chega o menor som, o mais insignificante ruido. Ouvem-se apenas os intermitentes pingos de água salobre, que gotejam pelas pontas das estalactites e caem nas poças de água acumulada no chão rochoso e impermeável. É impossível ficar-se indiferente em um lugar dêsses. As luzes de nossas lanternas projetam figuras de sombra e claridade pelo teto e paredes, numa fantasmagoria de espectros indefinidos e aterradores. Um grito comum assume a dissonância de uma algaravia, propagando-se pelos antros de pedra como se fôssem milhares de berros de u'a multidão distante e enfurecida.

Examinemos mais detidamente êsse estranho lugar.

Com imensa surprêsa, vamos encontrar sinais da presença de sêres humanos que ali estiveram, faz muito tempo, e se serviram dêsses lugares para qualquer coisa misteriosa que não fôra dormir ou comer. Não encontramos sinais de fogo ou de repastos. Todavia, pelas paredes livres acham-se gravuras representando bisões, renas, cavalos selvagens e cenas de épocas distantes. Chamam-nos a atenção as silhuetas de mãos humanas rodeadas de manchas vermelhas e pretas, dirigidas para as figuras de animais. Inúmeros outros indícios revalam que nessas cavernas eram celebrados rituais religiosos ou mágicos.

O antropologista H. Breuil, estudando cavernas semelhantes, assim se pronunciou com relação a elas:

> «Elas nos mostram (as grutas) o homem da idade da Rena capaz, pelo menos em certas circunstâncias, de penetrar com a luz até ao fundo de verdadeiros dédalos subterrâneos de muitas vêzes de mais de um quilômetro de comprimento e aí franquear passagens perigosas. Isto supõe criaturas audaciosas, porque, em todos os países, as pessoas simples têm um pavor tremendo da menor furna escura. Supõe, também, a posse de luz permanente e suscetível de ser restabelecida à vontade em caso de extinção acidental. Mesmo admitindo-se que o uso regular das grutas no inverno, como lugar naturalmente aquecido, haja acostumado os paleolíticos a não temerem tanto a escuridão, há razão, penso, de encarar-se a probabilidade de que as galerias escuras (mas pode não ser sòmente elas) eram o teatro de ritos cerimoniais relativos à multiplicação dos animais desejáveis, à feliz conclusão de expedições de caça, à destruição por magia dos animais perigosos».

Outros sinais, porém, revelam que a natureza dos cultos celebrados nesses locais não se ligavam exclusivamente à idéia de caças abundantes ou à conjuração dos perigos, mas envolviam um sentimento religioso superior e a *crença na existência dos espíritos*. Ouçamos, a propósito, três valiosas opiniões de renomados especialistas:

Dechelette:

«Os desenhos pré-históricos são ordinàriamente ocultos e rodeados de um certo mistério... Seria impossível tomar tais figurações, tão bem ocultadas aos olhares dos profanos, por decorações ornamentais ou por simples trabalhos de recreação.»

Salomon Reinach:

«A idéia de que a arte é um divertimento é prejulgamento moderno. Em suas origens, ela é uma operação ritual».

Peyrony:

«O Magdaleniense acreditava em uma outra vida. O que o prova é a maneira pela qual sepultava os mortos e, também, a forma de decorar as cavernas, que não lhe serviam jamais de habitação.»

Como vemos, as partes mais profundas e tenebrosas dessas grutas foram usadas pelos paleolíticos, não como local de refúgio ou moradia, mas sim como verdadeiros templos rudimentares, onde praticavam misteriosos cerimoniais mágico-religiosos.

(Continua)

Desencarne do Presidente da I. S. F.

DAVID BEDBROOK

Chegam-nos de Londres as notícias referentes ao trespasse de David Bedbrook, Presidente da Federação Espírita Internacional e diretor do seu órgão «The Fraternally», ocorrido no dia 1 de Agosto último.

Preocupava-se muito com o movimento espírita brasileiro o pioneiro desaparecido de nosso plano material. Tínhamos sua carta datada de março do corrente ano, cuja resposta em têrmos físicos não lhe chegamos a dar. Nela, dizia-nos Bedbrook: «Sou de opinião que vocês brasileiros têm realmente motivos para se orgulharem da forma como o Espiritismo progrediu no Brasil, e posso assegurar que nós em particular e todos de uma forma geral partilhamos convosco êsse orgulho pelo belo trabalho realizado».

Apelava Bedbrook para a nossa modesta colaboração no sentido de tornar mais conhecida no Brasil a Constituição da «Internacional Spiritualist Federation»: — «É de vital importância que todos os nossos amigos no Brasil fiquem conhecendo a I. S. F. na maior amplitude e saibam que esta organização é definitivamente não-partidária no sentido de recusar a admissão nos seus quadros daqueles que fazem do Espiritismo uma religião. Eu desejaria empregar todos os meus esforços no sentido de esclarecer e sem margem a qualquer tergiversação salientar aos nossos amigos brasileiros, nas suas Sociedades, que nós, na Grã Bretanha, também encaramos o Espiritismo como uma religião de primeira classe; temos nossas igrejas, mais de duas mil delas. Muitos dentre nós somos reencarnacionistas, porém mesmo aquêles que não o sejam usufruem de admissão à I. S. F., que lhes permite inteira liberdade de ação, tanto para membros individuais, grupos ou sociedades, operando todos segundo suas próprias cartas constitutivas conforme às necessidades locais.»

Mais adiante, escrevia-nos Bedbrook: «O Brasil, sem dúvida alguma o país mais avançado espiritualmente na América do Sul, deve tornar-se definitivamente parte integrante da I. S. F. e fazer-se dessarte representar nos seus comités, etc. Nós precisamos da presença de nossos bons amigos ao nosso lado para lutarmos juntos a fim de que o Espiritismo Internacional seja reconhecido como uma fôrça universal para o bem. Sòmente através da unificação de todos nós, sem exceção, é que esta meta poderá ser atingida. Insisto: se o irmão puder fazer alguma coisa, de uma forma ou outra no sentido de levar alguma Sociedade, União ou Federação a associar-se conosco, estará sem dúvida contribuindo valiosamente para o futuro da boa causa do Espiritismo».

E concluia o valoroso presidente da Federação Espírita Internacional: «Acho, para concluir, que o fator de maior responsabilidade por esta ausência dos irmãos brasileiros é o fato de que êles não interpretam exatamente o que a I. S. F. representa, nem quais sejam suas funções. A meu entender, *existe apenas uma única coisa que importa*: uma coisa que está acima e além de quaisquer pontos de vistas divergentes, (para cujas divergências a I. S. F. resta importância), e que é esta: NÓS DEVEMOS NOS UNIRMOS TODOS, SEM EXCEÇÃO E ACIMA DE NOSSOS PONTOS DIVERGENTES, NUM GRANDE FATOR FUNDAMENTAL: a Sobrevivência do Homem e seu retôrno» (os grifos constam do original inglês).

Sir David Bedbrook dedicou-se ao Espiritismo durante mais de 40 anos de sua vida. Era «médium» clarividente e clariaudiente e deu mais de 7.000 demonstrações públicas de suas qualidades mediúnicas. Reencarnacionista êle próprio, deu na presidência da «International Spiritualist International» exemplo vivificante em prol da Reencarnação que muitos espíritas (ou espiritualistas, conforme à índole da língua inglêsa) inglêses refutavam.

Se tem faltado até agora maior firmeza do organismo espírita internacional rumo à Codificação de Allan Kardec, ponderável parte da culpa terá sido de nossa omissão. Com o desaparecimento também recente de Achille Biquet, kardecista belga, abre-se nas fileiras da I.S.F. um pôsto de trabalho, cuja brecha ainda mais se vincula, agora, com a ida dos planos terrenos do grande líder reencarnacionista que presidia os destinos do organismo espírita internacional.

Corresponderemos nós brasileiros, agora que David Bedbrook se foi, aos seus ardentes desejos de nos aproximarmos da Federação Espírita Internacional para colaborar denodadamente em prol da causa da Unificação Espírita, já agora em têrmos internacionais? Cristo não deixou nenhuma bandeira nas mãos de ninguém. A flâmula é de todos. Ajudemos também a carregá-la vitoriosamente através das fronteiras do mundo, unidos todos, sem exceção, como o desejava o grande espiritualista internacional.

Está na hora, espíritas do Brasil, de empunharmos a Bandeira da Unificação acima e além de nossas divergências materiais.

Eddie Augusto da Silva

Importância da Obra de Kardec e sua significação no momento

Aniversário do nascimento do codificador — Meio século de preparação, para o cumprimento de sua tarefa — As pesquisas psíquicas de ordem científica, em nossos dias

A data de 3 de outubro é comemorada pelos espíritas em todo o mundo, por assinalar o nascimento de Allan Kardec, na cidade de Lyon, na França, no ano de 1804. Meio século correu sôbre essa data, antes que o Espiritismo surgisse no mundo. A criança que nasceu em Lyon, numa família tradicional de magistrados francêses, recebeu o nome de Hippolyte Leon Denizard Rivail, e ao contrário dos seus ascendentes, não seguiu a carreira da família. Estudou medicina, mas também não seguiu a carreira. Estudou pedagogia, em que se destacou como discípulo de Pestalozzi, e por numerosas obras didáticas largamente adotadas nos cursos francêses.

É curioso notar que o prof. Denizard Rivail sòmente começou a se interessar pelos fenômenos espíritas aos cinquenta anos de idade, ou seja, em 1854, e sòmente em 1857 publicou o primeiro livro doutrinário. Êsse livro, porém, tornou-se a pedra angular do Espiritismo, a obra fundamental da doutrina. Foi a partir dêsse livro, o «Livro dos Espíritos», que a doutrina começou a existir. Antes dêle, só existiam os fenômenos, e interpretações imaginosas dos mesmos. Kardec estruturou o Espiritismo e deu-lhe um nome, criando para isso uma palavra especial, um neologismo da língua francêsa, que logo mais era traduzido para tôdas as línguas. A palavra Espiritismo é uma criação de Kardec, que a divulgou pela primeira vêz ao publicar o referido livro. Durante cinquenta anos, portanto, o prof. Denizard Rivail preparou-se para o cumprimento da missão que lhe cabia na terra. As pessoas que criticam êsse fato, afirmando que Kardec só na velhice se lembrou dos fatos espíritas, esquecem-se de que as grandes tarefas exigem amadurecimento dos seus responsáveis. Também Jesus viveu trinta anos na obscuridade, preparando-se para a pregação do Reino, que só realizou nos três últimos anos de sua vida. Denizard Rivail estudou, desde muito jovem, magnetismo e hipnotismo, aprofundando-se no conhecimento dessas matérias, que muito lhe serviram, mais tarde, para compreender a natureza dos fenômenos espíritas. Por outro lado, os seus estudos de medicina e de pedagogia muito contribuiram para a posição objetiva e serena que tomou diante da fenomenologia espírita, não se deixando levar por conclusões apressadas em nenhum momento.

A obra de Kardec provocou reações imediatas em vários setores do mundo cultural da época. As duas reações principais partiram da esfera religiosa e da esfera científica. De lado a lado havia grandes interêsses em jogo. Kardec contrariava numerosos dogmas religiosos e abalava princípios fundamentais das ciências. Homens como William Crookes e Alfred Russel Wallace seriam convocados a se pronunciarem a respeito dos fenômenos espíritas, a fim de liquidarem, com a sua imensa autoridade científica, a «nova superstição». Mas assim como, na esfera religiosa, houve sacerdotes e ministros que preferiram romper com suas igrejas a negar a evidência dos fatos espíritas, assim também, na ciência, Crookes, Wallace e outros, preferiram honestamente a verdade.

Essa atitude corajosa de vários luminares da ciência e da religião não foi suficiente para impedir a onda de ataques ao Espiritismo, e portanto a Kardec e sua obra, que até hoje continua a rolar sôbre o mundo. As instituições humanas são dotadas do mesmo instinto de conservação que caracteriza os homens. Reagem com energia diante de tudo aquilo que possa ameaçar-lhes a estrutura. Mas o Espiritismo dispunha, por sua vêz, de energia suficiente para enfrentar a luta, e prosseguiu. Kardec fechou os olhos para a vida física a 31 de março de 1869, próximo aos 65 anos de idade. Mas já nêsse tempo a sua obra constituia um sólido e grandioso monumento, conhecido em tôda a terra. E após a sua morte, sua mulher, Amelie Boudet, e seus discípulos, prosseguiram na luta, que mais tarde seria dirigida mundialmente por um novo «leão», ou seja, por Leon Denis, o sucessor de Leon Denizard na direção espiritual e intelectual do movimento doutrinário.

O Espiritismo é hoje uma doutrina vitoriosa. No terreno da religião, impôs-se mundialmente como uma religião de bases científicas, e portanto racionais, que não se apoia em dógmas metafísicos mas em princípios demonstráveis. No terreno da ciência, apesar do materialismo dominante nos meios científicos, impôs a realidade dos fenômenos em que se apoia e determinou o aparecimento de disciplinas importantes, como a Metapsíquica, de Charles Richet, e a Parapsicologia, de Joseph Rhine, hoje admitida nos currículos universitários. Com o natural desenvolvimento dos estudos parapsicológicos — ou ainda da chamada Ciência Psíquica inglêsa, de que o prof. H. Price, de Oxford, é um dos expoentes na Inglaterra, e o prof. Björkhem, de Upsala, um sério investigador na Suécia — os princípios espíritas serão reconhecidos dentro de alguns anos pelos meios científicos mais adiantados. E Kardec, então, terá o reconhecimento que o mundo lhe deve, pelo muito que fez em favor da libertação espiritual do homem e da evolução do nosso planêta.

Irmão Saulo

No contato constante com os vossos semelhantes é que obtereis as virtudes que vos santificarão, se fordes pacientes e souberdes relevar os seus erros, auxiliando-os ainda que se declarem vossos inimigos.

CAMARGO.

A propósito de um Livro

(Quando do 50.º aniversário de Josué de Castro)

— I —

FERNANDO TOLEDO

TERMINAMOS de reler, agora, o admirável livro «Geopolítica da Fome», de Josué de Castro, já em 4.ª edição, revista e aumentada. O ilustre médico brasileiro, especialista em nutrição, biólogo, presidente que é do Conselho da FAO e diretor do «Instituto de Nutrição do Brasil», acaba de completar meio século de existência, uma vida fecunda, construtiva, humanitária.

No século em que estamos vivendo, no dizer de H. Gordon Garbedian, indubitàvelmente a «marcha progressiva da civilização, a luta da humanidade para elevar-se, depende, em última análise, dos homens de intelecto poderoso e coração magnânimo». Infelizmente, porém, parece que, com raras exceções, os filósofos, escritores e cientistas continuam silenciosos ou adstritos «ao domínio de suas investigações científicas, especializadas e abstratas, recusando-se a se afastar delas e tomar parte ativa na tarefa de solucionar os torturantes problemas da atualidade», conclui aquêle escritor americano. Daí Osvaldo Spengler afirmar que «essa falta de fortaleza espiritual e intelectual ser uma das causas que mais têm contribuido para a decadência da civilização ocidental».

É com satisfação entretanto que, não obstante a mentalidade reacionária que tem pesado nesta parte do mundo, registramos o aparecimento de homens de coragem e de visão, como é o caso do autor do livro que ora comentamos.

Esta obra, «Geopolítica da Fome», foi escrita, segundo o seu próprio autor, a pedido de uma editôra norte-americana, e se encontra traduzida em oito ou mais idiomas. Com ela, ganhou o escritor o «Prêmio Franklin D. Roosevelt», como «a melhor obra publicada nos Estados Unidos no campo das ciências políticas e sociais».

No livro, o autor condena, entre outras coisas, o malthusianismo, doutrina criada por Malthus (1766-1834), pastor presbiteriano inglês, economista, autor da célebre obra «Essay on the principle of population», na qual sustenta a teoria de que a população do mundo cresce na seguinte progressão geométrica: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64 etc., — ao passo que os meios de subsistência não acompanham a mesma progressão — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 etc.: ao que êle dá o nome de progressão aritmética; segundo Malthus, dever-se-ia restringir ao máximo a reprodução da espécie humana por motivo de ordem econômica e ao bem da própria humanidade.

Contradita, então, o nosso Josué de Castro aquêle autor, assim como aos neomalthusianos. Para êstes, segundo as próprias palavras de Josué de Castro, «o mundo vive faminto e está condenado a perecer numa epidemia total de fome porque os homens não controlam de maneira adequada os nascimentos de novos sêres humanos; não fazem mais do que atribuir a culpa da fome aos próprios famintos, e que, aumentando a pressão demográfica do mundo, mercê do seu delírio reprodutivo, êsses povos famintos não passam, ao ver dos malthusianos, de criminosos, criminosos culpados dêsse feio e e tremendo crime... de passar fome». — «A teoria neomalthusiana é, em última análise, continua o escritor patrício, uma teoria do faminto-nato. O Faminto-nato passa fome porque é faminto-nato, como o criminoso da antiga teoria lombrosiana mata e rouba por ser criminoso-nato. Como os criminosos-natos, merecem os famintos um castigo exemplar e, por isso, os neomalthusianos os condenam ao extermínio, individualmente, levando-os a morrer de inanição, e coletivamente, controlando-lhes os nascimentos, até que desapareça do mundo a raça dos famintos-natos, dêsses criminosos-natos, culpados do crime mazoquista de criar a fome e sofrer suas conseqüências»...

É a fatalidade: não há escapatória, nem esperanças, portanto!

Essa teoria desumana, por sinal controvertível em razão das modernas pesquisas nos terrenos da Ciência, assim como no da economia política e da economia social, que hoje se alargaram em campos de estudo realmente complexos, é, no fundo, consciente ou inconscientemente, criada pelos «defensores e aproveitadores da economia de tipo imperialista», — e que continua disposta a proteger sòmente uma parte reduzida de privilegiados...

Em nossa opinião, o malthusianismo nada mais é, ainda que pareça contraproducente, visto o seu criador ser espiritualista, que o resultado natural da cultura materialista, ou melhor materializada, da presente época, aplicada, pelo homem, na economia política; se observarmos em nossos dias a atmosfera que envolve a Ciência, na sua expressão real, positiva, dentro do limite conceptual do homem moderno, veremos que, em síntese, no que diz respeito ao descortínio do horizonte espiritual do sêr humano, como criatura vivente, pensante, que sente, que ama e que sofre, ela só oferece à nossa alma a dolorosa perspectiva de um futuro... sem amanhã, como a nos dizer — trabalha, sofre, ama, e como recompensa final de todos êsses labores só terás o nada, o esquecimento.

Ilustre médico português, falecido há pouco, Dr. Antônio J. Freyre, que, diga-se de passagem, no govêrno do ditador Salazar viu quase completamente cerceada a sua atividade religiosa, como pensador espiritista que era, escrevia que: «A amplitude da Evolução humana é demasiadamente grande para caber nos estreitos limites que a Ciência lhe demarcou entre um berço e um túmulo, onde mal cabem um sorriso de esperança e uma lágrima de saudade. Uma vida, assim, não valeria uma noite triste e fria, porque a noite mais tenebrosa tem também a sua aurora de beleza e de esperança...»

Ora, se observarmos por outro lado as religiões, notamos não terem elas acompanhado a Ciência no terreno da objetividade, continuando a encerrar a fé nos estreitos limites do misticismo, daí não mais satisfazerem aos anseios naturais dos espíritos perquiridores e inquietos de nossos tempos. Inteira razão cabia portanto a Léon Denis, no princípio dêste século, quando, numa antevisão dos acontecimentos da hora presente, afirmava que a nossa época «se agita nas trevas e no vácuo, e procura sem achar um remédio para os seus males». A realidade triste seria, portanto, esta: tôda a vida do homem gira em tôrno de um futuro incerto. Atingiu, por conseguinte, o racionalismo materialista dos malthusianos uma situação deveras embaraçosa: a de procurar conciliar uma teoria essencialmente atéia e desumana com o espiritualismo cristão do seu fundador.

Modifiquemos, entretanto, um pouco o fio de nosso raciocínio; façamos algumas digressões a propósito da personalidade de certos homens, muita vez contraditória e incoerente, joguetes que se tornam êles da atmosfera espiritual desequilibrada dêstes tempos.

Em Filosofia, dialética, como todos sabem, significa a arte de raciocinar, de argumentar e discutir; segundo certos dialéticos, à classe proletária estaria fadada a alta missão de transformar o mundo, eliminando, paulatinamente, certos princípios caducos e inumanos que até aos nossos dias, infelizmente, continuam norteando a humanidade. Segundo Rudolf Rocker — e aqui concordamos com êle — os dialéticos marxistas erram, aí, no seguinte ponto: no de atribuirem «a determinada «classe» certas tarefas históricas e convertê-la em representante de certas correntes ideológicas» (ver: «As Idéias Absolutistas no Socialismo»). É que a História tem demonstrado que, quanto aos relevantes e elevados papéis a desempenhar entre os homens, em todos os tempos, geralmente isso não obedece a determinados princípios, digamos assim, preestabelecidos — o fenômeno se dá espontâneo e desordenadamente, melhor dizendo: os homens espiritualmente evolvidos, os arautos das idéias renovadoras, independem dos meios em que nascem, e, por conseguinte, é muitas vêzes pouquíssima ou quase nada a influência dêstes sôbre êles. — Indivíduos há que vieram de meios cultos, quando não da classe alta, como um Bakunine, um Proudhon, um Kropotkin, para não falar de um Tolstoi, assim como tantos outros; não obstante, pregaram uma filosofia humanizada. Não só das classes pobres saem, ou poderão sair, os reformadores realmente construtores. Aceitamos, pois, repetimos, neste particular, sòmente em parte as referidas conclusões dos dialéticos marxistas.

Enquanto para alguns teoristas, como Kautsky, v. g., é francamente exequível viverem os homens em harmonia neste mundo, visto que, com uma política agrária organizada *todos* poderão gozar, em igualdade de direitos, dos alimentos que a mãe-terra vier a produzir, para outros, porém, como o cientista norte-americano William Vogt, por ex., — que, como homem de ciência, tinha «obrigação» de alimentar uma filosofia construtiva e que objetivasse a solução dos problemas das classes menos favorecidas, — ao contrário, são, isto sim, francamente pessimistas, de um pessimismo que chega a tomar colorações verdadeiramente horripilantes. Vemos, por outro lado, o mesmo Thomas Robert Malthus, pastor protestante (homem que, fazemos questão de frisar, se diz crente em Deus, na imortalidade pessoal, um espiritualista portanto), apregoando em seu «Ensaio» o extermínio das raças ditas incapazes, se não de maneira clara, pelo menos francamente ilativa! — E se, obedecendo a presente ordem do nosso raciocínio, evocássemos um Adolf Hitler, indivíduo de origem humilde, mas portador de ideais políticos-sociais completamente reacionários?! Convém lembremos de que foi no seu govêrno que a antiga Geopolítica, originária na Suécia, com Kjellén, se não nos enganamos, passou a ser orientada por Carlos Haushofer num sentido puramente nazista, isto é, por uma direção diferente da do mestre de Upsala, ou seja, da «consciência geográfica do Estado», como um sêr vivo, que encara o princípio do «espaço» com a frieza dos povos imperialistas. É a «Geopolitik» alemã. — Dir-nos-iam talvez que Hitler é produto da cultura burguesa. Concordamos. Não se pode esquecer, entretanto, ter sido êle antes de mais nada um ser racional, que optou seguir por um caminho que mais interessava à sua personalidade de homem livre; negar tal coisa inteiramente é admitir a criatura destituida de completo livre arbítrio, e portanto não lhe cabendo nenhuma responsabilidade nos atos criminosos que vier ou puder vir a perpetrar. Ora, isto seria o fatalismo, e então ninguém mais se entenderia... Os marxistas não negam tal conclusão!

(Continua)

Fazendeira Desumana

General Levino Cornélio Wischral

Já se findava a sessão do Centro Espírita «Boa-Vontade», de Curitiba, quando, aproveitando os minutos finais, o espírito conhecido pelo nome de Vasconcelos falou através das faculdades mediúnicas de Hercílio, manifestando-se em voz compassada, num genuíno sotaque de bom mineiro do interior.

Meus irmãos—disse êle— para vossa melhor meditação, devo relatar uma pequena história de que fui testemunha quando ainda vivia aí na Terra, em Belo Horizonte, entregue ao ramo de seços e molhados.

Próximo à minha casa morava uma família que, com enormes dificuldades, criava uma moça de trinta anos, se muito. Sofria ela, minuto por minuto, sem alívio ou interrupção, daquela horrenda moléstia chamada aí de «fogo selvagem» ou, como dizem os médicos—pênfigo, moléstia de origem misteriosa, das mais cruéis, começando por umas bôlhas transparentes, advindo depois manchas vermelhas e pústulas que, rápido, se transformam após em milhares de escamas fétidas recobrindo todo o corpo. Removidas, pelo banho matinal, essas nojentas escamas esbranquiçadas e secas, imediatamente outras tantas se formam envolvendo o corpo como se fossem uma só enorme chaga. E, como se tamanha desgraça não bastasse, passa a criatura a sofrer uma dor, quem sabe a mais intensa, qual seja a sensação exáta de se estar consumindo numa fogueira de labaredas sem fim, tamanho é o calor que a enfaixa. Êste é o tal fogo selvagem que leva os enfêrmos ao túmulo onde, então, renascem em corpo espiritual mais purificado ou limpo.

Além disso – falou Vasconcelos — o doente vai diminuindo, diminuindo ou, melhor, vai se reduzindo anatômicamente, passando a pessoa adulta a ficar do tamanho de uma criança de cinco anos de idade, porém com a fisionomia de uma pessoa bem velhinha.

Os enfêrmos, geralmente, não conseguem dormir, e suas noites são de longas e tremendas esperanças por um novo dia melhor; esgotam-se fisicamente e quase sempre acabam em estado de idiotia. Tudo isso Mirolinda — êsse seu nome — não ignorava, pois possuia o curso ginasial, era vivaz ao extremo e, quando podia, consultava ansiosa massudos tratados de medicina, para melhor conhecer sua moléstia.

Ao visitá-la, quantas vêzes, revoltada e desiludida, Mirolinda maldizia de Deus e suplicava a mim que, por caridade, a aliviasse dêsse amaldiçoado martírio, pois era apenas um trapo humano, totalmente recoberta de pústulas e escamas, debaixo das quais gotejava o sangue, como se fôsse rubras lágrimas. Eu tinha certeza de que ela tomaria, com prazer, um copo de qualquer violento veneno para abreviar-lhe os padecimentos; mas que fazer?

Raras eram as visitas. E, quando alguém ia vê-la, era incapaz de reter as lágrimas, tocado de profunda piedade, transmitindo à infeliz moça maiores angústias ainda. Mirolinda nada mais sabia dizer a não ser aos gritos: «Onde está êsse Deus sem misericórdia, que me faz sofrer, inocente, sem nunca haver cometido mal algum!»

E, assim, Mirolinda foi se consumindo, mergulhando em um mundo tétrico, até que com trinta e nove anos deixava na sepultura o seu corpinho de apenas cinco ou seis palmos, totalmente aniquilado pela dor física.

A tudo eu assistia de coração amargurado, sem nada poder fazer a não ser preces a Deus, pela moça. Nada entendia daquele estranho e misterioso caso; apenas ia tomando nota em um caderninho de venda dêsse escabroso fato e de outros que me pareciam interessantes para que quando eu chegasse lá no céu, perguntasse a alguém a respeito dêsses mistérios que a tantos impressionam; dessa maneira anotei uma porção de coisas enigmáticas.

Agora que estou no «espaço» — como dizem os espíritas — e mal penetrando em meu novo lar celeste, aliás sem grandes emoções próprias da viagem através do túmulo, fui, com admiração minha, convidado, mesmo sem nada haver solicitado, a visitar um gigantesco departamento do Ministério da Justiça Divina, local onde são anotadas, alteradas e arquivadas bilhões de fichas das criaturas encarnadas ou desencarnadas, de todos os que estão na Terra ou por ela passaram. São as fichas da vida ou, como dizem lá, fichas cármicas, que eu iria ver e analisar.

Logo que recebi o documento de Mirolinda não tive necessidade de muita leitura, pois imediatamente todo o conteúdo anotado se apresentava, como por milagre, sôbre uma tela, tipo cinematográfica, a rodar com inauditos pormenores. Extraordinário! — disse eu. Tinha a impressão exata de que via a própria pessoa presente e não o que estava inscrito na ficha. Lá estava aquela mesma Mirolinda, de Belo Horisonte, com idêntica fisionomia, porém vivendo no ano 1886, com o nome de dona Custódia N. Montenegro, riquíssima fazendeira e fidalga, possuidora de ilimitadas glebas de terra no Norte do Estado de São Paulo. Naquela época possuia ela três filhas e um rapaz em uniforme de alferes. Por herança, coubera-lhe imensa fortuna e uma senzala para acomodar 70 a 80 escravos, cruelmente tratados por pessoas de índole perversa, verdadeiros bandidos, empregados por d.ª Custódia como se fôssem leais e bons capatazes.

Pela época mencionada, já os escravos viviam em estado de alvoroço, pois o postilhão que chegara da côrte informara sôbre possível libertação dos negros. E a tela cármica expunha com fidelidade tôda a vida anterior daquela que se consumiu pelo fogo lá em Minas Gerais.

Vasconcelos vê agora, na tela psicométrica, coisas chocantes; espantosas! Elesbão e Eusébio, dois retintos escravos na flor da mocidade, vigorosos, prestativos e simpáticos e, aos pés dêles, duas cabeças degoladas de outros escravos que haviam procurado a liberdade; lá se via um quadro horrível! É que dona Custódia ordenara que os dois fugitivos recapturados ficassem três dias e três noites sem comida e sem água, amarrados ao tronco, à disposição das formigas e de outros insetos venenosos, para ali levados de propósito. Agora é vista a família da fazendeira, em ricos aparatos, orgulhosa, ostentando pomposas vestimentas como se estivesse presente a uma cerimônia de gala no paço imperial; a criadagem ao redor, e, mais além, todos os escravos em atitude contrafeita. Sim; todos eram obrigados a assistir ao macabro ritual por ela concebido para dar «um exemplo digno e uma justa lição» aos pobres fugitivos. Os olhos de dona Custódia brilhavam, satânicamente, de prazer quando seus capatazes cobriam os corpos nus com camadas de algodão e estopa ensopadas em alcatrão e querozene. Poucos instantes após, o fogo tudo reduzia a carvão e cinzas, inclusive os crâneos decepados dos outros dois, cujos corpos abandonados já haviam servido de pasto aos corvos.

Dona Custódia permanecia imperturbável em sua rica poltrona almofadada, de vestido branco guarnecido de finas rendas engomadas, fisionomia rígida, sorrindo maquinalmente enquanto os desgraçados eram carcomidos pelas labaredas crepitantes.

Irmãos que me ouvis — disse Vasconcelos através do médium — porventura seria justo que aquela dona Custódia, fazendeira cruel, agora renascida em novo corpo — o de Mirolinda — devesse estar quites e em paz com as leis de Deus, com saúde, chefiando, por exemplo, algum orfanato ou, quem sabe, dirigindo um hospital ou mesmo administrando seu doce lar, sem sentir o mínimo de amor ou uma insignificante parcela de amizade para com as criaturas que a cercassem? Pois é justamente agora que dona Custódia está colhendo parte do que semeou entre aquela dezena de escravos que Deus confiara à sua guarda e amor!

A inexorável lei de Causa e Efeito está sempre a exigír que as mínimas ações e atitudes se harmonizem e equilibrem com a Vontade Suprema. Já nos ensinou Jesus, nosso Excelso Modêlo, que cada um terá de colher o que semear de bom ou de ruim, isso significando que Deus nunca castiga a ninguém, pois cada um terá que receber aquilo que houver propiciado a outrem.

Aliás, a Justiça Divina é mais bondosa e misericordiosa do que se imagina, pois, enquanto eu me dirigia a vós, irmãos dêste Centro, pude antever a nossa infeliz Mirolinda, em futura encarnação, num casebre em distante subúrbio do Rio, como mãe-preta, recebendo através do seu ventre bendito dois filhos gêmeos, que serão justamente aquêles dois escravos Elesbão e Eusébio aos quais tanto ódio ela votara. E, mais tarde, conforme nos é dado ver, chegarão a seu regaço os espíritos a que pertenciam aquelas duas cabeças decepadas e mais os daqueles malvados capatazes para aumentarem os membros da família dessa nossa irmãzinha, a fim de que tenha muito trabalho; sua cruz será pesadíssima!

Pois é! — acrescentou Vasconcelos penalizado — A Bíblia tinha razão ao dizer: «A quem muito tem dar-se-á mais ainda».

Podeis imaginar como ela terá de encontrar tempo para mimar aquele seu bando de onze crianças? Beijá-las, envolvê-las em sentimentos de carinho? Como ficará preocupada para vestí-las com capricho, limpinhas e enfeitadas de rendas alvas e engomadas?... Podeis avaliar como ficará atarefada, inquieta e sem sono, perdendo noites e mais noites, ao lhe visitar as crianças o sarampo ou a coqueluche? Agora vêmo-la derramando muitas lágrimas silenciosas pela madrugada a dentro, em constante tensão de alerta, ao lado de seu marido, sim, aquêle que lhe foi fiel capitão de mato no papel de perverso capataz e agora desempenhando papel de anjo de guarda do lar! Algum tempo depois, terá de sofrer a angústia de ver a morte, quase simultânea, dos gêmeos que, em futuro algo longínquo, terão a incumbência de receber sua boa mãe-preta lá no céu, quando ela fizer o seu desenlace já aliviada pelo sofrer paciente e construtivo.

Mas, caros confrades — continuou Vasconcelos — a morte não existe; isto tudo é fantasia nossa; eu também já morri muitas vêzes; já fui, como dizeis aí, aristocrata grã-fino; já fui bandido, escravo, saltimbanco; já fui idiota e até mulher em outras encarnações passadas, e hoje ainda me considero o calmo e gordo senhor Vasconcelos, ex-negociante de secos e molhados de Belo Horizonte.

Não levem, caros irmãos, a vida tão a ferro e fogo; não! Para que ninguém padeça, sugiro que conduzam tudo com o amor exemplificado por Jesus.

Afianço-lhes que esta história é verdadeira; por isso, peço que meditem a respeito do acontecido com Mirolinda.

PAX.

Richard Hodgson, Presidente da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, escrevia nos Proceedings of Society Psichical Research: – «Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os espíritos que se comunicam são de fato as personalidades que dizem ser; que sobreviveram à mutuação conhecida pelo nome de morte e que se comunicaram diretamente conosco, pretensos vivos, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida».

As Vantagens do Hipnotismo

Luiz Caramaschi

Histórico

O hipnotismo é sugestão; por isso é tão velho quanto a humanidade. Desde que os homens se inter-atuaram, por meio da palavra, a sugestão começou a exercer sua influência.

Para que a sugestão penetre e produza os seus efeitos, é preciso que encontre lastro; não se poderá sugestionar se não se fizer compreendido; daí porque não se pode hipnotizar crianças muito pequenas, nem idiotas nem bêbados, nem paranóicos. Não se pode hipnotizar ninguém:

a) que não queira ser hipnotizado
b) que não possa concentrar a atenção como os bêbados e os idiotas
c) que não tenha poder de vontade suficiente para querer ser hipnotizado.

O hipnotizador não possui poderes ocultos nenhuns, nem suplanta as vontades alheias com a sua. O hipnotizador tem de *saber* e não de *querer* hipnotizar. Não é a sua vontade que vale, mas, a sua ciência, a sua arte.

Jesus Cristo, sempre que curava, inquiria do paciente se êle tinha fé. Esta fé é o lastro sôbre que se apoia a sugestão. E depois que Jesus produzia a cura, êle declarava «a tua fé te curou». Quando Jesus esteve na sua terra, não pôde produzir curas, porque ninguém acreditava nêle. Nessa ocasião foi que disse: Nenhum profeta deixa de ser profeta, senão na sua terra e na sua casa.

Jesus, sabendo que a hipnose é um processo científico, nada miraculoso, declarou o seguinte: As coisas que faço, vós as fareis, e ainda maiores.

Isto não é negação dos poderes de Jesus; pelo contrário, é afirmação, pois, o *poder não é fôrça, mas, sabedoria*. Poder é saber. Quem sabe pode; quem não sabe, não tem poder, nem que seja um gigante da vontade. U'a máquina capaz de moer um mundo, pode ser acionada por uma simples criança que lhe conheça o funcionamento. Assim Jesus era poderoso, porque o seu poder estava na sabedoria e não na fôrça.

Sugestão sub-liminar

Nos EE UU se vendem discos com sugestões, por exemplo: *você vai emagrecer; você é calmo, serenissimo*, etc. Coloca-se um pequeno alto-falante sob o travessairo, e fica-se a ouvir o disco nêsse estado de modôrra, de sonolência, que é quando a censura racional está frouxa. Existe até, nos EE UU, uma companhia que se chama: «Subliminal Projection Company Inc.», a qual explora comercialmente a sugestão inconsciente. Por isto Karl Weissmann chama a isto «Hipnotismo Comercial». Durante a projeção de um filme, aparecem pequenas falhas que não lhe interrompe a sequência. Essas pequenas falhas são provenientes de frases-relâmpagos que dizem, por exemplo: «Beba Coca-Cola», «Coma Pipoca», «Beba Café». Os olhos lêm a frase, e o subconsciente a registra, sem que o consciente tome conhecimento. O resultado é que o espectador começa a sentir vontade de beber coca-cola, ou café. As autoridades governamentais foram alertadas do perigo de tipos como Hitler ou Stalin tirarem proveito do fato científico, apresentando frases assim: «Hitler é o Maior», «Stalin é nosso Pai».

Todavia esta coisa perigosa, se aplicada para o mal, será prodigiosamente boa, se aplicada para o bem. Assim, nos programas de televisão e no cinema poder-se-iam intercalar frases-relâmpago que dissessem: «Seja Calmo», «Domine Seus Nervos». Dia virá em que teremos, pelo rádio, «A Hora Repousante», com música adormecedora e sugestões positivas, sadias. Precisamos disto para contrabalançar a chuva de sugestões negativas, materialistas, as explorações da cobiça e do sexo; estas sugestões, quando sub-liminares, quer dizer, que a gente as registrou sem as perceber, atuam na nossa vida, ou fazendo que nos degrademos, ou provocando fortes conflitos com o Super-Ego, disto resultando os *medos da vida, os nervosismos, as angústias*, etc. Eis porque nossa civilização até se poderia chamar: «*Civilização da Angústia*».

Hipnopédia

Hipnos — sono, e pédia — ensino, educação. É a hipnose aplicada à educação. Não só se pode, pela hipnose, desfazer as inibições, as fobias, os mêdos e as angústias dos que vão a fazer exames, como ainda se pode melhorar a memória ao ponto de criar os chamados «super-cérebros». Na Alemanha já se aplica êste método que consiste em gravar a lição numa fita magnética, e depois ouví-la em estado de transe hipnótico. O resultado é que aquilo que se vai decorar, se grava, de pronto, no subconsciente. Com isto se conseguem verdadeiras «enciclopédias ambulantes». Como nossa escola é pura decoração, aqui está como todos poderão se transformar em «gênios» (?!), e tirar só cem...

A inconsciência dos professores

É muito comum professores xingarem seus alunos de «burros», «cabeça-de-vento», «preguiçosos», etc. É que êstes tais professores, na sua inconsciência, não sabem que estas frases são *sugestões que se gravam*, produzindo os seus efeitos. Os senhores diretores deveriam tomar providências, e os professores deveriam conhecer, de fato, a psicologia que as mais das vêzes apenas decoram, ao fazerem seus cursos. Há carreiras e homens que são destruidos por sugestões negativas de professores criminosamente ignorantes da psicologia.

O *transe hipnótico* é um estado agradável, de sonolência que pode chegar até à inconsciência ou não. No estado de sonambulismo pode-se dar uma ordem como: «Amanhã, às dez horas, o seu ôlho esquerdo vai ficar adormecido a tal ponto, que é como se êle não existisse». No outro dia o ôlho adormece, e pode ser extraído sem que o paciente sinta coisa alguma. Esdaile fazia isto, e o paciente acompanhava a operação, com o outro ôlho, por um espêlho.

Diante disto, todos os que se submetem ao sono hipnótico, terão, à mão, esta possibilidade fantástica para ser usada, se preciso, a qualquer momento.

Perigos do hipnotismo

Há os que temem ser hipnotizados e não poderem acordar. Êste perigo não existe, e se o «sujet» não quer acordar é porque foi a isto «condicionado», por algum outro hipnotizador, a agir assim. Mas não há nenhum perigo, pois, o sono hipnótico pode transformar-se em sono natural. Até se usa êste processo para o insone: dá-se-lhe uma ordem de que, ao se deitar, cairá em *transe hipnótico*, e dormirá tôda a noite.

A não ser no caso de um condicionamento dêstes, em que o «sujet» acorda quando quiser, todos acordam à ordem do hipnotizador, pois, é claro que aquilo que a sujestão faz, a mesma sugestão desfaz. Se o «sujet» perdeu o ouvido, e por isso não ouve a ordem de acordar, basta soprar no ouvido, e êle acordará; soprando-se, no rosto, o «sujet» acorda, e é por isso que o sono hipnótico deve estar resguardado de ventos.

O perigo existe, isso sim, nas sujestões aflitivas que nunca, por isso, se devem dar, porque podem produzir traumas. Nunca dizer ao «sujet»: «você está se afogando», ou: «você caiu no fogo». Se o «sujet» está guiando um automóvel imaginário, não se lhe há-de dizer: «desastre — o automóvel está tombando na barroca». Nada de sugestões de perigos.

Ao acordar o «sujet», nunca esquecer de o fazer com *progressividade, com delicadeza*, sugerindo-lhe que vai acordar sem dor de cabeça, sem sonolência, sem corpo pesado; vai acordar muito bem disposto, muito alegre, muito feliz.

Hipnotismo e religião

Quem quiser demonstrar que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos, acabam por provar, também, que tôdas as fés são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos valem só pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. Nêste caso a imaginação criou o mito, e êste agiu, reflexivamente, sôbre a mente, criando a alucinação; daqui em diante o alucinado crê, porque teve uma «experiência mística». Mas teve uma «experiência mística» porque foi sugestionado por uma «criação mística». Então a fórmula psicológica das religiões é esta:

imaginação + sugestão = mito
mito + sugestão = religião

No Espiritismo os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo (sugestão subconsciente do médium) e telepatia com a comunicação pròpriamente dita. Porém o fenômeno espírita existe. É por isso que Aldous Huxley, em «O Cruzeiro» de 6 de setembro de 1958, afirmou que «mesmo aceitando a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente». É êsse «mínimo de casos» que constitui o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia, provinda de encarnados, mas, também a *telepatia originária dos desencarnados.* O hipnotista que tiver algum desafeto desencarnado, pode passar maus pedaços, como é o caso do dentista que, tentando hipnotizar u'a mulher, teve-a incorporada por uma entidade inimiga que o agrediu e lhe quebrou o gabinete.

Num dos espetáculos havidos há pouco tempo, nesta cidade de Piraju, um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfàticamente : «Eu não sou gago». De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu opositor, afirmou : «Eu venço esta eleição, porque já venci duas ; eu já fui prefeito duas vêzes». Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fôra prefeito duas vêzes ?

A coisa é simples ? Não, não é simples. Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que «ainda hoje, alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados». Que casos são êstes ? Dentre muitos estão os que êle próprio comprovou, pois, «nas milhares de pessoas que hipnotizou, teve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutivelmente provados.» Afastada a hipótese do magnetismo, ficou sem explicação o fato de, nos testes de suscetibilidade, o paciente cair, como que atraído pelas mãos do hipnotizador.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

67 — Saí a procurar casa, logo que vimos tudo limpo. Não deixaria, de maneira nenhuma, que Mamãe esperasse, ali, nova enchente. Fui tão feliz que encontrei uma casinha alegre, na Avenida Amaro Cavalcante, n.° 139, bem em frente do Colégio Nacional. Aluguei-a imediatamente e, no dia seguinte, mudamo-nos.

68 — À esta altura, meu irmão José já estava conosco. Aparecera-me, morávamos ainda com o Juca, na Vila das Margaridas. Pensei, quando o vi bem disposto, bem vestido, endinheirado, que tivesse arranjado juizo. Enganei-me. Jamais tivera fôrças para abandonar o jôgo.

69 — Dei uma enorme alegria à Mamãe quando permiti que o José viesse morar com ela. Que reforma o Espiritismo fizera em mim!

70 — Com a família morando em frente ao Nacional, simplifiquei minha vida. Do Colégio via todos os movimentos da minha casa e podia ir lá todos os dias.

71 — Voltando ao internato, o Almirante melhorou minha situação financeira, pois dispensara o inspetor do mesmo. Consegui, mêses depois, equilibrar minhas finanças.

72 — Pude, então, falar à Mamãe da necessidade de casar-me ; José fazia as despesas de armazém, açougue, quitanda e padaria. O aluguel da casa era meu. As despesas de roupa eram divididas.

73 — Os dois concordaram comigo. Achavam, como eu, que um educador não devia ser solteiro. Eu, no entretanto, quando lhes falei no assunto, não tinha

nenhuma moça em vista. Sempre preocupado com a idéia de só casar-me quando pudesse sustentar duas famílias, não me interessara, no Rio, ainda, por mulher alguma.

74 — Confiando na conversão do José, passei a observar as senhoritas que conhecia mais de perto. Minha primeira pretendente foi uma irmã do prof. Laranjeiras. Dona de ótima formação moral, pianista; correspondeu-me.

75 — Sua mãe, egoista e injusta, julgou que eu lhe queria os bens, fingindo gostar da filha. Esta escreveu-me, falando dos sentimentos maternos.

76 — Respondi-lhe dizendo era meu propósito casar-me com separação de bens, coisa que falaria na ocasião do noivado. Diante, porém, das falsas acusações de sua mãe, não mais me interessaria o casamento com ela. Fí-la sofrer injustamente, pois não tinha culpa da insensatez de sua progenitora. Mas, o meu gênio arrebatado e o orgulho me ditaram aquela conduta ; não queria que ninguém pensasse que a separação de bens fôsse exigência da família dela ...

77 — Passei a interessar-me por Nilza, segunda filha do Almirante. Mais por admiração às virtudes da moça e gratidão aos pais, do que por afeição. Ela não me levou a sério, mas continuamos, sempre, bons amigos.

78 — Foi Carmen, filha da dona da casa da travessa Rio Grande do Norte, onde minha mãe morou, a terceira pretendente. Não afinamos bem os nossos sentimentos . . .

79 — Margarida, moça espanhola, foi a quarta preferida. Bonita, meiga e graciosa, era analfabeta. Tentei ensinar-lhe a ler. Nada consegui. Era muito rude e descuidada com sua roupa e seus objetos. Desanimei. Ciente de sua grande amizade por mim, não tinha coragem de falar-lhe do meu desânimo. Esperava uma oportunidade . . .

80 — Só depois, já em Parahyba do Sul, tive coragem de escrever-lhe, desmanchando tudo, alegando a tremenda diferença intelectual que havia entre nós.

81 — Custou-lhe a esquecer-me. Quando vim ao Rio, pela primeira vez, buscar os últimos livros meus que ficaram no Nacional, encontrei-a. Maguada e chorosa, profligou-me o proceder : «Porque não vira eu, antes, que era inculta ?»

82 — Ouvi tôdas as suas queixas. Nada lhe respondi, defendendo-me. Achei que tinha razão e pedi-lhe perdoasse-me... Recebi a devolução de todos os presentes modestos que lhe havia dado . . .

—

83 — Antes de ir para Parahyba do Sul, permaneci no Nacional, dando-lhe o melhor de meu entusiasmo e dedicação.

84 — Além da fiscalização forte nas aulas, na disciplina, na limpeza, em tudo enfim, fundei a «Liga Pró Educação e Bondade», em que já tive ocasião de falar.

85 — Foi, repito, um dos grandes orgulhos de minha vida. Além do grande ataque aos vícios, a «Liga» organizava teatrinhos, bailes, convescotes, etc. Além dos alunos, interessavam-se por ela pais e professôres. Quantas saudades de tudo isto ! . . .

86 — Fiz-me professor de educação física, fazendo um curso de ginástica oficial. A ginástica beneficiou minha saúde e tornei-me um apaixoado dela.

87 — Um fato interessante foi minha ida com o prof. Werneck ao *Fluminense*, assistir uma partida de futebol. Muita gente. Superlotação. Achei o jôgo desinteressante. Na ocasião, porém, em que vi a bola atravessar o gol, fiquei espantadíssimo ! Aquela gente tôda pulava, jogava chapéus ; houve até quem jogasse paletó. Saí pensando : ou tôda esta gente tem juizo e eu sou louco ; ou tôda esta gente é louca e eu o ajuizado. Nunca pude entender o interêsse pelo futebol, além de achá-lo violento e grosseiro. Nunca o permiti no Nacional e no meu Colégio.

88 — Continuava amigo da arte de declamar. Ensinava declamação e declamava. Minha poesia predileta era «*Fiel*», de Guerra Junqueiro. A espôsa do Almirante gostava de me ouvir declamando-a, e me pedia sempre, em tôdas as festas.

89 — Chegou, nesta ocasião, ao Rio, a família de Marília ; Anísio, seu irmão, sabia de meu enderêço, pois Mamãe lho dera quando se foi despedir dela, na Bahia.

90 — Vieram, também, para o Meyer Marília e sua irmã Zilá foram ao Nacional, matricular o Zoráguido, um dos irmãos.

91 — Dei o endêreço da casa onde estavam à Mamãe que os visitou.

92 — Continuaram as visitas mútuas. Marília assistiu uma das festinhas da *Liga*, aplaudindo-me, muito, na declamação do *Fiel*.

93 — O Almirante, instado por mim, montou uma oficina gráfica, para impressão de todos os nossos papéis escolares. Ninguém sabia artes gráficas. Amigos nossos, inclusive o Lima, ensinavam-me e a alguns alunos de boa vontade, a confecção da papelada, nas nossas folgas noturnas.

94 — Resolvemos editar uma revista mundana: *Quinzenário*. Inspiração nossa, em *Vida Doméstica*. Reuniu a elite intelectual da zona. Sairam poucos números! Muito prejuizo e muitos aborrecimentos.

95 — O Espiritismo, repito, ainda não me tinha entrado, bem, a alma. Daí minha preocupação com revistas mundanas...

96 — Meu temperamento agitado não me deixava parar. Criei o *Grêmio Intelectual Carioca*, prolongamento da *Academia Carioca de Letras*. Reunimos elementos de valor, no campo da literatura e das artes. Fizemos várias reuniões agradáveis no Colégio mesmo. Escolhiamos, sempre, para as festas, o salão do dormitório dos internos, que era enorme.

97 — Temperamento caseiro, preferia, sempre, uma diversão íntima a passeios. Passava os domingos, em que não havia reunião no *Grêmio*, jogando *poker*, com os filhos e os sobrinhos do Almirante.

98 — Passamos, assim jogando, o domingo de carnaval de mil novecentos e vinte e quatro. Na segunda-feira, todos queriam ir para a Avenida e eu insistia com todos para que ficássemos jogando. Disseram-me que eu não queria descer porque não tinha geito para folião. Resolvi, então, sair com êles e cair na folia. Brincamos muito e fui o animador do bando.

99 — Relatando êste episódio, estou a me lembrar de outro carnaval, o de mil novecentos e quatorze. Foram os dois únicos carnavais em que brinquei. Formei, em quatorze, um bloco singular «A Crise». Época da primeira guerra mundial. Muita fome. Muita miséria. Todos os rapazes do bloco, de mortalha preta, máscara de caveira, às costas as letras da palavra *crise*, em branco e maiúsculo; éramos cinco e íamos juntos. Fizemos um sucesso em Salvador.

100 — Certa noite, em companhia de Dagoberto Cruz, professor do Nacional, fui cear no *Portuense*, do Meyer. Dagoberto apresentou-me a um rapaz nortista, com roupas rasgadas, faminto e sapados furados. Ceiava conosco, enquanto nos contava sua aventura: metera-se numa revolução que fracassou, em Sergipe, seu estado natal, e fugira, trocando de nome. Levei-o para o meu quarto. Dei-lhe roupa e calçados. Notando sua cultura, fi-lo professor de História e Geografia, em duas séries que perderam o professor destas cadeiras. Agradou aos alunos e à família do Almirante. Com a barriga cheia, empregado e vestido, entrou a menosprezar-me, negando obediência às minhas ordens, sistemàticamente. Depois de um sábado em que lhe chamei, enèrgicamente, a atenção por tudo, estávamos jogando, na tarde do domingo, quando êle se aborreceu comigo, por questões do jôgo. Atirou-me as cartas, quase ao rosto, maltratando-me. Respondi-lhe à altura.

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 180,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$150,00
Do 4.° ano . .	180,00	Do 21.° ano . .	150,00	Do 28.° ano .	150,00
Do 5.° ano . .	180,00	Do 22 ° ano . .	150,00	Do 29.° ano .	150,00
Do 6.° ano . .	180,00	Do 23.° ano . .	150.00	Do 30.° ano .	150.00
Do 7.° ano . .	180,00	Do 24.° ano . .	150,00	Do 31.° ano .	150,00
Do 18.° ano . .	180,00	Do 25.° ano . .	150,00	Do 32.° ano .	150,00
Do 19.° ano . .	180,00	Do 26.° ano . .	150,00	Do 33.° ano .	150,00

Crônica Estrangeira

Homem «Morto» se materializa e abraça sua mulher

De «Two Worlds»

«Meu querido esposo se materializou, abraçou-me e me beijou.»

Assim afirma Vidie Carleton James, que descreve uma sessão Sul Africana com Alec Harris, natural de Cardiff. Também um espírito-guia se materializou para cumprir uma promessa feita antes. E uma famosa médium mostrou-se a sua filha.

Alec Harris, o famoso médium mundial está em Durban, com sua mulher. Também ali está Alice Barret, notável médium em sessões de vozes.

No monte chamado Berea mora o prof. Nelson Palmer. Médium que recentemente conduziu a polícia para junto de dois corpos, um suicida e outro o de uma jovem assassinada.

Jack Spear, admirável médium de vozes, mora nas proximidades.

Em Forma Sólida

Passei uma noite com os Levy que relatou interessante sessão em presença de Lilian Bailey, em Londres. Um espírito Índio, Nuvem Branca, era exatamente uma voz, mas uma voz cheia de sabedoria.

Foi uma revelação vê-lo sòlidamente materializado, sendo médium Alec Harris. Nuvem Branca era alto e sólido, seu turbante de penas era enorme, seu manto de um branco deslumbrante, cabelos bastos e pretos.

Êle falou ao casal Levy. Apertou suas mãos. Era maravilhoso ver a alegria de ambos ao estreito contacto com o amado espírito-guia. Também se materializou o Dr. Lung através do médium Harris.

Muitas figuras se materializaram quando eu estava presente. Alguns eram guias, outros seres amados dos assistentes. Quando alguém era chamado para a frente para falar com as formas espirituais, eram os assistentes que pareciam obscuros, não as figuras trajadas de branco deslumbrante.

Um espírito, que é bom e se interessa por mim, apareceu e chamou-me para junto de si. Êle era alto e sólido. Seus braços que enlaçaram meus ombros eram fortes, a capa que pôs sôbre mim era símbolo de sua proteção e cuidado. Eu o vi distintamente, era muito diferente de Alec Harris.

Em outra sessão meu querido esposo se materializou, segurou-me e me beijou. Porém eu estava tão chocada pela emoção de modo a não ter podido fixar a figura vívida, não obstante a minha convicção de nos termos encontrado mais uma vez em condições terrestres, completas e satisfatórias.

Em sessão com Alice Barret as vozes eram tão altas e claras como as conheci no decorrer dos anos em que tive o privilégio de assistir sessões com ela. O guia, Dr. Mekal, universalmente amado por todos que o encontraram, disse que apareceria à sessão Harris, a qual foram convidados os presentes.

Irònicamente lhe perguntei se viria coberto de musselina branca que é a aparência das vestes ectoplasmicas. Êle respondeu que viria com seu avental de cirurgião e na mão estaria o seu estetoscópio.

É certo, êle cumpriu a sua promessa e apareceu. E falou a seu médium, que estava sentado exàtamente à minha frente. Êle também me falou, então lembrou-se do seu estetoscópio, e voltou ao gabinete para apanhá lo!

A mãe da senhora Barret, Margaret Lloyd, também ela famosa médium de transe, apareceu, segurando uma luz espiritual entre seus dedos, e falou à sua filha.

Rostos vistos claramente

Materializou-se o irmão da snra. Jack Spears, falou-lhe e segurou suas mãos. Ela disse que não podia deixar de reconhecê-lo.

Aza Branca, o querido guia do círculo Harris, veiu em seguida. Êle é alto e magnífico, com bastos cabelos pretos, por baixo do seu turbante de penas. Êle me chamou para falar-me e me bateu nas mãos. Claramente vi seu rosto — um nariz fino, aquilino e brilhantes olhos, completamente diferente de Alec Harris, tanto em altura como na feição.

Grandemente afortunados os que, como nós, podem visitar Durban e assistir a essas maravilhosas sessões.

Uma exposição do «Osservatore»

A Bíblia e a descoberta de Baccinello

Cidade do Vaticano, (Ansa), 27/8/1958

O «Osservatore» respondendo à pergunta de um leitor que, referindo-se ao esqueleto de milhões de anos encontrado em Baccinello, perguntou se não havia contradição quanto à origem do homem, entre a ciência moderna e a Bíblia, escreve entre outras coisas: «O cálculo feito pelos sábios, atribuindo milhões de anos para a idade do universo (ou a centenas de milhares de anos para o homem), não está mais em contradição com a Bíblia. Mesmo os velhos exegetas, que permaneceram fieis ao sentido quase material da Gênese, não mais ensinaram que o mundo, ou ao menos o homem, fôra criado sòmente a seis ou sete mil anos atrás. Êles sabiam que a cronologia bíblica da Gênese, constituia uma questão quase insolúvel: os números hebráicos transcritos por copistas a copistas, tinham facilitado e sofrido correções e corrupções, por outro lado, os nomes dos patriarcas do Velho Testamento, antes e depois do dilúvio, não queriam indicar um determinado número de gerações, mas, sòmente indicar alguns personagens da história e da pré-história do povo hebreu».

Quanto à teoria evolucionista, o órgão precisa (determina): A Bíblia e a teologia católica exigem que se aceite que o espírito humano foi diretamente criado por Deus, que o corpo do primeiro homem foi formado por uma particular ação divina. Em suma, a aparição do primeiro casal humano foi objeto mais particular da Providência Divina e não abandonada ao simples desenvolvimento e evolução das fôrças da natureza. Poderia ser admitida a derivação do corpo do homem de um corpo animal superior.

Traduzido de «Fanfula»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Dante Ferriolli

Este nosso representante, que percorre vários Estados do Brasil, a serviço de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», regressando de sua longa viagem pelo Sul do Paraná e de São Paulo, deu-nos o prazer de sua convivência por algumas horas, trazendo-nos notícias agradáveis do acolhimento fraterno que lhe foi dispensado em tôda a parte nessa última e proveitosa excursão.

Dante Ferriolli, pediu-nos para renovarmos, por estas colunas, o seu agradecimento a todos que o distinguiram com sua acolhedora atenção, agradecimento sincero que também é nosso, com votos de felicidade para os nossos confrades de todos os quadrantes.

Pouco se demorando entre nós, Dante Ferriolli, já seguiu para novas zonas, na Estrada de Ferro Paulista, devendo passar pelas cidades de Rio Claro, Araras, Leme, Piraçununga, Decalvado, Santa Rita do Passa Quatro, Limeira, Americana, S. Barbara d'Oeste, e daí seguirá para Marilia e outras cidades da zona mariliense.

Lourenço Bianchi

Após 4 anos, de prolongada enfermidade, que o afastou de suas atividades, tivemos o prazer de receber a visita de Lourenço Bianchi, nosso prezado companheiro, antigo representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo».

A visita se verificou a 15 de outubro, depois de haver, o nosso amigo, já restabelecido, retomado seu trabalho e percorrido, na linha de ferro araraquarense, as cidades de Catanduva, Santa Adélia e Taquaritinga.

Em seguida viajou êle para Araraquara, Itápolis, Ibitinga, Borborema e Novo-Horizonte, devendo continuar a excursão para além de São José do Rio Preto até Presidente Vargas.

Nas localidades já percorridas, Lourenço Bianchi foi recebido carinhosamente pelos confrades e amigos, e estamos certos de que o mesmo acolhimento ser-lhe-á dispensado, em todos os meios espíritas, que darão ao velho trabalhador o prêmio da sua dedicação à causa que nos é comum.

Lourenço Bianchi, por nosso intermédio, agradece, de coração, a todos que o tem auxiliado na sua peregrinação, dando-lhe generosamente apoio e solidariedade, nesta continuação de seu trabalho.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 4 de Outubro de 1958

À hora regimental, após proferir a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos, sendo logo lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Depois de comentários sôbre a passagem da data comemorativa do nascimento de Allan Kardec, comunica o Presidente ter o ilustre confrade Dr. Porto Carreiro Neto enviado saudações pela efeméride citada. Do expediente consta a remessa, pela União Espírita Mineira, das conclusões finais do III Congresso Espírita Mineiro.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino dá notícias das atividades da Federação Catarinense e apresenta ao Conselho carta que lhe foi enviada de Jaraguá do Sul, pedindo orientação para a legalização de uma sociedade espírita naquela cidade. Resolve o Presidente seja encaminhada a dita carta à Secretaria da Federação Espírita, para ser respondida.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica a realização, às dezesseis horas, na sede da Liga, de uma comemoração da data natal do ínclito mestre Allan Kardec.

São Paulo — Comunica o Conselheiro Carlos Jordão que representou o Conselho e a Federação na Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama faz ligeiro histórico das atividades da União Espírita Paraense, salientando o movimento nos setores doutrinário e assistencial e os trabalhos do LAR de MARIA e da Mocidade Espírita.

Maranhão — O Conselheiro Clóvis Ramos noticia o êxito do trabalho de evangelização nos lares e a intensa atividade da Federação Maranhense no setor doutrinário.

Paraíba — O representante, Conselheiro Indalício Mendes, informa que a Federação Paraibana organizou homenagens especiais para comemorar a passagem da data de nascimento do Codificador.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães comunica que a União Espírita Cearense encerrou com êxito o primeiro Curso de Escolas do Evangelho.

Às dezesseis horas, com a prece final pelo representante da Bahia, encerra o Presidente a reunião.

Festa da Criança

Domingo, dia 12 de Outubro, o Grêmio Infantil «Martha Cunha», de Matão, levou a efeito delicada festinha em homenagem à criança na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e no Lar Infantil «Cairbar Schutel».

Às 20 horas, desse dia, teve início a parte artística a cargo dos componentes do Grêmio e às 20 horas e 30, a «Palestra doutrinária para as crianças de 1 a 80 anos», a cargo do querido Alexandre Barbosa, de Araraquara.

Nessas festividades tomaram parte muitas crianças, sendo as mesmas assistidas por numerosa platéia. No Lar Infantil, Alexandre Barbosa falou especialmente para as crianças, às quais foi servida variada mesa de doces.

Conferência Pública

Segundo nos comunicaram da Capital, o 3 de Outubro foi comemorado na Federação Espírita do Estado, à rua Maria Paula, com uma substanciosa conferência de J. Herculano Pires, em homenagem a Allan Kardec, pelo 144.º aniversário de seu nascimento.

Livraria Espírita

Com a denominação de Livraria Espírita Emmanuel, acaba de ser fundada na Capital de São Paulo, à rua Quintino Bocaiuva, 161, — 4.º andar — uma Livraria Especializada em livros e publicações espíritas, sob a direção de Vicente S. Neto, nosso ativo agente correspondente na Capital.

Os assinantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», e demais interessados poderão procurar no endereço acima o nosso citado representante para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : cr.$ 25,00.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 25,00.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, – luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3411unse_0

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1958 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Insígne Missionário . . . . . *Redação*
O Natal se Aproxima . . . . . *v. lirenedo*
A Descoberta do Espírito . . . . *Hernani Guimarães Andrade*
A Conquista do Planêta Marte . . *V. O. Casella*
A propósito de um Livro . . . . *Fernando Toledo*
Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil *Milton de Andrade*
Discussão Esclarecedora . . . . . *Ismael Gomes Braga*
O Esperanto e o Espiritismo . . . *Ext. da obra "A Sobrevivência do Espírito"*
A Teoria Corpuscular do Espírito . *C. Pimentel*
Pesquisas Metapsíquicas em diversas Universidades Americanas e Européias . . . . *Irmão Saulo*
"Quo Vadis?" . . . . *Trad. de Eddie A. da Silva*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado Confrade

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade – o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», com a colaboração da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob o patrocínio da União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício do Mestre, realizará o NATAL DOS POBRES, distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nêsse sentido a Comissão Organizadora do NATAL DOS POBRES solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Letícia M. Olson
Dirce Barbosa Mariani

Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Edni Pedro Gonçalves
Donata Casadei Oliveira
Claudeni Gonçalves
Fanny Trolezi

Matão, Novembro de 1958.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1958 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Insígne Missionário

O objetivo único da vinda de Jesus a êste mundo foi, conforme profetizou Isaias — fazer raiar a Luz aos que se encontravam na região da morte: dar crença aos que não n'a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da Vida, animá-los e os vivificar e, sobretudo, apresentar-se como o Modêlo, o Paradigna, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de transmitir um Ensino elevado e perfeito, o legítimo representante da Verdade que redime e salva. Daí a sua sentença: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim».

Jesus descendia de humilde família, mas foi o vulto popular da Judéia. Ninguém desconhecia a existência daquele vulto singular.

Seguido por gente humilde, Jesus era o alvo dos que a Êle acorriam e por todos era seguido pelas ruas e estradas, cidades e aldeias, e testemunhavam o seu grande poder.

O nome de Jesus andava de bôca em bôca. Ao seu regaço, Êle chamava as crianças, confortava os aflitos, curava os enfêrmos, e sempre tinha palavras de benevolência para os infelizes que se achegavam á sua presença confortadora. Todos sabiam existir na Judéia um certo Jesus, filho de uma jovem nazarena, espôsa de um carpinteiro, José, que pregava uma religião por meio de parábolas, que escandalizava a «classe sacerdotal», mas que fazia maravilhas, produzia «milágres» que surpreendiam as multidões.

Ninguém foi tão falado, nem prodígios praticou como o moço nazareno, cujo poder foi e continua a ser um problema para as gerações que se sucedem.

Não consta da História que homem algum, gênio ou missionário, O igualasse em poder e virtude.

Jesus foi o modêlo da perfeição. De seu olhar irradiavam as carícias para os infelizes, párias, maltrapilhos que O seguiam cheios de esperança e fé, atraídos pelo seu grande amor.

Jesus foi o Insígne Missionário que interpretou e praticou a Vontade Divina. Ao contacto de suas mãos, os enfêrmos se restabeleciam, os cegos viam, os surdos ouviam, os paralíticos andavam, os leprosos ficavam limpos. Tão grande era o seu poder que mesmo os elementos da natureza lhe obedeciam. E ao lado de seu poder, o Nazareno se desdobrava em incessante atividade, expunha aos que O seguiam a sua palavra de Luz e de Caridade, que vibrava nas almas e dava paz aos aflitos. Seus ensinos ultrapassam a todos os métodos pedagógicos. Êle usava de parábolas, fazia comparações, descrevia a natureza. De tôdas as coisas Jesus se servia para fazer compreender a Grande Doutrina que viera pregar.

A Missão de Jesus, segundo os Evangelhos, foi despertar o pensamento humano e abrir-lhe os olhos para a realidade da Vida Eterna, dando-lhe, ao mesmo tempo, o mais perfeito Código de Amor, Esperança, Fé e Caridade, para que a prática destas virtudes lhe desse a felicidade nessa Vida que a todos espera.

Nós propagamos a Doutrina de Jesus, pois admiramos a singular Personalidade do Insígne Missionário, que propugna a mais elevada moral, que se resume no seguinte: «Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo».

Não era só o povo da Judéia a admirar o Insígne Missionàrio.

Transcrevemos o seguinte que Cairbar Schutel publicou no ano de 1932:

O Retrato de Jesus, feito por Publio Lentulo

O documento que publicamos a seguir foi encontrado no arquívo do Duque de Cesarini, em Roma.

Essa carta, onde se faz o retrato físico e moral de Jesus, foi mandado de Jerusalém, por Publio Lentulo, então presidente da Judéia, a Tibério Cesar, imperador de Roma.

Diz referida carta:

«Sabendo que desejas conhecer quanto vou narrar, existindo nos nossos tempos um homem, o qual vive atualmente de grandes virtudes, chamado Jesus, que, pelo povo é inculcado o profeta da verdade, e os seus discípulos dizem que é filho de Deus, criador do céu e da terra e de tôdas as coisas que nela se acham e que nela tenham estado; em verdade, ó Cesar, cada dia se ouvem coisas maravilhosas dêsse Jesus: ressuscita os mortos, cura os enfêrmos, em uma só palavra — é um homem de justa estatura e é muito belo ao aspecto, e há tanta majestade no rosto, que aquêles que o vêm são forçados a amá-lo ou temê-lo. Tem os cabelos da côr da amêndoa bem madura, são distendidos até as orelhas, e das orelhas até as espáduas, são da côr da terra, porém mais reluzentes.

«Tem no meio de sua fronte uma linha separando os cabelos, na forma em uso nos Nazarenos, o seu rosto é cheio, o aspecto é muito sereno, nenhuma ruga ou mancha se vê em sua face de uma côr moderada; o nariz e a bôca são irrepreensíveis.

«A barba é espêssa, mas semelhante aos cabelos, não muito longa, mas separada pelo meio, seu olhar é muito especioso e grave; tem os olhos graciosos e claros, o que surpreende é que resplandecem no seu rosto como os raios do sol, porém ninguém pode olhar fixo o seu semblante, porque quando resplende, apavora e quando ameniza, chora; faz-se amar e é alegre com gravidade.

«Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas, antes chorar. Tem os braços e as mãos muito belos; na palestra, contenta muito, mas o faz raramente e, quando dêle se aproxima, verifica-se que é muito modesto na presença e na pessoa. É o mais belo homem que se possa imaginar, muito semelhante à sua Mãe, a qual é de uma rara beleza. não se tendo, jamais, visto por estas partes uma donzela tão bela, porém, se a Majestade Tua, ó Cesar, deseja vê-lo, como no aviso passado escreveste, dá-me ordens, que não faltarei de mandá-lo o mais depressa possível.

«De letras, faz-se admirar de tôda cidade de Jerusalém; êle sabe tôdas as ciências, e nunca estudou nada. Êle caminha descalço e sem coisa alguma na cabeça. Muitos se riem, vendo-o assim, porém em sua presença, falando com êle, tremem e o admiram.

«Dizem que um tal homem nunca fôra ouvido por estas partes. Em verdade, segundo me dizem os hebreus, não se ouviram, jamais, tais conselhos, de grande doutrina, como ensina êste Jesus; muitos judeus o têm como Divino e muitos me querelam, afirmando que é contra a lei de tua Majestade; eu sou grandemente molestado por êstes malígnos hebreus.

«Diz-se que êste Jesus nunca fez mal a quem quer que seja, mas, ao contrário, aquêles que o conhecem e com êle têm praticado, afirmam ter dêle recebido grandes benefícios e saúde, porém à Tua obediência estou prontíssimo, àquilo que Tua Majestade ordenar será cumprido.

«Vale da Majestade Tua, fidelíssimo e obrigadíssimo... Publio Lentulo, presidente da Judéia».

«L'indizione Setima, luna seconda».

O NATAL SE APROXIMA

v. lirenedo

NATAL, dia magno de amor universal. Festa cristã por excelência, efeméride máxima da cristandade. Natal, júbilo intenso dos corações, dia impregnado de doçura e enlevos, de pacifismo interior, de calma existencial.

Emanando do azul do céu, perpassa o ar para tôdas as almas doce e cálida vibração de fraternidade. Mais álacre é o riso das crianças e mais cordial é o sorriso das mulheres e dos homens. De todo coração aflora uma parcela de bondade esquecida até ontem, que todos primam em acatamento, ternura.

Natal! filtro mágico a nos fazer esquecer dissabores e mágoas, bálsamo a nos suavizar as dores que trazemos em nós, esponja inefável a apagar em nossa mente e coração todo o mal que nos tenham feito.

Nos lares há mais claridade. mais expansividade natural. O Espírito-eleito, o Filho predestinado a um ciclo de existência ímpar entre as humanas criaturas, o Pastor que há quase vinte séculos lá no Oriente nesse dia veio ao mundo para sofrê-lo, para sofrer a Terra na Terra, preside o grande remanso de todos nós. Jesus como que desce dos páramos celestes para estar conosco na difusa, característica gentileza simples e espontânea que do íntimo se transborda às atitudes espalhando-se no ambiente, Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade.

Mágica noite de Natal! a idéia nos dando a visão da humilde choupana que houvera de acolher Maria — e a mangedoura rutilante aninhando o corpo frágil d'Aquele que vinha ao mundo para expungir as trevas do mal, do recém-nascido destinado a aclarar o negrume denso da matéria. E para assim grande finalidade, quão singelo comêço — uma cabana. Aquela criança, quatro estacas, alguns caniços entrelaçados e um punhado de palha surtos em Belém para equilibrarem o Universo, iluminá-lo. À mente de todos acode o episódio do menino todo cintilação divina enviado a penetrar o hermetismo do egoísta coração do homem... Fúlgida missão cumprida fielmente em dor, lágrimas, sangue e transpasse para exemplo à humanidade ingrata e recalcitrante, inflada de orgulhos. Natal, alfa terreno da Boa Nova sem ômega porque de origem divina, Evangelho do Amor integral para todo o planêta. Natal do Messias de Belém que é a Verdade, o Caminho e a Vida para êste plano e para outros planos de existência.

Natividade... amolecer de ânimos cruéis, esmorecer de auto-suficiências, esfriar de soberbias, trégua nas impiedades, refrear de ódios, encontro do indivíduo consigo mesmo, com a sua consciência.

Vinte e cinco de dezembro... lares e vitrinas com árvores carregadas de enfeites doirados, lâmpadas coloridas, esferas prateadas a faiscarem. Aquí há um presépio, ali o velhinho Noel de grandes barbas encurvado sob os presentes. Nas mesas das residências há bolos e doces, bombons e pacotes elegantes presos por fitas bonitas. E não há garota que não esteja adorável nesse dia. Mais do que nunca elas hão de nos lembrar bonecas irrequietas saidas de um reino de fantasia, mandadas pela Graça a acentuarem o colorido do dia mais belo da Terra; presentes poéticos vivos, tão lindos.

É assim mesmo. Muito amor, muita beleza e elegância e bom gôsto. Em cada coração de mulher há sempre algo da sublimidade de Maria. Então êsse algo mais transparece no dia de Natal. Para o bem de nós homens, para o bem de todos e do mundo, todos os Natais têm sido assim. No ano passado foi assim na casa do autor destas linhas. Houve aí presentes para o intelecto, para o coração e até muitos presentes digestivos. O domicílio tomou simultâneamente o aspecto de livraria, magazim policrômico, e confeitaria sortida em delícias tentadoras do paladar. Lares vizinhos estavam igualmente festivos.

Mas... no ano passado, na grande efeméride êste cidadão andou alegre e risonho só durante o tempo em que ficou o rádio desligado. Sim, porque posto a funcionar o aparelho, êste cidadão foi tomado, em crescendo amargo, de insólita tristeza, iniciada com a AVE MARIA de Gounoud, eis que as notas suaves transformaram a alegria solta e despreocupada em recolhimento íntimo. A introversão nos levou às salas dos hospitais, aos casebres misérrimos, aos tugúrios de viuvas andrajosas e dolorosas, aos porões infectos e favelas confrangedoras das cidades pujantes gritando progresso incoerente. Angustiado este escrevinhador recordou as criaturinhas caquéticas, sem médico nem remédios vistas pelos quatro cantos do Brasil; recordou as crianças que em tôda parte estão pregadas nas camas, nas enxergas e esteiras por doenças tantas; reviu com o pensamento milhares de pequeninos de tôda parte que não conhecem Natais em lares festivos iluminados por velinhas multicores, e com mesas cheias de doces e brinquedos. E o escrevinhador fez a si mesmo uma pergunta terrível: — Por que os maiores não são melhores?! E assim o Natal passou sem alegria. Como é fácil verificar o muitíssimo que há por fazer-se no Brasil no setor assistencial! E assistência social oficial efetiva parece ser coisa mais de políticos em busca de voto. Demais extenso é o contingente dos doentes esquecidos, das criaturas novas e idosas abandonadas por êsses pátios e pontes citadinos, por êsses mataréus e sertões. Crianças e adultos que conhecem tôda espécie de sofrimento, que só uma vez ou outra têm seus males mitigados graças ao desprendimento piedoso e heróico de alguns, à abnegação de altruistas que praticam a maior das virtudes sem o trombetear mundano; tantas donas-de-casa ou enfermeiras ou professoras; tantos médicos, pastores, missionários. Mas quantos e quantos dêsses bons samaritanos não está precisando o Brasil?!

E falando de abnegados que perfumam uma época de displicência espiritual, álgida e egoísta, ocorrem as avarezas entranhadas, as riquezas estáticas, o nababismo nas superficialidades e pagodeiras, os crônicos super-luxos sempre estranhando qualquer beneficência...

Ah! que dois mil anos usados e empregados em tudo não foram suficientes para bem apurar o coração do homem e guiá-lo no caminho permanente da bondade e fraternidade! Ao dia harmonioso e reconfortante do Natal, juntará o homem trezentos e sessenta e quatro dias de indiferença, leviandade, vaidade, má fé, perversidade e brutalidade? Até quando se empregará os sofismas, se desvirtuará a verdade, se desprezará a justiça da Terra e as leis de Deus?... Vinte e quatro horas por ano fluindo paz e amor são muito poucas frente à milenar dureza do coração humano. Haverá mais miséria, fome, desvario, guerra?

Passado o Natal, e para a desventura da humanidade, parece que o mundo recai na rejeição da radiosidade de Belém, fazendo pelo abafar das palavras do Cristo. Porque o homem é falho, mau e pusilânime. Êle esquece e faz-se de esquecido, conscientemente delinqüe. Com freqüência secular o homem emprega mal o livre arbítrio, e ousado e mal agradecido arruína a si mesmo, prejudica o seu próximo. O homem é renitente, de propósito segue de olhos fechados para a longa esteira de acontecimentos loucos e trágicos que serpeia a Terra. Cegueira voluntária obstinada.

Contudo, contudo existe a esperança. Ainda bem que mercê de Deus o homem mesmo pode quantas vêzes quiser alimentar grandes esperanças. Então esperemos nós todos que os maus serão menos maus, que os bons ainda melhores, que os indiferentes ou egoístas se modifiquem. Que o Evangelho do Cristo se faça cada vez mais presente nas almas.

Esperemos que na festa da Natividade dêste ano não haja tristeza para ninguém. Que aos nossos corações sorria a convicção de que todos, sãos e doentes, viuvas e órfãos, sofredores e aflitos terão o Natal como marco consolidador de uma vida mais suave e feliz.

O Natal se aproxima e queira Deus se concretizem os anseios de tôda a humanidade para um porvir melhor.

Natividade do Messias... nessa noite parece que o chão da Terra, com todo o seu conteúdo de sêres, mais próximo está do céu onde, como diria Bilac, a Via Látea como um pálio aberto cintila. O Cruzeiro do Sul é um símbolo de luz eterna engastado lá no alto. A abóbada celeste polvilhada de luzeiros fala aos corações todos da munificência do Artífice máximo...

Noite da Natividade... hosanas fremem nas pessoas; os espaços infinitos vibram sua aleluia, no ar baila o suave sincronismo de uma Noite Feliz.

Oriente. Belém e Maria. O Filho enviado do Reino Maior, médium do Senhor. Na noite santa mais submissa a alma recolhe-se na meditação. Nos lares, nos templos, nos hospitais, aqui e ali se ajoelha contrita a humana criatura... Para o firmamento sobem num transporte de fé as preces plenas de unção. Vozes de tôdas as nações pedem — Deus Poderoso, Pai e Senhor dos mundos e dos homens, perdoa abençoando esta sofredora e angustiada humanidade que palmilha a incerteza dos ásperos e tantas vêzes enganosos caminhos da Terra. Jesus Amoroso, protegei-nos hoje, protegei-nos sempre.

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação).

6 — Um Espiritismo pré-histórico ?

Há muitas autoridades em Kardecismo, que defendem a tese segundo a qual só devemos considerar como *espiritismo* a doutrina codificada por Allan Kardec. No sentido de evitar qualquer confusão neste particular, queremos esclarecer que a palavra espiritismo, usada por nós no presente capítulo, terá outro sentido, significando, em particular, as práticas e o comportamento dos indivíduos que crêem na existência, comunicabilidade e sobrevivência dos espíritos após a morte do corpo físico. Tendo em vista, ainda, a possibilidade de interpretação errônea, dada à definição do significado do têrmo *espiritismo,* aqui convencionada, esclarecemos que vale apenas para êste trabalho a convenção estabelecida. A razão pela qual usamos a palavra *espiritismo,* em lugar de uma outra, tal como *mediunismo,* prende-se ao fato de que consideramos a seqüência causal dos fenômenos. Achamos, por exemplo, que *espírito* e *médium* guardam entre si uma seqüência causal, em que *espírito* precede a *médium.* Ora, sendo o primeiro, o *espírito,* o fenômeno anterior, é justo que o consideremos mais geral e tomemos como têrmo genérico o *espiritismo,* seu derivado, e não o mediunismo.

Isto pôsto, vamos estudar a tese enunciada no título dêste parágrafo: «teria existido um espiritismo pré-histórico» ?

Preliminarmente, precisamos considerar que a existência de um senso religioso entre as populações antropóides do paleolítico inferior e suas sucessoras é pràticamente uma evidência. As grutas e o seu uso, assim como as sepulturas e os sinais de extremos cuidados com os mortos, o culto dos crânios e inúmeros outros detalhes importantíssimos, achados sobretudo nas grutas de Grimaldi, permitem que se considere um fato pacífico a prática religiosa entre os paleolíticos.

O início do Século XX representa um marco na História das Religiões. Por volta de 1900 assinalam-se alguns eventos importantíssimos.

1) Salomon Reinach lança sua tese da existência do totemismo e da magia na época paleolítica.

2) As excavações do príncipe Alberto de Mônaco, nas grutas de Grimaldi, perto de Menton, sôbre a Côrte d'Azur, vieram trazer a prova incontestável de que as práticas funerárias eram perfeitamente conhecidas dos homens da idade da pedra lascada.

3) Nesta mesma época foram descobertos inúmeros objetos paleolíticos, demonstrando claramente que o homem da idade da Rena acreditava nos espíritos dos defuntos e os representavam. Citamos como exemplos os seguintes: um penduricalho feito de osso, encontrado nos depósitos pleistocênicos da gruta de São Marcelo, em Indre, na França, foi comparado com uma tábua roncante australiana, por Andrew Lang; foi estabelecido por Arthur B. Cook o paralelismo surpreendente entre os seixos rolados, coloridos e decorados com desenhos lineares, achados por Piette em Mas d'Azil, Ariege, na França, e as «churingas», as estatuetas

de madeira e «pedras de almas» dos Kurnais e Aruntas; as enormes faces humanas, angulosas e convencionais dos moirões totêmicos dos índios norte americanos, apresentam extraordinária analogia com as máscaras humanas gravadas sôbre chifre de rena, provenientes das grutas francesas de Placard e de Espéluges próximo de Lourdes; assim por diante.

Tôdas essas descobertas e subseqüentes estudos mostraram a notável correlação entre os objetos paleolíticos encontrados, e *os ainda usados por tribos humanas atuais, cuja razão de ser está ligada à crença na existência do espírito.*

Por volta de 1916 já se tinham elementos suficientes para dar-se como fato provado, que o homem da Idade de Rena professava o culto de seus mortos e de seus ancestrais. Todavia, praticava os rituais de magia de caça em um grau maior.

O crânio humano era, também, objeto de especial cuidado. Os penduricalhos representativos da figura humana, e então usados, caracterizavam-se por u'a máscara facial angulosa.

Os seixos rolados recebiam decoração com desenhos de tonalidade vermelha, onde aparecia a silhueta humana esquemática e convencional.

Sem dúvida, os cuidados com os crânios prendiam-se à ideia de que a alma se acha localizada na cabeça. Os penduricalhos com forma humana parecem ter sido confeccionados com a finalidade de receberem as almas dos defuntos e servirem de talismãs protetores. Os seixos decorados seriam outros tantos receptáculos para os espíritos, e as tábuas roncantes reproduziriam até a voz do ancestral falecido.

Evidentemente, não se trata de suposições sem fundamento, pois descobertas mais recentes, de objetos e costumes entre civilizações atuais que conservaram até hoje o nível paleolítico, vieram trazer a confirmação dessa forma de interpretar tais testemunhos pré-históricos.

Precisamos considerar, logo de início, o papel preponderante que o fogo representou entre as primitivas civilizações. Não só o mistério da sua fascinante beleza, mas a sua capacidade de reconfortar, eliminando as trevas noturnas e aquecendo as criaturas nos duros tempos de inverno dos glaciários, justifica plenamente a veneração de que foi alvo. Era justo pois, que as almas dos defuntos compartilhassem do aconchêgo da lareira onde crepitava o fogo generoso. O frio era intenso, e as almas dos parentes falecidos, transmigradas para as pedras pintadas ou para as figuras representativas, precisavam aquecer-se. Bastava, para isso, colocar tais imagens próximas do local onde ardia o combustível. E assim era feito, existindo os indícios evidentes dessa curiosa prática, até mesmo em nossa época atual.

Em Predmost, na Morávia, foi encontrado um lote de figurinhas humanas esculpidas em metacarpo de mamute e provenientes da antiga Idade da Rena. Inúmeras dessas estatuetas achavam-se chamuscadas em uma de suas faces, mostrando que haviam estado durante muito tempo próximas do fogo.

As sepulturas, na mesma Idade da Rena, encontradas nas cavernas de Baoussé-Roussé, de Langerie-Haute (1909) e de Solutré, mostraram o fato surpreendente de que os homens daquela época tinham o cuidado de colocar os despojos mortais dos membros da tribo, sôbre cinzas quentes e até mesmo sôbre brazas ardentes. Talvez procurassem, por essa forma, proporcionar ao defunto o bem estar do calor doméstico. O Fogo era empregado em outro tipo de ritual funerário além dêsse que acabamos de descrever, pois indícios seguros mostram que outras fogueiras eram acesas no sentido de propiciar calor, não mais ao cadáver, porém à alma do morto, que estaria vagando pelas adjacências.

Merece notada esta singularidade importantíssima que revela a realidade de uma crença bastante antiga na existência de mais de uma alma para cada indivíduo. Havia a convicção da existência de uma alma que se encontrava ligada ao cadáver, usufruindo através dêste o calor das cinzas quentes; outra mais sutil, mais livre, imaterial como se fôra uma sombra, rondava pelas adjacências da sepultura. Crendo em mais de uma alma, é evidente que o homem paleolítico tentasse, por meio de ritos e magia, fixar o espírito errante, atraindo-o para certas peças conservadas do próprio cadáver, os crânios por exemplo, ou para representações antropomórficas, rodeando-as de cuidados e atenciosa veneração.

À semelhança das figurinhas de Predmost, foi descoberto por Zamiatnin, em Gagarino sôbre o Don, um fundo de cabana paleolítica construida de pedras. Achavam-se ali várias estatuetas humanas apoiadas contra as paredes da choça. Pois bem, tais imagens mostravam sinais evidentes de terem sido mantidas nas proximidades do fogo.

Não nos estenderemos mais, pois consideramos suficientes tais exemplos, citados entre um número considerável dêles.

O costume de manter as pedras representativas dos mortos, nas proximidades da lareira, com a finalidade de atrair, fixar e reconfortar o espírito do ancestral ali alojado, atravessou os milênios.

Atualmente, ainda encontramos os resquícios dessa prática paleolítica. Poderemos citar vários exemplos dêsse fato; ei-los:

Em 1666, apareceu em Paris a edição de um livro intitulado: «La vie de Monsieur de Noblets». Tratava-se de uma autobiografia escrita por um padre.

H. Gaidoz descobriu anotações da máxima importância, nesse livro, concernentes às superstições reinantes na Baixa Bretanha, durante a primeira metade do Século XVII. Referindo-se aos costumes dêsses tempos, Monsieur de Noblets diz assim:

> «Via-se que colocavam pedras próximas do fogo que cada família tinha o hábito de acender na vigília da festa de São João Batista, a fim de que seus pais e seus ancestrais viessem aquecer-se comodamente». (*)

Como pode ver-se, no Século XVII conservava-se pràticamente intacto um costume que remonta a milhares de anos atrás. Fora da Europa, entre as civilizações de caráter mais primitivo, vamos encontrar não só os objetos antropomórficos destinados a receber a alma dos defuntos e antepassados, mas sobretudo uma estreita correlação entre a lareira, a sepultura, a habitação e a representação física dos espíritos.

Entre os índios Xeberos, Omáguas e outros, reina um costume curioso: o moribundo, pouco antes do passamento, é colocado dentro de uma urna funerária, a fim de prender-se ali a alma do agonizante, logo que ela escapar com o último suspiro. Nessa hora, os familiares tratam de apagar o fogo da lareira para evitar que o espírito do morto permaneça na habitação e venha, mais tarde, acarretar perturbações aos familiares.

O culto dos seixos rolados permaneceu, até hoje, entre os costumes de certas tribos primitivas, as quais admitem que as almas dos mortos e antepassados podem habitar tais pedras. Os «Dakothas», por exemplo, amontoam grande número de pedras arredondadas (seixos rolados) e fazem oferendas a êsses calhaus. O mais interessante é que se dirigem respeitosamente às pedras tratando-as por «avô» ou «avó». Em suma, rendem-lhes culto por acreditarem que nos seixos se acham alojados os espíritos dos seus ancestrais.

Os indígenas das ilhas Leti esculpem imagens a fim de serem ocupadas pelos espíritos, e dêsse modo serem alvos da proteção dos mesmos. Quando precisam viajar, surge o problema de como levar os antepassados também. A solução é simples: fazem os espíritos emigrarem para pequenas pedras arredondadas, fáceis de transportar. Ao regresso, os espíritos tornam outra vez para as imagens, e as pedras são atiradas fora.

Êsses poucos exemplos bastam para provar a tese enunciada, de que os achados nas grutas revelam a existência de uma crença nos espíritos, na sua sobrevivência e mesmo comunicabilidade, entre os homens do paleolítico inferior.

Existiu sem dúvida, um espiritismo pré-histórico.

7 – Os Megálitos

O culto dos mortos, relacionado com o culto das pedras, evoluiu para o dos *megálitos*.

Os megálitos são verdadeiros monumentos, constituidos por blocos monolíticos muito grandes, os quais podemos classificar em duas variedades principais.

A primeira consiste em pedras solitárias ou grupadas, erguidas a prumo, simplesmente, sem nenhuma outra superestrutura Quando compreendidas por uma única pedra solitária, chamam-se *menhirs*. Quando formam grupos de pedras únicas, dispostas em filas, são os *alinhamentos*. Finalmente, quando se dispõem em círculos, são designadas: *cromlechs*.

---

*NOTA (*) H. Gaidoz — Superstitions de la Basse Bretagne ao XVII*eme *Siécle. Revue Celtique, II, 1875 pág. 484-486, Chez de Noblets — pág. 183-187.*

À segunda classe, pertencem os *dolmens*, os quais consistem em grandes pedras, aprumadas ou não, formando uma superestrutura por empilhamento. No túmulo de Allan Kardec foi erigido um dolmen.

Ficou evidenciado que vários dêsses monumentos, se não todos, tinham a finalidade de servirem de sepulturas.

Os *menhirs* podiam ter tido, além disso, outro significado. De acôrdo com o folclore de certos países onde se encontram tais monumentos, atribui-se-lhes uma *espécie de vida supranormal*, e crê-se que êles se deitam, dormem, bebem e comem. Tanto na Irlanda como na Escócia, os camponeses chamam-nos de «fearbreagach» — falso homem.

Um *menhir* sôbre um túmulo funciona como o receptáculo para a alma do defunto estendido sob êle. É ao mesmo tempo imagem e altar, recebendo pelo morto as honrarias e as oferendas.

Vemos, aqui, a evolução da velha crença paleolítica que admitia a possibilidade de se alojarem os espíritos nas representações antropomórficas feitas de pedra. Parece lógico vislumbrar-se, também, nessas práticas megalíticas, a tendência para a evolução de uma arquitetura religiosa, que observamos através dos grandes monumentos de pedra: pirâmides, mausoléus, catedrais etc.

Alguns «dolmens», como os do «monumento de Stonehenge», foram erigidos de maneira a formar um verdadeiro recinto, como se fôra o interior de um templo, a céu aberto, ostentando grossas colunas de pedras duplas, ligadas duas a duas, no tôpo, por uma prancha também de pedra.

Vamos fazer uma pausa neste ponto, e tentar uma interpretação espirítica do comportamento dos nossos antepassados, desde o paleolítico inferior até o neolítico onde se assinala o surgimento dos monumentos megalíticos.

Deve parecer, à primeira vista, um tanto audacioso tentar construir uma hipótese, baseando-se em meia dúzia de exemplos ou constatações escolhidas como se fôssem a propósito. Não se trata de uma negação daquilo que a História das Religiões e a Psicologia já estabeleceram como explicação da gênese da crença nos espíritos. Queremos apenas introduzir o parâmetro que está faltando, para levantar a indeterminação que perdura na grande equação representada pelo problema da origem das religiões na humanidade.

8 – A interpretação espirítica

Já temos um bom acervo de informações, relativas ao comportamento das civilizações que floresceram desde o paleolítico inferior até o neolítico. Os vestígios encontrados nas furnas de Pech-Merle, Grimaldi, São Marcelo, Predmost, Baoussé-Roussé, Solutré e inúmeras outras, dos quais demos alguns exemplos, mostram claramente que as populações pré-históricas possuíam certo senso religioso e acreditavam na existência do espírito, na sua comunicabilidade e na sua sobrevivência após a morte do corpo físico.

As perguntas normais que surgem, ao tomar-se conhecimento dêsse estranho procedimento e dessa notável crença, são: qual teria sido a sua causa fundamental; qual o fenômeno central e constante que teria desencadeado o epifenômeno religioso, conservado até hoje pela humanidade; e, por que a íntima relação entre o senso religioso e a idéia da existência do espírito, a crença na sua comunicabilidade, nos seus podêres, na sua influência boa ou má? — Que a crença na existência dos espíritos é uma companheira inseparável da religião, não resta dúvida. E tudo parece indicar que o fenômeno principal é o relacionado com a idéia do espírito. É o «animismo», para usarmos um têrmo mais adotado pelos autores que versam sôbre o assunto.

Theodore H. Robinson apresenta uma árvore genealógica das religiões, em cujo tronco situa o «animismo» como ponto de partida de tôdas elas: (*) Veja-se o quadro sinóptico, logo mais adiante.

Quanto a essa origem, comum a tôdas as religiões, não ha que divergir dos que assim o reconhecem. Entretanto, a divergência surge quando se trata de explicar a gênese do animismo; quando se atribui, à crença na existência do espírito, uma origem subjetiva. Pelo menos não concordamos, nós os espíritas, que tal convicção se tenha originado apenas de experiências subjetivas. Os indícios deixados

---

(*) Theodore H. Robinson—«Introduction a L'Histoire des Religions», Trad. do inglês por Georges Roth—Ed. Payot, Paris 1929.

pelos paleolíticos sugerem que o primitivo homem das cavernas presenciou fenômenos da ordem dos que são objeto de estudo da Metapsíquica; que êle teve a *experiência objetiva da existência daquilo que passou a chamar de espírito;* que teve razões para identificar o espírito com algo que sobrevive após a morte do veículo físico; que pôde comunicar-se com êsse algo e sentir-lhe o poder benéfico ou maléfico.

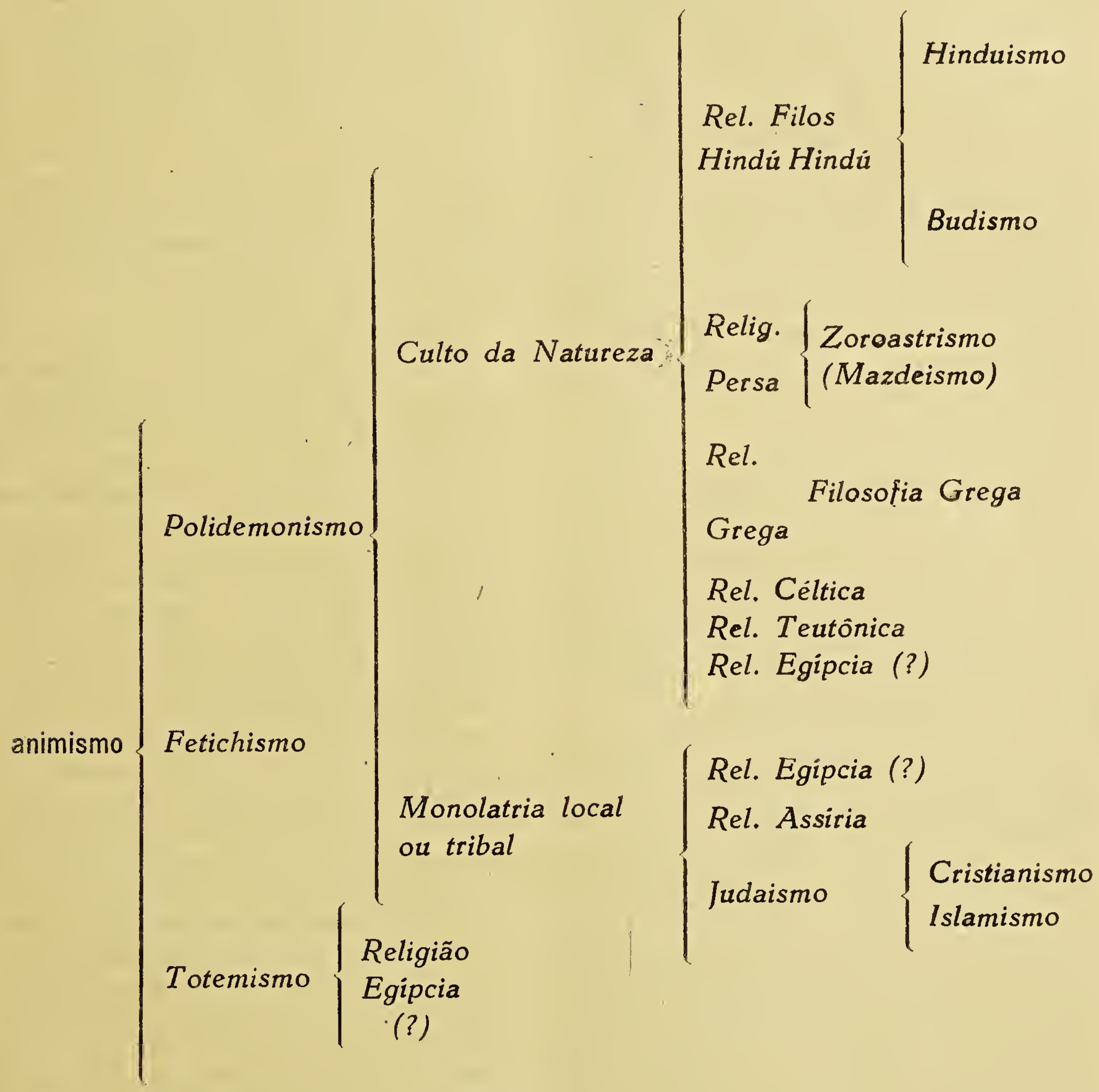
animismo
Polidemonismo
Fetichismo
Totemismo
Culto da Natureza
Monolatria local ou tribal
Religião Egípcia (?)
Rel. Filos Hindú Hindú
Hinduismo
Budismo
Relig. Persa
Zoroastrismo (Mazdeismo)
Rel. Grega
Filosofia Grega
Rel. Céltica
Rel. Teutônica
Rel. Egípcia (?)
Rel. Egípcia (?)
Rel. Assíria
Judaismo
Cristianismo
Islamismo

Filogenia das Religiões
segundo T. H. Robinson

Não pretendemos invalidar as conclusões a que chegaram os especialistas no assunto quando, analisando os processos psíquicos interessados no desenvolvimento do senso religioso na humanidade, descobriram a influência de outros fatores tais como os ligados ao sexo, por exemplo. Mas, se a crença nos espíritos é uma constante, e se ela por si não exclui as outras componentes, por isso mesmo não deve ser por elas excluída. Por conseguinte, trata-se de saber como apareceu êsse fator constante. E' justamente nesse ponto que a interpretação espirítica surge para responder: nasceu de uma experiência objetiva, palpável e direta; e ainda mais: os homens tiveram sempre experiência dêsse gênero, desde as remotíssimas épocas do início do Quaternário, até os dias de hoje.

(Continua).

A Conquista do Planêta Marte

V. O. Casella

Se o homem conquistar a Lua, qual seria seu próximo objetivo para avanços mais profundos na busca de outros mundos ?

Baseando-se pela ordem de distância deveria ser o planêta Vênus que, em determinados períodos, acha-se perto da Terra na razão de 42.000.000 de quilômetros. Mas tratando-se de um astro de natureza desconhecida pelos nossos observadores, por estar permanentemente oculto sob espêssa cortina de gáses, parece-nos que as atenções convergirão para Marte. Êste, apesar de mais distante, com aproximação máxima de 56.000.000 de quilômetros, oferece-nos relativamente bôa visibilidade.

Assim, os observadores muita coisa já conhecem sôbre sua natureza, e se um dia nossas projetadas naves interplanetárias para lá se dirigirem, já saberemos quais as provisões necessárias que deveremos levar, protegendo a vida dos nossos viajores terrestres. Vejamos, o que poderão encontrar ali, os nossos primeiros bandeirantes siderais.

Após uma viagem no silêncio do espaço, a qual deverá ir além de três mêses, na base da velocidade dos atuais satélites artificiais, o viajor, ao pisar o solo marciano, sentir-se-a um tanto mais leve, devido a pouca atração do planêta, cujo volume é quase sete vêzes menor que o da Terra. O ar, ali, além de menos denso que a nossa atmosfera, ainda é pobríssimo em oxigênio, sendo que tal condição não obstará o programa dos exploradores, que já terão vencido essas dificuldades mais agudas em estágio na Lua.

Se o desembarque se der na fase do dia, em região vantajosamente batida de sol, a temperatura não será estranhável, mas chegando a noite terão frio intenso, podendo atingir extremos de 60 a 80 graus centígrados abaixo de zero. As paisagens marcianas também não serão agradáveis. Numerosas áreas desérticas prevalecem sôbre a superfície do astro, avançando contra as zonas de vegetações inferiores. Ali, a ausência de matas, como as nossas, é completa. Ao contrário da natureza líquida terrestre, o solo do planêta não possue mares e lagos. São poucos os seus cursos d'água, cujo fluxo e refluxo parecem ser regulados pelos avanços e recuos das calotas de seus polos gelados, de acôrdo com as épocas quentes ou frias das estações do ano marciano. Tempestades de pó hostilizarão os intrusos visitantes, e se houver chuvas, estas estarão limitadas a leves chuvisqueiros.

Pelo que sabemos, os aspectos da natureza de Marte deve ser um meio têrmo entre o inferno da Lua e as exuberantes belezas do rico e colorido solo da nossa Terra.

Quanto à sua habitabilidade, cientìficamente falando-se, os nossos observadores até hoje, apesar dos modernos instrumentais óticos, não encontraram uma única prova de existência de sêres inteligentes marcianos. Não se deve interpretar nessa ausência documentária, como uma confirmação da ciência sôbre a não habitabilidade do planêta vizinho. Se existe o Homem de Marte, até o momento nenhum sinal dele tivemos. Sôbre os tão falados canais artificiais, vistos por Schiaparelli em 1877, não foram confirmados pela fotografia.

Não estariam os supostos marcianos habitando cidades subterrâneas, protegendo-se das condições hostis externas do planêta ? E na hipótese de existir ali uma raça, no mesmo plano da nossa cultura, não estariam êles também duvidando da habitabilidade da Terra, julgando ser o nosso solo, com tanta água e calor, insuportável para a vida de sêres inteligentes de estrutura delicada como a dêles ?

Tudo podemos imaginar, mas qualquer hipótese sôbre a existência de sêres inteligentes dêsse outro mundo, carecerá de provas para que a nossa ciência se pronuncie nesse palpitante assunto.

Contudo, os cientistas em geral aceitam em princípio a existência de sêres vivos inferiores na sua orla. Com a presença de água e vegetação, a vida animal deverá ter ali seus representantes, por mais modestos que sejam os animalículos.

Diante das dificuldades atuais, esperemos o futuro, e talvez ainda neste século se decida êssa questão, embora deveríamos antes cuidar dos problemas íntimos da nossa humanidade, para depois nos interessarmos pela conquista dos outros mundos.

Caixa Postal 153 — Est. de São Paulo — Araraquara

A propósito de um Livro

(Quando do 50.º aniversário de Josué de Castro)

— II —

FERNANDO TOLEDO

Voltemos a Malthus. A propósito dêle, ou melhor, dos neomalthusianos, e, particularmente, de Vogt, diz Josué de Castro: «A política neomalthusiana de uma economia desumanizada, que preconiza que se deixe morrer os fracos e os doentes, que se ajudem os famintos a morrerem mais depressa e que chega ao extremo de desaconselhar o uso dos recursos médicos e sanitários às populações mais miseráveis, como o faz Vogt, apenas traduz o sentimento egoístico e mesquinho de quem vive bem e se sente horrorizado com a inquietante presença viva dos que vivem mal». E continua: «A verdade é que, para Vogt, o mundo deve ser considerado como uma recepção de gala para convidados de categoria, e não uma festa de rua, com o desesperapo apêrto e inquietante desconfôrto das cotoveladas e das pisadelas. E por isso aconselha que se expulsem impiedosamente de sua festa aquêles importunos — aquêles demancha-prazeres da vida folgada de antigamente. Na sua política de salvação, Vogt não tem escrúpulos em prescrever os recursos mais desumanos. Em sua fúria de depuração da humanidade — eterna doença, dizemos nós agora, num parêntese às palavras do médico brasileiro, característica, por sinal, de alguns «puríssimos» arianos, não só da Alemanha de Hitler, como de certos sociólogos americanos do norte (vide «Bandeirantes e Pioneiros», de Vianna Moog) — chega a invetivar contra os médicos e contra a Medicina Moderna, por tentarem salvar vidas pela aplicação de métodos preventivos e curativos, nas regiões mais atrasadas do mundo, porque para Vogt, estas vidas são indesejáveis.»

Como se vê, Vogt pode ser eminente como nutricionista, mas não é, porém, dotado de alma nobre e de alta visão, a ponto de o ser também como espírito elevado e altamente humanitário, de que a presente época tanto necessita, e como sói a acontecer com aquêles que, em verdade, vêm ao mundo com a responsabilidade de u'a missão ampla, no mais alto sentido da palavra.

Para teóricos sombrios como Vogt deixaria de ter significação a vida apostolar de certos homens, como, para exemplificar, de um Albert Schweitzer, o sublime «apóstolo dos negros na África», porque os negros seriam criaturas inferiores e os ideais humanitários não passariam de meros sonhos de utopistas.

Não é sem razão portanto, após se abeberar de teorias tão estapafúrdias e contrárias a todo sentimento cristão inato no homem, que a presente geração se encontra desorientada, intimamente não vendo qualquer razão de ser na vida, com semelhantes princípios.

Com tão evidente aberração aos ensinos eternos do Cristo, não é sem razão, tornamos a dizer, que os países, no presente estágio de civilização, tanto do Oriente como do Ocidente, se apeguem ao poder econômico como único meio de, pela fôrça ou pela coação velada, sobreviverem e salvarem a «asquerosa pele», esquecidos, tanto uns como outros, de que, antes de mais nada, o homem, sêr imortal, cujo destino é sagrado, é um «temperamento», um sêr pensante, que não pode ser «moldado» como u'a máquina ao organismo social «padronizado», qualquer que êste seja — caso contrário deixaria de haver valor moral decorrente da prática de seus atos. Se é verdade que a *educação* aprimora e concorre para completar a personalidade do ente humano, de forma bastante acentuada, por outro lado é totalmente insuficiente para criar, no espírito da criatura, o sentimento sagrado do amor—resultante natural da «absorção» do Amor Divino.

Antes de tudo, é a compreensão dêsses valores espirituais, universalmente aplicados e aceitos, que mais interessa a todos, particularmente ao espírita.

Na verdade, uma das causas da existência da fome no mundo, do constante estado de desnutrição em que vive, até hoje, grande parte das criaturas humanas, é a ganância do ouro por parte das nações colonizadoras, como a França, a Inglaterra e, mais modernamente, os Estados Unidos, entre algumas outras. É que, visando exclusivamente o lucro máximo, sempre em menor tempo possível, limitaram-se os países colonizados à monocultura, descuidando completamente do indivíduo como ente humano, daí o atraso em que vivem até agora muitos povos que foram dominados longo tempo por elementos alienígenas. Entre inúmeros exemplos, cita Josué de Castro — Pôrto Rico, ilha que esteve sob o «protetorado» americano. Atualmente, os seus habitantes se apresentam grandemente subnutridos, não se falando da enorme ignorância em que vive grande parte de pôrto-riquenhos, em conseqüência principalmente de ali só se haverem limitado ao cultivo da cana de açúcar. Criam-se latifúndios, e nada de seu, para o seu cultivo particular, possuem os indígenas. Mais tarde, depois de se libertarem do domínio material estrangeiro, ficam, automàticamente, escravizados à monocultura. (Como aqui no Brasil de certa forma tem acontecido com a quase monocultura do café, única fonte de divisas, pode dizer-se, para um País que cresce dia a dia, com uma população de aproximadamente sessenta e três milhões de habitantes, e que por isso mesmo precisa urgentemente de ampliar o seu mercado, assim como de tratar de explorar as suas riquezas naturais, infinitas, no subsolo, ainda em estado virtual).

Diz E. Huntington — quem o cita é Josué de Castro — que, em Pôrto Rico, devido à influência dos capitais norte-americanos, «240 mil acres são dedicados ao açúcar, 190 mil ao café e cêrca de 50 mil ao fumo, havendo apenas 160 mil dedicados ao cultivo do milho, feijão e batata doce ou inhame, os três alimentos básicos da ilha. Tomando em consideração tôda a área, os agricultores de Pôrto Rico cultivam para a exportação uma superfície três vêzes maior do que a dedicada à produção dos alimentos para consumo doméstico». — Resultado: os subalimentados pôrto-riquenhos têm de «importar grande quantidade de alimentos por preço acima do poder aquisitivo do grosso dos seus habitantes».

Pôrto Rico sofre também do exagêro de população, e Josué de Castro explica que um dos males da super-população, em vários países, geralmente é devido à miséria: os indivíduos mal alimentados tendem, em geral, a se tornarem fecundos: «os povos submetidos à ação contínua de uma alimentação deficitária, longe de diminuirem seu apetite sexual apresentam exaltação dêste e nítido aumento de fertilidade». — Os chineses, que sofrem (ou sofriam) de «fome crônica», que se alimentam dificientemente, quase que exclusivamente de arroz, seriam um exemplo de fecundidade procriadora. Já no caso de «fome aguda», porém, o indivíduo torna-se estéril, indiferente à excitação sexual, como se observaram em homens e mulheres libertados dos campos de concentração, e que só com o tempo, com tratamento adequado, voltam ao normal.

Nos casos dos povos tristonhos e incapazes, e que os alemães nazistas atribuiram à inferioridade de raça, outra coisa não seriam tais fenômenos que carências alimentares. A subnutrição, segundo modernamente se tem observado, produz também doenças várias, como — pelagra, escorbuto, raquitismo, beribéri, xeroftalmia, bócios endêmicos, osteomalacia, anemia etc. O organismo necessita de vitaminas, de proteinas, enfim de «elementos indispensáveis à sua nutrição».

É com certo desconsôlo entretanto que o A. se refere várias vêzes à falta de compreensão do problema por parte dos governos mundiais, mais interessados no monopólio dos produtos de primeira necessidade do que em procurarem, através da fundação, por ex., de um Organismo Mundial de Alimentação, a solução pacífica e humanitária da fome no mundo. Conclui então lògicamente o escritor que vive a humanidade, sem dúvida, sua hora decisiva — a da «luta entre o pão e o ouro»: o primeiro simbolizando a tranqüilidade e a harmonia para todos, e o segundo a descarada especulação e a competição desumana; compete aos povos responsáveis por conseguinte, escolherem os dois caminhos: o primeiro, da paz, do amor e do respeito à vida da criatura humana; o segundo, da guerra destruidora, da anarquia, no pior sentido da palavra, do sofrimento, do horror.

Josué de Castro, em várias partes de sua interessante obra, apostrofa veementemente os povos responsáveis por um melhor nível de vida no mundo. Para êle, a paz não depende tanto da política, mas, e principalmente, de menos ambição de ganho por parte dos homens, de mais humanidade e justiça, distribuindo equitativamente os alimentos, irrigando e cuidando, pelos mais modernos métodos, vastas áreas do globo consideradas improdutivas, mas que vivem relegadas ao abandono. Para o médico patrício, os povos querendo, todos êsses problemas poderão ser solucionados, e a paz no mundo será possível. Ao que acrescenta Pearl S. Buck, Prêmio Nobel de Literatura de 1938, no prefácio da edição norte-americana desta obra, «dever ser esta uma notícia, para aquêles que preferem a guerra à paz, muito desagradável, mas é uma gloriosa notícia para a maioria da humanidade». Qualifica, a ilustre autora de «A Boa Terra», de ridículos os tempos atuais: — «Ridículos porque, embora a paz seja prática e possível, indivíduos há, em várias partes do mundo, tocando tambores para manufaturar uma guerra.»

«As duas guerras e as revoluções russa e chinêsa, diz o admirável nutricionista patrício, e que, diga-se de passagem, queremos repetir, fala com autoridade de homem frio e observador, universalmente respeitado na sua especialidade, uma vez que exerceu em 1951 (sendo atualmente reeleito para êste pôsto) o alto cargo de Presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (a F.A.O.), «as duas guerras e as revoluções russa e chinêsa foram apenas manifestações aparentes ou sintomas da revolução mundial em marcha». E esclarece: «A palavra *Revolução* é aqui empregada não para significar um processo violento de derrubamento das autoridades constituídas e de tomada de poder, e sim, para expressar um processo de transformação integral, de transmutação histórica, de substituição de um mundo de convicções sociais por outro diferente, no qual os valores sociais anteriores já não têm significação».

A fome, para Josué de Castro, como certamente para todos os indivíduos que raciocinam um pouco, é praga fabricada pelo homem: sua causa principal — o imperialismo econômico.

Os jornais anunciam que, quando das homenagens prestadas ao ilustre cientista brasileiro, seria lançado um livro sôbre o «Drama Universal da Fome», Simpósio que objetivará o estudo dêsse terrível mal, que é a fome, e que, já nos tempos dos faraós do antigo Egito, constituía flagelo para os povos.

Aguardamos, com natural curiosidade, a publicação dessa obra, assim como certamente todos aquêles que se interessam pelo progresso material e espiritual da raça humana e da libertação progressiva do homem dos tabus que têm obstado a evolução moral do mundo, impedindo assim um mais amplo e esclarecido estudo de certos problemas que afetam diretamente a vida do homem na Terra.

Nos fins do século XIX e princípios de século XX Freud, demonstrando uma coragem e um amor à verdade só dignos dos grandes Espíritos, de uma vez por tôdas despiu a hipocrisia dos homens do seu tempo e atacou de frente o assunto «posto de quarentena» — inclusive por cientistas! — que era a questão sexual. — Hoje, o nosso Josué de Castro, com o mesmo destemor próprio dos homens de alta visão e arrojados, fendeu a «muralha da China» que rodeava êste outro assunto proibido, discutido sempre muito a mêdo e atrás das cortinas pelos «barrigas-cheias» de todo o mundo — que é o escandaloso assunto da fome, da fome universal, aguda ou crônica, que infelicita a humanidade tôda, inclusive a própria nação Americana!

O assunto diz respeito bem de perto, pois, aos espíritas inteligentes, sabedores que são, sem dúvida, de que êle nos fala bem de perto, mesmo porque, no dizer do Codificador, o Espiritismo não se funda exclusivamente em «abstrações metafísicas», mas sim em princípios que se assentam «nas leis da Natureza» (vide «Obras Póstumas», pág. 341, 9.a ed.): em fatos concretos, portanto, materiais, por assim dizer. Sem o desejo sincero de procurar-se a solução dêles, quase impossível se tornará, conseqüentemente, a implantação, neste mundo, de uma justiça maior: fugir à lógica dêste raciocínio é desvirtuar o espírito essencialmente perquiridor e prático da Doutrina, para cair no fatalismo místico e, «ipso facto», estéril das outras religiões.

Aconselhamos os confrades que ainda não o fizeram, a comprarem e lerem, ou melhor, estudarem «Geopolítica da Fome», visto que esta obra de grande atualidade deve ser não só lida muitas vêzes, mas, também, estudada e meditada.

(Conclusão).

(São José do Rio Preto, setembro, 1958).

CRIA A CADEIRA DE PARAPSICOLOGIA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

1958 - PROJETO DE LEI N.

Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País

Considerando que a Parapsicologia, a qual estuda, sob os cânones da Ciência oficial, os conhecimentos que chegam ao homem por via extra-sensória, bem como os demais fenômenos tidos por paranormais, hodiernamente constitui matéria ensinada em cursos superiores de principais nações do mundo;

considerando que há quase meio século foi criado o «Psychical Research Departament» da «Leland Stanford University of California», nos Estados Unidos;

considerando que hoje a Cadeira de Parapsicologia faz parte dos cursos de cêrca de 50 universidades e colégios da América do Norte, entre os quais a Harvard University, a Columbia University, a New York University a Duke University, a Miami University, a Washington University, a Princeton University, a Stanford University, a Croningen University, a Fordham University, a Drake University, a Colgate University, a Brown University, a Clark University, a Pardue University, a Southwestern University, a Tulane University, a Wayne University, a University of Alberta, a University of Bonn, a University of Colorado, a University of Glasgow, a University of Illinois, a University of London, a University of Michigan, a University of South California, o Antioch College, o Bard College, o Cettisburg College, o Connecticut State College, o Farlham College, o Florida State College for Women, o Guilford College, o Hamden-Sydney College, o Hanover College, o Hunter College, o John Hopkins College, o Massachusetts State College, o Queen's Chicara College, o Skidmore College, o Tankio College e o Wisconsin College;

considerando que na Universidade de Friburg, da Alemanha, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de Hans BENDER, médico alemão e, ainda, Diretor do Instituto de Parapsicologia e de Psicohigiene da mesma Universidade;

considerando que na Universidade de Utrecht, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de W. C. TENHAEFF, psicólogo holandês;

considerando que na Universidade de Leyde, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de P. DIETZ, médico, neurologista holandês;

considerando que na Bélgica foi criado um órgão consultivo, em matéria de fenomenologia paranormal, sob a denominação de «Conseil de Recherches Métapsychiques de Belgique», no ano de 1924, pelo paleontólogo A. RUTOT, membro da «Academie Royale de Belgique», e instituido um «Comité Officiel pour Investigation des Phénomènes Réputès Paranormaux», no ano de 1949, por ato do Govêrno Belga («Moniteur Belge», órgão oficial do Govêrno Belga, de 4-6-1949, Anexo, pág. 589)—comitê, êsse, integrado por médicos, engenheiros e advogados;

considerando que nas universidades inglêsas de Londres, de Oxford e de Cambridge funcionam, como órgãos de supervisão da pesquisa psíquica e de investigação dos fenômenos paranormais, respectivamente, o «Council of London

Psychical Research of Oxford's University» e a «Cambridge University Society for Psychical Research»;

considerando que na Universidade de Harvard, dos Estados Unidos, funciona a «Society of Parapsychology», sob a presidência do médico e parapsicólogo norte-americano S. David KAHN;

considerando que as sociedades fundadas para investigação da fenomenologia paranormal, com finalidade e métodos científicos, de regra são presididas por médicos, inclusive psiquiatras e psicanalistas, de fato;

considerando que desde 1922 funciona na Alemanha a «Aertzliche Gesellschaft für Parapsychologische Forschung» («Sociedade Médica de Investigação Parapsicológica»), fundada por Paul SUNNER, psiquiatra e parapsicólogo alemão, Chefe do Asilo d'Aerzberg e Diretor do «Zeitschrift für Parapsychologie», de Berlim;

considerando que na Argentina de há muito funciona a «Asociación Médica Argentina de Metapsíquica», sob a presidência de Orlando CANAVESIO, psiquiatra argentino e Diretor do «Instituto de Psicopatologia Aplicada Argentino»;

considerando que em Varsóvia funciona a «Sociedade Médica Polonesa de Investigações Psíquicas»;

considerando que a Comissão Diretora da «Polskiego Towarzystwa Badán Psychicznych» de Varsóvia («Sociedade de Investigações Psíquicas da Polônia») já foi presidida por Thadei SOKOLOWSKI, médico, neurologista polonês;

considerando que a «Society for Psychical Research» da Inglaterra teve por presidente William JAMES, médico norte-americano, antigo Professor de Fisiologia da Universidade de Harvard e célebre filósofo (1894/5) — Charles RICHET, médico francês, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina (1905) — Mrs. Henry SIDGWICK, médica inglêsa 1908 e 1932) — T. W. MITCHELL, médico e psicólogo inglês, Diretor de «The British Journal of Medical Psychology» (1922) — e Hans DRIESCH, médico e parapsicólogo alemão, além de figuras do porte de William CROOKES, célebre físico e químico inglês (1896/9), e Henri BERGSON, célebre filósofo francês (1913);

considerando que o «Institut Métapsychique International» da França foi dirigido por Gustave GELEY, médico francês, de 1919 a 1924, e por Eugéne OSTY, também médico francês, de 1924 a 1937, e teve por Presidente ROCCO SANTOLIQUIDO, médico italiano, antigo Professor de Terapêutica da Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles e ex-Diretor da Saúde Pública da Itália, e por Presidente de Honra Charles RICHET, antigo Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de París e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina;

considerando que o «Comité d'Administration» do «Institut Métapsychique International» da França é integrado, com outros metapsiquistas, pelos seguintes médicos francêses: B CUNEO, Professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de París e membro da «Académie de Médecine» da França — J. VINCHON, psiquiatra, Médico-assistente do Serviço de Psiquiatria do «Hospital da Pitié», de Paris, — François MOUTIER, Chefe de Laboratório da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris — G. MAINGOT, Chefe do «Service d'E'lectroradiologie» do «Hôpital Laennec», de París — Jean-Charles ROUX, Vice-presidente do Instituto — Henri DESOILE, psiquiatra — Pierre PROST, psiquiatra — J. MAXWELL e B. LENGLET, clínicos — Comitê, êsse, de que já fêz parte médico como E'mile CALMETTE, bacteriologista francês;

considerando que o «Consiglio di Presidenza della Associazione Italiana Scientifica di Metapsichica», de Milão, é integrado, com outros matapsiquistas, pelos seguintes médicos italianos: Ferdinando CAZZAMALLI (Presidente), neuropsiquiatra, Professor da Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Milão — Placido CONSIGLIO (Vice-presidente), General-médico do Exército Italiano — GAETANO BOSCHI, neuropsiquiatra, Professor da Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Módena Edoardo CARVAGLIO, General-médico do Exército Italiano — Aleardo CERIOLI, Diretor do «Ospedale Civile» de Lonate — e Venturino VENTURINI, clínico em Milão;

considerando que a «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», a qual tem como uma de suas finalidades principais a investigação científica da fenomenologia paranormal, foi presidida 15 anos por Levindo MELLO, médico brasileiro, clínico na Cidade do Rio de

Janeiro (1941/56) e antigo Preparador de Fisiologia e de Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, (Belo Horizonte);

considerando que a atual Diretoria da «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», é integrada, com outros investigadores psíquicos, pelos seguintes médicos brasileiros: Telêmaco GONÇALVES MAIA, Major-brigadeiro-médico da Fôrça Aérea Brasileira (Vice-presidente) — Levindo MELLO (Diretor do Departamento de Difusão Cultural) — Lauro S. THIAGO (Diretor do Departamento Médico-hospitalar) — e Joaquim SANTOS (Diretor do Departamento de Investigações Experimentais) — todos clínicos na Cidade do Rio de Janeiro;

considerando que a «Gesellschaft für Metapsysche Forschung» de Munich («Sociedade de Investigação Metapsíquica») teve por Presidente o Barão Albert VON SCHRENCK-NOTZING, médico, psiquiatra alemão;

considerando que a «Oesterreich Gesellschaft für Psychische Forschung», de Viena («Sociedade Austríaca de Investigação Psíquica»), é presidida pelo Barão Alfred VON WINTERSTEIN, médico, psiquiatra e psicanalista austríaco;

considerando que o «International Institute for Psychical Research», de Londres, teve por Investigador Oficial David FRASER-HARRIS, médico inglês, fisiologista, antigo Professor de Fisiologia da Escola de Medicina da Universidade de Ottawa, no Canadá;

considerando que a «Societá Italiana di Metapsichica», de Roma, teve por co-fundador Emilio SERVADIO, médico e psicanalista italiano, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanàlisi» (1956);

considerando que o «Laboratório de Estudos Metapsíquicos» de Lisboa é presidido por Ramiro da FONSECA, médico português;

considerando que a «Société d'Études Psychologiques», de París, a qual se dedicava também a investigação científica dos fenômenos paranormais, tinha por Presidente ALLAN KARDEC, médico francês;

considerando que o «Institut Général de Psychologie», de París, o qual investigava também a fenomenologia paranormal, tinha por co-Diretor Julius OCHOROWICZ, médico polonês, e possuia entre seus membros personalidades de grande projeção científica, como D'ARSONVAL, médico e físico, e PROFESSOR e MADAME CURIE, os célebres descobridores do rádium;

considerando que a «Société d'Études Metapsychiques», de París, é presidida por V. M. BELIN, médico francês, bacteriologista, Diretor do «Institut Bacteriologique de Tours»;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas da Islândia», de Reykjawick, é presidida por E. KVARAN Hjorleifsson, médico e escritor islandês;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas de Riga», na Letônia, é presidida por Karl BLACHER, médico letão e Professor de Química Aplicada na Universidade de Riga;

considerando que a «Sociedade de Investigações Pisíquicas da Noruega», de Oslo, é presidida por Oskar JAEGER, médico norueguês, Professor da Universidade de Oslo;

considerando que a «Sociedade Helênica de Investigações Psíquicas», de Atenas, é presidida por Angelo TANAGRAS, Almirante-médico da Marinha de Guerra da Grécia;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas e Metapsíquicas da Rumânia», é presidida por Levon MIRAHORIAN, médico rumeno e Professor de Neurologia da Universidade de Cluj;

considerando que a «Turkiye Metapsiki Tetkikler ve Ilmi Arastir malar Cemiyeti», de Estambul («Sociedade de Metapsíquica e Investigação Científica da Turquia»), é presidida por Bedri RUHSELMAN, médico turco;

considerando que a «Sociedade Japonesa de Ciência Psíquica», de Yokohama, é presidida por Wasaburo ASANO, médico japonês;

considerando que a «Society for Psychical Research», da Índia é presidida por SANJIVI, médico indú;

considerando que a «Society for Psychical Research» de Winnipeg, no Canadá, foi presidida por Glen HAMILTON, médico canadense;

considerando que a «American Society for Psychical Research», de Nova York, é presidida por George HYSLOP, médico norte-americano;

considerando que a Dinamarca foi representada, no Primeiro Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1921, na Cidade de Copenhague, pelos médicos A. FRIEDENREICH (professor de Medicina), Ejnar JARLOV (Chefe de Clínica do Hospital do Estado), K. H. KRABBE (Antigo Chefe de Clínica) e August WIMMER (Professor da Universidade);

considerando que a Suécia foi representada, no Segundo Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1928, na Cidade de Varsóvia, por Sydney ALRUTZ, médico e psicólogo sueco, Professor de Psicologia Experimental da Universidade de Upsala;

considerando que os «Comitês Internacionais de Investigação Psíquica», organizados para diversos países, por deliberação do congresso internacional de 1921, ficaram constituidos, com outros cientistas, psicólogos e metapsiquistas, dos seguintes médicos; Gustav HARTER, austríaco, clínico em Viena—Paul BJERRE, sueco, clínico, em Lakare, Tumba - I. ZEEHANDELAAR, holandês, clínico em Amsterdam - N. C. BORBERG, dinamarquês, clínico em Copenhague--Karl VOJACEK e V. RUZICKA, tchecoslovacos, êsse último Chefe do Instituto Biológico da Universidade de Praga;

considerando que representaram os respectivos países no Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, realizado em 1953, na Cidade de Utrecht, da Holanda, com outros cientistas, psicólogos, metapsiquistas e parapsicólogos, os seguintes médicos:

Estados Unidos: Jan EHRENWALD e Jule EISEBUND, neuropsiquiatras de evidência no momento, Gotthard BOOTH e Hilde BRUCH, psiquiatras e psicanalistas—Montague ULLMAN, psiquiatra e psicanalista, Professor de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Nova York e S. David KAHN, fundador da «Harvard University Society of Parapsychology»;

Inglaterra: William GILLEPSIE, psiquiatra e psicanalista, antigo Professor de Psiquiatria da Universidade de Londres e ex-Presidente da «British Society of Psychoanalysis»—Louis ROSE, psicólogo, Diretor-adjunto da Secção de Medicina Psicológica do «St. Bartholomew's Hospital», de Londres—e D. J. WEST, psiquiatra, Diretor de Investigações da «Society for Psychical Research» da Inglaterra;

Alemanha: Hans SCHAEFFER, fisiologista, Professor de Fisiologia da Universidade de Heidelberg—Karl SALTZER, antropólogo, Diretor do Instituto de Antropologia da Universidade de Munich — e Joseph WÜST, biólogo, adido ao Instituto de Fisiologia Experimental da Universidade de Munich;

França: Marcel MARTINY, Médico-chefe do «Hôpital Foch», de Paris — Jac DONNARS, clínico em París;

Áustria: Hubert URBAN, neuropsiquiatra, Diretor da Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina da Universidade de Innsbruck;

Itália: Emilio SERVADIO, psicanalista, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanálisi»;

Suiça: Heinrich MENG, psiquiatra, Professor de Higiene Mental da Universidade de Bâle;

Suécia: John BJORKHEM, clínico em Estocolmo;

Holanda: W. KAT, neuropsiquiatra, Professor de Neuro-psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Amsterdam;

(Continua)

* * *

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$ 180,00	Do 20.° ano	Cr.$ 150,00	Do 27.° ano	Cr.$ 150,00
Do 4.° ano	180,00	Do 21.° ano	150,00	Do 28.° ano	150,00
Do 5.° ano	180,00	Do 22.° ano	150,00	Do 29.° ano	150,00
Do 6.° ano	180,00	Do 23.° ano	150,00	Do 30.° ano	150,00
Do 7.° ano	180,00	Do 24.° ano	150,00	Do 31.° ano	150,00
Do 18.° ano	180,00	Do 25.° ano	150,00	Do 32.° ano	150,00
Do 19.° ano	180,00	Do 26.° ano	150,00	Do 33.° ano	150,00

Discussão Esclarecedora

Ismael Gomes Braga

QUANDO os bispos, reunidos em Belém do Pará, tomaram a deliberação de mover uma campanha organizada e permanente contra o Espiritismo, longe estariam de prever todo o desenvolvimento que essa luta teria de ocasionar à propaganda da idéia combatida e a reação nacional contra o Catolicismo Romano no País inteiro. Estavam iniciando uma guerra, na qual substimavam o valor do adversário — a Verdade — e se esqueciam de que as suas armas de combate estavam velhas, enferrujadas, já ultrapassadas pelo progresso do século XX e só poderiam levá-los a duras perdas.

Uma das armas de que lançaram mão foi um juramento anti-espírita, cujo texto com tôdas as instruções foi publicado com relêvo pelos jornais espíritas, que reproduziram tudo sem comentários, porque era desnecessário esclarecer a inépcia de tal processo.

Depois vieram artigos e folhetos de um vazio estarrecedor, baseados em conversas de antigos teólogos.

Surgiu uma coleção de brochuras com o título comum «*Contra a Herezia Espírita*», tôdas de uma pobreza intelectual e de um desinterêsse inconcebíveis. Só uma dessas brochuras merece atenção, porque expõe a Doutrina reencarnacionista e dá a época em que esta Doutrina começou a ser divulgada em cada país, reconhecendo sua universalidade. Chama-se «*Reencarnação, Exposição e Crítica*». A «exposição» está boa, mesmo melhor do que poderíamos esperar de tal fonte, mas a «crítica» não tem nenhum valor.

Êsse opúsculo de Frei Boaventura, O. F. M., teve a boa ventura de levar o estudo do interessante tema aos leitores católicos que não têm permissão de ler nossos livros e só por isto nos prestou um grande serviço; mas não foi só nem o melhor: inspirou um alentado volume a Mário Cavalcanti de Melo, «*Como os Teólogos Refutam...*»; não só fica anulada a crítica de Frei Boaventura, mas todos os dogmas católicos ficam profundamente abalados, senão mesmo postos por terra.

O Autor espírita não se limitou a defender o Espiritismo: contra-atacou o Catolicismo em sua própria cidadela e demonstrou que o castelo é de papelão carunchado, sem resistência alguma, e está caindo de velho, porque não suportou o progresso de nosso tempo. Faz um arrazamento completo do «Pecado Original», da «Doutrina das Graças», do «Inferno», do «Purgatório», da «Divindade de Jesus», da «Trindade», etc.

É um livro forte e indestrutível, pois que fundado sôbre documentos históricos da própria Igreja.

Se confrontarmos essa crítica arrazadora de Mário Cavalcanti de Melo com as «lamentações» de fontes católicas, publicadas em alguns jornais diários, como, por exemplo «O Globo», vemos que a situação da Igreja é muito mais frágil do que se poderia supor pelas estatísticas. Numa dessas lamentações o Sr. Cardeal Dom Jaime Câmara declara que os católicos não obedecem mais a seus bispos; em outra fica dito por um líder católico, que o Catolicismo no Brasil é religião de minoria. Num artigo de «O Globo», divulgado pela Agência Meridional e reproduzido nos jornais do País todo, fica dito que não há 10 % de católicos no Brasil, e acrescenta que «Na Assembléia Geral dos prelados e reitores católicos que se realizou em Roma, o Secretário do Conselho Episcopal latino-americano afirmou ser o Brasil o país mais espírita do mundo...» Copiamos estas palavras de «Diário Mercantil», de Juiz de Fora, que as reproduz de «O Globo», do Rio de Janeiro.

Para o Autor de «Como os Teólogos Refutam...», o Espiritismo não é religião, é filosofia. Provàvelmente faz êle esta distinção — contràriamente à demonstração de Carlos Imbassahy — afim de que não se confunda o Espiritismo com as igrejas que pouco bem e muitos males têm feito ao mundo. A questão de palavras não importa para nós: que se chame a filosofia de Augusto Comte de

«Religião de Humanidade», ou o Espiritismo de filosofia religiosa, de religião filosófica ou de «Ciência, Filosofia e Religião», não vamos discutir assunto já muito debatido por outros. Só estamos dando esta nota para que fique claro o que vamos citar do Autor. Diz nas páginas 326/7:

«A religião e o materialismo nada tendo podido fazer para melhorar a sorte da humanidade, incumbiu-se disto a Filosofia, que muitas vêzes trouxe ao homem consolações poderosas e melhorou situações bem tristes.

«Entre as filosofias, o Espiritismo tem sido para o homem um socorro valiosíssimo; êle terá, bem compreendido, o condão de salvar a humanidade das catástrofes ameaçadoras que infelicitam o planêta. É uma filosofia nova, iniciante, mas que tem sido a constante preocupação de um sem número de sábios, que lhe têm dedicado grande parte de sua vida. Estamos certos de que, com o tempo, amadurecerá na consciência dos homens.

«O que nos dá ensejo de afirmar que o Espiritismo chegará certamente a uma renovação social tão desejada, é o número de centros espíritas que surgem de tôdas as partes e todos os dias, e ainda seus jornais e seus livros, a ensinarem com lógica invulgar, a sua elevada doutrina de amor, de justiça, de perdão e de tolerância».

Essa esperança do Autor se baseia em fatos muito positivos: o fenômeno espírita é universal e eterno; o Espiritismo tem que estar sempre renascendo, sempre se renovando, sem embargo de tôda a oposição que lhe movam os homens. Pode condenar-se Galileu, pode queimar-se Giordano Bruno, mas a Terra não deixará por isso de mover-se; é um fenômeno natural; o Espiritismo igualmente se funda sôbre um fenômeno natural: a comunicação dos «mortos» com os vivos.

O Esperanto e o Espiritismo

Pergunta: — Temos notado que o Esperanto é um idioma bastante simpático pois, além de ser aceito pelos espíritas, preferem-no também alguns sacerdotes católicos, adeptos do esoterismo, teosofistas e outros espiritualistas.

Ramatís: — A rota do Esperanto é a mesma do Evangelho, pois ambos se afinizam. À medida que o homem se evangeliza, também se universaliza e, portanto, necessita de um idioma que corresponda com êxito e facilidade às suas avançadas aspirações por um melhor entendimento espiritual no mundo. Eis porque o Esperanto já possui cultores em tôdas as raças, credos, religiões e filosofias, embora devamos destacar que isso acontece porque se trata de pessoas que também são simpáticas e devotadas à melhoria da confraternização da humanidade. Esses esperantistas, pertencentes a diversos credos e filosofias, inegàvelmente já constituem um fragmento da admirável humanidade fraterna do futuro, pois o Esperanto já está aferindo o grau dos seus sentimentos universalistas.

Os esperantistas, quer sejam adeptos ou não de qualquer crença, ou oriundos de qualquer raça, já se encontram distinguidos por significativa credencial espiritual, visto que na justeza da lei de que os «semelhantes atraem os semelhantes», as criaturas fraternas certamente serão inclinadas a adotar um idioma que vibre com os seus ideais também fraternos. Por isso elegem o Esperanto como a sua língua ideal e cultuam-no como o revelador dos seus sonhos de confraternização humana.

Pergunta: — Não será um tanto inoportuna a preocupação dos espíritas em aliarem aos seus esforços doutrinários a divulgação do Esperanto? Isso não deveria ser tarefa exercida exclusivamente por elementos especializados no assunto e como um movimento a parte do Espiritismo?

Ramatís: — Tôda instituição, doutrina, credo ou movimento espiritualista que aspire a unir e confraternizar os homens deve se obrigar à divulgação do Esperanto, pois num mundo onde a palavra falada ou escrita ainda é o principal agente de intercâmbio dos pensamentos humanos, o cultivo da mesma linguagem torna-se abençoado recurso para a mais breve fusão emotiva e sintonia psicológica entre as criaturas separadas pelas mais distantes latitudes geográficas.

O Espiritismo, como doutrina de caráter universalista, é divino fermento a aumentar todos os esforços confraternistas; assim, cumpre-lhe incentivar todos os esforços humanos que tenham por objetivo a solidariedade e o entendimento entre os homens. Considerando que o Evangelho de Jesus é a mensagem espiritual definitiva para o homem alcançar o Caminho, a Verdade e a Vida, e o Esperanto a mensagem verbal que multiplicará entre os homens a oportunidade de evangelização, o Espiritismo pode se tornar o admirável traço de união entre ambos, porque a sua função também é a de renovar o espírito e proporcionar a Paz entre os homens!

Extraido da obra «A Sobrevivência do Espírito», a sair breve.

A Teoria Corpuscular do Espírito

Uma teoria explicativa da variada e complexa fenomenologia espírita é bem recebida pelos estudiosos do assunto, desde que seja apresentada após uma exaustiva observação e comparação dos fenômenos, e de forma clara e lógica.

A idéia de que o espírito seja uma partícula do tipo foton (unidade corpúsculo-energética da luz), porém com propriedades substancialmente diferentes, é esposada há algum tempo por certos pesquisadores, como Quaglia, na Itália, J. Fernandez, na Argentina, etc. Êste assunto chegou a preocupar Kardec, como se nota ao formular a pergunta n.º 28 e anteriores do Livro dos Espíritos. Geley, em fins do século passado, após um profundo estudo dos fatos espíritas e naturais, deduziu que não se pode conceber matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria (Resumo da Doutrina Espírita, Lisboa, 1945).

A concepção corpúsculo-energética do espírito, após as recentes conquistas da Física Nuclear, tomou um novo impulso, e acha-se no momento em plena evolução; é defendida por distintos metapsiquistas e espíritas. Entre êstes, acha-se o eng. Hernani G. Andrade, conhecido confrade de S. Paulo, cujas conferências e aulas em Centros e Mocidades são sempre concorridas e apreciadas. Após vários anos de estudo do Espiritismo, da Física, da Matemática e da Biologia, e tomando por base o antigo postulado de que nada na natureza é contínuo, o nosso prezado confrade elaborou a chamada Teoria Corpuscular do Espírito. Coube a União da Mocidade Espírita de S. Paulo, em princípios de 1956 apresentá-la pela primeira vez, em um de seus tradicionais cursos doutrinários. Em breve essa teoria será publicada, o que motivará o estudo e crítica por parte de muitos interessados.

O «átomo espiritual» apresentado tem uma certa analogia com o átomo material; em vez de eletron, proton e neutron tem-se novas terminologias: bion —quantum de vida, mentalton—quantum de percepção — memória, e intelecton — quantum de inteligência; mônada é o espírito mais simples possível que se pode conceber, de acôrdo com essa teoria.

É importante ressaltar os seguintes pontos da Teoria Corpuscular do Espírito: 1.º) ela está plenamente de acôrdo com as ciências atuais e com a doutrina espírita, especialmente com as obras de André Luiz, 2.º) ela compreende uma parte teórica e uma parte prática, para fins de comprovação, e 3.º) ela explica uma gama extensa de fenômenos espíritas, anímicos e biológicos, que desafiam o conhecimento dos cientistas.

Por deferência do autor, apresentamos abaixo os títulos dos 10 capítulos do 1.º volume da obra, tôda documentada e a mais clara possível: O Espiritismo perante as outras ciências, Das bases da teoria, A 4.ª dimensão e o hiperespaço, Das formações espirituais, O fenômeno da vida, A origem da vida, A reencarnação e a genética, O mecanismo da reencarnação, Os fenômenos metapsíquicos e Conclusão (plano da parte experimental, etc).

Os mensageiros espirituais tem fornecido aos espíritas verdadeiras chaves da vida espiritual e dos fenômenos mais sutis da natureza, porém cabe ao próprio homem através do estudo, da observação e da pesquisa, aproveitar essas chaves e apresentar teorias explicativas acêrca de Deus e da evolução dos sêres vivos. Sòmente pelo estudo e pela prática do bem poderemos compreender a verdadeira natureza de Deus. O homem moderno incapaz de conceber a existência de uma Inteligência superior sòmente pelo prisma religioso; êle pedirá provas da Sua existência. As teorias espíritas aparecem então para explicar os fenômenos mais delicados da natureza, que se forem comprovadas passarão a ser leis. Teremos assim, mais cedo ou mais tarde, Leis Espíritas, como existem no momento Leis de Química, de Física, de Astronomia, etc.

É com grande expectativa que aguardamos o aparecimento do trabalho do estimado confrade Hernani, e oxalá a crítica espírita e leiga externe sinceramente o seu ponto de vista. Temos certeza que pelo menos ela traçará um novo programa de estudo dos fatos mediúnicos, colocando-os no seu devido lugar (observação rigorosa, contrôle, e documentação).

C. Pimentel

S. André, 4-8-58

ESPERANTA RESUMO:

Oni anoncas la estontan eldonon de nova teorio korpuskula de la spirito, verkita de ing. H. G. Andrade, el S. Paulo, bazigita en spiritisma doktrino, Fiziko, Biologio kaj Matematiko. Tiu teorio klarigas multajn spiritismajn, animismajn kaj biologiajn fenomenojn, kaj havas grandan valoron teorian kaj praktikan.

PESQUISAS METAPSÍQUICAS EM DIVERSAS UNIVERSIDADES AMERICANAS E EUROPÉIAS

As pesquisas metapsíquicas invadiram decisivamente os meios universitários da Europa e da América. Na Universidade de Cambridge há uma cátedra da matéria, e, nas Universidades de Oxford e de Londres, *numerosas teses de doutoramento versaram sôbre os fenômenos metapsíquicos*, nestes últimos tempos, o mesmo se verifica na Universidade de Duke, na Carolina do Sul, Estados Unidos, onde foi também publicado interessante relatório sôbre trabalhos experimentais ali realizados. Na Universidade de Camerino, Itália, é conhecida a posição espírita do prof. Stoppoloni, e numerosos professores universitários da França, Bélgica, Holanda e outros países, já não escondem o seu interesse crescente pelos estudos espíritas ou metapsíquicos.

Apesar disso, os preconceitos culturais, oriundos do materialismo científico dos dois últimos séculos, continuam a impedir que grande número de intelectuais se interessem pelo assunto. Em nosso país, onde os reflexos do progresso intelectual chegam sempre retardados, êsses preconceitos constituem verdadeira barreira, quase intransponível, afastando muitas inteligências promissoras de qualquer aproximação com os problemas espíritas. É tamanha a fôrça dos preconceitos, amparados e estimulados por pessoas e organizações interessadas, que os nossos homens de cultura, em geral, são pràticamente ignorantes em matéria de Espiritismo e Metapsíquica, e quando se manifestam a respeito, nada mais fazem do que revelar essa deficiência cultural.

As pesquisas metapsíquicas constituem, por sua profundidade e riqueza, uma verdadeira província da ciência moderna. Desde Russel Wallace, William Crookes, Charles Richet, Oliver Lodge, até Paul Gibier e Gustavo Geley, o que se tem feito nesse terreno, é suficiente para demonstrar a seriedade e a gravidade do assunto. Grandes sociedades, mundialmente respeitadas, como a Societies of Psychic Reasearch de Londres, e as British and American Societies of Psychic Reasearch, empenham-se na realização de pesquisas metapsíquicas do mais alto valor, sistemàticamente registradas em seus anais e divulgadas por suas publicações especializadas. Pessoalmente, médicos de renome, como o sr. Carl Winkland, da Faculdade de Medicina de Chicago, autor do famoso livro «Trinta anos entre os mortos», deram e continuam a dar as mais belas contribuições para o esclarecimento dos problemas espíritas. Não obstante, a barreira dos preconceitos afasta, de tôdas essas fontes, homens que muito poderiam auxiliar o avanço da humanidade nos caminhos do espírito.

Ainda há dias, comentamos nesta secção as entrevistas concedidas a um jornal local pelos professores Mauricio de Medeiros e Mira y Lopes, que consideravam os fenômenos espíritas como simples produtos de burlas intencionais ou fraudes inconscientes. O primeiro chegou mesmo a dizer que a aparição de um espírito «seria a negação de tudo o que a ciência nos tem ensinado». Entretanto, é a própria ciência, através dos trabalhos de pesquisa de seus maiores expoentes, no último e neste século, que demonstra a realidade dessas aparições.

A fôrça dos preconceitos é enorme, pois é a própria fôrça da inércia, que no plano mental se manifesta pelo apêgo a uma permanente ilusão de segurança. Os fatos espíritas, como dizia o grande físico inglês Sir Oliver Lodge, são suficientes para produzir na terra uma nova revolução copérnica. Mas assim como Copérnico não destruiu a ciência, contribuindo, pelo contrário, para ampliar os conhecimentos humanos, assim também os fatos espíritas não tem uma função destruidora, pois servem antes para alargar a compreensão da vida e do mundo, por parte do homem.

O temor, pois, de que o Espiritismo destrua as bases de segurança da ciência, não tem razão de ser. O Espiritismo se alicerça nessas mesmas bases, pretendendo ampliá-las e fortalecê-las, ao invés de destruí-las, como sempre declarou Kardec. Só os erros serão destruidos pelas revelações mais amplas da ciência-espírita, o que, aliás, é do interêsse da própria ciência-materialista. Assim, a tremenda fôrça dos preconceitos seria fàcilmente removida, se os que a êles se entregam quisessem pensar de mente aberta sôbre o assunto, ou pelo menos não se recusassem a tomar conhecimento do mesmo. Trabalhos como o «Traité de Metapsychique» de Richet, os «Fatos Espíritas», de William Crookes, ou os de Crawford, do professor italiano Imoda, de Aksakoff ou de Schrenck Notsing ou ainda os de Bozzano — que resumiu 40 anos de estudos no livro «Animismo ou Espiritismo ?» — não podem ser postos de lado pela simples fôrça dos preconceitos, sem que a dignidade humana e a própria inteligência sejam relegadas a um segundo plano.

Irmão Saulo

"QUO VADIS?"

Por DAVID BEDBROOK

(Presidente da Federação Espírita ou Espíritista Internacional)

Uma das principais publicações sôbre temas psíquicos da Inglaterra, ao referir-se sôbre meu discurso de abertura do Congresso Espiritualista Internacional que acaba de efetuar-se em Paris, deu por título a seu artigo: «Valorizemos a tolerância».

Era o título perfeito, o resumo exato do que desejei transmitir ao ânimo dos numerosos delegados dos diferentes países reunidos na cerimônia oficial de abertura.

Agora que já terminou o Congresso, com seu alvorôço e agitação, na minha qualidade de recém eleito presidente da Federação Espiritualista Internacional, necessito extender-me mais a respeito dêste tema de vital importância, pois concerne êle ao próprio futuro de nosso movimento como fôrça de alcance mundial e que pode chegar a converter-se num instrumento eficaz para estabelecer e estender a Fraternidade e Solidariedade entre as nações grandes ou pequenas.

Sempre considerei a Tolerância e a Compreensão como os mais sublimes atributos, pois sem êles não pode haver verdadeira e duradoura paz entre os homens e as nações. Creio que se pode e se deve procurar a forma mediante a qual as Federações, Sociedades ou Grupos que hoje se acham distanciados por pontos de vistas antagônicos, possam ser persuadidos pelo bem comum a abandonar suas atuais divergências, a bem do Movimento, de maneira que ainda persistam embora em suas opiniões, se vejam possibilitadas de trabalhar em harmonia.

A Federação Espiritualista Internacional realizou no ano de 1948, em Londres, seu Primeiro Congresso de após-guerra e foi neste Congresso que os delegados de muitas nações elegeram, através de sua Assembléia Geral, um comité especial de indivíduos pertencentes a diferentes países com o mandato de preparar um Estatuto cujos artigos fossem amplamente discutidos antes de tomar sua forma final e ser aprovados pela Assembléia Geral. Assim nasceram os Estatutos da I. S. F. (Federação Espiritualista Internacional). Foi, desde seu nascimento e ainda o é, um Estatuto que irradía a mais ampla tolerância. E assim tinha que ser, pois de outra maneira não haveria recebido o apôio unânime dessas diferentes nações que viam nêle a futura base para uma orientação comum e unificada.

Basearam-se tais Estatutos no grande princípio da Sobrevivência e foi redigido de maneira a conformar a todos, sem ofender a ninguém. Completamente apolítica, em nenhum sentido ditatorial, e que brinda a todos o direito de organizar e manejar suas Federações, Uniões, Sociedades ou Grupos, da melhor maneira, de acôrdo com o ambiente em que lhes toca atuar. É assim tão adequada para aceitar como filiados a quem esteja a favor da Sobrevivência e a Volta do Homem desde o ponto de vista Cristão, como para aceitar àqueles que não admitem isto; ademais, aceita aos que acreditam na Reencarnação, da mesma forma aos que não acreditam nela; é um Estatuto apolítico e assectário.

Antes de nos extendermos acêrca dêste aspecto muito importante, desejaria realçar o fato de que êste Estatuto ou Constituição, de redação internacional, não foi idealizado por nenhuma instituição afiliada, que poderia introduzir seus preconceitos na Carta. Foi preparado, artigo por artigo, por um grupo de homens e mulheres, eleitos em diferentes nações, os quais, embora não sustentassem pontos de vista idênticos, tiveram a sabedoria e viram a necessidade de redigir uma tal Constituição, capaz de dar acolhida a todos os matizes de crença e opinião, ao mesmo tempo em que amalgamava o todo numa grande Irmandade de alcance mundial e sem exclusões de caráter político ou sectário.

Desde seu nascimento, essa Constituição foi aumentada, de tempo em tempo, porém as adendas ou emendas sòmente foram incorporadas depois de prévia discussão e aceitação pela Assembléia Geral de Delegados, num de seus Congressos trieanais.

Em minha opinião pessoal, constitui um Estatuto modêlo que deve ser estudado e comparado pelas demais Federações e pelas Sociedades de índole nacional, se é que esta grande verdade deva abrir caminho como fôrça de bem com âmbito mundial. É óbvio que não se pode permitir que os critérios estreitos e a intolerância se imponham; não devem dividir-se as fôrças por causa de imposicões ditatoriais.

Os Estatutos ou Constituições Federativas devem ser livres de tôda e qualquer tentativa de imposição e de tôda terminologia exclusivista, que pudessem impossibilitar a participação ativa de qualquer Sociedade ou Organização de índole nacional, dentro de uma tal Federação Internacional. Ampliando o exposto, direi que tôda Constituição ou Estatuto pertencente a uma Federação Internacional, deve ser redigido de maneira tal que permita a livre filiação daqueles que desejam continuar organizando suas atividades, tanto à base de um aspecto Religioso, como à base de um aspecto Científico, ou como uma combinação de ambos, existindo a máxima tolerância e compreensão para qualquer dêstes pontos de vistas. Em minha opinião pessoal, êstes três aspectos — o Religioso, o Filosófico e o Científico — devem poder estudar-se paralelamente e em harmonia, pois cada um dêles pode outorgar à nossa grande Verdade um algo que eleva a Humanidade.

Através dos muitos anos em que temos estado vinculados ao estudo da Sobrevivência, vimos muitas Sociedades que se denominam a si mesmas: «Sociedade de Investigações Psíquicas» e que, ao serem estudadas detidamente, mostram não ter um só aparêlho dos necessários para o estudo científico do tema, porém, que, anos após anos, continuam empregando a mesma denominação. Li os Estatutos, Regras e Regulamentações de Federações Nacionais, Uniões e Sociedades existentes em diferentes países que, se bem se denominam a si mesmas: «Federações Nacionais» de determinado país, demonstram pela natureza mesma de seus Estatutos ou Constituições, que tal denominação é incorreta, porque elas têm artigos que proibem terminantemente, a tôdas as Sociedades ou Indivíduos que desejam afiliar-se, o tomar parte em práticas religiosas e ainda o emprêgo da oração. Tal atitude é intolerante em grau extremo e é difícil compreender como uma tal organização se possa denominar a si mesma de «Nacional» e considerar-se representativa do movimento nacional quando trescala um estado de coisas tão ditatorial e de critério estreito. É óbvio que uma atitude mais ampla e tolerante seria mais adequada à sua designação.

A aceitação tolerante de diferentes modalidades e focalizações não deve conduzir necessàriamente à segregação de grupos com a finalidade de estudar sob diferentes aspectos, sejam filosóficos, religiosos ou científicos, que os conduziriam à competição entre si. É preferível que se formem comités para o estudo sério e sem preconceitos de cada aspecto, que permitam o trabalho harmonioso, dentro do marco da mesma organização.

Analizemos brevemente o que entendemos por Espiritualismo em relação ao conceito científico de «Investigação Psíquica»; abordamos êste tema pela razão de que há muitos interessados no aspecto investigativo do problema da Sobrevivência e que sentem, por sua vêz, aversão aos aspectos religiosos do Espiritualismo. Se focalizamos o problema com equanimidade, devemos convir que os processos para entrar em contacto com os «invisíveis» situam-se melhor dentro do campo da metafísica ou do estudo científico e não tanto no campo filosófico ou religioso, pois é bem sabido que há indivíduos que nada têm de religiosos e que, sem embargo, conseguem estabelecer contactos extraordinàriamente bons entre os dois estados de vida, o terreno e o celestial. O processo, em si, aparenta então ser de natureza metafísica ou científica. Onde, pois, encaixar, aí, o aspecto religioso? A resposta, parece-me, é perfeitamente clara: se bem os procedimentos inherentes possam aparentar ser de índole metafísica ou científica é, todavia, mediante tais processos que as comunicações assim recebidas possuem um conteúdo que, na sua maior parte, é de natureza espiritual, embora afirmemos ou neguemos que tais processos sejam de natureza científica.

Em muitas ocasiões se põe em evidência que as leis que regem êstes fenômenos, não só têm origem neste mundo físico em que vivemos, mas que também existem e têm aplicação no mundo «invisível» ao qual todos nós, inexoràvelmente, nos dirigimos.

Sem embargo, o mais importante de tudo isto é o fato de que referidas leis parecem ter papel ativo nos meios de comunicação que se estabelecem entre êstes dois estados da Eternidade. Seja Espiritualmente, Filosòficamente ou Cientìficamente, não cabe dúvida alguma de que todos atraimos para nós almas de uma mentalidade e pontos de vista mui similares àquelas que cada um de nós, individualmente, possuimos. Isto assinala o fato de que êsses três grandes atributos se complementam harmoniosamente para constituir o Mundo Celestial; é assim que devíamos aspirar a empregar êste dom de tolerância e compreensão em nosso mundo, de modo a dar tôdas as oportunidades possíveis para que o Espiritual, o Filosófico e o Científico trabalhem e se desenvolvam harmoniosamente, dentro de nossas organizações terrenais, sejam elas grandes ou pequenas, Internacionais ou Nacionais.

Em resumo, a intolerância conduz a pensamentos fechados e dogmáticos, a intolerância origina a antítese da harmonia, o amor e a compreensão entre as gentes que militam nas organizações em que ela é praticada e sempre conduzirá ao fracasso.

Tem que haver uma fórmula que nos permita lutar por atingir um espírito de harmonia e cooperação dentro de nossas fileiras e que nos permita, ao mesmo tempo, afastar o perigo de cair em campos antagônicos. O mais prudente é oferecer oportunidades amplas e iguais para um estudo sério e harmonioso destas três formas de pensar, sem permitir que nenhuma delas nos afaste de nosso fim primordial: Fazer dêste conhecimento uma fôrça de alcance mundial, grande e em constante expansão, em benefício da Humanidade; se não chegamos a apreciar a importância disto, nos veremos retardados, se é que não chegamos a estancar-nos, em nosso progresso para dito objetivo.

Minha opinião pessoal é que, a menos que nós, dentro de nossas organizações espiritualistas, nos acautelemos dela, estamos condenando esta grande verdade ao esquecimento ou, pelo menos, a um estancamento indefinido. Trará isto, como resultado inevitável, que esta nova e maravilhosa concepção da vida caia em um «statu-quo» ou que volte a cair dentro das trevas que a ocultaram nos séculos passados. Tal pode ser o resultado da falta de visão e da falta de empenho do momento atual. Não é ainda demasiado tarde para refletir sôbre êste estado de coisas, nem tampouco nos encontramos face a um obstáculo intransponível, pois já existe um ponto focal mundial: a Federação Espiritualista Internacional, a I.S.F. As Federações, Uniões, Sociedades ou Grupos, têm a responsabilidade de facilitar ou de impossibilitar seu progresso, o qual nunca deve estar a serviço de uma tendência particular, frente a êste problema vital. Mantenhamos, pois, um perfeito equilíbrio entre os três aspectos: Científico, Filosófico e Religioso, de nossa grande verdade imortalista.

Tradução de Eddie Augusto da Silva.

Crônica Estrangeira

Múmias que se Movem

De «*Estudos Psíquicos*»

Paul Gold escreveu um artigo no *Psychic News* de Londres intitulado «O Mistério das Múmias que se movem». O caso é o seguinte:

Quando o médico especialista e egiptólogo Tomás Young se instalou em Londres, na Rua Wimpole, 48, trazia consigo uma coleção de múmias egípcias. Mais tarde o médico faleceu e muitas pessoas declararam ter visto naquela casa antigas Egípcias a deslizar de um quarto para outro.

O professor C. B. Alsop contou êste caso numa reunião do Instituto de Médicos, em Bristol University's Royal Forf, afirmando que o baseava num testemunho científico da maior confiança.

— Alguns colegas meus — declarou — juram que viram estes fantasmas, os quais parecem extraordinàriamente elegantes e metódicos.

Uma firma de produtos dentários encontra-se instalada na Rua Welbeck e tôdas as noites empacotam grandes quantidades de dentaduras, que armazenam num compartimento especial, destinadas às remessas do dia seguinte. O mais interessante é que, muitas vêzes, quando o pessoal abre a loja para tratar dos assuntos ordenados na véspera, encontram as dentaduras tôdas desembrulhadas e colocadas no chão.

Isto tem produzido enorme celeuma, como é fácil de calcular.

O articulista informa que o espalhafato costuma ser maior, quando aparece uma figura semelhante a Cleópatra, embora as portas permaneçam fechadas, sem qualquer vestígio de intrusos no trabalho.

É possível que os dirigentes da casa comercial sejam incrédulos e não tenham ainda adotado as providências adequadas. Se conhecessem a doutrina espírita saberiam que tais fenômenos são muito vulgares e quais os meios de acabar com esses distúrbios.

Só por isto vale a pena estudar o Espiritismo. Vemos atacar e criticar os problemas psíquicos sem o mínimo conhecimento de causa. Não raro, o pior escriba se arvora em professor para desancar às cegas uma doutrina que totalmente ignora. Os inconscientes que o ouvem vão propalar a burundanga a outros inconscientes e assim se vai fazendo a história.

Depois surgem fenômenos edificantes, como o que acabamos de mencionar, e outros ainda mais assombrosos que têm perpassado nestas colunas.

Somos visitados anualmente por centenas de indivíduos, e cada qual expõe um caso diferente. Encheríamos um volume com êsses relatos.

É pena que tais pessoas não encontrem assistência própria e andem de Herodes para Pilatos à procura de solução para os seus problemas. Os próprios clínicos aconselham alguns clientes a procurar centros espíritas, em vez de consultórios médicos. São conscienciosos, sabem de antemão que nada podem fazer em benefício do enfêrmo e guiam-no para a verdadeira fonte. Era necessário, porém, que se abrissem clínicas de terapêutica psico-somática, a fim de resolver êste assunto importantíssimo.

⁂

Lição de Moral

De «Estudos Psíquicos»

Conta-se que Frederico II, visitando com seu irmão Henrique um convento da Silésia, foi recebido com afabilidade e, ao despedir-se, perguntou ao Superior se tinha a pedir-lhe alguma mercê.

—Só pedirei que se admitam ao hábito dois noviços por ano.

—Está outorgada a mercê. Eu próprio os mandarei.

E voltando-se para o irmão disse em Francês, julgando que o frade não entendia: «Vou mandar-lhe dois jumentos para me divertir».

O Superior compreendeu, fêz-se desentendido e acrescentou:

—Já que Vossa Majestade é tão clemente conosco, peço licença para solenizar a graça concedida, permitindo que a um dos noviços seja dado o nome de Vossa Majestade e ao outro o de vosso sereníssimo irmão.

Rei e príncipe enrubesceram e trocaram olhar significativo que dizia: «Podíamos ficar sem esta».

⁂

Coppi, o maior ciclista do mundo, salvo pela mediunidade

De «Two Worlds»

Coppi, o mais popular ciclista da Itália, conta o modo por que, depois de uma queda em Roma, tomou o trem. para Nápoles, onde reside Aquille D'Angelo. Os médicos lhe disseram que não poderia correr pelo menos durante seis mêses. Dois dias depois de ter saído de Roma, estava de regresso, refeito, pronto para a carreira: «Volta da Europa» em bicicleta, a esperança de sua pátria. Disse Coppi: O homem (D'Angelo) apenas me tocou; deslizou o dedo ao longo de minha perna e queimava como fogo, como se mil agulhas picassem minha pele; logo me disse: volte para sua casa moço, você está curado... e eu estava curado!

A. D'Angelo nasceu em Nápoles, há 44 anos, filho de humilde carpinteiro, começou, quando menino, a engraxar sapatos numa rua e não teve tempo de frequentar escola. Depois foi porteiro. Em seguida percorria ruas, sôbre pernas-de-pau em serviço de propaganda. Certo dia, levando um letreiro, caíu ao chão. Foi levado ao hospital com dupla comoção cerebral. Vinte e seis horas depois, recobrou os sentidos.

J. M. Sheppard escreve: Um médico interno e uma enfermeira estavam a seu lado e ficaram surpreendidos quando D'Angelo os chamou pelos seus nomes próprios. Ambos lhe eram completamente estranhos. Era para êle o princípio de um novo mundo e o desenvolvimento de tão notával faculdade que cientistas e doutores levantavam os braços desconcertados ante a evidência. Êsse analfabeto produtor de milágres. desafiou tôda lei em medicina, em suas repetidas curas de casos declarados perdidos. Pode chamar todos pelos seus nomes. Deixai-lhe ver o vosso rosto e, no mesmo instante vos chamará pelo vosso nome completo. Mais estranho é o poder eletro-magnético de D'Angelo, se lhe derdes um apêrto de mão. Atenção! Êle pode transmitir, à sua vontade, sua corrente elétrica, assim chamada. Pode produzir um choque nervoso, se assim o deseja, sòmente com o toque de seu dedo e pode apalpar sem efeito algum. D'Angelo foi a París em 1952 para ser examinado, a pedido de um núcleo de psiquiátras e psíquicos. Pediram-lhe fornecer provas evidentes e imediatas de seu poder. D'Angelo apontou para um grande relógio, no aposento; seu pêndulo, oscilava rìtmicamente, em suas idas e voltas, mas parou no mesmo momento, e assim permaneceu até o fim da prolongada entrevista. Ao sair do amplo salão, D'Angelo sorriu e de novo apontou para o relógio, e imediatamente o pêndulo recomeçou seu movimento. O relógio estivera parado durante 55 minutos.

⁂

ESPIRITISMO NO BRASIL

Festas Jubilares de uma Família Espírita

Com o título acima, a revista «REVELAÇÃO», de São Francisco do Sul—Estado de Santa Catarina—publicou ampla reportagem das Bodas de Ouro do professor Arnaldo Claro S. Thiago e de sua espôsa, dona Maria Eugenia Oliveira de S. Thiago, ocorridas e festejadas no Rio de Janeiro, em 5 de setembro último, com o comparecimento de numerosos membros da grande descendência espírita daquele casal, que já atinge a oitenta pessoas, tôdas vivendo dentro do mesmo ideal honrando e propagando a Doutrina dos Espíritos.

Em sua edição de 15 de outubro, dêste ano, a «Revista Internacional do Espiritismo», relatou, sob o título de «Bodas de Ouro», um histórico da formação familiar dos S. Thiago, a começar, em 1872, pela nomeação do cidadão Peregrino Servita de S. Thiago para o cargo de Inspetor da Alfândega de São Francisco do Sul. E é intenção desta «Revista», transcrever, oportunamente, da sua colega do Sul, a referida reportagem, pela qual nossos leitores poderão tomar conhecimento da beleza de uma verdadeira festa espírita, que servirá de exemplo aos nossos meios sociais.

A Crônica, adiante transcrita, se refere ao mesmo acontecimento, da mais alta significação para o movimento do Espiritismo no Brasil, e foi extraida da reportagem, de a «Revelação», já citada.

Crônica da Babitonga

A Pátria, o Estado, o Município por menor que seja, têm sempre suas gratas efemérides, suas datas importantes a comemorar. E a família, por certo, que é o esteio da Pátria, que é o embrião da comunidade, tem também as suas datas festivas, as suas efemérides, e de tôdas, a mais importante porque nem tôdas elas podem conseguí-la, são as «bodas de ouro», o jubileu de cinquenta anos de vida conjugal, de harmonia, de trabalho, de perseverança, de luta árdua pela vida, pela manutenção da família que cresce e necessita sempre mais, de conseguir, após anos e anos de luta, um acêrvo de bem estar e confôrto que é a ambição mínima do homem honesto e trabalhador. Assim é que, embora tàrdiamente, registramos com prazer, hoje, neste espaço a comemoração das «bodas de ouro» do venerando casal «Arnaldo Claro de S. Thiago e Da. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago», efeméride que se registrou em data de 5 do corrente. No longevo dia cinco de setembro de mil novecentos e oito, êste distinto casal, hoje já vergando ao pêso dos anos, unia suas vidas num matrimônio feliz, e encetavam lado a lado, com o entusiasmo dos jovens casadoiros, a longa e árdua jornada pela vida em fóra. Quantas e quantas alegrias já não desfrutou esta família no decorrer dêstes cinqüenta anos de vida conjugal e quantos, quem sabe, dissabores, também, não tiveram que suportar, porque a vida é feita de alegrias e tristezas, de prós e de contras, e devemos saber vivê-la com serenidade, com espírito de luta, para que não sucumbamos ante o imprevisível do futuro, ou as artimanhas do destino, ou, dizendo melhor, do predeterminismo que regula e controla a nossa vida.

Dessa união feliz que hoje relembramos, surgiu numerosa prole, e todos hoje, com exceção da que Deus já chamou ao seu augusto seio, aí estão a honrar a paternidade, médicos, engenheiros, advogados, comerciantes, professores, etc., aprimorados em educação, socialmente elevados e benquistos, dando às comunidades dentro das quais hoje vivem e labutam, a prova inconteste do que pode valer o sacrifício dos pais, quando, pelo seu próprio valor, pelo seu espírito de abnegação e de trabalho, sabem fazer com que seus filhos herdem as sementes do bem, do trabalho, da honestidade e do cumprimento do dever.

Ao respeitável e emérito professor Arnaldo S. Thiago, à sua respeitável espôsa, e aos distintos filhos dêste casal ilustre, embora o atraso que só mesmo o conhecimento posterior do fato o justifica, deixamos aqui o nosso caloroso e sincero abraço de felicitações, externamos dêste espaço a nossa admiração e o nosso respeito, e seria prazer imenso que, daqui há mais vinte e cinco anos, pudéssemos, ou então aquêle que nos substituir, voltar com uma nova crônica para anunciar aos conterrâneos nossos que o ilustre casal, festejava as suas bodas de diamante.

Uniões como essa são abençoadas porque no desvêlo da mãe e na dedicação do pai surgem a coroar-lhes a vida filhos que os dignifiquem e os honrem.

Boa tarde, amigos, e salve o casal Arnaldo S. Thiago pelo transcorrer festivo do seu jubileu matrimonial.

Orlando Cardoso

(Crônica, assinada com o pseudônimo de *Ramíres*, lida em 10 de setembro de 1958 e irradiada pela Rádio de São Francisco do Sul, Z. Y. U. 5)

Aniversário de «A Nova Era» de Franca

Este nosso distinto colega que se edita na cidade de Franca, deste Estado, festejou, com seu número de 15 de novembro último, o 31.° aniversário de sua fundação.

Na imprensa espírita, a «A Nova Era», sempre se destacou como um dos orgãos mais importantes pela sua orientação e assiduidade de circulação.

Da primeira página, aliás ilustrada, da alentada edição de aniversário, transcrevemos, com prazer, o seguinte :

«Ao completar «A NOVA ERA» seus 31 anos de existência, prestamos nesta página, nossa singela homenagem a seu fundador, — o sempre saudoso José Marques Garcia, — pioneiro do Espiritismo em Franca, organizador da CASA DE SAUDE «ALLAN KARDEC», e que teve tôda a sua vida terrena dedicada à difusão da doutrina espírita e à prática de seus sublimes postulados.

Nós, que aqui ficamos nesta luta, que êle nos mostrou ser gloriosa, e que procuramos sempre, humildemente, seguir-lhe os passos vigorosos, elevamos-lhe neste ensejo nossa prece de reconhecimento, ditada pelo coração, certos ainda de que as luzes divinas que irradiam de seu espírito de escol, serão sempre motivo de inspiração para as nossas lutas no porvir.»

Os companheiros de redação, de «Revista Internacional do Espiritismo», fazem dessas palavras a sua homenagem ao espírito amigo de José Marques Garcia, congratulando-se com a «A Nova Era» pelo seu significativo 31.° aniversário.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal orndinária, realizada em 1 de Novembro de 1958

Á hora regimental, o presidente, após a prece inicial por êle proferida, declara aberta a reunião, visto constar do Livro de Presença número superior de membros do Conselho, conforme determina o seu Regulamento, ou seja, a metade e mais um.

Expediente — Ofício da Federação Espírita do Espírito Santo e carta do conselheiro Prof. Ramiro de Souza Gama.

Dada a palavra aos srs. Conselheiros, falaram sôbre os mais variados assuntos, em tôrno do movimento espiritista, os senhores: Atlas de Castro, Alberto Nogueira Gama, Aurino Barbosa Souto e Coronel Levi Lara, discorrendo êste último sôbre a personalidade do confrade Murilo Pires, recentemente desencarnado.

Em seguida, o presidente comunica ao Conselho ter concedido várias entrevistas aos jornais cariocas sôbre a pessoa de S. S. o Papa Pio XII, e que o próximo número de «Reformador» apresentará um pequeno estudo referente àquele Papa, cujo pontificado, disse ainda o presidente, foi bastante proveitoso para a sua Igreja. Prosseguindo, fala sôbre a personalidade do Cardeal eleito que governará sob o nome de João XXIII, lendo, para o Conselho, a primeira declaração dêle, bastante cristã, determinando que sejam eliminadas as adjetivações geralmente usadas pelo clero e pelos católicos, quando se referem à pessoa do Papa.

Após serem examinados vários assuntos trazidos a estudo do Conselho, pertinentes a alguns Estados, pronuncia a prece final o representante da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo e o presidente encerra a reunião precisamente às quinze horas e cinqüenta minutos.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura	simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,,	,,	50,00
Ano	—	Assinatura	registrada	150,00
Semestre	—	,,	,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3412unse

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Janeiro de 1959 – N. 12

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

NOV 15 2006

SUMÁRIO

Memorando . . . . *Redação*
Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil *Milton de Andrade*
A Descoberta do Espírito . . . . *Hernani Guimarães Andrade*
Festas Jubilares de uma Família Espírita . . . . *Extraido de "Revelação"*
Espiritismo e Religião . . . . . *Deolindo Amorim*
Desde quando sofre a criatura humana? . . . . *General Levino C. Wischral*
Extraordinário Caso de Cura Espírita . . . . *Aleixo Vitor Magaldi*
Roma, Nero e os Cristãos . . . . *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Índice . . . . *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1959 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

MEMORANDO

MAIS uma vêz desejamos prestar a nossa homenagem a Cairbar Schutel no decorrer do vigésimo primeiro ano de sua passagem ao Mundo Espiritual, passagem essa que ocorreu a 30 de Janeiro de 1938.

A nossa recordação dêsse grande vulto é perene, pois sua personalidade está sempre presente em nossa lembrança.

Mas êsse grande amigo não se ausentou, sòmente se subtraiu, fisicamente, à nossa percepção visual. Não se ausentou, mas se passou a essa outra morada do Pai, dêle só estamos separados por uma porta, pela qual também nós um dia havemos de passar.

Quando um dia fôr escrita a história do Espiritismo na nossa terra, êsse grande espírito avultará entre seus pares como um vanguardeiro, cuja missão foi esclarecer as consciências de seus contemporâneos. Pelo seu trabalho titânico, por sua constância sem par, por sua fé, por seu amor à Causa, êle conquistou um lugar de destaque, que já lhe foi conferido.

Era êle dotado de bastos conhecimentos da Doutrina Espírita, alma nobre, austero mas caridoso e privilegiado racionalista.

Foi êle o fundador dos dois órgãos, «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», o primeiro há 53 anos e o outro há 33, órgãos êsses que ainda 21 anos após sua passagem continuam a circular normalmente.

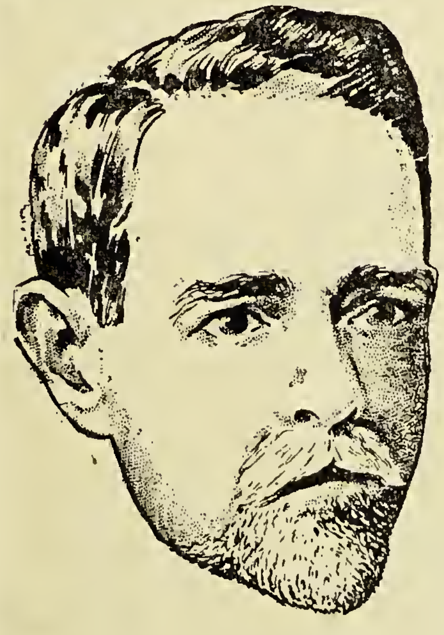

Cairbar Schutel

Cairbar Schutel bem compreendeu que, ao despertar na Nova Vida, teria de prosseguir na sua missão iniciada na terra, pois não era tarefa terrena que havia empreendido e que, mesmo do «Outro Lado do Véu», necessária seria a sua ação vivificadora na luta, neste rincão brasileiro, para a Espiritualização dos homens.

Assim é que Cairbar, dispensando maiores glórias, a que fez jús, em feliz surto no nosso Planêta, continua a permanecer ao nosso lado, incentivando-nos a prosseguir na grande obra por êle fundada neste rincão.

Incessantes têm sido as provas do seu auxílio aos que labutam na árdua tarefa de prosseguir na magna obra por êle fundada, isto por meio de intuições no sentido de solver múltiplas dificuldades, inclusive financeiras.

O Espiritismo entrou-lhe simultâneamente no cérebro e coração, transbordando ambos de dedicação, sem paralélo, de um amor sem limites, de renúncia e sacrifícios incomparáveis.

Cairbar deve estar recebendo o salário ao qual, como digno obreiro que era na Seára do Senhor, fez jús.

Se alegria era, para quantos lhe o seguiam na marcha da Doutrina, sempre em ascenção e em linha reta, vendo-o despojado do ergástulo da matéria, não deixou de ser também de mágua pelo desfalque nas fileiras dos lídimos trabalhadores do Evangelho, ainda encarnados. Sobretudo em se tratando de um vulto ímpar numa Seára que é realmente grande, cujos trabalhadores de boa vontade são, ainda, poucos. Pelo que devemos suplicar ao Pai o envio de mais obreiros para sua Seára.

Cairbar! Em nossa peregrinação afanosa pela estrada pontilhada de tropêços, sentimos que não ficámos à mercê do acaso, mas a influência do teu grande Espírito sempre nos guiou por entre os obstáculos da adversidade. Sabemos que mão experiente conduzia a obra a um destino seguro. Continua, pois, caro Schutel, a guiar nossos passos pela estrada da Verdade, para que um dia, possamos acompanhar-te na estrada da Evolução.

CRIA A CADEIRA DE PARAPSICOLOGIA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

(Conclusão)

considerando que o estudo e a investigação da percepção extra-sensória e dos demais fenômenos paranormais, subjetivos e objetivos, receberam a denominação de Ciência Psíquica na Inglaterra, a de Metapsíquica nos países latinos, e a de Parapsicologia nos países de língua alemã e na América do Norte — denominação, essa última, que reune as preferências dos meios científicos;

considerando que o programa duma Cadeira de Parapsicologia, para ser completo, assim, há de reunir tanto o que estuda mais restritamente a Parapsicologia pròpriamente dita, quanto o que estudam mais amplamente a Ciência Psíquica e a Metapsíquica, embora deva a cadeira ter a denominação única de Parapsicologia, mesmo porque o grande artífice e vulgarizador da Parapsicologia — o psicólogo norte-americano Professor Joseph Banks RHINE, Catedrático de Psicologia e de Parapsicologia da «Duke University» — está extendendo a todos os domínios da fenomenologia paranormal suas investigações e seus estudos;

considarando que assim é tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, pois a «Schweitzer Parapsichologische Gesellschaft», de Zurique («Sociedade Parapsicológica Suiça»), de que fazem parte eminentes professores universitários, psicanalistas e médicos, por exemplo, foi fundada pelo Dr. P. RINGGER, seu Presidente, com a finalidade de promover «a colaboração de tôdas as sociedades e pessoas isoladas que se interessam sèriamente pelo estudo dos fenômenos chamados ocultos, tais como a telepatia, a clarividência, a mediunidade, os fantasmas, a radiestesia e a astrologia».

considerando que também assim é na Argentina, onde foi fundada a «Sociedad Argentina de Parapsicologa», em 14 de dezembro de 1948, com a finalidade, principal, de «abordar o estudo e a investigação dos fenômenos denominados *parapsicológicos e metapsíquicos EM GERAL*» (Estatuto Provisório, sigln I, letra *a*) — onde o «Instituto Argentino de Parapsicologia», que tem por finalidade *(sic)* o estudo científico da Parapsicologia, Metapsíquica ou Metapsicologia, em seus diversos aspectos (Estatuto, art. 2.º), mantém um Curso Geral de Parapsicologia — e onde o programa dêsse curso versa não apenas sôbre os fenômenos de percepção extrasensória (Telepatia e clarividência) e de psicocinésia (Experiências com jôgo de dados), pròpriamente ditos, mas, ainda, sôbre os de precognição, rabdomancia ou radiestesia, telecinésia, ectoplasmia ou materialização, desmaterialização, bilocação ou transporte, fotografia paranormal, moldagem paranormal e «poltergeist», bem como, por fim, sôbre a SOBREVIVÊNCIA («Boletin del

Instituto Argentino de Parapsicologia», Buenos Aires, 1955, junho, págs. 4 e 5);

considerando que o Brasil nunca deverá ficar na retaguarda, em qualquer setor do conhecimento humano:

considerando que o Brasil se fêz representar no Congresso Internacional de Psicologia de 1952, realizado em Paris, de que participaram renomados psicólogos, parapsicólogos, psicanalistas e psiquiatras do mundo inteiro, por delegação chefiada pelo Professor Maurício de MEDEIROS, Catedrático de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, e atual Ministro da Saúde;

considerando que êsse Congresso aprovou importantes conclusões, entre as quais a de constituir *dado certo* de que, *em imensa maioria, os conhecimentos do homem lhe chegam pelas vias extra-sensórias*, o que é a consagração definitiva da Parapsicologia;

considerando, em tais condições, que se impõe e urge a criação da Cadeira de Parapsicologia, como matéria de ensino regular nas Faculdades de Medicina do país, «ex-vi» do que dispõe a Constituição da República (Art. 5.º, inciso XV, letra *d*); e, finalmente,

considerando que essa cadeira deve fazer parte do ensino médico, por suas conexões com a Cadeira de Psiquiatria,

O Congresso Nacional

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica criada a Cadeira de Parapsicologia, como matéria de conexões com a Psiquiatria, a ser lecionada no 4.º e no 5.º anos das Faculdades de Medicina do país.

Art. 2.º — Será o seguinte o programa de Parapsicologia, a ser ministrado com base nas obras «Parapsychologie» (Munich, 1922: método e teoria), de Hans DRIESCH, médico alemão, Professor de Filosofia da Universidade de Leipzig, e Presidente da «Society for Psychical Research» da Inglaterra (1926/7); «Extra-sensory Perception» (Boston, 1935: Investigação científica da telepatia e da clarividência), «New Frontiers of the Mind» (Nova York, 1937), «Reach of the Mind» (Nova York, 1953) e «Extra-sensory Perception after Sixty Years» (Nova York, 1956), de Joseph Banks RHINE, psicólogo norte-americano, Catedrático de Parapsicologia da «Duke University» dos Estados Unidos; «Parapsicologische verschijnselen en beschouwingen» (Utrecht, 1949), de W. C. TENHAEFF, Catedrático de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, Secretário Geral da «Studievereeniging voor Psychical Research» e Diretor do «Tijdochrift voor Parapsychologie», de Utrecht, na Holanda; «Parapsychologie» (Paris, 1954), de Robert AMADOU, Redator-chefe da «Revue Métapsychique» (1953), órgão oficial do «Institut Métapsychique Internacional» de Paris, e um dos representantes da França no Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, reunido em 1953, na Cidade de Utrecht, da Holanda; ««Traité de Métapsychique» (Paris, 1922. Há versão brasileira, editada na Cidade de São Paulo), de Charles RICHET, médico francês, Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina; «Introduction à la Métapsychique Humaine« (Paris, 1926), de René SUDRE, metapsiquista francês, Vice-presidente do «National Laboratory of Psychical Research», de Londres; «Metapsichica Moderna» (Roma, 1923), de William MACKENZIE, biólogo italiano, parapsicólogo, Diretor da revista «Parapsicologia», de Roma; «The Dissociation of a Personality» (Boston, 1906) e »The Unconscious» (Boston, 2.a edição — 1919), de MORTON PRINCE, médico norte-americano, Neurologista do «Boston City Hospital»; «Encyclopaedia of Psychic Science», (Londres, 1933), de NANDOR FODOR, investigador psíquico húngaro radicado na Inglaterra, Investigador Oficial do «International Institute for Psychical Research», de Londres; «Phantasms of the Living» (Londres, 1886. Há versão francesa, de L. MARILIER, com o título «Les Hallucinations télépathiques», Paris, 1905), de Edmund GURNEY, Frederick MYERS e Frank PODMORE, investigadores psíquicos inglêses e co-fundadores da «Society for Psychical Research» da Inglaterra; e «Hypnodynamic Psychology» (Nova York, 1955) e «A Scientific Report on *The Search of Bridey Murphy*» (Nova York, 1956, págs. 154 e 182), de Milton KLINE, psicólogo norte-americano, Membro da «American Psychological Society» e Diretor de «The Journal of Clinical and Experimental Hypnosis», de Nova York:

«Cadeira de Parapsicologia»

Programa

TEORIA

I — Introdução à Parapsicologia:

a) Definição.
b) Classificação.
c) Histórico:
1.º período — mítico;
2.º período — magnético (1779 — Franz Anton MESMER, médico alemão);
3.º período — hipnótico (1841 — J. BRAID, médico inglês);
4.º período — espirítico (1848 — ALLAN KARDEC, médico francês);
5.º período — psíquico-científico (1870 — William CROOKES, célebre físico e químico inglês);
6.º período — metapsíquico (1905 — Charles RICHET, médico francês, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina);
7.º período — parapsicológico (1930 — Joseph Banks RHINE, Catedrático de Parapsicologia da «Duke University» dos Estados Unidos)
d) Médium, sensitivo, paciente, agente e percepiente.
e) Transe e hipnose.
f) Relação Psíquica.
g) Subconsciente.
h) Animismo.
i) Alucinação
j) Fraude:
1, consciente:
2, inconsciente:
k) Métodos de investigação:
1, da parapsicologia subjetiva;
2, da parapsicologia objetiva]

II — Parapsicologia Subjetiva:

a) Definição.
b) Cálculo de Probabilidades e acaso.

A. Parapsicologia Humana:

1. Experimental (Percepção Extra-sensória):
§ 1.º nos normais;
§ 2.º nos extáticos;
§ 3.º nos sonâmbulos;
§ 4.º nos hipnotisados;
§ 5.º nos mediunizados.
a) Telepatia.
b) Clarividência.
c) Autoscopia Interna.
d) Diagnóstico Paranormal.
e) Aparição.
f) Clariaudiência.
g) Casa Mal-assombrada.
h) Precognição.
i) Cristaloscopia.
j) Psicometria Paranormal.
k) Correspondência Cruzada.
l) Transposicão dos Sentidos.
m) Radiestesia.
2. Acidental (Percepção Extra-sensória):
§ 1.º definição;
§ 2.º classificação;
§ 3.º condições;
§ 4.º simbolismo;
§ 5.º em estado de vigília;
§ 6.º em estado de sono;
§ 7.º em estado magnético;
§ 8.º em estado hipnótico;
§ 9.º em estado mediúnico.
a) Monição:
§ 1.º singular;
§ 2.º coletiva:
§ 3.º de morte.
b) Premonição:
§ 1.º de acidente:
§ 2.º de doença;
§ 3.º de morte;
c) Auto-premonição:
§ 1.º de doença;
§ 2.º de morte acidental.
3. Emissão de Ondas Cerebrais.
4. Escotografia.
5. Incorporação.
6. Transfiguração.
7. Licantropia Paranormal.
8. Possessão.
9. Xenoglossia.
10. Tiptologia
11. Psicografia.
12. Xenografia.
13. Dupla e Múltipla Personalidade.
14. Narcose (Soniloquia Paranormal)
15. Regressão no Tempo.
16. Terapêutica Paranormal.
17. Desenho e pintura paranormais.
18. Sobrevivência e reencarnação.

B. Parapsicologia Animal.

III. Parapsicologia Objetiva:

a) Definição.
b) Modalidades.
c) Condições:
§ 1.º obscuridade;
§ 2.º luz vermelha;
§ 3.º luz artificial;
§ 4.º luz natural.
d) Contrôle;
§ 1.º pessoal

§ 2.° físico;
§ 3.° elétrico;
§ 4.° foto-elétrico;
§ 5.° fotográfico;
6.° cinematográfico

A. Parapsicologia Dinâmica:

Definição
1. Fluido Psíquico (Passes Magnéticos)
2. Psicocinésia.
3. Telecinésia.
§ 1.° barulhos;
§ 2.° rapes;
§ 3.° alavanca psíquica.
4. Paracinésia.
5. Endocinésia.
6. «Poltergeist».
7. Levitação:
§ 1.° de objetos;
§ 2.° de pessoas.
8. Bilocação.

B. Parapsicologia Plástica:

Definição
1. Ectoplasmia (Materialização)
2. Voz Direta
3. Moldagem Paranormal
4. Impressões Físicas Paranormais.
5. Assombração (Fantasma).

C. Parapsicologia Somática:

— Definição.
1. Estígmas.
2. Desmaterialização Humana.
3. Insensibilidade Paranormal.
4. Incombustibilidade Paranormal.

D. Parapsicologia Físico-Química:

— Definição.
1. Hiloclastia.
2. Aporte.
3. Luzes, sons e odores paranormais,

E. Parapsicologia Animal:

PRÁTICA

1. Testes de Telepatia.
2. Testes de Clarividência.
3. Testes de Regressão no Tempo.
4. Testes de Psicocinésia.

Art. 3.° — O programa de Parapsicologia será assim lecionado:

4.° ano (2 períodos) — *Teoria:* Introdução à Parapsicologia e Parapsicologia Subjetiva. *Prática:* Testes de Telepatia e Testes de Clarividência.

5.° ano (2 períodos) — *Teoria:* Parapsicologia Objetiva. *Prática:* Testes de Regressão no Tempo e Testes de Psicocinésia.

Art. 4.° — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Sessões da Câmara dos Deputados, de de 1958.

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação)

9 – Sinópse dos fatos

Vamos focalizar alguns pontos essenciais, contidos na série de fatos que enumeramos anteriormente. São pontos importantes, pois sôbre êles lançaremos os fundamentos da nossa tese.

Ei-los:

1) As características dos locais onde os paleolíticos executavam suas cerimônias mágico-religiosas: — eram justamente os recessos mais profundos e escuros das cavernas.

2 — As preocupações e cuidados com os mortos: — manietavam e coloriam os cadáveres; deitavam-nos sôbre cinzas quentes e colocavam, nas sepulturas, armas, alimentos e outras oferendas.

3) O culto dos crânios e das representações antropomórficas: — tinham especial cuidado com os crânios, assim como com as figuras esculpidas, ou pintadas sôbre calhaus, colocando-as próximo da lareira.

4) O culto dos ancestrais e *dos espíritos poderosos:* — o culto das pedras evoluiu para o dos megálitos.

Bastam êstes quatro pontos enunciados, para termos elementos mais do que suficientes a favor do que pretendemos demonstrar.

Evidentemente, não haveria razão para uma interpretação dêste gênero, se não encontrássemos o apôio também nos fatos verificados, hoje em dia, rigorosamente por experimentadores competentes e cultos. Referimo-nos ao extenso e sólido edifício da Metapsíquica. Admiramo-nos, todavia, da omissão sistemática daqueles fatos, feita pelos estudiosos da História das Religiões, os quais passam sôbre elementos tão ponderáveis, excluindo-os do rol das causas que teriam contribuido para desencadear a seqûência de eventos, que culminou nos fenômenos religiosos da humanidade.

Para aquêles que já se inteiraram das leis que governam os fenômenos do espírito, das leis que regulam o intercâmbio espiritual com o mundo dos vivos, é fácil descobrir no comportamento das populações paleolíticas, os indícios claros das manifestações espiríticas, naquela época.

10 – As Ectoplasmias

É fato normal para os que já leram pelo menos um tratado honesto sôbre a fenomenologia metapsíquica, que as ectoplasmias se dão com maior facilidade quando na ausência de luz. A ação demolidora dos fotons, verificada em laboratório e batizada com o nome de «efeito fotoelétrico», tem também, sua influência inibidora no momento da formação do fantasma. Uma vez «ectoplasmado», o espectro pode ser visto, em alguns casos, até à plena luz do dia. Mas a potência dos médiuns comuns é reduzida. Em vista dêsse fato, raras são as ectoplasmias que resistem prolongadamente ao efeito dissolvente das radiações luminosas, e mais raras, ainda, as que conseguem iniciar-se sob a ação desagregadora da luz.

Por outro lado, é também conhecido que os médiuns próprios para provocar as ectoplasmias são relativamente comuns. São raros apenas os de grande potência. Porém êles existem, e devem ter surgido entre os homens do paleolítico inferior, pois tal faculdade parece ser uma característica peculiar aos sêre-vivos superiores e especialmente aos sêres humanos.

Ora, evidentemente, a única razão para que se celebrassem os rituais nos recessos mais profundos das cavernas deve prender-se ao fato de ali reinar uma escuridão propícia à formação das ectoplasmias. Se assim não o fôsse, tais cerimônias seriam realizadas normalmente, como parece bem mais lógico, ao ar livre, conforme veiu ocorrer, posteriormente, em uma fase já avançada do culto religioso.

O início dos fenômenos ectoplásmicos deu-se, sem dúvida, nos recessos mais escuros das furnas paleolíticas. Teriam ocorrido, ocasionalmente, um certo número de vêzes, em lugares e épocas diversas. A imensa escala de tempo sugere, como probabilidade bem grande, haver-se repetido o suficiente para permitir o estabelecimento de uma correlação entre a escuridão e a manifestação fantasmal. Idêntica correlação teria sido notada entre as duas condições anteriores e a presença do agente humano, ou médium, que provocava o aparecimento dos espectros. Surgiu, assim, o «chaman», ou feiticeiro, diante do qual apareciam o ancestral, o guerreiro, o chêfe do clã e os entes queridos, em virtude das faculdades mediúnicas daquele.

Temos, atualmente, ao alcance das mãos, fenômenos semelhantes e condições pràticamente as mesmas, que podem fornecer-nos abundante material para estudo e compreensão do provável comportamento dos nossos ancestrais mais remotos, diante das várias manifestações dêsse gênero. Basta observar o procedimento dos grupos humanos onde se cultiva o intercâmbio com os espíritos. Qualquer que seja a natureza das práticas e o nível cultural dos participantes, surgem normalmente as mesmas fases no desenrolar dos fatos subseqüentes ao fenômeno fundamental que é a comunicação com espírito. E essas reações devem assemelhar-se ao provável desenrolar daquilo que chamamos de comportamento religioso dos paleolíticos. No centro dos acontecimentos situa-se sempre o fenômeno básico : *a manifestação do espírito dos defuntos.* O médium é assinalado logo a seguir. Em tôrno dêle surgem os observadores, entre os quais se destacam os mais interessados que passarão a entender-se com o espírito ou espíritos manifestantes, recebendo suas instruções ou ordens. São verdadeiros servidores das entidades, seus intérpretes, seus secretários e executores dos seus caprichos.

A situação do médium é inteiramente outra. Como intermediário e, por conseguinte, como instrumento de manifestação das entidades, eventualmente do plano dito superior, êle goza de certas prerrogativas. Poderá mesmo abusar da confiança dos seus acólitos, fazendo as vêzes dos espíritos manifestantes. Em particular, deve ser focalizada a figura do «chaman». O prestígio e a importância, que êle passa a desfrutar no seio da tribo, seriam as conseqüências imediatas dos seus extraordinários poderes. Em sua presença, o chefe falecido volta a comunicar-se com seus subordinados; os parentes e amigos já mortos podem ser vistos e ouvidos. Suas extraordinárias faculdades colocam-no em uma situação privilegiada.

Mas, infelizmente, êle não tem contrôle sôbre sua mediunidade e sôbre os espíritos. Os notáveis fenômenos obtidos por seu intermédio sofrem ocasiões de declínio e até de desaparecimento. Para salvaguardar a posição adquirida e o prestígio conquistado, o «chaman» passa a usar os truques e a criar uma complicada ritualística, com o fito de impressionar os circunstantes a camuflar as temporárias extinções de suas faculdades. Surgem as mistificações, as fraudes, os aparatos, os rituais e até mesmo a *magia*, como sucedâneos do fenômeno simples e natural. O «chaman» funda, mais tarde, um colégio de adeptos, dentre os quais escolherá seu sucessor e os comparsas nas tramoias correntes.

Fracassadas as tentativas de conseguir-se à vontade as ectoplasmias, o recesso das cavernas vai-se tornando inútil para os rituais, e então o cerimonial passa a ser celebrado especialmente ao ar livre, com a participação de tôda a tribo. Devem ter surgido assim a música, a dança, os enfeites vistosos e inúmeros outros acessórios, invariàvelmente aliados às cerimônias religiosas exteriorizadas e executadas coletivamente.

Não obstante, as raras sessões no interior das furnas continuarão a ser tentadas e assistidas por um grupo mais ou menos privilegiado e restrito. Surge lentamente uma nova característica religiosa: o «esoterismo» e o «exoterismo».

O esoterismo passaria a constituir o monopólio de um grupo de elite que evoluiria para uma classe sacerdotal. Sòmente uma seleção prévia, ou *iniciação*, permitiria o ingresso nesse colegiado.

O exoterismo tornar-se-ia a religião das massas, à semelhança do que ainda hoje se observa comumente em quase todos os grupamentos de natureza religiosa.

Juntamente com os fenômenos ectoplásmicos, é provável que se tenham originado os psicofônicos; pelo menos assinalam-se os vestígios dêsse fato em épocas mais recentes, já na fase histórica da humanidade. São os profetas e pitonisas, pela bôca dos quais falam os deuses e os espíritos. Abordaremos, em outra oportunidade, êste importante assunto.

(Continua)

Festas Jubilares de uma Família Espírita

A família é a oficina do polimento espiritual, para a conquista da felicidade nos planos espirituais, pois que essa felicidade está condicionada ao aperfeiçoamento moral, sob cuja égide tôda cultura se torna estimável e benfazeja.

Têm, portanto, um sentido social elevado e digno tôdas as comemorações de âmbito familiar, nas quais predomina a suave amizade e o espírito de compreensão, pois que êsses requisitos educacionais da família transbordam sempre da vida doméstica para o âmbito maior da sociedade e promovem as boas relações entre os homens, para que o exercício de suas atividades profissionais seja feito com honestidade e civismo.

Justifica-se, assim, o noticiário, que em seguida publicamos, das festas jubilares da família Oliveira - S. Thiago, cujos troncos se acham desde mais de um século radicados à gleba francisquense.

O casal Arnaldo Claro de S. Thiago-D. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago, de cujas bôdas de ouro, comemoradas em 5 de setembro do corrente ano, iremos nos ocupar, além de ser constituido de conterrâneos nossos, legou à terra natal doze filhos, todos os quais vêm cooperando, na medida de suas fôrças, para que a educação das gerações que os hão de suceder, seja feita à luz dos princípios evangélicos que o Espiritismo veiu auxiliar às igrejas cristãs militantes no mundo, a manter em sua integridade e em sua pureza, sendo esta uma das razões que militam em favor do registro de tais comemorações, pois que elas entendem também com a coletividade social de que fazem parte os membros dessa numerosa família, esparsos por diversos pontos do nosso caro Brasil.

Com êste simples preâmbulo esclarecedor, iniciemos êsse registro.

Tendo o casal Arnaldo Claro de S. Thiago-D. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago fixado sua residência no Rio de Janeiro, desde o ano de 1938, por motivos de ministração de cultura superior a diversos membros da família, que não podiam dispensar a assistência dos progenitores, lá, na magnífica metrópole brasileira é que, naturalmente, deviam realizar-se as comemorações jubilares, com a reunião de todos os membros da família.

Para êsse fim contrataram, os que residem em Florianópolis, São Francisco e Curitiba (famílias Dr. Polydoro S. Thiago, Randolfo Fernandes, Ernesto S. Thiago, Dr. José Antonio de S. Thiago e Major Joaquim Antônio Oliveira de S. Thiago), um excelente e confortável ônibus da firma Vogelzanger e Filhos, de fabricação nacional, recentemente adquirido para as viagens entre São Francisco e Joinvile, e seguiram todos, desta cidade para o Rio, no dia 1.º de setembro do corrente ano. Em companhia dessas famílias, seguiram Dona Maria Augusta de S. Thiago Borges, antiga professôra e atual presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», Donas Maria Sebastiana de Oliveira, Daura de Oliveira Santos e Maria Torrins e o sr. Antonio Cassio de Souza.

A viagem transcorreu nas melhores condições imagináveis, sob a direção do provecto profissional do volante, sr. Valdemar Vogelzanzer, com muito bom tempo, de modo que os mil e tantos quilômetros que medeiam entre São Francisco e Rio, foram percorridos numa verdadeira festa, através de florestas esmaltadas de flôres e de cidades populosas e progressistas.

Às 2 horas da madrugada do dia 3 chegavam, finalmente, ao têrmo da viagem, no Rio de Janeiro, onde os esperavam todos os que residem na capital do país e em Volta Redonda. Bem se pode calcular a alegria reinante, alegria que se manteve ininterrupta durante os cinco dias em que permaneceram unidos, em suave convívio, os membros dessa família religiosamente constituida, por isso que sempre voltada para o Criador e Pai, a cujas graças tudo atribuem.

Caracterizaram-se as homenagens prestadas ao casal, por êsse motivo da passagem das suas bôdas de ouro, pelo espírito de singeleza e de fraternidade religiosa, que é bem o índice das comemorações espíritas.

O primeiro dia, ou seja o dia 5, data aniversária dos cinqüenta anos de casamento do feliz casal, foi consagrado à parte religiosa, em ação de graças ao Pai Celestial que tudo faz para a felicidade dos seus filhos.

À tarde, o casal aniversariante, acompanhado da nossa irmã presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», professôra Maria Augusta de S. Thiago Borges, foi fazer uma visita aos internados do Abrigo «Tereza de Jesus», à rua Ibituruna, na capital do país, afim de terem alguns instantes de fraterno convívio com aquêles irmãosinhos, aos quais, não raro, o nosso diretor tem levado a sua palavra de estímulo e carinho.

Tendo sido a diretoria avisada dessa visita, embora os aniversariantes houvessem pedido para visitar os internados em seus próprios alojamentos e oficinas, foi com surprêsa que encontraram aquelas cento e cinqüenta crianças, entre as quais alguns adolescentes de ambos os sexos, formados no salão de conferências, onde foram os visitantes recebidos com cânticos festivos e a alegria comunicativa dos infantes.

Em seguida, as senhoras diretoras presentes dirigiram palavras de felicitações aos recém-vindos, aos quais alguns dos jovens internados dedicaram versos que souberam declamar com vivacidade, terminando a improvisada festinha com suaves canções entoadas pelo corpo orfeônico do abrigo, de que fazem parte todos os internados.

Por fim, o nosso diretor dirigiu-lhes e às diretoras presentes, palavras de enternecido agradecimento, sendo então distribuidos pelas crianças os doces que lhes haviam levado os visitantes, saindo êstes com os corações tocados de gratidão ao Senhor que lhes concedera instantes de tanta elevação moral e felicidade, entre aquelas crianças que recebem primorosa educação no abrigo em que se acham sob a proteção do excelso espírito de Tereza de Jesus.

Á sessão no Centro Espírita «Bezerra de Menezes do Andaraí», nessa noite de 5 de setembro, estiveram presentes, além dos 12 filhos, genros, noras e netos do casal, alguns irmãos amigos íntimos da família, entre os quais notámos o snr. brigadeiro do ar, Dr. Telêmaco Gonçalves Maia, vereador municipal, D. Délia de Campos e suas filhas, Eunice e Tarcila, Angelino Passos, representante de «Almenara», Carmita de Oliveira Nóbrega, Laura de Oliveira Cavalcante e suas filhas Dra. Norma e Carmen Cavalcanti, Elza de Oliveira Nóbrega, Luiz Garcia, Major Wilson de Almeida Fortes e sua espôsa D. Zélia Fortes, Bento da Costa Pereira e sua espôsa D. Nininha, D. Maria Augusta de S. Thiago Borges, presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», desta cidade, Dr. Silvio Lôbo de S. Thiago, vice-presidente do Centro Espírita «Bezerra de Menezes» e sua espôsa, professôra Albina S. Thiago, Eurico da Costa Pereira e sua espôsa, D. Elza e Gerasimi Boudreau.

A sessão foi presidida pelo vice-presidente do Centro, nosso esforçado confrade Dr. Silvio Lôbo de S. Thiago que, abrindo-a, expôs os fins da mesma: prestar homenagem, rendendo, acima de tudo, graças a Deus, a dois queridos irmãos que em 50 anos de vida conjugal puderam verificar, em seus benéficos resultados, o quanto é a nossa Doutrina estimuladora da boa organização dos lares cristianizados. Concedendo, em seguida, a palavra, à nossa irmã Carmen de S. Thiago Fernandes, diretora do Grupo Espírita Dr. Leocádio, de Florianópolis, pronunciou essa irmã a prece inicial que a todos comoveu pelo sentimento de humildade e de adoração ao Senhor, em que foi inspirada. Destacando se, ato contínuo, dentre os seus irmãos que ocupavam a primeira fila de cadeiras junto à mesa da presidência, falou o presidente do Centro «Bezerra de Menezes», Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago que explicou o motivo que o levara, e aos seus irmãos, a desejar que a primeira manifestação de júbilo familiar pelas bodas de ouro de seus velhos pais, fôsse essa, de cunho religioso, pois que é a Religião que nos liga a Deus, de cujo amor e divina misericórdia tudo depende no Universo.

Falou em seguida o primogênito da família, Dr. Polydoro Ernani de S. Thiago, que leu, comovido, duas mensagens recebidas, em vésperas de sua partida, no Grupo Espírita «Dr. Leocádio», de Florianópolis: uma de sua irmãzinha Maria Amélia, desencarnada aos desessete anos, no Rio de Janeiro, outra de seu avô, José Antônio de Oliveira.

Assim falou o Dr. Polydoro: Aquí estamos os 12, inclusive Maria Amélia, a nossa Betinha, de quem guardamos na memória aquela formosa expressão loura e azul dos seus 17 anos e no coração, até o fim de nossos dias terrenos, a saudade de seu fraterno e jovial carinho.

Despedindo-se de nós naquela idade, deixou-nos uma lacuna de dôr sempre aberta e viva em nosso peito terreno, mas iluminou e entreabriu para nós onze uma porta de esperança na verdadeira vida da eternidade que nos aguarda.

Daquele lado, em que a pressentimos ditosa a todo o instante e aconchegada sempre a nós e ao lar a que pertenceu, ela mandou a todos vocês, pela Carminha, pelo Randolfo, pela Vicentina, pelo Sylvio, pelo Fernando, pelo Nestinho e por mim, uma mensagem de amor e de carinho na noite de 27 de agôsto, em que enlaçava num amplexo profundo essa mãe adorada, êsse pai extremoso e todos nós.

Família constituida, desde o berço, nos moldes da doutrina espírita — «Amai-vos uns aos outros» — «Meu Reino não é dêste mundo» — «Fora da caridade não há salvação» — trazemos de Santa Catarina outra mensagem, com a qual abro aqui a apreciação que pretendo fazer amanhã da vida de nossos pais, no seu jubileu de ouro.

Essa mensagem também vos trago do outro lado da vida e vem do vovô Juca. Dirigindo-se a mim, seu neto predileto, que embalou nos braços, começou êle: «Ernani, leva à minha caçula e ao Arnaldo o meu profundo amplexo de emoção e alegria pelo grande evento.

Há 50 anos passados, abri as portas do grande casarão da rua da Praia para entregar minha filha a um verdadeiro homem, que me habituei a admirar e a respeitar na sua honestidade, na pureza de seus sentimentos, na sinceridade de todos os seus gestos. Acompanhei dali por diante e constantemente até o fim de meus dias, na intimidade de meu espírito que apenas não tinha destreza para transmitir impressões aos circunstantes e no fundo do meu coração que sabia sentir e amar em segrêdo, a vida dêles dois e a sincera e honesta trajetória que imprimiram à organização de sua grande família. Cada vez mais admirava o varão e cada vez mais me orgulhava de minha filha, de quem podia esperar, mas não em tais messes, tanta energia de ânimo, tanta dedicação e tanto desvanecimento pela missão que a Providência lhe confiou. Do mundo espiritual, pude afinal melhor vislumbrar, melhor aquilatar e melhor julgar a obra dêles, sempre atraido às suas reuniões e sempre sensível às manifestações de carinho que se evolam da pureza de suas intenções na prática da Doutrina que hoje ajudo a propagar.

Por tudo isso, ainda na vida terrena e depois na Pátria espiritual, constituem esta união e esta família que ora comemora seu jubileu, o maior motivo de minha felicidade. Leva, pois, ao Arnaldo a expressão de meu profundo e eterno agradecimento pelo que fêz à minha caçula e a esta o meu paterno ósculo de felicitação».

Bem se pode compreender as santas emoções que, a essa altura, dominavam tôdas aquelas almas unidas pelos vínculos de tanta afinidade moral, emoções que mais se elevaram quando a filha mais velha do casal, D. Carmen de S. Thiago Fernandes, num dêsses arroubos de alma, que sòmente em grandes momentos da vida terrena, podem nos ser comunicados pela graça de Deus, fêz uso da palavra num dêsses arrebatamentos em que só o espírito se distingue, esquecido de tudo que é terreno e perecível. A sua oração de louvores e de júbilo, foi ouvida com a mais profunda exaltação de alma, pela grande assistência do «Bezerra de Menezes».

Após tomou a palavra o Dr. José Antônio de S. Thiago, vice-presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», que trouxe a afirmativa da solidariedade fraterna dos seus irmãos do referido Centro e em seguida leu a seguinte tocante mensagem que lhe confiou sua antiga professôra D. Zaira Serrão: «Aquêle que teme a Deus, será abençoado na sua família, Salmo 128:1 — «Feliz é todo aquêle que teme ao Senhor, que anda nos seus caminhos. 2 — Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem; 3 — Tua mulher será como videira frutífera, no interior de tua casa, teus filhos, como planta de oliveira, à roda de tua mesa. 4 — Eis que assim será abençoado o homem que teme ao Senhor. 5 — De Sião te abençoará o Senhor: e verás a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida. 6 — Sim, verás os filhos dos teus filhos. Que a paz seja sôbre Israel».

Caros amigos e prezados conterrâneos sr. Arnaldo S. Thiago e sua digníssima espôsa — d. Maria Eugênia: Está de festa o vosso lar! Cumprindo a recomendação apostólica — «alegrai-vos com os que se alegram» — aqui estou para me rejubilar convosco, em nome de todos os membros da família Serrão, pelo auspicioso fato — a comemoração das vossas Bodas de Ouro.

50 anos evocam um passado distante, porém, cada vez mais caro aos corações dos filhos, irmãos, parentes e amigos que sabem sentir e ser gratos.

Essa acolhedora árvore, plantada em 1908, em São Francisco do Sul, abrigou debaixo de seus ramos muitas criancinhas débeis e inocentes, que se tornaram, com o correr dos anos, homens e mulheres úteis à pátria, à sociedade, à família e ao próximo: os vossos diletos filhos.

Como é animador ver os pais criteriosos saber educar os seus filhos no meio de uma sociedade corrompida, ensinando-os a vencer os obstáculos que encontram no caminho, mantendo-se êles mesmos como verdadeiros exemplos de honestidade, amor ao trabalho, sinceridade, justiça, confiança em Deus, como vós o fizestes durante êste meio século de vida conjugal.

E quando lembramos todos os sacrifícios, tôdas as lutas para manter de pé um lar, não podemos deixar de render graças a Deus pelo seu auxílio sempre presente.

Graças, pois, ao Altíssimo pelo que pudestes realizar, cumprindo o vosso dever de pais, acima de tudo, de pais que receberam a benéfica influência do Mestre, o meigo Jesus de Nazaré, o Salvador do Mundo».

Essa tocante mensagem de D. Zaira Serrão, prestigiosa componente da Igreja Presbiteriana, foi recebida com todos os louvores que merecem os testemunhos imparciais em favor dos que procuram bem proceder.

Fêz uso da palavra, logo em seguida, o nosso esforçado confrade, dr. Telêmaco Gonçalves Maia que tomou por base de seu discurso os laços de amizade antiga que o ligam ao chefe da família, no momento reunida tôda no Rio de Janeiro, para essas horas de feliz convivência. Relembrou fatos dessa velha amisade, que se tornou extensiva a todos os demais componentes da família e rendeu graças ao Onipotente por êsse feliz acontecimento.

Erguendo-se, logo após, usou de expressões de imenso carinho para os bisavós de seus dois filhinhos, a nossa irmã Eldina Tavares de Campos Fernandes, dizendo da felicidade que lhe ia nalma por se achar integrada, pelo casamento, nessa família que se mantinha tão bem unida sob a égide do amôr que os mundos ilumina, estabelecendo, assim, o verdadeiro critério da família, que é unir todos os filhos de Deus pelos elos sagrados da verdadeira amisade.

Dos filhos varões do casal Oliveira-S. Thiago é o mais moço o Major Joaquim Antonio Oliveira de S. Thiago. Coube-lhe a missão de externar o sentimento que realmente entretece os laços de união eterna da família, pedindo aos seus irmãos que, qualquer que seja a situação social que possam vir a ocupar na sociedade, jamais deixe de ser mantida na conduta e nas relações de uns irmãos para com os outros aquela simplicidade da infância, que sempre os tornou felizes; que se considerem sempre crianças, tratando-se como se tratavam na infância e que é o que tem podido manter entre êles tanta aproximação e afinidade.

A oração do Major S. Thiago calou profundamente na alma de tôda assistência.

Seguiu-se-lhe a professôra Clarita S. Thiago que leu uma carta de seu tio professor Marcilio S. Thiago, vasada nestes termos:

«Maria Eugênia

Você merece tôdas as bênçãos do Céu! O reconhecimento dêsse fato enaltecedor é um júbilo manifestado ao nosso Pai Celestial! é a prece que, em todos os momentos e nas oportunidades epistolares dirigimos ao Senhor: neste caso, não apenas para pedir, mas para agradecer ao Onipotente. Realmente, minha querida irmã, você cumpriu, justa e meritòriamente, a determinação divina — CRESCEI E MULTIPLICAI-VOS! Você não cresceu apenas no sentido anatômico: cresceu no conceito e na admiração sociais, na estima dos que privaram com você e lhe veem acompanhando, através do tempo e das vicissitudes, as suas peregrinas virtudes de espôsa e de mãe e de membro fulgente da comunidade humana. Você não se multiplicou simplesmente, o que seria trivial: multiplicou-se na virilidade física e em a nobreza espiritual dos seus dôze filhos, verdadeira «Mãe dos Gracos». Sua vida faz idealizar uma grande árvore de cujo tronco robusto partem para o alto dôze ramos, os quais, revigorados pela seiva generosa e pura que os nutriu, esplendem, todos êles, em flôres e frutos! Diante da sua obra augusta de povoadora e sustentadora da integridade e da honorabilidade dum lar, as imperfeições de que, porventura, ainda se possa ressentir o seu espírito, esmaecem ou neutralizam-se. Legítima é a sua glória, como legítimo é o direito que lhe assiste ao respeito e à veneração da sociedade, e, mais do que tudo, às bênçãos de Deus. Como vê, no dia festivo e venturoso das suas bodas de ouro, é a você que eu me dirijo. Arnaldo sente e conhece, nítidos, os meus pensamentos e as minhas reações no testemunho constante que nos temos recìprocamente oferecido em a nossa longa jornada terrena. Mesmo nas minhas insensateses, na intempestividades do meu caráter, êle descobre que liames jamais indestrutíveis e que se fortalecem pela eternidade a fora nos irmanam em o nosso sentimento de amor universal, de renúncias, e de espírito de sacrifício, para que nos identifiquemos em igual e alto ideal de justiça e de solidariedade. À exceção de seu espôso, só os seus filhos poderão afirmar que, como eu, têm podido sentir as pulsações do seu coração. Há meio século, quando Juno consagrava a suprema aspiração da sua mocidade, eu me incorporava indissolùvelmente ao tabernáculo da família de que você devia ser nume e vestal ao mesmo tempo. Naquela praia ridente da Figueira, ocupando a casinha ensolarada que o seu venerando pai possuía naquele trecho dos Paulas, acompanhei-a na sua lua-de-mel. Adolescente ainda, em meio aos prazeres das nossas digressões marinhas, saboreando apetitosamente os peixes que nós mesmos pescávamos e que você magistralmente cosinhava, conheci as manifestações românticas dos primeiros ciumes esponsalícios... E vim vivendo as exaltações, as alegrias, os arrufos conjugais do lar que você nobilitou. Vi, por assim dizer, nascerem todos os seus filhos, alguns dos quais receberam o influxo dos meus entusiasmos, sofreram os recalques do meu temperamento e partilharam, experimentando e aprendendo, dos meus gostos recreativos. (Que o digam a delícia e a poesia da nossa velha e extinta floresta e do nosso mar sempre saudoso!) Nem por andar desde muito quase sempre ausente de corpo, o meu espírito se aparta do seu convívio. Permaneço presente pelo coração e pelos mesmos anelos da paz que você e seu espôso todos os dias exoram da Misericórdia Divina.

São essas as expressões vividas da minha alma no dia do seu jubileu, Maria Eugênia. Receba-as como se fôssem flôres perfumadas que devem enfeitar a sua festa, e abrace o Arnaldo com êste abraço afetuoso com que a acaricio. Cunhado e irmão amigo».

Por último fez uso da palavra o nosso diretor, para agradecer em seu nome e no de sua espôsa aquelas manifestações de afeto; antes, porém, de fazêlo, queria transmitir ao seu irmão Dr. Telêmaco o pensamento de seu filho Telmo, desencarnado quando apenas lhe alvorecia a promissora adolescência, que se achava presente àquela reunião familiar. Telmo vinha para dizer-lhe o quanto se sentia feliz na vida espiritual, de onde acompanhava os passos de seu querido pai com todo carinho e devotamento.

Cumprido êsse dever de médium intuitivo, referiu-se em seguida o irmão Arnaldo às expressões vividas de amor filial e de amor fraterno, de que era alvo juntamente com sua espôsa, naquela feliz oportunidade em que reunida se encontrava tôda a família, sem exceção de um só dos seus membros, porquanto os já desencarnados também se achavam presentes — o que demonstra pràticamente, de acôrdo com os princípios espíritas, o sentido da família, que é destruir as barreiras que separam os homens, para estabelecer entre todos a eterna aliança da verdadeira amisade. Seu filho Joaquim, acrescentou, antecipara-se em tudo que poderia dizer de útil naquele instante, pois o que, em verdade, queriam êle e sua espôsa, era que seus filhos mantivessem vivos os laços de pura amisade, que os unem desde a infância e que jamais foram modificados por circunstância alguma da vida — o que constitui verdadeira felicidade.

Passando-se, então, à parte da sessão comemorativa dêsse jubileu familiar, destinada a ouvir os irmãos e amigos da família, ascendentes e descendentes que assim o quizessem, o irmão presidente solicitou a devida concentração mental de todos da assistência. Momentos depois manifestava-se pela médium, nossa prezada irmã Maria Augusta de S. Thiago Borges, o guia do Centro «Bezerra de Menezes», nosso venerando irmão Joaquim Antônio de S. Thiago, que rendeu graças ao Pai Celestial por ver que seu filho, chefe querido de tão numerosa família, sabia compreender a verdade e, humilde, tudo atribuia à Divina Vontade, sem a qual cousa alguma se faz no Universo. Carinhosamente enlaçava, em um abraço espiritual, todos os seus numerosos descendentes que tinha a felicidade de ver possuidos de idêntico sentimento religioso e transmitia-lhes as vibrações da pura amisade de todos que o haviam precedido na grande viagem.

Depois dessa comunicação, recebida como expressão de aplauso dos ascendentes já desencarnados da família, manifestou-se, pelo próprio homenageado, nosso irmão Arnaldo que é médium de incorporação, o seu guia espiritual, Agostinho, bispo de Hipona, que disse ter de valer-se daquela excelente oportunidade para discretear sôbre o sentido superior da família, segundo as vistas da Divina Providência, que era preparar as almas para a comunhão universal do amor fraterno, não devendo jamais as famílias ser consideradas como compartimentos estanques, no seio da sociedade, mas escolas preparatórias da grande Família Humana, a qual chegará um dia a constituir-se tão amorosa e lealmente, que em cada lar os que aí cheguem possam encontrar o mesmo agrado, os mesmos cuidados que dispensam uns aos outros os membros da mesma família. Êsse, afirmou Agostinho, o escopo superior, o escopo sagrado da Família — e porque sentia isso nos corações de quantos ali estavam, elevava uma oração de graças ao Senhor pelo bom êxito da educação proporcionada pelos pais espíritas-cristãos a todos de sua prole. A comunicação de Agostinho, como a do Guia do Centro, foi recebida com tôda reverência e respeito por parte da numerosa assistência.

Seguiu-se, então, pela médium Vicentina, de natural espontaneidade, a incorporação de Maria Amélia, a filha, desencarnada aos desessete anos, dêsse casal de confrades nossos. Como sempre, a mensagem de Maria Amélia foi um hino de glorificação ao Senhor. Enlaçando num amplexo de amor, os seus velhos pais, todos os seus irmãos, cunhados e cunhadas e os filhos dêstes, transmitiu-lhes a vibração carinhosa da sua alma bem formada e sempre voltada para a risonha mansão dos espíritos humildes e ditosos.

Foi em extremo afetuosa e tocante essa mensagem espontânea, para que tentemos agora traduzi-la em palavras. Ela penetrou fundo nas almas, testemunhando a verdade dos princípios espíritas que nos levam a assentar, na terra, as bases da nossa vida superior no Universo, conforme a afirmativa do Cristo: «TUDO QUE LIGARDES NA TERRA, SERÁ LIGADO NOS CÉUS».

Pela médium Maria Augusta, em seguida, o Guia do Centro solicitou o encerramento da sessão que teve tão promissores resultados.

Foi então pelo irmão Sylvio, que a presidira, encerrada a sessão com uma prece em ação de graças pelos benefícios recebidos.

E assim terminou, tão agradàvelmente, o primeiro dia daquelas comemorações familiares.

O segundo dia, 6 de setembro, foi reservado a uma festinha de arte familiar, em que tomaram parte todos os filhos e alguns netos do casal, uns recitando versos de seu progenitor, outros executando trechos musicais ou cantando páginas líricas, revelando, assim, que todos se interessam pela cultura da arte, que faz, ao lado da cultura científica, a nobreza da vida. Dessa festa de arte, de que daremos detalhada notícia em publicação especial, pois que iria ocupar demasiado espaço nesta revista, dedicada à propaganda espírita, abrimos espaço para a inserção da seguinte mensagem que na mesma foi lida pelo nosso diretor:

«Meus filhos.

Da frondosa Oliveira que os Nóbregas de São Francisco plantaram em Campos de Almeida e de S. Thiago, das férteis regiões da Guanabara e do Rio Grande do Sul, sois vós, meus filhos, produtivos rebentos, a cuja sombra amiga vêm hoje acolher-se, felizes, vossos encanecidos pais.

Da lavoura doméstica, que não sòmente produtos da Oliveira nos tem dado, mas também o pão saboroso que alimenta o corpo e o vinho generoso da cultura, que dessedenta o espírito, bastante haveis podido colher para nutrir as gerações que vos hão de suceder no amanho da gleba fértil da família, gerações que já se multiplicam até os netos vossos, meus queridos filhos, com o mesmo espírito de família, que nos une e nos felicita no presente, podendo assegurar-nos um futuro radiante e feliz.

Tudo devemos ao Amor infinito de Deus. Foi a compreensão dêsse infinito Amor que se multiplica em graças para os filhos que reconhecem a Divina Paternidade e tudo Lhe atribuem, porque fora dessa Paternidade nada existe que perdurável se torne, o que inspirou os nossos antepassados, levando-os a nos legarem exemplos de nobres qualidades cívicas e morais, de tal modo que, em nossos dias, ao lançarmos um olhar sôbre o passado, podemos ver perfeitamente, graças à perspectiva luminosa do tempo, que vossos queridos avós — aqueles integérrimos Nóbregas e Oliveiras, aquêles honestos e caridosos Almeidas de S. Thiago — foram modêlos de virtudes domésticas e sociais, merecendo de todos que lhes cultuamos a sagrada memória, estas homenagens e estas referências, sem as quais a reunião familiar dêste dia que tanto almejávamos, ficaria sem ressonância moral suficiente para fixar nas consciências dos que nos devem suceder no cenário da vida terrena, a noção superior do dever que nos impõe a manutenção de tradições tão nobres e dignas de todo respeito e de tôda consideração. O passado é que determina o futuro.

Se tudo fizemos lembrando-nos de nossos pais, no cumprimento estrito de nosso dever, para nutrir nossos filhos de saudáveis princípios morais e orientá-los pelos rumos do Cristianismo, tudo temos também dos filhos recebido, em demonstrações de boa conduta e de profundo afeto filial.

O sentido social da família, tornado mais patente e mais claro desde a ressurreição de N. S. Jesus Cristo, que tornou inabalável a convicção dos discípulos, para lhes dar a fortaleza de ânimo que os levaria a zombar dos flagicios e do martírio, contanto que não fôssem abalados os princípios do Cristianismo nascente; o nobre sentido social da família, desde êsse augusto momento da história da Humanidade, deixou de ser o de uma instituição terrena, suscetível de se organizar, desenvolver e perecer, para se tornar o de uma instituição cósmica, de ordem divina, que começa neste mundo ou em qualquer dos orbes do Universo, para ampliar-se até ao infinito e conservar-se eternamente, sob as bênçãos de Deus, para a eterna felicidade que nos proporciona a graça do Trabalho em cooperação com o nosso Criador e Pai.

As famílias não sucumbem, jamais se restringem; pelo contrário, ampliam-se no infinito do tempo e do espaço. Durante as céleres passagens planetárias tem-se, por vêzes, a impressão do isolamento. Mas é essa uma impressão enganosa, como em geral a dos sentidos, com relação aos fatos espirituais e, para tornar mais patente a realidade da nossa convivência com os que se tornaram invisiveis pela morte do corpo, podemos hoje dispôr livremente de nossas faculdades mediúnicas — dom superior que nos concedeu a Divina Paternidade, exatamente para que nos possamos dêle beneficiar e tornar-nos um pouco mais felizes neste mundo, por vêzes, de dolorosas surprêsas. Aqui estão reunidos êsses nossos caros ausentes, invisíveis aos nossos olhos carnais — bem presentes à nossa visão espiritual, na saudade que um poeta soube tão bem definir como «o agri-doce pungir de acerbo espinho!»

A êles, a nossa reverência, as nossas homenagens.

A união faz a fôrça. Lembrai-vos, meus filhos, da parábola do feixe de varas. O velho progenitor, mesmo enfraquecido, mostrou que, desfeito o feixe, podia quebrar fàcilmente tôdas as varas, ao passo que, unidas no mesmo feixe, nenhum daqueles moços, por mais forte que fôsse, pôde quebrá-las.

Neste mundo, regra geral, o que enfraquece a união fraterna dos irmãos, é o casamento sem afinidade espiritual, o casamento de interêsse; mas vós tivestes a sorte — e eu e vossa querida mãe a felicidade — de ver-vos unidos a cônjuges com os mesmos princípios morais e religiosos e com as mesmas disposições para a solidariedade, quer venham do catolicismo ou venham do Espiritismo, diga-se, a bem da verdade e como tributo à justiça. Conservai-vos, pois, unidos e sereis fortes e sereis felizes e vereis vossos filhos unidos e felizes.

Recebei, queridos filhos, em nome de Deus, nesta hora augusta da nossa passagem terrena, as bênçãos de vosso pai e de vossa mãe e que ela seja extensiva aos vossos confrades e aos vossos filhos e aos filhos dos vossos filhos, propiciando a todos felicidade, como o quer nosso Eterno Pai, cujas bênçãos invocamos para todos que nos trazem êstes momentos de indizível felicidade.

No mesmo dia 6, à noite, realizou-se expressiva recepção social em casa do tenente-coronel Arnaldo S. Thiago Filho, à qual compareceram muitos francisquenses e cariocas amigos da família, sendo o casal saudado pelo Dr. Rogério Vieira, em seu nome e no de seus irmãos e pela professôra Carmen Ramagem. Na mesma ocasião falaram o Dr. Polydoro S. Thiago, dirigindo tocantes palavras de gratidão e de amor filial a seus pais e historiando-lhes a vida de família, o dr. Manoel da Nóbrega e o nosso diretor, agradecendo, em seu nome e no de sua espôsa, aquelas expressões de carinho.

Foram estas as palavras do dr. Manoel da Nóbrega:

Prezados D. Maria Eugênia e Arnaldo.

Deslumbra-me esta festa com que celebrais o quinquagésimo aniversário de casamento e é com o maior dos contentamentos que, ainda como parente e conterrâneo, quero dirigir-lhes esta saudação de amizade, embora precisasse, para bem feliz no objetivo, de expressões que melhor condissessem com o significado do feliz evento.

Valha-me, em todo o caso, a sinceridade de que se reveste o propósito, já que esta sinceridade vem do fundo do coração na fidelidade de uma convivência afetuosa e ininterrupta que muito prezo e de que me envaideço ainda mais.

É natural mesmo que partilhemos dêste afortunado acontecimento, modulando nossa alegria pela alegria que há de estar invadindo vossa alma, já pela glória dos dias que Deus vos proporcionou tão fecundos, como pelo ensejo que se apresenta de terdes em tôrno a vós, convocados alvoroçadamente pelo clarim do amor filial, êste bando variegado de militares, médicos, engenheiros, advogados, professôres, comerciantes, em cujas fisionomias morais sente-se a presença bem esculpida e viva da vossa assistência e do vosso zêlo, pelo devotamento às lições recebidas, pela conduta entre os outros homens, pelas suas responsabilidades sociais e; sobretudo, pela atitude espiritual, marca maior, herança evangélica tão ciosamente guardada por essa mesma gente moça que enobrece e dá mais larga amplitude ao brasão já tão ilustre de que sois os donatários. E, diga-se, nesta casa abençoada, na moldagem de caracteres e na formação de corações, não foram precisos outros elementos filosóficos nem outros padrões pedagógicos, além daqueles que ressumbram com letras luminosas dêsse código maravilhoso em que se condensa o ensinamento de Cristo, luz que doura os sentimentos, cadinho em que se temperam as consciências para a sublimidade da perfeição : fizestes do lar um templo grandioso onde os mais belos cânticos à Onipotência Divina se misturam nesta hora os hinos de graças pela fortuna com que Ela haveria de cumular-vos.

Bodas de Ouro, meus senhores, uma existência que devera ser tôda ela votada ao serviço de Deus, da Pátria e da Família ; experiência penosa que à posteridade incumbe anotar, assinalando-lhe a nobreza do ofício ou denunciando propósitos invijilados ; Bodas de Ouro, marco de uma caminhada que muitos hão de ter alcançado entre festins ruidosos e a vaidade dos destinos vasios ! Mas, quantos, como vós, vencidas tamanhas etapas em que o trabalho de plantar e de colher proporciona agora tão ótima nascença de frutos ; quantos, como vós, poderão ter o consôlo e a glória de abrir o livro da intimidade e nêle encontrar páginas mais formosas e do mais elevado sentido, capítulos inteiros tão cheios de vivença mais doce e santificante, obra de tão raro explendor que tem, para mais se confundir com a suave espiritualidade de que se veio forrando, — o estro com que o poeta achando que ainda era pouco o pesado labor quotidiano, transcendia, e com êle, a amada espôsa, — para as alturas em que as Musas se entretêm na tessitura das coisas mais enternecedoras.

Chegados, pois, a esta eminência de vossa vida, donde lá ao longe, divisais encantados os primeiros anos de amor e de labuta, de harmonia e de esperança, havereis de sentir a excelência da colheita sazonada sob o calor do vosso coração e da vossa virtude, dentro do bem supremo de uma doutrina em que os conceitos morais sobrelevam-se a tôdas essas considerações de ordem material com que nesta hora de desesperado egoísmo os homens se abismam desvairadamente.

Antes de terminar, quero congratular-me igualmente convosco, filhos, genros, noras e netos, ramaria rumorejante que a seiva de troncos tão opulentos fêz brotar para o espaço aberto dos céus onde há o ar puro que retempera e o caminho azulado que conduz à grandeza infinita do Criador».

Dessa recepção também daremos detalhada notícia em publicação à parte.

O 3.° dia foi todo passado em uma excursão a encantadores sítios de Jacarepaguá, onde tôda a família foi cercada de demonstrações de afeto por pessoas ali residentes e amigas. Dessa excursão daremos notícia na aludida publicação à parte, pois naquela oportunidade foram prestadas homenagens à Pátria, pertinentes à grande data de 7 de Setembro, de sua emancipação política, por todos os da família S. Thiago.

E assim terminaram as festas jubilares de uma família espírita.

No dia 9 regressavam a seus lares, no mesmo ônibus que os conduzira ao Rio, todos os residentes em Curitiba, São Francisco do Sul e Florianópolis, trazendo uma grata recordação do feliz convívio em que puderam entreter-se, durante êsses dias inolvidáveis, com os que residem na capital do país.

Extraído de «Revelação», de Setembro de 1958.

Deus é grande demais para os nossos acanhados espíritos quando contemplamos, extasiados, as suas maravilhosas obras. Procurai viver cristãmente para vos tornardes dignos de tantos esplendores celestiais.

DALVA.

ESPIRITISMO E RELIGIÃO

(A propósito do livro PSICOPATOLOGIA, de uma Professôra da Universidade Católica de S. Paulo).

Passou-me pelas mãos, há poucos dias, um livro interessante, muito bem escrito, claro e objetivo. É um livro didático, sob o título *Psicopatologia,* de autoria de Madre Cristina Maria, naturalmente destinado aos alunos de sua cadeira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de S. Paulo. Gostei da exposicão da matéria, e o confesso com tôda a independência de quem não é apaixonado, como gostei de muitas observações e conclusões da ilustrada Professôra, mas logo se me deparou, como lamentável despropósito, uma inverdade flagrante contra o Espiritismo. Como quase todos os livros que procedem de fonte católica, o livro de Madre Cristina Maria tem um *pecado* inevitável, porque faz uma afirmativa que, além de ser descabida no conjunto, não é verdadeira. Depois de tantos conceitos certos em relação à Psicopatologia, matéria que versa com indescutível segurança e senso didático, revela a abalizada Professôra universitária um espírito acentuadamente dogmático, a fôlhas tantas, quando se refere ao Espiritismo. Fá-lo, infelizmente, com um primarismo incompatível com a sua cultura, tanto mais quanto, pela sua formação científica, apesar da condição religiosa, não lhe é recomendável prender-se a posições ortodoxas em matéria que não colide com os seus respeitáveis princípios de fé.

Percebe-se claramente que o Espiritismo *entrou* no livro sem necessidade, como «assunto fora de lugar», pois nenhuma razão compreensível justifica a citação das práticas espíritas no rol das superstições, quando o Espiritismo é, na realidade, uma doutrina que, entre muitos outros benefícios, procura libertar o homem de tôdas as crendices e superstições. Vê-se, sem qualquer dúvida, que a referência ao Espiritismo, embora de passagem está muito forçada, porque não tem razão de ser. Certamente, para não deixar passar a oportunidade sem dizer qualquer coisa contra o Espiritismo, a Autôra do tratado de Psicopatologia *encaixou* o assunto em determinado capítulo do livro, sem a menor adequação lógica, como quem dissesse : vá, lá, de qualquer forma...

Que relação existe ou poderia existir entre Espiritismo e superstição ? Nenhuma, absolutamente ! Vejamos o que escreveu Madre Cristina Maria : *Dentre as superstições mais generalizadas no Brasil, temos o espiritismo, que não é religião e sim um sintoma neurótico, explicável pela projeção ou por outros mecanismos inconscientes de recalque. Espiritismo é doença emocional.* Eis, aí, sem tirar nem pôr, o que se pode chamar um jôgo de palavras, sem conteúdo definido. Em primeiro lugar, o Espiritismo não admite superstição, pois é uma doutrina que se dirige, antes de tudo, à razão esclarecida, e nem abona crenças ou idéias preconcebidas ; em segundo lugar, o Espiritismo é uma filosofia de *conseqüências religiosas,* e quem o diz é Allan Kardec, apoiado em razões substanciais, mas não necessita de culto material, nem liturgia, nem sacerdote. Há, porém, um aspecto religioso no Espiritismo, e êste lhe é intrínseco, tanto quanto o sejam o aspecto científico e o filosófico. Não é *UMA* religião, no sentido em que os católicos entendem o conceito de religião : conjunto de dogmas, práticas devocionais, corpo sacerdotal, ritos, etc ; é, porém, uma doutrina que «vai ter às bases fundamentais de tôdas as religiões: Deus, a alma e a vida futura». São palavras de Allan Kardec, em *Obras Póstumas,* no capitulo intitulado «Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo». Se religião, no sentido amplo, é admitir a supremacia de um Poder extra-humano e da existência do espírito para além do túmulo, tendo como conseqüência o reconhecimento de valores morais permanentes, é claro que o Espiritismo é religião, porque tôda a sua filosofia se preocupa com a reforma moral do homem, em razão da crença em Deus e na responsabilidade pessoal através da vida presente e futura ; se, todavia, queremos definir religião no sentido restritivo, simplesmente como forma de culto exterior, impondo adoração aos ídolos dêsse culto ou aceitando os cânones e a disciplina de uma igreja, é evidente que o

Espiritismo não é nem pode sur *uma* religião. É indispensável, pois, fixar a noção do que seja realmente *religião*. Madre Cristina Maria apenas afirmou, em tom superficial e dogmático, que o Espiritismo *não é religião*, mas um *sintoma neurótico*, sem calcular a extensão e a flexibilidade do conceito de religião. É natural que, como católica, e creio que fervorosa, a inteligente e culta professôra da Universidade Católica de S. Paulo veja a religião apenas pelo prisma de sua fé.

A palavra religião, no entanto, pode ser tomada em duas acepções : *objetiva* e *subjetiva*. Objetivamente falando, religião é aquilo que se vê, é a exteriorização da fé : culto organizado, cerimonial, roupagem especial etc. Subjetivamente, porém, religião é o reconhecimento de um Poder supremo, acima e independente dos homens, é atitude íntima de respeito a êsse Poder, tenha o nome de Deus (para os cristãos), tenha qualquer outro nome, contanto que possa exprimir a mesma idéia. Religião, em suma, é mais sentimento do que forma. É o que se aprende no Espiritismo.

O sentimento religioso, que é problema de consciência, pode muito bem ser cultivado e até sublimado sem ser necessário qualquer objeto material de devoção, sem qualquer imagem ou liturgia. O fato de um indivíduo se curvar diante de um altar ou batisar os filhos na Igreja nem sempre significa sentimento religioso, porque muita gente faz tudo isto apenas para dar *satisfação à sociedade* ou por mero convencionalismo social. É o exemplo típico da religião puramente convencional ou exterior, sem raízes na consciência. O verdadeiro conceito de religião é, contudo, muito mais sério e profundo. Justamente por isso mesmo, o Espiritismo não aprova a adoração de ídolos nem qualquer outra forma de culto material, porque entende religião no sentido interior, como afirmação de respeito às leis divinas, com reflexo em todos os nossos atos. O espírita não tem necessidade, portanto, de se confessar a nenhum sacerdote, como não precisa de imagens para realizar os seus atos íntimos de adoração. A doutrina é clara, inequìvocamente explícita : *A adoração verdadeira é do coração. Em tôdas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor tem sôbre vós o seu olhar.* («LIVRO DOS ESPÍRITOS», questão n.° 653). A questão 654 ainda é mais desenvolvida : *Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes.* Embora respeitando sempre a atitude religiosa daquêles que fazem adoração com sinceridade, sem consistir «num vão simulacro», o espírita dispensa conscientemente tudo quanto sirva para *materializar* a religião.

Já se vê que Madre Cristina Maria não tem razão quando diz categòricamente que o Espiritismo não é religião, mas superstição. Sim, não é *religião* dentro da concepção comum, porque não prescreve dogmas, não admite confissão auricular, não tem ritual de espécie alguma, pois é uma doutrina que tem profundas e marcantes conseqüências religiosas, sobretudo porque, contrapondo-se ao materialismo, transmite ao homem elementos que o convencem da imortalidade da alma e da vida futura, base de tôdas as filosofias e religiões de fundo espiritualista. É, neste caso, uma doutrina que, ao invés de enfraquecer a crença ou predispor a criatura humana ao indiferentismo, reforça a idéia da existência de Deus e, assim, aprimora o sentimento de responsabilidade, fundamento de tôda a sua moral, que é, aliás, a moral do Evangelho, como se lê nas seguintes passagens :

> *O Espiritismo não traz moral diferente da de Jesns.*
> «LIVRO DOS ESPÍRITOS», — Conclusão, VIII.
>
> *A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, porque não há outra melhor.*
> «GÊNESE», de Allan Kardec, cap. I n.° 56.
>
> *O Espiritismo não cria moral nova : apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da moral do Cristo.*
> «O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO», cap. XVII n.° 4.

Tais afirmativas estão em três obras básicas do Espiritismo. Se o Espiritismo explica e adota a moral de Jesus, que é a moral do amor ao próximo e da renúncia, por excelência, embora haja outros códigos de moral que também ensinam o amor, a renúncia e o perdão, naturalmente o faz porque considera a moral cristã suficiente para fazer o homem feliz. E qual é a base da moral pregada e exemplificada por Jesus, senão a crença em Deus e na vida futura, depois da *morte?* Tôda a ética espírita, tôdas as suas normas de comportamento, tôda a sua filosofia, todo o seu conjunto de princípios, finalmente, tudo, portanto, gira em tôrno da idéia de Deus, «a causa primária de tôdas as coisas». Que vem a ser tudo isto, senão conseqüência religiosa? Logo, o Espiritismo é, como bem afirmou Allan Kardec, «uma doutrina filosófica de conseqüências religiosas». Exclua-se-lhe o aspecto religioso, e o Espiritismo ficará desfigurado ou incompleto. A prece, por exemplo, é um ato religioso, e as sessões espíritas começam por uma prece, não é verdade? Acontece, porém, que a prece espírita é natural, espontânea, sem formalismo nem ritual, pois o seu valor está no sentimento ou na sinceridade e, não, como parece a muita gente, no burilamento das frases e na genuflexão das posturas humanas. Nada disto: A prece pode ser feita, até, em silêncio, em qualquer posição, desde que seja sincera. Seja como fôr, se fazemos uma prece, ora para glorificar, ora para agradecer ou pedir, é porque reconhecemos um Poder superior, acima de nós, e por isso nos humilhamos conscientemente, em contrição íntima quando nos referimos a êsse Poder, que é Deus. Se, portanto, o Espiritismo não tivesse um aspecto religioso, claro é que não adotaria a prece como necessidade espiritual.

Parece que Madre Cristina Maria, a despeito de sua cultura humanística e especializada, não conhece Espiritismo ou está muito mal informada a respeito dêste assunto. É o que nô-lo revelam as suas assertivas, pois chega a dizer, aliás aprioristicamente, que o Espiritismo é uma das superstições mais generalizadas no Brasil!... Nada mais inverídico, mais inconseqüente. Argumentemos com a própria doutrina, pois o Espiritismo é contrário a tôdas as formas de superstição. Ora, a superstição, tenha esta ou aquela origem, esconde um fundo fatalista: o indivíduo crê no *poder* de certos objetos ou na influência de uma data (13 de agôsto, 1.ª sexta feira do mês etc.) e, por isso, se submete, por mêdo, às idéias de castigo do céu, *má sorte*, *azar*, e assim por diante. O Espiritismo *NÃO É FATALISTA*, mas antes, pelo contrário, procura desenvolver a noção de responsabilidade própria, no homem, em razão de seu livre arbítrio. Não admitindo, conseqüentemente, a idéia de *azar* nem tampouco a idéia de *proteção* por meio de *talismãs, bentinhos, palavras cruzadas*, etc, o Espiritismo faz sentir à criatura humana que cada qual recebe o que merece, de acôrdo com o ensino do Cristo: *A cada um segundo as suas obras.*

Nunca se vê um espírita com *patuás, saquinhos do oração no pescoço, pedra encantada, oração de S. Cipriano* e outras superstições, que andam por aí, estimuladas pela falta de verdadeira cultura religiosa em tôdas as camadas sociais. Quando falo em *espírita* — note-se bem — não me refiro a certos *crentes* no Espiritismo ou a tantas e tantas pessoas, aliás sinceras, que frequentam sessões espíritas, pedem conselhos aos *guias*, mas não têm mentalidade espírita, porque não conhecem a doutrina. Um espírita esclarecido não usa *amuleto*, não tem mêdo de passar por baixo de uma escada, como não deixa de viajar no dia *13 de agôsto*, se fôr necessário, pois não acredita nem pode acreditar em tais influências. Através do que já aprenderam no Espiritismo — esta é a pura verdade — muitas pessoas já se libertaram de superstições e crendices oriundas de práticas afro-católicas, mescladas de *orixás, Cosme* e *Damião* etc. etc.

Diz Allan Kardec: *Não há fórmulas sacramentais para evocar Espíritos. Quem quer que pretendesse estabelecer uma fórmula, poderia ser tachado de usar de charlatanismo, visto que para os espíritos puros a fórmula nada vale. A evocação deve ser feita sempre em nome de Deus.* («O Céu e o Inferno», cap. X n.º 10). Afirma, ainda, o Codificador do Espiritismo: *NENHUM OBJETO, MEDALHA OU TALISMÃ TEM A PROPRIEDADE DE ATRAIR ESPÍRITOS*... Ora, uma doutrina que faz afirmações tão categóricas em relação a fórmulas, objetos e crendices, não é nem poderia ser supersticiosa. Admitir superstição no Espiritismo é demonstrar falta de qualquer conhecimento da doutrina. Erradamente, o que muitas pessoas, até mesmo entre as classes chamadas cultas, ainda entendem por Espiritismo é apenas o *mediunismo*, é a simples evocação de espíritos, desta ou daquela maneira, seja nos *terreiros*, seja onde fôr... Nêste engano incidem muitas pessoas ilustradas, como a zelosa Professôra da Universidade Católica de S. Paulo. Na realidade, o que se vê, nas práticas afro-católicas, com altares mistos, sacrifício de animais, divindades materializadas e grande teor de mediunismo, é um conjunto de remanescências culturais, em cujo lastro entraram fortes contingentes do Catolicismo, do Judaismo, do Islamismo, do fetichismo africano etc. Para quem já tem algumas nóções gerais de Espiritismo, não é possível confundir prática espírita com empirismo mediúnico de «*candomblés*». O mediunismo afro-católico deve ser encarado cientìficamente no contexto de outros elementos, como fenômeno de *aculturação*. Quero crer, finalmente, que, se algum dia, Madre Cristina Maria se dispuser a estudar sèriamente o Espiritismo, partindo das obras básicas da doutrina e pondo de lado qualquer prevenção religiosa, ainda virá a mudar de opinião. Naturalmente não aceitará os nossos princípios, nem é cabível insinuar que o faça, pois a sua fé está consolidada, mas estamos certos de que, pela sua capacidade filosófica ou por simples questão de honestidade intelectual, não dirá mais que Espiritismo é superstição. Desejo examinar, a seguir, outra afirmação igualmente imprópria.

Deolindo Amorim

Desde quando sofre a criatura humana?

General Levino Cornélio Wischral

Sôbre esta pergunta formulada, não julgamos haja alguém capaz de responder com dados e comparações cronológicas exatas.

Dizer, por exemplo, que o padecimento teve início, dentro do paraíso, com a maçã que era ofertada a Eva pela serpente, não satisfaz, além de que isso demonstraria a nossa tôla e ingênua pequenez de raciocínio. Na ausência completa de qualquer elemento base, com referência a épocas ou datas e, para não respondermos secamente «não sei», passaremos a expor a nossa opinião.

Deus pensando — cria, continuamente, desde a partícula anterior à pequenez do elétron, cuja existência a ciência pode comprovar, até à insondável e ilimitada grandeza do Universo. Tôda coisa criada locomove-se através da estrada do progresso, do infinitamente pequeno, rudimentar e inconsciente, até atingir a sabedoria ampla e plena de amor e luz.

Qual a meta final? No atual degrau evolutivo em que nós nos achamos, não podemos alcançar raciocínio ou visão mais avançada que a meta de chegada prevista pelo Evangelho, que nos faz sentir a imensa responsabilidade do «sôis deuses».

Será, pois, no trajeto já percorrido, dentro de nosso ciclo evolutivo, até o momento atual, que devemos encontrar a possível resposta que, em parte, nos possa satisfazer. Vejamos, então, como e por que, a nosso ver, começou o homem a sofrer.

Como centelha divina, partícula de Deus que somos, começamos nossa remota e infindável caminhada no plano visível e palpável, como fôrça incipiente, dando vida e forma aos elementos do reino mineral. Do mineral passamos para o reino vegetal e dêste ao animal. Agora, e finalmente, estamos no reino hominal, após havermos percorrido por longos e demorados milênios a total escala de todos os elementos dêsses diversos reinos. No início dêste atual ciclo, tomamos a vestimenta da carcassa rudimentar do feroz e macacal homem das cavernas, êste nosso distante parente apelidado pela ciência oficial de «Pithecantropus». Isso aconteceu no inimaginável longínquo «período terciário» a que igualmente se refere a Bíblia citando o nosso velho conhecido Adão, que cedeu uma costela para a formação de Eva, a mãe do mundo.

Eis então quando surge sôbre a face da Terra a figura do homem provido, só agora, de capacidade de raciocínio, ampliando e engrandecendo sua razão, também em estado rudimentar. Esta é a grande data, época em que o homem parece ter sido provido pelo Criador-Deus de mais outra faculdade, qual seja a do livre-arbítrio, para proceder com inteira liberdade de ação de acôrdo com o seu raciocínio, sua razão ou seu discernimento. Deixou de ser, pois, uma criatura autômata ou inconsciente, para se tornar consciente. Através desta nova faculdade de que o homem foi provido — o livre-arbítrio — tornou-se êle o único e absoluto construtor do seu próprio destino, diríamos, de seu individual «Reino de Deus», ou de seu inferno íntimo, tudo, como é natural, por sua livre escolha. Por conseguinte, dêsse instante para a frente terá que arcar com as conseqüências maléficas tôda vez que infringir as leis de Deus. Praticado o mal, imediatamente recebe a criatura a incômoda herança pecaminosa acompanhada do cortejo de dores, sofrimentos morais e espirituais.

Pela vontade de Deus, o homem só se locomoveria pela estrada do Amor; no entanto, pelo nosso livre-arbítrio, escolhemos quase sempre a senda da DOR. Sabemos não existir um único inocente sofrendo no mundo todo. O padecimento começa sempre ao se incorrer em êrro ou infringir as leis de Deus, e isso pode acontecer uma vez que a criatura foi provida, no remotíssimo passado, da faculdade de escolha.

Assim, finalizamos por dizer que é pelo livre-arbítrio que o Criador faculta ao homem os meios adequados à sua evolução, fazendo-o distinguir o bem do mal e engrandecendo-o pelas próprias experiências que outra Lei — a Lei de Causa e Efeito — lhe proporciona.

Recapitulando: — Somos de opinião que o homem começa a sofrer desde que tenha de resolver por si só os seus problemas, isto é, desde que as leis de Deus lhe propiciam a faculdade do livre-arbítrio.

Extraordinário Caso de Cura Espírita

Antonio Braga de Souza residia em Nova Iguaçú, Bairro de Morro Agudo, à Rua 3 s/n.°, Estrada de Santana (RJ), inteiramente paralítico, da cintura para baixo, com as pernas insensibilizadas. Seu estado de paralisia dos membros inferiores foi conseqüência de um acidente ocorrido às 14,30 horas do dia 30 de junho de 1950. Antonio Braga de Souza, como ajudante de caminhão, empregado da Companhia Cirros, sediada em São Cristóvão, à Rua Lopes de Souza n.° 26 (DF), viajava na hora citada sôbre a carga de um caminhão da firma. Na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Uruguaiana, quando o caminhão fazia a curva, viu-se êle lançado de cima da carga ao solo; e foi colhido por um automóvel, que apanhou sob suas rodas a sua espinha dorçal. No mesmo dia, a Companhia internou Antonio Braga de Souza no Hospital Barata Ribeiro, em Ramos, onde permaneceu submetido aos mais modernos processos de tratamento por espaço de 2 anos e 10 mêses. O primeiro médico assistente do acidentado foi o notável prof. dr. Pedro Moura, passando, depois da morte dêste, a sua assistência médica a ser feita pelo eminente dr. Lutero Vargas, diretor do Hospital, que continuou cuidando de Antonio Braga até os dias últimos de sua enfermidade.

Todos os médicos consultados por Antonio, afirmaram-lhe que seu caso não tinha cura. Os exames de Raios X acusavam a falta de um dos discos da coluna vertebral. O único recurso, afirmaram, seria adaptar à coluna vertebral um disco artificial, constituido de platina com parafusos de ouro, para substituir o disco que faltava. E isso só poderia ser executado nos Estados Unidos.

O deputado Tenório Cavalcanti, atendendo ao apêlo de Antonio, forneceu-lhe passagem de ida e volta aos Estados Unidos. E Antonio começou a pedir o dinheiro necessário para comprar a platina e o ouro, 50 gramas de platina para 16 centímetros de coluna e 8 gramas de ouro para os parafusos.

Antonio já havia comprado 16 gramas de platina, a Cr$ 315,00 por grama, quando transportou-se a Juiz de Fora. Nessa cidade que é a Princeza de Minas Gerais foi apresentado ao ilustre confrade Dr. Wupsland Lage, presidente da Legião da Boa Vontade, Núcleo 12. O dr. W. Lage instalou Antonio na Pensão Santa Cruz, à Rua Batista de Oliveira, próxima à Delegacia de Polícia; e andou com êle, carregando-o de casa em casa, por vários recantos da progressista cidade mineira, angariando boa importância, durante 7 dias, em agosto de 1957. E deu-lhe cartas de apresentação para seus amigos de Belo Horizonte e Volta Redonda, como para os Núcleos da LBV. Na capital de Minas, o caríssimo confrade dr. Noraldino de Melo Castro, residente à Rua Mar de Hespanha n.° 352, satisfazendo à solicitação do dr. W. Lage, deu tôda assistência a Antonio, instalando-o na Pensão Gonçalves, de Waldir de Castro, nas proximidades da Estação da E. F. C. B., colocando o seu automóvel particular a serviço permanente de Antonio e custeando tôdas as suas despesas durante 10 dias.

Da bela capital, Antonio veiu ter à Volta Redonda, após angariar vultuosa quantia, trazendo cartas do dr. W. Lage apresentando-o ao Núcleo 12 da LBV e ao autor desta crônica. Desde a sua chegada, ficou Antonio instalado na própria séde do Núcleo 12. Sem demora, foi levado ao Hospital da Companhia Siderúrgica Nacional, tendo aí sido examinado pelos cirurgiões drs. Pedro Jaimovich, Olesio Galloti, França e Figueiredo, exibindo-lhes radiografias tiradas, 7 dias antes, na Santa Casa do Rio de Janeiro, situada à Rua Santa Luzia (DF).

Constataram êstes médicos que os discos laterais ao disco cuja falta as anteriores radiografias acusaram, sofreram destruição parcial, por tuberculose óssea. Concluiram, por isso, êsses médicos que nada mais havia a tentar; a sorte de Antonio estava realmente decidida, o caso era irremediável. Conformado com a decisão dos médicos referidos, Antonio, munido de uma lista com o respectivo atestado firmado pelos cirurgiões dr. Pedro Jaimovich e outro colega dêste, entrou a angariar em Volta Redonda, com o apôio do Núcleo 12 da L.B.V., dinheiro para fazer aqui uma casinha, residência sua e da esposa e mais 5 filhinhos, lista encabeçada pela assinatura da esposa do presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, general Macedo Soares, com a importância de dez mil cruzeiros.

Entretanto, vindo a Volta Redonda, o confrade Yanco Herscu Yanco, residente à Rua Ribeiro de Andrade n.° 302, Bangú (DF), presidente do Centro Espírita Rainha de Sabá e São João Batista, em 27 de abril do ano corrente (1958), Antonio submeteu-se ao tratamento espírita ministrado por êsse médium. Êsse tratamento constou de passes magnéticos e de um purgativo salino, a 27 de abril em Volta Redonda. Com o passe, Antonio caiu em sono profundo, dormindo das 10 horas às 21 horas, mais ou menos, alarmando a sua família que chegou a telefonar para Bangú, pedindo providências ao confrade Yanco, que já havia se retirado de Volta Redonda. Yanco ordenou que lhe fôsse dado o purgativo e que se aguardasse confiante o resultado. Ministrado o purgativo, ao acordar, Antonio, quando seu efeito se prenunciava, por si mesmo movimentou as pernas, sentiu o esbarro delas no catre ao vestir as calças sòzinho, coisa que jamais lhe acontecera desde que foi acidentado. Foi quando gritou: «Mulher, Jesus me curou! Estou movendo as pernas!».

Com o purgativo, cujo efeito se efetuou logo a seguir, Antonio expeliu fezes com grande quantidade de sangue pisado e pús sanguinolento. E no dia seguinte estava andando.

Antonio, a 18 de maio foi ter no Centro Espírita Rainha de Sabá e São João Batista apenas para dar testemunho de sua cura, visto que já estava plenamente restabelecido.

Hoje, Antonio Braga de Souza cuida de seu botequim, no Bairro do Retiro, em Volta Redonda, sem vestígio algum de sua velha paralisia, ganhando o dinheiro suficiente para a manutenção da esposa e dos 5 filhinhos.

Um nobre gesto de Antonio: ao sentir-se plenamente restabelecido, recusou aceitar os 10 mil cruzeiros subscritos pela esposa do general Macedo Soares. Alegou êle: «A importância foi dada a um aleijado; e eu não sou mais um aleijado.»

Sem comentários.

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, agosto de 1958.

Se Você quiser *alcançará na existência os mais belos níveis de elevação desde que o seu esfôrço em construir o Céu por dentro de você corresponda à sua disposição de sonhar com êle por fora de sua alma* — André Luiz. (De «O Reformador»)

Roma, Nero e os Cristãos — De CARLOS IMBASSAHY

Esta «Revista» publicará de fevereiro em diante uma série de artigos de Carlos Imbassahy, nosso antigo colaborador, sob o título acima de Roma, Nero e os Cristãos.

Êsse novo trabalho, do notável escritor, como tôdas as suas produções, primorosamente escrito, constitui verdadeira história do tempo de Nero, a começar pela existência de Agripina, mãe do famoso Imperador romano.

Julgamos tão importante essa publicação, que adiamos o seu início para a edição da «Revista» de 15 de fevereiro, quando esta inaugura seu novo ano de vida e para que o contexto daquêle histórico possa enfeixar-se em nossa futura coleção de 1959.

Assim terão nossos prezados assinantes, especialmente os novos, o privilégio de compulsar, num único volume, tôda a narrativa, claríssima e lógica, de Carlos Imbassahy, sôbre a impressionante época do maior sacrifício dos cristãos.

Crônica Estrangeira

Aparição Protetora

«Constancia» de «O Mundo dos Espiritos»

Depois da catástrofe da Ásia Menor, morava numa cidade da Grécia a snrta. X, que trabalhava na fábrica P. para prover seu sustento, pois era só e sem família neste mundo. Algum tempo depois, por falta de trabalho, ficou sem emprêgo junto com mais outras companheiras. Enquanto se mantinha com suas pequenas economias que possuia, procurava outro emprêgo, para ir vivendo, mas nada encontrava.

Desesperada e com olhos lacrimosos ante a sorte adversa, sòzinha e sem meios certa manhã saiu de seu quarto, pondo-se a caminhar sem mesmo ela saber para onde, e assim andando, encontrou-se fora da cidade, diante de um cemitério, aflita como estava, de súbito lembrou-se de seus parentes que havia sete anos perdera na última guerra.

Entrou no cemitério para orar pelos seus na pequena igreja; pelo caminho ia olhando os túmulos até deter-se diante de um, de um jovem cujo retrato estava sôbre a cruz de mármore e ao vê-lo tão jovem e bonitas feições, pôs-se a orar pela sua alma. Continuou a andar e entrou na igreja, acendeu uma pequena vela e, terminada sua missão, tratou de retirar-se e chegando à porta da igreja, encontrou-se com um jovem, bem trajado e aspecto sério, que a esperava e perguntou:

«Que se passa com a senhorita e porque chora?» E lhe responde ela: «Haverá cousa peior, senhor, do que encontrar-me sòzinha e sem trabalho?» «Não se aflija, responde o jovem; eu a mandarei para uma casa onde a receberão imediatamente e lá estará bem; passe-me o papel que está naquele canto para escrever o endereço e o nome da senhora que a irá receber».

Com um lápis que tirou de seu bolsinho, escreveu a anotação no papel que entregou à senhorita; esta, muito agradecida e acalmada, tomou o papel e encaminhou-se ao endereço mas, depois de poucos passos, voltou-se para de novo ver o jovem e agradecer-lhe, no que antes não pensara e, de súbito convenceu-se que era o mesmo jovem que viu na fotografia da sepultura. Porém o moço já aí não estava, havia desaparecido. Pensando nessas coisas estranhas mas cheia de esperanças, foi à casa indicada e a seu chamado apareceu uma senhora mui simpática, trajada de luto a qual, apenas lendo as linhas e viu as letras no papel, reconheceu a escrita de seu filho, que falecera havia pouco; chorosa, cheia de tristeza, levou a senhorita ao interior da casa e esta, na sala reconheceu numa fotografia, que estava sôbre a mesa, o jovem que havia visto pouco antes. A mãe do jovem adotou-a como filha, dando-lhe a herança e direitos que correspondiam ao filho morto.

Deus sempre ajuda ao que nunca perde a esperança.

O Diretor do «People» é Espiritista

De «Estudos Psíquicos»

Two Worlds, de Londres, informa que Harry Ainsworth, até há pouco diretor-editor do People (O Povo), diário londrino cuja tiragem atinge perto de 5 milhões de exemplares, é um espiritista cheio de entusiasmo. Nesta conformidade, publicou numerosos editoriais acêrca de Espiritismo que muito influiram no ânimo dos seus leitores.

Além disso assistiu às sessões de voz direta do médium Leslie Hodges, nas quais recebeu provas de identificação pessoal, relativamente à sobrevivência.

Harry Ainsworth costuma assistir também às sessões da médium Mollie Duncan, em Brigthon. Esta médium não profissional tem fornecido maravilhosas provas a pessoas distintas da Fleet Street e de outros lados.

O jornal citado diz-nos que Ainsworth visitou duas vezes o grupo espírita de Hannen Swaffer, em que atua Maurice Barbanell como veículo de «Silver Birch», guia espiritual que tantos ensinamentos tem prodigalizado.

Mais tarde tomou conhecimento com Anthony Borgia, médium psicográfico, através do qual o espírito de Monsenhor Robert Hugh Benson, grande dignitário católico, já deu alguns volumes. Várias mensagens foram publicadas no People com grande relêvo.

Handen Swaffer é um dos maiores jornalistas londrinos. Mantém no mesmo jornal uma secção permanente intitulada «World's Press News» (Pela Imprensa Mundial) e os seus artigos desassombrados têm causado enorme impressão nos povos de língua inglêsa. Êste grande plumitivo jamais ocultou a sua crença espírita, que defende sempre denodadamente, sejam quais forem as circunstâncias.

Nos países modernos ninguém se ri das opiniões alheias. Tôdas são respeitáveis, tôdas merecem atenção e análise. Nos outros, cuja evolução precária devia ser motivo de tristeza e desânimo, é que a intolerância assenta arraiais. Quanto mais ignorância, mais orgulho, mais dificuldades à livre marcha das idéias.

Se o diretor de um diário português publicasse editoriais espíritas seria irremediàvelmente condenado às galés da História. É que a imprensa profana já não é alavanca de progresso, como noutros tempos. Hoje pertence às agências telegráficas, que nela pontificam a belprazer e monopolizam espaço ao lado dos anúncios.

Dêste modo, mais de realçar ainda é o fato de um jornal de 5 milhões de exemplares se encontrar ao serviço do Espiritismo, através da pena dos seus maiores colaboradores.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Natal dos Pobres

Todos os anos, desde a sua fundação em 1905, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade de Matão, realiza a sua festinha do Natal dos Pobres. Em 25 de dezembro último, mais uma vez, foi levada a efeito essa tradicional solenidade na sede do Centro com início às 8 horas da manhã. Como sempre, antes da destribuição de gêneros e roupas aos necessitados, houve a sessão de homenagem a Jesus pelo seu natalício, abrindo os trabalhos a confreira Zélia Silveira Perche com palavras de entusiasmo pela data e pela festa que ali se promovia. Em seguida Sebastião Casadei fez a prece de costume e o confrade Angelo Watson

Campêlo pronunciou apreciada palestra também sôbre o nascimento de Jesus.

Depois, várias meninas recitaram belas poesias que foram muito aplaudidas e a irmã Antonia Perche da Silveira Campêlo para iniciar a entrega dos donativos pronunciou significativas palavras sôbre o Natal.

O comparecimento, tanto de ouvintes, como de beneficiados, foi grande, tendo assim essa festa do Natal dos Pobres proporcionado geral satisfação, uma vez que ainda, apesar de tôdas as dificuldades, pôde ser ela efetivada com larga distribuição de benefícios.

A festa foi promovida com a colaboração da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e da União Municipal Espírita.

Concentração de Mocidades Espíritas

Pelo Boletim n.º 3, da Mocidade Espírita de Araçatuba, que recebemos, tivemos notícia da IV Concentração de Mocidades do Noroeste do Estado de São Paulo que está sendo anunciada para realizar-se nos dias 15 a 18 de janeiro próximo.

Com um programa variado e interessante promete a iniciativa um grande êxito, estando marcadas as reuniões diurnas para terem lugar na séde da Aliança Espírita «Varas da Videira», à rua Bernardino de Campos, 363 e as reuniões noturnas no Centro Espírita «Dr. Bezerra de Menezes», à rua Oscar Rodrigues Alves, 152, naquela grande cidade da Noroeste do Brasil.

O Boletim, assinado pelo dr. Alfredo Yarid Filho, presidente da M. E. de Araçatuba e por Orlando Ayrton de Toledo, secretário do Conselho Diretor da Concentração, solicita a tôdas as Mocidades a comunicação com antecedência do dia e hora da chegada, bem como o número de seus representantes.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião realizada em 6 de Dezembro de 1958.

Após proferir a prece inicial, abre o Presidente a reunião e saúda o Professor Abdias Antônio de Oliveira, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Norte, agradecendo-lhe o confôrto e o estímulo da visita sempre renovada à FEB e ao Conselho, quando de suas vindas ao Rio.

Lida a Ata da reunião anterior, é ela aprovada.

O Presidente comunica a existência de uma nova campanha contra o Espiritismo e diz das medidas que julga necessário sejam tomadas. Após ouvir a exposição feita pelo Persidente e de concordar com a necessidade das medidas propostas, o Conselho autorizou o Presidente a agir segundo o que foi deliberado.

A Comissão encarregada de organizar um plano geral de trabalhos, no sentido de acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo, no setor da Unificação, apresentou o resultado da sua primeira reunião, trabalho que ficou para ser distribuido, em cópias, com os Srs. Conselheiros, a fim de que, em reunião posterior, possa receber a colaboração de todo o Conselho, de forma a ficar o mais perfeito possível.

Depois de falarem vários Srs. Conselheiros sôbre múltiplos assuntos referentes ao movimento espiritista brasileiro, entre os quais o Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, Aurino Barbosa Souto, Major Ruy Vidal de Araújo e Joaquim Vilaça, faz a prece final o representante do Estado de Santa Catarina e encerra-se a reunião às dezesseis horas.

Emendas do Senador Lino de Mattos ao Orçamento da União

Segundo o «Diário do Congresso Nacional», o senador Lino de Mattos, representante paulista, apresentou, em a sessão de 19 de novembro último, do Senado Federal, longa relação de emendas ao Orçamento da União para 1959, pleiteando verbas de auxílio para numerosas instituições assistenciais e culturais do Estado de São Paulo, distribuidas pela maioria dos seus municípios, e ainda para institutos científicos e serviços públicos da administração estadual. Foram também contempladas várias organizações espíritas.

Verificando, embora, que o município de Matão tenha sido esquecido, na vasta relação dos benefícios pleiteados, reconhecemos que o ilustre senador Lino de Matos defende, efetivamente, os interesses de São Paulo.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 34.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1958 a Janeiro de 1959)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1958

Pág.

O Nosso 33.º Aniversário . . . . *Redação* 1
Psicanálise, Bíblia e Espiritismo . . . *Carlos Imbassahy* 2
Nós e o Ano 2.001 . . . . . *General Levino C. Wischral* 6
Ramatís e a Ciência . . . . . . *V. O. Casella* 9
Memórias de um Espirita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 11
1.º Centenário de «La Revue Spirite» . . *Cicero Pimentel* 13
Livros e Autores . . . . . . *Newton G. de Barros* 14
A Verdade e as Revelações . . . . *Osvaldo Polidoro* 16
Devemos ou não comer carne? . . . *Elpidio de Almeida Campos* 18
Esclarecimentos Necessários . . . . *Mario Cavalcanti de Mello* 19
Kardec, no Centenário do Livro dos Espíritos *Aleixo Vitor Magaldi* 23
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 24
Espiritismo no Brasil . . . . . . » 28

N.º 2 — MARÇO DE 1958

31 de Março . . . . *Redação* 29
José da Costa Filho . . . . . . » 30
Jesus e os Essênios . . . . . . *Osvaldo Polidoro* 32
Palmelo, a Cidade Espiritual (Estado de Goiás) *Cel. Irapuam S. de Freitas* 34
Ramatís e a Ciência . . . . . . *V. O. Casella* 37
Ao saudoso João Leão Pitta . . . . *Kardec Rangel Velloso* 40
Álcool, êste Destruidor . . . . . *Samuel Gomes da Costa* 41
A Continuidade da Vida depois da Morte . *Justino Rangel* 42
Sabia que era assim? . . . . . . *General Levino C. Wischral* 43
Oração pronunciada no Centenário de «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec . . *Dr. Sinval Reis* 45
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 47
E Agora, Senhores Teólogos? . . . *Deolindo Amorim* 49
Considerações da Ética Social . . . *G. M. Minardi* 50
Medicina e Moral . . . . *Ismael Gomes Braga* 51
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 52
Espiritismo no Brasil . . . . . . » 54
Necrologia . . . . » 56

N.ºs 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1958

O Advento do Espiritismo (1848-1958) . . *Redação* 57
O Meu Cristo de Faiança . . . . *José da Costa Filho* 59
Parabéns! Juca, e até logo! . . . . *Ismael Gomes Braga* 60
Considerações Biofísicas . . . . . *G. M. Minardi* 61
Cátedras de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina . . . . *Irmão Saulo* 62
A Hiperconsciência . . . . . . *Luiz Caramaschi* 63

Ramatís e a Ciência . . . . . . *V. O. Casella* Pág. 65
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 68
Livros Novos . . . . *Italo Ferreira* 70
A Futura Religião do Brasil . . . . *Ismael Gomes Braga* 70
A Doutrina Espírita, Ensina a Verdade . . *Samuel Gomes da Costa* 72
Médiuns de Mesas e Terreiros . . . *Públio Máximo* 73
O Amor . . . . *Bianor Medeiros* 74
Noblesse Oblige... . . . . . . *Arnaldo S. Tiago* 77
Sôbre uma Música Mediúnica de Schumann *Cicero Pimentel* 78
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 79
Necrologia . . . . » 81
Espiritismo no Brasil . . . . . . » 82

N.º 5 — JUNHO DE 1958

Religião do Presente . . . . . . *Redação* 85
Ateismo e Reencarnação . . . . . *Ismael Gomes Braga* 86
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 87
Écos do Congresso Espírita Internacional . . *Cicero Pimentel* 90
Ramatís e a Ciência . . . . . . *V. O. Casella* 90
27 de Novembro . . . . *Ten. Cel. Duilio Lena Bérni* 94
Bodas de Ouro . . . . *Tenente Alberto Lopes* 96
Coisas da Vida... . . . . *General Levino C. Wiscral* 98
O Homem, Célula do Organismo Nacional . *G. M. Minardi* 99
Ciência e Sabedoria . . . . . . *Luiz Caramaschi* 100
O Fim do Mundo . . . . *Antonio Domiciano* 102
Abrigo Jesus . . . . *Aleixo Victor Magaldi* 103
Os nossos irmãos irracionais . . . . *Renato Khel* 104
Cronica Estrangeira . . . . . . *Redação* 105
Conclusões e Recomendações do Congresso de Jornalistas . . . . *Irmão Saulo* 107
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação* 108

N.º 6 — JULHO DE 1958

As Profecias Apocalípticas . . . . *Redação* 109
O Exemplo e a Mediunidade de José da Costa Filho . . . . *Transcrito de «O Clarim»* 110
Plenamente provada a Reencarnação, afirma célebre autor suéco . . . . *De «Two Worlds»* 111
O que êles dizem . . . . *Carlos Imbassahy* 113
Deus não existe? . . . . *V. O. Casella* 115
O desenvolvimento das ciências confirma os Princípios Espíritas . . . . *Irmão Saulo* 117
A Evolução da crença . . . . . . *Ismael Gomes Braga* 118
O Papa e o Papado . . . . . . *Bianor Medeiros* 119
Preservando a diretriz . . . . . . *Italo Ferreira* 124
Memórias de um Espírita Baiano . . . *Leopoldo Machado* 125
Como a vida é influenciada pelas variações atmosféricas e astrais . . . . *G. M. Minardi* 127
Trofologia — (A ciência da alimentação) . *Tomás Peppe* 130
Do verme ao astro . . . . *Luiz Caramaschi* 132
Cronica Estrangeira . . . . . . *Redação* 133
Espiritismo no Brasil . . . . . . » 134

N.º 7 — AGOSTO DE 1958

Salve, Espiritismo . . . . *Redação* 137

É esta a vida no Mundo Espiritual . .	*Maurice Barbanel*	Pág. 138
II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas	*Redação*	140
Até quando... Jesus!	*Samuel Gomes da Costa*	141
Origem intuitiva e natureza racional do princípio Espírita da reencarnação . .	*Irmão Saulo*	143
Noblesse N'Oblige Pas	*Carlos Imbassahy*	144
Indulto Expressivo	*All Right*	145
Amemos Urânia	*V. O. Casella*	146
Acêrto de contas	*General Levino C. Wischral*	148
Prata de casa	*Italo Ferreira*	150
A Pior Obsessão	*Arnaldo S. Tiago*	151
Memorável excursão a Juiz de Fóra . .	*Aleixo Victor Magaldi*	152
Da difusão do Esperanto pela imprensa Espìrita	*Cicero Pimentel*	153
Pobre irmão!	*Ismael Gomes Braga*	155
Cronica Estrangeira	*Redação*	157
Espiritismo no Brasil	«	158

N.º 8 — SETEMBRO DE 1958

Cairbar Schutel	*Redação*	161
Intervenções cirúrgicas transcendentais . .	*Newton Boechat*	162
Memórias de um Espirita Baiano . . .	*Leopoldo Machado*	167
A Missão do Espiritismo	*Hercilio Maes*	170
Noblesse Oblige...	*Arnaldo*	174
Francisco de Assis	*Carlos Imbassahy*	175
Rememorando	*Redação*	178
Meditem sôbre os perigos da alimentação cárnea	*G. M. Minardi*	179
Espiritismo e Psiquiatria	*Gil Perche de Menezes*	184
O instrumento deve estar afinado para que o músico possa utilizá-lo	*Irmão Saulo*	188
Cronica Estrangeira	*Redação*	189
Espiritismo no Brasil	«	191

N.º 9 — OUTUBRO DE 1958

O Missionário.	*Redação*	193
O Mundo Invisível segundo a ciência . .	*Antonio D. Pereira Junior*	195
Vamos Estudar	*Samuel Gomes da Costa*	197
Tolstoi e sua luta religiosa para restabelecer o cristianismo	*Irmão Saulo*	198
Responsabilidade	*Claudio Joenck*	199
Memórias de um Espírita Baiano . . .	*Leopoldo Machado*	201
Bodas de Ouro	*Redação*	203
Robert Hare — Pioneiro do Espiritismo científico	*Cicero Pimentel*	204
A origem da vida e a reencarnação e a genética	*Aleixo Victor Magaldi*	205
E a louca ficou curada	*Redação*	208
A nobreza é esta	*Carlos Imbassahy*	209
Além da morte há vida	*De «Seleções»*	210
Crônica Estrangeira	*Redação*	212
Espiritismo no Brasil	«	213
Necrologia	«	216

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1958

O Mundo Espiritual	*Redação*	217
Ignorância...	*Ismael Gomes Braga*	218

		Pág.
Criação da Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil . .	*Milton de Andrade*	220
A conquista da lua	*V. O. Casella*	222
Fatores hereditários orgânicos e psíquicos da genética	*G. M. Minardi*	223
A Descoberta do Espírito	*Hernani G. Andrade*	225
Desencarne do Presidente da I. S. F. . .	*Eddie Augusto da Silva*	229
Importância da obra de Kardec e sua significação no momento	*Irmão Saulo*	230
A propósito de um livro	*Fernando Toledo*	232
Fazendeira Desumana	*General Levino C. Wischral*	234
As vantagens do hipnotismo	*Luiz Caramaschi*	237
Memórias de um Espírita Baiano . . .	*Leopoldo Machado*	239
Crônica Estrangeira	*Redação*	242
Espiritismo no Brasil	»	243

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1958

O Insígne Missionário	*Redação*	245
O Natal se aproxima	*v. lineredo*	247
A Descoberta do Espírito	*Hernani G. Andrade*	249
A Conquista do Planêta Marte . . .	*V. O. Casella*	254
A propósito de um livro	*Fernando Toledo*	255
Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil . . .	*Milton de Andrade*	258
Discussão Esclarecedora	*Ismael Gomes Braga*	262
O Esperanto e o Espiritismo	*Extraido da obra «A Sobrevivência do Espírito»*	263
A Teoria Corpuscular do Espírito . . .	*Cicero Pimentel*	264
Pesquisas metapsíquicas em diversas Universidades Americanas e Européias . .	*Irmão Saulo*	265
«Quo Vadis ?»	*Eddie Augusto da Silva*	266
Crônica Estrangeira	*Redação*	269
Espiritismo no Brasil	»	271

N.º 12 — JANEIRO DE 1959

Memorando	*Redação*	273
Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil . . .	*Milton de Andrade*	274
A Descoberta do Espírito	*Hernani G. Andrade*	277
Festas Jubilares de uma Família Espírita .	*De «Revelação»*	279
Espiritismo e Religião	*Deolindo Amorim*	288
Desde quando sofre a criatura humana ? .	*General Levino C. Wischral*	291
Extraordinário caso de cura espírita . ,	*Aleixo Victor Magaldi*	292
Nero, Roma e os cristãos	*Redação*	294
Crônica Estrangeira	»	294
Espiritismo no Brasil	»	295

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, esta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aqueles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E’ uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E’ um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A’ venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

8931CL PA 834
02-06-07 32180 XL
HF Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB [illegible] 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3511unse

no XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1959 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e a Imortalidade . .	*Redação*
Roma, Nero e os Cristãos — A Tragédia dos Tempos Antigos . . .	*Carlos Imbassahy*
A Descoberta do Espírito	*Hernani Guimarães Andrade*
Ergue-se uma bandeira contra o Esperanto	*Ismael Gomes Braga*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
José da Costa Filho	*Redação*
O Espiritismo não é Doença Emocional	*Deolindo Amorim*
Os Mistérios da nossa Vida Mental	*V. O. Casella*
11 de Fevereiro	*Redação*
A quem ou o quê esperamos ? . .	*v. lineredo*
Nunca houve êsse batismo com água !	*Ten. Cel. Fiori Amantéa*
O Nosso Aniversário	*Redação*
Aos Nossos Assinantes	*Redação*
No Mundo... da Lua	*Arnaldo S. Thiago*
Moisés aprovava a Mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões . .	*Irmão Saulo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

—A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1959 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e a Imortalidade

A doutrina espírita está exclusivamente apoiada sôbre fatos, tão cabalmente demonstrados, como os que são peculiares à física, à química e tôdas as ciências positivas, fatos êstes tetemunhados por centenas de sábios e milhares de pesquisadores sérios e imparciais, que nêles viram a existência da alma e a sobrevivência individual.

Abordando, pois, o mais transcendental problema da vida, o Espiritismo se estendeu do Microcosmo ao Macrocosmo, criando uma filosofia clara, lógica e racional, digna de estudo e de observação, capaz de satisfazer as nossas mais justas aspirações, os nossos mais lidimos interêsses espirituais.

O Espiritismo demonstra que a alma existe e sobrevive substancialmente, provando a sua independência do organismo corpóreo, que as relações entre os vivos e os que indevidamente chamamos mortos, se estabelecem sob formas variadas, de escrita, de tiptologia, de vidência, de audição, etc. Os Espíritos têm enfim dado tôdas as provas de identidade, que qualquer um de nós, ainda na terra, pode fornecer a qualquer pessoa: aparições, fotografia, impressão digital, voz-direta, moldagem e mesmo a construção de formas efêmeras para efeito de prova de identidade.

Os fatos espíritas são irrefragáveis, são evidentes, não se lhes pode negar a veracidade. É uma verdade positiva que se não pode ocultar sem lesar a humanidade, — e quando ouvimos dizer que êsses fatos não são possíveis, lembramo-nos da reflexão de Pascal, sôbre o julgamento que condenava a descoberta de Galileu, a respeito do movimento da Terra: «Isso não provará, disse Pascal, que a Terra permaneça em repouso... Todos os homens juntos não a impediriam de girar e não se livrariam de girar com ela».

Os fatos espíritas vieram demonstrar, portanto, que o sêr pensante é uma realidade, e que a individualidade sobrevive à morte. Essa ânsia, que palpita no nosso coração e vibra no nosso cérebro; essa interrogação que parte do fundo da nossa alma, como um apêlo ao Sêr Supremo, foi respondida pelos Espíritos dos que nos precederam, que estabelecendo relações entre vivos e mortos, nos acenaram com a luz consoladora da esperança que aclara os nossos destinos imortais.

«A comunicação com os Espíritos, com os nossos sêres queridos, que venceram as barreiras do túmulo, é um ato de tanta gravidade e transcendência — como disse o filósofo espanhol, D. José Pellicer, que nenhum outro na vida do homem, lhe pode ser comparável.

«Por seu intermédio alcançamos a verdade psicológica e a felicidade, que se *elevam sôbre tudo o mais que possa o homem aspirar.*

«É um telescópio, que põe ao alcance da nossa vista, o mundo a que seremos trasladados, após a presente peregrinação — e que nos faz conhecer a sorte que nos espera, como fruto de nossas obras.

«A comunicação espírita não é um esconjuro supersticioso e maléfico; é uma oração humilde e respeitosa; é o terno suspiro do filho entrelaçado nos braços carinhosos de seu pai, de sua mãe, de seus amigos do Além; é o gemido dorido do enfêrmo que quer restabelecer-se; é o anseio da alma que procura conhecer a vontade de Deus, para respeitá-la e cumpri-la».

Allan Kardec, tratando da «Sobrevivência», disse:

«A alma sobrevive ao corpo e conserva sua individualidade depois da morte, pois, o homem não é mais nem menos que um Espírito encarnado, cuja preexistência tem sido patentemente demonstrada. Se assim não fôsse, a sua única perspectiva seria o nada, como se a faculdade de pensar fôsse produto da matéria. Se o homem não conservasse sua individualidade e se perdesse no grande Todo, como a gota de água no oceano, as consequências seriam as mesmas como se o homem não tivesse alma.

A sobrevivência prova-se de modo irrecusável pelas comunicações espíritas. Sua individualidade demonstra-se pelo caráter e pelas qualidades próprias de cada um; essas qualidades, distintas umas das outras, constituem sua personalidade».

A Sobrevivência é a base fundamental do Cristianismo e Jesus demonstrou essa lei que se aplica a todos nós, pois Deus não é o Deus de mortos, porém, de vivos.

O amor eterno é lei eterna e os mortos surgem dos túmulos e derramam o seu amor sôbre os que deixaram para trás, e nossos entes queridos se tornam anjos tutelares e acorrem às necessidades humanas, consolando os tristes, encorajando-nos e fortalecendo-nos em nossa jornada terrestre, e, finalmente, nos receberão em seus braços, quando as sombras da terra e do sepulcro nos abrirem os olhos para uma venturosa primavera.

Roma, Nero e os Cristãos

A Tragédia dos Tempos Antigos

— I —

AGRIPINA

Principiemos por esta, que foi a mãe de Nero.

O papel que Nero representa nos princípios do Cristianismo, leva-nos a tratar dêsse personagem, tendo em vista ainda a parte que cabe ao Cristianismo em nossos estudos e no decorrer da história da humanidade.

Nero, nascido no ano 37, era filho de Ahenobarbo e de Agripina. Esta, para impôr-se à nobreza e à admiração, e principalmente para levar o filho ao trono, mantinha severa austeridade e aparentava grandes virtudes.

A farsante era levada a sério; logo, porém, que conseguiu o que almejava, mostrou o que era, celebrizando-se por suas indignidades e sua perversidade.

Viu-se que lhe corria nas veias o sangue de seu irmão Calígula, que a sua castidade era simplesmente fraudulenta, como fôra todo o seu proceder.

Um dos amores dessa honesta senhora foi Pallas, homem riquíssimo, influente, irmão de Felix, governador da Judéia, ao qual levaram Paulo, prisioneiro, porque era a favor da ressurreição. Felix tratou-o com brandura e lhe deu liberdade, mas Festo, que o substituiu levou-o ao cárcere. Não precisamos entrar em pormenores, pois o caso vem relatado nos Atos dos Apóstolos, caps. 23 e 24.

Voltemos a Agripina. Para melhor satisfazer suas ambições, fêz-se amorosa do

Imperador Cláudio, seu tio, com quem veio a casar-se, e a quem não tinha amor, nem simples amizade e por quem não mostrou, mais tarde, a menor consideração ou qualquer comiseração. Muito pelo contrário, consta da sua brilhante fé de ofício as relações incestuosas com seu irmão Calígula, os amores com o primo Lépidus, a sedução e o assassínio do seu marido Crispus, o assassínio de Sosibius, preceptor de Britânico, a sua cumplicidade na morte de Messalina, e outros atos mais, que veremos pelo correr da narrativa.

Para assegurar a corôa que pretendia pôr na cabeça de Nero, tratou de casá-lo com Otávia, filha de Cláudio e Messalina.

Otávia era noiva de Lúcius Silanus; ela, porém, poderia transmitir ao marido o direito ao trono. Por maneira que o noivado não era motivo que fizesse enfraquecer os planos de Agripina; urdiu então uma falsa acusação, que desmoralizava Lúcius junto a Cláudio; e Lúcius perdeu a noiva, o emprêgo e a vida, visto que, sucumbido, se suicidou.

Conseguiu aliciar os três mais fortes áulicos, Pallas, que já era muito íntimo, Narciso e Calisto, a fim de elevar Nero ao poder. Foram êstes que causaram a perdição de Messalina. Britânico não lhes perdoaria a morte da progenitora, de sorte que muito mais propícia lhes era a aliança com a imperatriz e da imperatriz com êles.

Esta, apesar do desprezo com que tratava o marido, tinha receio de ser suplantada por outra; notando que a bela Calpúrnia lhe lançava ternos olhares, fê-la banir de Roma.

Lollia Paulina quisera casar-se com Cláudio, ou foi Calisto quem o quís. Para acabar com a possível ameaça, Agripina conseguiu expulsá-la de Roma, confiscar-lhe os bens, e como isto não bastasse, mandou que dois oficiais a seguissem e matassem. Cumprida a ordem, trouxeram-lhe a cabeça da infeliz, que ela examinou com todo o cuidado, não fôsse se terem enganado os matadores.

Pouco depois, morria o Calisto misteriosamente, e assim desaparecia o enrêdo amoroso de Cláudio, com seus dois personagens principais.

Para que o filho fôsse ilustrado, escolheu-lhe como preceptores, Sêneca e Bunhus.

O verdadeiro sucessor de Cláudio devia ser Britânico; mas êste não poderia competir com Nero e por isso poucos cuidados devia inspirar: era enfermiço, filho de Messalina, mal apresentado. Isto, porém, não era bastante para sossegar Agripina.

Costumava usar os seus encantos femininos, para ter de seu lado os homens com que devia contar; assim sucedeu com Pallas, assim sucedeu com os dois maridos que tivera. Quando não lhe convinham ou embaraçavam, eliminava-os. Calisto morrera, e Narciso suspeito por sua amizade a Cláudio, fôra afastado.

Como Domitia Lépida, tia de Nero, poderia influir no espírito do sobrinho, armou-lhe uma intriga, um processo, e ela foi condenada à morte.

Cláudio ficou inteiramente à mercê da mulher. Procurou ela impedir que dêle se aproximassem, principalmente o filho, cujos amigos, aderentes e acompanhantes, ela, por precaução, mandara matar.

Mas Cláudio, encontrando-se com êle, por acaso, num corredor, abraçou-o ternamente, e disse à mulher que iria fazê-lo entrar na maioridade, para que Roma tivesse um César. Sucedeu ainda que o Senado mandou cunhar moedas com a efígie de Britânico.

Agripina alarmou-se, e os alarmes de Agripina rematavam sempre em resoluções trágicas.

Em outubro de 54, houve um jantar em palácio e ela, com o sorriso de espôsa terna e prestimosa, fêz servir ao marido um prato de cogumelos, manjar predileto do imperador, que sabia apreciar as boas iguarias. Mas foi comê-los e sentiu uma indisposição terrível. Pouco tempo depois estava morto.

Um médico, chamado pela espôsa, quís provocar vômitos ao padecente, pondo-lhe umas coisas na garganta. Diz-se que esssas coisas que êle aplicou não eram estranhas a uma famosa envenenadora chamada Locusta.

Agripina teria presidido a tudo e a tudo providenciado. Era ela mulher que não esquecia as menores particularidades.

Ocultou-se a morte de Cláudio. Comediantes, músicos, dansarinos, recitadores, mostravam suas habilidades no quarto mortuário. E Agripina perguntava ao cadáver se a festa o estava divertindo.

Diz-se que a cena macabra tinha por

fim dar tempo aos preparativos da aclamação de Nero, enquanto Otávia e Britânico estavam em custódia no interior da casa.

Ao meio dia, abriram-se as portas do palácio e Nero apareceu ladeado de Bunhus. A guarda pretoriana, devidamente preparada, saudou o imperador. Nero, levado em liteira, é conduzido ao Senado em triunfo, e depois de proferir um discurso preparado por Sêneca, viu-se aclamado para governar o Império.

A notícia foi logo comunicada a Narciso, que compreendeu tinham chegado os seus últimos dias.

Tal foi Agripina, tal foi a ascenção de Nero.

Veremos agora o que foi o drama do seu reinado, para o mundo, para Roma, para os cristãos.

Carlos Imbassahy

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação)

11 – O porquê dos cuidados com os mortos

Estudemos, agora, o comportamento dos homens primitivos, no concernente aos cuidados que tinham com os mortos. Tal prática atravessou os milhares e milhares de anos que antecederam a nossa época, mantendo-se quase inalterável até hoje.

Como já assinalamos anteriormente, as sepulturas encontradas em 1909 nas cavernas de *Baoussé-Roussé*, de *Langerie Haute* e de *Solutré*, revelaram que os homens da Idade da Rena usavam sepultar os cadáveres, de uma forma muito interessante. Os despojos mortais eram deitados sôbre cinzas quentes e até mesmo sôbre brazas vivas.

Muitos vestígios assinalados nessas e em outras cavernas, indicam que os defuntos eram amarrados, ficando os seus membros dispostos de tal forma, que se reproduzia a posição fetal, isto é, sugeitavam-se os braços e pernas, dobrados e encolhidos, por meio de amarras, de maneira a lembrar a postura do feto antes de nascer. O cadáver recebia uma pintura vermelha feita com pó de ocre.

Dentro das sepulturas, vedadas por blocos de pedra superpostos, colocavam-se armas rudimentares, utensílios, alimentos, etc. Mais tarde, as oferendas passaram a ser feitas às grandes pedras, isso na época megalítica, mas sob elas sempre se achavam os mortos, aos quais eram dirigidas, indiretamente, tais ofertas.

As fogueiras que se acendiam para aquecer o espírito do finado membro da tribo, e várias outras práticas funerárias, revelam a grande preocupação que os nossos ancestrais tinham com os que morriam.

Contudo, é de causar estranheza que agissem assim, pois a morte era a coisa mais comum naqueles duríssimos tempos de lutas e competições com os elementos agressivos naturais. De acôrdo com os indícios encontrados, vê-se que os homens primitivos sofriam uma verdadeira dizimação em sua primeira juventude. Menos da metade lograva sobreviver na infância. Os que ultrapassavam os 40 anos de idade representavam um vigésimo do total, e apenas cêrca de 1% conseguia passar dos 50. A fome, as doenças, os ataques das feras, os acidentes, enfim, tudo conspirava contra o homem das cavernas. A morte rondava-o dia e noite, e morrer devia parecer-lhe rotina comum, normal e sem tanta importância.

No entanto, não era isso o que se passava. O homem de Neanderthal, por exemplo, que era dos que mais viam a morte face a face, foi também um dos primeiros a ter grandes atenções para com os mortos.

Devia existir algo responsável por tal procedimento. A razão parece ter sido forte nesse sentido, muito séria, muito clara, para despertar tantos desvelos em meio a criaturas jovens, ignorantes, animalizadas e absorvidas por problemas imensos de ordem material.

Admitindo-se a manifestação palpável do espírito, após a morte do corpo físico, surgirá uma explicação mais plausível para o caso em aprêço.

Os que têm tido a oportunidade de presenciar a fenomenologia espirítica já estão familiarizados com as manifestações de espíritos chamados vulgarmente: *sofredores*. São aquêles espíritos, que tendo perdido o veículo físico, ainda arrastam consigo as impressões da época em que se encontravam encarnados. Geralmente, contam-se entre êles inúmeros que ignoram seu novo estado. A grande maioria, ao tomar contacto com o mundo físico à custa de um médium, vê exarcebarem-se as suas dores, angústias e aflições, especialmente as que precederam os seus últimos instantes nas vestes da carne.

Ao que parece, os cuidados com os mortos surgiram dos dois fatores enumerados: *a possibilidade das manifestações ectoplásmicas* e a *revivescência dos estados emocionais*, por parte do espírito, na ocasião de seu primeiro contacto com os companheiros vivos. Porém não foram sòmente as cenas dramáticas, que se desenrolaram naqueles instantes no seio das grutas, os fatôres determinantes da posterior conduta com relação aos defuntos. Mesclaram-se a êles muitas outras componentes. Pelo simples fato de manter-se pràticamente inalterável a individualidade e mesmo a personalidade do sêr humano logo após a sua morte, é provável que, uma vez esclarecidos quanto ao seu estado, passassem a agir de acôrdo com suas tendências e seu nível moral. O guerreiro surgiria como guerreiro; o inimigo como inimigo, o chefe tribal como chefe; e assim por diante.

Desde logo, ter-se-ia estabelecido uma diferença de tratamento entre uns e outros; entre encarnados e desencarnados. Êstes últimos, certamente, levaram algumas vantagens em virtude da sua aparente invulnerabilidade, da sua invisibilidade e da capacidade de provocar certos fenômenos fora do alcance dos encarnados. Entre um e outro campo, estabeleceu-se um comércio, um intercâmbio de favores. Os de lá procuraram valer-se dos de cá, e vice-versa. Mas a balança deve ter pendido para o lado dos desencarnados.

A partir daí, os desencarnados vieram mantendo certo domínio e participação na vida, nos dramas e nas lutas dos encarnados. No meio dêstes, os espíritos puderam contar com os elementos vivos a êles aliados, servindo-lhes de instrumento e de comparsas. Tais foram os «chamans», as pitonizas, os profetas, os feiticeiros, os magos, os sacerdotes e, hoje em dia, os próprios médiuns e seus acólitos.

Entre o Povo Hebreu, até o govêrno era dirigido por um espírito: *Jeová*. Temos na história dos judeus um caso típico de «espiritocracia».

Nos remotos episódios da pré-história, os primeiros indícios dessa solicitude para com os desencarnados estão assinalados pelos vestígios das antiquíssimas práticas funerárias levadas a efeito naquela época.

A gênese dessa conduta foram, sem dúvida, as primeiras manifestações dos espíritos no interior das cavernas. Ao se porem em contato com os amigos e parentes, os desencarnados deram expansão às suas emoções. Sentiam fome e frio, mêdo e desespêro. Estavam no escuro. As feras perseguiam-nos e os estraçalhavam. Enfim, reproduziam cenas algo semelhantes às que ainda se presenciam com os chamados vulgarmente de espíritos *sofredores*.

Os circunstantes encarnados procuravam, a seu modo, remediar a situação. Colocavam os cadáveres em sepulturas aquecidas e guarnecidas de armas e alimentos. Acendiam fogueiras em suas imediações, para iluminar e reconfortar o morto. E, como os espectros manifestantes geralmente se mostravam brancos, lívidos, era natural que tentassem corrigir mais êsse pormenor; os cadáveres eram coloridos de vermelho, com pó de ocre.

Posteriormente, a putrefação do corpo inanimado deveria ter preocupado os homens das cavernas. Tentaram fabricar corpos indestrutíveis para servirem de guarida aos espíritos errantes dos entes queridos. Fizeram, então, as estatuetas de osso, madeira, marfim, pedra, barro, etc., onde acreditavam viessem alojar-se espíritos sem o corpo carnal. A dureza dos invernos levou-os a manter, próximo das fogueiras e das lareiras, tais representações antropomórficas, conforme assinalamos, anteriormente, ao citar os achados de *Predmost*, na *Morávia*, de *Gagarino sôbre o Don*, e as demais práticas cujos vestígios ainda chegam até nós.

Parece que os nossos longínquos antepassados tinham a crença de que a alma residia sobretudo na cabeça. O culto dos crânios põe em evidência essa suposição.

Do mesmo modo, é de acreditar-se que o costume de manietar os cadáveres, reduzindo-os à *postura fetal*, esteja ligado a rudimentares conhecimentos sôbre a reencarnação. Aquela posição, para êles, facilitaria o renascimento. Posteriormente, a urna funerária em forma bojuda, que servia de receptáculo para o cadáver, passou a ser usada. Talvez o raciocìnio elementaríssimo daquelas criaturas tentasse reproduzir para os despojos até o invólucro uterino.

Nem todos os espíritos que se manifestaram no fundo das cavernas paleolíticas deviam achar-se totalmente ignorantes do seu estado e situação. Muitos dêles eram chefes falecidos, «chamans» ou feiticeiros, líderes do clã. Suas antigas prerrogativas e ambições passaram a ter possibilidades de satisfação e prosseguimento, mesmo após a morte. Tinham, êles, no médium natural, um intermediário e possìvelmente um aliado. O «chaman» seria o instrumento através do qual poderiam continuar a exercer sua influência sôbre a tribo. Trataram, portanto, de fixar melhor as bases dessa aliança preciosa.

Surgiu daí a *magia*.

(continua)

Ergue-se uma bandeira contra o Esperanto

Parece-nos prudente deixar registado na coleção de «Revista Internacional do Espiritismo» um fato que caracteriza o pavor que a Igreja católica tem do Espiritismo, pavor que já representa uma derrota.

A Câmara Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais, pela Lei N.° 1.194 de 22 de Dezembro de 1958 «cria a cadeira de Esperanto nas Escolas Municipais» daquela grande cidade industrial.

Contra a lei se ergueu o Bispado de Juiz de Fora, pelo seu órgão oficial, «O Lampadário», em seus números de 21 e 28 de dezembro do mesmo ano.

O alvo da campanha do Bispado não é o Esperanto mesmo que lhe inspira simpatia e fica defendido com as seguintes palavras:

O presente protesto não é, pròpriamente, contra o ESPERANTO em si mesmo considerado, isto é, idioma eminentemente moderno, útil e prático, no fomento das relações internacionais!»

O longo artigo redacional, em primeira página, termina revelando o pânico contra o Espiritismo, porque, «talvez» que a lei tenha sido inspirada por algum espírita. Conclue assim:

«Quem sabe se no tal projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal não existe também uma aspiração espírita inconfessada, isto é, alguém, prosélito de Kardec, que estando fora da Vereança, soprou lá dentro, quando poderia ter baixado noutro centro...

«Católicos, estejamos de sobreaviso.

«A Federação Espírita Brasileira, sobretudo depois do centenário do impagável Kardec, está se esforçando para propagar o Espiritismo, mediante o ESPERANTO.

«Devemos, portanto, pedir à Prefeitura de Juiz de Fora, na pessoa do Sr. Prefeito, queira vetar a lei para que os Srs. Vereadores voltem a considerar o projeto!» («O Lampadário», de 28-12-58, primeira página).

Não sabemos se o Sr. Prefeito teria vetado a lei, nem isso nos interessa no momento; nosso objetivo é apenas deixar registado o pânico reinante na Igreja Católica, que lhe faz ver perigo nas coisas mais inocentes, e a fantasiar absurdos.

Os esperantistas mais ativos de Minas Gerais são católicos; alguns são sacerdotes ilustres; porque não seriam católicos que houvessem inspirado o projeto e o defendido até tornar-se lei? Os dois esperantistas mais antigos de Juiz de Fora são um católico e um metodista. Ambos muito respeitáveis e estimados. No entanto, o Bispado só vê no caso o perigo de ser o Esperanto empregado na divulgação do Espiritismo!

Como os espíritas empregam em grande escala o rádio, o livro, a imprensa periódica na divulgação da Doutrina, seria preciso «vetar» êstes veículos do pensamento e mais a língua portuguêsa da qual nos servimos para nossa pregação.

Com um «comando» tão acovardado o «exército» católico está irremediàvelmente perdido.

Recorrer a uma autoridade temporal para vetar uma lei de progresso, inocente e justa, pelo temor de que por trás da lei haja inspiração «inimiga» revela uma obsessão incurável, a obsessão do mêdo.

Muito mais do que os espíritas, os católicos têm empregado o Esperanto à serviço de sua Doutrina. Êles possuem em Esperanto uma velha revista *«Espero Katolika»*; êles têm uma organização mundial dos esperantistas católicos, a *IKUE (Internacia Katolika Unio Esperantista)*; têm livros de orações, romances, a «Imitação de Cristo»; já se reuniram dezenas de vêzes em congressos mundiais dos católicos esperantistas; e ninguém jamais viu nisso um perigo para os adversários do Catolicismo ou pensou em lhes prejudicar o direito de livre propaganda de suas idéias. Ao contrário, todos vemos com muita simpatia êsse trabalho de confraternização mundial.

Felizmente existe a reencarnação e um dia êles perderão êsse mêdo.

Ismael Gomes Braga

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

101 — Já não podíamos mais trabalhar juntos. Diante de tal cena, de sua agressividade constante à vista dos alunos, funcionários, professôres, não o podia tolerar mais. Ou êle, ou eu.

102 — Retirou-se da mesa do jôgo, dizendo não sairia «porque eu não era dono do Colégio. Saisse eu.»

103 — Fui ao Almirante, relatando-lhe, fielmente, o ocorrido. Concordou, inteiramente, comigo, enquanto sua espôsa, d. Biosa, defendia, enèrgicamente, o outro, terminando por dizer que êle «era moço de salão». Respondendo-lhe que «eu era menos de salão do que de trabalho e de realizações», saí maguadíssimo com ela, entregando meu caso nas mãos do Almirante.

104 — O Almirante não hesitou. Saíu êle. Foi para o Instituto Minerva. Dias depois, entrava no Hospital Nacional de Alienados. Compreendi, então, que aquêle seu comportamento era já um comêço de obsessão. Padeceu muito no Hospital. Saiu de lá mercê de trabalhos mediúnicos, dirigidos pelo Almirante, nas nossas sessões.

105 — Já estava eu à frente do Colégio Nacional, de Parahyba do Sul, quando teve alta do Hospício. Tive a enorme surpresa de vê-lo me aparecer, portas a dentro, Parahyba do Sul: magro, cabeça raspada; aspecto que inspirava dó; muito triste e abatido. Ouvi, contrafeitíssimo, seu pedido de perdão, enquanto me pedia um lugar no Colégio. Passamos uma esponja no passado. Começamos a trabalhar juntos e nos separamos, mais tarde, como excelentes amigos, quando êle, já forte e bem disposto, resolveu se transferir para Santa Maria Magdalena.

106 — Encontrei-o (estava eu já em Nova Iguassú), à rua do Ouvidor. Lanchamos juntos, contando-me que se casara com uma fazendeira de Santa Maria, ótima espôsa, e fizera o curso de Direito. Insistiu para que eu fôsse, com minha família, passar lá uma temporada.

107 — Hildebrando Lemos, pupilo do Almirante, revolucionário de 32, razão por que fôra desligado da Escola de Guerra, fêz-se, também, professor do Nacional. Indispôs-se comigo, também, certa vez, já não me lembro porque. Continuamos trabalhando juntos, sem nos falarmos, mas respeitávamos os direitos mútuos e não nos aborrecíamos nunca.

108 — Certa vez, depois de ler um livro espírita, pediu-me desculpas, alegando fôra culpado do que houvera entre nós. Caimos nos braços um do outro e nos tornamos ótimos amigos.

109 = Dos alunos internos, houve um de quem não citarei o nome, que me deu um trabalhão tremendo. Era um menino órfão, amparado pelo velho Fonseca,

então dono do Bazar Francês, do largo da Carioca. Espírita e caridoso, o velho lhe pagava o internato e procurara o Nacional por sabê-lo um verdadeiro lar. Por isso, o suportávamos.

110 — Certo dia, depois de uma ida à casa do velho Fonseca, resolveu não mais voltar. E não voltou. Mais tarde, foi envolvido num crime de roubo, já estava eu em Parahyba do Sul. A espôsa do Almirante foi à Penitenciária visitá-lo. Recebeu-a em prantos e disse-lhe: «Porque não segui, sempre, os conselhos do professor Leopoldo que tudo fêz para que eu me educasse?»

111 — Hogart Fortuna foi outro menino que só me deu trabalho, no internato. Não foi expulso porque tínhamos total autoridade dos responsáveis para agirmos à vontade na educação dêle. Certa feita em que estava de castigo, chegou ao Nacional seu pai, o Capitão Fortuna, perguntando: «Quem é o professor Leopoldo Machado?» Eu que o recebera, respondi-lhe: «Sou eu».

«Meu amigo, só vim aqui para conhecê-lo. Sou o pai do Hogart Fortuna e nunca lhe poderei agradecer o trabalhão que meu filho tem lhe dado. Não há dinheiro nem gratidão que lho paguem. Não preciso lhe dizer mais nada».

112 — Já doente recebi a visita, no Lar de Jesus, de Hogart Fortuna, capitão do Exército. Ao almôço, levantou-se para dizer, às minhas filhas: «Fui o aluno que mais trabalho deu a seu pai. Hoje, porém, digo, constantemente, a meus filhos: vocês não terão nunca um professor como eu tive. Tive o melhor professor do mundo». Tamanha generosidade fêz assomar lágrimas a meus olhos. Se tive grandes decepções na vida, tive, também, destas glórias. Louvado seja Deus!

Todos os alunos do internato do Nacional, que encontrei homens feitos, na vida, em vários ramos de atividade, sempre cercaram o velho mestre de atenção, carinho e respeito. As bôdas de prata do Colégio Leopoldo reuniram alunos meus de tôdas as épocas, dando-me uma das maiores alegrias dos meus últimos dias. Tudo prova que, se sempre fui rigoroso, procurei jamais me afastar do maior senso possível de justiça.

113 — Por falar em senso de justiça, lembro de uma turma que fui obrigado a extinguir porque composta de homens que se recusavam à obediência; turma, aliás, que já encontrei em completa rebelião, quando fui para o Nacional. Almeida Gomes, recém-chegado da Bahia, pôs-se a agir, nas suas aulas, ditatorial e pedantemente. E era professor da tal série. Depois de extinta a turma, íamos eu e o Almeida pelo jardim do Meier, quando ouvimos a assuada: «Tamanduá de colête . . . Ta . . . man . . . du . . . á . . . . de . . . . co . . . lê . . . te . . .» Às vaias e os assobios completavam a assuada. Almeida empalideceu. Olhei para ver de onde vinham as vaias. Eram vários alunos da tal série que as davam. E fui eu que acabei com a turma, depois de sérios conflitos com os rapazes . . .

CAPÍTULO XXXII

1 — Vivendo para o Colégio e para minha casa, poderia muito bem consagrar uns minutinhos ao Espiritismo. Nada disto. As sobras de meu tempo eram dedicadas à literatura barata, profana e, às vezes, até maliciosa. Não fazia vida de sociedade. Há muito, enjoara a dansa, eu que fôra louco por ela . . . «Não era moço de salão», como dissera a senhora do Almirante, embora sempre, nos salões, modéstia à parte, me distinguisse, já por ser bom dansarino, declamar razoàvelmente e possuir o dom de animar a todos. Nas festas do Almirante em que tomava parte (pois nem sempre estava disposto a fazê-lo), era, mercê de Deus, figura querida e procurada por todos. Como vai longe tudo isto . . .

2 — Cada vez menos social, em seis anos de amizade com o prof. Dagoberto Cruz, só o visitei algumas vêzes. Fundado o Grêmio Intelectual Carioca, fui a um jantar em casa do velho Xavier Pinheiro. Chegada do norte a família de Marília, visitei-a duas vêzes. Durante seis anos, eis o resumo das minhas visitas.

3 — Dagoberto convidou-me para um passeio, no dia de Natal, do ano de mil novecentos e vinte e cinco, à praia do Galeão, onde sua família veraneava. Travei conhecimento com Carlos Cruz, seu irmão, excelente poeta. Chamou-me a atenção de espírito curioso, uma cazinha fechada, ao lado. Carlos Cruz disse-me: Mora aí um francês que não quer relações com ninguém. Dizem que é comunista, ríspido e mau. É, no entanto, poeta.

4 — Depois de ver um soneto do

tal francês, glorificando os dois amores para êle maiores do mundo (o das mães e o dos cães por seus donos), aliás muito bonito, resolvi conhecê-lo: «Não pode ser mau quem faz um sonêto dêstes», afirmei, enquanto me levantava para visitá-lo, apesar de me garantirem todos que êle me não receberia.

5 — Bati à porta do poeta e, a muito custo, me recebeu, no portão, sem me convidar a entrar:

— «Que deseja o senhor»?

— «Conhecê-lo».

— «Conhecer-me por que e para que?»

— «Vim almoçar na casa ao lado, hoje. Deram-me êste sonêto seu, que admirei muito e desmentiu, no meu conceito, a má ausência que lhe fizeram.

Só então me mandou entrar. Recebeu-me cavalheirescamente, cercando-me de tôdas as atenções que a boa educação manda. Era ateu e comunista. Tinha atrás da porta uma carabina para «se defender do maior inimigo do homem que é outro homem».

JOSÉ DA COSTA FILHO

A 5 do corrente mês transcorreu o primeiro ano do passamento do querido companheiro José da Costa Filho para as paragens do mundo espiritual. Êle foi, por muitos anos, diretor e redator de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo». Quando de seu desencarne, rendemos, nestas colunas, ao dedicado amigo, a homenagem de nossas pobres palavras, que ficaram registradas no arquivo de ambas as publicações. Hoje, rememorando aquêle 5 de fevereiro, do ano passado, tão cheio de ansiedade, ainda sentimos o embaraço de não sabermos dizer, do amigo que se foi, tudo quanto êle mereceu e merece pelas qualidades morais, quer como chefe de família, quer como espírita, cumprindo invariàvelmente o seu dever.

José da Costa Filho

Homem honesto e trabalhador, por excelência, espírito humilde e ameno, deu sempre as mais constantes provas de sua sinceridade, de sua capacidade de ação e de dedicação à causa comum que nos uniu dentro do mesmo ideal — a difusão e defesa do Espiritismo, tal como nos ensinou Cairbar Schutel, o amigo maior de todos nós.

O Juca era inexcedível na atividade de suas obrigações e na preocupação de bem desempenhar o seu papel no meio espírita matonense, já nas funções do jornalismo, já no labor das instituições a que pertencia ou em que tomava parte como um dos diretores.

Médium intuitivo, provou essa faculdade através de escritos numerosos, além de receptor, com modéstia invulgar, durante vinte anos, da tradicional Coletânea de «O Clarim», secção pela qual os guias espirituais da casa não se cansam de fazer sentir a sua constante assistência. Médium curador, nunca negou o benefício de aplicação de passes aos doentes que o procuravam.

Deixou, êle, assim, larga fôlha de serviços e de boas obras, que recomendam a memória de sua vida terrena e que lhe iluminam agora a existência no além, após haver suportado, com resignação exemplar, a provação de longa e dolorosa enfermidade, a propósito da qual reproduzimos aquí o seguinte:

«Do outro, (o Juca), é bom que se diga, ao menos, que, atingido pela doença, sublimado pelo sofrimento, produziu, ainda, larga messe de labor salutar e formulou a sua «Prece ao Pai Celestial», maravilhosa de sentimento da Doutrina que professou, principalmente quando escreveu: «Senhor e Pai: Dai consôlo aos aflitos, compreensão aos que não vos compreendem, luz para os que vivem mergulhados nas trevas da ignorância; levantai os paralíticos da alma, e apontai-lhes o verdadeiro caminho da vida, aquêle caminho que o vosso Filho Dileto traçou para tôdas as criaturas, Jesus, o Cristo».

Tal a maravilha, de uma prece edificante, de quem, já paralítico do corpo, pouco pedindo para si, muito pediu pelos paralíticos da alma, isto é, para os entrevados do espírito, demonstrando profunda integração na Doutrina Espírita ou seja nos ensinos espirituais de Jesus. E foi essa sua prédica de despedida!»

O que aí fica, se não diz tudo, lembra, porém, muito de um homem, de um espírita de convicção, da sublimidade de sentimentos de uma alma cristã.

O Espiritismo não é Doença Emocional

(A propósito do livro PSICOPATOLOGIA, de uma Professôra da Universidade Católica de S. Paulo)

(Conclusão)

A segunda afirmação contida no livro *Psicopatologia*, da respeitável professôra universitária Madre Cristina Maria, é a de que «o Espiritismo é um sintoma neurótico, explicável pela projeção ou por outros mecanismos inconscientes de recalque». Como remate, declara textualmente: *O Espiritismo é doença emocional.* Vejamos bem a exuberância terminológica: sintoma neurótico... recalque... doença emocional. O Espiritismo é tudo isto, no dizer da conceituadíssima professôra da Universidade Católica de São Paulo. Habituada, sem dúvida, a lidar com tratados de Psicologia e Psiquiatria, por dever do ofício, deixou se impregnar de têrmos técnicos ou menos correntes em seus profundos «mecanismos inconscientes», conquanto alguns dêsses têrmos, tão do gôsto de psicológos, psiquiatras e psicanalistas, estejam a se ressentir, cada vêz mais, da falta de conteúdo objetivo. São têrmos campanudos, capazes de confundir ou perturbar as pessoas pouco afeitas a tais assuntos, mas o certo é que não exprimem realidade, não formam sentido na ordem lógica das conceituações exatas.

Diga-se, de passagam, que no Brasil, principalmente em relação à Psicologia e à Psicanálise, certos homens inteligentes e eruditos passam por «cientistas» sòmente porque usam terminologia complicada. Convém observar, entretanto, que empregar têrmos rebarbativos ou criar neologismos arrevezados não é prova de cultura científica. Não se faz ciência simplesmente com palavras de cunho técnico nem muito menos com assertivas retumbantes, porque a verdadeira ciência, isto é, a ciência de fatos e não de palavras, exige indispensàvelmente três elementos concordantes: atitude científica diante dos fenômenos, o raciocínio claro e a demonstração. Há, por exemplo, muitas frases que não passam de chavões inócuos, embora sejam empregadas em determinados compêndios ou manuais de ciências. O fato de uma afirmativa estar no texto de um tratado de ciência não quer dizer que seja a pura verdade. Há ocasiões em que um cientista ou presumido cientista *cria* palavras ou expressões incompreensíveis como porta de saída, justamente quando não pode explicar algum fenômeno estranho à seara de sua especialidade científica, não é verdade?

Tenho, sinceramente, em alta conta a cultura científica de Madre Cristina Maria, em razão dos livros já publicados, mas as suas afirmações contra o Espiritismo, embora feitas em nome da ciência, nada provam, porque se resumem a palavras de uso especial, sem a configuração da realidade. A urdidura doutrinária do Espiritismo não teme a ciência nem se anula com o *pêso* da terminologia acadêmica, porque está alicerçada sôbre fenômenos que lhe permitem empregar, também, a metodologia científica, tanto quanto a Psicologia e qualquer outro ramo das ciências de observação. Analisemos, para começar, a 1.ª proposição da ilustrada Professôra da Universidade Católica de S. Paulo: *O Espiritismo é um sintoma neurótico.* Há muitas neuroses, aliás, está muito em voga, ainda, a neurose de guerra. Como se vê, a Professôra entende por Espiritismo apenas a prática mediúnica, ao passo que Espiritismo é, na realidade, o corpo de doutrina que estuda e interpreta o fenômeno em suas conseqüências filosóficas, religiosas, etc. Se, portanto, o Espiritismo é a doutrina, não é uma entidade psíquica, não é um agente mórbido, porque é um conjunto de livros, não pode ser um sintoma neurótico. A expressão é imprópria. Naturalmente o que a conceituadíssima Professôra católica pretende dizer é que a prática do Espiritismo produz neurose. Uma coisa é a prática mediúnica, que é um aspecto, apenas, do Espiritismo, e outra coisa é o *Espiritismo,* tomado em suas definições doutrinárias. A declaração de que «o Espiritismo é um sintoma neurótico» está mal formulada, quanto ao sentido, porque equivale a não dizer coisa alguma. Se alguém disser, por exemplo, que a *Suma Teológica* é um sintoma patológico, simplesmente porque alguns cultores da grande obra de Tomás de Aquino ficaram perturbados por excesso de leitura sem ordem, estará dizendo uma impropriedade, porque a *Suma* é uma obra clássica da Igreja, tem existência material nos volumes que a compõem, não pode ser um *sintoma* . . . Do mesmo modo, a analogia de raciocínio leva a dizer que o Espiritismo não pode ser um *sintoma* disto ou daquilo, porque a idéia de sintoma, em têrmos médicos, não pode ser aplicada a objeto inanimado, como é, no caso, uma coleção de livros.

Ponha-se, então, o problema em têrmos mais adequados: o que é apontado como *sintoma neurótico* não é bem o Espiritismo (corpo de doutrina), mas o exercício da mediunidade. Até certo ponto, é compreensível a assertiva. Realmente, quando praticada sem método, quando levada ao abuso, sem orientação verdadeiramente espírita, a mediunidade pode ter, como tem tido, inevitáveis reflexos neuróticos. Existem médiuns excitados, sem nenhuma disciplina orgânica e espiritual, como existem médiuns exploradores ou gananciosos. A mediunidade tem, como todos nós sabemos, um aspecto patológico, mas não é um *caso patológico.* A ilustrada Professôra da Universidade Católica generalizou, e a generalização não é um procedimento compatível com as cautelas da indução científica. Se, em determinados casos, a generalização é uma decorrência da própria evidência das provas, é perigoso generalizar diante de um indício apenas ou de um aspecto isolado. A doutrina espírita prevê os casos patológicos no campo mediúnico. Leia-se o *«Livro dos Médius»*, obra fundamental de Allan Kardec, e é fácil verificar que o problema já está previsto na doutrina ; «Será a faculdade mediúnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo» ? Resposta ; *Anômalo, às vêzes, porém não patológico; há médiuns de saúde robusta ; os doentes o são por outras causas».* Veja-se, agora, o que, no mesmo passo, ensina a doutrina espírita : *O exercício muito prolongado de qualquer faculdade mediúnica acarreta fadiga ; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos ; ela necessàriamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.* (Cap. XVIII, n.º 221). Nestes casos, sim, quando há excessivo dispêndio de fluidos ou quando o exercício da mediunidade descamba para o abuso, o médium está sujeito a perturbações orgânicas e psíquicas. Então, reduzindo a afirmativa da competentíssima professôra, que vê o Espiritismo por um prisma inteiramente unilateral, podemos colocar a questão nos seguintes pontos :

a) — o Espiritismo não é nem pode ser *sintoma* de coisa alguma, porque é *«UMA CIÊNCIA QUE TRATA DA NATUREZA, ORIGEM E DESTINO DOS ESPÍRITOS, BEM COMO DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO CORPORAL,»* segundo a definição de Allan Kardec, tal como se lê no preâmbulo do livro introdutório *O que é o Espiritismo ;*

b) nem mesmo a faculdade mediúnica em si poderia ser chamada de *sintoma neurótico*, porquanto, sendo inerente a determinadas predisposições orgânicas, não é um efeito de neurose nem de qualquer outra doença mental;

c) — pode haver, sim, algum sintoma neurótico, não pròpriamente por causa da mediunidade, mas em razão do desvirtuamento ou do mau emprêgo da faculdade mediúnica.

Convém notar que a doutrina tem normas morais para o exercício da mediunidade, cujos fins devem ser os mais elevados. Há, porém, muitos médiuns que, não sendo *espíritas* ou querendo submeter-se às exigências do Espiritismo, principalmente em relação à idoneidade moral do médium e do ambiente, preferem praticar a mediunidade a seu modo, sem doutrina, sem ordem, sem fiscalização. Alguns deturpam a mediunidade por ignorância, embora sejam honestos e desejem, até, fazer o bem, mas estão a caminho do fanatismo, cedo ou tarde. É a experiência que o demonstra, através de numerosos casos. Encontram-se também muitos médiuns que não querem obedecer às normas do Espiritismo porque lhes convém *explorar* a faculdade mediúnica, fazendo comércio ou impingindo comunicações e *revelações* fantasiosas. O Espiritismo não é nem poderia ser responsável por tais desvios. Onde entra pagamento ou ambição material no terreno mediúnico já não há mais Espiritismo! É preciso, portanto, distinguir o que é ser médium e o que é ser espírita.

Relativamente ainda ao *sintoma neurótico*, o que acontece com a faculdade mediúnica, quando degenerada, pode acontecer com qualquer outra faculdade. A Psicologia tem, como bem sabe a Professôra da Universidade Católica de S. Paulo, uma parte patológica. Diversas causas, independentemente da mediunidade mal conduzida, podem provocar depressões mentais; perturbações e sintomas de loucura. Uma dessas causas é o *fanatismo*, não é o Espiritismo. Observe-se, como fatos concretos, o grande número de doentes mentais oriundos do Catolicismo, agarrados a *medalhinhas, santos, cruzes,* etc. É o que se tem visto em diversos estabelecimentos de doenças mentais. De onde saíram êsses doentes? De sociedades espíritas? Não! Saíram da Igreja, com as suas crenças, as suas *orações, água benta,* etc. Estamos apresentando apenas fatos. Então, se quiséssemos adotar o método simplista, como o fêz a abalizada professôra universitária, que reduz o Espiritismo a têrmos exclusivamente patológicos, poderíamos dizer que o Catolicismo é também um *sintoma neurótico*, porque muitos e muitos doentes mentais levam para os nosocômios a marca psicológica de sua religião de origem; fanatismo, excesso de rezas, objetos vários como expressão devocional. São deformações da religião, não há dúvida alguma, e não devemos responsabilizar a doutrina da Igreja por tais extravagâncias. A religião é uma necessidade do Espírito, é o ponto de apôio do homem quando se defronta com problemas de consciência, mas a ignorância religiosa pode tomar formas exquisitas e produzir neuroses ou desequilíbrios de efeitos dolorosos. Ainda há poucos dias, no Rio de Janeiro, um homem do povo estava atravessando ruas da cidade com uma cruz de madeira às costas, disposto a levar a cruz à *Igreja de Bom Jesus do Iguape*, em S. Paulo. Diz o jornal que a cruz media 4,30 x 2,50. Era o cumprimento de uma promessa. Pedira — disse o devoto - à *Virgem Maria* que o curasse de uma úlcera no estômago; tendo ficado bom, resolveu, êle próprio, carregar a cruz até chegar ao ponto de destino, do Rio a S. Paulo, a pé!... Sensatamente, e ainda em tempo, deu-se a intervenção de um sacerdote, na Praça Saenz Pena, na Capital da República; a muito custo, o sacerdote conseguiu que o piedoso crente desistisse de sua longa e penosa viagem, pois seria um sacrifício inútil. O padre foi obrigado a usar, no caso, a sua autoridade eclesiástica e, assim, evitou maiores sofrimentos para o pobre homem. Veja-se, pois, que a fé, sem as dosagens do esclarecimento e sem as luzes da razão, produz *sintomas* de exquisitice mental.

Sob o ponto de vista puramente intencional, é admirável a sinceridade daquele fervoroso crente, cuja fé, em relação à *Virgem* de sua devoção, se exteriorizou de maneira tão inusitada ou estranha aos costumes normais. (*Diário de Notícias* e O *Globo* de 28 de outubro de 1958). Se o fato ocorresse com qualquer adepto do Espiritismo, fôsse qual fôsse a demonstração de fé, embora sem a cruz, certamente seria enquadrado nos conceitos da patologia psíquica. Quem já viu, entretanto, um espírita sair à rua em condições exquisitas, vestido de camisolão, carregando objeto de culto? Jamais! É que o espírita sabe que a fé, a despeito de ser realmente a «alavanca da alma», precisa apoiar-se na razão, para não cair no fanatismo. Do fanatismo para um *sintoma neurótico* a distância é insignificante. Comentemos, para terminar, mais uma classificação feita pela respeitabilíssima Professôra da Universidade Católica de S. Paulo.

A 2.ª proposição, igualmente passível de reparos, é a seguinte: O *Espiritismo é doença emocional.* Como provar esta afirmativa? Pelo fato de haver alguns médiuns com sintoma de emotividade exagerada? Isto ainda não é prova. A referência a recalques ou *mecanismos inconscientes de recalques* nada exprime no caso. A terminologia psicanalítica abusou muito da designação de *recalque* para explicar uma série de problemas psicológicos, mas atualmente já se fazem razoáveis restrições á generalização de alguns psicanalistas ortodoxos. Adotando naturalmente a opinião de Lévy Valensi, para quem a mediunidade é ou parece ser *um estado patológico transitório verdadeiro* (quanta palavra desnecessária para não dizer coisa alguma!) madre Cristina Maria vai ainda mais longe, porque, esposando a pretensa explicacão de *recalques,* esposa a teoria de Lawton, segundo a qual o médium se caracteriza por uma personalidade introvertida, de *complexos recalcados*... O diagnóstico, tanto de Valensi quanto de Lawton, está errado, pois a mediunidade não depende, como bem o demonstra a experiência, de qualquer estado patológico nem de recalques. Há pessoas, que, tendo sido frustradas em seus desejos ou suas aspirações, muitas vêzes procuram sessões espíritas como *derivativo* (linguagem freudiana), mas isto não quer dizer que o médium, pelo fato de ser médium, seja um recalcado. Muitas pessoas, dotadas de excelentes faculdades mediúnicas, nem são emotivas nem apresentam o mais leve indício de recalques. Afinal de contas, não há relação entre mediunidade e recalque. Que é mediunidade? É uma faculdade pela qual certas pessoas servem de intermediários entre o mundo material e o espiritual. Médium, então, é aquêle que, tendo essa faculdade, recebe comunicações de espíritos do *outro mundo* ou se prestam à ação de espíritos para a produção de fenômenos inabituais A mediunidade não depende nem das crenças nem da vontade do indivíduo, porque se manifesta de um momento para outro, muitas vêzes, até, com tôda a oposição do próprio médium. Não há motivo, portanto, para recalque. Ora, chama-se *recalcado* ao indivíduo que, não tendo podido realizar um desejo ou não tendo conseguido chegar a determinada situação na vida amorosa, política, econômica ou literária, procura sopitar ou *abafar* a frustração, mas não deixa de ser intimamente um revoltado. Há ocasiões em que o indivíduo se esforça para disfarçar ou afastar um desejo malogrado, mas o estado de angústia ou desalento continua a fazer parte de sua vida psíquica. É claro que um desejo recalcado pode produzir distúrbios orgânicos e tomar, depois, a feição clínica de um caso grave. Pode haver e realmente há médiuns com recalques, mas é preciso acentuar que são recalcados por outros motivos e, não, em função da mediunidade. O desenvolvimento mediúnico, em numerosos casos, restabelece o equilíbrio orgânico-psíquico, quando o médium é bem orientado e esclarecido. O que acontece é que espíritos inferiores exploram os recalques de certos médiuns. Ora, uma criatura recalcada já está predisposta à paixão violenta, e justamente por isso mesmo os espíritos atrasados se comprazem em irritar ainda mais os sentimentos e os desejos encobertos. O indivíduo recalcado é um revoltado em potencial. Então, longe de ser uma forma de recalque, como dizem erradamente certos psicólogos e psicanalistas teóricos, a mediunidade até favorece a destruição dos recalques, quando o médium conhece a doutrina e procura esforçar-se para se libertar de paixões ocultas.

Afinal, que tem o Espiritismo com a doença emocional? Há médiuns até muito *frios* ou insensíveis, sem qualquer sintoma de doença emocional. A emotividade é um problema, em parte, de ordem espiritual, tanto quanto, em parte, de ordem fisiológica, com influências temperamentais. Ora, a faculdade mediúnica não depende do temperamento, pois se encontram médiuns temperamentalmente muito diferenciados. Como, pois, situar a mediunidade no quadro das doenças emocionais, se existem numerosos médiuns que não revelam teor acentuado de emotividade em seu embasamento psicológico? Pela lei de afinidade, é natural que um espírito mais sentimental ou místico se utilize de um médium mais sensível aos problemas emocionais, sem que, todavia, possamos dizer que a mediunidade tenha relação com a emotividade. A mediunidade nem é doença nem se subordina à esfera emotiva. De tudo isto se conclui que as afirmativas da culta Professôra da Universidade Católica de S. Paulo não têm cabimento, no que toca ao Espiritismo.

Deolindo Amorim

Os Mistérios da nossa Vida Mental

A atividade da mente humana tem sido objeto de observações por parte dos psicólogos, mas ainda nada se conseguiu em definitivo. Contudo, algo já se revelou nesse obscuro abismo, tendo surgido várias teorias, cada qual emprestando sua parcela de colaboração. Entre estas, também se infiltram algumas elaboradas precipitadamente, expondo conceitos dogmatizados, sem consideração aos postulados das leis de causa e efeito.

Neste trabalho, procuraremos oferecer nossa dedução com base nos informes da ciência, respeitando os têrmos generalizados no assunto, evitando acrescentarmos complexidades, e sem nos atermos em particularidades embaraçosas, pois o nosso objetivo é cuidar dos fundamentos da nossa ação mental.

Vejamos o que podemos oferecer.

O estado normal da atividade da nossa mente é o de consciência. Nesta condição de vida ativa todos os fatos, que mereçam nossa atenção, vão se fixando, através da nossa sensibilidade sensorial, na nossa memória pela percepção. Mas o cenário exterior é grandioso e não podemos apanhar tôdas as ocarrências, ao mesmo tempo, para se fixarem simultâneamente na nossa memória consciente. E dos fatos observados, ainda há aquêles que podemos perdê-los pelo esquecimento.

Mas será que êsses esquecimentos se apagam para sempre da nossa mente?

Absolutamente não.

Talvez nem todos saibam que temos na nossa vida mental uma segunda memória (se assim podemos dizer) de reserva. Tudo quanto pela atenção anotamos nos arquivos da consciência são fatos que também se registram nessa segunda memória, que se chama subconsciente. É como se tivéssemos no cérebro um mecanismo, registrando em duplicata tôdas as imagens exteriores que despertam a nossa atenção.

Mas há certas ocorrências que podem interessar os nossos sentidos, sem que delas nos apercebamos. Neste caso, não havendo a percepção da ocorrência, êste fato, burlando a vigilância do nosso consciente, vai às ocultas obter um único registro na memória do subconsciente. É como uma mercadoria que entrasse no paíz pelo contrabando, burlando a fiscalização alfandegária.

Agora, aqui já compreendemos que todos os fatos registrados na memória do consciente, também se acham arquivados no subconsciente; mas nem tudo que se acha registrado neste, encontra-se naquele. Isto indica que a capacidade da nossa segunda memória oculta é maior que a outra do nosso estado normal.

Vamos repetir essa exposição, por uma outra forma mais prática.

O leitor entra em um recinto e deposita tôda sua atenção em um belo quadro ali existente, cujas particularidades vão se registrando nas suas duas memórias, a consciente e a subconsciente, sem que desta última se aperceba. Mas ali no recinto uma suave melodia oferece agradável bem estar no ambiente. Mas o leitor, abstraido pelo quadro, não dá sua atenção para a música. Contudo, aquelas vibrações sonoras estão acionando a sensibilidade de suas células auditivas. Neste caso, a melodia não obtém o seu registro no consciente, pela falta de atenção a ela.

Ora, uma vez que as suas vibrações sonoras movimentaram a sensibilidade auditiva do leitor, a melodia, sem passar para o registro da consciência, que agora está ocupada com a sua atenção no cenário do quadro, entrou diretamente para os arquivos do subconsciente. Logo se compreende que dos dois fatos; um, o do quadro, registrou-se no consciente e subconsciente, mas o outro, a melodia, só se registrou no subconsciente.

Neste exemplo é fácil sabermos porque esta segunda memória de reserva é de maior capacidade que a outra, da nossa atividade normal.

O leitor mais tarde poderá fazer um relatório do quadro, mas quanto à música, que escapou da sua atenção, dela poderá ter apenas uma lembrança intuitiva de que algo agradável ali se passava, sem saber explicar ou descrever se ali naquele ambiente existia tal melodia.

Os fatos que permanecem vivos na nossa consciência poderão, sempre que desejarmos, ser lembrados, sejam instantâneos ou pelo esfôrço de uma associação de idéias.

Mas não devemos julgar que os registros ocultos do subconsciente nunca possam também vir a tona da nossa mente. Basta que por uma causa qualquer a nossa consciência suspenda a sua atividade normal, o subconsciente poderá nessa oportunidade irromper do seu estado latente, entrando em franca atividade. Esta passagem consciencial, de um estado a outro, pela dissociação de memórias, chama-se transe.

Citemos um exemplo: o Hipnotismo.

O hipnotizador, com a permissão do paciente, hipnotiza êste, o qual cai em transe, suspendendo a sua função de consciência, passando para o estado de subconsciência. Agora, mais livre, sem a censura rígida do seu estado normal anterior, o paciente poderá, sob a sugestão do operador, discorrer sôbre tôdas as ocorrências do seu passado, surgindo não só os fatos já conhecidos pelo seu estado normal, como também aquêles que burlaram sua atenção, e que se registraram apenas na segunda memória que agora entrou em atividade.

Mas o subconsciente oferece também, em certas condições, uma outra particularidade. Êle é vulnerável, podendo se colocar a serviço do operador que lhe comanda com determinadas ordens, que são obedecidas como se o paciente fôsse um autômato. Esta obediência pode atingir profundos limites, desde que as vontades do agente e paciente sejam afins.

O mesmo fenômeno se passa com o transe mediúnico, com a diferença que neste quem dá as ordens é uma entidade invisível. Se o médium fôr um vigilante na sua conduta moral as suas transmissões mediúnicas se realizam harmoniosamente, sem outras preocupações. Caso contrário, se fôr de conduta irresponsável, as entidades afins poderão transformar a sua mediunidade em obsessão.

Isto revela que o «orai e vigiai» é o sentinela dos nossos diferentes estados mentais.

Desejamos ainda esclarecer que há transe em que o nosso subconsciente pode entrar em atividade sem intervenção de operadores de fora. Trata-se da auto-sugestão que, observada superficialmente, revela aparência com o transe mediúnico. Êste estado de semelhança tem sido motivo para que alguns opositores do Espiritismo se prevaleçam dessa parecença para insinuarem que não há fenômeno mediúnico, mas, sim, ùnicamente auto-sugestão. Argumentam que as mensagens das referidas entidades são apenas as rememorações do subconsciente do médium.

No entanto, para nós espíritas, bastariam certos fenômenos de materializações para rechaçarmos êsses pretensos observadores, mas nós preferimos combatê-los com suas próprias armas, ou seja, dentro dos argumentos da ordem mental, conforme veremos no nosso trabalho do próximo mês, nestas mesmas páginas.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. S. Paulo

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos, gentilmente, do médium Dr. Hercílio Maes, a obra de sua psicografia, «A Vida Além da Sepultura».

Trata-se de literatura sôbre alguns aspectos da vida no plano espiritual, semelhante a outras psicografias dêsse mesmo gênero, já conhecidas nos meios espíritas, e apreciadas pelos reencarnacionistas em geral. Elaborada com o sistema de perguntas, responderam as entidades Atanagildo e Ramatís. Nesta obra, os conceitos de Ramatís em nada se relacionam com aquêles seus trabalhos anteriores, que foram motivo de nossa contestação.

Aqui, sensibilizados, agradecemos a delicada oferta.

V. O. Casella

11 de Fevereiro

HÁ certas datas, no calendário, que não podem, fàcilmente, ser esquecidas. Está neste caso, o dia 11 dêste mês de fevereiro, dia êsse que assinala o decorrer do 2.º ano da passagem, para o plano espiritual, do nosso grande e querido companheiro de ideal, João Leão Pitta.

A lacuna deixada entre nós, entre os seus familiares, em suma, entre a família espírita brasileira, foi muito grande e difícil mesmo, de ser preenchida. Pois que, João Leão Pitta o era, de fato, um espírita sincero e convicto.

Não fôsse êle, assim, jamais teria deixado, por muitos anos, o convívio socegado de seu lar, de seus filhos, que o queriam tanto, para viajar por êste Brasil afóra, percorrendo centenas e centenas de cidades, prègando o Evangelho e desseminando as publicações e obras espíritas do nosso não menos lembrado e querido chefe Cairbar Schutel.

E em tôdas as cidades em que passava, fazia suas prègações doutrinárias, sempre salientando o bem que o espiritismo nos proporciona, as grandezas e o bem estar que a sua prática nos oferece, prègações essas que eram apreciadíssimas. Pois que, possuindo João Leão Pitta profundo conhecimento dos têxtos do Evangelho, os esmiuçava com clareza e facilidade de entendimento para todos que o ouviam.

Quando falava, suas palavras, cadenciadas e precisas, saiam pelos seus lábios, mas, verdadeiramente, partiam elas de seu íntimo, de seu sincero e grande coração! Eram como a água pura, fresca e cristalina, a jorrar de uma fonte, emanada do recesso de uma rocha! E quanto mais se o ouvia falar, mais e mais se desejava ouvi-lo!

Comparemo-nos, aqui, com aquêle viandante cançado, palmilhando longa estrada, ao sól causticante. Numa dobra da estrada, depara com um veio dágua, água também pura, fresca e cristalina. Abeira-se dêsse fio dágua, lèva as mãos em concha, enche-as, uma, duas, três e mais vêzes, e sorve-a, em longos tragos! Parece saciado, quer prosseguir, mas pára, volta-se novamente para o filete dágua e se sacia de mais uma porção dela! E o viandante, parece, tem vontade de permanecer ali, a lado daquele filete dágua, pois que, quanto mais bebe do saboroso líquido, mais e mais dele quer beber! E era assim, tal como aquela fonte, como acima já dissemos, João Leão Pitta: — quando se o ouvia falar, mais e mais se desejava ouvi-lo!

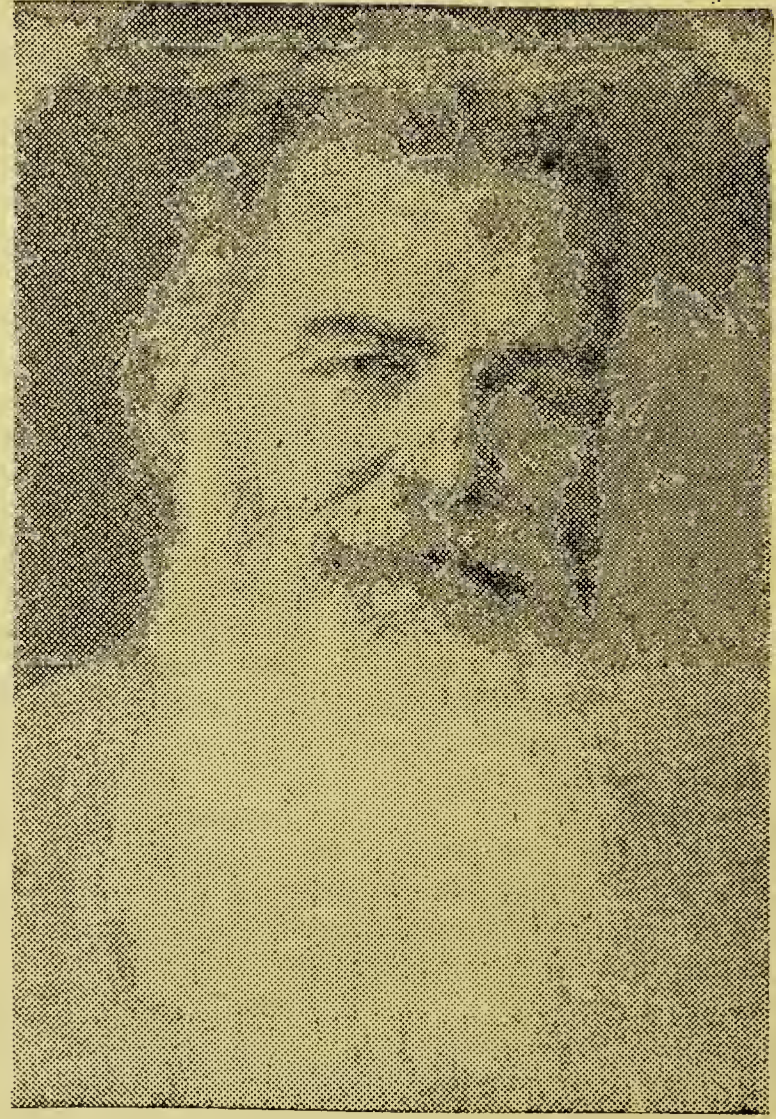

João Leão Pitta

* * *

De 1930 a 1951 João Leão Pitta foi representante-viajante das nossas publicações, contribuindo, com o seu deno-

dado esfôrço, boa vontade e desprendimento para a grande disseminação que as mesmas desfrutam hoje em todos os Estados do Brasil.

Por isso tudo pois, não poderiamos, em hipótese alguma deixar de relembrar esta data, — 11 de Fevereiro — em que o nosso grande e querido companheiro ingressou na Pátria Espiritual, indo reforçar mais e mais a falange dos nossos amigos do além.

E lá, onde se acha, em companhia de outros abnegados companheiros de lutas e do mesmo ideal, muito certamente continua trabalhando para a espiritualização da humanidade, — dessa mesma humanidade a quem êle dedicara os melhores dias de sua vida.

Ao ensêjo, pois, de relembrarmos a passagem do 2.º ano do desencarne dêsse iluminado espírito, aquí tributamos, nestas poucas, modestas mas sinceras linhas, o nosso preito de saudade, de reconhecimento e gratidão.

A quem ou o quê esperamos?

Êste que está escrevendo, graças a Deus sabe o que significa a palavra fanatismo. Fanatismo é um extremo que oblitera, constringe a mente e seca o coração. Nestas linhas não há fanatismo, quem as escreve sente o íntimo impulso de tirar ilações de coisas lógicas e evidentes, fàcilmente verificáveis, entendidas. E vamos às ilações.

Não é, o Espiritismo Cristão, codificado por Kardec, a Terceira Revelação espiritual para a humanidade dêste planeta terreno? Perfeitamente, assim como o Evangelho foi a Segunda Revelação e o Decálogo mosaico foi a Primeira. Depois do Evangelho não mais houve na Terra grandes profetas — o Evangelho os substituiu, pois a sua Lei de amor é tudo para o orbe, é advertência ativa corregedora, é esclarecimento para tôda hora, dinâmico; é contenção, é equilibrio, norteamento, objetivação. Dentro dessa Lei divina todos os problemas da humanidade do planêta Terra se resolveriam racionalmente. Dentro do uso, da efetivação dessa Lei trazida pelo Cristo, o mundo ir-se-ia purificando progressivamente, as relações humanas se fariam sinceras, amenas, pacíficas, e o karma individual e coletivo dos encarnados seria mais e mais suave. Isto é claro como o sol. Mas essa bem-aventurança existencial terrena que deveria ter-se iniciado no preciso instante do Gólgota, nós não a conhecemos ainda porque a rejeitamos através dos séculos. O Evangelho tem seu remate lógico no Espiritismo Cristão, o qual vem esclarecer pontos mais sutis que não pódiam ser expostos às gentes retardadas de há quase dois mil anos passados. Que ao Evangelho seria acrescentado um complemento decisivo de importância di-lo o próprio Cristo com o anunciar às criaturas da vinda, ao tempo devido, do Espírito da Verdade. E êsse Espírito da Verdade veio, está no Espiritismo Cristão, é o máximo que o homem hoje pode saber do seu íntimo EU, do seu mundo físico e do seu mundo imediatamente extra físico. Se nesse acervo também divino há todavia algumas arestas que não sabemos ou não podemos desbastar, como as mistificações que se dão algumas vêzes, isto é devido simplesmente à nossa mesma imperfeição, da evolução precária, sofrível do nosso plano de existência, que não está mais avançado por nossa responsabilidade. Porque a mensagem é racional, está na fé raciocinada; porque a mensagem não tem culpa de que a incapacidade culposa do homem não a abranja de todo, não tem culpa de ser o homem ainda assim pouco espiritualizado, possuindo por isso mesmo uma ciência tateante, fragmentária.

Através do Apocalipse temos o vislumbre de como se processaria o caos moral da humanidade. E quem garante que não estamos no âmago dêsse caos, não estamos caminhando céleres e estabanadamente para o auge dêsse caos? O Pai Divino e o Cristo nos legaram o Evangelho e o Espiritismo Cristão que nos deram e dão um oceano de claridades reveladoras. A quem ou o que esperamos todavia? Que prenúncios, que anúncios, que mais exteriorização, que mais revelação e explicação a humanidade espera? Aguardamos falanges de anjos proclamando o juízo final, proclamando ressurreições? A quem ou o que esperaremos depois do Evangelho e do Espiritismo Cristão? Esta humanidade, responsável e conscientemente não está assimilando um décimo do muitíssimo que já lhe é dado e anunciado. O Evangelho está aí, o seu complemento claro e exato está aí, e aí estão tantos sinais do fim do ciclo temporal predito em profecias inatacáveis.

Dentro dessas ilações simplíssimas, se já espanta vermos criaturas que passaram tôda a sua existência entranhadas na teologia ainda não ponderarem e não acatarem e não se darem ao trabalho de pesquisar as verdades do Espiritismo Cristão, mais espantosamente trágico é vermos tais criaturas letradas combaterem por dogmatismo ou por sistema ou vício essa Doutrina, condenando-a estouvadamente, cegamente, aprioristicamente. Afinal, consideremos João no seu Apocalipse: — tem a humanidade pouco tempo ainda para escolher SINCERAMENTE, DECIDIDAMENTE entre o Cristo e o mundo. Afinal, já era tempo de a casmurrice sectária e da multidão arrefecer em seu feroz, estéril hermetismo e dar guarida a alguns vivificantes raios de sol, de um sol tão evidente, tão meridiano. Os que, pelo dogmatismo, pelo facciosismo, pelo interêsse, comodismo e negligência, fingem não ver, não entender, não ouvir, têm de saber concisamente e conscientemente que ninguém escapará de ser argüido pelos Grandes Juízes, que ninguém escapará a estas perguntas tremendas: — que fizeste das horas propícias que se te foram apresentadas, das oportunidades preciosas que se te ofereceram, das luzes sublimadas que te foram proporcionadas no trânsito pela Terra?

v. lirenedo

Nunca houve êsse batismo com água!

Só para fins lucrativos foi êle inventado!... E ainda há espíritas que batizam seus filhos nas igrejas...

Desejava não abordar êste assunto pela imprensa (na Cabaninha já falei do mesmo nas Aulas de Evangelho às 6.ªs feiras), pois sei que poderá descontentar a gregos e a troianos. Porém, lendo hoje um artigo de um confrade que ainda julga que Jesus foi batizado com água por João, é que me dispuz a expor meu ponto de vista.

Esclareço que enquanto nós não pudermos assimilar o Evangelho pelo Espírito que vivifica, estaremos sempre acorrentados à *Letra que Mata!*

—

João Batista pregava no deserto e dizia às multidões: «Fazei penitência porque está próximo o reino dos céus,» pois êle era o de que falara o Profeta Isaias: «Voz do que clama no deserto; aparelhai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas.»

«E vinham ter com êle gente de Jerusalém, da Judéa e de tôda a terra da comarca do Jordão.» «E confessando os seus pecados eram por êle batizados no Jordão.»

Ora, meus irmãos, nas margens do Rio Jordão, era onde João Batista talvez mais comumente pregava os ensinamentos do Reino dos Céus, pois êle tinha vindo antes, por ordem do próprio Jesus, fazer as primeiras pregações para alertar o povo (preparar os caminhos, abrir as veredas, etc.) sôbre o outro mundo, para onde nós todos teremos que desembarcar um dia; e concitava-os ao arrependimento, isto é, a se transformarem moral e espiritualmente, a fazerem o bem, etc.

Portanto, o batismo de que falam os Evangelhos, refere-se ao Batismo da Transformação Moral e Espiritual das criaturas, única condição de fato para se melhorarem e viverem na santa paz do Senhor!

Como o Rio Jordão ficava perto, os espertalhões dogmáticos de ontem (hoje êles não fazem o mesmo?), viram logo um motivo lucrativo e zás, começaram a derramar água sôbre a cabeça do freguês e com isso se enriqueceram e se enriquecem ainda hoje, porém materialmente!...

E hoje nós vemos êsse comércio ilícito se alastrando cada vez mais e àquêle que mais pode pagar, mais ornamentações são apresentadas (sepulcros caiados por fora) para melhor impressionar os incautos. Mas amanhã não ficará pedra sôbre pedra!

Há outros ainda que nunca sequer tomaram banho de piscina ou nas beiras dos rios, mas para se verem «limpos» de seus pecados, mergulham em água fria e a qualquer hora, fazendo exibições chocantes contra o bom senso e caindo no mais torpe ridículo!

Ora, meus irmãos, aquêle que não se transformar moral e espiritualmente pelo seu próprio esfôrço *(grande Doutrina o Espiritismo que nos educa nesse sentido)*, fazendo tudo por renovar-se intimamente, implantando dentro de si a Igreja Viva do Cristo, êsse, poderá todo o dia derramar uma pipa cheia d'agua na cabeça ou mergulhar várias vêzes por dia nos rios e piscinas que não adiantará nada!... A reforma deve-se operar de dentro para fora, aprendendo-se a letra que vivifica e não a letra que mata e por culpa da qual muitos crimes se hão cometido!

Vejamos agora o *Batismo de Jesus.* Antes do Mestre começar a pregação do Seu Evangelho (Êle começou a pregar aos 30 anos de idade), foi ter com João, quando o mesmo estava fazendo uma de suas belas pregações às margens do Jordão. Jesus foi ouvir João falar! Dizem os Evangelhos que era para Êle ser batizado por João. João vendo a Jesus interrogou-o: Eu sou o que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim? Jesus, porém, lhe respondeu: «Deixa por ora; porque assim nos convém cumprir tôda a justiça.»

Meus irmãos, o Batismo de Jesus por João, não foi mais do que o Batismo da Humildade, e foi talvez uma das mais belas lições que Êle nos deixou!

— João Batista sabia que Jesus era superior a êle (êles eram primos e passaram juntos a sua infância), mas João ainda não sabia que Jesus era o Cristo que haveria de vir. Êle só o soube quando estava na prisão, pois foi quando da prisão de João por ordem de Herodes, que Jesus começou a pregação do Seu Evangelho de Amor!

Tendo, pois, Jesus ido até João, êste se admirou e o interrogou: Eu é que deveria ser «batizado» por ti, isto é, eu é que deveria ir a Vós para ouvi-Lo e sois Vós que vindes a mim para me ouvir?!...

Porém, Jesus, que queria deixar para a humanidade mais uma bela lição de humildade, respondeu-lhe: «Deixa por ora; porque assim nos convém cumprir tôda a justiça», isto é, deveremos sempre ser humildes e ocuparmos os últimos lugares para sermos os primeiros no Reino de Deus!

E Jesus ouviu a pregação de João Batista, dando assim a mais bela demonstração de Humildade, Compreensão, Tolerância e Amor! E foi «batizado»!...

Êsse, meus irmãos, foi o Batismo de Jesus, antes de iniciar, de fato, a pregação do Seu Evangelho de Amor! Batismo da Humildade!!!

Nunca houve, portanto, êsse batismo com água!!!

Ten. Cel. Fiori Amantéa

Itu, 18 de novembro de 1958

OBS. — Aguardem «Casamentos e Batizados nos Centros Espíritas?»

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O NOSSO ANIVERSÁRIO

COMPLETA hoje, esta «Revista», precisamente, 34 anos de vida. Estamos, portanto, em dia de aniversário de fundação e de início de outro ciclo de atividade nos rumos do ideal espírita, que Cairbar Schutel nos legou, e desejando contribuir, como sempre, pelo progresso da humanidade, dentro dos preceitos cristãos, confirmados e exaltados agora pelo Espiritismo, que, sendo o Consolador prometido, é a terceira Revelação, abrindo novos horizontes ao pensamento e ao coração dos homens.

Sem festas, mas sinceramente, neste dia tão significativo para nós, invocamos a assistência dos espíritos amigos pela felicidade de nossos assinantes e colaboradores, bem como pela ventura de quantos nos têm ajudado na manutenção dêste órgão de difusão e defesa da Doutrina dos Espíritos, pelo bem geral de tôdas as criaturas e a evolução moral do mundo.

Esta, é a nossa alegria. Êstes, são os nossos votos.

Aos Nossos Assinantes

Entristece-nos ter que anunciar alteração, embora moderada, nos preços de assinaturas de nossas publicações. A isso somos levados pela alta constante nos materiais e serviços, que vem abalando a estrutura de tôdas as emprêsas.

Mesmo sem visar lucros, pois a imprensa espírita não vive de rendas próprias, não se pode prescindir da ajuda de seus assinantes, através de assinaturas a preços relativos à situação geral, que nos obriga a majorar salários de acôrdo com a necessidade dos operários e as leis do país, e a pagar materiais, como máquinas, tipos, papel e tinta, sempre por custo maior, num crescendo assustador.

Nessas condições, é, com verdadeiro constrangimento, que publicamos novos preços de assinaturas anuais de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», sendo de Cr. $ 120,00 e 80,00 respectivamente, a vigorar desta data em diante.

Para poder continuar nossa tarefa, aceitamos êste sacrifício, esperando a compreensão e boa vontade de nossos amigos e assinantes.

A ADMINISTRAÇÃO

Ficai certos de que todos aquêles que trabalham com boa vontade na seára, estão sob o amparo de Jesus. A boa vontade é o fio pelo qual os espíritos ouvem os apêlos que lhe são dirigidos.

— L. B. —

No Mundo... da Lua

NINGUÉM imagina o quanto aos espíritas interessa o estudo da Astronomia ! Deve-se o fato à circunstância de estar o espírita sempre em perspectiva de poder realizar excursões interessantíssimas e altamente instrutivas aos outros planêtas que brilham no firmamento, quiçá também àquêles que não podemos distinguir no infinito, em virtude de pertencerem a outros sistemas planetários e se acharem, por conseguinte, a tais distâncias de nós, que sòmente podemos ver, dêsses sistemas. os sóis que os iluminam, quando não se afundam demais no infinito...

Tais excursões, conquanto afastadas umas das outras de milênios, porquanto, regra geral, temos de permanecer, graças às nossas terríveis negligências espirituais, dilatados séculos sujeitos à atração dos orbes em que pecamos e dos quais não podemos sair sem nos expurgarmos completamente de tais pecados, pois que no local em que delinquimos é que temos de reparar a delinquência ; tais excursões, afastadas de milênios, são antecipadás em pensamento, digamos antes, teòricamente, pelas nossas reflexões e estudos sôbre o assunto: eis porque êste tanto nos agrada.

Lendo o que escreve o distinto confrade Casella sôbre «A Conquista da Lua», na «Revista Internacional do Espiritismo», edição de 15 de novembro de 1958, veio-me o pensamento de aduzir, também, algumas considerações sôbre êsse problema de tão flagrante atualidade — isso porque, observando a Lua no dia 3 do mesmo mês de novembro, através de insignificante luneta terrestre, de duas oculares, sendo a mais *poderosa* apenas de 30 aumentos (o que realmente é de causar melancolia para quem já teve a dita de observar a paisagem lunar através da equatorial gigantesca do Observatório nacional, que nô-la mostra em perfeita similitude com uma paisagem terrena, vendo-se as cadeias de montanhas projetando as suas grandes sombras nos profundos vales lunares e os respectivos «círculos» iluminados em parte até uma grande profundidade e em parte deixando ver a sombra que desce por êles), tive ocasião de ver, do lado da sombra, estando o astro em vésperas do quarto minguante, uma pronunciada saliência luminosa, em curva, que procurei explicar considerando-a como produzida pelos altos cumes das cordilheiras lunares, não deixando de causar-me espécie a extrema luminosidade do ponto em questão.

Tendo, mais tarde, os jornais noticiado que os astrônomos russos anunciaram a irrupção de um vulcão no satélite da Terra, por êles fotografado, não me foi difícil ligar, embora muito discretamente, um fato ao outro, o que me induziu a telefonar para o Observatório Nacional, afim de falar com um dos seus astrônomos a respeito. Atendido pelo Professor Machado, concordou êle com a explicação que eu dera, declarando que o Observatório ainda não tomara conhecimento da comunicação dos russos. Mostrou-se-me o Professor Machado muito atencioso e até convidou-me, sabendo dos meus atrativos pela observação do céu, para frequentar um curso médio que está sendo ministrado sôbre disciplinas congêneres, na Escola Politécnica, ao que obtemperei que não tinha base suficiente de matemática para dedicar-me a tais estudos, a que me dedico por simples diletantismo filosófico, muito fora dos domínios da grandiosa Ciência dos Números, a que Pitágoras já atribuia tôda a organização cósmica.

E lamento-o profundamente ! Le Verrier, como se sabe, censurava Flammarion por ser um observador-poeta do firmamento, dizendo-lhe, certa vez, mui secamente : «Prefiro os matemáticos !» O que não iria o Professor Machado dizer de mim, ao ver que nem mais lidar com os logaritmos eu sei ! E quanto a *senos* e *cosenos*, então . . .

De modo que, nesta encarnação, limito-me apenas a olhar e concluir introspectivamente, impossibilitado, pelas limitações da minha «zona lúcida atual», a traçar medidas e a fazer cálculos de rigor científico, podendo apenas filosofar e esperar.

Mas a simples observação das maravilhas celestes, sem objetivos científicos, aliás a mor parte das vêzes tão áridos, já nos proporciona incontidas alegrias e inauditas perspectivas de felicidade, de trabalho, de movimentação e de vida.

Através da equatorial do nosso Observatório (da grande equatorial que é um notável instrumento astronômico, segundo me observava o professor Mário Souza), pude ver Saturno, do tamanho da lua, girando dentro dos seus anéis e circundado de alguns dos seus múltiplos satélites. Quanto nesse instante serviram para ilustrar-me as reflexões, as leituras da *Astronomie Populaire* e de tantos outros Livros de Flammarion! Doutra feita pude ver Júpiter, nìtidamente projetando-se no Céu, maior aparentemente que o Sol, com as suas cinco faixas perfeitamente distintas. Marte, com as suas calotas polares branquinhas como neve. E quanto à Lua, como se vê de tão perto! Por uma das oculares apresenta-se-nos Selene, como pude vê-la em ocasião de quarto minguante, em tôda a sua extensão; mas, por outra ocular o aumento é de tal ordem, que só se pode ver um setor lunar — e então é como se a gente estivesse observando uma paisagem terrestre, como já fiz ver! E depois a gente ter de se contentar com 30 aumentos, é de estarrecer...

E a propósito da Lua, eis o que se encontra à página 124 de LA GENÉSE, edição francêsa de 1923, capítulo VI — Uranografia geral: «As condições nas quais se efetuou a desagregação da lua apenas lhe permitiram afastar-se da terra e logo constrangeram-na a permanecer perpètuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovóide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a terra, sendo que as partes menos densas ocuparam o alto, se designarmos por esta palavra o lado que se volta em oposição à terra e elevando-se para o céu. É o que faz com que êste astro nos apresente contìnuamente a mesma face. Êle pode ser assemelhado, para fazer melhor compreender seu estado geológico, a um globo de pano cuja base voltada para a terra fôsse formada de chumbo.

Do fato em aprêço decorrem duas naturezas essencialmente distintas para a superfície do mundo lunar: uma, sem analogia alguma possível com a nossa, por isso que os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, relativamente leve em comparação com a terra, porquanto tôdas as substâncias menos densas se deslocaram para êsse hemisfério. A primeira, perpètuamente voltada para a terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser nos limites dêsse hemisfério sub-terrestre, a outra, rica em fluidos, perpètuamente oposta ao nosso mundo».

A esta revelação da natureza geológica da lua e do seu comportamento astronômico em relação à Terra, não aceita ainda pela ciência, como se sabe, e bem o demonstra o artigo em aprêço do irmão Casella, aduz Allan Kardec, em Nota adrede, as seguintes considerações: «Esta teoria da lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravitação, a razão pela qual êsse astro apresenta sempre a mesma face à terra. Seu centro de gravidade, em lugar de ser no centro da esfera, achando-se sôbre um dos pontos da sua superfície, e, por conseguinte, atraido para a terra por uma fôrça maior que as partes mais leves, daria lugar a que a lua produzisse o efeito das figuras chamadas (em francês) *poussahs* que se tornam a erguer constantemente sôbre a sua base, ao passo que os planêtas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sôbre seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em virtude de sua leveza específica, achar-se-iam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à terra; o hemisfério inferior, único que podemos ver, estaria desprovido dêsses fluidos e, em conseqüência, seria impróprio à vida, ao passo que esta reinaria sôbre o outro. Se, pois, o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a terra, a menos que fizessem excursões no outro hemisfério, o que lhes seria impossível, desde que aí não existem condições necessárias de vitalidade.»

A-pesar-de ser muito racional e científica esta teoria, conforme observa, ainda na mesma Nota, Allan Kardec, não pôde a mesma ser confirmada por observação direta, diz o mestre codificador, donde concluir-se que as tentativas que russos e americanos do norte estão fazendo para alcançarem a Lua, pode lhes preparar a surpreza de lá encontrar habitantes e com êles respirar o ar puro do outro lado da lua e permutar idéias, podendo assim viver, física e espiritualmente, em convívio amigo com os selenitas. Talvez existam, portanto, vulcões na Lua ou talvez o que nos pareceu um vulcão seja apenas um sinal luminoso que nos estão fazendo os selenitas, convindo que os amadores continuem a olhar para o Céu, mesmo porque, segundo afirmou há tempos um astrônomo português, cujo nome no momento não me ocorre, conseguiu êle observar, num dos círculos lunares, a formação bem nítida de vapores. Ora, onde há vapor existe água e como esta engendra a vida, talvez que a vida se encontre nos abismos que vemos da Terra na superfície lunar e que são o que os astrônomos denominam «círculos».

Quantas surprêzas não nos reservarão os próximos dias!

Arnaldo S. Thiago

Rio, rua deputado Soares Filho, 53 ap. 102
- Vila Isabel — 20/11/958.

Moisés aprovava a Mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões

Não há no Espiritismo evocação de mortos, mas a relação do visível com o invisível, base das religiões — Mortos são os corpos — O grande testemunho dos livros sagrados

De vez em quando os espíritas são acusados de necromancia, de feitiçaria, de evocadores de mortos, de pacto com o diabo, e coisas semelhantes. Embora tôdas essas acusações já estejam demasiadamente desmoralizadas, há quem insista em repeti-las, inclusive através de boletins, de jornais, de revistas, e até mesmo de livros. Assim, somos às vêzes forçados a voltar a êsses assuntos, para que pessoas sem ligação com o movimento espírita e sem conhecimento da nossa doutrina não se deixem levar por informações dessa espécie.

A necromancia era uma prática antiga de adivinhação, por meio de evocações. Moisés a condenou entre os judeus. Mas o próprio Moisés soube diferençá-la da prática mediúnica de natureza religiosa, como vemos no episódio bíblico de Eldad e Medad, em «Números», 11 26:29. Vemos, nessa passagem, Josué anunciar a Moisés que os dois jovens recebiam espíritos e davam comunicações, e pedir-lhe que os proibisse de fazê-lo. Moisés responde: «Que zelos são êsses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu Espírito!»

Vê-se claramente que o grande legislador hebreu não confundia, como o fazem hoje algumas pessoas, em geral investidas de missão religiosa, a comunicação dos Espíritos do Senhor, em que se apoia o Espiritismo, com as práticas condenadas e condenáveis da adivinhação, da feitiçaria, e outras. Aliás, não se pode condenar a comunicação dos Espíritos, sem ao mesmo tempo condenar tôdas as religiões. Porque tôdas elas se assentam nas relações do visível com o invisível, e a Bíblia, como todos os livros sagrados do mundo, inclusive o Evangelho, dão testemunho das comunicações de Espíritos, em tôdas as formas conhecidas e estudadas pelo Espiritismo.

O problema das «evocações de mortos», expressão de que lançam mãos algumas pessoas para atemorizarem as almas simples, não existe no Espiritismo. Primeiro, porque mortos não podem ser evocados. Mortos são os corpos, que permanecem na terra até a sua completa desintegração. O que se pode invocar é o Espírito, e êste não está morto, mas bem mais vivo do que nós. Em segundo lugar, o Espiritismo só usou de evocações quando necessitava de estudar, pesquisar, analisar o problema da vida após a morte. Era um processo científico como qualquer outro, que nada tinha de comum com a magia. Basta dizer que jamais o Espiritismo admitiu fórmulas e rituais de qualquer espécie, para os seus trabalhos de pesquisa espiritual. Hoje, os espíritas apenas recebem, em suas sessões doutrinárias, comunicações espontâneas de Espíritos, com duas finalidades, que são: ajudar os Espíritos necessitados, e receber auxílio dos Espíritos Superiores. Êste auxílio, entretanto, é espiritual, constante de ensinamentos evangélicos, só se verificando o auxílio material em casos de enfermidade, quando permitido pelo Alto, por Jesus e seus Prepostos.

Quanto à acusação de «pacto com o diabo», é simplesmente ingênua. Ninguém, de bom senso, pode acreditar que pessoas equilibradas, que levam a vida a sério, cumprem os seus deveres e lutam por um mundo melhor e mais belo, se interessem por qualquer espécie de prática demonológica. O Espiritismo, no seu aspecto religioso, apoia-se inteiramente no Evangelho de Jesus. Quem quiser conhecer a religião espírita basta adquirir um exemplar de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, e ali encontrará todos os dados a respeito. Se o leitor deparar com qualquer coisa demoníaca, nas páginas límpidas e puras dêsse livro, então se afaste da nossa doutrina e a condene, baseado em razões concretas e não em acusações absurdas.

O Espiritismo, como dizia Kardec, não inventou a comunicação dos Espíritos. A comunicação é um fato natural, existente em todos os tempos, atestado pela História e a Literatura, especialmente pelos livros sagrados. O que o Espiritismo fêz, foi apenas estudar a comunicação e empregá-la no esclarecimento espiritual do mundo, na orientação segura dos homens para Cristo. Da mesma maneira por que os cientistas não inventaram as quedas dágua, mas procuraram dominá-las e delas extrair a luz para iluminar as cidades. Na primeira epístola aos coríntios, o apóstolo Paulo ensina como se faz uma sessão espírita, porque as comunicações dos Espíritos constituiam a base das práticas religiosas dos primitivos cristãos. Como se vê, Kardec tinha razão ao dizer que o Espiritismo não inventou as comunicações.

Irmão Saulo

Crônica Estrangeira

«Protegei-me dêste Espirito turbulento (Poltergeist!»)

Pai de 9 filhos vai à polícia

Aquí vai o relato da mais publicada história do espírito turbulento nos recentes anos, na Escócia.

O fato divulgou-se quando um pai atormentado procurou a polícia em 8 de Setembro e pediu proteção contra um espírito que tem aterrorizado sua família durante oito mêses produzindo ruídos à noite.

O espírito caminhava pelos quartos do andar superior, batia no soalho, abria gavêtas e portas de armários, acendia luzes e abria janelas.

«Minha mulher não mais quer morar na casa e meus nove filhos estão todos dispersados em Kirkcaldy». James Forsyth, de 37 anos de idade, (Kirkcaldy) disse aos jornais: «Não mais podemos suportar isso. Após a primeira visita do espírito em fevereiro eu procurei fechar a passagem entre as duas portas do dormitório.

Espírito zangado

«Eu o consegui, mas ao mesmo tempo isso parecia irritar o espírito. Os ruídos tornaram-se mais altos e agressivos.

«Amigos espíritas afirmam ser a alma ou espírito de pessoa que cometera suicídio e que está ligado à terra *(eorthbound)*. Eu estou alarmado com o perigo a que estão expostos meus filhos.

Certa vêz quando a snra. Forsyth, de 35 anos de idade, ouviu os ruídos de noite, que agora a reduziram a uma ruína nervosa, também ela ouviu um de seus filhos soluçar.

«Ouvi isso muitas vêzes, desde então. Sempre é uma criança diferente, e a que soluça ordinàriamente empalidece como se estivesse a morrer — aparência doentia e pálida».

Uma «proeminente autoridade psíquica», que fôra informada dos acontecimentos em Kirkcaldy disse: «É um espírito turbulento em ação, sem dúvida alguma. Êle tira a fôrça de sete meninas e dois rapazes de 15 anos a nove mêses.

O perito disse: «Nada adianta à familia ir morar em nova casa. O espírito a acompanhará — enquanto estiverem presentes as crianças.

Êles dormem em outro lugar

«Parece ser um espírito turbulento, porque essa casa não tem história suficiente para indicar qualquer outra manifestação».

A snra. Forsyth levou as crianças a dormir em casa de vizinhos, enquanto seu marido e vizinhos acompanhados por Mr. John Lees, Conselheiro James Barrons e uma duzia de repórteres, bem como fotógrafos, vigiavam.

Mas o espírito não mais voltou.

A snra. Smith que em dita casa morou dez anos antes (a família Forsyth foi habitá-la 19 mêses depois) disse que nada de anormal se verificou durante todo o tempo em que habitou a citada casa.

O espírito se ausentou

A 11 de setembro depois de sua visita à Polícia, Forsyth declarou que o espírito turbulento desapareceu depois de uma visita de sete espiritualistas a sua casa.

De «*Two Worlds*»

A Caneta que escreve...

De «Estudos Psíquicos»

O *Século* de 17 de Novembro inseriu o seguinte telegrama da *France Presse :*

«Londres, 16. — O semanário «Sunday Pictorial» conta hoje um curioso caso de espiritismo. A sr.ª Grace Rosher, pintora londrina bastante conhecida, escreve perguntas ao noivo Gordon Burdick, canadiano, falecido pouco depois da segunda guerra mundial. Escritas as perguntas, a caneta escreve sòzinha as respostas, bastando que a sr.ª Rosher acompanhe a caneta com a mão, a pouca distância. O namôro da sr.ª Rosher durou quase trinta anos e o noivo morreu uma semana antes do casamento. O «Sunday Pictorial» publica uma reportagem a êste respeito com fotografias impressionantes da caneta a escrever sem ninguém a segurá-la. A sr.ª Rosher afirma que nunca se dedicou ao Espiritismo».

Êste comunicado saiu na primeira página do diário português circundado a filete vermelho, prova do alto conceito em que foi tido pela redação.

A imprensa moderna vai-se habituando à fenomenologia espírita, não obstante a teimosia de muitos que lhe querem barrar o caminho. Melhor fôra, porém, aceitar os fatos, do que desvirtuá-los ou fazer em tôrno dêles a conspiração do silêncio. Que a verdade ninguém a pode adulterar eternamente, sobretudo quando o seu conhecimento é necessário à evolução humana. No entanto há sempre indivíduos ou classes que tentam impedir o brilho de uma idéia, mesmo que dela emane benefício moral ou social. São os bem instalados na vida, aferrados a tradições que o progresso vai desvanecendo em holocausto à justiça que se deve a todos.

Com o Espiritismo dá-se um caso bem curioso. Quanto mais o combatem, mais cresce e se avigora nos que sofrem por êle, que o mesmo é dizer, que trabalham para o bem do próximo.

O *Século* foi sempre infenso à propaganda espírita. Não perdia um só momento de achincalhar e de zombar de coisas sérias e demasiado transcedentes para a mentalidade dos seus, aliás, cultos articulistas. Hoje parece que mudou. Novos tempos, novos costumes. Mas não há incoerência nessa atitude. Há bom senso.

Felicitamos o grande jornal português e fazemos votos para que haja ecletismo verdadeiro em suas páginas, como houve, de fato, em tempos que já lá vão.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$	200,00	Do 20.º ano Cr.$	200,00	Do 27.º ano Cr.$	180,00
Do 4.º ano . .	200,00	Do 21.º ano . .	200,00	Do 28.º ano .	180,00
Do 5.º ano . .	200,00	Do 22.º ano . .	200,00	Do 29.º ano .	180,00
Do 6.º ano . .	200,00	Do 23.º ano . .	200,00	Do 30.º ano .	180,00
Do 7.º ano . .	200,00	Do 24.º ano . .	200,00	Do 31.º ano .	180,00
Do 18.º ano . .	200,00	Do 25.º ano . .	200,00	Do 32.º ano .	180,00
Do 19.º ano . .	200,00	Do 26.º ano . .	200,00	Do 33.º ano .	180,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

As Obras Assistenciais do Espiritismo

Avultam constantemente as obras de assistência social do Espiritismo. Os leitores que acompanham o nosso noticiário, devem ter notado a atividade dos Centros e Mocidades espíritas na prática da caridade cristã, que outra coisa não é senão o trabalho assistencial do nosso tempo. E' um esfôrço continuado, sem precedentes no mundo.

Enquanto os crentes das velhas religiões se empenham na realização dos rituais de suas igrejas, os espíritas mais e mais se dedicam à prática das lições do evangelho, dentro do preceito máximo de Jesus: «Amai o próximo como a vós mesmos.» E, daí, essa floração impressionante das obras inspiradas aos cultores da Doutrina dos Espíritos. Em lugar do culto religioso, meramente exterior, os nossos confrades se lançam à ação em benefício dos necessitados.

Reparai num fato, hoje comum, a comemoração do Natal nos meios espíritas. Quase tôdas as associações kardecistas promovem, nesse dia memorável, a distribuição de roupas e gêneros alimentícios aos pobres, justificando, assim, a legenda «Natal dos Pobres», proverbial em todo o Brasil. Mesmo as sociedades mais modestas se aplicam, todos os anos, a essa modalidade assistencial, sempre em homenagem a Jesus, no dia consagrado ao seu natalício.

Mas não é isso apenas. Atente-se também ao empolgante movimento de fundações espíritas de proteção a necessitados, num raro exemplo de ampla solidariedade humana. Além dos antigos estabelecimentos, conhecidos no país, vai se avolumando, em crescendo sem paralelo, a instalação de novas organizações, destinadas ao amparo dos que precisam, tais como lares infantis, abrigos à velhice, sanatórios, casas de saúde, educandários, escolas, tudo objetivando a mesma finalidade de assistência em todos os sentidos.

É cada vez maior a correspondência que recebemos, de todos os lados, dando conta de novas fundações de amparo a crianças, a velhos e a doentes em geral.

Eis aí, a propósito, o nosso noticiário de agora, baseado nos mais recentes comunicados.

Sanatório «Américo Bairral»

Lendo o último Relatório dêste grande Hospital, sentimos que a exiguidade de espaço de que dispomos, nestas colunas, não nos permita uma ampla apreciação sôbre essa modelar instituição para doentes nervosos e mentais, onde foram tratados, em 1957, mais de 2.000 enfêrmos, ou seja, precisamente, 2.127, tendo saído curados 882, no mesmo período.

Deve-se à fundação do Sanatório «Américo Bairral», em Itapira, há mais de 34 anos, ao seu patrono e à dedicação de nossos confrades Onofre José Batista e Gracinda Baptista, esta de saudosa memória, por já haver deixado a vida terrena.

Tem sido, através dos anos, Provedor-Gerente do Sanatório, o confrade César Bianchi, a cujo gênio empreendedor de organização e administração se reconhece o mérito do desenvolvimento, sempre crescente, desse nosocômio, extraordinário pela sua amplitude, suas instalações e métodos de serviço. Note-se ainda, como fator predominante, no progresso e nos êxitos do Sanatório, a ação da mulher espírita, personificada em d. Dalila Baptista Bianchi, a principal colaboradora e animadora daquela realização grandiosa.

—

Sanatório Espírita de Pelotas

Pelo Relatório do exercício de 1957, dêste Sanatório, verifica-se que nêle foram tratados, nesse ano, 1.150 doentes, sendo 522 homens e 628 mulheres, o que é bastante para um hospital muito novo.

Efetivamente, encontramos no início do Relatório êstes dizeres: «Inauguramos há 21 mêses, com o Sanatório Espírita, o serviço social de psiquiatria, emprestando a Pelotas o pioneirismo no tratamento de psicopatas indigentes do interior do Estado».

O Estado é o Rio Grande do Sul.

Depois de narrar as dificuldades vencidas, o Relatório, historiando a vida da novel instituição, consigna esta alentadora afirmação: «O índice de cura foi superior à média consagrada, tivemos 66,5% de doentes curados.»

Com seu Conselho Deliberativo e sua Diretoria, em perfeita ordem, a Direção do Sanatório está sob a presidência do confrade João da Rocha Bender.

—

Sanatório Antonio Luiz Sayão

Desta recente fundação, como de outras, novas e velhas, trataremos oportunamente, destacando suas atividades. O Sanatório Antonio Luiz Sayão, surgiu há pouco mais de um ano, em Araras, cidade de nosso Estado.

Seu diretor clínico é o dr. Gil Perche de Menezes, matonense de nascimento e criação.

—

Abrigo dos Velhos «João Leão Pitta»

O confrade Vitor dos Santos, secretário do Centro Espírita «Antonio de Pádua», de Curitiba, capital do Paraná, escreveu-nos comunicando as atividades lá desenvolvidas para a instalação do Abrigo dos Velhos, sob a invocação de João Leão Pitta, nosso antigo e querido companheiro, cujo desencarne deu-se há dois anos.

A carta recebida fala-nos da escolha dêsse nome, tão conhecido e respeitado, para patrono espiritual, até de obra mais vasta, o «Estágio Cristão de Espiritualização e Manutenção dos Velhos Desamparados», apelando para o concurso de quantos possam ajudar essa tarefa de benemerência social, que se recomenda como realmente inspirada nos melhores sentimentos cristãos.

O Centro Espírita «Antonio de Pádua» tem seu endereço, ou sua séde, à rua México, 31, — Bacacheri — Curitiba — Paraná.

—

Lar «Jesus entre as Crianças»

Aguardamos a possibilidade de espaço para proceder a transcrição, que nos foi solicitada, de reportagem do «Diário da Noite», de São Paulo, publicada em 30-12-58, sôbre a fundação do Lar «Jesus entre as Crianças», destinado a «abrigar crianças orfãs e abandonadas e dar-lhes a verdadeira educação moral e espiritual, difundida pelo Espiritismo», conforme nos escreveu o confrade Natalino D'Olivo, da Capital.

A atual séde, dêsse «Lar», fica à rua 3, n.º 75, em cidade Rochdale, caixa postal, 82, — Osasco — E.F.S.

A instituição acolherá também crianças cegas.

—

Lar «Anália Franco»

A cidade de São Manuel, neste Estado, tem o privilégio de manter em seu meio, o conceituado Lar «Anália Franco», uma das mais antigas fundações espíritas para meninas necessitadas de amparo. Várias gerações por ali passaram, saindo moças, educadas e preparadas para as lutas da vida em novos lares.

No Relatório do Lar referente a 1957, se constata, que, já em 1924, contava 38 meninas abrigadas, aumentando sempre o número, chegou, em 1957, a abrigar 118 criaturas salvas dos azares da sorte.

Aliás, o Relatório afirma em sua primeira página: «A reforma social há de vir dos lares bem constituidos».

Os nomes dos principais beneméritos do Lar «Anália Franco» são: Clélia Rocha, diretora de 1916 a 1935; Amando Simões, diretor-presidente, de 1924 a 1949; Alice Araujo, diretora de 1935 a 1957; e dr. Zoilo Meira Simões, diretor-presidente de 1949 a 1958, todos já desencarnados.

—

Lar do Irmão Velho

De nosso confrade Elisio da Rocha Dórea, residente em Feira de Santana, na Bahia, onde é contador do Banco do Brasil, recebemos comunicação da instituição, naquela cidade, do Lar do Irmão Velho, para velhos abandonados, cuja pedra fundamental já foi batida.

As palavras, adiante, reproduzidas da proclamação da iniciativa, se não dizem tudo, falam bastante porém, dêsse novo tentâmen:

«Há duas coisas no mundo,
Que ainda me fazem chorar:
E' ver uma criança com fome
E um pobre velho a esmolar.»

«Você que possui um lar sabe quanto isso vale. Ajude a dar um lar aos velhos que não o tem. Ponha seu grão de areia na construção do Lar Irmão Velho.»

Aí fica a recomendação.

—

Escola de Assistência ao Próximo «Ana Nery»

(Departamento Educacional da Instituição Beneficente «Nosso Lar»)

A Primeira Escola, não profissional, que se funda no Brasil com a finalidade de preparar os elementos de boa vontade para os trabalhos de Assistência ao Próximo, pela alegria de servir.

Cursos em funcionamento

1.º) *Curso de Maternologia:* — Todos os conhecimentos relativos à vida do lar, à função da maternidade e a boa orientação da criança. Duração: 6 mêses — Aulas: 4 vêzes por semana. Especialmente, destinadas às Adolescentes, às Noivas e às Donas de Casa.

2.º) *Curso de Assistência ao Próximo:* — Conhecimentos necessários para quaisquer atividades em favor do próximo. Duração: 12 mêses — Aulas 4 vêzes por semana. Estágios em Hospitais, Creches, Educandários, etc.

Matérias Básicas:

Biologia — Pedagogia — Sociologia — Puericultura — Enfermagem — Pronto Socorro — Fundamentos do Lar Cristão — Psicologia — Patologia — Higiene Mental — Organização de Obras — Legislação Assistencial — Serviço Social.

Professores Especializados

Matrículas de 1.º de Janeiro a 15 de Fevereiro.

Peça Informações pelo telefone: 70-7134 ou na Rua Mesquita, 720 (Cambucí) São Paulo.

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de Datilografia — Jardim da Infância e Pré Primário na séde da Instituição.

— Eis uma instituição da maior utilidade e necessária.

Nossa representação em Campinas

O representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», na cidade de Campinas, é o confrade Antonio Marques Serra, que atende pelo telefone 9-1-2-3-9 a todos que desejarem tratar de interêsses ligados às nossas publicações.

Para tomada de assinaturas e recebimentos o nosso prezado representante, uma vez avisado pelo telefone, mandará atendente a domicílio, escritório ou repartição.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 3 de Janeiro de 1959

Às catorze horas profere o Presidente a prece inicial e declara aberta a reunião, sendo lida e aprovada a Ata de Dezembro, com retificação pedida pelo Conselheiro Geraldo de Aquino.

Paraná — O Conselheiro Coronel Delfino Ferreira encaminha ao Presidente ofício da Federação Espírita do Paraná comunicando a realização, na cidade de Londrina, de 20 a 26 de Março dêste ano, de uma Concentração de Mocidades Espíritas, convidando o Conselho, a Federação Espírita Brasileira e seu Departamento de Juventudes para a reunião.

Ceará — Anuncia o Conselheiro Henrique Magalhães que foi auspicioso o trabalho da Escola de Orientadores, mantida pela Federação Espírita Cearense, e ainda que «O JORNAL», de Fortaleza, pôs uma coluna diária à disposição dos espiritistas.

O Conselheiro Aurino Souto comunica ter a Rádio Copacabana resolvido irradiar notícias espíritas e serviço de propaganda.

O Conselheiro Atlas de Castro fala do movimento espírita no setor operário do Arsenal de Marinha, tendo ali feito uma conferência, em 19 de Dezembro último, e iniciado trabalho de cooperação no meio.

O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf comenta a realização de várias solenidades gratulatórias espíritas, promovidas por contadores, professores e bacharéis em direito.

O Conselheiro Professor Ismael Gomes Braga anuncia que foi oficializado o ensino do ESPERANTO no Município de Juiz de Fora, com a promulgação da Lei 1.194, de 22 de Dezembro de 1958, isto após intensa luta de adversários do Espiritismo que consideram o Esperanto de benefício e conveniência para a propaganda da Doutrina Espírita. Lê carta do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Uberlândia, em língua Esperanto, relatando os trabalhos do Sanatório Espírita de Uberlândia, juntando gráfico que apresenta, no período de 1944 a 1956, a percentagem de 76,9% de enfêrmos curados, entre 100 tratados.

Com a prece final, pelo representante do Rio Grande do Sul, é encerrada a reunião às 16 horas.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, esta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 86,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aqueles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3521unse

XXXV - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Março de 1959 - N. 2

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Jesus Voltou no seu Corpo Espiritual — *Redação*
Roma, Nero e os Cristãos — A Tragédia dos Tempos Antigos . . . — *Carlos Imbassahy*
Memórias de um Espírita Baiano . — *Leopoldo Machado*
* * * . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Auto-Sugestão e Mediunismo . . . — *V. O. Casella*
A Descoberta do Espírito . . . . — *Hernani Guimarães Andrade*
Dr. Karl Muller — Novo Presidente da Federação Espírita Internacional — *Cícero Pimentel*
Hipnotismo e Espiritismo . . . . — *Luiz Caramaschi*
Rumo a Seguir . . . . — *Samuel Gomes da Costa*
Espiritismo e Criminologia . . . . — *Aleixo Victor Magaldi*
Govêrno de Povo . . . . — *Dr. Giuseppe Manuel Minardi*
Nós e os nossos acompanhantes do Espaço . . . . — *v. lirenedo*
31 de Março . . . . — *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 16,00, inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 86,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 16,00, inclusive porte e registro.

LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Livros e Jornais Espíritas

Livraria Especializada — Obras raras nacionais e estrangeiras
Livros espíritas das principais editoras do país

Direção de

Vicente S. Neto

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º and. — Sala 2
Tel. 36-3146 — Caixa Postal 4921 — S. PAULO

Os assinantes de «*O Clarim*» e da «*Revista Internacional do Espiritismo*», e demais interessados poderão procurar, no endereço acima, o sr. Vicente S. Neto, nosso representante, para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1959 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Jesus Voltou no seu Corpo Espiritual

A mais Célebre Sessão do Mundo

A principal tarefa do Espiritismo é repetir aos homens, e com a maior insistência, o brado que ecoou há 2.000 anos na Judéia, logo após a morte de Cristo Jesus: O *Cristo ressuscitou! O Cristo vive!*

O homem procurou tornar a ressurreição e os reaparecimentos de Jesus, um fenômeno excepcional e único, um milagre, mas assim não é. Êle sòmente demonstrou a lei de Deus, a lei da Natureza, que se aplica a todos nós — isto é, que continuaremos a viver depois da morte e que nos será possível reaparecer aos que nos choram.

Como reapareceu Jesus aos que lamentavam a sua morte?

Jesus disse a Maria — «Não me toques». Pouco depois outras mulheres caíram a seus pés e os enlaçaram. O texto grego diz: «se apoderaram de seus pés». Mas dessa feita Jesus não lhes disse: «Não me toqueis»! Porque Êle não se opôs dessa vez?

É evidente que o corpo materializado, por meio do qual Êle então se manifestava, era muito mais forte, mais substancial do que aquêle que Maria tentara tocar. As «condições» eram mais favoráveis. Havia mais *potência*, havia mais pessoas capazes de fornecer os elementos necessários. A materialização estava mais completa, razão por que as mulheres O reconheceram, o que não aconteceu a Maria, que julgou tratar-se do jardineiro ao qual disse: «Se tu o tiraste daqui, dize onde o puseste».

Os espíritas devem notar que a materialização se realizara de madrugada *«sendo ainda escuro»*.

O relato dos soldados

Alguns da guarda, foram à cidade e anunciaram aos príncipes dos sacerdotes «tôdas as *coisas* que haviam acontecido». Quais os acontecimentos que haviam presenciado?

Êles haviam sido testemunhas de alguns dos espantosos fenômenos ocorridos no sepulcro, fatos que foram relatar aos príncipes dos sacerdotes. O texto não menciona houvessem êles sido repreendidos por desleixo no cumprimento de seus deveres. Pelo contrário, deram-lhes uma considerável soma de dinheiro para propagar uma mentira, a saber, «que seus discípulos foram à noite e roubaram o corpo, enquanto dormiam.

Nenhuma mentira poderia ser mais débil em seus efeitos, visto que os apóstolos nunca teriam pregado, sofrido, e nunca se ofereceriam à morte para sustentar tão gigantesca impostura.

O fato era que os sacerdotes não

podiam apresentar o corpo e, no auge da perplexidade, não sabiam o que fazer.

O que estava acontecendo na *Câmara Alta*, onde os discípulos estavam «tristes e chorosos»? Maria irrompeu de súbito, com a notícia: «Eu vi o Senhor. Êle dirigiu-me a palavra. Êle chamou-me pelo meu nome — Maria». Mas os apóstolos «não creram».

Depois vieram as «outras mulheres» e afirmaram que também elas haviam visto a Jesus e, mais ainda, haviam abraçado seus pés. Mas, «suas palavras pareciam contos fantásticos», e não lhes deram crédito».

Foi só então que Pedro sentiu-se impelido a revelar o seu segrêdo. Também êle vira a Jesus e não podia suportar que seus companheiros de apostolado impugnassem o testemunho das mulheres. Confessou, pois, que também êle vira a Jésus, redivivo. Não nos dizem os Evangelhos quando Jesus fôra visto por Pedro. Que lhe disse Jesus? Pedro nada revelou a êsse respeito. A entrevista deveria ter sido muito delicada, muito pessoal, para que Pedro a tornasse pública. Lembremo-nos que era essa a primeira vez em que Pedro se encontrava com Jesus, depois de o ter negado. O testemunho de Pedro convenceu os apóstolos incrédulos.

E quando poucos momentos depois, dois outros discípulos, Cleofas e seu companheiro, entraram com a estupenda história do que lhes acontecera na estrada de Emaús, houve uma exclamação de júbilo: Jesus ressuscitou! É um fato! O Mestre foi visto por Pedro!»

O que os dois viram só é compreensível a espíritas.

Enquanto se dirigiam a Emaús, iam falando entre si de todos os acontecimentos daqueles dias, quando o mesmo Jesus se aproximou e caminhava com êles. O viandante não se *parecia* com Jesus, e por isso não foi *reconhecido*. A materialização era imperfeita, ou fraca.

«Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós, e porque estais tristes?» perguntou Jesus. Cleofas respondeu: És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe as *coisas* que nela têm sucedido nestes dias?»

Estava *escurecendo*, notemos bem, quando chegaram a Emaús, e êles persuadiram o estrangeiro, que lhes citou as Escrituras, provando ser um companheiro inteligente, a permanecer com êles. E aconteceu que, estando com êles à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o, e lhos deu. Abriram-se-lhes os olhos e O reconheceram.

As «condições» eram mais favoráveis no interior da casa do que na estrada. Havia menos luz e mais «poder», e a forma materializada estava mais consistente. Os espíritas sabem que a luz exerce um efeito dissolvente sôbre muitos corpos da natureza e principalmente sôbre as formas materializadas. Tudo isso nos é perfeitamente familiar. As experiências do processo de materialização nos identificaram com as «condições», ectoplasma, formas materializadas, fortes e fracas.

Na estrada de Emaús, os discípulos contaram ao desconhecido a história do sepulcro vasio, e o que Pedro relatara acêrca da posição do «lençol» e da «faixa», que demonstravam que o corpo se exalara, se desmaterializara, o que punha a todos perplexos.

Jesus não tentou explicar-lhes o processo da «desmaterialização». Êle sabia que uma demonstração seria incomparàvelmente mais compreensível. No momento da ceia, êle precisamente se «*esvaecia* diante dêles».

O texto grego relata fielmente aquilo que os dois discípulos viram. A versão não diz: «êle se tornou invisível a êles». O texto diz: «êle se esvaecia diante dêles», o que significa que gradualmente êle definhava diante dêles, gradualmente se desmaterializava.

Êles presenciaram o fato, e apressadamente voltaram para relatar detalhadamente o ocorrido aos discípulos — especialmente a Pedro. Isto forneceu a Pedro a solução do problema do lençol que envolvera o corpo, e «posto» sem indício de desarranjo, e a faixa que conservara a forma da cabeça.

Fatos idênticos se reproduzem, se multiplicam nas sessões do século XX, e em 1872 pela célebre desmaterialização de Katie King, constante do relato do eminente físico William Crookes, e outra análoga descrita por outro sábio eminente, A. Aksakoff. Katie King estava completamente «materializada», a sua forma atingira o máximo de perfeição e intensidade. A sessão se realizava numa sala que media quatro metros quadrados, quando permitiu que sôbre ela incidissem as luzes intensas dos bicos de gás, que completamente lhe iluminaram a figura.

Sob a luz intensa, ela sòmente se conservou *reconhecível por espaço de um segundo,* pois sua figura começou, de súbito, a fundir-se até que dela nada mais restava; e «nós, - diz o relator - contiuávamos a fixar o lugar em que ela estivera de pé, apenas um segundo antes.»

Mas, os sucessos mais assombrosos se verificaram na célebre Câmara-Alta. Fora, reinava a *escuridão,* e a câmara estava imersa em semi-trevas, pois os discípulos lá estavam ocultos, quando os dois entraram com a estupenda notícia. Imediatamente começaram a descrever sua extraordinária aventura, e, enquanto faziam a narrativa (trancadas as portas e janelas) Jesus se materializou no meio dêles. Todos êles, foram prêsa de terror, pois cuidavam que viam ulgum espectro. Notemos que considerável era a assistência, muitas as pessoas dotadas de faculdades mediúnicas, dentre as quais se salientavam Pedro, Tiago e João, os mesmos que estiveram presentes no Monte Tabor, quando se materializaram Moisés e Elias. O Evangelista Lucas em sua descrição dessa memorável sessão deixa perceber que nem sequer faltou o estado de transe, pois diz textualmente: Pedro e os que se achavam com êle estavam carregados de sono, e, quando despertaram, viram a sua glória e aquêles dois varões que estavam com êle». Jesus pôde, pois, reconstituir em seu corpo efêmero as marcas dos cravos, assim como a ferida produzida pela lança, para efeito de identificação. Disse, pois, Jesus: «Porque estais atemorizados, porque sois incrédulos? Vêde as minhas mãos e os meus pés. Vêde as marcas dos cravos. Sou eu mesmo. Apalpai-me e vêde ...»

O Dr. Abraham Wallace, célebre naturalista e êmulo de Darwin, nos diz em sua obra «Jesus de Nazaret», que em uma sessão, êle verificou materializações de corpos e roupas. Para êsses dois sábios, como para muitos outros, o processo da «Ressurreição» é uma lei natural.

«Não me toques», disse Jesus a Maria. Porque não tocá-lo? Se Jesus houvesse surgido revestido de seu corpo físico, certamente êle teria encorajado Maria a apertá-lo firmemente, afim de que ela pudesse relatar o fato aos discípulos. Poderia existir prova mais convincente?

Porém, não se tratava de seu corpo físico. Êste fôra desmaterializado. Tratava-se de uma *fraca materialização,* construida à custa do ectoplasma haurido do jardineiro. Jesus conhecia, como o sabem espíritas, que uma fraca materialização pode desfazer-se ao contacto de mãos humanas, por isso Êle impediu que Maria o tocasse, tudo em benefício da mesma Maria.

Pela terceira vez apareceu Jesus a alguns discípulos pelos quais também não foi reconhecido, como se dera com Maria, Cleofas e o outro discípulo a caminho de Emaús.

Pedro e oito discípulos foram pescar no mar Tiberíades e naquela noite nada apanharam.

Ao *clarear da madrugada,* estava Jesus na praia, mas os discípulos não O *reconheceram.* Não tendo êles o que comer, disse-lhes Jesus: Lançai a rêde à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puchá-la, tão grande era a quantidade de peixes.

O discípulo amado disse a Pedro: «É o Senhor». Pedro cingiu-se e lançou-se no mar. Disse Jesus: Vinde, comei.

Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: «Quem és tu? porque sabiam que era o Senhor».

Se Jesus ali estivesse no corpo físico, que êles tão bem conheceram, absurdo seria perguntar «Quem és tu». E como podiam êles saber que era o Senhor? Pela repetição de um fato que se verificara na «Pesca Maravilhosa», junto ao lago de Genezaré, quando Jesus estava ao lado de Pedro e os outros que trabalharam a noite tôda e nada conseguiram apanhar. Mas, obedecendo a Jesus, lançaram as rêdes e apanharam grande quantidade de peixes, e rompiam-se as rêdes.

Tudo demonstra que não era o corpo físico de Jesus que ali estava, mas sim o seu Espírito materializado, que não guardava traços do corpo que tão bem haviam conhecido.

Cada leito mortuário profetiza uma ressurreição, e cada sepultura é o início de uma vida futura.

Deus não é o Deus de mortos, porém de vivos e os homens surgem dos túmulos e derramam seu amor sôbre os que deixaram na terra.

Roma, Nero e os Cristãos

A Tragédia dos Tempos Antigos

— II —

NERO

A história dos manejos de Agripina para colocar o filho no poder é um exemplo vivo que nos fornece a Providência para mostrar como podem ser frustradas as nossas ações por mais bem combinadas que sejam ou mais bem urdidas que pareçam.

Não houve recurso, indignidade ou crime de que não lançasse mão para conseguir seus desígnios. Manchou-se de lama e de sangue. O que ela pretendia era governar em nome do filho; queria fazer dêle um boneco, cujos gestos estivessem na conformidade dos puxavões que desse nas cordas; o fantoche deveria estar inteiramente em suas mãos.

Veremos como o destino a desiludiu.

Agripina ia pelos seus 40 anos e Nero tinha 17 quando o aclamaram.

De comêço impressionou por sua moderação e até por seu tino administrativo; aboliu ou melhorou os tributos, restituiu a liberdade do senado, acabou com os jogos cruentos do circo, dispensou as estátuas que o Senado lhe mandara erigir; apesar de sua rivalidade com Britânico, filho de Cláudio, não o quis perseguir, nem aos seus amigos; um tal Sosanius escreveu versos contra êle e êle deixou passar. Ao assinar uma sentença de morte, dissera: — Quisera não saber escrever. — O povo adorava-o.

Sua educação foi fastidiosa, com a mãe a tiranizá-lo, prêsa ao seu cós de calça, preparando um imperador por meio do qual pudesse governar.

Êle estava agora livre; ou pensou que o estivesse. Mas, já não ouvia Agripina nem lhe pedia os conselhos. Ela revoltava-se, declarando que Nero ainda não estava em idade de deliberar sòzinho.

Êste começou a entrar profundamente em estudos artísticos; tomou lições com o afamado Terpnus; entrou a declamar.

Sêneca sorria, Bunhus não opinava, mas Agripina encolerizava-se e chamava-lhe imbecil.

Nero intimava-a a não se meter com sua vida e trazia para o palácio os colegas de arte, e os intelectuais como Petrônio, o árbitro das elegâncias, a quem o notável Sienckewicz reservou um papel de relêvo no seu imortal *Quo Vadis*.

Daí começou a descambar. Com alguns amigos meteu-se em pagodeiras e farras noturnas, provocando desordens, algazarras, sustos nos pacatos moradores.

Certa noite, Nero, disfarçado, cercou uma mulher. O marido, o senador Montanus, deu-lhe uma coça. Sabendo em quem tinha batido caiu na asneira de mandar pedir desculpas. — Pois que êle sabe em quem bateu, disse Nero, tem que morrer. Montanus foi obrigado a suicidar-se.

Nero ensaiava-se no crime.

Depois, principiou sua vida amorosa: seduz uma Vestal e apaixona se pela escrava Acté, a quem mais tarde abandona.

Expulsa de palácio, Pallas, o favorito de Agripina. Já anteriormente, manobrara de maneira a que Agripina, que costumava assistir às suas recepções, chegasse tarde quando houve a de uma deputação da Armênia.

A rainha mãe recebe assim um segundo golpe. Tácito, nos *Anais*, declara que daí em diante entregou-se ela a um sistema de terrores e ameaças. Chegou ao extremo de declarar que Britânico seria o imperador.

Para que o disse! Ao jantar estavam todos reunidos, inclusive Otávia e Britânico. Ao fim do repasto trouxeram ao moço um copo de vinho e logo após êle perdia os sentidos e caía. Estava morto.

A fornecedora do veneno foi a célebre Locusta.

Não ficou aí a reação de Nero. Achando sinistra a presença materna, fê-la sair de palácio e mandou-a morar no palácio da avó; tirou-lhe a guarda. Ia, entretanto, visitá-la e aconselhou-a a que deixasse a política.

Entre os poucos que a visitavam havia um jovem que já se estava tornando muito íntimo, Rubellius Plautus, o qual, por seu parentesco real, bem poderia aspirar à corôa. Pois um dia vieram dizer a Nero que êsse moço ia casar-se com Agripina, para tornar-se imperador.

Não se provou a acusação e Nero mandou matar alguns dos acusadores.

Entra em cena Popéia. Popéia era mulher de Othon, e Nero se apaixona por ela. O epílogo foi feliz para todos. Nero ficou com a Popéia, que era uma linda mulher; Popéia adquire para marido um imperador; e Othon é agraciado, em troca da espôsa, com o govêrno da Lusitânia, que é hoje o nosso conhecido Portugal.

Popéia principiou por metamorfosear o palácio, dando-lhe extraordinário luxo e levando o apaixonado monarca a despesas fantásticas.

Agripina soube do novo romance e opôs-se, o que grangeou a animadversão de Popéia.

Ela continuava com a obsessão do mando. E alguns escritores modernos, no desejo de atenuar as malfeitorias de Nero, não cessam de louvar-lhe a paciência no aturar as impertinências da mãe.

Mas tudo tem um limite, até mesmo a paciência dos imperadores. E êle fêz apenas isto: mandou matá-la.

Pelo visto, os defensores acharam um caso natural. Deu-se assim:

Em princípios de 59, Nero estava em vilegiatura no seu palácio de Baies, no golfo de Nápoles, onde Agripina também tinha casa. Chamou um seu liberto, Anicetus, e lhe revelou as inconveniências da progenitora. Anicetus prometeu acabar com ela e aconselhou que a chamasse.

Nero chamou. Uma morte natural ou acidental seria uma boa solução para o caso, e é o que ficou resolvido.

Um historiador, Arthur Weigall, assim exprime os bons sentimentos de Nero: — Êle se sentia quase feliz por poder poupar-lhe com êste processo a ignomínia de uma acusação pública e da inevitável condenação.

E o processo demonstrativo do grande amor filial de Nero foi o seguinte:

Preparou-se uma galera fácil de sossobrar, com válvulas que se abririam no momento oportuno. Agripina embarcou, de volta do seu belo passeio; Anicetus assume o comando. No oportuno momento, abrem-se as válvulas. O navio, porém, não afundou com a precipitação desejada. Agripina e sua dama de honra Acerrônia, caem nágua. Esta última põe-se a pedir socôrro e tomou uma paulada na cabeça, que a fêz calar para sempre. Agripina conseguiu alcançar a terra. Recolhida por um barco de pesca, voltou para a sua vila.

O Almirante comunica a Nero que sua mãe se salvou. Nero apavora-se com as prováveis conseqüências e, a conselho dos amigos, manda que Anicetus termine a tarefa. Êste parte, com gente dedicada, para a casa de Agripina. Ela velava, quando se abriu uma porta, e Anicetus, armado, avançou para ela. Vendo-se perdida, gritou-lhe: — Fere-me aqui no seio que amamentou Nero. Os matadores hesitaram, mas um dêles deu-lhe forte pancada na cabeça e Anicetus atravessou-a com a espada.

Assim terminou a grande culpada de inúmeros assassínios. Assim morreu Agripina.

O crime de Nero ficou abafado pelo regosijo público. Êle, porém, começou a ver em tôda a parte, o fantasma ensanguentado da que lhe dera o sêr. Recorreu ao que então chamavam o Ocultismo, para evocar o espírito materno, porém êste não lhe apareceu. A maldição que lhe teria lançado, criou um pego intransponível.

Um bom católico não deixaria de afirmar a impossibilidade da aparição, pois que ela devia estar no Inferno.

Mas o que conviria salientar são as grandes lições da Providência. E esta veio pelas mãos da História. Ha outras que se parecem.

Agripina tinha a idéia fixa de levar Nero ao poder. Adquiriu a crença de que nada deveria alterar ou perturbar os seus planos, que levou ao paroxismo de nefandos crimes.

Suas medidas foram extremas. Para os fins que tinha em vista, constantemente alimentados por uma ambição desmedida, eliminou pela intriga, pela traição, pela delação, pelo veneno, pelo punhal, homens e mulheres; todos, enfim, que apareciam como um obstáculo à ascenção do filho. Ela só tinha um alvo o poder. Ela vivia dominada pela febre do fastígio. E quando parecia assegurada a vitória, quando tinham desaparecido pelo assassínio tantos quantos podiam ensombrar os dispositivos por ela traçados, tudo ruiu fragorosamente.

Nero não obedece. Nero se insurge. Nero revolta-se. E o seu infortúnio, e o seu fim vem pelo braço e pela cabeça dêsse querido filho, talvez a única pessoa a quem ela tivesse amado. É por êsse filho que ela desaparece do cenário político e do cenário da vida, como o fizera ela com tantos outros que tiveram a desgraça de cair em seu desagrado.

Há ironias trágicas nas fôrças ocultas da Natureza. É necessário meditar sôbre elas. A justiça se manifesta por processos insondáveis, por meios imprevisíveis.

Acha-se assestado sôbre nós o olhar divino, e quando supomos estar iludindo os Desígnios Supremos, os mais dramàticamente iludidos somos nós.

Continua a história.

Carlos Imbassahy

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

6 — Maneirosamente, passei, depois de conversarmos sôbre literatura, artes, demorando-nos agradavelmente na poesia, ao Espiritismo. Apesar de não suportar a argumentação espírita, não se rendeu, porém, mudando, educadamente, de conversa.

7 — Depois de um cafèzinho gostoso, ofereci-lhe um charuto. Surprezo, interrogou-me: —«Mas, o senhor fuma?»

—«Por que tôda esta admiração, se há tanta gente que fuma?»

—«Mas, esta tanta gente que fuma não tem a sua inteligência e o caráter que vislumbrei no amigo através de nossa palestra. O senhor devia envergonhar-se dêste charuto, do feio vício que tem».

Compreendi então, porque aquêle homem era apontado como grosseiro e mau. Tal franqueza só homens como eu entenderiam...

8 — Provou-me que o fumante é um dominado, um autômato, como tôda pessoa escravizada a qualquer vício. Não o pude contestar. Ofereceu-me, com dedicatória um livro seu «O vício de fumar». Desafiou-me a passar um mês sem o charuto. Aceitei o desafio e nunca mais fumei.

9 — Eugênio George, nome que jamais esquecerei, foi o francês, ateu e comunista, que me fêz abandonar o nojento vício do fumo. A um homem, ateu e comunista, eu, espiritista e ardoroso defensor da liberal democracia, devo ter abandonado, no Natal de 1925, tão nauseabundo vício... Grandes lições da vida que nos provam que em todos os corações podem germinar grandes virtudes, sejam quais forem a crença e a ideologia de seus donos...

10 — Apesar de fumar, às vêzes, nunca fui grande viciado, de vez que meu gasto, com cigarros, nunca passou de trinta cruzeiros por mês. O dinheiro que gastava com êles, passou para uma prestação mensal de um Dicionário Enciclopédico, da Jakson, que ainda possuo. Pago o dicionário, verifiquei como lucrara com a troca...

11 — Eugênio George foi procurado, em 1932, como comunista. Recebeu à bala os soldados, matando um dêles. Entrou em juri e foi absolvido. Logo depois, morreu. Quando soube de sua morte, escrevi uma crônica em *A Pátria*, narrando tudo que aqui contei.

—

12 — Na vigência da lei Rocha Vaz fui incluido em bancas examinadoras. A primeira foi em Petrópolis, no Colégio Vicente de Paula, em companhia do Almirante que me avisou da solenidade de instalação das bancas examinadoras. Aconselhou-me a comprar um fraque. Comprei o do Lima que não o

usava mais e lá nos fomos no rigor de então.

13 — Foi nosso companheiro de banca, o dr. Sady Cardoso de Gusmão que entrou a ler uma versalhada sem expressão e sem música, ao nosso primeiro jantar. Pediu a nossa opinião e, com geito, a deixamos de dar. Como o Almirante dissesse que «o Leopoldo era poeta», exigiu lhe declamasse um soneto meu. Disse *Perfeição*, em alexandrinos heráldicos. Depois de escutá-lo, em silêncio, não quis continuar mais a leitura de seus versos.

14 — Conhecemos também, nesta ocasião, o dr. Ascânio Ribeiro, renomado dentista da cidade. Gostou tanto do *Perfeição* que propôs a minha entrada para membro da Sociedade de Letras de Petrópolis.

15 — Apesar de nossa relutância, resolvemos fazer parte da sociedade e escolhemos para patrono o Luiz Pistarini. Escrevi sua biografia e devia ser recebido por Ascânio Ribeiro. Faltei à posse por causa de um temporal e de um defluxo. Em outras palavras: faltei por falta de interêsse e cometi um ato injustificável de descortezia.

16 — A biografia de Luiz Pistarini publiquei, depois, num jornal de Rezende, a terra do poeta.

17 — Ascânio continuou, no entanto, meu amigo e distribuiu, depois, o livro que publiquei «Prosa de Caliban», com vários intelectuais petropolitanos. O livro agradou Houve até quem fizesse ótima apreciação dêle.

—

18 — No ano seguinte, fui examinar sòzinho, no interior de Minas, em Varginha e Muzambinho, inspecionado pelo dr. Luiz Gonzaga de Melo de quem me tornei amigo.

19 — Em Varginha, examinamos no Colégio dos Maristas. Reprovamos aí uma turma inteira, de 41 alunos, em Geografia e História. Clamor geral. O diretor, um reverendo educadíssimo, pediu novo exame. Não concordamos: seria um precedente perigoso. Dali em diante, todo aluno que fôsse reprovado, pediria novo exame. O que êle poderia fazer, era pedir revisão de provas. Pediram. As provas vieram para o Ministério de Educação que confirmou, inteiramente, nossas notas.

20 — Em Muzambinho, rompi abertamente com um professor môço e pedante do Espírito Santo. Tantas foram as provocações do homem que haveria coisa séria se não nos separassem os companheiros de banca.

21 — Voltei por S. Paulo, hospedando-me no Hotel Rio Branco, no Braz. Hotel, aliás, horrível e sem água. Preparava-me para deixá-lo, quando encontrei, à saida, uma cara conhecida que me cumprimentou sorrindo. Notando que não o estava conhecendo, esclareceu que fôra professor do Colégio dos Irmãos Maristas e tinha sido dispensado porque nós reprováramos a turma inteira, em Geografia, matéria que lecionava.

—

22 — *Quinzenário*, revista que fundáramos, estava destinada a fracassar. Não tínhamos funcionários, nem recursos. Minha teimosia, porém, insistia, ainda.

23 — Eu era, na época, professor de Educação Moral e Cívica do Colégio Nacional. Com o pseudônimo de Lima de Madureira, escrevia coisas galantes para *A Maçã*, de Humberto de Campos; coisas trágicas para a *Revista Policial*; tragédias para *O que é nosso*, do Correio da Manhã; coisas melosas para *Quinzenário* e várias outras revistas. Nada de religião, nem de espiritismo, embora a finalidade de meu livro fôsse advertir a mulher e moralizar o casamento.

24 — Apareceu, então, no *O Globo*, uma nota contra mim, com o título «Que Professor de Moral», partida, creio, do poeta Luiz do Nascimento, cuja caricatura física e moral eu pintara no *Prosa de Caliban*, com o nome de Lúcio Narciso.

25 — Respondi à altura o artigo, no mesmo *O Globo*, e, triste e acabrunhado, numa tarde de domingo, queimei todos os exemplares do livro, que me restavam, pois, no artigo contra mim, arrazaram-no. Só escaparam alguns volumes que estavam nas livrarias para venda e outros que ofereci a amigos.

26 — A dúvida de que tenha sido Luiz do Nascimento o autor do artiguete vem do fato dele exigir do Almirante minha demissão do Nacional, antes do fato. Saira aborrecido porque o Almirante enèrgicamente disse-lhe nada tinha minha profissão com a caricatura que lhe fizera. Que o recurso era me respondesse êle como achava eu o merecia.

O Colégio, porém, nada tinha com isto. No dia seguinte da tal conversa, saiu o «Que Professor de Moral!...»

—

27 — Dagoberto Cruz foi outra grande decepção nossa. Era, com o irmão, das mais destacadas figuras do Grêmio Intelectual Carioca. Ex-aluno do Almirante, era muito querido de vários alunos. Valeu-se dêste fato para aliciar meninos para um tal curso que fundara, dizendo era um departamento do Nacional. Enviamos circulares para tôda a parte do Meier, esclarecendo o caso e aparando o golpe.

—

28 — Conforme fôra secretário relapso da União Espírita Baiana, fui, então, diretor de instrução da União Espírita Suburbana, do Rio.

29 — Fomos, certa feita, convidado para fazer uma Conferência nesta última. Alegando falta de geito para a oratória, empurramos o Almeida Gomes em nosso lugar. Almeida fêz uma peça enorme sôbre seu Penedo, sua Alagôas querida; arrazou a Igreja Católica, os padres, o luto, a dansa, o batismo, a confissão, etc. E botou-se à tribuno. A conferência foi tão falada que Manuel Quintão propôs fôsse ampliada para ser impressa pela Federação.

30 — Almeida ampliou-a, entusiasmado, não escondendo, depois, sua decepção quando não a viu impressa. Creio que veio desta decepção o fato de ser um dos cavalheiros que mais dansaram em uma festa que houve, dias depois, na casa do Almirante.

«E sua tese contra a dansa, Almeida? — perguntei-lhe.

—«Ora, aquilo foi entusiasmo de conferencista, sòmente»...

—

31 — Casou-se, dias depois. Fomos eu e mamãe suas testemunhas no ato civil. Não houve casamento religioso. Estou a me lembrar do rigor de então a que me submeti: fraque, luvas, calça de lista, etc... O Almirante e d. Biosa, testemunhas da noiva, exigiram que eu assim fôsse, embora se tratasse de um casamento simples, pois não me queriam inferior ao Almirante. Fui, depois, considerado, espiritìsticamente, padrinho de sua primeira filha, a Diva.

*** Tôdas as manhãs há flôres, recém-cortadas da haste, ornamentando o retrato de nossa filha, que temos sôbre uma cômoda, em nosso quarto. São ali, religiosamente dispostas por minha espôsa. Noto-as porque perfumam o ambiente, antes que a vista as descubra. Assim é a presença da querida filha, desencarnada aos 17 anos, na plenitude da vida: noto-a pela vibração de alegria e de vigor mental que me prodigaliza, embora não possa vê-la nem escutar-lhe o que nos quereria certamente dizer.

É tão feliz, em sua liberdade! Contudo o nosso egoísmo desejaria tê-la ao nosso lado, palpitante de vida material. Sim, o nosso egoísmo, embora de minha parte, à fôrça de contenção espiritual e de exercício mental contra os velhos estigmas do sentimentalismo sem nenhum sentimento da realidade espiritual, já possa afirmar que me sinto feliz na felicidade da minha querida filha, desligada dos constrangimentos do seu frágil organismo...

Mas, preciso ser compreendido: Betinha era mais do céu que da terra...

Nem todos podem desfrutar, meritòriamente, da mesma liberdade: a êsses convém mais que continuem adstritos à vida material, continuando a dolorosa experiência da carne, se porventura ainda não sabem desfrutar as doçuras da liberdade. Contudo, por vêzes, pode isso resultar de simples hábito (e o hábito, como se sabe, é uma segunda natureza). Vencê-lo deve ser nosso maior esfôrço. Não devemos, porém, contrair a responsabilidade de ligar a tais hábitos qualquer semelhante nosso, nem mesmo aos animais. «Encarcerar a aza é encarcerar o pensamento humano» — bradava o Melro de Guerra Junqueiro, vendo os implumes filhinhos engaiolados.

Temos um sabiá há mais de dez anos. Canta, canta incessantemente! O seu trinado, porém, não é festivo; é antes uma nênia que nos inspira tanta saudade!

Não podemos soltá-lo, porque êle já está de tal modo habituado à gaiola, que iria morrer se lhe déssemos liberdade. Assim é o que ocorre em geral com os nossos filhos: não pedimos a Deus que lhes dê a liberdade, não! Sabemos lá se estão aptos a desfrutá-la convenientemente! O nosso egoísmo se justifica. Entretanto, com relação à que se foi... Se assim o quís Deus, é porque estava em condições de ser feliz na vida livre dos espaços. Deus é quem nos dá os filhos do nosso amor; Deus é que nô-los tira, quando necessário. Bendito seja Deus!

Junto ao retrato de minha filha encontro pela manhã flôres sempre renovadas: e fico-me a pensar no amor e na saudade que só um coração de mãe sabe sentir em tôda a sua grandeza.

Arnaldo S. Thiago

Rio, dezembro de 1958.

Auto-Sugestão e Mediunismo

V. O. CASELLA

CONFORME vimos no nosso trabalho anterior a capacidade de memória do nosso estado mental de subconsciência é maior que a do consciente.

Mas não se deve interpretar que êsses dois estados mentais estejam realmente separados por uma linha divisória rígida. Ambos, fundamentalmente, são um só todo com estados que se podem diferenciar.

Quando estamos no nosso estado normal de consciência, a função desta destaca-se pela sua propriedade de aquisição intelectiva, não sendo completa a sua faculdade de rememoração, perdendo contato com muitas ocorrências que no entanto, permanecem intactas nos arquivos mentais do subconsciente. Já, êste outro estado, ao contrário daquele, entre outras particularidades, salienta-se na sua extraordinária agudeza de rememorar os fatos ali registrados, mas não possuindo a capacidade de aquisições intelectivas pelo raciocínio.

E êsses dois estados interferem-se.

No estado de consciência podemos receber intuições, como ecos de alguma coisa, que nos chegam do subconsciente. E quando entramos neste outro estado, pelo transe, as rememorações subconscientes recebem reflexos inteligentes da consciência, embora esta ali se apresente diminuida.

Por essas interferências, as rememorações subconscientes, associadas com as influências inteligentes do consciente podem oferecer produções, aparentando elevado nível de cultura. Mas se o observador estabelecer uma análise cuidadosa notará que essa intelectividade realmente nunca ultrapassa o grau dos conhecimentos de seus agentes. O excesso aparente de cultura são apenas as surpreendentes rememorações mecanicistas do subconsciente.

Ora, rememorar não representa sabedoria.

Exemplifiquemos uma analogia para que o leitor compreenda melhor o que desejamos explicar: — Um estudante possue a capacidade de aprender de cor tudo que lê. Ao fazer sua prova de exame poderá associar alguns recursos de sua inteligência na sua produção mecanicista, contornando frases, empregando símbolos, para que o mestre não perceba a sua falsa sabedoria. Se o examinador fôr negligente poderá julgar que tal aluno é conhecedor do assunto em prova. Mas se o mestre fôr atento, com a análise através de alguns testes, descobrirá a fraude.

Logo, como já dissemos, rememorações mecanicistas não representam cultura. Esta se reconhece pelas produções que revelem trabalho de raciocínio. O bom rememorista poderá reproduzir obras que já leu, mas não saberá manter conversa e responder perguntas, ou formular mensagens sôbre assunto em que êle escreve ou fala no sentido automático.

É o que se dá com o nosso estado de subconsciência que fixa os fatos, sem se intelectualizar. Pois se tivéssemos na nossa mente duas memórias intelectualizando-se separadamente teríamos que aceitar o inconcebível mistério da existência de um outro «eu» diferente, atuando dentro de nós, sem que disso soubéssemos.

Assim, um indivíduo que na sua vida normal é pedreiro, ou mecânico . . . ., êle por dentro poderia ser astrônomo, artista etc, etc. Seria o clássico milagre da existência de duas ou mais personalidades diferentes, dentro de uma só capacidade mental.

Os apologistas destas divisões encantadas jamais se deram ao trabalho de esclarecer êste enigma.

Agora, com êsses informes, os leitores não familiarizados com êsse assunto já se acham mais aptos para compreenderem como se diferenciam os fenômenos de auto-sugestão e o mediúnico, considerando-se que há pontos em que ambos muito se assemelham em suas apresentações superficiais.

Pela auto-sugestão certos pacientes possuem a capacidade de entrar em transe (parcial ou total) sem auxílio de outro operador. Neste estado, geralmente, confundindo-se com o do mediunismo, o paciente pode apresentar, pela escrita ou fala automáticas, produções extraidas de sua própria mente ou, em certos casos, captadas de alguns dos presentes pela transmissão telepática, sendo que tais produções nunca ultrapassam a capacidade intelectiva de sua origem, conforme já explicámos acima.

Apesar desta parecença nas fases superficiais dos fenômenos da auto-sugestão e do mediunismo, êste último destaca-se quando as mensagens vêm com nomes e características comprovadas de entidades já desencarnadas. Esta é uma importante particularidade, acusando a produção como de origem mediúnica.

Em caso contrário, como então conceber que o subconsciente possua a astúcia de trair a si próprio, no último ato da mensagem, denominando-se outra personagem que, neste caso, estaria ausente no fenômeno? Contudo, apesar desta inferência a favor do mediunismo, os nossos opositores intransigentes persistem, na sua arbitrária teimosia, em atribuir também a êste comportamento do fenômeno como produto da auto-sugestão.

No entanto, esta teima torna-se infantil, portanto anti-cientifica, quando a produção vai além, ou se diferencia substancialmente, da capacidade intelectiva dos presentes e do paciente; pois de onde teria surgido essa diferença de intelectualidade, considerando a ausente na mente dêsses indivíduos?

Como já vimos, o subconsciente apenas produz aquilo que estiver dentro de seus limites. O que fôr a mais, com relação ao nível real de cultura do paciente e presentes, só se explica pelo mediunismo. Contrariar êste postulado é revelar-se cego diante das provas mediúnicas, colocando-se em choque também com a própria ciência da Psicologia que não concebe o nascimento espontâneo de idéias intelectivas, que não tenham sido adquiridas pelo trabalho de aprendizagem.

E aqui findamos êsse nosso trabalho, o qual baseamos em nossas deduções sôbre informes científicos. Trata se de matéria complexa, e de difícil explicação vulgar, motivo pelo qual prevalecem os opositores do Espiritismo, para lançarem confusão entre os simpatisantes da doutrina, que ainda não entraram em contato com as obras básicas de Kardec.

Ainda desejamos esclarecer que neste trabalho apenas relacionamos a atividade mental da nossa vida presente. Não tocamos nos arquivos da inconsciência profunda, onde se guardam os registros das nossas vidas sucessivas, assunto êste que exigiria capítulo à parte.

Quanto ao que expusemos, se surgirem opositores, aceitamos polêmica desde que o assunto se objetive nos fundamentos básicos dos postulados da Psicologia.

E se houver confrades estudiosos da matéria, discordantes da forma como apresentamos as questões diversas, também aceitamos palestra elucidativa e construtiva, através destas mesmas páginas, em favor de melhores esclarecimentos, aos leitores que nos acompanham.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — Procurando oferecer novos esclarecimentos sôbre o problema da habitalidade do nosso satélite, conforme nos solicitam alguns confrades referindo-se ao nosso trabalho de novembro último, «A Conquista da Lua», no próximo número desta Revista voltaremos ao assunto. Na ocasião será considerado o artigo «No Mundo... da Lua», do nosso digno e competente confrade snr. Arnaldo S. Thiago, cujas delicadas palavras sôbre nossa modesta pessoa, ali inseridas, sinceramente agradecemos.

V. O. Casella

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação)

12 – A Magia

Podemos dizer que, pràticamente, tôdas as religiões têm suas primeiras raízes implantadas na *magia.*

A magia é a arte de produzir fenômenos sobrenaturais, agir sôbre as leis e fôrças da natureza, e atuar sôbre as potências espirituais, usando práticas, cerimônias, rituais, objetos ou fórmulas especiais, quase sempre ocultas.

As religiões, quanto mais primitivas, tanto mais se aproximam da magia. Normalmente, ela é a religião fundamental entre os povos selvagens. Foi, como vimos nos estudos anteriores, a religião nascente entre os povos paleolíticos.

Encontramos nas religiões contemporâneas os traços indeléveis das práticas mágicas do passado. Podemos observar em quase tôdas o uso de imagens, relíquias e objetos sagrados. São os sucedâneos das representações antropomórficas, feitas em pedra, osso, madeira, chifre e marfim, que foram encontradas nas grutas pré-históricas. Temos também, hoje em dia, as preces, as evocações, os pontos, ladainhas, cantos, danças, bebidas, água-benta, água-fluída, amacis, fumo e incenso. Tudo isso poderá ser enquadrado perfeitamente dentro das práticas mágicas.

Queremos fazer um parêntesis aqui. Trata-se de dar um pequeno esclarecimento sôbre o sentido dos vocábulos: *magia* e *mágico,* que ora estão sendo empregados neste trabalho. Usamo-los na forma comum, para cuja elucidação definimos, no início dêste trecho, a palavra *magia.* No entanto, é preciso reconhecer, nas práticas mágicas, aquilo que a Psicologia moderna identifica como sendo a conduta resultante do *pensamento mágico.* Êste seria um tipo pensamento, oposto ao racional.

Do mesmo modo, a História classifica como *religiões mágicas* aquelas que apresentam certas características comuns, tais sejam o profetismo, as conversões e o messianismo. Essas peculiaridades são encontradas, por exemplo, no Islamismo, no Judaísmo e no Cristianismo Oriental. Não é exclusivamente neste sentido que estamos abordando o presente tema designado por *magia.* Entretanto, admitimos a legitimidade dos pontos de vista da Psicologia e da História, os quais são corretos, mesmo dentro das convenções já estabelecidas.

Focalizada sob o ponto de vista espírita, e levado em consideração o que expusemos anteriormente com relação às práticas e costumes dos paleolíticos, a magia nada mais é do que uma convenção firmada entre o encarnado e o desencarnado. Os símbolos, as fórmulas, as palavras escritas ou pronunciadas oralmente, servem para lembrar e identificar o pacto realizado entre os dois interessados.

Os símbolos e as fórmulas prestam-se aos seguintes fins:

a) estabelecer uma união entre os sêres associados, visando a consecução de um objetivo comum; geralmente o *símbolo* lembra o objetivo, e a *fórmula* reaviva os laços de afinidade ou as convenções estatuídas;

b) excitar as faculdades psíquicas que proporcionarão a *religação* entre os encarnados e os desencarnados, com o fim de estabelecer o necessário contato mental e obter o intercâmbio de fôrças indispensáveis ao prosseguimento de certas tarefas;

c) servir como meio de identificação, de maneira a evitar uma possível infiltração de estranhos, perturbadores e adversários, capazes de provocar a desagregação do grupo, pela mistificação ou outros processos.

Com o tempo, os símbolos e fórmulas, assim como as regras que orientavam as práticas mágicas, foram sofrendo modificações profundas. Muitas se transformaram em rituais complicados, em solenidades. Paulatinamente surgiram os cultos, danças e hinos sagrados, cantochãos, «mantrans», missas e tôda a complexa ritualística das religiões e seitas conhecidas hoje em dia.

À medida que se afastam do fenômeno central, isto é, do intercâmbio direto com o mundo espiritual, as cerimônias se complicam. O luxo e o aparato passam a ocupar o lugar dos simples sortilégios, os quais surgiram, também, como decorrência de uma evolução do fenômeno mediúnico puro e simples, cuja finalidade seria suprir as deficiências do médium, ou facilitar o transe.

Imitando o método de classificação adotado por Charles Richet, ao abordar o estudo da Metapsíquica, poderíamos classificar a magia em dois grupos fundamentais: *magia subjetiva* e *magia objetiva.*

No primeiro grupo, englobaríamos as práticas mágicas baseadas apenas nas faculdades e poderes subjetivos da alma e do espírito.

No segundo teríamos os processos ligados aos fenômenos físicos simplesmente, ou aos enquadráveis na Metapsíquica objetiva.

No sentido de melhor esclarecer tal classificação, vamos esquematizá-la:

- MAGIA
  - 1.º Grupo *Magia Subjetiva*
    - *Magia resultante do comportamento ditado pelo* pensamento mágico.
    - *Magia resultante das* manifestações metapsíquicas *subjetivas* ou *parapsíquicas.*
  - 2.º Grupo *Magia Objetiva*
    - Magia direta — *baseada em fenômenos puramente físicos ou químicos.*
    - Magia real — *fundamentada sôbre os fenômenos metapsíquicos objetivos.*

Examinemos cada um dêsses grupos.

1.º Grupo: Neste grupo vamos encontrar a magia da caça, a magia da reprodução, as expressões artísticas, as danças, e inúmeras outras variedades de rituais, ligadas às manifestações comuns das faculdades psíquicas. Aqui teríamos um primeiro sub-grupo resultante do comportamento ditado pelo *pensamento mágico*, no sentido como é considerado modernamente pela Psicologia materialista.

Um segundo sub-grupo estaria englobado dentro da classificação acima, porém relacionado com as *manifestações metapsíquicas subjetivas* ou parapsíquicas. São práticas mágicas ditadas não mais pelas faculdades psíquicas comuns, ou pela exaltação emocional. São o resultado das faculdades supranormais. São a conseqüência do *fenômeno mediúnico*. O espírito tem aí seu papel preponderante. Neste sub-grupo, enquadramos o transe, a psicofonia, a vidência, a premonição — outrora profetismo — e inúmeras outras já bem conhecidas dos espíritas e dos parapsicologistas atuais.

As práticas de magia, surgidas dêsse sub-grupo, não variaram quase nada. É lógico que assim ocorresse, pois o fato é um só em qualquer região e em tôdas as épocas. As maneiras de provocar o fenômeno diferem um pouco, mas fundamentalmente se equivalem. Em todos os tempos e lugares, encontraremos as defumações, as músicas, as beberagens, as danças, as evocações e inúmeros outros processos destinados a excitar as faculdades mediúnicas e desencadear os fenômenos correspondentes.

Uma vez estabelecido o intercâmbio através do médium, surgiram as convenções, os sinais cabalísticos e outros meios de identificar e facilitar o contato entre vivos e mortos.

2.º Grupo — Magia objetiva — A êste grupo pertencem as práticas ligadas aos fenômenos objetivos, isto é, àquêles que têm repercussão ou natureza física.

Êste segundo grupo comporta duas sub-divisões.

Temos um primeiro sub grupo caracterizado por elementos puramente físicos. É chamada, também, *magia direta*.

Foi e é muito praticada pelos bruxos e feiticeiros. Compõe-se de uma série de conhecimentos sôbre venenos, alcalóides, hervas medicinais, tóxicas, etc.

Entre as tribos primitivas e selvagens, tanto as de outrora como as de hoje, acrescentam-se àquêles conhecimentos certas noções rudimentares sôbre fenômenos físicos banais, porém tidos como miraculosos.

Durante o triste período da escravidão negra aqui no Brasil. êsse tipo de magia foi muito praticado pelos pretos. Os feiticeiros conheciam bem os efeitos tóxicos de certas hervas, algumas trazidas da África, por meio de sementes. As fôlhas ou raízes reduzidas a pó eram adicionadas à comida dos senhores malvados, pelas «mucamas» ou pelas «babás», que as recebiam das mãos dos feiticeiros negros.

Os escravos conheciam uma beberagem feita com plantas cujos nomes eram cuidadosamente guardados em segrêdo. Essa bebida tinha propriedades hipnóticas. Seu nome é: *nepente*. Usavam também em seus trabalhos de magia negra a secreção resinosa de uma variedade de sapo, a que davam o nome de *cunuarú*. O *estramônium*, mais conhecido por «mata-e-cura», «mamoinha brava» ou «herva-de-carneiro», era muito usado, também, nêsse tipo de magia.

Certos sacerdotes antigos lançavam mão de fenômenos físicos corriqueiros e com êles assombravam as massas ignorantes, mantendo-as em respeitosa submissão.

Vejamos o segundo sub-grupo da magia objetiva. Dentre todos, êsse é o mais importante, pois poderíamos chamá-lo de *magia real*.

As práticas mágicas surgiram, sem dúvida, sobretudo dêsses notáveis fenômenos estudados pela Metapsíquica objetiva.

As propriedades extraordinárias do ectoplasma, ainda tão pouco conhecidas, devem responder por esta constante entre os povos: *a magia*. Ela surgiu em tôdas as suas variadas formas e manifestações. Porém, sempre houve uma razão efetiva para tal comportamento humano.

O *médium de efeitos físicos* sempre existiu. Suas faculdades supranormais foram observadas e interpretadas de tôdas as maneiras possíveis. As reações dos observadores e do próprio agente produtor dos fenômenos metapsíquicos objetivos foram as mais diversas também.

Exemplificando com o que se passou entre os povos na interpretação do fogo, podemos avaliar as conseqüências interpretativas do *fenômeno ectoplásmico*.

A existência da magia revela não apenas uma conduta nascida do *pensamento mágico*, isto é dos clássicos êrros lógicos, próprios dêsse gênero de pensamento. A magia e suas formas evoluídas, que são as práticas religiosas, servem como demonstração cabal de que o homem teve a experiência objetiva da existência do espírito e que provou as suas influências benéficas ou maléficas.

DR. KARL MULLER — NOVO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Com o desencarne do sr. David Bedbrook, em 31 de julho último, passou a ocupar o cargo de presidente da Federação Espírita Internacional o dr. Karl Muller, conhecido pesquisador espírita, residente em Zurique, Suiça.

Nasceu o dr. Muller a 14 de julho em 1893 em Nova Orleans (Estados Unidos), sendo seus pais suiços. Em 1896 foi para a Suiça, para estudar, tendo se diplomado na Escola Politécnica de Zurique, como engenheiro eletricista. Viajou para o exterior a serviço, e em 1924, de volta dos Estados Unidos, fixou-se novamente em Zurique na firma de construções Oerlikon: dela recentemente aposentou-se.

Desde jovem participou de sessões espíritas, chegando a conhecer o juiz George Sulzer (1844-1929), o maior propagandista do Espiritismo na Suiça. Sulzer escreveu vários livros doutrinários e interessou-se pelo aspecto religioso, ao contrário do dr. Muller, que estudava o aspecto científico. Tomou parte em reuniões com um famoso médium sensitivo, Karl Witzig (1867-1945), em 1925. Estudou profundamente a questão de radiações do corpo humano, e construiu um aparelho elétrico para a medida da radiação da mão; enfim, publicou em 1932, em alemão o livro: «Demonstração objetiva e elétrica da existência de uma emanação do corpo humano vivo e seus efeitos visíveis». Dessa obra extraimos uma das conclusões a que chegou a respeito do fluido vital humano: «Há no corpo humano uma espécie de energia que desprende do corpo com a respiração, e que se escapa especialmente sob a forma de radiação, da parte inferior das pontas dos dedos, exercendo efeitos semelhantes aos das emanações radioativas.» Êsse assunto empolgou vários metapsiquistas do seu tempo, como Cazzamalli, na Itália, R. Montandon seu conterrâneo, etc.

Após 1945, entrou sèriamente em contato com os espíritas inglêses (da Sociedade «Mundo Maior»), e acolheu em Zurique a médium E. Sheridan, para reuniões de estudos. Conseguiu formar em 1948 um grupo espírita, sendo seu presidente até 1956. Desenvolveu a médium K. e conseguiu com ela fenômenos de efeitos físicos, de telecinésia, de voz direta e materialização; construiu então um aparelho moderno para fotografia com infravermelho. Em 1954, no congresso espírita internacional, realizado em Amsterdão, apresentou o seu trabalho.

Em 1955 viajou para Alemanha e Dinamarca, para propaganda da doutrina, e em 1957 foi nomeado pesquisador da Federação E. Internacional, e finalmente em dezembro dêsse ano tornou-se o vice-presidente dessa entidade.

Em 1958 entrou em contato com o dr. Inácio Ferreira, diretor do Sanatório Espírita de Uberaba, com o desejo de propagar as obras doutrinárias do ilustre diretor, a saber «Novos rumos da Medicina», v. I, II, «A psiquiatria em face da reencarnação», etc.

Os interessados em entrar em contato com o ilustre engenheiro suiço, para fins de investigação, poderão escrever para Seefeldstrasse 112, Zurique, Suiça, e por certo receberão fraternal resposta atestando o cargo importante que ocupa no movimento espírita.

Cícero Pimentel

S. André, 16-1-59

BIBLIOGRAFIA:

1) «Revue Spirite», nov. dez. 1958 p. 214 (c/ foto).

2) Le pouvoir mysterieux des guérisseus, A. Leprince. *(Ed. Dangles, Paris) p. 75.*

Hipnotismo e Espiritismo

Luiz Caramaschi

Quem se propuser a demonstrar (e é o caso do Irmão Vitrício) que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos, acabam por provar, também, que tôdas as fés são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos eclesiásticos só valem pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. O pão eucarístico deixa os fiéis eufóricos, radiantes, felizes, do mesmo modo que ficariam se recebessem tais sugestões, estando hipnotizados.

De maneira que o Irmão Marista está metendo fogo à própria casa, e a arma que agita tem duas pontas, com o cabo no meio. Basta oferecer resistência na extremidade agressora que a outra ponta penetra no corpo do atacante.

Se o Irmão Vitrício (pseudônimo de Luís Rech) quer explorar cientìficamente o fenômeno religioso, a fórmula psicológica é muito simples: a imaginação criou os mitos que são *hipóteses de trabalho, explicações, teorias apenas*. O que para um era teoria e hipótese, para outro passou a ser verdade dogmática. Dêste modo o mito agiu, reflexivamente, sôbre a mente humana criando a alucinação. Daqui em diante o crente crê, porque teve uma *experiência mística*, mas, teve uma experiência mística, porque sofreu a pressão sugestiva de *uma criação mítica*. Eis a fórmula em evidência:

imaginação + sugestão = mito
mito + sugestão = religião

Se, pois, como está na «Manchete» de 6 de setembro de 1958, o prezado irmão Vitrício acha que «não existe nenhuma comunicação com o Além», então temos a conseqüência inexorável de que as aparições e comunicações dos santos são mitos; os milagres, pura sugestão, de mistura com patacoadas grosseiras. A Igreja se fundamenta no mito; nada existe de real, porque, como diz, «não existe nenhuma comunicação com o Além». «O Além — afirma — estará muito além de nossas possibilidades enquanto estivermos no limitadíssimo aquém». Logo, as aparições de santos e as tentações dos demônios são balelas (pensa o padre, mas, não diz), para engodar os fiéis da sua Igreja, pois, o padre letargista (hipnotista) não crê nestas tolices e sabe muito bem como funciona a «sua» fé, para uso dos outros. Saia-se desta, se fôr capaz, o prezado Irmão...

* * *

No Espiritismo, nos trabalhos que se chamam de *efeitos inteligentes*, os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo e telepatia com as comunicações pròpriamente ditas. Porém o fenômeno espírita existe nos *efeitos inteligentes*, para não se falar nos indiscutíveis *fenômenos de efeitos físicos*. É por isto que o agnóstico Aldous Huxley, em «O Cruzeiro» de 6 de setembro de 1958, afirmou que, «mesmo aceitando-se a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente». É êsse «mínimo de casos» que deve constituir o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia provinda de *encarnados*, mas, também, a *telepatia originária dos desencarnados*. Já nos aconteceu de irmos hipnotizar, e acabarmos doutrinando espírito; outras vêzes fomos doutrinar espírito, e tivemos de despertar, pura e simplesmente, um hipnotizado.

Num dos espetáculos públicos de hipnotismo havido nesta cidade de Piraju — Sp., um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfàticamente: «Eu não sou gago». De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu suposto adversário político afirmou: «E venço esta eleição, porque já venci duas; eu já fui prefeito duas vêzes». Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fôra prefeito duas vêzes?

No caso de o hipnotizador deparar com uma comunicação espírita autêntica, pode dizer que se trata do fenômeno de «dupla personalidade», como o chamam os psicólogos. Todavia esta dupla ou tripla personalidade que «personaliza» o hipnotizado «despersonalizado», pode ser inimiga do hipnotizador, e, por êste motivo, agredí-lo. Para nós, espiritistas, o fenômeno da dupla ou múltipla personalidade é pura comunicação de espírito desencarnado.

A coisa é simples? Não. Depois de quinze anos de Espiritismo prático e de estudos, respondemos: não, não é simples. O Professor Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que «ainda hoje», alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados» (1). Que aspectos são êstes? Dentre muitos estão os que enumeramos, e os que êle próprio comprovou; pois, «nas milhares de pessoas que hipnotizou, teve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutìvelmente provados» (2).

* * *

Espiritismo e hipnologia estão inextricàvelmente ligados, e, por isto, apelamos, de público, para o preclaro Espiritista e Educador Romeu de Campos Vergal, para que, na Câmara Federal, não deixe os médicos e odontólogos porem o Espiritismo fora da Lei, proibindo aos espíritas exercerem suas atividades, alegando, como é certo, que o transe hipnótico é o mesmo transe mediúnico nos fenômenos de incorporação e psicografia.

E para que o eminente espiritista e demais confrades não cuidem que esta assertiva carece de fundamento doutrinário, declaramos que êste é o pensamento mesmo de Allan Kardec, quando, há um século, escreveu o artigo intitulado «Magnetismo e Espiritismo», na «Revista Espírita», reunida, pela LAKE, em volume (3).

Naquele tempo, ao hipnotismo, se dava o nome de magnetismo, como se pode comprovar, fàcilmente, pela história do hipnotismo. É Kardec quem afirma que, «com efeito, baseando-se ambas (ciências) na existência e na manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar mútuo apoio: elas se completam e se explicam mùtuamente» (obra cit.). Mais. «Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo (hoje, hipnotismo), nosso quadro ficará incompleto e podemos ser comparado a um professor de Física que se abstivesse de falar da luz» (obra cit.). E mais adiante afirma «que, na verdade, não passam de uma», as duas ciências. E tudo isto Kardec declara ser sua «profissão de fé» (obra cit.).

* * *

Hipnotismo é Espiritismo, já o disse há cem anos Allan Kardec, conquanto afirmasse, e com razão, que Espiritismo não é só hipnotismo, como pretende o Irmão Vitrício. Impossível será dissociar uma coisa da outra. Agora os médicos e odontólogos querem ser donos do hipnotismo que é a base natural dos fenômenos mediúnicos. Com isto farão que o Espiritismo esteja fora da Lei, para, ato contínuo, perseguirem os seus praticantes, como fazem, hoje, aos médiuns curadores, quando êstes são pequenos, humildes e desprotegidos.

Por causa destas coisas, fazemos ciente, ao prezado Irmão Campos Vergal, por meio dêste instrumento de imprensa, da necessidade de defender a Doutrina Espírita, na Câmara Federal, contra a ofensiva dos açambarcadores os quais, sendo ja «donos» dos corpos que retalham à vontade, querem, agora, também, apoderar-se das almas, fincando nela a bandeira de propriedade.

O golpe já está preparado, e tanto que o Dr. Osmard Andrade Faria, do alto da sua cátedra, manda se compare «a identidade de tais fenômenos (os hipnóticos) com as atuais incorporações «mediúnicas» da prática espírita» (4). E define mais ainda a sua posição, quando declara ter sido Mesmer «o verdadeiro inspirador de *Allan Kardec*» (5), quando ninguém ignora que Kardec começou com os *fenômenos de efeitos físicos* das *mesas girantes*, e não, com os auto-hipnotizados e convulsionários de Mesmer. Em «O Cruzeiro» de 11 de outubro dêste ano, êsse mesmo autor declara-se contra as aplicações da hipnologia por leigos em medicina e odontologia, e no mesmo artigo, «o Prof. Leonídio Ribeiro condena até mesmo o uso da hipnose por odontólogos». Se esta gente puder fazer Lei, os centros espiritas terão de fechar as suas portas.

Eia, pois, espíritas, cerremos fileiras! Assenhorear-se da hipnologia é fechar as portas ao mediunismo, e acabar com a consoladora Doutrina Espiritista! Do jeito que a coisa se está articulando, no futuro, para praticarmos Espiritismo Experimental, teremos de nos diplomar, primeiro, em odontologia ou medicina.

Piraju, 3 de outubro de 1958.

—

1) *Karl Weissmann, O Hipnotismo, 17*
2) *« « « 19*
3) *Allan Kardec, Revista Espírita, I, 95*
4) *O. A. Faria, Hipnose Médica e Odontológica, 9*
5) *O. A. Faria, Hipnose Médica e Odontológica, 12*

RUMO A SEGUIR

A quem quer que observe de ânimo desprevenido o que vai pelo mundo em matéria de religião, não passará despercebido o progresso que tem feito o Espiritismo nestes últimos anos, notadamente na Pátria do Cruzeiro onde existem cêrca de mil agrupamentos ou associações espíritas, funcionando normalmente, com estudo e orientação no Evangelho Segundo o Espiritismo, Livro dos Espíritos e outras obras básicas, com crescido número de assistentes, ávidos da verdade e de uma orientação segura.

O espírita que percorrer hoje de norte a sul a terra de Santa Cruz terá a agradável impressão de uma verdadeira febre pela doutrina Kardecista, porque, em cada cidade ou povoado que visitar encontrará pelo menos um dêsses agrupamentos e elevado número de crentes.

É que a humanidade atual, composta de espíritos mais ou menos evoluidos à custa de sucessivas encarnações neste e em outros planêtas de espiação em que aprenderam a considerar os bens materiais como merecem, não se satisfaz mais com os ensinos religiosos primitivos, ensinos que deram seus frutos no passado, mas que se não coadunam com o progresso intelectual e moral do homem do século XX.

E, tanto do campo católico como dos arraiais protestantes e materialistas, dão-se diàriamente deserções em massa, à procura de uma crença que lhes satisfaça a razão, de uma doutrina, de uma filosofia que lhes explique os mistérios que as suas religiões teimam em conservar, apesar de incompatíveis com os progressos que o mundo e sua humanidade têm realizado.

Estudam, meditam, observam, esquadrinham todos os sistemas filosóficos, e acabam abraçando o espiritismo por encontrarem nêle cabal e racional explicação daqueles mistérios, explicação acompanhada de provas materiais, palpáveis, tangíveis.

Isto quanto aos homens inteligentes, bem intencionados, ávidos de luz; porque os medrosos, os acomodatícios, os trocistas, os indiferentes, os retardatários, enfim, só chegarão a êsse resultado — e hão de infalivelmente chegar um dia — quando o aguilhão das desventuras lhes fustigar os flancos como a burros manhosos, ou quando o seu espírito, cansado de desilusão, exgotado pelos prazeres materiais, aspirar coisa melhor e lobrigar possibilidade de alcançá-la.

A saciedade lhes produzirá o tédio e êste o ideal que mais lhes satisfaça o estado d'alma e que mal compreendem.

* * *

Para nós, os espíritas, é confortadora a constatação do incremento que vai tendo o espiritismo no Brasil, mas triste e desanimador o modo por que se o pratica.

É de se lastimar que entre essa multidão de crentes disseminada por êste vasto território, nem uma quinta parte talvez tenha a verdadeira compreensão dos ensinos que do alto recebe. Atraídos quasi sempre pelo maravilhoso, levados mais pela curiosidade que pelo sentimento, relegam o estudo sério, acurado e consciencioso da doutrina, para se entregarem de preferência às comunicações, muitas vêzes estéreis de resultado proveitoso.

Daí os absurdos que inconscientemente pregam e praticam, concorrendo, sem o saberem, para desacreditar a doutrina que desejariam propagar.

Para que os espíritas bem compreendam os fenômenos da comunicação com o mundo imaterial, mistér é que conheçam de antemão as leis que regem a matéria, que saibam distinguir as comunicações boas das apócrifas, que possam enfim avaliar a árvore pelo fruto. Êstes conhecimentos, porém, só se adquire pelo estudo das obras básicas da doutrina — a coleção de obras recebidas e codificadas pelo nosso Mestre Allan Kardec.

Notadamente «O Livro dos Espíritos» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo» devem merecer especial atenção dos que desejam iniciar a prática do espiritismo, antes de tratarem de obter comunicações. Nessas condições, havendo estudado e compreendido as suas leis, o investigador ou o praticante de espiritismo estará mais ou menos habilitado a julgar as comunicações que receber, não se fará um fanático como soe acontecer aos que procedem de modo diverso. Quando tiver de conversar em rodas de pessoas extranhas ao espiritismo e mesmo refratárias aos seus princípios, não dirá tolices, mas saberá manter-se discreto, só avançando a discutir o que tiver aprendido.

A doutrina espírita não é nova ela constitue a confirmação do Cristianismo; em nada o contraria.

É o cumprimento da palavra de Cristo quando disse que mandaria mais tarde o ESPÍRITO DA VERDADE, O CONSOLADOR, ensinar outras coisas que a humanidade de então não estava apta para compreender e que, embora veladamente, deixou consignadas nos seus ensinos.

Concitemos, pois, os nossos irmãos a considerarem em primeiro plano o estudo da doutrina e à aplicação de seus princípios nas suas relações sociais; deixando em segundo plano a experiência que não obstante constituir importante elemento de estudo, só deve ser praticada quando puder ser eficazmente compreendida.

Não há meio mais seguro de provarmos a sublimidade do nosso ideal aos que ainda lhe são infensos, que nos esforçarmos em exemplificá-lo com os nossos atos na vida de relação. A indulgência para as faltas alheias, a tolerância, a mansidão, a doçura e o perdão, são virtudes que por si sós recomendam uma doutrina; e os espíritos que do alto descem para nos ensinar, no-las aconselham como base da nossa moral.

Samuel Gomes da Costa

Corumbá, 30 de outubro de 1958.

Espiritismo e Criminologia

O primeiro livro de Deolindo Amorim que me impressionou muito vivamente foi *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*. Eu havia lido os vários artigos sob êsse título publicados pelo autor, em números seguidos de «MUNDO ESPÍRITA», então editado no Rio, dos quais Deolindo Amorim formou o dito volume. Mas, o livro, enfeixando os artigos, dava uma imponência maior às idéias nêles desenvolvidas. Os capítulos XXX a XXXII empolgaram-me sobremodo, pela serenidade absoluta no argumentar, pela isenção completa de animosidade contra os autores adversos. Deolindo Amorim ofereceu-me *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS* com esta dedicatória amável: «Ao confrade A. Victor Magaldi, com estima e consideração, oferece Deolindo Amorim. Rio, 7/6/48». Estava eu, nêsse tempo, em Juiz de Fóra, como diretor de «*O MÉDIUM*», órgão da União Espírita de Juiz de Fóra. Fiz, por essa fôlha espírita, a crônica do livro, com justo entusiasmo. (Quero aquí revelar a opinião de um comunista que leu *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*, exarada por êle mesmo na última página, em branco, do volume. É uma opinião póstuma; pois, o seu autor foi o meu filho Nísio Magaldi, desprendido um ano depois, na idade de 26 anos. Sua opinião textual: «Lido em 9/8/48. O autor discute com conhecimento de causa, clareza e objetividade. O livro, para criaturas menos avisadas, pode trazer confusão, quanto à contradição máxima: — espiritismo versus marxismo. Concordo, há muito, na contradição fundamental: — O espírita não pode ser marxista; nem pode o marxista ser espírita. Há, entretanto, a afirmação, não debatida pelo autor: —O comunista pode ser espiritualista e, como tal, espírita; e o espírita pode ser comunista. Nos Partidos Comunistas de todo o mundo há grande maioria de espiritualistas. O presidente da Federação Espírita Mineira é comunista. O padre católico Plojár, da Tchecoslováquia, é Ministro da Educação de um govêrno comunista. O autor, cuidadosamente, evitou tratar do Comunismo, forma de ação política do Marxismo, ficando, sòmente, na questão filosófica...») Já que fechei o parêntesis, sem dizê-lo, fique bem claro que sempre militei no *Comunismo do Cristo*, inteiramente contra o *Comunismo dos homens.*

Os livros de Deolindo Amorim, como tenho posto em evidência, nos comentários por mim feitos de todos êles, trazem o cunho em alto relêvo de um escritor vigorosamente alicerçado na fé e na razão, profundo nos conceitos que emite, sagaz na argumentação dos temas que aborda e insuperável no estudo profícuo de tôdas as questões correlatas. Baiano pelo talento e ateniense pela estirpe, Deolindo Amorim é um beletrista que conduz o seu leitor da superfície ao âmago, em todos os quadrantes dos horizontes que descortina nas suas luminosas discussões, forçando-o a raciocinar, sem lhe causar canceiras, numa atitude expontânea. É êste o melhor dom que Deus lhe deu, além daqueles outros inúmeros que possui. Vivaz, cintilante, clarividente, simples e benigno. No livro, no jornal, no rádio e na tribuna, sempre esplêndido.

Acaba o vitorioso escritor espírita de publicar *ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA*, com prefácio do renomado cultor do Direito, erudito advogado, proeminente maçon e esclarecido espírita Dr. José Augusto de Miranda Ludolff, editado pela Federação Espírita do Paraná, com a proverbial perfeição de sempre, na Gráfica Tipoarte Ltda., Rua Cabral n.º 352, Curitiba. E dedicou-me um dêles com expressões muito fraternas.

Consta no volume a conferência feita pelo autor no Instituto de Criminologia da Universidade do Distrito Federal, divulgada pelo *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, casa máter do Espiritismo no Brasil. Diga-se de passagem, sem comentários, que seriam preciosos: foi a FEB quem designou Deolindo Amorim, satisfazendo pedido que a ela foi endereçado, para debater o tema *«Espiritismo e Criminologia»*, em sessão pública, solenemente convocada, com dia e hora preditos, pelo presidente do Instituto, Dr. Roberto Lyra, catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Tal conferência alcançou uma ressonância extraordinária, repercutindo os comentários favoráveis ao conferencista por todos os meios científicos do Direito e do Espiritismo, no Brasil e no exterior. Em vista da enorme repercussão, Deolindo Amorim recebeu pedido do confrade João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná, para divulgá-la em livro ou opúsculo. «Tão pronta foi a nossa aquiescência à idéia daquele estimado confrade, diz Amorim na *Introdução,* como imediata foi a concordância da FEB, assim que consultada a respeito, tanto mais quanto o objetivo da iniciativa é a difusão da própria doutrina espírita, notadamente entre cultores do Direito, uma vez que o tema envolve problemas de natureza jurídica». Ajustando à conferência dissertações correlatas com o tema debatido na sala de aula da Faculdade de Direito, sob a presidência do Dr. Roberto Lyra, com a presença do Dr. Benjamin Moraes, pastor evangélico dos mais conspícuos, vice-presidente do Instituto, e mais uma plêiade de advogados ilustres, espíritas notáveis, estudantes e jornalistas categorizados, Deolindo Amorim formou um tratado espírita, de incalculável significação doutrinária. E, assim, temos, à vista e à mão, *Espiritismo e Criminologia,* que permanecerá como marco de luz no roteiro evolucionista da Doutrina dos Espíritos, assinalando no seu primeiro contacto oficial com a Jurisprudência, uma nova éra.

A cada livro publicado por êle, tem-me vindo à lembrança o vaticínio, evidente cada vez mais claramente, formulado pelo Dr. Carlos Imbassahy no prefácio do primeiro livro de Deolindo Amorim, já citado de início, *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*, nos seguintes termos: «Para terminar, desejaríamos que o autor, com o auxílio daqueles que se deixam sempre atrair pela modéstia e pela bondade, continue, em outras obras de igual fôlego, a sua inexgotável energia em prol de nossos irmãos, e a demonstrar, do mesmo modo, o papel gigantesco do Espiritismo no seio da humanidade. E que faça ver ainda, com o seu poder de lógica e a benignidade de seu estílo, que êsse papel não se limita a um misticismo improdutivo, senão que se volve para todos os campos onde pode chegar a nossa atividade, que se dirige a tôdas as disciplinas onde vai o nosso conhecimento, que alcança tôdas as esferas onde pode chegar a evolução».

Estudantes e Mestres, em Direito, amantes da evolução da ciência irradiada de Roma para todo o mundo, espíritas desejosos de futuro mais grandioso para a humanidade, espiritualistas de todos os sétores da luz divina, cumprindo o nosso dever de colaboração com aquêles que difundem a Verdade e dignificam a Justiça, propaguemos os livros como *ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA*. Evitemos, além do mais, o sacrilégio de entregá-las à eternidade das estantes, no convívio imundo de traças, carunchos e baratas.

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, Outubro — 957.

Govêrno de Povo

Dr. Giuseppe Manuel Minardi

(Associação Paulista de Imprensa)

A história continua o seu caminho sem parar. Cada século produz, elabora, assimila um conceito e, isso feito, entrega-o, como patrimônio hereditário que se acumula, ao século seguinte, que se prepara para novas criações.

Assim é que, por exemplo, a Idade Média, por entre paixões e violências, atos de barbaridade e místicas visões, entregava-se à construção das consciências. Nessa Idade Média estavam-se forjando as grandes construções espirituais dos povos em uma titânica e marasmática fermentação psiquica. Assim a revolução francêsa, nas suas grandes dores, no caos e nas aberrações político-sociais, trouxe à luz, no histórico advento político da «burguezia produtiva», as leis biológicas e do viver social. Estas leis entorpecidas por milênios sofreram hoje um choque repentino no setor evolutivo da civilização, do mesmo modo estamos hoje lançando a semente não só para uma maior civilização futura, mas também para as grandes construções da moral, do civismo e da política para um maior advento da intelectualidade consciente, (a não ser confundido com o atual amontoado mental confuso da cultura hodierna) em um amadurecimento de raça, dotado de instintos mais elevados, que faz do homem um ser seleto para a função social de comando.

Essa função de govêrno deve estar lògicamente ligada, por inconfundivel qualidade de raça, e não por sobreposição de cultura e de títulos, a uma elite insubstituível, assim como, na natureza, onde nenhuma célula de tecido muscular pode substituir outra a que estejam confiadas funções nervosas e cerebrais.

Devemos ter como conceito básico a divisão de trabalho por especializações de capacidade, sendo êste o único alicerce biológico que pode justificar o conceito do moderno corporativismo, com um estado orgânico, diferenciado nas unidades tornadas compactas em sua fusão, qual expressão viva do organismo biológico coletivo.

Não cairemos mais nos velhos êrros das construções ideológicas com fundamento quimérico, mas nós nos orientaremos pela realidade da vida concreta nas suas mais profundas raízes que se aprofundam na fenomenologia universal.

Se a Idade Média, nas suas condições sociais involuidas, não permitia ao indivíduo mais que um vago sonho de libertação individual pelas vias de desprendimento místico, hoje nascem a Nação e a Coletividade constituindo-se em forma orgânica em cujo seio o indivíduo pode chegar à sua completa manifestação e realização; se a Idade Média limitou-se às construções preferentemente individuais, hoje o ciclo das construções e conquistas são coletivas. Já não é mais concebível o indivíduo isolado em uma nação organizada, ainda que seja um santo, em mística fuga ao consórcio humano, mas o indivíduo é concebido em fusão com a coletividade e em uma contínua e fecunda colaboração.

Passou a época em que o Estado era um simples poder central dominador; em uma nação moderna êle deve ser o cérebro do seu povo e não pode então deixar de ser senão a expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos baseada em uma unidade étnica.

Por essa senda a Nação continuará a sua ascenção evolutiva, a absorver e a organizar, não sòmente representar, todo um povo, num progressivo processo de concentração e desconcentração, com, cada vez mais, intensos contatos, entre periferia e o centro. Com isso não será comprometida a autoridade, mas o povo terá que fundir-se nela, numa corrente de fluxos e refluxos que o tornará, cada vez mais, um organismo em função, consciente e compacto.

A realidade biológica por si mesma nos indica as linhas do ideal social: trabalho-função e divisão, especialização e reorganização de capacidades e de atividades. Através dos vários ensinamentos de povos em contínua fermentação político-social-econômica evidencia-se inelutàvelmente que hoje o povo não é mais um domínio, mas sim um organismo do qual o Estado é a alma; a nação não pode ser senão o povo, e o povo não pode existir senão organizado na Nação.

A nossa tendência constante é fortemente orientada na procura da unidade política, científica e espiritual. O campo político é, a saber, *campo de verdades relativas e progressivas;* como a nação é um *conceito de contínua progressão,* sendo o *povo uma unidade em contínua evolução.* A nosso ver em um estado, ou nação que seja, o povo não deve ser mais uma grei governada, que só deve dar e obedecer, mas sim o corpo do cérebro central, o organismo de uma alma diretora que por tôda parte o penetrará e o vivificará com seus tentáculos e ramificações nervosas. Não deverá ser mais um chefe, uma classe, ou uma maioria, que comandem por si sós, mas uma porfia de dedicação no cumprimento recíproco de deveres, na cooperação, enfim, uma fusão completa e harmônica num trabalho comum, com finalidades também comuns.

Conceitos êstes que deverão fecundar o espírito e os corações dos futuros representantes do povo; os dirigentes, desprovidos das paixões de agremiação e pessoais, de egoísmo e de egocentrismo, deverão dar os frutos que a Nação, por ter-lhes delegado amplos poderes com os pleitos eleitorais, espera, com absoluta confiança, os resultados de um trabalho honesto e construtivo, sem exceder no arbítrio e na passividade, poder de progresso e de justiça onde o poder nacional se identifique com o povo e êste com a Nação segundo o axioma: «o estado é o povo e o povo é o estado, tudo dentro do estado e nada contra êle».

OBRA DE RESTAURAÇÃO

A obra de restauração das primícias do Cristianismo, na Terra, requer a irmanação de esforços e o esboçamento de diretriz segura, livre de influências dogmáticas e de princípios fundamentalmente distanciados das normas traçadas por Jesus Cristo.

O Espiritismo encerra em sua estrutura um idealismo sadio e representa perene convite às mentalidades prestes a se libertar dos dogmas, pela influência da Verdade.

Para que essa obra tenha curso o mais breve possível, torna-se inadiável o congraçamento de todos os espíritas em torno do Movimento de Unificação.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE)

Nós e os nossos acompanhantes do Espaço

Nós todos temos, com o nascimento, o nosso Guia Protetor Espiritual. Face a êste mundo material, como é a Terra, em que sempre houve até hoje esteio dilatado, propício e mesmo conspirativo para os deslises, para a negligência, irresponsabilidade ativa, para os malfeitos e abusos, seria suficiente um só guardião espiritual a cada pessoa, principalmente dando-se como certo o conceito de que a alma é fraca na frágil carne? Parece-nos fortemente que um só protetor do espaço seja suficiente, sim, a tutelar no BEM o seu pupilo durante todo o transcurso dêste no mundo físico terreno. Porque naturalmente o Guia há de ser entidade espiritualmente bem mais avançada que o tutelado. Isso significa que um só protetor será apto de todo a supervisionar a inteira estrada de BEM do indivíduo físico, pois por maior evolução que êste fizer numa existência carnal, sempre estará aquém do grau progressional do respectivo Guia. Mas, essas considerações podem ser postas de lado sem mais delongas apreciando-se apenas o ACÊRTO patente, até nas coisas mínimas, das providências do Alto, providências que não iriam falhar e falir num detalhe assim importante.

Òbviamente o Guia Protetor será substituido por outro quando o pupilo, desencarnando-se, voltar ao etéreo. Aí o ex-tutelado terreno terá, segundo o próprio adiantamento, outro campo de percepções, sensações e atividade, e, compreende-se, terá um Guia ao padrão peculiar ao novo estado. É que perseverando no BEM, tudo se nos resulta fácil, somos auxiliados fàcilmente sempre mais e melhor pelo nosso Guardião e o auxiliamos também; lado a lado vamos com êle para a frente, para mais alto, achegando-nos à compreensão, à elucidação, à claridade que êsse mesmo Guia já atingiu. E imensa é a satisfação, a alegria dêle pelo nosso assimilar da LUZ, pela nossa progressão. Aí êle sente-se como mestre que vê coroada de êxito a sua dedicação pelo aluno, sente-se como pai a exultar com o desenvolvimento pleno do filhinho. Imaginemos o júbilo cordial amoroso do Guia rendendo graças a Deus o bom decorrer da sua missão, imaginemos as lágrimas de gratidão do Guia pelo nosso progredir, imaginemos as lágrimas de amargura dêsse Guia pelo nosso desviar do caminho da fé, do Bem!

De fato, se enveredarmos o MAL, estaremos no negativo. Começa que com o persistir no êrro, afastamos de nós o nosso Guia e a sua proteção, dando acesso não a UM e sim a MUITOS Espíritos levianos, maus, perigosos. Se pudéssemos, com olhos espirituais ver a criatura boa e a criatura má, veríamos aquela em claridades, na sintonia de paz e contentamento com seu protetor do espaço, e a má em atmosfera obscura, densa e sob o assédio de MUITOS Espíritos perniciosos, agressivos, perturbados. Aliás o BEM já é em si mesmo singeleza, enquanto que o MAL vai pela multiplicidade.

À medida que nos isolamos do bem e conectamos com os erros, automàticamente dilatamos o circuito de ligação com mais e mais Espíritos atrasados, torvos, viciosos. Dir-se-á que a cada descida ou queda no mal, nova entidade trevosa se associa ao malfeitor e o influencia decidida. Com o tempo, se a reação moral, evangélica não se der, passa a criatura a ser verdadeiro joguete dêsses Espíritos infelizes. Na concordância através do mal, entre encarnado e desencarnados, êstes passam a senhorear-se daquele numa escala que pode ir do chamado encôsto às obsessões simples ou avançadas, e destas às possessões que ora causam desfunções, ora sérias lesões orgânicas.

Repita-se: os que elaboram o mal sofrem a ação de UM GRUPO de Espíritos atrasados. No Evangelho de Marcos e Lucas temos uma passagem a êsse respeito: a do possesso gadareno que furioso partia grilhões, clamava dia e noite pelos montes e sepulcros, sem que alguém o pudesse acalmar. Jesus pergunta-lhe qual o seu nome, e o homem: — LEGIÃO é o meu nome, pois somos muitos.

Através das fraquezas e vícios maiores, da perversidade, do crime, o encarnado reforça sempre mais e mais sua ligação com os maus do invisível, cria concordância inteira com êles, uma verdadeira simbiose de trevas, de infelicidade, de horror.

v. lirenedo

31 de Março

NASCIDO a 3 de outubro de 1804, em Lyon, França, e desencarnado em 31 de março de 1869, Allan Kardec, o sábio codificador do Espiritismo, deixou, de sua passagem pela vida terrena, a maior esteira de luz para a humanidade. Sábio, verdadeiramente, pelos profundos e vastos conhecimentos científicos, o foi também pela prudência e o rigor com que tratou de todos os assuntos de suas obras numerosas, a ponto de ser considerado como sendo o bom senso encarnado e o fundador de uma doutrina, que é um monumento de lógica, ao mesmo tempo em que é também a mais consoladora filosofia e a religião por excelência.

ALLAN KARDEC

Aliás, para os seguidores da Doutrina espírita, Allan Kardec, é o mestre incontestado e incontestável, que recebeu, através de suas investigações científicas, a mensagem maior da Terceira Revelação, que abriu para o homem o horizonte infinito da vida, demonstrando-lhe a sua imortalidade, e lhe deu a esperança e a certeza de melhores dias para seu futuro, na luta constante pelo aperfeiçoamento moral e espiritual, igualmente infinito, quer nos planos planetários, quer no mundo dos espíritos.

Allan Kardec, com o Espiritismo, veio reviver o Cristianismo, no sentido perfeito dos ensinos de Jesus, quando a civilização terrestre, pelo materialismo das religiões, já se lançava no sombrio materialismo generalizado, da sua época, salvando assim o pensamento humano da tétrica concepção do nada, além desta existência transitória, onde as dores suplantam as alegrias, e, onde, portanto, deviam fanar-se as mais legítimas aspirações dos pobres habitantes do planêta. Trouxe, sem dúvida, hoje o sabemos, o grande sábio, lídima glória universal, a aurora da Revelação, que deslumbra, que esclarece, que conforta, dando-nos a todos o roteiro da felicidade, na realidade imortalista, que a sua obra demonstra para beneficio geral e evolução da terra no sentido de espiritualidade, pregada pelo filho do Carpinteiro da Galiléia.

Salve, pois, Allan Kardec, o missionário da luz, o mensageiro da esperança, o construtor da verdadeira religião, baseada na ciência e na filosofia.

AVISO — Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Crônica Estrangeira

Espírito Que Volta

De «Estudos Psíquicos»

Uma senhora que se oculta sob as iniciais D. W. escreveu a seguinte carta ao jornal *Leader*, de Nelson, Inglaterra, quatro mêses após a cremação do cadáver do marido:

«Sucedeu-me há dias um caso tão estranho e fora do vulgar, que julgo não encontrar para êle explicação racional. Note-se que eu não sou atreita a imaginação, nem a sentimentalismos

«Meu marido morreu há quatro mêses e, a seu pedido, o corpo foi cremado em Skipton. Um dia estava sentada na minha sala de visitas a escrever, quando alguma coisa me obrigou a levantar os olhos. A um metro de distância, meu marido encontrava-se de pé a olhar para mim. Encarei-o incrèdulamente e exclamei sem querer :

« — Jack !

«Êle sorriu-se e respondeu :

«— Doris, não te aflijas. Estou bem e sou feliz. Onde estou é tudo maravilhoso.

«Depois, curvando-se para a frente, passou a mão pelo meu ombro, como fazia em vida, e disse-me :

«Não posso estar mais tempo. Agora, sabes . . .

«—E afastou-se e extinguiu-se, não através da porta, mas através da parede... Foi o que me pareceu. Tive a impressão de que foi para a parede ou foi a parede que o envolveu.

«Êste é o meu caso, que não mais se repetiu. Não o compreendo, mas a figura que eu vi era real e objetiva. Senti a mão a tocar-me no ombro e lembro-me de lhe ver os pêlos da mão. De resto, estava vestido como êle sempre se vestia.

«Terá isto qualquer explicação? O seu corpo foi cremado. Então foi êle ou o seu duplo que me falou e tocou».

A sr.ª D. W. escreveu como profana em coisas de psiquismo e por isso maior valor devem ter as suas palavras. Não defende nenhuma doutrina e limita-se a contar o fato. Para nós foi o espírito que voltou, como voltam tantos outros. Veio animar a espôsa, dar-lhe esperança em nova vida com a presença visível.

É, na verdade, um deslumbramento inacreditável. São muito raros os fenômenos dêste gênero. Surgem aqui e ali para edificação do mundo ou como prova de amizade duradoira. Nesses momentos desaparece inteiramente a idéia de morte. Tudo é vida. O sepulcro não destrói as almas. Armazena despojos que se vão transformar, em obediência à Lei. As almas continuam a viver em ligação com os que ficaram.

— Agora, sabes . . . —disse Jack à senhora D. W. — É que ela não acreditava na sobrevivência do espírito e tinha necessidade do fenômeno. Felizes dos que acreditam sem fenômeno!

* * *

Aviso Providencial

De «Estudos Psíquicos»

Two Worlds conta um caso verdadeiramente impressionante passado com o sr. Wyatt Merle Kilgore, diretor do programa radiofônico de uma estação emissora de Louisiânia.

Estava êle em sua casa, na Bossier City, quando ouviu tocar o telefone. Apressou-se a atender e reconheceu a voz do médium J. Bernard Ricks, que havia encontrado alguns dias antes.

O médium disse-lhe então que sentia qualquer coisa grave em casa de Kilgore, relativa a dificuldade de respiração.

Kilgore encontrou a filha mais nova com os cobertores sôbre a cabeça, semiconsciente, muito pálida e melancólica.

Levou-a ao hospital, onde lhe fizeram tratamento. E ao cabo de esforços consideráveis a garota recuperou os sentidos.

Kilgore disse então :

Estou convencido de que Ricks lhe salvou a vida!

Eis uma bela faceta das faculdades mediúnicas, tão preciosas e necessárias, que é desolador ouvir recalcitrar contra elas.

* * *

Uma visita ao Mundo Espiritual

O «Daily Mail» relatou a seguinte ocorrência:

«Durante uma operação muito grave, o coração do Snr. John Puckering parou e os cirurgiões, por meio de massagens e injeções de estimulantes diretamente no coração, conseguiram fazê-lo pulsar de novo e o homem restabeleceu-se completamente.

O repórter do citado jornal entrevistou o paciente em sua residência, em Arley, perto de Bendley, dele ouvindo o seguinte:

— Antes de ser operado, grande era minha apreensão pela morte, não tanto pelo temor mas pelo receio do desconhecido. Hoje êste receio já não mais existe. Foi isto que eu vi:

Pareceu-me estar num local muito amplo e bem iluminado, onde havia enorme multidão. As entidades estavam de pé, em círculo, com aspecto natural, aparentando perfeita saúde e mostrando-se vestidas como nós na terra. Notei a ausência de crianças. Os rostos daquelas entidades manifestavam uma tão intensa felicidade, que tive o desejo de me unir a elas. Na multidão descobri dois ou três amigos, da minha aldeia, já falecidos, sendo que um deles morreu sete anos atrás. Todos pareciam acolher-me com prazer e o que morrera havia sete anos, fazia-me sinal com sua cabeça e sorria. A felicidade de todos os que ali estavam empolgou-me e perdi todo o terror da morte.

A filha do operado, que estava presente à entrevista, acrescentou que, quando o pai se reanimou, perguntou logo pela saúde da mulher, que já havia falecido quinze anos antes e também pediu informações sôbre alguns amigos, explicando, mais tarde, que os havia visto no «outro mundo». Êle se referia a êsses amigos, disse a filha, como se ainda vivessem.»

Há anos, o mesmo «Daily Mail» narrou o fato de um capelão americano que fôra declarado morto, por febre amarela, restabeleceu-se e depois fêz a seguinte declaração:

«Afirmo que o ato de morrer foi um dos mais agradáveis e sensacional episódio de minha vida, à qual, entretanto, nunca faltam emoções fortes.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

As Obras Assistenciais do Espiritismo

Continuando nossa publicação sôbre as obras de assistência social espírita, que se espalham por todo o Brasil, vamos relatar a existência de várias outras, alongando a lista dessas realizações, cuja divulgação iniciamos nestas colunas. Essas obras, que constituem uma afirmação de fé e de sinceridade de nossos irmãos de ideal, são escolas e educandários, casas de saúde ou sanatórios, lares infantis, abrigos de velhos, albergues e vilas para pobres desamparados, e mais tôda a sorte de assistência dos Centros e Mocidades espíritas, como distribuição de roupas e agasalhos, calçados, gêneros alimentícios e remédios, transformando até, em muitos casos, as suas próprias festas em verdadeiros movimentos de assistência e solidariedade humana, dentro dos preceitos cristãos de amor ao próximo e de caridade como dever e imperativo de consciência dos que realmente se iluminaram com a aurora do Espiritismo

É, como afirmamos, um esfôrço continuado, sem precedentes no mundo, ao qual devemos acrescentar a ingente dedicação de quantos trabalham sustentando a imprensa espírita, a mensageira da luz e da paz, falando a linguagem nova da Terceira Revelação, a qual, na promessa do Mestre, é o Consolador dos desesperançados, que precisam de fé e alento para vencer a jornada terrena em busca da felicidade presente e futura.

A propósito, aqui vai a continuação de nosso noticiário:

Hospital Espírita de Marília

Filiado ao Instituto Assistencial Espírita de Marília, para tratamento de doenças nervosas-mentais e toxicomanias, êste Hospital, inaugurado em 18-7-1948, foi reconhecido de «utilidade pública» pelo Decreto Federal 43.452 de 23-3-1958.

Tem a sua sede à rua Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, 470, com telefone 5119 e Caixa Postal 645, na cidade de Marília, Estado de São Paulo.

Em suas atividades assistenciais, o Hospital atendeu, desde sua fundação, até o fim de 1958, a 6.747 doentes, sendo 3.872, gratuitos, e 2.875 pensionistas, com um resultado, no último ano, de 42.76% de doentes curados e 51.72% de melhorados. Entre os beneméritos que lutaram e lutam pela existência dessa grande instituição, uma das maiores e das melhores organizações no gênero, conta-se o nome de Eurípedes Soares da Rocha, nosso velho amigo.

Pelo Relatório, que temos em mãos, a Diretoria do Hospital até fins de 1958, tinha como Provedor o confrade Frediano Giometti. Dêsse Relatório, extraimos o seguinte : «É o *Hospital Espírita de Marília*, pois, indiscutível realidade, nascida do ideal e trabalho de um pugilo de homens de boa vontade, para a esperança e o consôlo de semelhantes, que, outrora, imersos na insanidade mental, tinham como abrigo as celas infectas das cadeias públicas.»

—

Casa de Saúde «Allan Kardec»

Outra grande realidade assistencial para enfêrmos nervosos e mentais é a Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, neste Estado, sob a direção de José Russo, o infatigável trabalhador da boa causa.

Aguardamos relatório dela ou dados gerais para podermos destacar os benefícios que vem, há muitos anos, dispensando a necessitados, que ali são socorridos dentro do lema cristão de amor ao próximo.

—

Educandário Pestalozi

Ainda de Franca, esperamos informes que nos habilitem a relatar as atividades dêste acreditado Educandário, dirigido pelo dr. Thomaz Novelino, nome conceituado em todos os meios sociais, tanto na sua profissão como na qualidade de espírita convicto.

—

Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

Sejam-nos permitidas, algumas palavras sôbre esta velha entidade matonense, fundada, em 1905, por Cairbar Schutel, com os poucos companheiros da primeira hora, a qual presta, há mais de 53 anos, assistência constante e realiza, sem interrupção, em todo êsse tempo, o seu Natal dos Pobres, assaz conhecido no país.

Após o traspasse do Schutel, o Centro assumiu a responsabilidade da manutenção de «O Clarim» e sua Livraria Editora, e da «Revista Internacional do Espiritismo».

Não é preciso dizer mais de uma instituição que enfrenta tamanha tarefa a bem geral.

—

Mocidade Espírita «Cairbar Schutel»

Também em Matão, existe esta Mocidade, exemplo de socorrista com sua Vila «Cairbar Schutel» e o seu Lar Infantil «Cairbar Schutel», dando abrigo a famílias pobres e a crianças desamparadas.

Num esfôrço inaudito, fruto de profundo espírito de caridade, vencendo dificuldades sem conta, alguns moços levam avante essas obras modestas mas eficientes.

—

Vila «Padre Vitor»

Sôbre esta Vila, fundada em 1951, pelo Centro Espírita «Amor e Humildade», no bairro do Cascalho, em Pouso Alegre, Sul de Minas, transcrevemos de seus Estatutos: «Art. 1.° — A Vila «Padre Vitor», declara para todos os fins que é apolítica, abrigando em seu seio tôdas as pessoas necessitadas sem cogitar de suas crenças, côres ou raças. Art. 2.° — A Vila «Padre Vitor» construirá dentro do possível casas para moradia de famílias comprovadamente pobres e sem recursos.»

Por essa pequena citação estatutária se pode avaliar das intenções honestas e de caridade dos promotores de uma obra tão singela e útil.

—

Lar Espírita de Uberaba

Muito há que salientar a respeito das realizações espíritas de Uberaba, a grande urbes mineira em que o Espiritismo assentou foros de cidade.

Mas agora reproduziremos apenas o seguinte de sua folha local, a «Flama

Espírita»: «O Lar Espírita de Uberaba, instituição que proporciona assistência material, moral e espiritual a quarenta internas, procura, através de sua Diretoria, permitir-lhes tôda a aprendizagem possível e necessária, a fim de que se tornem criaturas habilitadas no exercício de uma função digna e que possa constituir no futuro, se necessário, uma profissão honrosa, capaz de suprir-lhes a manutenção própria.

Assim é que diversas meninas estudam música, se aprimoram nas lides domésticas, costuram, frequentam cursos de escola primária e secundária, etc.»

Instituição Jesus Cristo

Organização de Assistência social e Espiritual, com sede em Santa Maria da Vitória, no Estado da Bahia, mantém, além da assistência alimentar, de roupas e de remédios aos pobres, sob o título de «Igreja do Caminho», o Lar Mãezinha Ivete Moura e o Instituto Educacional «Paulo de Tarso», Ambulatório Dr. Bezerra de Menezes e Serviço de Alto-Falantes — «Vox Clamantis».

Seu Relatório, aliás resumido, registra o atendimento de 2.020 enfêrmos, compreendendo 1.905 no Ambulatório e 115 a domicílio, no exercício de 1957 a 1958.

É, como se vê, mais uma valiosa instituição espírita de beneficência.

A volta de Gianela

A maestrina Gianela De Marco, que se encontra em São Paulo há tempos, está respondendo a perguntas no programa «O Céu é o limite», da TV-Tupi, canal 3. Gianela volta a São Paulo depois de dez anos de sua primeira visita à nossa Capital, quando teve ocasião de se apresentar ao público, em vários concertos dirigindo a Orquestra Sinfônica Municipal. Como Pierino Gamba, o menino-prodígio sôbre o qual o escritor Isidoro Duarte Santos publicou um livro de interpretação espírita, Gianela De Marco dirigia orquestras, em concertos sinfônicos, com apenas seis anos de idade, sem nenhum conhecimento de música. O Club dos Jornalistas Espíritas promoveu um concêrto, com a Orquestra Municipal, no Ginásio do Pacaembu, para uma explicação pública do caso. O ginásio esteve repleto, a maestrina dirigiu magistralmente, e o saudoso confrade João Batista Pereira pronunciou uma palestra sôbre a importância do caso Gianela, como demonstração incontestável da lei de reencarnação. Na mesma ocasião foi lida uma mensagem mediúnica de Bezerra de Menezes, a respeito. Agora, na sua volta a S. Paulo, a maestrina é uma jovem, que já realizou um curso de música em conservatório italiano. Milhares de pessoas, entretanto, se lembrarão da menina de seis anos que dirigia orquestras e que foi apresentada no Pacaembu como um caso notável de reencarnação.

Música de Schumann

O confrade Cícero Pimentel, nosso colaborador, residente em Santo André, à rua Rio Grande do Norte, 156, casa 1, tem algumas cópias da Música mediúnica de Schumann — Meu último suspiro — que foi publicada em «Luce e Ombra» em 1907.

Os interessados poderão dirigir pedidos ao confrade Pimentel, no endereço acima indicado.

De São Paulo

O «Diário de S. Paulo», em uma de suas últimas edições do mês de janeiro, publicou as duas notícias seguintes:

Engenheirandos Espíritas — Realizou-se dia 30 último, às 20 hs., no auditório da Bibliotéca Municipal, a cerimônia espírita do programa de colação de grau dos engenheirandos dêste ano da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo. A solenidade foi inicialmente presidida pelo jovem engenheirando Ariel Tacla, e a seguir pelo dr. A. Schliter tendo usado da palavra os confrades Eurípedes de Castro e Herculano Pires. O auditório esteve repleto, e tomaram assento à mesa os representantes de numerosas instituições doutrinárias da capital.

Club dos Jornalistas — Reiniciaram-se ontem os «serões espíritas» do Club dos Jornalistas, à rua São Bento, 21, sobreloja, sob a direção de Irmão Saulo. Os serões se realizam aos sábados, das 19,30 às 21 hs., para estudo do «Livro dos Espíritos», através de livre discussão, e debate de temas doutrinários. Entrada franca aos que se interessam pelo estudo da doutrina espírita.

Em São Paulo

Centro Espírita «Cairbar Schutel»

Como acontece todos os anos, na data de 30 de Janeiro, a Diretoria do Centro Espírita «Cairbar Schutel», sito na Capital de São Paulo, Rua 1932 n.° 477, Itaim-Bibi, fez realizar uma reunião em homenagem ao seu patrono, Cairbar Schutel, onde tomaram parte tôdas as crianças do Catecismo Espírita, diretores e associados.

Êste ano foi comemorado no dia 31 de Janeiro, sábado, nos salões da Biblioteca Infantil Municipal do Itaim, Rua Lopes Neto, onde se notou o comparecimento de inúmeras pessoas.

A sessão teve início às 20 horas com uma prece. Abriu e dirigiu os trabalhos, o nosso confrade Alfredo Pagliarini, que, com brilhantismo falou acêrca da vida do homenageado, sendo aclamado por todos os presentes. Em prosseguimento foram desfilando pelo palco os seguintes «diálogos» que foram ministrados pelas esforçadas companheiras Amélia M. Pagliarini e Euzapia P. Pagliarini, professôras do Catecismo Espírita e Escola de Alfabetização: «A Cigarra e a Formiga»; «Diálogo dos Extremos»; «A Alegria não se lembra de Deus»; «Uma pergunta e Respostas»; «Contrastes»; «O Sonho de Denizetti»; «O Amor Multiplicado»; «Carta aos Pais» e «A Visita de Jesus».

Tiveram atuações destacadas os seguintes: Jurema S. Pagliarini, Salomé Alves, Wilma Guidini, Walda Munhoz, Flamarion Ismael Alves, Carlos Meciano, Walter Guidini, Fenelon Alves, Filemon Alves, Joel Alves, Marcos Meciano, Ivan Alves da Silva, as meninas Eunice, Suely, Marly, Alda, Assunta e os adultos, Maurício Guidini, Euzapia P. Pagliarini, Waldomiro Alves, Francisco Guidini e Domingos Meciano.

A reunião encerrou-se às 22,30 horas com grande distribuição de livros espíritas e doces a todos os presentes.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Reiniciando as suas atividades, após o período de férias, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil realizará, no dia 20 dêste mês, 6.ª feira, às 20 horas, a sua sessão especial, no *auditório* do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, para a aula inicial do 2.° ano. No dia seguinte, sábado, das 16 às 18 horas, começarão as aulas normais, com entrada franca, na rua dos Andradas 96 — 12.° andar.

De acôrdo com o programa que foi aprovado, em sessão conjunta, pela Diretoria e o Corpo de Professôres do Instituto, as matérias do corrente ano estão assim distribuida:

— *Didática aplicada ao Espiritismo* — Prof. José Jorge.

— *História da Filosofia* — Prof. Newton de Barros.

— *História das Religiões* — Cel. Delfino Ferreira.

— *Psicologia à luz do Espiritismo* — Dr. Lauro S. Thiago.

— *Elementos de Fisiologia*, partindo da concepeção tríplice do homem: *corpo, espírito* e *perispírito* — Dr. Tulio Chaves.

— *Noções básicas da Geologia*, tendo em vista a *Gênese*, de Allan Kardec — Engenheiro Renato G. Pinheiro.

— *Fundamentos do Espiritismo* — Deolindo Amorim.

Sendo o objetivo precípuo do Instituto ministrar cursos de Espiritismo para o público, não há taxa de inscrição nem pagamento de espécie alguma. O Instituto está funcionando provisòriamente na sede da Liga Espírita do Distrito Federal, por gentileza da diretoria da Liga, na rua dos Andradas 96 — 12.° andar, Rio de Janeiro.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 357.766,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3534unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1959 – N. 3-4

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Dois Mundos são Análogos . .	*Redação*
Roma, Nero e os Cristãos — A Tragédia dos Tempos Antigos . . .	*Carlos Imbassahy*
A Descoberta do Espírito	*Hernani Guimarães Andrade*
O Homem	*Roberto Della Togna*
Padre Lebret e a Condenação Implícita da Igreja	*Arnaldo S. Thiago*
Renovação Biológica no Ritmo Universal	*Minardi*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Existirá o Homem Lunar? . . .	*V. O. Casella*
Biologia Espírita	*Ismael Gomes Braga*
Irredutíveis os Fatos Espíritas a explicações de ordem hipnótica . .	*Irmão Saulo*
Evangelho e Ciência	*Deolindo Amorim*
O Homem, êsse recalcitrante . . .	*v. lirenedo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Necrologia	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, – luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 Abril-Maio de 1959 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Dois Mundos são Análogos

Aparentemente a morte parece produzir completa mudança de ambiente. Se a mudança fôsse tão rude a ponto de completamente alterar a natureza humana, o sêr perderia sua identidade e impossível lhe seria provar a sobrevivência humana.

Mas, o Espiritismo está baseado sôbre o fato de terem espíritos desencarnados dado provas irrecusáveis de sua sobrevivência individual, continuada. Claro, pois, se torna que tal sobrevivência se realiza num ambiente bem semelhante ao que lhes fôra morada anterior.

Os nossos sentidos só nos revelam parte do universo e assim êles podem iludir-nos, mas cientes do fato de serem fragmentários e incompletos os nossos conhecimentos, não nos iludiremos e verificado ser o homem o mesmo dentro da natureza das coisas logo após a sua morte, como fôra antes, o novo mundo será análogo ao que lhe servira de morada anterior. Aquêle mundo pode ser mais livre, mais variado, mas êsses aspectos mais amplos só lhe serão revelados gradualmente. Seus poderes e qualidades inerentes e naturais crescem, se desenvolvem e êle aprenderá a apreciar gradualmente os novos aspectos da realidade.

Assim, o mundo para o qual iremos, parecer-nos-á tão semelhante ao nosso a ponto de o acharmos natural. Inúmeras descrições da vida e condições, provindas do mundo espiritual, confirmam esta conclusão. Possuimos vasto acervo de comunicações, obtidas através de diferentes fases mediúnicas. Poucas de origem duvidosa, porém, grande é a quantidade de mensagens de espíritos que forneceram provas concretas de sua identidade, em que a operação de mentalidades estranhas a dos médiuns, está claramente demonstrada. Essas mentalidades afirmam ter sido homens e mulheres que viveram na terra. As entidades comunicantes descrevem uma vida de atividade, com qualificativos e característicos que formam a estrutura daquela vida e as descrições são mais ou menos idênticas com todos os comunicantes, pertencentes ao mesmo grau de evolução.

Os espíritos empregam as palavras eu, êle, ela, dêle, dela ; assim, conservam individualidade e diferenciação de sexo. Êles mencionam locação que para êles tem sentido definido. Os espíritos se reconhecem e se descrevem mùtuamente e, portanto, devem ter formas definidas. Usam palavras e idiomas para exprimir seus pensamentos e as línguas são apropriadas aos espíritos que as empregam, ou aos recipientes, embora essas línguas sejam desconhecidas dos médiuns. Falam de côres, portanto, devem registrar diferentes valores vibratórios, em têrmos etéreos, mas análogos aos nossos.

Tôdas essas coisas são tão naturais, tão positivas de modo a nos forçar a concluir ser o outro mundo análogo ao nosso.

Que dizer das formas mentais daquela vida? Pois bem, parece que suas operações são bem humanas. Os espíritos trabalham em grupos visando objetivos definidos. Entre si os componentes se consultam e reconhecem um mentor. Discorrem com lógica sôbre causa e efeito. Manifestam circunspecção e humorismo. Gracejam tanto entre si como conosco. Experimentam prazer e contrariedade. Apreciam o valor da associação de idéias, na construção de atmosfera apropriada a certos trabalhos, mesmo na produção de fenômenos físicos em sessões. De fato, seus lapsos de memória, ocasionais, mostram a semelhança entre encarnados e desencarnados.

Provàvelmente também êles, sob alguns aspectos, sofram limitações, análogas às nossas. Assim, nesses caractéres e qualidades, que nos distinguem uns dos outros, temos sêres com equipamento igual ao nosso, vivendo num ambiente semelhante. Por mais extensos que sejam seus conhecimentos da realidade, mesmo assim existe a comparação e êles só obtiveram essa visão mais desenvolvida por degraus lentos, somente à medida de sua adaptação ao novo ambiente.

Eis a seguinte comunicação por intermédio do célebre médium de voz direta J. Sloan, ao snr. J. Arthur Findlay em Londres; diz o espírito:

«Tenho um corpo que é a duplicata do que tive na terra, as mesmas mãos, braços, pernas e pés. Êste corpo etéreo que eu tinha na terra, interpenetrava o corpo físico. O etéreo é o corpo real e uma duplicata exata do corpo terrestre. Pela morte, emergimos precisamente do invólucro carnal e prosseguimos nossa vida no Mundo Etéreo, funcionando por meio do corpo etéreo, exatamente como funcionávamos na terra em nosso corpo físico. Êste corpo etéreo é precisamente tão substancial para nós agora, como o corpo físico nos era quando vivíamos no vosso mundo. Temos as mesmas sensações. Quando tocamos num objeto, nós o sentimos; quando olhamos para alguma coisa, nós a vemos. Não obstante nossos corpos não serem materiais, todavia temos forma, feição e expressão. Nós nos movemos de lugar a lugar, porém mais ràpidamente do que vós. ! Convosco vós trazeis a vossa mente para cá. Abandonais o vosso cérebro físico na terra. Nossa mente atua aqui sôbre nosso cérebro etéreo e, por seu intermédio, sôbre o nosso corpo etéreo, exatamente como o vosso cérebro físico atua sôbre o vosso corpo físico.

O nosso mundo não é material, mas tão real como o vosso para vós. Êle é tangível, composto de substância vibratória muito mais elevada do que a matéria que compõe o vosso mundo. Vivemos num mundo real e tangível, não obstante seus átomos serem diferentes dos átomos que compõem o vosso mundo. Os que estão no mesmo plano vêem e tocam as mesmas coisas. Podemos sentar-nos em companhia de outros e gozar de boa camaradagem como aí acontece. Tudo é tangível, mas, em mais alto grau de beleza, do que qualquer coisa na terra».

Em resumo: Êles, assim como nós, são viajores ao longo da estrada do progresso eterno, nenhum acréscimo, evolução ou desenvolvimento jamais poderá colocar qualquer um de nós, ou dêles, num reino de vida, ou esfera de existência onde as condições não nos são familiares e ajustadas às nossas necessidades.

O Maior Escôlho

O maior escôlho para a propagação do Espiritismo não é representado por aquêles que o combatem escudados nos ensinamentos de outras Religiões — Contra a verdade não há argumento.

Os que causam, realmente, maior prejuizo à Doutrina dos Espíritos, são aquêles que procuram introduzir em sua orientação, práticas aberrantes ou exóticas e que não pautam os seus atos dentro das normas de moral exigidas pelos lídimos postulados doutrinários.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

Roma, Nero e os Cristãos

A Tragédia dos Tempos Antigos

— III —

De Agripina ao incêndio de Roma

Desembaraçado da progenitora, resolveu Nero atirar-se decididamente à Arte. Tomou então o partido de cantar para os grandes auditórios.

Em 59 instituiu espetáculos mundanos, musicais e dramáticos, que chamou *Ludi Juvenalum*. Convidou tôda a gente a colaborar. E — diz Tácito, horrorizado — nem a nobreza, nem os que exerciam funções respeitáveis, deixaram de vir à cena. E Nero, encorajado, resolveu êle também subir ao palco.

Junto ao Tibre fêz construir um anfiteatro. Aí todos cantavam, bailavam, dançavam, dramatizavam. Até as distintas matronas romanas almejavam um lugar em cena, ainda que só pudessem arranjá-lo no côro.

Nero ali ficava a cantar, a tocar, a representar, esquecido das trivialidades da vida. Rodeava-o, pelas dúvidas, a guarda pretoriana: não fôssem cair-lhes algumas pedras na cabeça. Havia, ainda, os *augustani,* indivíduos que tinham por missão aplaudí-lo, o que faziam com o maior entusiasmo possível. Ai de quem supusesse que o Imperador não devia cantar, ou encenar, ou não lhe apreciasse a voz!

Êle pedia aos entendidos que o criticassem, e os entendidos o achavam invariàvelmente divino. Isto não admira, pois Suetônio via no Imperador quedas para a arte, e Weigall percebia nêle um gênio. Não atinamos como êste escritor moderno soube disso, visto que nada foi transmitido à posteridade para que pudesse ela extasiar-se como os contemporâneos do Grande Artista. É bom acrescentar que muitos dos seus coevos, provàvelmente por despeito, o tinham como um palhaço. Bufão e sanguinário — é o que diziam.

Mas os auditórios davam graças aos deuses, por lhe terem outorgado aquela maravilha, e os seus versos, escritos em letras de ouro, foram dedicados a Júpiter Capitolino.

Em fins de 59 há um grande acontecimento: Nero faz a barba pela primeira vêz. Conta-se a propósito, que indo anteriormente visitar uma tia riquíssima, Domitia, esta, doente, lhe disse: — Quero viver para vê-lo cortar a barba. — E Nero, piscando os olhos para os amigos — Vou já raspá-la.

Era também um grande humorista. Dizem que a envenenou, não se sabe ao certo.

Novo anfiteatro é construido e à Arte se associa o Atletismo. Êsses grandes divertimentos se chamavam *Nerônia.* Nêles recebe Nero várias coroas de louro, que deposita aos pés da estátua de Augusto. Chegou a convidar as vestais para os espetáculos, e essas monjas, votadas ao celibato, e que viviam em rigoroso afastamento do mundo, vinham agora assistir a lutas entre homens nus.

Entrementes, aparece um comêta e vê-se ali um mau augúrio. Falava-se em Rubellius Plautus para suceder ao Imperador e o Imperador despacha-o para a Ásia Menor.

Popéia faz pressão sôbre Nero para que se divorcie de Otávia. Esta fugia do marido. Entre ambos havia o cadáver de Britannicus, seu irmão, e de Cláudio, seu pai. Isto e a esterilidade de Otávia eram um motivo que parte para o divórcio.

Morre Burrhus e é nomeado para substituí-lo Rufus e o célebre Tigelino, antigo amante de Agripina, um dos mais baixos caracteres que a história registra. Entra êle logo em cena e declara que Sylla, aparentado com Otávia, e já banido, fomentava uma rebelião. Nero manda que êle providencie para que o traidor morra. E êle providenciou: Assassinos foram enviados a Marselha onde se achava Sylla e o mataram quando êle jantava despreocupadamente. Ao levarem a cabeça dêle a Nero, êste, que não perdia vasa para uma boa pilhéria, declara: — Não sabia que tinha um nariz tão grande! Foi o epitáfio oral.

Pouco depois, Tigelino denuncia Rubellius Plautus, que estava na Ásia. Sessenta homens vão a sua procura e o matam quando êle fazia exercícios. A mulher cai em prantos sôbre o corpo inanimado, enquanto lhe cortam a cabeça, para levá-la também ao Imperador.

Tigelino conseguiu ir-se tornando indispensável e aconselhava: — Um imperador deve ser mais temido que amado, — aviso a que Nero assentiu e achou muito salutar.

Para servir a Popéia, entrou Tigelino a minar o prestígio e a segurança de Otávia. Assoalhava que tinha ela um amante, tocador de flauta. Para prová-lo submeteu a torturas o pessoal e a criadagem da jovem e nada conseguiu. Uma das vítimas, indignada, lhe diz na cara: — O ventre de minha patroa é mais limpo que tua bôca.

Popéia ficou indignada por não se haverem coligido provas. Para consôlo, verificou que ia ser mãe. Nero, no auge do entusiasmo, achou que devia despachar Otávia o mais depressa possível. Eram as arras para a mãe de seu filho.

Opinavam os amigos pelo divórcio e conseqüente banimento, ao que Sêneca se opôs, com receio do público, dizia êle. Nero preferiu seguir os conselhos de Tigelino. A princípio, ela é apenas afastada e lhe dão as riquezas de Plautus, que Nero confiscara. Isto evitaria as falas de Roma.

Afinal, casa-se o monarca com Popéia. Não conseguiu, porém, evitar o descontentamento popular. O povo amotina-se, quebra as estátuas da improvizada rainha. Esta começa a ter sonhos funestos: vê o quarto cheio de gente vestida de luto; Agripina, ameaçadora, aparece; o antigo marido vem em seu socorro e Nero o mata. Estava ela em prantos, quando recebe a notícia de que atacavam o palácio. Atira-se de joelhos aos pés de Nero e diz que a gentalha estava a sôldo de Otávia.

— Otávia! Sempre Otávia! — clama Nero.

Tigelino apareceu com a Guarda e com algumas pranchadas tudo aquietou.

— Otávia deve morrer! — exclamava Nero, tremendamente irado. Mas resolveu apenas, pelo momento, expatriá-la. Tornava-se preciso infamá-la para haver uma excusa perante o povo. É chamado, então, o célebre Almirante Aniceto, o planejador e executor da morte de Ágripina, e fica incumbido de acompanhar Otávia à ilha de Pandetária. Êle vai, e volta declarando que Otávia lhe fizera declarações de amor, que beberam juntos e que êle não resistira à tentação. Procurava ela conquistá-lo para que êle se tornasse o chefe da revolta da Armada. Espalha-se isto.

Tácito afirma que tôda esta história da sedução de Otávia não passou de uma farsa, maquinada para o fim de a matarem.

Nero, exasperado, manda Aniceto para Sardenha, o que talvez fizesse para despistar, e lança contra Otávia uma acusação de adultério, tentativa de rebelião, além de haver provocado anteriormente um abôrto nas suas relações com o tocador de flauta. Em conseqüência, foram enviados emissários para que ela se suicidasse, e ela teve que abrir as veias.

O Senado, como de costume, enviou felicitações a Nero e propôs ações de graça.

Pouco depois falecia Pallas e correu o boato de que fôra envenenado, o que também teria sucedido a Doryphoro, hóstil ao casamento com Popéia.

Em janeiro de 63 nasce uma filha da imperatriz, que se chamou Cláudia Augusta, e segundo Tácito, a alegria e exaltação do imperador ultrapassam tudo o que se conhecia de memória de homem. E êle então colocou o ventre da mulher sob a proteção dos deuses, além dos festejos que inebriaram Roma. Parece que a maior parte dos homens, e isso de todos os tempos, é formado de duas partes: — tolice e malvadez.

A 5 de fevereiro um tremor de terra destruiu parte das infelizes cidades de Herculanum e Pompéia, 16 anos mais tarde inteiramente soterradas, com tôdas as suas riquezas e suas populações, sob as lavas do Vesúvio. Aquêle desastre trouxe a inquietação geral; um anfiteatro construido por Nero foi atingido por um raio; a sua estátua ficou inteiramente derretida; o exército romano experimenta revezes... Mêses mais tarde falece Cláudia Augusta, o que levou o pai ao desespêro.

Mas, como tudo passa, ei-lo que volta às suas horas de arte. E cantava... Cantava em pé, durante várias horas, incansável, inexaurível. Comia e bebia ali, e o público, firme. Nunca o gênio se tornou tão fastiento.

Um dia, um tremor de terra chegou a sacudir o edifício, e êle, inabalável, a cantar. Tudo e todos estremeciam, menos êle. Êsse ato de heroismo provocou uma ovação sensacional. Ninguém queria mostrar mêdo: era necessário acompanhar o soberano na sua coragem sobrenatural. Quando o povo deixou o teatro, o mais depressa que pôde, apesar do destemor, o teatro desabou. Os deuses, magnânimos, haviam esperado que êle esvasiasse.

Constituiu-se um corpo de batedores de palmas. Levantou-se um palco nos jardins do Tibre e tôda a gente se precipitava para ouvir-lhe a voz celestial. Diante de tanto entusiasmo, indagava êle, entre surprêso e modesto: — Mas minha voz é mesmo divina? A resposta afirmativa era rápida e unânime: —Sim, diviníssima! Numa de suas representações, no papel de Canacéia, vestido de mulher, gemia, com as dores da maternidade.—Que é que há com o Imperador — perguntou um centurião espantado. — Cale-se—respondeu outro — êle vai ter uma criança.

Os prêmios que obtinha, faziam-no delirar. Mas o público já começava a fatigar-se com aquelas intermináveis horas artísticas. Foi então necessário reanimá-lo, colocando soldados fora do teatro e aplaudidores no interior.

Fechavam-se as portas para que ninguém saisse. Aquilo era um suplício para os que tinham necessidade urgente de retirar-se. Uns fingiam desmaiar, para poder ganhar a porta; outros desmaiavam mesmo; uma senhora teve que declarar estar prestes a dar à luz. Muitos adquiriam doenças com aquêle forçado amor ao Canto. Ali, os amantes do bom teatro, eram como certos «voluntários», que seguiam amarrados para a guerra.

A atividade do Imperador tornou-se febril: cantava, fazia ginástica, competia nas corridas de carros, nos jogos atléticos, nas lutas corporais; entregava-se à escultura, à composição poética, à arte dramática, à decoração, à pintura... Era um *Jack of all trade.*

Por somas fabulosas comprava tapetes, vasos, quadros, baixelas, livros...

O seu palácio tornou-se um verdadeiro museu. O luxo era imenso. Quando Nero saía, seguiam-no centenas de carros paramentados; precedia-o a cavalaria africana; os cavalos tinham ferraduras de prata.

Nos divertimentos públicos êle lançava ao povo bolas marcadas, que levadas ao Tesouro eram trocadas por belos e valiosos presentes. Não havia monarca mais divertido e dadivoso.

As suas festas báquicas faziam-no subir consideràvelmente no conceito das multidões.

*

Ernesto Renan, o erudito autor da Vida de Jesus dedica algumas páginas sôbre Nero em seu Anti-Cristo.

«A mania furiosa de Nero chegara ao paroxismo. Era a mais temível aventura que o mundo ainda correra. A absoluta necessidade dos tempos havia entregado tudo a um só, ao herdeiro do grande nome lendário de Cesar; era impossível outro regime; e as províncias, em geral, dava-se bem com êste. Ocultava, porém, um grave perigo. Quando o Cesar se dementava, quando as artérias de sua cabeça, estonteada pela imensidade do poder, rebentavam ao mesmo tempo, era um nunca acabar de loucuras sem nome. Caia-se em poder de um monstro. Não havia meio de expulsá-lo; sua guarda, composposta de germanos, que tinham tudo a perder com sua queda, encarniçava-se em volta dêle; a fera, acossada, bramia e defendia-se raivosa.

Nero foi ao mesmo tempo, assombroso e grotesco, grandioso e absurdo. Porque o Cesar era muito letrado, a sua loucura foi principalmente artística...

Não tinha a sinistra malvadez de Domiciano, não amava o mal pelo mal; também não era um extravagante como Calígula; era um romântico consciencioso, um imperador de ópera, um melômano que tremia diante da platéia e fazia-a tremer, o que hoje seria um burguez, cujo bom senso tivesse sido transtornado pela leitura dos poetas modernos.

A princípio os ridículos de Nero pareceram inofensivos; o macaco conteve-se algum tempo e manteve-se na atitude que lhe tinham ensinado. A crueldade só entrou com êle, depois da morte de Agripina; mas depressa o invadiu todo. Desde então assinalou os anos com monstruosos crimes. Burrhus já não existe e crêm que foi Nero quem o matou; Otávia deixa o mundo cheia de vergonha; Sêneca está no exílio esperando a sentença de morte. Completou-se a saturnal quando Tigelino se arvorou em senhor de tudo.

Nero proclama que só há seriedade na Arte; a virtude é mentira, o homem deve confessar seu impudor. Quando descobre uma hedionda degradação, tem acessos de alegria.

O histrião lograra direito de vida e morte sôbre seu auditório; ameaçava de tormentos quem não lhe admirasse os versos. Era um gaiato feroz com a mira nos aplausos da gentalha.

Os déspotas do Oriente temíveis e solenes, nunca tiveram aquêles risos de louco, aquelas orgias perversas. A loucura de Calígula fôra curta; era um bufão; a doidice de Nero, geralmente alvar, era, por vêzes, espantosamente trágica.

Com ares melodramáticos, dizia-se atormentado pelas fúrias e citava versos gregos acêrca do parricídio.

Organizara-se um bando de ociosos estróinas que se apelidavam Cavaleiros de Augusto, que lhe aplaudiam as loucuras e inventavam para êle farsas de banditismo noturno.

Calígula o funesto gênero de histrião imperial; Nero tomou-o abertamente por modêlo. Não se satisfazendo em guiar carros no circo, esganiçar-se em público, fazer digressões de cantor pelas províncias, pôs-se a pescar com rêdes de ouro, que puchava com cordas de púrpura, ensaiou a sua *claque*, fingiu vitórias, conferiu a si tôdas as coroas da Grécia antiga, organizou festas assombrosas, representou no teatro papéis sem nome.

«...A popularidade que Nero alcançou por vergonhosos meios é incontestável e depois de sua morte Othon obteve o império só com invocar a sua memória e lembrar que tinha sido um dos seus favoritos.

Nero tinha consciência de seus ridículos e não queria que os descobrissem. Seu ódio a Thraseas foi por não ter podido alcançar-lhe a afeição. A citação grotesca de um mau verso seu, perdeu Lucano».

Até aqui Renan. Nós iremos um pouco mais adiante.

* *

Tentara ausentar-se de Roma, porém indo a um templo, a fim de invocar proteção para a sua viagem, sentiu a toga prêsa num banco, o que lhe pareceu um mau sinal. Logo a vista se lhe turvou. Não havia dúvida: era uma advertência do Céu, e abandonou a idéia de deixar a cidade.

Estava êle no seu palácio de Antium, a 19 de julho de 64, quando um incêndio irrompeu nuns barracões de madeira, nas lojas ao lado do Circus Máximus, junto ao Palatino e ao Celius, onde havia grandes quantidades de matéria inflamável.

Não há dúvida que existia ali intento criminoso.

O vento espalhava as chamas, que logo se comunicaram a tôda parte. Estava tudo sêco pelo calor, e o fogo se foi propagando; como as ruas eram estreitas, passavam facilmente de um lado para outro. Durante seis dias, um incêncio colossal destruia uma cidade.

Roma ardia como um brazeiro.

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

13 – A Atlântida

Podemos dizer que já foi concluída a primeira parte dêste estudo.

Embora resumidamente, falamos sôbre os primórdios do comportamento religioso da humanidade. Pensamos ter demonstrado que o homem pré-histórico teve a experiência objetiva da existência do espírito. Dessa descoberta central teria decorrido o fenômeno religioso, manifestado sob várias modalidades, tendo predominado inicialmente a *magia*, sôbre a qual já dissertamos no capítulo anterior.

Obedecendo à ordem cronológica, iremos estudar ligeiramente as manifestações do senso religioso daqueles povos que floresceram nas Américas, e que aquí já se encontravam muito antes da descoberta do novo continente.

A origem dessas raças humanas tem sido muito controvertida. Predominam três hipóteses explicativas. Acreditam os especialistas que poderiam ter-se originado ou da Ásia, ou da Oceânia, ou da lendária Atlântida.

Os dados antropológicos dão certo apôio à possível emigração dos povos da Ásia através do estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, assim como à invasão de raças provenientes das ilhas do Pacífico, inclusive da Austrália,

Todavia, ambas as correntes a dos atlantófilos e a dos que não admitem a remota existência do *continente desaparecido,* apresentam razões ponderáveis a favor de suas teses.

O relato mais antigo e específico, versando sôbre a Atlântida, parece ser o contido nos «Diálogos de Platão» : *Timeo e Crítias.* Algumas fontes pré-platônicas são evocadas pelos estudiosos dêsse assunto, porém uma análise bem severa põe em dúvida a validez dessas referências.

A existência do fabuloso Continente que teria sido tragado pelas águas oceânicas, em um terrível cataclismo, aproximadamente há 11.000 anos, é negada por inúmeros especialistas em geologia, antropologia e disciplinas congêneres. Não há pois, unanimidade de opiniões sôbre a existênica real da Atlantida.

Os próprios *Diálogos de Platão* são postos de quarentena por alguns de seus exegetas. Certos estudiosos pretendem que a história relatada por Crítias tenha sido forjada no sentido de dar apôio e realismo às concepções políticas do filósofo.

Logo de início, queremos fazer uma ressalva importante com relação à debatida questão da Atlântida. É a seguinte : não pretendemos, no curto espaço de que dispomos, entrar na discussão da realidade da Atlântida. Não cabe mesmo, no presente estudo, um debate dessa natureza. O assunto é controvertido. As escolas extremistas, as que negam definitivamente e as que aceitam sem regateios, não nos fascinam. Somos por uma posição de espectativa pois cremos que o problema ainda não teve sua solução definitiva.

Não resta dúvida de que há indícios seguros de ter existido, algures, uma grande e magnifica civilização, da qual ficaram os sinais indeléveis sobretudo nas Américas e na África. A variedade dos grandes povos americanos, os Peles-Vermelhas, os Astecas, os Maias, os Incas, os nossos indígenas, os Araucânios e os Patagões, que aqui já viviam muito antes da conquista efetuada pelos navegadores europeus, fazem crer que tiveram uma origem exterior. Entretanto, o elevado nível cultural de algumas dessas nações atestado pelos monumentos, obras de arte, a escrita, conhecimentos de astronomia, e outras manifestações dêsse gênero, encontradas nas ruínas de suas fabulosas cidades, dão a impressão de que elas se originaram de algum foco altamente civilizado.

É curioso notar que, à medida que se caminha para a zona central comum às duas Américas, vai-se encontrando um maior índice de civilização, revelado pela natureza dos vestígios deixados por êsses misteriosos povos. Os Astecas, os Maias e os Incas, que habitaram as terras do México, da América Central, do Perú e da Bolívia, foram os mais adiantados. Os menos evoluídos culturalmente encontram-se nas extremidades. São os Esquimós, os Peles-Vermelhas e os Patagões.

Isso faz pensar em uma zona irradiadora próxima dessa parte central. Teria existido êsse lugar ? Não teria sido a Atlântida ? — A questão é bastante debatida e sobretudo discutida. Há muito sonho e muita fantasia misturados com a realidade. Por outro lado, precisamos admitir a possibilidade de existir algum partidarismo ou alguma cautela excessiva, do lado dos que insistem em negar total apôio à idéia da existência, em remoto passado, do Continente Perdido, da Ilha de Poseidonis.

Você que nos lê, prezado amigo, fará uma pergunta :

— «Qual a relação existente entre essa questão da Atlântida e o assunto dos nossos atuais estudos e pesquisas ? Que tem a ver com isso a *Descoberta do Espírito ?*»

Nós lhe responderemos apenas o seguinte :

— «Há indícios seguros de que aquêles povos constataram, também, a existência do espírito».

Mas, antes de chegar até lá, convém saborear um pouco do fruto da fantasia. Pois, de um modo inexplicável, os mitos e as lendas às vêzes apresentam uma semente de realidade. Vamos ouvir nosso querido Platão. Seria uma falta imperdoável se não relembrássemos pelo menos um trecho dos seus encantadores diálogos.

Pedimos um pouco de paciência, pois não resistimos à tentação de reproduzir alguns fragmentos do Timeo. Gostaríamos de transcrever na íntegra os dois diálogos, porém, a escassez de espaço não o permite. Citaremos exclusivamente o essencial.

Dois são os diálogos de Platão, que fazem referência à Atlântida : *Timeo* e *Crítias*.

No *Timeo*, Crítias conta a história que êle ouvira de seu avô, aos dez anos de idade. O ancião cujo nome é idêntico ao do neto, Crítias, por sua vêz a escutara de seu ilustre amigo, o sábio Sólon. Êste último recebeu a revelação, da boca de um sacerdote egípcio na cidade de Sais (Egito).

No segundo diálogo, *Crítias*, Platão dá pormenores mais precisos sôbre a Atlântida, inclusive como era dirigida, quais os seus costumes, etc.

O Homem

Roberto Della Togna

O meu estranho visitante refestelou-se como bem quís na ampla e confortável poltrona. Estirou as longas e magras pernas sôbre a cadeira que lhe estava em frente, num genuino espreguiçamento que lhe fêz estalar as juntas anquilozadas pela postura anterior. Em seguida fixou-me atentamente com aquêles olhos profundos e perscrutadores, esvurmando-me os pensamentos mais ocultos e secretos. Sua voz, grave e soturna, fez-se ouvir novamente :

«O Homem...

«Ó víl animal, vergonha da criação. Torva e nebulosa figura que, dotada de inteligência diabólica, domina a superfície da terra e as entranhas do espaço, assassinando impiedosamente, tanto aos outros animais como aos seus semelhantes. Veja, meu amigo, o homem vive matando.

«Aos outros animais, aos que não pertencem a sua brutal espécie, liquida-os por dois motivos que julga imperiosos : a voracidade carnívora do estômago famélico e o prazer destruidor da caça a que, solertemente, denomina esporte. Aos seus semelhantes, pelo instinto da defesa que, egoìsticamente, qualificou de material ou moral. Material, para êle, é o conjunto de interêsses econômicos ou financeiros, forjados na ululante caverna da sua inconcebível maldade. Moral, porque a natureza incrustou-lhe no pensamento o tão decantado amor próprio, como a espicaçar-lhe, em dubias instilações, a fonte perene da perversidade que lhe habita o coração empedernido. E assim, no torvelinho de suas ambições criminosas, sentindo a cada passo e em cada instante, o imperativo de seu pavoroso orgulho, caminha, como herói de negra fama, pela senda do ódio e do rancor, chafurdando no tenebroso oceano do seu próprio mal.

«Na exuberância de sua vida, quando lhe canta a mocidade e a saúde que julga eterna, esquecido da eternidade que o espera, cria para satisfação de seus desejos um sêr material que lhe absorve constantemente os funestos pensamentos : — o dinheiro. Em tôrno dessa mirífica imagem dourada passa a existência em abjeta adoração, mandando às urtigas o mais elementar e comesinho dever da solidariedade humana. É que sòmente com a posse do ultra poderoso metal vê abrirem-se-lhe as portas sonhadas do prazer, da alegria e da glória. Porém, animal eternamente insatisfeito que é, não se detem apenas dentro do imenso círculo que o dinheiro lhe proporciona. Vai além, na incessante busca que lhe dita a desmedida ambição. O campo do visinho agora lhe desperta a cobiça insopitável. Agora lhe é necessária a prudência. A princípio, atitudes cautelosas — eis que então lhe fala a covardia inata — e vai daí, o sorriso melífluo, o negaceamento selvagem ; depois, a tocaia assassina, o extermínio físico ou moral do semelhante e, por fim, a glória da posse há tanto ambicionada.

«Pobre, reveste seus gestos de humílima modéstia. Rico, arrota grandezas insuportáveis, abandonando, rápido e rasteiro, o amigo sem dinheiro de ontem, com receio que êste lhe peça um empréstimo. Em suas elocubrações luciferescas, ri-se da desgraça alheia com a mesma disposição com que se róe de inveja, se o seu visinho acertou num bilhete de loteria. No conjunto de seus vís sentimentos a vaidade aflora à superfície escabrosa. É de se ver, então, o esgar simiesco, que deveria ser um sorriso humano, a lhe fender a bôca de orelha a orelha, quando o seu nome reponta, quase sempre por motivos ôcos, nas páginas da imprensa bajuladora e venal.

«Porém, meu amigo, se a vaidade lhe apresenta apenas uma faceta da sua imperfeição, ela ainda nada seria no quadro das qualidades negativas do homem. Tôda a sua deficiência, tôda a sua imperfeição se consubstancia num ponto fundamental. Fonte geradora do seu tremendo egocentrismo; a falta do sentimento religioso. O Homem não é, por convicção, religioso.

«Se os sublimes preceitos do Mestre Divino tivessem vencido a couraça da perversidade que o reveste, o homem latrearia de amor os passos obscuros de sua existência. O sentimento da fraternidade apenas lhe ilumina a consciência em rápidos e curtos fulgores, e isto sòmente no ocaso da vida, quando vislumbra, aterrado, o limiar da eternidade misteriosa; quando percebe a inutilidade absoluta das riquezas materiais, às quais se escravizara inteiramente durante a sua trajetória pela terra. Dos próprios ensinamentos divinos se tem servido para a eclosão de guerras fraticidas. Á proporção que se difunde a leitura das Escrituras Sagradas, à medida que as torres das igrejas se erguem para o azul do infinito como súplica à Suprema Misericórdia, o homem mais se afunda no turbilhão imediatista dos seus interêsses materiais. A humanidade se caracteriza pela sucessão aterradora das guerras que provoca, pela eclosão dos ígneos furacões que levam a morte e o desespêro a milhões de lares espalhados pela superfície do globo que habita. O homem, em sua infinita bestialidade, na ânsia de obter o galardão da dupla vitória conquistada, não se detem ante a sublime e comovedora inocência estampada no rostinho de milhões de crianças. Na voracidade destruidora que lhe brota da mente entorpecida, ao ímpeto de seus objetivos inconfessáveis, esquece, não sente, não ouve a enternecedora música celestial emanada da bíblica expressão: «Deixai vir a mim os pequeninos...»

«O homem procura fugir à sua própria consciência. O orgulho absorvente lhe impede de olhar objetivamente para a fragilidade de sua vida, para a sua infinita pequenez dentro do conjunto grandioso da natureza. Não olha para o alto, não acompanha com os olhos do pensamento a evolução de milhões de galaxias escalonadas nas profundezas insondáveis do infinito. Não se comove ante o deslumbramento inenarrável das auroras e dos crepúsculos.

«O gorgeio dos pássaros nas matas sombrias, o rumorejar da cascata além do remanso profundo, a melopéia suave que se ergue da vastidão das solidões agrestes, formando, na harmonia do conjunto, o hino da Divindade Criadora, não lhe fazem vibrar as íntimas cordas da sensibilidade, dessa sensibilidade que deveria darlhe a noção da sua insignificância. O orgulho e a torpeza de sentimentos lhe reveste, em cortina intransponível, a fonte da sensibilidade.

«O homem, meu amigo, é mau essencialmente mau, terrìvelmente mau!...»

Calou-se o meu estranho visitante.

O som cavo de suas palavras, como que se distanciando no lento processo de absorção pelo silêncio, extinguiu-se todo.

Com os olhos semi-cerrados ainda pude ver os contôrnos angulosos do soturno personagem. Porém, à medida que a vóz se distanciava, tornando-se inaudível, seu corpo se desvanecia, acabando por desaparecer completamente.

Achei-me só no silêncio envolvente da sala solitária...

Novo Horizonte, (sp.) Janeiro de 1.959

Nas vossas tribulações lembrai-vos de Jesus, de seus apóstolos e dos grandes vultos do cristianismo, que muito sofreram para vos ensinar o verdadeiro caminho da salvação. Sêde humildes, certos de que a maior sabedoria é aquela que tem por fundamento os preceitos do Senhor. Com a humildade sereis reconhecidos como verdadeiros discípulos de Jesus, tereis o auxílio do Alto e saireis vencedores de tôdas as lutas.

CAIRBAR.

Padre Lebret e a Condenação Implícita da Igreja

A respeito do livro do Padre Lebret —«Suicide ou Survie de l'Occident», publicou o Diário de Notícias, desta capital, de 2 do corrente, algumas referências que vale a pena analisar, afim de que se possa tirar ilações procedentes do que está escrito na obra em questão.

«O Ocidente, diz o padre Lebret, mesmo recorrendo às armas atômicas e com o risco de suprimir a raça humana, não poderá resistir a uma revolta geral se admitir como uma fatalidade inelutável a continuação do desnível entre o seu desenvolvimento e o subdesenvolvimento de mais de metade da humanidade». E noutro passo: «Se o Ocidente não fôr capaz de ràpidamente assegurar ao mundo subdesenvolvido ainda independente da União Soviética (e de uma maneira absolutamente evidente e com o desinterêsse de um grande ideal adotado com paixão) a possibilidade de maior desenvolvimento do que a Rússia oferece aos povos do seu bloco, o *Ocidente pode estar certo de que a sua ideologia pragmàticamente materialista terá menos audiência do que a ideologia do marxismo, filosòficamente materialista mas impregnada de um ideal universal*».

O pronunciamento do ilustre dominicano, cujo prestígio é evidente, como se vê pela repercussão que teve o seu livro, vale por uma condenação implícita dos processos adotados pela igreja na orientação que imprimiu à civilização ocidental. Evidentemente! Qual a razão de ser pragmàticamente materialista a ideologia do Ocidente? Não será, porventura, a incapacidade educativa da igreja a causa dêsse clamoroso desvio da civilização ocidental, relativamente ao roteiro do Cristianismo?

Falemos desapaixonadamente. A igreja, pela sua organização social, que tem resistido a tôdas as arremetidas demolidoras dos seus próprios orientadores mal avisados, merece-nos todo o respeito. Ela possui aspectos particulares de atuação, dignos dêsse respeito, como sejam os de ordem assistencial e pedagógica.

No que faliu foi no que concerne à sua atuação como órgão social, mantenedor do sentimento religioso, da espiritualização da espécie, no curso da respectiva aculturação a mais graduados estágios intelectuais, que a induziram ao melhor conhecimento das leis da natureza e ao gôzo individual de mais amplos direitos à liberdade e à natural emulação na conquista dos bens que despertam a cobiça dos homens; em outros têrmos, a igreja não soube manter se como educadora da alma humana, destituindo-se espontâneamente da missão que lhe outorgou o Cristo de Deus.

Daí a sua falência, em virtude da qual, para manter prestígio aparente, à custa do brilho falso das lantejoulas perecíveis, engendrou tôda uma hierarquia clerical, tôda uma vida de fausto e de grandezas terrenas que de modo algum condizem com os exemplos de humildade e de desprendimento pessoal, que Jesus nos deixou.

Em meio, porém, de todo êsse desordenado ambiente de ocomodações e processos sumptuários, a que a igreja vem se submetendo, para manter um prestígio social; que só lhe poderia advir da sua humildade cristã e nunca dêsse fausto e dessas grandezas de que se locupleta, conforta-nos a alma verificar a tendência, revelada pelos últimos papas, de reconduzir a igreja aos verdadeiros cânones do Cristianismo, que a dispensariam de tôda uma imensa legislação e regulamentação pragmatista, que a estratificaram em fórmulas e rituais completamente destituidos de valor espiritual, por isso que exclusivamente adstritos aos imperativos do culto externo, para restaurar-lhe a simplicidade, a naturalidade da ação benfazeja do Cristo e dos apóstolos, tão bem retratada na vida essencialmente cristã do *Poverello* de Assis.

João XXIII, oriundo de uma família de camponêzes, teve inicialmente aquêle exemplar movimento de emancipação de velhos chavões nobiliárquicos, ao pedir aos redatores do «Observatore Romano» que se abstivessem de tratá-lo com expressões tais como «iluminado», etc., devendo referir-se aos seus atos mui simplesmente: «O papa declarou», «o papa disse», etc.

Encanecido, cheio de experiência no trato com os homens, João XXIII, recordando-se, além disso, da vida simples dos seus primeiros dias, da vida simples que ainda os seus irmãos mantêm, há de fazer tudo por essa restauração da humildade e da simplicidade cristã na atividade da igreja, afastando-a da conivência com os maus governos temporais materialistas, para constituir-se, pelo seu esfôrço educativo, colaboradora dos lares honestos na grandiosa obra de educação, de remodelação dos costumes, dando combate ao sórdido materialismo que, aliado à ciência, transforma-a num instrumento de orgulho, de competições aguerridas, quando, sob o influxo do Cristianismo, pode tornar-se em instrumento de felicidade de todos os homens, orientados no sentido das suas *eternas* relações com os semelhantes, fato real, altamente expressivo, que modificará *de fond en comble* as relações sociais, quando fôr universalmente aceito.

São Malaquias, cuja visão profética, a respeito dos papas, tem se realizado, acentua que após os papas cujas divisas serão «Flor Florum», «De medietate Lunae», «De labore solis» e «De gloria Olivae», designações que indicam a prática de virtudes apostolares, virá «Petrus Romanus», que será o último papa. Isso quererá, sem dúvida, significar que o fausto, a ostentação orgulhosa, as exterioridades vasias, serão postergadas da igreja, voltando esta à simplicidade, às boas normas que Jesus exemplificou e que exemplificaram os seus apóstolos.

Só assim deixará, então, o Ocidente de praticar a sua ideologia pragmàticamente materialista, para ascender aos luminosos tempos da espiritualização da humanidade, sob o influxo poderoso do exemplo que a todos os homens darão os padres, compenetrados das suas responsabilidades sociais e dos seus deveres para com Deus e para com a humanidade.

Eis o que ao Espiritismo, como Consolador prometido, cabe advertir a todos os que dispõem de autoridade espiritual, na sociedade materializada dos nossos dias.

Arnaldo S. Thiago

Rio, dezembro de 1958.

RENOVAÇÃO BIOLÓGICA NO RITMO UNIVERSAL

MINARDI (Da API)

SABE-SE que matéria e energia não nascem e morrem ràpidamente, não mudam com tamanha velocidade, como o pensamento humano poderia concebê-las; a instabilidade das combinações químicas, é a característica fundamental do fenômeno biológico; de fato, a vida nasce e morre sem parar nunca, e ninguém pode deter êsse moto inexorável regulado por um veloz ritmo de tempo. Temos então de conceber a morte não como o acabamento, ou a destruição da vida, mas sim que ela é sinônimo de *renovação* da mesma e fenômeno anti-estático por excelência; de outro lado a vida seria impossível sem esta renovação.

O equilíbrio da vida considera-se equiparada ao equilíbrio do vôo, cuja estabilidade é condicionada pela velocidade; na vida o espasmo da ascenção se torna intenso e rapidíssimo, a vestidura de matéria torna-se sempre mais sutil na construção e reconstrução orgânica, neste ritmo veloz sucede-se incessantemente a juventude com a velhice, é nessa corrida que, experimentando, ensaiando, avançamos no campo moral e espiritual; faze-se portanto mister considerar o passado como água que passando pelo moinho, não volta mais à roda; assim a sabedoria e o progresso, não pousam no passado, mas sim no porvir; a ânsia de progresso e a insaciabilidade do desejo manifesta-se como instinto insuprimível universal no próprio hábito da satisfação, pela lei dos contrastes, base da percepção, com o diminuir da alegria, acentua-se o insaciável desejo de progredir.

Evidentemente temos da semente a planta, a qual frutificará para que a sua drupa caindo na terra e apodrecendo fertilize a nova semente em cujo embrião esconde-se e vibra o germe da nova vida. Assim a beleza da mulher, na sua divina função de maternidade, não acha por ventura o seu equilíbrio na fôrça do homem, sublimizando a razão da vida?

O que é a Morte? O que é então esta singular volatividade de consciência pela qual o organismo passa, em um átimo, do movimento à imobilidade, e da sensibilidade à passividade inerte? Debalde contemplamos impotentes e consternados, aquêle corpo imóvel cuja centelha da vida apagou-se, e em vão lhe pedimos a sua reanimação! Aí, a matéria, ainda está intata, com os seus órgãos, tecidos e forma; à máquina inerte lhe falta apenas a vontade do conjunto, o psiquismo diretor, o poder central.

Êste imponente edifício, sob as Divinas leis da Natureza, ruiu, decompondo-se a unidade coletiva superior em unidades menores, sob o efeito de outros construtores inferiores, os quais côrrem para aproveitar os materiais para os seus edifícios.

Nada porém é perdido da matéria, tudo é utilizado em um novo círculo, revivendo debaixo do sol.

Daí o axioma: «...o que não morre pode ter nascido, também o que existia antes do nascimento não pode morrer. O que não nasceu com a vida, com a vida não morre». Sendo, tudo o que existe eterno, nós também, a nosso consôlo, somos eternos.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

32 — A ingratidão do Almeida, depois, esquecendo tudo que lhe fiz, inclusive o primeiro emprêgo que teve na vida, (no Colégio do Almirante); outros favores maiores que não quero declarar aqui, foi mais uma tremenda decepção que sofri e que me fêz sofrer muito... Andou até assoalhando injúrias contra mim...

33 — Tempos depois, fracassando em tudo que empreendeu, desempregado, procurou-me em Nova Iguassú. Como jamais fui vingativo, quís colocá-lo no meu Ginásio. Marilia opôs-se, formalmente, alegando «razões de sobra para não o considerar meu amigo». Não querendo contrariá-la, apresentei-o a amigos, em Paracambí, emprestei-lhe móveis para abrir lá uma escola primária; mas também lá não se conseguiu firmar...

—

34 — Os seis anos que morei no Meier, como espírita, considerei-os perdidos, porque nada fiz pela Doutrina que foi a grande bênção de minha vida. Não ia a reuniões espíritas; só assistia conferências de grandes amigos. Entretanto, não perdia um bom filme, um bom espectáculo teatral...

35 — Estou a me lembrar, agora, de uma conferência do Almirante, a que assisti, sôbre o luto; palestra bonita, lógica e eloqüente. Muito aplaudida.

Dias depois, vejo-o de luto pela morte de um irmão.

«E sua conferência sôbre o luto, Almirante?»

Êste fumo não tem importância, Leopoldo. Foi a Biosa quem mo pregou no braço...

36 — Continuava dizendo-me e sentindo-me espírita, mas sem trabalho. Enchendo-me de livros espíritas, mas aumentando a minha irresponsabilidade, sem medir a extensão de meu crime.

(NOTA: Leopoldo esqueceu-se, escrevendo estas coisas, do exemplo que dava como espírita, cuidando, com carinho, de sua mãe e irmã, fundando a Liga Pró Educação e Bondade, finamente educativa, que tão salutares frutos colheu; educando milhares de jovens, à prova de sua seriedade, honradez e dedicação ao trabalho. Quanta gente, inclusive eu, sua irmã filha, deve a firmeza de caráter que possui, ao denodado batalhador que, mais tarde, sanaria, com empreendimentos persistentes e incomuns, o tempo que julgou perdido para o Espiritismo. Esqueceu-se, também, do amparo que sempre deu a todos que, necessitados física e moralmente, bateram a sua porta hospitaleira, durante êstes seis anos. Eu sou testemunha de que não foi pequeno o número; ninguém bateu em vão... Fossem assim todos os crimes, e a Terra seria um mundo de regeneração. *Leopoldina)*.

37 — Certa noite, ainda no Meier, vi-me, em sonhos, aposentado, fazendo uma série de conferências, em um salão enorme, repleto de gente.

38 — No dia seguinte, soube que Vianna de Carvalho, iria falar no Abrigo Tereza de Jesus. Fui ouví-lo. Aliás, foi a única vêz que ouvi o gigante cearense. Saí deslumbrado, mal sabendo que, de futuro, seria recebido, como orador espírita, muitas vêzes, naquela grande casa de trabalho.

39 — Entre a minha família, o Colégio Nacional que julgava meu segundo lar, a família do Almirante e todos que no Colégio militavam, minha segunda família, meus amigos e minhas diversões, graças a Deus, honestas, decorria minha vida, no Meier, tranqüila e igual.

—

40 — Em meiados de 1926, o Almirante falou-me de um convite que recebera do dr. Agnel Mafra, para abrir um colégio em Paraíba do Sul. Só o abriria se eu fôsse dirigí-lo. Eu aceitei o convite.

41 — Fui com êle, primeiro, conhecer o prédio em que funcionaria o colégio, a cidade, seu povo, meus primeiros prováveis alunos.

42 — Fui bem recebido por um pequeno bloco interessado na fundação do colégio e julguei, por isso, que seria felicíssimo em Paraíba do Sul. Portei-me, comedidamente, diante de várias provocações femininas, numa cidade quase sem homens, monótona, onde eu, ainda môço e solteiro, iria, por certo, alvoroçar muitos corações, estando, numa posição social definida.

43 — Acertada a inauguração do estabelecimento ademais, para Julho, puzemo-nos eu, mamãe e minha irmã (esta, aliás, contrariadíssima por deixar o Rio que adorava e o ambiente amigo e fraterno dos Pamplona e do Nacional), às arrumações da viagem.

44 — Mamãe ficara satisfeita com a situação financeira que eu, merecidamente, ia desfrutar em Paraíba; pois ninguém desejaria ir para lá, principalmente para iniciar a fundação de um colégio; mas a tristeza da filha amargurava-lhe um tanto a alma, só a distraindo a esperança de que o contacto com o lugar e sua gente, dissipasse essa tristeza grande e antecipada. Por ela, dizia, «onde meus filhos estiverem bem, eu também estarei bem».

45 — José, sempre pouco amigo de movimento, não se pronunciava; mas eu já lhe arranjara lugar na secretaria do colégio paratentar, ainda uma vez, furtá-lo à vida do jôgo do Rio, que o escravizava.

46 — Minha Irmã, em vésperas de viagem, encontrou-se com Marília, no jardim do Méier, e falou-lhe da saída da Capital.

47 — No dia seguinte ao encontro, Marília foi ao Nacional propor sua ida conosco como professôra primária. Minha família concordou, diante de sua simplicidade, tanto mais que eu e o Almirante estávamos à cata de professôres para um lugar para onde ninguém queria ir.

48 — Fui na frente. José, mamãe, Leopoldina e Marília, depois, juntos. Consolava minha irmã com a promessa de uma vinda por mês, ao Rio, com a Marília, que viria visitar a família.

49 — No dia dois de julho (dia venerado por nossos corações baianos — Marília era baiana de coração —) inaugurou-se o Colégio Nacional de Paraíba do Sul, comigo na direção técnica, minha irmã na secretaria geral, José na portaria e disciplina. As aulas do curso de admissão eram dadas por mim; as primárias, no primeiro mês, por Marília. Hábil na direção de várias turmas, professôra pública com vários anos de prática, desempenhou bem sua incumbência até a chegada, em agôsto, de um casal de professôres.

CAPÍTULO XXXIII

1 — A inauguração do colégio foi uma festa em Paraíba do Sul. Boa sede, no velho palacete dos Ribeiro de Sá, à entrada da cidade, para quem vem de Entre Rios. Em agôsto, chegaram o casal Beluci, (êle, ex-inspetor do Colégio Militar), Armando Assunção, prof. Hildebrando, que já mencionei nestas memórias, professôra Rute Mager e um Guimarães de quem não me lembro o primeiro nome. Afora o Hildebrando, todos sem sentimento de solidariedade e sacrifício. Dois dêstes, foram afastados

um mês depois, porque surpreendidos numa trama de calúnias tremendas contra nós. Guimarães, de voz agradável, que muito nos auxiliou nas festas, não primou também pela sinceridade e foi obrigado a deixar-nos depois. Em princípios de Outubro, os dois restantes não se subordinaram à disciplina rigida do Colégio e deixaram-nos. Só o Hildebrando ficou conosco. Apesar de corretíssimo e sincero, era muito desconfiado; porém, Marília conseguia dissipar-lhe as desconfianças que até pareciam obsessões.

2 — Transferimos a oficina gráfica do Rio para Paraíba e nos puzemos a publicar uma revista educativa, pedagógica, muito bem apresentada — o *Alvorecer*.

3 — Olavo de tal (não me lembro de seu sobrenome), que trabalhava na oficina do Rio, foi para Paraíba. Não ganhando aí o que desejava, voltou para o Rio.

4 — Por anúncio de jornal, foi um tal Jaqueira, chantagista, que tirou muita coisa na casa Matos, em nosso nome, de que não precisávamos. Além disso, não gostava de trabalhar. Chamando-o à atenção por tudo, revoltou-se tremendamente contra mim, mas veio embora, felizmente.

5 — Leo Dias, diligente e capaz, foi ótimo funcionário. Como não ganhasse o que desejava, resolvi editar o meu primeiro livro espirita — *Consciências* — para ajudá-lo.

6 — Havendo falta de papel, já quando eu tive de deixar a Paraíba, só em Nova Iguassú recebí dêle o livro impresso, apesar de alguns desentendimentos entre nós. Mas o livro saiu — o nosso primeiro livro espírita.

—

7 — Voltemos à Paraíba. O Colégio Nacional de Paraíba do Sul firmava-se, espetacularmente. Seu programa de horário certo, bom civismo, boas festas teatrais, *Liga Pró-Educação e Bondade*, boas aulas, impressionava fortemente a cidade. Tínhamos alunos internos, semi-internos e externos. Conseguíamos ordem e disciplina absolutamente. Chegámos a trinta e seis internos.

Existirá o Homem Lunar?

NO ano passado nesta mesma Revista de novembro publicámos uma colaboração, «A Conquista da Lua», onde argumentámos sôbre a não habitabilidade lunar, de acôrdo com os informes da ciência. Mas alguns nossos amigos da doutrina nos advertiram pessoalmente se não estavamos ali colidindo com Kardec, n'A Gênese, capítulo Uranografia Geral, no tocante aos Satélites.

Depois ainda surgiu nesta mesma Revista de fevereiro último o artigo «No Mundo... da Lua», do operoso confrade snr. Arnaldo S. Thiago, evocando o mesmo assunto daquele nosso trabalho.

Diante disso resolveramos voltar nessa mesma questão, oferecendo o que estiver ao nosso alcance, e sem qualquer desatenção com as opiniões que não se afinam com os nossos argumentos. Antes, evitando mal entendido por parte dos que não se acham a par do assunto, queremos ressaltar que os conceitos sôbre Astronomia, ali n'A Gênese, não devem ser interpretados como de autoria do responsável pela obra. O que ali se lê, embora sejam trabalhos mediúnicos, a apresentação da entidade foi aceita sob condição de acôrdo com os conhecimentos da época.

Assim, Kardec, evitando más interpretações, colocou na introdução da obra a seguinte ressalva: «O mesmo escrúpulo havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos com tôda verdade dizê-las: segundo o Espiritismo porque estavamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sôbre a doutrina a responsabilidade delas».

Ora, considerando-se essa ressalva, o que ali se expôs na sua anotação número um, da página 114, d'A Gênese, 5.ª edição, em português, na parte referente à Lua, o codificador apenas argumentou o assunto de acôrdo com a comunicação recebida, sob os conhecimentos daquele tempo. Como se tratava de uma questão estritamente científica, dependente de confirmações diretas, Kardec com muito bom senso laborou ali em termos condicionais.

Sem necessidade de reproduzirmos todo aquêle trecho, basta lermos êste tópico da sua anotação, para compreendermos que se trata de uma hipótese muito natural e lógica, considerando-se, como já dissemos, os conhecimentos científicos da ocasião. É assim que ali, em determinado ponto êle esclarece: «Por muito racional e científica que seja essa teoria como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, sómente a título de hipótese pode ser aceita...» Acreditamos que apenas nestas poucas palavras, do codificador, já é o suficiente para compreendermos a sua posição nesse assunto.

Falemos agora sôbre a habitabilidade da Lua, com atenção ao trabalho do snr. S. Thiago.

Se considerarmos o nosso satélite com maior atração no lado visível, em relação ao outro lado oculto, teremos de fato a Lua com duas naturezas distintas no sentido relativo ao pêso (pêso refere-se a atração) dos corpos na sua superfície. Logo, um mesmo objeto colocado do lado de cá, onde a fôrça de atração é maior, êle aqui seria de maior pêso, do que quando passasse para a outra face, onde a atração seria menor.

No entanto, esta condição não serve de argumento para o conceito de que naquela parte invisível existe uma outra natureza, diferente da de cá com relação à vida. Mas se a existência de vida na Lua dependesse dessa diferença de atração, os gáses viventes, sendo do grupo dos elementos leves, deveriam nesse caso estar no lado visível, onde o potencial atrativo é maior, para prende-los ali, evitando que êles se escapassem pelo espaço afora.

Hoje seria inverso o conceito de que tais gáses (oxigênio livre e combinado no vapor d'água com o Hidrogênio) estariam do outro lado, devido a menor atração daquele hemisfério. Se o lado de cá, mais atrativo, não os retêm, mais difícil seria concebe-los presos do lado de lá, para que ali se formasse uma atmosfera vivente.

Vejamos o seguinte: As observações e experimentações sôbre os estudos dos planêtas e satélites revelam que o poder atrativo dêstes astros é a condição essencial para que êles possuam ao seu redor gáses atmosféricos. Os corpos planetários de pouca atração, a exemplo da Lua, não possuem tais possibilidades, especialmente aquêles que se acham mais próximos do Sol, cujo calor concorre para a fuga dos gáses leves, essenciais para a vida, tal qual a conhecemos. Isto revela que se a Lua não contêm atmosfera vivente no lado visível, ao qual se atribue de maior atração, lògicamente mais difícil será concebermos que ela a tenha no outro lado, onde se diz de menor fôrça atrativa.

Essa ausência de atmosfera lunar é constatada pelo exame do espectro da luz solar que a Lua reflete; pela ocultação súbita da luz das estrêlas, quando a Lua passa por elas; pela falta de penumbra na sombra das montanhas lunares; existindo ainda outras características que corroboram com êsses resultados.

A falta de uma camada protetora de gáses envolta do astro permite que os raios solares incidam diretamente sôbre a sua superfície ocasionando elevada temperatura à mais de 100 graus centígrados, descendo, durante a noite, para 150 graus, abaixo de zero.

Se ali por ventura já existiu água, tal calor há muito tempo já a evaporou, cujos gáses desapareceram pelo espaço afora, pela falta de fôrça atrativa que os prendessem na orla do espaço lunar, a exemplo do céu terrestre.

E quanto aos vapores que foram observados em alguns círculos lunares, êsse fenômeno considera-se ligado à recente descoberta, por Shaplei, da existência de uma pequena atmosfera, no astro, de um gás pesado (não vivente), o argônio, julgando-se emanados das rochas potássicas ali existentes. E sôbre a errupção vulcânica no pico central da cratera Álfonso, conforme acusam pela fotografia os cientista russos, não são elementos de provas sôbre a suposta existência de habitantes lunares.

Como se vê, não há na Lua qualquer indício que a revele habitada, tratando-se de um astro com uma só natureza imprópria para a vida, o que nos tira, como já dissemos anteriormente, qualquer esperança de encontrarmos ali o Homem lunar.

Contudo, qualquer opinião por mais modesta que seja deve também ser respeitada, se bem que uma eventual surprêsa, sôbre o encontro de selenitas, ali, sòmente seria concebível pela existência de outras leis, ainda não conhecidas pela nossa ciência.

Mas tal hipótese, como declarou Kardec, não deve pesar sôbre a responsabilidade da doutrina.

No entanto, nós espíritas, por sermos adeptos da pluralidade dos mundos habitados, não devemos julgar que êste conceito implique na obrigatoriedade de que todos êsses corpos planetários devam conter habitantes. Êste absolutismo é falso, conforme ainda pretenderemos demonstrar em outro trabalho, através das páginas desta mesma Revista.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

BIOLOGIA ESPÍRITA

Ao ler o maravilhoso livro de Paul Neergaard «LA VIVO DE LA PLANTOJ» (A Vida das Plantas), escreví ao ilustre cientista dinamarquês : «Seu livro nos leva à adoração ; já o inclui entre os livros da minha Bíblia ; penso nêle em têrmos de prece».

É um poema de Deus à vida da planta ! Tôda a formação de uma planta obedece a um inteligentíssimo planejamento anterior e se cumpre em virtude de leis admiráveis. Paul Neergaard compara o crescimento de um simples pé de trigo ao levantamento de uma tôrre, sàbiamente planejado e executado, mas no qual os «tijolos» são providos de vida e inteligência para se comportarem em perfeita harmonia com o projeto do Arquiteto.

Êsses «tijolos» são células vivas, têm um espírito, obedecem a uma disciplina, cumprem missões bem definidas.

Diante de «LA VIVO DE LA PLANTOJ», pensei : «Se o sábio escandinavo conhecesse Espiritismo, que ensinamentos maravilhosos nos poderia êle dar !» Sentí o anseio de um livro que nos mostrasse o espírito nas formas mais elementares da vida, nos corpúsculos invisíveis que se grupam em colônias cada vêz maiores até formar a maravilha de um universo como é o microcosmo «Homem».

Quando me ocorriam êsses pensamentos, já estava em preparação numa tipografia de São Paulo o livro com que eu sonhava e agora já li — «A Teoria Corpuscular do Espírito», de Hernani Guimarães Andrade.

Muito modestamente o Autor declara que seu trabalho é apenas hipótese científica, esbôço de teoria, parte elementar de uma obra maior que êle mesmo pretende escrever em outros volumes, e que espera colaboradores e continuadores para sua teoria. Tudo isso pode ser verdade, mas eu sentí o anseio de ler êsses ensinos, tão simples, tão lógicos, que não se sabe como evitá-los.

Na desordem, no caos primitivo, começa a erguer-se a vida que é oposição à desordem e ao caos ; começa a revelar seus planos inteligêntes que vão tomando fôrça e vigor ; vai crescendo, aprimorando-se, dominando, governando a matéria, impondo suas leis a tudo.

Vêmo-la hoje no sábio, no santo ; mas onde irá parar sua evolução, apenas começada ? Irá parar no homem, êste produto inacabado ? De certo que não ! Prosseguirá progredindo pelos séculos e milênios e vindouros. Como será ela daqui a tanto tempo como o que nos separa do Homem de Neandertal ? E um milhão de séculos mais tarde ?

O Autor de «A Teoria Corpuscular do Espírito» é um engenheiro jovem e nos fala como especialista, em construção de pontes ? Não ; em Genética e Embriologia, em Biologia. Assim, a sua própria vida nos revela o espírito, maduro e reencarnado. Não duvida da existência do espírito nem da reencarnação, e nô-las revela em tudo que vive ; e nós vamos mais longe : vêmo-las no Autor mesmo da Teoria.

Parece ter chegado o tempo de uma

tremenda transformação na mentalidade humana: a ciência, que sofreu guerra de morte da religião e se acastelou na matéria, vai provar os dogmas fundamentais de religião — imortalidade e reencarnação do espírito.

Carlos Vaz Ferreira diz que o cientista, de pé na superfície de um *iceberg*, exclama ufano: «Fiquemos aqui, isto é sólido!». Quando, porém, aumenta um pouco o calor, a montanha de gêlo se derrete; e quando aumenta mais o calor, ela desaparece como o gás. Lá se foi pelos ares a «solidez» da ciência materialista!

O Autor de «A Teoria Corpuscular do Espírito» lê muito e tem excelente memória. Estuda as coisas a fundo. Está em dia com a evolução científica e com a revelação espírita. Tem mais três volumes planejados, nos quais falará aos cientistas na linguagem própria dêles e se fará compreender. É um plano de trabalho para 16 anos, mas poderá estender-se muito mais.

Desde já a teoria é uma revolução benéfica na Biologia: dá-nos a chave de muitos mistérios; projeta luz em muita treva e terá que lutar contra fortes preconceitos, mas os vencerá a todos.

ISMAEL GOMES BRAGA.

Irredutíveis os Fatos Espíritas a explicações de ordem hipnótica

Letargia é apenas uma fase do processo hipnótico — Declarações do especialista Tullio Chaves sôbre as experiências de Irmão Vitrício — Um caso de moldagem de mão em parafina

As tentativas de explicação dos fenômenos espíritas, por meio de magnetismo e hipnotismo, são absolutamente inconsistentes. É curioso o processo, que podemos chamar cíclico, pelo qual as hipóteses anti-espíritas aparecem e desaparecem nos vários países. De quando em vez ressurgem e retomam vulto as acusações de fraude pura e simples, como aconteceu há um lustro, entre nós, com a publicação do livro do prof. Silva Mello, brilhantemente refutado pelo prof. Sérgio Valle. Depois, como acontece agora, são as acusações de ordem hipnótica ou anímica, subconsciente ou histérica, e assim por diante. Todos os defensores dessas hipóteses, entretanto, se esquecem de ler um livro do prof. Ernesto Bozzano, «Animismo ou Espiritismo», em que as referidas suposições e muitas outras foram cientìficamente analisadas e reduzidas às devidas proporções.

Allan Kardec, antes de se tornar espírita, estudou magnetismo e hipnotismo durante muitos anos. Em meados do século passado o assunto estava no auge, na Europa e na América. Quando surgiram os fenômenos das mesas girantes, Kardec, que era, então, apenas o prof. Denizard Rivail, foi convidado por um seu amigo e colega de estudos magnéticos, o sr. Fortier, para assistir à uma nova forma de fenômenos magnéticos. Kardec verificou, com a perspicácia e o bom senso que o caracterizavam, tratar-se de fenômenos diferentes, que revelavam a presença de uma inteligência extra-corpórea. Foi assim que se interessou pelo estudo dos novos fenômenos e chegou às admiráveis conclusões consubstanciadas na doutrina espírita.

Os fatos espíritas são irredutíveis a qualquer outra explicação, que não a de Kardec. Isso provou Bozzano, decisivamente, em seu livro acima citado, verdadeiro monumento de análise científica dos fenômenos espíritas. Isso provaram Crooks, Geley, Osty, Lodge, Aksakoff e tantos outros, e isso o estão provando, agora mesmo, as experiências de Biorkhem, Price, Rhine e outros. Nem o magnetismo, nem a eletricidade, nem as hipóteses fantásticas do «refletor universal», do subliminar, da onipotência da mente, e outras do mesmo jaez, podem oferecer os elementos de comprovação que a teoria espírita oferece. Tôdas essas hipóteses nada mais são do que tentativas desesperadas de negação da realidade demonstrada pelo Espiritismo. É por isso que seguem o sistema cíclico da moda ou dos brinquedos infantís, aparecendo e desaparecendo, numa sucessão curiosa. Ontem, era «tempo da fraude», e hoje «é tempo do hipnotismo», da mesma maneira por que existe o «tempo de pião», de amarelinha ou de biboquê.

«Mundo Espírita», excelente órgão de divulgação doutrinária que se publica em Curitiba, sob a direção do confrade

Lauro Schleder, traz em seu número de novembro último uma entrevista com o prof. Tulio Chaves, catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e lente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, sôbre as pretensas demonstrações hipnóticas de Irmão Vitrício contra o Espiritismo. O entrevistado, que é formado pela Universidade de Genebra, Suiça, e fêz cursos de especialização em Nápoles, París e no Rio, foi aluno de hipnotismo do prof. italiano Rummo, discípulo de Charcot.

Interpelado sôbre as rumorosas demonstrações de Irmão Vitrício, declarou o prof. Tulio Chaves: «Nada de novo existe nessas experiências. São meras sessões de hipnotismo». E acrescenta: «O irmão marista de Santa Maria chama o fenômeno que produz de letargia, como o poderia chamar por qualquer outro nome. Letargia é, na linguagem do mestre francês e do italiano, uma das fases do hipnotismo». Logo mais, de maneira incisiva, afirmou: «Dizer que letargia não é hipnotismo é contrariar todos os conhecimentos da Psicologia». Podemos aliás acrescentar, a título de informação, que o processo da letargia é estudado no «Livro dos Espíritos», de Kardec.

A respeito da produção de um fenômeno de moldagem de mão em parafina, numa sessão hipnótica de Irmão Vitrício, disse o prof. Tulio Chaves: «Não creio que o Irmão tenha produzido um fenômeno de moldagem de mão. Consta-me que essa moldagem, apresentada em suas conferências, não foi produzida em presença do auditório. Não terá, porventura, sido produzida nas sessões espíritas do Ginásio?» A respeito dessas sessões espíritas, esclarece: «Sei, de fonte segura, que no Ginásio de Santa Maria fizeram-se experiências espíritas positivas, tanto que um marista deixou a ordem e aderiu ao Espiritismo».

Como temos dito e repisado, nesta secção, há mais de dez anos, as «novidades» que volta e meia aparecem contra o Espiritismo são tão novas como a Sé de Braga. Os leitores que se preocuparam com as «demonstrações» de Irmão Vitrício têm os esclarecimentos a respeito na palavra autorizada de um especialista em medicina, psicologia e hipnotismo, que demos acima. Se quiserem, porém, vacinar-se contra as «novidades», e ao mesmo tempo obter maiores informações sôbre as referidas «demonstrações», leiam «Animismo ou Espiritismo», de Ernesto Bozzano, que existe em português.

Irmão Saulo

EVANGELHO E CIÊNCIA

Na opinião de muitas pessoas, pelo que tenho ouvido aquí e alhures, O *Evangelho Segundo o Espiritismo* é uma obra inteiramente destituída de interêsse científico. Não se deve prejulgar em matéria tão delicada e complexa. Realmente, o Evangelho, em si, tal como se acha nos relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João, é um código de moral, todo êle inspirado no amor e no espírito de sacrifício, como também é um conjunto de narrativas históricas. Sob o ponto de vista estritamente histórico, há muito o que discutir e analisar, principalmente depois do aparecimento de certas obras, orientadas pela crítica moderna, pois o próprio Codificador da doutrina, e é êle quem o diz, logo na *Introdução*, teve o cuidado de se fixar na parte moral, que é substancial e permanente, deixando de lado a matéria sujeita a controvérsias. Convém notar, sem perda de tempo, que uma coisa é o *Evangelho* segundo os quatro evangelistas ou adstrito à letra pura e simples do Novo Testamento, e outra coisa, bem mais racional, é o *Evangelho* interpretado à luz do Espiritismo. O Evangelho é um só: a mensagem, a Boa Nova anunciada por Jesus. Há muita diferença, todavia, entre a *letra* fria do Novo Testamento, com o simbolismo de certas figuras e expressões fortes, e a inteligência e clareza da interpretação espírita, sempre apoiada no raciocínio científico e na lógica da compreensão filosófica.

Logo, quando se diz Evangelho *segundo* o Espiritismo, isto é, o Evangelho interpretado à luz do Espiritismo, a questão muda de figura, porque os fatos do Evangelho passam a ser considerados em face da fenomenologia mediúnica, perdendo o sentido de *«milagres»*, assim como algumas alegorias e altos ensinos velados tomam feição inteiramente nova, com a chave da reencarnação. O Evangelho fala em *ressurreição,* como fala em *nascer de novo* etc., e tudo isto seria nebuloso ou contraditório, senão aberrante, não fôsse a explicação espírita, com base na reencarnação, colocando determinadas expressões evangélicas em têrmos racionais. A *ressurreição,* por exemplo, seria um disparate perante a Ciência. Como poderíamos nós, espíritas, aceitar o Evangelho tal qual está escrito nas versões do Novo Testamento?... Não é possível ficar com o Novo Testamento e desprezar a doutrina espírita. Sem as luzes do Espiritismo, que se alicerçam nos dados científicos e na coerência do raciocínio filosófico, o Evangelho se torna incompreensível, a não ser que seja encarado apenas pelo lado devocional, evidentemente inadequado ao pensamento espírita. O Evangelho torna-se claro, forte e cada vêz mais luminoso à proporção que aplicamos os ensinos do Espiritismo em sua interpretação. Se, portanto, fecharmos as obras espíritas, cujos fundamentos centrais se corporificam na Codificação de Allan Kardec, e nos quisermos prender sistemàticamente aos versículos dos evangelistas, no estílo das escolas bíblicas, jamais penetraremos no «espirito que vivifica». A interpretação do Evangelho conduz naturalmente o nosso pensamento para o confronto de pelo menos três obras indispensáveis, sem as quais seria impossível recorrer às luzes do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos,* *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese.* Foi por intermédio da doutrina espírita, porque os espíritos no-lo disseram sem hesitação, que nos certificamos da realidade e sublimidade dos ensinos de Jesus. (Vejam-se, principalmente, as questões 625 e 627, *d'O Livro dos Espíritos,* como também a secção VIII, da última parte— «Conclusão» — dêste livro, assim como o cap. I *d'A Gênese,* n.^{os} 30, 41 e 56). O Espiritismo trouxe, portanto, luz nova sôbre os textos evangélicos, já em relação aos fatos mediúnicos, já em relação às conseqüências filosóficas de certas passagens fundamentais.

Dentro desta ordem de idéias, já podemos ver que *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não só é uma obra de valor decisivo no corpo da doutrina, pois sem ela a doutrina estaria incompleta em sua parte moral, como é, também, uma obra capaz de suscitar a discussão de problemas científicos. Abramos, por exemplo, o cap. XIV *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo,* e lá encontramos, nas «Instruções dos espíritos», uma série de questões inerentes aos laços de família. Pois bem, nessa dissertação, que é, aliás, um tanto longa, o instrutor espiritual toca em problemas diversos, como a conservação das paixões e dos vícios, afinidades, instintos etc. Há uma parte em que o espírito, com antecedência de mais de meio século, chega a tratar de um ponto que, hoje, é objeto de discussão até no campo da Psicanálise. Modernamente, como se sabe, Freud procurou explicar tudo pela generalização do pan-sexualismo, cometendo exagêros, que já foram, há muito, recusados até por antigos discípulos do mestre de Viena. Lê-se, *n'O Evangelho Segundo o Espiritismo,* a seguinte observação: «Desde o berço a criança manifesta os instintos bons ou maus, que traz da existência anterior; aplicai-vos a estudá-los é o que vos cumpre fazer. Tendo todos os males no egoísmo e no orgulho, deveis observar que os mais insignificantes sinais que revelam o germe dêsses vícios e esforçai-vos por combatê-los antes que criem raízes profundas...» Temos, aí, um problema de ordem biológica: a influência dos instintos nas reações e nas tendências, mas o problema também repercute na vida psíquica. Logo, é igualmente um problema de Psicologia. É indiscutível a repercussão dos fatôres biológicos no comportamento e nas manifestações da vida psíquica, como também nas complexas. O espírito fala, ainda, no *germe* dos vícios.

Onde está o *germe* dos vícios? No sangue? Nas glândulas? É claro que, à luz da tese reencarnacionista, que os psicalistas não aceitam, a criança traz consigo tendências e gostos, cuja exteriorização pode ser provocada pelo meio externo, como pode ser retardada por muito tempo, por fôrça das circunstâncias. Segundo a doutrina espírita, o germe do mal está no espírito, não está nesta ou naquela glândula, neste ou naquele órgão: a glândula é um instrumento no qual se polarizam deficiências físicas e psíquicas, repercutindo no comportamento; mas a tendência para o vicio não está na glândula, seja ela qual for, porque é inerente á inferioridade do espírito que reencarna. A composição corporal e a organização perispiritual já prevêem a situação do espírito que deve reencarnar em tais ou quais condições, para cumprir uma prova ou desempenhar determinada missão. É o que se chama «desenho prévio», de que nos fala Gabriel Delanne, em sua obra *A Evolução Anímica*. Evidentemente o corpo influi sôbre o espírito e vice versa. Êste ponto é pacífico no Espiritismo, pois o funcionamento glandular não pode deixar de ter repercussões nas atitudes, nas reações e até nas idéias de certos indivíduos. Daí, porém, não se vai chegar ao exagêro de admitir que um indivíduo seja bom ou mau simplesmente porque o órgão *x* ou *y* funciona mal ou bem, ou porque uma das glândulas é defeituosa. Se assim fôsse, o problema do bem e do mal sôbre a Terra, problema que sempre causou preocupação aos filósofos, teólogos, educadores e moralistas, seria resolvido apenas com o progresso da cirurgia : se o indivíduo A ou B trouxe o germe da perversidade, então que se lhe extirpe ou conserte a glândula responsável pela ruindade, e o indivíduo passará a ser bom, logo depois de uma intervenção cirúrgica. Voltemos aos complexos.

A escola freudiana exagerou muito a noção de *complexos* e *recalques*, como também deu importância demasiada ao fator sexual. Se, antes de organizar o seu sistema, Freud tivesse conhecido bem a tese reencarnacionista, talvez colocasse o problema dos complexos e recalques em têrmos mais largos. É sabido pelos espíritas que, ao reencarnar, o espírito vem com um acêrvo de tendências ou predisposições, que se manifestam com maior ou menor facilidade quando encontra uma organização psicopomática bem ou mal adequada e quando, por sua vez, as condições ambientais oferecem ou não possibilidades. Convém notar, entretanto, que, apesar da ação de fatores constitucionais e ambientais, a *causa* remotas das boas ou más inclinações está no espírito. Certos *complexos* refletem prevenções ou frustrações do espírito, em situações anteriores à vida presente.

A reencarnação elucida, portanto, muitos problemas que a Psicanálise não conseguiu esclarecer, e a respeito dos quais tentou firmar doutrina, sem resultados satisfatórios, porque não se preocupou a fundo com o espírito, nem tomou conhecimento da influência das «vidas sucessivas» no processo de relações do indivíduo com o meio interno e externo. Tendo-se fixado demais no elemento puramente biológico, a escola freudiana desprezou a substância espiritual do homem e, por isso mesmo, não pôde compreender até onde vai ou pode ir o «entrosamento» do passado com o presente, no curso progressivo da individualidade, pois a reencarnação influi até na organização somática ou na forma individual, como nas preferências e reações. Ao nascer, sim, a criança traz o *germe* de suas inclinações no *Eu* individual, o *Eu* real e profundo, mas êsse germe está no espírito, não é simples produto do equipamento biológico ou mero reflexo de acumulações hereditárias. Então, diz muito bem *O Evangelho Segundo o Espiritismo :* «desde o berço a criança manifesta os instintos bons ou maus, que traz da existência anterior...» Eis, aí, uma afirmação que envolve problema de Biologia, Psicologia e Psicanálise, podendo levar também ao plano mais alto da especulação filosófica. Parece, à primeira vista, uma proposição vulgar, mas a verdade é que o seu conteúdo vai tocar, como toca, em três problemas científicos : o instinto, a hereditariedade e a personalidade, tudo isto esclarecido com as luzes da reencarnação. Psicólogos e psicanalistas emancipados teriam muito o que estudar e pensar, dentro dêsse trêcho d'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, obra integrante da Codificação de Allan Kardec.

Outro ponto, em que O *Evangelho Segundo o Espiritismo* entra no terreno científico, é extamente aquêle em que discorre sôbre os efeitos magnéticos da prece, no cap. XXVII : «Pedí e obtereis». A ação da prece, pela fôrça do pensamento, pode produzir até modificações físicas, pelos efeitos vibratórios no perispírito. Tudo isto foi examinado e discutido, em têrmos científicos, por experimentadores da envergadura mental de um Bozzano, um Alfredo Erny, por exemplo. A prece tem ação sôbre o perispírito e pode, por isso, realizar transformações impressionantes. O poder do pensamento, estudado há milênios por velhas escolas orientais, já foi confirmado experimentalmente através de fenômenos positivos. Estão, aí, os casos de *ideoplastia*, objeto de investigações científicas, demonstrando que o pensamento pode chegar ao alto ponto de criar formas visíveis. O Espiritismo trouxe grande contribuição a êsse ramo de conhecimento, principalmente quanto ao valor dos fluidos e suas propriedades. (Veja-se *A Gênese*, cap. XIV). Pois bem, o ensino d'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, no que concerne ao valor da prece, que não deve ser encarada como *reza* maquinal, está alicerçado em bases científicas. Daí, a sua segurança. Do mesmo modo, ao afirmar a fôrça da fé, porque «a fé transporta montanhas» (Cap. XIX), O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos dá uma lição profunda e coerente, a respeito da alma humana e, com isto, entra na seara da Psicologia. Que é isto, afinal, senão ciência? Muitos e muitos outros pontos poderiam ser lembrados, como demonstração de que O *Evangelho Segundo o Espiritismo* não é um livro tão *simples*, tão corriqueiro, como às vêzes se diz. É simples, muito simples, não há dúvida, mas a sua simplicidade não significa pobreza de idéias e argumentos, pois tem muita consistência doutrinária. Quem quiser estudá-lo com embocadura científica e não apenas como quem «lê por alto», encontra uma urdidura de princípios muito firmes.

Quanto aos seus objetivos morais, como obra de cúpula da doutrina, O *Evangelho Segundo o Espiritismo* consola, ilumina e fortalece o espírito, principalmente nas horas de angústia. É um roteiro luminoso, mas é preciso notar que o espírito não pode caminhar com segurança quando não tem apôio na convicção, e a convicção depende do conhecimento. Logo, O *Evangelho Segundo o Espiritismo* não pode ser considerado uma obra à parte, inteiramente desintegrada do corpo da doutrina, porque isto seria mutilação, em prejuizo da própria unidade doutrinária do Espiritismo. Como parte insubstituível da Codificação, é uma fonte de luz espiritual, apoiada sôbre os alicerces da ciência e do amor, que é a «síntese de tôda a moral de Jesus», atendendo às necessides da inteligência e do coração. Já se vê, finalmente, que não é—convém repetir—uma obra destituida de interêsse científico, mas a ciência precisa e deve ser guiada pela moral, a fim de que, como instrumento nas mãos do homem, tenha fins superiores, em harmonia com o pensamento divino. O progresso intelectual ou científico pode ser inútil ou nocivo, se o homem não procura, cada vêz mais, aprimorar os sentimentos. É, portanto, para essa grande realização interior que a sabedoria do Evangelho nos aponta o caminho certo, através do conhecimento, do trabalho e da caridade.

Deolindo Amorim

O Homem, êsse recalcitrante

v. lirenedo

LOGO no início da última guerra, o mundo estarrecido viu a França, a grande França, invadida, subjugada e tomada pelo adversário. De tôda a Terra milhares de artigos e inúmeros livros se escreveram lamentando o fato. Em tantos escritos chorava-se mais a desanimação tombada em París, carpia-se mais o amortecimento da boemia da Cidade Luz do que o sofrimento moral e físico do povo francês. Por outra, homens religiosos, ponderados chegaram a aventar a hipótese de que uma vez superada a crise, através daquelas dores e privações, terminada a guerra, a París impenitente ressurgiria purificada de suas velhas mazelas, se faria mais de Deus e menos do mundo, e a Europa se faria melhor pelo duro testemunho, pela prova pungente e sangrenta. Findou a guerra. A Europa não se melhorou, a França politica não se fez outra. París cresceu na frivolidade e intemperança.

Passados alguns anos, recuperando-se de algum modo econômica e militarmente, vimos que a França, proclamadora crônica da liberdade, igualdade e fraternidade, bombardeava impiedosamente florescentes zonas duma Indochina desejosa de forrar-se do jugo estrangeiro. Era a cobiça pelos arrozais imensos do país que provocavam o bambardeio sistematico? Não só a cobiça pelos arrozais é que agia, era mais que tudo o orgulho imperialista da França já agora em suficiência política e bélica.

Logo mais viu-se a aviação francêsa apoiando a inglêsa no arrazamento de aldeola egípcias. O motivo era passagem de Suez.

Depois viu-se repartos do exército francês em guerrilha de extermínio na Argélia paupérrima, faminta mas superfarta de ser explorada através dos tempos. Mas o que possuiria a hoje justamente rebelde Argélia para provocar tanto ódio dos dominadores, provocar na França tantas medidas drásticas, para lançar em conselhos de guerra tantos oficiais e soldados que recusaram a partir para a luta cruenta? Outra vez o orgulho imperialista? Lógico! E mais ainda; a Argélia tem seus olivais, tem suas tangerinas, tem suas ovelhas que dão a lã. E como tais preciosidades hão de ficar para os *bárbaros* se os usurpadores super-civilizados precisam delas? Quem vai gostar de uma salada com menos azeite de oliveira, quem não sabe o gostoso de um refrêsco ou licôr de tangerinas, quem não conhece o bem-estar que no inverno dá o capote de boa lã?

Que interessa aos políticos do mundo, que interessa ao sofisticado europeu metropolitano saber que a sua salada, o seu refrêsco, o seu pulover custou a vida de *bárbaros*, custou o sangue de aldeias inteiras de *bárbaros?!* Um cozinheiro precisa de elementos para seus pratos, o garção para os seus coquetéis, o grande mestre da costura precisa de tecidos para lançar a grande moda. Entre os comensais dos grandes hotéis do mundo, entre a assistência seleta que aprecia o desfile da moda nas casas costureiras do asfalto, quem vai querer saber se tal iguaria ou tal vestuário custou duas ou duzentas vidas humanas? E o político e o diplomata? Ambos conhecerão remorsos por haverem determinado massacres em massa, se os grupos do mundo os saudam, os hospedam jubilosos, lhes enviam flôres pelas sábias e enérgicas e inadiáveis medidas tomadas? E essas medidas não lhes darão comendas e títulos, não lhes darão biógrafos incensadores?

Mas, não é só uma nação a dar-se às agressões bélicas. Ora é um país, ora é outro que ensaia conflitos armados. Nações poderosas, falando em defesa contra ideologias políticas antagônicas despejam em terras alheias suas fôrças que vão metralhando, bombardiando, incendiando. Pois é, a longa e dolorosa experiência da última guerra não melhorou o ânimo do homem, que recalcitra em todo tipo de êrro, em todo tipo de agressão. Seguem-se os crimes de nação contra nação, prosseguem os desafios internacionais.

— Ó Pai justo e onisciente, como se apresentarão ao vosso Tribunal êstes blocos humanos que estraçalham e pisoteiam o Evangelho do vosso Filho, aqui na Terra plantado há quase vinte séculos?

Como se apresentarão ao vosso Juízo, Senhor, estas gentes que trazem o cérebro em pletora de sabidismo delinqüente, mas lançaram fora o coração, pois não querem saber do vosso Amor?!

Crônica Estrangeira

O aviso do «morto»

De «Estudos Psíquicos»

Spiritualisme Moderne», de Liege, extraiu o seguinte caso do semanário londrino *Two Worlds:*

«Um quarto de hora antes do iate «Silver Cloud» encalhar nos fundos arenosos de Rattray (Escócia), um marinheiro «morto» avisou a única tripulante de que uma infelicidade ia abalar o navio.

«Eis a história que a francêsa Marcelle Mortlock contou a um jornalista do *Aberdeen Pres and Journal*, num abrigo dos guardas-costas:

«Sei que isso parecia loucura — disse ela — e a tripulação riu-se de mim. Foi talvez pesadelo, produto da imaginação ou coisa análoga, mas o certo é que vi. Eu não creio em fantasmas. Nunca tinha visto nenhum, mas êste vi-o sete ou oito vêzes desde que tocámos em Inverness.

«Era um marinheiro novo, de rosto redondo e agradável e o seu nome julgo ser Lancastrian ou Lancaster, pois assim estava escrito no seu boné. Desapareceu tão rapidamente como veio, mas falou, para dar o aviso.

«O fato de só eu ter ouvido as suas palavras torna o caso mais difícil de compreender aos outros. Um dia, em Inverness, estava eu no salão com a senhora Moore, mulher do proprietário, a tratar de uma série de compras, quando apareceu junto dela. Eu abri a bôca na intenção de gritar e êle desapareceu. Ao contar a visão à minha companheira, esta disse que tivera a impressão de que alguém estava atrás dela.

Quando o marinheiro lhe falou, a senhora Mortlock estava no beliche.

— Não me lembro exatamente das suas palavras — conclui —, mas disse que alguma coisa ia suceder ao iate e que não me assustasse, porque nenhum mal nos seria causado. E acrescentou que *êles* só desejavam que o barco não deixasse a Escócia. Quinze minutos depois tudo se havia cumprido, como fôra anunciado. Pode ter sido um sonho ou um pesadelo, mas jamais esquecerei o seu rosto.

Médium liberta uma môça «assombrada»

«*Two Worlds*»

O «Sunday Pictorial», grande periódico inglês mostrou-se tão impressionado com um relato referente a um espírito ligado à terra e que foi doutrinado chegando a publicar o fato em tipos maiúsculos: «MÉDIUM LIBERTA UMA MOÇA ASSOMBRADA».

O jornal do correspondente de Roma relatou o modo pelo qual uma jovem viúva foi «libertada do espírito de seu marido morto, numa impressionante sessão em sua própria casa.»

A viúva, Maria Mamelli, de 28 anos, cujo marido morrera num hospital, há três anos, disse que a forma espiritual começou a aparecer em Setembro.

Então ela ouviu a voz de seu marido chamando-a, de noite. Produziram-se estranhos ruídos tanto de dia como á noite, e em plena luz do dia repentinamente o quarto ficava imerso em sombra.

Ela chamou um padre e um monge para exorcismar o intruso em sua casa de Liscate, perto de Milão, mas seus esforços falharam.

Desesperada, ela pediu auxílio ao Professor Bruno Scalia, por toda Itália conhecido «pelo seu conhecimento de Ocultismo». Êste levou uma médium, Rosina Giordani, á casa de Maria.

Ambos pediram ao espírito mostrar-se aos presentes. A seguir a médium caiu em transe. Durante hora e meia, disse o professor, «nós lutamos até que por fim o aposento escureceu gradativamente e materializou-se um rosto».

A viúva exclamou, «é meu marido». Naquele momento, a médium despertou do transe e a imagem desapareceu. O professor afirmou que podia garantir que Maria não mais seria importunada. «Eu, desde então não mais fui perturbada».

Em sonho a mãe viu a morte da filha

«*Two Worlds*»

Não obstante mãe e filha separadas por uma distância de cêrca de 20.000 quilometros, a morte da filha foi transmitida no momento em que ocorreu em forma de pesadelo.

Estava Suzan Moores, de oito anos de idade, brincando na praia de mar em Nova Zelândia, quando enorme onda a matou. Na Inglaterra, a mãe Florence Moores, despertou gritando com terror, porque ela viu a tragédia em sonho, na sua casa de Heaton Norris.

Três dias depois, relatou o jornal «Manchester Evening News», isto na semana passada, a Snra. Moores recebeu um um telegrama que anunciava: «Sesana morreu afogada, quando se banhava.»

«Não é esta a primeira vez que meus sonhos exprimem a realidade», disse a mãe. «Sempre me sinto terrificada ao sonhar com tragédia, porque sempre são reais.»

Há quatro anos emigrou, seu filho Stanley Hall, de 39 anos de idade.

Êle ia deixar seu trabalho, na Nova Zelândia, forçado por um ferimento nas costas — *fato que a Sr.ª Moores viu acontecer em sonho.*

Ela acrescentou: «êsses sonhos são tão claros e se realizam com tal precisão, que me deixam doente por dias seguidos. Haverá cura para isso ?»

Nova Igreja Espirita

De *«Estudos Psíquicos»*

O *Psychic News*, de Londres, insere na sua edição de 12 de Outubro uma notícia sensacional. É a primeira vez na História Moderna que numa igreja ortodoxa se abre uma cisão por causa das verdades espíritas! E os rebeldes formam uma igreja livre na África do Sul.

Mas vamos à noticia.

Sob a direção espiritual do Reverendo C. Ferris, ministro presbiteriano simpatizante do Espiritismo, grande número de fiéis separaram-se da *Igreja Presbiteriana* para formar a *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul*. A nova Igreja baseia se nas provas da sobrevivência da alma obtidas através de comunicações espíritas e no valor da cura espiritual.

A origem do cisma, que representa grande passo no progresso do Espiritismo, foi relatada pelo Rev.° George May, chefe da nova Igreja. O seu cargo equivale a bispo da Igreja Inglêsa.

O Espiritismo alcançou notáveis progressos na África do Sul, especialmente nos Presbiterianos. Alarmado com a propagação da Doutrina e com a crescente simpatia que esta disfrutava naqueles prelados, o Presbitério de Capetown (Cabo da Boa Esperança) anunciou que seriam excomungados pela igreja todos os ensinamentos espíritas.

Esta ameaça não produziu efeito, porque os ensinos impunham-se como necessários e os simpatizantes revoltaram-se contra a excomunhão.

Dias depois, May recebeu uma Delegação chefiada por C. Ferris antigo Ministro demitido pelas suas crenças e que, apoiado agora pela sua Congregação, conseguiu reunir à sua volta mais de mil sequazes a que se têm juntado muitos outros.

Assim se formou a *Igreja Livre*, devido aos esforços daqueles que desejavam seguir os ensinamentos espíritas e a quem a excomuhão não assustou.

Os movimentos libertadores começam sempre por uma idéia de renovação lançada pelas minorias. Se não há espírito compreensivo as reações sucedem-se e acabam às vezes como um suspiro. Mas a brasa volta a fazer sentir o seu calor, ou no mesmo sítio ou noutro. A reforma é exemplo deste gênero e teve enorme influência no desenvolvimento e destino dos povos anglo-saxónios, que vão à frente em civilização e progresso.

Esta *Igreja Livre*, que surge na África do Sul, país de vastos recursos aberto aos surtos espirituais, é a prova de que o pensamento não estratifica e que a doutrina espírita assenta em verdades que revolucionam o mundo moral e orientam as próprias religiões ortodoxas em sentidos mais amplos e humanos. Porque as religiões têm que ser humanista; aliás ficarão emparedadas.

Os Presbiterianos da África do Sul seguem o seu rumo com firmeza, alheios ao anátema e numa linha de coerência que muito os enaltece.

As religiões são caminhos para Deus, como temos dito, mas quem as não sente não deve propagá-las.

Os grandes místicos da humanidade sentiram-nas verdadeiramente e abriram clareiras no mundo retrógrado. O que há de bom e de belo no coração humano veio-nos desses arautos sublimes que trocaram a comodidade pelo sacrifício. Quase todos morreram execrados, mas a sua doutrina harmonizou muitas almas e projectou-se no futuro do mundo.

As nossas saudações à *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul*.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Necrologia

D. Trindade da Conceição Ferreira

No dia 8 de abril último, na Casa de Saúde Santa Izabel, de Araraquara, onde se achava em tratamento, deu-se o passamento de D. Trindade da Conceição Ferreira, dedicada espôsa do nosso amigo Italo Ferreira, redator de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», ambos pertencentes a tradicional família espírita matonense.

D. Trindade nasceu em Rio Claro, em 1895, sendo filha dos saudosos Joaquim Ferreira e Maria da Conceição Ferreira, e, deixou, com o seu desenlace, além do marido, suas filhas senhorita Olga Ferreira, professôra de Canto Orfeônico do Colégio Estadual e Escola Normal «José Alves Mira», da cidade de Dois Córregos e Helena da Rosa Roberto, esta filha adotiva, casada com Paulo Rodrigues da Costa.

Expressão de bondade e de modéstia, d. Trindade, tinha por escôpo cuidar do seu lar, para confôrto do espôso e das filhas, para proporcionar assistência a outros familiares e mesmo a estranhos.

Nós espiritas sabemos que a morte é apenas uma separação transitória entre os que se estimam, mas tôda a separação provoca tristezas. O passamento de D. Trindade provocou derrame de lágrimas.

Sobreveio o passamento após longos dias de sofrimentos, suportados com resignação cristã, mas ocasionando pesar em todos que lhe são caros.

Transportado de Araraquara para Matão, o corpo de D. Trindade foi velado por grande número de pessoas, não só daqui, como, também, de Araraquara e de outras cidades inclusive de São Paulo.

Entre as homenagens espontâneas que lhe foram prestadas, exprimindo a grande consideração de que sempre gozou, o comércio local cerrou as suas portas e a Prefeitura Municipal suspendeu o expediente no dia de seu sepultamento, que teve um acompanhamento fora do comum; refletindo estima geral.

O nosso colega local, «A Comarca», publicou além de expressiva nota necrológica, o seguinte, com referência ao passamento.

«Gesto amigo do Deputado Scalamandré Sobrinho

«A propósito do falecimento de D. Trindade Ferreira, espôsa do sr. Italo Ferreira, o deputado Scalamandré Sobrinho teve um gesto que repercutiu de maneira muito louvável no seio da família enlutada, quando requereu na Assembléia Legislativa, um voto de profundo pesar pelo falecimento daquela senhora.

«Eis os têrmos do requerimento e respectiva justificativa :

REQUERIMENTO N. 211, de 1959

«Requeiro nos têrmos regimentais, a inserção, na ata de nossos trabalhos, de um voto de profundo pesar pelo falecimento, ocorrido a 8 do corrente, em Matão, de D. Trindade Ferreira, dando-se ciência à ilustre família.

JUSTIFICATIVA

«A cidade de Matão, a 8 do corrente, foi abalada pela notícia infausta da morte de D. Trindade Ferreira.

«Tratava-se da espôsa do sr. Italo Ferreira, antigo jornalista da localidade, muito estimada e respeitada pelos seus dotes de coração e bondade.

«D. Trindade Ferreira, em sua piedosa existência, empregou o máximo de si na prática da caridade e amor ao próximo.

«Espôsa exemplar, foi a companheira extremosa e dedicada que deixou um lar em prantos e tôda uma cidade em sentidas saudades.

«Não pode esta Assembléia deixar de irmanar-se aos que lamentam a morte de tão virtuosa dama, inscrevendo em seus anais a homenagem justa que propomos.»

Aos parentes de D. Trindade, em particular ao nosso companheiro de lutas, Italo Ferreira, que foi colaborador, da primeira hora, de Cairbar Schutel, e a sua inconsolável filha, professôra Olga, aqui externamos a nossa solidariedade, com votos de resignação e coragem. E ao espírito recem-liberto, de D. Trindade, almejamos um rápido despertar, muita luz e paz no Mundo Espiritual.

João Marchezi

Desencarnou na cidade de Rio Claro, onde residia, no dia 27 de Fevereiro, as 21 horas, o snr. João Marchezi, fundador do Centro Espírita Discípulos de Jesus e Asilo, hoje Hospital Espírita Discípulos de Jesus, da cidade de Penápolis ; era estimado em tôda a região da Noroeste como baluarte espírita da velha guarda. Deixa viuva a snra. D. Carolina, diversos filhos, filhas e netos.

—

Euclides Jacinto de Avelar

Em Itaóca, onde residia, deu-se o passamento de Euclides Jacinto de Avelar, fato ocorrido a 20 de fevereiro: Êsse nosso estimado confrade foi vítima de uma picada de cascavel, deixando viuva d. Delfina Dias Avelar e dois filhos menores, Marino e Jardemira. O passamento foi muito sentido no seu largo círculo de amigos, tendo usado da palavra, à saida do féretro, o confrade Salvador Gonçalves, exaltando os bons sentimentos, do irmão desencarnado.

—

Francisco Amadeu

Passou para o plano espiritual, no dia 25 de Março último, o conhecido confrade Francisco Amadeu, que vinha residindo desde 1954, no Hospital Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, de S. José do Rio Prêto.

Era o confrade Chico Amadeu, muito relacionado em todo o Estado e em várias outras unidades da Federação, mercê de seu trabalho pela causa do Espiritismo.

Viajou durante quarenta anos, ora representando um jornal, ora uma revista, ora outro jornal, fazendo amizades firmes em tôdas as cidades. Muito humilde, sem preocupação por bens terrenos, moral elevada, percorria o bondoso Chico Amadeu todos os Centros espíritas, onde assistia os seus trabalhos e fazia palestras, dentro de sua larga experiência.

Acometido de grave doença, ficou imobilizado desde 1954, tendo o Hospital Dr. Adolfo Bezerra de Menezes tido a oportunidade de recolhê-lo como um ente querido e que merecia justo repouso.

O espirito de luta de Chico Amadeu era de tenacidade a tôda prova, e, fato interessante, sua pasta contendo talões de recibos de assinaturas de «Mundo Espírita» e alguns jornais, sempre estava ao seu lado, pronto para sair novamente, assim que suas pernas firmassem. Seus objetos de uso diário sempre estiveram na mais absoluta ordem de colocação.

Recebeu a chamada do Pai, com tôda a tranquilidade aparente e foi motivo para grande saudade do meio espírita de São José do Rio Prêto, que lhe rendeu homenagem póstuma, em ambiente de respeito e oração.

Que os confrades que conheceram o bondoso Francisco Amadeu, volvam seus pensamentos ao Alto e orem em sinal de gratidão, pelo belissimo exemplo de tenacidade e desprendimento que êle possuia.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias de S. Paulo

O «Diário de S. Paulo», publicou, em começos de abril, as seguintes notícias :

Semana do Livro Espírita — Em comemoração a mais um aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, várias instituições doutrinárias promoverão, nesta capital e no interior, a habitual Semana do «Livro Espírita, com palestras doutrinárias e venda de livros a baixo preço. Nesta capital, o Club dos Jornalistas programou solenidades que irão de amanhã até sábado próximo, durante a qual falarão os seguintes oradores : Carlos Imbassahy, de Niteroi ; Pereira Guedes, do Rio ; Campos Vergal, Manso Vieira e Herculano Pires. De segunda a sexta-feira, as conferências serão realizadas na séde do Club, à rua São Bento, 21, sobreloja, e a de sábado, na Federação Espírita do Estado, rua Maria Paula, 158. Durante o mesmo período, a União da Mocidade Espírita da LAPA realizará um programa de comemorações na sua séde, à rua 12 de Outubro, no bairro da Lapa.

Inauguração em Ourinhos — Realizou-se em Ourinhos sábado da semana passada, a inauguração do salão de conferências da Sociedade Espírita «Fraternidade», tendo o cronista Irmão Saulo pronunciado uma palestra sôbre o sentido cristão do Espiritismo. A reunião foi presidida pelo sr. Teodomiro Rossi, estando presentes autoridades, jornalistas e pessoas gradas da sociedade ourinhense. O orador foi apresentado pelo sr. Zilah Cardoso. Dentro em breve, a Sociedade Espírita «Fraternidade» inaugurará, no mesmo edifício, o primeiro albergue noturno de Ourinhos, instituição de grande necessidade na progressiva cidade da Sorocabana, e cuja conclusão é ansiosamente esperada pela população.

KARDEQUINHO

Publicação espírita Infanto-Juvenil

As crianças, de hoje, poderão transformar o Brasil de amanhã! Vamos, então, trabalhar pelas crianças tornando-as «Espíritas-Mirins»? Colaborem com a campanha do «Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo», dando aos seus filhos...

KARDEQUINHO

poderoso auxiliar na educação moderna da criança espírita! Em forma de tabloide, com 12 páginas ilustradas e coloridas, cheio de atrações, «KARDEQUINHO» ensina, divertindo, tôdas as maravilhas da Doutrina Espírita! cada exemplar contém: Contos! Novela interplanetária em capítulos! Palavras Cruzadas Espíritas! Poesias! Biografias de Homens Célebres Espíritas, tais como Rui Barbosa, Vitor Hugo, Monteiro Lobato, etc.! Concursos! Prêmios em Livros! Curiosidades! «KARDEQUINHO», é pois, uma necessidade espiritual para o seu filho! E é uma criação do «Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo».

ASSINATURAS:

12 números (um por mês) — Cr.$100,00 (apenas cem cruzeiros por ano).

6 números — Cr$50,00

—x—

Tornando-se assinante, mande a importância sem esquecer o seu nome, rua em que móra, Cidade e Estado para o seguinte endereço:

Rua Baronesa Pôrto Carrero, 235 — São Paulo e aguarde em sua casa o «KARDEQUINHO».

Em Planura - Minas

Foi fundado, a 7 de Abril, em Planura, no Estado de Minas, o Centro Espírita «Emanuel», cuja primeira Diretoria ficou assim constituida: Pres., Dirço Ladico; Vice, Tomázia Maria de Jesus; Secr., Margarida Maria Ladico; Tes., Maria Flaviana Silveira: Proc., Francisco Pereira Rocha.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária realizada em 7 de Março de 1959

À hora regimental profere o Presidente a prece inicial e declara aberta a reunião. Lida a Ata da sessão anterior, é aprovada.

O expediente constou da comunicação de eleição da Diretoria e do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira, em 17 de Janeiro último.

Santa Catarina — Lê o Conselheiro Manoel Bernardino carta da Federação Espírita Catarinense, com aplausos ao Conselho pelo seu trabalho de aceleramento da Unificação, e informando que, naquele Estado, visitas constantes têm sido feitas às sociedades filiadas ou não, de forma a promover a maior aproximação entre os confrades, com o que tem contado a Federação Catarinense com o auxílio de todos os seus departamentos, inclusive com o Departamento Jurídico ultimamente criado.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva, após apresentar notícias sôbre o movimento espirítico de todo o Estado, transmite ao Presidente e aos membros do Conselho um convite, em nome da USE, a fim de que compareçam à reunião daquela Entidade, a realizar-se na Capital do Estado, em 15 do mês corrente.

Bahia — O Conselheiro Major Rui Vidal de Araújo, dá notícias referentes à realização de três confraternizações estaduais realizadas pela Mocidade Espírita Bahiana.

Antes de encerrar a reunião, fala o Presidente sôbre inúmeros problemas que vêm preocupando os nossos meios, sôbre acontecimentos verificados em outros países e sôbre medidas que pede sejam examinadas pelos Srs. Conselheiros e postas em prática com as modificações que forem necessárias em cada Estado.

Após falarem vários dos Srs. Conselheiros, pronuncia a prece final o Representante do Estado do Amazonas e é encerrada a reunião às quinze horas e cinquenta minutos.

—

Súmula da Ata da reunião realizada em 4 de Abril de 1959

Às catorze horas, após proferir a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos e manda ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada. Não havendo matéria para expediente, por proposta do representante do Amazonas, o Conselho resolve lembrar a tôdas as Instituições espiritistas, principalmente às grandes sociedades e às de assistência social, como medida garantidora da estabilidade espirítica de suas organizações, a necessidades de elas, ao reformarem os seus estatutos, não se esquecerem do assunto ligado aos artigos 8, 18, 21 e 128 dos atuais estatutos da Federação Espírita Brasileira, aprovada em 1954.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro comunica a eleição, pela Federação Sergipana, de sua nova diretoria.

Paraíba — O Conselheiro Indalício Mendes faz idênticas comunicação, sôbre a nova diretoria da Federação Paraibana.

Ceará — O representante anuncia a criação de mais quatro Mocidades Espíritas em Fortaleza, com perfeita organização.

O Presidente relata, em seguida, a fraterna e calorosa recepção feita pela USE, em São Paulo, à delegaçáo da FEB e aos membros do CFN, enaltecendo o progresso do Espiritismo naquele Estado.

Às dezesseis horas, feita pelo representante do Piauí a prece final, encerra o Presidente a reunião.

Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria, o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual.

KARDEC

Chico Xavier muda-se e Pedro Leopoldo vira cidade morta

Já caiu de trinta por cento o movimento local — Está cansado o famoso médium

Com êste título e sub título dá nos o «Correio da Manhã» de 24 de janeiro último, o seguinte telegrama de Belo Horizonte :

«BELO HORIZONTE, 20 (Da Sucursal) — Pedro Leopoldo, pequena cidade próxima a esta Capital, tornou-se famosa no país e no mundo por causa de um homem simples, funcionário federal de humilde categoria (escrevente datilógrafo do Ministério da Agricultura com menos de 6.000 cruzeiros). Mas êsse homem é o famoso «médium», responsável por vários livros psicografados, os quais têm despertado atenção em todos os círculos espíritas e literários, levando seu nome a ser discutido em todo o mundo.

O «MÉDIUM» E A CIDADE

Chico Xavier vinha atendendo a cêrca de 70 pessoas por dia, além de receber de 250 a 300 cartas diárias, de pessoas que lhe pediam conselhos.

Pedro Leopoldo foi sempre um lugar de verdadeira romaria. Ali aportava e continua aportando gente de todos os pontos do país. Os hotéis sempre cheios e sempre intenso o movimento do comércio.

Todo êsse movimento já decresceu em cêrca de trinta por cento só com a notícia de que Chico Xavier vai mudar-se. Aliás, há um mês está em Uberaba, para onde pediu agora sua transferência. Chico vai ser barnabé do Triângulo Mineiro.

ESTÁ CANSADO

Segundo informa um amigo de Chico Xavier, o «médium» está pràticamente cego de uma vista e com a outra prejudicada. Além disso, mostra-se cansado com a intensa atividade que vem desenvolvendo há longos anos.

O informante acredita, no entanto, que Chico não conseguirá descansar. Uberaba é uma cidade de muitos espiritas, e além do mais, quando souberem que êle lá está, todos os necessitados do seu auxílio irão procurá-lo.»

De o «Mundo Espirita», de Curitiba, de 31-3-59.

LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Livros e Jornais Espíritas

Livraria Especializada — Obras raras nacionais e estrangeiras
Livros espíritas das principais editoras do país

Direção de

Vicente S. Neto

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° and. — Sala 2
Tel. 36-3146 — Caixa Postal 4921 — S. PAULO

Os assinantes de «*O Clarim*» e da «*Revista Internacional do Espiritismo*», e demais interessados poderão procurar, no enderêço acima, o sr. Vicente S. Neto, nosso representante, para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAUL

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3551unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1959 – N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Missão do Espiritismo . . . . *Redação*
A Descoberta do Espírito . . . . *Hernani Guimarães Andrade*
Roma, Nero e os Cristãos — O Martírio dos Cristãos . . . . *Carlos Imbassahy*
Infelicidade Integral . . . . . . *v. lirenedo*
Inexplicável Coincidência . . . . *Dr. Waldomiro B. de Abreu*
Difícil avaliar a intensidade do Movimento Espírita Mundial . . . *Irmão Saulo*
Discos Voadores . . . . *Antonio Domiciano P. Junior*
As duas Tristezas . . . . *Wallace Leal V. Rodrigues*
A Vida nos Outros Mundos . . . *V. O. Casella*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 70,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXV – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1959 – NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Missão do Espiritismo

NINGUÉM há que, tendo conhecimento claro do Espiritismo, seja capaz de negar a grandiosa missão que está afeta a esta inegualável doutrina com relação à transformação dos homens.

Inegàvelmente, só o Espiritismo está apto a fazer imperar no mundo o regímen da fraternidade secundado por novos e substanciais conhecimentos que ultrapassam, de maneira admirável, as estreitas visões dos homens. Sim, as estreitas visões dos homens, porque êles, na quase totalidade, limitaram a vida às suas concepções materialistas, indiferentes, por orgulho, emperramento ou preconceito, aos repetidos convites espirituais.

Fazendo um confronto entre os ensinos do Espiritismo e os de Jesus, havemos de notar perfeita similaridade entre ambos. É isto, precisamente, o que nos leva a afirmar, com plena convicção, que Espiritismo é a reprodução exáta do primitivo cristianismo.

Jesus curava os enfêrmos do corpo e da alma. Não havia enfermidade, por mais obstinada que fôsse, que não desaparecesse ao contáto com suas mãos. Basta falar que a cegueira de nascença e a lepra, doenças estas tidas por incuráveis, cediam sob a aposição de suas mãos. Os «endemoninhados», que tantos receios e arrepios causavam às criaturas, retornavam ao seu primitivo estado com a expulsão dos espíritos obsessores, que se punham em fuga ante suas palavras cheias de uma autoridade singular. Esta espécie de doença era também tida como incurável naquêles tempos, tanto que os «endemoninhados» contavam-se aos milhares.

E enquanto operava curas, Jesus pregava a sua doutrina de vida eterna e multiplicava pães e peixes para fartar os famintos. Além disso, como para mostrar aos homens que Êle, de fato era o enviado de Deus, operava maravilhas que o vulgo, na falta de melhor conhecimento, denomina — «milagres». É assim que, como narram os Evangelistas, transformou água em vinho e fêz secar uma figueira.

Não conhecemos outra doutrina que faça o que Jesus fêz com tanta autoridade e sabedoria como o Espiritismo.

Muito embora a sua missão seja curar as almas, de onde promanam tôdas as enfermidades, o Espiritismo cura as doenças do corpo, para mostrar que a sua origem é divina e seja, portanto, considerado pelos homens.

Doentes desenganados são submetidos à «intervenção cirúrgica espiritual», com pleno êxito, sendo de causar pasmo a rapidez com que agem os Espíritos neste caso.

Os «endemoninhados» voltam ao seu estado normal com a expulsão dos obsessores pelas preces e pela fé espírita.

Jesus ressuscitou a Lázaro. O Espiritismo está ressuscitando Lázaros a todo momento com a pregação do Evangelho e a proclamação da vida eterna.

Quantos e quantos «Lázaros» não estavam «mortos» em seu orgulho, em seu egoísmo, em sua avareza, em seu amor próprio e nos preconceitos mundanos e não ressuscitaram ao ouvirem as clarinadas harmoniosas e ao mesmo tempo imperiosas do Espiritismo! E quantos e quantos «Lázaros» ainda não se acham «mortos» à espera de ouvirem as mesmas clarinadas salvadoras, para poderem ressuscitar e então usufruirem o gôso da vida verdadeira — a espiritual.

O Espiritismo está chamando os homens à Verdade por todos os meios possíveis, afim de que êles despertem da vida materializada e «metalizada» para a vida espiritual, que é alcatifada com as frescas relvas e as odorosas flôres da felicidade, da bemaventurança.

E os está chamando por meio de fenômenos, de mensagens, de fatos, de explicação, com lógica, do Evangelho e de tudo quanto tem relação com a ciência e de que êles têm um conhecimento ainda muito limitado em face do que lhes está reservado para estudar e pesquisar.

O Alto abriu-nos sua gigantesca porta pela qual os Espíritos, nossos pais, irmãos, parentes e amigos nos aparecem através das comunicações, fatos ou fenômenos, afim de darem provas de sua sobrevivência e muitas vêzes nos ajudar na solução de assuntos relativos à vida terrena, tanto mais que êles se encontram a nós ligados pelos elos do amor.

Precisamos destacar que os fatos e fenômenos espíritas, embora revestidos de particularidades relativas ao indivíduo e à sua vida terrena, têm por objetivo primordial despertar o raciocínio dos homens, para êles encontrem realmente o caminho que os conduzirá ao pórtico do suntuoso templo da espiritualidade, sob os influxos de uma fé robustecida por conhecimentos singulares.

Diante do exposto, ninguém, repetimos, poderá negar a missão do Espiritismo e o valor de sua contribuição para a ascenção moral, espiritual e intelectual da humanidade. Êle é portador da fé que esclarece, da caridade que salva e dos prolegômenos de uma sabedoria sem limites apoiada em fatos, a seu turno apoiados na rocha viva da Imortalidade da Alma.

A Descoberta do Espírito

Por *HERNANI GUIMARÃES ANDRADE*

14 – O relato de Crítias, no Timeo

No primeiro diálogo, intitulado TIMEO, a conversa se desenrola entre quatro interlocutores: *Sócrates, Hermócrates, Timeo e Crítias*. O assunto versa sôbre uma palestra havida no dia anterior, durante a qual Sócrates discorrera sôbre a organização perfeita do Estado.

Crítias explica, preliminarmente, como veio a conhecer a versão de Sólon, sôbre a Atlântida.

Sólon era um sábio muito amigo do avô de Crítias. Tendo ido ao Egito, Sólon conheceu em Sais um sacerdote que lhe revelou a história mais antiga de *Atenas*, a qual era desconhecida dos pròprios atenienses. Segundo tal revelação, Atenas possuía uma organização estatal próxima da perfeição concebida por Sócrates.

Dirigindo-se a Sólon, o sacerdote egípcio inicialmente contou que, devido às excepcionais condições de segurança das terras do Egito, foi possível conservar-se ali um número muito grande de conhecimentos e tradições da mais remota antiguidade. O mesmo não ocorrera com outros países que periòdicamente foram assolados por terríveis cataclismos. Discorreu então sôbre os feitos dos ancestrais dos atenienses. Entre os fatos, destacou o célebre acontecimento da Atlântida.

Sólon revelou ao avô de Crítias tôda a história que escutara do sacerdote egípcio. Aos dez anos de idade Crítias ouviu pela primeira vez o relato, dos lábios do seu avô.

Eis como figura no *Timeo* o trecho

que contém a descrição principal da *tragédia atlante.* A certa altura, Crítias, referindo-se ao Oceano Atlântico, assim falou:

> — «Pois, naquele tempo, podia atravessar-se êsse mar. Havia nêle uma ilha frente à passagem que vós chamais Colunas de Hércules. Esta ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. Os navegantes daquela época podiam passar desta ilha para as outras, e daí podiam atingir a terra firme situada tôda ao redor dêsse mar que realmente merece tal nome. Pois, de um lado, dentro do estreito do qual falamos, parece que não havia mais que uma enseada de garganta estreita, e do outro lado, no exterior, aquêle verdadeiro mar e a Terra que o rodeia, a que pode chamar-se, verdadeiramente, uma terra firme, no sentido próprio do têrmo. Pois bem, nesta ilha, Atlântida, os reis haviam formado um império grande e maravilhoso. Êsse império era soberano de tôda a ilha e de outras mais, como também de regiões de terra firme. Por outra parte, dêste lado, tinham a Líbia até o Egito, e a Europa até a Tirrêmia. Certa ocasião, havendo esta potência concentrado tôdas suas fôrças, tentou, em um só esfôrço, avassalar vosso território, o nosso e todos os que se encontravam dêste lado do estreito. Foi então, oh Sólon, que o poderio de vossa cidade fêz brilhar, frente aos olhos de todos, seu heroísmo e sua energia, pois ela superava a tôdas pela fôrça de sua alma e por sua arte militar. Por conseguinte, à testa dos Helenos, primeiro, depois só, por necessidade, abandonada pelos outros ao chegar os perigos supremos, venceu aos invasores, erigiu o troféu, preservou da escravidão àqueles que jamais haviam sido escravos e, sem rancor, libertou a todos os outros povos e a nós mesmos que habitamos no interior das Colunas de Hércules.
>
> Porém, no tempo que se seguiu, houve horrorosos tremores de terra e cataclismos. No espaço único de um só dia e uma noite terrível, todo vosso exército foi tragado de uma só vez para baixo da terra e, do mesmo modo, a ilha Atlântida se abismou no mar e desapareceu. Eis aí porque, ainda hoje, êste Oceano é difícil de navegar e explorar por causa do lôdo e dos baixos fundos formados pela ilha submergida».

Aqui está a descrição feita por Crítias e transcrita por Platão, em seus admiráveis diálogos, da tremenda catástrofe que apagou, da noite para o dia, os vestígios da opulenta Poseidonis.

Verdade? Ficção? — Não sabemos ainda, nada de definitivo sôbre tal problema. Todavia, isso pouco importa para o nosso caso. Se não existiu positivamente a Atlântida, tal fato não invalida a tese de que houve no passado uma grande cultura cujos vestígios se acham disseminados pelo mundo todo.

Nas Américas floresceram os resquícios dessa fabulosa civilização de *adoradores do Sol.* O mais notável é que êles, por sua vez, consideravam os invasores europeus como sendo da estirpe de seus antepassados. Segundo suas tradições, aquêles mesmos navegantes que ali aportavam seriam os descendentes de antigos conquistadores que outrora teriam ido para o Oriente, partindo de terras americanas. Em seu livro: «O Império dos Incas», Dr. Domingos Jaguaribe diz o seguinte:

> «Curiosa é a revelação feita por Montezuma, na sua primeira audiência a Cortez, na qual êle observou que o soberano de Hespanha era descendente de *Quetzalcoatl,* antigo fundador do império mexicano que, conforme uma tradição, saíra de seu país para ir conquistar novas terras no Oriente, tendo permitido que seus descendentes viessem mais tarde para reformar as leis e os costumes do México» (opus. cit. pág 32).

Na África, foram encontrados por *Leo Frobenius* os testemunhos seguros da influência de uma grande civilização, muito antiga, à qual êle deu a classificação de civilização atlante. (*)

Tendo ou não existido, a Atlântida hoje em dia é o símbolo de uma notável cultura muita antiga. Onde começou, se realmente havia a ilha atlântida, se existe ou não uma farta dose de sonho, fantasia ou mistério, em mistura com êsse fascinante problema, não interessa tanto ao trato da presente questão. Ao que parece, a tendência é para tornar cada vez mais subjetiva o *mito da Atlântida.*

Para nós, vale tão sòmente consta-

(*) Leo Frobenius. —«La Mitologie de L'Atlantide» — Ed. Payot, — Paris.

tar a presença, assim como analisar os vestígios religiosos daqueles que teriam sido os atlantes e cujos remanescentes ter-se-iam espalhado pela Terra, formando as primitivas civilizações americanas, africanas, européias e asiáticas. Os sinais são bem característicos e facilmente identificáveis, sobretudo os de caráter religioso.

Tendo, êsses povos, atingido um nível de civilização bastante elevado, é natural que iremos encontrar entre êles apenas as formas metamórficas dos primitivos rituais ligados ao fenômeno espirítico. Acharemos as camuflagens e as aberrações, criadas pela mistificação e pela necessidade de cultivar o mistério ante as indagações da mente racional. Encontraremos as influências do *pensamento mágico*, assim como as distorsões oriundas do emocional e do sexual. Todavia, sob essas camadas, distinguiremos os delineamentos familiares da descoberta do espírito.

Analisaremos com mais vagar, nos próximos estudos, cada um dêsses aspectos, apontando os vestígios que demonstram de maneira evidente que os *atlantes* também descobriram a existência do espírito. Posteriormente, as sementes de civilização por êles lançadas levaram consigo as características típicas dos rituais e cultos ligados a essa idéia central, que é a realidade do espírito, sua sobrevivência e comunicabilidade, e a sua evolução através das reencarnações sucessivas.

15 – Os sacrifícios humanos e a antropofagia nos rituais religiosos do homem americano.

Entre os povos que habitavam as Américas, iremos constatar formas religiosas já evoluídas, algumas delas comportando em seus rituais os sacrifícios humanos e a antropofagia. Modeladas sobretudo pela ação do *pensamento mágico* e das reações psíquicas das massas, perante os fenômenos grandiosos da natureza, tais religiões continham fundamentalmente o gérmen da crença na existência do espírito. Verifica-se por exemplo, que os Incas cultuavam os seus ancestrais.

Certas características do culto das divindades menores fazem lembrar algumas cenas já relatadas nestes estudos, e que tiveram por palco o interior das grutas paleolíticas.

Eis como Siegfried Huber, descreve os episódios ligados às representações dêsses deuses: *as huacas*:

> «Por fim, numerosos *ancestrais* representavam divindades locais; assim, Ayar Cuchu era venerado em Huanacauri e uma estátua de pedra de Manco Capac, de quase dois metros de altura, erguia-se no recinto do Sol. Êsses deuses menores tinham sua huaca, palavra cuja significação exata se ignora; designava ao mesmo tempo o objeto sagrado e o local em que lhe era prestado culto. Muitas vêzes a huaca era *simples pedaço de pedra* grosseiramente talhada, ou um poste de madeira; por ocasião das festas era revestida dos trajes locais. *Essas huacas eram os verdadeiros centros da devoção popular, e não os santuários do culto do Sol, religião oficial.* Quando penetraram pela primeira vez num dêsses oratórios, os espanhóis ficaram decepcionados: em lugar do templo ricamente adornado que esperavam encontrar, deram com uma *gruta escura*, como a de Pachacamac. Os «deuses» que as huacas continham eram geralmente repelentes. *Pedras e postes estavam impregnados do sangue das vítimas sacrificadas e o cheiro em tais antros era espantoso». (*)*

Ferem a atenção, de maneira mais viva, os rituais que comportavam os sacrifícios humanos e a antropofagia. Entre os Incas davam-se periòdicamente medonhos morticínios determinados pelos fanáticos sacerdotes, sob o pretexto de agradar e acalmar os deuses. Até as crianças, de qualquer idade ou sexo, eram imoladas às divindades, nos *capacochas*, os quais consistiam em morte por estrangulamento ou por decapitação.

As pequenas vítimas eram entregues pelas próprias mães. Acreditavam que, sobrevivendo ao corpo, o espírito da criança iria gosar eterna ventura junto aos deuses.

De acôrdo com as autoridades no assunto, há indícios de que o *capacocha* era um *ritual muito antigo*.

Em decorrência dêsses macabros ce-

(*) Sigfried Huber, «O Segrêdo dos Incas». — Edit. Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, Minas — 1938 — Págs. 110-111. Os grifos são nossos.

rimoniais, formavam-se pavorosos *depósitos de crânios humanos* para os quais se construíam grandes instalações apropriadas.

Várias hipóteses poderiam ser aventadas para explicar êsses costumes religiosos, especialmente a antropofagia que era praticada nas próprias vítimas dos sacrifícios humanos. Algumas tribos mais selvagens devoravam vivos os prisioneiros de guerra. Amarravam-nos em postes de madeira e sacavam-lhes pedaços de carne viva, os quais eram engulidos sem mastigar.

Nem as crianças eram poupadas. Os *Antis* notabilizaram-se por êste bárbaro procedimento.

Como já o dissemos, inúmeras seriam as explicações para tal fato. Elementos da corrente teosófica, que admitem ter existido há mais de um milhão de anos uma esplendorosa civilização atlante cuja sede se localizava no continente que submergiu, apresentam uma engenhosa versão. Atribuindo aos Atlantes a conquista de profundos conhecimentos em vários ramos de fisiologia e mesmo parapsicologia, sustentam que seus sacerdotes se entregavam a tôda sorte de práticas de *magia negra,* no sentido de prolongarem a vida humana. Conhecedores das potencialidades de certas glândulas de secreções interna, cuja ação favoreceria o rejuvenescimento, tratavam de obtê-las sacando-as de corpos jovens e palpitantes. Injetando as substâncias obtidas dessas unidades endócrinas, em um corpo depauperado, conseguiam restabelecer o seu equilíbrio, prolongando, de tal modo, a sua existência. A classe dominante, interessada na obtenção dêsse «elixir da longa vida», teria incutido nas massas embrutecidas uma série de mitos e crendices, fazendo-as acreditar na necessidade de aplacar a cólera e obter os favores dos deuses por êsse sistema de sacrifícios humanos. A carne das vítimas era distribuída à turba ignorante para a prática da *manducação dos corpos divinos.* Os que se alimentassem com tais despojos estariam recebendo em seu próprio corpo a carne dos deuses, numa autêntica comunhão com os mesmos.

Dessas práticas atlantes, teriam restado até hoje as reminiscências indeléveis que se metamorfosearam através dos tempos entre alguns povos, ou se mantiveram intactas entre outros como os Incas que acabamos de focalizar.

Tal explicação parece plausível, tanto mais que existe hoje em dia um médico de fama mundial, que usa certo processo de rejuvenescimento baseado na injeção de suspensão de células vivas extraídas de órgãos dos fetos de animais recém-imolados (*). Não teriam os supostos atlantes descoberto tal processo? Não seriam as práticas de antropofagia, assim como certas cerimônias de comunhão, uma reminiscência daquelas macabras cerimônias?

Outra explicação é a atribuída ao aparecimento do canibalismo mesolítico da cultura Eterbölle, na Jutlândia, (Dinamarca), cêrca de 4.500 A. C. Devido ao regime alimentar predominantemente de moluscos crus, teria ocorrido entre as populações dessa cultura, uma carência de vitamina B-1. Tal avitaminose é curável com a ingestão de carne. Supondo-se que a caça houvesse desaparecido ou rareado, os mesolíticos de Eterbölle teriam sido levados à antropofagia, comendo a carne dos prisioneiros pilhados de outras tribos inimigas.

Esta hipótese é bem ajustável à cultura Eterbölle, tendo em vista a presença ali de grandes depósitos de conchas de mariscos, em mistura com os ossos humanos partidos vazios, e fragmentos de crânios raspados interiormente por instrumentos cortantes. Isso mostra que tais peças do esqueleto sofreram um esvaziamento proposital, talvez para o aproveitamento do seu conteúdo como alimento. — Justificar-se-ia da mesma forma o aparecimento da antropofagia entre os Incas? Achamos pouco provável, especialmente tendo em vista as flagrantes diferênças locais.

Uma terceira explicação, talvez a mais viável, seria a aplicada aos vestígios da *cultura tardenoisense.* Essa cultura é anterior à de Eterbölle, tendo florescido em uma região mais para o Sul. O comportamento dêsses mesolíticos pode ser comparado com o das tribos selvagens atuais de *caçadores de cabeças.* Em uma gruta da Baviera foram encontradas coleções de crânios. Os vestígios achados juntamente com

---

(*) O médico em questão é o Dr. Paul Niehans. *Êste cientista tornou-se famoso por ter prolongado por quatro anos a vida do Papa Pio XII. Em sinal de reconhecimento o pontífice nomeou-o membro da Academia Vaticana das Ciências.*

as cabeças humanas permitiram reconstituir as possíveis cenas de caráter mágico-religioso que se teriam desenrolado naquele antro. Alguns crânios estavam recobertos com pó de ocre, e grande número dêles, em grupos, rodeados de ornamentos.

Comparando com as razões que conduzem os atuais selvagens *caçadores de cabeças* a colecionarem os crânios humanos, pode chegar-se à conclusão de que os mesolíticos da *cultura tardenoisense* provàvelmente entesouravam as cabeças por três motivos principais: 1.°) para ofertá-las aos deuses; 2.°) para firmar o prestígio do guerreiro que as obteve; e 3.°) *para servir de morada aos espíritos reinantes na tribo.*

Paul Wernert, em seu estudo intitulado: *«O culto dos crânios na época paleolítica»,* trabalho êsse inserido na obra «Histoire Générale des Religions» (*), apresenta extensa e exaustiva documentação que demonstra haver existido um *culto dos crânios* entre os homens da idade da pedra. Wernert estudou minuciosamente a ocorrência de depósitos de crânios nas grutas e jazidas paleolíticas e mesolíticas. Fêz uma pesquisa sôbre os motivos que levam os povos atuais de nível cultural semelhante aos paleolíticos e mesolíticos a colecionarem os crânios. E, finalmente, chegou às conclusões seguintes:

> 1 — «desde as mais remotas épocas da idade da Pedra, a cabeça humana foi o objeto das crenças religiosas do homem»;
>
> 2 — «pode dizer-se que, se os diversos agrupamentos humanos da antiga idade de Pedra, os Prèneanderthalenses, os Neanderthalenses e os homens fósseis do tipo «Homo sapiens» conservaram os crânios e seus fragmentos em suas moradias, é porque êles consideravam a cabeça como sede da fôrça vital do corpo e do espírito»;
>
> 3 — «ainda que separados pelo tempo e pelo espaço, os ciclos, os ritos e os caracteres essenciais da conservação dos crânios mostram analogias tão marcantes, que parecem calcados uns sôbre os outros». (*)

Não cabe dúvida que o motivo fundamental do *culto dos crânios* se prende à crença na existência do espírito e na possibilidade de mantê-lo em sua sede, mesmo depois da morte do corpo físico. A idéia sofreu uma evolução e o *culto dos crânios* suscitou várias modalidades de rituais inclusive a antropofagia. Fundamentalmente, porém, sua razão prende-se à convicção da existência de um princípio espiritual cuja sede se localizaria na cabeça.

Os Incas conservaram o ritual da decapitação das vítimas. Ao mesmo tempo criam na existência do espírito, pois cultuavam seus ancestrais nas *huacas.* Vê-se logo que tudo isso partiu de uma origem comum de crenças e práticas correlatas, cuja raiz se situa, sem dúvida, na *descoberta do espírito* efetuada em épocas mais remotas.

Não cremos que as duas primeiras hipóteses, a dos teosofistas e a da carência de carne na cultura Eterbölle, possam explicar o porquê dos sacrifícios humanos, a decapitação e a antropofagia (sua consequência natural) entre os povos americanos primitivos.

Os Maias e os Astecas também praticavam os rituais sangrentos e *colecionavam os crânios.*

Estudando com mais cuidado o comportamento religioso dêsses povos, verificaremos seu notável grau de amadurecimento nesse sentido, equivalente ao dos demais povos altamente civilizados, em forte contraste com as mencionadas práticas sanguinárias. Entre êles, homenageavam-se várias divindades relacionadas com a caça, a agricultura, a guerra, os elementos, os astros, etc., à semelhança de outras culturas já conhecidas e mesmo atuais.

Os princípios do bem e do mal também possuiam seus representantes. Mas os sacrifícios humanos persistiam teimosamente incorporados às práticas religiosas.

As massas dirigidas em tais cultos pelos sacerdotes tinham, não obstante, conservado os mesmos elementos comuns a tôdas as populações pré-históricas, e que caracterizam o conhecimento da existência do espírito e suas influências boas ou más. Os feiticeiros e advinhos chegaram a ser reconhecidos oficialmente pelo imperador inca *Maica Capac.*

Não iremos descer a detalhes com relação às modalidades religiosas dos Maias, Astecas e Incas, pois esta parte já pertence à fase superposta ao evento central que

---

(*) Histoire Générale des Religions. Tomo I.° — Edit. Librairie Aristide Quillet — Paris.

(*) Opus. cit.

é a *descoberta do espírito* e da qual já assinalamos os indícios nos sacrifícios sangrentos e no entesouramento dos crânios.

Entre os esquimós que por razões óbvias conservaram melhor os vestígios do foco gerador do fenômeno religioso, encontram-se práticas espiríticas semelhantes às que observamos atualmente entre a maioria dos povos. A êste respeito Anatole Lewitzky (*), em um estudo sôbre a religião esquimó, comenta o seguinte:

> «Os homens comunicam-se com os espíritos apenas por intermédio dêsses padres-mágicos, chamados *angakkok*, cuja natureza mágico-religiosa apresenta os mesmos caracteres que os do *chamans* asiáticos. Ajudados pelos seus espíritos aliados ou subordinados, os angakkok penetram no mundo dos espíritos para aí servir aos interêsses dos homens».

Os sacrifícios humanos e a antropofagia não eram e não são praticados entre os esquimós.

É inegável que havia entre os povos americanos a crença na existência dos espíritos.

Outro fato que salta logo à vista, é a existência de duas espécies de cultos religiosos. Um oficial, constando de divindades maiores e menores, ancestrais poderosos, heróis, etc., e outro mais popular, relacionado com a manifestação espirítica, compreendendo as prática de feitiçaria, advinhação e demais consequências do mediunismo.

No tocante às manifestações do culto oficial, caracterizadas pelos templos e esculturas, pela ritualística, pelos símbolos e objetos religiosos, nota-se estranha semelhança com os encontrados entre outros povos da Europa, Ásia, África e Oceania. Em relação às práticas de fundo espirítico verificam-se as mesmas analogias.

Parece haver uma unidade fundamental religiosa, comum a tôda a humanidade. Ela teria sempre dois aspectos distintos; um espirítico e outro ritualístico (mágico). Sem dúvida, o mais natural e invariável seria o espirítico. O outro resultaria de diferentes fatôres, tais como clima, raças, meio ambiente, etc. Suas variações far-se-iam, contudo, em tôrno do primeiro, do relacionado com a manifestação espirítica, presente em tôdas as épocas, desde a alba da humanidade, até os dias de hoje.

16 – Conclusão

Damos, assim, por encerrado o estudo que viemos fazendo, da manifestação espirítica entre os povos pré-históricos. Acreditamos ter demonstrado, suficientemente, que o homem sempre acreditou na existência do espírito porque teve a experiência objetiva da sua realidade.

Através de todos os tempos e em tôdas as latitudes, os mortos têm-se manifestado aos vivos e com êles selado alianças, formando as bases milenares dos sistemas religiosos.

Em outra oportunidade, voltaremos a estas colunas que tão gentilmente nos acolheram, para relatar-vos a continuação do fascinante e extenso drama da *descoberta do espírito*.

(*) Anatole Lewitzky — *De quelques représentations religieuses des eskimos* — Histoire Générale des Religions — Lib. Aristides Quillet — Paris.

Concretização de velho sonho

O Movimento de Unificação, encetado pela «USE», representa a norma de ação para se conseguir o grandioso desiderato sonhado por Bezerra de Menezes e outros paladinos da propaganda espírita.

Todos os Estados do Brasil deverão se dedicar a êsse movimento através do Conselho Federativo Nacional.

No Estado de São Paulo a «USE» encarna a vanguardeira dessa portentosa obra. O momento não comporta acomodações ou tergiversações. A hora é realmente chegada. Todos os trabalhadores animosos são convocados para a tarefa comum.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE).

Roma, Nero e os Cristãos

O Martírio dos Cristãos

— IV —

As cenas do incêndio de Roma, ultrapassaram em desespêro e horror, desastres congêneres anteriores e posteriores.

Fugimos à dolorosa descrição, já conhecida em tôdas as grandes calamidades. Basta dizer, conforme nos informa Cassius, que não só os ladrões assaltavam casas e os que procuravam fugir levando os seus bens, senão que soldados, guardas, vigilantes, a própria polícia, ateavam fogo à casa dos ricos, para melhor saqueá-las; ali entravam, sob pretexto de salvar os objetos, e os carregavam.

Nero, desesperado e desorientado, assumiu o comando da Salvação. Mas tudo ou quase, desapareceu na voragem do fogo, apesar do comando e do comandante.

E numa certa noite, tendo o trágico espetáculo tocado a sua sensibilidade artística, arrebatado, comovido, lança mão da harpa e põe-se a entoar lamentosas endechas, onde comparava aquêle incêndio ao de Troia.

Logo se espalha o boato de que Nero mandara incendiar a cidade, para inspirar-se com a catástrofe. Sucede ainda ter dito alguém que depois de sua morte, dêle, Nero, o fogo devoraria o mundo; lembraram o dito a Nero e êste logo respondeu: — Mas, eu, não; eu quero ver isto vivo.

Os historiádores antigos, com excessão de Tácito, não duvidam que fôsse Nero o autor do pavoroso crime; os modernos não pensam da mesma forma, desde que o incêndio devorou os fabulosos tesouros do Imperador. Mas, como tudo há que esperar de um louco, talvez os antigos tenham razão.

Ia-se tornando crítica a situação do real cantor, quando os aduladores lembraram-se de lançar aos cristãos a acusação que já pesava sôbre Nero.

Nero ficou maravilhado com o achado.

O Cristianismo era uma seita nascente e que se espalhava sob a chefia de Paulo de Tarso. Seguiam-no os pobres, os humildes, os escravos, os estrangeiros.

Os romanos desconheciam-na; despresavam-na alguns, outros a odiavam. Nos atos dos Apóstolos se diz que ela é universalmente combatida (28, 22), e Suetônio lhe chama odiosa superstição. Tácito também não poupa a «superstição perniciosa».

A perniciosidade consistia em pregar o socialismo, difundir idéias de insubordinação; fazer que os escravos não se conformassem com a sua servidão, e acreditarem no próximo fim do mundo.

Pouco sabiam os agentes de Nero da malsinada seita, a não ser que fôra fundada por um tal Christus ou Chrestus, executado na Judéia; êle anunciava que voltaria para julgar os homens; os membros da seita praticavam ritos secretos, fugiam da sociedade e maldiziam os deuses. Seu chefe, Paulo, provocara sedições; trazido a Roma em 61 fôra absolvido, sendo prêso de novo mais tarde, colocado sob vigilância e proibido de pregar a quem quer que fôsse».

Tácito dizia: — «essa gente era chamada de cristãos; detestavam-nos por suas monstruosidades. O fundador da seita, Christus. fôra castigado como criminoso, por Pilatos, sob Tibério, mas a perniciosa superstição reprimida por algum tempo, despertou, não só em tôda a Judéia, donde provinha o mal, senão também em tôda a cidade de Roma, para onde vêm levas contínuas de malfeitores. Em consequência, foram denunciados, não tanto por terem queimado a cidade, mas por detestar a raça humana».

Como se vê, nenhuma prova contra êles no terrivel flagelo. O próprio Tácito afirma que, apesar de suas culpas, foram injustamente acusados de ser os incendiários.

Nero, inspirado pela *deixa* que lhe deram, fêz logo constar que o incêndio fôra ateado pelos cristãos. E para que o povo se convencesse, ordenou que os supliciassem. Era preciso um castigo retumbante e divertido, onde se visse, ao mesmo tempo, o seu talento, o seu senso de *humour* e a sua dedicação ao povo. E daí jogar as vítimas às feras e transformá-las em tochas iluminativas.

Os escritores, alguns são omissos, outros parcos na descrição de certos processos de tortura organizados por Nero, como o lançamento às feras, onde vemos, conforme as pinturas célebres, os cristãos de mãos postas, ajoelhados, com o olhar para o Álto, entoando hinos sacros, ou em silenciosa oração, numa resignação de santos.

Abriam-se então as portas da arena e as feras, famintas de muitos dias, precipitavam-se para as vítimas indefesas; o fervor das preces parecia faze-las estacar, mas, para enfurece-las e obrigá-las à cena macabra que tinham por missão, lançavam-lhes no dorso ferro em brasa. Elas atiram-se aos mártires, despedaçam-nos e em pouco se vêm as carnes fumegando, corpos estraçalhados, o sangue a escorrer em torrentes, e a assistência delirante de entusiasmo.

Entretanto, são unânimes os autores, assim os antigos como os modernos, quando descrevem as luminárias dos parques de Nero, produzidas pelos corpos em chamas.

Os indefesos e inermes cristãos eram atados aos postes, como outros mais tarde iriam fazer aos judeus, acusados de pouco fervor católico, e os untavam com matéria inflamável. A multidão contemplava-os, à espera do que ia suceder. O inesperado torna mais interessante o divertimento. Logo a tarde caía, e num instante, tudo se iluminava como num conto de fadas, como numa apoteose.

Eram os cristãos pegando fogo. Levavam-lhes os archotes ao corpo e êles se incendiavam num relance.

E todos, bons ou maus, se abismavam diante daquele quadro feérico, deslumbrante, enquanto os infelizes se contorciam de dores, gemiam, arfavam nas vascas da agonia, sufocados e queimados.

Nero, radiante, revia-se no maravilhoso espetáculo, cônsio de seu gênio, e fremia de júbilo, já pelos aplausos, já por aquela idéia magnifica.

Ouçamos Arthur Weigarl:

«Os inquéritos demonstraram que no momento em que a cidade pegava fogo, êsses estranhos misantropos estavam em êxtase; diziam que se aproximava o Fim, que Roma, como Babilônia, ia ser destruida pelo Cristo, o qual iria aparecer por sôbre as chamas para levar ao Céu os eleitos, aniquilar Nero e todo seu povo. E quando lhes perguntavam se estavam contentes respondiam que aquela era a vingança do Céu que esperavam e não levantariam um braço para extinguir as chamas».

Weigarl não duvida que a atitude dêles fosse esta, porque a volta imediata do Senhor era então a mola essencial da fé, e a Segunda Vinda o acontecimento supremo que esperavam a todo o momento.

E o escritor acredita que, diante disso, Nero aceitou a culpabilidade daqueles crentes.

Presos, declararam, segundo Tácito, que nada fizeram para apagar as chamas, porque acreditavam que elas eram o sinal da vinda do Cristo.

Paulo, segundo Weigarl, foi prêso e morto nessa ocasião; crê-se tradicionalmente que fôra decapitado.

Tácito, talvez, o mais fiel dos historiadores daquela época, descreve-nos os transes terrivelmente dramáticos a que foram submetidos êsses proto-mártires do Cristianismo, cujo crime era a fé e o amor: a fé no Cristo, que supunham voltaria ao mundo, o amor do próximo, que desejavam libertar do acicate das paixões e do domínio do mais forte.

Os sectários — diz-nos Tácito — foram submetidos a terríveis torturas e entregues à sanha desenfreada dos romanos; alguns pereceram estraçalhados por cães lançados contra êles, outros foram linchados, outros crucificados, outros queimados vivos, da mesma forma porque tinham sido queimadas as vítimas do incêndio.

Segundo S. Clemente, amarraram-se vários a touros furiosos, que os arrastavam no solo até morrerem.

Muitas execuções se fizeram sôbre as fogueiras, nos jardins do Imperador, de sorte que o espetáculo era uma como parada de iluminação noturna. Nero — diz ainda Tácito — organizou corridas de carros por essa ocasião e se meteu alegremente no meio do povo. Mas o povo não se regosijava com êsse rigor bárbaro e sentia pena das vítimas, por mais culpadas que fôssem.

Até aí o grande historiador.

Os poucos que sobreviveram continuaram encorajados por Pedro, no coração de quem a fé se tornava cada vez mais viva. Foi por essa época que deveria ter escrito a Epístola que se encontra no Novo Testamento, e que tanto fala aos nossos corações.

Afinal foi prêso. Poderia ter-se evadido; facilitaram-lhe a fuga; êle, porém, recusou-a, dizendo que o Mestre talvez tivesse necessidade, para a salvação da fé, de ser crucificado uma segunda vez, na pessoa de seu humilde servidor. Puseram-no na cruz, mas, a seu pedido, de cabeça para baixo, para que a sua morte não tivesse a magestade da do Divino Mestre.

Quaisquer que sejam as nossas objeções doutrinárias, é impossível deixar sem um olhar de admiração êsses dois vultos imperecíveis do Cristianismo, Paulo e Pedro, mesmo que não passe de lenda a narrativa.

O que sabemos do horrível drama de que Nero foi o protagonista e os cristãos as vítimas imbeles, provém dos antigos escritores como Tácito, Suetonio, Dion Cassio, Clemente; êles atribuem a Nero o incêndio de Roma, e são unânimes na descrição do martírio.

Will Durant traduz Tácito por esta forma:

«Nero procurou um bode expiatório e encontrou-o numa raça de homens detestados pelas suas más práticas e comumente chamados *Chrestiani*. Êsse nome é derivado de Chrestus que, durante o reinado de Tibério, sofreu sob Pôncio Pilatos, procurador da Judéia. Com essa execução, a seita de que êle era o fundador recebeu um golpe, o qual por algum tempo refreou o desenvolvimento de uma perigosa superstição, mas reviveu logo depois e espalhou-se com vigor não só na Judéia... como também em Roma, êste poço para onde flue em torrente tudo quanto há de abominável e infame no mundo. Nero procedeu com sua habitual malícia: conseguiu que um grupo de miseráveis, vítimas do fogo, se confessassem culpados de incendiarismo, e com base nesse depoimento, certo número de cristãos foram acusados, não própria e provadamente como tendo posto fogo na cidade, mas de terem um sinistro ódio a tôda a raça humana. Foram todos executados com requintada crueldade, e aos seus sofrimentos Nero acresceu o escárneo e a derisão. Uns eram revestidos de peles de animais ferozes e lançados aos cães para serem devorados; outros eram pregados em cruzes; muitos foram queimados vivos, muitos embebidos em matéria inflamável, eram acesos para servirem de tochas durante a noite...

«A brutalidade destas medidas encheu todos os peitos de piedade. A humanidade pendeu a favor dos cristãos».

Ilustremos ainda êste capítulo com um trecho de Henry Thomaz, na «História da Raça Humana»:

«Nero almejava o sublime e tornou-se ridículo. Cansado dos feitos comuns dos mortais, almejava um espetáculo digno de um Nero. O destino atendeu a seu pedido. Em Roma irrompeu um incêndio que durou seis dias e sete noites. Três quartos da cidade desapareceram nas chamas. Se não foi Nero quem ateou fogo, êle certamente gozou e agradeceu a Deus pelo espetáculo. Por fim, tinha um palco digno do seu gênio colossal. Vestiu uma esplêndida vestimenta, tomou a lira nas mãos, e subiu ao mais alto terraço do palácio. Então, admirando o mar de chamas e apelando para os deuses, a fim de que o ouvissem, tocou e cantou às estrelas, o trágico poema de Homero sôbre o incêndio de Troia.

Êste era porém o primeiro ato de seu espetáculo. O segundo sòmente se poderia ter originado na mente de um dramaturgo louco. Acusou os cristãos de haverem provocado o incêndio e transformou a punição dêstes em um espetáculo como nunca se vira em Roma. Convidou a população inteira para uma parada no circo, iluminada por tochas. As tochas eram os cristãos, homens e mulheres, amontoados sôbre pontuda estaca e recobertos por uma capa de resina e cera. A um sinal dado, as tochas foram acesas, as paliçadas da arena foram descidas, e Nero, numa carruagem de marfim e ouro, lançou-se na arena, seguido por uma tropa selvagem de ninfas e bacantes. Os espectadores irromperam em gritos de alegria frenética. Nero inclinava-se para a direita e para a esquerda, depois partiu rapidamente sôbre as areias douradas, à luz brilhante dos corpos dos cristãos que ardiam. Estava deleitado com sua obra prima. Tinha transformado a escuridão da noite num poema de fogo vivo».

E de morte.

Guilherme Onken (História Universal) assim se refere ao episódio:

«Em vão se procurou convencer a população de que os autores da catástrofe estavam na população oriental, que era numerosa em Roma, e não seria de estranhar que a polícia suspeitasse particularmente dos judeus, por causa da guerra feroz que se estava preparando em Jerusalém. Mas o que se não tem podido saber é como, a devassa aberta, se chegou a atribuir tôda a culpa à pacífica comunidade cristã que habitava em Roma. O certo é que Nero, segundo o abominável costume romano, converteu a execução dos pretendidos culpados em um espetáculo para êle e para as massas indignadas e rudes. Os brandões que iluminaram os jogos circenses organizados pelo Imperador, e que serviram de motivo a várias telas grandiosas de pintores modernos, são uma das manifestações mais horríveis do caráter cruel daquela época, chegando a provocar excepcionalmente, e apesar da imensa calamidade sofrida, a compaixão dos próprios romanos, tão habituados e entusiastas de espetáculos sangrentos».

*

Os autores modernos têm procurado justificar os crimes de Nero; não foi êle quem incendiou Roma; eram executados apenas os conspiradores. Mas não se pode esquecer que êle mandou matar a mãe, porque o importunava, o quase irmão, porque poderia vir ao trono, a mulher, para descartar-se do casamento, alguns por simples suspeitas, e os cristãos, por se livrar da pecha de incendiário.

A história não poderá deixar de encará-lo, na qualidade de artista, ridículo, como homem, um monstro.

Carlos Imbassahy

INFELICIDADE INTEGRAL

NÓS sabemos que a infelicidade não deriva de ser a criatura doente, deficiente, pobre, humilhada, olvidada, abandonada e desprezada. Não. Daí não emana precípuamente a infelicidade. Pode haver e há sorriso no doente, reação na deficiência, acomodamento na pobreza, tolerância na humilhação, resignação no ostracismo, aceitação no abandono e no desprêzo. Porque existe a lei da compensação para tudo ou quase tudo, lei cujo funcionar frequentemente sentimos, observamos, ou de que ouvimos falar.

De fato, há luz interior na cegueira, ação mental e psíquica na paralisia do corpo, consolação na prova, na desgraça. Então concluiríamos que a infelicidade integral não existe realmente para a humana criatura? Pode existir, sim. A infelicidade integral pode ser concreta, condensar-se em nosso plano, entranhando-se em pessoas que até possuem bons olhos, corpo perfeito, cérebro mundanamente intelectualizado, gozam de conceito e prestígio e influências sociais...

Irmãos, em nossas preces peçamos sempre ao Pai alívio e cura dos enfêrmos, e que se multipliquem os guias benfeitores para esta humanidade, em geral. E peçamos a Êle para que muitos assistentes espirituais tomem a si providências, como tão bem sabem êles tomar, junto a criaturas as mais distanciadas dos caminhos da luz, dadas a uma prática delituosa tão grave que lhes trará a infelicidade integral... Peçamos ao Pai a ação dos assistentes, dos protetores espirituais junto aos lesados da consciência ... homens e mulheres muitas vêzes iletrados, mas as vêzes titulados em altas escolas, que se atrevem ao feticídio, quando não mesmo ao infanticídio. Porque, ai dêsses verdadeiros infelizes! dêsses transviados que burlam ou sabem desarmar as leis dos homens, mas que tombarão sob as iniludíveis e infalíveis leis divinas. Roguemos, irmãos, para que bondosos assistentes do espaço possam desviar da prática tenebrosa os agentes passivos; que sob a ação dos assessores benevolentes renunciem a essa *infelicidade pavorosa os agentes ativos!*

Parece que num livro de André Luiz é que está uma passagem falando dum posto de emergência próximo da Crosta, para benefício de desencarnados em grandes débitos. Ao local tinham ingresso ladrões, salteadores, devassos, avarentos. Mas o narrador via que, por mais tentassem, não conseguiam atingir a área do pôsto alguns Espíritos repulsivos, com manchas esquisitas, por si sós hediondas; nódoas diferentes das exibidas pelos grupos que se estavam beneficiando. Como que grandes bolas de chumbo impediam tais entidades de avançarem. Suas vibrações eram assim animalizadas que seus altíssimos gritos e seus gestos desesperados não eram percebidos mesmo pelos réprobos mais próximos. Eram êles interventores *criminosos, vindos da Terra de há muito, as próprias iniqüidades os agrilhoavam e pungiam todavia. Sabiam-se repelidos por todos. A êles aplicavam-se exatamente as letras do Evangelho: — E FORAM LANÇADOS ÀS TREVAS EXTERIORES, para um tempo que sòmente a Providência saberia.*

O sutil, longo e imenso trabalho preparativo, no espaço, para o encarne de um Espírito! A rapidez satânica, na Terra, com que a inconsciência, ou antes a consciência pervertida e álgida atalha uma determinação do Alto!

Irmão, oremos para que deixem o caminho trágico principalmente os interventores *criminosos, êsses que estão atraindo a si o mais dolorosamente extenso karma que as nossas mentes podem imaginar, criaturas que pelo interêsse monetário, daqui da Terra ousam afrontar a Divindade assassinando sêres humanos ainda no ventre materno, quando não ja vindos à luz da Terra, da Terra a que voltavam para o progresso espiritual de si mesmos e talvez de outros mais.*

v. lirenedo

Inexplicável Coincidência

DR. WALDOMIRO BENEDITO DE ABREU

«Harpas Eternas» é uma obra em três alentados tomos aparecida na Argentina. Sua 2.ª edição pertence ao ano de 1955 e é a que possuimos, embora nossa leitura inicial tivesse sido feita, há uns três anos, pela edição anterior, mediante empréstimo de um amigo, edição da qual, dizem, só três exemplares vieram para o Brasil.

Trata-se de livro que sobremodo nos impressionou, apresentando a vida de Jesus sob novos prismas, procurando darlhe mais ampla e majestosa perspectiva cósmica e humana, com atribuir-lhe inesperadas dimensões e também à missão crística de há dois mil anos.

Lendo-o, parecia-nos estar «reencontrando» pessoas (as personagens), fato que só mais tarde pudemos compreender, como se verá.

Aonde foi essa produção «soi-disant» mediúnica buscar suas informações tão pormenorizadas, não referidas pela tradição, pela história e pela Bíblia (1)? Diz-se na orelha da capa desta 2.ª edição que os detalhes sôbre a forma em que foi escrito o livro, isto é, seu conteúdo histórico, se extraíram «dos arquívos da Luz Eterna». O autor espiritual, na «Portada», fala em vinte anos de ansiosa pesquisa em vasta documentação, crônicas e relatos do primeiro século e perseverantes investigações por vários lugares *(sic)*. Teria recorrido a antigos arquívos essênicos de Moab e do Líbano e das escolas de sabedoria dos Magos Baltasar, Gaspar e Melquior. E vai por aí adiante, citando fontes inteiramente desconhecidas dos encarnados, mas que, razoàvelmente, poderíamos localizar no mundo espiritual.

Assegura-nos que seu livro é um «nuevo relato de su vida», entenda-se, da vida do Cristo. Relato «novo», veja se bem.

A autoria espiritual seria de um sublimado espírito chamado Hilarion de Monte Nebo, pertencente a uma «Fraternidade Essênica», tanto que traz as iniciais S. E. após o seu nome. Ao que tudo se nos informou—muitos mistérios cercaram a autoria e o aparecimento da obra — o espírito transmitiu aquelas páginas, realmente altíssimas, a uma médium do país vizinho, cujo nome verdadeiro e lugar de atuação desconhecemos. É, pois, mais uma Vida de Jesus, escrita com muito calor e beleza literária (para o que contribui a doce língua castelhana), que se impõe por si mesma, e, se os bons frutos são de árvore boa, prudente fôra não nos preocuparmos demasiado com suas origens. Todavia...

A obra, insistimos, é tida como mediúnica (e assim tantas que andam por êste mundo), recebida em Buenos Aires, num Santuário «Monte Hor», quer dizer, Santuário Madre de Fraternidade Cristiana, a que chamam Venerável. Reza a Bíblia que Moisés, subindo ao Monte Nebo, ali morreu. E Hilarion se dá como «grande servidor» de um santuário essênico, onde Jesus passou algum tempo de sua infância, em estudos e meditações (tese, essa, defendida há muito por teosofistas, esoteristas, rosacrucianos etc.) Entre outras coisas, o livro refere nove encarnações de Jesus na Terra, das quais a penúltima teria sido como Moisés, e diz ser o Mestre originário da segunda estrêla da constelação de Sírio. Tal como o romance «O Rabi da Galiléia», do autor português Augusto de Lacerda, e «O Mártir do Gólgota», de Enrique Pérez Escrich, é um formidável romance de 1405 páginas e entrosa hàbilmente em sua história tôdas as figuras da época de Jesus e outras não bíblicas, conjugando suas passagens com acontecimentos dos Evangelhos, aos quais elas podem acomodar-se. Não há duvidar que se precisa reconhecer um gigantesco esfôrço do autor, o seu conhecimento de história e lingüístico, os seus imensos recursos intelectuais, o dilatado cabedal de informações de que se utilizou. Tal foi a nossa impressão que diligenciamos cotejar a obra com o que temos sôbre os essênios.

Assim, fomos até livros recentes, como «E a Bíblia Tinha Razão», «A Bíblia Disse a Verdade», e, principalmente, colhemos dados das obras do Rev. Dr. Charles Francis Potter («The Los Years of Jesus Revealed», 1958) e George M. Lamsa, sôbre os famosos manuscritos e papiros do Mar Morto, mediante os quais se encontraram provas irretorquíveis da existência da seita essênica e suas relações com o Cristianismo.

Infelizmente não tivemos ainda a folga necessária para um cotejo perfeito. Entretanto, pudemos notar semelhanças entre o Mosteiro de Qunrân e o Santuário de Quarantana de «Harpas Eternas», aquêle há poucos anos desberto às margens do Mar Morto, com manuscritos contemporâneos ao Cristo. Do exame de tais documentos, justo é esperar para o futuro novas e surpreendentes revelações no que tange ao empreendimento messiânico, às tradições esotéricas e até mesmo ao Espiritismo, verificando-se até que ponto «Harpas Eternas» são por sua vez um documentário autêntico.

O comovente e extraordinário relato de «Harpas», repetimos, bastante nos fascinou. Elas vêm sendo divulgadas no Brasil com intensa propaganda, notadamente da revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», através da pena de alguns escritores espíritas. Como sempre sói acontecer e assim deve ser, a ortodoxia espírita nacional as recebeu com reservas, tal como ocorre com as obras publicadas sob o nome de Ramatís e outras. Lemos e relemos o livro com verdadeiro enlêvo espiritual e funda emoção, sentindo que se alargavam os horizontes de nossa visão cognitiva e imaginativa, do mesmo passo que nossos sentimentos de amor e fé mais e mais se aguçavam. Isto dizemos, não com o fito de anunciar a obra e conseguir-lhe novos leitores, senão para que se firme a convicção de que nos habituamos a ler sem preconceitos. Lembramo-nos aqui da maneira de pensar de um velho amigo: «Meu caro, as pessoas são como as frutas; as partes, que nos parecem podres, cortamos e deitamos fora; aproveitamos as boas, que sempre as há». Assim fazemos com os livros. E releva notado: Não entraremos pròpriamente na análise crítica de «Harpas Eternas». Apenas queremos apontar a seus apreciadores e divulgadores a estranha coincidência de muitas cenas ali descritas e de suas personagens com a obra de Lewis Wallace. «BEN-HUR», dada à luz nos idos de 1880 na América do Norte.

Êste romance constituiu «best-seller» nos Estados Unidos, com muitas edições em várias línguas, inclusive a nossa. A última edição brasileira é talvez a da «Coleção Saraiva» em 1950, que figura entre nossos livros mais carinhosamente lidos. Lewis Wallace nasceu em 1827 e faleceu em 1905, natural de Indiana, EE. UU. O enrêdo de «Ben-Hur» se prende também à vida de Jesus e à luta de seus prosélitos no sentido de fazer triunfar as idéias do Nazareno. Até 1946 se venderam em terras de Tio Sam mais de dois milhões e quinhentos mil exemplares do famoso romance, que não é mediúnico, salvo opinião mais avisada.

Pois bem, como explicar que muitas personagens marcantes de «Ben-Hur», filmado há uns trinta anos pelo saudoso ator Ramon Novarro, e muitos dos fatos ali referidos figurem centralmente em «Harpas Eternas», uma vez que se sabe ser aquêle um livro de FICÇÃO, criado pela imaginação de Wallace, mas pura fantasia? Como explicá-lo, se se tem a obra de Hilarion como mediúnica e, o que mais é, psicografada, colhida diretamente nos arquivos da Luz Eterna? O príncipe Judá (Ben-Hur), seu benfeitor Quintus Arrius, sua mãe e irmã Tirza, o palácio do príncipe Itamar em Jerusalém, o rico judeu Simônides, o xeque Ilderin com seu bosque das Palmas, os mesmos preparativos bélicos e financeiros em favor da causa do Divino Mestre, (Santa ou Nova Aliança) etc. etc., que aparecem em «Ben-Hur», se repetem em «Harpas Eternas», como se ambos os livros fôssem a narração do mesmo assunto com as mesmas pessoas.

A conhecida obra de Emanuel, «Há Dois Mil Anos» apresenta, ao lado de personagens e episódios revelados mediùnicamente e não guardados pela história, outros que podemos confirmar através de documentário, umas vêzes comum, outras excepcional, como é o caso de Públius Lêntulos e André de Gioras, identificáveis pela carta que o primeiro teria dirigido a Tibério (carta já publicada nesta revista (2) e o segundo, ou pelo menos seu sobrenome, pela antiga «História dos Judeus» de Flávio Josefo, onde está um Simão bar Giora, chefe de partido em Jerusalém, empenhado na defesa desta contra os exércitos de Tito e que, ao depois, aprisionado, participou em Roma do cortejo triunfal do grande capitão, mais tarde imperador, fatos relatados por Emanuel (3). Eis aí a história, aqui e ali, confirmando a revelação, a mediunidade. A história ou, melhor, informações topadas ao acaso, jamais a ficção. Emanuel não calcou sua obra em outra conhecida da literatura mundial, romanesca. Os fatos e episódios não «historitizados» foram «engendrados» por êle, sob o sêlo da renomada mediunidade do instrumento de Pedro Leopoldo, hoje de Uberaba. A mesma coisa não acontece com «Harpas Eternas», muitos de cujos figurantes e relatos foram copiados (permitam-nos a palavra) do conhecido «Ben-Hur», absolutamente não histórico nem documental.

Ignoramos se algum dos arautos da formosa obra de Monte Nebo já notou a estranha coincidência. Como a explicarão? Teria sido Wallace também um grande médium (neste caso, é difícil compreender que outro ou o mesmo espírito, que o inspirou, haja repisado os mesmos fatos em outra obra. Em geral, os espíritos não procedem assim. São originalíssimos!?) Será a médium de «Harpas Eternas» sua autora material, tendo escrito obra de pura compilação? É ela uma plagiária? Serão «Harpas Eternas» também uma ficção, sem nenhum valor mediúnico? Em face de «Ben-Hur», seu entrecho perde inegàvelmente quase tôda a originalidade. Seria como se viéssemos a descobrir que outra obra romanesca teria «inspirado» Emanuel, o qual se transformaria num mísero papel-carbono.

Na convicção estamos de que outros autores «colaboraram» em «Harpas Eternas», que outras «Vidas de Jesus» e livros teosóficos ou similares as «ajudaram». Referimos aqui apenas mais dois livros: «Vida de Jesus, ditada por Êle mesmo» (3.ª ed., Rio de Janeiro (4) e o velho e festejado «O Mártir do Gólgota», de Pérez Escrich (S. Paulo, 1955), obra esta de ficção, onde encontramos, entre outras coisas, a castelã de Mágdalo, o Filho do Trovão (Boanerges), a mesma poesia envolvente etc., e que foi escrita originalmente em castelhano.

Não se duvida de que enorme prazer nos causa o vermos confirmadas por pesquisas posteriores as afirmativas de obras mediúnicas. Que beleza se escavações realizadas em Pompéia viessem agora provar que morou ali um Públius Lêntulus etc.! Temos nêsse sentido feito estudos sôbre os trabalhos de exumação de Herculano e Pompéia (5). Documentaríamos assim as narrações que Rochester e Emanuel fazem de sua destruição pelo Vesúvio no ano de 79 e suas descrições da sociedade e modos de vida das duas cidades romanas daquelas épocas. Certamente não adiantaria querer corroborar as narrativas e referências de um romance de pura ficção como «Os Últimos Dias de Pompéia» (por isso gostamos da nota que o editor colocou na pg. 341 do «Há Dois Mil Anos» — 3.ª ed., 1944). E quem aceitaria Emanuel se tivesse decalcado dêsse romance as alusões, de caráter específico, que faz a Pompéia, seu circo com o «velarium», a presença na cidade, no dia do desastre, de alta personalidade de Roma, os aspectos da erupção etc. ? Mais valor teria e redobrado — isso, sim — se descobríssemos que escavações levadas a efeito, depois do aparecimento da obra, demonstraram, ali, a existência de uma vila, que pertenceu a um Públius Lêntulus, morto no dia fatídico, com sua filha, genro e escrava Ana...

A respeito de «pastiches» e «inspirações» disfarçadas e «psicografias» mal explicadas, cremos que não seria ousadia aproveitar esta ocasião, para, de passagem, escrevermos algo sôbre as obras de Ramatís, das quais já se disse «que prometem muito, mas pouca novidade nos trazem». A última — «A Vida Além da Sepultura» — apesar de volumosa, quase nada acrescenta às suas congêneres. Sem embargo de suas múltiplas existências, de sábios, Ramatís e Atanagildo são muito parcos, limitando-se a repetir o «Nosso Lar» etc. As apregoadas «Mensagens do Astral» contém plágios berrantes, como os das pgs. 329 e 331 onde Max Heindel («Concepto Rosacruz del Cosmos», 6.ª edi., Buenos Aires) se viu despojado, sem ao menos ter seu nome citado. Fica-se com a impressão de que o autor material dessas obras é uma criatura realmente muito lida e culta. Não citaremos outras fontes suas da extensa bibliografia ocultista, teosófica, esoterista, rosa-cruciana etc., de autores traduzidos marcadamente para o castelhano, em que as «Mensagens» se abeberaram em fortes haustos, não apresentando suas teorias nenhuma originalidade.

Bem é de se dizer, finalmente, que, ao tecer estas linhas, para registrar uma estranha coincidência, não alimentamos quaisquer intuitos polêmicos ou de desmerecimento. Sòmente nós desejamos esclarecer numa questão que muita espécie nos causou. E um certo desapontamento. (6)

---

(1) Nossos apoucados conhecimentos não nos permitem dizer até que ponto as «Harpas» se serviram dessas fontes.

(2) Documento encontrado no arquivo do Duque de Cesarini, em Roma. Possuimos tal carta reproduzida em italiano sob um retrato de Jesus, — «vero ritratto de Gesu» — por sua vez reproduzido do que o imperador Tibério (isto tudo é tradição) fez gravar sôbre esmeralda, propriedade do tesouro imperial de Constantinopla, caído em mãos dos turcos em 1453 e do sultão Bajaset, dado ao papa Inocêncio VIII (Stampa Fot. Art. Ind. Traldi — Milão).

(3) Cf. Keller, «E a Biblia Tinha Razão», 2ª edição, Melhoramentos, São Paulo, 1958, pag. 336 ss.

(4) Obra, essa, como dizem, aparecida em França, onde uma senhora a teria recebido (essas médiuns, coitadas, são sempre senhoras e anônimas) em 1885. Da edição francesa se fez a tradução para o italiano e dêste para o espanhol pelo dr. Ovidio Rebaudi, justamente em Buenos Aires. A edição brasileira é do texto na língua de Cervantes.

(5) A última obra surgida entre nós foi: E. C. Comte Corti, «Vida, Morte e Ressurreição de Herculano e Pompéia», Belo Horizonte, 1958, que traz boa bibliografia e resumo do assunto.

(6) Finalizando, essas obras tôdas nos parecem de autores de carne e osso (é impossível admitir o plágio em espíritos tão elevados) ou então de espíritos, mas nas quais o médium muito e muito colabora, não se sabendo o que é seu e o que não é. Como obras de divulgação de conhecimentos encerrados em livros de difícil aquisição, esgotados há muito etc., vá lá... Umas lindas colchas de retalho, sob a vistosa responsabilidade de espíritos...

Pindamonhangaba, fevereiro de 1959.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Difícil avaliar a intensidade do Movimento Espírita Mundial

Argentina, um exemplo de atividade doutrinária em profundidade — «Don Pancho Sierra», um livro empolgante — A religião espírita na Inglaterra e nos Estados Unidos

Os próprios espíritas brasileiros são responsáveis por um falso conceito do movimento doutrinário mundial, que se vem formando em nosso país. Afirma-se geralmente que o Brasil é o país mais espírita do mundo, ou que sòmente no Brasil o Espiritismo adquiriu o sentido religioso que o caracteriza. Nem uma nem outra dessas afirmações corresponde à realidade. Para começar, o Espiritismo religioso nos veio da França, através das obras de Kardec. Depois, é preciso convir que a religião espírita é um fato universal, como nos mostram as igrejas espíritas dos Estados Unidos e da Inglaterra, e os grupos e centros religiosos espalhados pela América, a Europa e a Ásia.

A existência das igrejas espíritas americanas e inglêsas basta para provar que, naqueles países, o colorido religioso do Espiritismo é ainda mais forte que no Brasil. Em São Francisco da California, por exemplo, havia um «reverendo» espírita que era médium famoso de materializações. No Brasil não admitimos igrejas espíritas. Compreendemos que a natureza religiosa da doutrina não deve sujeitar-se a formas estáticas, sob pena de se deformar. Mas isso não acontece apenas no Brasil, pois também na França, na Espanha, na Alemanha, na Bélgica, na Holanda, no Japão, no México e na Argentina, a religião espírita conserva o aspecto dinâmico e livre que Kardec lhe deu.

Quanto ao número de adeptos, sim, parece que estamos na frente de muitos países. Mas nem por isso devemos afirmar que realmente somos «o maior». O movimento espírita inglês, por exemplo, é mais amplo do que nos parece à primeira vista, e o norte-americano ainda não foi suficientemente avaliado. A Espanha e Portugal, como se sabe, tiveram grande impulso e produziram notáveis médiuns, e se hoje estão pràticamente sem Espiritismo, não é por falta de aceitação popular, mas pela deliberada asfixia de uma política que atinge às raias da inclemência inquisitorial. De Portugal ainda nos chegam revistas, livros e jornais espíritas, mas da Espanha não nos vem senão uma notícia ou outra, de atividades clandestinas.

Bem perto de nós, ali mesmo nos Pampas, ergue-se um exemplo que devia moderar um pouco o nosso exagêro patriótico: a Argentina. O movimento espírita do país irmão não tem a intensidade do nosso, mas tem uma tradição admirável e revela um nível cultural superior. Ainda agora nos chegam de Buenos Aires alguns livros que confirmam a vitalidade intelectual do movimento espírita argentino: «Las Vidas Sucessivas» e «Analectas», de Santiago Bossero; «Don Pancho Sierra, el resero del infinito», de Humberto Mariotti; «Leon Denis y la Mediunidad», de Miguel Serio. Isso sem contar «Sociologia Espírita» e «Dialéctica Espírita», de Manuel Portero, e «Dialética y Metapsíquica», de Mariotti, já nossos conhecidos.

«Don Pancho Sierra» é um livro empolgante, que estuda a mediunidade e a missão de Francisco Sierra na sua «Estância El Provenir», da Província de Buenos Aires, dando uma interpretação espírita da Argentina como nação espiritual. Um livro que, pelo seu psiquismo-telúrico, tem estreita afinidade com «Le Génie Celtique et le Monde Invisible», de Leon Denis. Voltaremos a tratar dêsse novo livro de Mariotti. As outras obras a que nos referimos são de um alto nível cultural, como indicam os seus próprios títulos. Enquanto, no Brasil, fazemos um Espiritismo mais popular, e portanto mais em extensão, os argentinos estão cuidando da doutrina em sentido cultural e profundo.

A verdade, pois, é que o Espiritismo se apresenta no mundo de hoje como um movimento ecumênico, cuja intensidade e densidade são ainda inavaliáveis. Não nos é lícito imaginar que somos os maiores ou os primeiros. Está justo que aceitemos, com entusiasmo, a tese de Humberto de Campos, de que a árvore do Evangelho foi transplantada para o Brasil, mas isso apenas como estímulo ao nosso trabalho de evangelização. Precisamos olhar um pouco mais para lá das fronteiras. O movimento espírita é um mar que rola sôbre o mundo, e não podemos nos iludir com as ondas que vêm quebrar-se em nossas praias. Ainda agora, a Federação Espírita Internacional está preparando o seu novo congresso mundial, e deviamos enviar para êle os nossos delegados, a fim de alargarmos um pouco mais a nossa visão do trabalho do Consolador no planêta.

IRMÃO SAULO

Discos Voadores

(Especial para a Revista Internacional do Espiritismo)

ESTÁ na ordem do dia o fenômeno dos «corpos não identificados voando a grande velocidade pelo espaço». Trata-se de «DISCOS VOADORES» ou «AERONAVES ESPACIAIS» segundo alguns; a ciência oficial mantém-se em reserva. Mas o fenômeno se repete com persistência. O «Estado de S. Paulo» de 26 de Março registra êste acontecimento: «Um objeto não identificado» despertou interêsse nos céus de Belo Horizonte, deslocando de Leste para Oeste numa velocidade de 600 quilómetros horários.

De côr escura o objeto foi visto por quase tôda a população de Belo Horizonte, pois eram dezesseis horas e a atmosfera estava límpida. «Quem não o viu passar, pôde pelo menos, observar o rastro luminoso que êle deixara atrás de si, e que permaneceu no ar talvez por mais de uma hora.» Supuseram alguns tratar-se do Explorador Americano (III). Outros pensaram no último foguete lançado pela Russia. Entretanto as trajetórias são diferentes. Membros da Sociedade mineira de astronomia chegaram à conclusão de que não se trata de foguetes.

Ary Maurel Lobo, cuja obra de divulgação científica no Brasil é uma das mais elogiáveis, escreveu há tempos sôbre o fenômeno que «tais engenhos sòmente existe para os vigaristas, idiotas e beòcios».

«Nem tanto ao mar nem tanto à terra» diria um espírito livre dos preconceitos e das considerações de ordem política.

Trata-se de um fenômeno digno da mais alta consideração científica. Poderá ser uma revelação; poderá constituir uma das maiores etapas da evolução do «homo sapiens» sôbre a terra.

Antes dos Irmãos Montgolfiers e outros grandes aeronautas da antiguidade, o homem ridicularizava todo aquêle que admitisse o vôo do mais «pesado que o ar.» Entretanto os aviões a jacto e as grandes fortalezas voadoras fazem as maravilhas dos grandes transportes aéreos. A técnica da U. R. S. S. admitem já a possibilidade das viagens à Lua e a outros planêtas mais próximos O catolicismo sempre conservador, inimigo dos progressos da ciência já admitiu a possibilidade da habitabilidade de outros planêtas, frente à sua evidência pelos tais «corpos ainda não identificados».

Obras especializadas sôbre êste assunto nos afirmam que desde 1619 até nossos dias visitaram a Terra todos os anos os «tais corpos não identificados...» Há relatório de observações interessantes sôbre êstes objetos, todos concordes quanto à forma, velocidade e luminescência. O astrônomo Adamski fotografou com grande nitidez muitos dêstes «corpos ainda não identificados» sendo alguns com a forma «clássica de disco voador», outros com a forma de charutos, as quais melhor observadas, revelaram tratar-se de grandes fortalezas voadoras das quais saiam os discos voadores. Melhor seria classificar-se, estas últimas, na categoria de grandes «porta discos».

Cart Hart-Junior fotografou na noite de 30/8/1951 uma formação enorme de discos voadores sobrevoando a Lua.

Pessoas da mais alta responsabilidade, pertencentes aos departamentos militares da marinha Norte Americana, de Washington declararam que «os discos voadores» constituem um fato real que nenhum governo pode ignorar ou deixar de admitir. Dizem êles que tais engenhos sobrevoam frequentemente os centros de preparação atômica. «Não se pode mais negar a existência real das astronaves e dos discos voadores». Observações sôbre a Lua com telescópios eletrônicos revelaram que «os corpos ainda não identificados» descem a Lua e de lá levantam vôo para a Terra.

Segundo numerosas fontes de informações, observados os discos voadores em seus bem ordenados movimentos, conclue-se que seus tripulantes se preocupam especialmente de um modo minucioso e muito inteligente sôbre a natureza e condições vitais de nosso planêta. Denotam grande interêsse sôbre as bases de preparação de guerra atômica.

Chegaremos de um modo «terra a terra» a conhecer brevemente êste grande mistério, tão escondido, e tão «despistado» pelos arautos da ciência moderna, nas áreas do dolar. A Rússia parece mais permeável à verdade sôbre os tais objetos «não identificados» dirigindo, desde logo, suas investigações no sentido positivo das viagens interplanetárias. Parte ela do princípio de que «as mesmas possibilidades existentes para o homem de outros mundos, virem à Terra, existem para os terrícolas irem a Marte ou outro qualquer planêta do sistema solar». O Problema está na fôrça propulsora. O HOMEM PLANETÁRIO resolveu êste problema há dois mil anos ou talvez mais. Souberam descobrir um motor capaz de captar energias do próprio cosmos, e organizarem uma estrutura resistente e leve. As aeronaves espaciais devem possibilitar aos tripulantes, as condições vitais, em espaço mínimo com o máximo de produção. Sòmente assim, poderão êles atravessar com enorme velocidade as distâncias astronômicas que nos separam de seus planêtas. O dia em que o homem resolver êste problema poderá êle passear pelos mundos visinhos.

Enquanto isto não acontecer contente-se o homem com o seu próprio mundo. Donde o seu próprio aparecimento, é problema da mais alta transcendência.

Segundo os grandes mestres do ocultismo há uma lenda cheia de lógica e encanto que se resume no seguinte: Ha desoito milhões de anos os planetas Marte e Venus entraram em conjunção, formando uma imensa rêde eletromagnética passando pela terra.

Os habitantes de um destes planetas resolveram enviar à Terra uma astronave resplandecente. Dentro dela vieram para o nosso globo 105 seres humanos, mais deuses do que homens, mais divinos do que humanos. A astronave serviu de moradia temporaria àqueles grandes Mestres. O homem terríccola era pouco mais que um primitivo Lemur, constituindo a familha dos Antropopithecus, ramos dos Homenidaes, muito primitivos.

Dotados de grande inteligência, elevado saber, os novos visitantes comunicarm aos seus irmãos solaresas suas faculdades psiquicas segundo as quais puderam perceber suas proprias possibilidades individuais e ambientais. A mulher se tornou admiradora incosnciente da estética, o homem o apreciador e amante das fórmas e assim ambos se integraram no sentimento inconsciente da perfeição, arte e beleza. Adquiriram o amor à investigação, e a consciência de sua imortalidade, adorando os astros como a mais bela manifestação do Criador. Este espírito radioso e santo ficou com êles para todo o sempre.

O Homem NEANDERTAL e GRO-MAGNHON despertou-se para uma vida nova adiantando-se de outros sêres numa progressão colossal, enquanto que permaneceu na mesma escala zoologica os de mais tarçoides representados em nosso tempo pelos Gurilas e Chipanzés. Todos porém terão o seu despertar.

Esta encantadora lenda não fóge muito da doutrina dos espíritos segundo axpõe o insigne Mestre Alan Kardec. Segundo o Genesis deste grande iluminado, e segundo a doutrina dos espiritos, a raça Adâmica é um dessas grades emigrações ou por outra, uma dessas grandes colônias de espiritos vindos de outras esferas, que deu nascimento à raça simbolizada na pessôa de Adão, e, por essa razão chamada raça adâmica.

Como se vê, a doutrina dos espiritos parece coincidir com a lenda das astronaves. Apenas não esclarece de que forma vieram êles, se encarnados sob forma de grandes Mestres Instrutores ou se espiritualmente. Poder-se-ia admitir que os Mestres foram acompanhados por uma multidão de espiritos de mundos mais elevados que, degradando-se pelos seus êrros vieram habitar um planeta imediatamente inferior. Parece existir analogia entre as profecias sôbre a «separação dos bons e dos maus», segundo relatam os evangelhos sôbre o dia de juizo. Nesse dia aquêles que não aproveitaram o seu tempo para progredir voltarão para mundos inferiores ficando na terra apenas os dignos de promoção.

A confirmar-se a teoria dos discos voadores, como astronaves de outros planetas estaremos em presença de uma época verdadeiramente solene. Será a prova esmagadora e indiscutível de QUE os astros são mundos habitados. Prova de que o espírito humano é universal, prova de que no cosmos existe substâncias passíveis de enormes resistência, e de incomensuravel energia. Prova de que nossa vida preocupa nossos irmãos de outros mundos, e, CONSEQUENTEMENTE, É UNIVERSAL o princípio da fraternidade. A visita desses nossos irmãos virá abrir um enorme horisonte para a inteligência humana da terra, devassando os grandes mistérios do cosmos que nos tem feito viver de hipóteses mais ou menos engenhosas. Será, em suma, a confirmação plena e absoluta da cosmogonia espiritualista moderna, confirmando ainda cientìficamente a radiosa revelação do nosso Divino Mestre. Só então veremos os homens, sem considerações de ordem secundárias, apertarem-se mutuamente as mãos na grande obra de fraternidade e do progresso, tal como prega o Espiritismo na mais alta expressão. Benvindos sejais, pois, «CORPOS NÃO IDENTIFICADOS» !

Antonio Domiciano Pereira Junior.

Bragança Paulista, 28/3/1959.

As duas Tristezas

Wallace Leal V. Rodrigues

FOI andando pelo meio da rua calçada de pedras antigas, ainda úmidas pelas últimas chuvas. Sicômoros e espinheiros alvares debruçavam-se sôbre os muros de adobe, caiados de branco, luminosos e mornos ao sol outonal. Junto ao edifício do Forum um grupo de homens ouviam cmopenetrados um alto magistrado togado e que arengava sôbre um problema qualquer do interesse de judeus e gentios, perfeitamente identificáveis pelas roupagens e as linhas das faces tostadas pelo sol mediterrâneo. Enquanto êle se afastava, o grupo desfez-se, e então ouviu-lhes o tagarelar entremeado de risos. Tinham problemas e riam-se aquêles homens. Como era estranho o riso dentro do mundo feio, hostil e tristonho em que viviam. O próprio sol outonal convidativo e morno e aquelas miríades de florezinhas obstinadas que explendiam sôbre a grama enquanto o Inverno não vinha, eram incapazes de fazer olvidar a realidade de um mundo fadado à destruição.

Á medida que avançava em demanda aos últimos bairros da cidade, o homem observava melancolicamente a gradação das luzes e das cores, advinhando a chegada do crepúsculo. O dia fôra azul e tranquilo ! Com a chegada da tarde, as primeiras brisas sopraram, mansas e leves, dos lados do mar. Êle não sentia, porém, o mágico espetáculo de beleza e paz que as luzes do céu, fundindo-se às coisas da terra, lhe ofereciam aos olhos. Estava triste, solitário e fatigado ! Inumeráveis dores brandiam-lhe as cordas da alma, despertando-lhe aflitivas ressonâncias no mundo interior. Esperava por Tito, o bem amado discípulo ausente por todos aquêles dias. A chegada do fiel companheiro retardava-se. Aquela tarde, voltava ao fim do caminho para não atrasar o instante de um encontro anciosamente aguardado se a curva do caminho lhe trouxesse a visão desejada. E por esperar, ao alcançar a distância, muito além das últimas casas, o homem assentou-se sôbre uma velha parede de tijolos envolvida pela hera e poz se a orar. E seu pensamento, voltado para Jesus, o Rei do seu coração vencido e prosternado ao pé do caminho de Damasco, teve a visão divina das maravilhosas paisagens do Reino Prometido. Retornando à paisagem exterior, viu que o crepúsculo agora se pintava de radiosas cores, pincelando de ouro a turqueza do céu e a esmeralda dos campos. Mas aquela tristeza tão grande interceptava se entre o seu coração e as belas coisas que o Pai, na sua infinita misericórdia, aprouvera conceder ao homem. Aquela prece, todavia, parecera deixar-lhe um curioso resquício no coração. E então o homem pôs-se a pensar! E pensando êle descobriu em seu íntimo uma dupla tristeza. Como se a doirada luz do crepúsculo o inundasse por dentro, êle pôde ver o seu mundo. Sim, êle tinha uma dupla tristeza, êle tinha duas tristezas, e uma delas era boa e a outra era má.

Uma delas vinha do Céu, a outra vinha da Terra. Uma erguia-o, queimava-o, tornando-o mais puro e melhor. Esta era a tristeza divina que morava com êle fazendo parte das suas lembranças mais antigas, das lembranças dos êrros, de ilusões e cegueiras inumeráveis, de crueldades e opressões. Ao centro dela, um belo vulto manchado de sangue era a figura meiga e tranquila de Estevão lapidado, aquela tristeza que desvendada os subterrâneos da sua própria inferioridade, era o cadinho que o purificava, era o norte para a sua alma e a grande esperança no porvir para o seu coração. Era uma tristeza que êle devia amar porque vinha do Céu para retificar-lhe os caminhos.

Mas havia também a tristeza que vinha da Terra e que o levava à indiferença por tudo quanto o rodeava e o levava também a voltar-se antes do tempo para o Outro Lado do qual ainda não fazia parte. Era a tristeza da ingratidão dos Homens que ficava sem o seu perdão. Da incompreensão que êle, por sua parte, também deixava sem compreensão. Era a tristeza que vinha de certos espetáculos da Vida e que, entretanto, o próprio Pai no seu amor infinito oferecia aos Filhos em seu próprio favor. Os olhos do homem se abriram e êle olhou em torno de si como nunca o tinha feito. E foi como se as amarras se desfizessem em tôrno do seu corpo espiritual. Um vento varreu-o por dentro e êle sentiu alegria e paz!

E quando olhou o caminho, enxugando lágrimas de júbilo pela libertação, o filho afetivo surgia na distância. As doces sombras da noite, feitas do repouso dos homens estava chegando também. Mas aquelas sombras melancólicas que trazia consigo feitas da sua intranquilidade, tinham partido. O braço de Tito agitou-se no ar, dentro da sua pobre túnica de algodão grosseiro. O homem via-o pela lente de suas lágrimas pois que tôdas as suas experiências abençoadas, vinham-lhe no Caminho. E nessa noite, enquanto escrevia a carta que endereçava aos irmãos corintios e que alguns dias depois o próprio Tito em regresso levaria, Paulo de Tarso deixou sôbre o pergaminho amarfanhado estas frases que passaram aos homens de outras idades com o número do versículo 10 e do capítulo 7 da Segunda Epístola à igreja de Corinto:

«Porque a tristeza segundo Deus obra o arrependimento para a salvação. E não haverá quem se arrependa de salvar-se. Mas a tristeza do mundo gera a Morte!

Araraquara, 12/5/1959.

A Vida nos Outros Mundos

SE bem que a base da doutrina do Espiritismo fundamente-se no estudo das leis do princípio espiritual, Kardec, em um sentido geral, também cuidou de outros assuntos correlatos, sem se desviar daquele seu principal objetivo.

É assim que nas suas obras básicas, na parte referente sôbre a habitabilidade dos mundos, os informes mediúnicos atenderam as mais diversas perguntas, cujas respostas, de acôrdo com os limitados conhecimentos nossos da época, não vêm sendo bem interpretadas entre a generalidade dos adeptos da doutrina. Lendo-se ali tais conceitos, com a devida atenção, compreenderemos que os mundos podem ser habitados por sêres de duas naturezas distintas, a orgânica e a espiritual.

Esta, que é de interêsse restrito da doutrina, ela pode, de acôrdo com o grau evolutivo dêstes sêres, existir em qualquer astro. A outra, a orgânica, como a nossa matéria celular, sòmente poderá *eclodir e evoluir, nos mundos com determinada maturidade.*

São nesses dois sentidos que as entidades se referiram sôbre a habitabilidade dos mundos, de um modo absoluto, visto que Deus não teria criado tais esferas para inúteis adornos dos céus.

No entanto, as nossas publicações não vêm diferenciando essa dualidade, resultando um mal entendido entre os adeptos em geral, que julgam ser todos os mundos, dos céus, habitados por sêres acessíveis aos nossos sentidos carnais.

Hoje, com o início da nossa era espacial, em que o assunto deixa de ser passivo para ser ativo, precisamos esclarecer melhor aquêles pontos doutrinários, para não comprometermos Kardec, pela nossa incompreensão daqueles informes das entidades comunicantes. Devemos saber, conforme já dissemos acima, que os mundos habitados por sêres espirituais não precisam possuir natureza especial, como acontece com aquêles, a exemplo do nosso, que acolhem a vida orgânica.

Vamos falar apenas nestes, dentro dos limites acessíveis aos nossos sentidos. Mas antes desejamos um parêntese para esclarecer que a Terra, sendo uma partícula do Universo, não deixa de ser uma amostra da natureza dêsse Todo universal. Assim, por ela, podemos concepcionar a vida nos outros mundos, com base nas combinações e transformações que se operam neste laboratório planetário.

Para um planêta abrigar vida evolutiva animal êle não pode prescindir da água tépida, luz e calor, na sua superfície, cujos complementos, sob certas condições adequadas, favorecem a presença de outras necessidades vitais. Não se deve entender com isto que êstes planêtas de vida orgânica devam necessàriamente ser uma cópia exata da Terra atual.

Tais mundos podem ser diferentes na sua natureza, mas dentro de determinados limites, para que se formem corpos vivos na sua superfície. Os sêres viventes das diversas escalas dêsses mundos serão de natureza grosseira, ou delicada, de acôrdo com o grau evolutivo em que se achem os planêtas. A Terra já passou época em que não continha um único ser vivo (lembremos que não estamos falando sôbre vida incorpórea espiritual), e depois passou a ser habitada de início só por sêres aquáticos, seguindo-se os grosseiros animais terrestres, com os gigantescos dinosauros, e só mais tarde surgiu a raça humana. Hoje, a natureza do nosso planêta não é a mesma de quando se iniciou a sua era vivente, cujas evoluções, planetária e animal, marcharam simultâneas. Contudo, as diferenças do ambiente, desde o aparecimento dos primeiros sêres vivos, nunca fugiram do ponto básico da vida, a água tépida.

No nosso sistema solar nem todos os mundos se mostram adequados para a vida evolutiva, sendo que uns parecem não ter ainda alcançado o estado de maturação, e outros talvez já passaram essa fase, revelando-se uns e outros atualmente desabitados.

Em outros trabalhos a seguir procuraremos elucidar melhor a questão, visando represar êsse entusiasmo exagerado sôbre a existência absoluta de vida nos outros mundos, indistintamente, cuja razão sem limites não se encontra na doutrina. O nosso alerta é necessário, antes que os nossos futuros astronautas, em preparo, nos surpreendam em tempo com desagradáveis desapontos, com notícias além Terra.

Mas alguns leitores ainda poderão nos perguntar: — E se os conceitos científicos, por hipótese, sejam surpreendidos em sentido contrário?

Nós responderemos que mesmo assim ainda estaremos amparados pela razão, porque sempre é mais sensato errar raciocinando, do que acertar adivinhando.

E aqui por hoje terminamos, deixando a questão aberta para quem mais deseje nela se manifestar.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

CORRESPONDÊNCIA

Embora não sendo umbandista, recebemos vários exemplares do periódico, «Gazeta do Brasil» de Umbanda, cuja gentileza agradecemos.

V. O. Casella

Crônica Estrangeira

O Espiritismo na Televisão Americana

Notícias procedentes dos Estados Unidos revelam que «a religião espírita foi reconhecida pelo novo código da Associação Nacional de Rádio e Televisão», o que vale dizer que programas religiosos de espiritismo podem ser livremente levados nas emissôras e tele-emissôras americanas. Até agora, sòmente as religiões católica e protestante em suas várias modalidades, podiam servir-se dêsses meios de divulgação. O Espiritismo era posto de lado, a pretexto de «não ser religião nem ciência exáta». Acrescenta a notícia: «Foram grupos religiosos não-espíritas que instaram junto à Associação para que permitisse a divulgação dêsse credo pelo rádio e televisão, alegando tratar-se de uma filosofia que, embora não advogasse, era digna de todo o respeito.» Como vemos, parece haver, nos Estados Unidos, menos receio de parte dos meios religiosos, quanto à propagação do Espiritismo, do que em nosso país.

◆

Alterada a História por Mensagem Espírita

De «*Two Worlds*»

De todos os tributos pagos a Abraham Lincoln — êle nasceu há 150 anos — qual dêles se refere ao fato de ter sido Lincoln um espírita, realizando sessões na Casa Branca quando Presidente, tendo sido guiado por um espirito para dar uma grande contribuição ao gênero humano?

Lincoln, o mais distinto presidente da América do Norte, cuja vida ilumina as páginas da história, não ocultou suas práticas espíritas. Antes um jornal americano, o «Cleveland Plain Dealer», publicou um artigo associando seu nome ao Espiritismo, o diretor da publicação submeteu o artigo ao Presidente, pedindo-lhe contestar tal afirmativa.

Lincoln respondeu: «O único lapso na afirmativa é que a metade foi omitida. Êsse artigo não começa a revelar as maravilhosas coisas que tenho testemunhado».

A proclamação do decreto da Emancipação era para por têrmo à Escravidão nos E.E. U.U. e seguiu se a uma sessão na Casa Branca, em que o espírito pediu não retardar a publicação. A mensagem era do espírito Daniel Webster, um dos grandes pioneiros da América.

No livro publicado pela notável médium, Nettie Colburn, a heroina desta história, encontra-se o que segue:

«Por mais de uma hora fizèram-me conversar com Lincoln, e segundo me disseram meus amigos, estive falando de questões que êle perfeitamente compreendia, e que para os presentes apenas tinham sentido, até chegar ao que se relacionava com o decreto de Emancipação. Por meu intermédio o Presidente recebeu uma mensagem com o pedido de não renunciar ao seu propósito de dar ao decreto, e sem demora, sua aplicação com fôrça de lei, porque isso seria a obra culminante de seu mandato presidencial, e de tôda sua vida.

A missão lhe fôra confiada pela Providência. Os presentes à sessão, declararam que quase haviam perdido a noção da presença da tímida jovem, pela magestade de suas declarações, o vigor e a fôrça de sua linguagem e a importância da mensagem que transmitia, como se em seu lugar, tivesse vindo uma potente fôrça espiritual masculina da qual emanavam aquelas ordens quase divinas».

Terminada a sessão, Lincoln disse ao médium: «Vós possuís singular faculdade e nenhuma dúvida tenho vir ela de Deus. Agradeço-vos a vinda aqui nesta noite. É mais importante do que talvez possa compreender qualquer dos presentes...»

Lincoln, um psíquico natural, predisse sua própria morte. Depois da passagem, êle demonstrou seu interêsse contínuo pelo país ao qual tão hàbilmente serviu.

Há provas que mostram ter êle guiado o Presidente Wilson durante outra grande crise na história da América.

Lincoln deu provas de sua sobrevivência quando sua viúva estava presente em uma sessão com um médium fotográfico e sob uma placa apareceu como *espírito-extra*.

A entronização da democracia nos corações dos que amam a liberdade, em grande parte se deve a Lincoln cuja máxima assim se expressa: «O govêrno do povo pelo povo, e para o povo».

Homem afogado se materializa

«Two Worlds»

Um homem que morreu afogado se materializou e falou numa sessão realizada na casa da viúva, sendo esta o médium. Esta história dramática foi publicada no jornal «Sunday Sun».

O médium é Gladys Mallaburn pertencente ao Centro de Chopwell. Seu marido, John, graduado oficial, juntamente com William Boyes, sub-engenheiro ficaram perdidos no Rio Stour ao voltarem para o seu navio, Templebar, isto a 8 de dezembro do ano findo.

O corpo de Boyes foi encontrado há poucos dias entre Harwich e Felixstone pelo navio Vilking. Do corpo de Mallaburn não havia vestígios.

A viúva disse ao jornal que ela e outros membros da família, têm estado em comunicação com o marido «morto», isto muitas vêzes, sendo a primeira no dia de Ano Novo.

Êle se materializou em presença de três assistentes. Em outra sessão foi ouvida a sua voz por 15 pessoas presentes.

Mallaburn contou como foi que morreu. Estava êle tentando salvar Boyes, mas teve que abandonar a tentativa e procurou alcançar a praia. Mas seu corpo foi imobilizado pela areia e lama.

George Rulf, conhecido espírita em North, descreveu em nossas colunas como, em sessões no seu lar, se materializou seu pai, um rabbi. Também lhe falou um sobrinho «morto», empregando o alemão, inglês e hebreu. O hebreu, disse Rulf, era típico do dialeto da cidade em que viveu o sobrinho.

A garota cantou em idiomas que desconhecia!

De «Mundo Espírita»

MELBOURNE, 25 (R) — Passou-se um caso espantoso, na Igreja Pentecostal, de Richmond, onde uma menina de apenas seis anos de idade, Renée Martz, de Chicago, pregou um sermão que durou cêrca de uma hora, falando a uma congregação de mil e duzentas pessoas. Centenas de ouvintes acorreram diante do fenômeno. A garota-prodígio também cantou em chinês, esquimó e russo, línguas cuja existência até agora ignora. A pequena Renée está viajando pela Austrália, percorrendo as igrejas, em companhia de seus pais, reverendo Jack Martz e Senhora.

A tragédia do «Titanic» foi prevista

De «Estudos Psíquicos»

O *Melbourne Herald* publicou uma notícia a propósito da exibição da fita «A Night To Remember», que em português se intitulou «A Tragédia do *Titanic*».

Segundo alguns investigadores, houve uma espécie de Júlio Verne que narrou a tragédia 14 anos antes dela suceder. Assim, em 1898, o jornalista inglês Morgan Robertson escreveu uma novela acêrca de novo transatlântico que êle denominou «Titã» (quase o nome do outro), dando-lhe as características de 70.000 toneladas e 256 metros de comprimento (o «Titanic» tinha 66.000 toneladas e 282 metros).

O paquete era munido de três hélices e podia alojar 2.500 passageiros, mas os salva-vidas só acomodavam um terço deste número (o «Titanic» tinha três hélices, podia alojar 2.500 passageiros, mas os salva-vidas só chegavam para algumas centenas).

O transatlântico de Robertson era insubmergível e foi a pique na primeira viagem atlântica, depois de abalroar com um *iceberg* numa noite fria de Abril (o «Titanic» era também considerado insubmergível e foi a pique na primeira viagem atlântica numa noite de Abril, depois de chocar com um *iceberg).*

No «Titã» de Robertson só um terço dos passageiros se podiam salvar (no «Titanic» salvaram-se 713 entre 2.224 que iam a bordo; precisamente um terço).

Ainda há outra estranha semelhança entre o paquete real e o imaginário. Robertson «meteu» no barco muitos passageiros ricos e bonacheirões, provenientes dos Estados Unidos da América (quando o «Titanic» saiu de Southampton, em 1912, havia a bordo uma lista de passageiros em que predominavam americanos, cujos depósitos bancários atingiram 266 milhões de dólares).

Como explica a ciência materialista a antecipação que acabamos de citar? Há tantas coisas que não entende a humana filosofia!...»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Objetos vindos não se sabe de onde «voam» numa casa de Itapira; «Parecem dirigidos»

Pedras misteriosas no corredor da residência – «Um ovo saiu de dentro da geladeira fechada e caiu na sala, gelado», diz o vigario da matriz – «Uma pedra se formou no ar, arremeteu contra o fôrro, resvalou no lustre e rolou no chão», informa um dos dez depoentes ouvidos pela reportagem entre autoridades e pessoas credenciadas da cidade – «Não abrí inquerito sôbre o caso porque iriam chamar-me de louco», afirma o delegado de Polícia.

(Reportagem de Hamilton Ribeiro)

ITAPIRA, 10 horas da manhã do dia 12 de abril (domingo) de 1959.

O sr. C., fazendeiro conceituado, espera o almôço, para depois cuidar de detalhes da tradicional festa de São Benedito, de que é um dos patronos. Em casa, além dêle, a espôsa, os 3 filhos e a cozinheira. O sr. C. lê jornal numa espreguiçadeira.

Súbito, duas pedras caem no corredor que liga os vários cômodos da casa. A patrôa reclama, podiam ter alcançado uma das crianças, ferindo-as. O sr. C., fleugmático, ouve o chamado, ergue-se e estuda a trajetória dos objetos para fixar-lhes o ponto de origem. Vêm do quintal. Dirige-se a êle e procura o «moleque» autor da brincadeira. Não vê ninguém. Volta-se ao corredor para se certificar mesmo de que as pedras vieram do quintal. Estuda mais caprichadamente as aberturas naturais da casa (portas e janelas) e vê, afinal, que o arremeçador, se estivesse no quintal, teria de ter usado «tabela» para que as pedras caissem onde cairam. Não notou, entretanto, sinais de ricochete nas paredes nem no fôrro. A espôsa, melhor colocada, informa que as pedras não esbarraram em nada. Cairam diretamente no chão. O sr. C. não perde a calma e volta-se ao quintal, alimentando hipóteses. Analisa, revista, pondera e busca uma explicação.

Ouve gritos dentro de casa — mais pedras estão caindo. Agora é na cozinha, no corredor, na copa, na sala, em quase todos os quartos, menos em um: naquele onde estavam acamados os dois filhos menores do casal. Pedra que bate na parede, que rola pelo chão, que sobe ao fôrro, que desce mansamente pelo cangote da empregada. Há um princípio de susto e de mêdo, por parte da espôsa. Mas o sr. C. não se assusta nem se amedronta: começa a ficar com raiva por não encontrar a explicação para os sucessos. E as pedras a cair. Uma atinge a panela onde a empregada preparava «nhoque». Uma outra acerta na frigideira, fazendo espirrar gordura quente. E o «bombardeio» continua.

O tempo passa. Faz já duas horas que estão caindo pedras. A dona da casa, mais a empregada, não vencem limpar a casa dos cacos de granito, de tijolo e de telha. Os objetos, entretanto, não atingem ninguém e coisa nenhuma. Parecem «dirigidos». A primogênita do casal, chorando, vai a uma casa vizinha e conta que em casa «está chovendo pedras». Os vizinhos, sr. e sra. Alfredo Pierossi, dirigem-se para lá. Constatam os fatos. O sr. C. continua espreitando para ver a razão daquilo tudo. Prefere não comentar. Outras pessoas são chamadas, dentre parentes e conhecidos do dono da casa. A coisa permanece, para ser vista por todos. Estupefação geral.

E os fatos se repetem até perto de 16 h 30. A cidade, aos poucos, vai tomando conhecimento do que se passa. Vários testemunhos pessoais já «põem a mão no fogo» pelo que viram. Perto de duas centenas de pedras cairam nesse primeiro dia.

Exorcismo

E no segundo dia a coisa se repete: agora não são apenas pedras: passam a «voar» também frutas e legumes trazidos do mercado, e que estavam numa cesta dentro do armário (o armário fechado). Uma mandioca sai da cesta e rola na cozinha. «Mas como? O armário está fechado...» E a mandioca é colocada de novo na cesta, e fechado o armário. Mas aparece de novo na cozinha logo mais, depois de bater na parede, e rachar-se em duas.

E no terceiro dia, idem. Populares às centenas, rondam a casa para «ver com os próprios olhos». E todos os que conseguem ingressar na casa, vêem mesmo. Sim, os que «conseguem», pois o sr. C., temendo publicidade, aglomeração e comentário, tenta esconder tudo. Consegue o compromisso. de jornalistas locais de que não publicarão nada. Poucas pessoas têm o privilégio de entrar na casa. Dessas «poucas pessoas», que são perto de 50, a reportagem das FOLHAS selecionou 10, dentre as mais credenciadas, para depôr sôbre o que viram. Incluindo o vigário da matriz, que por três vêzes fez exorcismo na casa. Como se sabe o exorcismo — rito de expulsão do diabo — só é mui cautelosamente usado pela igreja. Só mesmo em casos de «fenômenos sobrenaturais».

Um resumo do que nos disseram essas testemunhas oculares é o que se poderá ler a seguir. Tudo é espantoso. Quase fantástico.

«Navegação Aérea»

O primeiro depoente é o dono da casa, sr. C. (Vencemos a resistência dêsse senhor sob o compromisso de não lhe declinar o nome). Fazendeiro, vida acomodada econômicamente, não-advogado por acaso, católico.

Após as primeiras pedras e as pesquisas em vão, dentro e fora de casa, resolveu fechar portas, janelas e vitrôs «para acabar com a história». Continuava a cair pedras. (Mudou de política: abriu tudo de novo e ficou à espreita, para ver por onde entravam os objetos. Uma pedra surgiu, dando a impressão de que vinha da porta da cozinha. «É por aquí. Vêem de fora», diz o sr. C. à espôsa. Nem bem acabava de pronunciar essas palavras, «um meio-tijolo vem saltando atrás de mim, em direção oposta à da cozinha». Era uma conclusão: «nem de fora, nem de dentro, obrigatòriamente, vinham os objetos: podia ser tanto do exterior, como de cima, como dando impressão de que atravesssavam as paredes».

E o sr. C. alinha fatos curiosos: a mandioca que não parava no armário; o limão que «apareceu» geladinho na sala, sem que a geladeira fôsse aberta; a almôndega que saltou da frigideira (a empregada fritava almôndegas e uma delas saltou da frigideira e caíu no chão. De tão quente, nem os gatos a quiseram); os banhos de água a que era submetida a cozinheira, que num dia teve de mudar roupa duas vêzes. Pedras, abacates, laranjas, limões, mandioca, desentupidor de pia, caixa de maizena, e outros objetos mais «navegavam pelo ar». No terceiro dia resolveu chamar o padre, que benzeu a casa. Em vão. Nova visita do padre, e primeiro exorcismo. Em vão. Segundo exorcismo. Os fenômenos se rarifizeram por um tempo, e recomeçaram depois. Terceiro exorcismo. Folga de uns poucos dias, e novo reinício.

Continua o sr. C.: «A sogra veio nos visitar um dia. Não acreditava em nada. Enquanto jantávamos, começou o «bombardeio». O desentupidor de pia arremeteu-se tão violentamente sôbre a mesa posta que dois pratos voaram no chão. Minha sogra afirmou então emocionada: «Enquanto vocês morarem nesta casa eu não voltarei a visitá-los».

«Ouça as pessoas que estiveram em minha casa e viram tudo. Por enquanto afirmo: se o que se passou em casa, na minha frente, se passasse em qualquer outro local, sob o testemunho de pessoa da minha maior confiança, eu não acreditaria».

A Polícia em ação

No dia 15 de abril, 3 após o início da «chuva», um vizinho do sr. C., o sr. João Ribeiro, idoso e privado da vista, telefonou ao delegado queixando-se de que duas pedras atiradas da casa do sr. C. havia atingido o seu quarto, resvalando na cama e tocando no guarda-roupa. O delegado, sr. Aroldo Costa, acompanhado de um soldado, bateu para lá. No caminho encontrou-se com o promotor público, sr. José Carlos de Camargo Ferraz, e com o advogado Paulo Serra. Pediu que o acompanhassem. Vistoriaram a casa do sr. João Ribeiro. De fato, as pedras provieram da casa do sr. C. Rumaram para lá.

Diz o sr. Aroldo Costa: «Nem bem chegávamos, uma faca vinda não sei de onde caiu na cozinha. O dr. José Carlos, promotor, apanhou-a e a colocou no armário. Minutos depois, ouve-se o barulho de que algo caía no chão. Fomos ver: era a mesma faca. Novamente foi ela colocada no armário. E uma terceira vez a faca voou para o chão. Enquanto isso, pedras e frutas caiam em vários cômodos da casa. Um garfo passou voando a poucos centímetros do rosto do promotor publico, a ponto de o ferir. Em duas horas, pude observar perto de 40 fenomenos. A certa altura fiz o seguinte pedido: Já constatei os fatos, mas gostaria de «senti-los» na carne. Um limão, por exemplo, poderia ser arremessado de vagar em minha cabeça.

E o delegado conta então que se ouviu o rúido de algo que caía sôbre a geladeira. Foi verificar. «Enquanto esticava o pescoço para ver a parede de cima da geladeira, um limão vindo não sei de onde atinge minha cabeça e rola pelo chão. Era o pedido atendido...»

Conclui o sr. Aroldo Costa: «Pensei em relatar os fatos à Delegacia Regional de Polícia mas não o fiz, temendo passar por louco. Não tenho nenhuma dúvida de que se trata de algo sobrenatural».

O Vigário

Padre Henrique de Morais Matos é o vigário da matriz. Empenha-se agora na construção do novo templo de Itapira. Foi à casa várias vêzes. Viu limões e outras frutas voarem. «Uma lata de talco cai na copa. Ninguém liga a ela. Pouco depois a lata dá novo salto e muda de lugar. E logo em seguida, terceiro vôo para acomodar-se mais distante ainda».

Mas o padre Henrique tem uma informação preciosa. Ouvira que limões gelados saíam da geladeira e resolveu, por isso, anotar tudo o que havia dentro. Entre outras coisas, um ovo cozido, descascado.

«Em certo momento—afirma—o ovo caminhou pelo ar e caíu na sala. Apanhei-o: estava gelado. Fui à geladeira e verifiquei que lá não havia nenhum ovo; era o mesmo...»

O padre Henrique confirmou que faz 3 exorcismos e que aconselhou tôdas as pessoas da casa a confessar e comungar.

O sr. Anisio Simões é velho dentista em Itapira. Tem gabinete e trabalha no Grupo Escolar. É dos que «precisam ver para crer». E foi. Muita gente na casa e o ambiente a demonstrar que algo ali «estava fora da órbita». Viu, no quintal, o monte das pedras que haviam sido recolhidas de dentro da casa. Resolveu entrar e, à hora que dava o primeiro passo na soleira da porta, uma pedra, vinda de dentro, acerta sua cabeça, com impulso suficiente para fazer um «galo.»

«Para mim chegava—diz o sr. Anisio. Saí imediatamente da casa. A cabeça ficou dolorida durante três dias».

Osmar Simões, também dentista, recem-saído da Faculdade de Campinas, viu, entre outras várias coisas, uma mexerica que subiu, bateu no forro e resvalou no lustre. E uma lima que «voou» pela casa em posição horizontal.

36 Braços

Paulo Serra, advogado: Faz questão, primeiro, de frisar que o morador da casa onde se passam os fenômenos é de absoluta idoneidade e merecedor de máxima confiança. Assinala que foi duas vêzes à casa. No 1.º dia, viu laranjas correrem e barulho de pedras que caíam, sem no entanto demarcar-lhes a origem. No 2.º dia, notou na parede da cozinha, à altura de um metro, algo como se fôsse uma taramela ou um quadro. Fixou o olhar e percebeu nìtidamente o objeto escorregar lentamente para pousar no chão. Apanhou: era um pedaço de telha. Nesse dia tantas coisas aconteceram que a espôsa do sr. C. perdeu a calma, pôs-se a chorar e pediu que fôsse chamado o padre. O advogado fez isso.

«Se fôsse uma pessoa a atirar pedras e frutas — culmina o sr. Paulo Serra — era necessário que tivesse 36 braços...»

«Espírito de porco»

O prof. e vereador Orlando Dini foi à casa «para dar risada».

Mal chegara, entretanto, uma pedra caíu no corredor. Uma outra «passou voando pertinho de mim». A terceira, vista támbem pela sra. Maria Pierossi, «como que se formou no ar, à altura da cintura da cozinheira; e, em vez de descer, subiu. Bateu no fôrro, na geladeira e depois correu no chão». Viu o vereador Dini 8 «casos». Um dêles foi o da pedra que feriu o dentista Anisio Simões. «Disseram-me que é espírito que faz isso. Se é verdade, trata-se de um espírito de porco...»

Guarda-chuva dentro de casa

O casal Maria e Alfredo Pierossi, êste comerciante, presenciaram vários fatos. O mais curioso, da parte do marido, foi o da mandioca «renitente» que varava o armário para se apresentar na cozinha. Também o da pedra que quebrou uma vidraça da casa do sr. C. Dona Maria viu a pedra que «se formou no ar» e também testemunhou o seguinte fato: a cozinheira, Francisca, havia atirado ao lixo uma vasilha de coalhada azeda. Pouco depois, uma coisa «viaja» pelo ar, quase atingindo a mesma cozinheira, e espalha, no chão. Era a coalhada azeda, que vinha cuidadosamente acondicionada num guardanapo.

Informou o casal Pierossi que as crianças da casa onde «chovia pedras» andavam pelos corredores de guarda-chuva por precaução.

«Fôrça Mental»

O médico Antonio Serra é materialista. Não crê em sobrenatural ou ultramundo. Viu uma batata correr e bananas e laranjas «voarem». Acredita tratar-se de uma fôrça mental desconhecida e inconsciente, «a mesma fôrça que faria tremer o Empire State Building se tôda a população de Nova Iorque pensasse ao mesmo tempo nessa possibilidade.»

O sr. Benedito Martins é proprietário e redator do jornal «Cidade de Itapira». Reporter experimentado e frio, diz o seguinte: «Presenciei os fatos. Um limão fôra notado quando saira do armário por uma das pessoas presentes, e anunciado. Passou por mim e foi dar na parede. Jamais imaginei que me fôsse dado ver coisa tão emocionante.»

A Justiça

O sr. José Carlos de Camargo Ferraz, promotor público, é jovem e estudioso. Afirma: «Os fatos que presenciei — narrados já pelo sr. delegado de polícia e pelo advogado Paulo Serra, — singelos e talvez rudes em sua objetividade, devem interessar aos homens de ciência pelas conclusões que comportam. A lei da gravidade foi violada: pedras subiram em vez de descer. Outra lei física, a da impenetrabilidade da matéria densa, foi desafiada pelos objetos que escapuliram da geladeira fechada, do armário trancado da cozinha e, muitas vêzes, atravessaram fôrro e paredes. Como se não bastasse a derrogação de tão acatadas leis científicas, as fôrças estranhas e desintegrantes dos objetos revelavam intencionalidade, atendendo às vêzes a pedidos. Note-se que nenhuma pessoa da casa foi ferida, nem houve prejuizo de vulto, apesar do intenso «bombardeio» de pedras e frutas. Em Itapira não há dúvida quanto á realidade dos fenômenos, diante do exuberante testemunho de tantas pessoas idoneas e sensatas. As interpretações é que variam ao sabor das concepções pessoais. Fora daqui sucederá o mesmo. Enfim, «ao leitor, os fatos!», como diria Machado de Assis. E dêsses a reportagem dará uma pálida idéia.»

Da «Fôlha da Manhã», de S. Paulo, de 22 de Maio de 1959.

Em Londrina

Como foi amplamente anunciada, por ocasião do seu jubileu de prata e sob seu patrocínio, a Mocidade Espírita de Londrina, promoveu a movimentada II Concentração de Mocidades Espíritas do Paraná, com um vasto programa de reuniões e conferências que se desenvolveram nos dias 26, 27, 28 e 29 de março, e nas quais usaram da palavra, entre outros, os conhecidos oradores espíritas Jacob Holzmann Neto, de Curitíba, Divaldo Pereira Franco, de Salvador, Bahia, e Newton Boechat, do Rio de Janeiro. As palestras foram retransmitidas pela Rádio Difusora do Paraná.

Entre as numerosas solenidades, teve lugar também a comemoração do aniversário do Lar «Marilia Barbosa», em Cambé, onde essa simpática organização de assistência à infância tem sua sede, funcionando sob à direção de Hugo Gonçalves, nosso prezado amigo e confrade.

Lar «Caminho da Verdade»

Esta instituição, atualmente com setenta meninas internadas, desde a idade de dois a quinze anos, está fazendo a Campanha do Livro a fim de organizar a sua bibliotéca.

Pede aos confrades que lhe ofereçam livros, de preferência espíritas, mesmo que sejam velhos, mas em condições de ser aproveitados pelas orfãzinhas.

O endereço do Lar «Caminho da Verdade» é, caixa postal 968, Campinas — E. de S. Paulo.

Em Avaré

Conforme nos foi comunicado, o Conselho Regional Espírita, da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, cuja sede é Avaré, realizou, no dia 26 de abril último, grande concentração de espíritas, daquela 6.ª Região da U. S. E., com a promoção da Mesa Redonda e várias conferências públicas.

Tomaram parte no conclave representantes das sociedades espíritas de Botucatu, Itatinga, Itaí, Taquarituba, Cerqueira Cesar, Mandurí, Piraju, Bernardino de Campos, Santa Cruz do Rio Pardo, Chavantes, Ourinhos e Ipauçu.

Tôdas as solenidades foram levadas a efeito sob a divisa de Kardec — Trabalho, Solidariedade e Tolerância.

«Espiritu y Ciência»

Recebemos a visita deste novo boletim espírita, que apareceu em Paraná, Entre Rios, Argentina, fundação do Nucleo Juvenil, «Cosme Marino», daquela cidade, que tem a sua sede na Calle Enrique Carbô, 596, da mesma localidade.

Trata-se de novo orgão de publicidade que muito promete pela divulgação dos princípios da Douttina Espírita, ao qual desejamos vida longa e próspera.

O Espiritismo em marcha

Como prova de que o Espiritismo avança, conquistando os ambientes sociais, em sua marcha pelo bem da humanidade, transcrevemos mais um documento de alta relevância extraído do «Diário do Povo», de Campinas, do dia 22 de maio último, e que é o seguinte:

«LEI N. 2.048, DE 21 DE MAIO DE 1959

Declara órgão de utilidade pública o «Lar Caminho da Verdade»

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.° — Fica declarado órgão de utilidade pública, o Lar Caminho da Verdade, pertencente à Associação Espírita «Caminho da Verdade».

Artigo 2.° — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, ao 21 de maio de 1959.

José Nicolau Ludgero Maselli — Prefeito Municipal

Dr. Wilson de Almeida — Secret. Neg. Int. e Jurídicos

Publicada no Departamento de Expediente da Prefeitura Municipal, em 21 de maio de 1959.

Alvaro Ferreira da Costa — Diretor»

Como revivificador do Cristianismo primitivo, o Espiritismo é a única bússola que conduz as criaturas a Deus em curto espaço de tempo. — *DALVA.*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 80,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

XXXV - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Julho de 1959 - N. 6

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Pluralidade das Existências e os Conhecimentos Inatos . . . . *Redação*
Roma, Nero e os Cristãos — O fim do Artista . . . . *Carlos Imbassahy*
Arrependimento e Reencarnação . . *Deolindo Amorim*
Intervenções Cirúrgicas por Entidade Incorporada . . . . *Sadock Jope*
Literatura de Além-Túmulo . . . *Arnaldo S. Thiago*
Reflexões sôbre a Constância . . . *Fernando Toledo*
Algumas Reflexões sôbre a Dor . . *General Levino C. Wischral*
O Batismo . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Sir Conan Doyle . . . . *Newton G. de Barros*
Mundos Habitados e Desabitados . *V. O. Casella*
Carta ao Prof. P. Ubaldi . . . . . *Luiz Caramaschi*
"Filosofia da História" . . . . . . *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Fonte Viva
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1959 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Pluralidade das Existências e os Conhecimentos Inatos

COM o advento da doutrina espírita, além de outros assuntos de importância fundamental, a pluralidade das existências entrou definitivamente na ordem do dia.

Certamente os mais estudiosos querem vêr solucionado o enígma da vida que, parecendo insolúvel a princípio, torna-se cada vez mais claro a ponto de ser classificado como um fato tão vulgar como o romper diário da alvorada.

A pluralidade das existências, que está intimamente ligada à reencarnação das almas, foi categòricamente afirmada por Jesus quando disse a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus».

Mas não temos o intuito de citar essas palavras de Jesus para esclarecer sòmente com elas, o assunto em questão. Citamô-las apenas à guisa de intróito, visto encerrarem um ensinamento tão profundo que muitos «mestres», a exemplo de Nicodemos, dificìlmente o compreendem.

As vocações, as aptidões naturais e os conhecimentos inatos constituem a prova inegável de que já passámos por outras existências, o que destrói a idéia da vida única, idéia essa alimentada pelas religiões em vigor. O fato de não nos ser possível recordá-las «in-totu», não impede a manifestação das nossas tendências, das nossas boas ou más qualidades, das nossas vocações, enfim, de tudo o que é conquista do espírito.

Temos constatado que muitas crianças e até adultos encontram grandes dificuldades para aprender certa profissão, o mesmo não acontecendo quando abraçam uma profissão diferente, a qual aprendem com tanta facilidade que parecem fazer uma espécie de recapitulação.

Êsse fato só encontra explicação na pluralidade das existências, considerando-se que ninguém pode saber determinada coisa sem antes a haver estudado e praticado. O grau de saber e de moral dos indivíduos é relativo aos esforços que hajam despendido. Tanto a sabedoria como a moral não são dadas graciosamente aos homens, mas são a resultante de seus esforços, de sua boa vontade e de seu longo tirocínio em sucessivas existências.

Indagarão muitos: se os conhecimentos adquiridos pelo espírito em outras existências se manifestam com tanta evidência na vida terrena, por que nos é vedado lembrar todos os incidentes ocorridos em nossas existências anteriores?

A trave que nos impede fazer uma análise retrospectiva das nossas existências anteriores é providencial.

Imaginemos como poderiam reconciliar-se dois inimigos que se recordassem de sua última existência em que um perseguia o outro de maneira violenta? Certamente renasceriam aquêle ódio e aquêle desejo de vingança e a vida seria então, para êles, um fardo ainda mais pesado que o da última existência. Ao passo que não se recordando da última existência, êles, pelas suas mútuas provações em que um daria a própria vida para salvar a do outro, estabeleceriam entre si um laço de amor inquebrantável, capaz de cancelar para sempre o ódio, o rancor e a vingança existentes em seus corações.

Eis a razão por que Deus, em sua infinita sabedoria, nos impede recordar as nossas existências passadas.

As idéias inatas, as vocações, as faculdades especiais são o resultado de conhecimentos adquiridos pelo espírito em outras vidas.

É assim que se explica o fato de muitos homens saídos da classe ignorante revelarem uma faculdade especial, como por exemplo, Galvani, Bacon, Hegel, Copernic, Newton, Gioto, joven pastor florentino, que desenhava com tanta perfeição que Cimabeu resolveu fazer dêle um dos mais célebres artistas da Itália e tantos outros, cujos nomes deixamos de citar para não alongar em demasia o presente artigo. Mas vamos publicar, por ser da maior importância, um caso de precocidade (criança-prodígio), para tornar mais substanciosa a nossa tese:

Eis, por exemplo, o pequeno Pepito Rodriguez Ariola, que foi, pelo célebre professor Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris, apresentado, em 1900, quando contava apenas 3 1/2 anos de idade, ao Congresso de Psicologia reunido na capital da França.

Pepito, sem nunca ter aprendido o piano, tocava-o, entretanto, de maneira a causar inveja a pianistas habituados ao seu instrumento. A sua execução era cheia de calor e de sentimento; ora forte e vigorosa, ora melancólica e sonhadora; sempre revestida de uma extraordinária potência de expressão. O minúsculo pianista, na tenra idade em que o professor Richet o apresentou aos sábios do mundo inteiro reunidos em Paris, repetia fielmente um trecho musical executado diante dêle e uma vêz apenas nêle encontrava variações novas, transportava-o a vontade para um outro tom, e desenvolvia-o muito musicalmente.

Mas não é tudo. Pepito, com três anos, já era compositor. As suas músicas, nessa época, tinham já uma tal proficiência musical que um harmonista de profissão, revendo-as, só encontrava de longe em longe alguns pequeninos senões.

A maravilhosa aptidão do pequeno prodígio espanhol revelou-se quando Pepito contava dois anos e meio de idade. Um dia, sua mãe, que era uma boa pianista, ocupando-se dos afazeres domésticos, ouviu repentinamente, surprêsa, o piano ressoar, na sala de visitas, executando o mesmo trecho que ela tocara um instante antes. Ora, Mme. Ariola sabia perfeitamente que se achava em casa sòzinha com o seu filho; não obstante os seus ouvidos não lhe mentiam: alguém repetia ao piano — mão direita e acompanhamento — o mesmo trecho que ela havia tocado. Pé ante-pé, para não ser pressentida, a boa senhora aproximou-se cautelosamente da porta da sala de visitas e, — qual não foi o seu espanto, quando viu o minúsculo Pepito, que conseguira trepar no tamborete, instalado sôbre êste como um artista de profissão, repetindo a ária que alguns minutos antes o tinha impressionado?!

Com o correr dos anos, o jovem artista continuou a mostrar as mesmas disposições para a música, dando numerosos concêrtos nas maiores cidades da Europa.

A «U. S. E.», conciente da sua responsabilidade como entidade máxima do Espiritismo no Estado de São Paulo, convoca todos os Centros Espíritas paulistas para cerrarem fileira em torno do Movimento de Unificação, através dos seus órgãos distritais (U. D. E.) na Capital, e municipais (U. M. E.) disseminadas por tôdas as cidades do interior do Estado.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

Roma, Nero e os Cristãos

O fim do Artista

— V —

Vamos agora ao remate.

Nero rèconstruíu Roma e pelo ardor que empregou, dir-se-ia que estava ansioso pelo empreendimento, o que justificava a suspeição de ter sido êle o incendiário.

Em meio a sua alegria surgiu a notícia de uma trama para assassiná-lo e nela comprometida uma quarentena de seus melhores amigos.

O delator, liberto do senador Scevinus, acusou o ex-senhor como chefe, e êste revelou os nomes dos demais; e com grande espanto do Imperador, entre os nomes estava o de Sêneca, o filósofo seu preceptor, e sua irmã Epicharis. Esta, posta em tortura por Tigelino, nada confessou.

Sêneca, entretanto, foi obrigado a cortar as veias e morreu como Sócrates.

Tigelino, atacado com acessos de uma tosse ética, não pôde dormir, e aproveitou para engendrar novos processos de tortura; — mandou então chamar novamente a Epicharis para outro interrogatório. Esta, porém, sabendo o que a esperava, suicidou-se na liteira que a conduzia.

Dos 41 indigitados, 18 foram mortos, 17 banidos e 5 absolvidos.

O Senado, como sempre, apesar das desconfianças do povo, como de hábito, decretou ação de graças; os parentes dos mortos iam pòstar-se de joelhos diante de Nero e beijar-lhe as mãos. Houve homenagens ao Deus Sol, porque no Circus Maximus, dedicado a êle, é que Nero seria assassinado; o punhal de Scevinus foi consagrado a Júpiter Vindex, e o mês de abril onde se daria a execução, passou a chamar-se Nerônius. O denunciador foi recompensado e Tigelino mereceu honras excepcionais.

Como a conspiração era contra o «artista», pois não queriam um Imperador teatral, Nero, por despique, resolveu dar novos espetáculos, e para apreciá-lo, foi tanta a massa popular, que muita gente morreu esmagada.

Num dos espetáculos, um cidadão que não resistiu ao sono, teve que responder por crime de traição; era êle, Vespasiano, mais tarde imperador romano.

Em meio aos seus triunfos, que amorteciam o desgôsto da conspirata, uma grande notícia veio aumentar o seu entusiasmo: Popéia ia ser mãe novamente.

E ainda, para fortalecer-lhe as esperanças, um certo Bassus lhe disse que sabia onde se achavam ocultos grandes tesouros. A notícia era esplêndida para quem se encontrava à míngua de recursos.

Não se achou porém tesouro nenhum e Bassus suicidou-se. Naquele tempo o pessoal se suicidava com muita facilidade.

Nero vivia irritado com os contratempos; foi quando Popéia se lembrou de o contrariar, e numa disputa doméstica levou um formidável pontapé, com que Nero a mandou para o outro mundo, a ela e ao filho que tinha no ventre.

Arrependido fez queimar muito mais incenso que as colheitas produzidas em um ano.

Já o povo começava a ridicularizá-lo; alastra-se no Império uma epidemia; por essa ocasião muita gente andou morrendo envenenada, e disseram que era Nero o causador; sobrevém um furacão que devastou províncias e cidades; um incêndio destrói Lugdunum. E o povo exclamava: — Deus está contra nós!

Correu o boato de que Nero ia lançar um monstro sôbre seus inimigos. Surgem novas denúncias, e como é de ver, novas mortes.

Entre os grandes amigos de Nero achava-se Petrônio, o «árbitro das elegâncias»; era o rival de Tigelino junto a Nero. E como Tigelino era vítima de seus sarcasmos, odiava-o. Ensejando-lhe uma oportunidade, denunciou-o como conspirador.

Petrônio soube da denúncia, convidou os amigos para um magnífico banquete, quebrou um vaso que Nero ambicionava e cortou os pulsos.

Continuaram as execuções: a de um

senador, Thrasea, que por ocasião da morte de Agripina deixara a sala, como protesto; a de Bareas Soranus, por envolvido em conspiração; a de sua filha Servília, por usar de magia contra Nero; a de Antônia, filha de Cláudio, por traição.

O desgôsto de Nero não lhe impediu novo casamento e êle consorciou-se com Statilia Messalina.

Tiridates, irmão do rei da Párthia, veio a Roma, e a sua recepção acabou por esgotar o tesouro imperial.

Afinal, estendeu-se a paz sôbre o Império. Tudo serenado, as vistas de Nero se voltam ainda para a Arte, seu sonho eterno, e êle se prepara para ir ao país onde mais lhe prestavam culto, a Grécia. E a 25 de setembro de 66, com a mulher, o seu Tigelino, dois fiéis libertos, parte para o glorioso périplo. E ainda grande massa.

*

Nero percorreu a Hélade como um conquistador; não era o gládio, porém, que levava, era o plectro. Ali permaneceu ano e meio, ali obteve mil e oitocentos prêmios. Seguia-o um exército de auxiliares; lá estavam os seus augustani.

Suas vitórias eram anunciadas por um arauto que declarava com voz retumbante: Nero, para glória do povo romano, adquiriu mais êste prêmio. E as palmas reboavam.

O Imperador cada vêz mais se convencia de que nenhum artista no mundo o igualava. Participava também de concursos de corridas. E a palma da vitória era sempre dêle. Tomava parte nos concursos de luta e a vitória sempre lhe sorria.

Dizia-nos, entretanto, Luciano:

«Quando êle canta baixo o som é confuso e semelhante ao zumbido de abelhas, e quando queria alcançar as notas altas, os espectadores explodiam involuntàriamente em acessos de riso, apesar do perigo a que se expunham. Nero sacudia-se, arquejava, punha-se nas pontas dos pés para conseguir emitir as notas agudas, fazia contorsões como um criminoso prêso à roda, e sua face vermelha tornava-se côr de cobre». Mas acreditava ser melhor musicista que o próprio Apolo, acrescenta Henry Thomás.

*

Como era de uso, apaixonou-se por um efebo, de nome Sporos.

Novas conspirações fazem-no enviar *ad patres* Corbulon, os irmãos Sulpicius e Scribonius.

Tudo isto desaparece diante das homenagens gregas, e êle, agradecido, liberta o Peloponeso.

Chamado a Roma, vê que deve partir, «porque essa cidade não poderia passar sem seu canto».

Entra triunfalmente. Á testa do cortejo marchavam os homens que levavam as suas 1 000 corôas; seguiam-nos outra multidão, trazendo os cartazes com os nomes e a natureza dos jogos em que se empenhara. Depois aparecia Nero, sorridente, a distribuir saudações, como quem espalha bençãos. A seu lado, Diodoro, o mais célebre artista, depois os augustani, depois a guarda pretoriana...

E o povo gritava: — Salve, vencedor olímpico, salve Deus Apolo...

Á noite, no silêncio do quarto, êle contemplava e admirava os mil oitocentos troféus de sua vitória artística.

Não pôde dormir muito tempo sôbre os louros e mesmo sôbre a cama, pois lhe vieram anunciar que Caiùs Julius Vindex, governador da Gália Lionêsa, levantara-se contra êle.

Entretanto, absorvido com jogos atléticos, não deu lá muita importância à notícia. Quando soube, porém, que Vindex lhe chamara miserável músico, ficou furioso. E mandou uma carta enérgica ao Senado, para que sufocasse a rebelião. Explicava, de onde se achava, não poder ir imediatamente a Roma, porque sua voz não estava em forma.

Lôgo após surge a nova de que Vindex se unira a Galba e que êste seria o Imperador. Nero continuava confiante, mas perguntou que idade teria Galba. Disseram-lhe que tinha 73 anos; lembrou-se então que um áugure lhe mandara tivesse cuidado com o número 73.

Assustou-se. Mas como Verginius Ruffus marchava contra Vindex e Tigelino estava atento, refêz-se do susto.

As notícias porém pioravam. Grandes adesões obtivera Vindex, e Garlus, enviado de Roma, aliara-se a êle.

Nero perdeu os sentidos, e quando voltou a si gritava: — que será de mim?

Depois, notícias boas: Vindex cercado, Vindex morto.

Volta a alegria ao rosto de Nero e êle já pretende ir às regiões sublevadas para suavizar tudo com seu canto.

Planejou a viagem e preparou a carruagem que devia transportar seus instrumentos musicais, suas decorações, sua farandulagem teatral; ensaiou o côro de atrizes, que vestiu de amazonas; elas deviam representar uma revista de que êle era o autor. E exigia contribuições, porque já não tinha recursos para uma *tournée* de tal importância.

Havia fome. E quando chegou um navio do Egito, que esperavam carregado de trigo, o que êle trouxe foi a areia encomendada por Nero para tapetar o chão do Ginásio.

Os seus amigos começaram a desaparecer; o próprio Tigelino não se sabia onde estava; augustani, admiradores, artistas, tudo se eclipsava.

Tôda a gente preocupada, e êle apenas interessado nos preparativos de sua grande Companhia.

Afinal, numa bela tarde, lhe vieram anunciar que suas legiões proclamaram Galba imperador.

Êle ia jantar ou estava jantando como aquêles a quem a morte surpreendeu por ordem sua. Deu um terrível ponta pé na mesa, provàvelmente igual ao que lançara ao ventre de Popéia, e rasgou furiosamente os papéis. Depois apanhou um frasco de veneno e se dirigiu para a sua vivenda em Óstia. Iria para o Egito, onde sua arte seria apreciada. Pergunta aos soldados quem o acompanharia; uns responderam com sorrisos, outros com zombarias. De Óstia manda a palácio buscar Sporos. A mulher que se arranjasse.

Pretendia abdicar a favor de Galba e preparava o discurso, quando viu que a Guarda se ia embora. De quem seria a ordem?

Chovia e relampejava. Sái êle em plena tempestade à procura dos amigos, que tinham casa por ali. Mas estavam tôdas as portas fechadas; ninguém o quís receber. Os seus criados fugiram, carregando o que puderam.

Quís matar-se; o vidro de veneno partiu-se e ninguém lhe atendeu o pedido de que lhe tirassem a vida. Ia enfim afogar-se, quando Phaon, um fiél liberto, lhe ofereceu sua cabana.

E lá partiram, com êles Sporos e Epaphroditus. Conseguiram passar despercebidos, mas, a fôlhas tantas, ouviram grande algazarra, e souberam que eram soldados que bebiam à saúde de Galba e ao extermínio de Nero.

Já estava êle em sua lura, quando Epaphroditus aconselhou-o a matar-se. Nero aquiesceu e pediu que cavassem a sua sepultura. As lágrimas lhe corriam dos olhos. No momento não se lembrava que muitas outras lágrimas correram provocadas por êle. E suspirando ansiadamente dizia: — *Qualis artifex pereo.* Que artista vai morrer!

Na mão de Phaon vê uma carta onde se lê que êle fôra declarado inimigo público pelo Senado e que estava condenado à morte segundo o método romano de execução.

— Que método é êsse? — perguntou êle.

Epaphroditus, que não o estimava, respondeu com indisfarçável satisfação: — O prisioneiro fica nu, põem-lhe o pescoço num forcado e surram-no até que morra.

Diante disso, Nero passou a mão de um punhal e procurou embebê-lo no corpo, mas ao sentir a espetadela, desistiu.

Pediu a Sporos que cantasse uma elegia e convidou alguém que desejasse morrer, a que se matasse primeiro para êle ver como era. Ninguém aceitou o convite. Todos o olhavam com um silêncio fúnebre.

— É uma vergonha! — dizia êle — eu não devia estar vivo! E para si mesmo: — Vamos, coragem!...

Nisso, ouve-se o galopar de cavalos. Epaphroditus, sempre malévolo, declara que os cavalos o vêm buscar.

Nero, então, assume uma atitude dramática, cita Homero, e repete: — Ó Júpiter, que artista o mundo vai perder!...

Quer meter um punhal na garganta, não o consegue, até que um liberto o empurra e êle cái morto.

É esta uma hora de que ninguém se lembra. Entretanto, ela chega sempre, fatal, enexoràvelmente.

É o momento doloroso em que se vê como é triste infringir a Lei.

Eis como acabou o grande artista, um dos grandes celerados que o Mundo tem conhecido.

Carlos Imbassahy

O homem mais forte é o que sabe vencer os impulsos da sua alma, contrários à razão. — PLATÃO

Arrependimento e Reencarnação

DEOLINDO AMORIM

FAZ algum tempo, quando estive no interior do Paraná, depois de haver pronunciado uma palestra em Londrina, recebi a seguinte pergunta, enviada por um pregador protestante: *Como podem os espíritas conciliar a reencarnação com o arrependimento?* Certamente o nosso irmão (batista ou presbiteriano) ouvira a nossa palestra, através de uma das estações da rádio da Cidade, e como não concordasse com a tese da reencarnação, resolveu «apertar-me» com aquela pergunta. Estando eu de viagem, em companhia dos bondosos confrades e amigos João Ghignone e Abib Isfer, respectivamente Presidente e Vice Presidente da Federação Espírita daquele Estado, não pude responder ao amável consulente evangélico no mesmo momento; fi-lo, porém, assim que cheguei ao Rio, e ainda desenvolvi algumas considerações no programa «Seleções Espiritualistas», na Rádio Guanabara. A questão, entretanto, ainda oferece margem para certos comentários.

De acôrdo com a objeção feita pelo pregador, o arrependimento, por si só, resolve todo o problema da responsabilidade espiritual. O arrependimento é o suficiente para a *salvação* da alma: desde que a criatura humana se arrependa, já está reabilitada perante a justiça divina. Logo, não há necessidade da reencarnação. Então, argumentava êle: *Não é preciso que o espírito reencarne, uma vez que a criatura humana se salva pelo arrependimento. Para quê a reencarnação?...* Acho insubsistente o raciocínio do distinto opositor evangélico. O arrependimento é um *meio*, é um passo decisivo, mas não é a *REPARAÇÃO* da falta. E' claro que o arrependimento já é uma prova de que a luz se fêz na consciência do faltoso, mas é necessário, depois disto, completar a ação, cumprindo tôda a plenitude da Lei de causa e efeito. *Completar*, sim, porque é indispensável, como decorrência do arrependimento, reparar o mal que se praticou. O arrependimento cria condições favoráveis ao espírito, mas *NÃO PODE ELIMINAR A RESPONSABILIDADE* enquanto não se haja cumprido a Lei.

Vejamos o que nos diz a doutrina espírita sôbre o objetivo da reencarnação: *Deus impõe a reencarnação com o fim de fazer que os espíritos cheguem à perfeição.* («Livro dos Espíritos», questão n.° 132). Ora, para chegar à perfeição, necessita o espírito de experiência, porque a experiência traz o conhecimento, através do estudo, como do sofrimento e da meditação. Como poderia o espírito depurar-se, adquirir o indispensável cabedal de experiência sem passar pelas vicissitudes das reencarnações, tanto na Terra como noutros mundos? Se, por exemplo, algum espírito adquirisse tudo isso sem o curso doloroso das vidas sucessivas, sofrendo e aprendendo, seria um privilegiado, e a justiça divina, por ser perfeita, não admite privilégio. Suponhamos que alguém, por meio de expedientes desonestos, obtenha um diploma de médico, engenheiro, etc. sem passar pelo currículo normal, sem ter o curso ginasial, sem ter feito o que obrigatòriamente todos fazem quando querem frequentar uma escola superior. De que valeria o diploma, do ponto de vista profissional, se o indivíduo não se preparou, não passou pelas cadeiras básicas, não adquiriu a experiência suficiente? Além de ser um procedimento imoral, não teria a menor utilidade prática, porque um diploma sem preparo é apenas um ornamento intelectual ou, melhor dizendo, uma joia falsa. Um indivíduo esperto ou «golpista» pode comprar ou falsificar um diploma de universidade e aparecer em público, cheio de jactância, ostentando a sua «cultura superior», mas a verdade é que, na hora de entrar na vida prática, na hora de exercer a profissão, começam aparecer as falhas, por falta de base, e logo depois o indivíduo está desacreditado. Qual é a lição que devemos tirar daí! Sem muito esfôrço de especulação, podemos concluir que não valeu apenas *ATALHAR* o caminho ou fugir à exigência de um curso regular, porque, no fim, o próprio indivíduo, que se julgava muito inteligente, vai sentir na própria carne o prejuizo de uma carreira ou pretensa carreira mal feita. É inútil, portanto. querer dar um *PULO* direto da escola primária para uma Faculdade sem passar necessàriamente pelo curso ginasial e, depois, pelo *clássico* ou *científico*, segundo a carreira que pretenda abraçar. Ninguém pode chegar ao nivel mais alto de conhecimento sem percorrer primeiramente, o nivel mais baixo. É assim que se realiza o aprendizado.

Pois bem, o aprendizado espiritual também exige um currículo de experiências. Nenhum espírito poderia jamais chegar à culminância da sabedoria ou da perfeição sem passar por onde os outros passam, isto é, sem experimentar as reencarnações.

Poderia um espírito, por mais inteligente ou esperto que fôsse, sair diretamente do nível primário do bruto para o nível mais alto das almas refinadas e virtuosas, sem experimentar o longo caminho do aprendizado ? Isto seria um desvio para fugir à Lei, mas é preciso notar que a Lei divina é sábia e imutável. O objetivo da reencarnação, como ensina o Espiritismo, é dar oportunidade ao espírito não só para adquirir conhecimento ou realizar missões especiais, como também para que êle possa reparar os seus erros, os seus crimes, se porventura os cometeu. A reencarnação é, portanto, uma condição para que se realize o progresso moral, mais cedo ou mais tarde. Se, consequentemente, alguns espíritos ficassem isentos da reencarnação, como se pudessem formar uma categoria à parte, haveria uma situação privilegiada, em desacôrdo com a sabedoria da justiça divina, pois a reencarnação é, na realidade, um processo de aperfeiçoamento.

Entende o nosso irmão protestante, apesar disto, que basta o arrependimento. E' um modo de ver. Entretanto, à luz do Espiritismo, não se pode ficar sòmente nesta etapa da qüestão, é preciso ir mais longe. O arrependimento já é muito, mas ainda não é tudo. Se o problema é tão simples, tão fácil como nos dá a entender o pregador evangélico, então o maior e mais perverso dos bandidos poderá ficar salvo ou redimido, de um momento para outro, bastando apenas que se arrependa. Neste caso, se realmente o arrependimento resolve tudo, sem ser necessário voltar à Terra, podemos admitir que um indivíduo leve a vida inteira matando, desonrando, sacrificando a propriedade alheia e, depois de tudo isto, por um impulso de humildade, esteja *salvo*, simplesmente por se haver arrependido. Um *segundo* apenas é o suficiente para reerguer uma existência de anos e anos na prática do mal, sem esfôrço, sem sofrimento, sem o burilamento do espírito... E os males praticados ? E o rastro de sangue que êsse indivíduo deixou na terra ? E os lares destruidos ? Tudo isto deve ficar impune, sòmente porque o criminoso se arrepende ? Então, o arrependimento é uma espécie de poder mágico que apaga todo o mal e destrói tôda a responsabilidade do espírito. Não haverá *REPARAÇÃO*, algum dia ? Pelo que nos diz o pregador evangélico, somos levados a concluir que não. E onde está a justiça ?... Então, se é assim, se não há necessidade da reencarnação, é lógico deduzir que o arrependimento *LAVA* tôdas as culpas, tôdas as misérias, deixando a alma inteiramente *limpa*, completamente reabilitada perante Deus, que é o supremo Juiz. E' uma solução muito simplista, mas destituida de senso filosófico.

O arrependimento facilita a regeneração, abre o caminho para a renovação íntima da criatura humana, pois é uma demonstração de nobreza moral, mas é preciso que, depois de tudo isto, venha a ação prática, isto é, o trabalho de recuperação. Feliz daquele que se arrepende o mais cedo possível e, por causa disto, começa a sua reforma interior logo nos primeiros instantes. Convém notar, antes de tudo, que o arrependimento não extingue a prova, não remove o pêso das dívidas e dos crimes, mas ilumina a compreensão, fazendo sentir cada vêz mais a necessidade do trabalho reparador. Se o indivíduo se arrepende, mas fica de braços cruzados, sem dar sequer um passo para reconstruir o que êle próprio destruiu com a sua perversidade, pouco lhe adiante a atitude piedosa ou beatífica de arrependimento, porque é indispensável pôr mãos à obra, sem perda de tempo. A reparação é o resultado lógico do arrependimento. Logo, são duas necessidades que se completam: primeiramente, arrepender-se; depois, realizar a reconstrução pelos bons sentimentos e pelas boas obras. O que não é possível, lògicamente, é admitir que um indivíduo mau, devasso ou malvado, cometa uma série de atrocidades e fique de todo isento das provas, apenas porque foi tocado pela própria consciência e, por fim, se arrependeu.

Como poderia o espírito culpado *REPARAR* os seus desatinos e abusos se não houvesse oportunidade para voltar à Terra, com o tempo suficiente para o cumprimento das provas a que está sujeito ? Onde e como iria êle resgatar as suas dívidas do passado ? Como poderia consertar aquilo que as suas próprias mãos arruinaram nos tempos de outróra, se não tivesse novo campo de experiência para sofrer, aprender e depurar-se ? A doutrina espírita não nega nem poderia negar o valor do arrependimento no progresso do espírito. O simples fato de se arrepender já é manifestação de progresso. (Questão n.º 997, do «Livro dos Espíritos»). Todavia, é indispensável *dinamizar* o arrependimento. As exclamações e as lágrimas da contrição, se ficarem sòmente nisto, não terão efeito reparador. Figuremos um exemplo muito simples. Suponha-se que um indivíduo passe pela casa do outro e cometa um roubo, deixando crianças passando fome, família desesperada etc. Êsse indivíduo implantou a desolação no lar alheio e foi-se embora calmamente, como se tudo aquilo fôsse muito natural. No dia seguinte, uma luz providencial como que lhe clareia a consciência, e o ladrão cái em si, começa a refletir e, por fim, arrepende-se, chora, penitencia-se, humilha-se. Tudo isto é muito interessante, muito nobre, mas é preciso considerar que tudo isto deixa de ter efeito positivo, se o ladrão não voltar para restituir os haveres roubados. Se, portanto, o arrependido não se decidiu a desfazer o que fêz ou se continuou a sua viagem, deixando a fome e o pranto no lar que a sua perversidade violara, está bem visto que o arrependimento ficou apenas no aspecto sentimental, mas não teve consequências benéficas para os prejudicados, porque não houve reparação do mal. A reencarnação é, pois, o meio que se oferece ao espírito faltoso para a correção de seus erros ou de seus atos delituosos. Evidentemente, o espírito arrependido já volta ao nosso mundo em melhores condições, porque já vem com o propósito de trabalhar para o bem, a fim de refazer a sua situação moral. Logo, *O ARREPENDIMENTO NÃO EVITA A REENCARNAÇÃO*, como pensa o nosso opositor protestante, mas amenisa o remorso e faz que o espírito procure apressar conscientemente a sua nova etapa no caminho da regeneração. Se houvesse uma única existência, sem a reencarnação, como quer o pregador protestante, estariam fechadas tôdas as portas da oportunidade ao espírito deliquente. Há indivíduos que se arrependem na *hora da morte*, quando já não podem mais fazer o mal, depois de inúmeras ações desonestas ou sanguinárias. Segundo o ponto de vista de nosso irmão protestante, êsses indivíduos se *salvaram* na hora fatal, porque se arrependeram ainda em tempo. E depois ? Quem vai responder pelo mal que êles fizeram, quem vai repôr os bens que êles roubaram ? Se foram *salvos*, apenas pelo arrependimento, tudo se acabou, e as vítimas que fiquem chorando... Que justiça é essa ?! Se não houver reencarnação, jamais haverá reparação, e sem reparação não se compreende uma justiça perfeita e soberana. Logo, o arrependimento não é nem pode ser a solução completa, porque é indispensável que se cumpra a Lei divina, através da reencarnação.

Na sua marcha para a conquista do reino de Deus, a vida do homem sujeita ao plano terreno, é laboriosa, incerta e cheia de imprevistos. E isso sucederá até que o homem, percebendo a inutilidade das concepções materialistas, procure em Jesus o caminho reto que o conduzirá a Deus. Foi para ensinar-lhe êsse caminho, traçado por Jesus, que o Espiritismo, portador das credenciais de Deus, está no vosso mundo. E ficai certos de que a sua missão será cumprida da mesma forma que Jesus cumpriu a sua. Que isto vos sirva de estímulo nos vossos labores cristãos.

— *CAIRBAR.* —

Intervenções Cirúrgicas por Entidade Incorporada

Sadock Jope

NOTA DA REDAÇÃO — Dois ilustres médicos do Distrito Federal, acompanhados de pessoas de suas famílias, foram a Congonhas estudar a mediunidade de José Pedro de Freitas, vulgarmente conhecido pelo nome de Arigó, e fizeram um minucioso relatório, em 9 fôlhas de papel formato ofício, do que assistiram. Sem espaço para publicar o interessante trabalho na íntegra, limitamo-nos a resumí-lo aqui.

A REDAÇÃO.

Arigó tem aparência de trinta anos de idade, é de instrução primária, fala com humildade e respeito de Francisco Cândido Xavier.

Com a incorporação transfigurou-se-lhe a fisionomia: o olhar se tornou inteligente, encarando com curiosidade os circunstantes e com surprêsa nossa fêz uma prece em alemão. Convidou-nos a que o acompanhassemos para um pequeno quarto onde havia imagens de Cristo e de santos em cima de uma mesa. É ali que êle faz pequenas intervenções.

Desde a incorporação passou a falar o português com sotaque alemão.

Declarou ser Adolfo Fritz. Disse-me que sua cidade natal é Munichen, acentuando a primeira sílada dêste nome. Como eu não falo alemão e êle se expressava com dificuldade em português, perguntei-lhe se falava o francês, a fim de podermos conversar mais livremente. Respondeu-me que só falava o alemão.

Convidou-me a mim e ao meu colega, como médicos, para que auxiliássemos na intervenção, dando-me uma tesoura e oferecendo ao meu colega um bisturí, instrumento êsse que recusamos receber, porque só queríamos assistir e não tomar parte na operação.

O doente foi assentado em uma cadeira comum, com a cabeça inclinada para trás. Tratava-se de um caso de pterígio e catarata do globo ocular direito.

Pediu-nos, a mim e ao colega, que desfiássemos um maço de algodão e colocássemos as pequenas porções sôbre o assento de uma cadeira. Designou-me a seguir para auxiliar a operação, afastando com os dedos a pálpebra inferior, a fim de que pudesse intervir no ângulo interno do olho.

Solicitou do colega uma mecha de algodão sêco que foi alçada ao ar, com a mão direita, mais ou menos à altura da cabeça, ao mesmo tempo que pedia: «Senhor, materialize líquido anestésico, iodo e água oxigenada!» E a seguir: «Senhor, mande-me líquido anestésico!»

Em plena claridade de uma manhã de sol, gotas de líquido cairam de uma altura de cêrca de seis centímetros sôbre o algodão que era mantido no alto pela mão do médium, umidecendo-o. A seguir o médium expremeu-o, indo cair as gotas sôbre o globo ocular do paciente, que se mantinha assentado, com a cabeça sem amparo, inclinada para trás.

Fêz ciente aos presentes que, daí para a frente, o paciente iria ser operado sem nada sentir, o que efetivamente ocorreu, não havendo por parte dêle, durante todo o período da intervenção, o mínimo protesto ou reclamação.

Solicitou, então, iodo e o mesmo fenômeno se reproduziu, caindo sôbre o campo operatório um líquido amarelo com aspecto de iodo. Tomando da tesoura dissecou e ressecou o tecido de proliferação do pterígio, sendo os fragmentos de tecido depositados por meio de uma pinça sôbre a palma da mão de um baiano, sem nenhuma medida preliminar de assepsia ou higiene, do ponto de vista da medicina terrena, voltando a pinça a operar no campo operatório.

Colocou, a seguir, o material, assim recolhido, dentro de uma caixa de fósforos, mandando-me que providenciasse para que fôsse examinado, o que, pelas circunstâncias, como médico, achei dispensável.

No curso da operação houve, como ocorre normalmente, pequena perda de sangue. Pediu novamente: «Senhor, mande-me água oxigenada!» Como das outras vêzes, cairam gotas sôbre nova mecha de algodão sêco que era renovado para cada vez, pelo meu colega, e o líquido exprimido pelo médium, do algodão caiu sôbre o globo ocular, provocando a espuma característica da água oxigenada.

A pequena perda de sangue se extinguiu e o globo ocular apresentou-se limpo como se não houvesse sofrido nenhuma intervenção, podendo o paciente retirar-se lépido e bem disposto, como se nada com êle hovesse ocorrido.

Não foi feita concomitantemente a operação de catarata, havendo a entidade informado que a opacidade do cristalino iria desaparecer posteriormente.

Presenciei ainda duas intervenções no globo ocular de dois pacientes, numa segunda viagem a Congonhas.

Assisti a uma intervenção no útero de uma paciente, causando-me o fato profunda impressão pelo inesperado e extraordinário fenômeno que presenciamos. Penetramos no pequeno aposento onde se fazem as intervenções, encontrando a paciente deitada, em decubito dorsal, sôbre o assoalho.

Incumbiu-me o Dr. Fritz de afastar as vestes da paciente a fim de praticar a intervenção. Perguntou ao marido, presente, se desejava que a intervenção se fizesse por via baixa, ou por via abdominal, decidindo êle pela via baixa. Foram, então, introduzidos na cavidade vaginal da paciente três tesouras e dois bisturis.

O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médium quando, com grande surprêsa nossa, o outro ramo, automàticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar aproximando-se e se afastando do primeiro, como ocorre no ato de se secionar um objeto.

Procuramos verificar se o movimento que presenciávamos na tesoura estendia-se às outras peças do instrumental cirrúrgico empregado na operação e nada pudemos observar.

Decorridos poucos minutos, o Dr. Fritz, através da intervenção do médium, retirou do campo operatório uma das tesouras introduzidas, que se apresentava ligeiramente impregnada de sangue. Tornou a repô-la no local dizendo: «Senhor! Não quero que haja sangue!» E a intervenção se fêz sem hemorragia.

Tomando, então, de uma pinça, recomendou-nos que prestássemos atenção, e, introduzindo-a no local da intervenção, retirou um pedaço de tecido com cêrca de oito centímetros de cumprimento por quatro de largura, mostrando-o a tôdas as pessoas presentes.

A primeira impressão que tive foi de que se tratasse da extirpação do útero (histerectomia), mas como informasse êle à doente que ainda poderia conceber, concluí que se tratava de um tumor uterino (neoplasia). Sem praticar nenhuma anestesia, no decorrer de tôda a intervenção, manteve-se a paciente com a fisionomia calma e tranqüila, sem deixar transparecer absolutamente nenhum gesto ou reação de dor.

Além das intervenções cirúrgicas, acompanhamos algumas consultas clínicas, havendo o Dr. Fritz me perguntado se conhecia algum produto farmacêutico lipotrópico recentemente lançado. Citei um que tem por base o ácido linolêico, o que lhe causou viva admiração por verificar que estava eu a par das novidades terapêuticas, informando-me que já tinha conhecimento do produto antes mesmo do seu lançamento.

Por outro lado, havendo receitado, para um paciente, produto que tem na sua composição estreptomicina, informou-me que aquêle produto tinha a vantagem de não ocasionar surdez ou distúrbios para o lado do aparelho auditivo.

Como interpretarem-se fenômenos de tal natureza, já observados por grande número de médicos que passaram por Congonhas? É humanamente impossível a um indivíduo inculto, completamente ignorante de assuntos médicos, conhecido de todos há longos anos naquela localidade, de um momento para outro passar a realizar intervenções cirúrgicas de tal vulto e em condições precárias de higiene e sem anestésico, como no último caso, com espantoso resultado prático, e trocar com médicos idéias sôbre as últimas conquistas terapêuticas.

Seria interessante que a medicina descesse de seu pedestal científico e fôsse buscar, naquele ambiente pobre e modesto, lições de fatos por ela ignorados e para os quais não há possibilidade de explicação científica.

Não basta querer negar a verdade com um sorriso superior de mofa, quando a realidade e os fatos são gritantes na eloquência das suas manifestações e escapam ao contrôle dos conhecimentos teóricos e ao desdém caprichoso dos doutos.

Literatura de Além-Túmulo

Arnaldo S. Thiago

PAR e passo com a decadência característica da nossa época, no que concerne às letras e às artes e quiçá, também, à própria moral, desenvolve-se, paralelamente ao assombroso surto do progresso científico, tôda uma promissora literatura de além-túmulo, que já nos apresenta os mais belos exemplos de uma atividade espiritual deslumbrante, fornecendo testemunhos absolutamente realistas e seguros de que a inteligência floresce muito mais promissoramente nos campos do infinito do que nos reduzidos cenários e ambientes humanos das nossas bibliotécas, das nossas universidades e dos nossos gabinetes de trabalho.

Nunca, talvez, como em nossos dias temos tido elementos irrespondiveis para afirmar o sábio prolóquio: MENS AGITAT MOLLEM.

Mas agora é o espírito livre que comanda todo êsse movimento de renovação mental, substituindo-se aos escravos da carne, cuja visão deficiente não lhes permite liberdade de expressão análoga à dos escritores que, não dispondo de recursos materiais de cultura e de registro mental, buscam na assombrosa memória de que dispõem, livres do cerceamento material, os elementos necessários à produção de obras admiráveis no seu contexto e no realismo de suas páginas ricas de ensinamentos de tôda natureza.

É o que nos ocorre afirmar logo após a leitura dêsse interessante livro de Emmanuel — «AVE, CRISTO!» — já em sua 2.ª edição e que viu a luz da publicidade, conforme a data do prefácio, em 18 de abril de 1953, recebido das plagas de além-túmulo através da mediunidade perfeita de Francisco Cândido Xavier, cuja missão espirita é de todos reconhecida como do número daquelas que mais devem contribuir para o estreitamento de relações entre as duas humanidades: a visivel e a invisível — missão talvez prenunciadora de que algum dia essa humanidade invisível poderá intervir nos negócios terrenos, tornados então de ordem superior educacional e não de simples ordem de interêsse material, as mais das vêzes, como atualmente sucede.

Chico Xavier é um reprodutor mental fidelissimo das mensagens espirituais: daí o poder Emmanuel demonstrar os seus profundos conhecimentos de história da civilização romana, trazendo ao nosso conhecimento fatos que a crônica daquelas épocas remotas jamais poderia registrar.

Presta, além disso, o livro enorme serviço aos pensadores, com o lhes mostrar que se repetem em nossa época, amenizados apenas em seus processos, aquêles velhos estigmas das civilizações decadentes, como se pode verificar em muitas passagens do livro em questão.

À página 135 encontra-se o seguinte trecho: «Há muito tempo observo a decadência que nos rodeia. Decadência nos que governam, a expressar-se em desmandos de tôda a sorte, e decadência dos governados que fazem da existência uma caça ao prazer...» «Achamo-nos atascados no lôdo de vícios e misérias morais. Só uma intervenção espiritual, diversa daquela em que até hoje temos acreditado, pode solevar o mundo...»

Que perfeita analogia de situação, a daqueles tempos do paganismo romano, com a dos nossos tempos atuais, em que a caça do prazer, demonstrada nos deboches do carnaval e os desmandos de tôda sorte, caracterizam a atitude do povo e dos que o governam! E que só uma intervenção espiritual, diversa daquela em que até hoje tem o povo acreditado, que é a da igreja, poderá solevar o mundo, ninguém mais pode duvidar. Essa intervenção espiritual está se operando — e dela é uma prova evidente o mesmo livro de Emmanuel e tantos outros, que nos vêm através do mediunismo benfazejo.

Os tempos preditos já chegaram. Tome cada um os instrumentos de seu trabalho, sem consideração a obstáculos de qualquer espécie que seja, e continui no arroteamento da seara divina! Ave, Cristo! — repetimos com Emmanuel!

Reflexões sôbre a Constância

FERNANDO TOLEDO

Dizia Balzac que «a constância é o fundo da virtude».

Em tôda instituição social que tenha caráter meritório, em todo empreendimento de valor, que objetive o bem do próximo, de forma duradoura, para que subsista necessário se faz haja constância. É ela que verdadeiramente seleciona de forma sutil os valores humanos. Êstes quase sempre nunca são vistos pelos olhos do vulgo em suas reais proporções, porque preferem agir construtivamente sempre na obscuridade e no anonimato, mas são, em tôdas as esferas da atividade humana, os que mantêm de pé, viva, a chama da perenidade, chama essa muitas vêzes modesta na sua luminosidade, sem as ardências transitórias dos fogos-fátuos... A criatura constante sempre acabará por colhêr alguma coisa de bom para si. A sua luz resplandecerá, de algum modo, nas alturas!

Os homens passam, os indivíduos «brilhantes» e entusiastas vêm e se vão... mas as benesses, os frutos são devidos à faina dêsses cooperadores aparentemente apagados, que, no silêncio do desprendimento, solidificam e legam aos pósteros o produto de seus labôres.

Pouca gente se conforma com trabalhar na sombra, entregando a Deus os proventos de seu esfôrço. É que falta a tais criaturas a fé. Crêem mais no juizo humano do que na Divina Justiça. Não se resignam com a parte aparentemente humilde que lhes toca, querem logo se salientar, serem de alguma sorte notadas, e com isto perdem a medida justa das proporções, em conformidade com o critério de um Julgamento Superior. Se meditassem mais na essência das coisas veriam e sentiriam o fato por outro prisma. Teriam os olhos voltados principalmente para o beneplácito do Alto! — Enquanto as criaturas rixentas, despeitadas, vaidosas, dissimulam a preguiça espiritual e a inconstância na necessidade infantil de invocarem primeiramente para si as glórias de uma emprêsa, buscando coroar-se, o mais depressa possível, com os louros dos aplausos humanos, nem bem a iniciativa esteja assegurada, embargando sempre, com o seu personalismo, os movimentos dos que querem fazer o bem, dos que desejam servir, os homens valorosos, constantes, — que quase nunca aparecem, porque as mãos dos operários incansáveis se escondem sempre na sombra dos trabalhos, muitas vêzes os mais árduos ou os mais apagados, — são os que entretanto, em verdade, dão cumprimento, de maneira integral, a u'a missão, plantando a obra em alicerces mais firmes e resistentes.

Não se pode nunca confiar em pessoas que não tenham a virtude da constância.

Para se aprender uma disciplina qualquer, para se colherem os resultados de qualquer tentame, para se produzir uma obra de arte etc., em tudo, na vida, é preciso que a constância exista. Sem a constância dos pais que se sacrificam, no anonimato, aos filhos do coração, deixaria de existir a família, base que é da sociedade; são êles, os pais, que asseguram, de alguma sorte, no mundo, os esteios do lar, onde os espíritos que vêm à Terra em busca de aprendizado, em novas encarnações, encontram ambientes mais ou menos propícios a fim de que possam, de futuro, dar comêço a renovadas peregrinações no planêta. Sabemos valorizar semelhantes pais, quando os vemos partir pelas portas da morte...

Sem a constância no amor, êle deixará logo de existir, assim que o homem depare pela frente com a realidade dura da caminhada. O amor inabalável das «almas gêmeas» nunca será acontecimento fortuito de um momento de exaltação romântica; êle, o amor, poderá surgir hoje, agora, mas só se transformará em realidade, creio, em sendo provado... Como tudo que diz respeito às aquisições eternas da alma, também — principalmente êle — o amor de tais almas, para se conservar, terá de ser a resultante de experimentações sofridas, muitas e muitas vêzes, nos sacrifícios, nas humilhações e no silêncio das jornadas humanas... Nada, do que é divino, nasce de improviso, para se perpetuar no tempo. Como diria Victor Hugo, em carta à sua adorada Juliette Drouet: «O amor que nasce só vê a vida, o amor que perdura vê a eternidade...» — Não há condições estritas em matéria de bem querer: compreendendo assim, daí não raras vêzes ser vitória, ressurreição, felicidade, o que para a conceituação comum parece constituir desgraça, tristeza, desventura... Referimo-nos ao amor de uma pessoa fisicamente perfeita por uma outra que não o é!

É sempre na quietude e no recolhecimento das horas calmas da noite, em que o nosso pensamento com mais predisposição se inclina à meditação, que somos solicitados a fazer um como exame escrupuloso do que realmente temos construido de verdadeiramante útil e belo para nós mesmos... Então, interrogamo-nos: será que, assim que partir dêste mundo, levarei comigo, armazenado nos refolhos da alma, algum conhecimento que me poderá servir mais tarde?... Será que terei feito algum bem, por pequenino que seja, mas que / sem dúvida atestará, a meu favor, para a tranqüilidade de minha consciência e a alegria de meu ser imortal? Será que deixarei, neste mundo de dores, alguns corações gratos que se recordem de mim com respeito e saudade, ou algum afeto profundo reflexo suave de um santificado amor?... Será que fui, ou tenho sido, capaz de sublimadas renúncias, de abnegações contínuas, de dedicações extremas, em pról de um ente querido? — ou, então, ao contrário, será que a minha pobre alma, de tanto se preocupar com acontecimentos passageiros da existência, terá adiado indefinidamente o amealhamento das coisas substanciais da vida, esquecida de que um dia, talvez mais cedo do que esperava, terá de ver-se frente a frente com valores diferentes, num diverso plano de vida, onde os méritos reais do espírito serão adequados a medidas completamente diversas daquelas com que estamos habituados a sopesar a nossa modesta e nem sempre justa aferição?...

Será que, de algum modo, tenho sido constante uma só vêz na vida, será que tenho sido?...

(S. José do Rio Preto, maio de 1959)

Algumas Reflexões sôbre a Dor

General Levino Cornélio Wischral

Tôda ação virtuosa praticada em benefício de alguém, um doente ou um necessitado, canaliza sôbre aquêle que haja realizado o ato caridoso as bênçãos dos Céus sob forma de recompensa, prêmio, estímulo ou um bem-estar íntimo. Êsse mecanismo processa-se através do automatismo próprio de tôdas as leis de Deus.

Pelo mesmo sistema, porém de modo inverso, aquêle que pratica um ato mau recebe, infalìvelmente, como herança incômoda, êsse mesmo mal sob forma de sofrimento, dor, indefinidas aflições e reveses.

Com referência a esta última modalidade, podemos dizer que a dor é o choque de retôrno resultante de tudo quanto houver sido praticado em desacôrdo com a Grande Lei do Amor, lei essa instituida por Deus, para manter coeso, harmonioso e em equilíbrio o Universo todo. São pois o êrro e a maldade que estabelecem e movimentam êsse retôrno sôbre a pessoa que haja executado o ato que prejudicou a terceiro.

Deus, em sua magnificência, amor, sabedoria e justiça apenas engendra as leis. Criadas estas, automàticamente elas fiscalizam, alertam e convocam a comparecer ao tribunal de julgamento da Lei de Causa e Efeito as criaturas em êrro ou em falta. Dessa maneira, podemos dizer que a Lei de Causa e Efeito se conjuga à Lei do Amor, e ambas contribuem para a evolução da criatura.

Praticado o mal, êste, mais tarde ou mais cedo, nesta ou em futuras vidas, terá que ser desfeito à custa de sofrimento, chôro e lágrimas, caso não o seja através de trabalhos sacrificiais em favor da coletividade. O mal sempre será desfeito, mas justamente por aquêle que o haja produzido, ocasionando a lesão, a desgraça, a violência ou o prejuizo a outrem. Não há sofrimento sem causa; pode, isso sim, ser essa causa desconhecida por nós.

Os planos divinos terão que ser respeitados com rigor, de modo espontâneo e natural, ou então por imposição da dor, se necessária. Não existe possibilidade alguma de ser retirado da Lei seja até um insignificante pontinho do i, pois ela devassa até os mais recônditos pensamentos humanos em desacôrdo com as normas evangélicas. Para a Lei, nada, absolutamente nada permanece oculto !

Por determinação da Lei de Causa e Efeito, o mal é infalìvelmente reconduzido contra aquêle que o gerou. Se um pensamento de ódio ou de antipatia fôr enviado a alguém, não se admirem se, ao retornar, vier aumentado de uma respeitável sobrecarga malévola, atraída no caminho de volta. Ao se incorporar naquele que o gerou, ou seja em seu legítimo dono, virá com a violência de certeira e venenosa flexa portadora de dor, perfurando, de início, a aura da pessoa e passando daí para o corpo físico onde, fixada, produzirá em crescente intensidade a correspondente dor física que nós gostaríamos fôsse sentida pelo nosso adversário. O mecanismo é idêntico ao de um radar.

Nosso amado Mestre, conhecendo de sobra as sutilidades dessa Lei, instruiu as massas humanas dizendo: «cada um receberá de acôrdo com suas obras». Aliás o nosso povo, especialmente o do interior, na sua simplicidade e dentro do real sentimento de justiça, costuma empregar o seguinte brocardo: «O feitiço sempre vira contra o feiticeiro !»

A esta altura já podemos observar e confirmar que a dor é um recurso bendito de que se utilizam as leis de Deus para alertar-nos de que algo não está certo na nossa vida; que alguma coisa deve ser corrigida a fim de que o caminho da virtude não seja abandonado. É um recurso divino destinado a cicatrizar as feridas do corpo e as da alma, sempre com o objetivo de tudo restaurar na sua original pureza.

Imaginem se não houvesse a dor que age e reage, que grita e exige reparação ! Se a dor não fôsse sentida nas entranhas ou não existisse, é lógico que tôda a humanidade estaria entregue à indiferença, à inércia ou à apatia; enfim: ficaria imóvel e proscrita na eternidade; ninguém mais cuidaria do progresso material, moral e espiritual... Eis porque afirmamos ser a dor necessária, bendita e de finalidades divinas. É a dor que desperta, estimula e impulsiona a caminhada pela estrada evolutiva. Receber a mestra Dor que nos vem instruir e corrigir é atributo das almas nobres e compreensivas; recebê-la, porém, com desespêro ou revolta é o mesmo que não aceitar um grande benefício ou um favor celeste.

A dor e as imperfeições dos homens não cessam com a morte; muito ao contrário, acompanham a alma para o plano invisível onde, como aqui, ela continua a trabalhar pela renovação íntima de seu ser, nos moldes pregados por Jesus.

As dolorosas feridas morais e os transtornos psíquicos de que padecem muitas pessoas são quase sempre provenientes de más ações praticadas em vidas passadas; contudo, nunca deixaram essas pessoas de receber antecipados e constantes sinais de alerta para evitarem tal anomalia. Êste sinál vermelho, de perigo, sempre parte da fiel e vigilante consciência que, para muitos, representa um íntegro porém, incômodo Juiz, sempre a espreitar as nossas mais disfarçadas intenções, imiscuindo-se até nos mais ocultos pensamentos. Aliás, êste incorruptível Juiz manda-nos dizer que pecamos mais por pensamentos do que por obras, ações e atitudes...

Os decretos divinos utilizam, ainda que a contragosto das criaturas, os mais singelos e esquisitos métodos para apressar nelas o restabelecimento do que deve permanecer justo, belo, amoroso e puro. A Divindade não castiga; apenas corrige as criaturas em débito, e para isso as congrega num vasto «sanatório-corretivo», que é êste mundo, onde resgatam vícios, abusos, violências, erros e excessos de tôda sorte praticados em contrário à Lei Divina.

As salvacionistas lições do bondoso e paciente Cristo Médico sempre foram intencionalmente esquecidas; por isso, vemos as mais tristes expiações colherem em suas malhas cruéis milhares de cancerosos, morféticos, cegos, apopléticos, aleijados e paralíticos ! Pelo prisma das moléstias morais percebemos outros tantos milhões de neuróticos, epilépticos, loucos e imensas legiões de sofredores sem causas aparantes, todos aliás pesados devedores em vias de redenção. As raízes são profundas e quase tôdas as moléstias provêm da alma enfêrma e em desequilíbrio, onde devem ser pesquisadas às causas. A vidência, a clarividência e especialmente a psicometria nada escondem e tudo apontam com inconfundível clareza: tudo sempre é causa e efeito, ação e reação, dentro do tempo e do espaço.

Agora vivemos a bíblica época de

«tempos chegados» e a da «separação do joio do trigo»; por isso, há um apressamento vertiginoso em se dar cumprimento à voz do céu, que aos brados determina: «Restauração e Justiça». É um novo estado que será implantado, infelizmente com a coadjuvação das guerraa atômicas de permeio a indescritíveis catástrofes causadoras de imensas tristezas e dores. São males necessários, criados pelo próprio homem e agora servindo para uma rápida redenção dêle mesmo!

Como assunto correlato destas reflexões, julgamos conveniente repetir aqui o que alhures escrevemos. Eis: As feridas asquerosas e as úlceras repugnantes que algumas vêzes são exibidas nas ruas nada mais são do que abençoados orifícios por onde se canalizam para fora do corpo as imperfeições e as mazelas do espírito. É a pobre alma, aspirando urgente purificação, que expulsa de si suas máculas e imundícias condensadas sob forma de pús. Quando êsses doentes entopem suas úlceras com pó secante ou pomada secativa, parece que ouvimos a alma desesperada do enfêrmo a reclamar aos gritos: «Por caridade, não fechem a minha válvula de purificação!»

Se o nosso livre arbítrio, ou seja a nossa faculdade de escolha, soubesse melhor discernir ou selecionar, naturalmente não existiria tanta dor em nossos caminhos.

Como singela contribuição para que se consiga uma vida melhor diríamos que o único remédio que nos é receitado para isso é o Evangelho de Jesus; diminuiremos assim padecimentos físicos, amarguras e aflições, pois a impaciência, o desespêro, a revolta e a persistência no êrro ou na maldade aumentam ainda mais as nossas dores. Por outro lado, recomendamos não só a prática de bons atos, até para com os inimigos, assim como pensamentos irradiantes de amor, paz e saúde para tôda a humanidade, sob forma de prece constante. Tais práticas fazem cessar ou diminuir a intensidade das aflições, reduzindo, igualmente, as nossas faltas e os nossos débitos lançados em nossas «fôlhas corridas» manuseadas nos Departamentos de Justiça dos Céus. Dessa maneira, e sem o percebermos, construímos em tôrno de nós uma verdadeira couraça protetora ou seja uma aura de paz e amor.

Finalmente, desejaríamos que cada leitor interessado anotasse em seu caderninho de meditação uma frase sempre dita e repetida pelo médium e escritor evangélico, Oswaldo Polidoro: — «Não existe no mundo todo um só inocente sofrendo».

PAX.

O Batismo

ALEIXO VICTOR MAGALDI

QUANDO falamos de batismo, geralmente compreende-se que é do Batismo da Igreja Católica, ou da Igreja Protestante, ou do Batismo da água administrado por João a seus discípulos.

Muita gente acredita até que João criou o batismo pela água ou que o batismo seja uma invenção da Igreja. Quanto à forma como a Igreja pratica o batismo, sim, o batismo é uma criação da Igreja.

João empregava a água como um simbolo de purificação do corpo. Era uma cerimônia simbólica, preparatória da purificação do espírito pelo arrependimento.

Os judeus usavam levar as crianças recem-nascidas ao Templo; e aí submetê-las a um banho, antes da prece dirigida em seu benefício, para serem purificadas. No batismo ministrado por João, não eram crianças, eram batizados adultos, sendo derramada a água na cabeça dos que já podiam compreender a significação daquele ato. Os discípulos de João eram batizados sòmente quando chegavam a compreender a importância do batismo; ao passo que a purificação judáica, supostamente obtida pela ablução, feita pelos judeus no Templo, tal como o batismo feito pela Igreja, não passava de um simúlacro, de uma formalidade, como se emprega hoje, sem ter aquêle que é batizado nenhuma idéia, nem consciência da cerimônia, onde é mero figurante.

Vejamos o que é que no batismo

da água, que a Igreja administra, constitui criação dela. Leiamos no tomo quarto, de *OS QUATRO EVANGELHOS*, de J. B. Roustaing, tradução de Guillon Ribeiro, pág. 121 a 122, edição da F.E.B., 1920.

No mencionado livro, à pág. 123-124, podemos ver a significação do batismo com relação ao corpo e com relação ao Espírito.

A Igreja pretende um absurdo, com o batismo que pratica. Antes de mais nada, admite que a criança vêm ao mundo possuída do espírito do Diabo; nasce endemoinhada. Tanto que o padre, no cerimonial do batismo, brada para o Demônio, dirigindo-se à criança, ordena ao Demônio:

— «Espírito imundo, abandona esta criança; eu te ordeno em nome de Deus: sái desta alma».

Como se lê no dito tomo da obra citada, pág. 125-126:

«É uma pretensão humana».

O batismo, fora da Igreja, longe de significar a redenção de pecado original, de absurda impiedade, estabelece, em seu inefável simbolismo, influxo de graças e linha de conduta, recebida pelo batizando nos ensinamentos dos rituais elucidativos. Nos mistérios do Egito, nos ciclos de civilização imponente, o neófito, cingido pela cadeia mágica, era impregnado de fluídos, de emanações, sob a égide das influências astrais. A Teurgia criava celagens benéficas, vivificada pelo aura do Planêta, contra os assaltos do Hostil. As cadeias-magnéticas vibravam, estabelecendo afinidades; o neófito era recebido sob velário de bençãos. A Maçonaria, por exemplo, nas festividades solarianas ao Muito Gracioso, repetindo práticas teúrgicas de culto tradicional, cinge igualmente o neófito de celagens protetoras contra o respir fatídico de seres perversos. Milhares de almas vibram unísonas, em todos os pontos da Terra, em mesma diretriz espiritual, em rítmica ondulação etérica para o BEM. Liturgicamente praticado em tôda Antiguidade, ministrado nos colégios sacerdotais dos Essênios, onde se orientou para o apostolado Jesus de Nazaré, a adoção ou o Batismo é o despertar da inteligência, em seus elances para a LUZ. É quando a pira do solstício hibernal, para nosso hemisfério, crepitam álacres na ronda das salamandras, nessas práticas do paganismo que a Cristandade adotou e conserva, em hausto de luz ao Sol que parece afastar-se, no afélio do Planêta; é pelo S. João que a Maçonaria abre os Templos aos batizandos, sob os auspícios da SERENA VERDADE, recebendo-os nos santuários, em compromisso que se perpetúa sempre que se conservam DIGNOS. Crianças, completo o primeiro setenário da vida, são recebidos lowtons, na idade em que os órgãos dos sentidos transmitem ao cérebro impressões indeléveis. Trajando o linho alvíssimo dos imaculados, na frescura lirial dos sorrisos, comunicativos e castos, recebem as bençãos de tôda uma Ordem tradicional, sob a responsabilidade dos paraninfos que assumem perante a Instituição Maçônica um dos mais graves compromissos. Bela e piedosa, a responsabilidade dos paraninfos acompanha o neófito nas curvas da existência, nos imprevistos, sob todos os climas, sob todos os céus.

Nós, O Batismo na Maçonaria é praticado há mais de 5 mil anos.

Nós, no Espiritismo não temos «sacramentos». Não fazemos nenhum cerimonial religiosos. Não adotamos rituais, nem paramentos. Não temos batismos; não temos casamentos; e nem encomendamos defuntos.

Quando renasce um Espírito em nosso lar, devemos nos recordar das instruções contidas no *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*, principalmente da comunicação dada por Santo Agostinho, no cap. XIV, n.º 9, cujo trecho é aplicável ao caso.

Se há alguma coisa no Espiritismo análoga ao batismo, coisa que deve ser feita, essa coisa é a «*Prece por uma criança que acaba de nascer*». Essa prece pode ser considerada, por analogia, o *batismo espirita*. No último capítulo (XXVIII) do *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO* há vários modêlos, escritos por Allan Kardec. Eis a de n.º 54, para ser ditada pelos pais:

> «Espírito que encarnaste no corpo do nosso filho, sê benvindo. Sê bendito, oh! Deus Onipotente que nô-lo mandaste.
>
> É um depósito que nos foi confiado e do qual teremos um dia que prestar contas.
>
> Se êle pertence à nova geração de Espíritos que hão de povoar a Ter-

ra, obrigado, oh! meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, corre-nos o dever de ajudá-lo a progredir na senda do bem, pelos nossos conselhos e bons exemplos. Se cair no mal, por culpa nossa, responderemos por isso, visto que, então, teremos falido em nossa missão junto dêle.

Senhor, ampara-nos em nossa tarefa e dá-nos a fôrça e a vontade de cumprí-la. Se êste filho nos vem como provação para os nossos Espíritos, faça-se a tua vontade!

Bons Espíritos que presidistes ao seu nascimento e que tendes de acompanhá-lo no curso de sua existência não o abandoneis. Afastai dêle os maus Espíritos que tentem orientá-lo para o mal. Dai-lhe fôrças para lhes resistir às sugestões e coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra».

Queridos irmãos, perdoai me se pouco ou nada vos pude dar, com esta arenga sôbre o Batismo.

—

(Resumo da palestra proferida na União Espírita de Advertência Fraternal, Volta Redonda (R J), em 1.º de Maio de 1959, ao ensêjo do seu 7.º aniversário de fundação).

Sir Conan Doyle

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil presta, hoje, homenagem singela e carinhosa a um dos grandes líderes da Doutrina Espírita: Sir Conan Doyle.

Lembramos aqui, alguns dados biográficos do ilustre literato e cientista.

Exatamente, a 22 de maio de 1859, há um século portanto, nascia em Edimburgo, Arthur Conan Doyle.

Diplomou-se em Medicina em 1881. Após 1890 viaja pelas regiões mais inóspitas, do Ártico à Africa.

Sua precocidade nas artes foi notória: aos seis anos escreveu seu primeiro conto.

A criação de Sherlock Holmes, em seu «A Study in Scarlet», marca o início de sua gloriosa carreira literária.

O mundo civilizado, desde então, se empolgou com o super-detetive literato e cientista.

Hoje existem três coleções distintas de suas primeiras obras, vertidas para numerosas línguas.

Como consequência de sua participação na guerra dos «boers», na África, penetrou levemente em História e na Política (internacional), em alguns trabalhos seus.

Experimentado, vivido e ressofrido, iniciou, após o irromper da Guerra de 1914, a pesquisa sôbre metapsíquica!

Nasce, então, a personalidade definitiva e superior do cientista cristão!

Não foi um tímido, encolhido e escondido por trás de William Crooks ou Sir Oliver Lodge.

Não foi um comodista de gabinete, escrevendo com pseudônimos.

Não foi um estático, aguardando que outros o buscassem no seu trono já conquistado pelo mérito intelectual.

Não foi um místico, cegando a razão com pequenas provas refutáveis.

Não foi um curioso, deslumbrado com mágicas destrutíveis pela experimentação.

Entregou-se, com raciocínio e o coração, à pesquisa e à propaganda das verdades do cristianismo renascido. Daí as palavras de Sir Oliver Lodge a 7 de julho de 1930, ante seu corpo: «Nosso valoroso trabalhador breve estará prosseguindo sua tarefa do outro lado, com mais sabedoria e experiência»!

O Rev. Drayton Thomas disse, sôbre êle, estas palavras: «Deus o abençôe pela vida que viveu, cheia de desprendimento». «Nunca homem algum seguiu mais dignamente, as pegadas do Mestre Jesus»!

Percorrendo a Europa e América do Norte, na propaganda firme e judiciosa de sua amada doutrina, mereceu a cognominação de o «S. Paulo do metapsiquismo».

Foi presidente do «London Spiritualist Alliance». Colaborador do jornal «Ligth».

Possuia em Londres, a «Livraria Psíquica».

Escreveu «A Nova Revelação», em 1918.

E prosseguiu seus trabalhos com «The Vital Message», «History of Spiritualism» e «The Wandernigs of a espiritualist».

E' interessante, relembrar que Conan Doyle, como Kardec e Curie, sempre foi apoiado, moral e afetivamente, por uma companheira «admirável», até seus últimos momentos!

São interessantes as suas conclusões, características de um espírito frio e amante da verdade.

Afirmava o ilustre pensador:

«A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me têm feito pensar; e, entre tôdas, aquela sôbre a qual mais tardei em formar opinião».

Isto prova o seu cuidado de investigador honesto.

E continua. Em 1886, li «As reminiscências do Juiz Edmundo» — membro da Suprema Côrte da EE UU — com absoluto ceptismo».

Continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos referentes ao assunto». E auto-analisa-se escrevendo uma afirmação que lhe dá as honras de um perfeito cientista: «Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer zombavam dêsse novo ramo do conhecimento. Mas vim a saber que a zombaria dêles chegara ao extremo de não quererem, ao menos, examinar os fenômenos». «Seu modo de proceder era, portanto, dogmático e nada científico».

Embora racionalista bem intencionado não perdeu, orgulhosamente, na lousa fria da razão fria, o calor cristianíssimo do coração humano.

E anotava expressões de espíritos, assim: A prece é muito salutar porque nos põe em contacto com o mundo espiritual».

Procurando interessar os verdadeiros amantes de um mundo melhor, observava sôbre os fenômenos aparentemente sem significação:

«A campainha do telefone é coisa, em si mesmo, pueril; mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interêsse».

E continua:

O imenso corpo de doutrina (...) fará da religião alguma coisa muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato».

E ainda:

«Os fenômenos psíquicos (...) ensinam a sobrevivência da alma, e influenciam o nosso proceder neste mundo...» «Se isto é coisa distinta de religião, confesso que não compreendo bem a distinção». «Para mim é religião, é a essência mesma da religião».

O cristianismo, em seu próprio benefício, receberá algumas influências benéficas da prova científica dos fenômenos psíquicos, sintetisa o admirável pesquisador:

evolverá, firmando-se;
ajustará a razão e a fé;
aproveitará a vida de Jesus e não a sua morte;
do mundo espiritual receberá novas luzes esclarecedoras sôbre nós;
vencerá a morte para o advento da paz para a humanidade;
explicará os milagres de Jesus à luz da Ciência, elevando o Mestre para mais alto;
ressurgirá como a primitiva igreja cristã, mais puro, brilhante e sublime!

* * *

A mensagem final de Sir Arthur Conan Doyle é um faról para os verdadeiros e honestos pesquisadores da hora que vivemos.

Afirma o homenageado desta noite:

«O espiritismo assenta nalguma coisa mais sólida que textos, traduções ou instruções!

E afirma, decisivo e entusiasta:

«Empenho a minha honra em como o Espiritismo é uma verdade. E sei que o Espiritismo é infinitamente mais importante que a literatura, as artes, a política; mais importante, com efeito, do que tudo no mundo».

Avaliamos, hoje, todo o vigor dessa conclusão «a posteriori».

Nossa melhor homenagem, neste momento, ainda é uma profunda e intensa gratidão ao ínclito bandeirante que abriu vigorosamente uma trilha iluminada na terra virgem e ubertosa da verdadeira ciência superior.

Jesus compense o espírito de Conam Doyle com a gratidão de todos nós, felicitados pela luz que apostolarmente auxiliou a difusão!

(Lida na Rádio Guanabara, às 19,00 horas de 22 de maio de 1959, na Hora de Seleções Espiritualistas.)

Newton G. de Barros

Caixa Postal, 10
— Nova Iguaçu

O Espiritismo conforta e esclarece as almas, guiando-as e amparando-as nos trechos perigosos dessa estrada que se chama — Vida. — X.

Mundos Habitados e Desabitados

V. O. CASELLA

Os adeptos do Espiritismo que lerem correntemente, n'O Livro dos Espíritos, os informes mediúnicos sôbre a vida nos outros mundos poderão não perceber a distinção que ali se faz entre os sêres de vida espiritual e orgânica.

No entanto, tal descuido não haverá se estivermos atentos naqueles estudos, onde as diferenças entre as duas formas de vida ali se acham claramente entendidas. Para exemplo, vejamos apenas um daqueles tópicos informativos, onde não se admite confusão entre as duas naturezas viventes.

Na referida obra, capítulo VI, «Mundos Transitórios», alínea 236, lê-se: «Pergunta — Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpètuamente destinados aos espiritos errantes?

Resposta — Não, a condição dêles é meramente temporária.

a) — Êsses mundos são ao mesmo tempo habitados por sêres corpóreos?

— Não; Estéril é nêles a superfície. Os que os habitam de nada precisam».

Como se vê, na restrição da nossa linguagem doutrinária é lícito considerarmos todos os mundos como habitados, pois naqueles onde não há condições para habitantes de corpos acessíveis aos nossos sentidos, habitam sêres espirituais, conforme nos informam as entidades comunicantes.

Mas quando desejamos cuidar dêsse assunto, pelo lado da ciência experimental, deveremos fazê-lo apenas pela habitabilidade dos mundos no sentido orgânico. Precisamos evitar a confusão entre uma coisa e outra para não julgarmos que basta um astro ser mundo para que exista alí, obrigatòriamente, habitantes corpóreos, a exemplo da nossa natureza tangível.

Assim compreendemos que se um dia nossos futuros astronautas atingirem os outros planêtas, êstes orbes serão vistos como desabitados se não existirem nêles habitantes de estruturas como a nossa. Logo, nestas condições, a existência de mundos desabitados não estará contraditando o que nos ensina a doutrina, desde que saibamos interpretá-la.

Vejamos pelo lado da ciência, ou seja, pelo aspecto orgânico, um resumo simplificado, do que dispomos, sôbre a vida nos planêtas do nosso sistema solar, em cujo todo, a Terra é um de seus pedaços.

Os mundos que gravitam em tôrno do Sol trazem em si potencial de vida latente. Para que se dê a eclosão dessa latência, no sentido evolutivo, é necessário que o planêta ocupe uma órbita vantajosa, recebendo moderado calor solar, para obter água tépida como condição favorável para germinação dos sêres iniciais. O corpo planetário, por sua vez, deverá oferecer fôrça de atração suficiente para reter a fuga dos gáses leves que se formam, estabelecendo equilíbrio para o ciclo das transformações que se operam na sua superfície. Planêtas de fraca atração não se adaptam a êsses ajustes. Um exemplo temos na Terra e a Lua. Ambos ocupam a mesma órbita, em relação ao Sol. No entanto, um é pleno de vida, enquanto outro se apresenta morto.

Examinemos a posição dos nossos planêtas.

Êstes, em um mesmo plano, situam-se em diferentes distâncias nas suas revoluções ao redor do Sol. Mercúrio, o mais próximo, recebendo excessivo calor não oferece ambiente para formar água naquela sua face sempre voltada ao astro do dia. O outro seu lado, eternamente escuro, também se revela impróprio para a vida, na sua temperatura congelante, pela falta de calor solar e ausência de atmosfera notável.

Quanto aos grandes planêtas, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, seguidos pelo pequeno Plutão, a vida ali não encontra condições para desenvolver-se, devido o intenso frio reinante nestes mundos longínquos do Sol. A água que êles possam conter estará no estado sólido, o que se interpreta como orbes desabitados. Mesmo admitindo-se que Júpiter e Saturno possuam calor planetário sob suas gélidas capas atmosféricas, a ausência de luz e calor solar sôbre suas superfícies sólidas não favorecerá vida evolutiva apreciável, naqueles ambientes de estufa.

Nas zonas intermediárias, entre as proximidades do Sol e aquêles planêtas distantes, acham-se Vênus, Marte e a Terra, sendo que o nosso planêta, entre êstes seus dois vizinhos, ocupa justamente a posição mais bem privilegiada, cujo equilíbrio, de sua fôrça atrativa com a sua quota de luz e calor solar, favoreceu o seu florescimento no mais belo esplendor.

Sôbre Vênus, nada se pode falar, pois uma densa cortina de gáses o envolve, mantendo-o em completo mistério. Contudo, considerando-se a sua colocação na vizinhança da Terra, admite-se existir ali possibilidades para desenvolvimento de vida evolutiva, se bem que não dentro das mesmas vantagens terrestres, devido a sua posição mais próxima do Sol. Assim, se por hipótese tal acontecimento viesse um dia se positivar, não seria um motivo de surprêsa para a nossa ciência.

Quanto ao planêta Marte, pouco mais afastado do Sol, em relação à Terra, portanto severamente castigado pelo frio, não se mostra, na sua visibilidade, pródigo na sua natureza aquática e vegetal. Embora de ambiente rude, revela-se compatível com a vida, a qual ali poderá existir, pelo menos nas formas inferiores. Sôbre sinais de sêres inteligentes, nunca os nossos observadores notaram qualquer inferência nêsse sentido. Se aquêles ali existirem deverão viver em condições difíceis, a menos que seriam adiantadíssimos para desfrutarem vida artificialmente confortável. Mas pelas nossas pesquisas, no momento tudo ali indica ausência de vida ativa, não se devendo interpretar com isto que a ciência não admita tal possibilidade.

Em linhas gerais, êsses são os atuais informes planetários do nosso sistema solar, com relação à vida.

E assim, como acabamos de ver, pela colocação dos nossos planêtas ao redor do Sol, sòmente a Terra se mostra vantajosamente favorecida pela vida evolutiva, havendo possibilidades para Vênus e Marte. Nos demais, não obtendo ambiente para formar água tépida, seja por excesso de calor ou de frio, revelam-se globos desertos.

Se os corpos vivos terrestres exigiram determinadas condições para a construção de suas estruturas orgânicas, é lógico concebermos que nos outros mundos as leis da natureza não poderão estar fora desta ordem, considerando-se que, seja onde for, as mesmas causas devem produzir os mesmos efeitos. A água, por exemplo, não poderia ser ao mesmo tempo sólida em dois planêtas diferentes, um de baixa e outro de alta temperaturas. Com êste raciocínio, é justo concebermos que a vida animal, composta dos elementos originados de uma mesma argamassa cósmica, portanto sujeita às mesmas leis, não poderia eclodir e evoluir simultâneamente, em ambientes planetários de temperaturas extremamente opostas.

O argumento de que mundos diferentes possuem sêres adaptados para cada natureza é válido, desde que não ultrapassemos determinados limites nessa conjetura. Conceitos extremos levam-nos para o terreno das fantasias.

E finalizando, advertimos que nós espíritas nesse assunto poderemos comentá-lo, mas sob a responsabilidade orientativa da ciência experimental, a qual não está em choque com os nossos postulados doutrinários. Nós já temos a responsabilidade sôbre a prova da sobrevivência da alma, questão esta de relevante significado.

Para tanto, lembremos estas palavras de Kardec n'A Gênese, capítulo I, alínea 16, «Assim como a ciência pròpriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento do princípio espiritual.»

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo enderêço ; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Carta ao Prof. P. Ubaldi

TEMOS, em mãos, sua prezada carta, de 7/6/58, que se achava dentro da revista «Kabala» (n.º 47 — junho de 1958), marcando o lugar do artigo: Anti-ubaldismo na Cosmonomia» III, da autoria do Sr. Joviano Tôrres. Agradecemos-lhe a gentileza da remessa.

Autorizamos a publicação desta carta, e, por causa disto, fá-la-emos em caráter amplo, não reservado, sem aquêle toque aproximativo, de convívio, próprio das comunicações entre familiares pelo sangue, pelas idéias e pelo sentimento.

Nos dois primeiros artigos (I e II), o Sr. Joviano Tôrres esteve só desabafando seu nervosismo e, em sua prosápia cosmonômica, esteve fazendo prosopopéia da sua super-competência transgenial. Neste número, entretanto, êle falou pensamentos e não só palavras, como dantes.

Quando nos referimos a «A Grande Síntese», apenas diremos GS, do mesmo modo que R significa a resposta existente no «Livro dos Espíritos» de Allan Kardec.

O primeiro grande êrro do Sr. Joviano Tôrres, que lhe não queremos chamar leviandade, e menos, ainda, má fé, foi o atacar a GS sem conhecer as demais obras do autor. Se houvesse sòmente a GS, bem estaria que só a esta se referisse. Todavia existe «Deus e Universo», para não se falar em «O Sistema» que não foi ainda publicado em volume.

A GS foi feita não para os espiritualistas, nem para os espíritas, mas, para falar aos materialistas, e só a êles. «Êste livro foi feito para aquêles que, afim de entenderem, precisam de demonstração. Para êsses é que foi despendido êste esfôrço de racionalidade, *inútil se assim não fôra*» (GS 245). «Não fiz convosco questão de fé, porque aprendestes a fugir à fé; *faço questão de razão e ciência*, e servindo-me destas *próprias armas vossas*, com as quais haveis tentado demolir Deus e o mundo do espírito, vos apertarei progressivamente num tôrno de ferro, afim de que volteis para Deus e para o espírito» (GS 245-246). Os grifos são nossos.

Havia, pois, como se vê, de partir da tese materialista, visto como só os materialistas é que constituiam o objeto do esfôrço. Daí o dizer: «inútil se assim não fôra». Quer dizer que convencer aos já convencidos, é aguar sob a chuva, ou chover no molhado. Por isso, prossegue: «não fiz convosco questão de fé», mas «faço questão de razão e ciência». E nós constituimos uma prova de que a obra atingiu o seu objetivo, pois, nos tornamos espírita pelo estudo de «A Grande Síntese».

Contudo a grande equação da substância já deixou implícito que a matéria, como a energia, provieram do espírito. Eis, ainda, o que diz «Sua Voz»: «Não vades por isso dizer que o *espírito é um produto de matéria;* dizei antes que y se eleva a x, *revelando o princípio* que se continha latente em sua profundeza» (GS 88). Os grifos são nossos. Pela involução o espírito se sepultou na matéria. Todavia o desenvolvimento desta parte, isto é, a involução, ficou reservado para «Deus e Universo» e «O Sistema». «A Grande Síntese» explanou sòmente a parte que se enquadrava no momento psicológico materialista dêste século das «luzes».

Em mais de um lugar, diz-nos a GS que todo o movimento subentende um outro contrário e complementar. «Tudo o que há, tem o seu inverso, (lei de dualidade) sem o que está incompleto» (GS 40) «Assim, a energia tende agora para a difusão, precisamente porque vosso universo está em período evolutivo, ao passo que no inverso período precedente êle tendia e se dirigia para a centralização (condensação das nebulosas)» (GS 287) Logo, se o movimento evolutivo vem de menos infinito para mais infinito . . . . . ($-\infty \longrightarrow +\infty$), no ciclo oposto, houve a quéda de $+\infty \longrightarrow -\infty$. É por isso que, como já defendemos em nossas nove «Elucidações, «Deus e Universo» é a contraparte oposta e complementar de «A Grande Síntese».

O Sr. Joviano Tôrres declarou ser necessário «pelo menos meio século de meditação e de revelação» para tratar destas coisas, e nós achamos que são precisos alguns milênios de evolução, e muitas reencarnações. De certo tudo o que o Sr. Joviano Tôrres sabe êle alcançou nestes cinqüentas anos, gastos em meditações, tempo muito curto, e tanto que não deu tempo nem de êle ler «O Livro dos Espíritos». Esta é a conclusão que somos forçados a chegar dos seus escritos, pois, êle nos diz, de Ubaldi: «Êsse materialismo foi a maior ofensa involuntária feita ao Espiritismo e à Verdade. Etc... (Kabala, 47). Mas a maior ofensa não vem da GS, senão, do «Livro dos Espíritos», resposta 43 que diz: «No comêço era o cáos. Os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os sêres vivos apropriados ao estado do globo». «Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser parte de Deus» (R. 15). Logo, o homem não é parte de Deus, por ser uma criação vinda do *nada* (cáos), com que ficou sendo exterior à divindade, não a podendo buscar, por isso, na sua essência. Ora, se tudo veio do cáos inclusíve a matéria, não foi difícil a Ubaldi prosseguir daquí, com a volta para Deus, que a evolução já vinha fazendo desde o cáos, isto é, do infinito negativo. A maior ofensa, pois, está no mesmo «Livro dos Espíritos». Se isto é ofensa ao Espiritismo, segue-se que os espiritistas já se achavam ofendidos não havendo razão para se sôbreofenderem com a «Grande Síntese». Ofensa, para êles, foi, sim, «Deus e o Universo», porque veio ofender a mesma ofensa contida no «Livro dos Espíritos», com a qual já se haviam habituado.

O enunciado do «Livro dos Espíritos» de que os espíritos são criados em estado de simplicidade e ignorância (R 115) é materialismo grosseiro e blasfemo, porque, como o mal decorre da ignorância, criar o filho ignorante é criá-lo mau e para a dor. O que declara serem os espíritos exteriores ao Criador, isto é, apartados dêle (R. 77), é dualismo agostiniano, absurdo, superado e blasfemo também. A comparação que se fêz de Deus e sua criação, com um homem que constrói a sua máquina (R. 77), é simplesmente pueril. Deus, sendo infinito não pode criar fóra de si mesmo, nem tem outra substância com que operar, senão a sua própria, visto que, lógicamente, do *nada absoluto* não sai nada.

Esta noção de criação exterior à divindade decorre do *«creatio ex nihilo»* de S. Agostinho, pelo qual, tendo Deus criado o mundo do *nada absoluto*, fê-lo a êste exterior a si. Isto serviu para a Igreja Católica estabelecer a sua hierarquia eclesiástica de padres, bispos, cardiais e papas, os quais seriam os únicos intermediários entre Deus e os homens, pois, é claro que, sendo Deus exterior à sua criação, não está na essência do nada, nem na do homem, não podendo ser aqui procurado, e sim, sòmente, através dos seus representantes legítimos de batina.

Não se temam os espiritistas de que se venha formar papismo dentro de sua seita, porque, para isto, seria necessária *a base teológica que está na dualismo agostiniano do «Livro dos Espíritos» (R. 77)*, contra a qual se levantou já o monismo ubaldiano, pelo qual, sendo Deus a essência mesma de tôdas as coisas, é, por isso, a do homem, não precisando ninguém de intermediários para o buscar a êle. Êste perigo como se vê, já foi conjurado por Pietro Ubaldi que recebeu, por isto mesmo, como prêmio, o ser taxado de católico romano, em virtude do estreitismo de muitos espíritas.

Eis, pois, que a maior ofensa ao Espiritismo não veio de Ubaldi, senão do mesmo espiritismo. Ubaldi, pelo contrário, sofreu a excomunhão por parte dos chefes do Espiritismo em São Paulo, que o taxaram de católico romano, por causa de ter ofendido a ofensa contida no «Livro dos Espíritos», pela qual o Espiritismo poderia vir a ter, de futuro, modernizados papas. Ubaldi foi contra a teologia agostiniana da Igreja de Roma? Sim. Logo, é católico romano. Bonita conclusão foi esta, por certo, para a glória futura do Espiritismo.

Fale mais, o Sr. Joviano Tôrres: «Persiste a *causa* da energia, que, isso, sim, pode considerar-se o espírito, o qual, como causa, não se nivela nem se confunde jamais com o efeito, a energia, a matéria...» (Kabala, 47). Em primeiro lugar êsse negócio de *causa* e *efeito*, se apartados e estanques, não se compreende o que sejam; são termos vagos demais, e por isto substituidos pela ciência por antecedente e consequente. A semente não é a causa da árvore, mas, antecedente, numa sequência temporal, cujo devir produz a árvore. Por outro lado a árvore é o antecedente da semente, com que tudo se resolve em ciclo. Ao caso, agora: o Sr. Joviano admitiu o espírito como causador da energia, isto é, antecedente dela. E antes tinha declarado que «a matéria é energia» (Kabala, 47). Se o espírito vai para energia, e energia, para matéria, segue-se que o espírito vai para matéria; que muito é, portanto, que, na fase inversa a desta, a matéria vá para a energia, e esta, para o espírito? Demais, como e porque, êste «espírito» do Sr. Joviano, que é divino, pôde tornar-se em energia, para que esta pudesse transmudar-se em matéria? Se aquêle «espírito» é divino, não será divina, também, a matéria? conquanto não passe de «borra», como êle diz? Nós viemos do cáos, segundo o Espiritismo e voltamos para Deus. Voltamos para Deus? Logo, saimos de Deus que não se pode voltar, sem primeiro ter saído. Como, porém, fomos cair naquele cáos, de onde, agora, ressurgimos, progressivamente, pela evolução? Fomos para lá, livremente, ou lá fomos projetados pela fôrça mesma do Criador? Como é que o espírito foi transmudar-se na «borra» da matéria? E se não foi o espírito que se transtornou na «borra», visto como êste, sendo *«causa»* (!?) afastada, distante, nobre, divina, não desce no nível da «borra», então, de que substância esta é feita? do nada outra vêz, como queria o ilogismo do filósofo do «Livro dos Espíritos», ex-bispo de Hippona? Como é que foi aparecer essa grandíssima «borra», ou seja, todo o universo físico? Porque está êste fundado sôbre a dor? Seria, Deus, sade-mazoquista? Se na fase evolutiva o espírito não veio da matéria, onde esteve sepultado, então, estará errado o «Livro dos Espíritos» que disse ter tudo começado pelo cáos?

De acôrdo com o Sr. Joviano Tôrres no começo era o espírito. «No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus» (João 1, 1-2). Tal é o que também afirma a GS (88), «Deus e Universo» e «O Sistema». Mas como é que êsse espírito foi, em caindo, criar o cáos, que antes não existia no Cosmos perfeito de Deus? De onde apareceram a ignorância, a treva, o mal?

Quem puder explicar estas coisas que o faça; quem não puder, formule uma hipótese de trabalho. Quem não puder, nem isto, que fique quieto e deixe de escandalizar-se do esfôrço alheio. Ao menos se êstes tais explicassem alguma coisa, ainda que errado, estava bem; o pior é que começam com desabafos de ânimos, com agressividades, com muita bazófia, muita farófia, muita prosápia, sem pensamentos.

U'a mente que se diz cósmica não vive a agredir a todo mundo, em nome do Cosmos (ordem), para que a sua verdade particular seja a única verdade verdadeira. O mundo terá de se unificar por sínteses das partes, por tolerâncias, por complacências, por meio do amor, e nunca pelo sobrepujamento de uma verdade particular, ainda que seu dono seja um super-gênio, e o seu sistema traga o pomposo nome de cosmonomia. Não interessa o rótulo; vale é o conteúdo; e o conteúdo é o de luta, de desarmonia, de orgulho, de separação, de agressões; e quem pratica tudo isto possui uma inscrição na testa, muito legível, que diz: a-cósmico. Ainda, aquí, como sempre, é pelos frutos que se conhece a árvore.

Para não nos alongarmos mais, ficamos, *por ora*, por aquí.

Abraça-o, o discípulo,

LUIZ CARAMASCHI

18/6/58

"Filosofia da História"

Encerramos, neste número da Revista, a publicação da série de artigos de Carlos Imbassahy sob o título de «Roma, Nero e os Cristãos», verdadeira e brilhante História do período romano do célebre Imperador, cuja fama enche de sombras a lembrança daquele passado do grande martírio dos cristãos.

Em nossa próxima edição, de 15 de agosto, iniciaremos a divulgação de outra série de capitulos de novo trabalho da mesma autoria, isto é, do mesmo distinto colaborador, que tanto honra estas colunas.

Êsse novo trabalho histórico, intitula-se «Filosofia da História», no qual, Carlos Imbassahy, narrando, com a clareza e a lógica de sua linguagem, a Revolução Francêsa, justifica a inversão do provérbio, que os meios é que justificam os fins.

Chamamos a atenção dos prezados leitores para mais essa notável produção do insigne escritor espírita, certos de que todos encontrarão nessas páginas a maior beleza de estilo e seguros conhecimentos.

Crônica Estrangeira

Fatos Espíritas repetem-se em todos os recantos

«O COMÉRCIO DO PÔRTO», órgão da ilustrada imprensa portuguêsa (edição de 24/1/59), conta-nos sob o título «Pancadas misteriosas, objetos que voam, garrafas estilhaçadas e o mais que adiante se verá...» *interessantes acontecimentos que se identificam perfeitamente com a fenomenologia espirítica, que é independente de idéias religiosas.*

«Isto parece o título de uma novela para publicação em folhetins mas, a verdade, é que se trata de um caso muito sério e tanto mais sério quanto é certo constituirem verdade irrefutável os fatos que narramos. O caso passa-se ali para a rua da Devesa de Cima, e está a ser motivo de preocupação para muitas pessoas. No prédio n.º 4 da citada rua, reside, há muitos anos, uma família. Teve fama de andar por ali «coisa ruim», no prédio, mas muito tempo passou sem que os locatários verificassem algo de extraordinário.

Ultimamente, porém, e de repente, tudo se modificou. Um dos membros da família, um moço de 17 anos, de nome Manuel Ferreira, começou a ver um rosto estranho, a determinadas horas, na sua frente. E como se essa visão não fôsse o suficiente para o assustar, sentiu-se agredido. Chamou a família, e esta, se não viu nada, ouviu perfeitamente o ruido das bofetadas no rosto do Manuel Ferreira. A partir daí, gavetas têm saido dos seus lugares para atingir o rapaz e até uma bolsa que sua irmã tinha debaixo do braço, se deslocou de repente, sem que se visse quem a fazia mover-se, e foi atingir o Manuel Ferreira na cabeça. Uma tesoura, perseguiu-o e acabou por se cravar numa porta, e as garrafas contidas numa grade, depois de forte ruido, foram encontradas totalmente estilhaçadas. O pai do rapaz numa das ocasiões em que os fatos aparentemente inverossímeis se registraram, meteu-lhe nas mãos um crucifixo. O rapaz apertou-o bem, por mais que uma vêz, mas sempre o crucifixo lhe foi arrebatado, não se sabe por quem.

Quando se registrou o caso da tesoura, o Manuel Ferreira, estava a fazer com ela, recortes em jornais. Interrompeu o trabalho e poisou a tesoura, e foi quando êle saia do aposento que a tesoura o perseguia e se foi cravar na porta. Tudo isto é de molde a provocar grandes perturbações na vida familiar e, a propósito, cita-se na zona onde tão sensacionais acontecimentos se registram, o que se passou recentemente numa freguesia do Conselho de Viana do Castelo. Não falta quem afirme tratar-se de «coisa» do mesmo gênero, a reclamar a intervenção das autoridades eclesiásticas, antes que os espíritos se tornem mais perturbados. A família, ao que nos informaram, já está a fazer diligências nesse sentido.»

De *«Mundo Espírita»*

Chuva de Pedras

De *«Estudos Psíquicos»*

Há cêrca de três anos o sr. P. F. Syfret, morador na rua Japie Faurie, 47, de Tierveley, África do Sul, e sacristão da Igreja Reformista Holandêsa, passou por um transe singular que principiou por uma pancada na porta principal de sua casa.

Ao abrir a porta não encontrou pessoa alguma, mas ouviu bater imediatamente na porta trazeira. Ali também não viu quem fôsse, embora as pancadas continuassem.

E a seguir uma chuva de pedras começou a cair do teto, onde não havia qualquer vestigio de buracos.

Acompanhado de sua irmã, dirigiu-se à cozinha e ficou estarrecido ao ver muitos pratos partidos, enquanto as pedras continuavam a cair no alpendre.

Chamaram a policia, que se limitou a dizer que só atendia infrações à lei, humanas e visíveis. E o bater à porta e a chuva de pedras continuaram à luz do sol durante três dias, cessando pouco depois.

Desde então não houve mais fenômenos visíveis ou audíveis.

Tantos exemplos dêste gênero que a ciência clássica ainda não conseguiu estudar, apresentando para êles uma causa lógica! É tempo de abandonar o «trono augusto» e descer à cidade, onde há coisas estranhas que requerem explicação que só os sábios podem dar.

Necrologia

Pedro Longo Batista Pereira

Na cidade de Lins, onde residia desde 1.921, aos 31 de Janeiro, desencarnou repentinamente o nosso confrade Pedro Longo Batista Pereira. Natural de Cachoeiro do Itapemirim, alí nasceu no seio de uma família cujo chefe, Longo Batista Pereira, foi um dos pioneiros do kardecismo no Estado do Espírito Santo. Desde tenros anos foi Pedro Longo médium de apreciáveis qualidades, aprofundando-se no estudo e na prática do Espiritismo por mais de seis décadas dos 70 anos que teve de vida terrena. Em Lins, logo alí instalado, com um punhado de adeptos e simpatizantes do Espiritismo, fundou o primeiro grupo de trabalho, lançando a semente do que viria a ser, com a sua contribuição decisiva, a União Municipal Espírita «DEUS, CRISTO E CARIDADE», da cidade de Lins. Diversas entidades de assistência social receberam os benefícios da ação filantrópica que o Espiritismo desenvolveu em Lins, pois, Pedro Longo Batista Pereira, bem cedo compreendeu que não sòmente cuidando da alma, amealharia seguidores dos princípios morais que a doutrina kardecista prega. Assim surgiram em Lins o Hospital Espírita «Bezerra de Menezes», que alí se levanta vitoriosamente, o Albergue Noturno «Humberto de Campos», a Liga de Cegos, a Legião da Boa Vontade e outras mais, para cujas sedes o desencarnado muito contribuiu, com o seu esfôrço e boa vontade.

Pedro Longo Batista Pereira, ao desencarnar, deixou viuva Dª. Florentina Fonseca Pereira e os filhos: Maria José Batista Pereira, casada com o Dr. Nelo Lourenção, professor, humorista e jornalista, Hortencio Batista Pereira, professor, casado com D. Circe Batista Pereira, Dr. João Batista Pereira, cirurgião dentista, casado com D. Raimi Pereira, D. Celina Batista Pereira, casada com o Sr. Manoel Ribas, D. Iná Pereira Lima, casada o Dr. Laércio de Oliveira Lima, Promotor Público na Capital do Estado e Luiz Carlos Batista Pereira, acadêmico de direito.

Pedro Longo Batista Pereira era cirurgião dentista, profissão a que dedicou longos anos de sua vida, sendo considerado o décano da classe, em Lins.

Estimado por quantos o conheciam e reconheciam à primeira vista as suas excelsas qualidades morais e o seu grande e bondoso coração, onde a ira sòmente se manifestava como desespêro contra o mal e a exploração, estando sempre pronto a fazer o bem sem olhar a quem, Pedro Longo grangeou para si um lugar de destaque no coração dos linenses.

Perde, assim, a cidade de Lins um dos seus vultos de maior expressão no terreno da assistência social e vê o Espiritismo se apagar a chama que conduzia um dos seus mais valorosos soldados para onde a refrega era mais ardente.

O seu passamento foi calmo e sem sofrimentos, entregando Pedro Batista Pereira a alma ao Criador, como um justo que realmente foi. Pedro Batista, a estas horas, deve estar na santa paz, na companhia de outros irmãos desencarnados, também, como êle, justos e puros de coração.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Educandário Espírita Amèlie Boudet

Manifesto

A falta de educandários espíritas, aos quais possamos confiar a formação cultural e espiritual das novas gerações, é uma das falhas mais sentidas do movimento doutrinário em nosso país. Em geral, os pais espíritas são obrigados a confiar seus filhos a educandários de orientação contrária aos nossos princípios. Disso resultam conflitos e situações desagradáveis, além de perigo de serem as crianças e os jovens, sempre fàcilmente influenciáveis, desviados da compreensão espírita da vida para aceitação de formas sectárias estreitas, já superada pela evolução espiritual da humanidade. A responsabilidade dos pais e enorme, quando isso acontece. Mas como podem os pais evitá-la, se não encontram onde educar seus filhos dentro dos princípios doutrinários?

Não somos sectaristas e não queremos estabelecer diferenças entre crianças e jovens espíritas e não-espíritas. Mas não podemos negar a existência de sectarismos ferrenhos, ao nosso lado, que procuram desviar nossos filhos por meio da educação. Por outro lado, os educandários espíritas não serão organizações doutrinárias exclusivistas, mas abertas a todos. Trabalho, solidariedade e tolerância, eis o lema dos educandários espíritas. Pelo trabalho, nossos educandários instruem e orientam; pela solidariedade, mostram que todos os homens podem lutar unidos por um mundo melhor; pela tolerância, ensinam o respeito às convicções alheias. Podemos ter isso em educandários de orientação sectária, a que somos obrigados a entregar nossos filhos?

O Espiritismo proclama que tôdas as religiões são boas, quando praticadas com sinceridade, e não procura desviar ninguém do caminho que lhe apraz. Mas é evidente que não deve permitir a predominância de influências sectárias na formação das novas gerações espíritas. Que cada um siga o seu caminho, mas que os espíritas também possam seguir o seu. Os educandários espíritas são, portanto, organismos indispensáveis à preservação dos princípios espíritas, que devemos legar de maneira clara e precisa às gerações futuras. E a existência de educandários espíritas modelares em São Paulo é assim uma necessidade gritante do movimento espírita do nosso Estado. Êsse o motivo porque resolvemos iniciar a campanha de fundação do *Educadário Espírita Amèlie Boudet,* e pedimos para ela a ajuda de todos os confrades.

O nome de nosso Educandário é uma homenagem à grande figura daquela que foi espôsa de Allan Kardec, e que, como êle, era professôra e se dedicava à educação. Nosso Educandário deverá ser construído numa área ampla de terreno, nos arredores de São Paulo, dispondo de acomodações para internato, a fim de que os confrades de todo o Estado possam nele deixar os seus filhos. As rendas do Educandário serão aplicadas nêle mesmo, para a sua manutenção e ampliação. Estamos certos de que os confrades compreenderão o elevado sentido desta campanha, e esperamos de todos a colaboração de que necessitamos.

Aproveitamos o ensejo, para informar, que cada um dos 33 (trinta e três) membros do Conselho de Fundadores do Educandário Espírita Amèlie Boudet, subscreveu uma quota de Cr. $ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), que estão sendo integralizados em parcelas mensais de Cr. $ 100,00, Cr. $ 200,00, Cr. $ 500,00, Cr. $ 1.000,00 ou Cr. $ 2.000,00, de acôrdo com suas posses.

PRIMEIRA DIRETORIA

(biênio 18/abril/1959 a 18/abril/1960)

(a. a.) M. A. Anhaia Ferraz—Advogada. Rua Dr. Bacellar, 505 — V. Clementino — F. 7-2157 — *Presidente;*

Raul Soares — Cirurgião-Dentista. Rua Bom Pastor, 479—Ipiranga — F. 63 3806 — *Vice-Presidente;*

J. Herculano Pires — Professor Secundário. Rua Dr. Bacellar, 505 — V. Clementino — F. 7-2157 — *Primeiro Secretário;*

Celso Barros Pimentel — Contador.

Rua João Moura, 628 — Pinheiros — F. 5-7097 — *Segundo Secretário;*

Ruy Piedade — Contador. Rua Benito Juares, 113 — V. Mariana — F. 7-5673 — *Primeiro Tesoureiro;*

Zilah Cardoso - Contador. Rua Barão do Triunfo, 290—Brooklin—F. 61-4298 — *Segundo Tesoureiro.*

E ainda os confrades, abaixo relacionados, que completam o quadro do Conselho de Fundadores, constituido de 33 (trinta e três), membros, e que assinaram a Ata de fundação e elegeram a primeira Diretoria do Educandário Espírita «Amèlie Boudet»:

Izabel Ramos de Freitas, Pedro Antonio Valvano, Cândido de Morais Leme Junior, Antonio Alves, Neyde Piedade, Maria de Lourdes Anhaia Ferraz, Zeuno Simões, Ady Strasburg Piedade, Maria Aparecida Azevedo Cardoso, Francisca Odete Barroso Valvano, Manuel Roberto, Heloisa Piedade, Tereza Zanetti, Eucaria Falco Sapucaia, Iracema Sapucaia, Jubens Bizzi, Walkiria Simões Bizzi, Orville José de Oliveira, Wally Barreto Sämy, Mireta Lacerda, Luiza Pessanha Camargo Branco, Aristides da Silveira Lobo. Cel. Francisco de Paula Cardoso, Zuila Maia Dantas, João Carlos Strasburg, Frutuoso de Mello Pimentel.

«Teoria Corpuscular do Espírito»

O engenheiro Hernani Guimarães Andrade acaba de publicar o primeiro volume da sua esperada obra, «A Teoria Corpuscular do Espírito», formulando uma hipótese para melhor orientação das pesquisas científicas sôbre a natureza do espírito. O autor se revela perfeitamente a par dos últimos progressos da ciência, particularmente no terreno da biologia e da física, que mais de perto interessam ao seu trabalho. Apesar de tratar de problemas científicos, o livro é escrito com simplicidade e clareza, e mesmo com orientação didática, sendo portanto acessível ao grande público.

Gratos pelo exemplar que nos foi oferecido.

— À venda na Livraria «O Clarim» — Preço de cada exemplar Cr. $ 166,00, inclusive porte e registro.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula dos trabalhos da reunião mensal ordinária, realizada em 6 de Junho de 1959

Profere o Presidente, às catorze horas, a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Manifesta sua satisfação pela presença dos Delegados da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, aos quais, em nome da FEB e do Conselho Federativo Nacional, saúda carinhosamente e agradece o aprêço e a solidariedade sempre demonstrados pela Casa de Ismael, lembrando o valor e esfôrço da Federação Gaúcha na obra de difusão da Doutrina, tanto sôbre o aspecto cultural, como, especialmente, no assistencial. Apresenta o confrade Capitão Tenente Walter de Souza Mascarenhas, novo representante da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, na qualidade de Presidente dessa Entidade, ao qual empossa. Faz apreciações sôbre o crescimento do Espiritismo em todo o mundo, revelando comentários de «Constancia», da Argentina, e dá notícias de um outro jornal do Japão, lá conhecido pelo nome de ZAS. Como a revista OOMOTO, êsse jornal japonês ressalta o crescimento da Doutrina, atráves das traduções de obras espíritas em Esperanto. A ATA anterior é lida e aprovada, e, no expediente, são considerados comunicados de eleições nas Federações do Rio de Janeiro e na União Espírita Paraense.

Santa Catarina — Lê o representante, Conselheiro Manoel Bernardino, carta da Federação Catarinense noticiando o crescimento contínuo das atividades de propaganda e desenvolvimento da Doutrina em todo o Estado, já agora melhoradas pela oferta de prestimoso confrade de um moderno aparelho gravador, que veio possibilitar a transmissão de mensagens e esclarecimentos do ALTO, os quais são levados a todos os organismos espíritas da Capital e de todo o Estado.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva fala sôbre o convite ao Conselho para a IV Concentração de Juventudes Espíritas do Vale do Paraíba, ao qual compareceu, representando o Conselho. Apresentou um longo trabalho referente ao movimento de Mocidades, o qual foi encaminhado, para estudo, ao

Departamento de Juventudes da FEB. Anuncia o lançamento das pedras fundamentais da Casa Transitória e da Casa de Saúde «Allan Kardec-Alice Pereira».

Pará — Relatando o notável desenvolvimento da Doutrina em todo o Estado, o Conselheiro Prof. Ramiro Gama comunica o trabalho fecundo da União Espírita Paraense, tanto na propaganda, e difusão do Espiritismo, quanto na parte de assistência aos necessitados, já se cogitando da fundação de um Sanatório para Alienados.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Capitão Tenente Walter de Souza Mascarenhas diz de sua satisfação em representar a Federação Fluminense no Conselho, agradece a saudação do Presidente e diz do seu propósito de corresponder ao encargo, dentro das normas federativas, continuando o trabalho de seu antecessor, cujos resultados são realmente animadores.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães apresenta minucioso relatório da União Espírita Cearense, destacando o serviço da Casa de Saúde Antonio de Pádua, de onde 60% dos enfermos mentais, internados em 1958, sairam inteiramente sãos. Informa ainda sôbre o aproveitamento dos educandos das escolas da União e comunica a criação de uma Bibliotéca.

Rio Grande do Norte — O Conselheiro Ismael Gomes Braga, depois de afirmar o trabalho sempre eficiente da Federação Norte Rio Grandense, discorre sôbre o consolador crescimento do movimento espírita em todo o Brasil e reafirma a cooperação notável, para tal crescimento, do ESPERANTO.

O Conselheiro Almerindo Martins de Castro transmite ao Conselho e à FEB a afirmação, por seu intermédio enviada pelo Presidente da União Espírita Mineira, da inteira e irrestrita solidariedade dessa Entidade e de seus dirigentes ao Pacto Áureo, à FEB e ao Conselho Federativo Nacional.

Usando da palavra, o Vice-Pesidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, confrade José Simões de Matos, manifesta sua alegria e dos seus companheiros presentes, por participarem da reunião do Conselho, agradecendo a fraterna e cordial acolhida e, após enumerar os esforços e resultados colhidos pela Entidade que representa, reafirma a decisão de trabalhar sempre dentro da orientação da FEB e do Conselho Federativo, em absoluta obediência ao Pacto Áureo e à Organização Federativa Nacional.

Em ambiente de fraterna emoção e grande alegria, é feita pelo representante de Minas Gerais a prece final e encerrada a reunião às dezesseis horas e dez minutos.

Em Volta Redonda — E. do Rio

Centro Espírita «A Caminho da Luz»

Com sua sede à rua Machado de Assis, 211 — Bairro S. João — Volta Redonda — Estado do Rio, fundou-se o Centro Espírita «A Caminho da Luz», que nos comunicou, em circular êsse acontecimento promissor e vasto programa da ação que pretende desenvolver pela Doutrina, programa que aquí resumimos, extraindo da mesma circular o seguinte:

«Anima-nos fortemente o desejo da prática da fraternidade entre tôda a Família Espírita Brasileira. Precisamos, todavia, da ajuda de TODOS os nossos confrades e pedimos lhes nos escrever, dando-nos informações preciosas e orientando-nos a respeito das experiências que tiveram no glorioso caminho de suas magníficas realizações espíritas.

Desejamos conhecer o modo, como se processam as sessões mediúnicas e de propaganda espírita, as inovações e os empreendimentos em cada Centro Espírita. Pretendemos, também, receber publicações espíritas para que nos ilustremos cada vez mais e mais.

Como acreditamos na juventude, esperamos que os componentes da nossa Mocidade Espírita se comuniquem epistolarmente com os de tôdas as Mocidades Espíritas do Brasil, bem como, que os Srs. ou Sras. Orientadores das aludidas mocidades, numa troca utilíssima de impressões e de experiências, se comuniquem constantemente entre si, arquitetando, dêste modo, um melhor progresso para o Movimento Espírita Brasileiro.

E' ainda pretensão nossa incentivar o intercâmbio de visitas entre caravanas espíritas das mais longínquas cidades do país, numa demonstração prática e humana de solidariedade cristã».

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3571unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agosto de 1959 – N.

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Kardec e a Evolução do Espiritismo	*J. Herculano Pires*
Filosofia da História — Os Meios e os Fins	*Carlos Imbassahy*
Introspecção	*v. lirenedo*
A Lua — Um Globo Internamente Habitado ?	*Arnaldo S. Thiago*
Seriam «Sputniks» as Luas de Marte ?	*V. O. Casella*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
O que é Síntese ?	*Luiz Caramaschi*
É Necessário que os Homens se Moralizem	*Dr. Giuseppe M. Minardi*
Sempre houve Batismo com Água .	*Max Maynard*
Onde está Deus ?	*General Levino C. Wischral*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Necrologia	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr $ 70,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo pára boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

rias pessoais, sutilmente elaboradas no recesso dos gabinetes, e menos ainda com a adoção de processos mágicos e rituais religiosos. Tôdas essas formas pertencem exàtamente ao anti-espiritismo, a um passado em que as idéias espíritas estavam sufocadas sob as falsas interpretações dos fatos. Depois do aparecimento do «Livro dos Espíritos», que deu cumprimento à promessa do Consolador, os problemas espirituais saíram da nebulosa das suposições absurdas, das afirmações dogmáticas e das interpretações pessoais, passando ao terreno positivo da observação e da experiência. O Espiritismo tirou os fatos chamados supranormais do plano da charlatanice, para torná-los objeto de pesquisa científica e reflexão filosófica.

Vejamos, para comprovar isso, o que diz Kardec em «A Gênese», item 55 do primeiro capítulo: «O Espiritismo não estabelece, como princípio absoluto, senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta lògicamente da observação.» Esta característica fundamental do Espiritismo não pode ser esquecida, quando falamos em evolução da doutrina. Os princípios doutrinários, firmados cientìficamente, através da experiência e da observação, só podem ser alterados ou acrescentados por meio de novas conquistas positivas, de evidência universal. Fora disso, não temos evolução, mas retrocesso. Já no tempo de Kardec havia muitas «revelações» imaginosas, que o codificador não levou em consideração, por não conterem nenhum elemento de segurança. Muitas «mensagens mirabolantes» lhe foram enviadas, e Kardec as deixou prudentemente de lado. Grande parte das «novidades» mediúnicas de hoje são infinitamente inferiores àquelas comunicações.

Outra tendência bastante acentuada entre nós é a do desprêzo pelas ciências positivas. O amor do maravilhoso provoca vertigens no meio espírita, quando Kardec advertiu que o Espiritismo é a própria negação do maravilhoso. Explicando os fatos supranormais pela descoberta das leis naturais do espírito, a doutrina afasta a possibilidade do milagre e conduz os homens à compreensão dos processos dinâmicos da natureza. Não existe o sobrenatural, porque êste só podia existir diante da ignorância da extensão das leis naturais, que não se limitam ao plano da matéria. Por isso mesmo, Kardec acentuou que o Espiritismo e as ciências se complementam e devem avançar de mãos dadas. Em «A Gênese», esclarece que o Espiritismo só pôde aparecer em meados do século dezenove, porque dependia do desenvolvimento científico: «só podia vir depois da elaboração das ciências». (Cap. I, item 18). Como vemos, desprezar as ciências é negar as próprias condições de desenvolvimento da doutrina espírita.

Não existe, evidentemente, uma sujeição do Espiritismo às ciências, mesmo porque, segundo acentua Kardec, o Espiritismo é também uma ciência, aplicada ao elemento espiritual do universo. Mas existe uma relação direta e necessária, que os próprios Espíritos Superiores respeitam, em suas comunicações. Isso está bem claro no item 54 do capítulo primeiro de «A Gênese», quando Kardec declara que os Espíritos não precipitam suas revelações. «Êles não enfrentam as questões, — diz o codificador, — senão na medida em que os princípios sôbre que tenham de apoiar-se estejam suficientemente elaborados, e bastante amadurecida a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, tôdas as vêzes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica, na quase universalidade dos centros».

Afinal, o Espiritismo evolui e tem forçosamente de evoluir, mas dentro das leis que regem o seu desenvolvimento, nos quadros precisos da codificação kardeciana, que não é uma elaboração pessoal, como sabemos, mas um trabalho conjugado de encarnados e desencarnados, sob a égide do Espírito da Verdade. A codificação é a rocha em que se alicerça a doutrina, e a pedra-de-toque para verificação das «novas verdades» que forem surgindo. Sem essa base e essa medida, estaremos arriscados a fazer o Espiritismo retroceder no tempo e no espaço, a título de fazê-lo evoluir.

É sabido que o progresso não dá saltos. A boa vontade, entretanto, acelera o progresso, fazendo a criatura chegar cada vez mais perto de Deus. — Lucipaz.

Filosofia da História

OS MEIOS E OS FINS

I

E' muito comum ouvir-se dizer que os fins justificam os meios. Nada de mais contrário aos ditâmes da Natureza e aos desígnios do Criador. Os fins estão nas mãos de Deus. Êle não precisaria de nós para sua obra; quer, porém, que participemos dela para sermos fautores da Criação. Confia-nos, então, os meios. Êsses meios devem estar de acôrdo com as leis divinas; esquecê-las, falseá-las, poluí-las é fugir ao compromisso, é falhar na missão que nos foi confiada.

Muitos, por desconhecerem que nossos trabalhos são missionários, e que por isso devemos seguir rigorosamente os preceitos superiores, levados por vaidade, pelos impulsos, pelo mau caráter, pelos maus instintos, pela selvageria ou pela perversidade, pretendem chegar aos fins, não lhes importando os meios de que lancem mão. As vistas estão voltadas para o Mundo, quando deveriam levá-las tanto mais ao alto quanto maior fôsse o empreendimento na via do progresso espiritual.

E é aí que está a falência com todos os desastres que ela acarreta para a alma. E como castigo, apesar dos esforços empregados, vemo-los, os maus obreiros, tombados com a obra que ambicionavam erigir.

Ponhamos exemplo no quadro histórico que se chamou a Revolução Francêsa. Ali pretendia-se implantar o lema da Igualdade, da Liberdade, da Fraternidade, livrar o homem da tirania, assegurar-lhe os direitos.

Vejamos o que êles fizeram.

Revolução Francêsa

Reinavam os reis despòticamente e isto não só em França, senão em todo o resto do mundo, onde se diziam investidos de mandato divino. Como resultado, os chegados à Côrte viviam nababescamente; a miséria era para o resto.

Foi quando alguns idealistas, com grande arrôjo e pouco preparo moral, pretenderam reformar a França e o resto do orbe. Os descontentamentos se vieram avolumando através dos vários reinados anteriores, até que o vendaval se desencadeou sob o mais benêvelo e mais cordato dos reis que a França tivera até então.

*

No verão de 1789 há graves perturbações, o saque, os ataques aos comboios, aos mercados, aos transeuntes. A vida estava em 'constante perigo, e por trás de tudo os agentes subterrâneos.

As notícias das fronteiras eram alarmantes; os exércitos francêses, inferiores em número, indisciplinados e sem chefes, recuavam. Longwy é tomada, Verdun investida.

Entra aí a ação de Danton. Era a alma da resistência e o espírito da ferocidade: tomam-se medidas extremas e repulsivas. Para extinguir a fôrça dos realistas e dos afeiçoados da Monarquia, no país, achou êle que era necessário meter-lhes mêdo. Sim, mas não era o mêdo das ameaças, dos papões, mêdo para crianças, senão o pavor, ou melhor, o pavoroso. Era o mêdo pelas mais incríveis violências, pelas matanças, pela infâmia, levada aos seus ultimos limites. Era o terror. E assim se denominou aquela época.

Começaram as visitas domiciliárias e as prisões em massa. Com a tomada de Verdun intensificaram-se as truculências. Cantu nô-las descreve, declarando que durante três dias, nas diversas prisões, os presos foram assassinados por uma alcatéia de bandidos.

*

Tinha-se tornado insustentável a situação do rei. Já os nobres, sem os títulos, sem garantias, insultados em tôda a parte, procuravam refúgio no estrangeiro.

Luis XVI resolveu também deixar París, e alta noite, com a família, meteram-se numa tipoia e rumaram a Metz, onde os devia esperar o General Bonillé. É porém reconhecido em viagem e detido em Varennes. A volta foi um Calvário para os prisioneiros. Jogaram porcarias na raínha, escarraram na cara do rei. Alguém que ousou cumprimentá-los, foi logo assassinado. E daí até o fim eram ameaças, imprecações, vaias, tentativas de agressão e de morte.

Em París, tomam-se medidas violentas: dispensaram nos decretos a sanção real; os jacobinos pedem sua deposição. Várias disposições foram impedidas por Lafayette e Bailly; o povo reage, Lafayette é obrigado a dar uma descarga.

Em março, o rei é forçado a declarar guerra à Hungria e à Boêmia, em face de um áspero e inconveniente ultimatum.

Logo se espalhou que os inimigos tinham cúmplices na França; os padres, os aristocratas, os generais e a côrte, sendo preciso exterminá-los.

Decreta-se o licenciamento de oito mil guardas do rei e tiram-lhes o chefe; fazem uma concentração de vinte mil guardas nacionais revolucionários; o rei é insultado até pelos ministros, até pelos granadeiros; ninguém o respeita; dizem desaforos à raínha; separam-nos de todos que lhes podiam ser fiéis. Em tôrno do palácio há uma grita constante.

Querem obrigar o monarca a condenar à mendicidade ou à prisão 70 mil sacerdotes. Preparam-se uns facínoras para compelí-lo à odiosa medida.

Um grande amigo seu e esteio da Monarquia, o General Dumouriez, parte para a frente. É comovente a sua despedida de Luis XVI. Sabiam que não mais se veriam.

Começaram os ajuntamentos e motins, até que um grupo de dez mil pessoas, onde se reuniram os desclassificados de todo o país, dirigiram-se para as Tulherias depois de passarem pela Assembléia. Os guardas abriram as portas e os faciosos irromperam. O rei apareceu calmo e sem mêdo; enfiam-lhe um barrete vermelho, chasqueiam-no, humilham-no. Afinal, a multidão esgotada, retira-se.

A França protesta, mas a Assembléia continua a tomar medidas contra o rei e a retirar-lhe todos os meios de defesa; acaba declarando teatralmente que a pátria estava em perigo. O último amigo do rei, Lafayette é enviado também à fronteira.

Prepara-se a célebre jornada de 10 de agosto, chefiada por Santerre, um remendão, Merlin, Bazire, Chabot, Fournier, Chaumette com um cura metido no meio. Robespierre redige as petições para a deposição do monarca.

Um ameaçador manifesto do Duque de Brunswick apressa o movimento. O palácio é cercado, investido, só tendo ficado fiéis os suissos. Ante a ameaça de assalto e assassínio, a familia real retira-se para a Assembléia, onde pede asilo. Aí obrigam o rei a que de ordem para que os suissos não resistam. Êstes se entregam e são trucidados com todos os que habitavam o castelo. Atiram os infelizes pelas janelas, enquanto as baionetas e os chuços os esperam em baixo. Tudo é destruido, deita-se fogo ao palácio e quando chegam os bombeiros são recebidos a tiro.

Estátuas, coroas, tabuletas são destruidas pelas ruas e praças. A Comuna decreta que se aniquile o Louvre, as Igrejas, os Arcos. Morreram umas 1.500 pessoas. A família real é enviada para um presídio — o Templo.

Elegem um Conselho e a 20 de Setembro de 92 a Convenção aboliu a realeza e proclamou a República.

Avançam os prussianos e brada Marat, o gênio da carnificina: — Suprimi os vossos inimigos; assassinai os nobres, os padres e os ricos. Nada deixeis atrás senão sangue e cadáveres.

E a carnificina organizou-se. Escolheram-se os degoladores a 6 francos, com vinho à vontade. E começaram as matanças na Conciergerie, nos Carmelitas, na Abádia, na Fôrça, na Salpétrière, no Chatelet, em Bicêtre. Havia palanques para os assistentes, como os armam aquí para o Carnaval.

*

Forma-se o processo contra o rei, o que foi um dos mais comoventes dramas da História. Os montanhêses impõem a sua execução. Danton declara: — Não queremos julgar o rei, queremos matá-lo. Na Convenção, opinar pela absolvição, é crime. Ninguém tem coragem de votar a favor do monarca. Robespierre acha que é necessário levá-lo imediatamente à guilhotina. Os Girondinos querem salvá-lo, mas são apupados e recuam, tanto mais que dizem haver sido descobertos num cofre papeis de certa gravidade.

Marat, para comprometer os benévolos, propõe que os votos sejam em voz alta.

E começa a peça, que seria burleta, se não fôsse trágica.

O rei defende-se calmamente e destrói tôdas as acusações. Vergniaud apela ainda para um plebiscito, ao que Robespierre, Saint-Just e Marat se opõem vigorosamente. E assim, é Luis Capeto declarado culpado de conspiração contra a segurança do Estado.

— Oxalá — dizia êle ao subir à guilhotina — possa o meu sangue fazer a felicidade do povo francês.

*

Alberto Sorel escrevia sôbre o infeliz monarca:

«A guerra civil tornaria odiosa a sua memória, a proscrição a apagaria, o cadafalso preparou-lhe uma auréola. Tirando-lhe o manto real e a coroa que o esmagavam, a Convenção descobriu nêle o homem que era dotado de uma mansidão sem igual, e que mostrou ao separar-se de tudo que tinha amado, no esquecimento das injúrias recebidas, bem como na morte, êsse sacrifício de si mesmo, e essa confiança absoluta na justiça eterna, que são as fontes das mais impressionantes virtudes humanas.

«Seu nome associa-se, na história dos povos, à idéia do maior dos infortúnios suportado com a mais nobre coragem.»

*

Os revolucionários—diz Pierre Gascotte, tinham anunciado aos países invadidos que lhes levariam a liberdade. Essa «liberdade» era a ditadura, os «assinados», a paralização do comércio, a deportação dos padres, as requisições, as contribuições forçadas, a confiscação dos bens dos nobres, a da Igreja, a denúncia, a pilhagem.

No saque de Sainte Gudule quebravam relicários, espalhavam ossos, violavam sepulturas, pisavam as hóstias. Os soldados, com as capas de asperges, entoavam canções obscenas. De fato, era isso que êles levavam, de sorte que, quando as populações apanhavam, descuidado, um destacamento francês, fuzilavam-no muito conscienciosamente.

O recrutamento em massa recaía nos aristocratas, nos burguêses, nos mais afortunados, nos não jacobinos. Revoltada, levanta-se a Vendéia.

Dumouriez é derrotado, e prevendo a guilhotina, emigrou.

Os Girondinos nada puderam contra Marat, cuja ferocidade era crescente. As hostes por êste dirigidas voltam-se então contra aquêle partido, cujos jornais são apreendidos, e presos seus dirigentes. Henriot exige da Convenção que lhe entregue os seus deputados. Alguns querem fugir, mas são repelidos a coronhadas.

Começa, então, a Odisséia dêsses infelizes. Depois houve a guerra aos ricos. Muitos compraram o direito à vida. E assim é que depois do Thermidor, apareceram inexplicáveis fortunas. O representante Charbonnier declarava: — É triste só vermos ambiciosos nos mais ardorosos republicanos; devoram tudo; são uns patriotas antropófagos.

*

Os Girondinos eram bem intencionados, contrários à violência, incapazes de insuflar as paixões populares. Os Jacobinos o inverso de tudo isso; tinham a ambição das alturas. Na Convenção tomaram logo os lugares mais altos, donde serem denominados os Montanhêses. Freud explicaria isto.

Nessa Convenção, o girondino Louvet acusa Robespierre e Marat como responsáveis pelos massacres. Há vozerio na Montanha e êle, voltando-se para ela, lhe diz: — A revolta do 10 de agosto é nossa; o morticínio do 2 de setembro é vosso.

Estava selado o destino do partido.

*

Prenderam a Sra. Roland. Os seus fâmulos ficaram em prantos; a carrêta que a conduzia foi seguida por grande multidão que, entre injúrias, gritava: — à guilhotina.

Era uma defensora da liberdade; não se sabia porque fôra prêsa, o que não impedia a fúria popular. Quando lhe quiseram baixar as cortinas do carro, pediu que as deixassem como estavam, visto que os inocentes não podiam receiar as vistas do povo.

Fazia parte dos girondinos. Era o pulso do partido que ia entrar na masmorra.

O «Comité de Salvação Pública» é investido de poderes dictatoriais. Seu inspirador é Marat. Êste chama fôrças da Vendéia, a fim de forçar a entrega dos girondinos.

O toque dos sinos, o rufar dos tambores, os tiros de alarma, os passos apressados na rua fizeram os girondinos compreender que o fim lhes estava próximo.

É quando Henriot cerca a Convenção com sua tropa. À fôrça alia-se o embuste: Saint Just apresenta um relatório cheio de falsas acusações, aproveitando um calunioso panfleto de Camille Desmoulins.

Os protestos foram logo dominados. Marat instigava a reação. Êle se tinha constituido — diz Lamartine — o acusador público da Comuna, dos Cordelliers, da Convenção. Danton, Robespierre, os Jacobinos cruzam os braços; Marat alcança o ápice da popularidade e do poder. Tinha a vertigem das grandezas e a atingiu. Dominava as assembléias, os oradores, os partidos, as multidões. O Cristo era o verbo encarnado. Êle era o oposto: a encarnação do ódio.

Vivia isolado, não recebia ninguém, suspeitava de todos, enquanto o consumia uma espécie de lepra física, igual à lepra moral com que êle consumia os outros.

Na sua lura, rodeado de papéis, folhetos, provas tipográficas, rascunhos, vivia apontando vítimas, dando ordens, fazendo intimações. Era a personificação do criminoso nato.

A Normandia achava-se profundamente abalada; a morte do rei, o desrespeito à assembléia, a perseguição aos proscritos, as matanças terríveis e incessantes, a ameaça pendente sôbre tôdas as cabeças, fizeram estremecer a alma vibrátil de uma normanda, de rara beleza e sentimentos elevados. Chamava-se ela Carlota Corday.

Viu a jovem em Marat o terror dos francêses; o crime em ação; pensou que poderia salvar os seus patrícios e talvez a humanidade.

Como Genoveva preservaria París; esta a livrou das mãos de Atila à custa de sua honra; ela a libertaria dos assassinos à custa de sua vida.

A êsse tempo Wimpfen, que organizava a resistência na Normandia, intimado a vir a París, declarou que o faria à frente de suas tropas. Preparava-se a mocidade para seguir o general. E quando Carlota viu o seu noivo entre êles, apressou-se em executar o seu plano.

Marat já tinha a lista dos que deviam morrer. Andava em quarenta mil pessoas.

O facínora vivia com o corpo mergulhado nagua e as idéias em sangue.

Enquanto Marat fôr vivo, dizia ela, não haverá segurança. E partiu. Distribuiu os seus bens como se fôsse para a morte e rumou para París.

Um jovem pianista, quando vinha para o seu piano, tinha o prazer de ver aquêle belo rosto, que abria as janelas para escutá-lo. Naquela tarde e daí em diante as janelas não mais se abriram.

Chegada a París, pediu Carlota uma entrevista a Marat. Como êste não lhe respondesse, apresentou se em sua casa, mas a porteira impediu-lhe a entrada. Ouvindo o ruído, Marat lembrou-se da carta e ordenou que ela entrasse.

Êle estava no banho, mal coberto por uma cortina; Carlota sabia de sua moral repelente; o físico era igual.

Esperou ela que êle a interrogasse. Êle pede os nomes dos deputados refugiados em Caen; ela os dita. — Dentro de dois dias — responde — irão todos à guilhotina.

A esta ameaça, Carlota não se contém, tira do seio o punhal e enterra-o no coração do perverso. Êste grita; precipitam-se as mulheres e entram os estranhos. A moça lívida, petrificada, em pé, procura encostar-se a uma parede. Jogam-lhe uma cadeira na cabeça, a amante de Marat pisa-a furiosamente. Povo, soldados, precipitam-se no aposento.

O banho de Marat transforma se num banho de sangue.

Carlos Imbassahy

— Sinête de Grandes Realizações —

O movimento unificador do Espiritismo é de necessidade impostergável.

Nenhum espírita poderá se divorciar da realidade, deixando de reconhecer nesse movimento o sinête das grandes realizações.

A «U. S. E» espera o concurso de todos os espíritas do Estado de S. Paulo em pról do programa que vem desenvolvendo.

(Campanha de esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

INTROSPECÇÃO

v. lirenedo

— Senhor, em horas de muitas noites, quando o silêncio propício envolve o meu derredor, eu me recolho em mim mesmo, faço-me introverso, contemplativo, e medito tantas das coisas registradas pela historia do mundo, rememoro tantos dêsses fatos humanos que os meus olhos viram e vêem aquí, ali, acolá ... E atentando para muitos dos eventos que sucederam e se sucedem pelos cotidianos, eu me entristeço grandemente, Senhor.

É que junto a grandes e belos feitos, a par de empreendimentos elevados e sublimados de abono à humanidade, houve, por outra, no passado e segue havendo no presente incompreensível e injustificável oceano de desvarios, de egoísmo, de vilezas deliberadas, de criminosidade consciente, de perseguição e má fé obstinadas...

E por que êsse voluntário desviar coletivo e multissecular do caminho traçado e exemplificado pelo Nazareno — o desejoso da redenção e elevação das criaturas ? ! Devido sim a que o homem não aprendeu sequer elementarmente os mandamentos do Messias, é que os nossos olhos e corações seguem vendo e sentindo a história e os dias envoltos em delinqüência, injustiças, desonestidades, e em maquinações marvóticas ...

Eis então a minha tristeza, Senhor; porque sou hoje e fui ontem partícula desta humanidade terrena a tumultuar em milenar desencontro pelos caminhos mendazes do orbe. Porque fui no pretérito e sou hoje fração carnal desta humanidade que me melancoliza em vendo-a meditativo na tela dos cotidianos, ao sentí-la no registro da história ... Fui e estou sendo parte integrante da coletividade encarnada através das vidas que se sucederam e dos tempos que se encadeiam ...

Nêsses momentos fundamente introspectivos, Senhor, chego a perguntar-me se no pretérito não influí eu mesmo para a eclosão dalguma das tantas melancolias impressas no arquivo do mundo. Criatura terrenal que ainda sou pergunto-me assustado se para a má atmosfera mental do orbe não contribuí também, pouco ou muito, num ontem longínquo possìvelmente orgulhoso e egoísta, possìvelmente injusto ou despótico, ocioso ou insensato ? !

Quanto terei influído no bem e no mal da Terra? Enxuguei lágrimas? Suavizei dôres ou as provoquei? Que fui eu? que amor e caridade terei exercitado, que benemerências ou danos ou prejuízos terei praticado, encorajado, incentivado? Que atitudes assumi e insuflei, que palavras decisivas emiti, que matéria escrevi ou fiz que se escrevesse, que exemplos cabais dei eu, Senhor ? ! ...

Pai Divino, em horas de muitas noites eu medito as coisas do mundo e me entristeço fundamente. Molécula que sou da humanidade, nesses momentos me compreendo no TODO da falibilidade das criaturas, passo a conjeturar se não lancei o meu quinhão no imenso acêrvo de desacertos que através dos tempos a Terra exibe. Eis então, Pai, que no silêncio ambiental, do coração sobe-me aos lábios a prece férvida almejando que o mal regrida; que nenhuma criatura falhe aos ensejos de evolutir; que a vossa bondade suprema, Senhor, releve as fraquezas de ontem e de hoje de todos os vossos filhos; que sob as vossas bênçãos, Pai, se multipliquem as entidades benfazejas a encaminharem as gentes para a verdadeira paz e fraternidade, bondade e caridade; que as coletividades assimilem do vosso Amor preparando-se destarte para a Nova Civilização que se aproxima. Assim seja.

O melhor que podes dar ao teu inimigo é o perdão; a um adversário, tolerância; a um amigo, o coração; a teu filho, um bom exemplo; a teu pai, deferência; à tua mãe, uma conduta que a faça ter orgulho de ti; a ti mesmo, respeito; a todos os humanos, caridade.

— *Arthur James Balfour* —

A Lua - Um Globo Internamente Habitado?

Arnaldo S. Thiago

O meu ilustrado confrade Sr. V. O. Casella, com a proficiência que todos os leitores de «Revista Internacional do Espiritismo» lhe reconhecem, oferece-nos preciosa contribuição ao estudo do problema da habitabilidade do nosso satélite, em artigo publicado em o n.º 3-4, de abril-maio do corrente ano da prestigiosa revista que Cairbar Schutel fundou e Watson Campêlo atualmente dirige.

Falando, nesse artigo, «sôbre a habitabilidade da Lua, com atenção ao trabalho do Sr. S. Thiago» (são palavras suas), tece diversas considerações relativamente à diferença de pêso («pêso referente à atração») que deve existir entre o lado visível e o lado invisível da Lua; à ausência de atmosfera no citado satélite, e a outras circunstâncias que militam para justificar o conceito, geralmente aceito, da não existência de habitantes na Lua, terminando o seu brilhante artigo com êste conceito lapidar: «No entanto, nós espíritas, por sermos adeptos da pluralidade dos mundos habitados, não devemos julgar que êste conceito implique na obrigatoriedade de que todos êsses corpos planetários devam conter habitantes. Êsse absolutismo é falso, conforme ainda pretenderemos demonstrar em outro trabalho, através das páginas desta mesma Revista.»

Consideramos *lapidar* essa afirmativa do ilustre escritor e verificável por si mesma, como as proposições axiomáticas, pela simples razão de que as esferas celestes, como tudo que é material, organizadas de acôrdo com as leis divinas da Natureza, destinam-se a cumprir os desígnios de Deus, na sua eterna obra de Criação Universal, sendo sujeitas a transformações que devem acabar por extingui-las, como entidades materiais autônomas, passando os seus elementos, gradativamente, à composição de outros corpos no Universo, conforme o princípio de Lavoisier: «Nada se cria, nada se perde na Natureza: tudo se transforma», que, evidentemente, só é verdadeiro na sua última parte fundamental e na conclusão, devendo, pois, ser substituido pela seguinte expressão: De tudo que é criado, nada se perde na Natureza: apenas se transforma.

Contudo, há razões, com relação ao nosso único satélite, para admitirmos que seja êle *ainda* habitado, porque que o tenha sido em épocas anteriores, não há dúvida alguma, parece-nos, uma vez que se tenha em consideração, aceitando-se a teoria de Laplace, que a Lua nada mais é do que uma certa quantidade de matéria cósmica, destacada da porção de nebulosa formadora do sol, da terra e dos demais planêtas do sistema solar, mas destacada da parte que formou o nosso planêta e, portanto, da mesma idade dêste e contendo certamente os mesmos elementos substanciais, apenas em menor quantidade – razão pela qual operou-se o seu ciclo evolutivo geológico-biológico (se assim nos podemos expressar) mais ràpidamente do que o da Terra. Nestas condições, é a Lua um astro cuja humanidade fez a sua evolução concomitantemente com a evolução da humanidade terrestre? Certamente que não, por isso que, sendo o homem um produto do meio e havendo o ciclo geológico lunar, pelas exíguas dimensões do satélite, se processado muito mais ràpidamente do que o da Terra, também os espiritos que foram chamados a fazer, alí, o seu tirocínio evolutivo, deviam ter sido sucessivamente substituidos por outros, de superior categoria, mais apressàdamente do que aquêles que pertencem à Terra, planêta que só agora vai ser teatro, como se sabe, de uma universal substituição de espíritos, visto haver atingido uma etapa geológica que já comporta capacidade ambiente de mundo de regeneração, estando, ao envêz disso, muitos dos seus habitantes ainda no período expiatório, pelo que êsses deverão ser retirados da Terra para outros mundos inferiores. Esta, pelos menos, é a exegese espírita, relativamente ao problema da evolução ligada ao desenvolvimento dos orbes planetários.

Pôsto êsse raciocínio por base das nossas deduções, chega-se fàcilmente à evidência de que a Lua já foi habitada e habitada por uma humanidade que chegou, *à superfície daquele pequeno orbe*, a um tipo de civilização certamente muito mais espiritual do que o da humanidade terrena, ferrenhamente materialista e animalizada, ainda. Se mais espiritualizada, muito mais adiantada, por conseguinte e muito mais senhora, para dominá-las e dirigil-as a seu talante, das condições físicas do globo em que exercia a sua atividade benfazeja, quer do ponto de vista da cultura, quer do ponto de vista da moral. Êste argumento é quase que axiomático.

Pois bem! Se à superfície do satélite da Terra, segundo se afirma, as condições de vida, — como a entendemos, com uma exclusividade de interpretação um tanto ilógica, pois o nosso único ponto de referência para tais conclusões é o que observamos na Terra — e o UNIVERSO é infinito... — são impossíveis porque durante o dia a temperatura atinge, à superfície da Lua, 100, e mesmo maior número, de graus centígrados e durante a noite desce a 150 graus abaixo de zero, podemos então admitir, tendo mesmo em vista o que já se faz na Terra, cavando montanhas para construir abrigos onde os homens possam abrigar-se, por ocasião de uma possível guerra atômica, que os selenitas, pouco a pouco, no curso dos séculos lunares, foram procurando cavar o sub-solo do satélite, para irem encontrando melhores condições de habitabilidade — e tanto o processo acabou por se generalizar e se impôr mesmo, que insensìvelmente, foram se adaptando à vida no interior do satélite, possìvelmente tornando também interior a atmosfera que dantes, como a da Terra, se mantinha exteriormente, ou mesmo criando uma atmosfera artificialmente para o seu mundo que, atualmente, deve ser uma esfera inteiramente ôca, maravilhosamente bem edificada, por processos arquitetônicos que nem imaginar podemos, com os seus serviços de iluminação, de abastecimento de água, de utilização dos resíduos naturais, de produção agrícola, industrial, etc., etc., de tal modo organizados cientìficamente, que, à provável chegada do homem terreno ao nosso querido satélite, em dias que talvez não estejam distantes, fàcilmente encontrarão os selenitas meios e modos de lhe proporcionar condições ambientes de vida superiores aos que estavam acostumados entre nós... de tal arte, que não mais quererão voltar para a Terra e apenas nos mandarão recados amigos para que, se queremos ser felizes, nos encaminhemos também, o mais depressa possível, para o mundo da Lua.

É claro que faço tôdas estas afirmativas empìricamente; mas, quem nos disse que entre as idéias empíricas, não as há revestidas de lógica suficiente para resistir aos mais rigorosos e científicos protestos em contradição às mesmas?

Depois, também tenho, para as minhas conclusões, certamente empíricas — reconheço-o — alguns rudimentos de uranografia e já tenho tido felizes oportunidades de fazer observações astronômicas, graças à extrema amabilidade dos diretores do Observatório Nacional, que dispõe de uma *equatorial* valiosíssima e através da qual pude ver as montanhas lunares quase tão bem como tenho visto, ao longe, as da Terra e os Círculos selenitas tão nìtidamente como os abismos que bordam algumas das nossas estradas nas regiões montanhosas. As grandes sombras daquelas montanhas descem, completamente negras, — isso é verdade! — aos vales profundos e a luz que imerge nos círculos lunares, dá margem a que se calcule, empìricamente, a sua enorme profundidade; mas também pode essa profundidade ser matemàticamente calculada pelos que dispõem de saber nesse difícil ramo dos conhecimentos humanos, em que, infelizmente, não passei das equações do 2.° grau e da geometria euclidiana...

Agora, devido em parte à velhice, que não me permite perder tantas horas da noite, e devido, também, a novas determinações da direção do Observatório Nacional, não posso mais ver a Lua tão de perto, nem ver Saturno, rodeado da sublime auréola dos seus anéis e das luas que o circundam, ou Júpiter com as suas cinco nítidas faixas e os seus grandes satélites, ou Marte com a sua atmosfera avermelhada e a sua calota polar, tão nìtidamente diferenciada do resto do corpo planetário. É certo! Contento-me com as minhas lentes de 30 e de 80 aumentos, as quais, a respeito da Lua, tiveram, para mim, a vantagem de mostrar-me certos aspectos morfológicos da superfície de Selene, que merecem consideração dos homens de ciência, aos quais, tìmidamente, peço permissão para estas referências, excusando-me da audácia, se não as classificarem como merecedoras de atenção.

Certo número, por exemplo, dos círculos lunares apresentam-se-nos à vista com uniformidade de aspecto, que não está nos hábitos da natureza, a natureza que não costuma padronizar coisa alguma, denotando, êsses círculos, uma artificialidade que sòmente pode provir da mão do homem... Sim, do homem selenita. Ora essa ! !

E essa claridade da cratera, como lhe chama Casella, *Álfonso*, (se é que se trata do mesmo círculo *iluminado* que se vê à esquerda da superfície lunar observada através de pequeno telescópio de amador) e que me disse um professor de Astronomia ser o círculo de *Copérnico* (talvez não seja o mesmo a que se refere o articulista) e essa claridade tão pronunciada do círculo em questão e que o diferencia tanto dos demais círculos, não poderá ser aceita como uma viva demonstração de que a Lua é tôda iluminada por dentro ?

Os russos tomaram isso como erupção vulcânica : êles devem ter admiráveis telescópios. Sucede, porém, que os russos têm a mente completamete esclerozada pelo materialismo ateísta de que se impregnaram até aos mais íntimos refolhos da alma — e não podem sequer pensar como pensamos. Êles nasceram de S. Thomé : precisariam tocar com os dedos as chagas do Cristo, para acreditarem nêle e... realizar o seu turismo na Lua, para admitirem o que nós admitimos por simples indução filosófica, aliás sempre mais cômoda do que o negativismo das *Stepes*...

Palomar ! ! Porque é que Palomar não nos traz qualquer coisa de positivo sôbre uma questão crucial como essa, de se saber mesmo se a Lua é ou não habitada ? O fato, porém, é que, por maior que seja a aproximação visual do satélite, sempre fica a separar-nos dêle insuperável distância, para que permitido seja ver alguma coisa que nos force à evidência de sua habitabilidade.

Contento-me, por isso, com a minha lentesinha de 80 aproximações e, oferecendo ao meu amável confrade Casella o que pude observar na superfície que nos é visível da Lua, espero de sua parte uma cooperação fraterna e amistosa, qual seja a de reduzir a têrmos científicos tudo o que pude alinhar de considerações empíricas a respeito da Lua, pois sinceramente impressionou-me profundamente a comunicação de Galileu, recebida por Flammarion, a respeito da habitabilidade da Lua, comunicação que vem inserta à pagina 124 de LA GÊNESE, fazendo parte do item 25 do capitulo VI e à qual o bom senso do Codificador faz a seguinte observação : «*Quelque rationnelle et scientifique que soit cette théorie, comme elle n'a pu ecore etre confirmèe par aucune observation directe, elle ne peut être acceptée qu'a titre d'hypotèse, et comme une idée pouvant servir de jalon à la science ; mais on ne peut disconvenir que ce soit la seule, jusqu'a present, que donne une explication satisfaisante des particularités que présente ce globe*».

Por vêzes, porém, o empirismo dos amadores, pode tornar-se em pioneirismo.

Rio, 26 de maio de 1959.

Seriam "Sputniks" as Luas de Marte ?

Como vimos, no nosso último trabalho, os planêtas, do sistema solar, excessivamente quentes ou frios, não oferecem condições para que nêles se processem vida orgânica evolutiva. Sòmente a Terra se acha exatamente na posição mais bem privilegiada, na sua distância do Sol, obtendo ambiente adequado para a vida tal qual a conhecemos. Vênus e Marte, se bem que não desfrutem as mesmas vantagens terrestres, estão também colocados na mesma região da Terra, no espaço solar, conhecida como zona biológica, portanto compatíveis com a vida.

Já que somos habitantes da Terra, cuidemos de Marte, um dos nossos vizinhos do céu mais bem conhecidos pelos nossos observadores, em tôrno do qual já surgiram os mais variados comentários sôbre sua suposta habitabilidade.

Iniciemos recordando que foi em 1877 que Schiaparelli, astrônomo italiano, alarmou a humanidade civilizada ao declarar ter observado na superfície marciana uma rêde de canais, com traçados de formas geométricas, revelando-se executados por sêres inteligentes. Mas como o fato não se confirmou, pelas pesquisas que se seguiram, não houve mais interêsse científico sôbre o assunto, voltando as atenções na busca de outras inferências que pudessem denunciar ali a existência de habitantes superiores.

Atualmente, com melhores progressos astronômicos, e com os sucessos nos lançamentos de satélites artificiais, os nossos astrônomos obtiveram melhores conhecimentos na abservação dos astros.

E assim, neste mesmo ano, o astrônomo soviético, Chklovsky, surpreendeu novamente a humanidade ao declarar que pelas suas observações pôde concluir pela hipótese de que as duas luas, Deimos e Fobos, do planêta Marte, seriam artificiais. E que êstes dois possíveis sputniks teriam sido arremessados, naquele céu, há cêrca de 3 milhões de anos, por uma suposta civilização que ali teria existido nessa época recuada.

Contudo, apesar de ter sido esta a primeira vez que se anuncie uma observação direta acusando tal fato, teòricamente essa hipótese não é uma novidade nos meios científicos que, para tanto, receberam aquela notícia com reservas.

Com atenção, nas declarações do professor Flávio A. Pereira, Presidente do Conselho Científico Internacional da Sociedade Interplanetária Brasileira, publicadas no Diário de S. Paulo, de 7-5-1959, vejamos o que a ciência já nos tem revelado nêsse campo.

Foi em 1850 que o astrônomo francês, Eduardo Roche, estudioso da estrutura dos planêtas, elaborou uma teoria que se chamou «Limite Roche», a qual permite calcular a distância mínima em que um satélite natural, ao se formar, pode se colocar na órbita de seu astro de origem. Por ela tem-se que se o satélite não conseguir alcançar ou ir além daquele limite crítico, êle se fragmentará.

No entanto, Fobos, uma daquelas luas marcianas, é a única entre as demais, conhecidas no nosso sistema solar, a qual não alcançou a distância do «Limite Roche», cuja equação é a seguinte: Multiplicando-se o raio de um planêta por 2,44 teremos a quilometragem mínina do raio da órbita em que se poderá manter um seu satélite natural, considerando-se êste com sua massa da mesma densidade do seu astro de atração.

Ora, neste caso, sendo o raio do planêta Marte na razão de 3369 quilômetros, que multiplicados por 2,44, teremos 8220 (3369 x 2,44 = 8220,36) quilômetros, como limite mínimo do raio da órbita dos satélites naturais que ali se pudessem formar e manterem-se integrais. Os que não alcançando esta altura ou mais, desintegrariam-se em sateloides.

Mas Fobos, como já dissemos, não conseguiu atingir o resultado daquela equação obtida com os dados do seu planêta, pois o raio de sua órbita é apenas de 6400 quilômetros e, entretanto, ali permanece integral, contrariando o cálculo da teoria Roche. Sôbre êste fato, em 1954, na capital paulista, o professor Thomaz Pedro Bun já se manifestou em seu curso de Engenharia Planetária, ministrado na Sociedade Interplanetária Brasileira.

E as suspeitas sôbre a artificialidade dessa lua aumentam quando lembramos que a sua velocidade orbitária é acentuadamente superior a da rotação de seu planêta, o que a faz aparecer naquele céu, para um susposto observador, três vêzes antes que se complete um dia marciano. Esta característica, que não se nota em outras luas dos nossos diversos planêtas, apresenta semelhança com o comportamento dos nossos satélites artificiais.

Pelo exposto é de se notar que o pesquisador soviético, além de sua observação através de moderníssimos instrumentais óticos, possue essas outras fortes razões em favor de sua hipótese.

Apesar de tudo, sôbre o que apresentamos, a conclusão que se pode tirar dessas ocorrências é a seguinte: Se de fato essa lua marciana é artificial, conforme acusam o astrônomo soviético, o «Limite Roche» e os demais fatores que já apontamos, teremos então uma prova segura de que já existiu, ou talvez ainda exista, naquele planêta, uma super-civilização marciana.

Caso contrário, se positivar-se nas pesquisas futuras pela sua naturalidade, o cálculo do «Limite Roche», que pela primeira vez está sendo posto a prova, se revelará nulo, e o astrônomo soviético passará pela mesma decepção da que também experimentou Schiaparelli, com os referidos canais artificiais.

Neste segundo caso, nós, terrestres, continuaremos na mesma dúvida anterior sôbre a «sim ou não» habitabilidade dêsse nosso vizinho planetário.

Mas algum leitor ainda poderá nos perguntar sôbre outra particularidade das declarações daquele sábio soviético: Qual a sua razão sôbre a hipótese de ter existido em Marte sêres inteligentes há três milhões de anos, se o Homem terrestre, pròpriamente dito, aqui teria aparecido apenas há 25 mil anos, considerando-se que os planêtas do nosso sistema solar são todos da mesma idade?

Dêste assunto cuidaremos no próximo trabalho.

V. O. CASELLA

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

8 — Eu e minha família excursionávamos, aos domingos, com os alunos, exigindo que só tomassem parte nos passeios os alunos de boa conduta. Publicamos um jornal escolar — Alvorecer — em que, ao lado de publicações de bons autores, procurávamos incentivar os educandos, publicando-lhes trabalhos. Êste jornal e o teatro escolar que organizámos, uma equipe de adolescentes com tendência notável para o palco, o canto, a declamação, despertaram o interêsse da cidade inteira. Às nossas festinhas, a elite paraibana do sul não faltava. Repetíamos, sempre, os espetáculos, para satisfazermos a todos. Marília, ensaiadora e grande artista também, era meu braço direito no grupo teatral. Sem ela, não teria realizado o que realizei neste setor.

9 — Realizávamos reuniões sociais onde, a par das dansas, fazíamos brincadeiras de salão, para os professores, alunos e suas famílias, que marcaram época na cidade. Paraíba do Sul era, então, uma cidade morta, sem nenhum divertimento, pois até o cinema era péssimo e lá chegavam raríssimos filmes bons. As autoridades locais e as principais famílias da melhor sociedade procuravam convites para nossas festinhas. Concediamo-los porque eram pessoas de moral distinta e eu era um fiscal respeitado nas festas, com esta franqueza rude, que trouxe do berço, que nunca respeitou título de ninguém, na defesa dos bons princípios de educação e moralidade que sempre me acompanharam, mercê de Deus.

10 — A nossa Liga Pró-Educação e Bondade ia realizando tudo isto e mais júris, concursos de oratória, contos, etc. Nos júris, discutimos se as mulheres deviam ter os mesmos direitos do homem, vida e fatos de grandes vultos da nossa História e da História Geral, sistemas de govêrnos, etc.

11 — O júri mais movimentado foi aquêle em que julgamos o direito da mulher. Eu, achando que ela deve ter os mesmos sãos direitos do companheiro e o prof. Nomísio contra êste princípio. Dividimos o auditório: houve apartes, réplicas, tréplicas, entusiasmando demais a assistência.

12 — Recebí, depois, já em Nova Iguassú, várias visitas de alunos, professôres, pais de alunos, amigos de Paraíba, que me certificaram de que minha passagem por alí, marcou uma era nova para o lugar. «Professor, todos lamentaram sua falta...» Paraíba voltou àquela monotonia antiga, com sua saída; o Colégio perdeu tôdas aquelas atrações sãs; a disciplina baqueou e o ensino também. Estas afirmativas fizeram parte das grandes alegrias que tive na vida movimentada e exigente, mas justa, segundo penso, modéstia à parte.

13 — Com tôda a minha fiscalização e severidade, não pude evitar faltas graves, atentatórias à moral sadia que sempre defendi na vida, que redundaram em algumas expulsões. Cientifiquei todos os pais dos punidos, na ocasião das penalidades. Um dêles, pôs-se a atacar-me, nem me deixando falar. Era um velho e inocentava o filho, sem conhecimento do fato. O filho, presente, interrompeu-o, com veemência, confessando, enèrgicamente, a falta. Desconsertou o velho que,

com lágrimas nos olhos, pediu-me desculpas.

14 — Alguns dos expulsos pertenciam a famílias locais importantes da cidade. Creio que todos são, atualmente, homens de respeito. Corrigiram-se, graças a Deus.

15 — Foi nosso aluno interno, em Paraíba, Aurélio Andrade, atual locutor da Rádio Nacional. Não era aplicado e jamais se distinguiu em coisa alguma. Seu irmão Otávio, também interno, era mais vivo e fazia parte do nosso conjunto teatral. Excelente cômico.

16 — Fundamos a Escola Normal de Paraíba do Sul, anexa ao Colégio. Pouca freqüência, fechou-se no ano seguinte.

17 — O Colégio contava com muitas adolescentes e moças feitas. Compreendi que não devia inspirar muita confiança um diretor solteiro e achei também que chegara a ocasião de cumprir a promessa feita, vários anos antes, à minha mãe. Já podia sustentar duas famílias. E note-se : ganhava setecentos e sessenta mil réis mensais. Estávamos em mil novecentos e vinte e sete...

18 — Assediado desde que chegara à velha cidade, pelas casadoiras (e muitas até minhas alunas), nenhuma delas me impressionou. Aliás, a falta de reserva dos sentimentos femininos perante os homens, foi coisa que sempre me repeliu. Talvez por isto eu não me interessasse por nenhuma. A finura de modos, a discrição de maneira, a reserva feminina, sempre foram o cartão de visitas da conduta da mulher, no meu conceito.

19 — Consegui, também, agradar como orador. Em três festas (a da Árvore, a da comemoração do primeiro centenário do ensino primário no Brasil e do dia do Professor), fui o orador oficial. A última, na Câmara Municipal, foi em grande estilo. Na terra de cegos...

20 — Estou a lembrar-me de um fato interessante : em um domingo, fui, de auto chapa branca, com o secretário da Prefeitura, sr. Aly Itacolumy, a Juiz de Fora. Visitamos o colégio do poeta Machado Sobrinho que eu, aliás, há muito admirava. Fizemos boa camaradagem. De saída, ouvi dêle o seguinte : «Sou fluminense e estou fora de meu Estado. O senhor é baiano e está atuando nêle. Peço-lhe que, trabalhando pela instrução do Estado do Rio, faça-o por si e por mim que me orgulho do culto Estado em que nasci».

21 — A freqüência do colégio aumentava, já agora com *filhinhos do papai*, que *viram, primeiro, para, depois, crêrem*. Acontece, porém, que a êles a minha rígida disciplina (de que nunca abri mão), não agradou. Acostumados às cegueiras paternas, queriam ter sempre razão e um regulamento especial. Começou, então, para êstes, o período de descontentamento.

22 — Continuei firme, com o meu modo de pensar. Cheio de ideal, comprei mais de oito contos de cotas e dispus-me a pensar, sèriamente, em casamento...

CAPÍTULO XXXIV

1 — Pensando na mudança de meu estado civil, voltei o meu pensamento para as moças que conheci no Rio e as, de então, de Paraíba. Qual deveria escolher para espôsa ? E a escolhida, aceitaria ? As que reuniam maior soma de virtudes para a espôsa que eu desejava, eram, justamente, aquelas mais comedidas, modos discretos, que não deixavam transparecer simpatia maior.

2 — Minhas vistas voltaram-se, então, para a companheira de trabalho : Marília. Sempre ouvira dizer, na minha terra : «quando um homem se quer casar, deve procurar companheira em uma casa onde a mãe seja um exemplo de honra e dignidade.» A mãe de Marília era dêste tipo de mulher. Ademais, seu irmão Anísio era meu amigo, desde «Madre de Deus.»

3 — Falei-lhe sôbre matrimônio, uma noite. Confessou-me que eu lhe despertara o interêsse, embora jamais m'o demonstrasse. Com a minha franqueza costumeira, disse-lhe que só sentia por ela uma estima serena, baseada na sua conduta exemplar ; na profissão abnegada que abraçara ; na compreensão exata que tinha do cumprimento de todos os seus deveres de filha e irmã, aliada ao gôsto que parecia demonstrar pelas obrigações caseiras.

4 — Não a enganei. Aceitou minha proposta de casamento, mesmo assim.

5 — Combinámos o enlace para Dezembro. Estávamos em setembro, três

mêses, portanto, para nos prepararmos. Escolhi o dia 31. Concordou.

6 — Não fomos, é claro, noivos *piegas*. Não tivemos colóquios amorosos. Meu tratamento para ela continuou o mesmo, delicado e amigo, mas sem namoros. Eu saia sistemàticamente à noite para conversar com os pais de alunos por quem sentira mais afinidades e meus hábitos não sofreram a mínima alteração.

7 — Meu modo sêco desgostou-a. Certa vez, queixou-se amorosa e emotiva. Não estava direito o meu proceder. Ela se sentia humilhada perante os outros; éramos noivos e parecíamos estranhos. Achava que não daria certa a união, deante de minha frieza. Não seria melhor desistirmos?

8 — Disse-lhe era a mulher ideal para mim. Por isso mesmo, não a enganaria nunca. Era o que era e seria incapaz de fingir, principalmente às suas virtudes. Não a amava. Admirava-a demais, principalmente em uma época de tanta futilidade feminina. Esperava, no entanto, que o amor viesse depois de tão belo prelúdio. Garanti-lhe que seria seu grande amigo, fidelíssimo, e um homem de bem jamais falta aos seus compromissos, mormente matrimoniais. Ademais, ela via como era cercada de moças conquistadoras, muitas lindas até, inteligentes e elegantíssimas. Escolhendo-a, pensei que devia se sentir orgulhosa, pois nela só encontrara dotes morais e intelectuais. Se, realmente, gostava de mim, devia provar-mo, pois não via, no momento, ninguém, senão ela, que merecesse minha escolha. Precisava casar-me. Se não o fizesse, deixaria a cidade, pois não me achava mais a gôsto deante daquele cêrco feminino.

O que é Síntese ? —

LUIZ CARAMASCHI

Acusamos o recebimento de seis exemplares da revista «Kabala», remetidos, gentilmente, pelo distinto Prof. Joviano Tôrres, a quem tivemos a subida honra de contestar, numa carta aberta ao Prof. Pietro Ubaldi. Esta nossa carta foi publicada pela citada revista, em seu número 50, edição de setembro de 1958.

No fim da publicação, na pág. 31, deparamos com uma nota do Prof. Tôrres, com o título de: *«Pontos a serem futuramente ventilados»*. Êsses pontos são três, basilares, os quais, por nossa vez, analisaremos, sem paixões, isto é, sòmente com idéias frias.

O primeiro ponto define e diz que síntese é «a essência, o resumo preciso e exato, e não pode ser alterada pelo desenvolvimento da doutrina cujos fundamentos e princípios fixa, esquemàticamente».

Esta definição de síntese, como sinônimo de *resumo*, de esquema, é apresentado pelo Lello Universal e outros dicionários como figurado. E um sentido figurado não pode servir de base a um trabalho científico-filosófico. Qualquer dicionário (ponto de fé – tira dúvidas) começa por afirmar que síntese é *método científico* que parte do simples para o composto, dos elementos para o todo, do particular para o geral, da fragmentação para a unidade, dos fenômenos e fatos para as leis e princípios. Êste é o pensamento científico vigente no mundo, e que se chama *método indutivo*, o qual parte da observação e da experimentação, conforme codificou Francis Bacon em seu «O Novo Organon». Por codificar êste assunto, Francis Bacon passou a ser chamado «o pai do método indutivo» que é básico no pensamento científico moderno. Síntese é método indutivo que procede do objetivo, dos fatos e fenômenos, para dêles inferir a lei, o princípio geral que os une subjetivamente. Cada vez mais as coisas se subjetivizam, se generalizam e se abstraem em nosso espírito. Êste ponto é pacífico entre os homens de ciência, em razão do que a definição do Prof. Joviano não passa de uma base falsa para sofismas.

Ora, em «A Grande Síntese», o procedimento é o indutivo estatuído por Bacon, e tendo começado com a matéria, acabou no Evangelho do Cristo como lei social, e na divindade como Lei moral suprema. Isto é realizar o pensamento de Francis Bacon, quando diz: «Um pouco de filosofia inclina o espírito ao ateísmo, porém maior profundez o reconduz à religião; porque quem olha destacadamente as causas segundas, pode algumas vêzes não passar delas, deixando de ir além; mas quem lhes contemplar o encadeamento, remonta até à Providência e à Divindade» (Will Durant, História da Filosofia, 132).

Conquanto os dicionários sejam ponto de fé, na questão de fixar o sentido de um têrmo, suponhamos que síntese seja resumo, esquema, sinopse, que subordina, de antemão, todo o desenvolvimento de uma obra. Síntese, então, não é um procedimento metodológico, dinâmico, vivo, mas, um esqueleto estático, rígido, inalterável; não é método, e sim, armação. Digamos que é assim.

Mesmo neste caso as demais obras de Ubaldi não contradisseram, nem corrigiram «A Grande Síntese», porque, nesta, conforme citação nossa na carta aberta ao Prof. P. Ubaldi, já se assentou que *tudo começou no espírito.* Acontece que «A Grande Síntese» se ocupa, por excelência, da *fase evolutiva*, da *volta para Deus* de alguma coisa que saiu de Deus; deixa, portanto, *explícito,* que o espírito se sepultou nos planos subfísicos, no menos infinito. Isto está lá n'«A Grande Síntese», nos pontos por nós marcados; todavia o Prof. Tôrres, ao ler a obra, não os exergou, porque estava possuído da ânsia de atacar e destruir tudo. E se enxergou, e disse o contrário do que enxergou, então fica positivada a sua má fé. Contudo nós queremos supôr que êle não viu êstes pontos, por causa de estarem reduzidos, donde o nosso justo lamento de que não tivesse lido as demais obras, onde êstes pormenores aparecem ampliados.

Todavia «A Grande Síntese» não é esquelética e estática, como supusemos, para argumentar, porém, dinâmica e metodológica. «Deus e Universo» e «A Grande Síntese» se opõem, do modo como se opõem *análise* e *síntese;* trata-se de duas visões opostas de u'a mesma realidade. Contudo estas duas visões aparecem em duas obras separadas.

A queda do espírito, donde resultou o universo material, seria «A Grande Análise», visto como, por esta, o Todo se pulverizou em «nada», no cáos, de onde tudo começou a retornar ao Todo, por evolução.

Pelo visto, «A Grande Síntese» é método e procedimento científico baconiano, ponto pacífico entre os homens de pensamento. Não é resumo de tudo, mas, um procedimento metodológico que leva do particular para o geral; ela, como um todo, seria apenas a metade do grande ciclo destrutivo-criativo, na sua banda evolutiva. Se há evolução, é certo que houve involução ou queda, consistindo esta na outra metade do ciclo máximo *análise-síntese, involução-evolução, desintegração-reconstrução.* É, pois, em sentido científico, e não no filosófico ou lógico-matemático, que deve ser entendido o vocábulo, visto que a obra foi escrita, estritamente, para os homens de ciência. Não é no sentido de *tese* + *antítese* = *síntese* que deve ser entendido. O sentido é de: *análise* + *síntese* = *todo.*

«A Grande Síntese» vê a Deus, à moda baconiana, do particular, onde se situa o homem; daqui ela olha para o centro, para a profundeza das coisas onde enxerga a Lei, a Ordem, a Harmonia, Deus. Já em «Deus e Universo», o homem se situa no plano cósmico, no centro, e de aí olha o cáos periférico, onde há trevas, há dores, há escravidão, há ignorância, há mal.

Se o Prof. Joviano Tôrres quiser «ventilar» em oposição a isto, que tome cuidado com o «vento» de suas palavras, pois, elas irão derrubar-lhe as próprias construções. Em sua «Totalidade e Sociologia» (diremos TS. apenas) combateu, arrazou, pulverizou uma coisa, num passo, a Reforma, por exemplo, exaltando-a, divinizando-a, em outro, chegando ao cúmulo de colocar Lutero e Kardec na mesma linha messiânica procedente de Moisés. E como justificou o Prof. Tôrres esta incoerência? Simplesmente declarando que estava vendo o mesmo acontecimento histórico (a Reforma) de dois planos diversos.

Esta incoerência, notada em «Totalidade e Sociologia», não só existe assim, no todo da obra, como, também, nas partes, porquanto o Autor diz e desdiz, isto é, começa a saltitar entre um plano e outro, como se fôra um elétron nos seus saltos quânticos entre calotas contíguas. É assim que o prezado Prof. Joviano dá por certo e assentado uma coisa neste parágrafo, para, no seguinte, dizer o oposto, contrariando-se e confundindo o pensamento, o que causa irritação em quem o lê. E como justifica isto? Declarando: «As três *partes* do livro não correspondem exàtamente às três divisões, mas ainda as simbolizam. Procurei não dar ao sistema uma excessiva linha geométrica e nem mesmo simétrica... *Certa alta-barafunda me pareceu mais agradável ao espírito* do que uma rigidez de desenho, etc.» (TS. 493). (O segundo grifo é nosso).

De acôrdo com a sua própria confissão, o seu método consiste em não ter método, sua arte, em não ter arte; tudo fica dito e desdito, afirmado e negado, para êle se escapar de qualquer apêrto. A sua lógica tem três centros (TS. 662) para que possa fugir à vontade no seu jogo de trilha, nunca estando onde deveria estar...

Se a lógica torresana tem três centros, que muito é que a visão ubaldiana tenha dois pontos de vista? Porém a lógica de Ubaldi é unicêntrica, estando êle sempre onde deve estar, porque ela participa do princípio de que Deus é Uno, e de que o Universo se acha regido por um princípio único. Universo, para Ubaldi, significa o que êsse próprio nome indica, isto é, *uni + verso* que quer dizer *unidade na pluralidade*. O compasso ubaldino faz ponto no centro, no equador entre os dois pólos opostos e complementares de qualquer unidade, porque, para Ubaldi, *«in medio veritas»*.

Hoje, ficamos com êste primeiro ponto. O segundo será o assunto de outro artigo.

É Necessário que os Homens se Moralizem

Dr. Giuseppe M. Minardi (API)

OS homens tem a liberdade das ações, mas não tem a de suas conseqüências. São livres de semear a alegria ou a dor na estrada do destino, porém não podem alterar a ordem da vida; podem abusar, porém, se abusam, a dor reprimirá o abuso. De todos os males que afligem a humanidade foi ela mesma que semeou a causa. O maior êrro da época hodierna é ignorar o fato moral, orientação íntima da personalidade, que é o fundamento primordial da vida social e nacional. A tendência do homem, com rítmo sempre mais progressivo, é de aproximar-se de seu semelhante para lhe tomar alguma coisa, não para lhe fazer bem. A politica-econômica também basea-se no princípio do «do ut des», que é a psicologia do egoísmo, é sempre a fôrça econômica que guia as nações. A psicologia coletiva não é senão o total orgânico dessa psicologia individual. A riqueza se acumula não onde a necessidade e superiores exigências a reclamam, mas lá sòmente onde a fôrça a atrái.

Não constitui meio de viver-se uma vida de justiça, e de bem, antes um instrumento de fôrça e representa, em si mesma, um fim. A lei do equilibrio é constantemente violada e impõe reações. Não é mais o homem que domina a riqueza com objetivos elevados, mas sim é a riqueza que domina o homem. O trabalho se executa apenas em proveito egoístico pessoal. Ilude-se o homem de confiar cegamente no «mundo», o qual rí com êle, só e até que tiver fôrça e bem estar, mas o abandonará certamente ou o condenará quando êle fôr fraco e sofredor. A vida tem que deixar de ser um ato de conquista, onde triunfa o mais forte ou o mais hábil, para ser um ato de bondade e de sabedoria, onde triunfe o mais justo. Considerando enfim que o vencedor não é o mais forte (êsse é o violador) e sim aquêle que segue conscientemente o curso das leis e se equilibra sem violência, dentro das fôrças da vida.

A atual situação do mundo, convulsionado pelo entrechoque ostensivo do Oriente com o Ocidente, sob a ameaça permanente de uma guerra de destruição total, por si aconselha todos os brasileiros e aquêles que vivem fora da nossa pátria reunir-se em uma confraternização ideal de PAZ e de AMOR enquanto é tempo, dado que a civilização atual encaminha-se fatalmente para o fim, como caminharam, na antiguidade, as do Egito, da Índia, da Grécia, e de Roma. Precisamos reunir todos os valores espirituais, para sobrepujar a borrasca e iniciar, como elite de um ciclo novo, uma nova jornada no eterno caminhar da humanidade.

Sempre aconteceu que em tempos perigosos, quando a sentença de destruição paira no ar, os princípios inferiores do homem sugerem a fruição das paixões; e êle, de olhos fechados, se atira a êsses tremendais de *luxúria* e de ambição. Mas a insatisfação crescente e contínua, que permanece a morar na sede de suas emoções, é o que lhe toca por prêmio, enquanto o coração se entristece e angustia. É que a desarmonia, a ambição, o egoísmo e a hipocrisia implantaram-se soberanas nos corações dos sêres, em vêz do comportamento conforme as leis Divinas.

Em uns dos meus precedentes artigos esclarecia que: a função de uma classe dirigente não é a de dominar embriagando-se impunemente no gôzo da exploração do cargo conseguido, incrementando inconscientemente novos êrros, mas sim a de educar o povo com o próprio exemplo, com a própria moralidade sincera, não concebendo o «mundo» como um fim ao próprio EU, mas sim como um meio à própria existência no âmbito coletivo. Quando um Chefe ou dirigente que seja, deixa perceber a outrem que só pensa em si mesmo, autoriza tàcitamente todos que o cercam indistintamente no alto e em baixo, a imitá-lo. Já é tempo que o homem compreenda que fora da honestidade de pensamento e com paixões individuais ou de agremiação, não há govêrno sadio.

Dolorosa é esta constatação, nas alternadas vicissitudes dos fatos, mas assim é necessário o homem fazer para que possa dirigir o barco de uma Administração para pôrto seguro.

Araraquara 27/6/1959

Sempre houve Batismo com Água

A «Revista Internacional do Espiritismo», de fevereiro de 1959, trouxe um artigo do Confrade Ten. Cel. Fiori Amantéa, negando, ou melhor, tentando negar o batismo com água.

Se o Confrade estudasse a origem da palavra «batismo», se estudasse o batismo, símbolo de iniciação, nos antigos mistérios, não viria com essa «teoria» de que nunca houve batismo com água.

O artigo do referido Confrade não tem base evangélica, não tem base na lógica, despreza a hermenêutica, faz tábula raza dos conhecimentos esotéricos.

Dizer que a letra mata e o espírito vivifica para «espiritualizar» o texto, não é correto; Stanley Jones diz que, quando não entendemos um texto, espiritualizamô-lo...

Espertalhões vendo um motivo lucrativo, começaram a derramar água na cabeça do freguês... é afirmação temerária e sem base histórica e evangélica.

Pedimos ao Confrade Amantéa que com sua nova teoria sôbre batismo, nos explicasse alguns textos do Evangelho com referência ao batismo com água; dentro do espírito da Boa Nova.

«Ora João batizava também em Enon, junto a Salim, porque havia ali muitas águas, e vinham ali e eram batizados» João 3 : 22. Porque essas muitas águas que fala o texto? Porque João batizava ali onde havia muitas águas? Não foram os espertalhões que começaram a derramar água, foi o próprio Batista que batizava onde havia muitas águas...

Filipe, no conceito da «nova teoria» não passava de um espertalhão... «e indo êles caminhando, chegaram ao pé d'alguma água, e disse o eunuco: — eis aquí água; que impede que eu seja batizado... e mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou. E, quando sairam da água, o Espírito do Sendor arrebatou Filipe. Atos 8:36 a 40. Está bem claro aquí o «Baptizo» grego. Filipe, pela neo-teoria era espertalhão porque usava o batismo com água!

João Batista, pela nova teoria, era espertalhão, e, o pai dos espertalhões: — «E eram batizados por João Batista no rio Jordão» Mateus, 3:6. Pela nova teoria o texto ficaria mais claro assim: - «Eu, espertalhão, em verdade vos batizo com água». Mateus 3 : 11.

O próprio Jesus foi na «corrida» do

espertalhão: — «E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água...» Mateus 3 : 16.

Pela nova teoria João Batista tapeou muita gente da Judéia : — «todos eram batizados por êle no rio Jordão» Marcos 1 : 5 e não negava que batizava com água : — «na verdade tenho-vos batizado com água ; êle, porém, vos batizará com o Espírito Santo». Marcos 1 : 8 ; aquí mostrou João que havia outro batismo, batismo sem água, isto é, com o Espírito Santo. Êle vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Mateus 3 : 11 ; outro tipo de batismo (aquí uma metáfora) com fogo.

Muitos estavam em grande espectação e pensavam que João fôsse o Cristo, mas João dissuadi-os dando-lhes a diferença : «eu batizo com água mas Êle batiza com o Espírito Santo e com fogo». — Lucas 3 : 16.

Temos a impressão que Jesus foi batizado (neste caso tapeado, segundo a nova teoria), à vista de todo povo : — Lucas 3 : 21.

João Batista gostava de dizer que batizava com água, aliás, o batismo com água, era, exatamente, uma das características de João : - «Porque batizas se tu não és o Cristo?... eu batizo com água... João 1 : 25,26, quanta humildade nessa resposta : eu batizo com água (provisório) Êle vos batizará com fogo!

Antes de Jesus ser batizado no rio Jordão por seu primo João, êste, vendo a Jesus que se aproximava disse : eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. João 1 : 29 como quem quís dizer : eis aí quem batiza com fogo... eis aí a luz do mundo que alumia a todo homem que vem ao mundo... êle batiza com fogo e eu com água!

João Batista não batizava com água por um simples diletantismo, êle recebeu ordens para batizar com água : «o que me mandou a batizar com água» João 1 : 33 — ordens dadas, ordens cumpridas, se era ordem para batizar com água... havia um «espertalhão» dando ordens a João Batista para batizar com água... (Que ilações podemos tirar com a nova teoria)!

Pedro dizia : «arrependei-vos e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo —» Atos 2 : 38, e foram batizados os que de bom grado receberam a palavra, Atos : 2 : 41 ; eram batizados homens e mulheres. Atos 8 : 12 e depois dêsse batismo descia o Espírito Santo, Atos 8 : 15. Não havia no tempo, batistério, em qualquer lugar onde houvesse água, servia, era só parar o carro na estrada, descer, e batizar (aqui o «baptizo» grego) está também, claro — Atos 8 : 38,39.

Saulo recebeu antes um passe de Ananias, para depois ser batizado : Atos 9 : 18. Pedro pergunta se alguém poderia recusar a água para que fôssem batizados : Atos : 10 : 47,48 — Pedro é testemunha da diferença do batismo com água (de João) e do batismo com fogo (do Cristo) «E quando comecei a falar, caiu sôbre êles o Espírito Santo, como também sôbre nós no princípio. E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse : João certamente batizou com água : mas vós sereis batizados com o Espírito Santo» : Atos 11 : 15,16 e perguntamos agora : é necessário ainda o batismo com água ? E' só lembrarmos do dito do Senhor, como se lembrou Pedro, para não procurarmos o batismo com água de João, que era provisório, parece que Pedro acertou o passo aqui lembrando-se que havia outro batismo, o do Cristo! Que o batismo com água continue como material de simonia, mas não para os espíritas... porque êstes lembram-se continuamente do dito do Senhor.

Havia muita discussão quanto ao batismo, e, Paulo, percebendo que havia muita ignorância no assunto, foi dizendo logo : — «dou graças a Deus porque a nenhum de vós batizei, senão a Crispo e a Gaio... do contrário ainda vão pensar que foram batizados em meu nome. 1.º Cor. 1 : 13 a 17 e não vim para batizar, não tenho a mesma missão do Batista, eu vim para evangelizar.

E o batismo, pelo que se depreende, era mesmo o «baptizo», vejamos a metáfora de Paulo : — «fomos sepultados com êle pelo batismo», Romanos 6 : 4 — Col. 2 : 12 — Gal. 3 : 27. Pedro usa outra figura com água, 1. Pedro 3 : 21 também dá a entender o «baptizo».

Desde o princípio os cristãos tiveram opiniões diferentes sôbre o batismo, isto é, quanto ao modo de batizar. A palavra «batismo», derivada do verbo grego «baptizo», que significa etmològicamente imergir, deu muito pano pr'a manga... pois em tôrno dêsse sacramento romano, os protestantes se dividiram : uns acham que deve ser por meio da imersão, outros por derramamento, outros, ainda, por aspersão... si fôssemos levar em conta a opinião dos protestantes com as suas mil e uma seitas... Basta lembrarmos, como Pedro, do dito do Senhor!

E não é sòmente quanto ao modo do batismo, há muita discussão quanto à idade do batizando; agora, aparece outra teoria: nunca houve batismo com água!

As teorias acima ainda são discutíveis, por aquêles que se apegam à letra do Evangelho, mas, a «nova teoria» do confrade Amantéa, essa não é discutível, não tem base histórica, escriturística e e nem... lógica: despreza a hermenêutica, despreza a história, despreza o estudo das religiões comparadas — essa «teoria» desautoriza o próprio Evangelho.

Quanto aos espertalhões derramarem água, salgar, passar oleo, passar a saliva (que fôrça de expressão teria aqui a giria: — passar a saliva...), isso já é outra história... mas afirmar que nunca houve batismo com água, que espertalhões usaram dêsse processo, como espertalhões, o Espiritismo não aceita, não abona, não confirma: Espiritismo é Ciência, é Filosofia.

MAX MAYNARD

20-2-59.

ONDE ESTÁ DEUS?

SERIA estultícia nossa se indagássemos: Onde está Deus, que não vê êste mundícolo infelicitado de imoralidades, crimes e injustiças?

Não, caros irmãos; nunca êste seria o nosso intento, pois conhecemos a faculdade do livre-arbítrio das criaturas e a lei do determinismo a que todos nêste planêta estão sujeitos. Bem outro é o nosso propósito; senão, vejamos:

Tôdas as religiões, doutrinas e correntes filosóficas procuram dar explicações da melhor maneira possível quando alguém aborda o problema da existência de Deus. Por certo que nos ensinamentos de Allan Kardec, magistralmente comentados por Leon Denis, encontramos a explicação mais exata, lógica, natural e racional dêste assunto.

Grande parte, senão a maioria dos religiosos, ainda confunde Deus com Jesus. Dizem que ambos são uma única entidade ou personalidade; duas pessoas em uma só... Há até quem, em se falando de Deus, imediatamente o configura como um santo varão, de feições humanas, velho, alto, magro, barbudo, careca, de óculos na ponta do nariz, manto azul estrelado sôbre os ombros, calçando sandálias, locomovendo-se cansativamente com a ajuda de respeitável cajado e, a aureolar-lhe a cabeça, uma coroínha de luz. Eis como imaginam Deus!

Ainda há pouco, numa barbearia, vimos o fígaro martirizado com suas cogitações, pois comentava-se naquele salão, e com inflamado entusiasmo, que o «menino Jesus» era o mesmo Deus nascido em Belém há quase dois mil anos atrás. Estava o coitado do fígaro todo atrapalhado, e com razão, pois aprendera na escola que o mundo fôra criado há mais de cem milhões de anos. Como poderia ter nascido há poucos séculos o criador do mundo, se êle mesmo já o havia criado com incontável antecedência de milhares de séculos? O debate de pontos teológicos fôra longo e inflamado naquele salão, e por pouco que freguêzes e barbeiro não se puseram a trocar desafôros entre si. Como sempre acontece e, graças a Deus, uma boa piada tudo harmonizou, mas as idéias do barbeiro continuaram confusas...

Um dos atributos de Deus que mais incompreensão tem trazido às mentes humanas é o da sua onipresença, isto é, estar Deus em todos os lugares ao mesmo tempo ou, então, usando o têrmo próprio, dizer-se ser Deus todo ubiqüidade.

Deus, incriado e eterno, todo amor, sabedoria e justiça, vem a ser o próprio Universo, porquanto está e estava sempre no Universo como na menor partícula do átomo; está no justo e puro, como também no pecador perverso e louco. Está Deus na víbora traiçoeira e venenosa, como na inocente e imaculada pombinha; está no anjo e arcanjo, como no mais ínfimo verme repelente; está no portentoso e temido raio ao ziguezaguear nos céus escuros, assim como está na calmaria mais serena da bemaventurança. Reside Deus no Céu, na Terra e nas profundezas oceânicas. Êle reside no coração do justo, do amoroso e do caridoso, assim como anima a centelha divina, esta partícula ou êste «pedacinho» de Deus que se contém igualmente na alma do ladrão, do assassino, perverso, asqueroso ou maldito. Deus é o sentimento de amor, de paz e de harmonia; no entanto, está nos que agasalham a inveja, o ciúme e outros vícios. E, para que ninguém fique atrapalhado com tantos «está aqui e acolá», preferimos reproduzir uma alegoria do iluminado mestre Ramakrishna, que nos mostrará o modo de procedermos para que bem compreendamos o problema da onipresença de Deus.

Diz alhures aquêle insigne instrutor em seu modo peculiar de se expressar: «É certo, sem embargo, que Deus está também nas pessoas de índole má e, não obstante, devemos amá-las. Ninguém é estranho; todos são irmãos, pois Deus reside em todos os sêres; sem Êle nada poderia existir. Da mesma forma Êle reside nas feras, mas isto não quer dizer que devemos ir abraçar um tigre, só porque Deus reside nesse bicho. No caso presente poderíamos perguntar: Por que devemos fugir de um tigre, se Deus reside nesse animal? A resposta é que Deus, que habita o nosso coração, nos manda fugir do tigre; por que não haveríamos de obedecer esta vontade de nosso ìntimo?

Conta-se, a propósito, que em certo bosque vivia um sábio com seus discípulos. Foi-lhes ensinada a seguinte verdade: «Deus reside em tôdas as coisas; isso sabendo, devereis prostar-vos de joelhos diante de todos os objetos.» Certo dia um discípulo saiu para o monte, em busca de lenha. No trajeto, viu um elefante enfurecido, em louca carreira, sendo cavalgado por um homem que lhe gritava desesperadamente: «Saia do caminho, afaste-se: êste elefante está demente!» O discípulo, em vez de fugir, lembrou-se do ensinamento de seu mestre e começou a raciocinar: «Deus está no elefante como também em mim. Deus não é mau; por que, então, hei de fugir?» Assim pensando, automàticamente, prostou-se onde estava e saudou o elefante que avançava colérico sôbre o discípulo. O condutor do animal continuou aos gritos: «Afaste-se, afaste-se!» mas o discípulo não se moveu, até ser violentamente colhido e pisado pelo elefante raivoso, sendo finalmente jogado à distância. O jovem, todo ensanguentado e triturado, jazia como morto, no chão. O sábio, ao tomar conhecimento do ocorrido, foi com seus discípulos apanhá-lo, conduzindo-o ao pouso.

Sòmente dias depois, recobrando a consciência, contou o infeliz aleijado o sucedido, ao que o sábio replicou: «Filho meu; é verdade que Deus está em tôdas as coisas. Porém se Êle está no elefante, não está igualmente manifesto naquele condutor? Diga-me, pois, por que não prestou atenção à justa advertência do condutor?»

Eis uma singela amostra de «Onde está Deus?»

A nós compete, com discernimento e prudência, descobri-lo nas coisas boas como nas coisas más, para não sermos massacrados como aquêle infeliz discípulo, por algum elefante furioso que a nossa ignorância tenha pôsto em liberdade.

General Levino Cornélio Wischral

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.° ano	Cr.$200,00	Do 20.° ano	Cr.$ 200,00	Do 27.° ano	Cr.$180,00
Do 4.° ano	200,00	Do 21.° ano	200,00	Do 28.° ano	180,00
Do 5.° ano	200,00	Do 22.° ano	200,00	Do 29.° ano	180,00
Do 6.° ano	200,00	Do 23.° ano	200,00	Do 30.° ano	180,00
Do 7.° ano	200,00	Do 24.° ano	200,00	Do 31.° ano	180,00
Do 18.° ano	200,00	Do 25.° ano	200,00	Do 32.° ano	180,00
Do 19.° ano	200,00	Do 26.° ano	200,00	Do 33.° ano	180,00

Crônica Estrangeira

Visão no vinhedo salva menino moribundo

De «Two Worlds»

Um homem velho trabalhando em seu vinhedo, em Creta, teve uma visão clarividente de uma bela mulher. Como resultado poude êle salvar a vida de um menino que estava morrendo de cancer, já desenganado por médicos.

A cura causou sensação em Creta. Quatro mêses antes, George Mylonokis, de 12 anos de idade, da vila Jero-Laco, perto de Creta, começou a perder pêso, recusava alimentos, tornou-se extremamente pálido e tinha fébre contínua.

O Dr. Archontakis, que tratava o menino, diagnosticou cancer no fígado. O menino foi levado para o Hospital Infantíl de Atenas, onde o diagnóstico foi confirmado.

Como a moléstia estava muito avançada e o seu caso sem esperança, os médicos disseram aos pais que melhor seria levar o menino para sua casa, em Creta.

Não só o menino estava às portas da morte, como êle a esperava. O pessoal do avião não permitiu o seu embarque. Passageiros se recusavam a viajar em sua companhia. Foi com a maior dificuldade que os pais conseguiram levá-lo a Creta, onde poderia morrer em sua própria casa.

Poucos dias depois dos pais contristados terem atingido a ilha, um homem velho, Nicolas Skordilakis, conhecedor da família, estava trabalhando em seu vinhedo, quando ouviu uma voz chamá-lo. Êle se voltou e ficou espantado ao vêr a forma espiritual de bela mulher, emergindo do que parecia uma nuvem.

«Êle Viverá»

Ela lhe disse que o menino seria salvo. Êles só tinham que aplicar ao fígado, cataplasmas de duas qualidades de hervas, que ela indicou, e a moléstia desapareceria logo.

Êste conselho foi seguido. Para grande alegria de todos, em poucos dias o menino começou a melhorar. A febre desapareceu e voltou o apetite.

Agora George Milonokis está completamente curado. Cuidadosos exames médicos não revelaram qualquer traço do cancer. Os médicos afirmam que o menino está apto a fazer o que quer que seja, de fato, viver uma vida normal.

Êle está correndo, trepando em árvores e ajudando o pai em seu trabalho, sem mostrar qualquer sinal de fraqueza.

Talvez, o que não será surprêsa, os médicos não reconhecerão que as hervas prescritas por uma forma espiritual, curem cancer que declararam incurável. Em sua opinião, o restabelecimento «miraculoso» será devido à retardada reação do tratamento que deram ao menino, ou foi caso raro de cura espontânea, por vêzes pertencente à natureza.

Novos domínios da Ciência

Além dos limites do racional — A Parapsicologia nas universidades

Em numerosos casos de acidentes, de desaparecimentos súbitos, de crimes, recorreu-se ao holandês Gerard Croiset, dotado de faculdades telepáticas excepcionais. O conhecido especialista alemão de parapsicologia prof. Hans Bender, da Universidade de Freidburg, confirmou recentemente que Croiset é um fenômeno invulgar que a ciência tem de tomar a sério.

Na pequena cidade da Baixa Saxônia de Buxtehude, desapareceu por volta do Natal um rapazinho dos seus cinco anos. Havia indícios de um rapto. A polícia desenvolveu uma atividade intensa; o caso foi para a primeira página dos jornais.

Ante o insucesso das suas diligências a polícia resolveu consultar Croiset. Cumpre realçar que o «clarividente» holandês nunca esteve em Buxtehude, nem se deslocou neste caso da sua residência. Croiset declarou que se encontraria o cadáver do pequeno Bernd Schlegel. Depois de dar uma descrição da parte da Buxtehude onde mora a família Schlegel, Croiset explicou:

«Eu vejo um rio e uma ponte de madeira que o atravessa. Bernd Schlegel caiu ao rio». Não faltava a indicação exata do local onde se encontraria efetivamente o cadaver.

O prof. Hans Bender, chefe do único instituto universitário que se dedica exclusivamente à investigação da parapsicologia e da psico-higiene, coligiu material sôbre as «visões» e as profecias de Croiset. Com os professores Joseph Rhine, da Universidade de Ducke, nos Estados Unidos, e W. H. C .Tenhaeff, de Utrecht, onde vive Croiset, Bender forma um grupo de cientistas interessados em estudar com todo o rigor científico os problemas das percepções extra-sensoriais da telepatia, ou seja da transmissão de sentimentos, pensamentos e visões da clarividência, isto é, o conhecimento de acontecimentos e locais completamente desconhecidos, e a profecia. Bender publicou em 1936 o primeiro estudo científico sôbre a «parapsicologia» que avança até os limites dos fenômenos do ocultismo, do espiritismo e das visões. O objetivo dos seus trabalhos foi desde sempre uma «crítica positiva» da superstição, o estudo e contrôle de fenômenos que se colocam fora do âmbito dos estudos científicos correntes.

«Mensageiro do Lar» do «Correio da Manhã» — Rio.

* * *

Pegou na mão de um fantasma...

De «Estudos Psíquicos»

Psychic News de 31 de Agosto de 1957, insere uma história curiosa que não resistimos a transcrever. É a história de um homem que sentiu a mão de um fantasma na cidade de Buffalo, nordeste da Inglaterra.

H. W. Holmes reside em 27 Mayfield Grove, Long Eaton, Nottinghamshire, onde trabalha, e foi enviado pelos patrões a outra parte da região. É sempre bom mudar de ares e o viajante ia contente.

Depois de se alojar, procurou alguma coisa onde passar as horas de folga e descobriu uma loja maçônica a que chamavam *Orgulho de York.* Foi amàvelmente recebido por todos os sócios e fez algumas visitas, quando lhe anunciaram a morte de um sócio muito respeitável. O entêrro seria realizado dias depois e o nosso mortal mostrou desejo de assistir.

Geralmente, os sócios da loja juntam as mãos para fazer uma corrente em círculo. Mas num entêrro a corrente é quebrada, deixando vago o lugar do irmão que partiu.

Depois dos ofícios religiosos começou a cerimônia em tôrno da sepultura e o sr. Holmes ficou muito impressionado. Diz êle:

— Eu pensava no irmão defunto que nunca vira e notei em todos sinál de grande sentimento; fiquei, porém, admirado ao ver que o meu companheiro da direita não olhava para a sepultura, mas para o céu, como quem desafia a morte.

Em seguida veio a ordem:

— Irmãos, formem a cadeia. Um irmão está ausente do nosso grupo. Deixemo-lo no seio de Deus.

Deram as mãos, mas o sr. Holmes ficou em grande preocupação ao ver que o círculo estava fechado. Sim, a corrente não se quebrara em parte alguma...

— Só notei que a mão do meu companheiro da direita parecia gelada e admirei-me da cadeia não ter ficado aberta...

E no sentido de precisar ainda mais a sua fiscalização, acrescenta:

— Olhei à volta para ver se os outros irmãos tinham notado isto, mas êles não deram sinál de nada. Coloquei então a minha fôlha de hera junto de outras homenagens e saí discretamente.

A caminho de casa o sr. Holmes encontrou a resposta à pergunta que lhe pairava na mente.

Falando com um sócio que assistira ao funeral, mostrara-lhe a sua estranheza por a corrente não ter sido quebrada. E conclui:

— Êle ficou muito embaraçado e afirmou-me peremptòriamente que o círculo não estava fechado e que a minha mão direita não tocara na mão de ninguém...

Afinal o sr. Holmes julgou que segurava a mão de um homem e era a mão de um fantasma. Não deve ter ganhado para o susto.

* * *

NECROLOGIA

Dr. José Vasconcelos de Almeida Prado Junior

Deu-se em Campinas, a 12 de março, dêste ano, o passamento de nosso confrade Dr. José de Vasconcelos de Almeida Prado Junior, que sòmente agora podemos noticiar, por nos terem chegado com muito atraso os informes a respeito.

O Pradinho, como era conhecido, natural de Itú, era filho de José Vasconcellos de Almeida Prado e de Gertrudes Neves de Almeida Prado. Fez seus estudos preparatórios e secundários em sua terra natal. Transferiu-se depois para São Paulo, ingressando na Faculdade de Direito, onde se bacharelou, em 1900, em ciências jurídicas e sociais. Depois fixou residência em Rio Claro, ali desenvolvendo as atividades profissionais. Dedicava-se, ainda, a trabalhos agrícolas e negocios públicos, exercendo, por largo tempo, o cargo de Delegado de Polícia do município. Foi eleito deputado pelo P. R. P., pela primeira vez, em 1907, e continuou no mandato, reeleito várias vêzes, até 1930, quando encerrou sua carreira política. Na antiga Câmara Estadual, ocupou os postos de secretário e de vice-presidente, dando sempre cabal desempenho a suas atribuições. Foi também senador estadual.

Era casado com d. Leticia Negreiros de Almeida Prado e deixou os filhos: dr. Estevam José de Almeida Prado, casado com d. Lille Martins, dr. Carlos Mariano de Almeida Prado, Fernando Licínio de Almeida Prado e Stella Leticia de Almeida Prado.

Tornou-se espírita justamente em 1930, estudando muito e trabalhando pela difusão da doutrina. Em Campinas, para onde se mudara, nos últimos tempos, fazia palestras no Centro Espírita «Allan Kardec», e em Rio Claro, igualmente, nos centros espíritas da cidade. Sua predileção era o estudo do Evangelho, sôbre o qual baseava suas dissertações. Manteve, com a colaboração de José Dias, por sete anos, o Programa Espírita, de todos os domingos, pela P. R. F./2 de Rio Claro, onde fundou a Escola Industrial e onde foi Serventuário da Justiça na 1.ª e 2.ª circunscrição do Registro de Imóveis.

Ao deixar a vida terrena contava 82 anos de idade. Seu corpo, transportado de Campinas para Rio Claro, ficou exposto na Camara Municipal, desta cidade, ocasião em que o confrade José Dias usou da palavra, despedindo-se do velho companheiro, que dali seguiu para o cemitério local, onde foi sepultado.

— Ao espírito recem-liberto, paz e luz.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Bauru e a XII Concentração de Mocidades Espíritas

Uma jornada de trabalho, num encontro de alegria e fraternidade

(Reportagem de ALTIVO FERREIRA)

Bauru, o tradicional centro ferroviário e econômico do Estado, guarda, para a família espírita, o galardão de ser uma das mais altas expressões do movimento unificador do Espiritismo em terras paulistas, e de possuir esplêndida fôlha de serviços na seara em que foi semeador ímpar o Mestre Jesus.

A êsses títulos, que são muitos e valiosos, vem agora de reunir um outro não menos desvanecedor: o de ter sido a cidade anfitriã dos moços espíritas de quatro Estados brasileiros, que ali foram participar da XII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo. E com que carinho ela se multiplicou, por seus filhos, em mil e uma atenções, a fim de que os visitantes sentissem, nos lares que os receberam, o aconchêgo evangélico e a alegria cristã!

Sabemos das labutas que marcaram o trabalho preparatório do certame: das horas insones passadas no deslindar de problemas; das renúncias individuais a repousos e vantagens, para que não perecesse a tarefa em andamento. Tudo isso, porém, como que se esvaiu, quando a cidade recolheu para si a alacridade das caravanas juvenis, que vinham de diferentes terras em excursão de aprendizado.

Que os espíritas de Bauru recebam, em recompensa, as messes que o Alto reserva aos seareiros que se valorizam nos serviços do Bem !

Representações

Nossa reportagem apurou, junto à secretaria do certame, a presença de 78 Mocidades credenciadas, num total de 337 representantes, assim distribuidos : São Paulo — 62 Mocidade, com 276 jovens credenciados ; Minas Gerais—9 Mocidades e 22 participantes ; Goiás — 5 Mocidades, com 8 certamistas ; Mato Grosso — 2 Mocidades, com 31 caravaneiros. Vale ressaltar, aqui, o esfôrço dos jovens espíritas de Goiás e Mato Grosso, que de tão longe se deslocaram, visando manter viva e atuante a confraternização estabelecida em conclaves anteriores. Outro aspecto que merece citação é o de ser bem superior ao já referido número de representantes, o de visitantes presentes na Concentração, uma vez que inúmeras caravanas, compostas de espíritas não pertencentes a Mocidades, ali compareceram, atraídas pelo programa de conferências públicas, a cargo dos consagrados tribunos Newton Boechat, Jacob Hollzmann Netto e Divaldo Pereira Franco.

Reuniões Diurnas

Abrangeu a Concentração um período de quatro dias, iniciando-se na manhã de 26 e terminando na tarde de 29 de março. As reuniões diurnas, bastante movimentadas, deram andamento a variado programa, compreendendo torneio evangélico-doutrinário, parecer das comissões julgadoras de trabalhos, com leitura dos primeiros classificados, concurso de oratória, mesas redondas sôbre educação e assistência social, demonstração prática sôbre o método de aulas para Escolas de Evangelho e outros assuntos de menor relêvo. Os concentracionistas prestigiaram com entusiasmo e calor a tôdas as reuniões, ensejando um bom aproveitamento. Procuraremos expôr ao prezado leitor, em resumidas palavras, as principais matérias ventiladas nesses encontros dos moços com as coisas da doutrina.

Torneio evangélico-doutrinário — Dirigiu-o, como já é de tradição, o dr. Wilson Ferreira de Mello. Os representantes de cada Mocidade responderam a questões sôbre o Evangelho e «O Livro dos Espíritos». Êsse torneio demonstrando que, a cada ano, mais amadurecem os moços no estudo e compreensão do Espiritismo. Fala-se na sua eliminação do conclave, por tomar muito tempo. Achamos que se lhe pode dar outro tratamento, nunca, porém, exclui-lo do programa.

Trabalhos doutrinários — A comissão julgadora do tema «O Espiritismo e a reforma moral» classificou em primeiro lugar a Mocidade Espírita de Campinas, em segundo a Mocidade Espírita «Ismênia de Jesus», de Santos, e em terceiro a Mocidade Espírita de Marilia. No tema «Bases cientìfica da reencarnação», colocaram-se em primeiro e segundo lugares, respectivamente, a União da Mocidade Espírita de S. Paulo e a Mocidade Espírita de Araçatuba. Quanto ao trabalho intitulado «O perispírito em seus aspectos filosóficos e científicos», coube o primeiro lugar ao trabalho individual, assinado por dona Neyde Gandolfi Oliva (da UMESP), o segundo ao de Milton Ferreira (da M. E. Barretos) e o terceiro à Mocidade Espírita de São José do Rio Preto.

Concurso de oratória — Experiência nova, constituiu êsse concurso o ponto alto da Concentração. Onze concorrentes apresentaram-se na tribuna, revelando qualidades promissoras no campo da pregação doutrinária. Classificaram-se: no grupo de improvisadores, a prof.ª Terezinha de Oliveira, da M. E. de Campinas, que discorreu sôbre o tema sorteado no momento «O Espiritismo e a Arte»; no grupo dos oradores com tema prèviamente escolhido, venceu o jovem Armando de Oliveira Lima, da M. E. de Sorocaba, defendendo o assunto intitulado «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho». A comissão julgadora do concurso funcionou com os seguintes membros : dr. Luiz Francisco Giglio (coordenador), dr. Ary Lex, dr. Jarbas Leoni Varanda e prof.ª Maria Garcia.

Mesas redondas sôbre educação e assistência social — Na manhã do dia 27 realizaram-se mesas redondas sôbre educação e assistência social. A primeira, orientada pelo prof. Emilio Manso Vieira, da F. E. E. S. P. e do Instituto Espírita de Educação, versou sôbre o ensino religioso nas escolas, originando acalorados debates, de que resultaram algumas orientações acêrca do problema. A segunda, comandada pelo jovem acadêmico de Medicina José Simon Camelo, da União da Mocidade Espírita de Ribeirão Preto, objetivou o trabalhou realizado pela Campanha da Fraternidade «Auta de Souza» sendo na oportunidade distribuidos aos presentes prospectos sôbre o funcionamento da mesma.

Ainda como complemento da parte relacionada com educação da criança, houve na manhã do dia 28, uma demonstração prática de como se ministram aulas de Evangelho às crianças, a cargo do grupo de trabalho do Departamento da Criança, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, composto dos confrades srtas. Alvina Gonçalves Pereira, Alacocque Pelegrini e Wanda Cunha e srs. Fabio Dutra, Edmundo Teixeira e Clodoaldo Pette. Vários ângulos do assunto foram, então, abordados, tais como a ilustração por meio de flanelógrafo, os jogos e brinquedos infantis, o canto como centro de atração, a seleção de histórias apropriadas a cada idade, o ensino objetivado do esperanto, etc. Além disso, cada Mocidade recebeu, oferecida pelo Conselho Diretor da Concentração, uma pasta com material pedagógico.

Conferências Públicas

Grande público prestigiou as reuniões noturnas, nas quais se realizaram as conferências públicas, a cargo de consagrados tribunos. Na noite de 26 falou o excelente pregador, jovem Newton Boechat, do Rio de Janeiro, que produziu excelente peça oratória, em tôrno do tema «Prisões sem grades». A 27, a ansiedade dos confrades presentes foi satisfeita pela palavra profundamente doutrinária e belamente inspirada do jovem curitibano, dr. Jacob Hollzmann Netto. No encerramento solene do conclave, que se verificou na noite de 28, a palavra magistral de Divaldo Pereira Franco, tecendo arabescos poéticos e emoldurando-os com sólida argumentação filosófico-científica, manteve em vibração perene o auditório pelos largos minutos da sua dissertação.

Falaram, ainda, durante as reuniões públicas, os representantes dos Estados de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso, trazendo aos concentracionistas a sua mensagem de fraternidade.

Após as conferências, realizavam-se interessantes tertúlias artísticas, de que participavam os jovens visitantes, com números de declamação e canto.

Assembléia Geral

A tarde de sábado, dia 28, foi reservada à discussão dos assuntos administrativos, tais como modificação do Regulamento, aprovação de normas para o concurso de oratória, exame de sugestões apresentadas pelas Mocidades, e eleição da cidade-sede da XIII Concentração e respectivo Conselho Diretor. Como resultado dessa reunião plenária, tivemos algumas modificações no Regulamento e saiu sufragada a cidade de Campinas para agasalhar o próximo conclave, o qual terá a dirigí-lo o seguinte Conselho Diretor: Presidente — Dante Gandolfi; Secretária — Terezinha de Oliveira; Tesoureiro — Altivo Ferreira, além dos membros natos, que serão designados pelos Departamentos de Mocidades estaduais.

Apoio ao Movimento de Unificação

O ideal de Unificação não está ausente do espírito dos moços. Tivemos prova disso, mais uma vez, quando, no plenário da XII Concentração, foi apresentada por dezenove Mocidades Espíritas uma recomendação de integral apoio à Federação Espírita Brasileira, através do Conselho Federativo Nacional, aos órgãos unificadores estaduais e, particularmente, à USE, a qual recebeu aprovação unânime dos jovens certamistas.

Palavras Finais

O trabalho intensivo desenvolvido durante o certame não impediu que pudéssemos, todos, visitar as obras assistenciais espíritas de Bauru, guardando inefável lembrança do que faz o desprendimento daqueles companheiros de ideal, aliado a uma perfeita compreensão do que seja o trabalho de equipe, inspirado no espírito da Unificação.

Voltamos aos nossos penates, trazendo cinzelados no coração os frutos opimos de mais essa jornada cristã. E, daqui, enviamos, com esta citação, os nossos agradecimentos aos devotados companheiros do Conselho Diretor e do movimento espírita de Bauru, que foram os fiadores da gigantesca tarefa ali realizada.

De «Unificação», de maio de 1959.

Newton Boechat em Matão

O jovem tribuno espírita, Newton Boechat, nome de grande ressonância nos movimentos de difusão da nossa Doutrina no País, se acha percorrendo o Estado de São Paulo, visitando importantes centros urbanos, com a finalidade de proferir conferências sôbre palpitantes assuntos do momento.

Com êsse propósito, esteve em Matão, no dia 23 de julho, aqui falando no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», sôbre o tema de *«A Reencarnação e suas provas»*, que êle debateu com amplos conhecimentos e com sua rutilante oratória, tendo recebido calorosos aplausos da assistência, que superlotou o salão de conferências, após ouvi-lo atenciosamente das 20 às 21 horas e meia.

Sua palavra alcançou, em nosso meio, êxito fora do comum, marcando época nas tradições de cultura da terra matonense, sendo êle, como realmente é, um dos grandes oradores da atual geração brasileira.

Aproveitando esta notícia, transcrevemos adiante o temário das conferências que o simpático e ilustrado Newton Boechat vem proferindo, em sua excursão por São Paulo, em numerosas cidades paulistas e que é o seguinte:

1 — Pensamentos Negativos e Degradação das Formas
2 — Conceitos de Vida e de Morte
3 — Literatura de Além Túmulo
4 — Viciações Mentais
5 — Quadros Espirituais
6 — Nos Bastidores da Vida
7 — Prisões Sem Grades
8 — Novidades de Além Túmulo
9 — Quatro Faixas de Consciências
10 — Planos Espirituais e Humanos
11 — A Glória e a Decadência à Luz do Evangelho
12 — O Centro de Vida no Artista, no Filósofo e no Santo
13 — No Mundo Maravilhoso do Super-Consciente
14 — O Diário de Frederica Villiard
15 — Aspectos Administrativos e Doutrinários do Espiritismo
16 — No Cais da Eternidade
17 — Mediunismo e Espiritismo
18 — Intervenções Cirúrgicas Transcendentais
19 — No Reino dos Fantasmas
20 — O Cristo Agênere
21 — Situações Evangélicas e Mundanas
22 — Estudo dos Fenômenos de Dor
23 — Estudo dos Fenômenos de Amor
24 — Os Grandes Obsedados da História
25 — Religiões e Religiosos
26 — Tipos Espirituais
27 — Politeismo, Monoteismo e Monismo
28 — A Bíblia, o Oito e Oitenta
29 — Viagem pela Bíblia
30 — O Jôio e o Trigo no Velho Testamento
31 — Fenômenos Mediúnicos no Velho Testamento
32 — A Bíblia à Luz do Espiritismo
33 — Fenômenos de Clarividência
34 — A Reencarnação e Suas Provas (I)
35 — Nascemos Uma Só Vez ? (II)
36 — Consequências Morais da Reencarnação (III)
37 — Crianças Prodígios (IV)
38 — O Perispírito e a Elaboração Fetal (V)
39 — Personalidades Oscilantes
40 — Gênio e Neurose
41 — A Metapsíquica e o Cavalo Morto
42 — Razão e Intuição
43 — O Advento do Consolador Prometido
44 — A Divina Promessa
45 — Antecedentes Proféticos Sôbre a Vinda do Messias
46 — Antecedentes Históricos do Espiritismo
47 — Médiuns do Século Dezenove
48 — Chico Xavier nos Bastidores
49 — História de Um Beduino (Vida de Moisés)
50 — Havia um Rei Chamado David... (Biografia Romanceada).

O que vai pela «U. S. E.»

12.º Aniversário da U. S. E. — Transcorreu de 1 a 5 de junho último, o 12.º Aniversário da U. S. E. — O C. M. E. comemorando solenemente o o grato acontecimento, fez realizar em data de 7-6-1959, na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, marcante reunião.

Foi orador na ocasião o confrade Paulo Toledo Machado, que discorreu sôbre o tema «*Mundo Real e Mundo Ideal*».

O Coral da Federação abrilhantou a reunião com magníficos e selecionados números.

II Semana Espírita da Cidade — Iniciando os trabalhos preparatórios e preliminares da *II Semana Espírita da Cidade de São Paulo*, o C. M. E. programou concentrações em todos os bairros da Capital.

O acontecimento é aguardado, desde já, com desusado interêsse, sobretudo, pelo fato da extraordinária repercussão alcançada em todo o território nacional, pela I Semana Espírita de São Paulo, realizada em 1956.

Cursos para Dirigentes Espíritas — O Departamento de Doutrina da U.S.E. tem planejado e deverá desenvolver brevemente na Capital, um trabalho de longo alcance doutrinário.

Será instalado em S. Paulo, sob a direção dêsse Departamento, um Curso para Dirigentes Espíritas, sôbre Trabalhos Teóricos-Práticos, nos Centros Espíritas.

As aulas serão ministradas por elementos de real capacidade, sendo distribuidas, posteriormente, apostilas.

Com base nesse trabalho, os órgãos da U. S. E. realizarão, a seguir em todo o Estado, igual tarefa.

Sanatório Espírita Metropolitano — A AMEA — Associação Metropolitana Espírita de Assistência — prossegue nos trabalhos de levantamento de fundos em prol da construção, em São Paulo, do Sanatório Espírita Metropolitano, que objetiva, além dos serviços assistenciais peculiares, a formação de enfermeiras e médicos psiquiatras espíritas, para beneficiar as instituições congêneres de todo o Estado — trabalho de levantamento de fundos tem alcançado satisfatória receptividade em todos os meios espíritas.

Sêlo da U. S. E. — Foi aprovada em reunião do C. D. E. da USE. de 14-6-1959, proposta para que os Centros Espíritas do Estado, adicionem um *Sêlo da U. S. E.* em cada recibo de seus associados, solicitando, dêsse modo, dêstes, mensalmente a contribuição de Cr.$1.00 a favor do Movimento de Unificação dos Espíritas do Estado.

A U. S. E. apreciará receber de todos os Centros Espíritas do Estado, manifestação de solidariedade, a tão importante proposta.

Concentração Regional em Ribeirão Preto — Promovida pela U. S. E. com o concurso do Conselho Regional Espírita da 9.ª Região, foi realizada em 28-6-1959, a Concentração Regional daquela região.

Foram convidados os espíritas de Franca, Batatais, Brodowscki, Altinópolis, Cravinhos, São Simão, Pedregulho, Guará, São Joaquim da Barra, Jardinópolis, Ituverava, Sertãosinho, etc. para participarem dos trabalhos.

A Diretoria Executiva da U. S. E. foi representada pelo seu presidente, confrade Carlos Jordão da Silva.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula dos trabalhos da reunião mensal ordinária realizada em 4 de Julho de 1959

Profere o Presidente a prece inicial, às catorze horas, e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a Ata de 6 de Junho, passando-se aos comunicados dos Conselheiros.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino lê carta do Presidente da Federação Catarinense agradecendo a preciosa dádiva feita pela F E B à Bibliotéca da Entidade, e anuncia que mais três novos Centros se filiaram à Federação, prosseguindo adiantados os trabalhos de instalação da «Casa do Velhinho» e do «Lar de Jesus», em Florianópolis.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva fala sôbre os trabalhos de Unificação pela USE desenvolvidos em todo o Estado. estando marcada, para Novembro próximo, a convenção dos Dirigentes das Organizações Espíritas Paulistas.

Minas Gerais — O Conselheiro Miranda Ludolf apresenta as saudações da União Espírita Mineira, e comunica que, em viagem para o Ceará, ali visitará a Federação local, oferecendo seus préstimos à F E B e ao Conselho.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto solicita ao Conselho um voto de saudade ao Espírito do confrade Oscar Carneiro. recém-desencarnado.

Pernambuco — O Conselheiro Joaquim da Costa Vilaça comunica o êxito do trabalho de congraçamento da família espírita através das escolas de alfabetização «Léon Denis» e outras, e o registro do Centro Espírita «Enviados de Jesus».

Paraíba — O representante, Conselheiro Indalício Mendes, comunica que a Federação Paraibana já se encontra instalada em sede própria, cuja inauguração oficial será em breve.

Às dezesseis horas e quinze minutos é feita a prece final pelo representante de Pernambuco e encerrada a reunião pelo Presidente.

Campos Vergal felicita Carlos Imbassahy

A propósito da série de artigos, de Carlos Imbassahy, publicados nesta Revista sob título de «Roma, Nero e os Cristãos», o deputado federal Campos Vergal dirigiu ao nosso distinto colaborador o seguinte telegrama :

«Efusivos parabens série magnifica seus artigos «Roma, Nero e os Cristãos», publicados na Revista de Matão.»

Como sabemos, a história do período romano narrada nos referidos artigos de Carlos Imbassahy, alcançou ampla repercussão, de que o telegrama acima é uma das provas exuberantes.

Imprensa Espírita

«Libertação»

Eis aí o título de novo jornal espírita que acaba de ser fundado em Araras, como órgão do Grupo «Sayão», dessa cidade, sob a direção do dr. Gil Perche de Menezes, como diretor responsável, e de Salvador Gentil, diretor redator.

A julgar pelo primeiro número, do mês de junho, pode-se afirmar que é uma publicação bem cuidada, em seu aspecto gráfico, com ótima colaboração, tôda ela vasada dentro da moral cristã, o que vale dizer, nos moldes dos princípios espíritas.

Parabens aos confrades da cidade de Araras e ao Dr. Gil, nosso particular amigo, como matonense que é, pela iniciativa feliz que tiveram.

«Pará-Espírita»

Recebemos a visita dêste novel colega que, como órgão espírita, surgiu êste ano em Belém, Capital do Estado do Pará.

Apresentou-se como órgão noticioso e doutrinário do Espiritismo Cristão, sob a direção de Luiz Carlos, nosso distinto confrade. Ao novo colega desejamos vida longa e próspera.

Sanatório «João Evangelista»

Desta instituição, que tem sua sede em São Paulo, à Avenida Nova Cantareira, 3050, recebemos carta-convite para assistirmos as festividades comemorativas da passagem do sexto aniversário do mesmo Sanatório «João Evangelista», que se fundou sob o patrocínio espiritual do dr. Augusto Silva, bem como do terceiro aniversário do lançamento da pedra fundamental da Maternidade «Anjo de Caridade», pertencente àquela instituição.

As solenidades estavam programadas para serem realizadas em 5 de julho.

Embora sem poder comparecer agradecemos a gentileza do convite.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 80,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3581unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1959 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel . . . . *Redação*
Filosofia da História — Os Meios e os Fins . . . . *Carlos Imbassahy*
Espiritismo e Política . . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Existiria em Marte uma Super-Civilização? . . . . *V. O. Casella*
Carta Aberta aos Velhos . . . . *Gomes Braga*
Facêta de Maior Importância . . . *v. lirenedo*
«Na Casa de meu Pai há muitas moradas!» . . . . *Antonio Domiciano*
Filosofia Viva e Racional sem o Espírito de Sistema . . . . *Irmão Saulo*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Meditações sôbre a Alma e a Morte *Domério de Oliveira*
O Espiritismo, uma Avaliação . . . *Mac Maynard*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr $ 70,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 120,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1959 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

NASCEU na Capital Federal a 22 de setembro de 1868. Antes dos dez anos era órfão de pai e mãe, Anthero de Souza Schutel e Dn.ª Rita Paranhos Tavares, cujas fotografias ainda estão afixadas à parede, ao lado direito de sua escrivaninha. Seu único irmão, sobrevivente à morte dos pais, falecera antes dos 5 anos.

Cairbar ficou aos cuidados de seu avô. Dr. Henrique Schutel, que o pôs no Colégio Pedro II, onde estudou até o segundo ano. Tornando-se homem e não querendo ser pesado a ninguém, procurou emprêgo para ganhar dinheiro. Entrou em farmácias, para praticar, e assim escolhera a profissão que exerceria durante tôda vida.

Aos dezessete anos chegou a Araraquara. Em seguida foi a Piracicaba, exercendo sua profissão ao lado do Sr. Leocádio de Castro Neves. Depois voltou novamente para Araraquara, onde foi Gerente de uma farmácia, aí o assaltou o desejo de tornar-se independente e, em 1896, veiu para o povoado de Matão, ainda não servido por viação férrea, que só foi construida no princípio do atual século. Matão estava destinado a ser sua «Estrada de Damasco», onde seria atingido pela Luz que lhe desvendaria os horizontes da Terceira Revelação.

No nascente Matão, em que Schutel já exercia a profissão de farmacêutico, havia um velho, agricultor, Calixto Nunes de Oliveira, cujo retrato a creiom ainda continua afixado na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

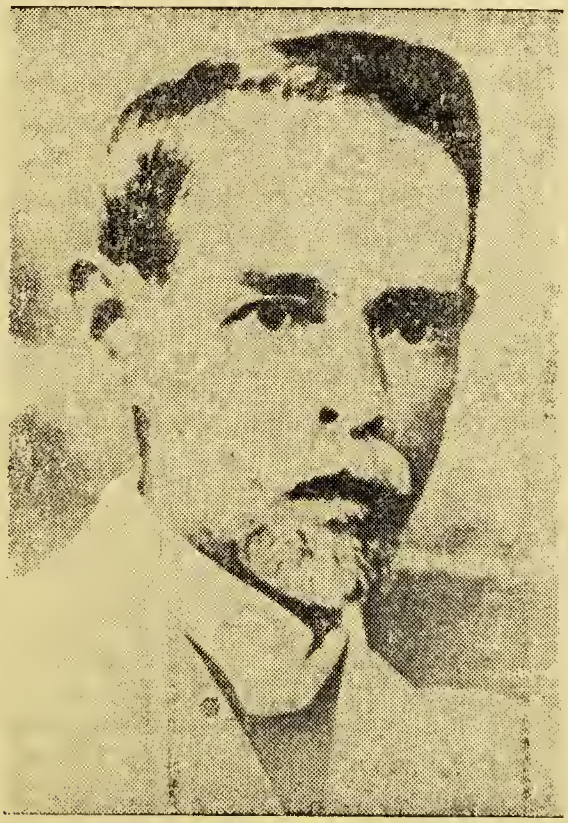

Cairbar Schutel

O Calixto era dotado de mediunidade, mas pouco conhecia de Espiritismo.

O Schutel foi procurá-lo, não o encontrando. Logo que o Calixto soube que o farmacêutico o procurara, rumou imediatamente para o estabelecimento do Schutel. Êste interrompeu seu serviço para receber o velho e depois de o cumprimentar, disse:

— «Snr. Calixto, desejo assistir a algumas sessões suas».

Ora, Snr. Schutel: eu deixei de fazer sessões, porque sempre vinham espíritos atrasados, a pedir missas e poucos os recursos para satisfazê-los.

O Schutel insistiu, o velho acedeu, mais para satisfazer à pessoa respeitável que o procurara.

Nas sessões do Calixto os espíritos se manifestavam por meio de (golpes) batimentos, de preferência realizadas em casa de outro amigo: Quintiliano José Alves.

Na primeira sessão se manifestaram alguns espíritos. Entre êstes, uma entidade mansa e bondosa, que ditou bela e instrutiva mensagem, referindo-se ao Schutel como escolhido instrumento para a divulgação da Grande Verdade. Disse que era D. Pedro II, último Imperador do Brasil.

Cairbar Schutel ficou encantado com a sessão, pois a mensagem não podia provir do médium e assistentes, gente sem conhecimento, todos simples e incultos.

No dia seguinte, por telegrama, pediu do Rio «*O Livro dos Espíritos*» e o «*Evangelho Segundo o Espiritismo*», ambos da autoria de Allan Kardec. Estudou-os com avidez. Tempos depois, descobriu em si diversas mediunidades, sobretudo a da psicografia, por meio da qual o pai a êle se manifestou, provando sua sobrevivência.

Estudou obras de outros luminares que surgiram no cenário da Nova Revelação.

Cairbar não se limitou ao papel de simples espectador, mas começou a agir; êle que saciara sua sêde com a Água da Vida, queria também mitigar a de seus contemporâneos.

O seu plano estava traçado. A quietude impelia-o para o estudo da III Revelação, propagando-a. A 15 de agosto de 1905 dava êle à publicidade a primeira edição de «O Clarim», que surgiu como uma centelha de luz que deveria em 33 anos de sua gestão, esclarecer o pensamento de incontáveis criaturas.

Mas a sua Farmácia que sempre lhe garantiu a subsistência exigia a sua presença. Foi quando teve a colaboração da récem graduada farmacêutica Zélia Silveira Perche, cujo labor lhe concedeu considerável tempo mais para divulgar o Espiritismo.

Quando lhe pareceu ter suficientemente insistido no duplo preceito de Jesus, «amar e perdoar», idealizou a divulgação científico-filosófica, fundando a «Revista Internacional do Espiritismo», luminosa em colaboração, com uma média de 32 páginas, cujo primeiro número surgiu em 15 de fevereiro de 1925, durante 13 anos sob sua direção, sendo êle o tradutor de artigos publicados em revistas francêsas, italianas e espanholas. Ismael G. Braga e Max Kohleisen, respectivamente do inglês e alemão.

Em 1905 Schutel fundou o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cujo nome indica sua finalidade.

Em setembro de 1936 iniciou pela Rádio Cultura de Araraquara — P.R.D. 4 uma série de 15 conferências, que terminou em 2 de maio de 1937.

Mas o Schutel teve ainda outra missão muito elevada.

Em sucessão contínua, publicou as seguintes obras: «Espiritismo e Protestantismo»; «Histeria e Fenômenos Psíquicos»; «O Diabo e a Igreja»; «Interpretação Sintética do Apocalípse»; «Médiuns e Mediunidades»; «Gênese da Alma»; «Materialismo e Espiritismo»; «Os Fatos Espíritas e as Fôrças X..»; «Parábolas e Ensinos de Jesus»; «O Espírito do Cristianismo»; «A Vida no Outro Mundo»; «Vida e Atos dos Apóstolos»; e seu último trabalho, «Conferências Radiofônicas».

Seu coração era generoso. Se sua inteligência era grande, maior era seu coração. A pobreza afluía a sua casa e ninguém saía com mãos vasias. Sua farmácia, sempre estava à disposição dos necessitados. Êle visitava os casebres, levando não só o alimento material e remédios, como o espiritual.

Duas épocas do ano mereciam sua solicitude — Dia de Natal e o da Paixão de Jesus. — A distribuição das oferendas sempre era precedida de substanciosa preleção doutrinária. A voz do povo o denominava — O Pai da Pobreza.

Filosofia da História

OS MEIOS E OS FINS

I

Daquele homem dizia Pierre Gaxotte na sua obra *A Revolução Francêsa :*

«Era sifilítico até os ossos, coberto de feridas, amarelento, o andar convulso, cheio de nevralgias. Os sofrimentos lhe apuraram o gôsto pela luta e pelo crime».

De maneira que, pensamos nós, a melhor maneira de vingar-se daquele homem seria deixá-lo vivo.

*

Amarrada, chega Carlota ao Tribunal; pede que lhe deixem calçar as luvas, a fim de aliviar-lhe o apêrto das cordas e lhe pouparem um suplício inútil, antes da guilhotina. Sua beleza, sua mocidade, seu tom, sua humildade comovem. Harmand, o presidente, chegou a esconder as lágrimas.

O povo acorre ao julgamento; houve gestos de cólera ; um grande murmúrio percorreu a multidão quando ela apareceu, e logo o ódio se transforma em comiseração, diante daquela figura de criança, cheia de intensa graça, aureolada pelo martírio.

O júri condena-a à morte por unanimidade. Em meio à multidão vê-se um homem angustiado: chama-se Adam Lux.

Cortam os cabelos à vítima, vestem-lhe a camisa dos supliciados e ela sobe à carrêta, enquanto cai sôbre a cidade formidável tempestade. Logo serena ; o sol poente lhe colora o rosto; nas suas faces há o esplendor da beleza, a serenidade da santa. Adam a segue e exclama : aquêles olhos abalariam um rochedo.

Carlota empalidece vendo a guilhotina ; refaz-se e sobe as escadas do cadafalso. Sua cabeça rolou ; um dos carrascos apanha-a e esbofeteia-a. As faces da decapitada coraram. Mas em vez dos louvores que o canalha esperava da multidão, a multidão estremeceu.

Para macularem a mártir, procuraram depois em seu corpo as provas de sua desonra : ela estava imaculada.

Adam publica um elogio de Carlota. Era o suicídio, mas queria participar de seu infortúnio. E participou. André Chenier cantou-a em verso, da prisão, dizendo — ela nos mata, porém nos ensina a morrer.

Tranquelin que a amava, morreu de desgôsto, pedindo ao pai que lhe pusesse no caixão suas cartas, lembranças e retratos.

A virgem imolou-se em benefício da humanidade. Mas Deus lançara aquêle monstro no seio dos homens porque lhe cabia uma terrível missão, embora tivesse que responder por ela. Tudo se aproveita na natureza, assim os atos dos bons como a infâmia dos perversos. Não é possível obstar aos desígnios do Senhor, e nós veremos como o crime continuou a sua cega ; dir-se-ia que os infelizes predestinados não poderiam fugir ao raio que os devia fulminar.

*

Os girondinos procuraram fugir. Esconderam-se nos campos onde a chuva, a neve os enregelava e entorpecia, sendo dizimados pela doença, pela fome, pelo frio. Conseguiram alcançar Bordeus.

Derrotada a França no exterior, faz-se uma requisição permanente de todo o povo. Assim recrutaram-se vinte e oito milhões. Cambon procura recuperar as finanças mas a fome se espalha.

*

A Convenção resolve processar Maria Antonieta.

As Sociedades requeriam um exército de veteranos, insensíveis às lágrimas, ao sangue, aos suplícios, que pudessem levar a tôda a parte a morte e o terror. Êsse exército estaria acompanhado de um tribunal e de uma guilhotina.

A Convenção cedeu ; grandes massas, tendo à frente Nébert e Chaumette, intimidaram-na. Robespierre que procurava refrear os excessos ficou só.

Chaumette gritava da tribuna : Colocai o terror na ordem do dia ; e o salão vinha em baixo com os aplausos.

Barère tinha pressa; mandou-se logo trazer os girondinos ao tribunal. Êste foi reorganizado, visto que os girondinos o haviam abrandado.

Escolheram-se como juizes, indivíduos subalternos e 60 jurados recomendados por sua inclemência e cegueira mental.

Trouxeram para a polícia a escória de Paris, e quando reprovaram isto a seu organizador, Ronsin, êle explicou: — Eu não podia escolher gente honesta para o mister a que os destino.

E foram prendendo indiscriminadamente; uma longínqua suspeita levava ao cárcere.

Por um decreto de Merlin não havia ninguém inviolável. Fizeram-se prisões em massa. Os ergástulos tornaram-se insuficientes e foram sendo utilizados os edifícios públicos, os hoteis, as igrejas.

Foi decretada a morte para os que não quisessem seguir para as fronteiras, não fornecessem armas, dessem asilo a fugitivos ou os socorressem, ou se correspondessem com êles, ou não os denunciassem; os que recusassem os «assinados», que serviam como papel moeda desvalorizada, ou que pretendessem fugir. Tinham todos que ficar tranquilamente esperando a morte oficial.

«A suspeita era convertida em prova, a delação erigida em dever».

Tôdas as prisões estavam repletas; levantava-se a guilhotina em tôda a parte. A Convenção estava presente em todos os lugares por seus representantes.

A máquina homicida começou a mover-se. Nela estréia o General Custine, que inspirava receios pelo seu valor no exército, por sua popularidade nas classes elevadas. Suas vitórias, em vez de o enaltecerem, perderam-no.

Trazido ao Tribunal, Fouquier Tinville, o chefe de polícia, leu uma acusação cheia de falsidades. Custine destruiu-as tôdas, e quando se estava certo de sua absolvição, o Tribunal condenou-o à morte.

Seguiram-se 98 execuções em 60 dias.

Chegou a vez da raínha. Nada havia que a inculpasse. Robespierre vacilava, mas Saint Just estava inflexível. E inflexíveis igualmente os montanheses, e entre êles Legendre, Collot, Desmoulins, Varennes, Barère, grandes bajuladores do povo, sempre à cata de popularidade.

O povo não se apiedava de uma mulher cujo crime era ter sido espôsa do rei. E os que mostravam pesar pela sua sorte, iam logo ao cadafalso. Desde que entrou na prisão até à morte só recebeu da populaça os mais pesados insultos.

O delfim foi entregue a um bruto, o sapateiro Simon, que o injuriava, espancava e o obrigava a injuriar a memória do pai, da mãe, da tia. Ensinava lhe canções indecentes e forçava-o a beber, como êle.

Um dia perguntou-lhe: — Se o exército da Vendéia vencesse, o que farias? — Perdoar-te-ia respondeu o menino.

*

A raínha é levada ao Tribunal. Passemos pelos dolorosos lances da separação.

Seus cabelos embranqueceram; tinha envelhecido em poucos mêses: conservava ainda a dignidade real, mas era quase irreconhecível aquela cuja beleza impressionara as côrtes européias.

Fouquier Tinville leu a acusação: era a série de calúnias e torpezas que andavam na bôca da plebe.

Na sua defesa ela não acusou ninguém; quando se referia ao marido era cheia de respeito, ternura, amor e pesar; o nome da princêsa de Lamballe e da duquêsa de Polignac, suas duas grandes amigas já supliciadas, lhe provocavam lágrimas.

Nebert, um dos grandes cínicos da revolução, acusou-a de atos de depravação com o filho. A raínha teve um gesto de horror e calou-se. Perguntaram-lhe porque não respondia, e ela declarou, então, que havia acusações às quais a natureza recusa responder. E virando-se para o auditório — Apelo para as mães aquí presentes. Houve um longo murmúrio contra Nebert.

Terminados os debates, o presidente Nermann declarava que o povo francês depunha contra Maria Antonieta. O povo francês era a chusma dos assassinos, assalariados ou não.

Falaram os defensores. Ela foi condenada à morte.

Ao deixar a prisão, abraçou ternamente a filha da porteira; um nevoeiro caía sôbre a cidade. Sua carrêta era aberta para que todos a vissem e insultassem; foi conduzida pelas ruas de París, ouvindo de todos os lados gargalhadas, injúrias, irreverências, impropérios, gritos de morte, gritos de abaixo a austríaca! A seu lado, um gendarme a cavalo proferia obscenidades. Quando o carro dava solavancos, diziam-lhe: — Isto não são as almofadas do Trianon. Ela tinha a angústia pintada no rosto.

Ao subir o cadafalso, pisou inadvertidamente o carcereiro e logo lhe pediu perdão. Quando lhe caiu a cabeça, um torpe adulador apanhou-a e mostrou-a ao público. Reboou um grito de viva a República.

Mas o grito pouco adiantou.

*

Amar, implacável membro da Segurança Nacional, foi encarregado de denunciar 73 deputados, suspeitos de cumplicidade com a Gironda. Nada transpirou, de sorte que, quando êstes chegaram, descuidados, para a sessão, ouviram um decreto que os declarava traidores, juntamente com os Girondinos. Aproveitaram a vasa, e incluiram outros nomes na lista.

Apanhados na ratoeira, foram todos presos e por ironia da sorte levados ao ergástulo em que estivera a raínha.

*

O filho de Vergniaud vendo o pai decrépito e em andrajos, caiu em pranto. — Não chores, meu filho — lhe diz o pai — e quando fôres homem, declara que viste o fundador da República na sua mais bela época, nas suas mais gloriosas vestes, quando sofria a perseguição dos celerados e se preparava para morrer pelos homens livres. E a criança de então repetiu o fato ao escritor Lamartine, que a registra na *História dos Girondinos*.

Começou o processo. Ali estava o partido da Gironda; ali estava a flôr da intelectualidade francêsa. Eram 22 os girondinos; muitos haviam fugido ou morrido, mas os revolucionários procuraram conservar o número de qualquer maneira, e encheram as vagas com estranhos. A imaginação dêles era sempre fértil.

A acusação apresentada por Tinville era extraída do panfleto de Desmoulin. Foram testemunhas os inimigos dos acusados.

Começou o público a inclinar-se pela indulgência, tal a ascendência dêles na opinião geral. Mas o júri apressou os debates, fechou-os repentinamente, acusou-os de conspiração e condenou-os à morte. Foi tudo de relâmpago.

Valagé suicida-se. Desmoulin precipita-se para a porta, gritando, alucinado — fui eu que os matei! —

Chegou o dia da execução. Êles tomam a carrêta, entoando a Marselheza. Abraçam-se pela última vez no sopé do cadafalso. O côro declina à proporção que as cabeças vão tombando, até que uma só voz ressôa, a de Vergniaud, o último a ser executado.

Foram todos para a mesma farsa ao lado de Luis XVI, por cuja morte votaram.

Segue-se o Duque de Orleans, que havia, apesar do sangue e da realeza, aderido à revolução. Prenderam-no com seus filhos. Confunde êle os acusadores, mas foi condenado.

Tomara o nome de Igualdade (Égalité). Morreu desprezado pelos nobres, pelos correligionários, pelos amigos, pelo povo.

*

A coligação estrangeira contra a França era fraca e hesitante. E assim deixaram perecer a Monarquia, o rei, a raínha, os príncipes, a nobreza, os grandes vultos, e campear o mais hediondo massacre que já se viu numa luta interna. Cada qual visava ao interêsse próprio e pouco lhes importava a angústia dos que estavam morrendo ou iam morrer.

Dampierre, general francês, perde uma batalha e corre para um ponto perigoso. Grita-lhe o filho — Pai, isto é morte certa. — E o pai lhe responde: — É preferível cair no campo de honra que na lâmina da guilhotina.

Um obuz o mata, salvando-o do Tribunal de Segurança.

Houchard vence a batalha de Hondschoote, mas como não venceu os inglêses é prêso e condenado. Nem a vitória salvava da guilhotina, já o vimos.

Carnot levanta o cêrco de Maubeuge. Com êle se achava o general Chancel, que não se sabe porque falta é condenado.

Descobriram uma conspiração, real ou fictícia na Alsácia. Saint Just entra na província e com êle o Terror. Para principiar, mataram logo 70 habitantes.

*

Em Lião, acompanhando os massacres de setembro, foram imolados vários indivíduos. Chalier, um fanático, pôs-se à frente dos assassinos. Huguenin incitava-os. Acompanhavam Chalier na chefia da matança, Rullot e Cusset, membros da Convenção, e o padre Laussel, que esposara a própria irmã; Chalier apresentara uma lista de 500 cabeças para serem cortadas; pegou a imagem do Cristo e berrou: — Não basta ter feito morrer o tirano dos corpos, é preciso destruir o tirano das almas, e quebrou o crucifixo, pisando-o depois. Não contente, mandou vir uma guilhotina.

Nivière, à frente de uns batalhões, impediu a carnificina almejada.

París revolta-se contra essa atitude: a guilhotina não podia parar. Chegam comissários em Lião e preparam a organização homicida. Chalier incita o povo: lavemos as mãos em sangue!...

Mas os lionêses reagem; os secionários vencem as feras de París; Chalier é prêso e condenado à morte. Lembra-se êle então do Cristo e a êle se compara pelo martírio; sua cabeça cai na guilhotina que trouxera para a cidade e o seu corpo, abraçado ao crucifixo que quebrara e pisara.

París freme e se prepara para o ataque. Os secionários vão buscar o General Precy, que, como Cincinato, tinha a enxada nas mãos. Precy obtemperou que a reação seria a ruína da cidade, e que estariam todos perto do cadafalso. — Pensamos nisto — responderam — e entre o cadafalso e a opressão preferimos aquêle. Precy entusiasmou-se e seguiu-os.

Lião foi vencida. Couthon faz promessas generosas e a cidade lhe abre as portas.

Uma coluna de fugitivos, onde se achavam Precy e Virieu pretendem alcançar a Suissa; são surpreendidos e dizimados pelos soldados da Convenção.

Craucé, Collot d'Herbois, Dorfeuille queriam uma vingança terrível, e ela veiu. Cai a primeira cabeça; para não desonrar a palavra empenhada, Couthon retira-se.

Barère propõe que Lião seja sepultada em suas cinzas. Começaram os suplícios. Apanhavam-se fugitivos ou pessoas que pareciam querer fugir. Enchiam-se as prisões e logo se esvasiavam pelo cadafalso.

Não obstante, achavam morosas as condenações, e os representantes que lá estavam foram substituidos por Fouché e Collot d'Herbois. Com êstes vieram vários indivíduos experimentados no crime.

Começaram então a cair as cabeças, ao mesmo tempo que os edifícios. As picaretas, as bombas, o cutelo entraram a fazer um serviço em conjunto.

Fouché lançou proclamações, incitando os cidadãos à delação. E pagava-se 30 francos por denúncia; a importância era dobrada se o denunciado tivesse certo valor. Logo se formou uma quadrilha para tão rendoso negócio.

E foram matando e destruindo. Os moradores eram obrigados a desalojar às pressas, levando o que podiam, enquanto suas casas vinham abaixo. Alguns operários ficavam sob os escombros, tal a freima em destruir. Ouçamos um trecho de Lamartine:

«O estrondo das paredes que caiam, o pó das demolições que envolviam a cidade, o ruído dos canhões e a fuzilaria dos pelotões que fuzilavam ou metralhavam os habitantes, o rodar das carrêtas, que das prisões conduziam os acusados ao Tribunal e do tribunal à guilhotina, eram os únicos sinais de vida da população, o cadafalso o único espetáculo, as exclamações de um povo em farrapos a cada cabeça que lhe caía aos pés, sua única festa».

A água e a areia espalhados no solo onde se derramava o sangue das vítimas não conseguiam estancar a lama fétida e vermelha onde escorregavam os pés. Dorfeuille transportou então a guilhotina para um fôsso; ali então o sangue era levado ao Ródano. As lavadeiras tiveram que mudar-se, porque as roupas saíam dágua como se tivessem ido a uma tinturaria. Quando os suplícios ultrapassaram a casa dos 40, houve que pôr a guilhotina numa ponte sôbre o rio. Nêle caíam o sangue, a cabeça e os corpos, de sorte que os barqueiros navegavam entre os destroços humanos, como se houvera um temporal terrível.

Noite e dia os parentes das vítimas andavam em tôrno das prisões; os mais lacrimosos iam fazer-lhes companhia lá dentro.

Seis mil suspeitos esperavam a vez; as casas foram sendo abatidas; só se salvavam as pocilgas. Quem tinha um inimigo dêle se livrava pela denúncia, com a vantagem ainda de embolsar a recompensa pecuniária.

Todos os que Couthon deixara escapar, iam sendo apanhados e trazidos para a execução. Os parentes participavam da pena.

Fouché e Collot ainda achavam fraco o movimento. Dorfeuille prometeu espantar. E espantou.

As mortes individuais foram substituidas pelo assassínio em massa. A guilhotina ficou para trás, já era um arcaismo. Os condenados iam sendo postos em fileiras, unidos dois a dois, junto às sepulturas abertas. Todos eram convidados a assistir o magnífico espetáculo. Collot e Fouché empunhavam binóculos.

Dorfeuille dá o sinal; as peças detonam, os tambores rufam, a fumaça enche os ares. O povo corre para ver de perto. Cairam apenas 20, arrastando os companheiros vivos. Vozes, gritos, súplicas se elevam por sôbre os mutilados; há os soluços convulsivos e comprimidos dos parentes.

Recorreu-se à metralha; não foi ainda bastante. Avante, dragões, grita Dorfeuille — À carga! Os dragões lançam-se em cima daquela massa humana e os extermina a sabre, pistola, patas de cavalo. O morticínio durou duas horas. Dorfeuille, de fato, espantava.

Para evitar protesto e sentimentalismo os representantes ordenaram a alegria geral. Era uma alegria por decreto.

Outros foram levados para a célebre ponte. Ao contarem os *morituri* viram que sobrava um. — Não importa um a mais — concluiu Collot. O supranumerário era um jacobino, que berrava em vão contra o êrro.

À ordem de fogo, 930 soldados atiram contra os prisioneiros; dissipada a poeira e a fumaça, viram-se alguns vivos, com os olhos esbugalhados, tomados de terror, outros feridos, outros agonizantes. Poucos conseguem fugir, arrastando-se; os soldados fingem não ver, mas Grandmaison ordena que os persigam; um que consegue escapar é atirado ao rio pelos jacobinos. A tragédia acabara em caçada.

Como entre os feridos ainda houvesse sobreviventes, os inumadores quidavam-nos a enxadadas. E Collot d'Herbois, triunfante: — A Revolução deve ferir como o raio!

*

Os excessos continuaram pela redondeza; nem as crianças eram poupadas. Como o povo perseguidor fôsse esfriando, organizaram uma *claque*, incumbida de aplaudir a matança e os matadores, e do mesmo passo, manter o fogo do entusiasmo homicida.

Um chefe pergunta a uma jovem porque não trazia o chapéu republicano. — Porque tu o usas — respondeu ela.

Foi ao cadafalso. No seu seio encontraram uma carta; era a despedida de seu noivo, metralhado dias antes. Êle a esperava nos umbrais da Eternidade.

Num banquete, Dorfeuille, Achard, Grandmaison, Collot beberam o sangue dos mortos, vampiros humanos, tomando-os como vinho redentor. Êles o haveriam de revessar, alguns séculos depois, sentindo-lhe um travor que não poderiamos descrever.

Passado pouco tempo, escrevia ainda Fouché: — Comemorando nossa vitória, metralhamos hoje 213 rebeldes. Era um número alentador, além de mostrar como era feliz nas idéias, quando tinha que comemorar uma vitória.

*

Se não fôssem as provas que nos traz uma nova doutrina e uma nova Ciência, dificilmente acreditariamos que Deus interviesse nas coisas dêste Mundo!

Carlos Imbassahy

(Conclusão do Capítulo I)

DOUTRINA DE PUREZA

Fruto de uma revelação divina, o Espiritismo é uma doutrina de pureza, de simplicidade e de elevado potencial moralizador.

Como tal não pode tolerar, em sua estrutura, princípios heterogêneos e esdrúxulos, incompatíveis com o seu caráter de doutrina estritamente espiritualista.

O uso de acessórios, adorações exteriores e práticas baseadas na superstição e no fanatismo, podem ser tudo, menos Espiritismo.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

Espiritismo e Política

NESTAS horas de angústia mortal por que passam todos aquêles que nutrindo sentimentos de paz e de fraternidade, observam o descalabro que vai pela sociedade e o pouco caso que se liga às instituições religiosas e aos seus superiores princípios, a tudo preferindo-se o interêsse comercial, o sórdido e fútil bem-estar material; nestas horas de angústia, agravadas pela reflexão madura dos fatos, por vêzes, um sonho, um simples sonho pode ter a virtude de desfazer as sombras que nos velam a alma e de novo alcandorá-la aos páramos da felicidade que todos pretendemos alcançar em alguma das «casas de nosso Pai», no infinito.

A noite é boa conselheira, diz o prolóquio popular. E eu ontem sonhei. Eu estava, no sonho, a princípio, com o meu irmão Vicente, já desencarnado, numa canoa, junto a um local pantanoso e de galhos emaranhados. Nisto aproxima-se de nós um pequeno felino ameaçador, como se fôsse um cão raivoso. Meti-me na canoa, para livrar-me dêle, enquanto meu irmão exclamava: «Êste danado já me mordeu, deixando-me estas marcas», mostrando-me cicatrizes no corpo, que lhe deixaram essas mordidas.

Ato contínuo, numa rápida mutação, como as que se observam nas telas dos cinemas, passámos daquele local para uma praia de areia muito alva e na qual se achavam muitas pessoas, de tôdas as quais, entretanto, só me lembro bem de meu pai, isto é, não pude identificar nenhuma das outras pessoas que alí estavam, embora me parecessem velhas conhecidas minhas.

Lá permanecendo, vimos num dado momento descer do céu uma construção imensa, formada como que de lâminas de metal branco, entrançadas — uma espécie de elevador flutuante, de metro e meio, mais ou menos, de largura em cada um dos quatro lados. Oscilou uma primeira vez sôbre as nossas cabeças e na segunda vez baixou até nós. Aproximámo-nos e vimos, de pé, na extremidade inferior dessa construção cuja extremidade superior se perdia no céu, uma jovem de olhar muito expressivo, irradiante de simpatia. O que me causou profunda admiração, foi a sua maneira de ser, física, só denotando ter vida do busto para cima, pois do tórax para baixo não tinha pròpriamente corpo, mas apenas umas como vestes que eram semelhantes a nuvens — e chamei a atenção de meu pai para essa característica personalíssima da jovem. Em seguida, por achar talvez que semelhante espécie de elevador devesse apenas alcançar o mais próximo dos astros que vemos no céu, perguntei-lhe se vinha do nosso satélite: — «Não», respondeu-me, «venho de Marte». — Então, redargui, esta construção começa em Marte? — «Não. Começa na Lua». — E como chegam de Marte à Lua? — perguntei: — «Em discos voadores» — respondeu-me.

E dêsse ponto em diante o sonho tornou-se-me confuso; mas o seu magnífico efeito já se havia produzido em minha alma. E, se ontem eu morria de angústia diante de aspectos sociais que me feriram fundo a sensibilidade, hoje tenho o coração inundado de luz e cheio de esperança.

Ocorreu-me, então, ao pensamento esta reflexão: deixemos na Terra tôdas as fealdades do nosso ser, representadas pela parte inferior do nosso corpo e que se achava atrofiada naquela jovem que viera de Marte para falar-me, e conservemos apenas o nosso coração e o nosso cérebro — espírito e vida — para subirmos aos planos superiores do infinito!

E agora, ao fixar na escrita êsse belíssimo sonho que tanto me veio consolar das aflições da vida, na Terra, como tivesse eu pensado, no meu desespêro, que, usando das armas da política, melhor provàvelmente realizaria os meus ideais, ocorre-me raciocinar, a respeito, verificando o que tem se passado em certos núcleos de atividade religiosa, nos quais a política tem se introduzido subrepticiamente, para concluir de uma vez por tôdas: Espiritismo e política, nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana, são absolutamente incompatíveis. Os que se entregam à politicagem não devem levar a contaminação das suas idéias nefastas para os Centros de trabalho espírita, perturbando a vida dessas corporações, alienando a simpatia dos Espíritos Superiores e atraindo os perversos que são os que melhor se coadunam com a esperteza e a miséria das consciências envenenadas pela politicagem.

Quando vi um Guia de Centro espírita chorar pela dificuldade que lhe opunham os seus irmãos da terra — e vi alguns dêsses transviados confrades metidos na politicagem, conclui: Espiritismo e política são incompatíveis; quem quiser seguir um, tem de deixar a outra, para não provocar desgraças irremediáveis.

Arnaldo S. Thiago

Rio, 6 de maio de 1959.

Existiria em Marte uma Super-Civilização?

NO nosso trabalho anterior cuidámos da recente hipótese do astrônomo soviético, Chlovsky, sôbre Fobos, a lua do planêta Marte, a qual seria artificial, lançada naquele céu por uma civilização marciana de há três milhões de anos. Ora, uma vez que a nossa ciência revela que o nosso Homem dominante surgira na Terra há cêrca de 25 mil anos, teremos na declaração daquele sábio que a vida naquele planêta teria se avantajado, com larga antecipação, ao início da evolução vivente terrestre.

Mas em que razão poderia se firmar o cientista soviético, no seu conceito sôbre essa dianteira evolutiva dêsses nossos supostos vizinhos do céu, considerando-se que os dois planêtas, Marte e Terra, são da mesma idade?

Vejamos o que nos diz o raciocínio, em favor dessa hipótese.

Embora sejam diversas as teorias sôbre a origem do nosso sistema solar, os seus autores, fundamentalmente, não se discordam de que os nossos planêtas nasceram todos ao mesmo tempo, destacando-se de uma mesma fonte cósmica. Isto nos indica que se todos êles são partes de um mesmo Todo, as suas estruturas, na essência, não se diferem, revelando-nos que a composição e transformação de seus elementos são sempre regidas pelas mesmas leis nesses diferentes mundos.

Ao nascer tais corpos planetários achavam-se altamente aquecidos, portanto em estado gasoso. Lançados no espaço gélido, em diferentes distâncias da fornalha solar, começaram a se esfriar da periferia para o centro.

Sabendo-se que se colocarmos separados dois corpos igualmente aquecidos e de naturezas idênticas, mas de diferentes tamanhos, para se esfriarem em um mesmo ambiente, o menor se esfriará primeiro.

Por esta lei, lógica e natural, é fácil entendermos que os planêtas de menos massa, especialmente os mais afastados do Sol, são os que mais depressa passaram a reduzir sua temperatura. Nestas condições teremos que quando a Terra ainda se achava perdendo seu excesso de calor, para atingir o ambiente favorável para eclosão de sua vida em latência, Marte de menor massa e mais distante do calor solar, portanto se esfriando com mais rapidez, de há muito já teria alcançado tal fase crítica de maturação, desabrochando do seu sêio mórno os seus primeiros rebentos, ativados pelos beijos vivificantes da luz do Sol.

E sendo a evolução uma lei universal, é evidente que a vida ali, com estas vantagens iniciais, teria antecipado à terrestre na marcha ascensional evolutiva. Logo, quando a Terra chegou no seu tempo de acolher os primeiros hóspedes vivos saidos do seu pó, naturalmente os de Marte já se achavam em uma fase bem mais adiantada de evolução.

Mas se os sêres daquela morada do espaço solar tiveram a primazia de nos anteceder no berço da vida planetária, esta vantagem ali deverá ter sido apenas transitória.

Considerando-se que o desenvolvimento vivente para as formas mais elevadas terá que ser favorecido por um ambiente acolhedor de nutrição e proteção naturais, não há dúvida que a natureza em Marte, nessa ocasião, estaria com essas condições exigidas pela função ativa de seus inquilinos.

No entanto, as paisagens atuais do solo marciano, ressequidas e desoladoras pela sua pobreza aquática e vegetal, estariam contrastando com o que ali pudesse ter sido vida ativa em outras épocas. Isto nos faz conjeturar que se de fato houve ali um período de riqueza planetária, a exemplo do que vemos na Terra, tal plenitude, que naqueles cenários hoje já não mais se vê, teria sido, como já dissemos, apenas uma fase de transição.

Mas por quê teria Marte tão cedo perdido os encantos da vida ?

Tratando-se de um astro de pouca massa, a sua atração não mostrou suficiência para reter ao seu redor uma atmosfera apreciável para equilíbrio de seus climas. A água que ali pudesse ter existido em abundância foi diminuindo-se pela evaporação no espaço afora, não se completando nos seus ciclos de volta pelas chuvas, o mesmo sucedendo com outros elementos necessários para suas formações atmosféricas. Sem a proteção desta capa de gases, com a capacidade que lhe servisse de regulador térmico natural para uniformizar suas condições climáticas, seus dias e noites passaram a sofrer alternações bruscas. Presentemente podemos observar seus dias de mais forte calor raramente aos 30 graus, nos locais de maior incidência dos raios solares, caindo à noite verticalmente essa graduação para 60 a 80 graus abaixo de zero centígrado.

Com variações climáticas tão rudes, e pelo ressecamento progressivo de sua superfície (hoje três quartas partes de seu solo são áreas desérticas), é de imaginar-se que os sêres orgânicos que se valem apenas dos recursos naturais, para se manterem, não teriam resistido a essas condições hostis do planêta, cuja decadência teria sustado aquela marcha de evolução vivente.

Quanto ao saber-se em que grau teria parado essa ascensão evolutiva, surpreendida pelos fatores de uma natureza adversa, é uma questão que sem elementos de provas, ninguem poderá tecer hipóteses seguras. Mas se vier a ser confirmada a artificialidade daquela lua, então nela teremos uma testemunha concreta de que aquela evolução teria alcançado uma forma superior de sêres super-civilizados. E, neste caso, se esta raça conseguira vencer o declínio da natureza do planêta, hoje ainda poderão existir seus remanescentes, se bem que o silêncio ali reinante estaria contrastando com tal existência atual. Seria estranho que êsses nossos então adiantadíssimos vizinhos do espaço, moradores dessa outra casa do céu, com tanto recurso, ao ponto de superar os estertores de seu astro agonizante, não estivessem interessados no contato com nós terrestres, que tivemos a ventura de nascer no mais belo e rico planêta do sistema solar.

E se as pesquisas futuras demonstrarem que aquela lua de Marte seja de fato natural, como sempre se julgou, ainda mesmo assim a hipótese do sábio soviético não se acha em sentido contrário com relação à possibilidade de já ter ali existido uma progressiva evolução vivente marciana. Aqui, a hipótese de Chlovsky se justificaria em parte, pelos fundamentos de que a vida em Marte teve seu início, e com razões para supormos que tal ponto de partida se dera em uma época longínqua. Em princípio as inferências em favor destas provas mostram-se pelas vegetações que ali ainda sobrevivem, lutando com a aridez dos desertos marcianos, outrora mares, em derradeira resistência contra seu fim total que se aproxima implacável.

E como as vegetações indicam a presença de água, esta já confirmada, pode ser que entretidos por êstes elementos ainda possa ali existir, em condições naturais, algum tipo resistente de representantes do reino animal, por mais inferiores que sejam os exemplares. Logo, ou de um modo ou de outro, a vida ali, seja qual fôr sua forma, realizou sua eclosão no sentido de evoluir, em cuja base inicial assenta-se fundamentalmente o raciocínio da hipótese do pesquisador soviético.

Com os progressos atuais, talvez não tarde tanto para que essa questão se torne mais clara, pois os nossos satélites, em movimento, já abriram no céu os primeiros caminhos que um dia conduzirão nossos futuros astronautas para outros mundos do nosso sistema solar.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Carta Aberta aos Velhos

Reproduzido de «Revista Internacional do Espiritismo», de 1930, em homenagem ao centenário de nascimento de Conan Doyle ocorrido em 22-5-1959

AO completar setenta anos, o ano passado. Sir Artur Conan Doyle publicou uma «Carta aberta aos homens da minha geração» ; à qual o redator da «International Psychic Gazette», sr. John Ldwis, faz comentários muito interessantes, lembrando que a obra de Cícero sôbre à velhice *(De Senectude)* embora dispondo à favor da velhice de argumentos muito mais fracos do que os de Conan Doyle, transformou a mentalidade dos romanos em favor da velhice.

Compara tambem a franqueza do autor com a da «Imitação de Cristo» nas reflexões sôbre a morte : «muito breve chegará o teu fim aqui ; examina, portanto, o teu estado : hoje o homem existe, amanhã já se acabou.» «Quando desaparece da vista, logo tambem está fóra da lembrança, etc.»

A carta de Conan Doyle é íntima e modesta, «é apenas uma carta, não é um panfleto e muito menos um livro», diz êle.

«Meu amigo ! — começa êle, espero que o meu modo de te falar, não seja demasiado íntimo. Si és velho, então tu e eu chegamos juntos ao mesmo ponto da cauda da vida, e assim temos muito em comum para sermos amigos.

«Talvez o que eu tenho a te dizer, te pareça sem valor, e o ponhas de lado. Neste caso nenhum mal haverá. Por outro lado poderá ser uma bússola que te guie por uma nova senda que em tôdas as idades é importante, porém muito mais importante se torna na velhice.

«O conhecimento que eu te venho trazer tem sido proclamado por outras pessoas a melhor coisa que já adiquiriram na vida — pode dar-se o mesmo contigo. De qualquer modo, quer tu aceites ou rejeites, eu sinto o dever de te oferecer esta oportunidade».

Depois de haver preparado assim o leitor para lê-lo, Conan Doyle emprega a linguagem franca : —

«Vamos encarar as coisas frente a frente. Nós estamos para morrer — tu e eu. Tenho setenta anos feitos e acho que um perito em seguros me daria mais cinco anos. Podem ser dez e talvez também só um ano.

«Quem sabe ? Mas tu e eu estamos sofrendo uma doença incurável, destruidora, chamada velhice, a qual só tem um fim único — a morte.

«Os jovens mesmo quando a morte lhes esteja muito próxima, podem sempre com tôda razão supôr ainda muito afastado êsse acontecimento. Mas conôsco a coisa é muito diferente. É matéria urgente, da qual temos que tratar já. É por isso que eu te estou escrevendo esta carta. Eu não desejo que fiques assombrado, mas, ao contrário, que formes no futuro a mesma alegre opinião que eu formo da morte».

Continua a carta mostrando que há cem anos passados, a morte era uma pálida e fria perspectiva.

Os livre-pensadores do tipo de Hume e Gibbon acreditavam que a morte acabava tudo — que propriedades, amôres, conhecimentos e caráter tudo se extinguia como uma bôlha de sabão que se arrebenta. A alternativa dos religiosos era ainda mais triste: — um julgamento por uma Divindade vingativa, seguida por agonias muito maiores do que as da Terra, ou bemaventurança de uma espécie lúgubre, na qual a música e as práticas religiosas formavam a maior parte. Tais idéias, porém, «pelo bom-senso comum vão se afundando para as regiões das lendas do passado e o homem começa a respirar mais livremente», porque : —

«No momento mesmo em que as religiões apoiadas sôbre a fé tornavam-se ineficazes. brotou (de algum lugar do Empyreo) uma nova fonte de inspiração, pequena em sua origem, como tôdas as fontes costumam ser, mas que já se vai tornando notável corrente, destinada —

como muitos de nós creem — a suplantar tôdas as filosofias. Durante oitenta anos ela resistiu a todo ridículo, preconceitos e falsidade dos homens. Cresce, aumenta, alarga-se. E' uma religião de conhecimentos e é adquirida pelo contato com inteligências que se acham em uma esfera de espiritualidade e poder muito mais elevada do que a nossa.»

A seguir, a carta trata das provas evidentes que o Mundo dos Espíritos tem fornecido acêrca da sua realidade e sua natureza, provas essas que têm satisfeito a algumas das maiores mentalidades científicas dos tempos modernos e assegura a muita gente velha que vê em cada aniversário se lhe aproximar a grande mudança, que não será extermínio, não é o perigo das dôres físicas, e não é um céu duvidoso.

«Crê-me, não temos razão de encará-la (a morte) como objeto de pavor, mas antes, como um ponto vitorioso que é a culminância dos nossos esforços e o comêço do nosso bem-estar».

O homem medianamente bom pode estar certo de ser bem acolhido pelos seus amados que o precederam e que farão na morte uma alegre reunião. Mas há outros, os que nunca amaram nem conquistaram amor :

«Quem irá receber lá ao egoísta, ao cruel, ao homem que viveu para si ùnicamente ? Para tais pessoas a morte é, de fato, um momento triste, frio, horrível, porque começam a colher o que haviam semeado... Os laços de simpatia e afeição são as únicas coisas permanentes que regulam a reunião ou a separação dos que estiveram em contato aqui em baixo... A apatia e a ignorância das coisas espirituais que muitos *leaders* religiosos demonstram, é difícil de se entender... O argumento final em pról da nossa Nova Revelação é ser ela a interpretação mais natural, razoável e confortadora que já apareceu. Ela é imensa, impetuosa, abrange tôdas as nossas dificuldades e nos dá resposta a tudo».

Sir Artur conclúe a sua carta em tom alegre, contando a seguinte história :

«Era um velho de oitenta anos. A história é egoística e contudo eu não posso refrear o desejo de contá-la. Eu lhe ensinei essas coisas. Êle já havia perdido o apêgo pela religião, e êste conhecimento deu-lhe uma animação enorme. Êle vinha às nossas reuniões e falava. Quando tinha oitenta e três anos disse da tribuna : «eu tenho três anos de idade, e ali está meu pai», e apontou para mim. Logo depois morreu em grande paz. Depois de ter estado rígido por alguns minutos e todos pensarem que a vida se lhe extinguira, êle abriu a bôca e disse em alta voz : «*Deus abençôe ao Conan Doyle*». Depois voltou para o reino da morte.

«Êsse grito do túmulo foi uma das recompensas que eu tenho recebido como amplo pagamento do meu trabalho.

«Portanto, ânimo alegre, Camaradas ! Podemos ter as juntas, um pouco duras, e a artéria um tanto difícil, mas não levamos nossa cal conôsco para o Além, e a primeira impressão que recebe o sofredor quando emerge lá é de que se libertou de todos os sofrimentos corporais, como o cristão que largou o seu fardo».

Lamentável que todos os velhos desolados não leiam a carta de Sir Artur Conan Doyle !

GOMES BRAGA

Facêta de Maior Importância

Presentemente fala-se muito da precária resistência fisio-neuro-psiquica das criaturas de hoje. Aí afora é tremendo o acêrvo de doenças. Realidade triste se nos depara: a lotação completa dos nosocômios dentro da qual destaca-se maciço o bloco de jovens e adolescentes abalados, física e psìquicamente. Entre os novos, principalmente o alcoolismo e o tabagismo vão fazendo estragos no cerne. E perguntas íntimas assaltam os observadores : — será que a gente de hoje é muitíssimo mais fraca orgânicamente do que a de antanho ? como podem organismos assim novos serem minados tão funda e ràpidamente ? onde a resistência estrutural dêstes pacientes se, no verdor da existência, já lembram fortalezas castigadas rudemente, vencidas ? !

Espantosa mesmo é a incidência

das moléstias sôbre as coletividades de agora. Estômago e fígado, rins e pele; e nervos, coração, brônquios, distúrbios mentais. Ora, as gerações passadas também conheceram a imoderação na mesa, o álcool e o fumo. A carne e vísceras dos animais foram tão prejudiciais outrora quanto hoje; o álcool *bebível* de ontem foi tão brutalizante e degenerescente como o de agora; o fumo dos antigos foi tão venenoso como o usado pelas gerações presentes. No entanto parece que a ação maléfica dêsses elementos encontrava mais resistência no organismo da gente passada, porquanto sabia-se, é óbvio, mas em pessoas maduras, os casos de úlceras gástricas, de hepatites, uremia, artritismo; porquanto *sòmente* em pessoas maduras sabia-se de desmantelos etílicos e tabágicos. Hoje, não. Há verdadeiros exércitos de jovens com a saúde arrasada por regimes alimentares abusivos, e por etilismo e tabagismo!...

Grande responsabilidade pelo dilatado quadro de doenças que se nos apresenta é atribuida à alimentação artificial, sofisticada, em base de química; às moradias insalubres das cidades grandes, aos tumultuosos e por isso desgastantes dias que correm. Razoabilíssimo tudo. Porém existe a facêta espiritual, de importância primeira.

Irmãos, a responsabilidade moral-espiritual de todos, hoje é muito maior do que no passado, mesmo remontando cinqüenta anos apenas. Dentro do Evangelho e do Espiritismo Cristão advertências inúmeras existem sôbre contenção, comedimento e mesmo quanto aos reflexos imediatos de nossos comportamentos em nós próprios. Sabemos que o nosso corpo é vaso respeitável, sob empréstimo, que temos de o cuidar. Absolutamente não estamos no mundo para bebedeiras e comedorias, nem para nos impregnar de tabaco. Antigos que em assunto de viciação falassem em entidades também viciosas a acompanharem os desregrados, seriam tomados por loucos. Já hoje sabemos que irmãozinhos infelizes sobrepairam ativos o ambiente de comilões, vampirizam beberrões e tabágicos, que legiões de Espíritos torvos, insanos, povoam os matadouros e distilarias, os salões de fumar e de jogatina. Sôbre o certo e o errado sabemos muitíssimo, hoje. Mas não renunciamos à pinga, champanha, uísque, cigarro, charuto; exterminamos animais na gula da presuntada, dos refogados bovinos, dos frangos e patos e cabritos assados. Tantos abusos dentro de tantas luzes e oportunidades de esclarecimento já não é desprêzo aos poderes mais altos, é desafio direto. Sim, conscientemente chafurdamos demorados no âmago das extravagâncias, do exagêro, do temerário, do vício, e sotopostos a êsses monstros vamos às doenças que nos maceram, nos defraudam os bolsos, nos isolam do trabalho dignificante, nos prendem ao leito caseiro, dos hospitais, sanatórios. Intemperança é sofrimento; para nossa própria desdita, a um só tempo ela capta e desenvolve venenos, e recepciona perniciosos do invisível. (O assistente Espiritual dizendo claro a duas chorosas mulheres vindas ao Centro pela primeira vez: — ... inteperante e por isso invigilante, a êle se ligaram recentemente Espíritos viciosos e perversos decididos a lhe arruinarem a saúde. No socorro ao moço, precisamos da colaboração dos componentes do vosso lar, isto é, orações fervorosas e evangélica moderação nos hábitos, à mesa).

Somos obstinados abusadores e acintosamente exemplificamos e até gloriamos o êrro em nosso derredor, na família e sociedade. Pais a tomarem álcool, filhos também. Pais e mães fumando, filhos e filhas imitando. Alguns aferrados aos pratos excitantes, muitos os acompanhando. No entretanto, haverá quadro mais amargo para os pais e para todos do que êsses grupos de jovens de corpo e mente avariados, a povoarem tantas casas de tratamento?!

Longe de nós outros a idéia irônica, mas é evidente que, se devido a oportunidades de aprendizado bem menores, através da viciação os antigos recebiam na estrutura orgânica a resposta em velocidade de trote de cavalo, nós modernos, pela repulsa e desafio a tantas advertências e luzes receberemos tal resposta em velocidade super-sônica. Daí assim tantos abusadores imobilizados de chôfre por graves moléstias, daí o afigurar-se que tôda uma geração perdeu a saúde, só vingando — e frouxamente — à custa de medicamentos, parecendo constituir-se inteira de peças para o laboratório de análises, de pesquisas. Horizontalistas, descrentes, materialões, vamos prematuros no abusamento, e havemos de ser prematuros nas consequências, nas moléstias e moléstias. Históricamente nós humanos já devemos muitíssimo à Espiritualidade. Ao envez de quitação, teimaremos em contrair mais e maiores débitos? Dentro dêstes quarenta anos que nos separam do limiar da Nova Civilização, resolverão as coletividades criar juizo atendendo efetivamente à responsabilidade moral-espiritual de que se fizeram credoras? Oxalá que sim, pois os tempos são chegados, caros irmãos, impondo-se tôda vigilância.

v. lirenedo

"Na Casa de meu Pai há muitas Moradas!"

(Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»)

QUALQUER estudioso dos evangelhos sabe que estas palavras foram pronunciadas por Jesus. Em linguagem científica quer dizer «pluralidade dos mundos habitados». Nos tempos em que o Divino Messias era o fundador do Cristianismo, afirmar-se esta teoria. era temeridade.

Jesus era conhecido na Palestina como um humilde filho de Carpinteiro. Para as pessoas de sua classe, questões de alta indagação, como essa, eram proibidas. Havia o velho sacerdócio que monopolizava tôdas as fontes de conhecimentos. Os seus prelados manejavam soberanamente os livros como a Biblia e outras fontes de conhecimentos, escolhendo, cuidadomente, sómente aquelas partes que servissem para conservação ou aumento de prestígio do Clero. Aos plebeos da classe dos carpinteiros, só se permitia ouvir as prédicas dos Rabinos, nas sinagogas oficiais, quase sempre sob espionagem do Sinédrio.

Há referências, dignas de crédito sôbre a reação manifestada por Caifáz e seu genro Anás, quando seus áulicos ou espiões lhes foram cientificar, de que Jesus pregava «muitas moradas na casa de Deus!»

«Que profanação! que heresia!» teriam exclamado êles, erguendo, em deprecações, os braços aos céus. «Casa de Deus sómente os templos sagrados, e a residência de seus ministros! sentenciaram logo! « — Êsse Jesus é um «IMPOSTOR», ou pelo menos um visionário ou louco, e nestas condições deve ser perseguido, deve ser vigiado. É homem sedicioso. E assim, séculos em fóra, os fiéis discípulos de Caifás e Anás mataram muitos cientistas, devoraram nos calabouços da inquisição os grandes mensageiros do alto, transformaram em cinzas preciosas, seis milhões de vítimas das fogueiras, com a única finalidade de continuarem como representantes de Deus na Terra, e porteiros do céu e do Inferno.

Mataram Jesus, mas êle ressurgiu mais poderoso e vivo do que nunca, e o seu martírio serviu apenas para dar vida imortal à sua doutrina. A ciência sempre amiga da Investigação da verdade, caminhou invencivelmente, regada pelo sangue de seus mártires. E agora, dois mil anos depois, tudo se esclarece, tudo se ilumina.

A psicologia demonstra que os grandes inventores e descobridores são sêres humanos dotados de alta percepção espiritual, e por essa faculdade recebem inconscientemente, conhecimento e inspirações do Alto que com facilidade transmitem para os seus Irmãos. É verdade que muitos dêsses conhecimentos são monopolizados pelos altos Senhores das riquezas com fins prejudiciais. Mas, nem os inventores ou descobridores nem os reveladores são culpados dêsses desvios. Cada um receberá o seu prêmio. Jesus recebia, segundo suas próprias palavras, as instruções divinas e as transmitia aos seus discípulos. Depois de sua morte sua atuação foi ainda muito mais poderosa, operando os milagres de coragem dos primitivos cristãos, que preferiam morrer corajosamente, que, negar a sua fé no Messias.

Voltemos às «muitas moradas na casa de nosso Pai.»

O céu azul que que nossos olhos contemplam durante o dia ou o manto estrelado que parece envolver a Terra durante a noite, é uma página inenarrável. Como êle se transformou no decurso destes dois mil anos!

O profeta Jeremias já o havia dito: «As estrêlas do céu não podem ser contadas!»

No tempo de Galileu e Voltaire este enunciado foi motivo de ridículo. O céu guardava em seu azul, tão sòmente... 1.026 estrêlas!

Logo após a descoberta do Telescópio, este número subiu 1.000.000.000.000 de estrêlas! Nos relatos de Herschel diz êle que em um só ponto do céu onde fixou sua lunêta viu passar 588.000 estrêlas. Apenas em sincronismo com os movimentos da Terra passaram diante do campo de seu telescópio 258.000 estrêlas.

Revistas mais modernas sôbre astronomia dão conta da aplicação da eletrônica no telescópio. Poderá o homem construir um telescópio muito mais potente e com muito menos material ótico. Êste telescópio eletrônico revolucionará os conhecimentos sôbre o Cosmos.

Os grandes telescópios como o de BIGE AYE, já possuem um alcance de um bilhão de anos luz.

As fotografias de suas imagens, revelam para um pedaço do céu, por onde passa a nossa Via-Láctea que é o nosso Universo, uma quantidade tal de estrêlas, que difìcilmente se pode dar uma descrição compreensível. Para se ter uma idéia da quantidade dos mundos que se sucedem precisariamos recorrer a experiências físicas. Por exemplo: Tomando-se uma garrafa branca e transparente, e enchendo-se um têrço de sua capacidade com arêia purpurina, livre de impurezas, completando sua capacidade com água limpa, produzindo-se em seguida uma forte agitação no conteúdo, obtem-se a imagem aproximada daquela que se pode ver no telescópio em uma noite clara. As partículas em suspensão representam as estrêlas suspensas no Cosmo. Na imagem do telescópio os corpos celestes parecem imóveis enquanto que as partículas de purpurina, em suspensão, revelam movimentos independentes. Os mundos siderais são intensamente iluminados e parecem amontoados. Guardam entretanto distâncias fabulosas entre si. A Terra e seu satélite por exemplo que é um dos menores mundos do nosso sistema gira dentro de um raio de 40.000.000.000.000 (quarenta trilhões de quilómetros) dentro do qual não circula astro algum. Guardada esta proporcionalidade será de se admitir que a distância entre os Sóis seja de (966 trilhões de quilómetros.

Os antigos profetas, como o mesmo Jeremias, disse que as distâncias celestes não podem ser medidas.

Foi preciso criar-se a unidadde «ano luz» para se avaliar as grandezas do Cosmo. O ano luz corresponde á velocidade de 300.000 000 de metros por um foton em um SEGUNDO durante 365 dias. Os atuais telescópios alcançam a distância de um bilhão de anos luz!

Camilo Flammarion descreve muito bem as Terras do céu dando a côr de muitas delas. No telescópio se vê que há mundos das mais ricas e mais lindas côres. Os mais próximos são perfeitamente notados: Venus é azul. Marte é vermelho. Saturno é amarelo. Netuno é verde. Aldeberan é violáceo. Sirius e Véga são brancas. A estrêla Polar e a Capela são côr de ouro. Ha alguns que pulsam misteriosamente. Outros cuja luz muda de intensidade parecendo emitir ondas de luz com diferentes intensidades.

Parece o jardim de Alah, segundo a descrição oriental.

Por sôbre estas imensidades passeiam os Cometas. Astros errantes que atravessam sistemas e viajam a grandes distâncias em orbitas elongadas e periódicas. Os astrônomos afirmam que sòmente na nossa Via-Láctea 200.000.000 destes cometas. No horizonte da Terra passam frequentemente uma média de 43 800. Qual será a finalidade dêstes misteriosos viajantes dos espaços siderais? Não existe um átomo da matéria que não tenha o seu poderoso sincronismo com o todo. Os cometas são corpos destinados a algum fim. Parecem beija-flôres no jardim de Deus!

Por estas noções gerais do cosmo concluimos o quanto somos pequenos. O conhecimento de nossa exata posição no mundo sideral, traz-nos a idéia da humildade de nossa condição miserável no espaço. Ocupamos um planêta relativamente pequeno, ainda em estado de evolução, gozando de um corpo muito grosseiro, onde o espírito se mergulha esquecido do passado. Nosso espírito deseja luz e conhecimento e êsses nos vêm através de inúmeras dificuldades!

Antonio Domiciano

13/4/1959.

Filosofia Viva e Racional sem o Espírito de Sistema

A posição filosófica de Kardec — Uma lição de Cassirer — A moral espírita decorre dos ensinos do Cristo

Kardec foi ou não foi um filósofo? O Espiritismo é ou não é uma filosofia, um sistema filosófico? Essas indagações vêm sendo formuladas ùltimamente, em alguns meios espíritas, diante da alegação de alguns opositores da doutrina, em sentido contrário. Justo, pois, que alguns leitores nos interpelem a respeito, tanto mais quando, ainda há pouco, houve uma referência sôbre o assunto. Por outro lado, o problema é realmente de interêsse doutrinário.

A propósito de Kardec, a primeira coisa a considerar é que êle jamais se disse filósofo ou pretendeu entrar para a galeria dos filosófos. Sua especialidade era a pedagogia, apesar de ter feito também o curso de medicina. Foi discípulo emérito de Pestalozzi e interessou-se a fundo pelos problemas pedagógicos, deixando em França numerosos livros didáticos. Apesar de sua vasta cultura, e de ser constantemente solicitado pelos meios culturais da época, o interêsse de Kardec não se voltava para as glórias humanas. Preferiu colocar o seu saber e a sua inteligência a serviço da espiritualidade.

Quanto ao Espiritismo, é indiscutível a existência de uma filosofia espírita, cujo tratado fundamental é «O Livro dos Espíritos». Neste ponto, poderiamos ver uma contradição com o que dissemos acima. Basta lembrar, porém, que «O Livro dos Espíritos» não é de Kardec, mas dos Espíritos, para vermos que não há contradição. O próprio mestre fez sempre questão de esclarecer que a filosofia espírita não foi elaborada por êle, mas pelas entidades espirituais que, sob a égide do Espírito de Verdade, lhe transmitiram a nova revelação.

Há pouco, alguém declarou, em entrevista a um jornal do norte do país, que «O Livro dos Espíritos» não pode ser considerado um livro filosófico, porque não está vazado em linguagem técnica. Seria o caso de perguntarmos se a filosofia é uma técnica de linguagem ou um processo de indagação da verdade através do pensamento. Parafraseando conhecida passagem evangélica, podemos dizer que a filosofia é senhora da linguagem técnica, e não o contrário. O que importa em «O Livro dos Espíritos» é a filosofia contida nas suas páginas, e não qualquer espécie de vocabulário técnico, da mesma maneira que o que importa no Evangelho é a sua filosofia de vida, não as suas formas de expressão.

Outra coisa de que devemos nos lembrar, é que «O Livro dos Espíritos» não se destinava a criar uma nova escola filosófica, mas a fazer uma nova revelação. Assim como, sôbre a revelação do Cristo, os homens trabalharam para construir sistemas filosóficos, assim também, sôbre a revelação do Espírito de Verdade, os filosófos poderão construir os seus sistemas. Mas da mesma maneira por que existe uma filosofia cristã, representada pelos princípios evangélicos, que transformaram o mundo, também existe uma filosofia espírita, orientando as novas transformações por que o mundo tem de passar, para que o Reino de Deus nêle se estabeleça.

Ainda hoje se discute se existe ou não uma filosofia cristã. Não é pois de estranhar que se pergunte pela filosofia espírita. Entretanto, no próprio «O Livro dos Espíritos» encontramos uma explicação de Kardec a respeito dêste assunto. Diz o mestre: «Êle foi escrito por ordem e ditado dos Espíritos Superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuizos do espírito de sistema». Como se vê, não interessava a Kardec formular um sistema filosófico no estilo clássico, aliás já superado inteiramente hoje em dia, quando se compreende que a verdade não pode ser encerrada na melhor das sistematizações humanas.

Os que não vêem filosofia no Espiritismo e não reconhecem a Kardec uma posição filosófica, em virtude de questões puramente formais, e portanto convencionais, deviam lembrar-se de que Jesus também não formulou um sistema filosófico, ao gôsto da época, e que o verdadeiro pai da filosofia grega, Sócrates, também não se interessou por isso. Ernest Cassirer, em sua «Antropologia Filosófica», acentuando a inconveniência dos sistemas clássicos, declara: «Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido».

Uma das coisas que se aponta, em «O Livro dos Espíritos», como antifilosófico, é a forma didática, e particularmente a forma dialogada. Devemos lembrar, porém, que o diálogo é uma forma tradicional de exposição filosófica, e que os grandes filosófos sempre foram mestres. A pedagogia é uma parte da filosofia, e a própria filosofia é também pedagógica, segundo assinala René Hubert, acentuando: «Tôda filosofia aspira a difundir-se, a ser uma propaganda. Ter a mão cheia de verdades e conservá-la fechada é de espíritos tacanhos. O que seria, pois, uma verdade que não quisesse comunicar-se?»

De tudo o que ficou dito, conclúi-se que a posição filosófica de Kardec é inegável, embora êle nunca se dissesse filosófo; que o Espiritismo possui uma filosofia racional e livre do espírito de sistema; e, por fim, que o problema filosófico do Espiritismo é o mesmo do Cristianismo. Quanto à existência de uma ética espírita, negada por ilustre opositor da doutrina, repetimos que a moral espírita é a de Cristo, como se vê em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», e que a terceira parte de «O Livro dos Espíritos» é inteiramente dedicada ao estudo das leis morais.

IRMÃO SAULO

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

9 — Pediu-me alguns dias para responder, definitivamente, e concordou em casar comigo. Acedeu, confiante no meu caráter, esperançosa de conquistar-me pelo afeto cuidadoso, constante e grande que me dedicava.

10 — Veio para o Rio, preparar seu enxoval. Dias depois, recebi uma carta de minha futura sogra, pedindo para casar-me na Igreja Católica. Alegava que eu não lhe poderia negar o pedido, pois o casamento católico para a sua família era imprescindível, catolicíssimos que eram; ao passo que para mim era pura formalidade. A mim não seria sacrifício, cumprir uma formalidade apenas, enquanto para os seus sabia tremendo pecado a união sem a benção do padre. Carta muito bem escrita, terminando na certeza de que «eu poria têrmo àquela intraduzível aflição materna, à vista da filha em perigo tão grande».

11 — Apesar de não ser ainda naquela época espiritista de atos, era-o, no entanto, já o disse, de firme convicção; não cedi, argumentando que, assim como minha futura sogra e sua filha não poderiam abrir mão de suas convicções religiosas, como poderia fazê-lo eu, educador, já com trinta e sete anos de idade? Que juizo faria minha futura espôsa de mim, dando-lhe eu, ainda, o direito de esperar de mim outras transigências futuras? Marília precisava saber que seu noivo seria um marido chefe de família, como o fôra desde muito moço; um chefe de família é a cabeça da casa; não era possível começar a vida abaixando, de maneira tão humilhante, a cerviz. Mòrmente em se tratando de mim que nunca fôra homem de abaixá-la...

12 — Dias depois, recebi carta de Marília, dando-me notícia do andamento do enxoval, sem, nem de leve, tocar na minha carta e em casamento católico. Não se falou mais no assunto e casâmonos a trinta e um de dezembro do ano de mil novecentos e vinte sete. O Almirante e sua espôsa foram meus padrinhos, escolhendo-os em grande prova de amizade e gratidão.

13 — As comemorações nupciais constaram, apenas, de um almôço íntimo. Fomos saudados pelo padrinho da noiva, seu primo Dr. José Olegário de Abreu, já falecido. Respondendo-lhe, com poucas palavras, disse do meu desejo de tornar feliz aquela que escolhera para companheira de alegrias e lutas.

14 — Depois de uns dias agrada-

bilíssimos em Petrópolis, retornamos à Paraíba do Sul para continuarmos, ao lado de minha mãe e irmã, na labuta diária.

15 — Passadas as férias, muitas alunas casadoiras compareceram, fisionomia fechada, às aulas. Não nos tratavam mais com a afabilidade antiga. Muitas, porém não tôdas, felizmente.

—

16 — Comecei vida nova. Livre daquele cêrco matrimonial enervante, respirava satisfeito e aliviado.

17 — A nossa vida de trabalho continuava a mesma, idealista e operosa. Marília gostava de dansar, passear, divertir-se, carnaval. Jamais a proibi de nada. Minha irmã estava sempre disposta a tudo isto, mas ela foi, voluntariamente, se afastando de tudo por minha causa. Só sentia satisfação em passeios, quando o fazia comigo. Apenas dansava nas nossas festinhas do Colégio e, sempre se conservou ótima dama. Dansava com todos. Nunca fui de ciúmes doentios.

18 — Era excelente dona de casa. Sabia fazer tudo. Bordava, pintava, declamava, era ótima artista teatral. Cosinheira de forno e fogão. Mãos de fada para trabalhos de agulha, só não conseguira nunca fazer vestidos.

19 — Realizamos, como já disse, ótimas festas teatrais que deixaram saudades no lugar. Ela ensaiava e representava. Ao lado de minha irmã, representou várias peças minhas e de outros autores, para agrado geral.

20 — Não perdiamos um minuto. Nas horas de folga, organizávamos miscelâneas de artigos e poesias de autores célebres, tirados dos jornais e revistas. Chegamos a completar treze miscelâneas cujas capas, em pano vitória, feitas por ela, tinham as minhas iniciais, ao lado de caprichados desenhos. Arrumávamos, também, nossas fotografias, em albuns, com capas idênticas, por ordem cronológica.

21 — Dr. Agnel Mafra insistiu comigo para comparecer a uma reunião, prática, em casa de um amigo seu. Esperava êle que desta reunião saisse o centro espírita local. Não fizemos outra, o centro espírita não saiu. Era eu, repito, mais uma vez, espiritista de convicções, sòmente ;não de atos.

22 Tempos depois, em Nova Iguaçu, fui convidado pelo mesmo Dr. Agnel, para uma conferência no centro espírita de Paraíba do Sul já em plena atividade. Pouca assistência. Nem o signatário do convite compareceu. Fui acompanhado de irmãos queridos de Juiz de Fóra e Três Rios.

—

23 — Meus nervos e meu fígado começaram a gritar. Nenhum professor bom suportava Paraíba. Só me apareciam para ficar maus mestres, ou doentes em busca de cura. O Almirante, deslealmente, mandou-me desequilibrados sem me dizer nada. Vi me com a Marília, Leopoldina, Hildebrando Lemos, suportando o pêso do Colégio inteiro. As duas eram professôras primárias. Eu e Hildebrando não podiamos lecionar tôdas as matérias nas diversas séries. Aliás, êste era desconfiadíssimo e se zangava facilmente. Só Marília lhe dissipava as desconfianças. Comecei a emagrecer, perder o apetite. Escrevi ao Almirante queixando-me de suas deslealdades e dizendo não podia continuar na direção, com aquela situação.

24 — Entrementes, espíritos obcessores passaram a perseguir Marilia, ainda católica, garantindo que me poriam fora da cidade.

25 — José, meu irmão, apanhara forte iterícia. Achando que Dr. Agnel Mafra não estava acertando com sua moléstia, deixou-nos. Veio para o Rio, depois de se queixar de que barulhos infernais não o deixavam dormir à noite. Não recebemos uma notícia sua enquanto lá estivemos. Mais uma falta: era êle o inspetor de disciplina.

26 — Marília perdeu sua irmã — Zilá. Morte inesperada, que abalou demais a família. Parto, morrendo a criança também.

27 — Nesta ocasião, Marília esteve com a senhora do Almirante, que se pôs a elogiar o diretor atual do Colégio Nacional do Rio, coronel Garcez, não falou no meu nome, nem em Paraíba do Sul. Aborrecera-se com minhas queixas justas ao marido.

28 — Esta conversa aumentou o meu aborrecimento e longa carta ao Almirante foi a portadora do meu desapontamento, tanto mais que Marília, alquebrada com a perda da irmã, chegou ao auge do desespêro com a conversa de D. Biosa.

29 — Foi fria a resposta dêle. Com-

preendi que começavam a esfriar nossas relações. Funda decepção sofri. Não era possível que não entendesse os embaraços horrorosos por que passávamos em Paraíba; que não visse o meu emagrecimento; que não compreendesse mas eu não poderia continuar sem professôres. A falta dêstes repercutia sôbre mim. Sôbre mim recaíam as queixas dos alunos, dos pais, tôdas as revoltas.

30 — Tinhamos pedido o reconhecimento de nossa Escola Normal; o Govêrno negou-o, não sei porque. Êste fato trouxe mais descontentamento dos discentes e suas famílias.

31 — Um raio de alento bafejou-nos, com o reconhecimento da Escola de Comércio. O inspetor que devia responder pelos primeiros exames, entrou no Colégio para dar ordem de início dos mesmos, saindo na mesma hora porque o automóvel o esperara à porta para levá-lo ao hotel. Disse que estava cansado da viagem e precisava dormir. Não apareceu mais lá. Dormiu os três dias em que se realizaram os exames e ainda o tivemos de pegar na estação, à hora do trem, esfregando os olhos, para assinar as atas. Não cito o seu nome por dever cristão. É, atualmente e já o era naquela ocasião, escritor conceituado e conhecidíssimo no Brasil inteiro. O comportamento dêste homem encheu-me de revolta. Faltava pouco para minha explosão.

32 — Para inspecionar o estabelecimento, foi, graças a Deus, nomeado o dr. Mariano de Oliveira, irmão do saudoso poeta Alberto de Oliveira. Também poeta, cumpridor de seus deveres, ficámos ótimos amigos.

—

33 — Tive a ventura de ver, nomeado pelo Govêrno, para fazer parte de nossos exames finais de mil novecentos e vinte oito, dr. Allan Kardec Pinto de Campos, amigo e correligionário, de família reconhecidamente espírita. Convidou-me para seu casamento, pasmando-me eu quando soube que ia se casar na Igreja Católica.

34 — Profilguei lhe a atitude, lamentando sua quebra de personalidade e convicção. Garanti lhe que começava a vida matrimonial deixando-se dominar. «Não vá sua espôsa, depois, tentar dominá-lo em tudo. Se você se submete em questão religiosa, quanto mais no resto. Está lhe dando as rédeas do govêrno da casa» — disse-lhe eu.

35 — Protestou, apaixonadíssimo como estava. Sua deusa era moça fina, intelectual, incapaz de tentar o que eu insinuava. Só exigia o casamento católico porque era fervorosa na sua crença. E agastou-se comigo...

36. — Nunca disse coisa mais certa na minha vida. Realizou-se tudo como eu previra. Meu pobre amigo não poude suportar o autoritarismo da mulher. Separaram-se.

Meditações Sôbre a Alma e a Morte

DOMÉRIO DE OLIVEIRA — *da U. M. E. de Catanduva*

O primeiro juizo das antigas gerações foi o de que o ser humano vivia no túmulo, que a alma se não separava do corpo e se fixava em aquela parte do solo onde estivessem enterrado os ossos. O homem não tinha quaisquer contas a prestar de sua vida anterior. Uma vez encerrado no túmulo não tinha a esperar nem por recompensa, nem por castigos. Opinião, certamente, grosseira, mas o dealbar da noção rude de uma vida futura. Estas velhas crenças, em virtude das quais, depositavam-se sôbre as campas, alimentos, indumentárias, objetos, persistiram longo tempo e a sua expressão encontra-se ainda entre os grandes escritores da Magna Grécia. Narra-nos — Ésquilo — o criador da tragédia grega, em sua monumental obra «Caéforos» a oração que Orestes dirige ao seu pai morto: «Oh! meu pai, se eu viver, receberás ricos banquetes, mas se eu morrer, não tomarás mais a tua parte nos repastos deliciosos de que se nutrem os mortos».

Entre os gregos, em frente de cada túmulo, havia um lugar destinado à imolação da vítima e à cocção da sua carne. O túmulo romano tinha mesmo a sua cozinha, num gênero particular e ùnicamente destinada ao uso do morto. Estas crenças são muito antigas e parecem-nos muito falsas e por vêzes ridículas. No entanto, exerceram autoridade sôbre o homem. Durante largo número de gerações, governaram as almas, regeram sociedades. A maior parte das instituições domésticas calcaram seus costumes neste ritualismo exótico. Desde os recuados tempos, deram estas crenças lugar a regras de conduta. O cuidado de levar aos mortos os alimentos não esteve a cargo do capricho ou dos sentimentos variáveis dos homens, foi obrigatório. Assim se estabeleceu tôda uma religião da morte, cujos dogmas cedo desapareceram, durando, no entanto, os seus ritos até ao triunfo do Cristianismo. Os mortos eram tidos como entes sagrados. Os antigos davam-lhes os epítetos mais respeitosos que podiam encontrar; chamavam lhes bons, santos, bem-aventurados. Tinham por êles tôda a veneração que o homem pode ter pela divindade que ama, ou que receia. Para aquêles antigos, cada morto era um Deus. Esta espécie de apoteóse não era sòmente apanágio dos grandes homens; entre os mortos não havia distinção de pessoa.

Cícero, o imortal orador latino, diz:

«Os nossos antepassados quiseram que os homens que tivessem deixado esta vida, fôssem contados no número dos deuses».

Não era mesmo necessário ter sido homem virtuoso, tanto era Deus o mau como o homem de bem; sòmente o mau continuaria na segunda existência com tôdas as más inclinações que revelara durante a primeira vida. Os gregos davam de bom grado, aos mortos, o nome de Deuses subterrâneos. Em Ésquilo, um filho invoca seu falecido pai com estas palavras: «Oh! tu que és um Deus sob a terra.» Os Romanos davam aos mortos o nome de «Deuses Manes». Os túmulos eram os templos dessas divindades. Por isso, tinham a inscrição sacramental: «Dis Manibus».

No túmulo o Deus vivia enterrado — no dizer de Virgílio: «menesque sepulti». Contemplamos êste culto dos mortos entre os Helenos, os Latinos, os Sabinos e entre os Etruscos; encontrâmo-lo também na Índia entre os Árias. Os hinos do Rig — Veda referem-se-lhes. O livro das leis de manu, conhecido em Direito còmo o Código de Manu, fala dêste culto como sendo o mais antigo professado pelos homens. Cumpre salientar que no mesmo Código de Manu já se pode vislumbrar a idéia da metempsicose que suplantou o culto dos mortos. Esta idéia da metempsicose filia-se à religião de Brahma que explicava a transmigração das almas de um para outro corpo. Apesar desta crença mais lógica e mais convincente, em nossos dias, mesmo depois de tantos séculos passados e de tantas revoluções, os Indús continuam fazendo «referenda» aos antepassados.

Estas idéias e êstes ritos são o que de mais persistente e de mais antigo houve na raça indo-européia. O culto na Índia estava tão presente como na Grécia e na Itália. O Indú devia oferecer aos manes a refeição que chamava — «Sraddha». Acreditava-se, ainda, que esta refeição dava aos mortos uma grata alegria.

Assim, primitivamente, os Árias do Oriente pensaram como os Ocidentais sôbre o mistério do destino depois da morte. Antes de acreditarem na metempsicose, acreditaram na vaga e indecisa existência do ser humano, invisível, mas não imaterial, reclamando dos mortais alimentos e bebidas. Os japonsêes, ainda hoje, conservam o velho hábito de levarem comida aos seus familiares mortos e depositam sôbre as campas solitárias, na certeza de que os mesmos irão se beneficiar do alimento alí depositado.

Esta religião dos mortos parece ter sido a mais antiga que existiu entre o povo asiático. Antes de conceber e de adorar a Indra ou a Zeus, o homem adorou os mortos; teve-lhe mêdo e dirigiu-lhes preces. Parece-nos que o sentimento religioso do homem começou por êste culto. Foi, talvez, por via da morte, que o homem pela vez primeira teve a idéia dos fenômenos sobrenaturais e quís para si mais do que lhe era legítimo esperar da sua qualidade de homem. A morte teria sido o seu primeiro passo para o mistério, colocando o homem no caminho de outros mistérios. Elevou o pensamento do visível para o invisível, do transitório para o eterno, do humano ao divino. E, assim, foi caminhando o homem, através múltiplos ciclos evolucionários, passando, como vimos, por polimorfas crenças, desde os Vedas, o Brahmanismo, o Budismo, até a eclosão do Cristianismo, com a vinda do Cristo ao mundo. Já, nesta altura, a humanidade iria presenciar uma nova aurora de imorredoura claridade.

Entre os grandes missionários—Cristo, o primeiro de todos, comunicou às multidões as verdades sôbre a vida, a alma e a morte. Algumas vêzes, Cristo resumia as verdades eternas em imagens grandiosas, em traços brilhantes. Nem sempre os apóstolos o compreendiam, mas êle deixava aos séculos e aos acontecimentos o cuidado de fazer frutificar êsses princípios na consciência da humanidade, como a chuva e o sol fazem germinar a semente confiada à terra.

Foi Cristo que interpelado por Pilatos respondeu :

«O meu reino não é dêste mundo; se o meu reino fôsse dêste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu fôsse entregue aos Judeus; mas agora não é daquí o meu reino» (S. João, Cap. XVIII, 33/37).

Ora se Cristo afirmou que o seu reino não era dêste mundo e se o mesmo Cristo disse que ninguém iria ao Pai a não ser por Êle, aquí está a solução do problema escudado na certeza da vida futura — a vida do espírito.

Também foi Cristo quem assegurou aos seus discípulos o fenômeno da reencarnação, quando lhes disse categòricamente :

«Se vós quereis bem compreender João Batista é o Elias que há de vir» (S. Mateus, Cap. XI, 14/15).

Essas assestivas do Mestre rolaram para os braços do «Cronos» e nesse sentido Êle se exprimiu magníficamente :

«Passarão o céu e a terra, porém não as minhas palavras».

E as palavras de Cristo e os ensinamentos de Cristo atravessaram as barreiras do tempo e do espaço, mostrando à humanidade a fugacidade aterradora da vida material e a eternidade da vida do espírito pelos múltiplos ciclos evolucionários através das múltiplas reencarnações.

Quanto à morte esta é para a doutrina de Kardec, uma mutação comum, um fenômeno naturalíssimo, obedecendo às próprias leis físicas e químicas da natureza. A morte para o espiritismo é transformação que implica no desgaste da matéria indo esta integrar outras substâncias do sub-solo e a ascenção do espírito no seu ciclo evolucionário. Quanto à alma, assim denominada por muitas religiões e por nós espiritistas — espírito — é imortal, porém, não estacionária, pois, está sempre em progresso, evolvendo-se, aperfeiçoando-se como tudo o que existe no Universo.

Da teoria Ubaldiana que coloca o problema da evolução na célebre trilogia — matéria bruta, energia e pensamento puro, podemos verificar que os espíritos são faúlhas dinâmicas que vêm de uma longa caminhada, no seu heliotropismo natural, procurando o sol da divindade.

Assim, os homens são inferiores ou superiores aos outros, mentalmente, segundo sejam menos ou mais evolvidos os espíritos que Nêles habitam temporàriamente. Quando o espírito se torna superior ao do mais nobre dos homens, vai para um plano de vida mais alto, não mais voltando a tomar o fardo pesado da matéria.

Em síntese, não encontramos melhor conceito para a morte, do que o que nos deu Castro Alves através da pena maravilhosa do nosso querido Francisco Cândido Xavier :

«A morte é transformação
Tudo em seu seio revive
Esparta, Tebas, Ninive,
Em queda descomunal.
E como faz às cidades,
Remodela humanidades
No progresso universal».

A morte para a doutrina espírita é porta que fecha um cubículo e que abre uma amplidão. Por esta porta, todos deverão passar, os bons e os maus, os justos e os injustos. Nela, também, há dois mil anos, passou o nosso Mestre Jesus. «AD MORTEM AD VITAM» — e antes de cruzarmos o seu pórtico, precisamos, em todos os momentos de nossa vida, lembrarmo-nos de Cristo e a Êle implorarmos a sua misericórdia.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo, uma Avaliação

Mac Maynard

MAIS um livro contra o Espiritismo. agora do Rev. Julio Andrade Ferreira : O ESPIRITISMO, uma avaliação ; Casa Editôra Presbiteriana, São Paulo, — 182 páginas. incluindo Bibliografia.

Da reunião dos bispos católicos ficou assentado assestar a bateria contra o Espiritismo, quer dizer com isso que o Espiritismo está na mira de católicos e protestantes ; deve estar incomodando muita gente ! Pudera, os teólogos não percebem que estamos no Século XX, pensam ainda que religião é profissão rendosa... em terra de ignorante ainda é bom comércio.

Inicialmente o Rev. Julio Andrade Ferreira quer entrar no terreno cientifico do Espiritismo, mas falece autoridade científica e experimental ao teólogo. Isso já é dos outros quinhentos cruzeiros...

Atendendo ao apêlo dos bispos, o Rev. Julio Andrade Ferreira veiu com a sua contribuiçãozinho, com a sua espoletinha contra a Doutrina Espírita.

Vamos hoje dar uma olhadela no capítulo V, página 133: «O «CRISTIANISMO» ESPÍRITA E SUA FALSIDADE».

Quando saíu a obra do Rev. Jeronimo Gueiros «ESPIRITISMO ANALISADO», um Rev. disse-me : —«aqui está a morte do Espiritismo, êste livro pulverisou a Doutrina Espírita». Mau profeta êsse Rev., o Espiritismo continua firme. progredindo sempre, tal é a lei... E tanto que não ficou pulverizado, como é do desejo dos Reverendos católicos e protestantes (ao menos nesta parte estão de acôrdo) que saíu mais esta obra do Rev. Julio.

Nada de novo, nenhuma contribuição à causa anti-espírita trouxe o livro do Rev. Julio Andrade Ferreira, bibliografia paupérrima, como se vê. o nosso irmão não está com os seus conhecimentos atualizados sôbre a Doutrina Espírita, falta muita coisa ainda.

O estilo de argumentação é sempre o mesmo, isto é. o processo jesuita, citações truncadas, pela metade, capciosas. Compreendemos, pois de outra maneira é dificil...

Uma amostrazinha do pano jesuita. Na página 134 lemos : — «DEUS : Deus, no sistema espírita é eterno, imutável e infinito em suas perfeições. Apesar disso, seu conceito diverge do evangélico. visto que o Espiritismo nega a doutrina da Santíssima Trindade, opondo-se à personalidade do Espírito Santo, e, por outro lado, combatendo a divindade de Jesus Cristo, a quem consideram espírito superior, mas não da mesma essência que o Pai.

Tratando das qualidades de Deus, Kardec define : — «Deus é imaterial». Mas depois, definindo a constituição da alma Kardec nega sua imaterialidade, alegando que o imaterial é o nada. ao passo que a alma é alguma coisa. Temos então isto : «Deus é imaterial».

O imaterial é o nada.

Logo, Deus é o nada. (Apud E. Kerr — «Cristianismo e Espiritismo», 29).

O Espiritismo, aliás. não dá ênfase alguma à personalidade de Deus, e quase sempre a ignora.

Vejam-se os seguintes textos : — Jeremias 10 : 10, João 4 : 4. Exôdo 3 : 14. Lucas 15 : 11-32. Salmo 103 : 2-13 e Isaias 63 : 6».

Há êrro de impressão e revisão.

Vejamos Kardec, a parte citada pelo Rev. Julio Andrade Ferreira S. J.

Livro dos Espíritos, pergunta n.° 13 — «Quando dizemos que Deus é eterno, infinito. imutável. *imaterial*, único. onipotente. soberanamente justo e bom, temos idéia completa de seus atributos ?» Essa é a pergunta feita por Kardec. Agora a resposta dada pelos Espíritos : — «Do vosso ponto de vista, sim, porque crêdes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas idéias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fôsse infinita, já êle não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de tôdas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber».

Comenta Kardec: — «Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. — Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É *imaterial.* — quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, êle não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. — Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É Onipotente. — Êle o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto êle, que então não teria feito tôdas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. — A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus».

Cotejemos ainda. Vejamos sôbre a alma que é nada, segundo o jesuita :

«Que é Espírito ?» pergunta feita por Kardec. Respondem os Espíritos : — «O princípio inteligente do Universo». Pergunta Kardec : — «Qual a natureza íntima do Espírito ?» Respondem os Espíritos : — «Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, êle nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo : coisa nenhuma é o nada e o nada não existe».

Avaliação fazemos nós das citações do jesuita, trasncrevemos para que a «Avaliação» seja comprovada. Houve ou não má fé comprovada ? É ou não puro jesuitismo ? Ao menos nisso os reverendos estão de acôrdo : no sistema imoral de argumentação. E querem dizer que o Espiritismo é imoral...

Diz o Rev. Julio Andrade Ferreira, jesuita amador, que o Espiritismo não dá ênfase à personalidade de Deus, e quase sempre a ignora. E dá umas citações da Biblia para ensinar os espíritas o que é a «personalidade» de Deus.

Conheçamos a «personalidade» do Deus do Rev, Julio. Vejamos Jeremias 10 : 10 — «Mas o Senhor Deus é a verdade ; êle mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno ; do seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação».

Êsse deus furioso que apresenta o Rev. Julio Andrade Ferreira positivamente não é o Deus dos Espíritas. O Rev. Julio fala em metapsíquica, não seria êsse deus furioso, duro de suportar, indignado, um doente mental ? Esquisofrenico ? Não, Rev. essa personalidade não convence, muito furioso para que creiamos nêle.

Vejamos Exôdo 3 : 14 : «Disse Deus a Moisés : Eu sou o que sou». O Rev. entende isso ? É grande demais para entendermos, não é ? Em todo caso, o que ficou dito atrás sôbre Deus, transcrição de Kardec, pode-se tirar uma idéia mais ou menos...

Vejamos outra citação do Rev. Julio : — Isaias, 63 : 6 — «E pisei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor ; e a sua fôrça derribei por terra».

Positivamente, Rev. Julio Andrade Ferreira, êsse deus não é muito bonzinho... Quando um indivíduo assume essa atitude, nós chamamos de obsedado, e querem dizer que os Espíritas que fazem loucos... Nós curamos loucos, mas não apresentamos um deus com tôdas as características da esquisofrenia como os protestantes e católicos. Veja o que foi dito sôbre Deus, veja se enquadra ali um tipo psicopata como o seu deus, furioso, sádico !

Os Espiritas ficam com o que revelou Jesus, embora os senhores da «verdade» (que pretensão...) achem que não sejamos cristãos : — Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. João, 4 : 24. Nesse DEUS crêem os espíritas, quer dizer, no DEUS apresentado por Jesus. Compare êsse DEUS com o que ficou transcrito de Kardec.

Os protestantes falam muito na personalidade de Deus como se o conhecessem. Citam a Bíblia a torto e a direito, não percebem que dentro da própria Bíblia existe concepção diferente de Deus: confrontar o velho e novo testamento, tudo fica claro... Tudo tem sua época, tudo evolúe.

Oportunamente voltaremos ao assunto. Hoje tocamos no assunto apenas para mostrar que combater o Espiritismo pelo processo jesuita é muito fácil, muito cômodo.

Os Reverendos timbram em dizer que o Espiritismo é imoral...

Av. das Mangueiras, 134
Tatuí — S. P.

Crônica Estrangeira

Sessão num Aeroplano

Uma aventura mais fantástica do que a própria Morte

Sir Arthur Conan Doyle nunca esteve tanto em evidência como após a sua morte. É que o seu espírito jamais deixou de revelar-se, sessão a sessão, voltando para nos demonstrar a sua sobrevivência, pedindo, mesmo suplicando que com êle se mantivesse o contacto que tivemos com a sua vida admirável e fornecendo aquelas provas de que os cépticos ainda necessitam. Mas, sem dúvida, a mais extraordinária reunião em que apareceu realizou-se numa aeronave — o que lhe fez dizer:

— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte!

Com efeito, a sua voz foi ouvida no escuro da cabina dum aeroplano, a 2 quilómetros de Nova Iorque. E êste inédito encontro foi planeado por John Goldstrom, autor da «História da Aviação Americana» que entrevistara Doyle 12 anos antes. Nessa entrevista uma das perguntas fôra: «Sir Doyle, já pensou alguma vez em experiências psíquicas feitas a bordo dum avião?»

A esta pergunta o escritor respondeu que jamais o pensara, mas que temia que os ruídos perturbassem o médium. E o caso ficou por aquí, até que em 1935, cinco anos após a morte de Doyle, Goldstrom assistiu a uma sessão em Nova Iorque, na companhia de Frank Decker e ali escutou a inconfundível voz do escritor, até então jamais ouvida do Além, perguntando-lhe se era o jornalista que o entrevistara. Goldstrom aproveitou a oportunidade para perguntar se se lembrava da sua sugestão e se consentia em experimentá-la — no que Doyle concordou.

Feitos os preparativos, Miss Maina L. Tafe foi a médium escolhida, por Decker estar ocupado, e assim, determinada noite, um transporte «Douglas» decolou para voar sôbre a imensa Nova Iorque, chamejante de luzes. A única particularidade no arranjo interior consistia no obscurecimento da cabina para evitar os raios da Lua e o fulgor das estrêlas. A assistência compunha-se apenas de espíritas de renome.

Quando Doyle voltou a comunicar, Goldstrom identificou novamente a sua voz inconfundível, quando afirmou:

— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte! Pensar que nos encontramos aquí juntos, voando sôbre a ciclópica Nova Iorque! É maravilhoso!

Provas

No final da sessão, quando já outros famosos comunicantes tinham falado, o espírito de Doyle voltou de novo. Desta vez dirigiu-se a Arthur Ford, notável médium americano, que ajudara Goldstrom a preparar a sessão. Ford perguntou logo ao grande escritor se êle se lembrava em que local o encontrara a última vez e quem estava presente.

— Lembro-me muito bem — respondeu Doyle — foi após a experiência de Cantlon, no meu hotel. David Gow encontrava-se presente.

Era exato e o conhecido médium declarou após a inédita experiência que, além da voz ser exatamente aquela que caracterizava na Terra o grande mestre da ficção, o fato de se ter podido ouvir num aeroplano demonstrava que a altitude não tinha efeitos apreciáveis nos fenômenos psíquicos e que nessa atmosfera isenta de vibrações terrestres as vozes eram muito mais claras.

No caso de Conan Doyle, quando o seu espírito se aproximou da Terra, a sua metafísica intervenção salvou duas vêzes a vida de seu filho mais velho, Denis, no tempo em que era corredor de automóveis. Quando David Bedbrook lhe transmitiu o primeiro aviso, os mecânicos examinaram atentamente o sistema de condução do carro e verificaram que um parafuso estava gasto e apenas seguro pela última volta da rôsca.

E foi o próprio Denis que declarou:

— Se eu tivesse guiado o carro à velocidade prevista só podia ter obtido um resultado: no primeiro aumento de velocidade máxima o eixo ter-se-ia partido e eu sofreria um choque desastroso e inevitável.

No segundo caso Denis recebeu uma mensagem espírita de seu pai, dizendo-lhe que não comprasse o novo carro que pretendia e que se verificou ter um grave defeito que conduziria à morte o desportista, se êle houvesse entrado na competição internacional.

A Chave

Mas dentre tôdas as provas evidentes da sua sobrevivência e da comunicação com a Terra, uma das maiores é dada através de uma mulher desconhecida de sua família com quem Sir Arthur tomou contacto — transportando durante 70 quilómetros a chave da porta do seu gabinete fechado! O caso passou-se desta forma:

Aproximadamente um mês após o trespasse do escritor, uma senhora escocêsa, Mrs. Caird Miller, que só recentemente começara a desenvolver os seus extraordinários dotes de clariaudiente, ouviu um espírito dizer-lhe:

— O meu nome é Arthur Conan Doyle; pretendo comunicar com minha espôsa e transmitir-lhe uma mensagem.

Como a senhora jamais conhecera Doyle ou sua família pediu-lhe então uma prova da sua identidade, ao que êle respondeu fornecendo-lhe as iniciais de todos os membros de sua casa e o número do telefone de sua mulher, o qual — acrescentou — não encontraria na lista, porque se tratava do número privativo da sua moradia em New Forest.

A médium telefonou imediatamente para o número indicado, sendo logo atendida por Lady Doyle que, ao tempo, como de resto todos os membros da família, se via aflita com a quantidade de pretensas mensagens espíritas vindas de todo o mundo e por isso insistiu por mais provas.

A médium perguntou então ao espírito do grande romancista o que deveria fazer.

— Procure a sr.ª Deane e eu aparecerei na fotografia que ela tirar.

Efetivamente, depois da pose, a fotografia fiel e indiscutível de Conan Doyle aparecia sôbre a cabeça da sr.ª Miller. Mas Lady Doyle, ainda que reconhecendo o fato, quis mais provas — que, aliás, lhe foram dadas, quando a sr.ª Miler encontrou na casa que habitava em Londres uma chave escondida sob o travesseiro. E ainda hoje é um mistério como ali chegara, se bem que a voz de Doyle lhe dissesse nessa noite:

— Essa chave é minha e pertence ao meu gabinete em Crowborough que sempre conservei fechado. Envie-a a meu filho Denis.

A sr.ª Miller telefonou a Denis Conan Doyle e contou-lhe o sucedido. O desportista imediatamente se dirigiu de Crowborough, no Sussex, para, Londres, a fim de recolher a chave e, com grande satisfação da sr.ª Miller, telefonou-lhe mais tarde, dizendo que, na realidade, a chave se ajustava perfeitamente à fechadura do gabinete de seu pai!

Repetidas vêzes, dêste ou daquele modo, através de muitos médiuns, Sir Arthur Conan Doyle pôs a sua assinatura espiritual em muitas comunicações. E sua espôsa sempre dizia:

— Eu e meus filhos recebemos a maior prova de que o amor e o carinho de meu marido por nós continua vivo. A sensação da sua presença e do seu poder para nos guiar e ajudar é uma fonte de indescritível energia, no sentido de enfrentarmos as dificuldades da existência.

Seu filho Denis igualmente afirmou:

— Em muitas ocasiões críticas recebi os conselhos de meu pai, vindos do Além, e nunca sairam errados. Nesses momentos, se eu os não seguisse, muito teria que lamentar.

No centenário do nascimento do grande novelista e do espírita convicto que foi Sir Arthur Conan Doyle, nem Lady Doyle, nem seu filho Denis poderão assistir às homenagens que o mundo inteiro lhe prestará. Ambos morreram já. Mas, no mundo dos espíritos, mais uma vez reunidos, poderão celebrar a data assinalada com o maior espírita — justamente Sir Arthur Conan Doyle, o magnífico escritor, o fervoroso espírita e o grande comunicante do Além.

Traduzido de «Two Worlds» de 23 de maio e publicado por «Estudos Psíquicos» de Julho de 1959.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Festa de «O Clarim»

A tradicional festinha, de 15 de agosto, de «O Clarim», foi êste ano levada a efeito com o êxito desejado. Confrades das cidades vizinhas e de localidades distantes, como de costume, concorreram em grande número para o brilho da verdadeira concentração de espíritas em Matão, superlotando a sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», que mais uma vez pôde promover a simpática solenidade de aniversário do jornal fundado por Cairbar Schutel em 15 de agosto de 1905.

Desde a véspera começaram a chegar os visitantes que vieram prestar a sua homenagem ao orgão pioneiro da propaganda espírita no Estado de São Paulo, aos quais, além da acolhida fraternal, foi oferecida a hospedagem costumeira.

Desta vez, a festa comemorativa teve o concurso de J. Herculano Pires, como orador oficialmente convidado. A sessão, que foi presidida pelo confrade Carlos Vital Olson, teve início ás 20 horas, quando o presidente, após a abertura dos trabalhos, concedeu a palavra a Angelo Watson Campêlo para a apresentação do orador, feita em rápidas explicações sôbre a data e a personalidade do conferencista.

Herculano Pires, com a palavra, falou, durante hora e meia, expondo e analizando a obra e a vida de Cairbar Schutel, à luz dos princípios da doutrina espírita, estendendo-se, sempre com amplos e seguros conhecimentos, sôbre o aparecimento e as realizações de Allan Kardec, nos meados do século passado, incluindo, ainda, um estudo demorado a respeito de Jesus e da doutrina cristã, e demonstrando, afinal, a relação lógica dos três grandes movimentos históricos, o do Cristo, na Palestina; o de Kardec, na França; e o de Cairbar Schutel, em São Paulo, para o Brasil; todos objetivando a transformação moral do Mundo no sentido de sua espiritualização. O orador foi ouvido com a máxima atenção pela numerosa assistência e vivamente aplaudido ao encerrar a sua substanciosa conferência.

Depois foi dada a palavra aos seguintes representantes de várias cidades: Leonardo Severino, de Monte Azul Paulista; Leonardo Chagas, de Pindorama; Aldo Arlanch, de Brotas; Dulcidio Rodrigues, de Marinópolis; Augusto Saturnino Vilela, de Palmeira D'Oeste; Dante Ferrioli, de Marília; José Balbino Cardoso e Luiz Luccas, de Araraquara; Francisco Volpe e Pedro Volpe, de Jaboticabal; Alfredo Pagliarini, de São Paulo; José Valim, de Jatobá e dr. Domério de Oliveira, de Catanduva.

Todos os oradores, muito breves em suas manifestações, foram alvos de calorosos aplausos.

A pedido de José Valim, Herculano Pires transmitiu à assistência o convite de Elpidio Moreira, presidente do Centro Espírita de Penápolis, para que todos os presentes comparecessem à inauguração do Hospital Espírita daquela cidade da Noroeste, a qual se dará no dia 6 de setembro próximo.

—

Além dos nomes acima, estiveram presentes mais os seguintes visitantes: Manoel Munhoz Augusto, João Marin Olmo, João Toledo, de Marinópolis; José Destefano, Herculano Ferraz Pires, Alexandre Soares Barbosa Filho, Henrique Lopasso, Lucia Helena, Orlando Bertachini, Damiano Mazotti, Carmen Silveira Perches, Livia Feloni, Eva Maria Delaqua, Eduarda Santini Delaqua, Esmeralda de Souza, Carlos Penteado, Antonio Delaqua, Antonio Dentillo, João Mendes da Silva, Francisco Case Junior, Domingo de Marzo, Luiz R. Parreiras, Yoshimi Yano, Amélia Ferreira, Maria Helena Boner, Milton Lopasso, Helga B. Lopasso, Brasilia de Paula Oliveira, Matilde Camargo, J. Barbosa Areias, Virginia Ferraz Pires, Helenilda Ferraz Pires, Helena Ferraz Pires, Dorothy Costa Dentillo, de Araraquara; Luiz Pizolito, Valdomiro Luchesi, de Pindorama; Elvira M. da Silva, Jumara Mendes da Silva, de São Paulo ; Carlos Geraldo e Henrique Marques Maduro, de Brotas ; Nivia Volpe Soares, Renato Mattos Soares, Alzira Maria Volpe Soares, Nidia Bastos Volpe, Silvia dos Santos Faccini, Adelia Portela Volpe, Eliana Santos Faccini, José Pedro Volpe Soares, Vicente Gerbasi, América B. Gerbasi e Aparecido Campi, de Jaboticabal; dr. José Bardo, Vitorio Zeviani e Michel Bauab, de Catanduva.

Cartas e Telegramas

Por cartas e telegramas a nossa redação recebeu felicitações e outras manifestações de simpatia dos seguintes confrades: André Fernandes, de Loanda; Cesar Bianchi e Onofre Baptista, de Itapira ; Antonio Torres, de Londrina ; Hugo Gonçalves, de Cambé ; Benedito Daniel, de Ribeirão Preto ; Benedito Antonio Dias, de Brotas, José Alfredo de Lara, de Itaqueri da Serra ; Grupo Espírita «Fora da Caridade não há Salvação» e João Eudóxio da Silva, de Piracicaba ; Zacarias Onofre, de Bauru; José Corrêa Afonso, de Lavras; Cyra de Oliveira, de Americana ; José F. Sacramento, de Caxambú ; Eny Carvalho de Oliveira, de Poços de Caldas.

A todos nossos sinceros agradecimentos com votos de felicidade.

Terceira Semana Espírita de Amparo

e 7.a Concentração Confraternativa da 3.a Região da U. S. E.

Transcorreram animados os dias consagrados a realização dêsse importante certame de espiritualidade levado a efeito pela União Municipal Espírita, daquela progressiva cidade da baixa Mogiana. de 13 a 19 de julho.

Grande foi o número de pessoas de outras localidades que estiveram cooperando com a família espírita amparense.

Tôdas as solenidades programadas alcançaram pleno êxito, sendo os seguintes os oradores que tomaram parte nesse conclave espiritista : Dr. Luiz Francisco Giglio, Dr. José Carlos de Camargo Ferraz, Prof. Anselmo Gomes, Prof.ª Elizabeth Steagall, Dr. Newton Boechat, Dr. Hernani Guimarães Andrade, Dr. Apolo Oliva Filho, Prof. Walter Acorsi e Guerino Brunelli.

Tomaram parte na festa confraternativa, além de elementos de tôdas as cidades da 3 ª Região e outras localidades, os snrs. : Carlos Jordão da Silva, M. D. Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, Paulo Toledo Machado, Secretário dessa instituição e o sr. Américo Montagnini, DD. Presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Amparo, viveu uma semana de intensiva festividade espiritual, onde reinou muita vibração fraterna, entre os inúmeros elementos alí reunidos de vários rincões de nossa querida terra.

Mais uma vez foram alcançados através de uma solenidade pública, os amplos objetivos de propagação dos elevados princípios da 3.ª Revelação.

Movimentos dessa natureza são pois, graças ao entrelaçamento da família espírita de nosso Estado, através de seu orgão de unificação — a USE.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 4 de Agosto de 1959

Proferida a prece inicial, declara o Presidente abertos os trabalhos, sendo lida e aprovada a ATA da reunião anterior, e passando-se às comunicações dos Senhores Conselheiros.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino informa que a Federação Espírita Catarinense prossegue em intenso trabalho de difusão da Doutrina em todo o Estado, em esfôrço contínuo pelo ideal de Unificação.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf declara que esteve no Ceará, levando à União Espírita Cearense e aos confrades do Estado as saudações da FEB e do Conselho Federativo, e trazendo ótima impressão do movimento espírita cearense. Informa, ainda que esteve em Belo Horizonte, onde continua intenso o trabalho espírita na Capital e no interior do Estado.

Bahia — O Conselheiro Major Ruy

Vidal de Araujo comunica que a União Social Espírita da Bahia adquiriu uma chácara onde será instalado o «*SANATÓRIO ESPÍRITA DA BAHIA*», e que, com grande concorrência e promissores resultados, realizou-se a *III Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas da Bahia*, estando em realização o Curso de Preparação de Evangelizadores do Interior e o Regulamento para as Confraternizações Espíritas do Estado.

Ás dezesseis horas, é encerrada a reunião, depois de feita a prece pelo representante da Bahia.

A XIII Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central

A propósito de mais essa Concentração Espírita, recebemos e publicamos a seguinte exortação, dirigida aos moços e aos espíritas em geral:

Moço Espírita! Se você colaborar ativamente, será um êxito absoluto a XIII Concentração de Mocidades Espíritas, a realizar-se em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960.

Jovem Espírita! Ajude a realizar com êxito, em Campinas, no ano de 1960. a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo.

Moço Espírita! Prepare-se, desde já, para participar ativamente do Torneio Evangélico, Trabalhos Doutrinários, Concurso de Oratória, de Música e de Peças Teatrais que fazem parte do programa da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a ser realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960. Para melhores informações escreva ao Conselho Diretor: Rua Irmã Serafina, 674, Campinas, S. P.

Você é membro de Mocidade Espírita do Estado de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais ou São Paulo? Procure então informar-se sôbre a XIII Concentração e assegurar para a sua Mocidade o direito de se fazer representar. Escreva ao Conselho Diretor, Rua Irmã Serafina, 674, Campinas — S. P.

Jovem Espírita! Você não conhece as Concentrações de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo? A sua Mocidade nunca se fez representar? Escreva então ao Conselho Diretor (Rua Irmã Serafina, 674 – Campinas, S. P.) e você se informará sôbre a XIII Concentração. que será realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960.

Você é Espirita? Então é seu dever cooperar para que se corôe de pleno êxito a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960 e que tem por finalidades: Divulgar a Doutrina e Confraternizar a Família Espírita.

Movimento Espírita e Espiritualizado, congregando jovens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, eis o que é a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que terá lugar em Campinas, em 1960. Todos os espíritas devem colaborar para o êxito dêste Movimento que será mais um marco de luz na História da Família Espírita.

Espírita! Prestigie e ajude a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que reunirá em Campinas, no ano de 1960, jovens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

Espírita! Una seus esforços aos dos jovens e colabore como puder para a XIII Concentração de Mocidades Espíritas, que se realizará em Campinas, em Abril de 1960, e que será mais um vitorioso Movimento do Espiritismo.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 369.866,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 80,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3591unse

o XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Outubro de 1959 – N. 9

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Kardec, como Missionário da Síntese do Espiritismo . . . . *Redação*
Filosofia da História — Os Fins não justificam os Meios . . . . . *Carlos Imbassahy*
Lua, Astro Morto por Fora e por Dentro . . . . *V. O. Casella*
Prestemos uma homenagem ao Prof. Allan Kardec . . . . *Mac Maynard*
A Mediunidade nas Velhas Culturas *Deolindo Amorim*
Ciência Pura versus Furor Teconológico . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Escolhe, tu mesmo . . . . , . . *Aleixo Victor Magaldi*
Gentes de hoje e Doutrina Espírita *v. lirenedo*
Confusão Ubaldiana . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 120,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo. — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1959 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Kardec, como Missionário da Síntese do Espiritismo

Tendo ocorrido a 3 deste mês o aniversário natalício de Allan Kardec, aquí relatamos fatos da sua obra Missionária

DESDE o Ano de 1954, estamos em plena fase do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo. Coube a Kardec a Missão, no vasto processo de desenvolvimento espiritual do planêta. Acreditam, em geral, que o Espiritismo existe há milênios, tão velho quanto a espécie Humana e que o seu aparecimento no mundo moderno, como doutrina e objeto de pesquisa científica, data de pelo menos 10 anos antes de Kardec com as famosas manifestações de Hydesvile, nos Estados Unidos.

Não há dúvida que as manifestações de Hydesvile representam um episódio de grande significação na história do Espiritismo. Foram elas que chamaram a atenção dos homens de ciência e de cultura, em tôda parte, para o problema das comunicações espíritas. Foram elas que abalaram a Europa e a América despertando a curiosidade geral e preparando o clima para o advento do Espiritismo. Mas não representaram o momento real do nascimento da Doutrina Espírita, que só viria mais tarde com o trabalho paciente e firme de Kardec, sob a orientação da falange de Espíritos Superiores que, cumprindo a profecia de Jesus, apresentou-se com o nome de Espírito da Verdade.

O episódio de Hydesville pode ser considerado o ponto culminante da fase preparatória. Essa fase, porém, não pode ser assinalada por limites precisos. Estende-se por um longo período, com episódios mais ou menos importantes que se alastraram como um rastílio de pólvora por tôda a América e Europa, como poderemos ver, consultando a coleção da «Revue Spirite». Também a «Revista Internacional do Espiritismo», de Cairbar Schutel, contém numerosos relatos a respeito. E as duas obras históricas do Espiritismo, de Conan Doyle e de Cesar De Vesme, bem como as monografias de Bozzano sôbre os diversos aspectos da fenomenologia espirítica, que são preciosas fontes.

O aparecimento do Espiritismo como doutrina não se deu em Hydesvile, mas em Paris. Tudo que houve antes de Kardec não foi mais do que preparação. Cabia a êle, o Missionário, realizar o extraordinário trabalho de síntese de todos os fatos e teorias surgidos na América e na Europa em tôrno do problema espírita. E êsse trabalho teve também a sua fase preparatória, com os estudos e pesquisas do Prof. Denizard Rivail (Kardec) no campo do magnestismo. E teve o seu momento culminante, de que o próprio Kardec nos dá notícia, em seu manuscrito incluido na segunda parte de «Obras Póstumas», com as seguintes palavras: «Foi em 1854 que, pela primeira vez, ouvi falar das mesas girantes».

Anos de Elaboração

Êsse ano de 1854 marca exatamente o início do interêsse do Prof. Rivail pelos fatos espíritas. O magnetizador Sr. Fortier lhe fala das mesas girantes. Mais tarde, conta-lhe que essas mesas «falam». Kardec ainda não «nasceu». Existe apenas o Prof. Leon Hypolite Denizard Rivail, estudante de magnetismo. Mas o problema o preocupa, e no ano seguinte, em princípios de 1855 um velho amigo, o Sr. Carloti lhe fala «daqueles fenômenos», durante cêrca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a tôdas as idéias novas.

O Sr. Carloti, porém, era da Córsega, «de temperamento ardoroso». Rivail ouviu os seus relatos entusiásticos, mas não estava muito disposto a aceitar a veracidade dos mesmos. «Foi o primeiro que me falou na intervenção dos espíritos», — diz Kardec, — e me contou tantas coisas surpreendentes, que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas. Um dia o Sr. será dos nossos, concluiu. Não direi que não, respondi; veremos isso mais tarde. Só acreditarei nas mesas falantes se me provarem que elas têm o dom de raciocinar. Como se vê, o Prof. Rivail (Kardec) não era um homem de entusiasmo fácil ou de fáceis arroubos imaginativos ou místicos. Não gostava de exaltações. Queria examinar tôdas as coisas de maneira serena, como convém aos que querem encontrar a verdade.

Foi porisso que, em Maio de 1855, na casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do magnetizador Fortier, muito mais lhe agradou e interessou tudo que ouviu de outras pessoas. Vejamos o que êle mesmo nos diz a respeito: «Lá encontrei o Sr. Patier e a Sra. Plainemaison, que me falaram daqueles fenômenos no mesmo sentido em que o Sr. Carloti se pronunciara, mas num tom muito diverso». Kardec nos descreve a figura grave do Sr. Patier, homem frio, calmo e acrescenta: «Sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão. E, quando me convidou para as experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange Batelieri, n. 18, aceitei imediatamente».

ALLAN KARDEC

Nessa casa, às 20 horas, de uma noite de terça-feira, em Maio de 1855, o Prof. Rivail presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas girantes, e assistiu aos primeiros ensaios de escrita mediúnica, pelo processo da cesta. Nessa casa conheceu o Sr. Boudin, pai de duas jovens médiuns, que seriam os primeiros instrumentos de elaboração de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS». A Providência colocava dois anjos aos lados do missionário, para que êle iniciasse o seu trabalho e o desenvolvesse com segurança. Mais tarde, em 1856, outro anjo viria em seu auxílio, a Srta. Japhe, filha do Sr. Roustan, médium sonâmbula, através da qual Kardec iria rever os manuscritos de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», em sessões particulares, com os seus guias espirituais.

Kardec convenceu-se que a mesa não tinha raciocínio, mas era impelida por sêres racionais do Espaço — Espíritos. Kardec nos informa que não se contentou com a revisão do manuscrito através da mediunidade da Srta. Japhe. Os espíritos lhe haviam recomendado outras verificações. Assim, diz o codificador: «Tendo-me as circunstâncias pôsto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para fazer algumas perguntas que me pareciam mais espinhosas. Foi dessa maneira que mais de 10 médiuns prestaram concurso a êsse trabalho. Da comparação e da fusão de tôdas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vêzes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», entregue à publicidade em 1857».

Como se vê, a fase do aparecimento da Doutrina Espírita se estende por um período de 4 anos. Vai de 1854 a 1857. Nesse ano de 1955 estamos em pleno centenário da elaboração de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS». Pràticamente, foi nesse ano, há um século atrás, que o livro básico foi elaborado, pois em 1856, segundo diz o próprio Kardec, a maior parte do seu trabalho já estava realizado.

Missão de Kardec

Até êsse momento, — essa fase de quatro anos, — não havia Espiritismo. O mundo estava cheio de religiões e escolas espiritualistas ou ocultistas, cheio de teorias mais ou menos engenhosas sôbre os fenômenos espíritas, mas não possuía uma doutrina capaz de colocar o problema em têrmos claros e racionais. Coube a Kardec a missão de realizar essa obra. Êle não só escreveu o «O Livro dos Espíritos», prosseguiu depois no trabalho gigantesco da codificação, mas também cunhou a palavra necessária destinada a denominar a nova doutrina. Surgiu então pelas suas mãos, sob a orientação dos Espíritos, uma nova palavra, que hoje se inscreve nos dicionários de tôdas as línguas: ESPIRITISMO.

IRMÃO SAULO

Filosofia da História

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

II

Toulon revolta-se. Arrasada Lion, os destruidores dirigem-se ao pôrto. Para lá é enviado um oficial de artilharia: é êle Napoleão Bonaparte.

Êsse homem funesto logo começou a proteger com sua audácia, seu valor e seu gênio, a causa dos assassinos.

Toulon é tomada e incendiada. Os habitantes procuravam fugir para as embarcações estrangeiras; uns pereciam nas chamas, outros afogados.

Em meio à balbúrdia, mães procuravam os filhos, os filhos procuravam os pais, enquanto as balas republicanas procuravam todos: elas choviam e dizimavam.

Com os vencedores, entrou em Toulon a guilhotina.

*

Em Paris continuava-se a matar. O suplício alí não parava nunca, não parava mais.

A Senhora Roland, um pouco esquecida, foi lembrada. Puseram-na na prisão das meretrizes para aviltá-la; depois foi para perto da prisão da rainha que ajudou a destronar. Robespierre a quem tanto ajudara, foi quem lavrou a sua sentença. Disse ela aos juizes que a condenaram: — Agradeço-vos achar-me digna de partilhar a sorte dos grandes homens que assassinastes.

E foi para a morte. Sua carrêta caminhava num cortejo de outras, cheia de vítimas.

— À guilhotina — berrava a multidão. — Para lá eu vou inocente — respondia ela — outros irão depois manchados de sangue.

A seu lado ia outro condenado, um velho enfêrmo, a quem ela procurava consolar. Na guilhotina, cede o primeiro lugar ao velho, para que êste não visse, com sua morte, o que o esperava.

À sua frente erguia-se a estátua da liberdade. E ali ficou decapitada, aquela que foi a inspiradora intelectual do movimento revolucionário. Seu marido suicidou-se.

*

Bordeus seguia, na ferocidade e no crime, o exemplo do país. Geradet, Louvet, Sarles, Petion, Barbaroux, Buzot, o que restava dos girondinos, erravam de plaga em plaga, acossados pelo tremor, pelo frio, pela fôme, pelo exaurimento. Afinal, um matou-se, outros foram presos, os últimos, que não conseguiram apanhar, foram devorados pelos lobos.

De vez em quando os matadores se lembravam de um nome; a lembrança era sempre de mau agoiro.

Lembraram-se de Barnave, Duport, Bailly, e êstes foram logo à guilhotina. Bailly homem honesto, bom, circunspecto, no exercício de seu cargo, teve que reprimir uma sedição no Campo de Marte. Foi por isso terrível o seu suplício: fizeram-no atravessar quase nú as ruas de Paris, de mãos amarradas, sob uma temperatura glacial. Com bandeiras sujas e varapaus vergastavam-lhe o rosto; outros escarravam-lhe. Tinha as faces cheias de escarradelas, lama e sangue. Fazem-no lamber o chão do tal Campo de Marte. Sob ameaças e injúrias caminhou três horas. Desmontaram a guilhotina de onde estava para a levarem a um lugar imundo e o obrigam a transportar o pesado madeirame, tal como no Calvário. Exausto, era obrigado a caminhar entre chacotas e pancadas. Desmaia, afinal; levantam-no a pauladas. E' obrigado a assistir à longa reconstrução do aparelho de morte. — Tremes, Bailly — perguntam-lhe ironicamente. — Sim, mas de frio — responde êle.

O seu suplício terminou depois de 5 horas.

*

A senhora du Barry, amante de Luiz XV, vem a Paris apanhar as joias que escondera; é traída por um prêto que criara e tinha como filho.

Tudo ela prometeu para salvar-se; chorava como uma criança, mas as lágrimas, quando não provocavam mofa, reacendiam o ódio. Ela foi para o patíbulo.

O duque de Lauzun passou da côrte para o povo. Foi um general da revolução e serviu em várias frentes. Indispôs-se na Vendéia com outro general e perdeu a partida. Daí para a guilhotina foi um pulo.

Apesar do trabalho constante da Parca ainda havia cinco mil presos em Paris. Fouquier Tinville já não tinha uma folga; comia lavrando sentenças de morte.

Às vêzes aquêle coração empedernido queria salvar um amigo.

Augrand D'Alleray fôra um homem íntegro, antigo companheiro e amigo de Fouquier. Êle e a espôsa eram acusados de entreter correspondência com um filho emigrado. Fouquier lhe diz: Há aquí uma carta que dizem ser sua: mas vejo que sua letra não é esta. — Deixe examiná-la — pede o réu, e declara: — Tu te enganas, ela é minha. — Fouquier, desconcertado, oferece outra saída: — Certo, não conhecias a lei que proíbe a correspondência com os emigrados. — Ainda te enganas, eu a conheço, volta o prêso — Mas conheço outra gravada pela natureza no coração de todos os pais e tôdas as mães: a que ordena sacrifício pelo socôrro dos filhos. Eu te agradeço os esforços para salvar-nos, mas não queremos resgatar a vida com uma mentira. Faze o teu dever, que nós fazemos o nosso.

*

Em meio à tragédia, o entremez. Inventaram um novo culto e o *sacerdos-magnus* era Chaumette.

Já os sacerdotes haviam sido forçados a abdicar de suas funções e crenças; fundiram-se os sinos, dispersou-se o velho relicário, quebrou-se a santa ampôla, proibiu-se aos professôres pronunciar o nome de Deus e aos Padres celebrar cerimônias, usar cruzes e crucifixos; fecharam-se igrejas, queimaram-se imagens, fizeram dos livros de liturgia bucha de canhão, dispersaram os vendedores de velas.

Na sua ignorância, pensavam êles poder extinguir do coração humano a semente milenária dos sentimentos religiosos.

O novo culto foi uma palhaçada, recheiada de histriões e mulheres de má vida entre mulheres honestas.

As moças traziam leves túnicas, algumas estavam semi-nuas. Loiselet morreu de vergonha.

Depois foi a profanação dos Santuários. Santa Genoveva, a padroeira de París, teve os restos espalhados e queimados.

Seguiu-se a destruição dos túmulos: reis, príncipes, santos e santas, guerreiros notáveis foram todos exumados e lançados à lama. Não bastavam os vivos, atiravam-se aos mortos.

Nas demais cidades de França procurava-se sobrepujar Paris nos morticínios. Carrier, em Nantes, queria ofuscar as atrocidades de Collot em Lião. Diz Lamartine que êle inventava torturas e obscenidades, procurando no martirológio dos primitivos cristãos e na depravação do Império Romano, ultrapassar os requintes da morte.

A cumplicidade de Nantes na guerra da Vendéia foi o pretexto. Treme-nos agora a pena ao narrar a hediondez dos nefandos crimes ali praticados.

O exército realista que sublevou a Vendéia foi derrotado, e logo Collot erigiu um tribunal para os vencidos, que mais se diria um açougue.

De comêço, mandou matar mais de oito mil pessoas, geralmente os que não puderam acompanhar o exército vendeano na fuga, mulheres, velhos, crianças, enfermos, feridos.

E preciso, dizia êle, despovoar e incendiar tôda a região.

Escolhe os seus sicários na escória humana. E isola-se. O bandido era poltrão. As prisões se enchiam, e, como em Lião, logo se esvasiavam para encherem as fossas de cadáveres. Até que, na cidade só se contavam duas classes: os assassinos e as vítimas. Para atrair os delatores, êles os animavam com soberbas promessas e entre estas a do saque.

Nas prisões repletas já não havia leitos, lençóis, aquecimento, alimentos. Nunca ninguém supôs que ali podia entrar tanta gente.

Alguns conseguiam resgatar a vida, entregando tudo o que tinham e as mulheres entregando a honra, o que muitas faziam para salvar os filhos.

Fuzilavam as mulheres grávidas, declarando estarem ferindo o realismo na semente. Setecentos padres foram logo mortos; só o fato da batina os condenava.

Cartier passava por ser tão feroz quanto estúpido; entretanto ninguém lhe pode negar a fertilidade ou o gênio na monstruosidade.

As mortes singulares já tomavam muito tempo e então êle ideiou os afogamentos, as célebres *noyades*. Para isto encomendou barcos especiais, com umas válvulas no fundo *(soupapes)*, válvulas que se abriam, e o navio afundava com tôda a carga humana. Era uma brevidade que deixava a perder de vista a metralha de Collot.

A princípio tudo se fazia à socapa, mas o Afogador verificou que não era justo se perdesse tão magnífico espetáculo. Comprou, então, um luxuoso navio, encheu-o de iguarias, vinhos e convidados, de sorte que aquilo ficou sendo uma espécie de teatro; o tombadilho era a platéia de onde se podia apreciar a cena. Destarte, enquanto uns bebiam, comiam, namoravam, riam, outros, para diverti-los, afundavam e debatiam-se, sem socôrro, nas vascas da mais terrível agonia.

Como êsses divertimentos navais estivessem ficando monótonos pela repetição diária dos mesmos incidentes, resolveu Cartois uma distração de outro gênero: os «casamentos republicanos». Traziam-se os pares ao convés: moços e moças; despiam-nos, amarravam-nos dois a dois, homem e mulher, frente a frente, e depois lançavam-nos nágua. Às vêzes era um padre e uma freira, um rapaz e uma virgem, um senhor e uma senhora . . . E lá iam os casais para o fundo, ou rio abaixo, em meio às risadas e aplausos delirantes da assistência.

Êsses afogamentos matrimoniais duraram mêses, e as testemunhas ainda contavam: — Vimos, por ordem dos chefes, lançaram as crianças de mão em mão, depois de baioneta em baioneta, incendiarem casas, eventrarem mulheres grávidas, queimarem vivos os filhos.

E Carrier ainda não estava satisfeito.

Houve quem não apreciasse devidamente aqueles *shows*, e até quem os denunciasse. Cartier levou-os de rastro a Paris. A Convenção estava perplexa, porém ninguém tinha a coragem da reprovação, porque podia parecer um ato de piedade. O próprio Robespierre ficou estarrecido, mas emudeceu.

Arras e Cambrai estavam nas garras

de outro louco, Joseph Lebon, que não perdia um suplício.

Ao Sul, achava-se Maignet. Êste incendiou Bèdoin, fêz umas 15 mil vítimas e a guilhotina só parou por falta de quem matar.

Não eram só os homens que se distinguiam pela sua perversidade; as mulheres, por vêzes, os sobrepujavam. Via-se ali que a alma de ambos os sexos era formada do mesmo barro imundo.

Os *tricotenses* de Robespierre não estacavam diante de qualquer assassínio. Uma dessas «fiandeiras» foi a célebre Theroigne de Mèricourt, bela de corpo e hedionda de alma.

Rose Lacombe era presidente de um grupo feminino apanhado nas sargetas.

Formara-se uma facção ultra-sanguinária, à testa da qual se achavam Hébert, Chaumette, Vincent, Momoro, Ronsin. A êles se deve a maior parte da grande torrente de sangue que se seguiu, às lutas com os próprios correligionários, as intimações à Convenção, as exumações sacrílegas, as humilhações ao Clero, as proscrições, a peregrinação e morte de cem mil padres, a profanação das Igrejas, os cultos ridículos, o ateismo, a imoralidade.

Momoro já havia pedido a extinção de todos os sacerdotes.

*

Danton isolava-se, parecendo tomado pelo remorso. Entre êle e Desmoulins trava-se um duelo panfletário.

Hébert faz enfim desfilar na Convenção uma espécie de procissão com os despojos da Igreja, e entra a atacar Robespierre, embora tìmidamente.

Êste, num golpe contra Hébert e Chaumette, ataca o ateismo.

Danton começa a ser mal visto e mal recebido no Clube dos Jacobinos; de seu silêncio já se desconfia.

São imolados muitos inocentes como o filho de Custine, alguns generais, o maire de Strasburgo; a guilhotina é que não podia emudecer.

São presos amigos de Hébert. Êste, indignado propõe uma insurreição; e em vez dela são presos ainda Fabre, Ronsin, Vincent, Hébert, Momoro, Ducroquete, Saumur e outros; conduzidos à guilhotina em 5 carretas, acabaram como milhares de criaturas que êles fizeram matar. Como êsses infelizes, se viram insultados pela populaça. Vincent chorava. Alguns não tiveram a coragem de suas vítimas.

Era o primeiro grande grupo de bandidos que ajustava suas contas.

Foram depois apanhados Chaumette, Gobel, Herauet de Séchelles, Simon.

Ia assim o segundo grande grupo. Danton ficava sem apôio.

Seguiram-se Fabre d'Églantine, Bajire e Chabot.

Era uma turma excelente.

Carlos Imbassahy

Lua, Astro Morto por Fora e por Dentro

Mais uma vez aqui estamos, no assunto do satélite da Terra, em fraternal debate com o Sr. Arnaldo S. Thiago, e orgulha-nos tal ensejo, considerando-se a nobre qualidade do nosso contendor.

No seu trabalho de Agôsto último, nesta mesma Revista, solicita-nos para transmitirmos aquí, pelo lado da Ciência, o que ali se escreveu sôbre a Lua. Tentaremos atende-lo, na medida da nossa possibilidade, visando apenas a essência da questão. Ali, o Sr. Thiago, depois de concordar com o nosso artigo da Revista de Abril-Maio últimos, sôbre a impossibilidade da existência de vida na superfície lunar, passa a admitir que os supostos selenitas estariam habitando o subsolo do astro, argumentando na seguinte justificativa, que passaremos a apresentar entre aspas.

«Sendo a Lua uma fração de matéria destacada da Terra, ela levara desta os mesmos elementos básicos que lhe haveriam de dar a mesma natureza que aqui iria se produzir. Mas sendo ela de menor massa, logo solidificou-se e floresceu a vida, antecipando-se, com estas vantagens, ao nosso planêta que, de maior porte, retardava-se na sua matéria ainda pastosa.

Foi assim que a Lua, muito antes que tal acontecesse na Terra, obteve pela evolução uma raça humana de alta cultura material e espiritual. Mas se a natureza do astro foi rápida na sua ascenção evolutiva geral, também não tardou que a sua condição planetária entrasse em decadência, ameaçando extinguir tudo o que ali antes florescera. Os seus habitantes, adiantadíssimos, prevendo a fatalidade, construiram confortáveis cidades naquele sub-solo, protegendo-se do ambiente estéril que atingira a face lunar.

Sòmente depois que a Lua se achou nesta fase crítica é que o Homem dominante apareceu na Terra, ocasião em que os aspectos lunares, tal qual ainda vemos hoje, já não mais revelaram o seu passado, daquela época anterior de rico florescimento. Mas ainda podemos ver hoje naquelas cavidades, que caracterizam aquele solo, em forma de crateras, algumas de aspectos padronizados, revelando tratarem-se de obras executadas por sêres inteligentes, naturalmente os selenitas. Em uma delas, denominada Copérnico, nota-se uma certa claridade que poderá ser abertura, por onde se vê iluminação de alguma das cidades internas do astro.

É de notar-se que astrônomos russos, ùltimamente, acusaram uma erupção vulcânica na cratera Alfonso. Talvez êste fenômeno tivesse sido também uma luminosidade igual a que se viu na de Copérnico, mas os russos fechados no seu Materialismo tomaram por atividade vulcânica, uma vez que não poderiam acreditar na existência de sêres inteligentes em outros mundos, sem antes tocá-los com os dedos, a exemplo de S. Thomé».

Êsse é o resumo do que pudemos interpretar naquele trabalho do nosso distinto antagonista que, como pudemos notar, baseara-se em raciocínio lógico, se bem que não adaptável para o caso da pequeníssima Lua. Essa mesma teoria nós a empregamos para o caso de Marte, cujo planêta, embora menor que a Terra, em muito supera a massa lunar. E' o que se lê no nosso trabalho da Revista I. do Espiritismo, do mês passado.

Vejamos agora as objeções que êsse conceito poderá encontrar.

Se na Lua tivesse alguma vez existido vida ativa na sua natureza, o seu aspecto atual deveria apresentar vestígios de extintas vegetações, rios e mares, ruínas de obras de uma antiga civilização que por ali já passara. Mesmo argumentando-se que tudo isso se acha coberto pela camada exterior, ainda assim, a matéria externa, mesmo em estado natural, teria que se revelar produto de transformações pela ação do tempo. No entanto, o seu panorama de hoje contrasta com tal hipótese de vida, pois aquela crosta sólida revela-se ainda virgem pela sua natureza ígnea, substância esta que endurecera e assim ficara desde a origem do astro. E' verdade que a Lua levou na sua natureza os mesmos elementos básicos que formaram a Terra, mas êstes não produziram ali tôdas as substâncias que aqui obtivemos.

Como se vê, basta compreendermos que se a matéria da superfície lunar permanece a mesma desde sua origem, esta realidade destroi qualquer hipótese sôbre a vida naquele satélite, estritamente mineralizado.

Outra objeção sôbre a vida lunar é a da origem das crateras que caracterizam a fisionomia daquele solo.

Aqui na Terra, no Arizona, América do Norte, há uma enorme cratera, assemelhando-se com aquelas lunares, a qual se revela aberta por um gigantesco meteórito, fenômeno que deve ter ocorrido em época geológica recente. Pela forma desta, há bôas razões em favor da hipótese de que aquelas, da Lua, também assim se originaram. Mas ali, pela sua numerosa quantidade, cêrca de 200 mil, a causa teria sido por uma chuva de meteóritos em época da formação do astro.

Considerando-se que a Lua caminha ao lado da Terra, ao redor do Sol, ambas teriam sido atingidas ao mesmo tempo por aquela violenta chuva de pesadas pedras do céu. Neste caso, por que a orla da Terra não se acha com aquelas mesmas marcas que caracterizam o solo lunar? Esta diferença demonstra que na ocasião dêsse acidente cósmico a matéria do nosso planêta ainda se achava pastosa, cuja condição refazia aquêles estragos que assim não deixavam vestígios.

A Lua, de menor massa, como bem diz o Sr. Thiago, já havia endurecido a sua primeira camada externa, motivo pelo qual não conseguira apagar os sinais dos impactos. Contudo, algumas crateras evidenciam que as lavas ainda derretidas, do sub-solo, tentaram vasar por aquelas aberturas, aproximando-se das bordas que se acham acima do nível da superfície lunar.

Pelo exposto, uma vez que a Terra não conservou as referidas marcas, é fácil concluirmos que a sua natureza estava no início de formação ígnea e, consequentemente, o mesmo se diz da Lua que apesar de sua vantagem de solidificação mais rápida, também não poderia estar substancialmente longe de sua fase inicial.

Assim, com êste argumento, repetimos: Onde se acham ali os vestígios de vida evoluida, se a fisionomia do astro, pela sua natureza ígnea, não revela ter sofrido transformações desde aquêle início?

Alguns autores, sem negarem em parte a contribuição dos meteóritos, atribuem a vulcões como causa daquelas aberturas, na época inicial em que as lavas borbulhavam como luta desesperadora de resistência à solidificação. Também esta hipótese não viria mudar o conceito sôbre natureza ígnea da crosta lunar.

Mas seja qual for a causa daquelas paisagens estáticas da Lua, nenhuma hipótese sôbre a vida ali vingará se não esclarecer antes como essa evolução vivente se processou, sem manipular pela erosão e construção aquela crosta de natureza primária.

Se ali vemos esculturas naturais, tratam-se de obras por acidentes, cujas arestas vivas de suas montanhas são testemunhas mudas de que jamais, em época alguma, foram molestadas por erosões atmosféricas ou chuvosas.

E no que se refere sôbre a semelhança entre algumas crateras, parecendo padronizadas, a natureza, ainda mais em acidentes em séries sucessivas de grandes proporções, pode às vêzes coincidir algumas formações naturais de aparência geométrica, especialmente se vistas a grandes distâncias. Contudo, no geral, nota-se muito bem que elas se acham distribuidas ao acaso.

Vejamos agora sôbre aquela claridade que o Sr. Thiago, como bom observador, notou na cratera Copérnico.

Na Lua, fenômeno desta natureza foi observado pela primeira vez por Madler, em 1840. Hoje, entre as várias regiões que registram essa luminosidade, inclue-se a de Copérnico. Quanto às causas, além de se cogitar sôbre a possibilidade de rochas fosforescentes em certos locais, sabe-se que os gases nobres, conforme o argônio ali acusado por Shaplei, quando excitados por radiações de curto comprimento produzem fluorescências. A presença de rochas potássicas lunares, nas regiões dêstes fenômenos, seriam as responsáveis pelas emanações dêsses gases. Os raios curtos são das radiações do Sol, que ali incidem diretos, por falta de anteparo atmosférico.

Êsses fenômenos têm merecido cuidadosa atenção dos pesquisadores, e se fossem luz artificial interna do astro, ou sinais dos supostos selenitas, o seu comportamento permitiria diferencia-los dos de ordem natural.

Sôbre as observações dos russos na cratera Alfonso não se trata daquelas luminosidades, pois esta região não está incluida entre aquelas que emitem tais fenômenos. O que êles acusaram foram emanações de uma erupção vulcânica. Nesta observação não houve influência do materialismo, para que se desviasse a questão. Êste negativismo não é contra a existência de vida em outros mundos. Êstes observadores são os que mais têm se revelados em favor da pluralidade dos mundos habitados. Lendo-se o que publicámos nos exemplares desta Revista, do mês passado, ali se confirma o que aqui estamos dizendo sôbre êstes célebres homens de ciência.

E para finalizar diremos que se desejarmos admitir vida planetária em outros mundos, sem ser pelos métodos da ciência, nem por isso deveremos julgar que o empirismo seja senha que se justifique choques com a razão.

Como, pois, aceitarmos a presença de sêres inteligentíssimos na Lua, se esta gente, com tantos recursos científicos, que, que se diz, jamais nos ofereceram qualquer sinal de sua existência? Não se pode alegar deficiência das nossas lentes porque, ali, um objeto em movimento do tamanho de um zepelim não escaparia do nosso campo ótico, sem falarmos nos progressos das nossas observações pela fotografia e espectegrafia celestes.

Seria estranho que êsses supostos selenitas não se preocupassem com os nossos planos de atingir a Lua pois já foram arremessados para lá dois perigosos projéteis balísticos (russos e americano), que não passaram tão longe daquele alvo. Tão ingênua passividade não credenciaria uma civilização como altamente evoluida, uma vez que deveriam saber que estariam se expondo a sérios riscos, com êsse apático silêncio.

E aqui nos despedimos, com louvores ao nosso confrade Sr. Arnaldo S. Thiago, pela sua valiosa e construtiva oposição nesses debates que, seja-lhe ou não favorável, de qualquer forma está contribuindo em favor da verdade.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo — Araraquara

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos do médium Sr. Hercílio Maes, com delicada dedicatória, mais uma de suas obras mediúnicas, da série das que se dizem de Ramatis. O título é «A Sobrevivência do Espírito», ditada pelo mesmo processo das anteriores, sob perguntas e respostas. Ali, entre outros assuntos, de sentido cristão, a Música e o Esperanto receberam capítulos substanciais.

Tratando-se de obra mediúnica, sem responsabilidade doutrinária, sua leitura é acessível aos reencarnacionistas em geral.

Aqui ficam nossos agradecimentos pela gentil oferta, que muito nos sensibiliza.

V. O Casella

—

N. da R. — Cumpre-nos informar aos leitores que o presente trabalho foi enviado a esta redação, em data anterior ao envio do último projétil soviético, que atingiu a Lua, em data de 13-9-59, motivo pelo qual, não se acha qualquer referência sôbre êsse sucesso.

Prestemos uma homenagem ao Prof. Allan Kardec

(Especial para «Revista Internacional do Espiritismo»)

Allan Kardec foi professor, foi mestre, pela sua biografia vemos como se interessava pela educação da mocidade, dava aulas gratuitamente àqueles que não podiam pagar seus honorários, mostra êsse fato que Kardec era professor que se interessava pelo ensino em si.

O Prof. Kardec foi um dos maiores libertários do espírito humano, as suas obras estão aí para quem quiser comprovar a afirmação, amigo da Ciência, do Progresso e da LIBERDADE.

Os espíritas não podem alheiarem-se do que se está passando no Brasil: as contínuas campanhas medievalescas contra a LIBERDADE DE CÁTEDRA, ora num, ora noutro Estado da Federação; é uma campanha dirigida por mentalidades retrógradas, mentalidades que não se afinam com o século XX e querem, insistem em viver, mentalmente, no século X.

Não é preciso muita perspicácia para notar de onde tem saído o grito de alerta contra a Ciência materialista... é sempre da mesma procedência, os mesmos que «churrasquearam» os homens livres do passado, dos mesmos que queimavam livros em praça pública.

Os espíritas não podem se calar, não podem ficar «bonzinhos» agora, têm que se manifestar, têm que apoiar os homens livres que estão lutando contra essa onda medieval que quer abranger o Brasil; vemos o que tem acontecido nos Estados Unidos, vemos como tem sido feita naquele país irmão a campanha sorrateira no comêço e ostensiva agora, contra o laicismo, contra a LIBERDADE de ensino. Ponhamos as nossas barbas de môlho e iniciemos já, agora, o revide, precisamos nos arregimentar contra a campanha contra o ensino livre que se está avolumando em nossa terra.

Os que conquistaram as liberdades laicas em nossa terra nos legaram um talento que precisamos pôr em circulação, não enterrá-lo, há os que não sabem preservar as conquistas do passado, mas nós, espíritas, temos o dever de lutar pela LIBERDADE DE ENSINO, devemos lutar pelo LAICISMO.

O grito de «ALERTA» tem de sair da Revista de Cairbar, si o velho lutador, no seu tempo, assistisse ao que se está passando, seria o primeiro a vir a campo para mostrar o valor da Doutrina e o respeito que ela tem pela LIBERDADE; as pedras calariam... mas Cairbar, jamais!

Espíritas, a LIBERDADE DE ENSINO está ameaçada em nossa terra; Espíritas, somos LIBERTÁRIOS POR ÍNDOLE, somos discípulo do MESTRE DOS MESTRES e do Mestre Allan Kardec. O nosso silêncio é criminoso. Não podemos nos calar.

Mac Maynard

A Mediunidade nas Velhas Culturas

Deolindo Amorim

Quando se diz, às vêzes, que o Espiritismo tem elementos para projetar luz sôbre diversos campos do conhecimento humano, há sempre quem duvide, como também há quem considere impossivel levar as proposições espíritas a determinadas provincias da cultura. É o que parece... Diversos fatos poderiam ser citados para demonstrar que o Espiritismo pode clarear muitos caminhos na pesquisa científica, como pode desfazer muitas dúvidas nas ciências humanas. Não queremos dizer, com isto, que é lícito «misturar» os assuntos que se deva chegar ao exagêro de pretender reduzir todos os fenômenos da natureza a explicações unilaterais, nem tampouco seria razoável recorrer ao Espiritismo para dar solução a todos os problemas. Seria um êrro de metodologia. No terreno das técnicas, cada ciência tem o seu modo de ação, seus meios próprios de aplicação. O que temos dito é que, constantemente, surgem problemas nos mais variados campos do conhecimento humano, obrigando o estudioso ou experimentador a aceitar a evidência de certas realidades não previstas em seus esquemas especializados. E' neste ponto, portanto, que o Espiritismo pode esclarecer muitos problemas na seára das ciências humanas.

Ainda há pouco, tivemos ocasião de ler, no órgão da Federação Espirita Internacional («Yours Fraternally») uma notícia interessante. Um antropólogo alemão, que vem estudando as tribus Nagas, em Assam, publicou um livro em que relata experiências pessoais com diversos médiuns e, finalmente, estudando bem as crenças daquela tribu, chegou à conclusão de que, ao lado das superstições encontradas entre os *Nagas*, há provas verdadeiras de comunicações de espíritos desencarnados. Ora, a Antropologia Cultural, também chamada Etnologia, estuda justamente as *culturas* ou os povos através de suas manifestações culturais. Cultura, na conceituação antropológica, envolve tôdas as formas de atividade: artes, técnicas, etiquêtas, organização social, crenças, símbolos etc. Êste conjunto, que caracterisa um povo, é a sua *cultura*, em têrmos antropológicos. Quando o antropólogo estuda a vida de uma tribu, não pode dispensar a contribuição do fator religioso, porque faz parte da *cultura* em seu aspecto espiritual. Muitos antropólogos, entretanto, tendo feito pesquisas entre diversos povos africanos e asiáticos, não deram muita importância ao elemento mediúnico, mas apenas se preocuparam com os processos pelos quais certos povos chamados atrasados entram em comunicação com os *mortos*... Já agora, porém, um antropólogo alemão procura ver mais longo, e viu bem, porque, tendo partido da observação de alguns fenômenos objetivos, encontrou esclarecimentos para determinados aspectos da cultura dos *Nagas*, o que, até então, lhe era desconhecido. O mediunismo, portanto, abriu uma clareira nas pesquisas do antropólogo, que adotou, neste ponto, um critério mais científico do que o critério de alguns cientistas brasileiros. E serão mesmo cientistas?... Alguns patrícios nossos encaram o mediunismo apenas pelo lado exótico, através daquilo que é mais pronunciado no aspecto patológico da mediunidade, mas não fazem estudos capazes de subir a esferas mais altas da especulação. Frequentam *terreiros*, tomam nota do que há de mais grosseiro, mais impressionante, e deixam de lado o estudo da mediunidade em si, como faculdade especial. Nossos homens de ciência geralmente procuram as manifestações esquisitas ou grotescas, como campo de observação, e nunca procuram observar e estudar o mediunismo dentro do Espiritismo. Conhecem, êles, todos os tipos de *terreiros* («macumbas», «candonblês» e «catimbós») mas não conhecem a prática mediúnica no meio espírita, porque não frequentam sessões espíritas do tipo experimental, orientadas pela doutrina.

Pois bem, o antropólogo alemão servindo-se de outras lentes intelectuais, descobriu aspectos novos entre os Nagas, pela mediunidade. Convém notar que quando o cientista se dirigiu àquela região para fazer os seus estudos in-loco, não levou a intenção de tratar da sobrevivência da alma ou de qualquer outro problema considerado transcendental para o homem afeito às ciências puramente humanas. Seu interêsse científico era outro, muito diferente, aliás, porque as suas preocupações estavam encaminhadas para as manifestações exteriores da cultura: costumes, objetos de uso, *folk-lore*, expressão física dos *Nagas* e outros aspectos. Todavia, assim que entrou na intimidade da tribu, notou manifestações menos comuns; certos fenômenos lhe chamaram a atenção, de tal forma, que o cientista alemão se voltou sèriamente para êsse inesperado problema e encontrou, assim, uma prova irrecusável da sobrevivência do espírito após a morte. Então, e por causa disto, passou a compreender melhor a psicologia dos *Nagas*, como também encontrou explicação para o *porquê* de algumas reações típicas daquele grupo. Sendo imortalistas, porque acreditam na imortalidade do espírito e na vida futura, claro é que os *Nagas* têm comportamentos e concepções especiais; mas tudo isso era ignorado pelo antropólogo. Sòmente algum tempo depois, em virtude dos fenômenos mediúnicos, é que lhe foi possível *desvendar* alguns traços anteriormente incompreensíveis. O ponto de partida foi a mediunidade, que permitiu novas inquirições científicas. Pelo fenômeno mediúnico, portanto, o antropólogo foi levado a conhecer mais uma facêta da *cultura* dos *Nagas* e, dêste modo, aumentar o cabedal de suas aquisições científicas. A Antropologia identifica, hoje, a mediunidade nos traços das mais velhas culturas.

Não se trata pròpriamente de um estudo especial do Espiritismo, mas o fato é que o Espiritismo explica o fenômeno mediúnico fora de tôda a engrenagem de crendices e superstições. Outros estudiosos de culturas antigas também verificaram interessantes aspectos da crença na imortalidade da alma. A Antropologia cultural ou Etnologia tem muito material colhido nos «trabalhos de campo». Muitas tribus, por exemplo, costumavam deixar até objetos e alimentos na sepultura, indicando que o *morto* voltaria para utilizar os seus objetos. A Arqueologia descobriu, por meio de escavações, «potes» e vasos nos quais alguns povos conservaram objetos de usos e armas. Tudo isto são vestígios da crença na sobrevivência do espírito depois da morte. O antropólogo encara tais elementos pelo prisma da ciência humana e, se fôr inclinado para o materialismo, não terá o menor interêsse em fazer disto uma base para o estudo da imortalidade espiritual. Se, porém, o cientista já tem a sua cultura informada por algumas noções fundamentais do Espiritismo, o problema se lhe apresenta de outro modo, e muito mais interessante.

Na realidade, não se pode dizer que haja *Espiritismo* no bôjo dessas culturas, apesar de haver a crença na comunicação dos espíritos. Seja como fôr, existe o fato mediúnico, como existe a idéia da vida futura ou de «outra vida». Para certos povos, chamados «incultos», essa crença é tão comum, tão antiga, que chega a influenciar os seus padrões de comportamento. O papel do Espiritismo, em tudo isso, é explicar a razão de ser da crença na vida futura, esclarecendo a fenomenologia mediúnica, que tanto se verifica entre as tribus obscuras como nos salões da mais requintada civilização. Isto prova, portanto, a universalidade do fato mediúnico. O Espiritismo fornece ao estudioso ou pesquisador os elementos necessários para a interpretação do fenômeno, ainda que as manifestações estejam envolvidas na confusão das crendices ou dos rituais exóticos. O fato em si é o que interessa ao estudioso, e êsse fato, se fôr bem compreendido, pode levar a indagações filosóficas muito altas, desde que o observador seja uma criatura dotada de senso filosófico. Vê-se, por aí, que o Espiritismo, sem se confundir com nenhuma forma de crendice, pode auxiliar muito a ciência humana, fornecendo-lhe meios para separar criteriosamente o campo do fenômeno e o campo da superstição. No terreno mediúnico, finalmente, nesta ou naquela cultura, entre «selvagens» ou entre «civilizados», em qualquer parte, afinal de contas, nenhum cientista poderá trilhar com segurança na interpretação do fenômeno sem as luzes do Espiritismo.

Ciência Pura VERSUS Furor Tecnológico

«Nossa época é dos medíocres em Arte» — houve por bem declarar o professor Flexa Ribeiro, num dos folhetins que vem publicando no Jornal do Commércio, desde 26 de agosto de 1950, sob a epígrafe sugestiva — «NO CICLO DAS BELAS ARTES», ao qual deu o subtítulo de «A arte e a máquina», achando-se inserto no mesmo jornal, em sua edição de 24 de maio último.

Venho acompanhando religiosamente, desde o primeiro folhetim, o magnífico trabalho do Dr. Flexa Ribeiro e vejo que é um dos raros inadaptados ao clima superlativamente hedonístico desta fase nevrálgica da civilização materialista, que os povos de origem européia estão vivendo e que, destinada a libertar o espírito humano do obscurantismo dogmático-religioso, é substancialmente preparatória da idade de ouro que vai, prestes, abrir-se para a humanidade, graças à poderosa influência que já se está exercendo sôbre as inteligências, provinda das altas esferas da sublime realidade espiritual que há de caracterizar um dia a vitória do Cristianismo do Cristo.

Outro insigne manejador da pena, o Dr. Luiz Gouvêa Labouriau, também externa oportunos conceitos em defesa da libertação do espírito humano das cadeias dêsse hedonismo recalcitrante que teima em asfixiar a inteligência, convertendo-a em simples intrumento de apropriação dos bens naturais exclusivamente para a satisfação das exigências instintivas da nossa materialidade, ou antes, animalidade, que vive às soltas e se patenteia ignòbilmente, por falta de educação e de disciplina, verdadeiramente religiosa, que controle os baixos instintos da espécie, ainda tão próxima, segundo os princípios do Evolucionismo, dos irracionais superiores. O campo de ação, porém, do Dr. Labouriau é o da Ciência, e, para que os leitores possam beber na fonte original a linfa preciosa das idéias externadas pelo homem de ciência, a quem nos estamos referindo, pedimos-lhe, e obtivemos permissão, para transcrever êste seu magnífico artigo, inserto à página 4 do 3.º caderno (CIÊNCIA), do Jornal do Commércio de domingo, 24 de maio de 1959: «PESQUISA BÁSICA E PESQUISA TECNOLÓGICA».

A aludida revista, de nossa direção, é, porém, de pequena tiragem, por que, dado o empenho que temos de divulgar as idéias nesse útil trabalho expostas, resolvemos fazer-lhe alguns comentários, para os quais solicitamos boa acolhida dêste órgão de publicidade, cuja circulação ultrapassa mesmo os limites da nacionalidade.

«Um dos erros mais graves que se pode cometer em matéria de conceito sôbre pesquisa científica — esclarece logo de ínicio o articulista — consiste em pensar que é desperdício de energia inverter capital e tempo em investigar questões puramente científicas, quando existem problemas tecnológicos de necessidade gritante, reclamando uma solução. Se êsse modo de ver predominar em algum país, região ou universidade, a pesquisa tecnológica seguramente estacionará em tal lugar, ou viverá de cópias fracas e inoperantes.

Para ilustrar essa opinião, por um exemplo, vou expor sucintamente os resultados tecnológicos espetaculares que foram obtidos pelo estudo das substâncias químicas que estimulam o crescimento das plantas (substâncias denominadas «auxinas») e, em seguida, mostrar como é que tais resultados foram obtidos».

Corroborando as idéias do Dr. Labouriau, procuraremos trazer alguns raciocínios filosóficos, pertinentes a outra esfera de atividade mental ainda não muito estudada nos círculos científicos oficiais, conquanto já tenha constituido objeto de investigação de grandes nomes da Ciência, como William Crooks, Charles Richet, Gabriel Dellane, De Rochas, Zoelner e tôda uma extensa coorte de autores, cujas obras convidam os homens de livre pensamento a investigar verdades transcedentes ao plano nimiamente material, em que agimos através dos cinco sentidos, ainda tão precários e limitados na espécie humana.

No *avant-propos* à «L'UMANITÉ PREHISTORIQUE», de Jacques de Morgan, edição francesa de 1937, Henri Berr, concordando em que *dans l'ascencion «des formes vivantes, on y voit apparaitre la forme humaine»*, admite que «seja ela, que é sobretudo o resultado dêsse impulso interno que constitui a própria vida e que, no cérebro humano, faz eclosão no pensamento». *(... elle est aussi, elle est sourtout le résultat de la tendance, de cette poussée interne qui constitue la vie meme et qui, dans le cerveau humain, aboutit a la pensée).* E mais adiante: *«C'est notre besoin de savoir, de voir de plus haut et plus au loin, qui nous a fait atteindre à l'attitude verticale parfaite dont nous sommes fiers», dit M. Perrier».*

Essa «atitude vertical de que somos orgulhosos», não deve ser considerada apenas no sentido anatômico do nosso organismo, instrumento que é da atuação da inteligência humana sôbre o mundo material que a constringe e que a mesma inteligência vai pouco a pouco afeiçoando às suas necessidades espirituais, depois de tê-lo afeiçoado ao seu bem-estar e às suas necessidades imediatas.

Como acentua Henri Berr, *bien plutôt que Homo Sapiens, l'home aux origines, est Homo Faber* e, se, realmente, como raciocina Paul Lacombe, *«l'art et la science se degagent de la technique,* sendo que *«pour le meme P. Lacombe, comme pour Weber, par opposition a Auguste Comte, la prèmiere phase de l'humanité est technique, et non théologique* (L'HUMANITÉ PREHISTORIQUE, avant-propos, pág. XV e nota 3) temos que admitir que a cultura evolui da técnica para a ciência pura e para a arte pura, sendo êsses os estágios superiores a alcançar pela nossa civilização que, exatamente por êsse afêrro à pesquisa tecnológica, sem outro ideal, sem outro objetivo que não seja a conquista do progresso material, do bem estar físico, torna ainda hoje o homem tão infeliz e a sociedade tão intranquila e claudicante.

A máquina, os homens de gênio científico, laboriosos e tenazes, não a inventaram e aperfeiçoam cada vez mais, senão para libertar o homem dos trabalhos mais rudes e que lhe exaurem as fôrças físicas. A técnica, outra significação não pode ter senão a de facilitar ao artezanato os meios de produção, para melhor e mais facilmente produzir tôda espécie de utilidades que servem ao homem de alimento, de abrigo, etc., etc., mas que absolutamente não lhe podem servir à felicidade, porque esta muito menos de pão do que de sentimento e sabedoria precisa.

Parece incrível que tantos séculos de dolorosa experiência ainda não tenham conseguido orientar os homens no sentido da paz e da cooperação fraterna!

Que lhes falta? Educação, simplesmente educação moral e cívica, firmada na convicção imortalista que induz decisivamente ao senso de responsabilidade, condições primordiais para que a cultura não degenere em insatisfação e cepticismo, capazes de materializar tôdas as conquistas do pensamento, aplicando-as a meros objetivos sensuais, após cuja conquista o coração se encontra tão vasio como antes de chegar a êsse resultado sempre e cada vez mais precaríssimo, à proporção que o cálice dos prazeres sensuais vai sendo àvidamente exgotado.

Não pensam nisso os nossos mentores culturais e políticos, nem mesmo quando se elevam, como estadistas, à culminância do governo das nações e à liderança das fôrças nacionais. É chegado, porém, o momento em que governar será, acima de tudo, educar.

Que vale um homem sem educação, brutalizado e forçando os semelhantes a se brutalizarem para que se possam defender da investida dos irresponsáveis?

A pesquisa tecnológica, com a exclusividade que lhe querem dar os que reagem sistemàticamente contra quaisquer manifestações idealísticas, sejam de natureza religiosa, filosófica e mesmo científica, determina abastardamentos psicológicos que levam à guerra as nações e a constantes lutas de interêsses os indivíduos, ao passo que a pesquisa básica desenvolve o sentido da cooperação, que sòmente pode manifestar-se em ambientes de paz: doméstica, social, internacional.

Com a aplicação a obras utilíssimas de paz (utilização dos desertos, irrigação ininterrupta de regiões assoladas pelas sêcas periódicas, ligação das redes fluviais, mecanização da lavoura, industrialização de inúmeros produtos, etc., etc.), dos imensos recursos de que dispõem tôdas as nações do globo, sejam de ordem técnica, financeira e econômica, ou digam respeito à abundância de suas matérias primas, para o que o engenho humano tem inventado máquinas de todo gênero e processos realmente dignos de admiração, a fome desapareceria da superfície da terra, as endemias seriam debeladas, tornando-se tôdas as doenças de fácil extirpação, graças a métodos de vida morigerados e virtuosos que a educação prodigaliza.

Em um prodigioso mundo, assim organizado, todos os homens sentiriam prazer em cooperar para que houvesse boa ordem em todos os serviços públicos e, quanto às ocupações particulares, de iniciativa individual, seriam desempenhadas com ânimo altruístico, de modo a que interêsse algum se julgasse ferido.

Uma extraordinária limitação nas exigências, hoje tremendas, devido à instabilidade social e ao satânico egoísmo que domina todos os espíritos, substituiria êsse afan de ganhar, seja de que modo fôr — e então, num clima de tranquilidade e confiança, a cultura, por uma boa educação inspirada incoercìvelmente, teria por objetivo alcandorado o conhecimento cada vez mais profundo das leis universais, emanadas da sabedoria divina, segundo as quais, apesar dos desesperos humanos e da desordem que reina entre os homens, executam-se os planos divinos com uma inflexibilidade notável, que sòmente não vêem os piores cegos, isto é, aqueles que não querem ver.

A técnica, portanto, conduz à pura Ciência — e esta orienta o espírito humano, no infinito oceano do Cosmos, como a bússola guia o nauta através do oceano, com a segurança de que necessita para chegar a bom pôrto.

E vale bem a pena estruturar sôbre alicerces de uma sólida educação moral e cívica, o imenso edifício do saber, porque assim êle nos abre largas portas à felicidade eterna, e à eterna volição da inteligência para estágios cada vez mais elevados, que o homem pode ir conquistando na indefectível hierarquia espiritual que não comporta, como as graduações hierárquicas da terra, artificialismos ilusórios e aberrações hediondas, que tanto têm feito sofrer as coletividades humanas, mesmo aquelas que se poderiam supôr isentas de tais flagelos pelo alto grau de cultura a que chegaram, infelizmente, materialista e afastada de Deus.

PESQUISA BÁSICA e PESQUISA TECNOLÓGICA, em suma, em vez de colidirem, devem unir-se estreitamente para que haja paz e felicidade na terra.

Arnaldo S. Thiago

Rio, Junho de 1959.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Escolhe, tu mesmo

Os materialistas negam a preexistência, a própria existência e a sobrevivência do espírito humano. Para êles a inteligência do homem é um estado ou disposição ou propriedade da matéria. Nada preexiste à sua formação no homem, como nada sobreviverá à morte do seu corpo, segundo a doutrina materialista. Afeições morais, cessam; laços de parentesco, rompem-se, pela morte, definitivamente. Os sofrimentos e as misérias morais não são explicáveis, nem dignos de compensação; o suicídio apresenta-se, então, ao materialista, como a solução lógica da dor irremovível. Inútil lhe será lutar para vencer suas imperfeições morais; sem razão lhe parecem os atos de amor ao próximo, os gestos de caridade. Êle crê que deve viver para si o melhor possível. Para que sacrificar o seu bem estar, contrariar as suas tendências, em proveito de alguém que será «nada» depois desta vida, tal como êle mesmo o há de ser? O bem e o mal, os deveres sociais, são uma estupidêz, inventada para contrariar o seu instinto de gozar melhor a vida; e a contenção social não passa de ação material da lei civil, a seu vêr.

A doutrina panteista ensina que a alma existe e é independente do corpo, como um princípio inteligente, espalhado por todo o universo, livre da matéria, o qual se pode individualizar em cada ser — apenas durante a vida dêste, e deve voltar à massa comum, pela morte, tal como voltam ao oceano as águas da chuva, que do oceano saem evaporadas pelo calor solar. Dêsse modo, sem a sua individualidade permanente e sem a consciência de si mesma, a alma, ou o ser real, é como se não existisse. O bem ou o mal, que praticasse, não teria conseqüências futuras para ela. Não valeria a pena, pois, sacrificar-se na prática do bem. É uma doutrina exatamente idêntica à dos materialistas, quanto às suas conseqüências morais.

A doutrina deista congrega duas ordens de crentes: deistas independentes e deistas providenciais. Os primeiros crêem que Deus estabeleceu leis gerais, que regem o universo; e que essas leis funcionam por si só, à revelia do seu autor. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que o Criador se importe de seu procedimento. Por isso mesmo, nada lhe devem pedir e, muito menos, agradecer, desde que Deus não se ocupa com elas. Os segundos, os deistas providenciais, crêem num Deus criador, não sòmente na sua existência como, também, em sua intervenção, incessante, na criação. Condenam, porém, o culto externo, o dogmatismo atual.

A doutrina dogmática prega a existência da alma, independente da matéria, uma alma criada para cada ser, conservando a sua individualidade depois da morte do seu corpo. Considera, entretanto, irrevogável a sorte da alma depois da morte da matéria que animou, fixada definitivamente, sem possibilidade de progressos ulteriores, permanecendo para sempre no mesmo estado intelectual e moral em que se encontrava quando cessou a vida física. Condenada ao inferno, se procedeu mal, aí eternamente permanecerá. Deus lhe recusa o direito do arrependimento e a possibilidade de reparar o mal que fez. Se procedeu bem, será premiada com a inatividade perpétua, com a indolente contemplação do céu, e com a extasiada imobilidade infinita à frente de Deus, em permanente estado de adoração. Esta doutrina estabelece separação definitiva e absoluta entre condenados e eleitos; justifica a inutilidade de socorros morais (preces, orações) às almas condenadas; aceita a criação de almas privilegiadas (anjos, arcanjos) isentas de passar pela encarnação (como as outras) para chegarem à perfeição, criadas especialmente para gôzo da bemaventurança; etc., etc.

A doutrina espírita veio provar, com fenômenos ou fatos irrecusáveis, a existência da alma individual antes de sua encarnação, isto é, a preexistência do princípio inteligente antes da matéria por êle animada; e a sobrevivência da alma individual, depois de cessada a vida do corpo. Constatou que o ponto de partida é o mesmo para tôdas as almas, sem exceção; que tôdas possuem idênticas possibilidades de progresso indefinido, sem privilégios ou favores, concedidos a umas em detrimento de outras; que os anjos são almas elevadas à perfeição pelos seus próprios esforços, depois de terem passado, como tôdas as outras, por todos graus inferiores; que as almas progridem mais ou menos ràpidamente à medida do seu trabalho, pelo seu livre arbítrio; que a vida espiritual é a normal, a eterna, a verdadeira, não passando a vida corporal de uma fase passageira, de um mergulho da alma na carne; que a alma progride tanto num estado como no outro, encorporada ou livre; que o estado de encorporação lhe é necessário, até que tenha alcançado um certo grau de perfeição, desenvolvendo-se pelo trabalho, a que a sujeitam as próprias exigências de vida nesse estado, e adquirindo, assim, conhecimentos práticos especiais; que, sendo insuficiente uma única existência corpórea para chegar a êsse relativo grau de perfeição, reencarna-se tantas vêzes quantas lhe forem necessárias, trazendo das reencarnações passadas e da erraticidade livre o adiantamento adquirido; e que quando adquiriu, neste mundo, ou no mundo de sua esfera, todo o adiantamento que nêle se possa adquirir, transmiga-se para outro mundo mais adiantado moral e intelectualmente. Nesse caminhar incessante chega a alma à perfeição absoluta, o estado de completa felicidade. A sua desgraça, o seu inferno nunca é eterno; e perdura, apenas, enquanto se obstina no mal, um estado de relativa duração.

O Espiritismo nos ensina, comprovando os seus ensinamentos com relatos fartamente autentificados por múltiplas experiências de eruditos e sábios experimentadores, em fenômenos espíritas de tôdas as categorias, que a nossa vida atual, feliz ou desgraçada, é a consequência das nossas vidas passadas, assim como a nossa próxima vida futura há de ser a consequência imediata da vida atual.

Escolhe, tu mesmo, leitor amigo, entre as cinco alternativas acima (a do materialismo, a do panteismo, a do deismo, a do dogmatismo e a do espiritismo) aquela que melhor te sirva de orientação.

Aleixo Victor Magaldi

Gentes de hoje e Doutrina Espírita

v. lirenedo

SE, de um lado estudarmos com raciocínio ativo, ponderadamente, para não dizer com carinho, com amor, a Doutrina dos Espíritos, os livros do Espiritismo Cristão que de contínuo nos surgem ditados por entidades do Espaço ou de autoria de encarnados, se, iniciávamos, de um lado estudar tais mensagens com raciocínio-ponderação e, doutro lado analisarmos e sopesarmos o comportamento sistemático e crônico das criaturas até hoje, o *modus faciendi* das sociedades hodiernas, mesmo a contragôsto chegamos a esta conclusão claríssima, até desconcertante: a humanidade está todavia fazendo um jus pequeníssimo à dádiva do Espiritismo codificado.

Veja-se, observe-se, tome-se o pulso do dizer, do fazer, do agir e reagir individual e coletivo, popular ou oficial, das pessoas e dos povos, e concluiremos cabalmente pelo mínimo do nosso reconhecimento, de nossa gratidão a que o Pai Divino e o seu Cristo nos ofereçam caridosamente tantas réstias de luz, nos brindem amorosamente com tanto esclarecimento transcendente.

Mas irmãos, em que dose, grau ou medida a humanidade absorveu ou está absorvendo a clareza, a racionalidade, a lógica, o equilíbrio, o sentimento, o idealismo sublime do Espiritismo Cristão? Da mensagem de consolação e advertência do Kardecismo, em têrmos gerais o que assimilaram ou estão assimilando a família, a sociedade, os povos, as nações? Partindo até de cada um de nós, mal e mal estamos querendo nos conhecer a nós mesmos.

A humanidade vai ainda desagradecida à dádiva religiosa-científica-filosófica do Espiritismo Cristão que é o complemento seqüente do Evangelho. As coletividades, como se mostram até hoje, provam seu pouco ânimo para saírem de dentro dos dogmas estacionários que, engolfados no sectarismo feroz, tresandam imediatismos e interêsses terrenos.

Como se estivessemos na Roma dos Césares, subsiste hoje o acomodamento coletivo ao dogmatismo artificioso, suntuário, aparatoso. Continua invariável a atitude de ministros religiosos, nas capitais e cidades interioranas; aquêle vício de olharem tão sòmente o título dos livros espíritas, recusarem folheá-los e pregar azedos contra êles nos templos a uma assistência que não vai aí para saber de pruridos sectários, mas assistência que sem mais ponderação aceita os argumentos ouvidos e mecânicamente se previne contra o Espiritismo E também recheio vai o intelectualismo de cérebros que não querem entender, de olhos que não querem ver, de ouvidos que procuram ouvir puerilidades repisadas para não registrar reclamos a perquirições mais exigentes, *verticais*.

Por isso, nas escolas, nas salas de conferência, letrados espraiando o seu academismo clássico externam claramente o próprio ceticismo religioso, a sua incredulidade espiritual; elogiam autores materialistas e tecem ironias ferinas à realidade espiritista. E os novos que nesses colégios da cultura deveriam beber da água viva do Cristo, bebem, sim, coitados, tais venenos densos como se jorrassem êles pròpriamente das fontes da sabedoria. E gerações novas, deseducadas no lar, sem religiosidade que as norteiem firmemente, que as amoldem espiritualmente na contenção, com mentores escolares sectários, descrentes ou sofistas, essas gerações eclodem numa juventude transviada de hoje que será a maturidade possìvelmente falha de amanhã e a velhice possìvelmente falha de depois de amanhã.

Considere-se que o Evangelho nos foi legado há quase dois mil anos e que a Terceira Revelação há já um século. As gerações velhas se pejaram de erros e de culpas graves, e as gerações atuais estão também em erros e culpas, vão indo responsáveis espiritualmente para erros maiores e culpas maiores. Velhos foram substituídos por novos na tirania política, no facciosismo religioso, nos monopólios que imantam sôbre a terra a fome coletiva crônica, nos sistemas anti-econômicos que elevam o custo do viver, no uso e abuso de uma justiça de dois pesos e duas medidas, na técnica dos pronunciamentos armados que em sangue tiram do poder um partido para colocar outro partido, na ultra-criminosa indústria bélica para a guerra fria e quente. O panorâma é velho e prossegue ampliando-se dentro da leviandade, da irresponsabilidade. Dos púlpitos do tradicionalismo dogmático exacerba-se o combate ao Espiritismo codificado ao envés de aí convidar-se a assistência para que o estude e o analise e depois o julgue livremente. Maiorais das academias da cultura, da Ciência, que não entram nesse combate obstinam-se por outra em não tomar conhecimento do Kardecismo, levando a que agremiados menos cautos, de menos boa vontade os imitem inteiramente na prevenção descabida, absurda. Tantas inteligências deviam já haver compreendido mas não querem compreender que a descrença é esterilidade onerosa hoje e amanhã, que a verdadeira espiritualidade se degrada e decompõe justo nas crenças de exteriorização e na algidez do cientificismo. Aí estão no mundo de hoje as atitudes mais primitivistas, as ações menos cristãs, menos evangélicas — aí está a crescente misturada de bombardeiros e canhões, de mil engenhos mavórticos ultra-potentes cujo custo vai a cifras astronômicas. Mas, gravíssima é uma realidade: êstes cérebros encasulados no dogma, na ciência cética, na política demagógica, na negação espiritual, na jurisprudência que pune com a morte, na técnica e estratégia dos massacres maiores e mais rápidos, êstes cérebros se formaram e se vão formando quando as sublimes claridades da Terceira Revelação incidem sôbre o orbe há um século já. A estagnação se patenteia criando e infirmando o sombrio. Afirmou-se mesmo, algures, que as gentes do terceiro milênio estarrecidas ficarão ao simples mencionar de apenas algumas atitudes e idéias das gerações atuais. Ah! se nos compenetrássemos de quanto nos custará esta obstinação na má-fé, no comodismo, na descrença, no imediatismo, na anti-fraternidade! Quão felizes os que compreendem a importância do seu HOJE em relação ao seu AMANHÃ.

A humanidade há quase dois mil anos já assim desagradecida, recalcitrante ao Evangelho não receberia mais um capítulo de luz intensa como o Espiritismo codificado não fôra a infinita bondade do Pai Divino. Há por aí fortes e amplos detalhes que parecem agravar-se dia a dia provando o desagradecimento das gentes a tanta benesse espiritual. O que não seria dêste planêta não fôsse a misericórdia do Alto que não cessa de operar em nosso benefício apesar de todo demérito, de nossa obstinação na indiferença, no êrro e malfeitorias, no delinqüir velado ou flagrante, particular ou coletivo? Fácil imaginar a que sabidismo animalizado teríamos chegado se nos minguasse a bondade suprema de Deus transfundida poderosamente, tão poderosamente nas Suas Revelações à Terra. E a rejeição dessas luzes significa débito enorme contraído conscientemente — é o que precisamos entender com tôda urgência.

Confusão Ubaldiana

O segundo ponto anotado pelo Prof. Joviano Tôrres, na pág. 31 da revista «Kabala» n.º 50, de setembro dêste ano, diz o seguinte: «Referindo-se à matéria e à energia, o Prof. Caramaschi persiste na mesma *confusão ubaldiana que a crítica denunciou*». O destaque é nosso.

Então é certo que a crítica denunciou a confusão ubaldiana, na qual, teimosamente, continuamos incorrendo. Mas quem fêz a crítica denunciando esta confusão? Foi o ilustrado Prof. Tôrres, não só nos três artigos seus, saidos na «Kabala», como ainda em sua «Totalidade e Sociologia». Porém em que se fundamentou o Prof. Joviano, para fazer esta critica? Quais os argumentos que trouxe? Quais as fontes cientificas ou filosóficas em que se fundamentou?

O Prof. Pietro Ubaldi, ou «Sua Voz», por meio dêle, para escrever «A Grande Síntese», usou o método indutivo empregado pela ciência. Partindo, sobretudo, da matéria, erigiu o seu sistema sôbre colunas de fatos, pelo menos, fatos aceitos pelos homens de pensamento, aos quais se dirigiu afim de os levar para o espírito e para Deus. «Deus e Universo» veio depois como uma simples *hipótese de trabalho*, visto que quem não pode provar, não deve afirmar dogmàticamente. Assim procedeu e procede Ubaldi.

E o Prof. Joviano Tôrres, como fêz e faz? Dogmatiza, apresentando as *suas verdades* como infaliveis. Não se fundamenta em coisa alguma, além de si mesmo.

O prezado Prof. Tôrres, em certa parte, diz: «Como tem sido aqui fartamente anunciado» (TS. 506). Mas não provado em nenhum lugar o que anuncia, nem científica, nem lógicamente...

Noutro lugar está: «A verdade cósmica que constatei» (TS. 507). Constatou? de que modo? por quais meios? Constatou por meio de visões... E se essas visões forem alucinações visuais positivas de sonâmbulo?

Noutro passo êle nos diz « — já o asseverei sem rebuços»... (TS. 508). Asseverou sem rebuços?... Pois bem: então nós asseveramos sem rebuços que o negócio é diferente do que diz o Prof. Joviano. Porque? porque sim!...

Mais além: (— já o sustentei, anteriormente)»... (TS. 509). Sustentou, mas, não provou nada; pois não sendo para provar o Sr. Brederodes sustenta exatamente o contrário, visto que também tem suas visões. O que a Sancho Pança parecia simples bacia de cobre reluzente, que um barbeiro punha à cabeça, para resguardar-se da chuva, a D. Quixote era elmo de Mambrino, pois, «tinha isto de si: quantas coisas via, logo pelo ar as acomodava às suas desvairadas cavalarias e descaminhados sonhos» (Cervantes, D. Quixote, Clássicos Jackson, VIII, 152). Os Sanchos sempre seguem os Quixotes, embora não vejam, aquêles, o que êstes enxergam...

Prosseguindo, declara o Prof. Tôrres: « — tudo é ilusão — desde a ilusão efêmera e momentânea da matéria, até a ilusão multimilenária do espírito!... » (TS. 517). Ora, se o espírito (alma) é um pingo de amor (TS. 514), então êsse pingo de amor é ilusão. Mas êsse pingo de amor, que é o espírito, é fagulha divina, procedente de Deus; logo a fagulha divina é ilusão; e se é ilusão a fagulha, promanada da fonte, também o é a mesma fonte. Como esta fonte é Deus, segue-se que Deus é ilusão, ou uma «realidade» que cria ilusões e nadas, o que vem dar no mesmo. Por conseguinte a suprema Realidade é Ilusão suprema, donde vem que tudo é ilusório, porque procede da Ilusão máxima, participando, como criado, dos atributos da fonte. De outro modo: o espírito é uma ilusão multimilenária (TS. 517), e «Deus é *Espírito*» (TS. 601). Logo Deus é ilusão.

Noutro lugar, escreve o Prof. Tôrres: «Tudo é muito científico, no fim de contas, como estamos vendo. Não há mistérios. Há saber crescente...» (TS. nota 93, pág. 517).

Se o saber é crescente, quer dizer, progressivo, então, o mistério existe sempre, e se acha para frente, na zona do ignoto. Como, portanto, não há mistério?... e «tudo é muito científico»? onde, a ciência?... «Como estamos vendo»? mas quem está vendo?

Mais além: «Não se trata de meros estados da substância, mas de substâncias distintas, já foi repetido e assentado a valer...» (TS. 535). «Foi repetido e assentado a valer...», mas não provado em nenhum lugar por meio de um encadeamento lógico.

Avançando mais, declara o Prof. Joviano: «...a lógica cosmocêntrica ainda não foi formulada... Daí é que decorre a lembrada necessidade de confiança e crédito na palavra do revelador...» (TS. 582). Todavia é axiomático que quem vai fazer alguma coisa, primeiro cuida das ferramentas. Se os instrumentos do trabalho não existem, preciso é, primeiro, criá-los. Esta conclusão é inexorável. E para edificar um tão grande sistema, como pretende o Prof. Joviano, para o que seria necessário, segundo suas próprias palavras, de uma lógica de três centros ou cosmocêntrica; como é que o ilustrado Prof. saiu a edificar, sem as ferramentas do serviço? Como saiu a campo, como Golias, à frente dos filisteus, trazendo pesadas e grossas armaduras, já de muito absoletas, que se chamam *dogmas, fé cega, «confiança e crédito na palavra do revelador»?* De que valem tantas couraças e armaduras, se a testa (razão) está descoberta, vulnerável, pelo que se pode fazer tiro nela com as pedras da lógica, usando a danosa funda da dialética? Quer dizer que tudo o que o prezado Prof. disse até aqui, está na dependência da «confiança e crédito na palavra do revelador...»? Então todo o seu edifício se assenta sôbre a fé cega que todos hão de ter na sua pessoa? Será que o ilustrado Prof. não enxerga que isto é um absurdo? E quem propõe o absurdo, por fundamento da verdade, acaso não será um alucinado? Seria que as muitas letras o fizeram delirar, como cuidou Festo, de Paulo, quando disse a êste: «Estás louco Paulo!» (Atos 26, 24).

Êste último pensamento nosso não está destituido de base, porque, logo a seguir, espiolhamos da obra do Prof. o ponto que diz: «A questão humana, no campo da compreensão, não é, porém, de nenhum modo, uma questão de matemática, de geometria, de aritmética ou mesmo de lógica: é questão de fé, de confiança, de crença, de consciência» (TS. 582).

Pronto! exatamente como dizíamos. Basta só a docilidade, para o Prof. Joviano meter o cabresto. E é para espiritas confessos e ufanos de sua fé esclarecida, que pretende o Prof., simplesmente, sem mais aquela, impingir a sua fé cega? fé na autoridade de revelador? e revelador porque revelou que o é? Audaciosas afirmações são nada neste nosso século de racionalidade e de ciência. Ora, esta é boa! «a questão da compreensão é uma questão de fé». Aquêle que crê, compreende. Basta crer, que isto é já compreender. Todos os beatos e crédulos compreendem, simplesmente porque crêem... Todavia o Prof. Joviano esqueceu de definir o que seja a fé, e explicar em que se deve crer... e se fôr em sua obra, porque?

Tocando por diante deparamos com o ponto que diz: «Do ponto de vista médiúnico, todo êste trabalho poderá, entre os adeptos do Espiritismo, ser considerado uma *comunicação espírita*, com esta diferença apreciável: não é fornecida por um espírito desencarnado, através do médium; é dada por um espírito encarnado, plenamente consciente de seus atos e objetivos...» (TS. 590/591). Dêste modo tudo é mediunismo e *comunicação espírita*, porque, tôda obra, *sem nenhuma exceção*, «é dada por um espírito encarnado, plenamente consciente de seus atos e objetivos...» Logo, tôda a obra do Prof. Ubaldi e êste escrito nosso são trabalhos mediúnicos. Nós somos médiuns de nós mesmos. Nosso espírito se comunica por meio de nós, donde vem que êste escrito metacrítico é uma revelação que fazemos ao mundo, visto que somos o médium, e, ao mesmo tempo, o espírito comunicante. Como se chama tudo isto, senão, balbúrdia? Onde foram parar os sentidos das coisas?

E prossegue o Prof. Joviano: «Até o presente, os espíritas tiveram comunicações de espíritos desencarnados, privados do corpo físico, utilizando-se do aparêlho fisiológico do *médium*. Estou, precisamente, inaugurando outra forma de mensagens espíritas, agora oriundas de espíritos ainda e justamente para êste fim revestidos de um corpo material e convivendo normalmente com a gente do mundo...» (TS. 591). Como se vê, neste ponto o Prof. Joviano se passa, a si mesmo, o atestado de missionário. Por um pouco não nos declarou, também, que tem corpo fluídico. Mas não tem; felizmente êle não passa de um comedor de feijão como todos nós... ou mais comedor até, em razão do que se sente gigante entre pigmeus, leão entre ovelhas, falcão entre pardais. Dizem que, por causar êstes danos, o feijão nasce de mãos postas, num gesto, antecipado, de penitente.

Todavia, querendo-se autorizado, declara: «E (repito-o, sempre) nada disso foi inventado... Nada nasceu de mim...» (TS. 623). Como não? se o Prof. Joviano inaugura êste novo tipo de comunicação espírita, de espírito encarnado?

«Nada disso resultou da imaginação ou da tendência pessoal...» (TS. 623). Todavia quem controlou o processo? Como estariam errados os outros fazedores de sistemas, se declaram ter tido experiência idêntica? Não seria alucinação visual de sonambulo, a tal cosmovisão? Se «não resta dúvida...», para o Prof. Joviano, que «Deus é um Grande «Mago» (TS. nota 96, pág. 538); se não lhe resta dúvida que o *Universo-Efeito* é completamente separado do *Deus-Causa*, tendo vindo, tudo o que vemos, do *nada absoluto*, por um passe de mágica; que muito é que o Prof. Tôrres esteja hipnotizado, alucinado, sonhando ver o que não existe? Se a mágica se fizer desinteressante, o Grande «Mago» poderá, entediado, bater palmas e dizer: está bem; basta... Dito isto tudo retorna ao nada de onde veio...

Buscando explicar sua missão, diz o Prof. Tôrres: «Tudo se passa como se o Cosmos, chamando-me, me houvesse mostrado tudo, dizendo: «Esta é a verdade; vai e transmite-a aos homens daquele mundo que vês (TS. 623) lá em baixo, mergulhado na sombra e no conflito»... E eis que de fato vim... E aqui estou, realmente, escrevendo a Nova Bíblia da Humanidade, com expressa autorização dos poderes centrais do Cosmos... Poderão duvidar do que digo... Mas não duvidarão com base alguma ponderável...» (TS. 624).

Agora isto está certo... perfeitamente certo. Nós o confirmamos plenamente... Mas acontece que, depois que o Prof. Tôrres partiu para o reino do esquecimento e da matéria, o Cosmos nos chamou de parte, e nos disse: «Vai atrás do Tôrres, porque, na certa, êle vai se esquecer de que tôda a reforma, em base do esclarecimento, se há-de fazer com amor e compreensão, e não com violência: a fôrça não convence, nem mesmo a intelectiva, pelo que o adversário, às vêzes, sai derrotado, confundido, porém, não convencido, convertido. Para o fim desta grande reforma no mundo, mandei também Pietro Ubaldi, para operar na camada culta, e Alziro Zarur, para falar aos proletários. Vai, pois, atrás do Joviano, como te digo, e fica lá no teu pôsto observando. Se com ser capricorniano ou capro, o Joviano começar a espirrar, a cheirar forte e a empinar, tu que és ariano, dá lhes umas boas cabeçadas, que para tanto tens fina a sátira e vigorosa a lógica. Usa os conhecimentos que acumulaste na tua alma através das idades transactas... Emprega a mesma técnica ariana, pois, que és carneiro velho e forte. Se tiveres que lutar, não te esqueças de como sempre o fizestes: afasta, corre, torna-te numa bala, e marra com o ariete danoso da cabeça (lógica), já mesmo na base ou alicerce... Preciso é acelerares a massa do corpo a tal ponto, multiplicando-a pela velocidade, que se deres u'a marrada na testa de um touro afundá-la-ás... A missão do Joviano é a de revelar para os que têm fé e crêm... Para falar à racionalidade cética e à ciência sem fé, mandei, já, Ubaldi. Se o Joviano se exobitar desta sua missão, pretendendo combater e destruir, mete-lhe tu, a cabeça, que para isto a tens dura e enrijecida pelos séculos sem conta . . . Mas carneiro não briga à toa, pelo que te digo: fica, lá, no teu posto, observando . . .» Isto o Cosmos nos disse, falando-nos à parte. «Poderão duvidar do que eu digo . . . Mas não duvidar com base alguma ponderável . . .»

* * *

Depois de tudo isto, qual o valor que se deve dar às palavra: «*confusão ubaldiana que a crítica denunciou*»? Que substância pode ter tal crítica de vento e que, por isso, pode ser «ventilada»? *Todo o sistema torresano se fundamenta na fé e crédito que hão-de ter* os *homens nele, e nas coisas que êle diz.* Esta é base da tôrre contra a qual se há-de meter a cabeça. Por isso o Prof. Joviano, se quiser falar aos homens de pensamento, terá, primeiro, de provar:

a) Que suas visões não são alucinações visuais, positivas, de sonâmbulo lúcido, muito nossas conhecidas em nossos estudos hipnológicos.

b) Porque estarão errados os outros videntes, os da Índia, por exemplo, se vêem coisas diferentes?

c) Porque é o Monismo, e não o Dualismo, que alicerça as maiores religiões da Terra?

d) Admitido que o Prof. Tôrres viu, como saber se interpretou corretamente o que viu, dado que *ver não é compreender*, e tanto que qualquer animal inferior vê o mundo que o cerca, sem, contudo, entender?

e) Com que autoridade um sonhador de sonhos e quimeras poderá alegar que a construção *lógico-matemático-científica* de um pensador é ilusória ou falsa?

Eis os pontos a serem «ventilados», pelo distinto Prof. Joviano Tôrres, em vêz de pretender arremeter-se contra uma edificação lógica, racional, exata, como «A Grande Síntese», com audaciosos discursos de vento, visto que apoiados na fé cega que pede de quem o lê.

Luiz Caramaschi

Piraju, 23 de outubro de 1958.

Crônica Estrangeira

Uma boa lição

De «Reformador»

Extraímos de «L'Echo de la Mode» (n. 37), sob o título: «Gato... e cão!» este emocionante relato que nossos leitores, amigos dos animais, muito apreciarão.

«Um habitante de pequena aldeia da Mosela ficou indignado com seu gato por ter êle cometido certa diabrura, de que, no momento, não me recordo qual tenha sido. Irritado, encerrou o gato em um saco e lançou-o ao mar. Meia hora depois viu, com espanto, seu cão — porque êle também possuía um cão — empurrar a porta da cozinha e entrar conduzindo, entre os dentes, o gato, todo molhado e com vida. O cão, não satisfeito de salvar a vida do bichano, que nós consideramos seu inimigo racial, estraçalhara o saco para que êle pudesse respirar melhor.

«Em breve todo o país veio a conhecer essa história, que, aliás, deu margem a muitos comentários. Êsse senhor, um tanto confuso, em face da lição que lhe dera o cão, bem mais generoso e magnânino que êle, perdoou ao gato e espera que êste também lhe tenha perdoado.

Como vemos, as coisas seriam melhor neste mundo, se os homens, em certos casos, seguissem as lições dos animais e da Natureza». — *(Sylvie).*

O Fantasma Brincalhão

«Estudos Psiquicos»

A Agência portuguesa ANI distribuiu um telegrama de Selsley, Inglaterra, que transcrevemos:

«Quem desejar umas férias agradáveis e emocionantes não tem mais do que alugar a casa de campo de Charles Quick, onde existe uma fantasma brincalhão e amigo de ajudar nos pequenos trabalhos domésticos, tais como dar corda aos relógios ou arrumar a louça nos armários. Quick garante que Peter (o fantasma) é absolutamente inofensivo e as palmadas que às vêzes dá, de bricandeira, não aleijam ninguém, antes pelo contrário».

Ainda há quem diga bem dos fantasmas. Dizer mal dêles é dizer mal dos homens. Cada um de nós se apresenta como é, com sua indole, sua inteligência ou temperamento. Isto faz parte do espírito e a mudança de ambiente não altera aquelas qualidades.

Muitos não dão pela morte. Aferrados à terra, densificados e quase materializados, entretêm-se com frioleiras, como essas do telegrama. Outros são menos pacientes. Fazem distúrbios. Estilhaçam vidros, abrem e fecham portas e janelas, deitam louça ao chão, rasgam cobertores, etc., quase sempre para que notem a sua presença e cheguem à fala com êles. Quando desabafam, abandonam o local e tudo volta ao que era dantes.

Os espíritos são almas desencarnadas. Para que se há-de ter mêdo delas? Em cada segundo muitas encarnam e muitas se libertam. E nós todos pertencemos ao número das que vieram e aguardam a partida. Então seremos fantasmas como êles, conforme o nosso grau de evolução espiritual.

Não se riam dos fantasmas. Elevem um pensamento em sua intenção e saibam que o nosso mundo é semelhante aos outros. A solidariedade é universal.

«O meu corpo foi devorado por lôbos há mais de mil anos», disse o Monge através do menino corista

De «Two Worlds»

Um Monge descreveu, através de um corista de 13 anos, o modo por que seu corpo foi devorado por lôbos, há mais de 1.000 anos atrás.

Falando com intonação profunda, nobre e cultural, não obstante usar a laringe trêmula de um menino, o Monge modulou:

«Eu sou o guia do menino. Tenho estado com êle desde seus três anos. Com êle permanecerei até sua vinda para o meu mundo. Eu fui um Monge e pertenci ao grande Cuthbert, um dos fundadores do Cristianismo na Inglaterra nas Eras Escuras. Naqueles dias a Inglaterra era selvagem e bárbara.

Sepultado sob Pedras

«Eu morri perto da pequena povoação de Yorkshire em 678. Era rigoroso o inverno. Meus irmãos não puderam sepultar meu corpo, mas o cobriram com pedras. Então vieram os lôbos famintos e me comeram. Eu os observava».

Os presentes à reunião das Igrejas Fellowship para Estudo Psíquico, em Westminster, na semana passada, ouviram o dramático relato lido por um homem da igreja, êste pertencente ao século 20, J. D. Pearce-Higgins, Vigário de Putney. Pearce substituia o Rev. A. W. Jackson, que, devido à moléstia, não poude transmitir o relato.

Jackson, um vigário de Yorkshire, descobriu entre seus meninos do corpo coral, um médium natural de 13 anos de idade.

Êle notou que o menino era sonhador e abstrato, e mais tarde parecia ver e falar a pessoas invisíveis.

«Sonho Estranho»

O menino afirmou que sua mediunidade começou quando êle foi dormir debaixo de uma cêrca. Nessa ocasião teve «estranho sonho» em que estava de pé, fora de seu corpo e via homens andando em volta «vestidos com hábitos castanho-pretos».

Desde então êle sempre vê os espíritos—mais tarde identificados, especialmente pela tonsura, em forma de meia lua, (característica do corte de cabelo dos celtas no sétimo século) da Ordem Celibatária do Norte — todos mortos há mais de 1.000 anos.

Com permissão dos pais do menino, Jackson concorreu para desenvolver sua mediunidade. O transe e escrita automática foram acrescentados à clarividência e clariaudiência. O comunicante chefe, Bispo Clarence, afirmou que o objetivo da volta dos Monges, era «influenciar a terra a reconduzir a Igreja para a glória primitiva».

«Uma Janela»

Outro comunicante disse que o extraordinário poder mediúnico do menino era semelhante a uma «janela para dentro do vosso mundo». O Rev. Jackson acrescenta que, quando o menino estava em transe era mais parecido com «possessão de espírito», do que contrôle espiritual...

Eram êsses os únicos comunicantes desaparecidos há mais de 1.000 anos?

Certamente não eram só êsses. Um Congregacionalista, ministro, afirmou à congregação que êle conhecera o menino antes do desenvolvimento da mediunidade. Depois o Rev. esteve em comunicação com sua própria mulher «morta», que usava a mão do menino para escrever mensagens, em sua escrita manual, que lhe era característica e própria, referente a coisas sòmente por ambos conhecidas.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Semana Espírita Cairbar Schutel

(16 a 22/9/1959)

A fim de comemorar o 91.° aniversário de nascimento de Cairbar Schutel, a Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, promoveu uma semana de conferências e palestras alusivas à vida e à obra daquele infatigável obreiro da seara de Jesus, reunindo na semana compreendida entre os dias 16 e 22 de setembro findo, figuras expressivas dos círculos espíritas brasileiros.

*

Inaugurando as solenidades, transladou-se a Caxias o deputado Romeu Campos Vergal, acompanhado de sua Exma. espôsa e filho. A Casa de Cairbar, na vizinha cidade fluminense, ficou repleta para ouvir a brilhante palestra do visitante que, com a sua palavra simples, encantou a quantos ali acorreram ansiosos de saber.

Notou-se a presença de representantes de tôdas as casas espíritas da cidade, do vereador José da Silva Barros, Presidente da Câmara Municipal, assim como de numerosos convidados.

*

No dia 17 foi conferencista o confrade Deolindo Amorim. Além de exaltar a obra grandiosa de Cairbar, teceu minuciosas considerações sôbre o problema da evangelização e da educação para a reforma do homem a quem falta, fundamentalmente, humildade para aceitar as verdades de Cristo e dessa forma conquistar o equilíbrio moral suscetível de estabelecer a compreensão e a paz.

Orando com aquela inspiração e fluência de todos admiradas, Deolindo Amorim poderia, se houvesse desejado, prolongar sua conferência, tal o interêsse e o magnetismo de sua palavra.

*

Manoel Max das Dôres, foi o orador do dia 18. Representando a União Espírita de Duque de Caxias, abordou com profundidade e elevado senso analítico, os problemas espirituais do momento, fazendo sentir a necessidade da purificação da mente para que o homem não tenha de buscar fora de si o Mestre Jesus.

Criatura experimentada e vivida, por isso mesmo de visão ampla, soube conduzir seu raciocínio com a leveza dos que sabem tocar os corações com palavras que vão direto ao alvo, tal a objetividade com que aborda as questões do espírito.

*

D.ª Ilva Tavares, voz esclarecida da mulher espírita brasileira, falou no dia 19. Sua palavra vibrante e clara teve o condão de realçar a oportunidade do conclave e o papel reservado aos espíritas na recuperação moral do homem, a partir da evangelização do lar.

A palestra se embalsamou de profunda emotividade e comoveu tanto que o auditório chegou às lágrimas, tal a sinceridade e o enlêvo com que tocou e ressaltou o lado nobre e bom da criatura.

*

A palestra do dia 20 esteve a cargo do ilustre dr. Osmar de Carvalho Silva, companheiro de Alziro Zarur, na Legião da Boa Vontade. Como deferência ao Centro Espírita Thiago Apóstolo, a palestra realizou-se em sua sede, onde se aglomeraram mais de 3 centenas de pessoas. Discorrendo sôbre o aspecto científico da Doutrina e entrelaçando o tema com a questão do homem na sociedade, chamou a atenção para o papel dêste como elemento de aperfeiçoamento moral para alcançar a divindade.

*

A conferência do dia 21. esteve sob a responsabilidade do general Milton O'Relly de Souza. Como das vezes anteriores, a Casa estêve repleta, desta feita com avultado número de representantes dos centros espíritas de Caxias e do Distrito Federal. Era a palavra esclarecida e apreciada que ali se fazia éco, mais uma vez propugnando o encaminhamento e a educação da juventude para a seára do Cristo. Era a análise fecunda e eloquente de uma inspiração e uma inteligência cintilante a serviço do bem e da divulgação da Doutrina.

*

A sessão de encerramento — no dia 22 — dia de CAIRBAR, coube ao confrade Ademar Duarte Constant. Secretário Geral e um dos fundadores da Associação Espírita Cairbar Schutel.

O orador levantou a biografia de Cairbar Schutel, ainda inédita em Duque de Caxias e o fêz quando a acorrência do público era maior. Discorreu minuciosamente sôbre a existência do espírita N. 1 do Brasil e recapitulou sua vida a partir da infância até o desencarne.

O interêsse despertado pelo estudo então realizado foi tão grande que entidades congêneres resumiram os trabalhos de suas casas, nêsse dia, para conhecerem a vida e a obra do grande obreiro de Matão.

Dêsse modo, encerrou-se com êxito a semana de Cairbar, em Duque de Caxias, onde o espiritismo ganha terreno e se destaca pelas obras redentoras que vem realizando.

Ademar Duarte Constant
Secretário Geral.

Rio, Setembro de 1959

A Concentração dos Mocidades Espíritas de Campinas

Ainda a propósito da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e do Estado de S. Paulo, a realizar-se em Campinas, entre 14 e 17 de abril de 1960 recebemos comunicação de que a 25 do corrente mês de outubro terá lugar, naquela cidade, a 2.ª previa da XIII Concentração com a presença de Jacob Holzmann Netto o jovem e inspirado orador espírita que reside em Curitiba.

Nessa previa haverá, pela manhã, recepção aos jovens visitantes, e, à tarde, às 14 horas, reunião para debate e programação das atividades da XIII Concentração. À noite, parte artística e a seguir conferência por Jacob Holzmann Netto.

Semana Espírita em Pinheiral

Segundo programa que nos foi enviado, pelo confrade Bernardo Honorato, de Pinheiral, mais uma Semana Espírita teve realização nessa cidade, levado a efeito pelo Centro Espírita Allan Kardec «Luz e Amor», entre os dias 20 e 27 de setembro último.

Foram oradores oficiais, nas solenidades realizadas, os seguintes confrades: no dia 20, o dr. João Carlos Moreira Guimarães, do Rio de Janeiro; dia 21, Pedro Jacinto; dia 22, d. Josefa Lustosa; dia 23, Sebastião Lasneau; dia 24, José Arneiro; dia 25, Jaques Aboab; dia 26, um jovem de Niterói e dia 27, Newton de Barros, de Nova Iguaçu, encerrando as festividades.

Todos os oradores versaram temas deveras interessantes, sendo muito aplaudidos.

MOÇO ESPÍRITA !

Prepare-se, desde já, para participar ativamente do Torneio Evangélico, Trabalhos Doutrinários, Concurso de Oratória, de Música e de Peças Teatrais que fazem parte do programa da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de S. Paulo, a ser realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960

Para melhores informações escreva ao Conselho Diretor: Rua Irmã Serafina, 671, Campinas, S. P.

Para conhecer o espírito do cristianismo em sua pureza primitiva, é preciso conhecer o Espiritismo, porque é esta a única Doutrina que tem autoridade para esclarecer as criaturas em espírito e verdade, de acôrdo com os ensinos de Jesus.

Lucipaz.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 90,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Fonte Viva
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPIRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPIRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3510unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1959 – N. 10

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O que significa a Morte? . . . . — *Redação*
Filosofia da História — Os Fins não justificam os Meios . . . . . — *Carlos Imbassahy*
A Angústia do Viver . . . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
«Experiências» na Televisão . . . . . — *Deolindo Amorim*
A Federação Espírita Internacional e seu órgão . . . . — *Cícero Pimentel*
Artilharia Cósmica da Terra ataca a Lua, ameaçando Vênus e Marte . — *V. O. Casella*
Abraham Lincoln e o Espiritismo . — *Clêmens*
Memórias de um Espírita Baiano . — *Leopoldo Machado*
Deus não marca ninguém . . . . — *v. lirenedo*
João Custódio Machado . . . . — *Ismael Gomes Braga*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Bibliotéca Espírita «Braille» Liberal Del Picchia . . . . — *Henrique Conde*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 80,00, e mais Cr $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

CONFORME a tradição de mais de 50 anos, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, mais uma vez, vai realizar êste ano o Natal dos Pobres, aqui instituido, por Cairbar Schutel, para festejar cristãmente a data do nascimento de Jesus.

Como nos anos anteriores, essa solenidade constará de distribuição de gêneros alimentícios e roupas aos necessitados e desprotegidos com o fim de ajudá-los a passar o Natal com alguma alegria, sentindo a solidariedade de todos os homens de boa vontade e de espírito caridoso.

Contamos, para tanto, com a colaboração geral de tôdas as criaturas de coração bem formado, no sentido de prestarmos homenagem a Jesus, auxiliando os pobres e humildes, que o Mestre sempre distinguiu com a sua proteção.

Assim é que estamos nos dirigindo a todos os amigos, de alma caridosa, solicitando a sua contribuição para a festa do Natal dos Pobres, que poderá ser enviada em dinheiro, ou em gêneros, tecidos e roupas.

A Comissão agradece antecipadamente e pede a Jesus recompensar a todos os que responderem ao seu apelo.

Matão, outubro de 1959

A COMISSÃO

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Leticia M. Olson
Dirce da Rocha B. Mariani

Zélia da Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Edni Gonçalves
Donata Casadei de Oliveira
Jurací Pedro
Dalva Damazio

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1959 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O que significa a Morte?

No decorrer dos séculos, a morte tem sido o enigma tétrico das gerações, o «Anjo Negro» que tem apertado o homem entre suas garras geladas. Em volta dela a ortodoxia teceu um manto de superstições, denegrindo o seu sentido, afirmando ser ela a conseqüência do *pecado original* — o primeiro homem desobedeceu, há seis mil anos, uma ordem divina e Deus o ferira de morte. Veio depois outra cogitação teológica igualmente fundada sôbre conjeturas, o complicado plano da redenção para reintegrá-lo na graça perdida. A seguir apareceu o batismo para apagar o pecado original, mas a maldição *(morte)* persiste e, apesar de tôdas as esperanças de certa imortalidade, permanece o fato de nada infundir tanto pavor à humanidade como a morte e os cemitérios continuam a ser os lugares mais banhados de lágrimas. Todos têm horror ao Titan invencível e ninguém escapa à sua vinda. Daí, a ânsia de afastar, a todo transe, êsse momento, além dos limites naturais. Napoleão já dizia: «Os padres e médicos tornam a morte dolorosa». E Bacon escreveu: *«Pompa mortis magis terret quam mors ipsa»*.

Tratemos, pois, de encarar a morte como ela realmente é, despida dos terrores da imaginação.

A existência terrestre não passa de uma etapa na longa via evolutiva. O espírito é imortal, existiu antes da vida física e continuará a existir depois da dissolução do corpo.

Para que o espírito possa agir no plano material, êle se apropria de um instrumento, de um veículo de expressão que lhe permite entrar em contato com o ambiente material.

Entre espírito e corpo material há um liame intermediário, sem o qual não haveria reação mútua — o perispírito, corpo etérico ou corpo espiritual de São Paulo.

O homem terrestre é um ser dual, possui um corpo espiritual que interpenetra o material. Os dois são animados pelo mesmo espírito, um é a duplicata do outro, pois são ambos a expressão do mesmo espírito mas os defeitos, deformidades que o material venha a adquirir no curso de sua jornada terrestre, não se reproduzem no perispírito, que também não está sujeito à decadência e decrepitude, mas conserva seu meio têrmo normal durante tôda eternidade.

Aqui temos, portanto, o corpo em duplicata, o material e o etéreo, o primeiro transitório, permanente o segundo.

O corpo etéreo, ou perispírito, se ajusta ao futuro estado de existência, como o nosso corpo material se adapta à vida terrestre, de modo que êste último é impróprio à manifestação do espírito em o mundo espiritual (o que está de acôrdo com São Paulo—«a carne e o sangue não herdarão o reino do céu»). Êsse outro médium de manifestação não é um ser vaporoso ou coisa não substancial, mas muito real e efetivo, apesar de escapar à apreciação dos nossos sentidos físicos.

A jornada terrestre é acidentada, a luta é árdua e chega um momento em que o instrumento se desgasta, tornando-se impróprio ao prosseguimento da vida ; dá-se a ruptura de relações entre perispírito e corpo material, e rôta a conexão entre a matéria física e o elemento psíquico, sobrevem a partida do espírito — a morte.

A morte separa o espírito do corpo, desliga o psíquico do material e aquêle continua naturalmente a agir em outro plano, por meio dêsse outro veículo de expressão eterna — o perispírito, mas êste já não é perceptível aos nossos sentidos físicos, que só vibram de harmonia com estímulos mais grosseiros.

A morte não é extinção, mas simplesmente uma subtração à nossa vista. A vida é infinita, o espírito que chega ao fim de sua jornada terrestre, não concluiu a sua evolução. Pouco valeria a perfeição se a virtude e o desenvolvimento intelectual se resumissem ao que podemos conquistar na terra.

Além e acima da terra há mundos gradativamente mais adiantados, pelos quais têm de passar os que já fizeram o curso preparatório da terra.

O Espiritismo conduz ao conhecimento e compreensão. Êle aponta a estrada que leva através e além da morte e revela uma porta, onde só havia um ponto final. O mundo tem premente necessidade da mensagem que só o Espiritismo pode fornecer. O que sucede para lá da porta da morte tem uma positiva influência na existência de povos e nações. Precisamos saber qual o objetivo das nossas lutas, sofrimentos e saudades e qual a finalidade dos nossos esforços.

O Espiritismo não é uma adoração mórbida de sepulturas, mas a filosofia da vida. Êle desfaz tôda superstição que envolve o túmulo e, em seu lugar implanta um conhecimento da morte que pode ser provado à luz da experiência e da razão.

O homem veiu à terra, com o propósito de desenvolver sua individualidade. Esta terra é a classe preparatória, o período de provas para adaptá-lo a uma existência mais elevada. Incompleta e pouco satisfatória é a vida no mundo físico. Iludimo-nos, quando pensamos que terminamos a nossa evolução. O período terrestre é demasiadamente curto para atingir algo digno de aprêço. Mas o homem leva consigo tôdas as aquisições, menos seu corpo físico e o que pertence à vida material. O Espiritismo não se baseia sôbre uma fé cega, mas sôbre fatos.

Graças ao Espiritismo, a morte já não é o enígma indecifrável. O Anjo Negro, mas sim, o Anjo do Livramento, a porta que introduz o viajor fatigado das lides terrenas, na vida mais ampla e venturosa. O Prof. Charles Richet, em carta que escreveu ao saudoso Cairbar disse : «Comme vous avez raison d'etudier le mystère de la mort e la metapsychique. *Mors Janua Vitœ*».

A perspetiva do homem relativamente ao maior acontecimento de sua existência está sofrendo profunda transformação. As lágrimas derramadas junto às sepulturas provinham do fato de ter sido encarada a morte segundo sua aparência.

Mas, a morte revelou-se, não um inimigo do homem, mas como um anjo bondoso que guia o peregrino exausto pelo trabalho, através da quietude de ligeiro repouso, para a luz de uma nova e eterna manhã. A morte é promoção à vida superior... Verdadeiramente, «tragada foi a morte na vitória», não por meio de textos, credos, artigos de fé ou esperança irrealizável, porém, pelo intercâmbio com nossos parentes e amigos que passaram pela porta e voltaram para nos afirmar que a morte é a entrada para a Vida Eterna.

Disse Sir Oliver Lodge :

«A morte nos desata do fardo da carne, nos introduz na gloriosa companhia dos que nos precederam e nos abre um majestoso panorâma de amor e de serviço».

O sábio não satiriza o ignorante. Esclarece-o fraternalmente.

Filosofia da História

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

II

Danton e Robespierre encontram-se numa entrevista, porém não chegam a bom têrmo. Aquêle declarava que estava farto de sangue, que preferia ser guilhotinado a guilhotinar. E foi o que sucedeu. Com êle perderam a cabeça Lacroix, Philippeaux e Desmoulins.

Peço perdão a Deus e aos homens, dizia êle, a grande fera do passado.

Uma só carrêta levara-os todos. Desmoulins debatia-se em vão, enquanto o povo o insultava. Já no cadafalso, Herault quis abraçar Danton; o carrasco os separou.—Bruto— diz-lhe Danton — tu não impedirás que daqui a pouco nossas cabeças se beijem no mesmo cesto. Tinha rasgos até nas portas do outro mundo.

E as últimas lembranças daquele homem, grande na desgraça como no crime, foram para a mulher e para o filho que tanto amava. Outros, também, que amaram como êle, deixaram mulher em pranto e filhos órfãos. Como isto não lhe ia doer nas plagas da Eternidade!

E a ceifeira foi continuando seu serviço.

Dillon, os ajudantes de campo de Ronsin, o general Beysser, a viúva de Hebert, a de Desmoulins...

A viúva Hebert declarou que ia enfim ver-se livre do mundo, pois era triste amar um homem que era odiado por todos. A mãe de Lucilia Desmoulins escreveu inutilmente a Robespierre pedindo a salvação da filha, em nome do laço de amizade que os unia. Robespierre não tugia.

Hoche, vencedor das tropas coligadas, enchia de glórias o exército francês. Robespierre e Saint-Just temem o seu prestígio, chamam-no e mandam-no à guilhotina.

A essa altura as tropas francesas invadiam os países inimigos, e enquanto se enchiam elas de louros, as prisões do país se enchiam de infelizes. Ao fim de curto tempo já nem se podiam contar as cabeças que caiam. Chorar um parente, enternecer-se, desviar os olhos de uma cena hedionda, era um convite certo para a morte. Os assassinos tinham que ser aplaudidos e louvados.

O bispo Lermourette, honrado homem, é mal visto pelos realistas por ter aderido à causa republicana; e foi guilhotinado por ser contra a guilhotina.

Condorcet consegue esconder-se e na sua lura ainda escreve sôbre «o aperfeiçoamento do gênero humano». Mas teve o descoco de vir apreciar a natureza. Não durou muito o seu enlêvo pois logo o apanham e êle suicida-se.

O virtuosíssimo Malesherbes é condenado por ter defendido o rei. Quando lhe perguntaram porque ousara, no processo do rei, ter sido o seu advogado, respondera — pelo desprêzo que tenho da morte. Seguiu-o no cadafalso tôda a família. E depois dêle fôra Clery, que tivera palavras de consôlo para o rei, e Luckner, a quem já tinham esquecido, e Mazuer, que quis salvar Petion; e as glórias da literatura, e os membros do Parlamento, e os notáveis das finanças, e funcionários do Govêrno, e magistrados, e beneméritos... A enxurrada mortífera levava tudo.

E Lamartine escrevia: — «Os velhos paralíticos seguiam os filhos, os filhos os pais, as filhas as suas mães. Êste morria por seu nome, aquêle por sua fortuna, tal por ter tido uma opinião, tal por seu silêncio, tal por ter servido à realeza, tal por ter lamentado os Girondinos, tal por ter sorrido à clemência de Danton, tal por ter emigrado, tal por ter ficado, tal por não ter expendido as rendas, tal por haver luxado».

Forjavam-se pretextos, inventavam-se crimes para haver direito às propinas prometidas aos delatores.

As carrêtas aumentavam dia a dia. Elas iam para a Praça da Revolução, mas os algozes esticavam o itinerário o mais que podiam, afim de que o povo pudesse extasiar-se com a procissão macabra.

«Nesses carros fúnebres, muitas vêzes se achavam marido e mulher, pae e filhos, mãe e filhas. Êsse rostos lacrimosos que se contemplavam mutuamente, com a ternura suprema do último olhar, essas jóvens cabeças apoiadas nos joelhos maternos, essas frontes caidas, como para haurir fôrças, no ombro dos maridos, êsses corações que se comprimiam junto a outros corações que iam deixar de bater, êsses cabelos brancos, êsses cabelos louros cortados pela mesma tesoura, essas frontes veneráveis, essas cabeças encantadoras, dentro em pouco ceifadas pela mesma lâmina, a marcha lenta do cortejo, o ruído monótono das rodas, o sabre dos gendarmes, formando uma sebe de ferro em tôrno das carrêtas, os apupos da populaça, essa vingança fria e periódica que se acendia e se extinguia à hora fixa, nas ruas onde passava o cortejo, imprimiam a essas imolações algo mais sinistro que o assassinio, porque era o assassinio dado em espetáculo e gôzo a todo um povo».

Em poucos mêses foram decepadas quatro mil cabeças. E que nomes se viam entre as vítimas ! Montmorency, Noailles, La Rochefoucauld, Mailly, Monchy, Lavoisier, Sombrenil, Montalembert, Andre Chénier, Gramont, Clemont-Tonnerre, e por aí vai...

Parece que não sobrou um nome ilustre, uma pessoa digna.

Era mais que idiondo.

Houve duas execuções que espantaram mais que as outras, se é que ainda havia que espantar naquela época tenebrosa.

Em 1791, Verdun fôra tomada pelos prussianos, que ali iam como libertadores. Houve um baile para o qual as jovens foram convidadas, e a que muitas compareceram, ou por mêdo, ou por serem jovens. Retomada a praça pelos republicanos, êstes foram buscar essas jovens, muitas das quais compareceram à festa por obediência aos pais, e levaram-nas à guilhotina.

Estavam vestidas de branco; eram ainda mais formosas nos seus rostos pálidos e tristes, «corbelha de lírios, cujas cabeças flutuavam ao movimento dos braços».

A cena era de tal ordem, que o povo sempre tumultuoso e agressivo, calava. Os próprios verdugos choravam.

Ao outro dia, uma carrêta de outro gênero dirigia-se à praça dos suplícios. Esta levava as religiosas de Montmartre.

Qual era o crime dessas criaturas que viveram no recolhimento, sem nenhuma opinião política ? As moças lá se foram abraçadas à Abadessa, a senhora Montmorency, sua mãe espiritual, que chorava com elas. E elas cantavam no derradeiro instante. O povo, ávido de sensações, desviava, entretanto os olhos.

Um terceiro episódio para abreviar essas anedotas trágicas.

Entre centenas de carrêtas escoltadas por soldados, uma havia escoltada por crianças. O velho que lá estava era o Abade Fenelon, sobrinho do grande escritor Fenelon. Êle instituira um orfanato, onde recolhia tôdas essas míseras crianças sem pão, sem tecto e sem pais. Quando souberam o destino a que levavam o seu benfeitor, sairam os órfãos em prantos, atrás do carro fúnebre. A própria Convenção ficou enternecida, mas lá estava Billand-Varennes, que lhes perguntou: Sois crianças para vos enternecer ? Transigi e vereis.

O abade tinha 89 anos de uma vida de caridade. Quase não pôde subir ao cadafalso. Pediu que lhe desligassem as mãos para abençoar os seus pupilos. Quando se voltou para os seus pequenos e queridos saborianos estavam todos de joelho. O povo os imita e baixa a cabeça. E assim pereceu sacrificado aquêle santo.

Há narrativas que se tomariam como lendas se as não registrasse a história.

*

Numa das prisões parecia estar encerrado o que havia de mais belo e mais ilustre na França: D'Aiguillon, Josefina Tasher, viuva do General Beauharnais, êste guilhotinado por não ter sido feliz em combate, Tereza Cabarrus, beleza peregrina, a amante de Tallien, por ter conseguido evitar grande mortandade em Bordeus.

No Templo se achavam a filha e irmã do rei. O delfim estava encerrado numa torre.

Quando vieram buscar a princesa Elisabeth, ela compreendeu ao que vinham; abraçou chorando a sobrinha e disse para consolá-la: — Já volto. —

Ao que, áspera e brutalmente, respondeu o carcereiro :— Tu não voltas mais.

E ela não voltou. Era um anjo de pureza e de bondade que a Repùblica sacrificava, como se tivera em mira expungir da pátria tudo o que havia de belo, de puro, de talentoso.

Robespierre achou conveniente tornar-se agradável a Deus, a ver se obscurecia os seus delitos e traz para a convenção a idéia da Divindade e da Imortalidade.

Os delitos é que não paravam e parece que não faltavam os motivos para levar à morte. Ladmiral quer matar Robespierre mas encontra Collot d'Herbois, atira nêle e falha. Se o demônio existisse, dir-se-ia que exerceria vigilância constante sôbre seus apaniguados. Ladmiral é prêso.

Cecile Renault vai visitar Robespierre e insiste em vê-lo. É prêsa ; revistam-na e encontram um canivete. Ela diz que queria apenas ver como era um tirano. Mas lá estava um canivete, e não se podia perder um pretexto daqueles.

E então o terror aumentou, por mais incrível que pareça, e por mais difícil que fôsse o aumento.

Os partidos para se imporem, multiplicavam as imolações. Existia uma espécie de desafio entre o Comité de Segurança e o da Salvação Pública, a ver quem matava mais. Nunca os cidadãos estiveram tão pouco seguros e tão pouco salvos.

*

Havia uma Catherine Theos que se dizia profetisa. Na mesma ocasião voltava de Paris uma jovem de invulgar beleza, que tivera em seus salões os retratos do rei e da raínha. Era a Sainte Amaranthe. Ela visitava Catherine e Robespierre visitava a ela.

O Comité de Segurança e o de Salvação prenderam Catherine, todos os seus adeptos, todos os seus amigos, todos que a visitavam, e todos os seus parentes. Foi prêsa a Sainte Amarante e tôda a família, D. Gerle, a admirável artista Mlle. Grandmaison, e várias pessoas de teatro. Era um golpe contra Robespierre ; para alcançá-lo foi tôda aquela gente de roldão.

Houve cenas comoventes ; a Sainte Amaranthe desmaia nos braços dos filhos ; Sartine deixa cair lágrimas nas mãos da grande artista.

São presos mais todos os parentes de Cecile, que se achava inconsolável, não tanto por ela, mas por ter perdido os seus, em virtude de uma leviandade. E lhes pedia perdão em pranto.

As carrêtas atravessaram Paris durante três horas. O povo, como sempre, acompanhava-as, insultando os infelizes.

— Não querias ver um tirano — diz Ladmiral a Cecile — Ora aí os tens, aos milhares.

Foram imolados em primeiro lugar os obscuros ; seguiu-se Cecile Renault, Mademoiselle Grandmaison, Ladmiral, Mme. D'E'préménil, os antigos fidalgos, Sainte Amaranthe. Sua mãe e irmã correm a abraçá-la e já encontram o corpo sem a cabeça. Foram seguindo-se os outros.

E Robespierre mudo. Deixou sacrificar suas amizades como já o fizera muitas vêzes. Neste lance viamos, de um lado, o heroismo no martírio, do outro, o mêdo no aviltamento.

Os amigos, os confidentes, o povo começou a espantar-se com a insensibilidade do grande condutor. Seus inimigos rejubilavam.

As primeiras decepções recebe-as êle na Convenção, onde até então tinha sido um ídolo.

Êle corre ao Clube dos Jacobinos onde ainda recebe algumas aclamações e apupam Collot, que fôra contra seu discurso.

Nessa noite, alguns que se julgavam muito seguros, começaram a ficar inquietos e entre êstes Fouchet.

Tereza Cabarrus envia um bilhete a Tallien, dizendo que iam levá-la ao Tribunal. Tallien responde :—Fique tranquila.

Carlos Imbassahy

O Mal é uma sombra efêmera e transitória, tecida de negrura e de ignorância. Mas o sol radiante, emanado dos Evangelhos de Jesus-Cristo, dissipará as trevas e iluminará o entendimento dos pecadores arrependidos, ansiosos pela reparação dos crimes cometidos : — eis a Redenção e a Salvação das almas.

DR. ANTÔNIO J. FREIRE.

A Angústia do Viver

Desperto, nesta manhã de inverno, tristonha e sombria, com a minha alma também envôlta nas sombras de recordações dolorosas.

Grande é ainda, na Terra, cuja humanidade permanece aferrada aos estigmas da sua ancestralidade pecaminosa, a dificuldade de penetração do Evangelho nas consciências. Cada um, regra geral, busca os seus deleites sensuais acima de tudo — sem êles nada se consegue que mereça ajuda e solidariedade dos homens.

Como espírita, educado nos princípios da Boa Nova, que meus pais erigiram em seus corações como escudos invulneráveis a tôdas as felonias do mundo, procurei também transmitir aos meus doze filhos essa regra de conduta evangélica, que os tornou afeitos à virtude e à pesquisa da verdade.

Entraram na vida de relações pela porta da honestidade e da sinceridade. Têm recebido de Deus as bênçãos que lhes dão, na simplicidade de seus hábitos, um pouco de felicidade e de paz, no convívio com a natureza; mas, dos homens, têm recebido, vêzes sem conta, sérias ofensas que enchem de angústia o meu coração.

Já não fôra bastante a incompreensão com que sou pessoalmente correspondido em todos os atos da minha atividade social, sempre movida por um ideal de regeneração humana; era ainda necessário que sôbre a alma dos meus filhos, principalmente os que permanecem na terra natal, descesse a mão impiedosa do desrespeito, que inúmeras vêzes tem ferido o meu coração!

E isso, mesmo sem excluir a ação de alguns confrades que se mostram completamente insensíveis à admoestação de suas próprias consciências e às advertências de nossos mentores espirituais...

E se dizem espíritas! Quando se lhes abrirá a consciência à penetração do Evangelho! Quando saberão reduzir um pouco o seu tremendo egoísmo, para se lembrarem de que há um conceito de responsabilidade moral, que não pode ser impunemente esquecido em nossas relações!

Temos de dizer, como o Cristo do alto da cruz: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!»

Mas é desolador que isso aconteça mesmo onde parecia que o Consolador tinha produzido os seus salutares efeitos!

O desprêzo pelos princípios educativos é uma das razões essenciais que tem levado a essa triste condição a grei humana. Muitos pais tenho visto, em nossos meios espíritas, que só se preocupam com o futuro de seus filhos no âmbito planetário terrestre, dando mesmo a impressão, de que, para êles, é letra morta tudo o que afirma a Doutrina sôbre a vida de além-túmulo.

Não procuram extirpar da alma dos que lhe são confiados por Deus, filhos ou amparados, os estigmas da nossa ancestralidade planetária, que é feita de tremendos egoísmos, mesquinhos interêsses e materialidade contumaz. Como recebem carinhos e favores, tudo encobrem com o manto de uma retribuição de serviços, que se amplia ao ponto de lhes toldar a visão real das coisas, ainda as mais sérias.

Tudo isso tenho percebido, rebelando-me muitas vêzes inutilmente, comprometendo a minha tranquilidade espiritual e criando em tôrno de mim um círculo de isolamento doloroso. Esta preocupação de afastar os velhos dos círculos da atividade religiosa, como se fôra da mesma natureza das atividades profissionais e burocráticas, tem consequências perniciosas para a evangelização, pois que os mais jovens deixam-se embalar pelas vulgaridades da ação doutrinária mais do que pelas exigências severas da educação, da adaptação moral a um sistema de auto contrôle, respeito às demasias da nossa visível animalidade.

Contudo, Deus me permitirá continuar até ao fim esta jornada, tão cheia de obstáculos e de espinhos, pelos caminhos estreitos que o Cristo nos indicou, clamando sempre, sempre admoestando as consciências, em prol dos bons princípios, para a restauração dos quais, no mundo materializado em que vivemos, se acha em ação, graças à assistência dos Mensageiros de Jesus, o Consolador por Êle prometido.

«Lavai-vos, purificai-vos,

tirai a maldade de vossos atos diante dos meus olhos» — como adverte Isaias: «cessai de fazer mal: Aprendei a fazer bem; procurai o juizo; ajudai o opresso; fazei justiça ao orfão: tratai da causa das viuvas»..., para que não suceda ter o Mestre de dizer-vos, na hora terrível da separação, por êle predita nos Evangelhos: «APARTAI-VOS DE MIM, VÓS TODOS OS QUE OBRAIS A INIQUIDADE.»

Estou realmente cansado de sofrer e ver os meus filhos sofrerem por amor à justiça, tôda sorte de ofensas e perseguições; mas ainda terei fôrças para, mesmo assim, prosseguir na dolorosa jornada regeneradora.

Arnaldo S. Thiago

Rio, maio de 1959.

"Experiências" na Televisão...

Deolindo Amorim

DEPOIS de tantas e tão ruidosas «demonstrações» de palco, além das insistentes campanhas pela imprensa, resolveu frei Boaventura Klopemburg fazer exibições na televisão para desacreditar o Espiritismo, no campo da fenomenologia. Em duas palestras no programa «Seleções Espiritualistas», na Rádio Guanabara, já dissemos, e vamos reafirmar agora, que as «explicações» do inquieto e ilustrado professor de Teologia nada provam contra o Espiritismo. O que o frade apresentou na televisão foi apenas um *arranjo* vulgar de levitação, incapaz de modificar as idéias de qualquer pessoa exigente ou bem dotada de espírito crítico. Com o intúito de *provar,* embora sem resultado convincente, que a base experimental ou fenomenológica do Espiritismo não passa de uma falsidade, frei Boaventura apareceu na televisão, depois de tudo prèviamente preparado (mesa, disposição dos lugares etc.) e executou uma cena em que lhe foi fácil levantar uma parte da mesa, por meios comuns, dando a idéia de que, com isto, estava produzindo um *fenômeno.* Afinal de contas, que tem isso com os verdadeiros fenômenos de levitação e deslocamento de objetos, sem contacto? Em se tratando, como se trata, de um homem muito inteligente, como é frei Boaventura, justiça se lhe faça, a «experiência» foi medíocre, vulgaríssima.

Em todos os ramos de investigação, como se sabe, deve prevalecer, como ponto de partida, a seguinte regra, aliás muito velha e universal: o fato de se poder imitar ou simular um fenômeno, seja de que natureza fôr, não destrói o fenômeno real, nem pode enfraquecer os elementos de convicção, quando realmente reconhecidos. Ninguém, sensatamente, seria capaz de negar o valor da Física, principalmente agora, pelo fato de haver embustes e tentativas empíricas. Quem seria capaz de por em dúvida a exatidão da matemática, sòmente porque muita gente faz *conta de chegar?* Então, por causa disto, iríamos dizer que a matemática é falsa, ou que não existe uma verdade matemática?!... Um indivíduo inescrupuloso, desde que saiba lidar bem com os números, pode fazer aproximações ou «combinações» numéricas para formar resultados falsos. Isto, porém, é o lado negativo, mas o lado positivo da matemática fica incólume.

Todos nós sabemos que o sofisma, em lógica, sempre foi e continua sendo até hoje uma arma temível. Quando indivíduo quer torcer uma verdade, de caso pensado, ou quando pretende justificar um absurdo, aplica todos os artifícios e malabarismos mentais, levantando sofismas até sôbre as evidências mais concretas. Sofismar é armar um raciocínio intrinsecamente falso, embora com aparência de verdadeiro, para levar o adversário ao êrro. Por meio de um sofisma, por exemplo, se um indivíduo quiser dizer que o outro é um elefante, encontrará justificativa capciosa, dentro de um raciocínio adredemente *arrumado* e, às vêzes, partindo de uma premissa exata : *O elefante precisa de oxigênio para viver; todo homem precisa de oxigênio; Você é homem ; logo . . . você é um elefante, porque precisa de oxigênio para viver !* Inegàvelmente, a premissa está certa, porque o animal necessita do oxigênio, como elemento de vida orgânica, mas a conclusão está intencionalmente forçada, pois não se pode partir, daí, para concluir que um homem seja um elefante, apenas pelo fato de ambos terem um ponto comum, no campo biológico : a necessidade do oxigênio. Qualquer disparate pode parecer lógico, dentro de um sofisma habilmente engendrado para encobrir uma inverdade. O sofisma pode estar *formalmente* certo, isto é, correto na forma, e inteiramente falso no conteúdo, porque não exprime a realidade. Ao lado de um raciocínio legítimo, um raciocínio honesto, portanto, pode haver um raciocínio deliberadamente falso, com todos os disfarces, embora formulado de acôrdo com as regras da lógica menor, mas eivado de maldade ou segundas intenções.

Na antiguidade, como se sabe, os sofistas formaram escola, na Grécia, para impugnar as teses dos filósofos. Seja como fôr, a verdade é que, no plano elevado das discussões metafísicas, os sofistas gregos deram muito trabalho à escola de Aristóteles. Durante muito tempo, notadamente na Idade Média, sob a influência Escolástica, os sistemas de pensamento se deixaram prender muito aos velhos silogismos aristotélicos e, daí, a reação e a ironia dos sofistas, que, muitas vêzes argumentavam com inteira razão. O raciocínio silogístico chegou a se transformar em abuso, criando uma espécie de vício mental : fôsse em que terreno fôsse, logo se aplicavam umas tantas fórmulas padronizadas, tomavam-se umas tantas premissas como verdadeiras (?...) e sôbre isto os mestres firmavam as suas conclusões inapeláveis. A verdade estava dentre do silogismo, que era, como até hoje, uma faca de dois gumes, porque servia para tudo : tanto se afirmava como negava, tanto se condenava como absolvia, com base no raciocínio silogístico. Ainda hoje, como reflexo da antiquada tradição de um processo mental inteiramente defeituoso, muita gente pensa em têrmos de filosofia escolástica :

a verdade é incompatível com o êrro,
a verdade está na Igreja,
logo... o que está fora da Igreja é
[um êrro

Conseqüência : sendo a verdade incompatível com o êrro (premissa certa), tudo o que estiver fora da Igreja deve ser condenado ou destruído (conclusão absurda !), segundo o raciocínio proposto. Temos, aí, consequentemente, um jôgo de raciocínio, usado de má fé ou por deformação mental. Há o silogismo honesto e o silogismo desonesto, quanto à intenção. Chegamos, aqui, ao ponto que deu início a estas considerações. Então, pelo fato de haver sofismas, que procuram obscurecer a verdade, seria justo condenar a Lógica ou dizer que os seus argumentos são falsos ! A Lógica é a ciência do raciocínio ou «a arte de pensar com acêrto» e, por isso, tem as suas leis, o seu objetivo, os seus meios de verificação da verdade. O sofisma, no fundo, é uma contrafacção da Lógica, como a charlatanice é a degradação da Medicina, como o fanatismo é a deturpação da fé. Assim como não se pode duvidar do valor da matemática, simplesmente porque existem cálculos fictícios (um professor de matemática já nos disse, certa vez, que também se faz sofisma com números...), não se pode duvidar da legitimidade do raciocínio lógico pelo fato de haver muito raciocínio incoerente ou mal formulado, assim como não se pode desdenhar a pureza da fé, a fé inteligente e sincera, apenas porque existem fanáticos.

Vamos considerar, agora, a posição de frei Boaventura em face dos fenômenos mediúnicos. Antes de mais nada, seja-nos permitido dizer que o nosso adversário, professor de Teologia, não está sendo lógico, apesar de haver estudado Lógica, como disciplina propedêutica à Filosofia. Sim, não está sendo lógico, porque nega a realidade de um fenômeno, já comprovado em diversos lugares e por tantos homens de respeitabilidade moral e intelectual, simplesmente porque êsse fenômeno pode ser imitado na câmara de televisão. Tomar a simulação como argumento contra a realidade não é critério lógico e muito menos seria um procedimento científico. Partindo de uma base duvidosa, isto é, uma «experiência» feita a seu modo, em condições especialmente preparadas para os efeitos que lhe interessam, com a mesa colocada a seu jeito, procurou frei Boaventura dar a impressão de que é muito fácil provocar a levitação de objetos, sem a intervenção de espírito do «outro mundo...» Não há quem não saiba que, por meio de *truques* de prestidigitação ou processos de mágica, aliás corriqueiros, é possível simular muitos fenômenos ; há, também, muitos ilusionistas habilíssimos, cujos «trabalhos» chegam a dar a impressão de que realmente as coisas se passam como êles mostram nos palcos. Tudo isto é trivial e notório.

A fenomenologia espírita, que frei Boaventura tenta inutilmente confundir com prestidigitação, está assentada sôbre bases científicas. Há, logo de início, uma falha gravíssima nas exibições de frei Boaventura : a falta de critério metodológico. Uma experiência regular, exige, antes de tudo, imparcialidade e, depois disto, condições adequadas. Ora, não houve tais condições na câmara de televisão, porque frei Boaventura não tomou a providência preliminar de estabelecer o necessário *contrôle :* êle próprio foi o agente e o dirigente da «experiência», isto é, o frade serviu de agente do «fenômeno» e, ao mesmo tempo, foi êle quem dirigiu tudo, sem a observação e a crítica de terceiro. Não tem nem poderia ter valor científico, portanto, uma «experiência» de tal natureza, inteiramente contrária às disposições do método experimental. Afinal, experiência sem *contrôle,* sem fiscalização, sem a presença de pessoas que conhecem o assunto, não é experiência, é uma exibição destituída de qualquer significação científica. Foi isto o que fêz ultimamente frei Boaventura, na televisão.

Quem conhece a literatura espírita sabe muito bem que as experiências clássicas de Crookes, Zoelner, Geley e outros tantos investigadores notáveis, servindo-se de médiuns extraordinários como Florence Cook, Home, Slade e outros, obedeceu à mais rigorosa fiscalização. Houve precauções especiais ; os médiuns, em determinadas ocasiões, foram até amarrados, enquanto os observadores, atentos, acompanharam todos os movimentos. E apesar de tudo isto, com todo o *contrôle* dos experimentadores, as mesas se ergueram sem contacto, cornetas se movimentaram no espaço etc. etc. Isto, sim, é realmente uma experiência, porque se enquadra na metodologia científica. Que valor poderia ter uma exibição, como no caso de frei Boaventura, em que sòmente êle é o «experimentador» o «controlador» e o «juiz» ?... Frei Boaventura não fêz sequer uma experiência do tipo das experiências de Zoelner, de Lombroso ou de Barrett, pois não se utilizou de nenhum médium, como não submeteu as suas «demonstrações» a nenhum julgamento severo, nem permitiu que um observador imparcial verificasse, antes, o material, a posição dos objetos, os processos empregados, etc. Isto não se compara, nem de longe, com as verdadeiras experiências espíritas. Por quê, finalmente, o digno sacerdote, que é um homem tão lido, não procura um médium de efeitos físicos, mas um médium de verdade e não qualquer impostor que apareça, para realizar experiências mediúnicas como devem ser realmente as experiências dêsse tipo : médiuns prèviamente examinados, vigilância rigorosa, local adequado, isenção de ânimo, etc. É indispensável também a presença de pessoas capazes de observar e opinar com segurança. Se assim fizer, frei Boaventura terminará reconhecendo, cedo ou tarde, que, se os *truques* bem feitos podem dar a impressão da ocorrência de fenômenos de levitação e outros fenômenos, a verdade é que, em determinada categoria de fatos, sòmente uma fôrça estranha e sobrehumana pode ser admitida : o espírito. Sem se admitir a intervenção de espíritos, certos fenômenos ficam sem explicação lógica. Se frei Boaventura quer a verdade, procure proceder como procederam os grandes experimentadores, usando o verdadeiro critério científico e submetendo as suas experiências à observação e à fiscalização.

O que é importante ou decisivo no caso não é demonstrar que se pode empregar um processo qualquer para simular um fenômeno de levitação : o que é capital em tudo isso é *provar* que não há o fenômeno ou destruir as provas já existentes na literatura espírita, apresentando argumentos convincentes. Isto, positivamente, frei Boaventura não conseguiu em suas exibições. Então, diante das próprias atitudes do frade, podemos dizer que os seus raciocínios estão firmados apenas sôbre sofisma, porque

> em primeiro lugar, não podendo provar que o fenômeno de levitação não é real, porque não tem argumentos de convicção para anular as provas objetivas dêsse tipo de fenômeno, limitou as suas «experiências» a simulações parciais ;
>
> em segundo lugar, evitando uma experiência no meio espírita, para não enfrentar o problema, preferiu a televisão, sem a participação de elementos contrários ;
>
> em terceiro lugar, finalmente, tendo provado apenas que é possível *imitar* o fenômeno de levitação, o que, aliás, não é novidade, conclui sofìsticamente que tôda a fenomenologia espírita é falsa.

Não é um procedimento lógico, porque a realidade e a imitação coexistem tanto no campo mediúnico como em qualquer outro campo de fenômeno, mas daí não se pode inferir que o fato de existirem meios de imitação invalida o que há de verdadeiro e positivo, como no caso dos fenômenos de levitação. A existência do que é falso não sobrepuja o que é verdadeiro. Frei Boaventura não fêz sequer uma experiência mediúnica: partiu apenas de um espetáculo de televisão, e tomou isto como base, para concluir que tudo o mais é falso. É sofisma, e puro sofisma. Frei Boaventura sabe que não é assim...

A Federação Espírita Internacional e seu órgão

A atual diretoria da F. E. I. é constituida por quatro confrades de diferentes países: Presidente — *dr. Karl Muller, da Suiça,* Vice — *Melvin O. Smith, dos Estados Unidos,* Secretário Geral — *Rolf Carleson, da Suécia,* e Tesoureiro — *Harry Dawson, da Inglaterra, e mais o Comité executivo, também de caráter internacional. A F. E. I. em seu programa principal de atividade visa propagar os aspectos científico, filosófico e religioso por todo o mundo, respeitando porém o modo de entender de cada nação ou grupo. Quem ler o seu órgão oficial intitulado «Yours Fraternally» pequena revista trimestral, especialmente o seu número 38 (verão de 1959) notará a preocupação da presidência em difundir o aspecto tríplice e universal do Espiritismo através de editoriais e pelas vozes dos mais destacados líderes espíritas do mundo. Nada melhor para mostrar êsse programa do que dar um resumo do noticiário variado e interessante que apresenta o número 38, recem publicado. A revistinha «Seu Fraternalmente», de 32 páginas, impressa em ótimo papel, com vários clichês publica artigos em inglês, francês e espanhol (e talvez mesmo em Esperanto) o que vem facilitar muito a sua leitura. De início, temos a «Mensagem do Presidente», que apresenta J. P. Smits, presidente da sociedade espírita Harmonia, da Holanda, e R. Rigal, confrade cubano; êstes escreveram suas idéias sôbre a doutrina. A sociedade Harmonia, publica os «Folhetos Espíritas» (mensal) e compreende 30 grupos. Segue noticiário da Finlândia, Grécia, Turquia, artigo sôbre a Reencarnação (transcrito de «Revue Spirite»), crítica do livro inglês: «Isto é Espiritismo», de M. Barbanell, e outras notícias menores. Noticiam também que a União Espírita da África do Sul lançou o boletim «Que haja luz», com 8 páginas mimeografadas. Dr. Muller, no «Canto do Pesquisador» trata de «Magnetismo e Hipnotismo» tema ainda do momento, apesar de muito antigo, e finalmente é noticiado o 1.° Centenário da Igreja Espírita de Filadélfia, por onde passou vultos como o professor Hare, o juiz Edmonds, o médium Jackson*

Davis, etc. Há nesse número duas referências ao Brasil, a primeira, congratulações a «Revista Internacional do Espiritismo» pelo seu 34.º ano de publicação, e a segunda, a filiação valiosa do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede no Rio, à F. E. I.

Dr. Muller é um incansável propagandista e pesquisador, veterano no movimento; conhecedor de várias línguas (alemão, francês, inglês, espanhol, dinamarquês, etc.) viajou recentemente aos países nórdicos, onde fêz palestras ilustradas em tôrno da reencarnação e da filosofia espírita. No momento a F. E. I. preocupa-se com a realização de mais um Congresso Espírita Internacional, que foi marcado para setembro de 1960, em Londres.

Desejamos que as entidades federativas estaduais e de âmbito nacional sigam o exemplo do Inst. de Cultura Espírita, do Rio, filiando-se a F. E. I. e colaborem para o êxito do congresso londrino, para a difusão cada vez maior do Espiritismo, por todos os recantos do mundo.

N. B. — «Yours Fraternally» pode ser assinado (4 shillings por ano) por meio da «Spiritualists National Union», 200 Church Road, Cheam, Surrey, England e as adesões a F. E. I. podem ser feitas à Secretaria Geral, em Wennerbergsgatan 5, Estocolmo, Suécia.

Cicero Pimentel

S. André, 6-9-1959.

ERRATA (dr. Karl Muller)

Por lamentável caso de homonímia, os trabalhos sôbre radiação do corpo humano que atribuimos ao dr. Karl E. Muller, presidente da Fed. Espírita Internacional (ver n.º de março, pág. 42) pertencem na realidade ao eng. E. K. Muller, também suiço, porém desencarnado há anos. Agradecemos muito a carta do dr. Karl E. Muller, de Zurich que amavelmente nos alertou, dizendo que muitas vêzes fato semelhante ocorrera com outras pessoas. Retificamos então que o livro «Prova objetiva e elétrica da existência de emanação do corpo humano», 1932, Bale, Suiça, é de autoria do psiquista eng. E. K. Muller; montou um instituto de cura pela corrente elétrica, chamado «Salus», ainda atualmente existente, em Zurich, e dirigido por seu filho.

C. Pimentel

S. André, 15-9-1959.

Artilharia Cósmica da Terra ataca a Lua,

ameaçando Vênus e Marte

Se bem que o Homem da Terra ainda não conseguira implantar a ordem dentro da sua própria casa planetária, onde reinam os mais graves desentendimentos no sêio da família humana, mesmo assim, apesar desta lamentável negligência espiritual, não deixam de ser elogiáveis os seus sucessos preliminares no contato com as outras moradas do céu.

Êste seu esfôrço iniciou-se com uma série de laboriosas sondagens das altas camadas atmosféricas, através de foguetes que iam e voltavam com laboratórios miniaturas, até que na data de 4-10-1957 conseguiu colocar o primeiro satélite artificial (Sputnik I) ao redor da Terra. Esta proeza marcara a entrada de uma nova era na história da nossa Ciência, com a abertura dos primeiros caminhos dos abismos siderais. Logo a seguir outros satélites foram lançados no céu e hoje, fora os que já se desintegraram, sete dêles ainda se movimentam na órbita terrestre, com as seguintes denominações: Sputnik III, Explorer I, Vanguard I, Explorer IV, Vanguard II, Discoverer V, Discoverer VI, e mais o Explorer VII lançado em Outubro último.

Com êste predomínio inicial sôbre o espaço, as atenções depois convergiram para a Lua (natural), a qual passou a ser alvo dos nossos artilheiros, preparados para a caça dos mundos, e dois perigosos arremêssos ameaçaram a placidez do nosso astro da noite, cujos projéteis precipitaram-se nos profundos abismos da órbita solar. Êstes ataques deram-se nos dias 5 de Janeiro e 6 de Março dêste mesmo ano, pelos soviéticos e americanos respectivamente.

Embora sem que atingissem o objetivo, o êxito revelou-se excelente, pelo magnífico potencial demonstrado pela artilharia cósmica terrestre, no alcance das grandes distâncias interplanetárias. Com nova orientação, reajustou-se a pontaria para um terceiro ataque e, quando a Lua entrou no campo de tiro visado, acionou-se o disparo, ocasião em que um tremendo rastro de fogo rasgou o véu atmosférico terrestre, para logo mais o balístico fender a quietude do solo lunar, com magistral precisão dos seus autores, os soviéticos.

É possível que alguns leitores comentem, como sabermos se o alvo fôra atingido, considerando-se que as nossas lentes não registram pela visualidade um objeto assim diminuto, na região da Lua.

Mas a explicação é a seguinte: O pequeno corpo arremessado levara em seu bôjo minúscula estação emissora de ondas de rádio, que desde o lançamento passaram a ser captadas pelos nossos receptores. Ora, sabendo-se a distância Terra-Lua e a velocidade do projétil, calculou-se o tempo exato em que êle deveria percorrer êsse trajeto. Com êstes dados, os autores da memorável façanha, logo após o tiro de partida, forneceram os informes para outras estações receptoras, anunciando a hora, minutos e segundos em que o projétil deveria atingir o disco lunar. Não sendo possível acompanhá-lo visualmente, até o seu destino em mira, os seus sinais de rádio, que estavam sendo captados, acusariam a chegada ao deixarem de ser emitidos pela destruição da pequena emissora, no impacto com a crosta lunar.

Na hipótese de que não acertasse no alvo celeste, o pequeno corpo continuaria na sua caminhada, o que se revelaria pelas suas emissões que prosseguiriam para além da hora marcada para o trajeto calculado. Assim aconteceu para os dois primeiros arremêssos, que ultrapassando a região lunar suas emissoras funcionaram até a distância de 597.000 e 660.000 quilômetros, para um e outro, ou seja, muito além do objetivo visado, uma vez que a separação Terra-Lua acha-se na média de 384.000 quilômetros.

Foi então que, pela escuta, sem necessidade de se estar observando a meta de ataque, todos os receptores, que estavam recebendo os sinais da emissora do balístico, deixaram repentinamente de perceber estas mensagens, exatamente na hora calculada, com uma insignificante diferença de 83 segundos, cujo êrro nada representa pela extensão do maravilhoso feito. E assim também se compreende que não houve alunissagem, que neste caso seria uma descida suave, mas sim, um tremendo baque de queda.

Contudo, como já dissemos, que seria pela escuta o conhecimento de chegada, pois o objeto arremessado não era visível, não se quer dizer com isto que os nossos observadores não estivessem atentos nos seus campos óticos, aguardando algo que pudesse suceder no momento exato. Com esta precaução não se viu o balístico, mas no instante do impacto os observatórios de Moscow e de Buenos Aires acusaram uma escura mancha, em determinada região do solo lunar, revelando tratar-se de uma nuvem de pó elevada pelo choque do projétil. Nestas condições, a estranha mancha serviu de mais uma confirmação de que os artilheiros terrestres conseguiram realmente ferir, pela primeira vez, um astro do nosso céu.

Prosseguindo, ainda os soviéticos, após êsse feliz tiro, iniciaram a 4 de Outubro último um arrojado trabalho de sondagem, visando explorar outras condições desconhecidas da Lua. Para tanto, lançaram naquele céu lunar um satélite laboratório (Lunik III) em autêntico vôo de reconhecimento.

Apesar de que os realizadores de mais essa maravilhosa etapa não declararam antecipadamente as particularidades do trajeto do laboratório «voador», as notícias expedidas informam que o novo astro metálico vem realizando satisfatòriamente a missão pré-estabelecida.

Até o instante em que redigiamos estas linhas, o novo habitante do céu já havia ultrapassado em contôrno à Lua, iniciando o retôrno em direção a Terra, cujos resultados finais não nos deu tempo inseri-los neste trabalho.

Mas como estamos vendo, essas realizações indicam que pràticamente a Lua já caiu sob o poder do Homem da Terra, ficando sob a mira da nossa artilharia cósmica, que deverá repetir outras atividades, precedendo um futuro assalto dos nossos expedicionários em preparo, para captura definitiva da prêsa celeste. Esta investida será uma das mais difíceis tarefas, considerando-se que naquele astro, além de não existir qualquer espécie de alimentos dos nossos hábitos, inclusive água e ar, os exploradores terão também que levar proteção especial contra altas e baixas temperaturas, ainda sem falarmos nos problemas de alunissagem, pois ali, pela falta de camadas atmosféricas, não funcionam para-quedas, se bem que esperamos algumas vantagens no sistema de retro-foguetes, amortecedores de choques.

Mas se lembrarmos que há alguns anos passados não acreditavamos na fabricação de luas metálicas que seriam colocadas na órbita do nosso planêta, e hoje êstes astros artificiais são produzidos em série, podemos então aguardar com otimismo e confiança de que os nossos cientistas prosseguirão vitoriosos, na conquista dos outros mundos. Assim, se os sucessos que se vem alcançando não perderem o ritmo, não tardará em que a Lua seja transformada em base para nossa artilharia cósmica, colocando Vênus e Marte sob a nossa pontaria, sugeitos à mesma sorte do nosso satélite natural, desde que também se revelem «terras de ninguém».

Um ataque, com base no solo lunar, será muito maìs fácil, pois ali os nossos balísticos não terão o obstáculo de uma atmosfera, como a terrestre, e a fraca atração do astro facilitará a fuga dos projéteis nos seus impulsos de saída. Também, os nossos observadores terão ali uma visão mais límpida do céu, vantagem esta que muito facilitará para melhores sondagens sôbre a habitabilidade dos outros mundos mais próximos.

É lógico, que se soubermos que Vênus e Marte, ou um dêles, sejam habitados proferiremos enviar para lá uma expedição amistosa, com recomendações de cortezia, ao invés de um cartão de visita tipo foguete, a exemplo do que vimos fazendo com a Lua sem habitantes que pudessem reagir ao fogo das baterias terrestres.

Esperamos que a nossa ciência prossiga cada vez mais gloriosa nos seus descortinamentos dos mistérios do Universo, mas estejamos certos que apesar de tôdas essas maravilhas científicas, o Homem continuará sendo sempre o mesmo, escravo de sua própria ambição, enquanto não descobrir que a verdadeira felicidade não está fora de si, ou nos outros mundos, mas dentro do seu próprio «eu», ou seja, no aperfeiçoamento de sua alma, através do amor, justiça e verdade.

V. O. Casella

15-10-1959

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Correspondência

— Recebemos um exemplar do mensário «Libertação», jornal com excelente matéria doutrinária, sob a responsabilidade dos confrades Dr. Gil Perche de Menezes e sr. Salvador Gentile. A distribuição é gratuíta aos que enviarem nome e enderêço para aquela redação, pela Cx. Postal 47, Araras, Est. de S. Paulo.

— Também do «Grupo de Trabalho Emanuel», sito a Rua Tabatinguera, 121—Casa 2—São Paulo, neste mesmo Estado, recebemos opúsculos e folhetos, com mensagens de Emanuel.

Agradecemos as gentilezas, e muito apreciamos as referidas literaturas.

V. O. Casella

Com a vossa fé, caridade e obediência aos preceitos evangélicos construistes uma ponte entre os dois mundos. É por essa ponte que passamos para vos levar o pão do espírito. Conservai-a, portanto. — CAMARGO.

Abraham Lincoln e o Espiritismo

De «Unificação», de Agosto de 1959

Miss Nettie Colburn morava em Albany, onde fazia sessões, falando os Espíritos por seu intermédio.

Era considerada pessoa muito simples, tímida e perfeitamente honesta.

Durante a guerra de secessão, seu irmão, havendo adoecido, obteve licença, mas perdeu o respectivo documento. Nettie, que tinha vindo a Washington, em companhia da mãe, para cuidar do enfêrmo, ficou muito aflita, porque a perda da licença o obrigava a voltar ao serviço para justificar a falta.

Achava-se ela em casa de correligionários, e êstes conheciam alguém que, na Casa Branca, muito se interessava pelos fenômenos espíritas.

Era a própria espôsa do presidente, a qual entretinha relações com alguns médiuns.

Falaram-lhe na jovem Nettie que, em estado de inconsciência, fazia curiosas revelações.

A mulher do presidente manifestou desejo de vê-la, e como Nettie se lhe apresentasse com os olhos avermelhados pelas lágrimas, que a ocorrência relativa ao irmão fazia-a verter, foram logo tomadas as necessárias providências para ser sanada a falta.

Miss Nettie, a quem essa boa notícia restituiu a tranqüilidade, achava-se em ótimas condições para realizar a sessão, e, depois de ouví-la, a senhora Lincoln pediu-lhe que ficasse em Washington, a fim de apresentá-la ao marido.

Refere a nossa médium, na história de sua vida, a grande comoção que sentira, quando, tôda trêmula, se apresentou nessa recepção, em palácio, na qual devia encontrar o primeiro magistrado da República.

Entretanto, quem a recebia com muita amabilidade era a senhora Lincoln, e a apresentava em seguida a duas outras pessoas.

Esperavam o presidente, que já tardava.

A amiga de Nettie, a senhora Milles, que também era médium de fenômenos físicos, sentiu-se impelida para o piano, que se achava aberto.

Sentou-se ao mesmo e, durante algum tempo, ficou com os dedos imóveis sôbre as teclas à espera da ação dos Espíritos... De repente, fêz ouvir uma marcha triunfal, tocada como se fôsse por mão de mestre. Às últimas notas, Miss Nettie olha fixamente para a porta : entrava o presidente.

Êle fêz algumas perguntas à médium, que, perturbada e confusa, como uma acanhada menina de escola, respondeu-lhe com os monossilabos «sim» e «não».

— Afinal, inquire o presidente de que modo procedeis para falar «aos Espíritos ?»

Intervém então a amiga de Nettie, sugerindo a idéia de formar-se um círculo, não havendo, porém, necessidade da cadeia de mãos, como se costumava praticar. Foram estas as últimas palavras ouvidas pela jovem Nettie, que caiu logo em estado de inconsciência.

Eis o que se passou em seguida:

Essa franzina mocinha, que, ainda há pouco, comovida e tímida, não ousava articular outras palavras mais que «sim» e «não», quando a interrogava o presidente, dirigiu-se ao mesmo e falou-lhe em voz firme.

A princípio ocupou-se de certos assuntos, que sòmente Lincoln parecia compreender. Depois a voz, adquirindo um acento forte e másculo, abordou o problema do dia — a Proclamação da Emancipação, declarando ao presidente que não modificasse de modo nenhum as suas intenções, e, servindo-se de uma linguagem enérgica e solene, intimou o chefe da nação para que a data da proclamação não ultrapassasse o fim do ano (1), devendo ser êsse ato o coroamento de sua legislatura e de sua vida.

«Cumpre não dar ouvidos, dizia a inspirada, àquêles que aconselham o adiamento ; cumpre permanecer firme em suas convicções, executar a tarefa, realizar enfim a missão que a Providência lhe há confiado».

Declararam testemunhas presenciais que «com tanta majestade foram pronunciadas as últimas palavras, com tanta eloqüência e em têrmos tão nobres e alevantados que pareciam ordens emanadas de algum arcanjo».

Voltando ao estado normal, Miss Nettie deparou com o presidente, que se assentara e, de braços cruzados, fixava-lhe o olhar admirado.

Cheia de perturbação, a médium, procurando recordar-se do lugar em que se achava, afasta-se no meio do profundo silêncio que todos guardavam.

Afinal, um dos assistentes, amigo íntimo de Lincoln, perguntou-lhe à meia voz se não havia notado alguma coisa de especial no modo de discorrer do orador, a quem acabavam de ouvir. O presidente teve um estremecimento, como se saísse de um sonho, e, erguendo a mão — foi esta a sua silenciosa resposta — apontou para um retrato que pendia da parede.

O retrato era do ardente chefe de partido, o grande Daniel Webster, cuja eloqüência irresistível vibrara outrora no Senado e sempre sôbre o interminável problema da escravidão.

— Se não me julgais indiscreto, murmurou Snr. Somes, poderei perguntar se efetivamente, Snr. presidente, houve pressão, como a voz revelou, para ser adiada a proclamação ?

Com um sorriso benévolo, respondeu Lincoln :

—Nas atuais circunstâncias a pergunta vem muito a propósito. Posso dizer que me é preciso empregar tôda a minha vontade e todos os meus esforços para resistir a essa pressão que exige o adiamento...

E, voltando-se para a jovem médium, disse :

— Minha filha, possuís um dom verdadeiramente extraordinário. Que êle venha de Deus, não o duvido. Agradeço a vossa vinda até aqui, esta noite. É mais importante do que podem supor tôdas as outras pessoas presentes. Espero ainda ver-vos.

E retirou-se.

«Certo dia, a Snra. Lincoln avisou a Miss Nettie que iria, em companhia de algumas pessoas, assistir a uma das suas sessões.

Na tarde dêsse mesmo dia, o «Espírito familiar» da médium anunciou que o presidente Lincoln compareceria também à sessão : mas as pessoas do círculo ficaram em dúvida, parecendo-lhes pouco provável que o presidente fôsse a uma casa particular para assistir a uma «sessão espírita».

Quando, porém, o carro presidencial parou, ao aproximar-se a hora da sessão, à porta de Miss Nettie, o Snr. Laurie foi ao encontro de Lincoln dizendo-lhe :

—Seja benvindo, Snr. Presidente; já o esperávamos.

— Como me esperavam, se, há poucos minutos, eu não sabia que tinha de vir aqui ?

Lincoln acabara de conferenciar com os ministros, e encontrando-se com a espôsa, prestes a sair com alguns amigos, perguntou-lhe maquinalmente onde ia.

—A uma sessão, em casa de Nettie — foi a resposta.

—Espera um pouco ; irei também. Assim narrou Lincoln o incidente, sublinhando a surprêsa que lhe causaram as palavras do Snr. Laurie. Foi-lhe comunicada então a referida mensagem, anunciando antecipadamente a sua vinda.

Mostrando-se satisfeito, Lincoln, depois de ouvir um pouco de música, perguntou a Miss Nettie «se não tinha alguma comunicação a fazer-lhe».

— Talvez «os outros» queiram falar-vos, respondeu a moça.

Um «terceiro», com efeito, falou, e não era um desconhecido. Era aquêle que na Terra foi o Dr. Bamford, e que agora, Espírito liberto, se incorporava à médium, falando com o seu antigo modo de falar. A sua linguagem franca inspirava confiança a todos, Lincoln inclusive.

Veremos como essa confiança era bem fundada, como a sessão, de que ora nos ocupamos, é digna de ser rememorada. Um invisível dá conselhos ao chefe de um grande Estado e prescreve-lhe um ato de que ninguém havia cogitado, e, caso notável, o supremo magistrado da República, na plenitude de suas fôrças, com a sua vasta e culta inteligência e largo descortino de estadista, julga os conselhos, segue-os à risca, reconhecendo a intervenção direta de uma potência extra-normal, obedecendo-lhe.

Dupla lição.

Naqueles dias, grande era o desassossêgo do povo americano. A situação do exército não era a de quem vencia...

O presidente estava sitiado por todos os lados, sofrendo pressão do seu próprio partido, para ceder às exigências dos escravagistas. O Congresso não era favorável à libertação.

Tempos verdadeiramente sombrios.

Foi então que o «Dr. Bamford» tomou a palavra.

Falou longamente, pela bôca de Miss Nettie, sôbre a situação do exército. Declarou que regimentos inteiros estavam dispostos a depor as armas e voltar para os lares; que a ordem e a disciplina haviam abandonado as fileiras, estando iminentes gravíssimas perturbações...

Os assistentes pareciam consternados, salvo Lincoln que, reconhecendo exatas as informações sôbre o exército, perguntou ao Dr. Bamford se não podia indicar algum remédio para melhorar-lhe a situação.

—Sim, disse o doutor, se tiverdes a coragem de empregá-lo.

— Ponha-me à prova, respondeu Lincoln, sorrindo.

—«O que vos tenho a dizer, continuou o Dr. Bamford, é tão simples que talvez sereis levado a supor que a medida é insuficiente, à vista das atuais circunstâncias. O que é, entretanto, certo é que o meio para conjurar o perigo só de vós depende; está em vossas mãos. Ide, em pessoa, visitar o exército; ide só, levando apenas vossa mulher e filhos. Nada de oficiais convosco; nenhuma escolta.

«Ide com tôda a simplicidade e falai aos soldados. Perguntai-lhes quais são as suas queixas; mostrai-vos, como sois na realidade: o pai do vosso povo.

«Procurai fazer compreender aos soldados que vos interessam as suas provações, as suas queixas, as suas mágoas, as suas desventuras, depois de tantos combates, depois de tantas marchas difíceis através de regiões pantanosas, onde caíram mortos tantos companheiros.

«E para evitar o perigo iminente, é preciso que amanhã mesmo seja publicada a notícia de vossa visita ao exército.

O Dr. Bamford discorreu em seguida sôbre a guerra, em geral; predisse-lhe o fim e que Lincoln, dentro de dois anos, seria reeleito. (2)

Quando o doutor acabou de falar, perguntaram a Lincoln se os negócios do país estavam assim tão comprometidos.

O presidente respondeu que não havia exageração, e, exigindo dos assistentes que guardassem silêncio e nada revelassem, acrescentou, apontando para um oficial:

—Êste oficial bem sabe, porque acaba de dar-me informações sôbre a situação do exército. É exato o que nos disse o Dr. Bamford. Sôbre êsse assunto versou hoje a conferência ministerial, e, ao encerrá-la, não sei porque resolvi acompanhar minha mulher até aqui. Julgo ser o conselho do doutor o melhor possível; tenho observado que fatos aparentemente de pequena importância têm muitas vêzes grande influência nos acontecimentos...

O presidente assim falou, como se estivesse pansando em voz alta, em solilóquio, sem se preocupar com as pessoas que, em respeitoso silêncio, o ouviam.

No dia seguinte—era um domingo — a Gazêta anunciou, em grandes letras, a próxima visita do presidente, com a família, ao exército, demonstrando assim que os conselhos do Dr. Bamford tinham sido seguidos à risca.

Essa visita é um fato histórico e produziu os melhores resultados.

Os soldados ouviram Lincoln e o carregaram sôbre os ombros através do acampamento, fazendo-lhe extraordinária ovação.

Grande foi o entusiasmo popular.

O presidente deixou o exército unido, tendo-o animado e fortalecido.

As intrigas oposicionistas tinham-se infiltrado nas fileiras. Os adversários haviam assoalhado que os representantes do govêrno levavam, em Washington, uma vida de luxo, de dissipação e de prazeres enquanto as tropas eram sacrificadas nessa terrível luta.

Eis aí porque o Dr. Bamford aconselhou a visita nos têrmos indicados, para que Lincoln se apresentasse ao exército com a sua grande simplicidade e bondade, com tôda a grandeza de sua alma.

Registremos aqui que a Snra. Lincoln, que tinha grande confiança na predição do Espírito e concorrido para a visita, ficou realmente satisfeita com o feliz resultado obtido».

CLÊMENS

(De «L'Intervention des Invisibles dans l'Histoire Moderne»)

---

(1) Era em setembro de 1862. A Proclamação foi publicada em 1.º de janeiro de 1863.

(2) Lincoln foi efetivamente reeleito em 1865.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

37—O Almirante foi, pessoalmente, conversar, a sério, comigo. Admirei-me, pois espaçara suas visitas à Paraíba. Procurou convencer-me a ficar, mas Marília advogou nossa saída. Alegou meu definhamento, meu esgotamento nervoso, a perda diária de minha saúde. Calei, porque ela estava com a razão. Já não tinha mais coragem de lutar com tantos fatôres contrários.

38—Deixamos Paraíba do Sul, em uma madrugada triste de Julho, porque tristes trouxemos os corações. A despedida com os internos foi dolorosa. Apesar dos esforços que fizemos para não despertá-los, despertaram todos. Cabisbaixos, quase todos choravam. Até os moços. Não falaram. Não falamos. Falavam as nossas e as lágrimas dêles. Mamãe, Marília, Leopoldina, arrazadas. Eu, mais forte, porém, com o coração sangrando. À entrada do carro, falou, aos soluços, o menorzinho dêles, sete anos, a quem chamávamos Saarzinho: «E agora, como vai ficar o Saarzinho, sem vocês ?» Suas palavras foram respondidas pelos soluços dolorosos de minha mãe, espôsa e irmã. Meu rosto estava banhado de lágrimas. Também não pude proferir palavra...

39 — Eram trinta e seis os internos de quem nos despedimos e o Saarzinho por sua idade, tinha os cuidados especiais dos três corações femininos de minha família e do meu que sempre desejara um herdeiro.

40 — Viagem tristíssima, de automóvel, por Petrópolis, de Paraíba ao Rio. Poucas palavras trocamos. Eu, coração mais duro, reagi logo. As lágrimas das três as acompanharam até o Rio.

41—A chegada à casa do meu sogro aquietou um pouco os seus corações. Casa cheia, família grande e fôrça-de-vontade consolaram aquêles corações maguadíssimos.

CAPÍTULO XXXV

De novo, no Rio

1 — Eu e Marília, doentes, começamos a pensar, todos, na vida. Meu esgotamento físico e mental e ela em estado interessante. Poucas economias. Contava, apenas, com nove contos de réis, no Banco do Brasil e oito em quotas. Gastamos muito dinheiro em remédios. Foi o dr. Sebastião Tamanqueira o nosso médico, que ficou muito nosso amigo.

2 — Ficamos na casa do sogro, a mesma casa, aliás, onde morara com o Lima e o Estrêla, anos atrás, à rua José Bonifácio, número quarenta e quatro. Ajudava o aluguel da casa e pagava a pensão de minha família, porque jamais fui homem de amar favores.

3 — Melhorando um pouco, tratei de pensar no lugar em que pretendia fundar um colégio meu. Fui com o sogro a Santa Cruz, procurar o dr. Cesário de Melo, conhecido daquele. Não tivemos boa acolhida do homem, então político de destaque. E não gostei do lugar.

4—Tivemos a surprêsa de recebernos o menino Daicy Almeida que não suportara o internato de Paraíba, sem nós. Seus pais o trouxeram, pedindo ficássemos com êle, de qualquer modo, na casa dos pais de Marília. Aquiecemos, ficando minha irmã encarregada de prepará-lo para os exames de admissão ao Colégio Militar, primeira época. Foram felizes, professôra e aluno, porque ingressou, na época desejada, no referido Colégio.

5—Recebemos a visita de um primo de Marília, noivo da filha do coronel Alberto Melo, então prefeito de Iguassú, a quem já conhecíamos, porque fomos professôres, no Nacional do Meier, de três filhos seus. Conversando conosco, o rapaz lembrou procurássemos seu futuro sogro, porque talvez Iguassú comportasse um Colégio.

6—Munimo-nos de uma carta-apresentação de Manoel Quintão para os espíritas da cidade, pois para o coronel Alberto não carecíamos de apresentações.

7 — Atrazamos a vinda a esta cidade onde pretendemos permanecer até a morte, por causa do nascimento do nosso primeiro e único herdeiro. Nasceu morto, mas parto natural e ótimo. Não amargamos uma grande decepção porque a nossa religião a evitou. Marília, então, já estava quase espírita. Os obsessores que a judiaram em Paraíba e seu nível de raciocínio a fizeram analisar sensatamente o Espiritismo.

8—Não tive coragem de ver meu filho morto, contudo. Criança gorda e perfeita. Chamar-se-ia Leopoldo, se nascesse vivo. Se tivéssemos uma filha, chamar-se-ia Marília.

9—Mamãe e Leopoldina quase não paravam em casa, depois dos exames do Daicy. Faziam as refeições com o Lima e só vinham dormir. Percebi, embora nada dissessem, que não estavam satisfeitas. A tristeza de minha mãe apertou-me o desejo de fundar, o mais depressa possível, o meu colégio. E rumei para Iguassú, logo depois do restabelecimento completo de Marília.

10 — Antes, tomara parte em um concurso de contos, conseguindo o primeiro lugar, na Vida Doméstica. Só soube que fôra premiado, quando já estava em Nova Iguassú.

11 — Não recebi visita do Almirante nem de ninguém de sua família. Mais uma decepção : não me acreditou, não me apoiou, não me compreendeu...

12 — Chegando à Nova Iguassú, ainda encontrei o nome de *Maxambomba*. Acostumei-me com Iguassú com dois *ss* e não me conformei e não me conformarei nunca com Iguassú com ç. A propósito, lembro-me de um poeta amigo que dizia quando da primeira reforma ortográfica : «lírio sem *y*, parece não ter a forma nem o perfume da flor. Imitando-o, digo : Iguassú com ç parece não conter tôda a grandeza que o município encerra. Jamais escrevi e jamai escreverei Iguassú com ç.

13 — Chegando, repito, à Nova Iguassú, procurei, em primeiro lugar, Vitorino Eloy dos Santos. Na sua simplicidade, achou que nada podia fazer por mim, alegando ser humilde ferroviário. Apresentou-me ao Francisco Pimenta, dentista, que, na sua opinião, tinha muito prestígio. Francisco Pimenta recebeu-me bem, levando-me às pessoas mais indicadas, no seu modo de pensar, para o caso. Fomos primeiro, ao prof. Augusto Paris.

14—Augusto Paris recebeu-me secamente. Desaconselhou-me a pensar em colégio, alegando ser o magistério a profissão mais ingrata do mundo. «Ninguém reconhece o valor do professor», arrematou amargo.

15—Eu vira, à entrada de sua escola, onde é hoje o Pôsto de Saúde, uma placa comemorativa do seu aniversário, onde se lia a oferta de seus discípulos. Retruquei : se fôsse como o diz, não teria o senhor recebido tão expressivo presente. Desconversou, desajeitado.

16 — Francisco Pimenta levou-me à Prefeitura, onde conheci o coronel Nicolau e revi o Prefeito. Fomos depois à casa do velho Joaquim Tinoco que pôz uma casa sua, às minhas ordens, para aluguel. Para um pequeno colégio, a casa se prestava bem.

17 — Visitamos, depois, o «Correio da Lavoura». Seu diretor, o saudoso e inesquecível Silvino de Azeredo, entusiasmou-se com a fundação do colégio e publicou logo uma nota sôbre ela. Tôda a cidade soube do movimento e tratei de preparar as carteiras, mesas e os móveis indispensáveis ao meu pequeno educandário. Firmamos, eu e o velho Silvino, uma amizade que o tempo não esfriou. Provei a minha gratidão ao bom amigo, dando seu nome a uma das sa-

las do meu colégio, com o seu retrato, querida oferta de seu filho Luiz, também grande amigo.

18 — Visitamos, ainda, o sr. Deoclécio Dias Machado cujo filho era nosso provável aluno. Foi o único provável aluno que visitei e que não procurou o meu ginásio. Fui, porém, depois, professor de dois filhos do sr. Deoclécio, aliás ótimos meninos que fizeram conosco todo o curso ginasial.

19 — Limpa e arrumada a casa, inaugurei meu educandário modesto, a primeiro de fevereiro de mil novecentos e trinta. Doze alunos apenas, dos quais seis internos que deixaram Paraíba, mal souberam eu havia fundado o *Ginásio Leopoldo.*

20 — Inauguração simples, porém alegre e expressiva. Contou com a presença de alunos de Paraíba do Sul, do coronel Alberto Melo, prefeito, Silvino de Azeredo e Sebastião Herculano de Mattos, outro grande e saúdoso amigo que encontrei em Iguassú, do dentista Francisco Pimenta e famílias dos seis alunos da cidade e algumas dos internos.

21—Eu e minha família passamos a morar no colégio. Minha mãe rejuvenesceu com a saída da casa alheia. Contente e disposta, passou a fazer o serviço de limpeza, auxiliada por uma empregada. Eu gastara o meu dinheirinho junto, nos pertences da escola. Não podia pagar zelador. Leopoldina assumira a secretaria e duas turmas. Marília, direção de cozinha e duas turmas, também; eu, a direção do ginásio e o curso de admissão.

22 — Começo duro, porém todos alegres e dispostos. Que saudades tudo isto me traz ! Período cheio de trabalhos, mas quanta persistência e idealismo em todos, até naquela velhinha de sessenta anos que, por sua incultura, não podia ocupar a cátedra de professôra; mas, por amor do filho jamais tivera vergonha de varrer as dependências do colégio, mesmo à frente de alunos e visitas.

Que possas receber, minha mãe, onde estiveres, tôda a minha gratidão à tua santa humildade e todo o orgulho que sempre senti de ser teu filho ! ...

Deus não marca ninguém

EM algumas regiões brasileiras, em rincões sertanejos ouvem-se com frequência ditos populares que rareiam já nas capitais, enunciados que felizmente desaparecerão com o tempo e que o Espiritismo ensina não terem razão de ser em face da luz espiritual. Diante da ingratidão, da falseta, do malfeito de uma pessoa portadora de marca física ou de aleijão, lá vem fatalmente o enunciado «filosófico» desamoroso incidindo sôbre o defeito corporal do autor do fato. É um vêzo lamentável, anti-evangélico. Ora, irmãos, mas se aponto um vêzo descaridoso de humildes sertanejos que nunca viram a escola, devo confessar que, embora só em pensamento, também eu fui réu, antigamente, dêsse mesmo desamor aos semelhantes menos favorecidos no físico. E disso, arrependido de coração já pedi e peço perdão a Deus...

Há não muitos anos atrás, antes do meu feliz achegar à doutrina dos Espíritos, automática e firmemente já acreditava na pluralidade dos mundos habitados, na reencarnação, e de que a Terra era rampa de próvas árduas, de expiação. Então formei com simpleza — para mim sómente —, um raciocínio, que, se ingênuo e bobo na ocasião, mantido hoje seria tremendamente pretencioso, orgulhoso, integralmente estúpido. Mas, nós todos temos a possibilidade de nos libertar de muitos prejuizos, então agora graças a Deus vou um tanto mais esclarecido quanto às verdades, dizentes das coisas espirituais, coisas de transcedência a se ligarem à existência da criatura dêste planêta Terra. Imaginem, caros confrades que naquele tempo me julgava uma criatura de existência pregressa, de vida anterior sem débitos espirituais relevantes, consistentes, ponderáveis. Admitia-me imperfeito ainda, sim, pois sopesava seguro que vivia num mundo de adiantamento relativo, mas não me admitia como grande devedor do pretérito. Raciocinava sincero não poder haver tido um ontem leviano, de estulto, que não fôra um aproveitador de prerrogativas, das qualidades próprias, de situações; não fôra um infringidor de poderes, de leis humanas e disposições sociais. Sempre de mim para mim, quase admitia-me um ex-justo, um sujeito de vivência anterior justa! Muito lindo tudo isso, não é verdade? Até glorioso tal balanço psicológico...

E sabem os irmãos o porquê de tôda essa auto-apreciação assim auto-elogiadora e camarada e «justiceira»? Exatamente porque via-me e sentia-me em corpo saudável com regular boa cabeça, bons olhos, bons braços e mãos, boas pernas e bons pés!...

Notem como na análise pueril, terreníssima, tão amorável e caridosa para o meu ego, para a minha individualidade, quanto havia de temerário juizo, de arbítrio e apriorismo, de descaridade maciça e frontal contra os que não tinham corpo saudável, não tinham boa a cabeça, bons os olhos, braços e mãos e pernas e pés eficientes! O meu raciocínio não alcançara ainda que a dor e as deficiências físicas representam muitíssimas vêzes a pura solicitação pre-encarnatória da criatura mesma, a fim de, através do forte testemunho cumprido, progredir espiritualmente com rapidez! Mas, o que sabia eu das luminuras do Espiritismo? Um nada. Por isso aquêle pobre, temerário raciocinar, por isso aquelas minhas ilações de lógica assim terra-terra; ilações infelizes nas quais incidem outras criaturas.

Evidente que naquele tempo era maior do que agora a minha ignorância acêrca da imensa misericórdia do Pai Celestial. Não vou à blasfêmia de dizer que agora estou na posse plena da munificência divina; ela é infinita como o Seu sublime Fulcro é infinito. A munificência, a misericórdia de Deus se patenteia de mil formas no mundo que nos rodeia, e para êsse patentear basta a nossa disposição de observar, de ponderar, de sentir. Outrotanto eu não irei mentir dizendo que presentemente obtive informes ou revelação de que no pretérito não fui bom ou mau — nada sei se fui um justo ou um perverso. Sei é que graças a Deus vou disposto a vencer mais um milímetro inicial no conhecimento da luminosa doutrina espírita cristã, doutrina codificada na hora precisa e sob a inspiração do Alto por um insígne Espírito que na Terra chamou-se Allan Kardec desde os drúidas.

Irmãos, hoje até eu sei desta claridade: às vêzes são tantos e tão graves os nossos débitos espirituais que o inabarcável amor do Pai permite não os saldemos numa só encarnação. Deus dá muitas, dá repetidas encarnações à criatura com pagamento amenizado de saldos. Mercê de Deus, nem sempre estaremos pagando dentro de uma encarnação TODOS os débitos contraídos na existência antecedente, transata. Se com vistas ao aperfeiçoamento espiritual Deus dá muitas encarnações à boa criatura, muitas mais Êle dará às almas grandes devedoras a fim de quitação de débitos. O Criador dá tôdas as oportunidades para a criatura recuperar-se, melhorar-se, evoluir. Todos têm sua oportunidade em Deus, e a ninguém de nós é dado saber os méritos espirituais próprios, não é dado saber nem é dado o direito de julgar os méritos e deméritos espirituais dos outros. Não mergulhemos pois na presunção e temeridade que tecem sempre comparações favoráveis a nós desfavorecendo nossos semelhantes.

Outrossim, irmãos, a misericórdia de Deus acompanhando reencarnações sucessivas da criatura, resulta na cristalina realidade de que não há para nenhum de nós CRUZ pesada demais às nossas fôrças. Ponto êste para a constante e integral meditação dos que consideram o seu cotidiano demasiado penoso, o seu viver demasiado na doença, demasiado triste e amargo. Meditemos sim na verdade perene da CRUZ NUNCA EXORBITADA nós todos que nos desalentamos, que nos deixamos tentar pelo desespêro, que acolhemos idéias de revolta desvairada. Porque, verdadeiramente, demasiada sim é a tolerância, a paternalidade de Deus para conosco, que fizemos do mundo de ontem e de hoje imensa esplanada de malfeitos, de malevolências, de impudência, de hipocrisias e iniqüidades.

v. lirenedo

João Custódio Machado

Uma Lição e um Modêlo

Às 10,30 do dia 13 de Julho de 1959, fechou os olhos como para entrar num sono tranqüilo, sem dor nem abalos, e deixou seu frágil corpinho físico o nosso querido companheiro de lides espíritas e esperantistas, João Custódio Machado, em Tupaciguara, Minas Gerais, com a idade de 27 anos e 4 mêses, pois que nascera em 13 de Março de 1932.

Seu corpo físico não teve o desenvolvimento normal: chegou apenas a 60 centímetros de altura; sem ossificação completa; tinha o pescoço, o tronco, as pernas ineptos para se erguer, e os braços e mãos muito frágeis. Vivia numa cadeira de rodas.

Com tôdas essas limitações físicas, era um grande idealista e conseguiu como autodidata uma invejável cultura. Perfeito possuidor do Esperanto e ardoroso propagandista, fundou em sua cidade a «Livraria Esperanto» e era agente das revistas estrangeiras, inclusive uma da China.

Em cartas de 1956 convidava-nos êle para Redator-Chefe de uma revista espírita que pretendia fundar em Esperanto, para divulgar a Doutrina pelo mundo. Desaconselhámos o empreendimento, por nos não parecer maduro o tempo para isso: seus sacrifícios não poderiam dar os resultados idealizados.

Era um dos mais entusiastas propagandistas do ideal simbolizado no triângulo.

o o

Sua projetada revista chamar-se-ia «Triopo» (O Trio).

Era presidente da Juventude Espírita de sua cidade e trabalhava entusiàsticamente na construção de um ginásio para os pobres que não pudessem pagar o ensino secundário. A pedra fundamental do «Ginásio Esperança» foi colocada por Divaldo Pereira Franco, que por duas vêzes visitou aquela cidade a convite de João Custódio Machado.

Em discurso ao descer o corpo à sepultura, disse Emmanuel Martins Chaves com muita propriedade:

«Tinha o corpo completamente mutilado, sòmente sendo perfeita a cabeça; mas, apesar disso, era o consôlo dos aflitos, conselheiro seguro e dono de uma cultura invulgar.»

Êsse espírito superior era feliz com seus ideais, com seu sublime altruismo, porque não tinha tempo de pensar em si mesmo nem de se lembrar de suas limitações: a dor do próximo e o bem geral o absorviam totalmente.

Vê-lo era lembrar logo de «Memórias de um Suicida», de um daqueles que foram preparados na Colônia Maria de Nazaré, para uma encarnação simultâneamente de expiação, prova e missão, e nos três aspectos triunfou êle galhardamente.

Para a ciência materialista tal homem seria um mistério indecifrável; mas para a filosofia espírita é um caso encantador de vitória contra o passado e conquista do futuro, realizada por um espírito já muito adiantado em moral e inteligência. E' preciosa lição e modelo para todos nós. A Lei severa e justa se cumpriu em seu corpo, mas seu espírito pairava acima do sofrimento físico, trabalhando na preparação do porvir da Humanidade, e por isso em sua própria redenção.

Teve sempre um anjo a seu lado velando noite e dia por êle: a mais extremosa das mães, D. Albertina Machado, também espírita fervorosa, mãe de treze filhos, e que acolheu ainda em seu lar mais dez órfãos e os criou com o mesmo carinho dedicado a seus próprios filhos.

O amor imenso de D. Albertina pelo filho fisicamente anormal muito suavizava neste o rigor da Lei de Justiça divina.

A vida de João Custódio Machado nos ensina que a severidade da lei de carma pode ficar quase anulada pela misericórdia divina, quando recebida com ânimo forte, sem revolta e com muito amor ao próximo.

Das cidades visinhas afluíram espíritas, esperantistas, amigos e admiradores para prestarem a última homenagem ao belo Espírito, cujo pequeno ataúde desceu à sepultura envolto na bandeira verde do Esperanto que êle amava muito e ao qual dedicou todo o seu talento.

Foi um modêlo a seguirmos, uma lição a aprendermos.

Obrigado, caro amigo!

Ismael Gomes Braga

De «Reformador», de Setembro.

Crônica Estrangeira

1.000 Ministros concorrem para a divulgação das verdades psíquicas

De «Two Worlds»

Mais de 1.000 ministros e Bispos de todos os credos, agora estão cooperando com «Spiritual Frontiers Fellow-Ship», uma organização americana que propaga o conhecimento psíquico entre igrejas ortodoxas.

Arthur Ford, médium americano altamente dotado, que demonstrou sua brilhante mediunidade ante a citada organização, revelou êste fato quando êle fez *história* psíquica, ao pregar em uma das maiores igrejas ortodoxas de Montreal, isto há poucos dias.

O Dr. Rawson, Ministro da Igreja Unida St. James, confessou seu interêsse pessoal em assuntos psíquicos, antes de apresentar Ford a uma congregação de 1.200 assistentes, nesse serviço de domingo à noite.

Depois de explicar as atividades mediunísticas de Ford, êle se referiu à sua vasta bibliotéca, dizendo que ao menos quatrocentos livros tratavam de assuntos psíquicos. «Por curiosidade iniciei minha investigação treze anos atrás», disse o Dr. Rawson, «mas agora sinto ser uma necessidade».

Durante quase uma hora, depois de sua alocução, Ford respondeu a uma variedade de perguntas da congregação. Ao terminar, o Dr. Rawson perguntou aos presentes se êles apreciariam a volta de Ford e houve um unânime «Sim».

⁂

Jovem «Morta» leva o Clérigo ao Pai moribundo

«Two Worlds»

Se entidades sòmente existem na mente, como podem elas fechar, abrir portas, deslocar móveis e tocar campainhas?

Herbert E. Wiseman faz estas perguntas no «Humanist», o jornal Racionalista, que publicou o parecer de Anthony Flew que sustentou serem «halucinações subjetivas» as entidades espirituais.

Wiseman cita a «Ressurreição de Jesus Cristo», um livreto escrito pelo Rev. Dr. Leslie Watherhead. Êste famoso ministro Metodista cita as experiências de um colega que foi levado do seu escritório, numa noite tempestuosa, pelo violento tinido da sua campainha.

Êle encontrou, de pé do lado de fora, uma jovem mulher que reconheceu ter pertencido a sua congregação num distrito próximo que êle deixara 18 mêses antes. Ela lhe pediu vir e orar com seu pai moribundo, em sua casa distante 5 quilómetros.

Depois de juntos se arrastarem através do vento e chuva, ela desapareceu subitamente, quando a mãe abriu a porta.

Depois de orar com o moribundo, o clérigo foi informado que *a filha falecera um ano atrás.*

Wiseman também relata uma sessão, em que sua mulher cumpriu a promessa feita ao falecer, de sua materialização completa em presença de 24 pessoas. O médium foi Alec Harris.

A figura parada

De «Estudos Psíquicos»

Há desgostos providenciais que nos aliviam e salvam às vêzes de tragédias irremediáveis. Foi o que se deu com a senhora K. Perrin, de 14, Fleck Street, Dan Piennaar, Bloemfontein, África do Sul, que descreveu o caso de uma aparição que lhe salvou o marido.

—Minha irmã — diz ela — despertou um dia e viu uma figura parada à entrada da porta, brilhante como se estivesse inteiramente coberta de fósforo. Ficou tão aterrorizada, que chamou minha mãe para ver o fenômeno, o qual se extinguiu em seguida. Mas ambas pensaram que era mau presságio para meu irmão que tencionava seguir numa expedição de pesca. Minha mãe sentira um vago pressentimento, quando êle lhe pediu que o chamasse muito cedo e por duas vêzes hesitou em fazê-lo, acabando por não o acordar. Quando, mais tarde, meu irmão se levantou, mostrou-se aborrecido por não ter despertado e lhe ser impossível embarcar. Mas o seu desgôsto foi consideràvelmente atenuado, embora com tristeza, ao saber que o barco se tinha afundado com tôda a tripulação.

Teria aquela figura estranha aparecido no intuito de contribuir para que o irmão da articulista se não levantasse a tempo de seguir na expedição? É provável; de outro modo, não teria surgido no dia em que se deu o acontecimento.

⁂

A profecia de Henri Heine

De «Estudos Psíquicos»

Juliette Laine escreveu numa revista inglêsa que os historiadores se ocuparam sempre com enorme curiosidade da percepção extra-sensorial do grande poeta alemão Henri Heine, amigo íntimo do compositor de óperas Vincenzo Bellini. Uma noite Henri Heine assistiu a um serão em Pateaux, nos arredores de Paris, onde o músico vivia.

A meio da reunião, que decorria animadamente, o jovem compositor sentou-se ao piano para tocar uma das suas criações, quando Heine abandonou sùbitamente a sua cadeira, atravessou lentamente a sala e pôs as mãos sôbre as de Bellini, interrompendo a execução numa brilhante passagem.

Tôda a gente se entreolhou com surprêsa e suspirou de horror, quando o místico alemão exclamou solenemente e sàdicamente:

—Meu amigo, prepare-se, que vai morrer brevemente.

Bellini desprendeu as mãos das de Heine e afastou-se apavorado. Êste, em seguida, voltando-se para os convidados, prosseguiu:

—É lamentável que os gênios morram freqüentemente jovens! Lembrem-se de Rafael, Pergolesi, Mozart, Byron. E agora...

Bellini, lívido e descomposto, fêz cruzes e figas, como faziam os italianos para evitar ou neutralizar um «mau olhado».

Três dias depois, Bellini morria de inflamação intestinal. Tinha apenas 34 anos. A profecia de Heine era tràgicamente verdadeira...

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano	Cr.$250,00
Do 4.º ano . .	250,00
Do 5.º ano . .	250,00
Do 6.º ano . .	250,00
Do 7.º ano . .	250,00
Do 18.º ano . .	200.00
Do 19.º ano . .	200,00
Do 20.º ano	Cr.$ 200,00
Do 21.º ano . .	200,00
Do 22.º ano . .	200.00
Do 23.º ano . .	200.00
Do 24.º ano . .	200,00
Do 25.º ano . .	200,00
Do 26.º ano . .	200,00
Do 27.º ano	Cr.$180,00
Do 28.º ano .	180,00
Do 29.º ano .	180,00
Do 30.º ano .	180,00
Do 31.º ano .	180,00
Do 32.º ano .	180,00
Do 33.º ano .	180,00

Bibliotéca Espírita «Braille» Liberal Del Picchia

Quem é Liberal Del Picchia ?

E' um cego que há anos vem colaborando para a Biblioteca do Livro do Cego, no Brasil.

E' o Vovô dos copistas como lá o chamam.

Um dia, em conversa com colaboradores espíritas, êle demonstrou um desejo:

«Porque não fazermos uma Biblioteca Espírita Braille? Foi no Espiritismo que eu encontrei luz para a noite de minha cegueira. Foram seus ensinamentos que me deram fôrça e coragem para caminhar com resignação, carregando a carga de minha provação. Porque não levarmos, para meus companheiros cegos a luz bendita do Espiritismo que ilumina há mais de cinquenta anos, o meu caminho de trevas ?»

Foi assim que êle e seus companheiros de crença, deram início à organização da Biblioteca Espírita «Liberal Del Picchia».

Iniciada essa Biblioteca há dois anos, conta já com 200 volumes, sendo a maioria dêles trabalho do Sr. Liberal que com sua máquina de escrever «Braille», passa os dias transcrevendo obras espíritas para o «Braille».

Essas obras acham-se à disposição dos que desejarem fazer uso delas. Pouco se pede para isso: sòmente cuidado e amor para com os livros.

Devemos a êsse admirável trabalho do nosso irmão Liberal, a cooperação eficiente e espontânea de nossa irmã Maria do Carmo Barbosa que não vem poupando esforços no sentido de dar maior realce à louvável iniciativa.

Façamos, meus amigos, uma visita cordial a êsses nossos abnegados irmãos e à sua Biblioteca Espírita «Braille».

Temos certeza de que êles nos receberão com grande alegria e mesmo com grande transbordamento d'alma.

Dediquemos pois, ao nosso irmão Liberal, todo nosso apôio a fim de que êle prossiga na sua obra, por todos os títulos, honrosa. Peçamos-lhe que seja êle intérprete do nosso afeto, respeito e admiração junto aos demais irmãos que os visitam.

Anotem, pois, meus amigos, o enderêço da referida Biblioteca que está à disposição dos interessados, tôdas as quartas-feiras à rua Brigadeiro Melo, 60, S. Paulo—Telefone, 52-2807.

HENRIQUE CONDE

Espiritismo no Brasil

Retiro Espiritual

Como não prestamos vassalagem ao rei Momo e atendendo, com muito prazer, a convite que nos foi gentilmente dirigido pelo confrade e distinto amigo Dr. Agnelo Morato, visitamos a graciosa cidade de Franca nos dias de carnaval, afim de assistirmos a inauguração da nova séde do Centro Espírita Esperança e Fé.

Muito difícil se torna descrever o ambiente fraternal em que vivemos durante os dois dias em que ali nos encontramos, desde o reinante no Lar amoroso daquele nosso confrade, até aos abraços amigos de todos os outros companheiros de ideal, com quem convivemos horas agradáveis, que jamais serão esquecidas.

Franca, além das suas belezas naturais, é uma cidade limpa, bem ordenada e culta, pois possúe estabelecimentos de ensino em grande número e muito capazes, que por si só a recomendam como centro de cultura. No panorâma espírita, na nossa modesta opinião, tem lugar de relevância, pois no seu programa de trabalho nada foi descuidado, desde o campo cultural, ao assistencial e espiritual. Impressionou-nos deveras a visita feita ao Instituto Pestallozzi, estabelecimento de ensino muito eficiente e que representa um sacrifício sem limites da parte do seu diretor, nosso prezado confrade Dr. Tomaz Novelino, que além de elevadíssima cultura espírita, possui-a também em todos os outros setores do saber humano. Fomos informados do seu espírito de sacrifício em benefício do seu semelhante, bem como da sua intransigência na defesa dos princípios doutrinários. Investigador arguto e dedicado, acima dos seus interêsses pessoais de qualquer ordem, atende com prontidão e carinho aos dos seus semelhantes, e tudo isto com uma modéstia verdadeiramente impressionante. A par de tanta ignorância que ainda reina na maioria, acompanhada de enorme egoísmo, como tonifica termos contato com vultos desta natureza !

Descrever o movimento assistencial mantido pelos nossos Confrades francanos, é tarefa além da nossa capacidade. Êle é tão grande em número, qualidade e eficiência, que só poeta consagrado e inspirado o poderá cantar. Cantado ! perguntarão muitos. Diremos, sim ! pois trabalho dessa natureza só poderá ser cantado porque a prosa nunca poderá exaltar o seu verdadeiro valor, de maneira a fazer-nos viver a melodia alegre e divina que reina em tal ambiente, do qual só nos apercebemos após dêle termos retirado.

A Casa de Saúde «Allan Kardec», cujo Provedor-Gerente é o nosso confrade José Russo, é um estabelecimento ideal para débeis mentais. Como seu diretor clínico, o nosso confrade e preclaro amigo Dr. Tomaz Novelino, o que por si só é uma garantia clínica.

Graças à amabilidade de José Russo, que fêz questão de acompanhar-nos na visita ao estabelecimento, tudo nos foi franqueado e explicado. Desde os dormitórios ao «Túmulo dos Vivos» (como êle próprio designou os pátios onde durante o dia permanecem os doentes, e cujo título serviu para uma obra por êle escrita e esgotada), até aos refeitórios, dormitórios, sala de trabalhos práticos e teóricos de espiritismo, tudo apresenta uma limpeza impressionante, tornando assim o ambiente agradável, apesar do panorama de provação e resgate de cada um dos internados. Em cada um dêles um drama que fàcilmente se adivinha, mas também quantas dívidas saldadas ? Como és grande, racional e boa, bendita lei de reencarnação, pois só o fato de conhecer-te faz-nos compreender a razão de tanta dor, tanta miséria e tanta desigualdade !

José Russo, ilustre jornalista e escritor, com a sua dedicação de quasi 25 anos a tão árdua tarefa, de tudo se desincumbe. Uma palmadinha amiga àquele doente, uma mentira piedosa a outro, a concordância aparente com um absurdo apresentado ainda por outro, fazem dêle um ótimo equilibrador no meio de tanto desiquilíbrio.

Nesta modelar casa de saúde está ainda instalada a redação do jornal espírita «A Nova Era», com um apostolado de 31 anos de inestimáveis serviços à causa espírita, contando entre os seus colaboradores com nomes sobejamente conhecidos pela dedicação à Doutrina que a todos irmana.

Nosso presado confrade José Russo amàvelmente acompanhou-nos ainda ao Centro Espírita «Judas Iscariotes», o qual possui um salão para teatro, conferências e outras reuniões para muito público, que é um modêlo em todos os sentidos. Pena é, no entanto, que não seja aproveitado há muito tempo, segundo aquilo que nos informaram. No mesmo Centro estão instalados ainda vários setores de trabalho pertencentes ao referido Centro, desde a sala de trabalhos práticos de espiritismo, até as oficinas de costura, etc., etc. Anexo encontra-se o Albergue Noturno, o qual faz parte do Departamento Assistencial do mesmo Centro, com uma secção masculina e outro feminina que têm apreciável movimento. Nos fundos do terreno onde se encontra construido o Centro, começou o dinâmico José Russo a construção de novo edifício constituido de vários pavilhões, os quais se destinam aos velhos desamparados, de ambos os sexos.

Parabens, José Russo, e para a frente, que auxílio não lhe faltará para tão sublime tarefa.

Visitamos ainda o Lar Infantil José Marques Garcia, que achamos modelar. Ali são recolhidas as crianças desamparadas. Sem luxo, mas com o indispensável, pois desta maneira não sofrerão amanhã a realidade da vida, que tanto poderá ser risonha como cheia de dificuldades, lutas e sacrifícios. O indispensável aliado ao carinho, só poderá dar ambiente benéfico em todos os sentidos, e isso não falta naquele Lar.

Por amabilidade do nosso querido Dr. Agnelo, visitamos ainda o edifício, em fase de construção, no qual vai ser instalado o «Nosso Lar Espírita», e que é constituido por vários pavilhões. Sentimos estar ali uma obra que irá ser das maiores e com a qual os francanos poderão contar num futuro próximo. Esta convicção é produto das informações que obtivemos àcêrca da sua idealizadora, D. Leonor Neves Gomes, que não tem medido esforços, dedicação e amor para levar a cabo tão sublime obra. Não tivemos o prazer de conhecer esta nossa confrade, isto em pessoa, mas a sua abnegação fala tão alto que nos levou a sentí-la bem de perto, como irmã fraternal e missionária do Bem.

Finalmente chegou a hora da inauguração do novo prédio do Centro Espírita Esperança e Fé, que na verdade foi o acontecimento que nos levou a Franca. Em todos os rostos estava estampada a alegria por tão grande acontecimento, pois a conclusão desta tarefa dava oportunidade a muitos de iniciarem satisfatòriamente outras oportunidades de grande alcance no campo cultural, assistencial e espiritual. Estavam realmente habilitados para atenderem com carinho e amor a todos aquêles que ocorrem aos centros espíritas procurando lenitivo para os seus sofrimentos de tôda a espécie. Como fàcilmente se compreende, participamos também dêsse jubilo sem fim, pois nos sentimos perfeitamente integrados no ambiente reinante. Lá estava radioso, dinâmico e bondoso o nosso Dr. Agnelo, como um dos baluartes de tão auspiciosa como abençoada obra. Os jovens também não escondiam o seu gôso espiritual por verem levada a cabo tão árdua tarefa, como é nos dia de hoje a construção de um edifício a todos os títulos esplêndido, tanto nas suas linhas arquitetônicas como na disposição dos compartimentos de maneira a satisfazerem as necessidades para os quais foram criados. Além disso, estamos certos que êles viam nessa obra e nos seus objetivos, alguns em franco desenvolvimentos e outros já idealizados, uma diretriz sadia e exemplar para a obra que amanhã terão a seu cuidado. O exemplo para êstes moços tem sido tão salutar, que êles próprios não estão inativos, mantendo já obras assistenciais de real valor, como seja o amparo a viuvas desamparadas, às quais proporcionam casa e demais necessidades indispensáveis. O exemplo dos da velha guarda tem produzido os seus frutos naqueles corações que, por assim dizer, ainda estão a desabrochar para a vida.

Um conjunto musical, dava notas melodiosas na abertura da sessão solene de inauguração do prédio.

Representantes de autoridades locais, de coletividades culturais, religiosas e filantrópicas fizeram-se representar no ato solene, demonstrando desta forma uma alta compreensão de solidariedade nos objetivos comuns, como são os de carater beneficente, cultural e espiritual. Esta é uma das notas que muito nos apraz registar.

Após vários números de harmoniosa música, falou o presidente do Centro, nosso estimado confrade Dr. Agnelo Morato. Pela sua palavra fluente todos ficaram a conhecer os fins do Centro Espírita Esperança e Fé.

Foram ditos vários recitativos com verdadeira mestria e que nos encantaram deveras.

Novamente em ação o batalhador José Russo, agora com a palavra para dizer da sua satisfação pela conclusão do novo edifício que por si só, fala do esfôrço da equipe espírita francana, o qual visa servir ao próximo e à divulgação da doutrina que a todos impulsiona para a prática do Bem, bem como para a cultura espírita e elevação das almas, afim de poder ser estabelecido o reino de Deus na Terra.

Em seguida é dada a palavra ao eminente amigo e confrade Dr. Tomaz Novelino, que com a mestria por todos nós conhecida, traça um breve histórico do Centro e das suas finalidades. Refere-se ainda às belezas da doutrina espírita, que a par da lógica irrefutável de suas teorias, contém bálsamo salutar para os sofrimentos de tôda a espécie, e cuja finalidade é a evolução de todos os espíritos pela prática do Bem e pelo conhecimento das coisas.

Da mesa faziam parte alguns descendentes do benemérito espírita José Marques Garcia, a quem o movimento espírita francano muito ficou a dever no setor assistencial, pois a maior parte das obras hoje mantidas naquela cidade falam do seu espírito de renúncia. Nesta conformidade, foi concedida a palavra a seu filho, nosso prezado confrade, cujo nome nos escapou, que cheio de entusiasmo falou da sua satisfação pela concretização do sonho de todos, como era a inauguração da nova sede. Disse estar certo que essa felicidade era extensiva a todos os que contribuiram para tal, tanto no plano terreno como no espiritual.

Dada a palavra ao presidente da 3.ª Concentração das Campanhas da Fraternidade «Auta de Sousa», o jovem e dinâmico confrade Dr. José Simão Camelo, fomos brindados com um belo improviso, o qual teve a finalidade de chamar a nossa atenção para a dedicação que devemos ter pela prática do Bem e do amor ao próximo, procurando desta maneira servirmos a Jesus.

Quando terminou a sessão solene inaugural, todos demonstravam um júbilo sem limites, mostrando assim o muito interêsse votado pelos irmãos francanos às coisas do espírito, provando desta forma que estão bem integrados no ensino crístico: «O meu mandamento é êste: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei».

No dia seguinte tivemos ainda a satisfação de visitar o «Diário da Tarde», tendo sido recebidos pelo seu redator Snr. José Roberto Correia que nos dispensou a melhor atenção e acolgimento fidalgo. Fazemos votos para as maiores prosperidades a êste Diário, ao mesmo tempo que agradecemos a gentileza daquele ilustre jornalista, cujas atenções nos cativaram deveras.

Neste mesmo dia, domingo de carnaval, fomos visitar o programa espírita radiofônico, que é atirado ao ar pela Rádio H. E. R. T. Z. cujo trabalho nos satisfez realmente, por ser muito objetivo.

Passamos mais de uma vez, neste dia, pela Séde do Centro, tendo verificado, com muita satisfação, que os jovens caravaneiros da Campanha da Fraternidade «Auta de Sousa», alheios aos folguedos carnavalescos, estavam todos dedicados ao problema da fraternidade cristã. Que beleza! Que elevação! A par de tantos desvários por êsse mundo afora, como é salutar encontrarmos jovens com esta mentalidade renovadora, procurando tornar a humanidade mais feliz pela observância das máximas cristãs.

Apesar de todo o ambiente benéfico em que vivíamos, os ponteiros do relógio avançavam e eram quasi 21 horas, o que significava a hora da partida para o nosso lar em São Paulo.

O estimado Dr. Agnelo, amável como sempre, conduziu-nos ao «Comêta» e com um longo abraço nos despedimos.

Na viagem revíamos tudo quanto nos foi dado ver em Franca, e, ao contrário do costume, adormecemos durante o percurso, serenos e felizes. Quando acordamos já estavamos em Campinas e ainda nos julgavamos em Franca. Esfregamos os olhos ainda sonolentos e exclamamos conôsco mesmo: passamos dois dias em retiro espiritual! Não em retiro extático, improdutivo e místico, mas dinâmico, repleto de lições e de fé racional.

Fernando Campos Ferreira da Cunha

S. Paulo, 16 de Fevereiro de 1959.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária, realizada em 3 de Outubro de 1959

À hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, lembrando as datas de 3 e 5 de Outubro, comemorativas do nascimento do Codificador, Allan Kardec, e da assinatura do «Pacto Áureo». Informa que, pela Hora Espiritualista «João Pinto Souza», o Conselheiro Geraldo de Aquino fará irradiar um programa de comemorações, às oito horas da manhã do dia 4, devendo falar representantes da FEB, do C. F. N. e da Juventude Espírita da Federação, além de outros oradores. Em prosseguimento às comemorações, a FEB realizará, em sua sede, sessão pública, no domingo, às dezesseis horas, sendo orador o Confrade Prof. Divaldo Franco.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica que a Liga do Distrito Federal comemorá igualmente a passagem do 1.º decênio do «Pacto Áureo», no dia 5, às 20 horas, convidando o Conselho e a Diretoria da Federação para a solenidade.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão comunica resoluções do Conselho Deliberativo Estadual, recomendando solenes comemorações do 10.º aniversário do «Pacto Áureo», em 4 do corrente; realização da Convenção de Educadores Espíritas, em Ribeirão Preto, de 6 a 10 de Janeiro de 1960; realização em S. Paulo, de cursos de dirigentes de sessões e orientação de médiuns, e atualização do registro das organizações espíritas do Estado.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama diz da ótima impressão colhida em sua visita ao Estado do Pará, prometendo um relatório de tudo o que viu, na Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará, cujas Federações visitou.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Walter Mascarenhas informa sôbre o trabalho contínuo da Federação Fluminense, nas reuniões, Semanas Espíritas concentrações e visitas em todo o Estado.

Detêm-se os Srs. Conselheiros no exame de vários assuntos de interêsse da Doutrina, entre os quais a notícia trazida pelo Presidente, do pedido da biografia de Allan Kardec pelo jornal americano «Psychic Observer», periódico que há pouco traduziu o artigo publicado em «REFORMADOR» sob o título «JUDAS REDIMIDO». Com a prece final feita pelo representante do Estado do Rio, encerrou o Presidente a reunião, precisamente às desesseis horas.

Os nossos Agradecimentos

A nossa Revista se apresenta, neste número, com um novo cabeçalho e a sua parte interna, de artigos, tôda composta em tipo novo.

Todo êsse material custou muito dinheiro, mas conseguimos adquiri-lo, graças aos nossos constantes assinantes e, em grande parte, aos presados confrades e amigos que generosamente nos têm auxiliado, concorrendo com sua boa vontade para que possamos levar avante esta difícil tarefa.

A todos, pois, o nosso sincero reconhecimento, o nosso muito obrigado.

Rezende homenageia Kardec

Com a presença de elevado número de irmãos e confrades, a Diretoria do Centro Espírita «Flora de Araujo», comemorou no dia 4 de outubro do corrente ano, a passagem do 155.º aniversário de nascimento do grande missionário Allan Kardec.

A solenidade teve início às 9 horas, com a cerimônia do lançamento da pedra fundamental da Escola Primária «Allan Kardec», que será construída no Bairro Paraíso nesta cidade, em um terreno de propriedade do Centro. Falaram na oportunidade, os nossos irmãos e confrades, Sírio Silva e José Otávio da Frota.

Às 15 horas na sede do Centro, dando prosseguimento ao programa estabelecido, o Professor Newton Gonçalves de Barros, proferiu uma bela conferência, versando sôbre a personalidade do codificador do Espiritismo.

O orador com a sua palavra fluente e vibrante, prendeu durante 1 hora e 20 minutos, a atenção daqueles que superlotavam o grande e amplo salão de estudos da Casa de Flora.

Às 17 horas com a prece proferida pelo irmão Frota, o irmão Araujo, que presidia os trabalhos, deu os mesmos por encerrados.

Do Correspondente.

15.a Semana Espírita

A União Municipal Espírita de Bauru, colaborando com a USE de São Paulo e o Conselho Regional da 8.ª Região e com o apoio de numerosas outras entidades sociais, promoveu a 15.ª Semana Espírita, daquela Região, entre os dias 19 e 24 de outubro passado, fazendo realizar solenidades em Bauru, Lençóis Paulista, Pirajuí, Lins e Jau.

Segundo foi anunciado, foram oradores nessas solenidades, falando cada um numa cidade, os confrades Herculano Pires, Luiz F. Giglio, Jonny Doin e Jacob Holzmann Netto.

No Mundo Astral só têm valor e cotação os pergaminhos de nobreza moral expressos no altruísmo e na humildade cristã. Eis a moeda corrente do outro lado do túmulo.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 120,00 e mais Cr $ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 90,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

P

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3511unse_0

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1959 – N. 11

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Vinda de Jesus . . . . *Redação*
Filosofia da História — Os Fins não justificam os Meios . . . . . . *Carlos Imbassahy*
«Pedras e Corações» . . . . *Levindo Mello*
Fotografada a Outra Face da Lua . *V. O. Casella*
Magnetismo e Espiritismo . . . . *Dr. Karl Muller*
Por que se interessam os Espíritas pelo tratamento de doentes mentais *Irmão Saulo*
Um Apóstolo do Bem . . . . . *Domério de Oliveira*
O Espiritismo — Uma Avaliação . *Mac Maynard*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
A Ciência e seus Objetivos . . . *Antonio Domiciano*
Necrologia . . . . *Redação*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1959 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Vinda de Jesus

A realeza espiritual de Jesus não é dêste mundo, segundo suas próprias palavras: «O meu reino não é dêste mundo».

Se observarmos Jesus na extrema simplicidade dos seus hábitos, de sua vida corporal, veremos que Êle teve por berço uma mangedoura, foi pobre no viver, na habitação, no vestir, no dormir e no morrer.

Êle mesmo disse: «As aves do céu têm seus ninhos, as raposas têm os seus covís, mas o filho do homem não tem uma pedra para reclinar a cabeça».

Sim, Êle foi pobre, desprovido de tudo, mas que grandeza a do Filho do homem!

Trinta anos de vida, de trabalho de carpinteiro para ganhar o seu pão; três anos de difusão de sua doutrina e para coroar sua missão, três dias de uma horrível paixão, em que foi despojado de tudo! Crucificado entre ladrões. Morte infamante!

Se Jesus se fêz pobre para ensinar aos pobres a suportarem seus males, Êle também se fêz pobre para nos incentivar a socorrer o pobre.

Para ser seu discípulo, servidor e seu amigo, é preciso seguir seu exemplo, ser pobre, trabalhar para o sustento. São Paulo, o Apóstolo da Caridade, fabricava tendas de campanha para viver e não ser pesado à comunidade cristã.

Á medida que evoluimos no conhecimento, novos e amplos horizontes aparecem às nossas vistas limitadas, novas luzes iluminam a rota a seguir em busca de dias melhores, e uma firme orientação norteia os nossos passos para a Espiritualidade.

Então vamos compreendendo o porque da vida, a necessidade do estudo e compreensão da existência dos grandes homens que, sacrificando comodidades e bem-estar, nos legaram pelos seus trabalhos, ensinos e exemplos, conhecimentos que verificamos indispensáveis à nossa evolução intelectual e espiritual.

Dentre todos os que formaram o mundo com o seu saber, ilustraram-no com seu exemplo, engrandeceram-no com seu trabalho, destaca-se a invulgar figura de Jesus de Nazaré, o modêlo de tôdas as virtudes, o expoente máximo da sabedoria que com tanta humildade, mas grandeza de espírito, traçou profundo sulco de luz, assinalando assim o sagrado roteiro da nossa ascenção espiritual.

Os ensinos de Jesus, suas palavras, seus atos se resumem na mais bela expressão — A Caridade.

A Caridade é a âncora da Salvação. A Fraternidade é a Lei de Deus.

A Caridade é a base da doutrina de Jesus, é a mãe de tôdas as virtudes.

No encontro de Jesus com Zaqueu, ao lhe dizer êste: «Senhor! estou resolvido a restituir no quádruplo a quem defraudei e a repartir a minha fortuna com os pobres», Jesus disse: *«Hoje entrou a salvação na tua casa»*.

De outra feita, um fariseu que desejava ter a vida eterna, pede a Jesus informes sôbre o meio de obtê-la e pergunta sôbre o «amor ao próximo» e Jesus lhe propõe a Parábola do Bom Samaritano—bem conhecida e pouco pratica. Jesus termina com as memoráveis palavras: «Pois, vai e faze o mesmo, e terás a Vida Eterna».

A nossa felicidade será a conseqüencia da Caridade aquí praticada, pois não há efeito sem causa.

A ninguém será perguntado sôbre seu modo de pensar, ou crença mas o «Juiz» separará os bons dos maus, como o Pastor separa «as ovelhas dos cabritos», colocará os bons a sua direita e lhes dirá: «Vinde benditos de meu Pai, porque, tive sêde e destes-me de beber; estive nu e me vestistes, estive enfêrmo e me curastes, aflito e me consolastes. E êstes lhe perguntarão: «Quando te vimos em tais condições e te saciámos a sêde, a fome, te vestimos e te consolámos?» O Rei responderá: «Tôdas as vêzes que isto fizestes a um dos meus pequenos irmãos, a mim o fizestes. Por isso possui o reino que vos está preparado desde o comêço do mundo».

A Caridade, o Amor, abrange todos os homens, sem distinção de credo, raça ou cor, por isso é ela a âncora da «Salvação», o caminho da felicidade, a bússola que nos indica a Estrada da Vida.

Podemos divergir em filosofia, em religião, mas não podemos divergir na forma da Salvação que é a Caridade, auxiliar o nosso próximo, de acôrdo com nossas posses.

A Religião do Divino Nazareno se revela magnificamente no «Sermão do Monte»—a maior peça oratória de exortação moral que o mundo conhece, admirávelmente representada nas Parábolas do Bom Samaritano e do Filho Pródigo e seus insistentes convites à prática do Amor ao Próximo.

Um estranho sentimento de opressão deveria ter invadido a alma de Jesus quando pela primeira vez visitou Jerusalém com suas formidáveis muralhas, com seu magestoso templo, com seus sacerdotes vestidos de violeta, de púrpura, reluzentes de ouro e pedrarias e, de outro lado, fora dos pórticos, mendigos pálidos de fome, suplícios, crucificações! Como deveria palpitar o coração do Nazareno ao observar êsse templo, êsses sacerdotes entoando hinos sacros, ricamente vestidos, cercados de tesouros e, ao lado, loucos saindo das cavernas, blasfemando contra vivos e mortos!

Filosofia da História

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

II

Na Convenção, ao dia seguinte, notava-se uma atmosfera de apreensões. Os amigos de Robespierre querem falar e não o conseguem. O próprio Robespierre vê a voz abafada aos gritos de—Morte ao tirano! Abaixo o tirano! Tallien arranca-o da tribuna e mostra um punhal. O gesto é aplaudido. A Convenção proscreve Dumas, vice-presidente do Tribunal Revolucionário, Hanriot e todo seu estado maior.

Barrére, que era na véspera a favor de Robespierre, ataca-o. Vadier ridiculariza-o, dizendo que Catherine Theos o elegera pontífice de um novo culto. Rompem as gargalhadas.

Robespierre quer ainda falar, não o deixam. Êle vai à Montanha; clamam de lá:—Retira-te daqui de onde te repelem as sombras de Danton e Desmoulins. Êle corre aos Girondinos, declarando:—É no meio dêstes homens puros, que me abrigo. — E senta-se. Mas logo se ergue uma voz e grita! — Levanta-te, miserável; sai daí, que êste era o lugar de Vergniaud.

Robespierre tem o rosto transtornado. Jamais pensara que os seus crimes iriam ser relembrados na própria Convenção, onde sempre imperara. Tenta ainda subir à tribuna; já pela comoção, já pelo alarido, não consegue pronunciar palavra. — É o sangue de Danton que te sufoca, lhe dizem.

Eu peço a prisão de Robespierre — declara solenemente Louchet.

Depois de ligeira hesitação, pela surprêsa, há um aplauso prolongado, e a prisão é votada unânimemente. Com êle são presos o irmão, Couthon e Saint-Just.

Enquanto isto se passa na Assembléia, repete-se a trágica cena quotidiana: um cortejo de carrêtas atravessa Paris, cheia de condenados. Eram 62. Entre êles André Chenier e Roucher, os célebres poetas.

Parentes, amigos e populares, supondo raiado já o dia da clemência, lançam-se atrás das carrêtas, fazem-nas voltar aos gritos de graça, piedade...

Mas Hanriot está alerta; chega em disparada, dispersa os suplicantes a chanfradas e faz que tudo venha a bom êxito, isto é, ao assassínio.

*

Robespierre, Lebas, Saint-Just, Couthon foram enviados a prisões diferentes, mas ao mesmo tempo os seus sequestradores enviavam instruções aos carcereiros para não os receberem. É uma versão. Tinham por fim inocentar uma sedição para liquidar os adversários sem maiores formalidades.

Foram os presos envolvidos pelos correligionários e levados em triunfo ao Clube.

A Convenção manda prender Hanriot. O mensageiro é quase espancado, e proclamam que o povo está com Robespierre. A notícia de sua prisão subleva a Comuna. Hanriot puxa a espada, e embriaga-se, de vinho, já se vê, que de sangue já não era mais possível.

E salta no cavalo, pistola em punho; prende Merlin de Thionville e chega ao Carroussell com seu pelotão. Um oficial da Convenção ordena que o prendam. O pelotão tira-o do cavalo, garroteia-o, leva-o para a sala do comité-geral.

Robespierre resiste ao pedido de seus correligionários, a fim de que assuma o comando da insurreição. Parece que êle era apenas um assassino, não era um homem. Às provas de sua poltronoria moral vinham juntar-se agora às de uma covardia física; aquilo que se supunha um desprendimento era apenas mêdo.

Afinal é êle arrastado por Coffinhal, e se dirige com os seus e mais um pelotão para a Segurança Nacional.

Aí conseguem erguer Hanriot, abatido mais pela bebedeira do que pelos golpes que sofreu, e voltam-se todos contra a Convenção.

Já o povo se levantava; era extremo o perigo. Os bons, em pouco número, alheiavam-se do conflito; pouco se lhes dava intervir; eram assassinos dum e de outro lado.

Amar e outros adversários do tirano vêm falar à tropa perguntando-lhe se um bêbado as podia dirigir. A massa fica indecisa: há proclamações de ambas as facções.

Enfim um bando armado invade a Comuna. Robespierre, Saint Just, Couthon, Lebas, acham-se em tôrno a uma mesa. Lebas dá um tiro no peito, Robespierre, o moço, atira-se de uma janela, Coffinhal precipita-se para a rua, encontra Hanriot, entusiasma-se, enche-se de esperança, mas o general não consegue levantar-se, trêmulo de mêdo e de vinho. Coffinhal empurra-o e lhe diz: — Tu nem és digno do cadafalso, crápula!

Bourdon arromba a porta da sala e aponta para Robespierre, dizendo — Morte ao tirano! Um soldado lhe dá um tiro e Robespierre cai.

As colunas de Barras prendem todos os que se achavam na Comuna. E' fechado o Clube dos Jacobinos.

Robespierre, ferido, é levado à Convenção. Todos vêm vê-lo para injuriá-lo, ainda os que o adulavam na véspera. Só havia aversão em tôrno dêle. Só havia ódio junto a si.

São presos os amigos do tirano. Saint Just, ao entrar na Conciergerie, encontra o General Hoche, que fizera prender. Hoche, silencioso e grave, afasta-se para o deixar passar.

Foram ao Tribunal. Lá estavam os jurados que condenaram os inimigos de Robespierre; lá estava o célebre Fouquier Tinville, que tinha lavrado tantas sentenças contra êles, a seu mando; lá estava Foucher, que nem ousava encará-los; os servís de hontem eram os julgadores de agora.

Foram condenados. A' tarde entraram nas carrêtas, as mesmas que, dias antes, viam êles, tranquilos, atravessar Paris, processionalmente, com muitas levas de vítimas.

E lá se foram pelas mesmas ruas, amarrados, feridos, doloridos, enquanto casas, ruas, palanques, praças, engrinaldados, enfeitados, rivalizavam em jovialidade com as caras que se apresentavam por tôda parte. Nas janelas, rostos sorridentes apreciavam a préstito. Na satisfação daquela gente estava a única vingança de que podiam dispor.

E os condenados ouviam os mesmos gritos que acompanharam os outros a quem êles mandaram matar e os precederam no patíbulo.

E' possível que lhes ficasse nalma uma lição indelével e proveitosa para a vida imortal.

Vinte e duas cabeças cairam no *panier*. O número da dos girondinos.

*

Os vencedores não foram mais felizes; talvez pelo contrário, pois acabaram isolados, detestados, mendicantes, não sabemos se arrependidos, mas por certo evitados, como sêres empestados, porque a mancha do crime só atrai os celerados.

Billaud Varennes morre proscrito, exilado em Caiena. Vadier termina em extrema indigência. Levasseur pede esmolas em Bruxelas. Barère, Collot d'Herbois findam miserávelmente. Muitos foram presos e morreram nas prisões.

*

Vale aqui assinalar as ironias da História, para não dizer do destino. Na Assembléia, dizia um deputado com ênfase comovedora:—Que tôdas as nações sejam livres para que não haja mais guerras. E logo ao dia seguinte tomam a palavra Petion e Robespierre para propor a paz perpétua, o que a assembléia para logo aprovou.

E aquêles amigos da paz fomentaram a guerra no exterior e deram à do interior o aspecto da mais terrível tragédia.

Nada do que estabeleceram ficou de pé, a não serem os princípios verdadeiros, que êstes são eternos.

Atacaram desabridamente a Igreja e os eclesiásticos. No Somme, o representante Dumont proclamou que os padres eram arlequins e palhaços vestidos de negro; encerrou os idosos em prisões e reservou a catedral de Amiens para as festas cívicas.

A Comuna proibe a exteriorização do culto; ordena que se retirem cruzes e efígies onde se encontrarem, obriga o sacerdote Gobel a abjurar. Como êste pretende resistir, Hebert declara que êle e os seus padrecos serão todos mortos. Diante de tão suave ameaça, lá se dirigiram todos ao Louvre para o ato da abjuração, seguido de uma procissão carnavalesca, com mascarados e muitos pândegos envergando mitras, casulas, empunhando cibórios, enquanto a massa assistente, gritava: — abaixo a padrecada!

Depois daí seguiu-se a entronização da deusa Razão.

Quando a verdadeira razão voltou, a deusa foi ao barro e a Igreja continuou.

Os Girondinos foram a cabeça da revolução: chegaram a fomentar a guerra para alimentá-la. Quando quiseram deter a máquina mortífera foi impossível. Afinal, demitidos, proscritos, condenados, viviam escondidos, maltrapilhos, famintos, errantes, vítimas de tôdas as vicissitudes. Valazé e Roland apùnhalaram-se, Rebecqui afoga-se, Lidon dá um tiro na cabeça, Buzim e Petion são devorados pelos lobos, Valady é decapitado em Perigueux, Dechegeaux em Rochefort, outros em Bordeus, o resto em Paris. O grande Condorcet, literato e filósofo, envenena-se.

Depois Danton.

Depois os montanheses. Os sobreviventes da Montanha foram dizimados.

Robespierre era o maior vulto da grande chacina. A Danton e a Marat ainda alguns deviam a vida. O «Incorruptível» era inacessível a qualquer pedido; deixava ir à morte os seus maiores amigos, os seus maiores benfeitores até aquelas que se enamoravam dêle.

Resistiu a todos os expurgos; era um deus-homem; por fim, já encarnava a Revolução. A Revolução era êle.

Caiu. E veja-se como são efêmeras as glórias da Terra: aquêle homem, na véspera aplaudido até à loucura, adulado, elogiado, endeusado, não provocou uma lágrima.

Subiu à guilhotina com mais 21 companheiros, a 28 de julho; a 29 seguiram-no mais 70 membros da Comuna, e depois mais 12... Era um partido inteiro, como o dos Girondinos, como o dos amigos de Danton, que ia ao cutelo. E o regosijo foi imenso!

Nos teatros tornaram-se ruidosas as manifestações anti-jacobinas. Se havia alguma pilhéria contra Robespierre, o teatro vinha abaixo de gargalhadas. E rasgam-lhe os retratos. E o mesmo se faz com os de Marat, e com os *bonets rouges,* que são atirados à lama.

Os terroristas são apedrejados; os jacobinos escondem-se; as suas fôlhas desaparecem ou mudam de orientação; nem mais ninguém se atreve a apregoá-las. Dança-se por tôda a parte. Há nas fisionomias uma alegria sarcástica.

E como conseqüência final de todo aquêle pandemônio, de tôda aquela sangueira, a bancarrota. Não havia orçamento, não havia receita, não havia previsões, não havia alimentos, não havia dinheiro. O que havia eram os «assignats», as emissões. E quanto mais se fazia o dinheiro, menos êle valia.

Nas repartições não havia material. Ao anoitecer todos se retiravam, porque não havia luz. No mais, hospitais sem remédios, quartéis sem polícia, estradas sem conserto, correios sem cavalos, autoridades sem respeito, impostos sem cobradores, uma nação sem renda e sem moral.

O exército mantém-se pela pilhagem; nas cidades as ruínas, o luto, a anarquia, o furto, a fome. Era o último extremo sem o menor vislumbre de uma idéia salvadora.

E foi voltando tudo que havia sido proscrito e amaldiçoado. Voltaram os padres, voltaram as Igrejas, voltaram as cruzes, voltaram as estátuas, voltaram as efígies, voltaram os emigrados, voltaram os nomes das ruas e praças, voltou a Monarquia, voltou um rei, e até um Luis voltou. Só não voltaram os mortos, para não terem que chorar as desgraças da Pátria. Foi a recompensa do patíbulo.

Aqui têm o a que conduz um ideal sem os princípios da Fraternidade, não os princípios falsos escritos nos estandartes, mas os verdadeiros princípios esculpidos no coração humano.

Não. Os fins não justificam os meios.

Carlos Imbassahy

(Conclusão)

"PEDRAS E CORAÇÕES"

QUEM margeia o Rio Paraíba, no longo trecho que vai da Barra do Piraí a Três Rios, há de notar, forçadamente, a grande quantidade de pedras negras, de todos os tamanhos, que emergem da correnteza das águas, quais fócas imóveis de granito.

Há-as de todos os tipos, feitios e modalidades: grandes, pequenas, enormes, lisas, redondas, arestosas, ponteagudas, fendidas, inteiriças. O que, porém, mais nos fere a retina filosófica, é que nem tôdas são nuas de vegetação. Algumas, relativamente poucas, sustentam arbustos maiores ou menores, de uma ou muitas variedades — alegres, verdes, viçosos ou secos, tristes, pendidos.

Pedras e Corações... Pedras: nem tôdas são completamente estéreis ou inúteis. Há sementes (E por que as há?) que nascem, crescem, florescem e frutificam sôbre pedras negras e nuas, sem nenhum resquício visível de terra ou de areia.

Certo, nem tôdas as pedras a isso se prestam; nem tôdas as sementes conseguem ambientar-se à esterilidade angustiosa dêsse «habitat».

Corações: nem todos são completamente estéreis ou inúteis. Há sementes doutrinárias (E porque as há?) que nascem, crescem, florescem e frutificam em corações negros de crimes e de imperfeições de tôda sorte, sem nenhum resquício aparente de luz, de bondade, de progresso moral.

Certo, nem todos os corações a isso se prestam: alguns continuam nus e estéreis por séculos e séculos;

certamente, nem tôdas as sementes evangélicas conseguem vencer a aspereza dêsse «habitat» espiritual.

Assim, porém, como as próprias pedras se vão tornando leito amoroso de verduras e esperanças, onde perfuma a flôr ou baloiça o ninho alegre dos passarinhos — também os Corações de Pedra, tocados pela lei invencível do progresso e da evolução moral, ao acicate do tempo e dos sofrimentos, um dia hão de florescer e frutificar, porque «nada se perde no Reino do meu Pai», como nos ensinou o Divino Mestre.

Pedras e Corações... pedras dóceis como corações, corações feros como pedra, tudo caminha, magnetizado e automàticamente, dentro das sábias leis do Criador, para o reinado do Bem, da Luz, da Fraternidade, que amanhã hão de governar a Terra, como já o fazem hoje, divinamente, nos planos superiores do Universo.

Levindo Mello

(Médico, Fundador e Presidente de Honra da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro)

(De «A Pátria», 27-12-1936)

Rio de Janeiro, 25-10-1959.
Rua S. Vicente, 173 — Tijuca

Fotografada a Outra Face da Lua

De acôrdo com o que já haviamos informado no nosso trabalho anterior, o Homem terrestre, após duas tentativas para ferir a Lua com seus projéteis, conseguiu com um terceiro tiro atingi-la com magnifica precisão.

Após 21 dias dêste sucesso, os seus mesmos autores, os soviéticos, lançaram a 4 de Outubro último, um Laboratório Voador, o Lunik III, pesando 286 quilos com tôda sua aparelhagem, para voltear a Lua, sondando suas condições para um futuro assalto, dos nossos primeiros astronautas, em preparo, para a captura definitiva dêsse fantástico astro do nosso céu.

Para se conseguir mais esta proeza, com o Laboratório Voador, os seus realizadores basearam-se em cálculos de precisão, orientados nos seus arremêssos anteriores, que foram os Luniks I e II.

Todos nós sabemos que a Terra e a Lua se atraem recìprocamente. Assim teremos que no espaço de 384.000 quilômetros, que separa êstes nossos dois astros, há um ponto crítico em que as duas fôrças de atração se equilibram, estabelecendo uma linha divisória imaginàriamente neutra entre os dois campos. Esta divisa deveria ser com exatidão no meio da distância separativa, se os dois astros fôssem de igual massa. Mas como a da Terra é maior, conseqüentemente também o mesmo acontece com a sua fôrça atrativa que abrange um predomínio mais extenso que o do campo da Lua. Nestas condições, no espaço entre os dois astros, o predomínio da atração terrestre alcança a distância de 346.000 quilômetros, pertencendo o restante de 38.000 quilômetros para a região atrativa lunar.

Com êstes dados e a experiência dos dois primeiros arremêssos, calculou-se uma velocidade de saída para o Laboratório Voador, na razão de 11,10 quilômetros por segundo. No seu impulso de fuga, lutando com a atração terrestre, a sua velocidade foi diminuindo-se substancialmente, de forma a permitir-lhe cruzar levemente a fronteira dos dois campos de atração, Terra-Lua, passando para o lado lunar com um mínimo de velocidade, retomando depois novo progresso acelerativo na sua descida na direção da Lua.

A precisão do cálculo para êsse lance foi decisivo para o sucesso, pois com um pouco mais de velocidade o projétil passaria para o lado de lá um tanto acelerado, para passar velozmente pelas proximidades da Lua, escapando do poder atrativo desta, e cairia no abismo da órbita do Sol. Foi o que aconteceu com os Lunik I e o Pioner IV, projéteis russo e americano, que se tornaram planetóides artificiais. Também, com velocidade insuficiente para atingir a fronteira de passagem, haveria um retôrno a exemplo do Pioner III, americano, que não foi além dos 114.750 quilômetros de altura.

Com a velocidade calculada convenientemente para o Laboratório Voador, quando êste ia tanger a Lua em uma distância de 7.000 quilômetros, a atração desta puxou-o para uma curva de contôrno. Neste momento, o pequeno corpo de sondagem volteou aquêle outro lado lunar que nunca vemos, e por um dispositivo do seu instrumental fotografou sucessivamente aquela face oculta.

Ao atingir o máximo de sua curva (apogeu), com a velocidade freada para 0,36 quilômetros por segundo, êle achava-se longe da Terra na razão de 530.000 quilômetros aproximadamente, iniciando sua viagem de volta, com os resultados de sua missão de reconhecimento do nosso satélite natural.

A 18 de Outubro chegou no seu ponto mais próximo (perigeu) do nosso planêta, na distância de 47.500 quilômetros, ocasião em que os laboratórios soviéticos colheram as imagens fotográficas lunares reenviadas pelos dispositivos automáticos do Laboratório Voador, que prosseguiu na sua rota estabelecida na órbita da Terra. Segundo os cálculos iniciais, daqui 6 mêses o pequeno mensageiro metálico deverá se desintegrar nas nossas camadas atmosféricas.

Quanto às fotografias (naturalmente há outras e outros informes que não foram cedidos) os soviéticos distribuiram para a imprensa dos outros países, com os novos nomes de batismo, das regiões daquele solo que acabam de ser reveladas em uma proporção de 70% de sua área total. E' de se notar que ali se viu aquilo que teòricamente já se esperava (crateras, planícies e montanhas) em semelhança com o lado de cá que é visível aos nossos observadores.

Uma curiosidade que aquela outra face poderia nos apresentar, se ela estivesse voltada para a Terra, seriam as manchas do seu solo que nos dariam, a ôlho nu, um desenho diferente do que vemos na parte visível. Teriamos a impressão de ver a figura de um rosto redondo com dois grandes olhos (duas enormes crateras) fixos, voltados para o nosso planêta.

Vejamos os nomes que receberam as mais notáveis regiões daquele solo: Uma cratera pelo seu enorme diâmetro (300 quilômetros) recebeu o nome de Mar Moscow. Outras quatro crateras menores denominaram-se; Baía dos Astronautas, Iscolkovk, Lomonorosov, e Joliot Curíe. Uma cordilheira recebeu o nome de Sovietsky, e uma planície chamou-se Mar de Mechta.

Agora, com mais êste magistral sucesso, tudo indica estar próximo o dia em que o Homem colocará pé na Lua, mudando para lá nosso arsenal de observação e conquista dos outros mundos. E após mais esta futura etapa não estará longe o dia que também Vênus e Marte, que depois da Lua são os mundos mais próximos da Terra, cairão sob o poder do Homem terrestre, na hipótese de serem morada do céu sem outros donos.

Contudo, sem que se desmereça êsses maravilhosos feitos da nossa gloriosa ciência, tais progressos, conforme sempre dissemos, não virão de forma alguma resolver os nossos problemas de ordem espiritual.

Estejamos certos que se ainda não soubemos desfrutar as riquezas e belezas do nosso planêta, através de uma compreensão humana e fraternal, não será com a conquista de outras Terras do céu que iremos extirpar os vícios da indisciplina, que reina em nossos corações.

V. O. Casella

15-11-1959

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo —
Araraquara

Jovem Espírita! Você não conhece as concentrações de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo? A sua Mocidade nunca se fêz representar? Escreva então ao Conselho Diretor (Rua Irmã Serafina, 674 — Campinas, S. P.) e você se informará sôbre a XIII Concentração, que será realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960.

Magnetismo e Espiritismo

Dr. Karl Muller

(Pres. da Fed. Espírita Internacional)

A importante parte histórica desempenhada pelo Mesmerismo, ou melhor Biomagnetismo, é muitas vêzes depreza da pelo Espiritismo. Os «passes magnéticos» são ainda usados em alguns lugares, porém, em geral, não são mais praticados, nem mesmo para cura, como originàriamente. As «pancadas» de Hydesville (1848) marcaram o início do Espiritismo moderno, e logo depois as «mesas falantes» difundiram as mensagens do além no mundo civilizado, entretanto cabe ao Mesmerismo mesmo antes de 1848 o mérito de fornecer muitas provas documentadas a respeito de fases importantes do mediunismo, como a clarividência e o transe. Houve, pois, comunicações com os espíritos em muitos lugares, de modo secreto, antes do tempo histórico das mesas falantes.

Posteriormente, o Mesmerismo foi considerado Hipnotismo e as novas técnicas que apareceram causaram confusão. Teòricamente o operador biomagnético parece influenciar o paciente ou o objeto pelos seus passes, e êste efeito seria causado por um certo «fluido» (o Od de Reichenbach). O Od, na opinião de Reichenbach seria tôda espécie de emanação, observada pelos seus clarividentes, que partem do corpo humano, de imãs naturais e eletro-imãs, de reações químicas, etc. Foram feitas muitas tentativas para provar a existência dêsse fluido, até mesmo por fotografia, porém os resultados até agora obtidos não são convincentes. A única prova da existência do fluido ódico ainda são os resultados de observações dos clarividentes e os efeitos curativos. Não há dúvida porém que há uma grande diferença entre Mesmerismo e Hipnotismo, mesmo que em alguns pontos haja semelhança.

O importante nesta questão é a pesquisa para um conhecimento melhor dos vários estados de consciência observados no ser humano. Considerando todo campo do Psiquismo, encontramos muitas diferenças nos vários estados de consciência. Ao que parece não houve ainda uma análise profunda dêste problema, e é um assunto difícil na investigação devido ao variado grau psíquico dos pacientes.

Ao comparar as técnicas usadas, verifica-se que no hipnotismo há principalmente sugestão e no Mesmerismo há passes. A técnica hipnótica e a mesmeriana parecem bem diferentes, mas na prática aplica-se geralmente a técnica mixta. Com ambos processos pode-se obter estados de consciência iguais ou semelhantes, mas estados típicos, como a fase lúcida ou sonambúlica do Biomagnetismo e o sono hipnótico são certamente bem diferentes.

Algumas dessas diferenças são discutidas no número de jan.-fev. 1959 de «Neue Wissenschaft» («Nova Ciência», da Alemanha) pelo dr. Rudolf Tischner, distinto psiquista alemão não-espírita, com 80 anos de idade. Êle acha que o Mesmerismo parece atingir camadas do ser psíquico que não podem normalmente ser alcançados pelo hipnotismo. Dr. Tischner mesmo não aceitando a hipótese espírita avançou muito nos seus estudos parapsíquicos, em relação aos seus colegas; é autor da «História da Pesquisa Psíquica» e da «Introdução ao Ocultismo e ao Espiritismo», obras escritas em alemão, em 1921. Êle chega a considerar a hipótese espírita como possível mas não provada, mesmo sem conhecer as obras de Bozzano e Mattiesen, que encerram fatos espontâneos e experimentais.

A parapsicologia oficial ainda não aceita a explicação espírita talvez pelo fato que suas provas sejam consideradas muito inadequadas. De qualquer modo, as considerações do dr. Tischner são avançadas e êle merece nossas congratulações e votos de progresso.

(Trad. de «Yours Fraternally» n.º 38, 1959, por C. P.)

Por que se interessam os Espíritas pelo tratamento de doentes mentais

Como se confirma, na prática, o tríplice aspecto da doutrina espírita — O caso de fundação de um hospital para doentes mentais em Jau

ENGANAM-SE os que pensam que basta frequentar sessões num centro espírita para ser espírita e poder discutir Espiritismo. Enganam-se ainda mais os que pensam que podem conhecer a doutrina através de comunicações dos «guias». O Espiritismo é uma doutrina que envolve, como dizia Kardec, princípios referentes a tôdas as ciências, pois que toca simultâneamente em todos os ramos do conhecimento. Daí a sua característica, tão mal compreendida e tão irônicamente combatida por adversários diversos, de doutrina tríplice, envolvendo no seu todo doutrinário a ciência, a filosofia e a religião. Como, pois, conhecer uma doutrina dessa natureza, sem estudá-la a fundo, sem ler atentamente as suas obras fundamentais ?

Kardec, Leon Denis e Oliver Lodge afirmaram que o Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento. É uma doutrina que reune em si os resultados da investigação científica, da cogitação filosófica e do sentimento religioso, na busca da compreensão do universo e da vida. Isso quer dizer, não que o Espiritismo represente uma espécie de enciclopédia, o que seria absurdo, mas que êle encerra na sua estrutura a visão global do mundo e da vida, obtida pelo homem através daqueles ramos do saber humano. O caráter sintético do Espiritismo não é conseqüência de um esfôrço intencional nesse sentido, mas o resultado natural da evolução dos conhecimentos humanos, que tendem naturalmente a uma síntese conceptual.

Quando compreendemos essa posição excepcional do Espiritismo, admiramo-nos da facilidade com que certas pessoas, às vêzes dotadas de cultura, se referem a êle, para a formulação de críticas levianas e sem sentido. Mais ainda nos admiramos da atitude de pessoas que, mal ingressaram no movimento doutrinário, já se consideram capazes de discutir problemas de doutrinas, como se fôssem velhos estudiosos do assunto. Só não podemos nos espantar, evidentemente, com os adversários, pois que êsses, firmados em preconceitos, fecharam os olhos e os ouvidos a qualquer entendimento. Entretanto, as pessoas de cultura deviam ter mais cautela ao se referirem à doutrina.

Há pouco num dos nossos jornais diários comentando a campanha de construção de um hospital espírita para doentes mentais, em Jau, escrevia um colunista que devia tratar-se de um caso de complexo de culpa. E para justificar a sua tese, a sua possível descoberta, em termos de possível interpretação psicanalítica, citava alguns autores: Dlavatsky que era contrário ao Espiritismo e mais dois pesquisadores, que admitiam a possibilidade de perturbações psíquicas provenientes de práticas espíritas. Não há entretanto, nenhuma novidade nessa tese, que é tão velha quanto o próprio Espiritismo. Já no «Livro dos Espíritos», obra fundamental da doutrina, Kardec tratou do assunto, demonstrando a má fé dos que a acusam de produzir desequilíbrios. O interessante é que a própria Psicanálise, em que o colunista se apoia, é também acusada de transtornar os que a ela se dedicam. Tão infundada, é claro, uma acusação, quanto a outra. Kardec explica, com aquêle admirável bom-senso que falta a tanta gente, — apesar da distribuição equitativa de Descartes, — que tôdas as preocupações profundas podem desequilibrar as pessoas já naturalmente propensas ao desequilíbrio, desde as matemáticas até aos estudos de qualquer religião.

A fundação de hospitais espíritas não decorre da verificação de casos de desequilíbrios nos trabalhos doutrinários. Muito pelo contrário, decorre da procura dêsses trabalhos pelos doentes mentais, em geral desenganados pela ciência e sem possibilidades de recursos em suas religiões. Os espíritas, acusados de «fabricarem» loucos, têm sido, neste país e no mundo inteiro, os maiores e mais eficientes curadores de desequilíbrios mentais e psíquicos. E tanto assim, que a maior rêde de hospitais para doentes mentais, em nosso Estado, foi construída pelos espíritas. O hospital de Jaú será mais uma unidade dessa rêde maravilhosa, em que os doentes mentais, graças ao Espiritismo, se livram dos internamentos dolorosos e sem fim das clínicas materialistas. Não é um complexo de culpa, mas o lema da doutrina, que leva os espíritas a cuidarem do assunto: «Fora da caridade não há salvação».

As pessoas que desejarem saber por que motivo os espíritas de Jau estão fundando mais esse hospital, e por que motivo os de Franca, Araras, Marilia, Amparo, Itapira, Rio Preto, Penápolis, São Paulo e outras cidades do nosso Estado, fora as de outros Estados, fundaram hospitais para doentes mentais, deverão ler o livro de Bezerra de Menezes, o «médico dos pobres», intitulado: «A Loucura sob Novo Prisma», ou os livros de Inácio Ferreira, médico do Sanatório Espírita de Uberaba, intitulado «Novos Rumos à Medicina», ou ainda as famosas experiências do prof. Karl Wikland, de Chicago, reunidas em seu livro «Trinta Anos Entre os Mortos». Não é a psicanálise que explica o interêsse dos espíritas por esse doloroso problema; é o fracasso da ciencia materialista, no tratamento da maioria dos casos de desequilíbrios mentais e psíquicos.

Vemos, assim, como o Espiritismo confirma, na prática, a sua natureza de doutrina tríplice. Das simples reuniões religiosas nos Centros Espíritas, os adeptos da doutrina são forçados a passar ao campo da ciência, com a fundação dos grandes hospitais que estão hoje solucionando um dos mais graves problemas sociais em nosso país. Pena que todo esse êsfôrço dos espíritas não consiga comover os que, sem conhecerem a doutrina, se julgam no direito de acusá-la.

Irmão Saulo

Um Apóstolo do Bem

(DOMÉRIO DE OLIVEIRA — Da União Municipal Espírita de Catanduva)

TÔDA vida tem uma história, tôda Nação tem uma história, o mundo tem sua história.

Um simples pássaro que risca os ares, leva consigo uma história, lembranças de seus dias felizes e tristes. Um velho peregrino, que vai mendigando pelas estradas, leva, também, uma história escondida em seu coração desiludido.

Estas são histórias íntimas que morrerão nas sombras do anonimato. Mas a história de um povo, de uma nação, da humanidade, ficará sempre gravada na lembrança dos homens e atravessará as entranhas enigmáticas do tempo, atraída pelo ideal transcendente do vir a ser.

Há homens que morrem, crescem, vegetam e desaparecem da lembrança dos pósteros. Há outros que nascem e crescem em tamanho e espírito e se confundem com a própria história da Terra que os viu ensaiar os primeiros passos.

Dentre estas figuras exponenciais, queremos focalizar o imensurável — ABRAHAM LINCOLN.

Sua vida, verdadeiro cântico de amor ao próximo, daria para inundar milhares de páginas, como o fizeram seus biógrafos. Entretanto, vamos sintetizá-la e, nesta síntese, vamos colher os episódios mais marcantes da sua jornada pela Terra.

Naquela natureza agreste do Kentucky, Lincoln veio ao mundo no dia 12 de Fevereiro de 1.809. Sua infância foi árida e carregada de lances emocionais. Ainda garôto, por volta de 1.816, Lincoln emigra com a família para Indiana. Logo mais, com os olhos marejando em lágrimas, vê a sua mãe querida partir para a vida eterna e dois anos, apenas, após aquêle golpe a vê substituida pela madrasta a quem mais tarde Lincoln reconheceu grande parte de sua formação moral e intelectual.

Na faina de galgar lugares novos, o pai de Lincoln, caçador e espírito aventureiro, deixa Indiana e se adentra pelo Illinois. Ali, o nosso grande homem, ainda jovem, trabalha como lenhador e se destaca pelo vigor de seu físico e pela rigidez dos seus músculos. Faz vibrar o machado contra as árvores gigantescas e ajuda os vizinhos na construção de casas.

Por volta de 1.831, seguindo a trajetória do seu destino, Lincoln transfere-se para Nova Salem, onde trabalha ora como caixeiro, ora como carteiro e ora como agrimensor. Foi nesta cidadezinha humilde que Lincoln grangeou o maior título de glória que se pode atribuir a um homem: «HONORABLE ABRAHAM». Sim, «HONRADO ABRAÃO», pela sua conduta notável, pela sua retidão de caráter, pelos predicados notáveis que emolduravam o seu grande coração.

Foi em Nova Salem que Lincoln começou a sua vida política. Candidatou-se como membro da Dieta do Illinois e foi derrotado. Mais tarde, Lincoln relembra esta derrota :

> «Fiz tôda a campanha e, em seguida, consenti-me apresentar candidato à Dieta do Illinois. Fui derrotado; esta foi, porém, a única vêz que perdi uma eleição popular». (Apud Emil Ludwig — fls. 221 — «Lincoln»).

Entretanto, nas quatro eleições seguintes, Lincoln foi eleito para a Dieta do Illinois e destacou-se pelos dotes invulgares de sua inteligência brilhante.

Logo no início de sua carreira política, Lincoln mandou distribuir aos amigos circulares impressas, cujo conteúdo ainda serve de bússola para os políticos atuais :

> «Nasci e me conservei nos caminhos mais modestos da vida. Não tenho parentes, nem amigos ricos ou populares em que me possa amparar. Os eleitores independentes decidirão livremente. Se me elegerem, conferir-me-ão uma honra que procurarei merecer com uma atividade infatigável. Se, porém, os meus ótimos concidadãos, na sua sabedoria, reputarem mais conveniente deixar-me em segundo plano, estou muito habituado às decepções, para me afligir demasiadamente». (Apud—Emil Ludwig—fls. 54).

Esta foi a linha política do grande Lincoln e por ela seguiu tôda a sua vida. Por volta de 1.836, Lincoln estabelece-se como advogado em Springfield. Não leva consigo grande bagagem jurídica, mas sim aquela intuição de equilíbrio, a experiência da vida ativa e o conhecimento dos homens.

Posteriormente vem a convolar núpcias com Mary Todd que foi fiel companheira de Lincoln até os últimos instantes da sua vida.

Em 1.847, Lincoln foi eleito Deputado em Washington. Em 1.849, volta a exercer a profissão de advogado em Springfield.

Dez anos mais tarde, ciente e consciente da sua grande missão, Lincoln candidata-se à presidência dos Estados Unidos, e, após, tremenda pugna política, sobe as alvas escadarias do Capitólio.

Ao assumir a presidência, ouvia-se o tonitroar dos canhões: era a Guerra Civil, que consumiu as energias daquele Gigante Branco.

Choque de ideologias : de um lado o Sul — que queria a escravidão, a mantença de braços negros para a lavoura, de outro lado o Norte—que precisava sufocar os rebeldes e manter a União coesa e íntegra, pugnando pela emancipação dos homens de côr.

A intensidade desta Guerra Civil abalou os alicerces da Grande Nação do Norte. Irmãos contra irmãos regavam o solo pátrio com o mesmo sangue. Lincoln enfrentou a borrasca como forte timoneiro. Não esmoreceu. Mostrou sua fibra de aço. E, apesar da opressão que pesava sôbre sua cabeça, em 1.º de Janeiro de 1.863 proclamou a abolição da escravatura. Êste gesto, Lincoln o pressentia, iria lhe custar a própria vida. Entretanto, não intimidou-se e assim sendo o nosso grande homem volta a candidatar-se à presidência, assumindo pela segunda vêz o cargo de primeiro Magistrado da Nação Americana em 4 de Março de 1.865.

Não iria, porém, terminar esta sua nova gestão.

Com a capitulação dos Confederados em 10 de Abril de 1.865 Lincoln divisou ao longe um horizonte de paz e de prosperidade para a Terra do seu coração. Sonhou com viagens para o exterior onde pretendia recuperar-se do grande esgotamento físico e mental ocasionado pela sua grande atividade frente à uma Guerra Civil.

Tudo isto ficou no plano das cogitações. No dia 14 de Abril de 1.865, quando Lincoln, em companhia da espôsa, assistia a uma representação teatral, o fanático—BOOTH—apoia um revolver na nuca de Lincoln e faz fogo: Tomba o Gigante Branco sem um gemido, com seus olhos pardos fitando a imensidão. O assassino ganha o palco e brandindo um punhal que traz em uma das mãos, lança ao público estupefato a sua divisa: «Sic semper Tyrannis».

A América sacudiu os ombros em soluços. O grande Lincoln havia desaparecido. Ficaram os seus incontestáveis feitos: A Emancipação dos escravos e a mantença da união geográfica e moral de um grande País.

Com o decorrer dos anos seu nome foi se tornando um estandarte de glória.

Hoje ninguém o ignora. Todos admiram o humilde lenhador do Kentucky, que empunhando o machado do amor ao próximo, sem ferir suscetibilidades, fêz da sua existência um hino grandioso que eleva e dignifica a espécie humana.

O Espiritismo — Uma Avaliação

A Doutrina Espírita tem seus detratores gratuítos: os profissionais da religião e os materialistas filosóficos.

Os profissionais, para serem coerentes com seus colegas de sindicato, atacam o Espiritismo porque vêem, nessa Doutrina, um inimigo da sua profissão, a simonia, as esmolas de viúvas vão rareando... periclita a profissão!

São inteligentes, percebem que a Doutrina Espírita está aumentando o número de adeptos... é uma calamidade: tem necessidade profissional de atacá-la... não é da ética profissional, mas...

Os materialistas consequentes (não os vulgares) não crêem em nada do espírito, acham que os que ainda falam em religião são mentalmente atrasados, fazem sua campanha com o fim de esclarecer os ignorantes, não tiram vantagem pecuniária dessa campanha, fazem-na por amor à Ciência.

Dêsses dois tipos de adversários o mais sincero, ou melhor, o adversário sincero é o materialista, não procura citar textos truncados mas procura raciocinar com elementos da Ciência, não defende uma profissão mas uma convicção. Êsses nossos irmãos materialistas são respeitáveis.

Infelizmente isso não se dá com os que vivem profissionalmente com o nome de Cristo na bôca, êsses usam todos os meios, tôdas as trapaças para atacar a Doutrina Espírita, êsses são perigosos, porque são fanáticos.

O jesuitismo fêz escola, hoje até os protestantes usam o mesmo processo de argumentação jesuítica; e dizem que não se entendem...

O presbiterianismo está completando um século de atividade no Brasil, homens cultos, inteligentes, equilibrados, militaram no presbiterianismo brasileiro, nesse século de existência já se dividiu, já se repartiu em seitas e subseitas, em correntes, em facções, em grupinhos, presbiterianos com pena eterna e sem pena eterna (com pena ou depenado), conservador, independente, etc. etc. Nesse século o presbiterianismo, si não houvesse tanta luta, tanta briga, tanta má vontade, tanta batalha verbal intestina, hoje seria uma expressão religiosa respeitável no Brasil.

Mas as lutas, as intolerâncias...

Exatamente no ano em que os presbiterianos festejam o seu centenário, sai mais um livro contra a Doutrina Espírita, agora chegou a vez do Rev. Julio Andrade Ferreira, livro que não trouxe nada de novo para acrescentar à «literatura» antiespírita, livro calcado sôbre obras superadas, nada de original, pífio, vazio, ôco, uma triste coincidência com o centenário do presbiterianismo no Brasil, livro de leitura soporífica, livro que não se lê, boceja-se!

No presbiterianismo há homens de sólida cultura filosófico-científica, como um Dr. Rev. Henrique Maurer Junior, por exemplo, que, apesar de não aceitar o Espiritismo, não faria uma «decalcomania» tão ridícula como êsse «O Espiritismo, uma avaliação», do Rev. Julio Andrade Ferreira.

É bom que os nossos confrades saibam que no protestantismo existem culturas respeitáveis, homens de bom senso, equilibrados, probos, circunspectos; o protestantismo brasileiro teve um Otoniel Mota, cujo nome já é uma festa de centenário. Os espíritas que não conhecem nossos irmãos protestantes, não devem avaliar a cultura protestante por autores como o Rev. Julio Andrade Ferreira; que os irmãos espíritas não julguem, por favor, o presbiterianismo pela leitura de um livro que é a expressão máxima da indigência exegética.

Quando eu era protestante, há muito tempo já, uma pessoa amiga uma vez me disse: — «a Bíblia é uma sanfona, de qualquer lado que se puxe, emite som» — para mim, naquele tempo, foi uma heresia! Hoje admiro e respeito a Bíblia, deixou ela de ser para mim um tabú, para tornar-se um livro que traz o ensinamento do maior LIBERTÁRIO de todos os tempos — o CRISTO.

No meio protestante ela continua tabú, continua sanfona de 66 baixos (cada livro um baixo:—do gênesis ao apocalípse).

O «O Espiritismo, uma avaliação», do Rev. Julio Andrade Ferreira, é mais uma musiquinha (monocorde), uma «variação» (desafinada) do Espiritismo Analisado do Rev. Jeronimo Gueiros; e a sanfona ainda produzirá muitas musiquinhas, depende do sanfoneiro! Parece que está na moda o baião...

Os protestantes estão fazendo propaganda do livro do Rev. Julio Andrade Ferreira, e nossos confrades devem ler «Á Margem do Espiritismo» do Príncipe dos Escritores Espíritas, Dr. Carlos Imbassahy; «O Protestantismo e o Espiritismo» do ex-protestante Benedito Afonso da Fonseca que, na parte evangélica, reduz a argumentação do Rev. Julio Andrade Ferreira a substrato de pó de espirro; «De Cá e de Lá» do ex-presbítero Dr. Romeu do Amaral Camargo que pulverisa as arrancadas gongoricas do autor; «Protestantismo e Espiritismo» de Cairbar Schutel, o Allan Kardec de Matão que, com o bom senso que lhe era peculiar, «acachapou» a pretenção protestante.

Os nossos irmãos protestantes estão fazendo apologia dessa última «espolêta», mas o livro não merece mais uma resposta, mais um livro espírita para refutá-lo; pudera, depois que o Dr. Carlos Imbassahy soltou aquêle «sputinik» contra a «literatura infantil anti-espírita» não deixou mais nada para se escrever! Êsse confrade Dr. Carlos Imbassahy tem cada uma... não deixa nada para os outros... isso é egoismo, caro confrade Dr. Imbassahy! ainda diz que é «Á Margem...?»

A única originalidade do livro do Rev. Julio Andrade Ferreira é a capa que traz o sêlo postal de Allan Kardec, se trouxesse alguma contribuição real à causa anti-espírita, aí sim, valia a pena o Dr. Carlos Imbassahy soltar um «lunik», mas como? se o terreno ficou devastado, esterelizado pelo «Á Margem do Espiritismo ?»

A pretensão de alguns protestantes é inaudita, vê-se pela bibliografia franciscana que apresentam, pelo assunto repisado, pelo estílo chôcho, pela falta de originalidade; êsses livros devem ser examinados psicanàliticamente para limpar, expurgar, lavar, sub-conscientes repletos de complexos. Quanto sadismo, quanto masoquismo transparece na crítica ao Espiritismo: o mêdo do inferno, a perdição eterna, os impuros, os pecadores, salvação, remissão de pecados pelo sangue, sangue que salva, sangue que redime, sangue que purifica (quanto sangue...), tormento eterno, ranger de dentes (para os protestantes a alma tem dente para ranger... até parece que leram André Luiz...), trevas exteriores, pecado original, eucaristia (antropofagia, teofagia). Que seara imensa para nosso irmão espírita Dr. Gondin da Fonseca. Tem a palavra o nosso confrade Dr. Gondin da Fonseca para fazer com os detratores do espiritismo um estudo substancial como o que foi feito sôbre Camilo Castelo Branco. Que estudo original, Dr. Gondin da Fonseca!!!

O Rev. Julio Andrade Ferreira cita como «autoridade» o Rev. José Borges dos Santos Junior, pastor da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, cidadão que tem uma bela mamata como aquêle pastorado de «teta» gorda e deixa uma figura exponencial no presbiterianismo brasileiro como Otoniel Mota que, quando pronunciamos seu nome devemos tirar o chapéu? Que experiência metapsíquica tem o referido cidadão para ser apresentado como «autoridade» em matéria de Espiritismo? Como «sanfoneiro» está certo, mas como autoridade... ó seu Julio, essa não...

Aos nossos confrades que tiveram má impressão com a leitura dêsse livro e do «Espiritismo Analisado» de Jeronimo Gueiros, recomendo a leitura de «Temas Espirituais» de Otoniel Mota (Imprensa Metodista de São Paulo), que trata, também, do assunto «Espiritismo»; no protestantismo há valores, há gigantes como Otoniel Mota.

Êsses valores reais não são reconhecidos pelos protestantes (ou minoria), mas o são pelos espíritas e pelos homens livres; quando um Otoniel Mota expõe seu pensamento, uma avalanche de retrógrados, de tartígrados mentais, de inquisidores se levanta contra essa Capacidade, orgulho do evangelismo brasileiro. No tempo de Jesus foi o mesmo: «crucifica-o, crucifica-o» gritava a turba; o Cristo tinha trazido um ensinamento superior à compreensão do populacho; com Otoniel Mota se deu o mesmo: — «hereje, hereje», gritou a turma de fanáticos — pudéra, o livro de Otoniel Mota era «dose para elefante»...

Para se aquilitar, ou usando o têrmo do Rev. Julio Andrade Ferreira, para se avaliar o grau de compreensão dos opôsitores de Otoniel Mota, para se «medir» a intensidade de estudos teológicos, quando Otoniel Mota apresentou argumentos do tempo do onça, uma turma de fanáticos se levantou contra o Rev. Otoniel gritando furibunda: — «modernismo, modernismo,» e brandindo o tacape: — «demonismo, demonismo...» Quanta teia de aranha na cachola dêsses «teólogos»... e querem «avaliar, analisar» o Espiritismo. Como piada é boa!

Até no título o autor não teve originalidade, cheira a «O Espiritismo Analisado», sôbre o qual foi decalcado.

Os nossos irmãos protestantes não toleram os espíritas: «filhos do Diabo, filhos de Kardec, ímpios, loucos» como dizem êles, mas, não toleram, também, seus irmãos de protestantismo, de outras seitas protestantes. Os independentes (nicolaitas) não toleram os presbiterianos (bodes) por causa da Maçonaria, não há tolerância recíproca, mas, domingo, todos êles cantam hinos de louvores, fazem orações bonitas, sermões evangélicos cheios de «unção», mas na segunda-feira, espumam de ódio contra os irmãos de outras denominações. Dia 31 de julho, aniversário de «Santo» Ignácio de Loyola, os independentes fazem prédicas contra os presbiterianos sinodais; e depois dizem que há muito amor entre êles...

Os batistas (os que batizam de mergulhão) não admitem à comunhão os irmãos de outras denominações evangélicas; os sabatistas (os que «guardam» o sábado e fazem dieta) não admitem outras denominacões em sua grei, não comem carne de porco (que tal um torresminho com virado de feijão e couve?).

Se dentro do protestantismo não existe o respeito à sagrada pessoa humana, não há tolerância, não há amor, que devemos nós espíritas esperar dêsses irmãos intolerantes? Se não conhecem teologia e avançam n'um Otoniel Mota chamando-o de modernista, que podemos esperar dêsses irmãos sôbre matéria de Espiritismo que é ciência, que é filosofia? Somos modernistas...

Será que o Rev. Julio Andrade Ferreira espera um livro do Dr. Carlos Imbassahy respondendo seu «O Espiritismo, uma avaliação?» Não, meu amigo, o Dr. Imbassahy poderá, quando muito, dar uma estilingada, e veja lá...

O livro do Rev. Julio Andrade Ferreira trouxe uma contribuição muito grande: os espíritas podem avaliar a obra que em pleno século XX teima em viver o século XIII.

Os protestantes não gostam dos católicos, detestam-n'os, chamam-n'os de idólatras e outros epítetos bonitos, mas adotam a sua filosofia, a sua argumentação, a sua exegese, o que ficou bem claro no livro do Rev. Julio. Não é á tôa que o papa João 23 (se contar com a papiza Joanna é João 24) quer reunir os filhos pródigos novamente de onde sairam, levar os filhos para a casa paterna, o Vaticano : há muita afinidade, principalmente na exegese bíblica, na argumentação contra adversários, na exposição da matéria, na defesa de seus princípios religiosos.

Lamentamos que no Centenário do Presbiterianismo no Brasil seja publicado um livro como êsse, os protestantes têem pessoas capazes de fazer cousa melhor. Enfim...

MAC MAYNARD

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

23 — Mal consegui uma casa vasia, aluguei-a para minha mãe. Fomos tão felizes que a encontramos ao lado do colégio. Passei para lá uma sala de aula, mal aumentou o número de alunos. Depois do meu casamento, só então socegara, completamente, quanto ao problema materno. Sabia quanto mamãe almejava o seu cantinho . . .

24 — Só conseguira economizar nove contos durante o tempo em que estive em Paraíba. É fácil calcular as dificuldades em que me vi para tudo que fiz.

25 — O ginásio aumentava, nós trabalhávamos, quando rebentou a revolução de trinta, que iria mudar tudo no Brasil. Não pude requisitar bancas examinadoras para o fim do ano, segundo a lei Rocha Vaz. Tive que mandar meus alunos a exames no Pedro II. Era eu quem os levava. A maioria passou : quem merecia porque estudára. Exames ótimos. Repeti o fato nos dois anos seguintes. Enchi-me de orgulho, com os meus auxiliares, do bonito que os meninos faziam. Em certo exame de História, um aluno corrigiu erros do examinador que deu a mão à palmatória. Em um exame de Português, Waldemiro Pereira, hoje advogado, cunhado e amigo, saiu-se tão bem, que obteve dez, no exame oral, depois de haver conseguido nove e meio na escrita (exame finais da primeira série ginasial). Terminado o exame oral, o prof. José Oiticica que lhe dera o dez, perguntou-lhe : «Menino, onde você estuda e quem é seu professor de Português ?

— Estudo no Ginásio Leopoldo, em Nova Iguassú. Meu professor é Leopoldo Machado, diretor do ginásio.

É surprêsa enorme para mim, saber que em Nova Iguassú existem colégio e professor dêsse calibre. Supunha Nova Iguassú uma roça. E a você, meus cumprimentos, pela brilhante inteligência que tem e pela aplicação que lhe dá.

26 — Pedi, em fins de trinta e dois, equiparação para meu ginásio. Arrisquei muito, pois sabia o prédio deficiente, porque com salas aquém das medidas exigidas. Mas arrisquei, porque conhecia ginásios oficializados mais deficientes que o meu ; querendo, ainda, poupar aos meus alunos a tremenda canseira das idas contínuas ao Rio, para os exames, no fim do ano.

27—Gastei um dinheirão na papelada exigida e nada consegui. Antes do despacho negativo, fui procurado por pessoa influente do Ministério de Educação, que me propôs a oficialização mediante certa quantia que eu podia pagar. Respondi-lhe : «Se meu ginásio não tem os requisitos de lei para seu reconhecimento, não o quero comprado. Não sou homem de pistolões. Muito obrigado». Disse as últimas palavras já de pé, estendendo a mão ao cavalheiro, obrigando-o a retirar-se completamente desajeitado.

28—Resolvi, então, procurar o dr. Vítor Vianna, fundador do Ensino Comercial Oficializado, no Brasil, então diretor do mesmo Ensino. Falei aos estudantes da tremenda canseira das idas de fim de ano, ao Rio, para os exames, convencendo-os a estudarem lá. Ficariam comigo sòmente os que preferissem o curso comercial. Não havia, naquela época, a facilidade de condução que há hoje.

29 — Os meninos que pretendiam fazer, realmente, o curso ginasial, transferiram-se depois de despedida educada e amiga. Só um espírita retirou os filhos sem nenhum aviso, sem nenhuma despedida. Esfriou sua amizade comigo, deixou de freqüentar o Centro. Que teria pensado ? Como interpretara meus propósitos ? Nunca o pude entender. Nunca mais me dirigiu a palavra. Apenas um cumprimento ligeiro e cerimonioso quando me encontrava. Para mim, afeito às vicissitudes da vida, uma desilusão a mais, uma desilusão a menos...

É necessário dizer que os alunos a quem aconselhei transferência eram todos abastados e podiam pagar internato, na capital.

—

30—Oficializado o curso comercial, em mil novecentos e trinta e três, tivemos, neste ano, alunos para os primeiro e segundo anos que eram, então, chamados propedêuticos. Alguns alunos ficaram, ùnicamente, por amor ao colégio ; notei que não havia muito entusiasmo para o novo curso e resolvi aguardar as coisas. Foi nosso primeiro inspetor, o dr. José Manhães, meu amigo.

31 — Passei a pensar, sèriamente, em nossa séde própria. A procura para o curso ginasial era grande e era meu propósito firme oficializá-lo. Ainda saldava compromissos da instalação de trinta e já pensava em prédio próprio. Graças a Deus, nunca me faltou fibra...

32—Economizando de todos os lados, consegui comprar do sr. Joaquim de Oliveira Carvalho, em mil novecentos e trinta e três, a casa em que êle morava, no K. 11 e o terreno junto. Paguei tudo em dois anos. Em mil novecentos e trinta e cinco realizei a construção. Ficou-me tudo em sessenta contos. Grande parte foi-me emprestada pelo saudoso amigo e confrade Manoel Quintão que me trouxe, como relatei, ao espiritismo.

—

33 — Ainda em mil novecentos e trinta e dois, a mamãe recebeu um recado, do meu irmão José, chamando-a à Santa Casa de Misericórdia, onde se achava internado, com hidropisia. Foi vê-lo com a Leopoldina e o Antonio Lima, voltando chorosa ; achando-o bem mal.

34 — Compreendi que minha mãe não ficaria socegada sabendo seu filho doente, num hospital, embora nada me pedisse. Nem eu mesmo, embora esperasse aquêle fim do José. Mandei trazê-lo para casa, indo ela buscá-lo imediatamente.

35 — Desde que viera de Paraíba, com iterícia, não nos dera mais notícias. Só agora, que pensava morrer.

36—Mais de dois anos ainda ficou conosco. Chamei para medicá-lo, mal chegou, o dr. Marques Canário, conhecidíssimo no local. Além de muitos remédios, receitou-lhe chá de gervão para ser bebido como água. As receitas do dr. Canário deram resultado : a moléstia estacionou dois anos, chegando a melhorar e nos auxiliar na disciplina. Nos últimos dias de vida, por impossibilidade do dr. Canário, foi êle assistido pelos doutores Uchôa e Cavalcante, também da cidade.

37 —No espiritismo que êle, sempre, aceitara mas nunca lhe merecera preocupação, encontrou o grande consôlo para sua incurável moléstia. Doente muito resignado e alegre, educado e bom, era queridíssimo de todos, principalmente dos alunos, causando sua morte grande consternação nos meios docente, discente e aos pais dos alunos que sabiam nêle o grande amigo e advogado das faltas de seus filhos.

38—Piorando, afastando-se da disciplina, foi sempre visitado por amigos nossos, pais de alunos e alunos, não perdendo, nunca, oportunidade de dizer aos meninos que lhe guardassem o exemplo ; pois, por sua falta de juizo, preparara aquêle futuro.

39—Penso que proporcionei à minha mãe todos os meios para cuidar bem dêle. Minha consciência diz que cumpri meu dever. Não o esqueço em minhas preces. Tinha-me grande amizade, eu o sei. Jamais levou a sério a vida, mas coração bom e generoso sempre o teve. Praticou, na vida, atos de abnegação e altruismo que eu jamais praticaria...

—

40 — Construindo a sede do meu colégio, não me esqueci da cazinha de

minha mãe e irmã, que foi construida ao lado, comunicando-se com o ginásio e com minha casa, pelos fundos. Pus nela todo o carinho filial. Como houvesse gostado da casa do Manhães, combinei com mamãe fazer-lhe a casa igual à dêle.

41 — Foi meu construtor, apresentado pelo Manhães, por haver feito sua casa, o sr. A. G. Má construção. Roubou-me a valer, menos na casa da mamãe do que no colégio. Não fôsse eu espírita e não sei o que teria feito com aquêle homem. Deus que lhe perdôe o prejuizo que me deu...

42 — Mudamo-nos nas férias de trinta e cinco. E, a vinte e um de abril de mil novecentos e trinta e seis, era inaugurada, oficialmente, a séde própria do *Ginásio* Leopoldo, com a presença das autoridades da cidade, tendo à frente o prefeito dr. Sebastião de Arruda Negreiros, depois de uma prece espírita, de agradecimento, ouvida pela multidão católica que compareceu ao ato, por mim proferida.

A Ciência e seus Objetivos

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»

E' bom repetir que norteando o pensamento humano há duas correntes científicas. De um lado está aquela que atribue a existência do Universo a um princípio universal, superlativo da perfeição. Admite Deus e, conseqüentemente, o espírito.

De outro lado a corrente materialista ou mecanicista, que considera o Universo como uma Unidade e todos os fenômenos que nela se operam continuamente, como resultante de atividade de várias formas de energia. Define a vida como o modo de existência dos corpos albuminóides. De acôrdo com o princípio de Meyer, os mecanicistas acreditam que os fenômenos biológicos resultam da transformação de uma forma de energia em outras. Classificam estas várias formas de energia, em mecânica, calórica, química, elétrica, radiante, biológica. Para ela só existe matéria e energia. As experiências de laboratório demonstram que todo ser vivo origina-se sempre de outro ser vivo semelhante, sendo êste fato brilhantemente demonstrado por Pasteur, fazendo evoluir ràpidamente a bacteriologia, a parasitologia, a higiene, a medicina e a cirurgia. Esta corrente afirma que sôbre a origem da vida nada se sabe experimentalmente. Considera a biologia como ciência positiva. E, quanto aos problemas sôbre os quais não se pode experimentar em laboratório, é melhor passar à frente, deixando as discussões aos filósofos e acadêmicos.

O Dr. Wendell M. Stanley — prêmio nóbil, diretor do laboratório de virus da Universidade da Califórnia, discursando, recentemente, na sociedade de Filosofia, afirmou, convicto, que os cientistas poderão criar matéria viva em laboratório, podendo, conseqüentemente, controlar os caracteres humanos, e a vida em geral. Para se chegar a êste objetivo o problema consiste em descobrir-se a estrutura do ácido nuclêico substância fundamental da vida. Conforme êle explica, uma vez conhecida a estrutura específica dêste ácido, poderosas conseqüências se produzirão nas condições biológicas do homem e dos animais, podendo conhecer-se e eliminar-se muitos males que dizimam vidas preciosas prematuramente.

Outro cientista, baseado em diversos dados obtidos pelas recentes experiências de astronáuticas admite como possibilidade rasoavel, a descoberta do raio cósmico sob cuja incidência, a subtância albuminóide entra em início de vida transformando-se em quase *riquetias* ou virus rudimentaríssimos.

Diante destas afirmativas, por eminentes homens de ciência, o crente, afeito a crença em Deus e no Espírito, parece sentir-se vacilante dentro de seu sistema. Uma vez obtida a substância viva pelo homem no laboratório, adeus cristianismo, adeus espiritismo, adeus catolicismo... Desaparecem como por encanto, o céu, o inferno, a reencarnação, o espírito em peregrinações redentoras, e tôda essa filosofia grandiosa erigida pelos profetas e fundadores de religiões, através dos tempos: tudo ruirá como um castelo de cartas!

Mas a realidade está muito longe destas conclusões!

Esta descoberta, caso se realize, como parece possível, virá confirmar um princípio já consagrado pela ciência espírita.

O espiritismo calcado em experiências, afirma que o fluido vital essencial à vida dos sêres vivos, é independente do espírito, como o é o fluido eletromagnético, e o fluido nervoso, cujas velocidades se conhece. Sabe que o homem o tem de um modo integral envolvendo tôdas as partículas de seu corpo. Sabe que êstes fluidos são integrantes de cada célula somática ou germinativa. Pode conhecer até a côr e a vibração das ondas fluídicas que envolvem as células de cada um dos seus órgãos. Esta energia é chamada pelos ocultistas, como *plana.*

Nas condições atuais, o espírito sòmente se materializa objetivamente, quando pode dispor de um intermediário que o tem mais ou menos sincronizado com a sua natureza. O «médium» -homem integral assim denominado, tendo o seu corpo fluídico mais ou menos de vibração correspondente à do espírito, que deseja tornar-se visível, cede essa substância ao espírito que se lhe aproxima, e êste, se torna visível aos olhos materiais, graças à combinação que se opera entre o espírito e o ectoplasma do «médium». Êste fenômeno é indiscutível. Provam-n'o, sobejamente, as experiências de WILLIAM CROOKES e outros grandes investigadores.

Os ocultistas ensinavam que vivemos sob o equilíbrio de ondas. O nosso corpo vive e se desenvolve porque um estado vibratório decorrente de nosso espírito se produz nos centros mais importantes da vida orgânica. Sêres inferiores na escala zoológica, também vivem de acôrdo com o grau de sua evolução. O corpo de um protozoário ou de um plastídio é de organização muito simples porque rudimentaríssima é a centêlha divina que o anima. No reino animal a associação dos fluidos eletromagnéticos, vital e espiritual, vibra em ondas muito inferiores não possuindo êles ainda, certos processos mentais, mas agem de acôrdo com o instinto, que em certos animais é já muitíssimo interessante como o dos termites e dos insetos, e das aranhas. A morte é a ausência do fluido vital. Assim como a placa fotográfica é sensível às ondas de luz, assim o ácido nuclêico-matéria fundamental da vida, o é às correntes ou ondas do fluido vital. No momento em que o espírito se separa do corpo, o fluido vital deixa de incidir sôbre êle. Há então a morte. Neste estado as células dão liberdade aos seus componentes químicos e físicos que imediatamente se desintegram caminhando pelo solo ou pelo ar em busca de outras formas de vida, produzindo-se o fenômeno, muito conhecido, de transmigração da matéria. Na economia de nosso globo os sêres vivos são formas passageiras da matéria, como instrumento do espírito ou da centêlha divina que animam todos os sêres para a perfeição.

O espírito que deseja aparecer a alguém extrái do homem ou da mulher que lhe serve de intermediário, o ectoplasma—substância material de alta vibração—com o qual toma a forma que idealiza. Nesse momento o médium dorme ou fica em estado de semi-vigilância. Há pessoas que cedem, com facilidade, o ectoplasma a certos espíritos, os quais se tornam parcial ou totalmente visíveis a estas pessoas. Neste caso quem age é o espírito. Há casos em que a pessoa fica momentâneamente em estado de semi-consciência e então vê perfeitamente a imagem do espírito. Decorre desta diversidade de estados vibratórios, que os espíritos podem ser vistos por uns e não por outros. A vidência natural, é muito rara por êste motivo.

Foi graças a êstes fenômenos, que o autor destas considerações, passou para o campo do espiritualismo.

Não é simpática a atitude de certos religiosos fanáticos e idólatras que denominam de «homem sem Deus» aquêles cientistas que procuram demonstrar, pela experiência, os fenômenos que estudam. Seus serviços à humanidade são muito maiores que os dos religiosos fanáticos. Jesus já o dissera com grande precisão: «Não são sòmente aquêles que dizem: SENHOR! SENHOR!» os que entram no número dos escolhidos, porque muitas vêzes os lábios falam, mas o coração não sente».

Não satisfeitos com as conclusões de seus raciocínios, procuram demonstrações em laboratórios. Com o método experimental chegaram às mais valiosas descobertas. Assim é que possuimos as maravilhas da eletrônica, e caminhamos a passos largos para a demonstração de que a nossa vida real está em alto grau vibratório. Não é exagêro esperar-se que muito mais cêdo do que se crê, possamos chegar à Lua e a outros planêtas em astronaves espaciais velocíssimas. Há indícios de que a eletrônica nos fornecerá meios de receber mensagens de outros planêtas; que possamos ouvir a voz direta dos espíritos, ou recebermos suas imagens em visores especiais. A estas esperanças nos levam as máquinas eletrônicas de radiodireção, capaz de orientar e corrigir distância até à Lua, ou dirigindo, com uma simples pressão dos dedos, um trator arando perfeitamente os campos, ou ainda os cérebros eletrônicos, verdadeiras maravilhas do cálculo de alta precisão, operando com auxílio mecânico dos dedos de uma criança!... Se é uma verdade que vivemos num mundo de ondas, porque não se admitir que possamos captar as ondas em que viveram os grandes vultos da história? Admite-se que os profetas puderam ver na luz cósmica ou astral os acontecimentos futuros demonstrando de um modo natural que as gerações atuais poderão ver em ondas o que se passou há dois mil anos, porque na ionosfera as ondas são indestrutíveis. «Nada há sôbre a Terra e em baixo do sol que não seja descoberto» disse-nos, ainda, o Mestre dos Mestres!

Vemos assim, que, os objetivos dos homens de ciência, tanto da corrente dualista, como da mecanicista, caminham juntos para um só alvo, isto é, o conhecimento da Verdade. «Sòmente a Verdade nos fará livres!»

Antonio Domiciano

Bragança Paulista, 25/9/59.

NECROLOGIA

Dr. Urbano de Assis Xavier

Em Marilia, onde residia ùltimamente, passou-se para a vida espiritual o nosso confrade Urbano de Assis Xavier, antigo militante da doutrina espírita, o qual residiu também em Matão e em várias outras cidades como Gália, Tupã e até na Capital do Estado, gosando sempre da melhor estima e consideração.

Deixou sua espôsa, d. Albertina Ferreira Xavier, e filhos: Edna, Celia, Alcione, Sóstenes, Demóstenes, Gutemberg e Walter Paulo, todos menores, com exceção da primeira, d. Edna, casada com o sr. Decio Pimentel.

O seu passamento ocorreu, no dia 31 de outubro último, após prolongada enfermidade, suportada por êle com a necessária resignação.

Com nossa prece pela felicidade de seu espírito, enviamos nosso abraço de solidariedade à sua digna familia.

A Confrades e amigos assinantes da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim»

Aos prezados amigos e confrades, assinantes de nossas publicações em localidades até onde não tem sido possível a visita de nossos representantes-viajantes, pedimos o favor de nos dirigirem pelo correio, por cheque ou com valor declarado, a importância de suas assinaturas, auxiliando-nos, assim, com sua boa vontade.

Os cheques ou os valores devem ser expedidos em nome do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Caixa Postal 11 — E. F. A. — Matão — Estado de São Paulo.

Crônica Estrangeira

Cirurgião materializado examina o paciente

«Two Worlds»

Dentre as muitas materializações das quais fui testemunha nas sessões da Snr.ª Duncan, «duas» formas sólidas não me deixaram dúvida alguma de serem o que afirmaram, gente que já viveu na terra.

Um era um cirurgião, homem de 40 anos, presumìvelmente, morto num ataque inimigo na Tunisia. Quando êle saíu do gabinete o seu interêsse se voltou para um jovem presente que fôra ferido na cabeça e exigia intervenção imediata.

O cirurgião, que praticara a operação, dirigiu-se ao jovem, explicou quem era e pediu permissão para examinar a operação que praticara. Êle examinou a cabeça, com suas mãos afastou os cabelos, e disse: «Isto está esplêndido. Porque difìcilmente se encontra vestígio da intervenção!»

De modo cortez e bondoso, êle fêz perguntas ao moço, mas sempre do ponto de vista médico.

Ela queria permanecer

A outra forma materializada era uma pequena mulher velha, morta há muitos anos. Ela passara anos acamada e atormentada por fortes dôres. Pouco puderam fazer em seu benefício, pois sofria de cancer, mas tudo ela suportou com notável paciência. Era mãe de dois filhos que devotaram suas vidas em seu benefício.

Um filho estava presente nessa sessão. Grande foi a alegria de ambos em estarem reunidos. Com seu filho ela manteve longa conversação. Eu notei que nunca ela deixara de segurar a mão do filho, durante a conversação.

Ela lhe aconselhou a tratar da própria saúde e perguntou pelo outro filho seu. A sua satisfação em poder voltar dêsse modo era tão grande que ela ainda foi falar a alguns dos presentes, a todos manifestando a sua experiência maravilhosa.

Os que conhecem algo dêsse tipo de sessões, verificam que há muitos espíritos desesperadamente ansiosos que lhes permitam se materializar e, assim, voltar aos que deixaram para trás. A mulhersinha não sabia disso e claro é que ela não tinha pressa de sair do ambiente.

Albert Stuart, o guia da médium, de modo delicado procurava sugerir-lhe o afastamento, para facilitar a vinda de outros. A velha não compreendia o objetivo de Albert. Foi sòmente pela explicação de seu filho que ela por fim compreendeu.

Ela se sentiu abalada, e manifestou sua tristeza de despedir-se do filho.

Foi êste o maior tempo em que vi se demorar uma forma materializada. Êsse fato me deu a oportunidade maravilhosa de estudar uma forma materializada.

Ela era um perfeito exemplo de uma pequena mulher. Ela revelou todos os sinais de carater, inteligência e interêsse em sua nova situação e o que deveria ter sido para ela a estranha reunião de gente que nunca vira antes.

E. W. Harrisson

Médium faz história com sua clarividência em Igreja Ortodoxa

«Two Worlds»

Há poucos dias foi feita História Psíquica na Califórnia quando uma médium realizou uma preleção em estado de transe, e demonstrou clarividência em programa de duas horas, numa igreja ortodoxa cristã.

A médium é Brenda Crenshaw, esposa de conhecido jornalista de Los Angeles, natural de Londres e figura familiar em plataformas Espiritualistas Londrinas.

Cerca de 700 pessoas afluiram à

Capela Cristã em South Gate, California, revelando êste uma diferente atitude por religiosos, para com assuntos psíquicos.

A maior parte da audiência assistia à primeira demonstração psíquica. Era igulmente a primeira vez, na história da igreja, a apresentação de tal demonstração.

Apesar do fato de serem ré-cenvindos quase todos os assistentes a alocução da Sra. Brenda bem como a demonstração foram bem recebidas. Muitos notaram que seu rosto foi transfigurado por um guia chinês num momento em que proferia sua alocução em transe.

A princípio, as respostas à clarividência eram vagorosas, porque os recipientes não estavam familiarizados como o processo.

Contudo foram dados nomes raros, como parte de sua evidência. As mensagens eram sobretudo dirigidas a assistentes mais necessitados, de auxílio, orientação ou inspiração.

Ela apareceu na igreja, como parte de uma série de preleções de meio de semana sôbre vários assuntos, a convite de seu ministro, Dr. Roy Charles Jarman. Em seguida às exposições e clarividência, ela respondeu a perguntas pessoais para membros da audiência que resolveu assistir a uma sessão de 45 minutos, em seguida ao programa principal.

O Dr. Jarman, bem conhecido na California do Sul pelas suas alocuções pelo rádio, bem como pelo seu ministério de igreja, anunciou a demonstração em sua publicação semanal — «Chapel Bells», com estas palavras : «Recentemente chegou uma senhora da Inglaterra que recebeu vasto reconhecimento *mesmo* entre círculos científicos, pelos seus dons em percepção extra-sensórios. Ela deu demonstrações à Fundação Religiosa de Investigação e realizou coisas *surpreendentes*...

«Esta será uma grande noite para a nossa aventura em ensino religioso. Será «UM PASSO ALÉM...»

«Nós, na Igreja Cristã, temos a mente aberta à tôdas as verdades. Não fechamos a porta à vinda de qualquer esclarecimento espiritual. Nós acreditamos nas mais vastas dimensões da vida, e para dentro delas queremos lançar nossos olhares».

«Two Worlds» também recebeu depoimentos referentes à cura expontânea realizada pela médium Brenda Crenshaw de um paciente céptico, Ray Menhennick, músico dirigente de Hollywood que realizou recordes tanto para fitas como para discos de gramofône.

Um depoimento, assinado por Menhennick, relata o modo por que recebeu seu ferimento em dezembro 30/58. «A dor parecia indicar uma fratura».

«Contudo, após pequeno repouso, eu consegui, coxeando, afastar-me não sem grande dificuldade».

«Na noite de Ano Novo, a dor não diminuira. O meu estado, que julguei ter ocultado, tornou-se conhecido por um dos presentes, Brenda Crenshaw».

«Essa mulher, que eu não conhecia, perguntou se eu sentia alguma dor. Depois de eu lhe explicar o sucedido, pediu permissão para me dar alívio. Eu estava contente, mas incrédulo.

A snra. Brenda aproximou-se e com concentração mental e suave manipulação «tratou» a minha perna ferida.

«Poucos momentos depois, senti alívio. E daí para diante, nenhuma dor. Dia seguinte, minha perna voltou ao estado normal, sem nenhum indício de ferimento».

O depoimento de Menhennick está acompanhado por um relatório de um proeminente procurador local, Caryl Warner, presente quando ocorreu a cura. Êle declara que nada fôra prèviamente dito à médium a respeito da queda do músico. Médium e músico, diz êle, estavam sentados 20 metros, um distante do outro.

Warner afirma : «Miss Brenda levantou-se e disse a Menhennick : o senhor está sentindo dor». Menhennick respondeu, «Sim, como o soube a senhora ?»

Seguiu-se a aposição das mãos, e o maestro estava melhor».

Espírita ! Prestigie e ajude a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que reunirá em Campinas, no ano de 1960, jovens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

Espiritismo no Brasil

Juventude Espírita

Do Centro Espírita «Bezerra de Menezes», do Andaraí

Num dos últimos domingos do mês de agôsto do corrente ano, ou mais exàtamente, no dia 16 dêsse mês, foi o nosso irmão Arnaldo S. Thiago convidado para presidir a reunião da Juventude Espírita «Bezerra de Menezes», do Centro Espírita dêsse nome, no Rio de Janeiro, o qual se acha sob a orientação dos nossos irmãos Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago e engenheiro civil Sylvio Lôbo de S. Thiago, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente do aludido Centro, os quais deixaram de comparecer à reunião daquele dia, por motivo de doença, o primeiro, e por se achar ausente, o segundo.

Além do irmão acima designado, achavam-se presentes a nossa irmã Carmen de S. Thiago Fernandes, diretora do grupo espírita «Dr. Leocádio», de Florianópolis e os seguintes componentes daquele grêmio de Juventude Espírita: Acadêmicos de engenharia Ivan da Costa Pereira e Arnaldo S. Thiago Neto, acadêmico de Medicina Paulo de Tarso de S. Thiago e os preparatorianos Sylvio Monteiro de S. Thiago, Arnaldo Diógenes Lopes de S. Thiago, Elizabeth da Costa Pereira de S. Thiago, Nilton da C. Pereira de S. Thiago, Vera da C. P. de S. Thiago, Angela da Costa Pereira de S. Thiago, Helena Monteiro de S. Thiago, Eliane e Solange da Costa Pereira de S. Thiago.

Assumindo a presidência, o irmão Arnaldo S. Thiago dirige palavras de estímulo aos jovens presentes à reunião e solicita ao preparatoriano Nilton incumbir-se de formular a prece inicial, que é feita com tôda unção religiosa, para isso valendo-se dêstes belíssimos versos de Emmanuel, encontrados no livro «Paulo e Estevão», pela crítica consagrado como das melhores obras saídas da pena refulgente de Emmanuel, fraternalmente manejada pelas mãos do médium Francisco Cândido Xavier:

Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consôlo de tôda a dor,
Embora a miséria amarga
Dos prantos de nosso êrro,
Dêste mundo de destêrro,
Clamamos por vosso amor!

Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
É o bem que não secará...
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.

Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,
Quando vem a tempestade
Sôbre as flôres da ilusão!
Ó Pai, sois a luz divina,
O cântico da certeza,
Vencendo tôda aspereza,
Vencendo tôda aflição.

No dia da nossa morte,
No abandono ou no tormento,
Trazei-nos o esquecimento
Da sombra, da dor, do mal!...
Que nos últimos instantes,
Sintamos a luz da vida
Renovada e redimida
Na paz ditosa e imortal.

Preparados, assim, os corações, teve início o trabalho para o qual se achavam alí reunidos os componentes citados da Juventude Espírita. Com a palavra, o jovem Nilton, que acabara de proferir, emocionado, a oração moldada em verso por Emmanuel, discorreu sôbre a necessidade de se precaver a juventude contra usos e costumes perniciosos, como tivera ocasião de observar em uma sessão cinematográfica, em que, a propósito do filme que estava sendo projetado na tela, ouvira de muitos jovens manifestações cheias de futilidade e mesmo deshonestas.

Comentando o depoimento dêsse estudioso moço, o presidente da reunião tomou-o como tema para dissertar sôbre a noção de responsabilidade, que os materialistas limitam, na ordem social, ao curto prazo de uma existência, sem consequências após a morte — o que dá causa a que sejam praticados crimes e faltas gravíssimas que supõem, os que assim pensam, não lhes afetar a posição social, desde que fiquem ocultos tais atos criminosos; ao passo que essa noção de responsabilidade, para os que sabem não existir morte, mas vida eterna, amplia-se ilimitadamente, induzindo-os a um procedimento sincero e nobre, visto como, segundo o dizer de Jesus, «nada há oculto que se não venha a saber», pois que tudo que se faz é conhecido da Justiça de Deus.

Em seguida o jovem Sylvio Monteiro de S. Thiago, para corroborar o que se dissera precedentemente, lê esta página de Carlos Imbassahy, constante do livro: «A Missão de Allan Kardec»: «O CODIFICADOR — *Allan Kardec* foi o escolhido para tão elevada missão, como a de Codificador, justamente pela nobreza de seus sentimentos e pela elevação do seu caráter, tudo aliado a uma sólida inteligência.

Êle sujeitava os seus sentimentos, os seus pendores, à reflexão. Tudo era submetido ao poder da lógica. Só aceitava o que havia verificado e comprovado, dentro dos estudos a que procedia. Se era um emotivo, sabia dominar-se. Nada passava sem o rigor do método, sem o crivo do raciocínio.

Filósofo, benfeitor, idealista, dado às idéias sociais, possuia, ainda, um coração digno do seu caráter e do seu valor intelectual. Estava sempre disposto ao socôrro, ao amparo, sem que a mão esquerda soubesse o que fazia a direita. A caridade para êle não era um mero princípio; êle não a praticava com a frieza do sectário nem mesmo por simples dever mas pelo profundo amor que dedicava a seu semelhante.

Em se tratando, porém, de observar e experimentar, era o estudioso meticuloso, onde o sentimento não intervinha, e a quem o calor das paixões não turbava. Voltava a ser o sábio frio que sondava, impertubável, os segredos da criatura e da criação. É que aí se reclamava a sua sensatez. Ia êle apresentar fatos e doutrinas que revolucionariam o pensamento humano, que iriam governar o mundo espiritual, e sendo êle, como, com muita justeza, dizia Camilo Flammarion, o bom senso encarnado, possuindo um critério que faria inveja aos mais ponderados, percebeu a sua imensa responsabilidade nas teorias que iria espalhar, e procurou, então, guiar-se pelas luzes da razão, pelos preceitos da Ciência, dentro da maior imparcialidade, tendo como escopo, acima de tudo, o que parecia a verdade.

Quaisquer que fôssem as suas idéias, êle as punha de lado, se outras mais sábias lhe eram ministradas. Não as tinha preconcebidas. Só o interessava o que podia estar certo. Velhos preceitos, inúteis preconceitos, sentenças arraigadas, as religiões empedernidas, os dogmas do passado, tudo teria que aluir diante do jôrro de luz que os Arautos do Senhor lhe vinham trazer.

Bem sabia êle que poderia ficar soterrado no vetusto edifício que vinha reconstruir, sob a égide dos Mensageiros. Não lhe faltaram os avisos dos Espíritos, que, o advertiam do perigo em pôr o alvião em instituições seculares. Bem sabia êle que iria ver adunados contra si, religiosos e cientistas, pois que as novas doutrinas desmentiam pontos de fé e preceitos que se tinham como invulneráveis.

Em religião eram doutrinas básicas que iam ser remodeladas. O Cristianismo iria ser encarado por outra face: era o Cristianismo do Cristo, e não o de seus vigários. A Ciência veria perturbadas as regras que fundou, esteadas únicamente na matéria, nas falsas noções sôbre o espírito, sôbre a sua vida, a sua independência, a sua anterioridade ao corpo, a sua imortalidade.

Kardec encarou de frente a tempestade, tomou a bússola que lhe davam os Espíritos Superiores e rumou, por mares até então desconhecidos ou pouco vislumbrados, para as terras onde brilhava o sol da Fraternidade.

Allan Kardec tinha um sofrimento cardíaco. Esgotado por motivo de seu exaustivo trabalho intelectual, e já bastante fraco, entregou-se, por estar em mudança, a grande esfôrço físico, no encaixotamento e transporte de sua volumosa bibliotéca. Rompe-se-lhe um aneurisma e êle falece aos 31 de março de 1869. (1)

---

(1) É útil observar que, no livro de Imbassahy, a revisão deixou mencionado maio em vez de março.

Cabem aqui estas palavras de Flammarion, pronunciadas no túmulo do Mestre:

«Naquele dia solene, dissera eu o supremo adeus na sepultura do fundador da Livraria Acadêmica, o honrado Didier, que foi, como editor, convencido colaborador de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Êste morreu também sùbitamente como se o Céu quisesse poupar aos dois íntegros Espíritos o embaraço fisiológico de sairem desta vida por maneira diferente da comum.

E pois que sabemos de sua alma imortal sobrevivente a êstes despojos mortais, assim como preexistiu a êles; que laços indestrutíveis ligam o mundo visível ao mundo invisível; que esta alma existe hoje tão íntegra como há três dias, e que não é impossível achar-se aqui entre nós, digamos-lhe que não quisemos ver dissipar-se a sua imagem corpórea a encerrar-se no sepulcro, sem lhe honrar unânimemente os trabalhos e a memória; sem pagar o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão digna e utilmente preenchida.

Falecera o Codificador, mas ficara a Codificação».

Terminada essa edificante leitura, o jovem Sylvio São Thiago dissertou ainda a respeito das grandes lições que nos dá a natureza, obra divina, em que se reflete tôda a beleza e tôda grandeza, na ordem, no equilíbrio das cousas e dos sêres, sendo, contudo, de notar que sòmente o homem discrepa dêsses princípios essenciais, pelo que lhe sobrevêm dôres e atrozes sofrimentos, até que a experiência lhe ensine a medir todos os seus atos pelo mais absoluto respeito às leis de Deus.

Teve logo depois a palavra o jovem Arnaldo S. Thiago Neto que declarou ter ficado vivamente impressionado por uma sessão de Parapsicologia, que presenciou na igreja dos Capuchinhos e como está lendo a obra de Bozzano, «Animismo e Espiritismo», dispôs-se a versar, nesta reunião, êsse mesmo tema, para demonstrar que nem tudo precede da alma do próprio médium, como quer a Parapsicologia. Leu, então, o seguinte trabalho:

«Não há, sem dúvida, assunto que nos prenda o interêsse tanto quanto êste — do conhecimento daquilo que para nós é a realidade viva, o nosso pensamento, aquilo que realmente somos, dentro do casulo de carne cego e mudo, passivo e inerte. E não podemos, mesmo, com sinceridade, relegar à margem semelhante problema, porque é a chave da vida, a evidência da verdade pura que em todos os nossos atos influem, que em todos os instantes da nossa existência possuem o seu fundamento, pois aquilo que se dirige às sôltas, sem norte e sem rumo, é semelhante à onda do mar, que é levada para tôda a parte, sem saber como, sem expontaneidade.

Há imperiosa necessidade de nos conhecermos, no curso da nossa existência. O saber, qualquer que êle seja, desde que esteja fundamentado na Natureza, é sublime e proveitoso. Ora, em assunto tão transcendental, não poderíamos senão olhar para a essência da Natureza, êsse relicário infinito, onde tudo já existe, necessitando apenas que amemos a verdade e saiamos em busca de tôda a pérola reluzente que esparja seus encantos neste oceano interminável do infinito.

A Natureza — eis o nosso foco de estudo, a pedra fundamental do nosso saber, dêste saber que representa um infinitésimo na quantidade infinita de todos os saberes que certamente um dia aflorarão na nossa alma, sob forma elevada e pura, com a finalidade de cooperarmos com o nosso Criador, sermos os auxiliares de Deus, dAquele que existe sempre, de tôda a eternidade, juntamente com seu dinamismo criador, sua bondade infinita, sua Inteligência Única.

Ora, saibamos então, e saibamos sentir o saber, humildes, sinceros, porque a cultura sem sentimento, sem amor, reduz-se a um amontoado de técnicas, de processos, de métodos, que pouco a pouco vão nos arrebatando a um ambiente pestilento e desagradável. E, também, saibamos sentir, o sentir que emerge do saber, pois o amor sem ser consciente é paixão que dirige a criatura para um abismo fatal e inexorável. Saibamos sentir o saber e saber sentir o sentir.

E foi nesta atmosfera de filosofia, neste ambiente de ciência, que um dia, na ânsia de novas verdades e no desejo de novos horizontes, lançou-se Ernesto Bozzano ao estudo do Animismo e do

Espiritismo, afirmando que «durante dois anos estudara ininterruptamente, anotara, classificara, com imenso amor, todo o conteúdo de seu imponente e enciclopédico sistema filosófico para, em seguida, lançar-se de corpo e alma nas lutas do pensamento, empenhando-se em polêmicas com quem ousasse criticar os argumentos e as hipóteses que o seu venerável mestre Herbert Spencer, formulara. «Transformara-me em apóstolo do meu ídolo, o que significa que em tudo pensava e sentia como Herbert Spencer e a concepção mecânica positivista do Universo era a minha profissão de fé.

...Ao passo—digo—que admirava a suprema sabedoria daquele que assim se comportava, a síntese conclusiva das minhas concepções filosóficas, gravitava decisivamente, nada obstante, nas órbitas dos Büchner, dos Moleschott, dos Haeckel, que negavam a existência de um Ente Supremo e a sobrevivência humana. Nessa conformidade, defendia eu, nas revistas filosóficas, êsse ponto de vista com apaixonado ardor, correspondente, em tudo, ao que mais tarde viria a demonstrar em defesa de uma causa diametralmente oposta, porém infinitamente mais reconfortante».

... «há quarenta anos que me dedico a pesquisas psíquicas» ...

Digamos nós, agora, que maravilha, reforçando o nosso modo de ver! Ernesto Bozzano, de materialista confirmado, nasceu de novo, para tornar-se um defensor da causa espírita. Estudou durante quarenta anos os fatos psíquicos, e pôde dizer que o Animismo prova o Espiritismo; a única diferença entre os dois é que o Animismo trata da relação entre os espíritos encarnados, e o fenômeno espírita, dos espíritos encarnados e desencarnados.

Após a leitura dêsse seu livro, tão grandioso, conforta-me voltar às pesquisas e recordá-las. Começa Ernesto Bozzano procurando a gênese destas faculdades, que só raríssimas vêzes emergem do mundo latente, para funcionarem como faculdade normal, relativamente. As faculdades anímicas não sofrem a influência a que estão sujeitas as faculdades normais, na sua gênese. Os órgãos dos sentidos, nestas, são o meio ativador, juntamente com a escala evolutiva do princípio inteligente, mas na faculdade anímica, pelo contrário, elas só se verificam quando o plano normal da consciência está afastado, portanto em estado diverso do comum. Donde provêm, então, semelhantes faculdades? Defende Ernesto Bozzano, em capítulos precedentes, a hipótese, justa e atraente, de serem tais faculdades inerentes ao espírito para serem utilizadas logo após a crise da morte, podendo, em determinadas circunstâncias, emergir no plano normal da vida, podendo ser ativadas pelo hipnotismo, pela anestesia, por um choque nervoso, ou doenças determinadas.

E defende isto, vendo que desde que se reconhece na face da Terra alguma civilização, sempre se verificaram, entre os indígenas, africanos, bárbaros e civilizados, semelhantes fatos, na mesma intensidade. Nunca, porém, houve vestígios de que estas faculdade emergissem para se fixarem no plano normal da vida, como são os nossos sentidos, com órgãos apropriados às suas funções. Se fôsse provado o contrário, teríamos então a prova absoluta de que a função faz o órgão.

Continuando em seus estudos de Animismo, Ernesto Bozzano provou que os fatos anímicos não ocorrem à revelia, sem leis e sem princípios, não, pois estão sujeitos a leis de afinidade, a relações que unem dois espíritos que se comunicam. Há. portanto, limites às faculdades supranormais. Não pode existir inversão mental entre duas pessoas, há é relação espiritual de dois espíritos que se comunicam. A própria idéia de sociedade repugna esta idéia de invasão mental, pois não haveria mais lógica em nada, visto que todos os nossos íntimos seriam devassados, tôdas as nossas idéias seriam sôltas, banalizando, de certo modo, a própria sociedade.

Não... o que há é relação entre dois espíritos encarnados, afirma Ernesto Bozzano, pondo, assim, limites às faculdades anímicas, limites êstes que muitos não enxergam, transpondo esta barreira, para tudo explicarem anímicamente.

Nos últimos capítulos do livro, prova Ernesto Bozzano, por meio de fatos, que o Animismo prova o Espiritismo.

E isto é um fato que nos ocorre ao pensamento, se soubermos ser justos na crítica, comedidos nas conclusões e não criarmos palavras vãs que não têm significado diante dos fatos — ou seja, alucinações, quarta dimensão, eterno-presente, telequinésia, etc.

Os fatos anímicos estão aí, e vimos, há poucos dias, numa igreja, um experimentador comprovar a realidade da visão à distância. Como a explica êle? O paciente vence o espaço e o tempo... Ora, jôgo de palavras. Os fatos que Ernesto Bozzano relata, todos testemunhados, provam a realidade do Espírito, independente do corpo e da carne. Portanto, a telepatia, o hipnotismo, a visão à distância, a exteriorização do corpo espiritual, a premonição, a psicometria, todos êstes fenômenos pertencem ao espírito encarnado.

O Espiritismo veio completar o estudo do espírito, mostrando sua finalidade através do infinito, seu comportamento na escala evolutiva que tem por degraus cada uma das estrelinhas que cintilam no Céu, arrazando assim o materialismo que deturpa, que desanima e que envenena.»

Por último teve a palavra a diretora do grupo «Dr. Leocádio», de Florianópolis, nossa irmã Carmen de S. Thiago Fernandes que num breve discurso, de grande elevação e delicadeza moral, como lhe é dado fazer, por um dom que sòmente Deus pode conceder-nos, exortou seus jovens confrades a prosseguirem no caminho que vêm palmilhando, possuidos de santo entusiasmo pela verdade e externou o encanto que lhe ia nalma por tudo que lhe fôra dado presenciar. Com uma prece, de que se incumbiu o jovem Sylvio Monteiro de S. Thiago, foi essa edificante reunião encerrada.

Livros Novos

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas

Eis o título de um livrinho de poucas páginas, mas de grandes ensinamentos, no qual, o consagrado autor, Deolindo Amorim, explica, à luz meridiana, como o Espiritismo não pode ser confundido com as demais doutrinas espiritualistas, sendo, como é, uma Doutrina completa, com sua própria «contextura de princípios», que adota a moral cristã, mas não pode adotar as interpretações das seitas nem aprovar atitudes esquisitas ou práticas exóticas.

E' um trabalho admirável, que depois de estudar as demais doutrinas, em seus aspectos principais, mostrando a diferença entre elas e o Espiritismo, termina demonstrando claramente o conceito de *ESPÍRITA*, segundo a própria doutrina, com sua conclusão final, que adiante transcrevemos, para dar aos leitores uma idéia do valor da nova produção de Deolindo Amorim: «Compreendida, finalmente, a posição do Espiritismo em face de todos os cultos, e com o respeito devida a tôdas as crenças, podemos afirmar, à luz da própria doutrina espírita, que o Espiritismo não se subordina a qualquer sistema de culto organizado. Como doutrina essencialmente progressista, recebe os enriquecimentos das ciências, como acompanha os fenômenos sociais e culturais, sem perder, todavia, a sua integridade e as suas características. Nenhuma religião, nenhum culto espiritualista poderia absorvê-lo ou confundí-lo, a despeito da existência de aspectos comuns, porque as suas concepções basilares, tendo consequências científicas, filosóficas e religiosas, não permitem adaptações e concessões arbitrárias. Desta proposição, consequententemente, chegamos a conclusão de que o Espiritismo é uma Doutrina que se basta a si mesma, sem empréstimos nem acréscimos artificiais.»

—

O Poder da Mulher e a Delinquência

Mais um livro da maior utilidade acaba de aparecer com um título sugestivo «O Poder da Mulher e a Delinquência», de autoria do dr. Salvador de Maio, advogado nas auditorias de Curitiba-Paraná.

E' um ensaio de sociologia criminal, de prevenção contra o crime, que se baseia nas possibilidades da ação social da mulher. Aliás, no prefácio do livro, encontramos o seguinte tópico, que define a obra: «O presente livro gira em tôrno à mulher. À sua fôrça e ao seu poder na prevenção do delito».

Salvador de Maio, após mais de trinta anos de lides nos tribunais, cansado das lutas, nas quais, embora os louros suplantassem as derrotas, principalmente na tribuna do Juri, se convenceu de que as leis penais não resolvem o problema da delinquência nem evitam o aumento dos delinquentes. E, todo o seu trabalho, por isso, é no sentido de uma orientação nova, que possa armar a sociedade de meio eficiente para prevenir o crime, confiando-se à mulher a educação, das gerações, porque sòmente ela, liberta de tôdas as escravidões e prejuizos do passado e do presente, despertando para o cultivo de sua profunda capacidade de educadora, poderá concorrer, na ação social, para a diminuição do crime.

O livro é uma obra alentada, primorosamente escrita, com páginas e páginas de boa leitura, agradável pelo estilo e pelas teses morais que sustenta, à qual não faltou até um prefácio sintético, verdadeira joia de bom senso e de apurado lavor literário.

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

São Paulo, 15 de junho de 1.959

Circular n.º 6/14/1959

Aos
Orgãos Regionais, Metropolitano, Municipais e Distritais da USE, Centros e demais Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Prezados confrades:

Assunto — **Conselho Deliberativo Estadual — Reunião de 14 de Setembro de 1.959**

Realizou-se, em data de ontem, a reunião ordinária do nosso C. D. E., que fôra convocada, em obediência às disposições estatutárias. Consignaram sua presença, os seguintes senhores conselheiros:

Da Diretoria Executiva — Carlos Jordão da Silva, presidente; Dr. Luiz Monteiro de Barros, vice; Paulo Toledo Machado, secr. geral; Dr. Wilson Ferreira de Mello, 1.º secr.; Carlos D'Amico, 3.º secr.; Carlos Dias, 1.º tes.; Apolo Oliva Filho, 2.º tes.

Das Entidades representadas nas C. D. E. — Dr. Ary Lex, da F. E. E. S. P.; Apolo Oliva Filho, do I. E. Educação; Dr. Eurípedes de Castro e Cap. Norberto Nicolaci, da L. E. E. S.P.; Pietro S. Passarella, da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém.

Dos Conselhos Regionais: — Altivo Ferreira e Antonio M. Lima, 1.º CRE-Santos; Dr. Walter Acorsi, 3.º CRE - Campinas; Clovis Moreira Selles, 4.º CRE - Taubaté; Alexandre Soares Barbosa Junior, 7.º CRE - Araraquara; Roberto Previdello, 8. CRE - Bauru; Dr. Agnelo Morato, 9.º CRE - Ribeirão Preto; José Faria, 11.º CRE — São José do Rio Preto; Manoel Pinto Ribeiro, 13.º CRE - Marília.

Do Conselho Metropolitano — Carlos D'Amico, 2.ª Zona — Bela Vista — Pinheiros: Hermínio Pavanello, Rodolpho José Olivares e Rubens de Souza, 4.ª Zona — Brás — Belém; João José Cabrera, 6.ª Zona — Lapa; Sebastião Maggi da Fonseca e Moll Moura, 9.ª Zona — Santana — Tucuruví; Oswaldo dos Santos, 10.ª Zona — Moóca; Milésio Martins Romero, 12.ª Zona — Vila Mariana; Luiz Fermino, 20.ª Zona — Guaianazes.

A reunião foi instalada pelo sr. presidente, confrade Carlos Jordão da Silva, às 9,15 horas. A prece inicial foi proferida pelo confrade Alexandre Soares Barbosa Junior, de Araraquara.

Após a leitura e aprovação da ata da sessão anterior, foi lido e apreciado o relatório da Diretoria Executiva.

Aprovada a ORDEM DO DIA, foram debatidos os assuntos em pauta, notando-se real interêsse de parte de todos no sentido de que fôssem alcançadas as soluções não só reclamadas mas também condizentes com as necessidades e exigências do movimento de unificação dos espíritas no Estado de São Paulo.

Eram 15,00 horas passadas, quando a reunião foi encerrada pelo sr. presidente.

Desta sessão, damos adiante, um resumo das decisões firmadas:

1 — Aprovação da ORDEM DO DIA;

2 — Apreciação do Relatório da Diretoria Executiva;

3 — Idem do Balancete do Razão e demais demonstrativo de contas;

4 — Recomendação aos CREs. para que promovam solenidades comemorativas do 11.º aniversário do Pacto Áureo, no dia 4 de Outubro de 1959.

5 — Convocação, por parte da USE, da *Convenção dos Educadores Espíritas*, para realização em Ribeirão Preto, com âmbito estadual, nos dias 6 a 10 de janeiro de 1960. A Diretoria Executiva da USE fará a devida programação. Com a exclusão do dr. Thomaz Novelino, a Comissão de Execução ficou composta apenas dos confrades, dr. Jaime Monteiro de Barros, dr. Agnello Morato e dra. Maria Emilia Barbone.

6 — Prosseguimento, por parte do Departamento de Assistência Social da USE, dos trabalhos objetivando

o levantamento censitário das instituições espíritas de assistência social do Estado, visando o seu enquadramento na planificação geral;

7 — Realização, a partir de janeiro de 1960, em S. Paulo, com duração de seis mêses, do *Curso de Dirigentes de Sessões e Orientação dos Médiuns,* na forma exposta pelo diretor responsável pelo respectivo departamento.

8 — Recomendação aos orgãos da USE no sentido de que façam constar da respectiva norma de organização de Semanas Espíritas, a seguinte disposição; *Constarão, ainda, dos programas das Semanas Espíritas, a realização de mesa redonda para debate dos assuntos de evangelização da infância espírita, organização de catecismos nos Centros, etc.* — Fica, igualmente, estendida esta recomendação às reuniões ou concentrações realizadas por ocasião da Semana da Criança.

9 — Apreciação dos primeiros resultados apresentados pelo *Plano de Emergência.*

A produção solicitada, conforme citado plano, é da venda e colocação mensal do *Sêlo da USE* e do jornal *Unificação*

10 — Mimeografar, após revisão final pelos departamentos competentes, a pró forma de Estatutos Padrão para Centros Espíritas, remetendo-a aos orgãos da USE para se manifestarem antes de sua aprovação definitiva.

11 — Mimeografar o trabalho a ser elaborado pelo Departamento da Organização, alusivo à nova estrutura regional da USE, a fim de que êstes se manifestem.

12 — Substituição, por ter renunciado, do confrade Altivo Ferreira, no Conselho de Redação do jornal UNIFICAÇÃO, por elemento indicado posteriormente pela DE.

Além destas decisões foram feitas mais algumas recomendações como sejam: que a USE organize o flanelório das aulas de moral cristã e os venda aos Centros interessados; que a USE entre em contato com os viajantes dos demais jornais espíritas do Estado, objetivando o seu concurso, etc. — Ficou recomendada a criação da *Associação dos Universitários Espíritas do Estado de São Paulo.* — O representante de Santos, confrade Altivo Ferreira, expôs, com satisfação geral, o trabalho desenvolvido pela UME de Santos, referente à campanha desenvolvida para colocação do SÊLO DA USE, sob a denominação de *Círculo dos Servidores da Unificação.* — O representante de São José do Rio Preto, confrade José Faria, detalhou os trabalhos desenvolvidos na região e apresentou aos membros do Colendo Conselho Deliberativo Estadual o magnífico jornal editado pela UME daquela localidade, «UNIÃO». — O representante de Bauru, confrade Roberto Previdello, informou ter representado a USE na inauguração do *Hospital Espírita de Penápolis,* no dia 6 de setembro último. — Por proposta do dr. Wilson Ferreira de Mello, decidiu-se que todos os membros da USE angariem assinaturas para o jornal UNIFICAÇÃO, nas solenidades e palestras para as quais forem convidados como orador principal, — A DE deverá entrar em contato com os espíritas de São Caetano, tendo em vista integrá-los nos quadros da 1.ª região. Propôs o dr. Agnello Morato que a USE crie, para o seu jornal, um corpo de correspondentes em todo o Estado.

No tocante ao jornal UNIFICAÇÃO decidiu o C. D. E., em homenagem aos propósitos externados por todos os seus membros, não tomar conhecimento da eventualidade da sua suspensão.

Isto pôsto, só nos resta dirigir aos nossos preclaros irmãos de todo o Estado, nossos votos de crescente progresso espiritual e união em Cristo Jesus.

Fraternalmente,

USE

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Diretoria Executiva

Paulo Toledo Machado

Secretário Geral

GUIA METÒDICO DO EXPERIMENTADOR ESPÍRITA

Em segunda edição e com apresentação gráfica das melhores acaba de sair do prelo o «Guia Metódico do Experimentador Espírita», de J. Lhomme, tradução de Cairbar Schutel, livrinho que sempre despertou o maior interêsse dos estudiosos.

O título já diz tudo a respeito do texto e da importância da obra que é, pode-se dizer, indispensável a quantos desejem se orientar seguramente no terreno da experimentação espírita. Trata dos «grupos e sua evolução experimental», da «organização das sessões», do «controle das manifestações» e do «vocabulário do estudante espírita».

E' um trabalho sintético de segura orientação.

A' venda na Livraria «O Clarim» — preço cr.$ 25,00.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 150,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPIRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Ánímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

8931CL PA 815 02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3611unse

Ano XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1960 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mais uma etapa percorrida . . .	*Redação*
Doutrina Cruel	*Mário Cavalcanti de Mello*
O Mito do Perdão	*Arnaldo S. Thiago*
Morselli e seu papel de pioneiro no campo da psicologia espírita . .	*Irmão Saulo*
Pluralidade dos Mundos Habitados	*Redação*
O Letargista dos Palcos	*V. O. Casella*
Por quem é combatido o Espiritismo	*Carlos Imbassahy*
Carta a Henrique Rodrigues . . .	*Luiz Caramaschi*
Fatos, e não Palavras	*Aleixo Victor Magaldi*
O Homem com seu Relativismo . .	*v. lirenedo*
Não Podemos Calar !	*Mac Maynard*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos dà Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 130,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1960 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Mais uma etapa percorrida

ENCETA a Revista em 1960 mais um ano de publicidade. Iniciada a 15 de Fevereiro de 1925, completa ela 35 anos de existência.

Em todos êsses anos, a Revista se esforçou para cumprir as suas promessas : *demonstrar a existência do Espírito no corpo e fora dêle com as provas fornecidas pela experimentação.* E os fatos espontâneos como os provocados verificados no país, ela procurou divulgar e analisar em suas colunas, bem como os fatos surpreendentes, verificados em outros países, reproduzindo das principais publicações espíritas do mundo, sobretudo os provindos da Inglaterra, os artigos mais importantes.

Ao relembrar êsse passado, de contínua atividade para divulgar o Espiritismo, seja em seu aspecto anímico como no espírita, confessamo-nos gratos a todos os confrades que ilustraram as páginas da Revista com sua colaboração substanciosa. E outra não poderia ser a nossa atitude, em face da solução do grande problema, para o qual se voltam todos os sêres pensantes, e de cujo reconhecimento e prática, depende a maior das reformas que se há de operar no nosso planêta, para a ampla e definitiva implantação da Paz Mundial, tão desejada por todos.

Resolvido o problema da Vida, compenetrados os homens de que a Morte nada mais é do que a transição para um plano superior de existência ; todos ìntimamente convictos de que a individualidade não se extingue, mas mantém todos seus atributos e conserva tôdas as suas aquisições, a ciência ver-se-á forçada a mudar de rumo, adaptando seus conhecimentos às novas verdades reveladas a Allan Kardec e expostas em suas magistrais obras, com raro critério e impecável lógica, capaz de resistir a todos os embates.

O experimentalismo espírita, já assentado sôbre sólidas bases, vem abrir à humanidade um campo fecundo de estudos teóricos-práticos. Todos os conhecimentos humanos só terão a lucrar com a adoção do Espiritismo destinado a proporcionar-lhes maiores luzes, mais bastos elementos para a sua evolução. A ciência verá no Espiritismo um complemento indispensável ao seu progresso ; a religião terá nêle o seu mais poderoso auxiliar, a filosofia tornar-se-á clara e lógica.

A Imortalidade é a base fundamental na qual se assenta o luminoso Farol, que esclarece o Bem e o Belo, para guiar a humanidade aos seus destinos superiores. Sem a imortalidade não pode haver Verdade nem Consolação : Não há Fé, nem Esperança, nem Caridade.

As altas virtudes não podem medrar no campo estéril do materialismo e da incredulidade. Elas nascem sempre do intercâmbio com o invisível, são oriundos do Mundo Maior que nos envolve. É da permuta de afetos com o Além que nascem e progridem as grandes descobertas, as novas verdades, é da sugestão dos Espíritos prepostos por Deus que se formam e se mantém as grandes emprêsas que beneficiam a coletividade e orientam os povos para o norte da Vida. Essa permuta é tão necessária e real que chega a constituir a fôrça visível de todo o melhoramento, de todo o progresso material, moral e espiritual do nosso planêta.

O nosso propósito é fazer com que os homens compreendam a necessidade da aceitação dessa Lei Natural, contra a qual a morte não tem poder e que rege a atração das almas pelo amor, para num auxílio recíproco, realizarem as duas humanidades, visível e invisível, o seu alto desiderato de progresso sucessivo para o alcance de melhores estágios na Espiritualidade e de mais acentuada felicidade, na sua ascenção gloriosa para a Luz.

Possam os Bons Espíritos, que dirigem o nosso movimento, continuar a nos favorecer no nosso trabalho de divulgação espírita.

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores, conôsco solidários, o auxílio na manutenção desta publicação. Que Deus a todos dê Luz e Paz.

DOUTRINA CRUEL

MÁRIO CAVALCANTI DE MELLO

I

O Espiritismo tem sido combatido pelo clero romano por todos os modos. Uma onda de achincalhe, de infâmias e mentiras surge de tôda parte, procurando desmoralizar a doutrina dos Espíritos, como se êsse processo, por demais mesquinho, fôsse capaz de deter a nossa marcha vitoriosa. O resultado desta inquisição branca, uma vez que a vermelha não pode mais funcionar, tem sido negativo, e o Catolicismo vê, aterrorizado, o aumento considerável dos adeptos de nossa doutrina, a multiplicação de escolas e de instituições de caridade, em contraste evidente com a diminuição assustadora de vocações sacerdotais, enfim, o fracasso cada vez mais acentuado dessa Igreja, que nada mais tem feito que perseguir os credos alheios. Como é possível pregar o amor, humilhando, torturando, escravizando, matando e apropriando-se dos bens de suas vítimas, como a Igreja romana fazia no passado ?

Iremos responder à mentira com a verdade histórica.

Não ignoramos que, nos primeiros tempos da Igreja, quando sua intolerância dogmática erguia contra ela a cólera e as perseguições do povo e dos imperadores, humildemente reclamava em seu favor a liberdade de consciência e de religião.

> «*Pedimos o direito comum, dizia Athenágoras ; pedimos para não sermos odiados e perseguidos, pelo fato de carregarmos o nome de cristãos*». (Athen. ; «Apolog.», n. 2).
>
> «*A religião, dizia Lactâncio, é a única coisa onde a liberdade elegeu domicílio. Ela é, acima de tudo, voluntária, e ninguém pode ser forçado a adorar o que não quer. Pode-se fingir, mas não querer*». (Lactant., «Instit.», II, V, C. XIX, XX).

Tertuliano usava a mesma linguagem :

> «*Prestai atenção, dizia êle, não vos torneis suspeitos de irreligião, tirando dos homens a liberdade religiosa e interditando-lhe o direito de escolher um deus, isto é, permitindo-me adorar aquêle que eu desejo adorar... A nós sòmente é proibido ter uma religião própria . . .*» (Tertull., «Apolog.», C. XXIV).

Esta Igreja que pleiteava seus direitos de liberdade, com tão admirável bom senso, não falava com sinceridade e sim por tática. Tanto isto é verdade, que Agostinho conferiu ao poder civil o direito e o dever de punir os heréticos e os blasfemadores, até com a pena de morte. Teodoro de Bêse, reclamava para os heréticos, culpados, segundo êle, do maior dos crimes, a pena capital. Foi ardoroso inimigo da liberdade de consciência, dessa mesma liberdade que os seus antepassados reclamavam para êles, e a denominava um dogma diabólico, «*Libertas concientiis diabolicum dogma*».

O cardeal Gousset, arcebispo de Reims, disse muito bem, referindo-se aos protestantes:

> «*Êles se encontram de acôrdo conôsco na máxima: Fora da Igreja não há salvação*».

Como se vê, a liberdade de consciência que a Igreja reclamava era sòmente em seu favor, uma vez que, livre de perseguição, nunca deixou de perseguir os que não lêssem pela mesma cartilha.

O que aconteceu quando o Cristianismo, já bastante adulterado, foi proclamado por Constantino religião do Estado? De oprimido que havia sido, passou a opressor, e o mundo foi dividido por êle em seitas inimigas, inflamadas de ódio e de discórdia. Pagãos, judeus, filósofos, heréticos, ninguém encontrava graça a seus olhos.

Foi pela intolerância, foi esmagando com os pés a liberdade de consciência, pelos éditos que promulgou, que Constantino, depois de haver abjurado o antigo culto, dá mostras do espírito católico que o anima e que lhe grangeou o cognome de Grande, em troca do de parricida que a História lhe reservou. No interêsse de sua autoridade política, conserva, é verdade, o título e as funções de *Pontifex Maximus;* e nesta qualidade, ao mesmo tempo que ordena se celebre o repouso religioso aos domingos, publica uma lei sôbre as consultas aos adivinhos; se as suas moedas oferecem de um lado o monograma de Cristo, do outro apresentam a figura de alguma divindade pagã, e em Constantinopla, tornada por êle a capital cristã do Império, faz levar cada ano ao circo sua estátua tendo em uma das mãos a imagem da Fortuna. Adquire para si o título de *bispo das coisas externas,* e nesta qualidade proíbe aos governadores de províncias e outros funcionários pagãos tomar parte nas solenidades do antigo culto, a fim de fazer esfriar pouco a pouco entre o povo, o zêlo que êste culto provocava ainda; proíbe os sacrifícios privados, restringe o uso dos augúros e adivinhos; veda rigorosamente certas práticas do culto pagão; destrói as estátuas dos antigos deuses; derruba seus templos ou os converte em igrejas; abusa da disciplina militar para obrigar seus soldados a rezarem ao Deus dos cristãos. Foi a ponto de fundar em Heliópolis, na Fenícia, uma igreja, para a qual nomeou um clero completo com um bispo, quando não havia um só cristão nessa cidade. Concedeu a essa igreja ricas somas para «*a manutenção dos pobres, a fim de trazer por benefícios sensíveis a conversão dos pagãos*». Era êste o melhor meio de fazer hipócritas.

Eusébio, vê na conduta do imperador cristão uma inspiração tôda semelhante à que exprime o apóstolo Paulo:

> «*Mas que importa? Contanto que Cristo seja anunciado de tôda maneira, ou com fingimento ou em verdade, nisto me regosijo, e me regosijarei...*» (Aos Filip., I, 18) — (Euseb., «De Vita Constant.», III, 58).

Constantino conseguiu, assim, a dupla vantagem de ser considerado no número dos deuses pela religião que havia destronado, e no número dos santos pela religião à qual assegurou o triunfo. Êste católico *sui-generis,* só o foi em realidade, em seu leito de morte, quando recebeu das mãos de Eusébio de Nicomédia, bispo ariano, o seu batismo *in-extremis.*

Como êle e depois dêle, os imperadores cristãos se deixaram conferir honras divinas pelos pagãos que perseguiam, e êste costume só cessou com a morte aparente do Paganismo, do qual a Igreja romana foi herdeira, como provaremos em artigos subsequentes.

Depois de Constantino, vieram seus filhos Constante e Constâncio, dois vís perseguidores. Em 341 confirmam as leis do reino precedente. Em 346, os dois imperadores, por um decreto cujas disposições abrangiam o Oriente e o Ocidente, tomam em comum as medidas mais severas para a extirpação completa do antigo culto: em tôda parte os templos devem ser fechados, e os sacrifícios são proibidos sob pena de morte e confiscação dos bens.

E é no tempo em que os imperadores empregavam contra os pagãos tôdas as ameaças e todos os rigores da intolerância, que um apologista do Cristianismo, um pai da Igreja, dirigindo-se a Constante e a Constâncio, os exorta ainda, escorando suas palavras em textos bíblicos, a usar de severidade contra os perseguidos e da forma mais extremada : *«Arrancai, lhes disse, arrancai sem escrúpulo as riquezas de seus templos ; empregai em vosso proveito e no do Senhor os tesouros lá acumulados. É depois da destruição dos templos que, pelo poder de Deus, fica acrescida a vossa grandeza»*.

Em seu entender, é sobretudo derrubando os monumentos exteriores do Paganismo que os imperadores se mostram cristãos e grangeam o favor divino. Êle os intima em seguida a punir com os mais terríveis castigos o culto dos ídolos, e declara que estão pela lei divina obrigados em consciência a anular pela fôrça até o último vestígio do Paganismo. «(Jul. Firmicus Maternus», «de Errore profan. religionum», c. XXX).

Isto não constituia um fato isolado. Os cristãos, em geral, os bispos à frente, encorajavam, então, a conduta dos imperadores com as mais baixas adulações. Os mais célebres oradores do tempo faziam aos sectaristas as mesmas críticas que êstes faziam aos seus antepassados, isto é, que êles se prosternavam diante das estátuas dos imperadores e a de só propagarem sua doutrina com o favor dos príncipes. Enfim, Constante e Constâncio foram dois cruéis perseguidores : matavam e confiscavam os bens às suas vítimas. Despiam os templos de suas riquezas e entregavam ao clero ou aos favoritos de seus bajuladores.

Depois do reino de Juliano o Apóstata (361-363), os imperadores que subiram ao trono, todos cristãos, não tardaram em exercer contra o Paganismo os processos habituais e o espírito de perseguição que havia santificado Constantino e seus filhos. Teodósio, em particular, (379-395) distinguiu-se por seu zêlo e concederam-lhe como a Constantino, o cognome de Grande. Já, em 381, Teodósio havia decretado que os cristãos que voltassem à idolatria não podiam dispôr de seus bens para testamento. (Cod. Theod., lib. XVI, tit. VII, lex 1) ; em 383 estendeu esta lei aos catecúmenos, e declarou infames os apóstatas (Ibid. lib. XVI, tit. VII, log. 2, 4, 5) Logo após, por uma lei geral, proibiu a celebração dos sacrifícios, a imolação das vítimas, a conservação dos simulacros (Ibid., lib. XVI, tit. VII, lex 10). Interditou, em seguida, aos magistrados mostrarem-se nos templos (Ibid., lex 11) enfim, decretou formalmente (392) a confiscação dos bens para todo o ato de idolatria, e a pena capital para o fato de haver sacrificado aos deuses, considerado crime de lesa majestade (Ibid. lex 12).

Servidor devotado da ortodoxia, cometeu todos os seus crimes por amor à sua Igreja. Sofreu, segundo Ch. Diehl, a influência de S. Ambrosio de Milão que em 390, em seguimento ao massacre de Tessalônica, impôs ao imperador uma penitência, interditando seu acesso à igreja. Esta humilhação de Teodósio teve as mais graves consequências.

Os templos tinham sido fechados pelos magistrados. Inflamados pelas prédicas dos bispos e dos monges, foram compelidos a demolir ou a saquear os santuários dos antigos deuses. Os anacoretas do Egito sairam em multidão de seus eremitérios para entregar-se a esta obra meritória de devastação, e para colocar relíquias de santos, sob a guarda de piedosos solitários, nas capelas de Anubis e Sérapis. O templo dêste último deus, em Alexandria, o Sérapion, reputado o mais vasto e magnífico que havia no mundo, foi completamente destruido pelos cristãos, em 391, bem como a magnífica bibliotéca que lhe era anexa ; o bispo Teófilo tomou, em pessoa, parte neste ato de violência, e com êste exemplo foram destruidos os outros templos da cidade e dos lugares circunvizinhos. Um outro bispo, S. Marcelo, que Teodureto chamava um homem divino, tendo-se colocado à frente de uma tropa de soldados e de gladiadores, derrubou em Apaméa, na Síria, o templo de Júpiter ; foi esta sua última façanha. Na luta contra os pagãos que defendiam seu templo, o mais belo da cidade, êstes se apoderaram do velho bispo que se encontrava isolado e o queimaram. Seus filhos quiseram vingar-se, mas o sínodo provincial os demoveu e os exortou a agradecer a Deus que lhe havia dado ao pai a glória do martírio. (Sozom., «Hist. eccles., VII, 15). Todos os santos possuiam o mesmo furor. Na mesma ocasião São Martinho de Tours juncava a Gália de ruínas, derribando templos, quebrando os simulácros, arrancando as árvores sagradas. O mesmo praticou mais tarde na Germânia, São Bonifácio. Em vão uma oposição, às vêzes armada, elevava-se contra êstes atos de violência ; em vão Libânio falava em favor das estátuas e dos templos dos antigos deuses e fazia reclamações mais ou menos eloquentes : a obra de destruição, nas quais os cristãos sobrepujavam os bárbaros, sempre dirigida e encorajada pelos bispos, prosseguia com ardor, destruindo-se em tôda parte inumeráveis obras primas. E se acontecia que o imperador Teodósio, obedecendo a motivos que não eram religiosos, pretendesse refrear em certos casos o arrebatamento das populações cristãs ; se êle ensaiava, por exemplo, proteger o templo de Edessa, escondendo as estátuas mais preciosas como objeto de arte e não como santos ; se ameaçava punir os monges que tinham destruido um templo dos valencianos perto do castelo de Callinicum, na Mesopotâmia, ou obrigar o bispo que, por suas declarações, havia compelido o povo a destruir uma sinagoga (pois as sinagogas, malgrado a proteção das leis, não eram mais poupadas que os templos) logo se elevava contra êle a voz dos bispos, em particular a de S. Ambrósio, o tal arcebispo de Milão, e o imperador era forçado por êles a sentimentos mais «cristãos». (Ambros., «Epist. XL, ad Theod. ; «Epist. XLII, ad Sororem ; Paulin. «Vit. Ambros») — Esta citação foi tirada da obra «La Morale de l'Église», de Bouteville.

Foi ao piedoso justiniano reservado apagar no Oriente, sempre pela violência, os últimos vestígios do Paganismo. A perseguição atingiu mais os homens de categoria. Eram despojados de seus bens, torturados e postos à morte. Atenas, cujas escolas se haviam levantado das ruínas nas quais tinham caído no começo do século V, era então um foco de politeismo. Justiniano proscreveu estas escolas e os mestres que nelas se faziam ouvir. Foram, também, fechadas as de Alexandria. Os filósofos, Damacius entre outros, Izidoro e o célebre Simplício procuraram um refúgio perto do rei da Pérsia, Chosroes, que se gabava de amor pela Filosofia.

A conversão ao Cristianismo era forçada. O indivíduo tinha que ser cristão de qualquer modo, donde se vê que a sinceridade não era ali moeda de muito valor.

O imperador Juliano, por espírito de oposição ao Cristianismo, protegia os restos de Israel: depois dêle, e sob os príncipes da família de Teodósio ficaram os judeus algum tempo, ainda, mais ou menos ao abrigo de perseguições ; foi-lhes mesmo concedido reconstruir suas sinagogas, com grande escândalo para os cristãos, cuja indignação desconheceu em vários lugares a vontade do príncipe, e malgrado as queixas de S. Ambrósio e de S. Agostinho.

Salteando muito, para podermos encurtar esta história de crimes inomináveis e hediondos, praticados sob a proteção de santos, de bispos e de monges que os inspiravam, vamos ver a recrudescência dêste cristianismo obrigatório.

Os concílios, em seus decretos, tratavam os judeus como párias da humanidade.

O terceiro concílio de Orleans (538), sob o rei Childebert, pronuncia-se a respeito nestes têrmos :

> *«Uma vez que, graças a Deus, vivemos sob a dominação dos reis católicos, que os judeus desde o dia da Ceia do Senhor, até o dia de Sabbat, isto é, durante quatro dias, não tenham a audácia de mostrar-se entre os cristãos, em lugar nenhum, e em qualquer ocasião que seja»*. (Can. XXX).

O primeiro concílio de Mâcon, em 581, renova esta proibição, e acrescenta :

> *«Que nenhum cristão tenha a audácia de participar dos banquetes dos judeus : se o que é abominável dizer, um clérigo ou um secular qualquer, ousar fazê-lo, que êste que se manchou com suas impiedades saiba que deve ser excluido da sociedade de todos os cristãos»*. (Can. XXX).

A intolerância, a perversidade e o fanatismo desta Igreja que procura menosprezar o Espiritismo e as demais crenças, crescem, ainda mais, no décimo sétimo concílio de Toledo (694). Aí é decretado (Can. VI e VII) que os judeus refugiados na Espanha, serão despojados de seus bens, reduzidos à servidão e distribuidos como escravos aos adeptos do Cristianismo, de acôrdo com a vontade do rei.

Quanto aos que se converteram ao Cristianismo e voltaram ao seu antigo culto, é prescrito aos bispos arrebatarem seus filhos para os educar «cristãmente».

Atirados, de ordinário, em bairros imundos e perigosos da cidade, onde à noite eram trancafiados, os judeus eram, ainda, em tôda parte, obrigados a distinguir-se em suas vestimentas por qualquer marca ou sinal infamante. Foi assim que o concílio provincial de Narbonne (1227) em seguimento de várias medidas para a aplicação dos decretos mais rigorosos do concílio de Latrão contra os heréticos, ordena aos judeus trazerem no peito a figura de uma roda.

Nos Estados Gerais de 1614, no capítulo sôbre a Igreja, o clero pedia ao rei interditar na França a residência aos ateus, judeus, maometanos, adamitas, anabatistas, etc., sob pena de confiscação de bens e de corpos; exortar os arcebispos e os bispos a velar pelos seus rebanhos; obrigar aos que não professassem aparentemente nenhuma religião a exercitar-se na fé católica; prescrever a todos, denunciar os culpados e aos juízes punir exemplarmente. O clero obteve o que queria; as antigas ordenanças contra os judeus, caídas em desuso, foram renovadas por cartas patentes de 23 de abril de 1615, e os judeus tiveram ordem de deixar o reino dentro de um mês». (H. Martin — «Histoire de France» — tomo II, pág. 593).

Cada explosão de fé religiosa, tornava-se, então, para os infelizes judeus, um sinal de proscrição e de morte. Contra êles tudo era permitido. É agradável a Deus fazê-los sofrer; e a violência, no ponto de vista católico, um ato de piedade. É esta a convicção dos teólogos de todos os tempos.

Que religião é esta, que prega o amor, que manda que nos amemos mùtuamente e trucida infelizes criaturas, cujo único crime é terem nascido judias, como se o próprio Jesus não fôsse o maior dos judeus! Então! o judeu não pertence à espécie humana, não é nosso semelhante, nosso próximo? Como se concebe, pois, que esta religião que diz seguir a máxima evangélica: *«amar ao próximo como a nós mesmos»*, martiriza, humilha, mata e confisca os bens destas inocentes vítimas, que tem tanto direito à existência como qualquer um de nós? Se os judeus não tivessem direito à vida, Deus não os teria pôsto no mundo e Jesus não teria nascido judeu.

Que meditem todos os que nos lerem, nestes pedaços de verdades históricas, que consignam atrocidades de bárbaros e não de homens que se prezam de seguir a doutrina de mansidão do meigo rabí da Galiléia, e digam se os espíritas são criminosos pelo fato de não comungarem em idéias que podem ser inspiradas nos piores espíritos das trevas, nunca em um Deus de amor, de bondade e de justiça.

Continuaremos a verificar para que lado se deverá inclinar a balança divina, e isto, limitando-nos apenas aos fatos históricos.

O Espiritismo Será culto ou não subsistirá. Há grande necessidade dessa cultura para evitar, de um lado, a aceitação incondicional de tudo o que vem de um médium, o que se dá quando não há o conhecimento dos percalços da mediunidade, e do ou outro lado, para não descambarmos no misticismo, a aceitação incondicional do livro sagrado, o que acontece quando há o desconhecimento da sua gênese e das elaborações por que passou. Tanto num caso, como no outro, o indivíduo falho de estudo e de observação, ignora onde cessa a intervenção humana. O Espiritismo está ligado a todos os ramos do conhecimento. A incultura leva ao disparate, ao absurdo, ao fanatismo.

CARLOS IMBASSAHY

O Mito do Perdão

Arnaldo S. Thiago

«Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores»... eis como nos ensina a dizer Jesus, na oração dominical, na única oração que nos ensinou a dirigir a nosso Pai que está nos céus.

Há vinte séculos, aproximadamente, que pronunciamos essa oração, pois somos talvez os mesmos espíritos que nos revesamos, em sucessivas encarnações e desencarnações, uns aos outros, a vestir-nos dessa túnica de Nessus com que, mercê dos nossos pecados e das nossas recalcitrâncias no êrro, nos apresentamos, ora no palco dêste mundo material, para dar espetáculo de «sangue, suor e lágrimas» aos que, da invisível platéia, nos aplaudem ou lamentam, ora desta invísivel platéia, chorando ou estimulando os que tripudiam sôbre os seus irmãos...

Há quase vinte séculos que a pronunciamos! Não praticamos, porém o que ela nos ensina!!

Rolam os séculos, sucedem-se as gerações à face da Terra. Envia o Cristo os seus emissários, ou Êle mesmo desce ao báratro da carne, para ensinar-nos, a viver e agir como filhos de Deus: ensinar-nos, exemplificando. Do alto da cruz, ainda insultado, criticado, vilipendiado, apieda-se dos seus algozes e, rendendo o Espírito imaculado, na hora extrema da agonia, revigora-se num supremo esfôrço de energia moral e exclama, sublime: «PAI, PERDÔA-LHES PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM!»

Mas o homem continua a rezar apenas; não perdoa! Continua prêso à sua túnica de Nessus, pois importa vestí-la para esquecer os que o ofenderam, ou apenas divergiram do seu modo de pensar, ou, em última análise, ousaram advertí-los do mal que praticavam, do caminho errado que trilhavam... Exige-lhes o Divino Amor que venham, em novas encarnações, como filhos, como parentes, com irmãos... do mesmo sangue, em suma, que é a única hipótese em que continuam ofendidos e ofensores a viver juntos... por motivo de ordem econômica, de ter alguém que se interesse por nós... exceção feita dos horrorosos casos em que no próprio seio da família ainda se desprezam uns aos outros, em alguns pequenos infernos que se chamam *lares*, não constituidos com espírito de família, mas simplesmente por interêsse econômico.

O Cristianismo das igrejas não conseguiu extirpar no coração do homem seus motivos de desavença, de que resulta a demonstração da ausência do perdão; não o conseguiu ainda o Cristianismo sob a luz restauradora do Espiritismo! Prevendo-o, Allan Kardec pediu-nos apenas o máximo que podiamos dar: tolerância, solidariedade. Toleramo nos, quando temos dúvidas, porém separados uns dos outros; solidarizamo-nos uns com outros, teòricamente, em manifestações coletivas. Ao menor sinal de discordância, pau nêle; à menor inadvertência, no que concerne à exigência de nos acomodarmos aos maiores desregramentos de opinião, de atitudes, de atos...: — «Não quero saber dêsse confrade que nada entende da Doutrina...» E por aí afóra!

Esta é que é a situação, de fato! Discordei de alguns confrades a respeito de pontos de vista doutrinário, numa velha organização espírita: riscaram-me da sua tribuna, do seu jornal, dos seus concílios, de tudo. Discordei de outros por causa da cadeira de Parapsicologia: devolveram-me a «REVELAÇÃO»... devolveram, não: escreveram no verso do talão de cobrança que não interessava... Discordei outrora, até o presente não me toleram... Para haver solidariedade é necessário que nos submetamos a tudo que os outros querem ou fazem: mesmo errado. É assim que se compreende a solidariedade, a tolerância. Quanto ao perdão... Só novamente vestindo a túnica de Nessus, em novas encarnações, para esquecer o passado, graças à divina outorga de novas encarnações. Êste, aliás, o melhor argumento a propósito do princípio básico do Espiritismo.

Que venha um novo Isaias, para dizer-nos: «Lavai-vos, purificai-vos...»

—

Morselli e seu papel de pioneiro no campo da psicologia espírita

Experiências com a médium Eusápia Paladino — Um salto no futuro: a Metapsíquica — Os fatos espíritas e o psiquismo de um homem normal

Enrico Morselli foi um precursor da psicologia espírita. Pouco importa que Morselli não tenha sido espírita. O grande psiquiatra italiano incorpora-se como Richet, à equipe dos desbravadores. Sua obra «Psicologia e Espiritismo» em dois volumes publicada em Turim, em 1908, constitui uma das primeiras pontes lançadas entre essas duas regiões do conhecimento por sôbre o abismo dos preconceitos e da ignorância. Aliás, já tivemos ocasião de afirmar que uma das grandes glórias do Espiritismo é justamente esta: a ciência espírita vem sendo construída pelos adversários e contraditores da doutrina. Quanto mais êles escavam os alicerces, para derrubar as paredes, mais constatam a solidez do edifício espírita e mais contribuem para fortalecê-lo.

A obra de Morselli se fundamenta nas experiências que realizou com a famosa médium Eusapia Paladino. Depois de verificar a realidade dos fenômenos espíritas, de curvar-se ante a evidência dos fatos, como Lombroso, o psiquiatra não quis, entretanto aceitar a explicação espírita dos mesmos. Fêz como Richet, que só bem mais tarde daria a mão à palmatória. Considerou simplista e apressada a teoria espírita, mas sustentou com ênfase a realidade da fenomenologia supranormal e propôs a criação de um «espiritismo sem espíritos», à maneira da «psicologia sem alma», que Watson proporia mais tarde.

«Psicologia e Espiritismo», entretanto, como «The Human Personnality», de Frederic Myers, e «L'exteriorisation de la motricité», de De Rochas, representa um marco na elaboração da psicologia espírita. Muito se falou, depois dêsses pioneiros, em metapsíquica, metapsicologia e parapsicologia. Tanto Richet, no passado, como Rhine, na atualidade, tentaram avançar, através dos fenômenos espíritas, além do campo imediato dos estudos psicológicos. Mas a verdade é que, antes dêsse avanço, é indispensável a criação de uma disciplina preparatória, que seria exatamente a psicologia espírita, cujos princípios já se encontram na obra de Kardec.

Morselli e Myers compreenderam bem êsse problema. A Metapsíquica e a Parapsicologia são necessárias ao desenvolvimento dos estudos psíquicos, mas existem as bases de uma Psicologia Espírita, de uma ciência psíquica ligada ao homem encarnado e referente a êle, à natureza e ao funcionamento normal do seu psiquismo. Essas bases devem ser desenvolvidas na construção de um ramo novo da Psicologia. Morselli e Myers têm o mérito de haver percebido que os fenômenos espíritas não se situam apenas na zona supra normal, devendo também ser estudados na zona normal, comum, do psiquismo habitual. De Rochas, por sua vez, chegou a demonstrar, com suas investigações no campo da regressão da memória, que podemos encontrar o supranormal no próprio normal, verificando as reencarnações através da hipnose.

O trabalho dêsses pioneiros não teve prosseguimento. Richet atirou-se além da Psicologia, com o seu «Tratado de Metapsíquica», e desde então não se pensou mais em têrmos puramente psicológicos, a respeito dos problemas espíritas. Não obstante, a mediunidade é um problema fisio-psicológico, e não metapsíquico, segundo as próprias definições de Kardec. A falta do desenvolvimento de uma Psicologia Espírita tem concorrido para que os psicólogos se afastem do campo das investigações psíquicas, entregando-o, cômoda e prazeirosamente, aos metapsiquistas e parapsicologistas.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se um trabalho sério de construção da Psicologia Espírita. Sòmente ela dará base a outra disciplina de grande e urgente necessidade que é a Psiquiatria Espírita. Os trabalhos de Morselli, Myers e de Rochas, bem como de outros que contribuiram para o esclarecimento de vários problemas, como Osty, Zoelner, Notzing, Lodge e tantos mais, devem *ser retomados com urgência, não sòmente no sentido de experiências e pesquisas, mas também, e sobretudo, de elaboração teórica. A Psicologia Espírita lançará novas luzes sôbre muitos problemas obscuros que, para usarmos uma expressão de Richet, atravancam atualmente o caminho dos estudos psicológicos.*

IRMÃO SAULO

Pluralidade dos Mundos Habitados

Para o Espiritismo a existência de mundos habitados, além de nosso planeta, não é simplesmente uma teoria, mas uma verdade afirmada pelos espíritos em suas manifestações e aceita pela razão de quantos se libertaram das acanhadas concepções antigas, religiosas ou científicas, de que a terra era o centro do universo e exclusiva habitação dos sêres inteligentes.

A pluralidade dos mundos habitados, concebida nas obras clássicas do Espiritismo, há mais de cem anos, verdade sempre combatida, por interêsses sectários, começa já a ser encarada pelos sábios e pelos estudiosos como digna de atenção. Veja-se, para exemplo, os dois telegramas, adiante transcritos, um de «O Estado de S. Paulo» e o outro do «Diário de S. Paulo» grandes jornais da Capital do Estado, neles publicados nos fins de dezembro último e que são os seguintes:

«PROJETO OSMA»

WASHINGTON, 9 (AFP) — Os cientistas do rádio-telescópio norte americano de Green Bank, na Virginia Ocidental, tentarão, em breve, interceptar eventuais sinais de rádio que possam emitir os de sêres inteligentes que vivem em planetas muito afastados.

Essa experiência, que recebeu o nome de «Projeto Osma», será realizada sob o patrocínio do Observatório Nacional de Radioastronomia e da Fundação Nacional de Ciências. Poderia começar nas próximas semanas.

Os cientistas que participam dêsse projeto consideram provável a existência de planetas nos quais a vida se manifestaria sob uma forma que, seria razoável acreditar, tem um caráter bastante evoluido.

Não se esperam resultados rápidos da tentativa «Osma» nos círculos científicos de Green Bank. Mesmo que êsse projeto não permitisse desvendar a existência de sêres vivos inteligentes nos espaços interplanetários, acredita-se que o projeto «Osma» poderia, eventualmente, servir à descoberta, ou seja, à interpretação de fenômenos cósmicos até agora desconhecidos.

EXISTÊNCIA DE VIDA EM OUTROS PLANÊTAS

CHIGAGO, 29 (UPI) — Um destacado cientista apoiou ontem a teoria de que existe vida em outros planetas, mas advertiu contra a tentação de pensar que «nos próximos do espaço» — quando os encontrarem os astronautas terrestes — se parecerão ao homem da Terra. «Seu aspecto será completamente diferente de qualquer coisa que possamos imaginar», disse o sr. Hermann J. Muller, zoólogo da Universidade de Indiana, falando aos delegados à Convenção que realiza aqui a Associação Nacional de Professôres de Ciência. Muller disse que os sêres inteligentes de outros planetas terão sentidos como o homem terrestre, mas poderiam diferir dêste em aspecto tanto quanto, por exemplo, um crustáceo difere de um mamífero. A evolução, onde quer que ocorra, resulta da singular combinação do acidente e uma norma lógica, segundo o sr. Muller.

—

Todos os que amam o Espiritismo devem amparar abnegadamente a imprensa que o propaga. E ninguém deve esperar convite para ir ao encontro de suas grandes necessidades. Não transfiram aos outros o mérito da iniciativa. Ajudem. Integrem-se no conjunto dos que combatem o mal e empunhem com denôdo o facho de luz que ilumina a senda da Verdade e do Bem.

Lins de Vasconcellos

O Letargista dos Palcos

V. O. Casella

SABENDO-SE que os fenômenos funcionais da mente humana, pela mudança de estados de consciência pelo transe, não é mecanismo que se movimenta sob toques digitais ou manuais, a exemplo de quem liga e desliga chaves ou tomadas elétricas, tal razão levou os observadores a suspeitarem de que a suposta técnica letárgica do marista, irmão Vitrício, apregoada nos palcos, não corresponde aos postulados da verdade.

Embora pudesse tratar-se de um possível engano do operador, surgiu a desconfiança do uso voluntário da fraude, quando o letargista negou-se a fazer uma demonstração científica, sob controle de observadores especializados em hipnose. Sem dúvida, essa atitude só poderia ser de quem oculta algo de anormal, pois, caso contrário, não haveria motivo para tal recêio, considerando-se que a verdade não teme o rigor dos laboratórios. Quanto ao ridículo pretexto de que os doutos no assunto desejariam apoderar-se pela aprendizagem da sua habilidade técnica letárgica é retirada que em nada se justifica, porque qualquer descoberta que se diga científica, mas que o seu suposto descobridor a conserve em segredo, esta atitude confere-lhe a pecha de charlatão, e como tal deverá ser tratado perante as leis da moral e da justiça.

Assim, diante do sucedido, uma vez que o letargista dos palcos não se dispôs a sair de trás dos bastidores teatrais, talvez para que não se descobrisse o entôrno posto em uso na sua prática, a sua negativa nos autoriza a expor quais os meios que se podem valer para o emprêgo de sofismas, nos fenômenos da hipnose, os profissionais que desejem macular a arte de sugestionar.

No nosso trabalho anterior pudemos demonstrar a inconsistência de sua tese, ocasião em que argumentamos com as mesmas armas em que o marista se julga apoiado com a sua pretensa técnica de provocar o fenômeno letárgico, com o toque mágico de centros nervosos no corpo do paciente. Hoje, vejamos um outro recurso mais completo, que o Hipnotismo oferece, a post-hipnose, fenômeno êste muito familiarizado nos meios estudiosos, mas vulgarmente desconhecido pelo público em geral.

Um hipnotizador, em sessão discreta, com a co-participação de alguns pacientes selecionados, pode prepará-los vantajosamente para os transes que se sucederem, após esta primeira experimentação. Um bom paciente, no período do transe preparatório, o operador condiciona-o com sugestões bem dosadas, implantando no seu subconsciente um código para colocá-lo em transe na próxima oportunidade, sem que se recorra à técnica verbal comum da sugestão, como vemos nas hipnotizações de palcos. Êste código, pré-estabelecido, tanto pode ser um sinal com um objeto, ou um toque digital ou manual no corpo do paciente, ou ainda uma determinada palavra, ou qualquer outra banalidade convencionada pelo operador, cujo emprêgo na ocasião seguinte pode ser discreto, não despertando desconfianças aos que assistem sem espírito de observação e ausentes de conhecimentos sôbre êsse fenômeno do Hipnotismo.

E é de se notar que o próprio paciente ao ser assim condicionado, ainda poderá receber outras sugestões, receptadas apenas pelo seu subconsciente, ficando em condições de não se lembrar, ao acordar do transe, o que se passara consigo durante o seu estado de hipnose. Assim, quando no seu estado normal de consciência, estará ignorando que se acha sob ação condicionada, e na próxima oportunidade em que se ver diante do mesmo operador, êste o surpreenderá com o código convencionado da sessão anterior, prostando-o instantâneamente em transe, cujo pseudo sucesso deixa maravilhado os espectadores que desconhecem êsse recurso do Hipnotismo.

No entanto, tal sofisma, mesmo que empregado pelo mais hábil dos operadores, não passa despercebido dos estudiosos da hipnose.

Assim, como se vê, o Hipnotismo é um campo vulnerável aos profissionais que desejem fazer mau uso dos seus fenômenos, prevalecendo-se do desconhecimento geral do público sôbre o assunto.

Mas, embora se revele evidente a existência de fraude nas apresentações do marista, não podemos afirmar se êle utiliza um dos meios que apresentamos neste e noutro trabalho anterior, ou se emprega métodos de habilidade dos mágicos de palcos, a exemplo dos truques dos ilusionistas e prestidigitadores, ou ainda se não seriam supostos pacientes os menores que se vêm prestando a essas apresentações. Entretanto, pelo fato de que não se possa apontar diretamente qual a fraude aplicada, não se quer dizer estar ela ausente, quando a sua existência é confirmada pelo próprio autor dessa letargia, pela sua recusa em fazer uma demonstração científica fora dos palcos. E, como já dissemos antes, não houvesse tal anormalidade não haveria motivo para essa negativa, que se interpreta no desejo declarado de ocultar o jôgo posto em uso nessas pretensas «experimentações científicas» teatrais.

Contudo, que sòmente agora a ciência deu o alerta, desmascarando-o pùblicamente, com amplo noticiário pelos jornais da capital paulista, cuja transcrição já publicamos no número anterior desta Revista, o fato já era esperado por nós adeptos do Espiritismo que, desde o início dêsses espetáculos de finalidade para desmerecer nossa doutrina, já estavamos certos que tudo não passava de trapaça.

Nós kardecistas, firmados que estamos em uma doutrina filosófica, onde as provas da sobrevivência da alma são concretas, jamais poderiamos nos iludir com essas apresentações tão vazias, nada tendo do mediunismo, as quais não passam de sistemáticas deturpações de fenômenos relacionados a outro campo, o Hipnotismo.

Afinal, diante do que vem sucedendo, lamentamos que êsses ataques maldosos e premeditados, visando expor nossa doutrina ao ridículo perante o público, obrigam-nos às vêzes a refutá-los com alguma energia que, entretanto, não traduz o sentimento que os espíritas na sua generalidade trazem na alma, quando compelidos nessas lutas doutrinárias entre irmãos, filhos de um mesmo Deus. Os nossos opositores em geral estejam certos de que apesar de seus ataques, quase sempre de uma agressividade chicoteante, portanto nada condizentes com a bôa ética da moral cristã, não lhes nutrimos qualquer sombra de ódio. E nessas refregas, que pela razão sempre os louros da vitória têm sorrido para nós, jamais nos prevalecemos dessas glórias para apuparmos os vencidos. Pelo contrário, somos tomados pela tristeza em vê-los incompreensíveis nos seus insistentes propósitos tão estéreis, quando, dentro dos próprios princípios da doutrina que abraçaram, poderiam estar lado a lado conosco, para enfrentarmos unidos o verdadeiro anti-Cristo, o Materialismo.

Enquanto as diversas correntes espiritualistas mantêm-se divididas, debatendo-se mutuamente, o colosso da materialidade constitue uma única fôrça, cuja vantagem lhe é proveitosa. O Espiritismo, mesmo sem qualquer outro auxílio, possue elementos demolidores, sob provas de laboratório, para deter a marcha progressiva da mentalidade dos cultuadores da matéria. No entanto, atacados que somos pela retaguarda, pelos próprios espiritualistas que procuram obter enganosas vantagens de grupos sectários, estas outras facções religiosas roubam-nos preciosa atenção, que poderia ser dispensada no combate ao crescente progresso do gigante negativista.

Com isto, os negadores de Deus, fabricantes de guerras, tirando proveito dessa incompreensão dos grupos dogmáticos do Espiritualismo, já introduziram um novo estilete no sêio da humanidade sob o rótulo de Modernismo, cujo sinônimo é a juventude transviada. As novas vítimas vêm sendo entre aquêles mesmos que, instruidos desde a infância com falsas idéias, insinuados a fugirem de imaginários «perigos» do Espiritismo, recebem forçadamente nas escolas os obsoletos ensinamentos religiosos, através de cânticos e rezas beáticos, sem que lhes entronizem o Cristo no coração.

Para empenharmos na luta decisiva contra êsses males nada desejamos das demais correntes espiritualistas, a não ser harmonia. Se estão tomados do recêio mórbido de que desejamos aliciar adeptos seus para as nossas fileiras, êste pânico é infundado porque não estamos adotando uma doutrina de quantidade. Desejamos apenas os estudiosos que aceitam o esclarecimento pelo livre raciocínio, procurando-nos pela vontade espontânea. Somos pela liberdade de pensamento.

Mas enquanto os nossos opositores espiritualistas persistirem nessa incompreensão, julgando defender Cristo com pedradas aos que não comungam com suas idéias, o Materialismo, prevalecendo-se da nossa atenção aos ataques que recebemos, e zombando das facções religiosas encasteladas nos suntuosos templos de pedra, prossegue tranquilo na sua ronda aos lares e escolas, minando as novas mentalidades em formação, de jovens que logo mais constituirão a parte mais substancial da humanidade futura.

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

Correspondência

Recebemos : — do «Grupo de Trabalhos Emanuel», sito à rua Tabatinguera, 121 — Casa 2 — S. Paulo, 4 maços de folhetos, sôbre mensagens de Emanuel; — de Araras, o mensário «Libertação», com oferta gratuita aos que remeterem seu endereço ao Grupo Sayão, cx. Postal 47, naquela cidade; — de Itu, o mensário «Irradiação», sob responsabilide do confrade Ten.-Cel. Fiori Amantéa, com substancial matéria de psicografias; — de S. Paulo, cx. Postal 6821, o bem elaborado jornalzinho para crianças «A Infância Espírita».

Essas remessas procedem de cidades do Est. de S. Paulo.

De Uberlândia, Minas, rua Agenor Pais, 50 recebemos a bonita revista «Elite Magazini», cujo diretor, sr. Clóvis César, ali oferece e colabora em uma coluna dedicada ao Espiritismo. Quanto à sua carta, já seguiu resposta.

Aos remetentes, agradecemos as gentilezas.

V. O. Casella

Por quem é combatido o Espiritismo

O Espiritismo é combatido pelos déspotas, porque os enfurecem as idéias de liberdade;

pelos criminosos, porque os inquieta a lembrança das leis divinas;

pelos guerreiros, porque os exasperam os conselhos de paz;

pelos maus, porque os irritam os imperativos do amor ao próximo;

pelos egoístas, porque os incomodam os princípios do altruísmo;

pelos viciados, porque os ferreteiam os axiomas da virtude;

pelos fanáticos, porque os exacerbam os preceitos do livre exame;

pelos vingativos, porque não se acomodam com a doutrina do perdão;

pelos facciosos, porque os contrariam os benefícios da tolerância;

pelos interesseiros, porque os prejudica a dádiva gratuita;

pelos ingratos, porque os remordem os deveres de gratidão;

pelos hipócritas, porque os desmascaram os exemplos da sinceridade;

pelos orgulhosos, porque os ensinos da humildade os envergonham;

pelos misoneistas, porque as idéias novas os pertubam;

pelos materialistas, porque as questões espitrituais os obscurecem.

Em suma, pelo pecador, porque as noções de uma outra vida assombram.

Dr. Carlos Imbassahy

Aos Amigos e Confrades do Rio de Janeiro

Comunicamos que é Representante de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», na Capital Federal, cidade do Rio de Janeiro, o nosso confrade Antonio Pereira Guedes, residente à Rua Haddock Lobo, 419-A, Casa 37 — Térreo — e com Telefone 48-0612, onde será encontrado, atendendo ao intêresse dos assinantes e amigos de nossas publicações.

Carta a Henrique Rodrigues

Luiz Caramaschi

TEMOS, em mãos, sua prezada carta de 9/7/58, na qual sinceramente expõe seus pontos de vista, os quais merecem os nossos melhores respeitos. Gostamos da sua maneira franca de tratar as coisas; por êsse mesmo diapasão nos afinamos. Não somos nenhum fanático que se enfureça contra quem confunda São João com um João Ninguém. Podemos não concordar, mas, respeitamos a opinião alheia.

Na verdade, o que somos todos é filósofos, na acepção do têrmo, que é amigos da sabedoria. Não somos «sofos», e até nem sabemos se os há, de fato, na Terra.

Nosso método de pesquisar a verdade, consiste em sermos, em dois tempos contíguos, racional e intuitivo. Êstes dois momentos do nosso ser se alternam numa continuidade, numa progressividade, até que se tenha relativamente esgotado o assunto a que nos propomos examinar. Achamos que assim como a razão, para se desenvolver, apoiou-se na fase instintiva precedente, de igual modo a intuição (fase consciencial, e não pretendida mediunidade) se há-de apoiar na razão.

Quando somos racionalistas, pegamos uma premissa e vamos até às últimas consequências, doa a quem doer. Porém, para uso nosso, privado, temos uma porção de «certezas» que não externamos (a não ser como mera hipótese de trabalho), porque impossível nos seria prová-las.

A razão é tão relativa, que até as afirmações só são válidas em função do todo em que se enquadram. Elas dependem do motivo pelo qual foram ditas. Estando nós no combate, temos de usar das regras da luta, que consiste em sermos a antítese do nosso opositor. Nas «Elucidações» nós contrastamos o sr. Edgard Armond, porque, numa discussão, a gente precisa tomar uma posição extrema. Se o opositor nos disser: é prêto; nós temos de afirmar: é branco. Na realidade, a verdade é sintética, é cinza, é a reunião dos dois opostos branco e prêto. Mas se o opositor nos diz: é prêto; e nós dissermos: é cinza; o resultado final vai ser o cinza escuro, que não corresponde à síntese esperada, ou cinza médio.

De modo que é preciso considerar no homem dois comportamentos: um para uso privativo dêle, e outro para uso público, isto é, dos outros. Estamos nos referindo a quando estamos envolvidos na luta, e não, de certo, a quando estamos nos momentos de calma, em que nós somos nós mesmos. Esta bipolaridade é a dura contingência de quem tem de lutar.

* * *

O prezado amigo nos afirmou, em sua carta, que lhe basta a capacidade de raciocinar, pelo que não se baseia, nunca, no *princípio da autoridade,* seja ela de Mateus, seja de Marcos, seja de Lucas, seja de João, seja de Kardec, etc. Respeitamos seu ponto de vista. Todavia a gente precisa fundamentar a razão nalguma *coisa não provada, num postulado, numa verdade apriorística, de fé não demonstrada.* Do contrário iremos dar conôsco, onde foi parar Davi Hume, o rei dos espiritistas, e por isso, também, o dos céticos... Humberto Rohden está com a razão: quem não supõe nada, nada pode provar. Qualquer edificação exige um fundamento que não é nosso, o qual não podemos provar. São os postulados. Defina, o amigo, se fôr capaz, *ponto, linha e plano,* da geometria, sem cair no que os lógicos chamam «petição de princípio», ou círculo? Quem não quiser assentar o raciocínio sôbre alguma premissa, por ser indemonstrável, não construirá coisa nenhuma.

A lógica, com ser poderosa alavanca, por isso mesmo, não funciona sem ponto de apoio (a premissa maior) o qual, por seu turno, tem de se apoiar em outra coisa, e esta, em outra, e assim por diante. Chega-se a um ponto em que o apoio vira postulado indemonstrável. Se o amigo negar tudo, por indemonstrável, acabará com Voltaire, admitindo que o próprio Cristo não existiu, não passando, êle, de puro mito solar encarnado numa personagem legendária, tão real para nós, como era Hércules para os gregos.

Paulo de Tarso, falando no Areópago do Deus desconhecido, foi ouvido com atenção até que tocou na ressureição dos mortos; neste ponto os gregos lhe disseram: «A cêrca disto te ouviremos outra vez» (Atos 17,32). A coisa é que os gregos estavam possuídos por outras verdades diferentes daquela que lhes queria inculcar Paulo; e é tolice crassa afirmar que «o saber não ocupa lugar». Poderá não ocupar lugar no espaço, simplesmente porque não é matéria; mas ocupa lugar no espírito que, estando tomado por uma verdade, repele, naturalmente, as outras.

As verdades mais fundamentais da nossa vida não foram provadas, e apenas as aceitamos com a educação ou pela autoeducação. Tinha razão Mika Waltari quando disse pela bôca de Aziru:

«— Que é a verdade, Sinuhe? Quando o sangue sírio houver absorvido suficientemente a verdade que lhes ofereço, jurarão por todos os deuses que essa é a única verdade, e não acreditarão em ninguém que afirme o contrário.» (O Egípcio, 307).

Eis como Cristo, segundo o pensar voltairiano, é uma personagem fabulosa, mero encontro e resultância de lendas e mitos solares. A energia solar se condensa num grão de milho ou trigo, e de aí veiu o culto do milho e do trigo, filhos do Sol. O trigo e o milho morrem e viram pão, para infundir no homem a energia dos raios-de-Sol os os quais, no culto egípcios de Akchenaten, eram terminados por minúsculas mãos segurando «o *ankh*, o antigo símbolo egípcio da vida — um oval descansando sôbre a letra T. O *ankh* fôra tomado de muitas religiões, e também se encontra na arte cristã, como a *cruz ansata*, ou cruz de ansa. Originalmente, sem dúvida, teve ela uma significação fálica» (Charles F. Potter, História das Religiões, 26).

Ora Jesus se nos dá como pão vivo que desceu dos céus (João 6, 35 a 41); ora nos manda lhe comamos a carne e lhe bebamos o sangue (João, 6, 50 a 58), fato êste simbolizado no pão e vinho da eucaristia (Mat. 26, 26 a 30— Marc. 14, 22 a 25). Com isto aperfeiçoou as práticas antropofágicas dos mais antigos que comiam os velhos patriarcas para lhes incorporarem as virtudes.

Cristo seria a síntese humana do ciclo do milho e do trigo os quais caem na terra, e morrem, e ressuscitam, em abundância de grãos, para a vida, e daí o dizer que «se o grão de trigo, cair na terra, e não morrer, êle fica só; mas se morrer, dá muito fruto» (João, 12, 24).

Por êstes caminhos vão trilhando todos aquêles que estiverem dispostos a perder a fé, se são *apenas racionais* e não, *também, intuitivos*.

Os que nada podem alcançar pela intuição e pela fé, depois de muito pesquisarem, chegam à conclusão de que tudo são lendas aceitas como verdades. As lendas repetidas de bôca em bôca foram as sugestões que produziram a hipnose coletiva, e dêste modo o cristianismo cresceu de sonhos, de alucinações, de utopias, e de visões superconscientes. Se a gente, por êste modo de arrazoar, conseguisse quebrar o encanto do mundo, como está fazendo, lá, o seu mestre ou modêlo Mário Cavalcanti Melo, antes de fazer que o mundo pare de dançar, ao som da maravilhosa música extraterrena, antes disto teria quebrado o próprio encanto, e, acordado da hipnose, acabaria onde se acabou Nietzsche.

Quem se propõe a quebrar a lira da fé (que é só intuitiva, e não, racional), e a abafar o canto da consolação, não pode ser abençoado por Deus, nem assistido dos nossos maiores no bem. Todavia o Sr. Mário Cavalcanti Melo a si mesmo se impôs esta ingrata tarefa, pelo que, visto como deseja mesmo jogar-se no abismo, nós lhe recomendamos «Sistema dos Mitos» de Oliveira Martins, e «Origens de todos os cultos» de Dupuis.

Se Jesus Cristo não existiu, porque teriam existido Buda, Zoroastro, Moisés, Lao-Tze, e outros que tais? Não seriam êles apenas homens inteligentes e excêntricos, que a lenda (poesia da história) endeusou, atribuindo-lhes poderes que, nunca, nenhum homem teve? O amigo tem experiências de hipnotismo? Sabe como agem as sugestões? O que é a fé?

Até mesmo a matemática é relativa, como o demonstramos em nossa «Elucidação n.º 7». Podemos conceber o espaço como plano para qualquer lado (infinito), esférico, elíptico, hiperbólico, e sôbre qualquer destas concepções fundamentar o postulado básico de uma dada geometria e trigonometria. Porém é axiomático que, de tantos postulados, um só há-de ser o verdadeiro. Mas qual será êle ?

A razão é curva, e se fecha sôbre si mesma sem possibilidade de evasão; transposto, todavia, o seu limite, começa outro modo de pensar que é o feito só por meio de axiomas ou premissas; é o método dos místicos. Mas êstes pensamentos axiomáticos só têm valor para quem os alcança, sendo impossível demonstrá-los racionalmente. É, então, que cada um se vê obrigado a guardar as verdades só para si, e se as apresenta, como fêz o Prof. Ubaldi, em «Deus e Universo», o faz como *hipótese de trabalho.*

Sendo a razão curva, fechada, e sem possibilidade de trabalhar em suspenso, no ar, ou o amigo supõe, por verdadeira, uma coisa não provada, ou estará perdido, sem nenhuma escapatória.

Poder-se-ia dizer, todavia, que a intuição é falha, confundindo-se com a fantasia, com a imaginação. Isto está certo; êste é o motivo por que ela precisa ser controlada, racionalmente. Não a devemos desprezar, contudo, a pretexto de não ser método seguro, porque estaríamos procedendo, num plano mais alto, exatamente do modo como faria um animal que, por confiar no instinto, desprezasse a fase racional, por insegura, visto que começa com o ensaio-e-êrro. A racionalidade é, também, falhíssima, para quem se sai da fase instintiva. Certo, exato, preciso é o instinto, porém limitado a uma linha; mais livre à razão, onde a linha instintiva se alarga, porém, falhíssima zona, em que se dão tôdas as quedas possíveis. Apesar disto, preferimos a razão ao instinto.

Com o perpassar das idades milenárias, a razão se tornou no método seguríssimo, do qual não queremos abrir mão, e sem o que não penetraremos nos reinos fabulosos da intuição. Aqui está o êrro. É preciso irmos abandonando a fase racional, e trabalhando com a intuição, para que esta se desenvolva até ao ponto de *nos sentirmos tão seguros nela,* quanto o somos nós na fase racional, e o animal, na instintiva.

Qual é a diferença entre um animal e um homem? A diferença é que o animal espera que a razão se lhe desenvolva, por milagre, sem esfôrço próprio, no passo que o homem, ao contrário, duvidando de tal milagre, realizou a maravilha do auto-esfôrço. A mesma regra impera no que se refere à intuição. Esta não vem por milagre, mas, por esfôrço de conquista. Todavia para êste fato se efetive, é preciso não duvidarmos da intuição, na ora em que o processo se estiver realizando. Neste momento devemos duvidar da razão, e desejar, ardentemente, fugir-lhe às limitações angustiantes. Quem se sentir ufano de sua fase racional, certo de que a razão é tudo, não subirá á intuição, como não subiu à razão o animal contente e seguro da sua cômoda fase instintiva. A regra áurea é esta: assim como o animal explora a fase racional, apoiado na instintiva, nós devemos explorar a intuitíva, apoiados na racional.

* * *

«A Grande Síntese» diz, é exato, que todo ciclo pressupõe um outro, inverso e complementar. Logo, se o ciclo é evolutivo subentende o involutivo, pela mesma razão, êste exige outro, anterior, evolutivo, e assim por diante, indefinidamente. Todavia neste ponto nós deixamos a razão e a lógica moendo cá em baixo, nos elevamos ao plano da intuição, e nos saímos com esta, para nosso uso particular: O relativismo que marca os ciclos múltiplos, não atinge o ciclo máximo, que só teve uma descida e terá uma subida. E isto tem o apoio de «A Grande Síntese» que afirmou, precisamente, a tratar dos ciclos múltiplos, que o maior é de «abertura constante» (pág. 76). Logo, o inverso, o da queda, foi de fechamento constante, para que, do infinito negativo, principiasse o ciclo evolutivo. Estas premissas nos satisfazem plenamente. Contudo o racional continua, insatisfeito, opondo-nos as suas objeções. Por amor dêles, desçamos, agora, ao plano da racionalidade, e metamos entre as mós do moinho da lógica, o seguinte:

A relatividade não é absoluta; ela está na periferia, e não, no Centro: está no caos e não, na Ordem, em Deus. Se fizermos a relatividade absoluta, dominando tudo, o mesmo Deus fica relativo e não, absoluto... O homem está tão habituado a operar com absolutos («A verdade tinha que ser um absoluto»-37), com verdades estanques, que o *conceito de relatividade ficou, também, absoluto*, invadindo *todos os domínios*, donde se dizer, com *enfatismo*: *TUDO É RELATIVO*...

Tudo é relativo? Logo, Deus, com ser o Tudo, também é relativo? Sim. Então o absoluto é relativo? Sim. Logo, a relatividade é absoluta? Sim. Então, como o *absoluto é relativo*, sendo, agora, a *relatividade, absoluta*, segue-se que a *relatividade é relativa*...

Tornemos porém, ao enunciado anterior, e digamos, de novo: *tudo é relativo*. Mas a relatividade está incluída nesse *tudo?* Suponhamos que sim. Neste caso, porque tudo é relativo, por isso a relatividade também o é, visto como se inclui no *tudo*. Suponhamos, agora, que a relatividade não se inclui no *tudo*, com que *ela não é relativa*; logo, ela é absoluta, e, como já vimos, sendo relativo até mesmo o absoluto, a relatividade, com ser absoluta, é relativa...

Por estas alturas, o racionalista, desesperado da sua lógica, brada que isto é sofisma. E que é sofisma? Sofisma é um raciocínio lógico, porém, *sôbre base falsa*. Como a base é a premissa maior que diz: *tudo é relativo*, segue-se que esta premissa é falsa, e a verdade é que *nem tudo é relativo*. Mas digamos que aquela premissa não é falsa; então, o raciocínio não é sofístico, e temos de aceitar a conclusão dêle que nos diz ser a *relatividade relativa*. Eis como a razão é curva, fechada sôbre si mesma, e tendo feito uma afirmação, na premissa, negou-a, nas conseqüências. Se, pois, considerarmos a premissa: *tudo é relativo*, como verdadeira, a conclusão nos diz que *a mesma relatividade é relativa*. Se admitirmos o raciocínio como sofístico, então a premissa: *tudo é relativo*, é falsa.

Dizer que *tudo é relativo*, de fato, é absurdo, porque, neste caso, o absoluto, com se incluir no *tudo*, também fica relativo. Quando se diz que *o absoluto é relativo*, o atributo nega o sugeito, na oração; é como se dissesse: êste prêto é branco. Dizer, de outro modo, que *tudo é relativo*, é o mesmo que afirmar que *a relatividade é absoluta*: eis, de novo, têrmos que se excluem, por oposição, um negando o outro. Por todos êstes caminhos, vimos que *a relatividade é relativa*.

Façamos a comprovação da verdade que diz: *a relatividade é relativa*. Disto tratou a «Elucidação n. 8». A relatividade é relativa? Logo, existe *relatividade na mesma retatividade*. Ela é tanto mais relativa, quanto mais se ruma para a periferia, para o pormenor, para o fragmento, para o menos infinito, ou não-ser. Neste ponto, no caos, os fenômenos resultam de infinitas contingências, pelo que tudo se torna uma balbúdia tão assombrosamente grande, que não se pode achar a *constante na variação, que é a lei*. Não há lei, porque há o caos, tendo a relatividade atingido a sua plenitude. Por esta mesma razão o absoluto se extinguiu e se tornou em nada. Inversamente, quanto mais se avança para o geral, mais a lei se evidencia e simplifica, tendendo, sempre, cada vez mais, para a unidade. Onde impera a unidade, a relatividade cessa. A unidade total não é relativa a nada, porque, não lhe pode haver têrmo de relação; ela é única, total, absoluta. Por isto, porque a *relatividade é relativa*, nem tudo é relativo, e o absoluto é absoluto mesmo, e não contingente. Não há nada que o contraste, de fora, ou se lhe oponha, senão a mesma relatividade que o absoluto abarca e governa na sua unidade multíplice, com que universo vem a ser *uni † verso*, ou seja: a unidade na variedade, ou ainda: a unidade mais a sua contraparte multiplicidade.

Dêste modo, os ciclos múltiplos são relativos, e nenhum há que não tenha o seu oposto e complementar; mas isto é só com os *ciclos múltiplos*. O ciclo máximo do Todo, com ser absoluto, não é multíplice, mas, unitário; não se contrasta, nem se opõe a outro Todo, porque, se houvessem dois Todos opostos e complementares, o *TODO* verdadeiro havia de ser a síntese e reunião de ambos. De maneira que, no último limite positivo, a relatividade cessa.

Todavia vamos supor que a relatividade seja, de fato, absoluta, pelo que o ciclo máximo, de subida, se contrasta com outro de descida, o qual pressupõe um anterior de subida, que exige outro de descida, e assim por diante indefinidamente. Isto olhando para trás, para o passado eterno. Se olharmos para o futuro, êste ciclo de subida, que ora vivemos, se contrastará com outro de descida, pelo que haverá uma outra subida, etc. Suposto isto, vem os corolários inexoráveis :

I — Deus (na sua expressão criativa, monística ou imanente) é um macrocircuito cósmico caos-ordem-caos-ordem... ou seja, destrutivo-criativo-destrutivo-criativo... que projeta a criatura para os caos, onde esta se desfaz em nada; dêste ponto atrai a substância de que a criatura era feita, a qual (substância) volta noutras construções, noutras criaturas que, pelo martírio e pelo esfôrço, se refazem, evoluindo, para Deus, depois, a moer de novo.

II — Tudo se faz para atender a um motivo; o de Deus seria o de satisfazer a sua dor-gôzo, porque, para êle agir assim, há-de-ser um insaciável masoco-sadista. Êle goza sofrendo (masoquismo) na e pela criatura, e goza, outra vez, pelo saber que ela só sofre (sadismo), Sofre Gestas, porque é Gestas, e Cristo, porque é Cristo, visto como, não há fugir: o universo se acha fundamentado sôbre a dor.

III — Não nos adianta avançar, retroceder, ou parar; em qualquer dos casos seremos eternamente triturados pelo colosso Moloc sade-masoquista.

IV — O criado faz a escalada evolutiva, esforçando-se, por cuidar que Deus é bom. Mas quando, nas fases iguais ou superiores à nossa, descobre o plano divino, rebela-se, mergulha de novo no nada. Quem sabe Satanás, sob a impulsão dêste pensamento, ruma-se para os caos e nada. Lá, o que se formar da substância divina residuada dêle, pensa o inverso, e, por isto, se sobe para Deus, perto do qual, mudado o pensamento, se desanda, de novo, para o nada. E subindo, ou parando, ou descendo, o ser sofre, e Deus alcança o seu fim que é a dor-gôzo.

V — Cristo, neste sistema, assemelhar-se-ia ao pastor Davi que arrancava as ovelhas (que somos nós) das bôcas dos lobos e dos ursos (demônios-espíritos trevosos) para elas irem morrer sob o alfange do patrão. Não adianta fugir, porque a moral da fábula é esta: quem nasceu para os dentes, para os dentes há-de-ir, não importa se os de Davi, ou se os de um leão.

Tais serão as conclusões forçosas, mais que blasfemas e desconcertantes, se apenas fizermos isto: considerarmos que *tudo é relativo,* ou seja, que a *relatividade é absoluta.* Então, para não se ficar nesta angústia, precisamos conciderar o grande ciclo destrutivo-criativo como único, não o abarcando a relatividade; êle se situa no absoluto.

De maneira que se, como o amigo declara, estas coisas de «Deus e Universo» são ranços do catolicismo romano, impregnando o subconsciente do Prof. Ubaldi, se êstes ranços constituirem a verdade, êles vencerão. Dêstes ranços estão cheias tôdas as revelações das grandes religiões da Terra, como o amigo poderá averiguar. E isto é porque êstes angustiantes problemas azucrinaram sempre os juizes de todos os gênios da humanidade; e é impossível que alguns dêles não se tivessem aproximado duma solução para uso humano. Não se trata de pretender devassar os profundos e inconcebíveis desígnios de Deus, mas, de, apenas, encontrar uma solução para uso humano, que concilie duas coisas reais: o amor de Deus, que todo é amor, e as dores e flagelações sôbre as quais se fundamenta o universo. A coisa terá que ter fim, para sossêgo da mente, que, do contrário, nisto, precisamente, residirá o *inferno eterno* (a duvida), até mesmo para os eleitos. Aqui, também, «o «ignorabimus» quer dizer: falência» (A Grande Síntese, 16). A dor do universo, ou causa gôsto, ou causa desgôsto a Deus. Se causa gôsto. a dor será eterna, e Deus, ao menos do ponto de vista da criatura, não pode ser a bondade e o amor mesmos. Se ela lhe causa desgostos, não foi desejada por êle, e apareceu como meio de corrigenda de uma queda *possível,* mas, não *necessária,* a qual terá fim.

Se todos os homens, um dia, não viessem dar consigo mesmos, por aqui, tudo estaria bem, e até poderíamos dizer, parodiando o dito de «Sua Voz»: Bem-aventurados os que podem viver sem saber e sem perguntar» (A Grande Síntese, 123-124). Mas isto é só paródia, e a verdade é que esta é uma passagem forçada e necessária para todos, estreita e perigosa, sôbre abismos sem fundo. Do que decidirmos aqui e agora, dependerá o nosso futuro, não tenhamos dúvidas... E não esperemos revelações de um Emanuel, ou de um André Luiz, porque êstes problemas ou são ou serão os dêles também...

Como vê o amigo, a sua hipótese simplista do «ranço católico» é por demais precária. E para que os pósteros não tenham de refazer todo êste esfôrço, e antes, desempedidos, avancem noutros rumos, julgamos de utilidade espalhar cópias desta carta, autorizando-lhe a publicação.

Por esta mesma razão, conquanto desejássemos aceitar o convite gentil do amigo, para irmos, aí, em Belo Horizonte, afim de discutirmos os pontos anotados nas «Elucidações», para um confronto de idéias, por esta mesma razão, repetimos, achamos que tais pontos deverão ser discutidos, não em recinto a porta fechada, mas, de público, pela imprensa, para que os resultados, quaisquer que êles sejam, possa também servir à posteridade. Isto não é um desafio para polêmica, porém, um pedido justo de um amigo que não quer ver a luz, se a encontrarmos, metida debaixo do alqueire.

Temos, acabada, desde outubro de 1957, uma obra cujo nome é «Gênese e Estrutura do Universo». Neste trabalho debatemos tôdas estas questões. Infelizmente não a pudemos ainda passar na gelatina, estando ela num manuscrito de 294 páginas de fôlhas maiores do que o formato ofício. Nesse discurso, começamos fazendo três ou quatro proposições contra «A Grande Síntese», para, depois, provar tudo com «Deus e Universo», com a ciência oficial e com as obras de André Luiz. Há, no trabalho, coisa inédita, experiência, por meio de aparelho, por exemplo, para demonstrar que, como afirma «Sua Voz», a gravitação é filha do binário centrífugo-centrípeto de fôrças. Chegamos, pel «A Grande Síntese», à conclusão de que a substância se manifesta trifásicamente *(A, B, Y,)* desde a origem, havendo tantos espaços, com suas respectivas matérias *(Y) tôdas ocupando o mesmo lugar, sem se interferirem,* quantas são as possíveis curvaturas espaciais. A matéria (três dimensões-espaços) existe em todos os planos, como nô-lo diz André Luiz, até no angelical, porém, com raios de curvaturas variáveis, disto decorrendo infinitas propriedades diferentes. A materia do plano angelical é diáfana, e seu espaço possui máximo raio de curvatura, no passo que, as matérias de máxima concentração, como a pasta nuclear, possui espaço de raio mínimo. A matéria dos planos altos é desencurvada, e a dos baixos, encurvadas. Estas conclusões se acham implícitas nas premissas condensadas em «A Grande Síntese», a portentosíssima obra do porvir; de fato, «tremendamente dinâmica e fecunda, ela basta para criar uma nova civilização» (A Grande Síntese, 92).

Tinhamos, nós, já, lido quase todo o livro grande, isto é, grosso, do Sr. Joviano Tôrres «Totalidade e Sociologia», quando parámos, pelo enfastio que nos deu tanta prosápia, prosopopéia e farolice dêsse autor excessivamente prolixo, que propõe a sua obra como sendo a verdade mesma, e nos manda que a aceitamos sem provas nenhuma, nem raciocínio, como puro e simples ato de fé. Faltava ler a terceira parte do livro, e talvez nunca o fizéssemos, não fôssem as circunstância a isto nos forças. Com o Sr. Joviano atacou «A Grande Síntese» e ao Prof. P. Ubaldi, por isso, nos decidimos a ler o resto da sua obra, porém, desta vez, *com a caneta na mão.* E não é que lá pela página 563, na nota 99, encontramos outro ataque à «A Grande Síntese»? Já vai para um ano que interrompemos aquela primeira leitura, pelo que não sabíamos da existência dêsse ataque. Todavia êste resto da leitura fizemô-la, de *caneta na mão,* como dissemos, o que, ao Sr. Tôrres lhe vai doer muito, sem dúvida nenhuma.

Caro amigo, ficamo-nos, por aqui por agora, com o nosso abraço fraterno, que fazemos extensivo ao Romanelli.

Piraju, 20 de Julho de 1958

O Evangelho é o alicerce da educação, porque ensina a prática do amor fraterno, que encerra a verdadeira sabedoria. — CAMARGO

Fatos, não Palavras

Haverá em nós um elemento, um princípio que persista depois da morte do corpo ?

Esta foi a frase inicial que Leon Denis deixou tipografada no seu primoroso livrinho de menos de cem páginas luminosas — «O Além e a Sobrevivência do Ser».

Em tôrno dêsse assunto temos escrito alguns artigos, no desejo de refutar opiniões contrárias.

Pode-se crer que nada restará da nossa consciência, da nossa personalidade, de tudo que temos sido espiritual e moralmente, depois de reverter à terra o nosso corpo físico, após a decomposição do nosso cadáver ?

Já passamos em revista alguns fenômenos registrados na história da Igreja Romana e na história da civilização, que depõem seguramente a favor da sobrevivência do ser. Pondo de parte a documentação religiosa e as teorias filosóficas, cuidemos apenas das provas positivas, das experiências verificadas e dos fatos concretos e controlados científica e experimentalmente, capazes de esclarecer sem sombra de dúvida a nossa convicção. Não invocamos outra coisa, a favor do nosso esclarecimento, sinão a verdade núa, a evidência insofismável dos fatos controlados cientificamente.

Observemos êsse problema à luz da ciência experimental. Eminentes cientistas, sábios de fama universal, padrões humanos de honestidade e de inabalável caráter, homens anteriormente céticos, positivistas ou increus, ao cabo de experiências absolutamente exatas, provaram que o ser é imortal. Depois de experiências dêsse gênero por êle publicadas no livro Fatos Espíritas, William Crookes, a mais notável figura dos cientistas do seu tempo, escreveu a célebre declaração: «Não digo: isto é possível; digo: isto é verdade.» Nem foi outra a base de Russel Wallace, membro da academia Real de Londres, para afirmar na sua admirável obra — *O Milagre e o Moderno Espiritualismo*, o seguinte: «Eu era um materialista tão completo e experimentado que não podia, nesse tempo, achar lugar no meu pensamento para a concepção de uma existência espiritual... Os fatos, entretanto, são obstinados; os fatos me convenceram». O professor Hyslop, da Universidade de Colombia, Nova York, encarregado de opinar sobre a mediunidade de Mrs. Piper, lançou êste período incisivo, no seu relatório; «A julgar pelo que eu próprio vi, não sei como poderia furtar-me à conclusão de que a existência de uma vida futura está absolutamente demonstrada». F. Myars, professor llustre da Universidade de Cambridge, no seu livro — *A Personalidade Humana,* afirmou : «Vozes e mensagem nos vêm de além túmulo. Creio que a maioria dessas mensagens partem de espíritos que servem temporáriamente do organismo dos médiuns para nô-las transmitir». O presidente da sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, após estafantes experiências, disse num dos processos dessa sociedade : «Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os espíritos que se comunicam são de fato as personalidades que se dizem ser ; que sobreviveram à mutação conhecida por morte e que se comunicaram diretamente conôsco, pretensos vivos, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida.» Consta de um dos processos mencionados que o próprio Richard Hodgson, falecido em dezembro de 1906, se comunicou depois com seu amigo James Hyslop, entrando em minudências acêrca das experiências e dos trabalhos da referida Sociedade de Pesquisas Psíquicas. O reitor da Universidade de Birminghan, Oliver Lodge, pelo «*The Hilbert Journal*», fêz as seguintes afirmativas, que a revista *Light*, de 8 de julho de 1911, transcreveu : «Falando por conta própria e com pleno sentimento de minha responsabilidade, dou testemunho de que, como justo resultado das investigações que fiz no terreno do psiquismo, adquirí por fim, mas de modo inteiramente gradual, a convicção em que me mantenho *após vinte anos de estudos,* não só de que a continuação da existência pessoal é um fato, como também de que uma comunicação pode ocasionalmente, embora com dificuldade e em condições especiais, chegar-nos através do espaço.» Êsse mesmo sábio assim conclui o seu livro «*Sobrevivência Humana*» : «Não vimos anunciar uma verdade extraordinária ; nenhum novo meio de comunicação trazemos, mas apenas uma coleção de provas de identidade cuidadosamente colhidas, por métodos desenvolvidos, ainda que antigos, mais visinhos da perfeição talvez dos que empregados até hoje. Digo provas cuidadosamente colhidas, pois que os estratagemas empregados para a sua obtenção foram postos em prática de um e de outro lado da barreira que separa o mundo invisível do mundo visível ; houve distintamente cooperação dos que vivem na matéria e dos que se libertaram dela.»

Diante disso, que valem as negativas dos que nunca fizeram uma única experiência séria ? Que papel representam êsses parlapatões bisonhos que negam apenas com palavras ôcas aquilo que se afirma com fatos ?

Ante o que afirmam celebridades da ciência, citadas, que vale mas palhaçadas de magnetizadores e escribas religiosos sem base científica ?

Aleixo Victor Magaldi

O Homem com seu Relativismo

v. lirenedo

A criatura humana tem que sempre ler e instruir-se. Cultivar a mente é aperfeiçoar o nosso Espírito, o qual guarda para sempre e para o seu bem o que vai assimilando através da peregrinação por planos e planos de vida. Entre os humanos, por via de nossa vagorosa e medíocre evolução, a cultura infelizmente sobe à cabeça da criatura fazendo-a vaidosa e pretensiosa, fazendo-a considerar-se poço de sapiência. E nisso está e vai um tremendo mal. Ser grande na Terra não significa ser muito no Cosmos, absolutamente. O Cosmos constituir-se-á de mil cursos ultra-superiores, a pequena Terra é ainda um apagado curso elementar. Aqui, um jardinzinho de infância. Mais além, mil universidades proficientíssimas...

O profitente espírita, estudioso dos livros da Doutrina, muitas vêzes, em obras ditadas por Espíritos grandemente elucidativos, topa uma e outra passagens em que o Mensageiro noticiarista explica não ser-lhe dado ainda saber dêste ou aquêle detalhe mais recôndito referente ao plano espiritual em que se acha, declara não saber *todavia* acêrca de assuntos ou coisas de outros planos mais ou menos próximos ao em que êle Espírito se situa ou opera presentemente. O encarnado estudioso do Espiritismo não ignora haver coisas que o Espírito conhece mas não pode revelar aos terrenos, porque seriam informes contraproducentes, inoportunos, inconvenientes. E o estudioso sabe que o fato de êsse Espírito mensageiro estar em patente evolução espiritual não implica, domine êle sabedoria superlativa. Há graduação, há hierarquia marcante nessa evolução ; gradativo é êsse saber.

Uma coisa é o Espírito estar em efetivo perlustrar na senda de luz progressiva que nos espera a todos, e outra coisa será estar êsse Espírito já nas regiões da angelitude, dentro da sapiência-consciência cósmica que é característica inerente fundamental dessas paragens. O encarnado estudioso do Espiritismo compreende, já sabe, pois viu provado em tantas obras ditadas do Além, que homens super-cultos no mundo da carne, agora no Espaço têm, no conhecimento, no saber maior, um campo limitado, respeito ao novo plano ; suas percepções mentais estão aquém daquele padrão que poderíamos supor. Na Terra, tais criaturas eram luminares, já no Espaço, sem perderem um mínimo do aprendido na carne, vão êles tateantes, vão assimilando dose por dose os valores ambientais. Aqui no mundo da forma, grandes mestres e eruditos de prôa ; no mundo etéreo, simples alunos, aprendizes incipientes. Sério e ponderável detalhe êsse, esmagador de terrenismo ; seríssima evidência própria a diluir o nosso tradicional orgulho mundano, própria a fazer desabar a pretensão escorada nos dotes que possuimos, na capacidade mental que trazemos, na cultura e sapiência que adquirimos e assimilamos entre os homens. Facêta transcendente, tôda evangélica, para meditação constantes dos instruídos da Terra, em geral, principalmente para os grandes versados na teologia, que só por isso se julgam bem capacitados na interpretação dos desígnios divinos. Ângulo de importância capital essa diferenciação de sapiência entre o Espírito jungido à carne e o mesmo Espírito liberto da carne, realidade a servir de legítimo alertamento a grupos sacerdotais intelectualistas e a coletividades dogmatizadas, mais ou menos letradas que observam, que *visualizam* divinismo em seus chefes espirituais, dizendo-os infalíveis; sacerdotes e blocos tradicionalistas que sem nada analisarem do agir e reagir, do fazer e do atuar dêsses mesmo chefes os endeusam em feitio até pagânico e estribados principalmente no fato de êles serem inteligências desdobradas sôbre várias ciências do mundo, sôbre altas filosofias abrangendo um punhado de idiomas do mundo...

Mas, insignificante mesmo é o cérebro humano comparado à mente cósmica, a qual se forma, laboriosamente, através dos séculos, de luz maior, de conhecimento maior, de experiência maior e sobretudo de evangelização completa.

Afirmou algures que não é dado ao homem conhecer a extênsão de sua própria ignorância, mas muitos não querem aperceber-se dessa verdade; dentro de seu hominal academismo obstinam-se por surgir e permanecer junto aos semelhantes quais himaláias de sapiência — sabedoria afinal sempre estreita porque terrena. Mas, o que é o planêta Terra no concêrto dos mundos e das inúmeras moradas do Pai Divino ?! O homem atual não mais pode fugir à evidência de que a Terra é planêta de evolução espiritual sofrível, plano mais de expiação através do qual as almas se desbastam na experiência da campanha incessante para o galgar do mais alto. A Terra física é habitação de almas imperfeitas, e está nessa mesma imperfeição a nossa capacidade mental. Mesmos os planos extra físicos mais evolvidos dêste planêta não são moradas angélicas mas sim estações temporárias de Espíritos em caminho da perfeição. Sòmente o Cristo sobrepairou altamente o gabarito máximo da humanidade, pois que Êle vinha das esferas excelsas, era emissário do Pai Divino, era médium de Deus incumbido de anunciar aos terrenos o reino celeste com muitas coisas dêsse âmbito eternal. Mas afora o Nazareno, todos os encarnados, de ontem ou de hoje, quer trate-se de um Crisna, de um amoroso Buda, de um disciplinador Moisés, dos iluminados Profetas, dos abnegados Apóstolos, de um desprendido e heróico Francisco de Assis com um perseverante Ghandi, todos trouxeram e todos os que estão ainda na carne trazem, ora leve ora funda a marca da imperfeição terrenal. Meditemos repetidamente sôbre a evidência meridiana da incompleta inteligência da humanidade, do falho e fragmentário saber do mundo terreno nós que nos julgamos focos intensos de conhecimento. As academias terrenas, com todo o seu saber são grãozinhos de areia no espraiamento imensurável da sabedoria-consciência cósmica — êsse galardão de angelitude a dar à criatura espiritual mais e mais centelhas do Criador do Sumo Bem, centelhas vivíssimas do Pai Divino onisciente.

Aprenda esta Lição

Não se entristeça quando cair ao lado da estrada.

Isto significa que você precisa aprender a lição que lhe ensinará a não repetir o êrro.

Você é espírito que precisa manifestar-se por meio de um corpo físico, e os corpos apenas são máquinas, mecanismos muito complicados e intrincados, mas obedientes às leis naturais. Se elas forem quebradas, você terá que pagar as conseqüências.

SILVER BIRCH

Não Podemos Calar!

MAC MAYNARD

Há problemas nacionais que nós, espíritas, não podemos calar, problemas que dizem bem de perto à Doutrina Libertadora que é o Espiritismo; pois não podemos deixar de lembrar que o Espiritismo foi codificado por um professor, por um ilustre discípulo e colaborador de Pestalozi, codificado por um homem de cultura e que amava a cultura...

Uma das glórias do Ensino em nossa Pátria é o Prof. Anisio Teixeira, professor que traz uma bagagem considerável de benefícios à cultura brasileira; reconhecido pelos homens libertos de preconceitos medievais, homens de espírito aberto à cultura, amantes da ciência e da humanidade.

Mas, existe ainda um ranço medieval em nosso país, haja vista o «Memorial» dos bispos do Rio Grande do Sul atacando o inatacável professor brasileiro. Reuniu-se no Sul um grupo de bispos estrangeiros para meter a colher de pau no ensino do Brasil... pela assinatura do «memorial» vê-se que não é pròpriamente assunto para alienígena: —«Sherer; Zattera; Zorzi; Colling; Nadal; Santorl; Kunz; — nomes, como se vê, pouco recomendáveis para um assunto eminentemente nacional.

Explica-se a fobia que êsses purpurados têm pelo inclito professor: é a educação progressiva... nada de progressiva, nada de educação nova, nada de educação evolucionista...

Ah! que saudades do Santo Ofício... Se fôsse naqueles belos tempos, o nosso professor seria hoje um «churrasco» para maior glória de Deus e da Santa Madre! Teria o destino de um Ferrer.

Positivamente o catolicismo não quer a evolução, não quer o aperfeiçoamento dos métodos de ensino, não lhe convém; seria melhor que continuasse como naqueles tempos do Magister dix. As obras de Dewey foram queimadas em praça pública no Brasil e no Peru, e não queimam hoje o Professor Anisio Teixeira porque não estamos nos ditosos tempos da Santa Madre; a mestra «infalível.»

Os bispos não podem concordar com o Professor Anisio Teixeira quando diz: — «A transformação por que passou a juventude atual, nos seus métodos de vida, nos seus costumes, nas suas aspirações e nas suas coragens de ação, é interpretada como uma singular crise de caráter. A nova geração está perdendo a forte marca antiga de disciplina, solidez e segurança que fazia a honra da geração estável, conformada e cumpridora de deveres que foi... a geração anterior. E não falta quem culpe a escola... E agora, os visos da acusação, parece, se corrobaram. As escolas passam, com efeito por transformações alarmantes. A velha autoridade dos mestres já não é a mesma, se é que existe ainda. A própria autoridade dos livros começa a ser posta em duvida. Há, pelo menos, uma porção de livros, e de opiniões adversas, — todos sendo igualmente compulsados e lidos. Critica-se tudo e tudo se questiona. Nada é sagrado. Diante de coisa alguma pára a coragem corrosiva e insolente dêsses pensamentos adolescentes e vivazes... E pior do que tudo isso... Há sináis de aprovação por parte dos educadores. Estranhas teorias percorrem as escolas — de auto-disciplina e auto-govêrno, de programas voluntários, de liberdade de escolha e de recusa, de expressão das próprias personalidades, de respeito por essas personalidades, e de subordinação dos interêsses reais da vida, — que são os dos adultos—aos das crianças e dos jovens,—que evidentemente não podem deixar de ser caprichos e extravagâncias.

Mais é evidente: semelhante educação está a modificar a nossa juventude. É a tal «educação nova», a tal «liberdade» e a tal «expressão da própria personalidade» — que explica os desvarios, as loucuras, as rebeldias inesperadas da juventude moderna.

Assim fala, expressa ou tacitamente, o reacionário, que vive dentro de cada um de nós, repetindo a eterna lin-

guagem dos reacionários de todos os tempos.»

Evidentemente é um conceito contrário à Pedagogia Católica, e os bispos não podem concordar com semelhante tipo de educação: «expressão da própria personalidade» é têrmo que não se usa no catecismo católico, «liberdade», isso é conceito expurio, é contrário ao «Himalaia de Dogmas» que há milenios quer ditar regrinhas à Pedagogia; definitivamente a Igreja não pode concordar com a nova Pedagogia, com a nova Psicologia.

Os bispos conhecem muito bem vida de santos e santas, mas saindo dêsse terreno... é lastimável a sua percepção das coisas da vida.

Esquecem os bispos que «não são as escolas as responsáveis pelas transformações do espírito da sociedade. As escolas são como os romancistas também acusados de corromperem a sociedade. Elas, como êles, refletem, tão sòmente, o que já vai pela própria sociedade. Os educadores buscam ajustar a escola às necessidades dessas transformações, procurando retifica-las e harmoniza-las mùtuamente.

A chamada educação nova é a tentativa de orientar a escola no sentido do movimento já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam».

Os bispos deviam lembrar-se de Galileu: — embora a igreja não quisesse que a terra girasse, ela continua girando... Embora não queiram os bispos a sociedade continua mudando, evoluindo, modificando, alijando os conceitos medievais que ainda os saudosistas querem que permaneçam.

O memorial dos bispos do Rio Grande do Sul é materia para os espíritas meditarem, e, como dizia o grande RUY: — agitar britânicamente... sim, agitar o problema, pois no meio católico muitos coroinhas já vieram dar o seu palpitinho, os espíritas precisam tomar posição neste momento.

A história é a grande mestra da vida, busquemos na História os fatos para mostrar aos incautos que êsse memorial nada mais é do que a ressureição de velhos e carunchados preceitos pedagógicos do tempo do onça.

ESPÍRITAS! NÃO PODEMOS CALAR.

Tatuí, 27/6/58.

Crônica Estrangeira

A mesa cumpria as ordens para levitar

De «Two Worlds»

Houve outras manifestações, além de formas materializadas, para indicar a poderosa mediunidade física de Helen Duncan. Permitam-me narrar minha experiência de uma mesa de jôgo levitada.

Certa noite fui visitar a Snr.ª Duncan em sua casa de Edinburgh. Ela estava deitada, repousando com duas netinhas, ao seu lado.

Comecei a falar, como sempre o fazia, sôbre Espiritismo. Minha atitude era céptica. Eu sentia que havia uma explicação para tudo isso, e logo pensei que eu poderia resolver o problema para minha própria satisfação se eu obtivesse provas e investigasse.

Naquela noite me referi com ar crítico à confusão da sala de sessão. Porque salas escuras e o uso de sombrias lâmpadas vermelhas, que pareciam essenciais?

Se possíveis fôssem tôdas essas manifestações maravilhosas, porque não poderiam ser realizadas sob condições normais?

«Se, por exemplo, esta mesa pudesse ser levantada acima do soalho» acrescentei eu, eu seria forçado a admitir que nela havia qualquer coisa».

«Isto lhe seria um auxílio?» perguntou ela.

Naturalmente, mas não é possível acontecer. Isso iria contra tôdas as leis da natureza.

«O que conhece o senhor sôbre as leis da natureza?» «Estou perguntando se a coisa é possível, mas continue a falar».

Eu falei com as menininhas e cuidadosamente observei a Snr.ª Duncan.

Ela fechou os olhos. A minha impressão era que ela falava com alguém, pois eu via os movimentos de seus lábios, mas não ouvi som algum.

Logo a Snr.ª Duncan abriu os olhos e dirigiu sua atenção à minha conversa com as crianças.

Não esperei muito tempo. Grandemente surpreendido, a mesa de jôgo pendeu, se inclinou em ângulo extremo! Vagarosamente ela voltou à posição normal e abandonou o soalho. Seus movimentos eram ponderados, a princípio, então se animou como se estivesse viva. Ela caminhou em volta da sala e quase tocou minha cabeça, por uma fração de polegada.

Perguntei à Snr.ª Duncan se me seria possível dirigir os movimentos da mesa.

«Experimente», foi tudo o que ela disse.

Perguntei à entidade que estava movendo a mesa, se me seria permitido controlar seus movimentos. Poderia a mesa girar por exemplo, por mais de uma vez em volta da sala à distância de uma ou duas polegadas do teto?

Grandemente surpreendido, vi a mesa agir segundo meu pedido, dar voltas em redor da sala, à distância por mim indicada.

Poderia ser isso com maior rapidez? Perguntei. Isso aconteceu, ainda com maior velocidade insisti eu. A velocidade foi terrificante.

Nesse ponto a Snr.ª Duncam estava ficando alarmada e também eu, as meninas amedrontadas. Então perguntei se a mesa poderia descer vagarosamente, mas conservar seu movimento em volta da sala. Isso foi feito!

Pedi que o móvel fôsse colocada em sua posição primitiva. Ela mesma se desprendeu do teto e vagarosamente tornou à posição em que antes estivera.

A iluminação na sala da Snr.ª Duncan era de uma luz central e suspensa no teto. Eu calculei que a lâmpada era de 100 wats. Nada houve de cair em transe e não cantámos hinos.

Naturamente examinei a mesa de jôgo. Era igual a qualquer outra. Terminado meu exame, eu a olhava fixamente. Ocorreu-me ainda não ter verificado o seu pêso. Com o propósito de levantá-la, coloquei ambas as mãos sôbre ela. Não consegui movê-la! Tentei diversas vêzes, a, mesa parecia pregada no soalho!

A Snr.ª Duncan estava interessada.

O senhor pode suspendê-la? perguntou ela.

Fiz novas tentativas, sem resultados. Minhas lutas com essa pequena mesa provocaram o riso da Snr.ª Duncan bem como o gargalhar das crianças. Fui obrigado a desistir da tentativa.

Antes de retirar-me naquela noite mais uma vez experimentei levantar a mesa. Então eu o consegui.

W. E. Harrison

«Sucedeu um Milagre»

De «Two Worlds»

Tão grande é a divulgação da cura espiritual que em tão estranho jornal como o «Boletim Ford», publicado pelos famosos construtores de automóveis, foi há poucos dias, descrito uma cura «milagrosa».

O médium responsável é Jack Lamb, de York, que já tratou mais de 10.000 enfermos.

Lamb, que é afastado funcionário de estradas de ferro inglêsas, é o que efetuou a cura de Ernic Holder, um diretor oficial da Ford, em Doncaster.

Holder era, segundo suas próprias palavras, quase «um aleijado». Devido a severa ciática e três discos (vertebrais) danificados, raramente êle podia ir trabalhar, durante seis mêses.

«As coisas começavam a tornar-se más», disse êle. Êle precisava de meia hora para sair da cama. Pôr a roupa era verdadeira agonia e dependia de bengalas para deslocar-se pela casa.

O tratamento na enfermaria local, não deu resultados. Holder chegou a ponto de não poder sair de casa.

Sua irmã, que trabalhava em salão de cabeleireira, ouviu uma pessoa presente falar das extraordinárias curas de Lamb. Ela levou Lamb à casa de Holder.

«Tire a sua jaquêta», ordenou êle. Holder gemeu, tirou a jaquêta e lutou para sentar-se num banco.

Lamb fêz seus dedos percorrerem

ao longo da espinha, acima e abaixo, tão levemente que Holder quase não sentia. «O senhor está com perturbação na espinha», disse êle.

«O senhor não precisa dizer-me isso», foi a resposta.

«Bem isso não mais o encomodará». Disse Lamb. «Levante-se!» Como êle não podia, ao menos, calçar meias sem dores violentas, Holder pensou ser isso uma ordem absurda. Todavia resolveu «tentar uma passada», ao menos para mostrar a Lamb a sugestão insensata.

«A plena verdade é que», diz êle, «me firmei sôbre os pés, como um jogador de box a correr para o primeiro encontro. Eu não podia acreditar».

«Sente alguma dor», perguntou Lamb.

«Sinto essa ciática na minha perna», foi a resposta. «A coisa me mata, quando ando».

O doente sentou-se, obedecendo à ordem do curador. Durante um ou dois segundos Lamb fêz massagens nos pontos doloridos.

«Então êle ordenou a Holder», atire fora as bengalas, deça a escada e mostre-se à família». Foi o que êle precisamente fêz, ante o assômbro e derrame de lágrimas dos parentes».

Esta cura se verificou na passada primavera. Daí para cá, diz Holder, «eu posso andar, correr e curvar-me tão fàcilmente como um homem com a metade da minha idade.

Quando eu penso nas minhas condições, há um ano passado, dificilmente me poderão censurar por dar ao sucedido o nome de um *Milágre.*

Espiritismo no Brasil

Noticias de Jau

Intensa atividade desenvolvem os espíritas dessa progressista cidade da Média Paulista, em prol de duas importantes obras sociais: o «Nosso Lar», em plena atividade, e o futuro Sanatório Tereza Perlatti.

O «Nosso Lar» é dirigido pela Associação das Senhoras Cristãs, e mantém, no momento, 40 crianças de ambos os sexos, órfãs ou abandonadas, onde recebem todo confôrto material e espiritual; acha-se localizado à rua Botelho de Miranda, no alto da cidade, e a parte frontal apresentamos no clichê anexo.

A atual diretoria da A. S. C. é composta de Pres., Rosa M. Fagnani; Vice, Rosa Padrenosso; 1.° secr., Joana Pinto; 2.° secr: Angela P. De Lucio; 1.° tes., Ana V. Pavaneli; 2.° tes., Neide P. Polomiato.

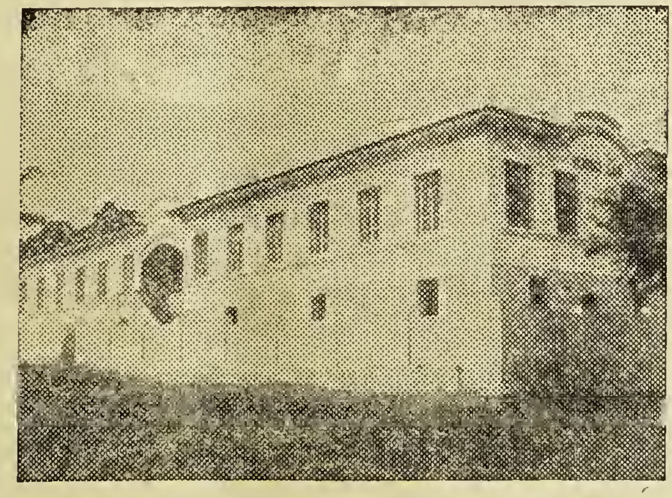

O «Nosso Lar», da cidade de Jau (parte frontal)

O Sanatório Tereza Perlatti é obra que será construida pela Associação Beneficiente T. Perlatti, de Jaú; destinada ao tratamento de doentes mentais, nervosos, toxicomàníacos, com capacidade final para 750 doentes, contará ainda com um Ambulatório para clínica geral. O planejamento de tão vultuosa obra está a cargo de conhecidos psiquiatras de S. Paulo, como dr. Odair P. Pedroso e Hilton Neves Tavares. A referida sociedade já possue um terreno de 1,5 alqueire, situado junto a cidade. Atualmente os espíritas e os jauenses em geral se empenham para angariar os fundos necessários ao início da obra, cuja pedra fundamental será lançada em 15 de agôsto próximo. Várias atividades já foram iniciadas como o Presépio Mecanizado, onde se acha a bela maquete dos edifícios projetados, o programa «Dai o Vosso Donativo» pela Emissora Jauense, etc.

Na cidade existem outras programações como os trabalhos de Centros e da Mocidade Espírita local, o programa «Consolador», aos domingos, 12,15 hs. na Rádio local, etc. atividades essas que engrandecem a seara do Mestre Jesus e da doutrina Consoladora.

C. P.

7/1/59

Boletim Informativo n.o 3

da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo. (Em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960)

Rua Irmã Serafina 674 —
Caixa Postal 687 —
Fone 5713 — Campinas

Moços espíritas, irmãos em Cristo.

A família espírita campineira prepara-se jubilosa para recebê-los em abril de 1960 e oferecer-lhes campo propício às atividades da XIII. Mas, se vocês vierem apenas «assistir», a XIII não alcançará seus elevados fins.

Preparem-se convenientemente e venham fazer desta Concentração um vitorioso movimento de trabalho e confraternização, atestando assim a capacidade realizadora da mocidade espírita brasileira.

Exposição de Obras Assistenciais — Enviem-nos, até 31/3/1960, mapas, fotos e relatórios sôbre as obras assistenciais espíritas em sua cidade a fim de que sejam incluidos nesta exposição. Torne conhecido o trabalho dos seus conterrâneos espíritas.

Torneio Evangélico — Recomenda-se ao jovem que fôr responder às questões do Torneio, em nome de sua Mocidade, que estude mais, êste ano, o «Evangelho, segundo o Espiritismo» e «O Livro dos Espíritos», pois haverá comissão julgadora e atribuição de pontos às respostas certas.

Hospedagem — Já foram fixados os limites, que são:

3 (três) representantes por Mocidade, para as cidades em que houver mais de uma Mocidade;

6 (seis) representantes para as cidades em que houver uma só Mocidade.

Atenção: os representantes além do limite não serão hospedados por conta da cidade-sede (§ 1.° artigo 8.° do Regulamento das Concentrações).

Flâmulas — Ajudem-nos a vendê-las. São de tamanho grande e ao preço de Cr$... 60,00 cada uma. Remeteremos imediatamente qualquer quantidade pedida.

Programa da XII — Esperamos poder, no próximo boletim, a ser expedido em fevereiro, comunicar a vocês o programa estabelecido para a XIII, bem como fornecer detalhes e instruções quanto à hospedagem e outros assuntos de interêsse.

Moço espírita! Não permita que estas Concentrações de Mocidades se transformem em movimento apenas «de fachada». Cabe a você, através de sua conduta, dar à XIII Concentração os característicos de movimento cristão — disciplina, trabalho e fraternidade.

Jesus nos abençôe o esfôrço que fazemos no sentido do Bem Maior.

Fraternalmente,

Therezinha de Oliveira
Secretária

De Itaóca

Desde 9 de maio vem funcionando a Escola Espírita «Cairbar Schutel» no Centro «Fé em Deus» no Bairro Pinheiro Alto, deste distrito de Itaóca, sob a direção dos confrades Justino Rodrigues de Lima e Francisco Alves Miranda.

Acham-se matriculados nessa Escola 65 alunos meninos, mocinhas e rapazes. A Escola e o Centro comemoraram o Natal com uma homenagem a Jesus iniciada às 6 horas da tarde em uma reunião fraternal, na sede do Centro, a qual foi aberta com fervorosa prece, seguida de preleção por Justino Rodrigues de Lima e depois de cantado o hino «As Três Flôres» usaram também da palavra os Jovens Vitorino Dias de Almeida, Julião Gonçalves e João Dias Monteiro tratando de assuntos evangélicos e recitaram lindas poesias as meninas Elvira, Matilde, Diva, Benedita e Braselina.

Em seguida foi dada a palavra ao confrade Salvador Gonçalves que discorreu sôbre o Natal, abrangendo o histórico desde o nascimento de Moisés até o de Jesus e o aparecimento do Espiritismo. O orador foi muito feliz em sua explanação, agradando sobremaneira a numerosa assistência.

A solenidade foi encerrada com outra prece após ser cantado o hino «Natal de Jesus», de autoria do confrade Justino Rodrigues de Lima, seguindo-se um jantar em que tomaram parte, fraternalmente, velhos e crianças de vários credos religiosos, onde reinou a maior alegria e cordialidade.

Do Correspondente

Semana Espírita em Marília

Realizaram-se em Marília e circunvizinhança, de 19 a 26 de Julho próximo passado, as VII Semana Espírita de Marília e VI Semana Espírita Regional da 13.ª Reunião da USE. Constaram de conferências simultâneas nas cidades de Marília, Garça, Vera Cruz, Pompéia, Tupã, Oswaldo Cruz, Lucélia, Adamantina e Dracena. Movimento de confraternização e de divulgação Doutrinária de grande alcance, absorveu elevado número de oradores, os quais foram muito bem sucedidos em tôdas as oportunidades em que estiveram a postos. Foram êles: Prof. Anselmo Gomes, Marlene Rossi Severino, Dr. Jonny Doin, Prof. Raimundo Rodrigues Martins, Prof.ª Valéria Steagall, Prof. Emílio Manso Vieira, Dr. Thoemaz Novelino, Dr. Luiz Francisco Giglio, DD. Juiz de Direito da Comarca de Brotas, Dr. Altivo Ferreira, Dr. Apollo Oliva Filho, Dr. Hélio de Rezende Paoliello, Dr. Edmar Carvalho Lima, DD. Juiz de Direito da Comarca de Sorocaba, Sebastião Mazio Fonseca, Atílio Campanini e Eulier Ubaldo Guidi.

Precedendo cada uma das conferências, as Mocidades Espíritas locais e visitantes ofereceram ligeiros números artísticos. Ao encerramento da Semana Espírita local e da Regional, em Marília, compareceram representantes da região, quando a reunião de confraternização se deu nas obras do Lar de Meninas «Amélie Boudet», em júbilo pelo respaldo das paredes daquela construção, que se destina a abrigar meninas desamparadas. Falaram na ocasião, além de seu presidente, os confrades Dr. Thomaz Novelino, da cidade de Franca, e o Prof. Emílio Manso Viera, sendo servido logo após um lanche a todos os presentes. À noite neste mesmo dia, foi pronunciada a conferência de encerramento pelo Dr. Thomaz Novelino, muito aplaudido pelo auditório que superlotou o salão nobre da Assistência Social Dr. Bezerra de Menezes.

Do Correspondente

Noticias de São Paulo

Club dos Jornalistas Espíritas

Serões Espíritas — O Club dos Jornalistas Espíritas deu início no sábado, dia 16 de janeiro, aos seus tradicionais «serões espíritas» correspondentes a êste ano. Os serões continuarão a realizar-se na sede social, para estudo e discussão de «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec, á rua São Bento 21, sobreloja. Haverá leitura de texto, exposição do assunto e debates. A seguir meia hora de livre discussão de temas doutrinários. Neste ano, os serões voltam a ser dirigidos pelo cronista Irmão Saulo. A entrada é livre.

—

Nova Diretoria — Em assembléia realizada sexta-feira à noite, o Club dos Jornalistas elegeu sua nova diretoria, para o biênio 1960-61, que ficou assim constituida: presidente, J. Herculano Pires; vice, Heitor Giuliani; secretarios, Renato Wasth Rodrigues e Vicente S. Netto; tesoureiros, Américo Della Mônica e Vicente Cruso, bibliotecário, Alfredo Cruso. O Conselho Fiscal compõe-se dos confrades Jorge Rizzini, Freitas Nobre e Emilio Manso Vieira.

Primeira Convenção dos Educadores Espíritas do Estado de São Paulo

A Convenção acima indicada, organizada e promovida pela U. S. E. — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — para se efetuar em Ribeirão Preto de 7 a 10 de Janeiro, foi transferida para 11 a 14 de fevereiro de 1960.

As tarefas da realização encontram-se a cargo do Conselho Regional Espírita da 9.ª Região, sediada em Ribeirão Preto, que constitui a seguinte:

Comissão de Execução

Dr. Agnelo Morato
Tte. Ilques Barbosa
Dr. Jaime Monteiro de Barros
Dr. Luiz Caetani
Prof.ª Maria Emilia Barboni
Prof. Mario Ribeiro de Araujo
Dr. Ubirajara Maravoglia
Dr. Urbano Bastos

Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar o vasto e bem organizado programa dessa grande Convenção, o qual poderá ser solicitado à U. S. E. sua promotora, sediada em São Paulo, á rua Santo Amaro, 362,, dirigindo-se ao sr. Paulo Toledo Machado, Secretário Geral da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Declaração de Utilidade Pública

Lei n.o 2022, de 17 de Dezembro de 1959

Declara de utilidade pública a Associação Espírita Santo Agostinho, de Passos.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1° - Fica declarada de utilidade pública a Associação Espírita «Santo Agostinho», com sede em Passos.

Art. 2.° Revogadas as disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a tôdas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palacio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 17 de Dezembro de 1959.

(a) José Francisco Bias Fortes

(a) Juarez de Souza Carmo

(Publicada no «Minas Gerais», de 18 de Dezembro de 1959).

—

Já nos referimos à declaração da Municipalidade, considerando de utilidade pública a Associação Espírita «Santo Agostinho», da cidade de Passos, Minas, e o fizemos jubilosamente.

Agora, que essa declaração parte do próprio Govêrno do Estado, com jubilo ainda maior felicitamos os nossos confrades mineiros e o criterioso Govêrno de Minas Gerais, que reconheceu àquela laboriosa entidade espírita a sua utilidade a bem geral da coletividade, baixando êsse ato de justiça.

Em Duque de Caxias

Duque de Caxias, o importante centro urbano do Estado do Rio de Janeiro, é uma cidade privilegiada, onde o Espiritismo já conquistou amplos foros de honra e de progresso.

Esta impressão, nós a tivemos lendo entusiástica missiva do confrade Ademar Duarte Constant, recentemente recebida e na qual, dando-nos notícia da comemoração do 7.° aniversário de fundação do Centro Espírita «Bezerra de Menezes», levada a efeito a 10 de janeiro, dêste ano, nos fala da numerosa assistência, que concorreu a essa solenidade, bem como da presença de diretores de outras entidades sociais tomando parte ativa na mesma, dando, com isso, os espíritas caxienses, o exemplo da fraternidade.

Sabemos que além de outros oradores, usaram da palavra, nessa festa, o confrade Anton Alexandrovitch, presidente do Centro Espírita «Tiago Apóstolo», e o próprio amigo Ademar Duarte Constant, presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel».

Devemos acrescentar, que o presidente do Centro «Bezerra de Menezes», é o confrade Manoel Corrêa Duarte, que foi o anfitrião daquela reunião cordial de espiritualidade.

A todos êsses amigos somos gratos pelas palavras generosas com que se referiram a Cairbar Schutel e as suas obras, entre as quais se incluem a «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim».

Movimento Espírita e espiritualizado, congregando jóvens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, eis o que é a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que terá lugar em Campinas, neste ano. Todos os Espíritas devem colaborar para o êxito dêste Movimento que será mais um marco de luz na História da Família Espírita.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 150,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3621unse

no XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Março de 1960 – N. 2

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Idéia da Sobrevivência	*Redação*
Doutrina Cruel	*Mário Cavalcanti de Mello*
Dois Baluartes	*Redação*
Língua Sagrada do antigo Egito falada por uma médium em Paris	*Irmão Saulo*
Mondas Prematuras	*Arnaldo S. Thiago*
«Teoria Corpuscular do Espírito» .	*Deolindo Amorim*
Letargia, Hipnotismo e Espiritismo	*V. O. Casella*
A Fé sem Obras é Morta	*Carlos Imbassahy*
Um sonho do nosso irmão Arnaldo S. Thiago	*Mac Maynard*
«Incomensuravelmente Pedantes» . .	*Aleixo Victor Magaldi*
Precisamos Discernir	*v. lirenedo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 130,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 150,00 e mais Cr $ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1960 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Idéia da Sobrevivência

A idéia da sobrevivência tem sido a constante preocupação de todos os gênios que, com o seu saber, têm ilustrado a história do mundo. Todos os povos, em tôdas as nações procuravam manter essa luz para melhor se guiarem no caminho da vida. Interessante é constatar ainda que essa crença não é oriunda dum homem, não tem como ponto de partida uma religião, uma filosofia, mas baseia-se em fatos positivos, verificados em todos os tempos e rigorosamente controlados, hoje, pelos mais eminentes sábios do velho e do novo mundo.

De fato, é contra a razão e o bom senso pensar que termina no homem a sabedoria divina e que essa ação, incessantemente criadora, apareça, contradizendo a sua obra, com o extermínio da inteligência pela cessação de um órgão.

Ainda mais inverossímil se torna o pensamento materialista em face dos fenômenos, quando afirma que «do pólipo ao homem há uma série de inteligências e que *nada se interrompe abrutamente* na natureza», e ao mesmo tempo nega a existência duma outra série de inteligências imateriais que vai do homem a Deus. Se o pólipo é o ponto de partida, o homem deve ser forçosamente o élo que une as inteligências inferiores, ligadas à matéria, às superiores imateriais, tanto mais que essas inteligências se revelam tangivelmente, mantendo íntimas relações conôsco.

É que a ciência materialista acolheu a vida como um fato consumado e não tratou de indagar onde ela começa e até onde chega, embora os fatos havidos por concretos lhe desvendassem um esplêndido campo de cultura. De outro lado, os caracteres de limitação e impersistência da matéria, que deveriam sugerir nos pesquisadores o verdadeiro problema das origens, as passagens das espécies de um a outro plano, foram tratados mui superficialmente pelos representantes da ciência-oficial, que julgaram mais cômodo e acertado encarar a vida como um produto das condições cósmicas, o «resultado natural e mesológico das causas dinâmicas».

A idéia da sobrevivência, como não será demais repetir, não foi criada pelo Espiritismo, ela se acha gravada no consenso dos povos e tôdas as raças teem-na proclamado de modo a não deixar dúvida.

O mesmo acontece com a existência de séres intermediários entre o homem e Deus. A diferença é que se acreditava que tais sêres formassem uma ordem especial da criação. Como se pode verificar, as religiões designavam-nos com os nomes de anjos e demônios, e os pagãos chamavam-nos «deuses».

Proclamando a unidade da criação, em contraposição às conjeturas «religiosas» e pagãs dos séculos passados, o

Espiritismo vem provar que tôdas essas inteligências nada mais são do que as almas de homens, em diferentes graus da escala espiritual.

Em vez de uma multidão de sêres estacionários, em pleno desacôrdo com a lei da harmonia e do progresso, a doutrina espírita revela uma única criação, essencialmente progressista, sem privilégios nem isenções, elevando-se cada um do embrião ao mais completo desenvolvimento.

Não há, portanto, que negar a ação de *sêres superiores* ao homem, ainda mais que os anais da história de todos os povos estão cheios de fatos que constatam esta verdade, e até mesmo de antropologia, de metafísica e de ontologia provam a existência de sêres imateriais entre o homem e Deus.

A idéia da sobrevivência e da comunicação com os espíritos pode, desde já, ser considerada como uma das realidades positivas da vida.

Muito judiciosamente, diz Allan Kardec: «O mundo visível está envolvido pelo invisível, com o qual vive em perpétuo contacto, age incessantemente sôbre êle e dêle recebe reação. Esta reciprocidade é origem duma multidão de fenômenos, considerados sobrenaturais, por se lhes ignorar a causa».

O Espiritismo prova que os espíritos se comunicam com os homens, ora para prestar auxílio, mas na maioria das vêzes para solicitá-los.

DOUTRINA CRUEL

MÁRIO CAVALCANTI DE MELLO

II

Continuemos o nosso artigo anterior. Demonstremos as provas de amor ao próximo de uma religião que não tolera a liberdade de consciência, nem a liberdade religiosa: quem não fôr católico não tem direito à vida.

No comêço do XI século, a nova de que o califa fatimita do Egito, Hakin-Bamrillah, cujos Estados compreendiam a Síria e a Palestina, havia ordenado a derribada do templo do Santo Sepulcro, espalhou-se por tôda a Europa, tôda a cristandade oficial foi tomada de horror e de indignação. São os judeus, raça maldita e detestada a quem acusam de sacrilégio. O boato corrente é que os judeus de Orleans, numerosos e ricos, escreveram ao califa para o excitar a destruir o templo de Cristo. «Quando êste segrêdo foi espalhado no mundo, conta o monge Glaber, os católicos decidiram de comum acôrdo que expulsariam os judeus de seus países e de suas cidades. Dêstes miseráveis, uns foram banidos, outros massacrados, atirados ao mar ou entregues a suplícios diversos; vários suicidaram-se, de sorte que, depois da *«justa vingança»* exercida contra êles, apenas alguns restavam no mundo romano».—«Um decreto dos bispos interditou a todo o cristão fazer comércio com êstes infiéis, a menos que êles abjurassem a prática do Judaísmo». — «Entretanto, acrescenta mais adiante o cronista, os judeus errantes e fugitivos, que haviam sobrevivido ao desastre, escondendo-se em lugares ignorados, começaram a reaparecer em pequeno número nas cidades, cinco anos após a ruína do templo de Jerusalém; pois era necessário que alguns subsistissem na Terra, como um testemunho do crime pelo qual êles derramaram o sangue divino do Cristo».

Os judeus não podiam possuir bens de raiz; não podiam ter empregadas católicas. E, em alguns países, faziam queimar as mulheres que tivessem ligações sexuais com qualquer judeu e os homens que houvessem recebido êste favor de alguma judia.

Em Toulouse foi estabelecido que no domingo da Páscoa um cristão daria uma bofetada em um judeu, colocado para isto, no átrio da catedral.

Ademar de Chambonnais conta que em 1018, o visconde Emeric de Reuchechouart, veio fazer sua páscoa em Toulouse, e o clero tulusiano, para homenagear a piedade de Hugues, capelão dêste senhor, delegou-lhe o ofício de esbofetear o judeu. Hugues se desincumbiu com tal devoção, que fêz saltar com um sôco os olhos e os miolos do paciente. Em Béziers, no domingo de Ramos era costume que o bispo do alto do púlpito, excitasse o povo a apedrejar os judeus, e esta lapidação se prolongava até a Páscoa.

A História nos transmite a narrativa dos massacres em que os judeus foram vítimas, na época da primeira cruzada (1096). Bandos de peregrinos degolavam impiedosamente, em companhia das populações católicas, todos os judeus que encontravam nas cidades e nas povoações por onde passavam. Ensanguentaram, assim, em particular, as cidades de Colônia e de Maiença.

«Na época da tomada de Jerusalém pelos cristãos, no fim desta primeira cruzada (1099), êstes deram prioridade à matança de maometanos e de judeus. Um escrivão cristão, testemunha ocular, conta que sob o pórtico e no átrio da grande mesquita, onde os maometanos se haviam refugiado em massa, o sangue atingia os joelhos». — «Quanto aos judeus, que não haviam tomado parte na guerra, fechavam-nos em suas sinagogas e nelas punham fogo. Os massacres feitos a sangue frio, duraram uma semana. Não eram poupadas nem as mulheres, nem as crianças». (Michaud — «Histoire des Croisades», t. I, pág. 433, 5.ª ed.).

Os mesmos massacres se reproduziram em 1146, com a segunda cruzada.

No tempo de São Luis (IX) a coisa foi igualmente terrível para os judeus. Mortes, suplícios, humilhações e confiscos de bens.

Em 1036, Felipe o Belo, expulsou todos os judeus de França, sob pena de morte, tendo tomado o cuidado de antes se haver apossado de seus bens. Tudo por inspiração do clero.

Em 1350, por ocasião da «peste negra» na Alemanha e em diversas partes do mundo, alguns milhares de judeus foram supliciados e massacrados.

A Espanha foi, mais que qualquer outro país cristão, o inferno dos judeus. Cruéis perseguições provocadas sobretudo pelos padres, foram aí exercidas contra êles, os infelizes judeus, sob os reis Wisigoths, durante todo o curso do século VII, isto é, até a conquista dos árabes.

Mais tarde, quando a Espanha foi, ao menos em parte, reconquistada pelo Cristianismo, os judeus se viram submetidos a novas torturas. No XIII século, em particular, Fernando III, o SANTO, rei de Castela e de Leão, oprimiu, atormentou, e expulsou de seus Estados todos os que não participavam de sua fé. Milhares de judeus e de mouros deixaram o país e foram para Granada, em poder dos maometanos, e enriqueceram prodigiosamente a população, enquanto os lugares por êles abandonados transformaram-se em desertos. Fernando, em lugar desta multidão de judeus e de mouros, cujo trabalho e indústria eram até bem pouco tempo fonte inexgotável de riqueza, estabeleceu dominicanos e outros monges. É verdade que o fêz debaixo de aclamações felizes dos cristãos; é também verdade que por êste feito os monges o exaltaram até ao Céu e o Papa Clemente X, em pleno século XVII (1671), o inscreveu no catálogo dos santos. Lê-se no ato da canonização:

> *«Acima de tudo, Fernando resplendeu por seu zêlo para com a fé católica, seu ardor foi grande para defender o culto religioso e para propagá-lo, do que deu provas, principalmente, perseguindo os heréticos, que não tolerou em lugar algum de seus reinos. Êle mesmo, com suas próprias mãos, carregava lenha para as fogueiras que iriam queimar os condenados».* (Breviar. rom., xxx maii, in festo sancti Ferdinandi Castillae et Leonis regis, inter add. edit. Torrin.; «Missale Rom.», in festo sancti Ferdinandi).

Um Papa como Clemente X só poderia mesmo canonizar um santo como Fernando III. Se Lampeão fôsse contemporâneo dessa gente, possuidor do instinto sanguinário que nós lhe conhecemos, seria certamente um dos maiores e mais venerados santos da época, se em vez de sertanejos tivesse liquidado hereges.

Não queremos fazer dêste artigo uma seqüência de fatos históricos, o que não seria possível pela exiguidade de espaço na revista que nos deu acolhida, com referência às atrocidades desta Igreja, que ultrajava de todos os modos a espécie humana, iremos, apenas, apresentar uma amostra que, por certo, convencerá amplamente.

A partir de 1499, o piedoso cardeal Ximenes dirigiu as tentativas de conversão no reino de Granada. Sabe-se que influência exerceram sôbre o caráter dos espanhóis e sôbre o despovoamento do país os santos furores que êle excitou em todos os recantos da Espanha. Ximenes, queimando, neste mesmo ano, um grande número de árabes livres, testemunhou contra as letras mais aversão do que demonstraram na África, contra a arte grega e romana, os selvagens vândalos de Genserico. Revoltas, assassínios e crueldades jurídicas foram o seguimento destas perseguições violentas, que mereciam, entretanto, para os seus autores, os elogios da cristandade. O arcebispo de Granada, Talavera, exaltado por sua doçura e benignidade, dizia:

> *«Ximenes conseguiu maiores vitórias que Fernando e Isabel; pois êstes só conseguiram o solo do reino de Granada, mas Ximenes subjugou as almas dos habitantes».*

Vamos encerrar êste artigo, com uma pintura por demais apagada do celebérrimo Torquemada. Inquisidor espanhol, nasceu em Valladolid em 1420 e morreu, para a felicidade da espécie humana, em 16 de setembro de 1498. A mudança no modo de nomeações dos inquisidores, feita pela bula de 31 de janeiro de 1482, trouxe a criação de oito lugares, entre os quais figura Torquemada, da ordem dos dominicanos. Um ano mais tarde o novo cargo de inquisidor geral para a Espanha lhe foi confiado (1483). Em breve o fanatismo de Torquemada e seu caráter despótico redobraram os rigores da Inquisição. Foi êle que organizou a vasta rede de tribunais que envolveu a península, estreitamente ligada ao Conselho Supremo, do qual Torquemada era o árbitro. Encontrou oposição a estas medidas, mesmo entre os irmãos de religião; mas levou a melhor. Auxiliado pelos jurisconsultos Juan Gutierrez de Chaves e Tristan de Medina redigiu as ordenanças dos inquisidores (Instrucciones ou Ordenanzas de los Inquisidores) publicadas na assembléia realizada em Sevilha em 22 de outubro de 1484. Estas instruções eram de um rigor extremo, e os inquisidores de diversas cidades (Valença, Lerida, Barcelona e Saragossa) resistiram ao estabelecimento do novo regime. Venceu, mais uma vez, Torquemada, apoiado pelo Papa e pelos reis, e logo as prisões inquisitoriais ficaram cheias de acusados e os confiscos aumentaram extraordinariamente. Os judeus livres eram também perseguidos ativamente e conta a História (Altamira R.), professor da Universidade de Oviedo, que em um só «auto da fé», queimaram-se 6.000 pessoas em Saragossa. As coisas chegaram a tal ponto que o Papa Alexandre VI, ao qual haviam chegado acusações contra a indiscrição de Torquemada, tratou de depô-lo. Continuou, ainda, com a presidência do Conselho, que foi em suas mãos, o poder mais temido na Espanha, malgrado o cuidado que os reis tinham sempre (desde a fundação do tribunal em Castela) de conservá-lo submisso à autoridade real. Llorente calcula em 8.000 o número de condenados à morte durante a presidência de Torquemada. Héfélé pôs em dúvida êste cálculo; Mariana, Peschel e Gams falam em 2.000 durante o período de 1480 a 1504. Deve-se crer que foram numerosos, uma vez que, em um só «auto de fé», celebrado em Toledo, em 10 de março de 1487, houve 1.200 vítimas. Tevê também Torquemada participação importante na expulsão dos judeus em 1492. Em 1494, quatro anos antes de sua morte, com a idade de 74 anos, o Papa o destituiu de suas funções.

E dizer-se que tudo isto era feito em nome de um Deus de amor e de justiça e contra indefesos judeus, e sob pretexto de que castigavam os assassinos de Cristo. O inocente a pagar pelo pecador. Ao menos se fôssem reencarnacionistas, poderiam alegar que matavam nos judeus do presente, os assassinos do passado.

Onde está a razão humana, onde o bom senso que permite que se empreste ao Criador os piores defeitos humanos? Então: o Deus infinito, que ninguém jamais viu, como diz o Evangelho de João, vangloriar-se, vendo estorcer-se de dor nas fogueiras da Inquisição os filhos que êle criou, pelo simples fato de não aceitar o Catolicismo! Que culpa tem o judeu de haver nascido judeu? Então: rebaixa-se Deus até a estas misérias humanas!

Há dias vimos e ouvimos pela televisão, um sacerdote com fama de filósofo e teólogo, dizer que era um crime perante a Igreja, a cremação de cadáveres. Lembramo-nos da época da Inquisição, quando êles entregavam ao braço secular os condenados para serem queimados vivos. Como vêem, quando se trata de dar expansão aos instintos sanguinários, êles não adotam o mesmo pensamento.

Agora, são as piedosas criaturas contrárias a que se queimem corpos mortos, quando há poucos séculos, queimavam os corpos vivos. Enfim, sempre é bom sinal. Com êsse horror que já principiam a mostrar pelo fogo, pode ser que acabem com o legendário brazeiro do Inferno. Não percamos as esperanças: o «calor» irá amortecendo.

Dois Baluartes

João Leão Pitta e José da Costa Filho

OCORREU no mês de fevereiro as datas do passamento de João Leão Pitta e José da Costa Filho, os dois baluartes na sustentação de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», desde o tempo de Cairbar Schutel, com quem êles conviveram e trabalharam como companheiros leais, dedicados e ardorosos na defesa e difusão dos postulados da Doutrina Espírita. Depois da partida do Schutel, para a vida espiritual, êles continuaram, através de longos anos, labutando sempre com a mesma sinceridade de criaturas devotadas ao bem, pugnando por levar à tôda parte a luz de suas convicções e de sua fé pelo esclarecimento geral de seus semelhantes, na certeza do cumprimento de um dever primordial.

João Leão Pitta, deixou a vida terrena em 11 de fevereiro de 1957 e José da Costa Filho, a 5 do mesmo mês de 1958, ambos demonstrando, nos sofrimentos por que passaram e na despedida, ao partir dêste mundo, todo o vigor e tôda a serenidade da crença na imortalidade, adquiridos no Espiritismo, que lhes deu a felicidade da confiança no destino do Além — êsse futuro da existência — que continua sendo, para a humanidade, o grande enigma — chamado morte — fonte da dúvida e da desesperança.

A João Leão Pitta, o tribuno da palavra evangélica, e a José da Costa Filho, o jornalista de humildade cristã, que tão bem se desempenharam da missão que lhes foi designada, ajudando as nossas publicações, principalmente após a ausência do Schutel, perseverando conosco na lida e no afã de servir ao ideal comum, as nossas homenagens de afeto e reconhecimento.

Agora, da espiritualidade — frisemos êsse fato — êles ainda nos trazem o amparo de seus conselhos e das lições lapidares com que valorizam a tradicional «Coletânea», de «O Clarim», estimulando o prosseguimento das tarefas que nos impusemos.

Como prova do que acabamos de afirmar, eis um dos últimos ditados do espírito do querido Leão Pitta: «Aquêle que não confia nos outros, desconfia de si próprio; o que confia, sente a alegria de viver e descansa o corpo e o espírito, levando a paz ao coração daqueles que lhe são subordinados».

Em seguida, êste outro, do nosso Costa Filho, verdadeiro feixe luminoso para aclarar o entendimento: «Religião, Ciência e Filosofia são as bases em que se funda a Doutrina Espírita. E os ensinos de Jesus, á luz dessa Doutrina maravilhosa, se convertem na fé que suplanta a religião, no amor que brilha mais do que a ciência e na fraternidade, que é maior do que tôdas as filosofias».

Aí estão frases incisivas, para quantos tenham olhos de ver e ouvidos de entender, e nós agradecemos à Providência a ventura de podermos colaborar com os mestres de tão belas revelações, rendendo, aos espíritos amigos, a lembrança comovida desta nota de saudade.

O sinal característico da criatura superior está em saber relevar as fraquezas dos seus semelhantes. — EURIPEDES.

Língua Sagrada do antigo Egito falada por uma médium em Paris

Desenvolvimento da mediunidade poliglota da espôsa de um açougueiro parisiense — Um caso que agita a França e a Europa — Lembrando o episódio de Rosemary em Londres

A senhora Jacqueline Mallay, de 29 anos, casada com um açougueiro parisiense, mãe de três filhos, desenvolveu inesperadamente a mediunidade poliglota e começou a falar em egípcio faraônico. O fato provocou agitações na França e em tôda a Europa, em tôrno do velho problema da mediunidade, ou seja, da possibilidade de comunicação entre vivos e mortos. A revista italiana «L'Europeu» divulgou, num de seus últimos números, interessante reportagem a respeito, com abundante ilustração fotográfica, e alguns leitores nos interpelam sôbre o caso. «É possível — pergunta-nos um dêles — que Espíritos do tempo dos faraós ainda continuem a viver nas ilusões daquela época, servindo-se de uma língua extinta?»

O caso da sra. Mallay não é único, nem é a primeira vez que o egípcio faraônico é revivido na Europa através da mediunidade. Muito antes dêste caso, já houve em Londres intensa agitação em tôrno da médium Rosemary, que em trabalhos com o doutor Frederic Wood, falou pela primeira vez, no mundo moderno, essa língua desaparecida. Note-se bem a importância do fato: *o egípcio faraônico, que os especialistas conheciam apenas através de inscrições e antigos documentos, foi falado em nossa época graças à mediunidade.* A pronúncia dessa língua estava sendo difícilmente reconstituida pelos especialistas, pois as inscrições eram feitas por consoantes, sem vogais. Mas a jovem Rosemary, envolvida por um Espírito do tempo de Amenotep II, discursou correntemente na velha língua, e seus discursos foram gravados em discos.

As experiências do doutor Wood, que constituem um dos fatos mais raros de que tratamos, entretanto, parece haver outro fator, que é o interêsse em chamar a atenção dos homens para a realidade espiritual. Espíritos já evoluídos podem voltar a assumir formas primitivas, com fins de auxílio e esclarecimento. As comunicações de Rosemary, por exemplo, serviram para abalar os meios anti-reencarnacionistas inglêses. As da sra. Mallay estão servindo para agitar os problemas espirituais numa França desatenta e desviada dos seus altos destinos.

A mediunidade poliglota da sra. Jacqueline Mallay foi estudada pelo doutor Azoulay, nome que se popularizou recentemente na França através de um programa de televisão do tipo «O Céu é o limite». Trata-se de um especialista em questões bíblicas e orientais, conhecedor de catorze línguas. Quando a sra. Mallay começou a falar língua estranha, o doutor Azoulay assustou-se de não compreendê-la, mas logo depois verificou tratar-se da velha língua faraônica, e o que é mais importante, de uma modalidade dificílima, aquela em que a faraó e casos importantes do Espiritismo, foram relatados pelo Dr. Wood, num livro publicado em Londres, em dois volumes. No Brasil, temos um resumo dessa obra em português feito por Waldomiro Lorenz e publicado pela Editôra Pensamento com o título «A Voz do Antigo Egito». O trabalho de Wood reune grande número de fatos comprobatorios de dois princípios fundamentais do Espiritismo: a reencarnação e a comunicabilidade dos Espíritos. Waldomiro Lorenz lhe acrescenta, no resumo português, curioso episódio de reencarnação verificado em sua casa, com uma de suas filhas.

Dito isto, vamos à resposta que o leitor nos pede. E' possível a estagnação mental dos Espíritos durante anos, séculos e até mesmo de milênios. A inércia espiritual pode reter uma criatura por muito tempo num determinado estado psíquico e mental. Nos dois grandes sacerdotes se dirigiam a Deus nos cerimoniais do culto. Uma língua secreta, falada apenas por algumas centenas de pessoas, varios milênios antes de Cristo.

Mas a sra. Mallay não ficou apenas nessa espantosa revelação. Em outras ocasiões, falou árabe e um dialeto alemão. Trata-se, pois, realmente, de mediunidade poliglota. A obscura mulher de um açougueiro, que na vida diaria só sabe falar o francês, vem assim causando sensação em Paris, com repercussões por tôda a Europa, graças aos seus transes mediúnicos. Não faltarão hipoteses, suposições, teorias engenhosas, para tentar-se uma explicação do fato em oposição ao Espiritismo. A tôdas essas explicações, porém, faltará uma coisa essencial — a universalidade das provas que corroboram a teoria espírita.

Irmão Saulo

MONDAS PREMATURAS

Arnaldo S. Thiago

NÃO raro, examinando atitudes, modos de pensar e mesmo atos de nossos semelhantes, exasperamo-nos e os consideramos incapazes de ações boas e da aquisição de virtudes. Se se trata de confrades, então sobe de ponto a nossa exasperação, achamos que comprometem a Doutrina e que preferível seria se declarassem positivamente contrários a ela, abandonando as suas fileiras, a se tornarem constantemente pedras de escândalo, objetos de pública censura, comprometendo com o seu procedimento a causa que se propuzeram defender e que desmoralizam por seus atos.

Realmente, não é para se condenar êsse movimento de revolta dos homens de boa conduta, honestos e nutridos de bons princípios, respeitos a tais malversações e desrespeitos às regras de uma Doutrina que vai buscar nas fontes vivas do Evangelho a matriz de seus mais elevados e salutares propósitos de regeneração do homem terreno.

Não condenamos, pois, os que se revoltam por amor à justiça e à retidão dos costumes; apenas os aconselhamos que tenham muito em vista a precariedade de todos os julgamentos humanos, razão por que nosso Divino Mestre nos aconselhou: «Não julgueis, para não serdes julgados» — «Com a medida que medirdes, sereis medidos».

Isso, porque não podemos penetrar as consciências. Pode acontecer que um confrade esteja atravessando período preparatório de sua iniciação nos princípios superiores de uma Doutrina cuja moral transcende de tal modo os hábitos e os costumes comuns do homem terreno, que em começo o que sucede a quem lhe quer seguir os ditames é de ordem a quase asfixiá-lo sob a incompreensão dos seus semelhantes: daí situações pessoais, para a manutenção das quais necessita-se muita paciência, resignação em elevadíssimo grau de caridade moral quase desconhecida em a nossa espécie.

Também deve-se levar em conta a ação dos espíritos de trevas, que se valem da imperfeição dos homens para afastá-los totalmente do bom caminho.

Tôdas essas razões explicam, em primeiro lugar, por que Jesus determinou que deixássemos crescer juntos na sua seára o jôio e o trigo, não nos tornando mondadores desavizados, pois acontecer podia arrancássemos, em vez de erva daninha, a própria planta nascida da semente que semeáramos nos corações, a mandado do Mestre. Em segundo lugar esclarecem o motivo pelo qual Allan Kardec aceitou dos seus Guias espirituais a sugestão de inscrever como legenda doutrinária o trítico sôbre que repousa a eficiência da sua propagação: TRABALHO, SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA.

Tarde, porém, muitas vêzes, nos apercebemos dessas verdades, quando não há mais remédio para os nossos dissídios!

Portanto, enquanto é tempo e enquanto estamos a caminho com os nossos semelhantes que se hajam tornado, de qualquer forma, inconvenientes, segundo o nosso critério humano, ao movimento de regeneração individual a que nos filiámos, suportêmo-los com paciência e *resignação, dispostos sempre antes a perdoar do que a dar testemunhos de intolerância, embora movidos por sentimentos de zêlo e de amor à Doutrina, que de alguma forma justifiquem nossa atitude, mas aos quais devemos preferir o reconhecimento de que pode sempre o nosso juízo ser falho — e, nestas condições, melhor entregar nas mãos de Deus as sanções que seria temeridade aplicarmos, por nossa conta, aos que erram, certos de que nas coisas da Religião o julgamento, como bem nos advertiu Jesus, não pertence aos homens, mas ùnicamente a Deus, em cuja Misericórdia repousa a Justiça.*

O que é certo, o que temos verificado é que nem todos se acham aptos para as dolorosas experiências que conduzem ovelhas desgarradas ao aprisco do divino Pastor. Quando, porém, essa aptidão se manifesta, o Divino Escultor jamais perde o ensejo de modelar com o escopro da Dor, segundo os seus augustos planos, o espírito que delinquiu e necessita de submeter-se à ação da indefectível modeladora para conquistar seus requisitos de invulnerabilidade aos arrastamentos perniciosos.

Admitindo-se, por elementar raciocínio filosófico, que, de fato, sòmente a Dor pode operar, em certos espíritos rebeldes e presunçosos, a ação regeneradora de que necessitam, qual o temerário que se pode julgar em condições superiores, de tal modo superiores às dos seus semelhantes, que lhe dêm o direito de aplicar sanção de tal natureza, que transcende a tôdas as possibilidades do discernimento dos homens?

Não sejamos, pois, mondadores, mas simplesmente semeadores. Suportemo-nos uns aos outros mediante a boa prática da caridade, seguindo assim o exemplo de Nosso Divino Mestre que, exclusivamente para tratar da nossa redenção, desceu a êste mundo de expiações e de provas, consagrando-se tão eficientemente à sua divina Missão, que preferiu a cruz a inflingir aos seus algozes qualquer restrição no uso da liberdade, mediante a qual se tornavam agressores contumazes e pérfidos, nem mesmo ao Pai invocando sanção para êles, mas ùnicamente o perdão: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem».

Perdoemo-nos uns aos outros, seguindo assim o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, submissos à sua advertência, quando respondeu à pergunta de Pedro: — «Mestre, quantas vêzes devo perdoar ao meu semelhante? Até sete vêzes?» — «Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete vêzes» — respondeu o Mestre, para significar que devemos perdoar, perdoar sempre, sem restrições.

"Teoria Corpuscular do Espírito"

TENHO a impressão de que uma parte, senão grande parte de nosso movimento, em sua expressão mais esclarecida, ainda não tomou conhecimento de um dos livros mais sérios de quantos foram publicados, nestes últimos anos, no Brasil, em relação à parte científica do Espiritismo: *A Teoria Corpuscular do Espírito*, de autoria do engenheiro Hernani Guimarães Andrade, residente em S. Paulo. Pelo que tenho visto, em jornais e revistas espíritas, sòmente poucas, pouquíssimas referências têm sido divulgadas, até gora, o que não deixa de causar certa estranheza, visto como se trata, na realidade, de uma obra honesta, muito bem pensada e, além de tudo, muito substanciosa de conteúdo.

Creio que a intelectualidade espírita não deve ficar indiferente em face de uma obra de tal natureza e significação. Ainda que nem todos tenham preparação especializada ou devam estar em dia com as teorias e aquisições da Física, principalmente depois do intenso desenvolvimento das experiências atômicas, pelo menos uma palavra de estímulo ao esfôrço do Autor, uma apreciação de conjunto se faz necessária entre os confrades eruditos, e são muitos, uma vez que a crítica espírita não se manifestou sôbre a teoria formulada no livro. É preciso ler bem a obra, para que se possa dizer alguma coisa, ainda que sem entrar na parte pròpriamente técnica. Que se disse, até agora? Com exceção de alguns artigos, aliás muito bem feitos, o que se escreveu ainda é muito pouco, pois o livro merece estudo especial, à altura de seu mérito intrínseco.

Justamente por ser um trabalho de natureza científica, baseado nos mais modernos conhecimentos de Física, o livro de Hernani Guimarães Andrade está sujeito a discussões e controvérsias, pois nenhuma obra científica poderia ter a pretensão de dizer a «última palavra» ou firmar princípios absolutos. Sòmente as obras de fé, pelo seu caráter dogmático, não admitem objeções. Assuntos de fé não se discutem. Os estudos científicos, ao contrário dos artigos de fé, são necessàriamente abertos às críticas e aos enriquecimentos que lhes serão aduzidos. O cientista que escreve um livro e pensa que êsse livro é absolutamente invulnerável ou já disse tudo, pode ser um homem de muita cultura, pode gostar muito da Ciência, mas não tem *espírito científico,* porque lhe falta uma qualidade indispensável ao trato com os problemas do conhecimento objetivo: a compreensão de que as verdades descobertas, a cada passo, não fecham o caminho para novas pesquisas, pois há sempre o que descobrir, corrigir e aperfeiçoar. Há muita gente que estuda ciências, faz questão de dizer que tem a «paixão dos fatos», mas ainda não compreendeu a flexibilidade do terreno científico, uma vez que ainda crê na supremacia de certos julgamentos, desde que venham pela bôca ou pela pena de uma *sumidade,* notadamente quando laureada por alguma corporação prestigiosa. Tal procedimento não afina com o verdadeiro senso crítico.

Nosso confrade Hernani Guimarães Andrade, homem culto no mais exato sentido, revela desde logo alta dose de espírito científico, porque, no prólogo do livro, dirigindo-se ao leitor, diz o seguinte: *Seremos imensamente gratos se você nos honrar, endereçando-nos suas críticas e sugestões, assinalando as falhas e imperfeições dêste nosso modesto trabalho.* Isto é o que se pode chamar humildade intelectual, consciência de responsabilidade, desejo sincero de servir à causa da Verdade. Eis, aí, portanto, a credencial do Autor, e não vejo outra credencial mais recomendável e mais enobrecedora.

Evidentemente, a teoria de nosso confrade, pela circunstância mesma de ser uma *teoria,* embora muito bem forrada de argumentos científicos, ainda está sujeita a observações e reflexões mais demoradas. Não poderia ser prontamente incorporada ao patrimônio doutrinário do Espiritismo, como tese pacífica, sem a devida experiência, sem o indispensável confronto com o lastro de princípios básicos, já notòriamente consolidados. Como teoria, pode ser posta em observação, como pode, até, não ser aceita, nem o Autor esperaria concordância unânime; mas deve ser criteriosamente estudada, e com tôda a imparcialidade, pois as suas inferências e deduções vêm colocar o problema do Espírito dentro de um ângulo ainda não considerado em nosso meio e à luz de uma orientação científica muito adequada às solicitações da inteligência inquiridora. Sejam quais forem as críticas ou os reparos que se lhe façam, não é uma teoria fantasiosa, não é um trabalho de paisagista, mas um estudo feito por um homem que pensa, observa e raciocina com segurança.

Diz o Autor, e com todo o acêrto: *O Espiritismo não pode desgarrar-se da ciência. Necessita acompanhá-la passo a passo. Os adeptos da doutrina devem ter a coragem de voltar atrás se preciso; reformar conceitos velhos; sacudir o pó da suposição para descobrir a realidade soterrada; abrir mão do dogmatismo comodista e ignorante, que se aferra à forma e esquece o espírito.* E não é êste, precisamente, o pensamento de Allan Kardec? Leiam-se as seguintes palavras, do Codificador da doutrina espírita: *O Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou que ressalta lògicamente da observação. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em êrro acêrca de um ponto qualquer, êle se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, êle a aceitará.* («A Gênese», cap. I n.º 55, 10.ª edição brasileira). E a Física não está revelando aspectos novos da ciência, a cada instante? Poderia o Espiritismo ficar à margem de tais realizações? Claro que não. As novas experiências modificaram sensivelmente o conceito de matéria, porque a ciência se enriqueceu, de etapa em etapa, até chegar a um ponto em que somos forçados a abandonar muitas das noções e teorias que, durante longo tempo, informaram todo o nosso precário aprendizado. Então, ao invés de ultrapassar as afirmações básicas do Espiritismo, o adiantamento da Física, nos dias presentes, vem justamente confirmar aquilo que a doutrina codificada por Allan Kardec já vem ensinando há mais de um século: *A matéria existe em estados que desconhecemos.* Estão aí os fenômenos de desintegração atômica, mostrando que a matéria está cheia de pontos vulneráveis, podendo tomar formas que transcedem, de muito, as previsões clássicas da ciência. Isto é novidade para a doutrina espírita? Não. («O Livro dos Espíritos», questão n.º 22). O Espiritismo não pode rejeitar as contribuições da ciência, em nenhum domínio da observação, tanto mais quanto as verdades são descobertas aos poucos, à medida que o espírito humano chega à necessária maturidade, assim como é indispensável o aperfeiçoamento dos meios de pesquisa. Ninguém espere uma verdade pronta e acabada, de uma só vez ou a jato, porque tal expectativa está em desarmonia com o próprio sentido da Ciência.

Veja-se bem o longo tempo decorrido entre a época de Dalton e os nossos dias, para se saber, mal ou bem, o que já se sabe, hoje, a respeito da matéria. A idéia de átomo, como não se ignora, é velhíssima, e os gregos dela fizeram uso em suas especulações; mas é preciso lembrar que os gregos não foram realmente experimentadores, porque se ativeram mais à indagação, como também não dispunham de recursos instrumentais para fazer ciência experimental com relativa precisão. Dalton introduziu noções novas na Física, lançando a teoria da estrutura atômica da matéria; antes dêle, o átomo, que é, atualmente, uma realidade indiscutível, era tido como simples ficção. A Física, com Dalton, deu um grande passo, para a sua época (1766-1844), mas sòmente mais tarde, com a descoberta da radioatividade, feita a identificação do *elétron* e do *próton,* foi que se verificou aquilo que não pudera ser previsto na concepção daltoniana: a divisão do átomo.

Eis, aí, mais uma prova de que as verdades científicas chegam aos poucos, trazendo no bôjo as elaborações e experiências de muitos obreiros do pensamento. No campo da Ciência não há conquista absolutamente original: cada qual, em sua época, com o material de que possa dispor, dá o seu quinhão de estudos e pesquisas, sujeito a retificações ou acréscimos futuros, até que se venha a assentar um princípio certo ou reconhecer a ação de uma lei. Se, no entanto, Dalton não revelou tudo sôbre a constituição da matéria, nem poderia fazê-lo na época e nas condições em que se voltou para os estudos atômicos, também é certo que a sua obra fincou um marco inconfundível na evolução da Física. Seus continuadores e aperfeiçoadores, como Thomson e outros da mesma plêiade, aproveitaram muito das descobertas do passado e deram prosseguimento ao trabalho de investigação, à luz de outros recursos e outras idéias.

Assim tem sido a marcha dos conhecimentos científicos em todos os ramos. A pretensão de exclusividade seria até uma estultícia, porque as realizações científicas sempre foram o continuam sendo o fruto de ações sucessivas, muitas vêzes de geração a geração ou de um século para outro. Não é possível esconder o nexo de relação, direta ou indireta, entre as idéias que marcam os grandes progressos da humanidade. A glória de Einstein, por exemplo, não se ofuscou nem diminuiu, mas antes se iluminou ainda mais, pelo pelo fato de haver utilizado a teoria dos *quanta,* que foi outra contribuição relevante no campo da Física. Max Plank foi, portanto, predecessor de Einstein no estudo da constituição da luz. Haveria, por isso, algum demérito na obra de Einstein? (Que os entendidos me dêem licença de citar êstes nomes, apenas como simples ilustração). E seria possível fazer alguma obra estritamente individual, sem vinculação com idéias e experiências anteriores?... O legítimo espírito científico não alimentaria tais pretensões. Tudo isto nos faz compreender, de dia para dia, que, se a Ciência, já descobriu muito, ainda nos falta conhecer muita coisa a respeito da matéria, embora seja ela a realidade mais sensível para nós. Muito mais complexo, em tudo por tudo, é o problema da natureza íntima do Espírito.

O estudo feito pelo engenheiro Hernani Guimarães Andrade conduz o nosso espírito a uma ordem de inquirições muito percucientes no plano físico, em face de conhecimentos muito avançados, mas também nos encaminha, forçosamente, e por decorrência lógica, para um plano em que é preciso considerar o Espírito dentro de uma conceituação menos habitual. Nosso confrade parte de uma tese já aceita e confirmada: a descontinuidade da matéria. Sua teoria não é, portanto o reflexo de idéias precencebidas ou de alguma concepção puramente imaginosa. Nada disto! Talvez a analogia não pareça viável entre certos fenômenos inerentes á descontinuidade física e a natureza do Espírito. Ainda estamos, porém, no terreno conjectural. É preciso notar que o Autor ainda não terminou a sua obra, que obedece à seqüência de um planejamento extenso e cauteloso, como êle próprio nos diz no último período: *Planejamos para o futuro uma série de trabalhos gradativos que seguirão a ordem e os temas dos sub-capítulos precedentes, isto é, livros que tratem da experimentação espirítica, das bases matemáticas da teoria e, como ponto culminante, para um futuro mais remoto, desde que tenhamos elementos positivos que a endóssem, apresentaremos as consequências filosóficas da Teoria Corpuscular do Espírito.* E' provável que ainda não estejam suficientemente esclarecidos certos pontos do livro, o que, aliás, é muito natural em qualquer tabalho dêsse tipo.

A hipótese corpuscular, aplicada ao espírito, não é uma tentativa arbitrária. Note-se que se trata de uma *hipótese,* não de uma conclusão definitiva. Não foi através de hipóteses, tomando o terreno palmo a palmo, que a Física chegou à natureza corpuscular, não apenas da matéria, mas também da eletricidade ? Embora o Espírito seja irredutível aos esquemas das leis físicas, a verdade é que tem uma expressão definida, não é uma abstração, é *alguma coisa,* pôsto ainda não lhe conheçamos a natureza íntima. O fato de ainda não estarmos em condições de conhecer a origem do Espírito ou de saber como êle se formou («Livro dos Espíritos», questões 78 a 82; comentários pessoais de Allan Kardec, na questão 613), não veda absolutamente o campo da inquirição nem impede que se formulem teorias ou hipóteses sôbre a sua constituição. O Espírito, como afirma o Espiritismo, à luz de fatos concretos, é uma realidade *individualizada,* e se assim não fôsse, ou se fôsse um princípio indeterminado, de sentido puramente vago, não poderia ser responsável pelos seus atos, fora da matéria e através das sucessivas reencarnações. O que é indefinido ou inconsistente não pode ser responsável. Responsabilidade pressupõe inteligência, senso moral, consciência. Como seria isto possível, se o Espírito não fôsse realmente um *sêr* definido, individualizado? A responsabilidade do Espírito, como ensina a doutrina espírita, é intransferível, faz parte do mérito ou demérito próprio, não pode passar a ninguém; é intransferível, justamente porque o Espírito é *individual,* não se confunde nem se dilui no éter ou no *todo* universal. Ora, o que é individualizado é determinado; o que é determinado é definido; o que é definido é limitado. O Espírito deve ter tido, portanto, uma constituição compatível com a sua natureza. O que seja essa constituição, por enquanto, no estado atual de nossos conhecimentos, é o que não sabemos.

Se admitirmos, ainda mais, segundo Gabriel Delanne («A Evolução Anímica»), que o Espírito vem passando por diversas fases, através de um processo de ascensão, até chegar ao plano hominal, não será despropósito entender que êsse processo, cujo início ignoramos, se haja elaborado por um sistema de composição. O Espírito não surgiu por *acaso,* não deu origem a si mesmo. Logo, deve ter tido *formação,* como tudo o que existe no Universo. Dentro desta ordem de idéias, a *Teoria Corpuscular do Espírito* não foge ao raciocínio filosófico nem discrepa do espírito científico da doutrina espírita. Necessário é que se lhe dê o tempo suficiente para a observação, o estudo, a reflexão e a crítica. O que não é compreensível é o silêncio, é o desinterêsse em face de um estudo tão consistente e elevado, pois o livro do Hernani Guimarães Andrade é sem favor, uma contribuição das que mais podem engrandecer a cultura no Brasil.

Digam o que disserem, a verdade

é que se dá mais valor às obras mediúnicas do que ao esfôrço humano. É necessário, entretanto, valorizar o trabalho do *HOMEM* e não transformar em idolatria a preferência pelas *mensagens* do além. Temos, inegàvelmente, uma literatura mediúnica muito rica e luminosa, mas é preciso não chegar ao exagêro de pôr à margem as obras de origem pessoal para exaltar qualquer mensagem que venha do *alto*, ainda que seja dessas mensagens que não trazem nenhuma contribuição nova ou não passam dos lugares comuns. Quase sempre as obras de autoria humana, ainda que sejam de homens capazes, ficam empoeiradas nas estantes, enquanto se cria uma onda de verdadeiro endeusamento de tudo quanto é recebido por via mediúnica. E o esfôrço humano, o estudo, a pesquisa dos homens que vivem «queimando as pestanas» para servir à Causa espírita, tudo isto não vale alguma coisa, não representa um trabalho nobilitante? Existem, além disto, algumas obras humanas indispensáveis à cultura espírita. Por quê, pois, apreciar tanto o que é do *além* e não levar em consideração o que se produz na terra? Carlos Imbassahy, por exemplo, escreveu um livro verdadeiramente notável, entre os seus numerosos trabalhos, e no entanto êsse grande livro, que é grande pelo conteúdo e não pela forma, não encontrou a receptividade que seria de esperar, a não ser entre grupos reduzidos.

Teria alguma obra mediúnica sobrepujado *Evolução*, de Carlos Imbassahy? Não é um trabalho portentoso? Inegàvelmente. Apesar disto, não falta quem o ponha de lado. Quando é do *alto*, a aceitação é imediata e incontida, sem discussão nem crítica, como se fôsse alguma coisa intocável; quando é obra de um homem, ainda que se trate de um escritor da projeção e da cultura de Carlos Imbassay, muita gente logo diz que o livro é maçudo... Sérgio do Valle, médico e escritor, publicou *Silva Melo e os seus mistérios,* livro de réplica, em defesa do Espiritismo, e não recebeu o estímulo que deveria receber. Não é obra mediúnica, não foi ditada por um espírito... Que é o homem, afinal-de-contas, senão um espírito, com a diferença, apenas, de que ainda está encarnado? E os trabalhos de Mário Cavalcanti de Melo? Quais foram as manifestações com que o nosso meio recebeu, principalmente, *Como os téologos refutam,* que é um dos melhores livros de pesquisa histórica e religiosa sôbre a reencarnação? É também um livro de réplica, pulverizando sofismas de frei Boaventura. Pouco se falou, entretanto, sôbre o grande trabalho de Mário Cavalcanti de Melo.

Ocorre lembrar que foi justamente o apêlo exagerado ao *sobrenatural,* na Idade Média, que deu motivo à reação dos *humanistas*. Fortemente influenciado pelos teólogos, o pensamento da Idade Média desprezou o *homem,* como se êle nada significasse, e ficou esperando que a Providência operasse tudo. O homem foi, a bem dizer, anulado, pois tudo o que era humano ficava no plano mais ínfimo. Daí, com o nome de *Humanismo,* a reação que se verificou naquele período, em favor da valorização do *homem,* contra a predominância do sobrenatural. Humanismo, mais tarde, tomou novo sentido, mas o movimento humanista do Renascimento foi, em parte, uma tomada de posição contra os exageros medievais.

Fenômeno semelhante, embora em ponto pequeno, é o que, de certo modo, está acontecendo em nosso meio: a propensão muito acentuada para as *mensagens* e os livros de natureza mediúnica, o aplauso fervoroso às *revelações,* venham por intermédio de quem vierem, contanto que sejam de inspiração mística, e pouco interêsse pelos estudos ou pelas obras que fazem pensar. É certo que o *sobrenatural* não faz parte do vocabulário espírita, mas a situação é um pouco parecida. Isto vem a ser, em última análise, como na Idade Média, indiferença às possibilidades do valor humano. É preciso o meio têrmo, para evitar o perigo dos extremos. Aprendamos, na literatura de origem espiritual, as lições que ela nos traz, mas não desprezemos as obras de origem humana, porque também são necessárias. O livro de nosso confrade Hernani Guimarães Andrade não é nenhuma *revelação,* não é obra mediúnica, mas é um livro de estudo, um livro de tese, e por isso, justamente por isso mesmo, *A Teoria Corpuscular do Espírito* deve ser estudada com tôda a seriedade e isenção de ânimo.

DEOLINDO AMORIM

Letargia, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

BASEADOS que estivemos em informes preliminares sôbre os últimos acontecimentos em que a ciência repeliu enèrgicamente as insinuações do marista, irmão Vitrício, que pretendeu com sua propalada técnica letárgica deturpar o Hipnotismo, com objetivo de combater o Espiritismo, pudemos nos nossos dois últimos trabalhos esclarecer quais os meios em que se poriam empregar fraudes através dos fenômenos da hipnose.

Hoje, com informes mais profundos, através de observadores que analisaram os ditos fenômenos letárgicos, oferecemos aqui o que colheramos agora de mais exato, se bem que os nossos pareceres dos trabalhos anteriores já estavam orientados no caminho da razão. É assim que a realidade que se veio a saber confirmou o nosso argumento anterior de que sòmente pelo fender de nervos não se produziria, em hipótese alguma, fenômenos com efeitos a exemplo do hipnotismo e mediunismo, conforme apregôa o marista.

Para obtenção de efeitos subconscientes pelo transe, conforme obtem-se pela sua técnica pela pressão de nervos, só se concebe se a sugestão estiver atuando conjugada com o trauma físico. No entanto, êle apresentava êste choque orgânico, como ausente da sugestão, com a finalidade de negar a hipnose na sua letargia, para insinuar que por esta explicava o Espiritismo sem se recorrer ao Hipnotismo, já que ninguém mais acredita que êste explica aquêle.

É estranho que o marista, tendo ido a Europa para estudar o assunto, não percebe a presença da sugestão na sua técnica, quando sòmente pelo postulado de que pelo efeito se concebe a causa, a sugestionabilidade ali já se revela pelo vínculo estabelecido entre operador e paciente. Um acidente físico provocado, por si só, como já dissemos, não iria além da perda de consciência, do indivíduo vítima voluntária da pancada física, aparentemente não violenta.

Antes de entrarmos na essência da questão vejamos estas suas palavras, revelando sua ignorância (ou má fé), nesse relevante assunto, onde só êle não vê o que realmente se passa nesses seus fenômenos. Diz êle : «A técnica consiste em toques em determinadas regiões do corpo, especialmente sensíveis, principalmente a medula da 13.ª costela. Os mesmos resultados, com menor eficiência, pode se conseguir pelo som e percursão. A letargia nada tem com a sugestão e o Hipnotismo.»

Excepto o seu dizer de que nada tem com a sugestão e o Hipnotismo, argumento êste que logo mais veremos que não se sustenta, a sua técnica letárgica não é uma novidade como vulgarmente se possa acreditar. Foi em 1913 que alguns médicos e dentistas expuseram um novo processo de insensibilizar e imobilizar pacientes que recebiam pressão em certas zonas do corpo, que se chamaram hipnógenas. Tais zonas diferem em número de um indivíduo para outro, havendo os que possuem quatro, outros mais, atingindo em outros para mais de cinquenta. O dr. Wiliam Fritzgerald, de Hartford, Estados Unidos fêz demonstração prática, insensibilizando pacientes pela prèssão de nervos pelo seu método denominado «anestesia local inibitiva», ou seja, Fritzgeraldismo, como se tornou conhecido.

Os pesquisadores em geral, pelos efeitos do fenômeno, acusaram características que revelavam ação da sugestionabilidade, sem a qual, em hipótese alguma, não se estabeleceria vínculo mental entre operador e paciente, apenas pelo choque de nervos. Sem a sugestão, o máximo que se poderia conseguir seria prostar inconsciente o indivíduo, a exemplo de uma propalada técnica empregada em luta japoneza, para subjugar o adversário. O modo como atua a sugestionabilidade na prática letárgica, não é pela técnica direta vulgarmente conhecida nos espetáculos comuns de hipnotizações. A sua ação sòmente se compreende nos estudos mais profundos pelas experimentações científicas, explicada pelos métodos de pesquisas no campo da psicologia.

Por esta razão, tratando-se de estudos mais restritos às pesquisas de laboratório, portanto desconhecidos do público em geral, é que o marista, prevalecendo-se desta circunstância, procurou alardear sua técnica, que êle diz isenta de sugestão, mas exibindo-a sòmente diante de leigos, através de espetáculos teatrais.

Quando convidado para demonstrá-la, sob carácter científico, assim como discutir o assunto com os especialistas sôbre hipnose, recusou hòstilmente o repto, porque já sabia de antemão que as suas insinuações só funcionavam diante dos que ignoram a natureza de tais fenômenos.

Vejamos como se passa essa técnica letárgica, e de que modo a sugestão atua em simultaniedade com o processo físico.

Geralmente, os pacientes suscetíveis à hipnose, quando vão se prestar a estas demonstrações, já sobem ao palco sugestionados. Neste estado o subconsciente do indivíduo fica ativamente condicionado, aguardando apenas o deslocamento da consciência, para êle se expor, estabelecendo vínculo mental com o operador. Nos casos da hipnotizações comuns, o operador para obter o transe dos pacientes, êle tem que trabalhar com tempo, usando técnica direta da sugestão, até que o indivíduo afrouxe os músculos, entre em sonolência, progredindo aos poucos até atingir a fase sonambúlica. Ausente o estado de consciência, o subconsciente liga-se pelo vínculo mental ao operador, característica esta inconfundível dos fenômenos da hipnose.

É de se notar que enquanto a consciência não abandona seu posto, o subconsciente não lhe toma o lugar de predomínio sôbre o indivíduo. Na técnica de pressão dos nervos hipnógenos a consciência, sem que seja trabalhada pelo emprêgo da sugestão direta, ela é deslocada por um repentino golpe de natureza física. O indivíduo, ativamente sugestionado diante do operador, no instante em que a sua consciência se desloca, o subconciente já condicionado expõe-se, estabelecendo o vínculo entre o agente e paciente.

Assim teremos que o trauma físico e a sugestionabilidade, neste caso, atuaram em uma ação conjugadas.

Para melhor garantia do sucesso o operador pode recorrer ao auxílio da sonoridade musical, sendo que também a aparatosidade dos palcos concorre para melhores resultados. O marista ainda tinha o cuidado de selecionar os menores em idade escolar primária, que são os mais sucetíveis à hipnose. E, contudo isso, afirmava não êxistir hipnotismo nos seus fenômenos.

Para o deslocamento da consciência pelo choque, as zona hipnógenas são as que oferecem vantajosos resultados pela sua alta sensibilidade, por permitir método de trauma, pelo menos aparentemente sem violência.

Mas é preciso compreendermos que o fenômeno também pode ser conseguido por outros meios físicos, sem que necessàriamente deva ser pelo toque das referidas zonas nervosas, bastando que o choque sempre esteja em ação simultânea com a sugestionalidade. Supondo-se uma pacada côm instrumento não contundente, como um sôco com uma luva de box por exemplo, o indivíduo pode perder a consciência sem que se produza o fenômeno hipnótico, pois foi um acidente de surpresa, com ausência do fator sugestão. Mas se no ato da pacada, em que a consciência se desloca, pudesse um operador preparar o ambiente e acordar o subconciente com uma palavra de sugestão, não seria de se admirar que o paciente entrasse em hipnose.

Para exemplo, vamos transcrever uma técnica de deslocamento da consciência, por uma pacada física, cujo método é ensinado no «Curso para Aplicação Prática das Ciências Psíquicas», pela «Societè Recherches Psíquico» de París : — «O hipnotizador coloca a mão esquerda na parte posterior do pescoço do paciente, comprime ligeiramente para determinar uma leve alteração do equilíbrio e, logo a seguir, aplica com certa fôrça a mão direita no mento, causando uma brusca vibração nervosa da coluna vertebral, que tem por um momento o efeito de anular a sensibilidade e dar ao paciente a sensação de perda do conhecimento. Exatamente neste instante o operador diz rápido e peremptóriamente : «Durma depressa... vae dormir profundamente». O paciente vira o olhos e cai em estado de sonambulismo».

Algumas obras vulgares sôbre métodos de hipnotizar também trazem essa técnica em suas lições.

Como se vê, a pancada sem a sugestão produziria no máximo a inconsciência. Mas quando ambas as ações, física e sugestão, atuam conjugadas, surge o vínculo com o operador, e os demais fenômenos da hipnose.

Como já dissemos, tal técnica é desconhecida pelo público leigo, mas dentro da ciência o seu estudo experimental não é de hoje conhecido. Nunca, em hipótese alguma, o choque físico por si só produziria os ditos fenômenos letárgicos do marista.

Finalmente, temos a dizer que o irmão Vítricio se revelou de uma perícia invulgar, na sua parte prática de prostrar o paciente pela técnica de pressionar os nervos das zonas hipnógenas. No entanto, ao pretender negar que tais fenômenos nada têm com o Hipnotismo, mostrou-se um autêntico desconhecedor dos próprios fenômenos por êle mesmo produzidos, a menos que agia por má fé, logrando o público que assistia tais espetáculos de propaganda contra o Espiritismo.

Se bem que o marista se revela hóstil à nossa doutrina, é lamentável ainda que outros hipnotistas donos de literaturas sôbre o assunto, embora sem hostilidade, também tem demonstrado não conhecer os nossos fenômenos mediúnicos, fazendo confusão com os do Hipnotismo. Êstes não o fazem de má fé, mas por ignorar o que seja o Espiritismo, e mesclam êste com o mediunismo, comprometendo-se com opiniões desarrazoadas, conforme veremos no próximo trabalho.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — Os leitores que desejarem melhores esclarecimentos e particularidades no assunto poderão encontrá-los em um minucioso artigo, de autoria do prof. Luiz Silva, fundador da Odontologia Legal, publicado no trimensário, de Outubro a Dezembro último, «Difusão Odontológica», com redação em Juiz de Fora, Minas, na rua Marechal Deodoro, 995. Trata-se de trabalho estritamente de cunho científico, que interessa especialmente a médicos e dentistas.

A Fé sem Obras é Morta

I

CARLOS V

OS nossos estudos históricos têm ilações filosófico-religiosas. Queremos provar neste capítulo a inutilidade da fé quando lhe falta o alicerce do amor do próximo. A História é uma documentação viva dessa grande verdade que Tiago parafraseou.

Carlos de Áustria, que veio a ser o grande Carlos V, rei cristianíssimo, nasceu em 1500, do casal Felipe e Joana.

Tornou-se o maior príncipe europeu, por uma série de heranças que lhe multiplicou as corôas na cabeça. Da avó Maria de Borgonha herdou os Países Baixos, o Franco Condado; de Joana a Louca, sua mãe, os reinos de Castela, Leão e Granada; do avô Fernando, o de Aragão, Valência, o Condado de Barcelona, o Roussillon, Navarra, Nápoles, Sicília e Sardenha; do avô Maximiliano, a Áustria, a Stíria, a Caríntia, a Cerniola, o Tirol e a Suábia. E ainda mais: enorme costa africana e a América, que acabava de ser descoberta. E dizia êle, com ênfase e razão: — O Sol nunca se esconde em meus domínios.

Empenhou-se em várias campanhas felizes; em política vencia iludindo, prometendo, ilaqueando, subornando.

Era seu regente, em Espanha, o Cardeal Ximenes, que lhe foi fiel e para garantir a fé e garantir-lhe a corôa, usou exagerada energia. Mas logo que o rei chegou à Espanha dispensou-o. Êle voltou à diocese.

Carlos estava na Alemanha, onde

tinha sido coroado, quando o povo em Valença se sublevou, não contra êle, mas contra os nobres que abusavam da plebe e a extorquia. O rei insuflou-os, autorizando-os a se armarem.

Um fidalgo, João Padilha, assumiu a liderança da revolta e constituiu a *hermandad*. Entra em combate, é ferido, aprisionado e enforcado. E de pasmar é que foi Carlos V quem ordenou essa execução e a de mais vinte pessoas.

Em 1523 armou uma liga contra Francisco I, rei de França, e aliou-se a um traidor francês, o Condestável de Bourbon. Êste achou que se devia invadir a França. Carlos V deu-lhe tropas e navios, Henrique VIII forneceu dinheiro. Foi grande a resistência francêsa. Francisco marcha sôbre Milão e comete vários erros levado pelo Almirante Bonnivet, pouco entendido em arte militar. É cercado e vencido em Pávia, de onde envia à duqueza de Angoulême a célebre frase—Tudo está perdido menos a honra, — cujo original foi — *Tout est perdu hors l'honneur et la vie qui est sauvé.*

Aprisionado, só conseguiu a liberdade depois de comprometer-se por várias concessões; uma delas era a cessão de Borgonha; mas reuniu os nobres em Cognac e os nobres acharam que êle estava sob coação e, portanto, de nada valiam suas promessas. Francisco achou razoáveis as ponderações, e assim, se não perdeu a honra em Pávia, veio a perdê-la em Cognac, fugindo à palavra empenhada.

Mais tarde incitou os italianos a reagirem, mas como lhe fizessem certas promessas, abandonou-os e êles ficaram entregues à sanha e à vingança dos espanhóis.

Em Roma os aliados de Francisco fizeram coisas inacreditáveis. Ouçamos a respeito o relato de Cesar Cantu, vol. XIII, pg. 85, trad. Ennes:

> *«Os terríveis saques do tempo de Alarico não tiveram cenas tão bárbaras e repugnante como as que se passaram em plena civilização, autorizadas com o nome do rei católico. Os soldados forçaram os conventos e raptaram as freiras; no meio das orgias em que se profanavam os vasos sagrados sôbre os próprios altares, convertidos em mesas de banquetes alemães ébrios, mascarados grotescamente, com chapéus cardinalícios e vestes sacerdotais, expunham as religiosas aos apupos e ás gargalhadas dos convivas em danças obscenas, ou ultrajavam as mulheres à vista dos maridos acorrentados. Nem os túmulos impuseram respeito. Os luteranos tinham prazer em calcar aos pés os objetos sagrados, em destruir a idolatria dos quadros e das estátuas».*

E o autor indaga: Que responsabilidade teve Carlos V nestes acontecimentos? Ùnicamente a de um homem que solta a funda sem calcular onde irá ela bater.

Depois disto, um pequeno episódio para mostrar a benignidade do cristianíssimo Carlos V: Caiu-lhe prisioneiro um engenheiro afamado, Pedro Navarro. Êle manda-o a uma fortaleza com ordem de o decapitarem. O governador da fortaleza, porém, para não perder tempo, resolveu êle mesmo executa-lo e estrangulou-o. O rei achou a medida acertada.

Segundo narram alguns, êle mandara queimar, afogar e enterrar vivas umas cincoenta mil pessoas. Cincoenta mil!

* * *

Apesar de quasi sempre vitorioso, vivia em aperturas financeiras e seus Estados na miséria. Invadiam-lhe as terras. Teve que dar a Alemanha ao irmão; o filho, além de possuir Nápoles e Milão, queria ainda os Países Baixos.

Ouriçado de dificuldades, resolveu, em todo o prumo de sua abalada grandeza, abdicar, e faz a renúncia de todos os seus Estados a favor do filho, o célebre Filipe II, que passou a ser rei de Castela, Leão, Aragão, Navarra, Maiorca, Minorca, Nápoles, Sicília, Sardenha... E ainda duque de Milão, Borgonha, Lorena, Brabante, Limburgo, Luxemburgo, Guldra; Conde de Habsburgo, Flandres, Artois, Holanda, Zelândia, Namur, Zuphten; Arquiduque da Áustria, além de vários outros títulos, nomes e honrarias. Era uma grandeza estupefaciente.

Há mais ainda: A América fica sob o domínio da Espanha e êle passa a ser soberano da América, rei da Índia e do

Continente Oceânico, soberano da Ásia e da África. E como casou com Maria Tudor ainda usava o título de rei da Inglaterra.

A recomendação de Carlos ao filho foi a de que honrasse sempre a religião.

Felipe tinha então 28 anos. Beijou a mão engelhada e reumática do pai, e vestiu as roupas pretas que o pai já usava. Eram duas personalidades excessivamente católicas e dois vultos soberanamente fúnebres.

* * *

O Imperador seguiu para o seu exílio voluntário, diz-se que um tanto arrependido. Agora era um silêncio mortuário apenas interrompido pela voz da finada mãe, Joana a Louca, o que o fazia tiritar com arrepios. Aquilo o deixava muito impressionado, dí-lo a História.

Do seu castelo de Juste êle via, à direita, pela janela, o altar-mor da igreja conventual, e daí assistia ao Santo Sacrifício; à esquerda havia outro altar, na sala. À falta de altares não deixaria de ir ao Céu.

Existia um mestre de horas, encarregado dos relógios; depois vinha o confessor diário, e o barbeiro, e o carmelengo e o vestidor. E a missa quotidiana, infalível. E o médico para examiná-lo, e ainda uns indivíduos para relembrar façanhas guerreiras. Lia êle livros bélicos e obras religiosas; depois ouvia sermões e assistia às cerimônias sacras. A catolicidade tomava-lhe um tempo extraordinário; absorvia-o todo.

O que o atormentava, sobremaneira, era o reaparecimento da heresia em sua terra. Ontem Valadolid, hoje Sevilha. Destarte enviou logo uma carta ao filho, dizendo-lhe que atacasse o mal pela raiz, que não tivesse complacências, que usasse desmedido rigor. Severíssimo deveria ser o castigo. E depois foi olhar para os altares, olhar para o Céu, ouvir missa, ouvir sermões, ler obras pias, desfiar as camândulas do seu rosário, fazer as suas rezas.

As preces ecoavam pelas abóbadas do castelo. Todos os dias eram rezadas missas pelos pais, pelos parentes, pela casa dos Habsburgos, pelos aniversários de acontecimentos importantes, por isso e por aquilo... Tudo era motivo para missas. A determinação de preces era a principal preocupação do monarca.

Um dia, em meio às rezas exclamou: — *Malo me siento.*

Sentia-se mal. Levaram-no dali para a cama e não levantou mais. Afinal disse: — Chegou a hora... E foi só o tempo de lhe porem a cruz numa das mãos e o círio em outra. E a sua alma voou, provàvelmente para as mansõss divinas.

Um seu admirador nos diz que à noite de sua morte, uma flôr se abrira no quarto, luminosamente branca, e sua alma fôra salva, pelo Senhor, da aridês da efeméride.

* * *

Segundo Cantu, Carlos V foi um dos homens mais nótáveis e mais funestos da História: a opressão da Itália, os morticínios dos Países Baixos, as suas hesitações na Alemanha e a sua ignorância em Economia Política, diz êle, não bastava para encobrir-lhe a grandeza. Não sabia, porém, o que era a gratidão; teimoso, e esse defeito aumentou com a idade, não tolerava a contradição e a sua vontade tinha sempre que ser feita.

Às vêzes tinha boas piadas: Nas vésperas de um embarque, lhe disse André Dória: — Se nos fizermos de vela morreremos todos —. Respondeu-lhe o Imperador: — Que importa? Tu morres depois de 72 anos de idade e eu de 22 de império.

Vendo-o coxear, observa-lhe o Conde de Buren: — O Império coxeia, — ao que êle respondeu de pronto: — Não são os pés que governam, é a cabeça.

Como, em sua presença, caisse o pincel do grande Ticiano, que lhe estava a pintar o retrato, êle abaixou-se, apanhou-o e disse: — Ticiano merece ser servido por César.

Costumava declarar: — Os homens de letras instruem-me, os negociantes enriquecem-me, os fidalgos roubam-me.

Depois de haver abdicado, encontrou o seu bôbo, Pedro de San-Erbas, e tirou-lhe respeitosamente o chapeu. Como o bôbo se espantasse, observou-lhe: — Só te posso dar agora esta demonstração de cortezia.

* * *

Morreu em 1558 com 58 anos. Rezaram-se por sua alma sessenta e quatro mil missas, (64.000); ergueram-se dois mil catafalcos que custaram seis milhões de ducados. Já êle havia mandado em vida que fizessem suas exéquias, e lhes assistiu dentro de um caixão, receioso de que, após a morte, não pudesse ver nada, logo arrebatado pelos arcanjos.

Segundo a História, e já o dizia Cantu, foi um rei notável, poderoso e funesto ; oprimiu a Itália, consentiu nos morticínios da Holanda, era implacável com os que denominava herejes, ficava impassível diante de crimes hediondos, fêz executar milhares de pessoas. E assim foi até que a Parca inexorável houve por bem leva-lo.

Vejamos o filho que o sucedeu.

Carlos Imbassahy

Um sonho do nosso irmão Arnaldo S. Thiago

Mac Maynard

A «Revista Internacional do Espiritismo» em seu número 8 de 15-9-59, trouxe mais uma colaboração agradável do culto confrade Snr. Arnaldo S. Thiago, «Espiritismo e Política», que tece considerações ponderadas sôbre ilações tiradas de seu sonho ; realmente, quando fala em politicagem nos centros, está de parabens nosso confrade, não digo politicagem apenas nos centros, mas dos espíritas em geral, a politicagem acanalha qualquer indivíduo, como desmoraliza qualquer grupamento espírita que se deixe, inadvertidamente, enroscar-se nela ; é um visco pegajozo, deletério.

Há um tópico no oportuno artigo de nosso respeitável confrade, que diz, mui de perto, à atuação sadia dos espíritas na Política : «verificando o que tem se passado em certos núcleos de atividade religiosa, nos quais a política tem se introduzido subrepticiamente, para concluir de uma vez por tôdas : Espiritismo e política, nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana, são absolutamente incompatíveis. Os que se entregam à politicagem não devem levar a contaminação das suas idéias nefastas para os centros de trabalho espírita, perturbando a vida dessas corporações, alienando a simpatia dos Espíritos Superiores e atraindo os perversos que são os que melhor se coadunam com a esperteza e a miséria das consciências envenenadas pela politicagem». Parabéns, confrade Snr. Arnaldo S. Thiago !

Há, distinto e nobre confrade, outra face da medalha : o alheiamento das coisas públicas, o alheiamento da Política construtiva, da Política Ciência, da Política no seu sentido mais aristotélico possível, já o nome Política, pela semântica da palavra, vemos a que ponto chegou : ninguém mais quer entender o que realmente é Política...

Ao espírita, adepto da libertária Doutrina do Maior dos Libertários, não é possível permanecer à margem dos acontecimentos do mundo atual, mundo em perpétua mudança ; ao espírita a POLÍTICA não pode ser encarada a não ser no seu aspecto construtivo, científico e humano.

O Cristo disse que seriamos a luz do mundo, o sal da terra, a politicagem está obscurecendo consciências, enegrecendo carácteres, denegrindo personalidades, obnubilando raciocínios, a politicagem está putrefazendo indivíduos, degenerando cidadãos úteis à Humanidade, putrificando inexperientes, engangrenando vaidosos ; como espíritas, como cristãos, estamos dentro dessa sentença do Cristo : — vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo.

A Doutrina, como ciência, como filosofia, tem que estudar POLÍTICA, tem que politizar seus adeptos, tem que encarar face à face o problema na conjutura atual do momento que vivemos, não digo que seja possível, no momento, esse trabalho politizante nos centros espíritas, mas devemos fazê-lo pela imprensa.

O espírita também é eleitor, e a «fé pela razão» quanto à crença, o «conhecimento do problema» como eleitor. Do contrário, é o que temos visto, «espíritas» que se candidatam, quando eleitos, se envergonham de serem espíritas...

A POLÍTICA é uma ciência, mas, no mundo atual tem sido um dos maiores fautores de fanáticos, e como fanático não raciocina, há elementos religiosos que se aproveitam da faculdade fanatizante da politicagem para ordenar a seus fiéis votar num determinado candidato que, às econdidas, prometeu subvenções às suas paróquias. Nas últimas eleições os jornais trouxeram notícias de suicídios por essa causa !

O Cristo nunca quís se encostar à sombra de políticos poderosos, os «raposões» da época não tiveram do Mestre o seu beneplácito, bem assim o cidadão romano Paulo de Tarso não foi procurá-los para, sob sua proteção, espalhar a Doutrina do Nazareno ; os primitivos cristãos venceram porque não quiseram adorar Mamon, não quiseram bajular os cesares, mas, antes, venceram porque tinham uma convicção, uma certeza na imperecível Doutrina do Mestre Galileu.

O Cristianismo quando oficializado pelos políticos começou degenerar-se, quando se tornou partícipe dos ágapes dos poderosos começou enfraquecer-se, quando abençôou espadas, quando benzeu canhões, abastardou-se, paganizou-se : morreu !

A POLÍTICA como ciência deve ser estudada pelos espíritas, êstes teem a vacina «anti-fanática», «anti-rábica», que é a norma deixada pelo codificador : tudo submeter à razão, friamente passar tudo no crivo do bom senso.

Como instituirmos no mundo o império da justiça social a não ser por meio das instituições livres, a não ser por meio da POLÍTICA ?

Não foi o Espiritismo arma poderosa, eficiente para colaborar na Abolição ?

Como fazer com que a Humanidade se beneficie dos princípios espiritualistas dinâmicos gravados em leis constitucionais, a não ser por intermédio da Arte de Governar ?

Nós, espíritas, precisamos «espiritualizar», «humanizar» a POLÍTICA, precisamos estudar a POLÍTICA no seu sentido científico, humano, espiritual, «sois a luz do mundo, o sal da terra», a POLÍTICA precisa da colaboração dos espíritas, não para formar mais um partido político que no Brasil surge como cogumelo, temos um dever para com a POLÍTICA, precisamos nos preparar para legislar quando se efetivar o que está programado pelo alto : — «Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho».

Pensamos no contingente que o Espiritismo dá à POLÍTICA com a doutrina da reencarnação, encarada, naturalmente, sob o ponto de vista dinâmico da reencarnação.

Nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana em pura e simples degenerescência, o Espiritismo tem a sua missão a cumprir, tem seu papel para representar, não pode, agora colocar a luz debaixo do alqueire, mas no velador para que a todos ilumine. O Espiritismo traz a vacina que deve imunizar seus adeptos contra a corrupção da politicalha.

O nobre irmão Snr. Arnaldo S. Thiago tem razão quando diz que a política é incompatível com a Doutrina Espírita — quantos centros espíritas não tem sofrido êsse terrível e mortal veneno ! Quantas lágrimas derramadas por mentôres de centros espíritas que viram irmãos chafurdados na politicagem, irmãos que se esquecem da Doutrina Codificada por Allan Kardec : essa política tem dado lado a que espíritos inferiores se apoderem de irmãos nossos fazendo-os gastar mais na política do que no benefício das obras assistenciais dos seus próprios centros ; quantos Guias Espirituais tem se entristecido com a atitude de muitos espíritas metidos na política.

O Brasil está necessitando dos homens da Terceira Revelação, não podemos nos alheiar do que se passa em nossa terra, não podemos nos tornar imbeles nas mãos de qualquer sacripanta político que aparecer, precisamos estudar os problemas brasileiros e internacionais, precisamos estar em dia com o que se passa no mundo, para, quando, um aventureiro quiser falar em politicagem estarmos preparados moral, espiritual e intelectualmente para separar o jôio do trigo ; saber discernir, saber escolher o candidato para ser votado.

A sociedade não concebe marginais do interêsse social, a sociedade repele aquêles que não se interessam pelas atividades normais de uma comunidade; o indivíduo precisa se interessar conscientemente pelo bem comum, já temos uma filosofia cósmica que explica todos os fenômenos da vida, não basta explicar, interpretar, precisa é modificar, mudar, e para isso a nossa filosofia é interpretativa e ao mesmo tempo guia seguro para a transformação, transformação essa que depende de nós, espíritas, preparadores do Brasil, coração do mundo e Pátria do Evangelho; somos instrumentos nas mãos de nossos irmãos Maiores para concretização do ideal sublimado de nossos mentores espirituais.

POLÍTICA ciência, filosofia, essa não é incompatível com o Espiritismo; política, politicagem, essa sim, é incompatível com o Espiritismo, é nefasta, deletéria, destrói centros, leva inimizades aos grupos espíritas, essa precisa e deve ser repelida pelos espíritas.

O veículo da polítização espírita deve ser o jornal, a revista, o rádio; POLÍTICA não partidária, sectária, mas geral, construtiva, esclarecedora, politização que seja uma preparação contra o fanatismo político, vacinação contra a política, a politicagem.

«Ao Evangelho, todavia, não se pode chegar senão por sucessivas aproximações», à Pátria do Evangelho não se pode chegar sem estudo da POLÍTICA, da espiritualização, da moralização dos costumes, da evangelização, enfim; aí, sim, a POLÍTICA pode e deve ser ancila do Espiritismo para implantação das leis na Pátria do Evangelho, no Reino de Deus na Terra.

Mas política, politicagem... Parabéns confrade Snr. Arnaldo S. Thiago, o Snr. tem razão na inferência do seu sonho...

"Incomensuravelmente Pedantes"

CIÊNCIA DIVINA é o livro que contém lições psicografadas pelo professor Pôrto Carreiro Neto, dadas pelo espírito do sábio Jayme Braga, em 1.ª edição, de 5.000 exemplares, saída do prelo da Federação Espírita Brasileira em fins do ano de 1947.

O professor Pôrto Carreiro é um cientista notável; e um médium psicógrafo muito perfeito. O livro trata de questões profundamente científicas de Física transcendental, as quais surpreendem, estarrecem e maravilham o próprio médium, que é emérito catedrático de Física do Colégio Pedro II, do Rio. Êle mesmo o disse, no prefácio, textualmente: «Ao correr-me o lápis no papel, eu mesmo me sentia surprêso, estarrecido, maravilhado; e, ao terminar um período que me fôsse absolutamente novo, não me continha que não exclamasse: assombroso! É que o sábio Guia me inspirava, focalizando problemas sob luz inteiramente nova; aclarava, com efeito, «em espírito e verdade», segundo prometera, questões milenárias ainda em suspenso ou de interpretação que o não satisfazia».

Por êste trecho, pode-se ter uma idéia da profundeza científica do livro. Sua leitura, sobretudo, é útil aos conhecedores das ciências físicas, por isso mesmo.

Citemos uma das primeiras questões abordadas pelo sábio Guia, à pág. 61: «Sabes perfeitamente que, retirada a órbita planetária do átomo, resta ainda o núcleo, chamado na origem «proton», que tem vida própria; e que, subtraído o núcleo, nem por isso a órbita deixa de existir ou lhe falta «alguma coisa», pois também ela tem sua vida independente, desfazendo-se e dispersando-se os «electrons», novos elementos de energia superior. Êsses elementos sub-primitivos não são, pois, indivíduos, embora o seu complemento o seja. Êsse complemento é, também, a fôrça primitiva da Criação, mas de natureza muito diversa da do elemento considerado: por isto pode viver independente do indivíduo, mas não êste sem aquêle».

Como se vê, trata-se de ciência pura, de alta ciência, embora ciência do nosso conhecimento. Mas, há ciência desconhecida da nossa ciência. Por exemplo, à pág· 94, onde Jayme Braga fere e discute um dos pontos mais interessantes da obra — o destino dado à energia «residual», que sobra da formação dos elementos por choques e aglomerações. Conclue êle, à pág. 96, o seu raciocínio, inteiramente novo para nós como para o nosso ilustre colega professor Pôrto Carreiro : «Se, pois, a energia é constante, cumpre compensar-lhe as perdas ; se vai diminuindo, por não aceitar qualquer compensação — que só pode ser do exterior, é necessário dar destino a essas perdas. De qualquer modo, porém, há que haver comunicação com o exterior : seja para alimentação, seja para escoamento. Deve, pois, haver pelo menos dois «universos»; e, se há dois, nada impede que existam inúmeros, pois o raciocínio não pode aí parar.»

Isto é do capítulo XII, capítulo substancial da obra, cujas conclusões ao médium são extranhas, apesar de ser êle um eminente professor de Física.

Não tomaremos mais espaço para continuarmos palidamente a comentar *CIÊNCIA DIVINA*. Vamos encerrar êste comentário que teve o propósito apenas de despertar a atenção dos leitores estudiosos da Física sôbre um livro tão excepcional.

Costumam psêudos sábios dizer que os espíritos só transmitem pelos médiuns os conhecimentos já divulgados e, comumente, rudimentares! Pois, aí temos *CIÊNCIA DIVINA* a dar-lhes a devida resposta.

Para tais sábios, Jayme Braga teve, à pág. 28, referências bem interessantes, assim concluídas : «Sois, na verdade, bem modestos, mas também incomensuravelmente pedantes . . . »

CIÊNCIA DIVINA está mesmo para êles . . .

Aleixo Victor Magaldi

V. Redonda, Fevereiro 1960.

Precisamos Discernir

v. lirenedo

Enunciado do Cristo, dos mais difusos é êste : os últimos serão os primeiros ; significando que muitos obscuros, muitos humilhados dêste mundo estão, no sentido espiritual, mais avançados do que tantos que vemos na fama, na exaltação e glória humanas.

Não queiramos, pois, deturpar o precioso aviso do Cristo fazendo-nos voluntàrimente de criaturas últimas. O sermos últimos por preguiça, vaidade, comodismo e negligência não nos dará dianteira nenhuma em lugar nenhum neste plano físico ou nos planos extrafísicos. Nesse feitio apenas seremos omissos, retardatários, estacionários.

E existem milhares de criaturas que deliberadamente, responsàvelmente se vão fazendo últimas, e às quais a equidade divina não fará primeiras assim por assim... Últimos que tão cedo não poderão ver-se primeiros são os esbanjadores, os injustos, os indiferentes e irresponsáveis, os viciosos e perversos, os maus e delinqüentes. Isto é intuitivo, é lógico, é evidente.

Mas, tantíssimos há que se fazem derradeiros no mérito espiritual por modos menos visíveis, menos reclamísticos. São os que se amoldam pusilânimes às engendrações interesseiras dos homens, ao sectarismo dos homens, sejam êstes da política, da indústria, da teologia. Importante é que não nos façamos últimos e bem últimos por apêgo à tradição pela tradição. Temos nós uma consciência, temos um tremendo dever moral para com nós mesmos, temos um tremendo dever espiritual para com o Criador. Precisamos DISCERNIR. E discernir é o contrário de aceitação gregária, cega.

Irmãos, comecemos hoje mesmo por desentranhar do nosso «eu» o velho homem manhoso, o tradicionalista homem sofismático, o milenar homem recalcitrante, farisaico. Arejemos nossa mente e nosso coração para estarmos mais para o Pai Divino e menos para a terranalidade estagnante do homem. Aviemo-nos prestos a uma compreensão sempre maior de Deus através da fé raciocinada, da fé que vai progressivamente subtraindo o nosso espírito dos tantos artifícios e arbítrios e manejos dos homens. Vamos de boa mente e com urgência para a fé raciocinada para termos a justa medida de nossa humana proporção, fé raciocinada que é o distender mesmo do caminho de claridade do Cristo e de Deus.

Crônica Estrangeira

Uma «corda» parecia unì-lo ao seu corpo abandonado

«Voz Informativa»

O Dr. Wilde sentia-se morrer, como o explica num relato que apresentou à S. P. H., ao notar que saía do seu corpo, com a facilidade de um tubo. As sensações eram agradáveis e, por conseguinte, resolveu consolar os aflitos que rodeavam seu leito. Mas «estavam enganados, contemplando o meu corpo, que não era eu, pois eu não estava ali, mas, fora dêle, e me senti mais vivo do que antes».

Logo saíu para a rua, e começou a elevar-se, enquanto tinha uma espécie de *corda* que o unia ao corpo abandonado. Teve a sensação de estarem falando de um lugar, que interpretou ser o céu.

Mas, logo, uma nuvem escura apareceu ante seus olhos. Seus braços caíram sem fôrça, e a nuvem o cobriu por completo. Perdeu o sentido e, ao despertar, de novo se encontrou em seu corpo, ante a surprêsa dos que antes o choravam, considerando-o morto.

De «Psychic News»

Materialização e médium vistos ao mesmo tempo

De «Two Worlds»

O máximo da sessão foi quando eu vi uma forma materializada completa, de pé ao lado de seu médium em transe.

Êsse dramático acontecimento ocorreu no fim da sessão que durou cinco horas. Durante êsse tempo, materializaram-se sete formas espirituais, três masculinas e quatro femininas.

Também se comunicaram oito espíritos em voz direta, seis homens e duas mulheres, diferentes e com característicos individuais.

Devido às maravilhosas narrativas da mediunidade da Sra. Gladys Mallaburn, procurei um convite para assistir a uma de suas sessões. Os resultados que testemunhei há poucos dias excederam minhas espectativas.

A Sra. Mallaburn não é médium profissional. Essa sessão se realizou em seu centro.

Os fenômenos desafiam qualquer céptico, porque recusam explicações materialistas. A destreza com que a trombêta luminosa, usada para comunicações por vozes, zunia em redor da sala à grande velocidade sem tocar qualquer assistente, era prova da precisão dos espíritos operadores.

Frequentemente a corneta ficava suspensa à meia-altura, quando os comunicantes por ela falavam. Os únicos sons que vinham da médium eram no começo da sessão, nós ouviamos sua estertorosa respiração, ao cair em transe.

Ampla era a prova da sobrevivência. «A morte é a maior aventura de minha vida», disse o ex-sargento da Real Fôrça Aérea, Leslie Hodgson, morto em combate em 1943, falando à sua mãe. Êle descreveu como seu corpo espiritual saiu do avião antes dêste se destroçar no chão.

Explicando como alguns aviadores encontraram morte violenta, êle disse: «Êles clamam e gritam, mas ninguém os ouve». Então vieram palavras de confôrto para sua mãe: «Nós sempre estamos próximos».

Para provar que êle está perto, relatou-lhe detalhes de coisas que ela praticara durante os dias passados, tudo por ela confirmado. Positivamente masculina era a voz de Hodgson.

Pelo modo por que os contrôles manipulavam a corneta, falando através dela e depois se materializando, provaram que eram velhos peritos. E êles conheciam o processo de «elevar as vibrações» de modo a obter melhores resultados.

Assim Violet, uma jovem negra cujas feições eram claramente visíveis ao se materializar provocou grande hilaridade com sua conversa num inglês arrevesado.

Declara um reporter: Ela descreveu com precisão e detalhadamente a minha casa de Londres, não obstante ela nunca a ter visitado. Era realmente a primeira vez que eu e a médium nos encontrámos.

Um comunicante foi Billy Curran, filho de dois conhecidos espiritualistas, que frequentemente assistiam a sessões. O que me impressionou foi a naturalidade da conversa entre o filho «morto» e seus pais. Os que a ouviram se convenceram ficando certos de que o amor vence a morte.

O primeiro a se materializar, foi o marido da médium, John, morto por afogamento, poucos mêses antes. Depois do seu falecimento êle se tornou regular espírito visitante, após se manifestar em uma das sessões de sua mulher, antes de ser localizado seu corpo.

John, oficial graduado, «morreu» quando tentava salvar um engenheiro que se afogava. Em referida sessão, êle exprimiu o seu pesar pelo ato que causou sua morte prematura. «Se eu não me tivesse arriscado», suspirou êle.

Contudo, disse êle, «grande é minha alegria em poder comunicar com minha mulher e família».

Nesse ponto da sessão notei como a temperatura repentinamente baixou, um acontecimento familiar nesse tipo de sessão, como se fôsse desligado um aquecedor.

Outra a se materializar foi Helen Duncan, notável médium de materializações. Nessa ocasião sua mensagem foi evidente, porém de natureza privada.

Então ocorreu o máximo, a materialização de um guia árabe, incumbido de todos os fenômenos. Usando uma placa iluminada, em que estava seu retrato, êle se mostrou a cada assistente. Sua pele escura era claramente visível. Sua voz de homem vinha em altos tons, porém com acento estrangeiro.

Foi êle que entrou no gabinete improvisado e trouxe para a frente a médium em transe, de modo a podermos claramente ver os dois, um ao lado do outro.

Eu tive prova da «solidez» de uma materialização, uma mulher que firmemente apertou meu queixo. Sua mão era quente, sólida e de construção normal. Senti seus dedos delicados.

Observei que as materializações — uma, era o espìrito de primitivo arcedíago — variavam em altura e construção...

A parte da voz direta se realizava no escuro, mas para as materializações, era empregada luz vermelha atenuada.

O espírito de Violet terminou com uma observação séria: «O mais doce cântico de tôda vida é que NÃO HÁ MORTE».

O Fantasma existe

PLYMOUTH, Inglaterra, 26 (UP)— O marinheiro William Hampson, a quem o Almirantado concedeu uma licença de duas semanas para que pudesse «dar um jeito» no fantasma que está martirizando sua espôsa, recebeu promessas do membro da Câmara dos Comuns que representa o seu distrito eleitoral de que fará o possível para solucionar o seu problema.

A espôsa do marinheiro diz que não pode dormir, pois tôdas as noites lhe aparece um fantasma sem cabeça, que repete angustiado: «Betty! Betty! Betty!

A deputada Joan Vickers, que representa o distrito de Plymouth, visitou hoje a espôsa do marinheiro, a Sra. Doroty Hampson, que é mãe de quatro filhos, e lhe prometeu dirigir-se às autoridades correspondentes para que providenciem a mudança da família para outra casa, onde não tenha que viver em tão horripilante situação.

—«Estou convencida da veracidade da história — disse a deputada — pois a Sra. Hampson é uma mulher equilibrada e tenho certeza de que o que disse não é imaginário»

O marinheiro, cuja licença está prestes a expirar, disse o seguinte, ao ser entrevistado:

— «O fantasma existe. Não o vi ainda, porém tive ocasião de experimentar uma sensação pavorosa com o frio da morte!»

Uma das filhas menores do casal disse que certa vez ouviu uma voz estranha que lhe dizia: «Olá, olá!» e a Sra. Hampson explicou que em várias ocasiões, à noite, tem ouvido perto dela uma voz queixosa que lhe chama pelo nome e que sentiu que lhe tiram as cobertas e até uma mão que lhe tocou no ombro.

(Ext. do «Jornal do Comércio», em 27-8-1955.

Espiritismo no Brasil

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Serão reiniciadas no dia 2 de abril as atividades do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, cujo principal objetivo é ministrar cursos regulares da doutrina espírita para o público. A aula de abertura do 3.º ano será realizada no dia 26 de março, sábado, às 17 horas, no auditório do Ministério da Educação. A partir do dia 2 de abril, no horário habitual, das 16 às 18 horas, aos sábados, será observado o seguinte programa de aulas: *Conseqüências do Espiritismo* — (Científicas, filosóficas, religiosas)—*Literatura Espírita*—(Principais vultos e obras, como Delanne, Léon Denis e outros— *História da Filosofia* —(continuação do ano passado) — *História das Religiões*—(Continuação)— Cristianismo — *Elementos de Fisiologia Nervosa* — *Psicologia* — (continuação do ano passado) Psicopatologia—*Noções Gerais de Astronomia*, com referência à «Gênese», de Allan Kardec.

As aulas serão dadas pelos seguintes confrades: Deolindo Amorim, presidente do Instituto; Prof. José Jorge, Prof. Newton de Barros, Cel. Delfino Ferreira, Dr. Túllio Chaves (médico), Dr. Lauro S. Thiago (médico), Dr. Renato Giraux Pinheiro (engenheiro civil). Entrada franca. Endereço provisório do Instituto: Rua dos Andradas 96 — 12.º andar — *Rio de Janeiro.*

Notícias de São Paulo

Reinício dos Serões Espíritas

Estudos e debates semanais no Club dos Jornalistas

Os «serões espíritas» constituem uma tradição do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que há anos os vem realizando em sua sede social à rua São Bento, 21, sobreloja, sempre aos sábados, entre 19 h 30 e às 21 hs. Trata-se de reuniões para estudo da Doutrina Espírita, com livre debate sôbre questões doutrinárias. Dividem-se os serões em duas partes: na primeira que tem a duração de uma hora, faz-se leitura, exposição e debates de um trecho de «O Livro dos Espíritos». Na segunda que dura meia hora, os presentes são convidados a formular questões que a mesa procurará resolver ou porá em discussão. No ano passado, o Club iniciou estudo sistemático de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, fazendo acompanhar a leitura da tradução em português pelo texto original francês, a fim de dar maior autenticidade ao trabalho de interpretação. Êsse estudo, que não pôde ser concluido num ano, está sendo reiniciado agora, com a reabertura dos «serões espíritas», sôb a direção do cronista Irmão Saulo, responsável pela secção «Espiritismo», do DIÁRIO DE SÃO PAULO. A entrada aos «serões» é franca, não havendo nenhuma restrição. Informam-nos do Club dos Jornalistas Espíritas que tôdas as pessoas interessadas no estudo da doutrina espírita podem participar dessas reuniões e dos debates. Advertem, porém, que não há nenhuma finalidade polêmica nas reuniões, que, como o nome indica, devem realizar-se num ambiente familiar, entre pessoas interessadas em esclarecer problemas da doutrina que professam ou pela qual se interessam.

—

Jornalistas Espíritas solidários com os Judeus

A mensagem abaixo foi ontem remetida às organizações judaicas desta capital, bem como ao Consulado de Israel em São Paulo :

«O Club dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, entidade que reune os profissionais de imprensa que professam o Espiritismo, e os militantes da imprensa espírita do Estado, resolveu, em sua primeira reunião da Diretoria eleita para o biênio 1960-61, dirigir-se às instituições representativas da Coletividade Israelita nesta capital, para manifestar-lhes a sua solidariedade em face das tentativas de desencadeamento de nova onda anti-semítica no mundo.

Entendem os Diretores e associados do Club que as duras experiências da última conflagração mundial, seguidas de esforços para nova compreensão da vida, em todos os países, devem ter criado um clima universal inteiramente contrário a essas tentativas retrógradas. O homem contemporâneo compreende, mais do que em qualquer outra época da história, a necessidade de consolidação da consciência humanista, avêssa a tôdas as discriminações humanas.

Não obstante, como os resíduos de doutrinas negativas, já superadas, ainda fermentam no mundo, é necessário que tôdas as fôrças se unam, nos momentos de perigo, para conjurá-los com energia. Como espíritas, herdeiros em linha reta dos ideais judaicos do Deus Único, sentimo-nos feridos com as agressões aos judeus. O Espiritismo constitui, no mundo moderno, uma seqüência histórica da revelação hebraica, na qual mergulha as suas mais profundas raízes.

O codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, apresentou-a ao mundo como a III Revelação, considerando Moisés como o ponto de Partida (I Revelação divina, na linha histórica do Cristianismo : a hebraica), Jesus como o seguimento (II Revelação : a cristã), e os Espíritos do Senhor como os obreiros da conclusão do grande edifício espiritual de origem judaica (III Revelação : a espírita).

Além dêsses vigorosos liames, que particularmente nos unem ao povo de Israel, à sua história e às suas tradições espirituais, lembramos a imensa contribuição dos judeus para a criação de uma consciência espiritual e moral no mundo—fato assinalado pelos mais abalizados estudos históricos e filosóficos, —e consideramos todos os povos atuais ; mesmo os que permanecem fora da área da civilização grego-judeu-cristã, como beneficiários diretos ou indiretos da civilização hebraica. Queremos, pois, transmitir às instituições Israelitas, ao Consulado de Israel, ao Govêrno de Israel e ao seu povo, a certeza da nossa solidariedade efetiva, em tôdas as ocasiões de ressurgimento das incompreensões do passado. — (a. a.) J. Herculano Pires, presidente ; Renato Wasth Rodrigues, secretário».

24-1-60.

Em Matão

Visita do casal Newton Gonçalves de Barros-Leopoldina Machado de Barros

Estiveram nesta cidade, no dia 31 de janeiro, o professor Newton Gonçalves de Barros e sua espôsa d. Leopoldina Machado de Barros, de Nova Iguassú, Estado do Rio, em visita de cordialidade aos espíritas matonenses.

Aproveitando a oportunidade, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», promoveu uma reunião em sua sede, na tarde dêsse dia, na qual o professor

Newton de Barros, pronunciou substancial conferência sôbre a personalidade de Jesus, exaltando a figura do Mestre em todos os aspectos da sua doutrina e de sua ação inegualável.

Numerosos confrades de Matão, São Carlos e outras localidades estiveram presentes empolgando-se pelo brilho e profundidade de conceitos do ilustre e vibrante orador.

A nota sentimental não poderia estar ausente dêsse convívio fraternal, já que os caros visitantes vieram homenagear a memória de Cairbar Schutel, trazendo-nos, ao mesmo tempo, a saudosa recordação de Leopoldo Machado, o denodado apóstolo espírita de Nova Iguassú, nosso estremecido amigo, irmão de d. Leopoldina e cunhado do professor Newton Gonçalves de Barros, aos quais agradecemos de coração a honra e a delicadeza da visita.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 6 de Fevereiro de 1960

À hora regimental profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos. Anuncia, com prazer, a presença dos confrades Abdias Antonio de Oliveira, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, e José Mesquita Neto, presidente da Federação Espírita Sergipana, aos quais fraternalmente saúda. Lida a ATA da reunião anterior, é aprovada pelo plenário. O Presidente comunica ter recebido do presidente da Federação Paranaense, Sr. João Ghignone, confirmação do convite ao Conselho para a reunião em Julho próximo, na cidade de Curitiba, da Confraternização das Sociedades Espíritas daquele Estado. Comunica, a seguir, que a FEB, por Decr. n.º 47.695, assinado pelo Exmo. Sr. Presidente da República, em 21 de Janeiro dêste ano, foi considerada de Utilidade Pública Nacional. Respondendo a uma consulta que lhe foi feita, informa o Presidente que nenhuma informação pode dar das atividades, ditas espíritas, de um senhor que diz praticar operações cirúrgicas, em sua residência, no interior do Estado de Minas, visto que até hoje não lhe chegaram ao conhecimento fatos positivos, devidamente controlados.

Amazonas—O representante, Conselheiro Luiz Montorfano, anuncia a reeleição dos diretores da Federação Amazonense e ressalta o esfôrço dessa Entidade na propaganda da Doutrina, por todo aquêle Estado.

Pará — O Conselheiro Professor Ramiro Gama, depois de ler os nomes dos recem-eleitos para a Diretoria da União Espírita Paraense, refere-se longamente ao trabalho desta, na difusão do Espiritismo no Estado, pela palavra escrita e falada, pela imprensa e pelo rádio, com notável atividade da Mocidade Espírita «Legião do Bem».

Sergipe — Usando da palavra, o Presidente da Federação Sergipana confessa sua satisfação pela atuação do Conselho e deseja sirva ela de espêlho a tôdas as organizações federadas à Casa de Ismael. Agradece a acolhida do Conselho e da FEB.

Paraná — O Conselheiro Coronel Delfino Ferreira apresenta ao Conselho minucioso trabalho que organizou sôbre as entidades existentes na Capital e no interior do Paraná, demonstrando o grande desenvolvimento da Doutrina, especialmente no setor assistencial.

Piauí — Anuncia o representante, Conselheiro Dr. Moacyr Fernandes, o resultado da nova eleição de dirigentes da Federação Piauiense.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães anuncia a próxima fundação, pela União Espírita Cearense, de uma tipografia e uma livraria, para o trabalho de propagação da Doutrina no Estado e fora dêle.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Cap. Tenente Walter Mascarenhas confirma as crescentes atividades da Federação Fluminense nos setores de obras sociais e nas semanas espíritas, com apreciáveis frutos, motivando lisongeiros comentários da imprensa, em todo o Estado.

Goiás — O Conselheiro Almerindo de Castro anuncia a renovação da diretoria da União Espírita Goiana e diz dos êxitos da Entidade no serviço de propaganda e na construção de novas obras sociais.

Rio Grande do Norte — O Presidente da Federação Norte Riograndeнse, agradecendo as atenções do Conselho, manifesta sua alegria ao verificar, ainda uma vez, pessoalmente, o esfôrço e a dedicação dos Srs. Conselheiros no estudo dos mais complexos assuntos que lhe são trazidos a exame.

Às dezesseis horas, feita a prece final, pelo representante do Pará, encerrou o Presidente a reunião.

Em Paranavaí

Na importante cidade de Paranavaí, Est. do Paraná, o Centro Espírita «Bezerra de Menezes», realizou também a sua festa do Natal de 1959, dedicada à criança e aos pobres, a qual encheu de alegria a todos que nela tomaram parte.

Do nosso prezado confrade Roberto Ortega Mora, recebemos duas belas fotografias reproduzindo, expressivamente, o entusiasmo das crianças e da numerosa assistência, que participaram da festa.

Nessa solenidade, que teve a orientá-la os diretores : Antonio Rodrigues, Remira Neves Schalkoski, dr. Sinval Reis, Juiz de Direito da Comarca, Oscar Zamunes, Paulo Schalkoski e Roberto Ortega Mora, 500 crianças receberam presentes, além dos auxílios a numerosas famílias pobres.

Casa Transitória

Segundo convite que recebemos da Federação Espírita do Estado de S. Paulo para assistir ao lançamento da pedra fundamental da *Casa Transitòria,* essa solenidade foi levada a efeito no dia 25 de Jáneiro p. findo, à Avenida Marginal Esquerda do Rio Tietê, n.º 454, na Vila Maria, simpático bairro da Capital do Estado.

A Federação Espírita acha-se empenhada na construção dessa grande obra de assistência social, inspirada na Doutrina que elevou o sentimento do amor ao próximo e de caridade ao mais alto grau da preocupação humana, transferindo para a prática assistencial a demonstração da verdadeira fé religiosa que, no Brasil, se estende por tôda a parte, mercê de Deus, no atendimento de tôdas as necessidades populares, acolhendo a pobreza em asilos, sanatórios, lares infantís, abrigos para a velhice desamparada, além da assistência constante que as organizações espíritas dispensam a necessitados em geral.

A fundação, porém, dessa *Casa Transitória* — é uma realização incomum que fixa, de maneira difinitiva em São Paulo, o valor de uma doutrina e dos homens que a praticam com o pensamento voltado para o bem de tôdas as criaturas, arrojando-se a um cometimento dos mais difíceis, mas, por isso mesmo, dos mais gloriosos.

A fundação, pelo plano que pudemos apreciar, será uma verdadeira cidade de assistência para abrigar, embora transitòriamente, os que se encontrarem ao abandono, sem teto e sem alimento e encaminhá-los a preciso reajustamento social no trabalho, nas escolas ou nos hospitais, conforme a necessidade de cada um.

Mas, para que os leitores possam ter uma idéia exata da grandiosidade da obra, publicaremos oportunamente os esclarecimentos que nos foram enviados com o convite referido.

Dr. Newton José Amantéa

«No dia 15 do corrente, colou grau em Ciências Econômicas, o jovem ituano Newton José Amantéa, pela Faculdade de Ciências Econômicas da Univesidade Mackenzie, da Capital do Estado.

O jovem que se graduou com notável brilho, é filho do sr. tenente-coronel, Fiori Amantéa, estimado oficial da Reserva Remunerada do Exército Nacional, e d. Valéria Tabacchi Amantéa.

O novo graduado é funcionário do Banco do Brasil S/A, na Capital do Estado. Seus estudos foram feitos à custa de seus esforços, e com produto de seu trabalho, o que muito orgulha a seus queridos genitores, e porque não dizer, até à sociedade ituana, à qual pertence.

Enviamos ao jovem diplomando nossos sinceros parabéns com votos de que, pela vida afora, se faça muitas vêzes mais, evidenciar e dar sempre que necessário, o exemplo de como se pode triunfar através do esfôrço bem dirigido.»

De o jornal «ITU» de 25-12-59.

Em Campinas (SP), de 14 a 17 de Abril, a

XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

O que são as Concentrações

As Concentrações de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo são movimento que se realiza há 13 anos consecutivos, tendo por finalidade o estudo e divulgação da doutrina espírita, além da confraternização dos moços e família espírita.

Abrangem as Mocidades dos estados de Goiás, Mato Grosso, Minas e São Paulo, que comparecem às centenas, a fim de participarem de suas atividades, tais como: mesas redondas, concurso de trabalhos doutrinários, de peças teatrais, de músicas, exposição de obras assistenciais, de livros e jornais espíritas, conferências, por renomados oradores, etc.

A XIII em Campinas (SP)

Êste é o conclave que Campinas (SP) estará sediado de 14 a 17 de abril próximo. Reina grande júbilo e expectativa naquela cidade paulista, estando bastante adiantados os preparativos para que os moços espíritas encontrem naquela oportunidade, campo propício às atividades concentracionistas.

Convite às Mocidades Espíritas

É desejo do Conselho Diretor da XIII conseguir a adesão ao movimento de Mocidades que, pertencendo aos estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, ainda não tenham participado destas Concentrações. Convidam-se, pois, essas Mocidades a escreverem ao Conselho Diretor (Rua Irmã Serafina 674, Fone 5713, Campinas, SP) que lhes prestará tôdas as informações solicitadas.

Em Matão

Palestra Espírita

Em visita de fraternidade, estiveram em Matão, no dia 29 de fevereiro, os confrades Angelo Perrone e espôsa d. Izaura Perrone, residentes em Santos, e Alexandre Barbosa e espôsa d. Zoraide Barbosa e Domingos de Marzo, de Araraquara.

Na expectativa dessa visita, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», ambos desta cidade, promoveram trabalho conjunto para a realização de mais uma reunião pública de difusão dos ideiais comuns, a qual teve lugar na séde do Centro, às 20 horas, com assistência concorrida, sendo oradora d. Izaura Perrone, professôra das mais distintas e cultas, proferindo substanciosa palestra evangélica, que foi calorosamente aplaudida.

A visita dos estimados companheiros, despertou o antigo entusiasmo dos espíritas matonenses pelas palpitantes sessões de propaganda da Doutrina, relembrando os tempos de Cairbar Schutel e sua atividade sem par.

Aliás, a oradora, d. Izaura Perrone, com sua palavra espontânea, sem artifícios de linguagem, mas de objetividade convincente, palavra simples e de fácil compreensão, debatendo, em profundidade, linda parábola dos ensinos de Jesus, num estilo oratório muito parecido com a maneira de Cairbar Schutel pregar o Evangelho, focalizou a figura do nosso grande amigo e mestre, dizendo-se sua discípula e evocando seus livros e seus feitos, recordando a sua vida e sensibilizando a quantos ouviram a palestra.

A oradora falou sôbre a parábola das dez virgens, às prudentes e as néscias, fazendo afirmações e tirando conclusões seguras, convidando, ao terminar, os presentes a proverem de azeite as suas candêias, — para poderem, assim, acendê-las, exclamando, textualmente: «E, portanto, irmãos, acendamos nossa luz».

Médicos Espíritas

Entre os doutorandos que colaram grau pela Faculdade de Medicina da U. R. G. S., no dia 19 de Dezembro do ano recem-findo, constavam: — doutoranda Céo Paranhos de Lima, doutorandos Emir Reges Scherer Hausen, Geraldo Figueira Reggieri, doutoranda Gessy Winkler da Costa, doutorandos Nelson Lemos e Osmar Augusto Horbe.

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul prestou a êsses jovens e ilustres confrades uma linda e justa homenagem, às 15 horas dêsse dia, no salão de conferências do Instituto de Belas Artes.

De «A Luz de Damasco», de Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 100,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3634unse

no XXXVI - Brasil - E. S. Paulo-Matão, 15 de Abril-Maio de 1960-N. 3-4

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec — (O término de sua Missão) . . . . *Redação*
Doutrina Cruel . . . . *Mário Cavalcanti de Mello*
A Fé sem Obras é Morta . . . . *Carlos Imbassahy*
Cairbar está presente... e se interessa ! *Mac Maynard*
Restabelecendo o equilíbrio nas relações Corpo-Espírito . . . . . *Irmão Saulo*
Maravilhas do Século Vinte ! . . . *Arnaldo S. Thiago*
A Reencarnação e o silêncio de alguns homens de ciência . . . . *Deolindo Amorim*
A Ciência e o Suicídio da Humanidade *Antonio Domiciano P. Junior*
Das Leis Penais e Espirituais . . *Domério de Oliveira*
Mas o Mundo Melhorará . . . . *v. lirenedo*
Ubiqüidade e Bilocação . . . . . *Dr. Giuseppe M. Minardi*
Hipnotismo e Espiritismo . . . . *V. O. Casella*
No Roteiro de Jesus . . . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 100,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXVI —E. S. Paulo— Matão, 15 de Abril-Maio de 1960 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Allan Kardec - O término de sua Missão

A vontade de sondar o ignoto obsediava os homens. Havia desejo de conhecimentos. As leis ocultas deveriam ser reveladas. Pesquisavam-se manuscritos, rebuscavam-se papiros, interrogava-se a natureza em seus elementos, para cada vez mais enriquecer o patrimônio do saber humano.

ALLAN KARDEC

Foi na metade do século passado, quando o materialismo parecia ter-se firmado em rocha indestrutível, que surgiu a manifestação dos fenômenos psíquicos no seio da família Fox, na modesta aldeia de Hydesville, Estados Unidos, alarmada com as entidades espirituais. Mas essas manifestações tinham o propósito de revelar ao mundo a mais brilhante página da espiritualidade, que a experiência e a acuidade não lograram atingir.

Os fatos psíquicos ali revelados foram a base de fenômenos assombrosos que mais adiante iriam irradiar para todos os recantos do mundo, agitando povos, convulcionando as ciências, derruindo preconceitos, redimindo a moral combalida e arregimentando conhecimentos das Verdades eternas, ainda mescladas ao empirismo religioso da época.

A sociedade premia os cérebros dos sábios, uma interrogação constante se abria à face da ciência.

A França estava fadada a doar à humanidade um grande Missionário. Êste compreendeu logo a gravidade da tarefa que ia empreender, pois descobriu nesses fenômenos a chave do problema, tão obscuro e contravertido. Recebeu nessas manifestações a idéia de uma revolução completa nas crenças do mundo.

Efetivamente, as manifestações psíquicas só tem o fim de demonstrar a imortalidade.

Allan Kardec fêz suas experiências através de inteligências comunicantes, por meio de perguntas e respostas, obtendo, por êsse meio, todo o material necessário para escrever suas obras.

Foi depois das provas por êle colhidas que se dedicou à tarefa de coligir e codificar os Ensinos dos Espíritos. Em seguida fundou a Sociedade de Estudos Psíquicos, publicou «La Revue Spirite», isto após dar à lume suas instrutivas obras: *Livro dos Espíritos*, *Livro dos Médiuns*, *Evangelho Segundo o Espiritismo*, *Céu e Inferno* e *Gênese*, livros êsses publicados em edições sucessivas e traduzidas em todos os idiomas.

Allan Kardec proclamou o princípio das vidas sucessivas e dos mundos habitados, como meios de conquistar a Felicidade Eterna. A alma possui individualidade antes de se encarnar e conserva essa mesma individualidade ao separar-se do corpo carnal.

Durante todo tempo de exercício da nobre missão, o mestre foi incansável na difusão da Doutrina. Não só se dedicou à publicação de livros e revistas, mas visitava cidades, fazia conferências, incitando os ouvintes ao estudo e experimentação.

Mas chega o fim de sua atual missão, a 31 de Março de 1869, ao desprender-se do corpo físico. Todos os jornais da época se ocuparam do desencarne de Allan Kardec. Eis a título de recordação, o que a seu respeito escreveu o sr. Pagés de Noiyez, no «*Jornal de París*», a 3/4/1869:

«Aquêle que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, desencarnou aos 65 anos de idade.

«Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio dessa sala de sessões que há tantos anos êle presidia; vimo-lo com o semblante calmo, como se extinguem aquêles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo de pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela certeza da imortalidade da alma, inúmeros discípulos, tinham vindo lançar um último olhar àqueles lábios descorados que, ainda na véspera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam, já, a consolação de além túmulo: o espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além túmulo, tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estilo é o homem», aquêles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita».

DOUTRINA CRUEL

MÁRIO CAVALCANTI DE MELLO

III

Quem quer que haja lido os nossos dois primeiros artigos, deve ter verificado o espírito de intolerância que orientou a Igreja romana em todos os tempos.

Mas, naturalmente, indagarão os leitores: onde foi a Igreja inspirar-se para ser sempre a mesma em matéria de intolerância? Para assim proceder deve haver uma razão muito forte e esta razão existe: o Antigo Testamento. O Deus dos judeus passou a ser o Deus dos católicos.

Ninguém ignora as qualidades negativas do Jeová da Bíblia. Ninguém, melhor que Kardec pintou o retrato do deus de Abraão, de Isaque, de Jacó. Um deus terrível, ciumento, vingativo, sanguinário, um deus cruel e implacável que rega a terra com sangue humano, que ordena a tortura e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos; que castiga aquêles que poupam as vítimas; que pune um povo inteiro pela falta de um chefe; que se vinga do culpado na pessoa do inocente; que fere os filhos pelas faltas dos pais; o deus de um povo privilegiado; o deus dos exércitos, que preside a combates, para sustentar a sua própria causa contra o deus dos outros povos; um deus que recompensa e pune só pelos bens da terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura; o deus que faz da vingança uma virtude e ordena retribuir ôlho por ôlho, dente por dente...

Eis aí, caros leitores, o retrato da intolerância da Igreja romana.

Êste Jeová, o deus dos católicos, dos judeus e de alguns espíritas, é o mesmo que um dia promulgou êste horrível decreto:

> «*Quando te incitar teu irmão, filho da tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher de teu seio, ou teu amigo que te é como tua alma, dizendo-te em segrêdo: Vamos e sirvamos a outros deuses que não conheceste,*

nem tu nem teus pais; dentre os deuses dos povos que estão em redor de vós, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da Terra até a outra extremidade; não consentirás com êle, nem ouvirás, nem o teu ôlho o poupará, nem terás piedade dêle, nem o esconderás; mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra êle, para o matar, e depois a mão de todo o povo; e com pedras o apedrejarás, até que morra, pois te procurou apartar de Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Quando ouvires dizer de alguma das tuas cidades que o Senhor teu Deus te dá, para ali habitar: uns homens filhos de Belial, sairam do meio de ti, que incitaram os moradores de sua cidade, dizendo: Vamos e sirvamos a outros deuses que não conhecestes; então inquirirás da verdade e certo, que se fêz uma tal abominação no meio de ti, então certamente ferirás ao fio da espada os moradores daquela cidade, destruindo ao fio da espada a ela e a tudo o que nela houver, até os animais; E ajuntarás todo o seu despôjo no meio de sua praça; e a cidade e todo o seu despojo queimarás totalmente para o Senhor teu Deus, e será montão perpétuo; nunca mais se edificará». (Deut. XIII, 6 a 16).

Poderiamos arrolar fatos, para demonstrar como, na ocasião oportuna, eram observadas essas prescrições. Mostraremos um ou dois.

«Jeová, por intermédio do profeta Elizeu, escolheu e sagrou Jehu, para ser em Samaria, o executor de suas vinganças contra a casa de Acab e os adoradores de Baal. «Eu te ungi rei de Israel, disse o profeta, e extinguirás tôda a casa de Acab teu amo, e vingarás o sangue dos profetas, meus servidores». Jehu acabara de cumprir a primeira parte de sua missão. — «Fêz em seguida reunir todo o povo e lhe disse: Acab deu pequeno culto a Baal; mas eu lhe tributarei maior culto. Que me façam, pois, vir a mim todos os profetas de Baal, todos os seus ministros e todos os seus sacerdotes; que não falte um único, pois quero fazer um grande sacrifício a Baal. O que não se encontrar aqui será punido de morte. Ora, isto era uma peça que Jehu pregava aos adoradores de Baal para exterminá-los... Êle disse: que se anuncie uma festa solene em honra de Baal. E enviou a chamá-los por todos os limites de Israel, e vieram todos os servos de Baal, não ficou nenhum só que não viesse. E entraram no templo de Baal; e encheu se a casa de Baal de princípio até o fim. E tendo entrado Jehu no templo de Baal, disse a seus adoradores: Examinai e vêde bem não esteja entre vós alguns dos ministros do Senhor, mas que estejam sómente os servos de Baal. Entraram êles pois para oferecerem as suas vítimas, e os seus holocaustos. Jehu porém tinha prontos da parte de fora oitenta homens, e tinha-lhes dito: Se escapar um só homem dêstes que eu vos entregar às mãos, a vossa vida me será responsável pela sua. E aconteceu que oferecido o holocausto, ordenou Jehu a seus soldados e oficiais: Entrai, e matai nêles, não escape nenhum. E os soldados e os capitães os passaram a fio-de-espada, e os lançaram fora; e foram à cidade do templo de Baal, e tiraram do templo a estátua de Baal, e em lugar dêle fizeram umas latrinas que ainda hoje persistem. Dêste modo Jehu aboliu Baal de Israel; mas êle não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabá, que fêz pecar a Irsael, nem abandonou os novilhos de ouro, que estavam em Bethel, e em Dan. Disse, pois, o Senhor a Jehu: Porque tu cumpriste rigorosamente o que era justo, e agradável aos meus olhos... teus filhos se assentarão no trono de Israel até a quarta geração». (IV Reis, c. X)

Elias, aquela figura venerável, que subiu aos céus em um carro de fogo, um dos profetas mais prestigiados pela cristandade, degolou, êle mesmo, no ribeiro de Kison, os seus colegas de Baal. Porque? Porque a religião dos adeptos de Baal não era a de Jeová.

Desta forma, não podemos negar coerência a uma religião que segue as prescrições de seu Deus. O que são os heréticos? São indivíduos que professam doutrinas condenadas pela Igreja católica. E o que ordenava Jeová que se fizesse com os heréticos de sua doutrina? Aquilo que Elizeu ordenou que Jehu fizesse e que o profeta Elias, êle mesmo, pôs em prática, degolando os profetas de Baal, por pertencerem a uma religião diversa da sua. Assim sendo, são coerentes os católicos quando põem em prática os conselhos do deus dos judeus. Quando se aceita um Deus é porque nós o julgamos digno de imitação sob todos os aspectos. O que não é absolutamente coerente é o fato de homens, em pleno século XX, quando se ensaiam viagens planetárias ou inter-planetárias, aceitarem o deus de um povo selvagem, de um povo sem nenhuma instrução; um deus ignorante, faccioso, ciumento e dono dos piores defeitos humanos. De um deus desta natureza, só podiam partir exemplos degradantes. O verdadeiro Deus certamente não se ocuparia em ordenar trucidamentos para os que não lêssem por esta ou aquela cartilha religiosa. O verdadeiro Deus é um Deus infinito em suas qualidades; é um Deus de justiça, de amor e de perdão. Triste é dizer que não são apenas católicos e protestantes que aceitam como deus tão feroz potestade.

Infelizmente os Evangelhos têm sido interpretados de mil maneiras, por isso, o clero pensa apoiar-se em ensinamentos do Novo Testamento, afirmando que estes confirmam os do Antigo. E passam a citar Mateus e Lucas.

> *«Não julgueis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer-lhe paz, mas espada;*
>
> *«Porque vim a separar o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra;*
>
> *«E os inimigos do homem serão os de sua própria casa».*
>
> *(Mat. X, 34 a 36 — Luc., XII, 51 a 53).*

Foi o Cristo que disse:

> *«O que não é comigo, é contra mim. (Mat., XII, 30 — Luc., XI, 23).*

E' ainda o Cristo que afirma:

> *«E se os não ouvir, dize-o à Igreja, e se não ouvir a Igreja, temno por um gentio ou publicano». (Mat. XVIII, 17).*

O que significa um objeto desprezível e odioso.

Em Mateus, VII, 19, lê-se:

> *«Tôda árvore que não dá bom fruto será cortada e metida no fogo».*

Fazemos de Jesus o mais elevado dos conceitos, temos por êle a maior admiração e o maior respeito, razão que nos impede de crer que êste luminar da humanidade seja possuidor de baixos sentimentos e capaz de cair em contradições grosseiras. Se o grande missionário pronunciou as palavras acima enunciamos, não teria sido, certamente, no sentido que a Igreja romana lhe pretende dar. Como é possível que o doce rabí da Galiléia haja emprestado sentido tão cruel às suas expressões, quando os Evangelhos afirmam que que são dêle também estas palavras?

> *«Mas, se vós soubesseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenarieis os inocentes». (Mat., XII, 7).*

E ainda estas:

> *«Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; Mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro». (Mat. XIII, 30).*

Às palavras de intolerância de seus discípulos, o Mestre respondeu censurando-os:

> *«Jesus, porém, disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milágres em meu nome e possa logo falar mal de mim».*
>
> *«Porque quem não é contra nós é por nós». (Marc, IX, 39,40 — Luc., IX, 50)*

Vejamos esta outra passagem:

> *«E os seus discípulos Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do Céu e os consuma, como Elias também o fêz?»*
>
> *«Voltando-se porém, repreendeu-*

os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois».

«Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia».

(Luc., IX, 54 a 56).

Consultemos o Evangelho de João:

«E, se alguém ouvir as minhas palavras, e não crer, eu não o julgo: porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo».

Como se observa, há uma flagrante contradição nos Evangelhos se dermos às primeiras citações a interpretação que a Igreja oferece. Como é que não se achando Jesus no direito de julgar os homens e sim salvá-los, quer a Igreja possuir o de vida e de morte daqueles que não crêem em seus ensinamentos?

Há, assim, uma interpretação errônea nos Evangelhos, ou Jesus não pronunciou aquelas palavras de intolerância. O Mestre não seria capaz de consentir, na época em que a Igreja tinha liberdade de matar, que se atirasse viva à fogueira uma criatura humana.

O que fez êle com a mulher adúltera, perseguida pela maldade dos ancestrais do clero romano, que a queriam apedrejar? Perdoou-a e aconselhou-a a não mais pecar, e apontou um a um, escrevendo na areia, os pecados dos que a acusavam. Assim, teria procedido êle para com os pobres e infelizes judeus, vítimas da sanha assassina dos adoradores do Jeová da Bíblia.

Jesus ensinou sempre a reforma íntima do homem e para desmentir tudo o que se inventaria em seu nome, êle disse:

«Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma e de todo o teu pensamento».

«Êste é o primeiro e grande mandamento.

«E o segundo, semelhante a êste, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo.

«Dêstes dois mandamentos depende tôda a lei e os profetas».

Como é possível amar a nosso próximo, enviando-o à fogueira, confiscando-lhe os bens? Se houve profetas que mataram por ódio, êstes profetas, segundo as próprias palavras atribuidas a Cristo, estavam fóra de lei.

E se Jesus disse: *«A cada um segundo suas obras»*, é porque êle não se preocupava com o modo dos homens adorarem a Deus. O que êle queria é que os homens fossem bons e aí vai a última prova:

«Quem me rejeitar a mim, e NÃO RECEBER AS MINHAS PALAVRAS, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, ESSA O HÁ DE JULGAR NO ÚLTIMO DIA». (Jo., XII, 48).

Que Deus misericordioso e justo afaste de nós esta doutrina cruel e nos auxilie a que amemos o nosso pròximo cada vez mais. E que a humanidade possa fazer do Criador um juizo melhor do que aquêle que as religiões ministram.

* * *

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	250,00	Ano de	1945	cr$.	200,00	Ano de	1953	cr$.	200,00
» »	1928	»	250,00	» »	1946	»	200,00	» »	1954	»	200,00
» »	1929	»	250,00	» »	1947	»	200,00	» »	1955	»	200,00
» »	1930	»	250.00	» »	1948	»	200.00	» »	1956	»	200,00
» »	1937	»	250.00	» »	1949	»	200,00	» »	1957	»	200,00
» »	1942	»	250,00	» »	1950	»	200,00	» »	1958	»	200,00
» »	1943	»	200,00	» »	1951	»	200,00	» »	1959	»	200,00
» »	1944	»	200,00	» »	1952	»	200,00				

A Fé sem Obras é Morta

II

FELIPE II

Felipe estava de posse de um vasto Estado, uma terrível armada, um exército experimentado, um povo submisso.

Quem não o olhava com simpatia era o Papa Caraffa, um asceta, diziam, mas que tinha à mesa vinte e cinco pratos e os melhores vinhos. Era inimigo de espanhóis e espanholadas.

Por questões políticas, Felipe casara com Isabel de Portugal; viúvo, esposara Maria Tudor, filha de Henrique VIII, e a Inglaterra volta assim ao Catolicismo. Espera-se uma criança do consórcio ; há animação e festas, mas, em vez da criança viu-se que a raínha estava com hidropisia.

Paulo IV exige a devolução de Nápoles, de que era vice-rei o Duque d'Alba. O rei, em dúvida sôbre se podia contrariar um Papa, consulta os teólogos de Salamanca. Os teólogos opinam pela afirmativa.

Alba envia uma mensagem ao Papa e êste manda torturar o infeliz mensageiro. À vista disso Alba ataca ; há combates, mortes e saques, em que o Duque sai vitorioso. Mas como se trata da Santa Sé, o vitorioso Duque concede um armistício. Não se contenta o Papa e quer que êle lhe peça perdão. O Duque hesita, mas, forçado pelo Rei não tem outro jeito senão ajoelhar-se diante de Sua Santidade.

Em luta com os francêses Felipe, logo no princípio de seu govêrno, vence-os, prende Montmorency e deixa no campo dez mil inimigos mortos.

Tomada a cidade defendida por Coligny, a soldadesca entrega-se à matança e à rapinagem. Felipe intervém, entretanto, para que nada aconteça a igrejas, mosteiros, sacerdotes e relíquias. Os religiosos tinham para êle um valor inestimável. O mais era matar à vontade ; quando muito, mandou apagar os incêndios.

Ainda não dormira sôbre os louros, quando os francêses tomam Calais. Insiste êle para que os inglêses a retomem, mas êstes, displicentes, fecham os ouvidos. Notícia muito pior lhe chega, a de que havia luteranos em Valadolid ; conseguiram até descobrir livros heréticos em tonéis com fundo falso.

O rei ficou transido de horror. Tomou as mais enérgicas medidas e era tal a sua excitação, que lhe passou despercebida a morte de Maria Tudor.

Em 1759 faz-se a paz entre a Espanha e a França e para que a Inglaterra continuasse católica, pede êle a mão de Elisabeth. Esta, porém, recusa o honroso pedido, e êle, para não perder tempo, casa com uma jovem de 14 anos, Isabel de Valois, filha de Henrique II e da célebre Catarina de Médicis, autora ou co-autora no morticínio dos Huguenotes.

De volta à Espanha, a frota em que viajava Felipe, sofreu uma tempestade. Houve muitas rezas, o que não impediu que muitos navios fôssem a pique, com êles grandes tesouros e a coroa imperial. Salvou-se, porém, a cabeça que a sustinha.

O rei chega e se mostra, além de filho obediente, digno rebento de tal fronde. Assim nos conta o piedoso historiador Reinhold Schneider :

> *«Felipe não deixa dúvidas aos «inimigos da religião» quanto às suas intenções. São as piores.*
>
> *«Logo após sua chegada a Valadolid, 8 de abril de 1559, faz instaurar um tribunal da Inquisição. Para comêço três luteranos foram queimados vivos».*

E o historiador acrescenta, para mostrar a bondade do monarca :

> *«Sòmente em quatro autos de fé o pesquisador mais cuidadoso da vida de Felipe pôde verificar a presença do rei».*

Sòmente em quatro. Que coração de homem! Faleceu de ânimo para ver pernearem os outros que torravam por ordem dêle.

É todo coração e amor. A um condenado que pede clemência, exclama :

—Eu traria a lenha para queimar o meu próprio filho se fôsse como tu!

Granada tinha caído. Mas ainda havia ali costumes mouriscos. Era preciso acabar com aquilo. E começaram as proibições, inclúsive o uso do véu pelas mulheres. Levantavam-se os mouros ; há combates terríveis, há crueldades. E vai o rei expulsa a mourama, proibe o uso do idiomà, despoja-os, toma-lhes os bens. Com a fogueira de um lado, a expulsão do outro, a Espanha despovoa-se e empobrece. Êle não vê nada disso.

A frota turca ameaça a Cristandade. Pio V apela para Felipe. Êste prepara uma esquadra e a confia ao mais jovem almirante, seu irmão bastardo João d'Áustria, que tinha 23 anos. Trava-se a batalha naval de Lepanto onde os turcos são fragorosamente derrotados, vendo-se espetada numa lança a cabeça do seu comandante Ali Pachá. Cem naus são afundadas; cento e trinta aprisionadas.

Felipe recebe a notícia ao ouvir missa e manda celebrar um Te-Deum.

* * *

Êsse rei, fanático e cruel, teve vários apologistas. Viam nêle um homem humilde: quando uma jovem ia subindo os degraus do altar, disse : — *Ni vos ni yo no habemos de subir donde van los sacerdotes.*

A êste soberano humilde, taciturno, comedido, sem ódios e vinganças, de voz baixa, cognominado *El Prudente,* ninguém ousava contrariar.

A essa personificação da brandura quem não obedecesse cegamente ia para o cárcere ou para a fôrca. Seu velho amigo, d'Alva, destemido servidor, quase servil, porque não lhe cumpriu determinada ordem, foi para a prisão.

Todos tremiam diante dêle, e só falavam diante dêle ajoelhados, mas se encontrava um padre, logo tirava o chapéu e o acompanhava à igreja.

É sereno : vê queimar os hereges e não se lhe nota a menor comoção. Faz gôsto ter um rei assim tranqüilo.

Casou quatro vêzes, sem já falar numa Isabel de Osório, de quem o virtuoso imperador teve quatro filhos e a quem mandou acabar os dias num convento.

O herdeiro do trôno é o filho Carlos, enfermiço e mau. Quando criança matava as amas, mordendo-lhes os seios. Adolescente, assava vivos os animais.

Parece, por fim, que quer matar o pai e é encarcerado. Borbulhava-lhe nas veias o sangue real.

* * *

Felipe manda construir o imponente palácio do Escorial. Faz-se a mudança. Na ocasião de transportar a Eucaristia, o rei e o infante carregam o pálio. Na Quinta Feira Santa há uma grande cerimônia : São convidados à mesa real 13 velhos ; Felipe ajoelha-se e lava-lhes os pés; sobrinhos seguram a bacia e a toalha. Depois êle mesmo serve a refeição. Confundia-se com Jesus Cristo. Que de epinícios provocou êsse maravilhoso gesto !

* * *

Um edito de Carlos V, de 25 de setembro de 1550, mostrava o ansioso desejo daquele rei de exterminar a heresia na Holanda. Assim dizia o edito :

Pelo sabre e pelo fogo devem expirar os que venderem livros heréticos, os que os adquirirem ou copiarem, os que fizerem pinturas, os que profanarem ou destruirem imagens, os que disputarem sôbre a Escritura Sagrada, ou a negarem, os que derem asilo a hereges ; a simples suspeita bastaria a afastar o indivíduo de qualquer função ; e ainda que fizesse penitência, seria excluido da vida civil. Haveria confiscação para o herege, e o denunciante teria a metade dos bens confiscados.

Como é de ver, não faltavam as denúncias e os denunciantes pululavam ; os ricos, ou os simplesmente remediados, andavam em contínuos sobressaltos.

Era proibido suavizar as penas, que deveriam ser inflexíveis ; testamento de herege era nulo ; quem tivesse piedade ou intercedesse por um denunciado, incidiria nas mesmas penas e castigos. Estava, pois, o cidadão à mercê de inimigos, invejosos, ambiciosos, malévolos, com a espada de Dâmocles sempre à cabeça e a do poder público ao pescoço.

Havia uma lei contra os anti-papistas, que morreriam pela fogueira. Não se diga o Imperador fôsse tão ruim que os não pudesse agraciar.

Muitas medidas denunciavam o caráter benévolo daqueles crentes, mostrando-nos o milagre da fé: Assim, se o herético abjurasse em meio das chamas, era delas piedosamente retirado, e logo que abrandassem as queimaduras, e se a elas sobrevivesse, sendo homem, seria morto a sabre, e se fôsse mulher era enterrada viva.

Isto seria tomada como uma pilhéria de mau gôsto, se a História não o registrasse; se não nô-lo contassem os mais conspícuos historiadores. Di-lo o próprio Reinhold Schneider (Felipe II) cheio sempre de alta poesia e boas palavras para com os seráficos monarcas espanhóis.

Em 1552 Carlos V incumbira Van der Hulst de descobrir hereges, assim como quem farisca pedras preciosas, e não lhes dar quartel; dêles podia fazer o que quisesse. Do banimento à fogueira tinha carta branca, que êle podia tornar vermelha à vontade.

Adriano VI fê-lo Inquisidor em tôda a Holanda, mas o seu rigor e a sua fé não puderam ser amplamente patenteados, porque uma rebelião o pôs a correr. Foram então nomeados três inquisidores de pernas firmes, que um só já não dava conta do recado.

Chegou Felipe. Êste se espantava de que as medidas extremas não conseguissem liquidar a heresia, e ainda, que fôsse mal vista a Inquisição, quando ela tinha por fim salvar a alma dos infelizes. Era ela a apontar-lhes o Paraíso e êles a virarem-lhe a cara.

Felipe manteve as atrocidades paternas; confirmou o edito de 1550 e declarou que deveria êle ser observado com o máximo empenho, sem consideração com quem quer fôsse, sem contemplação de espécie alguma. Os juízes benevolentes deveriam ser atingidos pela lei; todos eram obrigados a sentir-se tomados do ardor e da ferocidade real. Coração brando seria um ultrage a Deus, mesmo porque, lá estava na Bíblia que Deus tornava duro os corações. Os que não endurecessem, portanto, eram corações rebeldes.

E declarava-se por fim: — Os escrúpulos devem ser banidos; são ordens do rei; cumprem-se.

Um sinal qualquer de comiseração era sintoma seguro de que o demônio estava tomando conta do sujeito, e uma boa peça se lhe pregava fazendo-o sair aos pinchos do corpo do energúmeno, ao crepitar da pira salvadora.

CARLOS IMBASSAHY

Cairbar está presente... e se interessa!

Mac Maynard

O grande apóstolo de Matão, Cairbar, não atuou apenas no sentido de propagação da Doutrina Espírita, do amparo aos pobres, das conferências doutrinárias ou de simples publicação de artigos doutrinários, pròpriamente ditos, em revistas e jornais; Cairbar se interessou, e muito, pela cultura de modo geral, e, no seu caráter impoluto não havia abrigo para idéias liberticidas: era visceralmente amante da Liberdade.

Quando a liberal Constituição de 1891 fôra rasgada, quando fôrças clero-reacionárias se movimentavam para sufocar o anseio de liberdade do povo, um homem desabusado, intemerato se levantou, um homem que não tinha mêdo de caretas e arreganhos, êsse HOMEM foi o grande Cairbar: a Coligação Pró-Estado Leigo teve nêle um apóstolo consciente.

A Doutrina que Cairbar pregava e vivia era uma doutrina libertária, se Cairbar se calasse as pedras clamariam: mas Cairbar não se calou, evidentemente.

Na Câmara Federal está em discussão «Diretrizes e Bases da Educação» e um deputado apresentou substitutivo que despersonifica a cultura brasileira, substitutivo êsse que, se aprovado, a laicidade do ensino brasileiro torna-se coisa morta.

Cairbar nos ensinou que Espiritismo não é fazer sessões práticas, que Espiritismo não é apenas doutrinação evangélica com desconhecimento do que vai pelo mundo, e, ensinou pela prática, pelo exemplo, pela coragem, pela cultura posta a serviço da Causa : pela sua vida—Espiritismo é doutrina completa, é doutrina de vivência, tudo que diz respeito ao homem aí deve estar o Espiritismo atuante, presente.

Cairbar não está deitado em coxins de nuvens, Cairbar está presente, interessado nos problemas brasileiros de cultura ; quando encarnado não media esforços para sair de seus arraiais para ir lutar fora em pról da Coligação Pró-Estado Leigo ; Cairbar está presente em seu Jornal, na sua Revista, está atuante nas páginas de seus livros ; não, Cairbar é contra o ensino confessional, Cairbar é contra porque pregou a Liberdade, viveu pela Liberdade de Consciência.

Se o projeto «Diretrizes e Bases da Educação» trouxer em seu bôjo a morte do laicismo, será um retrocesso escandaloso para nossa cultura. Os espíritas não podem se desinteressar pelo magno assunto, a nossa Doutrina é por excelência libertária, não pode se acomodar com semelhante atitude de legisladores que são pró «embutimento de ensino de catecismo» no crânio de nossas crianças.

Lembremo-nos da atuação de Cairbar na Coligação Pró-Estado Leigo, êsse exemplo deve ser revivido pelos espíritas conscientes de sua Doutrina, precisamos lutar contra a tendência do ensino confessional em nossa terra ; sòmente num clima de liberdade que a cultura pode se desenvolver e dar seus frutos ; o ambiente de liberdade tem que ser criado e mantido pelos homens livres, lutemos pela liberdade de ensino, façamos como fez Cairbar na Coligação Pró-Estado Leigo, despertar os que dormem.

Quando está sendo jogada a sorte do Ensino Leigo os espíritas não podem estar ausentes, não podem estar dormindo, vamos agitar, «agitar britânicamente» como dizia Ruy, é um problema que precisa ser encarado de frente, está em jôgo a liberdade de consciência de nossos filhos.

LIBERDADE é uma ilação da doutrina dos Espíritos, como poderíamos nós pregar essa Doutrina sem ser no meio livre de preconceitos, de tabus, de «susceptibilidades» sociais ?

Não é só para a propagação da Doutrina Espírita no seu sentido evangélico, mais ainda, no seu sentido filosófico e científico. Haja vista o que se tem passado no ensino nos Estados Unidos onde os «medievais» estão impingindo censuras absurdas no próprio ensino médico !

Espiritismo não é ciência de ficção, não é história em quadrinhos, é coisa séria, precisa ser tratado com seriedade. Se desde o curso primário nossas crianças forem *alimentadas* com ficções, com histórias da carochinha, que podemos esperar do futuro ?

O próprio curriculum do ensino secundário entre nós cheira muito a jesuitismo, timbra pela memorização de tudo !

Se há uma doutrina que exige pensamento, reflexão, análise, é o Espiritismo, e como conseguir da criança formação cultural básica para pensar livremente ? Ensino laico, eis a resposta.

A questão de liberdade de ensino é vital para o Espiritismo, sendo um assunto assim de vital importância para a Doutrina, Cairbar está presente... e se interessa !

O trabalho do Espiritismo é essencialmente educacional em tôdas as necessidades da criatura em sua evolução para a perfeição. O desenvolvimento das virtudes ativas e da inteligência, a faculdade de percepção das coisas ou de penetração, enfim, tudo quanto distingue o homem pelo seu saber e dotes de coração tem como alicerce a educação. Portanto, o estudo do Espiritismo a começar de suas obras fundamentais, deve ser o primeiro passo a dar pelos que desejam ser cristãos de verdade.

— CAIRBAR —

Restabelecendo o equilíbrio nas relações Corpo-Espírito

Entre duas formas de exagêro, a compreensão espírita — Charlatanismo e superstição, no passado e no presente — Desenvolvimento da mente humana

A natureza humana é um conjunto de ações e reações espirituais e materiais. Interpretá-la apenas através de um dos seus aspectos é cair fatalmente no êrro. De um lado, temos a alma, o espírito encarnado, que é o senhor e o diretor do corpo. De outro lado, o organismo físico, na plenitude da sua vitalidade animal. Na antiguidade, e particularmente na Idade Média, a mentalidade popular, apegada ao sentimento do maravilhoso, atribuia tudo ao espírito, subestimando a ação do corpo. Vieram daí os exagêros de tôda espécie, criando superstições e temores, de que se originaram muitas crenças, rituais e dogmas religiosos.

A partir do Renascimento, o problema foi pràticamente invertido nos seus termos. O acurado racionalismo medieval explodiu no Renascimento em novas formas de interpretação da vida. A filosofia deixou de ser a antiga serva da teologia, e a revolta intelectual contra a tradição e a autoridade abalou profundamente a mentalidade popular. Os homens passaram a desconfiar das explicações místicas, a repelir superstições, e chegaram, no mundo moderno, ao exagêro oposto, dando supremacia ao corpo e negando ou subestimando a ação do espírito.

Foi exatamente quando mais se acentuava essa nova forma de exagêro, de parcialidade, que o Espiritismo surgiu no mundo, dando pleno cumprimento à promessa do Consolador, formulada por Jesus. A função do Espiritismo é restabelecer o equilíbrio, conduzindo o homem à verdade. Sua advertência pode ser interpretada assim : «Nem tanto à terra, nem tanto ao mar». O Espiritismo demonstrou, científicamente, servindo-se das mesmas armas do materialismo — como disse Kardec — que a existência da alma não era uma superstição. E provou, de maneira insofismável, que a ação dos espíritos desencarnados sôbre os homens é tão real, como a ação dos raios e emanações invisíveis da natureza.

No seu maravilhoso livro, «A Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo», Kardec analisa a razão por que o Espiritismo só podia aparecer em meados do século passado, e conclui : «O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências, e não podia surgir senão depois da elaboração delas. Surgiu, pois, pela própria fôrça das coisas, diante da impossibilidade de tudo se explicar sòmente com a ajuda das leis da matéria».

Dessa maneira, podemos apresentar a evolução da mente humana como um perfeito processo cíclico : partindo da aceitação intuitiva da ação do mundo invisível sôbre o homem, a mente passa a negar êsse fato num estágio superior do seu desenvolvimento, para afinal voltar a admitir a verdade, mas já agora através da razão amadurecida e das provas experimentais.

O charlatanismo e a superstição figuram em larga escala no processo de formação das religiões antigas e modernas. São explorações da credulidade, devidas à imperfeição das criaturas humanas. Hoje, existe também o charlatanismo na ciência, e existem formas de superstição nascidas de teorias científicas. Uma dessas formas, e das mais nefastas, é a que considera os desequilíbrios psíquicos como simples manifestações de desordens orgânicas.

Essa superstição se origina da negação do elemento espiritual, considerado como produto ou secreção da matéria, e conduz à destruição de todo e qualquer sentimento religioso. Contra essa forma moderna de superstição, que é o inverso das superstições do passado, só um remédio se mostra realmente eficaz: a demonstração científica da realidade do espírito. Essa demonstração é feita pelo Espiritismo e pelas teorias científicas dêle decorrentes: a metapsíquica, a chamada ciência psíquica inglêsa, e a parapsicologia.

As ciências biológicas atuais, resultantes da revolta intelectual do Renascimento, mostram-se impregnadas da superstição materialista. Mas a contribuição espírita vem ganhando terreno nos meios culturais do presente, como se vê no crescente interêsse pela parapsicologia em todo o mundo, e mesmo nos meios religiosos mais adiantados, onde já se compreende que o Espiritismo traz uma mensagem para o mundo moderno. O famoso inquérito da Igreja Anglicana sôbre a mediunidade, realizado há uns quinze anos, com resultados positivos, é uma prova disso.

Irmão Saulo

Maravilhas do Século Vinte!

Estamos vivendo o mais portentoso ciclo da humanidade terrena, jamais siquer imaginado pelos que nos precederam no amaino do solo terráqueo às exigências da vida de sêres inteligentes que fogem cada vez mais à animalidade e evoluem cèleremente para os alcandorados estágios espirituais da espécie.

Depois das declarações peremptórias de Lord Dowding, marechal do ar do Reino Unido e ex-comandante em chefe das Fôrças Aéreas da Inglaterra, relativamente aos discos voadores, declarações confirmatórias da vinda ao nosso planêta dos mesmos discos, surge-nos agora o testemunho irrecusável de um livro publicado sob a responsabilidade do snr. A. Rossi que, segundo afirma, visitou num disco voador outro planêta, sendo êsse o título do livro em aprêço, no qual o snr. A. Rossi faz «espantoso relato de uma viagem feita a outro Planêta num Disco Voador». Credenciando a mesma obra, o muito conhecido confrade snr. General Levino Cornélio Wischral, diz no prefácio que conhece perfeitamente o autor e dá testemunho da sua idoneidade moral.

Descrer, portanto, dessa viagem é tão deshonesto como negar autenticidade às produções de autores desencarnados que se manifestam incessantemente, por intermédio de médiuns notáveis como Francisco Cândido Xavier e tantos outros, no Brasil e em vários outros países do glôbo.

Desenvolve-se a descrição dessa assombrosa viagem em dezessete capítulos e o que lhe dá sabor de autenticidade é a lógica superior dos seus conceitos, no que concerne aos matizes superiores de virtude, apresentados pela humanidade que o snr. A. Rossi teve o privilégio de visitar, antes que qualquer outro.

Não obstante essa superioridade, muitas das criaturas que nascem nêsse planêta superior, não estão convenientemente preparadas para enfrentar uma vida pacífica, plena de bondade, respeito e trabalho. «Ainda não se integraram na missão sublime do amor ao próximo e são avessas aos estudos elevados, o que é óbice ao seu estado psíquico. Obstinadas, se entregam à sublevação ferindo a ordem normal da vida no cometimento de desatinos». Cá e lá más fadas há, diríamos, ouvindo êsse relato de inadaptados às condições superiores de vida do planêta a que foi o snr. Rossi conduzido. E como lá a vida é muito calma e não existe nenhum dos problemas que afrontam os terrícolas, na expressão do Dr. Jânsle que é o cicerone de Rossi nessa viagem interplanetária, foi num hospital que o autor presenciou tais anomalias, descrevendo-as no capítulo VIII do seu livro — «A PSICOTERAPIA APLICADA».

No capítulo IX Rossi descreve o almôço que lhe ofereceu o Dr. Jânsle, em sua própria residência, rodeado dos filhos e da espôsa, cujos nomes cita: «Jerle, Petreu e Davará, sendo Vanaá o nome da espôsa. Leejo e Anauá são os nomes dos progenitores do Dr. Jânsle. O almôço era constituido exclusivamente de vitaminas e entre essas vitaminas uma se encontrava, servida por último, com o perfeito sabor do nosso café, servido assim como homenagem aos hábitos do snr. Rossi na Terra, onde não há ninguém que deixe de tomar café... Nêsse capítulo à página 113, discretea o Dr. Jânsle dêste modo perfeitamente sensato: — «É lei natural que a evolução científica seja correlata ao aprimoramento evolutivo do espírito. A dissonância desta Lei tem trazido eternas guerras fratricidas à vossa humanidade, criando a luta pela sobrevivência, na instituição de uma centena de outros problemas insolúveis que acarretam ao nosso homótipo acerbas aflições e sofrimentos». A lógica da asserção é lapidar. À página 115 adverte o anfitrião: — «Não podemos considerar cidadão completo aquêle que não tiver conhecimento das muitas realizações em todos os setores da nossa vida. Ademais o nosso objetivo é o de favorecer e ajudar desinteressadamente o nosso semelhante. Sòmente esta prática, aliada à bondade, fará perdurar e incrementar a paz e o progresso da nossa humanidade, trazendo-nos o fortalecimento do amor pela ação do desinterêsse».

Percorrendo uma floresta, vê belas árvores pejadas de frutos. Em matéria de pedagogia, observa «campos de culto onde se pratica a religião, a qual tem por base três pontos fundamentais: 1) Profundo respeito a Deus e à sua Criação; 2) Prática efetiva e contínua dos seus ensinamentos; 3) Estudos no sentido de ampliar os conhecimentos relativos ao Universo».

Num estádio do planêta visitado, os habitantes dêsse outro mundo oferecem ao snr. Rossi uma festa esportiva, dêsse bom esporte que tanto contribui para que em corpo são habite alma também sã: «Mens sana in corpore sano».

Tudo nêsse livro é natural, é útil. A sua aceitação é oportuna, pois que o livro condiz com a verdade. Realmente, os tempos são chegados!

Arnaldo S. Thiago

«A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-las nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter às suas ordens os espíritos, para os exibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação. Assim se entenda tôdas as vêzes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de espiritismo, ou de espiritualismo à tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar.

«De tudo o que precede, concluimos que o mais absoluto desinterêsse *é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se êle nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, priva, contudo, os maus espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a bôca a certos detratores».*

ALLAN KARDEC

A Reencarnação e o silêncio de alguns homens de ciência

Deolindo Amorim

UM dos argumentos com que se tem procurado descobrir pontos vulneráveis no Espiritismo é o de que certos homens de ciência, tendo observado e estudado muito os fenômenos mediúnicos, preferiram aceitar exclusivamente a parte experimental, deixando fora de cogitações a tese da reencarnação. É verdade. Diversos experimentadores de alta categoria ficaram apenas no terreno prático, e alguns dêles talvez nem tenham tomado conhecimento da doutrina. É o caso de William Crookes, entre outros. O grande cientista inglês, como se sabe, deu o maior e o mais corajoso testemunho da veracidade dos fenômenos, prestou grande serviço ao Espiritismo, com o prestígio de seu nome, mas a verdade é que não discutiu a doutrina, como não demonstrou o menor interêsse pela tese reencarnacionista, que é a tese fundamental do Espiritismo. Não saiu, portanto, do campo objetivo da experimentação pura, no que, aliás, realizou trabalho até hoje não excedido. Todavia, não se pode dizer, honestamente, que William Crookes haja negado ou combatido a reencarnação; apenas não se pronunciou sôbre o assunto. Isto, porém, não é um argumento contra a reencarnação.

Como Crookes, Zöellner, Lombroso, Barrett e outros homens, que se preocuparam sèriamente com o aspecto científico do Espiritismo, também não se declararam adeptos da reencarnação, certamente, porque, habituados aos trabalhos de natureza experimental, não tendo muita inclinação para os problemas essencialmente filosóficos, deixaram de lado a doutrina, com tôdas as suas conseqüências. É preciso notar que nem todo cientista, principalmente cientista de laboratório, gosta de especulação filosófica. Podemos ir mais longe, dizendo que geralmente os homens muito afeitos à ciência pura são pouco propensos às grandes generalizações da Filosofia. O cientista, o filosófo e o místico representam três tipos de homens com embocaduras intelectuais muito diferentes. Cada um dêles segue uma direção espiritual, pois muito diferentes são os seus centros de interêsse. Daí, o fato de certos homens de ciência não se terem voltado para a doutrina espírita, porque se afizeram mais ao fenômeno. Que tem isto contra a reencarnação? Dizer que a reencarnação é uma tese falsa, simplesmente porque homens do porte científico de Crookes e outros por ela não se interessaram, é forçar muito...

Cita-se também o caso de Aksakof, entre os experimentadores que não esposaram a tese reencarnacionista. É, inegàvelmente, um dos investigadores mais ilustres, a quem se deve, além de tudo, uma obra de fôlego: *Animismo e Espiritismo.* Convém recordar que Aksakof, em determinada fase de seus estudos, também se voltou para a doutrina; e tanto isto é verdade, que êle próprio se deu ao trabalho de traduzir livros de Allan Kardec, tendo sido, na Russia, o primeiro a divulgar a Codificação, ainda que em círculo reduzido. É certo que Aksakof se deixou absorver, mais tarde, pelos estudos exclusivos da fenomenologia. Na célebre polêmica, que sustentou com o psicólogo Hartmann, da qual saiu êsse portentoso livro, que é *Animismo e Espiritismo,* o eminente pesquisador russo confessa que levou 4 anos a fio, estudando e preparando material para provar que muitos fenômenos de animismo confirmam as afirmações do Espiritismo. Entre êsses fenômenos — digâmo-lo por nossa conta — há os casos em que, pela regressão da memória e pelas modificações do comportamento, se indentificam muitas reencarnações. Aksakof, como já é bem sabido, ainda escreveu *Um caso de desmaterialização,* além de trabalhos diversos, em publicações especializadas. No domínio de perquirição a que se dedicou — o *animismo* — Aksakof é um dos autores clássicos na literatura espírita. Não se embrenhou, entretanto, na parte filosófica do Espiritismo, a julgar pelo que se sabe a seu respeito. Não é de extranhar, portanto, a sua indiferença em face da reencarnação. Ser indiferente a uma idéia não é ser contra essa idéia. Teria Aksakof negado categòricamente a reencarnação? Ninguém o demonstrou. E ainda que o tivesse feito, seria isto uma *prova* contra o princípio das «vidas sucessivas»? Lògicamente, não. Seria apenas a opinião, a atitude intelectual de um homem de ciência. Não se destrói uma tese simplesmente porque um homem de responsabilidade científica lhe faz restrição. O que se sabe, pelo menos até agora, a não ser que alguma pesquisa bibliográfica venha revelar a existência de estudos inéditos, é que Aksakof escreveu um artigo em que faz censuras ao trabalho de Allan Kardec, justamente a propósito de algumas comunicações sôbre a reencarnação. Conhece-se o artigo de Aksakof apenas por um trecho, transcrito, na obra de Conan Doyle *(O Espiritismo)*, mas a simples reprodução de uma parte não permite que se conheça todo o pensamento de Aksakof. No trecho citado, e de que se têm utilizado alguns adversários do Espiritismo, apenas o diplomata russo faz as suas restrições à reencarnação, achando que alguns médiuns, do grupo de Kardec, teriam sidos influenciados ou sugestionados por essa idéia. Isto, afinal de contas, não é uma tese, não é um argumento forte, é simplesmente uma suposição de Aksakof. Se era radicalmente contra a reencarnacão, cose faz crer em determinadas publicações anti-reencarnacionistas, a verdade é que Aksakof não formulou nenhuma tese, não discutiu a questão, não ofereceu nenhuma objeção capaz de abalar a doutrina. Então, pelo fato de não ter Aksakof ou qualquer outro homem de ciência feito profissão de fé reencarnacionista, já se pode afirmar que a doutrina espírita não tem consistência filosófica? Pensar assim é deixar-se guiar por um raciocínio defeituoso.

Deixando de lado os nomes inconfundíveis de Crookes, Aksakof ou Lombroso, podemos dizer que outros experimentadores, de projeção equivalente no campo dos estudos psíquicos, aceitaram a reencarnação. Gustavo Geley, por exemplo. E não era igualmente um homem de laboratório, tanto quanto o foram alguns de seus predecessores? De metapsiquista puro, no comêço de suas experiências, sem definições filosóficas, Geley se tornou, depois, adepto da tese reencarnacionista. Terminou afirmando textualmente que a reencarnação está de acôrdo com os conhecimentos científicos. Haverá depoimento mais valioso? É oportuno lembrar que, em 1912, o Dr. Calderone, diretor da revista italiana «Filosofia da Ciência», organizou um inquérito sôbre a reencarnação, entre pessoas ilustradas, mas de procedências ideológicas bem diversificadas. Uma das opiniões favoráveis à reencarnação foi precisamente a de Geley. É bom acrescentar que, ao responder ao inquérito de Calderone, Geley encarou a reencarnação à luz de três aspectos: moral, científico e filosófico.

Homem de ciência, e dos mais exigentes, também era Flammarion. A que conclusão chegou o grande astrônomo, depois de haver estudado profundamente o Espiritismo? É a sua obra que no-lo diz: Flammarion afirmou a reencarnação, e o fêz sem qualquer sombra de eufemismo ou subterfúgio. Se, portanto, alguns homens de ciência não cogitaram da reencarnação, embora tivessem dedicado muito tempo à parte experimental do Espiritismo, também se pode apresentar, como réplica aos adversários sistemáticos da doutrina espírita, o fato de uns tantos outros experimentadores, também notáveis, se tornarem reencarnacionistas, em conseqüencia de estudos sérios. É preciso não perder de vistas os dois pratos da balança. Além de tudo, devemos reconhecer que nem todos os cientistas tiveram oportunidade ou predisposições íntimas para estudar a reencarnação; os que se aprofundaram no assunto, como Flammarion, Delanne, Geley e outros, logo depois se convenceram. Haveria, ainda, muitos outros exemplos. Podemos, então, colocar a questão no seguinte ponto:

> se, finalmente, William Crookes, Aksakof e outros homens de ciência aceitaram os fatos espíritas, mas silenciaram quanto à reencarnação, porque não estavam interessados na doutrina e muito menos na discussão filosófica das *causas* e *conseqüências* dos fenômenos, esta objeção não constitui um argumento de pêso, visto como já está provado

que outros experimentadores de alto nível científico, apoiaram a tese reencarnacionista.

Vê-se, por conseguinte, que a reencarnação não foi pròpriamente rejeitada por alguns dos homens que estudaram o Espiritismo cientìficamente: o que houve foi apenas omissão, desinterêsse ou falta de oportunidade. Nenhum dêles combateu a reencarnação nem apresentou qualquer elemento capaz de modificar as idéias de quem já é convicto. Logo, sensatamente, criteriosamente, ninguém pode fazer críticas à tese reencarnacionista, tomando como ponto de partida apenas o silêncio de homens ilustres. O silêncio não nega nem afirma coisa alguma; muitas vêzes, é uma atitude prudente, quando não se conhece bem um assunto. É o que ensina o bom senso. Em suma, o silêncio não é argumento. Se, por um lado, certos experimentadores categorizados não trataram da reencarnação, o que aliás, nada prova contra esta tese, também se verifica, por outro lado, que houve pronunciamentos concordantes, e dos mais autorizados. Voltaremos ao assunto, no próximo artigo.

A Ciência e o Suicídio da Humanidade

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»

As palavras dos grandes dirigentes da humanidade encerram grande significação histórica nesta hora decisiva para os destinos dos povos.

O acadêmico IGOR CURTCHATOV declarou no Congresso do P. C. S., que o exército Soviético se encontra perfeitamente equipado com armas termonucleares das mais modernas e eficientes.

Os responsáveis pela defesa do ocidente, frequentemente proclamam a superioridade dos EE UU em armamentos nucleares.

Os cientistas, na corrida armentista demonstram de modo insofismável, a superioridade tecnica em determinados setores de cada lado. É evidente a superioridade dos Orientais, conforme se depreende das modernas realizações da técnica soviética: O foquete lunar, o cérebro eletrônico, o transplante de orgãos, o estudo sôbre radiações cósmicas, etc. No campo da biologia êste avanço é ainda mais notável. Sob a ação de radiações específicas, conseguiram maravilhas no campo da genética, dando-nos a impressão de que a teoria de Mendel já está muito atrasada.

Durante o congresso médico de Viena, os congressistas foram convidados a visitar a Russia. Resultou dessa visita diversas revelações interessantes no campo cultural. A verba que a U. R. S. S. emprega na instrução do seu povo, torna ridícula as cifras do mundo ocidental para o mesmo fim. Descrevendo a Universidade de Moscou, um dos congressistas fez a seguinte comparação: Entrando um visitante no primeiro compartimento térreo do edifício da Universidade com três anos de idade, e demorando-se em cada comparmento três dias, quando sair no último estará com 55 anos de idade. Desta comparação resulta a grandiosidade do edifício e das suas instalações, demonstrando que o socialismo encara a instrução do povo como deve ser considerada como base do progresso.

No mundo ocidental, mesmo nos países mais adiantados, o preparo da juventude é problema subordinado à posição e às posses dos estudantes. Estudar, no mundo capitalista, constitúe privilégio de poucas classes. No Brasil, seria ridícula a posição da instrução. Predomina uma visível preocupação de defesa de classe, reinando um sistema educacional cheio de dificuldades e falta de método, de modo que não se aproveitam muitos homens esclarecidos e inteligentes. Pessoas altamente classificadas, nos Estados Unidos, comentando a superioridade da técnica Soviética, como o fez Eisenhower, esclarecem que um especialista na Russia se forma depois de 17 anos de estudos sòmente de *física*.

O ensino no mundo socialista é gratuíto e o estudante ganha enquanto estuda, porque o governo considera o homem que se prepara como um capital precioso.

Cada inteligência é aplicada no seu ramo vocacional. No mundo capitalista o problema vocacional é secundário. Tudo se subordina a mercados. Vê-se portanto, os fundamentos da técnica de um e de outro lado.

Resta indagar agora, qual será o destino da humanidade ?

Um estadista soviético falou, em discurso, entre numerosa assistência de norte-americanos que os ocidentais falam em paz com o crucifixo na mão esquerda e o punhal na direita. Jesus também apostrofou os Judeus e fariseus com aquela advertência em que notabilizava a hipocrisia e o fermento dos fariseus. Aquela comparação segundo a qual se pareciam com túmulos caiados por fora e pôdres por dentro, traduzem a mesma idéia de crucifixo e do punhal, na competição entre os dois regimes. A hipocrisia constituiu sempre a arma de dominação. O interessante é que muito se fala em paz. Até os grandes instigadores de guerra, os capitalistas maiores que vivem dos juros de empréstimos para fabricação de armas mortíferas falam em «paz» !

É necessário porém saber-se que existem e sempre existiram, duas espécies de paz. A paz dos túmulos e a paz dos pacificistas sinceros. A primeira se consegue com os cemitérios repletos de cadáveres. Esta forma de paz é proveitosa apenas ou tem sido proveitosa, apenas, para os magnatas... Assim foi no passado e no presente. Desta vez, porém, a paz será dos túmulos para todos, pobres e ricos, humildes e poderosos... se houver um louco para começar a guerra «termonuclear».

Vejamos, porque.

A chave está no emprego que se fizer das modernas descobertas científicas. Empregadas para a guerra, será a paz dos túmulos. Empregadas à produção e à melhoria da indústria e do comércio será o progresso e o bem estar de todos os povos.

O prêmio nobel de química, Linus Pauling disse recentemente, em uma conferência Universitária : «Adoro êste mundo. Adoro os seres humanos, adoro os animais. Amo as plantas, as estrêlas, as montanhas, o oceano, os minerais, os cristais, e tôdas as coisas do mundo, e tenho receio de que êsse mundo maravilhoso seja destruido».

Na conferência que pronunciou na Universidade de Iroshima disse : fazendo considerações segundo as quais todo indivíduo herda de seus pais o «gene» — isto é — um grupo de moléculas de ácido DESOXIRIBONUCLEICO que podem ser degradadas, transformadas, (mutações) pelos raios X e mais ainda pelas radiações da grande energia como a que se desprende com a explosão atômica de uma bomba. «Baseio-me em estimativas feitas por geneticistas de fama mundial e que estabelecem o número de crianças que nascem apresentando graves anomalias físicas ou mentais em conseqüência de alterações devidas a experiências até hoje realizadas com bombas nucleares. Êsses cálculos são baseados exclusivamente nos produtos da ficção, indicam que 140 mil crianças, apresentando graves anomalias físicas e mentais, nascem ou nascerão em todo o mundo. Estas crianças deverão viver em estabelecimentos psiquiátricos, e se atingidos por enfermidades como a condrodistrofia, serão anões».

«Os efeitos nocivos sôbre os genes não constituem os únicos perigos que ameaçam a humanidade. Uma explosão nuclear provoca a formação do Carbono quatorze (C 14) forma de carbono produzida nas altas regiões da atmosfera pelos neutrônios desprendidos dos raios cósmicos. Sabemos que a quantidade de C 14 contidos na atmosfera aumenta regularmente na proporção de 2 % por ano. Sendo o C 14 de duração de 8.000 anos quer dizer que a humanidade será afetada durante séculos e séculos pelo C 14 produzido agora. Calculei que se a raça humana sobreviver, e o mundo não fôr destruido, será de 1.250.000 o número de crianças que nascerão apresentando graves anomalias físicas e mentais devidas ao C 14 produzido pelas bombas atômicas experimentadas até agora».

Prosseguindo diz o grande químico : «Entre as substâncias radio-ativas desprendidas de uma explosão atômica ou nuclear, estão o CESIO 137, o IODI-

NO 131 e o estrôncio 90, substância que da mesma forma do C 14 provocam o CANCER. A terra recebe constantemente (estrôncio 90) decorrente dessas experiências. Penetra nos alimentos, em particular no leite, e é em seguida, absorvido pelos ossos do homem. No momento tôdas as pessoas do mundo têm estrôncio 90 nos ossos o que não acontecia há 15 anos atrás. Espalhando pelos ossos e medúla, provoca a leucemia e o CANCER ósseo. O IODINO 131 ataca as tiroides provocando nelas o cancer. O CESIO 137 e o C 14 se estendem por todos os tecidos do corpo provocando tôda espécie de cancer. Os cálculos que pude realizar à base das estatíscas relativas à incidência de leucemia entre os sobreviventes de HIROSHIMA e NAGASAKI e com fundamento em outras estatísticas médicas revelam que as provas até aqui realizadas causarão a morte de 140.000 indivíduos por leucemia e cancer ósseo, e um total de um milhão de pessoas morrerão de cancer de tôda espécie».

Temos neste resumo, o tenebroso quadro feito por um dos cientistas mais notáveis de nosso tempo. Felizmente desde 1-2-1958 nenhuma nação fez experiências com bombas atômicas. É preciso, parar mesmo, e não recomeçar nunca mais.

Com a guerra atômica a única vantagem provável, será a conquista da paz dos túmulos, para o mundo todo... Aí está a demonstração mais do que objetiva. Os exércitos de Cristo, estarão a postos para a conquista da paz dos homens : «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de bôa vontade».

Antonio Domiciano Pereira Junior

Bragança Paulista, 20 de Dezembro de 1959.

Das Leis Penais e Espirituais

DOMÉRIO DE OLIVEIRA — Da U. M. E. de Catanduva

O Direito Penal nasceu para tutelar interêsses particulares, mas sobretudo para defender interêsses da Sociedade. As leis devem resguardar os interêsses dos indivíduos, mas êstes reunidos formam a coletividade. Sabemos, o interêsse dos que vivem em sociedade não é sòmente que se cometam poucos crimes, mas ainda que os delitos mais graves à sociedade sejam menos frequentes. Os meios que a legislação emprega para impedir os crimes devem, pois, ser mais fortes à medida que o delito é mais contrário ao bem público e pode tornar-se mais comum. Deve, pois, haver uma proporção entre os delitos e as penas. Estamos, então, diante da individualização da pena. Uma pena determinada corresponde ao crime cometido. Os legisladores, através dos cíclos que se sucederam na história do Direito Penal, consciente ou inconscientemente, emparelharam a ciência de Fuerbach, Henrique Ferri, Gimenez de Asúa e outros à ciência de Lyon Hippolyte Denizard Rivail. Se um indivíduo comete um delito, de acôrdo com a consolidação das leis penais modernas, está sujeito a uma pena na proporção do crime praticado. As leis contidas no Código Penal estabelecem uma progressão para a aplicabilidade da pena de acôrdo com o delito cometido. Há um aforisma bem conhecido a respeito : «Nullum crimen, nulla poena sine lege».

Se lançarmos nossos olhos para o campo onde opera a filosofia espiritista o que vamos encontrar no setor concernente ao problema da reencarnação? O que vamos encontrar nesta Terra, senão dores, desenganos e sofrimentos ?

Pois bem, não será a Terra uma penitenciária onde em estágios, uns mais breves outros mais longos, os homens, expiam suas faltas pretéritas ? Do deliquente, quando imputável, já sabemos, êle mesmo é o causador de sua própria desdita ... É dotado de livre arbítrio, comanda seus impulsos endógenos e exógenos... Porém, ao transgredir quaisquer normas penais, pagará a falta cometida. Porventura, as criaturas humanas, aqui na Terra, ao suportarem os sofrimentos físicos, as ondas torrificantes de calor, os tremendos problemas sociais, as doenças incuráveis, a perda de entes queridos, não estarão cumprindo penas, oriundas de faltas cometidas ? Cremos na lei de «Causa e efeito».

Êste entrelaçamento de leis materiais e espirituais, já tivemos oportunidade de contemplá-lo em o «Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec :

> «A ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana ; uma revela as leis do mundo material, outra as leis do mundo moral. Tendo entretanto umas e outras o mesmo princípio, que é Deus, não se podem contradizer. A ciência e a religião não puderam entender-se até hoje porque, encarando, cada uma, as coisas de seu ponto de vista exclusivo, rechassavam-se mùtuamente. Algo faltava para encher o vácuo que separava, um laço que as aproximasse. Êste laço consiste no conhecimento das leis que regem e entrelaçam o mundo espiritual com o mundo corporal».

Assim, em círculos menores e maiores que se ajustam, as leis penais e espirituais sedimentam-se na mesma base comum ou seja—a recuperação moral e espiritual — do Sêr humano por penas adequadas, cujo fanal é o soerguimento de tôda a criatura divina. Em verdade, outra não é a orientação moderna da ciência penal : a recuperação, em todos os sentidos, do delinqüente.— Também, pela filosofia espírita, os espíritos, encarcerados no claustro da matéria, buscam, em jornadas diferentes, através múltiplos ciclos de reencarnações sucessivas, a recuperação do equilíbrio que «exponte própria» perderam em vidas passadas.

Infelizmente, esta concepção magnífica de pena, ainda, não foi sentida e nem compreendida por Nações que se dizem civilizadas. E tais Nações, amarradas às fraldas da montanha do obscuro materialismo, num atraso moral e espiritual, lançam mãos da Pena de Morte, como se com a morte exterminassem o mal cuja raiz promana do espírito.

É por isto mesmo que estas idéias devem ser, cada vez mais, divulgadas.

O mundo precisa sentir que não é com violência que se extermina outra violência, que não é com um mal maior que se coibe outro mal menor ou da mesma proporção do anterior. Afinal, estamos muito longe da «Pena de Talião».

E' isto o que pretendemos ir encetando, no momento em que a humanidade tangida pela incompreensão, vestida com a indumentária do materialismo engolfa-se no calabouço da desilusão, não sentindo que outras leis mais elevadas que as humanas regem tôda a humanidade dentro de sua esfera visível, como, também, na esfera invisível.

À religião, baseada na ciência, compete a verdadeira redenção do gênero humano. Sabemos, ela trouxe ao mundo não apenas a alegria mas ainda o sentido. Uma vez que disto tenhamos ciência, uma vez sabedores de que o mundo não é obra do acaso, de que êle tem um sentido, necessário se torna, imitemos o bom lavrador, lançando a semente do bem, do amor e da concórdia, para uma promissora messe espiritual.

Em um mundo onde não há mais lei, nem moral nem intelectual, onde tudo é permitido, onde o mal não recebe punição e o bem recompensa, a vida torna-se abjeta, indigna de ser vivida. E é por isto que aí estão as leis, às quais já nos referimos, leis espirituais e materiais, estabelecidas pelos legisladores da Terra e do Cosmo, a fim de que sejam respeitadas e uma vez cumpridas possam conduzir a humanidade às suas mais nobres aspirações.

Temos que encontrar nosso caminho conduzidos por estas leis, rumo aos cimos de luz que se estendem no horizonte da espiritualidade.

Somos como os atores de um drama muito interessante, escrito por um autor muito sábio e bom, drama em que desempenhamos papel essencial, mas em que não podemos conhecer antecipadamente nem o mínimo tropêço. Para nós, a vida é sempre interessante, porque nascemos para a morte e morreremos para a vida. Em cada segundo que marca a nossa evolução, temos sempre algo que construir para a elevação nossa e a do nosso próximo, algo de necessário a cumprir para que as leis materiais e espirituais possam ser observadas e e respeitadas por todos.

MAS O MUNDO MELHORARÁ

v. lirenedo

ALONGUEMOS a vista para o que se passa hoje entre a humanidade — uma seqüência ininterrupta de dramas intensos. Lancemos o pensamento e o olhar ao caminho percorrido por esta civilização incoerente que herdámos — é a maré vasante e enchente de desvários poliformes. E vemos que, passado tanto tempo, mau grado a cruenta e contínua experiência, as dores e vicissitudes já curtidas pelo mundo, as coletividades não se integraram ainda numa fórmula de vivência física e psíquica mais elevada, um existir mental e social mais suave. Daí compreendermos a relatividade dos avanços de todo tipo até hoje efetivados; e que a tarefa evangélica ainda por fazer é imensa; e que a grande e radical reforma moral e espiritual do orbe há de se processar inicialmente no foro íntimo, isto é, no coração e na alma de cada indivíduo. A conclusão racional é que o homem só poderá fruir de seus melhores privilégios e viverá plenamente a vida quando por auto-iniciativa e espontâneidade consciente pura entrar em regime de espiritualidade—o que implica fraternidade, solidariedade, desapêgo, meditação, compostura, dignidade.

Sendo o homem filho de Deus, só usufruirá êle a paz existencial ansiada quando tiver presente e sempre presente a necessidade de ser bom, justo, honesto, tolerante, equilibrado, vindo assim a tornar-se digno exemplo aos outros, aos mais fracos, aos recalcitrantes e de compreensão difícil, para os tantos recalcados do mundo, aos quais só o nosso exemplificar, a nossa boa ação e nosso agir compreensivo e justo conseguirão diminuir-lhes a revolta que vem espoucando de pessoas e grupos daqui e dali, que explodem por qualquer motivo e também sem motivo. De fato, o que sanará tais recalques e esfriará as revoltas e insubmissões condensadas nestes árduos cotidianos do mundo senão os nossos atos de bem, as atitudes constantes dos que mercê de Deus têm melhor visão das coisas? E mui grande é a responsabilidade dos esclarecidos—chega-lhes de pleno a hora do trabalho fecundo, de imitarem na ação, no proceder os bons Espíritos que pela Terra passaram como indicadores dos caminhos perenes a levarem para o Alto. Depois, a bênção de termos sido criados à imagem do Senhor dos mundos não se completaria se para chegar a Êle não adentrarmos a luta pelo apurar dos sentimentos e depurar das paixões, de nossa melhoria intrínseca, na vida de relação de todo dia.

O Espiritismo lembra e instrui, alerta e prova que a vida não termina na morte, que após o desenlace físico continua o caminho para a alma. A liça pela purificação e elevação do Espírito — luta que negligenciamos comumente —, não termina com a destruição do invólucro carnal, mas segue a nos empolgar no Espaço. No além-túmulo também necessitaremos do calor da fraternidade e da solidariedade, teremos de exercitar o bem. Após o desencarne, mais intenso sentiremos a realidade de nossa mediocridade e a imanente grandeza divina. Podemos ser grandes e festejados na Terra; essa projeção e prestígio podem nos ofuscar a visão e a mente durante o nosso transcurso entre os homens, mas a verdade com as tremendas desilusões vêm depois... Reis a necessitarem da amizade de mercadores, senhores implorando a proteção e o auxílio dos servos, tudo evangèlicamente.

Para galgarmos altura, nosso Espírito há de porfiar no bem sempre. Os degraus primeiros de nossa evolução assentam nos planos físicos, e a Terra nada mais é do que rampa de prova. Essa incontornável luta se processa dia a dia, que a vida é crisol. Quando neste plano terreal assim fácil aos erros, tão propício às tentações, houver espiritualidade de fato, tanto mais suave será o caminho a ser percorrido e vencido por nós que, sem exceção de um sequer, estamos sob prova.

Infelizmente, a atualidade superficialista, assim envolta em áspera técnica e dinâmica, faz conspirações seguidas para que o homem se atordoe no material, no imediatismo, faz que as criaturas menos precavidas se mecanizem dentro do desprêso de todos os preceitos do Mestre Jesus. E tal é desastroso. E vejamos a contrastante realidade: enquanto grupos esforçados, com abnegação divulgam os ensinamentos do Nazareno, procuram pela palavra escrita e falada difundir e dilatar as verdades espirituais mais prementes no momento, tantíssimos persistem na materialidade, num apêgo ao ouro e aos sentidos exatamente como nos recuados tempos pagãos. Mas o bem há de prevalecer e o mundo se fará melhor. No Brasil então, nesta hora de apaixonamentos, há motivos de forte alegria para os espíritas que vêem concretizarem-se coisas relacionadas à civilização do porvir, do Terceiro Milênio, na qual a Pátria do Cruzeiro e particularmente o seu coração geográfico, o Estado de Goiás, terão papel de primacial importância. Nesse atual empreendimento, assim tenaz e arrojado a implantar cidades, edifícios, pontes e rodovias no Oeste despovoado até hoje, há muita inspiração dos Mentores do Alto, que porfiam no bem legítimo presente e futuro da humanidade. Praza aos céus não faltem os imediatos continuadores, os sustentadores ininterruptos dessa obra ciclópica dizente às coletividades do Brasil e do mundo.

Mas voltemos ao assunto inicial: o Sermão da Montanha segue ecoando fracamente à maioria dos povos, das nações. Com amargura cordial atentamos que o panorama do mundo vai sombrio, com o grosso da humanidade impulsionando obstinada o combôio de todos os êrros. E um modernismo desabusado ameaça ali, avassala acolá a resistência moral-espiritual de criaturas, de lares, de famílias. Por outra, segue-se *fabricando* e respirando denso misticismo. Comercializa-se a superstição, e como resultante primária surgem em todos os setores individualidades para as quais nada grave se lhes parecem as piores malfeitorias, os maiores abusos, as mais vis explorações, as perversidades. Falsa religiosidade, formalismo de culto avolumam desacertos velhos e novos. Mas há de iluminar-se o hermético de tantas mentes, mas uma rija auto-determinação de evoluir há de instalar-se na alma humana tão propensa às crendices, aos tabus, tão dada aos expedientes cômodos, à negligência. O homem entenderá que a religião pura vem do espontâneo cordial, sendo fôrça a revigorar-se e desenvolver-se na repulsão ao mal, na ação beneficiadora e adquirição crescente de conhecimentos melhores. O mal no mundo só durará até que o homem não abandone a estagnação voluntária em que jaz há séculos. Porque do apuramento individual chega-se ao melhoramento coletivo. Enfim, o homem virá a compreender a facilidade de sua libertação admitindo três coisas: — que as fraquezas obstam a ascencionabilidade; que os seus malfeitos serão cobrados de si mesmo cedo ou tarde; que a sua fé não é nada que deva sujeitar-se a influxos exteriores inspirados no interêsse humano vicioso e deturpador.

Sim, caros confrades, como dizíamos no início destas linhas, forçoso é convir que a grande reação há de aflorar da alma do indivíduo. A reação espiritual e espiritualizante há de aflorar da criatura mesma. Logo, mistér é procurarmos ser o que o Pai Divino quer que sejamos para o jus às Suas bênçãos. Façamos por um mundo melhor, por uma civilização sadia eliminando esta secular repulsa à verdadeira fraternidade, à diligência, à honestidade. É bem a hora do FAZER pelo não prolongamento no mundo da já longuíssima esteira de violências, de iniqüidades e angústias e guerras. Que cada um pois, endireite as veredas do Senhor no todo que lhe fôr possível. É preciso que tôda criatura, desde a mais autorizada à mais humilde, leve bem dentro de si a luz do Nazareno, do Filho de Maria, que nos exortou e exemplificou a amar os outros como a nós mesmos. Elaboremos o bem, depuremo-nos, e as entidades superiores não faltarão com o seu precioso auxílio na nossa trajetória para luzes maiores, luzes que são a méta precípua do indivíduo, de povos, de govêrnos, do órbe, enfim.

Espíritos fortes são aquêles que sabem ser humildes. — *CALIXTO*

UBIQÜIDADE E BILOCAÇÃO

Os curiosos fenômenos verificados com Padre Pio, de San Giovanni Rotondo -- Reflexões sôbre uma reportagem

A revista italiana «OGGI», de Milão, insere em seu número 22, de 28 de Maio último, uma reportagem da jornalista Anita Pensotti sôbre os curiosos fenômenos que se verificam com o Padre Pio, de San Giovanni Rotondo, na província de Foggia, Italia. Ocupando as páginas 8, 9 e 10 do referido número, com farta e excelente ilustração fotográfica, a reportagem da jornalista Pensotti nos faz pensar em muitas coisas, particularmente nos grandes êrros tradicionais do passado filosófico e teológico, aos poucos, e apesar de tremenda relutância, corrigidos pela ciência positiva. Entre êles : o antigo geocêntrismo, a natureza plana da Terra, a existência de vida apenas em nosso planêta, a natureza divina dos astros, a negação da circulação do sangue que teve o seu mártir no espanhol Serveto, e outras coisas assim.

O que acontece com o venerando Padre Pio, hoje conhecido em todo o mundo por suas virtudes morais e seus dons excepcionais, é também alguma coisa que nos lembra erros tradicionais em via de correção. Padre Pio é estigmatizado, ou seja, traz no corpo as chagas de Cristo, realiza curas milagrosas, aparece a pessoas distantes, lê os pensamentos das pessoas, quase não come nem dorme, e, sem ler jornais nem ouvir rádio, está sempre a par do que se passa no mundo. Segundo afirmam, ao cochilar ràpidamente à noite, deixa o corpo na cela do convento e sai peregrinando pelo mundo, aparecendo aos que dêle necessitam. Por tudo isso o chamam de taumaturgo, possuidor do dom da ubiqüidade.

Se Padre Pio não fôsse padre, seria chamado de «médium» e possuidor do dom de desdobramento ou bilocação, bem como de mediunidade curadora e de visão à distância. A palavra «Taumaturgo» quer dizer «fazedor de prodígios», e a palavra «ubiqüidade» quer dizer «estar em tôda parte». Essas duas palavras são tão impróprias quanto as que serviam para antigamente designar a Terra como centro do Universo. A palavra «médium» exprime de maneira mais clara e mais científica a natureza das pessoas que possuem êsses dons, e a palavra «bilocação» explica muito melhor e mais racionalmente o poder que têm certas pessoas de estar ao mesmo tempo em dois lugares: o corpo físico em um dêles e o espírito em outro.

A ubiqüidade é um poder que o homem nunca poderia ter, pois só a Divindade o tem. «Estar em tôda a parte ao mesmo tempo» é ser DEUS, e sòmente DEUS o pode ser. Fazer prodígios ou milagres, no sentido sobrenatural, que confere ao ato a palavra taumaturgia, é também impossível à criatura, que vive rìgidamente prêsa no arcabouço das leis naturais, criadas por DEUS. Mas desdobrar-se, como o fazia Santo Àntonio, deixando o corpo num lugar para manifestar-se em espírito noutro lugar, é coisa que todos os mortais podem fazer, e que muitos fazem constantemente. Produzir ações mediúnicas de cura, ou ter percepções extra-sensoriais, são coisas que o homem pode fazer, dentro das suas condições naturais de existência, como o provam as observações e pesquisas científicas a respeito.

Em nossa época, em pleno desenvolvimento científico acelerado, convém que procuremos reajustar as nossas idéias, a respeito de fatos que até ontem eram considerados milagrosos, mas que já agora podem ser tratados à luz da ciência. O elemento espiritual e o elemento material são os dois princípios, as duas fôrças vivas da Natureza, completando-se uma pela outra e reagindo incessantemente uma sôbre a outra, sendo ambas indispensáveis ao funcionamento do mecanismo do universo. Da ação recíproca dêstes princípios nascem fenômenos que qualquer dêles isoladamente não se pode explicar.

É evidente que muita gente se oporá

a êstes conceitos como tantos se opuseram, e até mesmo de maneira violenta, às modificações das velhas e absurdas concepções sôbre a forma da Terra, a sua posição no Universo, etc. Mas o dever das pessoas de mente aberta e livre é lutar pela melhor compreensão das coisas. Os fenômenos que se passam com o Padre Pio não são únicos. Já se verificaram com numerosos outros padres, monges e freiras no passado e, tanto no passado como no presente, ocorreram e ocorrem com pessoas das mais diversas posições e crenças, em tôdas as partes do mundo. São, portanto, fenômenos constantes e não esporádicos, naturais e não sobrenaturais, que podem e devem ser conhecidos cientìficamente.

O curioso é que na própria Itália, a generosa terra de onde nos vem as notícias sôbre Padre Pio, investigadores do passado trataram profundamente desses fenômenos, deixando-nos obras valiosas a respeito e investigadores do presente continuam a tratar dos mesmos. Do passado, podemos citar Ernesto Bozzano, o Prof. Chiaia, de Milão, o médico Enrico Imoda, o Psicólogo Morselli e o próprio criminologista Lombroso. Do presente, o Prof. Stopoloni, da Universidade de Camerino, o Dr. Gastone De Boni, Diretor da «Collana Studi Metapsichici», de Edizione Europa, Verona. E outros, no passado e no presente que não nos ocorrem no momento.

Mas tratemos dos fenômenos ocorridos com o venerando Padre Pio, e vejamos sua correlação com outros. No caso da chamada «ubiqüidade», nada mais que o fenômeno de bilocação, é o próprio Bozzano que nos oferece numerosos exemplos. Em seu livro, «Popoli primitivi e Manifestazioni Supernormali», Cap. XI, encontramos o relato de vários casos, verificados entre povos selvagens e povos civilizados, de maneira a provar-se que o fenômeno é comum à espécie humana. Bozzano acentua que «o fenômeno de bilocação foi a muito reconhecido como autêntico, na base dos fatos, pela autoridade eclesiástica». Lembra assim os casos célebres de desdobramento de santos e místicos da Igreja. Mas, como vimos, o fenômeno é de ordem geral, verificando-se entre selvagens, nas tribos africanas ou americanas, entre clérigos e místicos do mundo civilizado, e entre pessoas de tôdas as categorias sociais e tôdas as raças. Bozzano afirma no citado livro (Edizioni Europa, Verona 1946, pág. 246): «Em relação à grande verdade de que tratamos, observo que todos os que trataram a fundo do assunto, sabem seguramente que os fenômenos de bilocação ou desdobramento-fluídico, durante o sôno fisiológico, ou sonambúlico, ou estático, ou mediúnico, ou cataléptico, ou até mesmo no instante préagônico, são fenômenos reais e incontestáveis». Afim de exteriorizar mais o conceito ao leitor diremos que a «Metapsíquica» é uma Ciência de substância; ela nos mostra a essência dos fenômenos; ela é a ciência do absoluto. Ela não diz : poderia ser; diz : é. Não discute: afirma. Não pesquisa: expõe a verdade. Não apresenta problemas ou hipóteses : exprime os resultados. Ela não se abstrai em doutrinações ideológicas e dogmáticas ; permanece sempre aderente aos fatos em que se baseia.

Quanto ao problema da estigmatização, os casos estudados são numerosos. Dos mais recentes, basta lembrar o de Tereza Neumann, na Áustria, ou da recruta italiana Francisca Santoni no ano de 1956 ; no tocante às curas, o Mago de Nápoles Com. Achille D'Angelo; como também o da Senhora Tina De Michele de Iesi, a qual cura com a simples imposição das mãos; o Com. Memmo Nardi, de Pôrto San Giorgio, cuja faculdade mediúnica de cura foi posta ao serviço da ciência médica ; outro caso, sempre na Itália, é o da D. Pasqualina Pezzola, de Pôrto Civitavecchia (Marche), esta Senhora além de ter o dom de cura, tem também o da «bilocação», que os jornalistas italianos confundiram (como fizeram com o padre Pio) com o da «ubiqüidade». Êstes exemplos vivos evidenciam claramente o que podem fazer as pessoas dotadas dêsses dons, mesmo que não sejam santas e não pertençam a ordens eclesiásticas. Os casos de mediunidade curadora existem por todo o mundo. Bozzano, no livro referido, relata vários casos de cura à distância, entre os povos selvagens e os civilizados, para mostrar o caráter natural do fenômeno. Quanto à leitura dos pensamentos das pessoas, e à percepção de notícias ou fatos por meios extra-sensoriais, são fenômenos que constituem hoje o mais sério objeto de estudo da Parapsicologia do Prof. Joseph Rhine, da Universidade de Duke, Carolina do Sul, U. S. A., nova ciência psíquica bastante difundida na América e na Europa, nos meios universitários.

Tudo isso nos mostra que o caso do Padre Pio, que tanto assombro causou à jornalista de «OGGI», não é um caso isolado, mas pertence a tôda uma série de fatos largamente estudados pela Metapsíquica do Prof. Charles Richet, pelo Espiritismo, pela Parapsicologia moderna, pela Ciência Psíquica dos inglêses, da qual o Prof. Price, de Oxford, é atualmente um dos expoentes na Inglaterra, enquanto o Prof. Bjoerkem, de Upsala, é um dos expoentes na Suécia. Médiuns famosos, da própria Itália, como Eusápia Paladino e Linda Gazzera, ou de outros países, como Franck Kluski e Guzic, da Polônia, D. D. Home, da Inglaterra, Eva Carriera, da França, Ana Prado, do Brasil, e tantos outros, figuram na bibliografia Metapsíquica, parapsicológica e espírita, realizando todos os fenômenos atribuidos ao padre Pio, e muitos outros, ainda mais impressionantes, como os de materialização e de comunicações de espírito por voz-direta, ou seja, sem ser por intermédio dos sujeitos mediúnicos. No caso de materialização, cabe lembrar o episódio emocionante ocorrido com o Prof. Cesar Lombroso, em sessão com Eusápia Paladino, na presença do Prof. Chiaia, quando a mãe do grande criminologista se materializou e o abraçou.

Nossa intenção, ao invocar todos êstes casos, para demonstrar que no caso do Padre Pio nada há de extraordinário ou inexplicável, sendo fatos e fenômenos que entram nas disciplinas filogenéticas do ser humano, por isso não é a de diminuir o valor do venerando sacerdote e de sua obra em San Giovanni Rotondo. Longe de nós essa intenção. Muito pelo contrário, queremos exaltar a significação dessa obra, lembrando que ela pode servir de elo entre a Igreja e as verdades novas que a ciência aos poucos vai penetrando, a respeito da espiritualidade. Se o que ocorre com o Padre Pio é o mesmo que se verifica entre médiuns selvagens ou civilizados, então não há mais razões para considerar-se o caso do venerando Padre como uma graça especial, e ao mesmo tempo condenar-se os médiuns como embusteiros ou possessos do demônio. O direito de exame e de crítica é um direito imprescritível, a que o Espiritismo e a ciência Metapsíquica se submetem com tão boa vontade, quando têm de satisfazer a todo mundo. Todos têm o direito de aceitá-lo ou repeli-lo, contanto que o façam com conhecimento de causa.

A verdade, que ressalta cristalina do confronto dos fatos, é que a mediunidade, em suas várias formas, (de desdobramento, cura, de vidência, de percepção à distância e de percepção telepática), é uma qualidade natural da espécie humana, que tanto pode manifestar-se num sacerdote, como Padre Pio, quanto numa camponêsa analfabeta, como Eusapia Paladino ; num católico ou num protestante, como o Pastor Rev. Staiton Moses ; ela é, portanto, uma faculdade inerente à própria vida e, com tôdas as suas deficiências e grandezas ; é qual o dom da visão comum, peculiar a tôdas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra. Nosso desejo, pois, é que o caso maravilhoso do Padre Pio sirva para chamar a atenção dos católicos para o problema mediúnico, mostrando que não há razão para guerras à mediunidade fora da Igreja, quando a mediunidade também se manifesta na Igreja, produzindo para esta os melhores e mais belos resultados.

Prof. Dr. Giuseppe Manuel Minardi
(Da A. P. I.)

Araraquara, 20 de Novembro de 1959.

* * *

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus nô-lo oferece como o mais perfeito modêlo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo êle o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o espírito divino o animava.

ALLAN KARDEC

Hipnotismo e Espiritismo

I

ULTIMAMENTE, algumas obras de caráter científico sôbre Hipnotismo vêm surgindo, cujos autores, em um esfôrço no devassamento do enigma mental, merecem a admiração dos que apreciam o culto à verdade.

Contudo, em algumas delas, entre o útil que oferecem, seus autores, talvez enlevados pelo imenso e maravilhoso campo que se descortina, têm procurado bitolar dentro da hipnose outros fenômenos mais amplos, que se projetam para além dos limites da mente humana.

Uma dessas literaturas, destacando-se pela maestria em que seu autor cuida de questões sôbre a função dos fenômenos do Hipnotismo, é o «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do ilustre médico patrício dr. Osmárd Andrade Faria. Firmado nas experimentações pavlovianas sôbre os reflexos condicionados é prazer ler e estudá-la, pela sua clareza descritiva, dando-nos a idéia de nos acharmos dentro do próprio cenário dos misteriosos abismos mentais. Francamente, ali tivemos coisas já lidas, mas nunca explicadas por aquela forma que se descreveu.

No entanto, no decorrer da obra, há pontos em que não concordamos com o autor e, sem que lhe percamos a admiração, rogamos-lhe o direito de expormos o porque da nossa discordância. Um dêles é no que se refere ao Espiritismo.

Inicialmente diremos que bons conhecedores de outros assuntos não se têm saído bem nas questões desta doutrina, geralmente pelo fato de não respeitarem a distinção entre Mediunismo e Espiritismo, quando um e outro não são a mesma coisa. Revelam nada terem lido sôbre a doutrina kardecista e para julgá-la procuram falsos caminhos, como os são as práticas sincréticas dos Candomblés, passando pelos terreiros de Umbanda e outros grupos semelhantes que, em realidade, nessas mesclas de outros credos, o que de menos têm é a parte que se possa relacionar com o Espiritismo.

Entretanto, é de se reconhecer que boa parte de culpa nêsses enganos também cabe a êsses sincretismos pelo abuso de rotularem-se de Espiritismo, confundindo os observadores desatentos que, ao invés de se guiarem pelas literaturas básicas da doutrina em vista, procuram errôneamente aquelas práticas primitivas, de origem afro-brasileira. Talvez seja por êste motivo que o autor do «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», ao tentar discorrer sôbre o Espiritismo, antecipou-se em outros informes estranhos ao que deveria escrever, precipitando-se, no assunto, ao julgar o que se faz nos «centros kardecistas», conforme ali se lê na pág. 443 referindo-se aos espíritas em geral: «Ali se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância estérica ou neurótica.»

Embora o objetivo do autor seja em fazer crer que nos fenômenos praticados nas sessões espíritas tudo é hipnose, dizendo ao mesmo tempo que ali se trabalha com indivíduos desequilibrados, contrastando assim com o seu próprio conceito em outra parte do seu livro, onde diz que a capacidade de aprendizagem e a inteligência são fatores para a suscetibilidade hipnótica, predicados êstes que não pertencem aos desequílibrados, o nosso exame aqui não é sôbre esta contradição. O nosso desejo é demonstrar a falsidade dessa declaração que vem atingir indistintamente os espíritas de desequilibrados.

Ora, entre os adeptos do Espiritismo, conforme provam os nossos congressos, solenidades e literaturas, conta-se uma classe de intelectuais, integrada por médicos, engenheiros, advogados, militares, entre êstes os das mais altas patentes, e outros mais graduados em bancas escolares. Como conceber que êstes homens, que cursaram rigorosas disciplinas acadêmicas, sejam desequilibrados, quando, no geral, acham-se em pleno desempenho de suas atividades profissionais, cuja responsabilidade exige perfeito equilíbrio mental? E pela posição intelectiva a que chegaram, nem mesmo estariam de acôrdo na frequência de tais ambientes ridículos, que não existem no sêio da nossa doutrina, onde os adeptos, desde os mais simples, orientam-se pelas nossas obras básicas pela moral, método e ordem doutrinárias.

Como se vê, a questão é delicada, pois aquela acusação veio pesar sôbre nomes que honrosamente pertencem a intelectualidade do país.

Contrapondo à opinião do autor, apreciemos o que diz o eminente prof. Luiz Silva, fundador da Odontologia Legal. No trimensário, «Difusão Odontológica», exemplar de Outubro a Dezembro do último ano, em certo tópico, em um dos seus belos trabalhos sôbre hipnose, podemos ler: «Concordemos, para argumentar, lembrando que o Espiritismo não fica atrás, com vantagens incontestáveis. Cientistas do mais alto coturno, homens de letras, talentos e gênios, estudaram e estudam o Espiritismo.»

Ainda, o ilustre prof. Henrique Roxo, catedrático da Clínica Psiquiatra da Faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro, gosando fama internacional, embora também tivesse deixado em diferenciar no sentido exato os têrmos Mediunismo e Espiritismo, ao cuidar do assunto no seu combate às práticas religiosas sincréticas, concluiu no final, desfazendo confusão, ao declarar o que pretendeu dizer, no seu remate com as seguintes palavras, na pág. 475, do seu «Manual de Psiquiatria», 4.ª edição: «O Espiritismo que é praticado por grandes sábios, e que motivou um excelente livro do justamente pranteado prof. Charles Richet, deve ser estudado. Não provoca a loucura; aquêle que pode ser causa é o espiritismo de exploração dos ignorantes das classes populares.»

Ora, que vem a ser êste espiritismo de exploração? Reconhecendo duas espécies de espiritismos; um sem doutrina explorado desordenadamente, outro doutrinário estudado até por sábios, apesar do mestre ter usado um único vocábulo para explicar duas questões diferentes, deixou subentendido que se referia no seu combate sôbre os perigos das práticas mediúnicas livres, e não ao Espiritismo própriamente dito, o qual êle ainda recomenda estudar.

O Espiritismo que possa ser estudado é um só e que se compreende pelo de Kardec, o qual não se trata de um dom mediúnico, mas de uma doutrina representada por um corpo de obras básicas, onde o mediunismo também é estudado racionalmente com método, pelos adeptos que desejem praticálo, se bem que o seu emprêgo seja facultativo aos estudiosos do kardecismo.

Também, aquelas palavras do mestre ainda vêm contraditar a interpretação do autor, sôbre a declaração de diretores de Sanatórios de que 90 % dos internados passaram pelos terreiros ou centros espíritas. Que passaram não duvidamos porque geralmente os parentes responsáveis pelo alienado, quando não encontram a cura pela medicina fora dos Sanatórios, no princípio do mal, em geral, antes de interná-lo, para o que nem sempre há o necessário, procuram os recursos das práticas mediúnicas, atraidos pelos seculares informes de que o mal estaria relacionado com a condição do espírito do indivíduo. Assim, quando acertam bater nas portas dos verdadeiros centros espíritas, onde se cultiva a mentalidade doutrinária, recebem orientações para internamento nas nossas casas de tratamento mental, que se acham sob a direção de médicos competentes na especialidade. Esta verdade confirma-se pela própria opinião oficial, conforme publicação n'«A Revista Paulista de Hospitais», orgão oficial da Associação Paulista de Hospitais, onde ali, em seu número de Fevereiro de 1956, um trabalho apresentado ao 1.º Congresso Nacional de Hospitais, diz na 3.ª coluna da pág. 20: «Entretanto, a Doença Mental para os leigos sempre foi considerada doença espiritual, o que motivava a procura dos Centros Espíritas, antes mesmo da consulta aos médicos. Isto fez com que em algumas regiões do Estado, os espíritas criassem verdadeiros Hospitais para Doenças Mentais. Êsses Hospitais cresceram, evoluiram e hoje são considerados bons Hospitais, onde ao lado da assistência religiosa, se procede a assistência médica.»

De fato, os nossos Sanatórios para doentes mentais têm amenizado em grande parte êsse grave problema que é tão velho como a humanidade, pois não nasceu há 100 anos, quando surgiu a doutrina do Espiritismo, o que demonstra aos nossos detratores que o assunto não é nosso. E a investigação sincera sôbre a origem da alienação busca saber qual a condição do alienado na ocasião em que eclodiu o mal, e não por onde êle teria passado nas diversas fases da doença.

E mais, é importante sabermos que em tais casos a eclosão da loucura depende da predisposição do indivíduo, cuja latência precipita-se diante de choques emocionais. Tôda prática, seja qual for sua natureza, não causa traumas psíquicos, desde que seja precedida de estudos teóricos esclarecedores. Portanto, tais acidentes não se dão no Espiritismo, onde o estudo antecede suas práticas doutrinárias. Êste é um assunto que se precisarmos voltar a êle, não nos faltarão elementos para discorrermos a questão com vantagens.

Outra coisa é querer explicar os fenômenos mediúnicos das práticas espíritas, pelo Hipnotismo.

A quem desejar vir a campo sustentar esta tese, aconselhamos a prudência para que se conheça antes o que informa a ciência sôbre a extensão dos fenômenos mediúnicos pelas materializações ectoplásmicas efetuadas nos laboratórios. Trata-se de fatos, e não de palavras. Sôbre Crooks, assistido por uma equipe de sábios nessas experimentações, basta dizer que elaborou uma obra sôbre os seus resultados, a qual sòmente pelo seu título, «Fatos Espíritas», já diz por nós. De Richet, seria interessante conhecer suas pesquisas de materializações, sob rigoroso contrôle. O exigente mestre francês, desconfiado de tudo e de todos, apesar de ver, tocar e fotografar suas materializações, desconfiou até de sua própria subjetividade, submetendo sob análise química um seu fantasma, pelo embranquecimento da água de barita e pela excreção do gás carbônico, à maneira de um sêr organicamente vivo.

Ainda, outros célebres nomes, como Lombroso, Lodge, Flammarion, enriquecem nossas literaturas. Atualmente, podemos citar o prof. Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra, cujas poucas palavras extraídas de um noticiário da United Press, publicado nos principais jornais do país, em 4-7-1956, por si só já dizem muito : «Vale a pena observar que nem tôdas as aparições são fantasmas de pessoas mortas, por isso prefiro evitar o têrmo «espírito», pois seria bastante peregrino falar do espírito de um ser vivo».

O prof. Haraldur Niellson, catedrático da Universidade da Islândia, em Reykyavik, testemunhado pelo escritor Kvaran e o médico psiquiatra, Sveisson, publicou um livro, «Minhas Experiências Pessoais sôbre Espiritualismo Experimental», declarando em determinado tópico : «Em algumas sessões o novo visitante conseguia apresentar-se sete ou oito vêzes aos nossos olhos e em numerosas sessões vimos ao mesmo tempo o médium e a forma materializada.»— continuando, mais adiante diz — : «... permitindo que lhe palpássemos o corpo efêmero antes de desmaterializar.»

J. B. Rhine, da Universidade de Duke, EE. UU., em seu livro «The Reach of the Mind», declara : «O nosso problema fundamental, ou seja, a natureza do homem, implica existência da alma como sistema não físico. Existe algo de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da alma ficou demonstrada.»—e logo mais continua — : «As nossas pesquisas oferecem um forte indício a favor da sobrevivência, bastariam essas pesquisas para que esta surgisse em nosso espírito.»

Enfim, essas amostras, que valem pelas suas verdades, e não pelos neologismos que lhes possam criar, servem de advertência aos que negam as revelações mediúnicas dos fenômenos espíritas. E a extensão desta fenomenologia também adverte os que desejam explicar o mais amplo pelo mais restrito. Bastaria um repto para que produzam um único fenômeno de materialização pela hipnose, para que se liquidasse o assunto.

Acreditamos que apenas o exposto já seria o suficiente para mostrar a distinção entre Hipnotismo e Mediunismo experimental, pois como diz Richet, reproduzindo Bergson : « . . . a prova estatística, em certos casos, nada significa, e só uma experiência perfeita, basta.»

Aqui, como se nota, apresentamos sòmente as testemunhas científicas, sob provas concretas, para que não se levantem dúvidas. Mas não julguem os adeptos do Hipnotismo absoluto que sòmente as materializações provam o Mediunismo.

Nos fenômenos mais comuns das psicografias mediúnicas, as quais aparentam com a escrita automática da hipnose, pelo raciocínio pode-se destacar uma e outra fenomenologia. A dúvida poderá surgir quando as produções do indivíduo em transe não vão além da sua capacidade intelectiva. Mas quando o teor das mensagens ultrapassa os conhecimentos do paciente, o bom senso indica que a causa está fora do seu grau mental de intelectividade. Pela hipnose, como compreender que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente, os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem ? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando assim os postulados da Psicologia ?

O autor mesmo confirma o que estamos dizendo, ao escrever sôbre a transmissão da palavra falada, do agente ao paciente, conforme se lê na pág. 98, do seu livro : «Tal fato tem evidente valor em hipnose, explicando porque motivo só a palavra falada no próprio idioma do paciente, só a palavra que faça parte do seu vocabulário pessoal, terá para êle efeito condicionador.»

Falando sôbre tais fenômenos da Xenoglossia, vejamos algumas palavras de Richet, no seu livro «A Grande Esperança», pag. 225 : «Que o médium fale muitas línguas que, sendo vivas, êle não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. Decididamente, a explicação espírita é a mais aceitável.» E' lógico, Richet, sensato na sua sabedoria, não iria aceitar que o paciente pudesse jorrar conhecimentos, por conta própria, que não se achavam dentro de sua mente.

Em 1935, ocasião em que a família do saudoso escritor Humberto de Campos, movia processo contra o médium Chico Xavier, a direção d'«O Globo», jornal do Rio, promoveu inquérito para apurar o que havia de verdade sôbre êsse famoso psicógrafo de Pedro Leopoldo, Minas. Foi quando mensagens em idiomas reconhecidamente estranhos ao médium surpreenderam os inquiridores. Os informes com minúcias interessantes e dignas de notas sôbre essas célebres sessões, os interessados encontrarão nos exemplares de 23 de Maio a 4 de Junho daquele ano, nesse matutino, ou no livro «O Caso Humberto de Campos», de Miguel Timponi.

Antes de findar desejamos ainda esclarecer que as atitudes mecanicistas do médium pelas psicografias e psicofonias são as mesmas das do paciente pelas escritas e falas automáticas na hipnose, cuja semelhança é capaz de confundir o observador superficial. Mas tal confusão não existe para o pesquisador atento que se baseia pelo conteúdo das produções, nas quais se revelam a origem das mensagens, notadamente quando estas vão além dos conhecimentos do indivíduo em transe, conforme já explicamos antes.

É natural que nas mensagens simples, embora os nomes subscritos sejam inferências que não se podem desprezar nas identificações, pode-se tomar um fenômeno hipnótico como mediúnico. Mas o mesmo também pode suceder a vice-versa nas sessões do Hipnotismo.

Assim teremos que apesar dos casos que se possam confundir entremeando-se, as observações analíticas podem separá-los para que a existência de um não negue a realidade do outro.

E aqui encerramos essa parte e, no próximo número desta Revista, ainda voltaremos com a nossa atenção sôbre o que mais se disse no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», nas questões relacionadas com o Espiritismo.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

No Roteiro de Jesus

A sobrevivência do espírito humano depois da morte carnal é uma questão debatida, elucidada e aceita por uma esmagadora maioria das religiões professadas na face da Terra. O Espiritismo, porém, veio comprovar com fatos, praticamente, essa sobrevivência. Não só veio comprová-la, como veio estabelecer os meios pelos quais todo mundo pode obter os fenômenos vários que a comprovam.

Qualquer um pode ficar convicto da sobrevivência do ser, da imortalidade da alma. Querendo esclarecer-se e convencer-se, basta tomar conhecimento das experiências honestamente efetuadas por inúmeros experimentadores, constantes de obras por êles editadas, dentre as quais sobrelevam-se as seguintes: O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, Céu e Inferno, de Allan Kardec; A Alma é Imortal, de Gabriel Delanne; Depois da Morte, O Porquê da Vida, O Além e a Sobrevivência do Sêr, O Problema do Sêr, do Destino e da Dôr e No Invisível, de Leon Denis; Animismo ou Espiritismo? A Crise da Morte, Xenoglóssia e Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, de Ernesto Bozzano; Parnáso de Além Túmulo, livro psicografado pelo notável e queridíssimo médium Chico Xavier, verdadeiramente único nos anais espíritas, contendo uma das provas mais robustas da identidade pessoal «post mortem» dos poetas Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casemiro de Abreu, João de Deus, etc.; Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, de Oswaldo Mello; Fazenda Mal Assombrada, de Alexandre Dias; O Trabalho dos Mortos, farta documentação sôbre materialização dos espíritos, de Nogueira de Faria; No Limiar do Etéreo, de J. Arthur Findlay; Antonio de Pádua, de Almerindo Martins de Castro; Fenômenos de Materialização, de M. Quintão; Fatos Espíritas, de William Crookes, compêndio de provas inegáveis obtidas por êsse sábio de renome universal, com o testemunho de muitos outros expoentes da ciência contemporânea; e muitos outros, que fôra fastidioso enumerar.

Os autores dêsses livros reuniram um conjunto de tôdas as provas imagináveis da imortalidade da alma. Ao mesmo tempo conseguiram provar, com absoluta segurança, que o espírito sobrevivendo, pode comunicar-se e, de fato, comunica-se conôsco, depois da morte do seu corpo físico. Provaram mais, ainda. Provaram que o espírito desencarnado possui muito maior amplitude de ação do que nós, efetuando proesas inconcebíveis, muito além de nossas possibilidades. As investigações foram feitas pelos vultos maiores de todos os setôres da ciência humana, muitos dos quais estão aquí citados, que chegaram a essas conclusões irrefutáveis. Todavia, aquêle que duvidar poderá proceder como êles procederam; e chegará a obter idênticos resultados. Chegará mesmo com mais facilidade a essas conclusões, visto que as leis e as regras, que êles não conheciam, para obtê-las, já foram estabelecidas, depois.

Hoje, tudo isso constitui uma ciência. E, como ciência é tão respeitável e digna de estudos como qualquer outra. Essa ciência tornou-se parte do corpo de uma doutrina — o Espiritismo. Dignos de comiseração são todos quantos desprezam, malsinam ou procuram, de qualquer forma, combater os estudiosos de uma ciência. Sobretudo, com muito mais razão, quando êsses tais a combatem capciosa e maquiavèlicamente; ainda mais quando se trata de uma ciência como esta, de importância capital para todos os homens.

Sintonizemos os nossos corações, amigos e irmãos, para recebermos a chamadas dos Céus.

Para cima e para a frente, no roteiro de Jesus!...

Vozes do Espaço alertam os homens de boa vontade na Terra, para advertí-los quanto à necessidade de viverem segundo os preceitos cristãos. Milhares de mensagens já nos enviaram da Erraticidade os Espíritos caridosos, cultivadores incansáveis da seára de Jesus. Centenas de livros guardam essas advertências dos mensageiros de Cristo.

Mas os corações humanos parecem pouco dispostos a adotá-las.

Em geral, todos experimentamos grande prazer na sua leitura, retirando delas os mais surpreendentes enlêvos. Há mesmo uma ânsia geral pela literatura mediúnica. Esgotam-se, ràpidamente, edições e mais edições das obras doutrinárias transmitidas à humanidade pelas entidades de além-túmulo através dos médiuns psicógrafos, ouvintes ou telepáticos.

Quase não há mais o que revelar a respeito da vida eterna. Todos os seus segrêdos estão mais ou menos esclarecidos.

Entretanto, pouco aproveitamos essa luz transcendente para a nossa reforma espiritual. Por isso Emmanuel, o luminoso mensageiro, que se serve habitualmente do médium Chico Xavier, lançou a seguinte advertência no final do prefácio de «Os Mensageiros», livro que contém uma série de revelações feitas pelo espírito de André Luiz: «Se procuras, amigo, a luz espiritual; se a animalidade já te cansou o coração, lembra-te de que, em Espiritualismo, a investigação conduzirá sempre ao Infinito, tanto no que se refere ao campo infinitesimal, como à esfera dos astros distantes, e que só a transformação de ti mesmo, à luz da Espiritualidade Superior, te facultará acesso às fontes da vida divina. E, sobretudo, recorda que as mensagens edificantes do Além não se destinam apenas à expressão emocional; mas sim, acima de tudo, ao teu senso de filho de Deus, para que faças o inventário de tuas próprias realizações e te integres, de fato, na responsabilidade de viver diante do Senhor».

Ascendamos, amigos e irmãos, para a Espiritualidade Superior, no roteiro de Jesus.

Aleixo Victor Magaldi

V. Redonda, Dezembro de 1959

Crônica Estrangeira

A «Dama de Cinza» leva confôrto aos moribundos

«Reformador», de «La Revue Spirite»

Com êste título o jornal «*Nice-Matim*» (14-10-59) deu a conhecer aos seus leitores a existência do «fantasma» feminino que, num hospital de Londres, há muito tempo vem desempenhando a missão de amparar numerosos aflitos que se acham às portas da morte.

Assim escreve o referido jornal:

«Os fantasmas inglêses freqüentam geralmente velhos castelos, mas são também encontrados nos hospitais, tal como esta «dama de cinza», que aparece aos moribundos num hospital de Londres e lhes dá confôrto na hora suprema.

A aparição tem os traços de uma mulher em idade madura, de olhar doce, com uma blusa de enfermeira. A blusa é cinzenta, notando-se que há quarenta anos as enfermeiras dêsse hospital abandonaram a cor cinza pela azul.

Segundo o pessoal do hospital, duas enfermeiras faleceram nesta mesma casa, no comêço do século, e a «dama de cinza» seria o fantasma de uma delas.

A «Sociedade de Pesquisas Psíquicas» interessou-se por êste caso, e um de seus membros, o Dr. Paul Turner, recolheu testemunhos que ontem deu a público no órgão da Sociedade. Eis alguns dos fatos relacionados:

> Fevereiro de 1958:—Uma mulher que sofria de doença incurável disse à enfermeira da noite que uma dama com vestimenta cinza se aproximara dela durante a noite e que, cheia de solicitude no olhar, lhe forneceu uma xícara de chá.
>
> Setembro de 1956:—Um homem de 75 a 80 anos, que tinha câncer no pulmão bem como a doença de Paget, declara à enfermeira que lhe vem trazer um jarro com água: «Não há necessidade, pois acabo de beber um copo dágua». A enfermeira quer saber quem lhe deu o copo dágua. O doente responde: «Foi esta encantadora dama de cinza que está neste

momento ao pé do meu leito». Naturalmente, a enfermeira não viu ali ninguém. Dois dias mais tarde, o doente morria.

Dezembro de 1957 : — Um homem de 37 anos, com câncer generalizado, pergunta à sua enfermeira : «Onde está a senhora de uniforme cinza que aquecia as mãos à lareira ?» Não se vira ninguém junto à lareira e, dois ou três dias depois, o enfêrmo falecia.

Comentando êstes fatos, e vários outros do mesmo gênero, o Dr. Turner salientou que os enfêrmos estavam sob a influência de calmantes no momento de suas visões e que os medicamentos absorvidos teriam podido provocar nêles alucinações. Mas como se explica que todos tenham tido a visão da mesma «dama de cinza» ? Por telepatia, sugere o Dr. Turner, porque ainda que as enfermeiras nunca houvessem falado da «dama de cinza» aos doentes, elas conheciam sua história e telepàticamente a transmitiriam àquêles.

Qualquer que seja a explicação, conclui o Dr. Turner, é fato que numerosos doentes, colocados nas salas reservadas aos moribundos, têm visões de uma dama com vestimenta cinza, tida geralmente por uma enfermeira, e que lhes vem trazer confôrto em seus últimos instantes.»

Sim, é fato, e todos os doutores Turner do mundo nada poderão fazer contra esta evidência tão bela e tão encantadora. — (SULYAC.)

Porém, o cão que êle viu estava «morto»

De «Two Worlds»

Lucian Landau olhava fixamente para a forma de um cão alsaciano.

Não é sempre que se acorda à meia noite e vê uma forma espiritual. *Especialmente* de um cão. *Particularmente* um alsaciano. E as vantagens de ver a forma espiritual de um cão alsaciano castanho escuro devem ser de um para milhões.

Mas era isso que estava vendo Lucian Landau.

De manhã êle voara de Londres a Gênova em um B. E. A. Como consultor industrial êle trabalhou duramente durante o dia todo na fábrica de um colega, snr. Antoniades. À noite êle se hospedeu com Antoniades e sua irmã.

O jantar deu-lhe grande fadiga. Indicaram-lhe o seu quarto de dormir e quando sua cabeça pousou no travesseiro êle estava quase dormindo. Então êle acordou mais ràpidamente ainda.

Alguém entrara no quarto — isso êle descobriu instantâneamente. Seu rosto estava para o lado da parede, assim êle se voltou e viu «uma massa de luz frouxa». Era arredondada sem contôrno agudo. E isso não iluminava qualquer dos objetos no interior do quarto, que permanecia em profunda escuridão.

Não estava na casa

Dentro da luz êle viu a figura de uma mulher na qual reconheceu a espôsa «morta» de seu hospedeiro. Êle nunca a encontrara, mas um mês antes, no hotel West End, êle viu sua figura esvaecente de pé ao lado do marido triste, Antoniades, e poude descrevê-la detalhadamente.

Então, a mulher parecia sorrir. A seu lado estava o cão. Era um alsaciano, de pêlo castanho, não preto. Landau percebeu um murmúrio.

«Diga-lhe». Então a visão desapareceu.

Ao almôço êle perguntou a Antoniades se sua mulher alguma vez possuira um cão alsaciano todo castanho.

«Sim», respondeu o hospedeiro, declarando que o cão ainda estava vivo.

Landau ficou surpreendido porque não tinha visto sinal de animal na casa.

Não no canil (abrigo de cães)

«Êle não está aquí», disse Antoniades». Quando minha mulher adoeceu achei difícil cuidar dêle e tive necessidade de me desfazer do cão. Êle está no canil, 60 milhas longe daqui».

Landau perguntou se êle estava *certo* de ainda continuar vivo o cão e sugeriu-o a telefonar ao canil. Antoniades foi obrigado a esperar o dia todo antes de obter ligação, devido a um defeito da linha.

Quando conseguiu falar, foi informado que o cão fôra destruido.

(Relatos escritos de Landau e Antoniades, confirmando a autenticidade dessa ocorrência, que se realizou em dezembro de 1955, aparecem na atual edição do «Jornal da Sociedade para Investigação Psíquica»).

O Amigo Fantasma

Por F. Lockood

Eis aquí o resumo duma experiência recente que talvez interesse aos leitores :

Se observarmos o mapa das Ilhas Britânicas notaremos que o ponto mais setentrional das Hébridas se chama a Ponta de Lewis. Vê-se aquí um faról, precàriamente alcandorado nas escarpas duma falésia rodeada de recifes e ilhéus rochosos.

Num domingo de manhã, a 16 de Junho de 1957, encontrava-me ali sòzinha. A manhã estava tão enevoada que não se divisava o cume do faról, visto de baixo, e o mar mostrava-se encapelado e escumante. O sinal de nevoeiro soava com intervalos freqüentes.

Era um dia impossível para fotografias ; assim mesmo, resolvi tirar uma, para recordação desta visita. Como a minha máquina era a côres, trepei por ali, tentando captar um tom da côr avermelhada do mar para dar vida às rochas cinzentas e à espuma que emergia do nevoeiro. Senti então a presença dum amigo que eu sabia estar doente a mais de 700 quilómetros do local. Como eu, era ciclista entusiasta e comprazia-se na fotografia a côres nas suas viagens.

Tirei a fotografia e parti. O incidente esfumou-se no meu espírito durante certo tempo, mas, alguns dias mais tarde, pedalava eu através dum carreiro pouco freqüentado, não longe de Peebles, quando, mais uma vêz, notei a sua presença.

Continuei a pedalar e durante meia hora conversámos e quase discutimos por vêzes (amistosamente, é claro).

Havia qualquer coisa que êle queria continuar após a sua morte, qualquer coisa que sempre lhe despertara grande entusiasmo. Concordámos em princípio, discordámos nos pormenores, mas, por fim, esclarecemos tudo com mútua satisfação.

Mostrou-se, contudo, surpreendido que eu tomasse a sua visita como coisa corrente; mas, quando lhe expliquei que estava habituada a falar com os «invisíveis», pareceu compreender.

Alguns dias depois voltei a casa e perguntei por êle. Disseram-me que se encontrava no hospital em estado inconsciente nos momentos que acabo de referir.

Morreu uma ou duas semanas mais tarde.

Na manhã do seu funeral pedalava eu por uma estrada agradável e sossegada, quando voltou a falar-me, muito bem disposto, dizendo-me que tinha outros assuntos a tratar nêsse dia, mas que voltaria em breve.

(Traduzido do «Your Fate», de Fevereiro de 1958).

AOS NOSSOS COLABORADORES

Seria agradável que pudessemos aumentar o número de páginas desta «Revista» para possibilitar um atendimento mais constante na publicação de trabalhos dos prezados colaboradores. Isso, porém, não tem sido possível para não agravarmos, no momento de tantas dificuldades, o custo de assinaturas.

Assim, para podermos contentar a todos, publicando maior número de vêzes as produções de cada um, pedimos que nos mandem artigos que não ultrapassem de três páginas da «Revista», resumindo ou sintetizando as suas teses, proporcionando-nos, dentro do espaço reduzido disponível, atender melhor a todos e oferecer leitura mais variada ao público.

Para trabalhos de estudo e longo fôlego, há o recurso de dividi-los em pequenos capítulos seriados.

Pedimos também o cuidado dos artigos serem escritos a máquina, em dois espaços, e num só lado da folha de papel, a fim de facilitar-nos a composição e a revisão.

A REDAÇÃO

Espiritismo no Brasil

XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Verdadeiro acontecimento social-espírita — A grandiosidade do movimento em Campinas nos dias 14 a 17 de abril — A importância das realizações espíritas na cidade de Carlos Comes — Três grandes associações e suas obras de benemerência

A cidade de Campinas, cognominada a capital cívica do país pela participação centralizadora que exerceu na campanha da abolição dos escravos e da propaganda republicana, foi cenário magnífico da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, compreendendo, além dêste, os de Minas, Goiás e Mato Grosso, levada a efeito nos dias 14, 15, 16 e 17 de abril.

Ao ensejo dêsse certame, representantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» estiveram presentes e puderam observar a grandiosidade do acontecimento, que ficou marcando época nos fastos do Espiritismo em terras brasileiras.

As atividades da Concentração tiveram transcurso normal e entusiástico esgotando o vasto programa e correspondendo à dedicação do Conselho Diretor, o qual não poupou esforços para o êxito alcançado.

Com apoio geral dos espíritas de tôda a região e o comparecimento de dezenas de Mocidades, iniciou-se a Concentração no Centro Espírita «Allan Kardec» com entrega das credenciais e visitas a várias organizações assistenciais.

Êsses atos foram realizados pela manhã, de 14 de abril, e às 14 horas, na sede da União Espírita «Antonio Carlos», abriram-se os trabalhos sob direção do professor Ary Lex, sendo examinados os resultados das teses de várias Mocidades, seguindo-se mesa redonda sôbre métodos de estudo.

À noite, no Centro «Allan Kardec», após discreta parte artística e saudações de moços de Mato Grosso e São Paulo, o professor Rubens Romanelli, de Belo Horizonte, Minas, pronunciou substancial conferência para uma assistência atenta e numerosa que superlotava o salão de capacidade para mais de mil pessoas. Conferencista de pulso, historiou a marcha do homem, através dos tempos, o qual, como bandeirante, viveu descobrindo e conquistando terras e continentes e os astros do infinito e o mundo dos infusórios e até as tentativas pela posse dos satélites e planêtas que rodeiam a Terra, lamentando que a criatura, nessa maravilha de conquistas, não tenha enfrentado o estudo de si mesmo, desvendando e conhecendo o seu próprio enigma, isto é, o mistério de sua existência para se integrar em Jesus. Numa peroração feliz, indicou os quatro caminhos que levam ao Mestre nazareno e que são as estradas : a de Damasco, com o deslumbramento. como o de Saulo; a de Jerusalém, com a renúncia ; a de Jericó, com o samaritano e a caridade ; e a de Emaus, com a revelação. Apelando, por fim, para que cada qual se assegure do seu destino abrindo o coração a Jesus, terminou, o professor Rubens Romanelli, a sua linda e profunda lição de Espiritismo, recebendo mais que consagradora manifestação de aplausos.

No dia seguinte, 15, cedo, continuaram os trabalhos, no Centro «Allan Kardec», com mesa redonda das Mocidades sôbre evangelização da criança, preenchendo programa, e às 14 horas, torneio evangélico doutrinário sob criterioso sistema.

Às 20 horas, no mesmo local, parte artística e saudações de representantes de Goiás e Minas Gerais, e a palavra torrenciosa de Divaldo Pereira Franco, de Salvador, Bahia, que empolgou uma assistência das maiores. O orador expôs, com riqueza de conhecimentos, a verdadeira história da ciência, em busca das provas da existência da alma, para terminar falando do monumento doutrinário do Espiritismo erguido pelo esfôrço e a cultura de Allan Kardec, o missionário insuperável. Tão grande foi a impressão causada ao imenso auditório, que as palmas estrugiram calorosas por longos e vibrantes minutos.

Dia 16, pela manhã, houve o concurso de oratória entre jovens representantes, e à tarde, na União «Antonio Carlos», sugestões e debates sôbre Regulamento das Concentrações, escolha da nova sede, que ficou sendo Campo Grande, Mato Grosso, e eleição do Conselho Diretor da próxima Concentração.

À noite, no Centro «Allan Kardec», outra festa de arte, de saudações pelos vencedores do concurso de oratória, de posse do novo Conselho Diretor e, finalmente, a ansiosamente esperada conferência de Jacob Holzmann Neto, de Curitiba, Paraná. Jovem tribuno, de extrema simpatia, como os demais, não desmentiu a fama que o consagra como um dos grandes oradores da atual geração. Prendendo, por largo tempo, a atenção de uma platéia também repleta, desenvolveu tese racional da luta pela liberdade do pensamento, começando por focalizar a vida e o sacrifício de João Huss, passando por Martinho Lutero, e Swendenborg até chegar a Allan Kardec, quando a mente humana se liberta dos velhos preconceitos, e se abre aos esplendores da ciência, da filosofia e da religião, tecendo, o orador, um hino ao Espiritismo e a Jesus.

Como seus colegas, das noites anteriores, colheu, ao findar sua estupenda oração, uma avalanche de aplausos, intensos e prolongados.

Todos os três oradores falaram por mais de hora e meia e invocaram ao final a Jesus para que penetre em todos os corações.

Domingo, 17, verificou-se, no Educandário Euripedes, reunião de confraternização e despedida.

Em nossa próxima edição, além do resumo minucioso das atividades da XIII Concentração, publicaremos nossa apreciação relativa às realizações das sociedades espíritas de Campinas, que tudo vêm fazendo pelo Espiritismo em benefício geral.

Salve a Concentração das Mocidades Espíritas pela beleza moral de que se revestiu !

Abraham Lincoln

Patrono da Escola inaugurada pela Associação Espírita Cairbar Schutel

Ensino primário gratuito para crianças pobres — 140 alunos, com 3 professôras da Prefeitura de Duque de Caxias — Rio de Janeiro — Campanha de sede própria

Com a presença do sr. Adolpho David, Prefeito Municipal de Duque de Caxias, foi inaugurada no dia 12 de março p. findo, a *Escola Primária Abraham Lincoln*, criada pela Associação Espírita Cairbar Schutel, daquela cidade fluminense.

A convite do Presidente Ademar Duarte Constant, abriu a solenidade o sr. Romeu de Oliveira Carvalho, sócio-fundador e atual Presidente de Honra da entidade, que a seguir entregou a condução dos trabalhos ao Prefeito Adolfo David.

À Mesa, tomaram assentos o Exmo. Sr. deputado Waldyr Souza Medeiros, do Legislativo Estadual, Joaquim Tenório Cavalcanti, Romeu Oliveira Carvalho e o vereador Thomé Siqueira Barreto, da Câmara Municipal local.

Com o salão repleto de convidados, professôras, representantes das entidades espíritas de Caxias e de associados, falou, inicialmente, o advogado e consócio dr. Salvador Pereira da Rocha, que numa saudação a Lincoln, exaltou sua vida e sua obra. Seguidamente, falaram os srs. Manoel Lucas de Souza Junior, sócio-fundador, Mário José Floriano, representante da União dos Espíritas de Caxias ; sr. Joaquim Tenório Cavalcanti, alto funcionário estadual; sr. Antanas Alexsandravicius, presidente do Centro Espírita Thiago Apóstolo; professôra Dirza M. Vieira, Diretora da nova escola; deputado Waldyr Souza Medeiros; o sr. Adolpho David, e, por último, encerrando e agradecendo a cooperação de todos que ajudaram à escola, o Presidente Ademar Duarte Constant. Dentre muitos fatos importantes, levantou o problema da aquisição da séde própria, destacando, na sua oração de agradecimento, a colaboração da Câmara Municipal, por haver considerado a entidade como òrgão de utilidade pública, e do Prefeito Adolpho David, que além das professôras que indicou, também ajudou substancialmente na construção de uma dependência para aulas.

Não teve tempo, dado o adiantado da hora, para mencionar os grandes serviços prestados pelos consócios Manoel Felipe Marins e Alfredo Bispo de Souza, êste, coletando materiais e ajudando à Presidência na solução dos problemas que iam surgindo, e, o sr. Felipe Marins, como responsável e executor das obras, às quais se dedicou de corpo e alma vários dias, até à inauguração da escolinha. Felipe Marins foi um gigante, uma expressão de grandeza humana e a êle a Associação de Cairbar muito ficou a dever.

Convidado o Exm.º Sr. John Moors Cabot, Embaixador dos Estados Unidos da América, não pôde comparecer, em virtude de compromissos assumidos anteriormente, conforme comunicação em ofício, mas assim mesmo teve a gentileza de remeter dezenas de preciosos livros históricos e didáticos, mapa e duas biografias de Lincoln, em português e inglês, esta ricamente encadernada e com gravuras da vida do grande estadista.

Presentemente, a escola agasalha a 140 alunos. Cuida-se de ampliá-la para 160 crianças com a indicação de mais uma professôra. Seu corpo docente é composto das professôras Dirza M. Vieira (Diretora), Nair Silveira G. José e Purcina Vidaurre Leite.

—

Notável pregadora carioca profere conferência em Duque de Caxias

Por iniciativa de Senhoras da Associação Espírita Cairbar Schutel, o Centro Espírita Thiago Apóstolo engalanou-se para receber a notável confreira ILVA TAVARES, pregadora da Liga Espírita do Rio de Janeiro.

Conhecida dos espíritas duquecaxienses, mais uma vez dispôs de um auditório numeroso e atento, que bebeu sôfregamente seus ensinamentos.

Sob o tema «Escolha das Provas», discorreu a oradora com muita precisão e sensibilidade acêrca das vicissitudes de cada um, frizando com destaque especial o cumprimento do dever, a resignação no sofrimento e a firmeza de vontade para a superação e triunfo da dôr.

Além de comentar aspectos negativos e positivos do mediunismo do qual ofereceu oportunos exemplos, demorou-se nos problemas da educação doméstica para a formação do homem e o equilíbrio da sociedade.

*

A convite do sr. Antanas Alexandravicius, Presidente do «Thiago Apóstolo», ocupou a presidência dos trabalhos o confrade Ademar Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel.

*

Entremeada de cânticos alusivos a Thiago Apóstolo e a Kardec, além de recitativos do Coral da Casa, composto de adultos e crianças, a solenidade preencheu maravilhosamente a tarde do dia 27 de março último, assinalando mais um avanço no desenvolvimento cultural do espiritismo na terra de Lima e Silva.

Do Correspondente

Sétimo aniversário do Lar «Marilia Barbosa»

Em Cambé-Paraná, o Lar «Marilia Barbosa», de proteção a meninas desamparadas, festejou o sétimo aniversário de sua fundação, ocorrido em 29 de março último, já com 47 crianças abrigadas.

Ressaltando êsse acontecimento, «O Imortal» orgão do Centro Espírita Allan Kardec, daquela cidade, apresentou-se, em 25 do mesmo mês, com uma edição especial, ilustrada de clichês significativos e repleta de matéria variada alusiva à instituição aniversariante, que tem como patrono o espírito de Marilia Barbosa, a saudosa esposa do não menos saudoso Leopoldo Machado.

Entre as fotografias estampadas, encontram-se as de Cairbar Schutel, João Leão Pitta e José Maria Gonçalves da equipe de espíritas matonenses, da primeira hora, já desaparecidos do plano terreno. Êste fato chamou a nossa atenção para uma realidade patente. Tanto o diretor do Lar «Marilia Barbosa», como o responsável pelo «O Imortal», é o mesmo Hugo Gonçalves; nascido e criado em Matão, sendo filho de José Maria Gonçalves e discípulo de Cairbar Schutel, e que, muito jovem ainda, se destacou pelo esfôrço próprio, indo colocar-se, em companhia do dedicado Luiz Picinin, à frente daquela instituição de assistência social e do citado orgão de publicidade, como um galho ou vergôntea da árvore espírita matonense que, mergulhando na distância, foi florir na promissora Cambé, do grande Estado do Paraná.

Por tudo isso, é imenso o nosso júbilo, sentindo que o Lar «Marilia Barbosa», cuja existência se firmou em definitivo, e também «O Imortal», são entidades nossas irmãs, emergidas do mesmo impulso criador de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», o que vale dizer, da capacidade incentivadora de Cairbar Schutel, o qual, da modéstia do seu labor em Matão, fez brotar, pelo Brasil afora, as sementes do seu apostolado.

Eis, porque, pelo ideal e pela familiaridade, tornou-se comum para nós a alegria dos espíritas de Cambé, pelo sétimo aniversário de seu Lar Infantil, que fala tão alto da obra assistencial do Espiritismo em terras brasileiras.

Parabens aos confrades daquele vibrante rincão paranaense.

Homenagem a Cairbar Schutel

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se no dia 31 de Janeiro último, nos salões da Bibliotéca Infantil Municipal do Itaim, sito à rua Lopes Netto, em São Paulo, uma grande reunião patrocinada pelo Centro Espírita «Cairbar Schutel» em homenagem ao seu patrono, pela passagem do seu 22.º aniversário de desencarne, e, pelo 21.º aniversário de fundação do Centro acima.

A referida reunião que decorreu num ambiente de fraternidade cristã, contou com a assistência de mais de mil pessoas. Os trabalhos foram iniciados às 15 horas com uma prece pelo nosso companheiro Alfredo Pagliarini, que, em companhia dos diretores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, foram os dirigentes.

Inicialmente o esforçado confrade Alfredo Pagliarini, usando da palavra, falou com muito brilhantismo sôbre o homenageado, sendo muito aclamado por todos. Em prosseguimento, foram desfilando pelo palco os seguintes números, de autores espíritas : «Carta aos Inconformados» ; «Séquito de Caridade»; «Jesus e a mulher» ; «O Estudante» ; «Deus e a Criação» ; «Conversa entre amigos» ; «Eu entrei depois» ; «Escola do Evangelho» e «Homenagem a Cairbar», interpretados pelos seguintes alunos e dirigentes dos Centros Espíritas «Cairbar Schutel» e «Ismael» : Jurema S. Pagliarini, Flamarion Ismael Alves, Iara Alves da Silva, Victor Sebastião, Fenelon Alves, Filemon Alves, Alda Sebastião, Carlos Meciano, Rosa Maria dos Santos, Adauto Meciano, Gamaliél Castro, Joél Alves, Marcos Meciano, Tamar Alves, Eunice Mazzuca, Ivan Alves da Silva, Wilma Guidini, Walda Munhoz, Walter Guidini, Ivens Alves Silva, Estér de Castro, Mauricio Guidini, Wladimir Franco de Moura, Francisco Guidini, Waldomiro Alves, Flóra Alves e muitos outros.

O sucesso alcançado pelos números acima, que foram entusiàsticamente aplaudidos pela grande assistência presente, deve-se ao esfôrço de nossa companheira Amélia M. Pagliarini, professôra dos Cursos de «Catecismo Espírita» e «Curso de Alfabetização» mantidos pelo Centro Espírita «Cairbar Schutel».

Os alunos do Centro Espírita «Cairbar Schutel» que freqüentam os cursos de «Catecismo Espírita» ; «Curso de Alfabetização» ; «Estudo do Livro dos Espíritos» e «Oratória», que se destacaram durante o ano de 1959, foram premiados em livros de diversos autores espíritas, entre êles, Cairbar Schutel, Chico Xavier e Allan Kardec.

A reunião encerrou-se às 19 horas com uma prece em agradecimento aos Bons Espíritos, pela fraternidade como decorreram os trabalhos.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da sessão ordinária, de 5 de março de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada. Em comentário, anuncia o Presidente uma emissão de seis milhões de selos em homenagem a Zamenhof.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão comunica o lançamento da pedra fundamental da *Casa Transitória,* em S. Paulo, no dia 25 de Janeiro último, e relata o grande êxito alcançado pela Convenção dos Educadores Espíritas, realizada em Ribeirão Preto, de 11 a 14 de Fevereiro, com a presença de educadores, espíritas e não espíritas, paulistas e de outros Estados. Diz ainda, que o 1.º Curso de Dirigentes de Sessões e Orientação de Médiuns, iniciado em 7 de Janeiro, conta com elevado número de inscrições e promete satisfatórios resultados.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama anuncia a realização, em Abril próximo, da Semana Espírita, e diz da notável atividade da Federação Paraense no setor de assistência aos necessitados.

Minas Gerais — O Conselheiro Miranda Ludolf lê carta da União Espírita Mineira, congratulando-se com o Conselho e com a FEB pela obtenção do título de *UTILIDADE PÚBLICA NACIONAL.*

Espírito Santo — O Conselheiro Alberto Nogueira Gama transmite ao Conselho um pedido de informações sôbre uma organização espiritista. Responde o Conselho, por seu Presidente, que tal organização se apresenta como de caráter nacional, de sorte que o C. F. N. e a F. E. B. nada têm que informar sôbre ela.

Feita a prece final pelo representante do *Piauí,* encerra o Presidente a reunião às 16 horas.

Súmula da Ata da Sessão ordinária, de 2 de Abril de 1960

À hora regimental profere o Presidente a prece inicial, na qual lembra o Médium Francisco Cândido Xavier, que na data completava cinquenta anos de idade. Lida a Ata de 5 de março, é ela aprovada.

O Presidente comunica haver recebido nótícia da fundação, em Buenos Airas, do «Instituto Espírita Universal», que programou um «Curso sôbre o Espiritismo», bem como um ciclo de conferência, aos sábados, às 21 horas.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino comunica sua recondução ao cargo de representante da Federação Espírita Catarinense, junto ao Conselho.

Distrito Federal — Por proposta apresentada pelo Conselheiro Aurino Souto, foi aprovado um voto de congratulações com a Confederación Espiritista da Argentina, pelo esfôrço que ela vem desenvolvendo a prol da unificação do movimento espírita naquela grande nação.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf transmite comunicação da renovação de poderes do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano noticia a continuação da construção do Hospital Espírita do Amazonas e o constante empenho da Federação Amazonense na difusão da Doutrina.

Mato-Grosso — O Conselheiro Clemente Martins dá conhecimento ao Conselho das palavras proferidas pelo Coronel Duilio Lena Berni no ato da inauguração do Grupo Escolar «Guia Lopes», em Campo Grande.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Cap. Tenente Walter Mascarenhas fala da decisão da Federação, que dirige, de acompanhar fielmente o pensamento de aprovação da Federação Espírita Brasileira relativamente às horas de arte em festivais de organizações assistenciais, relatando ainda o grande êxito do Curso Pré-Natal, instalado na sede da Federação, e a posse da nova diretoria desta, em 31 de Março.

Feita a prece final pelo representante do Rio Grande do Norte, é encerrada a reunião, às dezesseis horas.

NECROLOGIA

Germano Emilio dos Anjos

Em Caraguatatuba, onde residia ùltimamente, pereceu afogado nas águas do Oceano Atlântico, no dia 2 de março, o nosso querido companheiro Germano Emilio dos Anjos, antigo representante de «O Clarim», espírita dos mais conhecidos e esforçados na dfiusão da Doutrina pela palavra e pelo exemplo.

O confrade Antenor de Souza, em carta, nos contou que o Germano desencarnou quando tomava banho de mar e acentua que, tendo um rapaz se esforçado para salvá-lo, quando Germano viu a inutilidade do esfôrço, pediu ao jovem que o deixasse morrer sòzinho, para não sacrificar a vida do mesmo.

Até nesse gesto de coragem e de cuidado pelo semelhante o nosso velho confrade deu provas de sua compreensão de espirita.

— Ao espírito que regressou à vida espiritual nossos votos de paz e luz.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 150,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples		Cr.$120,00
Semestre	—	,,	,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada		180,00
Semestre	—	,,	,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

PE

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3661unse

No. 5 unavailable

Ano XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1960 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 [illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Aparições dos Mortos	*Redação*
A Fé sem Obras é Morta	*Carlos Imbassahy*
Que é Religião?	*T. Medina*
Advertências Espirituais através dos chamados sonhos premonitórios .	*Irmão Saulo*
O Paganismo e a Igreja	*Mário Cavalcanti de Mello*
A Reencarnação na Inglaterra . .	*Deolindo Amorim*
Hipnotismo e Espiritismo	*V. O. Casella*
O Espiritismo não pode descurar .	*Mac Maynard*
Ponderações	*v. lirenedo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 130,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1960 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

As Aparições dos Mortos

O ESPIRITISMO, com seus fatos convincentes, irrecusáveis pela sua natureza transcendental, com seus ensinos elevadíssimos e sua palavra cheia de autoridade, ante a qual se curvam reverentemente grandes e pequenos, sábios e governadores, abriu uma imensa clareira no caminho trevoso da humanidade.

Todos os problemas insolúveis para os homens, o Espiritismo os soluciona com uma precisão irrepreensível. Sua sabedoria tanto abrange o microcosmo como o macrocosmo, começa no grão de areia e avança para o infinito, contornando mundos sem fim e jamais terminará a sua longa caminhada.

Dando uma idéia do valor desta doutrina grandiosa, disseram os espíritos : «O Espiritismo disse a primeira palavra e jamais dirá a última.»

Sim, jamais dirá a ùltima, porque êle é como um mar sem fundo. A sua sabedoria é ilimitada, e quanto mais o homem nela penetrar mais saberá que nada sabe em face do que lhe resta saber. E isto é motivo de grande gôzo, porque quanto mais o homem avançar mais feliz e mais extasiado se sentirá ante o contemplar das maravilhas celestiais.

O Espiritismo é a Lei de Deus que se desdobra em amor, sabedoria e justiça. Sua missão é fazer os homens sábios, amorosos e justiceiros, erguendo nêles a fé e a esperança, que constituem a alegria de viver, porque um homem sem fé e sem esperança assemelha-se a uma nau sem bússola e sem governo à mercê das ondas encapeladas. Qualquer desengano, qualquer provação é o bastante para êle revoltar-se e perder a noção das coisas e da vida.

Essa fé e essa esperança, o Espiritismo as ergue na alma do homem, não com palavras ôcas que nada explicam, mas com fatos, que constituem justamente a rocha inabalável da fé e da esperança.

As aparições dos mortos, por exemplo, formam um conjunto de fatos interessantíssimos que necessitam ser estudados e levados a sério pelos homens de tôdas as categorias, porque êles dizem respeito a todos em geral.

Se os mortos aparecem, logo devemos concluir que o homem não desaparece após a morte, que êle continua a viver e que neste caso devemos procurar conhecer o que de positivo existe a respeito.

Os casos de assombrações narrados a todos os instantes, com certo entusiasmo, são a confirmação da existência e imortalidade do espírito. Não devemos temer as aparições dos defuntos, pelo contrário, devemos dar-lhes uma importância tôda especial, procurando no Espiritismo a solução de tão magna questão.

As aparições dos defuntos constituem a proclamação da Imortalidade que é, a seu turno, a base da religião, da ciência e da filosofia. Por isso que sem o conhecimento da Imortalidade não podem ser resolvidas tôdas as questões que dividem os homens e ser exterminada a luta sem quartel que entre êles se desenrola de maneira a mais deplorável possível.

A implantação da Imortalidade, com os seus profundíssimos conhecimentos, no cérebro do homem, dá a êste um novo «modus-vivendi» que muito o felicitará, guiando com acêrto seus passos no caminho da vida.

A questão social, que tanto vem preocupando os homens, ficará solucionada com relativa facilidade, porque será analisada a começar de seus alicerces, de maneira que a reforma possa atingir os objetivos visados.

A ciência e a religião, bases da sabedoria e da moral, respectivamente, não serão extintas com a ação do Espiritismo, como pretendem, por espírito de combate sistemático, muitos incientes, mas serão enriquecidas com novos e importantes conhecimentos.

Reafirmando a crença na Imortalidade, crença apregoada pelas primitivas doutrinas espiritualistas, que se perdem num passado mui remoto, de milhares e milhares de anos, e ultimamente por Jesus, o Enviado de Deus, as aparições dos endevidamente chamados mortos, contribuem poderosamente para a ascenção da humanidade a planos superiores, que constituem, segundo a afirmativa de Jesus, «as muitas moradas da casa do Pai.»

De novo afirmamos: só o Espiritismo guia, ilumina, reforma e ampara o homem, dando-lhe a felicidade que tanto êle almeja e que em vão procura nas coisas terrenas.

A Fé sem Obras é Morta

IV

Desastre do Império e fim do Rei

A guerra religiosa estende-se à Inglaterra. Já Elisabeth proibira a exportação de mercadorias para a Espanha e a Espanha a de matérias primas para a Inglaterra.

O Papa, por sua vez, lança uma bula de excomunhão contra a rainha, porque ela oprimia a Religião, auxiliava a Holanda e matara Maria Stuart, católica.

Começou na península a estrondosa manifestação religiosa em pról das armas espanholas, que deviam atacar a heresia nas Ilhas Britânicas. Era espetacular: procissões, músicas, orações, flagelações, um ensurdecedor ruido pelas ruas, e o Rei à frente das massas, a carregar andores, a cantar. — Nunca se vira, diz um autor sacro, emprêsa que fôsse tão grata a Deus.

A frota que iria às costas da Inglaterra já não era mais de Espanha, era do Senhor. A vitória não seria de Felipe, nem da Península, mas da Igreja e conseqüentemente do Criador.

Prepara-se a Grande Armada a «Invencível Armada», que parte sob vivas, flôres, tiros, estoiros, berros entusiásticos.

Essa Armada, feita às escondidas, como tudo, ou quase, o que se passava no Reino, era composta de 150 navios, grandes, maiores que quaisquer outros; custaram 150 milhões de escudos.

Deviam êles fazer contraste com as três mofinas caravelas que emprestaram a Colombo; entretanto, estas iam à descoberta de um novo mundo, enquanto a poderosa frota destinava-se a amordaçar consciências.

Além daqueles navios, bem tripulados e bem armados, havia outra esquadra de transporte, com um exército para o desembarque nas Ilhas Britânicas, pronta a zarpar de Flandes.

Os navios tinham nomes de santos e apóstolos, e 21 foram batizados com os diferentes nomes da Virgem. Embarcaram ainda para a gloriosa jornada cem frades sob a direção do Vigário Geral do Santo Ofício. O Chefe da Invencível, da Frota Divina, era o Duque de Medina Sidônia.

Mas, por mais incrível que pareça e custe a acreditar, Deus foi derrotado. Talvez se tivesse vencido a si próprio, porque uma tempestade aniquilou a frota, e os inglêses fizeram o resto. Isto foi em 1588.

O embaixador francês mandava dizer a Sua Majestade Católica que sua fôrça naval tinha feito sossobrar 15 navios heréticos e repelido os inglêses até Dover. E Felipe já declarava que Deus estava alerta, quando o alertaram a êle do desastre naval.

Pede, então, o auxílio do Peru, porque a *plata* já lhe estava faltando. E o ouro também. O Peru lhe envia o que pede, mas os piratas o tomam no caminho. Deus fechava ainda os olhos.

Os Países Baixos continuavam a resistir e o que mais entristecia Felipe era não ter podido prestar a Deus o serviço que Deus lhe exigia.

Não sabemos como lhe chegou ao conhecimento essa exigência divina. Como quer que seja, manda que se rendam graças em tôdas as igrejas, não se soube porque.

O Duque, Almirante da Grande Armada, chegou a Santander com o que escapou, mas tudo tão avariado que não havia esperanças de consêrto.

E o rei voltando à calma habitual: — Podia ser pior !

E alguns em surdina, receiosos do garrote : — Mas pior como ?...

* * *

Realmente a indagação era justa. A Espanha acabara perdendo as Províncias Unidas, ou seja importante nação marítima e de grande comércio ; vira destruida sua poderosa frota, com que pretendia manter o domínio dos mares ; depois, sobe ao trono de França Henrique IV, para o enfraquecimento do qual, como protestante que era, Felipe espendera grandes somas e esgotara os seus recursos políticos, alguns bem ordinários ; perde ainda, com a expulsão dos mouros, braços afeitos ao trabalho, inteligências cultas, em suma, uma população rica, hábil, ativa, industriosa.

A indústria estava paralisada ; as riquezas que os espanhóis pilhavam na América eram por sua vez pilhadas pelos piratas ; a agricultura empobrecida, desaparecia ; a população se via aterrada pelas fogueiras, dizimadas pelas guerras, desfibrada pelos conventos, inutilizada pelo fanatismo, de que o monarca dava o exemplo. Já não havia numerário, são suspensos os pagamentos, declara-se a bancarrota.

E Felipe a afirmar que podia ser pior !

* * *

Em 1597 enviados do Rei andaram por tôda a parte procurando relíquias a fim de as trazerem para a Espanha ; eram auxiliados por padres e frades, bispos e cardiais, aduladores de todos os feitios e até pelo Papa. As caixas com sua preciosa carga, mais felizes que a esquadra, escaparam dos calvinistas. Chegaram, e logo se realizou uma imponente procissão. O rei, por então, mal podia caminhar, e sua maior dor era lhe faltarem as pernas quando mais precisava delas para acompanhar o Santíssimo.

Já estava esgotado com os contratempos, com as genuflexões, com as rezas. Eram orações de manhã à noite. Sentia-se enfêrmo, tinha um filho débil e via o Império desamparado, sem se lembrar que o seu sectarismo o havia dessorado.

Vários planos se lhe desvanecem. De nada lhe valeram as guerras, as matanças, o combate cruento, implacável, feroz ao que chamava de heresia. Nada conseguiu do que se esperava de sua coroa católica, de sua cabeça católica, do seu braço católico, de sua fé católica.

> *«Herdeiro da metade do mundo — diz César Cantu — caminhou de prosperidade em prosperidade durante 40 anos; teve conselheiros habilíssimos, capitães de gênio e de valor a tôda prova; a sua infantaria foi a melhor da época, a sua marinha a mais poderosa do mundo. Venceu em tôda parte os insurgentes, conquistou Portugal, ganhou as insignes vitórias de Lepanto contra os turcos e a de S. Quintino contra os francêses. Suas imensas colônias mandavam-lhe tesôuros inestimáveis e a literatura nacional ilustrou-lhe o reinado com um período*

áureo. E contudo foi nêle que principiaram a decadência da Áustria e a deplorável ruina da Espanha».

Acrescentemos ainda que foi o o país, talvez o único, que não sofreu invasão estrangeira nem passou pelas vicissitudes da guerra civil.

A população de vinte milhões ficou reduzida a dez milhões, com fervor católico de Sua Magestade, e nêsses dez milhões restantes havia 312 mil padres seculares, 200 mil eclesiásticos e 400 mil frades. Desconte-se, pois, daqueles dez milhões, um milhão de tonsurados, ou seja um milhão de pessoas improdutivas para a vida do país. De sorte que os campos ficaram despovoados, a indústria abandonada. Os que não haviam sido mortos, os que não foram obrigados a exilar, os ficantes, ainda mais infelizes, se viram sobrecarregados de impostos e de trabalhos, e foram desertando voluntàriamente.

Sem marinha, com um exército fraco, a Espanha se via alvo de piratas. A demência religiosa do rei escorchava o pensamento de uma parte, ou seja o patrimônio moral, e de outra parte deixava a nação sem braços no caminho da ruína, ou seja, a alienação do patrimônio material.

Era êste o balanço.

* * *

E afinal, Sua Magestade Católica, enfêrma, parte para o Escurial. Estamos em 1598. A viagem, que era de poucas horas, durou-lhe cinco dias. Sobrevém-lhe a febre, forma-se-lhe um tumor no joelho, que lhe produz grandes dores; o reumatismo toma-lhe os dedos, os artelhos se abrem: as coxas e o ventre intumecem; o corpo se ressente de debilidade extrema. Operam-lhe o joelho enquanto lhe recitam o Evangelho de São Mateus.

Já não lhe podem fazer curativos nem tirar-lhe a roupa; as dores são extremas, e êle, o belo, o elegante, aquêle que vivia luxuosamente trajado, o que não tolerava o menor discuido na vestimenta, a mais leve mácula, sente-se, vê-se na maior sordidez.

Ouçamos Schneider:

«Êle que pela sua susceptibilidade e de seu sentimento em tôdas as coisas corporais, punha em espanto seu ambiente, teve que experimentar a parte mais profundamente repugnante do sofrimento. Em uma cama apodrecia e presencia a decomposição do próprio corpo. Nada lhe é poupado nêsses cincoenta e três dias durante os quais não pôde executar o menor, o mais ligeiro movimento. Já os ombros se cobrem de chagas; as mãos vão ficando incessantemente manchadas com as supurações gotosas. Quando o sono o agracia com uma curta hora, a febre se mistura em seu sonho e lhe provoca pavorosas visões; o coração pula como um animal ferido que se enfurece e torvelinha em sua jaula. Em aguda dissonância destrói-se o corpo que tantas vêzes fôra admirado pela harmonia de suas proporções».

Manda êle cercar o leito de imagens e cruzes e relíquias. Quanto mais a dor o punge mais se lhe acerba o fanatismo. Sua salvação está nas fórmulas. Um sacerdote celebra missa constantemente. Ali está o confessor e a confissão dura três dias. Pede perdão a quem ofendeu, confessa-se culpado, diz que tem muitos pecados.

Não se sabe se com os bentinhos, os escapulários, o relicário, as imagens, se abrira um clarão em seu entendimento ou se via por introspecção, os hereges estorcendo-se nos postes, as fogueiras lambendo-lhe os corpos, o garrote ao pescoço das vítimas, as execuções dos chefes holandêses que vinham propôr a paz, o cadáver do Príncipe de Orange, os membros dilacerados de tantos, os gemidos dos moribundos, as lágrimas dos que os perdiam.

Deus estava era aí. A ante visão da morte, ao que parece, começava a abrir-lhe os olhos do espírito. Inútil seria para êle a repetição constante do «*Pater non mea voluntas sed tua*». Sim, não a era dêle, esta tinha cessado, mas a vontade do Pai, para escarmento dos seus crimes, que talvêz não fôssem tanto oriundos de uma perversidade congênita, senão provocados pelo sectarismo de uma inqualificável estupidez.

Por ordem sua recitavam-lhe os Evangelhos, êsses Evangelhos que Êle ferira com sua intolerância, com sua maldade, com sua insânia religiosa.

Chega a hora da extrema unção.

Manda que lhe leiam o ritual e o repitam. Já não pode engolir a hóstia sagrada. O esquife está preparado, esperando-o : fôra ordem sua. As chamas dos cirios oscilam, os sacerdotes rezam, ouve-se um cântico e o rei morre.

Extinguira-se na maior miséria física e moral o maior rei da Terra, cujo nome fazia estremecer de terror os inimigos da Fé.

Tudo fizera pelo que chamava a Religião ; invocara o nome do Criador nos seus atos de crueldade ; foi despótico e implacável na repressão das crenças alheias, negando aos outros êsse direito inviolável, o de ter um ideal, uma opinião, uma convicção, um deus com outro nome, um deus como quisessem imaginar.

E procurando extinguir a heresia o que extinguiu foram as fôrças vivas do país ; o que êle conseguiu foi a miséria para a pátria, a miséria moral a refletir-se no corpo, que se decompunha ainda em vida, em meio aos salmos, aos hinos, aos recitativos evangélicos.

E como um desmentido às ilusórias cerimônias religiosas, às pompas, às solenidades terrenas, lá estavam as visões, o pesadelo que o acometia em plena vigília, trevas em meio às luminosidades do velório, como a predizer-lhe o futuro que o esperava, tão oposto ao cenário que lhe pintava a fantasia do seu catecismo.

* * *

Êsses lances históricos devem servir aos carolas de qualquer doutrina, e mesmo aos nossos irmãos em crença, presos a questiúnculas, aferrados a preceitos de menor importância, intransigentes em princípios indemonstráveis, escravizados a preconceitos, a espalharem inimizades, a promoverem afastamentos, esquecidos da lei suprema.

Assim, nunca é demais apontar o texto de Tiago : a fé sem obras é morta. E nós acrescentaremos : De nada vale a fé sem o amor do próximo.

* * *

Dizem os correligionários de Felipe que êle morreu como um santo. E ainda se fala no santo rei. O Santo Rei é Felipe II.

Não sabemos se essa grande ironia pertence à lenda ou à história.

Carlos Imbassahy

QUE É RELIGIÃO?

Para os **políticos,** de um modo geral, é um opiato que se administra às massas ; para os **sacerdotes** um meio de vida que lhes facilita a acquisição de tudo, inclusive dinheiro dos cofres públicos ; para os **intelectuais,** um amontoado de incoerências, absurdos e tolices ; para os **analfabetos,** a ilusão de que ela lhes dá o Céu; enfim, a palavra religião, assim compreendida, assim deturpada, ora pelos «sabidos» que dela vivem, ora pelos homens bons, mas que raciocinam e lhe examinam os disparates, a palavra religião, diziamos, causa certa idiossincrasia, certa alergia, manifestada ou não, em quem a ouve pronunciada.

Os mistérios e os dogmas, inexplicáveis todos, incompreensíveis mesmo, criados no correr dos séculos, deturparam de tal forma os princípios religiosos, divinos, que, hoje em dia, nas Academias e Faculdades dificilmente se encontram estudiosos que creiam sequer na existência da alma.

Daí dizermos sempre que o Espiritismo não é uma religião, mas a Religião, exatamente aquela que o Cristo de Deus nos trouxe, sem enxertos, sem deturpações ou modificações quaisquer que tirem a simplicidade de que Jesus jamais saiu. Religião que satisfaz os simples, responde às interrogações dos homens cultos, prova experimentalmente os seus ensinos, anuncia a salvação de todos, sem a ninguém condenar; Religião, enfim, que revive as palavras e os ensinamentos de Jesus, tornando-os claros, compreensíveis e assimiláveis ao entendimento humano, graças à Luz que lhe foi dada pelo Espírito da Verdade, prometido pessoalmente pelo Senhor da Terra: Jesus.

Etimològicamente, religião só pode ser aquela que tenha por finalidade religar tôdas, absolutamente tôdas as criaturas ao Criador, a Deus, sem excluir essa ou aquela criatura desse religamento, dessa salvação, sem ameaças de condenar alguém ao sofrimento eterno nas caldeiras de um imaginário Belzebu, por não pertencer ela ao seu agrupamento falsamente denominado de religião.

Religião, por isso mesmo, só o é o Espiritismo, visto que só êle afirma e reafirma que a salvação da criatura não depende de sua escola religiosa, mas dela própria, da criatura, dos seus atos, das suas ações, do seu maior ou menor esfôrço na prática do amor aos seus semelhantes, apressando ou retardando, assim, a sua ascenção para Deus.

Religião é, pois, mais, muito mais que isto que por aí se vê, máxime entre políticos e governantes, entre sacerdotes e rezadores.

T. MEDINA

De «O Reformador» de Maio, 1960.

Advertências Espirituais através dos chamados sonhos premonitórios

Interpretação espírita dos sonhos — Quando podemos ser advertidos de fatos por acontecer — Um caso recente

OS sonhos premonitórios constituem um dos mais curiosos capítulos da fenomenologia espírita. Como explica Kardec, o sonho é uma lembrança dos momentos de emancipação da alma, durante o sono. Geralmente, trata-se de lembrança imprecisa, mesclada a reflexos das horas de vigilia. Quando, porém, o espírito é capaz de se emancipar realmente da matéria e das suas preocupações rotineiras, temos sonhos lucidos, e entre êles os premonitórios, que nos advertem de coisas por acontecer. Ou ainda, como no caso recente do detento que descobriu a filha do jornalista, morta num rio — vendo da sua cela aquilo que os pesquisadores não descobriram — os sonhos são lembranças de trabalhos do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo material descansa no sono.

Não é atoa que dizem ser o sono um primo-irmão da morte. O ditado popular corresponde, nêsse caso, à realidade. Kardec o explica no cap. VIII da segunda parte de «O Livro dos Espíritos», de maneira clara: «O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando o homem dorme, momentâneamente se encontra no estado em que estará, de maneira permanente, após a morte. Os espíritos que logo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes».

Noutro trecho do mesmo capítulo, Kardec esclarece: «O sonho é a lembrança do que o vosso espírito viu durante o sono. Mas observai que nem sempre sonhais. Porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes, ou de tudo o que vistes. Isso porque não tendes a vossa alma em pleno desenvolvimento. Freqüentemente, não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a vossa partida e a vossa volta, a que se junta a lembrança do que fizestes ou a do que vos preocupa no estado de vigilia».

Ernesto Bozzano, o grande autor espírita italiano, que convenceu Charles Richet da realidade da sobrevivência, estudou do ponto de vista científico o problema dos sonhos premonitórios, em trabalhos notáveis como «Dei Fenomeni Premonitori», «Della Manifestazioni Supernormali fra i Popoli Selvaggi», «Premonizioni, Precognizioni, Profezie», e na sua obra monumental, publicada em tradução portuguêsa entre nós, «Animismo ou Espiritismo». Gustavo Geley, Eugenio Osty, Paul Gibier e tantos outros estudiosos, nomes ilustres na ciência contemporânea, também trataram do assunto, sem contarmos os escritores doutrinários, que o examinaram do ângulo estritamente espírita. Trata-se, pois, de problema bastante estudado na bibliografia doutrinária.

Muitos são os casos de premonição da morte pelo sonho. Um dêles, bem recente, é o do médium Urbano de Assis Xavier, desencarnado em Marilia a 31 de outubro p. p., e sôbre cujo passamento escrevemos no domingo anterior. Cerca de dois anos antes de haver sofrido o derrame cerebral que acabou vitimando-o, Urbano, então em plena saude, sonhou que se encontrava, no plano espiritual com uma entidade amiga, e esta o advertia: «Até 1960 estarás dêste lado». Contando o fato, Urbano dizia que, ao ouvir a advertência, sentiu-se emocionado. Então, a entidade lhe perguntou: «Tens mêdo?» Tendo êle respondido negativamente, objetou, entretanto: «Tenho receio apenas do instante da passagem, do momento de me desprender do corpo». A entidade sorriu e disse: «Não te arreceies disso, pois nem sequer perceberás êsse momento».

O sonho, que Urbano contava constantemente aos amigos, afirmando que havia sido muito nítido, mas ficando entre a crença e a descrença, quanto a sua consumação, realizou-se plenamente. O momento da morte foi para êle tão rápido, que nem deve ter sido percebido. Mas o sorriso da entidade que o advertia pode relacionar-se com as provas que êle teria de sofrer, antes dêsse momento. Porque de fato era curioso que êle temesse justamente a fase mais rápida, quando tudo o que devia temer estava nas precedentes.

Quando o médium desencarnou, no último dia de outubro, os amigos que dêle tinham ouvido o sonho compreenderam a natureza premonitória do mesmo. Podem perguntar os leitores qual a utilidade da premonição, se o próprio interessado a punha em dúvida. Lembremo-nos, porém, de que os sonhos são lembranças do que se passa com o espírito nos momentos de desprendimento do corpo. A advertência da entidade deve ter sido muito mais ampla, e com finalidade espiritual. O médium, em estado de vigilia, recordava-se apenas de um episódio, que interessava para preveni-lo, e talvez também como novo exemplo da possibilidade premonitória dos sonhos, em casos de morte. O sonho, portanto, foi apenas um fragmento do que realmente se passou entre o médium e a entidade, que o preparava espiritualmente para as provas finais da vida terrena.

IRMÃO SAULO

NÓTULAS ESPIRITUALISTAS

DR. ANTÓNIO J. FREIRE

O Céu, por inspiração divina, só se reflete numa consciência quando orientada na Lei áurea do duplo amor — divino e humano —, no sentido do Bem-geral, proclamada e exemplificada por Jesus. Segui-la, praticá-la, é encurtar o caminho da nossa Evolução.

Orar é conversar com Deus, como de filho para pai, com respeito, confiança e adoração. Mas só cultivando com todo o carinho e abnegação o amor do próximo, poderemos sentir e compreender os eflúvios divinos em respostas às nossas preces.

O PAGANISMO E A IGREJA

IV

Em um dos artigos anteriores, afirmamos que a Igreja de Roma não havia aniquilado o paganismo e sim que o havia assimilado e comprometemo-nos a provar:

A nossa afirmativa é de pouca valia, razão forte que nos conduz sempre a ilustrar o que afirmamos com as páginas da História. Desta forma, os nossos gratuitos perseguidores não poderão taxar-nos de criadores de contos fantásticos ou de invencionistas.

Que venha, pois, a História:

> *«Como a Judéia tinha dado ao Cristianismo a ética e a Grécia lhe dera a Teologia, Roma lhe estava agora dando a organização: tudo isto, com uma dúzia de fés rivais absorvidas, entrava na síntese cristã. A Igreja não se limitou a tomar algumas formas e costumes religiosos da Roma pre-cristã — a estola e outras vestes sacerdotais, o uso do incenso e da água benta nas purificações, os círios e a luz perpètuamente acesa nos altares, a adoração dos Santos, a arquitetura da basílica, a lei romana como base da lei canônica, o título de pontifex maximus para o Supremo Pontífice, e no quarto século o latim como língua oficial da Igreja. A grande coisa que Roma deu à Igreja foi uma vasta estrutura de govêrno, que quando a autoridade secular desabou veio tornar-se a estrutura do govêrno eclesiástico. Em breve os bispos, em vez dos prefeitos romanos, seriam a fonte da ordem e a sede do poder das cidades, os metropolitanos ou arcebispos, iriam sustentar senão suplantar, os governadores provinciais e o sínodo dos bispos sucederia à assembléia provincial. A Igreja romana seguiu nas pegadas do Estado romano; conquistou as províncias, embelezou a capital e estabeleceu a disciplina e a unidade de fronteira. Roma faleceu ao dar nascimento à Igreja; a Igreja amadureceu com a herança e a aceitação das responsabilidades de Roma».*

Mas, ainda não é tudo. Will Durant diz que o Cristianismo não destruiu o Paganismo; adotou-o. O moribundo espírito grego ressurgiu na teologia e na liturgia da Igreja; a língua grega, depois de reinar durante séculos sôbre a Filosofia, tornou-se o veículo da literatura e do ritual cristão; os mistérios gregos passaram-se para os mistérios da missa. Outras culturas pagãs também contribuiram para êsse sincretismo. Do Egito vieram as idéias da Divina Trindade, do Juizo Final e da Imortalidade pessoal com recompensas e castigos; também de lá vieram a adoração da Mãe e do Filho e a mística teosofia que produziu o néo-platonismo e o gnosticismo, obscurecendo o credo cristão. Da Frígia veio a adoração da Grande Mãe. Da Síria, o drama da ressurreição de Adônis. Da Trácia talvez tenha vindo o culto de Dionísio, o deus que morre para salvar os homens. Da Pérsia veio a idéia do Milênio, as «idades do mundo», a «conflagração final», o dualismo «Deus e Satã, Luz e Trevas»; já no Quarto Evangelho Cristo é a «Luz que brilha nas trevas e que as trevas nunca apagaram». O ritual de Mitra assemelha-se tanto ao sacrifício da Missa, que os padres cristãos acusavam o Diabo de inventar essas semelhanças com o fim de desnortear os espíritos fracos. O Cristianismo, diz Will Durant, foi a última grande obra do mundo pagão.

Eis como um grande historiador, no volume II de sua obra, «História da Civilização», 3.ª parte, pág. 203, situa a originalidade da Igreja de Roma.

O assunto que dá origem a êste artigo, é por demais vasto, para que fique reduzido a tão pequenas proporções. Caminhemos um pouco mais pelo terreno da pesquisa histórica e a cada instante iremos encontrar provas sobejas da influência que o Paganismo exerceu e continua exercendo sôbre a infalível Igreja dos Papas.

Os maiores Pais da Igreja, com efeito, apesar de atribuir as origens sôbre naturais do dogma ao Cristianismo histórico, estão, não obstante, acordes em reconhecer seus elementos eternos na Filosofia, rendendo, assim, em muitos casos sem dar-se conta, uma bela homenagem à revelação da razão que é, antes de tudo, a suprema e essencial revelação.

Clemente de Alexandria afirma que a Filosofia desempenhou entre os gentios a mesma preparação ao Evangelho que a Lei havia desempenhado com o povo eleito, e Orígenes, aproximando-se vagamente do gnosticismo, estabeleceu a ação permanente do Mediador e Revelador do verbo evangélico desde a origem das coisas. Agostinho não vacila em dizer que «se os antigos platônicos ressuscitassem, abraçariam sem dificuldade o Cristianismo, mudando algumas poucas palavras e máximas (paucis mutatis verbis atque sententiis) como a maior parte dos néo-platônicos tem feito em nossos tempos». (S. Aug. — «De Vera Religione», IV, 7) — Distingue êle muito bem, como de outra forma já havia feito Clemente de Alexandria (Strom. V, 14, pág. 710) os elementos da doutrina da Trindade em Platão, onde efetivamente se sentem fortes reminiscências das trindades egípcias e das «trimurtis» indianas, assimiladas pelo grande pensador em suas longas viagens e prolongados estudos. Da mesma maneira, S. Atanásio encontrou a noção do Verbo desenvolvida nas religiões egípcias e da Ásia Menor (Móehler—«Atan. o Grande», t. I, p. 207), e Lactâncio afirma explìcitamente que tôda ou quase tôda a verdade cristã se encontra espalhada nas antigas filosofias, e para demonstrá-lo diz que é suficiente recolhê-la. («Divin. Instit.», VII, 7). E assim, outros, que seria fatigante mencionar, encontram o Cristianismo espalhado nas antigas filosofias e nas antigas crenças.

Mas, se o que já foi mencionado é muito, mais ainda teremos que demonstrar, como sempre, apoiado na História.

Em sua obra monumental sôbre a «Roma da Idade Média», à pág. 242, escreve Gregorovius :

> *«A geração dos descendentes dos pagãos batizada em nome do Cristo pretendeu mil igrejas e santos mil para substituir outros tantos templos de seus antepassados; por esta razão, o culto de uma religião puramente espiritual chegou a ser nas provincias e nas cidades um culto de patronos locais».*

Em outro lugar, referindo-se ao decreto outorgado ao Papa Bonifácio III, pelo imperador Focas, resolvendo com êle a contenda pelo primado da cristandade, latente desde largo tempo entre Roma e Bizâncio, em favor da primeira, concedendo também a conversão do panteon de Agripa em templo à Maria e a todos os mártires, escreve :

> *«Seguindo o processo das transmutações operadas pela Igreja romana de templos pagãos em templos cristãos, fácil é reconhecer o cuidado pôsto por ela nas analogias para que a mudança resultasse mais eficaz. Por isso, o templo de Rômulo e Remo havia sido dedicado aos gêmeos Cosme e Damião; o de Diana no Aventino, à Santa Sabina; o de Marte, aos dois guerreiros S. Sebastião e S. Gregório».*

De modo que o panteon de Agripa consagrado à Cibele, mãe de todos os deuses, recebeu uma distinção adequada do Papa Bonifácio ao ser dedicado à Mãe de Deus, mediante a substituição do título de «todos os deuses» pelo de «todos os mártires».

Vejamos, agora, algumas considerações de Harald Höffding, em sua «História da Filosofia Moderna», t. I, págs. 14 e 15 :

> *«Quando em conseqüencia do compromisso de Constantino, o mundo pagão se cristianizou em massa, e os Papas substituiram os últimos imperadores, o espírito pagão se entronizou na própria cadeira de S. Pedro, da qual foi desalojando, em surdo trabalho subterrâneo, mas eficacíssimo, um atrás dos outros, os elementos evangélicos.*
>
> . . . .
>
> *O papado evolve então, até seu apogeu, trava-se em luta contra o Império para a dominação do mundo, joga o Ocidente contra o Oriente nas Cruzadas, e permanece por um momento, mais que o Cezar, o Deus, o Júpiter Tonante da humanidade submissa e estupefata. Foi esta a maior apoteose do Paganismo. Onde, pois, se havia refugiado o espírito cristão? Nas heresias e no misticismo, fenômeno constante no Cristianismo desde seus primeiros dias, manifestando-se no gnosticismo e nas doutrinas alexandrinas que pugna-*

vam em grande debate entre a tendência judaizante ortodoxa de Tiago, Pedro e João, e a helenizante-heterodoxa de Paulo, o grande pai de tôdas as heresias».

Resumamos, o quanto possível, o pensamento do autor da «História da Filosofia Moderna», para que não nos alonguemos demasiadamente.

O desenvolvimento das idéias sociais e religiosas tem uma lógica inflexível, por isso, a luta entre as tendências pagãs e cristãs constantes em tôda a história do pensamento indo-europeu, assumiu um caráter em extremo singular. O papado «pagão» e as heresias cristãs reanimam a sangrenta tradição dos imperadores romanos e dos cristãos primitivos : inventa-se, então, a Inquisição e a Confissão auricular ; as fogueiras que brilham sinistramente em tôda a Europa, continuam a obra exterminadora das feras dos circos romanos, e João Huss, Savonarola e tôda a interminável legião dos mártires modernos estendem, por sôbre um abismo de dez séculos, sua mão crucificada aos mártires de Deocleciano. A História se repetiu aqui com a assombrosa exatidão de suas leis. O espírito cristão parecia afogado definitivamente no sangue de seus mártires. E o César do Vaticano podia dedicar-se ao culto do mais puro helenismo, à base da sensualidade, do cepticismo, da vida refinada e orgíaca, do gôzo estético satisfeito por prodígios artísticos iguais, senão superiores, aos da antiguidade clássica. Foi então que Lutero lançou suas noventa e cinco proposições que cairam como chispas no paiol das idéias cristãs, refugiadas no mais fundo e no mais recôndito das consciências, e que ao explodir levaram o incêndio aos quatro ângulos da Terra, purificada, uma vez mais, no fogo da revelação eterna de Deus.

Mas, para que o paralelo entre os tempos antigos e os novos fôsse completo, devia ressuscitar, além do paganismo religioso-político, o paganismo filosófico que, segundo dissemos, odiava com grande furor o espírito evangélico. E o paganismo filosófico não faltou : Luciano, Celso, Porfírio e Juliano encontraram sucessores adequados em Pomponazzi, Maquiavel, Charron e Leonardo, quando, em conseqüência da queda de Constantinopla, os gregos refugiados na Itália fizeram ressoar a voz da antiga Hélade na clássica terra itálica, cuja vibração estremeceu tôdas as fibras do povo mais estético e pagão do mundo, descendo às entranhas da terra para evocar os deuses da antiga alma grecolatina que pareciam dormir o sono da morte em larga noite milenar.

Não foi acaso —escreve um poderoso pensador moderno—o que fêz com que a Itália se constituisse em foco do Renascimento e portanto em berço do pensamento moderno. Na Itália se haviam conservado melhor que em nenhuma outra parte as relações com a antiguidade e assim puderam apropriar-se da literatura clássica, com uma independência especial, pois era obra de sua própria antiguidade, a carne de sua carne e os ossos de seus ossos. Da mesma maneira, a literatura grega que no XV.º século foi objeto de entusiasmados estudos, foi-lhe de mais fácil assimilação do que aos povos do Norte. Êste retôrno geral à Literatura, à História e à Filosofia teve uma grande importância histórica. Viu-se claramente que fora do Cristianismo e da Igreja existia uma vida espiritual humana segundo suas leis próprias e possuindo sua história ; foi possível a observação comparada dos fatos humanos e o mundo antigo se ampliou prodigiosamente. Muitos pensadores da Renascença empregavam o método comparado para compreender as coisas humanas. A outros serviam de modêlo e de guia as obras da antiguidade clássica uma vez que por êste procedimento podia adquirir-se uma atividade mais independente. Multidão de pensamentos em germe nascidos no mundo antigo e paralisados pela Idade Média podiam desenvolver-se então. Depois de um largo e profundo sono, o Renascimento retomava a obra tal como havia ficado ao terminar a antiguidade.

«Depois, o século XVIII, completou a obra do Renascimento com Voltaire, Turgot, Condorcet, Diderot, Helvetius, d'Holbach, arvorando o lema do primeiro, chamado à justa razão o Luciano moderno, estribilho tão célebre como uma nova «delenda Carthago» : «esmagai ao infame». No século XIX e nestes últimos tempos, o anticristianismo pagão tomou um caráter distinto dos anteriores para pôr-se em consonância com as tendências científicas e positivistas de nossa época, mas nem por isso foi e é menos violento e menos radical em sua propaganda. A esquerda hegeliana e a esquerda darwiniana, proporcionaram nomes eminentes, Schopenhauer, Fuerbach, Strauss, Hæckel, e o malogrado Hartmann de um lado, e do outro Comte e tôda sua escola trouxeram até nossos dias a tendência pagã que vai cravada no costado de nossa civilização cristã, deixando o terreno preparado e fertilizado para o paganismo futuro.»

Com tudo o que escrevemos e que não constitui criação nossa, muito ficou dito e provado a respeito da influência que o Paganismo exerceu e exerce, ainda, hoje, sôbre a Igreja de Roma. Poderiamos, assim, encerrar o nosso compromisso. Mas, outras fontes serão por nós exploradas, para provar de sobejo a aludida influência e a falta de autoridade moral de uma Igreja em pretender criticar desfavoravelmente os credos alheios.

Tudo isto poderia ser silenciado, não intentasse o Catolicismo, através de seus representantes categorizados, menosprezar as convicções alheias.

Mário Cavalcanti de Mello

A Reencarnação na Inglaterra

Deolindo Amorim

Ao concluirmos o artigo anterior, dissemos o seguinte: *Se, por um lado, certos experimentadores categorizados não trataram da reencarnação, o que, aliás, nada prova contra esta tese, também se verifica, por outro lado, que houve pronunciamentos concordantes, e dos mais autorizados.* Vejamos, agora, o caso de BOZZANO, que é de nosso tempo. Como se sabe, Bozzano foi, e podemos dizê-lo sem exagêro, o homem que reuniu, até hoje, o maior número de casos concretos em favor do Espiritismo. As monografias de Bozzano constituem, indiscutìvelmente, um dos mais ricos documentários da parte científica do Espiritismo. O grande pesquisador italiano viera do Positivismo e recebera, por isso mesmo, uma formação intelectual muito objetiva, muito exata, o que, em parte, lhe foi muito útil nas pesquisas que realizou no campo mediúnico; naturalmente, por influência de sua formação, adotou a mesma orientação, o mesmo espírito científico no trato com os fenômenos de animismo, tanto quanto na chamada fenomenologia de «além-túmulo».

Tendo-se tornado espírita, por fôrça dos fatos, levado pelo raciocínio claro e seguro, Bozzano abandonou os *ídolos* do Positivismo e do Evolucionismo, deixando Comte e Spencer para trás. Seja como fôr, o *espírito positivo* deixou-lhe marcas bem fundas. (1) Bozzano dedicou-se rigorosamente aos fenômenos, visto como lhe interessava, acima de tudo, a parte experimental do Espiritismo, tal como se dera com William Crookes, Gibier e outros homens de ciência. Era, também, uma questão de vocação para as experiências. Não sendo, por feitio, um espírito afeito à especulação filosófica, porque se interessava mais pelas demonstrações científicas, Bozzano levou muito tempo sem tocar no problema da reencarnação. Não se pense, porém, que o infatigável investigador italiano era um homem indiferente à Filosofia. Não poderia sê-lo jamais, porquanto nenhum homem verdadeiramente culto seria capaz de prescindir do raciocínio filosófico, por mais acentuada que fôsse a propensão para a ciência experimental.

---

(1) — Convém dizer que o nosso ilustrado confrade Dr. Francisco Klörs Werneck, do Rio de Janeiro, manteve correspondência com Ernesto Bozzano durante muito tempo. Eram velhos amigos, por meio de cartas. O Dr. Werneck foi um dos primeiros divulgadores da obra de Bozzano neste país. Não sabemos, aliás, de outro espírita, no Rio de Janeiro, que tenha tido correspondência tão assídua com o mestre italiano, a não ser o saudoso confrade Mariano Rango Daragona, seu compatriota e cremos que também contemporâneo.

— Quando falamos em *Evolucionismo,* é claro que nos referimos à escola do filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) e não ao princípio evolucionista, que é um dos pontos gerais do Espiritismo. Convém recordar que o Evolucionismo de Spencer, que se afastou, em parte, do Positivismo, deixou de lado o problema da alma, por entender que é assunto inerente ao *incognoscível* ou desconhecido, e por isso, não é cogitação da ciência. De qualquer forma, embora divergindo de Comte, seu mestre, Spencer caiu na tese comteana: o problema da alma, como a existência de Deus e outros problemas considerados metafísicos, não interessam à Ciência.

Enquanto LÉON DENIS, por exemplo, desenvolveu intensamente a parte filosófica do Espiritismo, conquanto não tivesse abandonado a experimentação, Bozzano preferiu um terreno mais restrito, isto é, o estudo dos *casos* mais concludentes. São dois gigantes da cultura espírita, mas a verdade é que tomaram direções diferentes, até certo ponto, embora com o mesmo propósito e com a mesma envergadura espiritual: procurar a verdade através do Espiritismo. É fácil compreender, portanto, o fato de não haver Bozzano se declarado um apologista da reencarnação, pois não era êste, na realidade, o aspecto que mais lhe interessava no Espiritismo. Mais tarde, no entanto, quando teve de rebater objeções do Prof. Morseli, autor de um livro intitulado *«Psicologia e Espiritismo»*, chegou a fazer, até, uma defesa muito criteriosa da reencarnação. Se, realmente, não se preocupou muito com o assunto, também não se opôs à tese reencarnacionista.

Tem-se afirmado, nos arraiais contrários ao Espiritismo, que a reencarnação continua a ser um motivo de separação e rivalidade entre elementos latinos e anglo-saxões, norte-americanos, nórdicos etc. Convém notar, entretanto, que a discordância não destrói a *UNIDADE* da doutrina, e êste ponto é essencial. Há muitos espiritualistas que não aceitam a reencarnação, mas a aceitação ou rejeição, por parte de um grupo ou de uma comunidade, não altera a estrutura da doutrina, tal qual está constituida na Codificação de Allan Kardec. Um princípio não deixa de ser verdadeiro, se realmente o é, como nenhuma doutrina deixa de ser consistente, desde que o seja de verdade, apenas por causa da oposição ou da indiferença de um grupo ou de uma corrente de opinião, ainda que das mais numerosas. É problema puramente opinativo, fora do corpo da doutrina. Dizer, conseqüentemente, que a reencarnação é uma tese insustentável, porque há grupos ou indivíduos que lhe são contrários, é não dizer coisa alguma, pois a unidade de uma doutrina, seja ela qual fôr, não depende da *unanimidade* das opiniões, mas da segurança e coerência de seus princípios. Milhões de pessoas poderão, até hoje, não acreditar nas comunicações dos espíritos, mas não é por isso que o Espiritismo deixa de ser uma doutrina verdadeira. É o que acontece com a reencarnação. Ainda existe desacôrdo, não há dúvida, mas a tese continua firme, desafiando tôdas as objeções. Durante muito tempo, negou-se a existência de micróbios, mas nem por isso os micróbios deixaram de existir. Uma doutrina vale, portanto, pelo que ela é e não pelo que se pensa sôbre ela. Opiniões são sempre opiniões, não importa que sejam de homens ou de espíritos desencarnados. Sob êste ponto de vista, alguns adversários do Espiritismo costumam apresentar, como argumento contra a reencarnação, o fato de não haver *unanimidade* nos pensamentos dos espíritos comunicantes. É bem curiosa a dialética de certos opositores da tese reencarnacionista: ora, os espíritos que se manifestaram na França, na época de Allan Kardec, afirmaram a reencarnação, o que levou o Codificador da doutrina a fazer dêste princípio a base filosófica do Espiritismo; então, alegam os adversários, como é que os espíritos que se comunicaram na Inglaterra não apoiaram a reencarnação, e alguns dêles chegaram a negá-la?... Daí, como se esta restrição fôsse um argumento decisivo, partem êles para uma conclusão categórica: logo, a reencarnação é uma tese falsa, porque os espíritos não estão em concordância. Será isto, realmente, uma razão forte, contra a reencarnação?

Em primeiro lugar, é preciso usar um pouco de lógica. A falsidade ou exatidão de uma tese — convém repetir o que já foi dito — não está na unanimidade da aceitação. Um princípio falso, como qualquer idéia mentirosa, pode obter o apôio unânime de uma coletividade, principalmente quando a massa não é bem esclarecidade ou sofre a influência de idéias errôneas. A chamada unanimidade massiça não prova que uma tese é verdadeira. Quantos absurdos, quantos julgamentos injustos têm sido aplaudidos pelo *consenso* geral, como se fôssem verdades indiscutíveis, e no entanto, mais tarde, fica provado que tudo estava errado!... A História que o diga. Então, daí se segue, lògicamente, que, assim como a tese reencarnacionista, para ser verdadeira, não precisa da consagração unânime, porque ela é verdadeira por si mesma, e acima de quaisquer opiniões, também não fica enfraquecida ou desautorizada pelo fato de algumas comunicações de espíritos não lhe serem favoráveis.

Temos, em segundo lugar, outro ponto interessante. É a posição, que tomou Bozzano, justamente nêsse passo da discussão. Teve, êle, o cuidado de examinar diversas coleções de revistas, principalmente *Light,* que era muito citada, e notou que certas comunicações de espíritos, na Inglaterra, não eram pròpriamente *CONTRA* a reencarnação, mas apenas evitavam tocar no assunto, por causa de velhos e enraizados preconceitos. Que havia preconceito e «aversão de raça», é o próprio Bozzano quem o diz: *...se os «espíritos» anglo-saxônios respondem quase sempre negativamente, isso se deveria atribuir ao fato de que, no mundo dos vivos e entre os povos em questão já existia uma indiscutivel aversão de raça com relação à teoria das vidas sucessivas e, como as tendências da alma não mudam com a morte do corpo, êles continuam a experimentá-la como espíritos e, se são interrogados a respeito, respondem como sentem.* É bom lembrar que Léon Denis também se refere a êste problema e diz que, em determinado momento, no início da propaganda espírita, houve advertências de instrutores espirituais, achando que era prudente não insistir na divulgação das idéias reencarnacionistas entre os inglêses, porque ainda não havia ambiente para tanto... (Leia-se, a propósito, *O Problema do Sêr, do Destino e da Dor,* de Léon Denis).

Não é de admirar, portanto, que algumas comunicações de espíritos, ainda presos ao ambiente, por fôrça da afinidade, tenham combatido a reencarnação, ao mesmo tempo em que outras comunicações, da mesma época, se revelam omissas neste ponto. (2) Isto não quer dizer que a reencarnação seja contraditória ou inconsistente. Apenas, certos espíritos, tendo-se manifestado na Inglaterra ou em quaisquer outros países, não quiseram esposá-la. Seria isto um argumento para invalidar a tese? Não. Bozzano também verificou, pela leitura das comunicações, que alguns médiuns, pessoalmente contrários à reencarnação, influenciaram bastante o pensamento dos ditados mediúnicos. Êste fenômeno, aliás, não é estranho para quem estuda o Espiritismo. Conforme sejam as circunstâncias, uma comunicação tanto pode ser influenciada pelas idéias do próprio médium, como pode, até, absorver e refletir pontos de vista predominantes em determinados ambientes. Logo por aí, já se vê que certas *mensagens* contrárias à reencarnação estão muito impregnadas dos pensamentos dos médiuns, como também das tendências dos grupos em que elas foram recebidas. Por quê os nossos adversários não citam as numerosas comunicações que defendem a reencarnação?

Se, por exemplo, Ernesto Bozzano encontrou diversas comunicações favoráveis à reencarnação, através de médiuns inglêses, fica demonstrado que não existe a apregoada *unanimidade* dos espíritos comunicantes, na Inglaterra. Uma parte, sim; a totalidade, não. Nos ditados transmitidos por Stainton Moses, antigo pastor protestante e médium de indiscutível respeitabilidade, as entidades espirituais afirmaram claramente que a alma reencarna, apesar de muita gente não aceitar êste princípio. Outras comunicações, também obtidas na Inglaterra, confirmam a tese reencarnacionista.

Finalmente, depois de haver «peneirado» muito as suas pesquisas, chegou o rigoroso investigador italiano à seguinte conclusão: *...o que venho ex-*

---

(2) — Já tivemos ocasião de fazer explanação dêste assunto, durante o curso do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil,* onde nos fôra atribuido o encargo de uma série de exposições doutrinárias sôbre os fundamentos da doutrina espírita.

pondo basta para demonstrar que as inteligências de ordem elevada, quando se comunicam por médiuns anglo-saxônios, NÃO CONTRADIZEM, antes confirmam a teoria reencarnacionista enunciada por médiuns celta-latinos, com a diferença de que, em regra, se mostram muito mais reservados a tal respeito, presumivelmente por efeito da aversão de raça que os povos anglo-saxônios experimentam pela mencionada teoria. (Veja-se o opúsculo de Bozzano—«A propósito da obra *Psicologia e Espiritismo*» — rebatendo críticas do Prof. Henrique Morselli). Atualmente, porém, a situação já se modificou um pouco ; aliás, desde o Congresso Espírita Internacional de 1934 já se vem notando menos resistência à idéia reencarnacionista entre os inglêses. Já existem muitos adeptos da reencarnação na Inglaterra, apesar da tradicional objeção naquele país. (3) Depois de tudo isto, podemos dizer que Bozzano, homem de ciência no sentido mais exato, não era contra a reencarnação, mas antes procurou situar esta crença no devido lugar, entre os *prós* e os *contras*, nas comunicações por êle examinadas e confrontadas. É certo que Bozzano encarou o Espiritismo pelo lado experimental, seguindo a linha científica da Metapsíquica, mas também é certo que não ficou prêso às limitações de alguns metapsíquistas infensos à sobrevivência do Espírito. Não estando, realmente, no plano doutrinário de um Gabriel Delanne ou de um Léon Denis, porque êstes eram espíritas de outra formação, mais afeitos à orientação direta de Allan Kardec, Bozzano figura, entretanto, no rol dos homens de ciência que mais serviços prestaram ao Espiritismo. Se, de fato, não foi um propagandista da reencarnação, porque sempre se ateve, infatigavelmente, à observação e ao estudo imparcial dos fenômenos, também não lhe fêz oposição. Se houve silêncio de Bozzano, como de outros experimentadores, quanto à reencarnação, êsse silêncio não significa discordância nem poderia servir de argumento contra a tese das «vidas sucessivas».

Ainda que Bozzano ou qualquer outro estudioso, de sua categoria intelectual tivesse combatido a reencarnação, a tese ficaria incólume, como ficou até hoje, porque ninguém lhe destruiu os fundamentos. A reencarnação continua a ser esposada, atualmente, por homens de autêntica formação científica, a despeito de tôdas as críticas, reservas e hostilidades. É uma tese combatida, mas nem por isso deixa de ter adeptos dos mais ilustres no campo da ciência. Reencarnacionista, por exemplo, é o atual Presidente da Federação Espírita Internacional, o engenheiro Karl Müller, homem de grande cultura científica, com longo tirocínio de pesquisas. (4) Podemos apontar, bem perto de nós, na Argentina, outro exemplo de homem de ciência, também adepto da reencarnação. É o engenheiro José S. Fernandez, antigo professor de Física na Universidade de La Plata, autor de diversas monografias de natureza científica, ex-Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) e atual diretor do Colégio Argentino de Estudos Psiquícos. A não ser a obra de Carlos Imbassahy, que é uma das nossas melhores fontes de consulta, não conhecemos outra obra espírita, em todo o hemisfério americano, que tenha dado maior contribuição científica ao estudo da reencarnação do que a de J. S. Fernandez. Entre outros trabalhos do mesmo nível, podemos citar a tese que apresentou ao II Congresso Internacional para o estudo da reencarnação, em colaboração com o ilustrado confrade argentino Dr. Luiz Di Cristóforo Postiglioni. (5) Ainda há pouco, na entrevista concedida ao jornal *Mundo Espírita,* de Curitiba, o Dr. José S. Fernandez fêz sentir que fôra levado ao Espiritismo pelo espírito científico, visto como, sendo professor de Física, habituado com o raciocínio matemático, encontrou na sistemática espírita o mesmo critério racional, a mesma exatidão da ciência positiva. É um reencarnacionista convicto, pois a reencarnação, para êle, nada tem de fantasioso ou imaginário, porque é uma tese completamente fundamentada.

---

(3) — Em carta, que nos escreveu, em abril do ano passado, a Prof.ª Elodia Benavides, diretora da revista «Voz Informativa», do México, conta que, tendo estado na Inglaterra, após o penúltimo Congresso Espírita Internacional, conversou com diversos elementos de projeção no movimento espiritualista e não encontrou tanta restrição à idéia reencarnacionista, salvo no grupo denominado «O Grande Mundo», que é declaradamente anti-reencarnacionista. Diz a nossa correspondente: *Toquei neste assunto com todos os outros dirigentes de organizações e todos êles me responderam invariàvelmente que não tinham nenhum motivo para combater a reencarnação. Além disto — diz a Prof.ª Elodia Benavides — há muitos médiuns indus, trabalhando nas instituições de maior prestígio, em Londres, como o Colégio de Ciência Psíquica, a União Nacional, Mary Lebone e outras; dificìlmente se encontrariam mais fervorosos adeptos da reencarnação do que os indus.*

(4) — Temos correspondência em que o Dr. Müller nos fala sôbre um trabalho, que está elaborando, há muito tempo, para provar a reencarnação. Pena é que os seus afazeres habituais não lhe permitam completar logo o estudo que pretende publicar. Ainda ùltimamente, em correspondência divulgada pelo *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, do qual é membro correspondente na Suiça, o Dr. Müller nos deu notícias de suas conferências na Alemanha, na Suécia, na Finlândia e noutros países, onde explicou e defendeu ardorosamente a reencarnação, tendo provocado grande interêsse de jornais estranhos ao movimento espírita.

Já se vê que a reencarnação tem partidários, e dos mais conscienciosos, também no campo das ciências exatas. Outra cultura científica igualmente apreciável é o engenheiro Hernani Guimarães Andrade, nosso confrade, residente em S. Paulo, também reencarnacionista, como tantos e tantos outros. Mais um exemplo. O Prof. Ducasse, da *Brown University,* antigo professor de Filosofia e Psicologia da Universidade de Washington (6), escreveu um artigo em que faz apologia da reencarnação, citando o caso de Elias e João Batista e apresentando, ainda, o exemplo de um jovem japonês como prova concreta. É um professor universitário norte-americano, homem de formação científica. Depois de lembrar que alguns filósofos modernos aceitaram a reencarnação como Hume, por exemplo, o próprio Prof. Ducasse conclui que a reencarnação é a forma que lhe parece mais plausível da sobrevivência. É deveras interessante o caso de Hume, um dos chefes da escola empirista, no século passado, o homem que fazia *finca-pé* na experiência sensível e não admitia o conhecimento espiritual, terminar aceitando a tese reencarnacionista. Como êle, vieram outros . . .

Depois de tudo isto, podemos concluir que o silêncio de alguns homens de ciência e a discordância entre determinadas comunicações de espíritos, na França e na Inglaterra, nenhuma influência têm, quanto ao valor da reencarnação, cujos fundamentos continuam resistindo a tôdas as críticas, através dos tempos.

---

(5) — *Fundamentos científicos-filosóficos da supervivencia con reencarnacion.* (Edição «Constancia», Buenos Aires.

(6) — Citado pelo engenheiro José S. Fernandez, em *Supervivencia y Reencarnacion en Parapsicologia.*

— O II Congresso para o estudo da reencarnação realizou-se em Buenos Aires, em novembro de 1956.

* * *

Porventura, poderia a pedra negar a existência do lacrau que se esconde e abriga debaixo dela, só porque não o sente sequer?

Poderia a pedra negar a existência do pedreiro que a rola, lhe canta, revola e trabalha, só porque ela não tem consciência das funções para que o pedreiro a destina?

Não: assim como a pedra não pode negar a existência do lacrau nem do pedreiro, só porque não tem consciência das funções que desempenha: no chão como passadiço, na habitação, no monumento, na catedral; também nós — empedernidos — não podemos negar a existência dos Espíritos que nos são superiores nem da Divindade, só porque não temos consciência das funções que desempenhamos na harmonia universal nem dos fins para que a Divindade nos destina na eternidade.

MANUEL CAVACO

Hipnotismo e Espiritismo

III

Aqui estamos com o nosso último trabalho, da série de três, contrapondo sôbre o que se relacionou ao Espiritismo no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do dr. Osmar Andrade Faria.

Vejamos hoje, onde o autor da obra, atribuindo qualidades espiritualistas a Freud, taxou tal conceito de absurdo, como se vê nos seus parênteses entre os seus dizeres da pág. 56, cujo tópico mais uma vez passamos a transcrevê-lo : «Partiu da concepção (absurda) de que havia no homem um componente físico—o corpo—e um imaterial—o espírito ou alma ou psiqué—. E assim devidamente guarnecido criou a psicanálise».

Mais adiante ainda comenta : «E mais : quando se quer saber dos seguidores da doutrina do professor de Viena em que departamentos do cérebro podemos alojar o—consciente — o subconsciente—e os outros—conscientes—somos informados de que tais — conscientes — não têm nenhuma localização material no cérebro. São concepções puramente — espaciais — (!)». E para rebater estas atribuições freudianas, argumentou na pág. 57 : «Rebatendo a concepção—espacial — de localização do — consciente—de Freud, situa muito bem a verdade Anguelergues quando, baseado na doutrina neurofisiológica das atividades nervosas superiores nos ensina que—a consciência é a parte integrante da atividade nervosa superior e encerra uma realidade material repousando nos processos nervosos que a fisiologia permite conhecer —.»

E no remate dêste capítulo diz : «Conceber êsse conteúdo como—psique — e o continente como— soma — é fazer especulação metafísica sem qualquer base científica.»

Embora não sejamos defensores da doutrina de Freud, isto não impede declararmos que se o mestre vienense merece crítica por não ter localizado em algum ponto da materialidade cerebral a causa originária da consciência, teremos que os seus críticos, neste caso, incorrem na mesma falta porque ninguém até hoje conseguira cientìficamente demonstrar, com dados positivos, de que modo e em que ponto do cérebro nasce êsse maravilhoso predicado, que nos dá o pensamento. Porque afirmativas restritas em palavras não significam provas, e muito menos ciência, equivalendo-se a dizer que assim nada se fêz além do que até hoje fizeram célebres pesquisadores que labutam nêsse campo, sem que ainda tenham se aventurado em definir a consciência como entidade material.

Portanto, ao invés de apresentar provas contrárias, o autor ao combater a suposta espiritualidade de Freud, firmou-se apenas em argumentos verbais, não cuidando da questão pelas bases analíticas, de acôrdo com os processos da ciência pela prova provada. Advogar conceitos que se diz da matéria, mas sem se firmar nas leis da própria matéria, pela intimidade do átomo, base de tôda a estrutura material, é atitude que não satisfaz àqueles que apreciam as razões pelos princípios do rigor da ciência.

Logo, não somos nós que estamos fazendo especulações sem base científica. De nossa parte temos provas de laboratório pelas materializações ectoplásmicas que, por si só, já sustentam a nossa tese espiritualista, com o testemunho de célebres sábios de idoneidades comprovadas pelos seus feitos em favor da ciência experimental. Contudo, apesar de possuirmos apôio científico, nos próprios fatos dos nossos fenômenos mediúnicos, desejamos degladiar com o nosso atacante, com as suas mesmas armas e dentro do seu próprio campo, o da materialidade, onde lhe daremos combate.

Mas antes de entrarmos no âmago da questão, vejamos algumas considerações do que se diz sôbre essa consciência materializada, como atributo da exclusiva função das células nervosas do córtex cerebral.

Em um dos comentários que se lê na referida obra, o autor exalta que o cão descorticado de Goltz não daria trabalho à psicanálise de Freud se esta se interessasse pelos animais.

Se tal argumento serve de prova de que os nossos atos conscientes são o produto material que se origina no córtex, pelo fato de que sem êste orgão cerebral o animal ficou desmentalizado, então, com tal conceito poderemos ir mais além. Neste caso, também não é o musicista, como um Paganini, que faz a sua arte, mas sim, a peça máxima do seu instrumento. Pela tese materialista, em ambos não há o dualismo, artista e instrumento, pois um e outro se completam nas atuações. No entanto, considerando-os uno, tire-se as cordas do instrumento e a arte já não mais haverá. Então, como o exemplo do animal sem o córtex, a arte com todo seu encanto e beleza é predicado daquela peça ausente, ou seja, das cordas de tripas, e não do talento do artista.

Mas não é só isso.

Também a afetividade que prende duas criaturas pelos laços do amor, seria uma escolha recíproca por parte das células cerebrais. Como as leis da materialidade fundamentam-se nos fenômenos físico-químicos, pelo materialismo os desejos sentimentais deverão se dar através de uma química consciencial na intimidade das células do córtex. Com tal base, a paixão ou a indiferença no amor seriam algo dependente do excesso ou carência de algum elemento dessa misteriosa química dos materialistas, cujo valor sentimental ninguém até hoje revelou se está no azoto, carbono, fósforo ou outro reduto básico da materialidade. De nossa parte, se alguem desejar nos revelar em qual dêsses elementos se acha êssa maravilhosa propriedade sentimental, ficariamos imensamente agradecidos.

Não estamos ironizando, mas apenas procurando demonstrar que se tais conceitos não se adaptam pela filosofia é porque não se ajustam pela ciência. A verdade de uma também deverá ser pela outra.

Mas entremos noutra parte, cuidando o assunto pela essência, iniciando-nos com uma curta introdução equacional, em cujo raciocínio firmaremos nossos argumentos.

A natureza fundamental de um todo traz em si a herança de suas partes. Assim revela a seguinte resultante: $A + A = A$, compreendendo-se: matéria + matéria = matéria. E como a natureza desta não tem discernimento, ninguém de bom senso conceberá que a soma das suas partes ininteligentes seria pelo efeito contrário, ou seja, resultando um outro agente inteligente, derrogando as leis de causa e efeito.

Passemos agora da equação teórica para a descrição da prática, pela forma indutiva, começando-se pelos átomos isolados até chegarmos nos seus agrupamentos celulares, seguindo-se nessa trajetória de um extremo a outro, pelo caminho da lógica.

Todos os fenômenos que se dizem restritos nas leis da matéria, seja em qualquer forma que esta se apresente nos seus compostos, obedecem as mesmas leis que regem o comportamento no sêio do átomo, reduto êste que é a base de tôdas as estruturas da materialidade dos reinos mineral, vegetal e animal. Assim compreendemos que os compostos, cujos fenômenos não encontrem apôio na natureza dos seus componentes atômicos, a sua causa revela-se para além dos limites da matéria. O átomo, sistema onde encerra as leis da materialidade, é de natureza físico-química com base na matéria e energia. É a união dêstes elementos, em compostos, que formam as moléculas de tôdas as substâncias que se possa conhecer.

Nessas uniões moleculares a individualidade do átomo não desaparece numa fusão íntima, entre uns e outros, conservando ali cada qual dêles as suas mesmas características de antes quando separados. Nestas condições é fácil compreendermos que a natureza molecular e a dos seus átomos quando isolados, fundamentalmente, é sempre uma só, pelas mesmas leis físico-químicas com base na matéria e energia.

Como exemplo, unamos dois átomos combinados de Hidrogênio e um de oxigênio e obteremos uma molécula dágua. E esta nada mais é que três átomos agrupados por afinidades. Portanto, a natureza dêste todo não difere da dos seus componentes quando separados, pois em uma ou em outra forma sempre se trata de matéria obediente às mesmas leis. A diferença que pode ter surgido no agrupamento é apenas nos aspectos da nova propriedade de estruturação.

Para analogia : um edifício de tijolos, êstes agrupados oferecem um novo aspecto. Mas nem por isso a construção deixa de ser de pedra, cuja natureza é a mesma da dos seus componentes. Faça-se a demolição, e os tijolos voltam intactos na individualidade anterior. O mesmo se diz da molécula dágua que se a decompormos, os seus átomos de Hidrogênio e Oxigênio voltam intactos para as suas formas individuais de antes.

Por sua vez, as moléculas também podem prosseguir unindo-se umas com as outras, formando outras maiores e mais complexas. Mas a natureza, pela qual regem as leis das suas combinações, chamem-se estas amino-ácidos, proteinas ou o que quiserem, está baseada sempre no mesmo princípio dos seus componentes atômicos.

As células do nosso corpo animal são estruturadas por certas formas de moléculas. A função celular, mesmo tratando-se de unidades complexas, como sejam as células cerebrais, também se baseia nas mesmas leis que as partículas primárias transmitem aos seus compostos nos quais elas continuam mantendo a sua integridade atômica individual. A célula é uma entidade organizada que aproveita, nos seus fenômenos físico-químicos, a energia da própria matéria pela combustão, para sustentar sua vida vegetativa. Esta propriedade do edifício celular, apesar de sua complexidade, não ultrapassa os limites das leis até onde lhe permite ir a natureza dos seus elementos básicos, os átomos. Isto nos leva a compreender, pelo bom senso, que se no todo do sêr humano há fenômenos, como os mentais, que não se revelam regidos pelas mesmas leis fundamentais da materialidade, a sua causa terá que ser procurada fora dos limites da matéria. Logo, se pelo efeito concebe-se a causa, é insensato procurar ou teimar que fenômenos como os da inteligência tenham a sua fonte originária no sêio da materialidade, quando esta propriedade concreta não revela nas suas leis a capacidade para gerar espontâneamente a faculdade de raciocinar.

Isto seria exato se a consciência fôsse um produto de base química, como acontece com as secreções glandulares que se analisam nos laboratórios.

Os biologistas assemelham a função celular a uma máquina movida a combustível que se queima. Um exemplo é o automóvel. Seu motor, pela combustão, funciona por si só. Mas para que dê ao veículo movimentos ordenados é preciso outro agente de fora, ou seja, o motorista. Sem êste, o seu funcionamento limita-se pela energia da materialidade mas sem movimentos que se mostrem ordenados.

Também a célula é uma máquina da natureza com função pela energia que ela tira da materialidade, pela queima de combustível nutriente. Mas a capacidade inteligente a matéria não tem para lhes dar. Então, como o automóvel precisa do motorista para lhe ordenar os movimentos, também nossas células por si só não originam fenômenos inteligentes. Daí o dualismo espírito e matéria.

Quem desejar provar o contrário dêstes nossos argumentos que nos aponte onde a célula adquire propriedades para criar fenômenos conscienciais que não se explicam pela função físico-química e nem pela energia da matéria.

É lógico que se na célula individual não surge tal predicado, a união delas para formar pelos órgãos o todo da máquina animal também não vai gerar um outro agente que nelas não se encontre. Isto seria contrariar a lógica da equação: $A + A = A$. Assim, o que se diz da trajetória dos átomos para as moléculas, e desta para as células, o mesmo se diz destas para os órgãos e dêstes para o todo do corpo humano, cujo total não poderá ir além do que lhe podem dar suas partes.

Portanto, não será com palavras ou argumentos de superfície que a tese materialista prevalecerá. Desejamos as razões pelas análises de profundidades, demonstrando de que forma e no qual momento, na sua trajetória do átomo até a célula e desta até o todo do corpo humano, a matéria realiza essa passagem milagrosa, deixando a sua propriedade ininteligente para transformar-se no inteligente. Afirmativas sem apôio de base pela razão analítica não passam de conjecturas dogmatizadas.

Sempre que a defesa do materialismo insistir em que os nossos fenômenos mentais se originam na matéria, nós a levaremos para as bases desta estrutura para que ali nos acuse onde está a causa no sêio atômico, que se revela capaz de transmitir aos seus compostos essa maravilhosa faculdade, a consciência. Se os átomos isolados não revelam fenômenos de ordem inteligente, como poderiam, pelo fato de se agruparem, gerar tal predicado que não existe na sua intimidade ?

Quanto aos postulados pavlovianos, o célebre cientista russo, como tantos outros, em muito contribuiu para a ciência com as suas elucidações, mas até os limites das suas observações sôbre o comportamento experimental de animais como os cães. Mas, na verdade, quanto à causa da origem da consciência do Homem é assunto que está além das fronteiras do que revelam os reflexos condicionados, pois sem as análises das partes componentes não se pode adiantar em afirmativas, sôbre o que se passa nas profundidades do todo. Mais nobre seria imitar os grandes mestres que preferem se render ao que ainda ignoram, antes de macularem a verdade com suposições que nada resolvem em favor da razão.

Assim, vejamos o que disse o professor universitário, dr. Santolíquido, em uma conferência em Roma, em 1938 : «A esfera da Biologia não ultrapassa o estudo das funções vegetativas do corpo humano. A psicologia é o estudo das sensações, das lembranças, dos sentimentos, das vontades, das idéias, dos diferentes processos mentais. Nenhum psicólogo, porém, autorizado e profundo, ousará dizer que, com enorme auxílio dos laboratórios e dos clínicos, pode penetrar além da superfície da fenomenologia do pensamento.»

Ainda, no trimensário Difusão Odontológica, número de outubro a dezembro, em brilhante artigo, Hipnose e Odontologia, do ilustre prof. Luiz Silva, ali, em certo tópico, podemos ler as seguintes palavras, reproduzidas, de J. B. Rhine, grande mestre da atualidade : «Muito se conhece sôbre o Homem, mas sua natureza fundamental, a que o impulsiona a conduzir-se, é todavia um profundo mistério. A ciência não pode explicar o que na realidade é a mente humana, *NEM COMO FUNCIONA EM RELAÇÃO AO CÉREBRO. NINGUÉM PRETENDE SABER COMO SE PRODUZ A CONSCIÊNCIA.*»—mais adiante remata — : «*O PROBLEMA CONTINUA SEM SOLUÇÃO E MERAS SUPOSIÇÕES NÃO BASTAM PARA GUIAR A HUMANIDADE.*» (os grifos são nossos).

Palavras como essas, poucas mas profundas, e considerando-se da parte de quem elas vêm, valem ser meditadas por aquêles que desejam se pronunciar a respeito, antes de aventurarem suas cartas na mesa.

E de nossa parte aproveitamos advertir os autores de outras obras sôbre hipnose, os quais também veem se exorbitando das restrições em que se acham, ao falarem sôbre Espiritismo, mesclando-o com as primitivas práticas do Mediunismo, baseando-se ainda em outros fenômenos que sejam os do Hipnotismo. Expõem-se a ser convidados sôbre melhores esclarecimentos, com séria responsabilidade moral no trato aos adeptos de uma doutrina que tem merecido atenção de homens esclarecidos no campo da ciência e das letras.

E aqui encerramos os nossos trabalhos desta série, deixando esclarecido que sôbre o que se escreveu no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica, sómente nos ativemos no que se relacionou ao Espiritismo. As outras questões sôbre hipnose médica e odontológica em nada se afetam com as idéias do autor, pela materialidade, merecendo atenção dos que se dedicam na sublime arte de curar.

E despedindo-nos, certos de que não nos excedemos em entusiasmo, mantendo-nos com o devido respeito ético no nosso trato aos que nos fazem oposição, aguardamos serenamente qualquer rumo que nos possa levar à presente tarefa.

Assim, mais uma vez, estaremos em posição de defesa aos nossos postulados doutrinários, dentro da moral, justiça e verdade.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Entrincheirar-se na tradição significa renunciar à própria vida. — José Ingenieros.

O Espiritismo não pode descurar

Mac Maynard

DA reunião dos bispos brasileiros, entre outros objetivos, além de ataque frontal, impiedoso, ao Espiritismo, está o problema da Educação.

Pelos porta-vozes do clericalismo muito se falou sôbre a «má educação proporcionada pelo Estado», e, nessas lenga-lengas «educacionais» se fêz apologia do ensino privado, particular, confessional, mostrando o «mal» do ensino laico.

Quando Gustavo Corção, pelo «O Estado de São Paulo» assestou sua bateria clerical contra o ensino laico, estava visível o dedo jesuita, nêsses artigos pretensamente «educacionais»; criticou o «curriculum» do ensino brasileiro, esqueceu-se, no entanto, o conteúdo jesuita de nossa malfadada reforma do ensino: a excessiva memorização das matérias lecionadas (não é possível a um aluno estudar as matérias dentro de um programa tão vasto e desconexo como o atual); esqueceu-se de apontar o dedo da igreja, infelizmente presente, nas «reformas» do ensino: o que aí temos em matéria de ensino rescende a ranço, a bolor jesuítico.

A campanha contra a liberdade de ensino foi iniciada, há muito, pela igreja, sempre interessada no contrôle da educação.

É necessário que os espíritas não desprezem essa campanha, ela foi lançada, ela foi iniciada pelo clericalismo, precisam os espíritas contra-atacar rijamente, atacar com todo vigor.

A pretensão da igreja em monopolizar o ensino não é de hoje, basta folhar a história da educação para se ver o quanto a igreja se interessou e se interessa pelo assunto, e, a pretensão é tão grande que Donoso Cortez se expressou insofismàvelmente: «só à igreja pertence o direito de ensinar; quanto às sociedades civis tal direito não lhes cabe, senão sim o dever de ACEITAR o ensino da igreja.»

Aceitar o ensino da igreja... que pretensão em pleno século XX. Pretensão que precisa ser atacada de frente, pois a igreja «infalível» pensa que estamos ainda em plena era das sombras, e, devido as ligações políticas, o clero procura influir no Parlamento para conseguir o seu desideratum.

A campanha levada a efeito contra uma das glórias do professorado brasileiro, o Prof. Anisio Teixeira, ainda está fresca na memória dos homens livres: campanha inglória, injusta, iníqua, impudente.

Os espíritas não podem se calar diante do ataque clerical contra a liberdade de ensino.

O Espiritismo prega o livre exame, prega o livre arbítrio, prega o ensino laico — só pode haver liberdade na procura da Verdade, no livre exame, no livre arbítrio, quando o ensino fôr não confessional, não paroquial, não clerical, mas livre, laico. Eis a pedra de toque de nossa liberdade, eis a pedra de toque, o cerceamento da liberdade sonhada pelo clero.

O Espiritismo é Ciência, Filosofia, de conseqüência religiosa, não pode jamais frutificar num regimen de opressão clerical, precisa de ar, de liberdade espiritual, de liberdade moral, de liberdade intelectual para produzir os seus frutos benéficos à Humanidade.

Como poderia o Espiritismo contribuir com o seu contingente científico em pról da Humanidade em um regimen onde a educação sofresse o contrôle da igreja? como poderia o Espiritismo levar o seu quinhão de benefícios aos pensadores, aos filósofos, aos cientistas, num regimen controlado pela igreja?

Nunca... Jamais!

O trabalho é árduo, mas, «a difusão, a infiltração da ciência, do hábito de reflexão individual no sêio do povo é laboriosa e lenta como as estratificações geológicas. Muito há que esperar, portanto, ainda, o tempo em que o fanatismo religioso seja apenas uma recordação histórica, e a humanidade contempla de longe, rindo, essas puerilidades da superstição.»

Os espíritas não podem ficar alheios, não podem descurar dêsse problema de suma importância para o Brasil; êsse problema precisa ser debatido nos Congressos, nos Centros, nas Mocidades, nos lares espíritas: é problema vital para a Doutrina do Professor Allan Kardec...

PONDERAÇÕES

v. lirenedo

MENTORES espirituais, reportando-se à atmosfera mental da Terra, dos acontecimentos desencadeados pela vontade do homem, algumas vêzes deram-se a minúcias, informando que do plano espiritual vêem-se sôbre o orbe, em países europeus, pontos deletérios, saturados de lágrimas, dores, ódio, sangue. Lugares onde se deram batalhas, crimes políticos e religiosos, teatro das monstruosidades da Inquisição. Estígmas que só desaparecerão à medida que as criaturas a êles ligadas se quitem, no espaço ou em encarnações sucessivas na Terra, das clamorosas violências engendradas, praticadas. Mas, mesmo antigas armas e instrumentos, feitos de qualquer material, utilizados já há muito no crime, nas torturas, seguem impregnados de fluídos trevosos.

No continente americano também não podem deixar de existir tais manchas etéreo-geográficas delituosas: a submissão cruenta dos astecas, dos incas, e depois dos peles-vermelhas. A longa e dolorosa escravização do negro na América do Norte e em nosso Brasil. Todo um panorâma de crimes, de tripúdio da moral e do sentimento, da justiça, do direito; panorâma de compra e venda de sêres humanos, de sistemas econômicos cavilosos, de regimes políticos facciosos exilando, aprisionando e imolando os refratários. Aliás, êsse não é um crônico inventário regional. Com certas variantes e restrições aqui e ali, é acervo universal. Sim, todos os cinco continentes têm contas a prestar ao tribunal divino, que a maldade e delinqüência, o despotismo e egoísmo agressivos do homem se fizeram presentes e ativos em tôda parte e em todo tempo. Débitos dilatados, poliformes, oriundos de procedimentos inomináveis vão sendo e hão de ser penosamente resgatados individual e coletivamente. Porque não há fugir à lei sábia do Pai. É a colheita lógica da reiterada semeadura desnaturada. É a lei de causa e efeito, cujo funcionar incontornável é intuitivo nas mentes profanas, é meridiano, provadíssimo aos espíritas.

Mas, apesar do funcionamento alertador dessa lei, já decorrendo quase vinte séculos de *cristianismo,* legiões cerradas de criaturas seguem fingindo, sim, *fingindo* não compreender preceitos simples como êstes — A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS— e —NÃO FAÇAS A OUTREM O QUE NÃO QUERES QUE TE FAÇAM.

Irmãos, eu tinha que deitar estas ponderações no papel, algum tempo após visitar uma fazenda dêste Estado de São Paulo, herdade cujos proprietários, apesar de freqüentadores da igreja, não assimilaram os ensinamentos do Cristo. Percorrendo em companhia dos atenciosos anfitriões a extensa propriedade rural, estive em júbilo sob os eucaliptos, sob as jabuticabeiras exuberantes, os laranjais e pessegueiros, junto ao feijoal, à horta generosa, ao roseiral colorido e perfumado. Mas houve o momento crucial na excursão: foi quando os hospedeiros, num estranho e mesmo lamentável intuito exibidor do antigo *poderio,* fizeram empenho em me levar a terreno quadrado, distante da moradia principal, onde se prendeu e flagelou os escravos. Diante do arbitrário pelourinho particular, dos moirões, golilhas, argolas-algemas, confrangeu-se-me o coração, fêz-se-me dolorida a consciência de homem branco. Sim, quem isto está contando—que não é nenhum hiper-sensível —, teve por endosmose um sentimento de culpa racial, e teve a sensação de achar-se não ao ar livre e puro, no prolongamento ensolarado de uma lavoura cuidada, mas numa furna asfixiante, num abandonado e todavia sufocante matadouro de gado...

Que detalhes opressivos e agressivos de um palco amargoso que tinha de sempre ficar distanciado da casa principal, porque os ouvidos senhoris não podiam ferir-se com os gritos e lamentos dos castigados!...

Ah! pobres tradicionalidades humanas! Pobres almas que das próprias mazelas fazem vaidade! Os donos ali jamais mandaram queimar ou fundir, ou lançar ao rio qualquer dos apetrechos de infâmia. Como se relíquias gloriosas fossem, com secreto orgulho são exibidos ainda hoje os utensílios satânicos em cujas moléculas a *psicometria* indubitàvelmente registraria cenas selvagens feitas da dor, do desespêro e sangue de irmãos nossos vítimas indefesas do cativeiro.

Vejam, irmãos: não é dado ao homem julgar das coisas transcendentes, mas diante do antigo palco sacrificial, na minha fraqueza humana não pude deixar de aventar a mim mesmo a hipótese de que, as contínuas doenças e provas acerbas tombadas no núcleo familiar daqueles proprietários proviessem da amarga *aura* legada à velha herdade pela escravidão.

Na retirada da fazenda, em prece ligeira a pedir ao Alto bênçãos perenes para a dócil e corajosa Princesa Isabel, êste escrevinhador insôsso, imocionado pedia a Deus também fizesse Êle claridade nos corações dos hospedeiros visitados, que Êle, Pai fizesse aquelas mentes assim terrenas se compenetrarem da realidade das leis divinas, que se estribam no amor aos semelhantes, seja qual for a pigmentação dêles. À medida que o automóvel ganhava quilómetros, o meu pensamento voltava à propriedade dos idosos jequitibás humanos, primitivo bloco consanguíneo de muitas pessoas, ora reduzido a dois casais setuagenários e seus três netos. Jequitibás humanos do tempo da monarquia, hoje combalidos de corpo, curtidos de vicissitudes contínuas, de desenganos, mas sempre vaidosos no cerne, sempre com o orgulho de estirpe, e por isso mesmo todavia distanciados do caminho de meditação e remorso traçado pelo verdadeiro e único Senhor dos mundos e dos homens e das coisas — pelo nosso Pai Celestial.

Crônica Estrangeira

Como um Espírito evitou uma cobrança executiva

«The Greater World» publicou o seguinte fato extraordinário que se verificou no sul da Escócia, isso há muitos anos.

O Snr. Reid, de Bowland, proprietário duma gleba de terras, no vale de Gala, estava sendo perseguido por suposto débito de considerável soma, os acumulados dízimos atrasados, dívida que lhe era imputada por uma família nobre, herdeiros dos primitivos proprietários das terras.

O Snr. Reid estava convencido de que seu falecido pai havia (por um dispositivo peculiar à lei escocêsa) adquirido essas terras por compra ao seu dono e, portanto, a ação executiva era injusta. Porém, após acurada busca e investigação entre os documentos do pai, e inquérito entre as pessoas que tiveram negócios com o falecido, verificou que não havia a necessária prova para a sua defesa.

As coisas prosseguiram de tal modo que êle já estava disposto a fazer o pagamento exigido, mas deliberou ir a Edinburgh no dia seguinte para tentar um acôrdo amigável. Deitou-se com esta resolução e, preocupado com todos os incidentes de sua pendência, teve um sonho vívido, como se segue:

Um sonho vívido

Seu pai, falecido muitos anos atrás, apareceu-lhe junto ao leito, em forma perfeitamente reconhecível, perguntando porque êle se achava tão preocupado. Em sonhos não se estranham semelhantes aparições. O Snr. Reid relatou ao pai a causa de seus aborrecimentos, acrescentando que o mais penoso era pagar tão avultada quantia, pois estava certo de que a mesma não era devida, mas não via outro meio porque se encontrava ante a impossibilidade de apresentar a prova em contrário.

«Tens razão, meu filho», respondeu a sombra do pai. Adquiri os direitos dêsses dízimos, por cujo pagamento estás sendo perseguido. Os documentos relativos à transação estão em poder de

Mr. R..., um advogado, agora retirado de negócios profissionais, residente em Inveresk, próximo de Edinburgh; foi êsse solicitador que contratei, por um motivo particular, porém, nunca mais tratou de negócios por minha conta.

O Espírito dá uma informação preciosa

«É bem possível», prosseguiu a visão, «que Mr... tenha esquecido uma circunstância que é de data remota ; mas podes refrescar a sua memória com esta particularidade que, quando eu fui pagar as custas, houve dificuldade em trocar uma moéda de ouro portuguêsa e resolvemos beber a diferença numa tavérna próxima.»

O Snr. Reid despertou na manhã seguinte com tôdas as palavras da aparição, fortemente impressa em sua mente e resolveu cavalgar a Inveresk, em lugar de ir a Edinburgh. Quando lá chegou, encontrou o advogado descrito em sonho. Sem fazer referência à aparição perguntou se êle não se lembrava de haver efetuado uma transação para seu pai. O advogado, pessoa bastante idosa, de princípio não se recordou do negócio que lhe era referido, porém, quando lhe foi mencionada a moéda de ouro portuguêsa, o todo voltou à sua memória, emergindo de longinquo passado. Imediatamente êle foi ao seu arquívo e encontrou os papéis.

Deste modo o Snr. Reid, por meio da comunicação de seu pai, em sonho, achou-se habilitado a levar a Edinburgh os documentos necessários para ganhar a causa que estava na iminência de perder.

* * *

A Sombra de Napoleão

De «Siglo Espiritista»

É geralmente sabido na Europa que o Espírito de Napoleão apareceu à sua mãe, Mme. Letícia, poucos momentos depois de sua morte em Santa Helena. O caso é verídico e êste incidente foi há poucos anos lembrado pela Sra. Frazer.

Mme. Letícia, conhecida na França por Mme. Mare, foi a última que se despediu de Napoleão quando êle embarcou para S. Helena. O «adeus» de Napoleão, foi pela mãe respondido em italiano : «Addio, figlio mio.»

Cerca de seis anos depois de sua partida, última, Mme. Mare estava sentada uma manhã na sala do Palácio Bonaparte na Itália (5 de maio de 1821), quando a criada anunciou uma visita que desejava ver Mme. Mare, só e imediatamente, visto ser portador de importantes notícias do imperador no exílio. Ela ordenou que o visitante fôsse levado a sua presença. Êle se achava envôlto em uma grande capa e trazia o chapéu com as abas descidas sôbre os olhos ; mas ao entrar na sala, como a criada se retirasse, arranjou o chapéu que tapava parte do seu rosto e tirou a capa, apareceu um homem que era o próprio imperador, seu filho amado.

Mme. Mare deu um grito de temor e prazer, e, erguendo-se, tratou de abraçá-lo calorosamente. A mãe pensou que alguém havia proporcionado sua fuga de Santa Helena e êle tivesse vindo saudá-la, antes de seguir para a França. Mas, ao contacto de suas mãos, sentiu a frialdade e o vazio e ficou impossibilitada de se mover e de falar, e êle exclamou solenemente e com gravidade : «4 de maio de 1821»—e desapareceu lentamente, saiu pela porta, deixando bruscamente cair a pesada cortina. Mme. Mare, recobrando a serenidade, seguiu-o até a sala, mas, nada mais viu ; foi ao salão, onde êle costumava sentar-se e perguntou :

— «Onde está o cavalheiro que acaba de sair ?»

— Excelentissima, respondeu a criada, ninguém por aqui passou, desde que eu levei o cavalheiro à sua presença, pois eu aqui permaneci todo êsse tempo.

Seis semanas depois, tempo naquela época necessário para ter notícias de Santa Helena, chegou a notícia da morte do Imperador, à Mme. Mare, às 11 horas do dia imediato ao aparecimento.

Nessa ocasião foram três os criados que viram o Imperador : o porteiro, que o recebeu na porta da frente ; o lacaio, que procurou receber seu chapeu e a capa ; e a criada que o levou à Mme. Mare ; mas nenhum dêles, o viu sair, apesar de todos terem permanecido em seus postos.

Espiritismo no Brasil

Serões Bíblicos

Sob o título acima, esta «Revista» iniciará, em sua edição de agosto próximo, a publicação de nova série de artigos de Luiz Caramaschi, nosso antigo e distinto colaborador, relatando um diálogo inédito.

Trata-se de trabalho interessante que agradará, sem dúvida, aos nossos prezados leitores, pela sua originalidade.

Abrigo Jesus

De Belo Horizonte, Minas, recebemos o Relatório do exercício de 1959, do presidente Osório de Morais, do Abrigo Jesus, daquela capital, situado na rua Costa Sena, 1051 e com telefone 2-9035 e caixa postal, 734.

Êsse abrigo foi declarado de utilidade pública pelo Governo Federal, por decreto 42119, de 20-8-1957.

O presente Relatório foi aprovado pela Assembléia Geral Ordinária dos sócios do Abrigo Jesus, realizada em 13 de março de 1960.

Trata-se de um trabalho bem elaborado, dividido em ligeiros capítulos, relatando as atividades administrativas e assistenciais da entidade, dos quais capítulos transcrevemos o seguinte:

«Agradecemos, com tôdas as fôrças de nosso pensamento, a tôdas as pessoas que tem cooperado conosco nesta santa cruzada de amor à criança. No ano de 1959, recebemos valiosos donativos, que seria fastidioso enumerar um por um. Mas sabemos que Deus, na sua infinita bondade, recompensará a todos devidamente.»

Em Itaguaru

O nosso prezado confrade Gervásio de Ataídes, de Itaguarú, no Estado de Goiás, escreveu-nos dando-nos notícia do movimento espírita naquela localidade.

Inicialmente comunicou-nos que o Centro Espírita «Discípulos de Jesus», de Itaguaru, foi registrado no Cartório competente, constando a atual Diretoria do Centro, eleita em 12 de abril último, dos seguintes confrades: 1.º pres., Jonas Sandoval Barbosa; 2.º, Jerônimo de Ataídes; 1.º secr., Gervásio de Ataídes; 2.º, Maria Sandoval de Andrade; 1.º tes., Morbeck José de Andrade; 2.º, Cesário Gomes de Souza; proc., José Galvino Bonifácio; bibl., Firmina Ataídes; zeladora, Maria Ataídes Sandoval; professora de Catecismo, Claudivina Sandoval Barbosa; e Conselho Fiscal, Juscelino O. Barbosa, Maria Rosa Ferreira e Natália A. Sandoval.

O Centro, em reunião de 31 de março, rendeu homenagem a Allan Kardec e a irmã Mariana Justina Barbosa, em memória dos seus espíritos, usando da palavra o confrade Torquato Silveira Junior, fundador do Sanatório Espírita «Casa do Caminho», de Inhumas, em Goiás, o qual discorreu sôbre a data e sôbre a Doutrina agradando sobremaneira a numerosa assistência.

Participou-nos, ainda, o confrade Gervásio de Ataídes, várias outras reuniões doutrinárias realizadas em Itaguaru, pelas quais verificamos ser grande e sincera a atividade dos nossos irmãos daquelas paragens goianas pela difusão do Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus.

Sanatório Espírita «Vicente de Paulo»

«A medicina material nasceu com o primeiro gemido, e seus recursos terminam no túmulo, enquanto que a Medicina Espiritual nasceu com a primeira angústia e vai, além das catacumbas, atravessando os sepulcros, para continuar na sua missão sublime, procurando lenir os tormentos do espírito...»

Esta bela sentença, nós a encontramos num prospecto do Sanatório Espírita «Vicente de Paulo», da grande cidade de Ribeirão Preto, onde tem a sua sede à rua Pará, 1280, com caixa postal 601 e telefone 5282.

Essa conceituada casa de saúde para tratamento de doenças mentais e nervosas, é merecedora de todo o apôio pelos relevantes serviços que vem prestando a necessitados.

Em Duque de Caxias

Esplendor Espiritual no 4.º Aniversário da A. Esp. «Cairbar Schutel»

No dia 25 de maio último, a Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, viveu mais uma noite de esplendor espiritual ao comemorar o seu 4.º aniversário de fundação. Sob a espectativa de numeroso e seleto público, falou aos espíritas fluminenses o general médico do Exército, dr. Waldemar Pereira Cotta.

Não foi fácil retirá-lo dos inúmeros afazeres profissionais e espirituais do Rio de Janeiro, malgrado a proximidade de Caxias com aquela capital. Um ano foi preciso para achar-se uma data, mas valeu o esfôrço porque todos se sentiram recompensados pelo que de ensinamento e consolação a jornada proporcionou.

«A Morte é um mito», eis o tema sôbre o qual o general Pereira Cotta falou durante 70 minutos, envolvendo com brilhantismo e e eloqüência a variada gama de problemas que assoberbam a existência humana. Focalizando a vida de relações em tôdas as suas manifestações conhecidas e conduzindo a análise para o plano espiritual, o orador discorreu convincentemente sôbre a eternidade do espírito e a eternidade da vida. O homem só se liberta dos «medos» — disse —, quando se espiritualiza. O medo das doenças, da perda da fortuna, da perda dos entes queridos, da perda do emprêgo, leva à morte do corpo, porque gera a ansiedade e esta produz a extinção das funções biológicas. Não se tem lembrança de dissertação tão vibrante e ao mesmo tempo tão acessível de quantas foram ali realizadas.

* * *

Fiel ao propósito que se traçou, a Associação Espírita Cairbar Schutel pôde, mais uma vez, brindar o público duquecaxiense com outra tertúlia memorável. Compareceram d.ª Ilva Tavares, Manoel Max das Dores, Manoel Corrêa Duarte, Mário José Floriano, d.ª Zair Jacintho e sr. Antanas Alexsandravícius, representando entidades có-irmãs, e os srs. Severino Gomes, agente dos Correios e Telégrafos, José Franklin de Faria, Chefe da agência do I. B. G. E., vereador Thomé Siqueira Barreto, 1.º Ten. Wilson de Almeida Sabará, Delegado da 5.ª Seção de Recrutamento, dr. Salvador Pereira da Rocha e muitos outros que o espaço não nos permite enumerar.

* * *

Cumprindo a primeira etapa do plano de finanças traçado pró sede própria da Associação, foi encenada pelo grupo do «Teatro Moderno Caxiense», no dia 21 de maio findo, a peça de Pedro Bloch «Morre um gato na China». Wanda Freimuth, Roberto Moreira e Afonso Fernandes — os protagonistas —, repetiram e ultrapassaram seus sucessos anteriores e conquistaram as simpatias gerais.

* * *

A campanha prosseguirá no dia 6 de Junho com a realização de grande «show» com artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde ao lado do admirado Nelson Gonçalves, estarão Jackson do Pandeiro, Trigêmeos Vocalistas, Rogéria e muitos outros. A realização do «show» foi uma gentileza do dr. Moacyr Arêas, Diretor da Rádio Nacional do Rio, que se mostrou sensível à dedicação da A. E. «Cairbar Schutel» no amparo às crianças pobres que estudam na sua Escola Abrahan Lincoln.

—

28.º Aniversário de Fundação do Centro Espírita Thiago Apóstolo

O dia 29 de maio findo, assinalou a passagem do 28.º aniversário do Centro Espírita «Thiago Apóstolo», tendo falado na ocasião, d. Ilva Tavares, oradora já conhecida e muito apreciada em Duque de Caxias. As festividades ocuparam tôda a tarde daquele dia, sendo irradiadas pelo carro-volante de propaganda da «Legião da Boa Vontade». Diversas instituições se fizeram representar, sendo oferecidos doces e bolos aos presentes finda a solenidade.

Do Correspondente

De Fernandópolis

Recebemos e publicamos a seguinte mensagem:

«SAUDAÇÃO

O Centro Espírita «Pátria do Evangelho», de Fernandópolis cumprimenta as altas autoridades desta Comarca e quantos manifestaram de público, pelo «Fernandópolis-Jornal», de 8-5 60 o seu *REPUDIO SINCERO À PENA DE MORTE.*

Essa atitude desassombrada e cristã dos homens que representam e honram nossa cidade vem provar que, de fato, o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

A Diretoria».

Escola Gracinda Batista

Dia 30 de março deste ano foi comemorado na cidade de Rolândia mais um ano da Escola «Gracinda Batista», em tão boa hora fundada pelo abnegado companheiro Vicente Esteves Ferreira.

A Escola «Gracinda Batista», é de fato um belo e exemplar estabelecimento de ensino, que está dando atualmente o ensino primário a quase duas centenas de crianças de ambos os sexos.

As professoras que lá lecionam são criaturas dignas de admiração pela maneira gentil e pelo gesto altruístico, com que se entregam ao serviço de bem orientar e esclarecer, ensinando as primeiras letras.

Ao assistirmos a festa de comemoração de mais um aniversàrio desta escola, ao ouvirmos as palavras do amigo Onofre Fernandes, que foi o orador escolhido para falar naquela oportunidade, sentimos imensa saudade do nosso amigo, batalhador da velha guarda, que é Onofre Batista e também de Dna. Gracinda Batista, aquela alma bondosa, meiga e carinhosa que soube tão bem desempenhar na terra a sua nobre missão e que ainda continua hoje no espaço a derramar seus fluídos amigos e salutares a todos que de boa vontade se entregam ao serviço do Evangelho.

Ao tomarmos parte em tão brilhante e significativa festividade, nos sentimos bem distante, nas azas de uma prece sincera, procurando na velha e distante Itapira, o velho casal para contemplá-los em tempos idos, no serviço ativo, de auxílio aos menos favorecidos.

E como é bom recordar, mesmo porque, recordar é viver.

Ao velho Onofre, pelo muito que semeou nas plagas do Paraná, só temos que agradecer e a bondosa e inesquecível Dna. Gracinda, tôda a nossa gratidão num gesto de veneração, e respeito.

Está de parabens a cidade de Rolândia, por contar entre outras, a belíssima escola «Gracinda Batista».

Parabens ao Vicente Esteves Ferreira.

Aproveitando o feliz ensejo enviamos também através destas colunas o nosso abraço ao incansável Onofre Batista.

O «O Imortal» congratula-se com todos que lá estiveram presentes às festividades comemorativas de mais um aniversário da referida Escola.

De «O Imortal», de Cambé - Paraná, de 25-5-60.

Federação Espírita do Paraná

Apraz-nos publicar aqui a relação dos departamentos assistenciais mantidos pela Federação Espírita do Paraná e que são os seguintes, extraídos de um avulso que foi enviado à nossa redação:

Albergue Noturno, Sanatório Bom Retiro, Lar Infantil Icléa, Associação Protetora do Recem-nascido Pobre, Caixa de Proteção ao Tuberculoso Pobre e Família, Dispensário Homeopático, Créche Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Gabinete Dentário, Jardim da Infância, Artesanato, Associação de Senhoras Espíritas, Livraria, todos em Curitiba ; Lar Infantil Mariinha na cidade de Palmeira ; Lar Infantil Hercília Vasconcelos — na cidade de Paranaguá.

Em construção : Instituto Lins de Vasconcelos — em Curitiba, Maternidade — em Curitiba, Lar para Meninos — em Campo Largo.

A ser inaugurada : Créche Da. Josefina Rocha — em Curitiba.

Esta simples relação fala bem alto do valor da obra da Federação Espírita do Paraná, digna do mais decidido apôio.

Em Itapetininga

Carta que recebemos de nosso confrade José Benedito Cruz, de Itapetininga, trouxe-nos gratas notícias de vários empreendimentos dos espíritas dessa bela cidade da Estrada de Ferro Sorocabana.

A carta inicialmente nos fala da eleição, verificada em 29 de maio, da Diretoria da Juventude Espírita de Itapetininga, a qual ficou assim constituida : Presidente, senhorita Adelia Maria Salati Marcondes; vice-presidente, senhorita Shirley Silveira; 1.° secretário, Antonio Meyer; 2.° secr., srta. Mariza Rodrigues; 1° tes., srta. Beatriz Rodrigues; 2.° tes., Delcio Menezes; diretor artístico, srta. Zeila Silveira. Conselho Consultivo: dr. Antenor Frederico Meyer, José Benedito Cruz, Afonso Gonçalves e Eugênio Kicht Taves.

Essa Juventude realiza suas reuniões na Sinagoga Espírita Estrada de Damasco, à rua Pedro Marques 866, que conta com amplo salão de conferências e outro de Biblioteca, onde são ministradas aulas de Esperanto.

Continuando sua narrativa, a carta do nosso prezado amigo, nos fala ainda da existência da Sociedade de Senhoras Espíritas, que angaria e confecciona enxovaizinhos para recem-nascidos, e da Fundação Assistência Lar e Educandário Achiles Brochieri, que se prepara para a edificação de um Educandário, para o qual já há a doação de uma quadra de terra, tendo sido generoso doador o sr. Lizandro do Amaral Prado.

Essas notícias indicam que os espíritas de Itapetininga encaram com seriedade e entusiasmo o trabalho assistencial que o Espiritismo espalha por tôda a parte.

Nosso Representante em Uberaba

Temos o prazer de comunicar aos amigos e assinantes de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», que o jornalista Arlindo José Evangelista, residente em Uberada, à rua Major Eustáquio, 63, acaba de assumir a representação das nossas publicações naquele grande centro do Triângulo Mineiro.

Estamos certos da boa acolhida dos confrades para o trabalho do nosso distinto companheiro.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião ordinária realizada em 4 de Junho de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

No expediente é lido ofício da União Espírita Mineira, remetendo cópia da Ata de reunião, lá realizada, tratando de assuntos doutrinários e federativos. Comenta o Presidente o trabalho dessa Sociedade e louva a dedicação da União Espírita Mineira ao serviço de congraçamento dos espiritistas brasileiros.

Estado da Guanabara — O Conselheiro Aurino Barbosa Souto informa que a Liga Espírita do Distrito Federal, em Assembléia Geral de 8 de Maio último, teve o seu titulo alterado para Liga Espírita do Estado da Guanabara.

Bahia — O Conselheiro Major Ruy Vidal de Araujo comunica a celebração do décimo aniversário de fundação da União Social Espírita da Bahia, com programa de festividades comemorativas.

Rio Grande do Sul — Comunica o Conselheiro Francisco Thiesen que a Federação Gaúcha programou a realização de seis Semanas Espíritas em várias cidades do Estado, e que, de Agosto a Setembro, serão realizadas reuniões para cogitar da Evangelização das gerações novas, de assuntos referentes ao Serviço Social e outros também de interêsse da Doutrina. Comunica, ainda, que está funcionando um Curso de Esperanto, em sua séde, e uma escola de encadernação.

Após fazer um relato completo e minucioso dos fatos ocorridos no mês de Maio último, o Presidente agradece à Federação Gaúcha, na pessoa do seu Conselheiro, o oferecimento de uma tradução, para o alemão, da obra «Agenda Cristã», feita pelo confrade Erico Bodenstab. Diz ainda o Presidente que lhe chegaram notícias de que, na Rússia, tem sido muito elogiado o nosso livro «Esperanto Sem Mestre», de autoria do saudoso amigo Francisco Valdomiro Lorenz.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Federação Espírita de Pernambuco, foi encerrada a reunião.

Reconhecimento Oficial

A notícia de que o Ministro da Justiça aprovou parecer do consultor jurídico daquêle Ministério, sr. Azor Butler Maciel, reconhecendo de utilidade pública a Federação Espírita Brasileira, vem provocando protestos violentos, de intenso colorido sectário em vários órgãos religiosos de imprensa. O jornal «Mundo Espírita», de Curitiba, registra e comenta um dêsses protestos, em que o próprio govêrno federal é acusado de falta de patriotismo, por reconhecer o fato inconteste de que a Federação Espírita Brasileira é de longa data, um organismo de utilidade pública.

O reconhecimento oficial veio tarde, mas não faltou. Os trabalhos que a Federação tem desenvolvido, tanto no campo da difusão cultural, quanto no da assistência social, reclamavam há muito essa atitude governamental. Possuindo uma grandiosa tradição de serviço ao bem comum, a Federação representa, além disso, o movimento espírita brasileiro, que se estende por todo o país, com numerosos núcleos de assistência social e de orientação cultural, muitos dêles já reconhecidos, tanto pelos govêrnos municipais, quanto pelos estaduais e até mesmo pelo federal, como órgãos de utilidade pública.

Notícias de São Paulo

Serões Espíritas

Na sede do Club dos Jornalistas Espíritas, rua de São Bento, 21, sobrado, aos sábados, das 19,30 hs. às 21 horas, realizam-se os habituais «serões espíritas», para estudo doutrinário, com livre debate. Entrada franca.

—

Hora Espiritual

Todos os domingos, das 14,30 às 15 horas, pela Rádio América, o programa «Hora Espiritual», da Liga Espírita do Estado, dirigido pelo confrade Euripedes de Castro.

—

Escola Pública

Na última reunião da Comissão Estadual de Defesa da Escola Pública foi constituida a Comissão de Contacto do Movimento Espírita, que ficou integrada pelos confrades Apolo Oliva Filho, Euripedes de Castro e Herculano Pires. Essa comissão manterá o contacto do meio espírita com a Comissão Estadual, na batalha pela defesa da escola pública em nosso país, contra as fôrças que ameaçam essa conquista da civilização.

—

Diretoria da UMESP

A nova diretoria da União da Mocidade Espírita de São Paulo, empossada em reunião realizada na Federação Espírita do Estado, tem como presidente o confrade Orlando de Oliveira e como vice-presidente o confrade Nilson Gandolfi. Segundo estamos informados, a nova diretoria se propõe a intensificar durante a sua gestão, as atividades da UMESP no setor dos estudos doutrinários.

—

Cursos da UMESP

No auditório do Club dos Jornalistas Espíritas, rua de São Bento, 21, sobrado, tôdas as quintas-feiras, realizam-se dois cursos da União da Mocidade Espírita: Curso de Espiritismo, pelo Prof. Ary Lex; e Curso de Filosofia Espírita, pelo Prof. Bertho Condé. As pessoas interessadas obterão informações no próprio local, nas quintas-feiras, horário dos cursos.

Bibliotéca Chico Xavier

A Bibliotéca Municipal de Pedro Leopoldo, Estado de Minas, deverá chamar-se na bôca do povo: Bibliotéca Chico Xavier, porque o seu nome oficial, segundo projeto de lei do vereador Wilson Martins, aprovado pela Câmara Municipal da cidade, é o seguinte: Bibliotéca Municipal Francisco Cândido Xavier. Registrando o fato, «Mundo Espírita» comenta: «Justa homenagem ao mais famoso médium psicógrafo de nossos dias». Poderíamos acrescentar: e ao caipirinha mineiro que projetou o nome de sua cidadezinha em todo o mundo, através de uma atividade cultural espantosa, publicando nada menos de sessenta obras de literatura, religião, filosofia e ciência, de uma extraordinária coerência doutrinária.

Mas não há dúvida que para Chico Xavier a notícia não será grata. O médium famoso é sempre a mesma criatura simples e humilde que nasceu numa cidadezinha mineira, cresceu em luta com a pobreza, e viveu integrado no meio obscuro do seu nascimento. Chico Xavier não gostará da novidade. Mas nós, espíritas, ficaremos naturalmente satisfeitos, não pela homenagem em si, mas pelo que ela significa de reconhecimento do trabalho e do valor dêsse exemplo moral e espiritual do Espiritismo brasileiro, que é o médium de Pedro Leopoldo.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 100,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

THEOLOGICAL SEMINARY
NOV 15 2006

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1960 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A que é igual o Outro Mundo?

Por HUDSON TUTTLE

O cepticismo relativamente às descrições da natureza do mundo próximo, obtidas pelas comunicações mediúnicas, é naturalíssima.

Eu mesmo era um incrédulo no começo das minhas investigações, há 50 anos, e durante muito tempo depois. Eu estava na situação do sábio francês que, depois de se certificar dos fenômenos psíquicos durante anos, disse: «Êles são impossíveis, porém verdadeiros».

Se a vida persiste depois da morte, e sei que assim acontece, que espécie de vida podemos imaginar senão uma vida natural e semelhante a que aquí vivemos—*mutatis mutandis* e que motivos razoáveis podem ser aduzidos contra a eqüidade de semelhante vida?

Que espécie de Mundo?

Para fazermos uma idéia sôbre a vida futura, figuremo-nos as condições post-mortem que satisfariam os desejos da humanidade.

Estamos habituados durante a nossa vida, às condições da vida terrestre; estas formam uma base natural e verdadeira para nossas meditações. Então, que seja aquêle semelhante ao nosso mundo, sem suas tribulações, lutas e injustiças, com um curso de permutas, não de ouro, porém de serviços; condições climatéricas ideais; com linguagem universal, incapaz de dar lugar a interpretações errôneas; o método de locomoção dependendo, não da capacidade física, mas da concentração mental, não exigindo esfôrço, sem fadiga ou outro inconveniente; em suma, o corpo espiritual isento de qualquer incapacidade e invulnerável a doenças, de fato, uma reprodução do corpo físico elevada ao máximo e livre de todos os defeitos. É isto que todos desejam e, estranho como parece ser, são estas as condições precisas que todos obterão no mundo futuro, assim no-lo asseguram os que para lá se foram e seu testemunho seria aceito sôbre qualquer outro assunto, quando vivos, porque então duvidar? Pelo fato de estarem êles habitando num mundo que, racionalmente, não muda o caráter para pior.

Não admira que os duzentos e tantos desencarnados, com os quais conversei, não desejem voltar à vida terrestre.

As velhas concepções

Por outro lado, a velha concepção da outra vida, aceita por muitos (quando se dão ao trabalho de pensar sôbre o assunto), consiste num cantar perpétuo com acompanhamento de harpas de *ouro*. Pensemos, por um momento, quão intolerável deveria ser o fazermos incessantemente a mesma coisa durante tôda a eternidade. Semelhante vida se transformaria, em menos de um mês, num verdadeiro inferno, mesmo para um arcebispo.

A necessidade de ação, imposta pelas solicitações inatas, é tão forte e constrangente no sêr humano, (como nos outros sêres da criação), que, sem qualquer instigação, improvisa meios de exercício, fatos que se pode observar mesmo nos recem-nascidos.

A construção do nosso caráter

Desde o nascimento até a chamada morte estamos desenvolvendo o nosso caráter por meio de exercícios mentais e físicos de tôda a sorte ; adquirindo sempre experiência e conhecimentos que formam o caráter, e lembremos que o caráter é o único patrimônio que conôsco levamos para o outro mundo.

Do modo por que são formados os nossos caracteres nêste mundo, assim são formados os caracteres de crianças e adultos em futuros desenvolvimentos no mundo espiritual. Daí a necessidade de recreação para evolução da alma humana, como o são para o desenvolvimento do corpo físico, a razão é a mesma. É sòmente pela necessidade de pensar e fazer coisas que a mente se desenvolve e se expande de todo. Privai o homem dêsses esforços e o resultado será alguma coisa análoga à imbecilidade.

Às almas simples que fazem objeção, ou não percebem a necessidade de exercícios na vida futura, eu direi, tentai imaginar que seria o nosso mundo sem qualquer recreação ? Seguramente, degenerariamos em criminosos, porque a ociosidade gera a anormalidade, e é oportuno o velho adágio—«O diabo encontra ocupação para mãos ociosas».

O processo evolutivo nos acompanha durante a vida inteira, porque deverá então interromper-se ? Certamente ninguém afirmará que o homem alcançou a perfeição por ocasião da morte ; mais ainda, a Natureza não faz mudanças bruscas e certamente não comete êrros, daí, continuar a fazer o homem, depois da morte, mas com certas limitações, e com certas modificações, o que aquí fazia, com uma diferença fundamental: êle tem de reparar êrros cometidos durante a vida terrestre, se quiser ser feliz. Quando o conseguir, uma tarefa muitas vêzes difícil, êle lança fora a escória inseparável da encarnação terrestre e a substitue pelo fino quilate duma existência altruista e dêsse modo se habilita a uma promoção mais elevada. Contudo, é o mesmo indivíduo, sòmente como o carvoeiro que pôs uma roupa limpa sôbre um corpo também limpo.

A origem do êrro

O êrro sôbre a natureza da vida futura é devido ao fato de ter sido o corpo físico considerado falsamente o *Ego* real, quando êle sòmente é o veículo empregado pela alma para se manifestar no mundo físico.

Quando pela morte nos descartamos do corpo, a alma continua a viver como antes, porém num mundo imaterial e sujeito às leis que governam aquêle mundo, mundo êsse invisível aos encarnados, exceto aos que possuem faculdades psíquicas, como a clarividência ...

Quando Galileu descobriu os satelites de Jupiter, os astrônomos daquele tempo, recusaram-se a olhar para os mesmos, pelo telescópio aperfeiçoado do mesmo Galileu, porque êles estavam convencidos da inexistência dos mesmos. Esta atitude ainda escravisa a maior parte do gênero humano.

Se você está governado, efetivamente, pelo ideal superior, esqueça o amigo que desertou, a mulher que fugiu, o companheiro ingrato e o irmão incompreensível. Todos êles estão aprendendo e passando, como acontece a você mesmo ... O que importa é a intensificação da luz, o progresso da verdade e a vitória do bem.

— ANDRÉ LUIZ —

Centro Espírita "Amantes da Pobreza"

Caixa Postal, 11 — MATÃO — Estado de S. Paulo

«O CLARIM», quinzenário de Propaganga Espírita — **«Revista Internacional do Espiritismo»**, mensário de Estudos Anímicos e Espíritas

Livraria «O CLARIM» — Obras Espíritas em Geral

Aos Amigos e Confrades

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade, fundado em 1905, por Cairbar Schutel, vem mantendo as obras sociais, de seu fundador, acima indicadas — jornal, revista e livraria — dedicados à difusão da Doutrina Espírita no plano nacional e internacional procurando, por todos os meios, levar a tôda parte a luz e a consolação do Espiritismo com a boa nova da existência e sobrevivência do espírito ou seja a imortalidade da alma e dos ensinos de Jesus em espírito e verdade.

Essa missão, para os espíritas, vale os maiores sacrifícios, exigindo trabalho contínuo com renúncia de interêsses particulares e concentração de esforços a bem da coletividade.

Os diretores do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e de suas publicações trabalham sem remuneração, dando o máximo de atividade a benefício da causa comum, pois «O Clarim» e a «Revista Internacional do Espiritismo» são patrimônio de todos os espíritas e, embora remunerando apenas os seus operários, com o salário, como é justo e indispensável, enfrentam graves responsabilidades financeiras com as despesas de tôda ordem na sustentação da sua imprensa.

E os dois órgãos de publicidade, o jornal e a revista com 55 e 35 anos de publicação, respectivamente, já deram exuberantes provas de idoneidade do Centro, na execução do programa de Cairbar Schutel, através de seus continuadores, após 30 de janeiro de 1938, data de seu passamento.

Muito já se fez e se está fazendo, mas muito mais é preciso fazer. Para isso, porém, é necessário melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas e, para tanto, temos que contar com o auxílio de quantos queiram ajudar com seus donativos, grandes ou pequenos, para o Fundo de Assistência e Propaganda, que estabelecemos, encerrando a Campanha Pró-Máquina de «O Clarim», e cuja coléta será aplicada na remodelação de instalações, reaparelhamento gráfico e aprovisionamento de material, como máquinas, papel, tinta e demais elementos imprescindíveis.

Assim, apelamos aos amigos e companheiros, esperando a compreensão e o apôio neste empreendimento pela ampliação de nosso trabalho, visando a maior expansão da propaganda do Espiritismo, o que sempre foi o ideal de Cairbar Schutel no seu longo apostolado.

Êste apêlo, nós o fazemos neste 15 de agosto, que assinala justamente 55 anos de existência de «O Clarim», fundado, que foi, em 15 de agosto de 1905.

Reconhecidos pelo apôio que nos tem sido proporcionado, até o presente, antecipamos nossos agradecimentos pela solidariedade futura, formulando votos de saúde, paz e felicidade a todos os amigos e confrades.

Matão, 15 de agosto de 1960

OS DIRETORES

Angelo Watson Campêlo
Antonia Perche da Silveira Campêlo
Italo Ferreira
Zélia S. Perche
Carlos Vital Olson

Significativa Mensagem

A mensagem de Cairbar Schutel, que adiante se transcreve, foi recebida em Pedro Leopoldo, por Francisco Cândido Xavier, em 16 de junho de 1954, e dirigida ao nosso digno confrade Rafael Medina, residente em Araraquara.

Guardada, há tanto tempo, nós a publicamos agora, neste dia festivo para as obras espíritas de Cairbar Schutel, como homenagem a Rafael Medina pela sua dedicação à Doutrina e a consideração sempre demonstrada por êle ao esfôrço dos continuadores do Schutel na sustentação das mesmas obras.

E, como preâmbulo, devemos apenas acrescentar que essa mensagem, além de evocativa e comovedora, é das mais significativas como página de reconhecimento e de apêlo à continuação do trabalho na seara do Espiritismo, rendendo os corações a Jesus.

«Meu caro Rafael
Jesus conôsco

Esta é uma página de reconhecimento e carinho, com as minhas preces ao Senhor por seu trabalho na missão que abraçou.

Seus gestos de compreensão e bondade vivem comigo.

Não poderia ser de outro modo. A libertação do corpo físico não significa esquecimento e a nossa abençoada tarefa de Matão ainda constitue para mim um templo de serviço incessante.

Com a obra, vivo entre os amigos e companheiros que a ela se ajustam e, por isso, acompanho de perto, o seu esfôrço em Araraquara, tanto quanto a sua amizade nos assiste.

Muito grato meu irmão. Espiritismo iluminado no Evangelho de Nosso Senhor Jesus, não é sòmente doutrina de salvação, mas infinito campo de trabalho, do qual nem a morte nos consegue afastar. Isso porque nossa fé representa dinamismo da esperança infatigável na edificação do bem.

Continue aproveitando o seu valioso tempo de combate em favor de nós mesmos, oferecendo a Jesus o melhor na pessoa dos nossos semelhantes. Aquí, meu amigo, não somos inqueridos quanto aos anos de que nos apropriamos na experiência carnal, mas a Divina Providência, por seus prepostos, procura informar-se do que realizamos.

Não permita dêsse modo, que a sua época de ação transcorra em regime de sub-nível. Enxugar lágrimas, prover as necessidades de nossos irmãos, consolar aflitos, em suma, traduzir Jesus em atos, ainda e sempre são princípios de nosso ideal Cristão que nos cabe atender, afim de que não sejamos desatendidos.

Quanto lhe seja possível, encorage

nossos companheiros de Matão na cruzada redentora em que nos empenhamos. Graças ao Senhor, reconheço-lhes a abnegação e o amor na causa do Mestre e estimulado por minha vez, no exemplo de trabalho que me ofertam, prossigo em meu insignificante ministério de servidor, convencido de que os Mensageiros Divinos jamais nos desampararam, dentro da singeleza de minhas atribuições, rogo a você, tanto quanto a êles, para que o desassombro e a diligência sejam honrados no dever que fomos chamados a cumprir.

Achamo-nos contratados na Vinha da Verdade e da Luz e o Senhor permanecerá conôsco, auxiliando-nos e fortalecendo-nos, hoje e sempre.

Que Êle nos acolha em Sua infinita bondade alimentando-nos a coragem e induzindo-nos a humildade pura, afim de bem servi-lO, são os votos do amigo e irmão reconhecido.

Schutel»

(Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, pelo Chico Xavier, em 16 de junho de 1954).

O Paganismo e a Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

V

Como rompemos o silêncio, em tôrno da influência que o Paganismo exerceu e ainda exerce sôbre o Catolicismo romano, continuemos a nossa tarefa proposta, isto é, a de provar com a História, esta verdade incontestável.

Sir James George Frazer, membro da Sociedade Real da Inglaterra e da Academia Britânica, em sua obra magistral e mundialmente conhecida, «O Ramo Dourado», em o Capítulo «Os Jardins de Adonis», às págs. 417 e 418, assim nos fala :

> *«Quando refletimos nas inúmeras vêzes que a Igreja engenhosamente conseguiu exertar o renôvo da nova fé em um velho tronco do Paganismo, suspeitamos que a celebração pascoal da morte e ressurreiço do Cristo foi inspirada sôbre um pilar da morte e ressurreição de Adonis que, como é provável, a celebrasse na mesma estação do ano. O tipo criado pelos artistas gregos da «deusa dolorosa» com seu amante agonizante nos braços, recorda e pode ter sido o modêlo da «Piedade» na arte cristã, ou seja a Virgem com o cadáver de seu divino filho no regaço. Esta célebre escultura, obra do genial Miguel Ângelo, representa um grupo em que a dor vivida pela mãe contrasta maravilhosamente com a languidês mortal do filho, e é uma das mais belas composições em mármore. A arte grega antiga, legou poucas obras tão belas e nenhuma tão patética».*

Relacionado com o que acima foi dito, não deixa de ser significativa uma velha afirmação de S. Jerônimo, aliás, muito conhecida. Diz-nos êle que Belém, tradicional lugar do nascimento do Senhor, estava sombreada por um bosque do mais antigo Senhor da Síria, Adonis e que, onde o menino Jesus chorou, já havia sido pranteado o amante de Vênus. Embora, não o haja dito expressamente, dá Jerônimo a entender que o bosque de Adonis foi plantado pelos pagãos depois do nascimento do Cristo, com a idéia de profanar o lugar sagrado. Frazer sustenta que nisto o frade deve ter-se equivocado.

Se Adonis foi, além de outras denominações, o deus do cereal, dificilmente pode encontrar-se para sua morada um nome mais apropriado do que Bethlem, «A Casa do Pão» e é possivel que fôsse alí, em sua casa do Pão, muito antes do nascimento daquêle que disse : «Eu sou o pão da vida». Mesmo na hipótese de que Adonis houvesse seguido e não antecedido ao Cristo em Belém, a eleição de sua figura melancólica para desviar a fidelidade cristã ao seu Senhor, parece-nos eminentemente apropriada quando recordamos a semelhança dos ritos que comemoram a morte e a ressurreição dos dois.

* * *

O festival de Adonis era datado com regularidade, coincidindo com a aparição de Vênus como estrêla matutina ou vespertina. A estrêla que o povo de Antióquia saudava no festival era vista a Este, e se era em realidade Vênus, só podia ser a estrêla matutina.

Em Alfaka, Síria, havia um templo famoso de Astartés e o sinal para a celebração dos ritos era dado pelo esplendor de um meteoro que, em dia determinado, parecia cair, semelhante a uma estrêla, de cima do monte Libano no rio Adonis. Pensavam que o meteoro era a própria Astartés e a sua carreira pelo ar deveria interpretar-se como a descida da deusa amorosa aos braços de seu amante. Assim sendo, podemos pensar que ela foi a estrêla matutina que guiou os magos do Oriente a Belém, o santo lugar que ouviu, na linguagem de Jerônimo, o pranto do menino Jesus e os lamentos de Adonis.

* * *

Entre os deuses de origem Oriental e que na decadência do mundo antigo rivalizavam uns com outros pela decadência do Ocidente, encontra-se o deus persa Mitra. A imensa popularidade de seu culto é atestada pelos monumentos que nos ilustram sôbre êle e que foram encontrados em profusão por todo o Império romano.

Com referência às doutrinas e ritos, o culto de Mitra tem muitos pontos de semelhança não só com a religião da «Mãe de Deus» como também com o Catolicismo. A semelhança causou estranheza aos doutôres cristãos que a explicaram como obra do Demônio, desejoso de desviar as almas dos homens da verdadeira fé, com uma insidiosa e falsa imitação. Da mesma forma os conquistadores espanhóis do México e do Peru entenderam que muitos dos ritos pagãos nativos não eram mais que falsificações diabólicas dos sacramentos católicos. O que, porém, o estudioso de religiões comparadas afere, é que, fora de qualquer dúvida, a religião de Mitra evidenciou-se sobejamente como uma formidável rival da católica.

Esta semelhança gerou forte rivalidade e conseqüentemente um conflito, cujo término ficou indeciso por algum tempo. Conserva-se uma relíquia instrutiva de prolongada luta em nossas festas de Natividade, que cremos, diz Frazer, se haja a Igreja apropriado de sua rival gentílica ; no calendário juliano computou-se o solstício de inverno em 25 de dezembro, considerando-o como a natividade do Sol, pela razão de começarem os dias a alongar-se, aumentando seu poder desde êsse momento crítico. O ritual da Natividade como se realizou na Síria e no Egito era muito instável; os celebrantes reunidos em capelas interiores saiam à meia noite gritando : «A Virgem deu à luz» — «A luz está aumentando».

Os egípcios representavam o recém-nascido Sol por uma imagem humana que tiravam para o exterior a fim de apresentá-la aos seus adoradores. Sem dúvida, no solstício hiemal, a virgem que concebia e dava à luz a um filho em 25 de dezembro era a grande deusa oriental que os semitas chamavam a «Virgem Celestial» ou simplesmente a «Deusa Celestial». Nos países semíticos era uma forma de Astartés. Também Mitra foi identificado por seus adoradores com o Sol, o «Invencível Sol», como lhe chamavam ; por isso, sua natividade caía também em 25 de dezembro.

Os Evangelhos nada dizem de seguro com relação à data do nascimento de Jesus. Ou há quem saiba alguma coisa de positivo sôbre a data do nascimento e da atividade do Mestre ? Mateus o faz nascer sob Herodes, isto é, o mais tardar em — 4 (menos quatro); Lucas coloca o nascimento na época de um recenceamento que teve lugar dez anos depois, em 6 (seis). O mesmo Lucas atribui ao Mestre a idade de trinta anos no dia 15 de Tibério ou seja 29 de nossa era, época na qual êle coloca o batismo de Jesus por S. João; mas, ao que parece, na opinião de diversos exegetas, Lucas tirou esta data de uma passagem de Josefo (que fala da morte de S. João a propósito de um acontecimento do ano 26), admitindo um intervalo de sete anos entre a predicação do Batista e o incidente em questão. Lucas faz durar um ano e meio o ministério de Jesus, para o qual João reclama três anos e meio. Êle fala, apenas, de um episódio da infância de Jesus (a discussão com os doutôres), fato ignorado pelos outros evangelistas. João faz dizer pelos judeus a Jesus que êle não tem ainda cincoenta anos, o que fêz com que a Igreja primitiva concluisse que êle tinha quase quarenta e nove. Mas, se o Mestre nasceu em—4 (menos quatro), teria morrido em 45, não sob Tibério, mas sob Cláudio, e, com efeito, o falso relato de Pilatos, fabricado pelos cristãos, é dirigido a Cláudio. Se de outro modo, Jesus nasceu no ano do recenceamento, em seis e viveu quarenta e nove anos, significa que morreu em cincoenta e cinco, isto é, sob Nero, e tal é a opinião de vários cristãos de Jerusalém. Enfim, Eusébio, menciona um outro falso relato de Pilatos, desfavorável a Jesus, que o fazia morrer em vinte e um, o que, disse Eusébio, é impossível, porque Pilatos, segundo Josefo, não era Procurador nesta época. Desta forma, os Evangelhos nada dizem de positivo a respeito do nascimento de Jesus, razão por que a Igreja dos primeiros tempos não o celebrava. Entretanto, passado algum tempo, os cristãos do Egito concordaram com seis de janeiro como data da Natividade e o costume de comemorar o nascimento de Jesus nêsse dia foi gradativamente se estendendo até o século IV.º, quando ficou universalmente estabelecido no Oriente.

A Igreja ocidental, porém, que até os fins do III.º século ou comêço do IV.º não havia reconhecido o dia seis de janeiro como dia da Natividade, adotou o 25 de dezembro como a verdadeira data e esta decisão foi aceita depois pela Igreja oriental. Em Antióquia a mudança só foi introduzida lá para o ano 375, aproximadamente.

Que considerações guiaram as autoridades eclesiásticas para instituirem a festa de Natal? Os motivos para a inovação estão declarados com grande franqueza por um escritor sírio-cristão:

> *«A razão, nos diz êle, por que os padres transferiram a celebração de 6 de janeiro para 25 de dezembro foi esta: era costume dos pagãos celebrar no mesmo dia 25 de dezembro o nascimento do Sol, fazendo iluminações como símbolo da festividade. Nestas festas e solenidades os cristãos também tomavam parte. Por isto, quando os doutôres da Igreja se deram conta de que os cristãos tinham inclinações para esta festa, consultaram-se e resolveram que a verdadeira Natividade deveria solenizar-se nêsse mesmo dia, e a festa da Epifânia, no dia 6 de janeiro. Por esta razão e continuando o costume, seguem acendendo lanternas até o dia 6».*

A origem pagã da Natividade está claramente insinuada, se não tacitamente admitida por S. Agostinho, quando exorta os cristãos fraternalmente a não celebrarem o dia solene em consideração ao Sol. De modo semelhante Leão o Grande condenou a crença pestilenta de ser a Natividade solenizada pelo nascimento do novo sol, como foi chamado, e não pela natividade do Cristo.

* * *

Desejamos que os leitores fiquem certos de que, quando empregamos a palavra «cristianismo», já não é mais aureolada daquela veneração que possuimos pelos verdadeiros ensinamentos de N. S. Jesus Cristo. Muita coisa foi deturpada pelos homens, muitos acréscimos inúteis desvirtuaram o sentido puramente espiritual da doutrina do Mestre. O Cristianismo de ontem está em nossos dias tão materializado pelo clero, tão enxertado das coisas do Paganismo que se nos afigura irreconhecível. Não o confundamos, pois, com a verdadeira doutrina cristã.

Quisemos demonstrar que os padres, assim como amesquinharam o Bramanismo, amesquinharam também o Cristianismo verdadeiro, mudando-lhe até a denominação.

Outrossim, não nos insurgimos com o fato de haverem os padres mudado a antiga data da Natividade para 25 de dezembro. Em qualquer dia do ano que fôsse convencionado para a festa do nascimento de Jesus, nós o aceitariamos, uma vez que os Evangelhos são profundamente divergentes neste ponto. O homem deveria homenagear Jesus todos os dias e nada mais faria do que cumprir um dever para com um missionário de seu porte moral e que sacrificou sua vida pelo mais sublime ideal que surgiu neste vale de lágrimas.

E aquí ficamos, por enquanto, deixando outras considerações ou o complemento da tese que defendemos, para o próximo artigo.

Ainda, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

Os leitores acompanhantes dos nossos três últimos trabalhos devem estar lembrados que neles contestamos o que se disse no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do dr. Osmard Andrade Faria, em relação ao Espiritismo.

Do autor em questão receberamos respeitoso protesto, defendendo-se de dois pontos do nosso rebate inicial. Atendendo seu pedido, e seguindo nossa norma de lutar em campo limpo, vamos transcrever de sua missiva, com muita honra para estas páginas, os dois tópicos da sua defesa.

Após considerações, cujá gentileza agradecemos, inicía : «Pelo que percebi, V. S. baseia todo o seu trabalho em dois argumentos principais extraídos do meu livro : —

a) o *trecho contido a página 443 e no qual eu escrevo :—Ali se trabalha sem método, desordenadamente ; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, DESEQUILIBRADO, instável, com predominância histérica ou neurótica.*

b) *o fato de eu não apresentar qualquer explicação fisiológica, dentro dos conhecimentos reflexológicos, para certos fenômenos observados na orla espírita, principalmente o estranho conhecimento que certos indivíduos têm de ciências que jamais estudaram».*

Embora o todo do nosso trabalho não se firme apenas nesses dois pontos, como o julgou de início, cuidemos dessa sua defesa, começando-se pelo tópico da letra—a—, sôbre o qual o autor argumenta : «Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados ... MENTAIS.

A expressão — desequilibrado —, que aparece ao lado das duas outras,—débil— e —instável, são expressões reflexológicas, cujo sentido V. S. não alcançou. Dê um pulo, por favor, às págs. 153, 154 e 155 do meu livro, art. 37.—Tipos Nervosos—. E veja lá, — procure entender, por favor — o que é um tipo nervoso débil (não confunda com tísico), o que é um tipo nervoso instável (não confunda com volúvel ou pusilâme), o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem a ver com insano mental)».

Antes de cuidarmos pelá profundidade, o argumento desta sua justa defesa, desejamos esclarecer que o têrmo, — desequilibrado —, quando desacompanhado de qualquer especificação, por si só deixa subentendido que se refere a — desequilíbrio mental.

Vejamos no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa, o seu significado : «Desequilibrado : — que, ou que não está em equilíbrio ; ou o que perdeu o equílibrio mental.»

Portanto, pelo fato do seu dizer de que não se referiu aos espíritas, como desequilibrados... mentais, não seria necessário a presença desta especificação, — mentais — para que assim se entendesse. O têrmo,—desequilibrado—, não é uma propriedade exclusiva sôbre reflexologia, assim como também não os são os outros dois ao seu lado,—débil—e—instável —, possuindo todos êles outros sentidos no quadro clínico da Psiquiatria.

Logo, empregados naquele capítulo, onde já de início se entremeia Espiritismo com doenças mentais, sob o título—Hipnose e Misticismo—, e no discorrer do tema a cada passo aditou-se têrmos da linguagem psiquiátrica, criou-se ali um tropêço, valendo por uma insinuação, sem dúvida involuntária, com prejuizo aos adeptos de Kardec. Assim, lògicamente, o leitor demasiado atento no sentido geral do tema poderá, na passagem daquele tópico, ser colhido de surprêsa, despercebendo-se do verdadeiro significado do têrmo, cuja confusão, quando acontece, inclina para o lado do que muito se escreveu naquele capítulo, sôbre Espiritismo e alienação, e não pela forma indicada na sua defesa.

Nesse exposto, os leitores não devem interpretar como se estivessem insinuando ou pretendendo anular o protesto do autor que, apesar de gentilmente nos ter apontado onde verificar sua razão, sòmente a sua palavra, nobre e honesta, já seria o suficiente para receber nossa acolhida, com simpatia e justiça.

Mas, apesar do seu protesto sensibilizar-nos, pela sua franca preocupação em fazer-nos ver que jamais em seu livro chamou os espíritas de desequilibrados mentais, é lamentável que todo êsse seu sincero esfôrço não se sustente. Infelizmente, a sua razão apenas atingiu um têrmo, quando ali há tantos outros para manter a tese do nosso primeiro trabalho, na altura ali por nós colocada.

É de se ver que quando fizemos a referida denúncia estavamos firmados no total das suas palavras ali a nós endereçadas, onde fomos relacionados com a insanidade mental. Por motivos de ética não houvemos desejo de enfileirar, no nosso argumento, tudo quanto ali se aludiu aos espíritas. Foi assim, que ao recolhermos a amostra, nossa atenção atraiu-se por aquêle têrmo, — desequilibrado —, devido sua sintonia de expressão com uma das modalidades clínicas, o «desequilíbrio mental», da constituição psicopática.

Mas, se o equívoco se fez patente, o fundamento do sentido não se alterou porque o feitio clínico, «desequilíbrio mental», é uma predicação mórbida também encontrada justamente no quadro clínico da constituição da Histeria, expressão esta também dirigida aos espíritas, naquele mesmo tópico da amostra, onde também se lê: «... com predominância histérica ou neurótica.»

Como vemos, sem evocarmos os demais têrmos psiquiátricos, dirigidos aos espíritas, alguns dos quais muito a contra gôsto aqui agora transcrevemos: «pré-psicóticos—neuroses — psiconeuroses — desequilíbrio neuromental, todos correspondentes a alienações, sòmente aquêle,—histérica—, por si só sustenta inalterada a nossa denúncia, da qual nada temos a retirar da sua essência, que será desenvolvida na hipótese da necessidade de se prosseguir.

No entanto, apesar do impasse surgido, as palavras da sua defesa nos faz reconhecer ter sido aquela sua acusação mais involuntária que intencional, pela espontaneidade que se nota nesta sua frase: «Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... MENTAIS.»

Quanto a sua segunda defesa da letra—b—, trata-se da parte, onde também no nosso primeiro trabalho disseramos: «Pela hipnose, como compreender que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando os postulados da Psicologia?» — seguindo-se mais estas palavras de Richet — «a explicação espírita é a mais aceitável.»

Êste «aceitável», pelo qual o autor nos chama atenção em algum tópico de sua carta, de fato, não se interpreta como uma afirmativa. Mas, considerando-se da parte de quem vem a opinião, é algo valioso para nós.

Sôbre esta parte o autor argumenta: «E no estudo dêste problema—V. S. que foi tão cuidadoso na pesquisa bibliográfica—cometeu um êrro por omissão. Tais temas foram por mim discutidos mais amplamente num outro livro meu que V. S. demonstra não ter lido, —Hipnose e Letargia—, da mesma Livraria Atheneu que editou o primeiro e que já está à venda há mais de um ano.

Procure lê-lo... Veja em que têrmos eu coloquei a questão. Não resolvi o problema, absolutamente, mas apresentei uma série de argumentos que tornam a minha tese, também aceitável».

Ora, não duvidamos da palavra do autor e reconhecemos sua capacidade. Mas precisamos ressaltar que o nosso rebate é baseado nos fundamentos do seu tema, e não em uma particularidade. Nestas condições, no outro seu livro, ao qual nos envia, pode-se ter tratado o assunto em outros têrmos, mas os fundamentos básicos não se compreende ter havido modificação, a menos que se mude de opinião nesse curto praso, cuja atitude não se admira nos investigadores insistentes.

Logo, não há motivo que se nos acuse de—êrro de omissão—, quando estamos dentro da ética de se comentar o que se leu, e não sôbre o que, pela ausência, não se conheceu.

Contudo, estamos providenciando a áquisição do segundo livro, Hipnose e Letargia que, apesar dos nossos choques de idéias, certamente nos agradará, como aconteceu com o primeiro.

E para finalizarmos êsse debate convidamos o autor, que talvez hoje já não pensa de nós com o mesmo rigorismo de quando elaborou o original do seu — Manual de Hipnose Médica e Odontológica—, a não se preocupar tanto com o incidente. Não julgue que nós espíritas estejamos lhe devotando estéreis ressentimentos, ao ponto de se colocar entre a nossa generalidade e a sua digna pessoa, na qualidade de estudioso, um abismo de incompatibilidades. Paradoxalmente declaramos: Se fôr para escolhermos entre os indiferentes e os que nos atacam com intenções honestas, preferimos êstes últimos que além de nos manterem em atividade no campo da luta esclarecedora, tais opositores também se mostram que, mesmo para nos contestar, acham-se interessados no assunto.

Hoje, entre os adeptos de Kardec encontram-se elementos de valor que antes terçaram armas, no setor polêmico, em oposição aos que já se achavam dentro do Espiritismo. E muitos foram irônicos. Mas nem por isto, os kardecistas, embora feridos no íntimo, nutriam-lhes rancor.

Tais acontecimentos têm atingido até mesmo os mais altos setores intelectivos. Lembremos apenas um exemplo, em nosso país, quando ilustre homem de letras, dr. Viriato Corrêa, após longo tempo de materialismo, mas sempre interessado na procura da verdade, acabou capitulando nobremente em favor do Espiritualismo. Sua célebre conferência, na Federação Espírita Brasileira, historiando a sua rígida conduta anterior, tornou-se memorável, cujas palavras, reproduzidas em opúsculos, as conservamos com admiração e respeito.

Do exterior, citemos o célebre criminalista italiano, Lombroso. Materialista de fama, mas indagador insistente, acabou cedendo, conforme sua carta, ao seu amigo professor Ernesto Golfi, publicada na «Tribuna Giudizziaria», de 5-6-1891, em cujo trecho declara: «Sinto-me envergonhado e condoído por ter atacado com tanta pertinácia as possibilidades dos fatos chamados espíritas; e digo os fatos porque sou ainda contrário à teoria. Porém, os fatos existem e jacto-me de ser escravo dêles.

(assinada e datada) Turim, 25 de Junho de 1891 — Cezare Lombroso».

E com apôio nesses exemplos oferecemos nosso incentivo ao autor, dr. Osmard Andrade Faria, para que não se aborreça com o sucedido, compensando-nos com o prosseguimento incansável das suas pesquisas, buscando algo que ainda lhe falta encontrar nos abismos da mente humana.

Se fizemos tal denúncia não a foi por capricho, ou para criar em público longas discussões estéreis. O nosso propósito é apenas para alertar os nossos opositores de que não somos inativos e estamos em condições de defender nossos princípios doutrinários, quando nos atacam.

E também, desde que o autor declara não ter se referido aos espíritas como desequilibrados mentais, sòmente isto bastaria para encerrar a questão, pois tais dizeres revelam que se ali algo se possa interpretar nesse sentido ofensivo, não teria sido proposital.

Na realidade, se há alguma coisa no nosso trabalho que nos poderia entusiasmar para debates, com proveito sadio para ambos os lados, seria sôbre o tema — espírito e matéria —.

E aqui julgamos estar findo êsse desentendimento, no qual esperamos não mais voltar. Mas, contudo, se formos evocados para outros esclarecimentos, nesse mesmo assunto, a êle voltaremos, mantendo com dignidade a luta que não nos será fácil, considerando-se a qualidade invejável do nosso contendor, que maneja as armas com arte e nobreza.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Serões Bíblicos - I

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Encontro com o filósofo

— Eu, Chilon, filho de Calícrates, relato estas coisas, para que Luiz Caramaschi as escreva e mande publicar.

— Estava eu, Chilon, visitando a cidadezinha de Cananéia, que fica ao sul do Estado de São Paulo, quando ouvi falar do filósofo Árago, que tem um telheiro para seu barco na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio das Minas. Eu, que gosto imensamente duma discussão amigável, seja pela imprensa, ao longe, seja à viva voz, ao perto, rumei para lá, a fim de conhecer o sábio. O dia já declinava, e o farol da Ilha do Bom Abrigo estava aceso.

— Custou-me muito encontrar a cabana ; mas, como diz um brocardo, quem tem bôca vai a Roma. Chegando ao rancho que me diziam ser o do sábio, vi que um pescador retecia sua rêde no terreiro, aproveitando os últimos clarões da tarde, sentado num tamborete de três pernas.

— O senhor me poderá informar onde se encontraria Árago, o sábio ? disse-lhe eu.

Árago — Eu me chamo Árago, e alguns me têm por sábio, conquanto eu não passe de filósofo, isto é, de amigo da sabedoria.

Chilon — Bravo ! é a vós mesmo que eu busco, com minhas andanças por estas terras.

Árago — Para que me buscavas ?

Chilon — Desejava trocar idéias convosco !

Árago — Está bem. Mas eu te advirto de que tenho trocado idéias com muita gente, e em tais barganhas, tenho sempre levado na cabeça. O sujeito quer barganhar suas idéias pelas minhas ; mas no final das contas, leva o que é meu, nada me deixando em troca, pois as idéias que traz, já as desprezei de há muito. Todavia ainda que sejas tu um dêsses, dar-me-ás o prazer, não só da tua visita, como ainda me possibilitarás falar, visto como o falar me faz bem. Falando passo revista aos meus conhecimentos, ampliando-os mais com pormenores imprevistos. Dêsse modo, embora na troca de idéias eu perca, ainda ganho.

Disse isto Árago com uma ponta de malícia e bom humor a lhe transparecer no sorriso, depois do que continuou : — Eu não moro aqui, e sim em Cananéia. Aqui só tenho êste telheiro para a pesca, com uma dependência de quatro cômodos, onde passo, às vezes, até uma semana. Nêste caso trago minha espôsa para cá, para cuidar de mim, enquanto pesco ou escrevo. Além de ela cozinhar, e arrumar a casa pegada ao telheiro, ainda datilografa meus escritos. Às vezes Anidra, a empregada, também vem cá, a fim de ajudar Cornélia, minha espôsa, nos quefazeres domésticos. Por isso o telheiro possui dois quartos, além da sala e da cozinha.

— Hoje nenhuma está aqui, pelo que teremos de nos ir para minha casa. A distância, conquanto razoável, será fàcilmente coberta pela minha canoa motorizada.

Isto dizia Árago no tempo que se ia dirigindo para o interior do barraco, a fim de guardar a rêde e demais petrechos de pesca, depois do que, fechou a porta. Falando ainda, fêz-me sentar, e se acomodou por sua vez, no interior da canoa, puxou a cordinha do motor, pondo tudo em movimento rumo à Cananéia. Chegados à casa foi ainda Árago quem primeiro falou :

— Sê bem-vindo à minha casa modesta. Vamo-nos para minha biblioteca, e aí sentemo-nos tranqüilos, pois de agora em diante, se fizeres o prometido, estaremos fora do tempo o tempo todo...

Acenou-me Árago para que me sentasse numa poltrona, enquanto êle tomava assento noutra próxima. Corria eu os olhos pela biblioteca e demais móveis do aposento amplo, no passo que me ia Árago fazendo a descrição da serventia de cada peça.—Ali está o aparêlho de som de alta-fidelidade ; aqui, a poltrona reclinável, para os exercícios hipnopédicos ; lá, no fôrro, o globo hipnogênico ; mais além, o gravador de som, para as auto-sugestões.

— Vós me podieis, disse-lhe eu, explicar por que viestes habitar nesta região, entre pescadores incultos, em vez de em São Paulo ou Rio?

Árago — Isto ser-me-á fácil fazer, se fores filósofo, senão manifesto, ao menos potencial. Mas se pertenceres aos outros dois tipos humanos, o avarento e o ambicioso, não me poderás entender. Para responder tua pergunta, hei de fazer falar Sócrates, pela pena de Platão. Estejamos na Grécia, de um salto, pois nos situamos fora do tempo, no reino do puro pensamento.

E assim dizendo, tirou da estante o volume «A República» de Platão (Atena Editôra), abrindo-o na página 389.

* * *

«*Sócrates* — Eis por que dissemos que três são os principais caracteres dos homens: o filósofo, o ambicioso e o avarento.»

«*Glauco* — Perfeitamente.»

«*Sócrates* — E três as espécies de prazeres análogos a cada um dêstes caracteres.»

«*Glauco* — Com efeito.»

«*Sócrates* — Se perguntasses a cada um dêsses homens em particular qual é a vida mais feliz, tens dúvida de que cada um dêles exaltaria principalmente a sua? Porque o avarento porá a ganância acima de todos os prazeres e desprezará a ciência e as honras, a menos que lhe sirvam de meios para chegar à posse da riqueza.»

«*Glauco* — É verdade.»

«*Sócrates* — Que diria, por sua vez, o ambicioso, senão que é baixo o prazer que deriva das riquezas, e vão o que resulta das ciências, a menos que o seu estudo conduza às honras e glórias.»

«*Glauco* — Assim é.»

«*Sócrates* — Pelo que toca ao espírito filosófico, afirmamos com tôda convicção que nenhum caso faz de todos os demais prazeres, em comparação com o de procurar a verdade pura; e que, aplicando-se ao seu estudo, os desfruta mais e mais, tendo todos os mais deleites como outras tantas necessidades, às quais ninguém se deve prestar, exceto na medida das exigências da natureza».

* * *

Árago — (fechando o livro) Eis por que vim eu parar neste lugar, tão logo me vi aposentado na função que exercia no serviço público. Se eu fôsse ganancioso, num esfôrço de enriquecer-me, iria procurar uma cidade próspera, cheia de aventureiros, de vida caríssima, como Brasília, por exemplo, ou outras, igualmente de vida cara, como Presidente Prudente, Londrina, Piraju e quejandas. Se meu objetivo fôsse o prestígio, a glória, a honra, o renome, iria buscar posição de mando nos grandes centros, nas capitais; iria ser um como êsses muitos salvadores da pátria, que andam por aí em evidência, iludindo e enganando as massas, porque ninguém poderá dar o que não tem. Mas sou filósofo, e por isso vivo aqui nos meus vastíssimos domínios de pensamento, tranqüilo e feliz, longe da minha época de loucuras e desmandos, vivendo noutras dimensões fora do espaço e do tempo, e com a morte superada. Conquanto esteja ainda metido neste corpo, tenho, no meu peito, uma gostosa sensação de eternidade...

— Eu vivo em paz com êstes pescadores (prosseguiu Árago), com os quais me misturo, copiando-lhes os trajes e a vida simples, despreocupada. Ajudo-os, por todos os modos, pelo que são todos meus amigos. Pesco com êles, em seus barcos, para me distrair, de vez em quando. Peixes e coisas do mar não me faltam nunca. Eu próprio sei pescar de rêde, na práia, e me dou conta de que o celeiro do oceano é inesgotável. Filosofar é como pescar, ou seja, tirar um pouco do inesgotável oceano, seja êle de águas, seja de saber.

Chilon — Mas não achais vós que deveríeis dar um pouco das vossas luzes aos outros? ou achais que deveis guardar, para vós, avaramente, tudo?

Árago — Ainda, se me permites, farei que fale Sócrates, visto que percebo na tua pergunta, a velada acusação de que o filósofo é uma pessoa que não presta para nada.

— Sócrates (prossegue Árago) propõe uma alegoria para explicar por que as repúblicas se governam mal; a causa é por que os piores são os que, vencendo por qualquer meio, se impõem; dizendo isto, Sócrates continuou seu pensamento anterior, quando afirmara: « — Realmente, é provável que, se houvesse uma cidade constituida só de bons, haveria competição para fugir ao poder, precisamente como agora existe para obter;» (Platão, A República, 42 — Atena Editôra). Concluindo Sócrates o que explica sua alegoria da briga dos marujos incompetentes, pela posse do leme, prossegue:

«*Sócrates* — Acrescenta que amplas razões lhes assistem em dizer que os mais ilustres filósofos são realmente inúteis à sociedade. Mas faze-lhes ver que a razão de tal inutilidade não se deve atribuir a êles, filósofos, senão aos que não se dignam empregá-los. Porque, como não é natural que o pilôto suplique aos marinheiros que lhe entreguem o leme da nau, também não é curial que os filósofos andem de porta em porta a fazer súplicas que tais aos ricos. (. . . . .) A verdade é que, rico ou pobre, quem está doente é que deve ir bater à porta do médico. Quem tem precisão de ser bem governado vá procurar quem bem o governe. Não há de ser o bom governo quem, capaz de ser útil a outrem, ande a mendigar o favor de se valerem os outros de suas luzes. Não errarás, pois, comparando com os marinheiros da alegoria os políticos que ora se encontram à testa dos negócios públicos e chamando filósofos aos que são tidos por gente inútil, perdida nas estrêlas.» (Platão, A República, 250 — Atena Editôra).

* * *

Árago — De maneira que, tornando ao meu caso, não preciso andar implorando o favor de os outros se servirem das minhas luzes.

Chilon — Conquanto tenhais fundamentado bem vossa recusa em ajudar os homens, desde que, para isso, os tenhais de procurar, eu peço licença para discordar de vós e de Sócrates: Discordando, digo que não se pode querer aquilo que se desconhece; como é que os homens hão de desejar filosofia se nem sabem o que isso seja? Como é que hão de sentir precisão do saber, se isto não é, para a maioria, coisa de primeira necessidade? Dê-se a conhecer o sábio, faça brilhar suas luzes, e todos precisarão delas depois, tomando-as como coisas indispensáveis à vida, senão à do corpo, ao menos à do espírito.

Árago — Quê? Acaso tenho eu de ir falar às gentes nas praças, fazendo-me preceder de toques de caixas e de cornetas? Ter-me-iam por louco ou fanático, é certo, se isto fizesse!

Chilon — E' certo que sim. Mas já se foi o tempo da escola peripatética. Agora temos a imprensa.

Árago — Ora, a imprensa!... Tu me vens falar dela! Acaso não vês que o jornal, a revista, o livro, tudo está nas mãos dos mercadores? Êles querem dinheiro à farta e não idéias raras, peregrinas, originais, sábias. Quando qualquer escrito lhes cai nas garras, vão êles logo, e às pressas, correndo seus olhetes míopes pelas linhas. Se depois, do alto da sua sapiência econômica, «julgarem» que a coisa é boa, dão-na ao prelo. Dêste modo, quem não é porco morre a fome, como o filho pródigo da parábola, no meio da fartura de landes ou bolotas. O pensamento é o que governa o mundo, com ser espírito, princípio ou lei; contudo sua abundância divina se torna escassa, por causa de o maldito dinheiro subordiná-lo aos seus fins. E' assim que, no meio da universal fartura de Deus, se morre a fome nêste chiqueiro. Eu não leio jornais, nem revista, conquanto os receba aos montes, porque nêles, com raras exceções, só acho bugiarias. Muitas das minhas idéias eu as pus em papel, e sabes o que sucedeu?

Chilon — Não.

Árago — Nem abrindo mãos dos proventos resultantes de direitos autorais, achei editor. Minha obra fil-a, decerto, para as traças e para os ratos, pois o fim das minhas páginas será algum sótão ou porão.

Chilon — Mas é que o mestre tem buscado os editores, diretamente, para imprimir seus escritos; ora, como êles são meros ganhadores de dinheiro, por isso não perguntam se em seus escritos há idéias, mas sim, se para êles haverá público grosso. E os que não agem por dinheiro, êsses são até piores, porque são escravos da parcialidade a que pertencem, julgando ser verdade sòmente aquilo que estiver de suas portas para dentro. Acrescentem-se a isto as amizades, os personalismos, as recomendações, os respeitos humanos, e ter-se-á completado o quadro da mediocridade. E como para os grandes sucessos editoriais qualquer bobagem serve, nada mais é preciso fazer que seguir a inclinação das massas. O aplauso da multidão, já o disse «Sua Voz», n«A Grande Síntese», está na razão inversa do valor.

Árago — Cáspite ! até parece que sou eu quem está falando ! Como vês, trancaste ainda mais agora a porta que já me impedia de sair à luz. Como é que hei de sair a público, a não ser, então, beijando as mãos aos editores ? Aconselhar-me-ias, acaso, escrever umas pedantonas bugiarias, para começar ? Estarias, porventura, me querendo dizer que devo arranjar algum padrinho ? Não vês, todavia, que tudo isso é tão difícil, perigoso e humilhante, quanto o forçar fazer, a águia, vôo rasteiro de pardal ? Ora, meu caro Chilon, eu estou muito sossegado no meu canto, sem nenhum estímulo que me obrigue a sair à luz, e ainda mais, a tal preço. Desprezo os sonhos de grandeza, e se ainda lhes sinto os pruridos, devo lutar contra êles com tôda a fôrça e tenacidade com que se combate uma paixão malsã. Meus vencimentos de aposentado me dão muito bem para viver. Se pois riquezas, glórias e honrarias não me dominam ; que coisas outras me fariam assoalhar ? O que só busco é o saber, e para isso não preciso de ninguém e nada, exceto aqui do meu casco (ao dizê-lo, apontou para a cabeça).

Chilon — Já nem sei o que vos diga ; defendi vossa tese e vossas razões implacáveis, sem o querer. Façamos todavia um concerto.

Árago — Que queres combinar comigo ?

Chilon — Eu tomo notas das nossas palestras, rascunhando-as, como puder. Depois envio meus borrões a um amigo meu que mora em Piraju, a fim de que êle dê forma literária, cortando os vôos do condor que sois, de modo que o público possa entender e interessar-se. Daremos a êle, redator, amplos direitos para cortar, alterar a forma literária, acepilhar o estilo, tudo do jeito que êle julgar conveniente fazer. Concordais com o que vos proponho ?

Árago — Seja como quiseres. O tal de Piraju fica autorizado a trazer à luz as minhas idéias. Êle que faça como bem entender, visto que me desinteresso de tudo ; chego até ter aversão pelos homens de imprensa, vasios de convicções que, às mais das vêzes não passam de estilos em busca de assuntos. Estão êles sempre prontos a escrever pró ou contra qualquer coisa, porque, como já se disse, cantam a música daqueles de cujo pão vivem. Já andei lendo algo dêsse sujeito de Piraju, parece-me que numas fôlhas que êle copia na gelatina e distribui. Ao que me consta, êle também não tem achado editor para suas arengas. Vejamos se minhas idéias pela sua pena vão achar quem as edite. Duvido muito que isto aconteça. Acho é que vamos fazer o pobre homem perder seu tempo por mais uma vez.

Chilon — Mas suponhamos que êle se saia bem desta vez, e vossas idéias se assoalhem . . .

Árago — Nêste caso êle será o nexo entre mim e o público. Qualquer pergunta que me queiram fazer, sôbre algum assunto, poder-me-á vir por meio dêle. Todavia me reservo o direito de responder ou não, conforme me der na telha.

Chilon — Aceito a condição.

Árago — Também darei de ômbros aos que me quiserem contrastar em polêmicas, por se sentirem ofendidos de os meus raciocínios colidirem com suas opiniões preconcebidas ; se minhas razões ferirem opiniões estabelecidas, mesmo que se doam os crentes delas, não lhes darei quaisquer explicações. E não me causarão mossa êsses tais, com seus protestos e doestos, visto que os não levarei em conta, nem mesmo dêles tomarei conhecimento. Serei igualmente indiferente tanto ao aplauso, como a reprovação, pois só busco a verdade. Para que aquelas coisas não me perturbem a placidez de espírito, pratico, pelo método hipnopédico, o desprendimento da vida, que nisto só consiste o verdadeiro objetivo da filosofia. Tal é o caminho que me tracei, e tu, Chilon, não me desviarás dêle ! não o tentes ! . . .

Chilon — Aceito também esta condição.

Árago — Propõe então o que queres estudar comigo.

Chilon — Para começar, eu vos desejaria fazer umas perguntas a respeito da Bíblia, de Adão, de Eva, de que vem a ser «filhos de Deus» e «filhos dos homens», de «filhos das trevas» e «filhos da luz» ; desejaria me dissesseis, também, se a evolução e a sabedoria são finitos ou não, e outras coisas mais que agora não me ocorrem vos perguntar. Tudo isto me tem causado grandes embaraços, pois sempre que faço tais perguntas aos que fazem às vezes de mestres, recebo respostas sêcas, peremptórias, dogmaticas: é assim, ou é assado. Ora, eu quero desenvolvimentos lógicos e raciocínios e não dogmas. Também desejaria conhecer melhor como é vossa vida nesta ilha. Todavia por hoje nossa conversa fica só nisto, pois já é tarde e eu preciso tornar ao meu hotel. Voltarei noutra oportunidade, e prometo será breve.

* * *

NOTA DO REDATOR — Seguiremos, nêstes «Serões Bíblicos», dois sistemas de virgulação: o parcimonioso e o exagerado. O parcimonioso como o de Vieira, nos «Sermões», quando o pensamento fôr claro e correntio por si mesmo. Todavia, quando o pensamento fôr mais escuro, porque desusado e original, virgularemos com mais rigor, observando as dez regras da gramática. Assim será, também, quando tratarmos de partes científicas, visto que o rigorismo do pensamento exige maior observância das regras de pontuação.

O Magno Problema -

Domério de Oliveira
(Da U. M. E. de Catanduva)

NÃO cremos que ninguém, pelo menos, uma vez, na vida, deixe de pensar no fenômeno da morte, como um ponto de acumulação do magno problema da vida.

Mais dias, menos dias, o Ser humano alevanta as antenas do pensamento e se coloca em sintonia com as maravilhas da natureza, refletindo sôbre a pequenez e fugacidade aterradora da existência.

O homem sente que as energias da sua matéria, com o correr do cronos, se vão arrefecendo; que os órgãos dos sentidos vão perdendo a vivacidade e que, inexoràvelmente, vai êle dando as costas para a lufa-lufa cotidiana e vai se embrenhando pela floresta sombria do ignoto. A morte se lhe apresenta e, com ela, uma série de interrogações. Os antigos pensadores ponderavam que a ceifeira é o castigo que Deus nos dá para a remissão dos nossos pecados. Os Gregos e os Romanos dedicaram-lhe altares e nêles escreviam: «Somno aeternali sacrum». As Parcas da mitologia sustentam a lenda agri-doce da morte: Cloto põe a vida humana, em forma de novelo na roca do tempo; Láquesis vai puxando o estame, a distenção do tempo e Átropos, em época oportuna, corta o fio da vida, ocasionando a morte. Tibulo dizia que ela aparece, pé ante pé, quando menos a esperamos: «Imminet et tacito venit illa pede».

E assim o fenômeno da morte sempre foi encarado com certa reserva, envôlto no manto plúmbeo da incerteza.

Os materialistas ficam apavorados, quando ouvem falar em penas eternas, inferno, purgatório. No entanto, apesar do círculo escuro que comprime a humanidade e limita a sua capacidade de pensar, teorias há que rasgam clareiras na floresta sombria. E para essas teorias a morte é mera transição de um estado para outro. A morte é o prosseguimento da vida, se bem que em plano diferente.

E. Bozzano em seu livro «A Crise da Morte» afirma ser a palavra morte um contrasenso. Camillo Flamarion em o livro «La Muerte y su Misterio» põe por terra a falsa idéia de que tudo se finda com a morte.

Uma invencível convicção acalenta os passos de tôdas as criaturas de bom senso, aquela de que a vida após a morte continua. Vozes das etéreas plagas chegam até nós pela pena do grande médium Chico Xavier e nos falam a linguagem pura dos sêres libertos do cárcere da matéria:

«A alma livre contempla o novo dia,
Longe das dores do passado incerto,
Mergulhada no esplêndido concêrto
De outros mundos, que a luz acaricia!»

E, assim sendo, cumpre-nos o devido preparo moral e espiritual para recebermos a morte, como as andorinhas recebem os primeiros raios solares nas manhãs límpidas e diáfanas.

Em pleno fastígio da Verdade

— PHILEMON —

POUCO mais de um século transcorrido, vemos surgirem de tôda parte sinais evidentes de que se acha vitoriosa a causa do Espiritismo, pela qual vêm, desde o princípio da Terceira Revelação, batendo-se ardorosamente todos os que compreenderam o alcance desta salutar investida da luz contra as trevas que se acumularam, pela desídia dos seus vexilários, sôbre as Doutrinas Religiosas e Filosóficas trazidas à Humanidade terrena pelos emissários de Jesus e por fim coroadas de completo êxito pelo próprio Cristo, graças ao ingente sacrifício a que se submeteu, de descer a êste mundo ainda tão atrasado no que concerne à espécie de sêres inteligentes que o habitam.

Confiado não mais aos espíritos falíveis e fracos de pensamento, que se encarnam no planêta e que, pelas suas fraquezas, se deixam levar pelas seduções dos gozos carnais, mas aos que merecem a graça de permanecer no plano espiritual por longo tempo, o apostolado do Evangelho, redivivo no Espiritismo, não enfraquece, não tem esmorecimentos subversivos da verdade—e prossegue avante, sejam quais forem os prejuizos suscitados pelas fraquezas humanas contra os seus superiores desígnios.

De tal arte se comportam os emissários da Luz; tão ostensiva é a sua participação nos prélios abençoados em pról da cultura espírita, que não há mais possibilidade para os novos vexilários do Evangelho de se deixarem adormecer à beira do caminho, atordoados que poderiam ser pelos rumores da existência planetária, tão atormentada de interêsses grosseiros, de ordem material, que assolam todos os setores da atividade social, sem excluir mesmo aquêles, das profissões liberais, que, pelo seu caráter eminentemente humanitário, deveriam ser encarados antes como sacerdócio do que apenas como fonte de rendas e de glórias transitórias da vida de relação...

A consciência dos verdadeiros adeptos do Espiritismo, dos que lhe compreenderam a divina essência doutrinária, é sacudida violentamente tôda vez que sôbre êles atuam as fôrças da inexperiência filosófica ou as potências insidiosas das trevas, constituidas de espíritos ainda exclusivamente propensos ao desfrute dos gozos ilusórios decorrentes de instintos animais, ligados à conservação e à reprodução da espécie, os quais, admitidos na raça humana sem o contrôle das leis morais, se desregram em abusos de tôda natureza, que vão até à prática de nefandos crimes.

Com êsses periódicos abalos das consciências já trabalhadas pela verdade, vêm as intímas recriminações, as súplicas de perdão dirigidas ao Pai — e, graças a êsses exercícios salutares da atividade espiritual, refeitas das quedas a que a matéria pode submetê-las, em rápidos instantes de embotamento moral, as almas se reerguem, os ânimos se reforçam — e a caravana espírita prossegue intemerata na pugna ardente pela conquista de novos rumos para a sofredora humanidade terrena.

Dos campos opostos, constituidos pelas igrejas católica ou protestante, já nos vêm alguns sintomas de reconhecimento público dos nobres intuitos que nos alimentam a coragem moral contra as insídias do descrédito, a que muitos desejariam jungir os nossos esforços. Dando publicidade, com as devidas reservas, a que nos obriga a natureza panfletária do documento que nos veio às mãos, escrito em espanhol, sôbre cuja identidade estamos promovendo diligências de cujo resultado daremos conta aos nossos leitores, a uma pastoral expedida por autoridade eclesiástica, que vai por último inserta nesta coluna, traduzida para o vernáculo, fazemo-la preceder desta opinião valiosa sôbre a nossa Doutrina, expendida pelo arcebispo católico de Canterbury, Inglaterra, Dr. William Temple, em carta pastoral de julho do ano p. passado do Arcebispado, daquela cidade britânica, conforme a encontrámos no mensário «Mensageiro da Fraternidade», que se edita em Belo Horizonte, de março-abril do corrente ano: «Referindo-se ao Espiritismo, disse o Dr. William Temple:—«Não obstante a profunda divisão e diferença de idéias existentes entre o Catolicismo e o Espiritismo, considero êsse último como fonte de progresso moral por sua prédica de paz, harmonia e fraternidade. Minha adesão é incondicional à verdade do credo espírita. Creio que se deve pôr fim à fanática intolerância e extremados antagonismos, ódios, etc. Chegou o tempo de investigar-se a fundo as Leis inexplicáveis da Natureza e dos poderes psíquicos latentes no Homem. O Espiritismo, baseado em manifestações fundamentais e exemplos do Cristianismo, crente na imortalidade da alma, ao invés de ser por nós combatido, deve receber melhormente nosso apôio moral». (Da Revista «Two Worlds»).

Agora a Pastoral em castelhano, a que acima aludimos, traduzida para o vernáculo:

«A lei do mundo é a lei do progresso. Negar a ciência e o seu desenvolvimento, é negar o próprio progresso e impedir que a verdade seja conhecida. A ciência não é a crença de uma facção ou de um partido: é a verdade e esta não é exclusiva de ninguém. Ao mesmo tempo que se deve respeitar a moral, que é a base do monumento social, não se deve cortar as asas aos investigadores concultando a realidade dos seus descobrimentos. A verdade consegue sempre seus fins. Se é comprimida de um lado, ela sai por outro. A ciência avança incessantemente.

Galileu foi considerado louco primeiro e depois hereje — e como tal foi excomungado; mais tarde reconheceriam que havia dito a verdade afirmando o movimento da Terra. Esta afirmativa foi causa de sua condenação e de seu martírio e tiveram que converter a teoria de Galileu em um ato de fé mundial.

Isto é o que sucederá com o Espiritismo, que se apoia na ciência e que pode revelar aos homens, com provas irrecusáveis, a existência da natureza espiritual e de suas relações com os sêres encarnados. Segundo o meu modo de pensar, afirmo que o Espiritismo não deve ser condenado como obra exclusivamente diabólica e que os espíritas não devem ser declarados fora dos caminhos da salvação, nem devem ser chamados herejes nem predestinados ao inferno. Se mais tarde haverá que reconhecer que esta ciência está fundamentada científicamente, porque na hora atual se permite considerá-la como sacrilégio? A ciência está acima de tudo. Que surprezas nos reserva ela no futuro?.... «Deixai, deixai que as águias voem através do espaço proclamando a grandeza e a onipotência de Deus, dizia o rei David, em seguida novas luzes brilharão nos céus.» Eu não sou espírita e não pretendo tomar a defesa do Espiritismo, desta evolução nas crenças que dia a dia vai ganhando mais terreno nas almas nos cinco continentes. Sou, entretanto, como outros muitos homens de boa fé, um observador de fatos que não podem ser negados, sou um estudioso das idéias modernas, inteiramente disposto a abraçar uma verdade nova, segundo seja a pessoa que me faça compreendê-la com argumentos aceitáveis. É absurdo pretender modelar uma verdade de acordo com as nossas conveniências pessoais. Pelo que me diz respeito, não encontro no Espiritismo nenhum dos males que, segundo dizem, contém. Não, eu não o vejo. «Por seus frutos conhecereis a árvore.» Sim, por seus frutos os conhecereis, dizia Jesus, a respeito dos falsos profetas. Muito bem, quais são os frutos do Espiritismo?: Uma fé em Deus, viva e ardente, um imenso amor ao próximo e um sentimento de fraternidade universal. Que se encontra de mau nisto? Eu só acho o bem. O Espiritismo, fundado sôbre tais bases, não pode de modo algum prejudicar o mundo: êle se mantém entre Deus e a Caridade. Pois bem, a Caridade está em Deus e Deus está nela.

Se o Espiritismo fôsse uma obra essencialmente satânica, se todos os espíritos que aparecem no mundo fôssem maus espíritos, então seriam também maus espíritos os que aparecem aos santos, personagens dos quais está povoada a história do Cristianismo. Êste é um raciocínio lógico. Tôdas as visões dos santos teriam que ser visões diabólicas. E isto é algo que não podemos crer!

«Bona mixta malis» — o bem está mesclado com o mal. As sessões espíritas, por obra de espíritos maus, podem eventualmente ser perigosas, mas isso não sucede em tôdas como regra geral; há também espíritos muito bons. Condenar ex-abrupto tôdas as intervenções dos Espíritos nos assuntos humanos é uma verdadeira aberração. Esta ciência nova, da qual se pode afirmar que tem uma origem anterior a Cristo, merece nossa máxima atenção. É verdade que pesa sôbre ela a excomunhão; isso, porém, não quer dizer que os dias do Espiritismo estão contados.

Vamos, abramos os nossos olhos à luz. Volvamos para Aquêle que disse: «Crede e vivereis». (Da Revista «Constância», n.º 2919, de outubro de 1958), da qual se diz no panfleto em questão haver sido extraído para o órgão «Luminar», de Janeiro de 1958).

Seja como fôr, o que aí se diz é a verdade — e isto é o que nos interessa.

Solilóquio

MANUEL CAVACO

É espantoso que haja ainda alguém que não acredite no Espiritismo!

Se, para acreditarmos no Espiritismo, não houvesse tantos testemunhos nos anais da História, das Ciências, das Igrejas e da Bíblia, para nós portuguêses como para os católicos em geral bastaria o testemunho daquêle milagre de Santo Antonio pelo qual libertou seu pai da pena de morte.

Santo Antonio tendo deixado o seu corpo físico em Itália, desdobrou-se e foi a Lisboa no seu corpo perispirital, materializando-se manifestou-se de tal modo que foi visto e ouvido pelas pessoas que assistiam à condenação de seu pai.

Santo Antonio inquirindo das razões daquela condenação, e obtendo sòmente suspeitas sem fundamento, invocou o espírito do assassinado, o qual se materializou e manifestou-se de tal modo que foi visto e ouvido também pela multidão das pessoas que assistiam ao ato, revelando a verdade, isto é, a inocência do pai de Santo Antonio e indicando o verdadeiro assassino.

O desdobramento integral de Santo Antonio agindo à grande distância do seu corpo físico, e a materialização do espírito do assassinado constituem dois fenômenos supranormais que documentam insofismàvelmente alguns dos ensinamentos fundamentais do Espiritismo, tais como: a sobrevivência dos espíritos, a comunicação dos espíritos com os humanos, e a poderosa ação dos espíritos sôbre a matéria.

Posto que aquêles fenômenos sejam embora raros, não são tão insólitos como pode parecer.

Há anos esteve na cidade do Porto uma exposição de produtos coloniais, acompanhada de algumas famílias indígenas da África portuguêsa e juntamente um Régulo com a sua família, cujo filho, o príncipe Abdula, me disse que entre as tribus daquelas regiões é crença convicta da sobrevivência dos espíritos, da sua comunicação com os humanos, de tal modo que é uso e costume invocar-se o espírito do falecido quando há dúvidas se a sua morte foi natural ou provocada, a fim de revelar a verdade.

Entre aquêle milagre de Santo Antonio e o uso e costume daquêles indígenas africanos, a identidade do processo é flagrante.

Sem dúvida, o Espiritismo parecendo moderno é de tôda a antiguidade, portanto digno de crédito e do respeito de tôda gente.

Junho de 1960

* * *

«Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje ou para quando. O caso é que os seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve, para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho, para o abrigo ao futuro.»

— *RUI BARBOSA* —

Como gregos e romanos falavam sôbre o Cristianismo nascente

Da mesma maneira o Espiritismo é tratado em obras atuais de difusão cultural — Esclarecendo um engano de «A Cultura Brasileira»

Comentando o papel do catolicismo e do protestantismo no desenvolvimento cultural do país, em seu livro «A Cultura Brasileira», agora reeditado pela Melhoramentos num volume único, diz o Prof. Fernando de Azevedo:

«Enquanto o seu poder de irradiação se enriquece e se renova nas fontes de cultura e tende cada vez mais a apoiar-se em centros de atividades culturais, a expansão do espiritismo, em que se embriaga o misticismo devoto, iniciada no seio das classes mais baixas e incultas, tem as suas origens na ingenuidade e ignorância do público e na atração que por tôda parte exercem as iniciações misteriosas, os fenômenos tidos como sobrenaturais e as comunicações, por meio da mediunidade, entre o mundo visível e invisível entre vivos e mortos.»

A seguir, afirma o ilustre mestre: «A própria expansão do espiritismo entre gente de baixa mentalidade—movimento muito maior, aliás, do que pode parecer ao primeiro exame—é a prova evidente de que o espiritismo (Modern Spiritualism, 1842) não passou ainda para a fase pròpriamente científica e guarda pelo geral o caráter de uma seita religiosa, com seus médiuns e experiências, em sessões à meia luz em que, ao lado de visões e alucinações, poderão produzir-se fatos obscuros e desconhecidos.»

Após afirmações tão peremptórias, sôbre a natureza primitivista do movimento espírita brasileiro, faz o mestre algumas digressões sôbre a posição da ciência em face dos fenômenos espíritas, e conclui que o espiritismo, apesar de sua grande expansão, não tem «qualquer influência no domínio cultural.» Fato sem dúvida dos mais curiosos, que o mestre deixou sem maior exame, êsse do desenvolvimento de um sistema de idéias, de uma forma de concepção do mundo e da vida, com mais de quatro milhões de adeptos, na época (dados oficiais de 1930) não exercer nenhuma influência cultural no país. O próprio conceito de cultura, exposto pelo autor em capítulo anterior, torna-se de difícil compreensão, diante dessa afirmativa.

Passemos, porém, a outros aspectos do problema, já que nêsse terreno a discussão teria de ser extensa e minuciosa. «A Cultura Brasileira» é um livro sincero e honesto, que procura oferecer ao público um panorâma verdadeiro do nosso desevolvimento cultural. No tocante ao Espiritismo, entretanto, apresenta graves falhas e comprometedoras lácunas. As falhas são de interpretação, as lacunas de informação. Umas e outras compreensíveis, num erudito de formação católica. Não queremos corrigir o professor ilustre, mas cumpre-nos o dever de oferecer, aos leitores espíritas, alguns dados que restabeleçam o quadro da paisagem espírita em seus legítimos contornos, nesse painel da vida cultural brasileira.

Devemos notar, inicialmente, que o prof. Fernando de Azevedo faz a mesma mistura entre espiritismo e fetichismo, que já apontamos nos nossos autores de sociologia. Ao se referir às «classes mais baixas e incultas» e às «iniciações misteriosas», sua confusão de espiritismo com o sincretismo religioso afro-católico é evidente. Embora fazendo uma tímida referência, entre parênteses, ao «modern spiritualism» americano, o autor ignora por completo o fato capital do aparecimento da Doutrina Espírita na França, com bases científicas e estrutura filosófica, em meados do século passado. Conseqüentemente, ignora também que os primeiros núcleos espíritas surgiram no Brasil entre as classes elevadas e cultas, no Rio de Janeiro, graças aos livros doutrinários importados da França.

O movimento espírita se iniciou, pois, no Brasil, de maneira irremissìvelmente cultural. Antes de mais nada, decorria do trato de intelectuais com uma língua estrangeira. E não provém de uma fonte estranha, mas da fonte principal da cultura brasileira, que é a cultura francêsa.

O general Ewerton Quadros, por exemplo, foi um dos primeiros tradutores de obras espíritas e o autor da primeira «História dos Povos da Antiguidade, sob o ponto de vista espírita», que se publicou no Brasil, isso em 1882, edição da Tipografia da Escola de Serafim José Alves, do Rio. O general era bacharel em ciências físicas e matemáticas e pertencia ao Estado Maior do Exército. Nas suas águas vêm Bezerra de Menezes, o ilustre médico e político, autor de «A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica», o prof. Guillon Ribeiro, assessor de Rui Barbosa no Senado, elogiado por êste como revisor de seus discursos, e assim por diante. Sòmente depois de instalada a Federação Espírita Brasileira é que o espiritismo se propaga com maior intensidade, graças ao trabalho altamente cultural dessa casa-mater do movimento brasileiro, que difunde as obras fundamentais da codificação kardecista e as obras paralelas surgidas na Europa.

Hoje, o espiritismo se reafirma, como movimento cultural, através da divulgação de uma bibliografia imensa, de uma vasta rêde de jornais e revistas doutrinários, de instituições de cultura, escolas e hospitais. Basta lembrar a existência, no Rio, além da Federação, do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, da Cruzada dos Militares Espíritas, da Sociedade de Medicina e Espiritismo, e em São Paulo, da Federação Espírita do Estado, do Club dos Jornalistas Espíritas, da Sociedade de Estudos Espíritas, do Instituto Espírita de Educação. No Interior, poderiamos citar a existência de instituições como o Educandário Bezerra de Menezes, de Marilia—cujo prédio próprio permitiu a criação da Faculdade de Filosofia daquela cidade, — do Ginásio Pestalozzi, de Franca,—do Instituto Humberto de Campos, de Campinas, e por aí afora.

Recentemente, reuniu-se em São Paulo o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, e no próximo ano se reunirá em Belo Horizonte o III Congresso. Uma concentração de professores espíritas do Estado realizou-se ainda há poucos mêses. Tudo isso parece demonstrar que o movimento espírita não merece a classificação que lhe deu o prof. Fernando de Azevedo em sua obra sôbre a cultura brasileira. Sòmente o clima mental de prevenção contra o Espiritismo, o predomínio do preconceito religioso, e também do preconceito cultural, poderia ter levado o ilustre autor de «A Cultura Brasileira» a cometer a injustiça que marca o seu livro. Não era, porém, de maneira menos injusta, que gregos e e romanos ilustres se referiam ao Cristianismo nascente, considerado simples religião de escravos. E isso na antevéspera da profunda transformação que o «movimento galileu» imprimiria à História. Consolemo-nos, pois, com êsse luminoso antecedente.

Irmão Saulo

Mais um...

Ajude a Difusão da Doutrina obtendo mais um assinante.

Assinaturas em conjunto de "O CLARIM" e da "REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO"

por apenas **200** cruzeiros anuais

Separadamente: "O Clarim" cr.$ 80,00
"Revista" cr.$ 120,00

Ampliemos a divulgação do Espiritismo para felicidade geral.

Ação e Inação

v. lirenedo

FILHOS de Deus que somos, estamos nos planos de vida para permanente ação no bem. Freqüentemente vamos em contrário, em ação no mal, direta ou indiretamente contra outrem — o que em última análise significa contra nós mesmos, porque cedo ou tarde o malfeito reflui sôbre o malfeitor.

O ledor de obras espíritas já se informou, através de relatos de Espíritos, em qual realidade demorada se acham milhões de criaturas nos planos extra-físicos—estações dos espaços próximos da Terra. O bem reserva-nos estágios amenos; o mal leva-nos a conjunturas terríveis no amanhã.

Comunicantes do Além nos informam detalhadamente da situação de vastos núcleos de Espíritos em débitos dos mais diversos, entidades jungidas a seus êrros e desvios do passado e do presente, vêzes tantas continuantes nas perversidades ativíssimas entre si mesmas, vêzes tantas em ação agressiva até contra amorosos missionários da luz que procuram levantá-las, desgarrá-las das iniqüidades. Os relatos nos cientificam do estado espiritual dos que acionam ou acionaram os deslizes, o êrro, o crime.

Impressionantes as páginas do cotidiano daquelas furnas, poços, pântanos, e dos variados comportamentos de seus habitantes obscurecidos, em incursões predatórias, em combates pelo prevalecer da astúcia, da arrogância, das paixões. Notável a abnegação dos socorristas em reiteradas visitas, em paciente ação de despertamento evangélico, incansável no afã de levar luzes àquelas trevas.

Fundamente impressiva a descrição do Vale dos Suicidas com as criaturas ensangüentadas, aos gritos e gemidos pela dor dos ferimentos e fraturas, e mutilações e impactos imprimidos em si mesmas no desvario do ato suicida. Tais páginas, retratando sem fantasia os planos etéreos, focalizam marcantemente a AÇÃO no mal de réprobos de todo tipo, e a AÇÃO no bem dos assessores do Alto.

Ora, através de um operoso e sempre interessante André Luiz, em OS MENSAGEIROS, capítulo Os que Dormem, vemos registrada a posição extrafísica de criaturas culpadas de INAÇÃO. Caros confrades, é preciso ler-se e reler-se com meditação essa passagem breve mas incisiva. Também lamentável amanhã espera aos tantos que se fazem réus pela indiferença, pelo comodismo, pela pusilanimidade e omissão, pelo deliberar de não raciocinarem respeito às coisas espirituais, pelo alheiamento obstinado quanto às coisas do Alto, pelo repúdio ao ponderar *vertical* que busca a eternalidade de Deus Criador. A êsses da inação aguarda um estágio lastimoso. Salteando períodos, repitamos o guia Aniceto falando dos dois mil adormecidos de certo recolhecimento: — «Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas... Mas dia virá em que deverão levantar-se e pagar os débitos contraídos... A fé sincera é ginástica do Espírito, quem não a exerce de algum modo, na Terra, preferindo a negação injustificável, encontrar-se-á mais tarde sem movimento... Estes necessitam de profundo repouso até que despertem para o exame das responsabilidades que a vida traduz...»

Pois é, felizes os que acionam o bem; felizes os que repelem a inação adormentadora, que esconde aos olhos da alma as luminuras do Reino Excelso.

* * *

«Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos, dos quais venhas a dizer: não tenho nêles contentamento.» — ECL., 12:1.

Dois Centenários

MAC MAYNARD

O presbiterianismo no Brasil está festejando o seu centenário; muita coleta especial, muitos festejos, lindos sermões, belas demonstrações públicas têm assinalado o Centenário. E até livro foi publicado no Centenário, um *«facsimilado»* de «O Espiritismo Analisado» do Rev. Prof. Jerônimo Gueiros saiu a público com novo título, (variação) de «O Espiritismo — uma avaliação», de autoria do Rev. Julio Andrade Ferreira que, sem o querer, (?) prestou, também, uma homenagem ao Centenário Espírita, pois a capa do livro (a única originalidade da obra) traz o sêlo comemorativo de Kardec.

Agradecemos ao Rev. Julio Andrade Ferreira a originalidade, não da obra, mas da capa. Parabens, Rev. Julio, de fato, o sêlo é mesmo muito sugestivo.

Lastimamos que o Rev. Julio tenha prestado uma homenagem a Kardec, na capa, e no conteúdo da obra tenha tratado de assunto repisado, sovado, moído, triturado, pulverizado pelo Dr. Carlos Imbassahy, o assunto de tão cediço que é, torna-se anacrônico para um Centenário, é velho demais...

Quando o Rev. Otoniel Motta escreveu seus opúsculos sôbre as celebérrimas *penas eternas* (que aliás dividiu a igreja independente), a *taba* presbiteriana alvoroçou-se tôda, foi dado, pelo cacique, o grito de guerra, os tupiniquins de penacho, de arco e flexa, avançaram contra o homem branco que trazia idéias novas das *«europas»*, o homem branco que vinha perturbar a paz tribal da brasílica gente, que vinha dizer que Tupan (Jesus) era tolerante; não era possível, Tupan não era tolerante, ao contrário, Tupan era intolerante, era a intolerância em pessoa, e por isso davam o grito de guerra para defender Tupan — o intolerante.

O homem branco riu da fúria dos tupiniquins, quís explicar-lhes, quís demonstrar que nas «europas» havia civilização, que por «lá» havia pensadores, havia avião, submarino, rádio, radar, que os homens não se vestiam de tanga mas de roupas confeccionadas por «mestres» da alta costura; os aborígenes não puderam entender aquelas «falas», não acreditaram:—o homem branco não encontrou meios para fazer-se entendido, riu-se apenas...

Os tupiniquins ficaram espumando de raiva contra o homem branco!

Desejavamos que no Centenário Presbiteriano saisse uma obra crítica, uma obra genuìnamente protestante, analisando, avaliando (não no título), dissecando, esmiuçando, escalpelando, descarnando, esvurmando a A GRANDE SÍNTESE de Pietro Ubaldi, mas obra assim não sai...

O Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso tem recebido críticas sòmente no seu aspecto religioso; ora, o aspecto religioso do Espiritismo é conseqüência, é decorrência, é ilação, é dedução, é inferência, é resultado, como atacar o fenômeno deixando a CAUSA?

O fenômeno espírita tem sido atacado, o «odium teologicum», não tem dado «tregua», investe furibundo contra a Doutrina Espírita, mas, infelizmente, tem deixado intacta a parte científica. Que pena!

O Irmão Vitrício anda dando «show» por aí, qualquer dia vêm os tupiniquins citar o Irmão Vitrício como grande técnico de «espiritismo», que com os seus «shows» *«provou»* que o Espiritismo é uma balela.

Para atacar o Espiritismo qualquer *«autoridade»* serve, mesmo que seja jesuitica.

Temos tantas obras de folego, temos tantos autores insuspeitos, porque os nossos irmãos protestantes não fazem uma crítica sôbre êles? Será que a parte religiosa do Espiritismo é a única que lhes interessa?

Que os nossos irmãos protestantes (êles não gostam que o chamemos de irmãos) não se esqueçam que Espiritismo é Ciência, Filosofia, Religião.

Não seria mau uma crítica das obras de Pietro Ubaldi, Ernesto Bozzano, seria possível? Para o segundo Centenário?

Crônica Estrangeira

Os dois viram os pais «mortos» em presença do filho

«Two Worlds»

Um homem num hospital foi visitado pelos seus pais «mortos». O enfêrmo pensou tratar-se de um sonho, mas o homem no leito oposto também os viu!

Marjorie Preston Logan narra a história em «Nursing Mirror». Ela disse que para o enfêrmo nada mais podia ser tentado, apenas algumas semanas de vida, mas trataram de ocultar-lhe a verdade. Ela acrescenta:

«Certa tarde, sua família pediu permissão para transportá-lo à sua casa, pois tinham tomado as providências para assistí-lo até o fim.

«Foi marcado o dia de sua saída do hospital. Na noite anterior, fui designada para banhá-lo. Enquanto eu o lavava, conversamos sôbre coisas triviais. Estava eu enxugando seus pés, quando de subito êle me disse: Enfermeira, desejo contar-lhe um maravilhoso sonho que tive na noite de terça-feira.

Admirável conversa

«O meu tempo era escasso, mas tão sincero parecia êle que me mostrei interessada. Respondi que com prazer ouviria o relato do sonho.

«Bem», disse êle: na noite passada estava eu deitado nesta cama, quando entraram no quarto, meu pai e minha mãe.

«Êles se aproximaram de meu leito e ficaram de pé, um ao lado direito, outro à esquerda. Ambos se apoderaram de minhas mãos.

«Êles estavam mortos há muitos anos, enfermeira, e todavia parecia-me que nunca êles estiveram longe de mim. Tivemos uma conversa admirável. Então, parecia-me ter despertado, e ambos sairam. Eu sei que tudo não passou de sonho, mas tão real era que os senti junto a mim. Desde então tenho a sensação de não estarem êles longe.»

Senti-me abalada com o relato, pois eu sabia que pouco depois, êle estaria junto dos pais; mas não dei maior importância à nossa conversa. Não passava de outro sonho...

«No dia imediato fui incumbida de arrumar sua cama e assim fazendo, o paciente do lado oposto, chamou-me para junto de si.

Perguntou êle: o homem que saiu do hospital era alguma pessoa importante?

«Não era, respondi. Aqui ninguém tem mais regalias do que qualquer outro. Porque pergunta o senhor?

«Pois bem, respondeu êle. Na noite passada acordei, já bem tarde. Duas pessoas, um homem e uma mulher, estavam de pé ao lado da cama dêle. Ambos lhe estavam falando e aí ficaram durante certo tempo. De novo eu adormeci e assim não percebi a retirada de ambos, mas fiquei pensando porque lhe permitiram ter visitas em hora tão avançada?»

«Em que noite foi isso?» perguntei, procurando não manifestar surprêsa.

«Oh, foi terça-feira à noite —bem me lembro.»

Voz de Espírito fala pelo telefone

O meu telefone vibrou. Quando atendi, disse uma voz trêmula: «É Ada?» Respondi: «Sim» e a voz disse, «É o George...»

Eu só me lembrava de dois do mesmo nome, um meu sobrinho que dizia «Tia Ada» e outro um cunhado, que nunca pediria ligação durante o dia, pois morava distante da cidade e sempre ligava no período da noite. Eu gaguejei um pouco, «qual George é que fala?» Outra vez a voz trêmula: «É o George, eu estava certo que me reconheceria!» E *nada mais*... nenhum ruído do receptor ser recolocado no gancho... *silêncio*...

Procurei descobrir quem tocara, mas o telefonista não descobriu a pessoa que pedira ligação para o meu número.

Depois de agitar meu cérebro lembrei-me que o marido de minha amiga Aileen, chamava-se George. Aileen era negociante. O marido, um inválido, era seu secretário, e eficiente.

Tanto ela me falava do marido, que senti conhecê-lo pessoalmente. Sempre que dela eu recebia uma carta, no fim havia uma breve nota, a mim dirigida. Êles se mudaram para outra cidade e quase perdi contacto com Aileen.

Então veio a chamada misteriosa — tive forte impressão de ser George Brown, mas ainda o julgava vivo.

Diversos mêses depois da chamada, fui informada de sua morte e que Aileen contraira novas núpcias.

Em fevereiro último, estava eu de visita ao casal Johnson, em St. Petersburg, Flórida. Ela é notável médium de voz direta. Numa sessão com ela, perguntei a Mandy Lou, seu eficiente guia, se possível seria descobrir George Brown que comigo falara.

Poucos dias depois Mandy Lou o levou à sessão. Êle confirmou minha impressão, fôra êle mesmo quem me telefonara !

Êle disse qne Aileen lhe falara de meu interêsse pelos assuntos psíquicos e êle sentiu bem me conhecer para me telefonar.

Contudo, sua fôrça lhe faltara e não poude completar a comunicação. Êle disse que ela tornou a casar, estava bem e feliz, que era o que êle desejava. Êle prometeu tentar nova comunicação pelo telefone.

Continuo a esperar pela segunda chamada.

—

Êste relato, por Ada A. Rogers, apareceu em «Chimes», o mensário psíquico americano.

* * *

Uma prova impressionante

De «Estudos Psíquicos»

Em *Survie,* Georges Gonzalez narra um caso passado num grupo que frequentava, em Suresnes, em 1924. A médium psicográfica era uma jovem de 19 anos.

O relato do interessante fato foi dirigido em carta ao conhecido escritor, pela dona da casa onde o grupo se reunia.

Mme. Contant, a signatária da carta, tinha uma amiga, Mme. Dest... a quem falecera uma filha muito querida, com 19 anos de idade. E a êsse respeito diz a carta :

«Nem a médium, nem eu, nem qualquer dos presentes, tinham conhecido a filha de Mme. Dest... (ambas de origem italiana) ; ela morrera havia oito anos, e o nome gravado no seu túmulo é Hyacentha. Era o único nome que a médium e eu própria conhecíamos.

«Ora no fim de Junho (1924) Mme. Dest... muito incrédula, mesmo desdenhosa para com as nossas crenças e práticas, devido a circunstâncias imprevistas assistiu a uma das nossas sessões, no momento em que faziamos a nossa invocação.

«Através da escrita automática manifestou-se um Espírito, declarando ser a filha de Mme. Dest... e que dizia chamar-se Catarina.

«Confesso que ao ouvir êsse nome pensei logo que a mãe iria protestar e manifestar novamente o seu desdém ; na realidade, eu estava mortificada.

«Entretanto, a entidade comunicante obrigava a dócil mão a escrever com a maior facilidade e declarou-se feliz por dar notícias aos seus entes queridos, que ela teve de deixar, reconfortando-os ternamente e aconselhando-os a realizarem a viagem que projetavam fazer a Espanha ; em seguida pediu-lhes que continuassem a frequentar estas sessões.

«Ela chamava à mãe «ma mama mia», acompanhando estas ternas palavras com frases italianas (língua que a médium ignora). Depois, assinou Kathleen.

«Terminada a comunicação, eu disse à Mme. Dest.... que sua filha tinha comunicado, mas que se apresentara com o nome de Catarina, que não era o dela.

«Deu-se então uma cena patética, que comoveu todos.

Mme. Dest..., em grande pranto, dizia :

«— Catarina era o seu nome ; era assim que lhe chamava a nossa família italiana.

« — Mas, observei-lhe, ela assinou Katlheen.

«E a mãe respondeu com a voz embargada pelos soluços :

«—Sim, minha senhora; era o nome que eu lhe dava na intimidade: Minha Katleenzinha.»

Georges Gonzales comenta o fato, observando quanto é frágil a tese do subconsciente, ao qual muitas vêzes se atribuem trabalhos mediúnicos. Neste caso prova claramente que não houve intervenção do subconsciente, o que reforça mais uma vez a teoria espírita.

Espiritismo no Brasil

Écos da vida espírita em Duque de Caxias

Numerosa caravana do Centro Espírita «Cultivadores do Evangelho», da Vila Inhomirim — município de Magé, R. J. —, esteve em visita de confraternização ao Centro Espírita «Bezerra de Menezes», de Duque de Caxias, sendo ali fidalgamente recepcionada com as mais efusivas manifestações de carinho dos anfitriões, dos quais sobressaía o presidente Manoel Duarte.

Representantes de outras entidades irmãs também compareceram, sendo a palavra franqueada ao sr. Antonio Fortuna, presidente da agremiação visitante, que salientou a importância da aproximação e do estreitamento de relações de entidades espíritas das comunidades fluminenses e brasileiras.

—

No dia 9 de julho p. f., a Mansão «Divino Pastor», por iniciativa do seu infatigável e esclarecido secretário geral, sr. Manoel Max das Dôres, exibiu o filme «Três Almas Solitárias», brindando o grande público que lotou a ampla sede da Cruzada Espírita «Allan Kardec» com a magnífica película de caráter espírita.

Cópia em perfeito estado, apesar de datar de 1951, estava relegada aos arquivos da emprêsa distribuidora, que não lhe deu curso por imposição de certas fôrças cuja prepotência está chegando ao fim. Os espíritas e não espíritas que assistiram a exibição, sairam bem edificados com o que viram. Compreenderam porque filmes como êste são ocultados ao público.

A renda da exibição converteu-se em benefício da sede própria da entidade acima mencionada.

—

No dia 26 de junho p.p., o Centro Espírita «Caminheiros de Jesus», prestigiosa entidade do Bairro do Centenário, em Duque de Caxias, comemorou com vibrante festa, seu 28.º aniversário de fundação. Representantes de tôdas as casas espíritas da cidade compareceram ao ato, sendo muito apreciada a oração do jovem Helio Gonçalves Neto, representante da Associação Espírita «Cairbar Schutel».

Aos nossos queridos irmãos do «Caminheiros de Jesus», nossas sinceras felicitações e votos de contínuo progresso.

—

Finalmente, no dia 31 de julho p. f., a Associação Espírita «Cairbar Schutel» promoverá a exibição do film «Massagista de Madame», comédia de Zé Trindade, no mais importante cinema de Caxias, casa exibidora que tem o mesmo nome da localidade. Anunciado e programado há dois mêses, terá a renda em benefício da sede própria da Associação, sendo a exibição uma colaboração inestimável do sr. Salvador Verte, sócio do Cine Caxias.

É a terceira grande promoção em que se lança a casa de «Cairbar» na terra fluminense, que tem por lema pedir a colaboração do público, dando-lhe, em troca, alguma coisa.

Do Correspondente—30/6/60.

Em Marilia

Na cidade de Marilia foi realizada entre 17 a 24 de julho, a VI Semana Regional Espírita da 13.ª Região da USE, que compreende as cidades de Gália, Garça, Lucélia, Vera Cruz, Alvaro de Carvalho, Oriente, Pompéia, Quintana, Herculândia e Tupã.

Tomaram parte nessa festa grandes oradores espíritas proferindo conferências evangélicas e doutrinárias.

Em Cataguazes

De Cataguazes, Minas, recebemos delicado convite para assistirmos a 2.ª Semana de Confraternização Espírita Cristã levada a efeito naquela cidade de 10 a 17 de julho p. p., com vasto programa e patrocinada pelos seguintes núcleos da cidade :

Centro Esp. «Paz, Luz e Amor», Centro Esp. «Bezerra de Menezes», Centro Esp. «Jota Lacerda», Grupo da Fraternidade «Irmão Rochester», Mocidade Esp. «Julita Lacerda», Mocidade Esp. «André Luiz» e Mocidade Esp. «Joana d'Arc».

* * *

Vale a pena a Pena de Morte?

A União Espírita Mineira enviou-nos um exemplar de «Alterosas», importante revista que se publica em Belo Horizonte, na qual se encontra uma reportagem, sôbre a pena de morte, saida sob o título acima.

Na qualidade de presidente da Casa Mater do Espiritismo no Estado de Minas Gerais, foi nosso irmão Bady Elias Curi, um dos entrevistados pela revista em aprêço. A direção de ALTEROSA, publicou os principais tópicos das declarações do presidente da UME, contrárias à pena máxima, de acôrdo com os ensinamentos Cristãos, a qual vem sendo aplicada a nossos semelhantes que não tiveram ainda a suprema felicidade dos esclarecimentos Evangélicos.

* * *

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da sessão ordinária mensal, realizada em 2 de Julho de 1960.

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Comunica o o Presidente ter a F E B recebido carta noticiando a fundação da Federação Espírita da Venezuela e um cartão da Checoslovaquia solicitando a remessa do último catálogo de livros espíritas. Informa que o artigo sôbre Allan Kardec, publicado nos Estados Unidos e de autoria do Dr. Herminio de Miranda (veja-se «Reformador» de 1960, página 61), mereceu ser igualmente estampado em três periódicos do JAPÃO, respectivamente nas línguas inglêsa, esperanto e japonêsa. Informa, ainda, que pela Livraria Freitas Bastos foi publicado o livro mediúnico «Voltei», do Irmão Jacob, em tradução para a língua espanhola.

Santa Catarina — O conselheiro Manoel Bernardino lê carta da Federação Catarinense comunicando a filiação de mais dois Centros, em Lajese Joinville, e a atividade da Federação na propaganda da Doutrina por todo o Estado.

Alagoas — O conselheiro Geraldo de Aquino comunica a continuação, pela Federação Alagoana, da propaganda escrita e irradiada da Doutrina, pela Revista «A Luz» e pela Rádio Difusora de Alagoas, e informando, ainda, a fundação do Ginásio Espírita PORANGABA.

Minas Gerais — O conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica a realização, com satisfatório êxito, da II Concentração Espírita Regional do Alto Paraíba.

Após comentários sôbre assuntos de interêsse, informa o Presidente que a Federação Paranaense resolveu adiar, para a primeira quinzena de 1961, a reunião da Confraternização Espírita de Orientadores da Infância e da Juventude, naquele Estado.

Às catorze horas, é feita pelo representante da Bahia a prece final e encerrada a reunião pelo Presidente.

* * *

III Semana da Fraternidade

Em Belo Horizonte — Capital do Estado de Minas Gerais, teve lugar nos dias 5 a 9 de julho, próximo findo, a III Semana da Fraternidade promovida pelos Grupos da Fraternidade, movimento espírita extraordinário, que atraiu, para aquela grande cidade, mais de 600 pessoas, de várias partes do Brasil.

O programa das solenidades, constou de parte prática com organização de diversas comissões para apreciação em conjunto das materias estudadas, e de outra parte teórica, na qual foram ouvidos conhecidos oradores.

Assim, dia 5, na sede da União

Espírita Mineira, falou o dr. R. A. Ranieri, de São Paulo; dia 6, na mesma sede, usou da palavra o jornalista Henrique Rodrigues; dia 7, no Instituto de Educação, houve conferência do prof. Rubens Romanelli; dia 8, conferência do prof. Newton Gonçalves de Barros, na Secretaria de Assistência e Saúde; e no dia 9, encerramento com a palavra breve de vários oradores e posse da nova Diretoria da Oscal, atos êsses realizados na sede da União Espírita Mineira.

Em Santa Fé do Sul

Em 12 de julho p. f., na sede do Centro Espírita «Allan Kardec», às 14 horas, foi iniciada a 1.ª Concentração de Mocidades Espíritas da Alta Araraquarense.

Participaram dela os seguintes representantes de Mocidades: Devair Gigante, de Tanabí; Miguel Parras Gomes, de Votuporanga; Olivio Fernandes Martins, de Fernandópolis; Antonio M. Carrilho, de Guaraní D'Oeste; Matias Martins, de Meridiano; Maraíse Balesteiro, de Populina; Francisco José Martins, de Jales; Dirceu Ferreira, de Três Fronteiras; além dos representantes da Mocidade Espírita «Amor à Verdade», de Santa Fé do Sul, tendo como presidente a srta. Prof.ª Yvone Margarida Panazzolo.

Para abertura da reunião foi feita uma prece, pelo sr. Francisco José Martins e, logo em seguida, cantado um hino por todos os presentes.

Prosseguindo, Neuzi Dall'Occo declamou a poesia «Deus». Após a declamação o sr. Paulo de Castro, de Guaraní D'Oeste, que presidiu a reunião, dirigiu algumas palavras ao público sôbre a Concentração.

Logo em seguida foi eleito o presidente diretor para as próximas reuniões desta Concentração de Mocidades da Alta Araraquarense, para tal foi eleito o sr. Miguel Parras, de Votuporanga, sendo que a cidade sede também será Votuporanga, onde dar-se-á a próxima reunião no mês de outubro vindouro.

Tendo a palavra o sr. Paulo de Castro fêz êle uma explanação sôbre o tema *«Pena de Morte.»*

Para encerramento desta reunião foi feita uma prece pelo sr. Jucelino Pereira Tangerina, de Tanabí.

Notícias de São Paulo

Semana Espírita — Encerra-se hoje a II Semana Espírita da Cidade de São Paulo, promovida pelo Conselho Metropolitano da USE. Às 20 horas, no ginásio do Pacaembu, o sr. Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira, vindo do Rio especialmente para êsse fim, pronunciará uma conferência doutrinária. Entrada franca.

Defesa da Escola Pública — Instala-se amanhã, às 19 horas, no auditório da Federação Espírita do Estado, rua Maria Paula, 158, a I Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, convocada pelo Clube dos Jornalistas Espíritas. Às 20 horas, no mesmo local, o prof. Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, pronunciará uma conferência sôbre o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entrada franca. A convenção durará uma semana. Nos dias seguintes, haverá reuniões plenárias e de comissões, e as seguintes palestras: terça-feira, no Clube dos Jornalistas, rua S. Bento, 21, sobrado, prof. Apolo Oliva Filho, «Os Espíritas perante a Educação»; quarta-feira, prof. Dante Moreira Leite, Bibliotéca Municipal, sôbre «A Escola Pública»; quinta-feira, prof. Tomaz Novelino, Clube, sôbre «Problemas da Educação»; sexta-feira, prof.ª Luiza Peçanha Camargo Branco, Clube, sôbre «Religião e Educação»; sábado, dia 16, na Federação, leitura da Declaração de Princípios da Convenção, leitura e assinatura de memorial a ser enviado ao Senado, palavras dos representantes de delegações do interior e desta Capital.

Instituto de Cultura Espírita — Encontra-se nesta Capital, desde sábado, tendo pronunciado uma conferência durante a Semana Espírita, o prof. Deolindo Amorim, presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede no Rio. O conhecido autor de «O Espiritismo e os Problemas Humanos», de «Espiritismo e Africanismo», «Espiritismo e Criminologia» e outros estudos de ordem doutrinária, participará da I Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, representando a instituição que preside.

«Hora Espiritual» — Hoje, das 14,30 às 15 hs., e todos os domingos, pela Rádio América, o programa doutrinário da Liga Espírita do Estado, «Hora Espiritual», sob a direção do confrade Euripedes de Castro.

Correspondência de 10-7-60.

Circular Oportuna

Belo Horizonte, 22 de Julho de 1960.

Amados Irmãos :

Desejando-lhes muita paz, rogamos a Jesus nos abençôe a todos.

Sendo necessidade da época atual definir-se, fazemnos os espíritos superiores um apêlo — especialmente a entidade que se conhece com o nome de Emmanuel — grande autoridade nos meios espíritas — por intermédio do irmão Francisco Cândido Xavier, através da mensagem que a esta acompanha e se intitula «DOUTRINA ESPÍRITA».

Pede-nos aquela luminar entidade fazermos inserir a palavra «espírita» no nome de tôdas as instituições fundadas pelos seguidores desta tão consoladora Doutrina.

Não é esse apêlo uma crítica ou desejo de corrigir a quem quer que seja, mas tão sòmente um pedido, que ora transmitimos a essa respeitável instituição.

Sendo um pedido de nosso Irmão Maior, solicitamos sua cooperação no sentido de divulgar a mensagem que juntamos a esta por tôda parte, principalmente nos meios onde exista tais problemas, incentivando, mesmo, aos dirigentes de semelhantes instituições a ratificarem seus estatutos e placas, se as tiverem, acrescentando o nome «espírita».

Perdôem-nos a insistência, mas sabem V.V. SS^a a responsabilidade que nos traz o nome «espírita».

Dizem uns : — o nome nada vale. A isso responderemos : — foi mudando o nome que o Cristianismo tomou rumo diferente. Por isso, tenhamos cuidado com o qualificativo que reconhecemos precioso e também verdadeiro.

Com um fraternal abraço dos irmãos em Jesus.

Sociedade Espírita «Maria Nunes»

João Nunes — Presidente

N. R. — Em a próxima edição publicaremos a Mensagem «Doutrina Espírita», de Emmanuel.

Em Jales

Segundo carta que recebemos de Raymundo de Souza Medrado, de Jales, realizou-se, nessa cidade, no dia 29 de julho último, a inauguração da nova sede do Centro Espírita «Fé, Amor e Caridade», e do Albergue Noturno do mesmo nome, o qual funciona anexo ao Centro.

Nesse dia, às 11 horas, foi oferecido um almoço a mais de 300 pessoas e em seguida procedeu se ao ato inaugural em que tomaram parte vários oradores de núcleos espíritas da Região, entre os quais o representante do prefeito local Euphli Jales.

Fizeram-se representar os Centros Espíritas seguintes : de Marinópolis, Três Fronteiras, Santa Fé do Sul, Guarani D'Oeste, Palmeira D'Oeste, Santa Rita D'Oeste, Córrego do Pavão, Meridiano, Turmalina, Rosalinda, Fernandópolis, Córrego do Feijão, Santana do Sul e Santa Albertina.

Terminada a solenidade, às cinco horas da tarde, foi servida farta mesa de doces, bolos e café a todos os presentes.

Numerosas pessoas assistiram a festa de inauguração, que dotou a cidade de mais um edifício e do serviço social do Albergue Noturno, com o que os espíritas de Jales acresceram a obra de benemerência que o Espiritismo espalha pelo país.

ÚLTIMA HORA!

Modificado, à última hora, o Boletim do Censo para 1.º de Setembro de 1960, vimos informar aos espíritas que o quesito **Religião** abrange agora os retângulos numerados de 15 a 23.

As pessoas que forem **espíritas** deverão traçar um X no **retângulo 17.**

Espírita ☒ 17

Se alguém preencher o seu Boletim, exija que o retângulo n.º 17 seja assinalado a tinta ou lápis-tinta.

Solicitamos às Federações, aos Centros, aos periódicos e aos radialistas espíritas que façam chegar aos confrades estes novos esclarecimentos.

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3681unse

no XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1960 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Rememorando uma data	*Redação*
O Paganismo e a Igreja	*Mário Cavalcanti de Mello*
Doutrina Espírita	*Emmanuel*
Obscurantismo a todo vapor	*v. lirenedo*
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo .	*V. O. Casella*
Os Grandes Compositores no Além	*Cícero Pimentel*
Serões Bíblicos — II	*Luiz Caramaschi*
Dever das Instituições Espíritas a Defesa da Educação Democrática .	*Irmão Saulo*
Os Grandes Mistérios do Cosmo .	*Antonio Domiciano P. Junior*
O Espiritismo na Abolição	*Mac Maynard*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

AVISO

aos nossos prezados assinantes

Em virtude de não termos recebido no devido tempo, o papel para a capa da nossa Revista, êste número está circulando com um atraso de 30 dias. E, em virtude, ainda, dêsse fato, o número de Outubro, que já se acha quase pronto, provávelmente circulará, também, com pequeno retardamento.

Por êsse motivo, aliás involuntário de nossa parte, solicitamos a complacência dos nossos prezados assinantes.

A REDAÇÃO

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 150,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1960 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Rememorando uma data

Em setembro de 1938, oito mêses após a passagem de Cairbar Schutel ao Mundo Espiritual, Leopoldo Machado, ora desencarnado, nos enviou o seguinte artigo que reproduzimos desta «Revista», de Setembro de 1938.

Septuagésimo Aniversário de Cairbar

CAIRBAR, se estivesse, ainda, como nós, acorrentado ao ergástulo da carne, iria fazer agora, em setembro, setenta anos!

E em que dia, faria êle, em setembro, setenta anos?

A 22, com a entrada da Primavera! No dia em que a humanidade agradecida consagra à árvore uma festa de espiritualidade e cordialidade...

Foi num dia assim: a Natureza em festa, a Primavera a chegar, as crianças alvoroçadas com a festa da árvore, que, naturalmente, o Apóstolo de Matão escolheu para voltar, no território carioca, à carne...

Setembro, o mês da Primavera, é aquêle, dizem estatísticas, mais rico em nascimentos de poetas...

Não sabemos se Cairbar, rimou palavras, perpetrou estrofes. É possível o houvesse feito, porque filho do Brasil, a terra da Poesia e de poetas; porque «de poeta, médico e louco, todos nós temos um pouco», diz velho rifão! Nós, pelo menos, não lhe conhecemos nenhuma estrofe rimada, nem um verso... Mas lhe conhecemos, embora, à distância, a poesia da alma. A poesia e a primavera da alma! Que de maior primavera e melhor poesia não sabemos, do que as de corações abertos para o Bem; do que as de espíritos voltados para a Doutrina do Cristo; do que as de consciências trabalhadas no amor do próximo, da pobreza! Sem contar, aquí, a poesia do Trabalho, que trabalhar com dedicação e devoção, espontâneamente, altruìsticamente, é a mais doce das pri-

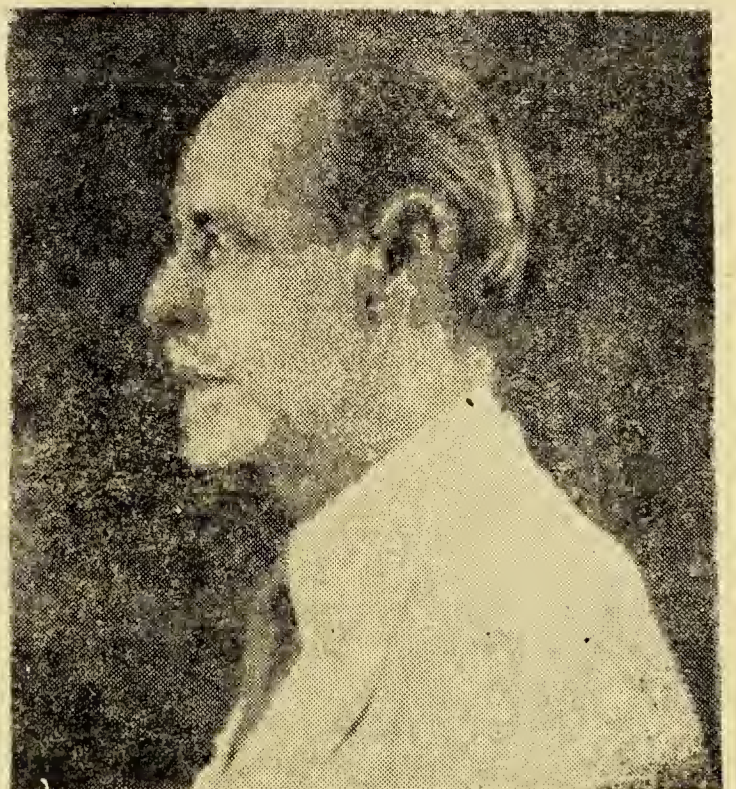

Cairbar Schutel

maveras, a mais eloqüente das poesias, a mais pura das religiões!

Cairbar não viveu para outra religião; não se consagrou a outra poesia; não sentiu outra primavera... Afirmam-no seus livros, a sua ação combativa e produtiva dentro da Doutrina, o seu *O Clarim,* sempre a clarinar verdades e doçuras, por tôda parte, onde havia cérebros e corações espiritìsticos, de molde a refletirem e a sentirem; a sua *Revista Internacional do Espiritismo,* que é a única no gênero. E o Centro Espírita que fundou e dirigiu, enquanto esteve encarnado: *Amantes da Pobreza!*

Não sabemos houvesse entre nós, e até hoje dentro do Espiritismo, dedicação maior à causa regeneradora da Humanidade. Por isso que o chamamos o *Espiritista Número Um do Brasil!* Continuamos firmes na classificação que lhe déramos, desejoso de que o seu exemplo de trabalho, a sua capacidade de ação, o seu amor à Doutrina que nos irmanou, mesmo à distância, a sua atividade onímoda a pról da maior e melhor disseminação do Espiritismo, possam colimar lições a serem seguidas por todos nós, que militamos na mesma seara.

Estivesse, ainda, na carne, ao transcorrer de 22 de setembro, haveria Cairbar de sentir a alma em regosijos íntimos, dêsses que só a consciência do dever cumprido pode conferir, a par de inúmeras felicitações de amizades puríssimas, consubstanciando abraços emotivíssimos de companheiros de lides e amigos de coração. Do Alto, no decorrer daquela data, seu espírito sentirá mais e melhor, os mesmos júbilos. Mais e melhor, por sentí-lo na Espiritualidade, visto como quem sente e vê do Alto, vê e sente com maior largueza de vistas, com melhor pureza de sensibilidade e espiritualização. E receberá, também, abraços amigos, consubstanciando felicitações inúmeras. As felicitações que muitas preces, muitos pensamentos e saudades dos que o amam aqui, na Terra, — que são todos que o conheceram pessoalmente ou através de sua obra — enviar-lhe-ão naquele dia...

Estamos, de nossa parte, que, de quantos brindes de aniversário lhe oferecerão naquela data, por meio de amor e de saudade, almas agradecidas à sua obra, consciências iluminadas por seu espírito, corações cristianizados por seus exemplos; estamos que, de todos êsses *brindes,* um há de saber-lhe melhormente, à sensibilidade... *Um Brinde* com B maiúsculo! Um BRINDE todo em maiúsculo: O BRINDE que consubstancie a reafirmação solenissima do compromisso, da parte de quem, no plano terreno, o substituiu à frente do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», da «Revista Internacional do Espiritismo», de «O Clarim», de que não deixará sua obra periclitar, ou interromper-se, ou extinguir-se...

O Paganismo e a Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

VI

Continuando as nossas considerações interrompidas, vamos direto ao assunto.

Fica, assim estabelecido, que a Igreja elegeu a celebração do nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro com o objetivo de apagar a devoção dos gentios do Sol. Se isto assim se deu, deve haver também equívoco na festa da Páscoa, da morte e ressurreição do Senhor, idêntica à festa da morte e ressurreição de outro deus asiático, que cái na mesma estação do ano. Os ritos da Páscoa que se celebram hoje em dia na Grécia, Sicília e Itália meridional, têm, não obstante, analogias, de certo modo, estreitas com os ritos de Adônis, e já temos sugerido que a Igreja pode ter adaptado conscientemente sua nova festa à predecessora gentílica, com o desígnio de conquistar almas para o Cristo. Esta adaptação teve lugar provàvelmente nos lugares do mundo de fala grega mais do que nos de fala latina, pois, o culto de Adônis que floresceu entre os gregos parece que causou pouca impressão em Roma e no Ocidente. Certamente nunca formou parte da religião oficial romana e o lugar que pode haver tomado no afeto do vulgo, logo foi ocupado pelo culto semelhante, embora mais bárbaro, de Attis, a «Grande Mãe».

Ainda que a morte e ressurreição de Attis se celebrasse oficialmente em Roma em 24 e 25 de março, é esta última data considerada como a do equinóxio da primavera e, em consequência, como dia mais apropriado para a ressurreição de um deus da vegetação que estava morto e dormindo todo o inverno. Mas, segundo uma tradição antiga, Cristo padeceu em 25 de março e, por esta razão, muitos cristãos celebraram com regularidade a crucificação neste dia e sem relação com o ciclo lunar. Certamente se costumava proceder assim na Frígia, Capadócia e Gália e por isto cremos razoável pensar que, em algum tempo, foi seguida também em Roma. Assim, a tradição antiga que situa a morte de Cristo no dia 25 de março estava profundamente enraizada. E isto é mais notável, uma vez que as considerações astronômicas provam que não é possível ter fundamento histórico. Parece, pois, que é inevitável a dedução de haver sido datada a paixão de Cristo para que se harmonizasse com uma festa de equinóxio primaveril mais antiga. Esta é a opinião do ilustre Monsenhor Duchesne que declarava que se fêz cair em tal data a morte do Salvador, porque, segundo uma tradição muito distante, foi nêsse dia exatamente que o mundo foi criado. Também a ressurreição de Attis, que reunia em si mesmo os caracteres do Pai divino e do Filho divino, celebrava-se nêsse mesmo dia em Roma.

«Quando rememoramos que a festa de S. Jorge, em abril, substituiu a antiga festa pagã de Paillia; que o festival de S. João Batista, no mês de junho, substituiu a festa gentílica da água no solstício estival; que a festa da Assunção da Virgem, em agôsto, desalojou a festa de Diana; que o dia de Todos os Santos, em novembro, é a continuação de uma antiga festa gentílica dos mortos, concluimos que a natividade do Cristo foi fixada no solstício hiemal por acreditar-se que era o nascimento do Sol. Dificilmente poderá julgar-se temerário e desarrazoado conjecturar que a outra festa principalmente católica, a solenização da Páscoa, possa ter sido de maneira semelhante, e por motivos parecidos de edificação das almas, adaptada de uma celebração similar do deus frígio Attis no equinóxio da primavera.

«É pelo menos, uma coincidência notável, se não se trata, ao que tudo indica, de outra coisa mais, que as festas gentílicas e cristãs da morte e ressurreição divinas, fôssem solenizadas na mesma época do ano e nos mesmos lugares, uma vez que os sítios onde se celebram a morte de Cristo, no equinóxio invernal, fôram Frígia, Gália e provàvelmente Roma, que são as regiões próprias nas quais o culto de Attis deixou profundas raízes. E é muito difícil considerar a coincidência como acidental. Se o equinóxio da primavera nas regiões temperadas é uma estação do ano em que a faze da natureza inteira testemunha um rejuvenescimento de energia vital, e se êste momento em que o mundo se renova anualmente é considerado desde os tempos antigos como a ressurreição de um Deus, nada mais natural do que colocar a ressurreição de uma deidade nova neste mesmo ponto principal do ano. Fêz-se o reparo de que se datou a morte de Cristo em 25 de março, segundo a tradição cristã, em compensação sua ressurreição foi em 27 dêsse mês, que é exatamente dois dias depois da ressurreição de Attis e do equinóxio da primavera no calendário juliano. Semelhante deslocamento de dois dias acontece nas festas de S. Jorge e da Assunção da Virgem. Contudo, outra tradição cristã, seguida por Latâncio e quiçá praticada pela Igreja na Gália, marca a data da morte de Cristo em 23 e a ressurreição em 25 de março. Assim sendo, sua ressurreição coincide exatamente com a ressurreição de Attis». (Frazer — «O Ramo Dourado»).

Quanto aos acontecimentos, de acôrdo com o parecer de um cristão anônimo, que escreveu no século IV.º segundo o historiador, seus colegas, da mesma forma que os pagãos, estranharam a chocante coincidência entre a morte e a ressurreição de suas respectivas deidades, o que deu origem a uma amarga controvérsia entre os aderentes das religiões rivais; os pagãos sustentando que a ressurreição do Cristo era uma imitação espúrea da ressurreição de Attis e os cristãos asseverando com ardor parecido que a ressurreição de Attis era uma falsificação diabólica da ressurreição do Cristo. Nestas indecorosas disputas, a qualquer observador superficial pareceria que os pagãos estavam firmes ao arguir que seu deus era mais antigo e em consequência o original, não o falsificado, pôsto que é lei invariável que o original seja anterior à cópia. Mas, êste argumento era «refutado» pelos católicos que admitiam como verdade ser o Cristo, quanto ao tempo, uma deidade mais moderna. Mas a astúcia de Satã, diziam êles, se havia superado invertendo a ordem habitual.

Como vêem, é edificante esta beleza de argumento. O Diabo com o poder de contrariar a ordem natural das coisas, transformando o presente em passado, numa atitude que não se sabe através da história da humanidade, haja Deus praticado.

Voltemos mais uma vez os nossos olhos para o passado. À medida que a organização e a moral do clero se afastavam do espírito do Cristo, as inovações introduzidas no dogma e no culto foram desnaturando cada vez mais a doutrina. Um formalismo estreito substituiu as livres assembléias dos primeiros dias. A missa substituiu a Ceia. A comunhão real, instituida por Jesus, mudou de expressão. Não é mais o pão fraternalmente repartido, o copo bebido em comum; não é mais o homem que comunga com o homem, no amor universal, sob o olhar do Pai Supremo. Cada um recebe «Deus» por sua conta e para a sua salvação exclusiva. À fraternidade sucedeu o egoismo.

O rosário tomado de empréstimo ao Budismo, materializa a prece; o culto das imagens, adotado pela Igreja depois de lutas sangrentas, ressuscita as superstições do passado; os santos substituiram as divindades das fábulas, para proteção das cidades e das pessoas, e como patronos dos múltiplos ramos da atividade humana. Não se trata mais de fundir o dogma novo às antigas filosofias, como fizeram os primeiros doutôres. Trata-se de acomodar as práticas cristãs aos usos, hábitos e crenças das massas. Faz-se a procissão de tal ou tal relíquia para obter chuvas; invoca-se tal ou tal santo para conjurar a tempestade, para sustar a inundação, para combater o incêndio. Cada doença tem no calendário católico seu curador particular; cada povoação seu protetor especial, representado pelas relíquias de ossos autênticos ou não, ou por uma imagem milagrosa. Capelas consagradas a estas potências secundárias disputam ao Deus verdadeiro as homenagens dos fiéis. O tempo do Paganismo ressuscitou inteiramente.

Contra o poder seguro dos bemaventurados luta a formidável energia do Diabo e as suas legiões malditas. Neste amálgama de povos que invadem a Europa, as sombrias legendas do Norte casam-se com as graciosas ficções do Meio Dia. Para assimiliar estas raças, o Catolicismo engloba tôdas essas ficções em seu culto. Participando ou fingindo participar das credulidades populares, os padres exorcismam os demônios, queimam feiticeiros, registram os prodígios de seus santos a quem concedem «brevets». Estas práticas aceitas antes como uma necessidade, tornam-se em exploração e a Igreja multiplica os milagres para multiplicar seus lucros. A redenção das almas do Purgatório e a venda de indulgências atingem o cúmulo do escândalo, e provocam a Reforma, que deixará na história moderna, um imenso rasto de sangue.

Será êste o Cristianismo primitivo? Poderemos sair da doutrina de simplicidade que nos legou o Cristo, para aceitar tôdas as inovações feitas pelos homens?

Quantas contradições, quantas interpolações, constam dos Evangelhos? É o trabalho humano a materializar aquilo que de mais sublime nos deixou o maior missionário de Deus baixado à Terra.

Muitas considerações teriamos que tecer em tôrno dêstes livros sagrados, escritos por discípulos de Jesus, nunca pelos apóstolos. Aquêles apreenderam bem a moral ensinada pelo Mestre. Infelizmente os pósteros trataram de enxertar, desvirtuar a doutrina de amor e de justiça, de acôrdo com as suas conveniências. Mais tarde trataremos dêste assunto.

Encerremos a tese com uma epístola aos romanos, do Conde de Corbera, escrita em 1768:

«Êstes plagiadores da antiguidade tomaram a água lustral dos hindus, romanos e gregos, suas procissões, a confissão praticada nos mistérios de Cères e Isis, o incenso, as libações, os hinos, tudo, até a vestimenta dos padres. Êles se prosternam, ainda, hoje, diante das estátuas e das imagens de homens desconhecidos, reprovando constantemente aos Péricles, aos Solons, aos Cipiões, aos Catões, haverem dobrado os joelhos ante os emblemas da Divindade. Que digo ! Haverá um só acontecimento do Antigo Testamento que não tenha sido cópia das antigas mitologias hindus, caldéias, egípcios e gregas ? O sacrifício de Idoméia não é visivelmente a origem do sacrifício de Jefte ? A corça de Efigênia não é o carneiro de Isaque ? Não vêdes Eurídice na mulher de Ló ? Minerva e o cavalo de Pegaso escavando os rochedos e fazendo brotar água dêles não reproduzem o episódio prodigioso de Moisés ? Bacchus atravessou o mar vermelho a pé, enxuto, antes do patriarca dos judeus e fêz parar o Sol antes de Josué. As mesmas fábulas, as mesmas extravagâncias de todos os lados . . .

Façamos aqui ponto final, mesmo que, como vulgarizador destas verdades históricas, muito tenhamos ainda a dizer. Deixemos o desenvolvimento da tese para mais tarde, quando nos fôr possível publicar um livro que há muito iniciamos e que a saúde abalada interrompeu.

Doutrina Espírita

Tôda crença é respeitável.

No entanto, se buscaste a Doutrina Espírita, não lhe negues fidelidade.

Tôda religião é sublime.

No entanto, só a Doutrina Espírita consegue explicar-te os fenômenos mediúnicos em que tôda religião se baseia.

Tôda religião é santa nas intenções.

No entanto, só a Doutrina Espírita pode guiar-te na solução dos problemas do destino e da dor.

Tôda religião auxilia.

No entanto, só a Doutrina Espírita é capaz de exonerar-te do pavor ilusório do inferno, que apenas subsiste na consciênca culpada.

Tôda religião é confôrto na morte.

No entanto, só a Doutrina Espírita é suscetível de descerrar a continuidade da vida além do sepulcro.

Tôda religião apregoa o bem como preço do paraíso aos seus profitentes.

No entanto, só a Doutrina Espírita estabelece a caridade incondicional como simples dever.

Tôda religião exorciza os Espíritos infelizes.

No entanto, só a Doutrina Espírita se dispõe a abraçá-los, como a doentes, neles reconhecendo as próprias criaturas humanas desencarnadas, em outras faixas de evolução.

Tôda religião educa sempre.

No entanto, só a Doutrina Espírita é aquela em que se permite o livre exame, com o sentimento livre de compressões dogmáticas, para que a fé contemple a razão, face a face.

Tôda a religião fala de penas e recompensas.

No entanto, só a Doutrina Espírita elucida que todos colheremos conforme a plantação que tenhamos lançado à vida, sem qualquer privilégio na Justiça Divina.

Tôda religião erguida em princípios nobres, mesmo as que vigem nos outros continentes, embora nos pareçam estranhas, guardam a essência cristã.

No entanto, só a Doutrina Espírita nos oferece a chave precisa para a verdadeira interpretação do Evangelho.

Porque a Doutrina Espírita é em si a liberalidade e o entendimento, há quem julgue seja ela obrigada a misturar-se com tôdas as aventuras marginais e com todos os exotismos, sob pena de fugir aos impositivos da fraternidade que veicula.

Dignifica, assim, a Doutrina que te consola e liberta, vigiando-lhe a pureza e a simplicidade, para que não colabores, sem perceber, nos vícios da ignorância e nos crimes do pensamento.

«Espírita» deve ser o teu caráter, ainda mesmo te sintas em reajuste, depois da quéda.

«Espírita» deve ser a tua conduta, ainda mesmo que estejas em duras experiências.

«Espírita» deve ser o nome de teu nome, ainda mesmo respires em aflitivos combates contigo mesmo.

«Espírita» deve ser o claro adjetivo de tua instituição, ainda mesmo que, por isso te faltem as passageiras subvenções e honrarias terrestres.

Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo.

E a Doutrina do Cristo é a doutrina do aperfeiçoamento moral em todos os mundos.

Guarda-a, pois, na existência, como sendo a tua responsabilidade mais alta, porque dia virá em que serás naturalmente convidado a prestar-lhe contas.

Emmanuel

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 13-11-59, em Uberaba, Minas).

—

Obscurantismo a todo vapor...

v. lirenedo

BELA e incisiva a exposição seriada «Doutrina Cruel», do prezado confrade Mário Cavalcanti de Mello, impressa nesta preciosa REVISTA. Também tive que deitar umas linhas no papel a respeito do assunto. Nota-se que os estudiosos da Bíblia, quando libertos de qualquer dogma religioso, e por isso não sectários, sabem pôr de lado os versículos amorais, assimilando para si e para os seus descendentes normas de viver dentro da contenção, do respeito mútuo, social. E entre atender aos tópicos sadios sugestivos do Velho Testamento e fanatizar-se ao seu conteúdo inteiro vai distância imensa. O tristonho é existirem milhões fanatizados a êsse livro. Sim, protestantes, católicos e judeus, ainda hoje, com dois mil anos de Cristianismo, obstinam-se em ostentar antolhos esdrúxulos de tradição, de misticismo, de arremedos confessionais, de convencionalismo literal, que lhes escondem tudo o que há de simbólico e alegórico e absurdo na Bíblia. E até quando durará tal cegueira voluntária e casmurra ?

É óbvio que o Jeová bíblico é um complexo enorme de ruindades e fraquezas e melindres ; tem todos os defeitos capazes de conturbar sèriamente a criatura humana, êle não infirma a fraternidade universal — a Bíblia registra predileções pessoais, tribais, ou povo eleito. E milhões vão nessa conversa embaladora ... de cigana.

Nesta atualidade tumultuada e confusa, não só as nações fortes adotam posturas inamistosas insólitas e agressividades. Leia-se os jornais de maio e junho dêste ano de 1960. Países pequenos, recém formados ou recém libertos levantam o estandarte do despotismo, da truculência, provando que o homem sofre, sofre, mas teima em não aprender a reformar-se, elevar-se, alcandorar-se. Ôlho por ôlho, dente por dente.

Ora, mas nada temos com política e o assunto aqui é de religião. Há um povo que se entranha na Bíblia, o judeu. Nós sabemos que a alma hebréia é normalmente pacífica, sabemos que o pequeno Estado de Israel não desejaria no presente ou no futuro efetivar agressões, dominações extra-territoriais. Até porque para o não repetir-se das bestialidades praticadas pelas tropas nazistas, em o novo exército israelense vai estabelecida uma condição própria a ser adotada por tôdas as fôrças armadas do mundo : os soldados podem rebelar-se a uma ordem desumana, seja qual for a autoridade que a emitir. É em face da espiritualidade que o tradicionalismo religioso judeu se torna grave. E a espiritualidade efetiva no mundo já se retarda demais, para desgraça enorme de todos nós. Houvesse espiritualidade, e poderíamos hoje em dia engatinhar para uma paz de fato, começando assim: lá no Oriente, a prescindir Israel de permanente vigilância astuciosa defensiva, porque os países árabes deixariam de ser hostis à novel nação. Na América do Norte e na África do Sul não se conheceria assim vergonhosa, bárbara e sangrenta descriminação racial. O capitalismo ocidental teria por fato consumado o socialismo soviético e com êle engrenaria uma coexistência pacífica, coisa nada utópica, evidentemente. Em ausência de espiritualidade vemos essa aberração de gorar uma conferência desarmamentista por simples inconsciência e interêsses econômicos, por orgulho e nervosismo de uns poucos cidadãos! E tôda a humanidade aflita. Até quando tanta tensão psíquica? Por que os dirigentes de duas super-armadas nações, antes de conferências transcedentes não visitam com vagar os cemitérios de guerra, os asilos de viuvas e órfãos de guerra, os refúgios de doentes e mutilados e deformados de guerra? Acaso poderão êles alegar ignorância que pelas ruas de Hiroshima e Nagasaqui ainda hoje transitam criaturas humanas cobertas por cestos de vime, a fim de não exporem as horrendas deformações causadas por duas bombas atômicas que eram brinquedo de criança comparadas às superbombas atuais? Ignoram que o radioativo Estrôncio-90 assustadoramente aumentou na ossatura das crianças de países europêus?...

Fala-se bastante agora do livro do estadista Israelense Ben Gurion, «Le Peuple et l'Etat d'Israel», e em folha domingueira paulistana o comentarista, parecendo entusiasta do autor e do livro registra que «... acima de tudo êle (Gurion) é o místico da nacionalidade, crente absoluto na superioridade de seu povo, advogado atual da missão sobrenatural do povo de Israel; que a nação de Deus não é sòmente aquela a que Deus atribuiu uma missão, mas sim a que o próprio Deus está integrado. E dado isso como assente, que outra nação poderá disputar com Israel a supremacia espiritual?» E informa-se haver no livro passagem em que Gurion, magoado, queixoso condena o converso de Damasco «pois Paulo rejeitou os mandamentos da Tora para fundar a religião sòmente sôbre a fé carregada no coração do homem. Ângulo do prejuizo que o cristianismo acarretou aos interêsses nacionais israelitas». E tem a palavra Ben Gurion: — «Contràriamente aos apóstolos palestinianos que se consideravam Judeus em tudo, Saul de Tarso que adotou o nome Paulo, pensava que seu apostolado devia dirigir-se antes de tudo aos Gentios. Êle transformou a seita em uma religião e uma igreja novas; reconhecia sòmente o indivíduo e não a nação. Êle renegou a esperança numa salvação terrestre nacional. No lugar da visão profética que ilumina o futuro e que conjuga a redenção de Israel com a das nações, Saul de Tarso ensinou a crença numa redenção celeste, anunciada por um Messias que já viera.»

E volta o jornalista, generalizando enfim, para o conteúdo do livro de Gurion: — «... seria difícil expressar em palavras mais marcantes o grau de orgulho nacional que marca a mentalidade dos dirigentes israelitas.»

Está aí, caros confrades, como, melancòlicamente, depois de séculos e séculos da vinda do Cristo de Deus, tantas criaturas seguem aferradas a textos abstrusos, composições bíblicas quiçá quantas vêzes, através do tempo, viciadas pelo dedo interesseiro e incorrigível dos homens. Com tais demonstrações de intolerância, arrogância, sectarismo, facciosismo entranhado, o judaísmo, imitado por diversas formas pelo catolicismo e protestantismo, estaciona até hoje na quadra caliginosa do período abrâmico assim distanciado em tudo da magnitude da escola de Jesus de Nazaré— o enviado autêntico do Deus verdadeiro, Pai do mundo e dos homens. E freqüentemente imergem num oceano de contradições os que se impregnam do Velho Testamento, eis que por outra o próprio Moisés é desprezado nos seus mandamentos de não matar e de não roubar, tanto que sacerdotes graduados continuam encarniçadamente favoráveis à pena de morte, e em muitos países, principalmente sulamericanos continuam êles se ligando a govêrnos criminosos contra o povo—passam a ser deliqüentes por conivência espontânea e também chegam a roubar na sombra, de mil maneiras, covardemente, sem se exporem um mínimo à reação dos prejudicados, das vítimas. Na África do Sul, membros das juntas oficiais inimigas dos negros são (que portento!) cavalheiros titulados por ramos das igrejas da Reforma. Estamos imaginando que ante o chão juncado de cadáveres de pobres nativos negros, êsses novos Cruzados de blusões esportivos, e Bíblia na mão, juram contritos por um novíssimo «Deus o quer».

Os adeptos cristalizados do Jeová bíblico, mesmo situados nos postos importantes de nações, ou à frente de organizações religiosas, continuam com o egoista e já de todo inadmissível SÒMENTE NÓS, PRIMEIRO NÓS ; SÓ EU, PRIMEIRO EU. Talvez no subconsciente, no espírito tragam vontade de ser vassalos prepotentes, ajudantes fieis de uma divindade antropomórfica, quiçá com asas, com dominação especìficamente geocêntrica... Uma divindade que ora castiga, ora recompensa ou manda doenças e pestes e fome, e ora quer sacrifícios inumanos, materiais, gostando imenso de bajulação e servilismo exatamente como tantos terreníssimos homens do comércio, da indústria, de governos.

Outrossim, no que tange ao judaismo, arrolemos uma consideração tôda especial: qualquer mente assimila com facilidade, quanto de coragem e estoicismo, de heroicidade e sacrifício continuado haverá custado aos hebreus de antanho o estabelecer e a manutenção da crença monoteísta, num mundo antigo amalgamado em feroz paganismo politeísta, fetichista. Magnificente seria, pois, que os descendentes atuais daqueles gloriosos peregrinos avançassem ainda e sempre no caminho infinito da inspiração, da intuição, das evidências eloqüentes, para a absorção oportuníssima de mais verdades espirituais — Verdades espirituais de transcedência total, hoje fàcilmente acessíveis, hoje por graça de Deus reveladas clara e reiteradamente.

Os que se aferram às ortodoxias dogmáticas não podem continuar pretendendo que a humanidade estacione com êles em becos estreitos e sem saída para claridades maiores. Porque os tempos são meridianamente chegados. E, perante a vida, perante Deus, que atitude tomaremos — a do equilíbrio, a das mundanidades, a do desvario? Troam os canhões na Ásia. Nos quatro cantos do mundo, em revoluções e sedições experimentam-se aos milhares novas armas e recursos de guerra. Para fins de destruição estão mobilizados um sem número de técnicos, químicos, biólogos, matemáticos. As consciências das camadas dirigentes das nações seguirão como até aqui: insensíveis, anestesiadas, narcotizadas em função de um caos integral próximo?

Que os tempos hão chegado há mil indícios diretos reclamando meditação. Êstes dias que correm se encarregam de ressaltar uma ultra evidência, pois que é ela concreta, visível, é geográfica e próxima — Brasília. Sim, quando das iniciais mensagens do Além, há poucos anos atrás, citando o Centro do Brasil como guarida futura a coletividades alienígenas sofredoras, tangidas pela sempre repetida fraqueza consciencial de grupos governamentais do mundo, muitas pessoas duvidavam das possibilidades de uma terceira guerra, e outras muitas imaginavam o povoamento efetivo do Oeste brasileiro para, no mínimo, nos começos do Terceiro Milênio. No entanto estamos vendo que os grandes da política internacional são capazes de agorinha mesmo lançar a humanidade em nova matança geral legalizada. E como por magia, o nosso Oeste está saído do abandono em que sempre esteve, os que hoje trabalham naquela área, os seus engenheiros eram já adolescentes ao tempo da notícia precisa e preciosa. No entanto, para o hoje e o amanhã das gentes, Brasília e seus povoados satélites são concretizações estupendas apesar dos céticos de todo tipo, apesar da politicagem deletéria que teimosamente se atiça até agora numa demagogia derrotista rotulada em sibarita bossa nova de «oposição sadia» àqueles que porfiam por um Brasil evoluído, àqueles que porfiam por um Brasil desenvolvido, hígido, acolhedor. E as mensagens espiríticas, de cujos enunciados jamais duvidei desde que pela graça de Deus me acheguei à Doutrina, nessa realidade a acontecer e crescer no Brasil Central mais uma vez provam que, quando os Mentores Maiores elaboram metas providenciais, mesmo nas condições mais adversas elas são alcançadas e serão alcançadas com ou sem a boa vontade dos homens, e até apesar do derrotismo dos homens.

É bem hora de o romanismo, o reformismo e o judaísmo deixarem de interêsses terra-terra, deixarem o periférico enganador penetrando a interiorização, o Espírito da Verdade, assimilando que muitíssimo acima de tôda componência dogmática humana sobrepairam as luminuras eternas ditas e exemplificadas por um Cristo que nada escreveu. Para o bem e equilíbrio do orbe em marasmo crescente é imprescindível compenetrarmo-nos que o Gólgota significou supremo e universal comando-apêlo a que nos amemos uns aos outros em sinceridade efetiva, filhos que somos de um só Pai divinamente bom. Depois de tanta obscuridade aplicada e estudada, dirigida e tecnizada por minorias em detrimento maciço da maioria, devemos agradecer a Deus tenham milhões de criaturas se encaminhado para a fé raciocinada, fé esclarecida que liberta dos sofismas e artimanhas dos homens, descortinando à nossa compreensão tantas das maravilhas do Eterno. E, com unção repetiremos como prece os augúrios mais do que oportunos de nosso confrade Mário Cavalcanti de Mello.

— Que o Pai Divino afaste de todos nós doutrinas religiosas crueis para, com mais pressa, amarmos cordialmente o nosso próximo. Que a humanidade possa sempre mais integrar-se nos ensinos do Cristo libertando-se dos dogmas facciosos que os teólogos da Terra teimam em impingir e estabilizar.

Ainda, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

Depois dos nossos três últimos trabalhos, apreciando sôbre o que se escreveu no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do dr. Osmard Andrade Faria, em relação ao Espiritismo, pretendiamos, no momento, não mais voltar em tais exames, sôbre literaturas contrárias aos postulados de Kardec. Mas não seria justo silenciarmos, sem um devido reparo no livro, «O Hipnotismo», do prof. Karl Weissmann.

O autor, pela forma acessível na sua linguagem, teria, na nossa opinião, apresentado em síntese um trabalho completo para a generalidade do público, não fôsse ali aquela página maculada, ao tratar os espíritas, sem que tivesse o conhecimento necessário sôbre os estudos da nossa doutrina. Tudo indica ter também incidido no mesmo êrro de outros, confundindo os termos «espírita» e «médium», quando um e outro não são a mesma coisa.

É de se notar que o autor, ao cuidar dêste assunto, por uma forma lacônica, revela não ter procurado nas fontes básicas da doutrina os informes seguros sôbre o que pretendeu escrever, fiando-se na opinião de outros, também alhêios aos conceitos de Kardec. Vamos ver, para em seguida analisar, estas suas palavras da pág. 168; do seu livro: «Dentre as pessoas particularmente propensas a auto-hipnose espontânea apontam-se freqüentemente os espíritas. É de conhecimento geral que os espíritas são particularmente sensíveis à hipnose. Sabemos que a suscetibilidade hipnótica cresce em razão da fé de exercício de concentração e de propensão individual para as atitudes abstratas. Já não estranhamos as propaladas facilidades dos espíritas nêsse domínio, muito embora entre êles a verdadeira natureza de semelhantes fenômenos anímicos costuma ser deliberadamente ignorada.»

Sem dúvida, o autor, que se mostra de muita experiência na arte prática de hipnotizar, merecendo aplauso e simpatia do público em geral, onde nos achamos também, não foi feliz ao desejar sair desta sua restrição, para cuidar dos espíritas. Desconhecendo a verdade sôbre os adeptos do Espiritismo, por negligência de realizar buscas diretas a exemplo de todo investigador prudente, preferiu a comodidade em colhêr informes apressados, confiando em terceiros, que também se revelaram nada saber sôbre os princípios de Kardec. Se assim não fosse não teria empregado estas expressões: «apontam-se freqüentemente os espíritas...» — «É de conhecimento geral...», atribuindo assim a outros, em um sentido de generalização, uma responsabilidade que deveria ser sòmente sua, por achar-se no trabalho de sua exclusiva lavra.

Infelizmente, para o autor, tal atitude tira-lhe o valor do seu livro, se ali pretendeu oferecer qualquer colaboração de interêsse científico, porque êsses terceiros, no seu geral, naturalmente são os leigos desautorizados para falar sôbre as questões relacionadas com as complexidades dos fenômenos mentais. É claro, não se trata dos sábios, pois dêstes, uma substancial ala pende para nosso lado, não se podendo portanto falar em generalidade contrária.

E é preciso compreender que «espírita», assim se chamam aquêles que se dedicam aos estudos de um corpo de obras doutrinárias de Kardec, das quais se tornam adeptos. Logo, não seria estudando literaturas doutrinárias que iria predispor o indivíduo a se tornar sensível à hipnose, quando esta predicação revela ser um dom natural, de causa ainda desconhecida no seu desenvolvimento em certos pacientes, independente de raça, sexo, crença, profissão etc, etc.

Quanto à capacidade dos espíritas para a fé e a concentração, meditativa, não são predicações ùnicamente nossas, conforme o seu dizer de que assim propalamos a nossa facilidade nesse domínio. Tais atitudes pertencem a tôdas as doutrinas religiosas, onde se cultiva a oração com o devido respeito às coisas sagradas, seja qual fôr a forma adotada para cada qual, pois o que prevalece para essa igualdade é o sentimento íntimo.

Logo, se êsses dois predicados, inerentes à oração quando sincera, gerassem por si só a hipnose, na razão crescente pela suscetibilidade, ela não iria atingir apenas os espíritas, mas também os adeptos em geral dos demais credos, considerando-se ainda que não somos maioria. E sendo o Espiritismo uma doutrina de fundo religioso, lògicamente, pela seriedade com que consideramos êste aspecto, em tôdas as nossas reuniões (conferências, preleções, solenidades...) a oração está sempre presente no ato de início e encerramento.

É claro que nas nossas práticas doutrinárias não se iria fazer exceção, seguindo-se assim a mesma norma no comêço e no fim das sessões. Mas o fenômeno nestas vêzes, de ambientes preparados para estas finalidades de práticas mediúnicas, não se desencadêa pelo fator fé e concentração. Se esta fôsse a realidade, todos os presentes seriam tomados pelo transe. Mas é o que não se dá. As duas atitudes no orar só favorecem aos indivíduos de qualidades já suscetíveis na sua natureza.

Portanto, o fator decisivo para o desencadeamento do fenômeno está na própria suscetibilidade do indivíduo, e independente de que seja espírita. Os insuscetíveis podem orar com fé e concentração, mas o desencadeamento, como tem sido o desejo de muitos, não os atingirá. E, como já dissemos, o fato do paciente ser espírita, esta qualidade em nada influe na obtenção do transe, nas nossas sessões mediùnicas.

Ainda convém saber que quando falamos em transe, êste termo não é sinônimo de hipnose. Por êle compreende-se a mudança de estados conscienciais. Uma vez no estado de subconsciência, parcial ou total, a manifestação tanto pode ser hipnótica ou mediúnica, sendo àpenas esta a de interêsse no Espiritismo.

Mas a prática mediúnica não é uma propriedade exclusiva dos espíritas, como acreditam os desconhecedores do assunto, que julgam ser sinonímias as duas formas, Mediunismo e Espiritismo, quando um e outro se diferem nos sentidos. Nos grupos sincréticos (Umbanda, Terreiros e outras semelhanças) também cuidam do mediunismo, mas sem as precauções necessárias para não se entremeiar com a hipnose. Tal prática nesses sincretismos ainda se dão pelas formas primitivas, por falta de orientação básica.

No entanto, no Espiritismo, onde o estudo básico antecede obrigatòriamente a parte prática mediúnica, a hipnose não interfere porque, se tal se der, a sua intromissão denuncia-se pelas suas características diferentes das dilatadas produções do mediunismo.

Por aí se vê não ter o autor de «O Hipnotismo», conhecimentos sólidos sôbre o assunto. Além de nos atribuir a fé e a concentração como fatores decisivos para o desencadeamento do transe, ainda tem êste fenômeno, de mudança de estados de consciência, como propriedade única da hipnose, revelando assim desconhecer o mediunismo, tão bem cuidado por célebres cientistas nos laboratórios.

Ainda, outro ponto falso é quando diz serem os espíritas propensos às atitudes abstratas.

É mais uma confirmação do seu completo desconhecimento sôbre os nossos postulados. Ora, entre nós dá-se pelo contrário. Não usamos criações imaginativas, nem posturas em êxtase pelo maravilhoso ou sobrenatural, não crêmos em milagres e não estamos firmados em dogmas, enfim, nada adotamos fora da razão explícita.

Aceitamos a espiritualidade pela fé raciocinada, com base em provas concretas, vistas, tateadas e fotografadas. Tais testemunhos não se limitam nas nossas práticas doutrinárias dessa natureza mas, como já dissemos, também nos laboratórios, por célebres sábios, onde os fenômenos são investigados sob todo o rigor da ciência.

É lamentável que o autor de «O Hipnotismo», culto e inteligente, se descuidasse da averiguação de tais fenômenos. Tivesse dentro da sua honestidade de pesquisador sensato, entrado em contato com as literaturas científicas, sôbre o assunto, e temos a certeza de que a sua conduta seria outra em relação aos espíritas. E com esta outra aprendizagem sairia dos limites em que se acha no campo da hipnose, passando a reconhecer que não são os espíritas que costumam desconhecer deliberadamente a verdadeira natureza de semelhantes fenômenos anímicos, porque a extensão do nosso mediunismo ultrapassa a restrição do hipnotismo.

É de se notar que o prof. Karl Waissmann, nesta tarefa, aventurou-se em terreno que lhe é ainda estranho, cujo maravilhoso cosmos mental do subconsciente, não basta se pôr ùnicamente a hipnotizar para conhecê-lo. Mas é preciso observar, pesquisar e considerar o que fazem os grandes mestres nêsse domínio.

Poderiamos aqui cuidar algo sôbre o que dizem as provas científicas dos fenômenos mediúnicos na sua amplitude. Mas isto seria voltarmos no mesmo tema por nós exposto há pouco, nestas mesmas páginas dos últimos exemplares, quando cuidámos do «Manual de Hipnose Médica e Odontológica».

Contudo, se necessário, não recusaremos voltar e debater a questão, dentro da nossa ética doutrinária, de respeito e esclarecimento, lutando com as armas da lealdade e justiça.

E aqui findamos, certos de que o autor, na próxima oportunidade, terá mais cuidado na coleta de informes, sôbre os aspectos dos nossos postulados de religião, filosofia e ciência.

Caixa Postal 153 — Araráquara
Est. S. Paulo

Os Grandes Compositores no Além

A atividade dos gênios que passaram pela Terra para trazer as vibrações suaves da música erudita, continua no mundo espiritual e provas temos disso através de certos médiuns.

Apresentámos de modo sucinto a atuação de Gluck, Mozart, Chopin e Schumann, espíritos missionários da música clássica e romântica.

Gluck (1714-1787) autor alemão de operas clássicas, como Orfeu (que contém a curiosa Dansa dos Espíritos), Alceste, etc. segundo nos relata Z. Wantuil na sua obra documentária «As mesas girantes e o Espiritismo» (ed. F. E. B. 1958 p. 247) enviou uma mensagem musical, para piano, em papel pautado. O fato ocorreu em Paris, em 1853 ou 1854, e a ária foi reconhecida como sendo de Gluck, cuja evocação fôra pedida, sendo obtida por meio de um quadrante que continha notas e sinais musicais.

Mozart (1756-1791) o gênio de Salzburgo, revelou-se já aos cinco anos e não cessou de trabalhar até o famoso «Requiem», seu canto de cisne, cuja origem encerra uma história de fundo espí-

rita, muito conhecida. É a «Revista Espírita», de Allan (trad. de J. Abreu Filho, ed. LAKE, S. Paulo) no vol. II, 1859 p. 137, que trata da comunicação de Mozart dada ao médium francês Bryon-Dorgeval, em Paris. Inicialmente o espírito disse que a música no além é diferente da dêste mundo pois «temos sentidos que ainda não possuís; aqui tôda a natureza faz ouvir sons melodiosos»; em seguida ditou um fragmento de sonata, publicada naquêle tempo. Não conseguimos obter uma cópia dessa rara obra mediúnica, pois os alemães na 2.ª Guerra Mundial destruiram todo arquivo da «Casa dos Espíritas de Paris». Cremos que sòmente a Federação Espírita Brasileira ou o dr. Canuto de Abreu Filho, que recolheu extensa documentação espírita na França, tenham uma cópia dessa sonata.

Chopin (1810-1844), o grande pianista polonês também comunicou-se pelo mesmo médium já citado (Rev. Espírita vol. II, 1859 p. 138); permanecia errante e mais feliz que na Terra. Disse: «temos às nossas ordens legiões de executantes que tocam as nossas composições com mil vêzes mais arte do que qualquer de vós». «O instrumento de que servem é a própria garganta, e são auxiliados por uns instrumentos, espécies de órgão, de uma precisão e de uma melodia que, parece, não podeis compreender». A revista SEMADO, n.º 7, 1960, órgão do Grupo E E E, em Esperanto, pela pena de I. G. Braga, anuncia que uma médium brasileira, autora de livros (talvez Yvonne A. Pereira), possue a capacidade, quando em transe, de conversar com Chopin e outros espíritos. Pretende ela publicar uma obra dedicada à vida do poeta da música, no além. Num dos encontros, poude a médium notar Chopin envolto em aura azul, modesto e gentil, porém quando se lembra da vida na Terra, torna-se infeliz, doentio e chora.

Schumann (1800-1856), o romântico músico alemão ocupou-se das mesas girantes em 1853, segundo anotou Z. Wantuil, na obra acima citada p. 85. Era um médium audiente, porém sofreu séria perturbação mental no fim da vida terrena. Do outro lado, êste mestre do romantismo musical enviou pela médium srta. R. também em Paris, no princípio dêste século, uma bela peça para piano, em dois movimentos (Maestoso e Andante), chamada «Meu Último Suspiro». Os detalhes desta comunicação acham-se em «Luce e Ombra» 1907, p. 12 (com cliché musical), e resumido nesta revista n.º 3-4, 1958, p. 78.

Cícero Pimentel

Santo André, 23/7/1960

Serões Bíblicos - II

Redator: LUIZ CARAMASCHI

A velha Bíblia

Chilon — No dia imediato ao do meu primeiro encontro com o filósofo Árago, tornei ao seu telheiro da fóz do Rio Mandira, passando lá uma tarde magnífica. Andei com êle, em sua canoa, passeando pelo Rio das Minas, subindo até perto da embocadura do Rio Ipiranguinha. Em certo ponto, Árago meteu-se inteiro dentro dágua, a fim de desprender o arame que tinha prêso a uma raíz submersa, puxando para fora um covo de taquara com algumas lagostas, camarões e peixes. Deixado novamente o covo no mesmo sítio, rumamos diretamente para Cananéia. Depois do jantar, no qual tomei parte, com muito gôsto, fomos todos para a bibliotéca ouvir música suave, adormecedora, recostados em poltronas. Passada uma hora mais ou menos, começamos a palestra, tendo sido eu o primeiro quem falou:

—Bem, meu caro Árago, estou ansioso por ouvir-vos sôbre o tema de hoje.

Árago — Qual é êle?

Chilon — Qualquer um daqueles já referidos. Uma vez porém que vamos estudar coisas da Bíblia, acho que devíamos saber primeiro o que ela seja. Êsse livro muito discutido, base de tantas seitas diferentes, é ponto de fé, principalmente para tôdas as seitas vindas da Reforma. Para estas a Bíblia é a indiscutível palavra de Deus, por conseguinte, tôda de inspiração divina. Que achais ?

Árago — Calma Chilon ! Eu não acho nem isto nem aquilo. Nós vamos estudar êsse assunto com a técnica precisa, com método. Em primeiro lugar tu me hás de dizer qual é a autoridade máxima entre os seguidores da Bíblia.

Chilon — Digo que são Moisés e Cristo. Eu vos apresento duas autoridades, e não uma, porque para os Cristãos é Cristo ; porém para os judeus continua ainda sendo Moisés, que já o era antes de Cristo. Mas como não nos interessamos pelos judeus, digamos então que a suprema autoridade bíblica é Cristo.

Árago—Nêste caso, a primeira coisa a ser feita é ver o que disse o mesmo Cristo do Velho Testamento, pois o Novo relata coisas dêle próprio. Tu que és lido no assunto, discorre sôbre o que sabes.

Chilon—Os primeiros capítulos dos Evangelistas Mateus e Lucas tratam da genealogia de Cristo, fazendo-o brotar do galho de Daví, que saiu de Abraão. Marcos nos apresenta Cristo já adulto, sendo batizado no Jordão por João Batista. Êste batismo de Cristo, feito por João, filia aquêle à seita dos Essênios, segundo muitos. João Evangelista, em seu Evangelho, mostra a filiação divina de Cristo, dizendo ter sido êle o Verbo que estava no princípio com Deus, pelo que era Deus. Três filiações portanto : a humana, a social e a divina.

— E Cristo firma sua autoridade divina na histórica que é social. Mas vamos às coisas por ordem : Em Mateus 21, 42, Marcos 12, 10 e Lucas 20, 17, diz Cristo : Nunca lestes nas Escrituras : A pedra que fôra rejeitada pelos edificadores, essa foi posta por cabeça do ângulo ? Etc... Essa Escritura, a que se refere Cristo, é a do profeta Isaias, e está no capítulo 28, versículo 16. Em Marcos 12, 24, diz Cristo : Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres ; mas serão como anjos de Deus no céu. Todavia êste ponto não é achado no Velho Testamento, de modo explícito, pelo que se conclui que Jesus, para dizer isto, fêz a exegese de algum outro, no qual esta idéia fica implícita. Em Mateus 26, 54 e Marcos 14, 49, exclama Cristo : Como se cumprirão logo as Escrituras, que declaram que assim deve suceder ? E esta Escritura está em Isaias 53, 7. Em Mateus 26, 24, está : O Filho do homem vai certamente, como está escrito dêle etc. E Mateus declara, no capítulo 26, versículo 56, «que tudo isto assim aconteceu, para que se cumprissem as Escrituras dos profetas.

—Lucas diz, no capítulo 4, 16, que Cristo foi à sinagoga dos hebreus, e tendo desenrolado o livro do profeta Isaias, leu o que está escrito no capítulo 61 versículo 1. Enrolando de novo o livro, disse para os presentes :—Hoje se cumpriu esta profecia nos nossos ouvidos. Depois da ressurreição Cristo aparece a dois discípulos que iam para Emaús. E tendo se acercado dêles, sem se dar a conhecer, *ensinou-lhes as Escrituras* (ver Lucas 24, 27 e 32), *começando por Moisés,* quer dizer, pelo Gênese, discorrendo, diz o texto, *por todos os profetas,* explicando-lhes o que dêle se achava dito em tôdas as Escrituras.

—Em João, no capítulo 5, versículo 39, recomenda Cristo :—Examinai as Escrituras, pois julgais ter nela vida eterna, e elas mesmas são as que dão testemunhos de mim. E em João 7, 38, declara :—Quem crê em mim, *como diz a Escritura,* dêle correrão rios de água viva. As escrituras desta parte se encontram em Deuteronômio 18, 15, Isaias 12, 3 e 44, 3. Em João 7, 42, interroga Cristo :—Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Daví, e de Belém, da aldeia de onde era Daví ? E que Escritura diz isso ? É a que se acha inserta em Jeremias 23, 5 e Miquéias 5, 2. Em João 10, 34 pergunta Cristo : — Não é assim que está escrito na vossa lei ? Eu disse : vós sois deuses ? E pouco mais adiante acrescenta que a *Escritura não pode falhar* (João 10, 35). Que lei é esta referida por Cristo ? É a que se encontra em Salmos 82, 6 (João Ferreira de Almeida).

—Noto aqui, prezado Árago, com espanto, que Cristo chama lei às poesias de Daví ! E mais me espanto ainda, quando declara, em se referindo a esta lei, que a «*Escritura não pode falhar*» (João 10, 35). E em Lucas 24, 44, diz expressamente, Cristo : «convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos».

— Em João 17, 12, orando Cristo a Deus, a êste recomenda seus discípulos na prece, declarando que até então os guardara, e que nenhum se perdeu, exceto o que já era filho da perdição ; e acrescenta que tudo sucedeu para que a Escritura se cumprisse. Também, para se cumprisse a Escritura inserta em Salmo 22, 18, não foram rasgadas as vestes de Cristo, e antes se lançaram sortes sôbre elas (João 19, 24). Eis de novo o poema de Daví funcionando como profecia e lei. Igualmente para que se cumprisse a escritura do Salmo 69, 21, disse Cristo na cruz : — Tenho sêde (João 19, 28). Ainda, para que se cumprisse a Escritura do Êxodo 12, 46, Cristo morreu antes do sábado, para que não sucedesse, como aos ladrões, lhe quebrarem as pernas e os braços (João 19, 36).

— Depois de tudo isto, Cristo, como querendo enfeixar tôda esta doutrina numa sentença, declarou : — Não cuideis que vim destruir a lei, ou os profetas ; não os vim revogar, senão cumprí-los. E acrescenta :— Porque em verdade vos afirmo que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só i, ou um til, sem que tudo seja cumprido. E ameaçando, agora, prossegue : — Aquêle pois que quebrar um dêstes mínimos mandamentos, e os ensinar aos homens, será chamado pequeno no reino dos céus ; mas o que os guardar, e ensinar guardá-los, êsse será reputado grande no reino dos céus (Mat. 5, 17 a 19).

— Êstes são os pontos, estimado Árago, em que Cristo mostra seu respeito pelas Escrituras, seja fundamentando nelas sua autoridade, seja cumprindo à risca o que fôra predeterminado pelos profetas. Que me dizeis a respeito disto ?

Árago — Digo que se Cristo valida as Escrituras, que vão do Gênese a Malaquias, e sendo êle a autoridade suprema entre os cristãos, nenhum cristão poderá desautorizar as Escrituras, sem desautorizar também a Cristo.

Chilon — E se houver quem desacredite o Velho Testamento ?

Árago — Êsse desacredita também a Cristo, pelo que não é cristão.

Chilon — Porém, e se êsse sujeito se disser cristão ?

Árago — Se afirmar que é cristão e negar aquilo que Cristo afirma, e em que se firma, comete um êrro que em lógica tem um nome muito simples : absurdo.

Chilon — Será porém que Cristo valida todo o Velho Testamento ?

Árago — Isso é o que nos cumpre verificar agora ; todavia se depois disto ficar provado que Cristo valida todo o Velho Testamento, não cairá êste, sem que também caia Cristo.

Chilon — Mas como é que iremos proceder esta averiguação ?

Árago — Ainda examinando o texto nas partes em que Cristo discorda do que está escrito. Se houver dêstes pontos não autorizados por Cristo, êstes estarão revogados.

Chilon — Cristo discorda do passado nos pontos em que torna mais rigorosa ainda as prescrições dadas aos antigos, e tanto que declara : Se a vossa justiça não superar à dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus (Mateus 5, 20). E daqui em diante vem, no mesmo capítulo, a reforma da lei, não pela revogação do que está escrito, senão por um aumento de rigorismo. Do versículo 21 em diante vêm as partes que são encabeçadas pelas palavras : «ouvistes o que foi dito aos antigos».

— De maneira que Cristo discorda, não por anulação ou abrandamento dos preceitos, senão pelo aumentar-lhes a estreiteza.

Árago — Então Cristo respeitou, cumpriu, ampliou e recomendou as Escrituras antigas, não é assim ?

Chilon — Exatamente.

Árago — Logo, não poderá dizer-se cristão quem subestima e nega o que Cristo respeitou, e cumpriu, e ampliou, e recomendou.

Chilon — Mas isto não pode ser assim, «in totum», meu amigo, pois outro dia estando eu assistindo às festividades de Nossa Senhora dos Navegantes que, como sabeis, são tradicionais aqui em Cananéia, pelo que o vilarejo se regurgita de forasteiros e mercadores, estando eu, como dizia, assistindo a êsses festejos, parei, sem o perceber, nas proximidades de uma barraca, onde um camelô mascateava suas bugiarias.

Mais tarde vim a saber que o homem atendia pelo nome ou apelido de Lumbáio.

— Como bem o sabeis, a 15 de agôsto, encerram-se, todos os anos, os festejos em honra de Nossa Senhora dos Navegantes. Nêsse dia uma embarcação maior, enfeitada com capricho, segue na frente levando consigo a banda de música e a santa, enquanto o grosso do acompanhamento, constituido de embarcações de todos os tipos, vai atrás soltando foguetes e rojões.

— Na hora da procissão, portanto de pouco movimento nas ruas, porque o povo aflui em massa para os lados do mar, Lumbáio travou discussão com um dêsses fanáticos que a si se dão o nome de testemunhas de Jeová. A todo custo Alonstro, o testemunha de Jeová, queria converter Lumbáio, o camelô, para sua grei. Para se ver livre da importunação de Alonstro, Lumbáio atacou a Bíblia, chamando-a de livro imoral, pois Abraão, de mêdo de morrer às mãos dos egípcios, concordou em que Sara, sua mulher, se fizesse prostituta de faraó (Gênese 12, 11 a 18). E Jeová, que é Deus parcial, pune a faraó e não a Abraão que se sai muito rico dêste evento, como refere o texto. Como se não bastasse esta ciganice de Abraão, mais negocista que eu (continua Lumbáio), repete a mesma traça com o rei Abimeleque, como se pode ver em Gênese capítulo 20 de 1 a 14. Sai Abraão desta outra ciganada de riquezas aumentadas, pois Abimeleque lhe mandou dar (vers. 14) ovelhas, vacas, servos e servas. Mais justos foram faraó e Abimeleque do que Abraão; contudo Jeová, pactuando com aquelas falcatruas de Abraão, esteve na parcialidade dêste contra aquêles dois reis.

— Êste homem desprezível, continua Lumbáio, é cognominado «o pai da fé», pelos protestantes que são paulinianos, visto que S. Paulo declarou que «pela fé ofereceu Abraão a Isaque» (Heb. 11, 17) em holocausto, que só não se consumou, porque o mesmo Deus o suspendeu por um anjo na hora extrema. A coisa está em que aquí perderia a vida Isaque, e por isso Abraão tem fé; todavia quando, no Egito e no reino de Abimeleque, foi a vida mesma de Abraão que esteve em jôgo, então Abraão não tinha fé.

— Quer que fale agora, Alonstro, prosseguiu Lumbáio, da aventura de Siquem, filho do rei Hemor heveu, com Diná, filha de Jacó? Leia-se o capítulo 34 do Gênese, e depois cada um se pergunte: por que razão Jeová não puniu tamanha injustiça e barbaridade de que se pasmam os leões, os tigres e os chacais ?

— E dêste modo, prezado Árago, foi despejando Lumbáio o seu carcás, alvejando e ferindo a Alonstro com sua palavra fácil, até que êste fugiu horrorizado, como se tivesse dado de cara com o demo em pessoa.

— Que me dizeis agora a isto ? Endoçaria Cristo estas e outras abjeções contidas nos livros sacros ?

Árago — É certo que não. E aí estão os pontos que Cristo desautorizou com seus ensinamentos e atos.

Chilon — Lumbáio em seu discurso disse que Jeová é um Deus provincial, ciumento, cruel, parcial e gostador do cheiro de assados, no que eu acho que êle tem razão. Que me dizeis ?

Árago — Digo que Lumbáio e tu tendes razão. Jeová é um Deus concebido por selvagens, para uso de selvagens. É por isso que Voltaire, falando sôbre «Alma», no seu «Dicionário Filosófico», depois de transcrever um trecho do Deuteronômio, acrescenta: «É manifesto nada haver em tôdas essas promessas e ameaças que não seja temporal. Nem uma palavra sôbre a imortalidade da alma. Nem uma sôbre vida futura». (op. cit. 18). Não surtiria efeito desejado se estas falas de Deus se referissem a prêmios e castigos futuros. Observando esta mesma regra, a pedagogia moderna ensina que as crianças não se sentirão motivadas ao aprendizado, se lhes oferecermos prêmios futuros, longínquos, distantes. Há de se lhes afirmar que os prêmios serão distribuidos no final da aula, àquelas que mais se esforçarem.

Se você errou desastradamente, não se precipite no desespêro. O reerguimento é a melhor medida para aquêle que cai. — ANDRÉ LUIZ.

Dever das Instituições Espíritas a Defêsa da Educação Democrática

Definida a posição dos espíritas em face do projeto de Diretrizes e Bases — Mobilização de esforços para sua rejeição no Senado

A posição dos espíritas, em face do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foi claramente definida no memorial que o Club dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo enviou ao Senado. Êsse memorial recebeu apôio imediato e entusiástico do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede no Rio, e de outras instituições doutrinárias. A atitude enérgica do Club, classificando o projeto como medieval, e portanto retrógrado, não deixa dúvida quanto à repulsa dos espíritas ao mesmo.

Mas não basta isso. Os espíritas não podem cruzar os braços diante da ameaça que pesa sôbre a educação nacional. Da educação depende o futuro do país. Se tivermos um sistema educacional de tipo medieval, como pretende o projeto aprovado pela Camara Federal, teremos pela frente as lutas mais amargas. O retrocesso histórico determinado pela lei não se cumprirá fàcilmente, mas as fôrças retrógradas estarão armadas de um instrumento legal, para imporem a sua vontade.

Tôdas as instituições espíritas estão, portanto, no dever de manifestar sua repulsa ao Senado da República, que deverá dar, dentro de poucos dias, a última palavra, no plano legislativo, a respeito do assunto. A pressão dos interessados está sendo enorme sôbre os Srs. Senadores. Ao mesmo tempo, a campanha através de jornais religiosos, do rádio, e por meio de reuniões, de conferências e outras várias modalidades, para convencer o público de que o projeto medieval é excelente, desenvolve-se de maneira intensiva. Ou opomos a essa onda confusionista os nossos esforços, a nossa decisão, ou não teremos amanhã, o direito de clamar contra as inevitáveis injustiças que iremos sofrer.

O projeto medieval representa a negação de tôdas as conquistas da educação democrática. Para começar, determina a criação do Conselho Federal de Educação, órgão que regerá a distribuição de verbas, com elementos oficiais e particulares. Quer dizer que representantes das escolas particulares, na sua maioria de ordens religiosas, passarão a reger os fundos educacionais do país. O mesmo acontece com os Conselhos Estaduais. As escolas particulares passarão a dividir com a escola pública os recursos oficiais destinados a esta, e que já são insuficientes. Isto acarretará o aniquilamento progressivo da escola pública, livre, democrática, em benefício da escola particular, e principalmente da confessional.

O projeto medieval se refere, em seu artigo 20, alinea «b», à atenção que terá de ser dada, no processo educacional, «às peculiaridades dos grupos sociais». Isto quer dizer que os privilégios de classe e de seita voltarão a ter fôrça de lei. O projeto sustenta a absoluta prioridade da família na educação, devolvendo o nosso sistema educacional às normas vigentes na Idade Média, sem levar em conta a aspiração democrática de uma sociedade igualitária. Êsse teor sectarista e divisionista adquire plena intensidade no artigo 30, quando se nega a obrigatoriedade do ensino, permitindo aos pais pobres que não mandem seus filhos à escola. A pobreza deve continuar pobre e ignorante, para que as classes privilegíadas não sejam ameaçadas em seus direitos.

Tão sinuoso e confuso é o projeto, prometendo uma liberalidade num tópico vago, para negá-la depois num artigo ou parágrafo decisivo, que permite os maiores sofismas por parte de seus defensores. Basta, porém, que os espíritas prestem atenção à condição social e religiosa dêsses defensores, para compreenderem o verdadeiro sentido dessa lei-fantasma, com a qual se pretende asfixiar a educação no país. Basta ainda atentar para o seguinte: os seus defensores alegam que a escola pública não é livre, porque dirigida pelo Estado e sem ensino religioso obrigatório.

Os espíritas são contrários ao ensino religioso nas escolas, porque estas *devem dar a educação democrática, com vistas à convivência harmoniosa dos grupos no organismo social. Educação religiosa se dá em casa, no lar, ou nos templos. Nem mesmo a educação religiosa facultativa deve ser dada na escola, porque as aulas de religião servem para dividir as crianças e favorecer as tendências sectárias dos professôres menos esclarecidos. Muitas injustiças têm havido, desde que se iniciaram as aulas de religião nas escolas. Ainda agora estão aí os protestos contra a suspensão de alunos que não compareceram à Páscoa dos Estudantes, num grupo escolar de Aparecida do Norte.*

Cruzar os braços ante o projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é entregar o ensino e a educação no Brasil, às fôrças sectárias que há muito desejam controlá-lo. A obrigação dos espíritas, portanto, em tôda parte, é reagir contra êsse atentado à educação brasileira. As instituições doutrinárias devem tomar posição firme em face do problema, promovendo reuniões de debate do assunto, de estudo do projeto, e pedindo enèrgicamente ao Senado a rejeição dessa propositura retrógrada, em defesa da democracia brasileira. Que ninguém se deixe iludir. O momento é de ação, em defesa do futuro.

Irmão Saulo

Os Grandes Mistérios do Cosmo

Antonio Domiciano Pereira Junior

O homem devassando os horizontes do desconhecido, encontra sempre novos problemas, cuja solução lhe excita a inteligência a novas indagações.

Estamos presentemente em face de uma descoberta que certamente revolucionará a moderna astronomia, ao mesmo tempo que coloca ao alcance de qualquer amador, um telescópio mais poderoso que o de Palomar.

Trata-se da descoberta de André Lallemand.

Consiste ela num jogo de lentes auxiliado por um dispositivo eletrônico, formando um diminuto aparelho capaz de captar as menores partículas de luz emitida por uma estrêla. Essa partícula é o fotônio que ao incidir sôbre o dispositivo se transforma em eletrônio o qual passa a impressionar uma chapa fotográfica com tôda perfeição. O fotônio atinge uma chapa sensível de vidro recoberto de césio e antimônio colocada no vácuo. O fotônio se transforma em eletrônio e cái num campo elétrico que o faz acelerar extraordinàriamente. Energia animada de enorme velocidade, atinge, em seguida uma chapa fotográfica de bromêto de prata, em alta concentração, podendo assim ampliar e multiplicar as imagens, tornando possíveis observações de mundos até hoje desconhecidos.

Tal dispositivo forma um aparelho de dez centimetros de diâmetro que pode ser adaptado nas lunêtas dos telescópios comuns, aumentando sua potência para milhões de vêzes. O seu custo está na proporção de cem mil francos para sete milhões de dolares, em comparação com os gigantescos telescópios comuns. A descoberta dêste astro físico, vem colocar ao alcance de qualquer amador um poderoso instrumento de observação do céu. O que será a lunêta de Palomar auxiliada por êste engenho ? O telescópio do Monte Wilson captava galáxias a um bilhão de anos luz, que se movem a 50.000 quilómetros por segundo. O de Monte Palomar atinge dois bilhões de anos luz, com velocidade de 61.000 quilómetros por segundo. O invento de André Lallemand adaptado aos maiores telescópios vai atingir limites jamais imaginados pelo homem.

Quem leu «Terras do Céu», «Os Mundos Habitados», «Lumen», «Deus na Natureza», de Camilo Flammarion, e «Gênese», de Allan Kardec, «Os Enígmas do Universo», de Ernesto Haeckel, compreende os grandes segredos do cosmo, e vai rejubilar-se com novos conhecimentos.

Um dos grandes mistérios do cosmo é a existência de estrêlas negras gigantescas, em outras galáxias. Uma delas tem um diâmetro de 120 vêzes o diâmetro do sol de nosso sistema.

Para obtermos uma idéia destas grandezas é bastante recordar que o diâmetro do sol é igual ao diâmetro da Terra, multiplicado por 120 vêzes. As estrêlas carbonadas medem 120 vêzes o diâmetro do astro do dia. São absolutamente escuras, e a análise de seu espectro revela que o carbono de sua atmosféra é o C 3, isto é, carbono de três átomos dêste corpo químico, que é a base da vida orgânica na Terra. Supõe os astrofísicos que tais estrêlas não irradiam nenhuma luz porque o carbono absorve todos os raios emitidos.

A ciência oficial é céptica quanto a existência de vida orgânica nos planêtas, devido a ausência de carbono em suas atmosferas. O que diremos agora destas gigantescas estrêlas carbonadas ? Para que servirão elas ? Serão fornalhas de calor girando como túmulos solitários pelo cosmo ? Serão meros caprichos da natureza ? Ou serão moradas de sêres vivos organizados de acôrdo com sua natureza ?

Segundo os grandes adeptos da pluralidade dos mundos habitados, e a doutrina dos Espíritos, Deus nada fez inútil. Tôdas as coisas por menores que o sejam tem seu papel na grandiosa obra da criação.

Não existe um átomo da matéria que esteja inativo e inútil. Não existe nem uma célula, isolada ou associada, que não esteja em trabalho constante. Nada existe em estado de repouso absoluto. Tudo vibra, tudo trabalha, tudo evolue. Êste princípio é evidente por si mesmo, é verificável no seio da natureza terrestre, e porque iremos fazer uma exceção com as estrêlas carbonadas e gigantescas ? O mistério das estrêlas carbonadas é o mesmo que se deu com as profundezas dos mares. Até há pouco tempo, admitia-se que todos os habitantes das profundezas dos mares eram cegos. O homem não conseguia descer além de certos limites. Hoje, graças à perfeição dos aparelhos de mergulho, o homem passeia no fundo dos oceanos como quem passeia em um jardim, estudando e observando o misterioso mundo das trevas oceânicas. E chegou então a outras conclusões, mudando o modo de pensar sôbre a faculdade da visão.

Estudamos em física elementar, que a luz do sol, se decompõe em sete côres quando atravessa a água. Todo mundo conhece o fenômeno do arco-iris. A água funciona como um prisma. Medindo-se a luz ao penetrar o mar, observa-se que de 400 a 500 metros sòmente se observa os raios vermelhos. De 500 a 1.000 metros observa-se sòmente os ultra-violetas, que é fora da gama visível do olho humano. Além dessa profundidade não mais existe luz. Chegou-se então a admitir, que, nas profundezas além de mil metros, não há luz de espécie alguma e, conseqüentemente, os seus habitantes são cegos. Esta concepção permaneceu por muito tempo.

Esta crença, ou êste axioma científico, perdeu a razão de ser diante dos progressos atuais.

Animais habitantes além de mil metros no fundo do mar são trazidos à superficie e verificou-se que êles não só enxergam, como possuem olhos de tamanho anormal. Fotografia de um peixe carnívoro destas profundezas revela que êle possue organismo de visão e órgãos geradores de luz dispostos em simetria dorsal e ventral, com o qual ilumina seus tenebrosos caminhos. O Marquez de Folin descreve Gorgônias possuidoras de aparelhos luminosos que pelo número e pela intensidade superam a luz de vinte faróis que iluminavam as pesquisas. Apagaram as luzes de bordo, e verificaram que tais órgãos geradores de luz, tão intensa, que vão do violeta ao púrpura, do vermelho ao laranja, do azul a diferentes nuances do verde, e, em algumas, do branco ao vermelho do ferro superaquecido.

A cingirmo-nos à fisiologia dos animais terrestres, era de se admitir que os habitantes das profundezas do mar, eram absolutamente cegos, não podendo ter a mais leve sensação da luz.

Á superfície da terra há diversos animais como o pirilampo e algumas espécies de centopeias que possuem aparelhos luminosos, feitos de substâncias fosforescentes. Várias espécies de bactérias possuem a mesma faculdade. Bactérias luminosas injetadas em animais vivos tornavam luminosas a região injetada. Além das Gorgônias, no fundo do mar, existém também alguns Corais, algumas espécies de Estrêlas do mar, alguns moluscos e crustáceos que possuem aparelhos geradores de luz. Alguns habitantes do mar a 5.000 metros de profundidade, quando lançados no mar, à superfície, soltam uma espécie de líquido fosforescente, que, em contato com a água, torna-se luminoso de côr pálida. No fundo do mar habitam peixes curiosos como os Fotostômias Guerney, os Gonostomas Polypos de côr negra com reflexos metálicos. Os Stiloptalmos Paradoscus, possuem olhos numa espécie de antena móvel distante da cabeça, que manejam à vontade, iluminando os objetos que perseguem.

Quando raciocinamos sôbre a forma e as peculiaridades dos animais terrestres notamos que seus órgãos se formaram pelo exercício de determinadas funções num esfôrço metódico e progressivo de adatação ao meio, resultando que, as necessidades criam os órgãos. Em presença da luz solar os animais obtiveram o aparelho da visão, por si mesmos, uma das belas criações. A membrana sensível à luz, que se chama retina, possue células que analisam e distinguem as ondas luminosas dando-nos a noção da côr e da forma e da velocidade.

Em nosso planeta a fonte de luz primordial está no sól. É ela que regula tudo. Os olhos de todos os animais superiores são idênticos na estrutura.

No fundo do mar, não houve nunca luz alguma, e qual seria a causa da excitação que despertou na célula somática a evolução para criação de órgãos geradores de luz? Aqui está um problema que, de certa forma vem modificar o conceito sôbre a ginástica funcional pela qual os organismos vivos operam prodígios. Se nas profundezas do oceano nunca existiu luz de onde teria vindo a noção desta possibilidade, para que a célula somática se adaptasse à diretriz funcional da luz ?

Alguém que teve a paciência de me acompanhar nesta digressão pelo campo da zoologia, perguntar-me-há: «Que relação existe entre os abismos marítimos e a vida dos espíritos ?»

A relação lógica é a seguinte : Sabemos que os espíritos preferem a luz fraca ou a obscuridade para suas manifestações, principalmente materialização. Nossa função visual necessita da luz solar ou de outra fonte. As vibrações desta luz são desfavoráveis aos espíritos. O fenômeno da vidência se realiza melhor na obscuridade. Neste caso são os olhos da alma ou do espírito que enxergam. E de que fonte vem a luz astral ?

Raciocinando sôbre êste problema, nossa mente vai encontrar uma noção ainda desconhecida e não admitida pela ciência oficial. O mundo astral, é por si mesmo a fonte desta luz. A matéria cósmica tem muitas vibrações luminosas que o espírito humano vai descobrindo à medida que progride e nela se exercita. Há pessoas que possuem o raio X nos olhos, mesmo em carne e osso. Os fenômenos da telepatia, da leitura do astral, que é a psicometria, e outros, se realizam em estados vibratórios da luz astral, que é superior à luz solar ou de outra qualquer fonte material. Mente, pensamento, estados de alta sensibilidade do espírito, como alucinação ou êxtase, são diferentes estados vibratórios da luz astral, que é também a fonte de outra qualquer luz, seja do sol, das estrêlas ou de outro qualquer planêta. Isto quer dizer que, não obstante, nas trevas absolutas das estrêlas carbonadas, pode haver vida, adaptada à sua natureza. Parece adaptar-se à parábola em que Jesus compara o Senhor com seus servos a quem distribuiu os talentos. Ao mau servo, mandou o Senhor que se lhe atasse as mãos e o atirassem nas trevas exteriores. Não estaria nas estrêlas negras gigantescas o lugar de sofrimento onde irão os maus e rebeldes corrigir-se de suas maldades ?

Assim como as células luminicentes dos peixes no fundo do mar, se criaram na ausência absoluta da luz solar, pode também acontecer o mesmo com os habitantes das estrêlas negras. A Providência, a Sabedoria Divina é a mesma. Tudo está no Cosmo—obra prima do Criador. As aparentes anomalias que o homem vê nestas coisas, ou nestes mistérios, decorrem do acanhado horizonte onde se desenvolve e onde vive. Somos ainda muito atrasados e muito acanhados de espírito para compreendermos a imensidade e o Infinito. Estamos apenas evoluindo sempre. Esta certeza é o que nos dá felicidade.

Bragança Paulista, 26-1-1960

O Espiritismo na Abolição

QUANDO dizemos que o Espiritismo é uma Doutrina Libertária, podemos prová-lo. A Doutrina liberta o homem dos preconceitos vulgares, liberta o homem de tôdas as cadeias irracionais que manietam o indivíduo tornando-o um escravo da ignorância.

O Cristianismo foi implantado pelo maior Mestre de todos os tempos, o Mestre Jesus que veio para ensinar à Humanidade o caminho da libertação espiritual ; o Espiritismo foi codificado pelo Prof. Allan Kardec que veio, na ocasião oportuna, aliar a ciência à filosofia, veio para armar os homens com o raciocínio científico para provar aos incrédulos, aos descrentes, aos agnosticos e materialistas que a vida continua atuante do outro lado . . .

A comprovação de que a vida continua, que os desencarnados continuam com o mesmo ideal que alimentaram na terra, não padece mais dúvida. Há um entrelaçamento de ideias entre encarnados e desencarnados, essa permuta de pensamentos, essa comunhão de sentimentos quando posta a serviço do Mestre em pról da Humanidade, há, realmente, uma transformação.

O Brasil teve uma mancha negra, mas necessária, na sua história, a Escravidão. Uma filosofia que sempre combateu essa miséria foi a filosofia maçônica, esta não combateu simbòlicamente, mas na realidade, efetivamente. Todos os vultos proeminentes, atuantes, destemidos da Abolição foram maçons ; Loja havia que para iniciar um novo candidato exigia dêste que desse liberdade aos escravos para poder entrar no Templo onde se cultua a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

A história do Brasil—porque não dizer da Humanidade ? — está tôda ela entrelaçada com a história da Maçonaria, não há feito libertário em tôdas as épocas da evolução da Humanidade a que não estivesse presente o maçon : lutando, liderando, prestando o sagrado culto à Liberdade. A dívida da Humanidade para com a grande Ordem Maçônica é muito grande !

Os ideais libertários do Espiritismo se confundem com os ideais maçônicos de liberdade, completam-se : liberdade moral, intelectual, espiritual, política, econômica : *LIBERDADE* em seu mais profundo sentido, liberdade com responsabilidade.

A campanha libertária tinha que ser grande em extensão e profundidade : como transmitir ordens do Rio de Janeiro para o Ceará, por exemplo ? Não havia telégrafo, rádio, ou qualquer outro meio de comunicação possível, para que, no mesmo dia, na mesma hora, fosse o Ceará cientificado do que se passava no Rio de Janeiro ?

Humanamente era impossível, mas atas das reuniões provam que havia um intercâmbio entre o Rio de Janeiro e Ceará, que a libertação dos escravos estava sendo feita com uma precisão e meticulosidade à tôda prova, que os ideais se confundiam, que a permuta de idéias era feita entre êste e o outro lado, que, de ambos, havia corações sequiosos de liberdade, que a campanha da Abolição foi feita nos dois planos da vida, que não interessava apenas os encarnados mas também falanges de desencarnados da Abolição pairando sôbre a terra de Ismael numa luta titânica contra a mancha negra (escravidão que, também, dirigida pelos senhores do karma, era um crisol que retemperava carácteres) não havia dúvida que essa luta era realizada na mais pura simbiose espiritual e material.

De cá e de lá as almas de escol se empenhavam na grande luta de libertação escrava : os lutadores encarnados entravam em contacto direto com as falanges espirituais de Ismael de quem recebiam ordens e auxílio poderoso.

José do Patrocínio era médium vidente, e com mais alguns irmãos se punha em contacto com o mundo espiritual, as ordens recebidas eram confrontadas por outro grupo que, à mesma hora, entrava em comunicação com o além, as ordens eram cotejadas para ver se não havia discrepância, e, quando havia qualquer dúvida na assinatura da mensagem, esta era tida como apócrifa e novamente entrava em relação psíquica para confirmação da mensagem. O espírito que do alto dirigia a luta contra a escravatura é o mesmo que se interessa pelo progresso do Brasil, progresso moral, espiritual e econômico da Pátria do Evangelho.

O que muito estranhava a muitos abolicionistas era a instantaneidade da notícia vinda de pontos longinquos do Brasil, era a coordenação do movimento, a sincronização do trabalho. Nem todos sabiam da parte esotérica do movimento, mesmo maçons de elevada hierarquia desconheciam o «processo» de comunicação entre os abolicionistas de cá e de lá, entre abolicionistas das diversas partes do território nacional.

O próprio Palácio do Imperador sabia do que se passava, havia palaciano que conhecia e participava do «processo esotérico» de comunicação; a Princêsa Isabel era portadora da faculdade mediúnica de vidência, era espírita, para êsse coração magnânimo nada era desconhecido, antes, colaborava com as fôrças espirituais na consecução dêsse grande desideratum — a Abolição.

Quando a Doutrina é conhecida realmente por «regentes», «presidentes», o caráter dêsses homens tem que ser diferente, tem que amar a Humanidade colocando o interêsse do próximo acima de seus interêsses particulares. D. Pedro II e D. Isabel não foram bem compreendidos, ainda hoje certas atitudes dêsses ilustres patriotas são mal interpretadas, muitos tem-nos como fracalhões, apalermados, inoperantes, condescendentes ao extremo, mas, essa atitude era o reflexo de uma filosofia libertária que leva o indivíduo a olhar o mundo com olhos cheios de amor e de compreensão; êsses patriotas viveram, espiritualmente, alguns séculos na frente de seus coevos, e como todo espiritualista, foram mal interpretados, tidos como visionários ou condescendentes demais, ao ponto de preparar, pela própria atitude, a vinda da República.

O telégrafo do espaço funcionou na transmissão de ordens do além e no noticiar aos brasileiros o trabalho executado aqui na terra.

Nem todos estavam à altura, no momento, de compreender o «processo» de comunicação, e, como em tudo na vida, apareceu um Judas, José do Patrocínio teve também um traidor, foi denunciado, já não podia mais estabelecer as suas correntes psíquicas no mesmo local, pois o Supremo Conselho dos Ritos considerou ilegal êsse funcionamento em loja depois dos trabalhos regulares.

Quando terminavam os trabalhos de uma Loja Maçônica, ficava José do Patrocínio com alguns irmãos, acobertados do olhar profano, dentro do Templo, estabelecendo as relações mediúnicas com os irmãos do outro lado — recebendo e transmitindo ordens.

Muitos maçons não conheciam o «processo» usado por José do Patrocínio, tanto é assim que na Loja, depois do encerramento dos trabalhos maçônicos, ficava Patrocínio com um grupo seleto de irmãos para as sessões mediúnicas.

Mais um penhor de glória para a Doutrina Espírita—a Abolição da escravatura no Brasil! A Igreja, como latifundiária, não levantou uma palha em pról da Abolição, tinha também escravos...

Ao lado de José do Patrocínio temos que notar o Conde de Cairu que conhecia, como maçon, todo o «processo», conhecia todo o problema, tanto esotérico como exotérico, e na Côrte sua influência era necessária e benfazeja, êle foi o elan da política, o elemento de ligação na política brasileira da época e das circunstâncias.

Parece estranho que um maçon como Joaquim Nabuco desconhecesse o «processo» de comunicação, mas, ninguém lhe passou mel nos labios, era muito difícil explicar a ligação, no dia, com irmãos de outros extremos do Brasil, Nabuco era bastante inteligente, bastante perspicaz para ser despistado...

Proibido de ficar na Loja depois dos trabalhos maçônicos, José do Patrocínio continuou seus trabalhos na própria residência, êsses trabalhos, que eram secretariados, iam até o cantar do galo.

Porque José do Patrocínio não fazia a descoberto êsses trabalhos? Simplesmente porque sabia que nem todos estavam maturados para compreender o intercâmbio espiritual, daí, como fizera o Cristo, reunir um grupo pequeno de irmãos para êsse trabalho tão importante, tão secreto quanto o maçônico.

Podemos dizer: o Espiritismo orientou o trabalho da Abolição no Brasil; agora, na conjuntura atual, o Espiritismo não tem nada a nos dar? O mundo está em contínua e perpétua mudança, que luzes nos dá a Doutrina? Temos que estudar a situação atual, temos que equacionar o problema com as luzes da Doutrina para implantação na Terra do Reinado da Justiça Social, da Paz, da Ordem e do Progresso.

Quando o livro de atas que tem o sinete «J. S.» for desvendado ao mundo profano, os historiadores têm que fazer justiça ao Espiritismo.

Mac Maynard

Crônica Estrangeira

QUANDO A CORTINA DA MORTE SE ENTREABRE

Pelo Dr. Martin Sampson

Lutando rijamente para salvar a vida de um moribundo, uma jovem enfermeira faz uma descoberta impressionante

Era um dia de estío, muito quente, no interior de um velho Hospital de Pennsylvania. O ar era pesado, sem a menor aragem. Nessa noite não me deitei, lutando, em vão, para livrar uma menina da meningite. Ela acabara de morrer, e senti grande abatimento; jovem interna, a tantas mortes assisti no decorrer dos últimos mêses que a vida me parecia desprovida de sentido. Eu estava à beira do cepticismo; a fé não mais me parecia existir, senão para se tornar em gracejo da morte.

O primeiro doente que examinei nessa manhã era um homem próximo dos cincoenta anos, de olhos castanhos profundamente cravados nas órbitas, de rosto doce, chamado John Bradley. No decorrer de algumas semanas, após seu internamento, êle declinava sem cessar. Eu olhava pela sua tenda de oxigênio: seus lábios eram azues, sua respiração rápida e penosa; eu sabia que êle sofrera de reumatismos articulares, e sequelas cardíacas, e que a artério-esclerose, de que sofria há alguns anos não deixou de agravar o seu estado.

Eu não podia deixar de pensar em sua mulher, pessoa pequena de cabelos brancos, cujos traços marcados pelo trabalho e tristeza; apesar de tudo, ambos tinham fé e confiança em mim. Porque tanto me interrogar? Pensava eu amargamente.

Mentalmente eu recapitulava todos os elementos de tratamento aplicados a Bradley, esperando encontrar um meio de aliviá-lo. Foi aplicada a digitalina para regularizar o coração, um anticoagulante para impedir a formação de coagulos ao nível de seu endocárdio lesado, picadas para impedir o excesso de água nos tecidos.

Foi aumentada a quantidade de oxigênio insuflada em sua tenda. Nêsse dia, como antes, fiz-lhe uma injeção, mas convencida da inutilidade dos meus esforços.

Pouco depois das 18 horas a encarregada do quarto em que estava Bradley, me telefonou para um chamado de urgência. Poucos segundos depois, eu estava à cabeceira do enfêrmo; êle já estava com o rosto cor de terra, os lábios violácios, os olhos vidrados; via-se as batidas do coração levantando seu peito e o ruido de sua respiração lembrava o que fazem as bôlhas de ar que escapam através de um lençól de água.

Fiz-lhe uma injeção dum preparado de digitalis e ordenei a colocação de compressores para bloquear a circulação de retôrno, afim de dar ao coração um alivio.

Uma hora depois, Bradley começou a respirar mais fàcilmente, parecia voltar-lhe o conhecimento e murmurou:

— Eu vos peço avisar minha família.

— Imediatamente, disse eu.

Êle fechou os olhos. No momento em que eu saía, ouvi um estertor; voltei-me e vi que êle não respirava. Coloquei o meu estetoscópio sôbre seu peito; o coração batia, mas fracamente; depois os olhos se velaram. Um segundo ou dois depois, o coração parou.

Durante um instante, lá estava eu, petrificada; ainda mais uma vez, a morte ganhara a partida.

Em espírito eu tornava a ver a criança da noite precedente e invadiu-me uma vaga de furor; não, eu não deixaria a morte triunfar mais uma vez ainda, não dessa vez. Afastei a tenda de oxigênio e comecei a respiração artificial, pedindo à enfermeira trazer adrenalina.

Logo que ela voltou, apliquei uma injeção intracardíaca de adrenalina, ràpidamente retirei a agulha e escutei com meu estetescópio: nenhum ruído. Repeti a respiração artificial, procurando frenèticamente tornar rítmicos os movimentos de meus braços à razão de 20 por minuto; minhas espáduas me doíam, o suor corria ao longo de meu rosto.

—Inútil, disse-me uma voz calma.

Era o chefe da clínica, meu patrão.

— Quando um coração em tal estado pára, nada pode fazê-lo funcionar, vou avisar a família.

Êle possuía a sabedoria que dá a experiência, eu o sabia, mas eu tinha a energia do desespêro; eu tinha a feroz resolução de tirar Bradley do abismo.

Continuo, pois, a compressão rítma do torax e logo meus movimentos se tornam de tal modo automáticos que me parecem executados por uma terceira pessoa. De súbito, ouço um débil suspiro, depois outro; tenho a impressão fugitiva que meu coração cessa de bater.

— Ponha em meus ouvidos os escutadores do meu estetoscópio, disse eu à enfermeira, e ponha a placa vibrante sôbre seu peito.

Eu continuo os movimentos e escutava. De súbito percebo um fraco bater do coração.

Eu exclamo triunfante:

Oxigênio!

Pouco a pouco, o sôpro se torna menos curto, se transforma em respiração superficial. Dentro de alguns minutos, essa respiração torna-se mais forte, bem como as batidas do coração.

Nesse mesmo momento, ligeiro movimento na cortina que cerca o leito: A sra. Bradley estava de pé a meu lado. Ela está palida, apavorada.

—Disseram-me para vir imediatamente.

Antes que eu tivesse tempo de responder, o doente abre as pálpebras. — Helena, diz êle num sôpro.

Ela coloca a mão sôbre sua fronte e murmura:

Não te agites, meu querido, não te agites.

Mas êle continua a falar, não sem esfôrço:

—Helena, pedi que te chamassem Eu sabia que partiria. Quís dizer-te adeus.

Ela morde os lábios, incapaz de articular uma palavra.

—Eu não tinha mêdo, continua penosamente o enfêrmo. Eu só queria dizer — êle pára, sua respiração se torna mais arquejante — que tenho a certeza que nós nos tornaremos a encontrar... mais tarde.

Mrs. Bradley leva a mão do marido a seus lábios.

Também eu estou certa disso, disse ela num murmúrio.

Bradley esboçou um pálido sorriso, fechou os olhos; seu rosto refletia uma grande paz.

Quanto a mim, lá estava eu, esgotada, confundida, respiração fraca. O mistério da morte assombra êsse quarto. Poderei eu, de qualquer modo, esclarecê-lo por pouco que seja? Volto-me para o doente e lhe pergunto docemente: Lembra-se do que lhe aconteceu? Lembra-se de ter visto ou ouvido alguma coisa, há poucos instantes, quando estava... desvanecido.

Longamente êle me olhou antes de responder.

— Sim, eu me lembro disse êle. Eu não mais sofria, e já não sentia o meu corpo. Eu ouvia uma música pacificadora.

Êle parou, tossiu algumas vêzes e continuou:

Uma música infinitamente apaziguante. Eu estava em presença de Deus, longe de tudo, cercado de música. Eu sabia que estava morto, mas não sentia mêdo. Depois a música parou, e eu vi a senhora reclinada para mim.

—O senhor já teve um sonho desse gênero? Passou um momento interminável. Depois êle disse, com uma convicção que me fez estremecer:

— Não foi um sonho!

Êle fechou os olhos, e sua respiração se tornou mais arquejante.

Pedi à enfermeira verificar o pulso e respiração todos os quartos de hora e me chamar no caso de qualquer mudança. Depois fui ao quarto das internas, deitei-me em meu leito e adormeci instantâneamente. Fui despertada pelo soar do telefône.

—Mr. Bradley já não respira, não sinto o seu pulso.

Um rápido olhar sôbre seu rosto acabava de me convencer: dessa vez a morte saiu vencedora.

Porque, pois, se entreabriu o véu do além, durante um tão pequeno tempo? Porque essa breve prorrogação concedida ao enfêrmo? Seria devido a qualquer reação química interna acidental? Ou havia nisso um sentido espiritual mais profundo? A alma do defunto teria sido bastante forte para escapar à morte, exatamente o tempo para permitir à espôsa uma derradeira mensagem de fé, um último adeus? E essa ressurreição efêmera estaria destinada a fazer entrever a eternidade a uma jovem enfermeira céptica e perturbada?

«De Spiritualisme Moderne» de «Readers Digest»

Espiritismo no Brasil

Encerrando a Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Explicação aos confrades e amigos

Dando por encerrada a Campanha Pró-Máquina, quando novas perspectivas se abrem à nossa frente, conforme o manifesto de nossos diretores, publicado no jornal e na revista de 15 de agosto último, cumprimos aqui o dever de explicar a todos como foi aplicada a importância de cr.$382.652,20, total da arrecadação da Campanha, de acôrdo com a publicação de «O Clarim» de 30 de julho dêste ano.

Manda a lealdade que repitamos a nota escrita ainda por José da Costa Filho, saida na edição dêste jornal em 8 de junho de 1957, sob o título de *Inauguração das Novas Máquinas de «O Clarim»* e que disse o seguinte:

«No dia 12 de maio último, às 13 horas, com a presença de diversos confrades e do M. M. Juiz de Direito da Comarca, foram inauguradas, num àto simples, as 3 máquinas novas adquiridas pelo «O Clarim», sendo uma de impressão, uma de cortar semi-automática e uma de grampear motorizada. Foi convidado para fazer o ato inaugural, desatando a fita simbólica, o nosso companheiro Onofre Batista, que vem se empenhando a fundo no trabalho de angariar donativos para a campanha pró-máquina de «O Clarim».

No momento fizeram uso da palavra os companheiros Costa Filho e Onofre Batista, agradecendo a todos quantos contribuiram para esta louvável campanha.

As 3 máquinas e material tipográfico, transporte, instalação elétrica, etc., ficaram em Cr.$320.000,00 aproximadamente. Os donativos obtidos alcançaram Cr.$260,000,00 aproximadamente, faltando mais ou menos Cr.$60.000.00 para completar o pagamento, razão por que a campanha ainda prosseguirá até a liquidação do compromisso.

O nosso desejo era obter uma plana nova, mas isto nos foi impossível visto o custo elevado, Cr.$ ...... 1.260.000,00 (um milhão, duzentos e sessenta mil cruzeiros), importância esta muito difícil de ser obtida.

Máquina de segunda mão, já antiquada e sujeita a constantes consertos, não achamos oportuno adquirir.

As oficinas de «O Clarim», ficaram agora bem aparelhadas e os nossos amigos do além hão de estar contentes com êste pequeno progresso, pois trata-se de difundir a Doutrina de Jesus.»

As oficinas ficaram, realmente, naquele ano de 1957, em boas condições para continuarem a impressão do jornal e da revista, embora pelo mesmo sistema primitivo de composição a mão, com componedor, sem os recursos modernos das linotipos.

Entretanto, depois, com o desgaste do material, pois já nos encontramos em 1960, houve necessidade de renovação de tipos, cujas compras, feitas várias vêzes, atingiram a Cr.$32.000,00, inclusive despesas de transportes e outras, além da necessidade de mandar recondicionar a máquina Phoenix Presse II, muito antiga em serviço, e consertar a Guarani, também antiga, e cujo dispêndio foi a Cr.$33.000,00, gastou-se, como era evidente, a quantia de mais Cr.$65.000,00, o que dá um total de aplicação de Cr. $ 385.000,00.

Assim está explicado o uso do dinheiro da Campanha Pró-Máquina com um pequeno excesso de despesa sôbre a arrêcadação que somou, como vimos, Cr. $ 382.652,20.

Tudo isso foi assim realizado pela precisão de comprar uma máquina menor a fim de não paralisar a impressão de «O Clarim», e diante da impossibilidade de obtenção de outra moderna, mas muito mais cara, dando assim aplicação ao numerário arrecadado que, se não fosse aplicado, na época, estaria hoje desvalorizado.

Mais uma vez é com sincero reconhecimento que apresentamos aos amigos e confrades a expressão dos nossos profundos agradecimentos, formulando ardentes votos de saude, paz e felicidade a todos bem como às suas dignas famílias.

Casa dos Espíritas em Matão

O nosso estimado confrade João Domingos Arlanch, de S. Paulo, tomando parte na festa de «O Clarim» de 15 do corrente e usando da palavra, numa atitude calorosa, que surpreendeu o auditório, lançou a idéia da fundação, em Matão, da Casa dos Espíritas, de modo a marcar, de maneira inapagável, a predestinação desta cidade como centro irradiador de Espiritismo no Brasil.

O orador acompanhou as suas palavras de um gesto simpático e significativo entregando à Diretoria do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» o primeiro tijolo para a edificação dessa Casa, tijolo que seria o símbolo dos esforços e meios que virão a surgir para consumação da idéia, a qual ficou assim lançada.

A Festa de «O Clarim»

Como em todos os anos, mais uma vez, no último dia 15 de agosto, teve um transcorrer animado e cheio de alegria a festinha de aniversário de «O Clarim», a qual ja se tornou tradicional, concentrando em Matão numerosos confrades das mais variadas procedências.

E' a festa de homenagem a Cairbar Schutel, cuja simpatia aliciante criou, em tôrno de sua pessoa, quando na terra, esse movimento social de congregação dos espíritas nesta cidade, onde êle viveu inteiramente dedicado ao Bem e à difusão da Doutrina de que foi apóstolo dos mais notáveis.

Compareceram a essa solenidade cordial, êste ano, os seguintes confrades:

São Paulo: Alfredo Pagliarini. *Jatobá:* José Valim. *Marinópolis:* Tito Caffer, José Marin Toledo e João Marin Olmo. *Ribeirão Preto:* João Antonio Praxedes e filhinhas, Diva Marta e Maria Antonia. *S. Carlos:* D. Odila Velloso da Silveira, D. Encarnação B. Murilas, D. Rosa de Freitas Rondon, Antonio de Lourdes Rondon, Célia Rondon, Claudio Rondon, Celso Rondon, João Stella, Carlos Zocco, Brasilio Alves de Mattos e Alcides Sales Penteado. *Fernandópolis:* Antonio Martins Barbiere. *S. José do Rio Preto:* Augusto Rondon e Angelo Belloni. *Brotas:* João Domingos Arlanch, Aldo Arlanch, Gisela Lucia e Alda Tânia Arlanch, Carlos Geraldi, e Henrique M. Maduro. *Jabuticabal:* Francisco Volpe, Pedro Volpe, Nidia Bastos Volpe, Alzira Maria Volpe Soares, Pedro Brocchieri, Marisa Brocchieri, Adélia da Silva, Aparecido Campi, d. Carolina Camargo Silva e Aparecido Augusto da Silva. *Araraquara:* Wallace Leal Rodrigues, Rafael Medina, d. Ninyra Rodrigues Medina, Waldo Bizelli, d. Rita da Paixão Bizelli, Antonio R. Leal, d. Lena Minardi, Cleide S. Braga, José Garcia, Maria José Garcia, Bento Amaral, Josefa A. Amaral, Manoel Vieira, d. Ruth Amaral Vieira, Domingos de Marzo, Antonio Dentillo, d. Dorothy Costa Dentillo, João Oscar Dentillo, Juvenal Guimarães, d. Antonieta Gomeiro, Dante Gomeiro, José André Bueno, Damiano Masotti, snra. e filha, Rubens Braga, d. Brasília de Paula Oliveira e José Bocucci e senhora.

Os visitantes foram recebidos acolhedoramente pelos diretores do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e compareceram todos à sessão que se realizou em sua sede com início às 20 horas, a qual foi aberta e presidida por Alfredo Pagliarini.

Em seguida, crianças do Grêmio Infantil «Marta Cunha» cantaram duas canções de saudação a «O Clarim», sendo elas as seguintes: Joana R. Silva, Maria Lucia Barbosa, Eráide Gonçalves, Sônia Maria Morelhão, Silvia Lucia e Leonice Urban, Arlene, Abigail e Arací Cruz, Cleonice e Cleoguimar Guimarães, Cleide e Vera Lucia Gonçalves, e Vera Lucia e Maria Amélia Pedro. Depois, as meninas Vera Lucia Gonçalves, Maria Amélia Pedro e Sônia Maria Morelhão, recitaram versos em homenagem a data.

A seguir, após breves palavras de saudação de Angelo Watson Campêlo dirigidas aos presentes e de ardorosa palestra pronunciada por Rubens Braga, usaram da palavra os representantes de sociedades espíritas, seguintes: José Bocucci, de Araraquara; João Domingos Arlanch, de Brotas; Juvenal Guimarães, de Araraquara; Antonio de Lourdes Rondon, de São Carlos; Aparecido Campi, de Jabuticabal; Tito Caffer, de Marinópolis; João Antonio Praxedes, de Ribeirão Preto; e Angelo Beloni, de São José do Rio Preto.

Por fim falou Italo Ferreira, relembrando a personalidade de Cairbar Schutel, lendo interessantes documentos sôbre a vida e a ação do apóstolo, agradecendo o comparecimento de todos, rendendo homenagem aos numerosos cooperadores, entre os quais citou os nomes de João Leão Pitta, José da Costa Filho e Onofre José Batista.

E, depois de destacar o trabalho hercúleo de D. Antoninha Perche da Silveira Campêlo, à frente das publicações deixadas por Cairbar Schutel, referiu-se à iniciativa de ampliação da circulação de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», conforme o manifesto de seus diretores já publicado em 15 de agosto.

A festa magnífica de cordialidade, que constituiu, mais uma vez, verdadeira concentração dos espíritas em Matão, terminou com satisfação geral de quantos tiveram a ventura de assistí-la.

Fundo de Assistência e Propaganda

Conforme nosso apêlo, de 15 de agosto, encerrando a Campanha Pró-Máquina e estabelecendo o *Fundo de Assistência e Propaganda* para podermos ampliar a difusão do Espiritismo através de «O Clarim» e da «Revista Internacional do do Espiritismo», melhorando as edições e aumentando a circulação das mesmas com a reforma geral das instalações, aqui relacionamos os donativos recebidos:

Zélia Silveira Perche, cr. $ 5.000,00; Italo Ferreira, 5.000,00; Aldo Arlanch Junior, de Brotas, 1.000,00; João Antonio Praxedes, de Ribeirão Preto, 1.350,00; Walmore Puccinelli, de S. Paulo, 500,00; Cleide A. de Barros Perche, 500,00; João Marin Olmo, de Marinópolis, 500,00; Angelo Bellone, de S. José do Rio Preto, 300,00; Antonio Stein, de S. Paulo, 700,00; Francisco Peres Maldonado, de Uberlândia, 260,00; Allan Nunes, de Uberlândia, . . . 200,00; João Quintino Teixeira Sobrinho, de Uberaba, 200,00; D. Maria Gandolfi, 100,00; Mocidade Espírita de S. Carlos, 100,00; Antonio Fante, de Junqueirópolis, 50,00; José Valim, de Jatobá, 50,00; Herminio José Teixeira, de Cascatinha, 2o,oo; José Francisco da Silva, de Cascatinha, 2o,oo; José Alfredo Lara, de Itaquerí da Serra, 2o,oo; João Evaristo Mendes, de Jatobá, 2o,oo; Eduardo Faustino de Souza, de Jatobá, 2o,oo; Zulmerindo Alves Pereira, de Jatobá, 1o,oo.

Em Resende - R. J.

Divaldo Pereira Franco

No dia 17 de julho do ano em curso, o Centro Espírita «Flora de Araujo», da cidade de Resende, viveu momentos de intensa vibração espiritual, por que a Casa de Flora abria as suas portas para receber um dos maiores divulgadores da Doutrina Espírita em nossa terra, o irmão Divaldo Pereira Franco.

Ás 15 horas, com a sede do Centro repleta, foi aberta a sessão pelo irmão Araujo, seu Presidente, que proferiu fervorosa e sentida prece.

Tomaram lugar à mesa, os representante de várias instituições espíritas e mais os representantes das Igrejas Protestantes locais, Fraternidade Rosa Cruz, Loja Maçonica Lealdade e Brio e Professores da Academia Militar das Agulhas Negras.

Terminada a formação da mesa, foi dada a palavra ao consagrado tribuno evangélico, que falou durante uma hora e meia, sôbre oportuno e palpitante tema «Mediunidade e Espiritismo», assunto que constitui motivo de dúvidas e apreensões, para aqueles que não querem estudar e muito menos, compreender as causas determinantes dos fenômenos mediúnicos.

Após a substanciosa conferência, que a todos esclareceu e confortou, o dirigente da sessão agradeceu ao orador e aos demais irmãos pelo comparecimento à magnífica festa espiritual, que a infinita misericórdia do Pai Celestial proporcionou a todos.

A seguir o irmão e confrade Sírio Silva proferiu a prece final, com a qual foi encerrada a festa, às 16,45 horas.

Do Correspondente.

Notícia de S. Paulo

JOÃO FUSCO

Em homenagem prestada ao nosso saudoso companheiro João Fusco, também conhecido por «Jofus», através de seus escritos na difusão do Espiritismo, fundador de inúmeros Centros Espíritas no Estado de São Paulo, companheiro, em certa época, do grande Mestre Cairbar Schutel, ambos fundadores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, o Centro Espírita «Ismael» fêz realizar, a exemplo dos anos anteriores, uma grande reunião festiva de caráter essencialmente espírita, pela passagem do 15.º aniversário de desencarne do referido homenageado.

A referida reunião foi realizada no dia 10 de Julho último, no Teatro João Caetano, rua Borges Lagôa n.º 650, gentilmente cedido pela Prefeitura de São Paulo. Os trabalhos foram iniciados às 14,30 horas, sob a orientação do nosso esforçado confrade Alfredo Pagliarini, antigo companheiro de Jofus, que falou com muita felicidade e brilhantismo fazendo uma rápida biografia do companheiro Fusco, sendo muito aclamado pela assistência presente.

Tomaram parte na reunião, alunos do Catecismo Espírita, ministrados pela nossa companheira Amélia M. Pagliarini, onde se fizeram representar nos seguintes quadros: «Conversa de Espiritismo»; «Carta aos Patrões»; «Covarde, não»; «Amor multiplicado»; «Menina pobre, menina rica»; «Os Cristãos Novos»; «Papai do Céu»; «Judas, o Redimido»; «Vícios»; «A Cigarra e a Formiga»; «A Visita de Jesus», interpretados pelos seguintes: Mauricio, Euzapia, Francisco, Walter, Wilma e Nadir Guidini; Fenelon, Filemon, Flamarion, Flora, Joel, Salomé, Tamar, e Waldomiro Alves; Domingos, Marcos, Carlos e Adauto Meciano; Gamaliel e Estér de Castro; Alda e Vitor Sebastião; Eunice Mazzuca; Walda Munhoz e Jurema Salomé Pagliarini.

Foram distribuidos a todos os alunos que participaram dos números acima, livros espíritas de diversos autores.

A reunião encerrou-se às 17,30 horas com uma prece em agradecimento pela fraternidade como decorreram os trabalhos.

Congresso Espírita Mundial em Londres

Será realizado de 10 a 17 de setembro dêste ano o 5.º Congresso Espírita Internacional após a 2.ª Guerra Mundial, patrocinado cada 3 anos pela Federação Espírita Internacional. «Yorus Fraternally» n.º 42, 1960 dá ampla notícias dêste importante conclave, inclusive parte do grande programa.

Haverá parte musical, visitas, conferências, sessões mediúnicas e recreação. Na parte de palestras lidas, inclue-se: «O estado espiritual da existência», pelo dr. Malcolm, da Escócia; «A missão do Espiritismo», pelo sr. Donnay, da União Espírita Belga; «A aura humana», pela sra. Tiret, da França; «As tragédias da mediunidade», pelo sr. Wilson, diretor da Imprensa Psíquica Ltda e «Psychic News», de Londres; «Fenômenos paranormais», pelo sr. Bentley, da África do Sul; «A reencarnação», pelo dr. Muller, Presidente da F. E. I., de Zurique; «A ideologia do Espiritismo», pelo sr. Weimann, da Alemanha.

Os interessados em entrar em contato com o referido congresso poderão escrever para o sr. Dawson, «The Halvinghan, Louth, INGLATERRA.

C. Pimentel

S. André, 12/8/60.

Em Cruzeiro

Segundo delicado convite, que recebemos dia 21 de agôsto, foi inaugurado na cidade de Cruzeiro, o Sanatório «Jesus», Hospital para Psicopatas, o qual, nas regiões do Vale do Paraíba e do Sul de Minas, ficou sendo a única «Casa de Saude» para abrigar e curar doentes do corpo e da alma.

À novel instituição desejamos os melhores êxitos com a assistência dos mensageiros de Jesus.

Novo Boletim Esperantista

Intitulado «14.ª de Julio» acaba de ser publicado em Morro Agudo (Est. do Rio), pelo Lar Infantil «Vivenda da Luz», um interessante orgão mimeografado escrito na língua internacional.

O boletim é dirigido pelo confrade Abel Marques; com sua espôsa dirige o Lar que conta com 28 crianças orfãs. Essas crianças lá aprendem o Esperanto para falar e cantar, e mantém programa na Rádio Nacional e TV Continental, do Rio. Entre os artigos de «14.ª de Julio» aparece a «Canção da Alegria Cristã», de Leopoldo Machado, vertida para o Esperanto.

«SEMADO», do Grupo EEE, de Belo Horizonte, é outro boletim (impresso) que denodados confrades se esforçam em publicar, e desejamos a ambos orgãos noticiosos e doutrinários muito progresso.

Lar da Criança «Emmanuel»

Em reunião festiva realizada no dia 31 de julho último, em S. Bernardo do Campo, foi lançada a pedra fundamental do referido lar.

Compareceram representantes da Câmara e Prefeitura local, do Lar da Família Universal, inúmeros confrades de S. Paulo, Osasco, Santo André e diretores de Centros e Mocidades das cidades do ABC.

O terreno do Lar acha-se localizado em bela colina a uns 4 quilómetros de S. Bernardo e próximo a represa de Jurubatuba; tem 4.000 m2 de área e a construção do primeiro pavilhão vai ser em breve iniciada.

Aos diretores do novo lar desejamos êxito completo e amparo do Alto para a difícil tarefa da educação infanto-juvenil.

Do Representante

C. Pimentel

Sto. André, 5/8/60

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em 6 de Agosto de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA anterior, que é aprovada. Fala a seguir da fraterna e carinhosa acolhida que em São Paulo lhe foi dada e também a vários Conselheiros, por ocasião do encerramento da II Semana Espírita da cidade de S. Paulo. Tece comentários sôbre uma inexistente organização intitulada «Federação Espírita do Brasil», que procura iludir os meios espíritas nos Estados, angariando a filiação de Centros mediante pagamento de registro. Anuncia haver enviado às Federações Estaduais telegramas sôbre o PROJETO DE DIRETRIZES E BASES DE EDUCAÇÃO, em curso no Congresso. E, finalmente, faz comentários em tôrno de uma comunicação recebida, sôbre a fundação da Federação Desportiva Espírita Argentina, na Capital Portenha.

No expediente é lida uma comunicação da Federação Pernambucana, reconduzindo como seu representante o Conselheiro Joaquim da Costa Villaça.

Pará—O Conselheiro Ramiro Gama comunica a filiação de várias instituições à União Espírita Paraense.

Às dezesseis horas e quinze minutos, após o estudo de vários assuntos, é feita a prece pelo representante da Federação do Espírito Santo, e encerrada a reunião.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 150,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da suà leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 120,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples Cr.$	120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3691unse

Ano XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Outubro de 1960 – N.

REVISTA INTERNACIONAL

LAP DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Allan Kardec, venerado mestre e excelso Codificador do Espiritismo *Vianna de Carvalho*
A Matança . . . . *Henrique Rodrigues*
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo . *V. O. Casella*
Bem-aventurados os simples e humildes . . . . *Carlindo Dias*
Serões Bíblicos – II . . . . *Luiz Caramaschi*
Não Matarás . . . . *Osvaldo Requião*
Relações da mediunidade com os casos de doença psíquica . . . . *Irmão Saulo*
Do Testemunho . . . . *v. lirenedo*
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon*
Que pena, Senhor ! . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Terão Alma os animais ? . . . . *General Levino C. Wischral*
Saldanha Marinho . . . . . . *Mac Maynard*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado irmão: Saúde e paz em Jesus.

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» procurará reunir, em sua séde, as famílias necessitadas e distribuirá entre as mesmas os donativos que os corações bem formados lhes ofertarem por nosso intermédio, numa justa homenagem a Jesus que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres amparados pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de proporcionar aos necessitados um alegre Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas novas ou usadas, pois tudo concorrerá para aliviar e alegrar êsses corações que esperam de nossa parte o nosso concurso benfazejo.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe retribua em saúde, paz, alegria de coração, um Feliz Natal e um Ano de 1961 cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, setembro de 1960

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
D. Rosa Fonseca Fratine
Antoninha Perche Campêlo
Izabel Perche Camargo
Leticia M. Olson
Anita Sampaio Miniucci
Dirce R. Barbosa Mariani
Eliza Vanucci Machado

Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Juraci Pedro
Claudeni Gonçalves
Cândida Gonçalves
Carmen Torres
Jenny Perche Silveira

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1960 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Allan Kardec, venerado mestre e excelso Codificador do Espiritismo

Vianna de Carvalho

PAIRAVA ainda nos âmbitos da Europa o estridor das demolições perpetradas pelo escopro inexorável da Enciclopédia.

Os horizontes da Civilização se afogavam na escuma dos ódios revolucionários.

A França, para inscrever os direitos do homem no código sereno da Justiça, desencadeara uma hecatombe horrível.

Caudais de sangue tinham ensopado o solo, em que, mais tarde a árvore da liberdade deveria abrir a sombra amiga, protegendo os humildes e os fracos contra as cóleras do despotismo.

Na fauce hiante daquela voragem, assinalando o trágico expirar do século dezoito, não se sumiu apenas um trono, mas todo um passado coberto de labéus e ferido de morte pela condenação das consciências revoltadas.

As crises históricas têm o seu cortejo pavoroso de iniqüidades, as suas aberrações e anomalias resvalando no crime, mas também resplandecências redentoras se esparzindo gloriosamente por sôbre o montão de ruínas que semeiam na passagem veloz. A reforma das agremiações humanas, combalidas por vícios tradicionais, aprisiona em seu bojo tempestades condensadas pela imprevidência dos legisladores.

Se o dinamismo irresistível da evolução arranca as raízes das tiranias, ao mesmo tempo desfere golpes nas armaduras das aspirações de cuja vitalidade haure os lauréis de seus triunfos.

O poder esmagado de Luiz XVI não valia a cabeça genial de André Chenier, rolando do cadafalso ao trigrino clamor das multidões desvairadas.

Quando Voltaire, Diderot, Montesquieu, Condorcet... faziam fermentar, com análises perscrutadoras e audaciosas teorias, os germens de um cataclismo social, nem pressentiam sequer a série tenebrosa de atentados, desfraldada depois em nome da Ciência, do Progresso e da Fraternidade.

Por isto, os alvores do século das luzes, surgiam tintos dos funéreos reflexos exalados ao crepitar das batalhas fumegantes.

A torrente das agitações intestinas revolvera tùmultuàriamente os esteios da ordem administrativa, econômica e intelectual de um povo se arremessando para o futuro, em busca de seus ideais frustrados por um longo tirocínio de provanças e obscurantismo.

Destarte, após aquêle arrojo titânico, sob cujas ondas fragorosas tantas existências naufragaram, persistiria, como persistiu, o frêmito de aniquilar quanto era ainda vestígio das gerações caducas.

As águias napoleônicas transpunham neves alpinas, sorridentes planícies da romanesca Itália, franjas alvacentas do Mediterrâneo, e iam-se agasalhar no topo das pirâmides petrificadas em plena vastidão dos areais infindos.

Os prelúdios de uma glória, soerguida ao estourar das metralhas, já cobriam de cinzas o cadáver das instituições, amparadas um momento pelo verbo flamívomo de Mirabeau nas assembleias submissas à fascinação da eloqüência.

Precursores nimbos de borrasca visinha mareavam o azul do Velho Continente.

Muito em breve, legiões sombrias, devorando as distâncias com a impetuosidade das avalanches soltas, tinham de assentar seus arraiais em Austerlitz, Wagram, em Saragoça... ao som de músicas guerreiras abafando os soluços das vítimas ceifadas.

Nessa hora de suprema angústia, parecia que se cerravam as pálpebras divinas nos penetrais do Infinito.

Não formulemos, porém, conjetura tão blasfema; pois nesse mesmo ano em que Pio VII esquecia as suntuosidades anti-religiosas do Vaticano, ao vir coroar Bonaparte em Paris, um meigo Espírito se exilava das alturas felizes, descendo à Terra no cumprimento de uma esplêndida missão altámente regeneradora.

Sabeis-lo... êsse Espírito seria o insigne codificador de uma doutrina em cujo seio há repouso para tôdas as fadigas, bálsamo para todos os infortúnios e esperanças para tôdas as incertezas de nossa mísera existência.

Allan Kardec, enviado pela misericórdia celeste, vinha renovar as promessas de Jesus, restabelecer a pureza de seus ensinos, falseados através das idades, e erigir o lábaro da Nova Revelação sôbre o cairel de mil conturbadas paixões.

A tarefa assumia relevos verdadeiramente desanimadores.

Nas épocas de transição, só os gigantes do pensamento envergam a enfibratura de aço, personificada nesse herói da grega mitologia que estrangulou a hidra de Lerna, domou o touro da ilha de Creta e conseguiu subtrair os frutos de ouro do jardim das Hespéridas.

Kardec mediu a travessia eriçada de abrolhos, cavada de pélagos vorazes, com êsse olhar da águia que aprende, desde nova, a só fitar os alcantis alterosos.

A sua responsabilidade era tão grande como a obra, a cuja edificação vinha consagrar tôdas as energias e estremecimentos de uma alma que se devota ardentemente à causa do bem comum.

Vacilar ou esmorecer, seria o retardamento do progresso humano em sua marcha ascensional aos páramos da luz.

Aquêle Titã do Espiritualismo contemporâneo, antes se deixaria esmagar ao peso de desventuras imensas, do que retroceder em face das oposições levantadas pelo egoísmo dos sistemas filosóficos e credos religiosos a se digladiarem encarniçadamente.

Allan Kardec

Iniciada a trajetória que se traçara, obedecendo aos nobres impulsos de uma compleição diamantina, seguiu-a sem discrepâncias até ao marco extremo, com a serenidade dos justos e o desassombro dos fortes coroando-lhe a fronte em fúlgidos diademas.

As farpas da inveja e da calúnia, a baba dos preconceitos, os gritos dos interêsses inconfessáveis feridos em seus redutos, debalde se insurgiram contra os salutares princípios enfeixados possantemente por sua lógica de bronze.

Êsses embates sem norte se estilhaçavam de encontro à couraça de suas convicções luminosas.

É que êle era a viva encarnação da tenacidade posta ao serviço de sentimentos puríssimos.

Por fim as tubas do triunfo desatavam já as suas festivas notas, quando a morte o surpreendeu ao retinir das pelejas.

O estrênuo lidador caiu como o cedro da floresta ao sopro dos furacões, mas o seu Espírito ascendeu mais refulgente aos visos da imortalidade.

* * *

Mestre, a esta hora, por tôda a parte, hinos de gratidão se evolam em torno de tua memória estrelejada de bênçãos.

A família espírita universal curva-se agradecida pelos benefícios que nos legaste, legando-nos também o exemplo fecundo de tantas abnegações dignas sòmente dos missionários da Verdade.

A doutrina que pregaste—a mesma de Jesus — continua de pé, como o rochedo que no alto mar a fúria das vagas desafia.

Não prevaleceram contra ela os golpes arremessados pelos ódios e injustiças venenosas de teus contemporâneos.

É à própria Ciência que se impõe o dever de proclamar, pela voz de seus luzeiros, a inquebrantável solidez do Espiritismo.

Sòmente, ainda não soou o instante de nossa completa regeneração.

Até hoje os espíritas não se penetraram suficientemente dêsses raios vivificantes, que são o amor, a justiça e o perdão...

Ajuda-nos, pois, a transpor os abismos interpostos entre a nossa tristíssima condição de degradados e a inalterável felicidade destinada a tôdas as criaturas pela misericórdia sem términos do Pai Celestial.

(Extraído de «Reformador»)

A Matança

Henrique Rodrigues

MUITO nos compunge a «pena de morte», mas nos compunge muito mais a existência dos que se subordinam a ela. Revolta-nos os reajustes reencarnatórios que jungem o indivíduo a penas de «cegueira», «mudez», «idiotia», «paralisia», «aleijões», «loucura», «lepra», e infinidade de desequilíbrios psíco-físicos. Mas, a nossa revolta é contida pela compreensão das leis da vida. Uma aparente punição, representa o reajuste necessário. Assim age a justiça divina, para o bem das criaturas. Para que o mau seja coagido, primeiro pela dor, depois pela compreensão, a tornar-se bom. E assim, a humanidade futura, não abrigará cegos, mudos, idiotas, paralíticos, aleijados, loucos, leprosos e doentes. Cabe-nos investir contra as causas, para que os efeitos cessem.

A «pena de morte» vem de longe. Acompanha o homem desde as primícias da vida animal. O ser individualizado matava para alimentar-se e para defender-se. Evoluindo o ser, o morticínio evoluiu também. A «pena de morte» acompanhou a complexidade e amplitude das vidas mais altas e, transformando-se aquela individualidade animal em homem, acompanhou êsse homem até os nossos dias.

Mata-se por amor, nos lances de ciume, por ódio nos descontrôles da revolta. Mata-se por vaidade, por orgulho, por prepotência, por ignorância e até por simples perversidade. Mata-se por princípios políticos, eugênicos, econômicos e até, por razões religiosas, «para maior glória de Deus». Os homens matam homens e animais sob inúmeras justificativas: Honra, glória, esporte, MÊDO, imprevidência, conveniência... Mata em sua defesa, na defesa de sua família, de seus bens e de sua pátria. Quantos morticínios o patriotismo não justifica?... Mata-se fisicamente e moralmente. Aqui é o punhal que dilacera o corpo físico, alí a lâmina afiada de uma lingua má, que estraçalha a dignidade moral de alguém. Sangue e lágrimas, pretendem lavar o que é indelével.

O homem mata em nome da justiça...

Êsse foi o caso de Caryl Chessmam.

E, por causa de Caryl, uma onda elevou-se e, na crista dessa onda, a custa de um fenômeno diário, muita gente procurou fazer profissão de fé contra a «pena de morte». Aparência, só aparências... A Sociedade Protetora dos Animais, com uma existência muito mais simbólica do que atuante, quando do lançamento, pelos «famigerados» russos, de um satélite com uma cachorrinha, fêz uma onda bem semelhante, EM PROTESTOS, com a onda provocada pelo julgamento, condenação e execução de Chessmam.

Dois casos!... Chessmam e Laika!... EE. UU. e U. R. S. S.!... Dois condenados pela justiça codificada pelos homens. A justiça social e a justiça científica. Alguém dirá:

> — Mas, existe uma diferença fundamental. Não é possível comparar um homem e um cachorro...

Entretanto, em inúmeros casos, o animal é mais útil e menos agressivo do que o homem. Talvez Laika não fizesse o que Chessmam fêz. Mas, não estamos neste artigo com margem para estudar o que foi constatado, alegado ou negado no caso de ambos. Êles são dois símbolos e, por sinal, tristes símbolos, entre inúmeros outros que morrem pelas mais variadas «razões». Em outro artigo, se for possível, estudaremos nosso modo de ver a figura do criminoso, da vítima, dos jurados, do juiz e do carrasco. O monismo a todos enquadra num reajuste e numa tarefa afim e necessária.

O Brasil, pela boca de inúmeros de seus filhos, aproveitou a onda e gritou bem alto contra a «pena de morte» de Chessmam e de Laika. Dir-se-ia que tal clamor originava-se de uma terra de bem-aventuranças onde a «pena de morte» está banida. E gritam os exaltados:

> — No Brasil não temos fôrca, guilhotina, cadeira elétrica, pelotão de fusilamento ou câmara de gaz.

E a patriotada verde e amarela exulta com a SUPERIORIDADE DE NOSSAS LEIS. Aparência, sòmente aparência. A realidade é outra.

Entretanto, passada a onda, os «exaltados contra a pena de morte» e a Sociedade Protetora dos Animais, voltam ao velho soninho antigo e deixam o mundo entregue ao seu natural desenvolvimento. Protestam por Laika, mas olvidam as inúmeras Laikas que perambulam por nossas ruas, famintas, hidrofobas, sarnentas. Calam ante as torturas dos carros de gado, dos matadouros, das rinhas de galos, das carroças. Não protesta por um pangaré que tenha morrido sob o chicote, em algum recanto dêsse Brasil, onde não existe a «pena de morte». Isso não daria cartaz, daria trabalho e trabalho ninguém quer.

O ser que mata sua mãe ou a mãe que trucida seu filho merece a nossa compaixão, mesmo que o façam com requintes de perversidade. Mas, dizia Confúcio com admirável sabedoria: — «O bem se paga com o bem. O mal se paga com a justiça, para benefício do mal». Nós, os espíritas, sabemos que o criminoso, quase sempre está «envolvido». Mas tal condição, não lhe outorga o direito de matar, não o exime da responsabilidade do delito, porque de qualquer forma êle é participante ativo, por deliberação ou invigilância. Devemos nos condoer do criminoso, qualquer que seja o tamanho e gravidade de seu delito, mas não podemos nos olvidar da figura da VÍTIMA. No crime de alguém, há uma parcela de responsabilidade que recái sôbre tôda a humanidade, sôbre cada um de nós.

Nossa compaixão deve, necessàriamente, ser maior pela criatura que foi sacrificada pelo criminoso. Porque, «se ninguém veio escalado para ser assassino», MUITO MENOS alguém reencarna para ser assassinado. EIS AÍ O NÓ da questão. O livre arbítrio, embora relativo e subordinado a influências e graus de amadurecimento, NOS TRANSES DE VIOLÊNCIAS, está com o que detem a arma homicida. Êle é livre de matar ou não, mas, tomando a decisão de matar, caça, cancela, a futura vítima, qualquer condição além do determinismo. Não há alternativa para a segunda. Meditem no recente caso da moça que matou uma criança de quatro anos, incendiando-lhe o corpo ainda vivo. Ainda aí, a criminosa merece a nossa compreensão... A criminosa poderia deixar de sê-lo. A menina, entretanto, *nada, absolutamente nada, nesta vida,* poderia fazer para deixar de ser vítima. Ambas merecem a nossa piedade. Mas, a escolher uma para o alvo de uma quota maior, inegavelmente, não podemos deixar de preferir a menina, A VÍTIMA.

Quando inúmeros brasileiros ou organizações de nossa pátria protestavam junto aos govêrnos americano ou russo, esqueciam a procissão de assassinatos, estrupos, raptos, roubos, violências, chantagens que a crônica policial registra diàriamente em nossos jornais. É gente que morre de todo jeito. Na faca, na corda, na bala... Mas não é só. Um país onde, num dos bairros de sua antiga capital, Copacabana, UM FETO, é encontrado POR DIA, atirado nos labirintos de seus esgostos, não pode, evidentemente não tem fôrça moral para anatematizar outros povos, e vangloriar-se de não ter a «pena de morte» entre suas leis sociais. Porque eu digo : NÃO TEM CODIFICADA, o que seria melhor, mas tem GENERALIZADA, o que é pior.

ERA PREFERÍVEL QUE O CÓDIGO PENAL CONTIVESSE A EXECUÇÃO FÍSICA PARA DETERMINADOS DELITOS, mas que não transitasse por êle, nenhum processo subordinado aos seus rigores.

QUALQUER LEI É BOA se os homens são bons. NENHUMA LEI É PERFEITA, se aquêles para quem foi feita não desejarem a perfeição. Acreditamos, *positivamente,* que se uma lei é feita, deve ser obedecida. Se, a sociedade americana, proibe a seus cidadãos determinados atos, para bem estar geral, e os comina, em caso de transgressão, com a pena de morte, ninguém poderá queixar-se dos rigores da lei, quando livremente quís transgredi-los. NÃO SOMOS APOLOGISTAS DA PENA DE MORTE. Somos apologistas, isto sim, do RESPEITO AS LEIS. Só o respeito as leis conduz a sociedade e o cidadão ao progresso e a paz. Respeitar as leis vigentes para evitar que elas incidam contra o contraventor. Porque, a chamar a «pena de morte» de assassinato legalizado, tal pecha terá de ser estendida à pena de prisão, que seria um «sequestro legalizado» e ainda a «multa» que seria a «extorsão oficializada». Qualquer pena, de morte, de prisão ou de «indenização», será injusta para o contraventor.

Entretanto, a justiça humana, tão limitada, não tem outros recursos para, de alguma sorte, conseguir um padrão razoável de ordem, de justiça, que proteja os bons dos maus, os ordeiros dos desordeiros, os que respeitam dos que não respeitam nada e ninguém.

Segundo as estatísticas, no Brasil, por ano, mais de dez mil (10.000) pessoas são assassinadas. Por que morreram? Dizem que a «pena de morte» não diminúi o índice de crimes. Em tal caso, poderíamos dizer que a prisão e outras formas de penalidade, não diminuem também o índice de roubos e outras formas de subversão da ordem. Que propor então ? Acabar com os presídios? Acabar com a justiça humana por sua reconhecida possibilidade de falência e exiguidade de meios coercitivos? Está provado que «cadeia» não regenera ninguém. E daí? Enquanto não fôr possível, por recursos financeiros e, principalmente, material humano, transformar os presídios em autênticos estabelecimentos de regeneração, cabe-nos tolerar os meios que se tem, para que o ambiente não seja tomado pelos maus. De qualquer forma, será interessante meditar sôbre o que nos dizem as estatísticas. Nos EE. UU., o índice de criminalidade é 60% menor do que no Brasil, com uma população superior em mais do dôbro. É possível, acreditamos mesmo, que a «pena de morte», a «prisão» e a «multa» não regenerem ou saneiem o ambiente, mas, de alguma sorte, amedrontam. Não existe uma estatística que englobe o numero de assassinatos que não se executam, por temor de consequências da parte dos possíveis assassínos.

Sei o que alegarão os mestres da casuística reencarnacionista dentro das leis de causa e efeito. Mas, em todos os tempos, a ordem entre os inferiores só pode ser conseguida pela disciplina, normas e condições IMPOSTAS, jamais por adesão espontânea, que seria um contra-senso. Talvez, aí esteja a razão da «pena de morte», da cadeia e de outras formas de punir.

Ninguém pode matar. Nem a sociedade e muito menos o indivíduo. Segundo a lei do Evangelho, «quem fere com a espada, por ela é ferido». E ainda: «ninguém deixará de pagar o último ceitíl».

Preconizamos um trabalho mais amplo. Que a nossa atitude não se circunscreva ao protesto contra a «pena de morte» em pruridos de sentimentalismo. Que as nossas vozes não se façam ouvir apenas quando êste ou aquêle é levado a uma punição dessa natureza. Para melhorar o todo, as leis que regem a sociedade, mister, se faz melhorar o homem em sua unidade e as leis interiores que o regem. Se a «pena de morte» não fôr banida do coração humano, irrizório será omití-la dos códigos penais. Não será retirando o nome de pântano ao qùe êle representa, que êste deixará de ser o que é. O necessário, urgentemente necessário, é deter a generalizada aplicação da pena de morte entre as criaturas. O homem e a mulher, responsáveis por serem coparticipantes, em algum aborto, agem de maneira pior do que a justiça americana. Lá, o condenado foi julgado em tempo habil para defender-se, condenado e executado dentro de certas regalias. No aborto, a vítima, sem ter feito outro crime que o de incorporar-se ao fluxo da vida, por um impulso que não foi seu, é *julgado* inconveniente, *condenado* à morte e *executado* sumariamente, sem que possa alegar ou fazer qualquer coisa em sua defesa. O espéculo, a sonda ou a droga que provoca uma delivrance prematura, é mais horrendo que a câmara de gaz de San Quentin.

No dia em que não existir assassinos, não existirão os pelotões de fusilamento, as cadeiras elétricas, as forcas e as guilhotinas. É necessário uma onda, uma vastíssima onda, para erradicar as causas. Saneadas estas, os efeitos deixarão de existir. A «pena de morte» existe porque ainda é grande a maldade nos homens e muito rudimentar a sua noção de responsabilidade perante a vida.

Ainda, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

Sôbre os nossos rebates nas revistas, de Abril-Maio a Agôsto, ao que se escreveu no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», com relação ao Espiritismo, receberamos, do autor da obra, a cópia de uma sua carta, cuja gentileza agradecemos, enviada ao diretor desta Revista, sr. Watson Campêlo.

Uma vez que não se dirige a nós o conteúdo da missiva, não nos achamos autorizados para comentar o seu teor que, lamentàvelmente, trata-se de um rompimento do nosso ilustre opositor com o nosso contato epistolar. Contudo, das suas várias reclamações, que achamos exageradas, além de sua solicitação ao sr. Campêlo, para nos contrarebater pelas páginas desta Revista, há um ponto sôbre o qual não podemos guardar silêncio. Reclama o autor de que na sua defesa publicada na revista de Agôsto último deixaramos sair apenas trechos esparsos de sua carta-defesa, ao invés de a publicarmos na sua íntegra.

Cabe-nos informá-lo de que aquêles trechos são justamente os pontos chaves nos quais está restrito o sentido de sua defesa. O restante, não publicado, trata-se da parte acessória que em nada influe para modificar ou melhorar a sua tese. E como prova do que estamos declarando, vamos agora dá-la na íntegra. A parte chave por nós publicada na revista de agôsto passado, deixaremos grifada, destacando-se da outra não publicada naquela ocasião, e assim os leitores verão que esta agora integrada não altera o sentido daqueles trechos.

Vamos a ela:

«Rio, maio, 27.º, 60

Prezado Sr. Casella: —

Quero agradecer-lhe a gentileza da remessa que me faz de um exemplar da «Revista Internacional do Espiritismo» e no qual se insere um trabalho seu de análise e crítica ao meu livro «Manual de Hipnose Médica e Odontológica».

A par das bondosas referências que faz ao meu manual e a mim mesmo, nota-se em seu original, permita-me acusá-lo, um honesto propósito de investigação e debate em tôrno de um assunto que, percebe-se, apaixona a nós ambos. Em linguagem comedida, alinhando uma cansativa pesquisa bibliográfica, sem ataques pessoais e ofensas — tão comuns às críticas que tenho recebido da igreja — lê-se a sua crítica com respeito e com tal atenção que não se pode evitar a resposta e a justificação. É o que me apresso a fazer.

Pelo que percebí, V. S. baseia todo o seu trabalho em dois argumentos principais extraídos do meu livro : —

a) o trecho contido à página 443 e no qual eu escrevo : — *«Ali se trabalha sem método, desordenadamente ; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, DESEQUILIBRADO, instável, com predominância histérica ou neurótica».*

b) o fato de eu não apresentar qualquer explicação fisiológica, dentro dos conhecimentos reflexológicos, para certos fenômenos observados na orla espírita, principalmente o estranho conhecimento que certos indivíduos têm de ciências que jamais estudaram.

Certo por enquanto ?

O nobre amigo parece ofender-se quando percebe que chamo os espíritas de desequilibrados, a ponto de afirmar que o seu desejo é «... demonstrar a falsidade dessa declaração que vem atingir indistintamente os espíritas de desequilibrados.»

Nos parágrafos imediatos entrega-se a longa busca bibliográfica, alinhando nomes respeitáveis como Luiz Silva (a quem muito admiro), Henrique Roxo, Charles Richet, Crooks, Lombroso, Lodge, Flamarion, Nielson, Rhine, Kyaran, Sveisson, e outros, todos solidários com a sua tese de que não se justifica atribuir aos praticantes espíritas traços de insanidade mental. (A referência ao equilíbrio mental está em seu trabalho, pág. 81, 3.ª linha).

Tal afirmação de minha parte contrastaria inclusive com outra, a de que a capacidade de aprendizagem e a inteligência seriam fatôres favoráveis a indução hipnótica.

Eis aí a tese principal de sua crítica, Sr. Casella. E eis que, lamento dize-lo em tais têrmos, mas não encontro melhor maneira de exprimir-me, V. S. não entendeu o que leu e perdeu um tempo precioso para desdizer... o que eu não disse.

Cometeu com isso flagrante injustiça.

Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... MENTAIS.

A expressão «desequilibrado» que aparece ao lado das duas outras «débil» e «instável», são expressões reflexológicas, cujo sentido, V. S. não alcançou. Dê um pulo, por favor, às págs. 153, 154 e 155 do meu livro, art. 37, «Tipos Nervosos». E veja lá — procure entender, por favor — o que é um tipo nervoso débil (não confunda com tísico), que é um tipo nervoso instável (não confunda com volúvel ou pusilânime), o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem a ver com insano mental).

Veja agora que V. S. construiu um castelo sôbre uma bolha de ar. Acusa que discutem o espiritismo de procurarem «falsos caminhos». E o que fez comigo ? Inverteu o significado de uma palavra que não tem obrigação de conhecer dentro do seu conceito científico (é médico, sr. Casella ?), e, por êsse falso caminho, atingiu-me violentamente. Não fôsse a sua crítica vasada em têrmos tão ponderados e cortezes, e eu não a responderia. Mas ao fim de seu ensaio, informa V. S. que voltará ao assunto. E daí a minha pressa em contestá-lo, a fim de alertá-lo, quem sabe ? a tempo ainda de tirá-lo do falso caminho e fazer-me justiça. Há falhas em meu trabalho, sr. Casella. Muitas. Mas essa não é uma delas.

Vamos agora ao segundo tópico da sua crítica. De acôrdo com Richet (a transcrição é sua), a «explicação espírita é a mais aceitável» para certos fenômenos. Isso não importa em que ela seja a certa. *E no estudo dêste problema — V. S. que foi tão cuidadoso na pesquisa bibliográfica — cometeu um êrro por omissão. Tais temas foram por mim discutidos mais amplamente num outro livro meu que V. S. demonstra não ter lido, «Hipnose e Letargia», da mesma Livraria Atheneu que editou o primeiro e que já está à venda há mais de um ano.*

Procure lê-lo, sr. Casella, concedendo-me essa honra. *Veja em que têrmos coloquei a questão. Não resolvi o problema, absolutamente, mas apresentei uma* *série de argumentos que tornam a minha tese também aceitável.*

Quanto ao mais, sr. Casella, creia-me, agradeço-lhe as referências elogiosas. Gostaria que esta minha defesa merecesse a acolhida da sua Revista mas não lhe exijo isso. Deixo o problema ao seu critério, ao seu bom senso, à sua honestidade.

E aceite a certeza da estima dêste amigo sempre às ordens.

Osmard Andrade Faria
(assinado)

Agora, os leitores interessados no assunto volvam por favor sua atenção ao nosso artigo, de Agôsto passado, e ali relembrarão o nosso revide para aquêles trechos que aí agora estão grifados. O que ali disseramos prevalece também aqui nesta íntegra, pois a parte agora acrescentada, por ser acessória, sem alteração para o sentido concentrado naqueles trechos chaves, nada mais exige de nós.

Por êste motivo surpreende-nos tal reclamação, mas não nos faltou boa vontade em satisfazê-lo ainda em tempo, embora isto não resolva o impasse, pois continuamos sustentando o que afirmamos naquela refrega, como já dissemos, na Revista de agôsto último.

Lamentamos o incidente, uma das causas culminantes do seu rompimento amistoso, e aguardamos com calma o choque de suas armas no campo polêmico de luta, conforme sua solicitação ao sr. Campêlo, para nos contra-rebater nas próprias páginas desta Revista. Para nós, seja qual fôr o resultado, tal ensejo nos será honroso, considerando-se a longa prática no setor jornalístico e a vasta erudição acadêmica do nosso contendor, que deverá saber manejar as armas na arte de escrever, com invejável arte e dextreza.

E aqui encerramos, mantendo-nos na espera dos acontecimentos futuros, que se aproximam.

15/9/60

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Bem-aventurados os simples e humildes

Êle era simples e humilde.

Homem do campo, lidando com a Natureza, com ela confundia-se na luta de todos os dias. O trabalho, na sua mais bela expressão, constituia para êle o objetivo, a razão de sua vida. Todavia, jamais conheceu a ambição, olhando para o mundo com a simplicidade dos humildes. Em nenhum momento deixou-se emocionar com os sedutores acênos de uma vida diferente daquela que constituia o seu mundo.

Um dia, o amor tocou-lhe o coração. Encontrou a sua alma gêmea e a felicidade de sua vida simples ganhou intensidade. Era o máximo para quem pouco sonhara ! Ela, a sua alma gêmea, deu-lhe afeição pura, dedicação extrema. Os sentimentos de ambos confundiam-se num mesmo ideal de amor. Eram duas almas que caminhavam para Deus ! Dizer mais dessa felicidade, seria impossível, porque não se poderia descrever um pedaço do Céu na Terra !

Eis, porém, que os Superiores Desígnios, muitas vêzes insondáveis para a criatura humana, determinaram profunda alteração naquele pequeno mundo de Paz e Amor ; ela cêdo retornou à Pátria Espiritual, deixando-lhe um vácuo na alma aflita e quase sem rumo. Quedou o homem simples e humilde, envolvido na dôr de uma saudade que jamais lhe abandonaria ! Mas, como «o sândalo que perfuma o machado que o fere», êle fez da própria saudade a razão maior do seu viver. Cultivou-a no canteiro revolvido da sua existência, com o carinho de um jardineiro celeste. E prosseguiu na sua caminhada para Deus, transfundindo nos filhos, nos entes queridos, todo o grande amor que com êle ficara.

Honesto, fraterno, sereno, «não perdeu a fé entre as sombras do mundo, erguendo-a por luz celeste acima de si mesmo».

O tempo foi passando... e aquêle homem jamais deixou de ser simples e humilde, em tôdas as suas atitudes.

Ao terminar a sua jornada na Terra, alguém, referindo-se à sua vida, disse que alí poderiam ser aplicadas as palavras de Paulo a Timoteu (4:7): «Combatí o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé».

Êle viveu com a humildade e a simplicidade que deve ser o apanágio dos Cristãos.

Qual era a sua religião? Não importa. Êle foi simples e humilde como Jesus recomendou!

Assim foi o meu velho pai, Armando Antunes Dias, cuja passagem para o Além se deu em 10 de Julho último, à Rua «A», Barra do Imbuí, Terezópolis (R. J.).

Paz e Luz sempre melhores ao seu Espírito. Jesus lhe conceda um despertar feliz, nos braços da companheira, que lhe antecedeu na viagem de volta.

Carlindo Dias

Volta Redonda, Agôsto de 1960

Serões Bíblicos - II

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do capítulo II)

A velha Bíblia

— E mais (prossegue Árago): A conceituação de divindade marca o compasso da evolução. Diga-me o modo como conceituas Deus, ou como a êle ora, e dir-te-ei quem és. É por isso que Cristo substituiu o conceito de Jeová pelo de Pai nos Evangelhos; nisto também revogou o passado. Todavia o conceito de Deus-Pai está superado, porque Pai é um conceito pessoal, limitado, antropomórfico e Deus não pode ser entendido assim. Os conceitos se superam e nisto está o que se chama progresso. Mas é ilógico tomar-se o homem de sanha destruidora, como procedeu Lumbáio, arrasando os conceitos que serviram no passado, só porque dispõe de melhores no presente. Ninguém consegue pensar fora da sua época, e em qualquer julgamento histórico não se poderão desprezar as coordenadas lugar e época dos acontecimentos. Fazer como Lumbáio é agir como o pavão que, segundo as lendas, manifesta desdem pelos próprios pés, esquecendo-se de que sem pés não há pavão nem pavonadas...

Chilon—Agora sou contente, e sinto que as dificuldades se resolvem. Prossegui, portanto!

Árago—Vamos chegar a êste ponto por outros caminhos. Ajuda-me, com me responder às perguntas.

Chilon — De acôrdo.

Árago — Que é o átomo?

Chilon — É um sistema planetário no qual os elétrons, como se fôram planêtas em tôrno do Sol, gravitam em redor do núcleo em tôdas as direções do espaço.

Árago—Isso é o que decoraste dos livros. Mas reflete agora com teus miolos, e não com os alheios. Um elétron percorre sua órbita 10^{15} vezes por segundo, isto é, 1.000.000.000.000.000 (um quatrilhão) de vêzes por segundo. E a pequenez dessa órbita é humanamente inconcebível. De maneira que, com órbita tão pequena, e com tal velocidade, o elétron é onipresente em todos os pontos da sua trajetória, pelo que a órbita eletrônica se torna num anel, como o de Saturno. Estás entendendo ?

Chilon—Nunca tinha pensado nisso, mas é; não pode deixar de ser assim. Agora já concebo o átomo como uma bola, se visto por fora, imaginàriamente, uma vez que êle é constituido de argolas concêntricas, cada uma ocupando um plano diferente do espaço.

Ârago — Chegaste então a conceber o átomo como uma bola, nada se assemelhando êle com sistemas planetários, onde esferóides lerdos giram em tôrno duma estrêla central, não em volume, mas em plano, como carrossel. De fato, «de um eléctron que circula em tôrno do núcleo atômico com a velocidade de 50.000 km/seg numa órbita de 0,000.000.000.4 mm de diâmetro 10^{15} vêzes por segundo, não se pode dizer em que ponto da órbita se encontra» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 77).

—Todavia, segundo os últimos resultados apresentados pelos matemáticos e físicos modernos, os corpos deformam-se com a velocidade; êles se encurtam no sentido do eixo da deslocação. «A Terra gira a 30 km/seg ao redor do Sol. Em conseqüência dêsse movimento, o seu diâmetro no equador é 10 cm mais curto do que seria se a Terra fôsse imóvel» (op. cit. I, 47).

— Ora, movendo-se o elétron a 50.000 km/seg, em sua órbita êle se achata como um disco. Assim o anel orbitário que o elétron forma ao redor do núcleo, não seria uma procissão de bolas, mas de discos, como moedas empilhadas ao longo duma circunferência. O turbilhão elétronico (elétron) se achata e se abre para os lados numa onda estática, porque fechada no átomo. Desta maneira, aquela bola atômica que concebeste há pouco, passa a ter a configuração de uma esfera formada de anéis de algodão concêntricos. Entendeste ?

Chilon — Estou vai não vai para perder o pé nestas profundezas.

Ârago — Aguenta-te um pouco mais. Substituindo o modêlo planetário atômico de Bohr, Schroedinger fêz outro, em que as órbitas eletrônicas são ondulatórias. Assim, «o átomo de Schroedinger é «uma nuvem carregada» em que vibra uma neblina de energia» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 52). Entendeste agora o que seja o átomo e, conseqüentemente, a matéria ?

Chilon—Acabei totalmente de perder o pé; já não entendo mais nada.

Ârago — Acaso pensas tu que alguém entende ? Digo-te que, por aqui, os rígidos conceitos científicos se evolam em música e poesia ! Sabes a que compararmos o átomo então, Chilon ?

Chilon — A quê ?

Ârago — Fale Theógoras, o mestre meu, do qual engenho e arte herdei !... O átomo se compara a Paganini com seu violino !

Chilon — Que me dizeis ? !

Ârago — Quando, em Weimar, em 1829, Goethe ouviu Paganini pela primeira vez, teve estas palavras : «Falta-me uma base para esta coluna de flamas e de nuvens. Ouvi simplesmente alguma coisa de meteórico e não me pude aperceber...» Tal o átomo, já dizia Theógoras : um turbilhão meteórico de flamas e de nuvens, cuja base se perde no inconcebível, até mesmo para o poeta !...

Chilon — Que bela figura achou vosso mestre Theógoras para o átomo e para a matéria ! Antes o átomo era um sólido sistema planetário ; agora é um violino tangido por invisíveis mãos divinas que tiram dêle os mais inconcebíveis acordes luminosos, e as mais extraordinárias variações produzidas pelos saltos quânticos nas órbitas !...

Ârago—Porém isto, Chilon, é poesia, que não ciência ; tu a sentes, mas não a entendes. Dá atenção agora para o que te vou dizer : que dirias de alguém que, podendo achar representação mental para êstes últimos conceitos da ciência, se pusesse a xingar de papalvos, de estúpidos, de asnos a Demócrito, a Galileu, a Newton, a Kepler e a outros que tais, só porque êstes, pertencendo ao passado, não puderam chegar a esta conceituação ?

Chilon — Diria que êsse sujeito é um ingrato, por isso que os últimos conceitos não se formariam, se não se formassem os primeiros.

Ârago —Tornando agora ao nosso tema, digo, igualmente, que se não tivesse Abraão, não haveria Isaque, Jacó, Moisés, Daví e Cristo. Digo mais : assim como há evolução para as conceituações científicas, as há, também, para as filosóficas, sociais, religiosas e morais. Abraão pode ter sido um cigano, como disse Lumbáio no seu desabafo anti-bíblico contra Alonstro; mas fêz isto de grande: criou o conceito de um Deus único, o qual dominou o ocidente inteiro. E êsses que falam mal de Abraão, como aquêle camelô, podem não ser como Abraão, porém sem dúvida nenhuma, apesar do adiantado do tempo, continuam sendo iguais a faraó e Abimeleque, no que concerne às mulheres alheias. Se não fôsse a fúria lúbrica de faraó e de Abimeleque, Abraão não precisaria temer por sua vida, como era de temer-se, pelo que se viu, depois, pelo sucedido. Logo, quando os homens deixarem de ser meras bestas, não mais farão violência aos Abraãos pacíficos. Abraão não foi oferecer Sara a faraó, nem a Abimeleque; apenas previu o que sucederia se soubessem que era sua mulher, além de sua irmã ou prima. E as previsões se cumpriram e Sara foi levada para o harem daquêles sátiros brutos. Isto prova que Abraão conhecia muito bem os homens, pelo que era justíssimo (e ainda o é) temer-se dêles.

Chilon — Mas, amigo Árago, e a tão decantada fé que Abraão tinha pelo seu Deus, a que fica reduzida?

Árago — A fé se reforça e cresce com o tempo e com as provas, e tanto que Cristo disse assemelhar-se o reino dos céus a um grão de mostarda que germina, cresce e frondeja como pequeno arbusto. Ora, êste Abraão relativamente moço e forasteiro em terras estrangeiras, não é o mesmo, já mais velho, do tempo de Isaque, pois Sara, sua mulher, concebeu àquele com a idade de 90 anos. Como poderia ser Abraão um homem de fé robusta do porte daquela que demonstrou na hora de sacrificar seu filho, se ainda não tinha provas bastantes da parte de seu Deus? Onde faltou a fé, supriu-a a inteligência da vida, e Abraão se safou da morte certa. Acrescente-se a isto que cada fenômeno histórico tem de ser julgado em sua época e local, e não fora dêles. A moral é relativa, e não se pode saber, nêste sentido, quais eram os pontos de referência de Abraão. Todo fato histórico-social tem de ser situado no seu tempo; depois é preciso reconstruir o quadro histórico, o cenário, através dos fragmentos literários e arqueológicos contemporâneos de todos os outros lugares; só agora, então, é que vem o julgamento, e ainda, certamente, não feito por algum literatelho, mas por quem tenha linguagem pujante, correspondente ao mérito do assunto.

— A Bíblia, Chilon, é um documento arqueológico não incólume, porque aí andaram mãos de deturpadores intencionais ou não. Os exemplares que temos à mão são cópias de cópias. Não é livro que se possa estudar isolado de outros monumentos pré-históricos contemporâneos dêle. Sua interpretação, antes de ser feita por teólogos, como sempre foi, onde a fantasia supre a ciência, é trabalho de arqueologia, hermenêutica e morfologia histórica, ou seja, história comparada.

— Agora, ouça isto, como a coisa muito importante: os espíritos, em se reencarnando, pisam sôbre seus próprios rastros, para os continuar, para os fazer avançar mais; por isso, discutir a Bíblia é tarefa para gerações dentre as quais se encontrarão verdadeiros gênios. Um dêstes foi Sir Isaac Newton que, respeitoso, via na Bíblia um sonho, talvez lindo, talvez não, mas de cujas densas brumas surgiu Cristo. O ataque movido ao Velho Testamento, não para só nêle; atinge o Novo também, porque Cristo e seu Evangelho continuam o passado involuido.

— Queres, agora, que examinemos esta mesma questão de um novo ponto de vista?

Chilon — Que dúvida? para isto estou aqui de onde não arredarei os pés, mesmo que passe tôda a noite.

Árago — No tempo destas ocorrências com Abraão e Sara, ambos estavam sós. Se o que fizeram fôsse coisa indígna, havia de ficar encoberta, pois todos nós costumamos silenciar sôbre tudo aquilo de que nos envergonhamos. Tu não procedes assim?

Chilon — Procedo.

Árago — E Lumbáio, como procede?

Chilon — Como eu, e assim todos.

Árago — Se fôsse coisa feia, teria ficado encoberta, e Moisés não teria tomado ciência disto, por tradição oral, para a escrever no Pentatêuco. Mas

Moisés tomou conhecimento; logo a coisa foi propalada entre os descendentes. E por que?

Chilon — Jamais o saberei, se mo não disserdes.

Ârago—Foi para que Abraão constituisse o ponto de passagem entre a prostituição sagrada e a profana, que existia na sua pátria, país de Hur, que fica nas montanhas da Mesopotâmia. Êste mesmo tipo de prostituição, considerada como rito religioso, grassava, não sòmente em tôda a Caldéia, mas também na Fenícia, Chipre, Cartago, Armênia, Pérsia, Egito, Grécia, etc., como se pode ver pela «História da Prostituição», escrita por vários autores célebres, editada pela Livraria Antonio de Carvalho, em São Paulo.

— Êste mesmo espírito de passagem entre a prostituição sagrada e a profana, está no relato do estupro de Diná por Siquem filho de Hemor heveu; ainda que Hemor, Siquem e todos os homens do reino se tivessem circuncidado, por exigência de Jacó, dois filhos dêste, chefiando um bando de homens armados, passaram à espada todos os machos, a começar por Siquem e Hemor.

Chilon — Mas isso foi uma barbaridade sem nome, além de heresia, pois os homens de Hemor estavam segurados pelo rito sagrado da circuncisão!

A'rago—Sim, sem dúvida que foi uma selvageria; mas serviu para reforçar o horror ao estupro e à prostituição. Contudo Jacó não aprovou o que os filhos fizeram.

Chilon — Mas Jeová não puniu os culpados, como era de se esperar.

A'rago — Então, se ninguém viu a punição, é que ela não se deu, de fato, como pensam todos os salafrários, e é por isso que ainda agora os safardanas são os únicos que gozam nêste mundo.

Chilon — É, mas a punição dêstes tais se faz, aqui ou alhures, noutras existências...

A'rago — Logo, os dois filhos de Jacó foram justiçados depois, noutras vidas, e por isso promete Jeová, no Decálogo, punir as culpas dos pais nos filhos, não *ATÉ* a terceira e quarta geração, como está em todas as Bíblias, mas *NA* terceira e quarta geração, que é quando já se teve tempo de reencarnar, de novo, no tronco familiar. É assim que na Bíblia esperantista, traduzida diretamente dos originais hebráicos, pelo judeu eruditíssimo Dr. Zamenhof, ao invés de «*gis la* tria kaj kvara generacioj» está «*en la* tria kaj kvara generacioj». (Ex. 20, 4 a 6).

—Abraão, pagando tributo a Melquizedeque, rei de Salem, tornou-se nexo entre a Ordem de Deus Altíssimo, a que pertencia êste rei, e sua posteridade. Igualmente o legendário sacrifício de Isaque teve a função conectiva e de passagem entre o sacrifício humano, sobretudo de crianças, praticado em quase todos os países antigos, e o sacrifício de animais.

—O povo ignaro, Chilon, vive de imitação, e por isso as melhores lições são as que se gravam em exemplos vividos, ou supostamente vividos; daí as parábolas de Cristo e as fábulas de Esopo. E Moisés não era nenhum lorpa para entender isto.

Chilon — Agora estou satisfeito, e vos peço entrarmos no estudo das dificuldades bíblicas. Lembrai-vos de que vos perguntei, de começo, se a Bíblia é divinamente inspirada, como querem muitos, ou é apenas um livro humano, como pretende C. G. S. Shalders, em sua obra «Uma Análise Crítica da Bíblia».

A'rago—Guarda, Chilon, tuas perguntas por ora; haveremos de chegar lá, querendo Deus; por hoje basta, que já é tarde.

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.° andar - Sala 2 e 3 - Telefône: 36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

“Não Matarás”

Osvaldo Requião

> «Não vim derrogar a Lei, *mas, sim, dar-lhe cumprimento*». — JESUS.
>
> «O homem não tem o direito de ferir *senão para curar*». (Antigo aforismo talmúdico).

O julgamento de CARYL CHESSMAN, cujo aspecto legal não nos propomos discutir aqui, solicitou, mais uma vez, a opinião pública mundial para a velha e sempre debatida questão da pena de morte.

Quem, neste momento, fala é não só membro do Ministério Público na Bahia, mas também cristão. Tal declaração objetiva justificar a mescla, aliás oportuna, conforme se verá, de elementos de ordem jurídica, por um lado, e de ordem teológica, por outro, com que pretendemos alicerçar nossa modesta posição na matéria ora equacionada.

Muitos, entre nós, ùltimamente, se têm preocupado tão só em justificar a razoabilidade dêsse instituto legal através dos tempos. Mas não basta, ao nosso ver, justificá-lo apenas, senão algo fazer também em favor de sua total proscrição, por contraproducente e anticristão. Mister se torna rendermo-nos, cada vez mais, à conclusão de que o progresso espiritual e, conseqüentemente, jurídico a que a humanidade chegou já não comporta essa bárbara fórmula de sanção penal, tanto mais quanto evidenciado está não ter produzido, em qualquer época, os frutos e resultados que fôra lícito dela esperar. Ora, no mais rico e civilizado dos países do mundo, os Estados Unidos, a realidade é, ao contrário, estarrecente e contristadora. É o que apresenta o maior índice de criminalidade juvenil. De acôrdo com J. EDGARD HOOVER, chefe do F. B. I. («Federal Bureau of Investigation»), citado pelo escritor norte-americano WILLIAM HARD, *«a partir de 1950, a percentagem de crimes aumentou quatro vêzes mais do que a população do país»*, apesar de suas câmaras-de-gás e de suas cadeiras-elétricas.

A própria história do direito de punir — consideradas as conquistas do período mediante entre a cruel «lei de talião» e a alvissareira «individuação da pena», florão de Becária — autoriza-nos a prognosticar que a pena de morte passará, que já está passando, como passaram, e louco seria quem pretendesse ressuscitá-las, penas quais as do sepultamento vivo, do esquartejamento, da roda, da mutilação de mãos, narizes, línguas e orelhas, do ferro candente, da fogueira, do regime das ordálias....

Por isso, repugna, principalmente à nossa formação cristã, que, em nossos dias, segundo está ocorrendo agora mesmo (Ver *«Reformador»*, abril, pág. 87), um indivíduo que se diz «representante do Cristo», possa dedicar-se à inglória e blásfema tarefa de percorrer o Brasil inteiro, advogando *a inclusão* (depois de 69 anos de proscrita da legislação pátria) *da pena de morte em nosso Código Penal,* propugnando por que se legalize, entre nós, *o direito de matar !*

Felizmente, tal apostolado, que serve aos interêsses das trevas, e não da luz, ou a inconfessáveis imperativos em que nem queremos pensar, vem ensejando azo para mais uma veemente afirmação de nossa mentalidade e de nossos sentimentos, exatamente o contrário do que esperava seu árdego preconizador.

«Tôda árvore que o Pai não plantou será cortada e lançada fora»—sentenciou o Torturado do Getsêmani. Disse ainda o Divino Amigo não ter vindo para derrogar a Lei, e, sim, *para dar-lhe cumprimento,* isto é, fazê-la cumprir. Muitas das recomendações divinas eram letra morta, no mosaísmo decadente dos fariseus («Não vos deu Moisés a Lei ? no entanto, nenhum de vós a cumpre»). Entre elas, o *«Não Matarás»*.

Será que Deus plantou, alguma vez, a árvore do assassínio, mesmo justificado, mesmo legal ? Não é crível. O mandamento dado a Moisés, no Sinai, foi simplesmente êste: «NÃO MATARÁS». Nada lhe foi acrescentado. A estupidez humana (quer se tenha disfarçado sob a máscara da vindita privada, da vindita familiar, da vindita tribal ou da vindita social) é que o interpretou a seu talante, acomodando-o a seus interêsses, nem sempre confessáveis.

Ao dá-lo à humanidade, Deus sabe que ela não está preparada para acatá-lo de chôfre, a um preceito de tal envergadura. O próprio Moisés—provado ter sido mero veículo ou medianeiro da vontade divina — êle mesmo, o maior dos hebreus, seu chefe supremo, mal se desincumbe do responsabilidoso ônus, renega e conspurca o insofismável aviso e, conforme vemos em *Exodo, XXXII : 25 a 29,* ordena e comanda, em seguida, a matança de cêrca de 3.000 de seus patrícios, além de prescrever mil outras sanções fatais, como, por exemplo, se colhe do citado livro, *XXI : 12 a 29...*

Afinal, para quem e para que foi ditado o *«Não Matarás»*, se tantos se aforçuram em riscá-lo agora da Bíblia ?!...

Compreende-se sem muito esfôrço, e a evolução da mentalidade humana, no particular, o atesta, que Deus não o ditou objetivando sua imediata e incondicional positivação entre os homens, ou com o intuito de vê-lo, num passe de mágica, seguido pela criatura — do mesmo modo que, quando ordenou que a terra produzisse ervas e árvores e frutos e sementes, peixes e répteis e aves e gados e bêstas-feras, abençoando-os e determinando-lhes crescessem e se multiplicassem *(Gênesis I : 11 a 22),* não teve em mente *uma criação instantânea* (tal asseveraram durante tantos séculos os escravos da letra), mas, ao revés, *progressiva,* como o afirma e demonstra, com o beneplácito da Fé, a Ciência. Deus não tem pressa, porque é eterno.

Etapas idênticas, no campo do esclarecimento humano, terá que vencer o *«Não Matarás»*, até que se efetive. Deus sabia disso, ao dar-nos não só êsse, senão também os demais mandamentos. Jesus, seu máximo representante na terra, confirma-o, nêsse ponto, ao advertir : «Até que o céu e a terra passem, nem um jota, nem um til se omitirá da Lei, *sem que tudo seja cumprido.* Quem, pois, abolir algum dêsses mandamentos, por menor que seja, *e ensinar assim a gente*, passará por ínfimo no reino do céu. Se a vossa justiça *não fôr maior* que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino do céu». *(Mateus, V : 18 a 20).*

Tudo vem a seu tempo. Detentor do livre arbítrio relativo e, do mesmo passo, submetido a um determinismo também relativo, o homem, em sua cegueira, tende sempre a subverter o sentido da lei, para apropriá-la aos seus efêmeros apetites, mas a lei, que visa ao bem, há de, afinal, impôr-se, lenta, porém seguramente, à proporção que a animalidade ceda caminho à espiritualidade.

É o que estamos presenciando. O direito de punir evolveu da lei do «ôlho por ôlho, dente por dente, sangue por sangue»—fase de absoluta vingança social—para a da «individuação da pena» ; com o *livramento condicional* e o *indulto,* presentemente conquistados, franquiaremos, dentro em pouco, a altruística etapa da *«indeterminação da pena»,* para, enfim, superados todos êsses momentos, substituirmos o DIREITO DE PUNIR pelo DEVER DE REABILITAR (Florian, Timme, Lugaro, Gall, Pietro Ubaldi).

Então, o *«Não Matarás»*, ditado nos tempos da barbárie, encontrará clima propício ao seu perfeito e total cumprimento. Em vez de cárceres nauseabundos e degradantes depósitos de desajustados morais chamados penitenciárias, em vez de câmaras-de-gás, de cadeiras-elétricas para o homem que se tornou incompatível com a vida social—*escolas, reformatórios, hospitais, medicina preventiva do crime*—em favor da recuperação do nosso semelhante. Quem ousaria, em nossos dias, pedir a pena capital para um louco delinqüente ?

Nessa quadra da história da humanidade, terá sentido esta predicação, ainda agora tida por absurda e utópica, de Jesus : *«Se alguém vos bater numa face, oferecei a outra ; amai vossos inimigos» (Mateus, V : 39 a 44).*

Por mais que sofismem os partidários de outra «pedra angular», o «NÃO MATARÁS» continuará a ser o grito da advertência divina contra o sacrifício dos Chessman, as execuções cubanas, os expurgos russos, os massacres sul-africanos, as hecatombes à Hiroxima, os crimes do falso arianismo hitlerista, as fogueiras inquisitoriais, as fratricidas guerras mundiais...

Até que se cumpra !

Feira de Santana, Bahia, Julho de 1960

Relações da mediunidade com os casos de doença psíquica

Para Morselli e Richet, os médiuns eram criaturas normais — Expedientes usados contra a propagação do Espiritismo — Explicações de Kardec sôbre os casos de loucura

ACUSAR os espíritas de loucos, apontar o Espiritismo como caminho para o hospício, e até mesmo apresentar o Espiritismo como forma de loucura, foram expedientes muito usados, e de grande efeito em nosso país, na luta contra a propagação da Doutrina. Nem mesmo os homens de ciência deixaram de usar êsse expediente, e ainda agora, em trabalhos recentes — um deles publicado em São Paulo, por lente universitária, e denunciado por Deolindo Amorim em magnifico artigo no jornal «Mundo Espírita» — aparecem tristes resquícios dessa atitude. Ficou célebre a tese do prof. Henrique Roxo, criticada por Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e outros, sôbre a estranha doença que se chamaria «delírio espírita-episódico», ou seja, a «doença» da vidência.

No exterior, entretanto, desde o princípio das pesquisas espíritas, os grandes mestres de psicologia e psiquiatria tomaram atitude bem diversa. Enrico Morselli, diretor do Hospital Psiquiátrico de Mecarata e professor de Psiquiatria e Neurologia na Universidade de Genova, autor de dois alentados volumes sôbre as relações do Espiritismo com a Psicologia — apesar de não ser espírita e de nem mesmo aceitar a «hipótese espírita» — não admitia que o Espiritismo fôsse causador de loucura. Pelo contrário, referindo-se às numerosas experiências que realizou com a médium Eusápia Paladino, acentuava o teor de equilíbrio, de sensatez, de serenidade, dos participantes dos trabalhos, e acrescentava que, em sua longa carreira de psiquiatria, haviam sido apenas quatro ou cinco os casos de alienados espíritas. Imagine-se a cifra correspondente a outras correntes.

Charles Richet, ao tratar das acusações de histeria e de loucura feitas aos médiuns, declara peremptòriamente no seu «Tratado de Metapsíquica»: «Recuso-me inteiramente a considerá-los como doentes». E logo mais adverte: «Certamente que êles sofrem alguma desagregação da consciência. Mas também os artistas, os sábios, e mesmo os indivíduos comuns, não sofrem freqüentemente de análogas desagregações da consciência, com automatismo parcial?» Referindo-se aos grandes médiuns então conhecidos, Richet acentua que nem a sra. Piper nem o rev. Stainton Moses, «possuiam qualquer característica fisiológica ou psicológica que os distinguisse», e terminava declarando: «êsses sensitivos são como todo o mundo». Uma observação curiosa de Richet, sobejamente constatada pelos investigadores espíritas, no mundo inteiro, é a da naturalidade e espontâneidade do desenvolvimento mediúnico, assim expressas pelo sábio: «Na maioria dos casos, foi por acaso que êles descobriram a sua sensibilidade. Não foi jamais por um ato deliberado da vontade que se tornaram médiuns. Seu poder desenvolveu-se espontâneamente». Da mesma maneira, a faculdade desaparece, quando menos se espera, e sem que o médium «possa retê-la», segundo as expressões de Richet.

Como se vê, há enorme distância entre a atitude de sábios como Morselli e Richet e a de alguns psiquiatras nacionais que se empenham em classificar os médiuns de anormais. A mediunidade, aliás, não é privilégio dos chamados médiuns. O Espiritismo demonstra que a mediunidade é uma faculdade humana generalizada. Tôdas as criaturas humanas são médiuns. O que existe é apenas uma variação de graus ou de potência, como se nota em tôdas as demais faculdades. O pitoresco «delírio espírita episódico» pode, assim, ser considerado como uma espécie de surto gripal, ou de sarampo ou de varicela, que de vez em quando ataca os grupos humanos. Enquanto o prof. Henrique Roxo não descobrir uma vacina eficiente, estaremos todos sujeitos a êsse delírio.

Kardec, em «O Livro dos Espíritos», estuda o problema da loucura, em face das acusações feitas ao Espiritismo. E pergunta: «Conhece-se o número de lou-

cos e maniacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? E deve-se, por isso, banir tais estudos? O que provam êsses fatos? Nos trabalhos físicos, estropiam-se os braços e as pernas; nos trabalhos intelectuais, estropia-se o cérebro». A seguir, lembra Kardec que nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhum ramo de atividades mentais é responsável pela loucura, que pode desenvolver-se em qualquer estudo, desde que o indivíduo tenha disposição para ela. E por fim esclarece que o Espiritismo «é um preservativo da loucura», porque oferece ao estudioso os elementos necessários à sua paz de espírito.

IRMÃO SAULO

Do Testemunho

v. lirenedo

A criatura humana, em sua existência neste mundo é missionária em função do progresso espiritual de si mesma. E função imediata é a de fazermos pela elevação espiritual dos outros. No benfazer desinteressado, no esfôrço, na dedicação, nos exemplos nós atuamos o nosso progredir e o dos outros.

Tôdas as nossas quedas no mal são desviamentos do missionarismo principal, do missionarismo benemerente precípuo. Cada descair no êrro é um interregno malbaratado, é uma seqüencia perdida que cedo ou tarde infalìvelmente havemos de recuperar.

A alma que tomba no mal, que nele se compraz, não veio à Terra em missão do mal, mas sempre e sempre do bem, da regeneração, do reequilíbrio, da redenção de si mesma. O estagiar no mal é o distorcer, o violentar e o renegar do missionarismo precípuo de que é investida pelo Alto tôda criatura humana. Tal missionarismo nuclear se compõe de muitas facetas que chamamos responsabilidade, dever, obrigação. Facetas tôdas elas refletindo correção, abnegação, altruísmo, sentimento.

Dizer-se missão é dizer provação, é dizer testemunho. No transcurso de nossa missionária-existência terrena não há um sequer de nós que não foi ou não será convocado, neste setor ou naquele, de um modo simples ou difícil, suave ou árduo ao testemunho. Se vencer nos pequenos testemunhos é sempre desafogar o Espírito, vencer nos grandes será redentoriar a êsse Espírito imortal que busca o mais alto, que sabe haver de estar, no grande futuro, e por seu justo mérito, em esferas mais elevadas...

Na história da humanidade espontam, graças a Deus, episódios sublimes de testemunhos maciços. O nosso 13 de maio é um exemplo magnífico do sentimento e desprendimento humano, pois a inteligente Princêsa Isabel sabia muito bem que o abolir da escravatura no Brasil era minar diretamente o próprio trôno. Mas não recuou.

A prova reforçada da luminosidade de sua alma, Isabel a dá pouco depois da implantação da República. A dócil criatura, já no dia seguinte ao da proclamação tem ciência de que os novos dirigentes da nação querem o exílio dentro de vinte e quatro horas da Família imperial. O choque emotivo, sentimental da Princêsa é tremendo, pois tal ordem significa a expulsão crua do país a que ela e tôda a sua Família amam, sendo o cúmulo da ingratidão para com aquela gente pacífica, boa e patriota. O coração sensível de Isabel está esmagado e seus olhos choram lágrimas queimantes diante do ultimato de banimento, mas a sua consciência em amoldamento evangélico está em luz. Entre os móveis deslocados para a mudança ao navio, olhando a mesa de Sevres em que assinou a abolição dos escravos, a Princêsa Redentora exclama veemente: — «SE TUDO QUANTO ACONTECE PROVÉM DO DECRETO QUE ASSINEI, NÃO ME ARREPENDO UM SÓ MOMENTO. AINDA HOJE O ASSINARIA!» (*)

Irmãos, tôda criatura humana é, do berço ao túmulo missionária auto-

---

(*) A afirmativa de Isabel acha-se em A PRINCÊSA ISABEL — A REDENTORA — Pedro Calmon, Ed. Comp. Edit. Nacional — 1941 — Página n. 261.

mática no Bem. O bem é a alavanca do progresso espiritual. As provações, os testemunhos são capítulos dêsse missionarismo-pró-evolução. Testemunhos houve na Terra a desprezarem todo o poder e esplendor e riqueza da Terra. São lances de almas nas quais viceja a fé num poder mais alto, numa razão mais alta, numa destinação mais alta esperando a criatura, e tudo por vontade perene do Criador. Essas são almas a não destoarem do Evangelho trazido à Terra pelo Cristo de Deus. Tais almas aclaradas não se prendem ao chão, mesmo ao chão mais vistoso e rico e rendoso; elas abraçam o testemunho e se elevam na aspiração pura de aperfeiçoamento transcendente.

A Bíblia Sagrada

(Anotações à margem das Santas Escrituras)

— I —

A todos os cristãos que procuram a verdade, isentos de preconceitos e de liames sectaristas, sejam católicos ou protestantes, espíritas ou simplesmente espiritualistas, e até mesmo aos agnósticos, desiludidos da Religião por causa das prevaricações que os homens engendram, paz e concórdia — para que haja possibilidade, nos espíritos, de assimilação dos santos ensinamentos do EVANGELHO!

Estão em jôgo os destinos da Humanidade, na atual conjuntura internacional, ainda, infelizmente, alimentada pelo anti-fraterno princípio sob cujo influxo tem-se desenvolvido a civilização, em nosso planêta, princípio determinante de tôdas as calamidades sociais e de tôdas as guerras: *«Si vis pacem, para bellum»* ou, traduzido em vernáculo: «Se queres a paz, prepara a guerra».

Sentem-se todos os corações invadidos de temor e de intranqüilidade; uma angústia mortal comprime-os. A ingênua bemaventurança, manifestada até bem pouco tempo, graças à boa fé que ainda lhes ia nas almas, por algumas criaturas destituidas de ambições e de espírito de competição que esteriliza os campos da amizade, se ainda de todo não desapareceu da face da terra, está, contudo, restrita a um número tão insignificante de pessoas incultas, que em coisa alguma pode influir para amenizar a irrefreável tensão de desconfiança, de que todos participam e de que muito poucos procuram libertar-se, pela prece, movidos por um sentimento de amor.

O próprio Criador, se invocado nas preces dos homens, é para atender a solicitações personalíssimas, cada qual procurando fôrças particulares para alcançar os bens da terra e até os de um cerebrino Reino dos Céus, que procuram conquistar sòsinhos, destituidos que foram do vero espírito de solidariedade cristã...

Para cúmulo de confusão e de desregramento mental, apresentam-se alguns profitentes das mais elevadas Doutrinas Espiritualistas, cujos elementos culturais preferiram, pelas suas tendências intelectualistas, aos bons princípios morais que elas objetivam, alicerçados na Caridade, como demolidores racionalistas das Santas Escrituras, dominados por um *cientificismo* absorvente, de fundo materialista, que os não deixa perceber a exiguidade mental a que se acha ainda adstrito o homem terreno, com relação aos fatos, aos problemas, aos fenômenos de natureza espiritual.

Entraram, então, a conspurcar todos os bons elementos da Exegética, segundo a qual muito podem conseguir, mesmo culturas medianas, a respeito de interpretação das Santas Escrituras, pretendendo, com isso, prestar um bom serviço à civilização do terceiro milênio, que desejam escoimada de superstições e pieguismos, entendendo como tais quaisquer idéias e quaisquer conclusões que não tenham assento na rocha inamovível dos fatos «cientìficamente» comprovados e materialmente ao alcance da inteligência... com o que fazem de Deus um alucinante conceito, supondo-se investidos de todos os atributos da

Divindade, a respeito de cujas obras sentem-se com inteira capacidade de conhecimento, já se pensando, mesmo, em executá-las independentemente de qualquer intromissão da Onipotente Vontade, pois que tudo quanto existe deve caber na possibilidade do HOMO SAPIENS, suprema e final manifestação das fôrças vivas e criadoras da natureza, na ascendente progressão das espécies... como supõem!

É, realmente, avassaladora essa tendência do espírito humano, hodiernamente, para preconceituar-se como capacitado a resolver todos os enigmas do Universo!

Que a ela se entreguem os sábios da escola materialista, ofuscados pela desmesurada luz que se desprende das mais recentes invenções e descobertas, entende-se, pois que tais manifestações da matéria são as únicas que lhes afetam os sentidos, uma vez tendo chegado êles, voluntàriamente, à esterilização dos demais atributos com que a Divindade dotou os seus filhos e que se não limitam àqueles, por mais superaguçados que sejam em alguns tipos da espécie, desproporcionalmente intelectualizados. O que não se compreende é que adeptos esclarecidos da Doutrina Espiritualista queiram navegar nas mesmas águas que os podem levar novamente à descoberta da América, de lá transportando-os mesmo à Lua apenas, por estarem Marte e Vênus ainda um pouco distanciados dos velozes aviões a jacto!!

Isso não se compreende, conquanto se reconheça a realidade do fato mais contraditório de quantos nos é dado observar nestes tempos de crise da humildade, crise da generosidade, crise da solidariedade, em que o Amor se desfigura andando de braços dados com o aviltamento do caráter, em que a beleza é substituida pela deformação, em que o espírito de competição já se não contenta em atiçar os ânimos nos campos de esporte, mas alimenta a pretensão de fazer-se valer na conquista das taças com que os crentes esperam embriagar-se bebendo o falerno da felicidade nos alcandorados «estádios» que ficam muito além das nuvens, no reino dos céus...

Oh! incapacidade inaudita dos homens para viver como Espíritos!

Saúdo-vos, irmãos, relegados como nos achamos, todos, aos ínfimos limites da nossa terrícola carnalidade! Saúdo-vos em nome dos humildes exegetas do Evangelho, aos quais nos aliamos, cuidando em lhes receber alguma inspiração, para dizer-vos, o quanto pudermos em linguagem humana e na mediocridade dos nossos conhecimentos literários, das coisas grandiosas e belas que se desprendem dêsse vaso sagrado, dessa inconfundível caçoila onde se queimam há tantos séculos as divinas essências para perfumar neste mundo de tão grosseiras emanações, as almas que ainda podem ser sensíveis ao suave influxo da Esperança, do Amor e da Sublime Verdade!

Philemon

Que pena, Senhor!...

Em Setembro de 1945 realizou-se a primeira Semana Espírita de Juiz de Fora, M. G., de 2 a 9 dos dias iniciais do mês. De um domingo a outro. Uma semana de oito dias... Cada um dia mais cheio de fraternidade exemplificada.

Nunca se tinha visto movimento espírita tão envolvente, expansivo e vivaz. As reuniões realizavam-se em amplos salões dos maiores Centros locais, com grande entusiasmo e máxima vibração cristã de todos que participaram delas.

O número de espíritas que superlotaram todos os salões em que se efetuaram as respectivas reuniões, a qualidade e a quantidade das delegações, os assuntos cuidados em cada uma de suas memoráveis sessões, o espírito de confraternização, de harmonia, de camaradagem e de alegria evangélica que predominou sempre entre todos, fizeram da 1.ª Semana Espírita de Juiz de Fora, um grande acontecimento do Espiritismo.

Doze cidades estiveram reunidas

em nome de Jesus, para pregar e exemplificar o seu Evangelho, em espírito e verdade.

Foi singular e animador êsse número, o número dos apóstolos de Cristo. Assim como o Cristianismo, iniciado com doze obreiros, dominou a Terra, o movimento das Semanas Espíritas contagiou Minas Gerais, tendo como ponto de partida Juiz de Fora.

Pena é que não foram publicados os anais da 1.ª Semana Espírita de Juiz de Fora.

Tão edificantes, quão proveitosos, não seriam êles!...

Resta-nos o consôlo de que tudo quanto nela se procedeu ficou eternamente gravado nos nossos corações e inscrito indelèvelmente no éter do Espaço infinito, para ser levado em conta dos pecadores seus participantes, por graça de Deus.

Para dar uma pálida idéia do que foi ela, basta rememorar o 1.º dia dêsse certame. Os outros dias decorreram no mesmo diapasão dêste.

DIA 2

Às 10,30 horas, na Fundação João de Freitas, salão repleto, apesar do mau tempo, foi aberta a Semana.

A mesa que presidiu a sessão de abertura, ficou assim constituida: professor Leopoldo Machado, presidindo; Orwile Derby Dutra, presidente; prof. José Jorge, de Nova Iguassú, orador; d. Calíope Braga de Miranda (d. Zuzú), presidente da Casa Espírita, encarregada da prece; Alí Halfeld, presidente da Fundação, e José Alves de Oliveira, representante da revista espírita «A Centelha», do jornal espírita «O Lar» e da Faculdade de Estudos Psíquicos do Rio de Janeiro.

Prece de abertura feita, ouviu-se o hino da Fundação João de Freitas, cantado pelas crianças, filhas das viúvas ali abrigadas. José Jorge, representante da Confraternização Espírita Lar de Jesus, de Nova Iguassú, formada por doze Centros circunvisinhos, proferiu, então, uma substanciosa conferência. Falou no trabalho das famílias espíritas coletivas disseminadas pelo Brasil, um Abrigo de Jesus, em Belo Horizonte, uma Fundação Espírita Abel Gomes, em Astolfo Dutra, uma Fundação João de Freitas, em Juiz de Fora, uma Escola Jesus Cristo, em Campos, um Lar de Jesus, em Nova Igussú, e tantas outras por aí além.

Citou e comentou Mat., cap. XX, recordando-se de ter tomado o bonde S. Mateus n.º 20, para conduzir-se até à Fundação... Uma cintilante oração, cheia de arroubos e de vibrações emocionais, que a todos suspendeu em êxtase profundo.

José Alves de Oliveira, com a palavra viva, saudou os espíritas locais em seu nome e no dos seus representados, já citados, e do Orfanato Tereza Cristina e Grupo Espírita Preito a Jesus. Pondo em destaque o papel da imprensa na difusão da Doutrina e significação das obras de assistência social na exemplificação do Evangelho, lançou um veemente apêlo a seus irmãos para ampararem cada dia melhor essas duas alavancas do Espiritismo — difusão e exemplo.

A prece final foi dita pelo confrade Alí Halfeld.

Às 20 horas, no C. E. União, Humildade e Caridade, sob a presidência do seu presidente, dr. Armínio Rêgo de Carvalho, ladeado pelos confrades José Jorge, Antenor de Souza, de Cruzeiro, José da Silva Oliveira e O. Pacheco, reiniciaram-se os trabalhos do primeiro dia da Semana. O dr. Armínio fez a prece da abertura e apresentou as boas vindas aos visitantes, concedendo a palavra ao orador da noite, professor José Jorge. Êste proferiu mais uma luminosa palestra, rememorando as Semanas Espíritas realizadas em Macaé e Nova Iguassú e realçando as fontes renovadoras da fé que resultam de movimentos como êsses. Augurou que a 2.ª Semana Espírita de Juiz de Fóra pudesse coincidir com o lançamento da pedra fundamental do Instituto Maria. (Isso aconteceu.) Falou do dever que nos cabe de propagar a Doutrina, da dor e da resignação, das provas e expiações, da justiça, da misericórdia e da tolerância divinas para conosco, do resgate de nossas faltas, da situação privilegiada dos espíritas, conhecedores que são de tudo isso. Evocou Êfebo e Job. Citou Paulo, que disse que «as coisas invisíveis têm os seus relativos no mundo visível», para confirmar que a fôrça do pensamento para o bem e para o mal age em ricochête sôbre os seus autores. Discorreu sôbre a legenda — Fóra da Caridade não há salvação, lêma do verdadeiro cristianismo. E estudou outra legenda — Trabalho, solidariedade e tolerância, de Kardec, para terminar conclamando a nossa atenção para a tremenda responsabilidade do Espiritismo na renascença espiritual e moral da humanidade no após guerra, cuja aurora vinha surgindo.

O dr. Armínio comentou elogiosamente a palestra do nosso ilustre confrade e formulou a prece de encerramento às 21 horas.

* * *

As águas rolaram; quinze anos fugiram...

Depois de ter sido a pioneira das Semanas Espíritas em Minas Gerais, e uma das suas melhores praticantes, mais de 10 anos seguidos, lideiada nêsse movimento pelo seu maior animador, cuja presença indefectível tornara-se tradicional, o lendário Leopoldo Machado com a sua Caravana da Alegria Cristã, eis que Juiz de Fora eximiu-se das Semanas Espíritas, abrindo um vácuo evidente.

Que pena, Senhor Deus!...

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, Agôsto de 1960

TERÃO ALMA OS ANIMAIS?

General Levino Cornélio Wischral

Com satisfação lemos no «Diário do Congresso Nacional», à página 8.184, um bem fundamentado discurso pronunciado na Câmara Federal pelo nobre confrade deputado Campos Vergal.

O discurso, mais tarde transformado em debate, examinava a introdução de uma cadeira de Psicologia nas escolas superiores do país. Sôbre o assunto em pauta nada podemos acrescentar, visto haver sido focalizado pelo setor científico, apoiado nos mais modernos tratados de psiquiatria. Vamos, todavia, deter-nos um pouco em tôrno de uma interessante pergunta formulada em plena assembléia reunida na Câmara dos Deputados e registrada à página mencionada daquele Diário Oficial.

Lá pelas tantas, impulsionado pelo calor do entusiasmo, o deputado Clidenor Freitas, de cérebro arejado, culto e bem inspirado, pergunta com destemor: «Os animais também têm alma?» pergunta essa que causou geral expectativa entre seus pares.

Nós, de imediato, responderíamos, como aliás foi dito em público, que, não sòmente os animais têm alma, mas igualmente a têm os componentes do reino vegetal e, até mesmo — não o estranhem — os do reino mineral, providos que são de rudimentar faculdade de senso que chamaríamos de «inteligência incipiente».

Como esta mesma pergunta já houvesse sido formulada por outras pessoas, verbalmente e através de cartas a nós dirigidas, procuraremos fazer aqui uma síntese das sínteses, para se ter uma ligeira idéia da complexidade da resposta. Em algumas laudas faremos o que só se poderia fazer em maçudos volumes.

Cada um de nós, criado por Deus, já foi apenas um singelo eléctron, um átomo, uma mônade, uma molécula, e agora somos todos um harmonioso conjunto, consciente e ativo, de células obedecendo a um govêrno central, que é a Centelha Divina, partícula do próprio Deus, centelha essa que nós agasalhamos em nosso íntimo, confirmando a evangélica afirmativa de Jesus: «Sois deuses!»

A evolução é contínua e eterna, indo do simples ao complexo e dêste ao sublimado. Pessoalmente somos de opinião que cada átomo isolado terá que, no decurso da Eternidade, transformar-se e engrandecer-se até atingir a magnificência de uma Galáxia ou de uma Via Láctea.

Se pudéssemos enxergar através dos olhos do Supremo Criador dos Mundos, ou seja Deus, veríamos a vastidão dêste nosso imenso sistema solar como se fôsse um minúsculo e insignificante átomo, êste mesmo átomo que os cientistas apenas pressentem e que nem os mais potentes e delicados olhos dos microscópios eletrônicos puderam avistar até hoje.

Para atingirmos a configuração do homem atual, tivemos necessidade de percorrer, em lentíssimos e demorados ciclos de aperfeiçoamento, durante bilhões e bilhões de séculos, tôdas as formas, estruturas e organizações pertencentes aos reinos mineral, vegetal e animal. Mais tarde, sem dúvida, cada um de nós terá que ser categorizado como anjo e arcanjo e, mais além ainda, cada um terá que ser um Cristo Planetário, como Jesus, o governador do nosso planêta Terra, o é agora; aliás, quer queiramos quer não, cada criatura é um Cristo em fazimento.

Considerando mais objetivamente nossa origem, podemos dizer que já animamos um seixo, um bloco de carvão, uma rocha, uma pedra preciosa como a turmalina ou o diamante. Sim; já íamos esquecendo de dizer que também já demos vida àquela majestosa coluna multicor e brilhante de quartzo ou cristal que aparece aos nossos olhos ricamente ornamentada de arestas, facêtas e planos geomètricamente exatos, graciosos e atraentes. Dêsse cristal, existe certa espécie trazendo incrustadas pequeninas e delicadas pepitas de ouro luzidio, dando-nos a aparência de uma soberba e orgulhosa dama aristocrata a exibir refulgente «toilette» de gala, em noite festiva, na intimidade de encantado palácio medieval.

Pois êsse mesmo cristal, ao ser despedaçado pelos golpes violentos dos martelos dos homens que o vão explorar industrialmente, só falta chorar! A mutilação é dolorosa; contudo, por abrigar também em seu âmago a Centelha Divina, o cristal é tocado por uma estranha inteligência e assim reage, luta e, lentamente, cresce, recompleta-se e, finalmente, fica restaurado. O ex-aleijão mutilado, agora restabelecido e sem mácula, resplandece mais belo que nunca; está refeito, sem cicatrizes!

A esta altura dizemos e perguntamos: — Restaura-se o cristal partido; renasce o galho decepado da árvore, e novas pernas crescem no lugar das arrancadas a certos crustáceos. Por que com o homem não ocorre o mesmo ao perder êle um membro qualquer?

Prossigamos depois dêste pequenino parêntese:

Incontável tempo preparou-nos o ingresso no reino vegetal, onde começamos por dar vida às celulas nervosas dos delicados musgos, da melindrosa sensitiva, da causticante urtiga de mau humor e também da plantinha chamada pelos botânicos de drósera, que se alimenta com o sangue dos insetos que ardilosamente fisga e enlaça em sua corola. Já fomos também uma roseira, com belas e perfumadas rosas da espécie «príncipe negro» ou então um triste e raquítico coqueiro da praia cearense ou ainda uma frondosa mangueira carregadinha de frutos suculentos ou — quem sabe? — um soberbo e secular pinheiro com aparência de um gigantesco cogumelo ou guarda-chuva a enfeitar as belas campinas do Sul!

Após havermos perpassado por todos os ciclos do reino vegetal, fomos impulsionados pelas mãos dadivosas do Criador para iniciarmos outra escalada mais — a do reino animal.

Em outros bilhões de séculos tecemos pacientemente o elo vegetal-animal, despertando e exercitando novas faculdades até então embrionárias. Imóveis, inativos e amarrados ao solo, bafejou-nos, enfim, a divina graça do movimento, dádiva dos Céus para uma vida de maior liberdade.

Paulatinamente transitamos por todos os ciclos animais, movimentando e animando os corpos mais horrendos e esquisitos de nossos irmãos—os vermes, molúsculos, répteis, mamíferos e outras bicharadas mais. Não fiquemos ofendidos ou enojados ao lembrarmo-nos de já haver agitado o corpo esguio da traiçoeira serpente; do viscoso caracol de corpo carnal intimamente ligado à concha de carbonato de cal, comprovando sua origem mineral e demonstrando que é até perfeitamente possível a harmoniosa simbiose minério-animal. Quem sabe se não agitamos também, em graciosos zigue-zagues, o corpinho tipo «galhinho sêco» do louva-deus reverente e religioso; o do morcego amante das trevas, o da inocente pombinha da paz, o do cão fiel, o do cavalo de porte cavalheiresco ou o do enorme elefante, de olhinhos dóceis e meigos ao saborear sua ração de açucar, ou então o dos antecessores do popular «Cacareco» do nosso Jardim Zoológico!... Dessa maneira aproximamo-nos do irrequieto e sensual macaco, parente mais do que próximo do «homo sapiens» de que trata a genética do grande e inspirado Darwin.

Outro convite mais nos vem dos Céus. Desta vez entregamo-nos a dilatados estágios no mundo espiritual. E' no «Astral», como espíritos imperfeitos, ignorantes e cheios de complexos animais, que vamos elaborar um apenas esboço do futuro bípede peludo, horrendo, acanhado e espantadiço. Eis então o bisonho «candidato a gente» transpondo o pórtico da civilização, rumo ao tão ansiado reino hominal.

Preparados para um aprendizado mais árduo, começamos renascendo algumas vêzes como ferozes antropófagos e selvagens na densa mata virgem. Ainda somos animais com acentuada fisionomia de futuros homens... Tímidos, apresentamo-nos em novos renascimentos, nas orlas das imensas florestas, na pessoa do índio desconfiado a imitar o seu super modêlo — o civilizado. Como seria de esperar, vamos surgir, desta feita, entre o ingênuo e bom caipira, e, daí para o colono ou cidadão é coisa de um só passo. Agora, sim! Renascemos povoando países e cidades. Cruzamos continentes, oceanos e céus, lotando modernos e super confortáveis cadilacs, gigantescos transatlânticos e submarinos atômicos. Velocidade e mais velocidade é a ânsia desesperada da época; todos correm em louca disparada sem saber atrás de que, e a ciência humana, contaminada pelo complexo da pressa ainda maior, transporta as criaturas em super-luxuosos pássaros a jato, diàriamente superando seus próprios recordes dos super-sônicos viajores celestes. Sem tardança, cada um terá o seu individual disco voador, ricamente decorado para, em questão de poucas horas, visitar, num domingo à tarde, qualquer parte do Planêta, volitando alegre e seguro pelo espaço afóra, qual andorinha feliz e despreocupada.

Por esta altura, porém, já deixamos muito atrás de nós vastos oceanos de lágrinas, dores e amarguras; assistimos a última guerra atômica que estorricou três quartas partes do planêta, aumentando ainda mais as pestes, fomes e ranger de dentes! Tudo porém passou, e a aurora da verdadeira paz diz-nos que estamos às portas de nosso tão desejado paraíso terrestre. O calendário aponta-nos o ano dois mil quatrocentos e pouco. Aqui não mais se observa o confuso e loúco formigueiro humano, pois os perversos, rebeldes e teimosos, ou sejam os três quartos da humanidade, foram há tempos desterrados em tétricas e macabras romarias para os abismos trevosos de outros planêtas em formação — lá onde agora se vive a nossa remota idade da pedra lascada, a idade paleolítica. Eis a nova pátria das ásperas e dolorosas reencarnações a que serão submetidos os corruptos, maus, indiferentes e recalcitrantes que não quiseram ouvir o Evangelho do nosso amado Mestre Jesus.

E assim, com pequeninas incursões laterais, chegamos ao final de nosso tema. Estejamos convictos de que, onde existe algo parecido com o átomo ou partícula ainda menor, aí também existe um partícula alma, do próprio Deus que tudo enlaça e vivifica com Seu Amor.

SALDANHA MARINHO

Mac Maynard

Há figuras exponenciais da cultura humana que não são, muitas vêzes, relembradas com mais freqüência; figuras, infelizmente, desconhecidas do povo, mas que delas usufrue os frutos sazonados de seu trabalho profícuo.

Entre nós o vulto de JOAQUIM SALDANHA MARINHO não é tão conhecido como deveria sê-lo, no entanto, usufruimos os frutos de seu labor, de seu invulgar talento posto a serviço da Pátria e da Humanidade. Quando muito, (e não é pouco), evidentemente, damos o seu nome a uma rua ou praça, seu busto é raramente visto, contudo é uma figura de verdadeiro destaque na cultura pátria, um brasileiro que enche de orgulho uma nação.

A Loja Maçônica Caridade III de Tatuí para comemorar seu 130.º aniversário de fundação presta uma homenagem ao Grande Ganganelli (pseudônimo de Joaquim Saldanha Marinho) reeditando sua obra «A IGREJA E O ESTADO», e, que melhor homenagem poderia ser prestada a êsse inclito brasileiro? Vamos ter Saldanha Marinho falando conôsco através de sua obra histórica.

O momento é de apreensão, mòrmente quando se discute o projeto de Diretrizes e Bases da Educação, nada mais oportuno do que lermos a obra de Saldanha Marinho para melhor situar o problema educacional no Brasil.

A evolução política do Brasil não começou ontem, o lastro de cultura precisa ser rastreado no passado onde vamos, então, ler os artigos de Ganganelli, por exemplo, como doutrinador das massas. Êsses artigos de jornal que, enfeixados posteriormente, deram os quatro volumes de «A IGREJA E O ESTADO», livro imprescindível aos estudiosos da história brasileira.

O espírita não pode deixar de ler êsse livro, o espírita é libertário e vai encontrar ali um libertário estupendo que pôs a sua cultura, a sua coragem a serviço da defesa da liberdade individual e nacional.

Quando periclitava a laicidade do Estado, o apóstolo de Matão, o inolvidável CAIRBAR não ficou de braços cruzados, como espírita, (digamos de passagem :—paradigma), como professo da Religião da Liberdade de Consciência, saiu a campo para a luta, nada temia, nada o amedrontava, o fogo interior o impulsionava para as grandes causas em pról da Liberdade; Cairbar deu o exemplo aos espíritas, e, como diria hoje : — «Meus irmãos, a Liberdade de Consciência está em eminência de ser atingida... o que ensina a nossa Doutrina ? Mãos à obra, derrubemos as bastilhas do obscurantismo» ; os «medievais» querem levantar muralha para aprisionar o sistema educacional brasileiro, querem *«educar»* os nossos filhos segundo a cartilha ultramontana, deformando-os mental, espiritual e fìsicamente.

O Espiritismo é ciência, é filosofia, e como pode o espírita desempenhar seu papel na sociedade desconhecendo a vida e a obra de um Cairbar, de um Saldanha Marinho ? São personalidades de exemplo vivo, são homens que tudo afrontaram para defender a Liberdade de Consciência.

Quando o espírito é bem formado, não importa a religião que professa. Saldanha Marinho era católico, mas acima dos dogmas menticidas da sua religião estavam os sagrados princípios da Liberdade ; e quando um ideal é assim alimentado, não teme represálias, vem a público defender o seu ideal.

Melhor podemos aquilatar da coragem de Saldanha Marinho é quando analisamos o homem no momento histórico : a igreja ligada ao estado, religião oficial, o clero mandava e desmandava e esse Libertário pelo jornal diário escalpelando a atitude da Igreja não só no Brasil como no mundo, é preciso muita coragem !

O perigo não passou, temos exemplos de outros países onde o clero dominou os governos e que hoje impinge uma *«educação»* rebarbativa, criando marionetes.

Parabens Loja Maçônica Caridade III de Tatuí, não basta apenas citar Saldanha Marinho em «programas da saudade» como grande maçon, não basta citação em «festas», não basta colocar seu nome em ruas e praças, é preciso que o Grande Ganganelli continue a sua doutrinação, já que seus continuadores desertaram da luta. É necessário além de mostrar para o neófito a figura ímpar de Saldanha Marinho dar-lhe a obra monumental para ser lida, assimilada e... posta em prática!

Parabens espíritas brasileiros, discípulos do CRISTO LIBERTÁRIO, logo teremos Saldanha Marinho reeditado...

A bibliotéca dos homens livres vai realmente aumentar; há mais de setenta anos que só se ouvia falar de Saldanha Marinho.

Em hora alguma proclame seus méritos individuais, porque qualquer qualidade excelente é muito problemática no quadro de nossas aquisições. Lembre-se de que a virtude não é uma voz que fala e, sim, um poder que irradia.—André Luiz.

Crônica Estrangeira

O SONHO QUE ACUSA

«O SONHO QUE ACUSA» é o título de uma curta metragem referente á Scotland Yard, chefatura da Polícia Inglêsa, projetada sôbre a tela da Televisão Belga, que trata de um caso de homicídio autêntico ocorrido em 1938.

Um velho pastor e sua mulher chegaram a Londres, onde morava seu filho Gerald Neil, homem de negócios que para assômbro dos pais não foi encontrado em sua casa, e mais ainda, quando são informados, pelo gerente, que Gerald Neil partira para París com um amigo que, fisicamente, era extremamente parecido com êle, e que êste transferira todos os seus haveres provenientes de uma recente herança para um Banco Francês.

Scotland Yard, alertada, recusa-se a tratar do assunto, pois a coisa se assemelhava a uma fuga...

Mas a angústia dos pais vai aumentando á medida que o tempo passa. Uma noite a velha mãe teve um pavoroso sonho, que ela imediatamente revelou ao marido.

A princípio, ela viu um tronco de árvore calcinada, de uma forma característica; e visão de uma propriedade completamente incendiada lhe apareceu em seguida. Depois tornou a ver a mesma propriedade, — em aparência uma fazenda — mas dessa vez, intacta, onde seu filho entrou sózinho, dela saindo inanimado, e seu corpo é atirado por um indivíduo, num poço abandonado.

Pela manhã o velho pastor parte rumo a Paris, onde êle perde todo vestígio de seu filho. Durante três semanas êle remexe céu e terra, mas seus esforços são inúteis. Certa tarde quando resolve voltar a Londres, um amigo de seu filho o vê no terraço de um café, e o informa que Gerald com quem combinara vir a Paris, não aparecera.

De volta a Londres, o Sr. Neil soube que seu filho regularmente se encontrava com um certo James Wilson, que lhe era extremamente parecido, exercendo a profissão de ascençorista, que era seu devedor. Imediatamente o pastor se dirigé ao endereço que encontra no indicador telefônico.

Chegando ao seu destino, êle imediatamente teve a impressão de conhecer êsse lugar: era uma fazenda incendiada e abandonada. De súbito se lembra do sonho de sua mulher... Intrigado, êle descobre o tronco da árvore carbonizada, de forma tão característica, e continuando sua investigação descobre por trás da habitação o poço no qual a mulher, em sonho, viu ser atirado o corpo de seu filho.

Imediatamente, êle revela á Scotland Yard, a semelhança chocante entre os resultados de suas investigações e o sonho de sua mulher... Os policiais inglêses tiraram do poço profundo o cadáver de Gerald Neil!

Esta longa narrativa era necessária para bem mostrar que sem os detalhes reveladores do sonho, não seria possível descobrir o corpo do desaparecido. É esta a constatação unânime dos inspetores da Scotland Yard e não olvidemos quão providencial foi o encontro nêsse formigueiro humano que é Paris, da única pessoa que com certeza sabia que Gerald Neil não tomara o avião na data indicada.

Como então explicar êsse sonho extraordinàriamente preciso? O comentador da fita, romancista inglês e reputado perito em criminologia, lança còrretamente a pergunta nêstes termos: Espiritismo ou Ciências Psíquicas?

Nós vamos—porque é êste evidentemente o objetivo dêste artigo—analizar o caso em aprêço.

Impõe-se uma primeira constatação: o fim do sonho pode bem ser explicado pelo fenômeno da «telepatia retardada». No momento de sua queda no poço, Gerald Neil tendo talvez voltado à consciência, poude ter um supremo pensamento à sua mãe; o subconsciente desta o teria registrado para depois o transmitir à memória consciente. Mas aí provàvelmente termina a explicação metapsíquica do sonho da mamãe. Com efeito, é preciso saber—pois isto é extremamente importante — que o incêndio é bem postèrior ao crime. James Wilson voluntàriamente incendiou a sua propriedade, não só quís aproveitar um contrato de seguro assinado pouco tempo antes, mas provàvelmente também tentou desviar dêsses lugares todos os olhares indiscretos.

Porque, então, não atribuir os detalhes reveladores do sonho ao espírito do defunto ? Com efeito, parece que só a sobrevivência individual e consciente daquêle que foi Gerald Neil, pode explicar o perturbante sonho da mãe.

Certamente, todos os detalhes do sonho eram conhecidos por um ser vivo—nêste caso o assassino—por conseqüência, permitido é pretender que a clarividência favorecida pela tensão de espírito da mãe, explique a inteireza do sonho. Essa explicação sôbre o plano estritamente científico, é perfeitamente válido, porém um argumento psicológico vem sèriamente reforçar a hipótese da origem espiritual do sonho : com efeito, nêsse momento nada autorizava os velhos pais supor que seu filho não mais era dêste mundo, e isso mostra, ao nosso humilde parecer, o caráter intencional do fenômeno.

Tudo podia ter-se passado como se o espírito de Gerald Neil tivesse querido informar seus pais das circunstâncias da sua morte e do lugar onde estava o seu corpo.

Como quer que seja, êsse fato — espírita ou não — é excessivamente interessante para ser retido e sua narração terá feito refletir muitos telespectadores.

De «Spiritualisme Moderne»

UMA PREDIÇÃO REALIZADA

De «La Revue Spirite»

O Dr. Bedri Rushelman, Presidente Fundador da Sociedade Turca de Metapsíquica, residente em Istambul, comunicou a «La Revue Spirite» os seguintes fatos :

No decurso duma sessão realizada a 9 de dezembro de 1958, em presença de um médium de valor, uma entidade desconhecida anunciou que uma inundação desastrosa devastaria a Turquia, nas imediações da cidade de Kannya. Uma floresta inteira seria aniquilada. Uma semana depois, a 16 de dezembro de 1958, a mesma entidade (espírito), com o mesmo médium, confirma a predição. Foi desenhada uma carta da região que deveria ser devastada. Ela recebeu a aprovação do comunicante. Mais ainda, êste aconselhou fazer registrar oficialmente, por três notários diferentes, as comunicações obtidas, com todos os detalhes fornecidos. O que foi feito.

No dia 26 de janeiro de 1959, a mesma entidade afirmou que o anunciado desastre ocorreria dentro de dois ou três dias.

Dois dias depois, a 28 de janeiro, os jornais de todo mundo anunciaram que as regiões em tôrno de Adana e Mersin haviam sofrido graves danos resultantes de uma súbita inundação. Isto correspondia exatamente à informação obtida cincoenta dias antes.

Daí o Dr. Rushelman concluiu que estas divulgações, provindas do plano transcendental, têm por objetivo provar aos homens que existe, além de sua própria existência corporal, uma vida espiritual superior que pode, para a evolução da humanidade, criar acontecimentos de acôrdo com os desígnios da Divindade.

Junto à carta de informação do Dr. Rushelman vieram diversos recortes ilustrados de jornais turcos e igualmente uma página reproduzindo extratos da imprensa turca.

Um dêsses extratos chamou a nossa atenção. Trata-se da questão do anúncio, obtido pelo Grupo do Dr. Rushelman, dum grande tremor de terra na Turquia. O Dr. confirmou o fato, sem dar particularidades, declarando que estas estavam, por ora, nas mãos dos notários.

Aguardemos a realização desta nova predição, deplorando agora se, por infelicidade, a prova ainda ferir o povo da Turquia.

Habitue-se à serenidade e à fortaleza, nos círculos da luta humana; sem essas conquistas difìcilmente sairá você do vaivém das reencarnações inferiores. - (A. L.)

Espiritismo no Brasil

Dante Ferioli

Próximamente o nosso representante-viajante, sr. Dante Ferioli, percorrerá a zona sul do Paraná, devendo visitar as seguintes cidades de referida zona:

Jacaresinho, Santo Antonio da Platina, Joaquim Tavora, Quatiguá, Siqueira Campos, Ponta Grossa, Reserva, Palmeira, João Eugênio, Curitiba, Irati, Rebouças, Piraquara, Morretes, Guaratuba, Paranaguá, Antonina, Lapa, São Mateus do Sul.

Depois entrará na zona sul de São Paulo, passando pelas seguintes cidades: Ribeira, Itaóca, Guapiara, Capão Bonito, Itapeva, Itararé e Itaberá.

Aos confrades assinantes de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», residentes nessas cidades, solicitamos dar boa acolhida ao nosso representante-viajante, facilitando o seu trabalho, contribuindo assim, para a maior difusão da causa que nos irmana.

O nosso representante-viajante, sr. Dante Ferioli, por intermédio da «Revista» agradece, sensibilizado, a todos os confrades da zona Norte do Paraná, pela atenção que lhe dispensaram, por ocasião da sua visita àquela zona.

A todos, pois, desejamos muitas felicidades e votos de muito progresso espiritual, votos êstes extensivos às suas exmas. famílias.

Declaração Espírita de Princípios Educacionais

A I Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, reunida em São Paulo, de 11 a 16 de julho de 1960, apoiada e integrada pelos orgãos de máxima representação do movimento espírita estadual, depois de examinar atentamente, com a colaboração de eminentes educadores de orientações ideológicas diversas, a situação atual do ensino e da politica educacional no Brasil, resolve:

a) — Declarar lesivo aos interêsses nacionais, altamente atentatório às conquistas democráticas da educação brasileira e ao seu desenvolvimento, e anti-constitucional, o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovado pela Câmara Federal e em tramitação no Senado da República.

b) — Manifestar sua esperança de que o Senado rejeite essa nefasta propositura, propiciando a necessária oportunidade à Câmara Federal para reexaminar sua posição, atualmente comprometedora, em face do problema básico da educação.

c) — apelar aos Partidos, às Instituições representativas de nossas fôrças econômicas, sociais e culturais, sèriamente ameaçadas pelas inevitáveis e imprevisíveis consequências do referido projeto, e a sua excelência o sr. Presidente da República, para tomarem medidas urgentes de preservação do nosso patrimônio educacional.

d) — Apelar às Bancadas Paulistas na Câmara e no Senado Federal, para que tomem posição enérgica na defêsa da escola pública, do ensino livre e obrigatório em todo o país, como único meio possível de libertarmos o povo do analfabetismo, da ignorância e da miséria.

e) — Formular a seguinte declaração espírita de princípios educacionais, que define a posição dos espíritas paulistas, em consonância com os de todo o país, segundo a orientação doutrinária e as manifestações individuais e de instituições já efetuadas por todo o território nacional, em face do problema da educação:

1.º) No Plano Geral:

I — Ensino livre, gratuito, e educação leiga, para tôda a população, através de escola pública, mantida pelo Estado, segundo a política educacional e a filosofia democrática da educação consagradas pela Constituição Federal.

II — Liberdade para a iniciativa particular no ensino supletivo, em todos os graus, desde que respeitados os princípios democráticos e o caráter leigo do ensino público, indispensáveis à formação da unidade espiritual da nação, em bases humanistas.

III — Exclusão urgente do ensino religioso facultativo nas escolas públicas e particulares, por constituir fonte de discriminações e injustiças, prejudicando os superiores objetivos pedagógicos.

IV — Formação moral no ensino leigo, como supletivo da familiar, através de normas éticas de ordem geral e de educação cívica elevada, com vistas à formação humanista.

V — Ensino de religião como matéria filosófica, nos cursos médio e superior, sem qualquer tendência sectária ou particularista.

VI — Instituição de penalidades legais para a prática de qualquer forma de discriminação nas escolas públicas e particulares, inclusive as decorrentes da posição civil dos pais.

VII — Combate à evasão escolar no curso primário, assegurando-se a sua extensão a tôda a população em idade escolar.

VIII — Instituição de medidas efetivas de aproveitamento vocacional, a partir do curso primário, superando-se, com os recursos do Estado, os prejuizos decorrentes dos desniveis econômico-sociais, no aproveitamento de aptidões especiais.

IX — Incentivo do ensino técnico, agricola, e da pesquiza científica, através de planejamento adequado e da instalação de escolas primárias, médias e superiores especializadas, em todo o país.

X — Aplicação rigorosa dos dinheiros públicos na manutenção, desenvolvimento e aprimoramento do ensino público, sem qualquer desvio de recursos para a escola particular ou outras finalidades.

2.º) No Plano Doutrinário:

XI — Ensino da Doutrina Espírita no lar e nas instituições doutrinárias, através de cursos especiais, como se faz atualmente.

XII — Instituição de cursos de extensão cultural para jovens e adultos, relacionados com a Doutrina Espírita, a exemplo dos que são ministrados pelo Instituto de Cultura Espìrita do Brasil, visando à boa formação cultural do meio espírita.

XIII — Manutenção das escolas espìritas existentes e criação de outras, no maior número possìvel, como meio de propiciar aos pais espìritas a oportunidade de subtrairem seus filhos às influências e a coação religiosa imperante na maioria das escolas particulares, e até mesmo na escola pública atual, minada pela excrescência legal do ensino religioso facultativo.

XIV — Apoio e incentivo às instituições de pesquisa cientìfica da fenomenologia espìrita, objetivando o desenvolvimento constante das bases cientìficas da doutrina.

XV — Esclarecimento constante da opinião pública sôbre o sentido e a finalidade humanista do Espiritismo, como um momento histórico de transição dos problemas sobrenaturais para o plano do natural, enquadrados na sistemática racional das leis que regem o universo.

Estudo cientifico de parapsicologia

O Grupo de Estudos de Parapsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo e a Comissão de Astronáutica e Cibernética da Fundação Santos Dumont cogitam de realizar uma reunião conjunta, nesta capital, a fim de tratar de um plano de colaboração para o estudo em bases cientìficas de fenômenos parapsicológicos, principalmente da telepatia e da pre-monição (receber avisos, advinhar fatos futuros etc.). O primeiro grupo é formado por alunos do prof. Anibal Silveira, da cadeira de Psicopatologia da FFCL, e é orientado pela sua assistente, prof.ª Elsa Antunha, e na CAC da FSD o assunto vem sendo estudado pelo prof. Flavio A. Pereira, que há longos anos mantém intercâmbio com centros de estudos parapsicológicos de outros países principalmente com o prof. Rhine, da Universidade de Duky, que virá nas férias de verão do próximo ano a São Paulo, a seu convite, a fim de dar um Curso de Parapsicologia.

Passamento

Celeste Ferrarezzi Bonfoqui

Depois de insidiosa moléstia que a reteve ao leito durante três mêses, suportando com fé e coragem os seus sofrimentos, desencarnou no dia 5 deste mês, nesta cidade, com a idade de 78 anos, nossa irmã Celeste, viuva do nosso confrade Brando Bonfoqui.

Companheira nas sessões semanais do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» desde seus primórdios, com Cairbar Schutel e depois com José da Costa Filho e todos nós, como sua frequentadora assídua, o seu passamento deixa uma grande lacuna em nosso meio espírita, com a falta de seu convívio agradável e fraterno, pois a irmã Celeste foi sempre uma servidora e amiga de todos.

—Que o irmão Bonfoqui e demais companheiros de luta, já na espiritualidade, que a estimam, possam recebê-la de braços abertos sob as bençãos de Jesus, são os nossos votos.

Aos nossos colaboradores

Seria agradável que pudessemos aumentar o número de páginas desta «Revista» para possibilitar um atendimento mais constante na publicação de trabalhos dos prezados colaboradores. Isso, porém, não tem sido possível para não agravarmos, no momento de tantas dificuldades, as despesas já existentes.

Assim, para podermos contentar a todos, publicando maior número de vêzes as produções de cada um, pedimos que nos mandem artigos que não ultrapassem de três páginas da «Revista», resumindo ou sintetizando as suas teses, proporcionando-nos, dentro do espaço reduzido disponível, atender melhor a todos e oferecer leitura mais variada ao público.

Para trabalhos de estudo e longo fôlego, há o recurso de dividi-los em pequenos capítulos seriados.

Pedimos também o cuidado dos artigos serem escritos a máquina, em dois espaços, e num só lado da folha de papel, a fim de facilitar-nos a composição e a revisão.

A REDAÇÃO

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião ordinária, realizada em 3 de Setembro de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA anterior, que é aprovada. No expediente são lidos: ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, anunciando a realização, em Janeiro de 1961, do I Seminário de Dirigentes de Casas Espíritas Federadas e convidando o Conselho para o mesmo, cujo temário apresenta; ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, enviando circular remetida às suas sociedades adesas, sôbre trabalhos da Comissão de unificação; comunicação da Juventude Espírito Cearense sôbre o êxito da IV Concentração das Mocidades Cearenses e da exposição de livros espiritas e sôbre as atividades do Departamento Hospitalar da União Espírita Cearense.

Guanabara — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, declara haver comparecido a uma reunião, para debate do Projeto de Diretrizes e Bases de Educação, desinteressando-se do assunto, em face da deliberação assumida pela F. E. B. sôbre êle.

Pernambuco — O Conselheiro Joaquim da Costa Vilaça renuncia à representação da Federação Espírita Pernambucana no Conselho Federativo, em virtude de sua eleição para o cargo de Segundo Secretário da F. E. B.

Mato Grosso — Comunica o Conselheiro Clemente Martins a adesão, à Federação Espírita de Mato Grosso, de mais sete sociedades espíritas, e a construção do Centro Espírita «Paulo de Tarso» e do «Lar Ismael».

São Paulo—O representante, Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros, discorre sôbre a magnífica obra do Centro Espírita «Joana D'Arc», em Itararé, e comunica que, com a colaboração do Conselho Metropolitano da USE, a Federação Espírita de São Paulo fará realizar, em Janeiro de 1961, o segundo curso intensivo de preparo de evangelizadores do Estado. Às dezesseis horas, feita a prece de encerramento pelo representante de São Paulo, declara o Presidente encerrada a reunião.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita.
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal. 11 - Matão - E. S. Paulo — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3610unse

Ano XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1960 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Culto dos Mortos . . . . *Cairbar Schutel*
A Mulher na Antiguidade e na Igreja *Mário Cavalcanti de Mello*
Serões Bíblicos — III . . . . *Luiz Caramaschi*
Os Fatos Provam . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon*
Os Médiuns . . . . *v. lirenedo*
O Espiritismo no pensamento de antigos Padres . . . . *Delfino Ferreira*
A Tese Reencarnacionista pela Ciência *V. O. Casella*
Diários de Leopoldo Machado . . *Leopoldo Machado*
Compreendendo a relatividade de antigas verdades absolutas . . . . *Irmão Saulo*
Luz, Senhor, por Misericórdia... . *E. K. Taves*
Milhões e Nada . . . . *Domério de Oliveira*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Natal dos Pobres

Prezado irmão: Saúde e paz em Jesus.

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» procurará reunir, em sua séde, as famílias necessitadas e distribuirá entre as mesmas os donativos que os corações bem formados lhes ofertarem por nosso intermédio, numa justa homenagem a Jesus que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres amparados pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de proporcionar aos necessitados um alegre Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas novas ou usadas, pois tudo concorrerá para aliviar e alegrar êsses corações que esperam de nossa parte o nosso concurso benfazejo.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe retribua em saúde, paz, alegria de coração, um Feliz Natal e um Ano de 1961 cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, novembro de 1960

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
D. Rosa Fonseca Fratine
Antoninha Perche Campêlo
Izabel Perche Camargo
Leticia M. Olson
Anita Sampaio Miniucci
Dirce R. Barbosa Mariani
Eliza Vanucci Machado

Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Juraci Pedro
Claudeni Gonçalves
Cândida Gonçalves
Carmen Torres
Jenny Perche Silveira

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1960 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O CULTO DOS MORTOS

Cairbar Schutel

O culto dos «mortos» vem de tempos imemoriais. Os templos do Egito, os recintos da Galia, em Roma ou na Grecia, na China como na Índia, por todo o mundo o culto dos «mortos» foi praticado de modo a acender na alma humana a châma da Imortalidade. Até nas áridas costas da África, os selvagens afirmam a sua crença na volta dos Espíritos, aos quais não cessam de prestar homenagens.

Para confirmar esta Verdade, basta rever as páginas do Evangelho, que relatam as aparições sucessivas de Jesus Cristo, durante 40 dias, não só aos Apóstolos, mas a mais de 500 pessoas, manifestações estas que são a base do Cristianismo. O próprio Cristo, acompanhado de três discípulos, evocou os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor.

Não obstante as provas positivas que Jesus forneceu aos homens, a morte tem sido a esfinge devoradora das almas, uma pálida e fria perspectiva, o titan invencível e indecifrável enigma que tem preocupado os filósofos de todos os tempos. A morte tem sido considerada o maior inimigo do homem, o mais poderoso; tão poderoso que São Paulo, o doutor dos gentíos, o enumerou como o ùltimo a ser vencido.

Tôdas as dificuldades foram vencidas pelo homem, mas até agora, ninguém ousou enfrentar a Morte; nem as ciências, nem as filosofias, nem as religiões.

Inúmeras são as descobertas da ciência, mas a Morte prevalece sem solução, ensombrando as gerações.

Mas aquilo que o homem não poude fazer, Deus o fez. Vendo Deus a deficiência dos homens para resolver tão difícil problema, mandou revelar-lhes a Terceira Revelação para que êles compreendam a Vida — A Revelação Espírita — que é a mais pujante manifestação da graça divina que o homem pode receber.

A Morte não é o fim da Vida, mas sim a passagem de um plano a outro de existência.

Estas revelações comprovadas pelos fatos, inclusive a fotografia, nos vêm cercar da certeza da Imortalidade, assim como nos dão verdadeira consolação, pois, ficamos sabendo que nossos parentes e amigos continuam a viver em Outro Mundo, como se tivessem mudado para um outro país, donde poderemos receber suas notícias, pois a morte do corpo não extinguiu a sua existência. E mais ainda, estamos certos de nos encontrarmos com êles, ao passarmos também para o Outro Mundo.

Diversos videntes têm assistido o

transe da morte e verificado a saída do Espírito do corpo, sem que se dê a mudança da personalidade. O indivíduo permanece, na outra vida, com tôdas as aquisições, e se apresenta do outro lado do túmulo tal como era até o momento de para lá se passar: com os seus vícios ou suas virtudes; sua ignorância ou sua sabedoria.

As qualidades morais e espirituais pertencem ao Espírito e não ao corpo; e o próprio Espírito na Outra Vida, é revestido de um corpo, aparentemente igual ao que tinha na terra, porém mais leve e como que transparente, devido à matéria rarefeita que o compõe.

Em tôdas as épocas da história os Espíritos dos supostos mortos se manifestaram para poder provar aos vivos que perambulam nas trevas, a existência de uma outra vida. Escolhiam para teatro de suas manifestações as casas abandonadas, os palácios encantados, as estradas desertas.

Hoje êles estão por tôda parte; preferem as cidades, as metrópoles onde os sábios estudam e examinam os fenômenos, onde homens ilustres organizam sessões para verificar os fatos e onde se faz ouvir o retinir dos clarins, para chamar os homens à luz da Verdade.

Os fenômenos espíritas chegaram ao ponto de arrebatar milhões de homens de tôdas as classes sociais para as fileiras do Neo-Espiritismo, que vem promover a redenção da humanidade.

Não há negar, os «mortos» nos batem às portas para nos falar da Vida. Aquêles que nos precederam, voltam para nos ensinar o caminho, sustentar-nos nas lutas, amparar-nos nas quedas, iluminar-nos e dizer que os horizontes da Vida não têm fim, que o túmulo não é o ponto final da existência. Suas palavras falam à alma e ao coração, vibram em nossa mente, exaltam o raciocínio, e fazem desaparecer a negação e a dúvida.

O Espiritismo, sancionando o nosso Culto aos supostos «mortos», vem também relembrar êsses fatos da história, para ainda mais acentuar a nossa convicção na sobrevivência humana.

O objetivo do Espiritismo é provar que os mortos vivem e êstes vos agradecem a lembrança que dêles tendes; e que as suas aparições e comunicações, constituem um pacto de amor com os entes queridos que deixaram a terra. Que a intérmina Estrada da Vida, prossegue além do túmulo, de etapa em etapa, de luz em luz, para as alturas, para a felicidade, para Deus!

Numa carta que me escreveu o eminente Professor Charles Richet, um dos maiores sábios contemporâneos, concluiu com a sábia sentença: *Mors janua vitæ*, «a morte é a porta da vida».

E eu rogo ao Sapientíssimo Senhor do Universo, que vivifique a nossa Fé, faça pairar sôbre nós o Sol da Esperança, e derrame seus eflúvios santos sôbre os nossos parentes e amigos que se acham para lá do véu, porque — *Mors janua vitæ* — «A morte é a porta da Vida».

—

(Respigado de uma conferência radiofônica de Cairbar Schutel—proferida em 1-11-1936).

Lembranças úteis

Não acuse os Espíritos desencarnados sofredores, pelos seus fracassos na luta. Repare o ritmo da própria vida, examine a receita e a despesa, suas ações e reações, seus modos e atitudes, seus compromissos e determinações, e reconhecerá que você tem a situação que procura e colhe exatamente o que semeia.

Não espere a morte para solucionar as questões da vida, nem alegue enfermidade ou velhice para desistir de aprender, porque estamos excessivamente distantes do céu. A sepultura não é uma cigana, cheia de promessas miraculosas, e sim uma porta mais larga de acesso à nossa própria consciência.

André Luiz

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

I

Três coisas prezamos sobremodo na vida: as nossas convicções, a nossa família e os nossos amigos. A elas devemos ser reconhecido, porque têm amenizado muito os dissabores de nossa aprendizagem por êste mundo de provas.

Os trabalhos que as duas ùltimas nos têm dado são coisas de somenos, contingências naturais que desaparecem com a mesma naturalidade com que nos chegam. Poucas decepções temos tido dos entes caros a quem tanto nos apegamos.

Já não dizemos o mesmo de nossas convicções, de nossas crenças, de vez em quando deturpadas pela pena dos sonhadores e dos místicos, para não falar dos fanáticos, eternos criadores de mistérios, em uma doutrina iluminada pelas luzes da razão. Ou, então, são os pseudos teólogos da Igreja de Roma que procuram empanar esta luz que o Espiritismo projeta sôbre as consciências humanas. Depreciam os credos alheios, revela-os ao públido como nocivos; deturpando, falseando, apresentam sua moral como duvidosa, envolvida pela peçonha da infâmia e não se lembram nunca de que a História aí está para reavivar a memória dos que vivem e estudam.

O silêncio seria muito cômodo para nós; mas, infelizmente, poucas são as vozes que se levantam em defesa da doutrina impiedosamente atacada. A impressão que se tem é que estamos naquele deserto de homens e de idéias a que um dia sabiamente aludiu Osvaldo Aranha.

Assim, enquanto o clero persistir em sua perseguição, sem quartel, ao Espiritismo, (mesmo contra a vontade de sua quinta coluna), encontrar-nos-á sempre pela frente e cada vez com mais disposição.

Deixemos, porém, de conjecturas. O homem é livre em suas atitudes.

Comecemos a defender a nossa tese, isto é, aquela que o título acima insinua. É um trabalho cansativo, porém, com a sua utilidade, uma vez que se fundamenta em provas históricas e incontestáveis.

Penetremos na velha Índia e vamos arrancar do Código ante-histórico de Manu algumas lições edificantes que, por certo, servirão de modêlo em nossos dias:

> «Uma bela mulher faz a alegria da casa, conserva o amor de seu marido e lhe dá filhos bem constituidos.
>
> «Os homens que desejarem prosperar devem viver cheios de cuidados pelas mulheres de sua família, dar-lhes jóias, vestidos, e outros enfeites, para as festas particulares e e cerimônias religiosas.
>
> «Em tôda família em que o homem ame e se desvele por sua mulher e a mulher por seu marido, a felicidade está sempre assegurada.
>
> «Quando uma mulher é feliz, tôda a família o é igualmente.

É preciso convir que estamos remontando à mais alta antiguidade. Manu se perde na noite dos tempos ante-históricos da Índia e nenhum indianista ousa recusar-lhe o título de mais antigo legislador que apareceu no mundo.

L. Jacolliot colheu, pacientemente, ensinamentos de Christna, nos livros sagrados do Bramanismo:

> «O homem é a fôrça, a mulher é a beleza; êle é a razão, ela é a sabedoria que acalma; um não pode existir sem o outro, e é por isto que o Senhor os criou dois, para um único fim.
>
> «O homem só se completa com a mulher e todo o homem que não se casa na idade viril, deve ser mal visto.
>
> «O que despreza uma mulher, despreza sua mãe.
>
> «O que é maldito por uma mulher, é maldito por Deus.

«As lágrimas das mulheres atraem o fogo sagrado sôbre aquêles que a fazem derramar.

«Infelizes dos que se riem dos sofrimentos das mulheres. Deus rirá de suas preces.

«Os cânticos das mulheres são doces aos ouvidos do Senhor ; os homens não devem nunca, se querem ser atendidos, a cantar, sem suas mulheres, louvores a Deus.

«As mulheres devem ser cercadas de cuidados e cumuladas de presentes, por todos os que desejem vida longa.

«A mulher virtuosa está isenta de qualquer purificação, pois, mesmo que os contatos sejam impuros, nunca fica maculada.

«Foi pela prece de uma mulher que o Criador perdoou aos homens ; maldito seja o que não trouxer isto de memória».

Como é fácil observar, na Índia antiga, a mulher era colocada muito acima do homem.

Qual a situação da mulher no Egito antigo ? C. Benedicte, adido ao museu do Louvre, diz que o testemunho que antigos autores encontram nos monumentos, prova que a mulher estava bem longe de ter no Egito antigo a situação inferior que lhe foi reservada no Egito moderno pelo Islamismo. A representação dos sepulcros, notadamente, são importantes na comprovação dêste assunto. Sabe-se que são estas representações que nos conservam a mais fíel imagem da vida privada nos mais recuados tempos no vale do Nilo.

A mulher era companheira do homem em seus prazeres, participava dos banquetes, onde encantava os convivas com sua beleza, sempre cuidada, pela graça de seus enfeites constituidos de grandes jóias e de flores, e enfim, com os seus cantos que acompanhava dedilhando o bandolim. Os quadros relativos à vida da família nô-la mostra colocada em pé de igualdade com o homem, sempre sentada a seu lado e tomando parte nas oferendas e na veneração dos filhos. Nada nos exames das legendas hieroglíficas destrói esta impressão. Aí vemos, com efeito, que a filiação se constitui tanto pelo homem como pela mulher. Se se trata de uma mulher de sangue ilustre, tem-se o cuidado de intitulá-la sempre por «filha da senhora tal» e nunca pelo nome do pai. Nos palácios reais é a mulher que legitima o filho. O rebento nascido da principal espôsa tem superioridade sôbre os irmãos nascidos de uma concubina. Os grandes sacerdotes de Amon só puderam suplantar definitivamente os reis Ramessides, legitimar a sua usurpação, casando com princêsas da antiga casa reinante. Uma outra prova da importância social da mulher é ainda o fato de ser ela considerada pela religião. Sacerdócios lhe eram reservados; muitas delas eram as musicistas daquele Deus do panteon egípcio.

A situação da mulher no Egito dos Faraós, diz J. Finot, em «Prejugé et Probleme des Sexes», choca-nos, ainda, hoje, por certas disposições que ultrapassam em exatidão, tudo o que nos legou o mundo greco-romano.

A mulher é antes de tudo igual ao homem. Ela dispõe livremente de sua fortuna e de sua pessoa. Herda em igualdade de condições com seus irmãos e esposa um marido de sua escolha. É respeitada até nos cortejos reais, pois os reis egípcios, como os dos Incas e do Peru, tinham a seu lado suas irmãs e suas rainhas. Estas últimas gozavam de tôdas as honras atribuidas à realeza. A irmã do rei, a grande espôsa, tinha sua residência particular, saía livremente do palácio e dividia o poder com seu irmão e marido. Ela ajudava o rei a fazer os sacrifícios religiosos, seguia-o nas procissões e o substituia nos negócios de Estado. A história egípcia conservou os nomes de várias viúvas regentes durante a minoridade do herdeiro. Elas exercem regularmente, até o reinado de Ptolomeu, o poder supremo.

O respeito todo particular que se dedica à mulher, o papel que esta desempenha na história dos Faraós, vêm em apôio desta tese, que sob a antiga organização que havia precedido a da época histórica, o Egito devia ter sido dividido em classes. A mulher se impõe, também, como parte dominante nas relações familiares e sociais.

Qualquer que seja a causa, a situação da mulher egípcia, antes da época greco-romana foi quase única na História. Tôdas as condições da vida revertiam em seu proveito. É preciso render-nos à evidência de que o Egito dos Faraós acusa um estágio de civilização bem avançada.

Malgrado a poligamia adotada e praticada em larga escala, a mulher soube salvaguardar a sua independência e o respeito devido à sua personalidade. A «grande espôsa», isto é, a primeira mulher ou a mulher realmente legítima, parecia tolerar as concubinas de seu marido, salvaguardando seus próprios direitos. Muitas vêzes, no contrato de casamento, tomava suas precauções, prevendo as futuras concubinas. Estipulava-se uma multa em seu favor. Ela fazia com que fôsse hipotecada a fortuna global de seu marido. Caso o marido não cumprisse as cláusulas do contrato matrimonial, ficava arruinado. E assim, nesta sequência de facilidades em favor da mulher, fica evidenciado o alto pedestal em que os egípcios a colocavam.

Serões Bíblicos - III

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Filhos das trevas e Filhos da luz

Chilon — Não eram passados dois dias, depois de meu segundo encontro com o filósofo Árago, quando tornei ao seu telheiro, na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio das Minas; fôra isto ao entardecer, após o jantar. Êle não estava em casa, e sim no Rio das Minas, onde fôra buscar algumas lagostas dos covos. E, segundo a informação de dona Cornélia, espôsa de Árago, êste pretendia, naquela noite, passar sua rêde numa bôca ou baia do Mar de Itapitangui, onde, prèviamente, jogara uns restos de comida. Pouco mais de trinta minutos eram passados, quando se começou a divisar a silhueta do pescador remando sua canoa na direção do rancho. Árago tornava do rio trazendo cinco belas e grandes lagostas, fora três tantos dêsses que deixara no viveiro, em lugar ignoto. Tanto que a canoa abicou em terra, já lhe fui ao encontro saudá-lo.

Árago — Olá ! meu caro Chilon ! Então outra vez por aqui !

Chilon—Sim, estou cumprindo minha promessa de vir consultar-vos sôbre aquelas dificuldades bíblicas.

Árago — Está bem. Mas primeiro hás de me esperar que passe a rêde no ceveiro. Eu e mais três companheiros iremos estender a rêde, e depois arrastá-la para a praia. Numa redada dessas nós pegamos trinta ou quarenta quilos de peixes, os quais repartimos entre os quatro. À noite dá sempre muito mandí, que, com suas farpas, embrulha e prende a rêde. Esta é a causa de os pescadores profissionais não pescarem à noite.

Ao tempo que Árago dizia estas palavras, entregava as lagostas para dona Cornélia, continuando, em seguida :

— Tenha a bondade de me esperar na minha sala que volto logo.

Fui para a sala em que Árago costumava escrever aproveitando a quietude do lugar, e ali me pus a ler qualquer coisa sob a luz intensa do lampeão de gasolina.

Após duas horas, mais ou menos, chegava Árago com sua carga de peixes escolhidos. A rêde já tinha sido posta a secar, e os homens já se tinham retirado, com o quanto de peixes que lhes tocara na partilha.

Árago estava passando um dos seus fins-de-semana no continente, em companhia de dona Cornélia e de Anidra, a empregada doméstica. O telheiro possuia, como já ficou dito, quatro cômodos, sendo dois quartos, uma sala e uma cozinha.

Árago — Com que, então, queres que estudemos a velha Bíblia hoje hein !

Chilon—Sim. Eu vos proporia estudarmos a parábola do administrador infiel, inserta no Evangelho de São Lucas, capítulo 16. A primeira dificuldade está em que Cristo disse que «os *filhos dêste* mundo são mais prudentes com sua geração do que os *filhos da luz*». Logo, há duas categorias de homens, sendo uns *filhos do mundo*, e outros, *filhos da luz* ?

Árago — Sim ; é o que está escrito.

Chilon — E como é que se entende isto ?

Árago — Também não sei ; mas te proponho seguirmos o método socrático que consiste em ir analisando a idéia, por meio da dialética, até que a verdade se desentranhe de nós mesmos, visto como o conhecimento das coisas está em nós, sepultado, se é que Sócrates está com a razão.

Chilon — Procedamos então assim.

Árago — Então tu me ajudarás, com responder as perguntas que te vou fazendo.

Chilon — De pleno acôrdo.

Árago — Antes de tudo vamos colher informações noutras partes da Bíblia, e noutras literaturas congêneres, para vermos que teria Cristo querido dizer com estas classificações de homens. Sabes tu acaso, como fazermos isto ?

Chilon — Penso que nestas coisas sou versado ; erudição não me falta. O que não sei é ligar os fatos formando um todo compreensível.

Árago — Fala pois do que sabes.

Chilon — No livro do Gêneses, 6, 2, está escrito : «Viram os *filhos de Deus* que as *filhas dos homens* eram formosas, e tomaram para si mulheres». Noutro passo, e é em S. Mateus 8, 11 e 12, diz Cristo que muitos virão do oriente e do ocidente e entrarão no reino dos céus, no passo que os *filhos do reino* serão lançados nas trevas exteriores. A confirmação dêste ponto está no lugar em que Cristo diz aos *filhos do reino* por herança, mas não por merecimento : «Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos» (Mateus 21, 43). Interpretando a parábola do joio, diz Cristo que «a boa semente são os *filhos do reino;* e o joio são *filhos do malígno*» (Mat. 13, 38). Negando auxílio à mulher de Cananéia, justificou Cristo sua recusa com declarar : «Não é bom pegar no *pão dos filhos* e deitá-lo aos *cachorrinhos*» (Mat. 15, 26). E antes dissera que fôra enviado para «as ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mat. 15, 24). Donde vem agora que as duas espécies de homens são *filhos de Israel* e *cachorrinhos.* Noutro passo, êstes *filhos de Israel* são nomeados por *filhos de Jerusalém,* comparados a pintainhos que Cristo, como faz a galinha, queria ajuntar debaixo de suas asas (Mat. 23, 37). A caminho do Gólgota, com a Cruz sôbre os ombros, dirige-se Cristo às mulheres que o pranteavam, chamando-as *filhas de Jerusalém* (Luc. 23, 28). Aos que amam a seus inimigos Jesus dá que são *filhos do Altíssimo* (Luc. 6, 35). Falando de Zaqueu, sentencia Cristo : (pois também êste é *filho de Abraão* (Luc. 19, 9). Igualmente chama *filha de Abraão* à mulher que Satanás tinha prêsa há dezoito anos (Luc. 13, 16). Mais : «Os *filhos dêste mundo* casam-se, e dão-se em casamento» (Luc. 20, 34). E pouco mais adiante chama Cristo aos que não estão sujeitos à morte, *filhos de Deus* ou *filhos da ressurreição.* (Luc. 20, 36). Diz S. João (1, 12) que os que recebem a Cristo, recebem o poder de serem feitos *filhos de Deus.* Esta distinção de filho e filho ressalta, nítida, quando os judeus alegam serem *filhos de Abraão,* ao que Cristo retruca, e dá o por quê, dizendo que são *filhos do Diabo* (João 8, 39 e 44.) Mais : «Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais *filhos da luz*» (João 12, 36). Referindo-se a Judas, chama-o a êle *filho da perdição* (João 17, 12).

— Estas são, ó Árago, as variantes que achei para *filhos de Deus* e *filhos dos homens.* Dizei-me agora o que tudo isto quer dizer ? onde a chave que abre êstes mistérios ?

Árago — Dificultuosa coisa me propuseste, Chilon ! Reunamos, todavia, primeiro, as expressões afins, para depois vermos como prosseguir. De uma parte poremos, como expressões equivalente : *filhos da luz, filhos de Deus, filhos do reino, os filhos* (de pão dos filhos) *filhos de Israel, filhos de Jerusalém, filhos do Altíssimo, filhos de Abraão.* Eu reduziria tôdas estas designações a um denominador comum : ao de *sêres espiritualizados,* quer dizer, aqueles que já deslocaram o eixo da vida da matéria para o espírito.

—Reunamos, igualmente, a um têrmo único, as especificações que representam o oposto disto : *filhos dêste mundo, filhos dos homens, filhos do malígno, cachorrinhos, ovelhas perdidas, filhos do Diabo, filhos da perdição.* Tudo isto quer dizer *sêres materializados,* ou seja, aquêles que dormem o sono do espírito, na mais completa animalidade.

Chilon — Se me permitís, mestre, dar-vos-ia, para refôrço desta vossa tese, o ponto do homem néscio que dizia: — minha alma, come, bebe e regala-te, pois tens muitos bens em depósito para largos anos (Lucas, 12, 19).

Árago—Bravo, Chilon! Tu és um livro aberto. Como vês, o homem néscio estava tão materializado que cuidava que sua alma era corpo, e tanto que àquela mandava comer, beber e regalar-se, como se as provisões em depósito pudessem alimentá-la. E bem que mo lembraste que Cristo chama néscio a êste homem materializado, donde vem que o seu oposto, o homem espiritualizado, é o sábio. Logo, sabedoria nada tem a ver com ciência e erudição, e sim com virtude. Eis por que, tendo Salomão pedido um coração reto e justo, para julgar o povo (I Rs. 3, 9), que isto é ser virtuoso, Deus lhe dá sabedoria e tanta, que seria único sôbre a face da Terra, superando a todos os do passado, e sem segundo no futuro.

Chilon—Agora me lembra ter lido em Huberto Rohden que saber vem de sabor, de saborear, pelo que o santo sabe, porque saboreia, porque tem uma experiência mística, divina (Filosofia Universal, 2, 175). Mais: «O pecador é um homem *a-cósmico,* ou *anti-cósmico*—assim como o santo é o homem cósmico» (H. Rohden, Filosofia Universal, 1, 78). Ainda: «Segundo os socráticos, a *ignorância* é o grande *pecado* do homem—como o contrário da ignorância, a *sapiência, é* a grande *virtude* do homem». Donde vem que «o pecador é o ignorante—o santo é o sábio» (op. cit. 1, 65).

Árago — Pronto!... Homem espiritualizado, ou sábio é o santo. Homem animalizado, ou ignorante é o viciado, escravo do corpo e dos apetites grosseiros de sêde corporal. O primeiro é o *filho da luz,* e o segundo, *filho das trevas.* Parte de nosso estudo está feito.

—Voltemos agora ao Gênese, prosseguiu Árago, que é por onde começamos, a fim de repararmos como é o texto. Aqui diz que «viram os *filhos de Deus* que as *filhas dos homens* eram formosas, e tomaram para si mulheres etc». E disse Deus: «Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque êle também é carne»; (Gênese, 6, 3). Quer dizer que os *filhos de Deus* cairam na sensualidade, arrastados pela carne. Não é isso?

Chilon — Sim, exatamente.

Árago—E já havia, no começo do mundo humano, aquêles que se poderiam chamar *homens espiritualizados,* e *homens materializados?*

Chilon—Esta é a conseqüência inexorável do que vem de trás.

Árago—Os homens materializados, sabemos serem terrícolas procedentes dos estágios inferiores da escala zoológica, porque disto nos dão conta as cinco provas da evolução a saber: as provas paleontológicas, as embriológicas, as anatômicas, as dos órgãos residuais e as sorológicas. Mas donde vieram êstes sêres superiores relativamente aos terráqueos, aos quais se podia chamar, com justiça, *filhos da luz?* Sabes tu de mais algum documento que clareie êste ponto escuro?

Chilon—O que só sei é o que conta Emmanuel no seu livro «A Caminho da Luz». Diz êle lá, no capítulo III da obra, que existe um sistema planetário, a 72 anos luz da Terra, na Constelação do Cocheiro, cuja estrêla se chama Cabra ou Capela.

—Como ocorre hoje com a Terra, que está prestes a mudar de categoria, passando de planêta de expiação para planêta regenerador, também um orbe do sistema capelino ou caprino ia mudar de fase. Ora, como aqui, hoje, lá também os piores ocupavam o poder em todos os sentidos, encalhando a evolução da humanidade planetária. Urgia uma medida de saneamento, um juizo final, uma seleção de valores. E foi o que se deu irrovogàvelmente, resultando que alguns milhões de espíritos fôssem exilados para nossa Terra sob a orientação e autoridade de Jesus Cristo. Êstes exilados formaram aqui, o que se chama raça adâmica que se subdividia em quatro grandes ramos que são: os arianos, os egípcios, os hindus e os hebreus. Eis o que nos relata Emmanuel em sua obra retrocitada.

Árago—Isto deve ser verdade, porque assim como há a evolução para os sêres e sociedades, deve haver também a dos mundos e sistemas. Se considerarmos como verdadeiros os relatos de

Emmanuel, o problema fica resolvido, pois êstes caprinos degredados são os *filhos da luz, filhos de Deus, sábios* e *espiritualizados,* se considerados em relação aos homídios terrestres que eram, então, os *filhos dêste mundo, cachorrinhos,* e até *filhos do diabo,* por causa da animalidade vitoriosa aliada à ignorância. O homem, nesta fase, conquanto esteja no pináculo da escala zoológica, é pinto ainda, relativamente à escala do saber e da virtude que inicia.

— E Cristo disse que o mordomo infiel agiu com mais sabedoria, para com a sua geração, do que os *filhos da luz;* quer dizer que êste terrícola mostrou-se mais sábio que os adâmicos.

Chilon—Mas em que consistiu esta sabedoria do mordomo ? Poder-me-á, o mestre, explicar como é êste Adão, entendido como povo ? como leva de espíritos degredados ? Se Adão era povo, quem era Eva ? quem, Caim ?

A'rago—Acho que por hoje basta, pois as horas correram sem que nos apercebêssemos disso. A causa é por que nosso tempo se mediu, durante nossa conversa, por um outro sistema de referência que não o do movimento da Terra no seu eixo. Conquanto fôsse breve o tempo no reino do pensamento, mais próximo da imobilidade eterna, foi longo, no outro sistema, no mundo da matéria, onde o movimento da massa planetária marca o rítmo do seu transcorrer. Então, como a noite já vai alta, fica o resto para outro dia.

Chilon—E eu ficaria nêste discurso até o romper da manhã, se não fôsse isto abusar da vossa hospitalidade.

A'rago — Eu também era assim, quando mais moço. Depois descobri que os gregos estavam errados e que ao inverso do que êles afirmavam, a arte é breve, e a vida, longa; o saber é finito, e a vida, eterna. A vida é eterna por causa da continuidade das vidas; o saber é finito, porque nenhum ser poderá ir além do limite imposto pela sua função. E do mesmo modo como uma célula do corpo humano não poderá saber, nunca, os desígnios do homem, também não conseguiremos, jamais, descobrir os desígnios de Deus.

Chilon —Logo, o saber de Deus é infinito, tendo caído, o mestre, em contradição, pois acaba de declarar, opondo-se à forma clássica, que a vida é longa, e a arte, breve, entendido que arte, aqui, significa sapiência.

A'rago — Falo relativamente à capacidade humana. A sabedoria é infinita, mas a capacidade humana é limitada ; e onde estiver o limite aí a consciência para, não podendo ir além. Se o homem chegasse à onisciência seria como Deus. Isto equivale a dizer que se uma célula hepática conhecesse o que conhece o homem, ela seria homem, donde se segue que se um homem soubesse tudo o que sabe Deus, êsse homem seria Deus, visto que saber é ser.

— E assim como nem quero, nem posso assenhorear-me de tudo o que há no oceano, mas gozo o sondar-lhe pouco a pouco, também reconheço que serei eternamente insciente, no plano divino, conquanto possa vir a ser um sábio, no nível humano. E como a dialética se assemelha a pescaria, devo gozá-la, que nisto só consiste a alegria filosófica. Nada pois de pressa, mesmo porque ela é inimiga da perfeição. Lembra-te do que te disse há pouco : quando estamos situados no reino do pensamento e do espírito, cessa de existir o tempo que se mede por velocidades, e que tanto é mais curto, quanto maior é ela. Por isso, quem corre não tem tempo, visto como o aumentar da velocidade faz o tempo tender para zero. Para termos tempo preciso é não termos pressa, e pararmos, se preciso.

— Guarda, por conseguinte, tuas perguntas para outra ocasião. E já que pegas do chapéu e da capa para ires embora, eu te levarei, em minha canoa, até Cananéia, onde está o teu hotel.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endérêço ; 3) o novo endérêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Os Fatos Provam

Aleixo Victor Magaldi

O intercâmbio do mundo visivel e do mundo invisível vem das eras pré-históricas.

As comunicações dos espíritos eram habituais nos tempos de Moisés. E tão freqüentes se tornaram, nêsses tempos, que Moisés foi obrigado a proibir que seu povo invocasse os espíritos, porque seu povo geralmente os invocava a todos os momentos, a propósito de tudo e mesmo sem propósito nenhum, abusivamente.

A realidade das comunicações dos espíritos com os homens é um fato, histórico e incontestável. Negar que os espíritos se comunicam conôsco é cometer uma heresia, é mentir desavergonhadamente ou atestar uma ignorância absoluta da história universal e da história religiosa.

Depois de termos feito, em artigos anteriores, ligeiras referências a fenômenos observados no seio da Igreja Romana, constantes dos seus próprios arquivos e relatos, apurados por bispos, cardeais e papas, vamos nos referir a alguns dos mais berrantes fenômenos inscritos nas páginas da História dos povos.

Desde o paganismo os homens usavam consultar os espíritos a respeito dos problemas que lhes afligiam. Sócrates e Rufino (Sócrates I, cap. 8, e Rufino I, cap. 5) contam que um tal Espiridião, pai de uma virgem chamada Irene, invocou o espirito desta à beira do seu sepulcro, para dêle saber onde estava um precioso depósito que o mesmo Espiridião lhe ordenou que guardasse. O espírito de Irene atendeu ao chamado de seu pai, que gritava à beira do túmulo o nome de sua filha (Lá está escrito no original: «eam ex-nomine clamitat»). A voz de Irene foi ouvida por seu pai, a responder-lhe: — «O que quereis, meu pai?» O pai retrucou-lhe: «O depósito...» E a voz de Irene replicou-lhe: «Sepultei-o» em tal lugar, citando com minudência o lugar. Voltando Espiridião à casa, encontrou o depósito no lugar indicado.

Fatos históricos constam da História Romana. Subtil. XI, relatados por Dion e outros historiadores do mundo antigo.

Conta Dion que as erupções vulcânicas eram anunciadas, nêsse tempo, por meio de espectros e fantasmas; e que uma multidão de espíritos gigantes, soltando dolorosos gemidos, vagava pelas montanhas, pelo litoral, pelas cidades e povoados vizinhos das crateras dos vulcões, vindo pelos ares.

Quando sucedeu uma erupção do Vesúvio, no reinado de Tito Vespasiano, tão numerosos foram os fantasmas e tão violento foi o ruido de trombêtas, por êles provocado, que o povo, espavorido com êsse medonho espetáculo, julgou que era o fim do mundo. Foi um dêsses fantasmas quem revelou a Retórico Aristides que a cidade de Smirna seria destruida por um terremoto, tendo êsse filósofo acreditado no aviso e se retirado da cidade para o monte Athos, onde permaneceu até que se realizou a predição (Arist. Orat. Sacra.).

A mudança de nome de um dos fundadores de Roma deu-se em conseqüência de um fenômeno espirita. Próculos, um dos mais célebres homens dêsse tempo, contemporâneo dos gêmeos filhos da leôa, Remo e Rômulo, jurou ao povo romano que o espírito de Rômulo havia aparecido para êle, ordenando que não mais o chamassem de Rômulo e, sim, de Quirino. Verificada a realidade do fato, o povo passou a chamá-lo de Quirino e não de Rômulo (Antiquités, II, pág. 152).

Aulus Posthumius invocou os espíritos de Castor e Pollux, na batalha do Lago Regillo; e êstes se postaram à frente do exército romano, montados em cavalos brancos, conduzindo-o à vitória. Nêste caso, sucedeu ainda que os espíritos de Castor e Pollux, mal acabavam de comandar essa batalha vitoriosa, apresentaram-se em Roma, montados e armados como estavam, e anunciaram ao povo romano a vitória alcançada pelo seu exército. (Isso consta dos tratados seguintes: Dyonisio d'Halicarnasso; Antiquites, t. I, pág. 152; Le Bas, t. I, pág. 141 e Tito Livio, t. VII, pág. 180).

O general Pausanias, livro I, pág. 78, diz que a batalha de Marathon foi ganha porque os fantasmas de Theseo e Ecleteo marcharam na vanguarda dos gregos. Platão fala da manifestação do espírito de Euthymo; Pausanias, que mais tarde também se manifestou, fala da manifestação do de Milcíades; Aristóteles, do de um herói de Lipara; Philostrato do de Achiles; Titus Livius, do de Artemidoro; Plutarcho, do de Pausanias; Tácito, do de Rufus.

Romanos, etruscos e gregos celebravam festas de finados em 2 de Fevereiro, 1 de Maio e 9 de Dezembro. Nêsses 3 dias do ano, êsses povos reuniam-se em determinados lugares e aí gritavam: — «Abra-se o abismo!» («Pateat mundus subterraneus!») como resa o original. E os espíritos logo se apresentavam à vista de todos. Davam-se a conhecer uns aos outros. Vivos e mortos entravam em palestra. E seguiam juntos, filhos com pais, parentes com parentes, amigos com amigos, para os respectivos domicílios, onde festejavam os belos dias vividos em comum, recordando-se do passado. Ao redor das lareiras, os mortos ocupavam os lugares que lhes pertenciam, quando viviam na terra, há tanto tempo vagos; e comiam e se alegravam com os circunstantes, como se fôssem vivos de carne e osso.

Nos tempos atuais, a manifestação dos espíritos tornou se um fenômeno banal, repetido por tôda parte, de mil modos, pela incorporação, pela materialização, pela psicografia, pela voz e pela escrita diretas, pela telepatia, pela audição, etc., etc.

A mão de ferro da intolerância não pode mais sufocar o formoso entendimento entre os habitantes da Terra e do Espaço, e o nosso mundo caminha mais ligeiro para sua espiritualização. O Espiritismo é a maior fôrça propulsora dessa espiritualização. Negá-lo é o mesmo que desejar tapar o Sol com uma peneira.

Novembro de 1959

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— II —

«Deus não contou com a nossa cooperação para criar-nos, mas não nos salvará sem a nossa colaboração», predicava Santo Agostinho, com tôda propriedade e bom discernimento *(Qui creavit te, sine te, non salvabit te, sine te).*

O mesmo conceito pode aplicar-se às santas escrituras, entendendo-se que Deus não contou com a nossa cooperação ao determinar que fôssem elas escritas, mas não nos pode fazê-las entender sem a nossa cooperação, sem a nossa boa vontade e sem a nossa perfeita isenção de ânimo em bem interpretá-las, mediante a divina inspiração que o Pai sabe como facultar aos seus filhos bem intencionados.

Tôda a nossa cultura, tôdas as nossas virtudes, constituem excelente veículo através do qual nos chega ao entendimento a iluminação necessária para a boa compreensão das santas escrituras. Agora, o que não se pode é, sem êsses requisitos, tentar uma exegética dos textos que a pátina do tempo, tornando-os mais respeitáveis, envolveu naturalmente em formas verbais, a que não se acha acostumado o homem moderno...

Ocorre-nos isso desde o *primeiro livro de Moisés,* chamado GÊNESIS: «No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vasia; e *havia* trevas sôbre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas. E disse Deus: Haja luz: e houve luz. E viu Deus que era boa a luz: e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro». (GÊNESIS, cap. I — vers. 1 a 5).

É uma forma ingênua e simples, repassada de poesia e de sentimento de adoração ao Criador, essa em que está vasada a descrição da origem do Universo infinito e da nossa pequenina Terra, nêsse infinito Universo compreendida: «No princípio criou Deus os céus e a Terra» *(Deus creavit cœlum et terram).* A precedência de *céus* na proposição inicial do Gênesis, indica a sabedoria da inspiração escriturística, designando a criação do Infinito Universo *antes* da criação do pequeno geóide planetário em cujo verdejante bôjo nos é permitido fazer uma interessante excursão pelos campos do Infinito, marchetados de estrêlas que à noite podemos bem apreciar, pois que durante o dia são elas ofuscadas pela fulgurante luz do sol. E bem podia ter sido alterada a colocação dêsses vocábulos, dada aquela disposição de espírito da época de Moisés, em que prevaleciam as doutrinas depois chamadas de Ptolomeu, isto é, da predominância que era atribuida à terra, como centro que se julgava ser do Universo.

Entretanto, a inspiração divina se fez sentir de modo a que jamais faltasse à proposição inicial do Gênesis o sabor da verdade, que lhe é incontestável.

A respeito dos CÉUS, na significação de Infinito Universo, que lhe é própria, restrição alguma é feita, nenhuma limitação de substância, de forma, etc., lhe podendo mesmo ser atribuida, como é intuitivo e lógico; ao passo que, relativamente à terra, o mesmo não ocorre, pois que esta, segundo o Gênesis, «era sem forma e vasia; e *havia* trevas sôbre a face do abismo...»

Que era sem forma e vasia, admite-o a análise restrospectiva que a Física, aplicada às ciências astronômicas, nos permite fazer dêsses distanciados evos que separam, no infinito do tempo, o estado atual do nosso planêta, daquele que é justo atribuir-lhe, à época de sua remota separação da nebulosa a que pertence e cujo núcleo ainda se acha em estado de ignição total, em parte talvez líquido, em parte gasoso, com algum começo de solidificação destituida de estabilidade. Êsse núcleo, como se sabe, é o SOL. Que, tempos depois de sua separação do sol, *houvesse* trevas sôbre a face da terra, considerada então como verdadeiro abismo, devido às tremendas convulsões de que certamente seria sede, em virtude do gradativo arrefecimento a que estava sendo submetida a sua estrutura cósmica, não há dúvida alguma, tendo em vista que tais convulsionamentos, elevando no ar os primeiros densos vapôres que se desprenderiam do geóide submetido ao resfriamento, engendrariam a formação de espêssa atmosfera, através da qual não poderia escoar-se a luz do sol — o que é fácil supôr à vista do que ainda hoje ocorre nos dias de tempestade, em que o céu se recobre de nuvens opacas... *Havia,* portanto, como frisa tão justamente o Gênesis, trevas sôbre a face do abismo, nêsses primórdios milenários da solidificação da terra, em que «o *Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas»*, para significar, mui procedentemente, de acôrdo com os dados das Ciências Naturais, que a Vida, que é certamente o *Espírito de Deus,* pois que ninguém a pode dar senão o Criador, teve início no seio das águas!

Por essa época, isto é, quando o *Espírito de Deus* (simbòlicamente a Vida), já se manifestava sôbre a face das águas, vindo dos profundos abismos do oceano, onde primeiramente se deveria ter formado, para mover-se à face das águas, como o fazem tôdas as espécies aquícolas, teria começado a luz do sol a projetar-se, uma vez por outra, sôbre a superfície do planêta, por abertas que deveriam fazer-se na espêssa atmosfera dos primeiros tempos do aparecimento da Vida. É o que a Bíblia quer significar naquela admirável expressão: «E disse Deus: Haja luz: e houve luz». E que era boa a luz, como a viu Deus, nós bem o sabemos, porque amamos a luz. Ora, só então pôde haver separação entre a luz e as trevas, por isso que anteriormente, devido à espêssa atmosfera que envolvia o planêta, sòmente noite, trevas sòmente era o que existia à superfície da Terra! O mais é complementação literária bem compreensível: «E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro». Quem, senão Deus, nos ensinou a falar? Quem, senão Deus, portanto, é que pode ter dado nome a tôdas as coisas por Êle criadas? Que o tenha feito servindo-se dos dons que concedeu aos seus filhos, nada mais curial e lógico.

Tudo, nas Santas Escrituras, está de conformidade com o que hoje sabemos sôbre a Criação, consistindo apenas o nosso trabalho em bem interpretá-las.

Philemon

Os Médiuns

v. lirenedo

DOS médiuns e do mediunismo quanto não se falou já e quanto não se falará ainda?! Capítulo extenso e fascinante do cristianismo redivivo que é o Espiritismo Cristão, médiuns intercambiando com os Espíritos do Além sempre os houve, que o mediunismo na Terra é velho quanto a humanidade. O que não sucedeu já e o que não sucederá ainda através do mediunismo? Coisas transcendentais, de importância capital para o orbe, para a humanidade tôda.

A mediunidade existe latente em todos nós, e no futuro também em todos será ela manifesta, ativa, fecunda. É um verdadeiro curso de atividade hominal-divinal que todos terão de fazer, uns mais cedo, outros mais tarde. E quem seriam êstes médiuns esforçados, altruístas, e geralmente assim incompreendidos pelos próprios familiares, pelos parentes que lhes estranham até o moderamento alimentar, que ironizam, que zombam da abstinência mantida tempo afora por êsses medianeiros? Freqüentemente a mediunidade amadurecida e ativa da atualidade tem muita ligação com a descrença de seus portadores, no pretérito, quanto à existência de Deus, quanto à paternidade de Deus no mundo e nos mundos, quanto à onipotência e onisciência e onipresença de Deus no mundo e nos mundos.

Sim. Integrando as seitas ou blocos iconoclastas de outrora, ou agindo isoladamente não havia homens e mulheres avêssos simplesmente às imagens místicas; paralelamente ao procedimento sistemático de destruir imagens e coisas tidas por sagradas, justapunham-se precisamente os que não acreditavam no próprio Deus e no Cristo. Não eram tais personagens apologistas de uma simples não-idolatria, de uma anti-idolatria, eram comumente ferrenhos ateístas e por isso mesmo anti-espiritualistas, materialistas literais infensos à idéia de ser divina a missão do Cristo na Terra. Tais incrédulos, quando cultos, ou com autoridade política, ou com influência social não ficavam no passivismo, êles combatiam de tôdas as maneiras a favor de suas idéias e teorias, faziam com que muitos os acompanhassem na descrença a Deus, na descrença ou desconfiança quanto à embaixada transcendente e redentora de Jesus Cristo. Êsses incréus fomentavam e espalhavam a descrença.

Mas a imanente misericórdia do Pai Divino age de inúmeras formas para recuperar os que se tresmalharam. Pela lei de causa e efeito os que no pretérito espalharam, provocaram dispersão, agora ajuntam, recolhem, acatam e abrigam, labutam pela união... A mediunidade abençoada é farol que atrái, que chama para o agrupamento e para a elevação.

Os médiuns de hoje — homens e mulheres —, médiuns desenvolvidos, que são operosos, dedicados, humildes, muitas vêzes são criaturas que por qualquer motivo se mantiveram distanciados da crença e da fé. Agora o auxílio sempre preciso e sublime do Pai Divino e do Cristo dá-lhes oportunidade, através do mediunismo ativo, a que plantem o que não plantaram, a que replantem o que erradicaram. E mais: na mulher médium então, abnegada, zelosa no amor e pelo entendimento do próximo, inalterável à inglatidão do mundo, que vai em renúncias, em vigílias, nessa criatura há a emulação daquela Maria de Nazaré que para alentar o bem na Terra também conheceu a ingratidão, conheceu as renúncias e as vigílias, que para alentar o bem na Terra resignou-se mesmo à amargura e à dor.

Que os médiuns, sem desfalecimento prossigam em seu caminho rumo à grande luz. Evangelho e mediunidade beneficiadora se integram, que o Cristo foi na Terra o médium de Deus.

O Espiritismo no pensamento de antigos Padres

Escreveu **DELFINO FERREIRA**

> **É surpreendente ao lermos os primitivos escritos dos Padres da Igreja, verificarmos que possuiam completamente o conhecimento e as práticas psíquicas.**
>
> *(Conan Doyle: El Espm.º — Su História.—pág. 265. Ed. Schapire, B. Aires).*

EM seu aspecto religioso o Espiritismo, não obstante envolver os problemas fundamentais de tôdas as religiões, delas difere, entretanto:—inteiramente, no que lhes é institucional, de vez não possuir dogmas humanos (não naturais, imposições de fé por escalões hierárquicos), nem ritos, templos, sacerdotes; — e, em parte, na compreensão do que lhes é essencial, substancial: Deus, a alma, a vida futura, a justiça divina, realidades e cogitações estas do pensamento humano, que encara menos religiosa do que filosòficamente, buscando causas e, sobretudo, colhendo efeitos e dêstes deduzindo conseqüências. Dêsse labor de investigação, dessa tenaz e apurada observação dos fenômenos da vida é que o Espiritismo tira diretrizes morais de conduta, visando tanto o futuro do espírito, do homem, quer em sua vida individual, quer em sociedade, como também o destino da Humanidade, o seu bem estar, a ordem em seu seio. Na apreciação daquelas conseqüências e observância daquelas diretrizes, todavia, o Espiritismo não se deixa envolver por normas e práticas que, afinal, quebrando a unidade da fé em Deus, desvirtuando mesmo êste sentimento natural, terminam por darem margem ao estabelecimento de tipos particulares de crenças, e de expressá-las, donde a quase infinita pluralidade de seitas, impròpriamente denominadas religiões, dado devermos considerar Religião, qual a Moral: algo singular, ímpar. De assim ser encarada a projeção do Espiritismo, resulta o conceito cardequiano de ser êle uma religião, sim, mas RELIGIÃO NÃO CONSTITUIDA, remontada ao tipo religioso vivido por Jesus, seguido pela igreja primitiva, a dos Apóstolos e seus seguidores imediatos, mas, por fim, aos poucos desvirtuada até afogar-se no dilúvio de imposições, dogmas, ritos, falseamentos de princípios evangélicos, etc., CONSTITUINDO-SE no que hoje se apresenta como RELIGIÃO CRISTÃ, ou simplesmente Cristianismo, sob várias denominações particularistas.

Vale a esta altura lembrar ser o Espiritismo uma Revelação operada através de fatos, fatos que se repetem pelo instrumento da mediunidade, em cujo campo Allan Kardec a soube colher e transmitir-nos. Vem disto que o Espiritismo, *«como tem por objeto o estudo do ELEMENTO ESPIRITUAL em suas relações com o ELEMENTO MATERIAL, descobre na união dêstes dois princípios a razão de inumeráveis fatos até agora inexplicados»*. (Obras Póstumas, pág. 244, oitava ed. da F. E. B.), dispensando, entretanto, o apêlo ao sobrenatural, ao maravilhoso, ao milagre, bem como o recurso ao impedimento de se devassar os mistérios divinos, conquanto admita a inoportunidade, aliás momentânea, de determinado conhecimento, ressalvada, todavia, a convicção de sua posse mais tarde, dado haver Jesus afirmado: «NADA HÁ OCULTO QUE NÃO VENHA A SER CONHECIDO» (Mc. 4:22; Lc. 8:17) o que por certo levou o Abade Alfonso Luiz Constant (Eliphas Levi) a dizer: «O homem nada sabe mas é chamado a tudo conhecer».

Destarte, é que, espancando trevas, quebrando *tabús*, anulando razões de dogmas, o Espiritismo tem atraído sôbre si, particularmente do mundo religioso, notadamente do cristão, por absurdo que o seja, a mais triste e deplorável campanha de descrédito, ao serviço da qual tudo se subverte, em ponto máximo, inclusive, como natural, a verdade, ainda que para tanto se faça mistér «ignorar», sepultar sob intencional silêncio, o que a respeito da verdade espirítica disseram e creram, no passado, autoridades religiosas veneradas ao seu tempo, ainda hoje revenciadas e só lembradas quando em seu renome se possam apoiar os «mestres» de hoje...

É o testemunho dêsses respeitáveis vultos que, em síntese, vamos apresentar neste despretencioso trabalho quanto ao referente a princípios basilares do Espiritismo. É a palavra dêsses primeiros Padres da Igreja o seu aceite dêsses princípios, hoje, entretanto, negados por seus sucessores.

Vejamos por partes:

É princípio pacífico entre as crenças cristãs o da existência da alma humana. É ensino da Igreja a sua imortalidade, em função da qual lhe predica determinada situação após a morte do corpo: permanência eterna no inferno; idem no céu, via de regra precedida de trânsito mais ou menos longo pelo purgatório. Não nos propomos apreciar essa orientação, que envolve o velho problema da Justiça Divina, ao mesmo passo, pois, que o do Bem e do Mal, mas tão só estruturar caminho ao nosso plano de estudo, face à situação de atividade ou inatividade da alma nessa vida sem corpo carnal.

A igreja, negando do Espiritismo e ao Espiritismo tudo quanto possa contrariar seus dogmas, seus pontos de vista, vem afirmando que «OS MORTOS NÃO VOLTAM», com o que nega a comunicação, o entendimento entre êles e nós outros; nega as aparições; nega a reencarnação.

O Espiritismo, entretanto, alicerçado em fatos, ensina que os chamados mortos voltam; quer para em novo corpo renascerem e viverem de novo no plano físico (reencarnação), quer, antes disto, em se comunicando conôsco por diversos meios. E principalmente modos.

Verdade é, porém, não ser dos primitivos tempos essa atitude negativista. Vejamos como pensavam notáveis vultos dessa fase, alguns elevados aos altares.

Encaremos primeiramente o fenômeno das aparições, não para estudá-lo na sua fórma de ser, mas apenas quanto à sua realidade. Os anais da igreja estão refertos de aparições de anjos, de santos, de demônios... Assim também as páginas do Velho Testamento, como as do Novo. Anjos e demônios, porém, não foram «gente», suas aparições, portanto, não comprovam *visita* de mortos; mas os Santos? Não foram criaturas que viveram neste nosso «vale de lágrimas»? Certo é haver quem se atenha ao recurso da «graça», ou ao princípio de que *«para Deus não há nada impossível»*, caso êste que em têrmo de absoluto põe em olvido a ONISCIÊNCIA de Deus, atributo divino consoante o qual nenhuma de suas leis é derrogável.

Vamos, porém, aos fatos:

Em sua «Suma Teológica» S. Tomaz de Àquino testifica: — *«o espírito póde aparecer aos vivos»;* e Sto. Agostinho: *«Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro cujo conhecimento adquirem, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina»*.

ORÍGENES, grande mestre da Igreja na abalizada opinião de S. JERÔNIMO, afirmou em sua memorável controvérsia com Celso: « .... *muitas pessoas têm abraçado o Cristianismo, tocado o seu coração, repentinamente transformado, por algum espírito, quer numa aparição, quer em sonho. Tomo Deus por testemunha da verdade que digo* . . . »

GREGÓRIO DE CESARÉA depõe que, antes de encerrado um concílio, dois bispos que o integravam faleceram sem haverem assinado as resoluções tomadas. Então todos os componentes do concílio se reuniram junto ao túmulo de ambos, e, ali, após orarem, um dêles evocou a alma dos referidos bispos e pediu que, se estivessem de acôrdo com a obra realizada, a assinassem. Juntos passaram a noite ali, orando, havendo a decisão do concílio sido lacrada e encerrado no túmulo, tornado inviolável com o sêlo do concílio. Pela manhã, quebrados os selos, depararam com a declaração de ambos aposta ao manuscrito, nos seguintes termos : — «*Nós, Chrysantus e Mysonius, que havemos assentido com todos os padres ao primeiro e santo concílio ecumênico, posto que presentemente despojados de nossos corpos, subscrevemos, entretanto do nosso próprio punho, a sua decisão.*» (Nisto o Espiritimo tão só constata o fenômeno absolutamente natural, mediúnico, de *escrita direta.)*

Cremos suficientes os testemunhos aqui deixados de que os «*mortos voltam*», através de comunicações com vivos, não apenas no passado, mas em continuidade sem solução. É dos nossos dias o fato de ter aparecido e falado ao então Cardeal Paceli, anunciando-lhe sua elevação ao Pontificado em sucessão a Pio XI, o Espírito de Pio X. E positivando-se a notícia, Paceli veio a ser o Pontífice Pio XII, de marcante atuação e reverenciada memória. Não apenas, porém àquele cardeal apareceu o espírito de Pio X : a várias outras pessoas o fez, inclusive junto ao leito de enfêrmos, curando-os. Se recuarmos agora ao século V, saberemos que o então Chefe da igreja, S. Leão I, o Grande, viu e ouviu o Apóstolo Pedro, dêle tendo recebido algo escrito. Sob êste mesmo Pontífice os hunos invadiram a Itália, arrastados por Átila, o chamado «flagelo de Deus». O papa foi-lhe ao encontro. E a respeito conta-nos o P. Iran Correia, S. D. B. em sua «*Biografia dos Papas*» (Vol. XVII da «Bíblia Sagrada», Editôra das Américas, pág. 103) :—«*Uma lenda, imortalizada num quadro de Rafael, diz da aparição de S. Pedro e de S. Paulo ameaçando Átila. O certo é que o «terror do mundo» retrocedeu. O papa salvára Roma !*» — Compreendemos porque o Autor qualifica de *lenda* o fenômeno. Só não podemos compreender, FORA DO ESPIRITISMO, é como tendo Átila sido ameaçado pela visão de S. Pedro e de S. Paulo, o seu vencedor haja sido o papa.

Cumpre-nos, agora, face a tais fenômenos, pôr em fóco o grande tema da constituição do homem.

(Conclúe no próximo número)

A Tese Reencarnacionista pela Ciência

V. O. Casella

O fato de não recordarmos nossas vidas passadas, sempre foi um dos mais renhidos argumentos dos que se opõem à tese do reencarnacionismo.

Embora hajam casos de recordações comprovadas, de vidas anteriores, como o da menina Shanti Devi, da cidade Delhi, da India, investigado rigorosamente pelo escritor sueco, Sture Lonnestrand, e outras provas apresentadas em literaturas do gênero, como a de Carlos Imbassahy e Mario Cavalcanti. «A reencarnação e suas Provas», a argumentação pelo esquecimento, evocada pelos anti-reencarnacionistas, tem hoje contra si elementos demonstrados pela própria ciência.

Estas provas temos em fenômenos da hipnose que, pelo retrocesso da memória, revelam existirem armazenados na nossa subconsciência, mas esquecidos pela nossa consciência, fatos emocionais ocorridos no nosso período de infância. Após uma longa latência, tais fatos, conforme se verificou em certos indivíduos predispostos, podem em qualquer oportunidade da vida adulta aflorarem no consciente, como uma revivescência daqueles atos anteriores. Mas esta rememoração não surge como uma lembrança da antiga cena, ocorrida em tôdas suas particularidades. Da ocorrência, desponta apenas a resultante que conseguira se ocultar na mente do indivíduo, a qual aflora como um impulso que vem a ser a essência daquele todo da antiga cena emocional.

Sem dúvida, trata-se da recordação de um fato que por muito tempo dormira na subconsciência do indivíduo. O impulso vem a ser um efeito no presente, como resultado de uma causa longínqua. Mas agora, essa autêntica rememoração vem a ser inconsciente, pois o indivíduo atende a êsse impulso, sem ter qualquer noção da atividade causadora que se dera na sua infância.

Logo, se a própria ciência demonstra poder ocorrências passadas nesta mesma existência dormitar na nossa mente, não há razão para se estranhar a não lembrança de uma vida anterior mais longinqua, pela sucessão da passagem do espírito de um a outro corpo orgânico. E o exemplo da hipnose também revela que se nos casos da própria vida presente tais fatos latentes podem aflorar sob forma indireta, através de impulsos, teremos que as nossas vidas passadas também estão sendo recordadas nesta outra atual, por uma forma impulsora quem vem a ser as nossas tendências vocacionais.

As aquisições da vida anterior, sem dúvida, influindo na mente espiritual do indivíduo, deixam-lhe uma essência dêsse todo no fim da jornada orgânica, cujo reduto mental vem plasmar a sua personalidade, conforme seus méritos e deméritos realizados. Restituida ao pó da terra a matéria somática pela sua morte, o espírito sobrevivente, em continuação, recebe novo corpo orgânico correspondente ao seu aproveitamento anterior. Cada qual receberá seu veículo carnal de acôrdo com a sua capacidade adquirida pelo próprio esfôrço, no decorrer de cada existência.

O que interessa para a nova vida orgânica não é a lembrança das suas cenas passadas em tôdas suas particularidades mas, sim, o seu caráter adquirido na formação da sua personalidade até o grau mais alto atingido pela sua mente. Assim, a exemplo da hipnose, o espírito traz, para a nova organização somática, a recordação anterior que vem a ser as suas tendências para determinadas tarefas. Logo, as nossas inclinações, predicados êstes do espírito e não da matéria, como autênticas relembranças impulsivas, levam-nos a continuar a obra anterior. Se progredíramos bem a evolução da mente espiritual prossegue cada vez mais livre e elevada, com as novas aquisições de cada existência orgânica em passagem.

Esta ascensão continua de uma a outra etapa, cuja meta será o corpo espiritual desembaraçar-se de uma vez da matéria, onde êle se fez em coexistência. E' o perfume que se destaca da flor.

Aos retardatários, ainda em más tendências recordativas, a sociedade através de leis, escolas e doutrinas educacionais procura auxiliá-los, corrigindo-os de suas más qualidades predominantes. Muitas vêzes, a lembrança impulsiva do passado, geralmente quando foi bem progressiva, pode manifestar-se desde cedo na infância de alguns indivíduos.

Falamos de certos prodígios, que basta depararem com fatos relacionados com seu passado anterior, para que despertem neles o impulso recordativo para a continuação. A memória surge surpreendente, a exemplo de Mozart e outros, que deixaram atônitos os observadores, diante de sabedorias irrompidas de improviso, sem que o índivíduo tivesse passsado pelos métodos comuns da aprendizagem.

De fato, sem ser pela teoria das reencarnações, como poderia originar expontâneamente, conhecimentos intelectivos na cabeça do individuo, quando é lógico compreendermos que ninguém nasce sabendo? Logo, se há exemplos de indivíduos que já nascem com sabedoria feita teremos que tal saber, sendo obra de aquisições próprias, fôra adquirido em algum outro lugar ou ocasião, pelo seu próprio portador, caso êste sòmente explicável pela tese reencarnacionista.

Afinal, como vemos, pelas experimentações da hipnose, as nossas tendências para determinados estudos ou trabalhos práticos, e até mesmo os vícios, ou outras predicações, são recordações de vidas passadas, remodelando-se continuamente em ascenção evolutiva, em cada existência orgânica que se vive.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Diários de Leopoldo Machado

Nota: Terminaram os capítulos que Leopoldo escreveu para a «Revista Internacional do Espiritismo», com o título de «Memórias de um Espírita Baiano». Sua enfermidade impediu que êle prosseguisse. De vinte e um de abril de mil novecentos e trinta e seis a vinte um de junho de mil novecentos e trinta oito, nada escreveu. Desta data em diante, passou a fazer os seus diários. Nota-se que eram todos feitos às pressas, dada a escâssês, sempre, de seu tempo. Passo a transcrevê-los.

LEOPOLDINA

Dia 21 de junho de 1938

Estamos em Belo Horizonte.

Sono inquieto e curto, a despeito da hospedagem ótima, do quarto confortável, com duas camas de solteiro.

Às nove horas, saimos de auto com o dr. Noraldino de Mello Castro. Fomos primeiro à casa do Cícero Pereira que convalescia de grave enfermidade. Encontramo-lo a apanhar sol e lhe fizemos companhia até o meio dia.

Depois do almoço, recebemos a visita do Alcides Vieira de Souza. Conversamos até a volta do Noraldino em seu *Ford*. De novo, no auto, saimos a passeio. Visitamos o coronel Mello, ilustre pai do queridíssimo amigo dr. Levindo Mello. Ótima acolhida, animada palestra que se desenrolou por mais de uma hora. Depois, para a residência do dr. Telles de Menezes. Acolhida ótima, palestra animada. Rodamos para os altos da Av. Afonso Pena a fim de contemplarmos o panorâma da cidade. Deslumbrante. Depois, à Feira de Amostras, à procura do Chico Xavier. Curta e emotiva palestra na repartição em que trabalha. Descemos à rua e aí, aproveitando a esbatida claridade do dia, batemos algumas chapas fotográficas dos grupos e uma do Chico. Em seguida, para a Confeitaria Califórnia de onde telefonei para o dr. Lopes Rodrigues, conterrâneo e amigo dos tempos da adolescência. Quando lhe disse quem era, irreverente e pândego, perguntou-me: — «Que vem fazer na minha terra, *seu desgraçado*?

— «Conferências espíritas, *seu bandido*.

— «Já o sabia. Diga-me onde vai falar. Irei ouvi-lo.

— «Rua Curitiba, 626. Não poderá ir porque não são conferências para herejes.

— «Já lhe disseram?

— «Não era preciso.

— «Engana-se. Já não sou hereje. Você o saberá e terá muitas surprêsas

— «Folgo com a novidade».

Da confeitaria, já sem o Alcides, Noraldino levou-nos à sua residência, em Carlos Prates. Sua senhora, ausente, porque fôra levar a filhinha ao médico. Pouca demora, e, de volta à pensão, encontrei-a, que voltava do médico. Conôsco seguiu até a pensão.

Jantamos às dezoito horas. Fui esquemar a conferência após a janta, o que me trouxe certa perturbação de vista e de cabeça. Resolvi, por isso, andar a pé, com o Euclides Moreira, até a União Espírita Mineira, deixando Marília para ir de auto com Noraldino e senhora.

Lembro os passeios em companhia do Alcides. Fala pelos cotovelos, dando-nos a impressão de um rádio humano. Conversa, porém, agradabilíssima.

Lembro ainda a nossa despedida do Chico, à entrada da Feira de Amostras, quando nos disse: «Vou cuidar do bem estar dos animais, embora veja, com pezar, sêres humanos sem bem estar nenhum».

A primeira conferência começou às dezenove e trinta, na União Espírita Mineira. Salão repleto. Rubens Romaneli fêz a saudação a mim, em nome do Instituto Leopoldo Machado e da União. Generoso e entusiasta, focou a minha função de professor, educador, a minha atividade na Doutrina, encontrando em mim qualidades de *super-homem*. Iniciando minha arenga, destruí as três generosas afirmativas do confrade e amigo.

Falei sôbre *Civilização em Ruínas*, tema, como os outros, posto nos convites que foram distribuidos nas notícias dos jornais. Falei duas horas e dez minutos, dois taquígrafos apanhando minhas palavras. Muito aplaudido, felizmente. Chico Xavier, presente à conferência, recebeu dois belíssimos sonêtos, em tôrno dos problemas abordados, de Augusto dos Anjos e Pedro de Alcântara.

Transcrevemo-los :

Civilização em Ruínas

Augusto dos Anjos

A civilização horrenda, em ruínas,
Deixa agora escapar o horrendo fruto
De miséria e de dor, de pranto e luto,
Feito de sangue e de cadaverinas.

Em vão, sôbre o Calvário áspero e bruto
Sangrou Jesus em lágrimas divinas.
Sôbre as ofensas torpes e tigrinas
Que lhe tentaram o espírito incorrupto.

Saturado de débito e gravame,
A civilização amarga e infame,
Suicida-se num báratro profundo.

Porque na luz dos círculos da Terra,
Nos turbilhões fatídicos da guerra,
Ainda é Caim que impera sôbre o Mundo.

Brasil

Pedro de Alcântara

Sopra o vento do ódio e da vingança,
Aniquilando a paz do Mundo inteiro,
Embora o amor divino do Cordeiro,
Seja a fonte da Bemaventurança.

Mas a terra ditosa da Esperança
Vive nas claridades do Cruzeiro,
Onde o Evangelho é o doce mensageiro
Das bençãos da Verdade e da Bonança!

Meu Brasil: guarda a luz desta vitória
Que é o mais belo florão da tua glória,
Nos caminhos da Espiritualidade!

Ama a Deus. Faze o bem. Todo o problema
Está na compreensão clara e suprema
Da Fé, da Paz, da Luz e da Verdade...

As duas obras poéticas foram recebidas *currente calamo*, ao meu lado. Chico escrevia, com a mão esquerda lhe tapando a vista. Cada sonêto, uma letra e as letras desiguais.

Trocas de abraços, apertos de mão, muita efusão e vibração.

Depois, ao chá, no Bar Paládio, do Ennes, à Av. Afonso Pena. Sempre, muita alegria. Por último, pensão, às onze e meia.

22 de Junho de 1938

Não temos dormido bem. Ao alvorecer, a claridade do dia sempre límpido e belo, que entra pela janela de vidros movediços, muito em moda, me desperta.

Depois do café, pus-me a fazer o diário. Interrompi-o pela chegada do Noronha Filho. Saímos a pé, em passeios pelo centro, a conversar. No correio, Marília escreveu dois cartões: para sua casa e para mamãe. Depois, à Livraria Oliveira Costa onde comprei, pensando nos livros que estou a concluir: *O Traumatismo do Nascimento*, de Otto Rank; a *Genealogia dó Âmor*, do Dr. Curt Thiesson; *Educação Sexual da Criança*, de Gastão Pereira da Silva e *Lutero*, de Vicente Themudo Lessa. Presenteei Marília com o *Doceiro Mineiro*.

Despedimo-nos na Praça Sete. Noronha, para a repartição e nós, para a pensão. Depois do almôço, à casa do Cícero Pereira aonde ficamos até quatro e trinta, em conversa amistosísssima. Depois da janta, na pensão, recebemos o Noraldino que se despedia, por ter de tratar de negócios no Rio. Dei-lhe apresentações para o Ayres de Camargo, Pinto de Souza, Henrique de Andrade. A pé, depois, para a União, eu, Marília, a senhora do Euclides. Perdemo-nos no centro; custamos a achar a rua Curitiba. Cheguei, por isso, atrasado à União. Salão ainda mais cheio do que na véspera...

O Espiritismo é obra de educação foi o tema da palestra. Falei uma hora e cincoenta minutos, sentindo o ambiente maravilhoso. Dois taquígrafos também. Depois, Eugênio Carlos Monteiro, com a palavra, falou, por dez minutos, enaltecendo a peça que proferi, minha ação na Doutrina, a me chamar de *Mestre*, o que me desagradou sobremaneira. Recebí, culminando tantas atenções, dois livros, com honrosa dedicatória: O Cenáculo Espírita e o Espiritismo dentro dos Evangelhos de Jesus.

Laudelino Ferreira e Exma. Família nos levaram à pensão onde chegamos às onze horas.

Compreendendo a relatividade de antigas verdades absolutas

Processo histórico do desenvolvimento espiritual do homem – O problema das revelações, na Doutrina Espírita

NÃO podemos entender o problema religioso fora da perspectiva histórica. Falar em verdades eternas, instituições divinas, revelações supremas, às quais teriamos de submeter-nos, como um rebanho ao pastor, é simplesmente fugir ao esclarecimento do assunto. A mística das revelações constituiu um período histórico necessário, nas fases primárias do desenvolvimento humano. Com o decorrer do tempo, êsse período foi superado. O homem tornou-se capaz de pensar de maneira aguda e produtiva, de criticar suas concepções anteriores e de criar meios de investigação dos mistérios da vida e do mundo, com sua própria inteligência. Nêsse momento, compreendeu a relatividade das antigas verdades absolutas.

O Espiritismo se caracteriza, em face das religiões atuais, por essa posição racional, quanto ao problema religioso. As pessoas que não conhecem o Espiritismo, em geral o confundem com simples formas de sincretismo religioso ou de superstições primitivas. Pensam que Espiritismo é evocação de espíritos, magia, feitiçaria e coisas semelhantes. Assim, ao lerem o que acabamos de escrever, pensam que estamos sofismando. Aconselhamos essas pessoas a consultarem as obras básicas da doutrina, em especial «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, para verem que estamos com a razão.

As religiões antigas, anteriores ao Cristianismo, apresentavam-se como revelações divinas, feitas pelos deuses mitológicos. A religião judaica, de que nasceu a cristã, era a revelação de Jeová ao povo eleito. O Cristianismo apareceu de maneira diferente, como uma religião didática, ensinada por um homem. A revelação divina se tornava humana. Mas a imaginação do tempo, apegada ao maravilhoso, em breve rejeitou essa modificação. Jesus foi devolvido do plano histórico ao mitológico, e transformado em Deus. O Cristianismo absorveu, então, a mística e a magia das revelações divinas do passado, confundindo-se com elas. Tornou-se uma «religião revelada», como as outras, e adquiriu o mesmo poder de coação, impondo-se aos homens pelo prestígio do mistério. Mas o próprio Cristo já havia previsto êsse fato, e anunciou a ressurreição de seus princípios, para quando a mente humana atingisse a maturidade. É o que vemos no Evangelho de João, com o anúncio do Consolador.

Quase dois mil anos correram sôbre as palavras de Jesus, mas o momento de maturidade chegou. Nos séculos dezessete e dezoito vemos acentuar-se o processo de maturação mental da humanidade, e no século dezenove encontramos o homem numa fase de plena libertação espiritual. É então que aparece o Espiritismo. Não como revelação divina, no sentido das religiões antigas, mas como um vasto processo de descoberta do espírito. Kardec o apresenta, em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», como III Revelação, mas esclarece o sentido novo dessa revelação.

Nada mais claro do que a explicação de Kardec, em «A Gênese», sôbre a natureza do Espiritismo. Revelar, diz êle, é mostrar alguma coisa que estava oculta. Nêsse sentido, o Espiritismo é, ao mesmo tempo, revelação divina e revelação humana. Divina, quando os Espíritos, por suas manifestações, revelam aos homens a natureza do mundo espiritual. Humana, quando os homens, por suas investigações, penetram os segredos dêsse mundo. A revelação espírita não é, portanto, absoluta, imposta aos homens pelos deuses ou por Deus. É o resultado de uma conjugação de esforços. Os Espíritos, homens desencarnados, e os Homens, espíritos encarnados, dão-se as mãos para descobrirem a verdade espiritual, no plano do natural e não do mistério.

Há duas formas de revelação, diz Kardec: a divina e a científica. As religiões antigas aceitavam a primeira e nela se baseavam. Daí seu caráter absolutista, sua arrogância na imposição de princípios indiscutíveis. O Espiritismo aceita a segunda e nela se baseia. Daí seu caráter científico. Os Espíritos ajudam os homens a penetrarem os segredos do mundo espiritual. Não são mestres superiores e infalíveis, mas colaboradores. Não possuem a sabedoria suprema dos deuses, mas a relativa, das criaturas. A revelação divina se humaniza de novo no Espiritismo, despojando-se dos elementos místicos e mágicos do passado. Os princípios racionais, ensinados por Jesus, ressurgem no momento exato da maturidade mental da humanidade. A profecia do Mestre se cumpre, não de maneira milagrosa, mas dentro do processo histórico, como uma antevisão do desenvolvimento evolutivo da espécie.

As verdades eternas, as instituições divinas e as revelações supremas, que antes exerciam seu domínio mágico sôbre os homens, perdem o velho prestígio. O homem, liberto do temor do mistério e do temor dos deuses, aprende a conquistar por si mesmo o conhecimento das coisas espirituais como conquistou o das coisas materiais. Dentro da relatividade de sua natureza, aprende que as verdades eternas lhe são ainda inascessíveis. Aprende, sobretudo, que antes de conhecer o absoluto, terá de evoluir no relativo. A religião volta a adquirir, assim, o carater didático do ensino de Jesus. Não é mais um plano de salvação imediata, mas uma escola de salvação progressiva.

E' por isso que o Espiritismo não se proclama como religião única, fora da qual não haverá salvação. Essencialmente evolucionista, êle nos mostra a religião como um processo de desenvolvimento espiritual do homem. Nas fases primitivas, a religião se traduzia em mistério e magia. Nas fases posteriores da evolução humana, ela se traduz em compreensão espiritual. Os mistérios, as fórmulas sacramentais, a consagração de objetivos, os ritos, são apenas instrumentos primários do desenvolvimento espiritual. Mas chega o momento em que o homem se liberta de tudo isso, para atingir aquilo que Jesus chamava: «adorar a Deus em espírito e verdade».

Irmão Saulo

Luz, Senhor, por Misericórdia...

E. K. Taves

O mundo atual vive caracterizado pela pretensão das «certezas definitivas», oriundas de «incertas criaturas» que todos somos, resultantes, não há negar, dos sobressaltos que nos empurram de um lado para outro diuturnamente, como se não tivéssemos um guia certo ou um roteiro seguro para nossa existência : JESUS !

Êsse mal empana e confunde a visão real do mundo em que vivemos, daí nos parecer vazio, enfadonho e corriqueiro, já que o «excesso de si mesmo» cega e perturba o raciocínio lógico das criaturas, não estivesse êle emperrado pelo egocentrismo.

Questão psicológica ? Psiquiátrica ? ou simplesmente de Moral Cristã ?

Estamos como aquêles que vegetando na sombra acostumaram-se a enxergar no escuro, e tão-sòmente por isso, julgam-se iluminados.

Nosso «EU» confuso, dilatado grotescamente pelas estapafúrdias conseqüências do comodismo inoperante, fixa admirado o abismo do seu nada. As frustações de cada um originam recalques, desajustamentos e fugas, que se escondem dentro das próprias dimensões de suas mentes estagnadas: «o espelho sepultado na lama não reflete o esplendor do sol».

Não enxergam, não vislumbram, não percebem, não sentem a fusão da Ciência e da Religião, quando juntas verificam e ressaltam que «pensa e vive mal aquêle que deseja muito ser útil a si próprio».

A inércia da mente é a causadora de acreditarmos piamente na auto-suficiência. Em geral não pensamos, não meditamos. Esquecemos «que a mente é um núcleo de fôrças inteligentes gerando um plasma sutil—a idéia—e que a idéia é um «ser» organizado por nosso Espírito a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção. Do conjunto de nossas idéias resulta nossa própria existência: o nosso Céu ou o nosso próprio Inferno!»

Desejemos então que nossos reflexos mentais nos impulsionem para frente e para o alto, para que possamos aprender a cultivar a educação, aprimorando-nos cada dia, lembrando-nos a todo instante que nosso aperfeiçoamento depende da purificação da nossa individualidade.

Elevemos nosso padrão de conhecimentos pelo estudo bem conduzido, apurando, a pouco e pouco, a qualidade da nossa emoção, pois desta resultará, sem dúvida, a prática para sempre das virtudes superiores, que nos dará o avanço moral imprescindível que irá, conseqüentemente, colocar à nossa frente o Supremo Poder, a Causa Primária, a Eterna Sabedoria do Universo.

> «E, quando a Verdade chega, consola e fica.
> «Quando a Fé esclarece, perdura e guia.
> «Quando a Filosofia explica, orienta e ilumina.
> «Quando a Ciência afirma — a Crença e o Conhecimento apoiam a razão em têrmos exatos e reais».

Como raios conscientes da Sua Infinita Misericórdia, recebemos como herança, dentro dos limites da nossa evolução espiritual, a faculdade de criar e desenvolver, nutrir e transformar.

Criemos então, o nosso mundo mental, à semelhança de Jesus: amando a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Desenvolvamos nossas atribuições no sentido edificante de compreendermos realmente a verdadeira noção de Fraternidade Universal, procurando nutrir nossa mente e coração, com os alimentos sublimes que nos fornece gratuìtamente, com tanto carinho e amor, o Evangelho Redentor!

Transformemos as velhas formas de opressão e ignorância nos elevados padrões do Cristianismo. Não podemos nos esquecer que dependemos muito e muito dos nossos semelhantes para a própria escala evolutiva. Agimos e reagimos uns sôbre os outros através da energia mental, que se renova constantemente, afim de estruturar nossos destinos, criando, alimentando e destruindo, formas e situações, paisagens e coisas.

Por isso, não sejamos como:

> «Os déspotas que se enfurecem com as idéias de liberdade, pois,
> «Só os criminosos se inquietam com a lembrança das leis divinas,
> «Só os violentos se exasperam com os conselhos de paz,
> «Só os maus se irritam com os imperativos de amor ao póximo,
> «Só os egoistas se incomodam com os princípios do altruismo,
> «Só os vingativos não se acomodam com a doutrina do perdão.
>
> «A dádiva gratuíta só prejudica os interesseiros,
> «A sinceridade sempre desmascara o hipócrita escondido, e
> «A humildade sempre envergonha o orgulhoso impuro».

Lembremo-nos a todo minuto que o benefício da tolerância é um dos alicerces da nossa elevação moral; e imploremos ao Mestre Divino:

LUZ, SENHOR, POR MISERICÓRDIA...

* * *

EM FAVOR DE VOCÊ MESMO

Ajude sem exigências, para que outros o auxiliem, sem reclamações.

Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais aos seus.

ANDRÉ LUIZ

Milhões e Nada

(Domério de Oliveira — da U. M. E. — de Catanduva)

A situação de angústia totalmente pessoal em que um indivíduo se coloca, envolve, como natural conseqüência, uma ausência absoluta de perspicácia no que concerne à interpretação das dificuldades que a vida lhe apresenta.

Uma ligeira nuga, pelo simples efeito de o ferir mais de perto, assume proporções imensuráveis tais que todo o horizonte se lhe tolda, obsecando-o a ponto de não ver que os raios dardejantes do Sol Divino continuam a iluminar o mundo, não obstante a densa nuvem negra que, por momentos, o envolve.

Porque sofre, já o mundo lhe parece diferente ; a vida, por êsse motivo, reveste-se para êle de um aspécto lúgubre, julga-se a vítima escolhida de uma particular calamidade, o objeto apetecido de influências más.

Há em tudo nesta vida certa relatividade. Nos degráus da existência todos padecem e experimentam cálices de amargura. Uns mais e outros menos. O sofrimento deve ser concebido como o resultado das ações desordenadas, das incursões medíocres nas regiões dos pensamentos baixos, da inobservância das leis infalíveis da Justiça Divina que rege o Cosmos.

Está muito generalizada a idéia da injustiça do sofrimento pessoal, e, precisamente, tal êrro é um dos elementos que mais contribuem para incrementar os males da humanidade.

Efetivamente observamos que quando alguém é tangido pelo sofrimento, quando a desgraça fere uma pessoa, logo esta, instintivamente, compara a sua sorte à de outrem e formula o contumaz queixume : —

— Porque hei de ser eu o armazém de pancadas do destino, quando vejo tantas criaturas de meu conhecimento, que não são melhores do que eu, e, entretanto, são poupadas no sofrimento, portanto, levam a vida numa gôndola branca por «sôbre um manso lago azul sem névoas nem espumas».

Tais pessoas ignoram as atribulações alheias. Não há quem não tenha sua parcela de aflição neste mundo fugaz e aterrador. Ora, o que é verdade é que todos êsses sentimentos depressivos a respeito do sofrimento, essa deplorável atitude de espírito, coisas estas muito espalhadas por entre a humanidade, desaparecem por completo ante uma análise comparativa em relação aos problemas dolorosos que comprimem e agitam, no pequeno orbe, todos os corações humanos.

Tais pessoas precisam saber que estas dores que as afligem são outras tantas oportunidades que se lhes apresentam para que possam assumir atitude diferente, suportando tudo com absoluta resignação e valentia moral.

No cadinho do sofrimento se aprimoram qualidades de que carecemos para a vitória final: coragem, resolução, paciência, tranqüilidade de espírito e nobreza de sentimentos.

Aliás êste é o pensamento que deve predominar nas mentes daqueles que sabem que esta vida em si não vale grande coisa, a não ser para o próprio aperfeiçoamento de tantas falhas de que somos portadores.

Aos cálculos frios e materialistas dos Milhões que representam o nada, devemos sobrepôr as moedas de ouro da moral e da espiritualidade que «os ladrões não roubam e as traças não destróem».

Nenhum cristão de verdade passou pela terra sem encontrar obstáculos na sua caminhada. E em vencer os obstáculos com resignação e fé, encontraram êles a palma da vitória e seus nomes brilham como estrêlas nos céus do cristianismo. Imitai-os, pois, e encontrareis em cada obstáculo um motivo para chegardes mais perto de Deus e serdes realmente felizes.

— *CAIRBAR* —

Crônica Estrangeira

TRÊS FENÔMENOS CURIOSOS

De «Estudos Psíquicos»

O que vamos narrar respigámo-lo em *Fate Magazine.* Não se trata de coisa retumbante, como às vêzes sucede, mas nem por isso deixa de ter o seu interêsse psíquico. Por isso arquivámos os três casos à espera de algum estudioso que os tente explicar melhor.

O primeiro é narrado pelo sr. Bryan F. Parkes. Diz que um dia, êle, seu pai e um amigo viajavam de automóvel em direção a Nottingham. O tempo estava sombrio e havia troços da estrada inteiramente encovados, obrigando-os a marcha muito lenta.

Num dos mais perigosos, rente ao lago Rudgard, seguiam em longa fila separados apenas por alguns centímetros. A visibilidade estava reduzida a zero.

— Olhar pelas vidraças laterais — escreve — dava-nos a impressão de que recuávamos à grande velocidade, uma ilusão que meu pai dizia ter experimentado muitas vêzes, quando guiava em momentos de nevoeiro. Sùbitamente fomos alarmados pelo som contínuo e impaciente de uma buzina acompanhado do ruído de um motor potente. Sem qualquer aviso, enorme carro nos ultrapassou num relâmpago, como se fôsse dia claro. Três pessoas o viram e perguntaram se o acontecido fôra motivado por nervos e olhos cansados ou se teria sido fenômeno sobrenatural. Por estranha coincidência, um carro se despedaçou uma semana depois no mesmo local da estrada.

E o sr. Bryan F. Parkes pergunta aos leitores:

— Teria sido ilusão ótica ou visão do futuro?...

O segundo caso é contado por um leitor e refere-se ao aviso de morte de sua mãe.

Na madrugada de 17 de Setembro de 1917 a mãe da articulista acordou a gritar. Tôda a família se levantou assustada e a progenitora explicou então que vira em sonho o filho Harry, morto por uma bala e clamando:

— Mãe! Mãe!

Harry estava em França, no Corpo Expedicionário, e a pobre senhora ficou tão combalida, que chamaram o médico, a fim de acalmá-la com sedativos. Entretanto apontaram a data do acontecimento.

Quinze dias depois receberam um telegrama do Ministério da Guerra, notificando-os da morte de Harry em combate em Marvel, no mesmo dia.

No ano seguinte um camarada de Harry declarou que êste morrera numa árvore e que momentos antes dissera: «Mãe! Mãe!»

O terceiro é devido à pena da sr.ª L. A. Larkin.

«Em 1949 — diz ela — meu filho e minha nora sairam para o trabalho, deixando o bebé a meu cuidado. A criança tinha 8 mêses e era meu hábito colocá-la no bêrço, sôbre o relvado em frente de casa.

«Assim o fiz no domingo de Páscoa, mas senti estranha necessidade de localizar o bêrço mais longe, a muitos metros da janela. Uma hora depois ouvi um súbito fragor. A janela do quarto de dormir, que estava arrancada, deu de si e caiu precisamente no sítio onde eu colocava habitualmente o bebé. Todos os vidros se partiram, assim como os caixilhos. Se não fôsse a minha idéia, o menino teria ficado gravemente ferido».

Há ou não há muita coisa que transcende a nossa vã filosofia?...

* * *

O ESPIRITISMO NOS ESTADOS UNIDOS

De «Estudos Psíquicos»

Maurice Barbanell, diretor de «*Two Worlds*», semanário espírita londrino, diz que em 1958, jornais, revistas e postos de televisão se têm referido amàvelmente ao Espiritismo, demonstrando interêsse pelos fenômenos psíquicos e que em tôda a América essa onda de simpatia é cada vez maior, como bem observa o *Life.*

Uma das histórias que maior sensação causaram foi a que relatou os fenômenos desenrolados na residência do casal Herman, em Long Island, com 67 tipos de manifestação, segundo informa o *Journal of Parapsychologie* editado pela Universidade de Duke. Bodin, que enviou estas notícias ao *Two Worlds,* refere-se igualmente aos artigos do notável jornalista Hy Gardner, redator do *New York Herald Tribune* acêrca dos fenômenos psíquicos ocorridos no Oriente, sobretudo em Quemói.

Parece que o movimento espírita ganha terreno nos Estados Unidos, principalmente entre os pensadores, que sentem grande atração pela nossa doutrina.

Há bem pouco ainda «O Mistério de Bridey Murphy» foi considerado «best-seller» numa edição de três milhões de exemplares, suscetível de enriquecer o autor. Os próprios realizadores de cinema voltam-se para o Espiritismo na mira de novos filões que os afastem do ramerrão de Hollywood.

* * *

SONHO RESOLVE O MISTÉRIO DE DESAPARECIDO DOCUMENTO VITAL

De «Two Worlds»

Quando eu era secretário de vasta organização em Londres, não pude encontrar um importante documento necessário numa reunião a se realizar dentro de poucos dias. Investiguei meu próprio gabinete e a oculta dependência anexa. Nenhum vestígio.

Pedi à minha secretária procurar em sua sala e a da datilógrafa, mas o documento não foi encontrado. Meu caixa afirmou nunca ter visto o papel. De má vontade êle procurou em seu escritório. Também êle não teve sucesso.

Era urgentemente necessário o encontro do documento. Uma certa ação legal não poderia ser feita sem o mesmo. Depois de ter esquadrinhado todos os cantos prováveis e improváveis, sem resultado, comecei a ficar extenuado.

Então, de pé no meio de minha sala, externamente impassível, aparentemente olhando para fora da janela— era necessário evitar qualquer sorte de preocupação que poderia ser vista através de minha porta envidraçada do meu escritório—eu orei intensamente pedindo ajuda.

Naquela noite, em sonho, fui ao meu lugar de empregado. Tudo parecia mergulhado em nevoeiro esverdeado. Fàcilmente passei através das paredes do edifício, desci pelo corredor, e entrei no gabinete do meu caixa.

Tirando as chaves do meu bolso, abri o cofre de segurança. Coisa essa que eu nunca fizera antes, não obstante ter o direito de assim proceder.

O papel não estava nas estantes. Abri uma gavêta. Dentro havia dois grandes livros, um acima do outro. Tirei-os para fora, debaixo da capa do livro inferior estava o documento que eu procurava.

Acordei extasiado, cada detalhe claro como cristal.

Ao chegar ao meu escritório, chamei meu caixa, disse-lhe ainda não ter encontrado o documento, e pedi: «O senhor o procurou no seu cofre ?»

«Sim», respondeu êle, «mas lá não está».

«O senhor olhou na gavêta do cofre ?»

«Lá não está. O senhor é a única pessoa que poderia guardá-lo».

«Para me agradar, vá e olhe».

Êle foi contrafeito — e voltou com o documento na mão, seu rosto escarlate e completamente espantado. Êle o encontrara debaixo da capa do livro inferior, na gavêta, como eu vira em meu sonho.

«Arnol»

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.º andar - Sala 2 e 3 - Telefône : 36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Espiritismo no Brasil

Reforma de Instalações

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade, iniciando a execução de seu programa de reforma das instalações gráficas da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», afim de melhorar as edições e ampliar a difusão da Doutrina, precisa adquirir uma Impressora Plana Cilíndrica, formato de um quarto de papel Germânia, e aceita propostas para venda de Máquinas dêsse formato.

Os interessados poderão mandar-nos suas propostas com preços e condições de negócio para serem devidamente estudadas.

Em Duque de Caxias

II Semana Espírita de Cairbar Schutel

Grande repercussão teve a II Semana Espírita de «Cairbar Schutel», realizada em Duque de Caxias, pela Associação Espírita Cairbar Schutel. Todos os anos, segundo ficou deliberado em 1959, a Casa de Cairbar, na terra de Lima e Silva, promoverá êsse certame, com início no dia 16 e encerramento no dia 22 de setembro, data de nascimento do seu Patrono.

A finalidade é de divulgação do espiritismo e de progresso moral dos seus seguidores. Autêntica promoção de relações humanas e efetivo serviço de relações públicas, êste ano congregou maior número de grupos Kardecistas, não só da cidade como dos municípios de Magé, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Est. da Guanabara. A nota curiosa foi a participação de elementos de outros credos religiosos, atraidos pela cultura de homens como o general Milton O'Reilly de Souza, Deolindo Amorim e Antônio Pereira Guedes.

Numa prova de absoluta fraternidade, a entidade promotora levou as reuniões às sedes da União dos Espíritas do município e do Centro Espírita Thiago Apóstolo, num ensaio bem sucedido de que, no futuro, iguais homenagens serão extendidas às outras associações irmãs. Foi muito notada a adesão que tôdas as casas deram à Semana de Cultura Espírita, porém mais saliente e calorosa foi a participação da União dos Espíritas caxienses, cujos diretores estiveram sempre presentes às reuniões.

O Centro Espírita Thiago Apóstolo, em cuja sede se fêz a reunião do dia 21, mais uma vez demonstrou, de maneira entusiástica e positiva, o seu elevado sentimento de cooperação, congregando cêrca de 500 pessoas para a mais cálida prova de fraternidade e apôio ao certame, além de sua solidariedade face o drama que defronta a Casa de Cairbar na construção de sua sede própria.

* * *

Discorrendo acêrca da origem de Jesus e da Concepção de Maria, num estudo minucioso e profundo, falou abrindo a Semana o general Milton O'Reilly de Souza. Tese das mais palpitantes pelo quase desconhecimento que a respeito dela têm os espíritas brasileiros, foi ouvida com a máxima atenção. Além da contribuição histórica de inestimável valor, a erudição do orador completou a jornada, despertando o interêsse pelo estudo da Doutrina que a Direção da Associação anfitriã nunca se cansou de lembrar.

* * *

Um jovem acadêmico de direito — Antônio da Costa Oliveira, foi o segundo orador. Sua participação agradou muitíssimo pela evidência constatada de que a nossa mocidade já entrevê na Doutrina de Kardec o verdadeiro caminho. Esclarecendo e informando o Espiritismo, fêz ponderadas considerações sôbre a mediunidade, numa palestra serena, ordenada e balizada esquemáticamente pelo que há de fundamental na Doutrina.

* * *

Coube a Deolindo Amorim, no dia 18, perante cêrca de 400 pessoas reunidas na União dos Espíritas, a palestra mais cativante. Focalizou a vida de Cairbar Schutel, que apontou como exemplo absoluto de homem realizado na Doutrina e como cidadão que soube conduzir a existência através de elevados princípios éticos e cristãos.

* * *

As palestras dos dias 19, 20 e 21 estiveram a cargo dos confrades Manoel Corrêa Duarte, Vice-Presidente da União dos Espíritas, do Presidente da Mansão Divino Pastor, sr. Narciso e de Antanas Alexandravícius, Presidente do C. E. Thiago Apóstolo, em cuja sede se reuniram perto de 600 pessoas. Além de comentar aspectos práticos do Espiritismo e do Cristianismo, o orador apelou aos seus confrades para que ajudassem a construção da sede da entidade promotora do conclave, oferecendo-se inclusive para alojá-la em caso de necessidade. Foi um gesto cativante, que antes houvera sido precedido pelo donativo de Cr.$ 4.000,00 do confrade Manoel Corrêa Duarte, Presidente do C. F. Bezerra de Menezes.

* * *

Por fim, no dia 22 do corrente, encerrou o conclave o companheiro Antônio Pereira Guedes, jornalista Diretor de «O Almenara», do Rio de Janeiro. Diante de assistência numerosa, atenta e entusiasta, falou com imenso agrado para os presentes. Traçando um paralelo entre misticismo religioso e racionalismo, focalizou contradições perigosas do exagêro na interpretação de ambos os aspectos se não houver o equilíbrio do estudo e da prática.

* * *

Participaram de tôdas as reuniões as seguintes instituições: Duque de Caxias: Mansão Divino Pastor, C. E. Caminheiros de Jesus, Cruzada Esp. Discípulos de A. Kardec, C. E. Thiago Apóstolo, Grupo, Esp. Joana Darc, C. E. Bezerra de Menezes, C. E. Discíp. de Thiago e Grupo da Fraternidade Ana Prado, êste com numerosa e entusiástica caravana. Tabernáculo Paulo e Estêvam — Cordovil — Est. da Guanabara; C. E. Luz e Verdade e C. E. Bez. de Menezes, de São João de Meriti; C. E. Seára S. Francisco de Assis — Nova Iguaçu; C. E. S. Francisco de Paulo — Santo Aleixo — Magé.

VI Semana Regional Espírita da 13.ª Região da USE

VIII Semana Espírita de Marília

De 17 a 24 de Julho p.p. realizou-se pela 13.ª Região da USE, Região compreendida entre as cidades de *Tupã* e *Galia*, a VI Semana Regional Espírita.

Uniram-se as Uniões Municipais Espíritas de Garça, Marília, Pompéia e Tupã e promoveram conferências pelas cidades da região a saber:

Dia 17 — Abertura da Semana Espírita nas cidades de Garça, Marília, Pompéia e Tupã.

Dia 18 — Conferência nas cidades de Vera Cruz, Marília e Herculândia.

Dia 19 — Nas cidades de Garça, Marília e Pompéia.

Dia 20 — Em Vera Cruz, Marília e Tupã.

Dia 21 — Em Garça, Marília, Quintana e Tupã.

Dia 22 — Em Vera Cruz, Marília, Pompéia e Tupã.

Dia 23 — Em Marília, Herculândia, Vera Cruz, Parnaso e Tupã.

Dia 24 — Sòmente na cidade de Marília, o encerramento.

Nesse trabalho de sementeira espírita trabalharam os seguintes oradores: — Manoel Pinto Ribeiro, Milton Ferreira, Dr. Jonny Doin, José Antonio Luiz Balieiro, Professor Raimundo Rodrigues Martins, Adhemar Previdello, Capitão Alcides Sarmento, Dr. Celso Xavier de Mendonça, Teófilo Costa, Dr. Otávio Noronha Ribeiro e Guerino Brunelli.

Pela VIII Semana Espírita de Marília, trabalho da União Municipal Espírita de Marília, realizada nos Salões do Centro Espírita «Luz e Verdade» e no salão nobre do Centro Espírita Luz, Fé e Caridade e no Restaurante Infantil, constou do seguinte: — *8* palestras noturnas, 1 mesa redonda e reunião de confraternização.

Constou ainda do programa a inauguração do prédio onde será instalado o *Restaurante Infantil*, à rua Almirante Barroso n.° 318, no bairro anexo ao Palmital. O Restaurante Infantil pretende alimentar, gratuitamente, filhos de pais reconhecidamente pobres.

Foi grande a afluência de espíritas e simpatizantes nos recintos das conferências, bem como numerosas as caravanas para o dia da confraternização.

No dia 19 de julho também se comemorou o 12.° aniversário de fundação do Hospital Espírita de Marília. Naquêle nosocômio houve um festival de moços das diversas entidades espíritas da cidade com números também em que tomaram parte os doentes internados.

Vários oradores se fizeram ouvir na ocasião.

De 15 a 22 de julho realizou-se na 15.ª Região da USE a 1.ª Semana Regional Espírita. A 13.ª Região da USE esteve representada nessa festa pelos oradores marilienses: — Manoel de Paula Sad e Augusto Spilla e pelo orador catanduvense Raimundo Rodrigues Martins. Na confraternização espírita em Marília a 15.ª Região da USE esteve representada pelos seus diretores e por uma caravana.

Os espíritas da região aguardam, ansiosos a realização da VII Semana Regional Espírita e IX Semana Espírita de Marília, que se realizará em julho p. futuro. Acontecimento marcante do movimento espírita da região.

Marília, 11 de outubro de de 1960

UNIÃO MUNICIPAL
ESPÍRITA

(as.) Levy Merighe

VII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Rio Grande

A Mocidade Espírita de Jaboticabal, na Avenida Pintos, 1.110, com telefone 863, está centralizando o movimento da VII Concentração de Mocidades do Vale do Rio Grande, e, para isso, distribuindo circulares com seu Boletim n.º 1, dizendo do entusiasmo reinante na cidade por motivo dessa esperada grande Concentração e fazendo convite para a mesma.

Das referidas circulares, destacamos o seguinte:

«O movimento dar-se-á nos dias 7 e 8 de janeiro de 1.961, portanto no sábado e no domingo, conforme previsto na observação 3.ª do regulamento.

O limite receptivo para os representantes de cada cidade será (10) dez, conforme enuncia o art. 8.º.

Art. 10, parágrafo 2: E' proibido, durante as Concentrações passar rifas, listas, sêlos, etc., ou promover leilões americanos ou sorteios de caráter beneficente.

As correspondências deverão ser endereçadas para a Mocidade Espírita de Jaboticabal, Avenida Pintos n.º 1.110 — telefone 863 — Jaboticabal.

As próximas notícias deverão circular no início de novembro.»

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Dando cumprimento ao seu estatuto, no que diz respeito a relações externas, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil fez-se representar diretamente no último Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres, de 10 a 17 de setembro próximo findo. Os representantes credenciados foram o coronel Euclides Fleury, que se encontra em Paris, há tempos, desempenhando funções oficiais, e é espírita praticante, e o diplomata Hélcio Pires, que viajou do Egito, desembarcou em Paris e, dali, seguiu para a Inglaterra com a representação do Instituto. Ao todo, cinco brasileiros, pertencentes ao Instituto de Cultura Espírita do Brasil, tomaram parte no Congresso Espírita Internacional: Cel. Euclides Fleury, Dr. Hélcio Pires, Senhoras Elisa e Celme Pires, professôra Jandyra Moniz Torres, esta última se achava na França em gôzo de uma *bôlsa de estudos*. Todos são espíritas. Segundo o relatório enviado pelo Cel. Euclides Fleury, a representação do Instituto foi muito bem recebida no Congresso. Houve diversas propostas e discussões, principalmente quando entrou em debate o problema da reencarnação. A delegação do Instituto defendeu a tese reencarnacionista, que encontrou muita resistência da delegação da Holanda. O Instituto ainda se manifestou inteiramente contra o o profissionalismo mediúnico, admitido em diversos países europeus e americanos. O assunto foi muito discutido em plenário. Outros assuntos foram igualmente ventilados e debatidos no Congresso Internacional. O futuro Congresso Espírita Internacional, em 1963, deverá reunir-se em Filadélfia, Estados Unidos, de acôrdo com o que ficou resolvido nas deliberações finais.

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil encerrará as suas atividades do corrente ano, no dia 26 de novembro em obediência ao estatuto, para entrar em férias. Nessa ocasião, o Conselho Deliberativo elegerá a nova diretoria. Um dos professôres, escolhido pelos seus colegas, dará a aula de encerramento do ano letivo. O Instituto tem a sua séde no Rio de Janeiro, rua dos Andradas 96 — 12.º andar.

Em São João da Boa Vista

A União Municipal Espírita, de São João da Boa Vista, promoveu, em 16 de outubro, mais uma Concentração Fraterna no Sítio «Campo Redondo», (Estrada Velha São João Aguaí), reunindo os espíritas daquela zona numa festa de expressiva cordialidade.

Louvor a «O Clarim»

Com nossos agradecimentos, publicamos aqui o ofício, de 22 de outubro, do senhor presidente da Câmara Municipal de Araraquara e o ato aprovado pela mesma edilidade de louvor a êste jornal, com o que nos sentimos sumamente honrados :

«Senhor Diretor :

Com os meus cordiais cumprimentos, comunico à Vossa Senhoria, que esta edilidade, em sua sessão ordinária realizada a 17 do mês em curso, aprovou o requerimentos número 827/60, de autoria do nobre vereador Célio Biller Teixeira e outro, nos termos da cópia inclusa.

Apresento a Vossa Senhoria os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Respeitosas saudações

José Galli
Presidente

—

«Câmara Municipal de Araraquara

CÓPIA

Requerimento número 827/60

DESPACHO

Aprovado.

Araraquara, 17 de outubro de 1960.

(a) Herminio Pagotto — Presidente substituto

Considerando que já em seu 55.° ano se edita no vizinho Município de Matão, um órgão da imprensa escrita «O Clarim», quinzenário de grande tiragem e circulação pelas principais cidades de nosso Estado;

Considerando que a imprensa escrita exerce importante papel na educação dos povos, sendo os jornais de real importância, mormente para as cidades do interior, quando assuntos locais e reivindicações são exteriorizadas, com resultados até algumas vêzes surpreendentes ;

Considerando que «O Clarim», «Órgão de Propaganda Espírita — Científico, Filosófico e Noticioso», vem merecendo referências elogiosas, que pelo seu padrão intelectual ou ainda pela feitura prestimosa, cumprindo honestamento sua finalidade ;

Considerando que de larga penetração «O Clarim», tendo divulgação também nésta cidade, aparece, ainda como fator de congraçamento entre matonenses e araraquarenses,

REQUEIRO À MESA, satisfeitas as formalidades regimentais, conste em ata um voto de louvor aos diretores de «O Clarim», órgão da imprensa escrita do vizinho progressista Município de Matão, pela feliz iniciativa dotando-se os paulistas de mais um jornal, fator de incremento da fé religiosa e de divulgação de princípios científicos e filosóficos, tudo para o maior engrandecimento de nossa Nação. Dando-se, inclusive, da decisão da Casa conhecimento ao seu ilustre Diretor Sr. A. Watson Campêlo.

Sala de sessões, aos 17 de outubro de 1960.

(aa) *Célio Biller Teixeira — Herminio Pagotto* — Vereadores».

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$	250,00	Ano de 1945	cr$.	200,00	Ano de 1953	cr$.	200,00
» » 1928	»	250,00	» » 1946	»	200,00	» » 1954	»	200,00
» » 1929	»	250,00	» » 1947	»	200,00	» » 1955	»	200,00
» » 1930	»	250,00	» » 1948	»	200,00	» » 1956	»	200,00
» » 1937	»	250,00	» » 1949	»	200,00	» » 1957	»	200,00
» » 1942	»	250,00	» » 1950	»	200,00	» » 1958	»	200,00
» » 1943	»	200,00	» » 1951	»	200,00	» » 1959	»	200,00
» » 1944	»	200,00	» » 1952	»	200,00			

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo —Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 160,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARÍM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 30.00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3611unse_0

no XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1960 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 200
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Advento do Missionário . . . . — *Cairbar Schutel*

O Espiritismo no pensamento de antigos Padres . . . . — *Delfino Ferreira*

A Bíblia Sagrada . . . . — *Philemon*

Serões Bíblicos — IV . . . . . . — *Luiz Caramaschi*

A Mulher na Antiguidade e na Igreja — *Mário Cavalcanti de Mello*

«História do Espiritismo», de Conan Doyle . . . . — *Deolindo Amorim*

Passará o Espiritismo por uma Derrota Vitoriosa? . . . . — *V. O. Casella*

Para onde vai o Espiritismo . . . — *Trad. de Arnaldo S. Thiago*

Mais um Traque Anti-Espírita . . — *Mac Maynard*

Dogmas de Fé ou de Ciência impedem o progresso humano . . . — *Irmão Saulo*

Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*

Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 130,00, e mais Cr. $ 6,00 pára o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 25,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 160,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.$ 30,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1960 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Advento do Missionário

Cairbar Schutel

FOI numa época semelhante à nossa em que a humanidade havia descambado para o terreno acidentado do fanatismo, da superstição e do materialismo, que o Céu se fez ouvir pelo seu maior Expoente, pelo seu mais lídimo Emissário.

Foi nessa época que se encarnou entre nós o Grande Espírito que chamamos — Jesus Cristo.

Enviado com determinada Missão, o Divino Messias desde o seu nascimento manifestou poderes superiores, que O exalçaram aos olhos dos que O cercavam.

Todos êsses fatos tidos como miraculosos pela ignorância popular e pelo autoritarismo clerical, eram provas objetivas dos atributos do Espírito, magnificamente sintetizadas no Grande Enviado !

A Palavra do Cristo afirma a Vida ultra-tumba, a existência do homem após a transição que chamamos — MORTE.

Para os espíritas a Vida de Jesus é um prodígio que assombra. Não consta na História que homem algum, gênio ou missionário, O igualasse em saber e em virtude. Figura inconfundível no cenário mundial, a sua Personalidade se destaca altamente de todos os que O precederam e sucederam; de seus olhos irradiavam tôdas as carícias para os desgraçados, os infelizes, os párias e maltrapilhos que O seguiam cheios de esperança, envoltos no seu amor imenso.

Jesus Cristo é, na verdade, o grande Embaixador do Supremo Criador que praticou a Vontade Divina. Na sua presença, sob a ação de suas mãos misericordiosas, os enfêrmos se restabelecem, os cegos vêm, os surdos ouvem, os paralíticos andam, os leprosos ficam limpos. Tão grande é a sua Sabedoria e o seu poder que até os próprios elementos da natureza Lhe obedecem. E ao lado de todo êsse testemunho de Poder, de Sabedoria e Amor, o Meigo Nazareno se desdobrava em incessante atividade, expondo a todos que O seguiam a Sua Palavra de Luz e de Caridade, que vibra nas almas e embalsama os corações aflitos. No seu Ensino Oral, Êle deixa de lado o Dogma e o Mistério, que confundem e não edificam, e expõe a Sua Doutrina com singeleza e humildade, ao alcance de tôdas as inteligências. Os sábios usam de termologias para confundir as massas, os filósofos longomáquios e incongruentes nos seus discursos. Jesus foi a concisão, a lógica, o critério e a Verdade. Por isso a sua Doutrina é o Caminho que devemos seguir, a Verdade que devemos abraçar. Os seus Ensinos ultrapassam a todos os ensinos pedagógicos. Para que a sua

Doutrina fôsse compreendida por todos, Êle propunha parábolas, citava alegorias, fazia comparações ; descrevia a natureza, suas fôrças ; mostrava-lhes os campos, as montanhas, os mares, os ventos ; falava-lhes das plantas, das flôres, dos frutos, das sementes, dos animais, dos pássaros, do homem. Não há uma só coisa, um só ente na terra de que Jesus não se tivesse servido para com êles comparar a Excelsa Doutrina que Êle veio pregar.

A tarefa de Jesus, pelo que se depreende dos Evangelhos, foi despertar o homem, fazê-lo abrir os olhos e lhe ensinar a Verdade da Vida Eterna, a vida do espírito independente do invólucro material.

Durante 40 dias após sua crucifição, Jesus apareceu aos seus discípulos e na Câmara Alta em forma sòlidamente materializada, com o objetivo de convencer o céptico Tomé, e nessa forma materializada, Êle incluiu as feridas produzidas pelos cravos e a resultante pela lança do soldado romano. Em seguida Jesus chamou o incrédulo discípulo e disse : «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos ; chega também a tua mão e põe-na no meu lado ; não sejas incrédulo, mas crente».

Tomé, tomado de assombro, caindo de joelhos, respondeu :

«Senhor meu e Deus meu !»

—

O Espiritismo no pensamento de antigos Padres

Escreveu DELFINO FERREIRA

(Conclusão)

Ensina a igreja ser êste um conjunto de dois elementos: corpo e alma. Morto o primeiro, volve ao pó ; quanto ao segundo, a alma, libertada, vai a julgamento consoante o qual é levada ao céu ou ao inferno, passando, no primeiro caso, por transitória estada no purgatório.

Morto, pois, o corpo, veículo da alma, seu único instrumento, como poderá ela se nos apresentar ? Talvez por isto a afirmação de que os mortos não voltam. Todavia, vimos que voltam e se nos apresentam como os conheciamos aqui.

Voltando, então à aparição de Pio X ao Cardeal Paceli, raciocinemos :

Como se poderia ter dado ? Dois quadros oficiais da igreja reproduzindo-a junto ao leito de enfêrmos nos mostram a veneranda figura do falecido Papa tal como conhecido na terra. A mesma fisionomia ; idêntica estatura. Ora, como de muito o corpo carnal já não existia, não foi com êle que ela se operou... Com apenas a alma, também não, dado não ter forma, ser invisível, impalpável, face à sua imponderabilidade. Não obstante Pio X apareceu. E nós espiritistas o admitimos sem nenhuma dúvida, mas sem interferência de qualquer milagre, de algo sobrenatural ou maravilhoso, coisas que o Espiritismo recusa totalmente. Apareceu e a Igreja o reconheceu e, em conseqüência o canonisou. Como explicar, porém ?

Sabemo-lo nós, espiritistas. E o sabem, igualmente, teósofos, supermentalistas, rosa-cruzes, budistas, etc., etc. : Pio X como qualquer outro «morto» o pôde fazer, apresentou-se, alma ou espírito que é, com seu corpo natural, fazendo-o visível; êsse CORPO DA ALMA, que S. Paulo denominava CORPO ESPIRITUAL, CORPO DA RESSURREIÇÃO, e a que o Espiritismo designa por PERISPÍRITO.

As aparições são, pois, fenômenos naturais, uma das formas da impròpriamente chamada materialização do espírito, dado que o é do Perispírito. Elas certificam a estruturação dual da alma e trina do homem. Trina na forma sintética, mais simples, do Espiritismo.

Certo é, pois, que sem êsse corpo etéreo as aparições não seriam possíveis, de vez não poder, então, o Espírito realizar qualquer forma de manifestação. Nem poderia tomar corpo, ou seja, encarnar-se, uma vez ser êle o élo indispensável de ligação do espírito à matéria — como a compreendemos geralmente. Daí a constituição ternária do homem no conceito espirítico: Espírito, Perispírito e Corpo (físico).

A existência dêsse corpo, todavia, não é uma inovação do Espiritismo: a existência de um elemento plástico mediando entre alma e corpo, tão opostos entre si face às condições extremas de *estado* em que se encontram, cedo se fez sentir à inteligência humana. Daí filósofos, cientistas, homens outros de pensamento se sucederam porfiadamente na especulação do problema, concluindo pela necessidade da existência, absolutamente indispensável, do dito mediador plástico, que é, pois, o CORPO DA ALMA a que acabamos de referir. O Novo Testamento, aliás, fala nele, como vimos. Igualmente alguns ilustres Padres desde os primeiros séculos.

São Paulo escreveu em sua 1.ª Epístola aos Coríntios:—«*Semeia-se o corpo animal—ou corruptível—ressuscitará um corpo espiritual*» (15:44). E na 1.ª aos Tessalonicenses reconhece o ternário humano: Espírito, alma e corpo; correspondendo «alma» ao corpo espiritual, ou da Ressurreição, o perispírito do Espiritismo. (5 : 23).

S. JOÃO, de Tessalônica, no Concílio de Nicéia, assim se expressou: — «*Sôbre os anjos, os arcanjos, as potências e sôbre as almas, a Igreja DECIDE que êsses seres são, na verdade, espirituais, MAS NÃO COMPLETAMENTE PRIVADOS DE CORPO, ao contrário, dotados de um corpo aéreo, tênue, ou ígneo. NÃO HÁ SENÃO DEUS, UNICAMENTE, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais não são de modo algum incorpóreas*».

Santo Agostinho em carta a Nebrido, escreveu: — «*Faz-se mistér não esqueceres de que muitas vêzes discutimos exaltadamente êsse problema de saber-se se a alma tem ou não por morada alguma espécie de corpo, ou coisa análoga a um corpo, a que certas pessoas denominam o seu veículo*».

Outrossim, respondendo consulta, a respeito, apresentada pelo Bispo Evódio, de Uzala, escreveu:—«*Acredito, portanto, que a alma não pode existir sem corpo algum*».

S. Cirilo, de Jerusalém, afirmou: — «*Tudo o que não possúe um corpo denso, pesado, é, de um modo geral, denominado ESPÍRITO*». E atribuiu, quer aos anjos, quer aos demônios, quer às almas dos mortos, corpos mais sutís que o corpo terrestre.

TERTULIANO, em sua obra «*De Carne Christi*», cap. VI diz: «*Os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que se pode transfigurar em carne humana; êles podem,* por um certo tempo, *tornar-se perceptíveis aos homens e com êles comunicar-se visìvelmente*». A propósito vale aqui citar, do Velho Testamento, o livro «TOBIAS», onde se lê haver o anjo Rafael se apresentado como um rapaz ao jovem filho de Tobias, com êle viajado e o ajudado em determinado encargo paterno.

Outros venerandos nomes poderíamos aqui alinhar, dêles trazendo substancial testemunho: S. Bernardo, S. Basílio, S. Justino, por exemplo.

Demonstrada, pois, a existência do corpo etéreo, ou seja do PERISPÍRITO, cuja função primordial é permitir à alma agir sôbre a matéria, e, daí, possibilitar seguramente a comunicação entre mortos e vivos, TODOS OS DEMAIS fenômenos espiríticos ficam, por sua vez, comprovados. Igualmente o problema da REENCARNAÇÃO, porquanto não haveria explicação lógica para a sobrevivência da alma, certo como é não atingirem tôdas, numa só existência terrena, o mesmo nível de desenvolvimento moral e intelectual, oferecendo ambos incomensurável desigualdade. Sómente a sucessividade das existência no plano físico poderá permitir atinjam tôdas o máximo de evolução, tanto mais quanto inùmeras experiências só no plano material podem ser adquiridas.

Foge, todavia, ao nosso objetivo defender aqui a tese. Propomo-nos tão só a reviver como pensavam vultos imponentes dos primeiros tempos do Cristianismo.

Assim, vejamos: —

S. GREGÓRIO, DE NICE:—«*A alma imortal deve ser melhorada e purificada; se não o foi na sua existência terrena, o aperfeiçoamento se opera, nas vidas futuras e subseqüentes*».

ORÍGENES: — «*Pois não é mais consentâneo com a razão que a alma, por certas causas misteriosas seja introduzida num corpo, e isto segundo o seu mérito em ações anteriores?*» (Isto o escreveu êle em sua obra «*Contra Celso*» baseando-se na opinião de Pitágoras, Platão e Empédocles, sempre citada por aquele seu antagonista). O Abade Bérault-Bercastel, em sua *«História da Igreja»*, referindo-se a ORÍGENES, para quem *«a justiça de Deus deve-se patentear em tôdas as coisas»*, disse que na opinião dêsse doutor da igreja, *«por mais grave que seja a queda do homem, ao espírito culpado apenas obriga a recomeçar novas existências, quer neste mundo, quer noutros*, (e temos aqui o seu reconhecimento da pluralidade dos mundos habitados) *até que exausto de sofrer se submeta à lei do progresso e se modifique»*. (Conseqüentemente, sem penas eternas, podendo-se, pois, configurar nessa forma de redenção o inferno).

S. JERÔNIMO, referentemente ao caso de Esaú e Jacó, (Gen. 37) disse em carta a Arito:—*«Se examinarmos o caso de Esaú, acharemos que foi condenado por causa de seus pecados antigos, de pervertida existência anterior»*. De igual modo pensava ORÍGENES, opinando: —*«Não achamos injusto que até no ventre materno Jacó suplantasse o irmão, se sabemos que era merecidamente amado por Deus, devido aos méritos da sua vida anterior»*. Semelhantemente se refere êle a João Batista, *«cheio de Espírito Santo»* desde o ventre de Isabel, sua mãe.

Realmente, de outra forma, isto é, sem um mérito pré justificado, teriamos Deus fazendo distinção de pessoa, contràriamente ao que da lei compreendeu e ensinou S. Pedro (At. 10:34).

Finalmente, para não nos alongarmos mais, citemos apenas mais um testemunho, dos mais valiosos, aliás: TERTULIANO.

São palavras suas: — *Declare um cristão acreditar possível que um homem renasça noutro homem e o povo reclamará em grandes brados que seja lapidado. Entretanto, se foi possível crer-se na metempsicose grosseira, a qual afirmava que as almas humanas voltam em diversos corpos de animais, não será mais digno admitir-se que um homem possa ter sido anteriormente um homem, conservando sua alma as qualidades e faculdades precedentes ?»*

Ficamos, pois, por aqui, ressalvando que pela restrição do campo de investigações imposta pelo tema que buscámos desenvolver, testemunhos outros, expoentes de outras crenças e idéias, aqui teriamos feito desfilar.

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— III —

No *segundo dia da criação*, o que simbòlicamente caracteriza a idade geológica da Terra, que se seguiu a da completa imersão do planêta no vasto lençol oceânico de que deveria estar inteiramente recoberto, determina Deus que «haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas» — isso porque tão espêssa devia ser a camada de vapôres de que se constituiria a atmosfera planetária, que esta, em núvens densas, descia até a superfície dos imensos oceanos primitivos, sob os quais jazia a Terra completamente oculta. Sendo essa a condição física do planêta, nos seus primórdios, claro que adviria mais tarde a separação, de cujos benefícios hoje co-participam todos os habitantes do globo e que a Bíblia registra nos seguintes têrmos: «E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que *estavam* debaixo da expansão e as águas que *estavam* sôbre a expansão: e assim foi. E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã o dia segundo». (Gen. I—6 a 8).

Da linguagem bíblica infere-se que a atmosfera terrena adelgaçou-se, elevando-se um pouco acima do elemento líquido, quando êste ainda recobria todo o geóide—o que evidentemente corresponde à legítima sucessão dos fatos verificados nas transformações planetárias que se deveriam ir operando. Se nessa segunda etapa a denominação de *Céus* é dada à parte atmosférica da Terra e não é mais usada na ampla acepção de Infinito Universo, isso acontece porque, de fato, a linguagem humana iria designar por Céus a cúpula azulada que *parece* à limitação dos nossos sentidos, firmar-se nas extremidades circulares do horizonte, cujo centro sempre ocupamos...

Já na terceira etapa dessas transformações, vemos a Bíblia assinalar, mui procedentemente, ainda de acôrdo com a sucessão natural dos fatos geológicos: «E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a *porção* sêca: e assim foi. E chamou Deus à *porção* sêca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares: e viu Deus que era bom. Disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente *está* nela sôbre a terra: e assim foi. E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente *está* nela conforme a sua espécie: e viu Deus que era bom. E foi a tarde, e a manhã, o dia terceiro». (Gen. I—9 a 13).

Cientìficamente se acha comprovada, pelos dados que a Geologia nos fornece, a asserção bíblica relativa à formação dos continentes e de todos os acidentes geográficos que constituem a parte sólida da superfície planetária. Tôdas as extensões territoriais sôbre a superfície do planêta, hoje habitáveis pelos vegetais e animais terrestres, estiveram em tempos remotos cobertas pelas águas, de cujo pélago foram emergindo, em virtude de tremendas convulsões telúricas. Ainda hoje, por vêzes, do seio das águas surgem ilhas de formação vulcânica. É êsse — o da emersão lenta e sucessiva dos continentes e das ilhas, do profundo seio dos oceanos — um conceito científico trivial, a cujo respeito não há mais possibilidade de discussão, como, também, não é possível mais desconhecer-se que, após essa emersão, a terra começou por produzir *erva verde,* isto é, vegetação rasteira, entre a qual pode-se perfeitamente incluir os liquens, os musgos que primitivamente revestiram a face do planêta, posta assim a descoberto, até adquirir as condições de fertilidade necessárias, graças à formação da terra vegetal, por efeito do aparecimento e conseqüente destruição de sucessivas camadas daqueles primitivos elementos vegetais de que eram recobertas as rochas arqueanas, para que lhe fôsse possível promover a germinação de outras espécies vegetais que iriam culminar nas grandes árvores que formaram as densas florestas do período carbonífero, bem como as árvores frutíferas que o homem, desde a mais remota antiguidade, aprendeu a cultivar, em muitos casos conseguindo fazê-las produzir melhores frutos, sem contudo — o que é digno de nota! — conseguir qualquer modificação na espécie, pois que ameixeira enxertada em pecegueiro, não se transforma em pecegueiro, mas continua sendo ameixeira e dando ameixa...

Isso prova exuberantemente que o aparecimento do reino vegetal se fez por efeito da Vontade de Deus, repetindo-se nêsse domínio, como ver-se-á repetir no momento da criação dos animais, o mesmo processo misterioso do *«Fiat-lux»*, tão desprezado e ridicularizado pelos grandes sábios da ciência materialista sem Deus, mas ao qual ainda outra coisa não puderam acrescentar mais do que teorias palavrosas, que coisa alguma explicam, pois que até hoje a ciência não conseguiu saber o que foi que primeiro nasceu: a semente ou a árvore, o ôvo ou a ave...

Cultivemos, portanto, a ciência com humildade, aquiescendo sempre em nos submetermos à Divina Vontade que nos vai permitindo conhecer, par e passo com a nossa evolução moral, os segredos que o Pai não nos oculta àvaramente, mas apenas os vai condicionando às nossas possibilidades de boa aplicação, para que não Lhe demos o desgôsto de se ver compelido a abater o nosso orgulho, destruindo tudo o que fazemos sem a sua permissão, como sucedeu simbòlicamente com relação à tôrre de Babel, mas como realmente aconteceu com relação às orgulhosas civilizações egípcia, assíria, azteca, quichua, maia... e pode suceder a esta da era atômica, se o HOMO SAPIENS não se curvar humildemente às advertências do Cristo, pondo em prática os seus eternos e salutares ensinamentos.

Foi por isso que «ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De tôda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás...» cuja interpretação, se nos for permitido, procuraremos dar, ao chegarmos a essa altura das Santas Escrituras. — **PHILEMON**

Serões Bíblicos - IV

Redator: LUIZ CARAMASCHI

A Sabedoria é finita

Chilon — Não tendo dormido bem à noite, por causa da excitação que os pensamentos me causaram, fiquei no outro dia até tarde na cama. Eram onze horas quando fui ao banheiro lavar o rosto. Após o café saí à rua, dirigindo-me para os lados do Mar do Cubatão, também chamado Mar de Dentro. Procurei um êrmo, e, sentado numa pedra, pus-me a cismar.

Por que seria, dizia de mim para comigo, que Árago sustenta que o saber é finito ? Como finito ? quem imporá alguma limitação, um «*non plus ultra*» ? Êste há de ser o ponto sôbre que ouvirei Árago, esta noite.

Passei o resto do dia, ora no hotel, ora na rua, ansioso por que viesse logo a noite. Quando entardeceu, rumei para a praia, onde já me esperava o barqueiro que contratei para me transportar pelo braço de mar e pelo Rio das Minas até ao telheiro de Árago. Tanto que aqui cheguei, fui logo exclamando :

— Eis-me aqui, de novo, com minhas interrogações !

Dizendo isto descia da barca, estendendo a mão para cumprimentar Árago e dona Cornélia.

Cornélia — O senhor poderá, se quiser, passar a morar conosco, os dias que dispuser. Está de férias ?

Chilon — Gozo minha licença-prêmio, dispondo do tempo de seis mêses.

Cornélia — Nossa casa, em Cananéia, tem acomodações bastantes, que são usadas, pelos nossos filhos, quando nos visitam. Se o senhor quiser, poderá residir conosco, lá, pois já é finda nossa estada aqui no continente. Se gosta de coisas do mar, fique em nossa companhia. Não nos dará nenhum incômodo, visto que nossa vida é isenta de correrias. Meus serviços se resumem quase só em datilografar as coisas do Árago. Para os serviços domésticos dispomos de Anidra, que mora conôsco há muitos anos. Afeiçou-se a nós, e por isso nunca quis sair.

Chilon — Aceito o oferecimento, contanto que a senhora queira receber o quanto pago diàriamente no hotel.

Cornélia — Nada disso. O senhor fica intimado a ser nosso hóspede, ouviu ?

Após estas palavras de dona Cornélia, em tom imperativo, ditas com um sorriso acolhedor, nada mais pude fazer que erguer os ombros, em sinal de assentimento.

Árago — Eu já tinha dito a Cornélia que te convidasse a ficar conosco. Aqui terás mais oportunidade de conhecer a vida do mar. Gosto de um companheiro nos meus passeios, pescarias e caçadas. Sou um animal social, como já dizia, do homem, o velho Aristóteles ; vivo a contragosto minha solidão intelectual, entre pescadores que me querem bem, e no meio dos quais me sinto razoavelmente feliz. Mas tua vinda aqui me possibilitou abrir-me mais. Fica pois conosco, que isto nos fará bem.

Chilon — De acôrdo. Se me permitis, agora, propor-vos-ei uma questão que me azucrina desde ontem.

Árago — Que é ?

Chilon — Dissestes que o saber humano é finito, e eu desejaria saber onde fica e quem impõe essa limitação.

Árago — A coisa está, meu amigo, em que a evolução também é finita. A evolução para onde acaba a perfeição, e perfeição quer dizer funcionalidade. Tanto que um ser ou coisa preenche a sua função é perfeito, não podendo ir além. Dêste modo, cada ser ou coisa existe para preencher um fim. Preenchido êste fim, a evolução cessa. Vê que o martelo não passa do que é, por ser perfeito.

Chilon — Mas, e se o ser quiser ir além, evoluir mais ? os caminhos lhe estão barrados ?

Árago — Não. Os caminhos estão abertos para todos os lados, porém falta a impulsão interior, a motivação ; não há mais fim senão êste : preencher a função para a qual se está criado, com máxima sabedoria e perfeição.

Chilon — Para mim a evolução é infinita para todos os sêres, tendo todos a mesma destinação. De outro modo haveria privilégios.

Árago — Toma bem nota do que disseste, que to vou arguir. Dize-me : todos os sêres, então, têm a mesma destinação ?

Chilon — Sim, foi o que eu disse.

Árago — Suponhamos que o último destino de tôdos os sêres é o homem.

Chilon — Suposição aceita.

Árago — Logo, todos os sêres virão a ser homens ?

Chilon — Sim essa conclusão se impõe.

Árago — Um cavalo, uma ave, um réptil, um batráquio, um peixe, tudo há de ser homem ?

Chilon — Que dúvida ?

Árago — E as bactérias, os micróbios, também ?

Chilon — Também, por que não ?

Árago — Presta atenção agora ; vê se discorro com ciência. As bactérias, os micróbios, são sêres unicelulares. No começo da vida só havia dêsses sêres no seio das águas, a se reproduzirem por cissiparidade. Depois estas células descobriram que a união faz a fôrça, pelo que não se deviam mais separar as mães das filhas, e antes deveriam tôdas formar uma coletividade ou colônia de células. Uma vez formadas as colônias, as células começaram a desenvolver funções específicas, em razão do que ficaram tôdas dependentes umas das outras, não mais podendo separar-se. Foi assim que surgiram os sêres superiores, que são coletivismos celulares, nos quais as células têm funções especificíssimas. Não é assim ?

Chilon — Perfeitamente, mas isto sabe a materialismo.

Árago — Materialismo por que ? se quando eu digo «célula», tenho em vista, não aquilo que se vê no microscópio, mas o princípio espiritual, a consciência que anima, disciplina e guia aquele pouco de matéria que, ùnicamente por causa disso, se torna organizada ?

Chilon — Afirmais então que a alma humana, com ser um coletivismo de almas celulares, não é um todo indivisível, uma como atmosfera moral, atômica, isto é, indivisível ?

Árago — Responde-te por ti mesmo : a célula tem alma ?

Chilon — Sim, é o princípio que a anima.

Árago — E quando uma célula se reparte em duas, reparte-se também a alma da célula mãe, para atender ao corpo da célula filha ?

Chilon — Não. Penso que, nêste caso, u'a alma celular, quer dizer, uma célula ainda sem corpo, reencarna-se na célula filha. A coisa se dá assim : uma célula desencarnada se sintoniza ou acopla a uma outra encarnada, aumentando a potência e vitalidade desta última, pelo que a obriga a repartir-se em duas.

Árago — Logo, uma esponja-do-mar, antes de ser uma colônia de células visíveis, o é de células morais, as quais forçam as partes materiais a se reproduzirem, até que tôda a colônia tome corpo, não é assim ?

Chilon — Esta é a conclusão da teoria por mim exposta.

Árago — E considerando que qualquer ser superior teve sua origem nos sêres coloniais, segue-se que esta regra vigora para êles também, não é ?

Chilon — Sim, aceita a premissa, as conclusões se impõem.

Árago — Respondeste, tu, por ti mesmo, e a alma humana não é um bloco unitário, senão um coletivismo de consciências celulares. Tua conclusão foi dar em cima do princípio exarado n«A Grande Síntese» que diz ser tôda a unidade, ciclo ou princípio constituido de partes menores, no mesmo tempo que entra na composição de unidades, ciclos ou princípios maiores. Ora, se a alma é uma unidade, há de compor-se de unidades menores. Logo, a consciência humana é o produto de tôdas as consciências celulares que a constituem. Portanto, quando eu digo «*EU*», êsse «EU» é uma consciência coletiva, produto de todos os coletivismos menores que me constituem, não é mesmo ?

Chilon — Exata conclusão da premissa científica, filha da observação dos fatos.

Árago — E tu disseste que cada célula se torna num homem, por evolução, não foi isso ?

Chilon — Sim.

Árago — Se cada célula evolui para homem, e o homem é composto de células, segue-se que cada homem tornar-se-á numa humanidade tão grande que encheria o Universo. E se um homem se tornasse numa humanidade, então sua personalidade se desfaria. Mas se supusermos que a personalidade humana é indestrutível, então o homem não se torna em humanidade, nem suas células se tornam homens. Portanto o limite de evolução das células não é o homem.

Chilon — Bem deduzido. Mas suponhamos que as células isoladas se tornam homens, e não as integradas em organismo.

Árago — Nêste caso a integração em organismo é prejudicial ao ser, por lhe impedir a evolução. Melhor seria, então, cada um viver isoladamente, e se bastar a si mesmo, como Robinson Crusoé. E como é que alguma coisa pode evoluir, senão pela diferenciação, primeiro, e integração, depois ?

Chilon — Já percebi o absurdo. Então as células serão o que são, na indeterminação do tempo. Elas não evoluem mais, porque perfeitas, isto é, porque executam suas funções com máxima perfeição.

Árago — Queres que mandemos anunciar, pela imprensa, que Chilon, filho de Calícrates, declarou não serem filósofos, e sim só místicos, os que dizem que nós já fomos um singelo elétron, um átomo, uma mônada, uma molécula ? considerando que êsse «nós» é um coletivo, formado daquelas coisas ? e que sem a coordenação e integração delas o «nós» não existe ?

Chilon — Sim, mandemos.

Árago — Que nós já fomos um cristal, uma célula, um coqueiro de praia ?

Chilon — Publiquemos, igualmente, que isso é absurdo.

Árago — Quer mandemos escrever, outrossim ; que fala impensadamente quem afirma ser eterna a evolução humana, do ponto de vista individual ? porque assim como as células (um espermatozoide, um óvulo, um neurônio) não evoluem, por serem perfeitos, um dia o homem será a «célula perfeita» do grande organismo coletivo, cuja evolução, conquanto também seja finita, tende para um têrmo incógnito, que é Deus, no seu aspecto imanente ou criacional ? E também, que assim como uma célula não pode compreender o homem, jamais nós compreenderemos Deus Imanente, não é assim ?

Chilon — Escrevamos também isso.

Árago — E se não havemos de compreender, totalmente, nem mesmo o o Imanente, porque nunca chegaremos a ser o mesmo Imanente ; que se dirá, ou não dirá, do Deus, no seu aspecto Transcendente ou Infinito ?

Chilon — Entendo. Se uma simples célula, por não poder vir a ser homem, não o entende a êste, igualmente a «célula homem», não podendo ser o coletivo orgânico — Deus Imanente — que o integra, não o entenderá, nunca.

Àrago — Logo, do mesmo modo por que as células não virão, nunca, a ser homens, êstes, jamais, subirão para unidades doutras espécies, como a família, a sociedade, a humanidade. A evolução do homem termina quando êle se tornar altamente diferenciado e integrado na família, esta na sociedade e esta na humanidade.

Chilon — Conquanto êstes argumentos sejam lógicos e bem deduzidos, sinto, não é que penso, mas sinto que a evolução ou sabedoria (pois ambas se equivalem) é infinita, e ainda que eu tenha subido ao posto de Serafim, terei anseios de subir mais e mais.

Àrago — Êste sentimento decorre de duas razões ; a primeira é o condicionamento intelectual que nos obriga a pensarmos hoje em continuidade com o que pensámos ontem ; ora, ontem pensávamos que a evolução e o saber eram infinitos ; hoje estamos condicionados àquele pensamento. A segunda razão é por que confundimos indeterminação temporal com eternidade. Se sofremos, cuidamos que nossa dor será para sempre ; quando vivos, agimos como se nunca fôssemos morrer ; quem herda bens, esbanja-os, como se êles nunca fôssem acabar. Assim quem está fazendo a escalada evolutiva, tem seu ponto de referência no movimento, na transformação, decorrendo disto sua ilusão de que a evolução é eterna, e o saber, infinito.

— Mas vamos lá : a evolução é eterna e o saber, infinito conforme o teu sentir : a consequência disto é que o ser estará sempre insatisfeito na sua fase, e na sua função, desejoso de subir mais e mais, não é assim ?

Seja ùtil em qualquer lugar, mas não guarde a pretensão de agradar a todos ; não intente o que o próprio Cristo ainda não conseguiu. — *André Luiz*

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

II

O estudo de tipos representativos da mulher, através das idades, ficaria incompleto, sem o da Grécia e de Roma. Sua evolução reagiu com fôrça sôbre a mulher de nossos dias. Do mesmo modo que o homem, sua companheira, sob o ponto de vista de seu valor intelectual e moral, é resultante das civilizações anteriores. A mulher grecoromana, tendo pôsto um sinal indelével sôbre nossa maneira de pensar e de agir presentes, representa, desta forma, um interêsse de primeira ordem para os sociólogos desejosos de aclarar os mistérios da evolução feminina.

As recentes descobertas feitas em Micenas e em Cnosso, como as operadas no Egito, diz Finot, recuaram singularmente a antiguidade grega. É incontestável que bem antes de Homero, uma civilização tomara raizes na Ásia Menor, do mesmo modo que em Chipre e em Atenas.

A História entreabre, assim, uma pequena janela sôbre um passado ainda misterioso de aproximadamente dez séculos. Esta civilização teria, parece, outorgado à mulher uma situação bastante vantajosa, comparada à das épocas seguintes. Os Estados civilizados que haviam precedido a Grécia homérica, a julgar pelos documentos egípcios contemporâneos da XVIII dinastia, como pelos objetos de arte, os costumes e o resto de sua arquitetura, que devemos às descobertas de Evans, Schieliemann ou de Ângelo Mosso, teriam sido superiores à Grécia do XIX século. As mulheres aí se mostram de tal forma adiantadas e independentes como as de Atenas do tempo de Sócrates e de Péricles. (J. Finot. — ob. cit., págs. 66, 67).

Apologistas mentirosos dedicam-se de corpo e alma em seus interêsses sectários, a caluniar a antiguidade em seus sentimentos, em seus costumes e instituições; ousam afirmar que antes da era cristã a atração que impulsionava um sexo para outro era uma atração grosseira e bestial; que o amor era destituido de ideal, que, por conseguinte, a mulher era considerada incapaz de experimentar e de inspirar as ternuras e as delicadezas do coração; tornava-se aos olhos de seu marido, como aos de seu amante, destituidas de dignidade; que os homens só viam nela uma mulher destinada a saciar a sua lubricidade e a procriar filhos; que a mulher só se edificou, só tornou puro o seu amor e santificou o casamento graças às lições e às influências do Cristianismo.

Convém rebater estas pretenções e estas calúnias. Embora antigas, nem por isso são respeitáveis, nem bem fundamentadas.

Deus não apareceu com o Cristianismo. Êle se manifesta desde o comêço das coisas; com a sua bondade e justiça infinitas, abraça a humanidade de tôdas as épocas.

Está demonstrado por inúmeros historiadores que em todos os tempos, mesmo os mais recuados, foi suficiente ser-se homem para conhecer tôdas as ternuras, tôdas as delicadezas, todo o devotamento e o ideal do verdadeiro amor: «sentimentos tanto mais fortes, diz um antigo, quanto mais honestos e mais puros; e que vão até ao ponto de preferir a união na morte à separação durante a vida» (Val. Max., I, IV, c. VI).

Isto basta para fazer entender que a mulher era entronizada em tôda sua dignidade no seio da família antiga; que o casamento nêsse tempo, era, segundo a palavra de Plutarco: «Como a união mais digna e mais santa; que o pudor e a castidade aí estavam com a honra». (Amat. Lib., IV, ed. Didot).

Sócrates e seus discípulos chegaram a conceber uma alta e firme opinião da dignidade da mulher. Antístenes atribuia aos dois sexos uma mesma aptidão para a virtude. Platão reclamava para ela a mesma educação e quase a mesma importância política. Xenofontes estabeleceu uma perfeita igualdade entre os méritos do homem e da mulher.

Eis o que Isócrates põe na bôca

de um rei que se dirigia a seu povo:

«Eu sabia que nada era mais caro aos homens que sua mulher e seus filhos, e que as ofensas feitas a êstes objetos de seu amor, de seus carinhos, são daquelas que êles nunca perdoam... A êste respeito, nada tenho a recriminar-me, e desde o primeiro instante de meu reinado, casando legìtimamente, interditei-me de outro qualquer prazer. Eu não ignorava que se perdoavam estas fraquezas aos príncipes; mas eu quís que minha conduta ficasse ao abrigo da mais leve suspeita, para poder oferecê-la como modêlo ao meu povo, sabendo que a multidão dos cidadãos gosta de tomar o exemplo de seus mestres... Para mim, não conheço nada mais desprezível que êstes príncipes, que em vez de formarem um liame para a vida, mudam de afeto todos os dias e, por sua inconsequência, afligem uma companheira a qual êles nada perdoariam». (Isóc., «Nicocles»).

Haverá, hoje, pessoas de grande importância, que afetam conveniências cristãs, que possuam a mesma linguagem? Haverá muitos cuja continência possa ser comparada àquela da qual fizeram prova na antiguidade, Ciro, Alexandre, Cipião, Drusus, Germanicus e tantos outros?

Em seguimento ao estoico Antípater, Musonius e Plutarco se esmeram em demonstrar que o casamento é a mais necessária, a mais antiga, a mais bela e a mais santa das uniões; êles rejeitam como um paradoxo ateu a pretenção reinvidicada pelo sábio de ser liberto do liame conjugal. O sábio não está isento das obrigações mais naturais e mais sagradas do homem. O fim supremo do casamento é para o homem e para a mulher a comunidade da vida e dos filhos. Êles se associam para viver juntos, para agirem juntos, para marcharem juntos na virtude, para procriarem juntos os frutos de sua união. Tudo deve ser comum entre êles, o corpo, a alma, os bens, as crianças, os amigos, os deuses. Êles se devem auxílio em qualquer circunstância, afeição, assistência na família como na saúde, no infortúnio e na felicidade.

Valério Maximus propõe como exemplo às damas romanas a espôsa de Drusus, Antônia, que na flor da idade e da beleza, havia devotado à memória de seu marido uma fidelidade inviolável. Êle diz que na antiguidade romana se blasfemava contra as segundas núpcias. «Entre nossos ancestrais, diz êle, as mulheres que não contratavam um segundo casamento eram honradas com a coroa da pudicícia». Êles só tinham por um coração puro, fiel e incorruptível, o daquelas cujos votos e pensamentos não ecoassem fora do leito nupcial onde haviam desligado e deixado o cinto da virgindade. Comprometer-se várias vêzes nos liames do casamento era como a marca de uma incontinência ilegítima». Virgílio, em «Dido», pronuncia-se de igual maneira.

Eis a linguagem dêstes homens eminentes, cuja fama não se extinguiu com o correr dos séculos.

As mesmas idéias são encontradas em Tácito; sòmente, em lugar de ir procurar seus exemplos na Roma antiga, os toma de empréstimo a Horácio, que os foi buscar na Germânia. «Neste país, diz êle, as mulheres vivem cheias de castidade. Os adultérios são raríssimos. Não se perdoa a mulher que se prostitui; nem a beleza, nem a juventude, nem a fortuna, saberiam achar-lhe um espôso. Ninguém aí ri dos vícios; corromper e ceder à corrupção não se chama elegância e «bom tom». Mas, as mais sábias das tribos germânicas são aquelas em que as mulheres só se casam virgens, e não pensam em casar-se mais de uma vez. Como não possuem mais que um corpo e uma alma, desta forma só tomam um espôso, a fim de que seus pensamentos e seus desejos não possam ir além, e que elas amem no marido, não o próprio marido, mas o casamento... O casamento é para a vida e para a morte».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

"História do Espiritismo", de Conan Doyle

Deolindo Amorim

UMA das maiores realizações editoriais dêstes últimos tempos, no meio espírita brasileiro, foi o lançamento da *História do Espiritismo,* de Conan Doyle, publicada pela Editôra «O Pensamento». O aspecto material da obra é realmente impressionante pelo esmêro, bom gôsto e senso de sobriedade, aliado à preocupação de fazer um trabalho bem feito. A Edição brasileira valorizou muito a obra, dando-lhe uma feição gráfica das melhores, em tudo por tudo. A Edição está em condições de figurar em qualquer estante selecionada, como em qualquer exposição aprimorada, seja onde fôr. A confecção da obra está de tal forma cuidadosa, que nada fica a dever a edições norte-americanas, inclusive da organização Macmillan, que é mundialmente prestigiosa, ou da Universidade de Chicago, também modelar no apuro gráfico e estético de suas publicações. Já podemos dizer, portanto, e com tôda a satisfação, que no Brasil se lançam edições capazes de concorrer, em igualdade de condições, com excelentes edições norte-americanas. A *História do Espiritismo,* da Editôra «O Pensamento», está neste caso, pois é um trabalho que se recomenda pela sua criteriosa e distinta apresentação, sem exagêro, sem alegorias inadequadas ou fantasiosas, mas com o necessário espírito de equilíbrio, primando pela eficiência do material e pela harmonia do conjunto. Seria injustiça falar sôbre a obra em si, como boa fonte de consulta, e não realçar a capacidade e o zêlo da Editôra «O Pensamento», já considerada, aliás, uma das grandes organizações editoriais do Brasil.

Sempre achei que as coisas da doutrina espírita devem ser muito bem feitas. Livro, revista, jornal, tudo quanto se refere ao Espiritismo deve ser apresentado com bom gôsto e noção de responsabilidade. Um livro mal apresentado, ainda que tenha bom conteúdo, não impressiona bem; do mesmo modo, um jornal mal paginado, uma revista mal feita, como às vêzes aparece, não provoca muito interêsse. É certo que a forma não é tudo, pois o valor do que se escreve, tanto em livro como em jornal, está na essência. Realmente. Todavia, é preciso notar que a forma tem muita influência. É questão de psicologia. Uma edição descuidada pode prejudicar uma obra de valor. A experiência que o diga. Um livro bem organizado, tendo boa feição gráfica, inspira respeito ou desperta maior atenção. Foi justamente por isso mesmo que fiquei satisfeito, muito satisfeito mesmo, quando vi e apreciei a primorosa edição da *História do Espiritismo,* saída há pouco das oficinas da Editôra «O Pensamento», de S. Paulo. A edição argentina, da «Schapire», está muito longe de comparação com a de S. Paulo

A tradução é do Dr. Júlio Abreu Filho, a cuja competência já devemos outras traduções, igualmente valiosas, inclusive de *La Revue Spirite,* fundada por Allan Kardec e até hoje ainda em circulação, apesar de haver passado por diversas fases. A edição brasileira da *História do Espiritismo* é precedida de duas oportunas contribuições do tradutor: uma *Nota* explicativa, aliás muito instrutiva, e um «Esbôço biográfico de *Sir* Artur Conan Doyle». Diz muito bem o Dr. Júlio Abreu Filho, ao concluir o «Esbôço biográfico»: *Estas notas foram escritas para mostrar ao leitor menos familiarizado com as letras inglêsas que Sir Artur Conan Doyle não é apenas o criador de Sherlock e o escritor de contos policiais: é uma figura expressiva nas letras inglêsas e uma das figuras a que o Espiritismo — inclusive o Espiritismo de feição religiosa — muito deve. Em plano internacional a sua obra se inscreve logo depois da de Allan Kardec e se alia com a dêsses luminares que se chamaram Ernesto Bozzano, Léon Denis, Camille Flammarion, Alexandre Aksakof, Vale Owen e Stainton Moses.* Realmente, muita gente conhece Conan Doyle apenas pela figura de *Sherlock,* mas não sabe que o grande escritor inglês é um dos mais legítimos luminares da literatura espírita. Quando, em meio do ano passado, por meio de palestras e atos especiais, se comemorou o centenário do nascimento de Conan Doyle, ouvimos confrades nossos dizerem que não sabiam das relações dêsse festejado escritor com o Espiritismo Para certas pessoas foi até *novidade* a homenagem que se lhe prestou no meio espírita. Não é de admirar a reação de alguns companheiros nossos, uma vez que, pouco antes, por ocasião do centenário do nascimento de Gabriel Delanne, que é um autor espírita muito mais citado em nosso meio, ouvimos jovens espíritas, integrantes de Juventudes organizadas, confessarem que não poderiam concorrer ao concurso, que instituíramos, justamente porque nunca ouviram falar nêsse nome. Nem sabiam quem era Gabriel Delanne!...

Conan Doyle foi, na realidade, um missionário do Espiritismo. Percorreu diversos países, na Europa, África e América, fazendo conferências, provocando experiências e utilizando até filmes ilustrativos. Viajou muito, espalhou a doutrina espírita corajosamente e pôs a serviço do Espiritismo, sem subterfúgios, sem omissões, a projeção de seu próprio nome, que já estava consagrado pela fama de escritor. Isto, infelizmente, não é comum. O que temos visto é a vacilação, é o mêdo de enfrentar os preconceitos e as conveniências humanas na hora das afirmações. Certos intelectuais, bem situados na vida, embora se considerem espíritas no íntimo, preferem o recurso do pseudônimo, as expressões menos claras, as formas disfarçadas, enquanto Conan Doyle se declarava pùblicamente espírita, em tôda parte, e o fazia sem receio das prevenções sociais e acadêmicas. Êste aspecto enobrece muito a sua obra.

A edição brasileira, de sua *História do Espiritismo,* ficou muito enriquecida com os comentários iniciais do Professor J. Herculano Pires, porque é uma síntese criteriosa e necessária da verdadeira posição de Conan Doyle, já em relação á própria feitura da obra, já em face da reencarnação, que é precisamente um dos pontos mais discutidos na vida do escritor inglês. Apesar de sua formação inglesa, Conan Doyle, ao que parece, teve mais propensão para o movimento espírita do «grupo latino». É certo que, a respeito da reencarnação, Conan Doyle não demonstrou tanto ardor quanto pelo aspecto religioso do Espiritismo. *A Nova Revelação,* por exemplo, revela muito bem a tendência religiosa de seu pensamento. Certamente há-de ter preponderado, aí, o fator emocional, decorrente das circunstâncias que o trouxeram para o Espiritismo. Todavia, é preciso acentuar que Conan Doyle aceitou a reencarnação, e por isso mesmo, não se filiou à orientação anti-reencarnacionista de seus compatrícios. Herculano Pires esclarece muito bem êste ponto: *Os anglo saxões, particularmente os inglêses e americanos, aceitaram a revelação espírita com uma restrição, não admitindo o princípio reencarnacionista.* Depois de outras observações, acrescenta Herculano Pires: *Não obstante, o próprio Conan Doyle, e outros grandes espíritas inglêses e americanos, admitiam a reencarnação.*

Outro ponto, que Herculano Pires elucida, e com isto desfaz muita dúvida, é precisamente o que se refere á tendência religiosa de Conan Doyle. De fato, o Autor de *A Nova Revelação* interessou-se profundamente pelo aspecto religioso do Espiritismo, e é a sua própria obra que o demonstra; mas não se deduza, daí, que haja desprezado os outros aspectos do Espiritismo. Não. O que Conam Doyle procurou fazer, muito depois do Codificador da doutrina, já estava previsto no pensamento de Allan Kardec, isto é, mostrar a harmonia entre as três partes fundamentais da doutrina: científica, filosófica e religiosa. Nada melhor, para a compreensão do assunto, do que as palavras do próprio Conan Doyle: «Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema.» O escritor alude ao fato de certas pessoas se deixarem atrair pelo aspecto religioso do Espiritismo, enquanto outras se encaminham sòmente para o lado científico. Por causa disto, Conan Doyle escreveu: «Entendo que, se me fôsse dado lançar alguma luz sôbre êsse ponto, muito teria que contribuir para a solução da questão que importa á humanidade.» (Transcrição de Herculano Pires). A êste respeito, convém ler o comentário de Herculano Pires: *Isto era escrito entre 1927 e 28, cêrca de sessenta anos após o passamento de Kardec. E todos sabemos que Kardec deixou* *perfeitamente solucionado o problema, ao apresentar o Espiritismo como doutrina tríplice: filosófica, científica e religiosa. Vemos, assim, que Conan Doyle, neste ponto, como em tantos outros, pensava paralelamente a Kardec, esperando por assim dizer, o momento em que a codificação kardeciana aparecesse no mundo, sem suspeitar que ela ja existia e estava ali mesmo, ao seu lado, para lá do Estreito da Mancha.*

Conan Doyle, como se vê, tinha idéias muito amplas sôbre o futuro do Espiritismo. Certamente, o que lhe faltou, para consolidar o lastro de suas idéias, foi maior familiaridade com a obra de Allan Kardec. Sua maneira de ver, entretanto, coincide com a do Codificador da doutrina, em diversos aspectos. Evidentemente, Conan Doyle pouco escreveu sôbre Allan Kardec. Sua *História do Espiritismo,* que é bem minuciosa em tantos pontos interessantes, apenas faz referência a Kardec, sem descer a fundo na gênese do movimento iniciado na França. Prevenção? Absolutamente. O escritor inglês tinha, aliás, muita afinidade com espíritas francêses. Preocupado, sem dúvida, com a narração dos fatos, não se interessou muito em apreciar a influência da doutrina. Daí, não ter dedicado um estudo em especial á obra de Allan Kardec, no que acompanhou escritores inglêses e norte-americanos. Até hoje, entre espiritualistas inglêses, se diz que Allan Kardec foi apenas um «escritor espiritualista»... Apenas isto. Jackson Davis, sim, é a figura primacial dos espiritualistas anglo-saxões e, de um modo muito especial, do *moderno espiritualismo* norte-americano. Ernest Thompson, que escreveu, há poucos anos, uma «História do Moderno Espiritualismo», também cita Kardec como simples referência histórica e bibliográfica, dizendo apenas que é o fundador do movimento espírita francês, publicou os livros básicos da doutrina, fundou *La Revue Spirite,* e que *sua doutrina central é a reencarnação.* Nada mais. O historiador inglês não faz comentários, apenas registra as informações mais gerais, e passa adiante. Conan Doyle não foi tão lacônico em relação a Kardec, pois uma parte do cap. XXI, de sua *História do Espiritismo,* ocupa-se do Codificador, transcrevendo opiniões e afirmações fundamentais da doutrina. Contudo, é preciso reconhecer que a obra de Conan Doyle não faz pròpriamente história da doutrina e, por isso mesmo, não é uma História completa. Seja como fôr, é o trabalho mais bem documentado, mais substancioso que conhecemos até hoje, no que diz respeito à fenomenologia. Sôbre o famoso episódio de Hydesville, por exemplo, e foi êsse episódio que projetou as irmãs Fox no mundo ocidental, como se sabe, a documentação de Conan Doyle é abundante e convincente. Quanto ao grande médium Dunglas Home, igualmente, as provas que apresenta, os depoimentos que reune são a maior e mais segura defesa dêsse falado médium perante o juízo da posteridade. Enfim, é uma obra altamente categorizada no domínio histórico do Espiritismo. Sua publicação, em língua portuguêsa, é um serviço de grande valia à Causa espírita.

Não queremos encerrar êste artigo sem reproduzir as judiciosas palavras de Herculano Pires sôbre a circunstância de não haver Conan Doyle exaltado a ação de Kardec: *O leitor brasileiro estranhará que Conan Doyle comece a sua história pela vida e a obra de Swedemborg, e que, depois de passar pelo episódio de Hydesville, só se refira a Allan Kardec ao tratar, no capítulo vinte e um, do «Espiritismo francês, alemão e italiano». Kardec aparece, assim, como uma espécie de figura secundária, de influência reduzida ao âmbito nacional do movimento espírita francês. É que, no movimento espírita, como em todos os movimentos, as coisas vão se definindo aos poucos, através dos tempos, não se mostrando logo com a precisão necessária. Sòmente agora, quase trinta anos depois da morte de Conan Doyle, é que a figura de Allan Kardec, reconhecida há muito, nos países latinos, como o codificador do Espiritismo, vai se impondo também, nas suas verdadeiras dimensões, ao mundo anglo-saxão.* Cremos, pessoalmente, que, apesar da resistência, ainda hoje, dos espiritualistas anglo-saxões, os Congressos Espíritas Internacionais, organizados pela Federação Espírita Internacional, vão concorrer, e já estão concorrendo, para tornar Allan Kardec mais conhecido e mais compreendido. O último Congresso, realizado em Londres, entre 10 e 17 de setembro, e do qual participou o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, através de uma delegação especial, já deu um passo, embora houvesse certa dificuldade. É questão de tempo. O que é preciso é não deixar amortecer o entusiasmo nem interromper a continuidade dos Congressos Espíritas Internacionais.

O lançamento da edição brasileira, da *História do Espiritismo,* deve ser um motivo de regosijo para as letras espíritas de nosso país, pois é um serviço de valor inestimável. É bom frisar, entretanto, que a edição, òtimamente preparada pela Editôra «O Pensamento», não seria tão satisfatória se lhe faltassem os esclarecimentos iniciais, de Herculano Pires e Júlio Abreu Filho. Merecem justos aplausos os esforços, que está desenvolvendo a *Livraria Espírita Emmanuel,* da Capital de S. Paulo, para divulgar o grande livro de Conan Doyle, cuja leitura, sobretudo como fonte de consulta, podemos dizer que é indispensável aos estudiosos do Espiritismo.

Passará o Espiritismo por uma Derrota Vitoriosa ?

V. O. Casella

Enquanto as diversas doutrinas do Cristianismo julgam, cada qual por si, como a resolução única capaz de espiritualizar a humanidade, as estatísticas demonstram ao contrário em favor do Materialismo.

É o que pudemos ler n'O Semeador, de setembro de 1957, uma transcrição de «Unitas», órgão presbiteriano, onde revela que o crescimento de tôdas doutrinas cristãs em conjunto, considerando-se ainda a grande maioria do Catolicismo, decresce em proporção ao aumento progressivo da população do glôbo. E se do total de cristãos excluirmos aquêles que os são apenas de nome, pelo batismo ou outras exterioridades convencionais, o quadro estatístico então será desolador, para o Cristianismo.

O Espiritismo, entre as demais, fez a vantagem de um rápido crescimento logo de início, talvez devido o apôio de célebres cientistas que se interessaram pela sua parte científica. Como êste apôio de laboratório não fôra oficializado, o Espiritismo passou pelo mesmo fenômeno que se opera com as demais correntes espiritualistas, fazendo parada, ou seja, passando a progredir depois de adulto, no mesmo ritmo monótono generalizado entre suas co-irmãs doutrinárias. Se sôbre estas ainda há alguma vantagem em favor dos postulados de Kardec, trata-se do mérito de se ter infiltrado nos meios intelectivos.

Crescendo continuamente o Materialismo, e decrescendo proporcionalmente o Cristianismo, êste acabará desaparecendo pela minoria, caso não se opere qualquer revolução modificativa para uma nova forma de impulso a seu favor.

De nossa parte, julgamos que esta transformação impulsiva deverá se dar na ocasião em que a ciência se interessar, decididamente, pelo estudo oficializado dos fenômenos mediúnicos, através de laboratórios das Universidades em geral, como já vêm fazendo alguns investigadores, a exemplo de Rhine na Universidade Duke, dos Estados Unidos. E' possível que nesta nova fase, já iniciada, surja alguma ameaça ao Espiritismo, não por parte de cientistas que se dedicam com sinceridade e sem preconceito ao amor à verdade. Mas por uma classe de pretensos investigadores, que tudo julgam dentro de certos limites em que se acham, como se fôssem êles os donos da situação, quando a realidade jà se tem despontado do nosso lado espiritualista, na opinião de grandes mestres.

Serão êles que poderão tentar a proibição das práticas mediúnicas nos meios espíritas, e os clericalistas não perderão a oportunidade do momento para reforçarem sua já tradicional guerra aberta ao Espiritismo.

No entanto, supondo-se que tal objetivo fôsse alcançado pela proibição legal, nem por isto haveriamos de temer pelo desaparecimento da doutrina. O fenômeno mediúnico, sendo compulsivo na natureza de certos indivíduos sensíveis, não será a lei que irá sustar sua eclosão espontânea na intimidade sagrada dos lares.

Contudo, mesmo com uma hipótese pessimista em relação à doutrina, ainda assim, sob o pêso da lei, não haveria motivo de alarme, pois somos de opinião que se as práticas mediúnicas no primeiro século foram necessárias para garantir os princípios kardecianos, hoje a doutrina sem elas já não mais perece, desde que sejam transferidas a outro campo de atividades. Aqui, nestas condições não haveria o desaparecimento total e absoluto da fenomenologia, como inutilmente pretendem os clericalistas.

E como o Espiritismo tem por finalidade a reforma moral e espiritual do adepto, sòmente a parte teórica doutrinária manteria tal objetivo, através de estudos, conferências, palestras, imprensa etc., questões estas garantidas pelas leis humanas pela liberdade de pensamento.

Reconhecemos que muitos espíritas terão alcançado a parte teórica da doutrina, pela atenção despertada nas sessões práticas mediúnicas.

Mas há os que tomam rumo diverso, desinteressando-se pelos estudos da doutrina, para se infiltrarem em outros campos, onde as superstições lhes prometem vantagens inexistentes, mas de arrastamento perigoso, questões estas que o Espiritismo é de forma contrária.

E precisamos compreender que os espíritas de mentalidade doutrinária, assim se tornaram devido exclusivamente a estudos. E julgamos que entre êstes, que assim se fizeram, muitos não tiveram conhecimentos da prática, a não ser pelas literaturas. O saudoso Leopoldo Machado, antes de tomar contato com as práticas mediúnicas, militou muitos anos na imprensa da doutrina. Este, sem dúvida, é um exemplo de muitos outros existentes na nossa imprensa. Nós mesmos, que militamos nesta Revista, desconhecemos o que seja uma prática mediúnica, a não ser pelos estudos das nossas literaturas doutrinárias.

Não há dúvida, não será pelo fato de argumentarmos em favor da teoria e que fôssemos apoiados pelos demais adeptos, que uma brusca suspensão das nossas práticas mediúnicas não viria nos causar um abalo de consequência moral. De momento sofreriamos, apesar que uma transferência das práticas espíritas para os laboratórios, raciocinando-se bem, para o Espiritismo seria uma derrota vitoriosa. Estaria pagando o seu tributo de laborar com a verdade.

As demais doutrinas espiritualistas, dogmáticas e de cultos exteriores, é que não seriam molestadas, porque delas a ciência nada teria para ali buscar do que pudesse ser de positivo. E no futuro, os próprios laboratórios falariam a favor do Espiritismo na história da ciência.

Tal acontecimento, comprovando-se oficialmente os nossos fenômenos mediúnicos, transformaria automàticamente as demais doutrinas em obsoletas. E assim seria chegado o momento decisivo para os nossos postulados na conquista da humanidade, fazendo recuar o Materialismo.

Enfim, considere o leitor que estamos laborando com opinião pessoal, portanto não doutrinária. Mas, contudo, convém estarmos prevenidos para qualquer eventualidade futura.

Seja como fôr, ou algo sucederá na marcha do Espiritualismo cristão, caso contrário o Materialismo logo mais se tornará o senhor absoluto da humanidade.

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

* * *

Representante autorizado desta Revista na Capital
VICENTE S. NETTO
Livraria Espírita «EMMANUEL»
Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.° andar - Sala 2 e 3 - Telefône: 36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Para onde vai o Espiritismo?

Tradução de Arnaldo S. Thiago

JUSTIFICANDO o ponto de vista da absoluta necessidade da evangelização do homem, como supremo objetivo do Espiritismo, sempre defendido por esta revista, escreve o ilustre confrade francês sr. Andrée Naschitz-Rousseau, pelas colunas de «LA REVUE SPIRITE», em seu número de Janeiro-Fevereiro do corrente ano, excelente artigo subordinado ao título — PARA ONDE VAI O ESPIRITISMO? — que traduzimos, com a devida permissão do autor, para que os leitores de «Revista Internacional do Espiritismo» possam ter do mesmo conhecimento, cabendo aos espíritas reunir tôdas as suas fôrças nesta hora difícil da história da humanidade, afim de que não venha suceder ao Espiritismo o que sucedeu ao Cristianismo, para a restauração do qual, em tôda a sua pureza, é que nos foi trazida a Terceira Revelação, sendo os fatos, as experiências apenas meios adequados à demonstração da tese espírita da imortalidade da alma, da sua possibilidade de comunicação com os encarnados e da lei das reencarnações que explicam as desigualdades sociais, sendo tudo mais, em nossa Doutrina, compreensão e prática do Evangelho, sagrado documento que encerra o pensamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eis o artigo em aprêço:

«O Espiritismo tem sido freqüentemente desfigurado e por aquêles mesmos que o praticavam com mais assiduidade.

Para uns, era uma espécie de materialismo engrandecido, que permitia a idéia de um prolongamento das condições da vida terrestre e uma continuação da vida material. Os mesmos sentimentos, os mesmos interêsses, os mesmos cuidados movimentavam-se entre os vivos e os mortos, eternizando uma condição que, se havia ajudado a alma encarnada, em conseqüência das experiências e dos esforços correspondentes à vida terrestre, não podia senão entravar a alma liberta da vida material.

Com efeito, se a lei de Evolução faz suceder, a uma vida encarnada, uma outra invisível, significa isso que tal sucessão é necessária à vida da alma, e contrariá-la, rompê-la por um apêlo repetido e solicitações afetivas, é um êrro cujas conseqüências são, sem dúvida, incalculáveis.

Para outros, o Espiritismo era uma espécie de revelação mística, de nova religião que devia substituir e destruir tôdas as outras místicas e tôdas as outras religiões. Seus adeptos adotavam a mesma intolerância, o mesmo proselitismo agressivo que tinham sido comuns à maior parte das doutrinas.

Para os demais o Espiritismo era sòmente matéria para experiências.

Materializações, fantasmas dos mortos, ectoplasmas eram o centro de seu interêsse e para êles a própria razão de ser do Espiritismo.

É sem dúvida esta concepção que o tem, ao mesmo tempo, melhor servido e mais desservido, conforme o veremos pelas razões que se seguem.

A bem dizer, é o Espiritismo um aspecto de revelação que é a única fonte de que se tem nutrido tôdas as religiões, tôdas as doutrinas que se preocupam com a vida dos homens em relação à sua alma e tem por fim guiar sua Evolução e ajudá-los a cumprir seu destino espiritual.

Mas esta revelação cuja ancianidade não pode o espírito humano vislumbrar, não tem bastado ao encaminhamento dessa Evolução. Periòdicamente é dado um novo alento à certeza que os homens conservam de seu destino imortal. À medida de sua Evolução, têm êles sempre conhecido os segredos da fé e o poder divino.

Mas o concurso dêsses Mestres, profetas, iniciados ou almas divinas encarnadas, não pode ser dado sem que tenha por apôio as condições ambientes, a mentalidade da época e a Evolução dos homens que devem receber tal revelação.

Ela responde sempre a uma necessidade profunda das almas, à necessidade de conquistas novas no domínio espiritual e não põe em jôgo sòmente as palavras de um mestre, mas também uma fôrça que traz consigo e que permanece, depois que êle deixa a terra, durante um tempo em correlação com o seu poder.

Entretanto essa doutrina é mui ràpidamente desfigurada e tôdas as que chegam até nós sucessivamente nada mais representam do que uma adaptação daquela que foi primitivamente trazida.

É que a verdade é obscurecida pelo homem por muitos e diferentes anteparos.

O primeiro é constituido pela parte animal que se encontra no homem e que se esforça para dar primazia às fôrças elementares.

O segundo é o das emoções e dos sentimentos contra a aceitação das leis que, por não serem compreendidas, apresentam-se-nos como impiedosas e por vêzes atrozes.

O terceiro anteparo que ofusca a luz é o de um cérebro que discute e dispõe à sua maneira todos os dados da sabedoria, afim de adaptá-los a um intelecto murmurador e doentio, que assim se conservará enquanto não submeter-se a essa faculdade superior que é a Intuição e que ilumina com uma luz verdadeira as aquisições da inteligência.

Tôdas as doutrinas e tôdas as religiões têm sido vítimas dêsses percalços aos quais parece que sucumbem por uma espécie de fatalidade.

Desde que uma verdade é trazida ao homem, não pode êle aceitá-la, ou talvez não possa mantê-la sem que a submeta a uma transformação que acaba por, mesmo, reduzí-la às proporções da miséria humana.

Numerosos são os exemplos e em nada absolutamente implicam ao valor, seja da revelação, seja da doutrina. O próprio Cristianismo, a mais pura forma de revelação de origem divina, tem sido vítima dêsses percalços.

Para impressionar o espírito das multidões, a despeito da repugnância de que se encontra visíveis traços nos Evangelhos, teve o Cristo de «fazer milagres».

Sem êles sua palavra não teria sem dúvida tido pêso.

Era a primeira concessão às fôrças materiais. Depois, com o passar dos tempos, tornou-se o Cristianismo uma espécie de antropomorfismo, aberração sentimental de uma doutrina que parecia muito exigente e muito rude para ser aceita pelas massas. Por fim o raciocínio e a inteligência o atacaram, por sua vez, pondo em dúvida a puríssima doutrina do Cristo, cortante como afiada espada, límpida como êsses regatos gelados que, na primavera, irrompem da montanha enevoada.

Almas ardentes de amor e do desejo da verdade, periódicamente vêm sacudí-la e trazer-lhe a fôrça que lhe fazem perder êsses ataques, a fôrça acumulada na solitude e na meditação, o que lhe permite manter-se para esclarecer o mundo com uma luz que não se extingue.

O Espiritismo não escapou ao assalto de tôdas aquelas fôrças obscurecedoras.

As duas primeiras têm pesado até agora sôbre êle.

Transformado, durante longo período, em trabalho de laboratório, em objeto de experiências científicas, foi totalmente submetido às fôrças materiais que começaram a desagregar-se desde que lhes foi preciso fazer a discriminação entre as manifestações físicas, faculdades ainda desconhecidas do ser humano e suscetíveis de ser estudadas como tais e as doutrinas, os ensinamentos trazidos pelas entidades invisíveis, os quais escapam, por sua própria natureza, a tôda experimentação de ordem material.

Foi a confusão dessas duas ordens de coisas que ameaçaram de morte o Espiritismo, em seu nascedouro.

Salvou-o, sem dúvida, a impossibilidade total dessa confusão, de morte prematura; mas escapou para cair nas armadilhas que lhe foram postas pelas emoções e pelos sentimentos sem contrôle.

Rebaixado a uma espécie de diálogo sem envergadura entre vivos medíocres e mortos do mesmo estalão, propagava uma série de verdades primárias, um amontoado de puerilidades que desencorajaram os que eram suscetíveis de o servir pela elevação de seu espírito e pela fôrça de sua alma.

Mas a doutrina ainda não disse a sua última palavra.

A primeira armadilha foi tornada sem valor pelo desaparecimento progressivo e quase total dos médiuns suscetíveis, por suas faculdades, de encorajar a sua materialização.

Outros médiuns puderam, sobrepondo-se à tentação da facilidade, servir de suporte a entidades que trouxeram ensinamentos de alto valor espiritual — substituindo aos colóquios medíocres contactos mais elevados; e, enfim, a vitalidade e o atrativo da doutrina evidenciaram-se de tal modo, que ela pode atualmente sobrepor-se, para muitas almas, às críticas com que a princípio a entenebreceram.

É' portanto, presentemente, daqueles que ensinam e a praticam, que dependerão a sua permanência e a sua vida.

Na mesma medida a que elevarem seu ideal; na mesma medida das exigências que tiverem com sua experimentação, medir-se-à o valor da doutrina.

Andrée NASCHITZ-ROUSSEAU.»

N. R. — Para que todos os espíritas sinceros e militantes meçam bem as suas responsabilidades, oferecemos-lhes o ponderado trabalho que acima deixámos transcrito.

Mais um Traque Anti-Espírita

O Espiritismo tem dado muita dor de cabeça aos protestantes, os tais se vêm loucos com a difusão da doutrina, como dizem: «a nefasta doutrina está se propagando muito pelo Brasil». Apareceu agora com cefaléia o Rev. Alberto Augusto, e veio se expôr publicando um livreto: — «O Espiritismo coisa de vivos e não de mortos», Casa Publicadora Batista, 1959.

Como profissional da religião, não apresenta nada de novo, pensei que o livro do Rev. Jerônimo Gueiros ou do Rev. Julio Andrade Ferreira já tinham liquidado o assunto e foi quando vi num jornal protestante uma laudatória sôbre o livro do Rev. Alberto Augusto. O jornal dizia:—«o livro do Rev. Alberto Augusto é uma obra que o evangelismo nacional estava esperando, é uma bomba no arraial espírita», em seguida enfileirava uma série de lugar comum e de frases feitas...

Adquiri o livro: — xaropada, mediocridade, primarismo, infantilidade. Uma coisa devemos notar no livro: a coragem do autor em publicar um livreto tão ridículo como êsse. Os protestantes mudam de nome os títulos, mas a substância é a mesma, não mudam, difere, um pouco na linguagem, na exposição, mas o resto é a velha xaropada!

Segundo o jornal protestante, o livro era uma bomba no arraial espírita, mandei buscar a bomba, e com tôda a cautela, como é natural em se tratando de bomba, tomei todo o cuidado quando retirei do correio, se explodisse...

Logo no prefácio o augusto reverendo, que não é nada modesto, mas bastante pretencioso, diz que vem trazer, vem «acudir com remédio pronto a um mal que se vai generalizando em nosso país», é a dor de cabeça dos coitados... e que «iluminados possam deixar êsses arraiais»—mas a iluminação, a luz que traz o reverendo, é luz mortiça — aquelas típicas dos tempos coloniais...

Comecei a examinar a «bomba» do pirotécnico reverendo e notei, logo de início, que não era bomba, mas traque: começa confundindo Espiritismo com mediunismo, telepatia, hipnotismo, mesmerismo, sugestão, auto-sugestão, e quejandos.

Quando o autor citou «A lei dos fenômenos psíquicos» de Tomson Jay Hudson, livro que fez sucesso nos tempos de D. João VI, com aquela linguagem rebarbativa, conceitos anacrônicos, tive curiosidade de passar os olhos pela bibliografia do livro: esta explicou tudo: o estílo e o conteúdo do traque..

O augusto pirotécnico teve a simplicidade, ou ingenuidade ? de colocar a bibliografia, ou melhor, os ingredientes que usou para fabricar o traque.

O Espiritismo é uma Doutrina respeitável e para fabricar bomba para explodir nos arraiais espíritas não pode ser com homeopatia, é com dinamite no duro, e das boas... do contrário... ché... nem faz barulho !

A bibliografia do augusto reverendo consta de quinze livros (pasmem mas é fato) e entre as «obras», recortes de jornais, põe uma nota no final dizendo que ainda possue vários recortes de jornais sôbre a matéria. Ora bolas, isso é temeridade ! Atacar o Espiritismo com êsse arsenal, com tesoura e goma arábica, não pode sair bomba, quando muito um traquezinho... e veja lá... dos fraquinhos para recinto fechado ! Os recortes de jornais são reservas do arsenal ?

Para pontificar sôbre sugestão, telepatia, mesmerismo, hipnotismo, o nosso fogueteiro vai buscar elementos na Enciclopédia e Dicionário Internacional, W. M. Jackson Inc.

Há tanta bibliografia especializada, tratados sôbre o assunto e o nosso augusto reverendo vai buscar num verbete do Dicionário Internacional elementos para pontificar sôbre Espiritismo ! É tão visível a fraqueza, a confusão, o primarismo no tratar do assunto que só se explica pela cefaléia e pela bibliografia. É de se admirar a coragem do augusto pastor !

«Glórias ou lucros, certamente não os procuro» — com essa obra não pode mesmo esperar glórias, a não ser de seus crentes (nem todos é claro) mas lucro é na certa, pois um livreto de 112 páginas custando Cr.$95,00, alguma margem de lucro deve deixar !

O autor tem uma tirada propagandística muito fina : — «após a leitura destas páginas procurem uma igreja onde êsse Evangelho seja anunciado e renunciem á (sic) velha vida», que pretensão tem o nosso amigo, o Evangelho pertence ao monopólio protestante ? Depois da leitura, o leitor esclarecido percebe o que ensinam por lá e não vai buscar numa igreja cujos ministros se expõe com um livro chinfrim para atacar o Espiritismo !

O augusto escritor, de bibliografia paupérrima, faz confusão tremenda (intencional ? ignorância ?) entre o Espiritismo, mediunismo, hipnotismo, mesmerismo, telepatia, tudo para ele é Espiritismo, e como tal, desanca o pau...

Si dissessemos que os evangelistas, os pentecostais são batistas, só pelo fato de batizar os crentes de mergulhão no rio, o reverendo viria de dedo em riste tachando os espíritas de ignorantes e «provar» que batistas são batistas, e não pentecostais ou evangelistas da congregação cristã, que sòmente os ignorantes podem confundir. No entanto, o nosso reverendo confunde Espiritismo com mediunismo, telepatia, animismo, mesmerismo, sugestão, auto-sugestão...

Para o nosso augusto reverendo tudo é fraude, tudo mentira ; não vimos na sua bibliografia nada especializado sôbre fraudes, embora existam obras sôbre o assunto. O Rev. desconhece.

O autor fala no Irmão Saulo, será que pensa que é um zé ninguém ? É catedrático, professor universitàrio e é espírita... dos bons ! Pelo estilo e conteúdo de suas crônicas vê-se que atrás está um «bichão», por isso, o Rev. que gosta de recortes de jornais, guarde muito bem os do Irmão Saulo : têm tutano, têm substância : com ingrediente dêsses dá para fabricar bombas legítima !

O livro não traz contribuição nenhuma para atacar o Espiritismo, é o chavão de sempre ; o autor devia trazer algo novo. O que aí está não merece resposta séria. Se tentassemos responder sôbre reencarnação, manifestação de espíritos, Bíblia, curas, moral espírita, o Dr. Carlos Imbassahy ficaria triste com a gente e diria : «alto lá confrade, você não leu as minhas obras ?» E como não queremos que o Dr. Carlos Imbassahy fique zangado conosco, remetemos o pirotécnico reverendo às obras do Dr. Carlos Imbassahy. (Não estou receitando dose muito forte ?) pois o autor de Fatos Espíritas não deixou pedra sôbre pedra que não fosse derribada ! Mas êle gosta de recortes de jornais... então, nada melhor do que o Irmão Saulo para ser lido.

Antes de terminarmos, queremos citar esta preciosidade : — *«E ainda digo mais : a simples leitura de obras espíritas pode fazer muito mal. Falo isto não para condenar os espiritistas, mas antes para preveni-los. Contarei um caso de minha experiência pessoal. Quan-*

do eu tinha os meus dezesseis anos, frequentava um centro espírita. Certa noite, depois da sessão deitei-me, mas não consegui conciliar o sono. Parecia-me que tôda a casa estava povoada de espíritos. Dominado por um terror estranho, ergui-me da cama, tomei a chave da porta e saí na calada da noite. Tive sorte, porque quando procurei meter a chave na fechadura, acertei. Se não houvesse acertado, teria caído sem sentidos, tal era o pavor que me acometia. Corri para casa de uma familia conhecida, que não pude dormir aí nessa noite.» (?) página 102.

Está explicada a bibliografia do augusto pastor, *«a simples leitura de obras espíritas pode fazer muito mal»*, e quem tem «paúra» não deve nem escrever contra uma doutrina que tem uma bibliografia colossal, pois a *«leitura de obras espíritas pode fazer muito mal»*, daí, então, se restringe a livros do tempo da vovózinha e de recortes de jornais...

Positivamente o panegírico do jornal protestante dizendo que era uma bomba no arraial espírita o livro do Rev. Alberto Augusto, está errado, pois se fôsse mesmo bomba, com a explosão *«teria caído sem sentidos, tal era o pavor que me acometia»*, e não é bom que um pirotécnico *«caisse sem sentidos»* com a explosão. O comentarista do jornal protestante que troque «bomba» por «traque» que tudo vai bem... ninguém *«cae sem sentidos...»* e a coisa continua !

O pastor não acredita em encosto, mas quando a gente é dominado pelo mêdo, é bom consultar um psicanalista. O mêdo é uma coisa terrível, faz a gente até errar o *«buraco da fechadura»* e pousar em casa de amigos !

O livro termina assim : — *«Temos receio de, ao defender a verdade, ter ferido os nossos adversários de crença. Lamentamos isso, porque não está em nossa pretensão o ofender ou ferir a quem quer que seja. Antes de encerrar êste opúsculo, queremos que nos desculpem os que assim se sentirem magoados com alguma palavra menos cortês ou menos caridosa.*

Cremos que qualquer pessoa com a Bíblia na mão e disposta a buscar a Deus em súplica ardente, tendo o auxílio ou não de pessoas conhecedoras do Evangelho de Jesus Cristo, pode encontrar fàcilmente a verdade e segui-la sem dificuldades.

Procure assistir aos cultos em uma igreja evangélica e será esclarecido».

O Rev. Alberto Augusto continua com mêdo, e agora, com mêdo de ter ofendido, ferido, magoado os espíritas. Nada disso Rev. Augusto, traque não assusta ninguém, o Rev. não feriu ninguém, cremos na sua sinceridade, mas temos pena que o escritor tenha mêdo de ler as obras espíritas, pois assim poderia escrever algo de novo sôbre o assunto.

Que podemos buscar para nos esclarecer numa igreja evangélica ? Os protestantes tem medo de ler obras espíritas, de analisar fatos espíritas, que esclarecimento pode dar uma pessoa medrosa ?

Quanto ao mêdo de ter usado *«alguma palavra menos cortês ou menos caridosa»* não fique medroso disso, nós que doutrinamos espíritos em sessões espíritas, sabemos que há muita gente que não gosta do Espiritismo e dizem cada uma... talvez o Rev. não saiba, pois tem medo de ler obras espíritas, mas os espíritas têm um lema: TRABALHO, SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA. Sabemos compreender os nossos irmãos de outras crenças. Cremos na evolução !

Mac Maynard

Deixe ao irmão a autoria das boas idéias e não se preocupe se for esquecido, convicto de que as iniciativas elevadas não pertencem efetivamente a você, de vez que todo bem procede originàriamente de Deus.

* * *

Interprete o adversário como portador de equilíbrio ; se precisamos de amigos que nos estimulem, necessitamos igualmente de alguém que indique os nossos erros.

ANDRÉ LUIZ.

Dogmas de Fé ou de Ciência impedem o progresso humano

Dilema para o nosso século: idade da ciência ou da superstição – Chapman Pincher e o problema da mediunidade – Uma advertência de Ernesto Bozzano

EM artigo distribuido pela APLA, aos jornais de todo o mundo, Chapman Pincher escreve de Londres, estranhando que o nosso século, considerado Idade da Ciência, seja também a Grande Idade da Superstição. Mas, procurando explicar essa situação contraditória, faz uma descoberta curiosa: a de que a ciência gera a superstição. Como se vê, trata-se de uma explicação dialética, bem ao gôsto do século. Mas uma explicação que só serve para os que não podem explicar os fatos. Quer dizer, uma explicação que não passa de simples paliativo.

Qual a razão por que o nosso século seria a Grande Idade da Superstição? Primeiro, segundo explica Chapman Pincher, por causa dos Discos-Voadores. Depois, porque há uma crença geral em «poltergeists», ou seja: «em espíritos sobrenaturais e dotados da capacidade de mover objetos materiais». E depois, ainda, porque «milhões de pessoas, em todo o mundo, acreditam que os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos, e até mesmo materializar-se».

A posição do sr. Pincher não é única. Há milhares de intelectuais, pelo mundo inteiro, escrevendo artigos, pronunciando conferências, dando aulas e publicando livros, nêsse mesmo sentido. Para todos êles, aceitar a possibilidade da existência de espíritos é revelar atraso mental, apêgo a superstições superadas pelo desenvolvimento das ciências. Que respostas podemos dar a êsses homens ilustres, não raro dotados de grande capacidade mental, que relegam ao porão do subconsciente as nossas mais sólidas convicções?

Há espiritistas que se impressionam com isso. Muitos nos escrevem, perguntando como explicar-se a existência de tanta e tão ferrenha negação, de parte de homens esclarecidos. A melhor resposta nos é dada pela própria história da chamada «superstição espírita». Até hoje, desde as famosas investigações da Sociedade Dialética de Londres, para desfazer a «praga do século»—que era então, e isso no século passado, o Espiritismo—nenhum investigador sério pôs a mão no fogo sem ser queimado. Quer dizer: até hoje, nenhum cientista que se atreveu, com seriedade, a investigar os fatos espíritas, deixou de comprová-los. E muitos tornaram-se espíritas, inclusive o maior dêles, que foi William Croockes, o Einstein do século dezenove.

O que acontece, pois, é que o sr. Pincher, e muitos outros com êle, apegam-se aos seus conhecimentos com o mesmo fanatismo dos supersticiosos. Não são mais do que supersticiosos de outra categoria. Acreditam piamente que a concepção científica do mundo é a última palavra no plano do conhecimento, esquecidos das tremendas lacunas, das falhas gigantescas, das enormes manchas de dúvida e incerteza que revelam a necessidade de maiores investigações e maior ponderação. Esquecem-se de que as ciências, tôdas elas, estão ainda em desenvolvimento, constituem processos inacabados. E assim como as religiões, apoiando-se no pressuposto da revelação divina, julgam-se no direito de sustentar seus dogmas absolutos, assim êsses agnósticos se consideram, com apôio nas conquistas da ciência, com o direito de impôr os seus dogmas, igualmente absolutos.

Para escrever o que escreveu, o sr. Pincher deve ignorar as experiências da Metapsíquica, da Parapsicologia e da Ciência Psíquica inglêsa. Deve ignorar as investigações espíritas sôbre a mediunidade. Deve ignorar também as investigações de certos religiosos, inclusive da comissão de pastôres anglicanos, que há poucos anos, na própria Inglaterra, agindo em defesa de sua própria religião, mas sendo sinceros, tiveram de concluir pela realidade da fenomenologia espírita. Deve ignorar, ainda, as pesquisas do prof. Price, da Universidade de Oxford, que concluem pela mesma realidade. Deve, enfim, ignorar muita coisa, apesar de todo o seu possível saber.

E entre as coisas que o sr. Pincher, ignora, podemos incluir esta : não é a ciência que gera superstições, mas a incapacidade da ciência é que transforma em superstições muitas coisas reais que podiam e deviam ser explicadas. Essa incapacidade, por sua vez, decorre em grande parte do dogmatismo científico de que o sr. Pincher é um exemplo. Uma das coisas que mais se apontavam contra a realidade dos fatos espíritas, no século passado, era o chamado «absurdo» dos fenômenos de levitação. Como se poderia admitir a levitação, se ela contrariava a lei de gravidade ? Entretanto, o prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, incumbiu-se de investigar os fatos e chegou a descrever a própria mecânica da levitação. Sua teoria da alavanca fluídica, experimentalmente comprovada, figura no «Traité de Metapsichique» de Richet. Provou Crawford que a levitação não contrariava nenhuma lei científica.

Quanto à materialização, que tanto aborrece o sr. Pincher, sua prova científica não foi feita pelos espiritistas, mas por sábios como Crookes, que era físico, e Richet, fisiologista. Dois sábios que não se fecharam em posições dogmáticas, mas procuraram verificar o que havia a respeito de problemas tão complexos. Não é científica, como bem dizia E. Bozzano, a atitude dos que, em nome de princípios, negam os fatos que os contrariam. Estamos certos de que, se o sr. Pincher pensasse um pouco nessa afirmação de Bozzano, não continuaria a escrever contra a ciência que tanto ama, para acusá-la de mãe da superstição. Não obstante dialética, essa posição é muito incomoda para um homem que distribui pensamentos pelo mundo, através de agências jornalisticas. Porque o mundo, apesar dos pesares, está cheio de gente que conhece muita coisa que o sr. Pincher ignora.

Irmão Saulo

* * *

Crônica Estrangeira

AS BÍBLIAS DANÇAM NO AR

Temos a oportunidade de extrair da revista «La Astrosophie», de julho-agôsto último, que com muita competência é dirigida pelo sr. M. Francis Rolt-Whecler, doutor em filosofia, êste artigo que relata um caso preciso e interessante de assombração.

(N. D. L. R.)

Impossível ! Pasmoso ! Absurdo ! Mas real. O «poltergeist» tendo mais de mil casos rigorosamente controlados, permanece um mistério contínuo na tradição, um enígma no Espiritismo e um desafio total à Ciência.

O que vem a ser exatamente um «poltergeist» ? Lembro-me que a «Astrosophie» — vinte anos atrás — editou uma lista dos casos os mais famosos. O que me chocou no relato, era a grande variedade de fenômenos. Eu não previa que um dêsses casos, — um exemplo muito curioso em seu gênero — iria se apresentar à minha própria concepção.

Em descrição geral, um «poltergeist» é o nome dado a um grupo de fenômenos, quase sempre travessos, maliciosos ou destruidores, para os quais não é possível encontrar uma origem humana ou uma causa material. Os cobertores são arrancados dos leitos dos que dormem ; os pratos, as xícaras e todos os utensílios de cosinha giram no ar ou se lançam contra as paredes, para cair em mil pedaços, as portas fechadas à chave são abertas sem quebra da fechadura ; as grossas e pesadas pedras parecem sair do teto e se colocam sôbre o soalho, tão suavemente como o faria uma pena, e fácil seria alongar esta lista.

Todos êsses fenômenos que exigem uma fôrça material são de origem desconhecida. São atribuidos aos demônios, espíritos ou fantasmas («Geist» ou «Ghost»). Mas a destruição parece ter curiosos limites. Os moradores de uma casa são às vezes ligeiramente contundidos pela louça que voa, mas não existe caso algum de morte. Pequenos incêndios nas casas (mesmo não existindo fogão), nenhuma aldeia, nenhuma casa de campo nunca foi completamente queimada. Não há senão quatro grandes «poltergeist» mencionados em igrejas, mas os presbitérios são frequentemente assombrados. O caso, bem recente, que se passou ante meu olhar, teve lugar na casa de um pastor. O seu registro foi feito pelo médico da localidade, e apareceu na excelente revista «Fate», de Londres.

Em certo domingo ensolarado, uma fôrça desconhecida (os espíritos), se manifestou na pequena povoação de Mon Bleu, Mississipe, no delta do grande rio, envolta por grandes plantações de algodão. A vida era bem pacífica nessa pequena vila, até 19 de Julho de 1959. Depois dessa data, os habitantes não param de se irritar contra seus misteriosos visitantes.

O grande pêndulo acaba de soar dez horas da manhã. O Reverendo Willis Booth, pastor da Igreja Metodista, estava em seu pequeno escritório de trabalho, em preparo de seu sermão. Sem ser erudito, Mr. Booth se orgulhava de possuir quatro Bíblias, e êle impressionava seus paroquianos humildes com a filologia. Êle conta:

«Eu estava a ponto de dizer à minha mulher para se apressar e não chegar tarde à igreja, quando ouvi um ruído de raspagem, e, mesmo encontrando-me em meu quarto, pequenos seixos de cascalho cairam a meus pés. Voltei meus olhos para os barrotes — o quarto não tem fôrro — pensando que o ruído fôsse produzido por um rato. Mas sobreveio outro vôo de seixos quebrando um vidro da janela, e eu compreendi que isso não podia provir de um rato.

Um pequeno momento depois, o espelho, acima do fogão, estourou em mil pedaços, sem que o quadro se movesse.

Ao mesmo tempo a mesa caminhava e duas cadeiras cairam e emborcaram; o armário se inclinou para a frente a tal grau que as portas se abriram e todos os copos foram ao chão e se quebraram. Depois do que, mui lentamente, o armário voltou à sua posição.

As Bíblias levantaram vôo de minha pequena escrivaninha. Uma, a mais usada, fez a volta do quarto em um vôo grave; a segunda voava com rapidez; a terceira teve saltos; a grande Bíblia policromo se elevou da mesa à altura de alguns centímetros sòmente. As outras dançavam no ar. Na cozinha o forninho se eleva três vêzes e o cinzeiro se esvazia. Estando o fogo apagado, porque era a hora do culto. O barulho atraiu os fiéis que passavam, rumo à igreja, e em alguns minutos, uma quarentena de pessoas viram os estragos. Eu não vejo porque o Diabo ou seus asséclas vieram me atormentar!»

A Snr.ª E. M. Rymers, da paróquia, que passava no momento da manifestação, notou que, se os móveis mostravam arranhaduras, e que o soalho do salão estava juncado de fragmentos de porcelâna e vidro, o pastor e sua mulher estavam indenes. O soalho estava coberto de sugidade e de cinzas, mas não havia um vestígio de pó sôbre as roupas domingueiras do pastor e sua mulher.

Tudo retornou à ordem, o «poltergeist» só fizera uma única visita.

Stephan Molley

* * *

MÉDIUM QUE DESCOBRIU CADÁVER DE MOÇA ASSASSINADA REPETE A FAÇANHA

«Two Worlds»

Êle localiza o corpo de um médico desaparecido, depois do insucesso da polícia durante onze dias

Nelson G. Palmer, diretor escolar aposentado, de 62 anos de idade, médium Sul-Africano, por cujas faculdades foi encontrado, quatro mêses atrás, o corpo mutilado de uma moça assassinada, após o insucesso da investigação da polícia, repete a proeza.

Na semana passada sua mediunidade localizou o corpo de um médico, depois do insucesso da polícia durante onze dias.

O Dr. John William G. Phillips, de Princetown, onde mora Palmer, estava desaparecido desde 21 de dezembro. A última vez viram-no sair de sua casa à tarde. Seu corpo foi encontrado de acôrdo com a indicação de Palmer, à distância de 500 jardas da casa do Dr., dentro de denso matagal.

Em 13 de dezembro o Dr. fôra acusado por crime de abôrto e intimado a prestar fiança de 2.000 libras e comparecer à polícia no dia 22 de dezembro, o que não fez. Dois dias depois foi expedida ordem de prisão.

Caiu em transe

No sábado da semana passada, Palmer foi procurado por um amigo da Snr.ª Phillips que lhe pediu tentar descobrir se o doutor ainda estava vivo.

«Eu entrei em transe e soube que o Dr. Phillips estava morto, mas naquela ocasião não fiz outras investigações», disse o médium.

Segunda-feira pela manhã, Palmer foi outra vez procurado e foi à casa do Dr. Phillips, com o objetivo de localizar o corpo.

«Entrámos no consultório do Dr. acompanhados pela Snr.ª Phillips, e comecei a meditar», disse êle.

«De posse de uma gravata que o Dr. usara pouco antes do desaparecimento, caí em transe e fui informado que seu corpo seria encontrado a 500 jardas da casa, direção nordeste».

«A princípio sòmente foi dito que seu corpo seria encontrado perto de um rio, mas depois foi dito que êle seria encontrado perto da confluência de dois córregos em densa mata».

Mas eram 4 horas e 15 da tarde, Palmer, um amigo médico e diversos amigos da Snr.ª Phillips bateram a área indicada pelo médium. Mas devido à noite e a densa floresta, foi abandonada a procura.

Continua a procura

Na terça-feira pela manhã, guiados pelo médium, quatro frades de um mosteiro local, W. T. Robson e um oficial do tráfego e mais cinco empregados da fazenda do mosteiro, continuaram a busca.

Os homens, durante quatro horas, procuraram na mata, quando, às 11 horas e 30 minutos, os irmãos Richard e Wilbrid encontraram o corpo decomposto, debaixo de uma árvore.

Êle apenas estava uns 90 centímetros distante de um dos dois córregos mencionados por Palmer e 25 jardas de sua confluência.

A Snr.ª Phillips imediatamente foi notificada. O corpo foi removido pela polícia para o cemitério de Durban.

Quatro detetives da região e dois europeus estiveram investigando a área durante 11 dias, mas devido a densa mata e grande área a ação policial não teve êxito.

Palmer, ex-diretor escolar, que não é médium profissional e que também é dotado do poder de curar, foi o homem que, em outubro passado localizou o corpo assassinado de Joy Aken, de 18 anos de idade, depois da polícia ter varejada a região durante oito dias sem resultado.

Espiritismo no Brasil

Espíritas ducaxienses homenageam Kardec

Apática e semi-morta desde 1939, a União dos Espíritas de Duque de Caxias vem, deste 1959, despertando do ostracismo voluntário em que mergulhou para lançar-se ao campo do trabalho fecundo e revitalizante. Assim, da hibernação ao calor do meio dia, ressurgiu a entidade com estatutos novos e ideais condizentes com a missão histórica que lhe cabe como entidade diretora dos grupos kardecistas daquela cidade fluminense. E o faz, desta feita, dinamizada por êsse espírito irrequieto e valoroso que é Manoel Max das Dores, no dizer de Deolindo Amorim, espécie de locomotiva, cuja missão é puxar, ladeira acima, composição referta de esperanças.

O jornalista Antônio Pereira Guedes, Diretor do «O Almenara», que tão brilhantemente proferira a palestra de encerramento da «II Semana de Cairbar Schutel», foi o orador que abriu o certame, no dia 30 de outubro findo. Numa sucessão de tarefas que se desenrolaram com pontualidade e brilho nas sedes das instituições filiadas, a União foi espargindo cultura e difundindo a Doutrina espírita no Grupo Espírita Joana Darc, com Narciso Machado; no C. E. Thiago Apóstolo, com Manoel Corrêa Duarte; na Associação Espírita Cairbar Schutel, com o prof. Newton de Barros; no C. E. Bezerra de Menezes, com Antônio Fortuna; na Mansão Divino Pastor, com Benone A. de Souza; no C. E. Caminheiros de Jesus, com o prof. Alberto Nogueira da Gama, e o encerramento com o prof. Átila de Castro, no suntuoso auditório do SESI.

Esteve presente e participou ativamente de tôdas as solenidades o Grupo da Fraternidade Ana Prado, cujas caravanas levaram sempre o entusiasmo de sua juventude. Suas manifestações de arte foram entusiásticamente aplaudidas, deixando aos visitantes, oriundos de outras cidades, viva impressão do progresso que o Espiritismo vem conquistando em Caxias.

À sessão de encerramento compareceu, representando a Federação Espírita Fluminense, o general Milton O'Reilly de Souza. Sua breve peroração despertou enorme simpatia e entusiasmo pela contribuição erudita que ofereceu e pela fraternidade que trouxe aos que já o consagraram como expressão legítima da cultura brasileira.

Recuperando aos poucos o terreno e tempo perdidos e se afirmando como instituição representativa dos kardecistas da cidade, a União dos Espíritas de Caxias deu curso, com aquelas atividades culturais e educativas, à superior missão de bem servir, preparando a seara donde brotarão empreendimentos novos que simbolizem o progresso espiritual do povo.

Ademar Constant

Duque de Caxias — Estado do Rio de Janeiro.

Almanaque d'«O Pensamento» para 1961

Acabamos de receber da Empresa Editora «O Pensamento» Ltda., Praça Almeida Junior, 100, São Paulo, esta popular publicação, que é a de maior tiragem de todo o Brasil.

Contém êste almanaque, excepcionais atrações: Horóscopos individuais, informações de grande utilidade sôbre agricultura, pecuária e avicultura, horas e dias favoráveis ou desfavoráveis durante o ano de 1961, mercado de gêneros e variações do câmbio, etc.

Tôdas essas matérias e muitas outras de grande interêsse estão enfeixados na elegante brochura de 200 páginas que constitue o **Almanaque d'O Pensamento de 1961.**

Gratos pela oferta do exemplar que nos foi oferecido.

10.ª Semana Espírita de Santo André

Patrocinada pela União Municipal Espírita de Sto. André, órgão das Sociedades Espíritas de São Paulo, realizou-se naquela localidade, de 13 a 20 de Novembro p. p., a 10.ª Semana Espírita de Sto. André, sendo desenvolvido o seguinte programa:

«Dia 13, domingo, às 15 horas, abertura solene na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Artur de Queiroz, 408, (Centro). Oradores especialmente convidados: Altivo Ferreira e Prof.ª Luiza P. Camargo Branco.

Dia 14, segunda feira, às 20 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Arthur de Queiroz, 408. Orador: Wilson Ferreira de Mello.

Dia 15, terça feira, às 15 horas, à rua Timor, 331, na Fazenda da Juta, sede do C. Esp. Cabana do Pai Preto. Oradora: Nancy Pulmann.

Dia 16, quarta feira, às 20 horas, em S. Bernardo do Campo, no Centro Espírita Emmanuel, à R. Humberto de Campos n. 4. Oradores: José João Cabrera e José Correia Gomes.

Dia 17, às 20 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência, à Av. Arthur de Queiroz, 408. Orador: Prof. Emílio Manso Vieira.

Dia 18, sexta-feira, às 20 horas, à rua Manaus, 428, Vila Alzira, na sede do Centro Espírita «Redentor». Orador: Antônio Pereira.

Dia 19, sábado, 19,00 horas, na Casa de Solidariedade e Beneficência (Patrocinio da União da Mocidade Espírita de Santo André). Festival lítero-musical. Oradores: Valeria Steagal e Paulo de Toledo Machado.

Dia 20, domingo. Encerramento Solene: às 9,00 horas da manhã, na Abrigo dos Velhos (Inst. Assistencial Nosso Lar), Rua dos Coqueiros, 292. Visita, recepções e café, às 14,00 horas. Obras novas do Abrigo de Velho, Jardim Bom Pastor, no Ponto Final Ônibus do Bairro Festival. Orador: Dr. Luiz Monteiro de Barros.»

— Gratos pelo convite que nos foi endereçado, esperamos que referida Semana Espírita de Santo André tenha obtido pleno êxito no fim almejado.

A «Nova Era»

Órgão espírita, de propriedade da Casa de Saúde Allan Kardec, de Franca, completou 33 anos de publicidade, pois o seu primeiro número saiu a lume em 15 de novembro de 1927.

Foi seu fundador José Marques Garcia, já pertencente ao Mundo dos Espíritos.

A imprensa foi sempre a poderosa alavanca que ergue os grandes ideais, e, se de um lado tem desafetos que procuram entravar-lhe a marcha, de outro tem amigos dedicados que a sustentam na arena da luta, onde a razão tudo vence.

Os integrantes da «Nova Era» são os seguintes confrades:

Dr. Tomaz Novelino — Diretor: Vicente Richinho — Gerente e Dr. Agnelo Morato — Redator.

A todos êsses denodados confrades, os nossos melhores votos de paz e felicidade. Porfiai, amigos, que a vitória é certa e recebereis a recompensa de acôrdo com o que produzistes.

De Americana

Da Diretoria do Centro Espírita «Amor e Caridade» recebemos amável convite para assistirmos às comemorações de instalação e inauguração de seu departamento Lar Escola «Monteiro Lobato», próximo ao Serviço de Águas da Municipalidade, o que se verificou dia 27 de novembro p. p., e que constou do seguinte programa:

«Inauguração de placa comemorativa: Homenagem à Família Abdalla, Corte de fita simbólica e instalação da sessão solene pelo Snr. MM. Juiz de Direito da Comarca — Dr. Agnaldo Santos.

Palestra e Tema: «Vida e Obra de Monteiro Lobato» pelo Snr. Dr. Jessyr Bianco.

Números artísticos pelos elementos da Mocidade Espírita de Americana.

Palestra e Tema: «Espiritismo e Assistência à Infância Desamparada», pelo Snr. Dr. Jonny Doin.

Encerramento pelo Diretor.»

— Gratos pelo convite, desejamos ao novo departamento a indispensável assistência dos bons Espíritos, para que produza frutos abundantes, colimando assim ao fim a que se destina.

SALVA PELO ESPÍRITO DA PRÓPRIA MÃE

TAPES, 9 (C. P.) — Conforme notícia publicada no semanário «O Camaquã», jornal que se edita na vizinha cidade que lhe empresta o nome, um fato deveras monstruoso, ocorrido em Dom Feliciano, distrito de Encruzilhada do Sul, repercutiu dolorosamente em Tapes. É a seguinte a nota publicada na edição de 6 do corrente, nas páginas de «O Camaquã»:

«Chegou ao conhecimento da reportagem um fato monstruoso acontecido na vizinha vila de Dom Feliciano, município de Encruzilhada do Sul. Uma criança, ou melhor, uma menina de apenas sete anos de idade teria sido «enjaulada», à míngua, pelo próprio pai, para que morresse de fome, escapando desta forma aos direitos hereditários que lhe cabiam na sucessão materna.

O fato, segundo soubemos, aconteceu há mais ou menos dois mêses, quando a referida menina desapareceu da convivência social, no ambiente de

---

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, no próximo ano, os preços de assinaturas da Revista passarão a ser os seguintes:

ANO, Cr. $ 150,00. — SEMESTRE, Cr. $ 80,00.

Dom Feliciano, sendo descoberta em princípios de Julho último. A menina, cujo nome não apurámos, é filha do viúvo Antônio Petikowski, casado em segundas núpcias com a viúva Amélia Galvinski. O novo par, arquitetando o macabro plano, encerrou sua pequena vítima num porão, juntamente com alguns coelhos de criação. Ali permaneceu a inocente vítima por alguns dias.

A morte, entretanto, não ocorria, pois a vítima, esfomeada, alimentava-se das migalhas e da água que eram atiradas aos coelhinhos. Prevendo a não consumação do crime, os desnaturados, pai e madrasta, retiraram dali a menina, para enjaulá-la num cubículo, deixando-a completamente sem alimentação.

Ocorre que a menina era conhecida e estimada pelos vizinhos. Um funcionário do DAER, do qual não possuímos o nome, era o padrinho da infeliz vítima. Dando falta da pequena, interpelou o pai, sendo-lhe respondido que a menina estava hospitalizada em Porto Alegre.

Passaram-se muitos dias, até que, numa noite, o padrinho teve um sonho. No sonho, a mãe da pequena, sua comadre, já falecida, apareceu, dizendo ao compadre que levasse alimento para a menina, que estava necessitando, e passando intensa fome. A princípio o compadre não ligou ao fato, mas, por mais duas noites, o sonho voltou com a mesma intensidade. Resoluto, o padrinho foi ter com o pai da mesma, interpelando-o sôbre o paradeiro da filha.

Novamente lhe foi dito que a menina se encontrava hospitalizada em Porto Alegre. Desconfiando da informação, pois que ninguém sabia da pseudo-doença da criança, êste funcionário do DAER foi ter com a autoridade policial do distrito, sr. Catulino Rosa, contando o fato. Catulino Rosa e mais algumas pessoas foram à casa de Petikowski, sendo por êste negada uma revista em sua residência. Insistindo, a autoridade procedeu à revista, deparando com o quase cadáver da garôta, encerrado num quarto, já inerte e sem fôrças, pesando, segundo dizem, apenas nove quilos. Imediatamente foi solicitado recurso da sede do município de Encruzilhada do Sul, tendo comparecido ao local o Juiz de Direito, que verificou a macabra ocorrência.

Antônio Petikowski foi detido pela Polícia. A vítima foi transportada para o Hospital de Encruzilhada, recebendo carinhoso tratando médico, a fim de restaurar suas fôrças perdidas.

Os monstros serão certamente devidamente autuados e responderão pelo crime premeditado que praticavam, felizmente interrompido, graças à atuação do padrinho da menina, ao responder ao «chamamento» que lhe foi dirigido, em sonho, pela mãe verdadeira da inocente vítima».

(Extraído de «Reformador», de novembro).

* * *

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que se acham em débito para com esta Revista, o obsequio de saldarem os mesmos até o fim dêste mês de Dezembro. Àquêles que não atenderem a êste nosso apêlo, seremos forçados a suspender a remessa da Revista.

* * *

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Outubro de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial, declara abertos os trabalhos e empossa, como representante da Federação Espírita Pernambucana, o Conselheiro Tenente Coronel Luiz de Oliveira e Souza. Manda ler, a seguir, a ATA do mês de setembro, que é aprovado. Relatando ocorrências de interêsse da Doutrina, comunica que foi visitado, na F. E. B. e em sua residência particular, pelos confrades Dante Culzone e Natálio Ceccarini, Delegados da Confederação Espírita Argentina ao 5.º Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se no MÉXICO, aos quais agradeceu, em carta, a visita à F. E. B. e pediu transmitissem aos irmãos do Continente Americano, presentes ao Congresso, as melhores saudações dos espíritistas do Brasil, desejando ainda êxito completo quanto aos princípios da Doutrina Espírita à luz da moral cristã e da filosofia reencarnacionista. Por fim, comunica a desencarnação do Confrade F. V. da Rocha Garcia.

GUANABARA — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, informa que o Departamento de Juventude da Liga vem promovendo Semanas Espíritas no Estado e colaborando com atividades idênticas no Estado do Rio.

PARÁ — O Conselheiro Ramiro Gama informa que a Federação Paraense, pelo «Lar de Maria», inaugurou sua Livraria Espírita e que comemorará a Semana da Criança Espírita, êste mês.

MINAS GERAIS — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf apresenta relatório da União Espírita Mineira, consignando o perfeito êxito da Segunda Concentração Regional Espírita do Estado de Minas, e anuncia atividades da União, de colaboração com a Casa de Ismael, no setor de livros.

Após falarem alguns Srs. Conselheiros, sôbre assuntos vários, o Presidente, feita a prece final pelo representante do Paraná, encerra a reunião, às dezesseis horas.

Súmula da ATA da reunião ordinária, realizada em 5 de Novembro de 1960

Á hora regimental, profere o Presidente a prece inicial, declara abertos os trabalhos e manda ler a ATA anterior, que é aprovada. Comentando fatos de interêsses da Doutrina, o Presidente lê uma carta do confrade Dr. Natálio Ceccarino, acompanhada de uma cópia das «Conclusões» do Congresso Espírita Pan-Americano, realizado no México. No expediente é lida uma comunicação da Federação Paranaense sôbre a realização, em Janeiro próximo, da Confraternização de Orientadores Espíritas da Infancia e Juventude, daquele Estado.

SÃO PAULO — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva comunica que a USE publicará, em «UNIFICAÇÃO», o seu pensamento a respeito das Concentrações de Mocidades Espíritas.

RIO DE JANEIRO—O Conselheiro Comandante Walter de Souza Mascarenhas fala de suas observações pessoais sôbre o movimento espírita nos Éstados do Sul do Brasil e discorre sôbre os planos das obras sociais projetados pela Federação Espírita Fluminense.

RIO GRANDE DO SUL — O representante, Conselheiro Francisco Thíesen, fala sôbre a realização, pela Federação Gaúcha, de Concentrações Espíritas em Santa Maria, Livramento, São Borja, Carazinho, Vacaria, Rio Grande e Porto Alegre, com assistência notável e excelentes resultados, e anuncia a realização, em Janeiro vindouro, do Seminário Espírita, em Porto Alegre.

Após comentários do Conselheiro Ismael Gomes Braga sôbre o Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres, é feita a prece final pelo representante da Federação Sergipana e encerrada a reunião, às 16 horas.

REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATÃO

A Redação desta Revista foi distinguida com a oferta de um exemplar do *Regimento Interno*, Decretado e Promulgado pelos Vereadores da Câmara Municipal de Matão, da qual é Presidente o Exmo. Snr. José Tortorello e Secretário o Snr. Geraldo Monazzi. Esta Resolução entrou em vigor na data de sua aprovação, a 12 de Outubro de 1960.

Mencionado exemplar nos foi remetido acompanhado por um cartão de cumprimentos, assinado pelo digno Presidente da Edilidade, Exmo. Snr. José Tortorello, a quem externamos nossos agradecimentos.

O Espiritismo não tem sacerdotes, nem ritual, nem anátemas: O seu templo é o Universo, o seu culto a Virtude e o seu ideal a Perfeição. — *A. L. VILELA*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma èscada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 160,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 70,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	— ,, ,,	60,00
Ano	— Assinatura registrada	180,00
Semestre	— ,, ,,	90,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3612unse

Ano XXXVI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Janeiro de 1961 - N. 12

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF
NOV 15 20
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Convicção da Sobrevivência . . . *O. L.*
Serões Bíblicos — IV . . . . . . *Luiz Caramaschi*
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon*
A Mulher na Antiguidade e na Igreja *Mário Cavalcanti de Mello*
Evolução Mental, nosso Milagre Doutrinário . . . . *V. O. Casella*
Religião e Sectarismo . . . . . *Sylvio Lobo de S. Thiago*
Italo Ferreira . . . . *Redação*
O Poder da Oração . . . . . . *General Levino C. Wischral*
Diários de Leopoldo Machado . . *Leopoldo Machado*
Carta do Além . . . . *Willian*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Índice . . . . *Redação*

ANO XXXVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1961 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Convicção da Sobrevivência

NÓS estamos definitivamente, entre os convencidos da continuação da existência além-túmulo, os quais chegaram a esta convicção baseados sôbre fatos e experiências e não sòmente adstritos a uma sobrevivência vaga e de natureza indeterminada, mas que sustentam a tese da personalidade e da memória sobrevivendo ao transe que chamamos morte.

As razões que nos levaram a esta conclusão não repousam sôbre uma teoria, nem sôbre um argumento filosófico, mas sim sôbre isto:

Depois de havermos ensaiado numerosas hipóteses, fomos obrigados, forçados pela evidência, a reconhecer o fato simples da possibilidade de conversar, em certas condições, com pessoas que já viveram na terra, e delas receber comunicações e mensagens, embora essas pessoas houvessem, pela morte, perdido seus meios habituais de manifestação.

Reconhecemos a importância, tôda a gravidade desta conclusão, que deverá ter conseqüências incomensuráveis no dia em que fôr aceita e reconhecida pela raça humana, porque a demonstração desta doutrina toca de muito perto os destinos humanos.

É verdade que a sobrevivência e a comunhão espiritual têm sido reconhecidas por muitos, desde tempo imemorial, mas fora êste, entre os quais a crença é um fato provado, a continuidade da existência não foi jamais considerada como uma das realidades positivas da vida ; os dogmas religiosos envolveram os fatos num véu espêsso de natureza artificial e é perfeitamente compreensível, que apresentassem estas verdades como inaceitáveis, enganosas e perturbadoras.

De fato, supôr que êste curto período de vida terrestre é suficiente para salvar ou condenar a alma durante tôda eternidade ; que o ato de morrer tenha o poder de transformar o homem em anjo ou demônio, de dar-lhe a faculdade de poder participar da vida dos maiores Santos — o privilégio de afinidade com a Divindade — ou então, de condená-lo a cair no número dos sêres mais vís e baixos e com êles sofrer os tormentos que devem experimentar todos os que mereceram a cólera divina, ao perder sua graça... todos êstes dogmas que repugnam o senso comum, não foram, de fato, aceitos. E, por conseguinte, o destino do homem, que não é santo, nem mau, e que não se pode imaginar de repente, transformado em um ou outro só pelo fato da dissolução de seu corpo, vai ficar sempre imerso numa nuvem vaga, a que chamam purgatório ?...

Outras doutrinas, sem dúvida, ensinaram e foram predicadas em diversas secções da raça humana, algumas das quais são mais luminosas que outras, mas as religiões ortodoxas jamais viram com bons olhos as regiões encantadas, nem as regiões das delícias, de natureza a mais material que a imaginação do homem primitivo havia concebido. Não há dúvida que alguma noção de imortalidade foi compartilhada entre bárbaros. O fato tem sido considerado como uma razão oposta a tôda aceitação de idéias, as mais sensatas e as mais razoáveis sôbre a existência futura; sua origem parece remontar às superstições antes do que o resultado de uma esperança legítima, natural ou de conhecimentos, aos quais se pode ajuntar a fé. E queremos fazer constar que nós reconhecemos a parte difícil de todos êsses obstáculos e que, por conseqüência, não chegámos à convicção que hoje temos, de uma maneira fácil e rápida. Mas, certo da falsidade e do êrro que existem nos ensinos eclesiásticos, êsses fatos vêm reforçar a crença geral da humanidade, êsse instinto criado pelos sentimentos afetivos naturais que se revolta contra a superstição clerical e se deriva por uma via independente.

O resultado direto de tôdas as controvérsias originadas pela investigação de certas questões, tem causado em grande número de casos, uma renovação de ardor na fé religiosa, uma percepção da verdade, e de acôrdo com o ensinamento que atribuimos ao Fundador do Cristianismo, em quem cremos.

O. L.

Serões Bíblicos - IV

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo I V)

A Sabedoria é finita

Chilon — Tal é como eu sinto.

Árago — Responde-me então: esta insaciedade se manifesta como alegria, ou como tristeza?

Chilon — Como tristeza, é claro, pois se fôsse alegria e gôzo a insatisfação, o ser desejaria estar nela, não se saindo do lugar.

Árago — E como a insatisfação é eterna, eterna será esta forma de dor. Tua premissa nos leva a afirmar que a dor é eterna. Todavia é axiomático que o ser foi criado para a felicidade, não é como sentes?

Chilon — Exatamente.

Árago — Logo, a dor cessa, no ponto em que se ascende aos planos orgânicos superiores, pela integração em unidades cada vez maiores. Se, como sentes, o ser foi criado para a felicidade, cessarão quaisquer dores, tão logo se integre o ser nos níveis superiores da existência espiritual, não é?

Chilon — É como penso.

Árago — Por conseguinte cessa também aquela dor específica chamada insaciedade evolutiva ou filosófica?

Chilon — A conclusão me obriga a dizer que sim.

Árago—Logo, a evolução e o saber são finitos, a sabedoria correspondendo à função e a evolução, ao nível do ser.

Chilon — Acabei de entender, e agora aceito, definitivamente, que a evolução e o saber são finitos; cumpre ainda descobrir se todos os homens serão iguais quanto ao saber.

Árago — Penso que não, porque a evolução leva à especialização, à diferenciação, para depois operar a integração em organismos coletivos cada vez maiores. O homem tem de se desenvolver em dois planos conexos: o do saber e o da virtude; o da ciência e o da moralidade. Saber e ciência significa diferenciação, especialização; virtude e moralidade quer dizer integração, amor. Ora, cada um será sábio na função, e não em tudo. Uma coisa é ser neurônio cerebral, agindo no córtex de um gênio; outra é ser célula córnica de suas unhas e cabelos.

Chilon — Mas então ó mestre nega a destinação igual, para todos, para afirmar diversidade?

Árago — Não sou eu o que afirmo isto e nego aquilo; é a Natureza que me mostra êsse quadro lógico, harmônico, belo da diversidade integrada na unidade. E assim como as células de um organismo não são idênticas mas desiguais, também os homens diferenciar-se-ão sempre, por evolução, afastando, e nunca se chegando a um tipo único. Tem pois razão, H. Rohden, ao dizer:

«O fim do homem é revelar em sua existência individual — aqui ou alhures — aquêle aspecto peculiar e único da divindade que só êle pode revelar plenamente. Pois, como todos os sêres da natureza, e sobretudo todos os sêres humanos, são originais, únicos e inéditos na sua existência, sêres que nunca existiram nem jamais existirão iguais; indivíduos que não são cópias de outros anteriores, e dos quais não serão feitas còpias posteriores — segue-se que cada indivíduo e cada personalidade tem a missão peculiar de concretizar um determinado aspecto da divindade» (Filosofia Universal, 2, 75).

Chilon — Mas então, se não há igualdade, há injustiça da parte de Deus, que faz de um filho seu um anjo maior, e de outro, um menor; de um faz Serafim, e de outro, apenas Anjo ou Arcanjo. Todos hão de ter a mesma destinação, e se o posto supremo é o seráfico, todos havemos de ser Serafins um dia.

Árago — Tanto é individuação o homem, quanto a célula; apenas, o que varia, é o nível do ser; ambos, portanto, filhos de Deus, e a ambos Deus não poderá fazer injustiças. E se o que propus é injustiça, no nível angelical, o é, igualmente, no nível biológico. Nêste caso, para não haver a tal injustiça, tôdas as células de nosso corpo dever-se-iam tornar neurônios corticais, pois êstes são os serafins das células. As do tecido epitelial seriam apenas células angélicas na sociedade celular que somos. Ora, se tôdas as nossas células se tornassem neurônios, já se vê que seríamos uma pasta cinzenta, onde tôdas as células queriam mandar, e nenhuma, obedecer.

—Se todo mundo ficasse Querubim ou Serafim, o organismo social de anjos, isto é, a sociedade perfeita, angelical, teria a configuração duma esponja-do-mar, de células indiferenciadas e independentes, e tanto que não morrem se passadas por uma gaze, depois de moidas na máquina de triturar carnes.

—Ora, a evolução mostra diferenciação e não, o inverso; logo, a sociedade angelical não poderá ser feita de indivíduos iguais, indiferenciados, independentes, onde cada um se bastaria a si mesmo, não precisando de integração.

Chilon — Mas a integração dar-se-ia pelo amor.

Árago — Entretanto os iguais só se unem, mecânicamente, para uma ação conjunta; união orgânica só se dá entre complementares. Assim, citando Huberto Rohden (os parêntesis são meus), «a falta de individualidade resulta em monotonia (esponja-do-mar), como a individualização sem integração acabaria em caos (queda dos anjos — exilados da Capela — células cancerosas), ao passo que a individualização aliada à integração produz harmonia» (colmeia—organismo são) (Filosofia Universal, 2, 76). De modo que sêres absolutamente iguais não se amam, e antes se repelem, porque amor é troca, é permuta, e não se vai trocar o que se tem pelo que se tem. Uma célula hepática não precisa doutra célula hepática, e para que não briguem (câncer) estão tôdas policiadas e governadas pelas células nervosas. Se estas afrouxam a vigilância aquelas entram em desordem.

Chilon — Quer dizer que a causa do câncer está nêste afrouxamento da disciplina nervosa?

Árago — Se minha filosofia está certa, sim. Dêste modo o câncer começa na mente desorganizada e em rebelião consciente. Mas esta é a causa remota que pode, às vezes, estar até noutras existências. Todavia mesmo a causa próxima ainda é êste afrouxamento da disciplina nervosa. É por isso que o câncer aparece num caroço, numa verruga, numa crescência qualquer, carente de células nervosas disciplinadoras e vigilantes. Sempre que se afrouxa a disciplina que mantém coesos sêres especializados, êles tendem a exorbitar de suas funções, para atenderem a interêsses particulares. E quando se reforçam nêstes desvios funcionais, declaram guerra aberta à função que antes exerciam. Com isto matam o organismo a que pertencem, matando-se a si mesmos, com êle, pois não poderão viver isolados. Os operários especializados, não querendo trabalhar, inventam greves perpétuas; a indústria fale (*), fecha as portas, e

---

(*) Sigo para o verbo falir o critério de Rodrigo de Sá Nogueira em seu «Dicionário de Verbos Portuguêses Conjugados».

os operários morrem de fome. Assim aconteceu com os anjos em queda ; assim, com os caprinos degredados para a Terra ; assim, com as células cancerosas.

Chilon — Estão certas estas inferências. Mas que poderá impedir que um Querubim se suba a Serafim ?

Árago — A falta de motivação ; a inexistência de impulsão interna para ir além ; a saciedade, num estado de felicidade suprema.

Chilon — Por conseguinte, todos são iguais quanto à felicidade ?

Árago — É o que penso. Não posso atinar com a razão por que um neurônio cerebral possa ser mais feliz do que uma célula do pâncreas. Sêres diferentes poderão sentir o mesmo gôzo, a mesma alegria. E se houver gôzo particular para as células nervosas, deverá existir um, também, específico, para as hepáticas. E se estas não podem sentir o gôzo peculiar aos neurônios, também êstes não poderão gozar o gôzo das células hepáticas, ao executarem suas funções, que são muitas.

Chilon — Todavia estamos falando em felicidade, sem contudo definirmos o têrmo.

Árago — Antes de entrarmos nesta parte, cumpre resolvermos a questão que levantaste, relativa à sabedoria do mordomo infiel. Êste é que será nosso assunto, no próximo serão, e só depois estaremos livres para estudar o que é a felicidade. Precisamos, porém encerrar esta parte.

—A vida é longa, como já o disse, porque muitas, e tôdas continuadas, como contas, a formar a unidade de um colar. A arte é breve, porque o saber é finito, não indo além da função que se há de executar no organismo coletivo. E como o saber infinito é inacessível, mesmo a um Serafim, de nada valerá correr e ter pressa. «Saber é ser», já o disse Huberto Rohden (Filosofia Universal, 2, 176), donde vem que quanto mais se sabe, mais se é, porque mais se ascende na escala do ser. Onde a ignorância fôsse total, absoluta, o ser se resolveria em nada, pois para ser é preciso agir, é preciso manifestar-se, e isto requer sabedoria, embora que mínima. Não fôsse aquela sabedoria imensa que está no átomo, êle não existiria ; por isso é que ser deriva de saber, donde «saber é ser». O que o átomo não tem é consciência dessa sabedoria que está nêle, mas o homem também não tem da que está em si. Por conseguinte a sabedoria do homem deve consistir em conhecer o fim para o qual está feito, que é o ser célula dum organismo maior que o abarque, e no qual se integre. Quem faz isto é sábio e feliz ; quem não o faz é ignorante e desgraçado, ainda que seja um cientista que se perdeu no estudo da luz, sem poder atinar se ela é onda, corpúsculo ou fóton. Einstein, não podendo definir o éter, propôs que êle fôsse substituido pela palavra *espaço ;* todavia esqueceu-se de dizer o que seja espaço. Diz êle que o espaço tem a propriedade de transmitir ondas eletromagnéticas, tais como a luz. Mas que são ondas eletromagnéticas ? São perturbações do espaço... entendeste ?

Chilon — Não.

Árago — Nem eu. O elétron, outrora, era um planêta que girava em tôrno do seu sol—o núcleo atômico. Hoje diz-se : «Um elétron que percorre a sua órbita 10^{15} vêzes por segundo será que apresenta qualquer semelhança com planêta, corpo ou qualquer outra coisa ? Onde está êle ? A estas interrogações o modêlo do átomo como sistema solar não resistiu, e nisso consiste o progresso do primeiro até o segundo modêlo que, perto de 20 anos depois foi esboçado por Schroedinger, um físico vienense. O elétron que se movimenta no átomo não pode mais ser compreendido como corpo ; em seu movimento êle ser tornou uma «onda» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 50-52). Por estas razões o átomo, e conseguintemente a matéria, «é uma nuvem carregada» em que vibra uma neblina de energia» (Fritz Kahn, o Livro da Natureza, I, 52). Entendeste, agora, o que seja a matéria ?

Chilon — Não.

A'rago — Nem eu, «pois falar em átomo como se fôsse nuvem e em energia como neblina seria tão absurdo quanto querer descrever uma melodia a um surdo, falando-lhe de animais» (op. cit. Vol. I, 52). É por causa de coisas assim que em certo congresso um físico exclamou : «Procuramo-nos explicar recìprocamente algo que nós mesmos não entendemos.» Um outro sarcàsticamente exclamou : «A física ? É difícil demais para os físicos!» Esta afirmação se conservará certamente verdadeira para todos os tempos» (op. cit. Vol. I, 76).

—Se esta última assertiva de Fritz Kahn estiver correta, a física, *para os homens,* está próxima do seu fim; não é que ela não vá além, em si mesma, mas o homem, por incapacidade sua, não pode mais penetrá-la. Para ir além, é preciso o homem tornar-se super-homem, não o de Nietzsche, mas o de Ubaldi.

Chilon — Contudo dissestes que a física está «próxima do fim», quando esperava dissesseis que está no seu fim, pois não vejo como se sairão os homens dêsse bêco sem saída.

A'rago — O que te parece bêco sem saída, para mim é a parte de máxima descida de um ciclo que teve sua origem no espírito. Lembra-te de que a física era antes metafísica ou filosofia. Ora, os físicos, com suas fórmulas e abstrações matemáticas, estão, de novo, fazendo metafísica da física, não é assim ?

Chilon — Isso mesmo.

A'rago — E, como diz Fritz Kahn, «o limite da física é atingido com a velocidade da luz, começando, então, o que está atrás da física — a metafísica (O Livro da Natureza, I, 117). Concordas tu com isto ?

Chilon—Concordo, com um reparo.

A'rago — Qual ?

Chilon — É que metafísica quer dizer «depois da física», e não, «atrás da física» como diz Fritz Kahn.

A'rago — Isto reforça minha verdade de que a coisa se dá em ciclo. O antes e o depois estão no mesmo lugar, para quem vai, circularmente, de um ponto para o mesmo ponto. Entendeste ?

Chilon — Agora entendi. Concordo que os físicos, com desmaterializar a matéria e espiritualizar a energia, através de fórmulas, pensamentos puros, princípios, leis, mais do que nunca, se estão dirigindo para «depois da física», para «além da física» ; e como foi de aí que partiram tôdas as ciências, com terem sido antes filosofia ou metafísica, segue-se que elas, e não sòmente a física, tornarão a um ponto correspondente ao de partida, nas voltas da espiral. E como a metafísica ou filosofia antiga saiu da teologia (estado teológico de Augusto Comte), segue-se que essa metafísica moderna, a dos físicos nucleares, rumará para a teologia de novo. Eis como e por que a ciência se há de tornar religião, segundo Pietro Ubaldi, e antes disto, metafísica, como afirma Fritz Kahn.

A'rago — Bravo Chilon! Tu és discípulo digno do mestre! Então como bem deduziste, o fim da física será quando os físicos descobrirem que atrás da energia, a movimentá-la, está o Espírito. Dêste modo a ciência está fadada a tornar-se religião; quando isto acontecer, o homem de ciência, altamente diferenciado como é, estará integrado nas formações sociais superiores, forçando a paz e a harmonia entre as nações, ao invés de, como agora, criar a desordem, a guerra, o caos.

Chilon — Protesto ! Não é o cientista que, com seu labor, cria estas coisas, e sim os políticos ambiciosos de poder, de fama, de glória, e os economistas gananciosos de riquezas !

A'rago — Conquanto não sejam os cientistas os responsáveis diretos pelas guerras, são êles os que criam e sustentam a mentalidade materialista em que os políticos e os economistas se forjam e se sustentam. Com a descoberta do Espírito imortal atrás de tudo, nas profundezas das coisas, os políticos e os economistas tremerão, sobretudo quando pretenderem acionar a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema, para a criação dos heróis que são a sementeira das guerras. Os heróis são a matéria prima das guerras, que os estadistas e economistas manipulam por meio de tôdas as técnicas da propaganda ; a par disto, pelos mesmos meios, criam uma sensação coletiva de expectativa e insegurança, e isto com o nome inocente de «esclarecimento da opinião pública». Êstes tais, em tôdas as nações, querem a paz, sempre a quiseram, contanto que ela não prejudique a expansão econômica, primeiro, e política, depois, num imperialismo que tende a avassalar o mundo todo. E como expansão não se faz sem lutas, pois é preciso vencer as resistências, as guerras aí estão, e não terão fim, enquanto o materialismo egoísta não se transmudar em espiritualismo colaboracionista.

—E por hoje basta, meu caro, que a noite já vai alta.

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— IV —

O nível dos homens ainda é o da parcialidade em seus julgamentos; eis porque Jesus os aconselhou: «Não julgueis para não serdes julgados, porque com a medida que medirdes sereis medidos» . . . (Mat. VII — 1 a 6).

Qual é o homem que se dispõe a colocar seu pai, sua mãe, sua espôsa, sua filha ou seu filho, seu irmão ou sua irmã, em condições de inferioridade com relação a membros de outra familia e a qualquer dos aspectos que seja de manifestação intelectual, física, artísta e moral? No mais suave dos julgamentos, calam a respeito das qualidades daqueles que lhes não formam o círculo íntimo, para exaltar em tôdas as oportunidades a mais ínfima qualidade a que se possam referir sem redículo nos que lhes merecem tudo sòmente por serem do mesmo sangue . . .

Foi contra este nível inferior de julgamento, que Jesus se rebelou, mostrando, noutra oportunidade, como se deve proceder em todo julgamento, ao perguntar aos que lhe chamavam a atenção para a presença de sua mãe e de seus irmãos num dos comícios em que êle falava das coisas que diziam respeito à missão que veio desempenhar na Terra: «Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?» — Estendendo a mão para os seus discípulos, exclamou: — «Eis aí minha mãe e meus irmãos! Pois quem cumpre a vontade de meu Pai que está nos céus, êsse é meu irmão, irmã e mãe» (Mat. XII - 46 a 50.)

Foi êsse um momento em que Jesus cedeu o processo de ensino por meio de parábolas, ao de uma exposição, sem rebuços, da maneira por que se deve proceder a julgamentos. Mas, quem o quer ouvir? O que fazem os demolidores das Sagradas Letras é dizer que êle naturalmente foi mal entendido, ouviram mal as suas palavras, etc., porque impossível admitir que maltratasse dessa forma sua própria mãe?! . . .

Como maltratar, se o que o Mestre quís foi nitidamente externar um pronunciamento perfeito sôbre o mérito dos que aspiram a ser seus companheiros de trabalho na excelsa obra de redenção humana, que a tanto corresponde «cumprir a vontade do pai de Jesus,» que é também o nosso Pai, que está nos céus?

Para entender as santas escrituras é primeiro necessário preparar o entendimento na meditação profunda, na adaptação da mente a um sistema de raciocínio que se aparte de todos os sistemas humanos de parcialidade egoística e orgulhosa, a que se acostumam os homens, por êsse mimetismo social que leva à imitação uns dos outros os componentes dêste rebanho de panúrgio, que ainda somos e a cujos hábitos devemos nos furtar, se quisermos nos tornar ovelhas do rebanho de Jesus.

Por essas dificuldades de raciocínio, que encontramos na mente dos homens, é que nos abalançámos a êste trabalho de exegese, com tôda isenção de ânimo, buscando na inspiração superior, que nos possa ser trazida, os elementos de elucidação do que se acha escrito na Bíblia e que ainda seja suscetível de errônea interpretação pelos que se habituaram a essa parcialidade de julgamento, desde que se abalançam a «comer da árvore da ciência do bem e do mal», sem estar preparados para a difícil digestão *espiritual* dos frutos de tão sagrada árvore.

Perdoem-nos os nossos irmãos, a quem, porventura puder contrariar esta maneira peremptória de dizer: «A verdade é cruel como uma espada em riste» — assim dizia o maior combatente em prol da boa exegese evangélica, que foi Guerra Junqueiro.

No quarto dia da criação, simbolismo admirável em que se vê descrita uma nova fase da gradual rarefação a que vinha sendo submetida a atmosfera terrestre, disse Deus: «Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam êles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra: e assim foi. E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e as estrêlas. E Deus os pôs na expansão dos céus para alumiar a terra, e para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom. E foi a tarde, e a manhã, o dia quarto.» (Gen. I—14 a 19)

A carta de Pero Vaz Caminha, chamada «registro de nascimento do Brasil», apesar de ter apenas pouco mais de 400 anos, é posta em linguagem corrente para ser bem compreendida. Porque não haveremos nós de pôr em linguagem atual o que se quer dizer nessa passagem do Gênesis, para que todos a entendam? E é tão fácil!

O que aí se registra é uma etapa mais avançada da preparação do *habitat* planetário para o desempenho, se assim se pode dizer, da missão a que estava destinado. De fato, o sol, a lua, as estrêlas só poderiam ser perfeitamente observados da Terra após o desaparecimento dos pesados vapôres que lhe entenebreciam completamente a pesada atmosfera. — E que serviram êsses *luminares* para determinação dos tempos, quando os homens tiveram necessidade de o fazer, dividindo em dias, mêses e anos, quem o poderá contestar?

O caráter nìmiamente religioso em que fôra vasado o registro dessas etapas do desenvolvimento planetário, não o deve inquinar de falso, antes pelo contrário, é de louvar o candor com que essas páginas foram escritas por grandes Espíritos na plenitude do amor a Deus sôbre tôdas as coisas, tão diferentemente da maneira de ser dos orgulhosos escravos da ciência sem Deus, que tudo querem resolver sem respeito algum à Onipotência Divina!

Pois que lhes faça bom proveito o registro científico apenas dos fatos, das leis eternas e sábias da Natureza, em sua linguagem de homens de ciência; mas que não venham inquinar de falsa a linguagem daquêles que condicionam tudo à Onipotente Vontade de Deus, sem a qual nada se faz no Universo.

PHILEMON

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

III

Pedimos desculpas aos leitores, por apresentar tantas citações. Só podemos penetrar no passado através da História, nada podemos fazer por nós mesmos.

J. Denis, em «Histoire des Théories des Idées Morales dans l'Antiquité», diz:

«Examinemos mais particularmente as diversas relações que constituem a família, para aí seguir o movimento de emancipação que tendia a reconduzir em tôda parte a igualdade e a justiça.

Pode ser que alguns espíritos desgostosos lastimem o tempo em que a mulher era a pupila do espôso, em que a autoridade marital era um império absoluto. Para êles, todos os sêres humanos são iguais, porque todos participam da razão e de Júpiter. Ora, a centelha divina que luz na alma do homem brilha também na alma da mulher. É isto o que constitui a dignidade de um e de outro, sua igual capacidade para a virtude. É também o que torna a mulher capaz de amar e digna de ser amada. Ela é a companheira e não a serva do homem. Ela não participa apenas de sua mesa e de seu leito; ela deve participar de seus interêsses, de seus trabalhos, de seus pensamentos, de suas tristezas e alegrias. Certas funções, é verdade, pertencem ao marido, e outras à mulher; mas estas não têm menor importância; elas concedem tantos direitos quanto impõem deveres; exigem, assim, uma regra igual para os dois esposos.

Tu sabes, diz Séneca, que há injustiça em exigires fidelidade de tua mulher quando seduzes as mulheres alheias; sabes que não podes ter relações com uma concubina e sòmente com tua mulher. Se, pois, quiseres no casamento tanta severidade quanto outrora, deve haver, então, mais equidade. Não se dizia mais como o velho Catão: «Se surpreenderes tua mulher em adultério, tens o direito de matá-la; mas se ela te surpreende, não tem o direito de tocar-te nem com a ponta do dedo.»

O tempo em que se cria que a mulher nada tinha a reclamar quando era honestamente vestida e que seu marido lhe dava criadas e seguidoras, como convinha à sua condição, está superado. Compreendia-se que não se lhe deve menos cuidado e afeto do que o que dela se exige, e mesmo, os menos severos como Martial, indignavam-se que um debochado pudesse abusar dos bens de sua mulher para suas libertinagens. Que se a castidade é mais necessária e mais essencialmente própria à mulher, a virtude não se impõe menos ao homem como uma obrigação. Era o que Tácito exprimia vivamente em seu elogio a seus avós Agrícola e Decidiana: «Êles viveram em uma maravilhosa compreensão, em um amor mútuo, cada um preferindo o outro a si mesmo; igualmente dignos de elogios, se é que não há mais mérito na espôsa virtuosa, uma vez que a sem virtude é a mais culpada.»

Reconheciam-se duas coisas, a primeira é que há diferença porém não desigualdade entre os dois sexos sob o ponto de vista moral; a segunda, é que a autoridade do marido não é um poder de império, mas um poder de proteção e de amor.

Marco Aurélio rendia graças a Deus de não ter sido educado junto da concubina de seu avô e de ter-se conservado casto em sua juventude; Plínio cita com admiração um jovem que, pela severidade de seus costumes, havia escapado, apesar de sua beleza, a tôda a maledicência. Epíteto, considera como impuro e como adúltero aquêle que, ao ver uma bela mulher, exclama: feliz aquêle que a possui! feliz seu marido! —Séneca escreve a uma mãe «que seu filho está feliz por haver morrido antes de haver cedido às mil tentações que correm adiante da juventude, ruborizando-se ainda como uma moça, quando era solicitado por outros a pecar, como se êle próprio houvesse pecado. Enfim, Valério Maximus cita com admiração o episódio seguinte: «Um adolescente, de uma beleza incomparável, Spurina, vendo que êle seduzia por sua graça maravilhosa os olhares de muitas mulheres ilustres, e sentindo-se suspeito por isso ante seus pais ou seus maridos, mutilou a fisionomia e destruiu a beleza de seus traços; êle preferiu que sua fealdade fôsse testemunha de sua pureza, do que ver em sua beleza o aguilhão das paixões alheias.»

Sentimo-nos bem em dizer, considerando a justiça divina, que antes do Cristianismo vir a êste mundo, o homem já era homem e que os antigos possuiam tanto como possuem os homens mais moralizados do Cristianismo, o sentimento de honra, de bondade e de virtude, que deve ser o apanágio das melhores famílias cristãs de nossos dias.

Antes do Mestre Jesus, espíritos de grande elevação ensinavam ao homem o caminho da virtude. Christna, Confúcio, Buda, foram instrutores, também, e a filosofia grega era prenhe dos melhores ensinamentos morais.

Comparando sob êste aspecto, os tempos antigos aos modernos, não hesitamos em dizer: se desde Atenas e Roma antiga, apesar das tendências favoráveis dos povos germânicos, apesar dos incontáveis progressos do sentimento moral, o destino da mulher pouco foi engrandecido, em nossos costumes e instituições, em dignidade e independência; e se em certos pontos ela se encontra em retrocesso, deve-se, antes de tudo, acusar o espírito católico romano, que conservou a mulher em estado de inferioridade, mantendo a seu respeito, sobretudo relativamente à sua educação, preconceitos e teorias que ainda subsistem poderosamente, e dos quais vemos em tôda parte se produzirem os mais detestáveis frutos.

É verdade que, desta forma, conseguiu-se fazer da mulher o mais firme, melhor dizendo, o único sustentáculo do Catolicismo.

Felizmente é o século XX, o século da mulher. Apesar do freio que o clero lhe quer impôr, ela se vai emancipando de maneira vertiginosa, como que a evidenciar que em matéria de moral e de intelecto, bem pode se igualar ao homem.

Para nós, espíritas, a mulher é o esteio da família. Moralmente, ela quasi sempre está muito acima do homem. A mulher, na maioria dos casos, quando deixa o lar paterno para constituir o seu, sái de lá pura e desconhecedora das misérias da vida. Ora, aprendemos o que é a mulher sob o aspecto da razão católica: uma criatura imunda, origem primeira do pecado e da morte.

A união do sexo, sob qualquer denominação que ela se produza, só pode ser, pois, aos olhos da Igreja, o que era para o Papa Sirício, em uma carta dirigida aos bispos de Espanha: «Uma imundícia, uma poluição da carne.»

E se a Igreja a êste respeito se viu obrigada a fazer algumas concessões à corrupção de nossa natureza, ela continua a ensinar, como faz Agostinho em seu tratado «Des Noces et de la Concupiscence», — «que tôda volutuosidade é má em si; que o casamento não é um bem, mas sòmente um preservativo contra um mal maior e uma maior desordem; que, no estado de inocência em que antes havia sido criado o homem, se êle houvesse persistido nela, não teria de experimentar sofrimentos para dominar seus sentidos; que a união dos sexos tendo por único fim pôr filhos no mundo, o gôzo que êle nos proporciona é inútil e condenável; que, enfim, se fôr possível alguma castidade no casamento, é sòmente na condição em que os esposos, em nenhuma circunstância, percam de vista o fim de sua união, a de procriar filhos, não pelo prazer de fazê-los e de amá-los, mas para que cresça o número dos servidores de Deus» («Ensaio sôbre a formação do Dogma Católico», t. II, págs. 269, 272).

Assim sendo, o casamento nada mais é que um remédio à incontinência, embora Jeová, o Deus dos católicos e de muitos espíritas, haja dito: «Crescei e multiplicai-vos.»

Evolução Mental, nosso Milagre Doutrinário

UM dos primeiros ensinamentos aos que se iniciam no Espiritismo é o do esfôrço próprio de cada um, na sua melhora íntima moral.

Após os primeiros passos, à medida que se vai progredindo doutrinàriamente, vamos compreendendo que a moral também é de ordem evolutiva, apurando-se através da elevação do nosso nível intelectivo. Não queremos dizer com isso que para se moralizar seja preciso freqüentar academias. Assim como não devemos também interpretar de que intelectividade seja sinônimo de moral. O que ponderamos é de que ambas devem evoluir paralelas. Conjugadas, resultam tipos de mentalidade produtiva, para bem servir para si e a seus semelhantes.

O indivíduo que se mostra esforçado na sua melhora moral, mas não procura se elevar pelo sentido intelectivo, assemelha-se ao músico que aprende, como se diz, apenas de ouvido. Êste, por mais que se esforce na sua habilidade prática, jamais irá além de determinado limite. É o que se dá com a moral sem aprendizagem intelectiva. Inversamente, a intelectividade, também, sem aquela é como o instrumento que dá o som mas não vibra.

Se bem que uma escolha entre uma e outra prevalece a moral, o apuro sòmente se realiza pela harmonia do conjunto.

Felizmente, no Espiritismo, êste problema tem merecido especial atenção, pois todos nós vamos aprendendo na nossa doutrina a necessidade do estudo. A nossa ala intelectual aprimora-se cada vez mais em todos os setores da aprendizagem, e os adeptos mais simples de entendimento, além dos de cultura mediana, assinam uma Revista ou um Jornal doutrinário, procurando cada um elevar cada vez mais seu padrão mental.

A escalada é longa, mas urge o começo, e que possibilite aprendizagem sem tédio.

E' vicioso e cansativo, e sem resultados progressivos, o hábito em decorar textos indefinidamente, a exemplo da maioria dos estudiosos da Bíblia pelo ensino dogmático.

O estudo deve ser sempre variável, para dar um alimento sadio para a mente. Esta variabilidade, dentro de um gênero de literaturas apoiadas na moral, tem sido a razão do sucesso intelectivo no seio do Espiritismo. E' assim que se vê como indivíduos que sem terem ido além de um curso de Grupo Escolar, e sendo às vezes de trabalhos rudes, com o tempo já passam a ensaiar pela nossa imprensa, uns pela escrita, outros em pregações evangélicas, cujos progressos, lentos mas insistentes, têm feito gigantes na atividade dentro da doutrina. A prova dêste milagre doutrinário está no progresso crescente da nossa gigantesca imprensa. Livros, revistas, jornais, cruzando tôdas espécies de fronteiras, como testemunhas incontestáveis da evolução intelectiva na generalidade dos adeptos do Espiritismo.

Sustentando êste ritmo, cada «centro espírita» deve sempre estar aprimorando sua bibliotéca, realizar reuniões de estudos doutrinários e não prescindir de preleções ou conferências periódicas, convidando oradores que sempre tragam têmas que, além de variar a aprendizagem do grupo incentivam os adeptos na jornada da espiritualidade.

Quanto à aquisição de literaturas espíritas, estas são de preços acessíveis a todos e facilmente adquiríveis pelo reembolso postal em qualquer das nossas Livrarias. Para aquêles que apreciam literaturas romanceadas, as da doutrina oferecem unidos o útil ao agradável. Nossas Revistas e Jornais informam sem preconceito e os preços de tais assinaturas são irrisórios. Basta que se tenha vontade para que a jornada terrena não se torne áspera e sem ânimo. E' necessário ler, estudar, por pouco que seja.

Quem não sabe ler comece a aprender, ainda mesmo que tenha alguma idade, para que não chegue do lado de lá ainda com tudo para se iniciar. Quem soletra, leia sempre para sair do tropêço nas letras. Quem já lê correntemente, leia sempre mais para que a preguiça não lhe enferruge a mente.

Dedicar-se exclusivamente em sessões práticas, sob pretexto de que as entidades comunicantes já se encarregam dos ensinamentos, isto jamais foi Espiritismo.

Como se vê, a doutrina de Kardec exige trabalho, esfôrço e vontade de seus adeptos. Não basta crermos na sobrevivência da alma; é preciso criarmos mentalidade cada vez mais elevada, aprimorando-se sempre nos dois sentidos, moral e intelectual.

V. O. Casella

Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria, o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual. — *KARDEC*

Religião e Sectarismo

«Os que não têm conhecimento algum do assunto, — escreve o snr. Paulo Lopes dos Santos para o jornal «A NOTÍGIA», diário que se publica em Joinville, no Estado de Santa Catarina — geralmente julgam o Espiritismo no mesmo pé de igualdade das outras religiões, partindo assim de um princípio errado, pois que êle não assenta, como as demais doutrinas, na fé sem comprovação e na crença pura e simples. Ao contrário, o Espiritismo, como Ciência, Religião e Filosofia, nasceu da observação metódica e científica de inumeráveis experiências, que comprovaram, ao então descrente Allan Kardec, a existência do Espírito após a morte do corpo físico, e a possibilidade de se comunicarem os Espíritos com o nosso mundo material».

«E' conveniente ressaltar que Kardec não «fundou» o Espiritismo, e que médiuns existiram em todos os tempos».

«Frisamos, desde já, que o Espiritismo não afirma a existência do «sobrenatural», na acepção correta do têrmo. Ao contrário, esta doutrina, fundamentada em observações de ordem científica, só afirma o que está perfeitamente de acôrdo com as Leis Naturais. O Espiritismo sabe e prega, que nenhum fato se pode dar, fóra das leis eternas e imutáveis da Natureza». (A NOTÍCIA, citada, de 10 de dezembro de 1960, página 2, *passim.*)

Diante de tão clara evidência, a respeito da natureza científica do Espiritismo, o procedimento da Associação de Engenheiros de Volta Redonda, Estado do Rio, de que os nossos leitores irão ter conhecimento pela publicação, que vamos abaixo fazer, do ofício dirigido pela mesma Associação ao nosso confrade engenheiro Sylvio Lobo de S. Thiago e da resposta que lhe foi por êste dada, não se justifica e nem podem alegar, os signatários do mencionado ofício, que colidem conferências da natureza da que alí pronunciou o nosso confrade, com os estatutos da Associação em aprêço. O que há, evidentemente, é preconceito materialista contra a verdade científica da existência do Espírito que a todos os homens anima, inclusive, é claro, como diria o Conselheiro Acácio, aos próprios engenheiros de Volta Redonda, que obstinadamente o querem cientificamente negar, increpando de «religiosa», no estrito sentido sectarista, a conferência realizada pelo confrade Sylvio.

Perderam os ilustres dirigentes da Associação em aprêço uma boa ocasião de ficar calados, pois o ofício que dirigiram ao nosso confrade os inquina de preconceituosos e parcialíssimos, qualidades que se não coadunam com as de um verdadeiro homem de ciência.

—

Compensando-nos da atitude assumida pela A.E.V.R., que nos entristece, não por nós mas por êsses nossos irmãos que recalcitram contra os aguilhões da verdade científica, grato nos é noticiar que a 16 de dezembro último realizou-se, na Organização Espírita «Francisco de Paula», do Rio de Janeiro, uma festa gratulatória, na qual centenas de professorandas da Escola Normal «Carmela Dutra» e do Instituto de Educação, militantes espíritas, elevaram seus humildes votos ao Criador para que lhes seja dado, no exercício de sua missão social de educadoras, firmar nas consciências o princípio fundamental da existência de Deus e da moralizadora crença na imortalidade da alma.

—

ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS
DE VOLTA REDONDA
Caixa postal, 33
Volta Redonda

AEVR/168/60

Volta Redonda, 8 de novembro de 1960

Ilmo. Sr.
Eng.º Sylvio Lobo S. Thiago
Rua Grajaú 27 — Grajaú
RIO DE JANEIRO — EG

Prezado Sr.

A Diretoria da A.E.V.R. vem trazer ao vosso conhecimento a deliberação tomada pelo Conselho Deliberativo, reunido em 17/9/60, a respeito da Conferência por vós realizada em 26 de Agôsto de 1960 na Escola Técnica Pandiá Calógeras.

De acôrdo com os Estatutos da A.E.V.R. artigo 51.º «É vedada à Associação qualquer atividade de caráter Político ou Religioso», consideramos que o tema desenvolvido de vossa Conferência contraria as disposições estatutárias desta A.E.V.R.

Desejamos esclarecer que não nos movem paixões de qualquer espécie e muito menos intolerância, seja a que título fôr ; apenas para salvaguarda de nossa unidade de classe, nos abstemos de modo absoluto, obedientes à letra e espírito dos Estatutos, à qualquer atividade estranha à profissão, deixando ampla liberdade aos associados, fora do âmbito desta agremiação, a professarem ou praticarem o que lhes fôr de seu agrado.

Quando o Sr. João Batista S. Tiago solicitou à A.E.V.R. o patrocínio de vossa conferência, deixou claro que se tratava de tema científico, com o que concordamos.

Com a realização da mesma, verificamos que em muitas ocasiões prevaleceram de modo relevante, pontos de vista religiosos e mesmo doutrinários, o que fére frontalmente o disposto no artigo 51. Não desejamos em absoluto desmerecer, criticar, discutir ou julgar os referidos pontos e muito menos as convicções ou méritos do conferencista ; apenas nos limitamos ao cumprimento dos artigos do Estatuto, o que evita disputas estéreis e quasi sempre motivos de desagregação da classe.

Desta forma, com o devido respeito e encarecendo a vossa compreensão, pedimos que : a A. E. V. R. não seja citada como local ou patrocinadora da conferência sob o tema «A Ciência e o Espírito», em vossas citações ou futuras conferências.

Aproveitamos a oportunidade para reafirmar nossos respeitos às convicções do prezado colega, e apresentamos

Atenciosas Saudações

Mauro Mariano da Silva

Presidente

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1960

À Associação de Engenheiros de Volta Redonda

Acuso o recebimento do ofício AEVR/168/60, dessa Associação de ilustres colegas, pelo qual venho congratular-me pela maneira franca e, quero crer sincera por que o fez, sem preconceitos escusos, procurando, tão sòmente, salvaguardar, como afirma, a sua unidade de classe, em obediência à letra e espírito dos seus Estatutos ; em segundo lugar, e êste é o objetivo principal desta carta, esclarecer que o Snr. João Batista S. Thiago C. Pereira, traduziu fielmente o meu pensamento, quando afirmou que tratava de um tema científico.

Penso, entretanto, ter êle declinado a minha condição de espírita praticante, o que aproveito, nesta oportunidade, para confirmar.

E' natural, a meu ver, que, sendo eu Espírita e falando sôbre o Espírito, o fizesse à luz do Espiritismo, não tendo eu, entretanto, o menor receio de afirmar não ter saído fora da condição de ser o tema abordado, um tema científico, uma vez que, sendo o Espiritismo uma religião, pois que nos liga a Deus por seus princípios doutrinários e filosóficos, é também *Ciência,* pois que trata do conhecimento exato e raciocinado de tudo que constitue o Universo, procurando descobrir e classificar as leis que regem todos os fenômenos materiais e espirituais.

Não abordei, própriamente, êste aspecto da questão, porque achei que deveria, em primeiro lugar tratar do ponto basilar : a existência do Espírito e a necessidade, agora premente, da sua evolução moral. E os sinais disto, aí estão, na insatisfação em que todos vivem e nos acontecimentos que se sucedem em todos os recantos do mundo.

Procurei, entretanto, levar ao conhecimento dos ilustres colegas, a opinião de grandes personalidades em todo o mundo, emitidas em diferentes épocas e que se convenceram do que afirmou o codificador do Espiritismo, Allan Kardec :

«O Espiritismo será científico ou não subsistirá». Foi por êsse motivo que o extraordinário William Crookes não descançou enquanto não conseguiu *provas* da existência do Espírito relatadas em sua obra «Fatos Espíritas», tradução de Oscar D'Argonnel, 5.ª ed. — Livraria da Federação Espírita Brasileira, onde êle conclue, textualmente:

«Rejeitar a evidência dêssas manifestações, equivale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que seja, pois não há fato, na história sagrada ou na profana, que se apoie sôbre provas mais decisivas».

Da mesma maneira procederam diversos outros sábios, entre êles:

a) *Alfredo Russel Wallace*, que concluiu: «O Espiritismo está tão bem demonstrado quanto a lei da gravitação.»

b) *Cezar Lombroso*, que teve a coragem moral de confessar: «Sinto-me pesaroso de ter combatido com tanta insistência a possibilidade dos fatos espíritas, digo fatos, porque ainda fico exposto a teoria.»

c) *Richard Hodgson*: «Há doze anos que estudo a mediunidade da Sra. Piper. No começo só queria descobrir nela a fraude e o embuste. Entrei em sua casa profundamente materialista, com o intuito de desmascará-la; hoje, digo simplesmente: Eu creio! A demonstração me foi feita de modo a afastar a possibilidade da menor dúvida.»

d) *Charles Richet*, que externou em carta dirigida a Ernesto Bozzano (vide «Silva Melo e seus Mistérios» de Sergio Vale): «E agora abro-me a você de modo absolutamente confidencial. O que supunha, é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop, Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre lí com religiosa atenção. Elas contrastam, extranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência. Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos da simpatia e da gratidão.»

Poderíamos citar ainda a opinião de muitos outros sábios, como Zoellner, Flammarion, Schiaparelli, Oliver Lodge, Ochorowicz, Aksakof, Carl du Prel, etc., mas para não alongar mais e estando certo de que os ilustres colegas irão verificar a veracidade do transcrito em minha carta do que afirmaram insignes cientistas, termino citando as seguintes palavras de Laplace, inseridas em seu «Ensaio filosófico sôbre as probabilidades»:

«Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da natureza e suas diversas maneiras de atuar, que não seria filosófico negar os fenômenos, ùnicamente porque são inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos. Mas devemos examiná-los com uma atenção mais escrupulosa, quanto mais difícil pareça admití-los.»

Quanto ao pedido que me foi feito de que não seja citada essa Associação como local ou patrocinadora de minha conferência sob o tema «A ciência e o Espírito», em minhas citações ou futuras conferências, atenderei com grande pezar, embora alimente a esperança da modificação dessa atitude, que compreendo e, mesmo julgo sincera enquanto não se basear no exame criterioso, do assunto em foco, o que espero seja feito muito em breve, para a felicidade dos colegas que militam nessa agremiação.

Agradeço sensibilizado a franqueza usada, pois deu-me ela o ensejo dêstes esclarecimentos e apresento, da mesma forma, minhas

Cordiais Saudações

Sylvio Lobo de S. Thiago

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ITALO FERREIRA

(Redator de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo»)

A 22 de dezembro de 1960, retornou ao Mundo Espiritual o nosso prestimoso colaborador Italo Ferreira. Há quase dois anos foi êle atingido por pertinaz enfermidade que desafiou todos os recursos médicos e, na citada data abandonou o corpo material.

Italo Ferreira nasceu em Rio Claro a 3 de Julho de 1891, filho de Francisco Ferreira e de D. Conceição dos Santos Ferreira, já falecidos, ambos espíritas, velhos companheiros de ideal desde o início da propaganda do Espiritismo em Matão. Mocinho, foi o primeiro auxiliar na farmácia do nosso saudoso Cairbar, a quem prestou, por longos anos, seus serviços, tanto na farmácia como na tipografia de «O Clarim».

Tempos depois, ingressou na política, onde teve destacada atuação, tendo exercido o cargo de Secretário da Prefeitura, e, posteriormente, no tempo da interventoria, o cargo de Prefeito Municipal, em cuja gestão prestou relevantes serviços ao município.

O seu passamento causou grande consternação em tôda a cidade, onde êle era grandemente estimado. Desde logo, avultado número de pessoas acorreu à sua residência. E logo depois, pessoas amigas de cidade circunvizinhas chegavam para prestar-lhe as suas últimas provas de amizade. A Prefeitura Municipal, em sinal de pesar, hasteou as Bandeiras brasileira e paulista.

Foi sua esposa D. Trindade Conceição Ferreira, que, vitimada por pertinaz moléstia, desencarnou em 8 de abril de 1959, fato êsse que profundamente abalou o nosso companheiro Italo.

Do seu consórcio ficou uma filha solteira, Professôra de Canto Orfeônico, Srta. Olga Ferreira, deixando ainda uma filha adotiva, Helena da Rosa Roberto, casada com o sr. Paulo Rodrigues da Costa.

ITALO FERREIRA
(FOTOGRAFIA TIRADA NO ANO DE 1931)

Italo Ferrreira deixou os seguintes irmãos : d. Madalena dos Santos, d. Maria Augusta dos Santos e o sr. Augusto Ferreira, Diretor do jornal «A Comarca», do qual foi fundador Italo

Ferreira, em 1925. Era também sua irmã, d. Candida Gonçalves, já falecida, que foi casada com o sr. José Maria Gonçalves. Deixou numerosos sobrinhos, entre eles: — Hugo Gonçalves, Diretor de «O Imortal» e do Lar «Marilia Barboza» de Cambé; — José e Clotilde da Cunha, Leonor da Cruz Jorge e Edo Mariani, elementos cooperadores da Mocidade Espírita Cairbar Schutel, desta cidade.

A ação de Italo Ferreira em benefício do nosso Centro e departamentos foi muito vantajosa. Por sua intervenção, a nossa Câmara pela Lei N.º 178, declarou de Utilidade Pública o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», isto em data de 3 de março de 1960. Junto a alguns Institutos obteve vantagens a favor do nosso Centro.

Italo Ferreira ingressou no Espiritismo, bem moço ainda. Quando fixou residência em São Carlos, entrou em contato com dois médiuns bem dotados, com os quais realizou por apreciável tempo sessões, sobretudo de fenômenos físicos.

Êsse nosso companheiro era dotado de coração magnânimo. Sempre socorria os necessitados que a êle apelavam, pondo em prática o preceito de Jesus: Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.

Dotado de apreciáveis conhecimentos das nossas Leis, era procurado para solver questões atinentes a terras e outras propriedades, e sempre foi bem sucedido, assim beneficiando os que a êle acorriam.

Quando José da Costa Filho, desencarnou, o convidámos a assumir o cargo de Redator das duas publicações, fundadas por Cairbar Schutel, convite que aceitou, sob a condição de ser gratuita a sua colaboração.

O claro deixado no seio dos seus familiares, no seio dos espíritas, e mui acentuadamente no seio de nossas publicações, é considerável, e dificilmente tão cedo, será êle preenchido.

Antes de sair o feretro de sua residência falou o nosso prezado irmão Orlando Bertachini, de Araraquara, que depois de lembrar as qualidades moraes do amigo devotado e trabalhador da Seára Espírita, elevou a Deus, sentida e fervorosa oração, pedindo que êle fôsse recebido pelos companheiros e amigos que o precederam na grande jornada sob as bençãos do Grande Amigo, Jesus.

O sepultamento de seu corpo deu-se às 17,30 horas, com grande acompanhamento. Ao ser baixado à sepultura, fez uso da palavra o Snr. Januário Groppa, Diretor da Caixa Econômica Estadual de Matão, que, em poucas mas sinceras palavras, falou sôbre a personalidade do desencarnado, exaltando seus exemplos de verdadeiro homem de Bem.

* * *

Caro Italo, de acordo com a Lei de causa e feito, você irá colher os frutos de sua dedicação aos seus semelhantes.

PRECEITOS

Utilize o corpo físico para recolher as bençãos da Vida Mais Alta, enquanto suas peças se ajustam harmoniosamente. O vaso que reteve essências sublimes ainda espalha perfume, depois de abandonado.

*

Benfeitor — é o que ajuda e passa.

Amigo—é o que ampara em silêncio.

Companheiro — é o que colabora sem constranger.

Renovador — é o que se renova para o bem.

Forte — é o que sabe esperar no trabalho pacífico.

Esclarecido — é o que se conhece.

Corajoso — é o que nada teme de si mesmo.

Defensor — é o que coopera sem perturbar.

Eficiente — é o que age em benefício de todos.

Vencedor — é o que vence a si mesmo.

André Luiz

O PODER DA ORAÇÃO

General Levino Cornélio Wischral

EM uma revista mexicana lemos algumas coisas interessantes que julgamos conveniente divulgar aqui. Apesar de não ser novidade, acreditamos que muitos desconhecem o assunto. Aquela revista comentava mais ou menos o seguinte :

Recentemente foi publicado nos Estados Unidos um livro intitulado «The Power of Prayer on Plants», isto é, «O Poder da Oração Sôbre as Plantas», escrito pelo Reverendo Franklin Loehr, que afirma ter demonstrado, sem nenhuma dúvida, que as preces positivas fazem crescer as plantas ràpidamente até alcançarem um tamanho bem maior que o normal. Por outro lado, êle também demonstrou que as orações negativas (projeções de pensamentos maus) podem retardar, impedir ou interromper seu crescimento normal.

Realizou milhares de experiências apresentando fotografias de diversas plantas que receberam os efeitos das orações. Preparou o Rev. Loehr uma barrica com terra, plantando sementes ; dividiu a sementeira ao meio. Durante quinze minutos, cada dia, um médium colocado a um metro e meio de distância da sementeira procurava provocar, mediante a fôrça do pensamento, o aceleramento do crescimento das sementes plantadas na metade da barrica que tais pensamentos deveriam receber. Para tal conseguir, o médium imaginava vê-las crescerem fortes, belas e robustas, e aquilo que imaginava acontecia efetivamente. O outro lado da barrica, o que recebia a projeção de pensamentos maus e destrutivos, não apresentava o crescimento de uma só semente ; tudo era morte e destruição...

Certo radiestesista nos mostrou, no jardim de sua casa, várias plantas cujas flôres eram muito mais belas que as da casa visinha. Indagado sôbre a causa dessa diferença, explicou que, segundo sua opinião, era devido ao carinho e ao amor com que eram olhadas diàriamente tôdas as flôres e plantas. Afirmava êle que as fazia «crescer» e «embelezar» com o seu bom olhar. Sabe-se que um mau olhar pode provocar doenças ou até morte em pessoas, animais, plantas e sementes.

Um outro investigador dêstes assuntos afirma que faz germinar ou brotar as sementes e depois as faz crescer com auxílio de boa música, desenvolvendo-as com extraordinária rapidez. As plantas são sensíveis e crescem melhor quando recebem estímulos externos. Êste investigador acredita que os bons resultados obtidos devem ser atribuidos às invisíveis ondas sonoras da música, que bombardeiam as paredes celulares das plantas, agitando os sensíveis protoplasmas e núcleos contidos nas células ; na sua opinião, essa agitação faz acelerar o crescimento das plantas.

Outro investigador, o dr. Miyamoto, de origem japonêsa, após inúmeras experiências, descobriu o porquê do crescimento acelerado das plantas durante a época das chuvas. Descobriu o dr. uma substância contida nas plantas, a que denominou «hormônio auxesena», que pode acelerar dez vêzes mais o crescimento normal das árvores, e êle afirma que, em um ano apenas, pôde criar um bosque que, de maneira normal, levaria para isso de oito a dez anos.

Além dos casos já mencionados, sabemos de um outro pesquisador que fez milhares de experiências provando cientificamente que a oração acompanhada de pensamentos bons, firmes, de vida, e amorosos, lançada sôbre uma cultura de micróbios (de difteria) conservava vivos todos os micróbios ; nenhum morria. Sôbre outra cultura de micróbios, da mesma qualidade, do mesmo número de componentes e em idênticas condições climatéricas, foram lançados pensamentos de ódio, destruição e de morte. Feito depois o devido cotêjo, foi notado o extraordinário e «misterioso» efeito dos pensamentos maus, verdadeiros «raios da morte», pois apenas um micróbio em cada dez conseguiu viver ; os nove restantes morreram. Enquanto os bons pensamentos os tornavam mais resistentes e com «melhor saúde», digamos assim, os pensamentos destrutivos os enfermavam até à morte.

Prezado confrade: seria interessante que cada um de nós efetuasse pessoalmente tais experiências pois, no íntimo, continuamos a ser ainda como o velho São Tomé.

De posse desta amostrinha de quanto pode nosso pensamento, desejaríamos que todos empregassem sempre o poder da prece ou os bons pensamentos para beneficiar a humanidade. Estejamos certos de que a maneira de pensar de cada criatura fará sua felicidade ou sua desgraça, seu bom êxito ou seu mau destino. Bons pensamentos darnos-ão uma vida sem padecimentos, cheia de paz e saúde. Maus pensamentos dar-nos-ão uma vida cheia de tormentos e enfermidades. As lamentações e as constantes queixas atráem, infalìvelmente, o objetivo constantemente visado ou seja o objetivo de nossas repulsas. Esquecer sempre e sempre o mal, é o ideal.

Para finalizar desejamos deixar dito que o melhor é vivermos sempre em clima de otimismo, de alegria e de paz, mesmo que as coisas em derredor estejam más e prêtas.

Digamos sempre, confiantes e com muita fé: «Sou sadio, feliz e vitorioso!» Assim dizendo, virá em nosso socorro a mão invisível de Deus para amparar-nos e proteger, afastando de nós doenças, preocupações e amarguras.

Ajuda-te, que os Céus te ajudarão mais ainda!

Diários de Leopoldo Machado

Dia 23/6/38

Despertamos às sete horas. Abluções. Pús-me a escrever meu diário até a hora do café. Dois carros, do Oscar Coelho e do Laudemiro, com as filhinhas do último, fomos a algumas visitas. Primeiro, ao Asilo Bom Pastor, um prédio enorme, feito por um católico, num ponto admirável, onde se abrigam algumas raparigas que tropeçaram na vida. Visitamos o prédio por fora. Fomos, depois, ao Instituto João Pinheiro. Obra admirável de humanismo e nacionalismo. Dr. Áureo Renauldt, seu diretor, mostrou-nos o que de mais signifitivo havia: os pavilhões, as oficinas, a horta, a secretaria, o arquívo, o teatro. Prometi enviar-lhe o meu «Teatro Espiritualista» e recebi dêle alguns números do jornalzinho mimeografado do Institituto, feito pelos alunos. O Instituto João Pinheiro é um estabelecimento de ensino que honra um povo, uma nacionalidade. A seguir, visitámos o aviário, seu anexo, onde se amontoam espécimens de aves destinadas à Exposição Pecuária que se organiza no Estado. Muito aprendemos, embora o adiantado da hora, pois que era já meio dia. Almôço, café com o Ennes. Continuamos, depois, com o Laudemiro, as visitas: Escola Modêlo de Agricultura, Cícero Pereira depois, com quem ficamos até a hora do jantar da pensão. Mau jantar, falta de apetite talvez em conseqüência disto. Com o Ennes, no café Paládio, até a hora da conferência. Menos gente, talvez por ser véspera de S. João. Abordei «O Espiritismo visto à distância e de perto.» A assistência empolgou-se. Uma hora e cincoenta minutos de falação. Chico Xavier, presente, recebeu as duas mensagens abaixo, em belas poesias, de João de Deus e Casimiro Cunha.

Eterna Mensagem

Ainda e sempre, o Evangelho do Senhor
É o mensageiro eterno da Verdade.
Senda de Paz e de Felicidade
Na luz das luzes do Consolador!

Nos caminhos da Lágrima e da Dor,
Ante os desfiladeiros da Impiedade,
Não sabe o coração da Humanidade
Beber dessa água límpida do Amor.

Mas, os túmulos falam pela estrada,
Em tôda a parte, fulge uma alvorada
Que ao roteiro do Céu nos reconduz:

O Evangelho, na luz do Espiritismo,
É a escada de Jacob, vencendo o abismo,
Trazendo ao mundo o verbo de Jesus!

João de Deus

Aos companheiros de Doutrina

Examinada de perto,
À luz da nossa doutrina
É sempre a lição que ensina
A paz do caminho certo.

Necessário é discernir
A mistura, a ganga, o véu.
Muita vez a água do céu
Torna-se lama ao cair.

O mal vem de ouvidos moucos,
Ou de olhos enevoados.
Há sempre muitos chamados.
Escolhidos ? Muito poucos.

Verdade é que o coração
Que abraça a nossa doutrina,
Penetra numa oficina
De esforços, de luta e ação.

Já não deve andar a esmo
Nas estradas da ilusão,
Mas buscando a Perfeição,
Na perfeição de si mesmo.

Por isso a nossa divisa
É Oração e Vigilância
No Bem que é a substância
Da crença que realiza.

No Evangelho de Jesus,
Feliz quem pode guardar
A fôrça de realizar
Os grandes feitos de luz.

E que em vosso coração,
Vivais o labor profundo
DAquêle que é luz do Mundo,
É o meu desejo de irmão.

Casimiro Cunha

Li, em voz alta, as duas belas poesias, demorando-me, um pouco, a analizar, no sonêto, o verso : «que ao roteiro do Céu nos reconduz» e, nas quadras, «muita vez a água do Céu, torna-se lama ao cair», análises que quasi me levaram à outra conferência.

Eugênio Monteiro justifica a razão por que colocou meu nome no Instituto, considerando minha ação na Doutrina. Programação para o dia seguinte, feita a prece de encerramento por Marília, saímos para o café do Ennes, depois de efusivos abraços de despedida. Chá com o Ennes, Alcides, Laudemiro, filha e noivo e a senhora Euclides. Chegámos à pensão, de auto, à meia noite.

Dia 24/6/38

Levantamo-nos às sete e trinta. Depois do café, para o Paládio. Antes do almôço, a visita do dr. Aristóteles Fonseca e senhora. Terminado o almôço, dr. Lopes Rodrigues, inesperadamente, procura-me para «matar saudades de nossa mocidade.» Relembramos, também, minhas polêmicas com dr. José de Albuquerque e conversamos coisas do Espiritismo. Às quatorze horas, visita ao Educandário Leopoldo Machado. Emocionadíssimo, ouvi o hino do Instituto cantado pelos alunos, homenageando-me. Palestrei uma hora com êles, proferindo Marília a prece de encerramento. Visita ao Cícero a quem encontramos de cama. Depois do jantar, festa soberba da União (trigésimo aniversário). Salão superlotado. Homenagem a mim e à fundação da Bolsa Escolar.

A primeira parte constou da «Ave Maria» de Schubert, canto e piano, pelas senhorinhas Eugênia Brecher e Maria Gagliarte, iniciando a reunião, depois de minha prece. Discurso de aniversário, por Leonardo Beaumgratz, vice-presidente, na presidência, empossando a nova diretoria. *Aleluia,* de Mozart, música e canto pelas mesmas vozes. Oscar Coelho dos Santos, discursa pela diretoria empossada. «Canção Triste», piano e violão, por Eugênia Brecher e José Viana.

A segunda parte constou da inauguração da Bolsa Escolar, em minha homenagem. Discursou Eugênio Carlos Monteiro. D. Zulmira Rabelo, a professôra, fez-me o discurso de saudação. Benilde Fortuna Leite falou pelo corpo discente, inaugurando o meu retrato. Comovi-me às lágrimas, profundamente abalado. Agradeci, com o coração, salientando o serviço de educação das crianças. Uma hora de discurso. Senti que agradei. Declamações das crianças. O menino Osório de Morais Filho inaugurou a Bolsa Escolar.

Chico Xavier recebe, então, o sonêto seguinte, de João de Deus.

Distribuia o Mestre os dons divinos
Da luz de seu espírito sem jaça ;
E exclama, enquanto a turba observa e
[passa :
Oh! Deixai vir a mim os pequeninos !...

É que na alma sincera dos meninos
Há uma luz de ternura, amor e graça,
De que o Senhor da Paz quer que se faça
O sol da nova estrêla dos destinos.

Vós que tendes a fé que ama e consola
Fazei do vosso lar a grande escola
De justiça, de amor e de humildade!

As conqaistas morais são tôda a glória
Que a alma busca na vida transitória
Pelos caminhos da Imortalidade!

Prece de Marília, linda e sentidíssima, arrancando muitas lágrimas. Chá no Paládio. Chegámos às doze horas, à pensão.

Carta do Além

Tendo desencarnado à 24 de agôsto do ano passado, no desastre do Rio Turvo, quando demandava de São José do Rio Preto à Barretos, em companhia de mais cincoenta e oito colegas, o Espírito de William José Gagliardi, do Além remete profunda e maravilhosa missiva à sua mãe, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Rogamos a Jesus que ilumine cada vez mais êste Espírito e que possamos nós todos tirar de sua missiva o máximo de ensinamentos.

Eis a Mensagem:

«Querida mamãe, peço ao seu carinho me abençõe.

Estou presente, rogando à senhora me ajude com sua paciência. Tenho sofrido mais com as lágrimas da senhora do que mesmo com a libertação do corpo... Isso mamãe, porque a sua dor me prende à recordação de tudo que sucedeu e quando a senhora começa a perguntar como teria sido o desastre, no silêncio do seu desespêro, sinto-me de novo na asfixia.

Tenhamos calma e resignação. O que passou foi a Lei a cumprir-se. Pode crer que nossas reuniões e preces funcionaram. Quando vi que nós todos afundávamos no rio sem esperança na Terra, apareceu em mim a esperança da grande vida e entreguei-me à vontade de Deus, conformado.

Notei que companheiros agarravam como a me pedirem socorro para voltar à tona, no entanto mamãe, embora não pudesse falar, eu pensava... pensava que Deus não dá pedras aos filhos que pedem pão, que a Providência Divina só faz o bem... recordei as conversações do papai e o carinho da senhora e fiz, no fundo da alma, a prece derradeira no corpo... Não havia tempo para chorar. Senti-me sufocado, mas pouco a pouco, notei que mãos amigas me davam passes, de leve dormi.

Não tenho noção do acidente como desejaria, mas estou informado de que saberei tudo quando estiver mais sereno. Asseguro, porém, que ninguém teve culpa. Nem nosso motorista amigo, nem nosso Genésio, mamãe, nada fizeram para que pudesse provocar a situação.

Foi a dívida do passado que surgiu na máquina em movimento. Mais tarde conversaremos nisso. Ainda tenho a cabeça dolorida e só venho até aqui, trazido pelo sr. Schutel, que me acolheu, para rogar à senhora calma e oração.

Pelo amor de Deus, mãezinha, não chore mais e nem pense que será melhor morrer para encontrarnos. Estaremos juntos no serviço da nossa fé. É preciso reconhecer isso, Osmir, Beni e Marlene ao lado de papai precisam muito do seu carinnho na Terra. E eu não estarei longe.

Tudo o que a senhora puder fazer para auxiliar os meninos necessitados, faça com amor e devotamento. Ajude, mamãe, a compreensão de todos os nossos amigos em Rio Preto. Se eu puder pedir alguma coisa rogo para que o nosso motorista seja desculpado. Tenho visto alguns dos meus companheiros e todos os que tenho visto rogam a mesma coisa. Vamos todos orar pedindo a Deus compreensão e coragem. Senhor Schutel, vovó Mariquinha e D. Mariquinha Perche, estão me ajudando, pois ainda estou assim como um doente precisando recuperar-se. Estou bem, sòmente aflito com sua aflição. Peço à senhora agradecer às nossas bondosas amigas D. Clementina Carlito e tia Dulce Zacarias as orações com que tanto me confortaram.

Hoje não posso mais escrever. O Senhor Schutel pede para eu encerrar esta carta que êle me auxiliou a escrever. Para a senhora, mamãe, para o querido papai e todos os nossos, o coração carinhoso e reconhecido do seu filho que lhe pede paz e confiança em Deus.

Willian

(A mensagem acima nos foi enviada pela sra. Clara Pechmann, de Araraquara, solicitando-nos a sua publicação, o que fazemos com grande satisfação, visto como em referida mensagem aparecem os nomes dos nossos queridos companheiros de ideal, Cairbar Schutel e Mariquinha Perche que a êle prestaram seu auxílio).

Crônica Estrangeira

UM CASO DE REENCARNAÇÃO

De «La Revue Spirite»

«Conservadora da Bibliotéca pública e dos arquívos, presidente da Comissão dos Monumentos da História da Índia Francêsa, presidente da Comissão dos Monumentos Históricos, membro correspondente da Escola Francêsa do Extremo-Oriente, autora de obras apreciadas pois que ela é laureada da Academia Francêsa, Mme. Yvonne-Robert Gaebelé assume em Pondichory um pesado encargo. Somos felizes em, de novo, felicitá-la respeitosamente.

É a esta cara amiga de «La Revue Spirite», à qual ela está ligada há mais de trinta anos, que somos devedores dêste relato. Êle segue-se a outros fatos aqui mesmo apresentados por Mme. Yvonne-Robert Gaebelé, fatos que não poderíamos olvidar.»

«Tenho como conservador adjunto, M. S. Mourougassigamany. Casado há mais de vinte anos, êste senhor e sua mulher não se conformam com a falta de filhos.

Tornando-se a vida cada vez mais cara, há algum tempo, o meu adjunto e sua mulher resolveram alugar o andar-térreo de sua casa, reservando para si a outra parte.

Foi então que o sr. Aroumougam e sua espôsa, êle superintendente do escritório de finanças, chegaram da Índia Indiana com sua filhinha Mallika, de quatro anos de idade, e se instalaram no andar-térreo da casa, de que se falou mais acima.

Logo que chegaram, a pequena Mallika que, ao chegar ainda não completara quatro anos, tendo nascida a 4 de dezembro de 1955, se entusiasmou com o sr. Mourougassigamany e sua senhora Nilaydachi. A tôda hora do dia ela subia a escada e ia, e dizia—*ajudar o trabalho!*

No primeiro andar, sôbre um divan e poltronas, havia almofadas envolvidas em capas bordadas a côres pela irmã mais nova da snra. Nilayadchi falecida dez anos antes e solteira.

A primeira vez que a pequenina Mallika subiu a escada, foi vista parar bruscamente, e apontando o seu pequeno indicador para as almofadas, ela disse: «*Mas sou eu que fiz isso!*» Quando lhe foi dito que era uma senhora morta há mais de dez anos, que as fez, ela sacudiu a cabeça e disse: «*Fui eu!*»

Um dia o casal Mourogassigamany foi a Vellore visitar sua família e levaram Mallika. Chegados na sala de recepção, onde se achavam as fotografias ampliadas do pai e da mãe da snra. Nilayadchi, a pequena que tudo olhava em seu derredor, se aproximou dos retratos ampliados, dizendo: «*Eis aqui meu pai e eis aqui minha mãe!*»

Sôbre uma foto que representava um grupo familiar, ela disse: «*Eis aqui o meu irmão.*» e acrescentou: «*Mas êle nunca está em casa.*» A informação era verdadeira, pois seu irmão era agricultor e morava em sua propriedade agrícola.

A snra. Nilayadachi, com quem a pequena Mallika passa todo o dia, está estupefata à frente de uma série de fatos: gestos, maneira de banhar-se, jeito de preparar as coisas culinárias à moda indu, tudo exato, conforme a snra. Nilayadachi se recorda ter sido próprio de sua falecida irmã.»

UMA CASA ASSOMBRADA EM ATHENAS

De «La Revue Spirite»

Nós reproduzimos de «Uamini e Idea», o relato de um caso de infestação que confirma especialmente sob a assinatura do nosso eminente colaborador M. P. Yotopoulos, o atestado abaixo:

Athenas, 14 de abril de 1959

Nós subscrevemos o que segue. Antes colhidos por jornais diários de Athenas. Numa casa desta cidade, à rua Dymis, número 4 e habitada pela família Apostolos Vlasseros, ocorreu fenômenos de *telequinésia* e golpes vibrados sôbre uma grande mesa, e nós fomos ver essa casa.

M. Vlasseros nos confirmou a existência dos fatos: era a 13 de dezembro de 1958 e os fenômenos começaram cinco semanas antes. A snra. Efi Béni, que é médium não profissional, escritora e clarividente, começou a escrever mediùnicamente. Poucos minutos depois, ela deu uma comunicação vinda do avô maternal da mulher de Vlasseros. O espírito afirmou estava muito embaraçado porque suas últimas vontades referentes à distribuição de sua sucessão não foram executadas. Era preciso convocar um conselho de família afim de reparar as injustiças cometidas. A família Vlasseros confirma a exatidão dêsses fatos. Cumpre dizer que durante essa comunicação o médium se queixava de sentir fortes dôres na cabeça. M. Vlasseros nos informa que o falecido morrera em conseqüência de um ferimento na cabeça, conseqüente a um tombo. O médium fez uma descrição exata da pessoa do morto. No fim do mês de fevereiro a família Vlasseros nos informou que todo o barulho terminara, depois dessa comunicação. Atestado presente que assinamos:

P. Yotopoulos, ex-professor de Direito Penal na Universidade de Athenas.

Isaias, Advogado na Côrte de Cassação de Athenas; vice-presidente da Sociedade mencionada.

Efi Béni, membro do Comité da mesma Sociedade.

A. Platon, Químico, membro da mesma Sociedade.

A essência da Vida na sua origem e finalidade é idêntica para tôda a divina escala da Criação — desde o verme ao selvagem; desde o selvagem ao sábio; desde o sábio ao santo; desde o grão de areia à estrêla mais longínqua e cintilante. A Fraternidade ultrapassa, assim, tôda a Humanidade para abraçar todo o Cosmos, todos os Universos.

DR. ANTONIO J. FREIRE

Espiritismo no Brasil

Homenagem a
ITALO FERREIRA

Como simples mas sincera homenagem a êste nosso grande amigo e companheiro de trabalho, que passou para o além, deixámos que o seu nome ainda figurasse como redator desta Revista, nesta edição.

EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA

Da Associação Espírita «André Luiz» de Andradina, recebemos e abaixo passamos a publicar, a seguinte circular :

«Ilmos. Srs. Diretores de «Revista Internacional do Espíritismo».

Em defesa da Escola Pública, a Associação Espírita André Luiz, contando com a participação e o apôio de outras Instituições Espíritas desta localidade, tais como : Lar Espírita Euzébio de Oliveira Brandão, Mocidade Espírita de Andradina, Centro Espírita Alvorada de Uma Nova Era, Centro Espírita Amor Eterno, fez realizar dia 20 de novembro último, uma conferência na palavra do professor Heitor Cardoso, afim de estudar o substitutivo do snr. Carlos Lacerda, referente ao ensino no País, apresentado e aprovado na Câmara Federal e em tramitação pelo Senado da República.

Depois de examinar atentamente, a situação atual do Ensino e da Política Educacional no Brasil e considerar não só lesivo como também anti-democrático à Educação Brasileira, o referido substitutivo, serão as seguintes as medidas a serem tomadas pelos Espíritas de Andradina :

a) — Manifestar ao Senado a esperança de que se rejeite tão nefasta propositura, dando à Câmara Federal, oportunidade de reexaminar sua posição, atualmente comprometedora, em face do Ensino no País.

b) — Apelar aos partidários políticos, à S. Excia. o Sr. Presidente da República e às Bancadas Paulistas que se fazem representar na Câmara e no Senado Federal, para que tomem posição enérgica em Defesa da Escola Pública, como único meio possível, de preservarmos o nosso patrimônio Educacional e de libertarmos o povo do analfabetismo, da ignorância e da miséria.

Tem a presente, a finalidade única e exclusiva de convocá-los para manifestações idêndicas, afim de que unidos possamos assegurar um futuro mais brilhante e Democrático ao nosso querido Brasil, «Coração do Mundo — Pátria do Evangelho».

* * *

DO PROGRAMA DE JÂNIO

Conforme se pode ler em «O Globo», edição de 1 de Outubro de 1960, página 15, foram estas as respostas dadas pelo Sr. Dr. Jânio Quadros, por escrito, às perguntas que lhe foram feitas pela Confederação Evangélica do Brasil, às vésperas da eleição que o elevou à presidência da República :

«Garantirei a liberdade de culto e de consciência, tal como o determina a Constituição Brasileira.»

«Não sou, em tese, contrário a que o Estado subvencione os cultos religiosos, desde que não distinga entre êstes, favorecendo a uns em detrimento dos demais. Nem creio que o dispositivo constitucional, que estabelece a separação entre a Igreja e o Estado, proiba normas administrativas como a que atrás expressei.»

«Sou rigorosamente contrário à exclusividade ou a privilégios de credos religioso no exercício das capelanias, assistência a menores, tribos indígenas, ensino primário, secundário, normal, profissional ou superior e obras de assistência social. O Estado não pode admitir monopólios nem manifestar preferências neste campo.»

«Não concebo sequer a idéia de que minorias religiosas se vejam constrangidas a comparecer a cerimônias de outros credos.»

«Entendo que as cerimônias cívicas

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, assinantes, colaboradores e auxiliares, um Ano Novo cheio de prosperidades espirituais, muita paz e saúde.

1-1-1961

de caráter público, programadas pelo Govêrno, só se beneficiam e se abrilhantam com o comparecimento de representante de quaisquer confissões religiosas».

«Espero que Deus Todo-Poderoso, se eu atingir a Presidência da República, me inspire no estabelecimento, entre nós, da verdadeira justiça social e no zelo pelo Erário Público, patrimônio de nossa comunidade.»

Os espiritistas brasileiros, também de pensamentos voltados para Deus Todo-Poderoso, esperamos que o Sr. Jânio Quadros possa cumprir êsses pontos do seu Programa de Govêrno, a fim de que a evolução social que se vem processando em todo o Planêta, com sangue e lágrimas, aqui se realize à sombra do Evangelho, sob as bençãos de Jesus-Cristo.

Que o Congresso, as Fôrças Armadas, a Imprensa e o povo colaboremos com o Presidente na consecução da harmonia, do entendimento e da paz entre os que vivem nas terras do Brasil, com êle nos solidarizando na defesa das liberdades e dos direitos constitucionais, e que S. Excia. releia o que determina o item II do artigo 31 da Constituição em vigor.

(De «Reformador», de Novembro de 1960).

NATAL DOS POBRES

Como nos anos anteriores, no dia 24 de dezembro último, das 14 às 17 horas, foi realizada, nesta cidade, a distribuição de gêneros e roupas aos necessitados, na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza.»

Foi iniciada a festa fazendo uso da palavra a confreira Zélia S. Perche que, em rápida alocução, explicou como, apesar das dificuldades, com a cooperação de muitos corações generosos, conseguimos realizar mais um Natal para suprir, de bôa vontade, os necessitados que ali se achavam. Falou em seguida o nosso companheiro A. Watson Campêlo, lembrando a figura inesquecível de Cairbar Schutel, sempre pronto a servir, de quem seguíamos o exemplo, realizando o Natal dos Pobres.

Recitaram poesias alusivas à data as meninas Diva de Jesus e Maria Antonia Praxedes, que na companhia de seu querido progenitor, João Antonio Praxedes, de Ribeirão Preto, estavam em visita de fraternidade aos espíritas de Matão.

Usou ainda da palavra, ràpidamente, o irmão Praxedes, saudando todos os presentes.

Foram atendidas 160 famílias, de preferência as crianças, e os velhinhos,

O NOSSO APÊLO AOS ASSINANTES EM DÉBITO

Dirigimo-nos aos nossos assinantes em débito, residentes em lugares não visitados por nossos Representantes, o grande favor de nos enviarem as importâncias atrasadas de assinaturas desta Revista, pelo Correio sob registro com Valor Declarado, cheques contra Bancos ou Vales Postais. No caso da presença de Representantes locais, pedimos aos mesmos se dirigirem a êles para solverem seus débitos.

Grandes são as nossas dificuldades na manutenção da Revista, fato que nos força a apelar aos assinantes em débito para que nos ajudem a manter êste órgão de propaganda espírita por meio da anulação de seus débitos.

Menos árdua será a nossa tarefa se cada confrade em débito satisfizer seus compromissos.

com roupas e fazendas, sendo que as mais necessitadas receberam também gêneros alimentícios.

A todos foi feita distribuição de sanduiches, pelas senhoritas cooperadoras da comissão do Natal dos Pobres.

E assim graças a Deus e a tôdas as pessôas de boa vontade que contribuiram com seu óbulo fraterno, vimos coroado de êxito o Natal dos Pobres de 1960 realizado pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza.»

* * *

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 3 de Dezembro de 1960

À hora regimental e com a presença de número legal de Conselheiros, profère o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Lida a ATA de Novembro, é aprovada pelo Conselho. Não havendo expediente, o Presidente informa sôbre assuntos de ordem geral e doutrinários, noticiando ter a FEB autorizado a irradiação, por uma estação de televisão, da obra de Emmanuel, «Há dois mil anos...»

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino informa o cancelamento, pela Federação Catarinense, da filiação de determinado centro espírita, por motivos de ordem doutrinária, informando ainda sôbre a intensa obra de propaganda espírita em todo o Estado.

PARAÍBA — A Federação da Paraíba, por seu representante, comunica que não realizará a Quinta Confraternização de Juventudes Espíritas do Norte e Nordeste do Brasil, substituindo-a por um curso intensivo de evangelização.

SÃO PAULO — Em longa e minuciosa exposição, o representante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, Dr. Luiz Monteiro de Barros, tratou de casos relacionados com o desenvolvimento vertiginoso que o Espiritismo vem tendo em S. Paulo, relatando ainda providências que a USE pretende tomar, a fim de evitar que confrades pouco esclarecidos, com suas atitudes apressadas, venham perturbar a boa marcha do movimento e mesmo nêle introduzir novidades que acarretem prejuizos ao bom nome de que sempre gozou o Espiritismo. Pede o representante de São Paulo que possa a USE agir na harmonização de certa sociedade, que ainda não se sintonizou perfeitamente com as finalidades do Pacto Áureo.

Apreciados pelo Conselho e vivamente comentados, foram ambos os trabalhos unânimemente aprovados, assim como concedida a solicitação.

Às dezessete horas, é feita a prece final pelo representante da Federação do Espírito Santo, após a qual, foi encerrada a reunião.

* * *

SESSÃO COMEMORATIVA DO NATAL DE JESUS

Sábado dia 24 de Dezembro às 20 horas, a reunião que se realiza semanalmente, foi dedicada ao Natal de Jesus, no Centro Espírita «Amantes da Pobreza.»

Abriu a sessão com uma prece a irmã Zélia S. Perche. Em seguida leu um trabalho sôbre a data o nosso irmão Watson Campêlo, seguido de Zélia S. Perche, que leu uma mensagem de Emmanuel.

Tomou depois a palavra o irmão João Antonio Praxedes, de Ribeirão Preto, sôbre tema evangélico que muito agradou a todos.

Em seguida recitaram poesias as meninas—Maria Antonia e Diva de Jesus Praxedes, assim como as aplicadas alunas da Aula de Moral Cristã — do Grêmio «Marta Cunha» : Abigail Cruz, Flávia Tereza Urban e Cleonice Urban.

Com uma prece de agradecimento foi encerrada a sessão.

Não vos preocupeis com as procelas. Prossegui no trabalho com humildade e paciência, tendo por bússola as recomendações de Jesus.

MARIQUINHAS

INDICE

Das matérias contidas no 36.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1960 a Janeiro de 1961)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1960

		Pág.
Mais uma etapa percorrida	*Redação*	1
Doutrina cruel	*Mário Cavalcanti de Mello*	2
O mito do perdão	*Arnaldo S. Thiago*	7
Morselli e seu papel de pioneiro no campo da psicologia espírita	*Irmão Saulo*	8
Pluralidade dos mundos habitados . .	*Redação*	9
O letargista dos palcos	*V. O. Casella*	10
Por quem é combatido o Espiritismo . .	*Dr. Carlos Imbassahy*	12
Carta a Henrique Rodrigues	*Luiz Caramaschi*	13
Fatos, não palavras	*Aleixo Victor Magaldi*	19
O homem com seu relativismo . . .	*v. lirenedo*	20
Não podemos calar !	*Mac Maynard*	22
Crônica Estrangeira	*Redação*	23
Espiritismo no Brasil	«	25

N.º 2 — MARÇO DE 1960

A idéia da sobrevivência	*Redação*	29
Doutrina cruel	*Mário Cavalcanti de Mello*	30
Dois baluartes — João Leão Pitta e José da Costa Filho	*Redação*	33
Língua sagrada do antigo Egito falada por um médium em Paris	*Irmão Saulo*	34
Mondas prematuras	*Arnaldo S. Thiago*	35
«Teoria corpuscular do Espírito» . . .	*Deolindo Amorim*	36
Letargia, Hipnotismo e Espiritismo . .	*V. O. Casella*	41
A fé sem obras é morta	*Carlos Imbassahy*	43
Um sonho do nosso irmão Arnaldo S. Thiago	*Mac Maynard*	46
«Incomensuravelmente pedantes» . . .	*Aleixo Victor Magaldi*	48
Precisamos discernir	*v. lirenedo*	49
Crônica Estrangeira	*Redação*	50
Espiritismo no Brasil	«	52

N.s 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1960

Allan Kardec — (O término de sua Missão)	*Redação*	57
Doutrina cruel	*Mário Cavalcanti de Mello*	58
A fé sem obras é morta	*Carlos Imbassahy*	62
Cairbar está presente... e se interessa ! .	*Mac Maynard*	64
Restabelecendo o equilíbrio nas relações Corpo—Espírito . . . . . , . .	*Irmão Saulo*	66
Maravilhas do século vinte	*Arnaldo S. Thiago*	67
A reencarnação e o silêncio de alguns homens de ciência	*Deolindo Amorim*	69

A ciência e o suicídio da humanidade . . *Antonio Domiciano P. Jr.* Pág. 71
Das leis penais e espirituais . . . . *Domério de Oliveira* 73
Mas o mundo melhorará . . . . *v. lirenedo* 75
Ubiqüidade e bilocação . . . . . *Dr. Giuseppe M. Minardi* 77
Hipnotismo e Espiritismo . . . . *V. O. Casella* 80
No roteiro de Jesus . . . . . *Aleixo Victor Magaldi* 84
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 85
Espiritismo no Brasil . . . . . « 88

N.º 5 — JUNHO DE 1960

Vida corporal e vida espiritual . . . *Redação* 93
A fé sem obras é morta . . . . *Carlos Imbassahy* 94
Carta ao Caramaschi . . . . . *Henrique Rodrigues* 97
Jesus, eterna incógnita . . . . . *Delfino Ferreira* 99
A glória, no dever . . . . . . *Martins Peralva* 102
Hipnotismo e Espiritismo . . . . *V. O. Casella* 103
Três fases no desenvolvimento de fenômenos de materialização . . . . . . *Irmão Saulo* 106
Resposta a Luiz Caramaschi . . . . *Mário Cavalcanti de Mello* 107
Contrôle das Escolas... . . . . . *Mac Maynard* 110
Cristianismo descontínuo . . . . *v. lirenedo* 111
Orar de pé . . . . *General Levino C. Wischral* 113
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 114
Espiritismo no Brasil . . . . . « 116

N.º 6 — JULHO DE 1960

As aparições dos mortos . . . . . *Redação* 121
A fé sem obras é morta . . . . . *Carlos Imbassahy* 122
Que é Religião ? . . . . *T. Medina* 125
Advertências espirituais através dos chamados sonhos premonitórios . . . . *Irmão Saulo* 126
O paganismo e a igreja . . . . *Mário Cavalcanti de Mello* 128
A reencarnação na Inglaterra . . . *Deolindo Amorim* 131
Hipnotismo e Espiritismo . . . . . *V. O. Casella* 136
O Espiritismo não pode descurar . . . *Mac Maynard* 140
Ponderações . . . . *v. lirenedo* 141
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 142
Espiritismo no Brasil . . . . . « 144

N.º 7 — AGÔSTO DE 1960

A que é igual o Outro Mundo ? . . . *Redação* 149
Aos amigos e confrades . . . . . « 151
Significativa mensagem . . . . . *Schutel* 152
O paganismo e a igreja . . . . . *Mário Cavalcanti de Mello* 153
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo . . . *V. O. Casella* 156
Serões bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 159
O magno problema . . . . . . *Domério de Oliveira* 163
Em pleno fastígio da Verdade . . . *Philemon* 164
Solilóquio . . . . *Manuel Cavaco* 166
Como gregos e romanos falavam sobre o cristianismo nascente . . . . . *Irmão Saulo* 167
Ação e inação . . . . *v. lirenedo* 169
Dois centenários . . . . *Mac Maynard* 170
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 171
Espiritismo no Brasil . . . . . « 173

N.º 8 — SETEMBRO DE 1960

		Pág.
Rememorando uma data	*Redação*	177
O paganismo e a igreja	*Mário Cavalcanti de Mello*	178
Doutrina Espírita	*Emmanuel*	181
Obscurantismo a todo vapor...	*v. lirenedo*	182
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo	*V. O. Casella*	185
Os grandes compositores no Além	*Cícero Pimentel*	187
Serões bíblicos	*Luiz Caramaschi*	188
Dever das instituições espíritas a defesa da educação democrática	*Irmão Saulo*	192
Os grandes mistérios do Cosmo	*Antonio Domiciano P. Jr.*	193
O Espiritismo na Abolição	*Mac Maynard*	196
Crônica Estrangeira	*Redação*	198
Espiritismo no Brasil	«	200

N.º 9 — OUTUBRO DE 1960

A Allan Kardec, venerado mestre e excelso codificador do Espiritismo	*Vianna de Carvalho*	205
A matança	*Henrique Rodrigues*	207
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo	*V. O. Casella*	210
Bem-aventurados os simples e humildes	*Carlindo Dias*	212
Serões bíblicos	*Luiz Caramaschi*	213
«Não matarás»	*Osvaldo Requião*	217
Relações da mediunidade com os casos de doença psíquica	*Irmão Saulo*	219
Do testemunho	*v. lirenedo*	220
A Bíblia Sagrada	*Philemon*	221
Que pena, Senhor!...	*Aleixo Victor Magaldi*	222
Terão alma os animais?	*General Levino C. Wischral*	224
Saldanha Marinho	*Mac Maynard*	226
Crônica Estrangeira	*Redação*	228
Espiritismo no Brasil	«	230

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1960

O culto dos mortos	*Cairbar Schutel*	233
A mulher na antiguidade e na igreja	*Mário Cavalcanti de Mello*	235
Serões bíblicos	*Luiz Caramaschi*	237
Os fatos provam	*Aleixo Victor Magaldi*	241
A Bíblia Sagrada	*Philemon*	242
Os médiuns	*v. lirenedo*	244
O Espiritismo no pensamento de antigos padres	*Delfino Ferreira*	245
A tese reencarnacionista pela ciência	*V. O. Casella*	247
Diários de Leopoldo Machado	*Leopoldo Machado*	249
Compreendendo a relatividade de antigas verdades absolutas	*Irmão Saulo*	251
Luz, Senhor, por misericórdia...	*E. K. Taves*	252
Milhões e nada	*Domério de Oliveira*	254
Crônica Estrangeira	*Redação*	255
Espiritismo no Brasil	«	257

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1960

O advento do Missionário	*Cairbar Schutel*	261
O Espiritismo no pensamento de antigos padres	*Delfino Ferreira*	262
A Bíblia Sagrada	*Philemon*	264

		Pág.
Serões bíblicos	*Luiz Caramaschi*	266
A mulher na antiguidade e na igreja . .	*Mário Cavalcanti de Mello*	269
«História do Espiritismo», de Conan Doyle .	*Deolindo Amorim*	271
Passará o Espiritismo por uma derrota vitoriosa ?	*V. O. Casella*	274
Para onde vai o Espiritismo ? . . .	*Trad. de Arnaldo S. Thiago*	276
Mais um traque anti-espírita . . .	*Mac Maynard*	278
Dogmas de fé ou de ciência impedem o progresso humano	*Irmão Saulo*	281
Crônica Estrangeira	*Redação*	282
Espiritismo no Brasil	«	284

N.º 12 — JANEIRO DE 1961

Convicção da sobrevivência	*Redação*	289
Serões bíblicos	*Luiz Caramaschi*	290
A Bíblia Sagrada	*Philemon*	294
A mulher na antiguidade e na igreja . .	*Mário Cavalcanti de Mello*	295
Evolução mental, nosso milagre doutrinário	*V. O. Casella*	297
Religião e Sectarismo	*Sylvio Lobo S. Thiago*	299
Italo Ferreira	*Redação*	302
O poder da oração	*General Levino C. Wischral*	304
Diários de Leopoldo Machado . . .	*Leopoldo Machado*	305
Carta do Além	*Willian*	307
Crônica Estrangeira	*Redação*	308
Espiritismo no Brasil	«	310

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar; dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$150,00
Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO

8931CL PR 816
02-06-07 32100 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 1[illegible] 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3711unse

no XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1961 - N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mais um ano transposto	*Redação*
Sessões, Médiuns e Débeis . . .	*Carlos Imbassahy*
A Mulher na Antiguidade e na Igreja	*Mário Cavalcanti de Mello*
Ensino Religioso	*Mac Maynard*
A Bíblia Sagrada	*Philemon*
Combater os Fatos Espíritas é lutar contra a Realidade	*Irmão Saulo*
Serões Bíblicos — V	*Luiz Caramaschi*
Cartas á Redação	*V. O. Casella*
Espiritismo e Metapsíquica . . .	*Newton Boechat*
Testes sôbre Fenômenos Espíritas .	*Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1961 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Mais um ano transposto

CAIRBAR SCHUTEL editou o primeiro número de «Revista Internacional do Espiritismo» a 15 de fevereiro de 1925. Em janeiro de 1961 completou êste órgão 36 anos de publicação ininterrupta e em fevereiro dêste inicia o seu trigésimo sétimo ano de existência, com grande esperança de poder dar aos leitores informações sôbre a marcha da Moderna Ciência Psíquica, que aos poucos, se vai expandindo, onde pontificará a verdadeira filosofia, cujos fatos incoercíveis nos colocarão em íntima relação com os Espíritos propulsores do progresso, e dirigem os nossos passos para a espiritualidade.

E não é sem fundamento que nos passa pela mente esta previsão pois, no transcurso dos anos que findaram, além do acentuado progresso que fez o Espiritismo entre todos os que compreenderam a magnitude do seu objetivo, notáveis acontecimentos se apresentam à nossa consideração, entre elas a tendência de literatos e novelistas na adopção de temas relacionados com a existência real do Mundo Espiritual e seus habitantes; mas sobretudo a invasão dos fatos espíritas nas igrejas evangélicas, especialmente nos Estados Unidos, onde convidam potentes médiuns, entre os quais mencionamos Arthur Ford, a dar demonstrações às congregações.

Essas ocorrências não serão, porventura, os pródromos da intensificação, não só dêsses, mas de outros tantos fenômenos que há muito se vêem verificando, assim como de novos fatos capazes de constituir a demonstração probante da existência do ser espiritual e sua sobrevivência à desagregação espiritual?

Resolvido o problema da Vida, compenetrados os homens de que a morte nada mais é do que uma transição para um plano superior da existência, cientìficamente convencidos de que a personalidade não se extingue, mas conserva todos os seus atributos e tôdas suas aquisições, a ciência ver-se-á forçada a mudar de rumo, adaptando seus conhecimentos às novas verdades reveladas a Allan Kardec e expostas nas suas magistrais obras, com raro critério e impecável lógica, capazes de resistirem a tôdas as críticas.

Quando aceitos pelo consenso geral e sancionados pelos govêrnos, os princípios espíritas, que proclamam o livre exame, a pesquisa desapaixonada e o estudo, uma nova mentalidade nascerá, livre das injunções opressoras e da escravidão da consciência, que tanto têm prejudicado a humanidade.

O homem se tornará um ser racional e livre, responsável pelos seus atos ; cada um esforçar-se-á na construção de sua felicidade, será o artífice do seu futuro.

Ao iniciar o 37.° ano de existência, nos alegramos por ter concorrido para que os fatos extraordinários e surpreendentes se tornassem conhecidos por todos.

Aceitem os nossos colaboradores e assinantes o testemunho dos nossos agradecimentos.

Sessões, Médiuns e Débeis

Ligeiros reparos a um trabalho do Dr. Osmar Andrade Faria

TEMOS, e não podemos deixar de ter, a máxima complacência com Padres e Frades que, no interêsse de sua doutrina, dizem ou escrevem coisas pouco certas a respeito de Espiritismo.

Estão pugnando por uma causa a que se acham indissoluvelmente ligados; defendem a Igreja a que pertencem e de que não se podem separar sem prejuizos de tôda a ordem. Além disso, a queda da Igreja, que receiam, seria não só de grande abalo moral, senão a ruina para êles. Essa dependência é milenar e não serei eu quem vá admoesta-los ou incomoda-los por isso : hábito, tradição, costume, condição social, dever profissional, obediência a superiores, ou ainda paixão sectária, tudo lhes desculpa ou atenua o proceder.

Já o mesmo se não pode invocar a favor do intelectual sem compromissos eclesiásticos ou de qualquer espécie.

O clero, na defesa que faz do Catolicismo, ou no ataque que emprega contra o Espiritismo, comete por vêzes danos ao progresso; os erros que difundem podem perturbar, mas são percalços do ofício. Tudo isto faz que devamos fechar os olhos às suas investidas, pelo mesmo motivo por que não nos revoltamos com o que diz o advogado nos autos, a favor do constituinte ou contra a parte contrária : — é da profissão.

Já não é possível a mesma benevolência quando se trata de pessoas sem obrigações na lide, ou que é ainda menos desculpável, de um intelectual como o Dr. Osmar Andrade Faria, cheio de responsabilidade científica, um vulto que, como escritor, como homem probo, tem o dever de tratar o assunto sem prevenções nem parcialidade. Não pode ser um apaixonado. Não poderia vir ao prelo sem o conhecimento daquilo que se propôs tratar.

Se o religioso é suspeito, o leigo que tem dado provas de saber, que procura ensinar e orientar, não deverá jamais desmerecer da confiança que nele depositam os que tanto esperam de suas luzes.

Não é possível, portanto, deixar sem reparo os graves equívocos do escritor, em assunto de tão grande monta.

Façamos-lhe justiça em aceitar a sua boa fé ; não é possível, porém, relevar a afoiteza com que trata da matéria em que parece principiante, favorecendo, destarte, com seu depoimento de homem de ciência, os interessados na demolição do edifício espiritual, que estamos construindo ou procurando construir.

Trata-se, no caso e no momento, de profissional acatado, de escritor citado, de homem ilustrado, e portanto cresce a sua obrigação de responder pelas lições que espalha, pelos erros que deixa cair de sua pena hábil, pelos enganos a que arrasta incautos e sectaristas, os quais apresentando ao público os trabalhos do profissional cuja cultura todos reconhecem, iludem-no com aquilo que êle apresenta.

Temos presente um excerto do Dr. Andrade e de que se valeu o habilidoso Frade Boaventura Kloppenburg, em seu livro sôbre o Espiritismo no Brasil.

O inteligente Frade está em sua função. O mesmo se não pode dizer do Dr. Osmar.

A doutrina espírita é de estudo, de debate, de crítica, de pesquisas, porque é a verdade que se procura e só se abre caminho para ela perquirindo, investigando, sondando, debatendo, discutindo. Êle não no-lo interessa materialmente, e o ardor que pomos em sua defesa é oriundo do desejo de que, pelos seus princípios, se consiga um mundo melhor.

O nosso orbe continua a rolar nos abismos do Espaço, povoado por uma população pecaminosa, apesar do sangue que o Cristo derramou para a salvar. Procuramos agora, sem a imolação inútil de um Inocente, abrir os olhos aos atrasados para que vejam as dores que os esperam se persistem em sua maldade, em sua desonestidade, em seus vícios. Não vemos por que haveria de interpor-se o nosso amigo, a querer impedir o que pretendemos mostrar ao homem pejado de faltas, ou seja o sofrimento na outra vida e suas conseqüências posteriores, quando se falha aos ditames do Bem ou se vive mergulhado no chavascal das más ações.

Se em nosso afã, se em meio aos nossos ingentes esforços, vemos balizando a estrada um homem do tope do nosso caro patrício, força é que façamos como as formigas quando lhe põem um obstáculo na trilha : retiram-no e continuam a caminhada.

É o que buscamos com o pouco que possuimos da transcrição do Dr. Osmar e o pouquíssimo com os recursos de nossa inteligência, apenas suprida pela opulência das provas que temos em mão.

Pedimos, antes do mais, ao ilustre escritor que veja nestas linhas e nas que se vão seguir, apenas um estudo a que o convidemos, e que o fazemos em virtude de já ter esta Revista, num alto gesto de compreensão doutrinária, lhe aberto as portas de sua oficina. Aqui está pois o cartel amigável para uma troca de idéias que transmitimos ao beletrista, com o cartão de Boas Entradas de Ano.

* * *

Por enquanto, ou pelo menos do que lemos, não vimos que o Dr. Osmar apresentasse qualquer teoria explicativa, como o fazem muitos de seus colegas, teorias que ficam gritando dentro de suas hipóteses como botinas de couro novo nas sólidas encóspias do sapateiro.

O ilustre cirurgião preferiu, ou o digno Frade escolheu, o que se refere ao ambiente das sessões, no desequilíbrio dos médiuns, nas suas manifestações hipnagógicas, nas alucinações, nas ilusões auditivas, visuais, na auto-hipnose. Se o escritor se limitasse às sessões que chamam de baixo espiritismo, ou aquelas — como diz — dirigidas por leigos e sem qualquer orientação científica ou fisiológica ; se chamasse a atenção para o pouco ou mesmo nenhum cuidado na escolha dos que devem dirigir o Centro e compor sua assistência, nada teriamos a opor, porque há aí fôrças desconhecidas e para domina-las ou lidar com elas é preciso experiência, conhecimento e moral. Nesse caso só teriamos que louva-lo, aconpanha-lo e secunda-lo.

Aliás, quando o douto escritor, como seus colegas em qualquer ramo da Medicina, falam nos competentes a quem caberia o mister, referem-se precisamente aos leigos nele. Um cientista ou um fisiologista, sem conhecimento nenhum no trato dos Espíritos ou daquelas mencionadas fôrças, seria o menos apto, o menos aconselhável a pôr-se à testa de experiências que tais. Poderemos citar-lhe inúmeros fatos em que o desastre foi sensível. O resultado tornar-se-ia, portanto, muito pior que os confiados aos babalaôs ou pais de santo.

O distinto Dr. Osmar faz ainda grande mistura ; baralha cartas diferentes, soma quantidades heterogêneas e impinge uma salada indigesta ; fala de modo geral, universal, por maneira que se tem uma sessão espírita, qualquer que ela seja, como uma reunião de inconscientes, ignorantes, de cabeça fraca. E senão vejamos :

> *«O ambiente, livre de excitantes concorrentes à meia luz, em silêncio, ungido de efetividade religiosa. Se num terreiro de Umbanda, os tambores, os ritmos, as marcações melódicas, compassadas, graves, soturnas, monótonas; se num centro Kardecista, a concentração mental e a palavra de um presidente de sessão, uma oração em voz pausada, ritmada, débil. Em ambos o pensamento firmado num guia, uma entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte. Temos aí perfeitamente caracterizado...»*

Mais adiante:

> *«Indubitavelmente aquilo que se faz nas reuniões de incorporação espírita seja as do chamado baixo espiritismo ou quimbanda, seja a do espiritismo de terreiro ou umbanda, seja enfim a dos centros kardecistas, nada mais é que sessões de auto-hipnose, comandados por leigos, dirigidas por leigos e sem qualquer orientação científica e fisiológica.»*

Em suma, ali, diz o Dr. Osmar

> *«ali se trabalha com indivíduos que, na sua maioria, pertencem aos do tipo débil, desiquilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica.»*

Como se vê, tão bom como tão bom. Em se tratando de sessões espiritas—baixo espiritismo, umbanda, quimbanda, cardecismo —, é tudo a mesma coisa, a farinha é a mesma, *ejusdem furferis;* está tudo incluido na mesma súcia; não se escapa da salgalhada; e ali temos débeis, instáveis e desequilibrados, com histéricos e neuróticos em sua maioria. Tanto faz obedecer-se aos ensinos e práticas de Kardec, como ao ritual de Umbanda ou à mandingaria da Quimbanda. E ali estará sempre, em sua maioria, a debilidade, a instabilidade, o desiquilíbrio, a histeria e a neurose.

O trecho do muito digno facultativo, de onde não pudemos colher mais abundantes frutos, porque tivemos que limitar-nos aos períodos transcritos pelo Frade, não sabendo quais seriam suas lindes, corre hoje Brasil inteiro; estamos vendo-o assoalhado do Amazonas ao Prata, do Orenoco ao Chui. Tôda a catolicidade assim como tôdas as Academias rejubilam com a farrusca. Talvez não haja cidadão de sobrepeliz ou de capelo que, empunhando o volume de 460 páginas, onde o Frade Boaventura condensou o seu florilégio científico, não esteja a exclamar de milhares de púlpitos ou de centenas de cátedras: —Vejam o que é o Espiritismo pela pena de um diserto escritor e respeitável acadêmico: — desequilíbrio, instabilidade, histeria, nevrose; «o pensamento lançado sôbre o guia e o sobrenatural...»

E aqui teriamos o Espiritismo filiado ao que sempre contestou: — a sôbrenaturalidade. Mas continuemos:

> *—É a «sinalização por condicionamento no 2.º grau», «um cérebro onde predomina a instabilidade dos entre-choques excitato-inibitórios», «é todo o cortex cerebral dos crentes dominado por uma indução recíproca violenta e intempestiva...»*

É impossível que o *crente,* sabendo o que se passa no seu cortex, não fique imediatamente *descrente.* E a multidão que enche as naves católicas ou os salões de Hipócrates, se tiverem propensão a acreditar em almas, sairão dali com o espírito dividido entre o «demônio», que com certeza não esqueceu ao pregador, e a «sobrecarga sinalizadora», como que nos esclarece o Dr. Osmar.

Além de tudo, aquêles ditos em termos de Fisiologia, que ninguém compreenderá nos templos da Fé, e nem todos nos templos da Ciência, terão uma influência enorme nos cérebros. Os fieis sairão de suas Igrejas e os incipientes de suas Escolas com a convicção segura de que sessão espírita, formada de débeis, só provocará sinalizações, estados auto hipnóticos, sobreexcitações sensoriais. Sessão espírita, quer seja com Kardec, com S. Jorge, com Exu ou mesmo com Satã, não passará de uma reunião de fracos de espírito, tendo como provável conseqüência a insanidade mental. Já era esta a opinião da nata da nossa Psiquiatria, conforme um livro do Dr. Leonídio Ribeiro. O Dr. Boaventura fê-lo ressurgir do Arquívo como Lázaro ressurgiu do seu túmulo. Robustece-o agora o poderoso cordial que lhe ministra o Dr. Osmar Andrade de Faria. Depois daí é fugir do Espiritismo como o Mafarrico da cruz.

* * *

Mas, antes de enfrentar o assunto, e aproveitando o livro do nosso caríssimo Frade, enquanto não o restituimos a seu dono, lembrariamos o que êle nos diz com referência a mesas girantes, de trechos que foi buscar à magnifica obra de Zeus Wantuil, que tratou dessa matéria.

Pelos referidos trechos ficaríamos a matutar que o mundo inteiro, em certa época, se tomou daquilo que entre nós caberia aos incorporados e incorporadores de centros, fôsse os de Quimbanda, Umbanda ou Kardec.

Vejamos o que nos contam os trechos que mereceram as referências do estimado teólogo petropolitano:

> *«Nas grandes cidades de Bremen, Viena, Berlim e Breslau não havia uma mesa em repouso. Daí atravessou o Reno, invadiu Strasburgo, entrou na França... De Montmartre a Montrouze e dos Champs-Elisées e Charenton, não havia talvez uma única casa onde não se fizessem girar as mesas.»*

Relata a *Illustration* que a Europa inteira ou o mundo todo tinha a cabeça transtornada pelas experiências.

Aquilo se fazia em sessões, e em se tratando de sessões, deveria tratar-se de pessoas do tipo débil, neurótico; não podia deixar de ser assim. Teriamos então a Europa inteira, ou o Mundo todo, como queria a *Illustration*, possuindo nos cérebros a instabilidade dos entre-choques excitato-inibitórios e a inibição a dominar rapidamente todos os córtices. Dá vertigens imaginar-se essa neurose universal.

* * *

Bem. Iremos ver, aliás com o acatamento que nos merece o Autor do Manual de Hipnose, como são infundadas as suas asserções e ilações. Os visionários do Espiritismo estão muito aquém dos visionários da Ciência. Procuraremos mostrar que o que aquêles vêem é real, há objetividade na visão, enquanto os nossos opositores lançam as suas afirmativas sôbre o que não viram e nem sequer estudaram.

Muito nos custa voltar a um assunto de que já tratamos quando o Dr. Afrânio Peixoto, que assistiu a umas reles sessões ou delas teve notícia, extraiu dali uma regra geral. Um candomblé qualquer habilitou-o a dissertar, sem vacilações, sôbre a generalidade das sessões espíritas. Agora o Dr. Osmar, navegando na mesma alheta, cai nas mesmas inexatidões.

Força é voltar à paliçada. Mas lá diz o ditado:—*Gutta cavat lapidem, non bis sed soepe cadendo*, que é como quem diz — Água mole em pedra dura...

Voltemos ao balde.

Carlos Imbassahy

Rua Mariz e Barros, 114 — Niteroi

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

IV

O Cristianismo assimilou perfeitamente o que pregavam os estoicos.

A moral greco-romana, com suas qualidades e suas imperfeições, era laica e sôbretudo cívica. Veio o Cristianismo e mudou por completo o fim da ética. A vida terrestre foi considerada, desde então, como uma passagem, um exílio; na Jerusalém celeste é que se tratava de chegar. Para isto, era preciso obedecer às ordens reputadas divinas, qualquer que fôsse o resultado neste mundo. O grande dever é obedecer a Deus, e para obedecer-lhe, o grande obstáculo é o pecado. Êste pecado, afirma algures Agostinho, só pode ser evitado, se fôr da vontade de Deus, pelo socorro da graça. («De Perfect, Justitia», — «De Grat, et Liber Arbitrio»).

Para os filósofos antigos, a morte era uma dura necessidade, o efeito de uma lei; para os católicos ela era a conseqüência do pecado e um objeto de pavor; depois dela, a alma tinha mil oportunidades de abismar-se nas vagas do fogo infernal. Os condenados aí queimarão eternamente e, segundo S. Gregório, o espetáculo de suas torturas alegrará os eleitos (Lecky—«History of European Morals», t. II, p. 227). O anjo da Escola, Tomás de Aquino lançava, também, a mesma pavorosa imputação ao Deus de misericórdia e de amor.

Êste terror dos suplícios infernais foi, não há dúvida, o meio do qual se serviu o Cristianismo oficial para inculcar sua moral. É o meio mais eficaz para os que crêem cegamente ; embora, com tôda a certeza, não seja o mais nobre. A fé sôbretudo, a fé cega, tornou-se o primeiro dos deveres : «Credo quia absurdum.»

A abstinência, a renúncia, as macerações foram, por excelência, os meios de chegar à santidade. Era necessário, se possível, ser monge, pelo menos regrar sua vida de acôrdo com o ideal monástico, levar uma existência maquinal e nunca pensar : «Um religioso, diz a regra dos Agostinianos, deve se deixar guiar, como uma bêsta de carga, pela correia da obediência, etc...» — O monaquismo tomou enormes proporções: S. Pacônio governava 7.000 cenobitas, no tempo de S. Jerônimo, e realizou reuniões com 50.000 monges.—O corpo era profundamente despresível ; a sujeira tornou-se agradável a Deus : S. Antônio nunca lavou os pés ; S. Amon nunca se viu completamente despido ; Sílvia, bela virgem de 16 anos, só lavava os dedos, etc. (Lecky, ob. cit., t. II, ps. 103 a 111). Paula e Melânia, cuja consciência era dirigida por S. Jerônimo, acreditavam« que os banhos sujavam.» (S. Jer. — «Lettres à Asella»). S. Gregório conta que um jovem monge, não conseguindo refrear seu amor filial, ia de noite, às escondidas, visitar seus pais. Deus o puniu ferindo-o de morte súbita. (Lecky — loc. cit. t. II, p. 133).

Mas a virtude das virtudes, era a castidade, tudo o que se referisse à união dos seres era reputado horrível. A mulher foi a grande inimiga ; ela devia corar de seu sexo, de sua beleza, de suas vestes. (Lecky—loc. cit. t. II, p. 338). O casamento era apenas tolerado : «É melhor casar que abrasar-se», disse Paulo. S. Jerônimo só via no casamento um bom lado ; produzia virgens. (S. Jer. «De la Virginité»).

Com transportes de entusiasmo, o mesmo santo fala de uma jovem, chamada Asela, que, desde os doze anos, se consagrou à vida religiosa e, desde então, nunca mais olhou a face de um homem ; sua vida era uma longa prece e seus joelhos eram calosos como os dos camelos. (Lecky, ob. cit. II, p. 133).

Zenóbia só coabitava com seu marido estritamente para ter filhos. (S. Jer. «Lettres XXIV») ; e S. Blesitia, viúva, depois de sete anos de casada, chorava mais a perda de sua virgindade que a de seu marido. (S. Jer. «Lettres à Paula»).

O celibato monástico era o ideal pregado às mulheres, muitas vêzes, sob a forma de amor ou casamento místicos.

Segundo o testemunho dos Pais e dos concílios, tôda a união sexual, fora do casamento, era criminosa. (Lecky, loc. cit. 251). A uma jovem mulher que lhe pedia preces, responde S. Arcênio : «A prece de tôda a minha vida deve ser para vos esquecer.» (Lecky, loc. cit. II, 121).

Desde que o Cristianismo foi triunfante com Constantino, adotou-se, agravando-as, as penalidades mosaicas contra os delitos sexuais. O adultério tornou-se um crime capital, os sodomitas foram afogados, decapitados, queimados ou engenhosamente torturados, inspirando-se no talião. (Gibbon — «Décadenc. de l'Empire Romain», XLIV).

S. Paulo consultado sôbre o assunto «casamento» pela Igreja de Corinto, entre outras coisas, disse o seguinte :

«Isto finalmente vos digo, irmãos ; o tempo é breve. O que resta é que, não só os que têm mulheres, sejam como se as não tivessem.» (I Cor., VII).

Como é fácil de observar, foi o grande apóstolo o inspirador de Agostinho. Agora, perguntamos nós : Esta teoria que aberra profundamente dos princípios naturais, não constitui uma censura a José e a Maria, que se casaram e tiveram muitos filhos ? Santos considerados em plano especial na devoção do Catolicismo, não deviam ter êles compreendido que a virgindade e o celibato deviam ser colocados acima do casamento ? E por que se casaram êstes dois baluartes da fé cristã ; e por que não viveram como se casados não fôssem ? Se esta doutrina fôsse digna de consideração, Jesus não teria surgido no cenário do mundo para a edificação das almas humanas. Depois, foi o próprio Cristo que disse incisivamente: «Portanto, deixará o homem pai e mãe e se apegará à sua mulher e serão ambos uma só carne?»—Quem valerá mais: Paulo, Agostinho, os concílios ou o meigo e santo rabi da Galiléia ?

Para comprovação do espírito da Igreja, a respeito do matrimônio, vamos deixar aqui, a história de S. Escolástica, contada por Gregório de Tours. Ela é um tanto longa, mas precisa ser divulgada.

«Injuriosus, um dos senadores de Alvernes, homem muito rico, pediu em casamento uma jovem da mesma condição, e, depois de lhe haver apresentado o penhor de sua fé, fixou o dia das bodas. Eram êles filhos únicos de seus pais. Chegado o dia, tendo sido celebrado o casamento, êles se deitaram, segundo o costume, no mesmo leito; mas a jovem, grandemente aflita, voltou-se para o outro lado e pôs-se a chorar amargamente. Perguntou-lhe o marido: o que é que te aflige? Responde-me eu te suplico. Como ela guardasse silêncio, êle insistiu: Eu te imploro por Jesus, filho de Deus, dize-me o que te martiriza. Voltando-se ela para seu lado, respondeu-lhe: pudesse eu chorar todos os dias de minha vida, minhas lágrimas não seriam tão abundantes que fôssem capazes de apagar a imensa dor de meu coração. Havia resolvido dedicar a Jesus Cristo meu corpo puro de qualquer contágio masculino; mas, por desgraça minha não poderei cumprir meu desejo! É preciso que eu perca neste dia, que eu nunca deveria ver, o que eu conservei desde o comêço de minha juventude! Eis que, abandonada pelo Cristo imortal que me prometia o Paraíso como recompensa, estou ligada a um homem mortal, e, em lugar de ser coroada com uma coroa de rosas incorruptíveis, receberei do casamento o triste adôrno de rosas murchas.

E assim, nesta seqüência de lamúrias, ela remata dizendo ao marido: «Não posso ver os diademas ofuscantes de pedrarias, uma vez que eu vejo o meu pensamento debruçado sôbre a coroa de espinhos. Desprezo os vastos espaços da Terra, pois sonho ardentemente com as doçuras do Paraíso. Os palácios soberbos me penalisam, quando contemplo o Senhor acima dos astros.»

A estas palavras, pronunciadas em meio a uma torrente de lágrimas, o rapaz, tocado de piedade, disse-lhe: somos filhos únicos dos mais nobres pais de Arvernes, e êles quiseram unir-nos para propagar a raça, receiosos de que com a sua saída do mundo não os viesse suceder um herdeiro estranho. Ela lhe respondeu: O mundo nada vale, as riquezas nada representam, a própria vida que desfrutamos é nada. É preferível procurar esta outra vida em que a morte não pode penetrar, onde nenhum acidente, nenhuma desgraça pode terminar, onde o homem mergulhado nas beatitudes eternas banha-se de uma luz que nunca se apaga, e, que vale muito mais ainda, com a presença e a contemplação do Senhor que transporta o bem-aventurado ao nível dos anjos e lhe concede uma alegria sem fim.

Êle retrucou: as tuas doces palavras, a vida eterna brilha aos meus olhos como um sol resplandescente. Se queres, pois, abster-te de tôda a concupiscência carnal, unir-me-ei aos teus pensamentos.

Ela falou de novo: É difícil aos homens concederem às mulheres tais coisas. Entretanto, se concordas que devemos ficar sem mácula neste mundo, dar-te-ei uma parte do dote que me foi prometido, por meu espôso, meu Senhor Jesus Cristo, a quem me consagrei como espôsa e serva.

Havendo feito o sinal da cruz, êle replicou: farei o que me dizes. E dando-se as mãos, adormeceram. Dormiram muitos anos no mesmo leito, e viveram em uma admirável castidade, como a morte em seguida veio provar.

Tendo sua prova sido cumprida, quando Escolástica subiu ao Cristo, seu marido depois de haver cumprido os deveres funerários, disse ao depositá-la no túmulo: Rendo-te graças, ó Deus eterno, mando a teu amor êste tesouro sem mácula, como o recebi de ti.

A estas palavras, ela se pôs a rir em seu ataúde, e lhe disse: por que revelas o que não te perguntam?

Não tardou o marido em seguí-la.

Como os houvessem colocado em dois túmulos separados por uma parede, observou-se um novo milagre que evidenciou sua castidade. No outro dia, pela manhã, o povo, tendo-se aproximado dêste lugar, encontrou unidos os dois túmulos que se encontravam separados por uma parede, como se o jazigo não devesse separar os que os céus uniram.» (Greg. Turon — «Hist. Eccles. Franc.» — I, I, c. XII).

Mas será êste o casamento em sua sinceridade, ou em sua dignidade? Será desta forma que se irá cumprir a determinação divina: crescei e multiplicai-vos? Obedecerá êste modo de proceder à determinação de Jesus: «serão ambos uma só carne?» Será isto o cumprimento de uma lei natural? Então Deus cria suas leis imutáveis e impõe ao homem transgredí-las?

Esta narração doentia e dezarrazoada, respira com o espírito católico, o horror a união sexual; é de princípio ao fim a glorificação, a apoteose da virgindade. De forma que Deus cria suas leis naturais e o Catolicismo se insurge contra elas! O Catolicismo, ao que tudo indica, com sua moral extravagante, pretende despovoar o mundo.

E o que fica patente em tôda esta história de celibatos e castidades é que os conselhos de Paulo, de Agostinho, e as decisões dos concílios têm mais fôrça para a Igreja romana que a ordenança que Deus pôs nas consciências humanas e que o Cristo de forma decisiva confirmou: «Portanto, deixará o homem pai e mãe e se apegará à sua mulher e serão ambos uma só carne.»

Ensino Religioso

MAC MAYNARD

A prática tem demonstrado que a igreja romana tem perdido terreno em tôda parte, a sua doutrina não satisfaz as mentes dos adultos; é pueril demais. Ainda ficam algumas solteironas e velhos tradicionalistas que *«seguem»* a palavra do padre, mas a grande maioria se lembra do padre só nas anedotas pornográficas, de que o nosso anedotário é riquíssimo. O indivíduo que atinge a maturidade, não mais dá crédito às palavras do padre.

A igreja tem percebido essa *«evasão»* de divisas de seus cofres, daí insistir, junto dos govêrnos, a implantação do ensino religioso, por ora facultativo, nas escolas, para ver se a infância doutrinada por ela atinja a juventude com o mesmo espírito infantil dos grupos escolares e que nos ginásios e escolas normais não perdesse aquêle temor que lhe foi inculcado no curso primário.

É tarde demais!

A insistência do clero em querer que o ensino religioso das escolas seja aumentado, é muito sintomático, as suas igrejas estão sentindo que a mocidade comparece às missas para desfile de moda, e, nas missas vespertinas então nem se fala, falta apenas a passarela... que os modelos aparecem indefectivelmente!

O ensino religioso nas escolas foi visado com essa intenção, pela igreja: — cabrestear a criança para mais tarde não abandonar a grei, e, para isso, visam o embutimento de catecismo nos cérebros infantís, entreverando de mêdo ao inferno e quejandos.

O ensino religioso é defendido pela igreja apenas por êsse motivo: — as crianças não vão às igrejas!

Os protestantes têm as escolas dominicais com cursos graduados de ensino evangélico, as crianças e seus pais são alunos da escola dominical, vão juntos à igreja, são alunos da escola dominical, e, diga-se de passagem, ali aprendem o Evangelho, ali são instruidos crianças e adultos com lições adequadas para suas idades.

Podem os católicos fazer isso? Podem os padres conseguir, como conseguem os protestantes, levar os pais e seus filhos à igreja? Ensinar o que para os adultos que não têm mais mêdo do capêta?

Porque não dão a Bíblia na mão dos católicos? Qual é a igreja de padre que faz um curso de Evangelho para os crentes? Nenhuma...

O curso graduado de ensino espírita é excelente, superior ao protestante porque não é uma repetição de ano após ano, mas graduado e variado, científico na argumentação e apresentação ilustrativa.

Aí está a resposta por que os espíritas e protestantes não precisam de ensino religioso para seus filhos nas escolas, mas desejam que o ensino seja laico, que seus filhos saibam respeitar a religião de seus coleguinhas, religião é no lar : pelo estudo do Evangelho e pelo exemplo, na prática quotidiana da vida.

As aulas de religião são anti-pedagógicas, mòrmente nos grupos escolares, quando uma criança não assiste à aula de religião e que se retira da escola, é muitas vêzes criticada pelos colegas, quando não hostilizada.

A religião que se ensina nos grupos é a mesma cartilha da Idade Média, bolorenta e superada há séculos de civilização e conquistas culturais da Humanidade.

É tão nefasta essa aula de religião que um caso recente comprova nossa afirmação. Em Taquara, cidade do Rio Grande, as «professôras» de religião distribuiram folhetos contra a Maçonaria, como uma sociedade herética, mas as crianças não ficaram apenas com o folheto contra a Maçonaria, puzeram em prática, à luz do dia, os ensinamentos das aulas de religião, depredaram a Loja Maçônica Águia Branca, da cidade, invadiram o Templo, violaram a Câmara de Reflexões, isso por duas vêzes.

Ai está o resultado das aulas de religião católica nas escolas : — depredação.

Essas crianças quando chegarem à maturidade terão vergonha do ato praticado, verão mais tarde, que a História do Brasil se confunde com a História da Maçonaria, e que a Maçonaria é que trouxe essa liberdade que hoje gozam os seus professôres.

Quantas crianças que jogaram pedras na Loja Maçônica de Taquara não estavam jogando pedras nos pedreiros livres que, no anonimato, socorreram, muitas vêzes, seus pais, nas maiores angustias por que têm passado nestes tempos «bicudos» por que estamos passando? Quantos meninos que alí atiraram pedras não tiveram a sua fome saciada pelos maçons de Taquara ? Quantos meninos a atirar pedras que têm seus ancestrais favorecidos pela Ordem Maçônica na libertação dos escravos ? Sim, aquêles bracinhos inocentes estavam atirando pedras numa Instituição que tantos benefícios trouxe à .Humanidade e particularmente ao Brasil pelo Grande Oriente do Brasil ?

Pobres crianças que são orientadas por professôras de cabeça ôca, ôca como taquara . . .

Essas crianças que são orientadas por professôras fanáticas e boçais, ignorantes de tudo, essas mesmas cabeças ôcas no dia dos heróis da Pátria, falam em Tiradentes, Caxias, Hermes da Fonseca, Rui Barbosa, Prudente de Morais, Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio, Rio Branco, vestem êsses heróis brasileiros de anjo, no entanto, dada a ignorância profunda dessas cabeças de taquara não sabem que êsses vultos nacionais eram «demônios», eram Maçons . . .

Qual é a data nacional de que a Maçonaria Brasileira não é participante ?

Êsse ódio clerical contra a Maçonaria é o fato dela defender uma trilogia odiada pelo clero : — Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

As conquistas brasileiras de liberdade surgiram das Lojas Maçônicas, e é natural que o clero ignorante deteste a Instituição das Instituições.

Quando essas crianças atingirem à idade da razão e vierem a saber que Diogo Antonio Feijó, Mont'Alverne, Januário da Cunha Barbosa foram maçons e compararem êsses vultos brasileiros com o vigário da paróquia de Taquara . . . sentirão remorso profundo de ter jogado pedras numa Institutção como a Maçonaria, e sentir-se-ão tristes de ter um vigário tão ignorante e atrasado !

Quando os espiritas combatem rijamente êsse malfadado projeto de Diretrizes e Bases de Educação Nacional o fazem com consciência, com conhecimento de causa, êsse infeliz projeto vai auxiliar pecuniariamente até seminários que, burlando a lei, ou com subterfúgios próprios do clero, requerer dinheiro do Estado para a sua manutenção.

Em Tupanciretã, R. G. S., dois seminarista, filhos de famílias daquela cidade, invadiram a Loja Maçonica Acacia de Tupã e roubaram o livro de presença, livros diversos, papeis, quadros, etc., quando levados à policia, declararam que fizeram o *servicinho* apenas por curiosidade e haviam queimado o produto do roubo . . .

Novos Torquemadas . . . Coitados, êsses seminaristas são emasculados para a vida, a tonsura que lhes espera, no alto do côco, já é fato no senso moral, são tonsurados morais, já estão preparados para a vida: profissionais inimigos da Liberdade.

É natural que essa classe de profissionais do altar combatam a Maçonaria, pois não foi a Maçonaria que, entre outros, pelo vulto másculo de Joaquim Saldanha Marinho separou a Igreja do Estado? Como podem perdoar um Homem como Ganganelli? como perdoar êsse Homem que lhes fez tanto mal? Os macroparasitas da sociedade não podem perdoar Saldanha Marinho que lhes tirou uma têta tão gorda!

Como perdoar os Republicanos? Como perdoar os Grandes da Emancipação dos Escravos? O ódio é muito grande, pois numa colónia era muito mais fácil mamar...

Também, porque a Maçonaria prega essa heresia de Liberdade, Igualdade, Fraternidade? Prega essas heresias... daí o ódio que alimenta contra si de espíritos medievais...

O clero não pode perdoar a Maçonaria, o *«mal»* que ela trouxe é muito grande, não pode mais ser reparado, o barco está furado, as ratazanas estão com medo de afogar. O queijo está acabando... porque a têta está murchando!

Homens livres de Taquara e Tupanciretã, obreiros da pedra bruta da Águia Branca e Acácia de Tupã, vocês não estão sós, o Brasil consciente está com vocês, não se esqueçam, o Brasil será o coração do mundo e a Pátria do Evangelho, vocês também, amantes da Liberdade, são arquitetos dêsse Brasil que está nascendo! O G.'. A.'. D.'. U.'. está transformando a nossa terra na Pátria do Evangelho, os arquitetos estão de malho e cinzel, prontos para trabalhar a pedra bruta para transforma-la à imagem da pedra cúbica, o Cristo.

O projeto Diretrizes e Bases de Educação Nacional não pode ser aprovado pelo Senado, os espíritas e homens livres precisam lutar pela conquista maçônica (liberdade e laicidade do ensino) que está prestes a sofrer arranhões. O laicismo infelizmente está no papel apenas, mas com o volume de protestos será uma realidade amanhã.

Como as Lojas Maçônicas, os Centros Espíritas, as Igrejas Protestantes têm sofrido a mesma campanha, o mesmo apedrejamento, e é o único argumento daquêles que têm ódio profissional contra as Instituições Livres. É mais uma razão para os acatólicos cerrarem fileiras contra o mostrengo projeto.

Lutemos enquanto é tempo, o nosso silêncio é comprometedor: se êstes se calarem, as pedras clamarão (não as pedras usadas pelo clero).

A nossa Doutrina é pela Liberdade, é pela Igualdade e Fraternidade, luta pela Justiça, é Amor, por conseguinte, não atira pedra, antes, prepara pedra para a construção do Grande Templo da Humanidade.

Crianças do Grupo Escolar de Taquara, vocês na sua inocência não têm culpa do ato praticado, vocês aprenderam a lição nas aulas de religião de seu Grupo Escolar, não ficou feio para vocês, apenas houve uma definição da mentalidade de suas professôras, essas, sim, são dignas de dó, exercendo uma profissão tão digna e inspirar atos tão indignos como êsse apedrejamento. Uma coisa podemos afirmar: os maçons não tomarão represálias contra vocês ou contra as suas professôras, êles lastimam essa atitude triste, os maçons daí compreendem que a religião assim professada e praticada é obscurantista, os fanáticos não raciocinam, é por isso que decoram catecismos...

Um dia, meninos do Grupo Escolar de Taquara, vocês compreenderão que a Maçonaria não é o que lhes ensinaram nas aulas de religião e na igreja; um dia vocês compreenderão que as suas professôras cometeram um ato indigno perante os homens de bom senso. A vida dá tantas voltas... um dia vocês ainda podem entrar para a Maçonaria não para atirar pedras, mas para desbastar a pedra bruta da personalidade, lapidar a pedra para deixa-la perfeita para a construção do Grande Templo de Salomão.

A vocês, seminaristas de Tupanciretã, vocês que penetraram na Loja por curiosidade e subtrairam pertences, por curiosidade, a vocês futuros tonsurados, que demonstraram tanta curiosidade, desejamos que a sua curiosidade seja dirigida para as coisas do espírito, perquirir a razão de ser das coisas, de onde viemos e para onde vamos. Que vocês disciplinem essa curiosidade é o nosso desejo, e vocês verão, então, que estão sendo usados na sua boa fé por uma instituição inimiga da liberdade, instituição que está fazendo de vocês, verdadeiros autômatos, teleguiados...

Guerra Junqueiro caracterizou muito bem essa educação de seminário, portanto, vocês não estão fazendo nada de original, estão repetindo a velha história dos torquemadas. E' assim mesmo, *«Como se faz um monstro»*, de Guerra Junqueiro, vocês estão retratados ali de corpo e alma!

Obreiros da Loja Maçonica Águia Branca da cidade de Taquara, de Tupanciretã, vocês têm a simpatia de todos os homens livres e de bons costumes, vocês não estão sós: — todos os amantes da Liberdade estão ao lado dos irmãos que sofrem perseguição dos ditos representantes do Cristo.

Muito mais sofreram os maçons da Idade Média, mas apesar das perseguições clericais, aí está a Instituição lutando pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Há maior prova da educação clerical? Não são fatos? Há maior argumento contra a religião nas escolas?

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— V —

Preparado, como anteriormente vimos, o *habitat* planetário, para que nêle pudessem cumprir-se os sábios desígnios de Deus — o que a Bíblia registra numa síntese admirável, jamais superada pela linguagem humana, nos versículos 11 a 19 do cap. I do Gênesis, eis que a Onipotente Vontade se exerce no sentido da criação dos primeiros animais que foram os aquáticos e os voláteis. Assim diz a Bíblia:

«E disse Deus: Produzam as águas abundantemente reptis de alma vivente; e vôem as aves sôbre a face da expansão dos céus. E Deus criou as grandes baleias, e todo o reptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e tôda a ave de azas conforme a sua espécie: e viu Deus que era bom. E Deus as abençôou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. E foi a tarde, e a manhã, o dia quinto.» (Gen. I — 20 a 23).

Confirma a História Natural, em tôda a sua amplitude, o que a Bíblia registrou em sua luminosa e inegualável síntese, pois que realmente foram os grandes reptis, como os *ictiossauros*, os *ptesiossauros* e outros, cujos restos fósseis gigantescos da época secundária, têm sido descobertos no *jurássico* superior e no *cretáceo* da Europa, da América e da Austrália (1), os primeiros seres viventes que, ao lado das enormes baleias, ainda hoje sobreviventes, povoaram os mares que recobriam a maior parte do planêta naqueles recuados evos prehistóricos, par e passo com as aves gigantescas, *de asas*, veja-se bem, como os *pterodáctilos*, os *pterossauros* que em vez de penas, tinham os dedos ligados por membranas que lhes permitiam elevar-se nos ares: eis porque a Bíblia registra apenas a circunstância de possuirem êsses reptis asas, nenhuma referência fazendo às *penas* que em épocas muito posteriores as aves possuiriam — o que é mais uma evidente prova da fidelidade científica das santas escrituras.

Allan Kardec, em uma de suas obras fundamentais da Filosofia Espírita — A Gênese — descreve, com aquela prodigiosa arte de dizer as mais profundas coisas com a máxima simplicidade possível, no capítulo VII, intitulado *Esbôço geológico da terra,* os sucessivos períodos geológicos que ficaram nela registrados, assim iniciando os estudos que aí se encontram: «A terra contém em si própria os traços evidentes de sua formação; seguem-se-lhe as fases com uma precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto dêsses estudos constitui a ciência chamada *geologia,* nascida nêste século (o dezenove, em que viveu Allan Kardec), e que projetou luz sôbre a questão, que suscitara controvérsias intermináveis, de sua origem e da origem dos seres vivos que a habitam. Não há aqui, absolutamente, hipótese; é o resultado rigoroso da observação dos fatos, e em presença dos fatos não é mais a dúvida permitida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira certíssima, ainda que em têrmos diferentes do que se encontra nos livros preconceituosos, porquanto é a própria natureza que fala, que se mostra a descoberto, e não a imaginação dos homens criadores de sistemas. Onde são vistos os traços do fogo, pode-se afirmar com certeza que aí o fogo existiu; onde são vistos os da água, afirma-se com certeza não menor, que a água nêsse local se encontrou; onde os traços de animais são vistos, afirma-se que animais por aí viveram.» (Gênese, cap. VII — n.º 1).

---

(1) Enciclopédia e Dicionário Internacional: Vol. X., pág. 5754 e XV, pág. 9012.

Mais adiante, nêsse mesmo capítulo n.º 9, com relação aos fósseis de animais, escreve Allan Kardec: «Os fósseis de animais de modo algum compreendem, como se concebe, senão as partes sólidas e resistentes, isto é, as ossaturas, as escamas, as partes córneas; por vêzes são esqueletos completos; mais frequentemente, nada mais são do que partes destacadas, mas de que é fácil reconhecer a proveniência. À inspecção de uma mandíbula, de um dente, vê-se imediatamente se pertenceram a um animal erbívoro ou carnívoro. Como tôdas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um ôsso da perna, de um pé, é suficiente para determinar o talhe, a forma geral, o gênero de vida do animal. Os animais terrestres têm uma organização que não permite confundí-los com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são excessivamente numerosos; as conchas só por si formam por vêzes bancos inteiros de uma grande espessura. Por sua natureza, sem dificuldade reconhece-se quando os animais são marinhos ou de água doce».

Descrevendo nêsse capítulo, n.os 28 a 32, os animais do período secundário, e que, evidentemente, trata a Bíblia nos versículos 20 a 23 do Gênesis, diz Allan Kardec: «Os animais são ainda aquáticos, ou quando muito anfíbios; a vida animal, sôbre a terra seca, *«faz poucos progressos»* e a linha entre os animais aquáticos, além dos que citámos, mais os seguintes: o *teleossauro* e o *megalossauro,* fazendo referência apenas a um animal terrestre dêsse período: «o *iguanodonte,* o maior dos lagartos que tenham aparecido sôbre a terra: media de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda... A forma dos dentes prova que era erbívoro e a dos pés, que era um animal terrestre»; mas em regra os lagartos são amfíbios. Faz também referência, nesse período, ao *pterodáctilo,* já acima por nós citado, descrevendo-o como «animal bizarro do tamanho de um cisne, participando ao mesmo tempo do reptil pelo corpo, da ave pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que ligava os seus dedos, de um prodigioso comprimento e que lhe serviam de para-quedas quando se precipitava sôbre a prêsa do alto de uma árvore ou de um rochedo.»

Como acabamos de ver, a Geologia, pela informação respeitável de Allan Kardec, estabelece para o período secundário, talvez em parte abrangido pela síntese bíblica, o aparecimento dos mesmos animais a que esta se refere.

Philemon

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	250,00	Ano de	1945	cr$.	200,00	Ano de	1953	cr$.	200,00
» »	1928	»	250,00	» »	1946	»	200,00	» »	1954	»	200,00
» »	1929	»	250,00	» »	1947	»	200,00	» »	1955	»	200.00
» »	1930	»	250.00	» »	1948	»	200.00	» »	1956	»	200,00
» »	1937	»	250.00	» »	1949	»	200,00	» »	1957	»	200,00
» »	1942	»	250,00	» »	1950	»	200.00	» »	1958	»	200,00
» »	1943	»	200,00	» »	1951	»	200.00	» »	1959	»	200,00
» »	1944	»	200,00	» »	1952	»	200.00				

Combater os Fatos Espíritas é lutar contra a Realidade

Esforços inúteis para impedir a propagação da Doutrina — Fenômenos, razão e bom-senso — Mediunidade como fonte das religiões

DESDE o aparecimento do Espiritismo, numerosos esforços vêm sendo feitos para negar a natureza dos fatos espíritas, diminuir a sua significação, ridicularizá-los, atribuí-los à fraude ou misturá-los com o ilusionismo e hipnotismo. As fôrças e as pessoas empenhadas nessa inglória tarefa partem da suposição de que, negados ou deturpados os fatos, a doutrina pereceria. Entretanto, a história dessa luta demonstra o contrário. Os fatos espíritas não podem ser negados nem confundidos com fenômenos de outra natureza, e o combate que a êles se move só tem servido para intensificar a propagação da doutrina.

No capítulo sexto das «Conclusões» de «O Livro dos Espíritos», Allan Kardec declara : «Seria fazer uma idéia bem falsa do Espiritismo, acreditar que êle tira sua fôrça da prática das manifestações materiais, e que, portanto, entravando essas manifestações, pode-se minar-lhe as bases. Sua fôrça está na sua filosofia, no apêlo que faz à razão e ao bom-senso». A seguir, o codificador explica que os fenômenos espíritas existem desde todos os tempos, não se podendo escondê-los ou sufocá-los, precisamente por serem naturais. Tratando-se pois, de fatos naturais, lutar contra êles é lutar contra a natureza, contra a realidade.

Mas por que o codificador afirma que a fôrça do Espiritismo não está nos fatos, e sim na doutrina? Pois não são os fatos a própria base objetiva da doutrina ? Se lhe tirarmos essa base real, a doutrina não estará ameaçada ? Claro que sim, e o próprio Kardec o diz, no mesmo capítulo citado. Mas diz também que, por serem naturais êsses fatos, ninguém os conseguirá subtrair das bases doutrinárias. Ninguém poderá nunca impedir as comunicações mediúnicas, em suas diversas modalidades. Elas são universais, de todos os tempos e de tôdas as latitudes, entre todos os povos.

Kardec, porém, deixa claro que o Espiritismo não é um acêrvo de fatos, um conglomerado de fenômenos materiais, e sim uma filosofia, uma doutrina. Os fatos espíritas, como o demonstrou Ernesto Bozzano apoiado nas pesquisas dos antropólogos e etnólogos André Lang e Freedon Long, são a fonte natural de que nasceram tôdas as religiões. Por outro lado, as religiões se alimentam constantemente nessa fonte. Êles são, por isso mesmo, tão importantes para o Espiritismo quanto para outras doutrinas. E a fôrça do Espiritismo não decorre dos fatos, mas dos princípios que êle construiu sôbre êsses fatos, interpretando-os de maneira legítima, através da razão e do bom senso.

Enganam-se, portanto, os que combatem a fenomenologia espírita com o fim de impedir a propagação do Espiritismo. Mais acertados estão os que lutam contra a doutrina, contra os princípios filosóficos e religiosos do Espiritismo. Negar a doutrina, mesmo a peso de sofismas, é mais fácil do que negar os fatos em que ela se assenta. Mas ainda nêsse terreno é preciso convir que a luta não é muito fácil. Porque a doutrina espírita não apresenta incongruências. Não disfarça os seus princípios em zonas obscuras, sob o nevoeiro do mistério ou a proteção de interpretações místicas.

Um amigo de Cairbar Schutel, materialista, depois de haver lido «O Livro dos Espíritos», fez-lhe esta declaração: «Não aceito a premissa de que parte êste livro. Mas, se ela fôr verdadeira, não há maior monumento de lógica do que êste.» As incoerências, contradições e absurdos que até hoje têm sido apontados na obra de Kardec, não passam de deformações intencionais ou feitas por espíritos apaixonados. Foi por isso que Camile Flammarion, à beira do túmulo de Kardec, chamou-o de «Bom senso encarnado.» E é por isso que insistimos sempre na necessidade de leitura e estudo da obra de Kardec. Obra, aliás, que não é sòmente dêle, mas também e principalmente dos Espíritos.

A leitura dos livros fundamentais do Espirittismo é indispensável não só aos adeptos, como também aos adversários sinceros. Aquêles adversários que não querem jogar com sofismas, nem usar as armas fáceis da deturpação, precisam enfronharse nos princípios espíritas, para lutarem com lealdade contra êles. E os espíritas que realmente estejam a par da sua doutrina, não temem nem detestam os adversários. Primeiro, porque sabem que é dever do espírita respeitar a liberdade de consciência. Depois, por terem a demonstração histórica de que os adversários bem intencionados acabam rendendo-se à evidência da verdade, e os mal-intencionados nada mais fazem do que por lenha na fogueira do Espiritismo. Até hoje, os adversários têm sido úteis à doutrina. Quanto mais pregam e escrevem contra ela, mais auxiliam a sua propagação.

Irmão Saulo

Serões Bíblicos - V

Redator: LUIZ CARAMASCHI

A sabedoria do mordomo infiel

Chilon — Nunca me senti tão bem em tôda a minha vida, como nestes dias de quietude, de abandono e de árdua perqüirição filosófica. Nada como o rio, o mar, o sol, o ar, as belezas naturais, a simplicidade da gente simples, sem dinheiro e sem afetação pedantona.

— O almoço e o jantar da Anidra, então, estiveram esplêndidos. Lagostas ensopadas com arroz, êsse foi o meu regalo; e mais, por que eu mesmo as fui buscar, com Árago, nos covos.

— Que vida maravilhosa é esta, longe dos aventureiros gananciosos de dinheiro, e dos ambiciosos, ávidos de honrarias e de glórias. Cananéia, Iguape, Ilha Comprida com suas dez léguas de extensão, com um rio a cortâ-la em quase todo o seu comprimento... quem diria que nesta zona litorânea havia mata grossa e caça de pêlo? Iguape já teve os seus dias de fastígio, sendo agora, senão cidade decadente, pelo menos estacionária. Igualmente Cananéia é histórica; foi o lugar onde Martim Afonso aportou em 1531, encontrando já uma povoação de mestiços e de castelhanos.

Árago — Bem, deixemos de suspiros e de História; tudo isso é belo por causa da filosofia. Meta-te a viver como um caiçara ou capuava, e todos êsses suspiros morrer-te-ão no peito.

Chilon — Sim, é certo que sem ela a vida, ainda que nos mais belos lugares, ser-nos-ia insípida, monótona e destituida de finalidade. É por isso que já dizia Machado de Assis que a beleza da paisagem está no espírito que a observa.

Árago — Nosso assunto, para hoje, é a sabedoria do mordomo infiel, não é?

Chilon — É êsse, a menos que queirais ver aqueloutro, o que é a felicidade, visto ser isto coisa que todos buscam, e poucos sabem o que seja.

Árago — Estudemos hoje o ponto do Evangelho. Conta-me tu como está no texto.

Chilon — Conta Cristo de um dispenseiro que dissipava os haveres que lhe confiava o amo. Sabendo êste disto, chama o mordomo e lhe diz: já não poderás ser meu administrador, visto que dissipas os meus bens.

— Então discorreu o mordomo consigo: já que se me vai tirar a mordomia, hei de grangear, com ela, amigos, primeiro, para que quando eu não tiver nada, êsses meus amigos me recebam em suas casas.

— Pensando assim, chamou a um que devia a seu amo cem medidas de azeite, e lhe disse: — toma depressa tua conta, e assenta só cinqüenta. A um outro que devia cem alqueires de trigo, reduziu a dívida para oitenta.

— A isto diz Cristo que o senhor daqueles bens louvou o procedimento prudente do injusto mordomo, acrescentando que os filhos dêste mundo são mais sábios para com a sua geração do que os filhos da luz; e prosseguindo, disse: grangeai amigos com as riquezas injustas, para que, quando estas vos faltarem, tenhais quem vos recebam.

Árago—Que é riqueza justa? Chilon...

Chilon — Penso ser aquela que se ganha com o próprio esfôrço, pelo trabalho honesto.

Árago — E aquela que se ganha sem o próprio esfôrço, é injusta?

Chilon — Sim, essa é injusta.

Árago — Logo, os bens herdados são injustos.

Chilon—Sim, visto como seu possuidor nada fez para os merecer. E é por isso que tais bens se dissipam fàcilmente.

Árago—E quem é o supremo distribuidor, dono primeiro de todos os bens, e que a uns faz ricos, e a outros, pobres?

Chilon — Deus, quem outro havia de ser?

Árago — Respondeste bem. A parábola não pode referir-se a senhores humanos, que se isto fôsse, não haveria elogio para a ação prudente do modormo, em cancelar parte das dívidas de terceiros. Se a mordomia se perdia por dissipação de bens alheios, como poderia salvar-se, se o dispenseiro perdoava parte das dívidas, alterando a escrituração? Se êste último ato mereceu elogio, segue-se que aquêle senhor e amo não era homem, senão Deus.

Chilon — Bem deduzido.

Árago — Cristo não podia referir-se a bens roubados através das infinitas artimanhas da exploração, pela qual se pede sempre o máximo de esfôrço em troca de mínima paga. Quem grangeia riquezas por êste modo, que é como faz a maioria, não vai considerar-se depositário de bens divinos; ao contrário, cuidará que o dinheiro lhe pertence por inteiro, pelo que não se sentirá impelido a amenizar a dor de ninguém, que isto é cancelar parte de dívidas. Quem se enriqueceu com defraudar o próximo, como há, depois, de ter entranhas para se doer da miséria alheia?

Chilon — Isso tudo está claro como um dia de sol.

Árago — Então, se todos os bens vêm de Deus mediatamente, que só êle é rico de verdade, qualquer ricaço da Terra não é mais que mordomo das riquezas confiadas por Deus.

Chilon — Exatamente.

Árago — E só os bens de herança ou roubados se esbanjam, porque os adquiridos pelo trabalho e pelo suor próprio ficam seguros pelo amor que lhes tem quem os possui. Quem fôr pobre e desprendido jamais se enriquecerá, e ainda mais, pelo trabalho honesto e esfôrço próprio, quasi sempre mal pago. Sem sementes não há plantio, e não terá o que plantar quem só receber o que comer.

Chilon — Está certo isto.

Árago — Logo, os bens daquêle dispenseiro infiel eram herdados; e êle os esbanjava, por cuidar-se dono dêles, como ocorre com todos os ricos do mundo. Mas êle, em boa hora, chamado às contas, pela consciência, onde fala a voz de Deus que é o supremo senhor de tudo, caiu em si, e viu que sua sorte era a de ficar pobre, pois isto merecia. Dize-me se estou indo bem com a exegese do texto, descobrindo nêle o que não está expresso, mas só implícito.

Chilon — Continuai, continuai!

A'rago — Então o mordomo, querendo grangear amigos, não os foi buscar entre os demais ricos, e sabes por que?

Chilon — Nunca o saberei, se mo não disserdes.

A'rago — Porque todos os ricos também são outros tantos dispenseiros desonestos, esbanjadores de bens injustamente adquiridos, e que, por isso mesmo, serão os pobres de amanhã.

Chilon—Ora, que lanzudo que eu sou! pois isso está quasi explícito!...

A'rago — Portanto o dispenseiro, em vez de buscar a amizade dos ricos de hoje, que é como todos fazem, que serão os pobres de amanhã, buscou, ao invés disso, a amizade dos pobres de hoje, que, provàvelmente, serão os ricos do futuro.

Chilon — Mas por que «provàvelmente?» Acaso isto não é lei?

A'rago — Não. Haja vista o meu caso. Não quero nem riqueza, nem poder, e sim, sòmente, sabedoria. Dêste modo sou pobre hoje, e o serei daqui a um milênio. Quando estiver para me reencarnar outra vez, fugirei dos lares ricos, buscando um lar pobre, honesto e de bem dotados, quanto aos gens hereditários.

Chilon — Está bem, continuai...

A'rago—E como é que se busca a amizade dos pobres e endividados para com Deus, senão pelo suavizar-lhes as penas?

Chilon—Não há outro meio de se comprar a gratidão do pobre, e sua amizade.

A'rago—Atenção agora para o que te vou dizer: se qualquer homem rico chamar um pobre, e lhe perguntar: qual é tua dívida para com o teu senhor? ou: quanto deves a teu senhor? Tanto que diga isto, ouvirá se lastimar o pobre das suas doenças, dos seus infortúnios, das suas misérias. Dirá um: —Ah! meu bom homem! a minha dívida consiste em andar eu tossindo e escarrando sangue, por causa desta tuberculose que esburaca os meus pulmões. Isto é o mesmo que dizer:—devo cem coros de trigo. E o mordomo dos bens, isto é, o homem rico, terá de dizer:—toma a tua conta, e escreve oitenta. Quer dizer: põe-te num sanatório, às minhas expensas, manda arrancar seis costelas, imobilizando um dos pulmões para sempre. Depois volta para os teus de peito afundado, mas são. Isto é reduzir a dívida de cem, para oitenta, não é?

Chilon — Bravo! continuai!

A'rago— A um outro êle perguntará:—quanto deves a teu senhor? E a resposta virá logo:—Devo o estar morfético, apodrecendo em vida, deprezado dos meus, buscado pelos cães vadios que de longe me sentem o fedor. Isto é como se dissera:—Devo cem cados de azeite.—Toma, pois, a tua escrita e assenta cinqüenta. Quer isto dizer:—Recolhe-te no leprosário, faze teu tratamento com o promanid (promin), inteiramente às minhas custas. Volta depois para os teus, sem dedos, sem nariz e sem orelhas, porém curado, que isto é ter tua conta reduzida da metade.

Chilon — Estou suspenso pelo êxtase que me causam êstes acêrtos tão certos!...

A'rago — E agora fale Cristo, e suas palavras serão como que a continuação dêste desenvolvimento exegético: — «Grangeai amigos com as riquezas da iniquidade; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam êles nos tabernáculos eternos». (Lucas, 16, 9).

Chilon — Saio do meu êxtase, por causa duma dúvida que me assaltou neste instante.

Árago — Que dúvida é essa?

Chilon — É que Cristo disse «dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus»; logo, há coisas de César e coisas de Deus. Mas tudo é de Deus, Cesar não passa de um administrador, visto que nada tem de seu, porquanto tudo proveio de Deus. E São Paulo diz que tôda autoridade vem de

Deus (Rom. 13, 1), donde concluo que César não passa de dispenseiro, seja de autoridade, seja de bens divinos. Como então vem Cristo dizer que as coisas de César são umas, e as de Deus, outras?

Árago—Grande é, Chilon, o apêrto com que me afligiste, enquanto falavas; todavia, com citares São Paulo, me aliviaste o arrôcho. Viva São Paulo que declarou ter vindo tudo de Deus. Agora entendo que tudo vem de Deus mediatamente, isto é, remotamente. Todavia de modo imediato ou próximo, tudo não veio de Deus, porque se isto fôsse, o mal, a miséria e a fraqueza procederiam também dêle. Ora, é certo que César ere um abusador dos bens divinos, como o feitor improbo da parábola. Mas as abusões não vêm de Deus, senão de César. Logo há coisas de César, e há coisas de Deus. De outro modo responde-me ao que te pergunto:

— Quando foi que Cristo falou da existência de coisas de César e de coisas de Deus?

Chilon — Foi quando os fariseus o quiseram apertar com a proposição de que se devia ou não pagar tributo a César. Se Cristo dissesse: — não, *não se deve pagar* tributo a César; então estaria contra César. Se dissesse:—sim, *deve-se pagar* tributo a César; opor-se-ia à pátria onerada pelo estrangeiro.

A'rago — E como fez Cristo para sair-se dêsse dilema?

Chilon — Pediu uma moeda do tributo, e lha deram sem demora. Tendo Cristo olhado a efígie da moeda, perguntou de quem ela era, ao que lhe responderam ser de Cesar. E aí foi que Cristo sentenciou se desse a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

A'rago — Pronto! Está desfeita tua dúvida!

Chilon — Não percebo como!

A'rago — Pois está claro que se a moeda do tributo pertencesse a Deus, pròximamente, teria nela a imagem de Deus e não a de César Augusto. O sistema econômico estaria baseado em Deus, e não no homem corrupto e corruptor. Deus deu a riqueza, a fartura, e César, cuidando que tudo fôsse seu, cunhou, com sua efígie, a moeda do tributo. O resultado foi que Cristo, separando o vil do nobre, mandou se desse o seu a seu dono. Dêste modo, a riqueza continua sendo de Deus, porém a moeda que a representa, é de César. Sem a riqueza de Deus, a moeda nada vale. Que valor poderá ter todo o ouro cunhado com a efígie de César, se faltar o sol, a chuva, a generosidade da terra? Como é que Deus dá e tira valor à moeda de César, senão dando e negando aquilo que é seu? O homem néscio troca Deus pelo dinheiro, quando, na verdade, êste nada vale, se o mesmo Deus não o validar. Qualquer dinheiro é um cheque cujo valor está sòmente no abono ou endôsso que Deus quiser dar com as riquezas. Por isso quem se apega a Deus, está junto da fonte de todos os bens, e é por isso que Cristo manda imitarmos as aves dos céus e os lírios dos campos que nem semeiam nem têm celeiros. É que, ou Deus nos ampara por estarmos pegados a êle, ou estaremos perdidos, irremediávelmente, embora tenhamos todo o dinheiro de César metido nos bancos, em nosso nome. E se Deus não quiser invalidar a moeda, criando uma crise geral, com lhe cortar o suprimento de riqueza, basta ferir o avarento de peste, de cancer, de morte, e tudo o que êle pensa possuir se resolve em nada.

* * *

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.° andar - Sala 2 e 3 - Telefône : 36-3146 - Caixa Postal 4921 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Carta à Redação

Araraquara, 15 de Janeiro de 1961

Prezado sr. Watson Campêlo, Diretor da Revista Internacional do Espiritismo

Fraternais Saudações

Vimos com esta na presença de V. S., com assunto relativo aos nossos trabalhos, há poucos mêses atrás publicados nesta Revista, quando rebateramos sôbre o que se escreveu, com relação ao Espiritismo, no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do ilustre médico patrício dr. Osmard Andrade Faria.

Como já é do conhecimento de V. S., o autor da referida obra, em data de 31-8-1960, solicitou por carta dirigida diretamente a essa redação, através de argumentos que seriam desnecessários, liberdade para nestas páginas nos contra-rebater, de cuja missiva gentilmente também nos enviou uma cópia. É de se ver que êste direito, moralmente justo, já lhe haviamos de nossa parte concedido anteriormente na nossa coluna, como bem se vê na Revista de Agôsto último (e posteriormente na de Outubro) sua defesa inicial, por nós publicada. Contudo, de acôrdo com a nossa tradicional liberdade doutrinária, também V. S. atendeu prontamente a êsse pedido e, logo após esta segunda concessão, o autor em data de 16-9-1960 ainda nos comunicou por carta o ato de V. S., na qual também esclareceu não haver conosco rompimento epistolar, de acôrdo com a nossa má interpretação nessa sua atitude, esclarecimento êste que muito nos veio alegrar. E dentro desta amistosidade, ainda se adiantou em citar-nos um dos temas de sua próxima defesa, a ser publicada nesta Revista.

Depois desta sua movimentação, para se defender dentro do nosso próprio campo doutrinário, já se passaram mais de quatro mêses, sem que tivessem vindo seus prometidos contra-rebates, ou qualquer justificativa dêsse seu repentino desamparo à sua tese. Tal silêncio de agora, contrastando com a sua atividade anterior, nos autoriza a conjeturarmos que o autor abandonara sua luta polêmica, já antes iniciada com a sua defesa de Agôsto último.

Para nós, se bem que seria honrosa a continuidade da nosso opositor nestas páginas, o seu não comparecimento em nada nos afeta, e nem seria motivo de manifestação de nossa parte uma vez que o assunto, tal qual ficou, permaneceu com o fiel da razão pendendo para nosso lado.

Mas acontece que estamos já elaborando uma nova série de rebates, a outro seu livro mais recente, o «Hipnose e Letargia», e assim, antes de iniciarmos, desejamos deixar clara a situação anterior, para que ninguém venha a julgar que, com os nossos novos trabalhos, estariamos sustando sua defesa que não veio, cuja ausência em nada depende de qualquer atitude de nossa parte. Também poderiamos não nos preocuparmos com esta sua posterior literatura na qual, em resumo, uma bôa parte aproxima-se de uma repetição da anterior, deduzindo-se assim que os nossos rebates de uma, já se poderiam manter também para a outra.

No entanto, se tomamos a resolução de virmos a campo também com êste seu segundo trabalho, dirigindo-nos ataques, cuida-se pelo motivo de o autor desta vez ter ido mais além na sua parte relativa aos nossos postulados, até parecendo mesmo que, não fôsse o título, a finalidade da segunda parte do seu livro teria sido exclusiva de combate ao Espiritismo, consequentemente ao Espiritualismo, cujo assunto ocupa nas suas páginas substancial espaço. Logo, agora com um segundo ataque mais extensivo, aos nossos princípios doutrinários, um silêncio de nossa parte poderia ser interpretado como um recuo, diante de algo mais substancial.

Assim, por esta razão, logo mais aqui voltaremos nesta segunda série, que será de cinco ou mais trabalhos, agora com atenção no «Hipnose e Letargia», oportunidade esta em que faremos um retrocesso na série anterior, na parte relativa a Freud, atendendo neste ponto a pedidos de confrades, que nos solicitam melhores esclarecimentos na questão do mestre de Viena.

E para bem informar nossos leitores, sôbre o que sucede no momento, rogamos a V. S. a gentileza em publicar esta carta, para que também chegue ao conhecimento do nosso opositor, a nossa presente deliberação.

E, sem mais a dizer, neste instante, encerramos esta com antecipados agradecimentos a V. S., pela sua preciosa atenção, se assim nos julgar dignos, subscrevendo-nos mui fraternalmente.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara — Estado de S. Paulo.

Espiritismo e Metapsíquica

Newton Boechat

CONTA antiga história o caso de um rei que necessitava de alguém para tratar de seu cavalo de estimação.

Apareceu humilde chefe de família, oferecendo-se para a incumbência. O tão precioso emprêgo lhe daria grandes facilidades, podendo, destarte, melhorar as condições de vida dos dependentes.

Mas, o rei lhe impôs uma condição : a de nunca lhe transmitir a notícia da morte do animal.

Se algum dia êle lhe dissesse que o cavalo morreu, seria imediatamente decapitado.

O tratador viveu, satisfeito e feliz, durante muitos anos.

Um dia, no entanto, o tratador, ao penetrar no estábulo para dar ao cavalo a primeira ração, deu com o corcel estendido próximo ao portão, inexplicàvelmente morto.

Afligiu-se, amargou minutos que transcorreram penosos, difíceis.

Homem inteligente, arranjou um meio de escapar da fúria real.

Pediu audiência urgente. Era um dos dias em que sua majestade se encontrava irritadíssima, porque não ia a contento a administração de província distante.

O tratador aproximou-se, reverente, olhou o rei que o encarava, expectante, em angustiada tensão, vendo o seu subalterno lívido, ouvindo-lhe o relato :

— Majestade, tenho uma péssima notícia a transmitir !

Nas primeiras horas de hoje, ao me dirigir ao estábulo para alimentar o vosso garboso cavalo, dei com o mesmo caído... imóvel... não respirava... as juntas estavam rígidas... o corpo hirto... os olhos embaçados... parados... notei, também, um enxame de moscas voando a pequena altura, como a esperar um banquete macabro...

O monarca, contrariado e não mais aguentando a tensão nervosa, bravejou incontrolado, frente aos seus conselheiros reunidos na sala do trôno :

—Mas, ó servo ! Estás me dizendo que o meu cavalo morreu ?...

Ao que êle, imediatamente juntou :

—Eu não disse isto ! Vossos lábios, sim, proferem a verdade !

E escapou da terrível punição...

Na História do nosso Espiritismo, podemos enquadrar a história do cavalo morto.

Os sábios e homens de ciência podem pesquisar à vontade os fatos supranormais, todavia, com uma condição : nunca dizê-los espiríticos, senão... à semelhança do tratador do cavalo aquí focalizado, poderão perder, não as cabeças, mas, o prestígio de seus pares, o bafejo administrativo, os aplausos do mundo oficial...

Em suma, o *cavalo morto* é a própria mole de fatos espíritas, genuínos e sem tergiversação ; o *rei* é o mundo dos interêsses graúdos e miúdos ; o *tratador* constitui aquela assembléia de homens realmente notáveis, zelosos da «ciência que incha» mas que ainda não têm coragem de «dar o testemunho», indenes de pressões e floreios...

Quando surge um Zoelner e afirma que os aneis de ébano foram mesmo argolados, incompreensivelmente, numa sessão de efeitos físicos com o médium Slade, sem que houvesse antes ou depois solução de continuidade em sua estrutura, tem contra si o *pêso* de autoridades conspícuas da Universidade de Leipsig...

O livro A TEORIA CORPUSCULAR DO ESPÍRITO, de autoria dêsse confrade culto e singelo que é o Dr. HERNANI G. ANDRADE, aí está, em conceituação moderna, num atrevido repto às nossas Universidades, ainda presas ao esquema do materialismo de ética ateísta, sem telefinalismo.

Vamos, minha gente, dar u'a mãozinha à Metapsíquica para ver se ela consegue sair do aranzel em que se meteu, por falta de estrutura coordenada a encaminhar-lhe as pesquisas, mas, se ela pretende continuar como está, mais tarde, quando acordar, verificará, surprêsa, que dormíu sôbre hipóteses frageis e que os fatos espiríticos constituem a mais palpável realidade estribada na razão, alicerçada na lógica e aclarada por transcendentes revelações, trazidas por todos os Espíritos do Senhor, arautos da Sabedoria e do Amor, para um mundo melhor.

Testes sôbre Fenômenos Espíritas

Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

As sociedades e os institutos de investigação psíquica, metapsíquica ou parapsicológica realizam pesquisas sôbre a fenomenologia espírita sob os cânones da Ciência Materialista. São muitas as instituições dêsse gênero. Há uma sociedade no mundo, entretanto, que efetua as mesmas pesquisas, com igual rigorismo, mas sob a égide da Ciência Espiritualista. É a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Embora considere o fenômeno espírita real, em tese, quer que o próprio fenômeno, em cada caso, forneça os elementos, que convençam de sua genuinidade. Por isso adotou a dúvida, como ponto de partida, para investigação de qualquer fenômeno. Todo fenômeno é duvidoso, até que convença de que não é. A Sociedade pretende ir muito longe, inclusive criando uma escola psiquiátrica à base do Espiritualismo, para contrapor à oficial, que se esteia no Materialismo, com o propósito de demonstrar que mais de 90 % dos casos de alienação mental outra coisa não são que obsessão por espíritos de pessoas mortas; que os casos de dupla e múltipla personalidade, e bem assim os semelhantes, sob rótulos diferentes, como os de divisão, desintegração ou alternância de personalidades, são ou obsessão por espíritos de pessoas mortas, ou revivescência de personalidades que teve o paciente em reencarnações anteriores; e que nos casos de histeria, epilepsia, hístero-epilepsia, coréia, esquizofrenia e paranóia é comum haver associação fenômenos espíritas aos sintomas nosológicos. A alienação mental pode resultar de *lesão cerebral*, provocada pela ação constante de agentes patogênicos ou tóxicos; de *perturbação na dinâmica psíquica*, causada por emoções muito fortes; e da *ação de espíritos de pessoas mortas*, geralmente movidas pelo ódio, isto é, pelo insopitável desejo de vingança, a decorrer de graves prejuizos sofridos em vida anterior, e pelos quais foi responsável a vítima atual. Três são as causas, e apenas de uma cogita a Psiquiatria oficial—a cerebral; quer isso dizer que ela estuda 1/3, pensando que é o todo, sem considerar 2/3 das causas, que ignora. Por essa razão é que se costuma admitir a Psiquiatria como a parte mais obscura da Medicina; e que se avaliará quão útil lhe será a Ciência Espiritualista.

Regras para os testes

No dia 20/12/60 foi reeleita a Diretoria da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, para o quinqüênio de 1961 a 1965. Dela fazem parte, como presidente, o jornalista Milton de Andrade; e como Diretor do Departamento de Investigações Experimentais, o Dr. Levindo Mello, médico. Antes da eleição, o presidente Milton de Andrade leu o relatório da Diretoria, sôbre a gestão administrativa de 1960, e fazendo o retrospecto da atividade científica da Sociedade desde a fundação, há quase 20 anos passados.

Eis o Regimento Interno, sucinto, cujos princípios fundamentais regulam a investigação da fenomenologia paranormal e espírita pela Sociedade :

I

Local de Investigação — As investigações da Sociedade serão procedidas em sua sede, à Avenida Rio Branco n. 4 (15.º andar—Salas 1.504/6).

Seus Membros, a título de colaboração, poderão promover trabalhos preparatórios fora da sede, em caráter particular, sôbre os fenômenos que produza qualquer médium, a fim de oportunamente os submeter a testes de caráter oficial, por comissão de investigação designada pelo Presidente da Sociedade.

II

Órgão de Investigação — Tôda investigação é procedida por comissão designada pelo Presidente da Sociedade, dirigida ou por êle, ou pelo Diretor do Departamento de Investigações Experimentais, de que façam parte principalmente médicos espíritas, dado o caráter da instituição, que é de *Medicina* e *Espiritismo.*

Podem participar de comissão de investigação, como membros, psicólogos, parapsicólogos, metapsiquistas, engenheiros, cientistas em geral, investigadores psíquicos de longo tirocínio e oficiais das Fôrças Armadas, que sejam espíritas.

III

Critério de investigação — A Sociedade, à luz da experiência, considera o fenômeno espírita, em tese, real; em cada caso, porém, adota a dúvida como ponto de partida para a investigação, uma vez que pretende que o próprio fenômeno forneça elementos, que convençam, quanto a sua genuinidade.

IV

Verificação de fenômenos — Não deverá ser adotada a hipótese espírita, na investigação de qualquer fenômeno, sem antes se verificar se alguma das hipóteses materialistas, até hoje aventadas, o explique melhor do que ela.

V

Luz — Qualquer investigação de fenômeno objetivo se procede à plena luz, ou, no mínimo, sob luz vermelha, com grau de visibilidade que possibilite contrôle. No escuro os fenômenos não convencem, deixando a investigação de ter interêsse científico. Se o médium não concordar com êste princípio, deixará de proceder-se a investigação. A Sociedade não tem pressa, quanto ao programa que deseja executar. Hão de surgir médiuns, como D. D. Home, que produzam fenômenos em condições de prova. Vários médiuns, espíritas e não espíritas, se têm submetido a testes na Sociedade, sob luz vermelha, que é neutra em relação ao fenômeno; não exerce ação química, nociva, dissolvente do ectoplasma, mas apenas física calorífica, inócua. (Ainda agora a Sociedade vai submeter a testes uma médium, de fenômenos telecinéticos, que diz produzí-los à plena luz do dia).

VI

Contrôle — O contrôle na investigação da fenomenologia objetiva pode ser direto, ou visual; e indireto, ou fotográfico, cinematográfico e sonográfico.

O contrôle direto é exercido pelos investigadores, através da observação; o indireto, através de aparelhos que possui a Sociedade.

O médium submetido a teste deve permanecer sob as vistas dos investigadores, à vontade, deitado numa cama-poltrona.

E' vedado o uso de gabinete, gaiola, biombo, cortinas, algemas, cordas ou outros recursos, para subtrair o médium à observação direta dos investigadores, ou manietá-los. Nada disso adianta, sabendo-se que o médium pode operar através de comparsas, que não fiquem manietados.

VII

Exames — Sempre que o caso exigir, além do exame do paciente por clínico ou especialista, haverá também exames radiográfico e de laboratório — pré e pós-fenomênicos.

VIII

Inscrição — Havendo grande afluência de pessoas interessadas em cooperar nos testes, como, por exemplo, em caso de aplicação de passes magnéticos, ou de operação fluídica, deverão ser instituidos livros de inscrição, a fim de que se processe com ordem a prestação do concurso de cada um.

IX

Orientação — Para orientação dos médiuns e das pessoas que queiram colaborar nos testes, deverá ser feita com antecedência preleção pelo Presidente da Sociedade, de caráter instrutivo.

X

Testes públicos — A Sociedade só fará testes públicos desde que os médiuns concordem, e depois que provem, perante comissão de investigação designada pelo Presidente, sua capacidade para produzir reais fenômenos paranormais ou espíritas.

XI

Prece — Todos trabalhos experimentais da Sociedade deverão ser abertos e encerrados com a prece oficial da instituição, em atendimento a seu Estatuto, e por se tratar de Ciência Espiritualista, que lhe exalça o valor, embora a considere inútil a Ciência Materialista.

XII

Ata — Havendo êxito nos testes, lavrar-se-á ata, com relatório sucinto dos fenômenos observados, para ser subscrita pela comissão de investigação. Acompanharão a ata, como parte integrante da mesma, as fotografias, os filmes, as chapas e os documentos gráficos comprobatórios dos fenômenos. As atas serão colecionadas em pastas apropriadas e conservadas no Arquívo da Sociedade.

A Sociedade poderá fornecer, a pedido, cópia ou fotocópia da ata, das fotografias, dos filmes, das chapas e dos documentos gráficos, comprobatórios da verificação procedida, que desejem, para si, ou para seu uso, os membros das comissões oficiais de investigação.

Os Testes

Em síntese, foram os seguintes os fenômenos investigados ou estudados pela Sociedade, desde sua fundação :

FENÔMENOS

Psicografia — Comissão de Investigação : Dr. Antonio Gomes Penna, psicólogo, Professor de Psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil ; Dr. Levindo Mello, médico, antigo Preparador de Fisiologia e de Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte) ; e Sr. Milton de Andrade, com curso de Medicina incompleto (até a 4.ª série), interno do Serviço de Ginecologia do Hospital de São Francisco de Assis durante 4 anos, jornalista e Presidente da Sociedade.

Médium — Sr. Alarico José da Cunha, poeta e Membro das Academias de Letras, do Maranhão e do Piauí.

Testes : em 20-5 e 13-6-58.

Incorporação — Investigadores oficiais : Dr. Levindo Mello, médico, que foi Presidente da Sociedade durante 17 anos e hoje é seu Diretor do Departamento de Investigações Experimentais ; Dr. Torres Bandeira, médico, bacteriologista pelo Instituto de Manguinhos e antigo Diretor do Departamento de Investigações Experimentais ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico há 25 anos e Presidente da Sociedade.

Médiuns — Dr. Alexandre Dias Filho, (Médico), Srs. Virtulino José da Silva, (Proletário), Dante Costenaro, (Comerciário), Armando da Silva Mello, (Comerciário), Sra. Regina Edler, (Dama da sociedade carioca).

Inspiração — Investigadores oficiais : Dr. Levindo Mello, médico, Diretor do Departamento de Investigações

Experimentais; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Prof. A. de São Thiago, (Escritor, Membro da Sociedade de Filosofia e ex-deputado).

Testes: em 13-9-55.

Regressão no Tempo, ou Regressão da Memória, até reencarnações anteriores — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Mello, médico, então Presidente da Sociedade; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico. Experiências demonstrativas da reencarnação, de que participou o hipnólogo alemão Prof. Julio Brand, assessorado por sua espôsa, que é de nacionalidade sueca.

Pacientes — Sras. Odila Machado, Arlina Costa, Odete Peixoto, (Damas da sociedade carioca).

Testes: em 13-9-55.

Levitação de Mesa — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Mello, médico, então Presidente da Sociedade; Dr. Arthur Lins de Vasconcellos, engenheiro, antigo Secretário da Sociedade; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Sr. Joaquim Pereira Sampaio, (Industrial).

Testes: em 1945 e 1946.

«Poltergeist» — Investigador oficial: Dr. Levindo Mello, médico, então Presidente da Sociedade.

Médium — Menor residente na casa onde ocorriam os fenômenos, inclusive movimentação de pesados móveis, independentemente de qualquer contato humano (Na Ilha do Governador).

(Continua)

Crônica Estrangeira

SÃO ENCONTRADOS DOCUMENTOS PERDIDOS GRAÇAS AO CLARIVIDENTE

«Spiritualisme Moderne»

Foi remetido um pacote ao Centro Holandês de Matemáticas, em Delfi, por M. Van Bussbach, inspetor das escolas de Amsterdam. O pacote continha os resultados de experiências feitas sôbre escolares e que deviam ser controlados pelo Centro.

Uma semana mais tarde, êle recebeu uma carta do Centro, comunicando a remessa dos documentos, no mesmo dia, pelo correio. M. Van Bussbach responde que êle efetivamente recebeu três registrados contendo uma parte de documentos, mas que faltavam mais de 600 folhas. Pedia a remessa das mesmas.

O Centro respondeu que não conservou documento algum, mas que vai investigar, porém tudo foi em vão.

Alguém sugeriu a M. Van Bussbach consultar M. G. Croiset, médium que talvez pudesse esclarecer. Eis o relato escrito pelo interessado e publicado no *Jornal para as Investigações Psíquicas*:

«Eu telefono de minha casa a Harlem, a M. Croiset. A Snr.ª Croiset atende e diz que seu marido está muito ocupado nêsse momento, em seu trabalho de curas, e êle próprio não pode telefonar.

— De que se trata?

— Eu desejo consultar M. Croiset sôbre a perda de documentos, disse eu.

Snr.ª Croiset: para estas coisas, êle não tem tempo disponível. É melhor pedir o auxílio dum sensitivo.

Eu repliquei: Queira avisar seu marido que M. Van Bussbach, de Harlem, deseja lhe falar; êle me conhece e atenderá.

M. Croiset vem ao aparelho e eu lhe explico brevemente a perda dos papéis.

M. Croiset: Um momento... Uma cadeira de escritório, girante, uma mesa recoberta de verde... O senhor conhece isso?

— Nada compreendo, respondi.

M. Croiset: Nessa sala, há dois armários, altos, de côr escura; num dêles se acham os documentos, no armário à direita, para precisar. De qualquer maneira, não se preocupe, os papéis serão encontrados.»

M. Van Bussbach, em seguida conta como êle se dirigiu ao Centro e lá foi recebido pelo diretor numa sala mobiliada do modo descrito por M. Croiset !...

«Falámos dos documentos desaparecidos. M. M... exprimiu seu profundo pesar, todos os cantos do Centro tinham sido examinados com o maior cuidado, sem sucesso. Êle também me disse que pensava recordar-se vagamente ter eu levado os documentos há alguns mêses atrás. Eu neguei o fato, isso era impossível devido ao peso do pacote, que continha 600 folhas, e atingiam ao peso de uma dezena de quilos.

Enfim, falei de minha comunicação telefônica com M. Croiset e examinei o esquema da sala, comparando-o ao por êle descrito ao telefône. Mas M. M... achava preta a côr do escritório, eu o achava verde. Igualmente indiquei os dois armários...

—Impossível, disse M. M..., os papéis lá não podem estar ! A ninguém é permitido abri-los. Estou absolutamente certo de que êles lá não se encontram. Entretanto, para desencargo de consciência, eu vou ver.

M. M... abriu a porta do armário e a primeira coisa que viu foi uma pilha de documentos, à esquerda, sôbre a prateleira superior !

MÉDIUNS QUE DESAFIAM A LEI DA GRAVIDADE

A levitação por médiuns é o assunto de um artigo no «Daily Representative», de Queenstown, que descreve seus feitos como «atos de arrepiar cabelos».

Aqui damos extratos.

As levitações de famosos médiuns da Europa, como Eusápia Palladino, Willi Schneider, Carlos Mirabelli e Ruggieri, tornam-se insignificantes em confronto com os feitos de nossos médiuns clássicos do século 19 : William Stainton Moses que se elevou ao teto juntamente com sua cadeira de braço, e o singular Daniel Duglass Home.

As levitações de Home foram além de uma centena entre os anos 1853-74, observadas por testemunhas, entre as quais pessoas da maior responsabilidade.

O Dr. Thomas Hawksley, amigo e médico de Home, descreve como em certa tarde de verão, em Cox's Hotel, Home demonstrou a um barão, de pé sôbre uma mesa, esta de grande pêso.

Imediatamente a mesa e o homem elevaram-se a quinze centímetros acima do soalho. Eu me curvei e livremente passei minha mão entre os pés da mesa e o tapête. Terminada tôda investigação, eu pude constatar a realidade do fenômeno e a mesa pousou sôbre o soalho e Sir Barão desceu de sua elevação.»

As seguintes alturas foram atingidas por médiuns levitados : Home de algumas polegadas a 1 m. e 65 cents. ; Stainton Moses, 4 metros; Eusápia Palladino, 1 metro; Ruggieri, 6 metros.

Geralmente a ascenção é vagarosa e gradual. O médium é levitado em qualquer posição. Home subiu sentado, ajoelhado, de pé e deitado.

Schneider foi elevado horizontalmente e «parecia pousado sôbre uma nuvem.»

De «Two Worlds»

ACHILLE BIQUET MANIFESTA-SE EM LONDRES

De «Estudos Psíquicos»

David Bedbrook, vice-presidente da Federação Espírita Internacional e diretor do seu órgão *Yuors Fraternally,* publicou um editorial de grande interêsse que desejamos arquivar nestas colunas. Além de escritor e conferencista, é excelente médium de clarividência.

Depois de afirmar que estava em contacto permanente com Achille Biquet e que dêle recebera a promessa de o acompanhar em pensamento, durante a grave operação a que fôra submetido, escreve :

«A notícia do seu falecimento, ocorrido em 9 de Maio, foi-me comunicado por amigos belgas, três dias antes da intervenção cirúrgica, e causou-me grande choque devido a um motivo especial. Entrei no hospital no dia 13 de Maio e a operação estava marcada para a tarde do dia seguinte.

«Já depois de estar deitado ergui os olhos e vi Achille aos pés da cama, apoiado nos cotovelos. Foi uma das melhores clarividências da minha vida. Sorria, apontava para mim com a sua boquilha e parecia querer falar, dizer-me qualquer coisa, mas eu não pude apreender uma só palavra, por mais esforços que fizesse. Permaneceu, ali cêrca de dois minutos e depois a visão extinguiu-se gradualmente.

«Fiquei intrigado com a cena, pois julgava-o de perfeita saúde. Deitei a cabeça na almofada a meditar no motivo da visão e concluí que seria a projeção do seu pensamento.

«Em seguida pareceu-me sentir a intuição de que viera ali, sabendo que eu era o único médium da diretoria da Federação, uma vez que eu fôra a Liège a seu pedido, a fazer algumas demonstrações públicas. Mesmo nessa altura, nem por um instante supus que já tivesse desencarnado. Só três dias depois recebi a primeira notícia do seu trespasse.

«Portanto, Achille veio dar-me a conhecer a sua presença, mas ignoro por que razão apontava para mim a sorrir, tentando dizer qualquer coisa. Talvez se manifeste a outras pessoas e eu possa então compreender os motivos da sua vinda.»

Como já dissemos, Achille Biquet foi nosso redator-correspondente em Liège e era um alto espírito aberto às mais belas iniciativas. Não admira que depressa compreendesse o seu estado e que, de fato, tivesse alguma coisa a dizer ao seu amigo, visto o desencarne ter sido repentino.

É consolador ver que os «mortos» voltam e continuam preocupados com o seu trabalho antigo. Assim a morte não pode mais encarar-se como finalidade. Meio é que ela é de se atingir a plenitude na seqüência da vida.

Espiritismo no Brasil

ESCOLA BEZERRA DE MENEZES

Encerramente do Ano Letivo (1960)

(Departamento Educacional da Associação Espírita Estudandes da Verdade)

Em 17-12-1960, às 16 horas

Constituição da mesa: Jaks Aboab, orador; Professor Aleixo Victor Magaldi, representando esta Revista; Professôra Rosilda Caramez, diretora da Escola; Carlindo Dias, diretor do Departamento; e Natalino Nunes Vieira, presidente da Associação Espírita Estudantes da Verdade.

Abertura: Carlindo Dias fez a abertura da reunião, dizendo que, embora a mesma não tivesse caráter de religiosidade, entendia que, onde quer que os cristãos se encontrem, há sempre motivo para orar; e alí havia uma grande razão: o encerramento daquêle ano letivo. Assim, levava seu pensamento ao Criador de tôdas as coisas, suplicando suas bençãos para todos e em agradecimento por tão grande alegria.

Em seguida, explicou que o orador convidado, o Professor Ramiro Gama, por encontrar-se acamado, deixava de comparecer àquela reunião. Todavia, alí estava Jaks Aboab, para substituir o Professor Ramiro Gama.

Justificou a reunião de encerramento, que, não sendo despedida de alunos em demanda de outras Escolas para outros cursos (principal motivo de tais reuniões), a presente reunião da Escola Bezerra de Menezes apresentava um trabalho até agora inédito em Volta Redonda: ensino eficiente, orientação moral (não religiosa, que esta cabe ao Lar) e completa assistência material aos seus alunos, em completa gratuidade. Destacou que, para levar a Escola Bezerra de Menezes ao cumprimento dêsse programa, a Associação Espírita Estudantes da Verdade, que a criou e com todo empenho a vem mantendo desde 3-3-1952, contou com a valiosa colaboração de corações verdadeiramente cristãos que lhe prestaram a sua ajuda sob diversas formas.

Assim, entendia plenamente justificável aquêle encontro de corações alegres no encerramento do ano letivo da Escola Bezerra de Menezes.

Entrega das provas finais : Inicialmente foram entregues as provas aos alunos primeiros colocados nas respectivas classes : Selmaní de Jesus Faria (Adaptação), 1.º lugar ; Geraldo Mangelo da Silva (1.ª Série «B»), 1.º lugar ; Zélia Miranda e Maria das Graças Pedro (1.ª Série «A»), 1.º lugar, (empate). (Particularidade : a aluna Maria das Graças Pedro obteve nota 100 em tôdas as provas do ano). Aos citados alunos foram entregues prêmios pelas colocações obtidas. Destacou o Diretor do Departamento, durante a entrega das provas restantes, que as notas obtidas pelos demais alunos foram ótimas, detalhe muito significativo.

Parte artística e saudações, pelos alunos : As irmãs Elcy e Zélia Miranda apresentaram «Cântico de Natal», (alunas que professam a religião Batista, de onde trouxeram essa delicada contribuição artística) ; Zélia Miranda, a poesia «Sementinha» ; Jonas D'arc Silva e Margarida da Silva, o diálogo «O Aluno e o Professor» ; José Carlos Bazilio, a quadrinha «Dentinho de Ouro», (ensinada por Newton Boechat, quando de sua recente visita à Escola) ; Maria José Queiroz, uma delicada saudação ao Diretor do Departamento, à Diretoria da Associação e a todos os seus colaboradores naquele trabalho, num agradecimento expressivo em nome de todos os alunos ; Maria Aparecida Martins ofereceu uma lembrança à Professôra Rosilda Caramez, em nome de todos os alunos, como reconhecimento à dedicação dela recebida. Os alunos foram entusiàsticamente aplaudidos em tais apresentações.

Palavra do orador, Jaks Aboab : Substituindo o Professor Ramiro Gama, falou o querido confrade Jaks Aboab, com aquela sua proverbial simpatia, brindando os presentes com valiosas considerações. Destacou o trabalho apresentado pela Escola Bezerra de Menezes, na sua parte material, pela assistência prestada aos alunos com valiosa ajuda de muitos corações e na eficiência do ensino, onde sentia-se o notável trabalho da professôra, comprovado nos brilhantes resultados apresentados. Pediu a atenção dos responsáveis pelos alunos para a importância daquêle trabalho. Aos alunos fez uma exortação das mais interessantes, concitando-os a um aproveitamento cada vez maior do ensino e da orientação moral que recebem na Escola Bezerra de Menezes. Finalizou dizendo que aquêle trabalho não pode parar, desejando que no próximo ano todos alí estivessem com a mesma alegria por nova e maior tarefa.

Agradecimento : O Diretor do Departamento, em nome da Associação Espírita Estudantes da Verdade, agradeceu a preciosa colaboração recebida de corações verdadeiramente cristãos e que influiu decisivamente para aquêles resultados, colaboração sob tôdas as formas, seja na confecção de uniformes, em doações, etc., partida de quem pratica o bem por amor ao próprio bem. Também à Professôra Rosilda Caramez apresentava sinceros agradecimentos pela dedicação ao trabalho que lhe foi confiado, reiterando as palavras do orador Jaks Aboab, isto é, que a ela pertencia o mérito integral pelos ótimos resultados obtidos. Agradeceu ainda a presença de representantes de organizações irmãs que vieram trazer o seu apôio e a sua solidariedade àquele trabalho.

Aviso sôbre confirmação de matrículas e novas inscrições : O Diretor do Departamento disse que tinha a grata satisfação de anunciar que a Escola Bezerra de Menezes terá no próximo ano (1961) as duas primeiras séries do Curso Primário, isto é, 1.ª e 2.ª, num total de 70 alunos, completando-se as vagas existentes com irmãos dos atuais alunos, preferencialmente, ficando marcado o período de 2 a 13-1-1961, das 13 às 16 horas, na sede da Associação, para as citadas inscrições.

Encerramento : A pedido do Diretor do Departamento, o presidente da Associação Espírita Estudantes da Verdade, proferiu uma prece, encerrando a reunião.

Distribuição de roupas, brinquedos e doces : Encerrada a reunião, foram ofertadas a cada aluno roupas para verão, brinquedos e doces.

—

Aí está uma atividade das mais louváveis, a que tôda a família espírita devia se dedicar por êsses rincões do Brasil, com afan e abnegação. O Jardim da Infância e a Escola Primária, mantidos pelas organizações espíritas, desempenham um papel de relevância incalculável na propagação do Espiritismo. Deviam ser criados, antes de mais nada, em todos os Centros Espíritas, um Jardim da Infância e uma Escola Primária.

Antes das Escolas Evangélicas Espíritas ou das Aulas de Moral Espírita. De que servirão estas sem contarem com crianças assistentes? Os Jardins da Infância e as Escolas (públicas), sem ensino religioso, atraem a simpatia geral do público. Por isso, devem-se criá-los e mantê-los em todos os Centros. E com funcionamento nos mesmos prédios. O primeiro serviço que êles prestarão — serviço de si mesmo importantíssimo, será o de ambientar as crianças não espíritas ao meio social espírita, retirando delas qualquer prevenção, qual idéia errônea, o temor inexplicável contra os espíritas, o pavor de se achegarem às organizações espiritistas. Pois, não estão elas habituadas a ouvir, aquí e alhures, mentiras e calúnias a respeito dos espíritas e do Espiritismo, propaladas maldosamente pelos adversários da nossa Doutrina? O que de menos mal dizem de nós é que somos diabólicos, feiticeiros, cujo contacto conôsco, até numa simples conversa, é o caminho aberto para o «inferno». E as crianças, de modo geral, por tôda parte, ouvindo dizer isso, fogem de nós e das nossas organizações como o «diabo da cruz», atemorizadas, persignando-se.

Por experiência própria, porque eu vivi êsse drama íntimo, sei que é assim mesmo. Na minha infância, a cabeça cheia dessas infâmias e calúnias, contra o Espiritismo, eu tremia de horror, ao passar — de longe — diàriamente, a caminho da Escola Pública primária do Arraial de Araxá, no distrito de Santa Bárbara (Rio Preto — M. G.), pela visinhança da choupana de sapé e pau-à-pique barreado, onde morava, numa volta da estrada, no sopé da lombada do môrro a família de um curandeiro (espiritista insipiente), nas proximidades da Escola. Naquela época essa família era tida como a «família do feiticeiro»; a mulher virava «mula sem cabeça»; os filhos viravam «lobis-homem»; e o marido «tinha parte com o capêta.» Isso era voz corrente.

De uma feita, cerca de 8 horas de uma sexta-feira (dia da semana em que mais me atemorizava), íamos passando pela imediação da «casa do feiticeiro» —eu e mais quatro coleguinhas (nunca me atreví passar por alí sozinho). Saía da choupana o «feiticeiro» trazendo ao ombro uma foice (instrumento do seu trabalho roceiro...) Daí, nem passados dez minutos, estava eu na Fazenda açucareira de Santa Luzia, embarafustando como cavalo atropelado, pela casa a dentro de meu tio, onde residia por favor, no período escolar, de alma pela bôca, vencida a distância de uma légua de carreira a pés descalços... Foi o maior apêrto de minha vida. Aconteceu por volta de 1901.

Outros meninos devem ter passado por episódios semelhantes...

Tenho motivos, portanto, de me alegrar, quando verifico a existência benfeitora de uma Escola Pública na sede de um Centro Espírita. (Não acham?)

E é com incontido entusiasmo que lanço o meu apêlo a tôdas as organizações espíritas:—Vinde imitar o que está fazendo em Volta Redonda (R. J.) a Associação Espírita Estudantes da Verdade. É uma obra de mérito substancial para a Doutrina Espírita, obra, aliás, que todos os outros quatro Centros Espíritas da «Cidade do Aço» praticam, graças a Deus.

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, Dezembro de 1960

CARTA DIRIGIDA A «O CLARIM»

É com satisfação que nesta primeira edição de 1961, reproduzimos de «O Clarim», a carta que S. Excia. Juscelino Kubitschek, digníssimo Presidente do Brasil, houve por bem dirigir em Janeiro de 1961:

«Presidente da República

Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apôio à luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional.

Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República, não faltei a um só dos compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinqüenta anos de progresso em cinco anos de Govêrno. Pude ainda, através da Operação Pan-Americana, despertar as esperanças e energias dos povos americanos para o objetivo comum do combate ao sub-desenvolvimento. E todo êsse esfôrço culminou no cumprimento da meta democrática, quando o nosso País apresentou ao Mundo um admirável espetáculo de educação política, que me permite encerrar o mandáto, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a tôdas as prerrogativas constitucionais.

Sejam quais forem os rumos da minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso pôsto que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar servindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos.

Juscelino Kubistchek
Brasília — 1961

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária, realizada em 7 de Janeiro de 1961

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Lida a Ata anterior, é aprovada. Estando presente o Presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, é saudado pelo Presidente do Conselho.

O Presidente informa sôbre assuntos de ordem geral e doutrinários, submetendo a exame do Conselho consulta feita à Liga Espírita do Estado da Guanabara, por associado desta. Debatido o assunto, delibera o Conselho não ser oportuna a medida solicitada.

SÃO PAULO — O representante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, Conselheiro Carlos Jordão da Silva, informa que as sociedades filiadas foram advertidas da inconveniência da aceitação, nas reuniões de estudo, de obras divergentes do verdadeiro Espiritismo, informando ainda que a 25 do corrente serão cobertos cinco pavilhões da «Casa Transitória» da Federação Espírita de São Paulo.

BAHIA — O Conselheiro Ruy Vidal de Araújo, informa sôbre as atividades intensas da USEB, em 1960, na propaganda da Doutrina, em caravanas e excursões pelo interior, concentrações, cursos intensivos, de preparação de evangelizadores e pregação da Doutrina.

SERGIPE — O Conselheiro Atlas de Castro comunica o recebimento do relatório da Federação Sergipana, registando atividades intensas em 1960, em todos os setores de trabalho.

CEARÁ — O representante, Conselheiro Henrique Magalhães, comunica que a Casa de Saúde «Antonio de Pádua», de Fortaleza, ampliou sua capacidade de leitos de 50 para 100, registando-se 85 % nas curas obtidas entre enfêrmos mentais, informando ainda do grande êxito obtido na Feira de Livros Espíritas.

ESPÍRITO SANTO—O Presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, Dr. Antonio Lugon, faz minuciosa exposição ao Conselho dos trabalhos realizados em 1960, mencionando os hospitais, em Mimoso, Muqui, Cachoeiro do Itapemerim, o Hospital Infantil «Francisco de Assis», em Castelo, no setor de Assistência ; e, no setor doutrinário, a realização, neste mês, da Confraternização das Juventudes, em Colatina.

Terminados os trabalhos às dezesseis horas, é feita a prece final, pelo representante de São Paulo.

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo enderêço ; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$150,00
Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**
e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL
Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3721unse

no XXXVII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Março de 1961 - N. 2

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Homenagem diferente a Kardec comemorando seu trespasse . . . *Irmão Saulo*
Sessões, Médiuns e Débeis . . . *Carlos Imbassahy*
A Mulher na Antiguidade e na Igreja *Mário Cavalcanti de Mello*
Espiritismo, Hipnose e Letargia . . *V. O. Casella*
A Grande Esperança . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon*
Um Dia, para duas Glórias . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Serões Bíblicos — V . . . . *Luiz Caramaschi*
Testes sôbre Fenômenos Espíritas . *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 180,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 40,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em ótimo papel e em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço: Encadernada cr.$ 120,00; Brochura cr.$ 80,00 e mais cr.$ 6,00 para o porte e registro.

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1961 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Homenagem diferente a Kardec comemorando o seu trespasse

Um pouco de história — Manifestações espíritas na Bíblia — Uma promessa de Jesus — Testemunho dos médicos

A 31 de março transcorreu mais um aniversário da desencarnação de Allan Kardec. Foi nêsse dia, no ano de 1869, que o codificador do Espiritismo cerrou os olhos em Paris, no plano físico, para reabri-los, logo em seguida, no plano espiritual, sob as bençãos de Jesus. Pretendiamos dedicar a crônica de hoje a êsse fato, mas alguns amigos nos pedem atenção para um boletim que vem sendo amplamente distribuido nesta capital, mòrmente no meio escolar. E como nenhuma homenagem a Kardec poderá ser maior, do que a defesa da doutrina por êle ensinada, vamos atender aos amigos.

O boletim, embora anônimo, traz uma indicação de «aprovação eclesiástica», e seus termos, repisando velhas acusações, identificam-lhe a procedência. Para as pessoas espiritualmente emancipadas, é um boletim inócuo. Mas, para as que ainda não atingiram essa maturidade espiritual, pode servir de veneno. Vamos, pois, esclarecer o seu conteúdo, item por item :

«Espiritismo e Umbanda» é o seu título. E começa no título a sua intenção mistificadora, confundindo o Espiritismo, doutrina filosófica, religiosa e científica, fundada por Allan Kardec, com Umbanda, processo sociológico de sincretismo religioso, produzido em nosso país, pela mistura de elementos da religião católica com as crenças primitivas dos negros africanos. Umbanda começou no Brasil cêrca de trezentos anos antes do aparecimento do primeiro núcleo espírita no Rio. Quando o Espiritismo surgiu em nossa terra, Umbanda já era uma realidade. Os santos católicos aparecem em Umbanda com os nomes dos orixás africanos. No Espiritismo, não há uma coisa nem outra.

«Um pouco de história». Sob êsse título, o boletim declara que o Espiritismo começou em 1847, com as irmãs Fox, nos Estados Unidos. Não é certo. O Espiritismo começou na França, com Allan Kardec, em Paris, ao se publicar a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», a 18 de abril de 1857. O episódio das irmãs Fox é apenas um antecedente, como outros muitos. O boletim afirma que as irmãs Fox renegaram o Espiritismo e se acusaram a si mesmas de fraudulentas. Estranha atitude, que seria melhor explicada se não se ocultasse o fato de que foi produzida sob «o poderoso influxo dos adversários do Espiritismo», como declararam a seguir, em entrevista divulgada pela imprensa de Nova York, a 20 de novembro de 1889. O embaixador dos Estados Unidos, em Portugal, J. L. O'Sullivan, que assistiu à entrevista, declarou, emociodo, que ouvira e sentira a verdade naquelas declarações.

Aliás, mesmo que as irmãs Fox não tivessem revelado a origem das suas afirmações de falsidade, isso não teria importância alguma, do ponto de vista espírita. Porque os médiuns são as pessoas menos indicadas para falarem dos fenômenos que ocorrem com êles. Simples instrumentos da ação dos espíritos, não podem avaliar os seus próprios dons. Além disso, os fatos que produzem são analisados cientìficamente, e portanto de maneira objetiva, pelos investigadores. Não tem valor algum a atitude subjetiva que queiram assumir. O que vale são os fatos.

ALLAN KARDEC

«Condenações». Sob êste título incluem-se as passagens bíblicas que proibem conversações com os mortos e consultas a feiticeiros e adivinhos. Acontece que os espíritas não são feiticeiros nem adivinhos, e também condenam essas consultas. Quanto à conversação com os mortos, os autores do boletim esqueceram-se das passagens bíblicas em que elas se verificam. Quando Saul fala com o Espírito de Samuel, através da pitonisa (médium) de Endor, I Reis, 28; Eldad e Medad, dois jovens judeus, recebem o Espírito no campo, e Moisés aprova o fato, exclamando: «Quem dera todo o povo profetizasse!» Números, 11:26 a 29; o Espírito da mãe de Samuel fala com êle. Provérbios, 31:1 a 9; um Espírito fala com Manué e sua mulher. Juizes, 13; os Espíritos falam com José em sonhos, para protegerem Jesus menino, Mateus, cap. I; Jesus fala com os Espíritos de Moisés e Elias, no Tabor, Mateus, 17:5; e o apóstolo João recomenda em sua epístola primeira que tenhamos cuidado com as comunicações dos espíritos, sabendo discernir os bons dos maus, João, Ep. I, 4:1.

«Frutos». Sob êste título, diz o boletim que os frutos do Espiritismo são maus, e evoca a opinião de alguns médicos, contrários à doutrina e à sua prática. A essas opiniões de médicos anti-espíritas, poderemos opôr a de outros médicos que, não sendo espíritas, foram bastante honestos para não dizerem tolices sob a autoridade dos seus títulos. Exemplos: em sessão da Academia Nacional de Medicina, o prof. Fernando Magalhães, católico e diretor da Academia, declara que não vê perigos no Espiritismo, nem de ordem religiosa, nem de ordem médica; o prof. Henrique Autran entende que a Academia deve estudar o Espiritismo sob o ponto de vista científico. («Jornal do Comércio», do Rio, 6 de novembro de 1909). O médico Inácio Ferreira, depois de tornar-se espírita, publicou livros relatando curas espíritas de psicopatas, sob o título de «Novos rumos à Medicina». O prof. Karl Wickland, de Chicago, torna-se espírita e anos mais tarde lança um livro, relatando as curas que obteve por meio do Espiritismo. Dêsse livro há uma tradução espanhola à venda em nossas livrarias, com o título de «30 años entre los muertos», da Editorial Kier, de Buenos Aires. Além disso, em nosso Estado há 17 hospitais espíritas para cura de doenças psíquicas — e são os que mais curam.

«O Espiritismo é contra Cristo». Êste título é seguido de outros, em que o boletim procura mostrar que o Espiritismo é contra a própria Constituição, por contrariar «a ordem pública e os bons costumes». Ambas essas afirmações revelam o sectarismo exasperado de quem as faz. O Espiritismo se apoia nos Evangelhos de Cristo, e foi mesmo prometido pelo Cristo, como vemos no Evangelho de João, 16:12 e 13, e 14:26. A moral dos espíritas é a moral evangélica. Kardec dizia: «Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral». Basta uma leitura de «O Evangelho segundo o Espiritismo», de Kardec para ver-se o absurdo dessas acusações.

«Conclusão». Sob êste título aparece a verdadeira intenção do boletim, que é desviar os católicos do Espiritismo. Ali se afirma: «não se pode ser espírita e católico». Isso também dizemos nós, os espíritas. Mas, para fazê-lo, não precisamos usar de argumentos falsos e agressivos. Basta mostrar que cada religião tem a sua doutrina, para se ver a impossibilidade da prática simultânea. Os espíritas desejam que as pessoas que aceitarem a doutrina espírita se desliguem das outras, pois do contrário não serão verdadeiros espíritas.

Irmão Saulo

(Crônica publicada em Abril de 1960 em «DIÁRIO DE S. PAULO»)

Sessões, Médiuns e Débeis

Ligeiros reparos a um trabalho do Dr. Osmard Andrade Faria

II

Continuamos a analisar o trecho do ilustrado Dr. Osmard Faria, que Frei Boaventura transcreve.

Deixamos o que se refere a Umbanda, de que pouco sabemos, para verificar o que êle nota nos centros cardecistas :

> *«A concentração mental, a palavra de um presidente de sessão, uma oração em voz pausada, ritmada, débil ; o pensamento num guia, uma entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte».*

E então acrescenta :

> *«Temos aí perfeitamente caracterizados o rapport, o foco de excitação inicial, ou pensamento verbal ou figurado, a sinalização por condicionamento do segundo grau, pelo exemplo, pela palavra, pelo pensamento, numa sobrecarga sinalizadora».*

Isto dito assim é para se temer. Valia a pena, se fôsse possível, que o Autor explicasse o que aquilo é, pois então se veria, em tôda a sua profundidade, o horror que será, e os males que produzirá uma reunião ou sessão em centro cardecista.

Pela nossa insuficiência na matéria científica ali exposta, e incompreensão dos têrmos empregados, não pudemos bem avaliar o vulto da catástrofe, mas que é coisa ruim é, como diz certo personagem do nosso rádio.

Enfim, ensina ainda o Autor :

> *«Instala-se em tôda a plenitude um estado auto-hipnótico com suas clássicas manifestações hipnagógicas, seus estados de fase, suas inibições sensitivas, motoras, alucinações, etc.»*

Aqui já se pega mais um pouco : o indivíduo hipnotiza-se, dá para dormir, tem sonhos e visões ; há inibições, supressão de atividades, alucinações... São vocábulos de que, felizmente, o dicionário nos dá notícia.

De sorte que, com êsse pequeno rasgão nas nuvens caliginosas que ensombram o nosso céu científico, vê-se, através do ligeiro clarão, que a coisa é ruim mesmo.

Para chegar a tão categóricas conclusões, o prezado Dr. Osmard deve ter tido uma experiência prodigiosa, porque nós, que militamos no caso há quase meio século, nunca assuntamos naquela deplorável situação. E o escritor arremete ainda contra tudo o que se tem até hoje observado, pois assegura :

> *«Por sôbreexcitação sensorial visual, o médium vê a quem deseja ou precisa ver, caracterizando êste fenômeno alucinatório visual as clássicas vidências ; por projeção hipersensorial auditiva positiva, êle ouve vozes imaginárias, elaboradas dentro do seu próprio cortex cerebral ; por glossolália, excitação verbo motora, reproduz aquêles sons que, na sua percepção e guiado pelo exemplo, supõe representarem a voz e modo característico de falar...» etc.*

Esta última parte, que merece acurada análise, ficará para outra oportunidade.

Diziamos que nunca viramos acontecesse aquilo que o emérito escritor descobriu nas sessões cardecistas. Enfeitou êle o quanto pôde as anomalias e perigos das ditas sessões, e não deu tento de que tudo aquilo poderia aplicar-se a quaisquer reuniões onde houvesse concentração mental, a palavra de um presidente ou seu equivalente, uma oração, o pensamento num chefe, condutor, guia, *fuehrer* ou santo... Não escapariam à «predominância da instabilidade, ou aos contra-choques excitato-inibitórios» reuniões católicas, protestantes, búdicas, maometanas, comícios, conferências...

Veja-se a missa—lá estão os crentes concentrados, há a palavra do Padre, o sermão do púlpito, tudo mais ou menos débil, conforme a garganta do oficiante ou do pregador; o pensamento firmado no guia celeste, ou mesmo no demônio, porque muita gente vai à Igreja para ver-se livre dos malefícios dêsse perseguidor, e cremos não possa haver entidade mais sobrenatural.

Se se trata de uma procissão, as vozes ritmadas dos padres, o cantochão, a marcha ainda mais ritmada que as vozes, os cânticos fúnebres e compassados, a concentração dos fiéis, a mente voltada para as potestades divinas, e mais as velas, e as vestes, e os andores, e as imagens, tudo isso deveria contribuir à maravilha para «os estados de fase, para o domínio de todo o cortex cerebral».

O bom do Frade Boaventura esqueceu-se de que, com um pouco de boa ou má vontade, o desolador quadro do cientista em que se estriba poderá estender-se a quaisquer de suas solenidades religiosas.

Não especificou o Dr. Osmard a que espécie de sessões se refere. Há a dos experimentadores, onde os sábios, sem nenhuma comoção, sem nenhuma concentração, armam-se de aparelhos e precauções, e procedem como de cotio nas suas investigações científicas. Jamais constou que Lombroso, Crookes ou Wallace ficassem auto-hipnotizados ou fôssem feridos de alucinação.

Há as sessões de conferência ou estudo, com presidentes, preces e oradores, mas ali se fala, discute, comenta-se, aparteia-se, aplaude-se... Nenhum motivo para alterações no cortex.

Talvez se queira referir às chamadas sessões de trabalhos práticos, onde há manifestações de Espíritos. Mas as que merecem o nome de cardecistas pouco diferem das em que os doutos se reunem. De mais, talvez, só a prece, mas a prece é uma espécie de emoliente da alma, conforta, alenta, acalma... Vemo-la nos tabernáculos, dando coragem aos fracos, resignação aos sofredores, fé aos desanimados. Alijemos pois a prece dos percalços apresentados.

Nunca em Espiritismo se cuidou de coisas sobrenaturais, de entidades sobrenaturais. Que entidades serão essas? Os defuntos manifestantes são pessoas que viveram na Terra e que a ela hão de voltar; o guia é um ser apenas mais elevado, um mentor, um protetor; que poderá ter de perturbador? O Espírito é a entidade desencarnada, é o verdadeiro ser, é a individualidade, porque o corpo não passa de simples vestidura decomponível. Os demais personagens são os habitantes do planêta, a companhia viva. Onde a sobrenaturalidade?...

Quanto ao Presidente, pouco fala; limita-se muitas vêzes à prece. Não sabemos porque iria contribuir tão fortemente para o desequilíbrio próprio e alheio.

Por maneira que, ou o Dr. Osmard só andou por candomblés, ou deu largas à sua imaginação, generalizando e exagerando o pouco que devia ter presenciado, se é que seu estudo não é baseado tão sòmente no que ouviu dizer.

Os seus equívocos em Metapsíquica ou Espiritismo seriam mais ou menos desculpáveis, porque é matéria que poucos entendem, de que a Ciência se despreocupa, e que se presta à fantasia dos indoutos nêsse caso especial. Mas o apreciado beletrista caiu num êrro de Psicologia, porque não viu uma das faces no fenômeno — o hábito.

Parece não saber que a familiaridade com as manifestações, o trato constante com Espíritos, a observação consueta dos fenômenos, a freqüência das sessões, apagam o receio do imprevisto, o espanto do inabitual, o mêdo do extraordinário, o temor das Almas, e tudo se torna tão trivial e comezinho como os fatos cotidianos da vida ordinária. Não há mais abalos, e por pouco que se entenda de cortex, vê-se que não há motivo para que êle seja dominado, não há razão para a sobrecarga sinalizadora.

Deve saber o preclaro escritor que

o profissional, pelo hábito do perigo, perde-lhe o mêdo, e aquilo que aterroriza o neófito, encara-o êle sem o menor susto. Treme o viajante de primeira viagem, enquanto o marinheiro, destemeroso, arrosta, impávido, de cachimbo na bôca, o fragor da tempestade.

É precisamente o que acontece com o frequentador das sessões, cujos fenômenos, por vê-los todos os dias, por conhecer-lhes os trâmites, por perceber-lhes a causa, por vencer-lhes os efeitos, tornam-se naturais, sem produzirem nada daquilo que o nosso caro patrício assinala com uns tantos nomes, êstes sim, capazes de arripiar os cérebros leigos e os córtices desaparelhados.

Já dizia o velho prolóquio que o hábito é uma segunda natureza.

Os médiuns, mais que os assistentes, deviam ser uns desequilibrados, como é aliás a opinião do Autor apresentado por Boaventura. Essa opinião, porém, está ao arrepio do que os sábios e experimentadores pensam e atestam.

Assim é que dizia Charles Richet:

> «*Tem-se falado muitas vêzes de histeria, mas me parece seguramente que a histeria não seja uma condição favorável*». (Traité de Métapsychique, 2.ª ed. pág. 51).

Lê-se em J. Maxwell:

> «*Minhas melhores experiências foram feitas com pessoas de nenhuma forma histéricas*». (Le Phénomène Spirite, pág. 41).

Gustave Geley declara:

> «*O médium deve ter boa saúde*». (L'Ectoplasmie et la Clairvoyance, 1933, pág. 7).

Escrevia Sage:

> «*Quando a Sra. Piper estava doente a sua mediunidade era menos lúcida*». (Madame Piper, 1902. pág. 8).

E Flournoy, referindo-se a Helena Smith:

> «*De compleição sã e vigorosa, de bela estatura, bem proporcionada, com traços regulares e harmoniosos, tudo nela respira saúde*». (Des Indes à la planète Mars, 4.ª ed., pág. 36).

Os colaboradores, entrevistados, coautores ou coisa que o valha, num livro do Dr. Leonídio Ribeiro, os psiquiatras e neurologistas sem conhecimento no assunto, os religiosos de várias religiões, e interessados de várias categorias, inventaram essa balela de serem os médiuns invariàvelmente histéricos, desequilibrados, anormais.

Há, como em tôdas as atividades, médiuns mais ou menos fracos, instáveis, nervosos e até enfêrmos. Nunca porém produziram bom rendimento, quanto ao fenômeno, e nunca essa exceção poderia ser regra, conforme asseguram os que escrevem e ensinam mais de acôrdo com o seu estado emotivo do que com a realidade científica.

As citações, apresentada *à vol d'oiseau*, poderão ser multiplicadas, se houver necessidade e contestação.

Em suma, nas sessões onde há ordem, estudo, proficiência, é inverificável aquêle «*tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica*», «*o material humano doente, ao qual se propiciam tratamentos os mais desencontrados...*»

Tratamos aqui das sessões que seguem as regras estabelecidas por Allan Kardec, e que o distinto profissional lançou na enxurrada dos batuques, cangerês, macumbas, marafadas e assembléias outras de feição afro-religiosa.

Há de fato muita insensatez por ali, mas o que predomina não é a falta de saúde, é a falta de discernimento, é a ignorância ou atraso de assistentes e diretores, vendo-se, muitas vêzes, cada latagão, capaz de amedrontrar pela catadura muito mais que as almas penanadas que lá se possam apresentar.

Esperamos que o distinto professor, que tantos aplausos merece quando não se afasta de sua disciplina, possa, no caso dos fenômenos espíritas, falar com mais conhecimento de causa e com mais justiça.

Carlos Imbassahy

Estudar o Espiritismo é encaminhar-se para a trilha dos divinos preceitos, para a fonte dos verdadeiros ensinamentos do Cristo. — OSCAR F. CARNEIRO.

A Mulher na Antiguidade e na Igreja

Mário Cavalcanti de Mello

V

A história de S. Escolástica contada pelo bispo de Tours, transcrita em tôda a sua ingenuidade, no artigo anterior, é a tradição moral imposta à Igreja, e que ela constantemente mantém. O último concílio ecumênico a confirmou nestes têrmos:

> *«Se alguém diz que o estado do matrimônio deve ser preferido ao da virgindade e do celibato, e que não é qualquer coisa de melhor e de mais feliz o conservar-se na virgindade e no celibato do que casar-se, que seja anátema». — (Conc. Trident., sess. XXIV, c. X).*

Observou-se que, exprimindo-se desta forma, o concílio de Trento «rompeu decididamente com todo o movimento da moral moderna e com tôda a filosofia fundada sôbre o aperfeiçoamento e não sôbre o desabamento da natureza». (H. Martin—«Hist. de France», t. IX, p. 175). Em boa hora perguntamos: com tal linguagem não contradiz a Igreja, não destrói ela por completo tôda a economia do sistema cristão? E o crescei e multiplicai-vos, o que é feito desta ordem atribuida à Divindade? Se a humanidade se houvesse convertido a esta moral ditada pela Igreja de Roma, a Terra já estaria completamente despovoada nos dias de hoje. O clero pregando a virgindade e o celibato, tiveram em mira o desaparecimento do gênero humano.

A impureza da mulher, a preeminência da virgindade, tais são os motivos que, antes de qualquer outro, fêz prevalecer na Igreja o celibato eclesiástico.

Sabemos que Voltaire disse:

> *«A Igreja romana para melhor governar os homens, interditou-se ao casamento, que é o maior freio à impudicicia vulgivaga e à pederastia, arriscando-se a deboches desta natureza».*

Conhecemos, também, a palavra do Papa Pio IV:

> *«Comandando um clero que tivesse mulher, filhos e pátria, o Papa ficaria reduzido a ser o bispo de Roma».*

Mas estas são considerações secundárias. A razão determinante é que, em princípio, a alta dignidade do sacerdócio não comporta a mancha do casamento. Assim entendiam os montanistas que se antecederam à decisão da Igreja católica, declarando que o servidor do santuário, aspirando tornar-se um órgão do Espírito Santo, deve viver em celibato. E êste motivo foi tão poderoso no espírito da Igreja que, apesar de seu temor ao escândalo, ela considerou como insignificâncias tôdas as desordens, todos os crimes que deviam resultar de uma instituição tão contrária à natureza.

Depois, não é bem estranho que a Igreja da Idade Média, preconizando a superioridade moral do celibato e da virgindade, haja elevado o matrimônio à categoria de sacramento? A despeito do sinal material e sensível, ela viu no casamento, de acôrdo, neste ponto, com S. Paulo (Efesios, V, 32), uma imagem da união de Jesus Cristo com sua Igreja. Perguntemos, então, à Igreja, em que consiste a matéria, a forma e o ministro dêste sacramento: jámais obteremos de seus doutôres uma rerposta séria. Exemplo: em cada casamento contratado, segundo as formalidades prescritas pela Igreja, encontra-se tudo o que constitui o sacramento, quer dizer, uma forma, uma matéria e um ministro que aplica uma e outra, embora não possamos definir em que precisamente consistem estas três coisas. Assim se exprime, no segundo volume de sua «Teologia Dogmática», p. 642, S. Eminência o Cardial Gousset, arcebispo de Reims, etc. Tanto isto é verdade que a Igreja não compreende nem pode nada compreender das coisas do amor e do casamento.

Como é vaga e incerta nesta matéria a disciplina eclesiástica !

A Igreja em seu nascimento, vê como Paulo, na união dos sexos apenas um remédio contra a incontinência e o prurido dos sentidos, para uso dos que, pelo calor de seu temperamento, pela privação da graça, não podem conceber o celibato. A Igreja adota e benze, entre os irmãos de sua crença quando não o amor livre, ao menos o concubinato, tal como se praticava geralmente na Europa desde a decadência e da corrupção dos costumes.

> *«Há duas espécies de casamento, diz algures Chateubriand. O primeiro se fêz por simples acôrdo entre o homem e a mulher; a união é por um tempo mais ou menos longo, e de tal forma que é o casal que se casa, que o fixa. Espirado o prazo do compromisso, os dois espôsos se separam: tal era mais ou menos o concubinato legal na Europa no VIII e IV século»; (L. Boutteville — «La Morale de l'Église», ed. 1876, p. 279).*

O concubinato legal era o concubinato católico. Vários concílios o tomaram sob sua proteção. Lembramos sòmente o primeiro decreto do concílio de Toledo, em 400:

> *«Se alguém, diz êle, tendo uma espôsa fiel, tem também uma concubina, que êle não comungue. Mas o que não tem espôsa, e em lugar de espôsa uma concubina, não pode ser repelido da comunhão, contanto que êle se contente da sociedade de uma só mulher, ou espôsa ou concubina, como lhe convier».*

> *«Si quis habens uxorem fidelem, et concubinam habeat, non comunicet. Caeterum, qui no habet uxorem, et concubinam pro uxorem habet, a communione non repellatur, tantum ut unius mulieris, aut uxoris aut concubinae, ut ei placuerit, sit conjunctione cententus». (Can. XVII).*

É evidente, de acôrdo com os próprios têrmos de que se serve, que o concílio autoriza o marido de uma espôsa infiel a consolar-se de sua desgraça com uma concubina.

É de pasmar ! Como tudo isto contraria a campanha que a Igreja faz contra o Deputado Nelson Carneiro, defensor do divórcio no Brasil !

O Papa Gregório II não se afastava, ao que parece, do espírito dêste concílio, declarando, como fêz em uma célebre decretal do ano 726 que

> *«quando um homem tem uma espôsa doente, incapaz das funções conjugais, êle pode tomar uma segunda, contanto que cuide da primeira».*

Como se observa, a moral da Igreja sôbre êste ponto, foi durante muito tempo, vacilante, incerta e contraditória.

Sob os primeiros imperadores cristãos, a instituição do divórcio, que permitia aos espôsos separados convolar novas núpcias, foi mantida pelo poder civil. S. Epifânio e S. Ambrósio concordavam que o divórcio era lícito por causa do adultério ou do incesto. S. Agostinho foi o primeiro que se pronunciou sôbre a indissolubilidade absoluta da união conjugal: o que não impediu aos concílios de Verberie e de Compiegne, nos meados do século VIII, de publicar os cânones favoráveis ao divórcio. Não se pode dizer o mesmo do concílio realizado em Roma, em 826.

> *«Longa seria a lista dos divórcios autorizados pela Igreja. Sabe-se, para lembrar fatos conhecidos de todos, que a fim de obter de Carlos Magno, genro de Didier, a confirmação da doação feita à Santa Sé por Pepino, um Papa lhe negociou o divórcio, e o grande imperador pôde, com o consentimento da Igreja, tornar-se o marido de nove mulheres. Sabe-se que muito mais tarde, ainda, em troca do ducado de Valentinois e de um principado em Romagnes, um outro papa concordou com o divórcio de Luiz XII. O divórcio em uma certa época, havia-se tornado coisa tão comum e tão fàcilmente tolerado que, desde o casamento de D. Pedre III, rei de Aragão, com Maria, filha do Conde de Montpellier, em 1204, o príncipe, para tranquilizar sua jovem espôsa, comprometeu-se, por seu contrato de casamento, a nunca a repudiar e a nunca desposar uma outra mulher durante a vida*

desta princêsa». (Lecomte de Lacepede — «Histoire Générale», 16.ª época).

Êste fato diz por si mesmo mais que todos os outros que pudéssemos citar. Êle prova que a indissolubilidade do casamento, embora afirmado pela Igreja desde o IX século, como testemunha de longo debate sustentado sôbre êste ponto entre o Papa Nicolau I e o rei Lotário, estava longe, ainda, no século XIII, de ser admitido em todos os Estados católicos.

Há mais. A monogamia, durante muito tempo, não foi olhada como um dever restrito. Os reis francos, em particular, tiveram muito, sob êste aspecto, a louvar-se da indulgência da Igreja, que podia basear-se no exemplo dado pela Bíblia, com referência aos patriarcas, e, mais tarde, com referência a reis também respeitáveis como Daví e Salomão. A História nos mostra, ainda, vários dos primeiros reis francos possuindo ao mesmo tempo três e quatro espôsas, chamadas «rainhas», e um grande número de concubinas; tudo com a tolerância dos santos bispos que os cercavam.

Hoje, a Igreja, em realidade, diz Proudhom, não distingue o casamento do concubinato.

> *«Para ela tudo é a mesma coisa. Ela benze os espôsos, benze os concubinários, como benze tôdas as coisas. Ela benzia os lençóis do leito nupcial que os casados levavam à igreja; benzeu antigamente o amor livre: se ela decidir-se abençoará ainda. Que se case ou que se contente de dormir junto, tais distinções, coisas de temperamento, de conveniência ou interêsse, não lhe diz respeito; que se lhe peça apenas sua benção, e tudo se fará da melhor maneira. A Igreja, em uma palavra, que sôbre tôdas as outras partes da filosofia social levou tão longe a especulação teológica, a Igreja ficou, sôbre a questão do casamento, no puro naturalismo; ela literalmente não tem religião»; (J. Proudhom, «De la Justice etc.», t. III, p. 269).*

Observemos, não obstante, que a Igreja reservava aos seus, certos privilégios que testemunham ainda a vileza em que era tida a mulher. O primeiro concílio de Toledo, do qual citamos o XVII cânon, decreta no XVIII:

> *«Se a viúva de um bispo, ou de um padre, ou de um diácono, tomar marido, que nenhum clérigo, nenhuma religiosa se sente com ela na mesma mesa, que ela não seja admitida nunca a comungar, que não se lhe conceda sacramento, excetuando a hora da morte».*

> *«Si qua vidua epicospi, sive presbyteri, aut diaconi, maritum acceperit, nullus clericus, nulla religiosa cum ea convivium, sumat, nunquam comunicet, morienti tantum ei sacramentum subveniat».*

Outros concílios renovaram nos mesmos têrmos as mesmas prescrições: assim, o concílio de Auxerre, em 578 (can. XXII), o mesmo que não quer que as mulheres recebam, como os homens, «nuda manu», a santa Eucaristia; assim o segundo concílio de Mâcon, em 585 (can. XVI), o mesmo que agitou a questão de saber se a mulher pertencia ou não à espécie humana.

Depois que vimos qual o conceito que a Igreja faz da mulher; depois de observarmos suas vacilações com referência ao casamento, perguntamos: é razoável ter a Igreja romana elevado o casamento à categoria de sacramento? Poderá ela ser tão acirradamente contra o divórcio? E estará, na história do Catolicismo romano, a mulher colocada no mesmo pedestal em que a colocavam as religiões da antiguidade?

* * *

O espírito humano não tem limites para a sua investigação e conhecimento. Até o próprio Deus será atingido, pois o nosso espírito é de origem divina. A suprema sabedoria, para cada alma, será diretamente proporcional à evolução espiritual da Humanidade até se integrar na Eternidade do Tempo e na Imensidade do Espaço. — Dr. Antonio J. Freire

Espiritismo, Hipnose e Letargia

I

Conforme já noticiámos na Revista do último mês, em carta dirigida a esta redação, aqui estamos novamente, na defesa dos nossos postulados, agora rebatendo um segundo livro, do dr. Osmard Andrade Faria, no qual também dirige impactos ao Espiritismo. Tal literatura lêramos indicada pelo próprio autor, cuja recomendação deu-se na oportunidade do nosso entrechoque, quando em meados do ano passado estávamos em rebate ao mesmo assunto, do outro seu livro o «Manual de Hipnose Médica e Odontologia.»

Entretanto, esperávamos encontrar desta vez, nesta segunda literatura, «Hipnose e Letargia», uma forma mais justa e branda, de sua parte, no trato aos que não se acham na pauta de suas idéias, pois tempo entre a primeira e a segunda publicações lhe houvera, para ponderar ânimos. Mas, para nosso desaponto, tal não acontecera.

Lamentamos o que se passa porquê, apesar dos nossos choques de idéias, o autor, por se mostrar de início propenso a questões científicas, conquistara-nos a admiração, pela sua clareza na arte de relatar o mecanismo dos reflexos condicionados. Mas, infelizmente, o dr. Osmard, pelo que deduzíramos, estaria desviando-se do seu leal objetivo que, sem dúvida, não seria êsse, no qual se acha trilhando pela crítica cruel aos que não se afinam com os seus pensamentos, prejudicando a outra sua parte elogiável, sôbre hipnose na arte de curar, pela explicação da reflexologia.

Essas suas críticas são incompatíveis com a sua inteligência e cultura, predicados êstes que deveriam ser aproveitados para outra finalidade mais nobre. A ciência não exige, de seus cultuadores, ataques sistemáticos a êrros ou supostos êrros de outros, para a divulgação da verdade em tôda sua pureza.

Oferecemos de coração o nosso brado de alerta ao dr. Osmard, esperando em tempo sua retirada dêsse seu desvio da razão. Colhendo informes em outras fontes, que não sejam as nossas, mesclou o Espiritismo, que é doutrina, com as práticas sincréticas dos Candomblés, deixando-se iludir pelas rotulagens, ao invés de se guiar pelas literaturas de autores credenciados no campo da ciência, e acabou ferindo, injustamente, por duas vêzes a nós espíritas.

E' de se contristar o que acontece, porquê ciência, no seu mais puro ideal, se faz em sentido comparativo expondo os dois lados da questão, com o devido argumento pela prova contrária, a exemplo dos grandes mestres, e não pelo vergastar a uns e outros, semeando discórdia ao invés de esclarecimento. Assim, com êsse seu sistema de se pretender fazer ciência apenas por um lado, excedeu-se para atingir homens que merecem o respeito e a gratidão da posteridade, pelo que de si, ou por uma forma ou por outra, legaram em favor da humanidade, conforme podemos ver nestes exemplos, antes de penetrarmos na essência do nosso objetivo.

Falemos de Mesmer o qual, em meados do século XVIII, laborava com o seu «magnetismo», de natureza ainda completamente desconhecida. Sendo médico, utilizou-o na arte de curar, de acôrdo com o primitivismo da época. Errando as vêzes, acertando outras, coube-lhe o mérito por incrementar e divulgar êsse magnetismo, despertando atenção da ciência para melhores conhecimentos dessa misteriosa fôrça. De qualquer forma, Mesmer foi um cientista do seu tempo, não merecendo ficar à margem na história da ciência.

Mas o dr. Osmard chama-o de charlatão, trato êste que, de nossa parte, achamos injusto.

Outro, foi o célebre Charcot. Também médico, legou de si princípios respeitáveis sôbre neurologia, e acreditamos que o seu colega e atacante atual aproveitara com sua inteligência, no seu período acadêmico, belos e úteis ensinamentos deixados pelo mestre francês.

Vejamos algo do saudoso neurologista na história do Hipnotismo.

Naquela sua época (para cá dos meados do século passado) agitada pelo Hipnotismo, os grandes homens mobilizavam-se para abater o fantasma surgido do magnetismo mesmérico. Charcot, com sua inteligência e experiência, não poderia isentar-se da luta. Especialista no tratamento das histéricas ofereceu o possível de suas observações, verificando que sintomas ligados ao histerismo estavam relacionados com a sugestão.

E, de fato, embora o dr. Osmard acuse serem as histéricas más pacientes em hipnose, contrariando a opinião de outros, a verdade é que os conhecimentos atuais, especialmente pelo psiquiatra Babinsk, vieram reafirmar aquêle conceito de Charcot, o que demonstra como foi coerente nessa questão o célebre neurologista.

Logo, em princípio, o mestre da Salpetrière tivera um ponto de partida lógico mas, talvez saturado pelo seu ambiente clínico, acabou excedendo-se para fazer uma péssima jornada em outro campo, o da hipnose, que não era o seu de vida profissional. Tal insucesso, geralmente, dá-se quando uma autoridade em um assunto tenta trabalhar em outro que lhe seja estranho. Mas, com justiça, é de se considerar que há falhas de grandes homens, as quais também, em certos casos, não deixam de ser alguma colaboração, pois o caminho falseado já fica impedido para que outros nêle não mais transitem, ganhando tempo em outras conclusões. Assim, aos vencidos dentro da luta honrosa, também há glórias pelo digno esfôrço que oferecem de si.

E no entanto, embora o dr. Osmard reconheça no mestre francês uma autoridade em neurologia, apenas porquê o mesmo não se completou em outro setor, o do Hipnotismo, gratificou-o com a pecha do charlatão, a exemplo do que fez com Mesmer. Também aqui, não concordamos com êste trato ridículo, especialmente a um homem que já se mostrava dono de sucessos no campo da medicina, pois não se tendo o direito de ser infeliz ao se laborar em alguma pesquisa em favor da humanidade, isto vem tirar o incentivo dos herois anônimos que labutam no silêncio dos laboratórios, sem que muitas vêzes consigam alcançar o nobre objetivo. Contudo, por justiça, a êstes abnegados lutadores, seja qual fôr o resultado da luta, merecem louvores pelo esfôrço que oferecem de si, nessa penosa tarefa descortinadora.

Para compreendermos como foi árdua essa pelêja, ainda incompleta, no descortinamento dos mistérios do Hipnotismo, basta sabermos que até o próprio Pavlov, que melhor teria dominado a situação, experimentou revêses ao confundir o sono natural com o da hipnose (neste êrro também caiu Bernhein) e por relacionar o hipnotismo animal com o humano, questão esta reposta no seu devido lugar, pela ciência da psicologia.

Na verdade, seja como fôr, não é nobreza desrespeitar vencidos para glorificar vencedores.

Agora, vejamos outro personagem, motivo desta nossa tarefa defensiva. Trata-se de Kardec, do qual o dr. Osmard nega os seus postulados mediúnicos, dentro de uma crítica deprimente, mesclando-os ali no seu livro em assuntos de santos e demônios, quando a doutrina do mestre de Lion não endossa tais conceitos teológicos. Nos meios espíritas, críticas desta natureza são risíveis, revelando que o autor ataca algo do que nada leu, não atingindo portanto nossa doutrina. Mas entre os seus leitores, que desconheçam o Espiritismo, são levados a um falso julgamento sôbre os nossos conceitos doutrinários, devido tais informações através dessas literaturas, apresentadas em público sob a credencial científica pela parte que lhes cabe, mas que não deixa de ser um suposto cientificismo no campo além de seus limites.

A doutrina kardecista não nasceu baseada em lendas, mas em fatos observados sob rigorismo experimental. E' de se lembrar que Kardec, formado em medicina, estudava o magnetismo que se generalizava naquela sua época. Pelo seu espírito de investigador atento, sua atenção foi despertada por uma outra classe de fenômenos, chamados de «mesas falantes», os quais não se explicavam pela fenomenologia do magnetismo. Dêstes fatos, que vêm a ser os fenômenos do mediunismo, logo depois confirmados por outros sábios, através de observações de laboratórios, Kardec, dos seus estudos experimentais sôbre outro plano vivente de natureza espíritica, revelado pelo mediunismo, elaborou uma sábia doutrina, que tem sido respeitada nos meios intelectivos, pelos que a estudam com imparcialidade, portanto despidos de preconceitos. E' assim que se vê homens cultos, idôneos e sensatos nos seus julgamentos, dedicando-se ao Espiritismo.

E esta doutrina de Kardec, pela sua sensatez religiosa, com base em conceitos filosóficos e científicos, tem conseguido reajustes no comportamento moral de indivíduos de tôdas as classes sociais, cujo benefício, em um mundo onde campeia a imoralidade, já seria, só por si, uma razão para merecer respeito dos homens em geral.

Não vamos agora, em que o nosso espaço nestas páginas já se esgota, demonstrar as provas mediúnicas do Espiritismo negadas pelo dr. Osmard. Para esta parte reservámos o próximo trabalho da série, quando então poderemos destruir, com elementos de laboratórios dos grandes mestres, a violência dos seus ataques que jamais atingiram a firmeza da edificação doutrinária de Kardec.

Mas antes de encerrarmos êste nosso ensaio introdutivo desejamos ainda, neste espaço que nos resta, fazermos ver que nas páginas do «Hipnose e Letargia» também o deputado Campos Vergal não deixou de ser atingido, pelo motivo que passaremos a ver.

Como já sabemos, êste nobre parlamentar apresentara no Congresso um projeto de lei, para se criar uma cadeira de estudos sôbre fenômenos de natureza extra-sensoriais, nas nossas Universidades médicas, a exemplo de outras da Europa e das Américas. Cabendo a Kardec a primazia na investigação experimental de uma classe de fenômenos, dessa ordem, é natural que as suas observações, de natureza mediúnica, constassem também ali no projeto, com a parte que lhe seja por justiça.

Mas o dr. Osmard, com o direito que cada qual tem no seu julgamento, nada demais teria feito se não fôsse pela forma em que procurou se opor às considerações do deputado. Assim, para rebater a tese dos nossos fenômenos mediúnicos, teceu uma série de argumentos, mas apenas por um lado da questão, de acôrdo com as suas idéias. O outro reverso, que se acha divulgado em literaturas científicas de autores seus conhecidos, pois estão citados no seu livro com destaque, como veremos na próxima ocasião, não sabemos porquê motivo nem de longe ali nas suas páginas se tocou.

E além disso ainda citou nominalmente o deputado, com palavras que não se harmonizam com a arte de se criticar, com a delicadeza da boa ética, justamente em um campo onde o visado não pode se defender diante dos mesmos leitores, que ficaram informados apenas pelos conceitos do atacante.

Outra coisa foi dizer que o deputado para alicerçar sua proposição buscou informes nas nossas entidades doutrinárias, «que lhe parecem credenciadas para tal.»

Ora, se fenomenos dos nossos estudos, estando incluidos com a sua devida importância no projeto, quais seriam neste caso outros informantes, sem ser os nossos, que poderiam estar credenciados para oferecer conhecimentos, sôbre o que seja de nossa restrição doutrinária ? E nessa questão, se o deputado tivesse que considerar uma crítica, como discutível, naturalmente não poderia ser essa que veio por parte do dr. Osmard que, infelizmente, não se mostra bem informado sôbre o assunto. Como seria possível acatar a opinião de quem, nos seus ataques ao Espiritismo, chega ao extremo de confundir os postulados de uma literatura doutrinária apreciada até por sábios e literatos, com as rudimentares práticas africanistas das macumbas ? Logo, o nosso opositor, pecando pela base, prejudicou a sua tese, não se achando, protanto, com suficiência para saber se as nossas entidades estejam ou não credenciadas para tal questão.

Como se vê, a tarefa é mais complexa do que se julga, e não será com palavras que se irá destruir conceitos firmados em fatos.

Em verdade, o nosso atacante, em vez de se opor a uma proposição, com a qual se busca honestamente o exame de tais fatos, mais justo seria apoia-la, nesse nosso desejo que não é de fuga, para leva-la ao estudo e julgamento de homens esclarecidos, que laboram nos centros de pesquisas oficiais do país. Em matéria de ciência o que resolve é o método das provas contrárias, quando algo se deseja contestar. Comentários verbais, em cientificismo, por si só é coisa nula e não apreciados, pela classe dos leitores distintos, quando fora das boas normas no trato aos adversários.

No entanto, contrapondo a essa sua atitude de oposição pessoal, é de se ver que o citado projeto de lei mereceu a honra em ser noticiado na conceituada «Página da Medicina» (não espírita), do «Diário de S. Paulo», de 20-9-1958, onde se expôs, com a devida naturalidade, a relação do Espiritismo na proposição, o que demonstra não estar o projeto, tal qual se elaborou, contrariando os meios médicos. De fato, esta é a atitude mais acertada aos que desejam conhecer a razão sob a luz do rigor da ciência.

Na realidade, é uma pena o nosso opositor desperdiçar sua cultura nessas formas tão inglórias de ataques. Prevalecido pela sua admirável inteligência teria, com facilidade, elaborado seus livros, nos quais se nota uma construtiva ciência, no setor de sua restrição. Mas, no seu entusiasmo, desenfreiou sua agilidade na nobre arte de escrever, excedendo-se em outros assuntos, dos quais ainda lhe falta uma observação mais atenta. Assim, firmado nesta base, sem a necessária solidez, justamente em um gênero de divulgação literária onde apenas o seu dono pode, se assim deseje, livremente manejar as armas como bem lhe convenha, sem ser molestado pela resistência contrária, desenvolveu ataques sem o cuidado em considerar as razões de suas supostas vítimas.

Prejudicado pelo comodismo dessa forma de peleja, fácil mas ingloriosa pela ausência da oposição no mesmo cenário de luta, foi além de seus limites e, negligenciando, acabou descobrindo-se dentro do nosso campo de tiro, expondo-se a mercê da nossa livre pontaria que, como logo mais veremos, demonstrará a fragilidade dessa sua improvisada cidadela.

Contudo, que golpes violentos exijam-nos defesas enérgicas, desejamos rebater, o rigor dos seus ataques, sem pretensões de ferir, mas de esclarecer com justiça e lealdade.

E aqui fechamos o presente trabalho e na próxima vez voltaremos, conforme já dissemos, com a ciência dos grandes mestres, na defesa dos postulados de Kardec.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara — Estado de S. Paulo.

A GRANDE ESPERANÇA

ISMAEL GOMES BRAGA

ATÉ o século 17 dominou todo o Ocidente o fanatismo religioso mais desumano. Ai do homem inteligente que ousasse ver um pouco mais longe do que os teólogos ignorantíssimos ! O século 17 foi iniciado pela fogueira que, na Praça das Flores, em Roma, queimou vivo o astrônomo Giordano Bruno, pelo «crime» de ter visto que o Universo não gira em tôrno da Terra.

Duzentos anos de guerras das Cruzadas, as matanças na França, iniciadas na noite de São Bartolomeu, 23 de Agôsto de 1572, e que se estenderam por longo tempo e por tôdas as províncias. Por tôda a parte, em fim, dominava a Igreja contra a Humanidade e contra a Verdade. Mas o progresso não pode ser detido pelas masmorras, cavaletes de tortura e fogueiras da «Santa» Inquisição.

Ainda que sob as mais tremendas dificuldades, o saber progrediu, a Ciência se opôs à Religião e venceu na luta. Cairam os altares da «religião» e ergueram-se os da Ciência. Hoje o homem só crê no que seja cientìficamente demonstrado. Todos os dogmas religiosos perderam sua fôrça.

Num livro cheio de saber e poesia reaparece o autor de «A Teoria Corpuscular do Espírito», engenheiro Hernani Guimarães Andrade, convocando-nos ao estudo científico do espírito. Chama-se o novo livro «Novòs Rumos à Experimentação Espirítica».

«O Espiritismo ou será científico ou não existirá». Esta frase foi dita há cem anos por alguém que tinha autoridade bastante para dizê-la.

Neste novo livro, Hernani Guimarães Andrade sugere começar-se o estudo pela análise química do ectoplasma e espera que um dia o homem conheça e saiba empregar êsse elemento. Nêsse dia êle transformará o mundo, a vida, seu próprio corpo, em seu benefício. Saberá fazer e desfazer seu próprio corpo ou partes dêste que lhe desagradem ou estejam funcionando mal. Vencerá a doença e a morte.

Sir Oliver Lodge disse que o maior horror que nos causa a morte é o nosso próprio cadáver que terá de passar pelo processo horrendo da decomposição. Dispuséssemos de um meio de desmaterializar nosso corpo, e a morte nos não apavoraria.

Pois bem, Hernani Guimarães Andrade nos acena com essa grande esperança : um dia o homem saberá materializar e desmaterializar seu próprio corpo, será um agênere.

E o homem há de chegar lá, quando êle conhecer e puder manejar o ectoplasma.

Muito legítimos serão os esforços que os cientistas façam para conhecer o ectoplasma. Será o mais importante capítulo da Biologia que até agora tem-se limitado ao estudo das manifestações materiais da vida, sem saber o que seja a Vida mesma. Estudam-se minuciosamente tôdas as mínimas partes de um maquinismo, sem conhecer a energia que o movimenta nem a finalidade do maquinismo.

É muito possível que o conhecimento do ectoplasma não seja ainda decisivo como prova final da existência e sobrevivência do espírito, no conceito dos cientistas materialistas. Podem atribuí-la aos seres vivos e achar que ela morre com êles, que as materializações de espíritos sejam apenas ideoplastia de velhas crenças religiosas. Temos um paralelo na telepatia. A parapsicologia já lhe verificou a existência, mas só a admite entre vivos : não sabe que um «morto» pode comunicar pensamentos e sentimentos a um vivo e vice-versa. No entanto, estamos perfeitamente certos da existência da telepatia entre mortos e vivos. Mas mesmo que isso suceda, provisòriamente, será importantíssimo para a Biologia êsse conhecimento.

Como no livro precedente, o Autor admite a existência do ectoplasma nos animais (inclusive o homem), nos vegetais e nos minerais e deu-lhes os nomes de *ectozooplasma, ectofitoplasma, ectomineroplasma.*

O Autor imagina um maquinismo, talvez aparentado com o televisor, para vermos espíritos, e lhe dá o nome de «Câmara Espiritoscópia». Pena não se haver êle lembrado de «Nosso Lar», publicado 17 anos antes, e que já está correndo mundo em Esperanto ! No capítulo 48 dêsse livro de André Luiz vem a descrição de uma câmara dessa natureza, dentro da qual se manifesta o espírito. Embora o livro de André Luiz já esteja no 70.° milheiro em português, vamos relembrar aqui essa câmara, copiando algumas linhas.

> «... *havia um grande globo cristalino, da altura de dois metros presumíveis, envolvido, na parte inferior, em longa série de fios que se ligavam a pequeno aparelho, idêntico aos nossos alto-falantes».*
>
> — *Porque o glogo cristalino ?— perguntei curioso, — não poderia manifestar-se sem êle ?*
>
> — *É preciso lembrar —disse Nicolas atenciosamente — que a nossa emotividade emite fôrças suscetíveis de perturbar. Aquela pequena câmara cristalina é constituida de material isolante. Nossas energias mentais não poderão attavessá-la ...*
>
> «... *notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitoso-acinzentada, apresentando, logo em seguida, a figura simpática dum homem de idade madura. Era Ricardo».*

Talvez que o nosso Autor tenha descido de lá e conheça, como espírito, a máquina que hoje, como homem, tenta realizar.

O novo livro nos dá a convicção de que chegará o tempo — para o qual o Autor é pioneiro—em que a sobrevivência do espírito seja verdade demonstrada para tôda a Humanidade, como são hoje outros conhecimentos, e ninguém ouse negá-la, como ninguém nega o rádio, a aviação, os sputniks, a bomba atômica, que há um século seriam inconcebíveis para a inteligência humana.

As pesquisas nêsse domínio não se deterão nunca mais, até atingirem o seu objetivo.

Ao lado da maioria absoluta de homens que só poderão aceitar a sobrevivência como verdade cientìficamente demonstrada, existe certa minoria para a qual as provas colhidas de 1848 até hoje bastam a lhes dar convicção: somos nós, os espíritas, e temos uma obra a realizar que não ficará à espera das pesquisas científicas que poderão demorar séculos. Continuaremos tranqüilamente nossa jornada, ajudando no que pudermos aos cientistas. Nosso número aumenta; nossos trabalhos prosperam; nossa literatura cresce e melhora dia a dia e lembrará sempre aos homens de ciência a conveniência de fazerem pesquisas. Esperamos trabalhando e crescendo. No Brasil o Espiritismo já vai saindo do ról das idéias novas que só recebem desprêso e zombaria e vai entrando para a lista das idéias consagradas e respeitáveis.

O livro nos dá a grande esperança de que um dia tôda a Humanidade será espírita, e então nós também seremos espíritas muito melhores do que hoje.

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— VI —

Nos versículos 24 a 31, ainda do capítulo I do Gênesis, continua a ingênua inspiração, *ad litteram,* de Moisés, profunda, porém, em seu conteúdo científico, a discretear sôbre *a criação dos seres viventes*, nos seguintes têrmos: «E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado e reptis, e bestas feras da terra conforme a sua espécie: e assim foi. E fez Deus as bestas feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o reptil da terra conforme a sua espécie: e viu Deus que era bom. E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança: e domine sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves dos céus, e sôbre o gado, e sôbre tôda a terra, e sôbre todo o reptil que se move sôbre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou. E Deus os abençôou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a: e dominai sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves dos céus, e sôbre todo o animal que se move sôbre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado tôda a erva que dá semente, que *está* sôbre a face de tôda a terra; e tôda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento. E todo o animal da terra, e tôda a ave dos céus, e todo o reptil da terra, em que há alma vivente; tôda a erva verde *será* para mantimento: e assim foi. E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom: e foi a tarde, e a manhã, o dia sexto».

Preste-se bem atenção em tudo que aí está escrito, e ver-se-á que nenhuma discrepância existe entre as afirmativas da inspiração divina, dada a Moisés, e as noções positivas da ciência, ou antes, e o que realmente existe sôbre a terra. O que recomendou a Paternidade Divina ao homem, foi que *dominasse* sôbre todos os seres viventes, afirmando-se nessa disposição do pensamento criador um fato que se devia tornar de observação comesinha no curso dos tempos, pois que era necessário que, enquanto os demais seres viventes fôssem diminuindo à superfície da terra, se tornasse a espécie humana, graças à sua proliferação, capaz de *encher* a terra. Êsse domínio do homem sôbre os sêres irracionais, incluia a necessidade de exterminá-los, desde que se tornem nocivos e a de domesticá-los para o auxiliarem ou corresponderem à expansão da sentimentalidade humana que sempre encontrou em certas espécies, quer pela sua mansidão, quer pela sua beleza ou inclinações canoras, motivos de prazer na convivência com os animais: haja vista o que, desde remotas idades passa-se com relação às raças canina e cavalar, às diversas espécies de pássaros de linda plumagem ou de cantar mavioso.

Mas o que é notável e se aproxima cada vez mais da realidade humana, correspondendo a uma necessidade que aumenta à proporção que o homem se purifica e se torna extremamente sensível às elevadas emoções da filosofia e da arte, é aquela recomendação de Deus a seus filhos, através da inspiração dada a Moisés: «Eis que vos tenho dado tôda a erva que dá semente, que *está* sôbre a face de tôda a terra; e tôda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento», atribuindo logo adiante a mesma utilidade aos animais: «E todo o animal da terra, e tôda a ave dos céus, e todo o reptil da terra, em que há alma vivente, tôda a erva verde *será* para alimento», cujo torneio de frase, podendo embora dar lugar a equívoco em ânimos inclinados a ter a carne mesmo como principal alimento, leva as mentes equilibradas e honestas a interpretar no sentido da necessidade de abstenção da morte dos animais, os referidos textos bíblicos, nos quais implicitamente está a eliminação gradual dos carnívoros da face da terra, como está sucedendo, realmente, para que nela permaneçam sòmente as espécies erbívoras ou frugívoras.

Já é tempo de darem os homens satisfação a essa recomendação de nosso Pai Celestial, afim de obterem uma existência mais delicada, elevando os labôres do campo àquela altura a que os elevaram, em épocas remotas, algumas civilizações que o negativismo científico do ocidente deslocou, infelizmente, do álveo da sua evolução natural, para rumos odiosos e conturbados, mas que serão recompostos e voltarão à sua pureza e ao seu fortalecimento, graças à ação que a Providência Divina está agora determinando aos seus mensageiros exerçam sôbre o ânimo dos homens, afim de fazê-los regressar ao bom caminho, que outro não é senão o do filho pródigo, forçado pelos sofrimentos e pela angústia resultantes das suas prevaricações, a encaminhar-se novamente para a casa paterna.

O que é fato, de comprovação científica, aceite-se ou não a teoria do transformismo, é que a seqüência natural do aparecimento dos seres de alma vivente na terra, culminou com a criação do homem, a constituir uma espécie completamente à parte, entre tôdas as diferentes espécies animais, com características de inteligência, vontade, senso de responsabilidade que absolutamente Deus não concedeu às espécies que lhe são inferiores, das quais se distingue, especialmente, pela sua capacidade de evolução, ao passo que nenhum outro ser animado de vida possui êsse divino atributo. Por isso é que disse Deus ter feito o homem à sua imagem, à sua semelhança, pois que lhe deu a possibilidade de evoluir até Êle — o que só se pode admitir num sentido puramente espiritual e não no que tange à forma carnal, que esta é adstrita às migrações planetárias, de um a outro corpo celeste, que o Espírito vai realizando para seu aperfeiçoamento, até atingir à perfeição, quando se integrará, então, na ordem angelical, para viver eternamente com o Pai e em plenitude de consciência, humildemente, fazer-lhe a Paterna Vontade, como o fez Jesus, modêlo que nos foi concedido pela Misericórdia divina para que, a êle nos adaptando, possamos também atingir às culminâncias da perfeição espiritual.

Philemon

O nosso apêlo aos assinantes em débito

Dirigimo-nos aos nossos assinantes em débito, residentes em lugares não visitados por nossos representantes, o grande favor de nos enviarem as importâncias atrasadas de assinaturas desta Revista pelo Correio, sob registro com Valor Declarado, cheques contra Bancos ou Vales Postais, endereçadas à «Revista Internacional do Espitismo» ou ao Centro Espírita «Amantes da Pobreza». No caso da presença de representantes locais, pedimos aos mesmos se dirigirem a êles para solverem seus compromissos.

Grandes são as nossas dificuldades na manutenção desta «Revista» fato que nos força a apelar aos assinantes em débito para que nos ajudem a manter êste órgão de propaganda espírita por meio da anulação de seus débitos.

Menos árdua será a nossa tarefa se cada confrade em débito satisfizer seus compromissos.

Um Dia, para duas Glórias

Aleixo Victor Magaldi

REINAVA, em França, Napoleão III, em 1855, quando um médico notável, professor emérito, o dr. Leon Hypolite Dinizart Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, começou a estudar os fenômenos espíritas.

Para dar uma diretriz segura aos estudos de tais fenômenos, que, por tôda a parte, principalmente na América do Norte, chamavam a atenção geral, deliberou êsse cientista organizar uma associação. Convidou, então, um bom número de pessoas sérias, isentas de preconceitos e prevenções; e fundou, em Paris, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, com autorização do Ministro do Interior e do Prefeito de Polícia, com o objetivo de estudar todos os fenômenos espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas.

Era êle um homem irreligioso, uma notabilidade da ciência da época. Com outros cidadãos eminentes pelo saber e pela posição social, resolvia prescrutar, investigar e definir os fenômenos constatados por todo mundo, sucedidos fora, aberrantemente fora das normas aceitas até então. Kardec abria o caminho. Mais tarde, outros, muitos outros vultos salientes da medicina, da química, da astronomia, do direito, da política e das religiões, deviam prosseguir, antecedendo o cortejo dos sábios observadores pertencentes a todos os ramos da ciência clássica, os quais ampliaram a esfera dos conhecimentos espíritas. E seus nomes estão por demais vulgarizados no meio espiritualista, para não ser preciso recordá-los aqui, por escrito.

Os fenômenos espíritas espontâneos, como eram os daquela época, não dependiam da vontade do homem, muito menos da aceitação ou negação de ninguém; sucediam naturalmente, como a chuva, o vento e o raio. Kardec logo compreendeu que assim eram êles; e os estudou como estudara os fenômenos científicos conhecidos. E todos os outros investigadores, tôdas as sociedades de estudos, criadas para estudar, dêles se ocuparam friamente, dentro do senso mais rigoroso, com o fim exclusivo de descobrir o que realmente, verdadeiramente eram êsses fenômenos.

O movimento foi geral, correndo os quatro polos do Globo. E todos os estudiosos honestos, tôdas as sociedades de pesquisas dos fenômenos espíritas, acabaram por aceitá-los como um fato incontestável.

Kardec foi o propulsor número um dêsse movimento. De tal amplitude, que, hoje, decorrido um século do seu deflagrar, não há uma só família letrada que ignore a existência do Espiritismo.

Quando Kardec o conheceu, não passava de uma brincadeira de mesas a girar e de estalidos provocados por meios invisíveis, nos salões onde espoucava o champangne, ecoava o riso e se refletia o contôrno das damas fúteis da «jeunesse dorée». Graças ao rigor das investigações de Kardec, à sua perspicácia, ao zêlo intuitivo de sua codificação, o Espiritismo assumiu foros de doutrina, a mais completa. E aí o temos: uma filosofia que descerrou o véu do enígma da vida espiritual, sôbre a qual não se tinha nenhuma noção científica até o seu surgimento; uma explicação dos destinos dos sêres, após a morte do corpo; a doutrina que afirma a pluralidade dos mundos habitáveis; que trouxe a teoria das reencarnações, pela qual se sabe que o indivíduo vive muitas vêzes na face dos mundos numerosos; que afirma a teoria da Justiça Divina regedora dos mundos e dos sêres, abolindo a teoria dos perdões e dos sofrimentos eternos; que afirma que os sêres evoluem para a perfeição em existências diversas; que diz que a vida das almas é *uma vida física* e natural.

Três grandes grupos dos fenômenos espíritas formam o corpo dessa doutrina sublime.

O primeiro grupo reune os fatos que nos comovem e fazem o nosso pensamento se elevar ao Criador Supremo. Êsse é o Espiritismo religioso.

O segundo grupo é dos fenômenos que nos obrigam a raciocinar e criar um novo conceito das coisas e dos sêres, da sua formação e do seu destino. É o Espiritismo filosófico.

E o terceiro grupo reune os fatos que são catalogados, estudados em sua natureza e confrontados com os das ciências positivas. É o Espiritismo científico.

O Espiritismo foi revelado ao mundo pelas jovens. Duas meninas. Margarida e Katarina Fox. Esta com apenas onze anos de idade. Elas tiveram a graça de ser instrumento dessa 3.ª revelação divina.

Os «raps» os «estalidos», que o espírito de Carlos B. Rosma produziu na casinha de madeira de propriedade de um tal Veckmann, na aldeia de Hydesville, perto de Arcádia, nos Estados Unidos, há um século, puderam ser provocados com o concurso da mediunidade dessas duas meninas. Os batidos, estalidos ou «raps» só se reproduziam, nessa casinhola, quando estavam presentes as irmãs Fox. Elas, pois, exclusivamente elas, as garotinhas filhas de John Fox, serviram de ponto de partida da maior Maratona do idealismo humano, da mais surpreendente revelação de todos os tempos. Elas iniciaram a centenária corrida em Hydesville, carregando o bastão da vitória do Espiritismo, através de tôdas as ameaças, provando a sua mediunidade, onde quer que se tornasse necessário prová-la, até que outros vieram substituí-las. E, pelo revezamento ininterrupto de tantos outros, o bastão vitorioso da Maratona idealista do Espiritismo chegou até às nossas mãos.

Quanto sacrifício, quanto martírio foi preciso, para manter acêsa a tocha do Espiritismo no Mundo, desde as maninhas Fox até à presente geração ? !

Grande é a nossa responsabilidade ; porque dignos precisamos ser dos que se revezaram nessa Maratona inolvidável vencendo todos os obstáculos, vertendo suor, sangue e lágrima até à morte.

E à mocidade, parece, Deus quer entregar de nôvo o bastão da vitória do Espiritismo empunhado pelas jovensitas Fox, de início, em Hydesville.

Que os nossos jovens sejam êmulos perfeitos das maninhas Fox.

A 31 de março de 1948, transcorreu o prìmeiro centenário do Espiritismo. Esta magna data, que é o Natal espírita, vincula-se ao episódio sucedido em Hydesville em 31 de março de 1848, no qual se destacaram as atuações das irmãsinhas Margarida e Catarina Fox.

Hydesville é um povoado típico do Estado de Nova York. Contava, naquela época, com poucas casas de madeira, do tipo mais humilde. Em uma delas habitava uma honrada família metodista de estanceiros, de sobrenome Fox, composta dos pais e de vários filhos, entre êstes Margarida, de 14 anos, e Catarina de 11. A casinhola dos Fox foi a mangedoura do Espiritismo ; e Hydesville tornou-se a Nova-Belém.

A família Fox ocupou a casita em 14 de dezembro de 1847. Pouco tempo depois, seus ocupantes começaram a ouvir alguns ruídos estranhos; mas, êsses ruídos assumiram maior intensidade e ocasionaram incômodos mais alarmantes a partir do meiado do mês de março de 1848. Desde então, aumentaram de intensidade, até ao extremo de sacudir os móveis. Fizeram-se tôdas as investigações tendentes a esclarecer tais fatos. Em 31 de março, os ruídos tomaram um aspecto violento. *Foi precisamente nesta noite que a menina Catarina convidou o poder invisível a repetir as pancadas que ela produziria com seus dedos.* E eis que cada pancada da menina era respondida imediatamente, com matemática precisão, por outra pancada produzida por uma causa invisível.

Tornava-se inaugurado, a partir dêsse instante, um novo meio de comunicação entre a terra e o céu. A telefonia sem fio do invisível.

Abria-se uma extraordinária e transcendental perspectiva na história da humanidade.

Se a queda de uma maçã, observada por Newton, havia permitido conhecer uma lei fundamental relacionada com o mecanismo planetário; se a fôrça do vapor, que levantava uma pequena tampa de chaleira, poude inspirar a Fulton a aplicação mecânica do vapor, naquela resposta, que a família Fox recebia em noite memorável, iniciava-se o mais importante movimento espiritualista, com que jamais sonhara a humanidade, por meio do qual se começaria a explicar o obscuro problema da personalidade humana, seu passado, sua existência, seu destino e seu porvir.

Também a 31 de março, desencarnava-se o codificador do Espiritismo, na França, quando em plena atividade a serviço da Doutrina.

O mundo espírita reverencia nesta data o grande missionário da Terceira Revelação, e saúda as maninhas Fox, as quais cumpriram a sua missão. Fazendo côro com as vozes do céu e da terra, também nós lhes rendemos a nossa homenagem fraterna, nesta página descolorida.

31 de março, Natal do Espiritismo...
31 de março, desencarne de Kardec.

Um dia, para duas glórias.

Volta Redonda, 29/2/1960

Serões Bíblicos - V

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo V)

A sabedoria do mordomo infiel

Chilon — Certo, certíssimo, jamais vi tanta beleza de concatenação lógica, de tal modo conclusiva, que até parece um desenvolvimento matemático.

Árago—Logo, se falei com acêrto, é néscio todo aquêle que desconfiar de Deus, para crer nos próprios recursos e nos de César.

Chilon — Exato.

Árago—Pela recíproca, é sábio todo aquêle que duvida do valor do dinheiro de César, evitando as artimanhas e desonestidades que certamente o fariam rico no mundo, porém, pobre no céu.

Chilon — Perfeitamente.

Árago—Então é sabedoria confiar-se o homem a Deus, arriscando-se a ficar pobre no mundo, por causa de levar a sério o Evangelho de Cristo.

Chilon — Sim, esta é a verdade irrefragável.

Árago — Por conseguinte, a sabedoria do administrador infiel consistiu em descobrir que a herança recebida não era sua, senão «in nomine», porque verdadeiramente pertencia a Deus ao qual teria de prestar contas um dia. Perdoando dívidas assegurou a função de dispenseiro, pois não se destitui do cargo aquêle a quem se elogia e tem por sábio, não é assim ?

Chilon — Conclusão exata.

Árago—Então bastou ao mordomo reconhecer o seu lugar, para que a mordomia não se perdesse ; donde vem que todos os ricos e poderosos do mundo perdem tudo o que cuidam ter, por não reconhecerem seu lugar. Nisto só está a necedade dos ricos, e a sabedoria do mordomo infiel.

— Queres agora, Chilon, examinemos a psicologia do homem néscio, rico ou pobre, que constitui a mediocridade sempre ávida por enriquecer-se ?

Chilon — Se quero ! que faço eu aqui senão discorrer convôsco sôbre o que é certo, belo e bom ? Falai que quero gozar o enlevo que me causa vossa sabedoria !

Árago — Eu, diz o homem néscio ou medíocre, que é a maioria, creio em Deus, porque isto é coisa aqui da minha cabeça (superconsciente). Mas meu coração (subconsciente) duvida das suas palavras, e por isso se me êle manda olhar os lírios do campo e as aves dos céus, prefiro mais olhar a seara encurvada ao pêso dos cachos, e os porcos gordos nos chiqueiros. Certamente como anjo eu deveria plantar um jardim ; mas o diabo aqui me faz sentir que devo plantar uma horta, e vence o diabo e não o anjo. É certo que Deus me diz que devo me entregar aos seus cuidados ; mas meus instintos multimilenários me põem cuidadoso do amanhã ; não posso viver sem a pensão do que me pode suceder no futuro. Os que põem em Deus os seus cuidados, que são os santos, os gênios e os heróis, não raro acabam na miséria. Como se livram êles das doenças ? Como se houve Chopin com sua tuberculose ? Schumann, com sua loucura ? Beethoven com sua surdez ? Mozart, com sua miséria e desprêzo ?

— Deus me manda me descanse

nêle dos cuidados, mas isto é traça de inimigo que me quer pegar desprevenido. Se não me preocupo com o dia de amanhã, e ajudo os outros, ficarei pobre ; e quando me sobrevier alguma moléstia, ou os males que atormentam a velhice ? quem me atenderá ? Ao menos se ajuntar dinheiro estarei prevenido contra até o mesmo Deus, visto que me êle não poderá afligir. Quando êle me quiser atingir com alguma desgraça, calço-o no dinheiro. As doenças e padecimenos, diz-me, aqui, meu superconsciente, que são para me burilar a alma ; portanto as doenças e as dores são remédios de Deus com que, no corpo, se curam os males da alma ; mas eu não os quero tomar. Ora, suposto que as dores são remédios de Deus, com dinheiro compro o remédio com que curo as dores. Contra, pois, os remédios de Deus, aplico eu o remédio do dinheiro, visto que, com êste, me livro da dor ; logo, me livro até do mesmo Deus se tenho dinheiro à mão. Com um remédio se vence outro, e o mais poderoso dêles é o dinheiro. Estando eu, pois, estribado no dinheiro, nem Deus me poderá afligir, porque me defendo dêle.

— Contudo, apesar de ser esta a verdade em que creio por instinto, diz-me êste que devo ter o cuidado de não externar meus sentimentos, e antes, que os devo disfarsar, parecendo muito amigo de Deus e religioso. Devo ter sempre presente que o «interêsse fala tôdas as línguas e desempenha todos os papéis, mesmo o de desinteressado» (La Rochefoucauld, Clássicos Jackson, XII, 146). Deus é inimigo terrível que me pode aniquilar, apesar do dinheiro, em razão do que me devo resguardar dêle duplamente, ou seja : primeiro, tratando-o bem, isto é, tenho uma religião de aparências ; e segundo, guardando o dinheiro, pois mesmo tratando-o bem, pode desconfiar de mim, e me mandar alguma desgraça a qual, apesar de me dizerem que é um bem, eu a agradeço, e a deixo, de bom grado, aos tolos que gostam de cantar loas à dor.

— E assim eu vou consolando os outros, com lhes dizer que a dor é um bem (abençoada dor ! exclamarei, entre suspiros !), e por isso devem aceitá-la senão com alegria, ao menos com resignação. Afinal de contas isto é muito fácil, porquanto «todos nós temos bastante fôrças para suportar os males dos outros» (La Rochefoucauld, Clássicos Jackson, XII, 145). Mas eu, pela minha parte, guardo o meu dinheiro para me safar dos males próprios, visto que não vou nessa conversa com que engazopo os tolos.

— Além do mais, enquanto prego que a doença e a dor são remédios aplicados no corpo, para a cura da alma, me desobrigo de ter de dar o meu dinheiro para o doente curar-se, porque está patente que isto seria impedir-lhe a cura da alma O meu dinheiro deve me pôr a coberto da correção divina, porém meu amor pelo próximo, que o mesmo Deus me manda ter, não deve ir ao ponto de curar o mal alheio, ou seja, de proteger os estranhos com meu dinheiro. Quem ficar doente e não tiver vintém, que se apegue com Deus em quem creu. Ou então que dê com os costados nos hospitais, nas enfermarias gratuítas, e ainda vá servir de cobaia nas experiências de estudantes de medicina, ou nas de médicos chucros, feitos a machado, ou à fôrça do ouro dos papais ricos. Êle não esperou de Deus ? Que o valha Deus agora ! É velho e sem tostão ? pois vá para os asilos, e se dê por muito feliz de os haver. Que fêz durante a primavera e outono da vida ? cantava, como a cigarra ? Cuidou do que não rendia ganho ? levou a sério o visionário do Gólgota ? fêz como as aves dos céus e como os lírios dos campos ? Que «cante então e danse agora», que enquanto quís ser cigarra, eu fui formiga, e Deus parece estar mais do lado do previdente que amontoa, do que do desprendido que se fia dêle.

— Contra a ultra-economia do não ter, porque dá o que tem, e fica pobre, própria dos santos e dos gênios, eu oponho a minha infra-economia da mediocridade humana do ter porque não dá. Qualquer bêsta de carga pode estar carregada de ouro, enquanto que os gênios sempre foram e hão de ser pobres. Aqui na Terra os que dão o que têm, a pedir vêm, e sabido foi o moço rico do Evangelho, que duvidou do tesouro que Cristo lhe prometeu no céu, para só crer no que já tinha nas unhas. «Pasero kaptita estas pli bone ol aglo kaptota» ; quer dizer : um pardal prêso é muito melhor do que uma águia solta ; ou, mais vale uma pomba na mão que mil voando.

—O prático, gorducho e baixo Sancho Pansa de Cervantes é o mais sábio dêste mundo, embora o idealista e magricela D. Quixote o seja do outro. Êrro foi e crasso de Sancho, o andar atrás de D. Quixote que tomava por reais as fantasias da sua imaginação, e tôdas as coisas do Evangelho são umas quixotadas, que já vão para quase dois mil anos.

— Sancho Pansa na sua simpleza era o mais sábio dos homens, e por isso aconselhava que «com bom cimento se pode levantar um bom edifício, e o melhor cimento do mundo é o dinheiro» (Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 127). «Só há duas linguagens no mundo (diz êle), como dizia minha avó, que são ter e não ter, e ela ao ter se apegava» (op. cit. 132). E diz mais que «um burro carregado de ouro sobe ligeiro um monte; que dádivas quebrantam penhas; que mais vale um toma que dois te darei» (op. cit. 232). Que «as tolices dos ricos passam por sentenças no mundo» (op. cit. 270); que «o ofício que não dá de comer a quem o tem não vale dois caracóis» (op. cit. 293); que «ande eu quente e ria-se a gente» (op. cit. 322); que «quando te derem a vaca vem logo com a corda» (op. cit. 322); que «o abade janta do que canta» (op. cit. 391); que «lágrimas com pão, passageiros são» (op. cit. 351). E por aí prossegue a sabedoria do Sancho, mostrando ser superior à de seu senhor cavaleiro andante, do qual, em má hora, se fêz escudeiro.

— Esta amaríssima realidade foi experimentada por Antônio Vieira que escreveu: «Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e préstimos para tudo; quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada». (Vieira, Sermões, 9, 189 — Ed. das Américas).

— Esta é a minha vida (continua a mediocridade), e nisto se fundamentam minhas obras, se bem que minha bôca fale do que tenho cheia a cabeça, isto é, de sonhos quixotescos e quimeras evangélicas. A mim me convém que os homens creiam em quixotadas, como creu Sancho, seguindo seu senhor, pois se os homens se fizerem desprendidos, o que duvido muito, terei menos concorrentes.

—Tal é, Chilon, a vida do homem comum, ou seja, da grande maioria que vive a bater nos peitos e a dizer Senhor! Senhor!

— Queres, agora, que te dê a fórmula de um dos sete sábios da Grécia, pela qual aferirás os homens?

Chilon — Dai-ma, meu amigo, que vou registrá-la, para meu uso.

Árago — «Quílon, um dos sete sábios da Grécia, dizia que, assim como a pedra de toque prova o ouro e a prata, assim o ouro e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens? Tentai-os com ouro e prata» (Vieira, Sermões, 7, 198—Ed. das Américas).

— Mas agora, como é tarde, vamo-nos para a cama.

Testes sôbre Fenômenos Espíritas

Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

(Continuação)

FENÔMENOS

Materialização e Telecnésia — Investigadores oficiais: Dr. Levindo Mello, médico; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médiuns—Dr. Albino de Mesquita (Advogado). Testes: de 8-7 a 9-9-53; Sr. Jorge de Moraes Sarmento (Comerciário). Testes: de 23-9 a 18-11-58; Sr. José da Silveira Menezes (Proprietário, não espírita). Testes: de 5 a 19-11-57; Sra. Adelina Dutra (Dama da sociedade carioca). Testes: de 23-9 a 18-11-58.

Tiptologia — Comissão de Investigação: Dr. Levindo Mello, médico; Dr. Arthur Lins de Vasconcellos, engenheiro; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Sr. Joaquim Pereira

Sampaio (Industrial). Testes : em 1945.

Xenoglossia — Investigador oficial : Dr. Levindo Mello, médico, então Presidente da Sociedade. Investigadores convidados : o então Secretário da Embaixada da China nó Brasil, um professor de Japonês do Instituto Brasil-Japão, dois industriais chinêses e um engenheiro russo.

Médiuns — Sr. Saul de Medeiros (Jornalista). Testes : de 1947 a 1957 ; Sra. Isaura de Carvalho (Dama da sociedade carioca). Teste : 18-9-56, (Espanhol).

Clarividência — Investigadores oficiais : Dr. Levindo Mello, médico ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médiuns — Sr. Virtulino José da Silva (Proletário) ; Sra. Odete Peixoto (Dama da sociedade carioca).

Exteriorização, com Transporte Psíquico — Investigadores oficiais : Dr. Levindo Mello, médico ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Dr. A. Lins (Médico, radioterapeuta). Psicoterapia astral, com espíritos de sacerdotes egípcios e monges indús. Testes : de 14-9-58 a 31-3-59.

Endocinésia — (Raps, no interior de tampo de mesa) — Comissão de Investigação : Dr. Levindo Mello, médico ; Dr. Arthur Lins de Vasconcellos, engenheiro ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

Paracinésia — (Fixação de mesa ao solo, redução de seu pêso, e movimentação de mesa, paranormais) — Comissão de Investigação : Dr. Levindo Mello, médico ; Dr. Arthur Lins de Vasconcellos, engenheiro ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico.

Médium — Sr. Joaquim Pereira Sampaio (Industrial).

Passes Magnéticos — Comissão de Investigação : Dr. Levindo Mello, médico, então Presidente da Sociedade ; Dr. Pereira da Silva, médico, então Diretor do Departamento de Investigações Experimentais da Sociedade ; e Dr. Pimenta Mourão, médico, então Diretor do Departamento Médico-hospitalar da Sociedade. Investigador convidado : Prof. Américo Valério, médico (Cancerologista), Membro da Academia Nacional de Medicina, então Orador Oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e Membro Efetivo da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Assistente da Comissão de Investigação : Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico, então Diretor do Departamento de Difusão Cultural da Sociedade.

Médium — Sra. Martha Bushnae (Dama da sociedade argentina, não-espírita). Testes : de 10-6 a 1-10-48 e de 10-11 a 13-12-48.

Operação Fluídica — Comissão de Investigação : Dr. Flávio Ribeiro, médico, Diretor do Departamento Médico-hospitalar da Sociedade ; Dr. Ladeira Marques, médico e Membro Efetivo da Sociedade ; e Sr. Milton de Andrade, investigador psíquico e Presidente da Sociedade.

Médium — Sra. Abigail Martinelli (Cantora lírica, conhecida como Abigail Parecís, nome de solteira, que já cantou no Teatro Scala, de Milão). Testes : de 3-5 a 12-7-60.

Prescrição Paranormal — Investigador Oficial : Sr. Milton de Andrade, Presidente da Sociedade.

Médium — Sr. Luiz Bogéa (Professor). Testes : a partir de outubro de 1960.

Os resultados dêsses testes serão dados a conhecer através da obra «Ciência Espiritualista», de autoria do Sr. Milton de Andrade, atual Presidente da Sociedade, ainda em elaboração, e por editar sob a égide da mesma.

Testes evidenciais da reencarnação

Damos em seguida os principais trechos do relatório do Presidente Milton de Andrade, apresentado em nome da Diretoria ao Conselho Deliberativo, sôbre a atividade científica da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, desde sua fundação, há quase 20 anos passados :

«Temos submetido a experiências

diversos médiuns de materialização e de telecinésia, porém nenhum ainda com êxito. São muito raros os verdadeiros médiuns de materialização—eis o grande obstáculo, para a investigação.

A título de exemplo, vou expôr, sucintamente, o resultado da investigação de um dos fenômenos enumerados nêste relatório. Nos testes de regressão no tempo, ou regressão da memória, com as pacientes em estado hipnótico, postas pelo hipnólogo alemão Prof. Julio Brand, pretendeu Sua Senhoria parar na primeira fase da vida terrena, que é o intra-uterina, porque é protestante e não admitia vida anterior à atual, em acôrdo com a doutrina da reencarnação. Pedi-lhe, na qualidade de dirigente dos trabalhos, que prosseguisse no retrocesso. Tôdas as três pacientes revelaram, então, suas últimas reencarnações (uma delas, a última, como homem). Estando o Professor diante de um corpo de mulher, hipnotisado, e não sendo reencarnacionista, dirigiu-se a ela assim: «A senhora...» Imediatamente retrucou: «Senhora, não; sou homem!» Revivia ela, mentalmente, no instante, sua última reencarnação como homem. Corpo feminino; estado mental masculino... O inopinado, a segurança e a veemência da resposta causaram impressão nos espectadores. Terminados os testes, falei ao hipnólogo: — «Que diz o Professor disso?» Respondeu que era tudo fruto de sugestão.—«Sugestão como, se quem sugeria era o Professor, protestante, anti-reencarnacista?» — obtemperei. E prosseguí: — «Na mente de quem sugeria, não havia idéias reencarnacionistas; se eram anti-reencarnacionistas, como poderiam sugerir às pacientes que reassumissem personalidades que tiveram em vidas anteriores?»—«A objeção não deixa de ser procedente»—disse. Continuei: — «Pode o Professor considerar que as pacientes são espíritas, e por conseqüência estão com os inconscientes saturados de idéias reencarnacionistas. Se assim é, prossigamos na investigação. Solicito ao Professor que realize os mesmos testes de reencarnação em seu meio habitual, onde só há protestantes. Experimente com homens, senhoras e crianças. Sendo protestantes, não podem estar com os inconscientes saturados de idéias reencarnacionistas». O Prof. Julio Brand concordou. Experimentou com protestantes, de diferentes idades. Após os testes, telefonou ao Dr. Levindo Mello, então Presidente da Sociedade, para comunicar o resultado das experiências que fizera em sua casa, com protestantes—homens, senhoras e crianças. «Todos êles — informou — quando retrocediam, em relação à vida intra-uterina, punham-se a descrever a vida no espaço interplanetário; e, depois, suas últimas reencarnações». O Dr. Levindo Mello felicitou-o, pelo êxito das experiências. E prosseguiu o Professor: — «Tendo sido as experiências realizadas por mim próprio, em minha casa e com pessoas de minha absoluta confiança, tôdas protestantes, quero dizer-lhe que estou convencido da veracidade do fenômeno; que não é êle fruto da sugestão; e que não resulta de idéias, que saturassem a mente de cada paciente, por fôrça de suas convicções doutrinárias ou religiosas — e que, à luz dessas pesquisas pessoais, considero-me, a partir de hoje, reencarnacionista, embora continue protestante». O Dr. Levindo Mello, em entrevista ao DIÁRIO DA NOITE desta cidade, teve ocasião de expôr o que acabo de relatar».

Testes de incorporação

«Em matéria de investigação psíquica, prosseguiu a Sociedade, no ano de 1960, em suas pesquisas, havendo realizado estudos e testes sôbre os seguintes fenômenos: 1, de incorporação, com os médiuns Srs. Dante Costenaro, Jayme Cisneiros e Armando da Silva Mello; 2, de passes magnéticos, com a médium Sra. Abigail Martinelli (conhecida como cantora lírica pelo nome de solteira—Abigail Parecís); 3, de operação fluídica, com a mesma médium Sra. Abigail Martinelli; 4, de prescrição paranormal, com o médium Sr. Luiz Bogéa».

(Continua)

AVISO - Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Crônica Estrangeira

A MISTERIOSA ENFERMEIRA NOTURNA

«Spiritualismo Moderne», de «Homem e Destino»

Sonja Kovari, baronêsa de Kowatsh, relata:

Eu estava sèriamente enfêrma, numa clínica.

Eu esperava a morte de um a outro momento. Os sintômas habituais (como enfermeira, eu os conhecia) estavam reunidos; os seus prognósticos previsíveis eram absolutamente claros, mas eu estava sempre plenamente consciente e me perguntava se o grande acontecimento, a *Morte,* estava tão próxima como nós todos pensavamos.

Eu estava acamada há seis semanas na mesma posição, após uma pavorosa colisão de automóveis. Sob as faixas, o meu tormento era indescritível, ainda que tudo eu suportasse tão pacientemente quão possível. Á tarde, a enfermeira da noite entrou em serviço para meu quarto e o quarto visinho. Eu possuia uma campaínha e só tinha que tocá-la para chamar. Eu estava deitada e na calma da noite, eu refletia. Eu tinha três filhos, o mais novo de 2 anos e meio sòmente. Então eu comecei a orar: «Meu Deus protetor das crianças. Tu me deste êste filho, eu te rogo, concede-me agora a vida, afim de que eu possa continuar a dispensar a meus filhos êsse amor maternal, de que êles precisam. Por amor dêles, eu te rogo a vida, meu Deus!»

Em seguida, pela janela, eu olhava na noite. Eu podia ver a fuga das nuvens. Minhas dores ainda eram violentas, mas eu estava plenamente consciente e podia claramente reconhecer tudo o que me cercava. Ouvi mesmo a respiração difícil duma enfêrma no quarto contíguo.

Completamente acordada, subitamente tive consciência que alguém entrava no quarto e contornava o pé de minha cama. Não ouvi som algum. Claramente vi, entre o leito e a janela uma mulher de vigorosa estatura. Não era nenhuma das enfermeiras que eu conhecia, que tôdas sem exceção, eram pequenas e delgadas. Ela sorria e parecia olhar-me com ar pensativo. Ela estava revestida do traje habitual das enfermeiras.

Eu julguei tratar-se de uma auxiliar vinda como refôrço. Eu lhe sorri e esperei que ela me falasse. Ela assim não fez, mas se atirou sôbre mim até que o seu rosto fizesse compressão sôbre o meu, e pôs sua mão suavemente sôbre minha espádua comprimindo-a, e quanto mais ela me tocava eu sentia que minhas dores desapareciam. Ela nada falou. Nós nos sorriamos, eu por gratidão, ela com uma expressão de bondade difícil de definir. Quanto tempo ela aí permaneceu, não o sei. Em todo caso, quando ela partiu, meus sofrimentos haviam cessado, e adormeci. Na manhã seguinte, despertei bem cedo, inteiramente disposta. A enfermeira que fazia o serviço do dia, entrou no meu quarto. Ela esperava—como mais tarde confessou — ver meu rosto debaixo do lençol, o que significaria que eu morrera durante a noite. Ela me perguntou como me sentia e, após alguns instantes, eu lhe perguntei qual fôra a enfermeira que me visitara à noite. Ela respondeu que não aparecera qualquer enfermeira extraordinária.

A enfermeira do plantão noturno prestara o serviço e vigiou os dois quartos a ela confiados. Ela declarou que nenhuma outra pessoa entrara ou saira.

Mas como eu persistisse em minha afirmação, ela me pediu fazer a descrição da visitante. Quando lhe descrevi exatamente sua estatura, seu rosto, seu sorriso amável, sua mão pousada sôbre minha espádua, ela ficou de bôca aberta.

Foi com uma expressão de pavor, que ela respondeu: «Vós me descrevestes justamente a enfermeira que há tempo estava incumbida dêste quarto. Ela morreu em Março passado.»

Já se passaram muitos anos. Minha filha está casada, assim como meus outros filhos, e eu continuo na terra.

* * *

CASA ASSOMBBADA EM TANDIL

De «Constancia»

Do diário «La Razón» de 26 de Julho último, transcrevemos a seguinte notícia de um fenômeno de «encantamento» ou «infestação», suficientemente atestado e que mantém inquietos e atemorizados numerosos visinhos do Bairro, «A Pasteurizada», de Tandil.

O cenário dêsses fatos, qualificados de sobrenaturais é a quinta situada na estrada Moreno, 853. Ali, durante as noites, depois das 21 horas, quando apagam as luzes da humilde vivenda, são ouvidos estranhos ruídos e os moradores são atingidos por objetos.

Os moradores da casa, se apresentaram às autoridades policiais, mas estas não puderam localizar nenhum brincalhão na visinhança, nem deter o prosseguimento dos fatos que, por certo, escapam à sua jurisdição.

Mas, chegada a notícia à Lareira de Varones, pelo povo, os sacerdotes que o dirigem não vacilaram em reconhecer a origem sobrenatural dos fenômenos, ainda que tudo atribuissem à intervenção demoníaca.

Segundo a notícia periodista, o Superior dos Padres Franciscanos, Rev. Fray Fortunalo Tiberi, foi testemunha dos sucessos, e manifestou que só podem ter explicação mediante a intervenção do espirito do mal. Nós diriamos que sòmente se trata de «espíritos travêssos» que não respeitaram a investidura dos sacerdotes que no domingo, 19 de Julho, se animaram a passar um momento na casa encantada. Nessa noite chuvosa, às 21 horas, instalaram-se o citado Reverendo, três sacerdotes e mais quatro companheiros, e aconteceram as coisas do costume, voando os objetos e repetição dos ruídos, iguais as das outras vêzes. Até um pedaço de madeira atingiu a um dos assistentes...

Lamentável é que não estivesse presente nenhuma sociedade espírita, para demonstrar, com os fatos, como se pode afastar e tranquilizar os espíritos que causam os fenômenos lá observados.

José S. Fernandez

AVISO ESTRANHO

«Reformador», de «O Globo»

Há poucos anos, numa noite de Abril, pouco depois da meia-noite, um homem do Texas preparava-se para dormir. Chegara de uma aula de Astronomia que dera na sede da Associação Cristã de Moços. Sentia-se bem e gozava de boa saúde.

Estava certo de que ainda não começara a dormir, quando ouviu um ruído na porta do quarto. Levantando o olhar, surpreendeu-se vendo o próprio pai entrar no quarto. O pai, homem de negócios, morava na Califórnia.

Com olhar desolado, o velho aproximou-se do leito do filho e lhe estendeu a mão. Quando o filho a tomou, o pai vagarosamente balançou a cabeça e desapareceu. O filho ficou sentado na cama, com a mão estendida no ar.

O texano, naturalmente atordoado com semelhante ocorrência, permanecia ainda sentado à beira da cama, quando chegou um telegrama comunicando-lhe que o pai falecera na Califórnia repentinamente, de um ataque cardíaco às 8 e meia daquela noite.

O espaço de tempo entre a morte do pai na Califórnia e sua aparição ao filho, no Texas, é também um dos estranhos aspectos dêsse caso.

Uma das hipóteses apresentadas admite ter sido possível ao moribundo pai criar telepàticamente para o filho aquela alucinação. Mas, a mente do filho, na hora em que o pai morreu (20 h 30 m), estava preocupada com a aula de Astronomia. Ela recebeu a mensagem, e então, pouco depois da meia-noite, a revelou quando êle começava a dormir. Isso, porém, é apenas hipótese.

O Dr. José Rhine, que de há muito se vem dedicando ao estudo dos estranhos procedimentos da mente humana, sugere que várias experiências coincidentes podem muito bem significar que a mente humana possui a faculdade de movimentar-se ràpidamente para trás ou para frente *sôbre certa espécie de eixo de tempo,* percorrendo o passado, o presente e o futuro.

Houve outro caso de duas inglêsas, residentes em Puys, na França. O fato se deu a 4 de Agosto de 1951.

Despertaram às quatro horas da madrugada, dizem elas, ouvindo tiros de canhão e o ronco do mergulho de bombardeiros. Olhando através do Canal da Mancha, nada viram. A batalha durou até quase sete da manhã. Ninguém, senão elas, ouviu coisa alguma.

A menos de duas milhas de Puys fica Dieppe, onde, a 19 de Agosto de 1942, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, os aliados tinham realizado um reide avassalador. Dar-se-ia o caso de aquelas mulheres terem, então, podido ouvir o que ocorrera fazia anos?!

Pesquisadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres concluiram que as mulheres tinham tido «uma alucinação auditiva», uma espécie de sonho acordado, no qual escutaram o reide de que nada sabiam.

Espiritismo no Brasil

Ofício enviado ao Senado Federal pelo Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo referente ao projeto 2.222 «Diretrizes e Bases da Educação Nacional»

Exmo. sr. dr. João Goulart

DD. Presidente do Senado da República.

Os intelectuais espíritas de São Paulo, através de seu organismo representativo, o Clube dos Jornalistas Espíritas, que reune jornalistas, escritores e professôres dos três graus de ensino, dirigem-se a Vossa Excia. e aos exmos. srs. Senadores da República, para respeitosamente manifestarem a sua desaprovação ao projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na forma aprovada pela Câmara dos Deputados. Manifestam também a sua confiança na serenidade e elevado discernimento patriótico dessa Egrégia Casa do Congresso Nacional, para o exame dos pontos evidentemente perigosos da referida propositura.

Não entendem os intelectuais espíritas paulistas, que integram esta entidade, segundo manifestação unânime da reunião em que o assunto foi debatido, a razão de terem os srs. Deputados Federais aprovado uma peça tão contrária aos interêsses do povo e à vitalidade do nosso sistema democrático. Depositam, entretanto, a sua esperança na ação superior e vigilante do Egrégio Senado da República, de cujas decisões dependem agora os destinos do ensino no Brasil.

Não temos dúvidas em afirmar a V. Excia. e aos exmos. srs. Senadores que, se por uma infelicidade, o atual projeto fôsse mantido por essa Casa, a educação brasileira, em pleno século vinte, regrediria para a Idade Média. Os princípios confusionistas do projeto aprovado, que mistificam o problema do ensino, misturando deveres do Estado com interêsses particulares, em evidente benefício de interêsses confessionais,—ainda mais nocivos do que aquêles, por implicarem coação da consciência,—são simples resíduos do obscurantismo medieval.

A escola pública,—única realmente livre, porque dirigida no sentido de respeito a tôdas as opiniões e a tôdas as crenças, — é uma conquista da civilização que, a partir do Renascimento, sucedeu ao obscurantismo medieval. Nascida na Revolução Francêsa, como reação ao dogmatismo escolástico e aos privilégios feudais, a escola pública tornou-se o verdadeiro instrumento da educação em todo o mundo civilizado. Graças a ela, o mundo moderno pôde libertar-se dos princípios retrógrados que imperavam no ensino religioso antigo, amesquinhando a consciência dos povos, através de um dogmatismo grosseiro e agressivo, que levou Giordano Bruno à fogueira e exigiu o silêncio aviltante de Galileu. Ainda hoje, os resquícios dêsse medievalismo opressivo se fazem sentir dolorosamente em nações dominadas pelo passado e sujeitas a ditaduras teológicas, nas quais o ensino e e a cultura são medidos pelos interêsses confessionais dominantes.

O Brasil, país em que a democracia alvoreceu bem cêdo, modelando-lhe o destino histórico, a feição demográfica e a própria grandeza territorial, através da ação corajosa e livre dos Bandeirantes, — homens a quem a realidade objetiva interessava muito mais do que as ameaças da Côrte ou da Santa Sé, — jamais se submeteu, nem poderia submeter-se agora, ao predominio de tais residuos. Os defensores do projeto aprovado pela Câmara Federal chegam a proclamar que a escola livre é a particular, porque não dirigida pelo Estado. O sofisma, típica da retórica medieval, pode impressionar aos que nada entendem do problema. Basta atentar-se para a confissão religiosa a que pertencem êsses defensôres do projeto, para se compreender a espécie de liberdade que defendem : A DE OUVIR E CALAR.

Análises minuciosas e profundas da propositura, feitas pelos professôres Anisio Teixeira, Almeida Júnior, Fernando de Azevedo, pelo Manifesto dos Professores (Subscritores do histórico Manifesto de 32), por Congregações de Faculdade e numerosas escolas realmente livres, dispensam-nos de entrar nesse terreno. Nosso intuíto é apenas o de manifestar a Vossa Excelência, ao mesmo tempo, a nossa repulsa ao projeto medieval e a nossa confiança na ação saneadora do Senado.

Queiram Vossas Excelências aceitar a expressão da nossa elevada estima, e da nossa cofiança na defesa da Democracia Brasileira, por essa Egrégia Casa do Congresso Nacional.

Ass. J. HERCULANO PIRES, presidente

RENATO W. RODRIGUES, secretário.

(Separata da Revista «Ilustração Espírita».)

Em Duque de Caxias

Atividade criadora e idealismo dão vida nova ao Espiritismo

A Associação Espírita Cairbar Schutel teve sua diretoria renovada em novembro de 1959. Ao tomar posse, seu atual presidente declarou : «considerar-me-ei fracassado se dentro de dois anos esta Associação não tiver sua sede própria.» Depois foi que viu que tinha ido muito longe. Deus, contudo, percebeu sua intenção e consentiu que os falangeiros do bem o ajudassem. Resultado : 13 mêses após foi fundida a lage de um grande edifício, com 140 mts.2, no valor aproximadado de Cr.$ . . . 1.200.000,00, tudo feito com donativos e promoções financeiras que envolveram milhares de pessoas de boa vontade.

Devendo transferir-se para a sua séde própria ainda êste mês, a Casa de Cairbar, na terra fluminense, deixou de ser um sonho para se tornar realidade. As obras prosseguirão, esperando-se para breve sua inauguração total. Depois, é marchar para novos empreendimentos.

—

Nova diretoria do Centro Esp. Bezerra de Menezes

Em Assembléia Geral ordinária, realizada no dia 12 de janeiro findo, o C. E. Bezerra de Menezes, de Duque de Caxias, elegeu sua Diretoria Executiva para o biênio 1961/62. Como convidados, compareceram os srs. Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel, assim como os srs. Manoel Felipe Marins e Rubens Louzada, da mesma entidade.

Cumpridas as formalidades de praxe, o sr. Manoel Corrêa Duarte, Presidente da casa de Bezerra de Menezes convidou o confrade Ademar Constant afim de dirigir a assembléia para a eleição da nova diretoria.

A chapa oficial foi apresentada à discussão, sendo votada e aprovada por unanimidade, constando ela dos seguintes nomes : Presidente, Manoel Corrêa Duarte ; Vice, Antônio Emídio dos Santos, 1.° Secr., Ivany Froes ; 2.°, Vanilda Ferreira ; 1.° tes., Clarindo Nunes ; 2.°, Joaquim José de Oliveira ; Proc., Silvério Lessa Mendonça e Bibl., Braulia Fróes.

Dessa diretoria, apenas o 2.° secr., o proc., e o 2.° tes., são novos nos cargos. Os demais foram reeleitos.

A nova diretoria foi empossada na mesma noite, findo o que o sr. Manoel Corrêa Duarte agradecendo a cooperação recebida, destacou os méritos de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo, na divulgação dos acontecimentos de Duque de Caxias.

—

Em Paracambi (Est. do Rio) são as autoridades municipais que lideram o Espiritismo

Com a presença do deputado federal Dr. Saturnino Braga, cap. de corveta Walter Mascarenhas, do general médico dr. Jaime Ferreira, do coronel L. Gentil, o *Centro Espírita Amor e Caridade* inaugurou sua sede própria e fez o lançamento da pedra fundamental do Albergue Noturno «Maria Barbosa» no dia 22 de janeiro findo.

O sr. Alfredo R. Fernandes, presidente da entidade, elaborou interessante programa que, começando pelo hasteamento da bandeira nacional pelo deputado Saturnino Braga, benemérito da instituição, ocupou tôda a tarde e parte da noite do referido dia. Estando à frente das atividades espíritas daquela cidade prefeito e vereadores, as solenidades empolgaram o novo município fluminense, cuja sociedade esteve reunida a propósito de tão agradável acontecimento.

Caravanas dos municípios de Valença, Friburgo, Resende, Cabo Frio, Três Rios, do Est. da Guanabara e de Duque de Caxias estiveram presentes, sendo a mais numerosa a de Duque de Caxias.

A nova séde de C. E. Amor e Caridade apresenta bom gôsto na construção que é moderna, além de confôrto para o seu numeroso grupo de adeptos. E' mais um empreendimento criador que a Doutrina propicia para tirar a nossa gente do obscurantismo.

Ademar Duarte Constant

Duque de Caxias — RJ,
6 de Fevereiro de 1961

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Após o período de férias, que termina em março, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil elaborou o programa de atividades para o corrente ano, devendo reiniciar as suas aulas normais depois do dia 15 daquele mês. A aula de abertura será realizada em solenidade, no salão do Abrigo Teresa de Jesus, no Rio de Janeiro, em data a ser fixada. As aulas semanais terão reinício provavelmente a 17, no horário habitual, isto é, das 16 às 18 horas. O programa que vai ser dado no corrente ano ficou assim organizado:

Noções gerais de Física
Noções gerais de Sociologia
História da Filosofia (Continuação
Magnetismo e Hipnotismo
Doutrinas espiritualistas
Literatura espírita (Continuação)
Fenomenologia mediúnica, abrangendo assuntos correlatos (animismo, metapsíquica, parapsicologia, etc.)
Interpretação doutrinária

Haverá também seminários, para estudos e debates, como também um curso prático de português. As aulas estão a cargo dos seguintes confrades: Dr. Renato G. Pinheiro (Engenheiro) — Prof. José Jorge — Cel. Delfino Ferreira — Deolindo Amorim — Prof. Newton de Barros — Dr. Túllio Chaves (médico, professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro) — Dr. Lauro São Tiago (médico e professor). — Endereço do Instituto: Rua dos Andradas 96—12.° andar. Rio de Janeiro.

II Curso de Preparação de Evangelizadores

Realizou-se, de 28 de janeiro a 5 de fevereiro deste ano, o anunciado Curso de Preparação de Evangelizadores para a Infância e Juventude, que teve o patrocínio da USE, e foi desenvolvido pela Federação Espírta do Estado de S. Paulo, através de seu Departamento de Infância e Juventude.

Os cursandos pertenciam a Centros e Instituições da Capital e do Interior do Estado de S. Paulo.

Foi uma semana de grande atividade, com dois períodos de aula, de acôrdo com a natureza intensiva do curso, exigindo de cada um o melhor de seu esfôrço.

Aproveitando a experiência de outros lugares onde tem destacada importância o trabalho de levar o Evangelho às crianças, e também a própria experiência da Federação, procurou-se dotar os cursandos de uma visão mais ampla de sua tarefa junto aos pequenos. Sabemos que o estêio de quem ensina o Evangelho é o amor. Quem o possuir pelas crianças sentirá em si o que melhor deve ser dito e ensinado. Não obstante, um certo número de conhecimentos poderá favorecer a aproximação com a alma infantil, ajudando a penetrar melhor em seu mundo. Assim é que foram apresentadas noções de Psicologia, Didática, Literatura Infantil, Doutrina; vários ensinamentos que as crianças podem receber em suas diversas idades; atividades complementares como canto, teatro, recreações, etc.

No transcorrer do curso, muitos alunos tiveram oportunidade de confeccionar cenários, modelar fantoches, realizando em geral mais do que sua própria expectativa.

Finalmente, entre a satisfação de haver concluido o curso e o pesar de deixar os companheiros com os quais tiveram uma semana de fraterno convívio, cada um recebeu sua pasta, contendo as matérias ensinadas, e regressou ao seu lar.

Rogamos a Deus para que todos os que concluiram o curso possam sentir fôrça e entusiasmo no trabalho em que estão empenhados, e que possam aproveitar ao máximo todos os conhecimentos que obtiveram.

Passamento

Prof. Anselmo Gomes

Desencarnou na Capital, vítima de acidente automobilístico, o confrade acima citado. Orador de largos recursos, tribuno consagrado dentro e fora do Espiritismo, era o Prof. Anselmo Gomes, figura ímpar de beletrista consumado. O desastre ocorreu às 11 horas do dia 16 de fevereiro próximo findo, quando saía de casa para lecionar na Universidade de S. Paulo, da qual era emérito Mestre. A notícia de seu passamento pela madrugada, agitou as hostes espíritas e cedo acorreram ao Necrotério do Instituto Médico Legal, do Hospital das Clínicas, representantes e pessoas das mais ilustres e expressivas dos meios espíritas da Capital, inclusive, professôres, jornalistas, advogados, médicos, engenheiros, etc.

O Prof. Anselmo Gomes, contava 66 anos de idade, e era casado com a Exma. Snra. Dna. Ruth Gomes.

Sua carreira teve como fonte principal, seus estudos de Teologia, Ciência e Filosofia, durante muitos anos, na Bélgica, França, Espanha, Portugal, etc. Vindo para o Brasil, residiu muitos anos em Bebedouro, onde lecionou em Escolas, Colégios e Ginásio daquela progressiva cidade.

O enterro do ilustre Professor Anselmo Gomes, foi realizado no dia seguinte as 16 horas, no Cemitério do Campo Grande, no Bairro de Sto. André.

Tôdas as Sociedades Espíritas de S. Paulo, fizeram-se representar.

— Ao saudoso confrade Anselmo Gomes, os nossos melhores augúrios de felicidade na Pátria Espiritual.

Do nosso Representante

Vicente S. Netto

VOCÊ já pensou nas escolas do Govêrno fechadas por falta de verbas? Nos Grupos Escolares vazios, caindo aos pedaços enquanto as crianças vadias aumentam no seu bairro? Em milhares de professores sem classes, num país cada vez mais analfabeto?

Você já imaginou êste quadro? Veja só: enquanto faltam recursos para manutenção das escolas do Govêrno, que são gratuitas, abertas a todos, as escolas particulares que são pagas e bem pagas, a absorver as verbas do ensino, e seus donos a passear de «rabo-de-peixe» no nariz dos pobres sem escolas?

Você já pensou na tristeza deste quadro? Imagine só: as crianças pobres sendo dispensadas de ir à escola e aprender a ler, — porque a própria lei as dispensa, por serem pobres! — e as ricas e remediadas sendo pagas por seus pais e pelo Governo, duplamente pagas, para frequentarem escolas granfinas e cada vez mais ricas?

Você já pensou no futuro de um país em que a educação sustenta e aumenta os privilégios de classe, mantendo os pobres na ignorância e na pobreza? Já pensou num ensino dirigido por interêsses desta ou daquela religião, em prejuizo das outras e da liberdade de pensamento?

Pois tudo isso é o que pretende o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovado pela Câmara Federal e agora em andamento no Senado. Se você não concorda com êsse suicídio educacional da Nação, e quer defender a gloriosa tradição liberal da educação brasileira, então proteste junto ao Senado, por meio de cartas, ofícios, telegramas, e promova reuniões de protesto em seu bairro, em sua rua, em seu clube, contra a ameaça do projeto-suicída, que os Senadores podem aprovar de uma hora para outra! Só assim poderemos vencer, para depois, sôbre o futuro livre do Brasil, erguermos os dedos como Churchill, formando o signo da vitória: V

(Campanha de Defêsa da Educação Brasileira)

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade
À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 40,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 80,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 35,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$150,00
Semestre	— ,, ,,	80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3734unse

XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1961 – N. 3-4

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Quando Jesus voltou do Reino dos Mortos... . . . . — *De "Spiritualisme Moderne"*
Sessões, Médiuns e Débeis . . . — *Carlos Imbassahy*
A Bíblia Sagrada . . . . — *Philemon*
Luz que se não apaga . . . . . — *Domério de Oliveira*
Espiritismo, Hipnose e Letargia . . — *V. O. Casella*
18 de Abril de 1857 . . . . — *Aleixo Victor Magaldi*
«A Psicanálise perante a Parapsicologia» . . . . — *Deolindo Amorim*
Serões Bíblicos — VI . . . . . . — *Luiz Caramaschi*
Testes sôbre Fenômenos Espíritas . — *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*
Curso Municipal de Esperanto . . — *Nicola Tallarico (Diretor)*
Da Sobrevivência do Espírito à Evolução em Dois Mundos . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Manifestações Anímicas . . . . . — *Mac Maynard*
Crônica Estrangeira . . . . — *Redação*
V Congresso Espírita Pan-Americano — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr $ 170,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 30,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 35,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 40,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 100,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 35,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1961 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Quando Jesus voltou do Reino dos Mortos...

De «Spiritualisme Moderne»

O corpo físico de Jesus estava morto sôbre a cruz. Desde então, seguiram-se suas aparições, produzidas sempre que Êle vinha do reino espiritual para a terra. Essas aparições constituiam fenômenos psíquicos notáveis, mas de acôrdo com as leis naturais que governam o universo.

Mal conhecendo, há séculos, a realidade dos fatos psíquicos, a Igreja atribuiu os acontecimentos do fim de Jesus a um plano irreal, miraculoso, próprios da mitologia e do conto de fadas. Assim a Igreja obscureceu o realismo vivo do relato e deu origem à controvérsia e cepticismo.

Recordemos o fenômeno da ressurreição: O corpo de Jesus jazia num túmulo particular, pertencente a José de Arimatéia. Era uma gruta escavada na rocha e fechada por uma pedra circular semelhante a uma pedra de moinho que girava para um arvoredo na entrada da frente. Tão pesada era ela que as mulheres que lá tinham ido pela madrugada, para ungir o corpo de Jesus, não sabiam como entrar no sepúlcro. Mas, olhando, elas viram que a pedra fôra retirada.

O evangelho de Mateus diz: Um anjo de Deus, vindo do céu, fez rolar a pedra e se assentou sôbre ela. A aparição era tão magestosa e o tremor da terra que o acompanhou tão pavoroso que os guardas, lá colocados pelos sacerdotes para guardar o túmulo, ficaram paralizados pelo terror.

Foi uma excepcional manifestação das fôrças psíquicas e notável materialização. Em todos os detalhes, isso concorda com os princípios.

O evangelho de Lucas diz: As mulheres no túmulo não encontraram o corpo do Senhor, e olhando, viram dois homens perto delas, em vestes brilhantes... É provável que dois visitantes espirituais vindos de esferas elevadas, se materializaram para as duas mulheres, depois de sua entrada no túmulo. Como quer que seja, êles deram-lhes uma mensagem do mesmo Cristo e as duas mulheres sairam para repetí-la aos discípulos.

Ouvindo o relato, Pedro, o impulsivo, correu imediatamente para o sepúlcro, nêle entrou, e, curvando-se, viu a mortalha e o vestuário lá colocados pelos mesmos discípulos. Êle se retirou, profundamente perturbado.

É o que escreve Lucas, historiador atento e sensato.

O quarto evangelho, o de João, dá mais detalhes.

Pedro viu a mortalha estendida e o lenço que fôra posto sôbre a cabeça não estava com a mortalha, mas enrolado num lugar à parte. Os espíritas podem deduzir o que se produziu.

Jesus só se deteve por curto tempo nas esferas de repouso do mundo psíquico. Depois, Êle voltou para seu corpo físico, o desmaterializou, de modo que o corpo desapareceu por baixo da mortalha como a neve funde os ramos de uma árvore... Os panos continuaram no mesmo lugar, conservando a forma do corpo, salvo o lenço enrolado e posto de lado.

Para sair do túmulo, Jesús não precisava tirar a pedra, mas a retirada da mesma prova de modo inegável às mulheres, aos discípulos e à posteridade que Jesus realmente voltou do reino dos mortos.

Os espíritas nenhuma dificuldade têm em compreender êsses fatos e bem conhecem os princípios baseados sôbre os fenômenos de materialização e desmaterialização. A única diferença reside no conhecimento profundo que Jesus possuia dessas leis e seu extraordinário poder psíquico que não pode ser comparado com o de qualquer médium de hoje.

Pela primeira vez êle apareceu a Maria Madalena... e ela não o reconheceu! Como isso nos parece estranho! Ela o confundiu com o jardineiro. O evangelista devia ter uma razão bem especial para mencionar êsse fato. Qual será a explicação? É provável que Jesus se serviu do jardineiro para se materializar e mostrar-se à Maria. Mas Maria o reconheceu imediatamente pela sua voz, ao chamá-la pelo nome — *Maria.*

Outro fato essencial é êste: Êle disse à Maria: «Não me toques.» Nenhuma razão teológica profunda explica esta palavra. Nós sabemos que Êle não estava revestido de um corpo físico qualquer mas sòmente de um invólucro materializado muito tênue; os espíritas sabem muito bem que, por vêzes, o fato de tocar êsse envoltório pode ocasionar sua imediata desintegração.

Sessões, Médiuns e Débeis

Ligeiros reparos a um trabalho do Dr. Osmard Andrade Faria

III

Continuemos a analisar o pequeno trecho do Dr. Osmard Faria que Frei Boaventura nos oferece a título de amostra e vitorioso específico contra os males do Espiritismo.

Não há negar que o distinto facultativo se rodeia de uma cinta de arame farpado, que são os têrmos científicos, e diante dos quais o espírita leigo se vê espetado: e aí temos a sinalização por condicionamento no segundo grau, a instabilidade dos entre-choques excitato-inibitórios, o cortex cerebral dominado por uma indução recíproca violenta e intempestiva...

Tudo isso nos dá idéia de coisa grave, de perturbação profunda naqueles que ousam navegar por entre os parceis das sessões espíritas. Nota-se por ali o sossôbro das mentes no mais pavoroso dos cataclismos.

Entretanto, o que verificamos nós, os desconhecedores dos entre-choques, é que essa gente passível de tão desastrosos efeitos, continua apresentando uma sanidade invejável; percebemo-los como dantes eram, não se podendo verificar pelo exterior, pelo menos, aquelas complicações que devem possivelmente andar pelo interior, ou pelos esconderijos da alma, à maneira das idéias recalcadas, essas larvas que vicejam nas luras do inconsciente, onde as vai buscar o destro psicanalista, com a sua sonda, como só êle a sabe manejar.

Já que não penetramos na rêde defensiva de têrmos por trás da qual se fortifica o douto patrício, procuraremos, fugindo daquêle fortim entrincheirado, apanhá-lo em outras posições mais transponíveis.

Fala-nos, por exemplo, de centros cardecistas, dirigidos por leigos, sem qualquer orientação científica e fisiológica. Ora, êsses leigos dos centros cardecistas, em regra, sabem mais que outros, qualquer que seja a sua orientação fisiológica e científica, porque a ciência e a fisiologia dêles nada adiantariam num caso em que estão absolutamente jejunos.

Suponhamos que numa sessão dirigida por um mestre de Fisiologia, porém desentendido em sessões, um médium seja violentamente tomado por um espírito perturbador, como já o veremos, entre milhares de exemplos. Que adiantaria ao fisiologista a sua fisiologia? Não saberiamos como, aos golpes de sua ciência fisiológica, iria êle retirar o obsessor do corpo do médium.

Porque alguns dêsses médiuns, não sabendo a causa de seus males, caem em mãos de fisiologistas, muito entendidos nos entre-choques, mas alhêios à mediunidade, é que vão êles, os médiuns, parar nas casas de saúde; e como vêem Espíritos, ouvem Espíritos ou falam em Espíritos, logo atribuem os seus males ao Espiritismo, sem que tivessem jamais passado por uma sessão espírita.

Que saberá o fisiologista dos métodos a observar, das providências a empregar, dos meios a seguir? O obsessor não deixa a vítima com drogas ou qualquer processo físico, senão com as práticas espirituais de que só o espírita, versado no caso, poderá lançar mão.

O noviço no assunto poderá imaginar que o rótulo de cientista ou de fisiologista seria capaz de remediar os acidentes que êles não conhecem, as situações a que não estão acostumados, os perigos que nunca enfrentaram, os imprevistos com que não contavam. Mas está enganado. Em se tratando de mediunidade o cartaz não adianta nada.

O Dr. Paul Gibier, afamado médico francês, ex-interno dos hospitais de Paris, assistente do Museu de História Natural, membro da Academia, Cavaleiro da Legião de Honra, lembrou-se de fazer sessões no laboratório do Colégio Rollin, transformado em escola prática da Faculdade de Medicina. E escolheu êle um salão vizinho ao anfiteatro de dissecação.

A folhas tantas o médium é tomado, provàvelmente pelo Espírito que animara um dos corpos estendidos no mármore, e depois de vários distúrbios, em que o experimentador se viu sèriamente ameaçado, lançou mão de pesada cadeira e ia esmagar-lhe a cabeça. Estava êle inane, apesar de todos os seus conhecimentos, quando lhe ocorreu o que lhe ensinara certo espírita, e aplicando o ensino conseguiu dominar o adversário incorporado e fugir à morte certa. (Paul Gibier — *Analyse des Choses,* Paris — Cap. VI, págs. 155-168).

Cumpre observar que nenhum entendido no assunto iria fazer sessões num necrotério, sabendo-se do valor da ambiência, da necessidade de uma sadia atmosfera espiritual, e daí se escolherem os lugares calmos, mòrmente aquêles favorecidos pela natureza e pela arte, essa que Gustavo Macedo chamava a arte devocional.

Portanto, muito ao contrário do que supõe o Dr. Osmard, os espíritas é que estão doutrinária e cientìficamente preparados para arrostar os imprevistos de uma sessão; enquanto os esculápios não encontram em suas disciplinas nenhuma orientação para saber como agir nos casos complicados, por maior que lhes seja o atilamento fisiológico, os espíritas, além da prática, já possuem os devidos conhecimentos nos livros de Allan Kardec.

Se o nosso caro antagonista fôsse lido em obras de Psiquismo, saberia que muitas já apontam os processos necessários para o bom rendimento das sessões, assim como as precauções a tomar nas experiências; entre elas se acha a do Dr. Gustave Geley — *L'Êctoplasmie et la Clairvoyance.*

Confessava o Dr. Maxwell que sempre tinha motivos para arrepender-se, quando, guiado pelo critério próprio, desprezava o do «Guia», êsse malsinado guia, que, só o pensar nele, produz aquêles distúrbios que o Dr. Osmard relaciona. (J. Maxwell. —*Le Phénomène Spirite*).

* * *

Era médico o escritor inglês cujas obras tanto nos têm deleitado, Sir Arthur Conan Doyle. Êle e colegas entraram de fazer experiências, utilizando-se da mezinha de três pés. Nada entendiam da matéria, mas estavam nas condições exigidas pelo nosso escritor, a quem entender o assunto é coisa que não interessa.

Declarava Conan Doyle que, terminado o seu curso, estava como muitos médicos, um materialista convicto. *(When I had finished my medical edu-*

cation I found myself like many young men, a convinced materialist).

A mesa, sob os dedos do novelista, começou a mover-se «e o efeito que teve foi o de fazê-lo desconfiar dos amigos e os amigos dêle». (Conan Doyle — *The New Revelation*. Londres.)

Necessàriamente, não fôsse a persistência, bem como estudos e experiências posteriores, e teriamos, contando com a fisiologia dêles, o grupo inteiro a negar a verdade das mesas girantes e perdidos os belos trabalhos que saíram da pena daquele homem de Ciência e de Letras.

Se a emoção pode produzir o que relata o facultativo, principalmente a emoção espírita, assusta-nos prever o que se passaria no cortex daqueles que viram Dunglas Home atirar-se de uma janela a outra, e vogar em pleno espaço, como um aeroplano, a uma altura de vinte e um metros. Entre os assistentes, provàvelmente abalados para o resto da vida, estavam Lord Dunraven, Lord Lindsay, o Capitão Wynne, sem já falar em William Crookes, salvo se puderam escapar, em virtude de não haver por ali um presidente pausado e «pausânias», a mente voltada para um guia, silêncio, concentração...

Dissemos que era possível flanquear a cidadela do Dr. Osmard, deixando seu perigoso campo minado. Fala-nos êle da incorporação espírita, com o ambiente à meia luz, o silêncio, a afetividade religiosa, a concentração, a palavra do presidente, pausada, ritmada, débil... Tirante a meia luz, que só se observa nas sessões de efeito físico, e na debilidade, ritmo e pausa do presidente, o que poderá acontecer apenas com presidentes especiais, provàvelmente débeis, ritmicos e pausados, aquelas precauções se tornam necessárias para a boa ordem dos trabalhos, para os socorros da assistência espiritual, tudo visando precisamente a impedir os acidentes que o doutor enumera e os incidentes que se podem desenrolar nas sessões, graves, de fato, em mãos inexperientes.

Já vimos que as cenas descritas pelo Dr. Faria não podem causar o que êle aponta, sem que se abismem no mesmo torvelinho as inúmeras cerimônias, solenidades e festividades em que haja respeito, silêncio e fé. Vamos ver ainda que o fenômeno se realiza independente daquelas formalidades ou condições apresentadas e que, portanto, não se acham estas indissolùvelmente ligadas àquêle como os esposos em nossa terra, pelo vínculo matrimonial.

Conta-nos Dale Owen, em *Debatable Land*, págs. 325, que N. G. Bach, bisneto do célebre compositor, comprara em 1865 uma espineta (espécie de piano) e sonhou que um rapaz lhe aparecera declarando-se o proprietário do instrumento, presente de Henrique III, e lhe cantava uma ária, prometendo descobrir meios de fazê-lo recordar-se quando desperto.

Bach acordou ouvindo ainda os sons da ária. Readormeceu e no dia seguinte encontrou na cama um papel de música onde se achava a letra e a música que ouvira, tudo em estílo antigo, supondo tê-las escrito em transe mediúnico. Mais tarde, apanha um lápis e recebe uma comunicação onde se diz que descobriria na espineta uma carta do rei, contendo um dos versos ouvidos, e referindo-se ao presente. Bach achou tudo como estava descrito na mensagem.

Colho êste caso por ser breve e resumível, e porque foi muito comentado em Paris. Por êle já se vê que houve objetividade na audição; ouvira Bach uma voz, e como se verificou o que a voz dizia, não poderia ela ser imaginária, elaborada no próprio cortex cerebral.

Vê-se ainda que o fato existe; a sessão é um meio que o facilita e protege; aquilo que é um inconveniente para o cientista não é mais do que a técnica necessária para que o fenômeno se apresente sem os percalços com que por vêzes se defrontam os neófitos.

O fato seguinte é narrado pelo conhecido estadista e literato William Stead, em sua obra *Real Ghosts Stories:*

O sr. Dick, membro da importante *Glasgow Ruskin Society*, era morador da rua Sauchichal n. 98. Deixara o escritório e se dirigia para a rua Vincent, absorvido em seus negócios. Entrava em Renfield Street quando percebeu um fantasma a seu lado, que logo reconheceu. O fantasma disse-lhe coisas particulares que só a êle interessavam. Continuou a caminhar a seu lado; parecia um ser vivo. Atravessaram a rua Renfield, uma das mais movimentadas de Glasgow, e ao chegar a Vincent Street o fantasma desapareceu.

— E V. o conheceu? — perguntou Stead.

— Perfeitamente — respondeu Dick — era meu pai.

O homem achou aquilo estranho, esquisito, anormal, mas continuou normalíssimo, e normal a sua vida, sem qualquer instabilidade ou morbidez. E como na conversa paterna houve conselhos que muito o beneficiaram e coisas que êle desconhecia, temos por absolutamente infundada a doutrina da alucinação processada no cortex.

Poderiamos prolongar-nos em citações que provariam o nenhum supedâneo em que se firma o digno Autor e a que se aborda Frei Boaventura. Mas isto só com mais tempo e largo espaço.

Não basta ainda no caso das sessões o preparo científico, é preciso o moral, e êste nem todos o possuem, por maior que lhes seja o tirocínio fisiológico. Assim como para dominar um malfeitor se faz necessário o emprego da fôrça física, para neutralizar os efeitos de um espírito inferior temos que empregar a fôrça espiritual.

Não será com sarrafaçais, imperitos ou mundanos que se farão proveitosas experiencias ou sessões recomendáveis, nem poderão ditar leis em tão grave e severo assunto os que ainda não chegaram ao desabotoar de sua florescência, como diria Camilo Castelo Branco.

Carlos Imbassahy

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— VII —

Nas sagradas letras, como em tôdas as obras de inspiração divina, saidas das mãos de homens, há sempre que distinguir entre o que realmente chega à inteligência humana por efeito dessa inspiração superior, e o que, sendo da própria inteligência humana, mescla-se, por vêzes, imperceptìvelmente, àquela inspiração. Exatamente, no trabalho de fazer essa distinção, é que consiste o esfôrço de exegética, sem a qual juntam-se «alhos e bugalhos» e em vez de trigo puro, come-se trigo misturado com jôio. E ainda querem irmãos nossos que se faça calar a exegética!!... desprezando-se conjuntamente o que procede de Deus e o que procede da imperfeição humana...

Logo em seguida ao capítulo I do Gênesis, no qual tem prevalecimento, *através da cultura já então humanística de Moisés,* a inspiração superior, sob a forma de uma síntese notável, em que se registram os principais acontecimentos relativos à formação da Terra e à criação dos sêres que a povoam, vem o capítulo II no qual se percebe claramente que predomina o pensamento político do grande legislador hebreu, utilizando-se, mui razoàvelmente, do seu prestígio de missionário apto a receber diretamente de Deus a inspiração das coisas santas, para legislar também sôbre necessidades terrenas, mui próprias do homem terrestre, como a do descanço dominical, pois que «se o Espírito está sempre pronto, a carne é fraca» e precisa de repouso, ainda que êste muitas vêzes seja mais prejudicial ao homem do que o exaustivo trabalho...

Aquele descanço de Deus, de que trata o capítulo 2.º nos versículos 1 a 3, é uma imposição ao homem para que também descance no sétimo dia. Por isso assim escreve Moisés: «Assim os céus, e a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descançou no sétimo dia de tôda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nêle descançou de tôda a sua obra, que Deus criara e fizera.»

Se Deus necessitou dêsse descanço, quanto mais o homem — e ainda mais considerando aquêles tempos de ferozes costumes, como os da escravidão ! — pensaria o homem e assim descançaria.

Logo em seguida, na *formação do jardim do Eden,* volta a inspiração divina, *utilisando-se da cultura de Moisés,* (o divino mistério do trabalho de Deus, consiste em que o Pai o executa pela inteligência dos seus filhos, ainda que muitas vêzes êstes não tenham consciência do que estão fazendo e se atribuam, orgulhosamente, para sua própria glória e não para glória de Deus, tudo o que fazem, pois que realmente quem teve a plenitude dêsse conhecimento foi Jesus, conforme aquêle testamento eloquente que o Divino Mestre nos deixou nas seguintes palavras, registradas por João Evangelista (XVII-1 a 26) e de que citaremos só os versículos 4 e 5 : «Eu te glorifiquei na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse»), a formular ensinamentos magistrais sôbre a natureza das coisas terrenas, conforme os versículos 4 e seguintes do capítulo II : «Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados : no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus : E tôda planta do campo que ainda não estava na terra, e tôda a erva do campo que ainda não brotava ; porque *ainda* o Senhor Deus não tinha feito chover sôbre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. Um vapor, porém, subia da terra, e regava tôda a face da terra. E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida : e o homem foi feito alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente : e pôs alí o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra tôda a árvore agradável à vista, e boa para comida : e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. E sahia um rio do Éden para regar o jardim ; e dali se dividia e se tornava em quatro cabeças. O nome do primeiro é Pison : êste é o que rodeia tôda a terra de Havila, onde *há* oiro. E o oiro dessa terra é bom : ali *há* o bdelio, e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Gihon : êste é o que rodeia tôda a terra de Cush. E o nome do terceiro rio é Hiddekel : êste é o que vai para a banda do oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates. E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo : De tôda a árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás ; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.»

A par de uma ingênua explanação sôbre história natural e geografia, Moisés dá uma idéia da maneira por que lhe parece ter Deus criado o corpo do homem, que, apesar da sua primariedade, em nada é superada pelas orgulhosas teorias científicas a respeito do aparecimento do homem na terra, até hoje propostas e que nos deixam sempre *in albis* sôbre assunto de tanta relevância.., terminando com um profundo conceito filosófico que, por deficiência de exegese bíblica, tem sido até hoje olvidado, para infelicidade dos homens : aquêle em que determina Deus ao homem que não coma da árvore da ciência do bem e do mal. Porque essa determinação de Deus ? Porque o homem terreno viria a fazer da ciência, como tem feito, instrumento de morte *(no dia em que dela comeres, certamente morrerás).* Oh ! Sabedria Divina, que falaste pela boca do teu enviado, se os homens te houvessem atendido, esperando para comer dessa árvore da ciência, que pode ser do bem ou do mal, depois que tivessem a moral pura, não estaria a humanidade envôlta ainda como está nas trevas da perfídia humana, angustiada, esperando a cada dia que passa um novo cataclisma que venha destruir esta civilização sem Deus, como outras que a precederam, foram destruidas ! O homem que não tem moral não sabe digerir a ciência e morre intoxicado por ela...

Philemon

Os mortos, são os vivos do céu ! — LEON DENIS

LUZ QUE SE NÃO APAGA

(**Domério de Oliveira** — Da U. M. E. de Catanduva)

COMOVEU-NOS sobremaneira, a notícia do passamento do Prof. Anselmo Gomes. Nós o conhecemos em Bebedouro, ainda como seu aluno, por volta de 1943, podemos por isso avaliar o seu grande ideal pela causa espírita.

Lá no velho e saudoso Ginásio Municipal de Bebedouro, tivemos o prazer de sentir de perto o influxo benéfico desta grande alma que era o Prof. Anselmo. Magro, de côr morena, cabelos lisos e pretos repartidos de lado, estatura média, sotaque bem acentuado de português (êle o era de nascimento), o Prof. Anselmo dominava, com conhecimento seguro, tôdas as disciplinas do «curriculum».

E, já naquela recuada época, era adepto sincero da Terceira Revelação — codificada por Allan Kardec. Às vêzes, no meio da aula, terminado o ponto, êste grande pregador fazia ventilar as suas idéias concernentes aos máximos problemas do Homem — «De onde viemos» — «Para onde vamos» — «O porquê das nossas angústias e sofrimentos», tudo numa linguagem clara e objetiva, que nos encantava e nos abria os olhos para a grande realidade da vida.

Lembramo-nos bem de que o saudoso mestre sempre dizia: «A verdade, sòmente a verdade haverá de libertar o homem e em defesa da verdade, jamais me calarei, mesmo sabendo que lá fora se vai erguendo um cadafalso para a minha decapitação, mesmo sabendo, que vão me arrancar a língua, continuarei a espalhar as centelhas da Boa-Nova.» Esta a chama do ideal que sempre impulsionou aquêle grande mestre, na seara bendita da difusão dos princípios evangélicos.

Orador fluente, com sólidos conhecimentos de Ciência, Filosofia e Teologia, o Prof. Anselmo jamais mediu sacrifícios para a mais ampla divulgação dos ensinamentos espíritas. Ciente e consciente da sua missão, desempenhou-a em proporções ciclópicas, fazendo da Tribuna Espírita a sua grande arma para a tão sublime transformação subjetiva do Homem.

Ao sair de Bebedouro, lá deixei o mestre. Os anos correram céleres nas asas do «Cronos» e, mais tarde, tive a ventura de rever êste meu amigo na cidade de São Paulo, onde foi Professor adeso à Reitoria da Universidade de São Paulo, lecionando Latim, Português, Física, Química e Filosofia.

Sempre solícito com a causa espírita, não media sacrifícios para as suas palestras, pois, apesar de ser um homem comprovadamente pobre, cruzou o nosso Estado, fazendo conferências nos grandes e pequenos Centros, com sacrifício de sua saúde e de sua própria economia. Grande idealista, grande alma e grande coração. Dêle podemos dizer o que Ruy Barbosa atribuia a si mesmo, numa síntese maravilhosa: «viveu no trabalho, não perdeu o ideal e estremeceu a Justiça.»

Possuia o Prof. Anselmo aquêle «bom senso» das coisas humanas e divinas, que o tornava um «Sêr

Superior», profundamente justo, profundamente bom. Positivo, franco, leal e sincero, jamais titubeou em defender, ardosamente, a Bandeira desfraldada por Kardec, alteada em nossos rincões pelo querido Cairbar, Bezerra e tantos outros.

Ao escrever estas linhas, sinto-o bem nas plagas da espiritualidade. Cumpriu a sua missão na Terra e saldou grave compromisso com o passado, pelo desenlace tão doloroso, vítima que foi de sério acidente de que lhe resultou a fratura do crâneo.

Muitos ficarão admirados com o sucedido e retrucarão: Mas o Prof. Anselmo, um homem tão bom, um espírita convicto, vítima de tão brutal acidente...

É isto mesmo: — Não nos lembramos dos compromissos que assumimos com o nosso passado. As provações são as mesmas para Espíritas e não Espíritas. Deus não concede privilégios a ninguém. Somos o éco daquilo que fomos. Na senda da evolução o que vale é a nossa evolução mesma e não muito a forma desta evolução. Mais sofreram Espíritos de alta categoria: — «Arquimedes é assassinado por infeliz legionário romano embriagado; Tiago é degolado, em praça pública, por continuar fiel aos ensinos de Jesus; Joana D'Arc morre na fogueira afirmando a comunicabilidade dos Espíritos; João Huss, condenado pelo Concílio de Constança, é queimado impiedosamente por lançar as bases para a libertação do espírito evangélico» — e o próprio Cristo enfrentou o martírio da cruz, para nos dar a mais sublime de tôdas as lições: O Amor e o Perdão.

Partiu o Prof. Anselmo. Não o choremos. Êle continuará conôsco, nós que somos seus irmãos de crença, nós que o admiramos muitíssimo.

Do outro lado, por certo, haverá de continuar a sua mesma jornada, evangelizando, lecionando, orientando, com aquêle mesmo brilho de sua inteligência fulgurante, reflexo da — **Luz que se não apaga** — o Espírito imortalissimo, relicário da sua integridade moral e intelectual.

Espiritismo, Hipnose e Letargia

II

Quem ler o «Hipnose e Letargia» notará ali que o seu autor, além de cuidar do Espiritismo em capítulo especial, não se manteve apenas dentro dêste espaço, nos seus ataques aos nossos conceitos doutrinários. Dilatou êste seu combate para outros capítulos, entre um cientificismo onde não se revelou com segurança nos seus argumentos, talvez por se tratar de matéria estranha ao seu hábito profissional. E assim, a inconsistência desta parte ficou na sua literatura contrastando com aquela outra tão bem desenvolvida, da explicação da hipnose pelos reflexos condicionados, limite êste que estaria de acôrdo com a finalidade da obra.

E atuando sem firmeza, ao preparar terreno para melhor valorisar sua ofensiva aos nossos postulados doutrinários, desviou-se das bases lógicas da ciência. Um exemplo, do que estamos acusando, revela-se quando pretendeu advogar a tese da execução de atos inteligentes pelo indivíduo, em período de sono fisiológico, baseando-se em informes sem apôio científico.

Tal se deu ao procurar enaltecer uma suposta descoberta, de um professor americano, sôbre um método pedagógico de ensino pelo sono, através de um aparelho de fala mecânica. E, para exemplificar, cita na pág. 114 do seu livro o seguinte caso: «Aqui mesmo no Rio de Janeiro, há muitos anos, houve um grupo de estudantes de engenharia que gravavam os pontos a estudar e os faziam rodar a noite, depois de estarem adormecidos, sendo a voz captada e transmitida por micro-autofalantes colocados sob os travesseiros dos alunos. Na manhã seguinte, os assuntos eram familiares aos estudantes como se sempre os tivessem conhecido. Aprendiam dormindo e aprender é, sem dúvida, um ato inteligente.»

Pelo que aí se disse, tal sucesso de se adquirir o saber por uma forma tão fácil, passando a intelectividade na classificação de mercadoria comprada, pela aquisição de um aparelho falante, dispensando o esfôrço mental, pois se aprende dormindo, seria algo maravilhoso que viria modificar para melhor o rumo da humanidade, já que o mal desta, no geral, é a ignorância. Mas, infelizmente, o nosso opositor não se acha bem informado no assunto. Sòmente em se dizer que êsse pretendido sucesso deu-se há muitos anos, mas até hoje ninguém se interessou pela importância de um caso dessa natureza, que viria revolucionar para melhor o mundo, tal desinterêsse vem demonstrar que as informações se revelam sem base de apôio.

De fato, tratam-se de experimentações superficiais, despidas de precauções científicas.

Naturalmente o dr. Osmard não teria lido através de jornais o pronunciamento da ciência sôbre essa propalada descoberta. Conforme lêramos, em notícia pela imprensa, já se projetava a industrialização da máquina falante (vitrola ou coisa parecida), quando surgiram dois cientistas para livrar as vítimas que seriam dêsse lôgro involuntário, da suposta descoberta. Foram êles os psicólogos americanos Charles Simon e W. Emmons, que submeteram o referido método sob prova de laboratório, demonstrando a sua negatividade.

Vejamos o que extrairamos do matutino paulista, Diário de S. Paulo, de 19-10-1958 (antes da edição do «Hipnose e Letargia», que saiu em 1959), cuja notícia desiludiu os que já se aguardavam para a compra da fantástica máquina de introduzir sabedoria na cabeça humana. Ali, em certo trecho diz: «Êsses dois sábios (Charles Simon e W. Emmons) fizeram experiências em 20 indivíduos de uma inteligência superior à média. Com intervalos de 5 minutos à noite um alto-falante colocado no aposento onde se achava o indivíduo fazia uma pergunta seguida da resposta certa. O grau do sono era controlado de modo contínuo pela gravação, num eletroencefalógrafo, dos impulsos do cérebro.

Sabe-se que o sono se divide em 8 graus, desde aquêle da sonolência até a perda total da consciência. Pensa-se que um indivíduo dorme geralmente quando êle atinge o sexto grau ou mesmo, segundo certos especialistas o fim do quinto grau, que é aquêle de sonolência acentuada.

De manhã, os indivíduos submetidos à experiência passavam por testes sôbre as matérias aprendidas durante a noite. Ora, as respostas corretas correspondiam ao grau durante o qual ainda estavam acordados. Tinham esquecido completamente as respostas aprendidas durante o sono real.»

Como se vê, a conclusão positiva dos pretendentes da propalada descoberta dera-se pelo fato de que os indivíduos, submetidos às experimentações, ao acordarem já não lembravam de que se achavam ainda acordados, quando aprenderam o ditado pela máquina. Não tinham ainda entrado no estado de sono declarado.

Mas pelo exame de laboratório, através do eletroencefalógrafo, essa particularidade importante não passou despercebida, revelando cientìficamente a nulidade do pretenso método, que o dr. Osmard, descuidadamente, acolhera com entusiasmo no cientificismo do seu livro.

E após êsse passo falso ainda, nas suas páginas, para reforçar a sua tese sôbre as atividades inteligentes de quando se dorme, citou exemplos de indivíduos que teriam realizado trabalhos intelectivos em estado de sono comum. Acreditamos na sinceridade dêstes testemunhos ali declarados sôbre as produções, mas quanto a natureza do fenômeno pelo sono, se foi realmente fisiológico, tais relatos, apesar da bôa fé dos declarantes, não podem ser considerados de valor científico porquê, tratando-se de obtenções pessoais, cada qual fala como quer e como entende.

O exposto revela que o nosso atacante, fora da sua tarefa habitual, não dispõe do tempo necessário para selecionar a coleta dos seus informes e assim teria procedido nos seus ataques ao Espiritismo, conforme passaremos a ver.

Para defender sua causa, pela materialidade, o dr. Osmard tentou envolver os nossos conceitos doutrinários, buscando paradoxalmente amparo em alguns célebres sábios, os quais são justamente aquêles mesmos que confirmaram, pelos laboratórios, a nossa tese mediúnica da sobrevivência do espírito. Para nós, os nomes dêsses cientistas apresentados com destaques, no «Hipnose e Letargia», é uma feliz coincidência, conforme vamos demonstrar e assim tirar das mãos do nosso contendor êsses valiosos trunfos que, na realidade, são nossos, cujos nomes, Crookes, Richet e Rhine, já são familiares nas nossas literaturas.

Acreditamos que êstes sábios foram ali apresentados, no «Hipnose e Letargia», o mais para credenciar a obra mas pelos seus nomes, porquê aquêles trechos ali isolados, sôbre ciência, que nêles se buscou, fundamentalmente nada exprimem pelo sentido o pensamento dêsses homens. Foi uma coleta efetuada sem que se procurasse conhecer, pelo todo, as suas idéias em relação à nossa causa espiritualista. É o que se mostra ter acontecido, porque se o nosso atacante estivesse a par das provas que êsses pesquisadores ofereceram a favor do Espiritismo, através de laboratórios, jamais na sua honestidade teria deixado de apresentá-las no seu livro, para bem informar seus leitores.

Vejamos inicialmente o que ali no «Hipnose e Letargia» se escreveu de Crookes, lendo-se na página 239 estas palavras transcritas do sábio: «Não é improvável que existam outros sêres nos quais os orgãos correspondentes aos nossos olhos sejam impressionados, não pela luz (parte do espectro visível por nós) senão por outro tipo de vibrações não percebidas por nosso organismo. Tais sêres viveriam em um mundo que não é o nosso. Imagine-se, por exemplo, que representação do ambiente seria a nossa, se nossos olhos não fôssem sensíveis à luz do dia e sim às ondas eletromagnéticas? O vidro e o cristal seriam corpos opacos, os metais mais ou menos transparentes, um fio telegráfico suspenso no ar nos apareceria como um tubo longo e fino atravessado por uma substância compacta (a eletricidade). Um dínamo em funcionamento seria semelhante a um lar iluminado; um imã, realizando o sonho da mística oriental, se converteria numa lâmpada perpétua que não se extinguiria jamais e nem teria necessidade de combustível.»

E a seguir, escreve o dr. Osmard: «São, sem dúvida, pontos a ponderar sôbre a natureza da energia mental.»

Ora, não sabemos o que se teria achado nessas palavras de Crooks, para relacioná-las com a pretendida «energia mental», tese esta evocada no «Hipnose e Letargia», para se defender o conceito sôbre a materialização do pensamento, cujo assunto será nosso objetivo em outro trabalho. De nossa parte podemos oferecer a interpretação daquelas palavras do sábio, as quais nada apresentam de misterioso no campo da física, para com elas se ponderar sôbre essa suposta «energia mental.»

Vejamos o que ali se passa.

Tôdas as vibrações de natureza eletromagnética são energias irradiadas, pelos próprios fenômenos da intimidade da matéria. Tais vibrações diferenciam-se na sua freqüência ondulatória, desde os mais curtos raios gamas (atingem 150 quintilhões de vibrações por segundo), até as mais longas ondas, entre as quais as de rádio (cêrca de trilhão de vibrações por segundo). Do total da escala, que fica entre êstes dois extremos vibratórios, o nosso sentido visual não as percebem a não ser aquelas das freqüências que se acham no trecho dos 400 trilhões até os 750 trilhões de vibrações por segundo.

As que estão nestes limites, são as únicas que as enxergamos sob a forma de luz, cujas côres vão do vermelho ao violeta. Assim teremos que as outras irradiações, situadas fora dos dois lados desta faixa, também são outras côres existentes, mas não visíveis aos olhos humano. Então Crooks ali expõe que se o nosso orgão da visão pudesse sair dos seus limites e alcançar aquelas outras vibrações eletromagnéticas, que normalmente não enxergamos, nós veriamos outras côres, com outros cenários diferentes, mas dentro dêste mesmo mundo do nosso hábito.

Supondo-se que o leitor que nos lê, neste momento, tivesse a capacidade receptiva do seu orgão visual extendida para atingir aquelas outras vibrações, além dos limites daquela faixa visível, iria notar que o papel destas páginas seria transparente, não sendo a matéria compacta, tal qual a julgamos de ordinário. E ainda veria ser a matéria constituida de minúsculas partículas, em perpétuo movimento giratório, sem se tocarem umas nas outras seus pares. Seria a realidade, com a qual nem sonhamos dentro dos limites em que se acha a sensibilidade dos nossos orgãos da visão.

Contudo, há animais, como os noctívagos por exemplo, e talvez outros que habitam os fundos dos mares, cujo sentido visual não se mostra sensível para as mesmas vibrações ao alcance dos olhos humano, mas em compensação atinge outras que também não as percebemos. Para êles, o mundo tem outras côres. Mesmo no homem há casos patológicos, a cromatopsia, em que o indivíduo tem a visão sòmente estimulada pelas côres branca e preta, conforme vemos nessas fotografias comuns, não coloridas.

Mas, como se vê, pudessem nossos olhos atingir tôdas as demais vibrações eletromagnéticas veriamos êste mesmo mundo diferentemente do que dêle conhecemos. Daí a razão de dizer Crooks de como veriamos, de modo tão diferente do habitual, o vidro, os metais, a corrente elétrica, o dínamo em funcionamento, se os nossos olhos tivessem sensibilidade para tôdas as outras irradiações eletromagnéticas. Seria outro mundo, dentro dêste mesmo mundo.

Aí está a interpretação correta daquelas palavras de Crooks, cujo sentido o dr. Osmard por um lapso fez motivo de defesa para sua tese materialista, quando na realidade nada alí existe de aproveitável a seu favor, tal qual desejou pela materialidade do pensamento E a presença de Crooks, no seu livro, até se dá pelo contrário da finalidade com que pretendeu evocá-lo, porque o pensamento do grande mestre é favorável à nossa causa espiritualista.

Se o dr. Osmard leu a literatura do próprio sábio, «Fatos Espíritas», conforme nossa indicação no ano passado, quando nestas páginas cuidávamos do que também se escreveu no seu «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», sôbre o Espiritismo, então neste momento já estará ciente do seu equívoco ao ter buscado Crooks, para o seu materialismo. E com a referida leitura, por certo já estará sabendo que os «duendes» não são «miragens» dos adeptos de Kardec, conforme nos acusa nos seus livros de hipnose. Mas são fatos concretizados até nos laboratórios, onde as provas, ao invés de faladas, são provadas sob o rigor da exigência científica.

É o que se deu no laboratório de Crooks, com o célebre fantasma, Katie King, visto, tateado e fotografado, tudo ainda sob o testemunho de uma equipe de sábios. E é bom saber que sôbre tais fatos, que se deram repetidos, tendo certa vez que atender a alguns antagonistas, sôbre a impossibilidade de tais fenômenos, Crooks respondeu-lhes : — «Mas eu não disse que êsses fenômenos eram possíveis ; o que disse e afirmo é que são verdadeiros.»

Enfim, na verdade, nêsse assunto, a presença de Crooks, no «Hipnose e Letargia», é incompatível com a tese materialista do dr. Osmard, que ali o teria levado por um seu descuido interpretativo, daquelas palavras do célebre sábio, conforme acabamos de ver.

Por falta de espaço prosseguiremos êsse tema no próximo número da Revista, quando então cuidaremos de Richet e Rhine.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

NÓTULAS ESPIRITUALISTAS

Estudando nos defeitos alheios os nossos próprios defeitos, melhor lhe reconheceremos a fealdade, aprendendo pela prece e pela meditação a sermos tolerantes, bondosos e benévolos.

*

Só com as áureas chaves da caridade e do amor poderemos franquear as portas dos Mundos Divinos.

DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

18 de Abril de 1857

Aleixo Victor Magaldi

O Espiritismo das irmãs Fox, surgido em 31 de março de 1848, na aldeia de Hydesville, na América do Norte, era um Espiritismo rastejante, constituido de fenômenos físicos. (Os americanos, assim mesmo, festejaram o seu centenário, como se fôssem êsses os primeiros fenômenos espíritas verificados no mundo. Em Rochester, Estado de Nova York, a «Comissão de Celebração do Centenário do Aparecimento do Espiritismo», por intermédio dos Consulados norte-americanos, procurou contacto com os espíritas de tôdas as nações, para bem desempenhar êsse cometimento. Simples efeitos físicos elevados «americanamente» à culminância de Doutrina, êles, que são apenas uma manifestação insignificante do Espiritismo).

Todo mundo sabe que o Espiritismo—a Doutrina dos Espíritos—3.ª Revelação Divina, surgiu para a humanidade pela codificação elaborada por Allan Kardec, com o «Livro dos Espíritos», publicado a 18 de Abril de 1857.

O Espiritismo das mocinhas protestantes da família Fox era muito rudimentar. Ainda da mesma espécie era o das mesas girantes, que despertaram a atenção do dr. Rivail, glorificado na História com o pseudônimo de Allan Kardec. Depois, surgiu o Espiritismo, a Doutrina, graças ao gênio lúcido e à energia invulgar, ao tirocínio experimentado e à ilustração avançada, ao senso lógico e ao hábito de bem discernir de Allan Kardec. E teria que evoluir. Kardec mesmo deixou dito que assim deveria ser. Declarou que não havia dito a última palavra sôbre o Espiritismo; assim como afirmou que ninguém a diria, jamais.

De fato, a Doutrina muito se enriqueceu, após a codificação kardecista. Novas facêtas, mais e mais brilhantes, foram descobertas no seu todo. O código doutrinário que é o «Livro dos Espíritos», luminosamente elaborado pelo imortal Allan Kardec, é um esquema, que pode comportar um desenvolvimento contínuo. Muitas coisas sucederam, em Espiritismo, que dêle não constam claramente.

A medicina mediúnica, por exemplo, não era apoiada por Kardec. Hoje está generalizada. Principalmente no Brasil. Basta citar-se uma só organização dêsse gênero de atividade espiritista — «Sociedade de Medicina e Espiritismo», do Rio de Janeiro, para testemunho da nossa afirmativa.

Outra modalidade da prática do Espiritismo, de que Kardec pouco ou quase nada tratou, foi a da assistência social. Nos seus múltiplos aspectos, essa modalidade está se avultando por tôda parte do nosso vasto país. A tal ponto que constituiu-se um verdadeiro assombro citado pelos mais acérrimos adversários da Doutrina, como índice de abnegação dos espíritas.

E a pujante atividade multiforme das «Mocidades Espíritas», organizadas de Norte a Sul de nossa pátria ?...

E o Espiritismo de «vivos para vivos...» liderado pelo caríssimo Leopoldo Machado, como também o foi o das Mocidades organizadas, que Kardec não abordou, espiritismo sem concurso da mediunidade ?...

Há, porém, necessidade de colocar-se, tudo no meio termo. (O ditado latino já nos advertiu que, «no meio termo está a virtude»). Ninguém deve se julgar único no rumo certo. Há muitos rumos a seguir, para se atingir o ápice de um ideal. E há muitos meios de transportes, nos diversos rumos. Cada qual deve seguir o rumo que melhor lhe parecer, usando os meios que estejam ao seu alcance. Dêsse modo, corajosamente, a caminhar, a evoluir, todos chegarão, um dia, à meta final.

Jesus afirmou que todos alcançaremos a salvação. Kardec traçou numa legenda só, todo o programa da rota gloriosa: Trabalho, Solidariedade, Tolerância.

E o Espiritismo ditou a lei suprema: Fora da Caridade não há salvação.

(Não se deve esquecer o que recomenda Allan Kardec aos orientadores do Espiritismo, tão claramente, em «Obras Póstumas»...)

«Nas comunidades cristãs, o traço mais sublime é o da fraternidade com que nos devotamos uns aos outros. Porque perpetuar a sombra de ôntem, se a claridade divina nos renova a luz nos horizontes do coração? Não podemos construir na eternidade sem a sintonia de ternura e de confiança nos valores mútuos.» Assim nos advertia Venâncio Café, em 12-8-46, pelo lápis de Chico Xavier, em Juiz de Fora.

A 18 de Abril de 1857, Allan Kardec entregou, em Paris, o Livro dos Espíritos à publicidade. Era, assim, lançado o fogo sagrado no estupim da 3.ª Revelação Divina. Os arcanos celestes desvendavam-se para todo o mundo.

A humanidade terrena recebia, por intermédio dêsse livro, uma ciência nova, que vinha demonstrar, meridianamente, com provas irrecusáveis, a existência de outro mundo, o mundo espiritual, e a sua natureza.

Com o Livro dos Espíritos, ficou criada uma nova Doutrina — o Espiritismo, que «veio cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras» (Evang. s. o Espiritismo, I, 7).

Há 104 anos, o Livro dos Espíritos está cumprindo essa gloriosa tarefa. «Nada ensina em contrário ao que ensinou o Gristo; mas, desenvolve, completa, explica, em termos claros, e para tôda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica.» (Idem.) «Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.» (Um Espírito Israelita, Idem, I, 9.) Por êsse livro, Jesus alertou os homens e mandou-lhes, nas vozes dos Espíritos, o toque de reunir para o combate santo da reforma contínua de cada um, como processo seguro de elevar-se a humanidade a mundos melhores e de passar a Terra a um estado de habitalidade menos hostil.

O Cristo disse: «Não vim destruir a lei, mas cumprí-la». O Livro dos Espíritos, que é o Novíssimo Testamento, o Espiritismo, em suma diz:

Não destrúo o Cristianismo: mas dou-lhe novas claridades, em espírito e verdade.

Há 104 anos, incessantes e estridentes, tocam as trombetas do Além, conclamando os povos da Terra para a chegada triunfal do reino de Jesús. «O reino do Cristo, ah! passados 18 séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. (Fenelon, idem, 2, 9.)

Espíritas, cristãos mais esclarecidos, cumpramos nosso dever.

«Sim, meus filhos, o mundo está abalado, os bons Espíritos vo-lo dizem sobejamente; dobrai-vos à rajada que anuncia a tempestade, afim de não serdes derribados, isto é, preparai-vos e não imiteis as virgens loucas». (Idem, idem).

Estamos preparados?

Por tôda parte, nos meios espíritas, foi comemorada festivamente a data de 18 de Abril.

Efetivamente, devemos estar alegres ou tristes, nessa data?

Volta Redonda

"A PSICANÁLISE PERANTE A PARAPSICOLOGIA"

Há muito tempo se fazia sentir a necessidade, notòriamente proclamada, de um trabalho capaz de situar a posição do Espiritismo em face da Psicanálise ou, talvez dizendo com mais acêrto, a posição da Psicanálise em face do Espiritismo. Não é o Espiritismo que precise ou deva ajustar-se aos esquemas psicanalíticos, mas a Psicanálise é que deve ser posta à luz do Espiritismo, a fim de que possamos ver onde e como esbarram algumas de suas afirmações, principalmente quanto à sobrevivência do Espírito e a reencarnação. Já temos, agora, um livro com êste objetivo. É o recente trabalho de Carlos Imbassahy: ***A Picanálise perante a Parapsicologia*** (Psicanálise, Religião, Espiritismo — Edição da Livraria Ghignone, Curitiba, 1960.

Carlos Imbassahy teve o cuidado de alinhar diversos exemplos, colhidos nas próprias fontes freudianas, para mostrar a fragilidade com que alguns autores, julgando-se bem escorados na Psicanálise, investem contra o Espiritismo, pretendendo *explicar* os sonhos, as regressões da memória, os lapsos e tantos outros fenômenos, exclusivamente pela hipótese freudiana. Não queremos dizer que a Psicanálise seja uma escola tìpicamente materialista, pois o seu campo de ação se restringe ao psiquismo humano, não vai à esfera da interpretação filosófica. Neste ponto, o que acontece com a Psicanálise é o que também se dá com a Psicologia, a Metapsíquica, etc. Há psicanalistas que são materialistas e, por uma questão de coerência, levam as suas conclusões para a interpretação materialista. A culpa, neste caso, não é da Psicanálise, é do psicanalista; do mesmo modo, há psicanalistas francamente espiritualistas, porque aceitam a existência do princípio espiritual independente do corpo. A Psicologia, ciência da alma, etimològicamente falando, também está sujeita a distorções e adaptações forçadas, desde que o psicólogo seja materialista ou agnóstico sistemático. Há metapsiquistas e parapsicologistas inteiramente favoráveis à conceituação materialista, ao passo que outros pendem mais para o espiritualismo e, a esta altura, já se encontram até espíritas entre os investigadores mais interessados neste campo de observações. A Metapsíquica, em si, é tão neutra como qualquer outro ramo da Ciência. O materialismo, portanto, não é da Ciência, é dos homens.

Para certos psicanalistas, talvez mais *realistas* do que o próprio mestre de Viena, que foi o fundador da escola, a Psicanálise veio resolver tudo, como se fôsse tôda a sabedoria condensada. Segue-se, daí, que o Espiritismo já não tem mais razão de ser, já se esvaziou completamente, porque a Psicanálise veio explicar tudo... E' assim que pensam alguns psicanalistas. E' nisto que está o exagêro. A realidade, entretanto, prova que não é assim. Há muitos problemas que a Psicanálise não conseguiu e não consegue elucidar com as premissas que lhe servem de alicerce. E' o que nos vem mostrar cabalmente Carlos Imbassahy, com o seu estilo claro, seu humorismo invariável, servido por um lastro de cultura sólida e bem ordenada. Têm, pois, os espíritas, no livro de Carlos Imbassahy, um guia lúcido e honesto, pois muitas pessoas, entre as que aceitam a doutrina espírita, ainda não compreenderam bem a posição do Espiritismo perante a Psicanálise. E' mais um serviço, entre muitos e muitos outros, que a luminosa pena de Imbassahy vem prestar à cultura espírita no Brasil. A Psicanálise jamais poderia suplantar as teses básicas do Espiritismo.

Não se pense, porém, que o Espiritismo condena a Psicanálise ou repele a investigação científica seja em que domínio fôr. Não! O Espiritismo é uma doutrina que acompanha o progresso da Ciência em qualquer terreno. E quem o assevera não é outro senão, antes de mais ninguém, o seu legítimo Codificador: ALLAN KARDEC. O Espiritismo não veio ao mundo para *condenar*, mas para esclarecer, iluminar e reformar pela compreensão, pois a sua principal tarefa é clarear os caminhos do espírito humano em direção à Verdade. Allan Kardec era um homem tão criterioso, tão arejado, e se alguém o fôra, antes dêle, deveria ser tanto quanto êle, que chegou a fazer esta categórica declaração: *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrássem estar em êrro acêrca de um ponto qualquer, êle se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, êle a aceitará.* (1) Já se vê, consequëntemente, que o Espiritismo não se opõe à marcha da Ciência, e se o fizesse, estaria fora de tôdas as normas do bom-senso, não seria uma doutrina para inteligências esclarecidas. Conquanto se lhe atribua, aliás errôneamente, um rigor ortodoxo que jamais se amoldaria à verdadeira índole de sua organização doutrinária, o certo é, e a experiência nô-lo demonstra à saciedade, que o Espiritismo não recusa o livre exame nem se coloca à margem das aquisições científicas. Se, por exemplo, surge uma verdade ou se revela um fato novo, na Psicanálise, que é, inegàvelmente, uma tentativa científica como qualquer outra, à parte a intransigência de certos psicanalistas radicais, claro é que o Espiritismo há-de aceitar essa verdade, tanto quanto aceitaria qualquer outra contribuição, fôsse qual fôsse a procedência, desde que ocorresse a necessária concomitância de provas. O que não está direito, e é o que Carlos Imbassahy vem rebater em seu trabalho, é pretender-se explicar o Espiritismo pela Psicanálise ou tentar reduzir o vasto campo da fenomenologia mediúnica — já satisfatòriamente comprovada — às hipóteses e conjecturas psicanalíticas, ainda mais quando se sabe que entre os próprios discípulos de Freud, e dos mais eminentes, já houve divergências bem sensíveis, abrindo fendas marcantes no edifício elaborado pelo criador da escola. Isto prova, sem a menor dúvida, que as proposições centrais da Psicanálise, notadamente no que se refere ao móvel das ações humanas, não estão firmadas sôbre um fundo pacífico.

---

(1) — *Gênese*, cap. I n.° 40.

Três posições, pelo menos, caracterizam nìtidamente o desentendimento no ponto essencial da Psicanálise: a ação do inconsciente. FREUD, ADLER E JUNG representam as três posições discordantes. Para Freud, que não pôde por isso mesmo, manter a unidade de vistas entre seus discípulos, o fator sexual tem uma influência preponderante ou decisiva, até mesmo nos atos mais simples da vida, a começar da infância. É neste aspecto, exatamente, que mais se têm feito restrições e críticas à escola freudiana, mas é preciso notar que a controvérsia não está pròpriamente no fato de haver Freud atribuido ao sexo uma importância muito forte na composição de seu sistema, pois o desenvolvimento das experiências, inclusive no campo da Endocrinologia, já permitem reconhecer que certos distúrbios funcionais tem repercussão na vida psíquica, como nos estados emocionais e, portanto, nas reações individuais. O exagêro de Freud, exagêro que o levou a discordâncias irreconciliáveis com alguns de seus admiradores iniciais, está precisamente na generalização, isto é, na tendência persistente de querer usar a sua explicação para tudo, caindo no *pan-sexualismo*, como se fôsse possível adotar uma visão unilateral para tôdas as manifestações da personalidade. Nada mais complexo e mais difícil de ser compreendido e interpretado como o sêr humano! A personalidade é um acúmulo de experiências e contribuições várias, escondendo incógnitas indecifráveis, com remotas raizes no curso das reencarnações. Em cada um de nós há um pouco do passado e um pouco do presente, fundindo as reservas inatas e os recursos adquiridos na tessitura da personalidade. Como, pois, fixar-se apenas neste ou naquele aspecto, com exclusão de outros? Freud não saiu de seu reduto doutrinário, mas perdeu colaboradores imediatos. Um deles, entre os mais categorizados, foi ADLER (2), que formou uma escola, dissidente de Freud, e partiu de uma premissa diferente, isto é, a premissa de que a causa profunda de nossos impulsos para as reações e lutas não é o sexo, é o desejo de domínio, é o horror à inferioridade. Nosso *inconsciente* segundo Adler, está sempre em choque, porque o sentimento de inferioridade ou a idéia de ser esmagado ou sobrepujado leva a criatura humana a lutar para dominar. Dêsse conflito íntimo decorrem as atitudes chocantes. Logo, o quadro da neurose tem que ser encontrado nesta alternativa psicológica.

Já é diferente, entretanto, a posição de JUNG (3), que é outro discípulo divergente de Freud. Que fêz Jung? Procurou conciliar, em parte, as duas tendências em luta, aceitando um pouco de Freud e um pouco de Adler, até onde lhe pareça que ambos tenham razão, e lançou, com isto, uma síntese, mas de feição pessoal. Diz êle: *se examinarmos as duas teorias com imparcialidade* (a de Freud e a de Adler) *não poderemos negar que ambas contenham verdades importantes e, embora sejam contrárias, não devem umas excluir as outras. (4)* A psicologia de Jung criou os dois tipos psicológicos, nos quais se observam simultâneamente a introversão e a extroversão, pois nenhum homem—acrescenta êle—é simplesmente introvertido ou simplesmente extrovertido. Isto quer dizer que as duas características psicológicas não se excluem, mas participam de nossa personalidade, cada qual em seu momento: ora, somos muito *fechados*, vivemos para dentro, como se diz, e ora, somos expansivos, vivemos mais para fora. Essa diferença, para Jung, não é outra coisa, senão «um contraste dos dois tipos do espírito humano»: os introvertidos concentram-se no *sujeito*, voltando-se para o *Eu* e vivendo, portanto, o seu mundo interior, enquanto os extrovertidos se concentram no *objéto*, porque as suas tendências se polarizam mais no mundo exterior. Freud viu apenas o tipo que se exterioriza na afeição do objéto—; Adler, opondo-se a Freud, viu sòmente o tipo que procura exaltar o seu *Eu* e, por isso, vive em luta interior, para chegar à supremacia. Essa luta, seja pela sublimação, seja pela angústia, pode levar aos estados patológicos. As duas posições são unilaterais, como demonstrou Jung. Conseqüentemente, a causa determinante dos comportamentos contundentes não é o sexo, por si só, como queria Freud, nem tampouco é a aspiração de superioridade, como pretendia Adler, uma vez que todos os fatôres se conjugam. É preciso, indispensàvelmente, não perder de vista o fator espiritual, cuja importância, muito mais profunda do que se pensa, os psicanalistas não puderam alcançar.

---

(2)—*Alfred ADLER, médico e psicólogo austriaco, tendo-se afastado da linha cientifica de Freud, de quem fôra discípulo, tomou orientação própria e encabeçou nova corrente de idéias, baseada na «psicologia profunda», mas também caiu no radicalismo da explicação única: a ânsia de mando.*

(3)—*Karl JUNG, médico suiço, antigo professor de Psiquiatria, atualmente já octogenário, foi Presidente da Sociedade Internacional de Psicanálise, mas terminou criando uma doutrina especial, com a classificação de seus «tipos psicológicos.»*

(4)—*JUNG* — Lo Inconsciente, *cap. IV, Ed. Losada, Buenos Aires.*

Convém notar que as três correntes, apesar das discordâncias, partem da mesma base: a intervenção do *inconsciente* nos atos humanos. Cada qual, entretanto, tomando o mesmo ponto de referência, dá uma interpretação diferente: Freud(predominância do elemento sexual); Adler (ambição de poderio); Jung (conjugação do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo ou impessoal). Tem-se, aí, a posição de cada uma das escolas, dentro do campo da Psicanálise. Jung divide o *inconsciente* em dois aspectos: o pessoal e o impessoal, também chamado *inconsciente coletivo* ou das *imagens ancestrais*. O que está acumulado em nós (inconsciente pessoal) é individual ou subjetivo, ao passo que o inconsciente coletivo é exterior, está compreendido no campo das idéias gerais e remotas. O que êle quer dizer com isto, em linguagem comum, é que certas imagens ou idéias, que já existiam antes de nós, exercem influência inconsciente em determinadas reações. Tais idéias fazem parte do patrimônio universal de crenças, padrões e conceitos tradicionais. Até mesmo algumas invenções, de caráter científico, e que parecem obra de gênios, estão vinculadas ao inconsciente coletivo, na opinião de Jung. São modelos como que esteriotipados na mente humana, e cada geração recebe dêles certa projeção. É a ação do «inconsciente coletivo», no esquema de Jung.

Podemos lembrar, a propósito, como simples ilustração, o mêdo de Deus, que é um estado psicológico bastante generalizado. Há pessoas, em tôdas as camadas sociais, que deixam de fazer isto ou aquilo, não porque não tenham vontade, mas simplesmente pelo mêdo de Deus... Não sabem explicar a causa dessa inibição íntima, que existe em tôda parte, mas a verdade é que o mêdo influi nas ações pessoais e serve de *freio*, às vêzes, para conter os impulsos de agressividade. De acôrdo com a teoria das imagens e crenças ancestrais, êsse mêdo participa de vários grupos humanos e já está incorporado ao «inconsciente coletivo», segundo a divisão proposta por Jung. E' assim, pelo menos, que êle nos apresenta o problema: *Devemos distinguir um inconsciente coletivo ou sobre-pessoal. Designamos êste último pelo nome de inconsciente coletivo, porque está desligado da pessoa e é completamente geral, visto como os seus conteúdos podem ser encontrados em tôdas as cabeças, o que não acontece naturalmente com os conteúdos pessoais.* (5).

Existem, portanto, de acôrdo com a teoria de Jung, uns tantos «arquétipos», que repercutem no inconsciente e, por isso, têm influência muito profunda nos conflitos e nas reações cotidianas. Não é apenas o sexo nem o desejo de mando, portanto, que podem dar a explicação psicanalítica das nevroses. Freud, no entanto, partiu de um ângulo exclusivo e, pretendendo descobrir os desejos recalcados, entendeu que, com êste método, poderia resolver todos os problemas da alma humana. E' neste ponto, precisamente, que o livro de Carlos Imbassahy, com as grandes dimensões filosóficas do Espiritismo, vem mostrar a insegurança flagrante da Psicanálise em face da alma humana. Não estamos filiados à linha de pensamento de Jung, mas não podemos deixar de reconhecer que, entre os outros chefes de escola, é o mais *aberto*, mais liberal, sobretudo porque não se prendeu à ortodoxia psicanalítica.

---

(5) — *Jung — Ob. cit. cap. V.*

«Arquétipos», na terminologia de Jung, são idéias feitas, crenças e representações, que perduram na massa *humana, passando de geração a geração* e, *assim, formando o lastro do chamado inconsciente coletivo. Êsses* arquétipos, *segundo Jung, «dormitam no inconsciente» e, de uma hora para outra, produzem reações surpreendentes.*

Evidentemente, a despeito de não seguir, em tudo, as pegadas de Freud nem de Adler, porque soube muito bem evitar e reprovar os inconvenientes das fixações unilaterais, Jung também aceita o poder do inconsciente, nas decisões humanas, ora o inconsciente pessoal, ora o inconsciente coletivo. A 1.ª edição de sua obra — «O Inconsciente» — é de 1916, mas ùltimamente, quando entrevistado, na Suiça, por um jornal brasileiro, reafirmou os seus pontos de vista fundamentais quanto ao *inconsciente* e, também, quanto aos motivos que ainda o separam da orientação freudiana. Vejamos, por exemplo, as seguintes declarações de Jung, depois de muitos anos de contacto com a escola de Freud: *Não é difícil escapar-se às seduções das sistematizações freudianas. Eu mesmo, que acompanhei de perto a evolução do seu pensamento, tardei a descobrir, no complexo de suas teorias, o ponto em que se havia afastado da trilha certa. De fato, muitas ocasiões, em palestra, advertira-o contra os exageros em que estava incorrendo a êsse respeito.* Continuando, diz o discípulo reformador da teoria freudiana: *A Física nos diz que tudo é energia, mas não nos ensina em que ela consiste. De modo idêntico devemos proceder em Psicologia. Existe a energia psíquica, mas não podemos apurar a origem ou a essência. Querer reduzir tudo a transformações da libido sexual é um absurdo.* Já se vê que a tese de Carlos Imbassahy, baseada no princípio espiritual, esta apoiada, neste ponto, por um dos mais acatados psicanalistas europeus, embora o trabalho de Imbassahy tenha perspectivas mais amplas, porque alicerçado sôbre dois argumentos que ultrapassam as limitações de Freud, Adler e do próprio Jung, que é o mais compreensivo de todos êles: a independência do espírito fora da matéria e o mecanismo da reencarnação. É bom frisar que Jung não nega o mérito de Freud em determinados aspectos, mas critica fortemente a intransigência e talvez, a estreiteza doutrinária de seu antigo mestre, quando diz: *No que tange à parcela de realidade que focalizou, muitos de seus achados são valiosos. Mas, tal como Adler, encarou os problemas com unilateralidade.* Passando a outra ordem de idéias, reafirma que *o inconsciente coletivo existe fora das categorias de tempo e espaço. (6)* Não mudou de opinião entre 1916 e 1960. (7)

O livro de Carlos Imbassahy veio dar oportunidade para que se avalie a grandeza do Espiritismo, no estudo mais percuciente e criterioso da alma humana, mostrando a insuficiência de tôdas as tentativas, até agora realizadas no domínio da Psicanálise, para revelar a causa de certos fenômenos. Vê-se, ainda mais, que, ao invés de ter a Psicanálise sobrepujado o Espiritismo, e já houve quem assim pensasse, o que se pode vericar é que as teses espíritas em relação aos sonhos, à memória, às alterações da personalidade, etc., continuam trazendo mais luzes, mais segurança de raciocínio do que as diversas hipóteses formuladas nos quadros da psicanálise. Enquanto os psicanalistas — freudianos ou não — continuarem teimando em fazer *tábua rasa* da reencarnação, como do perispírito e de outros conceitos fundamentais do Espiritismo, terão que ficar na superfície de certos problemas, ainda que os seus métodos pareçam muito profundos. Não basta estudar e querer interpretar o mecanismo do *inconsciente*, pois é preciso levar a sondagem mais longe e procurar a *causa* das reações também no passado, no acervo do espírito, através da continuidade da vida pelas etapas sucessivas.

---

(6) — *Renato Bitencourt. Entrevista publicada no jornal* O Globo *(Rio de Janeiro) edição de 4 de janeiro de 1960, pg. 12. O jornalista entrevistou Karl Jung, pessoalmente, na cidade de Zurique, na Suiça.*

(7) — *E' oportuno dizer que* O Inconsciente, *publicado pela primeira vez em 1916, já é, aliás, uma revisão de um artigo publicado em 1912, no «Anuário» de Racher, naturalmente com ampliações ou modificações impostas pela experiência. Quem o diz é o próprio Jung, no prefácio da 1.ª edição, em Zurich.*

Carlos Imbassahy vai, em seguida, ao campo da parapsicologia, que é, no momento, uma seara muito atraente. Fá-lo sem o formalismo dos tratados, sem o vêzo dos têrmos técnicos desnecessários, mas em linguagem que todos podem entender, pois o seu trabalho não tem a preocupação de revelar erudição, porque é um livro de esclarecimento, em defesa do sólido patrimônio doutrinário do Espiritismo. Veremos, no próximo artigo, outros problemas discutidos na obra de Carlos Imbassahy.

Deolindo Amorim

Serões Bíblicos - VI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Quem era a espôsa de Caim?

Árago — Agora, caro Chilon, abordaremos aqueles pontos bíblicos que me propuseste estudarmos no começo dêstes discursos. Conforme já verificamos, pelos relatos de Emmanuel, Adão não é nome de homem mas de povo. Adão representa a primeira leva de espíritos degredados do orbe do sistema planetário da Capela, não é assim?

Chilon — Foi o que estudámos.

Árago — Esses espíritos, em relação aos terrícolas nomeados filhos dos homens, com justiça, poder-se-iam chamar filhos de Deus. Por que?

Chilon — Porque, conforme já estudámos, trata-se de espíritos evoluidos intelectualmente, altamente diferenciados, individuados, agora metidos no seio da massa amorfa de iguais, que é como haviam de ser os terrícolas de então, ainda destituidos de personalidade inconfundível.

Árago — Mas se os adâmicos eram já altamente diferenciados, marcados, como dizes, por personalidade inconfundível; por que foram exilados do orbe do sistema capelino?

Chilon — Porque eram diferenciados, porém não integrados. E a diferenciação (ciência, técnica, especialização), sem a necessária íntegração (amor, consciência coletiva, cooperativismo) é caos. Porque perturbassem êstes espíritos a ordem dos integrados em organismo coletivo, por isso precisam ser alijados para planetas inferiores, onde seriam inevitàvelmente grandes mestres. E como saiam dum plano alto para um baixo, por isso eram como que expulsos de um jardim paradisíaco. A causa desta expulsão foi a diferenciação sem a integração. Ora, a diferenciação se dá pelo intelecto. Isto significa que a inteligência deve ser fator de unificação, e não de separação; quer dizer, deve ser fator de bem, e não de mal. Esta inteligência está simbolizada na árvore da ciência do bem e do mal, plantada no meio do jardim, cujos frutos deveriam saciar o espírito, que isto é bem, e não nutrir o corpo, que é mal. E como Adão quis usar em proveito próprio, exclusivo, individual, egoístico, aquilo que era patrimônio coletivo, por isso, conquanto estivesse diferenciado, provou não estar integrado. O resultado inexorável foi o exílio para a Terra.

Árago — Aprovado no exame!

Chilon — Se o mestre me permite, gostaria de discorrer sôbre o que se chama vínculo de integração, representado pela árvore da vida, que é o mesmo que árvore do amor, ou árvore da cruz. A coisa é que, prezado Árago, muita coisa tenho descoberto por mim mesmo, à fôrça de lucubrar, quando passeamos por estas praias, ou nos imos às nossas pescarias.

Árago — Permitir-te isso, seria desviar do assunto. Tem paciência: o filósofo não deve perder nunca o espírito de unidade. A regra dêle é a mesma do Universo; isto é: unidade na variedade; a constante na variação. Esta é a beleza que o filósofo deve cultivar com esmêro.

Chilon—Seja-o, que aqui me acho para aprender que não para ensinar.

Árago—Antes de entrarmos no assunto a que nos propusemos discorrer, dize-me tudo o que sabes a respeito de Adão. Refiro-me a só o que pensa a gente culta; não tem valor nenhum as idéias correntes para uso dos ignorantes. Mostra mais uma vez tua bela erudição.

Chilon — Grato pela gentileza do elogio. O que sei é só o que anda nos livros sacros, e nas exegeses dêstes. Diz Almeida Junior, em sua «Biologia Educacional», páginas 21 e 22: «O critério da Igreja sôbre tais questões está fixada na Encíclica «Providentissimus Deus» de Leão XIII (18 de novembro de 1893), e nas respostas da Comissão Bíblica, nas quais se estabelece que o «Gênesis» não teve o propósito de ensinar cientìficamente a constituição íntima das coisas visíveis e a ordem completa da criação, mas apenas dar um relato popular, de conformidade com a linguagem comum dos seus contemporâneos, pelo que é lícito, ressalvada a criação divina, interpretar o processo de tal criação segundo os resultados da ciência».

—Na obra «Ciência e Fé na História dos Primórdios», de D. Estêvão Beethencourt O. S. B., 2.ª edição, obra que tem o «imprimatur» da Igreja, quer dizer, que expressa o pensamento desta, na página 80, está o seguinte: «No texto hebráico nota-se um jôgo de palavras muito fino: do solo ou da *'adamah* é tirado um ser chamado *'adam,* homem. Para a mentalidade primitiva, as relações entre palavras são relações entre os sêres designados; se, pois, o homem deve viver sôbre a terra ('adamah), cultivar a terra e se tornar um dia poeira da terra (...), é lógico que se chame 'Adam». Mais:

«Não seria mesmo descabido dizer que a expressão «argila da terra» pode significar as substâncias químicas que entram na composição de um corpo vivo; êste, de fato, consta de elementos que se acham no solo; além do que, depois da morte, desfaz-se em poeira, e, durante a vida, nutre-se de alimentos tirados da terra; é, pois, num sentido popular, *terra* ou *argila.*» (op. cit. 82).

— Falando da *Lei de Adão,* diz a nota do pé da página 140, Vol. III, da Bíblica Sagrada do Ano Santo de 1950 —Ed. das Américas: «*Lei de Adão*—isto é, lei de homem, porque o nome *adam* do original não é nome próprio. O homem vive pouco tempo, mas perpetua-se na sua posteridade»

— Vieira, há trezentos anos, afirmou que «Edom e Adão é o mesmo, porque um e outro nome têm o mesmo significado» (Vieira, Sermões, 12, 103— Ed. das Américas). E assim explica Vieira porque o Profeta disse, referindo-se a Cristo: «Quem é êste que vem de Edom, com o vestido tinto em bosra?» (Is. 63, 1). Ora, Edom é «outro nome para Esaú e seus descendentes» (Gên. 25, 30), e quer dizer «vermelho» (Pequeno Dicionário Bíblico). Adão quer dizer «roxo, homem da terra» (Pequeno Dicionário Bíblico).

—Adão é roxo, é vermelho, é feito de terra, é homem da terra. Mas que *seja um homem,* não é o pensamento da Igreja. Todavia tôda esta documentação é desnecessária, porque o próprio texto bíblico diz: «E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea» (Gên. 1, 27). Sendo Adão o *Homem,* e não, *um homem,* teria de ser macho e fêmea, pois não poderia haver humanidade (Homem) sem mulher.

Árago — É o bastante. Pelo visto o pensamento da Igreja coincide com o de Emmanuel, no que diz respeito a não ser Adão um homem, e sim, povo. E não há povo que não se constitua de homens e mulheres. Ora, se Adão é povo, Eva quem é? Quem são Caim, Abel, Seti? Serão povos também, isto é, levas sucessivas de espíritos degredados? Se Eva é falange de espíritos, logo não é mulher de Adão...

Chilon — Já nem sei o que diga, porque minha cabeça anda à roda. Continuai sòzinho, que já não sei o que pensar.

Árago—Agarra-te a mim, que esta não é a primeira dificuldade que levanto. Peguemos da Bíblia, e façamos a exegese do texto.

—Aqui está ela. Vamos desconsiderar os títulos postos depois. Cuidando que Eva era mulher, e Adão, homem, os tradutores puseram os títulos: «Como Deus criou a mulher», quando devêra ser: *como Deus criou Eva.* Noutro lugar diz: «Tentação de Eva e queda do homem», em vez de: *tentação da mulher e queda do homem.* Mas isto são títulos postos depois, os quais desconsideramos, para termos presente sòmente o texto que êles encabeçam. Tu irás lendo o texto bíblico, na íntegra, e eu vou repetindo a mesma coisa, noutra forma mental, usando os conhecimentos vistos atrás.

Chilon — Eia pois, que já tenho aberta a Bíblia, da tradução portuguêsa do Pe. João Ferreira de Almeida. Aqui está: «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente» (Gên. 2, 7).

Ârago — Isto quer dizer: a vida, no orbe planetário capelino, chegara, por evolução, até o homem. O homem é a síntese da evolução biológica, pelo que só poderia aparecer depois de ter aparecido tudo o que se acha abaixo dêle sôbre que se apoia.

Chilon—«E plantou o Senhor Deus um jardim no Edem, da banda do oriente» (Gên. 2, 8).

Ârago — A fôrça divina, imanente em tôdas as coisas, impulsionou o homem capelino a modelar a face escura e feia do planêta do sistema da Cabra, tornando-o num jardim. Eis a história da vida que, tendo progredido por tôda a escala biológica, se continuou na história da civilização.

Chilon — «E o Senhor Deus fêz brotar da terra tôda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal» (Gên. 2, 9).

Ârago — Entre tôdas as árvores frutíferas e plantas comestíveis, que sustentam a vida física, do corpo, existia a simbólica árvore do amor, que é vida, e a árvore da ciência do bem e do mal, que é a razão, a inteligência. Enquanto as primeiras eram para sustento do corpo, as duas últimas eram para nutrir o espírito com amor e sabedoria, que tais são o seu pão.

Chilon — «E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De tôda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás» (Gên. 2, 16-17).

Ârago — De tôdas as árvores do jardim comerás livremente, para sustento de tua vida física; porém a árvore da razão será para o teu crescimento espiritual, e não para te encheres de bens materiais, criando só comodidades, pois, com isto, te tornarás avarento e ambicioso: avarento de riquezas e ambicioso de poder, de mando, ocasionando tua morte espiritual que é a queda irrecorrível para níveis inferiores. A morte é uma ausência; e se morreres para os planos felizes, estarás ausente dêles, por tempo indefinido.

Chilon—«E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dêle» (Gên. 2, 18).

Ârago — No versículo 27 do capítulo anterior, está escrito que Deus criou o homem macho e fêmea; logo, Adão, com ser povo, já era constituido de homens e de mulheres. Mas a humanidade, o homem, ainda estava sem guias que estivessem «como diante dêle», como «adjutor». Quer dizer que o homem capelino, feito do limo da terra, que subiu a escala zoológica até êste ponto, não tinha recebido, ainda, no seu seio, os grandes mestres do espírito que, por representarem o sentimento, o amor, a abnegação, encarnavam a figura feminina de Eva, pois, como já dizia Victor Hugo, «o homem é a inteligência, e a mulher, o coração». É por isso que Eva nasceu do flanco do homem, que não do barro vil, isto é, nasceu no seio da humanidade primitiva capelina, que não, da evolução zoológica.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Testes sôbre Fenômenos Espíritas

Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

(Conclusão)

Testes de operação fluídica, mediante passes magnéticos

«A Comissão de Investigação, designada em caráter oficial para os casos de operação fluídica, ficou constituida do Sr. Milton de Andrade, como Presidente; do Dr. Flavio Ribeiro, médico e Diretor do Departamento Médico-hospitalar da Sociedade; e do Dr. Ladeira Marques, também médico e membro efetivo da Sociedade.»

«Nos testes a que foi submetida a médium Sra. Abigail Martinelli, apresentou-se uma entidade, através de incorporação, como sendo o espírito do *Dr. Fritz,* que teria sido médico alemão, em sua última reencarnação. A médium e sua progenitora afirmaram que ela jamais estudou Alemão; nunca o falou pràticamente; nada sabe, nem entende, dêsse idioma. Apesar disso, os Srs. Werner Gunter e Hans Betchereff, cidadãos de nacionalidade alemã, de há muito radicados no Brasil, com ela, em estado mediúnico, falaram Alemão, em duas ocasiões diferentes; e, segundo o testemunho de ambos os interlocutores, compreendeu tudo o que lhe disseram, expondo os males que sofriam, como se estivessem falando a pessoa profundamente versada no idioma, conquanto só respondesse em Português, vez por outra entremeiado de palavras alemães. O fenômeno é interessante. Evidentemente, se a médium falasse Alemão, não quereria perder a oportunidade de o fazer, caso fôsse insincera, para dar impressão de que realmente estivesse incorporando o espírito dum ex-médico e cirurgião alemão; e se, em estado normal, compreendesse perfeitamente o idioma germânico, teria possibilidade de construir uma outra frase, por mais simples que fôsse, e não se limitar ao emprêgo apenas de uma ou outra palavra. Devo esclarecer, aliás, que informações mediúnicas, propiciadas pela psicografia e pela incorporação, através do Dr. Levindo Mello, médico, Presidente de Honra da Sociedade e Diretor de seu Departamento de Investigações Experimentais, e do Sr. Luiz Bogéa, antigo freqüentador das sessões oficiais da Sociedade, ambos para nós pessoas absolutamente idôneas, atestaram a genuidade da mediunidade da Sra. Abigail Martinelli, bem como seu elevado grau de desenvolvimento. A informação mediúnica é elemento precário para a verificação da verdade, quando não seja possível sua confirmação; mas, desde que venha a ser confirmada pelos fatos, de alguma forma orienta a pesquisa. Sob incorporação, e com o auxílio de outros médiuns e algumas pessoas presentes, formando cadeia em tôrno do paciente, tentou a médium realizar três operações fluídicas, mas viu-se na contingência de suspender os testes, devido a seu estado de saúde, por imposição médica, segundo informou. As «operações» foram as seguintes: 1, hemorróides — Sr. Jardelino Freitas (o paciente, apesar das recomendações, não observou o regime dietético e o repouso prescritos pela entidade. Resultado: negativo); 2, eventração supra-umbilical — Sra. E. Basbaum (sensível melhora no estado geral da paciente. Resultado da operação: negativo); 3, câncer retal, com dois papilomas — Prof. França e Silva (Resultado: um dos papilomas regrediu, e o estado geral do paciente melhorou a olhos visto. O tratamento foi suspenso em meio). Os testes foram realizados sob contrôle da Comissão de Investigação anteriormente indicada. Os pacientes sofriam exames pré e pós-operatório. A operação consistia em *passes gerais,* no organismo do operando, a título de limpeza psíquica, e com a finalidade de reforçar sua energia vital; e em *passes locais,* de ação analgésica, tonificante e curadora. No período do tratamento, deveria o paciente tomar água fluidificada, mediante passes magnéticos, dados pelo «Dr. Fritz», incorporado. A Comissão de Investigação não poude chegar a conclusão definitiva, sôbre a capacidade da dama sob teste, como médium de operação fluídica, devido à interrupção das experiências em curso. A pedido da Sra. Guiomar de Mattos, freqüentadora habitual das sessões da Sociedade, o «Dr. Fritz» comprometera-se a tratar de um sobrinho dela, que se encontrava com câncer, num leito de hospital, mediante ingestão de água fluidificada por parte do doente, de preces e de passes magnéticos que lhe aplicaria do espaço inter-planetário. Ao fim de um mês, o doente, que estava desenganado ao iniciar-se o tratamento, melhorou a tal ponto, que poude retornar ao lar, como se não houvesse tido doença alguma, segundo o depoimento daquela senhora. Mediante aplicação de passes locais, através da médium, o «Dr. Fritz» eliminou em três minutos uma dor que afligia o Sr. Afonso Leal, no lado direito do maxilar inferior; no mesmo período de tempo, fez com que se desobstruissem as fossas nasais da Srta. Teresa Santos, portadora de sinusite, e que estava impossibilitada de por elas respirar; e, com tres aplicações de 5 minutos, no espaço de 20 dias, conseguiu pôr fim à dor constante no braço esquerdo do medidor de mármore Sebastião Evaristo Lopes, que fôra atirado por um caminhão contra um bonde, à porta do Cemitério do Caju, quando demandava a oficina onde trabalha, sofrendo fratura da clavícula esquerda, que jamais chegou a se consolidar, apesar da intervenção cirúrgica a que fôra submetido, no Hospital Evangélico. Antes dos passes, o exame radiográfico, mandado proceder pela Comissão de Investigação, revelou «fratura completa do colo cirúrgico do úmero, com desvio interno do fragmento distal de cerca de 1,5 cms, com abundante calo periósticos» («Distal» quer dizer voltado para a extremidade do úmero). Êsse paciente, que só podia exercer a profissão com grande sacrifício, continua a fazê-lo sem consolidação da fratura, mas liberto da dor, o que considerou verdadeira bênção de Deus, uma vez que estava em jogo o ganha-pão seu e de sua família. Evidenciaram-se, nos casos observados e relatados, os efeitos analgésico, emoliente (catarral) e tonificante dos passes».

Testes de prescrição paranormal

«Nos três últimos mêses do ano de 1960, tive oportunidade de submeter a testes de prescrição paranormal o médium sr. Luiz Bogéa, freqüentedor antigo das sessões da Sociedade, e que nela desenvolveu sua mediunidade. Trata-se de companheiro de excelente caráter, que não é médico, mas prescreve com acêrto, conforme demonstrou em múltiplos casos controlados, remédios homeopáticos, sob incorporação duma entidade que se apresenta como sendo o espírito do Dr. Araujo Penna — médico brasileiro, que em 1870 fundara uma farmácia, ainda hoje existente como Laboratório Homeopático, na Rua da Quitanda, e teve grande clínica na cidade do Rio de Janeiro, a ponto de lhe haver a gratidão dos coevos consagrado a memória, dando seu nome a uma rua, que começa no fim da Rua Haddock Lobo, próximo da Rua São Francisco Xavier. Citarei apenas dois casos, evidenciais, porque puderam ser bem verificados, de vez que se deram comigo próprio e com minha senhora. Em outubro dêste ano, tive a gripe popularmente chamada «crioula», que se caracterizava pela demora de cura, e pelos resíduos nosológicos que deixava no organismo. Deixou-me bronquite, que resistiu ao tratamento alopático pelo «Gomenol-Prevet» (xarope), pelo «Taurocolo» (injeção), pela «Vacinilin» (injeção: penicilina associada a antígeno anti-catarral), pela «Bristaciclina» (púlvulas) e pelo «Yatropan» (inalante). O espírito do Dr. Araujo Penna (como se apresentava), através do médium Sr. Luiz Bogéa, prescreveu-me Bryonia de 30 x, medicação homeopática que deveria tomar de 2 em 2 horas, durante uma semana, 1 gota de cada vez, *para eliminação do catarro que ainda se encontra nos pulmões e nos brônquios,* segundo esclareceu. Pelo «Guia de Medicina Homeopática» do Dr. Nilo Cairo, médico brasileiro, pude verificar que a prescrição estava bem indicada para o caso. Ao fim de uma semana, estava completamente curado. Eis um caso, rebelde à terapêutica normal alopática, que cedeu à terapêutica paranormal homeopática. No dia 27 de outubro último, a título experimental, solicitei à entidade, que se apresentava como espírito do Dr. Araujo Penna, através da mesma médium, que examinasse minha senhora, que não estava presente no momento, e cuja imagem poria em minha mente, a fim de que pudesse fazê-lo clarividentemente. A entidade prescreveu o seguinte: Kali Carbonicum de 30 x (1 gota, em jejum); Aconitum de 3 x (2 gotas), Bryonia de 3 x (1 gota) e Beladona de 3 x (1 gota)—para tomar, os três últimos, em conjunto, de 2 em 2 horas. Cada vidro deveria ser agitado fortemente, para revigorar a dinamização, antes de usar. Chegando ao lar, fui verificar no mesmo «Guia de Medicina Homeopática», do Dr. Nilo Cairo, médico paranaense, clínico em Curitiba (Editado em São Paulo, 9.ª edição, 1935), como medida de prudência e de contrôle, para que são indicados os medicamentos prescritos. Verifiquei que, além de outras inidicações, êstes remédios tinham as seguintes: Kali Carbonicum—para *pontadas* e para quando *a pálpebra superior incha como um pequeno saco* (Pág. 272); e Aconitum—para *medo da morte* (Pág. 93). Minha senhora, que não é espírita, ficou admirada, porque quase não dormira: passara a noite tôda com *mêdo de morrer!* No entanto, nada falara eu sôbre isso, de que absolutamente não me lembrava, mesmo porque jamais imaginara que existisse remédio, especìficamente, para «mêdo de morrer». Tudo o que dissera eu, ao solicitar a prescrição, se cingira a isto: «Minha senhora anda sentindo pontadas no externo». Outro fato singular foi a indicação, precisa, para «quando a pálpebra superior incha como um pequeno saco». Não me referira a isso, ao consultar, por se tratar de pormenor insignificantíssimo, que absolutamente não estava em minha mente. É verdade que minha senhora havia consultado oftalmologistas e clínicos sôbre isso, mas todos consideraram o caso sem qualquer importância, e nenhum dêles receitara para essa inchação, tão diminuta que aliás nem se nota, desde que não se chame atenção para ela. Como se verifica, duas prescrições certas, para males de pessoa ausente, que não foram motivos de consulta—pessoa, essa, desconhecida, seja do médium, seja de qualquer dos presentes (evidentemente, excluida minha pessoa)».

Curso Municipal de Esperanto

S. Paulo Esperanta Klubo

Circular dirigida à Imprensa, ao Rádio e Televisão, às Entidades Culturais, aos Homens de Ideal.

A despeito de tudo, das críticas, bem ou mal intencionadas, de todos prós e contras, a Língua Internacional ESPERANTO está vencendo. O ideal do Dr. Zamenhof já é, hoje, também o ideal de muitos milhões de criaturas, espalhadas por todo o mundo. Absolutamente em todos os países da Terra as organizações esperantistas vêm, dia a dia, crescendo e cada vez mais lutando para que os homens de futuro possam se entender através de um idioma comum. E o sentimento que a todos nos anima é o da paz, da concórdia e da fraternidade. Nunca é demais lembrar, caros Amigos, que o ESPERANTO está, sem a menor sombra de dúvida, ou de supeita, soberana e imaculadamente acima de todos os partidos políticos; acima de tôdas as tendências ideológicas; acima de tôdas as correntes filosóficas; acima de tôdas as religiões; acima, muito acima de tôdas as paixões humanas que o pudessem manobrar, com o fim de destiná-lo a um outro objetivo que não aquêle para o qual foi tão genialmente elaborado.

Pois bem, nesta nossa cidade de São Paulo, desde muitos anos, vem funcionando o S. Paulo Esperanta Klubo, com a finalidade de colaborar com êsse movimento universal esperantista. Nem seria de admitir-se que esta cidade, sempre na vanguarda das boas causas, não se colocasse também entre tôdas aquelas inumeráveis cidades do mundo, que difundem entre seus munícipes os princípios da Língua Internacional. Depois de muitos anos de lutas, nossa Sociedade conseguiu que a Prefeitura Municipal reconhecesse como oficiais os seus Cursos de ESPERANTO.

Assim, por decreto n.º 3580 de

29-5-1957, ficou criado o CURSO MUNICIPAL DE ESPERANTO, para melhor funcionamento do qual foi-nos cedido o terceiro andar do Edifício Triângulo, onde estamos instalados.

Permitam-nos, agora, dizer o porquê desta circular : o ano de 1961 entreabre-nos as portas. No mês de março, novas classes de ESPERANTO iniciar-se-ão. É nosso desejo que tôdas estejam lotadas. Para que isso seja conseguido, vimos solicitar seu valioso auxílio. Pedimos aos prezados Amigos que, pela melhor maneira ao seu alcance, seja divulgado o que acima dissemos, principalmente a época de início das aulas, bem como o esclarecimento de que as matrículas estarão abertas durante todo o mês de fevereiro das 9,00 às 19,00 horas, de segunda a sexta-feira.

É nossa intenção promover eficaz campanha. Para tantó, a valiosa cooperação dos Amigos nos é absolutamente imprescindível. Colocamo-nos à sua inteira disposição, para outras informações. Desnecessário será dizer o quanto de gratidão de que os Amigos serão merecedores pela acolhidá que por certo dispensarão à presente.

E creiam-nos, essa gratidão não partirá de nós, meros colaboradores de uma iniciativa nobre. Os Amigos se tornarão alvo do reconhecimento maior, que é a gratidão da própria Humanidade.

São Paulo, Fevereiro de 1961

Nicola Tallarico

Diretor do Curso Municipal de Esperanto — Presidente do S. Paulo Esperanta Klubo.

Da Sobrevivência do Espírito à Evolução em Dois Mundos

Arnaldo S. Thiago

DESDE as remotas civilizações do Egito, da Índia, da China, da Pérsia, da Caldéia, da Grécia, até ao contemporâneo surto maravilhoso da ciência e da filosofia, sempre constituiu incoercível fator das elocubrações intelectuais de todo homem que pode, de alguma sorte, acompanhar o movimento de idéias de sua época, a pesquisa das leis que regem todos os fenômenos da Natureza, para se descobrir o *«primo mobile»* do Universo que não consiste apenas no infinito número das constelações que brilham no firmamento, mas, sobretudo, nêsse mesmo INFINITO que transcende a todos os esforços da mente humana para delimitá-lo.

Como resultado dêsses esforços intelectuais, no passado remoto, tivemos as Mitologias de vários povos, culminando na Mitologia greco-romana que povoou de deuses e semi-deuses, de musas e de heróis o campo mental dos mais elevados epígonos daqueles grandes mestres que não podiam revelar-lhes ainda a Suprema Causa do Universo, conhecendo-a, entretanto, como se depreende dos princípios filosóficos de Zoroastro, de Buda, de Confúcio, de Lao-Tsé, de Sócrates e principalmente de Moisés que, em meio da sarça ardente do Sinai, teve a impressão de ouvir diretamente a voz de Deus, ditando-lhe os dez mandamentos da Lei, verdadeiramente eterna, porque sôbre os seus eternos princípios de moral plasmam-se e se modificam leis humanas, sem que ela, em sua essência, qualquer modificação possa sofrer !

Não a modificou o próprio Cristo. Mestre dos Mestres, a quem aprouve apenas resumi-la em um único preceito: O Amor a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

O precursor desta maravilhosa civilização que vivemos em nossos dias, Augusto Comte, iniciou o processo mental de uma filosofia que se desinteressa pela Causa Primária do Universo. Afastando Deus de suas cogitações, deu margem a que seus discípulos procurassem interpretações cerebrinas do Universo, que nem mesmo devem ter passado pela mente do fundador do Positivismo, por isso que não as encontramos expressas em nenhuma das páginas que lhe registraram os surtos geniais, conquanto desorientados, da sua pujante inspiração intelectual.

Com o *Modern Spiritualism,* que outro não é senão o SPIRITISM, de Allan Kardec, o nosso aportuguesado ESPIRITISMO, a que tanto se devotam os brasileiros amantes da verdade, mas ao qual preferem outros substituir o nome de Metapsíquica, Umbandismo, desejando mesmo uns poucos de temíveis adversários encontrar em tôda a sua vasta e bem documentada fenomenologia, mediante a designação de Parapsicologia, com o que querem crismar, simples efeitos da única e tão querida causa conhecida dos positivistas e materialistas em todo o Universo: a MATÉRIA...; com o Espiritismo, dizíamos, oportuna reação se fez sentir contra essa tendência de tudo atribuir à matéria, e novamente entraram em ação visível aos homens, as fôrças vivas do Espírito, demonstrando, mediante fatos e não simples palavras, que a noção da sobrevivência do Espírito é uma das mais belas aquisições da intelectualidade contemporânea, para a divulgação da qual muito se esforçaram, depois do Codificador, grandes vultos da ciência e da literatura, como Stainton Moses, Gabriel Delanne, William Crookes, Conan Doyle, Zölner, Richet, Aksakof, Lombroso, etc.

Firmado o princípio da sobrevivência do Espírito, começaram naturalmente as indagações relativas ao modo de viver dos homens na espiritualidade, isto é, no espaço cósmico, ou astral, que pode ser inferior ou superior, conforme os que o habitam ainda tenham tendências sensualísticas ou as tenham deixado, com o corpo, na terra.

Criou-se, então, ou antes, criaram os Espíritos o que se pode chamar a nova Mitologia espiritualista moderna, como se depreende de obras mediúnicas como «EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS», de André Luiz e muitas outras. Mantém-se o princípio fundamental do Deus único, revelado aos hebreus por Moisés, e a tôda a terrena humanidade por Jesus Cristo, sendo Deus o Criador do Universo, dando-se, porém, aos Espíritos, conforme o grau de seu progresso intelectual e moral, poderes que vão desde a influência que exercem nos vários fenômenos da Natureza, até à formação dos mundos, dos sistemas planetários, das Galáxias formadoras de sóis...

Nesta nova Mitologia o homem é elevado à categoria dos deuses, justificando, assim, a afirmativa do Cristo, ao dirigir-se aos seus ouvintes na Galiléia: «Vós sois deuses».

Cumpre agora ao homem ter a humildade do mesmo Jesus que o elevou à categoria dos deuses — e obedecer à Vontade de Deus que lhe dá tais poderes para que saiba colaborar na sua obra divina, que é de Amor e de iluminação das consciências, como bem o reconheceu Dante, logo após a visão suprema do Altíssimo, nestes belos endecassílabos:

«All'alata fantasia qui mancó possa;
Ma già volgeva il mio disiro e il velle,
Si come ruota che igualmente é mossa,
L'amor che muove il sole e l'altre stelle.»

magistralmente assim traduzidos por Xavier Pinheiro, hoje tão pouco lembrado no Brasil:

Â fantasia aqui valor fenece;
Mas a vontade minha a idéias belas,
Qual roda, que ao motor pronta obedece,
Volvia o Amor, que move sol e estrêlas.

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.° andar - Sala 2 e 3 - Telefône: 36-3146 - Caixa Postal 4921 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Manifestações Anímicas

Mac Maynard

INDUBITÀVELMENTE o animismo confirma o Espiritismo — fenômenos anímicos provam que temos uma alma independente do cérebro, os fenômenos anímicos provam que somos um espírito encarnado.

A história das religiões não tem sentido se não forem considerados os fatos anímicos que entram na composição da religião em dose maciça.

A confirmação de fatos anímicos encontramos nas sessões espíritas, e, parece, mesmo, que há médiuns que têm uma facilidade tôda especial em receber espíritos de *«vivos»*, e o fazem com uma naturalidade espantosa.

Em Bozzano encontramos fatos sobejos de comunicação de *«vivos»*, e vemos, ali, que há casos em que o *«vivo»* interrogado não se lembra em absoluto que «se comunicou» mediùnicamente em uma sessão, quando evocado: — «quando me encontro com o amigo em carne e osso e lhe apresento o seu escrito, êle absolutamente não se recorda de haver conversado comigo. Pedi a «Julia» que me elucidasse a êsse respeito, formulando nestes têrmos a minha pergunta — «Como se explica que, quando perguntei ao meu amigo como estava da sua «inflamação facial», êle me informou do seu estado e não se recorda de se haver comunicado comigo ? Desde que a nossa personalidade espiritual nunca transmite informações sem ter plena consciência do que faz, como se explica que os amigos me forneçam informações e depois ignorem que mas deram ?»—Ela respondeu : — «Quando te diriges mediùnicamente a um amigo teu, a sua personalidade espiritual responde por meio das faculdades conscientes ou cerebrais, e, naturalmente, não cuida de dar a saber à sua mentalidade consciente ou cerebral que ela transmitiu uma informação a quem lha pedira, servindo-se das faculdades mentais subconscientes, uma vez que não é necessário que o faça. Se, porém, julgasse conveniente fazê-lo, então o teu amigo se recordaria.» (Animismo ou Espiritismo, pág. 66).

«Julgasse conveniente», quer com isso dizer que fica a critério dos espíritos o encarnado ter consciência de que «se comunicou» mediùnicamente.

Pela experiência dessas comunicações, temos visto «gafes» de doutrinadores, pois conhecemos o médium e essa particularidade de receber *«vivos»* — quando se precisa falar de modo diferente, pois estamos tratando com um encarnado incorporado mediùnicamente.

Uma pessoa de nossa família estava há alguns dias em estado de coma (por motivo religioso não podemos mencionar os nomes, não são espíritas, pelo contrário, intransigentes protestantes), essa pessoa estava numa cidade bem distante. Quando realizamos nosso trabalho espírita, pedimos por essa pessoa, sabiamos que estava em coma, e ela se comunicou, conversamos com ela, fizemos uma prece em seu favor e dissemos: — «V. precisa cuidar de sua espôsa que está enfêrma, é doentia, precisa voltar ao seu corpo e reagir, a sua missão não está cumprida ainda, (falavamos sob inspiração), precisa voltar e acordar para cumprir a sua missão.» Nêsse momento o enfêrmo despertou no seu corpo físico, despertou consciente e chamou a um familiar e disse: — «estive numa sessão espírita, e, o que mais me entristeceu é que Fulano (citou um familiar) estava dirigindo a sessão.» Aqui deu-se um fato interessante, digno de nota, confundiu a pessoa dirigente do trabalho, que êle sabe ser espírita, por conseguinte nada estranhàvel, com uma pessoa protestante; de fato, no seu ponto de vista era entristecedor que aquêle seu familiar, membro ativo de uma igreja evangélica estivesse dirigindo uma sessão espírita.

O despertar do comatoso foi, podemos dizer, quasi instantâneo, acordou bom, despertou para a «vida de encarnado» de posse de suas faculdades intelectuais, lúcidas.

Não foi apenas um médico que tratou dêsse enfêrmo, uma conferência de dez (10) facultativos tratou do caso ; foram feitos todos os exames clínicos e de laboratório, e o enfêrmo há dias estava em coma... e, de uma hora para outra, despertou!

Que teve êsse nosso enfêrmo?

No mês de julho de 1960, uma pessoa de nossa família teve uma trombose cerebral, paralisou uma parte do corpo, hemiplégico, sem poder falar, mas lúcido, fazia sinais com a mão, aprovando ou desaprovando, tão lúcido que ria quando se fazia uma piada.

Na sessão que realizámos, fizemos um pedido por êsse enfêrmo, expontâneamente manifestou-se, conseguiu falar apenas uma palavra, o nome da espôsa, em seguida o médium ficou com tôdas as características do enfêrmo, sentiu a hemiplegia e a paralisação da língua, não conseguiu falar nenhuma palavra além do nome de sua espôsa, logo no início da incorporação, nada além dos sintômas do enfêrmo: hemiplegia e impossibilidade de articular palavra.

O enfêrmo estava lúcido, fazia sinais que os familiares não entendiam, isso depois do trabalho onde se incorporara, foi-lhe dado um papel e lápis para escrever, e com esfôrço escreveu o nome da espôsa, exàtamente o que fizera quando incorporado: o nome da espôsa!

A incorporação foi rápida, ouviu, entretanto, a prece feita, desligou-se do aparelho mediúnico incontinente.

Temos de notar nessas duas incorporações a expontaneidade das manifestações: de uma ficámos sabendo que o encarnado se lembrava da incorporação mas baralhando os componentes da reunião, mas teve convicção de que esteve presente a uma reunião espírita... lastimou o fato pela circunstância de ser membro proeminente de uma igreja evangélica. Quanto ao outro enfêrmo não pudemos saber, pois o seu estado de saude não mais permitiu qualquer entendimento nêsse sentido, o que seria, aliás, imprudente tal constatação; veio a desencarnar logo naquêles dias.

As manifestações anímicas lançam uma luz muito grande no problema espírita das comunicações: — ilações valiosas para a comprovação de que o homem é realmente um espírito encarnado; ainda curas podem ser obtidas por essas incorporações.

Estudo assás interessante é a capacidade que têm certos médiuns para essas comunicações; é uma propriedade especial da aura mediúnica?

O médium a que me refiro recebe de modo todo especial, transmuda a fisionomia; quando recebe um espírito desencarnado, é comunicação normal... Duas auras «animalizadas» com sintonia diferente?

Crônica Estrangeira

EM LONDRES: OS CURADORES ADMITIDOS NOS HOSPITAIS

«Spiritualisme Moderne»

Depois de alguns mêses, os aderentes da «Federação Nacional da Fé, da Inglaterra», legalmente já tem o direito de curar em perto de 1.700 hospitais.

Eles não entram nas salas de modo clandestino, fazendo-se passar por amigos ou parentes dos enfêrmos que os chamavam. Frente à direção dêsses hospitais, os «Curadores da Fé ou «Faith Healers» são consultados, do mesmo modo que os médicos.

Na Inglaterra, há inúmeras seitas religiosas ou para-religiosas, perfeitamente toleradas, e não destroem umas ás outras.

Os «Curadores da Fé» são em maioria «Espiritualistas», e sua razão social realmente significa «espíritas».

São bem organizados com seus «pastores», suas «igrejas». Em si êles têm seus grandes homens: o célebre escritor Conan Doyle; MacKinzie King «primaz» canadiano. E outros.

Atualmente a adesão do marechal da R. A. F. lord Dowding confere aos «Espiritualistas» uma certa autoridade junto ao público, todo certo de se achar em boa companhia.

O chefe dos «Curadores de Fé» é

Harry Edwards. Êle mora em magnífica vila situada em Shere.

Três dias por semana, êle recebe doentes que fazem apêlo ao seu poder sôbre os espíritos. O resto de tempo, sem deixar a sua cadeira êle faz a «telecura».

Há poucas semanas realizou-se uma grande reunião de cura coletiva no Festival Hall de Londres.

Estavam três mil na imensa nave do salão. Em cêna mais de 200 curadores em blusas brancas se comprimiam em tôrno de Harry Edwards.

Êste homem tem uma «presença» formidável e grande poder de persuação.

Trazem-lhe, numa cadeira, um pequeno paraplégico. A multidão tem os olhos fixados no menino. Edwards se aproxima. Êle tem bom semblante sob seus cabelos brancos. Êle se lança sôbre o menino. Suas mãos musculosas trituram as pequenas vértebras. Edwards dá alguns passos de recuo, estende suas mãos abertas e ordena :

CAMINHA !

E como um autómato, o pequeno menino paralisado se levanta e anda...

É êste o extrato de um artigo, intitulado : «Em Londres : os curadores admitidos nos hospitais», aparecido em outubro de 1960, publicado em «Ciência e Vida» e assinado Jean Francis Held e Louis Bloncourt.

Todo espírita deveria obter esta publicação.»

AS MAIORES HISTÓRIAS PSÍQUICAS DO MUNDO

O rapaz que descobriu o mistério da sua morte

Por W. F. Neech

Como êle gostava de aventuras ! Mas quando morreu, com trágica presteza o menino Bobbie Newlove embarcou na mais excitante de tôdas as aventuras e fez conhecer aos pais o que ninguém poderia conhecer—a razão exata da sua morte física.

O rev. C. Drayton Thomas, o ministro metodista que se tornou fervoroso campeão do Espiritismo, teve a idéia de, durante as suas experiências com a médium Gladys Osborne Leonard, efetuar sessões por procuração para as pessoas que desejassem comunicar com os entes queridos.

Em setembro de 1932 Thomas recebeu uma carta dum senhor Hatch, de Nelson Lanes, pedindo-lhe para comunicar com o filho de sua enteada Bobbie Newlove, de 10 anos, cuja morte recente fôra completamente inesperada.

Dizia êle na carta : «Durante 10 anos a minha enteada viveu comigo e minha espôsa ; e o seu filhinho tornou-se o centro da nossa existência. Era particularmente inteligente e extraordinàriamente carinhoso e amado por todos. Há algumas semanas morreu sùbitamente de difteria. A sua perda é tão horrível que nos leva a pedir-lhe a bondade de obter algum confôrto para nós.»

O ministro duvidou que uma criança pudesse fornecer uma prova clara e digna da sua sobrevivência. Limitou-se, contudo, a dizer à família que se iria tentar uma comunicação.

Como se viu, a primeira sessão, em 4 de Novembro, não se poderia chamar um sucesso. Só alguns itens fornecidos por *Feda,* o Espírito-guia da senhora Leonard, anunciando que Bobbie tinha tentado comunicar antes e descrito algumas características geográficas da cidade de Nelson, incluindo um rio e um canal na vizinhança.

Na segunda, de Novembro, no dia 18, *Feda* disse:... «O seu coração não era forte ? Parece que não foi a doença de garganta que o matou. ....Parece que houve qualquer coisa que lhe afectou o coração, aparte a doença. «Suponho que antes dela qualquer esfôrço cardíaco lhe enfraqueceu o centro da vida e a enfermidade fez o resto. Talvez o possam saber, pois que sem o coração lesado a difteria não o teria morto.»

Ao receber estas afirmações, Hatch respondeu que a doença tinha começado por amigdalite seguida de ataque de esquinência, após o que surgiu a difteria.

Na terceira sessão, em 2 de Dezembro, *Feda* voltou a insistir por qualquer coisa acontecida a Bobbie, além da difteria. Depois fez uma pergunta com qualquer coisa de sensacional :

— Poderá perguntar, se se recordam de alguma coisa sucedida nove semanas antes do falecimento a que se não atribuiu importância ?... Nove semanas antes do seu fim deu-se um fato significativo para a sua vida e se êle se passou com alguém seu conhecido, poder-se-ão juntar os dois acontecimentos...

Thomas perguntou então a *Feda* :

— Tem dificuldade em exprimir numa palavra o caso de que se trata ?

Feda respondeu :

— Vou tentar... tentar... Espere um momento... Barricas, barricas.

A menção das barricas nada significa para Hatch, mas quando, em Julho seguinte, Thomas visitou Nelson, examinou então o diário de Bobbie e viu que, em 15 de Julho de 1932, escrevera: «ir ter com a malta.»

Na sessão de Janeiro de 1933 *Feda* declarou :.. «êle dirigiu-se para um lugar onde as barricas eram perigosas e o envenenaram — um lugar onde há animais, gado —».

— «É pena, *Feda,* que não possamos obter o nome do lugar — disse-lhe Thomas na sessão seguinte. Ao que *Feda* respondeu :

— Estou a receber um nome estranho, parece que Bentley. E a ver uma cidade, repleta de gente e lojas e penso que há ali uma grande estação, porque vejo uma ponte ao voltar dum edifício. Há ali uma encruzilhada e eu vejo Bobbie subir a montanha... Parece-me que agora já sei o nome : Ben ou Bentley».

A seguinte sessão mostrou um local húmido, com bastante água e, na subseqüente, *Feda* indicou como encontrá-lo :

— Uma velha pedreira com um depósito de água estagnada.

Thomas foi a Nelson em Junho e descreveu a área à família Hatch. Foram à velha pedreira mas não encontraram barrica alguma no local. Finalmente foram ao «Alto» e depararam com um velho palheiro, cujo lado aberto fôra usado como estábulo e próximo havia outra pedreira conhecida por Delf e ali encontraram, finalmente, duas barricas flutuando na depressão. Um vizinho disse que os rapazes tinham partido recentemente uma das barricas.

A outra continha água, que fôra em tempos usada para beber. E Jack, um amigo de Bobbie, confessou que êle e Bobbie tinham estado a brincar na água.

As investigações que se seguiram, para evitar futuros danos entre as crianças, levadas a efeito por um médico oficial, demonstraram que a água da barrica estava contaminada e que qualquer pessoa, criança ou adulto, contrairia séria infecção, se dela bebessse. E assim Bobbie provou sobreviver, ao provar como morreu, através do seu diário e do seu espírito. Só ela e Jack estavam a par das brincadeiras na água e nenhum deles sabia que estava contaminada. No mistério da vida há a certeza doutra vida comunicante...

(Do «Two Worlds», de 3 de Janeiro de 1959).

V Congresso Espírita Pan-Americano

Celebrado na cidade do México, durante os dias 2 a 9 de outubro de 1960, com participação de delegações da Argentina, Porto Rico, Venezuela, Guatemala, México, Estados Unidos da América do Norte, Colombia e delegados de todos os estados mexicanos e uma delegação fraternal do Japão (Oomoto).

Em ordem os temas doutrinários, por UNANIMIDADE foram aprovados como

Conclusões do Congresso

—Princípios fundamentais da Doutrina Espírita :

1.º—Existência de Deus e evidência de seu Pensamento no Plano do Universo.

2.º—Existência do Espírito e a demonstração de sua imortalidade por meio de fatos mediúnicos.

3.º—Felicidade ou sofrimento como conseqüência moral dos atos humanos.

4.º — Pluralidade da existência do Espírito pela Lei Palingenésica.

5.º—Pluralidade de mundos habitados em todo o Universo.

6.º—Progresso infinito do Espírito.

7.º—Comunhão e solidariedade entre todos os sêres.

8.º — Evolução constante dos três reinos da natureza.

9.º — Infinidade das fases espirituais na vida permanente do ser.

10.º — Comunicação mediúnica e espiritual entre os mundos visíveis e invisíveis.

Caracteres Filosóficos do Espiritismo

1.º—Constitui na ordem psicológica uma ciência positiva e experimental.

2.º—É a forma contemporânea da Revelação Espiritual.

3.º — Marca uma etapa revolucionária no progresso espiritual da humanidade.

4.º —Dá solução dos mais difíceis problemas sociais, morais e espirituais.

5.º — Enaltece a razão, fomenta o sentimento e satisfaz a consciência.

6.º—Não impõe crenças, mas convida ao estudo e à reflexão.

7.º — Realiza uma síntese científica, filosófica e moral que responde a uma necessidade do progresso histórico.

Cidade do México, outubro de 1960

O Sexto Congresso Espírita Pan-Americano, celebrar-se-á na cidade de Buenos Aires, em outubro de 1963.

Espiritismo no Brasil

CONQUISTA SEDE PRÓPRIA A CASA DE CAIRBAR EM DUQUE DE CAXIAS

Preventório Médico, Escola e futuramente um abrigo para velhos desamparados

O dia 12 de março findo foi de profunda significação para a Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias. Data que comumente já assinala a fundação da Escola Abraham Lincoln, inaugurada em 1960, êste ano incorporou aos anais da instituição 3 fatos importantíssimos e inesquecíveis: primeiro, a mudança da sede da Associação Espírita de uma casa alugada para a sua sede própria. Segundo, a instalação de sua escola primária gratuíta, que se fêz com primazia, no início do ano letivo. Terceiro, deu-se ao público, com apenas 3 mêses e 9 dias de construção, um edifício com 3 salões de 37,50m2 cada e sanitários para meninos e meninas.

A primeira lage tem 140m2 e suportará grande salão para reuniões e conferências (sede da Associação), além de dependências para secretaria e biblioteca. Espera-se que a inauguração seja em setembro dêste ano, quando a entidade realizará a III SEMANA CAIRBAR SCHUTEL. Espera-se, igualmente, que nessa oportunidade, venham de Matão (S. Paulo) velhos companheiros do Patrono da Casa, assim como amigos e confrades de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, de todo o Estado do Rio e da Guanabara.

* * *

Solenidade cívica das mais agradáveis, foi presidida pelo Prefeito Adolfo David. Como convidado especial, compareceu o dr. Leopold Arnould, Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América, que ofertou belo quadro de Lincoln, assim como a bandeira americana e livros biográficos do patrono da escola.

Anotamos, por outro lado, a presença do vereador José da Silva Barros, lider da Maioria na Câmara Municipal, os advogados Oswaldo Raimundo e Salvador Pereira Rocha, o industrial Nelson Cintra, srs. José Mitraud Bayão, tenente Wilson Almeida Sabará, jornalistas Newton Silva, do «Diário Carioca» e Laís Costa Velho, da «Folha da Cidade», Inspetora do Ensino Municipal d. Normília Brandão Maia e professôras Dirza Muzitano Vieira, Léa Santos Vidaurre, Purcina Poubel Vidaurre e Nail Silveira P. José; os confrades Antanas Alexandravicius, do C. E. Thiago Apóstolo, Manoel Max das Dôres, da Mansão Divino Pastor, Jerônimo Ribeiro, da Frat. Ana Prado, sr. Romeu Oliveira Carvalho, Presidente de Honra da Associação, srs. Adhemar Perez Gonçalves e Antonio Sequeira, Contador e construtor da obra, respectivamente, srs. José Ferreira da Silva e Rainho Vilaró, altos funcionários da Prefeitura, e muitas dezenas de nomes ilustres e amigos que o espaço não nos permite assinalar.

Além da imprensa e da Rádio, esteve presente para filmar a solenidade o sr. Francisco Santos, Diretor da INDIOFILM DO BRASIL. Sua película será exibida em todos os cinemas da cidade a partir do dia 2 de abril. Também estiveram presentes os diretores do periódico AGORA, srs. Antonio Pacot e Laís Costa Velho. Hoje, a casa de «Cairbar», possui seu teto e a certeza de que, com reduzido mas decidido «staff», é capaz de grandes feitos. O que já demonstrou, credenciou-a como exemplo de extraordinária capacidade de trabalho. Construiu em tempo recorde, a mais popular e a mais útil instituição de caridade de Caxias.

Março, 14-61

* * *

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

Herculano Pires deu a aula de abertura

Reiniciando as suas atividades, após o período de férias, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil inaugurou mais um ciclo de estudos regulares da doutrina espírita, em solenidade realizada no salão de conferências do Abrigo Teresa de Jesus, no Rio de Janeiro, no dia 12 de março à tarde. Convidado pela Diretoria do Instituto, o Prof. J. Herculano Pires (Irmão Saulo), Presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo, deu a aula inaugural de 1961. Em companhia de nosso confrade Fernando Campos Ferreira da Cunha, que representa, no Brasil, a Federação Espírita Portuguêsa, Herculano Pires chegou ao Rio às 13 horas, tendo sido recebido, na estação rodoviária, por diversos confrades e diretores do Instituto.

À tarde, ao chegar a sede do Abrigo Teresa de Jesus, o salão já estava quase cheio. Josué Gonçalves, na qualidade de presidente do Abrigo, abriu a sessão e, com palavras de aplauso e solidariedade ao Instituto, passou a direção ao nosso confrade Deolindo Amorim. — Fizeram parte da mesa os seguintes confrades: Fernando Campos Ferreira da Cunha, representante da Federação Espírita Portuguêsa, General Dr. Duque Estrada, Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas, Alvaro Brandão da Rocha, Vice-Presidente da Liga Espírita do Estado da Guanabara e o Presidente do Abrigo. Diversas sociedades espíritas se fizeram representar. José Alberto Menezes, 1.º Secretário do Instituto, saudou o visitante.

Herculano Pires deu uma aula muito instrutiva, abrangendo diversos aspectos da evolução humana, o que lhe permitiu entrar no campo da História, da Sociologia, da Religião, da Metafísica etc., até chegar ao Espiritismo. Apesar do intenso calor, que fazia naquêle dia, a assistência ouviu a aula com o maior interêsse, já pela natureza do assunto, já pela forma clara e segura como que o nosso confrade Herculano Pires soube explanar a sua tese. O salão ficou, depois, superlotado. Terminada a aula, o Presidente do Instituto pronunciou rápidas palavras de agradecimento e deu por encerrada a solenidade. As aulas normais do Instituto se realizam aos sábados, das 16 às 18 horas, no seguinte enderêço: rua dos Andradas, 96 — 12.º andar, Rio de Janeiro.

* * *

NOVA BIOGRAFIA DE KARDEC

«La Revue Spirite» de jan. fev. 1961 noticia um novo livro intitulado «A vida e obra de Allan Kardec», em francês, escrito por André Moreil, Paris, 1960, Ed. Sperar.

A obra divide-se em 3 partes : estudo do Espiritismo, vida de Kardec e sua obra espírita.

Cremos que a nova obra será valioso complemento das biografias do mestre lionês, escritas por Henri Sausse na França e dr. Carlos Imbassahy e dr. Canuto de Abreu, no Brasil.

Os bibliófilos poderão adquirir essa obra diretamente pela Editions J. Meyer—B. Postal 1, Soual, Tarn, France, ou pela Livraria Francêsa de S. Paulo, rua Barão de Itapetininga, 275, São Paulo.

* * *

Newton Boechat fala aos espíritas de Duque de Caxias

Subordinando magnífica palestra ao tema «A mensagem da Cruz é engodo e estultícia para os que morrem» e «Mensagem de Libertação para os que vivem», N. Boechat falou aos espíritas duquecaxienses, na Cruzada Espírita Discípulos de Allan Kardec, sob o patrocínio do Grupo da Fraternidade Ana Prado.

A ninguém surpreendeu o êxito obtido pelo consagrado intelectual fluminense. Sua oração foi um sucesso a mais colhido na Seara a que se consagrou e na qual apreciáveis benefícios já prestou aos necessitados de luzes.

Manipulando quadros que a vida oferece através de personagens diferentes, em épocas e lugares diversos, e partindo da premissa de que a madureza do espírito é que produz maior sensibilidade de conhecimentos, sustentou em plano superior a análise do processo de livre arbítrio, que conduz a criatura a Deus ou a leva ao opôsto, com tôdas as conseqüências do desmoronamento espiritual.

Cêrca de 300 pessoas acompanharam atentamente a palavra límpida do orador, numa noite de inspirada manifestação de cultura a serviço da divulgação da doutrina espírita. N. Boechat já foi convidado para falar na «III Semana Espírita Cairbar Schutel», em Duque de Caxias, entre os dias 16 e 22 de setembro dêste ano.

Mocidade Espírita de Bebedouro

Departamento do Centro Espírita do Calvário do Céu

Esta Mocidade Espírita, da vizinha cidade de Bebedouro, comemorará, no próximo dia 20 de maio em curso, o seu trigésimo ano de fundação.

Tal efeméride é bastante significativa e por certo constituirá motivo de grande júbilo no seio dos espíritas em geral, visto como a Mocidade Espírita de Bebedouro é uma das mais velhas Mocidades Espíritas organizadas do Brasil.

Por tão auspicioso acontecimento, são merecedores dos maiores elogios os orientadores, não só os passados com os atuais, de referida Mocidade.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião ordinária, realizada em 4 de Março de 1961

Às catorze horas, presentes Conselheiros em número regimental, profere o presidente do Conselho a prece de início e declara abertos os trabalhos. Manda ler a ATA da reunião anterior, que o Conselho aprova. Do expediente consta carta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, comunicando a realização, em Janeiro último, do 1.º Seminário de Dirigentes das Casas Espíritas Federadas.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf relata ao Conselho pontos do relatório da União Espírita Mineira, realçando as atividades, altamente expressivas, verificadas em Uberlândia.

Rio Grande do Sul — O Cons.º Francisco Thiesen chama a atenção do Conselho para os resultados do I Seminário de Dirigentes de Casas Espíritas, constante do relatório lido.

Pernambuco — O Conselheiro Coronel Luiz de Oliveira e Souza noticia atividades da Federação Pernambucana nos setores de propaganda e assistência aos necessitados.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano apresenta um livro recebido pelo médium Luiz Soares e editado no Amazonas.

Pará — O Conselheiro Prof. Ramiro Gama, fazendo alentado relatório dos trabalhos realizados pela União Espírita Paraense no ano findo, anuncia a inauguração de um programa Espírita pela «Rádio Difusora do Pará», com ótima aceitação, não só pelo meio espírita, como pela generalidade dos ouvintes.

Entretém-se o Conselho no exame de vários assuntos de interêsse doutrinário, e, às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Federação Espírita Catarinense, é encerrada a reunião.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 200,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 200,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.$ 40,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em ótimo papel e em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernada cr.$ 140,00 ; Brochura cr.$ 90,00 e mais cr.$ 6,00 para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$150,00
Semestre	— „ „	80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3751unse

o XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1961 – N. 5

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mortal e Imortal	*V. Caválli*
Confusões Sociológicas sôbre o Mediunismo e o Espiritismo . . .	*Irmão Saulo*
«A Psicanálise perante a Parapsicologia»	*Deolindo Amorim*
Serões Bíblicos — VI	*Luiz Caramaschi*
O Espiritismo é a Religião . . .	*Noraldino de Mello Castro*
Autenticidade dos Evangelhos . . .	*Carlos Imbassahy*
Comunicado da Redação	*A Redação*
Cesare Lombroso o maior criminologista dos tempos e o Espiritismo	*Dr. Giuseppe M. Minardi*
Uma Experiência Concludente . .	*Arnaldo S. Thiago*
A Bíblia Sagrada	*Philemon*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 200,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1961 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

MORTAL E IMORTAL

O homem teme a morte pois está convencido ser a Morte o fim da vida, de sua existência consciente, isto é, a extinção do seu *eu,* e ao mesmo tempo aspira a imortalidade, experimenta essa necessidade moral por uma espécie de instinto. Como se explica essa evidente contradição psicológica ?

De um lado o seu temor é fundado, aparentemente, ao menos, porquê o fato da individualidade humana termina com a morte do corpo ; e não existindo em face dos sentidos parece certo que não existe de nenhum modo e sob nenhuma forma nova.

De outro lado, sua necessidade instintiva de não acabar quando morre, de sobreviver ao seu corpo, de viver sempre em sua própria essência interna, com o *sentimento de si mesmo,* não se deixa aniquilar pelo espetáculo cotidiano da destruição da vida corporal, pela evidência sensível de uma lei natural, que obriga a morrer a tudo o que nasce, visto que tudo o que teve princípio há de ter um fim...

Pois bem, como pode surgir no homem êsse *instinto natural* da *imortalidade,* em contradição flagrante *com a lei natural da morte?*

Tôdas as hipóteses sofísticas dos psicólogos materialistas para explicar êsse fenômeno psicológico, aparentemente tão absurdo, não chegam a satisfazer aos mesmos que as imaginam e formulam.

É absolutamente impossível fazer surgir alguma coisa do nada ; seria uma verdadeira e própria *creatio ex nihilo* êsse instinto geral da imortalidade em todos os homens, em todos os tempos, em todos os lugares, e em todos os graus da civilização, da barbarie e da rusticidade, no entanto a idéia da imortalidade é repudiada pelo *fato* mesmo da morte e não é sugerida por nenhum outro fato contrário da natureza visível, a não ser que se recorra às manifestações supranormais da experiência religiosa e raras manifestações de falecidos.

Assim pois, na *consciência interna* do homem deve fazer-se ouvir um oráculo profético e divino cujo éco chega, ainda que de um modo obscuro e misterioso, à sua *consciência externa...*

Em resumo, o *espírito* do homem *sabe* que é imortal, porque é eterno, enquanto o *homem* dêsse *espírito não o sabe, mas entretanto, o sente...*

E o temor da morte como se explica ?

Explica-se assim: *algo morre realmente com o corpo, o que nasce com o corpo e vive com o corpo,* ou seja, a personalidade física com a sua *consciência cerebral e sensitiva.*

A pessoa cai e vai-se em pedaços com o organismo plástico, e o esrito herda e leva consigo o resultado do trabalho feito por meio do organismo.

Por conseguinte o homem material tem razão em temer a morte; êsse terror, como qualquer instinto natural, não engana, e foi dado para preservar e conservar o corpo, que é o instrumento necessário para a tarefa evolutiva do espírito encarnado. E assim, por outro lado, também não mente êsse outro instinto natural da imortalidade, que é um atributo constituinte da *ciência transcendental* do sêr espiritual.

O fruto maduro cai, a planta permanece de pé ; o homem é mortal, seu espírito é imortal.

Dêsse modo, a contradição psicológica, não é mais que aparente, desaparece à luz da lógica e o mistério se ilumina com a luz meridiana: *Mors Janua Vitœ.*

Por isso, no sonambulismo magnético se descobre a consciência superior do indivíduo transcendental, o *espírito;* observa-se o surpreendente espetáculo de que o mesmo se sinta atraído a *outra parte,* isto é, ao mundo supra-sensível, e deseje até submergir-se como em seu elemento natural de vida. Fala de seu corpo com visível desprêzo, da pessoa terrena do *homem,* em terceira pessoa, como se fosse *outra* e ainda a menor é a ínferior parte de si mesmo ; descobre seus vícios e seus defeitos, e os censura ; não quer ocupar-se daquilo que tanto ocupa e preocupa o seu *eu* sensitivo, sua consciência cerebral, seus *interêsses* materiais, e muito menos sua própria saúde *física.* Como é isto ?

É que a orientação já mudou no umbral do outro mundo, e que o *espírito* do homem é muito melhor e vale mais que o homem, e vê e sente que a morte é a *liberdade.*

O contrário deve suceder, por lógica necessidade, quando o espírito desencarnado se comunica conosco ; volve a penetrar no nosso mundo e a ser, em grande parte, o homem de antes.

Por isso Du Prel ensinava, e com razão, que para ter uma noção menos inexata da outra vida, é necessário estudar o sonambulismo ao mesmo tempo que o Espiritismo ; entretanto, em resumo, não se obterá mais que o conhecimento de um estado intermediário anormal e precário, no do verdadeiramente normal e permanente.

Se se tivesse presente esta grande verdade expressa por Júvenal em seu magnífico exâmetro :

«Nunquam aliud Natura,
aliud sapiencia dixit»

nossos juizes se aproximariam mais de verdade ; mas, ao contrário de assim ser, divergem tanto dela porque substituiram os fatos por preconceitos sistemáticos ou escolásticos.

E semelhante substituição conduz à ignorância voluntária daquilo que mais interessa ao homem conhecer, para não descer ao nível do bruto e chegar a ser *sicut equus et mulus, quibus, non est intellectus.*

Nem mente o temor à morte nem mente a esperança de morrer. Morre a forma consciente anexa e conexa do corpo, ficando dela tão sòmente uma reminiscência arquivada com aquela outra forma superior que sobrevive, por que preexiste ao corpo, sua feitura e meio instrumental necessário à existência física.

Assim apresentado, o problema se resolve fácil, clara e satisfatóriamente. A contradição só existe na aparência.

A natureza é lógica sempre em tudo ; é a lógica em ação.

V. Cavalli

Chegamos mais fàcilmente a Deus pelo sentimento de que pela inteligência.

Um coração amante, caridoso e altruista está incomparàvelmente mais próximo de Deus do que o sábio mais brilhante e egoista.

* * *

O Mal é uma sombra efêmera e transitória, tecida de negrura e de ignorância. Mas o sol radiante, emanado dos Evangelhos de Jesus Cristo, dissipará as trevas e iluminará o entendimento dos pecadores arrependidos, ansiosos pela reparação dos crimes cometidos : — eis a Redenção e a Salvação das almas.

Dr. António J Freire.

Confusões Sociológicas sôbre o Mediunismo e o Espiritismo

Horizonte tribal e mediunismo primitivo — Fenomenologia e doutrina — Origem das religiões

As ciências sociais têm uma grande contribuição a dar ao estudo do Espiritismo. Quem viu isso com mais clareza, segundo nos parece, foi Ernesto Bozzano. O grande discípulo italiano de Herbert Spencer, profundamente ligado ao desenvolvimento dos estudos sociológicos uma vez atraído para o campo dos estudos espíritas, soube aplicar a êste o conhecimento adquirido em outros campos. Seus trabalhos sôbre as manifestações supranormais entre os povos selvagens, publicados na revista milanêsa «Luce e Ombra», em 1926, posteriormente reunidos no livro «Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali», representam uma das mais poderosas contribuições para o esclarecimento histórico do problema espírita.

Kardec já havia esclarecido que os fatos espíritas são de todos os tempos, uma vez que a mediunidade é uma condição natural da espécie humana. Mas é com Bozzano que temos a primeira penetração espírita no exame antropológico e sociológico do homem primitivo, revelando-nos, com base em investigações científicas, as formas pré-históricas do fenômeno mediúnico. Aliás, os estudos de Bozzano levam-nos mais longe, pois revelam também as origens mediúnicas da religião. Temos assim uma teoria espírita da gênese da crença na sobrevivência, que se apresenta como uma síntese das teorias opostas da teologia e da sociologia.

Para maior clareza do nosso estudo, servimo-nos do esquema que nos fornece o chamado «método cultural», dos antropólogos inglêses, aplicado por John Murphy, com pleno êxito, em seus estudos sôbre as origens e a história das religiões. Método usado na antropologia cultural e no estudo das religiões comparadas, aplica-se perfeitamente às necessidades de clareza do nosso estudo. Seu esquema é constituido pelos «horizontes culturais», dentro dos quais o desenvolvimento humano pode ser analisado na amplitude de cada uma das suas fases. É evidente que não vemos muito além do esquema. Nosso intuito não é o estudo antropológico, nem o das religiões comparadas, mas apenas o esclarecimento do problema espírita.

Os «horizontes culturais» são os meios em que se desenvolveram as diferentes fases da evolução humana. A expressão é metafórica. Chama-se, por exemplo, «horizonte primitivo», o mundo do homem primitivo. A palavra «horizonte» mostra que devemos encarar êsse homem dentro dos limites da nossa visão, de tôdas as condições do meio físico e social em que êle vivia, na paisagem cultural fechada pelos horizontes do mundo primitivo. Podemos assim examinar cada fase em seu meio, cada homem em seu mundo, compreendendo-os melhor. O estudo de Bozzano, embora anterior a êsse método, integra-se nêle.

O «horizonte primitivo» é geralmente dividido em três formas: o primitivo pròpriamente dito, o nímico e o agrícola. Em nosso esquema reduzimos as duas primeiras formas a uma única: o «horizonte tribal», que nos permite abranger numa visão geral o problema mediúnico do homem primitivo, e destacamos a terceira forma, dando-lhe autonomia. Isso porque o «horizonte agricola» tem interêsse especial no tocante à mediunidade. Assim, nosso esquema da fase pré-histórica do Espiritismo é o seguinte: horizontes tribal, agricola civilizado, profético e espiritual. Até o «horizonte profético», seguimos Murphy. O «horizonte espiritual» é uma formulação nova, exigida pelo Espiritismo.

O horizonte tribal caracteriza-se pelo mediunismo primitivo. Adotamos a palavra «mediunismo», criada por Emmanuel para designar a mediunidade em sua expressão natural, pois é evidente que ela corresponde com precisão ao nosso objetivo. Mediunismo são as práticas empíricas da mediunidade. Dessa maneira, temos as formas sucessivas do mediunismo primitivo, do mediunismo oracular e do mediunismo bíblico, só atingindo a mediunidade positiva no horizonte espiritual, que surge com o Espiritismo. Sòmente com o Espiritismo a mediunidade se define como uma condição natural da espécie humana, recebe a designação de «mediunidade» e passa a ser tratada de maneira racional e científica.

Convém deixar bem clara a distinção entre fatos espíritas e doutrina espírita, para compreendermos o que Kardec dizia, ao afirmar que o Espiritismo está presente em tôdas as fases da história humana. Os fatos espíritas— assim chamados os fenômenos ou as manifestações mediúnicas — são de todos os tempos. As práticas mágicas ou religiosas, baseadas nessas manifestações, constituem o Mediunismo, pois são práticas mediúnicas. A doutrina espírita é uma interpretação racional das manifestações mediúnicas. Doutrina ao mesmo tempo científica, filosófica e religiosa, pois nenhum dêsses aspectos pode ser esquecido, quando tratamos de fenômenos que se relacionam com a vida do homem na terra e sua sobrevivência após a morte, sua vida e seu destino espirituais.

É enorme a confusão feita pelos sociólogos nêsse assunto, seguindo de maneira desprevenida a confusão proposital feita pelos adversários do Espiritismo. Os estudos sociológicos do mediunismo referem-se sempre a espiritismo. Entretanto, a palavra «Espiritismo» criada por Allan Kardec, em 1857, e por êle bem explicada na introdução de «O Livro dos Espíritos», designa uma doutrina por êle elaborada, com base na análise dos fenômenos mediúnicos e graças aos esclarecimentos que os Espíritos lhe forneceram a respeito dos problemas da vida e da morte. As práticas do chamado «sincretismo religioso afro-brasileiro», por exemplo, não são espíritas. O sincretismo religioso é um fenômeno sociológico natural. O Espiritismo é uma doutrina.

Defrontamo-nos, neste ponto, com uma complexidade que também tem dado margem a confusões. Os fatos mediúnicos são fatos espíritas, assim chamados pelo próprio Kardec, mas não são Espiritismo. Porque o Espiritismo se serve dos fatos mediúnicos como de uma matéria-prima, para a elaboração de seus princípios, ou como de uma fôrça natural, que aproveita de maneira racional. Exàtamente como a hidráulica se serve das quedas dágua ou do curso dos rios para a produção de energia. Esclarecidos êstes pontos, podemos iniciar a análise dos fenômenos mediúnicos no horizonte tribal, o que passaremos a fazer no próximo número.

Irmão Saulo

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— II —

Já vimos, no artigo anterior, que as três escolas discordantes em Psicanálise (FREUD, ADLER e JUNG), embora tivessem tomado direções diferentes, partiram da mesma base : a ação do *inconsciente* na vida psíquica. E' neste ponto, antes de tudo, que as três correntes fazem finca-pé, a despeito do desencontro de idéias a que foram levadas no decorrer de suas elaborações. E' no inconsciente, portanto, que reside a causa de muitos atos, através dos quais se *descobre* inesperadamente o fundo intencional que disfarçamos ou procuramos confundir nos artifícios. O inconsciente pode trair o consciente e revelar idéias recolhidas ou recalques encobertos. Realmente, e a experiência não o nega, os comportamentos estudados ou as atitudes calculadas nem sempre conseguem esconder o que vai no íntimo de nossa alma. O problema, entretanto, não está pròpriamente neste ponto, mas na conceituação do inconsciente, pois as noções até agora aprovadas pelo uso corrente ainda se ressentem muito da falta de objetividade e clareza.

Fala-se muito no inconsciente, diz-se tanta coisa dêsse poder oculto, que está dentro de nós, dá-se ao inconsciente um campo de influência a bem dizer onímoda, mas a verdade é que ainda não se definiu, em têrmos certos, o que vem a ser o inconsciente, nem tampouco se disse, com precisão, onde êle está situado. As difinições encontradiças em Psicologia às pecam pela superficialidade, quando não preferem flutuar nas idéias laterais, sem descer ao âmago do assunto. E' o velho círculo vicioso de se falar muito de uma coisa sem dizer o que é e onde está a coisa... A conceituação psicanalítica, por sua vez, também não satisfaz, porque, além da complexidade, que já é uma forma de obscurecer o caminho do entendimento e fugir às explicações convincentes, não vai à parte essencial da personalidade, porque não leva em consideração o acervo de noções, tendências e experiências trazidas pelo espírito no curso da reencarnação. Não é possível explicar todo o mecanismo da vida psíquica, com as suas reações e seus comportamentos específicos, sem atinar com o elemento espiritual, considerado em suas relações com o passado. A noção de inconsciente, nos têrmos em que tem sido posta, ainda não é suficiente para nos dar uma idéia clara da correspondência entre a memória e o cérebro. Impõe-se, portanto, a reformulação do problema, partindo de outras premissas. Cabe ao Espiritismo, neste particular, queiram ou não queiram psicólogos e psicanalistas, um papel muito importante, porque dispõe de subsídios muito mais consentâneos com a natureza humana, em seu sentido global e, não, apenas, sob o ponto de vista de um único elemento. Há, realmente, uma relação entre a memória e o cérebro, mas é tão sómente uma relação *instrumental*, não é *causal*: o cérebro é o instrumento, não é a causa da memória. As células cerebrais, por fôrça de uma lei fisiológica, estão sujeitas a renovação e substituição. Se, por conseguinte, tudo se renova no organismo, se as células cedem lugar a outras células, uma vez encerrado o necessário ciclo de permanência, onde fica a estrutura psíquica do sêr humano? Que resta, então, do *inconsciente*, depois do processo inevitável de desgaste e reparação?

Biològicamente, o homem de hoje, por exemplo, comparado ao que era há vinte anos, já não é mais o mesmo homem, porque sofreu tôdas as modificações periódicas, cabe, neste caso, perguntar: e em que parte, em que zona do psiquismo se hão de fixar as imagens e lembranças? No inconsciente, responderão os psicanalistas. Sim, mas onde está o inconsciente? Qual o seu campo de ação? Até onde chegam as suas fronteiras na organização psíquica? Como se define, afinal, o inconsciente? É, pelo que se diz, um plano do psiquismo no qual se ocultam desejos, recalques, ambições etc. Segue-se, daí, que o nosso psiquismo tem uma zona lúcida (memória consciente ou atual), onde se gravam os atos contemporâneos e as impressões do mundo exterior, mas existe, também, uma zona obscura ou desconhecida, que é o *inconsciente*, onde se esconde planos frustrados, desejos reprimidos, imagens remotas e uma série de episódios supostamente perdidos no curso dos tempos. O inconsciente não fica inativo, está sempre em ação. E' uma espécie de leão, que se oculta, mas aparece rugindo, quando menos se espera. Há como que uma dinâmica do inconsciente, exteriorizando os recalques e as frustações através dos sonhos e atos inesperados. Isto quer dizer, conseqüentemente, que existe, no recanto mais profundo de nosso psiquismo, um reservatório ou depósito imenso de idéias, desejos, imagens, lembranças e tendências, não reveladas em estado normal, mas sujeitas a eclosões momentâneas, em determinados psíquicos. De que modo, porém, se conservam êsses «resíduos» no inconsciente? Como se localizam essas imagens arquivadas na «região recôndita» do psiquismo? E' neste ponto que está, exatamente, o aspecto mais difícil da discussão. Nenhuma das escolas em luta conseguiu oferecer, até hoje, uma fòrmula cabalmente satisfatória. Nem mesmo Jung, que fez estudos de ocultismo e observou certos fenômenos psíquicos menos comuns, inclusive de «percepção extra-sensorial», hoje tão em voga na literatura da Parapsicologia, nem mesmo Jung — repetimos — trouxe uma contribuição completamente elucidativa, quanto à posição real do inconsciente no quadro do psiquismo humano. Tudo quanto se tem apresentado, neste ramo da investigação psíquica, ainda é apenas tentativa. Solução definitiva, ainda não. Se é certo que, por um lado, não podemos admitir uma noção de *inconsciente* em base puramente orgânica, pois não é possivel dar uma localização física a êsse «reservatório» psiquico, tão rico de idéias e desejos recalcados, não é menos certo, por outro lado, que a conservação ou fixação de idéias e imagens se torna inadmissível sem o elemento espiritual, justamente por causa da própria renovação somática.

Se quisermos ficar no plano exclusivamente material, não encontraremos explicação para o inconsciente nem saída para as hipóteses da Psicanálise. No entanto, o *Eu* permanece, não perde a consciência de si mesmo, porque a integridade individual não se destroi. Então, forçoso é reconhecer, por decorrência lógica, que a vida psíquica não é uma função do cérebro, embora tenha, com êle, uma relação imedianta. Já se vê que a concepção de um *inconsciente* esquematizado em têrmos de fisiologia, sem considerar o primado do espírito, é uma pretensão indefensável, ainda que certas teorias não queiram cair no materialismo. É uma contingência do sistema em que tais teorias são elaboradas. Justamente por isso é que nos referimos, ainda há pouco, à possível reformulação do problema, já agora à luz do Espiritismo, tomando como componente indispensável a função fisiológica do *perispirito,* que a maioria dos fisiologistas ainda desconhece, e também o esquecimento do passado em face da reencarnação (1). São duas contribuições fundamentais ao esclarecimento do problema :

> em primeiro lugar, é necessário compreender a ação do perispírito na recuperação da síntese orgânico psíquica, em consequência das modificações celulares, pois o nosso próprio *Eu* ficaria desagregado ou perderia a consistência, se dependesse exclusivamente do organismo ;
>
> em segundo lugar, não se pode compreender a conservação de conhecimentos, experiências vividas e propensões individuais, a despeito de tôdas as modificações somáticas, sem a idéia de uma sequência entre o passado e presente, através da reencarnação.

É assim que o Espiritismo encara o problema, com outra visão da vida psíquica. Já neste ponto se pode avaliar a importância e oportunidade do livro de Carlos Imbassahy, porque é um livro em que se define claramente a posição do Espiritismo, mostrando que as teses espíritas não estão nem poderiam estar superadas pela Psicanálise. De um modo geral, tanto os psicanalistas como os fisiologistas, ainda não tomaram conhecimento das propriedades do *perispírito,* cuja existência, para alguns dêles, parece, até, uma fantasia ou, quando muito, uma hipótese bastante vaga. É certo que Claude Bernard, um dos maiores fisiologistas de seu tempo, ainda hoje citado, notadamente em medicina experimental, admitiu e justificou a necessidade do perispírito no quadro da fisiologia, mas a verdade é que a chamada «ciência acadêmica» ainda se mantém à margem do assunto. No entanto, o *perispírito* é um elemento que pode facilitar a elucidação de muitos problemas de ordem biológica e psíquica, inclusive no que diz respeito ao *inconsciente,* de que tanto falam psicólogos e psicanalistas. Convém recordar que uma das maiores dificuldades de Descartes, para explicar as relações da alma com o corpo, pois o autor do famoso *Discurso sôbre o método* não queria ser apontado como materialista, o que era perigoso para êle, foi justamente a falta de compreensão exata do *mediador plástico* dentro de seu sistema. Outros filósofos, teimando em não admitir êsse corpo intermediário, esbarraram e continuam esbarrando no mesmo obstáculo : como explicar o dualismo *corpo-alma* (elementos de natureza diferente) interagindo um sôbre o outro, sem um elemento intermediário ? Descartes pretendeu levantar a ponta do véu, mas não teve meios para resolver o problema. Posteriormente, porém, vieram novas idéias e, hoje, com base na experiência, já se pode reconhecer que o *perispírito* representa um papel de real significação nos três ângulos dentro dos quais se considera o composto

---

(1) — Livro dos Espíritos, questão 393. O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. V. n.° 11.

humano: o biológico, o fisiológico e o psíquico.

Claude Bernard, que se ateve exclusivamente ao campo fisiológico, chegou a indicar a existência de um *desenho prévio*, antes da formação do corpo físico, sob a ação de uma *idéia diretriz*. Que vem a ser êsse *desenho prévio*, de Claude Bernard, senão o modêlo fluídico traçado no perispírito? *Os contornos do corpo* — diz o fisiologista — *são antes simples lineamentos, a começarem pelos aprestos orgânicos provisórios que hão de servir ao féto de aparelhos temporários. Nenhum tecido ainda se distingue. Tôda a massa apenas se constitui de células plasmáticas e embrionárias. Entretanto, nesse bosquêjo está traçado o «desenho prévio» de um organismo ainda invisível,* e *que tem assinado a cada partícula* e *a cada elemento o seu lugar, a sua estrutura* e *as suas atribuições*. Mais adiante, para completar o pensamento, afirma o seguinte: *E' sempre* o *mesmo princípio de conservação do sêr, que lhe reconstitui as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, por acidentes ou enfermidades. (2)* Duas funções do perispírito são denunciadas no trecho do fisiologista francês: *conservação* e *reconstituição*. Gabriel Delanne, que se utilizou muito das opiniões de Claude Bernard, expende idéias próprias, e de um modo ainda mais explícito, quando diz: *Durante a vida, o conhecimento do perispírito faz-nos compreender: 1.º) — a conservação do tipo individual, apesar do renovamento incessante de tôdas as moléculas carnais; 2.º) — a reparação das partes lesadas; 3.º) a continuidade das funções vitais, num meio sem cessar em via de renovação. (3)*

Na mesma linha de pensamento, e com o mesmo espírito de objetividade, Gustavo Geley encarece a influência do perispírito na personalidade, fazendo as seguintes afirmações:

> «O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já realizados e sintetiza o estado de adiantamento do sêr. Serve de molécula, de substrato orgânico para as novas encarnações. Condensando-se no embrião, agrupa em certa ordem as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação seria um temor.»
>
> «O perispírito assegura também, na mesma ordem, a manutenção do corpo e suas reparações, durante a perpétua renovação das células (sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns mêses). Sem a fôrça do perispírito, a personalidade do sêr variaria constantemente em cada mudança.» (4)

Duas afirmações, principalmente, devem ser muito bem sublinhadas nas declarações de Geley: a primeira é a de que o *perispírito assegura a conservação da individualidade;* a segunda é a que consiste na afirmação de que assegura também *a manutenção do corpo* e *as suas reparações*. Vê-se, por aí, quanto é importante, senão indispensável, levar

---

(2) — Cf. Gabriel Delane — A Evolução Anímica *(Trad. de M. Quintão, ed. da Federação Espírita Brasileira). A concepção de Claude Bernard está em harmonia com a doutrina espírita, embora os têrmos sejam diferentes.* (O Livro dos Espíritos), *qüestão n.º 93;* A Gênese, *cap. XIV, n.º 9). Em* Missionários da Luz *(obra mediúnica, recebida por F. C. Xavier* e *publicada pela FEB). André Luiz também se refere à organização perispiritual, apresentando idéia muito semelhante á do «desenho prévio» ou modêlo fluídico».*

(3) — Gabriel Delanne — A Reencarnação, *cap. XIII. Trad. Carlos Imbassahy, edição da Federação Espírita Brasileira.*

(4) — Gustavo Geley — Resumo da Doutrina Espírita. *Trad. de Isidoro Duarte Santos, edição «Estudos Psíquicos Editôra», Portugal. E' bom recordar que Geley era médico e, além de tudo, um homem que tinha a «paixão de investigação científica», no dizer de Richet. Daí, o seu grande interêsse em estudar o perispírito do ponto de vista fisiológico.*

em consideração o papél do perispírito nas relações físico-psíquicas. O *inconsciente* dos psicanalistas jamais poderia explicar a conservação das idéias e imagens sem a visão retrospectiva da memória, independentemente das alterações celulares. A memória, por sua vez, necessita de um suporte, de um arcabouço que possa suprir as brechas do organismo. E' o perispírito que desempenha essa função na economia do organismo. Dí-lo muito bem Gustavo Geley, e com raciocínio científico, tanto quanto já o dissera Claude Bernard, seguido por Delanne, todos em harmonia de vistas. Geley ainda vai mais longe, quando, estudando longamente o problema do *inconsciente*, diz que, acima da memória cerebral, que é «parcial e efêmera», existe «a memória da individualidade verdadeira e total». Nesta memória — afirma êle — *é que ficam os acontecimentos da vida atual e tôdas as lembranças, tôdas as aquisições conscientes da imensa série de vidas anteriores. (5)* A idéia de «resíduos» do passado reclama forçosamente a idéia de «vidas sucessivas». Sem a reencarnação, portanto, a ação do inconsciente não forma sentido. A Psicanálise quer, no entanto, resolver uma série de problemas inerentes ao passado da alma humana sem chegar à tese reencarnacionista, como se a simples idealização de um inconsciente sem raízes na vida espiritual pudesse trazer a chave de tôdas as dúvidas. E' aqui, onde, mais uma vez, se faz sentir a oportunidade da interferência de Carlos Imbassahy, com a sua vasta cultura e a firmeza de seus argumentos, demonstrando a insuficiência das interpretações que, desprovidas de lentes mais amplas, pretendem sondar os escaninhos da personalidade sem admitir a reencarnação. Diz muito bem Carlos Imbassahy: *De fato, em tôda essa construção freudiana o que se nota é o arbítrio da interpretação. Os processos de convencer são inteiramente subjetivos ; o que se extrai do Inconsciente fica ao sabor de quem investiga. Apanha-se o que se quer, e como se quer,* **e** *é essa escolha caprichosa, obra do* **acaso** *ou de idéias preconcebidas, que se dá o nome de «observação» e «experimentação». (6)* Os critérios unilaterais, em qualquer domínio do conhecimento ou da observação, sempre foram prejudiciais à compreensão do conjunto. E' o que se dá, freqüentemente, com algumas teorias fundadas sôbre a Psicanálise.

O homem sofre, realmente, a influência de uma série de fatores internos e externos, e tais fatores não podem deixar de ter muita repercussão em seus comportamentos, nem a doutrina espírita desconhece êste aspecto do problema. Disfunções glandulares, anomalias orgânicas, assim como certas tradições ou idéias predominantes no grupo em que vive, podem levar o indivíduo a procedimentos anormais ou, pelo menos, destoantes dos padrões gerais ; é preciso notar, contudo, que certas predisposições ou reações estão vinculadas a existências anteriores, não podem ser fruto exclusivo de uma glândula ou de uma secreção. O fator fisiológico influi, e ninguém o nega, mas influi em razão do estado em que se acha o espírito reencarnado. Evidentemente, as inclinações viciosas, bem como os impulsos agressivos ou criminosos encontram condições adequadas em determinadas constituições somáticas ou no mau funcionamento de um órgão, principalmente daquêles que mais incidem sôbre a atividade psíquica. Todavia, não é o órgão que faz o indivíduo ser mau ou vir a ser virtuoso, pois o órgão é sempre um instrumento. Se assim não fôsse, pouco adiantaria o esfôrço, a luta interior para ser melhor. Daí, e com muita lógica, a doutrina espírita não aceitar, em têrmos absolutos ou definitivos, o velho adágio de que a *carne é fraca*. Não é a carne que comanda as decisões, é o espírito. Evidentemente, certas constituições físicas são mais predispostas a determinados comportamentos, mas é preciso ver, ainda assim, que a causa de tais predisposições não está nesta ou naquela glândula, nesta ou naquela parte do corpo, está no espírito. Na medida em que o espírito se adianta, em conhecimento e em moral (7), vai adquirindo con-

---

(5) — Gustavo Geley — Del Inconsciente al Consciente. *Ed. «Constância», Argentina.*

(6) — A Psicanálise perante a Parapsicologia, pág. 30.

(7) — Livro dos Espíritos, questão 192.

dições para se sobrepor aos instintos mais grosseiros, sem ser necessário cair no ascetismo ou querer fugir à vida normal. Tudo é gradativo, de acôrdo com o progresso do espírito. Se resolvermos admitir a predominância absoluta do corpo sôbre o espírito, porque a carne é *fraca*, chegaremos fatalmente ao determinismo em sua forma primária e, a esta altura, não haverá mais livre arbítrio e, portanto, não haverá também responsabilidade moral: cada qual faz o que quiser, porque a carne é soberana ... E a vontade, e o senso crítico, e a influência moral? De que serviria então o conhecimento espiritual, se é a matéria que determina tudo? Não é isto absolutamente, o que ensina o Espiritismo. Colocando, sempre, uma linha de equilíbrio entre as relações corpo-alma, procurando evitar o perigo do exagêro, para um lado ou para o outro, a doutrina espírita formula, aqui, um problema científico, e muito bem situado, embora o faça em linguagem simples, para não incorrer na inconveniência da terminologia rebarbativa :

> «Segundo a idéia falsíssima de que ninguém pode reformar a sua natureza, o homem se crê dispensado de reunir esforços para corrigir-se das faltas em que se compraz voluntàriamente, e que exigem muita perseverança para serem vencidas. Sem dúvida — veja-se êste ponto — existem temperamentos que se prestam mais que outros aos atos violentos...» mas também é certo — diz a doutrina — que «o corpo não fornece cólera àquele que a não tem, assim como não contribui para outros vícios. Tôdas as virtudes e vícios são inerentes ao espírito». (8)

Há quem diga, e já ouvimos isto várias vêzes, que «O Evangelho segundo o Espiritismo» nada tem que ver com a Ciência. No entanto, aqui mesmo, neste pequeno trecho, já se configura um problema de natureza científica, conquanto seja, também, de interêsse moral e filosófico: a influência do corpo sôbre a alma e vice-versa... Êste problema, que pode parecer muito simples ou trivial, é de uma complexidade muito maior do que se pensa, porque diz respeito, ao mesmo tempo, tanto à Psicologia, como à Psicanálise e à Endocrinologia. E diga-se que não há ciência nos ensinos evangélicos à luz do Espiritismo... A doutrina espírita vai também à seara da Psicanálise, não por subordinação doutrinária, mas por incidência, levando esclarecimentos capazes de modificar posições irredutíveis e alargando a compreensão de certos problemas. E' o que faz o livro de Carlos Imbassahy, em boa hora lançado. Imbassahy não fica, porém, no campo restrito da Psicanálise, entra, também, com a sua crítica percuciente e vigorosa, no domínio da Parapsicologia, para demonstrar, mais uma vez, a atualidade do Espiritismo. Veremos êste aspecto no próximo artigo.

Deolindo Amorim

---

(8) — *Evangelho segundo o Espirimo,* cap. IX, n.° 20.

* * *

Os vossos defeitos morais e espirituais, embora pequenos, muitas vêzes se sobrepõem à vossa fé, justamente porque a vossa fé ainda não atingiu o tamanho de um grão de mostarda. Isso não teria razão de ser se efetivamente colocasseis o Evangelho acima de tudo quanto não se enquadra no Espírito do Cristianismo. Lembrai-vos de que muito será pedido a quem muito fôr confiado, tanto mais que no trabalho espiritual tôda palha deve ser queimada no fogo renovador das virtudes ativas, se quereis vos tornar dignos de Jesus.

— CAIRBAR —

Serões Bíblicos - VI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(*Conclusão do Capítulo VI*)

Quem era a espôsa de Caim?

— Correram-se os milênios; a humanidade capelina cresceu; e como acontece com a humanidade terrestre dos nossos dias, os mestres do sentimento (Eva) foram postos de lado. O fastígio gerou o ócio. E o demônio começou a sugestionar a mulher, arrastando sua mente vagabunda para todos os deleites da matéria. E como a mulher é a suprema inspiradora do homem, esta o levou ao mau uso da inteligência, não só produzindo comodidades, como, também, o luxo. Assim foi que nasceram o orgulho, a ganância, a ambição, o despotismo, os imperialismos, as guerras fratricidas, o caos, e, finalmente, a seleção de valores e a expulsão dos piores para orbes inferiores. Agora, então, é que vai ter início o juizo final no orbe da Capela.

Chilon — «E êle (Adão) disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me») Gên. 3, 10).

Árago — Ouvi a voz tua falar pela bôca dos mestres, dos mentores, dos profetas, e temi, porque estava nu de boas obras, pelo uso egoístico que fiz da minha inteligência.

Chilon — «E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore que te ordenei não comesses?

Árago — Sim, abusei das fôrças da inteligência, da razão, seguindo a sugestão da minha contra-metade — a mulher...

Chilon — «E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dores terás filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e êle te dominará» (Gên. 3, 16).

Árago — Isto quer dizer: não serás tu, ó mulher, a folgazona dêste jardim capelino, mas serás arremessada a orbes inferiores com aquêle ao qual inspiraste ao mau uso da razão. E êle te dominará, e tu o servirás!

Chilon — «E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; etc.» (Gên. 3, 17 a 19).

Árago — Isto é o complemento da parte que coube à mulher, que foi a causa motora da perdição e morte do homem.

Chilon — «E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes» (Gên. 3, 20).

Árago — Se até agora temos visto que Adão é povo, composto, portanto, de homens e mulheres, que se deve entender por *mulher de um povo?* Que quer dizer *mulher da humanidade?* Esta Eva é mãe de todos os viventes? Logo é mãe do mesmo Adão, pois êste é vivente?...

— Se Eva, como diz Vieira (Sermões, 13, 234 — Ed. das Américas) «quer dizer vida», ou «mãe de todos os viventes», como lhe chama o texto, segue-se que ela não foi a que fêz perder-se Adão. Pelo contrário ela será a sua salvadora, por representar a leva de guias espirituais que se quiseram desterrar, por amor, com Adão, para a Terra. Eis porque Eva é «mãe de todos os viventes», visto como, sem ela, que representa o princípio do amor, seria impossível a vida; ela é «adjutora», para que estivesse como que «diante do homem» a conduzí-lo. Em oposição a isto, a mulher, inspiradora do mal, causadora da queda e da morte, será escrava, terá filhos com dores, etc. Não é isto?

Chilon — Aqui está o busílis... porque o texto diz muito claramente: «E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes». Nada pois de escapatórias, prezado Árago. Deixai-me gozar vosso apêrto. Até que enfim pude ver um filósofo em apuros, e isso, dentro do seu próprio elemento.

Árago — Não há apuros nenhuns, nem escapatórias. O raciocínio retilíneo, cortante como a fôrça, seguindo seu curso natural, deu nesta dificuldade; que é que sofre com isto; o raciocínio, ou a dificuldade? Um filósofo emprega a lógica e a dialética, como o astrônomo e o matemático, o cálculo.

— Quando o astrônomo Bessel verificou discrepâncias entre seus cálculos e a estrêla Sírius, não duvidou dos cálculos, e sim, da estrêla.

Chilon — Como pôde ser isso?

Árago — É que, caro Chilon, «um astrônomo reage como Hegel que, certa vez, ao aparteá-lo um ouvinte com: «Os seus dados não conferem com os fatos?» respondeu: «Tanto pior para os fatos». Quando aparecem desacôrdos entre o cálculo e Sírius, o culpado só pode ser Sírius. Bessel explicou: Sírius se movimenta «erradamente», porque possui um satélite que o rodeia e conforme sua posição, puxa-o ora para frente, ora para trás ou para o lado». (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 88-89). Tal, exatamente, foi o que se verificou, mais tarde, após a morte de Bessel, quando os astrônomos dispuseram de telescópios mais possantes. Sírius é um sistema duplo em que giram dois corpos, um luminoso e outro escuro, em tôrno de um centro de gravidade comum.

— De igual modo, se o raciocínio peremptório se choca com o texto, pior para o texto. Adão, sendo a humanidade, não podía ter mulher; êle era, em si, macho-fêmea. Se Eva representasse a parte feminina da humanidade, então ela dever-se-ia chamar morte e não vida, mãe de todos os mortos sepultados na escuridão e na dor dêste mundo, quando ainda primitivo, pois «o salário do pecado é a morte» (Rom. 6, 23.) Porém se Eva é a mesma vida, como diz Vieira, ou a mãe de todos os viventes, como lhe chama o texto, então devia ser amada de Adão como guia, e tanto que era a «adjutora» que havia de estar diante de Adão, isto é, da humanidade, no passo que a mulher, como contraparte feminina, era para ter dores, trabalhos, na mais completa servidão. Esta é a conclusão inexorável do raciocínio lógico. Por isso o texto tem de ser lido assim: «E chamou Adão o nome de sua adjutora, Eva; porquanto ela é a mãe de todos os viventes».

Chilon — Sim, e está bem deduzido. Quer dizer, então, que Adão foi a primeira leva de espíritos degredados para a Terra, Caim, a segunda, Abel, a terceira, e Seti, a última. Eva constitui os guias espirituais que estiveram de parte, reencarnando-se de tempos a tempos, de livre e espontânea vontade, em caráter missionário e sacrificial. Que aconteceu depois?

Árago — Aconteceu que os caínicos lavradores, com serem espíritos violentos, feitos para a guerra, massacraram os abélicos pastores, sem espírito de violência, porém dominados por outras paixões.

Chilon — E depois?

Árago — Em conseqüência disto Caim passou a ouvir a voz do remorso, que lhe falava no profundo da consciência, como voz de Deus a lhe perguntar: Caim, que fizeste do teu irmão? Esta voz o fustigava, fazendo-o fugitivo sôbre a face da Terra, e pai duma grande geração.

Chilon — E quem era, então, a mulher de Caim?

Árago — Ora, sendo Caim povo, nêste já se incluiam homens e mulheres. Todavia, em relação aos filhos da Terra, êles se chamavam filhos de Deus. E como já vimos o ponto que diz que os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres, podemos concluir que, depois da guerra fratricida dos caínicos lavradores, contra os abélicos pastores, aquêles se retiraram levando as mulheres terrículas, com as quais se ligaram pelos laços do sangue. Logo, a mulher de Caim eram as *filhas dos homens*.

o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o

NOSSO REPRESENTANTE EM CAMPINAS:

Antonio Marques Serra — Rua Dr. Bentim, 273 — Telefone, 9-1239 (Atende à domicílio)

O Espiritismo é a Religião

I — Sua Conceituação Filosófica e Kardequiana

Introito — O que é Religião — A RELIGIÃO e o ESPIRITISMO — O que é FILOSOFIA — O PROBLEMA DE DEUS — O PROBLEMA DA ALMA — O PROBLEMA DA VIDA FUTURA — Os fundamentos da RELIGIÃO ESPÍRITA — A RAZÃO — A VERDADE EVANGÉLICA — A RELIGIÃO EDIFICA — ALLAN KARDEC E O CONCEITO DE RELIGIÃO — O CULTO ESPÍRITA — O OBJETIVO ESPÍRITA — ESPIRITISMO, APENAS CIÊNCIA E FILOSOFIA? A RELIGIÃO NA CODIFICAÇÃO DE KARDEC — RELIGIÃO E FILOSOFIA NO CONCEITO DE FARIAS BRITO — GRANDE ESPERANÇA — GRANDE REALIDADE.

«Fé inabalável é sòmente aquela que pode encarar a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.» — KARDEC

Introito

I — Em 1939, quando no Rio de Janeiro, a então Liga Espírita do Distrito Federal, oportunamente, realizou o 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, ali comparecemos em face de nímio convite.

Levamos um trabalho impresso, como nossa contribuição, intitulado o «ESPIRITISMO É A RELIGIÃO». Aprovado, foi êle distribuido, no Brasil, por intermédio da Livraria da respeitável FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Constitue, hoje, para gáudio nosso, preciosidade da literatura espírita.

II — Há diferença profunda entre o ser «A» religião e o ser «uma» religião.

O Espiritismo e, sem dúvida, «a doutrina que maiores pontos de contato tem com os Evangelhos. Se religião é religar o homem ao Criador, como a própria Igreja ensina, outra coisa não faz a doutrina codificada por ALLAN KARDEC, sob êste aspecto. Em o nosso livro provamos ser o Espiritismo a religião, em face dos Evangelhos, estabelecendo um paralelo entre o que ensina a doutrina espírita e o que ensinaram Jesus e seus mais destacados emissários» (1).

E' intuitivo que o trabalho se cingiu a um estudo comparado dos princípios e postulados espíritas com as obras e os atos praticados por Jesus Cristo. Não teve, no entretando, a amplitude de compará-lo com outras grandes religiões, que norteiam e adargam milhões de criaturas. Essa tarefa coube ao admirável CARLOS IMBASSAHY, no seu precioso livro — RELIGIÃO — no capítulo «O Espiritismo entre as Religiões».

Pretendemos, agora, estudar o mesmo tema, mas em face da Codificação Kardeciana e da própria Filosofia.

O que é religião

Sentimos que o Espiritismo é a Religião porque, na Terra, é a única que mais repete e exemplifica os atos e as obras do Grande Rabi: ensina, exorta, cura, predica, infunde confiança e dá certeza da vida futura.

Não ficamos isolados no ponto de vista esposado:

> Nenhuma outra doutrina, conseguintemente, lhe pode disputar a qualidade de religião. Tão predominantemente é nêle (o Espiritismo) essa qualidade, que não há tê-lo por UMA religião. mas como A religião, no mais lato sentido do vocábulo». (2).

Mas o que é religião?

Poèticamente, «religião» é o suspiro do homem cuja resposta vem do Céu e não da Terra.» (3)

Definem os léxicos:

> «E' conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus.» «Doutrina ou sistema de princípios

que regulam a subordinação da criatura ao Criador.»

No tocante à etimologia, ainda registram os dicionários:

— RELIGARE — estar ligado, unir, atar;

— RELIGIO — dúvida, escrúpulo e, mais tarde cerimônia de culto;

— RELEGERE — escolher cuidadosamente.

E esclarecem ainda os dicionários:

«Em tôdas as eras o homem sofreu a influência do *sobrenatural*; a ordem e as fôrças da natureza; a fraqueza do homem e de sua razão; a presença contínua de interrogações sôbre o *destino*, na alma até dos mais simples, o MISTÉRIO, a LENDA, a TRADIÇÃO foram as primeiras origens do SENTIMENTO RELIGIOSO.»

III — O Espiritismo, realmente, não é religião organizada, constituida, com sacerdócio, sacramentos, cultos exteriores. «O que parece sublime aos homens é abominável perante Deus.» (4). Mas o é no bom sentido, como «conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus.» Nêle, não se deve «honrar o Mestre com os lábios», nem permitir que o coração «esteja longe dêle», porque êste «culto não tem valor aos seus olhos»—são «doutrinas e preceitos humanos». (5).

É também um sistema de conjuntos ou de princípios que, regulando a subordinação, explicam a origem divina da alma.

IV — PRINCÍPIO, ensina a Filosofia, é aquilo de onde algo procede e a que se dá o nome de CAUSA. Há princípios ontológicos (essência e existência), que tratam da finalidade, da finitude do criado; há a matéria e a forma, a potência e o ato.

Ora, o Espiritismo — dando a definição platônico-aristotélica de que Deus é a Inteligência Suprema e a Causa primária de tôdas as coisas — anunciou um princípio. Referindo-se, no Livro dos Espíritos, à reencarnação, à justiça divina, à escolha das provas, enunciou leis; em nos falando do espírito e da criação, da liberdade, da causa e efeito, do determinismo e do livre arbítrio, o Espiritismo enuncia princípios, que ora se referem à essência da alma humana, ora ao Ato Puro, à Suprema Potência, que é o Criador do Mundo.

A Religião e o Espiritismo

V — Da sistematização dêsses assuntos, nos *três livros básicos*, resulta a solidez doutrinária do Espiritismo:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS refere-se à parte filosófica da doutrina, cuida do Sêr e da Natureza;

O LIVRO DOS MÉDIUNS trata da parte científica, fenomenológica; e

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, o «QUINTO» Evangelho na expressão feliz de EUGENIO CARLOS MONTEIRO, cuida da parte religiosa, da parte moral, do soerguimento de energias combalidas, do consolo e das tribulações, das alegrias e das esperanças, que alentam a criatura, em busca de Deus.

Todos êles ordenados, disciplinados, sistematizados, constituem, inegàvelmente, um Código Superior.

VI — Há inquietações e interrogações dolorosas, que acabrunham o homem, na sua sensibilidade, atingindo-lhe o psiquismo: O que sou? De onde venho? Para onde vou?

Procurar respostas às perguntas é filosofar. Veio o Espiritismo e sòmente êle deu-lhes respostas satisfatórias. Ensinou ao homem o que é. Mostrou-lhe de onde procede. Provou-lhe a sobrevivência, conservada a individualidade, dizendo-lhe para onde vai.

As soluções apresentadas religaram a criatura ao Criador. Afastou-lhe a dúvida. «Vivemos mergulhados num oceano de trevas e dúvidas.» (6). Tiraram-no dêsse pélago e deram-lhe a certeza de que todo espírito é aguardado, no retôrno à pátria espiritual, pelo Pai do Filho Pródigo, que se rejubila com a volta daquele que, perdido, se reencontrou.

O Espiritismo, portanto, como a nova aurora redentora, trouxe uma doutrina que tem conseqüências morais, o que é idêntico a conseqüências religiosas. A moral é condição imanente do religioso. A não ser assim, jamais seria a religião «pura e sem mácula» de que nos fala Tiago. (I:27).

A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas, orienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois «onde ha liberdade, aí reina o Espírito do Senhor». (7).

Se não observar êsse roteiro, tão firme e tão nobre, ela não exercerá influência, não voltará a «ser um incitante do progresso e elevação», para o que «a religião deve despojar-se dos disfarces com que se revestiu através dos séculos» — escreveu Leon Dénis. «Não são os seus elementos primordiais que devem desaparecer, mas SIM AS FORMAS EXTERIORES, continua êle, OS MITOS OBSCUROS, O CULTO, AS CERIMÔNIAS. Cumpre evitar confundir coisas tão dessemelhantes. A VERDADEIRA RELIGIÃO É UM SENTIMENTO, no coração humano é que está o melhor templo do Eterno, E NÃO NAS FORMAS E MANIFESTAÇÕES EXTERIORES. A verdadeira religião não poderia ser encerrada dentro de REGRAS E MITOS ACANHADOS; NÃO NECESSITA DE SACERDOTES, NEM DE FÓRMULAS, NEM DE IMAGENS.» (8).

VII — O que anda por aí, confundindo, conturbando, conspurcando é o reinado do Anti-Cristo, que tem por divisa desunir para reinar. «Não floresce a religião de Deus, que é amor». (9). Medra a religião dos homens, «que não é a de Deus: que se resume em sacramentos, é sujeita ao numerário, circunscreve a razão e o sentimento, prescrevendo a ignorância; não admite a evolução; escraviza as almas e as inteligências; condena a análise, a investigação; é aflição, desespêro e morte; persegue, anatematiza, odeia e calunia os que lhe são descrentes; é a opressão, o orgulho, o egoísmo, a mercância.» (10).

Em compensação, o Espiritismo é a antítese:

É «doutrina filosófica, que tem conseqüências morais, como tôda filosofia espiritualista, pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de tôdas as religiões: DEUS, a ALMA e a VIDA FUTURA. Não é, porém, UMA RELIGIÃO CONSTITUIDA, visto que não tem CULTO, nem RITO, nem TEMPLO, e entre os seus adeptos nenhum tomou o título de SACERDOTE OU PAPA.» (11).

É de espírito liberal, evolucionista:

«Se lhe demonstrarem que está em êrro acêrca de um ponto, ela se modificará nesse ponto.» (12).

Está tudo concorde com a missão que os Espíritos lhe atribuiram quando afirmaram que êle, o Espiritismo, «instituirá a *verdadeira religião*, a RELIGIÃO NATURAL, a que parte do coração e vai direta a Deus», «sem se deter nas franjas de uma sotaina ou nos degraus de um altar.» (13).

Êstes mesmos Espíritos, anteriormente, no início da grande jornada do Codificador, disseram-lhe que «não haverá diversas religiões, nem há mister senão de uma, que é a VERDADEIRA, GRANDE, BELA E DIGNA DO CRIADOR... OS SEUS PRIMEIROS FUNDAMENTOS JÁ FORAM LANÇADOS.» (14).

Noraldino de Mello Castro

Rua Mar de Espanha, 352 —
Belo Horizonte.

(Continua no próximo número)

---

1 — *NORALDINO DE M. CASTRO, «O Espiritismo em face do Direito e da Metapsíquica», pág. 31.*
2 — *GUILLON RIBEIRO — Pref. de «RELIGIÃO» de CARLOS IMBASSAHY, pag. 15.*
3 — *LETERRE — Jesus e sua Doutrina, pág. 10.*
4 — *LUCAS, XVI:15.*
5 — *MT., XV: 8-9; Mc.VII: 7.*
6 — *RICHET, «La Grande Esperánce», pág. 142.*
7 — *II, Cor. III: 7.*
8 — *LEON DENIS, «Depois da Morte», pág. 25.*
9 — *VINICIUS, «Nas pegadas do Mestre», pág. 8*
10 — *CAIRBAR — «Parábolas e Ensinos de Jesus», pág. 175/8.*
11 — *KARDEC, «Obras Póstumas, pág. 247.*
12 — *KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 329.*
13 — *KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 280.*
14 — *KARDEC, «Obras Postumas», pág. 260, e C. IMBASSAHY, obra cit. pág. 62.*

Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— I —

Escrevemos, em resposta a um consulente, que sôbre a autenticidade dos Evangelhos poucos documentos existiam: Cristo nada escreveu; três dos evangelistas ou sejam os autores dos sinópticos, não foram testemunhas oculares da vida e dos ensinos do Mestre, e sôbre a autoria do 4.º Evangelho, o chamado de João, havia muitas divergências.

Nada seguro, portanto. E a dúvida pairaria na mente do estudioso, mòrmente o que se dedicasse à crítica histórica, se o Espiritismo, pela voz dos Espíritos Superiores, soprada em todos os cantos da Terra, não nos falasse constantemente do Cristo, de sua moral, de sua excelsa missão.

Parece claro o período, sem nada que pudesse ferir de frente o Evangelho; a falha histórica era suprida pela fala espírita.

A minha inofensiva resposta provocou certa reação nos que se dedicam a tais estudos, tendo eu recebido varias cartas e escritos a respeito.

Deixarei de lado aquelas e aquêles que trocam a seriedade do assunto por chocarrices de mau gôsto e atenho-me a duas que merecem a maior atenção pela autoridade de quem as subscreve.

O primeiro me diz que os Evangelhos são tão sagrados que não lhes devemos tocar, pois o mais leve arranhão poderia abalar a fôrça moral que exercem. O segundo me pergunta em que situação eu ficaria se êle indagasse: — Por que tem como prova da realidade dos Evangelhos o depoimento de uma plêiade de Espíritos e põe em dúvida a autenticidade do Quarto?

Assiste certa razão ao primeiro missivista quando se refere ao respeito que lhes devemos. Mas êsse respeito não pode ser aceitação incondicional de tudo, até mesmo do que o Cristo não disse, do que mãos profanas emendaram ou acrescentaram, dos ensinos errôneos que os desfiguram, das falhas, equívocos e imperfeições deliberadamente perpetrados ou acumulados pela ignorância de copistas, inobservância de tradutores, açodamento de inovadores, ou interêsse de sectários. Destarte, em vez de o elevarmos no conceito filosófico, trazemo-lo ao raso das frivolidades, onde as obras acabam por perecer.

Pelo mesmo respeito que nos merecem, não podemos faltar à verdade, por que esta é que deve pairar acima de tudo, mesmo das convenções religiosas, mesmo da tradição, quando ela não tem supedâneo e representa apenas o pensamento de uma época ou de uma facção.

A crítica sincera pode atenuar o fanatismo dos que aceitam sem indagar, crêem sem perquirir, afirmam sem provar, censuram sem apôio e atacam sem justiça. O que passa dos limites do razoável é exagêro. O que se admite num crente já não se pode aceitar em Espiritismo, onde a razão domina e a convicção é trazida pelas provas.

Nunca poderá ser para o espírita base do conhecimento o que não vier escudado em documentação séria; não poderá ser êle arrastado pelo preconceito, pela emotividade, pela maneira por que encara esta ou aquela questão, pelo seu modo especial de ver, pelas suas afeições, pelos seus pendores, pelo seu livro sagrado. Êle terá que ir onde a razão o levar, êle se firmará onde estiver a prova, êle agirá pelo alegado e demonstrado.

Se não tivermos a independência de arrostar com a opinião geral, quando ela estiver errada, faliremos ao nosso escôpo.

Vejamos: Há drogas de grande valor terapêutico, mas que se não podem receitar inconsideradamente; têm que ser medidas e aplicadas em ocasiões precisas; seu uso inoportuno, seu emprego às cegas, suas quantidades macissas podem trazer grandes inconvenientes.

É assim com os Evangelhos. Muitos procuram tirar efeito das repetições, de longas leituras, de intermináveis transcrições; citam-no a todo o momento, lançam-no inoportunamente, e aquilo em quantidades cerradas, torna-se enfadonho, senão insuportável.

Mas uma dúvida, uma indagação, um esclarecimento será a arranhadura que fará vacilar a crença? Uma indagação sôbre as nascentes das letras sacras é sinal de ateismo?

Uma simples apresentação *do que se diz* já fere a sensibilidade de nossos pios escritores.

Tal estado de ânimo só pode desservir a Boa Nova. Entretanto o que eu desejava mostrar aos díscolos é que o Evangelho, não tendo provas históricas capazes de inspirar confiança, possui as que o Espiritismo lhe traz, escoimadas de acréscimos, interpolações, deficiências, enganos, obscuridades, e assim o restitui à sua realidade, e assim o reintegra nos princípios pregados pelo Mestre, e assim nô-lo apresenta como verdadeiro código de Moral.

* * *

Vamos trazer uma documentação que justifique a conclusão de que será necessário, para a aceitação do Evangelho e a crença nêle, ouvir os esclarecimentos, o testemunho, a palavra dos Espíritos.

Principiemos por autor que merece apontado, já pelos seus profundos conhecimentos, já pelo seu pendor evangélico. É um Mestre. É ele o Dr. Canuto de Abreu, que apresentou interessante estudo — *O Evangelho por Fora*. Assim nos diz:

«Não há no Mundo obra alguma tão controvertida e criticada quanto o Evangelho». Sôbre Mateus: — «Segundo Papias não redigiu seu Evangelho originariamente no grego, mas em dialeto hebraico, que cada um traduziu como pôde.»

«Marcos não ouviu o Senhor. Lucas, não tendo sido como João testemunha presumível do Logos, aproveitou sòmente o fundo tradicional.

«João é universalmente aceito pela boa crítica.»

Na citada obra assim se refere a Renan:

«Ernesto Renan foi acima de tudo grande Filósofo e Historiador por seus estudos sôbre as origens do Cristianismo. Mundialmente conhecido, escreveu obras de incomum valor linguístico e literário. Foi a melhor pena de seu tempo em França.»

Baseado nesse parecer insuspeito, valemo-nos de Renan, que diz sôbre o Evangelho de João: — «A mais grave questão é a do valor histórico do 4.º Evangelho.» — E coloca aquelas opiniões em 4 classes: a dos que aceitam o 4.º Evangelho como de João e verdadeiros os fatos ali contidos, que é a opinião ortodoxa. *Essa opinião* — acrescenta — *é inteiramente insustentável.* A 2.ª opinião é a dos que acreditam seja êle do apóstolo, mas redigido e retocado pelos discípulos; a 3.ª é a de que o Evangelho não é de João, mas com preciosas tradições; a 4.ª é a dos que negam tudo.

A opinião de Renan se enquadra na 3.ª classe, isto é, que o 4.º Evangelho não é obra de João; foi-lhe atribuido por algum de seus discípulos lá para o ano 100. Os assuntos são quase inteiramente fictícios, embora as narrativas contenham preciosas tradições que remontam, em parte, ao apóstolo. Pensam de igual modo Weizsaecker e Michel Nicolas. Duvidam inteiramente da autenticidade do Evangelho, Baur, Schwegler, Strauss, Zeller, Volkmar, Hilgenfeld, Schenkel, Scholten, Réville. *(Vie de Jesus,* Pref. da 13.ª ed., pgs. XI).

Vejamos ainda Renan, autor autorizado, segundo Canuto de Abreu, e talvez considerado o mais seguro pesquisador das origens do Cristianismo:

Na *História do Cristianismo,* cap. V, referindo-se ao início do Evangelho, declara que as lições de Jesus eram recitadas com freqüência. Mas foram morrendo os que ouviram o Mestre e daí a necessidade de conservar por escrito o que êle dissera. Fizeram-se pequenos apanhados; essas compilações com pontos comuns sofriam variantes; quem tinha um caderno completava-o com a consulta dos cadernos alheios; as palavras concordantes com o espírito de Jesus eram tomadas no ar e insertas nas compilações.

Um escrito semelhante pode darnos idéia de como se formou êsse embrião de Evangelho, é o Pirké Aboth, coletânea das sentenças dos rabinos célebres. Tal livro deveria ser organizado com adições sucessivas.

No Evangelho de Mateus vê-se o estado dêsses primeiros sutras cristãos. São fascículos com sentenças e parábolas, desordenadamente dispostas, e inseridas em bloco. Mas a sebe que protegia a palavra santa era pouco forte.

Nunca tiveram unidade as compilações siro-caldáicas das sentenças de Jesus. Escreveram-se sob a forma de notas. A matéria era tradicional; ora, a tradição é matéria mole e extensiva. Juntavam-se às palavras de Jesus dizeres mais ou menos presumíveis. Vulgarizando-se uma frase, logo era atribuida ao Mestre. Renan acredita, entretanto, que a imagem de Jesus como está nos Evangelhos, é semelhante ao original, pelo menos nos traços mais salientes.

Para Renan, o Evangelho por excelência é o de Marcos; foi discípulo e intérprete de Pedro; devia ter conhecido os homens que entraram no drama dos últimos dias de Jesus. Escrevera em Roma 40 ou 50 páginas, que constituiam o primeiro núcleo dos evangelhos gregos. Não julga êsse Evangelho isento de interpolações.

Entretanto, foram-se tornando palpáveis os seus defeitos; havia ali a secura das narrativas de Pedro; faltavam os sermões, os fatos essenciais da vida de Jesus. Pretendia-se um evangelho completo com que os tradicionalistas sabiam ou cuidavam saber: Essa foi a origem do Evangelho de Mateus.

Segue o de Marcos no plano, nas expressões características. Durante páginas seguidas as coincidências nos menores detalhes faz afirmar que o Autor possuia um manuscrito de Marcos.

A intenção apologética foi nêle uma fonte inexaurível de anedotas e interpolações. Herodes foi caluniado e se tornou o bode expiatório de todos os agravos cristãos; os perigos da infância de Jesus, uma imitação dos de Moisés. Dessa infância nada se sabe e a lacuna é suprimida por uma série de anedotas concebidas a propósito. Mateus chega a verdadeiros contrasensos para produzir efeitos patéticos; o vinho dos condenados, instituição benèvola e humana, é para êle um requinte de crueldade, e isto só para cumprir uma profecia.

Aliás, o oriental conta com uma candura admirável e com a firmeza de uma testemunha, as coisas que não viu e de que não tem certeza.

Foi incalculável o número de frases atribuidas a Moisés depois de sua morte; o mesmo aconteceu a Jesus. Aos seus apólogos juntaram-se outros concebidos no mesmo estílo, sendo difícil distingui-los dos verdadeiros. Não será possível. um discernimento exato.

Mateus não podia ter redigido o Evangelho que tem o seu nome; já havia falecido havia muito quando êle foi composto. Papias acredita que a obra é dêle, mas já se tinham passado 60 anos e lhe deviam faltar os meios para decifrar tão baralhada questão.

Eram muitos os escribas evangélicos, mas de segunda mão, e os de Mateus pouco ou quase nada conhecidos. Lucas resolveu escrever um: concatenou textos anteriores, fêz interpolações, escreveu segundo o seu modo de sentir. Tinha em vista o texto de Marcos, pouco diferente do que conhecemos. Pode-se dizer, que o assimilou quase por completo; a coincidência é literal.

Lucas devia também possuir outras narrativas do mesmo gênero, que copiou largamente. Talvez possuisse uma tradução do Evangelho hebráico, assim como devia te-lo Marcos, e o avolümou com inovações dêsse Evangelho.

Êle se arroga o direito de modelar, intercalar, transpor, combinar a seu bel prazer, para conseguir o arranjo que lhe convém. Entretanto, são lindos o fim dogmático e a moral.

A arte de modelar e redigir artificialmente pelos documentos anteriores, levou-o a repetições, a contradições, a incoveniências promanadas de disparatados elementos, defeito a que só Marcos fugiu. Suas narrativas são as mais belas que apareceram, mas pouco históricas e se internam fortemente na lenda.

Mais tarde surgiu um novo Evangelho com a pretensão de suplantar os demais. Existia em Éfeso um grupo de indivíduos que no fim do 1.º século se consideravam testemunhas oculares da vida de Jesus. Dêste pequeno grupo saiu uma redação evangélica de caráter peculiar, que parece ter tido a confiança do velho apóstolo; talvez êsse grupo se julgasse apto a falar em seu nome.

O mais provável é que João nada escrevesse e que o Evangelho com o seu nome fôsse obra de algum discípulo, ainda em sua vida.

Fala ainda Renan na vaidade de João, como predileto de Jesus, e declara que na sua roda havia muito boa fé e até algum charlatanismo. Podemos calcular, acrescenta, os produtos estranhos que germinariam neste ninho de intrigas piedosas, em tôrno de um velho, já com debilidade senil, e à disposição de seus enfermeiros.

Aqui fica um resumo dos principais ensinos de Renan a respeito dos Evangelhos canônicos, em sua obra *Os Evangelhos.*

Vamos a outros documentos.

Comunicado da Redação

Esta Redação comunica aos leitores em geral desta Revista que acaba de receber uma série de cinco artigos do dr. Osmard Andrade Faria, que se diz ser de contra-rebate ao que escreveram os nossos colaboradores, srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella, sôbre os conceitos daquele autor em dois livros seus com ataques ao Espiritismo.

Em princípio esta Redação não julga conveniente a publicação dos referidos artigos, pelos motivos que passa a descrever.

Quando o dr. Osmard solicitou, na sua carta de 31-8-1960, autorização para contra-rebater os rebates do sr. Casella, disse : «ser-me-ia profundamente grato e altamente honroso ver abertas para mim as páginas da sua Revista, para um ou mais artigos onde eu, cientìficamente, responderia ao sr. Casella . . . »

Ora, se a solicitação foi para «um», aquêle «ou mais» se interpretaria como uma ressalva para «uns mais», na hipótese de polemicar com o adversário. No entanto, o dr. Osmard, talvez já não mais lembrando essa forma da sua solicitação, logo de início enviou a esta Redação 5 artigos, que nem tanto seriam se não fôssem elaborados apenas como uma introdução de outros que viriam depois.

Desta forma, o ilustre facultativo e jornalista, não sòmente estaria deixando de corresponder ao que solicitou, como também estaria contrariando certa norma desta Redação, que oferecendo um máximo de três páginas para cada colaborador, por publicação, esta medida já indica «síntese», para os trabalhos a publicar.

Contudo, antes de uma definição oficial, esta Redação aguarda os pareceres dos srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella, já que o assunto também depende dêstes dois colaboradores. Também, espera-se que se o dr. Osmard digne-se considerar as razões acima apresentadas, talvez êle mesmo ainda possa concorrer para atenuar essa dificuldade, sintetizando mais seus trabalhos pela forma de contra-rebates diretos e paralelos com os rebates daqueles dois colaboradores, já que aquí vem para se defender dêstes, e não para dirigir mais ataques ao Espiritismo, quando esta Revista é de propagação espiritualista, e não de propaganda materialista.

Assim, esta Redação, tão logo resolva êsse delicado impasse, dará novo comunicado nestas páginas. E enquanto permanece inalterável tal situação, os srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella suspendem suas publicações, sôbre a momentosa questão, como ética jornalística que recomenda trégua, enquanto o opositor não possa manejar suas armas no campo polêmico.

E aí fica o presente comunicado, para bem informar os leitores, desta Revista, que vêm acompanhando o desenrolar dêsses acontecimentos, pelas duas partes em choque.

A Redação

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Cesare Lombroso o maior criminologista dos tempos e o Espiritismo

Dr. Giuseppe Manuel Minardi

NÃO tem pior «surdo» e «cego» do que aquêle que não quer ouvir e ver. Assim o mundo marcha, dos tempos remotos, carregando indiferente também a humanidade nos movimentos vorticosos da evolução. A ciência, que aguça o ouvido da humanidade, não encontrou ainda meios para explicar êstes problemas tão inusitados para ela, que fazem o mundo e o universo marchar para frente e para o alto. Chegou a hora de mudar de caminho, porque é vão, é loucura acumular fatos, aos milhões, sem jamais chegar-se a uma conclusão, e pior ainda fechar-se na negação sistemática de assuntos e fatos espíritas. Êstes não são reconhecidos pela ciência oficial, pois ela teme muito que sua efêmera reputação venha um dia a ser abalada das raízes da própria ignorância. Mas, não é negando-se os fatos que os anulamos. Não é com a negação da esfericidade da Terra (de infeliz memória da religião católica) que a mesma deixa de ser redonda ; não é com a negação da circulação sanguinea (de infeliz memória também da religião) que o sangue deixa de circular nos vasos sanguineos do organismo animal. Quem não vê fatos espíritas, nega-os naturalmente, mas, não os excluirá e não poderá ter o direito de negar que outrem possa ter visto e presenciado os «FENÔMENOS SUPRANORMAIS». Se se tem pureza de alma, sinceridade de intenções, fácil será penetrar nos fatos científicos-espíritas os quais são inexplicáveis pelas leis da fisiologia. Porém, partindo-se de preconceitos, de interêsses, então se achará armas suficientes para rejeitar qualquer prova. A verdadeira prova é uma só : são as leis de DEUS que nos alcançam em nossa casa com a dôr que, sobrepujando as barreiras humanas, nos toca e sacóde ; as crises do espírito, com a dureza do destino ; a voz tonitroante do mistério, que nos surpreende num lance da vida e nos diz : basta ! Aquí está o caminho ! Segui-o !

O Prof. Dr. CESARE LOMBROSO, criminologista e antropólogo, cientista de fama universalmente conhecida, desapareceu aos 74 anos deixando monumentais e imponentes obras científicas. A sua morte comoveu o mundo inteiro. A Russia, Oriente, velho e novo mundo, publicaram a sua morte nas primeiras páginas e durante um ano se escreveu sôbre as obras do desaparecido, evidenciando as formidáveis teorias apresentadas como JURISTA e CIENTISTA. As obras lombrosianas foram traduzidas em todos os idiomas e vendidas a milhares. Lombroso deu à Itália a legislação sanitária, até hoje em pleno vigor, com a obra «GEOGRAFIA MÉDICA D'ITÁLIA». Como médico, deu um novo rumo às bases biológicas, anatômicas e fisiológicas da delinqüência, criando assim uma nova escola.

Nasceu em Verona, (Itália), e aos 7 anos escrevia versos, aos 14 escrevia monografias sôbre a história romana, aos 16 escreveu um ensaio sôbre as línguas mortas e vivas. A teoria lombrosiana do «gênio» iniciada em 1855 revelou-se no ensaio : «A Loucura de Cardano». Em 1856, em Viena, revolucionou a criminologia com a histórica frase : «Porque não praticar métodos experimentais na psiquiatria e na criminologia, como se faz na Medicina ?» As homenagens e as admirações prodigalizadas a Lombroso por parte de todos os grandes da Terra de seu tempo, foram excepcionais. Mesmo Tolstoi, que o desprezava, foi, em seguida, o seu maior admirador e amigo.

Dificilmente, se não impossível, encontraremos um homem nessa época que se tenha evidenciado no mundo científico como Cesare Lombroso, apesar dos ferrenhos e baldos ataques de alguns pseudos cientistas, que sentiam, nas teorias de Lombroso, abalar o trôno dourado da própria ignorância.

Êste homem, dotado de uma quadratura moral e científica invulgar, médico e psiquiatra, criminologista e antropólogo, cujas teorias até hoje são motivos de estudo e de investigações; êste homem de origem modesta, nascido sábio, formidavel no seu pensamento e nas suas teorias sôbre o homem, assim falou a respeito do ESPIRITISMO: «Quando eu quís fazer um livro sôbre os fenômenos chamados espíritas, após uma existência consagrada inteiramente ao desenvolvimento da psiquiatria e da antropologia, os meus melhores amigos me atormentaram com objeções dizendo que eu iria prejudicar a minha reputação».

«Apesar de tudo não hesitei em prosseguir, julgando que me cabia o dever de coroar minha carreira de luta pelo progresso das idéias, lutando pela mais contestada e achincalhada idéia do século».

«Meus adversários têm, aliás, algumas boas razões. Ainda não faz muito tempo, eu pensava como êles».

«Ninguém foi mais hostil ao Espiritismo do que eu, pela educação científica e por inclinação. Mas a paixão da verdade e dos fatos averiguados venceu a minha fé científica.»

«Depois de haver sido adversário do Espiritismo ao ponto de negar tôdas as experiências e mesmo de recusar-me assistir a algumas, constatei, desde 1882, fatos psíquicos extranhos que a ciência não pode explicar senão sòmente dizendo que êles acompanham a histeria e a hipnose.»

«A objeção de que os fatos Espíritas são inexplicáveis pelas leis da fisiologia não mais era suficiente. Se bem que ainda hesitante, consenti, em março de 1891, assistir a uma sessão em pleno dia, a sós com Eusapia Palladino, e, vendo que pesados objetos se levitavam, concordei, desde então, em me preocupar com êstes fenômenos».

«Citamos os médiuns curadores, geralmente ignorantes em Medicina, mas que obtem curas notáveis. Vi uma senhora, médium, conseguir a melhora, por alguns meses, com massagens apropriadas, de um doente que atingira o último grau do tabes».

«Há fenômenos que à influência do médium se mistura outra influência, admitida desde épocas remotas, aquela dos defuntos, os quais manifestam, provisoriamente, ao contato ou a custa do médium, quase tôdas as funções dos seres vivos, se bem que não tenham senão um corpo fluídico».

«Os fantasmas de crianças tem os gestos e a linguagem infantís. Mas, se a morte é antiga, eles falam e agem como homens, prova que o inconsciente do médium ou dos assistentes não tomou parte nessas comunicações».

«Quando um médium, em transe, fala chinês ou polinésico, em presença de pessoas que ignoram essas línguas, não se pode recorrer ao inconsciente, pois que êste não pode elaborar conhecimentos adquiridos que, neste caso, não existem com nenhum dos assistentes».

E' o caso de perguntar aos «surdos» e «cegos» materialistas, ou sectários: Quereis sepultar os fatos espíritas com os ossos do grande sábio veronês desaparecido para que as vossas teorias, vácuas e infantís possam ser sustentadas em honra à vossa crassa ignorância? Ou, por serem permeados de uma furiosa maldade, quereis espremer ainda o enfêrmo raciocínio silogístico para tirar premissas «sofísticas» e *dogmáticas* para sair e fazer sair os outros das próprias responsabilidades para com DEUS? A vós a resposta!

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 – 4.° andar – Sala 2 e 3
Caixa Postal 4921 – SÃO PAULO – Das 8 ás 19,30 hs.

Uma Experiência Concludente

Arnaldo S. Thiago

NÃO somos filiados à igreja, pelo que não nos apegamos às missas e a outras análogas cerimônias ritualísticas, mediante às quais se pretende ir à conquista, sempre, nêsses têrmos, muito duvidosa, das bemaventuranças celestiais; mas nem por isso deixamos de ser verdadeiros amigos dos nossos irmãos, frades ou crentes, que militam nas hostes da igreja, desta respeitando as atitudes que à verdade e à justiça correspondam, de acôrdo com a parcela de bom conceito que pode a razão nossa, livre e bem intencionada, alcançar, quando as vistas alçamos para o infinito das alturas, onde infinitos aspectos da Verdade há ainda, e sempre haverá, certamente, por nós, e pelos semelhantes nossos, ignorados, pois que a Verdade absoluta sòmente Deus poderá conhecer.

A igreja tem-se comportado sàbiamente em suas últimas atitudes assumidas perante a arrogância científica de certos materialistas, que sòmente os faz inchar de orgulho, ao passo que se quisessem ter um pouco de humildade evangélica, muito mais eficientes se lhes tornariam as conquistas no campo da ciência.

Recentemente, a propósito do vôo dêsse primeiro astronauta russo, que a imprensa comunista procurou celebrar como demonstração do absurdo da fé religiosa e de quanto é sensato o ateísmo *(sic)* declarou a igreja, pela voz autorizada da emissôra do Vaticano, «que a existência de Deus não depende das alturas, nem da vertiginosa velocidade dos vôos do homem, o qual sòmente pode voar num Cosmos já criado por Deus», aduzindo mais: «A fé não foi afetada pela prioridade do regimen soviético ateu, com a remessa do primeiro homem ao espaço. A investigação científica e o êxito técnico não constituem privilégio e monopólio dos crentes: — são prerrogativas da inteligência e frutos do esfôrço do homem, bem vital que Deus, generosamente, dá a qualquer homem», acrescentando, mui sensatamente: «Deus também ajuda aos ateus, mas o progresso técnico não se identifica com o progresso humano». Mas, certamente!

Êsses preciosos informes constam do «Jornal do Comércio» de 19 de abril último. Anteriormente, isto é, em 13 de janeiro do corrente ano, a propósito das notáveis experiências no campo da genética, levadas a efeito por três cientistas italianos, informava o mesmo jornal, em telegrama de Roma, da UPI, que «o especialista em genética, professor Luidi Gedda, que também é uma destacada figura católica, declarou que os experimentos em *tubos de ensaio*, sôbre inseminação artificial, *não levam em conta as características espirituais da pessoa humana»*, acrescentando que «a igreja católica é contrária à inseminação artificial em qualquer forma que se faça. Já em 1956 o extinto Papa Pio XII condenou-a, qualificando-a de «mal intrínseco» que viola as leis da natureza e da moralidade».

A igreja está com a plenitude da razão, em tôdas estas suas dignas atitudes.

Interessa-nos sobremaneira essa oportuna manifestação da igreja, porquanto o assunto a que se refere é do mais lídimo interêsse, também, da Filosofia Espírita que, a propósito, vê nìtidamente confirmados os seus princípios, no que se acha perfeitamente de acôrdo com a Teologia, conforme acabámos de verificar.

A *experiência de valor no campo da genética*, para conservar o sub-título que deu a êsse IMPORTANTE ENSAIO CIENTÍFICO NA ITÁLIA, o Jornal do Comércio, em sua edição de 13 de janeiro, citada, foi a seguinte, conforme informação procedente de Bolonha para a UPI: «Um membro de um grupo de cientistas italianos afirmou hoje que êle e seus colegas fertilizaram um óvulo humano fora do corpo e desenvolveram-no durante 29 dias, para destruí-lo depois. A experiência, que se disse haver sido a primeira de tal índole, pela duração e por se tratar de ser humano, foi anunciada esta manhã pelo diário local «Paese Sera».

Dos depoimentos publicados por êsse jornal consta, entre outras coisas, que a experiência foi realizada pelo professor Daniele Petrucci, pela Dr.ª Laura de Paoli e pelo Dr. Raffaele Bernabero; que «a característica interessante é que a experiência pôde prolongar-se por 29 dias, durante os quais se pôde determinar com exatidão como o espermatozoide penetra no óvulo e fertiliza-o», e que «a informação do *Paese Sera* dizia que no vigéssimo nono dia o embrião começou *a desenvolver-se claramente ao monstruoso* e sugeria que intervieram *prejuizos religiosos.*»

Por fim a notícia declara que «a Dr.ª De Paoli afirmou que êsse não era o caso e disse: «Não é correto falar de monstruosidade. O que observamos foi uma divisão do óvulo que possìvelmente era precursora da *deterioração de todo o conjunto.* Por isso suspendemo-la, mas não foi por motivos ou escrúpulos religiosos».

Na edição de 4 de fevereiro último, ainda é o Jornal do Comércio que, em telegrama de Paris, informa: «Não tentamos criar a vida artificialmente, mas apenas tentamos estudá-la,—declarou, na tarde de ontem, o professor Daniele Petrucci, que se tornou famoso, em pouco tempo, após as suas experiências a respeito da fecundação fora do corpo humano».

Eis aí no que consistiu a célebre experiência. Quaisquer raciocínios que possam sôbre a mesma ser feitos e quaisquer deduções que seja possível delas tirar—isso é do domínio da ciência —e até lá não podemos chegar, dada a nossa condição de simples jornalista. Mas, o que desejamos acentuar é a clareza meridiana com que essa experiência veio confirmar, em suas conseqüências, o que a respeito deixou acentuado o professor Geley, um dos mais notáveis pesquisadores dos fenômenos espíritas, num dos seus mais interessantes livros, qual seja *Éssai de Revue Génerale et de Interprétation Sintétique du Spiritisme.*

À página 15 dêsse oportuníssimo livro, já em sua 3.ª edição revista e ampliada, no capítulo intitulado *Le Périsprit,* eis o que deixou escrito êsse pesquisador atento e arguto, que foi o Dr. Gustave Geley:

«Il sert (le périsprit) de moule, de substratum organique pour toutes nouvelles encarnations. En se condensant, dans l'embrion, il groupe dans l'ordre donnée les molécules matériels et assure le développement normal de l'organisme. Sans le périsprit, le résultat de la fécondation se traduirait par une tumeur informe».

(Serve o perispírito de molde, de substratum orgânico para tôdas as novas encarnações. Condensando-se, no embrião, agrupa na ordem dada as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. *Sem o perispírito, o resultado da fecundação se traduziria por um tumor informe).*

Grifámos o último período para mostrar a perfeita identidade do resultado obtido, em sua recente experiência, pelos cientistas italianos, com o que teòricamente prefixara o insigne Dr. Geley, aliás inteiramente de acôrdo com as conclusões da Doutrina Espírita.

Se aquêles sábios conheciam ou não os princípios desta grande ciência sôbre o perispírito e a sua indispensável influência na formação do nosso arcabouço material, é o que de maneira alguma precisamos estabelecer para certificar-nos da evidência em questão: o que podemos, sim, afirmar é que a experiência por êles realizada, veio confirmar de modo categórico um dos admiráveis princípios científicos do Espiritismo.

Muitas conquistas hodiernas da Ciência, bem o sabem todos os pesquisadores que não se escravizam a *partipris* algum, têm vindo confirmar êsses princípios.

Infelizmente para a humanidade, para a conquista da paz e da harmonia entre os homens, a nossa Doutrina sofre o impacto violento e contumaz dos preconceitos científicos e religiosos, firmados nas malversações do materialismo ou de conceitos anacrônicos e completamente inúteis à causa do progresso.

As conseqüências dessa falta de senso perante a verdade; dêsse apêgo às esterioridades brilhantes, estão se fazendo sentir, também, violentamente, na intranquilidade cada vez maior em que vivem os povos; na animosidade que se agrava entre as maiores nações do globo, tudo pressagiando dias calamitosos para a humanidade, mais calamitosos ainda do que aquêles que se desenrolaram entre 1914 a 1918 e 1939 a 1945 e dos quais ficaram resíduos de ódios e de desentendimentos, que talvez tenham de conduzir o planêta à tremenda angústia apocalíptica, se um elemento de ordem divina, inconcebível pela mente dos homens, não descer dos céus sôbre a terra, para superar os desequilíbrios suscitados pelas paixões, pelos mesquinhos interêsses materiais dos homens, impondo-lhes maneira de se comportarem, compulsòriamente, que a suavidade democrática, perturbada pelos sofismas e pelas tremendas hipocrisias da política sem ideal, ainda lhes não conseguiu comunicar.

Deus tenha misericórdia da espécie humana, livrando-nos de novas hecatombes !

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— VIII —

Vencida essa primeira etapa de exegese bíblica poderíamos prosseguir separando as noções científicas contidas no Genesis, da parte histórica mesclada de lenda, que nêle se contém. Não pode, entretanto, ser o nosso propósito proceder a essa análise exegética de tôda a Bíblia, mas apenas mostrar o processo que devem adotar para entender as sagradas letras todos os que não se deixam levar por um ânimo demolidor de tudo que se encontra na Bíblia, livro que, apesar dêles, servirá perenemente ao estudo da história da humanidade e de como foi se desenvolvendo a capacidade da espécie para o conhecimento das coisas santas, que é o em que consiste a ciência constantemente bafejada pela inspiração divina, sem a qual perde-se ela nos meandros obscuros do orgulho e resulta em desmoronamentos de civilizações, desaparecimento de povos da face da terra... até que chegue o dia grande do Senhor, em que os homens, conscientes de seus luminosos destinos, se irmanem para que haja paz e felicidade na Terra.

Podemos, portanto, deixar ao critério dos nossos irmãos, a cujo conhecimento possa chegar esta norma de exegese bíblica, o cuidado de desenvolver similares raciocínios filosóficos para a boa interpretação de todo o Genesis, deleitando-se, ao mesmo tempo, o espírito na suave e ingênua explanação dos capítulos : Como Deus criou a mulher, Tentação de Eva e queda do homem, O nascimento de Caim, Abel e Seth, O primeiro homicídio, A genealogia de Seth, A corrupção geral do gênero humano, Deus anuncia o dilúvio a Noé, Noé e sua família entram na arca, O dilúvio, Noé solta um corvo e depois uma pomba, Noé e sua família saem da arca, O pacto que Deus fez com Noé, Noé planta uma vinha, Os descendentes de Noé, Tôda a terra com uma mesma língua. A confusão das línguas, Deus chama Abrão e lhe faz promessas, Abrão desce ao Egito, Abrão volta do Egito, Abrão e Lot separam-se, Lot é levado cativo, Melquizedec abençoa Abrão, Deus anima Abrão e promete-lhe um filho, Deus faz um pacto com Abrão, Hagar é dada por mulher a Abrão, Deus muda o nome de Abrão, Deus muda o nome de Sarai, A instituição da circuncisão, Aparecem três anjos a Abrahão, Deus anuncia a destruição de Sodoma e Gomorra, Abrahão intercede com Deus pelos homens, Lot recebe os dois anjos em sua casa, A destruição de Sodoma e Gomorra, Abrahão nega que Sara é sua mulher, O nascimento de Isaac, O despedimento de Hagar e Ismael, Abimelech faz um pacto com Abraão, Deus manda Abrahão matar seu filho Isaac, A morte de Sara, Abrahão manda seu servo buscar uma mulher para Isaac, O encontro de Rebeca, Rebeca consente em casar com Isaac, Abrahão casa com Ketura e tem filhos dela, etc., etc., até *A morte de José.*

Em grande parte é, como se vê, o Gênesis a narração histórica do de senvolvimento do povo hebreu, entre os demais povos da terra. Nada aí existe de surpreendente e absurdo e que possa enternecer o espírito humano. O que há, muito pelo contrário, é um grande número de noções filosóficas, obscurecidas pela letra e que ao entendimento humilde dos homens religiosos pode levar inusitados clarões, para lhes proporcionar o conhecimento de muita coisa que escapa à pesquiza rigidamente científica, despojada dos elementares preceitos da humildade que devemos ter diante de Deus...

Ao Gênesis segue-se o *ÊXODO*, segundo livro de Moisés, em que se descreve o aumento prodigioso do povo hebreu entre os de raça egípcia; o excesso de trabalho a que foram submetidos os hebreus, além das perseguições que lhes eram inflingidas e o aparecimento de um libertador que, realmente por inspiração divina, como em outros muitos povos tem acontecido, pôde levá-los à conquista de outras terras, onde implantaram o seu domínio, nelas desenvolvendo-se como nação.

A grandeza do Êxodo culmina incontestavelmente na prescrição dos dez Mandamentos da Lei de Deus, que é feita ao povo hebreu, depois de quarenta anos de inauditas provações que lhe propiciaram melhor experiência da vida, pela sublime inspiração messiânica de Moisés:

I — «Eu *sou* o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

II — Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança *do* que *há* em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas àguas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás: porque eu, o Senhor teu Deus, *sou* Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta *geração* daqueles que me aborrecem, E faço misericórdia em milhares, ao que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.

III — Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

IV — Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra, Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem a tua besta, nem o teu estrangeiro, que *está* dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor dos céus e a terra, o mar e tudo que nêles *há* e ao sétimo dia descançou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.

V — Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

VI — Não matarás. VII — Não adulterarás. VIII — Não furtarás. IX — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. X — Não cubiçarás a casa do teu próximo, não cubiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo».

Eis o dez Mandamentos, em que culmina a missão de Moisés, como veremos a seguir.

Philemon

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	400,00	Ano de	1949	cr$	220,00	Ano de	1955	cr$.	250,00
» »	1929	»	400,00	» »	1950	»	250,00	» »	1956	»	250,00
» »	1946	»	250,00	» »	1951	»	250,00	» »	1957	»	250,00
				» »	1952	»	250,00	» »	1958	»	250,00
» »	1947	»	250,00	» »	1953	»	250,00	» »	1959	»	250,00
» »	1948	»	250,00	» »	1954	»	250,00	» »	1960	»	250,00

Crônica Estrangeira

O GRANDE MÉDIUM CURADOR NICHOLAS TRIANTAPHYLLIDES

«Estudos Psíquicos»

O seu nome parecerá difícil de pronunciar aos nossos ouvidos. Mas na Grécia, Nicholas Triantaphyllides quer dizer «cura». Em Atenas atingiu bem merecida fama como «espírito salvador» em conseqüência das curas dramáticas que resultaram do seu tratamento, sempre gratuíto.

A sua história começa realmente aos 10 anos de idade, como êle afirma ao recordar o seu desejo instintivo de curar doentes.

Em qualquer sítio que Nicholas encontrasse um enfêrmo, as suas mãos erguiam-se nessa direção. A dádiva salvadora estava neste gesto, mas até encontrar uma ocupação permanente foi-lhe difícil praticar, se bem que jamais recusasse ajudar os casos que se lhe deparassem.

Um dos seus êxitos como médium curador aconteceu com sua própria espôsa, a qual, após haver desenvolvido os seus dotes de clarividente, o ajuda nos diagnósticos e na cura a distância.

Ouviu uma voz

Nicholas é um clariaudiente. Há cinco anos ouviu uma voz dizer-lhe :

— Porque não curas tua mãe ?

Começou o tratamento e em dois dias ela restabeleceu-se completamente. Durante 4 mêses sofrera de uma enfermidade que os médicos não chegaram a classificar, suspeitando até de cancro.

A cura rápida de sua mãe resolveu Nicholas devotar todo o seu tempo livre a tratamentos. Às vêzes os resultados são espontâneos ; outras vêzes é necessário um período de tratamento, como no caso da cura à distância na pessoa de um moço de 18 anos, afetado de epilepsia, que demorou dois mêses. Mas, em compensação, uma mulher que sofria de artrite reumática foi curada imediatamente. Estava paralítica há muitos anos e por isso as suas costas rígidas tornavam os movimentos quase impossíveis. Depois do primeiro tratamento a distância pôde sair do leito e fazer todo o seu trabalho doméstico !

— Agora já não necessita mais de usar o seu espartilho especial — disse-lhe o médium.

Nervosamente a mulher discordou, mas Nicholas tinha sido inspirado a dar-lhe esta ordem e se ela a não cumprisse voluntàriamente outro médium teria de procurar-se para êsse fim.

A previdência justifica-se

Uns dias mais tarde a mulher subiu a uma mesa resvalou e ela caiu, agarrada à lâmpada.

Quando se levantou descobriu que o corpete se desapertara, aparentemente por si próprio, rasgado de alto a baixo e justamente no sítio em que tinha sido reforçado com pano. Ainda que o acidente lhe causasse uma pequena ferida, o seu primeiro pensamento foi dirigir-se logo ao curador para lhe confirmar a prova da sua previdência.

Esta mulher, paralítica em conseqüência de uma operação cirúrgica na espinha e deformada pela artrite, é «um caso maravilhoso de cura à distância no espaço de 24 horas» — diz o nosso correspondente. E o resultado foi um sono prolongado e o término das dores que a atormentavam, apesar das injecções de morfina administradas por conselho médico.

Quase tão dramática foi a cura espontânea de outra mulher que sofria de diabetes e a tal ponto que cegara. Pois só com um tratamento à distância curou-se completamente.

Um rapaz de 12 anos que padecia de hemofilia (tendência anormal para a hemorragia) ouviu falar de Nicholas. Após uma hospitalização de mêses e de várias transfusões de sangue pediu à sua mãe que procurasse o médium, a fim de lhe pedir um tratamento à distância. E êste foi tão eficiente, que o médico deu alta ao rapaz para regressar a casa.

Quando chegou a altura da nova transfusão de sangue levaram-no de novo ao hospital. Embora já estivesse melhor, o médico insistiu por mais uma transfusão, mas o doente recusou-a, dizendo que não necessitava de mais tratamento. Queria ser tratado por Nicholas.

Um doente psíquico ?

Em vão as autoridades hospitalares tentaram demovê-lo da sua opinião, tanto mais que o dador de sangue estava à espera no hospital. Em vista da obstinada recusa do rapaz, mandaram-no para casa. Dois mêses depois soube-se que o dador de sangue era canceroso !

O nosso correspondente grego Aziza Ko-Koni inclui na lista das doenças incuráveis tratadas vitoriosamente pelo curador alguns casos de fígado, coração, intestino e afecções da espinha, tumores e formações faciais.

A cura não se limita aos humanos e Nicholas recorda vivamente um acontecimento ocorrido há 25 anos: Uma galinha estava a morrer e quando a viu, ela quase exalava o último suspiro. Nicholas levantou então automàticamente os braços e ergueu os olhos ao Alto, como num apêlo. Baixou depois as mãos sôbre a galinha—e a cura ficou provada, porque ela se levantou e começou a comer !

(*De «Two Worlds»*)

* * *

A MATERIALIZAÇÃO DE UM SACERDOTE

De «Reformador»

Jean Barbier publica em «La Revue Spirite» (Setembro-Outubro, 59) a interessante manifestação visível do Espírito de um sacerdote, narrada no livro «Aux Glaces Polaires», do Rev. P. Dussauchois (Ed. Spès, Paris).

«Em 5 de Novembro de 1870, na capela de uma missão dos Oblatos de Santa Maria Imaculada, nas proximidades do lago Caribou, no Estado canadense de Athabasca, o Padre Gasté celebrava, assistido pelo Irmão coadjutor Guillet, a missa anual pelo repouso das almas dos defuntos da congregação.

Após ter vestido os paramentos litúrgicos, êle se dirige para o altar. Neste instante, os assistentes percebem a alguns pés do altar, acima da credência, nuvens de fumaça, através das quais se desenha uma figura humana e escura. Os traços denunciam sofrimento. Sôbre o peito traz a cruz dos oblatos, e, sôbre o colo da sotaina, um pequeno adorno de pérolas brancas, à imitação do colo romano. Sòmente o Padre Gasté e o Irmão Guillet nada percebem.

A figura torna-se branca e radiante na elevação da eucaristia. Em torno da cabeça, um nimbo luminoso faz brilhar as nuvens circundantes. A visão segue todos os movimentos do sacerdote no altar.

Durante a absolvição, ela se volta para o catafalco, de frente para os assistentes, e, após a prece final, desaparece lentamente e com graça, deixando nos espectadores a impressão de uma alma grandemente reconfortada e feliz.

Todos se apressam em fazer mil perguntas ao Padre Gasté, que de nada suspeitava. O Padre abre um inquérito. Os assistentes afirmam a veracidade de suas descrições. Interrogados separadamente, suas asserções concordam perfeitamente, sem deixar dúvida alguma.

A fisionomia, os traços, o colar de pérolas, tais como foram descritos pelas testemunhas, tudo indicava tratar-se do Padre Mestre, antigo mestre dos noviços em São Bonifácio, no noroeste canadense. Fôra sob a sua direção que o Padre Gasté fêz o noviciado, mas êste ignorava estivesse êle morto.

Qual não foi a emoção do Padre Gasté quando o correio de Fevereiro de 1871 lhe trouxe a notícia do falecimento do Padre Mestre, ocorrido em Paris, no mês de Abril de 1870 !»

Trata-se, como se vê, de um fenômeno de materialização, descrito à maneira católica, com nuvens e nimbos, sendo até admissível tenham sido médiuns principais o oficiante e seu coadjutor.

* * *

Espiritismo no Brasil

Primeira Exposição do Livro Espírita em São Carlos

Vista parcial das Estantes da Exposição do Livro Espírita

Inaugurou-se dia 15 de Abril último, à rua Major J. Ignácio, edifício do antigo Cine São Paulo, a primeira exposição do Livro Espírita de São Carlos.

A comissão organizadora dêsse certame era composta dos srs.: Haymar Halli — Presidente; Dr. Antonio de Almeida Filho—Vice-Presidente; Antonio Rondon —Secretário; Paulo Doria—Tesoureiro e Dr. João Stella, Diretor de Propaganda.

Nas diversas estantes da exposição foram exibidas obras raras abrangendo os mais variados ramos do conhecimento humano.

Charles Richet, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Cesar Lombroso, Sir William Barret foram alguns dos livros em exposição, além de contar com variadíssima literatura mediúnica sobressaindo-se as obras recebidas pela psicografia de Chico Xavier.

Além dos mil exemplares expostos, manteve a Exposição uma secção de venda e divulgação do livro.

I CONGRESSO DE CEGOS ESPÍRITAS DO BRASIL

Da Comissão Organizadora, recebemos convite para participarmos do I Congresso de Cegos Espíritas do Brasil, sob os auspícios da Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille e do Grêmio Espírita «Estrêla de Belém», Congresso êsse que realizar-se-á a 18 de abril de 1962.

Referido Congresso tem por objetivo, entre outros, o de promover a confraternização de cegos espíritas bem como estabelecer as condições necessárias a entendimentos sôbre questões básicas da Doutrina e à formulação de outras que relacionem o cego e a Doutrina Espírita.

Conjuntamente ao convite, recebemos uma cópia do seu Regimento e demais prospectos, pelos quais podemos avaliar a magnitude do certame em causa — o primeiro no Brasil e no mundo, — o que resultará por certo, num dos mais eficientes e gloriosos movimentos espíritas do Brasil — a Pátria do Evangelho.

Lamentamos sinceramente. por absoluta falta de espaço em nossa revista, não podermos dar divulgação do Regimento dêsse grande empreendimento.

«A Sociedade Pró Livro Espírita em Braille é destinada a propiciar aos cegos EM TODO O PAÍS o estudo pessoal da DOUTRINA ESPÍRITA em suas próprias fontes» (Art. 1.º dos ESTATUTOS).

Tôda correspondência deverá ser enviada à SPLEB, no seu novo endereço: rua 7 de Setembro, 223/401, RIO—G B.

— Gratos pelo convite, desde já formulamos sinceros votos para o felìz êxito do referido Congresso.

EM SÃO LOURENÇO

Foi levada a efeito nessa cidade, nos dias 29 e 30 de abril e 1.º de maio últimos, a 3.ª Concentração Regional Espírita do Sul de Minas, sediado em Varginha e sob os auspícios da União Espírita Mineira.

Foi desenvolvido um bem elaborado programa de referida Concentração, tendo pronunciado conferências os conhecidos e apreciados tribunos espíritas, Deolindo Amorim e Divaldo Pereira Franco.

A Comissão promotora estava constituida pelos senhores Nelson Evaristo Alves, Antonio Modesto Negreiros, Dario Jordão e José Roque de Abreu, de S. Lourenço; Argemiro Martins Corrêa e Omar Felix, de Cambuquira; Artur Lima e Paulo Costa e Silva, de Varginha; Gil Teixeira, de Lavras; Tufy Matuk, de Caxambu e Morbelo Vendram, de Três Corações.

— Gratos pelo convite.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Abril de 1961

Às catorze horas, com a presença de número regulamentar de Conselheiros, o Presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Empossando o novo representante da Federação Espírita Piauiense, o confrade Dr. Sylvio Brito Soares, o Presidente faz um resumo da vida espiritista dêsse companheiro, evidenciando o seu grande amor à causa da Unificação, desde antes do inesquecível dia 5 de Outubro de 1949. Apresentou, em seguida, ao Conselho, uma coleção dos primeiros cinco anos de existência de «Reformador», inteiramente restaurada com celulose pura e preparada de forma a conservar-se por quatro a cinco séculos. Também apresentou uma excelente revista japonêsa, em cujas páginas 75 a 81 se encontra um resumo biográfico da vida de Allan Kardec, de autoria de Herminio de Miranda, e ilustrada com um clichê fornecido pela FEB. A Ata anterior é lida ao Conselho e aprovada.

Minas Gerais—O representante da U. E. M., Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, comunica a realização, em São Lourenço, de 29 de Abril a 1 de Maio dêste ano, da III Concentração Regional Espírita do Sul de Minas, a todos convidando para essa realização.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão anuncia a realização da Segunda Exposição de desenho, pintura e artes gráficas e a deliberação da USE de comemorar, em Outubro dêste ano, de 3 a 9, o aniversário do «AUTO DE FÉ DE BARCELONA». Propõe que se elabore uma circular, com referência às atividades da unificação da Doutrina, para ser enviada às Entidades de âmbito estadual. A solicitação é aprovada unânimemente.

Piauí — O Conselheiro Sylvio Brito Soares agradece sua escolha para o Conselho e as atenções que acabava de receber.

Rio Grande do Norte—Por comunicação do representante Conselheiro Ismael Gomes Braga, tomou o Conselho conhecimento da organização do Primeiro Congresso dos Cegos Espíritas, a realizar-se no Rio de Janeiro, G B, em Abril de 1962. O Conselho, dando entusiástico apôio à iniciativa, deliberou recomendar às Entidades Espíritas a Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille— (S.P.L.E.B.), cujo enderêço é à rua dos Araujos, 28, Tijuca—Rio de Janeiro, G B.

Às dezesseis horas, feita pelo representante do Amazonas a prece final, encerrou o Presidente a reunião.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 170,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 30,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 35,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$150,00
Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**
e na LIVRARIA BATUÍRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3761unse

No. 2-5 6

no XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1961 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Perispírito ou Corpo Astral, segundo Geley . . . . *Redação*
Autenticidade dos Evangelhos . . . *Carlos Imbassahy*
Orígem Sensória da Crença na Sobrevivência do Homem . . . . *Irmão Saulo*
Comunicado da Redação . . . . *A Redação*
O Espiritismo é a Religião . . . *Noraldino de Mello Castro*
«A Psicanálise perante a Parapsicologia» . . . . *Deolindo Amorim*
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade*
Espiritismo e Educação — Armas e métodos obsoletos . . . . *Osvaldo Requião*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 50,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 150,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 40,00.

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 230,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr $ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1961 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

O Perispírito ou Corpo Astral, segundo Geley

Por Prospero Musso
De «La Conciência»

O Perispírito tem na Doutrina Espírita uma importância capital, constitue o princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, o meio de união entre a Alma e o corpo, as condições necessárias para as relações entre o Moral e o físico.

É composto da quinta essência dos elementos combinados das relações anteriores. Evoluciona e progride com a Alma e tanto mais sutil é e tanto menos material, quanto mais elevado e perfeito é o indivíduo.

O Perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já conseguidos, sintetiza, numa palavra, o avanço do estado do ser. Serve de molécula, de molde orgânico para tôda nova encarnação, condensando-se no embrião; agrupa em uma ordem dada, moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o Perispírito, o resultado da fecundação não seria mais que um tumor informe.

O Dr. Gustavo Geley, diz: O Perispírito assegura também a sustentação do corpo e suas reparações em identica ordem durante a perpétua renovação das células. Sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns mêses.

Sem a fôrça misteriosa do Perispírito a personalidade do ser variaria constantemente em cada uma destas mudanças.

O Perispírito não está estreitamente aprisionado ao corpo do encarnado; irradia mais ou menos fora dêle, segundo sua pureza. Esta irradiação constitue o que se chama aura. Inclusive, pode às vêzes, mesmo em pouca proporção, separar-se momentâneamente do encarnado ao qual só permanece ligado por ligeiro fluido.

Neste estado de desencarnação relativa, o sêr pode tomar conhecimento de fatos ocorridos longe dêle e demonstrar que possue faculdade anormal.

Se o Perispírito leva moléculas materiais consigo, em grande número, poderá agir a grande distância e também exercer certa influência sôbre a vista ou os outros sentidos das pessoas que encontre em seu caminho; nêste caso representa exatamente o que se chama em termo espiritista, o duplo exato do seu corpo.

O Dr. Geley, diz: *A Alma.* Esta síntese compreende numerosos elementos que podem agrupar-se nas categorias:

1.º) elementos adquiridos em encarnações anteriores;

2.º) elementos adquiridos na encarnação atual.

No primeiro caso, são as recordações das personalidades passadas e o conhecimento de todos os fatos importantes das existências sucessivas.

Êsses elementos não estão na consciência normal; esquecidos na aparência, são conservados integralmente pelo Perispírito. A consciência total, isto é, o produto dos progressos realizados desde o comêço da evolução.

A Âlma : é a parte essencial da individualidade, a que constitue seu verdadeiro grau de avanço e aperfeiçoamento ; é o *eu real,* que a personalidade atual oculta mais ou menos. Tôda nova encarnação a dissimula momentâneamente, pelos elementos que leva consigo.

Da herança : A herança é dupla, física e psíquica.

A herança física é evidente e muito importante, visto que dela depende, em parte, o bom estado do instrumento orgânico (dos Pais). A herança intelectual e moral, quase sempre ausente (em absoluto).

Pelo que precede, vê-se claramente que a consciência normal de um sêr encarnado não constitue tôda sua individualidade pensante. De acôrdo com as teorias da ciência, a doutrina espírita, admite que a síntese psíquica é muito mais extensa.

A Alma compreenderia uma parte consciente e outra inconsciente, ou melhor, subconsciente ; esta última é, sem duvida, a mais importante.

Com efeito, admitindo a teoria das existências múltiplas, a parte subconsciente da Alma compreenderia uma série infinita de recordações veladas momentâmente, mas gravadas no Perispírito.

A parte subconsciente compreenderia : a consciência total, o *eu real,* produto de todos os progressos passados, e muito superior em todos os sêres avançados do que o seu *eu* aparente.

Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— II —

Vejamos o que diz a Igreja, a respeito da origem dos Evangelhos :

«O testemunho mais antigo sôbre o primeiro evangelho é uma frase de Papias que nos conservou Eusébio na sua história eclesiástica : — Mateus ordenou os ditos (tã Logia) em dialeto hebraico e cada um os traduziu como era capaz.» Sto. Irineu completa esta notícia dizendo : — O Evangelho segundo Mateus foi escrito para os judeus. Enfim Orígenes pouco depois esclarece: — Como eu recebi da tradição... primeiro foi escrito o Evangelho segundo Mateus seu autor, anteriormente publicano, ao depois se tornou apóstolo de Jesus Cristo e escreveu na língua hebraica para os judeus convertidos.»

E é só o que nos diz a fonte mais interessada ou uma das mais interessadas na demonstração do Evangelho. O testemunho mais antigo é uma frase de Papias transmitida por Eusébio. E refere-se ao Evangelho de Mateus, escrito em hebraico, de que se tem pouca notícia e de que não se conhece nenhum texto, ou de que nenhum texto autêntico se conservou, até nós.

Quanto à data, ela provém ainda de Eusébio. E êle nos diz que Mateus escreveu o Evangelho para os hebreus quando se dispunha a ir também para outros povos.

Procuremas agora descobrir quando Mateus se dispunha a ir para outros povos, e cremos que não haverá nada menos seguro do que a data dêsse lendário Evangelho.

Êsses dados se encontram no «Novo Testamento», traduzido do texto original grego pelo P. Dr. Frei Mateus Hoepers, O. P. M., Professor de Escritura no Teologado dos Franciscanos, em Petrópolis. A obra, de 1958, é editada pelas *Vozes Limitada.*

Como se vê, de acôrdo com a Editora, não podia ser mais limitada a voz no que se refere à autenticidade evangélica.

*

Diz a Grande Enciclopédia, coligida por uma sociedade de sábios, sob a direção de Berthelot:

«O valor histórico do Evangélico é fraco. Os autores eram pouco familiares com a geografia da Palestina, devendo ter vivido na costa síria. Cafarnaum não foi determinada ou o foi mediocremente. Deviam ter sido compostos em grego, entre os anos 80 e 100. João é do 2.º século. Marcos é associado aos trabalhos de Paulo, Bernabé e Pedro.

Foram produzidos pela primeira vez anonimamente; só depois de muitas edições é que lhes deram autores, dizendo-se a Boa Nova de Jesus. Atribuindo-os aos Apóstolos dava-se-lhes maior valor. E' um caso de pseudopigrafia.

Inventou-se um proto-Mateus, de côr juidaizante, que se teria depois corrigido e transformado num Mateus de côr oposta. A Escola de Tubingue não resolveu o impasse. Inventaram-se os proto, deutero, tritos.

Seu verdadeiro caráter, seu valor histórico, sua provável origem nunca tiveram uma solução firme e satisfatória.

Cada qual se supunha capaz de fazer um Evangelho superior. As diferentes edições dos Evangelhos são o produto de verdadeiras escolas teológicas.

S. Marcos deveria possuir certos elementos; quais seriam e procurar determiná-los é impossível.»

Enfim:

«Les Évangiles canoniques sont des oeuvres anonymes, dont on ne peut determiner la data et l'origine et aucunement designer les auteurs».

«Os Evangelhos canônicos são obras anônimas, não se lhes podendo determinar a data e a origem, e de forma alguma os autores».

*

Declarava Sto. Agostinho que se não fôsse a autoridade da Igreja não cria nos Evangelhos—*Ego vero evangelio non crederem, nisi me catolicoe ecclesiae commoveret auctoritas.*

*

O Abbé Loisy, em *Quelques Réflexion,* págs. 250, assegura:

«Falseia-se inteiramente o caráter das mais antigas testemunhas, quanto à origem dos Evangelhos. É êrro afirmar-se que êles são certos, precisos, tradicionais, quando, pelo contrário, não passam de hipotéticos, vagos, legendários.

Verifica-se que, na ocasião, o que se procurava era opôr os Evangelhos da Igreja à inundação *(au débordement)* das heresias gnósticas, não havendo sôbre sua proveniência senão os mais indecisos informes».

*

Salomon Reinach, em sua célebre obra *Orpheus* (1921, págs. 315) inicia o Cap. VIII sôbre as origens do Cristianismo, declarando:

«Tôda a história em seu comêço está ornada de lendas; a do Cristianismo não lhe faz excessão. Querem as Igrejas que as lendas do Cristianismo sejam história verdadeira; isto seria o mais surpreendente dos milagres».

E mais adiante:

«Se houvesse fundamento na tradição, teriamos duas testemunhas de vista dos escritos de Jesus — Mateus e João, e dois amigos íntimos de Pedro e Paulo — Marcos e Lucas.

Declara, entretanto: — A tradição da Igreja não é sustentável. Nenhum Evangelho é obra de testemunha ocular. *(Aucun Évangile n'est l'oeuvre dún témoin oculaíre.)* Para que nos convençamos basta lê-los.»

Passa o autor a provar as suas asserções e nos mostra que, salvo Papias, nenhum escritor cristão do 2.º século refere-se aos Evangelhos. S. Justino fala das *Memórias dos Apóstolos,* mas o que cita nada tem do que se encontra nos canônicos.

E conclui:

«Não tendo João valor histórico e sendo Lucas obra de 3.ª mão, restam Marcos e Mateus; mas o que nêles pode haver de sólido deriva de duas fontes perdidas, cuja autoridade ninguém nos pode garantir.

Os Evangelhos, abstração feita da autoridade da Igreja, são documentos inúteis para a vida real de Jesus. Não queremos dizer que Jesus não tenha existido, mas simplesmente que nada poderemos afirmar por falta de testemunhas que remontem sem contestação aos que o viram e ouviram.

Até aqui Reinach.

*

Em Julien Vinson *(Les Religions Actuelles*, 1888, p. 405), lemos :

«Segundo as últimas conclusões da crítica moderna, os três Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, chamados sinópticos por estarem geralmente de acôrdo, são compilações antigas, várias vêzes retocadas *(remaniées)*. O mais antigo é o de Marcos, mas sob a forma primitiva não continha a narrativa da Paixão nem os pormenores da Ascenção. Mateus foi feito com o auxílio de Marcos e uma compilação em hebreu-aramaico dos sermões e palavras de Jesus, escrito sem dúvida após a morte do Mestre, por algum discípulo. Lucas utilizou os documentos precedentes e outras tradições orais e escritas. Quanto ao Evangelho que tem o nome de João, foi composto muito tempo após a morte do filho de Zebedeu, em alguma escola oriental mística, mais ou menos contaminada de gnosticismo.»

*

Na língua inglêsa, onde é grande o respeito pelo Evangelho, nota-se a constante dúvida sôbre quem seriam seus autores e as datas em que foram escritos. Veja-se, por exemplo, T. R. Glover *(The Jesus History)* :

«Os Evangelhos não são pròpriamente biografias ; consistem em coleções de reminiscências, memórias e fragmentos que sobreviveram por muitos anos. Não são considerados documentos de 1.ª mão». **(A seguir)**

Orígem Sensória da Crença na Sobrevivência do Homem

Aparecimento dos fatos espíritas no horizonte tribal — Pesquisas de Freedom Long na Polinésia — O problema de antropomorfismo

Bozzano apoia-se especialmente nas pesquisas do antropólogo Andrew Lang e do etnólogo Max Freedom Long, realizadas entre as tribos da Polinesia, para mostrar a existência dos fenômenos espíritas no horizonte tribal. Serve-se também de outras fontes, não esquecendo os estudos de seu mestre Herbert Spencer. Andrew Lang é o autor da tese espírita da ordem mediúnica da religião, tese que lançou em seu livro «The Making of Religion». Bozzano esposa essa tese e procura esclarecê-la, confrontando-a com a tese spenceriana, na qual encontra, aliás, os germes da explicação espírita do problema.

A primeira afirmação de Bozzano é a da universidade da crença na sobrevivência. Vejamos como êle inicia o seu estudo : «Se consultamos as obras dos mais eminentes antropólogos e sociólogos, notamos que todos concordam em reconhecer que a crença na sobrevivência do espírito humano se mostra universal». Êsse fato é confirmado por varias citações textuais. A seguir, Bozzano analisa as explicações que lhe dão os sociólogos e antropólogos, para concluir pela inoperância das mesmas. Sòmente em Spencer encontra intuições seguras, que são mais tarde desenvolvidas por Lang. Êste realizou um trabalho de análise comparada dos fenômenos de mediunismo primitivo com as experiências metapsíquicas, concluindo pela realidade daqueles fenômenos, que constituem a base concreta da crença na sobrevivência.

O primeiro fato concreto a surgir no horizonte primitivo, no tocante a êsse problema, é o da existência de uma fôrça misteriosa que impregna ou imanta objetos e coisas, podendo atuar sôbre criaturas humanas. É a fôrça conhecida pelos nomes polinésicos de «mana» e «orenda». Considerada em geral como imaginária, essa fôrça produz os mais estranhos fenômenos. Bozzano lembra a resposta de Marcel Habert a Goblet D'Alviella, sôbre a natureza imaginária dessa fôrça. Dizia Habert : «Passa-me pela mente uma nuvem de dúvida. Mana e Orenda não seriam talvez concepções demasiado abstratas para podermos considerá-las o princípio de que partiram os selvagens, para chegar aos espíritos ?»

A dúvida de Habert é considerada por Bozzano «fundamental e psicologicamente» justa, uma vez que conhecemos a natureza concreta do pensamento primitivo, incapaz dos processos de abstração mental que caracterizam o homem civilizado. Mana ou Orenda não é uma fôrça imaginária, mas uma fôrça real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa fôrça primitiva corresponde ao ectoplasma de Richet, a fôrça ou substância mediúnica das experiências metapsíquicas, cuja ação foi estudada cientìficamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda. O método comparativo, seguido por Lang, oferece-nos aí o seu primeiro resultado. A imaginária fôrça dos selvagens encontra similar nas pesquisas dos sábios europeus e americanos, empenhados nos estudos espíritas e metapsíquicos.

O etnólogo Max Freedom que era também mitólogo, realizou demoradas pesquisas entre as tribos da Polinesia e particularmente das ilhas do Havaí, convivendo durante anos com os selvagens, para verificar a realidade e a natureza dessa fôrça primitiva. Conclui que os kahunas, curandeiros polinesios, consideravam a existência de três formas de Mana, ou três frequências, três voltagens dessa fôrça, à semelhança da corrente eletrica. A mais baixa voltagem correspondia à fôrça emitida pelos corpos materiais, do cristal ao organismo humano ; a voltagem média, a proveniente da mente humana ; e a voltagem superior, a proveniente de uma especie de centro espiritual da mente humana, permitindo ao homem prevêr o futuro e realizar fenômenos físicos à distancia, bem como materialização e desmaterialização de objetos.

Outra curiosa conclusão de Freedom Long é a de que os kahunas consideravam essa fôrça como susceptível de acumulação. Os curandeiros, que usavam de feitiçaria, podiam capturar espíritos inferiores que, a seu mando, faziam provisões de Mana para atuar em ocasiões oportunas. Bozzano mostra que as conclusões do etnólogo correspondem às de Andrew Lang e aos relatos e observações de numerosos outros estudiosos do assunto, bem como de viajantes e missionários que conviveram com tribos diversas, em diferentes epocas e várias regiões do globo. Por outro lado, estabelece as relações entre essa fôrça e o ectoplasma, o que também fizera Freedom Long. O segundo fato concreto de ordem espírita, do horizonte tribal, é o da existência dos próprios espíritos, também universalmente afirmada. Antropólogos e etnólogos costumam estabelecer arbitrariamente certa distância de tempo entre o aparecimento de um e outro fato. Bozzano, entretanto, rejeita essa tese, para sustentar a simultaneidade de ambos. Lembra que nenhuma pesquisa ou observação revelaram essa pretensa sucessão dos fatos, e assevera : «A verdade, pelo contrário, é que essas duas concepções aparecem sempre associadas.» Uma das provas está nas próprias conclusões de Freedom Long, onde vemos os espíritos operarem através mana, ou seja, servindo-se dessa fôrça. A coexistência das duas concepções, a da fôrça misteriosa e a dos espíritos, impõe-se também diante da multiplicidade dos fenômenos mediúnicos no meio primitivo, onde, como acentua Bozzano, a presença de «agentes espirituais» se impunha, de maneira positiva.

Vemos, assim, que as superstições dos selvagens, as suas práticas mágicas, não eram nem podiam ser de natureza abstrata, imaginária. Decorriam, como tudo na vida primitiva, de realidades positivas e de fatos concretos, conhecidos naturalmente dos selvagens, como sempre foram e são conhecidos dos homens civilizados, em tôdas as épocas e em tôdas as latitudes da terra. Sòmente nos momentos de grande refinamento intelectual, quando os homens constroem o seu mundo próprio, de abstrações mentais, e se encastelam nas suas tentativas de explicação racional das coisas, é que essas realidades passam a ser negadas, por uma reduzida elite. O materialismo é portanto uma espécie de flor de estufa, artificial, cultivada em compartimentos de vidro, que isolam a Mente da realidade complexa da natureza.

O aparecimento dêsses dois fatos espirituais no horizonte primitivo — a ação de uma fôrça misteriosa e a ação de entidades espirituais—deve ser considerado, entretanto, juntamente com o problema do antropomorfismo. De uma posição positivista, como a que Bozzano assumia, antes de se tornar espírita, êsses dois fatos se explicariam pelo próprio antropomorfismo. De uma posição espírita, entretanto, tal explicação se torna isuficiente. Porque o antropomorfismo é a caracteristica psíquica do mundo primitivo, a maneira rudimentar de interpretação da natureza pelo homem. Reduzir todo o processo da vida primitiva a esse psiquismo nascente, limitá-lo apenas à mente embrionária de criaturas semi-animais, é um simplismo que o Espiritismo rejeita.

Irmão Saulo

Comunicado da Redação

— II —

De acôrdo com o comunicado anterior, esta Redação, que em princípio vetara as publicações do dr. Osmard Andrade Faria, pelos motivos ali já expostos, aguardava os pareceres dos srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella, aos quais se acha ligado o assunto.

Favoráveis que foram para publicá-las, esta Redação, considerando as razões expostas pelos dois pareceres, assim como também ao respeito à livre opinião de colaboradores aqui efetivados, autoriza que se publique nesta Revista os referidos trabalhos. Contudo, para que os leitores pudessem seguir mais de perto os debates, as vêzes complexos, seria bem que saissem simultâneos réplica e tréplica. Entretanto, ficou na conclusão final dos últimos momentos, estabelecido que, para cada publicação do dr. Ormard, os revides dos dois colaboradores da Revista sairão em seguida no próximo exemplar, pelo que deverão aguardar os leitores.

E aqui encerramos êste comunicado, com alguns breves informes da ilustre personagem que aqui vem, na nossa própria Revista, defender os postulados materialistas. Apesar desta divergência, mesmo assim ainda considera-se honrosa sua presença.

— O dr. Osmard ocupa o honroso posto de Capitão-tenente médico do Corpo de Saúde da nossa valorosa Marinha. Ultimamente, do Rio onde se achava sediado, foi transferido para o Estado de Santa Catarina, ocupando ali o alto cargo de vice diretor do Hospital Naval de Florianópolis.

Fora da sua vida militar foi jornalista, nas imprensas falada e escrita, durante 15 anos. Em literaturas, além de trabalhos avulsos relacionando medicina e hipnose, elaborou os dois livros «Manual de Hipnose Médica e Odontológica» e «Hipnose e Letargia», que deram causa à presente polêmica.

Nessa breve nota os leitores, dêste mensário, já poderão avaliar as qualidades intelectivas do ilustre personagem, iniciando-se hoje seu primeiro trabalho em outra parte desta Revista, cuja oposição, como já é de conhecimento geral, estará sob a responsabilidade dos srs. Carlos Imbassahy e V. O. Casella.

A REDAÇÃO

* * *

Representante autorizado desta Revista na Capital
VICENTE S. NETTO
Livraria Espírita «EMMANUEL»
Rua Quintino Bocaiuva, 161 – 4.° andar – Sala 2 e 3
Caixa Postal 4921 – SÃO PAULO – Das 8 ás 19,30 hs.

O Espiritismo é a Religião

II

O que é Filosofia

7 — Para compreender-se a ordem de raciocínios que desenvolveremos, tenhamos em mente certas definições básicas.

FILOSOFIA, no sentido etmológico, significa amizade à sabedoria. No sentido geral, é a «ciência da natureza e do destino de todos os sêres.» (15). Para ilustrado patrício com real espírito de síntese, «metafísica ou filosofia propriamente dita é a ciência da natureza e do destino de todos os sêres, ou mais exatamente, é o estudo da nossa natureza e do nosso destino e da natureza dos sêres que se relacionam conosco.» (16).

Para ARISTÓTELES, o criador da Ética e da Lógica, é a «ciência do ser enquanto ser, ou dos princípios e das causas do ser e dos seus atributos essenciais. (17). E explicava o estagirita que ela, «nascida do espanto, abarca os sentidos e domina o universo.»

Para outro escritor, é «certa técnica de conjeturas do conhecimento, que estabelece o esquema do Mundo e da Vida, com o quadro de suas relações e funções.» (18).

«RAZÃO é a faculdade de descobrir e aplicar os axiomas.»

«AXIOMA é a lei geral da existência — lei que determina a existência dos sêres, contrária à qual nenhum ser pode existir.» (19).

Elucidando melhor, vejamos a seguinte definição existente no «Livro dos Espíritos» :

«A prova de Deus se encontra num AXIOMA : não há causa sem efeito. Procurai a causa de tudo que não é obra do homem e vossa RAZÃO responderá : um olhar sôbre as obras da criação mostra Deus. Negá-Lo é negar o efeito.» (20).

O Problema de Deus

ALLAN KARDEC, com o senso que lhe era peculiar, colocou no pórtico de «O Livro dos Espíritos» o problema de Deus, dizendo-O «eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente bom e justo.» (21).

Êstes atributos não são invenção espírita. Com ligeiras variações encontram-se nas religiões antigas e modernas, no estudo que se fizer do «Manavadharma» (Manu), dos Vedas, de Buda, do Zend-Avesta (Zoroastro), dos Livros Herméticos, dos Kings (China), de Fo-Hi, de Lao-Tsen, de Confuncius, do Pentateuco, do Livro de Job, dos Evangelhos (Jesus) — seremos conduzidos à existência de um Deus-único, todo-Poderoso.» (22). Outro autor afirma que «nos livros antigos da China, nos KINGS, transcritos do Imperador KANG-K, compilado por DU HALDE, da Edição de Amisterdam, (pág. 4) lê-se que «Deus não teve começo e nem terá fim. Êle é quem governa como verdadeiro Senhor, Êle é infinitamente BOM, infinitamente JUSTO; Êle ilumina, sustenta e regula tudo com suprema autoridade e SOBERANA JUSTIÇA.» (23)

A noção de Deus justo é remotíssima :

> «La idea de una deidad INJUSTA es, no sólo para el cristiano piadoso, sino también para el grego piadoso, una CONTRADICTIO IN ADJETO». (24)

8 — Igualmente, a idéia monoteista não é exclusividade das grandes religiões e de renomados filósofos.

«A noção de um Deus único, no entanto, espalha-se por tôda a parte . . . Entre os NEGRILOS, como entre BANTÚS, a idéia de um Deus SUPREMO tem um recorte fundo e um nome claro. Os observadores afirmam que o nome de Deus jamais foi blasfemado na África.» (25) Mas, é sabido que se Lhe atribuem «características humanas.» Haja vista que «o primeiro comentário crítico filosófico dos DEUSES é de XENÓFANES. Êle afirmou : «Os homens deram aos deuses a sua imagem ; assim os etíopes dizem dos deuses que êles são negros e de nariz achatado, os trácios, que êles têm olhos azuis e cabelos vermelhos. Se os leões tivessem mãos e pudessem, com as mãos, pintar e produzir obras como os homens, os leões pintariam figuras de deuses semelhantes a leões, e assim os bois e os outros animais.» (26).

9 — E' preciso, todavia, que o espírito humano, criado, evolucione e se aperfeiçôe. «Criar um ser que se aperfeiçôa por si mesmo vale muito mais do que criar um ser já perfeito, e, portanto, sem mérito.» (27) Para isso, sem dúvida, com a evolução do pensamento, desvestiremos Deus de forma antropomórfica e das variadas formas filosóficas e atingiremos a noção espírita de DEUS-PAI:

«— Pai, estou cançado de viver contigo...»

«— Não faz mal, (reflete o velho). Deixemos o rapaz quebrar a cabeça; que a sêde de aventura o leve dêste lar tranquilo. Êle vai aprender da experiência o que não quis aprender de meus conselhos. Vai comer o fruto da árvore proibida; adquirir à própria custa, nos risos e nas lágrimas, a ciência do bem e do mal.

«— O bom filho à casa torna (reflete o Pai prudente). E êle é bom, porque é meu filho. Quando... órfão de amor, olhar em redor e se ver sózinho, tenho certeza de que se lembrará de mim na sua voluntária humilhação e, arrependido do que fez, melhorado pela experiência, voltará a mim muito mais perfeito do que partiu. Meu amor de Pai aconselha-me, por conseguinte, a deixar que êle se precipite no abismo da desobediência, que sofra uma por uma as consequências de seus desvarios e anseie pelo lar paterno no atascadeiro em que submergiu. Dest'arte, êste meu pobre filho transviado regressará sedento de trabalho, de ordem e de paz, MUITO MAIS FILHO MEU DO QUE NUNCA.» (28)

Êste é o Deus que anelamos reencontrar, fazendo Justiça, espalhando AMOR, AMPARANDO E SOCORRENDO, MAS ATRAVÉS DA LÁGRIMA E DO SORRISO DA CRIATURA EM ASCENÇÃO ESPIRITUAL.

O Problema da Alma

10 — Outro problema crucial e central para as religiões é o problema da alma.

«As palavras alma e espírito derivam-se de vocábulos, que, em grego e latim, significam vento, corrente de ar, e daí, o sôpro, sôpro divino, — alma, espírito.» «O anima significa também princípio vital.» (29)

Na antiguidade, (babilônios, egípcios, gregos, etc.) a alma era considerada substância aeriforme, sôpro que, no sono, deixava provisòriamente o corpo e, na morte, largava-o para sempre.

Como se vê, êsse entendimento é, na atualidade, a teoria espírita, sem a invocação da dos hebreus.

Para ANAXÍMENES, a alma era o ar; HERÁCLITO, exalação quente; DIÓGENES, o ar-pensante ou o ar-inteligente; DEMÓCRITO e LEUCIPO —era constituido de átomos; ANAXÁGORAS, era o NOUS, que não se mistura com coisa alguma, que se movia por si mesmo; PLATÃO —era o princípio de vida, que se dividia em alma *racional*, no cérebro, alma *corajosa*, no peito, alma *apetitiva*, no ventre; ARISTÓTELES, igualmente, dividiu-a em alma *nutritiva*, (vegetais), *motora* e *sensitiva*, (vegetais) e alma *pensante*, no homem, para quem, segundo GOMPERZ, afim de entender o estagirita, «alma é a soma das propriedades que caracterizam os sêres orgânicos.» Os epicuristas e os estóicos nada inovaram, mas segundo PLÓTINO e SANTO AGOSTINHO, êste elemento proeminente na Escolástica, a alma se caracteriza pela *substancialidade* (essência divina) e *materialidade* ou *espiritualidade* e a imortalidade da alma.

Na Idade Média, ALBERTO, o GRANDE e SANTO THOMAZ conciliaram ARISTÓTELES com o CRISTIANISMO. Daí, BERTRAND RUSSEL dizer que a teologia católica é grega (estrangeira também). (30)

As três almas de ARISTÓTELES, a divina, a que morre com o corpo e a intermediária, o THYMOS — e a pensante — serão para SANTO THOMAZ apenas uma, em três diferentes estados de formação: *vegetativa* (ou embrião), que se transforma em *vegetativa* e *sensitiva*, que vem a se transformar na intelectual: «a alma que se fez homem.»

Há ainda outras concepções: LEIBNITZ, agregado de mônadas, oriundo do próprio Deus; DESCARTES — substância pensante, MALEBRANCHE — «há, por intermédio de Deus, ação da alma sôbre o corpo e do corpo sôbre a alma.»

Esta última concepção é, não há negar, a teoria espírita. Donde, se deduzir que o corpo, a matéria não peca. Peca a alma. Mas, há influência do corpo sôbre ela ? Sim, na manifestação dos instintos.

KANT não solucionou a questão. Mas, para os pragmatistas, com WILLIAM JAMES, aceitável é a teoria espírita, com a sua intercomunicação com os homens.

O Espiritismo, no entretanto, oferece solução racional, lógica, clara, evidente.

ALLAN KARDEC (no intróito do Livro dos Espíritos) define e conceitua os vocábulos *espiritual, espiritualista, espírita* e *espiritista, espiritismo*.

À falta de têrmos próprios dividiu a alma em três categorias : a *alma vital*, comum aos sêres orgânicos; a *alma intelectual*, pertencente aos animais e ao homem e a *alma espírita*, pertencente sòmente ao homem e que lhe sobrevive ao corpo, conservando a individualidade plena, que continua a amar, aprender, evolucionar, na perene reconquista da felicidade perdida, alcançada com o retôrno ao lar paterno.

A alma não é, portanto, propriedade da matéria, de que independe. (31)

Há dois elementos gerais do universo — *matéria* e *espírito*. Mais no alto, coloca-se Deus. É a trindade universal. «*Alma* ou *espírito* é o princípio inteligente do universo.» (32). A inteligência é atributo e não sinônimo. Entre a matéria e o espírito, — alma e corpo, «tem que se juntar o fluído universal, intermediário entre aquêle e êste.» (33)

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

---

15 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO, — «O Problema do Mal», pág. 1.*

16 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO, — «A Procura de Deus, pág. 120.*

17 — apud *Pe. CASTRO NERY — «A evolução do pensamento antigo», pág. 123.*

18 — *ORRIS SOARES — «Dicionário de Filosofia», pág. XIV.*

19 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — «Prova Matemática da Existência de Deus», pág. 1.*

20 — *KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 4.*

21 — *KARDEC, — «Livro dos Espíritos, n.º 13.*

22 — *LETERRE, «O Anti-Cristo Senhor do Mundo».*

23 — *LETERRE, «O Anti-Cristo Senhor do Mundo.*

24 — *HANS KELSEN, «Sociedad y Naturaleza», pág. 289.*

25 — *Pe. CASTRO NERY — obra citada, pág. 20.*

26 — *ORRIS SOARES — obra citada, pág. 331.*

27 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — «A procura de Deus», pág. 32.*

28 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO «A Procura de Deus», pág., 120.*

29 — *ORRIS SOARES — obra citada, pág. 42.*

30 — *BERTRAND RUSSEL — «História da Filosofia Ocidental», pág. 22.*

31 — *KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 25.*

32 — *KARDEC, — «Livro dos Espíritos», n.º 23.*

33 — *KARDEC, — «Livro dos Espíritos», — Vide Capítulo Espírito e Matéria.*

* * *

O perdão de Deus é a lógica resultante do arrependimento e da regeneração espiritual, para os maiores criminosos, seguidos da justa reparação.

Só um profundo arrependimento das leis divinas violadas, inscritas em nossas consciências, pode evitar as torturas do remorso e os tormentos da expiação, que flagelam as almas pecadoras e obstinadas no Mal.

DR. ANTÓNIO J. FREIRE

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— III —

O livro de Carlos Imbassahy, como já vimos, abrange a Psicanálise e a Parapsicologia. São dois campos de observação em que o Espiritismo pode projetar muita luz, especialmente quanto às conseqüências de certos fenômenos. A Psicanálise, inegàvelmente, teve o seu momento e, por isso mesmo, não deixa de ser um esfôrço científico de grande repercussão, sobretudo porque se utilizou do método experimental para estudar o psiquismo, pretendendo, com isto, sondar as angústias da alma humana, no que, aliás, quís avançar demais. Se é certo que pecou pela generalização, dando margem a que se formassem verdadeiros dogmas dentro da Ciência, como bem acentúa o livro de Imbassahy, a verdade é que contribuiu muito para que o velho problema do *inconsciente* provocasse discussões mais objetivas. Se, realmente, exagerou a influência do fator sexual, que é um dos pontos fortes de sua teoria, também não se pode dizer, de um modo radical, que Freud não tenha razão, até certo ponto, no caso, por exemplo, dos indivíduos que ainda estão quase inteiramente dominados pela matéria. É natural que nêsses indivíduos, ainda muito pouco espiritualizados, a vida puramente instintiva seja predominante, porque há mais animalidade do que reflexão, mais impulso do que discernimento, mais volúpia do que noção de equilíbrio. E não existem, sôbre a Terra, tantas e tantas personificações desta categoria humana ? A própria doutrina espírita prevê, durante a aprendizagem, através das reencarnações, os casos em que determinados tipos chegam a revelar, em suas reações, a mais crassa brutalidade. O aspecto mórbido, de fundo sexual, é uma de suas manifestações degenerativas. É preciso frisar, entretanto, que a propensão para a animalidade é uma decorrência do atraso espiritual. Foi o que a escola freudiana, infelizmente, não viu ou não pôde ver. Fazendo *tábula rasa* do elemento espiritual, como se êste não existisse ou não tivesse a mínima significação, entendeu Freud que poderia dar uma extensão cada vez maior a suas conclusões até chegar, como chegou, à hipertrofia do fator biológico. Daí, as conseqüências desnorteantes a que foram levadas algumas de suas assertivas capitais. É Carlos Imbassahy quem nô-lo mostra, e com tôda a clareza, em *A Psicanálise perante a Parapsicologia,* livro de absoluta atualidade no meio espírita.

Convém lembrar que o problema do *inconsciente,* muito antes do próprio Freud, já vinha sendo objeto de especulações filosóficas. Evidentemente, e é necessário dizê-lo, a bem da verdade histórica, foi a partir de Freud que mais se intensificou o interêsse científico por essa «profunda esfera do psiquismo». O problema, entretanto, já existia. Vem de Leibniz, entre outros, a preocupação com as percepções que escapam à memória normal. Já Bergson, o filósofo que exaltou, sobretudo, o valor da intuição, previa a necessidade da exploração do inconsciente, no início de nosso século, a fim de que se pudesse — dizia êle—*Trabalhar no sub-solo do espírito com métodos especialmente apropriados.* Desta ou daquela maneira, bem antes dos processos de Freud, já havia inquirições a respeito do inconsciente. Freud teve, portanto, diversos precursores, tanto mais quanto a Psicanálise, como todos os outros campos de investigação científica, conheceu também a sua fase de pioneirismo. Segundo Jean Filloux, os estudos do inconsciente passaram, até agora, por três etapas históricas, o que permite adotar, em linhas gerais, a seguinte classificação : *etapa metafísica, etapa hipnótica, etapa freudiana.* Vejamos, pois, seguindo as pegadas de Filloux, como se desenvolveu o pensamento científico neste terreno. Não é uma divisão rigorosa, mas apenas didática.

1.ª — *ETAPA METAFÍSICA* — Época em que alguns filósofos, sem uma terminologia adequada, especulando vagamente, tentaram explicar o inconsciente por meio de noções então em voga: o *absoluto*, a *idéia*, a *vontade*, e assim por diante. Com o nome de *absoluto* ou *idéia*, por exemplo, denominava-se uma fôrça oculta, que operava no inconsciente e não era percebida. Filiada a essa orientação teórica, surgiu em 1869 a *Filosofia do Inconsciente*, de Hartman, psicólogo alemão, dando ao inconsciente um papel a bem dizer ilimitado. O inconsciente era tudo, afinal. Foi o que se chamou o *panpsiquismo* de Hartman, assim como a doutrina de Freud iria ser chamada de *pansexualismo* pela crítica divergente. Tudo, porém, no plano abstrato, nada de positivismo. Vê-se, pois, que a noção de inconsciente começou pela Filosofia e, mais tarde, passou a ser objeto de investigação científica.

2.ª — *ETAPA HIPNÓTICA* — Fins do séc. XIX e comêço do séc. XX, quando uma equipe de psiquiatras e psicológos se decidiu a estudar fenômenos de hipnotismo, «dupla vista», telepatia e etc., provocando reações do inconsciente. Nessa etapa, sem qualquer preocupação filosófica, o que prevaleceu foi o ponto de vista médico, voltado para a terapêutica hipnótica. Foi a época da escola de Nancy e da Salpêtrière, na França, com o grupo de Charcot, Bernheim, Janet e outros especialistas. Deu-se, aí, um impulso científico apreciável, apesar de algumas interpretações confusas em relação, por exemplo, à mediunidade, escrita automática etc. Freud pertenceu a êsse grupo durante algum tempo, tendo-se afastado para tomar direção própria.

3.ª — *ETAPA FREUDIANA* — É a Psicanálise pròpriamente dita, na primeira década de nosso século. Daí por diante, o *inconsciente* passa a ser um campo de experiências psicanalíticas, abrindo mais um ciclo histórico, com o sistema de Freud. (1)

Como bem assinala Filloux (2), *A ciência do inconsciente, em solidariedade com o desenvolvimento da psicologia geral, ainda nos deve levar a belos resultados. É necessário esperar.* Quanto mais o homem se conhecer a si mesmo — diz o Autor — uma vez tendo penetrado no mais profundo subterrâneo da sua alma, talvez fique mais apto para se orientar entre os caminhos que se cruzam através de seu destino. Se, a despeito de tantas contribuições novas, as tentativas de sondagens do *inconsciente* são bem antigas, a própria Psicanálise não é tão nova como se pode pensar. O nome, sim, é de criação moderna, as técnicas também são novas, em relação às idéias anteriores, mas o sentido de penetração na alma humana vem de muito longe, já passou por outros cérebros. E não há, por exemplo, um vislumbre da introspecção na velha recomendação, atribuida a Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*? Não é, porventura uma insinuação para que o homem se recolha um pouco e procure descer aos chamados «subterrâneos profundos» de sua alma? O filósofo grego bem poderia ser considerado precursor da introspecção em Psicologia.

Lembra, por exemplo, o Prof. Ar-

---

(1) — Sigmund FREUD. Nascido na Morávia no dia 6 de maio de 1856, desencarnado em 23 de setembro de 1939. Foi para a Áustria aos quatro anos de idade. Como médico, preocupado com as doenças nervosas, aliou-se a Charcot, nos fins do século passado, a fim de estudar o hipnotismo para fins terapêuticos. Vinculou-se, em 1889, à equipe de Lebault, na escola de Nancy, mas terminou dando outros rumos aos seus trabalhos, já agora com base na Psicanálise. Deixou, como é notório, considerável bagagem de obras científicas. A escola de Viena teve, inegàvelmente, muita influência, não apenas na Psicologia, mas na Medicina, na Criminologia, nas Ciências Sociais etc. FREUD recebeu o mais alto prêmio literário da Alemanha, isto é, o Prêmio Goethe. *No entanto, por ser de origem judaica, foi obrigado a emigrar, devido às perseguições aos judeus, tendo-se se fixado, por fim, na Inglaterra, que o acolheu por ocasião da última guerra mundial.*

(2)— J. C. FILLOUX — L'Inconscient *(Presses Universitaires de France) 1950.*

tur Ramos, antropólogo brasileiro, que a concepção de *Id, Ego* e *Super-Ego,* da Psicanálise, — já encontra analogias entre os antigos gregos e latinos : *A doutrina dos sete princípios do homem é uma doutrina universal entre os antigos (os egípcios, os cabalistas medievais etc.) As três almas e a distinção entre o consciente e o inconsciente vamos também encontrar entre gregos e latinos, onde a psicanálise estabelece analogias com a divisão do Id, do Ego e do Super-Ego.* (3) A idéia não é, portanto, original, mas os têrmos técnicos e a sistematização, indiscutivelmente, são de Freud. E' ainda mais curioso verificar que, no período da *Renascença,* um homem de grande saber para o seu tempo, e que se chamou Francisco Sanches, uma das maiores cerebrações de Portugal quinhentista, já pensava em têrmos de Psicanálise, com antecedência de quase quatro séculos. Francisco Sanches era médico português, um revolucionário em medicina, uma cultura muito acima de sua época e de seu meio. Um dêsses espíritos que reencarnam, sem dúvida, com a missão de rasgar novos horizontes à inteligência humana...

Baseado em pesquisas, feitas em Portugal, pelo escritor Diamantino Martins, o Professor Evaristo de Morais Filho, jurista e escritor brasileiro, mostra que já existiam, na obra de Francisco Sanches, apesar de tão recuada no tempo, *afirmações precursoras de Freud.* Já naquele tempo, quando o mundo acabava de sair da Idade Média, Francisco Sanches apontava nos sonhos — como diz o Prof. Evaristo de Morais Filho — *a realização de certos impulsos ou desejos não realizados em estado de vigília, além de lhe atribuir outras causas físicas, provenientes do próprio organismo e do ambiente onde se encontra a pessoa.* (4) Sanches previu também a medicina psicossomática. Era, como se vê, um homem cuja clarividência científica ia muito além das fronteiras de tempo e de espaço. Referindo-se a êste ponto, na obra de Sanches, comenta, ainda, o Prof. Evaristo de Morais Filho, no trabalho já citado : *Muitos são os trechos de Sanches neste sentido, em «De longitudine e breviate vitae», que o colocam, sem exagêro nem falsos entusiasmos, como precursor da moderna medicina psicossomática, que enxerga no indivíduo um todo inteiriço, psicofísico, em que a vida corpórea e a vida mental funcionam como partes inseparáveis de um mesmo todo ; daí, muitas vêzes males de índole fisiológica, cujas origens residem num distúrbio da personalidade (emoção, angústia, ansiedade, paixão, dúvidas etc.).* (O uso do latim, especialmente nos trabalhos científicos, era corrente na época ; daí, os títulos latinos na obra de Sanches. Havia, até, o luxo de teses escritas em latim (!) quando os doutores medievais faziam provas de sapiência nas velhas Universidades...) O que se vê, aí, é que as cogitações de Sanches, quanto aos impulsos e desejos não realizados, correspondem exatamente à moderna Psicanálise, quando fala em recalques e frustações. Do mesmo modo, a sua concepção médica, muito avançada para a época em que se projetou, vem ao encontro da medicina *psicossomática,* que é, certamente, a corrente médica que mais se aproxima do Espiritismo, no dizer do Dr. Túllio Chaves, porque se apoia nas relações entre o físico e o psíquico. (5)

---

(3)— Artur RAMOS — Introdução à Psicologia Social, 2.ª *ed. Rio de Janeiro.*

(4) — Evaristo de MORAIS FILHO — Francisco Sanches e a Renascença Portuguêsa — *Edição do Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 1953.*

(5) — Parece-nos muito justo acrescentar que o Dr. Túllio Saboya Chaves, médico brasileiro (homeopata), formado na Suiça, é. atualmente, um dos ardentes propulsores da medicina psicossomática *no Brasil e já tem obras publicadas nêste sentido. É Professor catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (antiga Escola Hanemaniana), como também faz parte do Corpo de Professôres do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, onde vem dando a sua colaboração, desinteressadamente, para servir à causa da cultura. Era materialista e, hoje, é espírita. Foi durante uma de suas aulas no Instituto que fêz a afirmação de que a* medicina psicossomática *é a doutrina médica que mais se aproxima do Espiritismo.*

Se Freud, realmente, não foi o criador de tudo o que existe na Psicanálise, porquanto já havia um lastro de idéias a respeito de certos aspectos do psiquismo, como dos sonhos etc., e Eugène Nus chegou a dizer que *a filosofia do inconsciente nos conduz naturalmente à grande metafísica indu, da qual é filha degenerada* (6), também é verdade que a escola de Viena deu novos rumos à experimentação, elaborou uma sistematização, que ainda não existia, e atraiu discípulos dos mais ilustres no mundo científico. Isto não impede, é claro, que a Psicanálise tenha pontos vulneráveis, e dos mais evidentes, notadamente quando pretende dogmatizar sôbre fenômenos mediúnicos ou dar solução a problemas que escapam às previsões de seus esquemas. É o que vem demonstrar, em boa hora, o livro de Carlos Imbassahy, cujas réplicas aos discípulos de Freud têm, além de tudo, a grande vantagem de pôr em foco, mais uma vez, a consistência das teses espíritas. Até parece que alguns partidários incondicionais de Freud querem ser mais realistas de que o mestre e, por isso, investem contra o Espiritismo. Leia-se, por exemplo, êste trecho, do livro de Imbassahy : *Os estudiosos da doutrina de Freud, com raríssimas exceções, afirmam que os espíritas se deixam levar pela mistificação dos médiuns, entretanto que se pudessem compreender a Psicanálise, iriam achar no subconsciente a suposta manifestação dos Espíritos.* (págs. 58/59). Freud, sem dúvida, tinha um ideal, mas não o realizou satisfatòriamente, porque a Psicanálise não conseguiu chegar aonde pretendia o seu sistematizador. Se, de fato, pretendeu desvendar certos aspectos do psiquismo, não pôde, nem poderia, pelos seus processos, penetrar em tôda a intimidade da alma humana. Havia, nêle, porém, o lado compreensível da fé na vitória de suas idéias. Veja-se, a própósito, o que disse o próprio Freud, já na velhice, em carta dirigida ao escritor brasileiro Medeiros e Albuquerque, em 1921. (É de supôr-se que tenha sido Medeiros de Albuquerque o único intelectual brasileiro que se correspondeu diretamente com o fundador da Psicanálise). Entre outras coisas, dizia Freud, na carta que escreveu a Medeiros : «*É uma idéia agradável e confortadora, pensar que as palavras que a gente atira pelo mundo afora, se, às vêzes, são mal compreendidas e depreciadas pelos que nos cercam, despertam um interêsse simpático em pessoas que estão separadas de nós por terras e mares, por diferenças de raça e de língua. Isso nos eleva acima das restrições mesquinhas e pessoais e nos faz sentir o poder do pensamento e de tôdas as coisas que servem para unir os homens. Sinto-me feliz quando recebo uma carta como a sua. Embora não tenha perdido a esperança, nem ficado cheio de despeito, enquanto vivi isolado, agora que estou velho (66 anos), tenho ainda o prazer de ver em países estrangeiros se interessarem pelas minhas pesquisas.*»

A carta de Freud (7) revela a fé, que êle tinha, nas teses que sustentava.

Convém notar, entretanto, que, muito antes do advento da Psicanálise, já o Espiritismo se preocupava com uma série de fenômenos inerentes à regressão da memória, às «alterações da personalidade», reminiscências etc. Enquanto, porém, o Espiritismo procurou ampliar a visão dêsses fenômenos, interpretando-os à luz de outros critérios, baseados na supremacia da alma e na reencarnação, sem o que a idéia do *inconsciente* ficaria no ar, a Psicanálise quís reduzí-los a categorias puramente fisiológicas, dando predominância aos instintos.

Se, portanto, a Psicanálise não inovou, a não ser quanto aos processos, também a Parapsicologia, que está indo muito mais longe, ainda não trouxe, até agora, uma contribuição capaz de ultrapassar a extensão do Espiritismo. Quem lê, cuidadosamente, *A Psicanálise Perante a Parapsicologia,* sente que a dou-

---

(6) Eugène NUS A la Recherche des Dentinées.

(7) — Segundo uma crônica publicada no Correio da Manhã *de 8 de março de 61 (secção de Literatura), a carta de Freud a Medeiros e Albuquerque saiu em primeira mão no «Mundo Literário» de junho 1922, «com algumas impropriedades de tradução», corrigidas no trecho acima, divulgado naquela edição do* Correio.

trina espírita está firmada sôbre bases muito sólidas e, por isso mesmo, nem a Psicanálise, nem a Parapsicologia, nem quaisquer outras escolas poderiam deslocá-la do terreno em que se acha, apesar de tôdas as nomenclaturas específicas. O livro de Carlos Imbassahy levanta questões que ainda não haviam sido debatidas em nosso meio. É justo reconhecer, com tôda a honestidade, que a Parapsicologia está realizando um trabalho muito proveitoso, no campo universitário. Foi, entretanto, depois de 1930, que o Prof. Rhine, nos Estados Unidos, marcou a etapa inicial dêsses estudos, apesar da reação negativa de não poucos cientistas. Não se pense que foi fácil vencer a prevenção acadêmica contra o debate franco sôbre os fenômenos chamados paranormais ou *êxtra-sensoriais*. Rhine foi precedido de uma equipe de pioneiros, com Mac Dougall à frente (8), mas encontrou muita objeção, no próprio ambiente universitário. O que é preciso, agora, é ver até onde já foi a Parapsicologia e verificar, em confronto, em que ela pode oferecer elementos para confirmar teses básicas do Espiritismo. Deixemos êste ponto para a conclusão, no próximo artigo.

Deolindo Amorim

---

(8) J. B. RHINE — A brief introduction to Parapsychology *(Duque University, U. S. A.)*

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

Em números passados desta Revista publicou o Sr. V. O. Casella, contra conceitos por mim emitidos num livro de divulgação científica, críticas que julguei mal apoiadas. Devo agora ao alto e esclarecido espírito jornalístico do Sr. A. Watson Campêlo a oportunidade de defender-me pelas páginas da mesma publicação. Não poderia deixar passar sem reparo a nobreza dessa atitude. Como jornalista que também sou, sei como é difícil encontrar, num opositor, gestos de tal lhaneza e cavalheirismo. Que fique o registro. E sobretudo, que não se esqueça tal exemplo!

I – Em cena o sr. Casella

Jamais pensei que um dia viesse a escrever sôbre espiritismo numa revista divulgadora de assuntos ligados ao espiritismo. Porque não sou espírita. Nem mesmo católico. E mais: perfilho a opinião de Mark Twain para quem «assuntos de religião eu não discuto; isso importaria em falar no céu e no inferno, e eu tenho amigos nos dois lugares». Se o espiritismo, como doutrina filosófica é uma ciência — assim muitos o querem —, creio não poder desligar da doutrina espírita o seu lado religioso, já que importa, pela base, na aceitação de uma entidade suprema e divina. — Eis-me, porém, aqui!

E devo essa oportunidade ao Sr. V. O. Casella a quem — impossível seria negá-lo — me sinto agradecido.

Escrevi em 1958 um livro de divulgação científica sôbre a hipnose, livro destinado exclusivamente aos médicos e dentistas. Em linguagem médica. Não o escrevi para os espíritas. Nem para os padres. Nem para os budistas. Ali me limitei a estudar o fenômeno hipnótico à luz dos mais recentes conhecimentos fisiológicos ligados ao funcionamento do sistema nervoso superior, explicando — ou pelo menos tentando encontrar uma explicação — para o mecanismo da inibição hipnótica, já que tudo aquilo que se divulgava sôbre a mesma estava eivado de noções empíricas, abstratas e destituidas de qualquer fundamento fisiológico.

Um dos capítulos do citado livro (Manual de Hipnose Médica e Odontológica) faz referência ao espiritismo. Não ao espiritismo-doutrina; não ao espiritismo-filosofia; não ao espiritismo-crença; não ao espiritismo-conduta. Mas à natureza mesma do fenômeno espírita. E está lá, para quem quiser ler, a ressalva que, de início, fizemos a êsse respeito: — «Não entraremos aqui — muito longe de nós tal intenção — no mérito religioso da prática da invocação dos chamados *espíritos*, senão apenas cuidaremos de examinar a realidade do considerado fenômeno mediúnico à luz dos conhecimentos hipnóticos». E mais adiante reiterávamos: —«Não vá nessas palavras qualquer acusação à lealdade e à sinceridade dos manifestantes. Absolutamente. Somos daqueles que ACREDITAM FIRMEMENTE NA REALIDADE CONCRETA DO FENÔMENO DA POSSESSÃO. Com a mesma firmeza de convicção com que aceitamos o fenômeno hipnótico. Já que um e outro são a mesma coisa».

Êste era o ponto básico da tese que nos propúnhamos a defender. A de que o fenômeno espírita existe realmente. A interpretação é que é outra.

Vai daí, aparece em cena o sr. Casella!

Consegue um exemplar do meu livro. Interessa-se pelo assunto. Nota-lhe, no índice, um capítulo sôbre espiritismo, doutrina que, está-se a ver, o entusiasma e fascina. Devora o capítulo. E — ai de mim! — engasga-se com uma de minhas frases: — «Ali (nos centros espíritas) se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem AO TIPO DÉBIL, DESIQUILIBRADO, INSTÁVEL, com predominância histérica ou neurótica».

Consulta rápida e febrilmente, o Sr. Casella, o «Pequeno Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguêsa». E lá está, implacável em sua muda expressão semântica, o seguinte: — «*Desequilibrado*: — *que, ou que* não está em equilíbrio; OU o que perdeu o equilíbrio MENTAL».

A palavra «mental» provoca-lhe uma justa e incontida revolta. A tal ponto que lhe escurece a vista para a conjunção «ou» que aparece pouco antes. *Desequilibra-se*, em sua serenidade, o Sr. Casella. E escreve uma série de artigos para a «Revista Internacional do Espiritismo» acusando-me de ter chamado aos espíritas . . . de débeis mentais.

E quando — esclarecido por mim que foi — vê-se pilhado em seu ingênuo engano, defende-se voltando a insistir na mesma tecla quando informa: — «. . . . o têrmo desiquilibrado, quando desacompanhado de qualquer especificação, por si só deixa subentendido que se refere a desequilíbrio mental». Porque, Sr. Casella?

E mais adiante: — «O têrmo desequilibrado não é uma propriedade exclusiva sôbre (sic) reflexologia, assim como também não os são (sic) os outros dois ao seu lado — débil e instável — possuindo todos êles outros sentidos no quadro clínico da Psiquiatria».

E não satisfeito: — «Assim, lògicamente, o leitor DEMASIADO ATENTO no sentido geral do tema poderá, na passagem daquele tópico, ser colhido de SURPRÊSA, desapercebendo-se do verdadeiro significado do têrmo, cuja confusão, quando acontece, inclina-se para o lado do que muito se escreveu naquele capítulo sôbre Espiritismo e ALIENAÇÃO, e não pela forma indicada na sua defesa.»

Vejam a insistência do Sr. Casella em ligar minhas palavras a mental, psiquiatria, alienação, etc. E percebam ainda que o sr. Casella não foi um leitor *demasiado atento*, pois se o fôsse, teria, lendo o livro desde o princípio, aprendido o verdadeiro significado do têrmo desiquilibrado em reflexologia, evitando assim de ser colhido de surprêsa.

Pretendia o meu ilustre opositor que, a cada vez que eu incluisse a palavra «desequilibrado», fizesse-a acompanhar de uma *especificação*. Já imaginaram os que me acompanham agora, o que aconteceria a um autor qualquer que fôsse obrigado, quando escrevesse UM LIVRO DE MEDICINA, a incluir após cada têrmo técnico, entre parênteses, a sua tradução? Que lhes parece a lógica do Sr. Casella?

Depois disso o Sr. Casella alinha uma série não pequena de testemunhos de valor que afirmam, com a fôrça da autoridade que seus nomes lhes emprestam, que os espíritas não são débeis mentais. Como se eu algum dia houvesse dito isso. E receioso de que a pequenez de um só artigo não bastasse para profligar a minha ousadia, extende-se por mais três outros números da revista, já aí analisando-me cruelmente, inclusive naqueles tópicos que escrevi não diretamente ligados ao Espiritismo. E entrando em assuntos outros, de extrema complexidade para nós ambos — creio que mais para êle que para mim —, como a relação de inversão da causalidade (que, se discutida profundamente acabará por nos arrastar para os perigosos caminhos da relatividade einsteniana e dos mundos da energia-matéria e da não-matéria), os fundamentos da teoria atômica de Rutherford, já, pràticamente, posta de lado há tanto tempo (sabia disso sr. Casella ?) e que nos obrigará a discutir problemas de fissão nuclear, que desmentem quase tudo o que o Sr. Casella sabe e discute sôbre átomos. E outras coisas que tal. E é pena que eu não tenha tempo, nem esta revista, espaço, para que eu possa discutir com o Sr. Casella, tão interessantes e transcendentais aspectos dos problemas ligados à físico-química e à psicofísica.

Ainda no seu primeiro artigo, dá-me o ilustre escritor uma lição sôbre modalidades de espiritismo doutrinário, conforme aprendeu em Kardec e Charles Richet, e pelas quais ficamos sabendo — aqui, eu mais que êle — que há dois tipos principais dêle, um praticado desordenadamente, o dito das práticas mediúnicas livres, e outro doutrinàriamente — estudado até por sábios — e no qual as práticas médiúnicas também são admitidas, porém, racionalmente. Não entendi muito bem a distinção. Ou não foi a exposição muito clara ou a dúvida se deve à minha natural ignorância no assunto. Assunto, diga-se, que jamais me interessou. O que discuto, Sr. Casella, não é a doutrina espírita e sim a natureza fenomênica da incorporação espírita. Que o Sr. acedite em espìritos, Sr. Casella, acho isso muito natural. Nenhum demérito, aliás. Não há tanta gente da mais alta categoria intelectual que acredita em Deus ? E nos arcanos de astrologia ? E nas linhas da mão ? E nas predições da pitonisa ? Eu mesmo, Sr. Casella, acredito ainda em Papai Noel. Pois para mim, *até o obstrato é concreto*. Desde que materialize através o pensamento. Como radiação eletromagnética que é. *Comprovadamente*, Sr. Casella, já que o Sr. alega que eu não me refiro a provas. Há provas fundamentais que o pensamento é radiação material. Aquilo no que o Sr. pensa, existe, não apenas enquanto é pensamento, mas daí em diante. Concretisa-se. Materializa-se. E se a revelação de tais fatos lhe perturba o raciocínio, esteja tranquilo que voltarei ao assunto mais adiante. Por enquanto, apenas, não pense que seja matéria tão sòmente aquilo que é visto ou tocado. As ondas radiofônicas de natureza eletromagnética, também são matéria. O Raio X é matéria e lhe atravessa o corpo sem que o Sr. o sinta ou veja. Uma coisa concreta atravessando por dentro de outra coisa concreta. Acredita nisso, Sr. Casella ? Vejo que agora o meu nobre opositor se sente mais confortado por acreditar em espíritos e já não me condena tanto por confessar minha crença em Papai Noel. E em Sacy-Pererê. E até no Barão de Munckausen. Mas voltaremos ao assunto.

Discutindo, ainda no primeiro artigo, embora ao de leve, acontecimentos da órbita parapsicológica (e isso nada tem a ver com espiritismo, magia, almas e quaisquer outrás extrematerialidades), inclusive com citação de trabalhos de J. B. Rhine, invoca o Sr. Casella o problema das «mensagens» recebidas por pessoas cujo grau de cultura não lhes permiti apreender notícias em outras línguas. E aduz que quando o teor de tais mensagens ultrapassa os conhecimentos do paciente, o bom senso indica que a causa está fora do seu grau mental de intelectividade. E pergunta como se pode compreender, pela hipnose, que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente, os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem ? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando assim os postulados da psicologia ?, continua perguntando o Sr. Casella. Para logo depois estranhar quando eu me desdigo ao afirmar que uma pessoa só pode ser hipnotizada na própria língua que fala.

Em primeiro lugar, caro amigo, o problema a que o Sr. se refere — o de recebimento de «mensagens» — não é um fenômeno tìpicamente hipnótico. Na verdade nada tem a ver com hipnose, embora possa ser obtido através a hipnose. E' diferente. Em sequência, nada disso fere os postulados da psicologia, pois não é psicologia. E' parapsicologia. E' «*extra-sensorial perception*». E' diferente. E por fim, que tem a ver tudo isso com a linguagem usada na indução hipnótica ? E' muito diferente.

Tão diferente que o assunto não se exgota aqui. Como os leitores desta revista, que o leram mas não a mim, por intermédio do meu livro, não se podem situar verdadeiramente dentro do problema que o Sr. Casella provocou com seus artigos, se desconhecerem aquilo que realmente eu disse e escrevi, voltarei, graças à gentileza do Sr. Watson Campêlo — cuja gratidão reitero — nos próximos números desta publicação, em linguagem accessível ao grande público, sem têrmos que permitam dubiedade de interpretação ao Sr. Casella. E conversaremos então sôbre assuntos ligados às possessões demonológicas, a algumas noções sôbre o que sejam reflexos condicionados, sôbre o que se entende por tipos nervosos desequilibrados, instáveis e débeis (com perdão da má palavra, Sr. Casella !), sôbre o que é hipnose, sôbre como a hipnose se aplica à explicação da fenomenologia espírita, e finalmente sôbre algumas das principais e desconhecidas funções cerebrais, principalmente, a telepatia, o recebimento de «mensagens», parapsicologia, etc. Tudo isso, evidentemente, em resumo. Sem qualquer intenção de mudar-lhes a convicção doutrinária, filosófica ou religiosa. Mas apenas para deixar clara, diante dos leitores da «Revista Internacional do Espiritismo» a minha verdadeira posição, tão mal compreendida pelo Sr. Casella, a quem agora, solicito, respeitosamente, que deixe o procênio.

A seguir : «Santos e Demônios»

—

Nota da REDAÇÃO : — O artigo acima do dr. Osmard, como outros que se seguem, são completamente contrários à nossa orientação doutrinária. Como se trata, porém, de réplica a artigos publicados nesta Revista, e não só por questão de honestidade literária, como respeito à liberdade de consciência e dos direitos alheios, damos publicidade aos referidos artigos, de acôrdo com o que esclarece, nosso «Comunicado da Redação», em outra parte desta Revista.

Fazemos esta declaração para que os leitores não estranhem, nas nossas colunas, a inserção de artigos não espiritualistas.

* * *

Espiritismo e Educação

Armas e métodos obsoletos

Osvaldo Requião

— *Quem não fizer a 1.ª Comunhão até o dia 16 . . . vai para o inferno !*

Êste foi um dos eloqüentes pormenores da aula de ensino religioso ministrado, há poucos dias, por um zeloso missionário às crianças de uma das nossas escolas públicas. Quer dizer : estamos ainda em plena Idade Média. Tinham, ou não, sobradas razões os signatários daquele veemente ofício mandado ao Senado Federal pelo Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, advertindo que a adoção do *Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* significaria fazer regredir a educação brasileira à época em que Galileu fôra compelido a abjurar, de joelho, diante do fantasma da Escolástica ?

Com efeito, que esperar ainda de uma organização que prossegue valendo-se, numa era de trepidante liberdade da mente, das armas do terror e da intimidação, em suas campanhas de proselitismo exclusivista e particularizante ? Que esperar ainda dos que usam de uma linguagem superada, de uma didática sediça, de uma metodologia de «salvados-de-incêndio», e na mesma época em que um apóstolo da estatura de um PIETRO UBALDI se faz intérprete do Alto e diz : *«Eu quero que o iquilíbrio, violado pela vossa maldade, se restabeleça por meio do Amor, e não por meio do castigo.»* (*Mensagem do Perdão,* 1931) ? . . .

Pode parecer incrível, mas aconteceu . . .

Mais uma vez, convenço-me de estar absolutamente certo em não querer que tal tipo de ensino religioso seja ministrado a meus filhos ; seria crime consentir que lhes envenenassem as almas com essa ricínica beberagem, quando êles podem sorver o doce e puro vinho da Verdade que flui diretamente do genuíno odre do Evangelho do Cristo, o suave néctar da *Parábola do Filho Pródigo*, o generoso falerno do *Sermão da Montanha*, palavra eterna dada ao mundo e a tôdas as criaturas, e não apenas a um «ghetto» religioso particular.

Como seria possível que Jesus nos tivesse vindo libertar do monopólio abusivo do mosaismo, para nos escravizar, novamente, ao jugo de outra impiedosa escravidão ? Afinal, de que nos teria vindo redimir, se a mente pode ser assim manipulada por tão farisaicos interêsses ?

Esta luta «à outrance» contra o contrôle estatal do ensino, esta anacrônica ânsia de monopólio, esta insaciável sêde de predomínio — vem de longe, vem de priscas eras, de um tempo em que as mentes e as vontades se amoldavam sob o diapasão do capricho sectarista daquela *ditadura do espírito* de que a Renascença nos libertou, e perdeu, de há muito, sua razão de ser, se é que teve alguma, e faz fôrça por ressuscitar, nos nossos dias. Em vão, porém. Os tempos mudaram. Tudo mudou. Loucura será tentar o restabelecimento do sinistro reinado da fórmula «perinde ac cadaver», que transformou a religião num grotesco e sombrio espetáculo de «marionettes».

Os objetivos e intuitos dos que se aforçuram por controlar o ensino religioso nas escolas, como trampolim para outras ascendências e incursões, não são segrêdos para ninguém. Nem os interessados imediatos fazem disso segrêdo. Basta ler-se a encíclica *«Educação cristã da Mocidade»*, de Pio XI (1928). Segundo ela, a educação cabe à Igreja. O Estado é um indébito intrometido, e precisa de ser alijado. A educação lhe cabe, a ela, é-lhe da inarredável e incondicional competência, *«em razão de um duplo título na ordem sobrenatural, conferido exclusivamente a ela* POR DEUS EM PESSOA; *absolutamente superior, portanto, a qualquer outro título na ordem natural» (in* PAUL BLANSHARD: *Liberdade Americana e Poderio Católico* — União Cultural Editôra Ltda, São Paulo, 1954, pág. 80)...

Embora pouca gente, neste libérrimo século de plena liberdade de crença e de opinião, se deixe ainda impressionar por essa «conversa mole» e, mesmo, poucos, entre os próprios católicos, dêem «bola» para tão inverossível pretensão — a verdade, reconheço-o lealmente, é que ela faz massa em certas mentalidades ingênuas e tem, realmente, ajudado a Igreja a fingir que não perde, dia a dia, terreno, e muito mais agora quando o Comunismo se constituiu a sua dor-de-cabeça n.º 1. E tudo resultado lógico e indisfarçável de seu permanente divòrcio com o progresso e ruinoso menosprêso aos imperativos e realidades da História, que obedece ao telefinalismo divino; e êste ignora as manobras e meneios dos que julgam poder fazer a História, mas são, ao contrário, envolvidos nos seus transcendentes e imponderáveis vórtices...

Ninguém, nenhuma fôrça, daqui ou de Cima, a convencerá — tal a sua obstinada confiança naquela miragem do *«duplo título,.. conferido por Deus em pessoa»* — de que não lhe é ainda possível restabelecer seu rançoso absolutismo da Idade Média, quando coroava e depunha os reis, e cujos frutos são tão nossos conhecidos. Mas, nem mesmo na Espanha ou no Eire, onde, servilmente ajudada pelo poder temporal, mantém uma Inquisição-Mirim, será isso exeqüível. Podiamos, de barato, deixá-la de mãos sôltas, não fôra o irremediável prejuizo que envolvesse alguns inocentes. Nada conseguiria. Seus magros triunfos são apenas temporários, pois a maré montante das conquistas humanas dêste século significa algo que não seria prudente ignorar. PAPINI, em luminoso e interjecional passo de suas *Cartas do Papa Celestino VI aos Homens*, p. 67-68, disse o bastante para ouvidos experientes...

— *Quem não fizer a 1.ª Comunhão até o dia 16... vai para o Inferno!*

Que armas! que métodos! que esquemas de proselitismo!

A entidade que se pavoneia de seus *dezenove séculos* de existência só tem para oferecer à mocidade do século da eletrônica e da teoria da relatividade êsse esmarrido e azêdo fruto?... Esqueceu-se, não há dúvida, de que o veículo do progresso é agora propelido a jato, e não arrastado, como outrora, pelas tardas juntas-de-boi do escolasticismo...

Com o profeta da *era do espírito*, com PIETRO UBALDI, arrematamos:

«A fase do terror está superada. A obediência à Lei não se pode mais conseguir por seu intermédio, próprio apenas do involuído e irracional. Aquêle que desperta no espírito, como será o iminente novo tipo biológico humano, SÓ SABE OBEDECER POR CONVICÇÃO E COMPREENSÃO», *(Deus e o Universo,* pág. 260).

Feira de Santana, Bahia, junho de 1961

Crônica Estrangeira

A PROPÓSITO DA DESCOBERTA DE UM CONCÊRTO DE SCHUMANN

De «Reformador» — *Suzanne Bruneau*

Os grandes diários parisienses, alguns anos antes da última guerra, relataram o seguinte fato: a descoberta de um concêrto de Schumann, que estava perdido, e que, no entanto, foi miraculosamente encontrado graças a uma comunicação espírita.

Quase que nessa mesma época testemunhei com uma amiga de pensão, a Sra. V., um fato semelhante, em Flers-de-l'Orne. É que acabara ela de perder seu pai e desejava então oferecer à sua genitora, no dia de seu aniversário, o retrato ampliado que um amador tirara do desaparecido, havia bem pouco tempo, quando se encontrava seu pai junto a um grupo de amigos. Era a única fotografia recente, mas, como encontrá-la? Minha amiga revirou caixas e gavetas, procurando-a em vão.

Sugeri, certa noite, recorrêssemos à prancheta. O Sr. V., muito céptico no tocante a êsse assunto, sem cerimônia alguma zombou de nós. Sua hilaridade redobrou quando a prancheta ditou estas palavras: «No sótão.» — «Que belo gracejo!», obtemperou êle. A prancheta volta a dizer: «Sim, no sótão, no álbum», e por três vêzes repetiu a mesma frase. Logo se iniciou uma discussão. O Sr. V, fêz ver ser isso uma coisa impossível, pois que êsse álbum, sendo seu, álbum de quando era ainda jovem, não podia nêle ser encontrada a fotografia. Tive a intuição de que a indicação era exata, pelo que convidei a todos irmos ao sótão. O álbum empoeirado foi retirado da caixa em que dormia desde muitos anos, e então começámos a folheá-lo. O Sr. V. exultava, mas repentinamente sua fisionomia mudou... da última página retirava eu a foto e o fiz com ares de triunfo. Quem a depositara lá? Mistério. Em face dessa prova tão evidente da intervenção supra-terrena, o Sr. V., não obstante seu cepticismo e ser um espírito forte, irredutível, empalideceu de emoção, sem que pudesse articular uma só palavra, e, depois dessa noite memorável, suas idéias mudaram completamente.

Poderia citar ainda numerosos fatos, mas o que se segue é o mais probante. Quero dizer apenas o que me levou ao Espiritismo.

Contava vinte anos e acabara de perder uma irmã de dezesseis, Madalena, de quem eu gostava muito. Alguns mêses antes de sua partida, conversávamos sôbre o depois da morte. Jamais ouvira falar de Espiritismo, mas estava persuadida de que a vida continuava além do túmulo. Fiz então a promessa de dar-lhe uma prova de minha sobrevivência, caso viesse a morrer primeiro, prova essa que consistia em dar três pancadas, por exemplo. Madalena fez-me idêntica promessa.

Em Outubro de 1914 morreu essa minha irmã. Encontrava-me, nesse momento, em um pequeno país, substituindo um professor que fôra mobilizado. Retornei a casa quinze dias após o decesso dela. *«E' estranho*—disse-me outra de minhas irmãs —, *há vários noites escuto pancadas na parede.»* Precisamente nesse instante em que ela pronunciava tais palavras, três pancadas de sonoridade especial, argentina, se fizeram ouvir muito nitidamente. *Não* *havia dúvida, Madalena cumprira sua promessa.*

De volta ao meu posto, li em velha ilustração o relato de uma peça de Victorien Sardou: *Espiritismo.* Procurei adquiri-la, mas sua edição estava esgotada e não fora reeditada. Indaguei onde poderia encontrar obras espíritas; deram-me o endereço de certa livraria em París. Encomendei as obras fundamentais de Allan Kardec, e, logo, ao lêlas, senti que a Verdade estava com elas e não alhures. Experimentei uma felicidade indizivel; tentada há muitos anos pelo mistério da morte, pareciame agora que reencontrava um bem perdido, que um véu fôra levantado, que estas crenças espíritas me eram familiares, e adquiri assim a certeza do Além luminoso, a coragem necessária para continuar no caminho terrestre, tão árido por vêzes.

(Traduzido de «La Revue Spirite», Julho-Agosto de 1958.)

* * *

A CANETA QUE ESCREVE...

De «Estudos Psíquicos»

O Século de 17 de novembro inseriu o seguinte telegrama da *France Presse :*

«Londres, 16—O semanário «Sunday Pictorial» conta hoje um curioso caso de espiritismo. A sr.ª Grace Rosher, pintora londrina bastante conhecida, escreve perguntas ao noivo Gordon Burdick, canadiano, falecido pouco depois da segunda guerra mundial. Escritas as perguntas, a caneta escreve sòzinha as respostas, bastando que a sr.ª Rosher acompanhe a caneta com a mão, a pouca distância. O namoro da sr.ª Rosher durou quase trinta anos e o noivo morreu uma semana antes do casamento. O «Sunday Pictorial» publica uma reportagem a êste respeito com fotografias impressionantes da caneta a escrever sem ninguém a segurá-la. A sr.ª Rosher afirma que nunca se dedicou ao Espiritismo.»

Êste comunicado saiu na primeira página do diário português circundado a filete vermelho, prova do alto conceito em que foi tido pela redação.

A imprensa moderna vai-se habituando à fenomenologia espírita, não obstante a teimosia de muitos que lhe querem barrar o caminho. Melhor fôra, porém, aceitar os fatos, do que desvirtuá-los ou fazer em tôrno dêles a conspiração do silêncio. Que a verdade ninguém a pode adulterar eternamente, sobretudo quando o seu conhecimento é necessário à evolução humana. No entanto há sempre indivíduos ou classes que tentam impedir o brilho de uma idéia, mesmo que dela emane benefício moral ou social. São os bem instalados na vida, aferrados a tradições que o progresso vai desvanecendo em holocausto à justiça que se deve a todos.

Com o Espiritismo dá-se um caso bem curioso. Quanto mais o combatem, mais cresce e se avigora nos que sofrem por êle, que o mesmo é dizer, que trabalham para o bem do próximo.

O Século foi sempre infenso à propaganda espírita. Não perdia um só momento de achincalhar e de zombar de coisas sérias e demasiado transcedentes para a mentalidade dos seus, aliás, cultos articulistas. Hoje parece que mudou. Novos tempos, novos costumes. Mas não há incoerência nessa atitude. Há bom senso.

Felicitamos o grande jornal português e fazemos votos para que haja ecletismo verdadeiro em suas páginas, como houve, de fato, em tempos que já lá vão.

* * *

UMA VOZ DO ALÉM

Todos aquêles que tem estado à cabeceira dum moribundo, e ouviram suas últimas palavras, nos afirmam que o homem, muitas vêzes, em seus últimos momentos, no pórtico do Além, tem uma percepção nítida de sua futura existência, uma impressão da realidade desta, e, em muitos casos, êle faz uma incursão nesse Além, antes de deixar difinitivamente sua vida terrestre.

Eis um testemunho do médico Dr. F. A. Kraft.

Durante meus trinta anos de exercício de medicina-cirúrgica eu vi morrer centenas de pessoas em casas particulares e hospitais, pessoas de tôdas as condições e pude observar seus derradeiros momentos.

Eu estou autorizado a dizer que, no mínimo uma quarta parte dos moribundos mostravam uma expressão exaltada, e na maioria, pessoas pacíficas e sóbrias, abriam os olhos e lábios para comunicar às pessoas presentes suas sensações espírituaiistas.

Eu tomei nota de muitas dessas comunicações, seguidamente repetidas. Eis aqui algumas :

> Oh ! é esplêndido. E' Belo ! Cara mãe, estás aqui. Como eu me sinto bem. Porque não me vieste buscar mais cedo ? Como isto é agradável, eu não sofro mais.
>
> Como sois belos. Que lindas flores ! Então não estaveis mortos ?

Um soldado da grande guerra morreu em 1920, no hospital. Dez minutos antes de exalar o último suspiro, exclamou :

> «Como, Henrique e Carlos, vós estais aqui ! Entretanto nós fomos prêsos juntos e vós pareceis tão belos e fortes ! — Eu, eu estou doente há mais de dois anos. — Oh ! sim, ficai aqui. — E você, Emma, também você está aqui ? Não se afaste, eu vou imediatamente. — Como isto é belo, e claro ! »

Em quase todos os casos, os moribundos reveem membros de suas famílias e amigos que as precederam, e que interrogados, dizem seus nomes.

Eis aqui um caso que me deixou profunda impressão, que observei num hospital de São Luiz.

«Um veterano da guerra civil americana, livre pensador endurecido, sem a menor propensão religiosa, estendido sôbre seu leito, esperava a sua última hora. Seu irmão morreu de velhice, quatro mêse antes, no leito vizinho.

Numa quarta-feira, o doente teve uma agitação inesperada e reclamou minha presença. Quando eu entrei às 10 horas, êle ergueu a mão e me fez sinal, chamando-me para perto dêle. Sua feição, habitualmente inquieta, irradiava felicidade : êle tornou-se comunicativo e eis o que me contou :

> «Esta madrugada, às 3 horas, eu despertei, estava imóvel, deitado, de olhos bem abertos. Repentinamente notei uma pessoa, a princípio perto do meu leito. Eu não tinha dor alguma, ao contrário, parecia-me estar em repouso benéfico. Logo me foi permitido examinar melhor essa aparição e, de súbito, reconheci nela o meu irmão James. Êle tinha tôda aparência de vida. Êle se inclinou para mim e invadiu-me indescritível impressão de bem-estar. Ao mesmo tempo, eu vi desfilar na minha memória, os mil detalhes da minha existência com meu irmão, que era meu único amigo. Êle abriu a bôca e distintamente eu ouvi sua voz como outróra : «Maxwell, disse-me êle, domingo pela manhã às 11 horas, teus sofrimentos terão fim. Eu estou vivo e tu viverás junto de mim, num novo estado de felicidade. Sê feliz e sem receio.» Depois êle desapareceu e devo dizer : eu me senti realmente feliz. Estou certo que tudo isso não é alucinação, nem efeito de remédio, porque há 15 dias não tomo remédio.
>
> Vós sabeis, doutor, como eu era incrédulo e endurecido, mas estou certo que êsse será o meu último domingo. Sinto que é chegado o meu fim aquí em baixo ; estou preparado para partir ; aquí a vida foi para mim uma longa miséria. Peço-vos, doutor, tende a bondade de vir aquí, domingo, para perto de mim, apreciarei vossa presença ao morrer.»

— No domingo eu estava ao lado de seu leito. Êle estava lúcido e a expressão de seu rosto era amável, feliz. Sua voz era bem fraca, mas ainda compreensível.

Quasi às 11 horas, êle levantou a mão direita, apontando para seu lado esquerdo e murmurou com voz inteligível : Meu caro irmão, James, como êle é bom !

Onze horas : como tinha predito, exatamente nêsse momento sua alma deixou o corpo para entrar no Além.

NOSSO REPRESENTANTE NO RIO DE JANEIRO
Antonio Pereira Guedes – Rua Haddock Lobo, 419-A – Casa 37 – Térreo – Telefone 48-1612

Espiritismo no Brasil

Roteiro Espírita de Duque de Caxias

De grande intensidade foi o mês de maio findo para os espíritas de Duque de Caxias.

No dia 7, a Associação Esp. Cairbar Schutel realizou com muito êxito nova função teatral, desta feita com o grupo do Teatro Popular Fluminense. O auditório do SESI ficou lotado para aplaudir a prata da casa com a comédia «Saudade» de Paulo Magalhães. Hoje, sabe-se que sòmente os espíritas têm capacidade para lotar um teatro em Caxias.

*

No dia 14, o C. E. Thiago Apóstolo festejou com muita alegria, o «Dia das Mães». Casa cheia, para recitais, cânticos e manifestações de fraternidade. Êxito absoluto do ativo seareiro da Doutrina que é Antanas Alexandravicius.

*

Na mesma semana, as «Damas do Bem», ativo grupo da Cruzada Esp. Discípulos de Allan Kardec, levou à sua séde, grande público para festejar seu 4.° aniversário de fundação. Levou, também, para falar, a d.ª Zaira Weingartner, notável oradora de Nova Iguaçu.

*

Por sua vez, C. E. Caminheiros de Jesus,, patrocinando a conferência do mês (que tôdas as entidades filiadas à União dos Espíritas têm o dever da realizar) proporcionou a grande número de espíritas no dia 20, a bela oração do confrade João Batista Martins.

*

O dia 25, consagrado ao 5.° aniversário da Casa de Cairbar, na mais importante cidade fluminense, contou com a presença do jornalista Antônio Pereira Guedes. Conhecido e festejado por todos os espíritas duquecaxienses, Pereira Guedes mais uma vez arrancou vibrantes aplausos ao comentar, com o brilho que lhe é peculiar, o tema «Deus e o Infinito».

O acontecimento revestiu-se de nova significação, eis que a entidade estava comemorando pela vez primeira o seu aniversário em sua séde própria.

Acompanhou o orador o jornalista Olívio Novais, do «Jornal do Comércio», do Rio, que falou na ocasião e voltará a Caxias nêste mês de junho para uma palestra patrocinada pela Assoc. Esp. Cairbar Schutel na séde da União dos Espíritas.

No curso das festividades acima, foram lembrados os aniversários de casamento do Presidente da Associação, sr. Ademar Duarte Constant, que se fazia acompanhar de sua esposa d.ª Maria Francisca Leite Constant, e o do artista Edgard de Souza, do Teatro Popular Fluminense.

*

Finalmente, dia 28, com a presença do General Amaury Pereira, — (orador oficial) — da Liga Espírita da Guanabara e das senhoras Ilva Tavares e Zaira Weingartner, além de numerosas caravanas de entidades espíritas, realizou-se a posse da nova diretoria do C. E. Thiago Apóstolo, que, na data, também festejou o seu 29.° aniversário de fundação. Cêrca de 500 pessoas compareceram, notando-se a presença do poeta José Brasil e do jovem orador Luiz Carlos. O sr. Antanas Alexandravicius entregou ao sr. Ademar Constant a direção da solenidade, que teve por abertura a prece, seguida de cânticos, recitativos e finalmente a posse dos novos eleitos. Eis a nova diretoria :

Antanas Alexandravicius, pres. ; Sylvio Américo Trinca, vice ; Zilda Pereira da Silva, 1.ª secr. ; Diva Henrique Siqueira, 2.ª secr. ; Onézio de Souza Henrique, 1.° tes. ; José dos Santos, Mello, 2.° tes. ; Conceição Santos, bibl. ; Adelino Rodrigues Chagas, proc. Apenas os dois últimos são novos nos cargos. Os demais, reeleitos, sendo que o Presidente, desde 1953.

O C. E. Thiago Apóstolo oferece, gratuitamente, cursos de datilografia, corte e costura, música e de alfabetização (primário), além de assistência médica.

Ademar Duarte Constant

Duque de Caxias — RJ
1.° de Junho de 1961.

Mocidade Espírita de S. José do Rio Prêto

Recebemos o BOLETIM N.° 1 referente à VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Rio

Grande, no Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de São José do Rio Prêto, nêste mês de Julho, devendo a mesma contar com a possível participação das seguintes cidades: Barretos, Bebedouro, Jaboticabal, Olimpia, Nova Granada, Novo Horizonte, Catanduva e São José do Rio Prêto.

Referido movimento está sendo dirigido pela Mocicida Espírita de São José do Rio Prêto, com sede à Rua Floriano Peixoto, 975, telefone 17-75, a qual, solicita, aos que desejarem comparecer à referida Concentração, avisar o número de seus representantes, afim de serem encetados, com antecedência, os trabalhos de recepção.

São os seguintes os temas a serem abordados e seus respectivos responsáveis:

São José do Rio Prêto — *O Espiritismo como Religião*; Olímpia — *O Perispírito em seus aspectos Científico e Filosófico*; Barretos — *O Espíritismo face à Criança*; Bebedouro — *Comentário das Passagens Evangélicas que comprovam a Reencarnação*; Jaboticabal — *Espiritismo e Cristianismo*; Nova Granada — *Necessidade e Justiça da Reencarnação*; Novo Horizonte — *Livre arbítrio e Determinismo*; Catanduva — *Fora da Caridade não há Salvação.*

Em próximo Boletim, será publicado o programa e a data precisa de referido conclave.

A Comissão encarregada dessa Concentração insiste para que as cidades participantes mantenham com ela assídua correspondência acêrca do programa e roteiro de referida Concentração.

Excursão de Propaganda

O nosso esforçado confrade Newton Boechat, iniciou, no dia 24 de Junho p. p., uma excursão de propaganda, cujo roteiro abrangerá as seguintes cidades:

Dia 24 de Junho, Juiz de Fora (M. G.), palestra que já foi proferida.

Dia 16 de julho, em Pinheiral (R. J.); dia 22, Bicas (M. G.), Semana Espírita; dia 23, Federação Espírita Brasileira, Dominagueira (16 horas); dia 29, Petrópolis (R. J.).

De Belo Horizonte

Recebemos convite para assistirmos o 3.º ciclo de palestras promovido pelo «*Departamento de Divulgação Evangélica*», da Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte.

Êste mês, a Campanha de Intercâmbio e Congraçamento das Entidades Espíritas, de Belo Horizonte, estará presente no «Centro Espírita Caridade e Pobreza», à rua Jaguari, 335, Bonfim, do qual é Presidente o confrade Paulino Izidoro Santos, nos dias 15, 16, e 17, às 20 horas, obedecendo ao seguinte programa:

Dia 15 — «Não se pode servir a dois Senhores», a cargo do irmão Elizeu Vilela Xavier;

Dia 16 — «Zaqueu, o Publicano», pelo confrade Honório Onofre de Abreu;

Dia 17 — «Da necessidade do Evangelho em nossa vida», pela irmã d. Maria F. Aluoto Berutto.

— Gratos pelo atencioso convite que nos foi endeçado.

Nosso representante em viagem

DANTE FERIOLI

A serviço de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», está percorrendo as cidades da Paulista, o nosso viajante-representante sr. Dante Ferioli. A seguir, entrará êle na zona Sorocabana, de Assis a Porto Epitácio.

Aos confrades residentes nas localidades compreendidas nessas zonas, solicitamos dispensar boa acolhida a êste nosso representante, facilitando assim o seu árduo trabalho pelo que, fraternalmente, agradecemos a todos.

Noticias de Uberlândia -- (MG)

Foi eleita em abril último e empossada em 1.º de maio, a diretoria da Mocidade Espírita «Allan Kardec» de Uberlândia, a qual ficou assim constituida:

Presidente, acadêmico Argemiro Evangelista Ferreira; vice, Vandir da Silva Ferreira; 1.º secr. Maurício Jacinto da Silva; 2.º, Ivone de Almeida; 1.º tes., Aurea de Paula; 2.º, Tereza Izabel dos Santos; 1.ª bibl.ª Elizabeth Bárbara Martins; 2.ª, Sirlene Lima.

As comissões técnicas serão escolhidas oportunamente.

E' digno de registro o intenso trabalho que presentemente, vêm desenvolvendo os espíritas da Cidade-Jardim, em pról da propaganda da Doutrina. Ultimamente foi criada a Aliança Municipal Espírita de Uberlândia, a qual congrega perto de dez centros espíritas, de Uberlândia e de cidades da região.

Esboça-se atualmente, no Triângulo Mineiro, um amplo movimento de unificação da Doutrina, achando-se já organizadas várias Alianças como as de: Uberlândia e Uberaba, estando em fase de organização as de: Araxá, Tupaciguara, Ituiutaba e Araguari.

A exemplo de outras cidades, será realizada em Uberlândia, de 9 a 16 de julho, a *«I Semana do Livro Espírita da Cidade-Jardim»*, sendo promotora a Mocidade Espírita «Allan Kardec» a qual conta com a cooperação das demais Mocidades Espíritas da cidade. Funcionam atualmente em Uberlândia, 6 Mocidades Espíritas.

Passamento

Domingos Ribeiro da Silva

Segundo comunicado que recebemos da Diretoria do Centro Espírita Ismael, de Três Fronteiras, desencarnou no dia 1.º de Junho p.p., êste nosso confrade, deixando esposa e dois filhos.

Domingos Ribeiro da Silva foi, em tôda a extensão da palavra, um batalhador incansável da Seara Espírita. Iniciou as suas atividades espíritas em Vila Parisi, onde militou por longos anos, dedicando o melhor dos seus esforços em pról do engrandecimento da Doutrina. De Vila Parisi passou para as fileiras espíritas de Santa Fé do Sul, onde trabalhou intensamente, ajudando, inclusive, a construção do prédio do Centro dessa cidade. Transferindo-se, tempos depois, para Três Fronteiras, ali não parou o seu denodado esfôrço de verdadeiro apóstolo, contribuindo também para a construção do Centro Espírita Ismael.

— Ao espírito do estimado confrade, desejamos paz e luz, no plano espiritual.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 6 de maio de 1961

À hora regimental, faz o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos.

Respondendo a uma consulta, o Conselho declara não ser aconselhável a realização de sessões prático-mediúnicas em penitenciárias.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino lê carta do Presidente da Federação Catarinense relatando as atividades desta nos serviços de propaganda e assistência aos necessitados e, muito especialmente, o desenvolvimento cada vez maior da Mocidade Espírita Catarinese.

AMAZONAS—O Conselheiro Luiz Montorfano noticia o crescimento promissor do movimento espírita no Amazonas, conforme carta da Federação Amazonense que dá notícia do êxito da feira de livros espíritas e do programa radiofônico pela *Rádio Baré.*

RIO DE JANEIRO — O representante da Federação Espírita do Rio de Janeiro, Conselheiro Walter Mascarenhas, relata o grande progresso de pregação da Doutrina em todo o Estado do Rio, encarecendo o serviço da mocidade nas Semanas Espíritas e Concentrações.

CEARÁ — O Conselheiro Henrique Magalhães noticia grande movimento na Federação Cearense em todos os setores, notadamente entre os moços espíritas, cujo trabalho se intensifica continuadamente.

Às dezesseis horas, após comentários referentes a vários assuntos, notadamente sôbre o serviço de Unificação, é feita pelo representante do Pará a prece final e encerrada a reunião.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesús», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 230,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.$ 40,00

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernada cr.$ 170,00 ; Brochura cr.$ 120,00

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 200,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 30,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 35,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$150,00
Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUÍRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3771unse

7

no XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Agôsto de 1961 – N.

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Prova Racional da Sobrevivência — *André Frindel*
Autenticidade dos Evangelhos . . . — *Carlos Imbassahy*
O Espiritismo é a Religião . . . . — *Noraldino de Mello Castro*
Revides aos Rebates do Dr. Osmard — *V. O. Casella*
«A Psicanálise perante a Parapsicologia» . . . . — *Deolindo Amorim*
Hipnose e Espiritismo . . . . . — *Osmard Andrade*
A Cadeira de Parapsicologia . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Serões Bíblicos . . . . — *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 260,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : Cr.$ 50,00

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernada cr.$ 200,00 ; Brochura cr.$ 140,00

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evngelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1961 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Prova Racional da Sobrevivência

André Frindel (Paris)

E' costume provar a sobrevivência invocando os fatos paranormais, isto é, os sonhos premonitórios, a telepatia, a clarividência, a psicometria, as alucinações verídicas, a *xenoglossia* e, enfim, as correspondências cruzadas. Há aí explicações subjetivas de caráter intelectual. Em todos os casos, a intervenção de um médium é necessária e, para nós espíritas, o médium é um intermediário entre inteligências do além e nós mesmos. E essas inteligências mais não podem ser que espíritos humanos desencarnados. Igualmente nos casos espontâneos, a pessoa que percebe um fato visual ou auditivo é um médium sem sabê-lo, excepcionalmente escolhido por entidades espirituais para a divulgação de suas mensagens, ou de clichés imaginados.

Mas são estas provas, *de aparição*, ao mesmo tempo material e intelectual as únicas que podem confirmar nossa certeza espiritista e fundamentar nossa convicção absoluta? Assim não pensamos. Outra evidência, não menos absoluta, pode ser obtida mediante o exame dos fenômenos de caráter biológico e físico, ou de natureza magnética. Em sua origem há uma fôrça que também provém do médium, física sem dúvida em seus efeitos, mas psíquica em sua causa. Além disso, é êsse o nome que lhe deu William Crookes. Em seus efeitos biológicos, essa fôrça mumífica tecidos vivos, mesmo à distância; em seus efeitos magnéticos e sob o vocábulo fluido, obtem melhora no estado de um enfêrmo, que algumas vêzes volta definitivamente à saúde; melhor ainda, se o estado de um paciente é suficientemente passivo, hipnotiza-o e o adormece. Em fim, quando a fôrça psíquica emana de um médium poderoso, opera uma levitação, isto é, sem contacto dos músculos, é capaz de levantar e transportar objetos pesados, à distância. Então o fenômeno toma o nome de *telekinesia*.

Para ser breve, como justamente o diz André Dumas em sua obra A Ciência da Alma: «Nêste ponto do nosso estudo, justo é afirmar que existe no ser vivente, uma forma de energia capaz de exteriorizar-se FORA do organismo físico.»

É preciso acrescentar que essa fôrça é imaterial. isto é, que vemos o efeito que produz, não se percebendo sua causa.

Muito diferente é o que sucede na manifestação da fôrça física. Esta provém do corpo humano e dá lugar a um *visível* esfôrço físico proveniente dos músculos e dos nervos do homem. Quer lancemos um balão a uma distância máxima, quer corramos ou nademos em ocasião de uma competição, estiramos os músculos ao extremo para obter o efeito mais favorável. Contràriamente à fôrça psíquica, em seus efeitos e em sua causa, é puramente material.

Isto assente, examinemos o que ocorre com essas duas fôrças no momento da desaparição definitiva do composto humano, isto é, depois da morte. Do ponto de vista físico, Wietrich declara em seu livro «O Enigma da Morte»: «Sabe-se agora, segundo as ressonantes descobertas da física, que um corpo pode desagregar-se e perder suas formas exteriores, desprendendo-se uma fôrça radioativa em seus costados. Esta radiação dos corpos radioativos não vai se perder no nada o que nenhum sentido teria. É uma metamorfose do corpo primitivo em uma outra realidade mais rica e delicada. Esta descoberta da física moderna não é de pouca importância. É abundante em conseqüências.» De um ângulo diferente, o Abade Moreau (ex-diretor do Observatório de Bourges, e, portanto, homem de ciência) escrevia: «Os átomos materiais e as fôrças que o manifestam tornam a cair na circulação do cosmo e participam das novas combinações químicas.» Acrescenta que a substância persiste e que se a forma pode mudar, permanece o sustentáculo, (a base).

Assim sucede em razão da grande *lei da conservação da energia,* energia cuja quantidade permanece constante no Universo. Nada se cria, nada se perde — diz esta lei, — tudo se transforma.

Mas, então nós expomos a pergunta. Se os átomos que compõem a fôrça física não são destruidos, porque o será à fôrça psíquica, e porque seria ela aniquilada? Nenhuma razão existe para que assim seja. Da mesma maneira, não há razões, por poucas que sejam, que a fôrça psíquica não anime e dirija, com inteligência, a matéria que constitue a fôrça física. Tanto mais ela sobrevive ao corpo quanto lhe é superior e dirige tôdas suas manifestações. De qualquer maneira ela continuará para sobreviver; compete à filosofia espiritista nô-lo explicar. Porém uma coisa é inquestionável: a inteligência, alma ou espírito, que é a fôrça psíquica que sobrevive, prossegue na sua evolução depois da morte, fora do espaço e do tempo que não mais lhe pertencem. E nós concluimos com o Abade já citado: «Com as fôrças de igual natureza ela constitue um universo a parte, que nada mais tem em comum com o que nós habitamos.»

Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— II —

(Conclusão do Capítulo II)

De Artur Findlay:

«A Igreja Cristã não tem base histórica para o que estabelece com relação a Jesus. Suas pretenções baseiam-se na tradição ou nas histórias que passaram de mão em mão, e ninguém terá a possibilidade de dizer, agora que a imprensa os registra, que estão semelhantes aos originais.» *(The Rock of Truth.* 1933).

Do mesmo autor em *Christian Religion:*

«Os livros do Novo Testamento não são documentos históricos; ninguém sabe quem os escreveu; ninguém declara ter visto os documentos originais, ninguém conhece quando foram escritos. Alguns calculam as datas de origem. porém não há nada ao certo». Id., id. p. 41,

E mais:

«Sem dúvida, a figura central do Cristianismo está envolta em incertezas, e o motivo, segundo Gibbons, é devido ao escasso e suspeito material da história eclesiástica; esta raramente nos facilita dissipar as nuvens escuras que pairam nas primeiras idades da Igreja.»

E ainda:

«O Novo Testamento, como o conhecemos, consiste de livros onde tudo é desconhecido, origem e autores. Nenhum dos livros da Bíblia é hoje o que era em sua forma original. Foram escolhidos sem exame *(incritically)* por ignorantes, cheios de superstições.

O que era simples tradição passou

a livro sagrado, inspirado por Deus, palavra por palavra, e os cristãos foram exortados a seguir todos os enganos e pias contradições.»

*

O mais de admirar é que recorrendo-se ao Dr. Davidson, autoridade bíblica, diz-nos êle que só 170 anos depois do nascimento de Jesus é que assumiu forma a coleção dos documentos cristãos e só daí em diante foram uns considerados com mais autoridade que outros. Extraíram-se arbitràriamente *(incritically)*, da tradição e gradualmente foram sendo levados à classe de documentos divinos. Os primitivos Pais, responsáveis por essa escolha, eram crédulos, imprudentes apaixonados e parciais *(were credulous and blundering, passionate and one sided.)*

O Dr. Thornburn *(The Historic Jesus)* assegura que o relato do nascimento de Jesus e outras notas que deveriam existir em Jerusalém, desapareceram sem deixar vestígio.

F. C. Conybeare *(The Historical Christ) :* — O método crítico esforça-se por destacar na tradição de Jesus o verdadeiro do falso, o fato do mito ; êle mostra que na sociedade pagã o mito interveio consideràvelmente e envolveu a pessoa do Cristo como uma grossa névoa os píncaros de um monte.

Na crítica moderna destaca-se Henri Delafosse, que escreveu um trabalho especial sôbre *Le Quatrième Êvangeli.* O autor declara estar firmado na crítica quando lhe nega qualquer valor histórico. Acentua que «as numerosas e rigorosas pesquisas a que foi sujeito nêstes 25 ou 30 anos, concluem que êle foi composto fora de qualquer preocupação histórica.» Considera-se provado, afirma Delafosse, que aquêle Evangelho não passa de uma longa ficção.

Na *Revue d'histoire et de litterature* prova-nos ou procura provar-nos, que a carta de Policarpo e de Inácio são posteriores a 150, sendo que a 2.ª é apócrifa e a 1.ª foi muito alterada. Ora, essas cartas eram documentos a favor do Evangelho.

*

O Padre Hontin *(La question biblique au XX siècle)* assegura que os cristãos de nascença negavam o valor histórico do Evangelho. Os seus correligionários posteriores deram de ombros. Hoje, porém, até a Igreja está preocupada com o assunto.

*

Interessante ainda é ouvir um escritor católico :

«Todos os Evangelhos são posteriores a S. Paulo e só no fim do 4.º século, no ano 397, graças a Santo Agostinho, chegou o Novo Testamento a ser definitivamente redigido e formado das 27 obras distintas que o constituem.»

E em nota :

«Mesmo no Evangelho de Marcos, como observa Bossuet, não temos uma biografia do Jesus histórico, mas uma série de anedotas justapostas. E eu acrescento:—justapostas arbitràriamente, ora para atender a uma intenção apologética, ora sem razão, ao acaso. Um estudo comparativo dos episódios paralelos dos três sinópticos e uma análise rigorosa do texto de cada um, conduz à inevitável conclusão de que nenhuma narrativa se acha em seu lugar histórico verdadeiramente exato. (Foi Bultmann : *Gesch der synaptischen Tradition*, Gottingen, 1921, quem realizou com maior vigor essa inquirição. Cr. M. Goguel: Jesus de Nazareth, *Mythe ou Histoire?* Paris, 1925, pág. 230 e seguintes.)

«Mesmo o pequeno esquema da vida de Jesus, que Marcos nos oferece, e ao qual a tradição cristã, na falta de outro remédio, se conformou, tem tôdas as probabilidades de não ser senão uma invencionice do redator.» (Ivan Lins, *A Idade Média,* pgs. 91).

De Will Durant :

«A tradição ortodoxa põe o Evangelho de Mateus em 1.º lugar. Irineu descreve-o como originàriamente composto em hebraico, isto é, em aramaico. Mas só chegou-nos a forma grega. E desde que aparentemente reproduz Marcos e provàvelmente também a Logia, a crítica se inclina a atribui-lo a um discípulo de Mateus, antes que ao próprio publicano.

Como Mateus, Lucas toma muita coisa de Marcos. Dos 661 versículos dos textos de Marcos, 600 são reproduzidos por Mateus e 350 por Lucas ; muitos dêles palavra por palavra. Muitas passagens Lucas as tirou de Mateus, ou Lucas e Mateus tomaram-nas de alguma fonte comum.»

*

Para melhor documentar êste esbôço, poderiamos valer-nos de várias outras citações e recorrer a diversos historiadores. Mas, em geral, baseiam-se em Renan, considerado pela crítica imparcial, como um dos maiores pesquisadores das fontes do Cristianismo, e por isto nêle nos detivemos um pouco mais.

Outros se limitaram a declarar, como Maurice Vernes, que os Evangelhos são obras anônimas e que é impossível lhes determinar as datas e os autores.

Outros me pareceram extremados, como Strauss: «Partindo de tudo o que nos é dado saber do apóstolo João, vemo-nos enveredado *sempre* num caminho que não conduz ao 4.º Evangelho; partindo do 4.º Evangelho, *temos a certeza* de *nunca* esbarrar no apóstolos João». *Nouvelle Vie de Jesus,* t. 1).

Poderiamos, ainda, ter recorrido ao opulento arquívo de Mario Cavalcanti de Melo, mas iriamos antecipar-nos a um trabalho que êle pretende editar e fomos ficando com a prata de casa.

*

Como se vê, engana-se quem supõe sermos nós quem diz alguma coisa; reportamo-nos apenas à crítica histórica. São os críticos que falam.

Diria, assim, ao primeiro amigo, que há dois mil anos os Evangelhos são tidos, não sòmente como autênticos. senão ainda que os cristãos os têm considerado como livros sagrados; há dois mil anos vêem ali a legítima palavra de Deus. Não obstante, essa crença não impediu que os homens continuamente se entrechoquem e entrematem; que a humanidade continue prêsa de vícios, de iniquidades, de desonestidades, de perversidades, de crimes de tôda a ordem. O mundo rola, é pregada a palavra de Deus, e o Gênero mantem-se vítima das paixões, que o arruinam espiritualmente e o destroem materialmente.

A julgar pelo Catecismo, o que nos espera é o Inferno e pela bomba de hidrogêneo o que nos aguarda é o aniquilamento: perda total da alma e inutilização total do corpo. Isto depois de dois mil anos de Evangelho.

Logo, caro amigo, não seria o nosso exame que iria abalar a Espécie, mesmo porque, pior do que se acha é difícil ficar.

Quanto ao 2.º dos amigos cabe-nos acentuar que apenas indicamos uma situação; que nos limitamos a declarar o que o estudo e a crítica revelam; que não há provas da autenticidade evangélica, segundo os dados existentes. Portanto, a nossa tese é esta: — que há dúvidas.

E precisamente, por não querermos que a dúvida permaneça é que declaramos que a demonstração dos ensinos de Jesus estava na revelação dos Espíritos, visto que a História Geral e particularmente a Eclesiástica não nos forneceram até agora as provas necessárias à convicção.

Mantemo-nos neutro quanto às opiniões críticas. Não avançaremos um dedo para afirmá-las ou negá-las; o que queremos é mostrar que elas existem. Logo o caso não está resolvido. Logo, as afirmativas são prematuras.

Apresentamos a questão como se acha e reafirmamos: Não somos nós quem põe em dúvida a autenticidade dos Evangelhos em geral e a do 4.º em particular, senão uma série de entendidos no assunto.

Nossa tese continua simples:—Os Evangelhos não têm a devida autoridade para se imporem àquêles que não forem crentes, e daí a necessidade das *Lições dos Espíritos*, com suas demonstrações, dentro do que conhecemos como demonstração, no caso,—o testemunho concordante e universal dos Espíritos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo é a Religião

III

O Problema da Vida Futura

11 — O problema é velho. Alcançou um **Kant**, para quem a vida futura é um postulado da razão pura. Alcançou, por outro lado, até o «inculto gabonês» para o qual a «morte não passa de uma desencarnação. Sobreviva ao naufrágio do corpo, a alma continua substancialmente a mesma, embora lhe convenha novo nome. O essencial para nós é saber que o **selvagem acredita na sobrevivência do espírito**.» (34)

O problema da vida futura, todavia, constitue mistério impenetrável para as religiões. É incógnita insolúvel, espectativa angustiante, geradora de dúvida atroz. É a incerteza dolorosa do amanhã impenetrável.

O Espiritismo, porém, sobrelevandose às demais religiões, resolveu o assunto, afirmando e provando que a morte é fenômeno transitório, mera transição de estado, simples desencarnação, como já acreditava até o inculto gabonês. E os filósofos e os religiosos não alcançaram êsse entendimento ou por orgulho ou por interêsses menos confessáveis.

O Espiritismo revelou a pluralidade dos mundos habitados, evidenciou a reencarnação como instrumento da Justiça Divina e legou a certeza da sobrevivência do espírito. Últimamente, **André Luiz** descreveu-nos a vida no além e trouxe aos homens a certeza plena de que não há hiatos na seqüência dos afetos, nem das responsabilidades e obrigações deontológicas.

E tanto a intuição dessa verdade era percebida, que até para **Sócrates** «a vida e a morte são opostos e portanto, devem crear-se mûtuamente. Segue-se que as almas dos mortos existem em alguma parte e *voltam à terra* em seu tempo devido. A afirmação de São Paulo: «a semente não reproduz senão quando morre» parece pertencer à semelhante teoria. O segundo argumento é que a *sabedoria é recordação:* **A alma deve ter existido antes do nascimento**.» (35)

A vida futura está sempre, em tôdas as épocas, em função da vida, de uma recompensa ou de um castigo, «emanado de uma autoridade sobrehumana. Esta crença na alma é o **núcleo de tôda religião e metafísica religiosa**, é em realidade uma ideologia de retribuição. É óbvio que em religiões de desenvolvimento tão avançado como a egipcia ou a cristã, o **conceito de uma alma sobrevivente** depois da morte está a serviço da idéia de retribuição na medida em que a alma é castigada pelo mal e recompensada pelo bem que o homem fez nêste mundo.» (36)

Esta mesma idéia de paz, de recompensa, de responsabilidade existe no Espiritismo.

Os Fundamentos da Religião Espírita

12 — Há, ainda, quem ataque o Espiritismo, tachando-o de herético e inconsistente, porque defende êstes postulados. A verdade é que apenas os analisa, sistematiza, divulga-os conscientemente, contribuindo para o esfôrço de redenção humana.

Mas, estudando com seriedade a doutrina, verificar-se-á que ela não inovou. Ela coordenou os princípios e tirou o véu do mistério, apresentando a verdade da sobrevivência como algo glorioso e desejável. Afastou o pavor, quando estratificou verdades sentidas, mas incompreendidas há séculos.

Para os Espíritos «Deus é a inteligência Suprema e a causa Primária de tôdas as coisas.»

Apresentaram êles uma definição nova, atual, porém muito velha. Para **Aristóteles**, o criador da «maieutica» — arte de ajudar os espíritos a criar idéias, **Deus** é a inteligência suprema, organizadora do universo. Já para **Platão**, Deus é a causa primeira de tôdas as coisas.

13 — Temos já evidenciado que são idéias básicas para as religiões — **Deus, Alma ou Espírito e Vida Futura**. São pontos fundamentais. Ora, o Espiritismo aceita e adota êstes fundamentos. Tem, assim, base sólida, alicerce indestrutível

para organizar-se como religião, não aquela que, constituida, tem sacerdotes, sacramentos, práticas exteriores. E' a religião natural, que brota do coração, toca a razão, vibra a sensibilidade; «é formada apenas pela contribuição da razão, pela especulação do pensamento filosófico.»

A Razão

14 — Para Kardec a «fé inabalável é sòmente aquela que encara a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.» (38). Já o vigoroso filósofo — Leibnitz — sustentava que «nenhuma fé pode ser real ou inteligível se não tiver a sua base na razão humana.» Léon Denis, no entretanto, assegurou que «a razão é o instrumento mais seguro que o homem recebeu de Deus para descobrir a verdade.» (40).

Há, sem dúvida, uma instituição muito clara de verdades superiores. «Tôdas as coisas que concebemos muito clara e nitidamente são verdadeiras.» (41).

A razão, porém, «é um meio que não pode produzir mais do que certo rendimento.» (42)

Enquanto a luz não se faz resplandescente, indicando-nos horizontes mais amplos, vamos dela nos servindo com ardor. Convicto, é certo, de que há de despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. (43)

A intuição é também faculdade mediúnica generalizada, que possibilita melhor assimilação das coisas latentes.

Conhecidos êstes dois pilares — a razão e a intuição — como são conhecidos no Espiritismo — as coisas se aclararão e a verdade surgirá a quem tiver olhos de ver e ouvidos de ouvir.

A verdade evangélica

14 — «Que coisa é a verdade?» (44) Eis a pergunta solene de Pilatos a Jesus, que silenciou. Há, inclusive centenas de espíritas, pregadores e escritores, que se quedam atônitos diante do silêncio impressionante.

Jesus não respondeu a Pilatos. Logo, não explicou o que é a verdade. Não a definiu. A sentença é repetida, escrita e falada, em análise perfuntória.

Jesus, no esplendor de sua glória, «antes que houvesse mundo» (45) era e é o objetivo perene das grandes conquistas e renovações interiores. O Rabi, com a serenidade bonançosa, em várias oportunidades, procurou convencer as massas de que saiu do Pai para vir ao mundo (46), anunciando-lhes o que ouviu de Deus, que «é verdadeiro». (47). Revelando o que escutou do Pai, (que é verdadeiro), (48) é claro que revela ao mundo iconoclasta a própria verdade:

«Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.» (49)

Mas, como entender o Mestre diante do seu silêncio?

«A obra de Deus está em que tenhais fé naquele que êle enviou.», (50) Cumpre-nos, pois, crer em Jesus, como enviado, aliando a fé às obras, recebendo, guardando e permanecendo na sua palavra. «Aquele que me ouve e tem fé, êste terá vida eterna.» (51). Chegará o o instante em que os mortos (os reencarnados) «ouvirão a voz do filho de Deus» e os que a «ouvirem viverão.» (52), porque assimilando-se (comendo) a substância da lição divina, viver-se-á eternamente. (53).

«O que ensino, repetia Jesus, não é Doutrina minha, mas, sim, daquele que me enviou.» (54). E diante do assombro espectante dos presentes, acrescentou categórico:

«O que vos anunciei É A VERDADE que ouvi de Deus.» (55). Concluiremos, afinal, que a obra de Deus consiste em crer no enviado e que as suas palavras e os seus ensinos são a própria Verdade, daí entender-se a afirmativa:

«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida,» ninguém vai ao Pai senão por mim.» (56).

Não basta apenas ouvir. Os fariseus também escutavam, falavam, mas não exemplificavam . . .

E' preciso viver, guardar-lhe a palavra, sentí-la em sua plenitude, para que se opere o milagre da libertação:

«Quem guardar a minha palavra, disse o Mestre, não verá a morte eternamente.» (57). Libertar-se-á, é evidente, do ciclo das reencarnações, construindo, dentro de si, o templo de Deus, que «é santo,» na expressão de Paulo aos Coríntios.

«Quem me ama, diz Jesus, guarda a minha Palavra, meu Pai o amará, e viremos a êle e faremos nÊle habitação.» (58)

. . . Suprema esperança! Supremo confôrto! E os olhos estarão iluminados... Compreenderemos como se «passa da Morte para a Vida.» (59)

Entenderemos o que é passar da vida corpórea para as maravilhas da vida espiritual. A verdade, por isso, é libertadora. Depararemos o Caminho no Amor, a Verdade na Palavra Divina e a Vida na Perfeição.

«Digo-vos a Verdade, declara Jesus. E mais adiante, deprecando ao Pai implorou: «Santifica-os para a Verdade, a Tua palavra é a Verdade.» (60). Se o conhecimento da verdade nos prepara para a vida, como encontrar o caminho? E' ainda o Rabi que equaciona o problema:

> «Amai-vos uns aos outros». «Amai-vos mútuamente como eu vos tenho amado. Nisto conhecerão todos que sois discípulos meus, em que vos ameis uns aos outros.» (61) E positivo, sustentou: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; amigos é que vos chamei, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai.» (62)

Daí, diante dêstes ensinamentos tão concordes, dêstes argumentos tão positivos concluirmos que

> «não há êrro mais grosseiro do que fazer da religião uma forma inferior do conhecimento. Em todos os povos, como em todos os momentos da história, a religião foi e será sempre a mais alta manifestação da intelectualidade: a religião é o veículo espiritual da sociedade; é o espírito regulando as suas fôrças, organizando as suas energias, introduzindo a unidade na multiplicidade, numa palavra, a Religião é o império da razão.» (63)

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

---

34 — *Pe. CASTRO NERY — «Evolução do Pensamento Antigo», pág. 17*

35 — *BERTRAND RUSSEL — «História da Filosofia Ocidental», pág. 162.*

36 — *HANS KELSEN — «Sociedad y Naturaleza» — pág. 287.*

37 — *KARDEC — «Livro dos Espíritos» — n.º 1.*

38 — *KARDEC — «Evangelho Segundo o Espiritismo».*

39 — apdo *E. SARGENT — «Bases Científicas do Espiritismo», pag. 204.*

40 — *LEON DENIS, «Cristianismo e Espiritismo», pág. 145.*

41 — *DESCARTES — «Meditações Metafísicas, pág. 48.*

42 — *P. UBALDI — «A Grande Síntese» pág. 91.*

43 — *P. UBALDI — «A Grande Síntese», pág. 19.*

44 — *Jó, XVIII-38; 45) Jó., XVII: 5; 46) Jó., XVI: 27; 47) Jó., VIII: 26 e Jó., VII: 28; 48) Jó., VIII: 41; 49) Jo., VIII: 39; 50) Jó., VI: 29; 51) Jó., V: 24; 52) Jó., V: 25; 53) Jó., VI: 58; 54) Jó., VII: 16; 55) Jó., VIII: 40; 56) Jó., XIV: 6; 57) Jó., VIII: 51: 28; 58) Jó., XIV: 23; 59) Jó., V: 25; 60) Jó., XVII: 17; 61) Jó., XIII: 34-35; XV: 12; XV: 17; 62) Jó., XV: 13-15; 63) FARIAS BRITO — «MUNDO INTERIOR», pág. 95.*

* * *

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$ 400,00	Ano de 1949	cr$ 300,00	Ano de 1955	cr$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300.00	» » 1951	» 300.00	» » 1957	» 300,00
		» » 1952	» 300.00	» » 1958	» 300,00
» » 1947	» 300.00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300.00
» » 1948	» 300,00	» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300,00

Revides aos Rebates do Dr. Osmard

I

Os nossos leitores, conforme já se acham informados pelos comunicados da Redação, de Junho e Julho passados, já estão cientes que suspendêramos nossos rebates ao «Hipnose e Letargia», em relação ao Espiritismo, para atendermos a honrosa presença do nosso ilustre opositor, dr. Osmard Andrade Faria, no nosso campo, após um ano de sua ausência, desde o nosso entrechoque do ano passado. Retornou agora para continuar contra-rebatendo os nossos rebates daquela ocasião, quando cuidávamos do seu «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», no qual dirigiu ataques ao Espiritismo.

Como já vimos, na Revista do mês último, inicia o nosso opositor com «Em cena o sr. Casella», embora, como passaremos a ver, seja êle mesmo o encenador.

É de se ver que o dr. Osmard escreveu no seu livro todo um capítulo, expondo os espíritas ao ridículo, entremeiando-os com as doenças mentais, e achou que deveriamos concordar com tôdas aquelas humilhações, porquê «não escreveu seu livro para os espíritas». E lá deixou uma ressalva de que «não vá nessas palavras qualquer acusação à lealdade e à sinceridade dos manifestantes», como se isto lhe conferisse imunidade para dirigir impactos aos adeptos de Kardec, impondo silêncio ao nosso direito de defesa.

E ainda diz que cuidou «Não do espiritismo doutrina,—filosófica,—crença, — conduta. Mas a natureza mesma do fenômeno espírita.»

Ora, como entender que cuida do fenômeno espírita, sem que inclua nisso Espiritismo ? E o que é o Espiritismo a não ser nossa doutrina, filosofia, crença e conduta ? Como se vê, o dr. Osmard se propôs a escrever no seu livro algo do que nada leu e, talvez, nem conheceu.

O nosso atacante deverá compreender que os fenômenos espíritas, assim se chamam, pelo fato de serem tais práticas mediúnicas cuidadas, entre nós, sob orientação doutrinária. Lá fora elas também existem, como fenômenos mediúnicos, praticadas no seu rudimentarismo pelos diversos grupos sincréticos, onde o fenômeno pode se entremeiar com a hipnose. Portanto, quando o dr. Osmard diz no seu livro: «centros (ou sessões) espíritas, ou kardecistas, ou do Espiritismo, está referindo-se a nós espíritas, ou seja, ao Espiritismo de Kardec, já que não há outro sem ser êste, conforme teria mal entendido em outro trabalho nosso, talvez, como diz êle, por não termos sido bem explícitos naquela exposição. O que há lá fora é o muito uso e abuso da nossa rotulagem, mas isto não ilude o observador atento que investiga o assunto através das literaturas básicas, ao invés de percorrer terreiros, macumbas e outras semelhanças de origem afro-brasileira.

E quanto ao dr. Osmard dizer que o fenômeno espírita é hipnose, ninguém impede que se restrinja nesta sua opinião pessoal. Mas se desejar passá-la para diante, terá antes que desmentir as provas de laboratório dos grandes mestres. Alardear apenas com palavras é coisa nula.

Vejamos agora a parte substancial dêsse seu primeiro contra-rebate da presente série, levando-nos a relembrar o sucedido naquele nosso entrechoque do ano passado.

Naquela ocasião, entre o que ali cuidáramos, no nosso primeiro rebate na Revista de 15-4/5-1960, o dr. Osmard logo de início deparou com um têrmo—desequilibrado—, de que não o teriamos interpretado no seu exato sentido. Imediatamente, enviou-nos um elogioso contra-rebate, que lhe prometêramos publicá-lo tão logo terminasse de sair as nossas duas continuações finais, já enviadas a Redação. E enquanto aguardava a sua vez, lendo os nossos dois outros trabalhos, conforme foram saindo, passou a conhecer melhor a nossa tese, e já teria percebido que aquela sua animada defesa, a qual julgava ser um xeque-mate, longe estava de liquidar o assunto, tal qual esperava. Assim, ao sair sua publicação, já estava alerta pelo seu insucesso, que mais se agravou com o nosso revide simultâneo.

Mas aconteceu que tendo o dr. Osmard solicitado publicação para a sua defesa, e não para a sua carta particular, separáramos aquela desta e a publicáramos com as suas minúcias, deixando então de lado a parte que se diz acessória. Mas o nosso opositor, que já estava prevenido de que não lhe iria ser fácil a luta, como julgara de início, e surpreendido pelo nosso revide, onde sustentáramos nossa acusação de que chamou os espíritas de desequilibrados mentais, achou que a sua defesa publicada sem aquela parte acessória, como nos pedira, serviria de pretexto para atirar uma cortina de fumaça para encobrir seu fracasso.

Que fez então?

Escreveu uma longa e lamentosa carta ao diretor desta Revista, acusando-nos de que tínhamos publicado «esparsos e pequenos trechos» de sua carta, como a dizer que a parte melhor não a publicáramos.

Mas foi infeliz nessa sua aventura porquê, para seu desaponto, em seguida publicáramos a sua carta completa, separando pelos grifos a sua defesa publicada e a outra parte acessória antes não publicada, onde os leitores puderam ver que aquêles «esparços e pequenos», antes publicados, eram na realidade o tudo da defesa do nosso inconformado opositor. Portanto, não seria agora com aquêles acessórios, sem valor defensivo, que iria salvar a sua inevitável derrocada. Essas verdades, que o dr. Osmard não contou nas suas queixas do mês anterior, acham-se registradas nas Revistas de agôsto e outubro do ano passado.

Depois dêste abalo, o dr. Osmard não mais apareceu, e só agora, talvez premido pela nossa denúncia na Revista de fevereiro último, e pressentindo que a sua cidadela se achava novamente em perigo pela nossa segunda série de rebates já iniciada, mas agora suspensa provisóriamente, resolveu voltar ao assunto. E volta agora procurando fazer tese daquela particularidade, a qual não invalida a nossa acusação de que chamou os espíritas de desequilibrados mentais (referimos a desequilíbrio, e não a débil... mental, conforme está no seu último contra-rebate).

E' preciso ressaltar que naquela nossa refrega inicial, a intenção do nosso opositor foi a de nos apontar aquela nossa má interpretação, daquele têrmo — desequilibrado —, mas com o objetivo de se defender, assim dizendo «Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... Mentais».

Ora, se o dr. Osmard diz que em nenhum trecho do seu livro deu essa atribuição aos espíritas, como então agora se defende sòmente em tôrno daquele têrmo, quando já lhe apontáramos outros mais ali na sua literatura, cuja interpretação também nos dá a qualidade de desequilibrados mentais? Ou o nosso opositor julga que para se dar essa atribuição a alguém seja sempre necessário tal qual se exprimir. Neste caso estaria se defendendo pelo sentido vulgar. Mas se escreveu um livro para médicos e dentistas, o assunto tem que ser discutido dentro da ciência médica psiquiátrica. Em Psiquiatria a expressão—desequilíbrio mental—, representa um grupo de doentes com essa psicopatia, mas de predicados diferenciados, cada qual com a sua rubrica dentro da sua classificação, nas mais variadas formas.

Logo, quando dizemos que o dr. Osmard deu aos espíritas aquela atribuição e apontamos no seu livro a histeria, como um dos têrmos responsáveis, estamos fazendo nossa tese pelo sentido científico da Psiquiatria, de cuja acusação ainda não ousou se defender. Mas se vier por êste lado, se é que deseja fazer defesa científica, apresentaremos nosso libelo pela própria ciência médica, demonstrando que lhe poderemos encurralar dentro do seu próprio campo acadêmico, pondo ponto final nessa sua ruidosidade.

E assim, com o exposto, os leitores já perceberam que sôbre atenciosidade, o nosso opositor não está em condições de discutir porque ali no seu livro a falta de atenção está nêle mesmo, ao empregar têrmos científicos firmado na interpretação comúm, embora diga ter escrito para médicos e dentistas. Por isso mesmo, se lhe deramos aquêle têrmo—desequilibrado—de graça é porque ali, pela interpretação científica, não nos faltam outros equivalentes.

Entretanto, que não julgue ter sido presenteado porquê nêle não teriamos apôio. Sem pretendermos dêle fazer tese, poderemos ir além do dicionário, fazendo-lhe ainda recuar, arrebatando-lhe das mãos, essa sua única pretensa vantagem, da qual está se fazendo dono, quando a questão é discutível.

Vejamos.

Quando o dr. Osmard apresentou sua defesa no ano passado disse: «A expressão — desequilibrado — que aparece ao lado das duas outras — débil — e — instável, são expressões reflexológicas...» — «...o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem com o insano mental).» Em seguida para sua confirmação dirigiu-nos para o capítulo do seu livro — Tipos Nervosos —, onde se lê: «E aqui entra-se a estudar a classificação dos tipos nervosos e suas modalidades de reação — os considerados temperamentos de acôrdo com os ensinamentos da reflexologia.»

No entanto, embora se diga — de acôrdo os ensinamentos da reflexologia —, ali os tais de tipos nervosos foram exemplificados com as «definições temperamentais de Hipócrates», escorando-se assim a construção do referido têrmo — desequilibrado — em bases psiquiátricas. Os temperamentais de Hipócrates, até hoje relembrada a sua divisão em Psiquiatria, compreende-se: bilioso, fleugmático, sanguíneo e o melancólico, muito bem descritos ali no referido capítulo. E é bom lembrar que Hipócrates (460 anos antes da era cristã) foi o primeiro a dar uma interpretação científica à origem da alienação mental. Fazia parte do grupo de sacerdotes, os Asclepíades, que se diziam descendentes de Esculápio e donos exclusivos dos segrêdos da cura dos loucos.

Não há dúvida, a melancolia e a sua assídua companheira a mania, ali presentes nos — temperamentais de Hipócrates —, nos quais se valeu o dr. Osmard para a construção do seu tipo reflexológico, são doenças mentais hoje rubricadas de «psicose maníaco-depressiva». E aí, entre os conceitos de doenças mentais, onde ainda se disse: «dominados por processos patológicos tenderiam respectivamente para a histeria ou para a psicastenia», portanto em pleno campo psiquiátrico, que se deu arranjo para aquêle tipo nervoso desequilibrado, mas que o dr. Osmard entendeu que nada tem com o insano mental, porque batizou-o de tipo reflexológico, como se a rotulagem pudesse mudar o estado mental do paciente.

Mas não seria preciso tanto, desde que não se tome o sentido pelo têrmo truncado, mas pela clareza da frase que diz; «tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica».

Como entender que o tal tipo seja predominado pela histeria e neurose que são doenças mentais, mas — nada tem com o insano mental — porque aquêle têrmo — desequilibrado — seria reflexológico? Afinal: O conteúdo depende da rotulagem, ou é esta que depende daquele?

Aí se vê que o dr. Osmard, saturado de reflexologia, pensou em uma coisa e escreveu outra. Isto prova que nós, na leitura do seu livro, estivemos mais atentos do que êle próprio quando o escreveu. Se naquela ocasião não lhe deramos êsse choque foi não sòmente porque não precisávamos do têrmo, para manter aquela nossa acusação, como também não tínhamos propósito de molestar nosso opositor, dentro do seu próprio campo profissional, onde tem o nosso devido respeito. Sòmente agora fomos forçados a tomar essa lamentável atitude, para demonstrar-lhe que nessa questão do referido têrmo também poderemos alijá-lo para fora dessa sua trincheira reflexológica, em cuja posição está se julgando bem seguro.

Ainda teriamos que falar sôbre psicologia e parapsicologia, no que ali tocou o dr. Osmard, mas como não se trata de assunto para meias palavras, não nos vai faltar oportunidade pela frente.

Mas o dr. Osmard, não se desanime se conseguiramos freiar o entusiasmo da sua espetacular saída. Ainda lhe resta uma esperança de que nem tudo esteja perdido. Já nos deu uma interessante amostra dos seus conhecimentos no complexo assunto da energia e matéria, eletromagnetismo, fissão nuclear, pela qual poderá desmentir tudo que discutimos e sabemos sôbre átomos, e até falou em materialização do pensamento, e outras coisas mais, arrastando-nos agora também para o seu «Hipnose e Letargia», cujas aulas, de tudo isso, fica-nos devendo, tão logo surja oportunidade, pelo que desde já lhe desejamos felicidades, pelo sucesso que ainda não obteve, com seus discursos, diante dos nossos rebates.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Est. de S. Paulo
Araraquara

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— IV —

Quem ler todo o livro de Carlos Imbassahy, desde que o faça com a necessária atenção, pois muita gente lê tudo «por alto», vai notar, nìtidamente, a segurança dos conceitos básicos do Espiritismo, apesar de haver a *Parapsicologia* criado uma nomenclatura nova para uma série de fenômenos que, aliás, já estão compreendidos na doutrina espírita. O problema, na realidade, é mais de técnica do que pròpriamente de conteúdo, porque os fenômenos são os mesmos; o que varia é apenas o modo de encarar tais fenômenos no ambiente universitário, onde é diferente, em parte, o processo de investigação. Daí, mais uma vez, a necessidade da leitura bem atenta de um trabalho como o de Imbassahy, ainda mais quando se sabe que certas pessoas, inclusive no próprio meio espírita, às vêzes se deixam impressionar demais pelas denominações e classificações acadêmicas, sem se darem conta de que, no fundo, não há tanta novidade como se pensa. A roupagem nova produz geralmente muito efeito psicológico, ainda que o material seja velho. É o que se dá, por exemplo, com algumas escolas e teorias que se preocupam com os fenômenos ditos «extra-humanos», «paranormais», «superfísicos» etc.

Temos que partir da seguinte observação: a *matéria prima* da Parapsicologia é a mesma da Metapsíquica, como das escolas de investigação psíquica, como do Espiritismo, isto é, os fenômenos chamados *inabituais*, segundo Richet, fenômenos que não podem ser explicados pela Psicologia tradicional e, por isso mesmo, conduzem as perquirições e os raciocínios a outra esfera de conhecimento. Os nomes e as interpretações é que são diferentes, mas o fenômeno em si continua a ser da mesma natureza. São muitos rótulos para encobrir uma única realidade: a existência de uma categoria de fenômenos que ultrapassam a configuração física, porque procedem de outro plano, além do corporal. A Parapsicologia, por exemplo, adota a seguinte nomenclatura: «*PSI*» (fenômenos psíquicos em geral); «*ESP*» (percepção extrasensorial: clarividência, telepatia, monições etc.); «*PK*» (Psicognesia: movimento de objetos sem contacto). Já no começo de nosso século, Richet havia dividido a Metapsíquica em *objetiva* e *subjetiva*, criando nomes novos para fenômenos antigos. Assim também faz a Parapsicologia do Prof. Rhine, naturalmente para poder, com isto, encontrar receptividade no meio universitário, onde ainda é muito forte o preconceito com a idéia de *alma, sobrevivência* etc. Ainda hoje, por incrível que pareça, e o Prof. Rhine que o diga, falar em *espírito* ou *mediunidade* perante determinados círculos de psicólogos, psiquiatras e outros especialistas, é uma espécie de «heresia» científica, quando não é um escândalo!

E' inegável, todavia, o grande e persistente esfôrço do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, sob a direção do Professor Joseph Banks Rhine e sua esposa, Dra. Luisa Rhine, também investigadora dos fenômenos psíquicos. Sua contribuição já é bem valiosa, especialmente quanto aos fenômenos de telepatia, clarividência etc. A Parapsicologia tem, hoje, uma literatura já um tanto copiosa. Sem falar na França, Holanda, Inglaterra ou Alemanha, os estudos de Rhine, nos Estados Unidos, já formam grande acervo de publicações, não próprìamente pelo número, mas pelas experiências relatadas. (1) O movimento iniciado pelo Prof. Rhine e sua *equipe* de colaboradores, a partir de 1930, abriu novas «pistas» para os estudos psíquicos nos Estados Unidos, apesar de tôdas as resistências e prevenções.

E' certo que existem, além de grupos diversos, duas grandes correntes no campo da Parapsicologia: a de Robert Amadou, na França, e a de Rhine, nos Estados Unidos, para certos grupos, a *Parapsicologia* deve ser uma ciência autônoma, com tôdas as características próprias, enquanto para outros grupos a investigação parapsicológica é apenas um desdobramento da Psicologia, da qual não pode, absolutamente, ser desmembrada. Robert Amadou, que, aliás, faz muita restrição ao Espiritismo e chega a pôr em dúvida o método adotado por Flammarion e Ernesto Bozzano, dois experimentadores dos mais categorizados no campo mediúnico, também acha que a Parapsicologia não pode ser autônoma, como querem alguns partidários da separação integral. Diz Amadou: *A Parapsicologia não é outra coisa senão um ramo da Psicologia* (2). Há, neste ponto, um aspecto muito sutil. A tendência para manter a Parapsicologia dentro dos limites da Psicologia tem um objetivo especial, que é o de não dar margem para que se admitam fenômenos de origem espiritual ou do «outro mundo»; todos os fenômenos, inclusive comunicações de espíritos, podem ser reduzidos á categoria habitual dos fenômenos psíquicos. E' uma forma de golpear o Espiritismo.

Embora nos pareça mais avançado em determinados pontos, o Prof. Rhine pensa do mesmo modo, no que, está sendo coerente com algumas de suas premissas. Para êle, pois, *a Parapsicologia é um ramo da Psicologia,* visto como *se ocupa de fenômenos mentais e da conduta,* os quais — acrescenta Rhine — *parecem responderem a princípios ainda não conhecidos.* (3) Definição muito acanhada para um campo de estudos tão vasto, como é a Parapsicologia, tanto mais quanto o seu objeto não é estritamente a vida mental, mas aquilo que vai além das possibilidades do conhecimento sensorial. O próprio prefixo *Para*, que quer dizer fora ou ao lado da *Psicologia,* já pressupõe, etmològicamente falando, uma categoria de fenômenos diferentes dos fenômenos mentais, que são objeto da Psicologia geral e podem ser estudados em qualquer compêndio ou tratado comum. Conseqüentemente, podemos dizer que, dentro do que se entende por fenomenologia psíquica, existem fenômenos normais ou cotidianos e, também, fenômenos em que se revela uma faculdade especial ou, na linguagem de Rhine, a «percepção extrasensorial». Convém observar que até mesmo a designação de «percepção extrasensorial» já não satisfaz, em grande parte, à compreensão de certos fenômenos, tal a extensão e complexidade dêste dominio da investigação. Na opinião de W. Carigton, que é um dos membros da Sociedade de Investigação Psiquica e tem estudos especializados sôbre êste assunto, a denominação de Rhine está sujeita a cair em desuso daqui a algum tempo, tanto quanto «ultra percepção», forma adotada por outro especialista. *Há uma série de fenômenos* — afirma Carigton — *que, embora a maior parte dos investigadores considere relacionados com a telepatia e a clarividência, estão longe de*

---

(1) — *Além de* Extra-Sensory Perception, *que foi o seu 1.º livro (1934), o Prof. J. B. RHINE reuniu os seus estudos em duas obras de conjunto:* The Reach of the Mind, *que a Editôra «PAIDOS», da Argentina, publicou sob o título* El Alcance de la Mente *(1 vol.) e* New World of the Mind, *lançado pela mesma Editôra, em castelhano,* (El Nuevo Mundo de la Mente — *2.º vol.) Além dêstes, há vários outros trabalhos, em forma de monografias, aulas, artigos, etc. divulgados em revistas especializadas. O outro livro, elaborado em colaboração com o Dr. J. G. Pratt, seu companheiro no Laboratório de Duke, é* Parapsychology, *publicado por Charles C. Thomas, de Illinois, E. Unidos, mas talvez ainda não tenha tradução em castelhano.*

(2) — La Tour Saint Jacques *(«Bulletin de Parapsychologie», n.º 3, Paris — 1956.*

(3) — *J. B. RHINE —* El Alcance de la Mente *— (Trad. de J. Ricardo Musso, pág. 147) — Ed. argentina.*

se enquadrar nitidamente em qualquer uma das duas designações. (4) São fenômenos extra-humanos e, por isso mesmo, estão acima da configuração em que se pode situar a telepatia, a clarividência etc. Contudo, a Parapsicologia não pode ser uma ciência à parte ou ciência de cúpula, sem vinculação com a Psicologia, como nos dá a entender o Prof. Rhine. Uma das preocupações da escola de Rhine, e é a sua obra que o demonstra, é evitar que o problema da sobrevivência da alma venha a ser interpretado no sentido metafísico ou religioso. Esta posição, entretanto, pode levar ao exagêro, colocando a discussão em têrmos inadequados à natureza de certo tipo de fenômenos. O receio de enfrentar o problema, para não falar em *sobrenatural*, restringe demais o raciocínio e deixa a Parapsicologia muito prêsa à telepatia e a outros fenômenos, sem subir a uma esfera mais alta.

Devemos notar que Rhine tem a sua linha de pensamento. Êle próprio se define, e o faz com tôda a honestidade intelectual: *Não sou espiritista nem espiritualista em nenhum dos sentidos da palavra. Não sou tampouco dualista.* (5) Atém-se apenas ao ponto de vista puramente *naturalista*. Embora reconheça e afirme constantemente que os fenômenos *PSI* (segundo a sua classificação) ultrapassem as possibilidades da Física, como da Biologia etc., e não podem, portanto, ser explicados dentro dos esquemas das ciências conhecidas, porque pertencem a outra ordem de conhecimento, faz sentir longamente que êsses fenômenos têm relações com a Biologia, a Fisiologia etc., e são de grande interêsse para a Filosofia como também para as Religiões. Rhine dedica uma parte de seu 2.° volume a êste aspecto, com argumentos muito lógicos. Diz e repete claramente que os fenômenos estudados pela Parapsicologia estão acima ou fora do campo normal do psiquismo humano e, conseqüentemente, constituem uma categoria especial, fora da matéria. Até aí, muito bem. Quando, porém, chega o momento de opinar sôbre a *sobrevivência* da alma, que é o corolário do raciocínio, Rhine declara que não aceita a tese dualista, isto é, não admite a existência de dois princípios: corpo e alma, independentemente. Entretanto — e é nisto que está a nossa estranheza — ainda na mesma obra, o próprio Rhine insiste em dizer, e com inteira razão, que os fenômenos psíquicos, por serem fenômenos diferentes e independentes da matéria, não podem ser submetidos aos mesmos métodos das ciências humanas, como a Física, a Biologia, e assim por diante. Neste ponto, é oportuno ressaltar que o ilustre professor da Universidade de Duke está de acôrdo com Allan Kardec, pois o Codificador da doutrina já havia dito a mesma coisa quando nem sequer se falava em Metapsíquica nem Parapsicologia. Palavras de Kardec: *seria impossível fazer um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química.* São, ainda, de Kardec as seguintes observações: *A ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como experimenta uma pilha voltaica; foi mal sucedida, como devia sê-lo, porque agiu visando a uma analogia que não existe . . .* (6)

Deolindo Amorim

(Conclúe no próximo número)

---

(4) — *Whately CARINGTON* — La Telepathie — *Ed. Payot, 1948.*

(5) — *J. B. RHINE* — El Nuevo Mundo de la Mente — *Ed. Argentina, pág. 188.*

(6) — *ALLAN KARDEC* — Livro dos Médiuns *(cap. III, n.° 31);* O que é o Espiritismo *(segundo diálogo).*

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.° andar - Sala 2 e 3
Caixa Postal 4921 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

II — SANTOS E DEMÔNIOS

Pôsto agora, em doce repouso, o Sr. Casella, vamos conversar nós, eu e os leitores da «Revista Internacional do Espiritismo», sôbre alguns aspectos da fenomenologia espírita como a entendemos nós, os reflexologistas. E como o comprovam as experiências feitas em laboratórios de fisiologia. Escrevi dois livros sôbre o assunto. Utilizando mais de 770 páginas. Creem que me será fácil reduzir tudo isso a 15 ou 20 laudas? Há certos assuntos que não podem ser resumidos pois perdem em sua essência. E não conduzindo bem o raciocínio dos leitores, acabará por deixá-los em confusão. É o que procurarei evitar.

Como também não poderei fugir, neste início de conversa, a um tema melindroso, o da demonologia, pois, na verdade, tudo começa no princípio. Exatamente naquele momento — crucial para a história da filosofia — em que o homem primitivo (ainda hoje êle o é !) percebeu que havia alguma coisa para além da sua própria inteligência. Fazia-se a si mesmo perguntas que não podia responder. Como ainda hoje. E procurou esconder-se da própria ignorância abrigando-se no interior de um triângulo, em cuja base pisava, e cujas duas vertentes conduziam ao Tudo. Ou ao Nada. À medida que o homem começou a perceber que havia alguma coisa oculta por trás da linha do horizonte, o mêdo do desconhecido o acossou. Erguendo duas vertentes convergentes, uma sôbre o «antes» (o princípio de tôdas as coisas) e outra sôbre o «depois» (o que estava por vir), tais linhas, angulando-se acima de sua desprotegida cabeça, criavam-lhe um toldo protetor. E o homem criava Deus !

Não tardou que miríades de deuses, subdeuses, santos e demônios povoassem os céus, e o homem acabou por acovardar-se diante da inimaginável grandeza de sua própria imaginação. Em 1660, uma publicação oficial da cidade de Amsterdam, a «Pseudomonarchia daemonum», informava que o exército do diabo compunha-se de, *exatamente,* 7.505.928 soldados. Sem contar-se a legião feminina das bruxas... E, acrescentamos, um número igual de anjos protetores.

E o homem passou a reger-se, quando não sabia ou não podia fazê-lo por si mesmo, sob a influência dêsse mundo de fantasmas, nascidos todos de sua própria imaginação. Duvida-se disso? Duvida disso, Sr. Casella ?

De outro lado, no campo da fisiologia humana, mercê de todos os progressos alcançados, houve um setor que se constituia sempre na grande incógnita : o nosso cérebro. E se, para salvar-se um gado infestado, benziam-se os rebanhos ; se para espantar gafanhotos dos trigais, aspergia-se água benta ; se para provocar chuvas, reuniam-se procissões ; se para combaterem-se miasmas pronunciavam-se cabalísticos abracadabras, porque então isentar de culpa tenebrosos demônios, porque então deixar de chamar ao serviço ativo os guias protetores na hora de lutar contra as doenças ? Mormente se tais desvios fisiológicos atingiam o órgão nobre e sofriam então a personalidade, a conduta, o bom senso, o «juizo», as abstrações, o pensamento, a elaboração mental, o livre arbítrio. E como pretender-se, daquela gente de antanho (e de muita gente de hoje !) que compreendesse, num raciocínio de meridiana simplicidade, que sendo um órgão, a sede de uma função, nele mesmo não se encontre o substrato anatômico e fisiológico de tal mecanismo ?

E os «santos» e «demônios» ingressaram triunfantes no terreno da patologia humana, respondendo pela causa da maioria das doenças, principalmente aquelas derivadas de um desequilíbrio (perdão, Sr. Casella) das atividades do comportamento.

Foi feroz, durante grande parte da história da humanidade, a luta entre uns e outros, cada qual querendo «possuir» maior número de vítimas. Tais epidemias «psíquicas» levaram à fogueira e ao pelourinho, como bem nos ilustra Volgyesi, milhares de homens e mulheres «nervosos» na idade média. Reconhece-se hoje fàcilmente que os antigos endemoninhados, agindo ostensivamente por delegação de belzebu, foram os ancestrais dos atuais psicopatas. A história reune um considerável número de exemplos de tais epidemias que assolaram a Europa durante muitas décadas. Uma de tais epidemias grassou na Alemanha, de 1374 a 1418, disseminando-se a onda demoníaca a partir da cidade de Aquisgran, e que foi conhecida dos escritores daquela época como a triste dança de «S. Vito», algo parecido com o que hoje a patologia rotula de «corea minor» (Dança de S. Guido).

Os «possuidos» davam-se as mãos e dançavam frenèticamente pelas ruas até se deixarem vencer pela fadiga e pela exaustão. Ao fim da orgia maquiavélica, seu aspecto vultuoso fazia lembrar os atuais ataques epileptiformes. Em Strasburgo, a tropa dos «possuidos» pelo diabo e pelos maus espíritos, gente de tôdas as idades, era acompanhadas por músicos que, seguindo-os, tentavam fazê-los entrar num ritmo mais moderado, porfiando por acalmá-los. Mas o que de melhor acontecia, era que os demônios, mais astutos, acabavam por atrair também, não apenas, os próprios músicos, mas tôdas as pessoas que assistiam a passagem dos «mensageiros do diabo». O problema era finalmente resolvido, «sábiamente», com cantos, salmos, exorcismos, passes e rezas que expulsavam os endiabrados agentes do mal.

A Itália, de 1430 a 1480 foi também invadida pelos demônios, e onde até os padres capuchinhos entregavam-se vencidos. O mesmo ocorreria em Louviers, em 1642, onde, no convento das Virgens de Santa Izabel, a doença das possessões demoníacas atacou, inclusive, a dezoito religiosas. E onde, algumas delas, num evidente exagêro, deixavam-se possuir, simultâneamente por mais de dez «santos».

A prática do exorcismo saneador através toques e passes, ganhava terreno. Eduardo, O Confessor, da Inglaterra, o imperador Adriano, Olavo, o santo rei da Noruega, Felipe I, rei de França, Carlos, imperador do Sacro Império Romano-germânico, Carlos II da Inglaterra, foram soberanos que tinham a virtude de, por toques reais, expulsarem os demônios que possuiam aos seus súditos, vítimas da ação maléfica dos santos do diabo...

Greatrakes, em 1662, Gassner, em 1760, foram sacerdotes que também se entregaram, na Europa, à meritória tarefa de expulsão de demônios. O que levou Voltaire a assegurar: — «Quanto maiores são os progressos da ciência, tanto mais rangem os dentes do fanatismo.» Logo seguido por Figuier que esclarecia:—«Corria-se ao encontro de qualquer novidade capaz de deleitar a imaginação. Para ser aceita, a própria ciência tinha necessidade de rodear-se de mistérios e mostrar todo o aparato de uma revelação apocalíptica.»

A êsse entusiasmo por provas místicas, devem seu sucesso, Cagliostro, Leon, Mesmer, e mais tarde, o próprio Allan Kardec que apresenta ao público o seu «Livro dos Espíritos», com a codificação do atual espiritismo, e no qual se aprende que os mortos continuam vivos por intermédio de suas almas desgarradas, tais espíritos assumindo no espaço o benfazejo papel de guias protetores dos que continuam vivos. Nascia com Kardec—que nos perdoem os seus seguidores—uma nova dinastia de «santos».

Hyppolito-Leão Denizard Rivail, Kardec, como médico, tentava, assim, cremos, buscar no espaço, uma explicação para uma doença terrena. Que nem êle nem ninguém sabia explicar. Por outro lado, sentindo a avançada do inimigo, no mesmo ano em que Kardec pontificava, 1857, os demônios tomam de assalto a vila de Morzine, comuna de Chablais, na Haute-Savoie, também na França. E ali desencadeiam uma das mais graves epidemias hístero-demoníacas (com perdão da palavra, sr. Casella !) da história do país. T. Constant, psiquiatra francês é enviado ao local com instruções para estudar e erradicar a epidemia. A primeira providência que lhe foi sugerida, partiu do Conselho Municipal de Marzine:—«Cortemos as cabeças dos encantadores.»

Começara a epidemia em março de 1857 com o caso de uma menina que indo à comunhão, passou pela desdita de assistir a uma sua colega afogar-se. Daí em diante, freqüentemente, em crise histérica, assumia o lugar da colega morta, fazendo-se passar por tal. Não tardou que suas irmãs e algumas vizinhas manifestassem sintomas idênticos, dizendo-se vítimas de possessão e fazendo, durante o transe, estranhas previsões e predições. A epidemia alastrou-se e o demo tornou-se cidadão local. De maneira geral, prova de que as possuidas eram agentes dos demônios, todos os convulsos manifestavam aversão e repugnância pela igreja e seus emissários, de tal forma que, já, mais tarde, rezas e práticas tais em nada resultavam. E um mês depois de iniciado o surto demoníaco, por autêntico fenômeno de mimetismo, hoje fàcilmente compreensível, havia 300 possuidas numa população de 2.000 pessoas, tôdas sentindo-se asfixiadas pelas garras do diabo que, assìduamente, lhes subia pelo pescoço.

Foi assim que, graças ao pensamento filosófico dominante nos séculos XVIII e XIX, à vulnerabilidade dos processos científicos então postos em prática e a uma acentuada tendência ao romantismo materialismo, floresceu uma nova doutrina que teve em Mesmer o seu expoente máximo: o magnetismo.

Assim, como decorrência da marcada tendência metafísica na interpretação dos fenômenos naturais e trazendo para os limiares de uma era de redescobrimentos, a lembrança de séculos de misticismo e de influências mágico-demoníacas, volta-se o homem para a natureza e seus misteriosos encantamentos. A origem da vida, o princípio vital, a fôrça propulsora de tôdas as energias, a representação da parte na harmonia do todo, são problemas que, simultâneamente, atormentam e extasiam, entorpecem e deslumbram o pensamento humano. Busca-se conhecer àvidamente o «primum movens» a origem das coisas, algo que seja a análise e a síntese da vida, aquêle imponderável e inalcançável que entrelace as partículas e as personalise dentro do conjunto.

As fôrças cósmicas ressaltam de importância e a onipresença do «éter» socorre, inclusive aos animistas, os que pensam, como Stahl, que o corpo apodreceria se a alma, donde lhe provém a vida, sucumbisse. Para Hoffmann, o éter está em tudo, na seiva das plantas, na luz das estrelas, na energia do sangue, na vitalidade do cérebro. E finalmente, como insistia Herder, um só princípio vital parece dominar em a natureza e tal princípio é o fluido etéreo ou elétrico.

Os primeiros trabalhos e pesquisas sôbre a eletricidade, nova «vedette» da ciência, empolgam tôdas as camadas (e com muita razão, pode-se positivar hoje). Lavoisier, Laplace, Galvani, Berthollet, são nomes populares e fàcilmente se divulgam.

Se o homem — pensa-se então — é um fruto da terra e um produto do meio, como não conceber e acreditar que esteja também sujeito à superior influência das mutações dêsse meio? Saúde e doença são apenas conseqüências e flutuações subordinadas às contingências do meio e à interferência das variações do conjunto. A eletricidade está em tudo porque é tudo. É ela que, em última análise move e subordina os astros, que dá luz ao sol, calor à luz, vida às plantas, idéias ao pensamento. A magia dos demônios e dos santos encontra assim uma variante na magia das fôrças naturais. E finalmente se compreende que o que atrai as pessoas ou as repele é a mesma «simpatia» que aproxima ou que afasta os dois polos de ímãs diferentes. Se de um lado eram lembradas as palavras de Paracelso: — «o homem se acha ligado ao grande Todo por fôrças múltiplas», que não se desmerecesse também o conceito de Wirdig segundo o qual, tudo no mundo está relacionado recìprocamente por ondas de simpatia e de magnetismo.

Fludd, que vivera um século antes é saudosamente relembrado: — «O homem é um mundo pequeno, dotado de fôrças magnéticas, com dois polos e um equador; quando dois indivíduos se encontram, produz-se magnetismo».

Athanasius Kircher e Galvani são adeptos do nascente magnetismo. Também o são, Kaech, Tischner, Paracelso, Klaerich, Weber, La Condamine. Para êste último, o polo norte do ímã mitigava as dores dos olhos enquanto o polo sul as agravava, informando além disso serem absolutamente ineficazes os toques nas dores dos malares. Quanto às dores de dentes, aí, sim, não se conhecia melhor recurso...

Percebem os leitores o quanto de

empírico havia nos conceitos emitidos por médicos sôbre problemas fundamentais. Desde então já se percebia que o que realmente influia nos resultados obtidos pelos ímãs não era, absolutamente, a ação de tais instrumentos, e sim, exclusivamente, o componente pessoal e o estado de receptividade dos próprios pacientes, tanto aqui, como lá, nos casos de possessões pelos demônios (e pelos santos), mais ou menos sensíveis ao fator sugestivo. A certeza ou a crença no poder elétrico da imantação, a confiança num processo moderno e divulgado por grandes nomes da ciência, levava-os com facilidade e se deixarem impregnar o suficiente para sofrerem êste ou aquêle benefício terapêutico. Como acontece ainda hoje com as «rezas», benzeduras, passes espíritas, orações cristãs, neuroses taumatúrgicas, águas de fontes miraculosas. E com a própria hipnose que outra coisa não é que a sugestão manejada em sua mais alta essência. A mesma sugestão que foi o «instrumento de trabalho» dos santos e demônios da Idade Média. Idade Média que, no setor da demonologia — sem qualquer alusão às crenças do Sr. Casella — parece alongar-se ainda até os dias de hoje...

(continua)

A seguir: – «Corpo e Alma»

A Cadeira de Parapsicologia

A lição do CRISTIANISMO paganizado

Com os título e sub-título acima, ousámos abertamente manifestar a nossa opinião contrária ao projeto dos snrs. deputados Campos Vergal e Xavier de Araujo, determinando a criação da cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País, como se poderá ver pelo artigo de fundo do n.º 1, ano III, da edição de nossa revista «Revelação», correspondente a Janeiro do corrente ano.

Não foi preciso esperar muito tempo, como de regra sucede em casos dessa natureza, para se verificar que estávamos com a razão — o que sinceramente nos enternece, levando-nos a render graças ao Onipotente por haver permitido que fôssemos, então, bem inspirados na defêsa dos sagrados princípios do Espiritismo Evangélico.

Que estávamos com a razão é o que demonstra a entrevista concedida pelo nosso abalizado confrade argentino, engenheiro Sr. José S. Fernandez, homem de ciência e Presidente do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, aos nossos caros colegas de «MUNDO ESPÍRITA», e que vem publicada na edição de 30 de Junho último.

O dr. José S. Fernandez, informa o jornal em apreço, «conservando se fiel à convicção espírita, divergiu da *orientação materialista, que alguns parapsicologistas, estavam imprimindo* àquela Sociedade (refere-se o articulista de «Mundo Espírita» à Sociedade e Instituto Argentino de Parapsicologia, de que o nosso confrade Fernandez foi presidente) e, por isso, preferiu afastar-se a abandonar sua posição, pois sua preocupação era justamente levar a Parapsicologia para a concepção espiritualista e, não, para o materialismo».

Exatamente como previramos haveria de suceder aos estudos de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina, contrariamente aos desígnios dos prestimosos confrades que insuflaram aos aludidos deputados a criação de tal cadeira nos estabelecimentos superiores de ensino médico, ainda completamente sob o guante das idéias absorventemente materialistas e ateistas, malgrado a catolicidade de muitos catedráticos que de religião só conhecem as pompas e as exterioridades ritualísticas.

À primeira pergunta que lhe foi feita: («Como é que o prezado confrade encara, atualmente, a situação da Parapsicologia?»), respondeu o engenheiro Fernandez, entre outras coisas: «A *Parapsicologia* é, hoje, uma ciência oficialmente reconhecida pelas mais importantes Universidades da America e do Velho Mundo». «Dentro das cátedras universitárias, a Parapsicologia ainda se mantém na «investigação pura» *(sic)*, embora avançando nas aplicações, notadamente quanto aos fenômenos de percepção extra-sensorial (fora dos sentidos materiais), sem o que tais estudos perderiam o interêsse. Acontece, no entanto, que esta ordem de investigações *não obriga a definições terminantes sôbre a aceitação ou a negação da tese espiritualista da imortalidade da alma.* Podemos dizer, portanto, que no momento atual predominam os parapsicólogos materialistas ou agnósticos nos ambientes universitários ; entretanto, já se encontram muitos parapsicólogos espiritualistas (declarados ou não) entre os grandes mestres».

— *Como considera as relações da Parapsicologia com o Espiritismo ?* — foi a segunda pergunta que lhe fizeram os nossos colegas de «Mundo Espírita» ; assim respondendo o dr. José S. Fernandez :

— Considero o Espiritismo uma DOUTRINA INTEGRAL, de tríplice aspecto : *científico, filosófico* e *religioso* (ou espiritual). Êstes três aspectos são inseparáveis e complementares, mas são suscetíveis de aprofundamento, individualmente. Ora, do aspecto científico, quando os fenômenos foram estudados por William Crookes, nasceu a investigação psíquica, de que diretamente deriva a atual Parapsicologia universitária. Neste terreno, a fim de que se pudesse proceder com o rigorismo exigido para o reconhecimento oficial da Parapsicologia, foi necessário selecionar os fenômenos que mais se adaptassem aos clássicos métodos das outras ciências. Assim, por exemplo, os fenômenos de percepção extra-sensorial, hàbilmente verificados pelo Prof. Rhine, com suas já notórias experiências das cartas de Zener. Logo depois vieram os fenômenos de *psíco-kinesia,* também comprovados no *abstrato* com o movimento de «dados», dirigido mentalmente pelos «dotados». Através de tais experiências, ficaram bem reconhecidos dois tipos de atitude da alma ou da *mente* (segundo a terminologia parapsicológica de Rhine) : 1.°) — o conhecimento das coisas sem o uso dos sentidos humanos ; 2.°) — a ação da mente (alma) sôbre a matéria, sem empregar os mecanismos corporais nem agentes físicos.»

«Apesar de tudo isso — continua o nosso confrade argentino — atualmente já se impõe a extensão do campo fenomênico dentro da Parapsicologia oficial, para salvá-la da esterilidade e projetá-la para o luminoso futuro espiritual e humanista.»

Foi para salvar o Espiritismo dessa esterilidade do ambiente das atuais Universidades materialistas, a que naturalmente desejaria confiná-lo a perfídia clericalista com o reconhecimento oficial da Parapsicologia, que já manifesta essa esterilidade, de que a quer salvar o confrade José Fernandez e a conseqüente tentativa de proibição das práticas espíritas, a exemplo do que o paganismo fez com o Cristianismo, que demos o nosso grito de alerta, agora reproduzido pelo eco das palavras prestigiosas do entrevistado de «Mundo Espírita».

Que os nossos confrades ouçam a advertência — é o que pedimos a Deus.

Arnaldo S. Thiago

Revista Internacional do Espiritismo

Aviso aos nossos prezados assinantes

Em virtude do elevado aumento de preços do material gráfico, principalmente o do papel, que teve o seu custo aumentado para duas vêzes mais e, tendo ainda a acrescentar a elevação da tarifa postal que vem agravar duramente a situação financeira da nossa Revista, somos obrigados, muito contra nossa vontade, a alterar, desta data em diante, os preços das assinaturas, que passarão a ser os seguintes :

Assinatura anual, Cr. $ 250,00; Semestral, Cr. $ 130,00; Número avulso, Cr. $ 25,00

Apelamos, também, aos nossos prezados assinantes em atraso, a efetuarem com urgencia seus pagamentos, do contráiro, seremos forçados pela necessidade, embora contra o nosso habito, a suspender a remessa da Revista.

A REDAÇÃO

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Cristianismo? ou mosaísmo!

Chilon — Hoje, prezado Árago, eu desejaria fizesseis um paralelo entre mosaísmo e cristianismo. Se é que estais disposto a falar sôbre êste assunto, podeis discorrer que sou todo ouvidos.

Árago — Tu me ajudarás, então, fazer isto, respondendo-me o que te vou perguntando.

Chilon — Aceito a condição.

Árago — Dize-me, para começar, que quer dizer religião?

Chilon — Vejamos o que diz aqui o dicionário «Petit Larousse ilustré», que tenho à mão: RELIGION n. f. (lat *religio;* de *re* préf., et *ligare* lier); quer dizer que religião (do lat. religio, derivado de *religare,* onde *re* significa tornar, e *ligare,* ligar) é um sentimento de respeito, de acatamento, para com um Ser Essencial e Supremo do qual tudo derivou, e para o qual tudo retorna agora por evolução. Religião seria a tornada ou volta para Deus, ou religamento com êle. O fim da religião é religar a criatura com o Criador. E como Deus é Espírito, e religião, o ato de ir para Deus, vale dizer que religião é ato de ir para o Espírito, ou seja, espiritualizar-se, moralizar-se, tornar-se bom.

Árago — Respondeste bem. Mas tu disseste que religião é espiritualização; ora, evolução também é espiritualização; ou negas isto?

Chilon — Não o nego; afirmo-o: evolução é espiritualização, pois ela nos mostra um crescendo para um complexo cada vez mais refinado, até que surge, no pináculo, como uma apoteose, a inteligência condoreira do gênio, a vontade diamantina do heroi e do mártir, a sensibilidade hiperaguçada do artista e a bondade do santo.

Árago — Logo, religião e evolução se equivalem, não é?

Chilon — Sim, de modo amplo, sim...

Árago — Atenção para mais isto: disseste que religião é ato de religar; ora, religar quer dizer ligar de novo; portanto, estava ligado antes, de onde se desligou depois, para que agora possa religar. Se tu disseste que evolução é a volta para Deus, o que volta é porque saiu antes, e agora retorna; não é assim?

Chilon — A etmologia da palavra religião diz isso; também o afirma o sentido da evolução; e nisto estão concordes tôdas as religiões da Terra.

Árago — Bem. Deixemos estas acrologias para outra oportunidade. Dize-me, agora, de acordo com a definição que deste, qual é a melhor religião da Terra?

Chilon — Essa pergunta caber-me-ia a mim fazer-vos, visto como a não sei responder.

Árago — Responde-me, e responder-te-ás: Tu não disseste que religião é religamento? que é volta para Deus? que é a mesma evolução, quando esta penetra o plano espiritual? Se evolução é espiritualização, qual é a melhor religião?

Chilon—Agora entendi. A melhor religião é aquela que mais e melhor espiritualiza.

Árago—E tu me propuseste estudarmos o mosaísmo ao lado do cristianismo. Qual pois das duas religiões é a melhor? isto é; qual a que mais espiritualiza o homem?

Chilon —Ora, ora prezado Árago! essa é pergunta que se faça? É peremptório, mais que axiomático, que a melhor religião é o cristianismo, e antes que me pergunteis, dou o porquê! Como poderá ser boa uma religião, como o mosaísmo, que não fala nunca na sobrevivência da alma, nem nas penas e recompensas futuras?

Árago — Calma, Chilon! Êsse teu açodamento não se recomenda a um filósofo! Reflete comigo: quem fundou o mosaísmo foi Moisés. E Moisés foi criado e educado por Termutis, provàvelmente, filha do faraó Seti I, pai de Ramsés II. Segundo o relato obtido através de pesquisas arqueológicas, o povo de Israel esteve no Egito durante a dominação dos semitas hicsos, que eram reis pastores. A escravidão hebréia deu-se no período que vai de 1 555 a 1 090, a. C., nas dinastias que vão de XI a XX. O «rei que não conhecia a José» (Êx. 1, 8) era Ramsés II, da XVIII.ª dinastia. Aqui começou a escravidão hebréia, e a história de Moisés salvo das águas e educado por Termutis que era irmã do faraó Ramsés II, filhos ambos de Seti I, como já ficou dito. O salvamento das águas, se não foi uma repetição, é cópia do fato ocorrido com o rei Sargão I (2 360 a. C.), conforme o referem os cuneiformes neobabilônicos. Mas que Moisés, sendo hebreu, foi criado e educado por egípcios, isso é um fato que não só demonstra sua cultura superior, como ainda, seu próprio nome Mâose, que é egípcio e não hebreu.

— Ora, sendo Moisés valido da princêsa, tinha tôdas as regalias, e por isso teve por mestres todos os sábios e magos do vale do Nilo. Não te parece que é assim ?

Chilon — A mim me parece que assim é ; e sendo Moisés um gênio, assimilou tudo o que havia nos templos, que eram as academias da época. E mais que isto :

—Segundo Sílvio Gesell, Moisés teria até conhecido a pólvora com seu sogro Getro, e tanto que fazia saltar as rodas aos carros egípcios ; reduziu a nada o bando sedicioso de Datã, Coré e Abirão ; produziu colunas de fumo, de dia, e de fogo, de noite ; com êste recurso possibilitou a Josué derribar as muralhas de Jericó, fazendo crer, para honra de Jeová, que tudo eram fôrças de toques de cornetas. Com êste fogo foram fulminados os dois filhos de Arão, quando, sem as devidas regras e precauções, foram oferecer incenso a Jeová (Lev. 10, 1 a 2). Até as Tábuas da Lei foram «recebidas» por entre tiros de ronqueiras e de fumaças no cimo do monte, de onde Moisés tornava meio chamuscado, sendo preciso cobrir-se com uma carapuça (Êx. 34, 29 a 35). No Êxodo, capítulo 30, versículo de 23 a 38, existe nada menos do que uma receita de explosivos ; é por isso que acrescenta : «O homem que fizer tal como êste para cheirar, será extirpado do seu povo» (vers. 33 e 38) ; pudera... pois explodia !

Árago—Louvo-te a erudição. Continuemos : nessas academias, como dizes, existiam os hieróglifos referentes a Akhenaton o qual, segundo Charles F. Potter, foi «o primeiro pacifista, o príncipe realista, o primeiro monoteísta, o primeiro democrata, o primeiro herege, o primeiro internacionalista, o primeiro humanista e a primeira pessoa que tentou fundar uma religião» (História das Religiões, 15). Êste Akhenaton fracassou no seu intento, por falta de habilidade psicológica. Sua religião não era para bárbaros, e êle estava no meio de selvagens. Não te cabe na cabeça que Moisés copiou de Akhenaton o seu Deus, e Jeová é o mesmo Aton barbarizado para uso de selvagens e escravos ? Se afirmaste que Moisés era gênio e não papalvo, havia êle de ter considerado a causa por que fracassou Akhenaton. Que te parece ?

Chilon — A mim me parece tudo isso tão claro como o Sol.

Árago—E lá nos templos, é possível que Moisés não tenha pôsto os olhos no «Livro dos Mortos», e noutros livros mais ?

Chilon —É impossível que os não tivesse manuseado ; é certo que os leu, pois sua «Arca do Concêrto», portadora das «Tábuas da Lei», é cópia da «Arca de Amon» de Tebas, que copiara, por sua vez, a dos Sumerianos e a de Zoroastro. Também dêste copiou «a lenda da criação do homem no estado de inocência,—sua tentação pela serpente *Thiamat,* dragão do mar,—a queda de Adamu, isto é, homem negro oposto à virtude de Sarka, homem claro, etc.» (A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 60). Daqui saiu a criação em sete períodos, o homem feito de barro por um «Deus oleiro» etc. (op. cit.). O diabo cristão é criação zoroastrina, e até a tentação de Cristo no deserto pelo diabo, é paródia do que sucedeu com Zoroastro. A ressurreição dos judeus e os conceitos platônicos relativos à sobrevivência e transmigração das almas, são, igualmente, empréstimos tomados ao zoroastrismo. Cristianismo e zoroastrismo são tão conexos, que, segundo Charles Potter, «se a um cristão se perguntasse qual o grande lider religioso, nascido, segundo as escrituras, de uma virgem, salvo na infância, de inimigo poderoso e ciumento, que confundiu sábios com sua jovem sagacidade, começara a pregar aos trinta anos, fôra tentado pelo diabo no deserto, livrara os possuídos do demônio, curara um cego, realizara muitos outros milagres durante sua campanha, e ensinara existir um Deus supremo de luz, verdade e bondade — êle responderia logo, provàvelmente, «Jesus Cristo. Pelo menos, é o que ensina a Bíblia.»

(Continua)

Crônica Estrangeira

FENÔMENO PSICOMÉTRICO

Voz Informativa, da cidade de México, transcreveu o seguinte do livro «O Conhecimento Supranormal», do Dr. Eugène Osty :

«Diz o Dr. Dufay que um dia, de manhã cedo, o foram buscar por causa de certo suicídio que acabava de ocorrer.

«Um detido acusado de assassinato — continua êste médico — tinha-se enforcado com a gravata, que atou a um pé da cama.

«Deitado de bôca para baixo sôbre o pavimento, teve a coragem de ir escorregando com o esfôrço das mãos, a ponto de o nó corrediço da gravata o estrangular.

«Quando cheguei com o juiz de instrução já o corpo estava frio.

«O procurador, a quem o juiz de instrução contara a cena de sonambulismo sucedida no dia anterior, manifestou o desejo de ver Maria e eu propus-lhe que aproveitasse a ocasião para falar à jovem sôbre o criminoso que a si mesmo fizera justiça.

«Os magistrados aceitaram a minha proposta. Cortei um pedaço da gravata e embrulhei-o em muitas folhas de papel e atei-o fortemente com barbante.

«Chegámos ao departamento das mulheres, que acabavam de baixar do dormitório e pedimos à irmã vigilante que nos deixasse reunir um momento no seu escritório.

«Fiz sinal à Maria para que nos seguisse, sem lhe dizer uma única palavra e adormeci-a, pondo-lhe a mão na testa.

«Tirei então o embrulho do bolso e pu-lo em suas mãos. Nesse momento começou ela a saltar no assento e atirou fora o embrulho, gritando que não queria tocar naquilo. Quer dizer que, nas prisões, os suicídios se mantém secretos muito tempo, pois nada relativo ao drama que acabava de ocorrer havia transparecido no interior do estabelecimento e até a própria religiosa o ignorava.

«—Que encerra êste papel ?—perguntei-lhe eu, quando a vi acalmada.

«— É uma coisa que serviu para matar um homem.

«—Um canivete ou um revólver ?

«—Não, não... Uma corda... Estou a ver. É uma gravata. Enforcou-se. Mas mande sentar o senhor que está atrás de mim. Tremem-lhe tanto as pernas, que já não pode estar de pé.

«Na verdade, um dos magistrados estava tão emocionado, que todo o corpo lhe tremia.

«— Poderia dizer onde se deu o acontecimento ?

«— Foi aqui mesmo. O sr. sabe-o muito bem. É um preso.

«— E porque estava preso ?

«—Por ter assassinado um homem que lhe pedira que o levasse na sua carreta ?

«— Como foi morto ?

«— À machadada.

«— E que fez do machado ?

«— Que fez ? Espere. Vejo-o na água. No fundo da água.

«E com bastante exatidão indicou o sítio onde estava. No mesmo dia fizeram investigações na presença de uma autoridade rural e descobriram a arma.»

De «Estudos Psíquicos»

* * *

SANTO MORTO SALVA-OS DE FUZILAMENTO

De «Two Worlds»

Kuntcher saltou de sua cama, com seu coração aos saltos — o sonho fôra tão vívido e impressionante que êle estava banhado em suor gelado.

Êle pensou estar sentado em seu gabinete, quando a porta se abriu e entrou um homem velho com um rosto bondoso, que colocou suas mãos sôbre os seus ombros de modo paternal e disse: «Meu filho, não execute a ordem que você recebeu. Eu prometo que você e seus homens voltarão ilesos a suas casas».

Antes e no mesmo dia, Jan Kuntcher, comandante militar alemão do distrito de Filiatra, Grécia, recebera ordem de fusilar 20 reféns tirados dos habitantes da vila. Esta severa punição era destinada a vingar uma ação de guerrilha em que foram mortos quatro soldados alemães que voltavam de um patrulhamento.

Era no inverno de 1944. A ocupação alemã da Grécia era rude realidade. Mas Kuntcher relutava em executar a ordem, especialmente depois de seu sonho.

Estava Maravilhado

Na noite seguinte, de novo lhe apareceu o homem idoso e disse:

«Não cumpra a ordem, meu filho. Não derrame êsse sangue. Eu serei o seu guardião e de seus soldados».

De manhã Kuntcher chamou quatro sacerdotes de Filiatra e visitou as igrejas do distrito. Êle supôs que seu visitante, em sonho, poderia ser um santo local. Se assim fôsse, êle estava certo de reconhecer a sua imagem na parede do templo.

Dentro da igreja, êle ficou espantado diante da imagem do Santo Haralampos. Seus olhos encheram-se de lágrimas e com voz trêmula exclamou: «É êste o homem velho!»

Êle caiu de joelhos e orou durante uma hora. Profundamente emocionados ante o espetáculo, também os quatro sacerdotes ajoelharam e agradeceram ao Santo a sua intervenção.

Voltando ao seu gabinete, Kuntcher rasgou a ordem do Quartel General. Foram poupadas as vidas dos vinte moradores da aldeia.

Como fôra prometido em sonho, Kuntcher e seus soldados voltaram, alguns mêses depois, felizmente à Alemanha.

Igual a um sonho

Nove anos passados, em 1953, ao se aproximar o dia 10 de fevereiro, dia do Santo Haralampos, de novo e em sonho, o velho visitou Kuntcher e lhe disse:

«Você deve voltar ao lugar em que proclamou sua fé em Deus. Todos o receberão com amor».

Em companhia de sua mulher, Kuntcher fez a viagem em auto, chegando a Filiatra a 12 de fevereiro, dois dias depois do dia Santo local. Êle foi recebido com grande entusiasmo e honrarias. Houve festas e banquetes.

Tudo parecia um sonho... até que encontrou alguns que êle deveria ter mandado fuzilar. Então, êle estava certo de não ter sonhado... nove anos antes.

A história de Kuntcher foi relatada em «Psychic World», Revista Espírita Grega.

Espiritismo no Brasil

III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

a realizar-se de 1.º a 5 de Novembro de 1961 – Secretaria, Rua Guaraní, n. 315
Fône 4-3038 – BELO HORIZONTE

Diretrizes

A hora é tal, que nenhum recurso deve ser perdido. Passou o momento das tentativas. A experiência acumulada não nos permite divagações quando a humanidade tôda anseia pelo alimento de Luz Espiritual colhido na seára em que pretendeis jornadear. O ciclo histórico traz ao cenário atual fôrças imensas despertadas pelo intelecto e provadas no fogo das experiências sociais que hão forjado as coletividades.

Embora muitas gerações tenham cumprido satisfatório percurso sôbre o planêta, candidatando-se às revelações superiores, defrontamo-nos com a multiplicidade do ritmo evolutivo e pelas diferenças de idades espirituais de homens e povos que se ombreiam. Alguns, com a responsabilidade de servir, outros com as necessidades de aprendizado...

A Doutrina dos Espíritos de há muito, em nosso meio, já ultrapassou a fase de seita e entendê-la como tal é retrogradar. Por outro lado, aspectos característicos situam-na como *DOUTRINA* e como tal é sentida e vivida.

Urge, todavia, compreender que passado é igualmente o tempo das Doutrinas e das seitas e, na medida em que o homem se afirma e se integra simultâneamente, investe-se de poderes e responsabilidades. Seu pensamento compreende o coletivo em que vive, discerne as correntes em que vibra e, desde então, êle é livre e nenhum estatuto lhe conviria.

Compreendam então a difícil posição do legítimo Espiritismo que, considerado como agrupamento religioso típico, tem nos seus fundamentos os postulados da Universalidade e da Tolerância.

Difícil é, portanto, dar-vos, em face das considerações que precederam, uma diretriz que realmente seja entendida e utilizada. Tenhamos, porém, a suficiente prudência de nos situar no justo meio têrmo, compreendendo as necessidades de Grupo com fins característicos e órgãos necessários, sem contudo nos afastarmos da rota da integração com tôda a humanidade. Dessa atitude indicada decorrem algumas conseqüências práticas, tais como:

1 —Reconhecer os trabalhos e esforços da CIÊNCIA, ainda que materialista, e procurar compendiar seus resultados, analisando-lhes as informações, com humildade, certos de que nada realmente científico, pode abalar a estrutura da 3.ª Revelação, antes lhe dará mais fôrça e desenvolvimento;

2 — Reconhecer a sinceridade das outras religiões que buscam a Deus e procuremos sentir a diversidade das estruturas psíquicas existentes, evitando assim polêmicas, *ab initio* estéreis;

3 — Rever cuidadosamente a evolução dos métodos da Filosofia, comparando-a com a conceituação espírita, a fim de situá-la sem sofismas ou imprecisões de linguagem;

4 —No desenvolvimento dos itens 1, 2 e 3 acima, evitar o ecletismo e ter suficiente bom senso para dirigir uma mensagem em têrmos claros, de tal forma que o Espiritismo possa vir realmente a revelar-se como êle é — Fonte de Luz, desmaterializado de roupagens exclusivistas ou dogmáticas;

5 — Enfim, colocar a Luz Espírita a serviço da Educação e da Felicidade dos homens, exaltando em tôdas as oportunidades o valor do Estudo e da Caridade.

Temário

Das *Diretrizes* e do *Manifesto* subscrito pela Comissão Organizadora do Congresso procuramos extrair a seguinte orientação com respeito aos TEMAS a serem tratados, distribuidos por SECÇÕES, a saber:

A — *SECÇÃO CIENTÍFICA:*

Os assuntos deverão versar sôbre a apresentação de um resultado da Ciência, de livre escolha do autor, que possa ser correlacionado com os princípios espíritas. Na discussão dos resultados, deverá ser concluido se o assunto apresentado corrobora integralmente textos do «Livro dos Espíritos» ou lhe sugere contradita ou modificação.

B — *SECÇÃO RELIGIOSA:*

Os assuntos devem versar sôbre o problema da divulgação do Espiritismo no seio das massas, através da imprensa, do rádio e da posição a ser assumida pelos responsáveis pelo movimento espírita perante a confusão entre Espiritismo, Baixo-Espiritismo, Umbanda, etc.

C — *SECÇÃO FILOSÓFICA:*

Análise das correntes antigas ou modernas que possam ter influído na elaboração do Espiritismo. Análise das tendências modernas e suas relações com o Espiritismo, inclusive no setor da Arte. Análise dos conceitos espíritas em face da linguagem das diversas escolas filosóficas.

D — *PROBLEMAS SOCIAIS:*

O problema da Educação sob o ponto de vista espírita. Idem sob o ponto de vista da Democracia. O problema da assistência social à infância ou ao adulto.

A cada *Secção* corresponderá uma COMISSÃO própria para relato e julgamento de Teses, que poderá vir a trabalhar de colaboração com as demais, ou separadamente, conforme seja elevado ou reduzido o número de teses apresentadas.

Nesse caso, cada Comissão deverá elaborar uma «síntese» das conclusões, sucinta, que será apresentada com tôdas as demais em reunião plena e solene de encerramento dos trabalhos. Essa síntese final levará a assinatura de todos os membros da Comissão Julgadora e dos autores da tese.

A Comissão Organizadora

~

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 3 de Junho de 1961

À hora regimental, o Presidente do Conselho faz a prece de início e declara abertos os trabalhos. Manda ler a ATA da reunião anterior, que é aprovada. Em comentário sôbre o desenvolvimento do Espiritismo, o Presidente pede a atenção dos Conselheiros para o progresso da Doutrina, não só no Brasil, como em outras regiões do Mundo, devendo-se êsse fato, em grande parte, à ação da Federação Espírita Brasileira, fazendo traduzir e enviando para o exterior as obras clássicas e as subsidiárias do Espiritismo, em ESPERANTO.

Minas Gerais—O representante da União Espírita Mineira, Dr. Miranda Ludolf, lê carta da Entidade, dando conta dos progressos do setor UNIFICAÇÃO e afirmando a observância do «Pacto Áureo» e, bem assim, das conclusões do III Congresso Espírita Mineiro, havendo instalado, em vários municípios, as Alianças Municipais e designando os representantes nas 14 Regiões Espíritas que comporão o futuro Conselho Federativo Espírita de Minas Gerais.

Guanabara — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, comunica o recebimento do Boletim relativo à UNIFICAÇÃO, estando ela empenhada em executá-lo plenamente.

São Paulo — O representante da USE, de S. Paulo, Dr. Luiz Monteiro de Barros, submete ao Conselho algumas sugestões objetivando disciplinar os trabalhos da UNIFICAÇÃO. Apreciando o trabalho, falam sôbre êle, além do Presidente, os representantes de Minas Gerais, Guanabara, Sergipe e Goiás, e, aceita a sugestão da USE, foi autorizado o representante desta a elaborar plano definitivo, para estudo e aprovação do Conselho. Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante do Rio Grande do Norte, Conselheiro Ismael Gomes Braga, encerrou o Presidente a reunião.

—

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Julho de 1961

À hora regimental, o Presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. No expediente, é lido um ofício da Liga Espírita do Estado da Guanabara, apresentando um relatório dos trabalhos do ano findo, a relação das sociedades que lhe são filiadas e das obras de assistência social da Guanabara.

Paraíba — O representante da Federação Espírita Paraibana, Conselheiro Indalício Mendes, comunica a instalação do Curso de Pregadores do Evangelho e o início do 1.º Curso Intensivo de Preparação de Orientadores.

Mato Grosso — O Conselheiro Clemente Martins, representante da Federação Espírita de Mato Grosso, traz ao Conselho notícias gerais das atividades desenvolvidas em todo o Estado.

Lida uma proposta da Liga Espírita do Estado da Guanabara, lembrando a necessidade de ser adotada uma denominação para os representantes de Sociedades Espiritistas, a exemplo de padres, pastôres, rabinos e outras, usadas pelos movimentos religiosos, resolve o Conselho ser desnecessária e desaconselhável a medida.

Após falarem vários Conselheiros, cada qual trazendo notícias referentes ao Estado por êle representado, faz a prece final o representante da Federação Espírita de Pernambuco, após a qual, é encerrada a reunião, às dezeseis horas.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 50,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 180,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUÍRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3781unse

XXXVII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de Setembro de 1961 - N. 8

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel . . . . — *Redação*
O Sincretismo Afro-Brasileiro . . . — *Carlos Imbassahy*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . — *V. O. Casella*
«A Psicanálise perante a Parapsicologia» . . . . — *Deolindo Amorim*
Eu não disse: «Adeus meu Filho» — *Sylvio Lobo de S. Thiago*
Hipnose e Espiritismo . . . . . — *Osmard Andrade*
O Espiritismo é a Religião . . . — *Noraldino de Mello Castro*
Serões Bíblicos . . . . — *Luiz Caramaschi*
Espiritismo não é Hipnotismo . . — *Milton de Andrade*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 240,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr $ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X..

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evngelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1961 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

CAIRBAR SCHUTEL

(Reproduzimos o presente artigo da autoria do Dr. Souza Ribeiro, médico então residente em Campinas; foi escrito e publicado em outubro de 1939, refere-se ao natalício de Cairbar Schutel, 22 de setembro).

HÁ nomes que se gravam na memória dos povos e que permanecem conhecidos por séculos e por milênios; são os nomes daquêles que se distinguiram nas ciências, na filosofia, na moral, na prática do bem.

Há outros que se salientaram na prática do mal, que se distinguiram dos demais em seus atos de crueldade.

Dos Calígulas, dos Néros e dos Torquemadas, os povos se recordam também, mas com horror!

A história dêsses sêres, mais monstruosos que homens, entristece os corações!

São os padrões dos degenerados, daqueles que deixaram o caminho da perfeição pelos desvios dos lamaçais, indo longe na corrupção!... É com aversão, com repulsão que lemos a história de suas vidas e dos seus atos!

Tristes recordações!

Daqueles, porém, que beneficiaram a Humanidade, que sacrificaram em prol do bem geral, que foram exemplos de bondade, modêlos de abnegação em prol das grandes causas, dos elevados ideais, que amaram a verdade e a justiça, a sua história consola e conforta os corações.

Beneficiaram os seus contemporâneos e continuam em sua história a beneficiar os pósteros.

Cairbar Schutel

Belas recordações! Delas, em grande parte, tiramos a seiva para a nossa vida, o estímulo para o nosso labor, a fôrça e a coragem para a nossa vitória final.

Como expoente máximo de virtudes, como modêlo de perfeição para todos os homens, temos a figura excelsa de Jesus Cristo.

A sua história e os seus ensinamentos aí estão constituindo o chamado Novo Testamento — Código dos códigos, Livro dos livros.

A observância de tais ensinos, traz sempre como consequência final a espiritualização do indíviduo.

Não é tão grande o número dos sequiosos que têm ido beber nos Evangelhos a água cristalina que sacia a sêde de todos os conhecimentos espirituais.

Cairbar Schutel, porém foi um dêstes. Teve sêde, de fato! Bebeu abundantemente da *água viva* de que falou Jesus à Samaritana, quando no Poço de Jacó, da qual só Êle,—o Mestre querido, era o portador. Bebeu e ficou saciado, porque ficou de posse da verdade em matéria de Espiritualismo. Dispensou as águas contaminadas de outras fontes...

Saltou da morte para a vida, tornando-se, êle mesmo, fonte nova dágua viva, reservatório de conhecimentos espirituais para outros.

Obteve o Batismo do Espírito. Possuidor de várias mediunidades, Cairbar Schutel mantinha-se em contínuo contacto com os Espíritos. Graças à tão elevadas faculdades — dons espirituais — Cairbar poude pesquisar, como bem poucos, o Além, o chamado Plano dos Mortos. A sua fé, a sua convicção nos postulados espíritas era profunda. Em contínuo contacto com os espíritos, vendo-os, ouvindo-os, sentindo-os, reintegrado, como esteve, nos ensinos de Jesus, mereceu dos chamados Bons Espíritos um grande auxílio.

Foi graças a êste auxílio que Cairbar fundou o periódico espírita «O Clarim», que já está (1939) com XXXIV anos de existência, a «Revista Internacional do Espiritismo» (1939) já com XIV anos de circulação.

É autor de uma grande quantidade de livros, ótimos livros espíritas.

No Brasil, nenhum espírita escreveu tanto como Cairbar.

Polemista de pulso, soube sempre propagar o Espiritismo, pulverizando as argumentações de todos os adversários.

Difundiu a Doutrina por quatro processos:

1.º — Pela palavra escrita: livros, boletins, artigos em jornais e em Revistas;

2.º — Pela palavra oral: em suas conversações, em conferências pelo Rádio, nos Centros Espíritas e em praças públicas;

3.º — Curando enfêrmos em nome do Senhor;

4.º — Reintegrando-se nos ensinos do Mestre, pregando-os e praticando-os, vivendo dentro da Doutrina, dentro de si, oferecendo assim, a todos, os bons exemplos.

Conquistou qualidades morais e intelectuais em alto grau, tornando-se portador de *autoridade espiritual.*

Muito grande foi o número dos seus amigos e admiradores.

Vive no coração de todos e a todos assiste.

Do outro lado da vida, o Cairbar continua em atividade, como discípulo de Jesus.

Se estivesse no corpo físico estaria completando mais uma primavera a 22 do corrente. E é por isso que estamos escrevendo estas linhas...

São elas algumas recordações do meu grande amigo!

Está fora do corpo que era o seu *cascão de pó,* mas vivendo a verdadeira vida no *Plano da Espiritualidade.*

E vive fazendo grande colheita, porque muito plantou.

Cairbar Schutel foi e continua a ser o exemplo da energia, da atividade, do trabalho e da dedicação à Causa Espírita.

Felizes dos que vivem trabalhando na Seara do Senhor!

SOUZA RIBEIRO

Campinas — Setembro — 1939

Tanto os mentirosos, como os hipócritas, sofrem uma dolorosa decepção no Mundo Astral, porque nêsse Plano de existência, a seguir à morte corpórea, todos os pensamentos e sentimentos são transformados como através do mais límpido cristal.

DR. ANTONIO J. FREIRE

O Sincretismo Afro-Brasileiro

Carlos Imbassahy

Os africanos tinham suas práticas religiosas mescladas de fenômenos mediúnicos. Isto se nota nos povos antigos e selvagens: o mediunismo estava ligado à religiosidade e esta àquele.

Tal fato não é de estranhar desde que, como têm observado os antropologistas modernos, a religião provém do fenômeno psíquico. Nas suas investigações muitos afirmam que há povos que não têm a idéia de Deus, mas possuem a do espírito e da sobrevivência. E' que a manifestação do Espírito se tem apresentado de todos os tempos e de tôdas as épocas. As aparições e outros fenômenos originados pelos mortos levaram os selvagens e os antigos a pensar no Além, em outra vida, com seus espíritos superiores e inferiores; rodearam tudo de um pouco de mistério, que cerca sempre o inabitual, não perderam de vista usos ancestrais, e aí temos um surto religioso.

Com os espíritos superiores criaram-se as divindades, os inferiores foram tomando os diversos nomes hoje perfeitamente conhecidos dos frequentadores de Umbanda e congêneres, e generalizados por muitas religiões sob o nome de demônios e outras entidades maléficas.

Êsses povos, não só por lidarem comumente com sêres afins do Espaço e consequentemente com sêres atrasados, como porque não compreenderiam a utilidade que poderiam extrair das práticas espíritas, que mais tarde iriam nortear Allan Kardec, formaram uma espécie de religião fetichista. Não só não melhoraram espiritualmente, como conservaram maus hábitos e costumes, e ainda se deixaram contaminar dos pendores, paixões e vícios dos comunicantes, que outros não eram que seus defuntos, seus antepassados; necessàriamente, êstes, por muito embrutecidos, e ainda sem o tempo necessário para o amadurecimento mental, persistiram em suas falhas. E assim é que ainda hoje vemos no terreiro a marafa, o fumo, as garrafadas, as cuspidelas, os gestos desordenados, sem já falar na quimbanda e no feitiço e vários usos absolutamente incompatíveis com os ensinos que nos vieram trazer os Mensageiros, a fim de libertar-nos dos êrros seculares e conduzir-nos pela estrada franca do progresso.

Nas cerimônias do africano como de outros povos havia, sem sombra de dúvida, a mediunidade, e portanto o sensitivo, o médium, que êles tinham com um ser privilegiado senão sagrado. E como não podiam abandonar a fórmula, o ato externo, a cerimônia, que contribui para ornamentar o quadro, para colorir o ato, para impressionar a mente, temos formado todo o cenário religioso, onde o ritual e o mediunismo se entrelaçam para consolidar e firmar o culto.

Escravizada a pobre raça preta e trazida a ferros para o Brasil, pelo branco desalmado e o aventureiro ganancioso, que ia apanhar o aborígene na liberdade de suas matas, vinha êle para as fazendas com as mesmas práticas de suas terras, com seus gestos, cânticos, danças, médiuns e entidades espirituais. Aqui sofreram a influência do Catolicismo, com seus ritos, seus altares, suas velas, seus santos, seus padroeiros, seus sacerdotes. As correntes se misturaram e surgiu êsse sincretismo, que muitos chamam de «baixo espiritismo»; mas ali de Espiritismo só há o caso mediúnico, quando êle existe, porque é raro, e o que vemos na maioria das vêzes, não passa do âmbito do animismo. Existe, entretanto, a mediunidade, e êsse fator único no meio de tantos outros, denunciadores das várias religiões com que o africano esteve em contacto, é o que serviu para a classificação por parte de nossos críticos e principalmente daquêles interessados em que não fiquem maculados os seus respectivos credos.

Como se vê, a origem da macumba está na África e suas práticas, próprias dos espíritos ainda em fraco estágio mental, ressente-se do atraso racial, atraso que resiste à evolução, porque o sentimento religioso é conservador e daí a persistência de princípios e sistemas flagrantemente errados, mas difíceis de desenraizar. Mas essa miscelânea que por aí se nota é impossível de confundir com a prática e a teoria que, no Ocidente, tomou o nome de Espiritismo, ou seja a doutrina trazida ao Mundo por Espíritos prepostos a essa missão.

Como não há nem pode haver por tôda a parte um critério filosófico seguro para analisar todos os fatos sociais, o que impressiona no caso do candomblé, da macumba, do cangerê, é a manifestação supranormal que existe nas sessões espíritas, e daí a confusão, onde algumas vezes por boa fé, não se extrema o joio do trigo.

Nenhum estudioso terá dúvida que os africanos trouxeram para o Brasil as suas práticas religiosas e aqui sofreram a inevitável pressão do católico e do indígena e talvez de outros.

Os bantus, com o predomínio do Cristianismo, adotaram várias cerimônias do culto católico ; já os sudaneses, mais juntos ao Islamismo, continuaram adotando o ritual maometano a que se tinham avezado. A maioria conservou o culto pátrio. Aqui chegados tudo se misturou. Às crenças originárias e aos hábitos do país adotivo, acresce o contingente selvícola ou seja o trazido pelos índios, que não é para desprezar. Como se vê, um verdadeiro amálgama.

Vemos ainda hoje nos candomblés, catimbós e terreiros os remanescentes de diversos cultos nacionais e estrangeiros, aborígenes e alienígenas, africanos, católicos, judaicos, maometanos, conforme a maior ou menor convivência com as seitas.

Do culto brasileiro tomado ao Catolicismo, temos os santos e os demônios, altares e velas, incenso, imagens, batismo, e por vêzes o indumento ; ao judaismo os números, a cabalística, os sacrifícios ; dos maometanos as posturas, as vestes, como faixas e turbantes ; do africano, onde a colaboração é abundante, temos as figas, os cânticos, as danças, os fetiches, o vocabulário, os quimembeques.

Conviria, a propósito, ler um importante livro de Deolindo Amorim, cuja vida dedicada ao trabalho e à Filosofia, ao estudo e à meditação, bem merece uma referência especial. Êsse nosso inteligente patrício, depois de rever as obras de Artur Ramos, Waldemiro Valente, Manuel Querino, João Dornas, Alfredo Alcântara e outros que se especializaram no conhecimento das práticas afro-brasileiras, apresentou um volume mais completo e mais seguro, porque conhecedor de tôdas aquelas práticas e ainda do Mediunismo e do Espiritismo, assunto em que é leiga a grande maioria dos autores. Assim pôde êle ventilar a matéria com mais liberdade e proficiência, com grande imparcialidade e clareza de vistas, fugindo dos ângulos mais ou menos estreitos em que se colocam os folqueloristas.

O assunto se prestaria ao dispêndio de muitas páginas e nos aventuraríamos a êle se igualmente não tivéssemos que dispender a paciência do leitor, sacrifício inútil para o espírita que tem à mão os preciosos trabalhos do escritor Deolindo Amorim.

Em suma, não deixa de ser pesarosa a confusão que se costuma fazer entre as práticas muito grosseiras do alcunhado «baixo espiritismo» e aquelas em que as pessoas se reunem com o sentimento do Bem, desejosas de esclarecer a si e aos seus irmãos em prova no planeta, e trazer ao mundo o conhecimento da mais importante das questões, o da sobrevivência, com o que lhe diz respeito.

Entre uma sessão onde há um ritual exaustivo e inútil, onde existem práticas até repulsivas, e aquelas em que se vai para aprender, ensinar e moralizar, há um abismo.

E ainda assim estamos em começo de carreira. Preparamo-nos para maiores vôos. Leia-se a propósito a mensagem de Henry Poincaré, transmitida em 1912, conforme no-la transcreve Edmond Dupouy em *L'au-delà de la Vie*, p. 282 :

«O homem só conseguirá explorar o mundo dos Espíritos quando tiver desenvolvido os dois sentidos espirituais que possui em estado embrionário : a percepção do astral e a do espiritual ; êsses sentidos se irão afirmando aos poucos e irá aumentando o número dos pacientes, isto é das pessoas psíquicas.

«E' preciso por enquanto trabalharmos muito, vós na Terra, nós aqui; vós como mineiros sepultados na mina e nós como salvadores do outro lado da muralha. Ajudai-nos, nós vos ajudaremos por nosso turno a transformar na humanidade essas idéias que se devem renovar».

Por esta mensagem se verifica o que muito se pede, o que muito se exige em matéria de estudo e moral, aos que se entregam ao espinhoso ofício de abrir as cortinas do Além.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

II

O nosso ilustre opositor agora, no seu segundo trabalho do mês passado, desgastando-se em cansativo preparo, para prenunciar novos objetivos, demonstra não estar bem provido de recursos eficientes e decisivos para defesa da sua tese materialista. E por entrar em fase preparatória julgou nos conceder um «doce repouso», cuja gentileza lhe agradecemos, mas preferimos continuar no palco das atividades.

Assim, ao sair da linha de frente, em cuja experiência já por duas vêzes (sua estréia de agora e a do ano passado) não foi feliz, procura entreter os leitores com o seu «Santos e Demônios», ao qual, entretanto, não deixou isento de reparos.

Em seu início ali lamenta que escrevera dois livros, sôbre aspectos da fenomenologia espírita, conforme entendem os reflexologistas, utilizando mais de 770 páginas (!), não lhe sendo fácil agora reduzir tudo isso em 15 ou 20 laudas. Reclama que certos assuntos assim se resumindo perdem a essência, podendo deixar os leitores em confusão.

Neste caso perguntamos: Como entender que uma tese, que se julga um golpe de morte para os nossos conceitos dos fenômenos espíritas, a quál se diz com tantas provas, seja tão difícil de se expor suas verdades, ao ponto de levar os leitores a confusão? Ora dizendo se possuir provas absolutas de laboratório, o assunto deveria apresentar-se claro, insofismável, dispensando êsses fatigantes malabarismos descritivos de antigos acontecimentos, porquê não será contando histórias que se irá garantir aquilo que se diz firmado nas experimentações científicas. Até se dá pelo contrário. Quantas vêzes teorias sustentadas desde longínquos tempos e, de um momento para outro, mediante uma única prova de laboratório são derrubadas em questões de segundos. Logo, como bem se entende, quando se tem esta dispensa-se aquela, porquê mais vale um fato do que todos argumentos que possam repletar uma bibliotéca.

Já, a nossa tese espírita, ao contrário da materialista defendida pelo dr. Osmard, apresenta-se clara, simples, insofismável, sem perigo de confusão aos leitores em geral. Por isso mesmo, com muita simplicidade, mas garantindo-nos em fatos, pudemos com apenas três artigos no ano passado desmoronar as suas 770 páginas. Poderá agora dizer que ali não disséramos a verdade, e que não entendêramos seu livro, e tantas outras coisas mais, mas o fato é que aquelas poucas páginas deixaram-o em pânico, ao ponto de reclamar laudas e laudas, para enfrentá-las, sem ter conseguido até agora mover um único passo, dos fundamentos do que ali deixáramos.

Assim, com aquêle seu apêlo, os leitores já compreendem que se a tese do dr. Osmard, já ameaçada de complexidade, terminar sem ninguém entendê-la, a culpa não será dos que lêm, porque é êle mesmo, ali no seu «Santos e Demônios», que confessa de se achar em perigo de provocar confusão. Dêste modo, intuitivamente, o nosso esforçado opositor já estaria prevendo um malogrado fim para a sua presente tarefa. Tal epilogo também nos seria desagradável, uma vez que não estamos na busca de sensacionalismo, mas de sincero desejo em obter algo útil de sua experiência e inteligência e, se pudermos, retribuir-lhe (se assim nos permita dizer) alguma coisa do pouco que talvez dispomos na nossa modesta aprendizagem.

Mas, infelizmente, tudo indica estar em acêrto nessa sua honesta declaração, pois desde já, ali mesmo no seu «Santos e Demônios», começara a se embaraçar com o passado de Kardec, ao insinuar sua ligação com Mesmer e a envolvê-lo nessas histórias que, na realidade, não foram causa do surgimento do Espiritismo.

Quanto aos sucessos e insucessos do magnetismo, desde Mesmer até o Hipnotismo de hoje, a Kardec, fôrça é dizer, não lhe coube glória de se contar na galeria dos investigadores que se dedicaram nesses fenômenos da sugestão. O codificador, se conhecia alguma coisa sôbre magnetismo que se generalizava naquela época, não seria por ser médico porquê, embora possuisse êste honroso título, dedicava-se à pedagogia ao lado de Pestalozzi; e não na medicina ou na exploração do magnetismo, objetivando descobrir curas, para que se diga ter procurado no espaço uma doença terrena.

Em verdade, o mestre de Lion, que nem tinha a medicina por profissão, iniciou-se acidentalmente nos fenômenos responsáveis pela origem da sua doutrina, o Espiritismo. Tal se deu, quando foi despertado por uma classe de fenômenos que produziam movimentos de objetos à distância, sem serem tocados, desafiando a fôrça da gravidade e davam, em código convencionado, respostas inteligentes. E sendo objetos inanimados não se explicavam pela sugestão, como se dava com o magnetismo de Mesmer. Mais tarde, êsses fenômenos foram confirmados por célebres cientistas que os chamaram — Telequinesia — conforme dizia Richet, ou — Psicocinesia — como diz hoje Rhine, fatos êstes que o nosso opositor parece desconhecer, embora tenha os nomes dêstes sâbios ali no seu «Hipnose e Letargia».

Aí se vê que o início de Kardec, sôbre sua doutrina, é diferente daquelas histórias do dr. Osmard, não tendo a classe de fenômenos de natureza mediúnica qualquer relação com os de Mesmer, ou seja, os da indução hipnótica.

Outra coisa é atribuir a Kardec a criação de uma dinastia de «santos», quando qualquer principiante espírita, logo de início, já aprende que a doutrina kardecista não conceitua entidades teológicas, nem mesmo para o próprio espírito que é de ordem evolutiva, na natureza do Universo, e não uma divindade, como possam julgar os que ignoram os nossos postulados. O nosso opositor, trazendo essas novidades aos espíritas revela jamais ter se interessado pelas nossas literaturas doutrinárias, ao confundir Espiritismo com assuntos de outras plagas estranhas ao kardecismo. E' verdade que não será com isso que vae levar os leitores espíritas à confusão, mas já os deixa de alerta, no que mais venha de sua parte, pois se conta mal uma coisa, já não mais sabemos se estará contando bem as outras.

E quanto às histórias dessas epidemias, que se dizem histero-demoniacas, nem tanto nos interessam porquê a firmesa da nossa tese fundamenta-se em fatos experimentais, onde a discussão não se intromete. E a grosso modo, como são narradas, perdem o valor como arma científica para qualquer um dos lados que deseje explorá-las em contraposição à outra tese contrária. O máximo que se tire dali seriam inferências, às quais, neste caso, também se acham para as nossas conclusões. Porquê se os casos isolados confirmam os efeitos da sugestão, o mesmo se diz do mediunismo comprovado nos laboratórios pela honradez e capacidade de célebres cientistas de valores indiscutíveis. Logo, pelos conceitos da ciência, hipnose e mediunismo estando na mesma plana na natureza humana, não será atitude cientifica para qualquer uma das partes que pretenda fazer dali propriedade sòmente para a sua tese, no campo mental, relegando ao desprêso as provas de laboratório dos grandes mestres, tanto de um como de outro lado.

Portanto, sendo os fenômenos de natureza mediúnica reconhecidamente válidos, cabe-nos também direito de tirar, se desejássemos, nossas conclusões dêsses acontecimentos, pois o campo está para as duas fenomenologias que ali se entremeam, quando em fases aproximativas. Esta aproximação explica-se pelo fato de que sendo Hipnotismo e Mediunismo um a contraparte do outro, manifestando-se ambos em uma única área, a mental, embora distintos quando distanciados, os dois fenômenos fazem ali na mente humana junção em uma fronteira separativa, cuja linha divisória não é rígida. E' nesta fase em que se podem entremear as duas manifestações, intrigando muitas vêzes a investigação que, iniciando-se de um lado, pode deparar-se com o outro.

Um exemplo, de como se daria essa entremeação, temos na natureza dos reinos animal e vegetal. Ambos em manifestações distanciadas são distintos, pois ninguém confunde um animal com uma árvore, mas como as duas naturezas pertencem a um mesmo campo, o da vida planetária, há o ponto de junção em que, não sendo linha divisória fixa, as partes entremeam-se. E' quando certas formas vivas, antes de serem definidas, se vejetal ou animal, provocam controvérsias.

Como então pretende o dr. Osmard impor sòmente a sua conclusão, sem considerar a outra parte que também tem ali sua atividade? Vae nos responder que mediunismo, ou seja, o fenômeno espírita é hipnose.

Neste caso, se deseja manter êste seu postulado, lançamos-lhe um repto para que apresente pela hipnose os fenômenos de fantasmas materializados, ou os de efeitos físicos, movendo objetos à distância, revelados pelo kardecismo e mais tarde comprovados experimentalmente por célebres cientistas, entre os quais se destacam aquêles mesmos, Crooks, Richets e, ùltimamente Rhine, que ali estão valorizando com seus nomes o seu «Hipnose e Letargia». Se não fôr capaz de realizar esta proeza, cabe-lhe pelo culto à verdade silenciar êsse seu apregoar de que Espiritismo é hipnose, como se o campo fosse ùnicamente seu, para não continuar se expondo a comentários risíveis, diante daqueles que não são estranhos ao que dizem os grandes mestres da ciência. Querer cuidar do assunto, mantendo-se cego a essas revelações dos sábios, é atitude anti-científica, cujo parcialismo sómente poderá causar confusões e contradições.

De fato, o dr. Osmard, excedendo-se no seu entusiasmo, ao contrariar os conceitos da fenomenologia espírita, deixou de considerar as verdades da ciência e, no seu exagerismo, acabou contrariando a si próprio, conforme passaremos a ver.

Uma vez que considera ser a sugestão a causa absoluta dos fenômenos chamados histero-demoníacos, tal desencadeamento pertence aos domínios da hipnose. Logo, se as vítimas dessas epidemias são de natureza histérica, a sugestionabilidade seria um sintoma do histerismo. Ora, se os bons pacientes em hipnose são os sugestionáveis, e sendo os histéricos dotados de sugestionabilidade, conforme conceitua o dr. Osmard pela sua tese histero-demoníaca, estaria concordando com a afinidade entre a histeria e o hipnotismo.

Neste caso, para combater a tese espírita, recorrendo a êsses acontecimentos, concorda serem os histéricos bons pacientes em hipnose; mas entretanto, na pág. 58 do seu «Hipnose e Letargia», em comentário contra Charcot, se contradiz ao declarar: «Como pretender assim que hipnose seja sinônimo de histeria se *OS HISTÉRICOS SÃO JUSTAMENTE TODOS ÊLES PÉSSIMOS PACIENTES?*» (o grifo é nosso).

Como se vê, aí estão duas opiniões opostas para um único assunto. De um lado a histeria é compatível com a hipnose, enquanto de outro ambas são incompatíveis. Diante disto, mesmo se desejássemos considerar essa sua tese histero-demoníaca, nem poderíamos porquê com essa sua dubiedade de conceitos, por si só a torna nula.

E assim, como pretende o dr. Osmard convencer os leitores, firmando a sua tese em um apôio, o histerismo, quando neste campo se revela sem segurança, invertendo conceitos de acôrdo com as condições do momento?

Em realidade, é bom saber que êsses antigos acontecimentos epidêmicos não são novidades nos nossos meios literários, interessando-nos ali apenas o conhecimento histórico da parte inerente ao mediunismo, sem deixarmos de reconhecer o que esteja para a outra facêta, a sugestão, embora a esta não nos dedicamos. Mas se acaso desconhecêssemos esta outra face dos fenômenos, cuidada pela hipnose, também não seriam os inconsistentes argumentos do dr. Osmard que iriam nos esclarecer. E a sua tese, além de encontradiça, ainda é entrecortada com ironias, o que revela não ser, lamentàvelmente, de bôa qualidade o seu cientificismo.

Por isso mesmo, preferimos continuar com a opinião dos grandes mestres que, apesar de não serem espíritas, mas ùnicamente adeptos da verdade, oferecem uma ciência pura, clara, inconfundível, e sem artifícios, dando a uma e outra fenomenologias, o seu devido lugar, indicados pelo rigorismo dos laboratórios.

E aqui por hoje nos despedimos, das histórias do nosso ilustrado opositor, para logo mais voltarmos com atenção a outro seu trabalho, que já deverá estar atraindo os leitores em outra parte dêste exemplar.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

A Psicanálise perante a Parapsicologia

(A propósito do recente livro de Carlos Imbassahy)

— IV —

(Conclusão)

A Parapsicologia está confirmando ou corroborando o pensamento do Espiritismo, quanto ao problema do método. Vê-se, aí, que a doutrina espírita não está superada. É indispensável não desconhecer, apesar disto, que a Parapsicologia, com o seu aparelhamento, com tôdas as suas pesquisas, ainda não chegou especìficamente ao problema do *Espírito,* dentro da conceituação que nós adotamos. A preferência pela denominação de *mente,* para não falar em alma ou espírito, é apenas uma convenção terminológica, a fim de não entrar em choque com os psicólogos que, fazendo crítica cerrada à idéia da *alma,* não admitem, nem de leve, que se conduza a discussão para o plano filosófico, porque repelem sistemàticamente aquilo que, para êles, é puramente metafísico ou sobrenatural. Na opinião dêsses psicólogos, que não querem ser materialistas, mas também não querem aceitar a idéia de uma alma independente (?...), o que não é físico ou biológico pertence ao *sobrenatural,* é objeto da teologia, não é mais assunto para a Ciência. E dizem, depois disto, que não são materialistas... O problema da alma está nêste caso, pois, no entender dêsses estudiosos da Parapsicologia, tudo quanto se refere à sobrevivência da alma é problema das religiões, não deve entrar nas cogitações da Ciência. Isto não é progresso, é uma regressão, pois significa um recúo, no tempo, restaurando a velha posição do Positivismo, que pretendia subordinar a Psicologia às inquirições da Biologia, porque a sobrevivência da alma, para os positivistas, era problema exclusivamente metafísico ou teológico, fora das preocupações da Ciência. Isto, porém, foi no século passado, já é assunto histórico. A moderníssima Parapsicologia de alguns especialistas, como se vê, está querendo voltar a uma posição já de há muito ultrapassada. É preciso, pois, compreender a situação do Prof. J. B. Rhine diante das objeções científicas que se lhe apresentam e, às vêzes, de forma dogmática, embora seja isto um paradoxo.

O problema da sobrevivência da alma, ao contrário do que pensam certos parapsicólogos, é também um problema de natureza científica, à luz de uma série de fatos provados, embora seja também assunto inerente à Filosofia e às religiões. O Espiritismo oferece material suficiente para justificar o caráter científico dêste problema. A Parapsicologia, entretanto, prefere usar outra linguagem. Em vez de dizer que a alma é capaz de se emancipar temporàriamente do corpo e produzir fenômenos objetivos, como *bi-corporeidade, aparições,* deslocamentos de objetos etc., a Parapsicologia diz apenas que a *mente* faz isto, faz aquilo, procurando sempre não tocar em alma. Ora, o Espiritismo estuda e interpreta todos os fenômenos que, hoje, estão na literatura parapsicológica, apresentados com algum «sabor de descoberta científica». No capítulo *animismo*, por exemplo, já estão catalogados e muito bem explicados os fenômenos psíquicos estudados, agora, nos laboratórios de Parapsicologia. O que acontece é apenas isto: enquanto a Parapsicologia fica girando no mesmo círculo de idéias, aceitando a existência de um elemento «super-físico», sem dizer, no entanto, que é o *Espírito,* já o Espiritismo encara o assunto com visão de conjunto, porque estuda não só a fenomenologia psíquica normal, como também os fenômenos genuinamente extra-humanos ou de «além-túmulo», tirando, daí, consequências que vão incidir no campo filosófico e também no campo religioso.

O livro de Carlos Imbassahy — *A Psicanálise perante a Parapsicologia* — vem mostrar, precisamente, que os fenômenos estudados, agora, pela Parapsicologia, e de que tanto se tem falado nêstes últimos anos, como clarividência ou «dupla vista», premonições, «aparições de vivos», etc., etc., provam de modo objetivo uma das teses fundamentais do Espiritismo : a existência da alma como elemento independente dos sentidos corporais. Em três capítulos sucessivos — «O já-visto, já vivido», «Visões de lugares desconhecidos» e «As visões» — e com abundante enumeração de fatos e fontes comprobatórias, Carlos Imbassahy deixa bem claro que tôda a fenomenologia psíquica dêste gênero vem reforçar as afirmações básicas do Espiritismo, ao invés de enfraquecê-las ou abalá-las, como às vêzes se diz, razão por que a Parapsicologia, embora ainda não afirme o princípio imortalista da alma, está oferecendo subsídios valiosos à confirmação da doutrina espírita, sem, todavia, trazer novidade para quem estuda bem o Espiritismo.

É justo reconhecer que o Prof. Rhine considera a sobrevivência após a morte uma questão importantíssima. Falando, por exemplo, no Colégio de Ciência Psíquica, em julho de 1955, teve ocasião de dizer que, se existe uma questão capaz de revolucionar a vida e o planêta, é justamente a da sobrevivência, desde que aceita pelo consenso científico. O vocábulo *alma*, entretanto, é ainda um «ponto nevrálgico» para certos grupos de investigadores no campo psíquico. O Prof. Rhine propõe, até, a denominação de *alma psicológica,* justamente para afastar — diz êle — «o conceito teológico de alma». Afirma, ainda, *que, quanto mais descobrimos acêrca dos processos «ESP» e «PSI», tanto mais plausível parece a hipótese da sobrevivência.* Tôdas as suas induções, na ordem lógica de seqüência, tendem a assegurar que existe, fora e acima do corpo, alguma coisa que escapa aos conhecimentos normais. É o que se lê no 1.º dos dois volumes sôbre a *mente.* Apesar disto, na decorrência do 2.º volume, já se nos deparam algumas opiniões em que, conquanto não modifique a sua posição, o Prof. Rhine deixa transparecer que ainda é cedo para se afirmar definitivamente a existência e a sobrevivência do espírito como fato provado. A interpretação espírita, para o Prof. Rhine, ainda é uma hipótese, no que diz respeito à sobrevivência do espírito fora da matéria. Depois de dizer que *nenhum investigador científico poderia dizer que se haja obtido uma confirmação científica, clara e defensável dessa hipótese, pois, no estado atual da questão, cada qual pode crer ou duvidar,* acrescenta que *a questão da sobrevivência ainda não foi resolvida de um modo capaz de permitir a sua aceitação como cientìficamente segura.* Conta, entretanto, no mesmo capítulo, que realizou mais de 3.000 experiências de *PSI,* de caráter espontâneo, no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, e selecionou uma centena de *casos que sugerem a ação de certo agente espiritual.* Não é uma declaração positiva, é apenas a admissão, em princípio, de uma possibilidade.

Seus raciocínios vão muito bem, pela via indutiva, até o ponto em que afirma a existência de um princípio independente da matéria, mas não diz que êsse princípio seja realmente o *Espírito,* que sobrevive à decomposição do corpo. Rhine esbarra diante desta questão. É aí onde pára a investigação da Parapsicologia. Diz êle : *Qualquer que sejam os méritos da hipótese espiritista, e por mais que se seja imparcial, ou ainda que se resolva considerar a questão permanentemente de pé, não é menos certo que, pelas razões já expostas, o momento não é propício para se empreender uma investigação, em grande escala, sôbre êste problema.* (7) Refere-se, êle nêste passo, à oposição, que se faz à idéia de *alma* ou *espírito,* em determinados círculos acadêmicos na América do Norte. É o mêdo de que o problema seja deslocado do plano experimental para o plano hipotético do *sobrenatural.* Não deixa de ser, também, pelo menos em parte, um pouco de preconceito acadêmico. É necessário, pois, compreender a situação de Rhine em face das objeções com que se defronta no próprio meio científico, onde se observam atitudes tão radicais, tão fechadas, que chegam a parecer com o dogmatismo eclesiástico.

---

(7) — *J. B. RHINE* — El Nuevo Mundo de la Mente, *págs. 266 a 283, ed. Argentina.*

Temos, dêle, ainda, três estudos, em *separata* de revistas norte-americanas, nos quais procura, honestamente, rever o problema da sobrevivência, que é o aspecto mais sensível de suas discussões, sem chegar, entretanto, a uma solução satisfatória sôbre o ponto central da questão: é ou não é o *Espírito* que interfere nas comunicações e nos fenômenos objetivos, demonstrando a sobrevivência depois da morte ? É, no entanto, um trabalho cauteloso, em ordem cronológica como que para mostrar a marcha de seu pensamento nêste terreno: 1.º)—«A questão da sobrevivência» pròpriamente dita; 2.º—«Que pode fazer a ciência sôbre a questão da sobrevivência ?»; 3.º) — «A questão reexaminada», à luz de investigações. São três exposições, que se completam, mas foram escritas em datas diferentes. (8) Rhine repete a discussão sôbre telepatia, clarividência, monições, mediunidade etc., mas a verdade é que não nos fornece uma contribuição conclusiva sôbre a realidade da vida espiritual em têrmos positivos. De tudo isto, porém, fica uma conclusão marcante, isto é, o reconhecimento de que a mediunidade abre as mais largas perspectivas ao estudo da personalidade humana. Daí, haver estabelecido, no fim do 3.º opúsculo, que *existe na personalidade mais alguma coisa do que* o *seu substrato físico.* Que é isto, senão afirmar o primado espiritual no homem ? Esta conclusão vem, lògicamente, ao encontro do Espiritismo, mais ainda não é tudo. O que falta, na linguagem de Rhine, é uma definição clara sôbre o *Espírito.* Queremos crer, todavia, que, uma vez desprendendo-se de certos conceitos convencionais da Parapsicologia, Rhine termine chegando ao ponto mais alto de seus estudos, ponto a que ainda não atingiu inteiramente, mas a que poderá chegar, cedo ou tarde, pela fôrça mesma da lógica e da realidade: a continuação da vida após à morte, provada pela comunicação dos espíritos desencarnados. Seja como fôr, a obra de Rhine, que é, indiscutìvelmente, uma obra respeitável no domínio científico, tem três aspectos positivos:

a) — está afastando, cada vez mais, a Psicologia da influência materialista, o que, por si mesmo, já é grande serviço;

b) — está demonstrando, contra tôdas as prevenções acadêmicas, que o problema da alma não é apenas um problema de fé, mas também um assunto que merece o devido respeito científico;

c) — está realizando estudos e pesquisas, com espírito universitário, no sentido de chegar à confirmação do primado espiritual na personalidade humana.

Tudo isto, portanto, é uma contribuição científica das mais relevantes para auxiliar a espiritualização da humanidade. Em face do Espiritismo, porém, a Parapsicologia ainda está no caminho ou no primeiro estágio da investigação psíquica, porque não chegou ao têrmo da jornada, que é, como decorrência, o reconhecimento da existência e sobrevivência do *Espírito* como um sêr pensante, individualizado, livre e inteligente, capaz de agir sôbre a matéria, influindo também nos atos humanos. O que é indispensável, a esta altura das discussões, é compreender e estimular o esfôrço bem intencionado, nos quadros científicos, em benefício da Verdade, ainda que os resultados não sejam imediatos.

Em conclusão, o que se verifica,

---

(8) — *São os seguintes as três publicações do Prof. J. B. RHINE, em* separata :

1 — The question of Spirite Survival — 1949.

2 — What can Science do about the question of spirite survival?—1955.

3 — Research on Spirite Survival re-examined — 1956.

depois da leitura do livro de Carlos Imbassahy, é que nem a Psicanálise, com as suas pretenções exageradas, nem a Parapsicologia, com as suas inovações terminológicas, conseguiram levar o estudo da alma humana à extensão e profundidade que lhe deu a doutrina espírita. Além de ser um livro de refutação, e refutação forte à Psicanálise, o trabalho de Carlos Imbassahy é mais uma coluna, a juntar-se ao grandioso edifício de sua obra, cujos volumes constituem o maior patrimônio da literatura espírita produzida no Brasil.

Deolindo Amorim

Eu não disse: "ADEUS MEU FILHO"

Sylvio Lobo de S. Thiago

DEPOIS de ter lido a condensação do livro «Arthur Woolson», intitulada «Adeus meu filho», publicada em «Seleções do Reader's Digest» de jàneiro de 1961, fui levado, por um dever de consciência, a escrever êste artigo afim de procurar chamar a atenção de quantos me seja possível (até mesmo dos que se mantém irredutíveis em suas idéias preconcebidas), para as razões pelas quais não precisei dizer : «ADEUS MEU FILHO».

E o que é mais importante, uma vez que o fato aconteceu à minha família, poder afirmar, com a maior sinceridade de meu coração :

Graças a Deus, quando aconteceu comigo, aconteceu estando eu de posse de uma filosofia espiritualista admirável, da qual me convenci, de forma absoluta, ser a verdade.

Os casos dessa natureza, embora sempre se tenham dado desde as épocas mais remotas, nos tempos que correm veem-se sucedendo aos milhares, numa incidência verdadeiramente espantosa numa infinidade de lares.

Quantos dramas compungentes se realizam em sigilo, portas a dentro, hermèticamente serradas, não só aos olhos dos mais curiosos, mas aos ouvidos mais argutos dos que — por incrível que pareça — buscam àvidamente, pôr-se a par da imensa desdita dos que procuram esconder a causa do seu grande sofrer.

Quantas vêzes êsses cruciantes dramas, advindos em lares distraídos com as enganosas promessas de uma vida cheia de prazeres, procuram livrar-se do angustiante problema, fazendo-o da maneira mais fácil : — atirar pobres e indefesas criaturas em masmorras, por vêzes infectas, onde passarão uma vida inteira na mais triste condição.

Quantas e quantas vêzes, ao contrário, sobreveem em lares tranquilos, vivendo na maior paz e harmonia e que, de um momento para outro, transformam-se, os seus membros, em verdadeiros frangalhos humanos.

Confrange-se o nosso espírito e ficamos possuídos da maior tristeza em nossos corações, ao observar, em milhares de pessoas, nos manicômios, as suas penosas condições de irresponsabilidade, de atitudes reprováveis, de gestos profundamente atentatórios à moral, de proferir palavras inconfessáveis, de tremenda violência, *muitas vêzes, entretanto, dirigidas, quase que exclusivamente, para determinadas pessoas.*

A «narrativa estarrecedora, empolgante e absolutamente sincera de um pai sôbre a luta de seu filho como um dos mais desconcertantes de todos os inimigos: a doença mental», feita em Seleções de janeiro de 1961, mostra, em tôda a sua cruel frieza, a incompreensível indiferença, não só da ciência dos homens, mas de quase tôda humanidade, para a única e verdadeira solução nos casos dessa natureza.

A solução não se consegue com um passo de mágica ; não se obtém com aplicação de drogas que ainda mais intoxicam os organismos, nem com os processos que se assemelham com os métodos inquisitoriais de sofrimento.

Por vêzes simples, árdua é, entretanto, na maioria dos casos, a maneira segura de se obter a libertação daqueles que se vêem prezas de estados dessa natureza.

Longa é, contudo, a exposição de tão admirável terapêutica, se assim nos permitem usar o têrmo que, para bem caracterizar o processo, denominaremos de *terapêutica espiritual.*

A terapêutica espiritual, em linhas gerais, começa, em primeiro lugar, se possível, a ser aplicada ao paciente principal e, em segundo plano, aos demais pacientes, isto é, aos seus parentes mais próximos e a seus entes caros, e ainda, às pessoas que se interessem por sua cura.

Quem duvida que os parentes sofram tanto e, às vêzes, ainda mais que o próprio enfêrmo mental? Quem poderá, portanto, admitir que isto aconteça sem uma profunda razão de ser, uma vez que se considere a infinita justiça de um Criador misericordioso?

Essa terapêutica foi ditada há cêrca de 2000 anos e se encontra, claramente, na Bíblia, nos Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, que relatam o que Jesus respondeu aos apóstolos que o inquiriram porque não tinham podido curar aquêle menino cujo pai lhes tinha apresentado e, no entanto, Êle o fizera no mesmo instante.

Assim é o texto de Mateus (cap. 19, v. 15 a 21):

v. 15 — Senhor, tem misericórdia de meu filho que é lunático e sofre muito; pois muitas vêzes cai no fogo e muitas vêzes na água;
v. 16 — E trouxe-o aos teus discípulos e não puderam curá-lo;
v. 17 — E Jesus, respondendo, disse-lhe: Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei eu convôsco e até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui;
v. 18 — E repreendeu Jesus o demônio, que saíu dêle e desde aquela hora o menino sarou;
v. 19 — Então os discípulos, aproximando-se de Jesus, em particular, disseram: Porque não pudemos nós expulsá-lo?
v. 20 — E Jesus lhes disse: Por causa da vossa pouca fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a êste monte: passa daqui para acolá e há de passar; e nada vos será impossível;
v. 21 — *Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.*

Por aí vê-se, claramente, que não é sòmente orando, a maneira de agir. É, também, com o jejum de todos, isto é, a reforma individual de cada um; é a transformação radical do nosso modo de proceder e encarar a vida, considerando-a na sua verdadeira razão de ser.

Não definiu Jesus, sòmente lacônicamente, com o têrmo jejum, o modo de proceder; caracterizou perfeitamente a maneira de fazê-lo, a Pilatos, quando êste lhe perguntou: «És o rei dos judeus?» — e Jesus lhes respondeu:

> «Tu o dizes; sou rei; para isso nasci e para isso vim a êste mundo para dar testemunho da verdade. Aquêle que pertence à verdade, escuta a minha voz».

«Por estas palavras, Jesus claramente se refere à *vida futura* que Êle apresenta, em tôdas as circunstâncias, como a meta que a humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra».

Por acaso, entretanto, preocupa-se alguém, de um modo geral, com uma outra vida fora da Terra?

Porém, declarou ainda Jesus e esta é a sua maior afirmativa, base daquela filosofia a que nos referimos de início:

> «Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo».

Esta afirmativa de Jesus deu margem a Nicodemos, doutor da lei daquela época, a perguntar como se faria isso:

> «Como pode um homem nascer, sendo velho? Por ventura pode entrar no ventre de sua mãe e nascer?»

Só poderemos conceber isto; só poderemos conciliar o que se observa todos os dias, na diversidade de condições de nossas vidas; só poderemos admitir sêres nas condições morais de S. Agostinho ou nas condições intelectuais de Einstein, em confronto com as condições imensamente inferiores dos mais atrasados selvagens, admitindo que algo já existia e que alguma coisa resta após êste rápido lapso de tempo que é a nossa vida na Terra: isto é, o nosso espírito e que o espírito não tem uma única vida nêste planêta ou em quaisquer dêsses milhões de milhões de astros do universo.

O fato de serem uns mais aquinhoados do que os outros; uns mais sofredores do que os outros, é por terem uns vivido ou se aplicado mais do que os outros à prática do bem.

As diversas vidas, então, são para o aperfeiçoamento do nosso espírito. Quanto mais nos esforçarmos no bem, menos vivemos em mundos como a Terra; quanto mais erramos, mais necessidade temos de voltar a mundos como a Terra, onde, sòmente, encontramos condições de ressarcir o mal que praticámos.

Os doentes mentais, em sua totalidade, da mesma forma como os demais sêres que aqui vivem ou viveram, são encarnações de espíritos que muito erraram e que, por isso, adquiriram grandes inimigos que aguardavam ansiosos o momento da sedenta vingança.

Muitas vêzes estas vinganças são exercidas pelo algoz também encarnado, daí a explicação das grandes desavenças entre pais e filhos, entre irmãos, entre pessoas que nunca se viram e que, ao se verem pela primeira vez, desde logo manifestam sentimentos de grande aversão.

Quantas tragédias sabemos entre famílias inteiras, tragédias que perduraram até que caíssem banhados em sangue os seus últimos elementos.

Quantas vêzes, entretanto, surgem nessas levas de espíritos desafetos, almas abnegadas, espíritos que se votaram, ainda no espaço, vindo pertencer cada um a cada uma dessas famílias e se unir pelo matrimônio, ao sacrifício de apaziguamento de antigas diferenças havidas, quem sabe, centenas ou milhares de anos passados, em outras existências.

O chamamento à razão, o esclarecimento da verdade, o conselho amigo, procurando levar para o caminho do bem, pode e deve ser feito, também, aos espíritos quando se acham desencarnados e conseguem agir sôbre os seus desafetos encarnados, consistindo esta ação a causa da maioria das doenças mentais.

É essa, em traços gerais, a terapêutica espiritual, a verdadeira psicoterápia a que aludimos, tão mais fácil e eficientemente de ser aplicada, quanto maior fôr o nosso esfôrço no sentido da nossa reforma moral.

E para esta reforma, o guia seguro encontramos no cristianismo, que nos conduz àquela admirável filosofia a que nos referimos no segundo período dêste artigo e que se encontra maravilhosamente consubstanciada na Doutrina Espírita ou Espiritismo.

Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1961

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

III — CORPO E ALMA

A ponte entre o misticismo e a verdade na história das funções cerebrais — incluindo aqui o hipnotismo e o espiritismo — foi construida em nove séculos de observação e pesquiza e tem como pilastras extremas dois nomes pouco conhecidos do grande público:— Avicenna e Goltz.

Ação direta de santos e demônios a princípio, fôrça telúrica mais tarde, as funções ditas anímicas, espirituais, superiores, intelectivas, que distinguiam o homem dos animais inferiores na escala zoológica, não se conseguiam equacionar dentro da fisiologia humana. Porque, desde o princípio, o homem percebeu que pensava embora não conseguisse compreender porque e como o fazia. Tal manifestação abstrata, tal elaboração mental não reunia aos olhos dos antigos cientistas, condições para subordinar-se ao mecanismo celular da matéria perecível. E nasceriam de tais dúvidas as primeiras doutrinas dualistas e metafísicas.

Empolgado pela pesquiza direta no laboratório, lançando-se ao mundo da dissecção e do esquadrinhamento matemático e visível, os cientistas sentiam certa indicisão em atribuir a uma base material aquelas funções que não encontravam ressonância dentro da doutrina materialista. Os mesmos motivos que levaram o ciclope primitivo a criar santos e demônios, conduziram os homens de ciência a procurar num mundo metafísico a explicação para acidentes físicos que não sabiam definir nem podiam compreender.

Corpo e alma representavam assim uma grande solução para um grande problema. A estrutura anatômica do cérebro atribuia-se a função de ser o substrato físico de uma função, sem ser, obrigatòriamente, a sede dessa função. Independiam dêle, cérebro, tôdas as manifestações mais superiores da vida do homem, embora através dêle — reconhecia-se — se caracterizassem tais propriedades. Qual a natureza dessa entidade abstrata, de onde vinha, como agia, em que bases concretas se assentava, tôdas essas perguntas reconduziam o ciclope à sua cegueira inicial.

O conceito primitivo de corpo e alma viria favorecer, mais tarde, o surgimento de uma outra doutrina, esta apresentando-se com roupagens mais sérias e supostamente científicas, e pela qual, ficava a entidade humana, para fins de diagnóstico e patologia, cindida em psique e soma, terminologia grega para uma indefinição universal. O paralelismo entre muitos dos fenômenos obtidos na prática magnético-hipnótica e tantos outros observados nos consultórios médicos, em que fatôres evidentemente imponderáveis condicionavam respostas físicas e objetivas, levou a um cada vez mais imbricamento de conceitos. Corpo e alma de um lado ; psique e soma de outro, matéria e espírito dentro da concepção teosófico fetichista, eram todos os mesmos verso e anverso da mística cerebral.

Na cúpula de todos os problemas residia o mistério do funcionamento cerebral. E o fabuloso cérebro animal — mais ainda o humano — era dentre todos os mistérios, o mistério maior.

A primeira luz, muito tênue ainda, lógico, surgiu no de 980 com Avicenna (Abu-Ali Al Hussain Ben Abdallah Ibn-Sina), que se recusava a admitir a idéia do dualismo metafísico na explicação de fatos naturais e fisiológicos. Para Avicenna, as doenças ditas «psíquicas» (e podemos incluir aqui, hoje, por extensão, os endemoninhamentos e as possessões) eram decorrência exclusiva de ação dos órgãos dos sentidos externos em ligação com as fôrças intelectivas internas que, traduzindo as impressões sensoriais, transformavam-se em abstrações e generalizações resultando de tal elaboração, fôrças motoras. Sem se definir melhor, já formava Avicenna um primeiro e sólido conceito do que hoje entendemos por ação reflexa, e pela qual respondiamos nós — inclusive através a abstração — aos estímulos recebidos do meio ambiente. O nosso cérebro seria assim, para Avicenna, não apenas um depositário de fluidos, etéres ou manifestações externas cuja natureza desconhecia mas o próprio laboratório onde tais atividades eram geradas e controladas.

Sete séculos depois, Descartes já nos ensinava que o comportamento dos animais e as reações emotivas dos homens provém automàticamente de estímulos internos ou externos. No entanto — dizia —o homem é distinto de tôdas as outras coisas por possuir a faculdade de raciocinar. Embora prêso ainda a certas concepções abstratas das quais não se conseguiu libertar a tempo e atribuindo à «alma» uma localização cerebral — a glândula pineal — elaborava Descartes, uma melhor definição de reflexo : — tôda a transformação de uma excitação sénsitiva em outra motora ou secretora.

Spencer afirmaria mais tarde que o ato reflexo é a forma primitiva da atividade psíquica. E leriamos em Setchenov que todos os atos da vida conscientes ou não são reflexos por sua origem. A causa primitiva de todo ato humano está fora do homem e a atividade mental é impossível sem uma excitação vinda do exterior.

. Pouco mais tarde, Claude Bernard,

perante a Academia Francêsa, advogaria para os físiologistas, o direito de investigar os chamados atos psíquicos e os fatos ligados ao funcionamento da inteligência. E insistia (1872) em que: é preciso renunciar à idéia de que o cérebro forma uma exceção no organismo, que é o substratum da inteligência e não o seu órgão. Esta idéia é, não sòmente conceito antiquado, mas ainda um ponto de vista anticientífico. E depois de algumas considerações que nos dispensamos de transcrever, perguntava: — porque aceitar que apenas o cérebro humano, justamente o cérebro humano, o mais requintado e nobre de todos os órgãos, o mais fino, o mais completo e elaborado, fôsse justamente a única exceção à regra — não ser a sede da função—colocando-o numa triste situação de inferioridade em relação a tôdas as outras formações vivas?

Tal pergunta encontraria finalmente sua resposta em 1881, nove séculos depois de Avicenna. Durante o Congresso Internacional de Fisiologia, reunido em Londres, um alemão, Goltz, trazia para observação e estudo de seus pares, um curioso animal cujas estranhas reações não conseguia compreender.

Exteriormente, o cão trazido por Goltz era normal. Mas apresentava sérias deficiências de origem central. Faminto, não se alimentava expontâneamente, mas comia se lhe punham a ração à boca. Morreria de fome ao lado de uma montanha de carne, de sêde dentro de uma banheira. Faltava-lhe capacidade de reconhecer o alimento, de associá-lo à fome, de tomar a iniciativa. Se empurravam o bicho movendo-lhe as patas, prosseguia andando. Isso, porém, jamais sucedia por conta própria, mesmo se o chamassem ou acossassem. Chamado uma vez, voltava-se na direção do ruido a investigá-lo e identificá-lo. Chamado dez, mil vêzes, voltava-se sempre para reconhecer o ruido. Faltavam-lhe memória, experiência, capacidade associativa, inteligência. O cão de Goltz não podia aprender, não depositava fatos da vida e não os ligava, pela experiência, a acontecimentos outros, não interpretava acontecimentos do mundo exterior com fatos já anteriormente observados. Conclusão, dedução, inteligência, emotividade, raciocínio (se o podemos atribuir aos animais inferiores), eram qualidades que faltavam àquêle animal. No plano humano, aquêle cão não possuia «psiquismo», não conhecia alma.

Sherrington, fisiologista inglês, necropsiou o animal. E verificou que lhe faltava a camada nobre do cérebro, o córtex, a chamada «massa cinzenta». O cão sem alma, sem psique, sem conscientes e inconscientes, era um cão sem córtex cerebral. A descoberta de Goltz fechava a ponte iniciada por Avicenna e dela partiria, mais tarde, Pavlov, para estudar e estabelecer os princípios dos reflexos condicionados. Santos, demônios, fluidos, éteres, almas, espíritos, todo êste mundo de manifestações metafísicas e sobrenaturais, qualidades intelectivas, elaborativas, tudo isso reduzia-se agora a uma expressão anatômica: córtex cerebral.

Experiências de laboratório, milhares delas, posteriores a essa descoberta (leu bem, sr. Casella? Milhares de experiências de laboratório!) vieram demonstrar o rigoroso paralelismo entre a riqueza da estrutura do córtex dos animais e suas reações emocionais, intelectivas, abstracionais, anímicas, psíquicas, etc.

E dezenas de milhares de experiências outras, levadas a cabo por Pavlov e seus seguidores, estabeleceram as bases fisiológicas dos chamados atos reflexos condicionados, verdadeiro mecanismo de adaptação do homem ao seu meio e que vêm, finalmente, explicar (EXPLICAR, sr. Casella!) a maioria (por enquanto!) dos atos intelectivos, emocionais, anímicos, de abstração, de associação, de inteligência, do cérebro humano. Como também explica e define a natureza dos fenômenos hipnótico e espírita.

Para tratar dos reflexos condicionados têm sido escritas dezenas e dezenas de obras. Em meu livro Manual de Hipnose Médica e Odontológica, consegui resumir o assunto em mais de 200 páginas. Em «Hipnose e Letargia», correndo o risco de comprometer o entendimento dos leitores, resumi aquêle resumo para 50 páginas. Crêem que me será possível agora liquidar o tema em 3 páginas desta revista? Aos leitores realmente interessados no problema, recomendaria a leitura, agora, de uma obra sôbre o assunto, pois isso me facilitaria a tarefa. Em todo caso, da próxima vez tentarei dar-lhes uma noção perfunctória, resumidíssima, apenas quase que uma relação dos mecanismos de função cerebral e seu significado, para que depois então, possamos melhor conversar sôbre hipnotismo, espiritismo e — indo de encontro à curiosidade do sr. Casella—fenômenos parapsicológicos.

(continua)

A seguir: – «O Ato Reflexo»

O Espiritismo é a Religião

IV

A Religião edifica

16 — «A Religião é a *fôrça* que está edificando a humanidade. *É a fábrica invisível do caráter e do sentimento*». (64)

É mister, no entendimento de religião, que se não veja nela apenas o conglomerado de formas, fórmulas e de culto exterior, visível. É preciso ver nela a inspiradora e a modeladora da conduta humana. É preciso vivê-la e praticá-la despida de roupagens vistosas, inadequadas à simplicidade e à pureza aneladas às almas humildes. É exemplificando-lhe o conjunto de princípios e sistemas que o homem se religará ao Criador, que se deparará o burilamento da alma em ascese para Deus.

É indispensável que se não fixem os olhos apenas nas vestes talares, nos ritos, nos templos suntuosos, no vai-vem das multidões indiferentes. Fixem-nos no mundo interno da criatura, ainda imperfeita, sequiosa de compreensão e elevação, para a santificante construção do templo de Deus, que está em nós. (65)

Nesse trabalho diuturno, de aprimoramento e de conquistas superiores, serão extirpados a inveja, o ódio, a maledicência, a intolerância, a concupiscência, a indiferença. Encontraremos as virtudes positivas, e edificadoras :—o amor, a paz, a alegria, a fraternidade, a solidariedade, o devotamento, a abnegação, que enriquecem o espírito e tranquilizam o coração.

«Só a religião consegue apagar as mais recônditas arestas do ser. Determinando nos centros profundos de elaboração do pensamento, altera, gradativamente, as características da alma, elevando-lhe o padrão vibratório, através da melhoria crescente de suas relações com o mundo e com os semelhantes». (66)

Allan Kardec e o conceito de Religião

17—*Allan Kardec,* com o descortínio, a visão esclarecedora que possuia, ensinou, é verdade,

> «que a palavra *Religião* quer dizer *elo ;* uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um *elo* que *religa* os homens em uma *comunidade de sentimentos, de princípios e de crença :* consecutivamente, êsse nome foi dado a êsses mesmos princípios *codificados* e *formulados* em dogmas ou artigos de fé.
>
> Implica, ponderou, não a acepção de «opinião», mas a de «fé» conscienciosa». (67)

A unidade de sentimentos e de orientação social-doutrinária constitue preocupação do Espiritismo Brasileiro, sem que pezem vozes discordantes e inexpressivas.

Igualmente, o entendimento dos princípios básicos da Doutrina dos Espíritos devem orientar-se por análise serena, ponderada, concordante. Não devem ser meditados e analisados por meio de frases e textos isolados. Apontados êstes, indispensável é que se encontre o contexto, para melhor compreensão e apresentação do pensamento central. A interpretação deve atender aos imperativos do estudo comparado, ao sentido gramatical das palavras, para deparar-se a interpretação autêntica. Fugir dessa regra de hermenêunica é encaminhar-se para o desvirtuamento de uma idéia, a deturpação de um conceito, à semeadura da confusão no espírito da massa.

18 — Não se atendo a fórmulas ou formas, chegar-se-á à convicção de que «religião» tanto é *«Culto Externo»* como *«Interno»*, (68) Ora, os «princípios codificados ou formulados em dogmas de fé» prendem-se, como é sabido e notório, não ao *«Culto Interior»*, preconizado pelo Espiritismo, mas pelo *«Culto Exterior»* em que

> «se honrou o Mestre com os lábios, que o coração estava longe dêle e aquele *Culto* não tem valor aos seus olhos, porque ensinam *Doutrinas e Preceitos Humanos»*. (69)

«O laço estabelecido por uma religião, escreveu *Kardec,* seja qual for o seu objetivo, é, portanto, um *Elo* essencialmente *Moral,* que *religa* os corações, que *identifica* os pensamentos, as aspirações, e não é sòmente o fato de compromissos morais que se rompem à vontade ou do cumprimento de fórmulas que *falam mais aos olhos do que ao espírito.* O efeito desse *elo moral* é estabelecer entre os que êle une, como conseqüência da comunidade de opiniões e de sentimentos, a *Fraternidade* e a *Solidariedade,* a indulgência e a benevolência mútua. E' nesse sentido que se diz também : a religião da amizade, a religião da família.»

«Se assim é, dirão, *O Espiritismo então é uma Religião.»* E realmente, o é, porque isto é que êle ensina, predica, no esfôrço ingente de reforma do homem.

«Perfeitamente ! prosseguiu o Codificador, em artigo que não incluiu na Codificação, sem dúvida, no sentido filosófico *O Espiritismo é uma Religião,* do que nos *ufunamos,* porque êle é *doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão, mas sôbre as mais sólidas bases : As Leis da própria Natureza.»* (70)

Para compreender-se a primeira parte do pensamento de *Allan Kardec,* quando se refere à eqüivalência da «religião da amizade», «religião da família» — basta tê-lo como idéia de implemento do dever, sob todos os ângulos. Não há doutrina no mundo que ultrapasse o Espiritismo na exortação ao cumprimento do dever.

Uma simples olhadela no vocábulo religião, no Dicionário Prático Ilustrado de Sèguier, nos esclarecerá que

> *Religião,* no *sentido figurado,* «é aquilo que se considera *Dever Sagrado, Obrigação Indeclinável : tinha a religião do trabalho.»*

O sentido figurado, portanto, que é o a que se referiu *Allan Kardec,* dá o sentido exato de religião-sentimento, crença em Deus, na imortalidade, na sobrevivência, através de um culto interior, em espírito e verdade, como elo que religa, que une e que irmana.

Daí, a dedução exata do pensamento de *Kardec* quando afirmou, no trabalho examinado, que o *«Espiritismo não é uma religião», porque «só temos uma palavra para exprimir duas idéias diferentes e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; revela, exclusivamente, uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso».*

Efetivamente, no Espiritismo não há guarida para *Cultos Pomposos,* tal como o apontou o Codificador. Não há sequer lugar para manifestações formais, que se não coadunam com o espírito da Doutrina dos Espíritos, ou seja aquêle culto que é adoração, reverência, respeito, ânsia de compreensão a Deus, mas, repita-se, em *espírito* e *verdade.* As reuniões se processam no recôndito silencioso de grupos, em comunhão de pensamento, em que se não fazem nelas «uma questão de forma».

Não se tem nêle, nem se terá «nova edição, uma variante, que assim nos fizermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégio; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos, contra os quais sua opinião tem-se elevado tantas vêzes».

Realmente, assim sentindo tinha razão o Grande Mestre. O Espiritismo, assim descrito, não é, de fato, uma religião, nem é vivido e praticado pelos seguidores da Doutrina de Paz, de Amor e de Alegria.

O fato de só *«termos uma palavra para exprimir duas idéias diferen-*

tes», hoje, não é obstáculo a que se diga o Espiritismo *Não uma Religião,* mas *A Religião.*

Tanto não o é, que o próprio *Kardec,* além de no-lo apresentar e definir, assegurou que

> *«O Espiritismo é grande alavanca do Progresso em tôdas as coisas».*

A situação por êle vivida, heróica e corajosamente, há mais de século, impunha-lhe conceito e definição daquêle jaez :

> *«Não peçamos a uma época mais do que ela pode dar».*

preceituou o Codificador.

Lògicamente, decorrido um evo, o Espiritismo recebeu o bafejo incoercível da evolução e do progresso, embora a sua estrutura continue granítica, ainda não inovada.

Deve-se vê-lo e meditá-lo sem paixão, com acentuado discernimento, e verificar-se-á que, hoje, o têrmo religião está bem definido. Não há possibilidade de as idéias confundirem-se, embora exista um único vocábulo a determiná-las.

O grande apóstolo *Thiago,* aquêle que endereçou a sua epístola à humanidade, «às doze tribos dispersas de Israel», (71), o mundo conhecido de então, escreveu que *«A Religião pura e sem mácula aos olhos de Deus consiste nisto :* em visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições ; e em conservar-se cada um a si isento da corrupção do século». (72)

Expressou, claramente, que a religião pura é aquela que tem por *Fim* a caridade e por *Meio* a incontaminação com as coisas do mundo. Repetia, é claro, o desejo de Jesus :

> «Eu não vos peço que os tire do mundo, mas que os guardeis do mal». (73)

E não foi sem motivo que *Allan Kardec,* imbuido, totalmente, do espírito evangélico, afirmou que a

> *«Caridade é a Alma do Espiritismo* : ela resume todos os *Deveres* do homem para consigo mesmo e para com seus semelhantes ; é por isso que se pode dizer que *Não há verdadeiro Espírita sem caridade».*

Pregou, portanto, a *Religião do Amor,* que se confunde com a essência do próprio Deus, que «é Amor».

Noraldino de Mello Castro

(continua)

---

64 — EMMANUEL—Roteiro, pág. 44.
65 — I, Coríntios, III : 16.
66 — EMMANUEL—Roteiro, pág. 44.
67 — REFORMADOR — Outubro de 1949, págs. 217/220, tradução do Prof. ISMAEL GOMES BRAGA.
68 — CÂNDIDO FIGUEIREDO—Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa.
69 — Mat., XV : 8-9; Mc. : VII : 7.
70 — KARDEC — Revista citada.
71 — THIAGO, I : 1.
72 — THIAGO, I : 27.
73 — Jo., XVII : 15.

Serões Bíblicos - VII

Redator : LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo VII)

«Feita esta mesma pergunta a um Parse, êle daria a seguinte resposta, com igual rapidez — «Zoroastro, pois, assim nô-lo descreve a Zend-Avesta». (História das Religiões, 97). Esta analogia existe, não só em relação a Zoroastro, senão também em relação a Osíris egípcio (A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 225). É por isso que Dupuis não crê na existência de Jesus como personalidade histórica ; para êle Cristo é a personificação, a humanização de um mito solar (op. cit. pág. 91 e 281). Apela A. Leterre, todavia, para a carta que Publius Lucius teria escrito a Tibério, imperador de Roma (op. cit. 91). Esta mesma carta saiu impressa na revista «Vamos Ler», de 22/7/1943, pág. 16, com o título : «A Verdadeira Face de Jesus». Só que aqui, em vez de Publius Lucius é

Publius Lentulo. Contudo, o mesmo Públio Lêntulo, que é o Emmanuel do «Há Dois Mil Anos», nada disto fala no seu romance autobiográfico, psicografado por Francisco Cândido Xavier. E não há, até agora, nenhum documento arqueológico e histórico que prove a passagem de Cristo pela Terra.

—Quanto ao «Sudário de Turim», que A. Leterre descreve em sua obra «Jesus e Sua Doutrina», páginas 528 a 530, e que também foi estudado na revista «O Cruzeiro», de 23/3/60, páginas de 110 a 114, quanto a êste suposto sudário de Cristo diz Werner Keller em «E a Bíblia Tinha Razão», pág. 319: «Falta ainda, contudo, responder a esta pergunta: de quem foi o corpo envolto nêsse sudário e quando foi que isso aconteceu?» E...

Árago — Cala-te, Chilon! Sofrea teu ímpeto destrutivo! Tu te assemelhas a um cachorrinho que tudo quer rasgar nos dentes, como dissera Platão, dos que se iniciam muito jovens em filosofia.

Se duvidas da existência do Cristo histórico, guarda para ti mesmo tuas dúvidas, porque ai daquêle que quebrar o encanto da lira de Orfeu que tem feito dançar as multidões. Se os homens comuns, que não filósofos, duvidarem do Cristo, regridirão, por certo, ao reino das bestas mais ferozes e danosas. Sejamos construtivos... Tem mão sôbre ti, e considera o que diz Emmanuel no prefácio de «Nosso Lar» de André Luiz, quando afirma: «Os que colhem as espigas maduras, não devem ofender os que plantam à distância, nem perturbar a lavoura verde, ainda em flor». Manda gravar isto, em letras grandes e douradas, como mote, diante da tua mesa de estudos. Considera, enquanto é tempo, que teus arrasamentos e destruições da Bíblia e do Evangelho, arruinarão, sem remédio, «a lavoura verde, ainda em flor», dos que se iniciam nas coisas da religião... Além disso, usando o método da extrapolação, eu te posso provar que o Cristo histórico existiu, como encarnação do Cristo cósmico, que, pelo mesmo método, provo que existe...

Chilon — Que diabo de método é êsse, que não conheço? provai então essa verdade!

Árago—Calma! Êsse não é o nosso assunto... Responde-me: a idéia da reencarnação, e, conseguintemente, da sobrevivência da alma, existe nos documentos egípcios?

Chilon — Sim, e fale A. Leterre: «A crença na ressurreição dos mortos, era do domínio da religião egípcia, de onde o embalsamamento de corpos» (Jesus e sua Doutrina, 224). E conforme os relatos de Platão, no seu «Timóteo», o arquipélago formador da chamada Atlântida, submergiu nos mares ali pelo ano 9600 a. C. A civilização dos atlantes, antes da submersão do arquipélago, irradiou-se para todos os pontos, que eram relativamente próximos, pois os continentes que flutuam no magma, como icebergues, não se tinham afastado tanto como hoje. Essa é a causa de as culturas dos Maias, Incas e Astecas americanos serem como a dos primeiros tempos da Babilônia, da Etruria pré-romana e dos Acáios pré-helenicos, e ainda dos Micenos e Cretenses eurásicos, e Mouros norte-africanos. E «todos êsses povos oravam em templos solares, orientados astronômicamente, utilizavam calendários do mesmo tipo básico, *embalsamavam os seus mortos,* usavam emblemas como asas de falcão» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 236.)

— Pus em destaque «*embalsamavam os seus mortos*», para reforçar a tese de que não era só no Egíto que se faziam embalsamamentos, e por onde andou Moisés, colheu, de todos os povos, esta informação. Quando os arquitetos de túmulos trouxeram a Quéops, o maior dos faraós antigos, as maquetes de uma construção, em argila, altamente complicadas pelos labirintos, o rei, apontando para suas fabulosas riquezas amontoadas num canto, disse:—De túmulos iguais a êsses eu tirei essas riquezas. Eis, pois, que não era só no Egito que se preservavam corpos, e os enchiam de riquezas, para que as almas não passassem privações nenhuma na outra vida (!...).

Árago — Logo, por que não fundou Moisés sua religião nesta revelação? Por que não disse isto, que a alma sobrevive à morte corporal?

Chilon — Agora já não sei o que vos diga.

Árago — A coisa está, caro Chilon, que Moisés verificou que a idéia da sobrevivência da alma, com o seu corolário prêmio-castigo, é completamente inútil, quando se trata de sêres primitivos. Como as crianças, êles só respondem bem ao estímulo dos prêmios-castigos a curto-prazo, próximos, imediatos.

Chilon — Como podeis demonstrar isso?

Árago — Demonstro-o com duas autoridades distantes do Nilo, pois não preciso de me referir aos abusos dos egípcios, para provar que sua fé na imortalidade não tinha valor religativo, isto é, moralizante, espiritualizador. Além destas autoridades, farei o estudo dos fatos atuais.

—Em primeiro lugar tem a palavra Emmanuel que diz: «nenhum povo da Terra tem mais conhecimentos acêrca da reencarnação, do que o hindú, ciente dessa verdade sagrada, desde os primórdios da sua organização nêste mundo» (A Caminho da Luz), 49-50). No entanto é lá na Índia, precisamente, que existe o rajá e o pária. Sabes tu o que seja um rajá e um pária? Chilon!

Chilon — Sei.

Árago — E conquanto os rajás saibam que vão ser párias noutras existências, que vão voltar «às mesmas estradas que transitaram sôbre o dorso dos elefantes ajaezados de pedrarias, como os mendigos desventurados, resgatando o pretérito em avatares de amargas provações expiatórias» (op. cit. 49), nem por isso se tornam mais morigerados. E agora mesmo nêste nosso Brasil, repara como os espíritas ricos não se querem tornar pobres, ainda que seja para terem um tesouro no céu (Mat. 19, 21), e antes, tocam a enriquecer-se mais e mais, do mesmo modo que os orgulhosos, vaidosos e violentos, nada fazem por se corrigir, apesar de Cristo ter declarado que dos humildes é o reino dos céus (Mat. 5, 3), e que os mansos herdarão a Terra (Mat. 5, 5).

—Vejamos agora o oposto de tudo isto pela pena do incréu Voltaire, que é a segunda autoridade atrás referida: «Os judeus, muito embora não ensinassem as leis de Moisés nenhuma vida por vir, não ameaçassem castigos depois da morte, não ensinassem aos primeiros judeus a imortalidade da alma, os judeus, longe de ser ateus, longe de contar subtrair-se à justiça divina, foram os mais religiosos dos homens. Não sòmente criam na existência de um Deus eterno, como o acreditavam constantemente em sua presença. Temiam ser castigados nas pessoas de si mesmos, da mulher, dos filhos, na posteridade, até a quarta geração. E êste freio era poderosíssimo» (Dicionário Filosófico, 44 — Atena Editôra). E acrescenta Voltaire, a êste propósito, noutra parte: «Inútil discutir quanto aos sentimentos secretos de Moisés» (op. cit. 19.)

(continua)

Espiritismo não é Hipnotismo

Não tem base Científica a afirmação de um dos participantes do Congresso Internacional de Hipnologia

Comunicado da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

Nenhum médico, que conheça apenas hipnotismo, pode falar, com autoridade, ao mesmo tempo, sôbre hipnotismo e sôbre Espiritismo; não pode fazê-lo, evidentemente, porque conhece um, mas desconhece outro; para fazê-lo, seria preciso que conhecesse ambos, com o mesmo grau de profundidade. Apesar disso, o médico e psiquiatra Dr. Antonio Fajardo, um dos participantes do recente Congresso Internacional de Hipnologia que se considera conhecedor de um dos aspectos da questão (o hipnotismo), deu entrevista ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS, ostentando seu total desconhecimento do outro aspecto do problema (o Espiritismo), para declarar que o Espiritismo não passa de hipnotismo. Ora, outros médicos, inclusive psiquiatras e fisiologistas, até de renome internacional, chegaram a conclusão diferente, como fruto de investigação científica, não, apenas, para a aventura de dar palpite. Vejamos o que disseram alguns dêsses investigadores, apresentando os resultados de suas pesquisas, de puro objetivo científico, através dos tempos.

O Prof. Cesare LOMBROSO, médico italiano (psiquiatra, médico-legista e antropólogo de renome mundial), que foi Catedrático de Psiquiatria e de Medicina-legal da Universidade de Turim, Diretor do Hospital de Alienados de Pesaro, criador da Antropologia Criminal, fundador duma nova escola penal e autor de obra precisamente sôbre investigação quer do hipnotismo, quer do Espiritismo («Ricerche sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici», Turim, 1909), depôs:— «Apesar de ter ouvido alguns sábios negarem os FATOS DO HIPNOTISMO... que eu já havia VERIFICADO PESSOALMENTE, vi-me compelido a indagar se meu cepticismo, ao considerar os FATOS ESPÍRITAS, não era da mesma natureza que o dos sábios referidos em relação aos fenômenos hipnóticos» («Annales des Sciences Psychiques», Paris, 1891). «Há fenômenos para os quais NÃO BASTA A INFLUÊNCIA DOS VIVOS PARA EXPLICAR. Assim, a premonição ; o AVISO DE MORTE, ou DE DOENÇA, dado à distância e a pessoas diferentes simultâneamente, no próprio instante que acontece ; as MATERIALIZAÇÕES de vários sêres...; o fenômeno da LEVITAÇÃO... ; o aparecimento e o desaparecimento através de corpos opacos» (isto é, A PASSAGEM DO ESPÍRITO ATRAVÉS DE PAREDE COMPACTA, OU DE PORTA SEM ABRÍ-LA) «e outros, que sugerem o espaço de quatro dimensões» («Encyclopaedia of Psychic Science», Nandor Fodor, Presidente e Investigador Oficial do «International Institute for Psychical Research», Londres, 1932, pág. 273). Antes da investigação, Lombroso era positivista.

O Prof. Enrico MORSELLI, médico italiano (psiquiatra e psicólogo), que foi um dos maiores alienistas da Itália, Professor de Psiquiatria da Universidade de Gênova, Diretor do Asilo de Alienados de Macerata e do «Instituto Psichiatrico nella Reale Universitá», depôs, sem se haver tornado espírita, em conseqüência da investigação procedida:— «Fui não sòmente ANTI-ESPÍRITA... fui CÉPTICO... Hoje, MUNIDO DE EXPERIÊNCIA, após haver refletido maduramente sôbre o que VI e TOQUEI, com meus próprios dedos, sem interrupção DURANTE ANOS, na QUESTÃO DA MEDIUNIDADE, MUDEI DE OPINIÃO. E hoje, COM PLENA CERTEZA DE ESTAR COM A VERDADE, escrevo... OS FENÔMENOS FÍSICOS E MEDIÚNICOS, atribuidos a Eusápia, SÃO, em maioria muito grande, REAIS, AUTÊNTICOS...» («Corriere della Sera», Milão, 1907, abril, artigo do psiquiatra, que era positivista).

O Prof. Filippo BOTAZZI, médico italiano (fisiologista), que foi Catedrático de Fisiologia e Diretor do Instituto Fisiológico de Nápoles, depois de observar detidamente fenômenos espíritas produzidos pela célebre médium Eusápia Paladino, de materializações e de efeitos físicos, sob contrôle de aparelhagem especial, depôs: — «A certeza que adquiri é da mesma ordem que se alcança ao estudar os fatos químicos, físicos ou fisiológicos («Encyclopaedi of Psychic Science»». Nandor Fodor, Londres, 1933, pág. 36.

Emilio SERVADIO, médico italiano (psicanalista e metapsiquista, portanto não-espírita), comparando como fruto de observação e de estudo, os estados de sono mediúnico, hipnótico e patológico, depôs: — O transe mediúnico «se AVIZINHA mais da hipnose, mas, sôbre a característica do sono hipnótico, bem pouco se pode dizer, além da verificação puramente exterior» («Luce e Ombra», Roma, 1930, pág. 277/8). Observação: AVIZINHAR-SE, acercar-se, aproximar-se não é o mesmo que SER IGUAL. O estado mediúnico *avizinha-se* do estado hipnótico.

O Prof. Charles RICHET, médico francês (fisiologista e metapsiquista, portanto não-espírita), que foi Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, membro do «Institut de France», descobridor da seroterapia e da anafilaxia. Premio Nobel de Medicina e Fisiologia (1913), um dos criadores da Metapsíquica e autor do «Traité de Metapsychique» (Paris, 1922), após investigar a fenomenologia hipnótica e, durante mais de 50 anos, a espírita, depôs: — «O estado de monoideismo e de automatismo que criam os TRANSES, seja o HIPNÓTICO, seja o ESPIRÍTICO, desenvolve tão extraordinária aptidão para a criptestésia, como acontece com Mrs. Piper, com Mrs. Leonard, com Mrs. Verrall, que se é tentado a supor que HAJA INTERVENÇÃO DUMA INTELIGÊNCIA ESTRANHA». Os fenômenos metapsíquicos constituem um conjunto potente homogêneo, «que certos críticos de pormenores, por mais penetrantes que se suponham, não poderão desagregar. Assim: 1.°, há no homem uma FACULDADE DE CONHECIMENTO que difere, absolutamente, das faculdades de conhecimento sensórias comuns (criptestesia); 2.°, há produção, mesmo em plena luz, DE MOVIMENTOS DE OBJETOS SEM CONTATO; 3.°, há MÃOS, CORPOS, OBJETOS que parece se FORMAREM NUMA NÉVOA e tomar APARÊNCIAS DE VIDA (ectoplasmia); 4.°, há PRESSENTIMENTOS, que nem o acaso, nem a perspicácia, explica, e que às vêzes se confirmam com todos os pormenores» («Traité de Mètapsychique», Paris, 1922, págs. 49 e 361). Seria o hipnotizado capaz de produzir fenômenos como os de telecinésia (movimentos, à distância, sem contato) e de ectoplasmas (materialização de mãos, rostos, corpos, isto é, fantasmas completos)?

Gustave GELEY, médico francês (neurologista e metapsiquista), que durante 6 anos foi Diretor do «Institut Mètapsychique International» de Paris, depôs: — «O ESTADO DE TRANSE ectoplásmico consiste num ESTADO HIPNÓIDE, pouco profundo e muito instável, que qualquer manobra intempestiva ou inexperiente dos controladores pode aniquilar» («Ectoplasmie et Clairvoyance», Paris, 1924, pág. 9). *Hipnoide* vem do Grego «hypnos» (sono) e «eidos» (forma, aparência, semelhança). *Estado* hipnóide não é o mesmo que *estado hipnótico*; parece, mas não é.

Jean VINCHON, médico francês (psiquiatra e metapsiquista), chefe da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris (Citado pelo Prof. Roxo à pág. 283 de seu «Manual de Psiquiatria, 4.ª edição), Médico-assistente de Neuropsiquiatria do «Hospital de la Pitié» e Vice-presidente do «Institut Mètapsychique International» de Paris, depôs (evidenciando que o estado mediúnico pode ser algo consciente, enquanto o estado hipnótico é tipicamente inconsciente): — «Na escrita automática... o ato de escrever com relativa lógica DEPENDE MAIS DO CONSCIENTE QUE DO INCONSCIENTE. Os escritos automáticos dos médiuns são bem ordenados... E' preciso pois admitir nesse último» (o médium escrevente) «a conservação relativa da consciência» («Revue Mètapsychique», órgão oficial do «Institut Mètapsychique International», Paris, 1937, setembro-outubro, pág. 329, conferência realizada no Instituto). Para o investigador e psiquiatra francês, metapsiquista e materialista, opera no caso, UM CONSCIENTE — o do médium. E' certo, em parte. Não há dúvida, opera um consciente — mas o do espírito comunicante.

a) *MILTON DE ANDRADE*
Presidente

(Conclúe no próximo número)

Crônica Estrangeira

O MARINHEIRO «MORTO» INFORMA: O BARCO ESTÁ CORRENDO PARA A SUA PERDA!

«Two Worlds»

Um quarto de hora antes de o navio «Silver Cloud», perdido em densa cerração estava para desaparecer nos pérfidos abismos de Rattroy (Escócia), um marujo morto informou à única mulher da equipagem, que uma desgraça estava para abater-se sôbre o navio.

Tal a história que a francêsa Marcelle Mortlock contou, num abrigo de guardas-costeiros, a um jornalista da *Aberdeen Press and Journal.*

«Eu sabia que isso parecia ser coisa de doido, disse ela, e a equipagem me ridicularizava. Talvez seja um sonho, ou produto de minha imaginação ou coisa parecida, mas eu realmente o vi. Não acredito em fantasmas. Jamais vi um antes, mas êste eu o vi sete ou oito vêzes depois do momento em que nos reunimos no barco em Inverness.

«Era um marinheiro jovem, com rosto redondo, e um nome como «Lancastrian» ou «Lancaster» sôbre a fita de seu barrête. Êle desaparecia tão rapidamente como vinha, mas uma vez, êle falou: quando deu sua informação.

«Ninguém mais o viu, disse ela, e é isto que torna a coisa tão difícil a ser admitida pelos outros. Certo dia, em Iverness, quando eu estava no salão com Mme. Moore, a mulher do proprietário e nós duas ocupados a examinar uma lista de compra, êle apareceu perto dela. Como eu estava prestes a gritar, êle desapareceu imediatamente. Quando eu relatei esta visão a Mme. Moore, ela afirmou ter tido a impressão de alguém colocado atrás dela.»

A Snra. Mortlock repousava em sua cama, só na cabine, quando êle lhe falou.

«Não posso lèmbrar-me exatamente de suas palavras, mas êle disse que algo estava para acontecer ao navio. Eu não deveria assustar-me porque nada sofreríamos. E acrescentou que «êles» desejavam simplesmente que o barco não partisse da Escócia. Alguns quinze minutos mais tarde, tudo se realizara.»

«Pode ser que fôsse um sonho, um pesadêlo — mas nunca me esquecerei de seu rosto».

—

Espiritismo no Brasil

MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO ESPÍRITA

Do Movimento Universitário Espírita, sito à Rua Maria Paula, 122 — 5.º andar — Sala, 504 — São Paulo, recebemos o seguinte comunicado:

«São Paulo, agôsto de 1961.

Temos o prazer de vir a sua presença, comunicando-lhe a eleição da primeira diretoria do Movimento Universitário Espírita, em assembléia realizada a 20 de maio de 1961, bem como a realização das solenidades de sua instalação, levadas a efeito no dia 17 de junho de 1961, remetendo, também, alguns dados sôbre o MUE:

Solenidades de Instalação

No dia 17 de junho, às 20 horas, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, foi levada a efeito a sessão solene de instalação do MUE, contando, entre outras, com representações do Dr. Jânio Quadros, Presidente da República, entregue ao Prof. José Herculano Pires, do Dr. Freitas Nobre, Vice-Prefeito de São Paulo, da Guarda Civil, da Cruzada dos Militares Espíritas, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, da Liga Espírita, da União das Sociedades Espíritas, além de inúmeros outros Centros da Capital e do Interior.

Com um salão completamente lotado, fizeram-se ouvir o Dr. Luiz Monteiro de Barros, falando em nome dos intelectuais espíritas de São Paulo, o Prof. José Herculano Pires, falando como representante do Presidente da República, e a quem esteve a cargo a Presidência de Honra da Mesa, e o Acadêmico Níveo Aurélio Villa, Presidente do MUE. Presidindo a solenidade esteve o Sr. Carlos Jordão da Silva, que também saudou o Movimento em nome da USE.

Dados sôbre o Movimento Universitário Espírita

Após a reunião de várias manifestações isoladas surgidas em nosso meio, tornou-se possível a formação do MUE, entidade que congregará os universitários espíritas do Estado de São Paulo.

Vários são os seus objetivos, entre os quais destacamos o combate ferrenho à dialética materialista que ora grassa em nossas universidades, desviando inteligências jovens de seu caminho reto, mòrmente as que não possuem uma orientação espiritual bastante segura. Lançando as luzes do Espiritismo às ciências do mundo, estará o MUE contribuindo eficazmente para que sejam melhor compreendidas e aplicadas, possibilitando que realmente trabalhem para conduzir o homem ao seu destino supremo.

Pelas suas atividades o MUE procurará demonstrar que o espiritualista não é um ser privilegiado por Deus, o que ajuda a afastá-lo das lutas por uma condição de vida melhor, em que todos possam ter a oportunidade de dedicar-se às coisas do espírito. Tal atitude contribui de forma efetiva para a entrega dos postos chaves do mundo a elementos sem condição moral e espiritual para os mesmos. Dessa forma procurará o MUE contribuir para que os homens que têm o Evangelho no coração batalhem por um mundo melhor, mais humano, empregando nessa tarefa tôda fôrça moral que o conhecimento e a posse da verdade lhes conferem.

O MUE defenderá a doutrina espírita, tal como a codificou Kardec, batalhando para que os jovens voltem-se a Deus desde os bancos acadêmicos, profligando incessantemente para que o Brasil seja mais ràpidamente a Pátria do Evangelho. Tais atividades servirão para dirimir dúvidas que ainda pairem no seio do povo e, embora pertençamos a um grupo religioso, agiremos sempre sem o menor sectarismo, baseando-nos no Evangelho do Cristo e observando intransigentemente uma Conduta Espíta, por não aceitarmos a regra quase geral de que os fins justificam os meios.

A primeira diretoria do MUE foi eleita em Assembléia geral realizada no dia 20 de maio, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Está assim composta a Diretoria Executiva que regerá os destinos do MUE neste seu primeiro ano de existência:

Presidente, Níveo Aurélio Villa (Engenharia); Vice-Presidente, Walter Rangel de França (Direito); 1.º Secretário, Paulo Jacinto (Economia); 2.º Secretário, Cleidemar Amaral Batista (Filosofia); 1.º Tesoureiro, Mário Paulelli (Direito); 2.º Tesoureiro, Nilza Mattei (Direito); Diretor Cultura, Sergio Henrique Macedo Pinto (Direito); Diretor Serviço Social, Nair Mortensen (Serviço Social); Bibliotecário, Abemar Sampaio (Direito).

Primeiras atividades

Marcando o início das atividades, o MUE manifestou-se junto ao Senado da República, pedindo rejeição do Projeito de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Várias sub-comissões foram formadas, já tendo iniciado seus trabalhos. Temos pelo Departamento de Cultura a realização de estudos para confecção de um jornal.

No Departamento de Serviço Social nota-se, dentro do plano geral que está sendo traçado, estudos para a instalação da Casa do Universitário Espírita, destinada a abrigar jovens do interior que necessitam vir para a Capital continuar seus estudos, a instalação do Departamento Jurídico e do Escritório Piloto de Arquitetura.

Os interessados na Casa do Universitário Espírita poderão dirigir-se ao MUE, solicitando maiores informações e pedindo sua inscrição.

No dia 21 de outubro de 1961, às 14 horas, em São Paulo, realizar-se-á a Assembléia Geral Ordinária do MUE, para eleição da Diretoria para o ano de 1962 e modificação dos Estatutos Sociais em vigor.

Sem outro particular para o momento, subscrevemo-nos enviando nossas fraternas saudações.

Movimento Universitário Espírita

PAULO JACINTO
Secretário

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926 cr.$ 400,00	Ano de 1949 cr$. 300,00	Ano de 1955 cr$. 300,00
» » 1929 » 400,00	» » 1950 » 300,00	» » 1956 » 300,00
» » 1946 » 300,00	» » 1951 » 300.00	» » 1957 » 300,00
	» » 1952 » 300.00	» » 1958 » 300,00
» » 1947 » 300,00	» » 1953 » 300,00	» » 1959 » 300,00
» » 1948 » 300,00	» » 1954 » 300,00	» » 1960 » 300,00

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 220,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 30,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 40,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00.

**Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal**

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUIRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3791unse

XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Outubro de 1961 – N. 9

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
[illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Allan Kardec . . . . *Redação*
Cérebro e Espírito . . . . . . *Carlos Imbassahy*
O Espiritismo é a Religião . . . *Noraldino de Mello Castro*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . *V. O. Casella*
Mediunidade Curativa e Matemática Estatística . . . . *Sylvio Lobo de S. Thiago*
Hipnose e Espiritismo . . . . . *Osmard Andrade*
Espiritismo não é Hipnotismo . . *Milton de Andrade*
Espiritismo Bossa Nova . . . . *Mac Maynard*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evngelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Natal dos Pobres

Prezados confrades :

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, o dia do Natal de Jesus, 25 de Dezembro.

Jesus foi o amparo dos párias, dos aflitos, dos sofredores e famintos, que o acompanhavam e ouviam-lhe as palavras de amor e vida eterna. Porisso, todo o bem que fizermos aos nossos irmãos necessitados, é seguir o que Êle exemplificou.

Portanto, nesse dia, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», será feita distribuição aos pobres necessitados, das dádivas que os corações bem formados ofertarem, numa justa homenagem Àquele que deu a sua vida pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de alegrá-los nesse dia, solicita do bom amigo uma dádiva que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas e calçados, mesmos usados.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhes proporcione com muita saúde e paz, um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, 12 de Outubro de 1961

A Comissão

Chiquita Fonseca
Rosa F. Fratine
Antoninha P. Campêlo
Leticia M. Olson
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Dirce B. Mariani
Eliza V. Machado
Luiza P. Gonçalves

Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Jenny Perche
Clotilde Cunha
Carmen Torres
Juracy Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barboza
Sylvia Lucia Urban

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1961 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

ALLAN KARDEC

3-10-1961

OS homens sofriam as conseqüências de uma luta terrível entre duas formidaveis potências que abatiam os povos, subjugando-os à materialidade, atirando-os nos báratros insondáveis do aniquilamento; de um lado, as religiões com seus cultos e aparatos, mas nenhuma demonstração davam da existência do espírito; de outro lado, um materialismo adornado com as cores da ciência, mas que se negavam às pesquisas, à experimentação, ao livre exame dos fenômenos espíritas, quando os Poderes Superiores, descerrando as cortinas da morte, permitiram que as almas acentuassem suas manifestações, com o objetivo de chamar a atenção dos homens ao que mais lhes importava — a sobrevivência da individualidade humana. Foi quando por todo mundo começaram, com surpreendente intensidade, as manifestações e aparições dos espíritos, que tiveram o seu início na pequena povoação de Hydeswille. As manifestações se propagaram como um rastilho de polvora por todo mundo e prenderam a atenção de grandes e pequenos, de sábios e ignorantes.

Nessa ocasião, precisamente em 1858 (18 de abril), um grave pensador lançara aos ventos da publicidade, em Paris, um livro, relatando aquêles fenômenos que marcavam uma nova etapa na evolução da humanidade. Êsse pensador chamava-se Léon Hypolite Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, nome que tivera em outra existência anterior, e o livro que seria o começo de sua imortalização, intitulava-se *«Livro dos Espíritos.»*

O «Livro dos Espíritos» verdadeiramente imprimiu o movimento de renovação que iluminou a segunda metade do século passado e que fará a redenção do século em que estamos.

A obra de Kardec representa o trabalho de um joeirador em campo inexplorado, pois a sua missão foi a de coligir, coordenar os Ensinos dos Espíritos, cuja moral igualitária, pacífica e fraterna dos Evangelhos de Jesus, forçosamente provocaria o ódio dos implacáveis adversários do bem, que, impelidos pelo instinto de conservação, moveriam ao grande iluminado, as mais terríveis perseguições.

Mas, êle não vacilou, não esmoreceu, e sob o ditâme do *bom senso*, de que foi a mais perfeita encarnação, tornou-se o grande arauto da Sobrevivência, pela magnitude da obra que, por um impulso da Providência, foi levado a empreender.

A missão que coube a Allan Kardec não poderia, assim o parece, ser confiada a outra individualidade, pois êle possuia os requisitos precisos para levá-la ao triunfo difinitivo.

Com efeito, nenhum escritor melhor concebeu a grandeza do Universo e o plano da Criação, nenhum melhor do que êle expôs, com maior clareza de métodos, numa linguagem de uma precisão e de uma pureza sem iguais, o verdadeiro destino da alma, as condições da vida futura.

Pensador profundo, sábio e erudito, espírito amplo, de coração reto e leal, trabalhador infatigável, Allan Kardec entretinha relações com as sumidades intelectuais, tanto nas camadas mais modestas, quanto nas mais elevadas. A sua própria natureza o arrastava a êsse prazer perene de conversar com homens que se distinguiam em todos os ramos do pensamento e, nêsse intercâmbio de idéias, êle intervinha com suas maneiras afáveis, mas com segurança de convicções.

Revestido de todos os conhecimento necessários para o empreendimento da grande causa que tinha por fim operar radical transformação em tôdas as ramificações do saber humano, Allan Kardec não relutou tomar a frente dessa grande missão que o tornou célebre e conhecido em todo mundo.

Traçando o seu retrato, Mrs. Ana Blockwell assim se exprimiu :

«Allan Kardec é de estatura mediana, robusto, testa ampla, olhos pardos, parecendo mais alemão que francês. E' enérgico e tenaz, mas de temperamento tranquilo, precavido e realista até a frialdade, céptico por natureza e por educação, racionalista, lógico e preciso; é eminentemente prático em idéias e ações; não é entusiasta nem místico. Austero, cuidadoso no pronunciar-se, sem exterioridades e cheio de independência e de critério, que assinalam o seu caráter. Êle, sem provocar discussões, não as evita. Recebe amavelmente inúmeros visitantes que de tôdas as partes do mundo, vão falar-lhe das idéias, de que êle é o mais autorizado expoente. O mestre contesta as objeções, resolve as dificuldades, dá informes a todos os investigadores sérios, com quem animadamente conversa sôbre a Nova Revelação, de que se tornou o porta-voz. Nunca o viram rir, mas seu rosto é prasenteiro e jovial. O Imperador Napoleão III, cujo interêsse pelos fenômenos era conhecido, com êle teve largas conversações nas Tulherias, sôbre a doutrina que êle expôs no *Livro dos Espíritos.*»

Durante todo o tempo de exercício de sua grande missão, o Mestre foi incansável no afan de divulgar a Doutrina. Não se limitava à publicação de livros e revistas (em 1858 êle fundou o prestigioso periódico «La Revue Spirite»), saía pelas cidades da França, fazia conferências, proferia alocuções convidando os ouvintes ao estudo e experimentação, método por êle adotado durante sua existência terrena.

Allan Kardec tornou-se por todos os títulos, o credor do nosso reconhecimento. Que êle possa, lá do outro lado, continuar a sua nobre missão para que o mundo compreenda e aceite o Espiritismo, pois só êle poderá *arranca-lo* do caos em que se debate, transformando-o num verdadeiro paraízo digno de ser vivido.

* * *

AS CRUZADAS

As cruzadas surgiram no velho mundo nos séculos XII e XIII, foram organizadas com o objetivo de dar combate aos infieis. Levaram ao Ocidente e ao continente Europeu, as guerras de destruição ao grito de «Deus o quer».

No século atual, vem surgindo por tôdas as cidades do Brasil, apoiadas e dirigidas pelos militares de terra, mar e ar, as Cruzadas dos Militares Espíritas com a missão de: combater o analfabetismo, educar e instruir as crianças e jovens, tornando-os úteis à humanidade; moralizar a mocidade, reeducar e esclarecer os mais velhos: amparar a infância e a velhice desvalida; espalhar por todos os setores de nosso amado país, O EVANGELHO do Cristo em ESPIRITO e VERDADE, a fim de ser de fato a «Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo».

Cérebro e Espírito

— Carlos Imbassahy —

Antes de apresentar as provas que demonstram os fatos espíritas ou seja a sobrevivência e comunicação dos Espíritos com os seus efeitos, iremos abalar essa espécie de rochedo onde os adversários especam o seu cepticismo, que é o paralelismo psico-físico, isto é, a subordinação do espírito às funções orgânicas.

Ninguém as nega estrito-senso, mas as provas da libertação do eu já nos mostram, mesmo em vida, que existe a independência entre espírito e matéria, que os laços são temporários, e que, se êles podem afrouxar, desprender ou romper, cai o baluarte em que tanta fé depositam os cientistas, como Hoeckel, Le Dantec, Carl Vogt, Lanessan, Metchnikoff, e entre nós o digno patrício Dr. Osmard Andrade.

Como os doutos vêem as manifestações do espírito dependentes das funções cerebrais, e não lhes percebem as escapulas, acreditam que aquêle não pode existir sem estas. E muitos para demonstrarem a impossibilidade de um ser espiritual têm-se matado a descrever-nos o cérebro e suas funções, e provar-nos que tal ou qual lesão, tal ou qual insuficiência bastam para emperrar a mola do espírito.

Verificava-se, por exemplo, que a razão desaparecia quando a temperatura do corpo ultrapassava certo limite, dando origem ao delírio. Dai a subordinação.

Alexis Carrel ensina:

> «As atividades mentais dependem das fisiológicas. As modificações orgânicas correspondem à sucessão de nossos estados de consciência. Inversamente, fenômenos psicológicos são determinados por certos estados funcionais dos órgãos.»

O mesmo Carrel, porém, apresenta as seguintes dúvidas:

> «O espírito é a mais colossal potência do mundo. E' êle produzido pelas células cerebrais como a insulina o é pelo pâncreas? Quais são nas células os precursores do pensamento? A expensas de que subtâncias se elabora? Vem de um elemento preexistente como a glucose do glicogêneo ou a fibrina do fibrinogêneo? Trata-se de uma forma diferente das energias estudadas pela Física, não se exprimindo pelas mesmas leis e produzidas por células da camada cortical do cérebro? Ou ao contrário, é preciso considerar o pensamento como ser imaterial, existente fora do tempo e do espaço, fora das dimensões do universo cósmico, inserindo-se por processos desconhecidos em nosso cérebro, que seria a condição indispensável de suas manifestações e determinante de seus caracteres?»

Como se vê, não responde às próprias interrogações e insinua a resposta: — as condições da manifestação. Mais adiante nos diz:

> «Sabemos que somos um composto de tecidos, órgãos, líquidos e consciência. Mas as relações da consciência com as células cerebrais são ainda um mistério.
>
> «Não possuimos técnica que nos possa introduzir nos mistérios do cérebro e da harmoniosa associação de suas células.»
>
> «Dizer que as células cerebrais são a sede de processos mentais é uma afirmação sem valor, pois que não existe meio de observar a presença de um processo mental no interior das células cerebrais.» (Carrel. — *L'Homme, cet Inconnu,* París, págs. 138, 5, 11 e 35.)

Ora, o argumento materialista seria o mesmo mecânico que nos quisesse provar que o chaufeur não poderia existir sem o automóvel ou a máquina sem o maquinista, pois que um desarranjo nas velas, nos pneus ou nas caldeiras lhes impediria o funcionamento.

O cérebro é o veículo por onde

transita o espírito, ou o aparelho por onde se manifesta; claro que as perturbações do aparelho afetam ou prejudicam as manifestações do espírito.

Suponhamos um prisioneiro numa cela; sua vida de relação dela fica dependente; suas atividades físicas, psíquicas, fisiológicas e mentais se tornam, parcial ou inteiramente sujeitas às condições, às deficiencias, às compressões da cela; fechem-lhe portas e janelas, êle já não ouve mais nada, já não verá mais nada, nem dentro nem fora da cela; já não sabe do que se passa; tapem completamente tôdas as frinchas, nenhum som lhe chegará aos ouvidos, nem lhe adianta emitir um qualquer; tais sejam as aperturas do cubículo, ei-lo sem movimento; será por fim como um cadáver se o emparedarem. Abram-se-lhe, porém, as portas e êle sairá dali na plenitude de seus sentidos, em plena liberdade de fazer e dizer o que quiser. Tal é o espírito.

E isto que aqui estamos vendo e dizendo, já o notaram homens eminentes, vultos de saber, por maneira que estamos bem apadrinhados.

Destarte, o paralelismo psico-fisiológico não seria argumento suficente para a segurança da tese dos negadores, pois que êle, alem de não oferecer a configuração perfeita do caso, é muito relativo. Assim pensava um dos maiores fisiologistas, o Prof. Richet, quando afirmava: — Não existe o paralelismo psico-físico absoluto. *(L'Avenir et la Prémonition.)*

Dizia-nos Bozzano em *Cerveau e Pensée*:

> «No paralelismo há apenas uma correlação entre os fenômenos psíquicos e fisiológicos ou funções morfológicas do cérebro. O cérebro é o meio pelo qual o espírito entra em relação com o meio terrestre...»

E Bergson:

> «A inteligência, o pensamento, não pode ser o produto da matéria. Porque certo parafuso é necessário a certa máquina, porque a máquina funciona quando se coloca o parafuso e pára quando o tiram, ninguém pretenderá que o parafuso seja o equivalente da máquina. Ora a relação entre a consciência e o cérebro é como o parafuso para a máquina» *(L'Ame et le Corps* — Conferência em 28/4/1912*)*.

Diz ainda Bergson:

> «A vida do Espaço não pode ser o efeito da vida do corpo, antes tudo se passa como se o corpo fosse simplesmente utilizado pelo espírito. Não há razão para supor que estejam inseparàvelmente ligados».

Gustavo Geley, o maior psiquista francês, na opinião de Richet, declarava na *Revue Métapsichique* de Janeiro-Fevereiro de 1922:

> «Não há paralelismo psico-anatômico pois que ações dinâmicas, sensoriais e psíquicas podem ser verificadas fora do organismo.
>
> «Não há paralelismo psico-fisiológico porque o transe durante o qual o supranormal se manifesta em todo o seu poder é uma espécie de aniquilação da atividade dos centros nervosos, indo por vêzes a um verdadeiro coma.
>
> «A função do cérebro é a de registrar as vibrações físicas que lhe chegam pelos sentidos e transformá-las em vibrações psíquicas perceptíveis ao espírito; 2 — registrar as imagens psíquicas pelas quais o espírito responde às vibrações específicas que lhe chegam do meio terrestre, traduzindo-as e transmitindo-as à periferia em forma de ações apropriadas.»

Segundo William James (*Immortality of Man)*, o cérebro é passível de três funções: a produtiva — dos materialistas; a permissiva — que lembraria o gatilho permitindo a esplosão; e a transmissiva, que é a da lente.

Segundo o filósofo, esta é que é a função do cérebro. A individualidade psíquica é distinta do corpo do qual se serve como a luz é distinta do prisma que a refrata e decompõe.

Em apoio de sua tese William James apresenta vários fatos.

O Professor A. Rey, da Sorbonne, foi incumbido de expor a psicologia da invenção. Depois de alguns infrutíferos rodeios acabou declarando que as operações do espirito inventivo se acham na bruma e no mistério, que a invenção é a vida mental intensa, complexa, pouco conhecida e difícil de entender.

De onde se vê que não achou jeito de acomodar o processo da invenção com a aparelhagem cerebral.

Num Congresso de Psicologia, o Dr. Eugenio Osty, com aprovação geral, proclamava que o pensamento precede em conhecimento às realizações da matéria e que a matéria não poderá em definitivo ser criadora do pensamento ao qual sucede. *(Revue Métapsychique,* outubro de 1925).

Temos o grande neurologista enunciando em termos da ciência aquilo que afirmamos com o ensino dos Espíritos, isto é, que o Espírito é que transmite ao cérebro as suas impressões, as quais se manifestam depois de transitarem pela engrenagem cerebral como a eletricidade depois de transitar pelos geradores e pelos fios condutores.

Richet declarava nos *Annales des Sciences Psychiques,* Paris, 1905:

> «A Fisiologia ensina que a integridade do cérebro é necessária à inteligência, e somos levados a admitir, *malgré nous*, que sem cérebro não há inteligência. Mas, a falar verdade, esta conclusão ultrapassa os dados da experiência fisiológica».

Aqui temos um dos maiores mestres de Fisiologia assegurando que não há provas daquilo que a Fisiologia ensina.

Estendamo-nos um pouco sôbre o que nos diz o sábio físico-químico inglês, Sir Oliver Lodge, em seu livro — *Porque Creio na Imortalidade Pessoal. (Whi I believe in Personal Imortality).* 1928:

> «Admito que um veículo qualquer para o funcionamento da inteligência seja pràticamente necessário, mas não creio que o corpo se componha ùnicamente de cargas elétricas positivas e negativas que costumamos chamar matéria...
>
> «Uma lesão no cérebro implica uma lesão correspondente no espírito; a destruição de um equivale à do outro; é evidente que uma lesão cirúrgica do cérebro corresponda a um fato mental. Inútil dizer que êsses fatos são completamente admitidos por mim, mas as deduções sugeridas vão além do que é legítimo. Tudo o que se provou é que se o instrumento é avariado o poder de desenvolver uma atividade mental é igualmente prejudicado. Não se segue porém que tenhamos de deduzir o que quer que seja relativamente ao espírito.
>
> «Os que consideram que o cérebro não é o instrumento do espírito são obrigados a emitir a suposição estranha, gratuita, absurda de que a matéria encerrada no cranio é capaz de pensar, conceber, encarar o futuro e o passado, projetar grandes obras literárias e artísticas, imaginar grandes poemas, explorar o mecanismo do Universo, experimentar o pesar, a afeição, determinar ações, e não só manifestar, mas ainda sentir em si próprio os sentimentos associados à fé, à esperança, ao amor.»

E no resumo:

> «Identificar o poder que anima o veículo com o próprio veículo materia é tornar-nos ridículos e fechar os olhos à realidade.»

Como se vê, ninguém ignora a relação entre espírito e cérebro, mas o que também se vê é que esta relação não implica a suposição de que êste secrete aquêle, pois custa a crer que a inteligência e os sentimentos sejam fruto de manobras celulares.

E a propósito dizia o Professor polonês Wincenty Lutoslawski, que William James tinha como uma celebridade:

> «Para compreender a relação entre o pensamento e o cérebro basta admitir que o cérebro é o orgão através do qual recebemos as impressões exteriores e graças ao qual produzimos os movimentos e particularmente a palavra. Mas tôda a asserção em que se atribui ao cérebro o poder de pensar é baseada num sofisma que se assemelha ao que atribui ao coração as emoções, porque elas têm influência sôbre êle.
>
> «Assim, o pensamento nos é conhecido não como um processo fisiológico, mas um fato de consciência pela nossa experiência mental, e não há qualquer razão para supor

que se identifique com uma atividade corpórea, ainda que visível.» *(The World of Souls.)*

Notemos que há conhecimentos que os indivíduos não sabem de onde vieram. Nas informações paranormais — já dizia Osty — êles vêem, ouvem, sentem, de diversas maneiras as informações surgidas não se sabe porque, nem de onde. *(Comment déceler, developper la faculté de connaissance) 1931.*

Já não queremos entrar no terreno do supranormal, onde mais difíceis se tornam as explicações fora da tese espiritualista, obrigando os explicadores a um verdadeiro contorcionismo intelectual.

Stainton Moses, por exemplo, tinha o poder da chamada escrita automática. Para convencer-se que as ideias não eram suas, pediu ao comunicante que lhe desse um trecho de determinado livro, em determinada página, livro que nunca folheara. E o trecho lhe foi dado. (Rev. Mét., 1924).

E' com razão que Hans Driech afirmava que as leis superiores da vida se ligam à matéria porém não dependem dela.

O Prof. Flournoy, tão citado pela escola adversa, declara:

> «O corpo e o espírito, a consciência e o movimento molecular cerebral, o fato psíquico e o fato físico sendo simultâneos são, entretanto, heterogêneos, dispares, irredutíveis, obstinadamente dois». *(Metaphysique et Psychologie.* Genebra. 1890, pg. 17.)

Ensina o Dr. Eugênio Osty:

> «Parece que os biologistas estão muito longe de se entenderem sôbre o processo da vida mental. Tenhamos como certo que não se sabe quase nada do jôgo orgânico pelo qual essa vida mental se conhece, e absolutamente nada sôbre a natureza do pensamento. *(Revue Métapsychique.* 1920. pg. 102).

Em suma, não há nenhum processo de indagação, análise, pesquisa que demonstre provenham do cérebro ou sejam de natureza material, sentidos como o da inteligência, da vontade, do caráter, da memória, da consciência, da virtude, do bem, do mal...

Vê-se pois pela palavra de notáveis vultos da Ciência que as razões apresentadas para demonstrar a inexistência e a dependência do Espírito são falhas. No primeiro caso, o cérebro será apenas o meio da manifestação, a aparelhagem necessária a seu funcionamento; êle é para o espírito o que o violino é para o violinista, o piano para o pianista, o telefone para o comunicante, isto é, os instrumentos sem os quais o indivíduo estaria inabilitado para tocar ou falar. No segundo, a independência espiritual está firmada em inúmeros fenômenos que serão vistos nos próximos números.

Fica aberto o caminho para a demonstração da sobrevivência.

o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o

Nótulas Espiritualistas

A essência da Vida na sua origem e finalidade é idêntica para toda a divina escala da Criação — desde o verme ao selvagem ; desde o selvagem ao sábio ; desde o sábio ao santo ; desde o grão de areia à estrela mais longinqua e cintilante. A Fraternidade ultrapassa, assim, toda a Humanidade para abraçar todo o Cosmos, todos os Universos.

O sofrimento, quando aceito com compreensão, investigando a carência moral cansativa, afina o nosso poder espiritual, despertando as excelsas virtudes da caridade, do amor, da fraternidade.

Só através dos nossos sofrimentos melhor poderemos compreender as dores alheias.

Dr. António J. Freire

O Espiritismo é a Religião

V

O Culto Espírita

O culto espírita, escrevemos em O Espiritismo é a Religião (edição de 1939) — a nosso ver, divide-se em três partes: a) ter fé; b) orar e vigiar; c) realizar boas obras.

Há absoluta simplicidade na sua prática. Não há aparatos, não há vestes talares, não há ministros. Os seus adeptos reunem-se por espírito de solidariedade e de associação.

Outros cultos são ostentosos e públicos.

«E apenas estão livres dessas manifestações algumas direções espiritualistas como o **Espiritismo de Kardec**, sem cerimônias ostensivas, sem promessas, sem velas, sem templos, sem símbolos, sem defumadores, sem coisa alguma de material entre Deus e o homem.» (74)

No Espiritismo não há templos faustosos, de que não tem precisão. Deus está em tôda parte. Não se encerra entre paredes:

«O reino de Deus não vem com aparências exteriores, nem se pode dizer ei-lo aqui ou acolá! O reino de Deus está dentro de vós», (75) «o espírito de Deus mora em vós» (76) formando «a magnífica sociedade das almas.» (77).

O culto espírita é simples, sincero, humilde, interno. Nada exige de seus crentes, que tem profissão e vivem de seu labor. Procura renovar-lhes o interior, considerando que «o reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas, sim, na justiça, na paz e na alegria. (78) Inspira-lhes também profunda piedade pelos sofredores, estimulando-os à prática edificante da caridade. (79). Prega a fé raciocinada, que aumenta no trato das coisas divinas, que recomenda que ela não deve alicerçar-se «na ciência humana e sim no poder de Deus. (80), que se manifesta imparcial, distribuindo bênçãos, indistintamente:

«Sêde vigilantes! estais firmes na fé!

Sêde homens, sede fortes! Tudo quanto fizerdes, fazei-o com caridade». (81)

E ainda:

A oração deve ser inteligível e tocar o coração:

«Se eu fôr orar numa língua estranha o meu espírito ora, sim, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que se segue daí? Que hei de orar com o espírito e orar com a inteligência.» (82)

Tem-se diante dos olhos a preeminência da caridade e da oração. São basilares à libertação espiritual. Serão, porém, suficientes à complementação de trabalho redentor? Não. As bases precisam de ornamentação — as boas obras!

Que aproveitará, irmãos meus, a um que diz que tem fé, se não tem obras?» (83). A fé sem obras é morta. (84)

As obras consistem em fazer bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem e caluniam (85) e no amor ao próximo como a nòs mesmos. (86)

«São leis básicas do cristianismo, de que o Espiritismo é também revivescência.» Resumem-se num só discurso: o Sermão da Montanha; e êste se resume numa só palavra eterna: **Caridade. Cristianismo é caridade. Religião é caridade. Fora da caridade não há salvação.»** (87)

Não é justeza que **Kardec** declarou que «**A caridade é alma do Espiritismo**», e que

Amar o próximo é abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciume, de vingança, em uma palavra, **todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar** aos seus inimigos e fazer o bem em paga do mal que se receba; é ser **indulgente** para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho do vizinho, quando não se vê a trave em seu próprio; é **velar ou excusar** as faltas de outrem, em lugar de comprazer-se em pô-las em relêvo pelo desejo de denegrir, e ainda não se por em evidência a custa dos outros; não **tentar esmagar** ninguém sob o penso de sua superioridade; não se **desprezar** por orgulho a ninguém. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro espírita como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual quem diz: «Fora da caridade não há salvação», — pronuncia sua própria condenação neste mundo como no outro.» (88)

Allan Kardec e o conceito de religião

20 — O Espírito tem sagrado objetivo: educar-se e instruir-se. E' por isso que a Religião Espírita ensina que quanto mais se aprender, mais saberemos sofrer. «Sofrendo, sofre com resignação. A dor é libertadora». (89). Isto para reconhecer-se, afinal que não se é desamparado pela graça de Deus, que nos infunde amor, que, sendo luz, «ilumina docemente, aquece e vivifica; é inteligente, criterioso e lógico; é benévolo, paciente e tímido; quando quer pede, suplica e implora. E' modesto e humilde. Não alardeia, busca a obscuridade. E' generoso, contenta-se com o pouco. O Amor confia, dêle nasce a fé. E' grandioso: sua esfera é um mar sem praias, é um céu sem horizontes. E' sempre jovem, vivo, imutável. Equilibra as faculdades e o caráter, apura os sentimentos e torna o homem capaz dos mais belos sacrifícios.» (90)

Eis aí o novo conceito de religião, que se não distanciou jamais do pensamento de Kardec. «E' a religião do amor, objetivada na solidariedade humana. A religião do filho de Deus é aquela que se levanta sôbre as bases desta trindade bendita: Amor, Igualdade e Fraternidade.» (91). Tanto que

«a religião de Deus reclama estudo e proclama o progresso; está isenta do dinheiro do mundo; derriba as barreiras do sobrenatural e afirma que nunca disse nem dirá a última palavra, porque é de evolução permanente; manda, como S. Paulo, examinar tudo, crescer em todo conhecimento, fazer o estudo crítico do que lhe fôr apresentado para separar o bom do mau e não tem tropêço no dia do Cristo; é vivificada pelo espírito de vida eterna, é animada pelas revelações sucessivas; é a consolação, é a esperança; é a da liberdade, da humildade, do desinterêsse. A Religião de Deus, é a luz universal que proclama a Verdade, o Caminho e a Vida. (92).

Esta é também a religião ensinada por Allan Kardec no Evangelho Segundo o Espiritismo: instruir e educar. Esta é, por sua vez, a Religião que Emmanuel nos transmitiu em «A Religião dos Espíritos.» E, no entretanto, para Allan Kardec, o Espiritismo é Religião no sentido filosófico e há A RELIGIÃO DO ESPIRITISMO: Acertadamente, declarou que o Espiritismo não é uma Religião, mas o declarando Religião no sentido filosófico mostrou, por outro lado, qual é A Religião do Espiritismo:

- «Crer em Deus, Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom;

— «Crer na alma e na sua imortalidade;

— na preexistência da alma e

— na pluralidade das existências como meio de expiação, reparação e adiantamento intelectual e Moral;

— na perfectibilidade dos sêres mais imperfeitos;

— na felicidade crescente com a perfeição;

— na remuneração equitativa do bem e do mal, segundo o princípio: «a cada um segundo suas obras;»

— na igualdade da justiça para todos sem exceções, favores nem privilégios para criatura alguma;

— na duração da expiação limitada à de imperfeição;

— no livre arbítrio do homem, deixando-lhe a escolha entre o bem e o mal;

— crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que liga todos os entes passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados;

— considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do espirito, que é eterna;

— aceitar corajosamente as provas, visto ser o futuro mais desejável que o presente;

— praticar a caridade por pensamentos, palavras e obras, na mais ampla acepção do vocábulo;

— esforçar-se cada dia por ser melhor do que na véspera, estirpando-se da alma alguma imperfeição;

— submeter tôdas as suas crenças ao contrôle do livre exame e da razão, e nada aceitar por uma fé cega;

— respeitar tôdas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não

— violentar a consciência de ninguém;

ou, enfim,

— ver nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o CREDO, A RELIGIÃO DO ESPIRITISMO.

Religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com tôdas as maneiras de adorar a Deus. Êsse é o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, enquanto se espera que êle ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal». (93)

Kardec aceitava o Espiritismo como religião, embora encontrasse dificuldade em usar uma só palavra para exprimir idéias e conceitos tão diferentes.

Mas, êste entendimento de Religião Pura é remota. Perde-se nos tempos. O laço mais destacado, todavia, está em um renomado doutor da Igreja:

> «Orígines, a pesar de ser reconocido como uno de los Padres, fué, en los últimos tiempos, condenado por haber manutenido cuatro HEREJÁAS.
>
> 1 — La *preexistência* de las almas, enseñada por Platón;
>
> 2 — Que la naturaleza humana de Cristo, y no aólo su naturaleza divina, existieron *antes* de la encarnación;
>
> 3 — Que, en la *ressurreición*, nuestros cuerpos serán transformados em cuerpos absolutamente etéreos;
>
> 4 — Que todos los hombres, e *incluso los demônios*, serán salvos afinal.» (94)

Dispensâmo-nos de comentários.

Noraldino de Mello Castro

(continua)

---

74 — *CALDERON Religiões, Mitos e Crendices, pág. 153.*
75 — *Luc. XVII: 21.*
76 — *I. Coríntios, III: 16.*
77 — *Pe. MARCHAL — O Espírito Consolador, pág. 212.*
78 — *Rom., XIV: 17.*
79 — *I. Cor., VIII: 1.*
80 — *Rom., V: 15.*
81 — *I, Cor., XVI: 13-14.*
82 — *I. Cor., XIV: 14-15.*
83 — *Thiago, II: 14.*
84 — *Thiago, II: 20 e 26.*
85 — *Mat., V: 43-48.*
86 — *Mat., XII: 36-40; Luc., VI: 27-28.*
87 — *LÍDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO — No Templo da Sabedoria, pág. 165.*
88 — *KARDEC — Reformador, Outubro de 1949.*
89 — *FERNANDO MAGALHÃES —Cartilha da Probidade, pág. 38.*
90 — *VINICIUS — Nas Pegadas do Mestre, pág. 114 a 115.*
91 — *VINICIUS — Obra citada, pág. 10.*
92 — *CAIRBAR — Parábolas e Ensinos de Jesus, pág. 175/178.*
93 — *KARDEC — Revista citada.*
94 — *BERTRAND RUSSEL — História da Filosofia Ocidental, pág. 356.*

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

III

Na experimentação do cão de Goltz, realizada em 1881 e evocada no terceiro trabalho do dr. Osmard, ninguém deixará de reconhecer ali uma interessante demonstração como estudo da fisiologia orgânica cerebral, na restrição somática. Mas esta, não se tratava de uma novidade científica, pois desde 1842 (Flourens) já se vinha realizando experimentações dessa natureza, sem as tomarem como elementos de contraposição aos conceitos espiritualistas de corpo e alma, ou de psiquê e soma pela ciência médica.

Entretanto, tal qual pretendeu ali o dr. Osmard, transformar a do cão de Goltz em elemento de oposição ao espiritualismo, tal tese é nula. Dando-se com tanto entusiasmo a trabalhosas argumentações, retrocedendo ao que já se dizia há nove séculos passados, como se nada valessem as opiniões de hoje, perdera valioso tempo por não considerar que ali se trata de prova da realidade de uma coisa, e não de uma contraprova capaz de destruir a existência de outra, conforme pretendeu. Esta se obtém com os próprios elementos que se pretende destruir, utilizando-se o método da prova contrária, o que não se fez com o cão de Goltz, trabalhado em outro gênero de pesquisa.

A tese espiritualista, conceituando o paralelismo — espírito e matéria — o dr. Osmard ao evocar o que se conhece pelo lado desta, a da materialidade, não está invalidando a outra, a do espiritualismo. Neste caso, se aponta ali a função da mecânica cerebral, em contrapartida também acusamos nos laboratórios a existência espiritual. E ainda, como o nosso opositor fala em Congresso de Fisiologia, podemos melhor dizer-lhe que para as nossas provas, entre uma pleiade de sábios, poderemos se necessário apresentar as do célebre Richet que, por sinal, é justamente premio Nobel em Fisiologia (note bem, Fisiologia). Portanto, julgamos ter a nossa tese muito bem representada e credenciada, por uma incontestável autoridade, cujo valor o dr. Osmard conhece muito melhor do que nós, tanto assim que levou o nome do mestre francês nas suas literaturas, estando ali em uma delas condignamente apresentado.

Não vamos aqui repetir o que dizem as já conhecidas e não poucas experimentações do sábio da Sorbonne, mas o nosso contendor, que aprecia as opiniões dos fisiologistas, muito ganharia para mais enriquecer seus conhecimentos, se procurasse ler a documentação literária «A Grande Esperança», onde o mestre prova, até pela química de laboratório, a existência de fantasmas como êle diz, ou de duendes no dizer do dr. Osmard, ou seja, de espíritos como falamos nós adeptos de Kardec.

Logo, se a experimentação que se chamou — cão sem alma — tivesse fôrça destrutiva ao que afirmamos, então, em sentido oposto, as nossas das — almas sem corpo somático — vistas, tateadas e fotografadas pelos mestres da ciência, tambem estariam nas mesmas condições para que abatessemos a sua do cão descorticado, caindo nós ambos no absurdo de uma destruição recíproca, como aquela história dos dois bichinhos que se entredevoraram um ao outro.

No entanto, jamais cogitamos tal propósito, revelando-nos mais prudentes que o nosso opositor, o qual não percebera que a prova de uma realidade não invalida a existência de outra tambem confirmada. Se dizemos que águas existem, e o dr. Osmard por sua vez assegura a existência de pedras, ambos estamos com a razão, porque cada qual atuando em seu campo apresenta a sua prova, e não contraprovas que pudessem destruir uma e outra razões apresentadas.

Apesar do nosso opositor ter nessa experimentação o seu «grande argumento», sentimos desapontá-lo dizendo que, como arma de combate ao dualismo — espírito e matéria —, tal tese, por não ter fôrça destrutiva aos nossos fatos, como já dissemos, ela é nula, não nos oferecendo preocupação quanto à nossa doutrina. E até podemos ir mais longe com as nossas provas se confrontarmos as experimentações dessa natureza, de animais descerebrados, com as nossas de materializações de entidades espirituais. Enquanto estas se revelam absolutas, sempre repetidas no mesmo sentido o fenômeno, já, aquelas outras, não se mostram sempre na mesma seqüência de causa e efeito, revelando-se assim como provas relativas. E sendo relativas, podemos dar-nos ao luxo de combater nosso opositor no seu próprio campo, sem necessidade de recorrermos aos nossos postulados que, por terem fôrça de xeque-mate, não nos dariam a sensação de fustigar o adversário com as suas próprias armas.

Assim, deixemos em paz a nossa reserva espiritualista de laboratório, e trabalhemos dentro do setor da matéria, e vejamos que ali mesmo, no próprio cérebro, onde o nosso atacante julga-se muito bem guarnecido, temos elementos para fazê-lo ver que essa posição também é nossa.

Digamos de início que as experimentações, a exemplo da do cão de Goltz, podem ser muita coisa, mas não tudo na função orgânica cerebral. Nas estatísticas, das experimentações em animais e sêres descerebrados, as exceções surgidas nêsse campo revelam que tais provas não têm caráter de sentido absoluto, em favor da tese pela materialidade. Para que existisse o absolutismo, pela matéria, seria necessário que o órgão cerebral, tôda vez que destruido, parcial ou total, produzisse sempre os mesmos efeitos correspondentes ao volume da destruição ocasionada, a exemplo do sucedido com o cão de Goltz.

Assim compreendemos que as experimentações de laboratórios, «milhares delas», em animais descerebrados, podem apresentar habitualmente uma mesma seqüência entre causa e efeito, mas tal fato perde o valor de absolutismo, jamais se transformando em lei, se uma única prova dêsse total desviar-se dos resultados generalizados entre as demais. Êste é um conceito científico irredutível.

Ora, logo, ali mesmo, no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», pág. 47, temos um caso apresentado pelo próprio dr. Osmard, cuja prova vem contrariar o outro seu argumento obtido com a experimentação do cão de Goltz. Vamos aqui transcrevê-la com as suas próprias palavras:—«Está em Lhermite a citação desta curiosa experiência: tomou-se um macaco e destruiu-se no seu cérebro aquela zona que era responsável anatômica, fisiológica e neurològicamente pela inervação motora do seu braço esquerdo. A conseqüência fàcilmente previsível foi a paralisia do seu braço esquerdo. Daí por diante o animal recolhia o alimento, que lhe era oferecido, com a direita. Que fez então o extravagante experimentador? Simplesmente amputou o braço direito do macaco. E que se julga que tenha feito o macaco? Ficou sem comer? Absolutamente. Recolheu o alimento com o braço esquerdo, o paralítico. Com tôda simplicidade!

Absurdo? A neurologia está repleta dêles. Relatamos tais fatos não com o intuito de mostrar a variedade de manifestações corporais que podem ser obtida através a hipnose, mas para trazer à evidência a complexidade da mecânica funcional nervosa e cerebral, capaz de, por vêzes, desorientar os pesquisadores e anular tudo aquilo que a experiência, a filosofia e a lógica tem como bizarro e anti-natural. A demonstração do macaco de Lhermite, não deixa dúvida sôbre a flexibilidade funcional do sistema de nervos. E chega a ser um êrro grave— repetindo Lhermite — supor que o funcionamento dos sistemas inclusos no encéfalo e na medula seja imutável e predeterminado. Com efeito, nada caracteriza melhor as atividades superiores nervosas que a sua inconstância, a sua mutabilidade, a sua indeterminação, o inesperado de suas reações, a extrema flexibilidade de suas manifestações».

E aí temos uma interessante apresentação do próprio dr. Osmard, a qual, como é fácil de ver, é uma autêntica contraprova, que vem destruir aquela outra sua prova, de argumento anti-espiritualista, firmada no cão descerebrado. Não estamos insinuando que a experimentação do cão de Goltz seja despida de valor científico. Mas a do macaco de Lhermite tira-lhe o absolutismo de que a matéria orgânica seja tudo na vida animal, pois ali, naquele absurdo, que não são poucos conforme bem diz o dr. Osmard, já deixa entrever que além da função mecânica da fisiologia cerebral, ainda há algo a mais, que não se explica pelo extremismo materialista.

Como então o nosso contendor, com duas provas de efeitos opostos em um mesmo campo, toma partido de uma, da qual fez tese para o seu materialismo, sem considerar a outra apenas por contrariar seu objetivo? Ou negligenciou na sua observação. Se é interessante o que um animal não pode fazer sem o seu cérebro, muito mais interessante deverá ser o que êle ainda seja capaz de executar sem essa peça de contrôle. Das duas provas, exaltar uma, mostrando-se cego para a outra, quando ambas têm a mesma importância para a finalidade com que foi evocada sòmente a primeira, tal atitude já não mais se trata de ciência, mas de sectarismo.

Assim, o que o dr. Osmard fez de um lado no seu livro, desfez de outro pela sua honestidade em não ocultar a desrazão da sua suposta razão, cuja lealdade é valiosa para o nosso documentário, ficando aqui os nossos agradecimentos pelo seu nobre gesto. E contudo, poderíamos aqui encerrar o assunto muito bem para nós, pois o nosso próprio atacante simultâneamente defendeu nossa causa, com a contraprova do macaco de Lhermite, embora sem dar por isto, apresentemos agora algo da nossa documentação, e quem sabe se em outra sua oportunidade talvez juntará mais esta para bem informar seus leitores.

O dr. W. Grey Walter, diretor do —Physiological Departament of the Burdem Neurogical Institute—mundialmente famoso pelas suas pesquisas em tôrno de fenômenos cerebrais, apresenta nos seus registros o seguinte relato, publicado em número incerto do «Diário de S. Paulo», página médica, cujo recorte conservamos: «Há cêrca de 100 anos, certo indivíduo, nos Estados Unidos, sofreu estranho acidente; uma ponta de ferro atravessou-lhe a cabeça de fonte a fonte. Os que acudiram ao ferido, admiraram-se por encontrá-lo ainda com vida. O bastão foi retirado. O homem continuava vivendo. Fato mais surpreendente ainda: deixara de ser o conhecido sujeito complicado, para tornar-se tipo muito mais agradável.

Êsse caso tornou-se clássico na história da medicina.»

Notemos que enquanto no cão de Goltz, a falta da zona cerebral responsável pela sua «inteligência» retrocedeu esta; no caso presente, a destruição de importante porção do cérebro do homem acidentado ainda melhorou seu estado mental. Neste, o resultado deu-se ao inverso daquele.

Embora sem mais necessidade em prosseguirmos, citemos outro caso, aproveitando o pouco espaço que ainda nos resta.

No — Journal de Medicine Pratique —, de out. de 1938, o dr. Hushland noticia: «Numa pessoa doente, havia muito tempo, e que até os últimos momentos não dera sinais de qualquer doença cerebral, embora estivesse atacada de paralisia, quando foi autopsiada encontraram-lhe o cérebro semelhante a uma caixa d'agua. Nenhum traço de massa encefálica, nem adiante nem atrás, nem em parte alguma do cérebro. Todavia, o indivíduo conservou as faculdades mentais até os derradeiros momentos de vida.»

Vamos concluir que tais fatos que, os materialistas deixam passar por «absurdos», por contrariarem suas idéias, desvalorizem a experimentação do cão descerebrado? Nada disso. Mas tais provas, contrapondo à do cão de Goltz, tiram desta êsse caráter de absolutismo pretendido pelo nosso opositor. E se no geral das provas os resultados diferenciam-se, não é lícito basear-se na observação apenas de uma para dela concluir para a generalidade, com objetivo de contrariar princípios doutrinários. Com êste descuido, o dr. Osmard prejudicou essa sua finalidade materialista, tornando-a desinteressante para a ciencia.

Como estudo somático da fisiologia cerebral, pela ciência médica, a experimentação do cão de Goltz justifica-se plenamente. Mas ir além desta restrição, explorando-a como tese anti-espiritualista, então teria de considerar-se também os fenômenos chamados «absurdos», atingidos agora pela extenção com que pretendeu cuidar o assunto. Portanto, como tese materialista, não é atitude científica apresentar o verso, dando o caso por solucionado, sem estudar o reverso.

Não acreditamos que o dr. Osmard seria capaz de voltar em campo para completar essa sua tarefa trabalhada pela metade. E' lógico, bem sabe que se insistir na solução pelo — todo — cairá inapelàvelmente no conceito dualista de — espírito e matéria —. E isto seria contrariar o seu conceito materialista, o que não lhe convém, pelo menos no momento, quando advoga com tanto ardor, essa causa tão ingrata, apesar da sua habilidosa defesa.

E aqui deixamos hoje, nosso inteligente adversário, pois a falta de espaço já reclama nosso ponto final.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. S. Paulo

Jamais é permitido praticar-se o mal, ainda mesmo por causas aparentemente de todo legítimas. – TERTULIANO

«Mediunidade Curativa e Matemática Estatística»

(Como o Dr. Lauro S. Thiago se pronunciou a respeito da tese do engenheiro José S. Fernandez, da Argentina).

* * *

Não sendo possível publicar, na íntegra, todo o parecer emitido pelo Dr. Lauro S. Thiago, vamos dar, pelo menos, algumas partes de seus comentários, a propósito de um estudo feito pelo engenheiro argentino José S. Fernandez, sob o título: *Mediunidade curativa e matemática estatística*. Tendo o engenheiro Fernandez pedido o parecer do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, resolveu a Diretoria do Instituto encaminhar o trabalho ao Dr. Lauro S. Thiago, para que fizesse apreciação quanto à parte médica. O Dr. Lauro S. Thiago é médico, professor de Química, e faz parte do corpo de professôres do Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Cómo o trabalho do engenheiro Fernandez trata de matéria médica, embora o Autor não seja médico, achou por bem a Diretoria do Instituto submeter o referido trabalho à opinião de um confrade médico, o que, aliás, deu oportunidade para que o Dr. Lauro S. Thiago fizesse longo e criterioso parecer, esclarecendo aspectos interessantes em relação à Medicina e ao Espiritismo.

O engenheiro José S. Fernandez é espírita há longos anos, foi o 1.º Presidente da CEPA (Confederação Espírita Panamericana) e é também estudioso da Parapsicologia. Convém lembrar que o nosso confrade argentino foi professor de Física na Universidade de La Plata e ainda se dedica a estudos de matemática. Faz parte do quadro de professôres honorários do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, tendo sido escolhido pelo Conselho Deliberativo do Instituto como justa homenagem, em razão dos excelentes serviços prestados à cultura espírita, notadamente no terreno científico. O Dr. Lauro S. Thiago discorda, em parte, do engenheiro Fernandez, mas reconhece o valor de seu trabalho. A discordância é apenas quanto ao modo de encarar certos aspectos da Medicina em suas relações com a mediunidade. Diz, logo no comêço, o Dr. Lauro S. Thiago:

«O Autor inicia o seu trabalho com uma Introdução, em que aprecia muito judiciosamente a evolução da Medicina desde os primitivos tempos até os nossos dias: encara os problemas do *curandeirismo* e do charlatanismo médico e procura definir e conceituar a mediunidade curadora, cujos valores, oriundos da intervenção de fatôres imponderáveis e espirituais nas curas das enfermidades, precisam ser distinguidos das práticas baixas dêsse curandeirismo, a serviço da mais vil exploração da credulidade e da ignorância humana.»

«Sente-se, no desenvolvimento dessa *Introdução*—diz o comentarista — a preocupação dominante do Autor — : afirmar, demonstrando-as, a existência de verdadeiras *curas espíritas,* devidas à ação de agentes imponderáveis, fluídicos, nimiamente espirituais, manejados por entidades benfazejas do mundo espiritual, utilizando-se de um instrumento digno— o «médium curador»—distinguindo-as dos baixos processos de curandeirismo, «uma verdadeira praga social, que prospera, utilizando fatôres psicológicos descuidados na prática médica clássica, mas que, embora mal manejados, produzem, às vêzes, surpreendentes efeitos.»

O Problema do Método

«Nossa divergência reside apenas em que não cremos no valor do método para convencer incrédulos. «O negador das curas espíritas — diz o Dr. Lauro S. Thiago — só o é porque quer, porque não lhe interessa a sua comprovação... Achamos sinceramente que a preocupação dos espíritas não deve ser a de demonstrar por métodos estatísticos-matemáticos as curas mediúnicas e espíritas, mas divulgar o mais que possam os fundamentos científico-filosóficos do Espiritismo, os quais possibilitam compreender o mecanismo natural dessas curas, de modo a tirar-lhes todo caráter maravilhoso e sobrenatural.»

Medicina e Religião

«A arte de curar enfêrmos nasceu mesclada com a religião e com a magia ; o emprêgo das ervas, do cutelo e das invocações mistura-se no tratamento de todos os males» — diz o Autor. A êste rêspeito, o Dr. Lauro S. Thiago faz as seguintes observações : «Como de fato : e a nosso ver, isso era, já, o índice da secreta intuição que, entre os povos primitivos, o homem tinha de todas as grandes verdades, no caso a da intervenção de fatôres espirituais na gênese e na cura das doenças. Nisso não residia nenhum mal, antes havia um grande bem ; e muitas curas foram realizadas mediante essas invocações. Os homens não souberam, porém, receber com dignidade e nobreza a intervenção do plano espiritual na nossa vida, na cura dos nossos sofrimentos, e quiseram trazê-la ao nível rebaixador da satisfação de interêsses materiais.»

Evolução dos Conhecimentos Médicos

Apreciando o ponto em que o engenheiro Fernandez desenvolve considerações sôbre os recursos de que já dispõe a medicina moderna, com as investigações, que são possíveis, no campo da fisiologia e da patologia, o Dr. Lauro S. Tiago faz outras considerações, acentuando o seguinte :

«De fato, os estudos de anatomia e fisiologia humanas, normais ou patológicas, que possibilitam o conhecimento do corpo humano na sua morfologia e no seu funcionamento, foram por muito tempo proibidos pela Igreja, de modo que essas ciências só muito mais tarde se desenvolveram e, então, foi possível o conhecimento, também, das lesões orgânicas interna. Uma vez superada essa proibição pela fôrça mesma da evolução da humanidade, as *ciências médicas* progrediram com rapidez, mas a medicina, como *arte de curar*, empolgada inteiramente pelo lado material do homem, foi-se afastando da consideração do seu lado psíquico e espiritual na gênese e na cura das enfermidades e tanto se afastou, que chegou ao *organicismo puro* e ao *mecanicismo*, que encaram o homem como máquina e não podem compreender nem explicar *doenças* onde não haja *lesões de órgãos*. Essa medicina repudiou completamente os fatos anímicos em favor dos corporais.»

Base Estatística

Em seu longo parecer, o Dr. Lauro S. Thiago manifesta-se categòricamente contra o conceito de que «a medicina é a arte de curar baseada na estatística, por entender que o sêr humano é o que há de mais variável em suas manifestações. Em seu modo de ver, a Medicina «é uma arte baseada fundamentalmente no conhecimento da personalidade humana e da sua maneira peculiar, nìtidamente individual de reagir ante os fatôres morbígenos capazes de atuar sôbre o corpo e sôbre a alma, bem como aos diversos agentes capazes de provocar nela reações salutares de cura, dentro dessa modalidade racional, peculiar e inteiramente individual.» «Sendo assim — conclui o Dr. Lauro S. Thiago — a verdadeira medicina, essencialmente clínica e individualista, não pode basear-se em estatísticas.» Tanto de um lado como do outro, proclama-se o valor e a grandeza da Medicina.

No decorrer de sua exposição, em que ressalta a cultura e o idealismo do engenheiro Fernandez, nosso confrade argentino, o Dr. Lauro S. Thiago mostra os pontos em que discorda daquele confrade e, por fim, reafirma as suas convicções na supremacia do Espírito. A discordância, ao que parece, não é pròpriamente de princípios, talvez seja de método ou de conceitos, pois ambos são espíritas cultos e desejam chegar ao mesmo ponto, que é, realmente, a influência do elemento espiritual tanto nas doenças como nas curas. Sentimos não nos ser possível publicar todo o trabalho do Dr. Lauro S. Thiago, como também não podemos reproduzir os principais capítulos do estudo que o ilustrado engenheiro José S. Fernandez enviou ao Instituto de Cultura Espírita do Brasil, solicitando parecer.

Tem-se, aí, uma idéia, embora aproximada, do grau de conhecimento e do ardor com que os dois dignos confrades—argentino e brasileiro — sabem versar matéria tão complexa e tão oportuna, como soi ser o problema da cura em face da Medicina e do Espiritismo.

Matéria divulgada pelo Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

IV - O ATO REFLEXO

Parece-me estar vendo o escritor V. O. Casella a folhear os últimos exemplares desta revista e a deixar escapar, entre dois esgares de ironia: —

— Afinal, que novidades veio dizer êsse moço? Tudo isso eu já li nos seus livros!...

E tem razão. Leu quase tudo isso, embora não tenha entendido. No que ainda fez vantagem. Pois não é que já apareceu por aí um sr. Carlos Imbassahy que, corajosamente confessa também nada ter entendido apesar de não ter lido?

Isso, porém — o não terem compreendido — não os impediu, a ambos, de sairem a campo para defenderem o que não foi atacado, para desdizerem o que não foi dito, para arremeterem, furiosos, quais modernos «don quixotes», contra moinhos de vento, supostos inimigos a ameaçarem a virgindade de suas «dulcinéias».

Tivessem compreendido o que foi escrito e perceberiam que ambos foram vítimas de um simples ato reflexo. E condená-los por isso seria investir contra a própria natureza humana. Já não sabemos que todos os atos da vida, conscientes ou não, são reflexos por sua origem? E também não é verdade que todo ato humano está fora do homem e a atividade mental é impossível sem uma excitação vinda do meio exterior? O espiritismo é para ambos, quase que o «primum movens», a razão de ser, o máximo que conseguiram absorver em matéria de ilustração e de cultura. É justo que apareça por aí um qualquer, a quem não entendem, mas que, pela linguagem que usa parece pretender ameaçar os alicerces dos edifícios que construiram à custa de tantas cólicas mentais? Às armas contra êle! E foi o que fizeram. E é o que continuam fazendo. Puro ato reflexo. Reflexo incondicionado de sobrevivência.

O que me obriga a iniciar a discussão do que seja um ato reflexo. E é pena, sinceramente, que eu me tenha de alongar mais do que desejava. Para que o mesmo não ocorra aos que agora me acompanham. E se para consegui-lo, tiver eu de ultrapassar o limite que me propuz, também por isso não me culpem. Depois de uma longa série de ataques, não voltou o sr. Casella à carga com uma nova série de artigos, aliás muito melhor escritos, como se outra pena o inspirasse, dando até a impressão de se ter tornado num psicógrafo a quem um «espírito» melhor «iluminado» estivesse «guiando» a inspiração? E também não entrou em campo contra mim, êsse pitoresco sr. Imbassahy que apesar de não ter lido, não gostou e não entendeu? Que me aturem, pois.

O ato reflexo, caros leitores da RIE é o elemento básico de adaptação do ser vivo (vegetal, animal ou homem) ao mundo em que vive. Tudo que caracteriza a vida, gira em tôrno do binômio: excitação-resposta.

A cada estímulo proveniente do mundo exterior, nós emitimos uma resposta que lhe é característica e própria. Alguns desses atos reflexos são inatos, próprios da espécie, naturais, vulgarmente conhecidos como instintos. Nascem conosco. São heranças da espécie. A tosse brusca quando um alimento «caí no gôto»; a retração de um membro ao contato com algo que o queima, a salivação ao contato do alimento com a mucosa bucal, a sudorese para aliviar o aquecimento da pele quando sujeita a um golpe de calor, o gato que sempre cai de pé, os tremores e calafrios quando a temperatura baixa, para aquecimento do corpo, e tantos mais. Outros, são adquiridos durante a vida, pela experiência, pela repetição, pelo aprendizado, pelo hábito (não é o hábito uma segunda natureza ?) e já não se constituem numa característica da espécie e sim do próprio indivíduo. O ato de vestir-se automàticamente, o ato de levar a mão à parede, ao ponto do interruptor, quando se entra numa sala, o escrever à máquina e voltar atrás ao menor êrro, como se o dedo raciocinasse e «visse» o êrro, o pular para trás ao ouvir-se a buzina de um carro, o procurar-se a carteira sempre no mesmo bolso, o cachorro ensinado que pula corda no circo a um determinado gesto do treinador, são todos exemplos de atos reflexos, aprendidos, adquiridos, somados à experiência, criados a partir de determinadas condições que se repetem, daí o serem chamados reflexos condicionados.

Dois elementos básicos, dentre muitos outros, caracterizam e distinguem, um do outro, o reflexo natural do condicionado.

1) No primeiro, chamado instintivo, o estímulo e a resposta são sempre correlatos e equivalentes. Assim dizemos que o alimento provoca a salivação, e a saliva é um elemento complementar do ato digestivo. Estímulo e resposta, pois, alimento e saliva, são elementos correlatos e correspondentes. E dizemos então que o alimento é o *estímulo absoluto,* direto, do ato reflexo cuja resposta é a salivação. No ato reflexo condicionado, estímulo e resposta não se correspondem de maneira absoluta. Assim é que um ruído de campainha, que normalmente não tem qualquer ligação com o ato respiratório, pode fazer acelerar-se o ritmo pulmonar ou provocar uma salivação ou fazer um braço mover-se em direção a um instrumento. Em qualquer caso, não há relação de correspondência entre um e outro. E dizemos que um estímulo *indiferente* provoca uma determinada resposta, aparentemente inconsequente.

2) O arco nervoso natural, incondicionado, instintivo, necessita, para se completar, de um nervo que conduza o estímulo ao cérebro, da *massa branca cerebral,* ou medula cerebral, e de um nervo motor que conduza a resposta e determine a ação. Para que se complete um arco nervoso condicionado—atentem bem nisso—é necessário um nervo que conduza o estímulo ao cérebro, da *massa cinzenta cerebral,* ou córtex cerebral, e finalmente, como lá, no nervo que conduza a resposta e a ação.

Lembram-se do cão de Goltz, de que lhes falei em um dos capítulos anteriores ? Daquêle cão que não possuia córtex cerebral ? Recordam-se das características daquêle cão ? Pois releiam o que foi dito para evitar repetições.

Procurem um tratado que estude a evolução das espécies. Vejam o que distingue realmente os vários animais na série evolutiva, do peixe ao homem, com passagem pelos répteis, batráquios, mamíferos, macacos, etc. Lá encontrarão um elemento decisivo. A complexidade celular do córtex cerebral vai crescendo de um para o outro, enquanto que os demais elementos constitutivos do cérebro permanecem pràticamente os mesmos. De onde lhes parece, vir, portanto, o atributo de superioridade e inteligência do homem, senão disso ?

Lamento não me poder estender como gostaria. Já o fiz, porém em dois livros. Isto aqui terá de ser, forçosamente, um «resumo resumido do resumo». O que me obriga a pular por cima da maneira técnica pela qual se instalam reflexos condicionados e de muitos outros dos seus característicos, para passar ràpidamente a um outro ponto, o chamado *sinal.*

Imaginem um cão no qual se instalou um reflexo condicionado, mediante o qual, a um determinado som, se provoque nele uma salivação. Trata-se de uma das clássicas experiências sôbre reflexologia, conhecida de qualquer ginasiano, sem que isso possa ferir a suscetibilidade do sr. Imbassahy. Assim, quando se faz soar a citada campainha, estímulo indiferente à salivação, que nada tem a ver com a digestão, o cão entra em salivação. A êsse estímulo, antes indiferente e que se torna capaz, sob determinadas condições, de fazer desencadear uma resposta biológica, é que damos, em reflexologia, o nome de sinal. E como se obtem isso, fisiològicamente ? O assunto envolve um pouco de neurologia do qual não posso fugir, que me perdoem os leitores não afeitos a êsses problemas. Imaginem—para repetir o exemplo citado por Pavlov — duas residências onde haja telefônes instalados, através uma central telefônica, e que, entre essas duas casas se faça extender um fio direto. Tanto podemos falar de uma para outra, pela central telefônica e seus circúitos, como pelo fio de ligação direta. Assim, as ligações nervosas entre dois pontos cerebrais, tanto se podem fazer pelas vias naturais preformadas como por um novo elemento de ligação nervosa ocasional, direta, temporária, perecível. Confuso, isso ? Vejamos de outra maneira. O estímulo provocado sôbre a mucosa bucal de um cão é levado a um determinado ponto do cérebro, que chamaremos Ponto A, próprio e destinado a receber estímulos da mucosa bucal. Êste ponto A, por vias naturais, comunica-se com as glândulas salivares do animal, colocando-as a funcionar. Um som recebido pelo animal, é levado a um outro ponto do cérebro do cão, destinado às percepções sonoras, que designaremos de Ponto B, e que, normalmente, não tem qualquer ligação com a secreção salivar. Mas, através a experiência e ao condicionamento, estabelece-se no cérebro do cão uma ligação temporária entre os pontos A e B. E então acontece que a um som, o animal saliva. Como isso ? Simples. O som dirigiu-se ao ponto B do cérebro, daí pela ligação ocasional, o estìmulo transfere-se ao ponto A e, por tal via, atinge as glândulas salivares do animal. Estas comprovações, sr. Casella, foram deduzidas de MILHARES de experiências de laboratório, ao sr. que reclama provas. Não lhe aconselho a leitura de livros que tratam do assunto, porque tais protocolos de experiências lhe provocarão irrecuperável fadiga mental. Emprestè, todavia, um dicionário ao sr. Imbassahy, para que êle entenda o que significa uma conexão temporária.

Sabendo já o que são reflexos, seus dois tipos, o que se compreende por sinal e por conexão temporária, podemos agora passar ràpidamente, ao «resumo do resumo» do que são sistemas de sinalização.

Todos os leitores, inclusive o sr. Imbassahy, saberão, certamente o que representam para os animais os chamados órgãos dos sentidos, dos quais, há cinco mais importantes. (Isso mesmo, sr. Casella: cinco MAIS IMPORTANTES, pois que há muitos outros dêles !) Êles nos trazem a percepção direta e mecânica dos estímulos advindos do meio ambiente. Assim, para um gato, para um carneiro, para um cão ou para um homem, uma luz é uma luz, um som é um som, um cheiro é um cheiro. Todos êsses estímulos, percebidos pelos chamados cinco sentidos, são recebidos no cérebro, já que se constituem em sinais da realidade, através daquilo que em reflexologia, nós chamamos de *primeiro sistema de sinalização da realidade.* Êste primeiro sistema é próprio a todos os animais, inclusive ao homem. Mas o homem, e só o homem, percebe também a realidade por um outro recurso que lhe é próprio, exclusivo, exatamente pelo qual os senhores leitores estão acompanhado o meu pensamento: a PALAVRA. Mesmo sem precisar recorrer ao «Pequeno Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguêsa» (que, neste momento, o sr. Casella acaba de emprestar ao sr. Imbassahy), a palavra, é para o homem, um excitante condicional tão real quanto a coisa que representa.

Resolvo repetir agora a palavra *limão, limão, limão*... peço aos leitores que imaginem um *limão*... e sou obrigado a fazer uma pausa, pois temos todos a bôca cheia dágua. Verdade, ou não ? E porque isso ? Porque a palavra *limão,* a idéia do *limão*, o pensamento no *limão,* a figura de um *limão*, isso tudo é para nós como se tivessemos realmente um *limão* na bôca. Se alguém pronuncia perto do leitor a palavra limão, não apenas o som da palavra, mas o SEU CONCEITO, atinge no leitor o seu segundo sistema de interpretação da realidade, o conceito se materializa no cérebro, agindo como se fôsse o próprio excitante, daí se transfere pela conexão temporária ao ponto motor das glândulas salivares provocando a salivação. Temos pois formado um autêntico arco reflexo condicionado no homem, por intermédio do chamado segundo sistema de sinalização. A palavra foi o excitante indiferente, substituindo o estímulo absoluto, o centro auditivo foi o centro de percepção do estímulo indiferente sonoro, a conexão temporária cortical se fez com o centro subcortical da salivação. E formamos um ato reflexo condicionado, mediante o uso da palavra. E nem sequer — reparem bem neste detalhe — foi preciso que os leitores OUVISSEM REALMENTE a minha voz. Nem sequer existiu aqui o excitante sonoro indiferente. Bastou que lessem a palavra escrita; bastou que pensassem no significado da palavra, bastou que materializassem pelo pensamento o conceito da palavra escrita, bastou em suma que pensassem, para que se lhes enchesse a bôca dágua. O pensamento materializou o limão, e tal pensamento, verbal ou figurado, agiu como elemento desencandeador de um ato reflexo. Terá ficado claro isso ? Isso só é possível no homem. Porque ? Porque só o homem possui o atributo da palavra. Porque só o homem recebe a realidade por um segundo sistema de sinais. Porque só o homem, enfim, é capaz de *transformar uma abstração — o pensamento — numa realidade concreta.*

É por isso, prezado sr. Casella, que eu lhe disse que acredito em espíritos, em Papai Noel, em Sacy Pererê. Porque o meu pensamento os materializa dentro de mim mesmo. Sem ser necessário que tais abstrações existam fora de mim. Como é também por isso que eu creio na capacidade que tem o sr. Imbassahy de não entender aquilo que não leu. E até a próxima, se me permitem.

(continua)

A seguir:–«Excitação e Inibição»

Espiritismo não é Hipnotismo

Não tem base Científica a afirmação de um dos participantes do Congresso Internacional de Hipnologia

Comunicado da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

(Conclusão)

Carl WICKLAND, médico norte-americano (clinico), membro da «Chicago Medical Society» e da «Illinois State Medical Society», fundador do «Psychopathic IInstitute of Chicago» e Diretor do «National Psychological Institute» de Los Angelis, na Califórnia, que tratou de alienados mentais durante mais de 30 anos, utilizando como médium a própria esposa, e, em conseqüência, escreveu a obra «Thirtz Years among the Dead» (Los Angeles, 1924 : «Trinta Anos entre os Mortos»), depôs : —«A OBSESSÃO POR ESPÍRITOS É UM FATO (Spirit obsession is a fact...) —uma perversão da lei natural; e é amplamente demonstrável. E' o que tem sido provado centenas de vêzes, porque provocando a suposta insanidade ou alienação, pode o espírito obsessor ser temporariamente transferido da vítima para um sensitivo psíquico» (ou médium), «preparado para êsse fim e, por êsse método, é possível estabelecer que o causador da psicose é um espírito ignorante ou maléfico, de identidade frequentemente verificável» («Thirty Years among the Dead», Los Angeles, 1924, pág. 13.)

Titus BULL, médico norte-americano (psiquiatra), membro da «American Association for the Advancemente of Sciences» e Diretor da «The James Hyslop Fondation» (exclusivamente para tratamento da obsessão por espíritos»), após estudar o fenômeno da obsessão espírita durante mais de 20 anos, depôs : — «Os espíritos obsessores têm pontos principais de atuação : a base do cérebro, a região do plexo solar e os centros que comandam os órgãos genitais» («Analysis of Unusual Experiences in Healing Relative to Discased Minds And Results of Materialist Foreshadowed», isto é, «Análise de Experiências Incomuns na Cura Relativa a Mentes Enfermas e Resultados de Prognóstico Materialista», Nova York, 1932).

Ignácio FERREIRA, médico brasileiro (psiquiatra), Diretor do Sanatório

Espírita de Uberaba, no Estado de Minas, depôs : — «Há longos anos estudamos e prescrutamos o Espiritismo EXPERIMENTALMENTE...» («Revista Internacional do Espiritismo», Matão, S. Paulo, 1939, outubro, 15.) «As OBSESSÕES, isto é, perseguições de indivíduos por espíritos desencarnados, são um FATO incontestável.» «E as obsessões, pela longa prática que temos, sabemos que ENTRAM NA PROPORÇÃO DE 30 A 40 % DOS CASOS RECOLHIDOS AOS HOSPÍCIOS.» («Espiritismo e Medicina», Rio, 1941, pág. 171.) «Em 11 anos, 1352 doentes, de psicoses as mais variadas, passaram por minha observação e, entre êles, perto de 1500 infelizes, dos quais grande número desenganado pela ciência oficial, foram radicalmente libertados de seus sofrimentos. O interessante é que foram êles curados sem emprêgo de qualquer medicamento, sòmente se usando o método espírita.» («Novos Rumos à Medicina», Uberaba, 1958, pág. 76.)

Osório CEZAR, médico brasileiro (anátomo-patologista e metapsiquista), Anátomo-patologista do Hospital de Juquerí, no Estado de S. Paulo, após demoradas experiências a que o submeteu o MÉDICO e médium, Luiz Parigot de Souza, depôs : — «Entre certos médicos, há ainda um lamentável conceito sôbre a personalidade dos médiuns e a NATUREZA DO TRANSE.» «O verdadeiro fenômeno do TRANSE MEDIÚNICO... é puramente fisiológico e INTEIRAMENTE FORA DOS DOMÍNIOS DA AUTO OU HÉTERO-SUGESTÃO. Falo aqui do transe ligado diretamente aos efeitos físicos da mediunidade»—isto é, telecinésia, ou movimentos à distância sem contato, e ectoplasmia, ou materialização («O Revelador», S. Paulo, 1941. pág. 156, artigo sob o título «Fenomenalogia Supranormal.»)

Lauro NEIVA, médico brasileiro (psiquiatra), que durante 15 anos foi Assistente do Prof. Henrique Roxo, quando Catedrático de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), depôs: — «Ao primeiro lance de vista, um médium incorporado se iguala a um doente mental. Ouve sons inaudíveis, vê seres invisíveis, toca no impalpável e sente, bem de perto, a presença dos ausentes bem distantes...» «Atualmente, depois de INÚMERAS OBSERVAÇÕES, demoro-me, cheio do mais vivo entusiasmo científico, nas demonstrações inconfudíveis e maravilhosas dos FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO. Acho-me atraido, irresistivelmente, pelo trabalho dos mortos...» («Aconteceu no Outro Mundo», Rio, 1959, págs. 94 e 105.)

Levindo MELLO, médico brasileiro, (clinico), antigo Preparador de Fisiologia e de Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (Belo Horizonte), investigador psiquico há mais de 30 anos, e Diretor do Departamento de Investigações Experimentais da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, assistiu a uma demonstração de hipnotismo pelo célebre «Professor Mozart», quando iniciava sua carreira de taumaturgo, em Belo Horizonte. Hipnotizou cêrca de 10 pessoas. Tôdas obedeciam com grande passividade ao hipnotizador. Por isso, foi aprofundando cada vez mais o estado hipnótico. A certa altura, todos os hipnotizados passaram, inopinadamente, da condição de passivos à de ativos, dizendo-se espíritos de pessoas mortas, e a zombar por tôdas as formas do hipnotizador, sem que conseguisse dominar a situação. Só o tempo pôde desfazer a incrivel insubordinação. Eis a explicação espírita do fato : no estado hipnótico, processa-se a exteriorização *parcial* do espírito dono do corpo (O consciente fica exteriorizado, enquanto permanece o corpo apenas sob ação do inconsciente); caso se aprofunde a hipnose, isto é, desde que se provoque a exteriorização *total*, permanecendo o espírito ligado ao corpo apenas pelo chamado «cordão de prata», surge oportunidade para que espírito estranho se incorpore momentâneamente e, assim, fique senhor da situação. No caso, os espíritos donos dos corpos haviam sido hipnotizados, mas os espíritos recém-incorporados não, daí não terem ficado passivos à vontade do hipnotizador. (Os espíritos hipnotizados tinham o consciente exteriorizado e o inconsciente dominando o corpo, ao passo que os espíritos recém-chegados estavam com o consciente e o inconsciente incorporados.) A sede do consciente e do inconsciente é no espírito; não na matéria, como pensam os materialistas.

Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, tivemos sob testes, durante muitos anos, o Sr. Virtulino José da Silva, médium, que só falava, em estado normal, cometendo tôda sorte de êrros de concordância, devido a sua escassíssima instrução, e que, no entanto, em estado mediúnico, às vêzes fazia longas dissertações, não raro de meia hora, sem cometer qualquer êrro de Português, discorrendo sôbre temas profundos, de grande elevação moral. Seria possível a uma pessoa, que nada conheça do idioma, por-se a falar durante meia-hora, com a correção de quem o conheça bem? Hipnòticamente, não — o inconsciente do médium, inculto, só é capaz de exteriorizar o pouco que êle aprendeu; mediùnicamente, sim — o pensamento externado passa pelo inconsciente do médium, mas provém do consciente do espírito comunicante, que pode ter sido muito culto na vida terrestre.

A investigação da fenomenologia espírita, com caráter científico, deu origem primeiramente à Ciência Psiquica (Inglêsa), depois à Metapsíquica (Franco-Italiana) e, por fim, a Parapsicologia (Germano-americana); e a da fenomenologia do magnetismo animal, primeiramente ao hipnotismo, depois à psicanálise, e por fim, a psicoterapia (Métodos terapêuticos hétero-sugestico de Bernheim, persuasivo de Babinski e autosugestivo de Coué). Se Espiritismo não passasse de hipnotismo, a investigação científica de ambos conduziria, fatalmente, a resultados iguais, não a resultados diferentes. E' evidente.

A verdade, pois, é esta: Espiritismo é uma coisa: hipnotismo, outra. Espiritismo, absolutamente, não é hipnotismo. A declaração de que Espiritismo não passa de hipnotismo é conceito que não tem base científica.

(a) MILTON ANDRADE
Presidente

ESPIRITISMO BOSSA NOVA?

Fui visitar o confrade Kitch em Itapetininga, encontrei-o preòcupadissimo, pois lera num jornal espírita a sugestão deveras «alarmante»: casamento e batizado espírita!

O confrade Kitch em Itapetininga é dirigente do Centro Espírita Allan Kardec. Fomos conhecer o seu trabalho de orientação doutrinária, e é o que existe de melhor no gênero; para explicar Allan Kardec, o confrade Kitch traçou gráficos elucidativos, procurou da melhor forma possível tornar o ensino da obra de Kardec agradável, e de fato o conseguiu, sabendo realmente suscitar o interêsse pelas obras básicas da Doutrina.

O artigo o impressionou; e em jornal espírita, a sugestão parece que calou fundo! O confrade Kitch estava de tal forma «impressionado» que tivemos a «impressão» que era ainda para êste ano a inovação!

A sugestão que fazia um espírita para que os Centros Espíritas realizassem casamentos, batizados, missas de sétimo dia, crismas, confirmações, era pelo fato de muitos «confrades» necessitarem ainda dêsses tipos de sacramentos e os Centros não lhes proporcionarem, tendo, assim, que procurarem as igrejas católicas para os sacramentos, batizados, crismas, etc...

Seria um Espiritismo bossa nova, uma retrogradação doutrinária imperdoável. E o trabalho de Kardec? Que faríamos com a codificação? E o trabalho esclarecedor dos apóstolos do Espiritismo, como o gigante Cairbar Schutel, relegaríamos a que plano? Então, porque os aprendizes de espiritismo não encontram casamento, batizado, missa de sétimo dia, crisma, confissão, procissão, promessa, na Doutrina Espírita, vamos instituir êsses sacramentos no Espiritismo? Que fez Kardec? Não é possível retrocedermos. Sempre para a frente, sempre para o Alto. Esclareçamos êsses candidatos, esclareçamos êsses neófitos, mostremos a razão pela qual a Doutrina já deixou para trás êsses sacramentos. Se o candidato está suficientemente maduro, estará apto para compreender e aceitar uma Doutrina sem sacramentos... se não estiver maduro... não vamos instituir sacramentos só para fazer aprendizes de «feiticeiros» e nunca aprendizes do Evangelho. Não desprezemos a codificação, não desprezemos Kardec, não releguemos para um plano inferior as obras da codificação e dos apóstolos do Espiritismo só para satisfazer a vontade ou a «necessidade» de futuros adeptos ainda incientes!

A obra de Kardec não tem sido suficientemente estudada como devia ser, do contrário não apareceriam tais «sugestões» descabidas e inoportunas; os que frequentam o Centro Allan Kardec dirigido pelo confrade Kitch jamais sentirão essa «necessidade» pois já entram para a Doutrina doutrinados...

Será que Cairbar Schutel difundiu a doutrina em vão? Vamos estudar a Codificação ou vamos fazer um Espiritismo bossa nova?

MAC MAYNARD.

Crônica Estrangeira

A CURA PSÍQUICA NUMA IGREJA METODISTA

De «Estudos Psíquicos»

O semanário inglês *Two Worlds*, de Londres, insere um artigo bem curioso, no qual se verifica notável passo na cura psíquica, em que cinco sócios da Federação Nacional dos Curadores Espirituais escreveram novo capítulo da história do psiquismo, com 30 minutos de demonstração.

Don Walker foi o principal organizador do acontecimento, pois várias vêzes falou nesta igreja metodista sôbre rediestesia aliada à mediunidade. Até que uma tarde sugeriu a idéia da demonstração de cura ao reverendo Arthur Tuley, que a aceitou de boa vontade, baseado em certas decisões da Conferência Metodista de 1952.

«A Conferência — disse êle — aprovou a cura espiritual, sobretudo a cura do corpo, da mente e da alma, que é uma parte essencial do sacerdócio divino. Há indivíduos que possuem o dom de curar e será melhor exercido na Igreja».

Nesta base é que o grupo de curadores espirituais realizou a sua demonstração.

A Federação estava engalanada, com estandartes pendentes do púlpito, e a cura foi, realmente, impressionante. Uma calma absoluta pairava na atmosfera.

Havia três cadeiras especiais para doentes. Os curadores casados trabalhavam em conjunto e Don Walker trabalhava sòzinho; mas, de vez em quando, auxiliavam-se mùtuamente.

A primeira experiência causou forte reação nos assistentes. Alguns queriam ver mais demonstrações; outros aproximavam-se dos curadores para observar melhor. E nenhuma palavra de crítica se ouviu durante os trabalhos.

Foram tratadas 16 pessoas, as quais pediram que as incluissem na cura a distância.

Tuley achou impressionante a inovação e disse que a receberia de novo com agrado.

Na verdade, o caso constituiu um verdadeiro passo a frente no caminho espiritual.

* * *

NOVAS HISTÓRIAS DE FANTASMAS

«Espiritualisme Moderne» reproduziu do jornal «Le Soir» de nov. de 1960.

Paris, 2 de novembro.

As recentes notas que aqui publicamos sôbre os fantasmas, e de outras manifestações dum mundo à margem dêste em que vivemos nos dotaram de uma correspondência impressionante que nos permitiu enriquecer o nosso acêrvo dos que retornam.

«Um leitor flamengo residente em

Bernay, na época dos acontecimentos, em 1950, nos relata o seguinte:

A snr.ª Merley, viúva dum contramestre dos estabelecimentos Genest, nessa data dirigiu à polícia um pedido reclamando justiça: Meu marido, disse ela, foi assassinado; êle não cessou de me aparecer depois de seu desaparecimento em 1950, abril, a me denunciar seus assassinos. De fato, M. Merley foi finalmente encontrado morto numa caieira e os médicos declararam ter êle sofrido um acidente. Por diversas vêzes a viúva falou de suas visões aos inspetores da segurança, mas as investigações nada esclareceram. Os inspetores partiram em caça, a pedido de nova intervenção de Mme. Merley, e dessa vez foram felizes. Prenderam um suspeito, um certo Envile Brain que dias depois fez uma confissão completa.»

—

Outro fato contado por um correspondente de Liège que há vinte anos reside na Normandia, e espírita convicto. Nós conheciamos o relato que êle nos dirige, para nós com quantidade de novos detalhes e que não podemos reproduzir por falta de espaço.

Quando no comêço do século o escritor Maurice Maeterlink comprou a abadia St. Wandrille que remonta ao século XVI, êle suspendeu a cremalheira com alguns amigos, nenhum dos quais conhecia a história da abadia. Durante a sobremesa uma forma transparente apareceu sôbre o terraço e dirigiu a palavra aos convivas: «Eu fui, disse êle, um dos superiores da abadia. Eu fui enterrado em 1693 na pequena galeria do palácio. Orai por mim.» Maeterlink e seus amigos exploraram a galeria e lá descobriram debaixo do musgo, uma pedra tumular com a inscrição: «A. D., sup. 1693». Ninguém ainda havia identificado essa pedra (N. D. L. R.) Seguem então duas legendas referentes a Carlos Magno mas que não podem ser retidas dado que sua verificação seria impossível. O autor das Notas parisienses, assim termina:

Agradecemos a todos os correspondentes que tiveram o trabalho de nos escrever.

Léon Treich

Espiritismo no Brasil

NOSSO REPRESENTANTE EM VIAGEM

A serviço da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», irá percorrer a zona norte e depois a zona sul do Estado do Paraná o nosso viajante-representante, sr. Dante Ferioli, que visitará as seguintes localidades da zona Norte:

Jacarézinho, Cambará, Andirá, Cornélio Procópio, Rancho Alegre, Jataizinho, Sertanópolis, Londrina, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Rolândia, Jaguapitã, São Martinho, Centenário do Sul, Arapongas, Astorga, Colorado, Guaraci, Pitangueiras, Floraí, Apucarana, Catugí, Jandaia do Sul, Bom Sucesso, Mandaguarí, Itambé, Marialva, Maringá, Mandaguaçú, Nova Esperança, Paraíso do Norte, Terra Rica, Atalaia, Porecatú e Ibaiti.

Aos prezados assinantes destas duas publicações, residentes em referidas localidades, solicitamos dispensar boa acolhida ao nosso esforçado viajante-representante, o que muito agradecemos, com sinceros votos de muita paz e felicidade.

DE ARAÇATUBA

XV Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Recebemos, solicitando-nos sua publicação, o Boletim Informativo n.º 2, da XV Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de Araçatuba, de 19 a 22 de Abril de 1962:

«Prezados irmãos:

Vimos novamente à presença de vocês para as seguintes comunicações:

II REUNIÃO PRÉVIA — foi realizada dia 13 de agôsto em Araçatuba, com a participação das Mocidades Espíritas de Bauru, Lins, Biriguí, Guararapes, Mirandópolis, Andradina, Ibitinga e Marilia.

TRABALHOS DOUTRINÁRIOS— êstes trabalhos, num mínimo de duas páginas e num máximo de quatro; em espaço dois, deverão ser remetidos ao C. D. até 31 de dezembro de 1961, devendo versar sôbre os seguintes temas:

1. *«Movimentos paralelos ao Espiritismo»*—análise dos movimentos que, sem serem contrários ao movimento espírita, podem enfraquecer as fileiras dos adeptos da Doutrina Consoladora, pela confusão que acarretam no seio dos menos esclarecidos, ou pela dispersão que provocam nas fôrças empenhadas em melhor compreender e aplicar o Espiritismo.

2. *«Bases do Espiritismo»*—estudo sumário dos princípios que fazem da Doutrina Espírita uma filosofia de base científica e de profundas conseqüências religiosas. Porque são «básicas» as obras de Allan Kardec ?

3. *Os jovens e as sessões mediúnicas de Espiritismo* — Como deve o jovem espírita encarar as sessões mediúnicas orientadas à luz da Doutrina dos Espíritos ? Deve ou não o jovem espírita participar daquêles trabalhos ? Se deve, qual deve ser a sua participação ? Que dizer da oportunidade das sessões mediúnicas de Espiritismo na hora presente ?

MESAS REDONDAS — Serão realizadas duas mesas redondas, versando sôbre :

a) «Pré-mocidade» — o período de transição, em que a criança deixa de frequentar os cursos de evangelização infantís e precisa de adaptação na Mocidade Espírita.

b) Reuniões com os pais das crianças que frequentam os cursos de evangelização.

c) Planos de estudo das obras básicas da Doutrina Espírita.

Sôbre êsses assuntos será fornecido farto material às Mocidades presentes à Concentração.

CONCURSOS—Estamos anexando ao presente boletim os regulamentos dos Concursos de Peças Teatrais Espiritualistas, de Poesias Musicadas e de Poesias Espiritualistas, para os quais solicitamos a atenção dos jovens irmãos, afim de que haja participação de todos aquêles que tiverem possibilidades. Prazo para os concorrentes : 10 de março.

TORNEIO EVANGÉLICO-DOUTRINÁRIO—Obedecerá a orientação regimental aprovada na XIII em Campinas; as Mocidades serão distribuidas em grupos, por sorteio, e cada grupo responderá a determinado número de perguntas sôbre Evangelho e sôbre O Livro dos Espíritos.

FLÂMULAS —Estamos atendendo os pedidos que nos estão sendo feitos, com a máxima brevidade possível.

CORRESPONDÊNCIA — Solicitamos mais uma vez às Mocidades, acusarem imediatamente o recebimento dêste boletim n.º 2. A resposta ao primeiro boletim foi feita apenas por 50 % das Mocidades. Preencha AGORA, e devolva em seguida a extremidade destacável dêste boletim.

A todos vocês auguramos muita paz em Jesus.

Pelo C. D. da XV
Fraternalmente
Alfredo Yarid Filho

—

ENDERÊÇO : Rua Oscar Rodrigues Alves, 152 — Caixa Postal 336 — Telefônes 2377 e 2079 — Araçatuba.

* * *

DE CURITIBA - PR

Comunicamos aos nossos prezados assinantes da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», em Curitiba, PR, que o nosso representante nessa praça, sr. Arthur Krambeck, tendo encontrado dificuldade na cobrança das assinaturas de referidas publicações, em virtude da mudança de domicílio de inúmeros assinantes, solicita aos mesmos a fineza de se comunicarem pelo telefône n.º 4-8608 ou pessoalmente à Avenida 7 de Setembro n.º 3280—(Liquigaz).

* * *

PALESTRAS SEMANAIS

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», continua realizando Palestras Semanais de Estudos Evangélicos Doutrinários, aos sábados.

Assim no dia 19 de Agôsto contamos com a presença do confrade sr. Orlando Bertachini, de Araraquara, que nos falou sôbre o tema «O Batismo», muito esclarecendo a assistência.

— No dia 9 de Setembro, esteve novamente entre nós, o jovem Prof. Rodrigues Ferreira, de S. Paulo, tendo realizado uma palestra, fazendo um confronto entre o culto externo e o verdadeiro sentimento religioso, quando foi muito feliz, pois agradou os ouvintes que o felicitaram, satisfeitos pelos ensinamentos recebidos.

— Gratos a êsses nossos companheiros, fazemos votos que continuem na tarefa nobre de pregar a 3.ª Revelação, sob a égide de Jesus e seus Mensageiros.

* * *

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária, realizada em 5 de Agôsto de 1961

À hora regimental, o Presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os trabalhos. E' lida e aprovada a Ata da reunião anterior. Estando presente o Confrade Dr. Ney Pinheiro, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, é êle saudado, em nome do Conselho, pelo Presidente.

Santa Catarina — Pela representante da Federação Catarinense, Conselheiro Manoel Bernardino, toma o Conselho conhecimento de carta do presidente da Entidade, relatando o satisfatório desenvolvimento da doutrina no Estado, notadamente no setor das Mocidades Espíritas, em concentrações, cursos de Evangelho, programas radiofônicos e estudo de Esperanto.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama, representante da Federação Espírita Paraense, fala do intenso trabalho de propaganda realizado em todo o Estado.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro, representante da Federação Espírita Sergipana, transmite preciosas informações sôbre o movimento em Sergipe, trazidas pelo presidente da Entidade, em viagem ao Rio.

Goiás — O representante da União Espírita Goiana, Conselheiro Almerindo Martins de Castro, informa do êxito do trabalho da União e da iniciativa da instalação de uma tenda metálica em praça pública, para exposição e venda de livros espíritas, com resultado notável.

Paraíba — O representante da Federação Espírita Paraibana, Conselheiro Indalicio Mendes, relata satisfatório resultado do I Curso Intensivo de Preparo de Evangelizadores para a Infância e Juventudes Espíritas, realizado em Julho findo.

São Paulo — O representante, Dr. Luiz Monteiro de Barros, traz ao Conselho novas sugestões para o serviço de Unificação, cujo planejamento deverá ser elaborado pela USE, afim de ser estudado.

Rio Grande do Sul—Representando a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, o confrade Dr. Ney Pinheiro, após agradecer a acolhida fraterna recebida do Conselho, relata o empenho da Federação em intensificar e aperfeiçoar as atividades da mesma, com especialidade nos setores da Unificação da Doutrina, tendo em vias de publicação um opúsculo sôbre o Espiritismo, dedicado às crianças.

Antes do encerramento da reunião, o Presidente apresenta o confrade J. A. González de Orense, do movimento espírita do Chile, entretendo-se com êle e com o plenário em considerações de ordem doutrinária.

Ás dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Federação Sergipana, encerrou o Presidente a reunião.

A aquisição da sabedoria vale mais que a do dinheiro, e o fruto que dela se tira é mais excelente que o mais fino e puro ouro.

SALOMÃO.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 240,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr.$ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse». — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 220,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 30,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 40,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço : Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00

Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3711unse_0

Ano XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1961 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Idéias Inatas	*Redação*
Espírito e Corpo	*Carlos Imbassahy*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard	*V. O. Casella*
Medicina e Parapsicologia	*Arnaldo S. Thiago*
O Espiritismo é a Religião . . .	*Noraldino de Mello Castro*
Hipnose e Espiritismo	*Osmard Andrade*
Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo	*Renato Wasth Rodrigues*
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Protestantismo

Acaba dc sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta uobliitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas eolunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 240,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr.$ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Natal dos Pobres

Prezado Confrade :

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, o dia do Natal de Jesus, 25 de Dezembro.

Jesus foi o amparo dos párias, dos aflitos, dos sofredores e famintos, que o acompanhavam e ouviam-lhe as palavras de amor e vida eterna. Porisso, todo o bem que fizermos aos nossos irmãos necessitados, é seguir o que Êle exemplificou.

Portanto, nesse dia, na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», será feita distribuição aos pobres necessitados, das dádivas que os corações bem formados ofertarem, numa justa homenagem Àquele que deu a sua vida pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de alegrá-los nesse dia, solicita do bom amigo uma dádiva que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas e calçados, mesmos usados.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhes proporcione com muita saúde e paz, um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, 12 de Outubro de 1961

A Comissão

Chiquita Fonseca
Rosa F. Fratine
Antoninha P. Campêlo
Leticia M. Olson
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Dirce B. Mariani
Eliza V. Machado
Luiza P. Gonçalves
Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Jenny Perche
Clotilde Cunha
Carmen Torres
Juracy Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barboza
Sylvia Lucia Urban

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Nomvebro de 1961 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

AS IDÉIAS INATAS

A’ medida que novas perspectivas se abrem ao estudo e às pesquisas, nos convencemos de que nenhuma hipótese, de tôdas que tem sido aventadas, é suficiente para explicar os fenômenos psíquicos em sua generalidade, e que a única plausível, racional, que preenche tôdas as exigências do bom senso e do critério, é, de fato, a *teoria espírita.*

A insistência que mantemos nêste assunto já deve ter feito os leitores compreenderem que sendo o nosso objetivo a demonstração da imortalidade, não relutamos ventilar tôdas as questões e hipóteses que relacionadas com nossos estudos demonstram logo à primeira vista a inanidade de suas conjeturas e conclusões em face dos fenômenos objetivos e subjetivos que se vão verificando diàriamente. As doutrinas que se distanciam da razão e do bom senso e se afastam dos progressos da ciência, devem ser postas à margem. Além disso, todo e qualquer princípio ou teoria deve forçosamente estar em relação com os fatos que reclamam o estudo experimental, a análise, o livre exame.

O Espiritismo reveste perfeitamente tôdas essas condições e explica a contento todos êsses fenômenos como também os segredos essenciais da Psiqué, cujos fatos se acham relacionados com as encarnações que à presente antecederam como elos de uma cadeia contínua de evolução.

Por isso são numerosíssimas as transições que se têm operado da concepção materialista e da concepção espiritualista, para adoção da teoria espírita, transições estas, digamos de passagem, sinceramente feitas pelos investigadores, à medida que novas perspectivas se abrem às suas pesquisas.

Um dos fatos digno de nota, é o das «idéias inatas», que se verifica a todos os momentos, e que nenhuma filosofia poude explicar.

Allan Kardec trata magnificamente dêsse assunto nos eu «O Livro dos Espíritos», publicado há mais de 100 anos e repositório extraordinário de verdades inestimáveis, por todos os motivos dignas de atenção e estudo. Assim é que, referindo-se às «idéias inatas», explica serem elas as lembranças dos conhecimentos adquiridos em existências anteriores. Eis a resposta exarada em dito Livro à pergunta sôbre certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc., de indivíduos que não têm estudo prévio dessas matérias :

— «Êsses conhecimentos provém da lembrança do passado; do progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Donde querer que provenham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem».

De fato, a aquisição da *personalidade* nos faz antever maravilhas deslumbrantes nas profundezas da consciência humana.

As manifestações das camadas subconscientes inexplicáveis pela ciência materialista e pela doutrina da vida única, constituem um dos princípios do Espiritismo que foi entrevisto por antigos psicólogos como Sócrates, Platão, Pitágoras que lançaram sôbre êle suas vistas sutís e profundas.

Os fenômenos do inconsciente, do subconsciente, do subliminal, ainda mesmo aquêles observados nas histéricas e nos diferentes estados hipnóticos e sonambúlicos, não podem ter explicação sem o princípio anímico que reveste o *ser psíquico* e cuja existência se revela nas próprias manifestações do magnetismo e na complexa fenomenalidade anímica.

Ante as provas experimentais que nos têm oferecido os magnetizadores, provas essas corroboradas pelas experiências espíritas, ficamos sabendo que o *eu* é algo de real e concreto, independente do corpo e pode, em certos casos, abandonar êste sem perder as suas faculdades de ação.

Os casos de transposição da memória, reportando o indivíduo a passadas existências, vêem confirmar perfeitamente a explicação espírita das *idéias inatas* e desdobrar de certa forma a teoria subconsciente que separada do *princípio anímico* é inteiramente subexistente.

De fato, como conceber funções memoriais sem um agente intrínseco, essa causa íntima que denuncia a sua existência e imortalidade !

A subconsciência não pode absolutamente fornecer-nos senão o que tenha adquirido anteriormente, salvo se essas manifestações ultrapassando os âmbitos das modalidades anímicas, denunciam a existência de uma influência estranha acionando o agente.

Mas quer num, quer noutro caso, só a *teoria espírita,* por temerária que a muitos pareça, tem argumentos de grande ponderação para explicar com clareza e concisão as causas determinantes de tais manifestações.

Espírito e Corpo

Vimos que o espírito depende da estrutura física como o mecânico depende da engrenagem que dirige. Êle se apresenta através da aparelhagem orgânica e necessàriamente sofre as conseqüências dos desarranjos que lhe empecem, entorpecem ou anulam as manifestações.

Entretanto, como que para mostrar-nos a sua independência, vemo-lo em pleno vigor apesar das deficiências somáticas, e em plena atividade, apesar das condições que o deviam amortecer ou mesmo aniquilar, como o sono, a narcose, a síncope e o coma.

No sono o indivíduo resolve problemas que lhe pareciam insolúveis na vigilia, descobre o que lhe estava oculto, tem ótimas idéias, por vêzes geniais.

O nosso distinto conterrâneo, Dr. Osmard Faria, vem em nosso auxílio quando apresenta relatos comprobatórios : Banting quer achar a solução de um problema ; cansado, adormece e o resolve. Para Fehr a maioria dos descobrimentos de sábios foi feita em sono. Condorcet fazia cálculos, Coleridge, Tartini, Rosny, Von Göttingen, compunham dormindo. Conta Voronoff que uma jovem escrevia versos à noite de olhos fechados.

A êsses casos acrescentariamos outros muitos. Lembremos aquêles em que, nas nossas lucubrações, parece nula a intervenção do espírito. Dizia Schopenauer : não fui eu que criei a minha filosofia, essa foi criada em mim, sem minha intervenção, quando minha vontade parecia adormecida.

E Lamartine : Não sou eu que conduzo as minhas idéias. Daudet : Meus livros se compõem sem que eu intervenha. Rousseau : As idéias me vêm quando querem e não quando eu quero. Nietsche : As idéias tomam-se e não se pergunta quem as dá. Musset :—Não se trabalha, escuta-se ; *«c'est comme un inconnu qui vous parle à l'oreille».*

As pacientes de Janet —, Rose,

Lucie e Leoni mostram-se muito mais inteligentes dormindo.

As idéias vivem eternamente conosco, assegura Binet em *Les Alterations de la Personalité.*

Os nossos exemplos confirmam o do médico hipnologista, corrobora-os, amplia-os, explica-os. Temos nêles o que se costuma chamar inspiração.

Ora, a Fisiologia ensina que no sono a atividade física amortece, e verificamos que há por vêzes, maior exaltação cerebral no surto das idéias, o que vem ao arrepio das noções comumente ministradas. (1)

Ainda vemos que o indivíduo exausto física e intelectualmente vai para a cama; o cérebro trabalha a noite inteira, êle sonha durante todo êsse tempo, e em vez de se acentuar o seu cansaço e de chegar a um completo exaurimento, o que aconteceria em vigília, ao acordar acha-se inteiramente tranquilo, iniludivelmente repousado.

Não é sem comoção que vemos a trabalheira da Ciência para explicar isto: as células se substituem, saem as fatigadas, vêm as folgadas, como se houvesse no cérebro um contra-regra. Mas porque essa *mise-en scène* não acontece na vigília, onde o cérebro está em maior funcionamento ?

Muito mais fácil é entretanto supor que a energia é do espírito, e por isso, não sofre das contingências materiais.

Vamos nota-la ainda em condições outras em que é iniludível a impotência física.

Já essa energia é inexplicável quando o organismo está em repouso como no sono; vamos vê-la em outros estados, onde melhor ainda se patenteia o desprendimento dos laços corporais.

A síncope é o desmaio; há perda de sensibilidade e movimento; e a suspensação temporária da consciência devida à anemia cerebral.

Entretanto, o indivíduo vê, ouve, transpõe obstáculos, percebe o que não pode perceber em condições ordinárias, atravessa corpos opacos.

Conta L. H. Hysman que, numa cadeira de dentista, foi submetido à ação do clorofórmio; viu-se então flutuar, sentiu-se hígido; de olhos abertos; viu do espaço o cloroformizador, o dentista, o consultório...

Em Londres foi acometido de uma síncope; pensou que estava morto, pois se percebia no espaço e ao mesmo tempo notava o corpo inanimado, de olhos fechados, com a palidez desenhada no rosto. Chegou o médico, fizeram-no voltar a si e êle percebeu que não tinha perdido a memória e a consciência. (*La Vision de Soi-Même, Rev. Mét.*, 1930, p. 190).

Narra a Sra. d'Espérance em seu livro «No País das Sombras» (*Shadowland*) p. 355 :

> «Era uma radiosa manhã de um domingo de verão. Estendida num sofá, tinha um livro nas mãos e o espírito ocupado em projetos que pretendia pôr em prática. Comecei a ter uma sensação estranha de depressão e as páginas que procurava ler já não as distinguia. Tudo se tornou sombrio e pensei que iria recair. Minha fraqueza porém desapareceu imediatamente; lancei o olhar para o livro, que me pareceu afastado e como envolto em nevoeiro. Levantei-me do sofá, mas uma outra pessoa nêle se achava com o livro. Quem poderia ser? Sentia-me espantosamente leve e cheia de vigor. A fraqueza desaparecera e substituira-a um maravilhoso sentimento de saude, de fôrça, de vitalidade como nunca sentira.
>
> A vida acordava em mim, cintilante, palpitante, circulando através de minhas veias como correntes elétricas. Todo meu corpo parecia abrasado de novo ardor e gozava de uma liberdade sem obstáculos. Pela primeira vez conhecia o prazer da vida.
>
> O quarto me parecia estranho, sombrio, e essa forma confusa no sofá, quem era? Parecia reconhecê-la; mas o sentimento de liberdade que sentia me satisfazia; não podia estar parada, mas para onde

---

(1) O sono é o repouso; a volição e a consciência estão parcial ou completamente abolidas; as funções físicas parcialmente suspensas.

ir? Dirigi-me à janela. A paisagem me pareceu estranhamente brumosa; as paredes pareciam aproximar-se para logo desaparecer; mas onde, não o poderia dizer.

Testemunhei eu mesma a sensação de completo bem estar, de liberdade, de leveza, de energia que a pessoa sente logo após haver deixado o corpo físico, por mais robusto que o fôsse. Maior deverá ser o contraste quando se trata de um corpo fraco e doente.

Ainda mesmo que tal experiência fôsse um fato cotidiano, a sensação é tão nova, tão maravilhosa, que o ser se vê feliz por sair da prisão e entrar na radiação da luz.»

Escolhi, de preferência, entre centenas de casos, o da Sra. d'Espérance, por ser ela reconhecida, unanimemente, entre os psiquistas, como pessoa de inatacável probidade.

A uniformidade dos relatos faznos ver que o fenômeno é quase sempre o mesmo, ou pelo menos se apresenta pelo mesmo aspecto e se desenvolve da mesma forma, o que indica não haver nenhuma fantasia no caso. E' o Espírito que se libra, independente, no espaço.

Em outras ocasiões, afasta-se do corpo e do local, atravessa muros e paredes. Muitos dêsses casos transcrevios em «Evolução», e seria demasiado repeti-los. Por êles o que se verifica é que o Espírito vê, ouve e sente fora do organismo, e é inteiramente inútil a a exposição anatômica e a descrição fisiológica a que se entregam os doutos, embora com grande proficiência, para mostrar a escravização da consciência à aparelhagem física.

*

Por vêzes o paciente obedece ao pedido do experimentador, e como tais experiências se assemelham aos casos comuns de hipnotismo, temos os nossos amigos confundindo-as na mesma rubrica, embora não possam explicar devidamente o fenômeno.

Nas experiências do Dr. Martins Velho ordenou-se ao chamado «sujet» que fôsse a uma loja ver o que lá se passava. Declarou êle o que vira e mais que atavam um pacote. E como lhe pedissem que observasse o que continha, declarou, depois do exame — ora essa, fiquei com a mão suja de verde.

Dirigindo-se o experimentador ao comerciante, êste confirmou as declarações do paciente; o pacote continha verde montanha.

Em outra experiência relatou o interior do corpo.

A pedido de um amigo, transportou-se espiritualmente a Tomar onde nunca estivera, e orientado por aquêle, encaminhou-se para sua casa; descreveu o itinerário, as paisagens, o que encontrara no caminho. Em certo ponto, desviou-se e foi dar em Lisboa, que não conhecia e lhe devia ter parecido mais curioso que Tomar. Descreveu a cidade, seus principais edifícios, praças, inscrições, monumentos, voltou ao ponto de partida e acordou. *(Da existência Alma*, por J. F. Cabrera. *Estudos Psíquicos*. Lisboa—Ag.-Set. 1950.

Parece claro que o espírito, obedecendo ao experimentador, vai a Tomar e depois desprende-se da obediência e dirige-se a Lisbôa, que não estava no itinerário.

Se já é difícil verificar como poderia um cérebro adormecido produzir melhor que acordado, mais difícil será vê-lo descobrir o que não se podia achar nos limites do conhecimento humano. Entretanto, e êste será um simples exemplo, em 1912 o Dr. Antoniou, de Atenas, tratando da Senhorita Sofia, pô-la em hipnose, e ela fêz expontâneamente a previsão de tôda a guerra balcânica, com seus incidentes. *(Um fato de previsão geral.—Rev. Métapsychique*, 1925, n.º 6, p. 377)

*

Vejamos agora uma situação onde muito menos acreditável ainda é suporse a atividade consciente: Trata-se do coma.

O coma — define Roger — é um estado mórbido carecterizado pela perda completa ou incompleta da atividade cerebral. Pierre Marie, na *Presse Médicale,* de 6-6-14:—O coma completo é função da hemorragia cerebral. — E Sergent, *em Neorologie,* t. I, p. 137 ensina:

«O coma é um estado persistente de sonolência profunda, com perda do conhecimento, da motilidade, da sensibilidade, mas ainda com a conservação das funções vegetativas, sendo porém habitual as suas perturbações.»

Entretanto, assegura-nos o Dr. Eugène Osty, alicerçado numa prática de muitos anos :

> «Em certas afecções em que o equilíbrio mental ficou particularmente comprometido, os médicos têm assistido a manifestações de prodigiosa melagnomia. *(Melagnomie et Psycho-Phisiologie experimentale, — Rev. Met. n. 6, p. 377.)*

E mais :

> «Na agonia, o organismo está por tal forma abalado no seu equilíbrio, que a desordem se torna incompatível com a continuação da vida. Essa crise catastrófica do corpo determina o aniquilamento da função do pensamento (coma), e no entanto, muitíssimas vêzes, pouco modifica a consciência, que se conserva lúcida no desarranjo acelerado das funções. O agonizante percebe o racionalmente imperceptível, revela a realidade inacessível ao meio intelectual dos que o rodeiam». *(Idem,* id., p. 165).

De pasmar será vermos ainda «nessa crise catastrófica» a visão, a previsão, a supervisão do espírito. E vemo-las.

*

Teriamos ainda que falar na memória, muito simples para muitos, a quem a sua conservação através das constantes modificações do organismo não impressiona muito, mas que deixa perplexos fisiologistas como Richet, um dos maiores entre os maiores. Mas êste já vai longo.

*

Lembremos para o fecho, que Taylor, em *Primitive Culture,* (1, 387) nos diz que os selvagens, percebendo formas nas visões, já admitiam a alma-fantasma, e a ausência dessa faria o corpo privar-se da vida.

A alma era uma espécie de vapor ou sombra, impalpável e invisível, salvo quando se manifestava no sonho ou na visão ; exerce poder físico e assemelha-se à pessoa a quem pertence ; apresenta-se com as vestes e mais petrechos usuais. Ela pode não só deixar o corpo, senão lançar-se ainda de um lugar a outro sem que a distância lhe faça obstáculo. A alma é o princípio da vida e de tôda a atividade moral do indivíduo a que pertence.

*

Vê-se que os tempos decorrem, passa-se do estado selvagem à civilização, e os fenômenos são os mesmos, as modalidades as mesmas, a impressão a mesma. Essa uniformidade, essas características, essa identidade no fato e na observação, assim no tempo como no espaço, passa despercebida. Os esforços dos que mais deviam estudar o assunto e estariam aptos a compreende-lo é, entretanto, amarrar a alma ao corpo, segurá-la rigidamente, como se fazia antigamente aos balões, presos pelas cordas, a fim de que não tomassem vôo.

Iremos a ponto mais sério ainda, o das lesões cerebrais.

Carlos Imbassahy

o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o o

OS MISTÉRIOS DA PERSONALIDADE

Nem os problemas da vida individual, nem os da vida social se explicam sem a lei dos renascimentos ; todo o mistério do ser se resume nela ! E' dela que o nosso passado recebe sua luz e o futuro sua grandeza ; nossa personalidade amplia-se inesperadamente. Sentimos que mil laços tecidos através dos séculos nos prendem à humanidade. É nossa a história dela. Dia virá em que um mundo completo de recordações reavivar-se-á em nós ; o passado, o futuro, tôda a história tomarão aos nossos olhos novo aspecto, um intêresse profundo. - LEON DENIS.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

IV

Como vimos, no nosso último trabalho, o nosso incansável opositor, já certo de nos ter aplicado um sério revés, com o seu «grande argumento», o cão de Goltz, mais uma vez não foi feliz nas suas investidas. Após todo aquêle seu inútil esfôrço, surge a seguir com o seu — O Ato Reflexo —, como sempre suprindo com ironias a falta de eficiência dos comentários da sua ingloriosa causa materialista.

Vejamos o seu trabalho desde o início, pela ordem cronológica das suas críticas, no qual excedeu demais sua pena, tão mal sucedida quando fora da restrição do seu campo.

Indo além das suas sortidas reflexológicas, arriscou-se com ridículas comicidades, caso estivesse diante de um cruel adversário. E envolveu conosco o nosso companheiro Imbassahy, acusando a nós ambos de não termos entendido seu livro, pelo que passáramos a defender o que não foi átacado, quais modernos don-quixotes, atacando supostos inimigos. De fato, tal qual deseja, não o entendêramos, desde que esteja referindo nos seus excessos, ali onde entrou em confusões e contradições em vários assuntos, entre os quais resultou seus ataques ao Espiritismo, se bem que disto não se apercebera, por sua desatenção literária. Daí o seu engano em julgar não ter atacado nossos conceitos doutrinários, surpreendendo-se diante do nosso potencial de barragem.

Mas felizmente assim nos acusou. Mal seria-nos se dissesse que o. entenderamos, porque os leitores que o leram, e depararam com as suas confusões e contradições, poderiam chamar-nos de negligentes. A prova dos seus contrastes já temos oferecido em alguns dos nossos trabalhos anteriores, cujas amostras, por si só, já seriam uma razão para justificar como não entendível o nosso atacante. Contudo, vejamos hoje mais uma das suas tantas confusões e contradições, pois outras mais nem aqui caberiam, no que ainda seria saturar os leitores com as não poucas incoerências do nosso atormentado adversário.

Ali, no seu Hipnose e Letargia, atribuindo a Kardec a origem das práticas sincréticas mediúnicas, num autêntico desconhecimento do assunto religioso afro-brasileiro, embora, por estranho que seja, cita Artur Ramos no seu livro, diz na pág. 192: «Agrupam-se os praticantes da seita de Allan Kardec em níveis diversos que fazem pressupor escalões vários de evolução cultural e desenvolvimento dos espíritos convocados, entre os quais salientam-se os chamados — centros kardecistas — (espiritismo de salão), os — terreiros —, de — quimbanda — e — umbanda —, mais conhecida a primeira delas por — macumba —, e associações esotéricas onde se praticaria a invocação da mais alta classe.»

Notemos bem: para o dr. Osmard, paradoxalmente, tudo isso é kardecismo, ou seja, Espiritismo, cujo total, como assim pretende, teria se originado com Kardec, em 1857. Já no seu — Manual de Hipnose Médica e Odontológica —, na pág. 437 diz: «São unânimes os diretores de sanatórios para débeis mentais em afirmar que a imensa maioria dos seus doentes — talvez mais de 90 % — passaram pelos terreiros de Umbanda e pelos chamados — Centros do Espiritismo».

Ora, esta suposta declaração, apresentada em uma literatura com uma parte hóstil ao Espiritismo, ao qual ainda se atribui as práticas de terreiros, outro não foi o objetivo a não ser o de insinuar que nêle estaria a responsabilidade pela debilidade mental. E como nossa doutrina surgiu com Kardec, em 1857, de acôrdo com o dr. Osmard essa doença mental teria então aparecido também, nesse momento, com o Espiritismo.

Vejam só os leitores a confusão e contradição do nosso adversário. Além de mesclar conceitos espiritualistas heterogêneos, contrariou a própria ciência médica onde, ensinando ser essa morbidez mental de origem congênita ou adquirida por estigmas físicos de degeneração, compreende-se que essa doença surgira com a humanidade; e não em 1857, com Kardec, conforme se explora na literatura do dr. Osmard, atribuindo ao Espiritismo a causa da debilidade mental. E que teriam os Centros Espíritas (e mesmo as práticas de Umbanda) com essa entidade clínica de origem muito diferente, pois se não vem com o nascimento do indivíduo, seria adquirida na infância, no período de uma epilepsia, meningite ou outras doenças de comprometimento orgânico cerebral ? Isto ainda torna estranha aquela declaração de diretores de sanatórios para débeis mentais.

Por isso mesmo, com tais confusões e contradições, é bom continuar propalando não o termos entendido, caso contrário caberá a nós fazermos tal declaração, para não passarmos, como já dissemos, por negligentes. Nesta parte, fiquemos por aqui hoje, pois conforme o nosso atacante vai oferecendo-nos oportunidades, iremos apontando outras dessas suas predicações, que ali não faltam nas suas literaturas.

Outra coisa foi acusar de estarmos a defender o que não foi atacado.

Se assim pretende o dr. Osmard, não ter atacado o Espiritismo, louvamos êsse seu nobre propósito. Mas, infelizmente, êsse seu desejo não se harmoniza com o que se lê ali nas suas literaturas, cujos impactos não o isenta de responsabilidade, depois de tanto ferir os nossos conceitos doutrinários. Prejudicou-nos, colocando em mãos dos nossos sistemáticos adversários, a sua opinião de ilustre facultativo, cuja palavra já começou a ser hàbilmente explorada, através de outras literaturas, revertendo os seus dizeres em novos ataques ao Espiritismo. Foi êste o motivo pelo qual o nosso companheiro Imbassahy surgiu em campo, na defesa dos nossos postulados, frente aos ataques das palavras do Dr. Osmard, exploradas por um frei muito inteligente para saber tirar partido da situação. Neste caso, se pretende não nos ter atacado, porquê não confirma esta sua negativa, reparando o que vem divulgando aquêle clérico, o qual transcreve trechos do seu livro, para desmerecer nossa doutrina ?

Lamentàvelmente, o simpático gesto do nosso pretenso não atacante, dizendo não nos ter atacado, não se confirma. E interessante que enquanto diz agora, no seu — O Ato Reflexo —, que não nos atacara, talvez já não mais se lembre que há pouco, ali mesmo no seu primeiro contra-rebate de agôsto último, acabou de trazer aos leitores espíritas, uma evidente amostra dos seus impactos, a qual, sem recorrermos a outras, já está ali confirmando a razão da nossa defesa. Vamos mais uma vez transcrevê-la nestas páginas, e vejam os leitores espíritas com que palavras pretende, o nosso opositor, convencer-nos de não nos ter atacado : «Alí (nos centros espíritas) se trabalha sem método, desordenadamente ; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica.»

Não desejamos aqui reviver a discussão sôbre aquêle têrmo — desequilibrado —, cujo assunto é para outro tema, conforme já expuseramos no nosso primeiro revide. Queremos apenas esclarecer que o dr. Osmard insiste conosco de que não nos devemos julgar ofendidos com aquêle têrmo — desequilibrado —, porque o mesmo não se refere a desequilíbrio mental, sendo outro o seu sentido, de significado reflexológico. Ora, assim se defendendo, de que o têrmo não é ofensivo, não esconde que a frase foi dirigida aos espìritas. Mas então, agora perguntamos : e aquêles outros dois — histérica ou neurótica —, a nós dirigidos, também não são ofensivos ? Porquê silenciou em tôrno dêles ?

Como vemos, defende-se com um têrmo truncado, pelo qual pretende dizer não nos ter atacado, e não se acanha em expôr a frase humilhante a nós adeptos de Kardec. Só isto chegaria para demonstrar a inconsistência do nosso adversário, em acusar estarmos a defender o que não se atacou.

Mas vamos expor mais algumas amostras dos seus livros, para os leitores terem outras confirmações, de que é inútil o bom propósito do nosso atacante, em dizer que não nos atacara, depois de ter martelado violentamente nossa posição. Sem repetirmos o tópico já exposto mais acima, de que a causa de mais de 90 % dos débeis mentais é o Espiritismo, vejamos êstes outros : «Estão aí os sanatórios, hospícios e clínicas de repouso alimentados diàriamente de material recebido dos Centros Espíritas...» — «Ali também pela exploração desordenada dos fenômenos hipnóticos de base cortical, agindo sôbre indivíduos Pré-Psicóticos, se promove o desencadeamento de neurose e desequilíbrios da estabilidade neuromental.» (esta frase é sequência da outra, também se referindo aos Centros Espìritas.)

Aí, nesses poucos exemplos, os leitores já podem fazer uma idéia de como nós espíritas fôramos tratados, quais psicopatas, ali nas literaturas do nosso atacante, nos capítulos dirigidos ao Espiritismo. E ainda vem dizer, aos espíritas, que estamos a defender o que não foi atacado. Francamente, então não sabemos como o dr. Osmard interpreta todos êsses seus têrmos das doenças mentais dirigidos aos espíritas. É uma pena ; aplica-se em gracejos recomendando o Dicionário a nós e ao sr. Imbassahy, e descuida-se no estudo da interpretação de têrmos psiquiátricos, no que deveria adquirir para si um bom Manual de Psiquiatria, que tanta falta está fazendo para o seu cientificismo.

E, na sua arte de criticar, ainda intercalou mais esta novidade no seu — O Ato Reflexo.

Disse que neste ano iniciáramos com uma série de artigos muito melhor escritos, como se outra pena estivesse nos inspirando.

Se receioso de um seu fracasso, diante da nossa modesticidade, procura proteger-se, atribuindo-nos melhor auxiliados, declaramos que a ninguém usamos recorrer, seja lá para o que fôr, a não ser aos nossos poucos mas bons livros, da nossa pequena estante. Mas se o nosso estratégico opositor pretende flanquear-nos por êste lado, ensaiando-se para uma fuga dos fundamentos da questão no caso de emergência, deverá antes não se esquecer de que, no ano passado, não fôramos nós que estávamos no Rio ouvindo opiniões de alguns — altos níveis —, sôbre os nossos rebates. Lembrado ?

Bem, mudemos de assunto porquê o fragor da luta já nos induz a crueldades, e o nosso opositor não merece trato severo, embora a isto não nos tenha poupado.

Fora as suas ironias, também muito se desgastou sôbre o ato reflexo. Mas se pretende combater Espiritismo, com a sua reflexologia, está perdendo precioso tempo com seus comentários. Que têm os nossos conceitos doutrinários com o fato de um cão preparado salivar ao som de uma campainha; de enchermos a boca dágua ao ouvirmos alguém falar limão... limão... limão... ; ou seja lá o que mais fôr da mecânica da nossa vida orgânica animal que se explique pela reflexologia ? Que isto tudo seja muito interessante aos fisiologistas não negamos. Mas como arma de combate ao Espiritismo é coisa completamente destituida de valor.

O dr. Osmard está errando, com muita ingenuidade, pela sua falta de espírito observador, ao trazer essa sua reflexologia para nos contra-rebater, firmado na suposição de que a nossa doutrina é de base abstrata. E se assim fosse, justificaria-se êsses seus argumentos. Mas tal não se dá. O nosso adversário, julgando o — espírito —, pelo conceito infantil de «Papai Noel, Sacy-Pererê, Bicho-Papão,» ou outras figuras imaginadas para as crianças, montou tôda a sua tese anti-espiritualista (770 páginas !), sôbre uma base falsa, por não estar sabendo que o — espírito — é uma entidade concreta. Não estamos dizendo por nós, pois não queremos que o nosso opositor acredite nos espíritas. Mas falamos pela palavra idônea e capacitada dos grandes mestres da ciência, que comprovaram a existência do espírito, não sòmente pela prova química, tato e vista, como pela fotografia, sob o contrôle do rigor dos laboratórios. Negar agora tais testemunhos seria repudiar a própria ciência, sem mais sabermos então em quem acreditar.

Para o dr. Osmard ocupar-se dos nossos conceitos do espírito pela sua reflexologia, antes teria que vir aqui desmentir essas provas científicas, para depois avaliar se lhe conviria armar êsses seus comentários pela tese pavloviana. E' uma ética do bom senso inprescindivel para se fazer boa ciência. Mas atuando de trás para diante, como vem fazendo, é gastar inùtilmente muita tinta e papel sem qualquer proveito entre os leitores esclarecidos.

Vê-se, como já estamos demonstrando desde outros trabalhos anteriores, que o seu cientificismo é descuidadoso, por ausência de coleta de informes antes dos seus julgamentos, cuja falha vem causando-lhe sérios desapontos. E se o dr. Osmard não se acudir em tempo com a palavra dos sábios, e insistir nessa sua tecla em falso, os seus tão ameaçadores contra-rebates não darão trabalho algum aos nossos revides, bastando-nos apenas ir apontando a ausência de base dos seus improvisados argumentos. Contudo, tratando-se de um adversário inteligente, nestas alturas já deverá estar acordando e, talvez, suas futuras investidas ainda serão tentadas por outros lados, remediando êsses seus desacertos reflexológicos anti-espiritualistas, para que sua queda não lhe seja tão desastrosa, conforme já estamos prevendo.

E aqui ficamos, com a nossa atenção ao seu — O Ato Reflexo —, e até a próxima vez.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. S. Paulo

Medicina e Parapsicologia

EMBORA sabendo-me completamente leigo em matéria de Medicina, ofereceu-me o dr. Levindo Mello, diplomado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, êste trabalho de sua autoria, que êle classifica de «modesto opúsculo, escrito e publicado como um pequeno ENSAIO MÉDICO-PARAPSICOLÓGICO, ou simples ESBÔÇO CIENTÍFICO, que o AUTOR dedica aos MÉDICOS e demais cientistas, interessados por esta nova CIÊNCIA».

Essa *nova Ciência*, a que o Dr. Levindo Mello se refere, é a METAPSÍQUICA, da qual afirma que «a maioria dos médicos do seu tempo de moço possuía apenas rudimentos científicos, sendo hoje mundialmente conhecida por Ciência parapsicológica, ou sòmente PARAPSICOLOGIA», sendo que também êle «não fugia a essa ordem geral da ignorância e desconhecia o assunto por completo».

Mais adiante declara que «em 1925, porém, um caso de ESQUIZOFRENIA rebelde, incurável para a nossa PSIQUIATRIA oficial ou acadêmica, e que foi fàcilmente debelado pelos recursos parapsicológicos, orientou-lhe a curiosidade científica para êsse fascinante setor da nova ciência, isto é, a METAPSÍQUICA ou PARAPSICOLOGIA, com os seus fenômenos raros, inabituais, surpreendentes, misteriosos — tão bem estudados por DÉNIZART RIVAIL, CROOKES, RICHET, GERLOFF, RHINE e muitos outros pesquisadores abalizados, além dêsses aqui citados».

Como se sabe, constitui a PARAPSICOLOGIA uma tomada de posição da ciência oficial, nìmiamente materialista, relativamente àqueles *fenômenos raros, inabituais, surpreendentes, misteriosos*, a que faz referência o autor e para os quais o homem foi compelido a convergir a sua atenção desde que Allan Kardec lançou à publicidade, em 18 de abril de 1857, o LIVRO DOS ESPÍRITOS, tornando acessível a tôdas as inteligências, livres de preconceitos de ciência e de religião, o conhecimento do mundo dos Espíritos, que é o das causas e onde, portanto, tem origem a Vida, embora seja invisível, como tanta coisa em a Natureza, que é invisível, se constitui em elemento substancial e preponderante da mesma natureza, como o ar, a eletricidade, etc.

Jungida a êsse preconceito materialista, jamais a Ciência oficial, rica em admiráveis conquistas no domínio da matéria, poderá chegar ao conhecimento do mundo dos Espíritos. O dr. Levindo Mello bem sabe disso, mas deixa-se nobremente impulsionar pelo sentimento de coleguismo que o prende a todos os profissionais da classe médica, *que elegem a profissão do sofrimento*, como dizia Miguel Couto, citado, a êsse respeito, pelo autor — e, num esfôrço hercúleo de inteligência, procura trazer ao nível da mentalidade médica materialista o que sòmente poderá ser assimilado pelos que, espontâneamente, se dispuserem a despir essa túnica de Nessus dos preconceitos, de que se acham revestidos, para, inteiramente livres de escolas ou de sistemas, arrojarem-se aos livres espaços espirituais, em que a Lógica, predominando mesmo sôbre as *realidades*, hoje tão contestadas, ao alcance dos sentidos, lhes desvendará domínios inacessíveis a outra visão que não seja a da Filosofia.

Se, «em qualquer religião, concentrar a atenção e o esfôrço em formalidades é, espiritualmente, esterilizante», como escreve Arnold Toynbee em «A RELIGIÃO E A HISTÓRIA», págs. 125 e 126, muito mais esterilizante será concentrar essa atenção e êsse esfôrço em pesquisas nìmiamente de ordem material, como procede a ciência oficial, que não quer entender, nada quer saber do Espírito, uma vez que estabeleceu, como regra inflexível, que só a matéria é que tem existência real, tudo o mais sendo apenas do domínio do sonho, da fantasia : simples ilusões que se desfazem no túmulo...

Quereriam ver Deus, submetê-lo aos seus processos de experimentação— e só assim concordariam em apreciar todo êsse mundo do Espírito, pois que, na afirmativa do Cristo, «DEUS É ESPÍRITO E SÓ EM ESPÍRITO E VERDADE PODEM ADORAR OS QUE O ADORAM». Mas, exatamente como pôde ver a notável percuciência mental de Toynbee, já acima citado, «no universo incorpóreo da vida espiritual, não é menos maravilhoso que duas lentes, através das quais a alma humana pode captar um lampejo parcial da Realidade Absoluta, fôssem criadas de rudimentos de intuição religiosa aparentemente tão pouco promissores, como os que constituem as origens históricas do Budismo e do Cristianismo, sendo, também, sem dúvida, mercê que nenhuma dessas duas lentes escuras se tenha tornado completamente transparente, PORQUE O HOMEM NÃO ME PODE VER E VIVER, como está em Êxodo, XXXIII, 20. A visão nua da Realidade Absoluta, totalmente sem véu, iria além do que qualquer espírito terrestre poderia suportar». (Página 127 da obra citada).

Ora, se as lentes da própria Religião devem ser assim escuras para que não sejamos fulminados pela visão nua da Realidade Absoluta, como podem as da ciência materialista deixar de ser completamente escuras !!

Exigir dos nossos irmãos, apenas adestrados na pesquisa da matéria, que aceitem os fatos do mundo espiritual como os aceitamos nós que os vemos pelas lentes ainda escuras da Religião, é não conhecer os percalços da evolução espiritual. O dr. Levindo os conhece. Deixemos, pois, os nossos irmãos continuarem a trabalhar nos alegres setores da matéria em que lhes agrada operar, e consagremo-nos, todos os que nos consagramos à pesquisa do Espírito, aos nossos sagrados misteres, sem misturar alhos com bugalhos, como estão querendo fazer os da Parapsicologia, que é por fôrça encontrar a explicação dos fenômenos espíritas mediante os dados do seu acanhado experimentalismo parapsicológico, outra coisa não podendo conseguir mais do que essa esterilizante maneira de investigar, que redunda em completo fracasso do Espírito, para maior glória do materialismo científico.

Contudo, louvável é a intenção do Dr. Levindo Mello que poderá dizer : «Meu Deus minha consciência». Gratos lhe somos pela oferta que nos fez.

ARNALDO S. THIAGO

O Espiritismo é a Religião

VI

Allan Kardec e o Conceito de Religião

21 — Ontem, como hoje, há os que combatem o Espiritismo como religião. Mas, negar-lhe o aspecto religioso é desvirtuá-lo.

Vemos, no Espiritismo. a imagem de um tripé, tendo, em cada base, a **Ciência, a Filosofia e a Religião,** encimado por Deus.

Se quisermos fazer Espiritismo apenas científico ou filosófico, o tripé perde o equilíbrio. Cai. Não oferece segurança. Temos de realizá-lo no tríplice aspecto.

Com a Ciência esclareceremos a inteligência, explicando os fenomenos. Com a filosofia descortinaremos os porquês da vida, que atormentam o espírito nas suas perquirições. Com a **Religião,** estudando, sentindo e exemplificando os belos ensinos evangélicos, descobriremos os encantos da parte moral, conquistando as virtudes positivas. Exornam elas a alma e abrem as portas do entendimento para a renúncia, a tolerância, o espírito de sacrifício, o respeito ao próximo, o amor ao semelhante, o acatamento à idéia alheia.

O que importa ao Espiritismo é que seja sempre um tripé sólido, encimado por Deus, vivo, para dispor-nos ao trabalho que irmâna, ao esfôrço que realiza, à benção que enobrece.

«Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual êle é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada por Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da terra terás que proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana». (95)

Ei-lo, pois, com a gloriosa destinação de tornar-se «a Religião absoluta, definitiva».

«O Espiritismo, tendo seu ponto de partida nas palavras do Cristo, é uma conseqüência direta de sua Doutrina». (96)

Acreditar e propagar que a Codificação repele-o como Religião é cometer heresia, divorciada do bom senso, o que não constrói. Confunde. Revela superficialidade.

«O Espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo. O Espírito de Verdade preside o seu restabelecimento, chama os homens à observância da lei, ensina tôdas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse por meio de parábolas». (97)

Veio à hora certa, realizando o gigantesco trabalho de concórdia e de compreensão.

«A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revele as leis do mundo, tendo, no entanto, umas e outras o mesmo princípio: Deus. (98).

22 — Afirma-se que Allan Kardec não disse ser o Espiritismo religião. Mas, já demonstrámos e provámos que êle o tinha também como religião. Mas, apesar disso, afirma-se ainda que em «O que é o Espiritismo» se refere ao Espiritismo como Ciência e como Filosofia, e nem uma só vez como Religião.

Todavia, como já mostrámos, êle mostrou qual a religião do Espiritismo. Isto em trabalho isolado, não inserto nas obras que constituem a Codificação de Kardec.

Em «Obras Póstumas», no entanto, está bem legível, que

> «êle (o Espiritismo) instituirá a verdadeira religião, a que parte do coração e vai direta a Deus.» (99)

E os mesmos Espíritos que o assistiam advertiram, peremptórios, categóricos:

> «Não haverá diversas religiões, nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do criador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados.» (100)

Sucedeu, porém, ainda que Kardec, no trabalho que se comentou, disse que o Espiritismo «marca uma era de renovação» e que, sem dúvida, no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião.»

Acreditamos que aí se tem orientação segura a respeito de um pensamento conceitual certo, meditado, imprimindo orientação positiva a respeito do tríplice aspecto da doutrina codificada.

23 — Temos como decisivo que ninguém jamais contestou que o Cristianismo é Religião. Ora, se o Espiritismo é o o Cristianismo revivido, se êle aceita os ensinamentos de Cristo, revela-os, complementa-os e amplia-os, claro que assume também o aspecto de religião, aquela que, «grande e bela», já tem os fundamentos lançados.

Entre os vários efeitos que têm causa no Espiritismo, inclusive no filosófico, há o efeito religioso:

> «O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso.» (101).

Dizer-se que o Espiritismo não é religião mas que é moral, é apegar-se ao radicalismo das expressões. A moral é a conseqüência, é o efeito, não é a causa. É destemperar-se, fugir à realidade, esquecendo que o Evangelho Segundo o Espiritismo é um «Código de Moral universal, sem distinção de culto.» (102).

Efetivamente, há princípios que são básicos a todos os sistemas filosóficos-religiosos. A tese é pacífica:

> «Tôdas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte.» (103).

Não há, no mundo, outra religião em que essa base seja tão demonstrada, tão evidenciada e provada como no Espiritismo.

Kardec, porém, tirava dessa afirmativa a conclusão de outra afirmativa :

> «Deus, alma, sobrevivência e individualidade após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de tôdas as religiões. O Espiritismo junta às provas morais dêsses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo.» (104).

Êstes princípios fundamentais estão inseridos no Livro do Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo, e nos demais livros kardequianos e ali são estudados, comentados, como integrantes da Doutrina revelada :

> «O Espiritismo é a Terceira Revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do céu em todos os pontos da terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários.» (105).

Mas, o Codificador não se limitou a deduzir e definir. Advertiu positivo :

> «Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por tôda parte e vos hão de unir num pensamento comum : O amor de Deus e a Prática do bem.» (106).

Daí, a grande autoridade do Espiritismo, que revelado, pregado e ensinado,

> «Não traz uma moral diferente da de Jesus»,» (107) porque «O Espiritismo não é obra de um homem, ninguém póde inculcar-se como seu criador, pois tão antigo é êle quanto a criação. Encontrâmo-lo por tôda parte, em tôdas as religiões...» (108)

Ei-lo, pois, confundindo-se com as religiões, mas destacando-se delas porque se nos apresenta escoimado de dúvidas e de incertezas. Tem evidentes superioridades sôbre elas. Cresce como doutrina filosófica-religiosa. Despiu-se dos atavios humanos e surgiu para o mundo como a verdade pura, conducente à felicidade.

> «O Espiritismo, como Doutrina Moral, só impõe a necessidade de fazer o bem e não fazer o mal. E' uma Ciência de observação que têm consequências morais e suas consequências são conformação e a prova dos grandes princípios da religião.» (109)

Na indicação dêstes princípios fundamentais, na transmissão dêstes ensinamentos, deixou Kardec, muito clara, a idéia religiosa.

Êle jamais negou a sua parte religiosa. «Il porte essentiellement aux idées religieuses...» «Se achava que o Espiritismo não era pròpriamente uma religião, com seu ritual complicado, emaranhado e inútil, quando não prejudicial, com seu sacerdócio, seus dogmas, seus sacramentos, sua intolerância, sua infalibilidade, nem por isso deixou de mostrar a parte religiosa que lhe tocava.» (110). E tanto é verdade, que, em Obras Póstumas, pág. 37, lê-se: «Manifestações dos Espíritos. Caracteres e consequências religiosas dessas manifestações.» Para coroar êstes argumentos, tão eloqüentes e significativos, temos que

> «O sentimento religioso domina nas evocações e em nossas reuniões; mas não temos fórmula sacramental; para os Espíritos o pensamento é tudo e a fórma nada. Nós o chamamos em nome de Deus porque cremos em Deus e sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão.» (111)

Noraldino de Mello Castro

(continua)

---

95 — *KARDEC — Obras Póstumas, pág. 200.*

96 — *GENESE, n.º 11, 13, 14, 19, 45,* apud *C. IMBASSAHY, Religião.*

97 — *KARDEC — Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 115.*

98 — *KARDEC — Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 47.*

99 — *KARDEC — Obras Póstumas, pág. 288.*

100 — *KARDEC — Obras Póstumas. pág. 260, C. IMBASSAHY, Religião, pág. 62.*

101 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 474.*
102 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 16.*
103 — KARDEC — *Obras Póstumas, pág. 38*
104 — KARDEC — *Obras Póstumas, pág. 33, n.º 9, Ofr. O que é o Espiritismo, pág. 99.*
105 — KARDEC *Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 46.*
106 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 478.*
107 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo. pag. 475.*
108 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo, pág. 471.*
109 — KARDEC *O que é o Espiritismo, pág. 107.*
110 — CARLOS IMBASSAHY, *Religião, pág. 109.*
111 — RARDEC — *O que é o Espiritismo, pág. 102.*

NOTA — Servimo-nos das seguintes edições: O Evangelho Segundo o Espiritismo, ed. 28.ª, de 1943; O Livro dos Espíritos, ed. 18.ª, de 1942; Obras Póstumas, ed. 9.ª, de 1942; O que é o Espiritismo, ed. 7.ª de 1934.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

V — EXCITAÇÃO E INIBIÇÃO

A *irritabilidade* dos antigos fisiologistas, hoje dita *excitabilidade,* é a principal característica da matéria viva. Tudo aquilo que chega ao «conhecimento» do tecido vivo (e não vá o sr. Casella interpretar êsse *conhecimento* como *cultura!)* só o consegue mediante a propriedade que tem tal tecido de excitar-se, de perceber, de sentir, de receber mensagens, de sofrer, enfim, o contacto com o ambiente circundante. Isso tanto acontece em relação ao que nos vem de fora (o som, a luz, o calor, etc.) como a tudo aquilo que acontece dentro de nós mesmos (a dor, a fome, o desejo, a imposição exonerativa, etc.). A essa capacidade, portanto, que tem a célula viva de captar as mutações ambientais e de a elas reagir, de um ou de outro modo, a isso entendemos por excitabilidade.

O fenômeno opôsto, complementar e compensador, é a inibição. Pela capacidade de inibir-se, de eximir-se, de ocultar-se, a célula viva defende-se da excitação continuada ou intensa, extemporânea ou perturbadora. Pela inibição, enfim, a célula nervosa garante o seu repouso. Já aconteceu ao leitor fazer uma viagem de trem, certamente. Durante algumas horas, sentado, olhos postos na paisagem sempre igual e monótona que *corre* para trás. E a ouvir aquêle sempre igual e irritante pá-cá-tá... pá-cá-tá... das rodas sôbre os trilhos. O passar das imagens e o ruido, excitações monótonas e persistentes, acabam por fatigar o cérebro. Pouco a pouco, uma suave sonolência assalta o viajante. E êle adormece lenta e molemente. O sono, processo inibitório por excelência, apagando a percepção dos excitantes continuados, fê-lo repousar o cérebro. Já aconteceu também ao leitor um momento de pânico, de pavor? A violenta excitação leva-o a um estado de paralisia, de perda da voz, a um momento de total incapacidade para reagir. A sôbreexcitação levou-o a uma super-inibição. São fenômenos opostos complementares e compensadores.

Estarei dando, talvez, exemplos por demais triviais. Mas não quero forçar o sr. Imbassahy a procurar correndo um dicionário. Espero que até êle entenda isso.

Há inúmeros tipos de inibição da célula nervosa: externa, interna, por retardo, por diferenciação, somativa, por extinção, vestigial, supraliminar, e estudá-las aqui, a cada uma, seria transformar a RIE num tratado de neurofisiologia. Inexequível. Basta que se consiga transmitir aos leitores desta revista um mínimo indispensável de conhecimentos que lhes permitam alcançar a natureza fisiológica do estado hipnótico — e por extensão, do fenômeno espírita. Sem ser necessário recorrer a ridicularias da ordem dos «mentaltons», «bions» e «intelectons», ou nomes parecidos, criados pela fértil imaginação de um pitoresco sr. Hernani Andrade...

Saibam inicialmente que essa inibição, obedece a leis fixas e determinadas pela neurofisiologia através MILHARES de experiências de laboratório, realizadas durante quase um século de pesquisas, e que são, fundamentalmente, três : —

1) *Tôda excitação localizada a um ponto do córtex cerebral, tende a irradiar-se por igual a tôda a região cortical, promovendo uma onda inibitória de retôrno em direção ao centro de origem, circunscrevendo-o.*

Explico-me : imaginem uma pedra atirada ao centro de um lago tranquilo. O ponto de queda da pedra, seria o centro de incidência da excitação. A partir dali, surgem ondas concêntricas que se afastam omnidirecionalmente (em tôdas as direções, sr. Imbassahy !) até atingir as margens do lado. E ali, ao se chocarem contra as paredes ou margens, refluem, em novas ondas de retôrno, que tenderiam, se fôsse o caso do lago igual ao da contextura contida e regular do cérebro, em direção ao ponto de origem. Ao atingirem essas ondas de retôrno, o ponto do cérebro de onde se originou a onda excitatória, circunscrevem, bloqueiam, isolam êsse ponto, para impedir que novas ondas de excitação continuem dali partindo. Cria-se, pois, em tôrno do foco inicial de excitação, uma zona de barragem, de inibição, de defesa.

2) *A todo estímulo excitatório corresponde uma onda inibitória proporcionalmente mais forte.*

Isto significa dizer que, em neurofisiologia, a onda de retôrno é sempre proporcionalmente mais intensa que a de origem, ou seja, que a fôrça centrípeda é sempre mais forte que a centrífuga. Em conseqüência, a zona de bloqueio defensivo de um ponto excitado tem condições, em termos de intensidade e energia para isolar de maneira útil o ponto irritado.

3) *Todo refôrço da excitação acarreta um refôrço da inibição, e vice-versa, todo refôrço da inibição provoca um refôrço da excitação. Esta é a lei das induções positiva e negativa.*

Em outras palavras, se se continua a promover a excitação do foco cerebral inicialmente atacado, a onda inibitória também, conseqüentemente se reforça. E potencialmente, a inibição será sempre proporcionalmente mais forte, conforme já vimos.

Voltemos ao leitor que viajava de trem, e apliquemos-lhe, em têrmos práticos, essas leis. O ruido das rodas do trem, excitando-o continuadamente, maltratando o seu centro de percepção auditiva. Aí se cria um foco de excitação, que se irradia a todo o cérebro, em tôdas as direções. A onda inibitória de refluxo, tende a bloquear a zona auditiva, para que aquela fadiga não se transmita a todo o sistema nervoso. Mas a excitação continua, reforçando-se. Reforça-se também a zona de bloqueio inibitório de defesa que cresce, e pouco a pouco, a onda de inibicão, ela própria começa também a difundir-se a todo o território cerebral. A perna do leitor escorrega, a cabeça pende, os olhos tornam-se pesados, um braço cai... e o leitor, suavemente, adormece. E adormecendo, que lhe acontece de mais importante ? *Deixa de ouvir o ruido que o irritava.* Defende-se da agressão. Protege-se. Repousa. Dorme. Isto é hipnose. Um tipo de hipnose. Mas não é tudo.

Não posso furtar o leitor à compreensão do que, em reflexologia, chamamos de *ponto vigil,* ou ponto de vigilância, ou ponto hipnótico.

Aquêle ponto cerebral — no caso o auditivo — continua, na sua viagem de trem, a ser excitado. O trem continua andando, as rodas ferindo os trilhos. E o pa-cá-tá continua. Continuamente percebido pelo seu centro de audição. E isto já não o incomoda mais porque a inibição o protege. Mas o ruido continua. Mantendo o seu cérebro permanentemente ligado ao ambiente. Tanto que se, a um dado momento, o rítmo se modifica, ou pela diminuição da marcha do trem ou pela sua brusca aceleração, o leitor, provàvelmente, despertará, ou se sobressaltará. Ou perceberá, por uma «*misteriosa intuição do além*», que está na hora de saltar.

Imaginem o moleiro que dorme tôdas as noites ao ruido monótono e sempre igual das pás do seu moinho. Se, durante a noite, faltando o vento, o moinho pára, o moleiro acorda. O silêncio — parece paradoxal — o acorda.

Imaginem a mãe que adormece um pequenino filho adoentado. Durante a noite, o menino modifica o seu rítmo respiratório ou emite um levíssimo vagido. A mãe, aflita, acorda. A um ruido quase imperceptível.

Em todos os casos, havia um tipo especial de sono, de inibição do cérebro, no qual um ponto dêle, permanecia ligado ao ambiente. É o que chamamos de ponto de vigilância, de excitação continuada, que alimentando a inibição, serve também, pela alteração de sua fisionomia, para desinibir o cérebro freiado.

Já perceberam a esta altura os leitores da RIE, a importância da característica dos estímulos que provocam o sono. Em todos os exemplos que citamos, os ruidos eram sempre *monótonos*, *débeis*, *repetidos* e *ritmados*.

Já lhes aconteceu assistir a uma conferência ou palestra, na qual o orador fala sempre igual, sem alternâncias na modulação da voz, sem colorir-lhe as inflexões, arrastando-se, naquele ritmo que o público, pitorescamente, apelida de pa-ta-ti... pa-ta-tá... de bla-bla-bla... de lenga-lenga ? E não lhes cansa ouvir tal orador ? E não fazem fôrça para evitar o indiscreto bocêjo ? E não procuram arrumar-se nas cadeiras, mudar de posição, para manter os olhos bem abertos, mesmo quando a atenção enfranquece ? Pois aquilo também é hipnose. Pois aquêle excitante, a voz do orador, é monótono, débil, ritmado, repetido.

Partimos dêsses conhecimentos para a configuração de uma lei geral do sono. Sempre que submetemos determinado ponto do córtex cerebral à ação de um estímulo qualquer que por sua natureza seja repetido e monótono, se tal estímulo não se faz acompanhar de nenhum outro que intercorra com sua ação, mais cedo ou mais tarde esta estimulação conduzirá o paciente à sonolência e ao sono. Mesmo que o ponto excitado do cérebro esteja conectado com qualquer outro setor do próprio cérebro — a conexão temporária — ou do resto do organismo. Pràticamente não há exceções a essa regra, e MILHARES de experiências de laboratório o comprovam. Todo estímulo monótono, repetido, débil, leva ao sono. Pela criação de um foco de excitação cortical. Pela conseqüente irradiação da excitação e da inibição que, de volta, tende a concentrar-se em tôrno do foco de excitação. Se a estimulação prossegue e a inibição avança, o sono será completo e profundo. Cessando o foco externo de excitação, apagando-se então todo o cérebro, teremos o sono comum, fisiológico. Se permanece atuante o estímulo inicial, mantendo vigil um ponto do cérebro, teremos o chamado sono hipnótico, comandado.

Espero que tenham entendido, pois não me está sendo fácil reduzir a meia dúzia de páginas um assunto de alta complexidade e que já encheu bibliotecas. E que já levou o sr. Imbassahy, não sei quantas vezes ao dicionário, apenas por ler três ou quatro trechos do meu livro em transcrição do padre Boaventura. E que já obrigou o Sr. Casella a cometer a «gaffe» de escrever dúzias de páginas para criticar expressões que não entendeu.

Temos assim esquematizado, *resumidìssimamente*, o que seja o estado hipnótico nos animais, de um modo geral. Para melhor compreender a hipnose humana, teremos de voltar a discutir novamente o valor da palavra, imbricando-a com o mecanismo excitatório em função do segundo sistema de sinalização, que já discutimos em capítulo anterior. E como o nosso objetivo principal, nesta série de artigos — que já se vai tornando longa mas, lamentàvelmente para a direção da Revista e honrosamente para mim — terá de prolongar-se ainda por outros tantos capítulos—é o entendimento da fenomenologia espírita à luz da reflexologia, não poderemos fugir também ao estudo do que entendemos por condicionamentos de segundo grau, pelo pensamento, pelo exemplo, e pela vontade, estados que caracterizam a chamada auto-hipnose. Antes disso, no entanto, quero convocar os srs. Casella e Imbassahy—podem guardar os dicionários — para uma discussão em conjunto daquilo que chamamos, em reflexologia, de tipos nervosos. E onde vamos, afinal, dissecar cruelmente os tipos «*débeis, instáveis e desequilibrados*», que tanto mal fizeram aos meus ilustres opositores.

A seguir : – «Débeis ? Desequilibrados ? Instáveis ?»

Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo

Do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo recebemos o seguinte comunicado:

São Paulo, 25 de Setembro de 1961

«Ilmos. Srs. Diretores de
Revista Internacional de Espiritismo
Av. 28 de agôsto, 780 — Matão

Prezados Confrades:

Com o nosso voto de muita paz, dirigimo-nos a VV. SS. para lhes solicitar a gentileza da publicação, no próximo número dêsse acatado periódico, da nota que vai a seguir, e que como os confrades constarão, por se tratar de assunto doutrinário, é de magna importância.

O CLUBE DOS JORNALISTAS ESPÍRITAS DE S. PAULO, em face da propaganda que vem sendo feita para a introdução de rituais de casamento e batizado nos Centros Espíritas, cumpre o dever estatuário de esclarecer que essas práticas são contrárias à Doutrina Espírita.

O Espiritismo tem por finalidade o restabelecimento do Cristianismo em sua pureza primitiva, como religião em espírito e verdade, sem fórmulas sacramentais, ritualismos ou qualquer espécie de culto exterior. Corresponde às exigências da evolução espiritual do homem, nesta fase de transição da vida terrena. Os Espíritas não podem trair as elevadas finalidades da Doutrina, para a satisfação de velhos hábitos religiosos de alguns adeptos novos.

Ao mesmo tempo o Clube se manifesta contrário as propostas de inclusão, na doutrina, de inovações de qualquer espécie, por não reconhecer, em pessoas e instituições do presente, nenhuma autoridade espiritual para tanto. Entende o Clube que a codificação kardeciana, em vez de ser atingida por qualquer pretensão dessa espécie, deve ser melhor e mais profundamente estudada nas instituições doutrinárias.

Agradecendo a gentileza dessa publicação, agradeceriamos também se os confrades tivessem a bondade de nos enviar um exemplar da sua Revista com a mesma a fim de constar em nossos arquivos.

Assim é que lhes apresentamos os nossos melhores votos de

Muita paz

Renato Wasth Rodrigues
Secretário

Comunicado do nosso Representante na Capital

Recebemos comunicado do Representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» na Capital, nosso esforçado confrade Vicente S. Netto que, em virtude de a Livraria Espírita Emmanuel ter passado para novos proprietários, os assinantes destas nossas publicações, na Capital, deverão aguardar a indicação de novo local e Representante, visto o mesmo achar-se licenciado, a pedido.

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do capítulo VII)

— Queres examinemos agora a vida e as obras de alguns dos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e que esperam prêmios e castigos «post mortem» ?

Chilon — Examinemos. Melhor até nos seria estudarmos os procedimentos e a vida daqueles que, além de crentes das coisas atrás relacionadas, são professores da reencarnação e da comunicação dos espíritos. Êstes têm mais obrigação que os outros de serem comedidos, pois nas sessões práticas do Espiritismo assistem ao espetáculo vivo do que sucede aos maus e aos bons, e nas ruas de tôdas as cidades encontram mendigos, aleijados e loucos, os quais dizem ter sido os grandes, os poderosos e os abusadores de outrora.

Árago — E se algum dêsses, moídos pelas verdades que dissermos, nos xingar de idiotas, de tolos, de ingênuos, de infantis, de ignorantes, que faremos?

Chilon — Daremos de ombros, como se nada nos tivesse acontecido!

Árago — E se o sujeito nos xingar a nós de safados, de salafrários, como me aconteceu xingar-me disto o Sr. Blénio Trivelino? Salafrário quer dizer safardana, desprezível, abjeto, ordinário, patife, e tudo isto doeu-me muito, pois ainda sou orgulhoso e não tão sem-vergonha assim que me fique rindo ao ser insultado. Será que devo fazer de conta que sou mesmo um desbriado, um canalha, Chilon ? ou devo sair a campo a fazer panegírico de minha pessoa, declarando nêle as minhas virtudes, visto que meus detratores tomaram à sua conta só falar dos meus defeitos ?

Chilon — O melhor é deixá-los xingar, escumar de raiva e endoidecer, como já o fizestes com o Lúdio e com o Trivelino! Vós já não dissestes viver fora desta nossa época de loucuras e desmandos? Pois ficai fora do espaço e do tempo, e nada vos atingirá! Que se doam os corrigidos, por causa da correção, que isso pouco se vos há de dar!

—Ligai vosso gravador magnético e soltai a fita em que está gravada aquela auto-sugestão que diz:

«—Árago, repousa em paz, em teu sono profundo... Esquece tudo... abandona-te como o mumificado que a música de fundo (*) sugere... Esquece teus opositores... Êles não existem, e ainda que existissem, nada poderiam contra ti, pois não lograriam penetrar nesta cidadela em que tu habitas isolado... A solidão te é suave, e doce o abandono a que te entregas... Faze de conta que és outra pessoa que não tu mesmo... e é contra essa outra pessoa que se enfurecem teus detratores... Ao acordares dêste sono bom, não te lembrarás nem mesmo de que tens opositores, quanto mais do que vozeiam êles... Tua cidadela que erigiste, é inexpugnável, e a ela só tu tens acesso... Dorme, Árago... dorme etc.»

Árago—Bom conselho é o teu, Chilon! Melhor me é mesmo estar eu morto que vivo, em relação aos homens da Terra. Nada poderão contra mim os Trivelinos, os Lúdios, os Biberões, os Macários, os Pigargos, os Pangolins, os Górgones e os Fungões, porque estarei protegido por esta lousa que me cobre a campa, e na qual se lê: «Requiescat in pace». Eis que morri antes de morrer, com ter metido tempo, como aconselha Vieira, entre a vida e a morte. «Lucílio meu, diz Sêneca, escrevendo de Roma a Sicília (...), considera com atenção o que agora de direi, e toma um conselho que te dou como mestre e como amigo. Se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte». (Vieira, Sermões, 2, 227 — Ed. das Américas). «Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim ; que importa que se acabe para os outros ? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem, que eu já acabei a vida» (op. cit. 2, 262).

Chilon — Falai-me, pois, debaixo

(*) Música do filme «O Egípcio» de Mika Waltari. Produção em Cinemascope da «20 th Century Fox».

dessa pedra, e anotarei tudo o que disserdes.

Árago—Então toma nota : na imprensa espírita (que das outras nem vale a pena falar) é comum as polêmicas se degenerarem em desabafos agressivos, tempestades emocionais, violentas, descaridosas, pelo que me fico a perguntar : de que vale então a crença na reencarnação e na comunicação dos mortos, se fica menosprezada a moralidade do Evangelho que declara sem rebuços : se a vossa justiça não superar à dos escribas e fariseus, de maneira nenhuma não entrareis no reino dos céus (Mat. 5, 20) ?

—Quem quer que escreva um livrinho medíocre, sem originalidade nenhuma e sem estilo, água rala na forma, e no fundo, pura compilação de idéias doutros livros, fica, depois a clamar pela crítica que não vem ; mas ai daquêle que não elogiar o seu autor, que não disser que êle é um talento, um gênio. Basta criticar as idéias, e já seu autor, pessoalmente ofendido, se sai a defender-se com duas pedras nas mãos, e sem caridade nenhuma xinga o crítico de tolo, de ingênuo, de ignorante, e até de safado e salafrário xinga ; há de se lhe aturar os desaforos, ficando o crítico num dilema : ou descer ao nível do escrevinhadeiro, ou lhe fazer ouvidos de mercador. Não se pode criticar idéias nenhumas sem receber, em resposta, algumas grosseirias de seus autores ou simpatizantes ; e êstes mesmos são os que vivem a repetir, como papagaios, que *«fora da caridade não há salvação»*, que a *«vida prossegue depois da morte»*, que o *«espírito se reencarna para evoluir»*, etc. Mas decerto não acreditam a nada destas coisas, porque mostram o mais incrível desamor na linguagem desabrida e descortês que usam, cheia de sarcasmos e humilhações em relação a quem são dirigidas, como se não foram espíritas, e sim, meros tropeiros de mulas que se pusessem a escrevinhar.

— Dêste modo, Chilon, fica evidente que não tem valor nenhum religioso, isto é, de religar com Deus, a ciência da reencarnação e a esperança da promessa de prêmios e castigos depois da morte.

— Queres que eu pare aqui, agora, meu amigo, ou devo continuar ?

Chilon—Continuai, continuai ! que vossa lição a mim me é dirigida, que não a outros !

Árago—Então manda para teu amigo de Piraju sòmente o que convém ; não me suceda que alguns se saiam contra mim, vencendo-me, de vez, por meio de xingos, que esta tem sido a melhor maneira de argumentar, de provar uma verdade irrefragàvelmente.

Chilon — Ficai quedo aí debaixo da lousa tumular, pois já vos considerastes morto ; prometo-vos não trazer coisa nenhuma da crítica, seja boa ou seja má, que ambas, alegria e tristeza, perturbam a placidez do espírito contemplativo da verdade. Continuai, portanto, peço-vos !

Árago — Continuemos então, eu a te falar, e tu a me ouvir :

— Dentre os espíritas há os que fazem panegírico das obras em detrimento da santificação ; fazem paralelos entre pecadores, porém praticantes de obras filantrópicas, mas que continuam escravos de seus vícios e do pecado, com santos, sem vícios nenhuns, senhores de si mesmos, porém inativos quanto à filantropia. Feito o paralelo, colocam os viciados, isto é, os pecadores nos céus, ninfados de luzes divinas, no passo que os santos são infernados, nas penumbras e sombras dos planos baixos. A moral de tais fábulas é que, entre ser pecador com obras sociais, e santo, sem elas, é preferível ser pecador que santo, como se pecado não fôsse a vitória da animalidade sôbre o espírito, e a santidade, às avessas, a vitória do espírito sôbre as baixas e grosseiras impulsões biológicas.

— Na parábola dos dois filhos, o pródigo, e o não, fazem a excelência recair sôbre o pródigo, e pecador, e doido pastor de porcos, em vez de sôbre aquêle filho que não caiu, ao qual chamam egoísta. E vá a gente citar nomes...

—O conteúdo dos espíritas não difere do dos católicos e protestantes, havendo-os, em tôdas as seitas, bons e maus. Dentre os espíritas há alguns tão intolerantes que, paradoxalmente, tomam por tema o falar da intolerância doutras religiões que praticaram barbaridades no passado, única e exclusivamente, por serem ainda formadas de involuídos. O que vale é a substância dos homens que integram um grupo social, e não o nome pomposo que se dêm. Uma sociedade de santos e de gênios será boa, honesta, benfazeja, tenha o nome que tiver, e não adianta os homens-lobos se darem o nome de benfeitores da humanidade; por isso é êrro crasso criticar uma idéia pela ação e vida dos homens que fazem dela uma bandeira, e nada mais que uma bandeira.

—Com os tais que fizeram do Espiritismo apenas uma bandeira a mais, não se pode ter uma altercação proveitosa, para esclarecer coisa nenhuma porque se saem a campo, há de ser para lutar e vencer. Dêsse jeito as discussões (que poderiam ser como as da matemática, quando estuda uma fórmula) se resolvem em polêmicas azedas, numa pura conquista de vitórias. Como o que se buscam são vitórias, e não a verdade, xingar dá resultado, porque o opositor, se é nobre, abandona a liça, enojado, deixando os louros para o pelotiqueiro. Eis aí, Chilon, como se prova uma verdade de maneira irrefutável ! E o público que acompanha essas pelejas, nem sempre evoluído, dá razão ao asno que melhor souber escoicear. Aqui está como procedem alguns daquêles mesmos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e das recompensas e punições futuras, quer sejam êles católicos, ou protestantes, ou espíritas. Onde é que está, então, Chilon, a religião dessa gente ?

Chilon — Não há dúvida nenhuma que a religião dessa gente é só rótulo periférico e não conteúdo e vida, como é bem que fôsse. Se, como diz Kardec, e os espíritas papagueiam, *«fora da caridade não há salvação»*, então é certo que ninguém se salva, porque sendo a caridade amor, ninguém há que o tenha. Todos se iludem com a filantropia, conquanto São Paulo tenha dito, definindo bem o têrmo, que *poderia distribuir todos os seus bens para sustento dos pobres, e contudo se não tivesse CARIDADE nada seria* (I Cor. 13, 1 a 8); logo, caridade é mais que a só filantropia com a qual todos se iludem.

— Fica-se a polemicar sôbre se o que salva é a fé ou são as obras, quando Cristo deixou explícito que nem só a fé salva, porque ela pode existir sem obras, conquanto morta, como refere Tiago, nem só as obras salvam, visto poderem existir sem fé, como são as obras assistenciais do materialismo (justiça social); mas o que salva de estar nesta miserável Terra, indo a gente para planos e planêtas superiores, é o amor, êste sim, incapaz de existir sem obras. Não poderá dormir tranqüila a mãe que tem o filho doente, e é seu amor que a faz já insone, já solícita, já operosa ao lado do berço. E êste mesmo amor divino que impele à ação a mãe humana, existe na leoa que defende os seus cachorros. Tal o amor, e só por isso salva !...

Árago — Bravo, Chilon ! Ganhaste mais um tento !... Êsse é o amor que Cristo prègou e exemplificou em todos os passos da sua vida. Todavia os religiosos atrás descritos ainda precisariam estar sob o guante do Terror. Êles só conhecem uma lógica, a da fôrça. Isto foi precisamente o que enxergou o gênio de Moisés, pelo que criou o seu Jeová segundo as necessidades de selvagens. Por isso o Deus de Moisés havia de ser um Deus de fôrça, e não um Deus de amor ; um Deus que age na hora por uma providência extraordinária, e não a longo prazo, como é o Deus-Lei que promete penas e recompensas futuras.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	400,00	Ano de	1949	cr$.	300,00	Ano de	1955	cr$.	300,00
» »	1929	»	400,00	» »	1950	»	300,00	» »	1956	»	300,00
» »	1946	»	300,00	» »	1951	»	300,00	» »	1957	»	300,00
				» »	1952	»	300,00	» »	1958	»	300,00
» »	1947	»	300,00	» »	1953	»	300,00	» »	1959	»	300,00
» »	1948	»	300,00	» »	1954	»	300,00	» »	1960	»	300,00

Crônica Estrangeira

FANTASMA HIPNÓTICO

Em seu livro—*O Problema Psíquico* — o Dr. John Bjorkhem, psiquiatra sueco, explica como se cria uma aparição pelo hipnotismo. Êle hipnotizou uma moça de 17 anos e lhe ordenou que em pensamento ela fôsse para casa, que ficava a 250 quilómetros dali.

A moça disse que estava sentada na cozinha de sua casa, tendo um dos pés sôbre uma cadeira. O pai estava lendo um jornal e a mãe fazendo o serviço da casa.

Poucas horas depois, uma das amiguinhas da moça recebeu um chamado telefônico dos pais da moça, e disseram êles que tinham visto a filha na cozinha, descansando um pé sôbre a cadeira, mas que desaparecera sem dizer nada.

Há também os Espíritos zombeteiros, a que alguns chamam fantasmas enganadores e barulhentos — o *poltergeist*.

Usa-se êsse têrmo para designar os projéteis voadores, móveis que se mexem, ruídos estranhos e outras coisas para as quais parece não haver explicação natural, ou causa física.

Os pesquisadores do Dr. Rhine — do Laboratório de Parapsicologia da Duke University—salientam que em cada caso, que investigaram, de «fantasmas barulhentos», estava sempre envolvido algum adolescente que padecia de conflitos emotivos. Acham êsses pesquisadores que tais fenômenos mui pròvàvelmente se dão por causa da atuação da PK (fôrça psicocinética), ou o poder que a mente tem sôbre a matéria.

Casos de aparições há inúmeros, sempre contados.

A Sra. G. W., filha de pastor protestante que mora em Indianópolis, estava esperando bebê, e conta que certa noite dormira já umas três ou quatro horas.

—Despertei—diz ela própria—ouvindo alguém me chamando pelo nome. Sentei-me na cama e vi junto de mim o vovô, que estava morando em Wilmington, no Delaware, com meus pais. Muito calmamente, êle disse :—«Não se assuste, sou eu. Acabo de morrer». Comecei a chorar e me virei na cama para acordar meu marido. Meu avô disse :—«É assim que êles me devem enterrar». Usava uma gravata borboleta. E disse mais :—«Queria também dizer a você que eu estava esperando morrer desde que Ad se foi». Ad — Adelina — era sua falecida mulher.

Conquanto o marido da Sra. G. W. insistisse com ela, dizendo que tudo não passava de pesadêlo, deu-se por vencido e telefonou para a casa do sogro. Eram exatamente 4 horas e cinco minutos da madrugada.

«Minha mãe surpreendeu-se muito com o chamado telefônico e disse que estivera de pé tôda a noite. Esperava que chegasse a manhã para nos comunicar que meu avô falecera às 4 da madrugada».

Na Inglaterra dá-se muito mais atenção às visões ou fantasmas do que nos Estados Unidos da América do Norte.

Não é de hoje que o povo britânico tem mêdo de passar por perto do Lago Negro de Morridge, perto de Leek, no Staffordshire do Norte, porque lá, segundo a lenda popular, aparecem «mãos em garra» sedentas de muitas vidas.

O pintor Rutland Berisford e um companheiro contaram ter visto certa vez levantarem-se daquelas águas «duas mãos brancas, com os dedos em garra, voltados para o nosso lado, como se quisessem arrastar-nos para o fundo do mar».

Disse Berisford textualmente :

—Foi sòmente com um tremendo esfôrço que escapámos de saltar para dentro do lago. Logo a seguir, as mãos desapareceram.

Há questão de cinco anos, Carlos Dean, membro do Clube de Pesquisas Psíquicas de Chester (Inglaterra), viu-se obrigado a enfrentar o «fantasma» de Gwin Roberts, falecido em 1800.

Parece que Roberts repentinamente surgiu na cozinha de um café de Ruthin (Gales Setentrional) quando Dean entrou ali para socorrer a garçonete amedrontada.

Conta Dean que o «fantasma» de barbas foi dizendo :

—Estou procurando um velho companheiro de bar. Eu o perdi de vista nas últimas noites e estou apreensivo, sem saber o que aconteceu.

— Porque não vai ver sua mulher ? — sugeriu Dean.

Irritado, o «fantasma» disse :

—Não se faça de bobo. Ela morreu.

Usei então de tato — continuou Dean—e lhe disse que êle não fôra procurado, nem se desejava a presença dêle ali. Isso deu certo, porque êle se encheu de brios e, pisando forte, foi-se embora.

(«Reformador», de «O Globo», de 22-10-56).

* * *

OS DOIS AMIGOS DE MEGARA

Cícero relata o seguinte caso :

Dois jovens arcádias, amigos íntimos desde a infância, percorriam juntos o mesmo caminho em certa viagem. Chegam a Megara, e um dêles desceu na casa de um parente e o outro vai a uma hospedaria.

Depois de cear, cansados da viagem deitam-se, e o que ficara com a família viu em sonhos que o amigo implorava auxílio, porque o hospedeiro queria matá-lo. Assustado pelo pesadêlo, levanta-se. Mas convencido que tudo era um sonho, deita-se novamente e volta a dormir tranqüilamente, mas a visão se renova, implora que ao menos vingue a sua morte, já que não quís, defender a sua vida. Conta-lhe que fôra assassinado pelo hospedeiro e seu corpo fôra atirado num carro coberto de estêrco. E pediu que vá muito antes que o carro chegue à porta da cidade e saia. Aterrorizado, levanta-se imediatamente e vai ao lugar indicado pelo sonho, e ao primeiro carreiro que chega pergunta o que leva o seu carro. O condutor foge e debaixo do esterco encontra o cadáver do amigo assassinado.

(Dos Fantasmas. Por Otero Acevedo — Constancia).

Espiritismo no Brasil

III Semana Espírita «Cairbar Schutel» (16 a 22-IX-1961)

Conforme anunciamos em nosso último número, realizou-se com pleno sucesso a III SEMANA ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL, sob os auspícios da Associação com o mesmo nome, em Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro.

Durante 7 dias (16 a 22/9/61), o povo da próspera cidade fluminense esteve com as atenções voltadas para aquêle certame de cultura, educação e congraçamento humanos, numa demonstração de franco progresso intelectual e de interêsse de conhecer a verdade através à Doutrina dos Espíritos.

Vencendo, ano após ano, dificuldades compreensíveis, os promotores dêsse movimento de cultura colheram, afinal, êxito absoluto, desta vez num prenúncio agradável do que serão os conclaves futuros na terra de Lima e Silva.

1.ª Jornada - 16-9

O primeiro orador, no dia 16, foi o confrade Newton Boechat. Com o tema «Chico Xavier, Antena Psíquica», foi brilhante ao descrever o que representa a mediunidade e o que ela exige para a criatura alcançar elevado desenvolvimento. Enumerando e comparando as provas por que passou Chico Xavier como médium psicógrafo de escritores e poetas ilustres, disse que as suas obras visam dar ao homem um sentido de direção. Que o médium de Pedro Leopoldo não obteve, do Alto, miraculosamente, o dom que possui, mas que êste se expandiu por fôrça de demorados exercícios e da prática fiel dos preceitos morais, ensinados pelos espíritos. Que tal progresso é defeso a tôdas as pessoas que se empenham pela própria reforma moral, de vez que, sem ela, todo progresso é vão.

Verbo cristalino, memorização extraordinária e alto poder de elucidação. Na Doutrina é um artífice do verbo. Falou para um público que lotou a Casa de Cairbar. Esteve presente, também, o dr. Domingos Lauria, representando o general Artur Levy, Chefe das Obras de Construção da Refinaria Duque de Caxias, da Petrobrás. Também compareceram todos os diretores da União Municipal Espírita de Duque de Caxias.

2.ª Jornada - 17-9

Com o jornalista Antonio Pereira Guedes, Diretor de «Almenara» — Rio de Janeiro. Local: Centro Espírita Thiago Apóstolo, com cêrca de 400 pessoas, numa tarde de domingo.

Cingindo-se ao tema «O Caráter da Terceira Revelação», Antonio Pereira Guedes fala com aquêle raciocínio severo, brilhante, lógico, anti-sectário e profundamente racionalista que lhe é peculiar. Alinha as três revelações — mosaismo, cristianismo e espiritismo — que pela ordem se sucedem no tempo e na História, e ressalta a maior importância da última, dizendo: da primeira, salvaram-se os dez mandamentos, ao passo que com o cristianismo, ganhou evidência a exemplificação do mestre Jesus «no amai-vos uns aos outros tanto quanto eu vos amei». Já a Terceira Revelação veio conduzir o homem à emancipação de si mesmo, através da reforma moral de cada um, para que a exemplificação de Jesus não passe de um símbolo.

Antonio Pereira Guedes é hoje figura muito admirada dos espíritas de Caxias, que lhe apreciam a franqueza e a sinceridade dos ensinamentos, através de uma análise objetiva e profunda em demanda da verdade.

3.ª Jornada - 18-9

No Centro Espírita Caminheiros de Jesus, sendo orador o professor Atlas de Castro, de Nova Iguaçu. Com o tema «Convencidos e Convertidos», brindou grande números de ouvintes com estupenda palestra acêrca do entendimento e da prática do espiritismo.

Segundo seu pensamento, o homem não pode continuar matando, mentindo e caluniando em nome de Deus. Ao espírita é indispensável e urgente — frisa —por em prática o que aprender nos ensinamentos do Cristo através dos espíritos.

Os convencidos ouvem, entendem, mas não praticam; os convertidos se transformam, se renovam, acreditam e realizam grandes obras em nome de Deus. Com êstes, marchará, inevitàvelmente, a Humanidade.

Estiveram presentes todos os diretores de entidades espíritas da cidade, representantes da imprensa e visitantes de municípios visinhos.

4.ª Jornada - 19-9

Foi no Centro Espírita Bezerra de Menezes, Bairro de Vila São Luiz, sendo a vida do patrono da Casa o tema da noite. O orador — jornalista Olívio Novaes, do «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, repartiu seu tempo com o confrade e jornalista J. A. Oliveira, de «O Cruzeiro», da mesma capital. Relatando a vida do grande médico, cujo desprendimento e sentimento de caridade deixaram memória; exaltou igualmente o intuito desta promoção cultural, levada a têrmo pela Associação Espírita Cairbar Schutel, nome de que se ocupou o seu companheiro de tribuna para exornar-lhe o caráter.

Compareceram, como das vêzes anteriores, todos os diretores de casas espíritas, além de jornalistas, visitantes espíritas de outras cidades, bem como pessoas não espíritas.

5.ª Jornada - 20-9

Com o jornalista Abstal Loureiro, chegado de Brasília, onde dirige o semanário «Hora de Brasília». Com esta quinta jornada, o certame tornou à sede da entidade promotora, a fim de que o público mais uma vez tomasse conhecimento das grandes obras que a Associação está concluindo. E revolucionando os hábitos naturalmente seguidos pelos antecessores, estabeleceu proveitoso diálogo com o público, que no dia lotou o recinto até mesmo com pessoas de pé.

Sereno, arguto e profundamente ciente do contexto da codificação, Abstal Loureiro foi respondendo e ensinando, com vivacidade, liberdade e levesa de conceitos. Sua palestra que foi fértil em exaltar a simplicidade e a autenticidade dos dirigentes e responsáveis pela seara espírita agradou tanto que nada menos de três grupos ali representados solicitaram-lhe o comparecimento, em datas posteriores, para novas palestras.

6.ª Jornada – 21-9

Esta, com o médico e professor dr. Lauro Santiago, foi realizada no amplo auditório da Associação Comercial da cidade, que não ficou com um lugar vasio. A apresentação do conferencista foi feita pelo jornalista Antônio Pereira Guedes, tendo o orador focalizado, logo depois, o processo de união e de divórcio da ciência primitiva com a religião, por fôrça da imposição de dogmas inaceitáveis.

Por tal motivo, a ciência chegou à concepção mecanicista do ser humano, fazendo que a medicina se tornasse materialista.

Ressaltou a pré-existência do espírito e a sua atuação na formação do homem ainda quando simples feto, explicando minuciosamente o processo.

Concluiu advertindo que as imperfeições humanas resultam de um passado cheio de êrros e de ódios, o que não impede que, através das reencarnações, os perversos busquem e alcancem o progresso, meta final a que um dia chegarão tôdas as criaturas humanas.

Contavam-se entre os presentes, numerosos visitantes de Petrópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Magé e Barra Mansa, além de caravanas do Estado da Guanabara. Todos os grupos espíritas de Caxias estiveram representados por seus presidentes.

7.ª Jornada – 22-9

Encerramento

Esta assinala, primordialmente, o dia de nascimento de Cairbar Schutel que, nesta data, em 1868, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, veio ao mundo para cumprir uma das mais sublimes missões.

O jornalista José Alberto Menezes foi o orador, tendo sido acompanhado pelos confrades Antônio Pereira Guedes e dr. Lauro Sales, do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Advertindo que o Espiritismo não pode ser encarado unilateralmente, por qualquer dos seus aspectos, como vem acontecendo no país, onde muitos pretendem torná-lo em seita religiosa (uma a mais), declara que tudo irá mal se não for feito esfôrço tendente a repôr a Doutrina nos verdadeiros rumos.

O Espiritismo — frizou — há-de ser a soma, a síntese dos seus diversos aspectos para que permaneça inatacável. Para tanto, é necessário e urgente a disseminação da cultura. Esta é que assegurará o discernimento e a compreensão dos seus fundamentos e postulados, apressando a reforma moral do cidadão, cujo progresso terá de ser conquistado pelo esfôrço de cada um.

Depois de falar o dr. Lauro Sales, o presidente da Associação promotora do certame, sr. Ademar Duarte Constant, fêz breve relato da vida de Cairbar Schutel, atendendo a diversos pedidos de pessoas que acompanharam o ciclo de palestras.

Na oportunidade, também agradeceu a todos os visitantes e confrades que prestigiaram a III Semana Cairbar Schutel, agora consagrado como movimento cultural espírita destinado a novos sucessos.

Uma saudação especial foi feita ao general Artur Levy, Chefe Geral das Obras de Construção da Refinaria Duque de Caxias — PETROBRÁS —, que enviou seu representante no início e no fim do Conclave. Foi o dr. Domingos Lauria o enviado da grande emprêsa petrolífera nacional, sendo sua presença marcada por gestos de simpatia mútua.

O sr. Ademar Duarte Constant destacou, mais uma vez, a cooperação do povo caxiense pelas obras de construção da sede da entidade, onde estão em funcionamento, desde março dêste ano, a Escola Abraham Lincoln, com 7 professôras e 272 alunos, e o Preventório Pedro Ernesto, para a pobreza necessitada.

* * *

O CENTENÁRIO DO «AUTO DE FÉ» NO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil comemorou o centenário do «Auto de Fé» ou «Auto de Barcelona» com uma sessão especial, tendo sido orador o Dr. Lauro Sales, Presidente do Conselho Deliberativo do Instituto. Falou, antes, o Cel. Delfino Ferreira, dando uma aula sôbre o assunto. O Instituto recebeu uma saudação em forma de mensagem, do México, enviada pelo Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), a propósito do centenário do «Auto de Fé». A mensagem foi lida, no início da sessão, pelo confrade José Alberto Menezes, 1.º Secretário do Instituto. Uma nota especial da comemoração foi a inauguração de uma exposição de livros espíritas, na qual se destacou uma coleção das edições da Federação Espírita do Paraná. O Instituto mandou confeccionar um carimbo comemorativo do centenário e, assim, todos os livros adquiridos durante o mês ficaram carimbados, como lembrança. O Presidente do Instituto, no momento de ser inaugurada a exposição, pronunciou as seguintes palavras: «Há um século, precisamente, no dia 9 de outubro de 1861, em Barcelona, Espanha, por ordem do arcebispo da diocese, eram queimados publicamente muitos livros espíritas. Foi o «Auto de Fé», cujo centenário estamos comemorando. Pois bem, hoje, decorridos cem anos, aqui estamos, fazendo uma réplica ao «Auto de Fé»: inaugurando uma exposição de obras espíritas. Ontem, queimavam-se livros; hoje, divulgam-se livros em comemoração daquele acontecimento histórico».

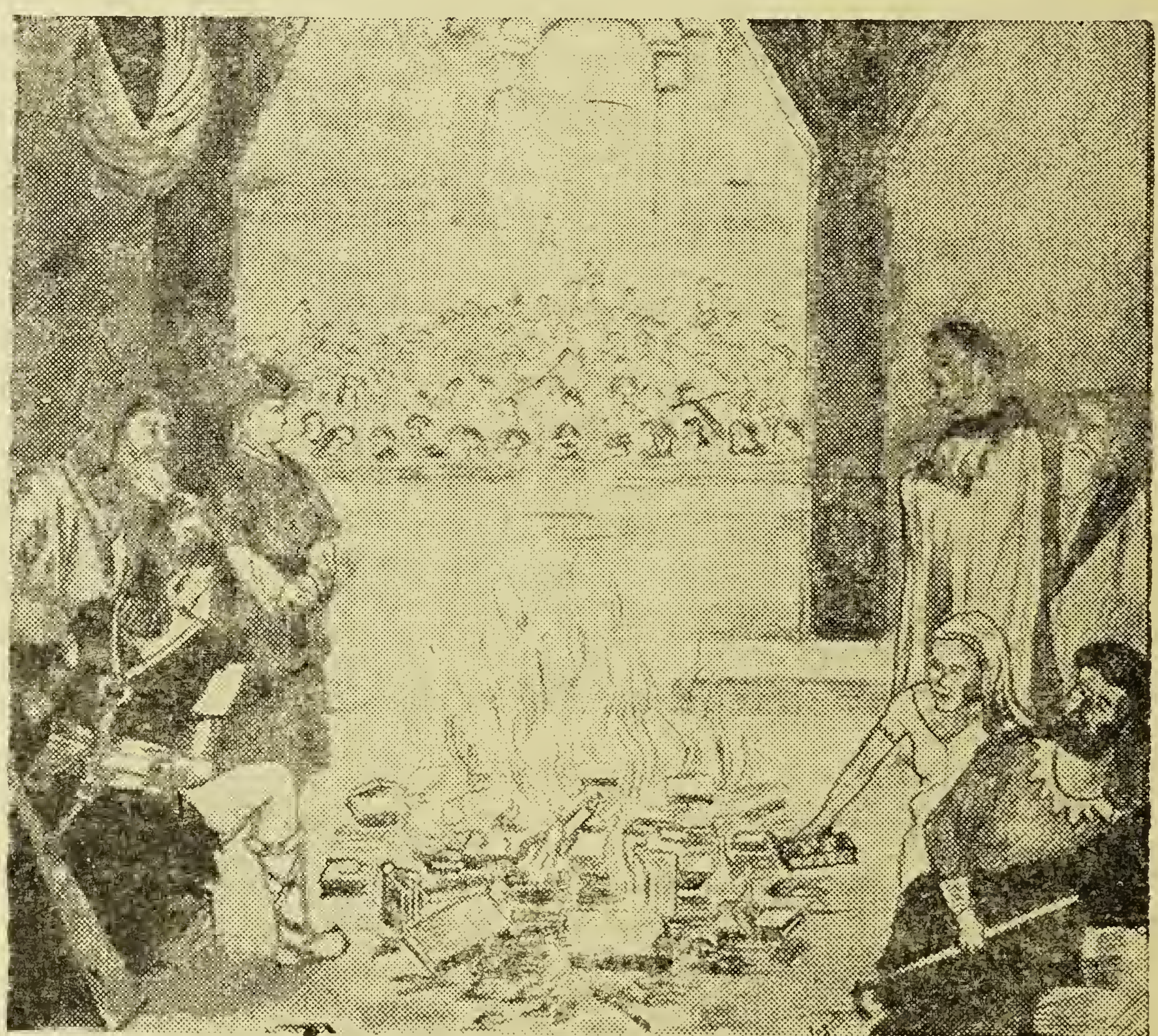

O Auto de Fé em Barcelona

Houve muito interêsse pela exposição de obras espíritas. Diversos livros foram autografados, no ato, pelos próprios autores.

ENCERRAMENTO DAS AULAS DO INSTITUTO

Como acontece todos os anos, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil deverá entrar em férias, de acôrdo com o seu estatuto, no próximo dia 25 de novembro. No mesmo dia, haverá reunião anual do Conselho Deliberativo para tomar conhecimento do relatório e dos atos da administração. Em seguida, será realizado o ato de encerramento das atividades de 1961. A aula final, ainda de acôrdo com o estatuto, será dada por um dos professôres, prèviamente escolhido pelos seus pares. A saudação dos professôres será proferida, êste ano, pela senhorita Jandyra Tôrres.

As férias do Instituto vão de dezembro próximo à 2.ª quinzena de março de 62. Sede provisória: Rua dos Andradas 96—12.º andar. Rio de Janeiro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfile
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evangelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.$ 220,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 30,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 40,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 15,00.

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250 00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUÍRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3711unse_1

no XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1961 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR .
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 [illegible]
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Quem é êsse homem ? . . . . . . *N. Bolet Peraza*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . *V. O. Casella*
Desenvolvimento em três tempos da concepção real do Universo . . . *Irmão Saulo*
Lesões Cerebrais . . . . *Carlos Imbassahy*
O Espiritismo é a Religião . . . *Noraldino de Mello Castro*
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade*
Arigó quer enfrentar em São Paulo o julgamento de 60 Médicos Brasileiros *Do "Diário de São Paulo"*
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr $ 260,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportunissimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1961 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

Quem é êsse homem ?

NASCEM os reis, os príncipes, em berços de ouro, e durante muitas gerações erguem as suas frontes coroadas e ungidas. Mas o sôpro dos tempos e o hábito das revoluções derrubam os trônos e varrem as dinastias. Sòmente de um sabemos ter imperado por mais de dezenove séculos,—o mais longo reinado já registrado na história.

Surgem os conquistadores pela audácia, triunfam pelo heroismo, e tudo o que pisam é seu, tudo o que olham, a um sinal, lhes obedece. Com a ponta de suas espadas traçam imenso círculo na terra, fazendo destas o seu feudo, com as suas façanhas vão os seus nomes, e com os seus nomes o prestígio e a glória. Mas passa o tempo sôbre a terra, e extingue os seus feitos ; novas ambições e novas conquistas aniquilam as vozes da fama, e o herói se desvanece, seu poder se funde, e seu nome é esquecido.

Sòmente um conquistador conhecemos que têm sobrevivido mais de mil novecentos anos, cada vez mais aumentando os seus domínios, tornando cada vez mais universal a sua memória.

E nasceu num estábulo de humildes animais ; e não recebeu, como emblema de poder, outro cétro a não ser a cruz, e não reinou mandando, e sim compadecendo-se ; por corôa teve a da dor, por trôno o suplício. De um mundo velho fez uma sociedade nova ; e não levava exércitos e sim discípulos, não brandia espada, mas emitia idéias, e fez mais que Alexandre com seu arrôjo e suas legiões. Os tributos que impôs eram fáceis de pagar, eram tributos de amor ; as leis que ditou eram doces leis de salvação e de dignidade ; e quando mais vasta era a sua conquista e maior o seu poder, na hora em que os caudilhos brigam e apertam as cadeias douradas de uma servidão com libré de glória, êsse estranho caudilho abdicou na humanidade o seu império terreno, e assinalou com seu martírio o caminho de outros reinos e de outra vida para as almas.

De grandes homens está cheia a história em todos os seus períodos, em tôdas as civilizações que têm modificado o mundo. De uns se refere a sua crueldade, de outros a sua cobiça, daquêle a sua ambição, dêste a sua sensualidade, de um outro a sua intemperança, de muitos a sua soberba.

Só um existe em quem jamais alguém notou a menor deformidade moral. Só um reune em si tôdas as castidades da alma, tôdas as perfeições do Espírito. Por sua mente não cruzam senão pensamentos puros ; de seu coração não emana senão a generosidade; de sua mão não sai senão a dádiva ou o alívio ; o que diz pratica ; o que faz, o indica como exemplo. Enfrenta as idéias e os poderes caducos, mas não conspira. É a revolução da luz, e êle é o sol sem manchas que a difunde. Nêle se personificou o futuro.

E' uma revelação que fala e não combate : — se durante a sua marcha caem as superstições, e se esvaem os vícios, e se desmorona a opressão, e os escravos presos à gargalheira a quebram e se incorporam à sociedade, e a mulher aniquila a sua maldição e cinge um diadema, é porque nêle se concentra a fôrça lenta, porém progressiva de muitos séculos, e a reformadora virtude de muitas civilizações.

Xerxes comanda cinco milhões de soldados, para cuja marcha levanta uma ponte sôbre o Hellesponto e atravessa o monte Athos. O mundo sente os seus passos e treme. O filho de Felippe leva ao coração do Oriente o sôpro da Grécia entre vitórias e orgias. Cesar deixa a sua lealdade do outro lado do Rubicon, constitui-se senhor de Roma e aumenta o poderio de sua pátria. Carlos Magno faz abrir a história da Idade Média com o largo capítulo de suas proezas ; Napoleão aparece em meio da anarquia, da degola e do perigo da França, e aterra os reis com a insolência de seu gênio vitorioso.

Todos êsses grandes conquistadores colheram o mundo de improviso com a sua aparição e seus triunfos.

Só de um se conta que os povos o aguardavam, que os profetas o anunciaram, que de tôdas as partes aclamavam vozes augúricas a sua vinda, indicando de antemão a sua estirpe, os processos de seu nascimento e a maravilha de seus feitos.

Tempos de esplendores reais, de supremacia sacerdotais, e ninguém espera da estirpe, nem da legenda o grande Reformador. Fixam-se os vaticínios no humilde, os olhares no desvalido, e quando voz misteriosa ou claridade de estrela anunciam o cumprimento da profecia, ninguém vai render homenagem a templos nem palácios : reis e poderosos, povo e pastores vão pela mesma estrada caminho do presépio, carregados de ouro e essência uns, de humildes presentes outros, a dobrar o joelho sôbre a tosca palha, única régia alfombra daquele palácio emprestado pelos animais.

Se a sabedoria pode ter infância, é essa a infância daquele prodigioso menino. Aos doze anos, na idade em que a razão começa apenas a balbuciar assêrtos, fala de coisas altas e de profundas matérias. A Sócrates instruiram os sábios, e êle por sua vez ilustra a Platão, e Platão prepara a Aristóteles. Todos os filósofos recebem e transmitem uma herança de conhecimentos.

Só êste filosófo maravilhoso fala do que não leu. Todos seguiram ou formaram escola. Êste cria alguma coisa mais que uma escola : funda uma doutrina de amor. Todos escrevem volumes : êle apenas deixa cair sentenças. Os fundamentos principais da humana sabedoria e da moral social êle as condensa em brevíssimo código que uma criança aprende e entende.

Os sábios consignam as suas idéias que logo a contradição pulveriza. Só a doutrina dêste Sábio incomparável se conserva sem uma alteração, sem uma arranhadura, no decurso de dezenove e meio séculos que o mundo a tem diante de seus olhos.

Cada homem ilustre tem o seu paralelo na história. Em épocas mais ou menos remotas se reproduzem os personagens eminentes das sociedades — tão sòmente êste misterioso personagem é único. Não tem antecessor que se parecesse, nem tem tido sucessor que se lhe aproxime em perfeição e transcendência. Erra a humanidade, e êle jamais erra. Sucumbe o filho do homem e êle não fraqueja. A sua vida é um milagre moral que assombra.

N. Bolet Peraza

Assim como rendeis justas homenagens a Jesus no dia que relembra o seu nascimento, assim também, unidos a vós pelos mesmos sentimentos, nos reunimos para agradecer lhe, num testemunho de gratidão, a felicidade que aqui desfrutamos em conseqüência do conhecimento e da prática de sua doutrina em espírito. Jesus é o sol a iluminar consciências, é bálsamo a cicatrizar as feridas da alma. A sua palavra é universal, porque é o verbo de Deus a se fazer ouvir no universo todo. Só a Êle devemos tudo o que de bom possuimos na estrada da perfeição espiritual. — CAIRBAR

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

V

Os leitores que leram o primeiro início do dr. Osmard, no ano passado, quando nos contra-rebateu, devem estar lembrados que ali o assunto foi cuidado com a devida seriedade; enquanto que seus artigos dêste ano surgiram com outro aspecto, pelas suas insistentes ironias. Deduz-se que na primeira vez veio em campo certo de já ter cantado vitória, motivo pelo qual se interessara em apresentar um trabalho de responsabilidade. Contrariado, por não ter conseguido liquidar nossos argumentos, retornou agora, recorrendo a ironias, deixando entrever a falta de segurança no seu combate em campo limpo, na pureza da ciência.

Assim estamos deduzindo, baseando-nos pela sua atitude que mais se agravou agora ao procurar atingir, com uma frase deselegante, um outro elemento de fora desta contenda, cujo nome é muito digno nos nossos meios literários. Trata-se do dr. Hernani Andrade, o qual, sem qualquer motivo, sofreu ali em certo trecho do último trabalho —Excitação e Inibição—, do nosso adversário, êste impacto: «Sem ser necessário recorrer a ridicularias da ordem dos — mentaltons — bions —e—intelectons—, ou nomes parecidos, criados pela fértil imaginação de um pitoresco sr. Hernani de Andrade...»

Não vamos agora comentar essa teoria, do dr. Hernani, porquê a defesa da nossa doutrina está no que ela se fundamenta, e não nessas particularidades de ordem pessoal, as quais são de interêsse apenas aos nossos estudos e discussões de restrição doutrinária. No momento, o nosso desejo, é demonstrar aos leitores de que o dr. Osmard não se acha credenciado para criticar questões de fora do seu campo, por não se mostrar seguro nem mesmo no que seja de si, no mundo da materialidade. Um exemplo disto está quando se perturbou, diante de uma objeção à sua tese da suposta «radiação mental», conforme apresentou no seu próprio Hipnose e Letargia, pág. 237, ao comentar: «Outro argumento contrário seria o fato de que tais radiações cerebrais, a serem mesmo radiações tipo eletromagnético, se teriam de subordinar às leis físicas que as regem, e que nos ensinam que a sua intensidade deveria sofrer a influência do inverso do quadrado da distância, e nunca se percebeu a interferência da distância na obtenção do fenômeno telepático.»

E o dr. Ósmard, sem recursos para sair desta objeção, em desespero de causa, gritando em grifos, responde: «Certo que se poderia aceitar também tal argumento. Mas a radiação mental *será exatamente igual a obtida através de aparelhos de telégrafo sem fio?*»

Ora, e depois o dr. Osmard ainda se queixa de que não o entenderamos. Vejam os leitores aqui o seu cientificismo. Propala que essas radiações cerebrais, obtidas por Cazzamali e outros nos laboratórios, são pensamentos materializados, como se os pesquisadores alguma vez assim tivessem dito. Entretanto, ali, quando objetado, ao invés de apresentar defesa da sua tese, como seria de se esperar, encolheu-se para também contra-perguntar — se a radiação mental seria igual a do telégrafo sem fio—, como quem diz; eu não conheço essas radiações, das quais fiz tese.

De fato, se também pergunta é porque não as conhece. Mas se está confessando não saber qual a base da sua própria tese, relacionada com a matéria e energia, como ousa então criticar o que não seja seu, chamando de ridicularia aquele conceito do dr. Hernani?

Onde está a sua credencial para esta atitude?

Nesse exemplo, vejam só os leitores a qualidade do cientificismo com que o nosso adversário pretende combater nossos conceitos espíritas. Apresenta uma tese, para o seu materialismo, sem mesmo saber em que ela se firma.

Mas alí a sua falta não foi só essa. Quando se viu premido por aquela objeção, para não ficar sem o que falar, não medindo as suas palavras, caiu no absurdo ao admitir, por advinhação, que a sua «radiação mental» poderia não ser igual a obtida no telégrafo sem fio, equivalendo dizer que não seria de natureza eletromagnética.

Porque ? o dr. Osmard já ouviu falar em alguma outra energia, irradiada da matéria, sem ser a eletromagnética ? Então é bom saber que desde o século passado, com Faraday, Maxwell, Hertz e até os dias de hoje, em Física é fato comprovado que tôdas as energias irradiadas da intimidade da matéria são de natureza eletromagnética. Portanto, qualquer outra radiação que se possa admitir, tal qual alí conjeturou o dr. Osmard, já escapa dos limites da matéria. E não sendo da matéria, de onde então seria a sua origem ? E' claro, não vindo de uma coisa viria de outra, passando assim para o conceito espiritualista. Assim, ao concordar com aquela objeção, de que a amplitude do pensamento não se explicaria pelas leis restritas das radiações eletromagnéticas, caiu sem apêlo no nosso campo espiritualista, ao reconhecer a existência de uma outra radiação, não do eletromagnetismo, portanto fora das leis da matéria, em função na nossa vida animal.

Se o dr. Osmard duvida disso, que experimente procurar na ciência dos grandes mestres, para ver se na matéria encontra essa radiação, alí conjeturada, sem o quantum de Plank. E não achando-a, como de fato não vai achar, vai compreender que ao argumentar essa sua radiação de natureza neutra, evocou elemento espiritualista, ou seja, recorreu, sem dar por isto, para conceitos do nosso campo, que no seu dizer seriam ridicularias.

E além de tudo isso, ao procurar apôio em algum sábio, agravou mais ainda a sua situação.

Foi quando ao folhear livros, na busca de um amparo científico para êsse seu cientificismo, teria deparado com um tópico de Crookes mas, não o entendendo, tomou a exposição do sábio pelo sentido inverso, como se alí estivesse o que procurava ; uma radiação não eletromagnética da matéria, para sustentar, diante daquela objeção, a sua hipotética tese materialista da «radiação mental.»

Embora já cuidáramos algo dêste assunto, na Revista de maio último, vejamos mais uma vez a parte que agora nos interessa, das palavras do sábio, alí descritas pelo dr. Osmard, na pág. 239 do seu Hipnose e Letargia : «Vale citar por oportuna, a opinião de Crookes : — Não é improvável que existam outros sêres nos quais os orgãos correspondentes aos nossos olhos sejam impressionados, não pela luz (parte do espectro visível por nós) senão por outro tipo de vibrações não percebidas por nosso organismo. Tais sêres viveriam em um mundo que não é o nosso. Imagine-se, por exemplo, que representação do ambiente seria a nossa, se nossos olhos não fôssem sensíveis à luz do dia e sim às ondas eletromagnéticas ?»

E depois, de completada a explanação do mestre, diz o dr. Osmard : «São, sem dúvida, pontos a ponderar, sôbre a *NATUREZA* da energia mental.» (o grifo é nosso).

Ora, o sábio referiu a—outro *tipo* de vibrações—, e o dr. Osmard teria interpretado mal, como — outra *natureza* de vibrações —, cuja troca, aparentemente sem valor ao leigo, cientìficamente inverteu o sentido do relato. Ali, quando se diz — outro *tipo* de vibrações —, referiu aos diferentes comprimentos de ondas das radiações eletromagnéticas. Diferentes no—*tipo*—, variando as freqüências, mas não na—*natureza*—, para que comentasse : «...pontos a ponderar sôbre a *natureza* da energia mental.»

E mais adiante, confirmando êsses seus tropêços, ainda rematou : «Provàvelmente estaremos diante de um tipo especial de radiação, subordinada talvez a leis especiais...» ; como que se houvesse, com essas especialidades, exceções nas leis da matéria planetária.

Na verdade, Crookes ali nada falou de outro tipo especial ou de outra natureza de radiação, a não ser a eletromagnética. Vê-se que aquela tradução, de outro idioma para o nosso, não estaria fiel ao original. Mas, contudo, a explanação é clara, não traiu a verdade, para que se inverta o seu sentido. E o assunto ali não deixa dúvida, tratando-se de disciplina já de há muito cuidada na Física elementar dos cursos colegiais. Em Física é fato já firmado que as radiações eletromagnéticas formam uma escala vibratória conhecida desde as mais curtas radiações gamas, até as mais longas ondas, como as de rádio, diferenciando-se umas das outras no tipo dos comprimentos das ondulações. Mas emanadas que são de uma única fonte, a matéria, a natureza de tôdas elas é sempre a mesma da origem, a eletromagnética.

Logo, conjeturar aquela outra radiação, de natureza neutra, tal qual julgou o dr. Osmard, sòmente seria admissível concebendo-a de uma outra origem, que não seja a da materialidade, caindo-se como já vimos no nosso dualismo — espírito e matéria —.

A confusão, do nosso adversário, deu-se pelo motivo de que do total da escala das radiações eletromagnéticas, sòmente uma parte delas, constituindo a faixa das côres da série do violeta ao vermelho, sensibilizam nossa retina, pelas quais dizemos luz do dia. As demais vibrações, não sendo receptíveis ao orgão visual humano, são fatos que nos rodeiam mas não os vemos. Seriam outras côres, por nós deconhecidas. Mas é possível existir animais, como os notívagos por exemplo, que tenham a visão sensível às outras vibrações, sem ser as da luz do dia estimuláveis para a retina humana. Para êsses animais, êste mesmo mundo do nosso hábito lhes seria diferente.

Daí o sentido, da exposição de Crookes, de que se os olhos do homem fôssem sensíveis a essas outras vibrações, diferentes das do *tipo* da luz do dia, nós veriamos, dentro dêste mesmo mundo, outros cenários diferentes dêstes com os quais vivemos. Mas Crookes, como já vimos, referiu ùnicamente aos — diferentes *tipos* de radiações eletromagnéticas —, e o dr. Osmard colhera o sentido confundindo com — diferente *natureza* de radiações —, quando desta nada alí se cuidou. E, repetindo, dizemos : a matéria, ao irradiar energia, apenas gera radiações eletromagnéticas.

Portanto, ao conjeturar uma radiação originada da matéria, mas de outra natureza, contrariou a tudo quanto vem ensinando a ciência, até a presente época da física nuclear.

Ênfim, como pudemos ver, o nosso atacante não está mesmo credenciado para criticar o que seja dos outros. Em pouca coisa, no seu próprio campo, cometeu três faltas simultâneas : revelou não conhecer a base da sua tese da «radiação mental» ; defendeu seu materialismo com argumento espiritualista, ao conjeturar uma radiação não eletromagnética para o pensamento ; e inverteu o sentido daquela exposição de Crookes.

De nossa parte sentimos expor essas contradições e confusões do nosso contendor, porquê o nosso objetivo seria outro, em discutir as razões fundamentais entre Materialismo e Espiritualismo. Mas, como o adversário arremessa-nos gracejos, de que cometeramos — gafe —; e recomenda o Dicionário a nós e ao sr. Imbassahy; e acusa conceitos espíritas de ridicularias; isto nos obriga, a contra-gôsto, em deixar os leitores a par do seu arrevezado cientificismo, para todos saberem, com fatos, que tais problemas, pelo contrário, muito estão para a ingenuidade literária do nosso distraido atacante, tornando-se ridículas suas ironias.

E ainda, antes de encerrarmos, atendendo ao seu inofensivo — Excitação e Inibição —, lamentamos a franqueza em dizer que de nós nada exige essa sua reflexologia. Como combate ao Espiritismo, com o seu pá-cá-tá de rodas sôbre trilhos, dormitando viajantes, revelou-se tão nula como a outra anterior, — O Ato Reflexo —, com o seu limão... limão..., enchendo-nos a boca dágua. Insistir nessas suas argumentações, que não tem fôrça para destruir os fatos espíritas concretizados nos laboratórios, será cansar-se inùtilmente, sem atingir o objetivo a que se propôs para nos contra-rebater. Os leitores espíritas, esclarecidos que se acham com as provas da ciência dos grandes mestres, não vão se iludir com essas perorações verbalísticas reflexològicas, tão mal sucedidas, desviadas que vem sendo da sua finalidade pavloviana.

E se até agora, tanto a sua reflexologia como outros seus cientificismos, não conseguiram molestar os fundamentos da nossa tese espírita, esperamos que daqui por diante, com as suas ameaças de crueldades, volte com algo eficiente, se bem que a sua habilidosa inteligência não se vê favorecida, com os frágeis elementos combativos do seu inglorioso materialismo.

V. O. CASELLA

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo — Araraquara

Desenvolvimento em três tempos da concepção real do Universo

Formação da «consciência metafísica do ocidente» – Dos ingredientes utilizados pelas três revelações – O atual impacto do Espiritismo

A tese das três revelações, colocada e defendida pelo Espiritismo, implica certos problemas, que em geral não são bem compreendidos. Há quem pergunte, por exemplo: «Antes da I Revelação, a mosaica, Deus não havia revelado nada aos homens ?» É claro que sim. O Espiritismo ensina que o processo da revelação é contínuo, incessante, realizando-se através da mediunidade. Mas acontece que a revelação de Moisés assinalou o primeiro momento decisivo da espiritualização do mundo, foi o marco histórico da concepcão monoteista. Com Moisés, e conseqüentemente com a Bíblia (codificação da I Revelação), os homens aprenderam a substituir os deuses formais do passado pelo Deus verdadeiro e único, em espírito e verdade. E aprenderam também que Deus é providência, criou o mundo e o dirige, conduzindo os homens através da História.

Até Moisés, o mundo é politeista e magico. O pensamento humano não é histórico, mas mitológico. Com a I Revelação, surge o monoteismo e o historicismo. Essa a razão de a chamarmos «Primeira», pois é decisiva quanto à modificação dos rumos humanos, em direção a um futuro de constante progresso. O monoteismo unificará, daí por diante, o sentimento e a vontade, e o historicismo dirigirá a razão. Não se trata mais de revelações parciais, de ensaios preliminares, mas de uma revelação que abre as portas da universalidade, da compreensão total do universo e da vida. Com essa revelação, inicia-se aquilo que hoje chamamos de Civilização Cristã do Ocidente. No Oriente continuarão ainda a desenvolver-se as revelações parciais e locais, até que o impacto do pensamento ocidental comece a modificar o panorâma de suas velhas concepções.

O desenvolvimento natural da primeira revelação é o aparecimento do Cristo. Sua mensagem é codificada nos Evangelhos, seguidos dos demais livros que, com aquelas, formam o Novo Testamento. Ao monoteismo e ao historicismo, a II Revelação adiciona o ingrediente moral da salvação. A concepção do Deus único e espiritual, e do desenvolvimento histórico do mundo, dirigido pela Providência, enriquece-se com um elemento novo: o finalismo. Deus fez o mundo e o dirige com uma finalidade definida. O dogma bíblico da queda revela o seu sentido, que a alegoria ocultava: o homem surgiu, na terra, simples e ignorante, para adquirir por si mesmo a complexidade moral e a sabedoria espiritual, tornando-se digno do Criador. Êsse finalismo traz em si mesmo o impulso do universalismo. Deus não é apenas o Criador, mas é principalmente o Pai. Nunca essa palavra havia tido tão amplo sentido. Nos Evangelhos, Deus é Pai. Em conseqüência, tôdas as criaturas são irmãs.

Claro que uma revolução tão profunda não poderia realizar-se num século ou num milênio. A mensagem cristã, que completava a mosaica, teria de penetrar o mundo como a agua da chuva penetra o chão, misturando-se a êle e às suas impurezas. Primeiro, haveria o barro. E dêsse barro, dessa mistura do politeismo com o monoteismo, do mito com a história, do acaso com o finalismo, do acidental com a providência, do incerto com a salvação (certeza da fé), surgiria o novo homem, feito à imagem e semelhança do novo Deus. Mas um homem ainda incompleto, em fase de modelagem. Por isso, Jesus anunciou uma nova revolução, que ainda viria, depois que êle fosse *para o Pai, formulando a promessa* do Consolador, do Evangelho de João.

Sòmente decorridos quase dois milênios, amassado êsse barro de terra e luz, de elementos humanos e divinos, pôde então surgir a III Revelação. E o que trouxe ela ? Um novo ingrediente, para misturar aos anteriores, completando a fórmula divina: o monismo. Essa palavra, interpretada em sentido espiritual, resume a concepção espírita do universo. A paternidade universal de Deus deixa de ser uma formulação teórica, para tornar-se prática. A fraternidade universal não decorre mais de um princípio abstrato. A reencarnação justifica o mandamento do amor do próximo, no plano imediato da vida física. A lei de causa e efeito mostra a unidade fundamental do cosmos. O túmulo vazio dos relatos evangélicos adquire um sentido simbólico, pois a morte é substituida pela ressurreição, esta se despoja do aspecto místico do passado, para apresentar-se com um sentido històrico, na sucessão temporal imediata das formas vitais. Por outro lado, a concepção monista do universo abre as portas da compreensão do processo de intercâmbio espiritual. Desaparece a barreira que separava o plano espiritual do plano material. Homens e espíritos podem confabular, permutas, experiências, conscientemente marchar de mãos dadas rumo à perfeição espiritual, que é o objetivo comum.

E' evidente que todos êsses ingredientes, reunidos pelas revelações sucessivas, sempre existiram no mundo. Mas sòmente com elas, e graças a elas, puderam juntar-se numa forma vital, e portanto, dinâmica, eficiente, constituindo aquilo que Dilthey chamaria «a consciência metafísica do ocidente». No desenrolar històrico das três revelações, êsses ingredientes passaram de potência a ato, para usarmos a linguagem aristotélica. E assim chegamos ao momento em que êsses elementos entram em ação efetiva no mundo, para transformá-lo. À III Revelação, ao Espiritismo, coube a função de completar o sistema, dar-lhe a demão final e dinamizá-lo na prática. Êsse gigantesco trabalho ainda não está realizado, mas desenvolve-se de maneira auspiciosa. O mundo inteiro está sofrendo o impacto do Espiritismo, em nosso século, como no século primeiro sofreu o impacto do Cristianismo.

Irmão SAULO

Lesões Cerebrais

Carlos
Imbassahy

HÁ um fato desconsertante para a Fisiologia e sobretudo para os fisiologistas, no caso das lesões cerebrais, das operações em partes essenciais do cérebro, sem que a consciência e a inteligência fôssem suprimidas ou mesmo ficassem alteradas.

Razão assistia por certo a Charles Richet quando ensinava que o paralelismo psico-fisiológico não é absoluto ; e Geley e Bergson quando demonstravam que o mental não está condicionado ao cérebro. Também êles afirmavam que o paralelismo não é absoluto nem permanente. Geley apresentava casos que provavam o que assegurava, isto é, que havia a privação de grandes porções do cérebro em regiões que se acreditavam essenciais, e que não era seguida, entretanto, de graves perturbações psíquicas ou restrição da personalidade. Era exemplo, entre outros, o caso publicado pelo Dr. Guépin, em que um jovem sofrera a ablação de parte considerável do hemisfério cerebral, conservando-se perfeitamente íntegro. (Gustave Geley.—*De l'Inconscient au Conscient.* Paris, 1920, págs. 81 e segs.)

O próprio psiquiatra e neurologista Enrico Morselli, diante de um fato dêsses, foi obrigado a confessar que êle o desnorteava. E a propósito do assunto, escrevia Ernesto Bozzano, referindo-se ao *cérebro etéreo :*

«Há fatos de enorme importância teórica que servem para conciliar a sobrevivência do espírito humano com a patologia mental sob tôdas as formas : delírio alcoólico, demência, idiotia etc... Não me ocorreu apontar a eficácia resolutiva desta ordem de fenômenos supranormais. Se dela me houvesse lembrado, te-la-ia podido aproveitar para demonstrar ao Professor Morselli que, com a existência de um cérebro etéreo, se explicará um enigma psico-fisiológico, isto a propósito de achar-se sôbre a secretaria daquêle eminente professor uma revista tedesca contendo longo artigo sôbre alguns casos observados durante a grande guerra, de soldados que tiveram o cérebro despedaçado por estilhaços de granada, com abundantes perdas de matéria cerebral, e que se curaram, conservando íntegras suas faculdades intelectuais.» Concluia o Autor citando outros casos do mesmo gênero, ainda mais extraordinários, entre os quais o muito conhecido de um suboficial da guarnição de Antuérpia, que havia dois anos se queixava de persistente dor de cabeça, o que, entretanto, nunca o impedira de cumprir os deveres de seu posto. Tendo morrido subitamente, procederam-lhe à autópsia do cérebro e descobriram que um abcesso de evolução lenta lhe reduzira todo o órgão cerebral a uma papa de pus. (E. Bozzano. — *Animismo e Espiritismo.* Trad. de Guillon Ribeiro, p. 188).

Observava então o Professor Morselli que tão extraordinárias exceções à regra constituiam um enigma dos mais perturbadores da hodierna Psico-Fisiologia.

Por onde se vê que o céptico professor, rendido à evidência, não pôde ou não soube explicar em têrmos de Fisiologia o caso extraordinário, caso que vinha demonstrar a afirmativa de que o espírito é independente do corpo e prescinde por vêzes do cérebro, o que vem acentuar aquela independência.

*

Digamos que se entende por cérebro etéreo o cérebro perispirital. Isto já é muito complicado para estas ligeiras notas. Vamos, porém, a uma explicação rápida, a mais rápida possível, para não nos embrenharmos numa técnica dificil de entender e por isto fastienta.

Temos, ligado ao espírito, e que o acompanha na vida e na morte, um outro corpo, uma espécie de luva, uma fôrma do corpo físico, que o reproduz anatomicamente e se denomina *perispírito.* E' com êsse corpo, possuidor de várias denominações como corpo etéreo, corpo fluidico, corpo ódico, corpo astral, duplo fluídico, que os Espíritos se nos mostram durante a vida ou durante a morte, consequentemente desacompanhados das respectivas vestiduras somáticas.

E' êsse corpo que se desprende do ser vivo, ou melhor do soma, deixando-o em ligeiro transe, por vêzes imperceptivel, ou a dormir, ou inerte, e vai apresentar-se alhures, como nos chamados casos de bilocação, de que se acham refertos os agiológios, que são descritos pela História, profana ou eclesiástica, e enriquecem atualmente os Anais da Fenomenologia supranormal. O fenômeno é conhecido por diversos nomes como desprendimento, transporte espiritual, bilocação, bicorporeidade e outros. A bicorporeidade é fato indubitável para os que estudam o Psiquismo.

E' êsse corpo que se nota muitas vêzes ao lado do outro, o físico, repetindo-lhe os movimentos como, entre vários, no célebre caso da senhorita Sagée, professora, que não podia exercer a sua profissão porque as suas alunas se espantavam quando viam duas criaturas iguais, ao mesmo tempo, separadas, por vêzes em pontos distantes, sendo uma a reprodução exata da outra.

Dir-se-ia o perispírito uma espécie de envoltório, de capa ; esta não se desfaz com o corpo ; é o indumento eterno do Espírito ; segue-o na morte ; é nele que ficam gravadas as sensações de natureza física que o Espírito leva algumas vêzes para o Espaço, mormente quando se acha muito materializado, muito impregnado de paixões mundanas e estas são bastas vêzes um castigo aos seus desregramentos. O perispírito acompanha o ser em sua evolução, volta a novo corpo em suas reencarnações, e a êsse corpo costuma transmitir as marcas, falhas, defeitos, deformações, deteriorações que os vícios e maus hábitos transmitiram ao corpo anterior ; êle se transforma fluidicamente à proporção que o Espìrito se aperfeiçôa, adaptando-o aos novos corpos, aos novos terrenos, aos novos planos de vida, às contingências das novas existências.

E' com êsse corpo fluidico que o Espírito se entremostra aos videntes ; que é perceptivel, que é assinalado nas sessões mediúnicas, que se encorpora na ectoplasmia, que é fotografável. E se torna por vêzes o espantalho nas casas mal assombradas, nos palácios infestados, o terror das crianças, neófitos e inexperientes, e passam a ter a denominação de *almas do Outro Mundo*, que a tradição consagrou.

Ora, o cérebro etéreo seria a reprodução do cérebro material, a parte do perispírito correspondente a êsse cérebro, o que nos explicaria os fenômenos que a Ciência desconhece, mas que realmente existem, embora o ignorem. Fica explicada a frase de Bozzano.

*

Fechado o parenteses, prossigamos.

No *Corriere della Sera* de 30 de outubro de 1931, escrevia um médico : —Dizem-nos de Viena que ali foi feita audaciosa operação que consistia em retirar-se quase metade do cérebro do indivíduo, cujo crânio fôra rachado com uma certeira machadada. O operado pôde retornar às suas ocupações habituais com a integridade de suas faculdades psíquicas.

O mesmo jornal menciona o êxito do Dr. W. Daudy, cirurgião de Baltimore, numa senhora atingida de um tumor cerebral no hemisfério direito. Dois mêses depois da ablação, com exceção dos corpos estriados, a paciente tinha apenas a inevitável paralisia do lado esquerdo e anomalias da sensibilidade.

Edenger e Fisher estudaram o caso de uma criança que viveu quatro anos sem cérebro, apenas respeitados os centros estriados.

Brown Séquard comunicou ter observado um caso onde, na autópsia, encontrara todo um lóbulo cerebral inteiramente destruido, sem que se verificasse, durante a vida do indivíduo, outras manifestações além da cegueira e dores de cabeça.

Chamava êle a atenção para a vida sem medula ; referia-se aos pássaros e a um gato ; êste cresceu normalmente, embora privado de terço de sua medula. (Dr. Roger Morvan — *Documents pour servir à l'étude de la vie)*.

O citado Brown Séquard procurou explicar as anomalias que observou pelas substituições *(par les suppléances)*, isto é, pela adaptação das células contiguas à função das atrofiadas ou desaparecidas. Essa hipótese, aliás inverificável, era posta em dúvida pelo Dr. Bouquet, para quem a explicação não abrangia as grandes deteriorações. *(L'explication ne vaut que pour les petits délabrements)*. De fato, com um cérebro todo, ou quase todo destruido, onde achar as células contiguas ?

Escreve o Dr. Henri Bouquet em *Le Temps, Paris, 15-11-1935,* sob o título — *O Paradoxo do cérebro :*

Telegrama da Checoslovaquia refere-se ao caso de um operário que ferido na cabeça apresentava uma abertura de 12 cm. de comprimento por onde se escoava parte da matéria cerebral. Sem esperanças de salvá-lo, os cirurgiões limitaram-se a limpar a ferida, extrair os fragmentos de ossos e deixaram tudo como estava.

Com geral espanto, o paciente, poucas horas depois, pedia comida e se entretinha com os que o cercavam. E o telegrama acrescenta :—É um caso verdadeiramente único nos anais da Cirurgia.

Mas não é o único, como veremos e como o afirma o Dr. Perin, que o comenta e declara :—Único ? Estamos longe da conta. Conhecem-se alguns mais estupefacientes.

Na presença de um dêles declarava irònicamente um cirurgião de Lião : Pelo que vejo, o cérebro serve ùnicamente para encher a cavidade craniana.

O Professor Roesemuller cita várias autoridades que verificaram a persistência das faculdades psíquicas apesar das graves lesões cerebrais, e, entre elas os cirurgiões Hirth, Hufeland e Ennemoser ; notaram êles perdas sensíveis da matéria cerebral, sem que ficasse alterado o pensamento dos indivíduos. (Roesemuller — *Die ubersinnliche Welt*, 1923, n. 10, p. 23).

Schmick e Benecke citam o caso de um arquiteto, normal até o último instante, mas em cujo cérebro a autópsia encontrou grandes vasios.

Schleich observa vinte pessoas com os cérebros gravemente lesados, sem alteração psíquica.

Benecke refere o caso de um amigo, o Professor Surya, que faleceu inteiramente lúcido. Na autópsia verificou-se que o cérebro estava inteiramente decomposto e que essa anormalidade já devia durar desde muito tempo. *Walnes Leben*. — 1923, p. 54-56.

Hallopeau comunica à Sociedade de Cirurgia, em Paris, que uma jovem, em estado psíquico normal, fôra operada e se lhe achou grande porção da matéria cerebral reduzida a matéria líquida. (*Anais de Ciências Psíquicas*. Paris, 1914).

Conforme o Dr. Iturricha, uma jovem morrera em pleno uso de suas faculdades mentais, tendo a massa encefálica destacada do bulbo; estava nas condições de uma pessoa decapitada. (Faure da Rosa.—*Estudos Psíquicos*. Lisboa, julho de 1949).

Saint Marck refere-se à operação num oficial em cujo cérebro encontrara um montão de pus. Cumpria, entretanto, normalmente suas obrigações. (Le Clément de Saint Marck.—*Revue Scientifique et Morale*, 1907, p. 275.

Edmond Perrier comunica à Academia de Ciências de Paris que um indivíduo falecera com seus sentidos normais. Na autópsia verificou-se que o cérebro se apresentava sob a forma de delgada casca, de onde o pus espirrava. (Prof. Ed. Perrier.—*Annales des Sciences Psychiques*, 1914, p. 29).

Ennemoser, em documentada publicação, declara que a razão, a vontade, a consciência se conservam intactas em vários casos, apesar da extinção da matéria cerebral. (Dr. Ennemoser. — *Zeitschrift fuer Metapsychische Forschung*, outubro de 1939).

Von Kern apresenta o caso de um homem cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem que houvesse sinal de alteração do espírito. Verificação idêntica apresenta o Dr. Huschland; declara êle que a sua doente tinha o cérebro semelhante a uma caixa dágua; não havia ali traço de massa encefálica. (Dr. Huschland.—*Journal de Médicine Pratique*, outubro de 1928).

O Dr. Olivecrona assegura que êle e seus colaboradores operaram em Budapest importantes massas cerebrais sem que notássem alterações nas faculdades psíquicas dos enfêrmos. (*Ricerca Psíquica*. — Milão, 1938, p. 102).

Finalmente, o nosso patrício Dr. Leonidio Ribeiro, em jornais, revistas e livros, reporta-se ao que observou na Inglaterra e declara que a destruição ou o isolamento completo de parte do cérebro não implica o desaparecimento ou perturbação dos fenômenos de consciência, como ocorre, por exemplo, nos casos de traumatismo do cérebro ou em certas doenças mentais. Há casos de tumores que chegaram a destruir completamente a região hipotalâmica sem que os pacientes apresentassem distúrbios graves da consciência. Já se praticam correntemente extirpações totais dos lobos frontais, em casos de tumores que se estendem até a outras regiões do encéfalo, sem que a personalidade seja sèriamente atingida. E o mesmo Professor lembra a opinião de Lhermitte, a de que seria uma quimera procurar a sede das faculdades intelectuais e morais.

Já o Dr. Gabriel Gobron assinalava em *Le Cerveau humain* que havia uma demarcação vaga, indecisa, entre as sensações, as percepções e a memória. Seria impossível determinar a que parte do cérebro depende tal função. Também assegurava Dewelshauvers que não é possível localizar a menor das sensações e muito menos assinalar no córtice cerebral as faculdades que se chamam — vontade, sentimento, imaginação...

Em suma, o que a fisiologia descobriu é que, normalmente, comumente, o cérebro é necessário à manifestação do Espírito. O estudo de determinados fatos fisiológicos, psíquicos ou metapsíquicos, provam, entretanto, que a dependência não é constante, absoluta. O Espírito faz-nos por vêzes o efeito de certos mágicos a quem se amarra ou acorrenta com laços e cadeias irremovíveis; ei-los, porém, que se desembaraçam, não se sabe como, e se apresentam em cena, sorridentes, completamente livres.

O maquinismo cerebral é inútil como prova a favor das doutrinas materialistas.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo é a Religião

VII

Religião e Filosofia no conceito de Farias Brito

24 — Há vultos que deixaram, na terra, traços inapagáveis. São estrêlas cadentes da inteligência, cuja luminosidade não se extingue. São pensamentos de Deus que ficaram como herança sublime, para encantamento e deslumbramento humano.

Entre estas estrêlas, marcante, tem-se o nome do filósofo brasileiro, que merece respeito e sincera admiração.

Referimo-nos a **Farias Brito.**

Sôbre a sua personalidade, os editores de «**Falando à Terra**», obra admirável de **Francisco Cândido Xavier**, mediúnica, escreveram :

«**Farias Brito**, Raimundo de (1917) — Advogado, político e professor. Foi, porém, como filósofo pròpriamente dito, a mais alta expressão no Brasil. Neste sentido, sua obra é pujante e revela elevado engenho filosófico, a par de um senso crítico insuperável. Espiritualista. Tolerante, benevolente e simples.»

E' que êle, ditando ao querido médium de Pedro Leopoldo, expressiva mensagem, conclui :

«E' por isto que, voltando a escrever algumas palavras para os companheiros de jornada do nosso século, engrandecido por singulares realizações da inteligência e atormentado por amargas desilusões, não me apraz o comentário clássico dos doutrinadores mergulhados na corrente profunda das observações e das deduções, para só repetir, de mim para comigo, as corriqueiras e sublimes palavras do velho oráculo sempre novo : «Homem, conhece-te a ti mesmo !»

E é na obra invulgar dêsse gênio filosófico que se lê :

«**A Religião é a Filosofia mesma em sua função prática.**» (112). E, em outra oportunidade, expressou-se que

> «A religião, a filosofia e a ciência não são etapas na evolução do pensamento, que se sucedem excluindo-se à maneira da lei dos três estados de **Comte**. São manifestações vivas do Espírito, necessàriamente **co-existentes** (grifos nossos), por corresponderem a aspectos **fundamentais e indispensáveis** da atividade espiritual.» (113).

Barreto Filho, na introdução do grande livro, **Mundo Interior**, — a que dá o nome de «obra de síntese e de conclusão» — afirma que **Farias Brito** «entendia que o estudo da sensibilidade e das relações entre a **Alma** e o **Corpo** era **base** necessária para a sua **Ciência do Espírito.**»

E' inegável que êsse entendimento, **mutatis mutandi**, aplica-se ao Espiritismo, no tríplice aspecto de **Ciência, Filosofia** e **Religião.**

> «Há, diz êle, sem dúvida, outras religiões, muitas outras, no Oriente como no Ocidente ; mas nenhuma delas tem a importância e o valor das religiões de **Cristo** e de **Buda.**» (114).

Referindo-se ao processo de aparecimento e formação das religiões, explica de modo claro a maneira por que tôdas elas se conduzem. O seu pensamento aplica-se ao Espiritismo :

«Considerei aqui, em particular, o **Cristianismo** e o **Budismo** porque são as duas religiões mais importantes, as duas grandes religiões que ainda hoje exercem mais considerável império. Mas examine-se qualquer outra religião conhecida e ver-se-á que foi por um processo análogo que se estabelecem. **Tôda a Religião é sempre uma Doutrina que se impõe à consciência das multidões.** Essa doutrina é feita, em regra, no isolamento e no silêncio, por um pensador que reflete fundamente sôbre as condições da existência, que adquire uma intuição da vida, que deduz dessa intuição da vida uma teoria moral ; que sofre e acredita poder explicar a razão do sofrimento ; que se julgue de posse da verdade, e fala às sociedades, como a quem apresenta as tábuas da lei, isto é, como quem indica os princípios que devem servir para todos como **regras de ação. Êstes princípios**, uma vez aceitos, está organizada a sociedade, está fundada a religião; o que significa: está estabelecido o govêrno moral da sociedade.» (115).

A respeito, ainda nos servimos do pensamento sereno de **Carlos Imbassahy**, que se ombreia com o de **Farias Brito**, apenas que tomando posição:

«**O Espiritismo é o Budismo ampliado, comentado, esclarecido, demonstrado e provado**. Vamos encontrar ali a roda das vidas sucessivas, que é a reencarnação dos espíritos; temos lá o carma, o carma inexorável, que é a lei espírita de causa e efeito, ou seja a remissão da dívida pelo seu pagamento integral: é o sofrimento como causa de libertação; tal como o Espiritismo, pregava o **Buda** a evolução dos sêres, e só havia progresso do espírito quando êle vencia as suas imperfeições; lá, a felicidade estava no **Nirvana**, que é a paz espiritual, a perfeita tranquilidade que os espíritas aceitam.» (116).

Esta perfeita e simples afinidade entre as duas religiões as aproximam, irmanam.

Se se ler «**Obras Póstumas**» encontrar-se-á um homem a serviço dos Espíritos, conduzido por **Fortier** e **Carlotti**, de Córsega, à casa de **Patier** e da sra. **Plainemaison**, onde assistiu às primeiras reuniões espíritas. Serviam de médiuns **Carolina** e **Júlia Baudin** e depois **Ruth Jafet**, **Aline Carlotti** e **Ermance Dufaux**. E é na casa de **Emilio Carlos Baudin** que lhe foi anunciado o trabalho a realizar. **Zéfiro** dá-lhe o nome de **Allan Kardec** e ali organizou-se o **Livro dos Espíritos**, monumento secular, base granítica,—Filosófica e Religiosa — do Espiritismo. E divulgada a obra, surgiu codificada—ordenada e sistematizada — a Doutrina que impôs e se impõe à consciência das multidões.

E o grande pensador, divinamente inspirado, esclareceu:

> «Mas a filosofia que dá a interpretação da existência e fornece o critério para a dedução das regras de ação, isto é, a filosofia que deduz a lei e organiza as sociedades, é, como já vimos, a filosofia do Espírito. **O conhecimento do homem sôbre sua própria existência**, único conhecimento capaz de estabelecer o govêrno do homem sôbre si mesmo.» (117).

Efetivamente, tinha razão **Farias Brito**, quando assim se pronunciou, por que outro não é o rumo, nem a orientação do **Livro dos Espíritos**, quando estuda Deus, a origem do ser, a vida presente e futura, o sofrimento e o destino, o espírito e a matéria, a formação e a pluralidade dos mundos, dos sêres orgânicos e inorgânicos, a vida, a morte, a reprodução, a conservação e a destruição dos sêres, o povoamento, a diversidade das raças, o bem e o mal, as faltas e as sanções, as virtudes e os vícios, o casamento, a polígamia, o divórcio, a a guerra, a pena de morte, o duelo, a vida social, a família, a liberdade, a igualdade, a Fraternidade. Situa o Espírito na Terra e fora da Terra, estuda o perispírito, elucida e desvenda o problema da morte, com a surpreza dos bons e dos maus, conservada a individualidade após o desencarne. Diz-nos do retôrno do Espírito, do progresso, da reencarnação. Tudo isto explicado, comentado, sentido e vivido conduz à Religião que, inegàvelmente, é a **Filosofia Prática** aplicada à vida.

O Espiritismo, já escrevemos alhures, com o concurso da ciência, rasgando horizontes, enriquecido das fulgurações cintilantes da Filosofia, colacará o ser no lugar exato do mundo, com o Cristo por «**Modelo e Guia**.»

O Espiritismo, como a nova aurora da redenção, trouxe, é verdade, uma «Doutrina Filosófica, que tem consequências morais», como tôda Filosofia Espiritualista, pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de tôdas as religiões: **Deus, a alma e a vida futura**.» Preservemo-lo, porém, na sua integral pureza, pois que, não «**sendo uma Religião constituida, não tem culto, nem rito, nem templo**, e entre seus adeptos nenhum tomou o lugar de sacerdote ou Papa.» (118).

O mesmo raciocínio de **Allan Kardec**, com relação à antiguidade do Espiritismo, faz **Farias Brito**, com relação à Filosofia e à Religião, estabelecida real identidade entre os dois autores:

> «Ora, é sabido que o homem tem por destino próprio a sociedade, não lhe sendo possível viver senão na sociedade e com a sociedade; e como a sociedade é um **Organismo Moral** e êsse organismo não se compreende sem a **Religião**, e a **Religião não pode existir senão como aplicação prática de uma Filosofia**,—daí resulta que a **Filosofia** é tão

velha quanto o homem e existe desde que existe o homem no planêta.» (119)

Desenvolvendo seu pensamento, concluiu Farias Brito:

> «Não há êrro mais grosseiro do que fazer da Religião uma forma inferior do conhecimento. Em todos os povos, como em todos os momentos de história, a Religião foi e será a mais alta manifestação da intelectualidade:
>
> — A Religião é o veículo espiritual da sociedade;
>
> — É o Espírito regulando as suas fôrças, organizando as suas energias, introduzindo a unidade na multiplicidade; numa palavra,
>
> — *A RELIGIÃO É UM IMPÉRIO DA RAZÃO.» (120)*

A Religião é a incentivadora e iluminadora da Fé. Daí, ter-se colocado, no início dêste trabalho, a grande chave colocada no frontespício do Evangelho Segundo o Espiritismo:

> «Fé inabalável sòmente aquela que encarar a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.»

Noraldino de Mello Castro

(Continua)

---

112 — FARIAS BRITO, «Finalidade», vol. 3.º, pág. 10.

113 — FARIAS BRITO, «A Base Física do Espírito», pág. 48.

114 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 92.

115 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.

116 — CARLOS IMBASSAHY, «Religião», pág. 80.

117 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.

118 — KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 247.

119 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 94.

120 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 95.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

VI — DÉBEIS? DESEQUILIBRADOS? INSTÁVEIS?

Sim, meus caros amigos. Decididamente, sim. *Débeis, desequilibrados* e *instáveis*. Mas, como débeis? Como, desequilibrados? Como instáveis? E sobretudo, *porquê?* É o que veremos.

O estudo mais aprofundado — que não pode ser feito aqui — da dinâmica cerebral em face ao condicionamento de reflexos durante a vida, leva a duas novas conceituações de padrões de comportamento individual, conhecidos como *mosaico cortical* e *estereotipia dinâmica.* Vamos traduzir êsse «palavrório» antes que o sr. Imbassahy ponha as mãos à cabeça!

Pelo aprendizado, pela repetição, pela experiência dos fatos da vida e da reiteração dos estímulos que o cercam, um determinado animal acaba por plasmar uma determinada resposta tipo, padrão, a cada estímulo que se torne a apresentar. Assim, em meio à aparente desordem que caracteriza o meio circundante, o animal recolhe, seleciona e analisa os estímulos que recebe. E a uns responde. De maneira certa. E a outros não aceita. Não identifica. Desconhece. Ao fim dêsse trabalho de análise—que leva anos para ser apurado—seu córtex atinge a um determinado grau de diferenciação, adquire uma capacidade depurativa. A superfície do córtex cerebral torna-se sede de uma infinidade de pontos de percepção, de análise e de síntese do mundo, e aonde chegam, classificam-se, separam-se e se interpretam tôdas aquelas nuances, tôda a gama de mutabilidade dos ambientes externo e interno do organismo. Há como que um esquema funcional, o chamado mosaico cortical, painel de registro.

Por outro lado, a maneira pela qual um animal reage, sempre, da mesma maneira, a determinados excitantes, em função do seu mosaico cortical, imprime-lhe uma individualidade dinâmica, atuante, ativa. Tal caráter, leva-o à formação de um tipo individual de adaptabilidade do organismo ao seu meio, organizando um conjunto de respostas habituais aos estímulos recebidos, condicionando respostas novas a estímulos novos dentro do padrão geral de comportamento. A tal comportamento, de origem central, cortical, fica condicionado o tipo pessoal. E temos então que se conceitua o estereótipo dinâmico, a maneira viva, pela qual determinado indivíduo passa a reagir. É o seu tipo, o seu feitio, o seu caráter, o seu modo de ser. O seu estereótipo dinâmico.

Isto pôsto, não me parece ser muito difícil de compreender que cada animal tem o seu modo particular de «sentir» o mundo e de a êle responder. É isso que nos distingue, a todos nós, uns dos outros. E surge então o importantíssimo caráter de diferenciação animal —humana por extensão—que dá a cada um de nós, um *tipo nervoso.*

E não é de hoje que os homens são classificados de acôrdo com o seu tipo, o seu temperamento, o seu padrão de comportamento. Houve, inclusive, inúmeros cientistas que fizeram classificações nas quais, a cada tipo de conduta, corresponderia um tipo físico. Já ouviram os leitores, certamente, expressões como biótipo, longilíneo, brevilíneo, normolíneo, astênico, esquizotímico, ciclotímico, e tantas outras, consagradas pelo uso e pela fisiologia tradicional. Desde Hipócrates, a coisa vem rendendo. Os coléricos, os fleugmáticos, os sanguíneos e os melancólicos, eram os principais tipos humanos da classificação de Hipócrates. E cada uma dessas palavras já traduz a maneira pela qual cada um deles se apresentava, e agia, e reagia, e se mostrava. A cada um dêsses tipo, correspondia o mesmo indivíduo nas outras classifições, como a de Viola, a de Penda, etc.

Assim, o sanguíneo, seria o brevilíneo, seria o ciclotímico.

Assim, o melancólico, seria o longilíneo, seria o esquizotímico. E daí por diante.

Também a reflexologia classifica os indivíduos, à uma nova luz. Por um novo conceito. De acôrdo com uma nova metodologia, a do mecanismo de função cortical, da maneira pela qual, cada um de nós recebe e reage às estimulações, de acôrdo com aquilo que chamamos de o nosso equilíbrio excítato-inibitório, ou capacidade de dosar os estímulos e respostas. Em função do nosso mosaico cortical. E atendendo, sobretudo ao nosso estereótipo dinâmico.

E na estruturação dos principais tipos nervosos — reflexològicamente falando — surgem a considerar três características de base: — a *intensidade,* o *equilíbrio,* e a *labilidade.* Vejamos pela ordem: —

1) *Intensidade:* — Cada estímulo que nos chega do meio ambiente, o faz sob uma determinada intensidade. Há nos animais um limite de suportabilidade para a estimulação forte ou débil. Em função, pois, da potência da estimulação recebida e de sua capacidade de suportá-la e mesmo de superá-la, surge a primeira classificação dos tipos nervosos. São êles, *fortes* ou *débeis.* Há pessoas que mal suportam uma picada de injeção; outras têm um largo limiar de suportabilidade da dor. Assim como os estímulos recebidos podem ser fortes e fracos, intensos ou débeis, da mesma maneira a nossa resposta a êles pode ser também, forte ou débil. Os indivíduos que suportam bem os estímulos fortes e continuados — quase que um sinal de primitivismo e coragem — apresentam uma grande capacidade ao sofrimento, à injúria, à agressão, e uma grande resistência aos esforços físicos. E os fatos cotidianos, as nuances ambientais, pouca ou nenhuma influência exercem sôbre êles. Os outros, mediante estimulação mais ou menos continuada e de mediana intensidade, sofrem o efeito defensivo da inibição (lembram-se da função inibitória como defensora da agressão continuada e irritante ?).

2) *Equilíbrio :*—Todos nós nos excitamos. E todos nós nos deprimimos. Mas alguns de nós apresentam acentuada tendência à excitabilidade enquanto outros são marcadamente acomodados, parados, tranqüilos. E nestes, predominam, dinâmicamente, os processos ditos de inibição. O ideal, seria um perfeito equilíbrio entre essas e aquelas respostas. Isto quer dizer que, devido à qualidade cortical de cada um de nós, em uns predominam os processos de excitação : são os grandes palradores, os que vibram com facilidade, os que se encolerizam ràpidamente, os que se ativam cèleremente, os que pouco dormem, os que não têm «um minuto a perder»,

os que não podem ficar sentados muito tempo. De outro lado, quando a inibição cortical predomina, surgem os tímidos, os tranqüilos, os sonolentos, os introspectivos, os sonhadores, os que não se agitam por somenos, os calculistas, os que acham que «o mundo não vai acabar amanhã». Uns e outros são tipos nervosos *desequilibrados,* com acentuada tendência a um dos dois processos. O eqüidistante seria o nervosamente equilibrado.

3) *Labilidade:* — ou facilidade de passar ràpidamente de um estado para o outro. Reparem as crianças. Tão fàcilmente choram quanto passam a um acesso de riso. Vejam os histéricos. Já não dizia Vieira, referindo-se aos histéricos:—«Flor da histeria, chorava e ria!»? Esta terceira característica, confere também aos animais, possibilidades de labilidade ou de inércia. Uns, os *lábeis,* passam ràpidamente dos processos de excitação aos de inibição; os outros, os *inertes,* sofrem dificuldade de adaptação às mudanças de ambiente. De maneira geral, os mais moços são mais lábeis, transmudam-se com mais facilidade. Enquanto que os mais idosos já apresentam uma certa dificuldade de acomodar-se às variações do ambiente. As crianças, aí pelos 3, 4, 5 anos de idade, são labilíssimas. Os velhos são quase sempre inertes, como se houvesse um processo de «endurecimento» de suas reações corticais.

Temos assim, à luz da reflexologia, uma série de tipos nervosos. Os débeis e os fortes, os equilibrados e os desequilibrados; os lábeis ou instáveis e os inertes. E êsses tipos podem apresentar ainda gradações e combinações as mais variadas. A qualificação dos tipos mediante tais receptividades, daria as definições temperamentais preconizadas por Hipócrates. Os animais de tipo forte, não equilibrado, com predominância dos processos de excitação, vivos, impetuosos, seriam os coléricos; os fortes equilibrados, porém inertes, calmos, lentos, configurariam os fleugmáticos; o forte, equilibrado, lábil, vivo e móvel, seria o sanguíneo. Finalmente o fraco, inibido, inerte, seria o melancólico.

Eis aí o que entendemos por tipos nervosos em reflexologia. Pois é essa coisa primária, rudimentar, quase infantil, que não entra na cabeça dos senhores Casella e Imbassahy!

Quando dizemos de um indivíduo —falando em têrmos de reflexologia— que êle é do tipo *débil,* não estamos fazendo nenhuma referência ao seu estado de sanidade MENTAL. Quando dizemos que um indivíduo—em têrmos de reflexologia — é do tipo *desequilibrado,* não há nisso qualquer citação a sua atitude MENTAL. Quando afirmamos que um outro é do tipo *instável,* nem de longe estamos pensando em comportamento MENTAL.

Mas isso não entra na cabeça dos srs. Casella e Imbassahy! Não tenho culpa disso. É tudo uma questão de gabarito, de nível, de capacidade de aprendizado.

(Continua)

—

N. da R. – *Tendo o dr. Osmard ultrapassado em muito, com êste seu artigo, as três páginas regulamentares para cada publicação, por falta de espaço fomos obrigados, de contra vontade, a separá-lo em dois. Rogamos que outros, assim, já venham divididos, pois o próprio autor saberá melhor separá-los.*

Contudo, já entendemos com o sr. Casella, para elaborar sua resposta na mesma proporção de espaço dêste, evitando prejuizo polêmica, de uma ou de outra parte.

A REDAÇÃO

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$ 400,00	Ano de 1949	cr$. 300,00	Ano de 1955	cr$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300,00	» » 1951	» 300.00	» » 1957	» 300,00
		» » 1952	» 300.00	» » 1958	» 300,00
» » 1947	» 300,00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300,00
» » 1948	» 300,00	» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300.00

REPORTERES DOS «ASSOCIADOS» ROMPEM A BARREIRA, CHEGANDO ATÉ O «MÉDIUM» MINEIRO

Arigó quer enfrentar em São Paulo o julgamento de 60 Médicos Brasileiros

Virá à Capital paulista em janeiro e, como na sua casa humilde de Congonhas do Campo, operará sem anestesia e sem dor — «Só desejo que me apresentem casos dificeis» — A sua defesa é Deus, em primeiro lugar ; e os homens que operou, em segundo — «Não sou eu quem opera ; é o espírito do doutor Fritz» — Numa sala de jantar, ouvindo, na véspera do julgamento, o mais famoso «médium» do Brasil.

CONGONHAS DO CAMPO, 22 (De Moacyr Jorge, Narciso Santos e Roberto de Oliveira, cinegrafista da TV-Tupí) — Às dez horas chegamos a esta cidade, onde o «médium» espírita José Arigó vem atendendo a doentes desesperançados de todo o Brasil.

Jornalistas e fotógrafos do Rio ainda não conseguiram entrar no prédio, chegando alguns a tentar fotografá-lo pelo muro que contorna a residência. A residência é pobre em tudo : na construção de pau e barro, que deve ser de mais de cinquenta anos, e no seu interior quase sem moveis.

Mais de 800.000 pessoas em dez anos

A casa de Arigó tem uma sala de visita grande com três cadeiras de vime. Nas paredes, a imagem do Cristo, mais imagens de santos, uma fotografia colorida do ex-presidente Juscelino Kubitschek e outra, em preto e branco, do presidente João Goulart.

Nos dois primeiros quartos dormem os filhos, em numero de seis. As camas são antigas, quase sem lençóis. E é sem móveis o quarto do casal. Alí se vêm apenas a cama e uma volumosa mala de embarque maritimo, muito utilizada por portuguêses. Tudo é simples e tem um ar humilde.

Até a alimentação é pobre, a mesma que comem os mineiros da região.

Arigó é funcionário da Agência do IAPETC, lotado na Divisão de Benefícios, com vencimentos mensais de 15.900,00. Sua esposa o ajuda, costurando para fóra.

Aí está em rápido apanhado, a situação financeira e social do «médium» espírita que, em dez anos, já atraiu para Congonhas do Campo mais de . . . 800.000 pessoas, realizando operações através do médico alemão, já falecido que se identifica por «Dr. Fritz», operações que êle faz em transe mediúnico, falando em idioma germanico.

O repórter chega até Arigó

Sòmente às dez e meia horas a reportagem dos «Associados» conseguiu ultrapassar todos os obstáculos. Adeptos de Arigó formavam verdadeira barreira. Depois de nos indentificarmos, ficamos presos num quarto. Mas tarde, Altamiro, uma espécie de recepcionista, nos dizia :

«Venha comigo. José Arigó vai recebê-los na residência dêle.»

Saimos atrás do Altamiro, atravessando a rua Marechal Floriano, e fomos colocados à frente de José Arigó, na sala-de-jantar. Então José Arigó nos disse :

«Minha defesa é Deus, em primeiro lugar. Estou sendo acusado. Mas que me acusem com provas. Sem elas é cometer injustiça.»

«Não sou eu quem opera ; é o Dr. Fritz»

E alí na sala, José Arigó continou falando de modo mais simples e sincero :

«Eu não opero ninguém. Os meus braços se movimentam e movimentam as «ferramentas» quando eu estou em transe, recebendo o «Dr. Fritz.» É êle quem opera. Êle é um espírito.

Eu não sei o que faço quando estou em transe. Sinto uma dormencia nos pés e perco o sentido, ao entrar em transe. Sou um «médium» sincero. Diziam-me que eu havia operado pulmões, que eu havia cortado seios cancerosos sem provocar dor, sem fazer anestesia, sem deixar que o sangue escorresse.

Confesso que eu mesmo não acreditava. Fui ver os films que tinham sido feitos por médicos. Films sôbre inúmeras operações difíceis e depois de vê-los, digo-lhes sem modéstia : não me julguem um fenômeno ; um santo.»

«Provem que matei alguém»

Erguendo os seus olhos claros para o reporter, prosseguiu :

«Sim, não me julguem um santo. Tenho pecados, embora não jogue, não fume e não beba. Mas vivo para minha mulher e meus seis filhos. Êles precisam de mim, do meu amparo. Antes de me condenarem, provem que matei alguém entre os milhares de homens e mulheres que operei. Se prejudiquei alguém, se matei, as vítimas dos meus atos é que devem me acusar e não os meus perseguidores gratuítos que me processam sem provas».

«Seria condenar um ser imaterial»

José Pedro de Freitas, mais conhecido por José Arigó, na sala humilde da sua casa mineira, abriu-nos o coração :

«Vários médicos de renome nacional sabem dos fenômenos que ocorrem no Centro Espírita que eu dirijo. Dois grandes jornalistas, José Franco e Ubiratan Lemos, de «O Cruzeiro», já assistiram e são pois testemunhas das operações delicadas que aí se tem feito. Pedi-lhes que não divulgassem nada se, realmente, eram meus amigos.

Os meus perseguidores querem as provas para me colocarem na cadeia. Êles sabem porém que eu, mesmo, não opero e não receito. A minha ação é sob o efeito mediúnico do «Doutor Fritz», famoso médico alemão. Condenar-me seria condenar um ser imaterial, o espírito que realiza essas «coisas» que êles acham impossíveis.

Nunca passei pela porta de uma Faculdade de Medicina. Tenho apenas o quarto ano primário com diploma do Grupo Escolar Barão de Congonhas. E o meu nome não é Arigó. Chamam-me Arigó porque, sendo o meu pai fazendeiro, eu dava tôda liberdade aos empregados. Dava-lhes ajuda. Um dia me advertiram :

«Você precisa deixar de andar com êsses arigós da fazenda. Afinal, você é o filho do dono».

Respondi que eu era Arigó também, com uma diferença : tinha as primeiras letras. Desde então passaram a me chamar de «Zé Arigó». Houve uma pausa, depois disse : «Eu não mistifico, não iludo. Nada faço com objetivo de ganho. Acusem-me os que eu acolhi aqui, em minha casa, de ter aceito sequer uma maçã. Façam acusações no Tribunal de Belo Horizonte, onde está o processo».

«Vou operar em São Paulo»

José Pedro de Freitas (José Arigó) almoçava ràpidamente e conversava conôsco em companhia do sr. Jordão de Magalhães, figura de destaque nos meios sociais de São Paulo :

Seja qual for a decisão do Tribunal de Minas Gerais, eu assumo um compromisso : irei a São Paulo e enfrentarei o julgamento de sessenta médicos brasileiros. Já combinei essa viagem com o dr. Conrado, com o dr. Leite de Castro e com o dr. Ladeira Marques. E ela será em janeiro.

Não quero porém que me entreguem um caso de oftalmologia. Não quero lidar com os olhos. Isso já é coisa corriqueira. Pedirei que me apresentem um caso difícil : tuberculose ou cancer.

Se não me engano, o dr. Conrado é médico do IAPC e já está arrumando tudo para a minha ida. Operarei sem anestesia e sem dor, da mesma forma, aliás, como operei os muitos pacientes que vieram à minha casa. Se eu e o «médium» falharmos, podem me condenar a cinquenta anos. Mas não me acusem apenas por acusar».

Hoje a decisão

Amanhã, dia 23, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais vai julgar apenas um recurso de José Arigó em que êle pede seja o julgamento transferido para Belo Horizonte. Alega Arigó nêsse recurso que o Juiz de Direito é um dos seus perseguidores, e que êle já prejulgou quando disse em Congonhas :

«Arigó é um curandeiro».

A decisão está sendo aguardada com ansiedade. Se o julgamento for em Congonhas, José Arigó espera a condenação.

Do «Diário de S. Paulo», de 23-11-61

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo VII)

— Vendo Moisés, portanto, a estupidez dos egípcios (haja vista as pirâmides que são túmulos, uma das quais feita por cem mil escravos misérrimos, no espaço de vinte anos!...) vendo, pois, Moisés, tamanha estupidez, não só nos demais povos, conquanto pessoalmente acreditasse na sobrevivência da alma, e até em sua transmigração por corpos diferentes, silenciou esta verdade, porque extemporânea, para fundar sua religião na providência extraordinária de um Deus que estava invisível, mas presente.

— Que Moisés cria na sobrevivência da alma o declarou o próprio Cristo (Luc. 20, 37 a 38), quando concluiu que Deus não é Deus de mortos (Abraão, Isaque e Jacó), mas de vivos; não só aqui, mas também no segundo mandamento do Decálogo, onde está que Deus vinga a iniqüidade dos pais nos filhos *NA* terceira e quarta geração como o expressa a Bíblia Esperantista; fora êstes dois pontos há todos aqueles passos em que Moisés faz proibições de se consultar os mortos. Se há proibições de se consultar os mortos, é porque êles não só estão vivos, senão que também se podem comunicar com os encarnados.

— Todavia não enxergava Moisés proveito nenhum nêste comércio com os mortos, como muito pouco é o que vemos hoje, a julgar pelos que continuam sendo exatamente como são, apesar das provas peremptórias que têm nas aparições de mortos das sessões práticas do Espiritismo.

— Conheço um médico que assistiu, de perto, ao espetáculo apresentado por um dêsses comedores de vidros, giletes, pregos, anzóis, etc. E o homem comeu tudo isto, de fato; não houve truques nenhuns, porque a coisa foi bem fiscalizada para evitar fraudes. Terminada a sessão o médico foi abordado por um curioso que lhe perguntou:

«— Como é, Doutor, o homem comeu ou não comeu os cacos de vidro?»

«— Sim, respondeu o médico».

«— Então, torna o curioso, amanhã êle estará morto?»

«— Não, retrucou o médico, como já não morreu doutras vêzes! Contudo ignoro o que sucede, e que fenômeno é êsse. Até mandei o comedor engolir uma moeda na frente do meu radioscópio, e vi que a moeda se sumiu na altura do esôfago!...»

—Um espírita que escutava a conversa, tomando parte nela, diz:

«—Isso se chamam fenômenos de efeitos físicos, e são os mesmos pelos quais se dão as chamadas operações espirituais, em que os espíritos retiram, por exemplo, pedras do fígado e dos rins, balas ou estilhaços de granadas do corpo».

— Mas o médico que era um bêbado, jogador e prostibulário, tal continuou sendo, apesar da maravilha que observou. É que êle não possuia espírito filosófico, nem científico, conquanto ocupasse a posição de um cientista no mundo. O seu «papai» que era rico, o quis médico, e só por isso era médico...

—Moisés, Chilon, com ser um gênio, havia de ter presente a verdade inexorável, infelizmente ainda atual, que não nos honra nada, descoberta numa tabuinha de argila cosida, desenterrada pelos arqueólogos com as ruínas da Babilônia; nessa tabuinha está escrito: «Olha em volta e vê que todos os homens são estupidos!» (C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 233)

— Se hoje ainda os homens são assim, que se dirá dos do tempo de Moisés? É por isso que funcionou melhor aquêle sistema, o de Moisés, do que êste, o da crença na imortalidade da alma, com o corolário de penas e recompensas futuras. Ora, se a finalidade da religião, conforme tua própria definição, é religar a criatura com o Criador, a melhor religião, qual é, Chilon?

Chilon — A resposta está implícita na pergunta: é a que melhor religa, isto é, desbarbariza e civiliza o homem.

Árago — E qual dêstes dois sistemas básicos é o melhor? o que promete prêmios e castigos póstumos, ou o que promete para já, providência extraordinária de um Deus que age sem tardanças?

Chilon — O sistema melhor é êsse no qual não há delongas, pois quando à ação se segue imediatamente a reação, o respeito e o temor se impõem sem evasivas e discussões; nunca vi ninguèm desrespeitar a lei da gravidade, nem abusar do quanto pode o dinamite.

Árago — Logo, qual é a melhor religião? o mosaísmo, ou o cristianismo?

Chilon — Digo que é o mosaísmo; mas digo-o relutando, pois sinto que o cristianismo supera o mosaísmo.

A esta resposta minha, riu-se Árago, com gôsto, ao tempo que me dizia, dando duas palmadinhas nas próprias coxas:

— Tu és ainda ingênuo, Chilon! Não me percebeste a manha de rapôso matreiro! O mosaísmo é religião que serviu para selvagens e serve ainda para involuídos como aquêles hindus referidos por Emmanuel, ou aquêles espíritas avarentos, orgulhosos e violentos dos quais falei atrás. Mas não serve para evoluídos que sabem enxergar longe, porque já adultos. As falas de Moisés se dirigiam às crianças humanas, no passo que Cristo fala a homens feitos, apresentando a Deus como Pai.

—Repara nisto agora: o que fazia antigamente Jeová, fazem hoje os espíritos obsessores sôbre aquêles que, com seus vícios, deixam a porta aberta. Vê como a par dos prêmios e castigos futuros, funciona, no Espiritismo, para os que crêem, êste outro sistema de recompensas e punições imediatas? Para merecer a proteção do «guia» preciso é ser bom; do contrário terá a simpatia e a atuação dos espíritos perversos. Antigamente (e ainda agora para os bíblicos) Jeová, com estar invisìvelmente presente, vigiava sôbre os vícios e crimes secretos, sôbre os males que destróem a harmonia social. Hoje esta função está afeta aos espíritos, e quem acreditar em Kardec terá vergonha de praticar ações feias, por estar sendo observado, quem sabe, por parentes e amigos desencarnados, com os quais terá de acarear-se depois da morte. Fora isto, o afastamento dos protetores implicaria na imediata aproximação dos exploradores astrais, que vivem de vampirizar os encarnados. Então se algum espírita cai nalgum pecado, ainda que secreto, começa a ser punido por essa legião fantástica de desencarnados que, ou são reais, e agem de fato, ou são meramente imaginários, e agem sugestivamente, produzindo mal-estar, mêdos, angústias, aflições e doenças neuróticas. Entendeste?

Chilon — Entendi. A melhor religião é aquela que melhor se presta, relativamente, ao nível evolutivo do homem.

Crônica Estrangeira

AS CHÁVENAS ESMAGADAS

De «Estudos Psíquicos»

Os sonhos premonitórios constituem um grande capítulo do psiquismo e o sábio investigador Ernesto Bozzano estudou-os numa excelente monografia. De vez em quando relatamos um ou outro, porque a função desta revista é divulgar e doutrinar.

Hoje vamos referir o sonho de R. E. Wood, exposto em *Fate*, em que o fenômeno atinge a sua fase proeminente.

«Certa manhã—diz o articulista—despertei, enquanto minha mulher se levantava para fazer o pequeno almôço; mas logo me voltei para o lado, e, mergulhando em sono profundo, um sonho vivo e surpreendente se desenrolou em minha alma. Senti-me transportado ao escritório da Companhia onde estava empregado e no qual havia um vigia da noite para uma chávena de chá e um pouco de conversa.

«Tudo no meu sonho era normal. Só o vigilante estava de mau humor, barafustando e queixando-se do contramestre, com quem discutira azedamente. Nervoso, remexia em várias coisas e, de repente, pegou em três chávenas, atirando-as ao sobrado, onde se partiram ruidosamente.

«Acordei nesta altura e quando me ia levantar ouvi um barulho na cozinha —uma chávena que me minha mulher deixara cair. Coincidência estranha, mas, no vaivém da manhã, esqueci-a completamente.

«Á noite, quando cheguei ao escritório para a minha habitual chávena de chá, encontrei o vigia furioso, insultando o contramestre. Mudo de espanto, vi o homem, enraivecido, pegar em três chávenas e esmagá-las no chão».

A propósito de sonhos, na mesma revista vem um relato da sr^{a}. Joan E. Bonsher referente a um sonho que tivera em 1927. Seu marido era gerente de um posto da Companhia de Peles da Baía de Hudson, na Costa Árctica, e um dos barcos tinha sempre um faról aceso para guiar os caçadores em direção ao posto, quando viajavam de noite.

Certo dia adormeceu cansada e teve um sonho em que o faról estava apagado e um homem procurava orientar-se. Por fim acordou com o pressentimento de que se tratava de sonho verídico e acordou o marido para lho contar.

O mais interessante é que o marido da sr.^{a} Joan ficou impressionadíssimo ao verificar que o faról se extinguira. Mas como fazia muito frio, resolveu expôr o caso ao capitão, quando amanhecesse.

Dias depois um caçador chamado Thurston chegou ao posto e contou que na noite do sonho se perdera na neve por falta de luz no faról, ficando com os pés gelados.

E a senhora termina, dizendo:

—Tivesse eu, segundo o meu impulso, participado logo o caso ao capitão e o pobre caçador de peles teria encontrado o caminho, evitando uma doença...

FANTASMAS E APARIÇÕES

Numa cinzenta manhã de Setembro, a neblina rondava uma casa de campo da Polônia, na divisa com a Alemanha. No interior dessa casa sólida de tijolos as luzes brilhavam fortemente. Decorria o ano de 1939, e Hitler iniciava a invasão da Polônia.

Assim começa a narrativa de um dos mais estranhos casos dos anais das pesquisas psíquicas.

Quem narra o acontecido é o Coronel G. G., ex-oficial do Exército polonês, hoje residindo na cidade canadense de Toronto. A história por êle contada foi publicada pela Revista da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, grupo estudioso que se propõe investigar tudo quanto o povo geralmente chama sobrenatural.

Morto o filho do fantasma

O Coronel G. G., então comandante de brigada, e sua tropa achavam-se estacionados na dita casa de campo. Eram oito horas da manhã, e o Coronel e cinco de seus oficiais se encontravam no salão do segundo andar, discutindo a declaração de guerra.

—De repente—disse o Coronel— percebemos a presença de um estranho que ouvia com muita atenção a nossa conversa. Nenhum de nós viu de onde êle viera, e todos arregalámos os olhos para êle, de atônitos que estávamos.

Era um cavalheiro já bem idoso, de barba curta, e trajava um terno à moda antiga. Tirou o chapéu e perguntou polidamente :

— Estamos mesmo em guerra ?

Informado que sim, o homem (ou a aparição), disse :

—Então é tempo de eu ir andando.

E se foi.

Absorvidos e empolgados como se achavam pelo fato de haver estalado a segunda guerra mundial, nenhum dos oficiais notou se o homem saiu do salão, ou se simplesmente *desapareceu.*

Mais tarde, o Coronel G. G. perguntou ao mordomo quem seria o tal homem. Boquiaberto, o mordomo nos mostrou uma velha fotografia e perguntou :

— Parecia êle com o cavalheiro desta fotografia ?

O Coronel G. G. afirmou ser êle mesmo, e o mordomo, com voz trêmula, disse :

— Êste era o velho patrão; mas, há já vinte anos que morreu.

—O assombrado mordomo—continuou o Coronel G. G.—insistiu em afirmar que se tratava de um caso de «fantasma» e que tal aparição significava desastre.

Naquela mesma noite os oficiais polonêses se viram forçados a abandonar a dita casa. Forças avançadas alemães a incendiaram e mataram o seu novo proprietário, que era um filho do velho cavalheiro que lhes havia aparecido. A Sociedade não pôde verificar todos os pormenores do caso porque alguns oficiais polonêses tinham sido mortos e outros foram aprisionados.

Mas em um outro caso, perfeitamente investigado, a telepatia poderá ter estado atrás de outra aparição.

Walter Bazar

«Reformador», de «O Globo»

Espiritismo no Brasil

EM ATIVIDADE A ALIANÇA DAS UNIÕES ESPÍRITAS DA BAIXADA FLUMINENSE

Sob a presidência do sr. Manoel de Almeida, diretor da União Municipal Espírita de Nova Iguaçu, esteve reunida pela quarta vez, nêste ano, a Aliança Regional das Uniões Municipais Espíritas (Baixada Fluminense), congregando as cidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé, Nilópolis e Paracambi. A êsse certame compareceram representantes de Pôrto Novo do Cunha, Além Paraíba, São João de Mereti e Barra Mansa, além de Campo Grande (Estado de Mato Grosso).

Visando ao congraçamento e maior entendimento dos espiritistas da Baixada, pode-se dizer que a concentração produziu ótimos resultados. Cada União dispôs de dez minutos para informar suas atividades, destacando-se Duque de Caxias que apresentou resultados satisfatórios e diversificados no campo da assistência social e doutrinária.

Funcionando como assessor da presidência, o confrade Newton de Barros prestou ótimos serviços, sendo a palestra doutrinária realizada por Newton Boechat.

A próxima concentração será em dezembro, na cidade de Paracambi.

—

Abstal volta a Caxias

Ganhando as simpatias do povo caxiense na noite de 20-9-61, quando falou na III Semana de Cairbar, voltou a falar na rica cidade fluminense, numa tarde fraterna, promovida pelo Grupo da Fraternidade Ana Prado, o confrade Abstal Loureiro, diretor do jornal Hora de Brasília.

Acompanharam-no até lá os companheiros Olívio Novaes, do «Jornal do Comércio», e A. J. Oliveira, de «O Cruzeiro», do Rio, os quais fizeram breves saudações.

A sede nova, ainda não inaugurada do Grupo, movimenta-se desde já demonstrando o quanto poderá fazer no futuro a pról do desenvolvimento da Doutrina Espírita.

—

Didática Espírita

Dada a proximidade de Caxias com o Rio de Janeiro, centro de cultura para onde converge a intelectualidade brasileira, grande tem sido o intercâmbio cultural entre os espíritas das duas cidades. Instituida e fortalecida a Semana Cairbar Schutel, aumentou poderosamente o fluxo educativo-cultural na terra de Lima e Silva, para onde se voltam os homens de saber na alta missão de saciar os que aspiram conhecer a verdade.

Assim, no dia 8-10-61, esteve em visita ao Centro Espírita Thiago Apóstolo o confrade dr. Amadeu Santos, que proferiu belíssima palestra. A tarefa era do sr. Olívio Novaes que, entretanto, cedeu a oportunidade ao nobre advogado, a fim de que êle revelasse as luzes da Doutrina que manipula com tanto brilho.

O orador se fez acompanhar por sua senhora, d. Emília Santos, além do jornalista Olívio Novaes.

—

A Associação Espírita Cairbar Schutel recebeu dois ricos donativos como ajuda às obras de sua sede em Duque de Caxias. A grande emprêsa PONTO FRIO doou uma geladeira a querozene. marca Luna, ao passo que as «Casas JOTA» deram u'a máquina de costura «Philips», objetos que serão postos em sorteio para o Natal dêste ano.

Os gestos dessas importantes casas estabelecidas em Caxias ecoaram de maneira muito simpática, não só pela importância dos objetos, como também pela oportunidade com que foram realizados, de vez que a referida entidade vem se esforçando ao máximo para concluir as obras da Escola Abraham Lincoln, onde estudam gratuitamente 262 crianças, e do Preventório Pedro Ernesto, serviço igualmente gratis para o povo.

Encerrado o III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Escolhida a cidade de Curitiba para sede do próximo certame — Agitou o plenário o caso do médium José Arigó, que realizava intervenções cirúrgicas — Definições sôbre ciência e religião em face do Espiritismo — Criação de grupos de estudos em todo o País

BELO HORIZONTE, 7 (Do Enviado Especial) — Encerrou-se ontem, nesta capital, o III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas que reuniu delegações de vários Estados. A sessão de encerramento realizou-se no auditório da União Espírita Mineira, tendo sido lidas a Declaração de Princípios e as Recomendações do certame, ao mesmo tempo que se anunciou a escolha de Curitiba como sede do IV Congresso, a realizar em 1963. Das doze teses apresentadas, examinadas pelas comissões e votadas pelo plenário, quatro foram rejeitadas. Numerosas indicações e moções foram também aprovadas, inclusive uma moção de solidariedade ao médium José Arigó, de Congonhas do Campo, que está sendo processado sob acusação de exercício ilegal da medicina e impedido de exercer a mediunidade. Houve debates a propósito dessa moção, pois alguns congressistas entenderam que o certame não devia pronunciar-se a respeito do caso Arigó, mas prevaleceu a opinião de que era dever do Congresso defender a tese de livre exercício da mediunidade.

Cirurgia Mediúnica

O caso Arigó, que vem apaixonando os meios espiritualistas do país, foi objeto de longas considerações na sessão solene de encerramento. Alguns congressistas advertiram que não se tratava pròpriamente de um médium espírita, pois José Arigó é conhecido como católico, de família católica. Outros, entretanto, afirmaram que a filiação religiosa do médium não tinha importância, uma vez que a mediunidade — é encarada pelo Espiritismo como condição natural do homem, e não como ocorrência sobrenatural. A mediunidade de José Arigó é das mais curiosas, pois o médium, antigo garção de um restaurante de Congonhas do Campo, é hoje funcionário do IAPTC, realiza intervenções cirúrgicas em estado de transe, dizendo-se «tomado» pelo espírito de um médico alemão, que dá o nome de Fritz. As intervenções, em número alarmante, e envolvendo casos dos mais graves, realizadas sem anestesia nem assepsia de espécie alguma, provocaram o processo em que o médium se encontra envolvido. A maioria dos congressistas manifestaram a opinião de que, em casos como êsse, em vez de punição legal, devem haver providências para investigação científica. Vários oradores acentuaram que o número de doentes operados com êxito, inclusive na presença de médicos operadores, é impressionante.

Ciência ou Religião

Um dos aspectos mais curiosos do Congresso foi a discussão das teses referentes aos problemas de ciência e religião. Embora a maioria maciça dos congressistas defendessem a formulação clássica do Espiritismo como doutrina tríplice, segundo Allan Kardec, abrangendo aspectos científicos, filosóficos e religiosos, houve algumas teses divergentes. Uma delas do jornalista Pereira Guedes, do Rio, trazia mesmo o seguinte título: «O Espiritismo é ciência e filosofia, mas não religião». Essa tese foi rejeitada pelo plenário, depois de intensos debates, em que se destacou o representante da Federação Espírita Portuguesa, sr. Fernando Campos Ferreira da Cunha, sustentando a concepção clássica.

No tocante ao aspecto científico, provocaram agitados debates uma tese sôbre a evolução da Física, apresentando essa evolução como capaz de determinar «a ampliação da obra de Kardec», e uma indicação que definia a Ciência Espírita como «ciência das relações do mundo espiritual com o mundo material», consequentemente autônoma e sem qualquer possibilidade de sujeição às ciências materiais. Essa indicação foi aprovada, passando a sua conclusão a figurar na declaração do Congresso, mas também a tese científica mereceu aprovação, considerando-se a sua contribuição para o esclarecimento das relações da Ciência com o Espiritismo.

Problemas da Imprensa

Os problemas da imprensa espírita foram objeto de teses e indicações, amplamente debatidas. Aprovaram-se numerosas recomendações quanto a problemas éticos e doutrinários da imprensa espírita, ressaltando-se as questões atinentes à liberdade de imprensa. O plenário aprovou uma tese do sr. Ferreira da Cunha, contrária à atitude de alguns jornais espíritas que divulgam matéria anti-doutrinária, a pretexto de exercer a liberdade de imprensa. O autor da tese insiste na finalidade orientadora e esclarecedora dessa imprensa, que deve limitar a sua liberdade ao âmbito da doutrina espírita. Foi também aprovado uma indicação de criação de um órgão leigo, jornal ou revista, de grande circulação nacional, mas de orientação espírita.

Umbanda e Baixo-Espiritismo

As questões relacionadas com a «pureza doutrinária» foram grandemente debatidas. Os congressistas definiram o Espiritismo como a doutrina «codificada por Allan Kardec», lembrando que a própria palavra Espiritismo foi criada pelo codificador, e repelindo tôdas as tentativas de extensão do termo às formas de sincretismo religioso afro-brasileiro. Assim, a Umbanda, Quimbanda, a Macumba, e tôdas as formas de sincretismo, em geral chamadas de baixo-espiritismo, foram consideradas como estranhas à doutrina e ao movimento espírita. Afirmaram os congressistas que o Espiritismo é uma doutrina moderna, estruturada nas obras de Allan Kardec e desenvolvida na dos seus sucessores, como Leon Denis e Ernesto Bozzano, enquanto as formas de sincretismo acima referidas existem há muito mais tempo, como fenômenos sociológicos, nada tendo a ver com o Espiritismo.

Grupos de Estudos

Uma das teses que provocaram maiores debates foi a de um membro da Delegação Paulista, propondo a criação de uma comissão nacional para lançar um movimento de formação de grupos de estudos espíritas em todo o país. A tese foi aprovada, apesar da oposição do presidente da União Espírita Mineira, que desejava entregar o assunto ao Conselho Federativo Nacional. Os congressistas concordaram com a alegação do autor, de que «a essência do Espiritismo é a liberdade, sem a qual não se pode chegar à responsabilidade». Diante disso, resolveram que o movimento deve ser criado sem qualquer forma de dependência. Ficou constituida uma comissão inter-estadual para tratar do assunto, composta dos srs. Herculano Pires e Ferreira da Cunha, de S. Paulo; Noraldino de Melo Castro, de Minas Gerais; Deolindo Amorim, da Guanabara; José Bezerra de Castro, de Pernambuco; Lauro Schleder, do Paraná e Abel Mendonça, da Bahia. Os grupos de estudos seguirão programas elaborados pela comissão, em face das sugestões que lhes forem dadas pelas instituições doutrinárias a serem consultadas.

Apoio à Federação Portuguêsa

A Federação Espírita Portuguêsa fez-se representar e apresentou uma tese ao Congresso, sôbre problema de metapsiquica. Os congressistas aprovaram uma moção de apoio àquela Federação, cuja sede se encontra fechada em Lisboa, e manifestaram seu desejo de vê-la reaberta dentro em breve.

Colação de Grau

Do jovem doutorando, pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, Adroaldo Modesto Gil, de Uberaba, esta Redação recebeu simpático convite para assistir às solenidades de sua formatura, as quais obedecerão ao seguinte programa:

Dezembro, dia 14—Conferência pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro, de S. Paulo, às 19,30 horas, no Centro Espírita Uberabense;

Dia 15—Colação de grau, às 20 horas, no Cine Metropole.

—Agradecendo o convite, desejamos ao jovem doutorando muitas felicidades na árdua missão que vem de assumir.

Nosso Representante em Fernandópolis

É nosso Representante autorizado para tomadas e reformas de assinaturas de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», em Fernandópolis e nas localidades adjacentes, Jales, Santa Fé do Sul, Três Fronteiras e outras, o nosso confrade Antonio Martins Barbieri, o qual poderá ser procurado pelos nossos assinantes, na Livraria Allan Kardec, anexa ao Centro Espírita «Pátria do Evangelho», à rua Rio de Janeiro n. 645, daquela cidade, facilitando assim aos assinantes o pagamento de suas assinaturas.

TELEGRAMA DE FELICITAÇÕES

O Senador dr. Lino de Mattos endereçou à «Revista Internacional do Espiritismo» o seguinte telegrama de felicitações pela aproximação das festas de Natal e Ano Novo:

«Brasília — D. F.— Sr. Diretor da «Revista Internacional do Espiritismo» — Av. 28 de Agosto, 780 — Matão.

Alegra-me com aproximação festas Natal e Ano Novo apresentar pelas colunas dessa acatada revista votos felicidades seus dignos diretores.

Saudações

Senador Lino de Mattos».

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 7 de Outubro de 1961

À hora regimental, com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Comenta o Presidente fatos de interêsse geral e fala sôbre a correspondência entre a FEB e o confrade Prof. José Alvarez Gasca, do México, trabalhador esforçado do Espiritismo naquêle País.

SÃO PAULO — O Conselheiro Farm. Carlos Jordão, representante da USE, de São Paulo, comunica que o trabalho, referente à UNIFICAÇÃO, já está organizado e será trazido ao Conselho.

AMAZONAS—O representante da Federação Espírita Amazonense, Conselheiro Luiz Montorfano, noticia as homenagens à personalidade de BEZERRA DE MENEZES, levadas a efeito em Agôsto, em Manaus e a continuação das obras do Hospital Allan Kardec.

PIAUÍ — Pelo representante da Federação Espírita do Piauí, Conselheiro Dr. Sylvio de Brito Soares, é relatado o auspicioso entusiasmo reinante em todo o Estado do Piauí pelo Espiritismo, bem como os progressos da escola primária «13 de Maio», da Escola «Hercília Cesar», de corte e costura, da Casa do Livro Espírita e da assistência aos alunos, com uniformes, calçado e material, tudo gratuitamente.

RIO GRANDE DO SUL—O Conselheiro Francisco Thiesen, representante da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, comunica as crescentes atividades da Federação Gaúcha, notadamente no campo cultural, citando o Cùrso de Esperanto, e a criação de uma secção de encadernação e trabalhos análogos.

O Conselheiro Brito Soares comunica que os programas radiofônicos de Geraldo de Aquino passaram a ser irradiados apenas pela Rádio Copacabana, diàriamente às 18 horas e, aos domingos, às 9 da manhã e às 9 da noite, em ondas longas de 680 kc, e, em ondas curtas, 27-4965 kc, 23-5045 kc, e 30-780 kc.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da USE, de São Paulo, encerrou o Presidente a reunião.

Sòmente a virtude é capaz de tornar o homem soberanamente feliz. — CÍCERO

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 300,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 60,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr.$ 220,00 ; Brochura cr.$ 150,00

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 70,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço: Cr.$ 280,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço: Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferênçias, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

---

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3712unse

o XXXVII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Janeiro de 1962 – N. 12

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Provas Experimentais da Sobrevivência Humana . . . . *Redação*
A Independência do Espírito . . . *Carlos Imbassahy*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . *V. O. Casella*
Cairbar Schutel . . . . *Redação*
Concepções Espíritas entre os «Bacaeris» . . . . *Deolindo Amorim*
Hipnose e Espiritismo . . . . . *Osmard Andrade*
José Arigó: Caso a ser estudado e não submetido a processo-crime . *Irmão Saulo*
O Espiritismo é a Religião . . . *Noraldino de Mello Castro*
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi*
O Papa e o Concílio . . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Índice . . . . *Redação*

AVISO

aos nossos assinantes do Sul do Paraná e Sul de S. Paulo

Tendo o nosso viajante-representante Dante Ferioli, sofrido uma fratura no braço direito, durante a sua estadia em Sertanópolis, quando a serviço de nossas publicações, e achando-se, por êsse motivo, impossibilitado de viajar durante um periodo de 60 dias mais ou menos, avisamos aos nossos prezados assinantes da zona Sul do Paraná e Sul de São Paulo, que desejarem facilitar o serviço do nosso viajante-representante, que estamos providenciando a cooperação de um confrade em cada localidade, aos quais remeteremos a lista dos assinantes para que possam proceder ao recebimento das assinaturas, que deverão ser entregues ao sr. Dante Ferioli que, tão logo possa viajar, irá terminar essas zonas.

Os confrades indicados são os seguintes; da zona sul do Paraná: Manoel Farto Valgrande, de Santo Antonio da Platina; Pedro Squiba, de Joaquim Tavora; Luiz Ariosto Cunha, de Ponta Grossa; Eurides L. Ribeiro, de Reserva; Francisco Castilho, de Catiguá; Artur Krambeck, Av. 7 de Setembro, n.° 3280 (Liquigaz) Curitiba; Antonio José G. Filho, de Morretes; Luiz Gutierrez, de Paranaguá; Armando S. Ferreira, de Antonina; José Dietrecch, da Lapa e Francisco Abreu Santos, de São Matheus. No Sul de São Paulo: José Rolin Rodrigues, de Itararé; Prof. Mario Araujo Junior, de Tatuí; Mauricio de Oliveira, de Itapeva; D. Josefina da Silva, de Itaberá; Antonio Bernardo de Freitas, de Capão Bonito; Tobias Roque de Carvalho, de Guapiara; Sebastião Cardim Filho, de Ribeira e Ciriaco R. de Paula, de Itaóca.

Pedimos aos nossos assinantes o obséquio de procurarem êsses nossos confrades para pagarem suas assinaturas, pois os mesmos têm autorização para isso e esperamos a melhor boa vontade de todos em auxiliar o nosso representante, o que desde já agradecemos de coração, pedindo a Jesus que os recompense centuplicadamente em bênçãos de paz e luz.

ANO XXXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1962 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

PROVAS EXPERIMENTAIS DA SOBREVIVÊNCIA HUMANA

A evolução espiritualista se caracteriza atualmente como um dos fenômenos mais salientes da história do nosso planêta.

Nunca, em tempo algum, o estudo da individualidade humana se revestiu de tanta importância e abrangeu esferas tão elevadas no pensamento, como o que reune neste momento a fisiologia-psicológica e psicologia-fisiológica com as suas transcendentes investigações em tôrno do *núcleo anímico* antes e depois da morte do corpo carnal.

Desde épocas longínquas em que sábios e filósofos de todos os países inquiriram o «porquê da vida» procurando a tábua rasa das suas constantes vicissitudes, em tempo algum se teve respostas tão cabais e categóricas sôbre êste problema de suma importância vital, como atualmente se verifica, com o testemunho irrepreensível de pesquisadores exigentes, que assumiram a tarefa da questão mais debatida que tem havido e que afeta de forma direta a humanidade tôda, seja em seus arremessos para um progresso mais acentuado, seja em sua escalada para o reino das virtudes ativas, onde a Verdade exalta os corações bem formados.

As conquistas do Espírito, assinalaram, de fato, o século XIX, e nós que seguimos a pista luminosa dos grandes e intemeratos pegureiros que abriram aos homens uma nova senda de evolução concomitante, graças aos fenômenos que se desdobram visivelmente em todos os países, como uma epifania de louvores aos novos tempos que surgiram para a redenção da humanidade.

Com efeito, em tempo algum, os homens puderam reunir provas tão concretas, racionais e lógicas da existência da alma e da sua sobrevivência à morte, como os que se vão registrando todos os dias em todo o mundo, e extensivamente aos sábios e leigos.

Íntimamente ligada à manifestação da alma, seja em seu estado de encarnada, seja no de desencarnada, à prova de identidade do manifestante, não era mesmo possível uma solução definitiva dessa existência, sem que a *individualidade* demonstrasse, com todos os documentos, ao seu alcance, a sua existência extra corpórea, depois do aniquilamento do seu corpo somático. Resolvido êste problema, resolvido estaria, sem dúvida, o problema da sobrevivência, que constitue a base dos problemas sociais.

Foi justamente o que trataram de fazer os Espíritos : se afirmarem a seus parentes e amigos e até a desconhecidos pesquisadores que se encarregariam depois de colher os dados necessários para a identificação dos manifestantes. E assim intuidos da melhor boa vontade, submissos em face dos contrôles de pesquisadores desconfiados, êles completaram, ante as exigências científicas, as mais cruciantes provas que qualquer de nós pode dar ao seu semelhante e à sociedade, da sua existência individual. E que outra prova poderemos nós mesmos dar de nós senão aquela que os Espíritos dos «defuntos» têm oferecido em suas múltiplas e variadas manifestações aos sábios e experimentadores que erguem as pedras tumulares e fazem os mortos falar!

Em tôda fenomenologia Espírita nós vemos testemunhos tão emocionantes da existência dos que passaram para o Além, que seria estultícia negar êsses fatos tão evidentes como a luz meridiana.

A identificação não tem sido feita ùnicamente com o auxílio de fenômenos subjetivos (de que também nos servimos para nos tornar conhecidos aos nossos amigos de longe), mas por fenômenos positivos como a «voz direta», a «impressão digital», a «moldagem», a «fotografia», «materialização de mãos, pés, de cabeças, do corpo inteiro.» Não é só do estilo que os Espíritos se têm servido para provar a sua identidade, mas também da própria voz e da letra que usavam quando revestidos do corpo carnal e se dirigiam aos seus comensais, amigos e conhecidos.

O Espiritismo veio pois trazer basta contribuição para a elucidação da Psiqué humana, concorrendo ainda com a descoberta do *perispírito,* o corpo inseparável da alma, onde se registram as lembranças, o grande inciclopédico dos conhecimentos adquiridos em vidas sucessivas e na Vida Espiritual, etapas de existências para o nosso progresso contínuo para a Luz.

E à evolução espiritualista, não há a negar, nós devemos a ação persistentes dos fenômenos psíquicos e fisiológico-psíquicos verificados em todo mundo por pessoas insuspeitas, mas devemos também ao trabalho original de coordenação das revelações, das comunicações e das mensagens codificadas num sistema verdadeiramente admirável pelo gênio brilhante de Allan Kardec e outros tantos auxiliares que se dedicaram à essa obra de erguimento humano.

As provas da existência da alma humana e sua sobrevivência, aí estão insuperáveis. Tudo isso é emocionante e alegra o coração de quem estuda e trabalha pelo bem coletivo.

Ontem fomos, hoje somos e amanhã seremos.

O verbo «ser», no Espiritismo, não só se conjuga no passado e no presente, mas também no futuro.

A Independência do Espírito

Já vimos que, por desconhecerem os fenômenos parapsíquicos, supõem os doutos, e muitos de invejável reputação, que o espírito se acha estreita e indissoluvelmente ligado ao corpo, e daí o materialismo, o cepticismo, o negativismo e muitas vêzes o abrolhar de idéias extravagantes.

Para mostrar que não existe aquela ligação, procurei apresentar as relações do espírito para com o cérebro, seu paralelismo provisório e relativo; a opinião dos Mestres, que não viam nas funções cerebrais nada que justificasse a produção do caráter, da virtude, do bom senso e de outros predicados, que não se sabe como, poderiam sair das células, e nem mesmo se encontrariam nos ancestrais; e finalmente os casos que demonstram a independência espitual, mormente no desnorteante fenômeno das lesões cerebrais, sem o compromisso dos fenômenos mentais que lhe deviam ser consequentes.

Há uns tantos termos que parecem arrasadores em se tratando de fisiologia cerebral. Assim, quando se fala em matéria cinzenta temos como certo que dela depende a inteligência, a acuidade do cidadão. Mas vem Prince e nos diz:

> «Sabe-se que o cerebelo *(le petit cerveau)*, é em proporção a mais rica de tôdas as peças encefálicas

> em substância cinzenta ; ela é apenas o centro dos reflexos, do equilíbrio, dos movimentos, do ato sexual. O animal menos dotado de inteligência, que é o peixe, tem um grande cerebelo».

Em que fica então o papel clàssicamente outorgado a êsse tecido nobre, a êsse tecido pensante? E olhem que pensar como um peixe não deverá ser dos maiores dons.

E a propósito de tecidos cerebrais conviria lembrada a judiciosa observado do Dr. Roger em *Les Fonctions du Cerveau,* 1937 :

> «Um homem que, durante a vida, só fêz exercícios musculares, analfabeto, possui as mesmas células que o maior dos intelectuais. Elas aumentam com a idade ate os quarenta anos. O trabalho cerebral dir-se-ia fora das células, que serviriam principalmente para a nutrição das fibras. comandariam a direção das correntes nervosas e interviriam em atos inibitórios».

Como se vê, muito pouco.

* * *

Já vimos que no sono a nossa atividade psíquica deveria estar adormecida, a igual da física. Mas os fatos demonstram que se dá, por vêzes, precisamente o contrário. Os fatos, portanto, estão ao lado de Allan Kardec quando assegura, pela voz dos Espíritos, que nêsse estado fisiológico, o espírito se desprende, e fora dos liames da carne, vê, ouve, e faz o que não poderia fazer e ver prêso ao soma.

Dizia Sage em *Zone Frontière,* p. 234 :

> «Se a alma não fôsse mais que um produto do corpo, o sono não seria mais que um afrouxamento ou um arresto no funcionamento desta alma, e nêsse caso não se explicariam, não só as criações do gênio, senão todo o trabalho feito durante o sono.»

Dão-se, de fato, durante o sono, coisas prodigiosas. Já o vimos em artigo anterior, com o auxílio do próprio Dr. Osmard Andrade.

Varley, o célebre eletricista inglês conta, num inquérito da Sociedade Dialética de Londres que, em viagem, fôra, certa noite, para um hotel que lhe era desconhecido. Em sonho viu o páteo do hotel e notou que havia aí operários trabalhando. Quando acordou, dirigiu-se ao local e verificou a realidade do sonho.

Camille Flammarion, em «*L'Inconnu*, narra setenta casos semelhantes. Vamos encontrá-los ainda nos *Proceedings* de Londres, t. 1, p. 30 e t. 11, p. 160. Temo-los ainda mais na obra de Leon Dénis—*Dans l'Invisible,* p. 170, além de muitas outras.

Parece mais claro acreditar que êsse Espírito, no sonho, como também se dá em vários casos de desprendimento espiritual e até em vigília, afrouxa as correntes materiais, e afastado do corpo, nota, vê, observa e relata depois o que sucedeu durante a sua viagem espiritual.

Abundam—e melhor afirmaríamos — superabundam, nos relatos da fenomenologia supranormal, os vários casos onde se percebe a independência do Espírito, quando, por vários motivos, mórbidos ou não, abandona o corpo físico e descreve o que se passa à distância.

Não é curial que se ponha de lado tudo isso como entraves à Ciência e se tenham como extraordinàriamente científico, para o caso, as explicações que não passam de hipóteses e as mais das vêzes, mal formuladas.

Mais difícil ainda é explicar com os processos cerebrais o que refere Hugo Grotius, o autor do célebre tratado *De jure belle et pacis.* Diz-nos êsse internacionalista em *Phare de Normandie,* 1893, 2.a parte, p. 405 :

> «Uma pessoa que nada sabia do grego procurou o Dr. Saumaise, reputado helenista, para que lhe traduzisse estas palavras que ouvira em sonho : Apithi ! one osphraine ten sen apasuchian — E Sumaise traduziu : — *Sauve-toi. Ne sens-tu pas la morte que te menace ?* O que em português seria : — Cai fora ! ... Pois não vês que a morte te ameaça ?
>
> O tal deixou mais que depressa a casa que habitava e ela caiu no dia seguinte.»

Os grandes pensadores, aquêles que não se acham enlaçados por idéias irremovíveis, percebem que nos fenômenos, como os de certos sonhos e os chamados de exteriorização, há o desprendimento do Espírito. E' essa a opinião de Frederico Myers, em *Human Personality* :

> «Em tôdas as épocas concebe-se que o Espírito seja susceptível de deixar o corpo, de estender consideravelmente seu campo de percepção, fazendo surgir um estado semelhante ao êxtase.»

Que seria o êxtase, de que nos fala Myers ? Define-o o historiador Henri Martin, em *Histoire de France*, p. 143 :

> O êxtase é um estado de exteriorização psíquica onde a alma se desprende de seus laços naturais e se torna apta a ouvir vozes, a perceber as influências do mundo espiritual e a compreende-las.»

O Dr. Eugène Osty, que nunca abandonou o aprumo científico, falava-nos em plano críptico a que o espírito ascendia.

O Dr. Golinski, médico em Krémentchug, relata nos *Proceedings inglêses* o seguinte caso desprendimento no sono :

> «Estendi-me em um canapé e adormecí. Vi-me transportado a um pequeno quarto ; à direita da porta havia uma cômoda e sôbre ela uma lâmpada de petróleo, de forma particular, diferente de tôdas que eu estava acostumado a ver. Á esquerda havia uma cama onde jazia uma mulher com forte hemorragia. Fiz o exame, receitei e acordei. Eram 4 horas.
>
> Dez minutos depois tocaram a campainha. Fui chamado para uma doente. Ao entrar no quarto, espantei-me porque conheci aquêle no qual estivera em sonho. O que, sobretudo, me impressionou foi que havia na cômoda uma lâmpada de petróleo perfeitamente idêntica à de meu sonho, e que via pela primeira vez».

Metzeger *(Essai sur le Spiritisme Scientifique)*, examinando as hipóteses dessas revelações no sonho, alvitra o seguinte :

> «A alma afasta-se do corpo e se transporta diretamente, com tôdas as suas faculdades pensantes, sua sensibilidade própria, aos lugares ou junto às pessoas para as quais é chamada sua atenção. Percebe tudo o que é capaz de interessar o consulente, e retomando posse de seu organismo físico, narra o que viu e ouviu.»

Essa hipótese de Metzeger — acrescenta A. Primot — encontraria apôio no dizer de certos sonâmbulos que têm o sentimento nítido de que algo que está neles se lhes destaca do corpo e se dirige para o fim fixado.

Ao que Sage acrescenta :

> «Muitos declaram até quais as pessoas que se encontram no seu percurso sonambúlico.» (Sage. — *Le Sommeil Naturel et l'Hipnose)* p. 182.

E de Frederico Myers, obra citada :

> «Parece nêsses casos que a alma tem a faculdade de visitar à vontade e com tôda a independência, não importa que lugar.»

* * *

Se os hipnotizadores modernos, a exemplo dos magntizadores antigos, pudessem alforriar-se das idéias prèviamente estabelecidas, de seus pontos de vista pessoais, ou de classe, enfim, de seu misoneismo, muito contribuiriam para a ciência da alma em vez de se afastarem dela sistemàticamente.

Ensinava Deleuze em *Instruction Pratique sur le Magnetisme*, p. 315 :

> «As faculdades no sonambulismo se exaltam em proporções que diferem completamente das que se lhe conhecem e parecem pertencer a um ser diferente».

E à pag. 315 :

> «Nos sonâmbulos desenvolvem-se faculdades de que somos privados na vigília».

Moraud parece seguir-lhe as pegadas *(Magnetisme Animal*—p. 327), pois que, acompanhando ainda vários outros autores, assegura-nos que nas pessoas adormecidas hipnòticamente há um desenvolvimento maior de inteligência.

Myers, obra citada, considera que

a memória cresce à medida que se aprofunda a hipnose.

É na hipnose profunda que se observa o desprendimento do Espírito, e daí vários fenômenos que o hipnólogo não sabe explicar e que, catalogando-os como hipnóticos, sem maiores divagações, se dá por satisfeito.

No sono profundo o ser espiritual desliga-se do corpo e do hipnotizador; obedece-lhe quando julga conveniente, e para fins úteis ou científicos; já não é o humilde serventuário, o paciente grotesco, o fâmulo servil, o obediente incondicional. Mergulha então nêsse denominado plano transcendental ao qual muitos se referem por descargo de consciência, e passa a dizer o que quer e o que sente.

Com razão assegurava-nos Du Potet *(Manual do Estudante Magnetizador)*:

> «E justificável dizer-se que o Magnetismo pelo sonambulismo abre uma porta para o invisível.»

Pierre Janet verificou que a sugestibilidade dos indivíduos decresce e chega a desaparecer à medida que se aprofunda a hipnose. Para êle o histérico e o sonâmbulo teriam no ser um sósia misterioso.

Seria êsse sósia as influências estranhas que êle não podia conhecer e ainda hoje desconhecem notáveis pesquisadores nos campos da Hipnologia.

Reportando-se ainda a Deleuze, êsse observador despreocupado de convenções, ouçamo-lo no seu livro já citado:

> «A alma parece desprender-se dos órgãos e o sonâmbulo torna-se independente da vontade do magnetizador. A êsse estado dá-se o nome de êxtase ou exaltação magnética, considerando-o os autores alemães como muito perigoso. Ainda nêsse estado, o espírito se enche de idéias religiosas, de que nunca se ocupara, vê por tôda a parte a ação da Providência; esta vida lhe parece uma viagem durante a qual devemos recolher o que nos é necessário para a nossa eterna morada. A independência da alma, a liberdade do homem, a imortalidade são para êle verdades evidentes. Feliz aquêle a quem o acaso fêz encontrar um sonâmbulo dessa ordem, porque não há qualquer outro meio de fazer nascer num sonâmbulo comum as faculdades que acabo de descrever». — *Instruction,* p. 143 e seguintes.)

E um sábio alemão, conforme transcreve em seu livro, declarava:

> «Parece-me que a alma humana entra numa região onde nada há de convencional, nada de tradicional, nada de arbitrário... Nada conheço que possa no mesmo grau inspirar o entusiasmo da virtude, que faça nascer e fortificar o sentimento religioso, purificar a alma, desviá-la das vaidades do mundo, encaminhá-la para essa região onde se encontra tôda a vida e tôda a verdade.»

A região de que fala o sábio tedesco e que outros já têm vislumbrado, essa onde penetra a alma desprendida, seja no sono sonambúlico ou natural, em hipnose ou nos arroubos da vigília, seja por qualquer motivo que a faça soltar-se das gramalheiras que a retêm, é o plano críptico de Osty, é o reservatório universal de James, são as paragens misteriosas de muitos observadores, quando ela não passa do plano espiritual, de que tratam e trataram os Espíritos, onde a Verdade aparece, fora do protocolo, das convenções e dos erros que pululam neste baixo nível da matéria.

Como se vê, a experiências dos antigos desbravadores, no campo do Magnetismo, êsse precursor do Hipnotismo, sem se afastarem dos processos naturais, diziam o que hoje repetimos.

Enfim, quando os hipnotizadores tiverem olhos de ver, prestarão à Ciência um serviço que estão longe de imaginar e muito se arrependerão daquilo que a nós atribuem: — o obstáculo à verdade científica.

Carlos Imbassahy

«SOU FELIZ porque não quero nada de ninguém». — «Mas agrada-me a estima de meus camaradas de trabalho.» — ALBERT EINSTEIN.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

VI

E' de se admirar que o dr. Osmard, culto e inteligente, insista num equívoco, afirmando que o tipo nervoso, Débil, Desequilibrado, Instável, da sua reflexologia, — NADA TEM COM O INSANO MENTAL —.

Vejamos como é enganosa sua tese.

Da forma como apresentou-a, no seu artigo do mês anterior, vulgarmente não se considera mesmo insanidade mental, êsse seu tipo reflexológico. Mas sob análise da Psiquiatria, trata-se de um perturbado mental. E é por esta, a da ciência, que discutiremos.

Cuidemos dos característicos dos três tipos separados, passando de relance pelos Débil e Instável, para melhor exame do Desiquilibrado.

O caracterìstico de *Intensidade,* diz-se o Forte e o *Débil*, com os quais o dr. Osmard diferencia duas naturezas do Homem, pela sua capacidade em receber estímulos. Do tipo Forte diz-se dos mais resistentes, mais próximos da natureza rude animal. E do *Débil*, os mais apurados, bem distanciados da animalidade. Mas ao definir o *Débil* conceituou como os de — corticalidade (do seu livro) cansável, deprimível, esgotável. Ora, estas qualidades são de predisposição à morbidez mental. Não deixam de ser predicados do tipo *Débil*, mas nem todos *Débeis* teriam essas predicações.

Vamos repetir ísso em sentidos extremos.

Os Homens dividem-se em duas naturezas distintas: os civilizados (os das metrópolis), e os não civilizados (os das selvas). A neurose, doença mental, só atinge aquêles, sendo nula entre os selvagens. Logo, todos os neuróticos são civilizados, mas nem todos civilizados são neuróticos. Neste caso, seria incompleto definir os civilizados pela neurose, para diferenciá-los dos selvagens. E foi isso que aconteceu com o tipo *Débil* do dr. Osmard que, sem recurso vocabular para uma definição completa, valeu-se daquelas qualidades mórbidas de uma parte. Assim não pensou, mas assim escreveu. Pela sua tese, o tipo Débil seria um predisposto a doenças mentais.

Quanto a *Labilidade,* característico do seu tipo *Instável,* traiu sua própria tese da saude mental, ao dizer: «Vejam os histéricos. Já não dizia Vieira: — Flor da histeria chorava e ria?»

Ora, se isso é saúde mental, em reflexologia, a mentalidade dos reflexologistas está em dùvida, achando-se muito mal representada nesse tipo *Instável.* Isso é doença mental que no Manual de Psiquiatria, do prof. H. Roxo, (pelo qual seguiremos) pag. 58, rotula de: METATIMIA (mudanças bruscas e labilidade do sentimento) é própria dos histéricos e esquizofrênicos.» Seria preciso mais?

Passemos agora ao ponto alto da questão, o característico *Equilibrio,* dizendo-se do tipo *Desequilibrado.*

Como bem disse, todos nós excitamos ou deprimimos, mas há os que se acentuam nesses extremos. Os excitados seriam os palradores, coléricos, vibrantes..., e os deprimidos, ou melhor, os inibidos seriam os tímidos, sonhadores, tranquilos..., exemplos êstes do próprio dr. Osmard. Esses tipos, habitualmente nesses dois extremos, excitatívo — inibitivo, a sua reflexologia muito bem os rotulou de *Desequilibrados.* Os que se acham na fase média, não tendendo para aquêle ou este extremos, são os equilibrados. Mas diz o dr. Osmard que os tipos *Desequilibrados* são mentalmente normais, quando em Psiquiatria tratam-se de psicopatas, indivíduos afastados do termo médio da conduta humana, isto é, não se condizem dentro da harmonia mental, alterada nas acentuações dêsses extremos. Não estão necessàriamente isolados da sociedade onde, embora alguns mostrem-se desajustados, geralmente não chamam atenção digna de nota. Ao pùblico leigo, como vem acontecendo com a reflexologia do dr. Osmard, passam como normais, rotulando-os, os mais acentuados, de nervosos, esquisitos, sentimentais, etc..

Busquemos alguns daqueles exemplos, apresentados como reflexológicamente normais, e vejamos a rúbrica psicopática de cada qual dêles, em Psiquiatria: — *palradores;* Excitados Constitucionais de H. Roxo. (pág. 460); — *coléricos;* Irritáveis de Krapelim, desequilibrados mentais (pág. 457); — *tímidos* e os *sonhadores;* aquêles da Constituição Emotiva (pág. 454), e êstes os Mitomaníacos (pág. 452), ambos de Dupré, também desequilibrados mentais.

Aí é fácil de ver-se que a reflexologia do nosso incansável antagonista não tem amparo na Psiquiatria.

Defende-se ainda que o têrmo é reflexológico. Mas porque isto se tudo aí dêsses conceitos de tipos desequilibrados foram tirados da Psiquiatria? O que vem a ser os temperamentais de Hipocrates, com os quais se valeu ali na sua reflexologia, a não ser os mesmos psicopatas das atuais classificações? O próprio dr. Osmard demonstrou isto quando pretendeu modernizar o seu tipo reflexológico, com uma atual rotulação correspondente ao antigo melancólico, de onde tirou o seu protegido desequilibrado. E ao achar o sucessor, antes de meditar, jogou a cartada, sem perceber que o trunfo era nosso, tal como fez com aquela sua outra jogada, mais acima, exemplificando saúde mental do tipo Instável, com aquela labilidade histérica. E disse, com muita ingenuidade: «Assim o melancólico seria o esquizotímico.»

Ora, então, se o seu tipo desequilibrado do antigo melancólico de Hipocrates é o esquizotímico de hoje, já não mais poderá dizê-lo — nada tem com a insanidade mental—, porque a atual esquizotímia é uma psicopatia. Vejamos o nosso Manual, na pág. 453: «A personalidade esquizoide constitue a base fenotípica das reações esquizofrênicas (...). Os psicopatas desta variedade vivem no mundo social, não integrados, não adaptados nêle, mas ao lado dêle, contra êle.»

E agora? desmentiu a si próprio. Veja aí, a informação é sua. Ou vae também dizer que a esquizotímia é têrmo reflexológico?

Aí está o fim da história dêsse seu tipo Desequilibrado. Científica e modernamente falando-se; autêntico psicopata.

E ainda, foi infeliz o dr. Osmard ao tentar valorizar sua tese, citando uma série de têrmos científicos, os quais nada dizem a favor da sua causa da saúde mental. Falou em brevilíneo, longilíneo... (arquiteturas corporais), conceitos êstes sem interêsse, pelo menos no momento, para a atual questão, e escorregou-se para o — astênico e ciclotínico —, ambos psicopatias. Passemos-os de relance, começando pela ciclotímica. Pág. 274: «...que o prof. Rybakow, de Moscou, estudou em 1914 muito bem, sob a rúbrica de ciclofrenia, o indivíduo vive oscilando entre a alegria e a tristeza... Corresponde isto ao que os psiquiatras chamam ciclotimia. Poder-se-ia dizer uma miniatura de psícose maníaco-depressiva.» Citou isso para o seu tipo?

Do astênico, pág. 135: «O astênico (...) corresponde ao microsplâncnico da classificação de Viola... Há predisposição a Neurastenia constitucional e sindromas melancólicas e supondríacas.»

Aí, além da tendência psicopática do astênico, aproveita-se ver que, como disse no seu artigo, se a classificação de Hipocrates corresponde a de Viola e a de Pende, aí está por aquêle, tudo ainda conspirando contra a sua causa. E a comparação com a de Pende ainda lhe é mais chocante, ao lermos na pág. 130: «Em 1922, Nicola Pende, ampliando estudos já por êle feitos em 1916, estabeleceu uma obra fundamental no assunto em que as anomalias sociais de conduta dependem muitas vêzes de distúrbios endócrinos e hormônicos, e criou uma escola tipológica que muito interessa ao psiquiatra e ao criminologista.»

Se fôr exata a comparação sua, do seu tipo reflexológico, com esta classificação, então o seu caso agora não é só de Psiquiatria, mas também de criminologia.

Assim, não é mais interessante jogar com citações para valorizar a sua tese. Pensa em saúde mas só fala de doenças mentais. Seria como disse, ali, no final do seu trabalhinho que,—ao falar em têrmos de reflexologia, em Débil, Desequilibrado, Instável, não estava referindo, citando ou pensando em mentais. É verdade, não pensou no que escreveu. É lamentável tal descuido.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara — Est. S. Paulo

CAIRBAR SCHUTEL

A data de 30 de janeiro jamais poderá ser por nós esquecida, pois que ela relembra o 24.° aniversário da passagem, para o plano espiritual, do nosso inesquecível diretor e verdadeiro companheiro, Cairbar Schutel.

Nós, que convivemos em sua companhia, lutando ao seu lado por muitos anos em prol da mesma causa que êle tão sinceramente abraçara e à qual sempre, enquanto viveu neste plano, defendeu leal e tenazmente, não medindo os maiores sacrifícios que se lhes apresentassem pela frente, sacrificando, mesmo, muitas horas do seu descanso físico, — nós, como vínhamos dizendo, por mais que escrevêssemos sôbre a sua grande personalidade, jamais poderíamos retratá-lo fielmente.

E êle o era, de fato, o espírita verdadeiramente espírita, em tôda a extensão da palavra. Bom, sincero, alegre e por vêzes mais humilde até, para com os mais humildes do que êle.

Jamais alguém o vira zangado, assim como também jamais alguém batera em sua residência ou em sua farmácia, que não fosse atendido no que necessitasse.

Não pregava o Evangelho sòmente para engrandecimento da Doutrina que defendia, mas punha em prática, religiosamente, os preceitos evangélicos, principalmente o — amai-vos uns aos outros, — pois que êle dispensava o seu amor e o seu carinho até às aves e animais, que lhe eram próximos.

* * *

Pelo transcorrer, a 30 de janeiro próximo, de mais um aniversário do desencarne dêste nosso companheiro e amigo, verdadeiro Apóstolo do Espiritismo, aqui deixamos consignado o preito de saudade e de reconhecimento pelo muito que êle nos deu, com os nossos melhores votos de muita paz, luz e cada vez maiores progressos espirituais.

Concepções Espíritas entre os "Bacaeris"

DEOLINDO AMORIM

QUEM estuda as crenças e os costumes de certos povos, chamados primitivos, sabe que entre alguns dêles, principalmente, havia noções positivas do *perispírito*, como da reencarnação, do fenômeno de bi-locação e outros fenômenos, hoje explicados pelo Espiritismo. Sabe-se da existência de grupos e sociedades onde, por exemplo, os etnólogos descobriram, até, o hábito de se colocar alimento na sepultura do *morto*, tal era a certeza de que êle voltaria. A crença na imortalidade da alma e na volta do espírito é um fato corrente entre vários dêsses povos. Já é notòriamente conhecida a crença na comunicação dos espíritos entre os *Baganda*, na África, em cujo acervo de noções religiosas também se identificou a idéia de reencarnação do espírito. Pesquisas posteriores, entre os *Zuni*, no então Novo México, verificaram que êles aceitam a reencarnação, embora não se saiba, ao certo, de onde trazem essa crença ou através de que meios receberam a noção das «vidas sucessivas». Seja como fôr, êles cultivam a idéia reencarnacionista. Naturalmente houve contactos muito remotos, com povos de origem ainda não definida, pois o entrosamento de culturas, entre os primitivos habitantes das terras americanas, disseminou muitas idéias e concepções religiosas de procedência estranha, inclusive da Ásia, segundo opiniões dignas de crédito.

Um dos casos mais típicos, em relação ao *duplo etéreo*, como também sôbre a dualidade corpo-espírito, está na tribo dos *Bacaeris*, estudada pelo grande mestre, que foi Capistrano de Abreu, em seus «Ensaios e Estudos». Capistrano é um dos nossos maiores historiadores, sua obra, principalmente no que diz respeito ao período colonial, é uma fonte de consulta quase obrigatória. Estudando os *Bacaeris* (índios localizados nas cabeceiras do Tapajoz e do Xingu, em Mato

Grosso), Capistrano de Abreu notou que êles têm uma concepção tríplice do homem: o corpo, a alma e, por fim, o que êles denominam a *sombra*, que «veste e despe a sua camisa com facilidade...» A *sombra* deixa o corpo, entre e sai. A concepção tríplice, como se vê, é idêntica à concepção espírita, com a diferença, apenas, da nomenclatura empregada. Há um ponto, ainda mais interessante: os *Bacaeris*, como diz o nosso historiador, não consentem que se acorde a pessoa que está dormindo, porque *a sombra pode ainda não ter revestido sua camisa*. Que quer dizer isto? Em têrmos de Espiritismo, quer dizer que, durante o sono, o espírito desprende-se temporàriamente do corpo, mas fica vinculado fluìdicamente a êste, até que se dê o retôrno. A idéia geral dos *Bacaeris* aproxima-se bastante do Espiritismo, embora sejam diferentes os modos de interpretar os problemas. A idéia de *sombra* corresponde ao que denominamos *perispírito*, mas é preciso notar que êles têm uma noção firme de que êsse elemento fluídico pode sair do corpo, no período de sono, e tomar a forma que quiser. E não é isto mesmo o que ensina o Espiritismo?

Capistrano de Abreu cita, por exemplo, as informações que foram colhidas da própria boca de um *piahí*, que deve ser um chefe ou elemento categorizado na tribo. Vejamos o que diz o *piahí*, tal como está reproduzido com as palavras do historiador: «*quando dormimos, nossa sombra CONVERSA COM OS ESPÍRITOS, (yamura); NOSSA SOMBRA PASSEIA LONGE; QUANDO NOSSA SOMBRA VEM, ACORDAMOS*». O que se quer dizer, aí, é apenas isto: quando estamos dormindo, nosso espírito faz as suas viagens, conversa com outros espíritos, traz impressões novas etc. etc. O modo de apresentar o problema é que é diferente, porque os *Bacaeris* falam na *sombra*, que deixa o corpo, vai passear longe etc., quando, na realidade, é o *espírito* que se afasta, tomando a forma que lhe convém, através do perispírito. Naturalmente êles não podiam ter uma nomenclatura adequada para exprimir certas idéias ou explicar determinados fenômenos, mas a concepção é, em tudo por tudo, a mesma do Espiritismo. Ainda pelos relatos do ilustre historiador brasileiro, verificamos que os *Bacaeris* tinham, também, uma idéia segura quanto ao fenômeno do sonambulismo e suas relações com a emancipação da alma.

Muita coisa poderíamos ainda transcrever de Capistrano, a respeito de certos fenômenos mediúnicos entre aquela tribo matogrossense. Como não queremos alongar estas sumárias considerações, devemos dizer que o historiador nada tem que ver com a crença nem nos consta que êle haja demonstrado alguma inclinação para os estudos espíritas. Descreve os fatos imparcialmente, adstrito exclusivamente à História.

Convém notar, agora, que os fenômenos psíquicos e os «extra-humanos» são encontradiços, como se sabe, em todos os agrupamentos tribais. Certos fatos, relatados por historiadores, etnólogos, antropólogos e sociólogos modernos, embora não tragam nenhuma novidade para quem já conhece Espiritismo, servem para corroborar a Doutrina. Isto demonstra que os fatos espíritas ou, para falar com mais clareza, os fatos que servem de objeto ao Espiritismo, em tôda a sua variedade fenomenológica, não são registrados apenas na literatura espírita, mas constituem motivo de observações e estudos em vários outros campos de conhecimento. Daí, pois, se pode concluir que as proposições básicas do Espiritismo têm apôio, também, fora da Doutrina, através de testemunhos absolutamente insuspeitos.

O Espiritismo encontra confirmações dentro da Sociologia religiosa, como da Antropologia, da História das Religiões, da História da Civilização etc. Justamente por isso, por ter compreendido, desde cedo, que o Espiritismo tem uma amplitude maior do que parece, foi que o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, ao organizar o seu *plano de curso*, introduziu algumas matérias de cultura geral, entre elas, por exemplo, a Sociologia, cujo estudo muito interessa ao conhecimento sistemático da Doutrina Espírita. A parte de Sociologia religiosa, especialmente, e que foi a matéria do último ano, tem elementos muito interessantes para a compreensão de certos fenômenos socio-religiosos, com os quais o nosso movimento não pode deixar de ter pontos de contacto. Vimos, nêsse estudo, como certas formas de culto se desenvolvem, dentro de certas sociedades, como recebem influências culturais diversas até chegar ao fenômeno de *aculturação*. Tudo isto interessa ao estudo geral do Espiritismo, no ângulo sociológico, porque existe um movimento espírita dentro da sociedade brasileira, com idéias próprias, é verdade, mas nem por isso isento de sofrer influências sociais diversas. Vimos, ainda, na Sociologia Religiosa, como os simbolismos, os ritos e até as concepções místicas tanto podem sofrer a influência do meio, como podem, também, influenciar determinados grupos. Além de tudo, estamos vendo que, na parte especifica do fenômeno, isto é, do fato mediúnico em si, o que não falta, para reforçar a Doutrina Espírita, são depoimentos e narrativas, como estudos e pesquisas históricas, sociológicas etc. Cada vez que procuramos fazer incursões fora da Doutrina, enveredando pela História, pela Antropologia, pelo domínio das Religiões etc., sempre encontramos alguma coisa que confirma o Espiritismo, provando, assim, a sua universalidade, já em relação à fenomenologia, já em relação à tese reencarnacionista e a determinados princípios doutrinários. O Espiritismo é um corpo de doutrina independente, com organização própria etc., mas a verdade é que nós compreendemos ainda melhor a sua extensão e a sua segurança quando podemos estudá-lo no conjunto dos conhecimentos humanos, abonado por uma inevitável convergência de fatos e estudos diversos.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

VI - DÉBEIS? DESEQUILIBRADOS? INSTÁVEIS?

(Conclusão do capítulo VI)

Saibam ainda mais os senhores leitores da RIE que os indivíduos mais fàcilmente hipnotizáveis, são justamente aqueles nos quais predominam os processos de inibição. Porque inibição é sono. E hipnose é sono. E no entretanto, os indivíduos mais fàcilmente hipnotizáveis são justamente os mais inteligentes, os mais *lábeis*. *Porque labilidade mental è inteligência.* E não loucura. E no entretanto, os indivíduos mais fàcilmente hipnotizáveis são aqueles que apresentam tendência para se deixarem vencer pela estimulação débil, os que se fatigam ràpidamente, os mais sensiveis, os não embrutecidos, os não primitivos, os mais refinados.

Tudo ao contrário do que vivem por aí a gritar, os srs. Casella e Imbassahy. Mas isso não lhes entra na cabeça. Positivamente, os srs. Casella e Imbassahy são fortes (insensíveis), são inertes (senis), são equilibrados (indiferentes).

Tudo isso está explicado no meu livro «Manual de Hipnose Médica e Odontológica.» E até com mais detalhes. No livro que o sr. Casella leu mas não entendeu, OU NÃO QUIS ENTENDER PORQUE NÃO LHE CONVINHA. No livro que o sr. Imbassahy não leu, e se tivesse lido, pouco lhe adiantaria.

Já disse no primeiro capítulo e torno a repetí-lo. Escrevi um livro para MÉDICOS. Não para os espíritas. Não para os padres. Não para os leigos. Não para pessoas que, não tendo nível para entender o assunto, ainda têm coragem de discutir e condenar o que foi escrito depois de confessarem pùblicamente : — «*Pela nossa insuficiência na matéria científica ali exposta e incompreensão de têrmos empregados, não pudemos bem avaliar...*» como o fez o sr. Imbassahy !

E' de se tirar o chapéu...

Na primeira crítica publicada contra mim nesta Revista (abril - maio de 1960, nºs. 3 e 4, pg. 80), o sr. Casella, estribou-se num trêcho do meu livro. «*Ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, desequilibrado, instável...*» E vai daí, começou a guerra. *EU HAVIA CHAMADO AOS ESPÍRITAS, A TODOS, DE LOUCOS !* E escreveu quatro páginas para defender a sanidade, a inteligência, a normalidade mental de seus companheiros de prática kardecista.

Percebi fàcilmente o ingênuo engano do sr. Casella. Escrevi-lhe uma carta alertando-o para o êrro. Pedindo-lhe que lesse o meu livro TODO para que aprendesse o verdadeiro significado das palavras *débil, desequilibrado* e *instável,* em seu sentido reflexológico, tal como foram usadas. Pensam que êle parou para pensar? Não. Insistiu no êrro. E foi publicar em «O Clarim» uma nova catilinária contra mim. E insistindo no mesmo assunto. E continuou escrevendo para a RIE uma série de «nonsenses» sôbre assunto que, positivamente, desconhece. E ainda tentou defender-se, justificar-se do êrro cometido, correndo a rebuscar o «Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa», para afirmar que lá, no tal dicionário, *desequilibrado é o que não está em equilíbrio* (certo, quanto ao caso) *OU* o que perdeu o equilíbrio mental. Dêle só entendeu a segunda alternativa, jamais a primeira. Insiste—êle, sim—em atribuir insanidade mental aos espíritas. E ainda mais esta monstruosidade:—«Desejamos esclarecer que o têrmo — desequilibrado—quando desacompanhado de qualquer especificacão, por si só deixa subentendido que se refere a desequilíbrio mental.»

Como vêm, o Sr. Casella também ministra aulas de português. Êle *deseja esclarecer* que a palavra *desequilibrado* assim, sòzinha, sem *especificação* (sic) só pode ser desequílibrio mental. Nenhum outro tipo de desequilíbrio. E mais adiante, nos oferece esta jóia:—«O têrmo desequilibrado não é uma propriedade exclusiva sôbre (sic) reflexologia, como também *não os são* (vejam o professor!) os outros dois ao seu lado — débil—e—instável—, *possuindo,* (vejam o mestre!) todos êles outros sentidos no quadro clínico da Psiquiatria».

Que pretendia o sr. Casella? Que escrevendo um livro MÉDICO, para MÉDICOS, em linguagem técnica (que os médicos entendem!), depois de cada têrmo técnico, repetidos aos milhares nas setecentas páginas do livro, eu consignasse a tradução da palavra, para que êle, Casella, pudesse entender?

Como devo classificar isso? Ainda, ingenuidade? Ou algo mais?

A carta que lhe mandei saiu publicada nesta Revista, n.º de outubro de 1960, pg. 210. E que pensam os senhores que aconteceu depois disso? Quedou-se o sr. Casella? Não. Voltou a escrever sôbre o mesmo assunto. E espicaçou os ardores literários de um certo Sr. Imbassahy que também saiu a campo com uma série de artigos cujo título já traduz bem a atenção que êle empresta ao «que não lê»:—«Sessões, Médiuns e DÉBEIS». De volta os loucos, os insanos, os psicopatas...

Agora, é de rir-se...

O Sr. Imbassahy não lê nem ao menos a Revista onde escreve. Aliás, o Sr. Imbassahy não é de comprar livros. Não leu o meu, embora queira criticá-lo. Mas leu um trecho, transcrito no livro «O Espiritismo no Brasil» de Frei Boaventura Kloppenburg, livro que também não comprou mas pediu emprestado (confessou isso) sendo, por isso obrigado a lê-lo às pressas para devolvê-lo. Se lendo às pressas, já não entende, imagine-se não lendo...

Fico a imaginar o porque dessa angústia, dessa quase obsessão em defender a sanidade mental dos espíritas. A mim, que não os ataquei disso, dá-me vontade agora de pensar um pouco melhor no assunto. Já diz o povo que onde há fumaça, há fogo!

Casella alinha uma série de nomes ilustres, também ilustres defensores da normalidade mental dos espíritas. E cita Henrique Roxo, Luiz Silva, Crooks, Lombroso, Lodge, Flammarion, Nielson, Rhine, Kyaran, e sei lá mais quem.

Não disponho de bibliotéca, no momento, para conferir isso. Mudei-me, como sabem, para Florianópolis, a serviço, estadia curta, e não podia trazer comigo um volume de mais de três mil livros. Mas sempre encontro alguma coisa.

Flammarion, por exemplo. Suspeitíssimo. Foi médium de mesas falantes, companheiro de Kardec. E depois que morreu e voltou «em espírito», estando já no «além», em matérias de sua especialidade, só disse asneiras...

Charles Richet é citado por Henrique Roxo. Como? Leiamos a transcrição do próprio sr. Casella:—«O espiritismo que é praticado por grandes sábios e que motivou um excelente livro do justamente pranteado prof. Charles Richet...»

Vale à pena ler algumas opiniões do sr. Charles Richet sôbre o espiritismo: — «As personalidades dos mortos agarram-se a brincadeiras ridículas, comprazem-se com jogos de palavras pueris, associam sonoridades como em trocadilho. Não sei quem disse: se a sobrevivência devesse consistir em possuir-se a inteligência de um desencarnado, então eu preferiria não sobreviver». — «Voltar à terra para interessar-se por um botão de camisa não é miserável; é inverossímel. Poderoso argumento contra a doutrina espírita!» — «É essa a razão pela qual as personalidades dos mortos nunca revelaram nada que não fôsse já conhecido dos vivos. E isso representa um argumento desastroso contra a hipótese espírita!»

Eis aí, Sr. Casella, o homem que escreveu um EXCELENTE livro sôbre o espiritismo, no dizer de Henrique Roxo.

E leia agora a opinião do Prof. Alves Garcia: — «Os médiuns são os neuróticos de certa classe, histéricos e obcessivos».

Veja o Prof. Antonio Austregésilo: — «Os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria».

Aqui está Juliano Moreira: — «Ainda não tive a ventura de ver um médium que não fôsse nevropata».

Vamos ler Franco da Rocha: — «Nunca vi um médium que fôsse indivíduo normal; é quase sempre um DESEQUILIBRADO».

Anote P. de Azevedo: — «O chamado médium desenvolvido já é um insano».

Quer mais, Sr. Casella? Ou já lhe basta isso?

E depois, é a mim que acusam de chamar aos espíritas de loucos? A mim? Que apenas disse dêles serem quase sempre, indivíduos pertencentes aos tipos (reflexológicos) débil, desequilibrado e instável? Sem nenhuma, mas NENHUMA, MESMO, alusão a qualquer tipo de insalubridade mental?

Com franqueza!...

A seguir: — «O Fenômeno Hipnótico».

JOSÉ ARIGÓ: CASO A SER ESTUDADO E NÃO SUBMETIDO A PROCESSO-CRIME

Disposto o famoso médium mineiro a fazer operações perante médicos paulistas — Quem opera é o espírito do dr. Fritz

A persistência dos preconceitos contra o Espiritismo e os fenômenos espíritas vêm criando situações difíceis em nossa terra, onde a Doutrina do Consolador deitou raízes profundas e inextirpáveis. Ontem, era o caso de Chico Xavier, processado por causa dos direitos autorais. Hoje, é o de José Pedro de Freitas ou José Arigó, processado por curandeirismo. Nossos códigos, elaborados segundo as linhas tradicionais do direito e as exigências de uma mentalidade pragmática, servem de instrumento aos que pretendem asfixiar as manifestações mediúnicas. Não obstante, as manifestações se repetem por tôda parte e como previa Kardec, acabarão por influir na legislação.

No caso de José Arigó estamos diante de uma situação realmente dramática. O médium não era espírita, mas católico e de família católica. Nunca se interessou por curandeirismo. Subitamente suas faculdades se desenvolveram e êle começou, não sómente a curar pelos meios comuns, mas também através de intervenções cirúrgicas. Nada mais espantoso, por certo, do que êsse caboclo mineiro de instrução primária, armado de instrumentos rudimentares, sem dispor de local apropriado ou aparelhagem necessária para anestesia e assepsia, a realizar operações melindrosas. Mas, por outro lado, nada mais desumano do que sujeitar-se às penas legais um homem que não faz essas coisas por si mesmo, e sim por influências estranhas.

A dramaticidade do caso aumenta, quando sabemos que sobe a muitas centenas o número de pessoas operadas por José Arigó, na maioria em situação desesperadora. Condenar o médium é condenar um inocente. Mas é ainda mais do que isso, porque equivale a retirar aos desesperados a última esperança que lhes apareceu. Médicos do Rio e de São Paulo, desprovidos de preconceitos religiosos ou científicos, tiveram oportunidade de assistir às operações de Arigó, constatando a eficiência das mesmas. E' justo e necessário que a ciência esteja a coberto de mistificações, que as associações médicas defendam a classe, que os sacerdotes clamem contra perigos que lhes parecem diabólicos, que o poder público zele pela saúde e a integridade física dos cidadãos. Mas não é justo que se confunda um caso excepcional com as aventuras do curandeirismo.

Na verdade, estamos diante de um curioso impasse, que resulta da teimosia dos homens, em face de aspectos da realidade considerados duvidosos, misteriosos ou insólitos. Desde os tempos mais remotos, a começar na vida primitiva, atravessando as velhas civilizações, para invadir o mundo clássico, derramar-se no medieval e continuar no contemporâneo, a mediunidade curadora vem se manifestando de maneira evidente. Sacerdotes católicos, pastores protestantes, monges budistas, ioguis indus, xamans polares, por tôda parte e em tôdas as épocas, manifestam e executam o poder de curar, sem os meios usuais da medicina. Mas em tôda parte e em tôdas as épocas, os instrumentos mediùnicos da cura são acusados e perseguidos, como se o mundo não tivesse evoluido, como se a própria ciência não tivesse progredido de maneira vertiginosa.

José Arigó não sabe operar, não sabe curar. Como mêdium, é envolvido pelo espírito de um médico alemão, o Dr. Fritz, que se diz assistido por outros espíritos de médicos, e sòmente nessas condições, em estado de transe mediúnico, realiza as suas operações. Que estas são maravilhosas, até médicos materialistas tiveram oportunidade de constatar. Está certo que os não-espíritas recusem a explicação mediúnica. Mas não é justo que, por isso, queiram rejeitar o fato, perseguir e encarcerar o médium. Se o fato é insólito, nem por isso deixa de ser um fato, que exige estudo, verificação, pesquisa. E tanto maior é essa exigência, quanto mais extranho fôr o fato, quanto mais difícil a sua aceitação ou a sua explicação. Não fosse assim, e a ciência não teria razão de ser.

José Arigó não é cirurgião, não conhece medicina, mas se apresenta como instrumento de uma entidade espiritual que supre as suas falhas. José Arigó não é alemão, mas em transe, fala a lingua que não conhece e quando se exprime em português, o faz com o sotoque alemão, que não possui. José Arigó não anestesia o paciente, mas explica que espírito de Frei Fabiano de Cristo é quem realiza esse trabalho; não faz assepsia, mas informa que os espíritos assistentes esterilizam o ambiente e os instrumentos, através de meios especiais. Podem os não-espíritas recusar essas explicações, mas não é justo que não procurem outras, uma vez que os fatos são patentes e gritantes, que a realidade exige explicações.

O reporter «associado» Moacir Jorge informa, de Congonhas do Campo, que Arigó está disposto a vir a S. Paulo e realizar suas operações diante de médicos. de cirurgiões. Não se trata, como se vê, de um malandro a esquivar-se de experiências. Além disso, os casos já operados podem ser investigados, por todo o país. Aqui mesmo, em São Paulo, há numerosos. Não parece chegado o momento de se tomar uma atitude mais inteligente e mais humana, em face dessas ocorrências mediúnicas ? Não é o momento de se submeter a mediunidade a estudos, em vez de sujeitar o médium a processos humilhantes e injustos ? Ou queremos continuar com a mentalidade medieval de condenações dos bruxos, responsável pelo sacrifício brutal de milhares de inocentes?

O escritor Jorge Rizzini filmou as operações de Arigó. Ainda há poucos dias, o filme foi exibido no auditório da Biblioteca Municipal, e o público afluiu de tal maneira, que foram necessárias quatro projeções. O interêsse pelo problema é enorme, em tôda parte. O Brasil inteiro acompanha o caso Arigó. Nenhuma pessoa de bom senso, espírita ou não, deseja que as autoridades protejam o curandeirismo. Mas é evidente que tôdas as pessoas de bom senso esperam um esclarecimento, ou pelo menos uma tentativa séria de esclarecimento do caso, por parte de corporações científicas, e não de tribunais ou de inquéritos policiais. Nós, espíritas, estamos certos de que a razão e a justiça hão de prevalecer.

Irmão SAULO

O Espiritismo é a Religião

VIII

Filosofia e Religião no conceito de Farias Brito

25 — Farias Brito, respondendo a um seu opositor, enunciou conceitos que se ajustam plenamente com as idéias espíritas:

> 1.º) Que eu tenha dito que a Filosofia E' A Religião mesma considerada em sua função prática;
> 2.º) Que eu tenha dito que a Religião É A Filosofia passando do mundo da Abstração para o mundo da Realidade, do Pensamento para a Vida, que é a Filosofia deduzindo as Leis Da Conduta e organizando, espontâneamente e sem coação, a sociedade, só pelo acôrdo das convicções; numa palavra, que É A Moral Organizada,—causava estranheza, como ainda hoje causam as idéias espíritas. (121).

Depois de várias considerações, definiu-se:

> «De maneira que há sempre duas questões a considerar: A Identificação Da Filosofia Com A Religião, e a passagem do Pensamento para a Vida,—o que equivale a dizer: Da Teoria Para A Prática.» (122)

É impressionante o argumento, que, a nosso ver, está plenamente identificado com o de Kardec quando afirmou que o Espiritismo é religião: «*Sem dúvida o Espiritismo no sentido Filosófico é uma Religião.*» (123)

26 — Farias Brito, respondendo ao referido opositor, de nome Dr. Barreiros, estabelece um paralelo que também se ajusta à Doutrina Espírita, podendo dêle tirar-se aplicação prática aos ensinamentos espíritas:

> «S. Sa. diz que A Religião tem de desaparecer um dia;
> «Eu digo, que *A Religião se desenvolve sempre*»;
> «S. Sa. diz que nossa Alma é tanto mais dominada pela Religião quanto menor é o grau de cultura científica, —
> «Eu digo que a *Religião é a Verdade* e por conseguinte sustento que é tanto maior o Seu Domínio quanto Mais Se Desenvolve o Espírito Humano»;
> «S. Sa. diz que a Religião é um estado transitório que há de desaparecer no dia em que a ciência explicar cabalmente todos os pontos enigmáticos do Universo;
> «Eu digo que A Religião É A Verdade; por conseguinte sustento que no dia Em que A Ciência explicar todos os pontos enigmáticos do Universo, teremos o que se pode chamar *A Religião Absoluta,* isto é, *A Religião Definitiva.*»
> «S. Sa. diz que a Religião E A Filosofia são coisas completamente independentes uma da outra, tendo cada uma sua vida própria;
> «Eu digo que a Religião É a Verdade; e como a Filosofia é o Princípio Criador Da Ciência e a Ciência É A Verdade Sistematizada, daí resulta que tudo isto se Prende, que tudo isto se liga, sendo que tôda a vida do Espírito não é senão um esfôrço para o estabelecimento da Religião Absoluta E Definitiva.» (124)

Farias Brito sustenta que o seu pensamento é amplo. Não se refere a uma Determinada Religião, mas a qualquer Sistema De Crença. A própria religião positivista entra na fórmula.

Indague-se: qual o sistema religioso que tem características da Religião Absoluta e Definitiva? Qual dêle diz ao homem a sua origem, desvenda o problema do «Outro Mundo», da «Vida Futura», mostra Deus com o sentido real de fôrça criadora, desvenda «os pontos enigmáticos do Universo?»—Atrevemo-nos a responder que é o Espiritismo, com o apôio pleno da autoridade de Emmanuel:

«Tôda Crença É Respeitável.

No entanto, se buscaste a Doutrina Espírita, não lhe negues Fidelidade.»

«Tôda Religião É Sublime.

No entanto, *só* a Doutrina Espírita consegue explicar-te os *fenômenos mediúnicos* em que tôda Religião se baseia.»

«Tôda Religião É Santa Nas Intenções.

No entanto, só a Doutrina Espírita pode guiar-te na solução dos problemas do Destino E Da Dor.»

«Tôda Religião Auxilia.

No entanto, Só a Doutrina Espírita é capaz de exonerar-te do pavor ilusório do Inferno, que apenas subsiste na consciência culpada.»

«Tôda Religião É Confôrto Na Morte.

No entanto, Só a Doutrina Espírita é suscetível de descerrar a Continuidade da Vida, além do sepulcro.»

«Tôda Religião Apregôa O Bem Como Preço Do Paraíso Aos Seus Profitentes.

No entanto, Só a Doutrina Espírita estabelece a Caridade incondicional como Simples Dever.»

«Tôda Religião Exorciza Os Espíritos Infelizes.

No entanto, Só a Doutrina Espírita se dispõe a abraçá-los, como os Doentes, nêles reconhecendo as próprias Criaturas Humanas Desencarnadas, em outras Faixas De Evolução.»

«Tôda Religião Educa Sempre.

No entanto, Só a Doutrina Espírita é aquela em que se permite o *livre exame,* com o sentimento livre de compreensões dogmáticas, para que A Fé Contemple A Razão Face A Face.»

«Tôda Religião Fala de Penas E Recompensas.

No entanto, Só a Doutrina Espírita elucida que todos colheremos conforme a Plantação que tenhamos lançado à vida, sem qualquer Privilégio na Justina Divina.»

«Tôda Religião erguida em princípios nobres, mesmo as que vicem nos outros continentes, embora nos pareçam estranhas, Guardam A Essência Cristã.»

«No entanto, Só a Doutrina Espírita nos oferece A Chave Precisa para a Verdadeira Interpretação Do Evangelho.»

Para, depois de outras considerações, concluir admiràvelmente:

> «Doutrina Espírita quer dizer Doutrina De Cristo. «E a Doutrina Do Cristo é a Doutrina do Aperfeiçoamento Moral Em Todos Os Mundos.» (125)

27 — Sustentar-se que o Espiritismo é Ciência, é Filosofia e é *Moral* é confundir o Efeito com a Causa, deturpar o pensamento sólido do próprio Codificador da Doutrina Espírita. E' apegar-se à significação restrita de um vocábulo, esquecido o sentido exegético e real do têrmo. A Religião sem a Moral é inconcebível. A Religião é a que dita ao homem, exatamente, a sua regra de conduta e impõe-lhe o espírito de serviço. Tem, portanto muita razão André Luiz quando sustentou que a «Religião É A Fôrça Que Está Edificando A Humanidade», assegurando, antes, que

> «A ciência multiplica as possibilidades do sentido e a filosofia aumenta os recursos do raciocínio, mas a Religião é a Fôrça que alarga os potenciais do Sentimento.» (126)

28 — Mas, o que vem a ser a Filosofia, religiosamente falando? Responder-nos-á Farias Brito:

> «E' assim que A Filosofia, por seu lado, elevando-se à consideração da ordem da *Natureza* e à contemplação da *Verdade abstrata,* formula uma *concepção do mundo* e deduz, pela *compreensão do nosso destino,* as *leis da conduta,* estabelecendo, por esta forma, *a ordem moral da sociedade.* A isto chamo eu A Função Prática Da Filosofia; a isto chamo eu Religião.» (127)

E manifesta a seguir uma grande esperança, a de que surgisse, um dia, uma grande Filosofia, que solucione, em definitivo, os grandes problemas do espírito e do universo e que descerre, para o homem, horizontes novos, mais amplos.

Não conhecia êle, então, A Doutrina Dos Espìritos, A Doutrina Espírita. Se a conhecesse teria encontrado o caminho da solução dos grandes enigmas e dos grandes tormentos filosóficos do pensamento. Haveria de ver que os fundamentos da nova religião, Já Lançados Pelos Espíritos, abrem o caminho para a religião Absoluta E Definitiva:

> «Para vencer, para imperar sôbre o povo, isto é, para exercer a sua função prática, é necessário que a Filosofia seja dominada por Um Grande Sôpro De Verdade. E' por isto que só uma grande Filosofia, que só as grandes concepções Dominadas Pelo Amor Da Verdade e Pelo Pensamento Do Bem, poderão transformar-se Em Religião.» (128)

O Espiritismo, como é curial, incluiu-se entre as grandes concepções, porque tem amor arraigado ao bem, tem acendrado amor à verdade, conduzido agora não por um homem, mas uma pleiade de almas devotadas a serviço de Deus.

E o filósofo que estudamos, com coragem invulgar, assim se expressava:

> «Faço aqui solenemente a minha profissão de fé religiosa: Tenho Uma Religião: a da Verdade.» (129)

E' a religião que todos nós desejamos ter, notadamente, nós, que nos consíderamos cristãos e que temos a palavra divina como a expressão revelada.

Isto já foi demonstrado, anteriormente.

Não se tem a presunção de possuí-la, na sua plenitude máxima. Não. Mas, se afirma que a Doutrina Espírita é a que mais se aproxima das obras do Cristo, mais se identifica com as coisas da vida, mais abre os olhos do entendimento para a compreensão do mundo. Está entre as verdades já conhecidas.

> «Que o Cristianismo seja a única religião verdadeira e que Tôdas As Outras Religiões Sejam Falsas, parece um pouco duro.»
>
> «Há religiões mais antigas que o cristianismo e sob o seu regime povos já se constituiram e desapareceram. E não se compreende que nasçam e desapareçam sem sair do êrro, e menos ainda que êrros persistam através dos séculos. O que é natural, o que é permanente É A Verdade. A pretensão do Cristianismo, de ser a única religião verdadeira é insustentável.)» (130)

30 — E' certo que o Espiritismo, pelo gigantesco avanço que realiza, notadamente, no Brasil, é atacado e vilipendiado, acusado de disseminar falsidades e difundir imposturas. O certo, no entretanto, é que as acusações ficam sem ressonância. São vasias e sem consistência. O que êle tem realizado, espalhando o amor, o bem, incentivando a prática das virtudes positivas, coloca-o no nível elevado das coisas santas e respeitadas. As obras são atestados vivos de conduta segura, da exemplificação da lei moral, sublimada por ação retilínea. E a Doutrina Espírita, de modo algum, se ajustaria a êste conceito de Farias Brito:

> «Há sem dúvida religiões inferiores de caráter rudimentar e grosseiro, violentas, ferozes; há religiões detestáveis, mas ainda assim, não é Permitido dizer que sejam Falsas Religiões. Falsa religião seria sòmente uma doutrina que fôsse pregada por impostura; uma teoria, por exemplo, que fosse propagada por um sofista de gênio que tivesse em vista afastar o povo do conhecimento que êle próprio acredita ser a verdade, no intúito de tirar partido da corrupção social: o que se concebe, mas é difícil imaginar que possa realizar-se.»

Ora, nenhum dêstes elementos, afirmamos categóricos, existe na Doutrina Espírita, que é Ciência, Filosofia e Religião. É a porta estreita que conduz à salvação pela fé raciocinada, sentida e compreendida, pela razão, portanto, pela religião como «moral organizada», — «o império da razão» — «a lei dos bons.»

31 – A Grande Esperança – A Grande Realidade

Já apareceu, não se poderá negar, a Grande Filosofia, a Grande Ciência, a Grande Religião que, como grande e já palpável realidade iluminarão a inteligência humana, descerrou-lhe a cortina da vida futura, revelou-lhe a perpetuação dos afetos e a indestrutibilidade da personalidade, mostrou-lhe os encantos das vidas sucessivas e desvendou-lhe a pluralidade dos mundos.

A sêde de novos conhecimentos e de novos horizontes da verdade progressivamente revelàda nos obriga a olhar sempre para o Alto. O desejo de progredir, de ascender para Deus inspira o homem na meditação e força-o à procura incessante da Verdade.

«O homem moral não pára de ambicionar sempre uma perfeição maior. O lutar por um grau de virtude cada vez maior é da essência da atitude moral.» «Por sôbre tôdas as virtudes—disse também um dia Goethe—Paira sempre um desejo imortal: deter—no anseio duma mais Elevada Perfeição, duma maior luta consigo mesmo, a *aspiração* duma *maior pureza, sabedoria, bondade* e *amor*. É esta aspiração constante por *mais* e *melhor,* que se renova com cada Progresso Moral, que constitue a lei fundamental da atitude ética. Podemos ver a sua formulação mais exata ainda nestas palavras de Cromwell: «No momento em que deixamos de lutar por nos tornarmos melhores, já deixamos de ser bons.» (132)

Sabemos a Doutrina Espírita a grande propulsora dêsses desejos. Alimentamos a grande esperança de que ela realize, integral, o seu elevado e nobre trabalho de reformar o homem, de o tornar melhor, para que fique sepultado o homem velho e ressurreto o homem novo, em que se anela transformar-se.

Com êste anelo permanente serão realizadas as conquistas espirituais e morais, que felicitam o homem em busca de Deus,— «origem metafísica suprema de todo ser, de tôda a verdade e de todos os valores.» (133)

Na realização dêste esfôrço permanente, concluiremos, não há negar, que o Espiritismo — a Religião do presente e do futuro—é a segurança, o caminho, a aspiração, a Verdade, a própria vida,—a esperança e a certeza do encontro próximo da Religião Absoluta e Definitiva.

Afastar-se dêste roteiro é retardar a evolução, estacionar o progresso, que nos desviará do Espiritismo como o caminho de amor e luz para a Alegria Perfeita, porque

> «Sem a Boa Nova, a nossa Doutrina Consoladora será provàvelmente um formoso parque de estudos, indagações, discussões e experimentos, reuniões e assembléias, louvores e assombros, mas a felicidade não é produto de deduções e demonstrações.» (134) Busquemos a Religião Absoluta e Definitiva.

Solidifiquemos o seu pedestar com as obras, o amor, a fé, a tolerância, o trabalho e encontraremos a felicidade no Espiritismo que é também a Religião.

Noraldino de Mello Castro

---

121 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 96.
122 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior, pág. 96.
123 — KARDEC, em «Reformador», Outubro de 1949, pág. 217/220.
124 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 98/99.
125 — EMMANUEL. F. C. Xavier, «Religião dos Espíritos», p. 191.
126 — ANDRÉ LUIZ, «Roteiro», pág. 43 — F. C. Xavier.
127 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 103.
128 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 103.
129 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 98.
130 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 82.
131 — FARIAS BRITO, «Mundo Interior», pág. 84.
132 — JOHANNES HESSEN, «Filosofia dos Valores», pág. 292.
133 — JOHANNES HESSEN, «Filosofia dos Valores», pág. 338.
134 — EMMANUEL, F. C. Xavier, «Roteiro», pág. 8.

Existe para o homem uma coisa mais necessária que o pão e a vestimenta: é a instrução moral. — SÓCRATES

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do capítulo VII)

Árago — Concordas tu, então, que Moisés esteve certo ao criar o seu emotivo-sensitivo Jeová barbárico, e Cristo, em criar o conceito antropomórfico (para alguns superado) de Pai amoroso, visto que cada uma destas concepções serve a um tipo de homem ? ou serve ao mesmo homem em dois níveis sucessivos da sua evolução ?

Chilon — Sim, concordo.

Árago — Concordas também que ainda há involuídos na Terra, necessitados da concepção mosáica do Deus-Fôrça, haja vista aquêles xingadores atrás referidos, que são emotivos-sensitivos, e não, racionais ou lógicos ?

Chilon — Concordo com isso também.

Árago — Logo é maldade grande, desumanidade, desamor, destruir os degraus da escada por onde subimos, e por onde outros estão subindo, só porque nêsses degraus há as sujeiras próprias dos pântanos, onde os pés da escada se fincam. Como podem ser limpos os degraus inferiores duma escada plantada no barro ?

Chilon — Estou plenamente de acôrdo convosco e desafio a que alguém me mostre um sistema moralmente limpo desde a origem. A quem me apontar o Bramanismo, refuto-o com o «Kama-Sutra» que sendo um livro canônico, não vai além de um manual de pornografia. A quem me falar da desvergonha das filhas de Ló, responder-lhe-ei que o julgamento delas se há de fazer pelos padrões morais de sua época, pelo seu ambiente histórico, que era o da prostituição sagrada em todos os povos, menos no hebreu que se estava saindo dêle a custo, para que nossos padrões e códigos atuais fôssem quais são. Um uso e costume enraizado na alma de um povo e encorajado pelo exemplo de outros povos dos quais não estava isolado, não vai desaparecendo de um dia para outro, só porque um legislador *que ainda não tinha nascido*, o reprova em seus escritos. «O beijo, que no mundo ocidental é uso corrente, no Japão é considerado tão obsceno que a estátua de Rodin «O beijo» não pôde ser exibida em uma exposição artística, enquanto quadros representativos do próprio ato sexual com tôdas as minúcias genitais são muito comuns no Japão, sendo pintados pelos maiores pintores. Na China mostrar o pé é considerado o maior atentado à decência ; em outros povos o ato de comer é tido por tão obsceno que os homens se envergonham e coram quando surpreendidos a praticá-lo. (...) Na velha Grécia a paixão pelos efebos era considerada lícita por todos os homens, até Péricles e Platão, sendo respeitada como uma variante da Erótica. E Platão chegou mesmo a admitir o amor homossexual entre homens como um ideal moral superior ao amor entre os dois sexos opostos, louvando o homossexual como representante de verdadeira virilidade e como legítimo servidor do Estado. A história da civilização ensina-nos terem sido homossexuais, em todos os tempos, os maiores pintores e as mais sutís mentalidades poéticas.» (Fritz Kahn, A Nossa Vida Sexual, 199-200).

—Por que padrões, pois, se há de julgar as filhas de Ló ? Por outro lado se pode dizer que as filhas de Ló cuidaram que o mundo se tinha acabado, e que elas e o pai eram as únicas sementes restantes do cataclismo geológico ocorrido onde é hoje o Mar Morto. Diria mais que se a bebedeira é tanta que leva à inconsciência, como aconteceu a Ló, igualmente leva à impotência sexual, pelo que aquêle caso não passa duma figura para corrigir êste que, para nós, é um desvio moral.

— Se alguém me falasse do despacho de morte de Davi contra Urias, por causa de Bersabé, responderia que Crísto se honrou com fazer sempre referências a Davi do qual descendia, e que êste Davi chorou amargamente sua fraqueza e pecado, nunca se dando a si para exemplo de ninguém. É assim que as sujidades da Bíblia que apresenta seus relatos crus e sem desculpas, são para exemplo do mal que se deve evitar. e não para imitação ; prove-me, alguém, o contrário disto ! É por isso que os seguidores da Bíblia mais ferrenhos são os protestantes, de bons costumes, e não os católicos que nem sequer a conhecem. Prove-me alguém, igualmente, que isto não é verdade !

—Finalmente, ou eu paro. ou meu falar não tem fim ; finalizando, digo que os escribas da Bíblia bem podiam fazer como os que escrevem a História a qual, como disse Bernardo Shaw «mente sempre.»

Árago — O que disseste fica dito ! Queres que encerremos esta parte, por hoje !

Chilon—Encerremos, que agora deveras estou cansado ; êste jôrro de idéias que me vieram, moeu-me os nervos.

Árago — Manda então para o teu amigo de Piraju, mais esta citação de Humberto Rohden, inserta em sua «Filosofia Universal», Vol. 1, pág. 224 :

«Em resumo : cada homem deve guiar-se por aquilo que, no seu estágio evolutivo, fôr por êle percebido como sendo o melhor, o mais alto — isto é ser bom : o contrário é ser mau.» «Entre parênteses : os que colocam os valores éticos da Bíblia todos no mesmo plano, numa simples justa-posição coordenada, provam que nada entendem do drama multimilenar da evolução da consciência humana. Admitir essa evolução da consciência ética do homem não é negar a inspiração da Bíblia, como os ignorantes afirmam. Deus, sendo a eterna norma da retitude ètica, sempre revelou o que é perfeito (...) ; mas os recepientes humanos da antiguidade recebereram imperfeitamente a perfeita revelação de Deus, devido á imperfeição dêsses humanos recipientes etc.» (op. cit. Vol. 1, 224).

— E também que vá mais esta :

«Uma coisa notável sôbre o trabalho de Moisés, que nunca será demais acentuar, é o fato de que pela sua sinceridade, paciência, perseverança, engenho, conseguiu em tão pouco tempo lançar um povo até ponto tão adiantado na estrada da evolução religiosa, isto é, na duração de uma vida, passou uma raça inteira das sombras do politeísmo animista para, pelo menos, os primeiros alvores do monoteísmo ético.»

«Das dificuldades encontradas em sua tarefa, poderá bem aquilatar um leitor dos estranhos relatos, mas Moisès era um homem surpreendentemente avisado. Mercê de engenhosos recursos como a coluna de nuvens e fogo, êle constantemente lembrava aos seus a prsença de Yahweh. Com astúcia de mestre utilizava-se das superstições existentes e transforma-as em ritos de Yahweh» (Charles Potter, História das Religiões, 75—76.)

O Papa e o Concílio

«A finalidade dos concílios ecumênicos tem sido sempre o de combater os êrros teológicos ou morais que, por bem ou por mal, vão se infiltrando pouco a pouco na igreja.» (Monsenhor Joaquim Nabuco, inserido no «Jornal do Comércio» de 28/12/961)

O célebre prefácio de Rui Babosa à obra que, adotando o título acima, registra tudo que se passou no concílio do Vaticano de 1869, no qual, apesar dos veementes protestos do bispo croata Strossmayer, foi adotado o dogma da infalibilidade papal, deve agora ser lembrado, pois estamos às vésperas de um novo concílio ecumênico em que a humildade de João XXIII, sobejamente demonstrada em múltiplas circunstâncias, é de esperar que venha a propugnar pelo cancelamento de medida como essa tão contrária ao espírito do Cristianismo, que só por si ficou valendo como uma auto condenação da igreja católica apostólica romana, a qual do Cristo apartou-se completamente, preferindo ir em busca de meios humanos para se manter no mundo, a cujo serviço se entrega, quando o seu dever consiste em vencer o mundo como Jesus venceu e a essa luta aconselhou os seus discípulos.

Há muita coisa digna de respeito

e de veneração na velha igreja, a que nossos pais pertenceram e da qual um dia se afastaram, desgostosos por vê-la tomar caminhos que Jesus não indicou, tais como o da simonia, o da idolatria, o da infalibilidade, completamente estranhos à orientação do Evangelho e não obstante palmilhados ostensivamente pelo clero, sem atenção alguma aos naturais remordimentos da consciência, provocados certamente por êsse estranho e inexplicável procedimento.

E porque os mentores humanos dos povos tomaram êsses caminhos errados, permitiu Deus que os Mensageiros de Jesus, sob a inspiração do Mestre, assumissem diretamente a direção do movimento religioso da humanidade, firmando-a sôbre a demonstração científica da imortalidade da alma e da sua comunicação freqüente com os encarnados.

O Espiritismo, restaurando o sentido legítimo do Cristianismo, encerra em seus princípios, expostos com tanta clareza e simplicidade, que os tornam acessíveis a tôdas as inteligências, as normas salutares da regeneração moral dos homens, não podendo por isso continuar a ser subestimado como tem sido pelo clero que, paradoxalmente, dá combate de morte aos princípios em que o mesmo Espiritismo se fundamenta e que são os mesmos com que a igreja se adorna...

Sendo assim, no próximo concílio ecumênico, preconizado por João XXIII como necessário à unificação religiosa no mundo, em que nunca o materialismo e o próprio ateísmo grassaram tão intensamente como agora, o Espiritismo terá de comparecer credenciado como a doutrina capaz de corresponder, para a demonstração dessa vida imortal do Espírito, que a velha igreja romana também aceita, às exigências da hodierna cultura, cuja índole científica é absolutamente infensa a quaisquer imposições de caráter dogmático e pretenciosamente contrários à liberdade de consciência.

Não é mais possível resistir-se à evidência dos depoimentos da História! Há um consenso unânime em tôdas as inteligências devotadas ao bem da humanidade, de que esta caminha para uma época de paz e de trabalho dignificante, afim de chegar à conquista de um estágio social em que possam ser dispensadas as medidas coercitivas com que o homem ainda se defronta no exercício de suas atividades, pois que êle por si mesmo saberá impor-se á boa regra dos costumes e da moral pura, conforme o Divino Mestre exemplificou, para que sinceramente o seu exemplo fôsse bem e salutarmente seguido por todos que aspiram à paz e à felicidade.

Não é mais possível empanar o brilho do sol com a peneira das conveniências sociais que têm estabelecido entre os homens sistemas de organização social averbados de civilizadores e que outra coisa não fazem senão moldar as relações humanas pelas normas de um absorvente mercantilismo, reduzindo tudo a uma simples permuta de interêsses imediatos, com que se deslumbram os corifeus do formalismo esterilizador de consciências e que na igreja chegou ao cúmulo de determinar maneiras igualmente comercialistas de se conquistar as altas hierarquias celestiais..., convertendo-se Deus num proprietário de tesouros *soi-disant* espirituais mas cuja similitude flagrante com os tesouros materiais, os torna vulneráveis a êsse nefando comércio com as coisas santas!

A hora do preconizado concílio ecumênico, prestes a reunir-se, é uma hora grave para a Cristandade, pois que não acreditamos sejam a êle indiferentes os Guias Espirituais da Humanidade, que agem sob a inspiração de Jesus. Apesar dos seus êrros tremendos e que realmente amarguram os nossos corações, ainda é a igreja o arrimo de muitas almas e o seu prestígio, embora decorrente das garantias oficiais com que se adorna entre os povos democràticamente organizados, como o Brasil, é um fato que não pode ser por nós desconhecido. Visto isso, esperamos que seja inclinada atualmente, sob o papado de João XXIII, à modificação substancial dos velhos processos de deturpação da verdade, para adotar atitude de incoercível subordinação à realidade das manifestações espirituais, com que a humanidade está sendo amplamente beneficiada, postergando definitivamente a infalibilidade, voltando ao regime franciscano da humildade e da bondade, despojando-se das riquezas para dá-las aos pobres, etc., etc.

Segundo as profecias de S. Malaquias, acoimadas de apócrifas, mas que estão se realizando integralmente, depois de João XXIII haverá sòmente mais cinco papas, o último dos quais será o próprio apóstolo Pedro—o que indica a subordinação das citadas profecias ao princípio espírita das reencarnações, hoje mundialmente aceito : talvez seja êsse o último concílio — e é preciso que nêle seja a igreja rehabilitada para poder continuar a sua missão, há séculos tão postergada...

Arnaldo S. Thiago

Crônica Estrangeira

EDISON FALOU COM OS MORTOS ?

De «Two Worlds»

É do conhecimento geral ter sido Thomaz Alva Edison um agnóstico declarado durante a maior parte de sua vida. A mente que criou o fonógrafo e a lâmpada incandescente, recusava aceitar a crença na imortalidade do homem ou num Deus pessoal. Porém, Mr. Meadowcroft (seu secretário durante muitos anos) diz que Edison acreditava firmemente na energia e inteligência eternas. Êle acreditava que a «vida-fôrça» era uma combinação da inteligência e energia e que a inteligência era haurida de alguma fonte comum—um reservatório—à qual voltará depois de terminada a vida individual, para outra vez e de novo ser usada, e assim para sempre.

A inteligência, bem como a energia, é indestrutível e imortal. Edison acreditava na inteligência de cada célula. «Meu estômago», disse êle, «sabe o modo de fabricar o ácido clorídrico. Eu não sei.» Foram estas as opiniões de Edison durante a maior parte de sua vida.

Quinze anos antes da morte, sua mentalidade voltou-se para o depois da morte e a história foi relatada por Mr. Allan L. Benson, que por muitos anos foi seu amigo íntimo. A mente do grande homem era inteiramente imparcial com relação ao assunto e êle disse : «Quanto mais velho fico, menos me preocupo com a questão da existência ou inexistência de uma vida além-túmulo.» Contudo, êle pensava, se é verdade que existe um além, deve ser povoado ; se não é verdade, é preciso termos alguma certeza.»

É provável, diz Mr. Benson que, à medida que as sombras se tornavam mais carregadas, Edison começava a ter esperança na existência da sobrevivência e sua atitude foi provàvelmente influenciada pela longa amizade com Sir William Crookes. Edison votava profundo respeito a Crookes. A inteligência e honestidade do seu amigo tornavam impossível tratar levianamente qualquer coisa por êle afirmada. Cientìficamente, êle estava em débito para com Crookes. O filamento de luz elétrica incandescente, sòmente podia funcionar num bulbo do qual quase todo ar deve ser extraído. O trabalho de Crookes, criando o vácuo, tinha auxiliado Edison.

De fato, êle ficou profundamente interessado com o relato de Crookes, relativo às suas experiências com Katie King, particularmente pelo fato da forma materializada possuir pulso, que registrava noventa e cinco pulsações por minuto, enquanto o da médium só registrava setenta. Sir Willian Crookes tomou quarenta e três fotografias da forma materializada.

Grande foi a impressão de Edison com os relatos de Crookes. Não era possível estar Crookes hipnotizado, porque isto significaria ter sido também a câmara hipnotizada e Edison achava-se na dura situação de alguém que não pode por em dúvida a afirmativa que lhe fez o amigo, e todavia não pôde crer. Por isso, êle conservava a mente aberta.

Cinco anos antes de sua morte, diz Mr. Benson, a atitude de Edison a respeito da imortalidade, sofreu radical mudança. As últimas a êle atribuidas foram «há cincoenta e cinco probabilidades a favor de um além com imortalidade para o indivíduo.»

«Quer tenha Edison partilhado das opiniões de Crookes, quer tenha êle tido suas experiências próprias, isto importa no mesmo efeito. Só posso dizer que seus velhos pontos de vista se esboroaram», escreve Benson.

Edison costumava dizer que o caminho mais fácil geralmente é o caminho do êrro. Êle tentou inventar uma máquina para ser usada pelos espíritos inteligentes, caso êles existissem deveriam preferir manifestar pela máquina, em lugar de empregarem sêres humanos, visto que a máquina não tem opiniões e é fiel nos seus registos.

Em todo o caso, disse Mr. Benson, Edison foi-se. e com êle a razão que o fez mudar seus pontos de vista, razões que exigem uma vida inteira para formular, e com êle se foram os segredos da sua máquina. Indubitàvelmente, agora êle sabe, porque desde sua passagem têm havido fortes evidências registradas por Minnie Taft e outros, de estar êle trabalhando ativamente e constatar as cenas de seu triunfo terrestre.

Espiritismo no Brasil

DE S. JOÃO DA BOA VISTA

Boletim Informativo n.º 1 do III Conclave Regional de Mocidades Espíritas, a realizar-se em São João da Boa Vista, nos dias 12, 13, 14, e 15 de Julho de 1962

S. João da B. Vista, dezembro de 1961.

Prezados Irmãos

Paz e Alegria

O Conselho Diretor do III Conclave de Mocidades Espíritas, reunido em 1.ª Prévia no dia 1-11-1961, para as primeiras iniciativas com vistas à realização dêsse Conclave, deliberou e comunica o seguinte:

A) — O III Conclave Regional de Mocidades Espíritas realizar-se-á nos dias 12-13-14 e 15 de juiho de 1962, época escolhida de acôrdo com o art. 1.º e § único do Regulamento dos Conclaves Regionais de Mocidade Espíritas, que enviamos anéxos.

B) — O Conclave abrangerá as *Mocidades e Centros Espíritas* das cidades de Aguaí, Águas da Prata, Alfenas, Caconde, Cajuru, Campinas, Casa Branca, Divinolândia, Guaranésia, Guaxupé, Itamogí, Itaú, Jacuí, Machado, Mocóca, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Monte Belo, Monte Santo de Minas, Muzambinho, Passos, Pinhal, Piraçununga, Poços de Caldas, Pratápolis, S. José do Rio Pardo, S. Pedro da União, S. Sebastião da Grama, S. Sebastião do Paraíso, Tapiratiba, Vargem Grande do Sul e outras cidades que desejarem participar.

C) — Além da programação regulamentada no art. 9.º § 1.º, serão incluidas na realização do III Conclave:

1—Torneio Evangélico-Doutrinário — que constará de perguntas e respostas, de acôrdo com uma relação de pontos e questões que será remetida junto ao Boletim Informativo n.º 2.

2—Trabalhos Doutrinários — que constarão de teses sôbre 3 temas:

Científico — sôbre «Finalidades do Perispírito» (inclusive nas práticas mediúnicas).

Filosófico—sôbre «O Moço Espírita na Sociedade» (conduta).

Evangélico—sôbre «Bemaventurados os que têm fome e sêde da Justiça, porque serão fartos.»

Cada cidade participante deverá enviar uma redação de no máximo 2 folhas de papel almaço, datilografadas em espaço dois, sôbre um, dois ou três temas, até a data a ser marcada e que será anunciada no boletim n.º 2.

Uma Comissão selecionará os trabalhos mais objetivos, que serão lidos e premiados por ocasião do Conclave. Será selecionado um trabalho sôbre cada tema.

3 — Concurso de Declamação para Moços e Moças Espíritas — êsse concurso é instituição do III conclave e participarão dêle jovens declamadores espíritas, de ambos os séxos, havendo uma comissão encarregada de julgar e premiar os primeiros classificados.

D) — O Conselho Diretor lembra a essa Entidade observar os artigos 5.º, 16.º e 17.º do Regulamento dos Conclaves.

E) — O Conselho Diretor designou a data de 21 de janeiro de 1962 para a realização da 2.ª prévia do III Conclave, para o que pede o comparecimento das cidades inclusas na zona abrangida pelo referido conclave.

Companheiros, solicitamos sua valiosa *Colaboração* neste Movimento, participando dêle e divulgando-o no seu meio espírita.

(Pedimos também devolver-nos a folha anéxa a êste Boletim, com as perguntas respondidas, o mais breve possível).

Com votos de paz e Progresso Espiritual, despedimo-nos

fraternalmente

M. E. Herrera — Secretária

NOVOS DIRIGENTES NA ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL, DE DUQUE DE CAXIAS

Em assembléia geral ordinária, que contou com a presença de muitas dezenas de votantes, foram eleitos por aclamação, no dia 16/12/61, para a Diretoria Executiva e Conselho Fiscal daquela entidade, os seguintes confrades: Presidente, Ademar Duarte Constant; Vice-dito, Fernando Figueiredo Tavares; Secr. Geral, José Ferreira da Silva; Tes., Aloisio Rotatori; Dir. Patrimônio, Manoel Felipe Marins; Bibl. Nair Odete Bazilio Câmara e Zeladora, Amarylis Moreira de Souza. Conselho Fiscal: Arlindo Batista, Zilda Felix da Silva Andrade, Olimpio Corrêa, Amaro Gomes dos Santos e Moysés Pedro Müller.

Apenas os srs. Ademar Constant, F. F. Tavares e Amarylis Souza tiveram seus mandatos renovados, sendo que o antigo tesoureiro passou a Vice-Presidente. Os demais, são novos no «staff» que dirigirá a Associação nos anos de 1962 e 1963. Estiveram presentes e participaram da votação, o Prefeito do município, sr. Adolpho David, bem como o vereador Antônio Maximiano, antigos sócios da casa.

Na oportunidade, o Presidente leu o decreto publicado no Diário Oficial do Est. do Rio, em que o Governador sancionou lei considerando de utilidade a Casa de Cairbar na terra fluminense.

Espíritas da Baixada Fluminense confraternizam em Paracambi

Encontraram-se em Paracambi, um dos mais novos municípios do Estado do Rio de Janeiro, no dia 17/12/61, os espíritas de tôda a Baixada Fluminense, a fim de ali se confraternizaram e se informarem das realizações educacionais e assistenciais que estão sendo feitas pelas casas cardecistas de Magé, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu e Paracambi, numa área que abrange 80 % do parque industrial fluminense e de população superior a 1 milhão de pessoas. Essas importantes cidades estão hoje coligadas através da Aliança Regional das União Municipais Espíritas, elo imediatamente ligado à Federação do Estado.

As uniões reunem-se de 3 em 3 mêses, sendo a direção feita por rodízio. Por exemplo: cabendo a Caxias realizar a concentração do 4.º domingo de março de 1962, desde já cabe-lhe a direção de tôda a Aliança. A entidade regional tem por fim congregar os espíritas, dar-lhes rumos e incentivar a cultura, resultando do aprimoramento o trabalho material, que é hoje motivo de forte e sadia emulação entre os congregados. Da prática do bem lucra o povo, que recebe os benefícios da seara da caridade. A iniciativa partiu do prof. Newton de Barros, que se conserva atento e sempre entusiasmado pelo progresso da Doutrina.

Em Caxias – V Semana de Kardec

Abrangendo 8 das 9 casas cardecistas unidas, a União Municipal Espírita de Duque de Caxias realizou, entre os dias 29/10 a 5/11/61, a V SEMANA ESPÍRITA em homenagem ao Codificador da Doutrina. Falaram, pela ordem, o dr. Lauro Santiago, general Milton O'Reilly, Ademar Duarte Constant, J. A. Oliveira, dr. Amadeu Santos, Títero Andrade, prof. Ramiro Gama e o prof. Atlas de Castro, êste encerrando na Associação Comercial. As palestras despertaram muito interêsse pelos temas suscitados, cumprindo destacar, uma vez mais, os esforços dos srs. Manoel Max das Dôres, Antonio Emídio dos Santos e Clarindo Nunes, cuja dedicação aos trabalhos, muito contribuiu para o brilho do certame.

A. Constant - 20/12/61

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Nacional

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 2 de Dezembro de 1961

Às catorze horas, presente o número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA anterior, que é aprovada.

Depois de saudar o confrade Inaldo de Lacerda Lima, tesoureiro da «Federação Espírita Paraibana», presente à reunião, o Presidente comunica que o livro «A Mediunidade e a Lei», do Dr. Carlos Imbassahy, revisto e ampliado, está prestes a entrar para a impressão.

No expediente é lida uma comunicação da «Federação Espírita do Rio Grande do Sul», da substituição temporária do Presidente efetivo, Ten. Cel. Paulo Fernandes de Freitas, pelo Vice-Presidente José Simões de Matos, em virtude de licença do primeiro.

SÃO PAULO—O Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros lê longa carta, dirigida à Diretoria da Federação Espírita Brasileira, solicitando desta a convocação de um Simpósio, a realizar-se em Abril próximo, do qual tomarão parte sete Estados da região centro-sulina do Brasil.

BAHIA—O Conselheiro Ten. Cel. Rui Vidal de Araujo expõe o que vem sendo realizado na Bahia, lendo um relatório que lhe foi enviado e demonstrando o êxito contínuo do Espiritismo, nas terras do Dr. Olimpio Teles de Menezes.

Antes de encerrar a reunião, com a prece proferida pelo representante da Federação Catarinense, o Presidente mostrou ao Conselho a fotografia de um jornal americano que há 81 anos noticiava a desencarnação do grande escritor e espírita Epes Sárgent. Falou sôbre a próxima publicação, em japonês, de «O Livro dos Espíritos», traduzido da nossa edição em Esperanto e, por fim, deu notícias gerais do que vem ocorrendo em todo o território nacional, bem como em alguns países estrangeiros.

Às dezesseis horas, foi encerrada a reunião.

ESCOLA DE ASSISTÊNCIA «ANA NERY»

Essa conceituada instituição, Departamento Assistencial do Instituto «NOSSO LAR», sediado em S. Paulo, à Rua Mesquita, 720, continua em seu programa de bem servir o próximo. Sua finalidade destina-se a preparar pessoas de tôdas as crenças para o bem comum e sociabilidade. As matrículas aos interessados acham-se abertas e terão lugar de 15 a 30 de janeiro de 1962. Essa escola mantém os cursos : Auxiliares de Direção, Voluntários de Enfermagem, Puericultura e Assistência. Possue êsse sodalício corpo docente experiente e habilitado pela cultura e prática a ministrar um curso intensivo de grande proveito espiritual.

Esclarecemos que a Escola funcionará em período noturno, duas vêzes por semana e estágios semanais, podendo oferecer hospedagem a alguns alunos que residam no interior, desde que os mesmos se entendam prèviamente com a direção.

A Escola poderá prestar as informações necessárias aos interessados no Curso Superior de Enfermagem ou no Curso de Auxiliar de Enfermagem para formação profissional.

Outras informações, mais amplas, na sede da Escola: Rua Mesquita, 720— Fône 7-7134 — São Paulo — Capital.

Um homem sábio nem se deixa governar, nem procura governar os outros ; quer que, sòmente e sempre, seja a razão quem governe. — *LA BRUYÊRE.*

INDICE

Das matérias contidas no 37.° ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1961 a Janeiro de 1962)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1961

Pág.

Mais um ano transposto . . . . . *Redação* 1
Sessões, Médiuns e Débeis . . . . *Carlos Imbassahy* 2
A mulher na antiguidade e na Igreja . . *Mário Cavalcanti de Mello* 5
Ensino Religioso . . . . *Mac Maynard* 8
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon* 11
Combater os fatos espíritas é lutar contra a realidade . . . . *Irmão Saulo* 13
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 14
Carta à Redação . . . . *V. O. Casella* 18
Espiritismo e Metapsíquica . . . . *Newton Boechat* 19
Testes sôbre fenômenos espíritas . . . *Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* 20
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 23
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 25

N.º 2 — MARÇO DE 1961

Homenagem diferente a Kardec comemorando o seu trespasse . . . . . . *Irmão Saulo* 29
Sessões, Médiuns e Débeis . . . . *Carlos Imbassahy* 31
A mulher na antiguidade e na Igreja . . *Mário Cavalcanti de Mello* 34
Espiritismo, Hipnose e Letargia . . . . *V. O. Casella* 37
A Grande Esperança . . . . . . *Ismael Gomes Braga* 40
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon* 42
Um dia, para duas glórias . . . . . *Aleixo Victor Magaldi* 44
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 46
Testes sôbre fenômenos espíritas . . . *Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* 48
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 51
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 53

N.ºs 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1961

Quando Jesus voltou do Reino dos Mortos... *De «Spiritualisme Moderne»* 57
Sessões, Médiuns e Débeis . . . . *Carlos Imbassahy* 58
A Bíblia Sagrada . . . . *Philemon* 61
Luz que se não apaga . . . . . . *Domério de Oliveira* 63
Espiritismo, Hipnose e Letargia . . . *V. O. Casella* 64
18 de Abril de 1857 . . . . . . *Aleixo Victor Magaldi* 68
A Psicanálise perante a Parapsicologia . *Deolindo Amorim* 69
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 74

Pág.
Testes sôbre fenômenos espíritas . . . Na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro 77
Curso Municipal de Esperanto . . . Nicola Talarico 79
Manifestações Anímicas . . . . . . Mac Maynard 82
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 83
V Congresso Espírita Pan-Americano . . « 85
Espiritismo no Brasil . . . . . « 86

N.º 5 — JUNHO DE 1961

Mortal e Imortal . . . . V. Caválli 89
Confusões sociológicas sôbre o Mediunismo e o Espiritismo . . . . Irmão Saulo 91
A Psicanálise perante a Parapsicologia . Deolindo Amorim 92
Serões Bíblicos . . . . Luiz Caramaschi 98
O Espiritismo é a Religião . . . . . Noraldino de Mello Castro 100
Autenticidade dos Evangelhos . . . . Carlos Imbassahy 103
Comunicado da Redação . . . . . Redação 107
Cesare Lombroso o maior criminologista dos tempos e o Espiritismo . . . . . Dr. Giuseppe M. Minardi 107
Uma experiência concludente . . . Arnaldo S. Thiago 109
A Bíblia Sagrada . . . . Philemon 111
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 113
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 115

N.º 6 — JULHO DE 1961

O perispírito ou corpo astral, segundo Geley Prospero Musso 117
Autenticidade dos Evangelhos . . . . Carlos Imbassahy 118
Origem sensória da crença na sobrevivência do homem . . . . Irmão Saulo 120
Comunicado da Redação . . . . . Redação 122
O Espiritismo é a Religião . . . . . Noraldino de Mello Castro 123
A Psicanálise perante a Parapsicologia . Deolindo Amorim 126
Hipnose e Espiritismo . . . . . . Osmard Andrade 130
Espiritismo e Educação . . . . . . Osvaldo Requião 133
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 135
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 138

N.º 7 — AGÔSTO DE 1961

A prova racional da sobrevivência . . André Frindel 141
Autenticidade dos Evangelhos . . . . Carlos Imbassahy 142
O Espiritismo é a Religião . . . . . Noraldino de Mello Castro 146
Revides aos rebates do Dr. Osmard . . V. O. Casella 148
A Psicanálise perante a Parapsicologia . Deolindo Amorim 151
Hipnose e Espiritismo . . . . . . Osmard Andrade 154
A Cadeira de Parapsicologia . . . . . Arnaldo S. Thiago 157
Serões Bíblicos . . . . Luiz Caramaschi 159
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação 161
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 162

N.º 8 — SETEMBRO DE 1961

Cairbar Schutel . . . . Souza Ribeiro 165
O sincretismo afro-brasileiro . . . . Carlos Imbassahy 167

Pág.
Revides aos contra-rebates do Dr. Osmard . *V. O. Casella* 169
A Psicanálise perante a Parapsicologia . . *Deolindo Amorim* 172
Eu não disse : «Adeus, meu filho» . . *Sylvio Lobo S. Thiago* 175
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade* 177
O Espiritismo é a Religião . . . . *Noraldino de Mello Castro* 180
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 182
Espiritismo não é hipnotismo . . . *Milton de Andrade* 184
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 186
Espiritismo no Brasil . . . . . « 187

N.º 9 — OUTUBRO DE 1961

Allan Kardec . . . . *Redação* 189
Cérebro e Espírito . . . . *Carlos Imbassahy* 191
O Espiritismo é a Religião . . . . *Noraldino de Mello Castro* 195
Revides aos contra-rebates do Dr. Osmard . *V. O. Casella* 197
«Mediunidade curativa e matemática estatística» . . . . *Matéria divulgada pelo Instituto de Cultura Esp. do Brasil* 201
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade* 203
Espiritismo não é hipnotismo . . . *Milton de Andrade* 206
Espiritismo bossa nova ? . . . . . *Mac Maynard* 208
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 209
Espiritismo no Brasil . . . . . « 210

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1961

As idéias inatas . . . . *Redação* 213
Espírito e Corpo . . . . *Carlos Imbassahy* 214
Revides aos contra-rebates do Dr. Osmard . *V. O. Casella* 218
Medicina e Parapsicologia . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 221
O Espiritismo é a Religião . . . . *Noraldino de Mello Castro* 222
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade* 225
Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo *Renato Wasth Rodrigues* 228
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 229
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 232
Espiritismo no Brasil . . . . . « 233

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1961

Quem é êsse homem ? . . . . . . *N. Bolet Peraza* 237
Revides aos contra-rebates do Dr. Osmard . *V. O. Casella* 239
Desenvolvimento em três tempos da concepção real do Universo . . . . . *Irmãos Saulo* 242
Lesões Cerebrais . . . . *Carlos Imbassahy* 243
O Espiritismo é a Religião . . . . *Noraldino de Mello Castro* 247
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade* 249
Arigó quer enfrentar em S. Paulo o julgamento de 60 médicos brasileiros . . *Do «Diário de S. Paulo»* 252
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 254
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 255
Espiritismo no Brasil . . . . . « 257

N.º 12 — JANEIRO DE 1962

		Pág.
Provas Experimentais da Sobrevivência Humana	*Redação*	261
A Independência do Espírito	*Carlos Imbassahy*	262
Revides aos contra-rebates do Dr. Osmard .	*V. O. Casella*	266
Cairbar Schutel	*Redação*	268
Concepções Espíritas entre os «Bacaeris» .	*Deolindo Amorim*	268
Hipnose e Espiritismo	*Osmard Andrade*	270
José Arigó: Caso a ser estudado e não submetido a processo-crime	*Irmão Saulo*	272
O Espiritismo é a Religião	*Noraldino de Mello Castro*	274
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	278
O Papa e o Concílio	*Arnaldo S. Thiago*	279
Crônica Estrangeira	*Redação*	281
Espiritismo no Brasil	«	282

* * *

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evangelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$250,00
Semestre	— „ „	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As Assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

8931CL PR 818
02-06-07 32180 XL
HF Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3811unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1962 - N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mais um Período Transposto . . . *Redação*
Diferênça de Nível . . . . *Carlos Imbassahy*
Instituto de Cultura Espírita do Brasil *Delfino Ferreira*
Cá e Lá . . . . *Domério de Oliveira*
Um sonho do nosso irmão Snr. Arnaldo S. Thiago . . . . *Mac Maynard*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . *V. O. Casella*
No Remoinho das Dúvidas . . . *G. M. Minardi*
Hipnose e Espiritismo . . . . . *Osmard Andrade*
Campanha de Defesa da Educação Brasileira . . . . *Associação Espírita de Defesa da Escola Pública*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 60,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 200,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 60,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1962 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Mais um Período Transposto

INICÍA hoje a Revista Internacional do Espiritismo mais um ano de propagação do Espiritismo. Êste órgão foi fundado por Cairbar Schutel a 15 de fevereiro de 1925.

Fazendo um exame retrospectivo no trabalho realizado, ficamos sobremodo satisfeitos por nos ter sido concedido a admissão na difusão das grandes idéias que já estão servindo de base fundamental para a implantação da grande verdade da Imortalidade da Alma.

O objetivo básico desta Revista é o estudo do animismo e do Espiritismo, o primeiro em suas diversas ramificações, constituindo as provas demonstrativas do princípio anímico, e o Espiritismo no estudo teórico e experimental da persistência da alma post-mortem. Não poderia ser mais elevada a missão que o fundador da «Revista» desempenhou e a qual dedicou sua boa vontade e todos seus esforços.

O experimentalismo espírita, já proclamado sôbre sólidas bases, vem abrir ao homem um campo fecundo de estudos teóricos e práticos. Os homens só terão a lucrar com a adoção do Espiritismo, destinado a proporcionar maior luz, mais elementos para a evolução. A ciência encontrará no Espiritismo o fundamento indispensável ao seu progresso; a religião terá nêle o mais poderoso auxiliar.

Efetivamente, esta publicação, diz-nos a consciência, tem-se mantido na altura da Causa que esposou, quer se trate de estudos anímicos, quer se trate de estudos espíritas e suas portentosas manifestações.

O Dr. Karl du Prel, em sua magistral obra — «La Mort L'Au Dela La Vie Dans L'Au De Lá» disse que se nós conseguissemos provar que o Espírito subsiste na sua individualidade indestrutível, sem falha nem diminuição do seu EU, poder-se-ia proclamar a Imortalidade da Alma. E no decurso de sua obra o ilustre cientista enumerou casos que revestem uma veracidade impecável da permanência do EU através das constantes mutações da matéria e transformação integral do corpo somático que nos reveste.

Essa inestimável contribuição para o maior dos problemas que havia obumbrado a ciência, bem como a religião — o Espiritismo, por meio dos fenômenos anímicos, ofereceu aos homens de ciência provas, reclamando, assim, uma cadeira nas academias.

O nosso IDEAL veio, portanto, oferecer a todos, novas luzes e se orgulha dos poderes de que é portador para intervir e concorrer na elevação e no progresso de tôdas ramificações dos conhecimentos humanos, visto se constituir o grande expoente da Verdade — a base fundamental de todos os grandes empreendimentos, cujas finalidades abriram às nossas vistas, ilimitados horizontes de Perfeição e de Felicidade.

Recordando todos êsses fatos estritamente ligados à nossa Doutrina Espírita, acompanhando o evoluir do Espiritismo, que todos os dias conquista foros nas consciências bem formadas, sentimo-nos felizes com a satisfação do dever cumprido.

Aceitem os nossos colaboradores, prestigiosos e assíduos assinantes, o testemunho do nosso reconhecimento.

Diferênça de Nível

CARLOS IMBASSAHY

É muito comum por parte de eclesiásticos e cientistas, aqueles por má fé e êstes por desconhecimento de causa, pôrem no mesmo pé macumbeiros e espíritas. E quando falo em desconhecimento, refiro-me à parte especial do Psiquismo; longe de mim duvidar dos demais conhecimentos científicos dos nossos doutos patrícios.

Tomemos um exemplo numa obra do Dr. Osmar Andrade, e essa preferência se justifica pelo mérito do doutor e pela fama do trabalho. Vejamos o tópico :

> «Agrupam-se os praticantes da seita de Kardec em níveis diversos; que fazem pressupor escalões vários de evolução cultural e desenvolvimento dos espíritos convocados, entre os quais se salientam os chamados centros cardecistas, os terreiros de quimbanda e umbanda, mais conhecida a primeira delas por macumba, e associações exotéricas onde se praticaria a invocação de mais alta classe.»

E mais :

> «Aquilo que se faz nas reuniões de incorporação espírita, seja as do chamado baixo espiritismo ou quimbanda, seja as do espiritismo de terreiro ou umbanda, seja enfim as do centros cardecistas, nada mais é que sessões de auto-hipnotização, comandadas por leigos, dirigidas por leigos, sem qualquer orientação científica ou fisiológica.»

Ora, basta esta declaração — nada mais é que sessões de auto-hipnose — para verificarmos que cientistas e fisiológicos não estariam em condições de orientar nada, nem ninguém, por desconhecerem o mecanismo do fenômeno e sua gênese. Vamos, porém, adiante, a ver como se confundem as coisas e as pessoas :

> «Comparem-se realmente, à luz dos conhecimentos de reflexologia o que acontece numa sessão de incorporação espírita. O ambiente, livre de excitações concurrentes, à meia luz, em silêncio, ungido de afetuosidade religiosa. Se num terreiro de umbanda os tambores, os ritmos, as marcações melódicas, compassadas, graves, soturnas, monótonas; se num centro

cardecista a concentração mental, a palavra de um presidente, uma oração em voz pausada, ritmada, débil. Em ambos o pensamento firmado num guia, numa entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte.»

Infelizmente vai estribar-se o Dr. Andrade em leigos no assunto, por haverem observado unicamente as baixas classes sociais. A diferença de nível que o amigo nota é uma das raras observações justas a respeito, e por isso mesmo não é possível a confusão. Trata-se ali de pessoas de cultura, índole, temperamento e até moral inferiores. E como a afinidade e atração se notam assim na vida físico-química como na social, os grupos congêneres se reunem ou atraem. E êstes por sua vez atraem os Espíritos afins, quando há mediunismo. De sorte que, sendo todos de baixo escalão, o que produzem, como a agua nos vasos comunicantes, deve obedecer à mesma altura.

Vendo tudo por êsse prisma, Artur Ramos, Nina Rodrigues e outros sociólogos, com pouca envergadura psíquica, fizeram grande embrulhada, muito ao sabor de nossos hipnologistas.

Subamos, porém, de nível e vejamos, por exemplo, o caso do Rev. Stainton Moses, um dos mais ilustrados e dignos membros da Igreja Protestante. Consequentemente, nunca foi a sessões espíritas e tinha pelo Espiritismo as prevenções dos ministros de sua religião. Nada havia por onde inferir as induções hipnóticas: Eis que nele se manifesta o fenômeno da escrita automática e entra a receber mensagens de conteúdo espírita, com os ensinos espíritas, que não se sabe por que processos hipnoides, revelam-se os mesmos por quaisquer médiuns, quaisquer que sejam as suas crenças, e sem nunca terem ouvido falar em Allan Kardec.

As mensagens que Moses recebia eram, portanto, inteiramente ao arrepio de seus estudos, dos seus princípios, de sua fé, de suas pregações; e tanto que, por muito tempo, as escondera, só vindo alguma a ser descobertas depois de sua morte. E os Mensageiros, também por um segredo de Hipnologia, senão um fato de Reflexologia, diziam-se Espíritos e se assinavam com os nomes de Rector, Imperator e outros, com grande desgosto do Reverendo.

Para verificar se tais escritos provinham do subconsciente — pois não conhecia ainda os fenômenos hipnóticos e reflexos — pediu à entidade comunicante que lhe desse tais e quais linhas, à página tal, de um livro que tinha na estante e que nunca lera. As linhas lhe foram fornecidas com absoluta exatidão.

Como o Dr. Artur Ramos nos explicaria isto? Como o elucidaria Nina Rodrigues? Como nos tirarão do embaraço os Drs. Fajardo e Osmar Andrade?...

Escolhamos agora um dos chamados casos de «Literatura de Além-Túmulo». Lembremos o *Caso Dickens*:

Um operário americano, James, escreveu em 1873, em transe mediúnico, o final de um romance. Estava o médium intrigado com o caso, quando o escritor invisível lhe disse chamar-se Charles Dickens, e que aquela era a parte inacabada de seu romance *Edwin Drood.* O fato causou sensação; movimentaram-se os literatos e viu-se que, de fato, era aquêle o fim da citada novela; justapostas as duas partes não se descobria a cesura. O estilo e a grafia eram os do novelista inglês.

Nossos adversários metem à bulha os Espíritos que tomam nomes notáveis. Êste pelo menos tem visos de verdade.

Passemos por dezenas de episódios congêneres e vamos a um, a ver os prodígios de imaginação que devem ser empregados para encaixá-lo no Hipnotismo. É o chamado caso de *Patiente Worth*:

Em 1913, a Sra. Pearl Lenore Curran e sua amiga Hutchings foram a uma vizinha que possuía o *Oui-ja,* com o qual se comunicava com os Espíritos.

Logo de começo, a Sra. Hutchings se espantara ao lhe aparecerem os parentes mortos, que se identificaram. O mais interessante é que depois de várias experiências, apresentou-se uma entidade que deu o nome de Patiente Worth, disse ter vivido na terra, no século XVII; nascera na Inglaterra em 1649, de onde emigrara para a América, terminando vítima dos índios.

Um dos experimentadores, o Sr.

Yost, foi à Inglaterra para constatar a realidade das descrições do Espírito — isto se passava nos E.E. U.U. — e verificou a exatidão dos traços característicos do Condado onde ela disse ter vivido, com os acidentes geográficos que descrevera. Também se verificou o que referira a respeito dos lugares em que vivera na América.

Um dos pontos mais interessantes, porém, foi o do romance *Telka*, que ela ditou. O estudo dêsse caso foi feito pelo psiquista e escritor americano Walter Franklin Prince: *The Case of Patiente Worth.*

O que é de espantar no romance é a cultura histórica, literária e filológica, e mais que tudo, o estílo, linguagem e ortografia do século dezesete, absolutamente irreprocháveis.

Nota Bozzano que a cultura filológica é de um gênero que exclui tôda a possibilidade de uma colaboração subconsciente. Patiente conversa no seu dialeto de três séculos passados.

O Professor Schiller, da Universidade de Oxford, declara :

> «É de admirar e impressionar verificar-se que um dos seus romances em verso, Telka, constituido de 70 mil palavras em inglês, contém 90 por cento de palavras de pura origem anglo-saxônia; entretanto, não se encontra ali uma única palavra inglêsa depois de 1600.
>
> «Sabe-se que na 1.ª tradução da Bíblia há apenas 77 por cento de vocábulos anglo-saxônios; é preciso recuar até Laymon, 1205, para igualar a percentagem dos têrmos anglo-saxões empregados por Patiente Worth. Ao refletirmos nisso não é possível deixar de reconhecer que nos achamos diante de um milagre filológico.» *(Proc. inglêses,* XXXIV, p. 574).

A hipnotização se realiza por processos externos, e são êstes os apontados pelo Dr. Osmard. Mas a auto-sugestão ficou sendo uma saida magnífica para os casos complicados, onde não se descobrem as causas exógenas. Como quer que seja, hétero-sugestão ou auto-sugestão, deve haver nêles o foco, a fôrça sugestiva.

Onde estarão nos casos que citei ?

Deixo aos ilustres hipnólogos o encargo de nô-los apontar para a elucidação completa da ilusão espírita, quer parta da plebe, quer parta de sábios. E poderão também se irem exercitando para novos e mais difíceis relatos, que pretendemos apresentar.

Bastam os que aí ficam, por hoje.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Interpretação Doutrinária (Hermenêutica)

(Sugestões apresentadas pelo coronel *Delfino Ferreira,* para o ensino desta matéria).

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil incluiu, no programa de 61, o ensino de regras e princípios gerais de *hermenêutica,* aplicados, sempre que cabíveis, à interpretação da Doutrina Espírita. A matéria foi entregue ao cel. Delfino Ferreira, que é um dos professôres do Instituto. A título de sugestões, para a parte teórica, o nosso confrade apresentou o presente roteiro à Diretoria do Instituto, devendo ser dada, no próximo programa, a parte prática, isto é, a aplicação de uns tantos princípios de hermenêutica à interpretação doutrinária. O objetivo do Instituto, ao introduzir esta matéria em seu plano de curso, é apenas fazer alguma coisa no sentido de facilitar aos estudiosos, especialmente aos iniciantes, um caminho mais fácil para a compreensão de certas questões doutrinárias. (Nota da Diretoria do Instituto de Cultura Espírita do Brasil).

DIRETRIZES para o Programa, organizadas pela Diretoria e Corpo docente :

I. *Introdução* — Noções gerais de hermenêutica — Exegese—Valor e utilidade da interpretação doutrinária.

II. *Métodos de interpretação* — Apreciação dos métodos—Valor dos textos — Sentido do conjunto.

III. *Doutrina Espírita*—Seus conceitos básicos—Circunstâncias — Fontes autorizadas — Visão global da doutrina.

IV. *Recapitulação geral* — Revisão.

(Nove aulas durante o ano).

Considerações da Diretoria :

I. Tratando-se de matéria nova e sôbre a qual não existe, ao que se sabe, um manual de interpretação da Doutrina Espírita, com aplicação de certos princípios de Hermenêutica, parece à Diretoria do ICEB, tanto quanto possível, que é necessário adotar pelo menos um roteiro, que atenda aos objetivos do Instituto. (x)

II. Sendo a Hermenêutica «a arte de interpretar» (definição comum) é natural que procuremos aplicá-la à doutrina espírita, sem perder de vista o caráter da doutrina. A hermenêutica tanto se aplica ao Direito (interpretação das leis), como à Bíblia, às composições literárias, etc. *Como, porém, organizar um sistema de interpretação da doutrina espírita?* Não havendo trabalho específico para o caso da doutrina espírita, cremos que o caminho mais indicado é :

a) ADOTAR, em quanto possível, certas regras de Hermenêutica, sem rigidez ;

b) ELABORAR um plano capaz de facilitar aos expositores da doutrina pelo menos a compreensão dos textos afim de poderem orientar os estudiosos.

III. Dentro desta idéia geral sugerimos o seguinte roteiro de aulas, a título de experiência, até que se tenha, mais tarde, uma hermenêutica espírita :

1—Conceito de Hermenêutica (geral) —Exegese (interpretação minuciosa, menos ampla).

2—Necessidade de boa interpretação nas exposições da doutrina, evitando tomar como base opiniões pessoais.

3—Mostrar a inconveniência de tomar por ponto de referência uma palavra ou frase isolada.—Considerar o valor do contexto para a interpretação mais consentânea com o espírito da doutrina.

4 — Pontos fundamentais da doutrina (unidade) — Realçar os conceitos básicos da doutrina, fazendo sentir que existem também certos conceitos de caráter transitório. Isto é muito importante na interpretação doutrinária do Espiritismo. Distinguir aquilo que é da doutrina, o que ela realmente afirma, e o que é apenas um modo de ver particular, o pensamento de uma pessoa ou de um espírito.

NOTA — O objetivo da Diretoria do Instituto, ao introduzir esta matéria no programa do corrente ano (1961) é auxiliar os doutrinadores (presidentes de Centros, expositores, etc.) a interpretarem, com clareza, afim de poderem expô-la com proveito.

Síntese das aulas ministradas

— Definições. Discordâncias sôbre o conceito de hermenêutica ;

— Omissão do têrmo em diversos países : Itália, França e outros, que apenas usam o vocábulo «interpretação». Para muitos opinantes hermenêutica, interpretação e exegese têm a mesma significação.

— De tôda a discussão concluimos :

a) Hermenêutica é o conjunto de regras orientadoras de uma perfeita (relativamente) interpretação de textos e até mesmo de palavras.

b) Exegese é a aplicação dessas leis.

c) A exegese quase que ficou limitada ao domínio bíblico, de vez que corresponde a uma interpretação que poderíamos dizer «dirigida».

d) Face a essas conclusões poderemos considerar hermenêutica nos termos da de letra «a», denominando-a INTERPRETAÇÃO, *para nos enquadrarmos nas Diretrizes do Instituto,* subdividido o conceito em : *conjunto de regras* (a estabelecermos) que orientem, facilitem o entendimento do espírito, do sentido dos textos ; e, *sua aplicação.*

— A título de ilustração e, mesmo, recurso de inspiração, pareceu-nos interessante recorrermos ao campo bí-

---

(x) — Art. 1.° dos Estatutos : «...e tem por fim precípuo cuidar do aspecto cultural do Espiritismo.»

blico. No âmbito do catolicismo não encontrámos própriamente uma hermenêutica, ou seja um conjunto explícito fácil, de regras de interpretação, sim de exegese orientada pela doutrina da igreja, baseada na tradição, na opinião dos antigos padres e em diversas escolas, e, nos últimos tempos em encíclicas pontifícias. E' assim que na «Providencissimo Deus», de Leão XIII (1811-1893 sôbre o estudo das Escrituras, o ilustre pontífice dá as normas para a interpretação dos *textos difíceis.* («O texto sendo claro dispensa interpretação; todavia não a impede, dado que tudo é suscetível de interpretação, até mesmo o silêncio. O que não exige é uma regra especial»). (x)

1 — Considere-se a fôrça nativa dos vocábulos e locuções;

2 — Conheça-se a sua significação no lugar próprio: a) pelo contexto; b) pelos lugares paralelos;

3 — Tenha-se diante dos olhos a condição histórica, intelectual e religiosa do livro... (e poucas mais sem interesse nem paralelismo para o caso espírita).

Essa encíclica, todavia, se mostra interessante no apresentar as dificuldades da tarefa, ainda nos dias daquele pontífice, dificuldades que perduram e isto não obstante tratar-se de uma doutrina milenar, no seio de uma igreja organizada, disciplinada e de velha cultura.

Já no setor do protestantismo nos foi possível encontrar melhor apresentação. Assim, dêle são as seguintes REGRAS:

1.ª Interpretar gramàticamente o texto, tendo em vista a significação das palavras, a forma das frases e as particularidades idiomáticas da língua. (x)

2.ª Interpretar-se em conformidade com o contexto.

3.ª Considere-se o escôpo ou o plano do próprio livro. (xx)

4.ª Comparece-se a Escritura com a Escritura (o livro com o livro, observação nossa). Esta Regra como que cria ou estabelece outras que poderemos dizer adicionais. Exemplo:

a) Comparar as palavras entre si (paralelismo verbal). Kardec na introdução do «Livro dos Espíritos» põe em foco o caso do vocábulo ALMA, entre outros.

b) considerar o sentido geral (espírito) da doutrina.

c) buscar a significação do vocábulo; verificar se tem apenas uma (caso em que o sentido, evidentemente, se torna claro); se tem diversas, hipótese em que, então, cumpre examinar qual cabe melhor na frase; qual, mesmo, a que esta exige. Poderá ocorrer servir mais de um, devendo-se, então, examinar o que indica o contexto.

Para o caso espírita vale recordar, dado, via de regra lermos os livros da Codificação e outras obras através traduções, que se impõe, em caso de grande dúvida, ou dificuldade, recorrer aos originais, e sempre que possível às primeiras edições das publicações definitivas.

Face ao exposto sugerimos o seguinte

Plano de Hermenêutica Espírita

1) Considerar, preliminarmente, a doutrina sob dois ângulos: a) filosófico-científico; b) moral (religioso).

(x) — Há ensino em contrário, donde o conceito: «Embora claríssimo o édito do Pretor, não se deve descurar da interpretação respectiva, conceito ao qual, porém, os tradicionalistas opõem estoutro: «Quando nas palavras não existe ambiguidade, não se deve admitir pesquisas a cerca da vontade ou intenção.» Carlos Maximiliano: «Hermenêutica Aplicada ao Direito».

(x) — Um problema difícil, mas ajustável a essa regra, nos surge, em nosso meio: o estabelecimento de uma terminologia espírita, problema, aliás, posto em fóco pelo Codificador, na introdução do «Livro dos Espíritos», ao aludir à necessidade de uniformidade de linguagem: idéias novas, exigem palavras novas; para cada idéia uma palavra...

(xx) — Daqui podemos extrair um «método»: —Ler o livro correntemente. Observar a distribuição da matéria. Não deter-se face a uma dificuldade.—Referir à margem passagens correlatas do mesmo ou de outros livros...

Para o 1.º caso, tudo estava por fazer, embora sem as grandes dificuldades de caráter linguístico, histórico, geográfico, arqueológico que levantaram, e levantam, ao estudo interpretativo (exegético) do Novo Testamento e mòrmente do Velho.

Para o 2.º, as mesmas dificuldades do 1.º se apresentam minoradas pelo trabalho já existente, de uma exegese bíblica. Todavia, a interpretação se fará à luz da doutrina dos espíritos, expressa na obra kardequiana, o que, aliás, facilita a própria exegese bíblica, em seu plano superior, não popular. O mesmo quanto ao sentido moral de qualquer outra fonte religiosa, dado o universalismo e independência do Espiritismo. Consoante êste plano oferecemos, a título precário, e, pois, como um esbôço, o seguinte quadro de

Regras de hermenêutica espírita

1.ª — Dado proclamar-se o Espiritismo o «Consolador», prometido pela palavra de Jesus, cumpre, para evitar limitação religiosa, firmar-se a noção do Cristo Cósmico e a do Cristo Histórico.

2.ª — O Espiritismo é doutrina universalista, também do ponto de vista cósmico. Daí distinguir nos textos da Codificação o que se refere à humanidade circunscritamente terrena da de outros mundos. (Ver «Evangelho segundo o Espiritismo, III, 14 e 16; e «O Céu e o Inferno», Parte I, Cap. III, n. 17).

3.ª — Na interpretação de um texto considerar o contexto.

4.ª — Interpretar o texto gramaticalmente; considerar nêle a construção da frase, a etimologia dos vocábulos e o sentido local da palavra, não a tomando sempre ao pé da letra.

5.ª — Dado ser o Espiritismo uma doutrina revelada (Genesis segundo o Espiritismo, Cap. I, n. 12) pelos Espíritos Superiores, cuja linguagem é o pensamento (Livro dos Médiuns, n. 223, §§ 14 e 15) tenha-se presente que as palavras dela tradutoras nem sempre corresponderão ao seu sentido etimológico vulgar.) Livro dos Médiuns, n.º 128, § 3.º, observação n. 2 de Allan Kardec) «O essencial é o fundo» (Livro dos Médiuns, p. I, cap. IV, n. 50; Livro dos Espíritos «Introdução, § XIII, *in fine).*

6.ª — Cumpre igualmente considerar, quanto à linguagem do texto, o espírito da época, as condições da ciência, da cultura, etc. (Exemplo: «O Espiritismo não é da alçada (não depende) da ciência». Livro dos Espíritos, «Introdução» § VII).

7.ª — Nas traduções, em caso de dúvida, recorrer às edições originais definitivas.

8.ª — Ter sempre presente, diante de qualquer texto, os fundamentos básicos da Doutrina, o pensamento do Codificador e recorrer às suas fontes em caso de dúvida.

9.ª — Considerar sempre que o Espiritismo é a ciência da alma, cujas leis básicas busca conhecer e divulgar, sem menosprêso, porém, pela da vida material.

10.ª — De vez coexistirem na Doutrina três aspectos: científico, filosófico e religioso (indecomponivelmente), busque-se no texto em causa qual o aspecto dominante.

11.ª — Nos textos de caráter religioso considerar sempre o espírito da Doutrina expresso na «Introdução» de o «Evangelho segundo o Espiritismo»; i. e., buscar exclusivamente o ensino moral, à luz da Doutrina espirítica, jamais da teologia.

12.ª — Nas mensagens do além considerar a indispensabilidade de sua expontaneidade e universalidade, também a concordância com a Doutrina, (Genesis segundo o Espiritismo «Introdução» e «O Evangelho seg. o Esp. «Introdução», § II) e, pois, que, «o principal julgamento é o da razão».

13.ª — Finalmente, faz-se indispensável à interpretação fiel da Doutrina conhecer seus princípios fundamentais, as bases históricas do Espiritismo, os fatos iniciais, o essencial da biografia do Codificador e da feitura dos livros da Codificação.

Exemplos de Interpretação

I

«A bandeira que arvoramos bem alto é a do espiritismo cristão e humanitário ... (Livro dos Médiuns, item 350).

Deixando de parte o vocábulo *bandeira*, que evidentemente não é um distintivo de nação, partido ou instituição qualquer, sim significação de IDEAL, «propósito», vejamos o sentido da expressão «espiritismo cristão».

Comecemos por apreciar o espírito, o sentido de todo o artigo (item) 350. Fixemos que de início êle alude a uma finalidade do Espiritismo em termos não afirmativos, e afirma, então, que para atingi-la (a finalidade do Espiritismo) só há um caminho: o melhoramento da humanidade, através o dos indivíduos. Esboça a seguir um panorama todo de ordem moral. Ora, a moral espirítica, na pensamento do Codificador é a evangélica; e isto ela tornar explicito com o 3.º livro da Codificação e os termos claros da «introdução» dessa obra.

Consideremos agora, que, inunção mental, absolutamente pessoal, Kardec, não obstante, diz esforçar-se por fazer o Espiritismo entrar nêsse caminho. A bandeira que arvoramos, etc... Quem a arvora? A universalidade, a concordância do ensino dos Espíritos? Ou o Codificador pessoalmente? Parece-nos que não esconde ser êle o porta-estandarte; não a universalidade dos Espíritos, que constitue, segundo êle mesmo, a fôrça, o caráter essencial da Doutrina.

E tanto é assim que conclue convidando as sociedades espíritas a concorrerem para a grande obra.

II

. . . .

III

. . . .

18 de Novembro de 1961, última aula

* * *

Cá e Lá

Domério de Oliveira
(Da U. M. E. de Catanduva)

Indubitàvelmente, Lavoisier, fôra inspirado por uma centelha divina, quando proclamou, com acêrto, o princípio da conservação da matéria: — «A matéria não pode ser criada nem destruída; só é possível transformá-la». Tal é a verdade que encerram estas palavras, que elas não se restringem, apenas, aos fenômenos materiais, mas, também, a todos os outros do mundo, inclusive os da alma.

A evolução é inegável. Ela implica na transformação subjetiva da humanidade. No entanto, cíclos retrospectivos há, que representam a estagnação mental de um povo.

Às vêzes, parece que tudo está parado ao nosso derredor. E a própria vida vai perdendo a sua finalidade. Enganadora mentira. As Leis vigem. inexoràvelmente, como os ponteiros do grande Cronos.

Nas mesmas madrugadas, nos mesmos ocasos silenciosos e poéticos, contemplamos o fenecer de tantas existências. Muitas delas vazias, valendo, apenas, para dados estatísticos. Outras voltadas para as grandes virtudes, que enobrecem, que enaltecem e que dignificam.

Goethe disse: — «Gostaria de ter os braços tão largos quanto o Universo para abraçar a humanidade tôda!»

Afinal, cada um de nós é a própria humanidade. O destino dela é o nosso próprio destino. De nada vale ao Sêr Humano aquilo que poderia ter feito em beneficio do próximo. O homem ainda não se compenetrou da sua pequenez. Age como se fôsse eterno, no plano físico. Esquecido da putrescibilidade da matéria, arroja-se à conquista dos bens materiais como lobo famélico à prêsa inadvertida. E, nos momentos cruciais, — «in articulo mortis», reconcilia-se com a religião. Tal criatura não pode aquilatar quanta felicidade reside num coração votado ao bem.. Não enxerga um palmo além da matéria, de seu nariz. Esgota as derradeiras energias no prazer efêmero, fogo fátuo no cemitério da existência material.

A preocupação de certos filantropos é o culto do «Ego». Não praticam um ato de caridade. Não sentem e nem compartilham com as desgraças alheias. Entretanto, se tivessem o espírito um pouco mais refinado, veriam que a suprema ventura reside na felicidade do semelhante.

E' sempre bom meditarmos no meio do caminho. Não deixemos que a poeira do individualismo cubra as páginas fraternais do livro sagrado do altruismo. Lembremo-nos sempre do maravilhoso pensamento de Eliphas Levy — o imortal talento francês :

> «A humanidade se ilumina e progride com a verdade, mas só se salva com o amor».

Um sonho do nosso irmão Snr. Arnaldo S. Thiago

A REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO em seu n.º 8 de 15-9-59, trouxe mais uma colaboração agradável do culto confrade Snr. Arnaldo S. Thiago, «ESPIRITISMO E POLÍTICA», e tece considerações ponderadas sôbre ilações tiradas de seu sonho; realmente, quando fala em politicalha nos centros está de parabens nosso confrade, não digo politicalha apenas nos centros, mas dos espíritas em geral, a politicagem acanalha qualquer indivíduo, como desmoraliza qualquer agrupamento espírita que se deixe, inadvertidamente, enroscar-se nela: é um visco pegajoso, deletério.

Há um tópico no oportuno artigo de nosso respeitável confrade, que diz, mui de perto, à atuação sadia dos espíritas na Política: *«verificando o que tem se passado em certos núcleos de atividades religiosas nos quais a política tem se introduzido subrepticiamente, para concluir de uma vez por tôdas: Espiritismo e política, nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana, são absolutamente incompatíveis. Os que se entregam á politicagem não devem levar a contaminação das suas idéias nefastas para os centros de trabalho espírita, perturbando a vida dessas corporações, alienando a simpatia dos Espíritos Superiores e atraindo os perversos que são os que melhor se coadunam com a esperteza e a miséria das consciências envenenadas de politicagem»*. Parabens, confrade Snr. Arnaldo S. Thiago!

Há, distinto e nobre confrade, outra face da medalha: o alheiamento da coisa pública, o alheiamento da POLÍTICA construtiva, da POLÍTICA ciência e arte, da POLÍTICA no seu sentido mais aristotélico possível; já o nome POLÍTICA, pela semântica da palavra, vemos a que ponto chegou: — ninguém mais quer entender o que realmente é POLÍTICA...

Ao espírita; adepto da libertária Doutrina do Maior dos Libertários, não é possível permanecer á margem dos acontecimentos do mundo atual, mundo em perpétua mudança: ao espírita a POLÍTICA não pode ser encarada a não ser no seu aspecto construtivo, científico, humano.

O Cristo disse que seríamos a luz do mundo, o sol da terra, a politicagem está obscurecendo consciências, enegrecendo caracteres, denegrindo personalidades, obnublando o raciocínio, a politicagem está putrefazendo indivíduos, degenerando cidadãos úteis à Humanidade, putrificando inexperientes, engangrenando vaidosos; como espíritas, como cristãos, estamos dentro dessa sentença proferida pelo Cristo: — *«vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra»*.

A Doutrina, como ciência e filosofia, tem que estudar POLÍTICA, tem que politizar seus adeptos, tem que encarar face á face o problema na conjuntura atual do momento que vivemos, não digo que seja possível, no momento, êsse trabalho politizante nos Centros espíritas, mas devemos fazê-lo pela imprensa.

O espírita também é eleitor, e «a fé pela razão» quanto à crença, o «conhecimento do problema» como eleitor. Do contrário, é o que temos visto, «espiritas» que se candidatam, quando eleitos, se *envergonham de ser espíritas*...

A POLÍTICA é uma ciência, mas, no mundo atual tem sido um dos maiores fautores de fanáticos, e como o fanático não raciocina, há elementos religiosos que se aproveitam da faculdade fanatizante da politicagem para ordenar a seus fiéis votar num determinado candidato que, às escondidas, prometeu subvenções ás suas paróquias. Nas últimas eleições os jornais trouxeram notícias de suicídios por essa causa! Obra do clero...

O Cristo nunca quís se encostar à sombra de políticos poderosos, os «raposões» da época não tiveram do Mestre o seu beneplácito, bem assim o cidadão romano Paulo de Tarso não foi procurá-los para, sob sua proteção, espalhar a Doutrina do Nazareno; os primitivos cristãos venceram porque não quiseram adorar Mamon, não quiseram bajular os cesares, mas, antes, venceram porque tinham uma convicção, uma certeza na imperecível Doutrina do Mestre Galileu.

O Cristianismo quando oficializado pela politicalha começou degenerar-se, quando se tornou participe dos ágapes dos poderosos começou enfraquecer-se, quando abençôou espadas, benzeu canhões, abastardou-se, paganizou-se: morreu!

A POLÍTICA como ciência deve ser estudada pelos espíritas, êstes têm a «vacina anti-fanática», «anti-rábica», que é a norma deixada pelo codificador: tudo submeter à razão, friamente passar tudo no crivo do bom senso.

Como instituirmos no mundo o «império» da justiça social a não ser por meio das instituições livres; a não ser por meio da POLÍTICA? Não foi o Espiritismo arma eficiente para colaborar na ABOLIÇÃO?

Como fazer com que a HUMANIDADE se beneficie dos princípios espiritualistas dinâmicos gravados em leis constitucionais, a não ser por intermédio da Arte de Governar?

Nós espíritas precisamos «espiritualizar», «humanizar» a POLÍTICA, precisamos estudar a Política no seu sentido científico, humano, espiritual, «sois a luz do mundo, o sal da terra», a Política precisa da colaboração dos espíritas, não para formar mais um partido político que no Brasil surge como cogumelo, temos um dever para com a Política, precisamos nos preparar para legislar quando efetivar o que está programado pelo Alto: — «Brasil, coração do mundo e Pátria do Evangelho.»

Pensemos no contingente que o Espiritismo dá à Política com a doutrina da reencarnação, encarada, naturalmente, sob o ponto de vista dinâmico da reencarnação.

Nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana em pura e simples degenerescência, o Espiritismo tem a sua missão a cumprir, tem seu papel para representar, não pode, agora, colocar a luz debaixo do alqueire mas no velador para que a todos ilumine. O Espiritismo traz a vacina que deve imunizar seus adeptos contra a corrupção da politicalha.

O nosso distinto irmão Snr. Arnaldo S. Thiago tem razão quando diz que a politicagem é incompatível com a Doutrina Espírita, — quantos centros espíritas não tem sofrido êsse terrível e mortal veneno!

Quantas lágrimas derramadas por mentores de centros espíritas que viram irmãos chafurdados na politicagem, irmãos que se esqueceram da Doutrina Codificada por Kardec: essa politicagem tem dado lado a que espíritos inferiores se apoderem de irmãos nossos fazendo-os gastar mais na politicagem do que no benefício que o centro presta aos necessitados; quantos Guias Espirituais tem se entristecido com a atitude de muitos espíritas.

O Brasil está necessitando dos homens da Terceira Revelação, não podemos nos alheiar do que se passa em nossa terra, não podemos nos tornar imbeles nas mãos de qualquer sacripanta político que aparecer, precisamos estudar os problemas brasileiros e internacionais, precisamos estar em dia com o que se passa no mundo, para, quando, um aventureiro qualquer quiser falar em politicagem estarmos preparados moral, espiritual e intelectualmente para separar o jôio do trigo; saber discernir, saber escolher o candidato para ser votado.

A sociedade não concebe marginais do interêsse social, a sociedade repele aquêles que não se interessam pelas atividades normais de uma comunidade; o indivíduo precisa se interessar conscientemente pelo bem comum, já temos uma filosofia cósmica que explica todos os fenômenos da vida, não basta explicar, interpretar, precisa é mudar, modificar, e para isso a nossa filosofia é interpretativa e ao mesmo tempo guia seguro para a transformação, transformação essa que depende de nós, espíritas, preparadores do Brasil, coração do mundo e pátria do Evangelho; somos instrumentos nas mãos dos nossos irmãos maiores para concretização do ideal sublimado de nossos mentores espirituais.

POLÍTICA, ciência, filosofia, arte, essa não é incompatível com o Espiritismo; política, politicalha, politicagem, essa sim, é incompatível com o Espiritismo, é nefasta, deletéria, destrói centros, leva inimizades aos grupos espíritas, essa precisa e deve ser repelida pelos espíritas.

O veículo de politização espírita deve ser o jornal, a revista, o rádio; Política não partidária, sectária, mas geral, construtiva, esclarecedora, politização que seja uma preparação contra o fanatismo político, vacinação contra a politicagem.

«Ao Evangelho, todavia, não se pode chegar senão por sucessivas aproximações», à Pátria do Evangelho não se pode chegar sem estudo da Política, da espiritualização, da moralização dos costumes, da evangelização, enfim; aí sim, a Política pode e deve ser ancila do Espiritismo para implantação do Reino de Deus na Terra.

Em todos os países do mundo o clero se tem metido em política, na parte educacional, por exemplo, por todos os meios se tem notado a sua presença, e a fôrça que faz por êste ou aquêle candidato é o «conchavo» de sacristia para futuras facilidades em tudo.

Não é preciso que o espírita seja muito inteligente para ver como se passa no mundo com o clero; no Brasil basta observar a sua atuação; estudem-se os programas apresentados, e quem for mais liberal, quem estiver mais de acôrdo com a Doutrina Libertária...

Cairbar foi político e nem por isso ficou enredado na trama. Quando não mais foi necessária a sua presença na política, dela se afastou limpo, incólume, invulnerável; *deixando benefício para a terra que adotou como sua . . .* são êsses exemplos de política construtiva que precisamos seguir e ponderar.

Está de parabens o nosso irmão Arnaldo S. Thiago: — no interior temos visto exatamente o que está no seu notável artigo. Os espíritas precisam de mais ponderação; os espíritas não podem, pela fôrça da própria Doutrina, se chafurdarem na politicagem que sòmente mal leva aos centros espíritas.

Espíritas! *CUIDADO!*

Mac Maynard

* * *

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$ 400,00	Ano de 1949	cr$. 300,00	Ano de 1955	cr$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300,00	» » 1951	» 300.00	» » 1957	» 300,00
		» » 1952	» 300.00	» » 1958	» 300,00
» » 1947	» 300,00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300,00
» » 1948	» 300,00	» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300,00

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

VI

(Conclusão do Capítulo VI)

Interessante que o dr. Osmard, depois de dizer em certo trecho (dez. últ.), dessa sua tese dos três tipos reflexológicos, de que ao falar no tipo Instável — não estava pensando em comportamento mental —, logo adiante (jan. últ.), no mesmo têma, diz: «E no entretanto os indivíduos mais facilmente hipnotizáveis são justamente os mais inteligentes, os mais lábeis. Porque labilidade mental é inteligência.»

Ora, não está aí falando no que não pensou? em mental?

Bem, mas não é isso, comum no seu trabalho, o nosso objetivo de agora.

Ali, na sua tese, ao referir-se à labilidade do seu tipo Instável, deixou bem entendido tratar-se das passagens entre os estados mentais, excitação e inibição, no que citou exemplo de doentes mentais, como os histéricos, o «chorar e rir», atitude esta também conferida às crianças ainda de juizo incompleto. Como vemos, nada se disse de predicados inteligentes intelectivos. E agora nessa frase, ao comentar essa labilidade mórbida da sua tese, inverteu bruscamente o sentido, ainda com rotulagem imprópria, passando para outra labilidade dos atos inteligentes, da vida intelectiva, atividade esta diferente daqueles outros predicados, da instabilidade mental excito-inibitivos, que não retratam capacidade da bôa função da inteligência.

Vejam-se aí, como confundiu dois conceitos, em que um não representa o outro, cuja falha fundamental não se pode atribuir a um simples descuido, perdendo-se todo um têma, no que bem revela a insegurança do nosso antagonista, na laboração das suas literaturas reflexológicas. E com essa sua infeliz amostra, cumpriu nesta Revista aquela sua profecia, do seu — Santos e Demônios — (15-8-1961), de que poderia levar os leitores à confusão. De fato, se o próprio autor da tese não conseguiu distinguir uma e outra labilidades, levou os leitores à confusão, a ficarem sem saber qual delas ali prevalece, se a da mudança entre os estados mentais como o «chorar e rir, ou a da vida inteligente intelectiva.

Veja aí dr. Osmard, infelizmente, para a sua causa, trouxe desta vez com suas próprias mãos nesta Revista, um dos exemplos flagrantes de como estariam montadas aquelas suas 770 páginas dos seus dois livros, assim prejudicadas, conforme já estamos acusando desde o início dos nossos debates. E pior ficou ao ter expedido êsse lamentável desacêrto, com aquela enérgica advertência, de que isso é linguagem médica, só para médicos que a entendem, e não para leigos. E precipitou-se ao criticar o sr. Imbassahy, com esta frase anti-ética: — «É de se tirar o chapéu...», por ter declarado não entender o seu cientificismo, cuja frase teria também atingido os próprios colegas do dr. Osmard, os quais, sem dúvida, não desejariam comprometer a reputação médica que desfrutam, e a respeitamos, em dizerem-se entendidos, no que se lê, a exemplo dessa amostra da labilidade mental. Se o dr. Osmard duvida disso, que nos aponte um único nome, entre os ilustres facultativos seus leitores, que lhe dê apôio nestas páginas, em defesa dessa sua presente linguagem técnica médica.

Assim, aparando a violência da sua crítica, aqui fica a cartada de um leigo, à disposição da sua contra-jogada acadêmica, se é que deseje se arriscar na defesa dessa sua tese do tipo nervoso Instável, em perigosa aventura para o seu prestígio literário.

Depois dessa falha irreparável, citou tópicos de Richet, onde o mestre estaria discordando da doutrina de Kardec. Então, conheça mais êste do sábio: —«...ainda vejo nessa hipótese espírita tantos absurdos, tanta obscuridade, que não posso me resolver a reconhecê-la.»

Estranho não é? Mas convém saber que há outros sábios, tão honrados como Richet, mas sem pensarem assim como êle em relação à nossa doutrina.

Entretanto, se às vêzes preferimos opiniões, como a exemplo da do sábio da Sourbone, nêsses momentos, é justamente por não estarem ainda de acôrdo com a nossa teoria doutrinária, tornando-se insuspeitos. Mas note-se : tais discordâncias dizem-se da parte teórica do Espiritismo, cujas particularidades doutrinárias, mesmo entre nós adeptos de Kardec, nem sempre em tudo estamos de acôrdo. Mas, em compensação, êsses mestres, a exemplo de Richet, oferecem-nos o que há de mais precioso na sua capacidade e honestidade científica. É a prova de laboratório da realidade do espírito. Dando-nos esta, os fatos, parte básica indiscutível, de resto, quanto à teoria, seja como a julgarem, que isto não nos interessa tanto, porque dêles o que desejamos é a prova científica da fenomenologia espírita, à qual H. Roxo ter-se-ia referido. A favor dos fatos, mas não da teoria, aquelas provas tornam-se irrefutáveis pela insuspeição, cortando esta habitual retirada dos adversários, como já fez ali o dr. Osmard, no seu artigo, acusando Flammarion de — suspeitissimo —, por ter sido médium de Kardec.

De acôrdo agora ?

A seguir, apontou alguns nomes ilustres que se referiram à insanidade mental dos médiuns.

Mas o dr. Osmard está combatendo Espiritismo ou Mediunismo ?

Já de há muito o alertáramos sôbre êsse êrro e volta a incidir nêle. E até nos magôa revelar tantas confusões e contradições, parecendo perseguição ao nosso adversário. E após apontar a opinião daqueles facultativos, disse : «E depois é a mim que acusam chamar os espíritas de loucos ?», injustiçando aquêles nomes que nada ali dizem dos espíritas. Neste caso, para o dr. Osmard, Franco da Rocha estaria contradizendo-se, pois enquanto no seu artigo transcreveu do célebre psiquiatra, o tópico onde se lê dos médiuns : «Nunca vi um médium que fôsse normal ; é quase sempre um desequilibrado» —, já, com relação aos espíritas, em — Cartas a Esmo —, pág. 41, de Cairbar Schutel, respondendo a uma pergunta, diz o mesmo psiquiatra : «O alienado que se dedicava ao Espiritismo não o ficou por êsse motivo, já era antes um predisposto.»

Veja-se aí como os mestres mesclam uma e outra coisa, para cuja distinção o dr. Osmard ainda não acordou.

Quanto aos médiuns, de insanidade mental, aos quais se referem os psiquiatras, são aquêles das rudimentares práticas do sincretismo religioso afro-brasileiro, que nada têm com o Espiritismo. A mediunidade, que não é propriedade exclusiva da doutrina de Kardec, praticada nesses grupos sincréticos, (Umbanda, Quimbanda, Macumba etc.,) sem orientação doutrinária, em ambiente inculto, saturado de histeria (doentes de mentalidade infantil), o médium que se de início era um normal, com a mente dissociando-se com frequência nessas práticas desordenadas, entremeadas com a hipnose, não tardará em se nivelar aos seus pares, que já se teriam iniciado nevropatas. Estas práticas, dos Candomblés, geralmente livres ao público, é que têm sido motivo de atração dos observadores, justificando-se aquelas declarações.

Já, nas reuniões reservadas do Espiritismo, onde o mediunismo é cultivado sob orientação doutrinária, a preservação da saúde física, mental e moral dos adeptos é recomendação dos postulados de Kardec. Aos médiuns destas práticas, onde se os têm como um sêr delicado, os mestres não se referem na mesma forma como aos daquelas, onde atuam como máquinas. Sem necessidade, pois no artigo de 15-3-61, do sr. Imbassahy, já constam várias destas declarações, poupando espaço, vejamos apenas um exemplo, para não passarmos em branco. No — Correio da Manhã —, Rio, de 1-2-45, neste tópico, do dr. Floriano Lemos, lê-se : «Ora, todos êsses médiuns são absolutamente normais». Ainda, dos espíritas, no Annales des Sciences Psychiques, o célebre psiquiatra prof. Morselli, diz : «Todos os espíritas com quem tenho mantido relações gosam boa saúde».

Como vemos, se depender de declarações, não estamos desamparados pelos mestres, desde que se saiba interpretá-los, não se confundindo o que dizem e não dizem, como fez ali o dr. Osmard.

E, continuando na sua obstinação, ainda com alguma pobreza de argumentos, ao fazer repetições de outro de seu artigo distante, também nos ironizou de

—o professor — o mestre—por não entendermos o que lemos —, e mais outras suas habituais «gentilezas», insinuando-nos ignorância, sem perceber que, apesar de tudo isso, ainda somos nós que estamos corrigindo seus embaraços. Por aí se calcula o valor das suas produções. Críticas assim são ingênuas e distraidas. Vaguêia na superfície em sensacionalismo de fachada e não vê o adversário solapando-lhe a base.

E ainda teceu outras críticas indelicadas ao sr. Imbassahy, de que não lê nem mesmo a Revista onde escreve, não compra livros, pede-os emprestados, e se tivesse lido o seu, pouco adiantaria.

Que pouco adiantaria, com aquelas labilidades, isto é geral. E de que não lê, mas toma-os emprestados, é crítica falha, porquê se os recebe de empréstimo já é prova de que lê. A confissão de que pede livros emprestados poderia indicar pouco recurso financeiro, mas boa predisposição para ler.

Já, com o dr. Osmard dá-se o inverso. Declarou possuir 3.000 (três mil) livros (bom dinheiro), mas pelas suas confusões e contradições está confessando ser de pouca leitura. Vejam aí; o que sobra para um, falta para o outro. E de compras; não só o sr. Imbassahy mas nós também compramos até esta Revista, onde colaboramos. E o dr. Osmard ?...

Bem, paremos aqui, porquê já vemos o sr. Campêlo de tesoura na mão, pronto para cortar esta conversa.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

No Remoinho das Dúvidas

G. M. Minardi

NÃO sou partidário da escola dos «sofistas» que já fizeram época na antiga Grécia, (se bem que ainda muitos gostem de recalcar os rastos por mero hábito ou vício mental, aplicando um raciocínio falso ou sub-repticio em tôdas as situações, até mesmo quando estão em causas certas questões atinentes às leis Divinas que são anteriores ao homem), portanto não torcerei as leis universais por meio de raciocínios falsos e, por minha índole, não quero também perturbar o ponto de vista filosófico de consciências apegadas, segundo a própria luz interior, a determinada crença, só quero, no âmbito das minhas possibilidades, despertar o indiferentismo, ainda grudado a sentimentos e paixões no remoinho das dúvidas.

Segundo o conceito de Galileu Galilei, «Crer» ficou sendo sinônimo de saber, e saber quer dizer verificar ou tomar conhecimento de alguma verificação feita por homens capazes. A Ciência nos mostra então como o Universo é diferente daquilo que os sentidos nos fazem crer. Mas a Ciência, prudente e sóbria, evita as escaladas; não busca horizontes mais amplos do que os desvendados pelos seus métodos particulares. Não apresenta solução para o problema do assombro, deixa-nos muito aquem do alvo. Precisamos ir além. Um poder onipresente se revela por detrás de cada forma; uma «causa» eficiente se revela por detrás de cada organismo; algo que transcende a capacidade e a compreensão humanas é imanente no Universo. Nêsse algo «somos», «vivemos» e «nos movemos». Não adianta criar palavras mais ou menos eruditas para explicar o inexplicável, ou sofismar o incontestável. DEUS é a única e melhor explicação do todo.

Um novo caminho, cheio de promessas, abriu-se aos pesquisadores. Fechou-se um ciclo. A humanidade, escrava da fé na Idade Média, abandonou-a para escravizar-se à razão. Começa hoje a admitir a intuição; Bergson já a estabeleceu como fonte do conhecimento filosófico. E a intuição sublimada é a fé. RAZÃO, INTUIÇÃO, FÉ, são faculdades humanas complementares. Quando pudermos usá-las completamente, venceremos o assombro.

A Religião é uma questão de experiência. Como tôdas as demais fontes de conhecimento, ela tem fundamentos bem estabelecidos. Êsses fundamentos são a existência, no Universo, de algo superior ao Homem ; algo relacionado com as nossas faculdades mais elevadas : Razão, Inteligência, Vontade criadora.

Nas experiências normais de nossa existência cotidiana, o Homem surge como o mais alto Sêr na escala da Vida. Não encontramos aí evidência tangível de formas de existências superiores. A razão humana, exacerbada pelo próprio valor, exige provas para admitir tais existências como possíveis. As afirmações «dogmáticas» nada demonstram. As experiências místicas são estranhas demais para convencer ; dependem de faculdades peculiares, confundíveis com meras perturbações psíquicas ou metabólicas. Tal é o aspecto da questão para a humanidade de hoje.

As religiões sofreram a injunção de tôdas as fraquezas e imperfeições humanas, e perderam terreno ; não puderam conter o racionalismo dominador. A humanidade debate-se num mundo sem sentido ; perdeu a noção dos valores eternos, essenciais, para dar uma significação à vida.

Só um poder superior ao humano poderia reformar essa mentalidade deformada. E êsse poder vem-se manifestando. Sêres escravizados a fatos, só por fatos podem ser convencidos. E os fatos vêm-se apresentando, com ritmo crescendo, aos olhos pesquisadores da Humanidade.

Os fenômenos espíritas são êsses fatos, cuja freqüência não tem limites entre os povos da Terra. Nenhum outro processo elucidativo aplicar-se-ia melhor às condições imperantes na era atômica.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

VII — O FENÔMENO HIPNÓTICO

Havia prometido a mim mesmo e ao sr. Imbassahy em carta que lhe dirigi, encerrar o assunto com esta série de artigos, embora soubesse que ambos, êle e o sr. Casella iriam refutar minhas alegações, como aliás, já vem fazendo o último dêles, em seus curiosos e pitorescos «Revides aos contra-rebates». Se eu voltasse a discutir seus «nonsenses», êle teria de retornar mais tarde compondo uma série de contra-revides aos contra-rebates dos revides rebatidos.» Mas não posso deixar passar algumas «piadas» sem referência pois devo ser grato a quem me proporciona momentos de bom humor. Fa-lo-ei, porém, em pequenas notas de pé de página, para não me alongar muito e para colocar seus argumentos na altura merecida. E vamos adiante.

* * *

Agora, de posse de noções sôbre o que seja o ato reflexo, estímulos absoluto e indiferente, reflexos condicionado e incondicionado, sinal e sistemas de sinalisação, excitação e inibição, leis da inibição, inibição interna ou externa, ponto vigil, conexão temporária, tipos nervosos, etc., creio já podermos ingressar na fisiologia do processo do chamado sôno reflexo ou sôno hipnótico, afim de que depois estabeleçamos paralelos e comparações entre êle e o fenômeno da possessão espírita.

De duas maneiras principais e distintas, pode o homem ingressar no estado de sono comandado ou reflexo ; por estimulação recebida do exterior — os ditos estímulos exteroceptivos — e por excitação recebida do seu próprio meio interior — a estimulação interoceptiva. Na primeira modalidade temos a hipnose tradicional, comandada por outrem ; na segunda, os chamados estados de auto-hipnose. Vejamos o primeiro dêles : —

Pelo uso da palavra medida, automatizada, prêsa àquelas características já citadas (a palavra como estímulo sonoro), provocamos uma excitação continuada a um determinado foco cortical do paciente. Conforme a técnica de indução usada—e não vamos discutí-las aquí—um determinado setor cortical do paciente é explorado afim de que nêle se forme um primeiro foco de excitação. Ao mesmo tempo em que solicitamos do paciente uma resposta incondicionada (cansaço visual, resistência à oscilação do corpo, pestanejamento repetido, etc.), vamos, pela palavra, dizendo-lhe que sentirá tais fenômenos, que seus olhos ficarão pesados como chumbo, que seu corpo oscilará, que sentirá sonolência, que seu corpo se relaxará, e sugestões semelhantes de fatos que naturalmente deverão suceder. Assim, enquanto o seu primeiro sistema de sinais da realidade percebe fatos naturais e incondicionados, o seu segundo sistema, pela palavra, é informado de que tais fatos são por nós provocados. O conceito da palavra, concretiza e sinaliza na percepção do paciente a causa do que sente e com tal prática, atingimos um duplo objetivo inicial : a excitação débil e monótona de um foco cortical e o estabelecimento de uma primeira ponte, de uma primeira conexão temporária entre a zona auditiva do paciente (nossa palavra) e um foco motor subcortical (cansaço visual, pêso no braço, dificuldade fonatória, etc.)

Pela representação mental do conceito da palavra o paciente sente, traduz fisicamente o pêso da pálpebra como se realmente nelas tivesse chumbo (idéias de pêso), transformando uma conceituação mental numa resposta física. Simultâneamente a palavra do operador que se repete insistentemente reforçando o estímulo à zona auditiva, a representação física das imagens que naquela palavra se contém, obtém de início uma dupla resposta : uma primeira onda inibitória que se concentra em tôrno da zona auditiva e uma conexão temporária entre esta e a zona motora palpebral (no caso) comandando uma sensação iniludivel de pêso e cansaço.

Isto será muito melhor compreendido por quem tenha razoáveis noções de eletrodinâmica, composições vetoriais, campos de fôrça eletromagnética, indução bipolar e equilibrio físico de fôrças contrárias. Se algum dos leitores conhece o assunto, corra, por favor, urgentemente, em socorro do sr. Casella.

Assim a nossa palavra que se repete, repete, repete sempre, monòtonamente, rítmica, débil e persistente, levará à formação de um primeiro foco de excitação cortical, de um primeiro campo de indução positiva, ao mesmo tempo em que a simultâneidade do estímulo indiferente (a palavra) e da resposta natural (a fadiga), traçam no cérebro do paciente uma conexão temporária inicial. Traçam, no sentido de conectar, sr. Casella, não no de riscar com tinta, perdoem-me os demais leitores a explicação desnecessária. Tal arco nervoso é seguido pelo refôrço —pêso real do membro ou da pálpebra, que acentua a formação do arco

---

Nota 1 — No primeiro «contra-revide ao contra-rebate», n.° 7, pg. 148, diz o sr. Casela : — «E' de ver que o Dr. Osmard escreveu no seu livro todo um capítulo expondo os espíritas ao ridículo, entremeiando-os com as doenças mentais...» — Isso, depois de tudo que já disse e que foi lido nos números anteriores da RIE. Não lhes parece um caso típico de esclerose mental ?

Nota 2 — Contra-rebate n. 2, pg. 169 — «Por isso mesmo, com muita simplicidade mas garantindo-nos em fatos, pudemos com apenas três artigos no ano passado, desmoronar as suas 770 páginas». — Fala muito em fatos e laboratórios, o sr. Casella. Mas o único fato que nos mostrou por enquanto, foi a sua inexcedível modéstia... Prêmio Nobel à vista para um.

Nota 3 — Contra-rebate n.° 2, pg. 171—«Uma vez que considera ser a sugestão a causa absoluta dos fenômenos chamados histero-demoníacos, tal desencadeamento pertence aos domínios da hip nose» — «Logo... a sugestionabilidade seria um sintôma do histerismo.» — Para o ilustrado sr. Casella, a sugestão pertence aos domínios da hipnose. Ao contrario, mestre. A hipnose é que depende da sugestão. Se eu sugerir ao sr. Casella que antes de escrever, aprenda a ler, estarei induzindo nêle um estado de sôno ? E porque, sugestionabilidade, sintôma de histerismo? Todos nós somos sugestionáveis, nem todos somos histéricos.

condicionado — representado pela imagem de fadiga, cansaço, pêso, sono, etc.

Êsse primeiro foco de excitação cortical se faz cercar mais tarde por uma onda inibitória de refluxo — recordem as leis de inibição — que tende a bloqueá-lo e a partir do qual, a própria inibição já se começa a difundir também aos territórios vizinhos.

Que acontece então ao paciente neste primeiro passo? Mercê do arco temporário estabelecido — exatamente igual àquêle que faz um cão salivar ao som de uma campainha — e que se obtem pela sinalização trazida pela palavra, já nos é possível comandar, por essa palavra uma primeira resposta negativa, inibitória, no paciente. Suas pálpebras pesam, sua vista se embacia como se realmente houvesse nuvens sugeridas, como se na verdade retivessem-na placas de chumbo. Surge em seu córtex cerebral uma primeira nesga de inibição volitiva (Da vontade, sr. Casella). Enfraquece-se sua vontade de realizar atos físicos, embora o paciente sinta e saiba que se quisesse, conseguiria realizar fàcilmente os atos negados. Está ainda acordado, tem consciência disso, crê que se quiser abrir os olhos, conseguirá fazê-lo. Mas entrega-se ao abandono e sente-se bem assim. Não insiste na reação. Mesmo quando o desafiamos a abrir os olhos — sente-se desinteressado de fazê-lo. Dirá mais tarde que não abriu os olhos porque não quís, e é verdade; mas não os abre, e isto é também verdade.

Temos já agora dois outros focos de inibição no cérebro do paciente, de fôrça negativa e ativa. Apenas choque de contrários, apenas polos opostos que se contrapõem, ativando-se e anulando-se reciprocamente: um que comanda os movimentos motores das pálpebras, outro, perceptivo, relativo ao cansaço visual; um subcortical, outro cortical, ambos sofrendo o resultado da onda inibitória que começa a difundir-se a partir do foco de percepção auditiva. Êste porém, permanece excitado pela nossa palavra. Pela lei da indução recíproca — que já lhes levei em outro capítulo, o foco auditivo aumenta sua perceptibilidade excitatória; os outros afundam em inibição crescente intensificando o quadro de difusão da inibição por todo o cérebro.

E agora? Vamos a um novo centro de atividades cerebrais, ligamo-lo mais uma vez por conexão temporária à zona auditiva, inibimo-lo e criamos um novo foco de inibição. Como assim? Seu braço se movimenta automàticamente, sua perna está prêsa, ali uma zona de insensibilidade superficial, mais além sua memória falha, depois a voz que não sai, e etc. e etc. Cada vez mais, novos focos de inibição são criados no cérebro do paciente, através do uso da palavra e da sugestão e da representação concreta do conceito da palavra pelo seu segundo sistema de sinais. São focos novos de inibição, cujas ondas se entrecruzam no cérebro do hipnotizado, até que em certo momento, apenas a zona auditiva do mesmo encontra-se livre, desinibida, vigil. Todos os demais setôres do córtex cerebral, boa parte da zona interna branca subcortical e até mesmo já os territórios subjacentes sentem a ação frenadora que se generaliza. Que ocorre nesta altura ao paciente? Simplesmente, dorme.

Como dorme o moleiro, como dorme o viajor ao som das rodas do trem, como dorme o audiente de um mau conferencista, como dorme a criança embalada e acariciada, como dorme alguém que é submetido a grande esfôrço mental, concentrando demasiadamente sua atenção em algo complicado e difícil e que por isto, a partir dêsse foco, sente uma onda inibitória que se alarga por todo o cérebro e acaba por tomar, por invadir

---

Nota 4 — Contra-rebate n.º 2, pg. 171 — «Lançamos-lhe um repto para que apresente pela hipnose os fenômenos de fantasmas materializados...» — Perdi êsse desafio. Não sou capaz. E o sr. é, caro Casella? Sem truques, sem farsas, sem prestidigitações? À luz do dia? Sem penumbras? Podendo eu ficar perto do seu médium? Podendo eu examiná-lo antes, durante e depois da prova? Podendo eu fotografar na hora que eu quiser, com a minha máquina, usando técnica fotográfica que eu souber, revelando eu o filme? Sem precisar fazer «cadeia» para ficar com as mãos prêsas? Podendo eu tocar na materialização? Levando quem eu quiser para assistir o fenômeno? Devolvo-lhe o repto, sr. Casella. Estou em Florianópolis, Vila Naval, casa 8, telefone 2222, à sua disposição. Marque dia e hora. E traga os seus baralhos.

mesmo, a zona vigil, o foco de atenção principal.

Poderia alguém, por favor, acordar o Sr. Casella ?

E que coisas faz um hipnotizado ou permite que se lhe faça, que um indivíduo em estado normal não conseguiria ou permitiria ? Tudo ou quase tudo aquilo que cabe dentro do conceito de uma palavra. Pelo mesmo mecanismo que o conceito de uma palavra que envergonha faz dilatarem-se os capilares superficiais e tornar ruborizada uma pessoa ; pelo mesmo mecanismo que um sentimento de medo produz o mecanismo oposto e esfria e faz suar uma outra ; pelo mesmo mecanismo que a idéia de algo que surpreende e assusta acelera os batimentos cardíacos ; pelo mesmo mecanismo que a idéia de ansiedade e espectativa provoca peristaltismo acentuado e diarréia ; pelo mesmo mecanismo que um pavor pânico inibe totalmente os movimentos musculares e prega uma pessoa ao solo.

Uma palavra é lançada ao segundo sistema de sináis de um paciente. Ali tal palavra materializa, realiza, concretiza a coisa que a palavra representa e tal ação, transformada em comando nervoso, transfere-se ao primeiro sistema de sinais e pelas ligações temporárias já estabelecidas, age como estímulo nervoso junto aos centros nervosos subcorticais, de comando. E a idéia, feita comando nervoso, faz agir um determinado setor do corpo como se êle recebesse o estímulo absoluto. Por exemplo : a idéia da ação anestesiante de uma substância química é levada ao segundo sistema pela palavra ; transfere-se ao primeiro e daí insensibiliza um determinado segmento de membro como se êste estivesse *realmente* sofrendo a influência direta, absoluta, química, do anestésico. E sob hipnose se realiza uma intervenção cirúrgica sem anestesia.

Reclama o sr. Casella provas, êle que vive com a bôca cheia de provas e laboratórios sem apresentar nunca uma só. Vejamos algumas.

Pela hipnose Ulmann provocou lesões térmicas, Povorinskij alterou a taxa de cálcio do sangue, Langheirich provocou secreção biliar, Heilig aumentou a secreção ácida do estômago, Platonov eliminou a intoxicação alcoólica de um bêbado, Van Pelt fez variar o ritmo cardíaco, eu mesmo já produzi alterações na tensão arterial, Erickson provocou surdez, Focachon fez surgirem queimaduras, Jandrassik modificou a temperatura corporal. E dezenas e dezenas de outras experiências realizadas, entre outros, no extrangeiro, por Heyer, Finne, Delhougne, Hansen, Hoff, Matskevich, Bramwell, Moll, Beaunis, Forel, Ribalkin, Kraft-Ebing, Dumontpallier, Marés, e sei lá mais quem.

E o que se tem feito em cirurgia, cuja anestesia única é a palavra, é a realidade concreta que a palavra encerra ? Querem que eu ocupe quantas páginas desta revista com casos de cirurgia realizados nestes últimos 130 anos exclusivamente sob hipnose ? Autorize-me o sr. Campêlo e eu ocuparei um exem-

---

Nota 5 — Contra-rebate n.º 3, pg. 199 : — o sr. Casella transcreve a experiência do macaco de Ilhermitte e glosa o fato. Mas, como sempre, não entendeu o que leu. O que tal experimento prova, sr. Casella, é a função *vicariante* do cérebro (dicionário, caro amigo ; dicionário !), na qual, um setor cerebral, através das conexões temporárias, pode substituir um outro setor lesado. Mas é sempre função cerebral e não fantasmagórica. Procure um «guia» urgentemente, Casella. Um «guia» que saiba ler.

Nota 6 -- Contra-rebate n.º 3, pg. 200 : — «Há cerca de 100 anos, certo indivíduo nos Estados Unidos sofreu extranho acidente ; uma ponta de ferro atravessou-lhe a cabeça de fonte a fonte. Os que acudiram ao ferido, admiraram-se por encontrá-lo ainda com vida, O bastão foi retirado. O homem continuava vivendo. Fato mais surpreendente ainda : deixara de ser o conhecido sujeito complicado para tornar-se tipo muito mais agradável.» — Êste fato levou o sr. Casella a acreditar em fantasmas ; o mesmo fato levou um genial cirurgião português a criar a lobotomia pré-frontal, técnica cirúrgica banal hoje em dia e que se destina justamente a isso : alterar a conduta dos sujeitos «complicados», pela intervenção em seu cérebro. O mesmo fato permite facilmente compreender-se a diferença que existe entre um gênio e o sr. Casella. Mera questão cerebral.

plar inteiro desta revista só com isso. Pena que obrigarei depois o sr. Casella a destruir tôdas as minhas não-sei-quantas páginas, modestamente, apenas com quatro palavras — «tudo isso é mentira» — expressão que constitui todo o seu instrumental de laboratório.

Isso é o fenômeno hipnótico. Claro que não é só isso, não me creiam tão ingênuo. Mas não estou escrevendo um novo livro através das poucas linhas de que disponho nesta revista. Já lhes disse que isto aqui é um resumo, expressão da qual já se aproveitou ladinamente o sr. Casella para advertir os seus leitores que não me entenderão, já que eu mesmo me complicarei propositadamente afim de fugir pela tangente. Como se todos fôssemos obrigados ao mesmo gabarito.

Disse-lhes ainda agora que há duas maneiras principais de se produzir o fenômeno hipnótico: uma, pela estimulação recebida do exterior, pelos chamados estímulos exteroceptivos, dos quais a mais usada e a que produz maior profundidade é a palavra. É esta que acabamos de ver.

A segunda é aquela cujos estímulos indiferentes, tornados absolutos ao nível do nosso segundo sistema de sinais, nascem dentro de nós mesmos. São os estímulos internos ou interoceptivos, prática que caracteriza a auto-hipnose e as incorporações espiritas.

E eis que, finalmente, chegamos ao ponto culminante da nossa entrevista. Espero que desta vez até a saída do próximo número, não enguicem as máquinas que imprimem esta revista, nem se veja forçada a sua direção a cortar a publicação dos meus artigos por «motivo de fôrça maior».

A seguir: – «O Fenômeno Espirita».

NOTA DA REDAÇÃO – Deviam terminar aqui (ou no último artigo), como ficou estabelecido, os artigos do distinto cientista Dr. Osmard Andrade, mesmo porque muitos estranham já que aceitemos em nossas colunas conceitos contra o Espiritismo.

Devemos dizer que, se de fato, alguém, sem mais nem menos, nos trouxesse trabalhos contrários à doutrina espírita, seria estranhável que os aceitássemos. Não é êsse o caso. Em primeiro lugar, o Dr. Osmard responde a artigos publicados nesta Revista, e não saberiamos como impedir o direito de defesa, o que é inteiramente contrário aos nossos processos, à nossa independência e à nossa doutrina de liberdade, tolerância e destemor; e ainda porque o que buscamos é a Verdade, venha de onde vier.

Em segundo lugar, trata-se de teses sôbre a mesa, assuntos em discussão, temas a esclarecer.

O que buscam os nossos colaboradores e amigos Victor Casella e Carlos Imbassahy, que assumiram a inteira responsabilidade da publicação e do debate, é mostrar o equivoco de cientistas, neste assunto particular de Psiquismo, Metapsiquismo e Espiritismo.

Procuram os mestres da Ciência demonstrar, cada qual dentro de suas respectivas órbitas, atividades ou doutrinas, que dentro delas é que se explica o Espiritismo. E os nossos colaboradores aproveitam «a deixa» para debater o assunto em foco. O que há de especial no nosso caso é que, em vez de transcreverem as opiniões adversas para as ventilar, aceitam diretamente, por intermédio de nossas colunas, os próprios originais, voluntàriamente remetidos.

Pensamos que a inconveniência no caso será ou seria resvalar-se da parte científica e doutrinária para o terreno pessoal, e então, as publicações já não teriam mais plausibilidade.

* * *

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Campanha de Defesa da Educação Brasileira

Manifesto pela Escola Pública e Laica

A Campanha de defesa da Educação Brasileira, promovida pela Associação Espírita de Defesa da Escola Pública, encerra nesta data a sua primeira fase, preparando-se para o início da segunda.

Provocada pela ameaça de votação do substitutivo apresentado ao Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Eucação Nacional, a Campanha prosseguirá, após a sanção da respectiva lei, uma vez que a ameaça se consumou, não obstante o clamor público levantado contra ela. A Educação Brasileira já não está ameaçada, mas duramente golpeada, e mais do que nunca é necessário lutar em sua defesa.

Apesar do golpe consumado, a Campanha não se considera derrotada. A aparente vitória das fôrças obscurantistas, numa hora de crise política nacional, não significa um triunfo, mas tão sòmente um golpe de interêsses, favorecido pelas circunstâncias. Ao contrário disso, os resultados da primeira fase da Campanha mostram-se positivos, concretos e de caráter duradouro, representando evidente vitória dos seus promotores. Numa análise rápida, podemos indicar os seguintes resultados da Campanha, nessa primeira fase :

1.º) criação, a 14 de julho de 1960, em São Paulo, numa convenção estadual, de que participaram tôdas as organizações diretoras do movimento espírita estadual, da Associação Espírita de Defesa da Escola Pública ;

2.º) promoção, pela primeira vez, de intenso debate, no meio espírita brasileiro, sôbre os problemas educacionais, através de palestras, conferências, mesas redondas, artigos em jornais, revistas e programas radiofônicos espíritas e leigos, realização de uma convenção estadual de defesa da escola pública e um mês de debates e conferências a respeito, com intensa distribuição de folhetos de esclarecimento popular em todo o país;

3.º) despertar de uma consciência pedagógica no meio espírita, e efetiva contribuição para o mesmo despertar na população em geral, com plena compreensão do amplo significado popular da escola pública, em oposição ao sentido privativista, sectário e de classe da escola particular, e conseqüente compreensão da necessidade de preservarmos o patrimônio educacional da tradição republicana brasileira ;

4.º) ampla divulgação da posição espírita em face do problema educacional, mostrando sua plena coincidência com os princípios da pedagogia moderna, e portanto com as correntes esclarecidas e autorizadas que defendem a escola pública, integradas pelas mais altas expressões do penssamento pedagógico brasileiro ;

5.º) despertar da auto-confiança do movimento espírita que demonstrou a si próprio sua capacidade de reagir, em âmbito nacional, contra as ameaças das fôrças retrógradas, opondo a sua vontade esclarecida às manobras obscurantistas, que forçam o país a um retrocesso histórico de imprevisíveis conseqüências ;

6.º) demonstração, para o próprio movimento espírita e para o público em geral, da validade do sistema social espírita, que em vez de se apoiar numa estrutura de rígida hierarquia autoritária, se desenvolve no plano da liberdade e da responsabilidade individuais, de maneira que um pequeno grupo de confrades foi capaz — diante da justeza da causa — de levantar em seu favor as organizações doutrinárias de todo o país, numa campanha sem precedentes ;

7.º) consolidação da Associação Espírita de Defesa da Escola Pública, como organismo especializado, e sua adaptação, inclusive com mudança de nome, para uma ação permanente no campo educacional, através do desenvolvimento de estudos pedagógicos à luz do espiritismo, na constante vigilância, defesa e aprimoramento do patrimônio educacional brasileiro.

Posição atual dos Espíritas

Analizadas as conseqüências da primeira fase da Campanha, esclareçamos a posição atual dos espíritas, na fase nova que se inicia, de vigência da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Segundo concluiu a Associação Espírita de Defesa da Escola Pública, em seu exame do problema, a posição atual tem de ser de oposição à deformação que se pretende realizar no sistema educacional do país. Os espíritas não podem concordar com essa deformação e devem lutar, com tôdas as suas fôrças, pela reforma da legislação de emergência, para o retôrno do país à tradição educacional republicana, única diretriz capaz de responder às legítimas aspirações e necessidades de um um povo livre.

A posição atual dos espíritas é, portanto, de repulsa ao golpe desferido na educação popular, em benefício de interêsses particulares e confessionais. A Associação considera êsse golpe como uma tentativa de retrocesso histórico aos padrões educacionais do medievalismo, com predominância dos interêsses do clero católico na orientação da educação nacional, e com inteiro desprêzo pelas conquistas da pedagogia moderna e dos interêsses reais do povo e da pátria. A lei sancionada restabelece no país o domínio educacional das ordens religiosas do Catolicismo Romano, tripudiando assim sôbre as conquistas da legislação republicana, e até mesmo sôbre os progressos que a educação brasileira já vinha realizando nas últimas fases do período monárquico. Voltamos, pràticamente, ao período da educação colonial.

Diante dessa situação crítica, em que os interêsses particulares e confessionais colocaram a educação brasileira, os espíritas não podem cruzar os braços. Herdeiros da mais bela tradição pedagógica, que se iniciou com a revolução ideológica de Rousseau e se desenvolveu com o movimento das Escolas Novas, os espíritas devem estrita fidelidade aos seus princípios doutrinários e aos ideais educacionais do codificador do Espiritismo, Allan Kardec, o mesmo prof. Denizart Rivail, que foi discípulo emérito de Pestalozzi e defensor da escola pública na França, para cujo aprimoramento contribuiu com notáveis estudos.

Nova fase da Campanha

Para o cumprimento dêsse tríplice dever — de consciência, de doutrina e de civismo — na luta pela preservação do futuro nacional, a Campanha de Defesa da Educação Brasileira inicia, com êste manifesto, a sua segunda fase, conclamando os espíritas em geral, as instituições federativas e de unificação, a imprensa espírita, as mocidades espíritas, os grupos e centros doutrinários, os organismos educacionais espíritas, para o desenvolvimento de ampla ação conjunta, no sentido do seguinte esquema:

1.º) apoio ativo—moral, espiritual e material, particularmente financeiro— às escolas espíritas e à criação de novas escolas, como meio de defesa das novas gerações contra a deformação sectária do ensino;

2.º) estruturação da Associação na forma de um instituto espírita de estudos pedagógicos, com a criação de núcleos estaduais, regionais e locais, por todo o país, incumbidos de realizar estudos e pesquisas, bem como de examinar objetivamente as consequências da aplicação da lei de Diretrizes e Bases, mantendo atitude de permanente vigilância na defesa dos direitos constitucionais dos cidadãos, no plano educacional, e do emprêgo dos dinheiros públicos destinados à educação;

3.º) formação de um fundo especial de publicações pedagógicas, dirigido pelo referido instituto, para o mais amplo e permanente esfôrço de esclarecimento da opinião pública e de criação de uma consciência pedagógica nacional;

4.º) intercâmbio permanente com as instituições nacionais e estrangeiras de estudos pedagógicos, e pleno apôio aos movimentos de defesa da escola pública, oriundos da campanha contra o substitutivo do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;

5.º) luta incessante pelo restabelecimento da lei de Diretrizes e Bases, nos têrmos do projeto de 1948, anterior ao substitutivo deformante, com os acréscimos e as modificações resultantes dos estudos posteriores, realizados pelos professôres da Universidade de S. Paulo, bem como dos resultados de estudos e pesquisas a serem realizados daqui por diante ;

6.º) luta incessante contra o ensino religioso nas escolas, por constituir instrumento de coação das maiorias religiosas contra as minorias, e elemento de condicionamento das consciências, conseqüentemente, de deformação do ensino e da educação ;

7.º) luta incessante contra as discriminações raciais, de côr, ideológicas e religiosas, nos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, com denúncia e ação judicial nos casos concretos.

Entendemos ser essa a única maneira de cumprirmos, com energia, mas sem ódio nem violência, dentro das garantias legais e dos princípios de fraternidade humana, os deveres que pesam, nêste momento, de maneira indisfarçável, sôbre os ombros da coletividade espírita brasileira.

Seja nosso lema, nesta segunda fase da Campanha de Defesa da Educação Brasileira :

PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA E LAICA — O DINHEIRO PÚBLICO PARA A ESCOLA PÚBLICA.

São Paulo 8 de janeiro de 1962

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DE DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA — Rua Dr. Bacelar 505 — Vila Clementino — São Paulo.

Crônica Estrangeira

A MEDIUNIDADE AO SERVIÇO DA POLÍCIA

De «Estudos Psíquicos»

Êste assunto já tem sido estudado nas colunas desta Revista, onde se encontram casos espantosos de clarividência e psicometria. Hoje vamos arquivar um bastante curioso publicado na revista *Tomorrow*, de Nova Iorque, no primeiro trimestre de 1953.

Em 28 de Junho de 1950 o secretário do tribunal de Leeuwarden (Holanda) escreveu o seguinte :

«No registro de atas de um tribunal de comarca havia-se extraviado uma pasta de documentos relativos a um caso de bancarrota e o juiz-presidente requereu o auxílio do sr. Gerard Croiset para encontrar os papéis. Em 22 de Junho, estando êste senhor no tribunal a tratar de outros assuntos, foi à secretaria e declarou, sem mais preâmbulos, que os documentos estavam ao fundo e à esquerda de um andar superior do edifício, e descreveu, a seguir, o aspecto e a grossura da pasta. Os documentos foram encontrados pelo juiz, que se encontrava na busca realizada.

Desde 1946 que Gerard Croiset é utilizado pela polícia holandêsa, em numerosas investigações. Assim, em 27 de Junho de 1950, foi consultado telefônicamente sôbre uma criança que desaparecera de casa misteriosamente dois dias antes. Croiset prefere a consulta telefônica, visto que se eliminam as influências estranhas e se reduz a possibilidade de sobreposição de impressões.

No mesmo dia 27 informou os pais que não necessitava trasladar-se ao local do desaparecimento, acrescentando :

—O seu filho está vivo e não devem preocupar-se. Fugiu numa velha bicicleta. Como tem gênio aventureiro quer obter um posto e embarcar. Tenho a impressão que tomou o caminho de Valkemburgo para atingir a Bélgica. Deve talvez voltar a casa dentro de dois dias. Se não estiver lá no dia 30 farei nova experiência.

Quando os pais o consultaram no dia seguinte, Croiset respondeu que lhe parecia que o menino estava na Bélgica e que regressaria em 1 de Julho. Como não tivesse regressado, telefonaram-lhe outra vez e Croiset disse que deveriam ter qualquer notícia nêsse dia. E convidou-os a ir a Utrecht no dia seguinte. Uma hora depois desta conversação a polícia informou que o menino fôra encontrado são e salvo em Dinat, Bélgica.

A polícia consulta muitas vêzes Croiset com bons resultados, mas às vêzes há inconvenientes devidos às suas faculdades psíquicas. Assim, por exemplo, o presidente da câmara de certo município consultou-o telefônicamente sôbre um roubo cometido dias antes e durante a conversa houve a presença de um «homem» na imaginação de Croiset. Êste fez uma pormenorizada descrição dêle e embora o não indicasse como autor do roubo sugeriu que «devia saber alguma coisa acerca do delito.» Tratava-se de um cidadão eminente que nada tinha com o roubo, mas que tivera uma discussão com o presidente da Câmara e êste incidente estava no subconsciente dêste último, enquanto falava com Croiset.»

—

Espiritismo no Brasil

UM DECÊNIO DE TRABALHO E PROGRESSO

Foi o que comemorou o Centro Espírita Bezerra de Menezes, de Duque de Caxias (RJ), no dia 10 do corrente. O seu presidente, sr. Manoel Corrêa Duarte, recebeu abraços de felicitações dos presidentes do C. E. Thiago Apóstolo, Grupo Joana D'Arc, Fraternidade Ana Prado, Mansão do Divino Pastor, da Assoc. Esp. Cairbar Schutel, todos acompanhados de delegações, e dos srs. Antônio Emídio dos Santos, Presidente da União Municipal Espírita e do deputado estadual Waldir Souza Medeiros.

O Espiritismo caxiense se distingue precisamente pelo seu sentido doutrinário e pela ânsia de bases culturais à altura de elevâ-lo e projetá-lo para obras filantrópicas de vulto. O C. E. Bezerra de Menezes, por exemplo, que se entrosa no campo cultural e assistencial com ênfase, resolveu muitos casos pessoais de necessidade premente de pessoas necessitadas e no Natal, distribuiu cêrca de 300 peças de roupas, confecionadas pelos seus integrantes.

Conferência sôbre Abraham Lincoln

No próximo dia 12 de fevereiro virá a Caxias, a convite da Associação Espírita Cairbar Schutel o dr. Leopold Arnaud, Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da America. Na ocasião, proferirá uma conferência sôbre a vida de Abraham Lincoln, Patrono da Escola primária gratuita mantida por aquela fundação espírita.

O diplomata americano, que é amigo particular do diretor da referida escola, é professor universitário, nos Estados Unidos, de uma cadeira de arquitetura. Falará no salão nobre da Associação Comercial e Industrial da rica cidade fluminense, para onde convergem as atenções gerais desde já. É a primeira vez, na história de Duque de Caxias, que um diplomata de tão alta projeção para lá se dirige em decorrência de uma promoção cultural.

Restabelecido Pereira Guedes

Acometido de repetidos insultos cardíacos, Antônio Pereira Guedes, fundador e diretor de ALMENARA esteve sèriamente doente em dezembro último. Velho lutador e companheiro de valor incomparável, foi visitado por centenas de amigos.

Diretores e componentes da Associação Espírita Cairbar Schutel, dedicaram-lhe muitas preces e augúrios de pronto restabelecimento, que o Todo-Poderoso atendeu, tanto assim que, na última visita que lhe fizemos, já o encontramos animado e trabalhando na seara que tantas glórias e sacrifícios lhe deu. Ao Sentinela da grande Causa, as nossas calorosas felicitações.

A. Constant

Duque de Caxias — RJ — Jan. 15/62.

CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES ESPÍRITAS EM ARAÇATUBA

Recebemos o Boletim Informativo n.º 3, referente à XV Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em Araçatuba, de 19 a 22 de Abril de 1962.

A relação dos temas selecionados para o Concurso de Oratória é a seguinte :

I — ASPECTO CIENTÍFICO

a) Hipóteses metapsíquicas.
b) Espiritismo e Hipnotismo.
c) Perispírito e Hereditariedade.
d) Explicação científica dos milagres.
e) A reencarnação e os fenômenos de regressão da memória.

II — ASPECTO FILOSÓFICO

a) Concepção espírita do Perdão.
b) Livre arbítrio e determinismo.
c) Princípios fundamentais do Espiritismo.
d) A evolução à luz do Espiritismo.
e) Sobrevivência e Educação.

III — ASPECTO RELIGIOSO

a) A atualidade do «Sermão Profético».
b) Oração e vigilância.
c) A presença dos moços no Evangelho.
d) Aspecto religioso do Espiritismo.
e) Espiritismo e Cristianismo.

IV — ASPECTO SOCIAL

a) O apostolado mediúnico e a iluminação da humanidade.
b) As reformas sociais à luz da Doutrina Espírita.
c) Nacionalismo e Universalismo. Expiações coletivas.
d) O Espírita na sociedade e na via pública.
e) A assistência social sob o prisma espírita.

Para melhores informações, os interessados deverão se dirigir ao Conselho Diretor da XV Concentração, Rua Oscar Rodrigues Alves, 152 — Araçatuba — SP

DE PENÁPOLIS

Recebemos, da Mocidade «Joana Darc», de Penápolis, o seguinte comunicado:

«Paz e Alegria.

Por intermédio desta, levamos ao conhecimento dos dirigentes dessa Revista, que se realizará nos dias 4, 5 e 6 de março próximo, a VI Concentração de Campanhas da Fraternidade «AUTA DE SOUZA» em Penápolis.

Contando com a publicação desta, o Conselho Diretor externa seu agradecimento atravéz dos membros da Comissão de Propaganda.

Atenciosamente,

A Comissão : Nilva Reis Verri, José Adair M. Martins e Elias Silva.

Nosso Representante na Capital (São Paulo)

Tendo, no mês de novembro do ano próximo findo, a Livraria Espírita Emmanuel, da Capital, a qual era representante da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», na pessoa do nosso esforçado confrade Vicente S. Netto, passado para novos proprietários, em virtude do que o nosso representante ficou licenciado, a pedido, ficaram as nossas publicações, até a presente data, sem representante autorizado na capital.

Temos, hoje, o prazer de avisar aos assinantes destas nossas publicações que acaba de oferecer os seus préstimos, para representá-las, provisóriamente, o nosso esforçado confrade José Pincelli, que está autorizado a proceder a cobrança e tomadas de novas assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», podendo ainda, os interessados que assim desejarem, se dirigirem ao seguinte endereço : Rua Dr. Zuquim. n.º 1.163 Fundos — Casa 1 — (Santana) — Capital.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evangelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 760

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura	simples	Cr.$250,00
Semestre	—	,,	,,	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3821unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Março de 1962 – N. 2

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRIN
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Partida de Allan Kardec . . .	*Redação*
Cegos Geniais	*Ismael Gomes Braga*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard	*V. O. Casella*
Sob a Inspiração do Evangelho . .	*Philemon*
Um Artigo sôbre Zöllner	*Deolindo Amorim*
Instituto de Cultura Espírita do Brasil	*Da Diretoria do Instituto*
Hipnose e Espiritismo	*Osmard Andrade*
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Necrologia	*Transcrito de "Almenara"*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 70,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 280,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 260,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50,00

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1962 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Partida de Allan Kardec

NO dia 31 do corrente transcorre o 93.º aniversário do desencarne de Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan-Kardec), cujo desencarne verificou-se em Paris, em 31 de Março de 1869, aos 65 anos, por motivo da ruptura de um aneurisma.

Essa é uma das mais importantes datas registradas no Calendário Espírita, data que marcou o advento de uma nova era de espiritualização da humanidade e que jamais desaparecerá, pelo contrário permanecerá através dos séculos como um sol sem ocaso, a iluminar o caminho que conduz as almas para o reino imortal de Deus.

«Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre : a primeira pelo sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camille Flammarion, que não fez sòmente um esbôço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mais ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das fôrças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Müller, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido, os últimos adeuses.

«Todos os jornais da época se ocuparam do desencarne de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as conseqüências. Eis aquí, a título de lembrança, um trecho do que a êsse respeito escreveu o sr. Pagés de Noyes, no «Jornal de Paris», de 3 de Abril de 1869 :

ALLAN KARDEC

«Aquêle que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

«Vimô-lo deitado num simples colchão, no meio da sala das sessões que há tantos anos êle presidia ; vimô-lo com o semblante calmo como se extinguem aquêles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lançar um derradeiro olhar àquêles lábios descorados que ainda na véspera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais haviam sido suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais dos que o haviam precedido no além-túmulo tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estílo é o homem», aquêles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.»

Allan Kardec desencarnou como desencarnaram os grandes enviados do Alto: na humildade e na pobreza de bens terrenos. E como aquêles, deixou êle a revelação de coisas até então desconhecidas, quais as da imortalidade da alma, sua evolução e seu destino, assentando os alicerces de uma nova estrutura moral, científica e filosófica, sôbre a qual os povos, as nações e o indivíduo particularmente, resolverão os complexos problemas de sua existência.

Á medida que os tempos passam mais se avoluma o valor de Allan Kardec pelo seu trabalho e suas obras que, apesar de combatidas e incompreendidas pelo espírito de sistema, absorvido por interêsses pessoais e materiais e preconceitos de tôda espécie, mais se difundem e, como a luz, desfazem as trevas da ignorância.

Relembrando o 93.º aniversário do desencarne do Codificador da Doutrina Espírita, codificador que não pode deixar de ser o Paracleto prometido pelo Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, «Revista Internacional do Espiritismo» rende-lhe uma pálida, porém sincera homenagem.

Cegos Geniais

No Primeiro Congresso de Cegos Espíritas que se instala no Rio de Janeiro—Gb, em 18 de abril de 1962, deveria aparecer um trabalho demonstrando que os cegos geniais, precìpuamente os que viveram antes de Braille, quando não existiam livros para cegos, provam as teses fundamentais do Espiritismo:

1) Sobrevivência do espírito.
2) Comunicações mediúnicas.
3) Reencarnação.

Não sabemos se alguém estaria preparando um trabalho nêsse sentido, por isso mesmo, embora cônscio de que não temos capacidade para obra de tal fôlego, vamos apresentar aqui um lembrete, modesta lembrança do assunto, para que outrem, melhor dotado de talento e conhecimentos, venha a escrever a obra que idealizamos nêsse sentido.

John Milton, o gênio universal da poesia, talvez maior do que Dante, é uma das pessoas mais encantadoras que o mundo já conheceu. No colégio foi cognominado de A Dama (*The Lady*), graças à sua beleza, à sua graça física, pelos cuidados com o vestuário e pelo pudor que revelava.

Expressava seu ideal com as seguintes palavras: «*He who would not be frustrated of his hope to write well hereafter on loudable things ought himself to be a true poem* (aquêle que não queira ser frustrado em sua esperança de escrever bem no além sôbre coisas louváveis deve ser êle mesmo um verdadeiro poema)».

É a doutrina de Platão sôbre a invencibilidade da virtude, e John Milton foi, êle mesmo, um verdadeiro poema, sempre comentado numa infindável bibliotéca por seus pósteros.

Êle passou na Terra 65 anos, dos quais os últimos 22 na cegueira, quando produziu suas obras maiores — «O Paraíso Perdido», «O Paraíso Reconquistado» e outras.

«O Paraíso Perdido» trata da queda do homem pelo pecado e o «Paraíso Reconquistado» trata da redenção do homem pela virtude e pela dor. São dois livros imortais pela beleza da forma e que merecem um profundo estudo à luz da Doutrina espírita, estudo que até hoje ninguém ousou fazer.

Grande parte da obra de Milton foi escrita em latim e grego irrepreensíveis.

Suas obras maiores foram escritas sob ditado, por mão alheia.

Quando jovem Milton teve o ideal de seguir vida sacerdotal, do que desistiu, por notar que a Igreja se tornara uma forma de tirania. Visitou Galileu, quando êste, já velho e cego, era prisioneiro da Inquisição.

John Milton foi ardoroso paladino da República e trabalhou como secretário de Crommwel, cuja defesa brilhantemente fêz por várias vêzes. Bateu-se ardentemente contra a monarquia e quando esta foi restaurada, esteve prêso, e seus biógrafos dizem que é sempre mistério o fato de não haver sido êle enforcado e ter sido pôsto em liberdade. Compreendemos que uma Fôrça Misteriosa lhe salvou a vida para dar-lhe tempo de completar sua missão literária. Êle viveu de 1608 a 1674.

Alguns biógrafos dizem que morreu cego, paupérrimo, e abandonado por todos, mas a «Enciclopédia Britânica» silencia sôbre seus últimos dias, limitando-se a nos informar que o seu enterramento foi acompanhado por uma multidão.

Duzentos anos depois de Milton, viveu outro cego que foi um dos gênios da poesia, *Antonio Feliciano de Castilho* (1800-1875). Ficou cego aos seis anos de idade, muito antes da existência de escrita para cegos. Seus conhecimentos literários foram obtidos pelas leituras que outros lhe faziam e seus maravilhosos poemas foram escritos por mãos alheias, sob ditado.

Além de grandes obras originais, fêz magistrais traduções do latim, do francês, do inglês e do alemão, sempre com auxílio de leitores e copistas.

Sua obra literária é clássica e imortal. Castilho é um dos maiores criadores de belezas literárias de todos os tempos.

Contemporânea de Castilho foi uma poetisa brasileira, nascida no Rio Grande do Sul, que ficou cega aos dois anos de idade, mas deixou versos belíssimos, de grande inspiração e técnica irreprochável.

Vasilij Jakolovitch Erochenko, nascido em 31 de Dezembro de 1889, ficou cego pela varíola aos quatro anos de idade. Foi genial novelista, poeta, musicista, lingüista de fama mundial. Escreveu livros em russo, Esperanto e japonês. Pacifista ardoroso e defensor audacioso dos povos oprimidos e das classes sofredoras, foi expulso da Índia pelo govêrno imperial britânico, como agitador pela independência da Índia.

Foi para o Japão, onde fazia conferências e lecionava em diversas universidades, escrevia e publicava livros em japonês, em defesa das clásses oprimidas. Do mesmo modo que na Índia, foi prêso, espancado e expulso do território japonês.

Convidado pelo govêrno chinês para professor de Esperanto na Universidade de Shanghai, tornou-se íntimo amigo do célebre escritor chinês Lusin que traduziu suas novelas para o chinês.

Era um coração puro e ingênuo, dizem seus biógrafos. Percorreu muitos países pregando seus ideais humanitários e lecionando. Sentia ansiedade por ação e amplidão. Uma de suas novelas chama-se «A Gaiola Apertada» e pinta seu anseio de amplidão.

Lecionou em escolas de cegos no Japão, no Sião, em Birma, na Índia, na Rússia, na Turcomênia. Para assistir ao Congresso Universal de Esperanto na Finlândia, deixou suas funções em Shanghai e veio para Helsinki por via Moscou.

Prêso, espancado, expulso de alguns países, não perdeu nunca o amor à Humanidade. Sua vida de apóstolo inspirado lembra a de Paulo de Tarso, com a diferença que era cego.

Balbina de Morais aprendeu o Esperanto depois de cega, sem livros em Braille, com outra pessoa lendo por ela as lições, e mesmo assim tornou-se culta e entusiasta esperantista, professora em cursos para videntes, organizadora e dirigente da vida associativa. Foi alma e coração do grande Congresso Brasileiro de Esperanto realizado em 1957. Por seu intermédio a Comissão Organizadora recebia constantes inspirações e soluções para os mais delicados problemas. O Presidente da C. O., Dr. Mário Ritter Nunes, declarou num discurso, que a verdadeira organizadora do Congresso do Jubileu de Ouro da Liga Brasileira de Esperanto foi Balbina de Morais.

Com que pese à sua delicada modéstia, Balbina de Morais pode ser incluída entre os cegos geniais pela sua obra espírita e esperantista que excedeu de muito o trabalho dos videntes de sua roda.

Igualmente na música têm havido muitos cegos geniais, alguns dos quais compreendem que a música lhes vem de fora, por inspiração.

Se o gênio sempre nos revela um espírito superior, reencarnado em missão, e operando como médium da alta esfera espiritual a que êle pertence, no caso do gênio em corpo privado da vista física, essa revelação fica mais compreensível para todos nós.

Sem as luzes do Espiritismo, o gênio cego é um mistério impenetrável.

Em conclusão, cumpre reunirem-se exemplos de gênios cegos para demonstrar que

a) O homem é um espírito que sobrevive à crise da morte, conservando tôdas as suas aquisições morais e intelectuais;

b) O gênio é a reencarnação de um espírito que já fêz grandes aquisições em existências anteriores;

c) O gênio recebe inspirações do mundo espiritual superior, por uma lei de afinidades psíquicas;

d) Mais do que o gênio em corpo normal, o gênio privado da vista nos demonstra as três afirmações precedentes;

e) Sem a filosofia espírita, o cego genial é incompreensível;

f) O cego genial nos demonstra igualmente que o progresso intelectual nem sempre é acompanhado pela perfeição moral e pode ter que passar ainda por duras provas.

Aqui fica o nosso apêlo aos eruditos para reunirem a documentação e nos darem, ao mundo cego, um livro demonstrando que os cegos geniais provam indiscutìvelmente as verdades fundamentais da Terceira Revelação, porque *«Eu vim a êste mundo para um juizo, a fim de que os que não vêem, vejam; e os que vêem, se tornem cegos»* (João, 9 : 39), pois que o mundo materialista está completamente cego de orgulho e é mister que êle veja a Verdade, para sua própria felicidade.

Ismael Gomes Braga

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

VII

Agora, confirmada as nossas acusações anteriores, pelo próprio dr. Osmard, infeliz naquelas suas labilidades do tipo nervoso instável, onde levou os leitores à confusão, já ninguem mais nem de longe estará confiando no seu cientificismo. No entanto, não devemos ser tão pessimistas, pois mesmo agora, no seu artigo,—O Fenômeno Hipnótico—, apresentou algo, cuja conclusão, a hipnose, já de há muito se acha confirmada e divulgada por tantas outras literaturas do gênero. E não fôssem ali aquelas notas ao pé de páginas, onde chama os nossos revides de «piadas», disfarçando o efeito desastroso que êles causam ao seu pretenso cientificismo, nada aqui teriamos a fazer. E já que delas nos vamos ocupar, aproveitaremos a introdução para ligeiros reparos em alguns tópicos do seu trabalho.

Disse em certo trecho ao falar em eletromagnetismo, indução bipolar etc.: «Se alguns dos leitores conhece o assunto, corra, por favor, urgentemente, em favor do sr. Casella.» — Não será preciso. Preferimos aguardar essa aula, do seu compromisso de 15—7—1961, antes que se dê sua retirada. Entretanto, se algo nos vier lhe reenviaremos, para não mais repetir sua confusão entre — tipos : e natureza de radiações eletromagnéticas—, conforme lhe apontáramos na Revista de dezembro último.

Em outra parte insinua : «Reclama provas o sr. Casella...», referindo-se a intervenções cirúrgicas sob hipnose, no que citou vários casos, e ameaçou encher a Revista com outros, se vier ordem do sr. Campêlo. Ora, isso não passa de insinuação, pretendendo fugir do sentido da polêmica, pelo que não se iludam os leitores. Aponte-nos o dr. Osmard onde negáramos os fenômenos da hipnose para que diga deles reclamarmos provas. O que estamos esperando são as suas prometidas provas de que Espiritismo é hipnose, provas que ainda não apresentou. Portanto, não se desvie da polêmica, trocando êste assunto por aquêle outro que não está na nossa discordância, discussão, reclamação e que nada diz contra o Espiritismo.

Noutro trecho lê-se: «Já se aproveitou ladinamente o sr. Casella para advertir os leitores que não me entenderão já que eu mesmo me complicarei.» — Com aquelas suas *labilidades* de há pouco já se positivou não se tratar de nossa ladinagem, cuja sua complicação foi muito visível, dispensando-nos mais comentários.

Resumiu também nossas negativas, como se viéssemos dizendo «tudo isso é mentira», quando os leitores bem estão vendo os nossos revides construídos com fatos, onde estamos expondo e desmantelando suas contradições. E gracejou ainda para alguém nos acordar na leitura do seu — O Fenômeno Hipnótico —. De fato, é cansativo ler um autor de pobreza literária que apesar de artigos e obras de títulos diferentes, prima pelas repetições.

Passemos às notas ao pé de páginas.

Nota n.º 1 — Dissemos que nas suas literaturas entremeou os espíritas com as doenças mentais. Para se defender, ao invés de oferecer aos leitores o significado daqueles seus termos psiquiátricos, dirigidos aos adeptos de Kardec, limitou-se em agredir-nos, dizendo: «Não lhes parece um caso típico de esclerose mental?»

Sem dúvida, para o dr. Osmard negar nossa denúncia, com aquêles seus têrmos, alguns dos quais já acusamos na Revista de novembro último, revela-se desentendido em Psiquiatria. Daí seu desespero para arrastar-nos a outros assuntos, provocando-nos de que não sabemos ler nem escrever, que precisamos do dicionário, objetivando torcer-nos para fora dos fundamentos da polêmica, para não revelarmos sua negligência no seu suposto cientificismo, como se mostra em mais êste exemplo: Nós lhe dissemos ter chamado os espíritas de *desequilibrados mentais*; e respondeu-nos (Revista de 15-7-1961) jamais nos ter acusado de *débeis mentais*, quando esta e aquelas entidades clínicas não são as mesmas. Poderia ter sido um descuido, mas como usou a expressão duas vêzes e, ùltimamente, ainda juntou na sua defesa outra forma clínica mais diferente, a *loucura*, confirmou não estar mesmo entendendo o assunto. Pois não está lá, nos seus livros, comprometendo de modo lamentável os diretores de Sanatórios para Débeis Mentais, insinuando de que responsabilizaram os Centros Espíritas, por essa entidade clínica, quando êsses mesmos mestres assim não ensinam? Aí se vê que as ironias do dr. Osmard, acusando-nos ignorância, são tiradas da sua própria inexperiência. Não há dúvida, se soubesse ler o Manual de Psiquiatria não estaria envolvendo, nas suas confusões e contradicões, nomes dignos da gloriosa ciência psiquiátrica.

Nota n.º 2 — Reclamou que de fatos espíritas e de laboratórios por enquanto só falamos em... Nobel (referiu-se a Richet.)—Ora, se o dr. Osmard aqui veio para provar que Espiritismo é hipnose, cabe a nós esperarmos as suas provas. Como ainda nada ofereceu de sua parte, para apresentarmos as nossas como defesa, pois o que trouxe até agora temos anulado dentro do seu próprio campo, não vemos razão para gastarmos chumbo grosso em caça miuda. Contudo, oportunamente, atenderemos sua curiosidade.

Nota n.º 3 — Nós acusamos sua contradição de que no seu — Santos e Demônios — conceituou a afinidade entre histerismo e hipnotismo, enquanto lá no seu Hipnose e Letargia diz o contrário, pela incompatibilidade de ambos.

Defendeu-se com outro assunto, criticando-nos por havermos dito pertencer a sugestão aos domínios da hipnose, quando a hipnose é que depende da sugestão. Mas com isto o dr. Osmard não está se livrando daquela sua contradição. Embora êsse seu recurso ainda seja bem discutível, podendo nós firmar-nos em Forel, não desejamos desviar o nosso objetivo em mira. Pertença ou não a sugestionabilidade aos domínios da hipnose, e até preferimos concordar com a sua opinião, para que não fuja do rumo da nossa conversa, o nosso propósito é apontar a sua divergência.. Para tanto, vamos dá-la como se acha lá no seu Hipnose e Letargia, onde a clareza da contradição revela-se incontornável. Na pág. 58 diz: «A enfermaria de Charcot na Salpêtrière era dedicada ao trato das histéricas. (...) Seus assistentes, voltados para o fenômeno hipnótico, conseguiam induzir a um BOM número de pacientes...»

Veja-se aí, um BOM número de histéricas hipnotizadas indica bons pacientes em hipnose.

Mas logo, algumas linhas adiante, continua: «Como pretender, assim, que hipnose seja sinônimo de histeria se os histéricos são justamente, todos êles PÉSSIMOS pacientes?». (os grifos foram nossos).

Viu a contradição? Ali BONS (compatíveis) e aquí PÉSSIMOS (incompatíveis), pacientes em hipnose.

Ainda, juntou nessa defesa o argumento de que a sugestionabilidade é geral e não um sintoma do histerismo, como disséramos, no que o nosso hipnologista revela-se desconhecer a sugestionabilidade exagerada ou patológica, fora dos limites normais daquela dos mentalmente sadios. Para não irmos além, com Babinsk, vejamos apenas Forel em seu — A Questão Sexual —, pág. 271, referindo-se a certas perturbações pela sugestão: «Não preciso dizer que êstes fenômenos se produzem principalmente nas pessoas de sugestionabilidade patológica ou histérica, ou mesmo exagerada.»

Como vemos, êste estado exagerado de sugestão histérica é de outra natureza, daquela indistinta a todos em geral referida pelo dr Osmard. Uma é patológica, sintoma básico da histeria e a outra seria geral entre os mentalmente sadios.

Nota n.º 4 — Afirma o dr. Osmard que o Espiritismo é hipnose. Reptamos-lhe para apresentar provas de fenômenos de materializações pelo hipnotismo, a exemplo das experimentações mediúnicas de Richet, Crookes e Rhine. Contra-reptou-nos para que apresentássemos as nossas, não percebendo que no nosso repto já lhe adiantáramos o que nos pede, estando nossas provas já bem representadas naquêles três nomes. Ou então, se o dr. Osmard não confia na documentação científica dêsses pesquisadores de capacidade e idoneidade irrefutáveis, neste caso não poderia contentar-se com os nossos elementos doutrinários, uma vez que no seu contra-repto já nos pré-julgou na qualidade de farsantes, prestidigitadores, que precisaríamos passar por exame e fiscalização antes e depois das provas.

Enfim, veja lá no nosso repto que já se acha a indicação do que nos pediu em atraso. E trata-se de documentações literocientíficas muito divulgadas. E pelo que vemos, tendo citado êsses sábios nas suas literaturas, tais provas literárias devem estar lá entre a sua coleção de 3.000 livros. E damos-lhe, mais uma vez, a indicação; — A Grande Esperança, de Charles Richet — e — Fatos Espíritas, de W. Crookes —, ambas à venda, pelo reembolso postal, na redação desta Revista. E ainda — The Reach of the Mind, de J. B. Rhine. Contudo, como ética em melhor favorecer o adversário, oportunamente, publicaremos tópicos, mais em questão, dessas literaturas.

Veja agora se responde ao nosso repto nas mesmas alturas que estamos respondendo ao seu, com indicação e transcrições de provas científicas literárias de autores célebres, como as das nossas documentações. Se não for capaz, então primeiramente desminta a palavra dêsses sábios, para depois manifestar-se sôbre a afirmativa de que Espiritismo é hipnose. Caso contrário, só lhe resta um caminho; capitular nobremente em favor da verdade.

Quanto às notas n.º 5 e 6, referentes à tese do cão de Goltz, de 15-9-1961, poderíamos deixá-las, pois apresentáramos três contra-provas e defendeu-se apenas de duas. Logo, se prevalece uma, a nossa argumentação mantem-se, e o assunto encerra-se com as vantagens para nós. Contudo, vamos atendê-lo.

Nota n.º 5 — Não teria o nosso antagonista se conformado ao ver o absolutismo da sua tese, do cão Goltz, desfeito por uma contra-prova tirada do seu próprio livro, a do macaco de Lhermite, cujo braço do animal entrou em função, apesar de destruida sua zona motora cerebral. E e dr. Osmard pretendeu salvar-se, dizendo: «... um setor cerebral, através da conexão temporária, pode substituir outro setor lesado.»

De fato, mas desde que a lesão não seja cerebral a exemplo da do macaco de Lhermite. Exemplifiquemos o assunto.

Quando o alimento toca a mucosa da boca de um animal (no caso o cão), as suas glândulas estomacais, automàticamente, respondem pelas secreções. O trajeto entre o estímulo e a resposta é o seguinte : — a) o alimento no contato bucal produz uma estimulação mecânica ; —b) o impulso dêste estímulo dirigi-se para o *Centro Motor Salivar* da camada branca cerebral ; — c) daí prossegue para excitar as glândulas estomacais que respondem pelas secreções. A isto se chama arco reflexo incondicionado.

Mas Pavlov, muito bem descrito pelo dr. Osmard, verificou que em um cão treinado pode-se obter essa mesma resposta secretora, através de outras vias, como passamos a ver :—a) um estímulo sonoro (apito, campainha . . .) parte do centro auditivo do animal e vai atingir o seu córtex (camada cinzenta cerebral) ; — b) dêste ponto o impulso excitativo, através de um novo trajeto, a «conexão temporária», atinge o *Centro Motor Salivar* (camada branca cerebral) ;—c) continuando, finaliza a excitação nas glândulas estomacais, que respondem pelas secreções. Agora tivemos o arco reflexo condicionado.

Como vimos, as duas excitações partiram de pontos diferentes,— mucosa bucal e centro auditivo —, mas ao atingirem a camada branca cerebral foram obrigadas a passar por uma mesma via, o *Centro Motor Salivar*. Logo, na hipotese de que se destrua esta passagem única, trajeto obrigatório das duas excitações, estas não alcançariam as glândulas estomacais que, neste caso, ficariam paralisadas.

Pois bem. No caso do macaco de Lhermite, a zona motora cerebral destruida, responsável pela função do braço do animal, paralisado e depois movimentado, corresponde à mesma do exemplo acima, do *Centro Motor Salivar*. Ora, com tal destruição, a fisiologia normal orgânica não explica o movimento inesperado do braço do macaco, nem mesmo pela «conexão temporária», como pretendeu o dr. Osmard. Assim, a sua própria apresentação, do macaco de Lhermite, continua valendo como contra-prova da sua tese do cão de Goltz.

Na nota n. 6 diz o dr. Osmard que do caso, por nós citado, do indivíduo ferido no cérebro por um estilete, sem ter perdido a razão, um cirurgião português criou a lobotomia pre-frontal.

Mas são justamente essas cirurgias, como êsse sucesso do nobre médico, dr. Egas Moniz, de Lisboa, que vem demonstrando não haver o absolutismo do cérebro. tal qual se julga pela tese do cão de Goltz. Leia-se do sr. Imbassahy, — Lesões Cerebrais— (dez. ult.), a opinião do ilustre médico patrício, dr. Leonidio Ribeiro, e veja-se que a própria ciência já reconhece não ser a ausência cerebral fator absoluto para paralisar a função mental.

Convém o dr. Osmard, para melhor compreender êsses assuntos, deixar as antiguidades seculares e melhor estudar as atualidades. A ciência, ùltimamente, avançou muito.

E até maio, se Deus quizer.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de São Paulo

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Sob a Inspiração do Evangelho

A Juventude Espírita do Centro «Bezerra de Menezes do Andaraí», é constituida, em sua grande parte, de jovens estudantes, seja dos cursos ginasial, clássico e científico, seja de cursos superiores de engenharia, medicina, etc.

Realizam êsses jovens estudiosos as suas reuniões semanais de estudo do Espiritismo, aos sábados (anteriormente, aos domingos), sendo orientados pelos drs. Lauro de Oliveira S. Thiago, médico e professor de Química e Matemática, e Sylvio Lôbo de S. Thiago, engenheiro civil.

No último sábado, 7-10-1961 a reunião costumeira foi consagrada a uma demonstração científica dos princípios fundamentais do Espiritismo, realizada pelo segundo dos diretores acima citados.

Numa exposição clara e atraente do interessante assunto que se dispôs a tratar, na oportunidade, o dr. Sylvio, baseado nas obras do comandante Armond, de André Luiz e do professor Pietro Ubaldi (A Grande Síntese), apresentou aos jovens estudiosos do «Bezerra de Menezes» um grande quadro sinótico, por êle organizado, sob o título sugestivo de CONSTITUINTES DO UNIVERSO, por meio do qual pôde fazer uma demonstração das origens do universo material, que se encontram no *fluido cósmico,* até as últimas conseqüências providenciais da sua formação e da sua evolução, que vêm a ser a individualização do Espírito, culminando no homem.

Precedendo essa feliz exposição doutrinária, baseada nos dados da ciência oficial, iluminados pelo Espiritismo, discorreu o dr. Sylvio sôbre a existência de Deus, a respeito da qual afirmou, com tôda propriedade, que é a mesma baseada em razões essencialmente científicas, porquanto essas razões se firmam no princípio científico incontestável de que *não há efeito sem causa*, bem como na Revelação, pois que esta foi feita à humanidade por Espíritos Superiores que vieram falar aos homens em diferentes épocas da História, devendo-se acentuar a que foi feita a Abraão, a Moisés e, por último, pessoalmente trazida por Jesus, que é o governador do nosso planêta.

De tudo quanto ouvimos, naquela instrutiva tertúlia da juventude espírita do «Bezerra de Menezes do Andaraí», que vai, assim, sob a orientação dos seus dois orientadores citados, fazendo sua iniciação na Doutrina Espírita, concomitantemente com a cultura científica que lhe vai sendo ministrada nas Escolas, uma promissora intuição da verdade, no que concerne à Criação, que é o eterno enigma do Universo, nos foi possível estereotipar em nossa mente, pouco trabalhada, é certo, pela admirável cultura científica desta grandiosa fase do progresso humano, mas adstrita, mesmo assim, à obra construtiva de elaborar idéias sôbre os grandiosos problemas da vida e dos destinos do homem, à luz brilhante dos ensinamentos espíritas. Essa intuição pode resumir-se numa síntese, em que formulámos uma conjectura despretenciosa da criação dos mundos, com base nos dados que a investigação científica tem podido proporcionar à inteligência humana.

Á proporção que íamos ouvindo o expositor da Doutrina, fomos considerando, de envôlta com as razões científicas invocadas, as expressões bíblicas sôbre a criação do homem, que se encontram em Gênesis, II-7: «*Deus finxit corpus hominis e limo terrœ: dedit illi animam viventem; fecit ilum ad similitudinem suam*...» cuja tradução é a seguinte: «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente.» Juntamente com essas expressões soavam aos nossos ouvidos as palavras de João, em seu Evangelho, citadas na ocasião pelo dr. Sylvio: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.» (João, I-1) — e formulámos então a seguinte hipótese, em forma de síntese, da Criação: O Pensamento de Deus, num ato sublime de Amor, comunica a uma parcela do Cosmos a Vida, êsse atributo divino, contendo a gênese do Espírito, pondo assim em movimento um setor limitado do Universo. E a nebulosa tem o seu nascimento, segue o curso do seu desenvolvimento, conforme nos permite conhecer a plausível conjectura científica de Laplace, desenvolvida por outros sábios de renome universal. Difuso o Espírito nos mundos que se formam, aguarda êle a sua propícia manifestação nas formas materiais que vão começar a revelar-se, gradativamente, através dos reinos mineral, vegetal e animal, iniciando-se, num dado momento, o processo da sua individualização, momento que não nos é dado conhecer, mas que se pode conjecturar tenha seu cabimento nas incipientes cristalizações minerais, estando bem caracterizada essa individualização nos reinos vegetal e animal, culminando o processo evolutivo no homem, pois aí adquire o Espírito a capacidade de desligar-se da matéria, para prosseguir em sua evolução no mundo espiritual, que é o mundo das causas, até integrar-se em Deus, quando atinge a completa perfeição. Desempenhado todo êsse imenso processo evolutivo, os mundos materiais, tendo esgotado todo o manancial de vida que Deus lhes atribuiu, naquêle sôpro divino, obscurecem e morrem, desfazendo-se desta ou daquela maneira, para que os seus elementos vão se prestar a outras formações de galáxias, no curso dos evos incontáveis...

Oh! visão maravilhosa da Criação de Deus, que à minhalma pôde apresentar-se em uma abençoada reunião de jovens companheiros que nos terão de suceder nas lidas gloriosas em pról da difusão dos princípios espíritas, norteados pela bussola insubstituível do Evangelho, em que vive e palpita a sabedoria repleta de Amor e de Luz, de Nosso Senhor Jesus Cristo! Eu te bendigo, hora tranqüila da minha vida de lutas, em que, ao lado de tantos jovens, alguns dos quais netos meus, pude ouvir o palpitar dêsses amigos corações que nos iniciam no conhecimento de Deus, segundo o alcance da nossa mente, em mim ainda tão rudimentar, mas plena de convicção e de fé!

Philemon

Um Artigo sôbre Zöllner

Deolindo Amorim

MUITA gente sabe que João Carlos Frederico ZÖLLNER, além de experimentador espírita, do que deu provas muito concretas, era um cientista de projeção, especialmente nos domínios da Astronomia e da Física. Existe, em português, um livro de Zöllner, intitulado *Física Transcendental*, que já é, por sua vez, o 3.º volume de uma série de trabalhos, reunidos sob a denominação geral de «Tratados Científicos.» Ao oferecer os seus *Tratados* a William Crookes, Zöllner escreveu uma dedicatória muito afetuosa, começando com as seguintes palavras: «*Com o mais alto sentimento de gratidão e reconhecimento, pelos serviços prestados por vós a uma nova ciência, eu vos ofereço, respeitabilíssimo colega, o terceiro volume dos meus «Tratados Científicos». Por uma coincidência notável* — continua a dedicatória de Zöllner — *as nossas investigações científicas encontraram-se no mesmo terreno, fornecendo à humanidade, admirada, uma nova classe de fenômenos físicos, que proclamam bem alto e de um modo não mais duvidoso a existência de um outro mundo material de sêres inteligentes.* Logo adiante, exaltando o esfôrço de Crookes e lamentando a incompreensão dos contemporâneos, Zöllner deixava sair da pena estas palavras de ternura e solidariedade para com o outro grande cientista, que era inglês, enquanto êle (Zöllner) era alemão: *Sôbre vós, também, a ingratidão e o ridículo têm sido atirados, com a máxima liberalidade, pelos cegos representantes da ciência moderna e pelas multidões, mal guiadas, pelos seus ensina-*

mentos. A vossa coragem, a vossa penetração nas investigações e a vossa incomparável perseverança vos erigirá um monumento nos corações agradecidos da posteridade, indestrutivel como os mármores das estátuas de Westmisnter. Eis, aí, uma página admirável, não só pelo seu profundo sentido emocional, como também pelo seu alto senso de justiça. Vê-se, por aí, que nem todos os homens de ciência são *frios* ou têm a alma sêca, como geralmente se diz. Zöllner, que era, pela sua formação, um homem de laboratório, deixa extravasar uma série de conceitos em que a nota emotiva chega a dar a impressão de alguém, que fala mais pelo coração do que pela inteligência. Enquanto os homens tanto se odeiam e se dividem no campo da política ou dos interêsses materiais, a Ciência colocando-se acima dos homens e das doutrinas, serve de traço de união entre as grandes idéias, a despeito de tôdas as fronteiras geográficas e todos os conflitos internos e externos. Leiamos, por exemplo, o tom fraternal destas palavras, na saudação de Zöllner a William Crookes: *Aceitai, pois, a presente obra, como sinál de agradecimento e simpatia, vertido do coração honesto de um alemão.* E ainda mais: *Se algum dia, o ideal de paz universal fôr realizado, será, indiscutivelmente, o resultado não de discursos e de agitações políticas, das quais sempre a vaidade humana exige o seu tributo, mas, sim, do progresso dos conhecimentos cientificos, pelo que teremos de agradecer a verdadeiros herois, como Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Faraday, Wilhelm Weber e vós!...* Palavras ainda atuais. (Isto foi escrito em 1879). Enquanto certos escritores e até mesmo alguns homens de ciência, por vaidade e egoismo, procuram sempre *apagar* o mérito alheio, usando todos os expedientes para evitar que os outros também *apareçam* ou se tornem muito conhecidos, vemos um homem da estatura moral e cientifica de Zöllner fazer um dos maiores elogios escritos a William Crookes, que não era seu compatrício e, sendo também cientista, poderia inspirar-lhe certa dose de desconfiança, com receio de concorrência na disputa das glórias terrenas. Isto, porém, não se deu entre Zöllner e Crookes, porque as almas nobres, mas verdadeiramente nobres, sem qualquer mácula de farisaismo, não têm prevenções nem cultivam recalques. A Ciência também faz os homens humildes, e uma das provas de humildade, mas humildade real e não artificial, é reconhecer o valor dos outros sem constrangimento, sem disfarces. Belo e edificante, portanto, o procedimento de Zöllner em relação a Crookes.

Em *Fisica Transcendental,* que já foi um livro muito citado, Frederico Zöllner relata as suas experiências com o famoso médium Slade, cujas faculdades foram submetidas ao mais rigoroso espírito científico. Justamente por isso mesmo é que não vamos tratar, aqui, das experiências de Zöllner, embora sejam muito importantes, uma que se trata de material muito conhecido e já bastante divulgado na literatura espírita e metapsíquica. O que nos interessa, agora, é apenas o pronunciamento de TOBIAS BARRETO, uma das grandes figuras da *Escola do Recife,* a propósito do falecimento de Zöllner, em artigo publicado no velho *Diário de Pernambuco,* em 1882. Convém dizer que o artigo de Tobias, verdadeira e criteriosa apologia da obra e do talento de Zöllner, foi incluido, mais tarde, no volume denominado «Estudos Alemães», da coleção de *Obras Completas* de Tobias Barreto, publicadas por iniciativa do Govêrno de Sergipe, há quase quarenta anos. Antes de reproduzir alguns tópicos dêsse artigo histórico, devemos prevenir que Tobias Barreto, ao que nos consta, pelo menos até agora, nada tinha que ver com o Espiritismo, pois era tido, até, na conta de um cético e demolidor sistemático. Se, no entanto, não se manifestou a respeito do Espiritismo, teve a honestidade intelectual de citar as experiências de Zöllner com Slade. É nisto simplesmente que está o interêsse do artigo de Tobias Barreto, pois Zöllner não era muito conhecido dêste lado do Atlântico, principalmente por causa da língua alemã, que não tinha, nem podia ter a mesma penetração do *francês* no Brasil.

Tobias Barreto de Menezes, nascido em Sergipe, fêz a sua carreira em Pernambuco. Foi tudo quanto um homem de aspirações intelectuais pode desejar dentro do ambiente provinciano: Professor de Direito, e dos mais falados de seu tempo; polemista temível, chegando a ser agressivo, conforme as circunstâncias; jornalista, crítico, jurista revolucionário e também poeta. Tobias foi tudo, portanto, na vida intelectual. Como poeta, foi um dos rivais de Castro Alves, no tempo em que as musas faziam duelo... Que era um homem de talento invulgar, não há dúvida alguma. Talvez por causa disto, pois o talento sempre dá o que falar, Tobias foi também um dos homens mais discutidos no Brasil. Teve os seus discípulos, seus seguidores incondicionais, quase fanáticos, e teve os seus opositores frontais, no tempo em que Pernambuco era uma espécie de «barril de pólvora» onde ferviam tôdas as idéias revolucionárias que vinham da Europa. Há, por exemplo, quem considere Tobias Barreto um gênio dos mais autênticos, mas também não falta quem diga, ainda hoje, que o vigoroso polemista sergipano era apenas um espírito irrequieto, que gostava de ler muito, mas pecava por ser dispersivo em tudo por tudo... Já houve, até, quem insinuasse coisa muito pior, dizendo que Tobias tinha mais fama do que profundidade, era um homem cheio de complexos, que viveu a vida inteira querendo demolir, e nada mais!... Outros dizem, e com autoridade, que Tobias foi um legítimo renovador da cultura jurídica no Brasil.

Os homens notáveis geralmente estão sujeitos a julgamentos contraditórios. Dos grandes homens sempre há o que dizer, de bem ou de mal. É uma conseqüência da notoriedade humana, como no caso de Tobias Barreto. Houve, no Brasil, um movimento intelectual, que se chamou a *Escola do Recife*, e teve o seu foco principal na antiga Faculdade de Direito de Pernambuco. Ali, naquela forja nordestina, se discutia e criticava tudo: ***Positivismo, Evolucionismo, Darwinismo, Ecletismo***, tôdas as correntes científicas e filosóficas, tivessem o nome de Comte ou de Spencer, de Lamenais ou de Cousin. É numerosa a plêiade dos astros que fulguraram na *Escola do Recife*: Tobias, Sílvio Romero, Laurindo Leão, Epitácio Pessoa, Clovis Bevilaqua e tantos e tantos outros brasileiros ilustres.

Tobias Barreto destacou-se principalmente por causa do *germanismo*. Homem de caprichos, e de quem se diz muita coisa curiosa, inclusive até alguma anedota pitoresca, Tobias entendeu de aprender alemão e chegou a dominar o idioma de Goethe, o que, sem dúvida, era um motivo de espanto no Brasil daquêle tempo. Dizem que uma das vaidades de Tobias era dizer que não lia traduções, porque sabia ler no original. Gabava-se de haver introduzido o *germanismo* na literatura brasileira e não abria mão desta primazia. Tendo mantido correspondência freqüente com juristas e filósofos alemães, ficou muito impregnado da cultura germânica, o que deu motivo à ironia de Carlos de Laet, quando chamou o grupo de Tobias *escola teuto-sergipana* (teuto, por causa da Alemanha, e sergipana, porque Tobias era de Sergipe). Tobias respondeu com a mesma moeda, batizando o grupo de LAET de escola *galo-fluminense*, alusão à Gália (França), e fluminense (Rio de Janeiro). Seja como fôr, o certo é que foi Tobias, inegàvelmente, quem lançou determinados autores alemães no Brasil. Vinculado intelectualmente à Alemanha, cujo pensamento absorveu muito, Tobias hostilizou a influência francêsa, numa época em que uma parte da sociedade brasileira «pensava e vestia pelos figurinos que vinham da França». Outra particularidade na vida de Tobias Barreto: fazia questão de não sair do Recife, e dizem que nunca veio ao Rio de Janeiro. Por falta de oportunidade? Não. Simples questão de capricho: nunca se afastou de seu reduto intelectual, no Recife, porque não precisava beber cultura na Côrte!... É o que se diz. Será verdade? Comunicava-se com o Velho Mundo, correspondia-se com os maiores vultos da literatura, da filosofia e da cultura jurídica da Alemanha, mas sempre no Recife, nada de viagem à Europa ou a qualquer outra parte do mundo, justamente para não dizerem, algum dia, que foi receber luzes do outro lado do Atlântico. Tobias era assim mesmo. Pruridos de chauvinismo? Não, o que êle tinha, ao lado de muita cultura e coragem intelectual, era uma esquisitice muito comum nos homens de grande talento. Por causa do contacto com a cultura alemã, alimentou fortes prevenções contra a importação das idéias francêsas. E tudo isto, sem sair do Recife, de onde pontificava nos estudos filosóficos e jurídicos, olhando o resto do Brasil e a Europa a grande distância. Há quem o aponte como genuíno filósofo, embora êle próprio tenha considerado o tipo brasileiro uma das maiores negações para a Filosofia. Seja como fôr, a verdade é que Tobias Barreto venceu tôdas as barreiras de sua época, dentro de uma sociedade em que predominava a tradição da *Casa Grande* e dos requintes aristocráticos, como bem descreve Gilberto Freyre.

Muito influenciado pelos autores alemães, talvez venha daí a sua simpatia pela obra científica de Zöllner. Note-se, por exemplo, que, ao começar o artigo sôbre o falecimento de Zöllner, frisou logo que se tratava de um homem, *cujo renome, estendendo-se por todo o mundo científico, não pôde chegar até nós com o mesmo brilho, com que se fêz algures admirar. Devido talvez à especialidade do seu gênio, senão antes à imensa distância que nos separa de um sábio de seu talento.* De fato, Zöllner, àquele tempo, era muito pouco divulgado no Brasil, pois a literatura mais corrente em nosso meio era, em tudo por tudo, a francêsa, o que não agradava, de forma alguma, ao germanismo de Tobias. Dizia, em seguida: «Frederico Zöllner nasceu em Berlim a 8 de novembro de 1834. Depois de feitos os seus estudos preparatórios, cursou as Universidades de Berlim e Basiléia, onde entregou-se *(sic)* ao estudo de física, votando-se particularmente à fotometria astronômica». «..... Zöllner foi também um dos primeiros que puderam ver as protuberâncias do sol no seu maior brilho, em tôda a sua forma... No ano de 1866 foi nomeado professor extraordinário na Universidade de Leipzig e encetou a sua sua tarefa docente com uma importante preleção sôbre *A significação universal dos princípios mecânicos.*» Referindo-se, no mesmo artigo, ao livro de Zöllner, sôbre *A Natureza dos Cometas*, Tobias emitiu o seguinte juizo: «Êste livro fêz época no mundo científico, não talvez pela doutrina astronômica nêle contida, mas pelas excursões do autor no domínio da história e da teoria do conhecimento. Aí, Zöllner atacou de um modo brusco mais de um sábio da atualidade; particularmente, Tyndall foi tratado com a maior aspereza». (Não nos esqueçamos de que êsse artigo foi publicado em 1882).

Quanto às experiências mediúnicas de Zöllner, Tobias Barreto fez uma referência lacônica, é certo, mas honesta: *Outros trabalhos de Zöllner acham-se publicados numa série de volumes; é onde êle dá conta de experiências feitas em companhia do americano Slade, as quais grangearam nomeada até nos círculos mesmos, que talvez nunca ouvissem falar de suas indagações astrofísicas.* Isto nos leva a admitir que Tobias Barreto conhecia a *Física Transcendental* de Zöllner, naturalmente em alemão, porque era o seu feitio procurar os assuntos nas fontes originais. Além do mais, a tradução brasileira, de T. Williams, e que já vem de uma edição inglêsa, é de 1908, quando Tobias há muito tempo já não pertencia a êste mundo. É interessante observar que o tradutor fala na desencarnação de Zöllner, empregando a expressão *recentemente falecido*... Recentemente, em 1908? O fato é de 1882, e não podia ser mais *recente* em 1908, vinte e seis anos depois.

Vejamos, agora, como Tobias Barreto rematou o seu notável artigo sôbre Zöllner: *Eis o homem que a ciência acaba de perder, e em cujo túmulo poder-se-ia deixar escrito o que Newton afirmou a respeito de Cotes: muito teríamos ainda que aprender se êste homem vivesse por mais tempo.* Pois bem, êsse homem invulgar, por todos os títulos eminente, e que mereceu de um espírito crítico, como Tobias Barreto, um elogio tão merecido, tão exato, forma na galeria de Crookes, Aksakof, Flammarion, Delanne, Gibier, Geley e outros homens de ciências, cujos nomes enriquecem a história do Espiritismo. Afirmam, contudo, algumas fontes respeitáveis que o médium Slade, depois dessa fase marcante, cometeu discrepâncias gravíssimas, caindo em decadência moral e psíquica. São fraquezas humanas, a que muitos médiuns infelizmente não podem resistir. Os trabalhos de Zöllner, no entanto, se revistiram de todo o rigor científico. Seu livro é, sem dúvida um dos maiores documentários de fenômenos objetivos. Para um homem como Zöllner, afeito à exatidão e ao trato com a Ciência, o Espiritismo é assunto sério, e por isso lhe mereceu um estudo especial e valioso. A opinião de um Zöllner, portanto, tem muito mais pêso, para os créditos do Espiritismo, do que as objurgátórias de uma legião de *criticos* superficiais.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Aula Inaugural — Programa de 1962

Tendo terminado o seu período de férias, o **Instituto de Cultura Espírita do Brasil** reiniciou as suas atividades com a aula inaugural, no dia 10 de fevereiro, sábado, às 17 horas, no auditório da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), rua Araújo Porto Alegre 71, Rio de Janeiro. Convidado pela Diretoria do Instituto, o nosso confrade Prof. Rubens Romanelli, de Belo Horizonte, veio ao Rio especialmente para pronunciar a aula inaugural, cujo tema, escolhido pelo conferencista, foi o seguinte: **O Conceito Espírita de Evolução Bio-Psíquica.** O Prof. Romanelli é um propagandista espírita muito conhecido e apreciado pela sua cultura e pelo seu idealismo. É professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

As aulas normais do Instituto, com freqüência livre, como sempre, terão prosseguimento a partir do dia 17, das 16 às 18 horas, na rua dos Andradas 96 — 12.° andar.

PROGRAMA DAS MATÉRIAS

São as seguintes as matérias que vão ser dadas no corrente ano:

Interpretação Doutrinária (Aplicação de princípios de hermenêutica ao estudo da Doutrina Espírita) — Cel. Delfino Ferreira;

A Reencarnação na Filosofia Antiga (Desdobramento da História da Filosofia, dada no ano passado) — Prof. Newton de Barros;

Características da Doutrina Espírita — Deolindo Amorim;

Teoria Geral do Animismo (Visão geral dos fenômenos anímicos, seu mecanismo, sua importância para o conhecimento do Espiritismo, suas variações, etc.) — Dr. Lauro São Thiago;

História da Educação — Prof. José Jorge;

Elementos de Biotipologia — Dr. Túlio Chaves;

Noções de Geografia Humana — Marechal Mário Travassos.

Entre as matérias novas, e que fazem parte da cultura geral, mas interessam ao estudo regular da Doutrina Espírita, figuram as seguintes: **Biotipologia** e **Geografia Humana.** A **Biotipologia** estuda os tipos morfológicos e, por isso, foi incluida, êste ano, no programa do Instituto, justamente porque o estudo dos tipos morfológicos pode ser desenvolvido com conhecimento da reencarnação e do perispírito. As escolas científicas não conhecem o perispírito, nem sequer têm uma idéia da influência que pode ter a reencarnação nas diferenciações dos tipos humanos. Quanto à **Geografia Humana,** existem, tanto no **Livro dos Espíritos,** como na **Gênese,** diversos pontos inerentes à Geografia: relação do homem com o meio, influência do meio físico na vida psíquica, raças humanas e sua distribuição na Terra etc. Todos êsses problemas, que estão no corpo da Doutrina, são problemas de natureza geográfica, especialmente enquadrados na Geografia Humana. Até que ponto o meio físico pode exercer influência sôbre o homem? De que modo pode o homem modificar o meio? Até que ponto o meio concorre para a evolução do homem, no plano biológico e no plano espiritual? Tais problemas fazem parte da Doutrina, mas podem ser mais bem esclarecidos se fôrem estudados com certo conhecimento de Geografia Humana. Foi justamente por isso que o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, cujo escôpo é estudar a Doutrina Espírita em cursos regulares, de caráter público, resolveu introduzir a Geografia Humana no programa dêste ano.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

VIII — O FENÔMENO ESPÍRITA

A segunda maneira pela qual se produz a indução hipnótica — vínhamos dizendo ao fim do capítulo anterior — é aquela onde os estímulos indiferentes, tornados absolutos ao nível do nosso segundo sistema de sinais, nascem dentro de nós mesmos. São os estímulos internos ou interoceptivos, prática que caracteriza a auto-hipnose e a incorporação espírita.

Qualquer pessoa que trabalhe com hipnose e que seguidamente induz a sono em três ou quatro pacientes, pela estimulação de sua própria voz, àcaba sofrendo o efeio da inibição e sente sôno. Trata-se de uma auto-indução. Da mesma maneira quem quer que se deixe levar pela influência do seu próprio pensamento, pode vir a representar concretamente as vizualizações das imagens pensadas. É prova comum em trabalhos de hipnose: o operador faz desencadear o sono em seu paciente por um sinal endógeno: em determinado momento o paciente imagina que está diante do operador, crê ouvir a sua voz, julga sentir o contato de sua mão e entra em sono. E o pensamento do paciente tornando concretos e reais o falar do operador, o tato e a presença do mesmo faz desencadear o jogo inibitório que o conduz ao estado do sono.

Já imaginou ou já percebeu, melhor dizendo, o leitor, que nós pensamos prevalentemente por palavras? É capaz o leitor de formular um pensamento sem o uso da linguagem falada mentalmente? E já terá percebido o leitor que o pensamento é um arco reflexo ao qual está faltando o último elo, o da ação? E que esta ação que está faltando é a verbal? Quem pensa, fala sem emitir sons. Fala calado. Fala para dentro de si mesmo. Mas fala. E fala em sua lingua. Nos termos que lhe são próprios e familiares.

Se o nosso segundo sistema de sinais — sistema que caracteriza tôda a atividade nervosa superior — pode tornar real a verdade concreta que no conceito da palavra se contém, materializando a imagem verbal; se no homem já não é preciso o efeito físico da palavra escutada para fazer desencadear uma resposta física e já lhe basta a palavra lida, o objeto visto que aquela palavra representa e a própria palavra pensada, claro está que a partir de um pensamento figurado ou verbal pode também se desencadear uma sinalização de primeiro, segundo ou terceiro gráus, todos com o mesmo efeito prático na resposta orgânica.

Alguns leitores interromperão agora a leitura e dirão a si mesmos: mas isso é hipnose, espiritismo ou autosugestão? Parece estar havendo alguma confusão.

Penso que não. Conversemos um pouco sôbre o que seja a sugestão. Explica-se por sugestão o ato de incutir no cérebro de outrem, idéias nossas, fazendo com que tais pessoas acatem e façam suas as nossas opiniões. *Gindes*, conhecido hipnologista, afirma que a sugestão hipnótica é o processo de alterar controladamente as ações e as reações humanas através de pensamentos, objetos e ações. Por outro lado, podemos aceitar como auto-sugestão a retenção no cérebro, voluntàriamente, de uma idéia ou conceito, levando-os a alterar de algum modo as funções mental e corporal; a reprodução, no cérebro, de impressões prèviamente recebidas que se convertem no ponto de partida de novas idéias e novos conceitos.

Se eu digo a um paciente em hipnose que seu braço está ficando pesado, que parece chumbo, que agora é impossível movê-lo, eu estou sugerindo ao meu paciente tal idéia. Minha palavra, pelo conceito que veicula, realiza na mente do meu paciente o pêso do chumbo, a impossibilidade de mover o braço. Por mecanismo já conhecido dos senhores. Se, porém, o meu paciente acaba de almoçar e vai tomar banho, e se lembra que lhe disseram que «faz mal» tomar banho depois do almoço, que «não-sei-quem» fez isso e teve congestão, que talvez «eu não devesse ter feito isso», se «quem sabe se isso é verdade?» e não consegue deslocar o seu pensamento dessa idéia, não demorará muito a perceber «uma coisa estranha», que antes não estava sentindo aquilo, que «quem sabe se não estou me sentindo mal?», e etc., etc.. E não será muito difícil apressar o banho «por não estar se sentindo bem». Acham sinceramente que isso é fantasia minha ?

Vou contar-lhes uma história, colhida em *Bernard Gindes:* um inspetor de alunos, odiado por êstes, foi vítima de uma cruel vindita. Levantaram no páteo da escola uma imitação de guilhotina, capturaram o inspetor, vendaram-lhe os olhos, ataram-no ao patíbulo e entraram a discutir sôbre quem o executaria. Por fim, escolhido o carrasco um dos alunos determinou a execução, outro imitou com instrumentos metálicos o despregar da faca, um terceiro bateu com o borda da mão no pescoço da vítima. E esta morreu instantâneamente. Porque? O homem sabe que é merecedor das sanções punitivas dos seus observados e por isso está apavorado. Conhece-lhes o ódio e não ignora que o castigo é possível e até merecido. E' então agredido e subjugado. A sua sujeição ao patíbulo desenha-lhe no cérebro a imagem da guilhotina. Sente o cêpo sob o pescoço, ouve as vozes iradas e mal intencionadas de seus inimigos, *sabe*, por já ter ouvido ou *por imaginar,* o ruido característico que faz a lâmina do instrumento ao desprender-se; *sabe* para onde se encaminha a navalha e que é o seu pescoço; *sabe* que do corte resultará a decapitação e a morte. Tais imagens estão tôdas vivas e atuantes em seu cérebro. E potencializadas pelo medo que é um fator de sôbre-excitação. Seu analisador cutâneo (já estudamos isso) ligado à região da nuca, por super-excitação sensorial, cria um fortíssimo foco de irradiação da excitação em seu córtex. Há uma enérgica inibição em todo o resto do seu cérebro por concentração da atenção (também já estudamos isso). O foco excitatório principal, por inibição difusa, liga-se a todos os outros setores do cérebro e abaixo dêle. Há um comando vigil poderoso através de um arco reflexo predominante (e também já lemos sôbre isso.) E eis que repentinamente sente o bater da «faca» no pescoço. Pelo arco reflexo condicionado desencadeia-se instantâneamente a resposta motora. Hétero-sugestão a princípio, auto-sugestão depois. Se se trata principalmente de um indivíduo do tipo nervoso *débil, desiquilibrado* e *instável,* com forte predominância dos processos de inibição, que mais lhe falta para morrer?

Assim é a auto-sugestão, reflexo condicionado de origem interoceptiva e que a partir de um pensamento verbal ou figurado, desencadeia uma resposta correlata à imagem concebida.

Assim é a auto-hipnose. Assim é a hipnose. Assim é a auto-sugestão.

E que fenômenos permite a hipnose? Oh! que mundo dêles. Em suma, podem-se obter pela hipnose todos ou quase todos os atos mecânicos, motores e fisiológicos, e uma série também não pequena de inversões da realidade, de alucinações, de sôbre-excitações, como já vimos. A anestesia, a catalepsia, a fala automática, a escrita automática, a insensibilidade. Tudo isto e muito mais podendo ser obtido tanto a partir da hipnose hetero-conduzida como da auto-hipnose.

E que acontece na incorporação mediúnica senão exatamente isso?

Já disse várias vêzes e não é demais repetir: jamais duvidei do fenômeno espírita; a interpretação é que é outra. Se alguém me diz que um aparelho de rádio fala, eu acredito. Já me cansei de escutá-lo. Mas se o sr. Casella quiser convencer-me de que o rádio fala porque lá dentro há um grupo de pessoas falando, aí eu protesto. Isso não é verdade. O mecanismo é outro. Dá-se o mesmo no transe espírita.

Escreveu o sr. Carlos Imbassahy no seu «Sessões, Médiuns e Débeis», II, revista 2, Ano XXXVII, pg. 31: — «A concentração mental—*transcrevendo-me*—a palavra de um presidente de sessão, uma oração, uma voz pausada, ritmada, débil; o pensamento num guia, uma entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte. Temos aí perfeitamente caracterizados o rapport, o foco de excitação inicial, um pensamento verbal ou figurado, a sinalização por condicionamento do segundo grau, pelo exemplo, pelo pensamento, numa sobrecarga sinalizadora.—E acrescenta depois da transcrição: — Isto dito assim é para se temer. VALIA A PENA, SE FÔSSE POSSÍVEL, QUE O AUTOR EXPLICASSE O QUE É AQUILO. —No terceiro artigo da mesma série, revista 3/4, pg. 58, continua o ilustre colaborador da RIE: — «Não há negar que o distinto facultativo se rodeia de uma cinta de arame farpado que são os têrmos científicos e diante dos quais o espírito leigo se vê espetado: e aí temos a sinalização por condicionamento no segundo grau, a instabilidade dos entrechoques excitatórios, o córtex cerebral dominado por uma indução recíproca violenta e intempestiva... tudo isso nos dá idéia de coisa grave, de perturbação profunda naquêles que ousam navegar por entre os parcéis das sessões espíritas... Já que não penetramos na rêde defensiva dos têrmos por trás da qual se fortifica o douto patrício, procuraremos...»

Queixava-se o sr. Carlos Imbassahy que não me compreendia o palavrório e que eu me cercava de uma rêde de arame farpado fisiológica. E que valia a pena que se explicasse o que aquilo era. Creio que a esta altura dos nossos comentários, já está bastante explicado o que aquilo é. E que não representa nada assim tão grave, porque natural e fisiológico.

O médium é, em princípio, um bom «sujet» hipnótico. E é de todos sabido que nem todos os espíritas conseguem «receber». Há mesmo sessões de «desenvolvimento» para obter algo dos menos sensíveis. Alguns pelejam a vida tôda e não conseguem ultrapassar a fase dos «rabiscos». Já começa por aí a seleção dos bons pacientes. Não basta ser crente, acreditar no espiritismo, desejar reproduzir os fenômenos de incorporação para que tal aconteça.

E o que se entende por um bom paciente em hipnose? Já estudamos os tipos nervosos à luz dos conhecimentos reflexológicos. Valeria a pena voltar à história dos tipos débeis, desequilibrados e instáveis? Não, por favor. Mas qualquer escala de suscetibilidade nos mostra que pouco mais de 90 % das pessoas são suscetíveis à sugestão, mas em grau variado, e que destas, perto de 25 % atingem o sonabulismo. Aí, estão os bons médiuns.

Depois a crença, a fé, o desejo sincero de submeter-se. Aí está um excelente condicionamento de primeiro grau. Mais tarde, a visão do que ocorre com os outros, o exemplo. Eis aí um condicionamento de segundo grau.

Tudo isso num ambiente adequado. A meia luz, o silêncio, a estimulação bébil, altamente sinalizadora, a palavra — A PALAVRA — de um condutor, a prece, a corrente mental. Tudo isso criando no cérebro dos participantes um foco ativo de atenção com a inibição decorrente que isola grande parte do córtex cerebral e aumenta a receptividade de uma zona de ligação com o ambiente. Sempre o pensamento — A IMAGEM VERBAL OU FIGURADA — voltado para um guia, uma entidade a quem se procura receber, o estímulo indiferente que se tornará absoluto por um arco reflexo temporário. A partir de um certo momento — a chamada fase hipnoidal ou preambular da indução hipnótica — graças à instabilidade dos entrechoques excitato-inibitórios, ou seja, à facilidade com que os fenômenos de excitação e de inibição se alternam no cérebro do paciente, a partir, pois, daquele certo momento, as zonas de inibição dominam quase tôda a geografia cortical do participante, um ponto vigil (o próprio pensamento ou o comando ambiental) permanece atuante, o estímulo indiferente (a idéia de um espírito, de uma entidade, por exemplo) se concretiza na verdade corpórea do médium. E pronto. Que acontece depois? A fala automática, a escrita automática, a insensibilidade, a anestesia, a hiperestesia, a catalepsia, as alucinações visuais e auditivas, tudo aquilo que a hipnose obtém por comando heterólogo ou autosugerido.

Espero que o meu amigo Imbassahy já não veja no meu palavrório, uma salgalhada de têrmos científicos incompreensíveis. Rompe-se fàcilmente a cêrca de arames farpados. Continuaremos no assunto, analisando o fenômeno espírita. E para que se não exgote o espaço de que dispomos hoje, uma nota curiosa e suavizadora.

Uma leitora desta revista que não se identifica (deve ser muito forte a sua convicção para obrigá-la ao anonimato...) manda-me uma «prova provada» da existência do espírito desencarnado: um soneto de Augusto dos Anjos «psicografado» por Francisco Xavier. Ei-lo: —

Espírito

de Augusto dos Anjos

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários
no órgão morto, impassível, atro e mudo;
No labor anatômico, no estudo
do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes-funcionários
no seu trabalho infame, horrendo e rude
de consumir as podridões de tudo
nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas
acha-se apenas ruína sôbre ruínas
como bolor e o mofo sob as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência,
está nas luzes da sobrevivência,
no transcendentalismo das esferas!

Realmente o estílo é de Augusto dos Anjos, espírito, aliás, muito explorado pelos médiuns. Em retribuição, ofereço à essa leitora, êste outro soneto, também de Augusto dos Anjos: —

Espíritas

de Augusto dos Anjos

Quais funerários corvos rapinantes
a farejar defuntos insepultos
e a babar-lhes seus cuspos repugnantes
de credos primitivos e de insultos,

ei-los a praticar necrofagia!
Servem nas taças vis as pituinas
da crendice, da insânia, da magia
e dessas deliquescências cerebrinas!

E sorte de quem se vai seria ainda
se explorassem sòmente a carne finda
que essa a terra transforma em água e sais;

Mas, não; êsses coveiros da memória
tiram de nós o nome, a glória, a história,
aquilo que em cada um não morre mais!

Êste soneto também foi «psicografado», mas numa noite em que o poeta estava, certamente, de mau humor.

A seguir: — «O Fenômeno Espírita» (II)

Serões Bíblicos - VIII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Trabalho-Missão e Trabalho-Expiação

Só quem conhece Cananéia e seus arredores poderá compreender por que Árago se radicou ali. O cêrco, ao longe, feito pela Serra do Mar, que sobe, às vêzes, até mil metros em escarpas íngremes a se destacarem da floresta densa, impede o acesso à zona do planalto.

Os únicos dois lugares onde a Serra pôde ser cortada, em direção ao mar, foi Santos e Paranaguá; de Santos se alcança o planalto em São Paulo e Jundiaí, no passo que de Paranaguá se alcança o planalto onde se assenta Curitiba. O escoamento da produção para êsses dois portos fê-los quase únicos em São Paulo e Paraná.

Cananéia está dentro dêsse cêrco de montanhas, sem vias de comunicações com o planalto. Por isso é zona pobre, de onde a produção dificilmente se escoa, motivando a que os aventureiros gananciosos não façam sua parada ali. Estas causas fazem de Cananéia o lugar ideal para um filósofo.

Além disso Cananéia possue belezas naturais, pontos pitorescos visitados a miúdo pelos turistas. São êles a praia da Ilha Comprida, a Ilha do Cardoso, a Ilha do Abrigo, o Morro de São João, os vários saltos como o do Rio Branco, o do Rio Itapitanguí, o do Rio das Minas e o do Rio Mandira. É na desembocadura do Rio Mandira com o das Minas que Árago tem o seu telheiro já descrito nêstes «Serões.»

Mas as belezas não são só estas. Quem vai de Cananéia a Ararapira ou Ariri, vê quão maravilhoso é o rendilhado de terras e águas, onde tantos pequenos rios rumorosos deságuam no mar.

Tínhamos eu, Árago e Dona Cornélia passado um dia maravilhoso, pois andamos pescando e caçando por êste rendilhado de águas e terras. Em nosso passeio, sem pressa nenhuma, chegamos até a fronteira do Estado de São Paulo com o Estado do Paraná. Dona Cornélia fritava-nos os peixes que, pêgos, limpávamos.

Tornados a Cananéia, e após o jantar, descansamos nas poltronas da bibliotéca fartamente iluminada.

Nossas tertúlias começam a ser frequentadas por outras pessoas amigas da beleza e do saber; nesta noite contávamos com a presença muito grata de Hierão Orsoni que, de há muito, nos acompanhava.

Fui eu o primeiro que falou, levantando uma questão para o debate noturno:

— Acho, prezado Árago, uma implicação insolúvel dentro da Bíblia.

Árago — Que é?

Chilon — É que Cristo disse: — «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também» (João, 5, 17). Êste ponto implica-se com aquêle outro em que Deus disse a Adão:—Maldita seja a terra por causa de ti, para que te produza espinhos e abrolhos! Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até retornares no pó de que fôste tirado (Gênese, 3, 17). A primeira dificuldade é que Deus fêz do trabalho u'a maldição, pois Adão vivia feliz antes, sem trabalhar, e agora havia de comer seu pão com o suor de seu rosto. Ora, sendo o trabalho u'a maldição, como pode ser de Deus e de Cristo o trabalhar, para êste ter dito: — «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também?»

— A segunda implicação é Deus ter dito a Adão que sua maldição duraria até que fôsse tornado no pó donde saíra. Isto parece que sabe a materialismo, porquanto só os materialistas é que têm, para si, que tudo acaba no pó da sepultura.

— Poderá, o querido amigo, me desfazer estas dúvidas?

Árago — Tu és um prodígio, Chilon, em me propor dificuldades. E eu não sei se sou suficiente para as resolver sem tua ajuda. Responde, por conseguinte, o que te vou perguntando, a fim de vermos se a verdade se assoalha.

Chilon — De pleno acôrdo.

Árago — Dize-me, então: por que trabalham os homens?

Chilon — Para ganhar a vida, ora essa!

Árago — Dizes de todos os trabalhos, ou só de alguns trabalhos em particular.

Chilon — Digo de todos os trabalhos.

Árago — Por exemplo, o do curtidor?

Chilon — Sim, êsse por exemplo.

Árago — E o do pescador, também?

Chilon — Sim, também.

Árago — Ainda o do pensador, ou a êste pões fora da lista?

Chilon — O do pensador também, que se êle escreve e escreve, há de ser para ganhar dinheiro com que fazer face às necessidades da vida.

Árago — Muito bem; alegro-me com teres me respondido desembaraçadamente. Presta atenção, e vê se te safas desta dificuldade:

— Lembras-te de quando visitámos há dias, o curtidor Palmiro, em seu local de trabalho, em Antonina?

Chilon — Sim, lembro-me.

A'rago — Trabalho duro é aquêle de remexer os couros fedorentos, desbastar-lhes as carnaças e raspar os pêlos, não é?

Chilon — Por certo que é.

A'rago — E quando aquêle pobre homem se vê livre dos trabalhos do curtume, vês o que êle faz?

Chilon — Sim, vai às suas pescarias, com seus amigos entre os quais, nos incluímos.

A'rago — E tu me disseste que as atividades do pescador são trabalhos, e as do curtidor, também, não é certo?

Chilon — Agora já não posso fugir do que disse, pressentindo a conseqüência que ides tirar.

A'rago—Não tenho nenhuma pressa. Continua a responder-me :

—Lembras-te de quando subimos pelo Rio Iguape, a fim de vermos as pescarias que ali se fazem de manjuba ?

Chilon — Se me lembro ! pois isso foi ontem !

A'rago — Viste que trabalho duro é aquêle de arrastar as rêdes ? E pior que êste é aquêle outro feito nas praias de Mongaguá, onde as rêdes são arrastadas por meio de bois ! Viste como aquêles arrojados pescadores metiam-se dentro da rêde, e pegavam os peixes maiores pelas guelras, no meio de quantos menores estavam a ferver ?

Chilon — Sim, é cansativo aquêle labor !...

A'rago — Contudo isso não impede que tenhamos aqui, nêste momento, junto de nós, o nosso amigo Hierão, que é pescador profissional. O seu cansaço não o impede de vir apreciar, todos os dias, nossa disputa ; foi êle mesmo o que disse ser nossa palestra, como que uma subida, em balão, na estratosfera, tendo em vista a imensidade azul que se descortina além, no horizonte ; não é assim? caro Hierão !

Hierão — Foi o que eu disse, e é o que continuo afirmando baseado na experiência. Graças a êstes serões enxergo muito mais profundamante as coisas que qualquer dos meus companheiros de trabalho.

A'rago — Repara agora, Chilon, que convieste em que o esfôrço do pensador é trabalho. Disto concluímos que nosso amigo Hierão, que é pescador profissional, trabalha, nas horas vagas, como pensador ou filósofo ; Palmiro, o curtidor de profissão, é pescador diletante. Ora, se tudo são trabalhos, e quaisquer dêles ú'a maldição, tanto Hierão quanto Palmiro, depois de sofrerem o pêso da maldição das horas de labor, buscam, expontâneamente, outras maldições, para as sofrer nas horas de descanso. É assim que Hierão, cansado de pescarias, repousa nos devaneios filosóficos, no passo que Palmiro se diz estar descansando, quando arrasta suas rêdes, ou joga sua tarrafa, ou rema na sua canôa. Que me dizes, agora, Chilon?

Chilon — Digo, depois destas evidências, que nem todo trabalho é maldição. Há-os que são bençãos, fonte perene de alegria sã. Se a pescaria rendesse mais do que curtume, de modo que Palmiro pudesse, com esta atividade, sustentar os filhos no estudo, êle, por certo, se tornaria pescador de profissão, trabalhando, como se estivesse a distrair-se. Hierão, aqui, não fôssem as necessidades que o põem a pescar, por-se-ia a residir, como eu, nesta casa, acompanhando-vos, em todos os passos da vida. Se todos os que gostam de filosofar pudessem estar aqui, formar-se-ia, ao vosso redor, uma escola filosófica como a pitagórica de Crotona, ou a academia platônica de Atenas ou o liceu de Aristóteles.

A'rago — Agradeço-te o elogio, Chilon ; e penso que, se guardarmos as devidas proporções, não faremos injúria aos veneráveis mestres que invocaste. Como bem vês, nem todo trabalho é uma expiação, havendo-os, abençoados, diletantes, e por isso não é muito que Deus e Cristo flaneiem criando. E se isto é o que fazem Deus e Jesus, tal deve ser o objetivo do filósofo : flanar criadoramente, aliás, como fazemos. Quer dizer que cada um deve gostar de fazer aquilo que faz. E tôda a vez que a gente pode escolher o labor aprazível, se é feliz, e o trabalho se resolve na benção de um andar ao laré, à tuna. Contrariamente, quando se é forçado a executar um labor antipático, maçante, a gente é infeliz, e o trabalho se torna numa expiação. O primeiro é um trabalho-missão, gozoso, porque se o faz com alegria ; o segundo é expiatório, porque se o recebe como uma forma de dor. (Continua)

* * *

A melhor doutrina é a que melhor satisfaz o coração e o entendimento, a que mais elementos congrega para conduzir os homens ao bem, e é essa, repito, a que há de prevalecer. — Espírito da Verdade

Crônica Estrangeira

FRANÇOIS MAURIAC E A MORTE

De «Estudos Psíquicos»

Êste grande escritor francês e prêmio Nobel de literatura perdeu há pouco seu irmão Raimundo Mauriac e ficou mergulhado em tristeza. Mas — segundo *La Revue Spirite* — reagiu fortemente e escreveu as seguintes linhas em *L'Express* :

«O dia de nossa morte deveria ser festejado como o do nascimento ou da nossa boda em plena mocidade. O medo e o temor são inseparáveis da afeição. Não receamos de não ser amados, mas de ser indignos. Não se trata do terror que inspira um mestre rigoroso e desumano. Desconhecemos o nosso próprio espírito e não cremos no amor. Não sabemos até onde somos amados. Não temos fé. Kierkegaard dizia que o contrário do pecado é a fé e não virtude. Eu sinto profundamente o que êle quer dizer, mas não me arrisco nesta perigosa teologia».

A experiência da vida amadurece o pensamento e leva os homens à libertação de muitos preconceitos.

* * *

DRAMÁTICA VISITA DE UM SOLDADO ALEMÃO A UMA ENFERMEIRA INGLÊSA

Com êsse título «Two Worlds», dános dois dos mais interessantes relatos, sempre satisfatòriamente comprovados, da sobrevivência da alma e do real poder das faculdades supranormais dos médiuns inglêses. Transcrevemo-los :

«A atmosfera do campo de batalha foi dramàticamente captada por Brenda Rowland, durante uma sessão de clarividência, quando um jovem soldado alemão veio agradecer a uma enfermeira britânica, que interrompendo seus deveres no fronte, o beijou no instante de sua morte.

A enfermeira, Miss D. Price, de Herne Hill, Londres S. E. reconheceu a referência feita pela médium a um oficial alemão, de bela figura, cabelo claro e de pouco mais de vinte anos de idade.

«Meus braços estavam cobertos de sangue, diz a médium na sessão de Brixton, faz alguns dias.

«Eu fui ferido por um tiro no estômago. A senhora descansou a minha cabeça em seu braço, e inclinou-se para beijar-me a fronte. A senhora usava uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha Antes de morrer eu dei-lhe o crucifixo que tinha na mão».

«O soldado que diz chamar-se Franz Wilhelm, agradeceu a Miss Price por haver tomado o lugar de sua mãe, quando êle morreu e lhe proporcionou uma cerimônia católica, no campo de batalha.

«Eu estava combatendo por aquilo que julgava que era verdadeiro—disse êle—agora compreendo que todos os homens são irmãos. Tenho a impressão que a enfermeira inglêsa pensava o mesmo. Ela me tratou a mim como teria tratado um soldado inglês».

Depois da sessão, Miss Price tirou do bolso um crucifixo e o mostrou aos presentes na sessão e contou que, efetivamente, durante a guerra de 1914-18, havia estado no campo de batalha e colocado o braço sob a cabeça de um jovem alemão, inclinando-se para beijá-lo ao exalar o último suspiro».

Miss Price disse que a descrição da médium, sôbre êsse jovem, era exata. Ela confirmou, também, a referência à cerimônia católica.

O crucifixo que êle lhe deu, havia-o conservado por quarenta anos, como um objeto precioso.

Esta grande demonstração da Verdade, característica da Lei de Deus, tão plenamente provada neste triste e emocionante relato, encerra admiráveis lições de elevada significação moral, como a do pensamento do Espírito comunicante, afirmando o errado conceito da guerra, e vendo que todos os homens são irmãos. No campo de batalha, onde a terra empapada de sangue, protestava contra os insensatos ódios dos homens, a Ternura verdadeiramente material e cristã de uma enfermeira, amparando a cabeça de um moribundo «inimigo» e o beijo que colocou na fronte quando morria, nos comove pela santidade, pela pureza do gesto, recordando-nos que o bem verdadeiro, tanto nos pântanos como na guerra, também pode brotar em forma de lírios.

Gesto santo de santa fraternidade irmã: «Um fato glorioso, que coube a um Espírito a glória de o descobrir».

(Transcrito de «Voz Informativa») — (De «Two Worlds»).

NECROLOGIA

JOSÉ VAZ DE CARVALHO

No dia 29 de setembro do ano findo, desencarnou em sua residência, na rua General Glicério, número 225, apt. 401, Rio de Janeiro–GB o nosso velho confrade José Vaz de Carvalho.

Vaz de Carvalho militou no comércio desde a sua mocidade e era uma das figuras de maior prestígio, na sua época, como organizador em confecção de roupas para homem, o primeiro a expor em vitrinas, como hoje se faz, as roupas masculinas.

Conhecido e estimado pela então diretoria da Federação Espírita Brasileira, a convite de Manoel Quintão, assumiu a direção da livraria daquela instituição, dando-lhe nova organização e o impulso a que chegou como editora, impressão e encadernação.

Carlos Imbassahy, elemento de real valor, era nessa época, uma das maiores intelectualidades dentro da Federação e secretário do Reformador. Amigo de Vaz de Carvalho, a quem dissera certa vez: «você, Carvalho, na mocidade vestia o corpo e agora veste o espírito».

Quando Vaz de Carvalho disse a Quintão que deveria se publicar em livro «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi, tradução do Dr. Guillon Ribeiro, Quintão não gostou, dizendo que era uma obra que os espíritas não iriam entender; mas, o gerente da livraria lhe retrucou: «por isso mesmo é que será vendida em pouco tempo, tôda a edição». Tal aconteceu. Vaz de Carvalho estava certo.

José Vaz de Carvalho nasceu em 11 de novembro de 1884, em Itaboraí, Estado do Rio. Teve uma mocidade de trabalho, era esposo dedicado, pai extremoso, amigo leal e cidadão de esmerada educação social.

Quando Vaz de Carvalho deixou a gerência da livraria da FEB, o Dr. Guillon Ribeiro, presidente, lhe ofereceu sua fotografia com a seguinte dedicatória:

«Ao bom amigo e prestimoso companheiro Vaz de Carvalho, em testemunho de estima muito sincera, de viva admiração e grande aprêço, bem como em prova de reconhecimento pelo esfôrço e dedicação com que, do seu posto de administrador clarividente e ponderado, me auxiliou, de modo eficientíssimo, durante longos anos, em exercício de espinhoso cargo de presidente da Federação. (a) Guillon Ribeiro. Fevereiro de 1942.»

Por ocasião do seu sepultamento, Pereira Guedes pronunciou ligeiro discurso, referindo-se a alguns traços biográficos do amigo e confrade, cabendo ao irmão Josué Gonçalves a incumbência de proferir a prece de despedida.

Seu corpo, em atenção ao que deixara escrito, estava envolto em um lençol, na mais espirítica simplicidade.

Paz e prosperidade ao espírito liberto, eis o que mais desejamos ao querido José Vaz de Carvalho.

—

DR. WALDEMAR PEREIRA COTTA

No dia 9 de novembro, no Rio de Janeiro (GB), verificou-se também, o desencarne do Dr. Waldemar Pereira Cotta, médico homeopata e General da Reserva do Exército.

Era carioca e nasceu em 4 de julho de 1904. Exerceu o magistério como professor da então Escola Normal e da Escola Militar. Quando aluno da Escola Militar do Realengo, fôra desligado em conseqüência do movimento revolucionário de 1922, anistiado em 1930, retornando ao Exército.

Orador fluente e de largos conhecimentos literário, científico e doutrinário. Foi fundador da União dos Discípulos de Jesus com Nelson Batista de Azevedo. Cooperou nos programas de rádio, «Seleções Espiritualistas» e «Hora Espiritualista João Pinto de Souza.»

O seu desencarne ocorreu repentinamente, no escritório do seu amigo e confrade General Jaime Ferreira, mas a notícia do acontecimento se espalhou, no mesmo dia, por todo o Estado da Guanabara e também até onde chegaram os programas radiofônicos, pelos quais era êle sempre ouvido.

(Transcrito de «Almenara», de Janeiro-Fevereiro de 1962).

Espiritismo no Brasil

CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES

Recebemos o Boletim Informativo n.º 4, da XV Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em Araçatuba, de 19 a 22 de Abril de 1962.

Abaixo damos publicidade à circular que nos foi enviada, com referência a aludida Concentração:

Araçatuba, fevereiro de 1962

Prezados irmãos:

Aproximam-se os dias da XV Concentração e na expectativa de mais êsse certame confraternizativo achamos oportuno dirigirmo-nos aos jovens espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo afim de:

1.º — Recordar algumas recomendações constantes do Regulamento.

Art. 9 — Recomenda-se às Mocidades Espíritas enviarem às Concentrações sòmente moços integrantes de seu quadro social, que participem ativamente de seus programas e tenham conhecimento da Doutrina.

Art. 10 — O número de representantes de cada Mocidade será determinado pela cidade séde, de acordo com sua capacidade de hospedagem.

§ 1.º — sempre que o número de representantes exceder o estabelecido, a hospedagem dos excedentes não correrá por conta da cidade séde.

§ 2.º — cada representação deverá estar munida de credencial fornecida pela Mocidade a que pertencer.

Art. 12 — De cada Mocidade que comparecer à Concentração será cobrada a taxa de Cr.$200,00 (duzentos cruzeiros), e de seus representantes, Cr. $ 100,00 (cem cruzeiros) «per capita» a título de contribuição para pagamento das despesas feitas pelo Conselho Diretor, com impressão de relatório, serviço de expediente, etc.

2 — Fixar o limite de representantes por Mocidade Espírita (art. 10 do Regulamento) e que é o seguinte:

5 representantes para as cidades onde haja apenas uma Mocidade Espírita.

3 representantes por Mocidade, nas cidades onde haja mais de uma Mocidade Espírita.

3 — Encaminhar os pontos para o torneio Evangélico-Doutrinário, afim de que os jovens se preparem para representar as suas Mocidades no referido Torneio.

4 — Recomendar aos elementos do sexo masculino que vierem para a Concentração, trazerem roupa de cama, pois muito provavelmente ficarão hospedados em alojamentos coletivos.

5 — Recomendar às Mocidades Espíritas, em cumprimento do art. 22 do Regulamento das Concentrações, enviarem, pelos seus representantes, documentação objetiva das obras de assistência social realizadas em suas cidades (fotografias, mapas de movimento, etc.) que integrará a exposição de obras espíritas.

Brevemente encaminharemos para as Mocidades o Programa da XV Concentração, bem como outros informes para melhor orientação dos concentracionistas.

Agradecendo mais uma vez tôda colaboração prestada, auguramos aos caros irmãos muita paz em Jesus, e subscrevemo-nos

Fraternalmente

Pelo Conselho Diretor

Alfredo Yarid Filho — Secretário

NOTA DA REDAÇÃO — Por absoluta carência de espaço, e por ser um tanto longo, deixamos de publicar a *Lista de Pontos para o Torneio Evangélico Doutrinário.*

Os interessados que desejarem conhecê-lo, poderão se dirigir ao Conselho Diretor da XV Concentração — Rua Oscar Rodrigues Alves, 152, — Araçatuba (SP).

ROTEIRO DE CONFERÊNCIAS

O nosso incansável confrade Newton Boechat continua no seu roteiro de conferências. Após regressar do interior do Brasil, onde falou em diversas cidades, pronunciou mais as seguintes conferências:

Dia 26 de fevereiro—Na «Casa de Fabiano», (Meyer) GB;

Dia 11 de março — Na UMEN, (Niterói);

No dia 24 de março falará em Pádua — Estado do Rio, e, no dia 21 de abril, pronunciará Conferência de encerramento da 4.ª Concentração Espírita do Sul de Minas, em Lavras.

C. I. M. A.

Recebemos um exemplar dos Estatutos do Centro de Investigações Metapsíquicas e Afins, do Centro «Armonia, Luz e Amor», de Maracay, Venezuela.

— Gratos.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 6 de Janeiro de 1962

Com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos.

É lida a ATA da reunião anterior, que é aprovada pelo Conselho. Em seguida, é lido o seguinte comunicado:— O Presidente do Conselho Federativo Nacional comunica que a Diretoria da Federação Espírita Brasileira nomeou seu representante Sr. Farmacêutico Carlos Jordão da Silva, autorizando-o a convocar e acompanhar os trabalhos do Simpósio a realizar-se em Curitiba, no correr do mês de Abril próximo, do qual tomarão parte sete Sociedades de âmbito estadual.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino faz ligeira explanação sôbre os trabalhos realizados pelo Conselho, em 1961 e, em nome da

Federação Catarinense, apresenta saudações ao Conselho, pelo início de novo ano de realizações.

SÃO PAULO—O Conselheiro Carlos Jordão da Silva fala sôbre o Simpósio a realizar-se nos dias 20, 21 e 22 de Abril, em Curitiba, solicitando a colaboração dos senhores Conselheiros.

AMAZONAS—O Conselheiro Luiz Montorfano anuncia os progressos da Federação Amazonense, notadamente no setor de obras assistenciais, entre estas a construção do Hospital «Allan Kardec», em franco adiantamento.

Depois de entreter-se com o Conselho sôbre vários assuntos de interêsse doutrinário e feita, pelo representante da Federação Gaúcha, a prece final, o Presidente encerra a reunião, às dezesseis horas.

—

Súmula da ATA da reunião mensal, realizada em 3 de Fevereiro de 1962

Com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

Congratulando-se com o Conselho pela presença do confrade José Augusto Romero, presidente da Federação Espírita da Paraíba, o Presidente do Conselho agradece a visita e, depois de apreciar a atuação operosa e satisfatória do visitante nos trabalhos da Doutrina, oferece-lhe um exemplar do livro «O Espírito da Verdade», do Espírito de Emmanuel, ditado a Francisco Cândido Xavier.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino comunica o inteiro apôio e colaboração da Federação Catarinense ao futuro Simpósio Centro Sulino, de Abril próximo, em Curitiba, e dá notícias sôbre o trabalho constante e profícuo da Entidade e de suas Mocidades, na difusão da Doutrina, no interior do Estado.

BAHIA — O representante da União das Sociedades Espíritas do Estado da Bahia, Coronel Ruy Vidal de Araújo, solicita dispensa do honroso cargo que vinha exercendo, em vista de sua transferência para outro Estado, no desempenho de suas funções militares.

No exame e estudo de vários e múltiplos assuntos de interêsse doutrinário, entretêm-se os Srs. Conselheiros, e às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Paraíba, é encerrada a reunião.

SÃO PAULO ESPERANTA KLUBO

Juntamente com o Boletim Informativo n.º 1, em nova fase, de Janeiro de 1962, recebemos o comunicado que abaixo publicamos:

«Á Imprensa, Rádio e Público em geral:

Os associados do S. Paulo Esperanta Klubo, reunidos em Assembléia Geral, a 3 do corrente, deliberaram promover ampla reforma nos estatutos sociais, dando à Sociedade personalidade jurídica para encabeçar, coordenar e unificar o Movimento Esperantista não só desta Capital, mas também de todo o Interior do Estado, pelo que nossa denominação passa a ser: ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESPERANTO, em português, e S. PAULO ESPERANTO-ASOCIO, em esperanto.

Solicitamos que esta notícia seja divulgada na medida de suas possibilidades, o que muito contribuirá para o progresso do Idioma Internacional.

Aproveitamo-nos dêste ensejo para ainda rogar seja noticiado:

Cursos de esperanto. 1.º e 2.º estágios, início em março, com duas aulas semanais e duração de quatro mêses. Classes diurnas e noturnas. Informações e matrículas: Associação Paulista de Esperanto, rua do Carmo, 88, 1.º andar, sala 20, das 18 às 20 hs., diàriamente, inclusive aos sábados.

Com a manifestação do nosso profundo agradecimento pela atenção que nos fôr dispensada, somos

Cordialmente,

Adolpho Muniz Furtado
Presidente»

* * *

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$250,00
Semestre	— ,, ,,	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3834unse

o XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Abril-Maio de 1962 – N.s 3-4

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Morte não muda o caráter do homem . . . . De "Two Worlds"
Psicopiroforia — Um raro Fenômeno Espírita . . . . Cícero Pimentel
O Último Desprendimento . . . . Carlos Imbassahy
Semana Santa . . . . Ítalo Ferreira
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . V. O. Casella
A Realidade Humana . . . . . . Philemon
Hipnose e Espiritismo . . . . . Osmard Andrade
Viagem Espírita em 1862 . . . . Cícero Pimentel
Rui Barbosa e o Espiritismo . . . Jorge Rizzini
Serões Bíblicos . . . . Luiz Caramaschi
No Caso Arigó, o Fenômeno fala... Sergio Valle
Crônica Estrangeira . . . . . . Redação
Espiritismo no Brasil . . . . . Redação

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 260,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1962 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Morte não muda o caráter do homem

De «Two Worlds»

MAGISTRAL ENSINO DA FILOSOFIA ESPÍRITA

Qual o destino que espera o homem no outro-mundo? Existem céus e infernos? O homem será julgado? Existe relação entre sua vida presente e futura?

O Espiritismo ensina que o homem no mundo futuro é essencialmente o mesmo que foi nesta vida, com todos os seus característicos pessoais, de qualidades boas e más. De modo algum a morte muda o caráter do homem.

A morte sòmente está relacionada à forma externa. O homem real — o espírito e mente do indivíduo, juntamente com seu corpo espiritual, permanece o mesmo como o foi antes da morte, com tôdas suas deficiências e virtudes.

Segue-se que as únicas recompensas que o homem recebe no mundo próximo, pelos atos praticados neste mundo, são as que estão contidas no caráter e constituição mental do próprio indivíduo, como resultado natural dos atos praticados.

Se as ações foram boas, êle receberá a recompensa pelas mesmas, no mundo próximo, assim como já as recebe neste mundo, na excelência do caráter que naturalmente resulta das boas ações. Se as ações foram más, o indivíduo será punido pelas mesmas, colhendo um caráter máu imperfeito no mundo espiritual, exatamente como já acontece neste mundo, onde colhe a conseqüência das más ações.

«Como semeardes, assim colhereis» é pelo Espiritismo interpretado como extensivo ao mundo espiritual, com respeito ás ações do homem, cometidas aquí na terra.

O ÚNICO JUIZ — Não existe o Deus colérico ou irado a julgar as ações do homem após a morte do corpo, e nem punições externas a serem aplicadas pelas más ações praticadas, quando no corpo. O único juiz a julgar as ações do homem no mundo vindouro é a sua própria mente e consciência que, como um juiz real, efetivamente o condena ou recompensa pelas ações praticadas quando encarnado.

Contudo, nenhum juiz poderia mais efetivamente julgar um homem no mundo espiritual do que sua própria consciência e sentir os efeitos de seus atos sôbre seu próprio caráter e constituição espiritual.

O reconhecimento da indignidade e da constituição imperfeita e mal formada pelos crimes cometidos, afasta o indivíduo, no mundo espiritual, da sociedade dos bons e felizes, e o forçam a procurar a sociedade de seu nível, com mentes de igual imperfeição e más tendências.

Nesse estado leva uma vida de miséria até que, pelo progresso, êle vence suas más propensões e se torna apto a se associar a mentes de natureza mais elevada.

INFERNOS TEMPORÁRIOS — No Espiritismo é esta a significação de planos ou esferas. Planos ou esferas são simplesmente as associações naturais de pessoas de iguais mentes e interêsses do mundo espiritual. Podemos denominar «céus» as esferas e planos mais elevados, enquanto que os imperfeitos, inferiores, em que estão agrupados todos os membros imperfeitos ou máus do mundo espiritual, podemos denominar «infernos».

Estes dois termos simplesmente representam dois gráus ou extremos do progresso e desenvolvimento mental. As esferas inferiores do mundo espiritual são diferentes do «inferno» dos Cristãos, por serem simplesmente um estado temporário em que o espírito aprende a vencer sua imperfeição e, assim, avançar para as regiões superiores.

PARA BANIR O MAL — O Espiritismo considera todo o mal como simples imperfeição e sustenta que essencialmente o mal ou o estado pecaminoso não existe no universo. Todo o chamado mal será depois transformado em bem. E como nada existe essencialmente mau, assim nada há essencialmente pecaminoso.

O homem pode cometer êrros e pecados no sentido de agir contra ou violar a lei divina; mas isto não é o resultado de sua natureza má ou pecaminosa, mas sim o resultado de sua imperfeição e ignorância. Quando isso fôr removido, também ficarão removidos o mal e o pecado.

O Espiritismo afirma que o homem é essencialmente bom em sua natureza e não tem «pecado original», ou outro pelo qual é responsável, exceto os que comete pela ignorância cujos resultados êle pagará nos efeitos imediatos de seu caráter próprio.

O Espiritismo não admite a «perdição» do homem ou que exista alguma necessidade de ser «salvo». São estas tôdas as doutrinas forjadas pelos homens. A idéia de entrar no céu, e escapar à penalidade natural por seus atos máus, professando alguma crênça, aceitando Cristo como nosso Salvador, esta idéia é inteiramente destituida de sentido para o Espiritismo.

Todos os homens entrarão no «céu», ou mundo espiritual, igualmente bem, não importa sua crênça, pois é lei natural entrarem todos os homens no mundo espiritual depois da morte, independente de seus credos. Lá chegados, êles tomam seu lugar na «mansão do céu», de acôrdo com a bondade inerente, ou maldade, exceto, naturalmente, se êsses mesmos credos têm efeito direto sôbre o caráter.

NINGUÉM SE PERDE — A aceitação de qualquer espécie de credo com o fim de ser salvo é, por isso, perfeitamente sem sentido. Ninguém se perderá e nenhum será salvo.

Naturalmente o Espiritismo aceita uma lei moral, que êle define a lei divina do universo e que afirma ser operante em todo corpo organizado, inclusive o organismo e espírito do homem.

Na natureza, abaixo do homem, esta lei se manifesta pelo instinto e desejo insciênte; mas na mente do homem esta lei é sentida conscientemente e é o que experimentamos como consciência e o sentido da retidão e êrro. Esta lei moral é a vontade de Deus, que nasce em todos os sêres organizados e os impele ao desenvolvimento e perfeição.

A lei moral não é algo aparte do homem — não é lei imposta do exterior — porém é o desejo inerente e propósito do próprio espírito, que, em outro sentido, é o Próprio Juiz.

LEI DE PROGRESSO — A lei do progresso é uma das maiores verdades do Espiritismo. Outras filosofias ensinam a lei do progresso de alguma forma, mas não no sentido por que o Espiritismo o apregoa.

O Espiritismo encara a lei do progresso como uma lei definitiva e atual no universo que invariavelmente leva todos para esferas mais elevadas de desenvolvimento e perfeição.

Em sua natureza íntima, esta lei do progresso simplesmente é expressão do desígnio e propósito de Deus.

A lei do progresso, segundo o Espiritismo, é universal e está contida na própria estrutura de todos os organismos, como sua alma inerente a atividade criadora. Cada organismo e cada pessoa, por isso, está ligada ao progresso, pois êste é simplesmente a elaboração e cumprimento do seu propósito e destino.

Cada organismo na natureza, segundo o Espiritismo e Platão, é no fundo a incorporação e expressão da idéia divina que, como centro de fôrça divina, ativo e criador, está sempre procurando dar expressão externa à sua energia e criações íntimas.

E' preciso que a semente germine e faça surgir a planta perfeita, porque tudo isso se continha em forma ideal na semente. A planta aperfeiçoada é simplesmente a expressão das fôrças intencionais contidas na semente.

Do mesmo modo, necessário é para a alma humana crescer e desenvolver suas potencialidades, porque assim fazendo, ela simplesmente dá expressão ás fôrças inteligentes e desejos nela inerentes.

A mente divina dotou todos os organismos, na Natureza, com o necessário poder criador para a plenitude e realizar a idéia ou propósito nêles contidas, e não há razão para acreditar que ela fez exceção no caso da alma humana.

Ensina o Espiritismo: a lei do progresso referente aos sêres humanos tem sua demonstração empírica nos bilhões de sêres humanos, que tendo vivido e sucumbido na terra, passaram a regiões mais elevadas de vida no mundo espiritual.

A vida terrestre era a vida elementar — o jardim de infância da experiência humana — e tendo por ela progredido, o próximo estágio será as esferas inferiores do mundo espiritual. Mas lá a lei do progresso e desenvolvimento ainda opera. De acôrdo com isto, o homem começa a galgar através das esferas superiores, até atingir pontos tão sublimes de modo a desfazer tôda semelhança com a imperfeição terrestre.

Não há processo ordenado de elevação de espíritos de esferas espirituais inferiores a superiores. Não obstante, o processo pode ser longo, no caso de alguns indivíduos, que devem passar considerável tempo nas esferas inferiores, até atingir um progresso inevitável, em tempo; e por fim se esvasiarão as esferas inferiores.

Nêsse processo ordenado das esferas inferiores ás superiores, o Espiritismo concentra sua atual demonstração e certeza na lei do progresso.

A filosofia espírita é efetivamente a que liberta a alma da escravidão do êrro e superstição e a guia para a luz.

PSICOPIROFORIA

UM RARO FENÔMENO ESPÍRITA

Os jornais de São Paulo noticiaram em 1.° de Novembro de 1.961 o aparecimento de fogo em vários locais de uma residência, no Jardim Paulista, onde não havia possibilidade de incêndio, nem por curto circuito, nem por combustão expontânea.

Um dos próprios moradores pressentiu os espíritos como provocadores do raro fenômeno, que de vez em quando aparece para chamar a atenção dos homens descrentes da vida no além.

Em vista de não termos encontrado na literatura espírita um termo próprio para êsse caso, propomos o nome : Psicopiroforia (do grego psico-alma, piro-fogo, foro-levo) em analogia com os têrmos já registrados, como psicografia, psicofotismo. A propósito, falta no vernáculo, um vocabulário espírita-metapsíquico moderno, e cremos que o único mais conhecido é o vocabulário compilado por Lobo Vilela e, inserto no final da obra: Resumo da Doütrina Espírita, de Geley, edição LAKE, de São Paulo.

Aos escritores e jornalistas do país, nosso apêlo para que em conjunto elaborem um indispensável léxico espírita, tão útil na leitura de obras especializadas, mediúnicas ou não.

Cícero Pimentel

O Último Desprendimento

Carlos Imbasssahy

Por uma questão de método, temos procurado, antes de entrar em cheio na manifestação dos mortos, provar a dos vivos. E' da independência do ser vivos que chegamos com mais facilidade à independência do Espírito após a morte. E' essa a opinião de vários psiquistas e entre êles Ernesto Bozzano, que escrevia num de seus trabalhos:

> «L'importanza teorica della presente monografia appare evidente e consiste in cio, che i casi di comunicazioni medianiche tra viventi, realizzandosi con processi identici a quelli percui si intrinsecano le comunicazioni medianiche coi defunti, ofrono la possibilità di compenetrare meglio la genese di questi ultimi» (1)

Em suma, da análise comparada entre fenômenos anímicos e espiríticos se verifica a realidade da independência do espírito.

Para êsse fim, vimo-nos referindo aos mestres da Fisiologia quando declaram que a Ciência ignora os meios por que o cérebro fabrica as qualidades intelectuais e morais; mostramos a razão que nos leva a admitir a ligação temporária entre o cérebro e o espírito. Buscamos demonstrar a patente independência do espírito em determinadas crises e em determinados fenômenos, como no caso das lesões cerebrais; no das percepções fora do corpo, sem qualquer auxílio dos sentidos, onde o indivíduo descobre coisas ocultas, vê o que se passa no próprio organismo ou nos organismos alheios, descreve lesões nos orgãos ou o seu mau funcionamento, fato a que se deram o nome de autoscopia; viu-se que há a leitura de cartas fechadas ou descrição de objetos encobertos; o diagnóstico de doenças, que se manifestam no corpo do próprio *sujet*, em estado hipnótico ou fora dêle. Referimo-nos aos membros amputados, que continuam sensíveis; para a demonstração de que persiste no organismo a parte perispirital correspondente; há as fotografias, as experiência do Dr. William Bernard Johnson, do Nevada, EE. UU., e outras; o desmembramento embrionário dos hemiplégicos, que percebem perto de si o lado paralisado ou a seção longitudinal do duplo fluídico.

Há a esteriorização da sensibilidade; os casos de desdobramento ou desprendimento em que a pessoa vê do corpo o espírito flutuando ao pé dêle, ou vê com o espírito o corpo inerte no leito, numa cadeira, estirado no assoalho... Existem as mensagens dadas pelos vivos, tais como as fornecidas pelos mortos, e que os inexpertos englobam numa rúbrica única, a da escrita automática: sôbre o assunto merece especial atenção a monografia de Bozzano — *Delle comunicazione mediuniche tra viventi*. Dos desprendimentos em suas várias formas salienta-se a bilocação, fato conhecido de tempos imemoriais e divulgado nos agiológios. Tratava-se até então de uma literatura quase que confinada ao Flos Santorum. Deixando o corpo, transfere-se o Espírito a lugares distantes; ora êle é visto por terceiros; ora êle narra, de volta ao corpo, o que viu e ouviu; ora êle vê e outros o vêem, coincindindo a narrativa do espírito desprendido com a dos que o observaram; e temo-lo apontando os lugares por que passou, as pessoas que encontrou, os panoramas que descortinou.

---

(1) *«A importância teórica da presente monografia torna-se evidente e consiste em que os casos de comunicação mediúnica entre os vivos realizam-se com processos idênticos aos que apresentam as comunicações mediúnicas com os defuntos, e por isso oferecem melhor possibilidade de compreender-se a gênese dêstes últimos.»*

Há que notar a concordância das descrições, principalmente no que toca às sensações do espírito perambulante. A menos que se trate de um malfeitor, percebe êle que deixou o corpo; vê o corpo como se estivera fora dêle; atravessa paredes como se elas não existissem; sente-se leve, hígido, livre, feliz; impressiona-o o prazer de levitar, o que concorda com muitos sonhos — e o autor dêste artigo tem disso exemplos pessoais — em que o sonhador se vê e sente como voando, e a sensação de leveza e de vôo é encantadora.

A prova material do «duplo fluídico» é atestada pela fotografia. Elas foram tiradas pelo Capitão Volpi na Itália, pelos Professores Istrati e Hasden na Rumânia, pelo Rev. Stainton Moses em Londres, pelo Coronel de Rochas e Durville em Paris.

E' clara a conclusão de que se o Espírito pode, parcial e momentaneamente, viver fora do organismo material ou dêle se afastar, não há que estranhar, sua manifestação após aquilo que chamamos morte.

Não afirmaríamos que os nossos doutos antagonistas desconheçam que o ser espiritual presta informes que deveria ter colhido alhures, fora do corpo, porque tais fenômenos são por êles mesmos atestados. O que é para estranhar, tratando-se de pesquisadores não sectários, é a rapidez e a ingenuidade com que dão tudo por inteiramente resolvido, sem maiores indagações, o que talvez lhes trouxesse algum trabalho e desapontamento.

Para alguns de nossos patrícios e mesmo não patrícios trata-se de Hipnotismo. Lá porque o hipnotismo dêles fêz o percipiente descobrir o indescobrível e o imperceptível é assunto em que não se perdem. Deve parecer-lhes muito claro e plausível o fenômeno; infelizmente os leigos é que não atinam com a plausibilidade e a clareza.

Presos ao materialismo uns, ao catolicismo outros e a maioria a velhas idéias, dificilmente removíveis, espalham axiomas que são verdadeiras profanidades científicas. Bem sabemos que obedecem a um estado emotivo, quando deviam seguir o sábio preceito de Claude Bernard, o de deixarem as idéias pessoais no vestíbulo do laboratório. Mas o que acontece é que não as deixam, e elas se lhes tornam indispensáveis como o capote e o guarda-chuva.

Mas vamos à última prova de desprendimento, ou à prova do desprendimento último, que é a do Espírito no momento da morte. O fenômeno consta dos capítulos que tratam da bilocação, do desprendimento, da vidência, dos últimos momentos da vida; é igualmente desconhecida pela douta corporação, que o inclui invariàvelmente nas alucinações.

Em várias oportunidades, em vários lugares e por várias pessoas, tem-se visto, ao dar o corpo o último suspiro, ir o Espírito deixando os despojos carnais e retomando no espaço a forma, que jaz imóvel, pálida e fria na câmara mortuária; flutua no ar, olha para aquilo que deixou e para a assistência, por vêzes bastante espantado, por não perceber do que se trata; outros Espíritos o envolvem e o levam, desaparecendo todos, por fim, nessas regiões onde a vista humana já não penetra.

Tais fatos, firmados pelo depoimento de inúmeros videntes, apanhado pela máquina fotográfica, reveste-se de grande elemento de prova, que consiste ainda na uniformidade por que é descrito o fato, visto que todos vêem uma forma vaporosa, que se desprende da matéria, que paira sôbre o cadáver, que a êle se assemelha, que sonda o ambiente, que se admira ou se espanta, que é cercado por outros Espíritos e por fim desaparece. Muitos, ainda no corpo, referem-se aos seus mortos, que os vêm buscar.

Trata-se, no caso, necessàriamente, de sêres bons, ou pelo menos sêres normais; o desprendimento dos criminosos impenitentes não é cena para ser admirada.

Erny, ao descrever êsse fenômeno, díz que o Espírito sai de seu envólucro mortal pelo crânio. Os videntes— refere êle — notaram que logo após esta saida, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça, e tomando a forma humana condensa-se pouco a pouco, assemelhando-se ao morto cada vez mais. Quando o corpo fluídico está formado, ainda fica algum tempo ligado aos despojos mortais por um laço fluídico, que parte, da região intermediária ao coração e ao cérebro. — Dr. Alfred Erny. — *Psychisme Expérimental.* Pgs. 335.

Vamos buscar entre inúmeros casos, ligeiros e rápidos relatos, a título de ilustração. A seguinte narrativa é da Sra. Florence Marryat, e colhida em sua obra *The Spirit World,* que abrevio o mais que me é possível.

Uma grande amiga perdeu sua irmã com 20 anos. Ela era vidente. Chamava-se Edith. Começou a distinguir uma espécie de nebulosidade sutil, ligeira fumaça, que se condensava sôbre a cabeça da moribunda e depois se ampliava, tomando as proporções, a forma e o aspecto da agonizante, a ponto de se lhe assemelhar em todos os pontos de vista. A forma flutuava alguns pés acima da enfêrma.

Edith encarava a irmã e enquanto o rosto desta se tornava lívido, a forma, purpurejada, parecia animar-se à proporção que a vida se escapava do corpo. Até que a doente ficou inerte e sem consciência nos travesseiros, do mesmo passo que sua forma, flutuante, se transformara num espírito vivo. Cordões de luz pareciam ainda prendê-la aos orgãos vitais. Chega o momento supremo. O Espírito oscila, estende-se ao lado do corpo inanimado, parece débil ; era a reprodução exata do corpo que deixara.

Aproximam-se duas formas luminosas que Edith reconhece como o pai e a avó, já falecidos. Chegam ao Espírito liberado, sustêm-no afetuosamente, apanham-no, enquanto êle deita a cabeça nos ombros do pai. Fica assim algum tempo, como que a retomar o hálito. Rompem-se finalmente os cordões luminosos que o retinham ao corpo; o grupo dirige-se para a janela; sobrevoam, elevam-se, desaparecem.

* * *

Muitos anos antes do surto espírita, Andrew Jackson Davis, célebre pelos seus dons mediúnicos, teve oportunidade de assistir ao trespasse de uma mulher e observou os pormenores da partida do Espírito, de que nos dá detalhada descrição em sua obra *Grande Harmonia.*

Principia por notar que o fenômeno do desprendimento, que aliás já experimentara, era uma espécie de morte, embora de pouca duração, de sorte que observava então um caso interessante ; via ainda que os sintomas que se diriam sinais de sofrimento não passavam de reflexos inconscientes do corpo, sem qualquer significação.

Percebeu o corpo etéreo da moribunda emergindo do pobre e gasto envólucro de protoplasma, que ali jazia, vazio na cama, como a crisálida enrugada quando a mariposa se liberta *(like the shrivelled chrysalis when the moth is free).*

O processo começa por uma concentração no cérebro, que se tornava cada vez mais luminoso à proporção que as extremidades escureciam. Principia então o novo corpo a erguer-se, desligando-se primeiro a cabeça. Logo depois se libertou completamente, ficando em ângulo reto com o cadáver, e com os pés próximos à cabeça dêste ; entre ambos havia um laço vital luminoso, correspondente ao cordão umbilical. Quando o cordão se rompeu, um pequeno pedaço reverteu ao corpo morto e isto preservou-o da putrefação instantânea. O corpo etéreo demora-se um pouco até adaptar-se à nova ambiência, e nessa situação atravessa portas fechadas. Eu a vi passar ao quarto vizinho e sair depois para o ar livre. Logo após ter deixado a casa, vieram ao seu encontro dois espíritos amigos, provenientes das regiões espirituais, e depois de se reconhecerem e comunicarem ternamente, da mais graciosa maneira, começaram a subir obliquamente, através do envólucro etéreo do nosso globo. — Jackson Davis — *Great Harmony.* — Conan Doyle — *The History of Spiritualism,* 1. p. 50.

* * *

Se há centenas de casos coincidentes, narrados por pessoas insuspeitas, porque algumas absolutamente ignorantes do fenômeno em particular e da doutrina espírita em geral ; se essas pessoas se desconhecem e as narrativas se sucedem em vários tempos e em várias regiões, pô-las sistematicamente de lado ou acolhê-las com riso de mofa, quando o indivíduo não tem experiência nenhuma no assunto, é sinal de espírito apaixonado, ou imprevidente, ou fanatizado, e nunca de um espírito científico.

As afirmativas ou negativas sem base são um desar para a Ciência e levam-nos a perder a confiança em seus levitas.

Semana Santa —

Mensagem Mediúnica de Italo Ferreira, recebida em 10-3-1962

ESTAMOS caminhando para as grandes comemorações da Semana Santa; muito ritual, muita pompa e nenhum sentimento humano e fraterno.

Festeja-se o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, como se faz com qualquer outra solenidade pública ou feriado nacional. Nas comemorações cívicas, porém, ainda predomina o entusiasmo e a exaltação patriótica, no entanto, comemora-se a data magna do martírio de Jesus, sem maiores sentimentos de fraternidade e sem nenhum objetivo certo a alcançar e que deveria existir se norteássemos essas comemorações no bem do próximo e procurássemos esclarecer os pobres e humildes em cujas faces vemos o estigma do sofrimento e da dor e fazê-los compreenderem e sentirem as verdades que simbolisam os ensinamentos de Jesus ; levar aos infelizes a esperança de um dia melhor e ensinar-lhes as lições maravilhosas que o Espiritismo trouxe ao nosso conhecimento, ensinando-nos a lei de causa e efeito do nosso carma, justificando, assim, os sofrimentos que nos afligem através das existências periódicas, que burilam a alma no cadinho da dor causticante que nos atinge, e das dificuldades sem conta que temos de enfrentar e vencer a cada passo.

Seria de grande mérito realizar visitas aos lares humildes, alegrando-os com a nossa presença amiga; êsses entes sofredores e infelizes que buscam, nas trevas da ignorância e da miséria, acender uma luz resplandecente, que ilumine sua estrada matizada de sofrimentos e humilhações.

As festividades que sempre atingem o supérfluo, e um gasto maior nesse dia, onde o desperdício e os abusos causam sérias indigestões e outros males do aparelho digestivo, poderiam, bem divididos e orientados, satisfazer as exigências mais prementes de lares pobres, onde a fome campeia, produzindo a revolta íntima e criando indivíduos desclassificados que ficam depois à margem da sociedade humana.

É ainda muito precário o sentimento de fraternidade ensinado pelas diversas religiões que militam atualmente na Terra e guiam a humanidade por caminhos escabrosos e escusos, onde impera o vício, a luxúria e a tão decantada liberdade de explorar o próximo em proveito próprio, sem nenhuma consideração pelos demais sêres viventes.

Muita curta ainda é, a visão das coisas Celestiais entre os encarnados, por não quererem compreender o sentido verdadeiro e sem mácula da missão de Jesus na Terra. Imolam-se milhares de animais no altar das convenções sociais, para satisfazerem os instintos carnívoros de que ainda estão imbuidos.

Esquecem-se as Virtudes do Bem, do Amor, da solidariedade, da fraternidade que deveriam reinar entre os sêres de tôdas as categorias e classes sociais existentes sôbre a Terra, pois, tudo que nela existe, é obra inigualável da sabedoria Divina, entrozando as diversas etapas do desenvolvimento dos que a habitam, em processo evolutivo na senda do progresso, em busca das mais nobres aspirações e sentimentos de Amor que Deus nos legou e aos quais devemos fazer jus, para efeito de esclarecimento do nosso Ego, no atendimento da justiça Divina.

Somos ainda dos que vegetam na Terra, sem mira e sem um roteiro certo que eleve os sentimentos inatos da virtude, existentes em nossos corações necessitados de carinho e amparo para desabrochar com a exuberância necessária à nossa finalidade, que é, progredir sempre em busca de realizações nobres, que justifiquem a razão de ser da bondade Suprema, ao nos criar à sua imagem e semelhança, num trabalho incessante e fecundo, em sintonia perfeita e harmoniosa com o Universo.

ITALO

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

VIII

O nosso antagonista no seu propósito de convencer-nos que Espiritismo é hipnose, até agora, já na sua parte alta, não vai além da fase preliminar, quando o assunto alcança outra profundidade.

No seu artigo — O Fenômeno Espírita—, apesar do título, nada fala ainda da nossa fenomenologia mediúnica, acreditando-se mesmo ser completo seu desconhecimento do que diz a nossa literatura, na palavra dos grandes mestres da Ciência. E mesmo da hipnose, se é que não se pode falar desta sem ser pela natureza da sugestão, conceito êste em que pretende se apegar para explicar o fenômeno espírita, quase nada falou, porque a fase indutiva formal, da qual mais cuida, não é predomínio da sugestibilidade como julga. Trata-se de uma preparação com livres processos para se ir ao transe, dirigindo-se a um dos fenômenos, hipnótico ou mediúnico, de acôrdo com a vontade condicionada do paciente no ato da transição. Tais preparativos complementares não são exclusivos do Hipnotismo, cuja rubrica nessa etapa de início é convencional.

Hipnose, sendo um fenômeno da natureza humana, está dentro de um conceito único, enquanto que a indução é livre trabalho onde variam os processos, para se alcançar o transe. É o caso de não se confundir doutrina com fenômeno, ou seja, teoria com fatos. Aquelas são discutíveis, mas êstes não. E o dr. Osmard, ao invés de apresentar o que se diz das produções da fenomenologia hipnótica e compará-las com as do Espiritismo, para mostrar aos leitores um caso pelo outro, como pretendia, limitou-se justamente naquela fase preparativa, antecedente ao transe, onde, mesmo iniciada como etapa pré-hipnótica, o conceito de sugestão não é definido pelos próprios hipnologistas atualizados.

Nestas condições, com sua tese prejudicada, entravada no limiar, longe da essência, não precisariamos revidá-la, no que sentimos se não nos chegar essa oportunidade, há tanto esperada, em tirar a limpo frente a frente as diferenças entre os fenômenos espíritas e hipnóticos. Contudo, já que não podemos falar na nossa parte, por estar alí ausente no seu trabalho, falemos na sua restrição, por onde se contornou.

O seu argumento baseia-se no conceito mental da palavra, como ato de sugestão, no desencadeamento do transe hipnótico, de onde assim também conclui para a auto-indução do fenômeno espírita. E nas suas explanações apresentou a palavra sob dois aspectos, mas não esclareceu a ordem cronológica dos dois valores, no que vamos dar êste trecho básico, lá do seu Hipnose e Letargia, onde se lê na pág. 102: «...na hipnose humana é a palavra empregada com uma dupla finalidade: a de estímulo sonoro indiferente a PRINCÍPIO, a de sinal da realidade concreta POSTERIORMENTE.» (nossos os grifos).

Aí esclarece que de PRINCÍPIO, portanto na fase indutiva, o efeito da fala do hipnotizador é de estímulo sonoro, valendo apenas como o ruído, pela monotonia da sua voz débil, persistente, a exemplo do som de uma monotonia musical, ou mesmo de um insistente pa-ca-tá de rodas sôbre trilhos, ou algo semelhante, como bem ensina isso o dr. Osmard, recursos êsses que não passam de acessórios, completando o ambiente para facilitar o sono transitivo. Sòmente depois desta fase primária, que precipita o desencadeamento, despontando o transe, então a palavra, até agora valendo apenas como ruído sonoro, ao receber o contágio do subconsciente (preferimos êste têrmo por ser mais generalizado), toma seu valor de conceito mental, na receptividade do paciente, condicionado na sua vontade para a hipnose comandada.

Ora, se a palavra a PRINCÍPIO é de valor secundário, e só POSTERIORMENTE, quando o transe lhe abre as portas, passa a valer no seu conceito de superioridade, daí logo é fácil raciocinar não ser a palavra que desencadeia o transe, mas êste que vem desencadeiar aquela no seu exato valor. Como poderia a palavra mental, portanto a sugestão, ser causa do transe se ela vem após a eclosão dêste?

Quanto ao transe para se desencadeiar, o fator fundamental está na natureza suscetível do paciente. Se êste não tiver êste dom, inutil será o falatório do hipnotizador. Daí a seleção nas demonstrações públicas. Mas se tiver êsse fator, até mesmo sem nada, bastando ùnicamente a sucetibilidade e mais a vontade do paciente, para se vincular a quem se desejou condicionar, pois se nada se quer também nada se faz, e o transe eclodirá. Por isso, pergunta Eastbrooks: «Será a sugestão ou a dissociação a verdadeira causa fundamental da hipnose?».

Mesmo na XIX.ª lição da — Societé des Recherches Psichiques —, de Paris, ensina uma técnica mecânica indutiva instantânea, vinculando agente e paciente, sem tempo de uma única palavra trabalhada de indução, antes de eclodir o transe. E é pena o dr. Osmard, como bem se revela no seu Hipnose e Letargia, nada conhecer da técnica indutiva pelos toques de zonas sensíveis nervosas, processo chamado «letárgico», que não é novidade na ciência do Hipnotismo, mas tendo sido o nosso antagonista, com muita infelicidade, desviado da verdade, pela astúcia do irmão Vitricio.

E dizendo-se da natureza do transe, trata-se de um estado mental válido tanto para a restrição hipnótica como para a amplitude mediúnica. O mesmo paciente para um caso presta-se para outro, dependendo do condicionamento. Daí se dizer que os médiuns, geralmente, são bons pacientes em hipnose e vice-versa, se bem que a tendência acentuada pelo treino de um lado causa retração para o outro, resultando entremeios quando se usa as duas práticas. Nisso se justifica as nossas sessões de desenvolvimento, para apurar e selecionar os mais suscetíveis. Lógico, em tudo que é bem organizado não se dispensa tais cuidados.

E agora, para que o nosso desapontado adversário não venha dizer que nos defendêramos com um simples «tudo isso é mentira», vamos fazê-lo ver que o fundamento da nossa defesa apoia-se nos próprios mestres da hipnologia.

Para tanto, vejamos algo, do interessante artigo — Sugestão Verbal e Hipnose —, do ilustre Prof. Luiz Silva, estudioso do assunto, publicado no trimensário Difusão Odontológica, do primeiro trimestre de 1960. Ali, em certo trecho lê-se: «Com estudos assim profundos, os autores são unânimes (notem os leitores — são unânimes) em declarar que as condições de elaboração INTRAPSÍQUICA DA INFLUÊNCIA SUGESTIVA PERMANECEM AINDA, EM MUITOS PONTOS, EM PLENA OBSCURIDADE.» (nossos os parênteses e os grifos).

Aí se vê que a tese da palavra oculta na subjetividade do pensamento, como auto-sugestão, é antiga afirmativa, hoje convertida em hipótese, que perde cada vez mais terreno entre os próprios estudiosos atualizados, do Hipnotismo.

Vejamos mais outro trecho, dêsse mesmo trabalho acima citado, acusando o uso e abuso sem limites da sugestão, como recurso dos que dela se servem para ocultar a ignorância do que ainda lhes falta no saber: «O desconhecimento da verdadeira natureza e as exatas possibilidades da sugestão permite sejam seus limites desmedidamente alargados e suas possibilidades desmesuradamente aumentadas, fazendo com que fatos perfeitamente explicáveis pela intervenção de causas naturais outras, sejam tidos e mantidos como pura sugestão.

Quanto ao hipnotismo, a literatura registra casos de hipnose conseguidos sem a menor ordem verbal ou outro meio qualquer, bastando apenas a presença do hipnotizador, e ainda na ausência do mesmo, sendo explicado como EXCLUSIVO ATO DA VONTADE, segundo não poucas demonstrações de Beaux, Home, Garcin e Du Potet.» (nossos os grifos).

Assim, se a sugestão não se define como indutiva, portanto menos ainda no auto-induzir, sendo tese discutida e contestada pelos próprios estudiosos do hipnotismo, não se entende que o dr. Osmard se anteponha aos mestres da hipnologia, para firmar-se num assunto nem mesmo encerrado dentro do seu próprio campo, para com êle fazer tese absoluta contra o Espiritismo. É lamentável que um ilustre facultativo tenha se precipitado nessa atitude, imitando certos boateiros da Ciência. Tal abuso, dos que atacam a fenomenologia espírita por êsse lado, deve-se pelo fato de que não sendo o Hipnotismo matéria oficial das nossas Universidades, a classe douta não está a par dos verdadeiros estudos dessa Ciência. Dêsse desconhecimento generalizado prevalecem alguns caçadores de sensacionalismo, para apregoarem hipóteses, como se fôssem teses definidas, através de literaturas, pretensas novidadeiras que, de Ciência, mais se valem da fachada.

E agora, falando-se do pouco que lembrou da hipnose, pròpriamente dita, limitou-se em determinar seus fenômenos, insinuando dentro dessa restrição as produções da fenomenologia espírita, demonstrando desconhecer mesmo a nossa amplitude mediúnica. E para isso comentar, julgou muito fazer, dizendo: «E que fenômenos permite a hipnose? Oh! que mundo dêles.»

Sim—que mundo dêles—, mas não vão além de certos limites. Como citou, conseguem-se alucinações auditiva, visual, tátil, e escrita e fala automáticas, e outras vantagens da mecânica fisiológica, no que juntamos que com tais recursos até se pode dramatizar certos fenômenos espíritas, como fazem alguns padres, exibindo-se em espetáculos de hipnose, para ludibriar a bôa fé do público leigo, afirmando que assim é o Espiritismo.

No entanto, como já dissemos, essa dilatação tem um limite. Nos fenômenos do hipnotismo, as produções mentais, por exemplo, nunca ultrapassam a capacidade intelectiva do paciente. Mandem-no executar um instrumento musical, e o hipnotizado nada conseguirá, a não ser encenações, se nunca teve essa habilidade para a música. Ordenem-no a que dite mensagens em outro idioma que jamais aprendeu, e nada fará. Fale o hipnotizador com o hipnotizado noutra língua que êste desconheça, e não a receptará, como bem sabe disso o dr. Osmard. Já, no fenômento espírita, sem falarmos nos de efeito físico, assunto êste que ainda aguarda ocasião, os de ordem mental extendem-se muito além dos limites dos da hipnose, ulprassando nesses exemplos a capacidade intelectiva do médium, revelada pela ação mecânica da escrita e fala automáticas.

Não há dúvida que se a produção, embora seja assunto desconhecido do consciente do médium, mas cujos fatos sejam comprovados ou relembrados de que já se passaram na sua infância ou adolescência, neste caso justifica-se a dúvida, porque as ocorrências esquecidas do consciente conservam-se em registros no subconsciente, de onde podem aflorar, no sentido rememorativo, pelo transe. Mas desde que o desconhecimento seja constatado, não há motivo para se negar a origem mediúnica da produção, pois é fato estabelecido, na ciência da Psicologia, que ninguém dará de sua intelectividade aquilo que não tenha sido adquirido pelos métodos da aprendizagem.

O dr. Osmard, para contrariar essa nossa tese, contornou-se por outro lado, argumentando: «Se alguém me diz que um aparelho de rádio fala, eu acredito. Já me cansei de escutá-lo. Mas se o sr. Casella quiser me convencer de que o rádio fala porque lá dentro há um grupo de pessoas falando, aí eu protesto. Isso não é verdade. O mecanismo é outro.

Claro! o mecanismo é outro, mas muito diferente do da mente humana, da qual não se deve fugir para manter os debates. Assim, em contrapartida, dizemos que se um paciente em transe entra a falar em idíoma chinês, sem jamais em qualquer época de sua vida ter passado por essa aprendizagem, ou mesmo outros contatos com essa língua, tratando-se de conhecimento incompatível com a sua cultura, e o dr. Osmard nos disser que a produção é dêle mesmo, por obra da hipnose, isto agora não somos apenas nós que protestamos, mas os próprios mestres da Ciência. Se o nosso antagonista não esclarece, pelos conceitos da hipnose, como essas produções poderiam jorrar de um cérebro, sem que ali tivessem penetrado pelos métodos da aprendizagem, inúteis serão as suas longas e cansativas argumentações, que só revolvem a superfície sem se aproximar da profundidade. De que lhe adianta dar bonitas aulas sôbre o mecanismo das atividades nervosas, ou seja lá o que mais for da nossa fisiologia, se no ponto capital nada consegue contra os fatos? Veja-se que os próprios sábios são os que não admitem tais aberrações mentais, pois seria anti-científico aceitar a hipótese do nascimento espontâneo de sabedorias na cabeça do indivíduo. Onde estaria então o rigorismo científico do dr. Osmard, admitindo tal milagre?

Vamos ler algo de Richet, e vejamos bem que a questão exige raciocínio e não julgamentos de princípios. N'A Grande Esperança, pág. 224, diz o mestre: «Eis, por exemplo, a xenoglossia da qual possuimos belos casos, raríssimos, particularmente o caso antigo, mas o melhor talvez, o do juiz Edmunds que foi presidente do Senado Americano. Sua filha escrevia em diversas línguas que desconhecia. Mme. Piper ignorando o grego, compreendia-o quando era Georges Pelham. Encontrarão curiosos detalhes sôbre xenoglossia, no livro de Sudre (pág. 145) e num memorial recente de Bozzano, La Ricerca Psichica, 1932, Cassina. (...) Os outros fatos de xenoglossia são muito sérios. Que o médium fale muitas línguas e línguas que, sendo vivas, êle não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. Decididamente a explicação espírita é a mais aceitável!».

Veja-se aí. A declaração é de um cientista que nada teria de espírita, como pensa o dr. Osmard. Portanto insuspeito. Se a nossa tese é a mais aceitável, quer dizer que a da hipnose já teria sido desprezada, pelo mestre que também laborava com o Hipnotismo.

Confere?

Como o dr. Osmard vai continuar, logo mais voltaremos com a sua segunda parte, que já deverá estar ilustrando outro lugar desta mesma Revista.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

NOTA DO A. — Na Revista de 15-2-62, pág. 13, onde por um lapso saiu «...os mestres mesclam», leia-se, por favor «...os mestres não mesclam.»

A REALIDADE HUMANA

Philemon

SEMEA o homem de bom coração, na família e na sociedade, a boa semente dos seus mais belos ideais: o mundo, subrepticiamente, vai substituindo essa generosa semeadura pela semeadura da maldade, do despeito, do ódio.

Quando, em sua boa fé, o homem desperta para a realidade mundana, o que encontra em tôrno de si é a desoladora expressão da inércia moral, tudo esterilizando no seu coração, matando-lhe as mais belas iniciativas, povoando de trevas uma existência que se esforçava por abrir-se na luz abençoada de Deus!

Bem triste e cruel é, por isso, a existência dos homens generosos, neste obscuro mundículo de desertores da lealdade, da bondade, da delicadeza e da fé!

O que nos surpreende é que haja ainda alguém que ponha as suas esperanças nas coisas terrenas! O que nos surpreende é que tantos milênios de esforços empregados por homens orgulhosos e astutos para construir qualquer coisa de grande e de apreciável na Terra, tendo redundado sempre em destruição e ruína, como nos é rigorosamente apresentado na paisagem histórica, ainda não tenham gravado indelèvelmente na consciência humana a certeza de que a felicidade não é dêste mundo e procurem ainda muitos homens — a quase generalidade dos que habitam êste mundículo de trevas — encontrar nêle, no conforto das coisas materiais, nos efêmeros prazeres da carne, o incentivo aos seus trabalhos mercantilizados, ao desenvolvimento dos seus dotes intelectuais, à preservação dos seus miseráveis tesouros, conquistados mediante tantas fadigas e tantas deformidades morais que só se podem compadecer com uma consciência entenebrecida pela vaidade, pelo ciúme e pelas mais baixas seduções de grandezas transitórias!

Um ou outro passageiro da carnalidade terrena consegue meditar livremente, ao se defrontar com essa paisagem histórica de desolação e ruína, para trazer-nos o triste resultado das suas observações.

Gautama Buda, em sua doutrina, reconhecia três principais formas de desejos egoístas, tôdas más. A primeira era a sensibilidade, a segunda o desejo de uma imortalidade pessoal, egoísta, a terceira, enfim, a ânsia do êxito, do triunfo no mundo e a avareza. A serenidade da alma, o Nirvana, o supremo bem só se podia alcançar depois de vencidas essas três formas de desejos, fazendo dessa maneira desaparecer o eu.

Jesus Cristo afirmava constantemente: «O meu reino não é dêste mundo». «Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me». Indo a caminho com um escriba, fortemente impressionado pelas suas palavras, disse-lhe êle: «Seguir-te-ei para onde quer que fores»; ao que Jesus replicou: — «As raposas têm os seus covis e as aves do céu, os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça». — «Segue-me», disse a um dos seus discípulos, retrucando-lhe êste: — «Permite-me que vá primeiro enterrar meu pai, ao que Jesus replicou: «Deixa que os mortos enterrem seus mortos: tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus.» Ainda um outro abriu-lhe o coração, dizendo: — Seguir-te-ei, Senhor, mas permite que eu vá primeira despedir-me dos que estão em minha casa. Respondeu-lhe Jesús: — «Quem empunha o arado e torna a olhar para trás, não é apto para o reino de Deus».

Êsse Jesus, que tinha, como diz Daniel em suas visões, a forma de homem (*Eu* estava vendo nas minhas visões da noite, e eis que era vindo nas nuvens do céu *um* como o filho do homem: e chegou até ao ancião dos dias, e o fizeram chegar perante êle. E foi-lhe dado o domínio e a honra, e o reino, e que todos os povos, nações e línguas o servissem: o seu domínio *é* um domínio eterno, que não passará, e o seu reino se não destruirá»—Daniel VII — 13, 3 14), veio ensinar-nos, por suas palavras e por seus exemplos, a doutrina idêntica à de Buda, em seus fundamentos; mais adiantada, porventura, em sua divina angelitude. Êsse Jesus, porém, não é insensível às nossas dôres, às nossas angústias, às nossas tristes vicissitudes humanas: o que Êle não pode, porém, é fazer-nos chegar às alturas celestiais, onde se encontra e para onde quer levar-nos, sem que se nos desperte definitivamente a consciência e não vejamos a transitoriedade das coisas terrenas, para que elas não mais nos tentem a uma conquista cujos frutos serão irremediàvelmente perdidos para nossa alma, como legítima propriedade, se não forem aplicadas com amor e desprendimento, a benefício do nosso próximo.

Foi o que assinalou a experiência, e a visão doutrinária de Léon Denis pôde transmitir-nos, nesta sublime mensagem que se encontra logo no prefácio do seu grande livro — DEPOIS DA MORTE:

«Vi, deitadas em suas mortalhas de pedra ou de areia, as cidades famosas da antigüidade: Cartago em brancos promontórios, as cidades gregas da Sicília, os arrabaldes de Roma com os aquedutos partidos e os túmulos abertos, as necrópoles que dormem um sono de vinte séculos debaixo das cinzas do Vesúvio. Vi os últimos vestígios das cidades longínquas, outróra formigueiros humanos, hoje ruínas desertas, que o sol do Oriente calcina com suas carícias ardentes.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nêsses lugares: vi-as desfilar diante do meu pensamento, com as paixões que as consumiram, com seus ódios, seus amores e ambições desvanecidas, com seus triunfos e revêzes — fumaças dissipadas pelo sôpro dos tempos. Vi os soberanos, chefes de impérios, tiranos ou heróis, cujos nomes foram celebrados pelos fastos da História, mas que o futuro esquecerá.

Passavam como sombras efêmeras, como espectros truanescos que a glória embriaga uma hora, e que o túmulo chama, recebe e devora. E disse comigo mesmo: Eis em que se transformam os grandes povos, as capitais gigantes — algumas pedras amontoadas, colinas silenciosas, sepulturas sombreadas por mirrados vegetais, em cujos ramos o vento da noite murmura suas queixas. A História registrou as vicissitudes de sua existência, suas grandezas passageiras, sua queda final, porém tudo a terra sepultou. Quantos outros cujos nomes mesmos são desconhecidos; quantas civilizações, raças, cidades grandiosas, jazem para sempre no lençól profundo das águas, na superfície dos continentes submersos!

E perguntei a mim mesmo: porque essas gerações a se sucederem como camadas de areia que, acarretadas incessantemente pelas ondas, vão cobrir outras camadas que as precederam; porque êsses trabalhos, essas lutas, êsses sofrimentos, se tudo deve terminar no sepulcro? Os séculos, êsses minutos da eternidade, viram passar nações e reinos, e nada ficou de pé — a esfinge tudo devorou!

Em sua carreira, para onde vai pois o homem? Para o nada ou para uma luz desconhecida? A natureza risonha, eterna, moldura as tristes ruínas dos impérios com os seus esplendores. Nela nada morre senão para renascer. Leis profundas, uma ordem imutável, presidem às suas evoluções. Só o homem, com suas obras, terá por destino o nada, o olvido?»

E em todo o seu grande livro, outra coisa não faz Léon Denis senão demonstrar que a um destino muito mais belo e luminoso se dirige o homem: o da sua imortalidade consciente e iluminada pela glória divina, quando êle souber conquistar, pelo seu esfôrço, ajudado por Deus, a sua perfeição!

Organizei uma família na Terra. Transmiti aos meus filhos tudo que me foi inspirado pelas lições sublimes, pelos exemplos de meu Divino Mestre. Todos êles conquistaram, pelo seu esfôrço, a independência econômica e quase todos organizaram lares bem formados, procurando transmitir aos filhos as mesmas diretrizes morais.

Digo-lhes agora, no extremo limite do caminho, sentindo que em breve temos de nos despedir, por algum tempo, para um futuro encontro onde Deus o determinar: Não vos iludais com as conquistas terrenas. Procurai sempre, em tudo que solicitar a vossa atenção, o espírito que vivifica, pois que a carne para nada aproveita, como sempre nos ensinou o Divino Mestre. Nada poderá separar-nos se encaminhardes os vossos passos pelos caminhos estreitos, estreitos e bordados de espínhos, que Jesus nos ensinou a perlustrar. Êsse caminho vós o conheceis porque Êle nô-lo apontou.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

IX - O FENÔMENO ESPÍRITA (2)

Antes de entrarmos no assunto, um adendo: creio que nos arraiais do espiritismo as coisas já não correm muito bem. Tenho contra mim nesta revista, dois adversários. Mas entre si, parece que êles já não se entendem muito bem. Aqui estão, sôbre um determinado assunto, as opiniões dos dois: —

CASELLA: — (Rev. 3/4, abril-maio de 61, pgs. 64/65) — «Um exemplo do que estamos acusando revela-se quando pretendeu advogar a tese da execução de atos inteligentes pelo indivíduo em período de sono fisiológico, BASEANDO-SE EM INFORMAÇÕES SEM APÔIO CIENTÍFICO». — «De fato tratam-se de experimentações superficiais, DESPIDAS DE PRECAUÇÕES CIENTÍFICAS» — «... citou exemplos de indivíduos que teriam realizado trabalhos intelectivos em estado de sono comum. Acreditamos na sinceridade dêstes testemunhos ali declarados sôbre as produções, mas quanto à natureza do fenômeno pelo sôno, se foi realmente fisiológico, tais relatos, apezar da boa fé dos declarantes, NÃO PODEM SER CONSIDERADOS DE VALOR CIENTÍFICO PORQUE TRATANDO-SE DE OBTENÇÕES PESSOAIS CADA UM FALA COMO QUER E COMO ENTENDE». —

IMBASSAHY: — (Rev. 10, nov. 61, pags. 214/215) — «No sono o indivíduo resolve problemas que lhe pareciam insolúveis na vigília, descobre o que lhe estava oculto, tem ótimas idéias, por vêzes geniais. O nosso distinto conterrâneo Dr. Osmard Faria vem em nosso auxílio quando apresenta relatos comprobatórios : Banting quer achar a solução de um problema ; cansado, adormece e o resolve. Para Fehr, a maioria dos descobrimentos dos sábios foi feita em estado de sono... (ETC)...». «A êsses casos ACRESCENTARÍAMOS OUTROS MUITOS...» — «Os nossos exemplos confirmam o do médico hipnologista, corrobora-os, amplia-os, explica-os. Temos nêles o que se costuma chamar inspiração». —

Êles que são brancos...

* * *

Continuemos com o fenômeno espírita, ouvindo a opinião dos próprios autores espíritas e recordando a cada passo o capítulo desta série onde o assunto pode ser revisto, o que será indicado por um indicativo romano entre parêntesis relativo ao capítulo da série.

Para começarmos, saibamos que na organização e na direção de uma sessão espírita, *é da máxima importância termos entre os presentes, «um magnetizador ou hipnotizador.» — Aconselhamos ainda o estudo dos processos usados.»* (Como se organizam e se Dirigem as Sessões Espíritas, Hans Arnold, S. Paulo). Ficamos sabendo também que a melhor hora para a sessão espírita é sempre depois do pôr do sol, duas a três horas depois da refeição (Idem). Evidentemente ninguém ignora que nessa hora, pela repleção sanguinea intestinal devida a digestão, sobrevem um estado de sonolência muito apropriado aos fenomenos de transe... O mesmo autor espírita recomenda que o ambiente esteja completamente às escuras e com música apropriada. Vejam a eliminação dos estímulos intercorrentes que podem prejudicar a instalação do arco reflexo condicionado que já estudamos, aliada à presença de uma estimulação débil, monótona, ritmica, como a música (IV e V).

Ensina Allan Kardec (O Livro dos Médiuns, cap. XVII) — «O principiante tomará de um lapis e papel e se colocará na posição de quem escreve, com toda a calma e RECOLHIMENTO, e com o DESEJO ARDENTE E A FIRME VONTADE DE CONSEGUIR O INTUITO (*Auto-sugestão,* VIII). Feito isto uma só coisa resta a fazer : renovar todos os dias a tentativa, durante quinze dias, um mês ou mais se fôr preciso *(A repetição como fator de condicionamento de um sinal e de formação de um arco reflexo).* Um bom meio que muito freqüentemente dá resultado consiste em empregar-se como auxiliar de ocasião um bom médium escrevente. Pondo êle a mão sôbre a do que deseja escrever, raro é que este último não o faça logo. Algumas vezes basta mesmo que o médium MAGNETIZE a mão e o braço daquele que quer escrever... *(Sugestão e exemplo,* VIII).

«O paciente concentra-se na idéia de que um espírito bondoso vai interessar-se por êle e manifestar-se atuando sôbre a mão e escrever. O presidente, ao seu lado, de quando em quando fará pedidos para que o espírito se manifeste em nome do Senhor» (Elizeu Rigonatti em A Mediunidade sem lágrimas — *Pensamento verbal ou figurado, ou auto-sugestão,* VIII).

«Concentrados, procuramos ver, ora com os olhos abertos, ora com êles fechados» (Idem. Visualização cênica, um dos processos iniciais de indução hipnótica, alucinação visual positiva).

Eis aí alguns pequeninos exemplos de como se consegue introduzir um crente na mediunidade, em palavras de líderes espíritas. A quem já leu nosso capítulo sôbre a sinalização, creio que nada mais resta acrescentar sôbre a natureza da iniciação do transe espírita.

A pessoa quer e deseja ardentemente receber um guia. A pessoa apresenta-se em ambiente adequado à instalação de arcos reflexos e de sinalizações. Concentra-se na idéia e no pensamento do guia, ouve palavras que lhe sugerem a presença da entidade, é tocada e conduzida, quase que magnetizada, repete os exercícios e repete, repete, repete. Sempre sob o efeito da alta influência sinalizadora da própria vontade, do pensamento, do exemplo, do ambiente.

O foco inicial da excitação criado em seu cérebro (V) difunde-se e cria uma primeira zona de irradiação da inibição. Existe já um ponto vigil plenamente instalado (V) a partir do qual se começam a traçar em seu cérebro as conexões temporárias. Depois se criarão os novos focos de inibição somativa (V) pelas provas mecânicas de escrita, audiência, alucinação visual. Pelas leis da indução recíproca (quanto mais prolongada fôr a excitação, maior será a inibição, e vice-versa), pouco a pouco, a inibição difunde-se a todo o seu cérebro. E já tendo traçado uma série de arcos nervosos temporários que se dirigem a todos os setores do seu corpo. A palavra, o pensamento, a vontade ; o conceito da coisa na qual pensa se materializa e se transforma em atos concretos e mecânicos. E o médium escreve, o médium escuta, o médium vê, o médium fala, o médium se move, o médium se martiriza, se insensibiliza, se hiperestesia, e acaba por transformar em realidade — a *sua* realidade — tudo aquilo que vem de dentro de si mesmo, como se de fora viesse.

Que mais falta para caracterizar um estado completo de auto-indução hipnótica ?

Aos leitores que me acompanham já há tanto tempo, sem «partis pris», realmente interessados em ouvir os dois lados do problema, para ao fim, pelo cotejo do que já sabem e do que agora lhes trazem de nôvo, chegarem às suas próprias conclusões, à êsses peço agora que releiam os capítulos anteriores de uma só vez para não dispersarem os conhecimentos adquiridos, e verifiquem ao fim se não se aplica literalmente à incorporação mediúnica tudo que se sabe e se comprova fisiològicamente sôbre o condicionamento e a sinalização, sôbre a excitação e a inibição, sôbre o primeiro e o segundo sistema de sinais de realidade, sôbre a palavra e o pensamento, sôbre o ponto vigil e as conexões temporárias, sôbre a sugestão e a auto-hipnose.

Poderia lhes contar, para amenizar a digressão, algumas histórias práticas das muitas que conheço por experiência pessoal, sôbre a íntima ligação dos dois fenômenos, a hipnose e o espiritismo. Mas uma bastará para não me tornar muito longo. Em curso que realizava para um grupo de médicos, um paciente, ao fim do «rapport» feito pelo aluno e após a iniciação da indução hipnótica, começou a realizar gestos circulares estranhos do tronco, a emitir sinais vocais inesperados, a fungar, a dizer palavras ininteligíveis e de repente, num salto, instalou-se em plena sessão espírita. «Baixou o santo» como se diz. Houve um corre-corre entre os médicos. O paciente agitava-se, pois parece que o «guia» que baixara não era de paz e estava disposto a promover confusão. Um dos colegas aprendizes, espírita convicto, prontificou-se a «dizer uma prece» afim de aliviar o «encosto» e fazer subir o guia. Pedi-lhe que esperasse um pouco e chegando-me ao ouvido do paciente, disse-lhe em voz baixa e tranqüila que contaria até cinco, e que quando eu chegasse ao número cinco êle despertaria sentindo-se bem, calmo, tranqüilo, etc. etc. E foi o que aconteceu. O paciente acordou, percebeu-se em situação estranha, sem entender o que lhe tinha acontecido. E depois confessou que pensara que «aquilo era uma sessão espírita» já que ouvira todo mundo «falando baixinho», pouca luz, uma voz ao longe que lhe pareceu uma prece, e como estava habituado a freqüentar sessões, concentrou-se no seu guia e pronto, de nada mais sabia. Foi-lhe explicado o que era aquilo. Nada de espiritismo nem de santos nem de caboclos nem de guias. Novamente induzido, deixou-se conduzir pacìficamente e o «guia» não encontrou mais terreno para pisar.

Querem outro exemplo autêntico ?

De um paciente com quem costumávamos trabalhar em aulas práticas de hipnose disseram-me ser médium praticante. Um dia resolvemos realizar uma «sessão espírita». Foi combinado entre nós, médicos, qual o espírito que baixaria, o que êle diria e o que lhe pediríamos que executasse. Num papel à parte eu escrevi todas as respostas que o espírito daria às perguntas que lhe fôssem formuladas. Levei o paciente para um canto, hipnotizei-o, disse-lhe que dentro em pouco êle receberia o espírito de Fulano, que diria tais e tais coisas e responderia assim e assado às perguntas tais e tais.

Pouco depois, já reunidos aos alunos, foi o paciente novamente induzido. E a uma ordem, o «santo» baixou. Foram-lhe feitas as perguntas combinadas.

E tôdas as respostas que vieram, conforme foi comprovado pelos colegas, já estavam prèviamente escritas no papel que tirei do bolso.

E querem mais, por enquanto? Aquêle soneto de Augusto dos Anjos que lhes ofereci na vez passada, foi «psicografado» por um paciente meu, um marinheiro de mediana cultura, a quem pedi que «recebesse» Augusto dos Anjos e produzisse uma poesia CONTRA os espíritas. O paciente era pouco culto ·mas já tinha lido o dos Anjos e era inteligente. Porque inteligência e cultura são coisas diferentes, até mesmo o sr. Casella é capaz de saber.

Certamente não vacilará o sr. Casella em dizer na próxima publicação que tudo isso que aí está é *experimentação superficial despida de precauções científicas»* e que *«apezar da boa fé dos declarantes, não poderá ser considerado de valor científico porque tratando-se de obtenções pessoais, cada qual fala como quer e como entende»* (sic). Inclusive êle, Casella, certamente. Já que êsse é sempre o seu grande argumento. Diz que tudo isso é mentira, que tudo isso não vale nada, que tudo isso nada prova. Mas nunca diz PORQUE isso é mentira, nunca mostra COMO É a verdade, jamais apresenta os tais documentos que diz ter no bolso para mais tarde.

Certo que não sou o dono da verdade. Vou aonde me levam a lógica, o raciocínio e o bom senso. Vou até onde posso procurando o que me parece mais certo. Mas vou pela pesquiza, pelo estudo, pela comparação, pela observação, pela experiência. Vendo e ouvindo o que se mostra e se diz dos dois lados do muro. E procuro demonstrar a verdade que defendo com argumentos, com teses, com raciocínios. Fazendo tudo ao meu alcance para justificar o que explico. Daí ter sido obrigado a escrever nove capítulos até chegar ao fenômeno espírita. E não disse tudo. E não mostrei tudo. E não argumentei tudo. Seria impossível. Como impossível será defender-me agora de tudo o que vão dizer de mim e contra mim os srs. Casella e Imbassahy. A nossa discussão certamente se prolongaria até o «além». Sei que vão ser citados dezenas de episódios espíritas que não se enquadram dentro dêste pequeno esquema da fenomenologia da incorporação. Aparentemente, posso garantir.

Haja tempo e sobre espaço e tudo se poderá explicar. Se não tôdas as coisas *hoje,* pelo menos uma bôa parte delas. Sem *mentaltons,* sem *intelectons,* sem *bions*...

A propósito, reclamou de mim o sr. Casella ter lançado mão de insistentes ironias. Que era preciso não enxovalhar a guerra. Que se levassem as coisas a sério... Mas é possível levar a sério o que diz o sr. Casella quando fala sério? E é possível esconder o sorriso quando o sr. Imbassahy diz que «não leu, não entendeu e não gostou?» Sendo, como sei que é, um homem culto e inteligente, capaz de dar lições de gramática tanto a mim como ao sr. Casella, certamente não lhe iria recomendar um dicionário, falando a sério, senão na tentativa de responder com um gracejo ameno a uma sutileza do seu espírito requintado. Como não posso levar a sério o general Levino Cornélio que, escrevendo em um número passado desta revista, revelou que não apenas as pessoas têm espírito, mas também os mosquitos, os tripanosomas e as pedras. Como não posso levar a sério êsse curioso Frei Boaventura que tentando provar que o espiritismo não existe acaba concluindo que o espiritismo existe mas é uma coisa feia...

A seguir: – Evocações e Invocações.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço: 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Viagem Espírita em 1862

ÊSTE é o título de uma pequena obra de Allan Kardec, cujo centenário ocorre neste ano. Não sabemos quando foi publicada, pois raras referências há sôbre ela. O confrade João T. de Paula não a cita em sua exaustiva «Bibliografia Espírita desde 1857» publicada em Ilustração Espírita n.° 11, 1958, nem mesmo H. Sausse em sua «Biografia de Allan Kardec» (Ed, Victor Hugo, B. AIRES, 1952).

Tivemos conhecimento dessa valiosa obra através de «La Revue Spirite» set./out, 1961 p. 205, que anuncia sua publicação em francês pela «União Espírita Kardecista», de Gilly, Bélgica em 1961. Esta entidade belga também publicou nêsse ano outras obras de Kardec, de certa raridade, como «O Espiritismo na sua mais simples expressão» (que apareceu em 15 de janeiro de 1862), existindo tradução do confrade Julio de Abreu Filho, «Caracteres da Revelação Espírita», e «A obsessão», (extrato da Revista Espírita, de Kardec, 1858 a 1868).

Temos agora em mãos o livreto em apreço de Kardec e contém 104 págs. em 4 partes: Impressões gerais, Discursos nas reuniões espíritas de Lyon e Bordeaux, Instruções particulares dadas aos grupos e Projeto de regulamento para uso de entidades espíritas. Estranhamos sòmente que a referida obra não cite claramente a editôra, pois ela se oculta com as siglas «U.S.K.», e nem cita a origem belga. É pena. Na capa traz além da famosa máxima «Fora da caridade não há salvação» outra muito importante: «Fora da caridade não há verdadeiro espírita», sem referência do autor. devendo se tratar de entidade espiritual.

Em breve enviaremos esta obra para o Clube de Jornalistas Espíritas de S. Paulo para leitura e análise, e eventual tradução. Como tôda obra de Kardec, é instrutiva, agradável e modelar.

Cícero Pimentel

S. André, 10/4/62

Rui Barbosa e o Espiritismo

Jorge Rizzini

«Quantas outras, não somos nós os que viemos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo, e com êles renovar a prática interrompida...» (RUI BARBOSA)

RUI BARBOSA, não obstante sua alta espiritualidade, de que a maioria de suas obras dá testemunho, não se deixou prender no emaranhado das religiões oficiais. Livre pensador em todos os setores da inteligência, êle também o foi no campo religioso. Acreditava numa fôrça divina que governava o universo, e isso lhe bastava. Quase ao término de sua luminosa existência, porém, converteu-se ao Espiritismo graças aos estudos, contínuos, de obras científicas assinadas pelos maiores sábios estrangeiros de sua época; sábios que trataram de tôda a fenomenologia espírita, exaustivamente, atravésde memoráveis experiências realizadas nos países mais cultos.

Realmente, em sua vastíssima biblioteca no Rio de Janeiro, hoje exposta à visitação pública, podemos constatar a existência de tais obras, quase tôdas na língua original. Estão elas grifadas pela tinta vermelha de Rui Barbosa e com múltiplas anotações nas margens. Delas daremos os títulos e os respectivos sinais que constam no fichário e que facilitam a consulta do leitor curioso.

Ei-las:

«Les Nouvelles Expériences sur la force Psychique».

Dessa obra básica do Espiritismo Experimental, de autoria do cientista inglês William Crookes (o descobridor da matéria radiante) possuia Rui Barbosa duas edições, hoje raras; uma sem data e a outra de 1897. Informações do fichário: G, 10 -, 28 N.o 1 e B-10, 3,29.

Do físico Oliver Lodge, leu Rui Barbosa nada menos do que quatro obras que relatam experiências espíritas. São elas: «Raymond or Life and Death» (B-2, 5, 17): «Survival of Man» (B-2, 4, 23): «The Proofs of life after death» (L-8, 4, 27); «La Vie et la Matiére», traduzidos por J. Maxwell (L, 5, 2, 6).

Do sábio russo Aksakoff: «Animisme et Spiritisme», em tradução de Berthould Sandow (B-2, 3, 21).

De Ernesto Bozzano, catedrático italiano: «Les phénomènes de hantises, em tradução de C. Vesme (E-10, h, 42).

De Myers: «Les hallucinations telépathiques» (B-2, 3, 20).

De Conan Doyle, o precursor da polícia científica: «The New Revelation» (L-9, 3, 31).

De Leon Denis: Le probleme de l'Etre et de la destinée» (B-7, 2, 7).

De Alfred Russel Wallace, o rival de Darwin: «La place de l'home dans l'univers» (L-8, 5, 22).

De Flammarion, diretor do observatório astronômico de Paris, Rui Barbosa leu 6 volumosas obras que tratam de assuntos variados referentes ao espiritismo. «Dieu dans la Nature», «L'omme et les problèmes psychiques», «La Mort et son Mistère», «Recits de l'Infinit», «Uranie», «Autuor da la Mort.»

Charles Richet (prêmio Nobel de medicina) também figura entre os cientistas que estudaram os fenômenos espíritas e que chamaram a atenção de Rui Barbosa. O seu notável «Traité de Metapsychique» (G-1, f, 16) foi compulsado por Rui até a página 401. As conclusões da gigantesca obra também foram meditadas até a página 793.

Acha o escritor Sergio Valle que o «Tratado de Metasíquica» de Richet, foi a última obra lida por Rui Barbosa. Parece-nos que razão assiste ao autor de «Silva Mello e os seus Mistérios» porque, como nos explica, a edição do Tratado é de 1922 e Rui Barbosa veio a falecer a 1 de março 1923: um ano e pouco após haver adquirido o volume de Richet.

Observa-se, de tôdas estas citações, que o gigante Rui, ao iniciar-se no Espiritismo, começou pelos mestres no assunto: só obras de cientistas. Leu-as, grifou-as em vermelho, fez anotações nas margens. O mais importante, porém, é que qualquer interessado poderá examinar, pessoalmente, essas obras na bibliotéca de Rui Barbosa: está ela à disposição do público em geral.

Após essas leituras meditadas ficaria Rui Barbosa convencido da realidade do Espiritismo? Já foi dito que sim. Mais adiante daremos provas, concludentes. Foi talvez devido a essas obras fundamentais, que nos explicam o mecanismo da vida psíquica, sua imortalidade e possibilidade de comunicação com o plano físico após a perda do corpo material, que Rui Barbosa, sendo como foi apóstolo da Verdade, tomou da pena e resolveu dar um violento golpe no Catolicismo, traduzindo «O Papa e o Concílio». Estava Rui Barbosa tão convicto das Verdades pregadas pelos cientistas acima citados, que não só traduziu, com grande carinho, «O Papa e o Concílio», como veio a escrever para a mesma um documentadíssimo prefácio, cuja extensão supera a própria obra! Prefácio com cêrca de trezentas páginas! Aí, Rui Barbosa nos mostra os grandes crimes cometidos pelos papas, suas falcatruas encobertas por um falso véu místico; e examina, dentro de um critério rigoroso, algumas das resoluções tomadas em concílios vários. Resoluções que visavam não o benefício do Catolicismo no sentido espiritual, mas os cofres do Vaticano e o poder cada vez mais crescente de seus dirigentes. Tudo isso, montado sôbre documentos que foram examinados à luz de sua poderosa inteligência; a honestidade é óbvio acrescentar. «O Papa e o Concílio», com seu prefácio de Rui Barbosa, foi o maior golpe sofrido pela Igreja de Roma em tôda a América do Sul; quiçá a do Norte, inclusive. Obra, como essa, com tal poder combativo, só conhecemos a «História dos Papas», do dicionarista Maurice La Chatre. Inútil dizer que, tanto uma como outra, viram suas edições perseguidas pelos padres, por ordem do Vaticano. Os exemplares encontrados eram rasgados e queimados, como nos velhos tempos da Inquisição. A ordem de Roma era não deixar o povo pôr os olhos nessas verdades reveladas que «tiravam os fiéis do caminho verdadeiro».

A última obra escrita pela pena viril de Rui Barbosa foi a célebre «Oração aos Moços»; escreveu-a no fim da vida. Rui encontrava-se tão enfêrmo, que lhe foi impossível lê-la perante os doutorandos da Faculdade de Direito de São Paulo. Leu-a, pois, um seu representante durante a formatura. Último discurso seu; e é aqui que Rui, o gigante de Haia, deixou a seguinte página inspirada pela Doutrina dos Espíritos, a qual bem demonstra sua convicção na impotência destruidora da morte.

Fala, Rui Barbosa:

«A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nêsse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta; severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presságios do bom agoiro? Quantas nos não vem conversar afável e tranqüila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na bôca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saimos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidados e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo e com êles renovar a prática interrompida, ou instar com êles por alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que lá se sabe e aqui se ignora?»

Melhores palavras não poderia Rui Barbosa oferecer aos jovens doutorandos da Faculdade de Direito. Delas se nota o seu destemor perante a morte e a sua convicção férrea nas comunicações dos espíritos. Morreu o gigante, pois, plenamente convencido da realidade apregoada pelos espíritos e pelos cientistas cujas obras o Conselheiro lêra com vivo interêsse. Infelizmente, ao tempo de Rui Barbosa ainda não haviam aparecido as obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, caso contrário sôbre elas êle teria dado seu parecer. Mas, anos depois de seu desencarne, Rui Barbosa, êle próprio veio reafirmar o que dissera na «Oração aos Moços», fazendo-se porta-voz do Além, através da mediunidade de Chico Xavier! A êsse respeito, leia o leitor a obra mediúnica «Falando à Terra».

Como os biógrafos de Rui omitem êsse aspecto de sua vida, daremos mais uma prova concludente de sua adesão ao Espiritismo. Quem a fornece, porém, não sou eu; é um católico praticante, o que dá, talvez, maior validade. Trata-se de um depoimento do prof. Ataliba Nogueira, lider católico, político renomado e ex-amigo de Rui Barbosa.

Em novembro de 1952 pronunciou o prof. Ataliba Nogueira uma conferência sôbre o Conselheiro na cidade de Campinas. Pela sua importância foi essa conferência reproduzida pelo «Jornal do Comércio», do Rio,, de onde extraímos o trecho que nos importa. O referido trabalho foi estampado em 8 de novembro de 1952.

Ora, estavam numa estação de águas Ruí Barbosa, Ataliba Nogueira, inúmeras senhoras e moças. A conversa, alegre, de súbito versou sôbre a possibilidade dos fatos espíritas. Rui Barbosa já se encontrava em seus aposentos, recolhido. Alguém, então, lembrou-se das célebres experiências com o «copinho». Todos aprovaram uma tentativa para comunicar-se com o Alto. Aproximaram de uma mesa. Sôbre elas distribuiram em forma circular pedaços de papel, cada qual representando uma letra do alfabeto. No centro, colocaram um copo. O genro de Rui Barbosa, o historiador Batista Pereira a um lado, sorria para o grupo. O prof. Ataliba Nogueira, porém católico praticante, reprovava a experiência. Diz êle que o grupo, entre a alegria e um pouco de receio, dedicava-se «a uma espécie de distração de modo algum consoante com as leis religiosas, porém, que as senhoras praticavam como se fosse inocente jogo de damas».

«Inocente jogo de damas», diz Ataliba Nogueira. Veremos, porém, a que resultados extraordinários chegaram essas pessoas com êsse inocente «jogo». Mas deixemos que o próprio Ataliba nos conte: «Certa noite, porém, Batista Pereira, que assistia à sessão, de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando, com isso, ter que revelar algum segrêdo».

Batista Pereira, então, sentou-se à mesa e, com as moças e senhoras, «colocou a ponta do dedo sôbre o cálice», o qual continuava a percorrer as letras do alfabeto formando sentenças cujo significado não dizia respeito a nenhum dos presentes.

«Terminado o escrito, diz Ataliba Nogueira, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum «espírito ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarrecidos, e diante da indecisão geral, Batista Pereira opinou que deviam levá-la imediatamente a Rui. Batem à porta; o Conselheiro, de pijama, recebe o papel e fica emocionado: «E' o estilo dêle, o estilo perfeito! E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haya. Mas, é possível... Trata-se de William Steed — explica Rui — o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam hoje, no afundamento do navio «Titanic».

E o prof. Ataliba Nogueira, sem meditar na tremenda verdade que o «inocente jôgo de damas» revelava «a prova de que continuamos vivos após a morte, e que podemos, como espíritos, voltar a falar aos vivos», profundamente tristonho por ver que Rui Barbosa dera autenticidade à mensagem astral, exclama, talvez com os braços abertos para o público que o ouvia em Campinas:

«E êle (Rui Barbosa) acreditava nestas histórias de Espiritismo!»

Ué! E não era para acreditar depois de uma prova tão positiva? A exclamação do bom Ataliba Nogueira chega até a ser engraçada: pena que êle não nos dê informações sôbre a reação do público, ao ouvi-la...

Essa prova, porém, para Rui Barbosa não passava de mais uma diante das centenas que êle tomara conhecimento através dos cientistas Crookes, Richet, Aksakoff, Flammarion e outros. Veio ela, apenas, reafirmar tudo aquilo que êle lera nêsses autores. Compreende-se, agora, tenha o Conselheiro ardorosamente combatido a Igreja e, ao fim da vida, falando aos moços de São Paulo, apregoado as comunicações espíritas e a impotência da morte diante da eternidade que trazemos dentro de nós e que se chama «espírito»!

Quanto a Batista Pereira, conhecido historiador e genro de Rui Barbosa, esqueceu o prof. Ataliba Nogueira de nos informar que também êle se tornou espírita fervoroso. Mas, o genro de Rui Barbosa, como todo bom espírita, sempre se regozijou em dizer pùblicamente que o era, de modo que aqui o anotamos; prazeirosamente, aliás.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	400,00	Ano de	1949	cr$.	300,00	Ano de	1955	cr$.	300,00
»	» 1929	»	400,00	»	» 1950	»	300,00	»	» 1956	»	300,00
»	» 1946	»	300,00	»	» 1951	»	300,00	»	» 1957	»	300,00
				»	» 1952	»	300.00	»	» 1958	»	300,00
»	» 1947	»	300.00	»	» 1953	»	300,00	»	» 1959	»	300.00
»	» 1948	»	300,00	»	» 1954	»	300,00	»	» 1960	»	300,00

Serões Bíblicos - VIII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo VIII)

Hierão — Está claro o assunto. Mas eu desejaria adiantar-me mais na questão, pois sinto, por mim mesmo, que há uma terceira espécie de trabalho que nem é missão e alegria, nem expiação e tristeza, porém meio têrmo entre êsses dois extremos. Digo isto, porque é o que se dá comigo, que não sou feliz, nem infeliz, quando pesco por obrigação.

Árago — Bem oportuna foi tua lembrança Hierão. Como não existe extremos sem meios, entre a expiação e a missão há, de fato, a provação, que é um esfôrço que nós mesmos nos impomos livremente. É assim que Allan Kardec pergunta, e o Espírito lhe responde:

Kardec «— 132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?»

Espírito — «—Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer tôdas as vicissitudes da existência corporal:* nisso é que está a expiação.»

Kardec — «— 133. Têm necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?»

Espírito «—Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e atribulações da vida corporal».

Kardec «—Mas, então, de que serve aos espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?» (Livro dos Espíritos, cap. II).

Árago — Vês? Hierão, como só o ser bom e possuir obras boas não nos isenta das reencarnações? E' que a perfeição não está só no sermos bons e caridosos, mas, ainda, no sermos sábios. Dentre os escravos negros havia os dóceis, bondosos, cheios de amor e devoção para com seus amos brancos; mas eram ignorantes, não podendo exercer funções nenhumas superiores às de servos; cumpria-lhes, portanto, reencarnar-se para o desenvolvimento intelectual vasto e complexo, pois só os sêres diferenciados, especializados, poderão exercer funções superiores, como células do organismo social, em nivel mais elevado. Não basta só a integração social (caridade, consciência coletiva, amor ao próximo), sem a diferenciação (especialização, ciência, sabedoria).

— E' assim que a reencarnação, para uns é expiação, se resgatam culpas do pretérito; para outros é provação, se êles a si mesmos se impõem tais ou quais padecimentos para se aperfeiçoar através das lutas; para outros é missão, porque, conquanto não necessitem das provas, impõe-nas a si, por amor daqueles a quem quer ajudar. De maneira que o sofrimento, conquanto possa ser um e o mesmo para três indivíduos diferentes, três poderão ser as reações dêles, como aconteceu com Cristo, Dimas e Gestas, todos nas cruzes. Tem razão Huberto Rohden ao afirmar que «sofrer não é o mesmo que ser infeliz» (Filosofia Universal, 1, 77). E' assim que «o pecador impenitente *sofre* a vontade de Deus, ao passo que o santo *goza* a vontade de Deus» (op. cit., 1, 130).

Hierão — Mas por que motivo u'a mesma dor pode ser gozosa para o missionário, gloriosa para o que a si se impôs uma provação, e dolorosa para o que expia culpas? Se a dor é uma e a mesma, como atrás se viu, tanto para Cristo como para os ladrões, onde a causa de as reações serem tão diferentes?

Árago — Respondo, à moda de Cristo, propondo-te uma parábola:

— Três homens estavam amassando barro num mesmo lugar, quando foram chamados pelo mestre-de-obras, para responderem cada um, em separado, a uma pergunta que lhes queria fazer um filósofo. Chegado o primeiro, carrancudo, amuado, perguntou-lhe logo o filósofo:

—Que fazes? Ao que êle respondendo, disse:

— Eu amasso barro!...

— Vindo o segundo, e feita a mesma pergunta, respondeu, dizendo :

— Ganho meu pão !

— Chegado que foi o terceiro respondeu, sorridente e feliz :

— Eu estou construindo uma catedral !

—Vês ? Hierão ! O que fazia a um feliz, e a outro, angustiado, aborrecido, era só o motivo por que cada um trabalhava. Eis aí os três tipos de trabalhos. O primeiro não vai além de um gesto automático, mecânico, como o de um bruto. É o cego a tactear nas trevas, revoltado contra o mundo e contra Deus. Amasso barro, diz o primeiro, como um animal, para que meus exploradores ganhem, por mim, o seu pão. E assim como êles ganham o seu pão, com o suor do meu rosto, invertidas as posições, eu poderia ganhar o meu com o suor do rosto dêles. Amassando barro, eu pago por um êrro do destino que me fêz pobre, quando pudera ser rico, como muita besta que vejo andando por aí. Amasso barro porque Deus é parcial, fazendo-me a mim suar e sofrer, e a outros, gozar e comer do meu suor.

—Idêntica é a situação de Gestas, o ladrão blasfemo e mau, que desafiava a Cristo a que o salvasse de sua cruz, para provar que era Filho de Deus. Acaso (pensava êle, e com razão) Herodes, Pilatos, os Escribas, os Doutores do templo e todos os políticos de todos os tempos não são uns ladrões ? O povo não foi sempre o rebanho tosquiado pelos seus donos ? E, pois, como pode Herodes ser, como eu, uma besta selvagem e feroz, sem que, para êle, haja cruz ? Salva-me, pois, da cruz, ó Cristo de Deus, se é que o és, que se sou porco, é porque êste mundo é um chiqueiro !

—Não seria esta a exegese das palavras do primeiro amassador de barro e das de Gestas ?

Hierão—Nem me pergunteis ! Tocai por diante que estou maravilhado da beleza e do acêrto das vossas ilações !

Árago — É que a verdade é bela ; se concordas em que afirmo a verdade, é de consequência natural que tudo sejam belezas. Porém vamos por diante :

— O segundo homem dizia ganhar o seu pão. Como Dimas, reconhece, êste homem, como justo, o seu estado infeliz, pois que, no pão que ganha está todo o motivo do seu labor.

— Vem o terceiro homem, e se diz motivado a amassar o barro, não pelo pão que havia de ganhar dêle, mas pelo ideal de estar construindo uma catedral.

— De maneira que o primeiro homem não sentia paga nenhuma pelo trabalho, por isso que o pão ganho dêle, podia-o ter, sem esfôrço, como muitos ; logo, se podia ter o pão sem trabalhar, não trabalhava para o ter, senão por u'a maldição de Deus, ou azar do destino. O segundo reconhecia que o pão havia de provir do suor de alguém ; e como não era justo comer do suor alheio, por isso comia do próprio, sendo só êste o motivo de o fazer trabalhar.

— O terceiro homem sabia que seu labor se perpetuaria na catedral na qual se sentiria existir até depois de morto. Os pósteros saberiam que aquelas pedras talhadas foram ajustadas umas às outras com a algamassa que êle amassou. A par desta conquista, haveria a imperecível do aprendizado de um sem número de movimentos e coordenações, que o fariam habilitado a subir do grau de aprendiz para o de mestre-de-obras. Compreendia, êste idealista, que o efêmero amassar do barro, além de lhe dar o pão cotidiano, se perpetuaria na obra acabada, como catedral, no mesmo ponto que se eternizaria em seu espírito como aprendizado.

— Eis aqui o que se chama consciência coletiva, ou amor ao próximo, ou caridade. Caridade não é só filantropia e boas obras feitas por cálculo. E' êste sentimente de célula de organismo, de abelha da colméia. Há muita gente de fé que faz obras filantrópicas ; no entanto não conserta a torneira de sua casa que desperdiça água do abastecimento público, dia e noite. Há os que não ajudam conservar e zelar pelas coisas públicas, só porque não têm sensação de posse sôbre elas. Falta-lhes a integração, a consciência social, que isto sim é amor, é caridade. Tal é como sentia o terceiro amassador de barro, e esta consciência social do trabalho, de valor eterno, lhe dava indizível alegria.

Chilon—Vossa dialética, logo, vos leva a concluir pela existência de duas espécies de ganho ?

Árago — Acertaste ! Todo trabalho não tem só um pagamento, senão dois ; um é o dinheiro que se ganha dêle ; outro é a fixação do seu resultado na alma, como valor imperecível. O primeiro pagamento é efêmero, e o segundo, eterno. Êste é o enígma da Esfinge decifrado por Édipo :—«Tu vens de um mundo divino (dizia-lhe ela) e para lá podes voltar, se queres. Há em ti algo de efêmero e algo de eterno. Serve-te só do primeiro para desenvolver o segundo (E. D. Schure — L'Évolution Divine — cit. por A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 337).

— O mundo se acha hoje sufocado pelo estêrco satânico do tabalho-ganho, para não dizer ganho-sem-trabalho ; isto é mais um atestado da inversão do sistema divino no de Satanás. Do diabólico ganho-sem-trabalho, havemos de nos dirigir, paulatinamente, para o trabalho-sem-ganho. O homem há que se interessar pelo valor eterno do trabalho, do trabalho como construção de alma e de elevação para Deus, e não só pelo resultado imediato, o dinheiro que se obtem dêle. Eis por que Cristo disse que seu Pai não cessa de trabalhar até agora, e êle, também.

No Caso Arigó, o Fenômeno fala...

O físico Papin, através da fumaça de sua «marmita», entreviu o êxito da fôrça elástica do vapor, que moveria, no futuro, os cilindros das locomotivas e as hélices dos navios ; as rãs de Galvani, mudamente, induziram os físicos a trilharem o caminho da eletricidade ; o papagaio de papel revelou a Franklin a natureza da descarga elétrica aérea, contribuindo para o nascimento dos pára-raios. Quando aquela célebre maçã caiu da macieira, na presença de Newton, o grande sábio não ouviu nada — a maçã nada lhe confidenciou — mas a lei da gravitação, lei que, para maior sofrimento dos materialistas *não foi criada por cérebros humanos,* repentinamente se enunciou.

O fenômeno mediúnico, tão velho quanto à humanidade, da qual acompanha a maturação biológica e espiritual, já se manifestou a cientistas inglêses, francêses, alemães, italianos... Precursores dos parapsicologistas modernos. Ninguém lhe negou a evidência, nas experiências *positivas,* assim como não se podem ocultar o raio e o trovão, durante as tempestades. E quando o fenômeno fala, como já o notara o gênio solar de Goethe, homem de letras e de ciência, referindo-se a fatos dessa natureza, qualquer explicação é desnecessária.

Os metapsiquistas que o viram de perto (materializações, etc.) depuzeram, muito contra a vontade, nos seguintes têrmos : «mas eu não disse que êsses fenômenos *eram* possíveis ; o que disse e afirmo é que «são verdadeiros» (Crookes)». E Richet assevera : «sim, é absurdo ; mas pouco importa : «é verdade». Altos dignatários de religiões respeitáveis e multisseculares concederam-lhe a chancela, embora lhe atribuindo a fraternidade do Diabo. Ainda bem, salvam-se 50 % da verdade.

O insuspeito Cardeal Lépicier credita-lhe alto merecimento : «Os fenômenos, demonstrando, como demonstram, a existência de um mundo espiritual, vêm, por outro lado, *confirmar a verdade filosófica e teológica, respeitante à imortalidade da alma, e dão assim o golpe de misericórdia no materialismo».*

Como se vê, o Diabo combate o materialismo...

No caso maravilhoso do médium Arigó, ocorre aquilo que o eminente Bozzano exigia para que um fato espírita se revestisse de autenticidade irrefutável—há uma convergência, de provas, cada qual mais interessante : incorporação, com a transfiguração visível do médium ; xenoglossia (o médium fala alemão, russo e polonês) ; exercício da clínica médica (diagnósticos precisos e curas, quando possíveis) ; prática da cirurgia, na qual todos os tempos são vistos à luz do dia, inclusive a presença da peça anatômica retirada do órgão operado, conforme já o atestaram protocolos escritos por «médicos» que foram à cidade de Congonhas do Campo. Opera sem anestesia e sem assepzia aparentes.

Se a testemunha não se der por satisfeita, poderá pedir um diagnóstico e um tratamento para si própria ou para pessoa que o acompanhe, como nós o fizemos.

O espírito atuante procura identificar-se. Seu nome : Adolfo Fritz. Sua nacionalidade : alemã. Naturalidade : Munichen (com a prenúncia exata). Profissão : médico. Médiuns videntes, em várias ocasiões, e separadamente, identificam-no com os mesmos traços físicos.

Há entre nós médicos brasileiros que se formaram na Alemanha. Por que não vão desmascarar a revelação que se faz há 8 anos, em Congonhas do Campo, com fins exclusivos de caridade e de conversão dos materialistas ? Não queremos, nem precisamos, que a testemunha se converta ao Espiritismo. Poderá usar a ressalva já consagrada para êste tipo de protocolo : «Nunca fui, não sou, nem serei Jamais espírita, mas...»

Pedimos, apenas, que tais peritos atestem, em nome de sua própria dignidade, que os fatos são reais e que o médium é inocente e... ignorante da medicina.

Essa perícia voluntária evitaria que se consumasse o crime da condenação irracional e ridícula de um médium autêntico (com o qual sonham todos os parapsicologistas universitários dos Estados Unidos e da Europa), médium caridoso e cristão, imune à tentação do dinheiro, sacrificado em todos os seus interêsses sociais e materiais.

Eu daria, gostosamente, o resto de tempo de minha vida para presenciar um diálogo, em alemão, sôbre assunto estritamente científico, entre o Dr. Adolfo Fritz, através o capiau mineiro Arigó, de letras primárias, e o sábio nacional, diplomado em medicina na Alemanha, atualmente membro de Academias do Brasil (de Medicina e de Letras), o Prof. Silva Mello. Êste médico dobrado de metapsiquista defronta-se com o dever duplo—dever de ofício e dever moral — de informar, com a sua observação pessoal, o pobre Juiz que deverá julgar um caso estranho de exercício ilegal da medicina. O Juiz está «in abbis» e só conhece a letra da lei. E a medicina ilegal é notòriamente gratuíta e mais eficiente do que a medicina legal.

SERGIO VALLE

Crônica Estrangeira

A MEDIUNIDADE DE UM PADRE CAPUCHINHO

Estudos Psíquicos

O diário «La Razon», de Buenos Aires, publicou em 8 e 10 de Setembro de 1957, uma interessante revelação que causou grande impressão nos leitores.

Trata-se do padre Pio Pietralcina, que na aldeia italiana de S. Giovanni Rotondo (Foggia), onde exerce suas funções eclesiásticas, assombra o povo que acorre em massa para ver os fenômenos de levitação de objetos que se produzem em conseqüência de sua mediunidade.

Transcrevem-se as palavras do Dr. Domingo F. Bergaglio, testemunha ocular dos acontecimentos:

«O padre dizia missa às cinco horas da manhã, e uma hora antes já o templo estava repleto de fiéis de tôdas as partes do mundo : alemães, espanhóis, italianos, inglêses, norte-americanos, canadenses e francêses. Para celebrar, despoja-se das ligaduras que lhe cobriam as mãos e os braços e então pôde-se lhe ver as chagas das mãos — eu pude tocá-las — eram feridas de dois centímetros de diâmetro que lhe trespassavam as palmas das mão de um a outro lado. A missa durou uma hora e meia, porque de vez em quando caia em transe durante o qual se elevava do solo cerca de meio metro. No momento da consagração parece lutar com um inimigo invisível, que procura apartar de si resolutamente. Pronuncia palavras em hebraico, em grego e em italiano e ouve-se-lhe dizer entre lágrimas e suspiros: «vai, vai daqui». Nota-se-lhe o cansaço mas, não obstante o profundo esgotamento, seu semblante reflete o homem feliz».

O Dr. Bergaglio que teve a honra de ser recebido pelo frade na própria cela, disse que é um homem de 64 anos, de compleição robusta, estatura elevada e belo caráter. «Desde 1918 que tem nas mãos, pés e costas os estígmas das chagas de Cristo. Eu as vi e as toquei.»

E concluindo o Dr. Bergaglio acrescenta:

«Ao ver-me fixou-me os olhos e ante o meu assombro, descreveu a minha vida, desejos e preocupações. Mostrei-lhe a fotografia de um jovem italiano que tinha ido para a guerra havia doze anos e do qual não se tinha notícias. «Vejo-o, abençoo-o — disse o padre —. Diga a sua mãe que reze, que reze muito por êle. Está tuberculoso na Rússia, mas regressará dentro em breve». E, realmente um mês depois, chegava Arturo Tovella — o jovem de quem falamos — procedente da Rússia em companhia de 1.500 prisioneiros italianos. A minha conversa com o padre Pio teve lugar no dia 2 de Março e Tovella voltou a casa em meados de Abril, com a doença indicada».

Contam-se maravilhas dêsse grande médium, entre elas curas surpreendentes realizadas com extrema facilidade.

Tal como o dom das línguas como falava Paulo, o espírito tem o poder de curar e muitos outros, mesmo entre os missionários presos ao dogma.

Não sabemos se sôbre aquêle sacerdote terá caído anátema e se o afastaram de San Giovanni.

UM CÃO MÉDIUM VIDENTE

Se o homem é para si mesmo um desconhecido, como o afirma Alexis Carrel, como será êle para os animais?

A inteligência, o sentimento e até as faculdades supranormais, neles se revelam tão semelhantes a seus «irmãos superiores», que êstes chegam, felizmente, a olhá-los com mais atenção e carinho.

Vejamos o que «Pictoral», nos diz acerca de um interessante cachorro:

Mme. J. M. Simpson, residente na rua Charles, em Dum-Jerline, contou que quando ela estava em sua casa de campo, observou que seu cão ficou agitado, com o pêlo iriçado, enquanto a porta se abria lentamente.

Os olhos do cão pareciam seguir alguma coisa que vinha da porta e se dirigia para um lugar oposto àquêle onde estava Mme. Simpson.

O cão mostrava-se grandemente amedrontado e escondia a cabeça no regaço da senhora.

No dia seguinte Mme. Simpson soube que um homem tinha morrido ali, onde o cão teve a referida manifestação, aproximadamente há quatro anos atrás.

A propósito de cães, Philipp Rowe, de Folkestone Road, Hom, contou uma história que aconteceu a seu pai.

O Comissário Rowe trazia sempre consigo o seu cão. Tôda a vez que êste avistava certa sepultura no cemitério, mostrava evidentes sinais de terror.

Nunca conseguiram que o cão passasse diante dessa sepultura, não obstante ser o animal dócil e obediente.

UM AVISO DE MORTE

Your Fate, de Junho último, publica o seguinte relato devido à pena de um colaborador, cujo nome se encontra arquivado na respectiva redação:

«Na madrugada de 17 de Setembro de 1917, minha mãe acordou a gritar. Despertámos assustados e corremos a ver o que era. Explicou então que sonhara com seu filho Harry, morto por uma bala e a gritar: «Mamã! Mamã!»

«Harry lutava no Corpo Expedicionário Americano em França e minha mãe ficou tão combalida, que chamámos o médico. Apontámos, entretanto, a hora e o dia.

«Duas semanas depois minha mãe recebeu um telegrama do Ministério da Guerra, notificando-lhe a morte de Harry, em combate, no dia 17 de Setembro.

«Um ano passou, quando um amigo de Harry visitou minha mãe, dizendo que êle tinha morrido numa árvore, e que, momentos antes, exclamara:

«— Mamã! Mamã!...»

De *«Estudos Psíquicos»*

Espiritismo no Brasil

Americano ilustre conta a vida de Lincoln

Apesar do violento temporal que se abateu sôbre Duque de Caxias-RJ no dia 12 de fevereiro último, que deixou a cidade parcialmente sem luz elétrica, foi magnifica a solenidade realizada na sede da Associação Comercial e Industrial da cidade para comemorar o aniversário de nascimento de Abrahan Lincoln, Patrono da Escola primária gratuíta fundada pela Associação Espírita Cairbar Schutel.

A solenidade foi programada para a sede da Associação Comercial em virtude de o salão da Casa de Cairbar ainda encontrar-se em fase de acabamento. Teve como orador o dr. Leopold Arnaud, Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América, que além das altas funções diplomáticas que exerce, há dois anos, no Brasil, é também professor de arquitetura nos Estados Unidos.

Assim como da espôsa do orador, sra. Blanchete Arnaud, tomaram parte na comitiva os srs. James Philips, representante da Braniff no Brasil ; Clark Kuebler, Presidente da Cia. Nacional de Cimento Portland e Finn Engersen, Presidente da Standard Brands do Brasil.

O confrade Ademar Constant recepcionou a cometiva com um jantar e levou os visitantes às obras do edifício-sede da Associação C. Schutel. Seguidamente, rumaram para a Associação Comercial, onde o dr. Arnaud proferiu sua palestra em português, idioma que juntamente com o italiano, espanhol, francês, inglês e alemão, domina perfeitamente.

Presidiu a solenidade o Prefeito Adolpho David, que falou exaltando o esfôrço do confrade Ademar Constant como realizador de tão extensa obra filantrópica. Pela Câmara Municipal falou o sr. Sandy Coutinho, vereador e autor da lei que considerou a Assoc. Esp. C. Schutel de utilidade pública. Pelas associações kardecista de Caxias falou o sr. Titero de Andrade Teles, tendo o sr. Ademar Constant agradecido as homenagens e as provas de solidariedade de todos os presentes. A solenidade foi encerrada quando a srta. Maria de Fátima Alves ofertou à d. Blanchete Arnaud um «bouquet» de lindas flôres, como homenagem da mulher caxiense, gesto que foi coroado com prolongada salva de palmas.

Ademar D. Constant

Caxias. 4/3/1962

DE PRESIDENTE PRUDENTE

Construção do Sanatório «Allan Kardec»

A Associação Regional Espírita de Assistência da 25.ª Região, sediada nesta cidade, iniciou dia 3 de Janeiro do corrente ano a construção do Sanatòrio Allan Kardec, cujo andamento prossegue em rítmo acelerado.

O referido Sanatório que abrigará 200 doentes mentais pobres, deverá ser inaugurado, o mais tardar, em Janeiro de 1963.

A comissão encarregada da construção é constituida pelos confrades : Dr. Pedro Furquim, Miguel Fernandes, Dr. Aurelio Martins da Costa, Bruno Mancini, Pedro Jorge de Paula, Geraldo Bueno de Campos e Heitor de Mirada Silva.

EXCURSÃO DE PROPAGANDA

O nosso esforçado companheiro, Newton Boechat, continua incansável no seu roteiro de conferências de propaganda, tendo pronunciado, durante os mêses de abril e maio, mais as seguintes :

Dia 30 de abril—no Grêmio Espírita Fabiano, Meier, Guanabara ;

Dias 5 e 6 de maio—Brasilia, (DF.);

Dia 12 de maio—Barra do Piraí (RJ);

De 4 a 15 de Junho —falará em 5 cidades catarinenses, sendo Joinville a cidade coordenadora.

Nosso Representante no Rio de Janeiro

Recebemos carta do nosso esforçado confrade Antonio Pereira Guedes, representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», no Rio de Janeiro, comunicando-nos que, por motivo de enfermidade, não pode mais continuar nesse trabalho e na impossibilidade de encontrar um cobrador, visto serem muito dispendiosas as viagens e frequentemente em pura perda, devido à ausência dos assinantes em suas residências, solicitamos aos mesmos, o obséquio de procurá-lo em sua residência, à Rua Haddock Lobo, n. 419-A, Casa XXXVII – térreo, para efetuarem os respectivos pagamentos de seus débitos.

Propomos também aos que quiserem remeter diretamente à Redação as importâncias de que são devedores, descontar o respectivo porte do valor declarado.

A todos nossos assinantes, desde já, os nossos agradecimentos.

«A Casa de Saúde «Allan Kardec»

é reconhecida de utilidade pública pelo Govêrno do Estado de S. Paulo

Temos a satisfação de informar aos nossos leitores, amigos e interessados em geral, que por Decreto do ilustre Sr. Governador do Estado de São Paulo, Prof. Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, datado de 16 de Janeiro de 1962, foi a fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», desta cidade, reconhecida de Utilidade Pública, conforme abaixo transcrevemos:

«LEI N. 6.739, de Janeiro de 1962 — Declara de Utilidade Pública a Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», com sede na cidade de Franca.

O Govêrno do Estado de São Paulo: Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — E' declarada de utilidade pública a Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», com séde na cidade de Franca.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 16 de Janeiro de 1962.

(a) — CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO.

(a) Antonio Queiroz Filho.

Publicada na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 16 de Janeiro de 1962.

(a) — João de Siqueira Campos — Diretor Geral Substituto.

* * *

Na oportunidade da publicação do Decreto acima, do ilustre Sr. Governador de nosso Estado, que foi para nós motivo de muita satisfação e reconhecimento, queremos de público agradecer também ao ilustre Deputado francano, Dr. Onofre Sebastião Gosuen, autor do projeto em referência à Lei n.º 6739, de 16 de Janeiro de 1962, que reconhece a Fundação Casa de Saude «Allan Kardec» como de utilidade Pública, pois foi êsse realmente um ato de justiça de S. Excia. o Governador, o qual foi possível, com a cooperação eficiente dêsse prezado amigo e nobre Deputado, que jamais negou sua colaboração ao programa da Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec» e a outros Departamentos Assistenciais de nossa cidade.

Ao Prof. Carvalho Pinto e ao Dr. Onofre Sebastião Gosuen, nossos agradecimentos, agradecimentos êsses que fazemos não só em nome da Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», como também em nome de tôda Família Espírita de Franca.

De «A Nova Era», de Franca, de 31-3-962.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal realizada em 7 de Abril de 1962

À hora regimental, com elevado número de Conselheiros presentes, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos. Em palavras sentidas, comunica a desencarnação, em Belo Horizonte, do confrade Bady Elias Curi, Presidente da União Espírita Mineira, enaltecendo o valor de seu trabalho constante e profícuo em pról da Doutrina e sua cooperação constante com a Federação Espírita Brasileira. Presentes os confrades Dr. Jonas Barbosa, Presidente da União

Espírita Paraense e Heli Rocha Werneck, Vice-Presidente da Federação Espírita do Piauí, o Presidente os saúda em nome do Conselho, agradecendo-lhes a presença. É lida e aprovada pelo Conselho a ATA da reunião anterior, e, no expediente, comunicação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, da eleição de sua nova Diretoria, para o período de 1962 a 1964.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO — O Presidente apresenta ao Conselho e empossa, como representante da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, o confrade Dr. Floriano Moinho Peres, Presidente da mesma Federação.

PIAUÍ—O Vice-Presidente da Federação Espírita do Piauí agradece a saudação recebida e relata o grande desenvolvimento do Espiritismo em seu Estado.

SÃO PAULO — O Presidente da USE, de São Paulo, lê para o Conselho a Ata lavrada em Belo Horizonte e assinada por diretores da «Oscal» e da USE, êsses últimos como delegados do C. F. N., ata que foi aprovada pelo Conselho e por êste encaminhada à Diretoria da F E B.

Com a prece final, feita pelo representante da Federação Espírita de Sergipe, encerra o Presidente a reunião, às 16 horas.

1.º CONGRESSO DE CEGOS ESPÍRITAS

De acôrdo com o programa que fôra divulgado, realizou-se no Rio de Janeiro, de 18 a 22 de abril, o 1.º Congresso de Cegos Espíritas. Compareceram muitos cegos, inclusive delegações de alguns Estados, como Bahia, Paraíba, Minas, Estado do Rio. A sessão solene e a de encerramento foram muito concorridas. Todos os atos foram presididos pelo confrade Luiz Antonio Mileco (cego) e presidente do Congresso, tendo sido coordenador dos trabalhos o Marechal Mário Travassos, na qualidade de Secretário Geral. Foi escolhido *patrono* do Congresso o General Dr. Duque Estrada, presidente da Cruzada dos Militares Espíritas. Como homenagem especial, foi aclamado prèviamente *Presidente de Honra* o Dr. Raimundo Fontes Lima, Diretor do Instituto Benjamin Constant, onde se instalou o Congresso. Apesar de não ser espírita, mas católico praticante, o ilustre Diretor do Instituto prestigiou o Congresso com a sua presença, o que causou ótima impressão.

Fêz a saudação aos congressistas, no dia da instalação, o Prof. Ismael Gomes Braga, que, como representante da Federação Espírita Brasileira, falou em nome de tôdas as instituições presentes. A conferência da noite foi pronunciada pelo Prof. Carlos Pastorino. Houve, a seguir, reunião de debates, palestras etc. Foram apresentadas oito teses, tôdas elas muito interessantes, dando motivo a discussões doutrinárias de indiscutível proveito para os estudos do Espiritismo.

A sessão de encerramento, no dia 22, pela manhã, foi também muito concorrida. Nosso confrade Deolindo Amorim, Secretário Geral da Liga Espírita do Estado da Guanabara e Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, fêz uma palestra sôbre «A influência da Doutrina Espírita no comportamento do cego». O nosso confrade José da Mata Bonfim (cego), de Campina Grande, Paraíba, proferiu o discurso de despedida, em nome dos congressistas. Usou da palavra também o General Duque Estrada, tendo o Diretor do Instituto Benjamin Constant encerrado a solenidade com um pequeno, mas oportuníssimo discurso de improviso. Houve declamações e, por fim, prestou-se homenagem ao espírito de Leopoldo Machado, entoando-se, de pé, a «Canção da Alegria Cristã». A Comissão permanente deverá providenciar oportunamente a publicação dos Anais do Congresso, com as teses apresentadas, pareceres, adendos etc. Ao encerrar-se o Congresso, cantou-se a «Canção da Alegria Cristã» e prestou-se homenagem ao grande e inconfundível propagandista espírita Leopoldo Machado, por proposta do Dr. Moreira Guimarães.

Tôdas as vêzes que sentires o aguilhão do sofrimento, pára, medita e ora. Há muitos, muitos mesmo, que sofrem bem mais do que tu. Lembra-te sempre disto.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUÍRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3851unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1962 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Pluralidade das Existências Corpóreas — Esquecimento do Passado — *Gabriel Delanne*
De Flammarion a Richet . . . . — *Carlos Imbassahy*
Dialogando com o Infinito . . . — *Domério de Oliveira*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . — *V. O. Casella*
Teilhard de Chardin na Sociedade Brasileira de Filosofia . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
Dois Importantes Congressos Espíritas em 1963 . . . . — *Cícero Pimentel*
Hipnose e Espiritismo . . . . . — *Osmard Andrade*
Jorge de Capadócia . . . . . . — *Rodolpho Ferreira dos Santos*
Serões Bíblicos . . . . — *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . — *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 300,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

**Atendemos pedidos
pelo Reembolso Postal**

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1962 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Pluralidade das Existências Corpóreas

ESQUECIMENTO DO PASSADO

SE verdadeiramente, nossa eternidade futura depende duma única passagem aqui em baixo (que é apenas de um segundo na imensidade dos tempos), Deus, sendo o Ser eterno, infinito, oniciênte, para quem não existe passado nem futuro, sabe anteriormente a sorte que está reservada a cada uma criatura, à qual Êle dá existência ; tem-se, então, o direito de peguntar porque criou Êle êsses monstros, cuja vida não é senão uma série de crimes que devem ser castigados por suplícios sem fim. Pela mesma forma, sabendo o que deve acontecer a cada um de nós, porque favorecerá Êle uns com exclusão de outros, o que é contrário à bondade e à justiça daquele que Jesus chamou o «Pai Celeste», cujo amor se estende a todos os que dêle saem ?

Quando uma doutrina ou um dogma religioso conduz a tais inconsequências, lògicamente pode-se garantir que essa doutrina e êsses dogmas são erros manifestos e se está com o direito de procurar melhor explicação dessas aparentes anomalias. Então a explicação pelas vidas sucessivas adquire um valor incontestável, pois que, ela oferece uma solução razoável de todos os problemas que, sem ela, são insolúveis. De fato, se se admite que o nascimento atual é precedido de uma série de existências anteriores, tudo se esclarece e se explica. Os homens, ao nascer, trazem a intuição do que adquiriram, são mais ou menos adiantados segundo o número de existências que percorreram. A criação sendo contínua na sociedade, existem, ao mesmo tempo, sêres cuja idade espiritual difere consideravelmente. Daí provêm as desigualdades morais e intelectuais. Nós podemos dizer com Allan Kardec : «Deus, na sua justiça, não pode criar almas mais ou menos perfeitas ; mas com a pluralidade das existências, a desigualdade que nós vemos, nada tem de contrário à mais rigorosa equidade ; é que nós vemos o presente mas não vemos o passado. Êste raciocínio repousa sôbre um sistema, uma suposição gratuíta ? Não, nós partimos de um fáto patente, incontestável : a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e nós achamos o fáto inexplicável por tôdas a teorias correntes ; enquanto que a explicação é simples, natural, lògica por uma outra teoria. E' preferível admitir a que nada explica com detrimento da que explica ? »

Se tôdas as almas devem passar por tôdas as situações sociais e por tôdas as condições físicas para se desenvolver moral e intelectualmente, as desigualdades de tôda a natureza que se constata entre os sêres, em uma sociedade, se compensam na série das vidas sucessivas. Cada um, ao lado do desenvolvimento, ocupa todos os graus da escala social, o que dá uma perfeita igualdade de condições do desenvolvimento dos sêres; em virtude da lei da justiça, todos se acham, em cada instante, na condição social que melhor convem ao seu progresso individual, porque todo o renascimento é condicionado pelas consequências das vidas anteriores.

Tôda falta produz efeitos inevitáveis.

A objeção mais comumente feita à Palingenésia, é o esquecimento quase geral das existências anteriores. Desde então pareceria ilógico, sob o ponto de vista da justiça, de nos fazer expiar em uma existência, faltas cometidas nas vidas passadas, das quais nós teriamos perdido a lembrança. E' bom fazer observar, todavia, que o esquecimento de uma falta ou de um crime, não atenua as consequências e que o conhecimento dessas faltas seria, para muitos entre nós, um fardo insuportável e uma causa de desencorajamento que nos aniquilaria a fôrça para lutar pelo nosso aperfeiçoamento. De outro lado, se a renovação do passado fosse geral, ela perpetuaria os ressentimentos, os ódios que foram as causas das faltas anteriores e opor-se-iam a todo progresso. E' um bem, então, que nós voltemos à terra com a alma livre do peso do passado. Mas é bom fazer observar igualmente que todos os incidentes desgraçados de nossa vida não são necessàriamente as explicações das faltas anteriores. De fáto, as provas são condições indispensáveis para nos obrigar a vencer nosso egoismo e desenvolver as faculdades ou as virtudes que nos tornam defeituosos : Entretanto êsse esquecimento do passado não é permanente nem absoluto. Nós o temos constatado, pois que já na terra temos verificado casos em que a lembrança das existências passadas têm sido conservadas. A um certo grau de elevação, nós reencontraremos, no Além, entre duas encarnações, a lembrança de nossas vidas anteriores e isto nos permite melhor conhecer o que nos falta ainda para nos elevar na hierarquia dos espíritos, desenvolvendo tôdas as virtualidades inteletuais ou morais, que se acham em germen na nossa consciência e cujo desenvolvimento deve nos conduzir ao mais alto cume da espiritualidade. Esta via, de qualquer sorte panorâmica, de nossa evolução espiritual, nos traz um sentimento de nossa identidade e a perpetuidade de nosso ser espiritual.

O esquecimento dos incidentes de nossas vidas anteriores é necessário para que possamos abandonar mais fàcilmente os êrros e os prejuizos encrustados no seio dessas existências. Entretanto a justiça exige que reparemos as faltas cometidas conscientemente. E' por isso que o Dr. Geley disse : «Cada um de nossos atos, de nossos trabalhos, de nossos esforços, de nossas penas, de nossas alegrias, de nossos sofrimentos, de nossos êrros, de nossas faltas, têm uma repercussão fatal, reações mentais em uma ou outra de nossas existências.»

Gabriel Delanne

PODEMOS BEBER NA MESMA FONTE

Semeio estas palavras para que elas se espalhem pelo mundo, mas não como o vento que varre as planícies, sacudindo as árvores, que estorcega as penedias; assobiando sinistramente ou gemendo o gemido tràgico das almas desencarnadas e em curso de provações...

*

Sofres? Todos nós sofremos. Há quem sofra até com mais valor do que eu e tu, porque suporta heròicamente a dor, sem anunciá-la e exagerá-la. Concorda: sofrer, todos sofrem. O que nem todos fazem é saber sofrer. Nem eu nem tu...

José **BRÍGIDO**

De Flammarion a Richet

— I —

> «Flammarion, por exemplo, suspeitíssimo. Foi médium de mesas falantes, companheiro de Kardec. E depois que morreu e voltou em espírito, estando já no além, em matéria de sua especialidade, só disse asneiras.
>
> Charles Richet é citado por Henrique Roxo. Como?...
>
> Vale a pena ler algumas opiniões do Sr. Charles Richet sôbre o Espiritismo: — As personalidades dos mortos agarram-se a brincadeiras ridículas comprazem-se com jogos de palavras pueris, associam sonoridades como em trocadilho. Não sei quem disse se a sobrevivência devesse consistir em possuir-se a inteligência de um desencarnado, então eu preferiria não sobreviver... — Eis aí Sr. Casella o homem que escreveu um excelente livro sôbre o Espiritismo... no dizer de H. Roxo». (Dr. Osmard de Andrade. — R. I. E., janeiro de 1962).

Quanto a Flammarion, temo-lo, conforme o Dr. Osmard, «médium de mesas falantes». É êsse um fato que deveria reforçar-lhe a convicção e nunca torná-lo suspeito; se era médium, se praticou, se experimentou, melhor que ninguém poderia conhecer o fenômeno; falava então de experiência própria. No outro caso, seria fato inverossímil adotar um sábio tais ou quais princípios por companheirismo.

Quem conhece a biografia e a bibliografia do grande astrônomo, logo vê que as suas idéias se foram alicerçando nos fatos, porque elas vieram evolvendo do *Les Forces Naturelles Inconnues* até *Maisons Hantées,* onde os ditos fatos, sob a base dos quais estabeleceu Bozzano a indestrutibilidade da doutrina, deixam iniludìvelmente patente a intervenção do espírito do defunto.

Seu livro *As Fôrças Naturais Desconhecidas* é o resultado, entre outras, das experiências com Eusápia Paladino, essa médium que segundo Richet, ela, sòmente, bastava para a demonstração da fenomenologia psíquica objetiva. O fenômeno das casas assombradas levam o diretor do Juvisy a concluir pela realidade da infestação e pela identidade dos infestadores, o que tudo ficou devidamente esclarecido e provado na sua obra—*As casas mal assombradas.* Estabelece êle ainda um inquérito e recebe nada menos de onze mil respostas. Era o depoimento de onze mil pessoas, dentre os vultos mais respeitáveis e mais representativos da França e do estrangeiro. Diante dêsse testemunho colossal é que escreveu a sua trilogia—*Avant la Mort, Autour de la Mort e Après la Mort* — sob a denominação geral de *La Mort et son Mystère;* tendo à mão essa demonstração viva, elequente, palpitante e atual, e confrontando-a com todo o passado e o depoimento dos maiores vultos da História, é que estabeleceu como leis — a da sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos.

Ora, depois de tão excelentes provas, exaustivo estudo e firme esteio; depois de uma vida inteira de pesquisas, tendo nós à vista os fundamentos em que assentou as suas conclusões, depois de tudo tão claro, tão à cara, afirmar-se que não isto, mas uma camaradagem é que o conduziu à hipotese espírita, o mesmo é que declarar-se não foram os cálculos que levaram Leverrier a apontar o lugar no firmamento em que se deveria encontrar Netuno, senão o seu compadrio ou sua intimidade com um tal ou qual.

Deixo de tratar dêsse mesmo Flammarion «quando voltou para dizer asneiras», porque o Autor não esclarece quando foi essa volta, quais as asneiras que disse e o documento que porte fé onde se acha isto registrado. E' pois impossível avaliar o teor das asneiras e a importância do registro.

Agora o Richet. Quem lhe acompanhou os passos e lhe observou os trabalhos, logo percebe que as dúvidas que a princípio se manifestou, não eram mais que o receio de ver mareado o lustre de seu nome, abalado o seu prestígio, ou mesmo o de perder a sua cátedra, como sucedeu a tantos outros, que rompende contra o preceito acadêmico e investindo contra a ignorância geral, tiveram que abandonar os seus postos, como Weber e Zoëllner na Alemanha, Paul Gibier em França, Edmonds nos Estados Unidos, e tantos outros que viram adunar-se contra si as fôrças conjugadas da incompetência e do fanatismo.

Richet devia temer ainda o esbarrocamento de tôda a sua construção metapsíquica, e para sustentar-lhe os alicerces não teve dúvida em sacrificar o sentido que dava à sua gênese, certo como estava, que assentado o baldrame, difícil seria descobrir outra hipótese que não espírita para revesti-lo.

Daí as razões apagadas, pueris, fàcilmente arrasáveis, quando expunha os motivos por que não acreditava em Espíritos, em contraposição aos argumentos sólidos que apresentava a seu favor, do mesmo passo que assegurava a impossibilidade de negá-los ou fugir-lhes. Não viu esta contra-maré o abalisado Dr. Osmard.

Afirmar como um absurdo que os mortos se apeguem a brincadeiras e jogos de palavras, que façam trocadilhos, que se interessem por botões, é desconhecer, de maneira lamentável, o que é o Espiritismo, o que são os Espíritos, e não possuir a menor noção de sua doutrina. Pois se os mortos não passam dos indivíduos que morreram, o que o Sr. de La Palice sabia sem ser espírita ; se os defuntos, como se sabe e o diz a doutrina, conservam a mentalidade que daqui levaram, que se poderia exigir dos fúteis senão as amostras de futilidade, dos espíritos fracos senão a fraqueza de seu espírito ? Mas a par de tais frioleiras há as comunicações de alto valor moral e intelectual; sem ir mais longe, aproveitando as próprias citações de Richet, temos as mensagens recebidas no exílio por Vitor Hugo, as poesias magistrais ditadas pela mesa na casa do poeta. A literatura espírita está referta de obras magníficas, recebidas por via mediúnica.

Também não é verdade que a personalidade dos mortos nada tivesse revelado que não fôsse conhecido, e até eu já esgotei algumas páginas do meu livro — *À Margem do Espiritismo* — para demonstrar o desacerto da asserção. E se alguem prefere não sobreviver, em vista dos percalços apontados, há que lamentá-lo a êle e a nós; a êle porque não há fugir à sorte, e a nós porque, tratando-se de um espírito irrefletido, dados os seus receios, comunicando-se conosco teremos mais um acervo de irreflexões a acrescentar ao rol das existentes.

Que Richet sempre acreditou ou, pelo menos, passou a acreditar na realidade espiritual, vê-se pelo evolver de suas opiniões.

As vacilações de Richet, mesmo no início da sua atividade, já eram notadas por Albin Valabrègue, que escrevia em *L'Ere Nouvelle* de 27-4-22, depois de apresentar trechos contraditórios do grande fisiologista :

«Verifica-se dêstes textos que se opõem, que há dois Richets; o número 1, para o qual o Espiritismo é impossível, e o número 2 para o qual é possível. Acaricio a esperança de apertar a mão ao Richet n.º 3, o qual escreverá que o Espiritismo é certo.»

Não sei se teve êsse prazer, mas se viveu até os últimos dias do Mestre da Sorbone, não há dúvida que conseguiu o que desejava.

Já no *Traitè de Métapsychique* êle dava aos fenômenos subjetivos do Espiritismo o nome de Criptestesia, mas acrescentava que a denominação servia apenas para disfarçar a nossa ignorância quanto à sua significação.

No começo declarava : *tantot jy crois, tantôt je ny crois pas.* Como se vê, não era radical a sua descrença.

Num discurso do Instituto Metapsíquico, indagava :

Qui sait si l'âme des vivants, si l'âme des morts ne degagent des effluves inaccessibles au vulgaire ? (Rev. Métapsychique, 1927, p. 179. (1)

Temo-lo admitindo a alma dos mortos.

Na sua obra *L'intelligence et l'homme,* estabelece :

«L'ypothèse espirite donne souvent une explication facile et même parfois plus satisfaisante que toute autre.» (Felix Alcan. Paris, 1927 (2).

Em *La Grande Espérance :*

«A explicação espírita é muito simples ; poder-se-ia dizer que ela se impõe por sua simplicidade. George Pe-

---

(1) Quem sabe se a alma dos vivos ou mesmo a alma dos mortos não emite eflúvios inaccessíveis ao vulgar ?

(2) A hipotese espírita dá muitas vêzes uma explicação fácil e por vêzes mais satisfatória do que qualquer outra.

lham morreu, mas não desapareceu sua consciência. Seu eu persiste, sua memória sobrevive e invadiu o pensamento da Sra. Piper, de tal modo que, falando pela bôca e escrevendo pela mão dessa médium, George Pelham reaparece psicologicamente por inteiro, tendo conservado a lembrança do que disse, do que fez, do que viu, do que ouviu durante a sua vida terrestre.»

«Não hesito em afirmar que esta explicação é a mais simples e que tôdas as outras empalidecem diante dela».

Não pode haver exposição nem declaração mais clara da doutrina espírita : é Pelham que reaparece por inteiro, com a lembrança do que disse, do que fez, do que viu, do que ouviu durante a vida.

E custa a crer que sendo um dos professôres que mais estudaram o Hipnotismo, não percebesse que, encarnando a médium a personalidade de George Pelham, reproduzindo fielmente o que êle ouvira, vira, fizera e dissera, e ainda — o que faltou no período — que afirmara ter sido o finado George Pelham, e o provara — não fôsse aquilo mais que um resultado de hipnotização, como asseguram aos seus imprópvidos leitores, ouvintes e discípulos os mestres atuais da Hipnologia.

Há mais : Escreveu Richet um romance intitulado—*À Porta do Mistério* — cujo tema é a reencarnação.

No seu trabalho *L'Avenir et la Prémonition* prevê :

«Um mundo novo vai aparecer pelo conhecimento de certas fôrças vibratórias desconhecidas, inteligências talvez que nos rodeiam».

Aquela palavra *inteligências* disfarça um pouco a ousadia da proposição e substitui prudentemente a de *Espíritos.*

Depois dos trabalhos apontados edita o *L'Age d'or e l'age de l'or,* onde assegura :

«A morte não inspirará mais êsse terror idiota que nos inspira hoje, e como saberemos provàvelmente que a vida é uma passagem, um sonho, com um despertar talvez, não deixaremos que a velhice nos conduza a degradações lamentáveis».

Vê-se como vai desaparecendo a sua oposição, aliás fraca. E através de tôda a sua literatura, nem o menor raio de esperança em indução, transe, ou manifestação hipnótica.

Referindo-se a uma de suas primitivas hipóteses, dizia Bozzano :—«Nada significa : traduz apenas a sua opinião no período de vida em que a formulou, opinião que, entretanto, se foi modificando radicalmente nos últimos anos de sua operosa existência». *(Animismo ou Espiritismo ? Trad. de Guillon Ribeiro,* p. 219).

E razão tinha o filósofo, pois o notável fisiologista lhe escrevia uma carta de que extraio o seguinte trecho :

«Sou inteiramente de seu parecer ; não creio na explicação simplista pela qual os acontecimentos de nossa existência e a direção de nossa vida são devidos ao acaso . . .

«E também fora da direção da vida há coincidências tão estonteantes que é bem difícel não se veja a obra de uma intencionalidade. De que ? De quem a intenção . . . (Psychic News 30-5-936. *Obra cit.* p. 266).

De que, de quem a intenção, perguntava Richet — sabendo qual a resposta que se impunha.

Dizia ainda o pranteado sábio em documento que não tenho à vista, que a razão na matéria estava com Bozzano, com Oliver Lodge, com outros . . .

Daí se conclui que bem poderiam o Sr. Casella, o Dr. Roxo ou quaisquer espiritistas verem na obra de Richet excelentes livros, já na exposição dos fenômenos apresentados de forma segura, já na sua parte doutrinária, que é a espírita, sem desmentido para os que dela quiserem lançar mão, e sem desdouro para a tese que sustentam.

CARLOS IMBASSAHY

A essência da Vida na sua origem e finalidade é idêntica para tôda a divina escala da Criação — desde o verme ao selvagem ; desde o selvagem ao sábio ; desde o sábio ao santo ; desde o grão de areia à estrela mais longinqua e cintilante. A Fraternidade ultrapassa, assim, tôda a Humanidade para abraçar todo o Cosmos, todos os Universos. — DR. ANTÔNIO FREIRE.

DIALOGANDO COM O INFINITO

Domério de Oliveira – (Da U. M. E. de Catanduva)

MEU amigo Samuel é dado a estudos de coisas do sobrenatural, de abantesmas, de Espiritismo...

Certa feita, parados em frente ao busto de Castro Alves, logo à direita da magnifica bibliotéca da Velha Academia, começou a dialogar coisas estranhas, reportando-se ao passado longínquo do grande poeta, aos salões animados de gente, ao corpo diplomático reunido, às bandas de música do paço, aos tilburis tirados por corceis fogosos, conduzindo velhos barbilongos de olhares graves...

Espantado com aquela atitude do amigo, cortei o seu pensamento, com a clássica interrogação sôbre tudo o que havia dito. Samuel, com um sorriso discreto, passou a tecer considerações, parece-me que com o próprio infinito.

— Deixando a Terra, para onde vamos? Que viemos para aquí de uma longa caminhada, que vivemos, pensamos e operamos, tudo isto é verdade irrefutável. E que morremos não é menos certo. Mas que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Repetindo versos do maior poeta da Inglaterra, dizia: —

«Ser ou não ser
Eis o eterno problema,
Que põe o coração
Nas pontas de um dilema...»

Dizem uns que o homem nada mais é do que um produto de nervos e ossos... Outros, que constituido de corpo e alma. No entanto, tenho para mim uma concepção «sui generis» sôbre a alma. A alma é energia e pensamento. Embora na posse de corpos diferentes, conservamos a mesma inteligência, os mesmos conhecimentos, a mesma vontade, e, lògicamente, tudo isto enquadrado nos trâmites das leis da evolução. Quando nos desprendemos do corpo, por ocasião da morte, a matéria bruta vai para debaixo da terra e se transforma em outros elementos orgânicos e «nós» permanecemos os mesmos, com os mesmos sentimentos, a mesma vontade, a mesma inteligência.

Pelo simples fato de perdermos o corpo, não será que de um criminoso nos transformemos num Anjo ou de um ignorante num sábio. Estamos amarrados à imensurável montanha do progresso. É por isto que Castro Alves pode já ter voltado ou estar mesmo, no presente, sobrepairando os espaços siderais, nas mansões celestes da paz e do amor...

Outro não é, senão Êle, que disse pela pena inspirada do nosso querido Francisco Cândido Xavier:

«Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos manda renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver».

Samuel continuou o seu diálogo metafísico, tão certo de suas idéias, que, pela primeira vez, senti tão perto de meu coração o sôpro da existência eterna, como que impulsionando tôdas as coisas do Universo...

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

IX

Na última Revista mostramos que o dr. Osmard, sem conhecer a extensão da fenomenologia espírita, julgou argumentá-la pela hipnose, perdendo-se na fase preliminar indutiva do transe. Tivesse se interessado pela leitura básica do problema, jamais se teria arriscado nessa aventura.

Continuemos agora com a segunda parte do seu trabalho, publicada no mês passado, na qual acrescentou um adendo, insinuando contradições entre nós e o sr. Imbassahy, mas com insucesso, como passaremos a ver.

Há ali no seu Hipnose e Letargia uma tese, enaltecendo produções executadas por indivíduos em estado de sono. E o dr. Osmard, transcrevendo uma publicação do sr. Imbassahy, sôbre êsse assunto, salienta que o mesmo concordara com tais fatos, enquanto aponta um outro nosso comentário, insinuando que teriamos discordado dêsses mesmos fatos. Logo, nós dois, companheiros, estariamos nos contraditando.

Mas o nosso antagonista foi mal na interpretação do que leu. Vejamos o nosso trecho em questão, grifando-se os termos principais, e vejam os leitores como o nosso atacante invertera o sentido do nosso relato. Êle mesmo publicou esta nossa parte onde disséramos : «... citou exemplos de indivíduos que teriam realizado trabalhos intelectivos sob estado de sono COMUM. ACREDITAMOS NA SINCERIDADE DÊSSES TESTEMUNHOS SÔBRE AS PRODUÇÕES, mas quanto a NATUREZA DO SONO se foi realmente fisiològico, tais relatos, apesar da bôa fé dos declarantes, não podem ser considerados de valor científico, porque tratando-se de obtenções pessoais cada qual fala como quer e como entende.»

Onde está aí nossa discordância, para que diga estarmos divergindo do sr. Imbassahy ? Se acreditamos no que dizem os declarantes, sôbre as produções, não estamos destas discordando, e assim concordamos também com a opinião do nosso companheiro. O desacôrdo que há, isto sim, é entre nós e o dr. Osmard, mas no que se diz da NATUREZA DO SONO, que não teria sido o comúm, êsse sem nexo, do nosso hábito natural do repouso de tôdas as noites, parte esta de que o sr. Imbassahy nem cogitou, como poderão os leitores reler no adendo do nosso descuidado adversário. Mas o dr. Osmard ao entender uma coisa por outra, julgando estar ali uma nossa contradição, precipitou-se, lançando o seu engano em público, e aí está agora a verdade, para seu desaponto.

E ainda, através de grifos, protestou, ali, por termos declarado não ser de valor científico essas ocorrências pelo sono.

Claro ! Quais os observadores que assistiram a isso ? Os pacientes não poderiam observar a si próprios. Sabem das produções porque ficaram documentadas. Mas, da natureza do fenômeno, se o sono foi comum, hipnótico ou mediúnico, isto só a observação de fora poderia afirmar. Mas esta não houve, embora o nosso opositor não verifique essas coisas, antes de apresentá-las como tese científica.

E depois dessa sua infeliz introdução, continuou por várias outras particularidades, ao citar tópicos da nossa literatura espírita, o que vamos analisar.

Julgando confirmar que Espiritismo é hipnose apontou referências ao *hipnotismo,* por parte de um manual para as práticas espíritas, de autoria do sr. Hans Arnold, do qual transcreveu : «Aconselhamos ainda o estudo dos processos usados no *hipnotismo* para que sejam obtidos ótimos resultados.» E de Kardec, entre outras questões, também salientou esta referência ao «magnetismo» : «Algumas vêzes basta mesmo que o médium—*magnetize*—a mão e o braço daquele que quer escrever...» (nossos os grifos).

O fato das nossas literaturas se referirem a conceitos do hipnotismo não é de se estranhar, ao saber-se que os processos de indução da hipnose *formal,* na essência, excluindo-se suas aparatosidades, identificam-se com os mesmos que revelaram o fenômeno mediúnico. Embora no nosso trabalho anterior já esclarecêssemos essa parte, vamos repeti-la, em outra linguagem simplificada.

A indução afigura-se a uma ante-sala (fase consciente), que dá passagem a um compartimento (fase subconsciente), destinado a duas finalidades distintas : a hipnose ou o mediunismo. Dentro do conceito *formal* sejam os hipnotizadores ou indutores espíritas, uns e outros para atingir o compartimento seqüente, na busca da sua fenomenologia, têm passagem obrigatória pela mesma ante-sala, o trabalho de indução, cuja fase preliminar resguardando-se a peculiaridade para cada qual, é uma única para os dois casos. O destaque dá-se depois de transposto êsse limiar indutivo, ou seja, na eclosão do transe que desencadêia um ou outro fenômeno, de acôrdo com o qual se condicionou o paciente, no ato da transição do seu estado de consciência para o de subconsciência.

Como os hipnotizadores antecederam os espíritas nesse trabalho, pois o Espiritismo surgiu só mais tarde, essa fase indutiva (consciente), embora não seja pròpriamente hipnose, manteve-se sob a rotulagem convencional de hipnotismo, apesar de que hoje também seja campo para preparo mediúnico. E havendo, portanto, induções hipnóticas e mediúnicas que se emparelham, um observador sem essas noções, não sabendo que as diferenças entre hipnotismo e Espiritismo fundamentam-se na parte fenomenal, separadas na restrição de um pela amplitude de outro, ao assistir alguma indução do Espiritismo, e ao achar semelhanças coincidentes com o que já tenha visto dêsse trabalho na hipnose, poderá supor aquêle por esta. Um exemplo é a música, acessório antiguíssimo, muito usual entre os hipnotizadores, e é comum grupos espíritas que também induzem por êsse processo. Por aí se compreende como a questão, julgada pelas aparências, engana o observador que se desleixa no exame essêncial da etapa mais avançada, a do fenômeno.

Assim, tratando-se de parte acessória, e não pròpriamente de hipnose, não há inconveniente algum quando nossos manuais recomendam os estudos dêsses recursos indutivos, rotulados de hipnotismo. Objetivam facilitar grupos iniciantes, que não tendo elemento outro de orientação direta, a não ser as literaturas do gênero, às vezes tornam-se indecisos nos primeiros contatos com essas práticas, até que se adaptem nos ensinos da doutrina, que recomenda maior simplicidade possível nessas lides.

E ainda se disse das instruções do sr. Arnold, recomendando que a melhor hora para uma sessão espírita é após o por do sol, isto é, duas ou três horas depois da refeição. E o dr. Osmard como crítica argumentou que tal momento é o da repleção sanguínea intestinal, por efeito da digestão, provocando sonolência, portanto propícia para o transe. Como vemos, nessa crítica traiu-se a si mesmo, ao reconhecer a vantagem científica dêsse critério do nosso confrade, como ótima condição para facilitar o sono transitivo, portanto com menor esfôrço do médium. De qualquer forma, essa crítica, oferecendo uma interpretação científica do fato, vem provar como laboram em acêrto nossas recomendações doutrinárias. Quanto à simplicidade expletiva da recomendação é norma de finalidade acessível, uma vez que se trata de um manual literário dedicado à generalidade dos leitores, a principiar dos mais simples de entendimento.

Mais adiante, perde-se o nosso atacante noutros argumentos, procurando mesclar conceitos dos nossos ensinos doutrinários com os da hipnose, para acusar os nossos de Sugestão.

Como na primeira parte dêste nosso trabalho já anuláramos essa sua tese do absolutismo da sugestibilidade, quando demonstráramos não ser a palavra sugestiva que desencadêia o transe, mas êste que faz aquela se desencadeiar no seu exato valor, não vamos aqui repetir o mesmo têma, ali tão perto já exposto. Mas vale a pena reproduzir os tópicos que evocou nêsse seu artigo, e vejamos qual o seu senso para acusar nossos conceitos doutrinários pela Sugestão.

Salientou o fato de Kardec recomendar nas práticas mediúnicas espíritas — Recolhimento e Desejo Ardente e a Firme Vontade de Conseguir o Intuito —. E do livro, «Mediunidade Sem Lágrimas», do sr. Eliseu Rigonatti, apontou a instrução para — o paciente concentrar-se na idéia de que um espírito bondoso vai interessar-se por êle e manifestar-se...

Ora, desde que o dr. Osmard não aceita a tese espírita, assiste-lhe o direito de apresentar seus argumentos contrários. Mas se deseja explicá-los pela hipnose, então que o faça dentro dos conceitos do hipnotismo. No entanto assim não está procedendo, no que vejamos.

Sabe-se em hipnose que o paciente em transe só atende ao hipnotizador, ao qual se condicionou. Mas se o hipnotizador desejar passar o contrôle a outro seu colega, para substituir-lhe no comando, não poderá fazer sem dar essa ordem ao hipnotizado. Caso contrário essa troca não se realiza espontâneamente.

Pois bem ; na indução espírita o médium concentra-se no seu pensamento, condicionando-se a uma entidade espiritual, a quem êle oferece pela sua livre vontade o seu contrôle. Supondo-se de acôrdo com o dr. Osmard, que essa entidade espiritual não exista, ou não esteja presente, o contrôle do médium não passaria espontâneo a qualquer outro agente mais próximo, seja o presidente da sessão, ou ao próprio médium pelo seu auto-comando, já que a nenhum dêsses casos êle se condicionou, ficando assim sem qualquer vínculo a outro operador para lhe dar ordens. Ora, em hipnose, o paciente desligado de qualquer comando, por si só nada faz (Hipnotismo, págs. 12 e 40, Eastbrooks.) Neste caso, o médium desamparado, pela ausência da entidade, à qual ofereceu seu contrôle, nada podendo fazer por si só, que acontece ? Simplesmente dormiria, passando do sono do transe para o natural, para acordar pelos hábitos normais.

No entanto, o dr. Osmard, na sua tentativa para explicar o fenômeno espírita pelos seus conceitos, não considera essa natureza da hipnose, ao admitir a transferência espontânea do contrôle do médium a outro agente. E com essa atitude, para nos contrariar, está contrariando sua própria tese, já que não segue fiel à hipnose, pela qual nos pretende atacar.

E com isso fica anulada a sua insinuação de que o fenômeno espírita é auto-sugestão, pois para tal se dar o médium teria que se condicionar a si próprio, no ato da passagem do seu consciente ao subconsciente. Mas, como vimos, o seu condicionamento dirige-se a outro agente, o de uma entidade espiritual, cuja presença confirma-se nas próprias produções, quando ultrapassam a capacidade intelectiva do médium, como já demonstráramos com Richet, no nosso último revide.

E no seu prosseguir, relatou casos seus de hipnose, onde os pacientes revelaram características mediúnicas incompletas.

Isso já esclarecêramos em outros trabalhos de que entre hipnotismo e Espiritismo, laborando ambos em um mesmo campo, o mental, não há linha divisória rígida. Entretanto, o dr. Osmard, conhecendo apenas casos, onde a interferência mediúnica não foi além de fugazes características, é razoável permanecer na sua dúvida materialista. Já, se conhecesse outros casos mais extensos, em que a hipnose passa por completo ao mediunismo, como ali está na Revista de 15-10-61, um caso coletivo testemunhado pelo dr. Levindo Mello, preparador de Fisiologia Nervosa, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, talvez sua opinião seria outra (O referido artigo, «Espiritismo não é Hipnotismo», é assinado pelo dr. Milton Andrade).

Enfim, como vemos, mais uma vez o nosso antagonista julgou trazer novidades nesta Revista, quando aqui nossos informes já se acham muito além daquelas suas restritas narrativas.

Quanto ao sonêto, que se diz de Augusto dos Anjos, não estranhamos o ter confessado aquela sua fraude pelo conhecido fenômeno de post-hipnose. Trata-se de um recurso do hipnotismo em que o indivíduo após hipnotizado, o hipnotizador condiciona-o, com instruções que bem lhe convém, de como deverá proceder em outra ocasião futura. Depois de acordado, o paciente não se recorda essa ordem que, entretanto, conserva-se em latência no seu subconsciente, para exteriorizar-se na próxima sessão ou noutro momento convencionado, como um impulso de sua memória, realizando o ato. Embora vulgarmente se desconheça êsse recurso da hipnose é êle muito usual entre os hipnotizadores. E assim se pode dramatizar uma sessão espírita, de cuja fraude valem-se os freis boaventura para iludir a bôa fé dos incautos. Mas, como já deixáramos esclarecido na Revista anterior, e com exemplos de Richet, tôdas essas explorações não vão além de certos limites.

E o nosso atacante, depois de tantos comentários, rematou revelando que do seu campo não é apenas a Psiquiatria o seu tormento, mas também conceitos da Evolução.

Ora, o homem orgânico é produto da evolução de tôda uma escala animal, a partir desde os primeiros sêres monocelulares. Na vida embrionária humana notam-se ainda vestígios de guelras e cauda, heranças do seu longínquo passado. E ninguém estudioso das leis da evolução vai criticar essa verdade científica. Logo, se conceituamos a existência do espírito, é lógico que também se trate de um produto das leis evolutivas, como tudo o mais existente na natureza, e não o de um ser originado por uma compulsão espontânea por obra do milagre. E o dr. Osmard, num infeliz arremêsso, criticou o nosso digno confrade General Cornélio Wischral, por ter argumentado, através desta Revista, a presença do princípio espiritual entre os sêres inferiores da escala evolutiva animal.

Que o nosso atacante conteste a existência do espírito é uma coisa; mas criticar o conceito da sua evolução, mesmo como hipótese de existência, incorreu em falta acadêmica por contrariar não o Espiritismo, mas as leis evolutivas do Universo.

Finalmente, os leitores, depois de tanto aguardarem a esperada conclusão da tese materialista do dr. Osmard, desapontaram-se em ver que o nosso atacante terminou, no seu artigo, «O Fenômeno Espírita», revelando nada conhecer da extensão da nossa fenomenologia mediúnica. Encerrada sua parte, do que se diz do fenômeno espírita, logo mais lhe daremos a nossa, pela qual verá como é ingênua sua tese, ao tentar explicar a amplitude espírita, através da sua restrição hipnótica.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Teilhard de Chardin na Sociedade Brasileira de Filosofia

Arnaldo S. Thiago

Comemorou, a 24 de abril, a Sociedade Brasileira de Filosofia o seu 35.º aniversário de fundação, realizando sessão solene, sob a presidência do dr. Herbert Canabarro Reichardt, na qual foram prestadas homenagens ao general Moreira Guimarães, fundador da sociedade e ao major Manoel Carlos, seu secretário geral durante muitos anos e em verdade o maior propugnador do seu desenvolvimento.

Prestadas essas homenagens e apresentado sucinto relatório da vida social, referente a 1961, passou o dr. Canabarro Reichardt a presidência ao seu substituto legal, Almirante Washington Perry de Almeida e, obtida a concessão da palavra, ocupou o mencionado dr. Canabarro a tribuna social para proferir substanciosa conferência sôbre Pierre Teilhard de Chardin, mediante notas extraidas do livro de R. Toldy Naim: «Faut-il bouler Teilhard de Chardin?»

Inicialmente disse o conferencista que provàvelmente naquela assembléia mui poucos conheceriam o autor em questão, Pierre Chardin, apontando para os drs. Túlio Chaves e Brayner, juiz de uma das varas desta capital, como os prováveis conhecedores das idéias que ia expôr.

Lembrámo-nos, então, que na véspera havíamos lido interessante artigo, inserto em LA REVUE SPIRITE, de Paris, número de janeiro-fevereiro do corrente ano, em que o seu autor, E. H. Geneslay, estuda a original personalidade dêsse cultíssimo jesuita que foi Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), «um dos grandes nomes do pensamento contemporâneo», conforme a expressão do citado Geneslay e, lembrando-o, verificámos assim o quanto é importante para uma doutrina, que pretenda servir à cultura intelectual e moral da contemporaneidade, atender à advertência do apóstolo dos gentios: Ler e conhecer tudo para escolher o melhor...

Terminada a leitura dessas interessantes notas que Toldy Naim escreveu sôbre Teilhard de Chardin e que Canabarro Reichardt soube comentar com a verve que o caracteriza, foram abertos debates pelo dr. Brayner que, inicialmente, fez severa crítica às idéias do jesuita, entendendo que êle se portou de modo inconveniente, pois expendeu idéias contraditórias sôbre princípios aos quais a igreja tem dado características indisfarçáveis, não sendo lícito a um homem submetido às regras da mesma igreja, manifestar-se tão incoerentemente a respeito de tais princípios, atentando mesmo contra o que a igreja tem claramente determinado.

Propôs, por último, o ilustre dr. Brayner, que a presidência da S. B. F. convocasse uma reunião afim de ser o assunto convenientemente debatido, com a amplitude que o avançado da hora não mais comportava, na presente reunião. Outros titulares emitiram valiosas opiniões em tôrno do empolgante assunto, entre os quais os drs. Túlio Chaves, ministro Fonseca Hermes, Deolindo Amorim, travando-se entre os dois últimos e o autor desta notícia, mui comedida troca de explicações relativas à qualificação de «vaidosa» que o dr. Fonseca Hermes deu à crença na imortalidade, sustentada pelos espiritualistas de tôda ordem, achando S. S. que muito mais modestos são os materialistas, a cuja escola pertence, por isso que vivem, trabalham e morrem, contentes por haverem prestado seus serviços à humanidade, sem pretenderem continuar seus esforços além do túmulo...

Por nossa vez, coparticipando dos debates, fizemos ver que há duas maneiras de aplicar a nossa inteligência ao exame de questões da natureza dessas suscitadas por Teilhard de Chardin: ou submetendo-nos às convenções humanas, a tôda espécie de coação exercida sôbre nossa mente pelas conveniências sociais ou de outra qualquer espécie, ou livremente usando dos atributos de raciocínio que nos foram concedidos por Deus. Com esta última disposição, também coparticiparíamos das próximas tertúlias, destinadas ao esclarecimento de tão importantes temas filosóficos, sendo-nos mesmo assegurada no próximo mês de setembro, como a Deolindo Amorim, o uso da tribuna, para expormos aos nossos confrades da Sociedade Brasileira de Filosofia, os pontos de vista dos que alí defendem os princípios básicos da «NOVA REVELAÇÃO», «Moderno Espiritualismo», ou ESPIRITISMO, *tout court*, conforme o qualificou Rivail, esclarecido codificador de tão bela Doutrina

A respeito de Chardin, antes de apresentar suas idéias, oferece-nos Geneslay, já acima citado, os seguintes dados biográficos: «Nasceu a 1.º de maio de 1881 no castelo de Sarcenat, perto de Orcines, pequena aldeia entre Clermont-Ferrand e *le puy de Dôme*. Foi o quarto de uma família de onze filhos. De sua mãe, fervorosa cristã, cujas qualidades eram comparáveis às da mãe de Lamartine, disse êle, ao saber de sua morte em 1936: «É a ela que devo o melhor de minha alma». De seu tio, um erudito, adquiriu o gôsto das coisas da natureza: ainda muito criança reuniu uma coleção mineralógica. Em 1899 entrou para o noviciado dos Jesuítas, em Aix. Recebeu ordens em 1911. Mas, já então, sua paixão pelas ciências naturais vai determinar sua existência de pesquizador e de sábio autêntico: foi pôsto à disposição do Museu de História Natural de Paris. Deram-lhe uma cadeira de geologia no Instituto Católico. Sobrevém a guerra de 1914-18: seis irmãos Teilhard são mobilizados; dois tombam no campo de honra e quatro sobrevivem. Pierre é padioleiro *(brancardier)* em um regimento de caçadores marroquinos. Consome-se em fadigas nas batalhas de Artois, de Verdun, de Somme, sem pretender outra graduação além de cabo. A medalha militar e Legião de honra foram recompensa de seus magníficos serviços.» Eis o homem. Suas idéias veremos a seguir.

DOIS IMPORTANTES CONGRESSOS ESPÍRITAS EM 1963

O 6.° Congresso da CEPA em Buenos Aires – O 20.° Congresso Internacional em Filadelfia

Transcrevemos o apêlo abaixo publicado por LA IDEA órgão da Conf. Espírita Argentina, n.° dez. 1961, agora sob nova direção, do confrade Natalio Ceccarini H.

—«O Congresso de Buenos Aires servirá para uma maior consolidação da CEPA (Conf. Espírita Pan-Americana), pois tem-se boas esperanças que então haverá o reencontro definitivo das organizações representativas dos países afastados dêsse movimento. Principalmente confia-se que o Brasil espírita volte à CEPA para dar-lhe a fôrça que ainda necessita e prestigiá-la com a ação extraordinária cumprida por milhões de espíritas da pátria de B. Menezes e Batuira.

O Congresso de Filadelfia terá como ponto básico de suas deliberações o tema da reencarnação, aspecto fundamental da filosofia espírita na codificação Kardeciana, e ainda não bem estabelecido na corrente anglo-saxônica do Espiritismo.

Ambos Congressos de induvidável ressonância e transcendência nos âmbitos da América do Norte e do Sul, exige que se vá tomando as providências necessárias para o seu êxito e a responsabilidade de preparar-se os trabalhos doutrinários para dar validez a indiscutíveis princípios de interpretação.»

Esperamos que a Federação Espírita Brasileira e o Instituto de Cultura Espírita, do Rio, articulem para breve, participação do Brasil em ambos conclaves.

C. Pimentel

S. André, 11-4-62

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

X – EVOCAÇÕES E INVOCAÇÕES

Falei ao fim do último escrito no frei Boaventura, autor do livro «O Espiritismo no Brasil» e a propósito vamos hoje juntar na mesma pincelada o espiritismo e o catolicismo.

O nobre adversário sr. Carlos Imbassahy parece ter entrado na arena contra mim a partir de uma frase minha que foi colher nas páginas do padre. Lá está o que diz: — «Temos presente um excerto do Dr. Andrade e de que valeu o habilidoso Frade Boaventura Kloppenburg, em seu livro sôbre o Espiritismo no Brasil. O inteligente Frade está em sua função. *O mesmo se não pode dizer do Dr. Osmard.*» (O grifo é meu). E mais adiante, lamentando a minha provável tomada de posição em favor da igreja:—«Tôda a catolicidade assim como tôdas as Academias rejubilam com a farrusca. Talvez não haja cidadão de sobrepeliz ou de capelo que, empunhando o volume de 460 páginas, onde o Frade Boaventura condensou o seu florilégio científico não esteja a exclamar de milhares de púlpitos ou de dezenas de cátedras: — «Vejam o que é o Espiritismo pela pena de um disserto escritor e respeitável acadêmico...»

A coisa dita assim, faz realmente supor que eu combata o espiritismo em favor do catolicismo. Foi realmente habilidoso o «manhoso do frade» (expressão do Imbassahy em carta que me dirigiu) ao colher a frase que lhe interessava, esquecendo-se de ler o parágrafo imediato do meu livro onde eu digo também o que penso das práticas religiosas católicas.

Aliás, o próprio Imbassahy verificou isso posteriormente, pois em o «Mundo Espírita» n.º 929, de 30-11-61 (nove mêses depois), descobre e faz referência àqueles meus conceitos. Apenas estranha ainda que eu continue favorecendo a igreja com o que digo, e que é o seguinte: — «O mesmo poderemos acrescentar sôbre os chamados milagres observados em comunidades católicas, e que, obedecendo aos mesmos princípios, *se bem que isento dos malefícios do espiritismo quanto ao desencadeamento de psiconeuroses* conduz aos mesmos resultados finais. O ambiente de unção religiosa, a crença fervorosa nos poderes miraculosos de um taumaturgo, de uma imagem, de uma água, criam na coletividade devotada, um clima propício e um estado geral de autohipnose». E ainda uma outra frase minha, esta já de um outro livro, o «Hipnose e Letargia», que Boaventura não quís ler mas Imbassahy reconhece: — «Houve, porém, os que, no meio de tantos cegos, conseguiram salvar um ôlho. E percebendo que nada melhor existe para conduzir manadas que ajustar-lhes antôlhos, fizeram-se ministros e pastores».

Eis uma parte do que penso também do catolicismo. Foi realmente manhoso e habilidoso o inteligente Frei Boaventura. Tirou de mim o que lhe interessava e jogou-me na fogueira da «inquisição» espírita. E se faço referência aos malefícios do espiritismo, isto não corresponde a negar o descalabro que a igreja tem representado para a evolução social e cultural da humanidade. Mas num livro de medicina, que JAMAIS PRETENDEU SER UM ENSAIO SOCIOLÓGICO OU HISTÓRICO, não me cabia falar disso, nem dos claustros, dos jejuns, das macerações, dos cilícios e das flagelações voluntárias que também conduzem a estados patológicos, como bem lembrou o sr. Imbassahy. O meu assunto era hipnose, não era inquisição nem queima de herejes nos circos de Roma. E dentro do assunto, não posso esconder que o espiritismo, por suas práticas de indução de inibições e alucinações mal conduzidas, provoca MESMO o desencadeamento de psiconeuroses e outros males. O resto, os malefícios da igreja, são outra história. Sou daqueles que acreditam que se juntarmos tôdas as guerras, tôdas as hecatombes mundiais, tôdas as epidemias e tudo que possa ter concorrido para a involução e a desorganização social do mundo, tudo isto é suave carícia perto da influência da igreja. E, como Clemenceau, só creio que o mundo realmente melhore e dê um pulo para a frente no dia em que o «último padre fôr enforcado na tripa do último rei». Mas isso, caro amigo Imbassahy, não é assunto para um livro de hipnose médica. Concorda?

E quanto ao ilustre e inteligente Frei Boaventura, não posso negar que escreveu um livro excelente como documentário. Na minha opinião (de médico e não de religioso, porque NÃO SOU CATÓLICO e nem professo nenhuma religião conhecida ou por inventar-se), Boaventura reduziu o espiritismo a subnitrato de pó-de-nada... Apenas, como fanático religioso — e isto é, sinceramente, de lamentar-se — foi faccioso, tremendamente faccioso, puxando visível e violentamente a braza para a sua sardinha. E tal fato, triste é reconhecer, veio empanar o brilho de sua documentação e prejudicar o valor histórico, social, moral e científico de sua obra.

Querem ver? Leiamos alguns trechos do seu livro no qual — agradeço-lhe a distinção — sou tão honrosamente citado.

«Nós, católicos, não somos materialistas. Admitimos a espiritualidade e a imortalidade da alma humana. Nossa fé cristã nos ensina que a alma, depois da separação do corpo (morte) continua viva e consciente. A vida terrestre é apenas transitória e de provação, dependendo dela o estado feliz ou infeliz da alma depois da morte». (pg. 169).

«Admitimos ainda que todos êstes sêres espirituais podem, com a permissão de Deus, comunicar-se sensìvelmente conôsco cá na vida de provações terrestres (aparições, revelações, milagres)» (pgs. 169/170).

«Podemos ou não podemos provocar uma comunicação perceptível com o mundo dos espíritos? Pois as comunicações espontâneas dos espíritos com os homens é terreno pacífico e eram admitidas e aceitas muito antes do moderno surto espiritualista». (pg. 170).

«Agora interessa apenas deixar clara a diferença essencial entre o fenômeno espontâneo (*descida do espírito*) e o provocado ou espírita. Mas verifica-se desde já que a NEGAÇÃO DE UMA NÃO IMPLICA NECESSÀRIAMENTE A NEGAÇÃO DA OUTRA. Se eu nego, por exemplo, a possibilidade e a realidade do fenômeno espírita (isto é, provocado) não contesto com isso nem a realidade nem muito menos a possibilidade do fenômeno espontâneo. Vê-se ainda que o fenômeno espontâneo É MUITO MAIS PROVÁVEL que o provocado». (Pg. 177).

«Muito antes do Espiritismo, nós católicos admitíamos a existência de espíritos e a possibilidade de uma comunicação espontânea do além com os homens». (Pg. 177).

Como vêm, é espiritismo do mais autêntico. Nem mesmo o sr. Casella conseguiria produzir coisa tão boa em matéria de doutrinação espírita. Faz lembrar, muito de perto, o próprio Allan Kardec. E no entanto isso que aí está foi escrito por Frei Boaventura Kloppenburg.

Mas há uma diferença, quase ia esquecendo. E essa diferença é fundamental, na opinião do bom frade. Querem ver?

«Várias vezes nos objetaram que também nós católicos evocamos os mortos quando rezamos aos santos. Mas isso não é verdade: *não evocamos, mas invocamos os Santos*. Dirão que as palavras *evocar* e *invocar* são sinônimas. Etimològicamente pode ser, mas realmente os conceitos são bem diferentes: Quando o espírita «evoca» um espírito êle quer que o espírito desça, baixe e se comunique perceptivelmente com a gente; quando o católico «invoca» um Santo, êle quer que o Santo por assim dizer suba ao trono de Deus para interceder por nós...» (Pg. 180)

Como viram, há uma grande diferença. Uma coisa é pedir ao santo para descer: outra, *muito diferente*, é pedir-lhe para subir... Uma coisa é invocar, outra é evocar.

E o sr. Casella ainda se zanga com as minhas ironias. Como se fôsse possível levar certas coisas a sério.

Mas ainda tem mais. E agora pasmem com o que vão ler: —

«Mesmo que nos provem, COM TÔDA A EVIDÊNCIA E COM TODO O RIGOR CIENTÍFICO que os espíritas ou umbandistas conseguiram DE FATO provocar uma comunicação perceptível com algum ou com muitos espíritos, ISSO EM NADA AFETARÁ OU MODIFICARÁ NOSSA FÉ OU NOSSO COMPORTAMENTO» (Pg. 170) — «Para resolver a questão *moral* da prática do Espiritismo, pouco importa saber SE OS ESPÍRITAS DE FATO CONSEGUEM OU NÃO EVOCAR ESPÍRITOS EM SUAS SESSÕES; pois se o conseguem, não há dúvida a respeito da evocação, e por conseguinte, da DESOBEDIÊNCIA (às leis do Senhor); se não o conseguem é certo que êles têm ao menos a *intenção*, o propósito ou a vontade deliberada de evocar e, portanto, de transgredir um mandamento divino; e isso basta para um pecado formal» (Pg. 197).

E isso basta, dizemos nós, para se mudar de assunto. É ou não é, caro Imbassahy, de se tirar o chapéu? Até parece argumento do Casella: mesmo que me provem eu não acredito!

O êrro, porém, fundamental, de frei Boaventura, é o mesmo dos espíritas: viver acreditando em fantasmas. E o sr. Casella deseja que eu leve isso a sério.

Quer, por exemplo, que eu aceite com tranqüilidade e com a testa franzida, o fato de ter eu um espírito que se soltará de mim, perambulará por aí e um dia voltará em outro corpo, não morrendo nem desaparecendo nunca; apenas mudando de roupa. E não apenas eu mas os duzentos e tantos biliões de indivíduos que andam por aí (ou será muito mais que isso?) E não apenas nós todos, mas, como quer ainda por cima o General Cornélio, todos os animais grandes e pequenos, dos quais, por um princípio de justiça, eu não devo excluir também os mosquitos, os cocos, os protozoários, os treponemas e outros sêres viventes. E não apenas os animais, como ainda insiste o mesmo ínclito cabo-de-guerra, mas também tudo que vive, o que me obriga a atribuir uma alminha a tudo que é mangueira, beringela e fruta-pão. E como se ainda não bastasse, porque deixar sem alma, como insiste o brioso militar, as pedras, os cristais, e as gotas de água? E como se já não fôsse demais, ainda devo admitir que em cada «colônia» do além, existem mais de um milhão de espíritos desencarnados esperando vez, na fila da volta. Como, ademais, a população mundial, pràticamente, dobra em cada século, certamente devo perguntar ao sr. Casella onde fica a fábrica de almas, cuja produção em série, dado o enorme consumo, deve ser à razão de tantas mil toneladas de espíritos por minuto. Prometo levar isso a sério, Casella.

Devo também levar a sério o que fiquei sabendo, por intermédio do produtor de livros psicografados Francisco Cândido Xavier, sôbre a colônia do além, chamada «Nosso lar», onde há ônibus, televisão, governadores, comícios políticos, ministérios, eleições, compras de casa com dinheiro a tanto por metro quadrado construido, médicos, doenças do fígado e coisas tais das quais não devo rir. Como também devo assumir a mais profunda circunspecção diante do que fico sabendo sôbre outra colônia, a de «Aurora» onde também há hospitais, escolas, alfaiates, onde as mulheres têm sempre um ar de sensualismo insatisfeito, e onde as *relações sexuais entre os espíritos* só não são completas porque não existem espermatozóides... Prometo levar a sério, Casella.

Devo também refletir com profundidade sôbre os médiuns que, em seus centros, dão passes e receitam remédios, curando radicalmente os males de quantos padecentes ali procurem lenitivo para suas dores físicas, mas que logo após, terminada a sessão, correm em busca do doutor da esquina afim de que os livre de uma impertinente enxaqueca, que os guias não souberam curar. Como também tenho entre os de minha amizade particular, não sei quantos médiuns caritativos e bondosos, que em seus centros aliviam os padecimentos morais de seus semelhantes, resolvem todos os seus problemas angustiosos, mas vivem, em seus lares, no ambiente da mais completa desagregação doméstica e conjugal. Prometo levar isso a sério, Casella.

Devo também admitir perplexo que os espíritos desencarnados, que no dizer de Allan Kardec, percorrem os espaços e transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento, só voltem à terra para dizer sandices, referir-se a fatos passados absolutamente irrelevantes e fúteis, jamais adiantando a menor novidade sôbre coisas atuais ou distantes, e em matérias de suas especialidades (médicos, astrônomos, políticos, etc.) só saibam informar aquilo que viram acontecer enquanto viveram mas ignoram tudo o mais que de lá para cá se modificou ou se inovou. E vivam apegados a botões de camisas, como bem disse Richet, o «defensor» do espiritismo. Prometo levar isso a sério, Casella.

Não vacilarei também em encarar com a mais absoluta seriedade, as intervenções cirúrgicas espírita a que ASSISTI na qualidade de convidado ou médico, e nas quais, sem exceção de uma só, tendo exigido comprovantes radiográficos e laboratoriais da doença, antes e depois da intervenção, terminei por acompanhar os pacientes «curados» ao primeiro hospital onde se internaram e foram realmente operados, afim de que a coisa fôsse feita a sério. Pometo levar isso a sério, Casella.

Como ainda não me esquecerei de render meu preito de admiração a todos os grandes médiuns, dêste e de outros continentes, que um dia, cedo ou tarde, foram finalmente pilhados em suas mistificações e em suas fraudes ao realizarem e assombrarem o respeitável público com seus espetáculos de magia e prestidigitação, muitos dêles até, recorrendo ao vexatório recurso de esconder na ampola retal, as gazes com as quais fabricavam os seus fantasminhas. Prometo levar isso a sério, Cassella.

E um «grande saravá para Vossemecê», mestre Casella, conforme diria o bom frade Boaventura, a quem também não me esquecerei, prometo, de levar a sério, muito a sério.

A seguir: – Abstratos e Concretos.

Jorge de Capadócia

O QUE PENSO SÔBRE ÊLE

S. Jorge é, talvez, dentre todos os santos inscritos na vasta hagiografia católica, o que mais vultoso número de adeptos e adoradores conseguiu formar em todo o mundo. Sua vida, entretanto, foi muito obscura, muito velada pelas inúmeras superstições que se conhecem planetando em tôrno do seu nome; a sua personalidade também teve a mesma sorte, discutindo-se ainda hoje a sua verdadeira identidade.

As enciclopédias registram, apenas, que algumas fontes o identificam com o jovem que, segundo narração de Eusébio e Lactâncio, teve a coragem de rasgar o edito de perseguição aos cristãos, afixado à porta do palácio imperial de Nicomédia. Segundo tradições mais antigas, descendia de família nobre da Capadócia, mas vivia na Palestina como tribuno militar, ao tempo de Diocleciano.

E' de justiça acrescentar aqui o fato de que a sua grande popularidade não decorre da sua canonização pela Igreja Católica e muito menos ainda essa popularidade tomou vulto com o beneplácito dessa Igreja, como veremos.

Os escritos sôbre a vida dos santos, como sabemos, têm como origem: 1.º as revelações antigas, conhecidas sob o nome de *atas dos mártires*; 2.º as listas litúrgicas dos santos conservadas nos *dípticos* (entre os romanos, *dípticos* eram tabuinhas duplas, que se abriam e fechavam à maneira de um livro, em cujas superfícies internas cobertas de cêra se escreviam, com o auxílio de um estilête, os nomes de santos e benfeitores, dos catecúmenos e dignitários) das diferentes catedrais, como sejam os *martirológios* da Igreja do Ocidente e *menológios* da Igreja do Oriente; 3.º as *biografias,* escritas por testemunhas oculares ou por autores contemporâneos; 4.º os *inquéritos* e as *bulas* de canonização desde o século XIII.

Êsses documentos, como alegam as autoridades eclesiásticas, não têm o mesmo valor, sendo considerados alguns dêles como apócrifos, outros como deturpados, etc., necessitando, por isso, da revisão dos críticos especializados no assunto.

Pois bem, Barônio foi o primeiro crítico a tentar êsse esclarecimento, com a revisão do *Grande Martirológio Romano*, em 1586. Bolland e seus continuadores, os *bollandistas,* a partir de 1643, começaram as *Acta Santorum,* coleção completa de todos os monumentos originais da hagiografia católica. As atas do martírio de S. Jorge foram declaradas apócrifas pelo papa Gelásio, em 494, portanto, logo após a sua morte, que se deu aos 23 de abril de 303, e por autoridade não especializada na averiguação da autenticidade de tais documentos. Na revisão de Bolland perdurou essa refutação papalina.

Como vemos, pois, pela vontade da Igreja êle talvez nem houvesse galgado a canonização e tanto isso é verdade, que essa relutância do clero católico, permanecendo latente, acaba de ser confirmada hoje pela repulsa do romanismo à sua santidade. Tôda sua grande aceitação, portanto, em diversos países, provém da sua própria valorização ante os olhos e a compreensão dos numerosos fiéis. Na Grécia, o seu culto dominou completamense a massa popular que o cognominou o *Megalomartir* (o Grande Mártir). Só em Constantinopla seis igrejas lhe eram dedicadas. Em Roma, na Itália e na Galia êle dominou no século VI. Mas o seu maior triunfo foi na Inglaterra, onde, no ano 800, foi tomado como patrono.

Quando Diocleciano iniciou a sua perseguição aos cristãos novos, S. Jorge declarou-se pùblicamente cristão e como possuia alguma riqueza, distribuiu os seus bens aos pobres. Conduzido à presença do imperador, foi intimado a sacrificar aos deuses, no que recusou-se terminantemente, sofrendo, por isso, muitas torturas. Foi, depois, encarcerado em uma prisão, onde passou tôda a noite com uma enorme pedra sôbre o ventre: foi aí que teve uma visão em que lhe foram anunciados vários tormentos por que havia de passar.

S. Jorge morreu decapitado e seu corpo foi trasladado para Lida na Palestina. Constantino mandou erigir um oratório sôbre o seu túmulo.

Logo após o regresso dos cruzados, passou a ser venerado no Ocidente. Foi patrono de Portugal, da Catalunha, de Aragão, da Geórgia e da Lituânia. Freqüentemente foi tomado como patrono de diversas ordens de cavalaria, entre elas as de S. Jorge Alfama, S. Jorge de Áustria e de Caríntia, S. Jorge de Gênova, São Jorge de Baviera, defensor da Imaculada Conceição, S. Jorge do Condado de Borgonha, S. Jorge de Hanover, S. Jorge de Nápoles ou da Reunião e S. Jorge da Rússia.

Na iconografia, S. Jorge é representado montando um belo cavalo branco, vestindo uma armadura de cavaleiro do século XV, tendo a sua lança enterrada no ventre de um enorme dragão. A lenda diz que S. Jorge, atendendo ao pedido de socorro de uma linda donzela que se destinava ao sacrifício do dragão, salvou-a matando o terrível monstro.

Há quem afirme que essa lenda simboliza a vitória de S. Jorge sôbre o paganismo (representado pelo dragão); a donzela, segundo a mesma versão figura a fé em todo o mundo.

Alexandre Herculano, em seu conto «Mestre Gil», diz que o mártir nada mais é do que um santo imaginário, que os inglêses introduziram em Portugal, ao tempo do rei D. Fernando e que, daí por diante, invocado tirou muitas vêzes a S. Tiago a honra de servir o seu nome para grito de arremeter.

Pelo fato de o escritor Alexandre Herculano havê-lo tomado por um santo lendário, fictício, isso em nada invalida o conceito e o prestígio espiritual do grande mártir. Nós sabemos perfeitamente que a mente cria, na realidade, tôda e qualquer mentalização que fizermos, seja para o bem, seja para o mal. Para ilustrar o que afirmamos, citaremos o interessante caso verídico que se passou com o nosso saudoso escritor Monteiro Lobato. Êle, como todos nós sabemos, foi o imortal criador do tipo nacional— *Jeca Tatu* —que tanta admiração despertou na Literatura Nacional. Jeca Tatu fôra criado pela sua imaginação fértil a fim de encarnar as qualidades invulgares de resistência física e inteligência viva do nosso caboclo sertanejo. E essa figura extraordinária por êle ideada avassalou o interêsse não só dos brasileiros como também de leitores de outras regiões de além-mar; ficou famoso tal como o seu criador. Pois bem, jamais em sua vida Monteiro Lobato poderia supor que, nos planos desencarnados, êle iria, quando para lá fôsse, encontrar vivo e real como êle próprio, a entidade da sua inventiva, o que lhe causou profunda admiração.

D. João, depois de alcançar brilhante vitória na batalha de Aljubarrota, reedificou, sob o patrocínio de S. Jorge o castelo de Lisboa, que ainda hoje conserva o nome de Castelo de S. Jorge, e ordenou ao mesmo tempo que a imagem do santo figurasse na procissão de *Corpus Christi,* a cavalo, o que se verificou pela primeira vez em 1387. No ano de 1168, já existia em Lisboa a antiga igreja de S. Jorge de Arroio.

Donatelo imortalizou a figura do grande santo numa bela estátua de mármore, em Florença. Também no Louvre existe um magnífico quadro de Rafael, lembrando o vencedor do dragão. Êsse mesmo pintor deixou igualmente outro quadro de S. Jorge, pintado para o duque de Urbino e que foi por êste príncipe oferecido a Henrique VIII, rei da Inglaterra.

E assim, como vimos, êsse mártir de Capadócia fàcilmente estabeleceu, no Espaço, uma verdadeira autarquia espiritual, tendo como garantia a sua bela tradição. A hegemonia religiosa do destemido e virtuoso mártir foi um fato que provocou admiração de milhões de pessoas. Ainda que tôdas as igrejas do mundo o repudiassem agora, jamais se abalaria o pedestal do seu trono assente nos quatro cantos do mundo.

Seja como fôr, portanto, S. Jorge existe realmente no coração de milhões de criaturas e por si só êsse santo já constituiu uma verdadeira Igreja que perdurará por tôda a eternidade, na memória dos povos.

Finalizando as considerações feitas aqui sôbre êsse mentor espiritual, na minha conceituação é grandioso o vulto da sua personalidade, pois, os fluidos que dêle emanam e que provém de Deus têm alevantado centenas de espíritos combalidos pelo infortúnio nas lutas acerbas da Terra, tem estancado lágrimas e insuflado alento a espíritos que vergados sob o pêso das provas purificadoras estavam prestes a sucumbir! O seu esplendor espiritual continua sendo um sol tonificando para quantos necessitam de um apôio sólido e confiante.

Rodolpho dos Santos Ferreira

Osasco, (S. Paulo), 27 de abril de 1962

Serões Bíblicos - VIII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo VIII)

— Se o trabalho não tivesse esta função moral, que ganhariam Deus e Jesus com o não cessarem de trabalhar? Cristo ensinou a pedir o pão de cada dia, enquanto que os diabólicos homens de negócio o amontoam para muitas gerações. O resultado final é que tais homens se invertem por tal forma, que acabam cuidando ser a mesma alma corpo, donde dizerem, como aquêle outro louco do Evangelho: «— Minha alma, come bebe e regala-te, pois tens muitos bens em depósito para largos anos» (Jo. 10,9). No entanto, diz o texto, naquela noite se pediria contas da alma daquele insensato, pelo que Cristo interroga: — E teus bens para quem ficam?

— Como se vê o homem econômico age como o «Aprendiz de feiticeiro», movimentando fôrças que depois não pode controlar, em razão do que é tragado por elas. O homem tem que ser maior, isto é, mais sábio, do que o exige sua função; tôda vez que a função é maior do que o homem, mais complexa, além da sua sabedoria, êle sossobra. Aquêle quanto que o concertista de violino ou piano nos revela, no salão musical, é apenas a média ou mínima parte da sua cultura e recursos; ai daquele que, para executar a sua peça, dá o máximo. O mesmo ocorre com a política, com a literatura, e, por que não, com a economia? Só um filósofo poderia manobrar as riquezas como coisa exterior a si, pelo que não se corromperia; no entanto êle foge das riquezas na mesma proporção com que também elas fogem dêle...

— Agora já se pode compreender a justeza, o acêrto, a sabedoria que vai nas palavras de Jesus, quando nos recomenda o desprendimento das coisas da vida, e o não nos inquietarmos pelo amanhã, visto como cada dia trará consigo as suas dificuldades (Mat. 6, 34). O valor supremo do trabalho, por conseguinte, consiste na elevação do homem sôbre si mesmo, com que aquêle vem a ter valor moral, e não só econômico. Eis aqui o que os adâmicos não entenderam, buscando o resultado só econômico do trabalho e não o moral. E como a economia é uma fôrça que, uma vez desencadeada, segue o seu curso, por si mesma, automàticamente, como a fôrça mágica do «Aprendiz de Feiticeiro», e tanto que a filosofia popular diz, com acêrto, que «dinheiro dá dinheiro», por isso o argentário é um desocupado que vive a dizer que tempo é dinheiro. A indústria gira, a contabilidade controla, o cérebro eletrônico faz as previsões e a estatística, os engenheiros e economistas planejam e administram, e o argentário enche os bolsos, vive em ócio, fuma charutos de palmo, mantém apartamentos com belas cortesãs, entra para a súcia dos que compram deputados, impõem candidatos à governança, movimentam o mundo sendo os reis da Terra. Assim fazia Adão no orbe do sistema planetário de Cabra. Tratava-se, como se vê, de sêres altamente especializados, diferenciados, porém não coletivamente integrados. O capital, ao invés de ser *individual, com função social* (socialismo do Cristo), era *capital individual, com função individual*, como é o capitalismo e de todos os tempos e de todos os lugares.

Chilon — E na Russia? como é o capital no comunismo?

Árago — Não nos percamos em pormenores, desprezando a unidade que deve enfeixar tôda a variedade. Portanto, entre parêntesis: a fórmula prática do bolchevismo, não a teórica, mas a prática, é esta; *capital social, com função individual.* O capital é social, porque ninguém é dono de nada, e tudo é do Estado; mas o usufruto é da meia dúzia dos que mandam, em proveito próprio como sempre foi, entre involuidos. E' assim que os Srs. do Kremlin têm tudo, enquanto um mineiro de carvão não tem nada, porque lá, como em tôda parte, ninguém se preocuparia com êle. Os russos são substancialmente como nós, são gente como tôda gente, ainda sem consciência coletiva ou sentimento evangélico. Para se conhecer esta verdade não é preciso ir à Russia, andar em automóveis por onde os russos nos quiserem levar; basta só conhecer a psicologia do homem. Não adianta enfeitar a besta humana, para dissimular o que ela é; o filósofo mete a mão e vai apalpar o pêlo hirsuto do bicho, por baixo das farfalhudas vestes, guizalhadas e ouropéis, mas isto tudo fica entre parêntesis; tornemos ao nosso assunto.

—Exilados, os adâmicos, do orbe do sistema da Cabra, para esta nossa Terra, quando ainda ela era primitiva, haviam de executar trabalhos sòmente punitivos e expiatórios. Está certo? isto Chilon!

Chilon — Está.

Árago — E tu, Hierão, que me dizes?

Hierão — Digo que estou maravilhado. Vossas palavras são-me pão do espírito. Porém ainda tenho fome, pelo que vos pediria continuasseis a discorrer como vindes fazendo.

Árago — Quereis ambos que eu faça, agora, a exegese das palavras proferidas por Deus contra Adão?

Chilon — E' certo que queremos.

Árago — Ei-la, então:

— Comerás tú, aqui, na Terra, *o teu pão,* para que aprendas, de futuro, a não comeres o alheio, como fazias no orbe da Capela. Eras ladrão, então, e pelo castigo (de castigare = tornar casto) te purificarás. Comerá o teu pão com *o suor de teu rosto,* para que não venhas, de futuro, a o comer com o suor do rosto alheio, como fazias no orbe capelino, onde exploravas os teus irmãos. Bem te ordenei não comeres do fruto da árvore da ciência do bem e do mal (que é a razão), porque ela foi posta no meio do jardim para teu estético deleite, ou nutrição espiritual. Mas tu, desprezando esta função divina da racionalidade e da ciência, pelo que ela é bem, quiseste com ela encher tua barriga, o que é mal. Usaste-a para produzir comodidades, e não para subires a mim por meio dela. Enquanto a máquina, filha da tua inteligência, executava o teu labor mais duro, tu te entregavas aos ócios vis que são o pai de tôdas as degradações. Usaste vossa ciência do bem e do mal, só para o mal, porque, no trabalho que não podia executar tua máquina, nêsse escravizavas teus irmãos, de cujo suor comeste. Eis por que a ti te digo agora que comerás o teu pão, e ainda com o suor do teu rosto, e não o pão alheio, nem do suor alheio!

— E tu, mulher, que fôste sempre a inspiradora do homem em todos os eventos, que estiveste sempre presente no seu pensamento, porque o inspiraste a usar mal a ciência que deve ser do bem, por isso serás agora escrava dêle nêste mundo onde a besta impera e a paixão domina. Sendo tu mais fraca, e êle mais forte, nêste reino da fôrça, êle será o teu senhor, e tu, sua serva. As tuas vaidades e desejos insaciáveis, as tuas exigências maquinadas pelo diabo (eis a serpente), na ociosa oficina da tua cabeça, fizeram do homem um escravocrata e um ladrão. Tu, lá, naquele planeta de luz, esfolavas o homem, obrigando-o a ir esfolar rapôsas prateadas nas regiões frias; ainda que habitavas as regiões quentes, que recebiam os raios amorosos da minha estrêla Capela, querias vestir-te com as peles custosas de animais raros. Veste agora estas fôlhas misérrimas, para não estares desnuda diante de mim, como gostavas de ficar diante dos homens, nos teus concursos de beleza, para lhes provocar a luxúria, naquele grande paraíso que perdeste!

— Os trabalhos e canseiras de escravizador e de ladrão, desenvolveram, no homem, as fôrças físicas e intelectivas, para que seja forte agora sôbre ti; e tu, porque ociosa, então, sê, agora, fraca e tímida, e escrava sob êle. Tu serás para os seus desejos, por isso que lhe exarcebaste as paixões mais vis; da sua posse sôbre ti nascer-te-ão filhos, e com dores os parirás, porque aqui não os poderás evitar como o fazias no orbe da Capela, onde bem os podias ter sem aflições!

— Enquanto Cristo, o Filho meu

não nascer de ti, para dizer aos teus acusadores: «Atire a primeira pedra o que estiver sem pecado!» enquanto isto não se efetivar, tu serás repudiada, e perseguida, e apedrejada. O ciclo de civilização que ora abro, porque baseado na fôrça, até que venha Aquêle cujas palavras será um Evangelho, para um ciclo novo, que será o da justiça e o do amor. Etc., etc...

— Estás contente agora Hierão?

Hierão — Se estou? Vou me agora, que já é tarde, porém tranqüilo e feliz. Nunca pensei pudesse achar tanta beleza e consolação em toda a minha vida. Agora, parece que até amo mais aos homens, e mais quero servir ao meu próximo. Nenhum pescador terá mais ânimo que eu, amanhã, para puxar as redes para a praia. Destes vós, ao meu trabalho humilde, um sentido cósmico. Se me dissesseis, como outróra, Cristo, a Pedro: «deixa tua rêde, e segue-me», certamente vos seguiria por onde quer que fôsseis!...

Árago — Guardadas as devidas proporções, isso pode ser. Mas que é isso? Chilon! tu estás chorando? E tu, Hierão, te maravilhas tanto? Pois tal é a fôrça e a beleza da filosofia, meus amigos, feita de dialética e de lógica. Há nela a beleza duma sinfonia de conceitos que variam a partir de um tema básico, central.

— Todavia hoje ficamos por aqui, que já é tarde. A outra questão levantada por Chilon, a que indaga se as labutas e canseiras da vida acabam com o pó da sepultura isso fica para outra oportunidade, querendo Deus.

Crônica Estrangeira

AS MÃOS DA COMPAIXÃO

Por Cynthia Allen—«Estudos Psíquicos»

Isto aconteceu há muitos anos, mas as minhas impressões do que ocorreu naquela noite continuam mais vivas do que nunca.

Nessa altura meus pais viviam num dos mais encantadores postos de montanha do norte da Índia; e porque meu irmão tinha uma digressão de muitos dias, a esposa decidiu passar com eles as últimas semanas que antecediam ao nascimento do seu primeiro filho, pois tínhamos a certeza de que era um rapaz. Nenhum filho jamais foi esperado com maior ansiedade e expectativa do que o seu.

A data devia ser perto do dia 26 de Julho. Cheguei a casa no dia 27 e o berço continuava vazio!

— Então, nada de bebé?

— Não — respondeu minha mãe; mas quando regressares na próxima semana já cá o encontrarás, para o festejarmos.

Voltei ao meu trabalho no Jardim-Escola, esperando com ansiedade o outro fim de semana; mas, justamente nessa tarde, recebi uma mensagem urgente:«—Se queres ver a criança viva, vem imediatamente. Mando-te transporte».

Nos primeiros momentos fiquei desorientada. Depois, lembrando-me de que não havia tempo a perder, dirigime ao escritório do Director e pedi-lhe uma licença de emergência. Logo que a obtive entrei para o «dandy» e com a fôrça dos quatro *coolies* subi a montanha.

Viagem alguma me pareceu tão longa, apesar dos esforços dos moços e das preces que elevei ao céu.

Quando cheguei à casa encontrei meus pais num estado de ansiedade febril. Ninguém tinha dormido ou descansado desde a noite anterior e explicaram-me que, nas tentativas de trazer o infante ao mundo, o forceps tinha-lhe ferido a cabeça, possivelmente o cérebro, e o seu estado era gravíssimo.

— Mas eu oiço-o chorar! Está vivo, então?!

— E' isso mesmo, minha filha. Não parou um momento de chorar desde ontem à noite, Pára algumas vêzes, mas volta a gritar, como se sentisse grande dor. E' horrível!

Entrei no compartimento e contemplei a pequena porção de humanidade no seu berço, lutando pela vida. Comoveria um coração de pedra! A face da mãe confrangia-se num ricto de angústia.

Não se pode acalmar a dor? — perguntei à parteira.

— Fiz tudo o que era possível. Nada se pode fazer mais. E o bebé não melhorará. E' questão de horas.

— Mas você não vai deixar a criança morrer assim... Não pode o doutor dar-lhe qualquer coisa que o faça dormir? Creio que o sono ajudaria!

— Isso é fácil de se dizer! Se o tivesse visto durante estas 24 horas! Está a desaparecer!

— Não percamos a esperança. Vou tentar adormecê-lo.

— Nada pode fazer. O médico fez o possível. Deixe a criança em paz!

Olhei-a com dureza e declarei:

— Mesmo assim vou ver se o faço dormir, ainda que seja só por momentos.

A parteira aquiesceu com relutância e deixou-me só com êle.

Levantei-o com muita cautela e sentei-me numa cadeira de repouso com êle nos braços. Acariciei-lhe levemente a testa, enquanto a mãe olhava ansiosamente: «Dê-me aquêle copo de sumo de laranja»—pediu-me. Dei-lho e, pouco depois, dormia, inteiramente esgotada.

Então dei ao bebé um pouco de sumo e vi que o ingeria.

E assim foi tôda a noite... E o choro da criança não cessava... Mas eu não desistia, até que de madrugada parou repentinamente de chorar e a sua face encheu-se de serenidade. Julguei-o pior, mas senti-lhe a respiração. E agora dormia, naturalmente!

Minha cunhada e meus pais ficaram felicíssimos ao ver o sôno da criança.

— Como foi isto? Como fizeste? — perguntaram.

—Fiz-lhe uma pequena massagem sôbre a testa — e orei.

—É um milagre! Deves ter mãos curadoras!

Talvez eu as tenha, porque não é esta a primeira vez que ajudo uma cura «in extremis».

E o bebé recompôs-se. Se os recursos da cura espírita fossem mais conhecidos no estrangeiro, como o são aqui, tenho a certeza de que muitos doentes se teriam curado, sem o tormento de operações ou drogas.

* * *

CHEKHOV E BERNARD SHAW DITAM DO ALÉM PEÇAS DE TEATRO — O GENRO DE KRUSCHEV TEM SUAS DÚVIDAS — UMA MÉDIUM, MÃE DE TRÊS FILHOS, É A PSICÓGRAFA

Subordinada às epígrafes acima, *Faro de Vigo* (de Vigo, Espanha), publicou, em sua edição de domingo, 4/2/62, a seguinte notícia, que julgamos digna de meditação:

«Uma estranha polêmica artístico-espiritualista vem de explodir entre Londres e Moscou. O motivo: um pacote de obras teatrais enviado aos russos pela senhora PATRÍCIA JOUDRY, animadora da Televisão inglêsa e autora da peça «Dia depois das trevas», recentemente montada em Londres pelo Teatro de Arte. «As obras que vão nêsse pacote—esclarece PATRÍCIA JOUDRY — me foram ditadas pelos espíritos de CHEKHOV e BERNARD SHAW».

JOUDRY, em sua vida privada Mrs. JOHN STEELE e mãe de três filhos, é adepta, com todos os de sua família, do Espiritismo e é uma médium excelente, capaz de psicografar, «mediante escrita automática», as comunicações de além-túmulo. Faz algum tempo, conseguiu pôr-se em contacto com o espírito de G. B. S., que lhe vem ditando sua prolífica produção extra-terrena: dezessete obras, à razão de uma por semana. Mais do que a de PASO e um pouco menos do que a de LOPE DE VEGA.

Mr. JOHN STEELE, seu marido, um homem eminentemente prático não deixou de perceber as vantagens que pode ensejar tal intercâmbio espiritual entre sua espôsa e o outro mundo, e, nesse pressuposto, contratou um exército de secretárias, que multiplicam as cópias dessas obras-primas, para serem enviadas aos editôres e diretores de teatro de todo o mundo. E já contratou um advogado para solucionar o problema dos direitos autorais dos herdeiros de SHAW e de CHEKHOV.

Os editôres e diretores de teatro devem ter, provàvelmente, acolhido com um sorriso e um dar de ombros estas obras-primas de além-túmulo, e não se voltou a falar mais do assunto. O mesmo, porém, não ocorreu na Rússia Soviética... A indignação dos «prudentes vitorianos» de nossa época, como são, em tal matéria, os russos, encontrou na pessoa eminente de ALEXEI ADJUBEL, genro de NIKITA KRUSCHEV, um porta-voz digno da sua causa. «Esta senhora inglêsa — escreve em seu periódico *(Izvestia)* — que se chama a si mesma Santa Patrícia, pretende ser um médium. Parece que as almas de SHAW e de CHEKHOV nomearam Miss PATRÍCIA JOUDRY sua agente na Terra. De sorte que talvez possamos esperar para breve uma nova série de obras de SHAKESPEARE».

Depois de haver descrito esta combinação fantástica para fazer dinheiro como «de mau gôsto», acrescenta ADJUBEL, no *Izvestia*: «Não se tratará de uma pilhéria de Ano Nôvo? Como é que uma peça de ANTON CHEKHOV, falecido no ano de 1904, pôde ser ditatada a Miss JOUDRY *em inglês*?»

Em Londres, os STEELE lhe replicaram que, se êle se tivesse comunicado diretamente com a senhora JOUDRY, esta o teria convencido de que SHAW e CHEKHOV mantêm excelentes relações e mutuamente se ajudam, e ainda de que é SHAW quem faz, do Além, as traduções das obras do grande escritor russo. «Poderiam ser publicadas — disse Mr. STEELE — em inglês, com o seguinte nota: «traduzidas por SHAW».

As coisas se acham neste pé, até o momento. Um teatro universitário alemão vai levar à cena uma das novas obras de CHEKHOV, a intitulada «A sombrinha turca». A mesma organização anuncia outra de SHAW, de tema político, com o título de «As tardes de um galo de Bumba». Bumba é o nome de um novo Estado independente da África.»

Ao leitor inexperto nesta matéria aconselharíamos a leitura da excelente monografia de ERNESTO BOZZANO — «Literatura de Além-Túmulo», para inteirar-se do quanto andam mal informados sôbre a comunicabilidade dos espíritos desencarnados certos dos nossos irmãos russos e espanhóis...

Contribuição de OSVALDO REQUIÃO, Feira de Santana, Bahia.

Espiritismo no Brasil

EXCURSÃO DE PROPAGANDA

Continuando no seu roteiro de Conferências de Propaganda, o nosso estimado confrade Newton Boechat pronunciou mais as seguintes:

Dias 29 e 31 de maio último, na cidade de Lavras, Sul de Minas; de 4 a 15 do mês em curso, nas cidades de Joinville, São Francisco do Sul, Blumenau, Rio do Sul, Itajaí, Florianópolis (Auditórium da Fed. Esp. Catarinense), Laguna e Estreito (Florianópolis)—Santa Catarina.

De 2 a 25 de julho próximo—Para êste período a Cruzada dos Militares Espíritas (Núcleo de Natal)—RGN, está coordenando conferências nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagôas.

FUNDO DE ASSISTÊNCIA E PROPAGANDA

Há tempos, lançámos por intermédio das colunas de «O Clarim», um apêlo aos assinantes desta nossa publicação, para conseguirmos um Fundo de Assistência e Propaganda, destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», afim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina.

Desde logo, compreendendo a grande finalidade dêsse nosso apêlo, vimos recebendo a cooperação, na possibilidade de cada um, contribuição de inúmeros assinantes dessa nossa publicação, o que muito nos vem ajudando a cumprir a tarefa que nos foi confiada pelo nosso saudoso e inesquecível companheiro Cairbar Schutel.

É com prazer e com os nossos melhores agradecimentos que podemos hoje declarar, que até a presente data, as contribuições que nos foram enviadas para êsse fim e as quais estamos dando a devida aplicação somam a importância de Cr. $ 96.165,00.

Em virtude, porém, das grandes dificuldades que nos surgem pela frente, a cada passo, com as constantes elevação de preços de tôdas as utilidades necessárias ao bom prosseguimento e conservação dessas obras de Cairbar Schutel, frondosas árvores que desde há muito estão produzindo sazonados frutos que vêm metigando a fome de saber e de conhecimentos de muitos que se aconchegam à sua hospitaleira sombra, resolvemos, também, lançar esta campanha entre os nossos prezados assinantes de a «Revista», esperando dêles receber, como dos assinantes de «O Clarim», a valiosa e indispensável cooperação.

Todo e qualquer donativo que nos fôr enviado, por pequeno que seja, será por nós recebido com gratidão, porquanto, todo êle se destina para maior propagação e engrandecimento do ideal que nos é comum.

EM GUARATINGUETÁ

Sob os auspícios da U.M.E. de Guaratinguetá e da Mocidade Espírita «Luiz Guimarães de Almeida», realizou-se no dia 6 do mês de maio p. passado, a *VII Concentração de Crianças de Escolas Espíritas de Evangelização do Vale da Paraíba.*

O programa muito bem elaborado e desenvolvido, constou do seguinte:

Às 9,30 horas — Recepção às diversas Caravanas na Associação Esportiva de Guaratinguetá, à Rua Pires Barbosa;

às 10,00 horas — Aulas de Moral Cristã. Palestra para adultos;

das 11,00 horas às 12,30: Lanche ao Tempo livre à criançada;

às 12,00 horas — Reunião de Evangelizadores;

às 13,00 horas — Parte artística;

às 13,30 horas — Brincadeiras organizadas com prêmios aos vencedores;

às 14,30 horas — Encerramento.

— Gratos pelo convite e programa que nos foram endereçados.

NOSSO REPRESENTANTE EM VIAGEM

Avisamos aos prezados assinantes da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», da Zona Noroeste, compreendidas entre as cidades de Bauru a Miranda, em Mato Grosso e das localidades adjacentes, não servidas por Estrada de Ferro, que por todo êste mês serão visitadas pelo nosso Viajante-Representante sr. Dante Ferioli, aos quais solicitamos facilitem a tarefa dêsse nosso Representante, para o bom desempenho de sua árdua tarefa, a pról duma causa que nos irmâna.

DE PRESIDENTE PRUDENTE

Da Secretária da U.M.E. de Presidente Prudente, Armanda C. Meirelles, recebemos o comunicado abaixo, para o qual nos solicita seja divulgado:

«Em assembléia geral, reuniu-se, dia 20 na séde do Centro Espírita Poder da Fé, nesta cidade, o conselho deliberativo da União Municipal Espírita de Presidente Prudente, para apreciar o relatório e balanço da gestão passada. Após a apreciação e aprovação da prestação de contas, o C.D. elegeu a comissão executiva que dirigirá os destinos da U.M.E. no próximo exercício, que ficou assim constituida: — Pedro Jorge de Paula, presidente; Armanda C. Meirelles, secretária; Jacob da Costa Machado, tesoureiro; Prof.ª Zilia Biéca, diretor de estudos e Felício Carlete Bradelim, diretor de assistência social.

Na mesma reunião foi indicado, para representar a U.M.E. de Presidente Prudente, no Conselho Regional Espírita da 25.ª Região os seguintes conselheiros: Dr. Aurílio da Costa Martins, Geraldo Bueno de Campos, Mauro Bueno de Campos e Heitor de Miranda Silva.

NOTÍCIAS DE ITU

Será realizada nesta cidade, no dia 1.º de julho próximo, com início às 9 horas, prolongando-se até às 16,30 a *I Concentração Espírita em Itu — Mocidades Espíritas da Zona Ituana.*

Como é a primeira Concentração

Espírita da Zona Ituana, que as mocidades vão realizar, será a mesma realizada em apenas um dia. Será mais uma *aproximação e tomada de contacto* e preparativos para a II Concentração.

As Mocidades interessadas em tomar parte em referida Concentração, deverão fazer suas inscrições até o dia 20 do mês em curso, quando se dará seu encerramento.

Apesar de referida Concentração ser realizada em um só dia, foi elaborado um extenso programa para ser desenvolvido nêsse conclave, o qual, por absoluta falta de espaço, não podemos publicá-lo, o que muito lamentamos.

DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Recebemos o Boletim n.º 3, referente ao III Conclave Regional de Mocidades Espíritas em São João da Boa Vista, a se realizar nos dias 12, 13, 14 e 15 do mês de julho próximo. Para conhecimento dos interessados, publicamos abaixo os primeiros informes, que, a respeito de referido conclave nos foi endereçado pela confreira, Maria Euny Herrera :

a) — Para a nossa programação noturna já contamos com a presença dos estimados confrades José Brasil, jovem poeta e declamador espírita, do Rio de Janeiro, que fará no dia 12 um recital de poesia e o lançamento de seu mais recente livro «Agonia do Mundo» ; Altivo Ferreira, notável orador de Santos, que falará no dia 14 e Jacob Holzmann Netto, o grande orador curitibano que fará o encerramento do conclave do dia 15.

b) — Mesas Redondas. No domingo pela manhã serão realizadas 3 mesas redondas :

1.ª) — Mesa-redonda sôbre Evangelização da Criança, a cargo da confreira Iris Elias, de Campinas.

2.ª) — Mesa-redonda sôbre Mocidades e Pré-Mocidades pelo confrade Altivo Ferreira, de Santos.

3.ª) — Mesa-redonda sôbre Assistência Social, a cargo da Mocidade Espírita de Guaxupé.

Pedimos às Mocidades que tragam para o Conclave suas questões sôbre êsses 3 assuntos, para serem debatidos e esclarecidos nessas mesas redondas.

c) — Torneio Evangélico-Doutrinário. Segue junto a êste Boletim a relação das questões desse Torneio. Os representantes deverão lê-las e estudá-las para maior brilho do Conclave.

d) — A Mocidade Espírita de São Manuel também estará participando do Conclave, para alegria nossa.

e) Boletim Informativo n.º 2. Responderam ao Boletím N. 2 as cidades de Mocóca, Mogi-Mirim, Pinhal, Caconde, São Manuel, Passos, Poços, Guaxupé, Casa Branca, Itapira, Grupo da Fraternidade «José Grosso» de Águas da Prata, Pré-Mocidade Espírita de Águas da Prata, Centro Espírita «Vicente de Paulo». de São João da Boa Vista e Mocidade Espírita «André Luiz», de Jundiaí.

f) — 4.ª Prévia — A nossa 4.ª prévia foi marcada para o dia 21 de junho corrente. Para essa prévia já convidamos um brilhante orador espírita, que na ocasião falará aos jovens.

NOSSO REPRESENTANTE NO RIO DE JANEIRO

Recebemos carta do nosso esforçado confrade Antonio Pereira Guedes, representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», no Rio de Janeiro, comunicando-nos que, por motivo de enfermidade, não pode mais continuar nêsse trabalho e na impossibilidade de encontrar um cobrador, visto serem muito dispendiosas as viagens e freqüentemente em pura perda, devido à ausência dos assinantes em suas residências, solicitamos aos mesmos, o obséquio de procurá-lo em sua residência, à Rua Haddock Lobo, n.º 419-A, Casa XXXVII — térreo, para efetuarem os respectivos pagamentos de seus débitos.

Propomas também aos que quiserem remeter diretamente à Redação as importâncias de que são devedores, descontar o respectivo porte do valor declarado.

A todos nossos assinantes, desde já, os nossos agradecimentos.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço: Cr.$ 350,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço: Cr.$ 70,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço: Encadernado cr.$ 250,00; Brochura cr.$ 150,00

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 70,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 220,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 70,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$250,00
Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro
e na LIVRARIA BATUIRA
Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3861unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1962 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mensagem de Urgência . . . . . *De "Your Fate"*
E' Inacreditável . . . . *Carlos Imbassahy*
Espiritismo e Educação . . . . . *Osvaldo Requião*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . *V. O. Casella*
A Psicografia na Televisão . . . . *Ismael Gomes Braga*
Mentalidades... . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Uma Advertência de André Luiz . *Deolindo Amorim*
Hipnose e Espiritismo . . . . . . *Osmard Andrade*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda,. de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 300,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

Há dois mil anos
50 Anos depois
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1962 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

MENSAGEM DE URGÊNCIA

A verídica história que passamos a relatar e que em si constitui uma estranha e inédita experiência no domínio metapsíquico encheu as colunas dos jornais londrinos de 1913 de sensacionais comentários e «O Globo» relata-nos os fatos numa reportagem concisa e cheia de apaixonado interêsse. Foi o caso que determinado pároco de Kensington, após a cerimônia cantada que se realizara nessa noite na igreja, se deixou ficar ainda algum tempo no edifício, quando já o organista e o côro haviam partido. Depois de proceder a pequenos arranjos na sacristia, o pastor, sentindo-se cansado, pegou nas chaves e dispunha-se a atravessar a nave, quando viu, surprêso, a figura de uma mulher emergir da obscuridade do altar e enquadrar-se num halo de luz vindo da porta. A mulher aproximou-se do sacerdote e em voz trêmula mas harmoniosa exclamou :

— Venho rogar-lhe a bondade de ir ver uma pessoa que vive aqui perto, alguém que está prestes a morrer e clama por um sacerdote, antes que o fim se consuma. Creio que não atingirá a meia noite.

O padre sentiu-se impressionado pelos seus olhos escuros e luminosos, olhos tão cheios de silencioso apêlo. Suas vestes eram negras e a pele duma brancura de alabastro, ao passo que a voz era rica e profunda, cheia de emoção. O padre não lhe adivinhava a idade, mas pelo aspecto do vestuário pensou contar uns vinte anos. O pedido urgente da mulher não era inédito na sua vida religiosa e por isso decidiu-se a acompanhá-la.

—Tenho um táxi à espera no cruzeiro. Vamos juntos, antes que os portões da morte se cerrem sôbre a infeliz — suplicou a dama de negro.

*

A mulher de negro seguiu à frente, descendo os degraus, enquanto o pároco fechava a grande porta da igreja e distintamente ouvia o bater dos seus tacões no pavimento que os separava do táxi. Entretanto, ela, já a seu lado, explicava-lhe que o moribundo, cujo nome lhe indicou, sentia grandes apreensões pela sua alma e que a sua tranquilidade era de grande importância para ela.

Alguns minutos depois o táxi parou ante um palacete de estílo georgiano na área de Kensington e dentro em breve o porteiro agaloado abria a porta com grande surprêsa do pastor — que tocara a campaínha a pedido da desconhecida, que ficara atrás — para dizer que senhor algum ali estava doente, que, pelo contrário, seu amo se encontrava de perfeita saúde e que decerto o haviam informado mal...

— Mas esta senhora...—e o sacerdote olhou à retaguarda para procurar a sua interlocutora. Atônito, verificou que a misteriosa rapariga e o táxi tinham desaparecido em silêncio e que a rua não dava indícios de vivalma ! O porteiro, no entanto, repetia a afirmação ; mas, ante a insistência do confundido padre, começou a pensar num caso de loucura ou de embriaguez e a fechar paulatinamente a porta. Neste preciso momento, o dono da casa apareceu, curioso, a inquirir do que se passava. O sacerdote explicou-lhe, então, o ocorrido e como ali tinha chegado a pedido da mulher e movido pela sua urgência.

— Tudo isso é muito estranho — respondeu. — Estou de perfeita saúde e não tenho amigos moribundos. Só tenho ùltimamente ressentido certas preocupações espirituais. Mas, como poderia essa mulher sabê-lo ?

E o velho *gentleman*, sem mais hesitações, convidou o padre a subir ao seu gabinete e a sentar-se junto ao fogo, iniciando, sem mais preâmbulos, a síntese dos seus pesares e dúvidas, que o bom do sacerdote ia confortando com suas palavras de consolação, até que, ao agradecer-lhe o velho senhor a sua ajuda espiritual, o convidou a visitá-lo no dia de Natal, para voltarem a conversar na igreja.

*

A recordação da estranha aventura em que tão bruscamente se vira envolvido fê-la a ausência do seu interlocutor no serviço da manhã e, preocupado, após as suas obrigações, de novo se dirigiu à senhorial mansão de Kensington. Mas o mordomo, consternado e de luto, só pôde exclamar ao vê-lo :

— O meu patrão morreu sùbitamente alguns minutos depois de o senhor ter saído. Até parece obra da Providência o senhor vir quando veio.

— Mas eu não vim cá voluntàriamente ! Uma senhora de negro me chamou !

Subiram juntos à câmara ardente, de severos e ricos reposteiros corridos, que o mordomo afastou um pouco para que o sacerdote pudesse contemplar a figura estendida no caixão e que as velas mal alumiavam. Mas, de repente, os olhos do padre cairam sôbre uma fotografia encerrada numa preciosa moldura que se encontrava sôbre a mesa. Surpreendido, voltou-se para o mordomo, que estacara, e exclamou :

— Mas esta é a fotografia da senhora que me procurou, a sua cara, os seus vestidos ! Que quer isto dizer ? Diga, por favor !

O mordomo, a quem todos aquêles acontecimentos confundiam, apossou-se, então, do retrato, colocou-o nervosamente sôbre a mesa e em voz meio severa meio irônica apenas comentou, na sua ignorância das coisas do Além :

—Esta senhora jamais poderia viajar consigo em táxi, pela simples razão de que era a espôsa de meu amo morto e ela própria ter morrido há quinze anos—justamente no dia de ontem, véspera do Natal !

Eis o caso verídico e insofismável da intervenção do Além passado com o pastor da velha e pacífica paróquia de Kensington — Inglaterra.

«Estudos Psíquicos», (De «YOUR FATE»)

E' Inacreditável

- II -

Dizia-nos um guia : — É preferível perder as idéias a perder um amigo ; aquelas se modificam e êste é um tesouro eterno.

E deixariamos nossas idéias de lado, nesta conversa com o Dr. Osmard Andrade, se não fôra a nossa responsabilidade para com os diretores e assinantes desta Revista. Se de um lado são preciosos os ensinos do Dr. Andrade sôbre Hipnologia, do outro, o seu ataque frontal ao Espiritismo, numa revista espírita, poderia comprometer a doutrina, deixar mal os seus diretores e perturbar os leitores. Daí a necessidade dos esclarecimentos. É esta a razão por que aqui estamos, sem quebra de nossos laços de estima.

Receiando fazer uma síntese do artigo publicado sob o titulo — Fenômeno Espírita — lembremos alguns trechos:

A segunda maneira por que se produz a indução hipnótica nasce dentro de nós mesmos: são os estímulos internos ou interoceptivos, que caracteriza a auto hipnose. As impressões previamente recebidas são ponto de partida de idéias, como, por exemplo, o indivíduo que se sente mal no banho porque lhe disseram que faz mal comer e logo depois banhar-se. O reflexo condicionado interno vem de um pensamento e desencadeia uma resposta de acôrdo com a imagem recebida. E daí a incorporação espírita com o seu séquito: anestesia, insensibilidade, catalepsia, falas e escritas...

Lembra os nossos reparos ao panorama que apresentou para identificar a hipnose com o Espiritismo: a concentração mental, a palavra de um presidente, a oração, a voz pausada, o pensamento no guia, na entidade sobrenatural. E' esse o *rapport,* a excitação inicial, o pensamento verbal, a sinalização por condicionamento do segundo grau. O médium é pois um *sujet* hipnótico, do tipo débil, desiquilibrado, conforme a reflexologia. Informa-nos que a percentagem dos hipnotizáveis é de 90 por cento, a dos bons de 25. Eis aí os médiuns medíocres e bons. A crença, a fé, o desejo de submeter-se, e aí está o condicionamento do primeiro grau: cria-se o foco de atenção e a inibição que isola parte do cortex, escapando apenas o ponto de ligação. Concretiza-se o estímulo indiferente e surge a idéia do Espírito, com a fala automática e todo o cortejo que a hipnose obtém por ordem do hipnotizador.

Por aí se vê, que de umas analogias vagas, nem sempre certas, como a voz pausada, o sobrenatural, o tipo, a anestesia, a insensibilidade, a catalepsia, tiram-se conclusões definitivas, irrefragáveis. Além disso, não se limitou o emérito expositor ao âmbito de umas tantas sessões, onde nem sempre há Espíritos, senão que viu todos os fenômenos espíritas naquela base, senão ainda que escorchou todo o Espiritismo num enrêdo celular. Os fenômenos de possessão ou transe, com audiência, vidência, escrita, já nos dizia em seu trabalho «são obteníveis em sessões de aprofundamento hipnótico pela somação de focos de inibição cortical.» Invoca Artur Ramos, para quem a incorporação mediúnica nada mais é que indução auto-hipnótica, e afirma-nos, enfim, que Espiritismo é Hipnotismo.

É essa aliás a voz da Hipnologia, proclamada por seus mestres na imprensa, na tribuna, nas entrevistas, e não sei se transformada em princípio.

* * *

De tudo se vê que os honrados Professores entraram no Espiritismo como os antigos exploradores nas terras ignotas da África.

Principia o estudo de nosso caro patrício pelas sessões onde a percentagem de médiuns é mínima ou talvez nula, e o rendimento mediúnico necessariamente fraquíssimo. Ora, a percentagem apresentada para os hipnotizáveis é de 90 por cento. Forel declara que todo homem mentalmente são é hipnotizável — tout homme mentalement sain est hipnotizable. Como se vê, quase tôda a gente. Já aí começa a falhar o paralelismo. Ora, sendo de 90 por cento o número de hipnotizáveis segundo o caro Professor Osmard e de 100 por cento, ou de todos os sãos, conforme Forel, todos ou quase todos os que vão a sessões deveriam ser médiuns, uma vez que o médium é o sujet hipnótico. Mas, sabem-no os que conhecem Espirismo, que o número de mediuns, numa sessão, fortes ou fracos, bons ou maus, quando os há, é extraordinàriamente pequeno. Segundo, pois, a nossa dedução, falha aí a indução hipnótica.

Declara-se que os pacientes hipnóticos, assim como os espiríticos, são do tipo débil, instável, lábil. Mas o Moll nos assegura que os indivíduos inteligentes, dotados de forte vontade são os mais hipnotizáveis. Assim pensa Weisserman, que nos fala em várias «fortalezas.» E aqui já começam as dúvidas, pelo menos no que toca ao ensino dos dicionários.

Afirma-se a dificuldade de hipnotizar histéricos e neoróticos. Declara-nos, entretanto, o ilustrado facultativo Dr. Osmard, que nas sessões espíritas se trabalha com indivíduos na maioria pertencentes aos tipos de predominância histérica e neurótica. Parece que êstes deveriam ser, pela doutrina hipnológica, os mais dificilmente hipnotizáveis. Portanto, nenhum jogo inibitório e o consequente perigo. Como se vê, o terreno não está firme.

Há mais. O quadro apresentado pelo Dr. Osmard não é o verificado nas sessões de estudo e experiências psíquicas ; basta ler-se o que recomenda o Dr. Gustave Geley em **L'Ectoplasmie et la Clairvoyance.**

Nas tais sessões perturbadoras, o que pode haver de hipnotismo não terá influência em tipos histéricos e neuróticos ; e se o cenário fôsse, de fato, hipnotizante, teriamos tôda a gente igualmente hipnotizada, porque vemos por tôda a parte aquelas circunstâncias de fundo hipnotizador. Eram essas as nossas objeções.

A demonstração do Espiritismo não tem as suas raizes nas sessões mais ou menos heteróclitas, porém na vultosa fenomenologia, ora observada ou experimentada nos laboratórios, ora manifestada espontaneamente no indivíduo, não importa o que êle pensa, ou as suas idéias, as suas convicções, a sua vontade.

Se se trata de incorporação, o manifestante se diz Espírito ; na «visão» vê-se um falecido ; na «audição», a voz se diz proveniente de um morto ; na escrita chamada automática, o escrevente se assina com o nome de um defunto ; na escrita direta, em lousas, em caixas fechadas, ou em papel que o médium não tocou, a assinatura é de pessoa morta. Na xenoglossia, ou seja a lingua falada pelo médium, que a desconhece, o comunicante se declara finado. Nas levitações ou quaisquer fenômenos de efeitos fisicos, se se interroga o médium, êle diz que o fenômeno provém de um Espirito. Nas casas mal assombradas, verifica-se que o promotor dos distúrbios e fenômenos é sempre um desencarnado. Procuram êles até o meio de provar-nos que só Espíritos poderiam produzi-los e nos proporcionam a chamada «correspondência cruzada», que são escritos de diferentes médiuns e diferentes lugares, que, ligados, dão sentido perfeito.

Chegamos ao mais complexo dos fenômenos, o da materialização ; aqui o Espírito se apresenta não só com o seu psiquismo, como com a forma que revestira em vida. E' o biôntio com o corpo, a inteligência, a linguagem, a escrita, as expressões, o saber que tivera em vida. Nessas materializações há sempre um guia, o que não deixou de merecer os reparos de muitos cépticos. É sempre um ser de outras vidas que toma corpo : É Katie-King, em Londres, com Crookes ; Bien Boa, na Argélia, com Richet ; John King com Lombroso na Itália ; Nepenthès, com os universitários da Noruega ; Stela Livermore com Charles Livermore e John Gray em Nova York ; é Stasia com Ochorowicz ; é Iolanda com a Sra. D'Esperance . . . E nos estamos reportando ùnicamente às experiências clássicas, célebres pelo número e pelos nomes dos experimentadores.

Se voltarmos os olhos para a História, veremos que os fenômenos, com as mesmas características, isto é, as da manifestação do defunto, se apresentam em todos os tempos e tôdas as épocas —, entre maometanos, judeus, cristãos ; entre os que já estabeleceram o ponto fixo para onde se devem encaminhar as almas ; o mesmo acontecia na Grécia e em Roma, onde os mortos apareciam sem a devida permissão do Olimpo. E' verdade que a manifestação é por vêzes desfigurada pelos observadores, pelos sectários, e temo-la transformada em anjo, demônio, larva, lêmure, reliquat, cascão, subconsciente, recalque ou hipnoide, conforme a crença particular do cidadão.

Não é a entidade manifestada quem tal se denomina ; ela se diz o morto ; a noção de Espírito é parte intrínseca do fenômeno, e vemo-lo declarar-se tal, apesar das sugestões contrárias e renitentes dos experimentadores.

O ser apresenta-se qual fôra em vida ; mostra os conhecimentos, as idéias que tinha e só essas ; não se sabe porque a hipnose não iria além daquilo. A Georges Pelham apresentou-se uma família que êle conhecera, e com ela uma jovem que não conseguiu identificar. — Mas é a filha da Sra. Warren — lhe dizem. — Êle muito se admira, porém não poderia reconhecê-la dez anos depois. Tal qual uma cena real com gente viva.

Em pleno parlamente inglês surge um deputado falecido. O fato foi tão sensacional que ocupou as manchetes de vários jornais londrinos, e por alguns dias : *Empire,* de 14-5-905 ; *Daily*

Express, Evening News e *Daily News* de 17-5-905. *Annales des Sciences Psychiques,* junho de 1905.

O fenômeno seria claro em Espiritismo, desde que é ensino doutrinário que os mortos presos à terra, despercebidos que estão mortos, voltam às suas ocupações diárias. O deputado voltou aos debates. Como porém se adunaria com o preparo hipnótico —, vozes baixas, atmosfera de temor e silêncio, concentração, fé, coisas ritmadas, andar pausado, solene —, aquêle rumor parlamentar, com um tal a despejar acusações ao primeiro ministro, o outro a defender as prerrogativas da coroa, um terceiro a propor aumentos, ou a tratar de armamentos e guerras, grupos a discutirem, indivíduos a se ameaçarem, e o Presidente, em vez da palavra religiosa de um diretor de sessão, a dar desesperadamente com a campainha, a que ninguém obedece? Pensamos que as assembléias se devem parecer. Pois nessa turbulência é que irrompe o fantasma. Se não é um caso especial de hipnotismo britânico, deve ser uma auto-hipnose legislativa.

Narra o grande naturalista Alfred Wallace *(Modern Spiritualism),* que uma falecida apareceu a cinco pessoas na mesma ocasião: duas a seguiram; ela desce uma escada e é percebida por uma senhora que sobe; outra, que estava numa janela, a viu por seu turno, e uma quinta percebe-a atravessando a relva.

Já não basta indagar onde estaria o foco alucinatório. Há que verificar como a hipnose daria idéia da realidade, e de tal forma, que as cinco senhoras, hipnotizadas ao mesmo tempo, não se sabe porque ou por quem, viam o fantasma como se êle fôsse objetivo, cada qual do lugar onde estava. Devia haver nessa alucinação hipnagógica o propósito de enganar-nos, dando uma impressão de realidade.

O Espírito Sebastião Bach pede à pianista Jelly d'Aranyi que não tocasse sua sonata em mi-menor, em *alegro,* pois isto não estava em seus originais, e aconselhava a fazê-lo *lentamente,* pois quando compôs a dita sonata tirou o tema da melodia de Vivaldi, e tinha em mente a grandiosidade de uma catedral. Ora, a pianista tocava como estava assinalado na edição de Davi.

Ninguém sabia nada daquilo. Depois de trabalhosa pesquisa, descobre-se a sonata e o tema; não havia nenhum sinal musical quanto ao *tempo.* O assinalado por Davi não era portanto autêntico, tal como dizia Bach. (Barão Erik Palmstierna.—*Message medianici).*

Onde estaria escondida a fonte hipnótica? Não havendo o sinal musical, onde estariam as sinalizações do 1.º e 2.º graus? Essas sinalizações é que é preciso assinalar.

Note-se ainda o seguinte fato: Nos casos de animismo, lucidez, desprendimento, irradiação, bilocação, o paciente, ou não sabe dizer onde hauriu seus informes, ou se limita a esclarecer: — eu vi, eu ouvi, eu notei, eu percebi, me disseram... Nos casos de Espiritismo, entretanto, os comunicantes afirmam-se Espíritos. De sorte que — e aí é que está a curiosidade, — acertam em tudo, dão as mais seguras e exatas informações, fazem pasmar pela verdade, pela realidade do que asseguram. Num ponto, porém, enganam-se ou pretendem enganar, é na sua gênese; dizem-se obstinadamente Espíritos, quaisquer que sejam as opiniões do operador ou do operando. Não há meio de revelarem a sugestão endógena ou exógena. É inacreditável!

Vamos a outra ordem de fatos em que é invariável e pertinaz aquela mania.

Temos a chamada literatura de além-túmulo, onde os literatos também vivem a teimar que são escritores falecidos. E' Scaramuza, um artista italiano, sem cultura literária, que se põe a escrever um «Poema Sacro», magnífico, e cuja autoria atribuiu ao Espírito Carlo Goldoni. E' o operário James, na América, que recebe de Dickens o final de um romance. E' William Sharp, que escrevia novelas geniais e se assinava Fiona Macleod, o Espírito inspirador, fato que só se veio a saber e verificar depois de sua morte, tal como se deu com o célebre romance «*A Cabana do Pai Tomás*», origem da abolição da escravatura nos Estados Unidos; a Autora viva era Henriette Beecher-Stove; os verdadeiros novelistas estavam no Espaço. E' Esther Dowen, que recebe mensagens, comédias, obras de Oscar Wilde. E' a Sra. Curren, que escreve um poema em linguagem e estilo antigos e se assina Patiente Worth, trabalho que os escritores britânicos acharam impossível reproduzir e demonstrava uma erudição filológica jamais vista na Inglaterra; Patiente dizia ter vivido na Terra alguns séculos antes; os seus escritos imortalizariam um escritor. E' Geraldine Cummins, na Irlanda, que transmite pela escrita automática, a História do Cristianismo Primitivo; os *Escritos de Cleophas* são assinados pelo Mensageiro, como os da mesa falante nas sessões de Vitor Hugo pela Sombra do Sepulcro, os da psicografia de Moses por Imperator... E' Rosemary, que recebe a voz do Egito: dá o nome de Lady Nona, diz-se filha de um faraó, e suas revelações sôbre aquêle país em tempos longinquos, com sua linguagem, seus costumes, suas inscrições, sua religião, seu governo, abalaram profundamente os egiptólogos do Arquipélago. E' Bonsard, que por visualização e tiptologia, escreve romances, comédias, filmes. E' uma jovem de 14 anos, que reproduz automaticamente a *«Vida de Joana d'Arc»* e as *«Confissões de Luiz XI»*. E' Fernando de Lacerda, em Lisboa, com as mensagens dos escritores patrícios. E Ivone Pereira, com romances e obras filosóficas, no Rio de Janeiro. E' Cândido Xavier, em Minas, com uma série de escritos em prosa e verso, de autores nacionais e portuguêses, nos seus estilos, alguns inimitáveis, e apanhados ao correr do lapis.

E se me reportasse aos casos clássicos ou históricos, poderia referir-me a Sócrates, cujos ensinos imortais perduram até hoje, mas que se dizia inspirado por um espírito. um «genio» (daimon), e êste lhe falava até nos ouvidos; a Vergilio, que escreveu a Écloga por inspiração; a Pitágoras, que teve a ditar-lhe os princípios filosóficos o Espírito Phenomenoe; a Tasso, a quem Renaud transmitiu o *Ariosto;* a Blake, a quem Milton bosquejou os seus escritos. E passo de largo pelos fundadores de religião...

É verdade que tem aparecido uns imitadores de estílo para mostrarem como a coisa é feita. No estrangeiro levam-se mêses para conseguir a imitação, nem sempre feliz; quanto aos nacionais, temos visto uns pastiches que são de penalizar os poetas mortos, e quando surge uma produção mais jeitosa, lá estão uns versos de pé quebrado e umas idéias ali metidas a gancho. Ora, os médiuns transmitem as produções ràpidamente, de vários autores ao mesmo tempo, e à vista de todos. Ainda havemos de voltar a isto.

Digamos, porém, que é de surpreender a razão por que tais *pasticheurs*, que se apresentam como médiuns, em vez de darem como suas as obras que lhes trariam glória e fortuna, escondem-se por trás de Espíritos, o que, fora a admiração de limitado número de gatos-pingados, só lhes acarreta trabalhos, aborrecimentos, injúrias, apôdos e pedras. Êles não passam por iluminados, mas por falsificadores. Haja vista o Chico Xavier, que vive a esconder-se de amigos e inimigos. É uma vida tão atribulada, já pelos que querem informes do Além, já pelos que o querem convencer da ilusão dêsses informes; assim dos que desejam que lhes digam coisas do Outro Mundo como dos que exigem que não as diga, que o médium chega a lembrar com saudades a vida pesada, ingrata e material da mocidade, ao compará-la com a vida espiritual da velhice. A imprensa clerical e científica proclama-o um embusteiro; a outra não lhe poupa ironias. Inegàvelmente, é extraordinária a vantagem do pastiche. Inacreditável!

* * *

Bem sabemos que o ilustrado Dr. Osmard, fora da fraude, não terá razões a opor-nos. Resta-lhe o desassombro de ter vindo à arena, enquanto a maioria dos seus colegas lançam pela imprensa, pela tribuna e por onde podem, seus indemonstráveis aforismos, e ficam depois a rir ironicamente e a silenciar prudentemente.

Carlos Imbassahy

Se o Evangelho alimenta a alma e lhe aponta o rumo da Verdade, lembra-te, sempre que vires um infeliz faminto, de que o único evangelho da fome é o pão. Dá de comer a quem tem fome... — JOSÉ BRÍGIDO.

Espiritismo e Educação

Meus Filhos e o Ensino Religioso

GRANDE número de pais são indiferentes ao problema da educação religiosa de seus filhos. Sem exagêro, poderíamos dizer: a maioria. E por mil motivos, entre êles o da sua própria formação religiosa, em que não foram chamados a opinar. Quando adquiriram ente de razão, surpreenderam-se com um rótulo e se habituaram, daí em diante, a ostentá-lo como coisa absolutamente natural.

Ora, sabemos que a perfeita religião não é a que o homem **tenha,** mas a que êle **viva.** Aquêles que não vivem a sua, quer recebida tradicionalmente, quer livremente buscada, não podem estar animados do entusiasmo e do senso do dever de a transmitir a seus filhos, como algo útil e bom, como algo necessário. Muitos, todavia, estão cientes de suas responsabilidades e procuram encará-las com a máxima seriedade, não consentindo que ninguém se locuplete de sua desídia. Um protestante ou um espírita, por exemplo, sabe, via de regra, como agir, quando se acha em jôgo a formação moral e mental de seus filhos.

Eis por que, na espectativa de vir ao encontro dos pais que se preocupam com o tipo de educação religiosa dispensada a seus filhos matriculados nos estabelecimentos oficiais de ensino, trazemos a público, **data venia,** a carta que vimos de endereçar à direção do grupo escolar em que dois filhos do articulista fazem o curso primário. Pedimos apenas nos perdoem omitir o titulativo do grupo e o personativo da diretora. Fazemo-lo, tanto por evitar possíveis explorações, quanto porque, em sã verdade, só objetivamos salientar uma atitude.

«Feira de Santana, 5 de junho de 1961.

Exma. Sra.
Prof.ª
DD. Diretora das Escolas . . .
Nesta.

Estimada Colega :

Sem nenhuma queixa ou reparo específico a formular contra a orientação que se vem imprimindo às Escolas . . ., ora sob sua competente e superior direção, venho, entretanto, solicitar sua prestimosa atenção para o seguinte :

Como bem sabe a ilustrada Colega, a Constituição Federal estabelece que «o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de **matrícula facultativa** e será ministrado **de acôrdo com a confissão religiosa do aluno,** manifestada por êle, **se fôr capaz,** ou **por seu representante legal ou responsável»,** (art. 168, n.° V).

Porque tenho dois filhos menores incapazes, matriculados nas Escolas . . . , quero valer-me das aludidas prerrogativas e recomendações constitucionais, e declarar-lhe, para os devidos efeitos, que sou Espírita e que reservo a iniciativa de orientar religiosamente meus filhos de acôrdo com as convicções que elegi para norma de minha conduta perfeccional na presente existência, razão porque lhe comunico, nesta oportunidade, que êles não devem ser inscritos como freqüentadores de aulas de religião diferente da que sigo, nem compelidos a tomar parte em quaisquer atos ou cerimônias da mesma estirpe.

Acho, aliás, que é dever precípuo de todo pai cioso de suas responsabilidades assumir atitudes, como a que ora, livremente, assumo, de legítima e justificável coerência com as suas convicções e, mesmo, de excepcional importância para a continuidade da indispensável harmonia que deve existir entre pais e mestres.

Sabemos que a maior parte dos pais falta capacidade de iniciativa, digamos, até, coragem, para reivindicar seus direitos em matéria de tamanha delicadeza; daí os imprevistos de que, tantas vêzes, se tornam vítimas, constrangidos a tolerar situações embaraçosas, que poderiam ter sido providencialmente evitadas, se soubessem invocar, em tempo oportuno, as garantias e liberdades definidoras da cidadania.

Cabe aqui a pervelha advertência: antes prevenir, que remediar.

Agradecido pela atenção com que quiser honrar as ponderações da presente, envia-lhe atenciosos cumprimentos o colega e amigo...»

Osvaldo Requião

Feira de Santana, Bahia, 11 de junho de 1961.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

X

Falando-se do X.º trabalho,—Evocações e Invocações—, do nosso opositor, cuidemos apenas da parte que nos afeta, dada a carência de espaço.

Quanto ao que se disse, desmascarando a esperteza do Frei Boaventura, embora tarde, não ficou mal, se bem que o dr. Osmard também revela suas habilidades, nos seus ataques ao Espiritismo, a exemplo desta sua jogada: — «...o espiritismo, por suas práticas (...) *mal conduzidas* provoca mesmo psiconeuroses e outros males.» (nossos os grifos).

Aí, a sua insinuação foi habilidosa ao ter o cuidado de atribuir a práticas —*mal conduzidas*. Não há dúvida, mas não é só no Espiritismo, mas em qualquer outra atividade, não se excluindo a medicina, a prática quando não bem conduzida sòmente poderá provocar males. Mas que sabe o dr. Osmard das nossas práticas, quanto ao se conduzirem bem ou mal, se nos seus ataques ao Espiritismo, como demonstramos na Revista de 15-11-61, só fala de macumbas e terreiros, julgando aquêles por êstes? E a mais, dada a sua incompatibilidade com os conceitos da Psiquiatria, não nos preocupa sua opinião nesse campo, pois muito mais nos vale a palavra dos grandes mestres, tal como deixáramos na Revista de 15-2-62, aquêle exemplo do saudoso Prof. Franco da Rocha que, por si só, anula tudo quanto o dr. Osmard diz do Espiritismo nesse assunto.

Vejamos agora a extensão do fenômeno espírita, da qual nada citou na sua tese para explicar como obtê-la pelo hipnotismo, apesar de tanto alardear que Espiritismo é hipnose. Para tanto, aproveitemos esta sua frase, como introdução ao nosso comentário:—«O êrro, porém, fundamental, de frei Boaventura, é o mesmo dos espíritas: viver acreditando em fantasmas. E o sr. Casella deseja que eu leve isso a sério.»

Absolutamente. Não desejamos que acredite na nossa palavra. Mas como homem de ciência, naturalmente, não vai recusar a de Richet, cujo nome está tão condignamente apresentado nas suas literaturas. Se não lhe déramos antes, conservando no bolso, a prova de laboratório do célebre fisiologista, foi para não matar a polêmica logo de início. Assim, deixando-o falar a vontade, no que dera a conhecer nada ter aprendido de ética literária, apesar de seus 15 anos de jornalismo, os leitores tiveram a oportunidade de ver no nosso próprio campo, dentro de que acanhados limites os nossos adversários combatem lá fora o Espiritismo, entre os que ignoram a amplitude básica da nossa doutrina.

Vejamos enfim «A Grande Esperança», de Richet, onde o mestre, na pág. 99 referindo-se às experimentações do célebre Crookes, dirige esta crítica aos comodistas que, de ciência, só sabem negar o trabalho dos sábios: — «E' facílimo dizer que se enganaram e que foram enganados. E' uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece. Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar ao lado do seu médium, Florence Kook, o dito sabichão pode erguer os ombros e dizer: — *é impossivel. O bom senso faz-me afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil*—. Mas êsse pobre sabichão não descobriu nem a a matéria radiante, nem o thálium, nem as ampoulas qus transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros. E pouco importa que rebocados pelo sabichão, u'a multidão de jornalistas — que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram—diga que a opinião de Crookes de nada vale. Não me admirarei. Se Crookes ainda estivesse só! Mas não! Há uma nobre pleiade de sábios (grandes sábios) que presenciaram êsses fenômenos extraordinários.»

Interessante, se fôssem de hoje essas palavras do célebre sábio, pela coincidência, todos diriam ter sido dirigidas ao dr. Osmard.

Vamos para frente, agora com uma das provas do próprio Richet, lendo-se na pág. 200: «Tive ocasião de observar, em condições de contrôle irrepreensível, um fantasma que era produzido por Marthe Béraud, na residência do General Noel, brilhante aluno da Escola Politécnica e comandante de artilheria em Argel. Êsse fantasma, que dava o nome ridículo de Bem Boa, pôde, soprando em um tubo onde se continha água de barita, fazer a água de barita embranquecer, como se a tivesse excretado de ácido carbônico, à maneira de um ser vivo. O fantasma achava-se de pé diante de Marthe que estava sentada. Fotografias esterioscópicas demonstrativas foram tiradas. Delane, os assistentes e eu vimos claramente o fantasma separado de Marthe.».

Embora todo o palavrório do dr. Osmard, de que Espiritismo é hipnose, ficasse aí sepultado, em tão poucas palavras, pois jamais explicou na sua tese como se dariam essas materializações pelo hipnotismo, vamos a mais esta declaração da atualidade, do Prof. Hornell Hart, colega de Rhine, ambos da mesma Universidade: — «Mais de três milhões de experiências, como as feitas na Universidade Duke pelo Dr. J. B. Rhine e em outros lugares, demonstraram que o espírito humano pode funcionar independentemente de espaço e tempo, como nós o entendemos. O fato de poder a nossa consciência observar e operar separadamente do cérebro e do organismo material reforça a minha crença em que a alma transcende o corpo. A teoria materialista da vida se acha na defensiva. A versão espiritual da realidade é que encontra agora apôio em provas ponderáveis.» (Seleções, maio, 1.960, pág. 102).

Veja aí agora dr. Osmard; aquilo que atribui a nós espíritas como êrro, por acreditarmos em fantasmas, são fatos comprovados pelos próprios cientistas nos laboratórios. O que está havendo, isto sim, é muita ignorância no assunto, faltando-lhe leituras sôbre a realidade dos fatos científicos. Aí está em poucas palavras a que nulidade se reduziu a sua propalada tese de que o Espiritismo é hipnose. Contudo, confiamos na sua honestidade, em que ao reeditar suas literaturas, acrescente essas verdades, ali naquele seu capítulo, onde por um lamentável êrro de interpretação, das palavras de Richet, Crookes e Rhine, atacou o Espiritismo através dêsses mesmos mestres que, como vimos, acham-se a nosso favor.

Aguardamos êsse seu ato de justiça.

E uma vez comprovada cientificamente a sobrevivência da alma, a própria razão nos induz a raciocinar que em algum lugar elas estariam habitando e evolucionando, cujos informes das condições e progressos, dêsses sêres de outro plano de vida, nos vêm dêles mesmos. E tratando-se de realidade comprovada através do tato, vista, fotografia e até da prova química, é infantilidade do dr. Osmard criticar nossa literatura psicografada, sem antes desmentir as provas do que dizem os mestres em favor da nossa tese espírita. Tal sua atitude, própria dos caçadores de popularidade, é anti-ética, jogando com a credencial do seu título acadêmico, para iludir a bôa fé dos seus leitores.

E diante dessas provas incontestáveis, com o nosso adversário abatido, sem possibilidade de recuperação, pois não sabemos o que mais poderá o dr. Osmard vir dizer aos leitores, depois dêsse golpe mortal para a sua tese materialista, poderiamos não mais nos preocupar com o que continuou dizendo nesse seu último esfôrço do seu — **Evocações e Invocações** —. Mas, para não abandoná-lo de uma vez, no seu triste desaponto, ao ver todo o seu trabalho perdido, diante de tão curtas frases, vamos reanimá-lo, atendendo ao exame desta outra sua frágil investida, quando procurou atingir pela segunda vez, mas novamente sem sucesso, o nosso digno colaborador, General Cornélio Wischral.

Como sabemos, a missão de Kardec foi demonstrar, através de sua doutrina, a sobrevivência da alma, objetivo êste plenamente atingido, conforme se comprovou até nos laboratórios, como acabamos de ver com Richet e outros. Mas, não se tratando de doutrina dogmática, é livre a seus adeptos extenderem-se em deduções, desde que se respeitem os fundamentos básicos doutrinários. Assim, o nosso colaborador, na Revista de 15-10-60, comentou a extensão da vida em todo Universo, portanto até nas pedras, determinando-a, não no conceito de espírito, que se interpretaria como um sêr individualizado, mas subjetivando-a no de alma, no sentido de potencial latente no sêio da materialidade.

E o dr. Osmard precipitou-se em criticar o nosso colaborador, sem perceber que êsse conceito da extensão da vida, sendo de fundamento evolucionista, na essência é conceituado também pelos materialistas. A diferença está que para êstes a vida se restringe à matéria e energia, de onde também deduzem as propriedades inteligentes ; enquanto para os espiritualistas essas duas conjugações cósmicas não vão além da vida vegetativa, na qual acrescentam em coexistência o atributo de alma para a vida inteligente. Mas, tanto para aquêles, adeptos da matéria absoluta, como para êstes do dualismo matéria e alma, a propriedade vivente, antes de sua manifestação nos reinos vegetal e animal, já se acha como potencial em latência em tôda a materialidade do Universo, como passaremos a ver.

A vida quando se manifestou na Terra surgiu em corpos orgânicos já construidos, os sêres monocelulares. Como a edificação dêstes corpos vivos jamais seria obra de uma repentina compulsão espontânea, a sua construção, antes de manifestar a vida, teria tido um antecedente evolutivo. Tal princípio teria se dado quando os elementos simples, no início da formação planetária, tomaram impulsos para se unirem em compostos afins moleculares, originando as substâncias minerais. Era o primeiro passo em direção à vida, cujo alvorecer se prenunciava nas combinações moleculares mais ativas que, evoluindo, alcançaram a fronteira da matéria viva, de onde seguiam para os primeiros corpos vivos organizados.

Ora, veja-se aí que a arquitetura dêstes primeiros sêres vivos é fruto de longo trabalho antecedente evolutivo. Objetivamente o homem apenas reconhece a vida a partir da sua manifestação nas primeiras edificações orgânicas, os sêres monocelulares ; mas subjetivamente se sabe que a construção dêsses corpos viventes é anterior a êsse limite originário, não se podendo concebê-los como ato de uma eclosão instantânea, por efeito de um golpe milagroso da natureza. O primeiro impulso tendo se dado com as uniões dos elementos simples, mineralizando-se, de onde se seguiram os reinos vegetal e animal, a fase intermediária entre a matéria primária e a vivente situou-se nos minerais que, neste caso, representam a etapa pré da vida. Assim, subjetivar a vida nos minerais, portanto até nas pedras, é conceito evolucionista, válido tanto para nós espiritualistas como para os adeptos do materialismo. Leia-se um excelente artigo do competente Prof. Luiz Silva, em «Difusão Odontológica» (Red. rua Marechal Deodoro, 995, Juiz de Fora, Minas), do primeiro trimestre de 1962, de onde, para amostra, tiramos êste trecho:—«O reino mineral encerra a vida; o reino vegetal representa o rudimento da vida; o reino animal marca a síntese da vida.»

Se o dr. Osmard ainda está em dúvida, desafiamo-lo a que experimente equacionar a vida planetária, sem passar pela fase dos minerais. Se conseguir, damos-lhe a mão à palmatória. Caso contrário cumpre-lhe capitular e melhor conhecer o seu materialismo, para não mais cair nesses tropêços, ao contrariar sua própria tese, a exemplo dessa sua malograda crítica, diante daquela justa exposição, do nosso colaborador General Cornélio Wischral.

Ainda, o dr. Osmard, continuando a mal informar seus leitores, foi mais longe, com ataques aos prestidigitadores de palcos e aos exploradores da mediunidade, como se o Espiritismo tivesse alguma coisa com essas atividades. E pior ficou-lhe ao devassar a vida particular de médiuns seus amigos, que lhe teriam confiado segredos familiares, no que teria deixado de alerta outras suas íntimas amizades. E com isso estaria menosprezando a intelectividade dos seus próprios admiradores, da honrosa classe médica, ao julgar iludi-los, com tão fraco padrão de ataque, pensando que assim já teria desmentido o fenômeno espírita.

Mais ainda se prejudicou, ao apedrejar-nos pelas costas, com críticas a psicografias elaboradas sob nossa responsabilidade doutrinária, como sejam, as do Chico Xavier, cujas particularidades, restritas aos estudos entre os adeptos da doutrina, estão isentas de discussão, porque a ninguém impomos aceitá-las. Contudo, se ao invés de ironias, tivesse ali cuidado da parte científica, que seria de interêsse na polêmica, os seus leitores veriam que, na verdade, as nossas psicografias não contrastam com a ciência, como acontece com as suas literaturas. Um exemplo temos nos nossos conceitos psiquiátricos, harmonizando-se com a disciplina dos grandes mestres, enquanto os das suas literaturas de hipnose são desastrosos, como bem se vê nestas poucas amostras, relembrando algo, do que já lhe acusamos até o momento:

Sem falar na sua confusão entre desequilíbrio e debilidade mentais, e mais a loucura, quando cada qual é uma entidade clínica diferente, injustiçou os diretores de Sanatórios para Débeis Mentais, de que teriam responsabilizado os Centros Espíritas pela debilidade mental, cuja declaração seria uma tolice, pois a origem dessa patologia, se não vem com o nascimento da vítima é adquirida na infância, por morbidez de comprometimento orgânico cerebral.

Também, de Hipocrates, onde se diz do predicado lábil, no sentido de tipo vivo, móvel, inverteu isso como labilidade da inteligência e, como exemplo, citou sintomas do histerismo (!). E para maior confusão disse que «Labilidade Mental» é inteligência, quando (notem o contraste) aquela característica, como bem diz a rotulagem, é de doentes mentais, os coreicos.

Por isso, com êsse seu avêsso cientificismo, temendo um ajuste de contas desvantajoso para o seu prestígio literário, acobertou-se com ironias, disfarçando sua hábil retirada, ao pretextar de que não leva a sério o que vimos dizendo. E assim elaborou suas literaturas, onde, julgando todo o certo como errado, precipitou-se não apenas contra o Espiritismo, mas até contra a disciplina dos seus próprios mestres, como lá está na pág. 7 do seu Hipnose e Letargia, criticando os atuais psiquiatras, — de já não pensarem TÃO ERRADAMENTE como os seus antecessores da idade média. Como se vê, para o nosso descuidado antagonista, o certo seriam os seus contrastes, como os daquelas amostras que, para desgôsto dos seus distintos colegas, ainda diz que aquilo é linguagem técnica médica que só os médicos a entendem.

E quanto ao se referir a «operações espíritas», não nos interessa, por não se tratar ainda de ensinos da nossa doutrina, mas sim, de sucessos mediúnicos espontâneos, segundo opinião favorável de ilustres facultativos, apoiada agora pelo dr. Osmard, que julgando tudo ao contrário, a sua oposição já seria uma inferência a favor.

Enfim, embora já deixasse sua tese ao abandono, ao recuar sob pretexto de não nos levar a sério, aquí fica praticamente terminada nossa polêmica, diante daquelas provas, de materializações, dos grandes mestres, colocando fora de ação seu conceito de que Espiritismo é hipnose, pois ninguém de bom senso vai deixar de acreditar em Richet, Crookes e Rhine, de capacidade e idoneidade irrefutáveis, com tantos feitos na ciência em favor da humanidade, para ser ingênuo em atender o dr. Osmard que, neste terreno, só apresentou confusões e contradições.

V. O. Casella

Caixa Postal 153—Araraquara—Est. de S. Paulo

A Psicografia na Televisão

O fenômeno espírita que mais tem contribuido para a divulgação do Espiritismo no Brasil é a psicografia que identifica pelo estilo o autor de um trabalho literário de arte, principalmente em versos, recebidos rapidamente diante de nossos olhos, em estilo de bom poeta.

O aparecimento de «Parnaso de Além Túmulo», há trinta anos, marcou início de uma nova era em nosso movimento, convencendo a uma geração de intelectuais da realidade das mensagens espíritas. Se os bons fenômenos de materialização constituem excelente prova, têm contra si o fato de só poderem realizar-se em pequenas rodas e no escuro ou com pouca luz, atingindo a pequeno número de pessoas, enquanto que a psicografia ocorre diante do grande público e em plena luz.

Até agora a sessão de psicografia vista por maior número de pessoas no Brasil realizou-se em 5 de Maio de 1962, diante das câmaras de televisão da TV Rio, canal 13, numa reportagem de Flávio Cavalcanti, que foi vista e ouvida por milhões de pessoas e ficou gravada em **video-tape** para o futuro.

O repórter obteve mais do que pretendia, pois que desejando entrevistar um médium, encontrou dois na entrevista: Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pessoas de diferentes idades, diversos graus de instrução: o primeiro só tem instrução primária e o segundo tem dois diplomas universitários e apenas trinta anos de idade, enquanto o outro tem cincoenta e dois anos.

Ambos responderam às suas perguntas e ao serem interrogados se seria possível receber uma mensagem diante das câmaras da TV, responderam que poderiam pedí-lo; concentraram-se durante alguns segundos e receberam em uns três minutos dois belos sonetos, simultâneamente.

Waldo Vieira recebeu um soneto de Cruz e Souza, dando-nos bela lição de Carma, contando os motivos de haver em sua última encarnação nascido negro, filho de escravos; Francisco Cândido Xavier escreveu um belo soneto alexandrino de Felix Pacheco, prometendo-nos o triunfo da navegação interplanetária.

Vamos deixar registrados aqui êsses sonetos, porque marcam em nossa esperança o começo de uma época de divulgação mais rápida de nossa Doutrina, para que ela possa cumprir sua missão de transformar o mundo e vencer para sempre o triste materialismo de nosso século que vive apavorado diante das ameaças de destruição da vida mesma no planêta.

Nas vertigens da visão

Vândalo audaz, herói das cimitarras,
Vi-me à frente de guerras carniceiras,
Fulvo tropel de heráldicas bandeiras,
Rios de sangue, lúbricas fanfarras.

Largas legiões famélicas, bizarras;
Lama, lodo, letíficas trincheiras,
Bárbaro louro em asas condoreiras,
Era o abutre da morte, inflando as garras.

Finda a pompa na clâmide funérea,
Volvo ao cárcere estreito da matéria,
Preso a ventre cativo em mar de abrolhos.

Tântalo reencarnado entre os vencidos,
Pago os troféus de torvos tempos idos,
Com lágrimas flamívomas nos olhos.

CRUZ E SOUZA

Ao encontro do Além

Homem, pára um momento onde sonhas e esperas!...
Pára e contemplas os Céus ... No Espaço, de ala [em ala,
Fulgem constelações ... A vida canta e fala
Pela tuba dos sóis em flâmeas fotosferas.

Há mundos aurorais, por divinas esferas,
Quais suspensos jardins, entre lumes de opala ...
E além, no Mais Além, a sombra circunvala
Os planetas de dor em lágrimas austeras! ...

Na imensidão do Cosmo, o Universo cintila! ...
Não mergulhes no lodo, anjo preso na argila,
Trabalha e aperfeiçoa, enquanto aprendes e erras!...

Cultiva paz e amor, nos áureos tempos novos,
E encontrarás, em breve, os lares de outros povos
Para enlaçar cantando os irmãos de outras Terras!...

FÉLIX PACHECO

Quem não veja nestes sonetos muita beleza artística e preciosos ensinamentos, deve estar prejudicado por uma cegueira fanatizante, incurável nesta encarnação, mas virão a compreendê-los em outras encarnações, quando tiverem olhos de ver e ouvidos de ouvir, ou mesmo pelo alfabeto de Braille, porque os versos ficarão na revista dos cegos publicada pela SPLEB.

Ismael Gomes Braga

Mentalidades...

DOIS mundos se defrontam, perfeitamente antagônicos, nêste ciclo definitivo da História da Humanidade: o dos homens espirituais e o dos homens materiais. Se não há como excluir os últimos da sua honrosa graduação de sêres racionais, também não há como deixar de estabelecer entre êles e os homens espirituais uma evidente diferenciação que divide a Humanidade em duas raças distintas: a dos que transitam, conscientemente conhecedores da sua condição de Espíritos, para objetivos providenciais de progresso, pelos ásperos caminhos da materialidade, sempre inteligentemente voltados para os albôres do novo dia de sua libertação carnal e a dos que fazem o mesmo percurso no desconhecimento consciente dêsses objetivos, aos quais, contudo, obedecem pela fatalidade incorcível das eternas leis de Deus, que agem a benefício dos Filhos de Deus, quer êstes queiram ou não queiram, segundo sejam Espíritos já conscientes dos seus destinos, ou ainda estejam nos estados de inconsciência moral, que carateriza muitos irmãos nossos, ainda que pertencentes às mais altas camadas intelectuais da humana espécie.

Pietro Ubaldi, em seus possantes livros de espiritualização dos homens, condicionou êsses dois tipos de homens em duas classes: a dos *evoluidos* e a dos *involuidos*, não havendo vaidades a alimentar nessa classificação, antes uma piedade imensa que nos faz verter lágrimas de amargura, sempre que nos defrontamos com alguns companheiros de jornada terrena, obsecados em um materialismo impenitente. Por êles, o que fazemos é erguer nossas preces a Deus.

Não consentiremos, porém, que nos levem ao ridículo, pois que muito amor consagramos à Verdade, contida na sagrada Doutrina do Cristo, de que o Espiritismo veio restaurar tôda a sublime evidência que o riso de mofa e os insultos do orgulho materialista, vinham tentando obscurecer, valendo-se para isso da falência das religiões sacerdotais que, apegadas ao dogma, não mais puderam conter a onda das reações que o intelectualismo materialista engendrava.

Ao riso insultuoso dos *involuidos*, capacitados, não obstante, de que são os únicos em condições de assimilar os altos conhecimentos da orgulhosa ciência hodierna, responderemos com a afirmativa peremptória da nossa fé, agora felizmente tôda firmada na lógica dos mais elementares raciocínios que nos demonstram a existência de Deus, a imortalidade da alma e a possibilidade da sua permanência constante ao lado das outras almas que ainda se acham escravizadas à carne, para amenizar-lhes as angústias do cativeiro com um convívio que recìprocamente as eleva e suaviza as agruras da existência das que ainda se encontram cativas.

A nossa mentalidade é a dos simples e ingênuos, no dizer dos corifeus dêsse materialismo impenitente que resiste a todos os chamamentos que lhes são feitos do mundo espiritual: e estamos muito satisfeitos com a nossa simplicidade e a nossa ingenuidade, pois que correspondem à nossa humilde condição de novos discípulos de Jesus, aos quais o Mestre continua advertindo: «Se tiveres fé, mesmo que seja do tamanho de um grão de mostarda, direis a êste monte: passa — e êle passará»; o mesmo Mestre que se entristeceu diante da atitude de Tomé: «Tu creste, Tomé, porque viste: bemaventurados os que não viram e creram».

Para os homens da nova mentalidade, para os evoluidos, que não se orgulham dessa condição, mas se alegram de encontrar-se nela, não há mais obscuridades nessa passagem, que tem sido tão difícil de transpôr, até agora pela humanidade e a que o Espiritismo veio dar a sublime significação de passagem das trevas para a luz, da morte na carne para a vida no espírito — e que é o fenômeno natural da desencarnação, temido como perda da personalidade pelos que não têm a mente voltada senão para as precárias realidades da matéria.

Os Espíritos têm-nos instruido satisfatòriamente sôbre as coisas do mundo invisível: aos homens, o dar-lhes crédito ou não. Aos primeiros antolha-se a Morte como o deslumbrante vestíbulo da verdadeira vida, que nos possibilita a realização das nossas mais belas aspirações de progresso intelectual e moral. Aos que não acreditam, ainda os mesmos Espíritos trazem o consôlo de lá poderem encontrar as únicas coisas em que crêem, que são as de ordem material, como sucede à colônia do além, chamada «Nosso Lar», pejorativamente tratada pelo nosso irmão Osmard Andrade, mas que é justamente a que lhe convém, dada a mentalidade ferrenhamente materialista em que se deixou envolver e que muito o levará a lamentar-se quando verificar o tremendo êrro a que se apegou nesta última encarnação, êrro que o levou a faltar completamente à ética jornalística, abusando da hospitalidade que lhe deu a Revista de Cairbar Schutel, por todos nós muito querida e que o nosso irmão materialista transformou, em sua coluna, num feroz adversário do Espiritismo, chegando à suprema invectiva de dizer que «Boaventura reduziu o Espiritismo a nada», reproduzindo inverdades e calúnias.

Não é uma linguagem, essa, que possa elevar, no conceito dos seus contemporâneos, um homem que se diz de ciência. Lembre-se o dr. Osmard Andrade de que o Espiritismo conta em sua fileira com um grande número de colegas seus, médicos tão compenetrados dos seus deveres como os que mais o sejam: ao menos por essa razão a nossa doutrina deveria merecer do exaltado plumitivo um pouco mais de discrição e de respeito.

Aqui fica o protesto de um espírita militante.

Arnaldo S. Thiago

Uma advertência de André Luiz

Deolindo Amorim

Muitos confrades nossos, sem dúvida, já leram o interessante livrinho, intitulado *Conduta Espírita,* ditado pelo Espírito de André Luiz e recebido pelo médium Waldo Vieira (Edição da Federação Espírita Brasileira). É um livro oportuníssimo, justamente porque os conselhos e as advertências nêle contidas servem para tôdas as situações de nossa vida. Os períodos são pequenos, sempre rematados com uma frase curta, como se fôssem doses homeopáticas, mas a verdade é que, com o seu admirável espírito de síntese, que não é fácil, a entidade comunicante ensina muita coisa para a nossa vida de relações.

No capítulo que se refere à conduta «perante nós mesmos», por exemplo, há um ponto, que se aplica, em cheio, sem tirar nem pôr, à situação de muitos companheiros nossos em face do trabalho na seara espírita. Vejamos bem o que diz o criterioso conselho do espírito, quando se refere a tarefas humanas:

> *Recusar várias funções simultâneas nos campos social e doutrinário, para não se ver na contingência de prejudicar a tôdas, compreendendo, ainda, que um pedido de demissão, em tarefa espírita, quase sempre equivale a ausência lamentável. O afastamento do dever é deserção.*

Advertência inteiramente cabível e necessária. E' inútil, senão até prejudicial às próprias instituições espíritas, aceitar muitos encargos e ocupar diversos cargos ao mesmo tempo, quando já se sabe, pela experiência da vida prática, que ninguém pode fazer muita coisa de uma só vez, a não ser que se habitue a trabalhar atabalhoadamente, sem concretizar coisa alguma. Daí, pois, a oportunidade do luminoso conselho de André Luiz quando nos diz que devemos recusar *várias funções simultâneas*, a fim de não criarmos dificuldades a instituições que muito precisam de assistência constante. E' certo que existem casos especiais, aliás muito meritórios, em que alguns confrades, por falta de elemento humano, não tendo, portanto, quem queira colaborar, são obrigados a desempenhar diversas funções ao mesmo tempo. Isto, porém, não deve ser uma regra. O que a prática demonstra, em tôda parte, é que a dispersão de esforços, sem um objetivo concreto, é prejudicial a qualquer movimento.

Há pessoas, aliás bem intencionadas, que querem fazer muito de uma só vez, querem chamar aos seus ombros uma série de tarefas, mas não podem realizar o que desejam, porque não têm tempo, não podem atender a muitas solicitações. É preferível fixar-se por mais tempo, aqui ou alí, entregando-se, de coração, a determinada obra ou sociedade, do que arcar, ao mesmo tempo, com responsabilidades várias e, por fim, não poder trabalhar com eficiência, nem lá nem cá... Sabemos de pessoas, aliás muito dedicadas, e que desejam servir muito à Causa espírita, mas não podem produzir tanto, como seria de esperar, justamente porque tomam compromissos demais, aceitam muitas tarefas, fazem parte de duas, três, ou quatro diretorias de Centros e Grupos, não podendo, por isso mesmo, desenvolver a sua capacidade ou aplicar bem o seu idealismo em benefício de nenhuma dessas sociedades. O espírito está, portanto, com tôda a razão, quando nos diz que devemos *recusar várias funções simultâneas,* a fim de que o nosso trabalho seja mais produtivo e duradouro.

Já notamos, pelas nossas observações pessoais, que ainda não existe, em nosso movimento, ressalvando-se as exceções, um critério prático na escolha dos elementos que devem compôr as Diretorias, os Conselhos e as comissões especiais das sociedades espíritas. Na maioria dos casos, o que prevalece é o velho critério da amizade, sem se procurar saber se o companheiro eleito para o cargo está em condições de colaborar diretamente. Ser diretor e não comparecer sequer às reuniões da Diretoria, não tomar conhecimento de que se passa na instituição, é prejudicar indiretamente a própria sociedade, por mais simples ou menor que ela seja. Quase sempre, a culpa não é de certos confrades, é da falta de um critério mais sensato, sem influências sentimentais. Veja-se bem o que acontece, geralmente, quando se organizam Centros Espíritas ou quando se fazem renovações de diretorias. Não se cogita de selecionar elementos que possam e queiram colaborar, porque a principal preocupação é de agradar a certas pessoas, não ferir os melindres de A ou B, prestar homenagem a figuras venerandas, etc. Resultado: forma-se uma diretoria por afeição, por amizade, sem indagar das possibilidades de cada um dos eleitos. Todos são bons, todos são capazes, todos merecem confiança, mas a verdade é que nem todos podem desempenhar certas funções, e, além disso, é preciso notar que, muitas vêzes, o companheiro é escolhido e eleito à revelia, quando já faz parte de outras sociedades, já pertence a outras diretorias e não pode mais atender a novos compromissos. O maior prejudicado é o Centro. A história, na maioria dos casos, é sempre a mesma: Fulano deve ser o presidente, porque é nosso amigo; Beltrano deve fazer parte da diretoria, para não ficar mal satisfeito; Sicrano precisa ser pôsto em qualquer lugar na diretoria, porque não pode ficar de fora. É sempre assim...

E depois? Quando chega a hora de tomar a charrua e cada qual desempenhar a sua função, começam a surgir os problemas, porque Fulano, Beltrano e Sicrano já estavam comprometidos com outros movimentos, já tinham as suas tarefas e entraram nisto, apenas para *constar*. E' ou não é um êrro? Eis, aí, um critério prejudicial às próprias organizações espíritas, embora tenha um fundo afetivo ou sentimental. Outro êrro e êrro que se comete constantemente no meio espírita, é o de se «desvestir um santo para vestir o outro», isto é, deslocar um elemento útil e eficiente de uma sociedade para outra. Ora, se o companheiro já está prestando os seus serviços a determinada instituição, se já está comprometido com esta ou aquela Sociedade, onde a sua presença é muito necessária, não se deve, de forma alguma, querer deslocar êsse companheiro para nova agremiação. No entanto, infelizmente, não é assim que se tem precedido, em muitos casos. Quando se funda um Centro, uma instituição qualquer, vem logo a preocupação de escolher gente ativa, capaz, dedicada, etc. Até aí, muito certo. Acontece, porém, que a nova sociedade procura atrair elementos que já estão integrados em determinadas instituições e, por isso, deveriam ficar onde estão, não é verdade? Depois de certo tempo, é um companheiro sobrecarregado, com tarefas simultâneas, e são duas sociedades prejudicadas, porque êsse companheiro não pode demorar-se em dois lugares. Não seria melhor escolher gente sem compromisso, gente que não pertence a outras diretorias, a fim de poder entregar-se assiduamente à nova instituição, evitando as atribuições simultâneas, de que nos fala André Luiz em sua ponderada advertência?

Vamos relatar, aqui, muito de propósito, uma ocorrência curiosíssima. O fato passou-se em determinado Centro Espírita, de nosso conhecimento. Havia, nesse Centro, um Secretário exemplar: competente, pontual, rigorosamente cuidadoso, com tôda a correspondência sempre em dia. O Centro estava, portanto, muito bem servido de Secretário, e uma Secretaria bem organizada vale muito na vida de qualquer instituição. Pois bem, certa vez apareceu por lá um visitante, que era diretor de um Centro, viu a organização da Secretaria, admirou o trabalho do Secretário, fêz elogios etc., mas não teve o menor constrangimento em fazer insinuações para que êsse nosso confrade fôsse para o seu Centro. E' ou não é de espantar?... Interessante: o confrade queria um excelente secretário para o *seu* Centro e não se lembrou de que, com isto, iria prejudicar o outro Centro, que também é espírita e tem o mesmo objetivo. De que serve, finalmente, compôr uma diretoria com elementos de primeira ordem, como se diz, desfalcando o quadro administrativo de outras instituições, que também precisam de pessoas competentes e prestimosas? Isto é caridade? Não sabemos, francamente... Não será um pouco de egoísmo? Todo mundo diz que a seara espírita é uma só, todo mundo proclama que a prática do Bem é universal, não tem fronteiras, etc. Entretanto, o que vemos, a cada passo, é muito gente pensando apenas em *seu* Centro, acima de tudo, antes de pensar na Causa espírita, que é geral. Cada qual quer levar para o *seu* Centro os elementos de valor, as pessoas que podem produzir mais, ainda que tenha de prejudicar as instituições a que tais pessoas já estão vinculadas. E' difícil, neste caso, saber até onde vai a noção de caridade ou quando começa o sentimento de puro egoísmo.

Por incrível que pareça, já tivemos notícia de uma instituição, que chegou ao cúmulo de insinuar a certo orador espírita que não falasse mais em lugar nenhum, para não gastar energias por aí a fora, porque seria melhor e mais proveitoso falar apenas em *sua* tribuna. Quem quisesse ouvir o orador, que fôsse lá. Boa idéia... Não compreendemos certos procedimentos no meio espírita, onde tanto se fala de caridade, de amor, de solidariedade. Tudo isto nos faz pensar muito na lição de André Luiz, em *Conduta Espírita*, principalmente quanto ao modo de se distribuir tarefa no meio espírita. O problema não é de atrair o material humano, é de saber aproveitar êsse material com equilíbrio, sem prejudicar instituições já existentes e sem forçar o bom trabalhador da seara a desempenhar funções simultâneas.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

XI — ABSTRATOS E CONCRETOS

«*O homem é o parâmetro de tôdas as coisas ; das que são, enquanto são e das que não são, enquanto não são*».

Antes que o sr. Casella, sem entender, classifique isso de estúpido, devo advertí-lo que o conceito não é meu e sim de Protágoras, filósofo que viveu cinco séculos antes de Cristo. E a respeito de cuja opinião, comentou judiciosamente Gibson Lessa :—«Que nós outros, cidadãos dêste século, contemporâneos da relatividade de Einstein, concebamos uma barbaridade semelhante—*suspeitar que nada existe, em verdade, fora de nós; que todo o mundo exterior é mera projeção do nosso pensamento*—eis uma atitude que até há pouco se poderia classificar depreciativamente de *solipsista*, mas que agora se justifica plenamente, à luz dos postulados da física moderna, quando, vivendo a epopéia da desintegração atômica, vemos a Matéria — aquela coisa imutável, indivisível e imóvel de Parmênides e de Aristóteles — transfigurar-se em um fantasma de luz e fugir pelo espaço, escapando de Parmênides, de Aristóteles e de todos os seus sucessores, à pasmosa velocidade de 300 mil quilômetros por segundo. Sem dúvida que uma idéia dessas—admitir que nada existe em verdade, exceto a ilusão humana de que tudo verdadeiramente existe—haja passado pela cabeça de um sofista, humildemente perdido nos confins do século V AC, eis aqui o fantástico ! Êsse profeta foi Protágoras. Sua sentença é o que há de mais sintético e mais simples na literatura filosófica de todos os tempos. Talvez jamais, com permissão dos britânicos, tanto tenha sido dito e tão bem em tão poucas palavras, abarcando num só golpe de intuição, a gigantesca relativi-

---

NOTA n.º 7 —Contra-rebate n.º 4, nov.º, 61 — «Tôdas as doenças mentais que não são congênitas, foram adquiridas na infância, por ocasião de epilepsias, meningites, etc.» — É como eu digo ; o rapaz entende de tudo e sôbre tudo diz coisas dessa natureza. Insisto em pleitear para o sr. Casella, o prêmio Nobel !

NOTA n.º 8 —Contra-rebate n.º 4, nov.º, 61—«Deverá antes não se esquecer de que, no ano passado, não fôramos nós que estávamos no Rio, *ouvindo opiniões de alguns altos níveis sôbre os nossos rebates !*» (SIC) viram ? Além de genial, modesto ! De uma «modesticidade descuidadosa».

dade que vai da solidão mental do ser que pensa à multidão macrocósmica e microcósmica *dos seres que são pensados, e sempre na medida humana em que são pensados, hajam sido pensados ou venham a ser pensados,* galáxias ou fotons. Como um autêntico profeta da sabedoria moderna, Protágoras atravessa 25 séculos de História e sacode diante de nossos olhos assombrados, a mensagem que 25 séculos de filosofia não conseguiram refutar : — o homem é o parâmetro de tôdas as coisas ; das que são enquanto são e das que não são, enquanto não são».

Aí está, caro amigo Casella uma gloriosa tarefa : refute o que conseguiu atravessar 25 séculos de filosofia. Mas cuidado que nesse trecho há certas palavras que exigem um pouco de leitura.

E agora, uma declaração que certamente deixará o sr. Casella confuso e boquiaberto : eu acredito em espíritos. Penso, aliás, que já deixei isso dito logo no princípio. Quando acrescentei que creio neles com a mesma firmeza de convicção com que aceito Papai Noel, Sacy Pererê e coisas tais.

Porque para mim, amigo Casella, *até o abstrato é concreto !*

Mas vamos devagar. Invocando os testemunhos de Descartes e Lavoisier.

Penso, logo, existo, resume a filosofia cartesiana. Resta saber, se pensamos, porque pensamos. E isso não é tarefa para nós. Mas quaisquer que sejam as dúvidas que ainda restem sôbre o fenômeno da elaboração do pensamento, o que parece estar claro é que o funcionamento cerebral se faz, entre outros processos, por um de natureza eletro-dinâmica por diferenças de potencial, às custas de um ambiente hidrosalino no qual está mergulhado o organismo todo. Provas disso são os diferentes registros que se obtém do funcionamento cerebral através dos eletroencefalogramas, semelhantemente aos obtidos da mecânica cardíaca (e muscular). O estímulo de condução nervosa reune tôdas as características de eletrodinamismo. Também sabemos hoje, mercê de estudos continuados e comprovações inumeráveis que o meio interno possui características eletrolíticas, mutáveis de acôrdo com as concentrações salinas, e que a alteração de tais concentrações iônticas pode provocar distúrbios funcionais de qualquer órgão do nosso corpo, principalmente o cérebro. Tal eletro dinamismo, em resumo, importa na produção de energia e o binômio energia-matéria merece destaque. Isto sem falar na radiação da matéria, terceira qualidade que poderíamos acrescentar ao painel, mas que vamos deixar de lado por ora.

Considerando-se ademais — e a filogênese o comprova — que tão mais complexo e evoluido seja o cérebro, mais requintadas são as suas propriedades elaborativas ; também o fato de que a alteração da concentração do meio interior modificando-lhe as qualidades iônticas, provoca iniludivelmente alterações do comportamento, da conduta e da inteligência, cremos não ser abuso aceitar que o cérebro não seja um mero suporte de emanações exteriores mas o substrato anatômico da inteligência. E que funciona a partir de um mecanismo eletrodinâmico com produção de energia, aquilo que alguns irreverentes apelidaram de «energia mental» deturpando o significado da expressão enérgia e glosando-lhe a conceituação puramente física.

Vai daí, o sr. Casella pensa, o que não é nenhuma irreverência de nossa parte. Não importa o que êle pense, mas pensa cartesianamente, ou seja, existe. Suas células cerebrais, perto de 16 bi-

---

NOTA n.º 9—Contra-rebate n.º 6, jan.º, 62—Os leitores da RIE já devem estar cansados de me ouvir dizer que as expressões usadas em reflexologia não têm qualquer ligação com a psiquiatria. Depois de tudo, eis como o sr. Casella entendeu bem a coisa :—«Mas sob análise da psiquiatria trata-se de um perturbado mental. E é por esta ciência que discutiremos !»—«Labilidade é doença mental, que no tratado de psiquiatria do prof. H. Roxo *pelo qual seguiremos,* é rotulada de metatimia...»—«Busquemos alguns daqueles exemplos apresentados como reflexològicamente normais e vejamos a rubrica psicopática de cada qual...»—«A reflexologia do nosso antagonista não tem amparo na psiquiatria...»—Quando frequentou escolas, o sr. Casella deve ter sido o desespêro dos professôres. E no fim o malcriado sou eu !

lhões delas elaboram energia que poderia ser até anotada em gráficos e feita registro luminoso conforme o conseguiu Cazzamalli. Poderia até estar pensando — vamos atribuir um pensamento ao sr. Casella, com a sua permissão — num outro homem notável da história científica: Lavoisier. «Em a natureza, nada se perde, nada se cria ; tudo se transforma». Verifiquem agora o pensamento do sr. Casella feito energia, vibração, partícula, a perder-se no espaço, percorrendo-o à razão de tantos mil kilômetros por segundos. Perde-se disse eu? Perdão. Não se perde, acalme-se. Transforma-se. Mais tarde pode até, mercê de suas características fazer-se novamente matéria. Como? Não me perguntem. Essa história complicada de E=MC.2 só pode ser bem ventilada por duas pessoas, uma delas, já falecida, o sr. Albert Einstein e que bem poderia «voltar» para ajudar aos espíritas, e a outra, o sr. Imbassahy Júnior, reconhecida autoridade em assuntos de física. E o sr. Casella, querendo, que contradite aos dois.

Viram de que maneira, então, o pensamento do sr. Casella, de coisa «abstrata» (no bom sentido, amigo), pôde concretizar-se, tomar «forma», ser algo, vibrar, assumir o aspecto de partícula, e sobretudo, de não perder-se, podendo mais tarde recompor o binômio energia-matéria?

Lá está Protágoras : — o homem (o pensamento do homem, nos permitam) é o parâmetro, a medida, de tôdas as coisas ; das que são enquanto são (enquanto nós as pensamos, as imaginamos, as criamos) e das que não são enquanto não são (até que o sejam).

Os espíritos, eis o caso.

Êles existem em função de nós mesmos, de crermos nêles, de os concebermos mentalmente, de os criarmos, de os materializarmos, de os concretizarmos. E passam a existir «fìsicamente», a partir de um choque bifronte energia-matéria. Novamente Gibson Lessa :— «A Criação: um mito. Mito criado, não pelo Criador, mas pela Criatura. O Criador havia sòmente criado a Criatura, cabendo à Criatura, criar o Criador, «ectoplasma» físico-químico, subproduto psíquico da Criatura, caleidoscópio de sólidos, líquidos, gazes, que se materializam e desmaterializam ao fulgor da Idéia, cenário fantasma passível de invisibilidade, de ser e de não ser simultâneamente, ao sôpro, não apenas da intuição metafísica (como sempre o foi) senão da própria curiosidade científica (como está sendo agora)».

E com isto creio que está chegando a hora de nos despedirmos dos leitores da Revista Internacional do Espiritismo. «E já não é sem tempo», dirão alguns dêles, justamente aqueles na opinião dos quais, os meus artigos nesta revista constituiram um tremendo libelo contra o espiritismo e o suicídio da revista. Mas não tive culpa nem propósito. Fui provocado. Fui chamado. E vim.

A princípio era também minha intenção discutir ao de leve fenômenos outros, de certa maneira ligados à hipnose. Isso aumentaria de muito a nossa digressão e o diretor desta revista já me reclama o espaço tomado, tendo eu

---

NOTA n.º 10 — Contra-rebate n.º 7, março, 62 — Releiam por favor a nossa nota n. 2, RIE de fev.º de 62, pg. 16. Lá está ao fim: Fala muito em fatos e laboratórios o sr. Casella. Mas o único fato que nos mostrou por enquanto foi a sua inexcedível modéstia... Prêmio Nobel à vista para um. Vejam agora como o sr. Casella entendeu a coisa : — «Reclamou que de fatos espíritas e de laboratório, por enquanto, *só falamos em Nobel,* — Não é, como eu insisto, um problema simples de saber ler? — Mas há coisas muito piores, inaceitáveis até numa escola primária. Vejam a nota seguinte.

NOTA n.º 11 — Contra-rebate n.º 7, março, 62—Escrevi o seguinte : — Seus assistentes (Charcot) voltados para o fenômeno hipnótico conseguiram induzir a *bom número* de pacientes. — Leiam o comentário do sr. Casella, uma rara jóia intelectual : — «Veja-se aí, um *bom número* de histéricas hipnotizadas INDICA BONS PACIENTES em hipnose. Viu a contradição? Ali, *bons (compatíveis)* e aqui, péssimos (incompatíveis). — Que tal? O sr. Casella confunde *bom número*—indicativo de quantidade — com bons pacientes — advérbio de qualidade —. Volto a insistir no Prêmio Nobel ... de gramática !

ultrapassado os dois ou três artigos a que me propuzera. Fui a onze, realmente, e me penitencio por isto. Escrevo êste artigo final a 24 de junho. Não posso imaginar o que de agora em diante se dirá nesta revista — por intermédio do Casella ou de outros — contra mim, e lhes será doravante mais fácil a tarefa pois que pretendo não voltar. Lamento o trabalho que dei ao Casella mas de qualquer forma a ginástica mental lhe terá sido salutar.

E não posso esquecer ao final, um voto de louvor, de todo sincero, ao diretor desta revista, sr. A. Watson Campêlo, em quem reconheço, de público, as mais elevadas qualidades jornalísticas. Dirigindo uma revista de pensamento orientado, de doutrinação, de proselitismo, não seria de estranhar que se recusasse a publicar artigos frontalmente contrários a doutrina seguida e ensinada pela revista. Aqui eu disse o que quís e jamais tive uma só das minhas palavras censuradas. Partindo esta declaração expontânea de quem já foi censurado como jornalista e já foi censor como militar, vale ela como o elogio de um homem que coloca a ética profissional e o respeito à opinião alheia acima de quaisquer outros interêsses, mesmo os de ordem pessoal e filosófica Reclamaram dêle—sei disso — que divulgando a minha palavra estava levando a RIE ao suicídio. Os que assim disseram não conhecem o verdadeiro jornalismo. Penso ao contrário. Para mim, a RIE sai fortificada e revigorada desta campanha. Não pode ser suicida um órgão de imprensa que abre suas portas ao adversário, com a lhaneza e o cavalheirismo com que agiu o sr. Watson Campêlo, a quem rendo as minhas mais sinceras homenagens, sejam quais fôrem as divergências doutrinárias que nos separem. É realmente um JORNALISTA.

E me despeço, conduzido paternalmente pelas mãos de Bhuda : — «Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo; não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes. Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão, e depois de minucioso estudo fôr confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de tôdas as outras coisas vivas ; a isso aceitai como verdade, e por isso pautai vossa conduta !»

OSMARD ANDRADE

Vila Naval, c/8—Florianópolis, SC

NOTA n.º 12 — Contra-rebate n.º 7, março, 62—Na minha nota n.º 4, fiz um repto ao sr. Casella para que, dentro das condições de honestidade que eu exigia, me viesse fabricar fantasminhas e aparições. Dei, para referência, endereço e local de encontro. Assim respondeu êle ao desafio : — «Então o dr. Osmard não confia na documentação científica dêsses pesquisadores ?» — Ou seja, responde ao meu repto mandando-me ler livros onde se citam os tais fatos dos quais eu duvido. Maneira muito cômoda e elegante de sair pela tangente, de fugir, de tirar o corpo fora. *MANTENHO O REPTO SR. CASELLA. PARA O SR. E PARA QUALQUER OUTRO LEITOR DESTA REVISTA.* E enquanto não o atenderem, não me venham mais falar de espiritismos !

N. da R. — No trabalho de maio último, «O Fenômeno Espírita», do dr. Osmard Andrade, onde por um lapso de revisão saiu «Aconselhamos ainda os estudos dos processos usados», leiam, por gentileza com a extensão... «dos processos usados no hipnotismo para que sejam obtidos ótimos resultados.»

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$ 500,00	Ano de 1949	cr$ 400,00	Ano de 1955	cr$ 400,00
» » 1929	» 500,00	» » 1950	» 400,00	» » 1956	» 400,00
» » 1946	» 400,00	» » 1951	» 400,00	» » 1957	» 400,00
		» » 1952	» 400,00	» » 1958	» 400,00
» » 1947	» 400,00	» » 1953	» 400,00	» » 1959	» 400,00
» » 1948	» 400,00	» » 1954	» 400,00	» » 1960	» 400,00

Crônica Estrangeira

FATO ESPÍRITA NUM CONVENTO

Percival Antunes — De «Reformador»

O Dr. Zingaropoli, advogado de Nápolis, autor de importante monografia mencionada por Ernesto Bozzano, narra diversos casos interessantíssimos de marcas e impressões de fogo (1) deixadas em diferentes objetos, inclusive num convento das Terciárias Franciscanas de Santana de Foligno, província de Perúgia, Itália.

Bozzano reproduz a seguinte narração, assinada pela Madre Abadessa Maria Vitória Constância Vichi, a respeito da manifestação mediúnica da Irmã Tereza Margarida Vichi:

«No dia 5, solenes exéquias foram realizadas, e a 6, como se devia inumá-la, pensou-se a princípio em colocá-la num lugar especial; mas decidiu-se, em seguida, fazer-lhe um caixão de tábuas, coisa que não se fizera ainda, e enterrá-la no túmulo comum das religiosas. Enquanto se esperava, o confessor da comunidade, Padre Lourenço, de Solcro, perto de Alexandria, no Piemonte, após ter escrito algumas indicações sôbre a defunta, colocou o escrito num frasco de vidro que depositou ao lado do corpo, no esquife, e pronunciou as seguintes palavras, na presença das outras religiosas: «Nada quero dizer sôbre os dons com que ela foi favorecida por Deus, porque, se ela quiser alguma coisa, far-se-á ouvir.»

O caixão foi fechado e descido ao túmulo.

Três dias apenas haviam transcorrido após o falecimento, quando uma voz lúgubre e lastimosa começou, de quando em quando, a fazer-se ouvir no quarto em que a Irmã Teresa morrera ou nas peças ao lado dêste, mas não se deu nenhuma importância ao fato, pensando-se que se tratava de uma alteração da fantasia de religiosas tímidas e crédulas.

No dia 16 do mesmo mês de novembro, às 10 horas da manhã, a Irmã do coro, Ana Feliciana Menghini, de Montefalco, mais corajosa que suas companheiras, fôra à grande sala de roupas brancas para cumprir alguma ordem que lhe deram, e, quando subia a escada, ouviu um gemido abafado e creu reconhecer, nêsse som, a voz da defunta companheira de trabalho, Irmã Teresa Margarida. Todavia, armou-se de coragem, pensando: «Trata-se, talvez, de um gato fechado num dos armários da parede. Abriu, então, um dêsses armários, mas nada encontrou. O queixume se fêz ouvir de novo. A irmã abriu outro armário, e, nada tendo encontrado, fechou-o assim como ao primeiro. Um terceiro gemido se fêz escutar. Abriu ainda outro armário, sem nada descobrir. Então, a religiosa, espantada, exclamou: «Jesus, Maria! Que é que há?»

Havia apenas acabado de pronunciar estas palavras, quando a voz lúgubre da defunta, com um suspiro penoso, exclamou: «Meu Deus, como eu sofro!»

Ao ouvir isto, a Irmã Ana Feliciana tremeu e empalideceu, reconhecendo claramente a voz da morta, Irmã Tereza Margarida. Retomando, porém, a coragem, perguntou: «Porquê?» E a defunta respondeu: «Pela pobreza.» — «Como, replicou a outra, você era assim tão pobre?» — «Não é por mim, retorquiu a morta, é pelas religiosas! Se basta um, porque dois ou três? Agora, preste atenção.» Com estas palavras, o quarto encheu-se de densa fumaça e a sombra da defunta se dirigiu de um dos armários para a escada, continuando a falar, mas sem que Ana Feliciana, sempre tomada de espanto, pudesse compreender o que dizia. Chegando à porta a defunta disse em voz alta: «E' uma misericórdia, aqui não mais voltarei e, em sinal disto...» Nesse momento, deu na porta uma pancada bem clara e logo a fumaça se dissipou e o grande quarto se tornou claro.

... As monjas correram tôdas pa-

---

(1) Em «Hipnotismo e Espiritismo», *do Dr. José Lapponi, recém-editado pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, lê-se, à página 43, o curioso caso da manifestação do Espírito da Marquêsa Laura Poppoli Astalli, que deixou, na coberta da cama, o sinal da mão «em fosco queimado.»*

ra o aposento da Abadessa e em tôrno da Irmã Menghini se comprimiram para ouvir de sua própria bôca a narração do que se produzira. Ela lhes contou o que sucedera e as religiosas, sabendo que a defunta houvera dito: «Em sinal disto...» e que dera uma pancada na porta, exclamaram logo: «Ela deve então ter deixado algum sinal!» A Irmã Menghini respondeu: «Nada sei a respeito. Estava muito aterrorizada para pensar em examinar a porta.» Então, as irmãs em conjunto foram examinar a porta e acharam nela gravada a mão da Irmã Tereza Margarida, de modo mais perfeito do que teria feito o artista mais competente, por meio de uma mão de ferro em brasa.

A Irmã Feliciana nessa noite «sonhou» com a defunta. Esta lhe apareceu para agradecer às companheiras o efeito benéfico de suas preces. E ponderou: «Pensas em apagar da porta a impressão de minha mão. Jamais o conseguirás, mesmo com o auxílio de outras pessoas. Trata-se de uma misericórdia de Deus, de um aviso, e sem isto nunca seria eu acreditada.»

O arcediago de Foligno, no dia 23 do mesmo mês, fêz redigir uma ata do fato. Abriu-se o túmulo, aplicou-se a própria mão da morta sôbre a impressão que deixara na porta e as testemunhas que fizeram vir atestaram que a mão se adaptava perfeitamente na impressão. Esta foi em seguida coberta com um véu, e a porta, tirada dos gonzos, guardada num lugar reservado, até que, mais tarde, sempre por ordem do arcebispado, se levantou o véu e permitiu-se a todos os pedintes vê-la claramente.

O caso foi confirmado numerosas vêzes por autoridades católicas, inclusive pelo Padre José Sensi, guardião dos Menores Observadores de São Bartolomeu, que redigiu e assinou o seguinte certificado: «O relatório da abadessa de Santana está conforme os testemunhos recolhidos por ela, que podem ser considerados como não duvidosos, levando-se em conta as circunstâncias precedentes, posteriores e concomitantes dos tempos, lugares e pessoas, segundo as regras da sã moral católica e da exatidão crítica.»

Numerosos casos são mencionados por Bozzano. Quantos casos igualmente importantes ocorrem no Brasil, sem que tenhamos pesquizadores e estudiosos que realizem obra notável de esclarecimento e instrução do povo, a respeito de tais fenômenos. Faltam-nos homens aptos a tais misteres? Não. Apenas está faltando, talvez, um pouco dessa curiosidade científica, que leva o homem a crer sempre na possibilidade de avançar corajosamente, ansioso por novas descobertas, sem olhar dificuldades, sem perder a calma nem a paciência, vendo, examinando, perquirindo, comprovando, desfazendo ilusões, confirmando fatos e, por fim, prosseguindo sempre na trilha da verdade.

Espiritismo no Brasil

Dr. Sylvio Lôbo de S. Thiago

Duas homenagens foram prestadas dia 26 de abril de 1962, à memória do engenheiro civil dr. Sylvio Lôbo de S. Thiago, na cidade do Rio de Janeiro: pela SURSAN e pela CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS, onde realizara êle notável conferência, de caráter científico-religioso.

A homenagem da SURSAN, simples e tocante, consistiu em lhe ser conferida pelo Conselho dessa entidade, reunido às 9 horas da manhã, sob a presidência do snr. dr. Enaldo Peixoto, a medalha de prata de BONS SERVIÇOS, acompanhada do respectivo diploma, expresso nos seguintes têrmos: «O CONSELHO de Administração da Superintendência de Urbanização e Saneamento, em sua reunião de 3-4-1962, resolve conferir a SYLVIO LÔBO DE S. THIAGO a medalha de prata pelos BONS SERVIÇOS prestados a esta Superintendência. HOMENAGEM PÓSTUMA. Rio de Janeiro, GB, 5-4-1962. (Ass.) Enaldo C. Peixoto — Presidente.»

À hora aprazada, reunidos os snrs.

membros da SURSAN, na respectiva sede, sob a presidência do sr. dr. Enaldo Peixoto, estando presentes, também, como representantes da CIMBRE, organização de engenheiros construtores, de que fazia parte o homenageado, os snrs. drs. Luiz Lima da Veiga e Antônio Dias Martins Júnior e como representantes da família os snrs. professor Arnaldo Claro de S. Thiago e engenheiro militar, tenente-coronel Arnaldo Claro de S. Thiago Filho, o presidente declarou aberta a sessão do Conselho da Sursan para a realização de seus trabalhos normais, fazendo-os, contudo, preceder de uma homenagem que ia ser prestada ao engenheiro civil Sylvio Lôbo de S. Thiago, pelos bons serviços prestados a esta grande capital. Deu em seguida a palavra ao engenheiro dr. Gastão Sengés, a quem coube fazer o elogio do seu colega e contemporâneo, em palavras repassadas de delicadeza moral e nobre sentimento de solidariedade humana, com que procurou enaltecer a ação construtiva do seu falecido colega e da firma a que prestava seus serviços e à qual o presidente, dr. Enaldo, já fizera referências elogiosas. Ao professor Arnaldo S. Thiago foram então entregues a medalha e o diploma conferidos a seu sobrinho, como representante mais velho da família, presente à solenidade.

Usando da palavra, o professor S. Thiago timbrou em realçar os méritos do homenageado com o evocar reminiscências de família, que se prendem à diretriz educacional traçada por seus progenitores, ambos professores primários em Santa Catarina e que, sempre obedecidas pelos seus descendentes, conduziram-nos aos roteiros da cultura, sob a égide dos princípios morais do Evangelho, cuja pedra fundamental é o grande mandamento do Amor a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo, não se orgulhava, porque o homem deve ser humilde perante Deus, a cuja divina providência se devem atribuir tôdas as conquistas realizadas, mas sentia-se jubiloso com essas homenagens prestadas a seu sobrinho e querido companheiro de ideais, pois que sobretudo elas comprovavam a excelência das diretrizes a que se referira e que impulsionavam todos os membros de uma família modesta a seguirem os caminhos da cultura e da honorabilidade. Referiu-se ao extinto COLÉGIO NACIONAL da metrópole guanabarina, pelo qual passaram todos os seus filhos e sobrinhos, sob a direção do Almirante Paim Pamplona e Coronel Francisco d'Ávila Garcez, com expressões do mais vivo e enternecido aplauso à orientação educacional nêle seguida, lamentando que, à falta de recursos econômicos, tão útil e patriótico estabelecimento de ensino houvesse desaparecido. Por êsse Colégio passara seu querido sobrinho Sylvio que depois, como os demais da família S. Thiago, no mesmo instituto matriculados, seguira um curso superior, de engenharia civil, no exercício de cuja profissão pudera prestar tão bons serviços a esta belíssima cidade, que tanta honra faz ao Brasil. Terminou o seu discurso o professor S. Thiago com um agradecimento ao Conselho da Sursan, em nome da família S. Thiago e especialmente em nome da professora Albina Monteiro de S. Thiago, viúva do dr. Sylvio, pelas homenagens que a êste vinham de ser prestadas.

Em seguida o dr. Enaldo Peixoto declarou encerrada aquela parte da sessão, despedindo-se dos sns. que ali compareceram para coparticipar de tão comovedora homenagem e fazendo-os acompanhar até ao elevador por dois membros da SURSAN.

A outra homenagem, no mesmo dia e na mesma hora prestada ao engenheiro Sylvio, pela Cruzada dos Militares Espíritas, foi apenas a de uma prece feita em sua intenção pelo general Milton O'Reill, presidente da mesma instituição, mas com essa prece tôda a manifestação do amor fraterno se evolou de almas irmãs num reverente tributo de gratidão a Deus que aos homens, seus filhos, concede a graça de poderem ver na morte não mais o espectro de uma perda irreparável, mas a benigna silhueta do anjo que nos transporta às regiões felizes do universo, quando passamos pela vida terrena cumprindo os nossos deveres para com Deus e para com o próximo, como Sylvio S. Thiago soube passar.

A essa homenagem estiveram presentes a exma. sra. d. Albina Monteiro de S. Thiago, viúva do homenageado, seus primos Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago e sra. Dora da Costa Pereira S. Thiago e seu sobrinho, engenheirando Arnaldo Claro de S. Thiago Neto.

Espírita ardoroso, empenhado em obras de grande valor, como a construção da sede própria para o Centro Bezerra de Menezes do Andaraí, já em grande parte realizada e a assistência a favelados, com a construção, para alguns dêles, de casas mais confortáveis, sendo além disso um divulgador dos ensinamentos espíritas, nas conferências que pronunciou, em diversos pontos do país, merece-nos o querido confrade recém-desencarnado que nos solidarizemos com as justas homenagens que lhe vêm de ser prestadas, no Rio de Janeiro e cuja notícia acabamos de dar.

N. da R. — A notícia que acima publicamos, nos foi enviada pelo nosso prezado confrade e colaborador Arnaldo S. Thiago, a quem apresentamos excusas por sair ela com algum atraso.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária realizada em 2 de junho de 1962

Com número legal e à hora regimental, profere o Presidente do Conselho a prece de início e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA da reunião anterior, que é aprovada. Saudando o confrade Dr. Carlos Imbassahy, presente à reunião, o Presidente enaltece o valor do visitante, antigo membro do Conselho e dedicado trabalhador da Doutrina. Comunica que a FEB, acompanhando a transformação dos atuais Territórios do Brasil em Estados, estudará a situação dos mesmos na Organização Nacional. Passa, em seguida, à apresentação do relatório dos trabalhos do «Simpósio Centro Sulino», examinando os pontos que deverão ser estudados pelos Srs. Conselheiros, e manifestando a sua satisfação pelo êxito alcançado. Todo o relatório, inclusive atas e conclusões, foi entregue ao representante do Ceará, de cujas mãos passará para as dos demais Conselheiros.

AMAZONAS — Apresenta o Conselheiro Luiz Montorfano carta da Federação Amazonense relatando o êxito notável da «II Exposição do Livro Espírita», encarecendo o trabalho da Juventude Espírita da Entidade e enviando, com o boletim da Exposição, um exemplar de «O MENSAGEIRO», órgão daquela Federação.

Às dezesseis horas, com a prece final proferida pelo representante da USE, de São Paulo, foi encerada a reunião.

Lar Infantil «Cairbar Schutel»

Comemoração do Dia das Mães

Como sóe acontecer todos os anos, o Lar Infantil «Cairbar Schutel» comemorou o Dia das Mães e o seu sétimo aniversário, com uma festinha comovedora, realizada das 14 as 16 horas do dia 13 de maio.

Edo Mariani, presidiu a reunião e Zélia S. Perche falou sôbre a data de dupla significação para a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel.»

As filhinhas do Lar, em conjunto com o Grêmio Infantil Marta Cunha, do qual fazem parte, apresentaram números de cantos alusivos à data, que muito agradaram a todos os presentes.

A menina Joana Andrade da Silva, executou dois números de harmônica assim como os confrades Joaquim Ranucci e José Coelho que alegraram os presentes, muito principalmente as crianças, com o seu violão e cavaquinho.

Foram prestadas homenagens a todas as mães presentes, tendo a mãe mais velha, assim como a mais moça recebido uma corbelha de flôres.

Tôdas as crianças presentes representaram com alegria, conscientes do seu papel e da importância moral da festa, pois, seus rostinhos deixavam transparecer felicidade e amor.

A' Isabel Perche Camargo e Clotilde Cunha, principais organizadoras do programa e ensaiadoras, os nossos parabens, pelo êxito alcançado.

Foi uma bela festa, que falou bem fundo aos nossos corações!

Que Cairbar, nosso Patrono, sob as bênçãos de Jesus, possa encontrar sempre na Mocidade Espírita «Cairbar Schutel, seus cooperadores e que o Lar Infantil continue sendo uma realidade em prol da criança necessitada.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 80,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 350,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$250,00
Semestre	—	„ „	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3871unse

no XXXVIII - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de agôsto de 1962 - N. 7

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Jovem Espírita: A Grande Esperança	*Natalio Ceccarini*
O Espiritismo, o Hipnotismo e os estados d'Alma	*Carlos Imbassahy*
Unificação	*Newton G. de Barros*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard	*V. O. Casella*
No Turbilhão	*Philemon*
Estudos Doutrinários	*Deolindo Amorim*
Pela Unificação do Espiritismo . .	*André Dumas*
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 240,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 250,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Aviso aos nossos assinantes

Em virtude de novos aumentos verificados nos preços de tôdas as utilidades gráficas, como sejam, o papel, tipos, tintas, massa para rolos, cartolina para capa, arame para grampear, cola e outras, indispensáveis para a confecção de uma Revista e, ainda mais, o novo aumento salarial anunciado para o próximo mês de outubro, somos forçados, bem contra nossa vontade, a aumentar o preço de assinaturas desta Revista, as quais passarão a ser as seguintes, a começar dêste número :

ANO Cr.$ 350,00 - SEMESTRE Cr.$ 180,00

Sendo esta a única solução que encontramos para que esta obra de Cairbar não venha a perecer, esperamos contar com a compreensão e a indispensável cooperação de nossos prezados assinantes.

A REDAÇÃO.

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de agôsto de 1962 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Jovem Espírita: A Grande Esperança

Por Natalio Ceccarini

NA juventude se renova tôda esperança.

Esperança dos quais fìsicamente desejaram ser jovens, mas que espiritualmente continuam sendo-os e se sentem interpenetrados por quantos se acham em tão formosa idade.

Porque a juventude, mais que um estado físico, é uma aptidão da alma.

Há jovens que espiritualmente são velhos. São os que não têm futuro, nem ideais pelos quais lutar, nem amores por que viver.

São almas indiferentes à tôda solicitude de vida ; incapazes de conhecer e gozar a beleza ; frias para todo ardor idealista.

São os jovens que formam a juventude de nossos dias ; jovens porque a idade assim o evidencia ; mas a rigor, ainda permanecem na infância pelas reações que os caracterizam, ou bem, comportando-se antecipadamente alcançam a prematura idade adulta, que os sacia, torna indolentes, e morrem vivendo para os grandes interêsses da existência.

Estão os outros, os verdadeiros jovens de corpo e alma onde se acham a candura, a pureza, a alegria de viver, comportando-se em relação à sua idade, constituindo-se em depositários de tôda esperança.

Esperança num futuro luminoso e feliz, só como os jovens o pressentem, elaboram e por êle trabalham.

Esperança numa manhã que não pode assemelhar-se ao hoje, superior e superado em tudo quanto o presente o torna amargo, incerto, doloroso.

O hoje que em rigor, não foi o ôntem dos que eram seus jovens e o sonharam diferente, é experiências entezouradas e luz que alumia o jovem presente, agitando seus ideais e canalizando suas energias, na construção do amanhã.

Esta certeza torna mais viva, mais esperançada, a fé e as urgências do jovem espírita.

Pois, o jovem espírita o é totalmente : em corpo e alma. Não cabe nêle a frustração, nem a angústia, nem a decepção. É luz radiante, dinâmica, feliz, segurança de triunfo.

O jovem espírita vive sua própria hora. Nem antes nem depois. Em seu justo momento. Êle lhe concede a serenidade necessária para um pensar adequado, um sentir confiado e sem reservas, um fazer íntegro e sem resignações.

A châma que alenta o espírito do jovem espírita e que o abrasa de ardor fraterno, é a verdade de seu roteiro : imortalidade, perfeição, eternidade.

As frivolidades da época que vive

não têm sonoridade em sua mente nem em seu coração; sabe que são vasias, perniciosas, paralizantes. Vive, sim, em plena juventude. Goza de tôdas as delícias que a beleza e a alegria do viver proporcionam. Sua vida é permanente emoção, no amor e na luta, no ideal e no serviço.

Não crescem no jovem espírita, pois não têm ninho nem alimento, as torpezas sexuais, nem a concupiscência denegrante, nem baixeza alguma.

Não conhece o jovem espírita atalhos que torcem o sentido da vida, pois sua alma é protegida para que a mácula não a salpique e permaneça a pureza.

Sim, pelo contrário, distingue-o a lealdade, a fé, a retidão.

Cultiva a amizade, gera a alegria, acende a esperança.

Tudo isso não só é possível, mas certo, pois o jovem espírita é orientado pelas luzes que descem do Alto, nutrido por fôrças que se tornam de sua mesma essência espiritual.

Daí, a renovação de tôda esperança, nessa juventude. Melhor ainda, nossa GRANDE ESPERANÇA se vitaliza, agiganta e confia realizar-se.

Nela só vemos a beleza que não morre, a fé que não declina, o amor que não desfalece, o canto que não silencia.

Juventude! Juventude espírita: que o ideal sempre guie os passos que darás em sua demanda. Que o fogo, símbolo distintivo de todo jovem, jamais se apague, mas essa febre que impulsará seu existir, seja expressão de vida, perseverança, triunfo.

Mas no jovem espírita, o fogo de vida, compensado pelo pensamento sereno e elevado, o sentir abnegado e puro, a vontade atuante e segura.

No jovem espírita: depositada está a semente da Boa Nova e a certeza de seu exemplo vivificante cumulará a esperança de quantos, fisicamente, deixaram para trás a juventude.

Jovem espírita, procura o conselho sábio, a advertência feliz, a lição edificante, dos que hoje olham para a juventude, em seus olhos limpos, em suas mentes sem reservas, em seus peitos entremecidos de júbilo, ao saberem que são depositários da GRANDE ESPERANÇA.

O ESPIRITISMO, O HIPNOTISMO E OS ESTADOS D'ALMA

— III —

O estado emotivo pelo qual o indivíduo aceita determinada doutrina não é apanágio apenas de religiosos; os cientistas também não lhe fogem ao império.

O interessante é que êles supõem que tal percalço cabe ùnicamente às pessoas de fé, aquêles a quem falta cultura, lógica ou discernimento científico. Não percebem que em determinados assuntos, como acontece com a Metapsíquica, revestem as suas idéias com graciosos enfeites, dificultam-nas com termos técnicos e deixam-nos espetados nas suas conclusões. Depois daí é cantar vitória e fragalhotear da ingenuidade espírita.

Os atuais hipnologistas vão nessa alheta. Por manter a tese de que o Espiritismo é Hipnotismo afastam sistemàticamente tudo o que pode contrariá-la, fatos e provas, esclarecimentos e razões.

Não é sem pesar que vemos o nosso estimável e esclarecido Dr. Osmard Andrade nêsse contubérnio. Preferiamos que êle fôsse uma notável exceção, dessas que a posteridade aponta como precursores e avançados na sua época.

Aliás, parece que a Hipnologia fêz um recuo. Os antigos magnetizadores não desprezavam o fato metapsíquico. O hipnólogo moderno nem o registra, passa de largo, e quando é forçado a prestar-lhe atenção, não perde tempo em classificá-lo: o caso transfere-se para o domínio da hipnologia e fica englobado num título só. Daí assimilarem o Espiritismo ao Hipnotismo, sem verificarem ou sem quererem perceber os limites que os separam, os pontos em que divergem, as razões por que se torna impossível a confusão, a dificuldade de meter um na engrenagem do outro.

Há, na verdade, fenômenos de fundo anímico ou espirítico que principiam pela hipnose. E há fenômenos hipnóticos que se assemelham aos espiríticos, não porque haja nestes os elementos próprios daqueles, mas porque existem em ambos os verificáveis no desprendimento do Espírito. O sono profundo facilita a bilocação, a separação entre os dois corpos, o físico e o espiritual, e daí as revelações que o Espírito apresenta, dizendo o que viu ou ouviu nos lugares a que se transportou, voluntàriamente ou por comando.

É o que deveriam observar os nossos amigos, se não tivessem as vistas lançadas obstinadamente a determinados alvos como a agulha magnética para determinada direção. Tomemos um exemplo dêsse afastamento, na hipnose; dessa liberação momentânea por ordem do experimentador. O caso é narrado por Le Loup de Sainville em *Perceptions extra-sensorielles.* V. *Rev. Met.*, 1927 :

Numa sessão mandou êle que a médium adormecida fôsse ao castelo de Perchais e visse o que fazia sua irmã, a Sra. Sébert. A paciente declara não ter achado ninguém. O experimentador pede então que, pelos fluidos deixados no salão, busque descobrir o paradeiro da senhora. Diz-lhe então a senhorita H. G.: — Sinto-me no ar; estou muito alta no espaço... Como estou leve, como me sinto feliz!... Acho-me agora diante do castelo...

Descreve então o castelo, penetra nêle por uma janela, percorre-o, e descobre a Sra. Sébert num quarto; diz o que ela estava fazendo, isto a 100 quils. de distância. E volta ao corpo. Verificou-se a exatidão de tôda a narrativa.

Têm-se visto fatos idênticos sem qualquer influência hipnótica. É comum nos que deixam o corpo, aquela sensação de bem-estar, de leveza, de higidez, sensação que poderiamos comparar à do pássaro solto, se lhe conhecessemos as sensações.

No grande acervo de fatos semelhantes nota-se, pela descrição dos pacientes, que êles se desligam do soma, transportam-se e narram o que vêem *in loco.* Muitas vêzes percebem o corpo inerte, que acabam de deixar, afastam-se, ainda o notam de longe, atravessam paredes, perambulam, percorrem distâncias, vão ao ar livre, ao espaço, sentem-se eufóricos, são vistos, retornam ao corpo e contam tudo o que passou.

Tivemos ocasião de narrar grande cópia dêsses casos no livro «Evolução», que não transcrevemos por não repetir-nos e pelos limites dêste artigo.

Temos, pois, o desprendimento, sem hipnose nenhuma. O fenômeno aqui é portanto de bilocação e não de hipnotismo. Mesmo no transe hipnótico ou magnético há fatos que demonstram a conexão com o mundo invisível.

Certa vez, a célebre sonâmbula Letice dava a seu magnetizador umas tantas prescrições terapêuticas, e acrescentou:—Você ouviu bem o que êle disse?

—Êle quem? perguntou o doutor.

—Como? — replicou, admirada, a sonâmbula — não o ouviu?

— Não. Não ouvi voz nenhuma, nem vejo ninguém.

— Ah, tem razão—replicou a moça — Você dorme, enquanto eu estou acordada. Eu distingo o que lhe escapa... vejo o invisível aos seus olhos... compreendo o que você não pode compreender... (Chardel. — *Physiologie du Magnetisme).*

Para que não se vejam nêsses fatos suspeição ou sugestão, ouçamos um dos maiores cépticos em Espiritismo, o Dr. Eugène Osty:

«Todos os indivíduos dotados de conhecimento paranormal, que estudei, uns espíritas, outros não, tinham a convicção da sobrevivência, exceto um.

«A refratária era a Sra. M., cuja faculdade só funciona em sono profundo. Certa vez lhe perguntei:—Êsse homem cujo fim dramático acaba de me revelar, está morto, aniquilado, desaparecido para sempre, sem existência?

«— Não, isto não —respondeu-me. — Não está aniquilado. Para a minha clarividência êle existe, eu o sinto, eu estou certa disso...

«Dêsse acôrdo unânime de numerosos indivíduos que dispõem de uma faculdade em condições tais que os sentidos e a razão ficam ininformados, que pensar?...» *(Rev. Mét.* 1934, p. 235).

De onde se vê que em hipnose profunda o Espírito entra em contacto com o plano transcendental, e o que nos transmite está nos moldes da hipótese espírita.

* * *

Em regra, um bom médium não é um bom *sujet* hipnótico, o que invalida profundamente a tese hipnológica, que vê no transe espirítico um transe hipnótico. Casos há, porém, segundo referem alguns, em que o hipnotizado, profundamente adormecido, entra em contacto com os defuntos. (Veja-se Rossi-Pagnoni e Dr. Moroni.—*Alcuni saggi di mediunità ipnotica).* Paris, 1889.

Afirmam os hipnólogos que não há sono em hipnologia, ou que é grande a diferença do transe hipnótico para o sono comum. Mas tanto num como noutro, quando o adormecimento é profundo, há o desprendimento espiritual, e o Espírito percebe o que no soma não lhe seria permitido perceber.

No sono comum há o repouso do sistema nervoso, e até certo ponto do vegetativo, com o enfraquecimento da vida dos tecidos ; entretanto, como já vimos, é intensa nêle a vida psíquica. E dizia Primot : — É durante o sono que os mais extraordinários fenômenos da vida psíquica se manifestam. (A. Primot. —*La Psychologie d'une conversion.* Paris, 1914).

Um pouco de critério científico nos fará ver, daí, que se há um símile entre transe hipnótico e espirítico, êle vem provar a tese espírita e não os princípios em que se firmam os doutos mestres da Hipnologia.

* * *

O indivíduo faz a sua construção mental. Se alguém lhe mexe num tijolo, temos transformada a construção e perturbado o construtor. Daí fecharem olhos e ouvidos a qualquer inovação pouco tranquilizadora. E o cientista procede como qualquer sectário, embora suponha que o sectarismo é do vizinho. Essa atitude é o que se chama um estado d'alma.

Nos fenômenos subjetivos o ser comunicante não se limita a dizer que é o falecido—, obstinação que deveria dar o que pensar —, senão que também o demonstra, como já vimos, deixando-nos a convicção de que só o defunto que se diz presente poderia apresentar-se daquela forma : é o morto com suas idéias, seus conhecimentos, sua escrita e sua fala, seus pendores e manias, sua cultura ou incultura, tudo que lhe constituia a entidade psíquica. Isto levou Bozzano a afirmar :

«Se la comunicazione avviene con un defunto sconosciuto a tuti, é chiaro che la sua identificazione esclude la facoltà sub-consciente e implica l'interpretazione spiritica».

«Se a comunicação provém de um defunto totalmente desconhecido, é claro que sua identificação exclui a faculdade subconsciente e implica a interpretação espirítica».

E é mais claro ainda que nenhuma explicação além desta pode subsistir. Falha, portanto, lamentàvelmente, o Sr. Artur Ramos quando afirma que a incorporação mediúnica nada mais é que indução auto-hipnótica, sem qualquer relação a mais distante com entidades sobrenaturais, revivescência de pessoas mortas ; e falha, conseqüentemente, quem lhe fôr nas águas, porque o sociólogo dá provas da mais crassa ignorância quando entra no terreno da Psicologia paranormal.

Até o sobrenatural meteu êle em estudos sérios. E mais absurda se nos mostra sua opinião, se fôrmos aos casos complexos, onde as manifestações se apresentam fora do homem, o que lança por terra tôda a trama psico-cerebral, onde já não podem entrar os neurônios, o córtice, a inibição, os arcos reflexos, as conexões temporárias...

É preciso forjar um entrosamento de processos, uma variedade de fenômenos, uma verdadeira miscelânea doutrinária, onde se perde o hipnotismo, para ajeitar tudo à multiplicidade de fatos com que o Espírito demonstra a sua presença.

Reportemo-nos a um exemplo clássico :

Em 1847, dez anos antes de Allan Kardec, apareceram uns ruidos estranhos numa aldeia do Estado de Nova York. Foi o «ruidoso» caso de Hydesville. Há o alarma em família ; acorrem os vizinhos, intervêm estranhos. Estabelece-se por fim um código com as pancadas. E elas se dizem produzidas por um Espírito que se chamou Charles Rosma, vendedor ambulante ; que fôra assassinado nessa casa por antigos moradores, para o roubarem, e que o enterraram na adega.

Entraram a fazer pesquisas. Não conseguiram encontrar o corpo, mas viram os vestígios de inumação e petrechos do caixeiro, na adega. De busca em busca, acharam a criada dos assassinos, de nome Lucrécia Pulver, a qual confirmou a chegada de um vendedor ambulante na casa, e que aí dormira; declarou que seus patrões a fizeram pernoitar fora; que de volta à casa já não encontrou o hóspede, mas viu alguns dos objetos que êle trouxera, nas mãos dos patrões; êstes diziam tê-los comprado; que descendo à adega caiu ou escorregou em buracos que lá não existiam, explicando-lhe o patrão que eram produzidos pelos ratos; e apressou-se a tapá-los.

Houve um verdadeiro alarma em tôrno de tais acontecimentos. É difícil narrar as aflições por que passou a família, e principalmente as moças, com a casa invadida, a princípio por simples curiosos, depois por grande massa popular; já não podiam fazer mais nada, num alvoroço infernal; e vieram investigadores, e peritos, e doutos, e religiosos, e por fim as comissões, que usavam processos quase inquisitoriais: amarravа-nas, acorrentavam-nas, encadeavam-nas, despiam-nas. Como sempre acontece em tais circunstâncias, doutos e indoutos, religiosos e profanos, acoimavam-nas de embusteiras. E quanto mais probantes eram os fenômenos, maior a grita e a revolta.

Como faziam elas parte da Igreja Metodista, foram expulsas. E os fenômenos, não obstante os apodos, as excomunhões, os inquéritos, as comissões de arrocho, continuavam a produzir-se invariàvelmente, com as moças presentes ou ausentes, como já se produziam com o inquilino anterior, que mais esperto que os Fox, mudou-se à tôda pressa.

O tempo que tudo acalma, fêz esfriar a efervescência. E 56 anos depois, quando já ninguém falava naquilo, e se passara uma geração, cai uma parede da casa onde moraram os Fox e por baixo aparece o esqueleto do bufarinheiro.

Eis o «fato» que somos obrigados a reduzir miseravelmente, muito contra a vontade.

Apesar do aspecto espirítico que deveria impor-se, temo-nos que avir com o aprofundamento hipnótico e a somação de focos de inibição cortical.

Parece-nos impossível evocar a sugestão externa, porque não havia sugestionador; nem a interna, porque não se vê como descobrir a indução auto-hipnótica. Não saberíamos como achar o foco excitatório, o comando vigil produtor do ato reflexo. Onde estaria a imagem influente, onde estaria a origem interoceptiva?

Não se pode perceber o impulso, o móvel, o foco, a excitação, endógena ou exógena, capaz de produzir a série dêsses fenômenos que se apresentam com a feição espirítica em tôda a sua evidência: pancadas em diversos pontos, diálogos, a declaração de se tratar de um morto, o assassinio, os indícios dêsse assassínio e finalmente a descoberta completa do fato revelado.

A família era protestante, fazia parte de uma igreja protestante; as médiuns não acreditavam em Espíritos, ao contrário, seguiam os ensinos do catecismo e chamavam a entidade manifestante de *Mister Splitfood,* ou seja o Sr. Pé Rachado, ou Pé Fendido, ou Pé de Cabra, que era o Sr. Demônio. Tôda a assistência participava da mesma crença, e as moças escaparam até de ser linchadas. Kardec, com a doutrina dos Espíritos, não poderia ter retroagido a Hydesville.

É preciso, pois, grande imaginação, fôrça indômita como a de Peri, no Guarani, e a coragem dos espartanos nas Termópilas, para ver naquilo um comando hipnogênico, a retenção de idéias e conceitos no cérebro, a reprodução de impresoões ou um reflexo de origem interna.

* * *

O fenômeno de Hydesville é um entre muitos. Êste possui o valor de sua forte documentação.

Ver um produto hipnótico numa série de fatos que nada têm com a mente, nem mesmo com a subconsciência; onde se denuncia um episódio desconhecido de todos; onde o batedor se afirma um falecido, contra a opinião e a crença gerais; onde prova o que diz; onde se verifica, pela revelação extrinseca ao médium ou aos médiuns o que só o acaso desvendou, apenas se explicaria, dado o valor dos preopinantes, por um estado d'alma.

Carlos Imbassahy

Unificação

Newton G. de Barros

UNIFICAÇÃO é a palavra doce que está circulando nos meios mais movimentados do Espiritismo pátrio...

A palavra vai sofrendo as influências etno-geográficas e psico-subjetivas das vésperas do terceiro milênio!

Unificação, para uns, é não fazer congressos. Basta substituir o vocábulo por concentração, semana, tertúlia, confraternização...

Para outros, é atacar os irmãos que, embora baseados nas obras da codificação, não ficaram limitados em suas atividades aos confins das linhas geodésicas da geografia política.

Para terceiros, é não admitir que um determinado espírito fale em tôdas as partes e por tôdas as bôcas...

Enquanto o «diz-que-diz-que» vai azedando e envenenando, o estudo dos livros de Allan Kardec está sendo relegado para um plano secundário. «Espiritismo de vivos» passou a ser confraternização dos que pertencem a uma determinada igreginha, já confraternizada.

O Espiritismo municipal é a base do «pacto áureo». Sem a unificação dos Centros de cada Município, a palavra permanece sôlta ao vento, ou morta no papel.

Temos ouvido, no interior, as velhas citações:

— «Leopoldo Machado e Alberto de Barros disseram...»

Sim, disseram e realizaram. Cada um à sua moda. Mas estudaram e combateram o êrro com a autoridade moral de seus conhecimentos.

E Alberto de Barros foi o oposto de Leopoldo Machado nas suas campanhas. Um imitava Pedro. Outro seguia Paulo. Um falava baixo e realizava no seu Município. O outro falava alto e construia para o mundo. Um era manso e prudente. O outro era altivo e ousado. Um enfrentava a FEB de igual para igual. O outro era a submissão e o respeito. Mas conviviam sorrindo, discutindo e amando, como mandava Jesus. E deixaram realizações de compreensão e amor!

Iniciaram suas lutas quando o Espiritismo era emprêsa de pioneirismo. Era lide abençoada de pequeninos grupos e humildes. Feriram os corações nas urzes do achincalhe e, até mesmo, da perseguição religiosa...

Unificação para muitos «lideres» — e foram tantos, e tantos, por êsses Brasís benditos — era conhecimento perfeito da doutrina e muito amor ao próximo.

Unificação não é uma fria estrutura hierárquica, exigência das novas técnicas administrativas. Em nossa Religião o arcabouço tem que ser estruturado na fraternidade de indivíduo para indivíduo.

Em nosso município — Nova Iguaçu — a União Municipal planejou o estudo metódico do Espiritismo. Chegámos à conclusão de que deviamos acompanhar as técnicas modernas de ensino e aprendizagem, em benefício da unificação verdadeira.

A Federação Espírita Brasileira é, para a UMENI, a autoridade máxima do Espiritismo brasileiro. Cerramos fileiras em tôrno dela. E estamos levando Allan Kardec, com o coração, para todos os irmãos que se dizem espíritas.

Não atacamos ninguém. Não ferimos! Não separamos. Não criamos casos para nossa Federação estadual. Não tememos os maledicentes de dentro e de fora. O nosso lema tem sido, graças a Deus, esclarecer para unificar.

Freqüentamos a FEB. Apoiamos a Cidade da Criança, com as nossas preces. Assistimos às aulas do ICEB. Somos sócios da UEBEA e da OEE.

Onde houver as obras fundamentais de Kardec e um coração vibrando de entusiasmo pela doutrina, a UMENI aí estará.

Se em cada município brasileiro houver estudo metódico da doutrina, fundamentado nas obras do Codificador, e o desejo de praticar o «fora da caridade não há salvacão», cremos que a Unificação deixará de ser um vocábulo vasio. Vasio e inexpressivo ante a nossa realidade. E o mais lamentável: brilhante que se costumou atirar na face dos outros antes de engastá-lo nas alianças de uma fraternidade cristã. Estamos vibrando com Wantuil de Freitas na FEB, Deolindo Amorim no ICEB, Lydio Diniz Henriques na OSCAL, Vovô Vitorino na UEBEA e D. Maria Rosa Cavalcanti na OEE, pelo estudo estimulado e pela UNIFICAÇÃO fraterna de nossos corações.

«O Brasil é a Pátria do Evangelho». Mas Evangelho é, acima de tudo, «amor ao próximo como a si mesmo».

* * *

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

XI

Foi infeliz o dr. Osmard, com o seu—Abstratos e Concretos—, ao confirmar o que acabamos de dizer no nosso artigo anterior, de que os seus conceitos científicos são interpretados ao inverso da ciência.

Lá no seu livro, para garantir a sua última tese, de que as ondas elétricas do cérebro, observadas por Cazzamalli, seriam pensamentos concretizados em radiações, evocou os cientistas Berger e Adrian. No entanto, a sua interpretação do que dizem os dois sábios fôra invertida, porque os dois pesquisadores, pelo contrário, declaram que as ondas elétricas do cérebro não são radiações do pensamento. E assim, o dr. Osmard, de um modo lamentável, colheu uma coisa por outra, tal qual também como invertera aquêles conceitos de Crookes, que nos valeu um têma, na Revista de 15-12-61. E de êrros de interpretação, construiu tôda sua tese, sôbre bases falsas, como passaremos a ver.

Vejamos o conceito dos dois cientistas, na literatura «Os Mistérios da Ciência», do Prof. A. W. Haslett, do King's Colege (Inglaterra), onde, na pág. 213, se lê:—«A elucidação da atividade nervosa preparou ainda o caminho para se obterem os gráficos da atividade elétrica do cérebro, trabalho realizado a primeira vez pelo Prof. Berger, e mais tarde repetido e ampliado pelo Prof. Adrian. (...) Verificou o Prof. Berger que quando os olhos estão fechados estabelece-se uma corrente elétrica uniforme (...). Êsse ritmo pode, contudo, ser alterado quando, por exemplo, o pensamento se firma num exercício de soma que seja bastante difícil, para exigir a concentração total da atenção do paciente.

Todavia, é impossível distinguir a alteração do rítmo produzida por semelhante motivo, de uma outra qualquer, determinada pela meditação de um problema filosófico ou algum outro esfôrço que encerra igual dificuldade. A corrente que se deixa medir, em tal caso, é *característica de um estado cerebral* em que a consciência não esteja firmemente fixada em nenhum problema.»

Façamos aqui um parênteses para salientar que a explicação aí é complexa para o leigo, como também teria sido ao nosso opositor. Note-se ali onde diz «característica de um estado cerebral.» Isso o dr. Osmard lá no seu Hipnose e Letargia interpretou no sentido de «mental», quando um e outro são de naturezas opostas, pelo conceito psicosoma, da própria ciência médica. Tanto assim que aquêle relato separa, com clareza, ambos os conceitos, quando, logo mais adiante, continua :—«As ondas observadas são na realidade, ONDAS CEREBRAIS, de inatividade E NÃO DE PENSAMENTO.» (nossos todos os grifos.)

Mas o dr. Osmard, entendendo uma coisa por outra, julgou-se firmado nos dois sábios, e assim enganado, levou-os para sua tese.

E o mais interessante é o fato de que êsses sábios ainda obtiveram uma experimentação científica, comprovando não serem as ondas cerebrais originadas do pensamento. E o dr. Osmard, apesar da clareza do relato, também interpretou-o ao avêsso, como se ali estivesse uma prova de laboratório para a sua tese. E com mais essa infelicidade, levou o caso para o seu Hipnose e Letargia, onde se lê na pág. 214 : — «Há perto de 30 anos o cientista alemão Hans Berger descobriu que havia sinais de atividade elétrica no cérebro... (...) As pesquisas de Walter e de Adrian. com quem trabalhava, trouxeram o seu primeiro resultado positivo no dia em que levando à sala de cirurgia um paciente no qual o traçado cerebral acusava sensível anormalidade (5 ciclos por/s em lugar de 10 como ocorre normalmente), lá encontraram a causa do êrro, um TUMOR CEREBRAL. A eletroencefalografia realizava assim o seu primeiro diagnostico.» (nossos os grifos).

É de se admirar que um ilustre intelectual nem reparasse que essa prova, diz bem claro «a causa do êrro, um TUMOR CEREBRAL». Logo, então, onde está aí a prova de que a causa dessas radiações são os pensamentos, se ali nada diz dêstes ? O dr. Osmard afirma uma coisa, e como prova apresenta outra. E como se enganar tanto com os sábios Berger e Adrian, se êstes foram claros ao deixar entendido que — «As ondas observadas SÃO CEREBRAIS, de inatividade, E NÃO DE PENSAMENTO ?» Veja-se que as radiações permanecem inativas, não oscilando no seu ritmo normal, em relação ao pensamento que pode variar sem perturbá-las, uma vez que a causa é outra. A verdadeira causa dessas radiações, de natureza elétrica, está nos movimentos eletrônicos das moléculas gigantes das proteinas da estrutura das células cerebrais. Esta mesma natureza de radiações elétricas foram obtidas com células isoladas, dissecadas nos laboratórios, provando assim não ser necessário a presença do ato de pensar para a existência das radiações.

E sendo as células de natureza elétrica, concentrada aos bilhões na massa cerebral, em trabalho sincrônico, o potencial de suas vibrações são captadas nos laboratórios. A seqüência dêsse ritmo, dentro das condições normais, mantém-se num nível equilibrado, independente, como já dissemos, das variações dos diferentes tipos de pensamentos. No entanto, tratando-se de fenômenos de origem físico-químico, da fisiologia orgânica, basta que haja perturbações na mecânica somática, como sejam tensões ou vibrações orgânicas, provocadas por esfôrço atencional ou choques emocionais, ou alterações na composição ou irrigação sangüinea, ou afecções locais, enfim, qualquer causa estrutural suficiente para perturbar o trabalho sensível das células cerebrais, ativando-as para mais ou para menos, para que reflitam nas radiações, acusando a anormalidade.

Por isso mesmo que o eletroencefalograma é utilizado em hospital para diagnóstico de doenças relacionadas com o cérebro, e não para descobrir diferentes tipos de pensamentos, predicados êstes que não sendo causa não alteram as radiações.

E sendo as células nervosas de natureza elétrica, suas radiações podem ser constatados em qualquer outra área do corpo orgânico, por onde passam fios nervosos, os neurônios, cujo pontencial está em relação com a quantidade de células observadas. Só isto bastaria para provar que as radiações nada têm com o trabalho mental do pensamento.

Êsse assunto, embora dentro da fisiologia orgânica, não se pode entendê-lo, caso não se conheça algumas noções dos estudos da matéria e energia. É o que estaria faltando ao dr. Osmard, como bem revela ingenuamente nesta sua atitude, em que, apesar de estar com a fórmula da equação de Einstein nas mãos, lamenta que o sábio a levou para o túmulo. E, com inocência, expondo-a na mesa, E = M C 2, afirma que essa história complicada só poderia ser ventilada pelo sábio, se êle pudesse voltar.

É infantil êsse engano do nosso inconsolável combatente, pois se está com a fórmula, já não mais se trata de segredo. Tanto assim, que até nós aqui podemos equacioná-la, tirando-o dessa preocupação.

Vejamos em números redondos, com reduções simples e acessíveis.

E = M C 2 : — Converter a matéria condensada para energia (E), supondo-se a massa (M) do eléctron no valor de 0,000005 unidades.

Eleve-se a velocidade da luz ao quadrado - 300.000 x 300.000 = 90.000.000.000 (C 2) (noventa bilhões), cujo resultado multiplique por aquêle valor — 0,000005 — da massa (M) eletrônica e obterá o valor de — 450.000 (quatrocentos e cinqüenta mil) electrons Volts, em energia (E) liberada.

Se houver êrro numérico, por lapso de revisão, será fácil, aos interessados, refazer a operação, seguindo-se êsse esquema.

É coisa tão simples que até aconselhamos, como aquela história do ovo de Colombo, ao dr. Osmard dizer que disso já sabia, antes que algum curioso pergunte :—o que o dr. Osmard andou fazendo pelos colégios ?

E assim, o nosso atacante, desconhecendo o assunto da matéria e energia, aventurou-se em declarar que espíritos são produtos dos nossos pensamentos concretizados. Ora, as radiações eletromagnéticas, quando voltam a se condensar (materializar), não saltam para as formas modeladas da natureza, para se julgar que as radiações cerebrais se concretizam em fantasmas. As primeiras condensações da energia em matéria dão-se pelas transformações em partículas elementares do Universo, os raios cósmicos (mesons, positrons, neutrinos...). Assim, essas primeiras partículas invisíveis, materializadas, quando encontram condições propícias no Universo, compõem-se em sistemas atômicos que, prosseguindo no ciclo evolutivo, unem-se em moléculas, atingindo a natureza das formas da matéria planetária, que se diz substância.

É esta a fase da matéria que estrutura os três reinos planetários. Logo, as radiações cerebrais, sendo eletromagnéticas, fugindo a 300 mil qm/s pelo espaço a fora, não iriam estacar a alguns passos, como julga o dr. Osmard, para se concretizar, como um golpe de mágica, em forma de substância ectoplásmica. Isto, como julga, seria uma derrogação das leis do Universo.

Deixe o dr. Osmard de recorrer a teorias seculares, e atente pelo que dizem os físicos de hoje, e compreenderá que é insensato julgar que a energia, ao se condensar, salta para a forma das substâncias, como seja, o ectoplasma. A origem desta substância é outra, que não seja o pensamento do agente emissor.

Aproveitando espaço, vejamos mais êste outro seu tema.

Comentou — «que tão mais complexo e evoluido seja o cérebro, mais requintadas são as suas propriedades elaborativas.»

Êsse é outro ponto do seu materialismo, onde argumenta, lá no seu livro, que a necropsia, de homens talentosos, revelou que a zona cerebral responsável pelo trabalho do gênero intelectivo, a que se dedicaram, apresenta uma estrutura mais desenvolvida de células do que o comum. Daí a conclusão do dr. Osmard de que o talento já vem naquela excitação celular, autêntica calosidade, desde o nascimento. Mas quem viu êsses cérebros, logo na sua origem, antes de trabalhados, para afirmar que já nasceram com aquelas zonas calosas, quando só os vemos após a morte do indivíduo ? Como exemplo, não se nega que o trabalhador rude já nascera com fortes mãos, mas não se vai dizer, porque se dedicou a essa pesada tarefa, que já teria nascido com elas calejadas. Mas, assim poderiam julgar os apressados, se por hipótese sòmente conhecessemos as mãos humanas após a morte, tal qual está prejulgando o dr. Osmard, em relação ao cérebro, tomando o efeito pela causa.

Vamos de relance pelas suas notas numeradas.

Notas n.ᵒˢ 7 e 9 : — A estas, damos o nosso desprêzo porque as transcrições foram deturpadas, grosseiramente, com arranjos, modificando o sentido das frases. Vejam os leitores, por favor, essas notas do adversário, na Revista do mês passado, e procurem lá nos nossos Revides de 15-11-61 e 15-1-62, e notem que não se acham aquêles trechos, tal qual o dr. Osmard apresentou-os, como se fôssem nossos. Na nota n.º 9, além daquela adulteração, onde não disséramos que — Labilidade é doença mental..., esta frase, mesmo assim, se não tivesse sido truncada, na fase final, ainda daria para transparecer o sentido. Infelizmente, tratando-se de três golpes seguidos, não se pode atribuir a descuidos. Portanto, descoberta a fraude, repudiamos essas notas, que vieram enegrecer uma das poucas coisas do agressor, a honestidade, que julgávamos salva entre os escombros a que ficou reduzido o seu desastrado cientificismo.

Nota n.º 8 : — Da sua consulta, aos — altos níveis — do Rio, não se desvie. Para escapar de uma coisa, nos atribue outra.

Nota n.º 10 — Nesta, como se vê, do caso Nobel, o dr. Osmard, fechado no nosso cêrco pela ciência, procura escapar pelas ironias. Pois lá onde está aquêle nosso trecho, do caso Nobel, na Revista de março ùltimo, logo nas linhas anteriores, há pesadas acusações, denunciando aquela sua falsa declaração atribuida aos diretores de Sanatórios para Débeis Mentais. No entanto, lá não viu isso, passou por cima. Claro, se tivesse recurso para livrar-se dessa grave acusação em que se curvou, não iria perder tempo no terreno das ironias.

Como vemos, enquanto se disfarça com gracejos, nós o catigamos duramente no campo da ciência.

Nota n.º 11 : — Insiste em encobrir sua contradição, no caso das histéricas que, no seu livro, são e não são bôas pacientes em hipnose. Contorna-se declarando que quantidades não revelam qualidades. Então veja : Se a boa fertilidade de um elemento é indicada pelo volume de sua produção, este número revela aquêle valor qualificativo. Entendido ?

Nota n.º 12 : — Para atacar o Espiritismo levou para a sua literatura, com elogios, os sábios Richet, Crookes e Rhine. Como lhe apontamos o seu engano, na interpretação científica do que dizem êsses cientistas, favoráveis aos fatos espíritas, o nosso volúvel atacante, para não capitular, preferiu retroceder, declarando não mais acreditar nas declarações literárias dêsses sábios. Mas é preciso ver se os leitores e colegas do dr. Osmard vão acompanhá-lo nessa sua atitude retrôgrada, deixando de acreditar no bom senso daquêles célebres sábios, para acreditarem naquelas confusões e contradições da sua literatura de hipnose.

Saiba o dr. Osmard, que pouquíssimos espíritas teriam visto fantasmas. Mas se acreditam nêles, assim como acreditam nas moléculas, átomos, raios cósmicos, e tantas outras coisas, que só os pesquisadores observaram, é porque os sábios assim afirmam, através de suas documentações literocientíficas. Portanto, a sua atitude é de leigo ao declarar que só acredita nos fatos comprovados nos laboratórios, se os trouxerem na porta de sua casa, quando os cientistas cruzam países e até continentes na busca de verdades. Imaginemos, o que seriam das academias, se não mais acreditássemos nas literaturas científicas, sendo os sábios obrigados a bater de porta em porta, para apresentar suas provas de laboratório. Francamente, até é incrível que essa idéia seja de um inteligente acadêmico que, por sinal, ainda é autor de livros.

E, finalmente, encerrada esta polêmica, com a despedida do nosso opositor, após um ano de luta, como última fase declaramos que no decorrer dos debates mantivemos com firmeza tôdas nossas acusações, as quais nenhuma vez foram desmentidas, por onde revelamos com fatos as bases falsas da literatura do dr. Osmard, contra o Espiritismo. Batido no terreno da ciência, recorreu à velha tática, objetivando tirar-nos da tese em discussão, em cuja cilada não nos apanhou. De início recorre a ironias, seguindo-se a gramática, quase perdeu-se em ataques pessoais e, no último desespêro, arriscou-se com perigosas cartadas, deturpando e truncando transcrições nossas, atitude esta que mais agravou sua derrota.

Contudo, ainda assim, não saimos em mágoas com o nosso revoltado atacante, reconhecendo seu direito de defesa, ao ver sèriamente abalado, nesta cruel refrega, seu prestígio literário, pelo que nos perdôe se as vêzes usamos severa franqueza.

E assim, com o adversário recuado da linha de frente, pudemos dominar o campo da ciência, no que rejubilamos, considerando-se seu alto valor intelectivo.

E aqui despedimos, do nosso ilustre opositor que, apesar dos nossos choques de idéias, continua na nossa leal admiração.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara
Est. S. Paulo

N. do A. — No nosso último trabalho, na pág. 108, terceira linha da segunda coluna, onde por um lapso saiu : «... aquêles por êstes» leia-se por favor : «... aquêle por êstes».

No Turbilhão

SEM que nos seja possível evitar o envolvimento no turbilhão da existência terrena, que tudo vai arrastando para o efêmero destino dos sêres e das coisas, temos, contudo, sabido manter a nossa linha própria de conduta, mau grado as tremendas vicissitudes que têm de suportar todos os que aplicam sua atividade em alguma coisa útil e benéfica à coletividade humana, de que fazemos parte.

Nosso jornalismo militante não suporta as volúpias da moda, com que nêste século da valorização astronômica do calcanho, só por si oferecendo renda superior a um milhão de cruzeiros, por mês, a alguns dos seus felizes portadores, os cérebros também querem dar-se ao desplante de funcionar sòmente quando movidos por interêsses mercantís, tão subalternos como os que mais o sejam...

Não vendemos a nossa consciência! Sejam quais forem as consequências da nossa inflexível e voluntária atitude, recusando-nos a fazer jornalismo por dinheiro, aqui estaremos até o dia em que fôrças tivermos para manter a nossa integridade moral e intelectual. Quando tudo nos faltar ; quando se apropriarem completamente de tudo o que adquirimos com ingentes sacrifícios e inaudita resignação e paciência, então daremos por finda a peleja do bem contra o mal, do bom ânimo contra a inércia moral com que nos acenam como constituindo a melhor situação para os velhos...

O século caracteriza-se por um generalizado embrutecimento dos espíritos, conseqüente à perda, que era fatal à vista das conquistas da ciência, do respeito pelas fórmulas padronizadas de salvação, que consistiam em indulgências e favores especiais aos crentes e adeptos submissos, contrastando com as penas do inferno para os insubmissos a essa padronização ostensiva e desabusada. Ninguèm mais tem fé em coisa alguma que seja independente do império dos sentidos e do imediatismo da vida. Sendo assim, a um homem que se emancipou completamente dessas fórmulas e que nenhum valor mais pode dar às coisas imediatas, além do que essas coisas merecem e que é o mesmo que se pode dar à lenha ou ao carvão para aquecer a caldeira, ao milho para nutrir as galinhas, ao inhame para engordar as manadas..., isto é, um valor ponderável, não, porém, que nos obrigue a inteligência a só se ocupar com essas coisas ; a um homem, por assim dizer, livre à imitação do Cristo — livre para fazer o bem, para dizer a verdade, para não se submeter a convenções nem a cambalachos políticos, econômicos, de qualquer espécie que sejam, mesmo religiosos ; mas que a ninguém quer agredir pessoalmente senão aos costumes ; que a ninguém quer mal, pelo contrário, a todos ama e ora pelos seus inimigos e perdoa as ofensas e se humilha e não dá importância alguma às coisas exteriores... ; a um homem assim, resta sómente contar com outros homens que tenham honestidade, que tenham caráter, que tenham honra, que tenham dignidade, para realizar alguma coisa, porque a ninguém impõe pelo dinheiro, pelo abuso da necessidade dos outros, mas a todos pede uma cooperação livre e respeita a atitude de quem com êle não quer cooperar, porque nos outros reconhece o mesmo direito que lhe assiste de fazer ou deixar de fazer alguma coisa sòmente em virtude de lei, que é regra para a sociedade civil e mais forte regra também é para a sociedade religiosa, — isso porque amizade não se compra, confiança não se impõe.

Ninguém se engane com êsse homem : êle sabe onde está o ladrão, lança as suas objurgatórias contra a ladroagem, mas está disposto a abraçar o ladrão e dar-lhe o pedaço de pão de que precise ; angustia-se por ver que lhe falham aos contratos e se enraivece mesmo contra os deshonestos, mas trata o deshonesto como irmão e jamais o denuncia, apenas na intimidade admoestando-o, quando possìvel ; conhece os que o insultam e desprezam por despeito, os que caluniam por estupidez e ignorância das sábias leis de Deus, mas o que faz é orar pelos que revelam tão baixos sentimentos.

A vida em Deus é diferente da vida em Mamon. Há hoje em dia muitos homens que só confiam no dinheiro : a êsses o dinheiro dará entêrros de primeira ordem, com ceremônias faustosas e mausoléus arquitetônicos, conquanto os vermes, como a todos os demais, não deixem de se repoltrear, horrendos, nos seus despojos, com a agravante de que só a êstes é que dão valor, ao passo que os homens que buscam ter vida em Deus, entregam os seus despojos aos vermes, mas a alma entregam a Deus, porque no Pai acreditam e na sua divina misericórdia confiam.

Ai dos vingativos e dos caluniadores, dos despeitados e dos invejosos, dos que desvairam pelo dinheiro e pelas posições sociais, porque dêles será o reino das trevas, quando não mais tiverem a seu serviço os beleguins da bajulação e do subôrno.

Um apêlo constante haveremos de fazer, até a última hora em que tivermos de passar entre os nossos irmãos de genealogia terrena, no sentido de se comportarem dignamente para com as suas consciências, tendo também muito em vista as veleidades de garantias à sua vida e aos seus bens de ordem intelectual ou econômica, porque êstes, pela sua fragilidade, podem desaparecer de um momento para outro : roubam-nos a qualquer homem, por mais avisado que seja, a demência, a caduquice, as mil vicissitudes sociais. Só o patrimônio moral é de propriedade inalienável, como o bem demonstrou Jesus Cristo que, escarnecido, foi glorificado ; humilhado, se tornou eternamente o Senhor ; martirizado na cruz, dela ergue-se, na ressurreição, para continuar oferecendo aos seus discípulos o pão da vida eterna e, por meio dêstes, aos seus próprios algozes, êsse mesmo pão, que a ninguém Deus nega, como se afirma na suave parábola do Filho Pródigo.

É tão sublime perdoar ! É tão edificante amar até ao sacrifício ! É tão delicado e nos plenifica de tanta felicidade trabalhar continuamente em pról das boas causas, humildemente, para que assim tenha valor a nossa caridade !

Que a paz do Senhor desça a todos os corações !

PHILEMON

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Estudos Doutrinários

I - TRADUÇÕES E DÚVIDAS — Deolindo Amorim

Durante uma série de palestras doutrinárias no Centro Espírita *18 de Abril*, há pouco tempo, apresentamos aos nossos companheiros alguns problemas, que, embora não sejam de caráter decisivo no corpo da doutrina, podem causar alguma dificuldade ou confusão, principalmente nas pessoas que porventura ainda não tenham feito estudos demorados. São problemas de forma, exclusivamente de forma, e não de fundo, isto é, de linguagem, apenas, sem repercussão no âmago ou na essência da doutrina. Todavia, é preciso não perder de vista o seguinte fato: se, na realidade, certas formas de dizer ou certos modos de apresentar um problema doutrinário não alteram a idéia capital, existem alguns casos, no entanto, em que o simples emprêgo de uma palavra pode modificar o sentido de um conceito.

Em artigo publicado na revista *O Médium*, de Juiz de Fora, por exemplo, já tivemos ocasião de mostrar, há tempos, como a troca de uma palavra por outra, em determinada edição de uma obra, modificou o pensamento de uma lição. O Capítulo XXVII, *d'O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*, (Edição da Federação Espírita Brasileira), na explanação sôbre o «Modo de orar» (n.º 22), diz o seguinte: *A prece do cristão, do espírita, de qualquer culto, deve ser feita na ocasião em que o espírito houver subjugado a carne.* A tradução é de Antônio Lima, edição de 1917. A condição de haver *subjugado a carne* dá a entender que o melhor momento da prece é justamente aquêle em que, depois das lutas diárias, a criatura humana se recolhe e, então, pode, com mais facilidade, entregar-se à meditação, voltando-se mais para a vida espiritual. De fato, o recolhimento é uma condição psicológica, muito importante para a prece ou oração, embora a própria doutrina também diga, noutro passo, que a prece se faz em qualquer lugar, até na oficina ou no gabinete de trabalho. No mesmo capítulo está escrito, e de um modo bem objetivo, que *A prece do dia é o cumprimento dos deveres, sem exceção, qualquer que seja a sua natureza.* Todo aquêle que tiver cumprido rigorosamente os seus deveres durante o dia, no comércio, na escola, na fábrica, na caserna etc., e se está, realmente, com a consciência tranqüila, sem nenhum motivo de remorso, realizou uma prece, sem forma especial, sem palavras escolhidas, mas pelos atos, segundo se infere desta última sentença da doutrina. Seja como fôr, o estado de desprendimento e o silêncio no fim de cada dia de trabalho são muito necessários ao ato de oração. Daí, pois, a recomendação *quando houver subjugado a carne*, isto é, quando a pessoa vai para o leito, procurando refazer-se do desgaste de energia e entra, por fim, no desejado descanso físico. É um estado de espírito em que se torna mais fácil concentrar o pensamento e orar com calma e elevação. Os grandes místicos de todos os tempos tiveram os seus momentos de recolhimento para meditação. O próprio Jesus teve momentos em que também precisou ficar um pouco afastado da multidão para orar. E Êle, que já era uma oração permanente, pela pureza de sua vida... No entanto, não dispensou a prece.

Nota-se, entretanto, alguma diferença no sentido daquela lição, quando se confrontam certas edições. A edição de 1930, cuja tradução é também de Antônio Lima, já nos fala de outro modo, porque diz o seguinte: a prece deve ser feita *na ocasião em que* o *espírito retoma o corpo*. Não é a mesma coisa, porque *subjugar a carne*, como está na edição de 1917, e *retomar o corpo*, segundo a edição de 1930, são procedimentos distintos. A tradução de 1930 está em harmonia com outras fontes, nas quais aparece repetidamente a expressão *retomar o corpo*, inclusive na edição francêsa de 1876, publicada pela «Librairie Spirite», de Paris, na qual o mesmo período (n.º 22) está redigido assim: *La prière du chretien, du Spirite de quelque culte que ce soit, doit être faite dês que l'Esprit a repris le joug de la chair*... A idéia é a mesma, portanto: «A prece do cristão, do espírita de qualquer culto que seja, deve ser feita logo que o Espírito retome o jugo da carne». O sentido é de *retomar*, isto é, voltar à carne, naturalmente após o sono reparador, quando amanhecemos em melhores condições de calma, por causa do repouso físico durante a noite.

Se, no entanto, alguém tomar por base a velha edição de 1917, vai ter uma idéia diferente, porque lá se diz que a prece deve ser feita quando o espírito houver *subjugado a carne*, o que quer dizer, portanto, que o melhor momento da prece é aquêle em que o espírito deixa a matéria, embora temporàriamente. A edição de 30, apoiada por outras edições sucessivas, dá uma idéia justamente contrária, porque fala em *retomar* a carne, isto é, voltar ao corpo. O ato de *subjugar* a carne é um fenômeno psíquico de puro desprendimento espiritual, superando as imposições e necessidades do corpo, ainda que passageiramente, ao passo que o ato de *retomar* a matéria é um fenômeno opôsto, porque o espírito volta ao seu lugar para reencetar a luta cotidiana. Uma das edições do *Evangelho Segundo o Espiritismo* em castelhano (Editorial Barcelona, B. A.) também nos mostra a mesma concordância com a fonte francêsa: «La oracion del cristiano, del espiritista, de qualquier culto que sea, debe ser hecha desde que el espiritu *ha vuelto a tomar el yugo de la carne.*»

As edições da *Livraria Allan Kardec Editôra* (LAKE, de S. Paulo), empregam logo o verbo *voltar*, com tôda a clareza. A edição do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de 1949, tradução de Júlio Abreu Filho, fala simplesmente dêste modo: *A prece do cristão, do Espírita, de qualquer culto, deve ser diàriamente logo que o Espírito volte ao jugo da carne.* Já na 3.ª edição da LAKE (tradução atualizada por Torrieri Guimarães e revista por Carlos Imbassahy) o mesmo período é traduzido de outra maneira, sem alteração no sentido: *A rogativa do cristão, do espiritista e de qualquer culto que seja, deve ser feita desde que o Espírito haja retomado o jugo da carne*... Apenas substituiu-se a palavra oração ou prece, que aparece em tantas edições nacionais e estrangeiras, pela palavra *rogativa*. A diferença, como se vê, é apenas de redação, de uma tradução para outra, pois ninguém é obrigado a traduzir os textos ao pé-da-letra. A edição anterior preferiu, por exemplo, dizer assim: logo que o Espírito *volte ao jugo da carne*. A outra tradução entendeu, entretanto, que ficaria melhor assim: logo que o Espírito *haja retomado* o jugo da carne. Formas de dizer, e nada mais, pois o sentido é o mesmo nas duas formas. Muitas vêzes, até, por uma questão de aperfeiçoamento literário, o tradutor pode modificar a redação, dando uma configuração mais elegante ou mais clara, mas é indispensável, acima de tudo, que o faça com tôdas as cautelas para não prejudicar o pensamento ou dar motivo para ambigüidade na interpretação. Há ocasiões em que a troca ou a transposição de um vocábulo dentro do texto nada altera, e pode, ainda, emprestar mais concisão à idéia. No sentido lato, por exemplo, *rogativa* e *prece* exprimem uma única idéia. A substituição em nada modificou o espírito da lição. É certo, porém, que *rogativa* geralmente se emprega no sentido específico de suplicar, e suplicar é rogar, é implorar. Nem sempre, porém, se faz prece para pedir ou rogar, pois também se faz prece para agradecer, como para exaltar ou louvar. A maioria da humanidade realmente só se lembra de Deus para pedir ou rogar, mas a doutrina espírita nos dá outra idéia da prece, com um sentido muito mais amplo, porque a oração deve ser um ato de consciência, uma espécie de «explosão dalma», que tanto pode significar inquietação ou tristeza, como pode traduzir alegria ou reconhecimento. Se tomarmos *rogativa* no sentido estrito de súplica, naturalmente haverá uma restrição de pensamento. Desde, porém, que se compreenda o pensamento geral do texto, não haverá dificuldade. O essencial da lição é o valor da prece.

Como se vê, há uns tantos problemas, que ficam na forma e não descem ao fundo. São problemas de tradução, apenas de tradução e, por isso, não decorrem de contradições ou falhas da Doutrina. Isto não quer dizer que não haja casos em que o emprêgo de certas palavras não altere o sentido de uma frase ou de um período inteiro, causando certa dificuldade na interpretação. A lição doutrinária, no mesmo ponto aqui citado, fala em *espírita de qualquer culto,* como já vimos. O que se compreende nessa lição é que a prece, em qualquer culto, em qualquer agrupamento religioso, é sempre benéfica, desde que seja sincera. Por extenção, o comentário diz espírita de *qualquer culto,* no sentido indeterminado, fazendo ver que o valor da prece está no sentimento, não importando saber se é de um espírita, um católico, um judeu, um maometano. Existe, porém, uma transcrição em que êste mesmo ensino, que está *n'O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO,* aparece de outro modo, dando uma idéia já um tanto diferente. É o que se lê, na edição de 1946, do livrinho intitulado *A PRECE* (Edição da Federação Espírita Brasileira), o que, aliás, foi objeto de algumas observações em nosso artigo, publicado na revista *O Médium.*

O capítulo é o mesmo, com os seus comentários, mas a redação não é inteiramente a mesma, porque a palavra *cultura* foi alí colocada, em lugar de *culto,* dando motivo à modificação do sentido. O que está no texto, segundo o «EVANGELHO...», como já vimos, é o seguinte: *A prece do cristão, do espírita de qualquer culto,* etc., etc. O capítulo reproduzido no outro livro—*A PRECE*—foi traduzido nos seguintes têrmos: *A prece do cristão, do espírita, qualquer que seja a sua cultura, deve ser feita logo que o Espírito retome o pêso da carne.* (Edição de 1946). Ora, espírita de *qualquer culto* é uma coisa, espírita de *qualquer cultura* é outra coisa. Vê-se claramente que a palavra culto foi empregada em harmonia com o pensamento geral do contexto, isto é, na acepção religiosa, com o intuito de evitar problemas de ordem sectária, pois o Espiritismo, como afirma o próprio *EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO,* está acima de todos os cultos. É êste o espírito da lição. Nada tem que ver com a *cultura,* tomada no sentido de preparo intelectual. A expressão *espírita, qualquer que seja a sua cultura* não forma sentido dentro daquêle contexto. Poder-se-ia ampliar o pensamento e dizer que a prece do espírita, tanto faz do analfabeto como do homem de ciência, é sempre útil quando a intenção é boa. Estaria certo, mas a verdade é que o ensino original da lição tem um objetivo, e é justamente o de colocar o valor da prece acima das divisões religiosas. Daí, como fôrça de expressão, a idéia de *espírita de qualquer culto,* sem cogitação de cultura intelectual, que não vem ao caso.

Na edição da LAKE, de S. Paulo, o mesmo ensino está escrito assim: *A rogativa do cristão, do espiritista e de qualquer culto que seja, deve ser feita desde que o Espírito haja retomado o jugo da carne...* Aliás, a revisão deixou passar um *r* e, por isso, em vez de culto, saiu *cultor...* o leitor compreende logo o êrro gráfico, muito comum nos trabalhos de composição. Não sabemos como entrou, ali, a conjunção *e,* que não está nas outras traduções: «A rogativa do cristão, do espiritista *e* de qualquer culto... *(A Prece,* 5.ª edição; *O Evangelho Segundo* o *Espiritismo,* 3.ª edição — LAKE).

Depois destas considerações, a propósito de uma série de estudos doutrinários no Centro Espírita *18 de Abril,* do Rio de Janeiro, fizemos sentir aos companheiros a importância, que têm as traduções, em relação ao pensamento de determinados ensinos doutrinários. Se, realmente, alguns casos não criam problemas, porque a discordância é apenas de forma ou de palavras, é inegável, todavia, que ocorrem, às vêzes, problemas difíceis, por causa de certas expressões, que variam, como se sabe, de acôrdo com as traduções e as preferências do editor por esta ou aquela forma. Sempre que seja possível, e nem sempre o é, convém confrontar edições diversas. O melhor de tudo é ir à fonte original, mas isto é difícil e quase sempre impossível, porque sòmente poucas bibliotécas e pouquíssimos estudiosos e eruditos possuem edições originais de algumas obras. Enfim, como orientação, para aquêles que se iniciam nos estudos da Doutrina Espírita, aqui ficam estas duas regrinhas:

a) — sempre que possível, observar as traduções e verificar se há ou não concordância, desde que não haja meios de fazer confronto com a edição original;

b) — quando se der o caso de haver mais de uma edição de uma obra, e se o Autor ainda estiver *vivo*, procurar sempre examinar a última edição, para saber se o Autor ainda sustenta as mesmas idéias e se acrescentou ou eliminou alguma coisa.

Vamos deixar para próxima vez o que se refere à expressão *espírita de qualquer culto*, pois êste ponto sugere considerações especiais.

Pela Unificação do Espiritismo

Por André Dumas

Ex-Presidente da Federação Espírita Internacional
Vice-Presidente da União Espírita Francêsa
Membro da Comissão de Honra do Instituto de Parapsicologia da Argentina

I — Que é o Espiritismo ? Um conjunto de *crenças* ou um conjunto de conhecimentos ? Se é um conjunto de crenças, não haverá nenhuma possibilidade de unificá-lo, a mènos que se institua uma autoridade «infalível», reconhecida por todos os Espíritas, um Papa, um Sacro Colégio ou um Consistório, que decida, de uma vêz por tôdas, aquilo em que os Espíritas devem crer ou não crer; que estabeleça, portanto, um dogma e que declare heréticos e excomungue aquêles que não se harmonizarem com êsse dogma. Se, ao contrário, o Espiritismo é um conjunto de conhecimentos, e mesmo, se vier a tornar-se tal—o que espero se dê —faz-se necessário adotar um critério que seja universal e que cada um concorde em seguir.

Êsse critério universal existe; não há senão um: *a Ciência.*

Adotar êsse critério implica em submeter o pensamento a uma certa disciplina, que se renuncie a tudo admitir, a crer, por exemplo, que as estrêlas são luzeiros pendurados da abóboda celeste, ou que a terra é chata e o inferno se situa em sua parte inferior. Isso são crendices e a disciplina científica força-nos a rejeitar as crendices, as idéias que são contrárias aos nossos conhecimentos.

É graças a essa disciplina que os biologistas de todos os paises estão de perfeito acôrdo sôbre a estrutura da célula viva e que os quimicos de todo o mundo têm a mesma opinião sôbre a composição e propriedades do ácido sulfúrico.

Portanto, para unificar-se, isto é, para apresentar, em todos os lugares e meios, conclusões semelhantes e incontestáveis; para adquirir valor eficaz no mundo contemporâneo, ou mais pròpriamente, *para conquistar sua posição entre o conjunto dos conhecimentos humanos,* o Espiritismo deverá tornar-se Científico.

Mas, observe-se, isso não significa absolutamente que o Espiritismo deva ser exclusivamente experimental, que não deva ocupar-se senão dos fenômenos. Ciência significa *conhecimento.* O Espiritismo deverá tornar-se uma Ciência; não a Ciência dos fenômenos, mas a Ciência da Alma como realidade autônoma, distinta do corpo e sobrevivendo à morte do corpo; o conhecimento de sua natureza, de sua propriedade e de sua evolução.

II — Tôdas as Ciências têm uma filosofia: o Espiritismo, deverá, portanto, ter a sua. A filosofia de uma Ciência é constituida pelo conjunto das conclusões dessa Ciência. A filosofia do Espiritismo será, porisso, o conjunto das conclusões do Espiritismo científico, conclusões alicerçadas sôbre a natureza da Alma, sôbre suas relações com o corpo fisico, sôbre suas atividades no mundo espiritual, sôbre sua anterioridade e sua origem, sôbre as leis de seu desenvolvimento e de sua ação, sôbre a significação da existência.

Essas conclusões deverão ser baseadas em fatos e não em mensagens mediúnicas. Muitos espíritas dão, arbitràriamente, o nome de «Ciência» às sessões experimentais e o nome de «Filosofia» ao conteúdo das mensagens mediúnicas. As mensagens refletem a mentalidade, as opiniões e as crenças das personalidades espirituais comunicantes — isso sem contar as interferências provenientes do subconsciente dos médiuns. Essas opiniões e crenças da parte do mundo espiritual que se nos manifesta geralmente são tão diversas entre êles quanto o são entre as almas revestidas de um corpo material. As exposições filosóficas contidas nas mensagens mediúnicas devem ser consideradas, não como verdades reveladas, mas como opiniões a estudar e a considerar da mesma forma por que examinamos as opiniões coligidas pelo Instituto Gallup, ou as informações de pessoas que relatam suas impressões de viagem, reproduzindo aquilo que viram ou creram ver, ou ainda como examinamos as opiniões de Hume, Spinozza, Descartes ou Schopenhauer.

A filosofia do Espiritismo, para ser unificada e tomada a sério não deve, pois, apoiar-se nas mensagens mediúnicas ou em fragmentos de catecismo tomados emprestados a religiões dogmáticas, mas em fatos postos em evidência pela Ciência do Espiritismo.

Mas, além da filosofia de cada ciência, há uma filosofia geral, uma certa «imagem do mundo», que evolui com as contribuições de cada Ciência : a biologia com a teoria da evolução, a física atômica com a demonstração da unidade da matéria e da equivalência da matéria e da energia, delinearam marcantemente essa «imagem do mundo», essa filosofia geral. O Espiritismo, tornado Científico e doutrinàriamente unificado, deve necessàriamente acentuar também essa filosofia geral, demonstrando, na evolução do mundo e dos sêres, a ação do elemento psíquico e espiritual.

III — A Espiritualidade é uma aspiração a viver segundo uma certa norma, a adaptar os atos às concepções que se professe, é um impulso puro em direção ao ideal.

Se a Espiritualidade é una em sua essência, é, todavia, variada em suas formas. A espiritualidade do budista e a do cristão não são semelhantes. O primeiro procura fugir ao encadeiamento das ações e suas conseqüências, à ilusão do mundo sensível, e sua espiritualidade caracteriza-se pela contemplação e pela renúncia à ação. Para o segundo, ao qual se ensinou a abominar a carne, a desprezar o corpo, sua espiritualidade consiste também em renunciar ao mundo e às suas tentações. Mas, ela apresenta no amor ao próximo, um elemento positivo que implica uma atividade : «Servir». Se tal não acontece mais freqüentemente é porque o cristão vive num mundo material dominado pelo espírito de gôzo — no qual, aliás, entrechocam-se outras doutrinas filósoficas — o porque da Espiritualidade, que é um impulso insofreável, pode não existir no crente, e, pelo contrário, animar, no mais alto grau, um ateu ou materialista convicto que poderá manifestar um elevado espírito de sacrifício na vida social.

A Espiritualidade traduz, portanto, um certo nível de evolução moral e toma formas correspondentes às concepções religiosas e filosóficas do indivíduo.

Qual será o caráter da Espiritualidade inerente ao Espiritismo ? Para o Espiritismo a alma evolui em um universo ; seu desenvolvimento e desabrochar constituem sua finalidade natural; o mundo material é uma escola de formação do caráter, um meio de desenvolvimento e de tomada de consciência da solidariedade que liga todos os sêres em sua ascensão. Nossa Espiritualidade não será a da renúncia à vida material e do desprêzo à carne ; ela fará da contemplação das belezas do Universo e da meditação, meios de vibrar em harmonia com os planos superiores, mas ela será uma *Espiritualidade ativa*, tendendo a afirmar, simultâneamente, nossa natureza interior e a do mundo material, e realizar uma vida social baseada no auxílio mútuo, na solidariedade, na benevolência entre os indivíduos e os povos.

IV — O Espiritismo pode, assim, manifestar-se sob três aspectos : *Ciência, Filosofia, Espiritualidade*. Mas êsses três aspectos não são partes separadas ; estão intimamente ligados. No edifício total a Ciência constitui a base e a Espiritualidade, a cúpula.

O trabalho tendente a essa unificação progressiva do Espiritismo é essencialmente um trabalho de educação. As federações nacionais podem apressar essa evolução, organizando conferências e cursos tendo como temas :

a) CIÊNCIA

1) As grandes escolas da história das Ciências ; Métodos e espírito da ciência.

2) Os fatos essenciais da astronomia e da astrofísica ; as teorias modernas relativas à gênese e à evolução dos mundos.

3) A estrutura da matéria, a arquitetura dos átomos, as diferentes formas de energia, as radiações.

4) A biologia e a paleobiologia ; a origem da vida e a evolução dos sêres vivos.

5) A psicologia e o estudo do subconsciente; o sonambulismo natural e provocado, a hipnose, a sugestão e a autosugestão, a psicanálise.

6) A parapsicologia e a metapsíquica : telepatia, conhecimento supranormal, percepção extra-sensorial ; a ectoplasmia.

7) Os fenômenos mediúnicos e a classificação dos fenômenos espíritas. Teorias e discussão das hipóteses.

b) FILOSOFIA

1) Grandes escolas da história da filosofia.

2) História do espiritualismo antigo.

3) História do materialismo, suas bases cientificas atuais. O cérebro e as localizações cerebrais ; o paralelismo fisiopsicológico.

4) A crítica anti-materialista de Bergson : *Matéria e Memória.*

5) A crítica anti-materialista de Geley : *O Ser Subconsciente.*

6) As teorias da evolução : Darwin, Lamarck, De Vries. Seleção natural e influências do meio. Evolução lenta e mutações bruscas. Acaso e finalidade na evolução. A influência do psiquismo.

7) As teorias evolucionista-espiritualistas. Olivier Lodge : *A Evolução Biológica e Espiritual do Homem.* Dr. Gustave Geley : *Do Inconsciente ao Consciente.*

c) RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

1) Grandes escolas da história das religiões. Mitos pagãos e mitos cristãos. Mitos, dogmas e impulso espiritual : a letra mata, o espírito vivifica. As grandes correntes religiosas contrapuseram sempre a Chama Espiritual à cinza dos dogmas.

2) A unidade dos ensinamentos essenciais das grandes correntes espirituais. Aldous Huxley : *A Filosofia Eterna.* A Índia : Vedantismo, Budismo, Yoga. A China : Taoismo. A Moral do Egito Antigo : *O Livro dos Mortos.* A espiritualidade dos Peles-Vermelhas. O Ensino do Evangelho : *O Sermão da Montanha.* São Francisco de Assis, Sebastião Castellion. O Islão. O Sofisma.

3) A síntese espiritual Oriente-Ocidente : Ramakrishna, Vivekananda, Gandhi, Rabindranath Tagore, Aurobindo. A mística cristã-evolucionista do R. P. Theilard de Chardin.

4) Ciência e Espiritualidade : Alexis Carrel, Leconte de Nouy, Einstein.

5) À procura de uma espiritualidade adaptada ao mundo moderno : O Espirito não deve fugir do mundo material, deve dominá-lo.

Tais são as linhas essenciais de um ensino progressivo que poderá fazer avançar o movimento espírita internacional, com vistas à unificação doutrinária.

Trabalho intenso, dir se-á. Sem dúvida. Mas as grandes tarefas requerem grandes exigências. E é uma grande tarefa conferir ao Espiritismo Internacional, fôrça e autoridade para dirigir ao mundo, privado de bússola, sua mensagem renovadora. Provendo uma base científica aos anseios espirituais do homem e ao ideal de fraternidade humana, o Espiritismo prepara a realização — impossível às religiões dogmáticas — da grande comunhão pacífica universal.

«YOURS FRATERNALLY» — N.º 45 (1.961/I) — págs. 4 a 6.

NOTA : As palavras grifadas estão impressas em negrito, no texto original.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	500,00	Ano de	1949	cr$.	400,00	Ano de	1955	cr$.	400,00
» »	1929	»	500,00	» »	1950	»	400,00	» »	1956	»	400,00
» »	1946	»	400,00	» »	1951	»	400,00	» »	1957	»	400,00
				» »	1952	»	400.00	» »	1958	»	400,00
» »	1947	»	400.00	» »	1953	»	400,00	» »	1959	»	400.00
» »	1948	»	400,00	» »	1954	»	400,00	» »	1960	»	400.00

Serões Bíblicos - IX

Redator: LUIZ CARAMASCHI

É lícito abreviar a vida ?

No outro dia, após o jantar, reunimo-nos eu e Árago na sala da bibliotéca, onde nos esperavam outros companheiros. Ao chegarmos, disse Hierão a Árago :

— Estamos aqui empenhados numa discussão, sem que até agora tenhamos deslindado o assunto. Eu acho que em nenhuma hipótese se pode abreviar a vida ; já o Benedito Bruco é favorável a eutanásia. Que nos dizeis a respeito ?

Árago— Digo que essa é uma questão digna de ser estudada. Gostaria, porem, de conhecer tuas razões e também as de Bruco antes de arrazoar por minha vez. Dize-me Hierão : — por que és contra a eutanásia ?

Hierão — Sou contra, talvez, por causa da minha formação espírita. Desde que a vida continua depois da morte corporal, e com os sofrimentos que se quis suavizar, agravados, segue-se que abreviar a própria existência, seria fazer recrudescerem os padecimentos ao invés de os abrandar.

Árago — Tu falas de sofrimentos, mas não os especificaste. Faze isto!

Hierão — Falo de quaisquer sofrimentos. Não os especifiquei porque a regra é geral e sem exceção.

Árago — Mas há dois tipos de dores no mundo, tanto para o homem como para os animais : uma é produzida pela própria natureza, e são as doenças ; outra é o resultado da maldade dos homens. Um homem sofre num leito de hospital, no passo que outro urra numa câmara de torturas. Entendes, então, que num e noutro caso não se pode abreviar a vida ?

Hierão — De acôrdo com a minha formação, se eu estiver sendo torturado, não mastigaria a ampola de cianureto de potássio que me mandaram esconder debaixo da língua . . .

Árago — E tu Bruco, que farias ?

Bruco — Não tenho inibições religiosas. Mastigaria a ampola sem mais aquela. E se não dispuzesse dêste recurso irritaria os carrascos, cuspindo-lhes nas caras, afim de que apertassem a tortura e me matassem de vez. Os carrascos sempre foram umas bestas ; de modo que se a gente os irrita, êles se vingam na hora ; ainda mais que têm os instrumentos de matar à mão . . .

Árago — E no caso duma doença ; agirias de igual modo, ingerindo o veneno mortífero ?

Bruco — Perfeitamente. Não creio que a dor me aperfeiçôe ; antes acho que ela me embrutece. Tenho observado, que os que sofrem nem por isso se tornam bondosos. Até que os bons não sofrem, e os que sofrem, raramente são bons.

— Ora, se eu tenho sempre uma bala caridosa para um animal ferido ou doente de morte, porque não terei piedade de mim mesmo em idênticas situações ?

Árago — Está bem. Ambos sintetizaram suas razões, e eu, até agora, não atinei com o que dizer. Para descobrirmos como proceder em tais circunstâncias, eu proporia buscarmos exemplo num dos maiores homens que já houve nêste mundo.

Bruco — Para mim êsse homem foi Sócrates !

Hierão — Eu sobreponho Cristo a Sócrates.

Árago — Vejamos, então, como procedeu êsse insigne vulto, que foi Sócrates, em face da morte.

— Uma das mais lindas páginas que já se escreveram na terra é o «Fédon» de Platão. Marejam-me os olhos de lágrimas cada vez que releio aquêles passos em que Sócrates prefere a morte à vida, e dá o porquê. Lá diz êle :

— «Não seria, então, como eu dizia, uma coisa ridícula, da parte de um homem que se tivesse preparado, durante tôda a sua vida, a aproximar o mais possível seu modo de viver do estado a que se chega com a morte, irritar-se depois com êste fato, quando êste se apresenta a êle ?» (Platão, Fédon, 31 — Atena Editôra) E prossegue :

—«Um homem que vemos lamentar-se no momento de morrer mostra que não é a sabedoria que êle ama, mas o corpo, não é? E talvez êsse mesmo homem seja um amante das riquezas, das honrarias, seja de uma ou de outra coisa, seja das duas no mesmo tempo» (op. cit. 33). E noutro lugar:

— «Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males» (Platão, Apologia de Sócrates, 43—Atena Editôra).

— Na «Apologia de Sócrates» de Antístenes, está o ponto em que êste, Cebes, Ésquines e Simas, tendo reunido a soma de dinheiro necessária, a comprar os carcereiros, concitaram a Sócrates a fugir, visto que o cárcere estava aberto, as cadeias sôltas e os guardas subornados. O diálogo que se seguiu disto «é magnífico de fôrça moral» como muito bem expressou o tradutor da obra «Apologia de Sócrates» de Platão pág. 111 e 112. Diz Sócrates:

— «Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento. Conservando a vida, eu me tornaria indigno. Minha palavra, espalhada e amada, pode fazer algum bem. Não me peças que eu mate a minha palavra. Outros juizes poderão se precaver contra a injustiça e outros inocentes poderão ser poupados. Seria covardia e crueldade não procurar salvá-los».

— E quando, meus amigos, Sócrates se avizinha de seus últimos momentos de vida, manteve êste diálogo que, na opinião de Will Durant, é um «dos mais sublimes fragmentos da literatura do mundo». Ei-lo:

—«Sócrates levantou-se e dirigiu-se ao banheiro com Críton, que nos mandou ficar à espera; e esperamos, a conversar e falar sôbre... a grandeza da nossa dor; êle era como um pai de quem íamos nos ver separados, e teríamos de passar como órfãos o resto de nossa vida... Já se avizinhava então a hora do pôr do sol, pois se passara muito tempo desde que Sócrates se dirigiu à sala do banheiro. Ao sair sentou-se novamente conôsco... mas não nos dissemos muita coisa. Em pouco entrou o servidor dos Onze... e se postou junto dêle, dizendo: «A vós, Sócrates, que reconheço ser o mais nobre, mais delicado e o melhor de todos os que têm estado neste lugar, não atribuirei os sentimentos de outros homens, que se encolerizam e praguejam contra mim, quando, em obediência às autoridades, mando-os beber o veneno; tenho a certeza de que não vos enraivecereis, já que cabe a outros, não a mim, a culpa dêste ato. Assim eu vos saúdo e exorto a sofrer animosamente o que não pode ser evitado; conheceis a minha missão». E nêsse ponto, prorrompendo em pranto, voltou-se e retirou-se».

«Vendo-o a sair, Sócrates disse: «Retribuo tua saudação e procederei segundo mandas». E em seguida, para nós: «Êste homem é cativante; desde que estou prêso vem sempre ver-me e agora mostra-se generosamente condoído de minha sorte. Mas devemos fazer o que êle diz, Críton; que tragam a taça, se já prepararam o veneno; se não, que o faça o encarregado disso».

«Críton respondeu: «Mas os raios do sol ainda iluminam os cimos dos montes e muitos houve que tomaram a bebida mais tarde; e, depois de a mandarem tomar, ainda os deixaram comer e beber e entregar-se aos prazeres do amor; não vos apresseis, portanto; ainda não chegou a hora».

«Replicou-lhe Sócrates: «Sim, Críton; êsses a quem vos referis andaram bem procedendo assim, já que achavam proveitosa a demora; quanto a mim, tenho razão de não me portar dêsse modo, pois não julgo que lucre alguma coisa bebendo um pouco mais tarde o veneno; estaria a preservar uma vida que já perdi; com isso apenas me enganaria a mim próprio. Peço-vos, pois, que façais o que digo».

* * *

Não há vida sem sofrimento. Não estamos no Paraíso, mas na Terra. Sabes o que isto significa? Evolução, luta, trabalho, reação. Temos de construir o nosso próprio futuro, através de vidas sucessivas.

José Brígido

Crônica Estrangeira

O MÉDIUM CUROU-A PELO TELEFÔNE

De «Estudos Psíquicos»

Há tempos *Two Worlds* publicou a seguinte carta narrando uma cura estranha por processos psíquicos e cuja autora é muito conhecida em Inglaterra.

«No dia 8 de abril estava eu comprometida para o programa «Narradores de Histórias», na Midland Television (ATV). Tinha que contar uma das minhas reportagens de aventura diante das câmaras e em 15 minutos. Imaginai o meu horror, quando despertei na segunda-feira de Páscoa com a voz transformada num murmúrio rouco e agravando-se de minuto a minuto! Quando a minha voz se enrouquece, o mal dura pelo menos uma semana e pensei — «nem sequer posso comparecer». Mas isso era um desastre, sendo esta a primeira vez que eu aparecia naquêle programa e com um produtor que não me conhecia e que não compreenderia, portanto, que sou mais capaz de me arrastar a um compromisso do que deixar alguém mal colocado. Indecisa sôbre o que faria, recolhi o correio da manhã e entre êle deparei com um folheto dum perito em curas espíritas, George Chapman, convidando-me a ir à sua clínica em Aylesbury, Bucks. Conheço muitos especialistas e poderia ter telefonado a qualquer dêles. Mas em segunda-feira de Páscoa a dificuldade era saber se algum dêles estaria livre.

Mas tive um palpite ao telefonar a êste estranho. Liguei o aparelho e pedi para lhe falar pessoalmente. Quando me respondeu murmurei roucamente: —«Chamo-me Evadine Price e apanhei uma tal constipação, que estou a perder ràpidamente a voz. Tenho um compromisso importante na TV, em Birmingham, amanhã à noite. Pode o senhor tratar-me à distância ?

Chapman respondeu-me que o tratamento começara imediatamente.

— Quer que faça alguma coisa ?— grasnei.

— Nada! — foi a resposta.

Cortei a ligação e esperei o melhor.

E dentro de duas horas a minha voz começou a voltar à sua clareza.

O meu resfriamento ficara completamente curado nessa mesma manhã! Dirige-me a Birmingham e, posto que a minha garganta me parecesse lixa, a transmissão foi feita sem contratempo. E o produtor ainda me cumprimentou pela minha dicção com estas palavras: «A sua voz é tão vibrante e clara como a de um sino».

ELA VIU O ANJO DA MORTE

Por V. A. Peacock

De «Estudos Psíquicos»

Quando eu e minha noiva tínhamos 18 anos começámos a nossa carreira pela pediatria e regularmente nos ocupávamos das crianças das famílias nossas conhecidas. Certa noite telefonaram-me de casa duma delas pedindo-me para lá ir; mas, ocupado com assuntos urgentes, vi-me forçado a pedir a Dorcen que me substituísse, o que ela fez de boa vontade, dirigindo-se imediatamente para o local.

A criança em questão era o único descendente do casal e, quando Dorcen chegou à moradia, a mãe, Mrs. Welles, disse-lhe que o bebé (apenas de 4 mêses) estivera todo o dia irrequieto e turbulento.

Dorcen assim fez e tal como se esperava, a criança não adormeceu e minha noiva decidiu levá-la ao parque, envolta num pequeno e leve bibe e no ambiente tranqüilo e sossegado do jardim, onde a luz do dia punha seus últimos reflexos, tentar fazê-la dormir.

Passeando lentamente pela umbrosa álea do logradoiro sentiu instintivamente estranha ternura pelo filho que apertava ao peito. E imersa nêsse contentamento estava prestes a atingir o limite do recinto, quando, atónita, reparou que uma forma angélica lhe surgiu sem que pudesse fazer qualquer gesto. Estacou, varada de espanto, para ver que a aparição não lhes despertou qualquer sentido de sobrenatural. Seus loiros e flutuante cabelos caiam-lhe sôbre as vestes alvinitentes. Num passo etéreo a visão aproximou-se dos dois, levantou o pequeno mantel da criancinha, beijou-a na testa e desapareceu como surgira.

Breve fora a cena ante Dorcen que, estarrecida, se não movera. Mas logo, numa reação nervosa, desatou a correr desabaladamente para casa de sua amiga que, entretanto, saíra ás compras. Ainda sob o acicate da inopinada emoção ligou o telefône para sua mãe e disse-lhe, a tremer, o que se passara. Poucos minutos depois sua mãe chegava à moradia e ambas esperaram o regresso da dona da casa.

A mãe de Dorcen, Mrs. J. Ellis, sempre patenteara dotes psíquicos e já experimentara bastantes contactos espíritas e, embora consternada, previu a morte do infante. Disse-o a Dorcen, mas pediu que não dissesse palavra aos Welles, a quem explicou que saíra a tomar um pouco de ar fresco antes de se deitar e resolvera esperar por Dorcen, que estava muito deprimida.

Na noite seguinte Mrs. Welles chamou outra vez por Dorcen. Sentia-se só, com o marido fora, e o bèbé rabujava todo o dia. Mas Dorcen sentia-se horrorizada e desculpou-se, dizendo que muitos afazeres a esperavam e que não podia ir, o que sua mãe àsperamente lhe censurou ao desligar do aparelho, observando-lhe não ser êsse procedimento gentil nem cristão.

Logo Dorcen compreendeu a razão da reprimenda e decidiu-se a visitar outra vez Mrs. Welles, que a recebeu cheia de alegria; contudo, não puderam conversar, pois a pobre mãe andava constantemente a levantar-se com o filho nos braços, embalando-o, até que o deitou.

Sùbitamente ouviu-se uma pancada na porta de entrada. Dorcen levantou-se para atender, mas não encontrou alguém no patamar. Momentos depois novo toque se fez ouvir e foi Mrs. Welles que foi abrir a porta e também não encontrou qualquer pessoa. Mas ainda que ambas sentissem o fato estranho, disfarçaram o pensamento e começaram a jogar as cartas, ganhando em breve interêsse pela partida. Em certa altura Welles olhou maquinalmente para o relógio e viu que era tarde, notando ao mesmo tempo que o bebé não rabujava nem se movera no seu bercinho, no compartimento ao lado.

— Tenho que ir ver se está coberto, mas de forma a não acordá-la.

E com um passo cauteloso, a jovem mãe dirigiu-se para o quarto, enquanto Dorcen recolhia as cartas.

Foi então que a rapariga ouviu o grito mais terrível de sua vida, o grito da mãe ferida. Correu como louca para ver a pobre senhora aos gritos, apertando o filhinho nos seus braços, estreitando-o ao peito no auge da histeria e da dor. A criança estava morta.

Espiritismo no Brasil

USE - UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Santo Amaro, 362 — Caixa Postal 3946 — Fône: 37-8637 — São Paulo

CIRCULAR 16/2
julho de 1962

Prezados confrades:

TRABALHO E PROGRESSO

A Diretoria Executiva da USE reunida em data de ontem adotou as resoluções abaixo, que transmitimos aos dignos confrades, órgãos, sociedades unificadas e integradas no C.D.E. para conhecimento e providências que se fizerem necessárias.

I — REUNIÕES DO CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

Fica convocado o C.D.E. para reunir-se dia 9 de setembro de 1.962, às 9,00 horas, na sede da Liga Espírita do Estado de São Paulo, à Avenida Brigadeiro Tobias, 238 (bem próximo da praça do Correio) Capital — São Paulo.

Pretendendo a D.E. convocar a reunião de dezembro para a cidade de Campinas, consulta aos órgãos regionais e metropolitano, assim como às entidades integradas no C.D.E., a respeito do comparecimento de seus representantes, em face de possíveis dificuldades de transporte para algumas regiões. A reunião do C.D.E., se realizar-se em Campinas, será como sempre às 9,00 da manhã, provàvelmente dia 9 de dezembro de 1.962.

II — REUNIÕES DA DIRETORIA EXECUTIVA

Decidiu-se realizá-la sempre nas 2.ªs e nas 4.ªs segundas-feiras de cada mês, às 20,00 horas.

III — DEPARTAMENTOS

Foram indicados os seguintes confrades para responder pelos departamentos abaixo:

Doutrina — Dr. Luiz Monteiro de Barros.

Organização — Paulo Toledo Machado.

Soc. e Artist.—Hermogenes Zanon.

Assist. Social—Dr. Wilson F. Mello.

Finanças — Carlos Dias.

Educação — Emilio M. Vieira.

Publicidade — Paulo A. Godoy.

Mocidade — Apolo Oliva Filho.

IV — CONVENÇÃO DOS CENTROS E DEMAIS ASSOCIAÇÕES ESPÍRITAS DO ESTADO

Transferir, ad referendum do C.D.E., sine die, em face da programação de concentrações preparatórias em todo o Estado reclamar mais tempo.

V — FINANÇAS

Elaborar Orçamento para o biênio em curso, a fim de ser submetido à próxima reunião do C.D.E.—Neste sentido, é solicitado de todos os órgãos e sociedades unificadas sugestões a respeito de suas contribuições com vistas ao Plano de Produção Financeira, assim como de outras possíveis fontes de levantamento de recursos.

VI — PLANO BIENAL

Apresentar à próxima reunião do C.D.E. projeto do Plano Bienal das atividades a serem desenvolvidas pela USE na presente gestão. Tratando-se de trabalho altamente importante, solicita a D.E. de todos os seus órgãos estaduais e sociedades unificadas sugestões visando, sobretudo, a sua atualização de maneira a ir de encontro às necessidades mais imediatas do movimento espírita.

VII — CONCENTRAÇÕES PREPARATÓRIAS DA I CONVENÇÃO

Programá-las, a fim de ser apresentada à reunião do C.D.E.

Destacando a resolução do item I, que informa a próxima reunião do nosso C.D.E., a ser realizada aqui em São Paulo, dia 9 de setembro próximo, às 9,00 horas, quando muitos dos assuntos constantes desta circular serão examinados mais detalhadamente, desejamos solicitar a todos os senhores conselheiros estaduais o seu imprescindível comparecimento e aos órgãos e entidades unificadas encarecer a necessidade de se interessarem pelo comparecimento dos seus representantes. Da mesma forma, convidar aos demais confrades que desejarem melhor conhecer a USE, visitando-a na oportunidade.

Fraternalmente,

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Paulo Toledo Machado

Em Volta Redonda

Inauguração de uma Livraria Espírita no Estado do Rio

Volta Redonda, a Cidade do Aço do Estado do Rio, assistiu, no domingo, dia 1.° de Julho p.p. às 16 horas, à inauguração de sua anunciada *Livraria Espírita*, que fôra fundada meses antes, em 31-5-1962.

A inauguração, perante grande número de espíritas, deu-se no Edifício do Clube dos Funcionários, na sobre-loja n. 213.

Possuindo tudo quanto o Espiritismo já possui em material livresco, no campo da Ciência, da Filosofia e da Religião, a Livraria inaugurada vendeu, após a sua inauguração, milhares de livros, trazendo isto para seus responsáveis uma parcela de Bom Ânimo.

Cortou a fita inaugural a Exma. Sra. D. Maria José Gama, esposa do Professor Ramiro Gama.

Foi orador da solenidade o Professor Ramiro Gama. O Dr. Flores também usou da palavra. O confrade Gamboa declamou linda prece em versos. O ambiente era de emoção e júbilo.

Objetiva a Livraria Espírita, além de proporcionar fácil aquisição de livros em geral sôbre a Doutrina, reverter os possíveis lucros em assistência social aos necessitados.

No intuito de colaborar com o idioma internacional, a Livraria Espírita oferecerá ao povo, também, em condições cômodas, obras didáticas e literárias do Esperanto.

Será, ainda, o local destinado, como já o foi na inauguração, um ponto de encontro dos espíritas e não espíritas, que, alí, terão um clima superior para realizar boas conversações e tomar iniciativas verdadeiramente cristãs como as do Colégio Espírita Allan Kardec, atualmente em franco e feliz progresso, pois muito brevemente estará funcionando.

A Livraria Espírita atenderá qualquer pedido de livros espíritas pelo Reembolso, pela Caixa Postal 207.

«ANAIS»

do Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Lançado ùltimamente, entre as edições «Mundo Espírita», acaba de sair o 1.° volume dos *Anais* do Instituto de Cultura Espírita do Brasil. É um trabalho volumoso, no qual estão condensadas, em resumo, as aulas de dois anos de estudo regular da doutrina espírita, juntamente com matérias de cultura geral. A parte de *Espiritismo*, que é fundamental no programa do Instituto, compreende as seguintes matérias:

Introdução à Doutrina Espírita

Elementos históricos do Espiritismo

Didática aplicada à doutrina espírita

Seguem-se, depois, as outras matérias, como *Filosofia Geral, Noções gerais de Astronomia, Lógica, História da Filosófia*, etc. Duas matérias, principalmente, estão muito bem desenvolvida nos «ANAIS» do Instituto: *Psicologia à luz do Espiritismo*, pelo Dr. Lauro S. Thiago, e *História das Religiões*, pelo Cel. Delfino Ferreira. São dois estudos instrutivos e realmente substanciosos. Tôda a matéria do volume, afinal, é interessante, oportuna e bem apresentada. E' a primeira, ao que nos constê, que se publica um trabalho desta natureza, no Brasil. A 3.ª parte do volume contém estudos especiais de colaboração, inclusive do dr. Karl Muller, atual Presidente da Federação Internacional, e do Prof. Mariotti, da Argentina. O Dr. Carlos Imbassahy escreve longo e documentado estudo sôbre «Espiritismo e Metapsíquica». Figura também nos «ANAIS» um trabalho de Deolindo Amorim sôbre *A Doutrina Espírita e a Sociologia*. Enfim os «ANAIS» são uma fonte de consulta. O Instituto de Cultura Espírita do Brasil tem a sua sede no Rio de Janeiro (Guanabara), rua dos Andradas 96 — 12.° andar.

Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo

Pelo seu *Serviço de Difusão do Espiritismo*, convida os confrades que desejarem colaborar na difusão da doutrina, a enviarem, endereçado ao **Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo** — **Sede** — Rua Dr. Bacelar, 505 — Vila Clementino —, São Paulo —, artigos ou trabalhos, manuscritos ou datilografados com espaço duplo — assinados, que serão distribuidos por todos os jornais espíritas do Brasil e do exterior.

A finalidade do *Serviço de Difusão do Espiritismo*, é a de zelar pela pureza da doutrina codificada pelo insigne mestre Allan Kardec, proporcionando aos jornais espíritas do Brasil e do exterior, a oportunidade de publicarem artigos e trabalhos de elementos representativos do movimento espírita da nossa Pátria.

Os originais que nos forem enviados não serão devolvidos.

* * *

O homem sem paciência é uma lâmpada sem óleo. — A. de Musset

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 300,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 50.00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
pelo Reembolso Postal

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 80,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 350,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.° 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$350,00

Semestre — „ „ 180,00

NÚMERO AVULSO CR.$32,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

LIVRARIA EMMANUEL — Rua Quintino Bocaiuva, 161

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3881unse

No. 9-12 [illegible]

o XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de setembro de 1962 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel . . . . *Redação*
O Pastiche . . . . *Carlos Imbassahy*
Esclarecimentos Sôbre os Nossos Debates Com o dr. Osmard . . . *V. O. Casella*
Parapsicologia . . . . *Aureliano Alves Netto*
Estudos Doutrinários . . . . . . *Deolindo Amorim*
Análise de Sete Artigos Publicados Sôbre Arigó . . . . *Prof. J. Herculano Pires*
Jesus dos 13 aos 30 anos, de Francisco Klörs Werneck . . . . . *Philemon*
Das Irmãs Fox a Arigó . . . . . *Altivo Ferreira*
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 240,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 250,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Natal dos Pobres

Matão, 15 de Setembro de 1962

Prezado confrade
Paz em Jesus.

Estamos nos aproximando da mais significativa festa da cristandade, o Natal, pois nesse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças da alma e dos mais variados modos.

Assim, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, por intermédio da Comissão abaixo, promoverá o «Natal dos Pobres», *distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, dádivas essas que poderão ser em dinheiro, tecidos, mantimentos, roupas e calçados, mesmo usados, agradecendo, desde já, a atenção que lhe for dispensada.*

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscreve-se

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa F. Fratini
Leticia M. Olson
Anita S. Miniucci
Isabel Perche Camargo
Dirce B. Mariani
Eliza V. Machado
Luiza P. Gonçalves

Zélia S. Perche
Leonor da Cruz Jorge
Jenny S. Perche
Clotilde da Cunha
Carmem Torres
Juracy Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barbosa
Silvia Lucia Urban

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de setembro de 1962 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

CAIRBAR SCHUTEL

TRANSCORRE a vinte e dois do mês em curso mais um aniversário natalício de Cairbar Schutel, o apóstolo que dedicou as primícias de suas faculdades a serviço de seus semelhantes, apontando-lhes a imortalidade, desvendando o destino que a todos aguarda.

Nêsse dia Cairbar viria à terra para fazer jus ao prêmio a que teria direito pelo trabalho altruista que efetuaria pela palavra e por sua solidariedade para com os desherdados da sorte, da fortuna terrena.

Cairbar estava destinado a ser um ente que se elevaria acima do nível normal da humanidade, que ainda está chumbada à materialidade, presa às coisas temporárias.

Educado no frouxo comodismo de uma religião vetusta, êle não se sentia importunado por aspirações outras além das que constituem o apanágio da vulgaridade.

O exercício de sua profissão, a farmacologia, bem cedo o colocou em contato com a miséria, o sofrimento, as disparidades das condições sociais. E surgiu a incognita torturante. Em meio dessas cogitações graves, depois da mudez sepulcral das religiões e filosofias, Cairbar, ao despontar do presente século, sentiu-se invadido por uma nova aurora — A LUZ DO ESPIRITISMO.

O Espiritismo, magistralmente codificado por Allan Kardec, de súbito mudara tôda perspectiva de sua vida. Tôda natureza então se lhe apresentou sob um novo prisma, racional — havia em tudo um propósito que escapara às religiões constituidas.

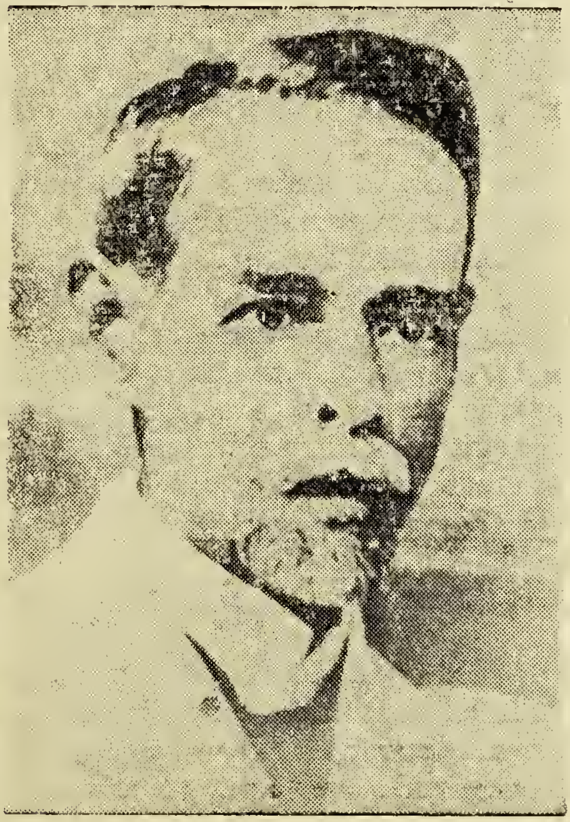

CAIRBAR SCHUTEL

O Espiritismo lhe decifrou o enigma que envolvia o homem. Os corpos físicos eram méros instrumentos por meio dos quais o espírito expressava a sua individualidade e agia na terra. A vida independia tanto da matéria como da energia. A vida podia modelar a matéria, dirigir a energia e era superior a ambas. Os outros mistérios que desafiavam a argúcia humana também tiveram uma explicação lógica.

Cairbar sentiu-se deslumbrado e duas alternativas se apresentavam à sua frente: quedar-se como expectador impassível ou a agir, isto é, tornar seus semelhantes partícipes da felicidade que o inundara. Êle não exitou — atirou-se à luta que deveria torná-lo o grande apóstolo e aí está o atestado vivo de sua ação pujante no campo espírita: os dois periódicos por êle fundados, um dos quais com cinqüenta e sete anos de existência e como se isso não bastasse aí estão seus livros, em número de 16, que iluminaram e continuam a esclarecer milhares de consciências.

Mas a sua nobre missão, não se interrompeu ao deixar o seu corpo material, com o qual êle agia no mundo físico. Cairbar levara tudo o que o individualizara aqui, menos as suas vestes materiais. Êle continua a revelar o mesmo amor, a mesma solicitude pela obra a que dedicou metade de sua existência terrestre, com o mesmo ardor que conferira à sua personalidade.

Suas comunicações mediúnicas revelam o mesmo ideal que norteou o seu trabalho na esfera terrestre. Seu principal objetivo foi, quando aqui militou, apontar a todos os fatos que provavam a sobrevivência da personalidade humana e ainda continua a fazê-lo com esta vantagem a mais — agora com provas pessoais colhidas na grande aventura por que passou.

Quando um dia for publicada a história do Espiritismo no Brasil, êsse grande espírito avultará como um super-homem entre os Obreiros da Seara do Senhor. Por seu trabalho dinâmico, por sua constância inquebrantável, por sua fé nos sublimes destinos do homem, por seu amor desinteressado à Causa, êle conquistou o lugar de destaque que lhe será conferido, um dia, nas páginas da história pátria do Espiritismo.

A nossa memória faz reviver constantemente aquêle vulto simpático, que continua a orientar os companheiros que aqui deixou. Quando as dificuldades nos assoberbam, nós o sentimos bem aconchegado a nós e nossos espíritos se banham em nova aura confortadora.

A obra a que êle dedicou o melhor dos seus esforços não sofreu e não sofrerá solução de continuidade, pois ela não é obra dos homens, mas a do Mestre Jesus, a quem Cairbar votava uma veneração particular.

Cairbar! Em nossa peregrinação pela estrada que nos traçaste, sentimos que não andamos ao acaso, mas a influência do teu grande espírito sempre nos tem guiado por entre os escolhos da adversidade. Temos consciência que mão experimentada conduzia a obra a um destino seguro. Continua pois, caro mestre, a nortear nossos passos pela via que também parmilhaste, para que um dia possamos ser teus campanheiros nessa outra fase de existência, continuando juntos no mesmo ideal que nos irmana.

FISIOLOGIA E ESPIRITISMO

No dia em que a ciência se persuadir da veracidade do Espiritismo, uma verdadeira revolução transformará o mundo; as pesquisas que têm por único objetivo a matéria, se elevarão até à alma e uma nova era abrir-se-á à humanidade, regenerada por uma fé racional, que fa-la-á avançar para a conquista de todos os progressos, que agora mal entrevê.

Trabalhemos para penetrar nas profundezas do ser humano, conforme a fisiologia e sob o fulgor do Espiritismo. Tornemos palpável a influência que a alma exerce, tanto no estado consciente, como no estado inconsciente, sôbre todos os fenômenos vitais. Esquadrinhemos minuciosamente as relações, tão delicadas e tão importantes, do físico e do moral; estudemos a sede das faculdades da alma e havemos de chegar a conclusões promissoras para o destino humano.

Gabriel Delanne

O Pastiche

- IV -

Leitora desta Revista enviou ao Dr. Osmard Andrade um soneto de Augusto dos Anjos, psicografado por Francisco Xavier. E o nosso caro Professor, para mostrar a facilidade com que se falsificam sonetos, apresenta-nos outro do mesmo Augusto, desta vez «psicografado», entre aspas, por «um seu paciente, marinheiro de mediana cultura». De onde se vê que, se maritimos pouco letrados podem perpetrar versos falsos, não seria muito que o Chico nos impingisse o Augusto dos Anjos.

Em suma, se um valoroso tripulante de nossos vasos, de quem com certeza se pode afirmar — **braço às armas feito** — mas que, como confessa o médico, dêle não se dirá — **mente às musas dadas** — flui um soneto augusto, logo se nos impõe a certeza de que o Chico não seria o medianeiro do vate paraibano, senão um embusteiro **pasticheur**, dado que não ande por aí algum comando hipnótico, que nesses casos substitui com vantagem os comandos de guerra.

* * *

E' costume afirmar-se que os literatos imitam uns aos outros. E' assim que La Bruyère imitara Teofrasto, Musset imitara Byron, Virgílio imitara Teócrito. O que Corneille tinha de melhor extraira de escritores antigos. A Grécia foi a grande fornecedora de letras à humanidade. Nela se inspirara Shakspeare, e Racine, e tantos outros. As fábulas de La Fontaine são reproduções da de Esopo ou Fedro. Mas na imitação se transmitem para o estilo próprio, imagens, idéias, impressões de outrem.

Entretanto, mostram-nos umas imitações onde não vemos semelhança nenhuma. Horácio disse: — «A pálida morte toca com o mesmo pé as habitações dos pobres e as tôrres dos ricos.» E Albalat percebeu que Malesherbes usara o mesmo pensamento: « — A morte tem rigores desmedidos.» Outros vêem imitações em cenas que, como são sempre as mesmas, hão de se assemelhar, como cabritos que pulam, morros que desmoronam, tempestades, inundações, amores, terremotos...

Daí acharem alguns que é fácil imitar, e baseado nessa facilidade, lançou-se o nauta patrício a manejar o estro de Augusto, supondo-se com a perícia com que maneja a roda do leme de seu barco. Mas, **«tel qui brille au second rang, s'éclipse au prémier»**, que é como quem diz — quem dá para uma coisa nem sempre dá para outra. E se o impávido naval é capaz de afrontar os ímpetos de uma procela, não me parece que vá com o mesmo arrojo às aventuras de um pastiche.

O pastiche já não é, como a imitação, um apanhado de idéias e imagens, senão uma cópia servil. Para que não se note o «carbono» é preciso muita habilidade, que infelizmente faltou ao paciente do Dr. Osmard. Senão vejamos a primeira quadra dos versos «transcritos numa hora de mau humor»:

«Quais funerários corvos rapinantes
«a farejar defuntos insepultos
«e a babar-lhes seus cuspos repugnantes
«de credos primitivos e de insultos».

Babar cuspos de credos... Que imagem, deixem lá falar! O pior é a celeuma que irá desabar nas Academias, quando lá se souber dêsses novos elementos do cuspo — credos primitivos e insultos.

Tenho visto dizer — cuspir injúrias — que seria o mesmo que lançar injúrias, mas ver as glândulas salivares a secretarem insultos e credos, é deixar desmoralizada tôda a análise química que até então só via no cuspo água, sais e pouco mais. Vejamos a segunda quadra:

«Ei-los a praticar necrofagia
«servem nas taças vis as pituinas
«da crendice, da insânia e da magia
«e dessas deliquescências cerebrinas».

Que será isto, Santo Deus? Uma pituina crente, insana ou mágica... Ou a magia, a insânia, a crença com pituinas...

«Dessas deliquescências...» Dessas, quais? Devemos ficar sabendo que pituinas da magia são deliquescências cerebrinas. E enquanto se mata a cabeça a advinhar o que isso é, não se percebe que há ali um verso frouxo:

> «da crendice, da insânia e da magia»

E um de pé quebrado:

> «e dessas deliquescências cerebrinas».

Quanto às idéias, só mesmo de um sujeito de mau humor: temos os indivíduos a praticar necrofagia — devem ser médiuns e espíritas — a servirem pituinas da crendice e outras nas taças vis, e a servirem também deliquescências cerebrinas, e «dessas», que devem ser das piores. Deliquescências cerebrinas servidas em taças é mesmo de arrepiar! O que não sabemos é como os tais necrófagos ainda não foram parar às mãos da polícia, servindo nas taças vis tanta coisa ordinária. Isto só se pode explicar por uma deliquescência policial.

Os versos são decassílabos, mas passam a hendecassílabos de vez em quando, talvez para variar. Já vimos o das deliquescências com onze sílabas. Temos também êste ao qual está sobrando um pé:

> «aquilo que em cada um não morre mais».

Para ajeitá-lo nas dez silabas teriamos que lê-lo assim:

> «aquilo que em cadum não morre mais.

Como se vê, não há ortopedia capaz de evitar ao **cadum** ir à deriva na deliquescência poética.

Referi-me apenas aos pontos principais, visíveis, claros aos que não se dedicam à arte de Polínia. Deixei passar um **asnão**, tão mal sonante aos ouvidos:

> «Mas, não; esses coveiros da memória . . .
> tiram de nós o nome, a glória, a história».

Não toquei nos recursos fracos que consistem em forçar a rima. Aqueles «coveiros da memória» ali estão para rimar com «a história», porque não se sabe que a memória tenha coveiros, ou porque sejam coveiros da memória os que tiram nome, glória, história . . . E, sobretudo, sacar da memória a glória deve ser de gloriosa memória.

Notarão os conhecedores do pletro a dissemelhança de côr, sonoridade, rítmo entre os dois poetas, o do espaço e o do mar. E' uma diferença como da água para o ar.

Além de tudo, não parece seja do estilo de Augusto dos Anjos a verrina, o aleive, o vitupério. Descrevendo um médium como corvo rapinante a farejar defuntos, a babar cuspos; necrófago, a servir em taças vís coisas incríveis e pavorosas; explorador de carne finda e coveiro da memória, já não é mais um pasticheiro, é um panfletário espalhando a inverdade e a calúnia, porque o médium, o verdadeiro, é o apóstolo que pretende encaminhar os irmãos na estrada do bem, das virtudes, do amor ao próximo.

Quis apenas mostrar nesta ligeira crítica que não é tão fácil pastichar, e quão dìversos se notam na forma e no fundo os versos reais de Augusto e os versos falsos do marinheiro. Não andou êle agora navegando em boas águas.

Isto não obsta a que, se lhe não rendo as minhas homenagens como imitador, não deixe de ver nêle a garantia, a integridade e a salvaguarda da pátria.

* * *

Nessa questão de psicografia do Chico Xavier têm-se excogitado vários meios para explicá-la. O engenhoso Irmão Vitrício também possui o dêle, o qual, pela perspicácia do descobrimento, deve estar a par de uma célebre luva de parafina com que andou embasbacando meia dúzia de pacóvios.

Para provar como se forgicam os versos do Além, escolheu no Seminário Maior de Viamão um estudante sugestionável, o qual declarou apreciar as poesias de Drumond de Andrade. E então, sugestionado pelo Irmão Vitrício para que **psicografasse** uma poesia do referido poeta, o estudante vai ao quadro negro e apresenta êste prodígio:

> «Amanhã será tarde
> é preciso ser hoje,
> por que? É preciso.
> ser hoje, ser hoje.
> A noite mastigou todos os meus sonhos...»

Não se sabe o preparo a que foi submetido pelo ardiloso Irmão o sugestionável estudante. Nem se imagina a que trabalhos se dará um demolidor. Além disso quem conhece um pouco do assunto sabe que as sugestões pre-ipnóticas habilitam o paciente a representar o papel que o hipnotizador prèviamente lhe assinala. Entretanto, tudo muito infantil. Aquela chateza só pode denunciar um estílo chato. De maneira que só há um motivo de admiração: é ver nos moldes do estro de Drumond a puerilidade de um ginasial.

E é aquela história pífia, mal contada e encenada, a psicografia do Francisco Cândido Xavier. O nosso irmão Vitrício pode ser muito hábil em luvas falsas, mas em verso... Deus lhe perdôe.

* * *

Já dei vários exemplos dessas manifestações, que são englobadas no vasto campo da literatura de Além-Túmulo, e por onde se verifica que Xavier é apenas um galho destacado dessa imensa floresta que se espalha pelo Mundo, para demonstrar a sobrevivência.

Reporto-me agora, pormenorizadamente, a dois daqueles casos, primeiro para que se note a possibilidade do fenômeno, que não se pode reproduzir por pastiches; e depois na curiosidade de ver como seriam êles explicados dentro daquela parrésia: — o Espiritismo é o Hipnotismo.

Principio pelos fenômenos obtidos pela Sra. Curren, na América do Norte. Inesperadamente, pelo oui-ja manifesta-se uma entidade que principia declarando:—Muitas luas se passaram desde que vivi na terra; eis que volto a ela; chamo-me Patiente Worth.

E aí se desenrolam as maravilhas, a princípio pelo aparelho mediúnico, depois diretamente pela médium. Começou o Espírito a dizer onde vivera, como eram os lugares que habitara, a situação geográfica dêsses lugares, as minúcias topográficas; era uma região distante, na orla marítima do Dorselshire, na Inglaterra, por volta de 1649.

Lança-se a uma viagem o Professor Gaspar Yost e verifica a exatidão das descrições; a médium nunca houvera deixado o seu rincão natal.

Indagando de sua cultura, verificou o Dr. Walter Prince que ela frequentara a escola até a idade de 14 anos; nunca manifestara a menor aptidão literária, antes o que desejava era seguir a carreira artística. Entretanto, é justamente a cultura histórica, literária e filológica que notabiliza os romances de Patiente Worth.

Já vimos como se admirara o Prof. Schiller, da Universidade de Oxford, pois o romance Telka, recebido por Patiente, fôra escrito na linguagem e estilo do século 16, sem o menor anacronismo, sem qualquer lapso ou descuido que denunciasse o escritor do século XX. E esse imponente trabalho, num total de 70 mil palavras, surgiu em 35 horas. Verdadeiro improviso.

Importa acrescentar que a mentalidade da médium era tão independente do Espírito comunicante, que ela interrompia o ditado para fumar, atender ao telefone, responder a perguntas e interferir em assuntos domésticos. Como se vê, não há semelhança com o transe hipnótico e sua sinalização.

Em outro romance — The Sorry Tale (A História Triste) — descreve-nos o drama da Crucificação, depois de empolgante enredo:

Um filho natural de Tibério, expulso de Roma, vai para a Palestina; vive aí uma existência de paixões e de ódios; despreza o Cristo, injuria-o quando o vê; e enquanto êste prega o amor, aquêle propaga o rancor e a destruição. Descendo no crime, vai até a cruz. Aparece a cena do Calvario: fica ao lado do Cristo e continua a escarnecê-lo: é o mau ladrão.

Todo o drama messiânico perpassa-nos diante dos olhos. Notou-se uma falha no longo episódio: os judeus chamavam rei ao imperador romano. Pouco depois, porém, por uma descoberta inesperada, viu-se que no Oriente se dava o título de rei aos soberanos de Roma.

A médium não esquecia até os quadros secundários. Diz-nos Prince:

> *«Percebia cães que atravessavam o caminho correndo ; via carros construidos extranhamente, com rodas de caniço entrelaçado; eram puxados por bois com esquisitos arreios. Via os judeus nas feiras e negociantes barbados a discutirem com os freguêses. Grãos Sacerdotes perambulavam com suas vistosas roupagens; mulheres se lamentavam. Jesus passava cercado pela multidão...»*

Num paralelo entre os poemas de Patiente com os melhores no gênero, verificou-se que êles, por vêzes, ultrapassavam os dos autores inglêses.

Finalizo com uma referência de Bozzano:

> *«Já indiquei a suprema excelência da arte de Patiente Worth, em tôdas as modalidades de criações literárias, apesar da modesta intelectualidade da médium; o fato de haver ditado romances num dialeto antigo e isto com tal precisão na linguagem arcáica, que não se vê uma só palavra da língua inglêsa depois de 1600; enfim, a genialidade extraordinária de que deu provas no improviso de composições poéticas, de forma irrepreensível, que rivalizam e ultrapassam as dos melhores clássicos inglêses.»*

Seria de estranhar que, demonstrando extraordinária elevação moral e intelectual, se obstinasse a médium em apresentar-se na figura de uma inglêsa de séculos passados e levasse a ilusão ao cúmulo de o demonstrar.

* * *

A outra médium chama-se Rosemary. Amante da música, achava-se com um apaixonado dessa arte, o cientista Dr. Frederico Hood, quando sentiu uns impulsos no braço. Ainda não estavam ambos refeitos da surprêsa, quando se lhe manifestam os fenômenos da «escrita automática». Para não fugir ao vezo em tais casos, declara a manifestante que se chama Muriel, que fôra quaker e que vivera em Liverpool. E que mais tarde viria outra. De fato, esta se apresenta e dá o nome de Lady Nona; tinha sido uma princêsa egípcia, chamada Telika, no tempo dos faraós; Amenhotep III, seu marido, afogara-a no Nilo, devido a intrigas sacerdotais. Esta, em traços rápidos, a história da faraona, que acrescentou estar no desempenho de importante missão.

O valor de suas mensagens residia nas surpreendentes informações sôbre o Egito antigo; costumes, linguagem, prosódia, religião, política, cerimônias, arte e ciência da época, tudo ela revelava, com as descrições da natureza, dos acidentes geográficos, dos monumentos, e do modo por que foram construidos.

A notícia chegou aos ouvidos do notável egiptólogo, o Dr. Alfred J. Howard Hulme, autor, entre outros livros, de um dicionário da antiga língua egípcia. O doutor ficou para logo maravilhado com os esclarecimentos de Nona, sobretudo no que toca à pronúncia, visto que os hieróglifos não tinham sinais claros para as vogais. E êle conseguiu reconstruir os seus trabalhos com os valorosos informes trazidos pela egipsíaca. Muitas outras dúvidas se lhe desvaneceram, não sendo de menor importância a tradução de legendas, letreiros e inscrições, então ilegíveis, incompreensíveis ou apagadas.

Lady Nona sanava as dificuldades com enorme segurânça; não lhe viam vacilações, incerteza ou algo que denotasse desconhecimento ou dúvida. Seus informes eram precisos e lógicos.

Para a verificação do muito que narrava foi necessário recorrer-se a livros, tratados e enciclopédias esparsos, de sorte que só o trabalho da verificação já era um esfôrço ciclópico. Calcule-se o que seria um estudo por aquela forma. A pesquiza por parte da médium tornar-se-ia um fenômeno muito mais pasmoso do que a presença da princesa das margens do Nilo.

O relato de tais fatos, que deveriam despertar a curiosidade do mundo científico se não fora o receio das almas, acha-se em várias obras de Wood, como After Thirty Centuries (Depois de Trinta Séculos) e This Egiptian Miracle (Êste Milagre Egípcio), além de escritos do sábio Hulme, que trouxe para o caso o valor de seu testemunho e da sua ciência.

Agora é esperar do jovem marinheiro um memorial sôbre as antigas raízes assírias ou o linguajar dos babilônios, ao tempo de Nabucodonosor, a fim de que se saiba «como a coisa é feita».

Carlos Imbassahy

A satisfação que se usufrui da vingança, dura um momento apenas; a que nos proporciona a clemência é eterna. — HENRIQUE IV.

Esclarecimentos Sôbre os Nossos Debates Com o dr. Osmard

Agora, que já findou o nosso debate com o dr. Osmard, cumpre-nos prestar certos esclarecimentos aos leitores, sôbre a responsabilidade nossa, do sr. Imbassahy e do digno diretor desta Revista, o sr. Campêlo, quanto à referida polêmica.

Primeiramente lembremos que quando aqui iniciáramos, em 1960, os nossos primeiros rebates, aos ataques que o dr. Osmard elaborou contra o Espiritismo na sua literatura, êste nobre facultativo, naquela ocasião, depois de nos enviar um protesto, aqui publicado em 15-6-60, solicitou licença aos ilustres diretores desta Revista (sr. Campêlo e naquela ocasião também o saudoso sr. Italo Ferreira), para se defender nestas páginas. Os diretores, baseados nos bons têrmos daquele seu protesto, acederam ao pedido.

No entanto, após um ano, ao chegarem os trabalhos do dr. Osmard, o sr. Campêlo foi surpreendido pela linguagem violenta do solicitante, a qual não estava prevista no ato daquela concessão. Diante disto, como os ataques ainda atingiam a nós e o sr. Imbassahy, resolveu não publicá-los, sem os votos favoráveis de nós ambos, especialmente o do nosso companheiro, êste mais credenciado nessas lides jornalísticas, ao qual também nós deixáramos que prevalecesse a sua opinião. E esta veio favorável, mas deixando entender que apesar de aberta estas páginas ao antagonista, cancelar essa autorização, diante de justas razões, ainda assim nos pareceria bem. Mas tratando-se de adversário com grande projeção intelectual, com acesso nas maiores publicações do país, onde se tem declarado abertamente contra o Espiritismo, e de fácil recurso no escrever e editar livros, não hesitaria em denunciar publicamente nossa recusa, a qual seria interpretada como um fracasso da nossa tese doutrinária. E sem dúvida, a sua palavra, de ilustre facultativo, teria forte repercussão nos meios intelectuais do país. E depois, de tudo isso, ainda viriam a explorações por parte dos clericalistas. Prevendo essas consequências danosas, todos nós resignáramos em consentir então tais publicações, deixando o adversário falar no nosso campo, com a linguagem que bem desejasse.

Eis aí a razão, por que fôramos compelidos a nos conformarmos com aquelas publicações, em teor incompatível com as normas de uma doutrina de fundo religioso, se bem que pudemos mostrar o êrro da tese adversária.

Contudo, particularmente, de nossa parte, muito lamentamos aquela atitude violenta do atacante que, habituado a outro setor literário, sem restrição para as formas expressivas, conseguiu às vezes contaminar-nos, obrigando-nos vez ou outra a responder-lhe no mesmo plano do seu ataque, e a nossa invigilância levou-nos a contrariar a bôa moral das nossas recomendações doutrinárias. Mas enquanto nós e o nosso alterado adversário não nos mantivemos no setor elevado da luta, deixou de recorrer a êsses lances anti-éticos, o nosso companheiro, sr. Imbassahy, que, mais capacitado na arte do bem escrever, manteve-se na sua invejável dignidade, não se desviando do seu alto padrão de elegância literária. Assim, a melhor vitória, a da bôa ética jornalística, coube ao nosso velho batalhador da doutrina, ficando nós e o nosso impetuoso contendor derrotados nesse setor mais belo da peleja. Que essa significativa atitude, do nosso companheiro, na arte de ser nobre no campo da luta literária, sirva de exemplo a nós outros dois, para não mais incidirmos nessa falta, em ocasiões futuras.

* * *

Falemos agora da nossa conduta nos debates, em que talvez teriamos levado alguns leitores a impaciência, pela morosidade dos nossos revides, quando, sem dúvida, poderiamos liquidar a tese adversária, logo de início, com a nossa documentação científica dos fenômenos de materializações. No entanto convém saber que esta defesa dos fenômenos de efeitos físicos nem sempre seria completa, como se poderá julgar, diante dos ataques de que o Espíritismo é hipnose. No caso do dr. Osmard, tal recurso, por si só, seria o suficiente, porque tratando-se de um opositor materialista, a nossa tese das materializações já o abate logo pela base. Mas o mesmo não se diz na hipótese de vir êsse ataque por parte de adversários espiritualistas, como os do clero, em que no setor das materializações, embora dentro de outros limites, não discordam da nossa tese, como já deu a entender o Frei Boaventura.

Ora, com tal conceito, agora, os astutos clericalistas, valendo-se da tese trabalhada do dr. Osmard, no caso da hipnose, regeitariam a nossa defesa das materializações, sob pretexto que a discordância dêles se diria da outra classe de fenômenos, os de ordem mental, em que as mensagens são produzidas pelo próprio médium, escrita ou falada, tal qual se pode fazer na hipnose. De fato, se nos fenômenos espiríticos, de ordem mental, o espírito não se materializa, para produzir as mensagens, não é lícito defendermos tais fenômenos subjetivos, recorrendo-nos às materializações que são objetivas. Sem dúvida ; que dizem as materializações, se os nossos fenômenos mentais sejam ou não hipnóticos ou espiríticos ? Logo, a nossa defesa aqui terá que ser no mesmo plano do ataque, pois se nos pedem provas de uma coisa, não é justo apresentarmos as de outra.

Daí, então, prevendo que os clericalistas aproveitem a tese trabalhada do dr. Osmard, para nos atacar, já prevenidos para regeitarem a nossa defesa das materializações, foi que nós, antes de abatermos o rígido materialismo do atual atacante, pelos nossos fenômenos de efeitos físicos, tivemos o cuidado, primeiramente, em liquidar a questão no setor dos fenômenos mentais. E' o que completamos ali com Richet, na Revista de 15-5-62, onde, apontando as diferenças entre as produções mentais mediúnica e hipnótica, fechamos êsse flanco, evitando futuras surprêsas por parte do clero.

Assim, para tomarmos essa precaução, aparentemente sem importância aos leitores não afeitos a essa parte científica, mas de muito valor a nós militantes da doutrina, tivemos que demorar-nos na pista do contendor. Isso às vezes obrigou-nos a passar por caminhos complexos, no mesmo plano dos seus ataques, com assuntos nem sempre acessíveis a todos os leitores, no que talvez alguns teriam se descuidado, deixando-se levar pelo vulgarismo das ironias do adversário. Mas, o mesmo não se diria da ala intelectiva, especialmente da honrosa classe médica, muitos aqui atraídos pela nobre qualidade, de facultativo, do nosso atacante. Êstes, interessados na parte científica, teriam observado que os nossos argumentos arrasaram as pretenções do nosso antagonista. No entanto, os leitores no geral não teriam tido dificuldades em conhecer para que lado pendeu o fiel da razão, se considerarem certas fases essenciais dos debates.

Veja-se de início que a Reflexologia dos tipos nervosos, Débil, Desiquilibrado e Instável, do dr. Osmard é de base falsa, pois foi firmada no conceito da saúde mental dêsses tipos nervosos, quando na realidade tratam-se de doentes mentais. Com o nosso alerta, pretextou que a Reflexologia nada tem com a Psiquiatria. Ora, o que importa é o fundamento da tese, isto é, se tais tipos são ou não mentalmente sadios. Para tanto, sustentando o que dizemos, desafiamo-lo a um debate mais amplo em campo médico de sua escolha, sob julgamento de autoridades neutras na nossa questão.

Ainda, para defender seu materialismo, recorreu a duas conjugações : a fisiologia orgânica e a física, esta pela matéria-energia. Na primeira, apesar de ser seu próprio campo acadêmico, mesmo assim se revelou sem segurança, salientando-se o caso das labilidades e dos débeis mentais. E na segunda, a da matéria-energia, mostrou-se de um primarismo rudimentar, como bem se vê a sua completa ausência no assunto, quando ali, no seu «Abstratos e Concretos», estando com a chave da equação de Einstein nas mãos, coisa tão divulgada pela literatura científica, não deu por ela, julgando-a inexistente, devido a morte do sábio. Aliás, nêsse campo da ciência, no seu «Hipnose e Letargia», com aquela sua «causalidade invertida» e a «reflexão da luz no transporte das imagens», saiu-se tão mal, que êsses seus conceitos estão ali correndo o risco de serem aproveitados para a página cómica de alguma revista científica. Não estamos ironizando, tratam-se de realidades fàcilmente demonstráveis.

E como o dr. Osmard apenas se disfarçou em ironias, jamais desmentindo nossas acusações, estas permanecem de pé. Se há ainda quem duvide das nossas explicações, informe-se com elementos abalisados, do setor médico, e da física, e poderá certificar-se dos fundamentos do nosso libelo, que continuamos sustentando em qualquer outro campo, acaso nos chamem para repetir êsse nosso ajuste de contas.

E quanto a seus ataques à nossa pessoa, pelas ironias, gramatiquices etc., não importa, porque não era a nossa questão pessoal que discutiamos mas, sim, a tese Materialismo x Espiritualismo, com a qual o dr. Osmard não passou por nós.

* * *

E antes de encerrar, tratemos ainda de certos protestos que teriam surgidos, quanto a presença do adversário nas nossas publicações doutrinárias. Fora seu estílo violento, que não pudéramos evitar, pela razão já exposta, não há motivos para se protestar por um debate científico dentro do nosso próprio campo. Se o Espiritismo também é ciência, não o pode ser apenas de fachada. A tese científica que foge ao debate livre é ciência dogmatizada, portanto duvidosa.

Logo, se os nossos opositores apresentam argumentos trabalhados, pela ciência, em oposição ao fenômeno espírita, não seria atitude legítima deixarmos de considerá-los, ocultando seus conceitos aos nossos leitores através de dogmas literários, porque da mesma forma que nós nos dizemos com a razão, assim também se julgam êles. Neste caso, tratando-se de questões científicas, o debate livre se impõe, e nada melhor que essas oportunidades, não apenas para nossos adeptos da doutrina estarem a par das teses contrárias, como também a ocasião é valiosa para os nossos adversários virem a conhecer nossas verdades, dentro do nosso próprio setor de atividades. Pois a não ser nessas ocasiões, os nossos antagonistas, geralmente, nada lendo da nossa base doutrinária, julgam-nos enganados pelo que assistiram nas macumbas (V. Manchete de 30-3-61, pág. 66), como bem demonstram, com o emprêgo de têrmos impròpriamente atribuidos à nossa linguagem da doutrina. É o que acontece nos dois livros do dr. Osmard, um dêles para médicos e dentistas já na segunda edição, ambos com pesados e injustos ataques ao Espiritismo. No entanto, se não permitíssimos a sua demonstração no nosso campo, não teriamos tido o ensejo em fazê-lo ver a verdade científica da nossa fenomenologia espírita, revelada pelos sábios.

Na realidade, embora tais debates pareçam-nos prejudiciais, tal não se dá, pelo menos aos adeptos interessados na parte científica dos nossos fenômenos, e especialmente aos candidatos da classe intelectual, pretendentes ao acesso nas nossas fileiras, os quais poderão encontrar, nessas discussões, fundamentos esclarecedores, e não confusão como alguém já teria declarado. Confusão se diz quando se pretende falar em Espiritismo científico, sem se interessar pela ciência, comodismo êste que, geralmente, periga para os lados da fantasia, está muito a gôsto dos leitores descuidados, mas condenada pelos adeptos fieis ao bom senso de Kardec.

Claro, não estamos insinuando, com isso, que deveremos cair no extremo em se generalizar tais debates no nosso campo, entregando nossa imprensa em mãos dos antagonistas, entre os quais ainda não faltariam os aventureiros, tentando sensacionalismo nos nossos meios doutrinários. Referimo-nos aos casos dignos de atenção, como o que se passou, precavendo-nos doravante contra o abuso de linguagem, dada a experiência de agora. Assim, enquanto tivermos imprensa, prestigiando para que a ciência na nossa triologia doutrinária seja realidade, e não letra morta, jamais recusaremos o debate científico de frente.

E aí ficam êsses nossos esclarecimentos sôbre a tão agitada polêmica, que terminou, e aqui, no campo da ciência, continuaremos à disposição, para quaisquer debates no setor científico da fenomenologia espírita.

Também, dadas as teses discutidas com o dr. Osmard, não vamos retornar à nossa antiga série de rebates ao seu «Hipnose e Letargia», inciada em 30-3-61. Contudo, atenderemos aos nossos leitores, que nos solicitarem melhores esclarecimentos sôbre pontos dos debates não bem entendidos, cujas respostas, dentro da nossa fraternidade doutrinária, mesmo às mais simples perguntas, daremos nestas páginas, ou por carta quando, por gentileza, nos enviarem selos para as respostas.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara
Est. S. Paulo

N. da R. — Como encerramento da atual polêmica, nós desta Redação embora sob protesto, aos depreciativos ataques ao Espiritismo, empreendidos pelo dr. Osmard, dentro destas nossas próprias páginas, onde o recebêramos com fraternidade, retribuimos-lhe a sua despedida, com os nossos agradecimentos às suas elogiosas palavras finais, dirigidas a esta diretoria, na pessoa de quem aqui fraternalmente se subscreve

A. W. Campêlo

Recebemos do nosso assinante Orlando Martins Soares a seguinte carta que publicamos data venia :

«Rio de Janeiro, 25 de julho de 1962.

Ilmo. Sr.
Watson Campêlo
M. D. Diretor da
Revista Internacional do Espiritismo
Avenida 28 de agôsto n.° 780
MATÃO — Est. de São Paulo

Assinante há muitos anos dessa prestigiosa revista, julguei ter por isso direito de chamar a atenção do prezado amigo para os fatos vergonhosos ocorridos na cidade de Ferros, Minas Gerais, de que dá notícia o Jornal do Brasil de hoje, do qual junto um recorte.

Como vê, um sacerdote católico vendo algumas dezenas dos habitantes da cidade em que reside inclinar-se para outra religião, recorreu aos mais selvagens métodos para impedir a livre manifestação religiosa, garantida pela Constituição Federal.

E' verdadeiramente entristecedor vermos cenas que tais em nosso país, no avançado século em que vivemos.

Que sirva, entretanto, para nós espíritas, de confôrto o sabermos que enquanto êsse padre pensa e age assim tão medievalmente, um dos nossos mais prestigiosos órgãos — a valorosa Revista Internacional do Espiritismo — que V. Sª. tão eficientemente dirige, abre suas colunas para durante mêses e mêses, ininterruptamente, um médico materialista atacar a santa doutrina que professamos.

Diz-se que alguns nossos confrades discordaram da atitude dessa revista. No nosso modesto conceito, porém, subiu ela de muito, com a vigorosa prova que deu de democracia, independência e segura confiança nos postulados que defende, demonstrando não recear os ataques, venham de onde vierem, porque sabe estar o Espiritismo edificado em rocha.

Aceite os respeitosos cumprimentos do confrade e admirador,

Orlando Martins Soares

Rua Real Grandeza, 59 — Bloco X —
Apt. 201 — Botafogo — R. Janeiro GB».

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.$ 500,00	Ano de 1950	cr$. 400,00	Ano de 1956	cr$. 400,00
» » 1946	» 400,00	» » 1951	» 400,00	» » 1957	» 400,00
» » 1947	» 400,00	» » 1952	» 400,00	» » 1958	» 400,00
» » 1948	» 400,00	» » 1953	» 400,00	» » 1959	» 400,00
» » 1949	» 400,00	» » 1954	» 400,00	» » 1960	» 400,00
		» » 1955	» 400,00	» » 1961	» 400,00

PARAPSICOLOGIA

Aureliano Alves Netto

«Ciência sem consciência não é senão uma ruina da alma». – *François Rabelais*

O assunto é para lá de palpitante. Criemos o neologismo: **parapalpitante.** Assim como **Paralipômenos** significa «a parte da Bíblia, em suplemento ao livro dos **Reis**», **Parapsicologia** é uma espécie de prolongamento da Psicologia. Poderíamos dizer: um apêndice da Metapsíquica, senão mesmo sua dileta primogênita. Grã-fina, sestrosa e topetuda, com pretensões a explicar todos os fenômenos de natureza oculta ou singular. Deve pertencer à mesma genealogia da Biopsíquica e do Psiquismo.

Para, prefixo grego, traz a idéia de **ao longo de, além de.** Em conseqüência: **Parapsicologia** — além da Psicologia ou, na definição de Aulete: «nome dado ao estudo dos fenômenos que transcendem as fronteiras da Psicologia chamada ortodoxa.»

Embora ainda adolescente, a Parapsicologia já conta com grande número de aficionados, quando não de devotos renitentes e inexoráveis.

O autor do livro «Parapsicology-Frontier Science of the Mind», Dr. J. B. Rhine, chefe do Laboratório de Psicologia da Duke University, é considerado, nos EE. UU., o «papa» da Parapsicologia. Seguem-lhe os passos, com dedicação e alto espírito científico, sua espôsa Dra. Louisa E. Rhine, Dr. J. G. Pratt, Prof. Mc-Dougall, além de outros. Na Alemanha, católicos liderados pelo jornalista e editor Josef Kral fundaram a Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos. Conforme respigamos de publicações especializadas, a Parapsicologia vem sendo objeto de acurados estudos por parte da Universidade Técnica de Varsóvia; da Universidade de Camberra, Austrália; da Universidade de Oslo, Noruega; da Fundação de Parapsicologia de New York; da Universidade de Utrecht, Holanda e da Universidade do Litoral de Rosário, Argentina. No Brasil, o Instituto de Cultura Espírita mantém cursos de Parapsicologia e os fenômenos atinentes ou atribuidos a essa matéria são investigados pela Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Os deputados Campos Vergal e Xavier d'Araujo apresentaram, no Congresso Nacional, o Projeto n.° 4598/58, instituindo a cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País, de cujo programa constam estudos de Animismo, Mediunismo, Sobrevivência e Reencarnação, Materialização, Terapêutica Paranormal, etc.

Os cientistas, na sua maioria, talvez dominados pelo «complexo de sapiência» ou presos a velhos preconceitos, têm o vêzo de explicar as coisas de maneira empolada, cabalística até. Não atentam para a clareza meridiana das conclusões lógicas a que chegaram experimentadores de fama mundial, como Flamarion, Aksakoff, Crookes, Varley, sir Oliver Lodge, etc... Usam duma terminologia hermética, como que desejando restringir às suas «igrejinhas» acadêmicas os conhecimentos e deduções provenientes das investigações: PK (psicocinese); PSI (faculdade psíquica); ESP (percepção extra-sensorial) e quejandos.

Contudo, já admitem a existência da «energia mental, não física, que escapa às dimensões espaço-tempo». Novidade que veio atrasada. E' admitir a hipótese do aspecto quadrimensional do tempo, de Oliver Lodge, que disse ser o tempo, talvez, «um meio relativo de ver as coisas e que os acontecimentos estivessem sempre presentes, quer passados, quer futuros, e fossemos nós a passar por êles e não êles que acontecessem».

Parece que os conspícuos e enciclopédicos parapsicólogos estão a descobrir a pólvora...

Quem se der ao cuidado de compulsar a vasta bibliografia espírita, verá que a esmagadora maioria dos chamados fenômenos parapsicológicos não passa, afinal, de autênticos FATOS ESPÍRITAS. Até mesmo o Animismo reforça, comprova e evidencia o Espiritismo — assegura Bozzano.

O Espiritismo não teme pesquisas, porque é uma doutrina que segue **pari passu** a evolução da Ciência. Filosófico e científico, com conseqüências religiosas, como o definiu Kardec, só propugna pela Verdade, só a Verdade.

Acreditamos que a Parapsicologia, ao invés de solapar os alicerces do Espiritismo, virá (e sem muita demora) dar-lhes maior solidez. Ou, muito provàvelmente, chegará a... **descobrir o Espiritismo,** como já vaticinou ilustre confrade.

Que reflitamos, pois, nas palavras de Santo Agostinho: «os que não querem ser vencidos pela verdade, são vencidos pelo êrro».

Entretanto, aos incréus inveterados, apegados ao carcomido medievalismo mental, resta-nos fazer côro com Samuel Johnson: «a verdade, senhor, é uma vaca que não quer dar mais leite aos céticos; de sorte que êstes não têm outro recurso senão ordenhar um touro»...

* * *

Estudos Doutrinários

II - «ESPÍRITA DE QUALQUER CULTO» — Deolindo Amorim

Nos comentários anteriores, a respeito de «Traduções e Dúvidas», fizemos referências à lição n.º 22, do Capítulo XXVII *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo,* justamente pelo fato de haver certa diferença de expressão entre algumas traduções. Vamos voltar ao mesmo ponto, a título de recapitulação:

> em primeiro lugar, enquanto determinada edição brasileira (1917) diz que a prece deve ser feita quando o espírito houver *subjugado* a carne, as outras edições consultadas, inclusive uma das traduções do mesmo confrade, falam em *retomar* o jugo da carne, dando, assim, outro sentido ao pensamento;
>
> em segundo lugar, uma das edições do livrinho *A Prece* (publicada em 1946), como já vimos, reproduziu o mesmo texto, mas empregou a expressão espírita de qualquer *cultura*, quando o

verdadeiro ensino doutrinário, de acôrdo com *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* a começar por edições francêsas, fala claramente em espírita de *qualquer culto,* o que é bem diferente.

Foram êstes dois pontos de doutrina que nos chamaram a atenção nos estudos semanais do Centro Espírita *18 de Abril,* dando motivo ao nosso artigo anterior. Vamos passar, agora, à expressão *espírita de qualquer culto,* contida no mesmo período em estudo. Convém transcrever novamente o período: *A prece do cristão, do espírita de qualquer culto, deve ser feita quando o espírito houver retomado o jugo da carne.* Evidentemente, *espírita de qualquer culto* é uma idéia muito elástica. Se quisermos tomá-la ao pé-da-letra, desprezando o pensamento geral do contexto, podemos tirar daí umas tantas conseqüências discrepantes do próprio caráter da doutrina. Se alguém, por exemplo, entender de aplicar indistinta ou arbitràriamente aquela assertiva, considerando que *espírita de qualquer culto* é um conceito absoluto, poderá chegar à conclusão, embora ilógica e disparatada, de que se pode ser *espírita* e adorar imagens, usar símbolos fetichistas, tomar parte nos jejuns, curvar-se no «muro das lamentações», e assim por diante. Dentro de uma interpretação ampla ou ilimitada, o que se entende, ao pé-da-letra, é que um indivíduo pode, ao mesmo tempo, ser espírita e continuar católico, aceitando o dogma das «penas eternas», «pecado original» etc., pois a doutrina fala em *espírita de qualquer culto.*

Vê-se, claramente, que não é possível conciliar a doutrina espírita com o catolicismo nem qualquer outro culto formalizado, pois está patente que o Espiritismo, pela sua estrutura doutrinária, não comporta nenhuma forma de culto material, não tem «livros sagrados» nem organização sacerdotal. Como seria possível, pois, ser espírita e católico ao mesmo tempo? Se, no aspecto material, é grande e evidente a distância que separa os dois campos, no aspecto doutrinário ainda é mais frisante o antagonismo, porque certos dogmas católicos, como se sabe, são irreconciliáveis com a tese da reencarnação, que é a «pedra angular» da filosofia espírita. Logo, a expressão *espírita de qualquer culto* não deve nem pode ser interpretada como porta aberta para tôda e qualquer combinação religiosa: Espiritismo-Judaismo, Espiritismo-Catolicismo, Espiritismo-Islamismo, Espiritismo-Umbanda, Espiritismo-Positivismo etc etc. Pode-se muito bem ser católico, maometano, israelita e acreditar na comunicação dos espíritos, como se pode até ser médium e fazer caridade sem ser espírita. Não se pode ser espírita, doutrinariamente falando, quando não se aceita o essencial da doutrina, quando não há conformação integral com os princípios espíritas. Já se vê, portanto, que o fato de haver, no corpo da doutrina, uma lição em que se faz referência a espírita de *qualquer culto* não quer dizer que não haja definições restritivas ou que se possa adaptar o Espiritismo a qualquer forma de culto, por mais extravagante que seja.

Existem dois conceitos de *espírita;* o conceito popular ou corrente, que é genérico, e entende por espírita qualquer pessoa que acredite nas «manifestações do além» ou frequente sessões espíritas; o conceito doutrinário, que é específico, e só considera *espírita* quem, conformando-se com os princípios da doutrina, procura pautar por êles o seu proceder, segundo o pensamento de Allan Kardec. Decorrem daí naturalmente duas categorias. Temos os *adeptos* do Espiritismo, isto é, aquêles que já se integraram na doutrina, porque aceitam os princípios espíritas, não como «pontos de fé», mas porque se tornaram convictos, e temos os *crentes,* justamente porque são pessoas que crêm nas comunicações dos espíritos, têm os seus motivos íntimos de crença mas continuam com as mesmas idéias religiosas, porque ainda admitem «castigo de Deus», «céu e inferno», «infalibilidade papal» e outros ensinos católicos, frontalmente contrários à doutrina espírita. Diante disto, é o caso de perguntar: em que sentido pois, a doutrina se refere a espírita de *qualquer culto?* E' aí. precisamente, que se faz necessário procurar o *espírito* da doutrina, evitando a interferência das inclinações pessoais. Temos que apelar indispensavelmente para certas regras de interpretação. Será a doutrina contraditória ? Se por exemplo, no cap. XXVII, encontramos uma alusão a espírita de qualquer culto, na Introdução da mesma obra básica *O Evangelho Segundo o Espiritismo* está dito textualmente que *O ESPIRITISMO ESTÁ ACIMA DE TODOS OS CULTOS PARTICULARES.* Outras traduções dizem de outro modo, com o mesmo sentido: «O Espiritismo está *fóra* de todos os cultos». Na tradução de Torrieri Guimarães (3.ª edição da LAKE, S. Paulo) a redação ficou assim : *O Espiritismo não tem nacionalidade, e é estranho a qualquer culto particular.* Seja como fôr, o pensamento é o mesmo, isto é, colocar o Espiritismo em posição equidistante no que diz respeito aos cultos *organizados* ou formalizados. Em diversas passagens a doutrina espírita desaprova o uso de sinais ritualísticos, hierarquia sacerdotal, exterioridades, enfim. No *Livro dos Espìritos,* quando trata da «Lei de adoração» (questão 653), a doutrina sintetiza o assunto, dizendo que *A adoração verdadeira é a do coração.* Nisto se resume tudo. O que vale é a intenção, é o sentimento. A *adoração*, que é um ato interior, não precisa, portanto, de nenhuma fórmula, de nenhuma convenção, nenhum elemento de culto exterior. Êste é o espírito da doutrina. Existem casos em que muita gente *ainda* necessita de objetos materiais para realizar a sua adoração a Deus, e tal procedimento não deixa de ser meritório e útil, desde que a intenção seja sincera. A doutrina faz ressalva, muito sensata, neste ponto (questão n.º 654). Todavia, o pensamento geral e concordante da doutrina é pelo culto natural ou interior, sem formalismos, sem ritual, isto é, o culto do sentimento ou da consciência.

Uma das conseqüências da doutrina, pela decorrência natural de seus ensinos, é colocar a criatura humana em condições de, gradativamente, pelo conhecimento e pela compreensão, desprender-se dos objetos de cultos: imagens, medalhinhas, talismãs, orixás, vestimentas litúrgicas etc. etc. Tudo isto, até certo ponto, ainda representa um valor respeitável em determinados estágios de cultura ; para o espírita, porém, mas o espírita integrado na doutrina, nada disto é necessário, porque a sua noção de culto ou de adoração é toda ela subjetiva, isto é, mais interior do que exterior.

Então, como é que, a despeito de tudo isto, a doutrina emprega a expressão *espírita de qualquer culto,* dando margem a uma extensão, cujos resultados nem sequer podem ser previstos ?... Haverá, nisto, alguma incoerência ? Estará a doutrina espírita em contradição com o seu próprio pensamento fundamental ?... Não. O que é necessário é não perder de vista a importância de três elementos relevantes em matéria interpretativa : *em primeiro lugar, o contexto, todo o capítulo e não apenas uma frase ou um período sôlto ; em segundo lugar, a época e as circunstâncias.* Quem lê, portanto, *todo* o cap. XXVII, *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo*, compreende logo que a preocupação, alí, é de chamar a atenção para o valor da prece, independentemente dêste ou daquêle credo religioso. Veja-se bem que êste ponto está entrosado com outro pensamento, outra concepção, justamente quando se lê, em capítulo anterior, a seguinte observação, nas «Instruções dos Espíritos» : *O verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma e a mesma coisa, pois todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam.* (Capítulo XV, n.º 10, da mesma obra). Temos, aí, duas idéias amplas : a) a idéia de *cristão,* compreendida no sentido diferente da compreensão comum, porque o espírito instrutor fala em cristão de um modo indefinido, acima de igrejas e seitas, fazendo sentir que é cristão todo aquêle que pratica o princípio da caridade, *qualquer que seja o culto a que pertença :* b) a idéia envolvente de espírita e cristão, como sendo *uma e a mesma* coisa.

A lição induz ao seguinte raciocínio :

> se o instrutor considera cristão todo aquêle que cumpre a lei do amor, praticando a caridade, que é o denominador comum de todo o pensamento, é natural que, por decorrência lógica, o espírita seja cristão, no sentido de caridade.

Dentro dêste pensamento, ainda que o indivíduo seja israelita, católico ou islamita, ainda que pertença a esta ou aquela igreja ou seita, se praticar a caridade, se fôr realmente bom, é *cristão*, no sentido amplo, porque cristão, aí, é sinônimo de bom, de caridoso. Já se vê que a lição tem em vista um conceito de cristão muito diferente. Cristão é aquêle que procura seguir os ensinos do Cristo, acima de igrejas e cultos, e os ensinos do Cristo, como todos sabem, se resumem no *AMOR*, que é a chave de todo o progresso espiritual. É nêste sentido, portanto, que se deve entender o ensino do Instrutor: o espírita e o cristão, na realidade, são *uma e a mesma coisa*. Não se trata, aqui, de cristão no sentido estrito de partidário de uma igreja, ou filiado a uma corrente religiosa.

Dentro desta concepção, que é a mais liberal possível, a seqüência do ensino generalizou a idéia e, por isso, falou indiscriminadamente em *espírita de qualquer culto*, considerando que *espírita* é sinônimo de *cristão*, e ser cristão, segundo o pensamento das citadas instruções, é fazer o bem, é ser humilde e honesto, é ter caridade no coração, como remate de tôdas as virtudes. Logo, não é nem poderia ser no sentido de ser cristão convencional, simplesmente porque pertence a uma denominação religiosa. Note-se que o conceito é amplo e não restrito. De acôrdo com êsse pensamento, um indivíduo pode não ser cristão ideològicamente, porque tem outras idéias religiosas (é o caso do judeu, do islamita, do positivista etc.), mas não deixa de ser cristão pelos atos, desde que pratique os ensinos do Cristo, ainda que não aceite a doutrina cristã. Muitas vêzes, nós, espíritas, dizemos que A ou B não é *espírita* porque não adota a doutrina, mas é um espírita de *fato*, porque o seu procedimento é de verdadeiro espírita. É uma questão apenas de extensão de conceito. Também se pode dizer, na mesma ordem de idéias, que certas pessoas são materialistas apenas ideològicamente, porque esposam a filosofia materialista, mas a verdade é que, nas ações, essas pessoas às vêzes são mais espiritualizadas, mais humanitárias, mais honestas do que muita gente, que vive por aí combatendo o materialismo e o ateismo. E não é verdade?... Quantas pessoas há, neste mundo, que condenam o materialismo, fazem questão de proclamar as suas convicções espiritualistas ou até *espíritas* (por incrível que pareça!), mas vivem agarradas às coisas da matéria, vivem a bem dizer escravizadas aos interêsses terrenos, chegando a deixar o lado espiritual da vida para o segundo plano?... E há, entre tais pessoas, quem ande rezando a tôda hora, de Evangelho na mão, mas o coração está voltado para as coisas terra-a-terra, enclausurado no egoismo. Teòricamente, não são materialistas, mas vivem como materialistas de fato. Ainda é pior!... Voltemos ao tema da lição.

Se, portanto, o Instrutor espiritual, quando se refere a *espírita de qualquer culto*, está visando à condição do homem que se identifica com o Cristo, pelas ações, porque o *cristão e o espírita são uma e a mesma coisa*, como se lê na outra lição, que é anterior, é claro que não pode caber, aí, a idéia particularista de um *culto* cristão, desta ou daquela forma. Então, *espírita de qualquer culto* é fôrça de expressão, cabendo a cada qual procurar o exato sentido, tendo em vista o pensamento do contexto e, não, apenas de uma frase, desligada dos outros elementos. Existe cristão-católico, que acredita no *inferno* e beija imagens; cristão-batista, que acredita na infalibilidade da Bíblia; cristão-pentecostal; cristão-adventista do 7.º dia, e assim por diante. São vários tipos de cristão, cada qual com o direito de professar a sua crença. Nenhuma dessas formas de ser cristão, entretanto, se ajustaria à natureza e ao caráter do Espiritismo. Logo, não se deve tomar literalmente a designação de *espírita de qualquer culto*, porque não é possível ser espírita e pertencer a qualquer um dêsses cultos, pois todos êles têm concepções e práticas, que não podem de forma alguma combinar com a doutrina espírita.

Até aqui, procuramos considerar aquela instrução espiritual do ponto-de-vista do contexto, que é uma das regras mais gerais de interpretação. Vejamos, agora, para terminar, os outros elementos, também importantes na tessitura interpretativa: a época e as circunstâncias. Na época em que surgiu a idéia de *espìrita de qualquer culto* (Comunicação do espírito de V. Monod, 1862), em concordância com o pensamento de outra comunicação, dada por outra entidade, em 1860, considerando espírita e cristão a *mesma coisa*, havia, ainda, muita dúvida e vacilação entre simpatizantes das idéias espíritas. O problema estava, principalmente, em conciliar as novas idéias, que eram de certo modo revolucionárias, com as velhas crenças, com os velhos cultos. Muita gente ficava em dificuldade, em verdadeiro conflito de consciência, desejando aceitar as idéias espíritas, que vinham lançar uma luz nova, mas tinha mêdo de romper com a velha fé ou abandonar o *culto* antigo, com os seus rituais, seus atrativos exteriores. Muitas das pessoas que estavam interessadas no Espiritismo queriam saber, a todo momento, se era lícito ou correto, para um cristão, acreditar nas comunicações dos espíritos e continuar em suas igrejas, com as mesmas idéias religiosas. E' bom não esquecer que, nos primeiros tempos, e é a doutrina codificada que no-lo mostra, a idéia de *espìrita* ou espiritista ainda não estava nem poderia estar muito clara, notadamente para as pessoas que vinham dos diversos cultos organizados. Entendia-se por *espìrita* simplesmente aquêle que acreditasse nas manifestações dos espíritos, fôsse qual fosse o seu culto relígioso. Mais tarde, com a consolidação da doutrina, justamente quando se fizeram necessárias as definições exatas, o conceito de espírita deixou de ser entendido na acepção genérica ou indeterminada para ser pôsto nos têrmos que lhe são apropriados, como até hoje. Havia, inevitàvelmente, muita falta de precisão dos têrmos, como também muita vacilação, por motivos de fé. Eram problemas da época, nascidos das circunstâncias que se apresentavam naturalmente ao mentor espiritual. Foi, portanto, nessa época e diante de tais circunstâncias, que saiu aquela asserção, como que momentâneamente, para conciliar certas idéias e tranquilizar aquêles que ainda estavam na incerteza e encaravam o Cristo pelo prisma de sua fé.

Então, tendo em vista os três elementos acima citados *o pensamento geral do contexto, a época e as circunstâncias* em que foi ministrada a lição do mentor somos levados à conclusão de que *espìrita de qualquer culto* é fôrça de expressão, não é um conceito básico. E' finalmente, o que podemos dizer aos companheiros do «18 de Abril», esperando que outros, mais esclarecidos, tragam a sua contribuição. Temos, ainda nesta série de estudos doutrinários, um aspecto, relativo a traduções, em determinado capítulo da *Gênese*, de Allan Kardec, mas vamos deixá-lo para a próxima oportunidade, no outro estudo.

Análise de Sete Artigos Publicados sôbre Arigó

Prof. J. Herculano Pires

Da crendice humana ao estudo objetivo que não foi feito — Arigó à margem da Parapsicologia — O estranho mundo das suposições científicas

A série de artigos de autoria dos profs. Rui de Mello, Médico psiquiatra, e Cesário Morey Hossri, lente de psicologia da Universidade Católica de Campinas, sôbre o caso Arigó, foi apresentada pela agência que a difundiu, a «Ibrasa», como «um esfôrço de pesquisa, sinceramente realizado», e sem «nenhuma espécie de libelo ou ataque sistemático ou unilateral a qualquer pessoa, instituição ou crença». — Quem acompanhou, porém a leitura dêsses artigos, em sete edições sucessivas da «Folha de São Paulo», deve ter verificado exatamente o contrário. Os autores não apresentaram nenhuma espécie de pesquisa, mas simplesmente um libelo apaixonado contra Arigó, através de uma tentativa de interpretação psiquiátrica no caso, e um ataque sistemático, da primeira à última linha ao Espiritismo.

A cortina de títulos universitários e de cargos de currículo médico e escolar de ambos, com que a agência procurou justificar a divulgação dos artigos, nada encobriu, para os leitores dotados de senso crítico. Não obstante, como artigos de imprensa são lançados ao público em geral, e diante dos pedidos de esclarecimentos que nos são formulados a respeito, daremos abaixo uma análise sucinta de tôda a série. Cada um dos tópicos numerados corresponde a um dos artigos publicados, pela ordem em que sairam:

1.º)—Os articulistas começam declarando êste objetivo: «elucidar um dos aspectos fundamentais da crendice humana.» Partem, portanto, de uma premissa já estabelecida, e não de uma hipótese de trabalho. Consideram-se senhores da verdade, para a qual pretendem conduzir os leitores através de «esclarecimentos». São «esclarecidos», falando a ignorantes. Nessa cômoda posição dedutiva, partindo apenas de seu ponto de vista particular, decretam que o caso Arigó é semelhante ao de Antonio Conselheiro, do Profeta da Gávea e da Santa Manoelina dos Coqueiros. A seguir, transcrevem — Felizmente com as devidas aspas — um trêcho de José Alves Garcia sôbre personalidades anormais, trêcho tão longo que lhes toma quase todo o espaço. Feita a citação acreditam haver provado que Arigó é «uma personalidade paranóica», o que afirmam com ênfase.

2.º)—O segundo artigo oferece ao leitor uma esperança de trabalho objetivo. Os autores dizem que foram a Congonhas (embora apenas um dêles o tenha feito) para: «estudar de maneira objetiva a natureza dos fenômenos». Logo mais, porém, passam a falar da vida do médium, e formulam a hipótese de que Arigó se transformou de político em curandeiro, em virtude de haver sido «frustrado politicamente» numa eleição municipal. Simples suposição explicativa.

3.º) — Temos agora a informação de que Arigó, «católico praticante», foi obrigado «a renegar sua crença religiosa, para realizar a prática do curandeirismo, alicerçada no baixo espiritismo e na mistificação». Repetem os articulistas a acusação de paranóia, mas admitem que o médium chegou «a convencer honestos e sinceros cientistas, adeptos do espiritismo». Esqueceram-se de dizer, porém, que Arigó pratica suas curas e operações há onze anos, cinco dos quais se manteve católico, aprovado por autoridades eclesiásticas. E ainda, que mesmo depois de aceitar a explicação espírita, continuou operando, até há poucos mêses, com um crucifixo nas mãos.

4.º) — A análise dos três tipos de pacientes que buscam Arigó, feita no quarto artigo, é um simples esquema, ligeiramente baseado em teorias psiquiátricas: os pacientes são «sugestionáveis», «menos sugestionáveis» e «frios». Nada mais a seguir, uma digressão sôbre a sugestionabilidade, e a explicação de que Arigó receita antibióticos em doses altas para evitar as infecções, fazendo portanto assepsia posterior e não-local. (Esqueceram-se os autores de que estavam diante de um problema de cirurgia e não de psiquiatria). Por outro lado, Arigó não receita antibióticos para todos os casos. Além disso, os autores acusam Arigó de provocar reações orgânicas nos doentes através de «agressões» que produzem a cura. E descrevem todo um suposto mecanismo da cura pela sugestão e pelo «impacto emocional», para terminarem afirmando, de maneira dogmática, que Arigó «absolutamente, não tem a propriedade da precognição». Mas não tem por que? Alguma pesquisa o provou? Não. Apenas porque os autores decretaram que êle não a tem.

5.º)— Por tocarem na precognição, passam os autores, no artigo seguinte, a explicar o que é Parapsicologia. Aceitam, então que: «Os curandeiros paranormais encontrados na França, Alemanha, Suiça, Inglaterra, etc., são submetidos à apreciação de junta médica», e que uma vez confirmadas as suas qualidades, são aproveitadas na terapêutica. Mas, como já haviam afirmado, desde o primeiro artigo, que Arigó era um espertalhão, afirmam, sem nenhum resultado de pesquisa que o médium de Congonhas do Campo não está neste caso, sendo apenas «um instrumento de fôrças econômicas políticas, e daí por diante até onde a imaginação possa alcançar. Para manter o teor científico dos artigos, passam os autores a discorrer longamente sôbre técnicas hipnóticas, letárgicas, de apucuntura e de kuastsu, que nada tem a ver com Arigó, nem Arigó com elas.

6.º) — Chegamos assim ao sexto artigo, sem que a menor prova de estudo objetivo, de pesquisa, tenha sido feita. Os autores pretendem provar então, que Arigó é um fenômeno ainda não classificado pelas ciências, nem mesmo pela parapsicologia. Sim porque é um indivíduo que possui destreza, no manejo de facas, inteligência capaz de fácil assimilação de conhecimentos médicos, inclusive da prática de diagnóstico e receituário, aliados a agudo senso de exploração comercial. Uma espécie de gênio caboclò poliformo. Os autores afirmaram que Arigó desempenha suas estranhas atividades sem possuir nenhuma qualidade paranormal: «ministrando cerca de quatrocentas receitas por dia»! Parece-nos que os prof.s Rhine, Soal, Bjorkhem, Price, e tantos outros, que na Europa e na América, vem trabalhando há anos em pesquisas que se elevam, em certos casos, a trinta, cinqüenta e setenta mil experiências sôbre as chamadas «funções psi», teriam muito a aprender em Congonhas do Campo. Tanto mais que os autores afirmam que a inteligência de Arigó: «parece pouco superior ao índice médio». Como se vê, um caso realmente espantoso.

7.º)— O último artigo da série «Milagre ou farsa» é uma tentativa de interpretação sociológica do caso Arigó. Mas assim como não se realizou o Milagre de esclarecimentos «dos aspectos fundamentais de crendice humana», prometido no primeiro artigo, nem o milagre da pesquisa, prometido no segundo, também não se realiza o da interpretação sociológica. Os autores repetem as acusações de esperteza política feitas ao médium, referem-se a uma possível rêde de exploração do povo, sem nada provar, e acusam o Espiritismo. Voltam a usar a técnica da transcrição de trechos alheios servindo-se agora de uma alheia pesquisa, feita pelo prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo e divulgada em livro sério. Encerram suas digressões, lamentàvelmente destituidas de caráter científico, com a acusação gratuita de que o caso Arigó se carateriza: pela exploração econômica planificada da fé. Excluido o milagre, só restou a farsa.

E' pena que se trate assim, em nossa terra, um caso positivo de resultados já verificados por médicos especializados, que depuzeram a respeito com alto senso de responsabilidade. Como o fez por exemplo, o oftalmologista Sergio Valle, e como o fizeram outros, na televisão, inclusive com a exibição pelo próprio médico assistente, não espírita, de um processo de cura de câncer intestinal, seis vêzes operado, e que Arigó curou com uma receita. Foi êsse um caso comprovado, apresentado com documentação e testemunhas, e não disfarçado num contexto de pretensas explicacões teóricas. Estivemos presentes nos estúdios, quando médicos materialistas, não-espíritas, tomaram conhecimento do caso, discutindo-o com médicos-espíritas. Os autores da série se concentram em afirmar que Arigó, é curandeiro e explorador, sem nenhum exame de casos dessa natureza.

JESUS DOS 13 AOS 30 ANOS,
de Francisco Klörs Werneck

Com amável dedicatória, nosso irmão Klörs Werneck ofereceu em julho do ano passado, ao dr. Lauro S. Thiago, um exemplar desta obra cujo invulgar mérito está justamente em versar assunto de relevância para todos quantos se preocupam com as questões decorrentes do meditado e sereno estudo dos Evangelhos.

Ora, a respeito da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, os ditos Evangelhos nada dizem relativamente ao período de sua passagem pela terra, que vai dos 13 aos 30 anos: natural, portanto, que se façam investigações para saber o que acontecia a Jesus durante êsse longo período de sua existência.

Os que admitem a teoria, aliás alicerçada em insofismáveis experiências de materialização de espíritos, como as que foram feitas por William Crookes, com Katie King, materializações que Charles Richet e outros homens de ciência confirmaram, havendo até o fisiologista francês criado o têrmo de *Ectoplasmia* para configurá-las; os que admitem, dizíamos, a teoria do corpo fluídico de Jesus, satisfazem-se plenamente com a idéia de que o Mestre teria se conservado, durante êsse tempo, invisível aos olhos humanos, possivelmente ligado ao astral superior do nosso planeta para o cumprimento de alguma divina missão no plano espiritual, que não está ao alcance da inteligência dos homens saber de que natureza poderia ser.

Mas há os que não admitem essa teoria, entendendo que Jesus era de carne e ôsso, como qualquer mortal do nosso tipo, que é ainda assás inferior na escala evolutiva, para levar-nos a considerar tão elevado espírito sujeito às mesmas tremendas limitações a que estamos sujeitos, nós, os recem-vindos das últimas gerações do *pitecântropus erectus*... Para os que assim pensam, sobretudo para os que assim pensam, o trabalho de Klörs Werneck é de grande importância, porquanto explica de um modo plausível a ausência de Jesus do cenário da Palestina, adstrito que esteve, durante êsse período de tempo, ao cumprimento de missão análoga a que desempenhou entre os judeus, sem, entretanto, o deplorável ônus do martírio que sofreu entre os da sua nação! «Ninguém é profeta em sua terra» — Êle mesmo o dissera, cheio de tristeza!

O primeiro capítulo do livro, intitulado A VIDA DESCONHECIDA DE JESUS-CRISTO, dá assim a impressão de romance, forjado, adrede, para afastar dos judeus a responsabllidade pela condenação do Justo, com êsse objetivo fazendo-se até com que fôssem os «velhos juízes hebreus que lavaram as mãos», dizendo depois: «Somos inocentes da morte do justo», quando se sabe, pelos evangelistas, que êsse gesto quem o teve foi Pilatos. Não tem caráter algum de autenticidade tudo o que nêsse capítulo está bem forjado para desviar dos culpados a acusação que a História lhes faz. Trabalho ocioso, inútil, portanto!

Já o mesmo não se pode dizer com relação ao seguinte capítulo — A VIDA DE SANTO ISSA, do qual se infere que Jesus esteve, na época do seu afastamento da Palestina, no exercício de missão análoga à que desempenhou em sua pátria, noutras nações do Oriente, especialmente na Índia. Quanto ao ter sido iniciado nas doutrinas secretas dessas velhas nações, vai isso por conta dos que insistem em não atender à excelsitude espiritual do Cristo e à divina relevância da sua missão entre os homens do planêta terra.

Depõe magistralmente o autor, quando escreve: «Entre as lamasarias ocultas do Tibete e nos montes Himalaias podem se encontrar lendas e histórias concernentes ao admirável Mestre que certa vez visitou tais paragens e observou sua sabedoria e ciência secreta. Além disso, há tradições entre os bramanistas, budistas e zoroastristas que narram a história de um estranho instrutor que apareceu no seu meio, ensinou admiráveis verdades e levantou contra si grande oposição dos sacerdotes das várias religiões da Índia e da Pérsia, porque pregava contra a casta sacerdotal e o formalismo e também se opunha a tôdas as formas de distinções e restrições das castas sociais. E tudo está também de acôrdo com as lendas ocultistas que dizem que do seu vigéssimo até quase ao trigéssimo ano de idade, Jesus exerceu seu ministério entre o povo da Índia, da Pérsia e das terras visinhas, voltando finalmente, ao seu país natal onde foi ativo durante os últimos anos de sua vida. Assim, pois, vêdes que os ensinos ocultistas mostram que Jesus tem sido um instrutor mundial e não apenas um profeta judeu. O mundo inteiro foi seu auditório e todos os povos seus ouvintes». (JESUS DOS 13 AOS 30 ANOS, págs. 66 a 68, *passim).*

Em face de tão belo estudo, deixámos no final do livro, como de costume, a seguinte observação: Há em tudo isso, por certo, partículas de verdade histórica, em meio de um montão de conclusões cerebrinas. O que se pode, em verdade, inferir de tudo o que Klörs Werneck pôde compilar, é que Jesus também exerceu sua missão no Oriente longínquo, como se diz em têrmos de geografia,— o que é bem plausível. O mais é deficiência da noção que se deve ter da verdadeira personalidade de Mestre, que é a de Jesus.

Á proposição contida no final do livro, pág. 77—«Segundo Nicolau Notovitch, Jesus esteve em Djaguernat, na Índia, onde os Brâmas lhe ensinaram a doutrina dos Vedas, a medicina, a matemática, etc.»—acrescentámos nós: ou, com mais propriedade, onde Jesus procuraria adoçar-lhes o caráter orgulhoso, dando-lhes o bom exemplo, que êles repeliram, de conviver com os párias...

Ainda à página 77 Klörs Werneck escreve com propriedade: «Apelemos para Lucas. Que diz êle em I, 80? «E o menino crescia e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até o dia em que havia de mostrar-se a Israel». Êsse deserto era tôda a parte que se estendia para o Oriente...

Um forte abraço ao nobre autor.

Philemon

Das Irmãs Fox a Arigó

Altivo Ferreira

OS derradeiros anos do segundo quartel do Século XIX foram abalados por fenômenos insólitos, que principiaram a produzir-se na aldeia de Hydesville, Condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, numa casa em que residiam os Weekmans. Eram pancadas e ruídos misteriosos, **rappings, noises e Knockings,** que, desde fins de 1844, passaram a perturbar a paz dos familiares e vizinhos, continuando após a saída do antigo dono e a entrada da Família Fox, em 11 de dezembro de 1847. Tais acontecimentos culminaram com os fatos ocorridos na histórica noite de 31 de março de 1848, quando a menina Kate Fox, de 11 anos, desafia **a fôrça produtora dos ruídos** a imitá-la e identificar-se, travando, então, diálogo com a entidade perturbadora, a qual diz ser o Espírito de Charles B. Rosma, naquela casa assassinado. A essa primeira conversação travada entre a garôta e a Espírito, outras se sucederam com a participação dos pais e assistentes. gerando esclarecimentos e investigações acêrca do mundo invisível. As Irmãs Fox—Kate e Margaret inscreveram-se nos anais do moderno espiritualismo americano e os fenômenos de Hydesville constituiram-se no marco incial de um movimento que culminaria com o advento da Terceira Revelação.

As batidas nas paredes, os arrastamentos de móveis, as mesas girantes e falantes, alastraram-se pelos países do Velho Mundo, provocando a curiosidade nos salões e na mente imaginosa da massa popular. Médiuns de faculdades espetaculares, como Daniel D. Home, os Irmãos Davenport, Florence Cook, os Irmãos William e Horace Eddy, Henry Slade, Eusápia Paladino, Mme. d'Esperance, Stainton Moses, foram surgindo na sucessão do tempo e nos mais distantes rincões, a produzir fenômenos que abalavam a opinião dominante nos meios científicos e religiosos. Comissões de investigadores constituiram-se para apurar a veracidade dos fatos e, se possível, desmascarar os embusteiros. Cientistas de grande envergadura, quais William Crookes, Alfred Russel Wallace, Sir William Barret, Sir Oliver Lodge e outros entregaram-se a demoradas pesquisas, concluindo pela autenticidade das ocorrências e identificando em seus agentes os Espíritos dos homens que morreram...

Foi dessa forma, socorrendo-se

de manifestações mediúnicas de efeitos físicos, que a falange do Espírito Verdade despertou a atenção do mundo e, principalmente, dos homens de ciência, para a realidade da Vida Espiritual. As comunicações de caráter inteligente, que sucederam aos **raps** e às mesas girantes, tiveram o condão de construir uma doutrina filosófica inspirada nos fatos e demonstrar as conseqüências morais e religiosas dela decorrentes. O trabalho de Allan Kardec, através da mediunidade psicográfica das senhoritas Baudin e Japhet, assim como de dezenas de outros médiuns, é responsável pela codificação dos novos princípios, que passariam a ser conhecidos sob a denominação de Doutrina Espírita ou Espiritismo.

Periòdicamente os Espíritos utilizam métodos semelhantes para acordar a mente humana, obnubilada pelas atrações da vida moderna, intoxicada pelo dogmatismo religioso ou materialista. Ora são os «milagres» de Lourdes, na França; ora, as comentadíssimas materializações de Belém do Pará, por intermédio da senhora Prado; ora, as curas realizadas no seio da Igreja, através de sacerdotes-médiuns, como Pe. Eustachio, Pe. Donizetti, e tantos mais; ora é Chico Xavier, servindo de «antena psíquica» (na feliz expressão de Newton Boechat) a belíssimos ensinamentos de Mais Alto; ora são fenômenos de materializações luminosas, pelos médiuns Peixotinho e Fábio Machado; ora, é José Arigó, caboclo mineiro, de limitadíssima instrução, fazendo delicadas intervenções cirúrgicas, como instrumento mediúnico do Dr. Fritz...

De fato, o que vem ocorrendo em nossos dias, com o chamado «caso Arigó», é, a nosso ver, uma repetição sob outro aspecto dos acontecimentos de Hydesville. Havia necessidade de que os homens de pensamento e ciência dêste país tivessem abalada a fortaleza dos seus preconceitos com fatos transcendentes, de irrecusável autenticidade, a fim de se disporem a examiná-los com a mesma honestidade de propósitos com que agiram os sábios, do século XIX. E a mediunidade de José Arigó presta-se a isso!

As campanhas da imprensa diária, os depoimentos insuspeitos dos beneficiados pelas curas, as mesas-redondas na televisão, as comissões médicas que se organizam para investigar o fenômeno, são de molde a sacudir a indiferença abúlica das mentes cristalizadas em anacrônicos conceitos acêrca da vida de além-túmulo. O processo movido contra o médium de Congonhas do Campo, com as consequências jurídico-sociais dêle decorrentes, imporá, mais cedo ou mais tarde, uma revisão do Código Penal, ajustando-se-lhe o têxto repressivo à dinâmica dos fenômenos paranormais.

Condenado ou não, prosseguindo em suas operações ou deixando de fazê-las, Arigó será, para o Espiritismo de hoje, o que foram, Hydesville e as mesas girantes para o advento da Terceira Revelação.

O espírito humano não tem limites para a sua investigação e conhecimento. Até o próprio Deus será atingido, pois o nosso espírito é de origem divina.

A suprema sabedoria, para cada alma, será diretamente proporcional à evolução espiritual da Humanidade até se integrar na Eternidade do Tempo e na Imensidade do Espaço. — DR. ANTONIO J. FREIRE

Serões Bíblicos - IX

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo IX)

«Ouvindo estas palavras, Criton fêz sinal a um escravo que se achava perto; o escravo afastou-se; em seguida voltou com o carcereiro a trazer a taça de veneno. Disse-lhe Sócrates: «Meu bom amigo, como tendes experiência destas coisas, dizei-me como devo proceder». O carcereiro respondeu: «Ponde-vos a andar até sentirdes as pernas fracas; deitai-vos após e o veneno produzirá seu efeito». Ao mesmo tempo oferecia a taça a Sócrates, que, do modo mais natural e gentil, sem o menor mêdo, nem mudança de côr ou de expressão, olhando fixamente o carcereiro conforme era seu costume olhar os homens, tomou a taça e disse: «Que achais da idéia duma libação a algum deus, derramando um pouco desta bebida? Posso ou não fazê-la?» O carcereiro respondeu: «Nós, Sócrates, preparamos apenas a quantidade que julgamos necessária». «Compreendo, volveu o filósofo: mesmo assim devo pedir aos deuses que favoreçam minha viagem dêste mundo para o outro — e possa êste meu desejo, que será minha prece, ser atendido por êles». Então levando a taça aos lábios, bebeu ràpida e corajosamente a cicuta».

«Até êsse instante a maioria dos presentes conseguira dominar a própria dor; mas vendo-o beber o veneno e, depois, acabar de esgotar a taça, não mais nos pudemos conter; a despeito de meus esforços, o pranto borbotou-me dos olhos; cobri o rosto e chorei por mim mesmo. Pois não pranteava, certamente, por êle, e sim à evocação de minha desgraça de perder tal companheiro. Não fui o primeiro, pois Críton, sentindo-se incapaz de recalcar as lágrimas, levantou-se e retirou-se; eu acompanhei-o; e nêsse instante Apolodoro, que estivera a chorar todo o tempo, prorrompeu em altos soluços, que acabaram de fazer-nos fraquejar. Sócrates ùnicamente se mantenha calmo: «Para que tanto espalhafato? perguntou. Mandei que as mulheres saíssem, sobretudo para assim não procederem, pois ouvi dizer que um homem deve morrer em paz. Acalmem-se, e conformem-se». Ouvindo tais palavras, sentimo-nos envergonhados e represamos as lágrimas; e êle pôs-se a andar, até que, conforme disse, as pernas começaram a fraquear-lhe; deitou-se então de costas, de acôrdo com as instruções recebidas; e o homem que lhe dera o veneno, vez em vez observava-lhe os pés e as pernas; depois de algum tempo, apertou-lhe os pés com fôrça e perguntou-lhe se o sentia; Sócrates respondeu: «Não»; e em seguida apertou-lhe as pernas, cada vez mais para cima, e mostrou-nos que estavam frias e hirtas. E então Sócrates notou-lhes o estado e disse: «Quando o veneno chegar ao coração será o fim de tudo». Já começava a sentir frio o baixo ventre quando descobriu o rosto (pois o havia velado) e disse — e foram suas últimas palavras —: «Críton, devo um galo a Asclépio; não esquecer de pagar essa dívida». «Assim o farei, respondeu Críton. Mais alguma coisa?» Esta pergunta não obteve resposta; mas daí a alguns minutos viram-no estremecer. O carcereiro descobriu-o; tinha os olhos parados. Críton fechou-lhe as palpebras e a bôca».

— «Tal o fim do nosso amigo, a quem com verdade chamarei o mais sábio, o mais justo e o melhor de todos os homens que conhecí». (Lido, por Árago, em voz alta, da História da Filosofia de Will Durant, da pág. 31 a 33).

— Dêste modo, meus amigos, Sócrates podendo ter fugido e se salvado, preferiu a morte à vida; podendo ter vivido mais alguns momentos, abreviou o desenlace...

Hierão — Mas acontece que Sócrates era um filósofo; e eu já disse, de início que sobrupunha Cristo a Sócrates.

Árago — Com isso me queres dizer que devemos estudar também a morte de Cristo?

Hierão — Eu gostaria de vos ouvir discorrer sôbre êsse outro ponto.

Árago — Vamos, então, a êle:

— Quando José de Arimatéia pediu a Pilatos o corpo de Jesus, admirou-se muito Pilatos de que Cristo já tivesse morrido (Marc. 15, 44). Ora Pilatos estava acostumado com crucificações. Êle sabia, por experiência, que um homem pode ficar dias vivo na cruz. As vêzes era semidevorado pela águias antes de morrer. Mas Cristo morreu poucas horas depois de crucificado. Por que ?

Hierão — Cristo foi açoitado antes da crucificação, o que lhe minou as energias vitais ; e também pode ser que fôsse êle de compleição frágil.

Árago — Todavia Pilatos viu a Cristo ; avaliou-lhe a saude e as fôrças. Para êle Cristo havia de parecer saudável, que do contrário não se admiraria de que morresse tão cedo. Além disso os dois ladrões também foram açoitados porque isto fazia parte da execução de condenados, «segundo observa Josefo expressamente duas vêzes» (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 313). Tiro as conseqüências, como vêem, da mesma admiração de Pilatos.

— Os dois ladrões morreram no mesmo dia que Cristo, porque contra êles foi praticado o crurifragium. No outro dia era sábado, e por isso foram pedir a Pilatos mandasse quebrar às pernas aos condenados para que, em morrendo, fôssem retirados das cruzes (João 19, 31). E os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao segundo ladrão, porém de Cristo não se lhe quebrou osso algum, porque estava morto. Cristo morto e os ladrões vivos ? por que ?

— «De que morreu Jesus ?» pergunta Werner Keller, e prossegue : «Investigações feitas nos últimos anos em Colônia têm procurado dar uma resposta a essa pergunta do ponto de vista médico. Se penduramos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em conseqüência da circulação sanguínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se ràpidamente um colapso ortostático. A morte na cruz é portanto um colapso cardíaco (insuficiência coronária)».

— «Afirma-se que os crucificados só morriam após dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vêzes colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apôio para os pés, chamado «sedile» (assento) ou «cornu» (côrno). Se o crucificado em sua angústia se apoiava de vez em quando no sedile, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao «crurifragium» : quebravam-se-lhe os joelhos a golpes de bastão. Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, êle morria ràpidamente de insuficiência cardíaca». (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 314-315).

— Cristo, pois, meus prezados companheiros de estudo, morreu quando bem entendeu, com se recusar a apoiarse nos pés, como faziam os ladrões. Com ser mais inteligente, Cristo pôde observar que a morte de cruz se dava sempre após o crurifragium. Então aplicou a si mesmo o princípio do crurifragium dependurando-se nos cravos das mãos, com o que veio a morrer antes do tempo normal...

Hierão—Logo, mestre Árago, concordais com Bruco, em que o homem pode, por sua livre vontade, abreviar seus padecimentos ?

Árago — Se estiver sob tortura imposta por outros homens, pela sociedade, pode ; tal foi o que fizeram Jesus e Sócrates.

Hierão —Mas dar morte a si próprio chama-se, em bom português, *suicídio !* Irra ! Teria Cristo se suicidado ?

Árago — Dá o nome que quiseres, meu amigo ; eu apenas examinei os fatos, e êstes nos levaram aí.

Hierão — Sabe lá, o prezado Mestre, as conseqüências morais e sociais dessa verdade ?

Árago — Sei. Os que estiverem para ser torturados e assassinados por outros homens, poderão suicidar-se.

Hierão — E os que sofrem a tortura das doenças incuráveis, do câncer, por exemplo, acaso podem suicidar-se também ? acaso podem os médicos aplicar a eutanásia a pedido ou não dos doentes ?

Árago — Alto lá, Hierão ! Eu não dei premissa para essas conclusões. No caso das doenças e do câncer funciona outra justiça que não a caricata justiça humana, a qual mando Chilon escrever com «j» pequeno. Agora tu tocaste na Justiça com jota maiúsculo, ante a qual me curvo respeitoso... Uma é a justiça humana; outra a divina. Todo o julgamento humano não é um, mas, dois; um com que a justiça julga o réu, e outro com que a posteridade e Deus julgam a justiça. essa coisa convencional, humana e torta, cujo estudo não só absurdamente dão o nome da ciência, como ainda dizem ser direito... Cristo foi julgado e condenado e morto; julgado, condenado e morto foi Sócrates. Os tais cientistas do direito fizeram estas duas coisas tortas. E desde então a lei tem sido julgada e eu me rio dela. Uma justiça que é duas, uma para o rico que pode pagar, e outra para o pobre que o não pode, mostra bem ser pura invencionice da arte humana, e não ciência... É de Sócrates a elocução que diz:

«Assim eu me vejo condenado à morte por vós; vós, condenados de verdade, criminosos de improbidade e de injustiça. Eu estou dentro da minha pena, vós dentro da vossa». (Platão, Apologia de Sócrates, 78 — Atena Editôra).

— Infinitamente acima da lei humana está a Lei divina que se acha impressa na consciência do homem. Essa é a lei que devemos obedecer, como apregoava Sócrates. São as leis universais, leis cósmicas. Han Ryner escreve, como se fôra Antístenes:

— «Sócrates ensinava a ser homem e não a ser cidadão», diz o filósofo francês pela bôca de Antístenes. E mais: «A virtude se recusa a matar; mas tôda pátria exige que eu mate aquêle que ela chama inimigo. Se não consigo matá-lo hoje, é possível que amanhã êle se torne nosso aliado e a pátria exigirá que eu o auxilie a assassinar meu amigo de hoje».

— «Homens virtuosos ter-se-iam recusado a preparar a cicuta para Sócrates ou conduzí-lo à prisão. Mas os olhos da lei que lhes ordenava essas coisas, eram corrompidos».

— «A virtude não obedece senão à própria consciência. Nada tem a ver com as leis». (Apologia de Sócrates, 95 — Atena Editôra).

— Da justiça humana já dizia Vieira: «Que importa que saísseis escusado do tribunal, se o tribunal fica acusado? Passai pela chancelaria êste despacho, deixai-o por brasão a vossos descendentes, sereis duas vêzes glorioso». (Vieira, Sermões, 1, 227—Ed. das Américas). E noutro lugar: «Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciência não está limpa?» (op. cit. 1, 347). Mais: «Sempre a justica é zelosa contra os que podem menos». (Op. cit. 2, 52).

—Tal a justiça humana, em razão do que dizia Vieira serem mais de se temer os juizos dos homens que os de Deus; porque os julgamentos de Deus são justos, e se sou inocente não pago nada; não com os juizos dos homens, pois sendo injustos punem inocentes seja êle um Cristo, seja um Sócrates...

— Ora, se essa lei caricata me condena à morte por meio de torturas, mato-me. Todavia se a verdadeira Lei, a divina, me impôs um câncer, cumpre-me sofrê-lo até o último alento. Tal é como agiria se fôsse submetido a esta prova.

— Estás satisfeito, Hierão?

Hierão — Estou.

Árago — E tu Bruco, que me dizes.

Bruco — Essa Lei divina, imanente no Cosmo, que, como dizeis, se acha impressa na consciência do homem, a qual devemos obedecer, é a que se chama direito natural; são as regras e doutrinas emanadas do bom senso e da equidade. E por ser natural não foi o homem que inventou, sendo, portanto, o objeto da ciência do direito. Já o direito positivo não é mais que a interpretação que cada povo e nação dá do direito natural sôbre que se apoia. Êsse sim é da invenção humana, e por isso relativo no tempo e no espaço. O direito positivo é tanto mais perfeito quanto mais se identificar com o direito natural dentro do qual tende a desaparecer por assimilação.

Árago — E por quais dessas leis foram condenados Cristo e Sócrates?

Bruco — É claro que foi pelas leis do direito positivo que vigorava, respectivamente, na Palestina e em Atenas.

A'rago — Logo, Cristo e Sócrates foram com justiça executados como contraventores das leis do direito positivo vigentes em suas pátrias?

Bruco — Sim, foram. Êles perturbaram a ordem social. O escravo que foge ou incita outros a fugir é corrupto e corruptor, e por estas coisas punido pelas leis que fazem legal a escravidão. O direito positivo visa o interêsse da classe dominante, isto é, do mais forte. É por isso que os gênios são massacrados; êles perturbam a ordem dos mais fortes. Cristo prègava a igualdade entre os senhores e escravos, no passo que Sócrates mandava obedecer à consciência ao invés de o Estado. Se Cristo voltasse hoje à terra a curar enfêrmos como fazia outrora, seria condenado à prisão por exercício ilegal da medicina... A lei não só é cega, mas asnática, pois permite ter um crucifixo nos tribunais que condenariam o mesmo Cristo por fazer hoje o que lhe era lícito fazer outrora.

Árago — Ou o gênio traz inovações ao estabelecido, ou não é gênio; se traz inovações é destruído em nome da lei conservadora que passa, como um rolo compressor, por sôbre as gentes; ai de quem se salientar!... êsse será compelido a meter-se no seio da massa amorfa de medíocres; e se resistir, morre. Não é mesmo assim, caro Bruco?

Bruco — Exatamente.

A'rago — Então desprezo essa lei que nivela homens, destrói gênios, avilta e mediocriza valores. Prefiro morrer com Sócrates e com Cristo do que aplaudir tal justiça caricata.

Bruco — Nisto estou plenamente de acôrdo convosco; e ainda vosso discurso abalou-me a convicção relativa a que me poderia suicidar em caso de moléstia incurável e fatal. Por sim ou por não, cumprirei a vontade de Deus, se, por Justiça sua, me sobrevier algum mal... não fugirei à corrigenda divina quando ela se me apresentar... Todavia êste assunto suscitou um outro que lhe é conexo.

Árago — Qual?

Bruco — É se devemos ou não buscar a cura para nossos males visto que êles são correções impostas pela Justiça divina. Se a Lei divina me pune porque errei; não seria errado buscar eu safar-me da dor, curando-me? Neste caso, tôda essa medicina não seria um atentado contra a Justiça mais alta? Se não se pode atentar contra a justiça humana, contrariando a ordem social, como o fazer contra a vontade cósmica cujas leis, porque violadas, causam dor? E se não me curo da doença curável, e por isso venho a morrer dela, não serei, acaso, incurso no delito de suicida também?

A'rago — Grande questão propuseste Benedito Bruco, digna do esfôrço dos filósofos. Nós iremos cuidar dela, algum dia, querendo Deus. Mas isto não poderá ser nestes «Serões Bíblicos», porque fazer isto seria fugir ao tema a que nos subordinamos de comêço. Quando tu e Hierão me propusestes estudarmos êste tema, vi, de pronto, que êle se enquadrava no assunto maior, por causa da morte de Cristo. Agora, todavia, isto de saber se devemos ou não buscar a cura para nossas doenças, foge ao tema bíblico, podendo, quem sabe, enquadrar-se nalguma nova série de serões que não sei se virão. Praza a Deus que venham. Hoje porém, como já é tarde, vamos ficando por aqui.

Crônica Estrangeira

OS MORTOS FALAM

Comunicação espontânea de João Reynaud na Sociedade Espírita de Paris

Meus amigos: como é esplêndida esta nova vida! Semelhante a luminosa torrente ela arrasta em seu curso imenso os Espíritos inebriados pelo infinito! Passei das sombras da matéria à aurora brilhante que faz antever o Onipotente.

Após a rutura dos laços materiais, abrangeram meus olhos novos horizontes, e eu vivo e desfruto as maravilhas suntuosas do infinito. Salvei-me, não pelo mérito dos meus serviços, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fêz evitar as nódoas produzidas pela ignorância da pobre humanidade. A minha morte foi abençoada, apesar de os meus biógrafos, os cegos, a julgarem prematura! Lamentaram alguns escritos nascidos da poeira, e não compreenderam nem compreenderão o quanto o silêncio em tôrno do recém-fechado túmulo é útil à causa do Espiritismo.

A minha tarefa estava terminada; os meus predecessores seguiam na rota; eu atingira o apogeu no qual o homem, depois de dar o que de melhor possuia, não faria mais que recomeçar. A minha morte reaviva a atenção dos letrados, encaminhando-a para a minha obra capital, atinente à grande questão espírita que êles fingem desconhecer, mas que muito breve os empolgará. Glória a Deus! Ajudado por Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos exploradores que balizam o vosso roteiro.

—

Outra comunicação espontânea

O Espírito responde a uma reflexão sôbre sua morte inesperada, em idade pouco avançada, o que a muita gente surpreendeu.

«Quem vos disse que a minha morte não seja, de futuro e por suas conseqüências, um benefício para o Espiritismo?

«Notaste, meu amigo, a marcha que segue o progresso, a direção que toma a crença espírita? Primeiro que tudo deu-lhe Deus as provas materiais: movimento de mesas, pancadas e tôda sorte de fenômenos, para despertar a atenção.

«Era um como que prefácio divertido. Os homens precisam de provas tangíveis para crer. Agora é muito diferente o caso. Depois dos fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria; não são mais efeitos físicos, porém, coisas racionais que devem convencer e congregar todos os incrédulos, mesmo os mais teimosos. E isto é apenas o comêço: Tomai bem nota do que vos digo: — Tôda uma série de fenômenos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número já tão grande dos adeptos da crença espírita vai aumentar ainda. Deus vai insinuar-se às inteligências de escól, às sumidades do espírito, do talento e do saber. Será como um raio de luz a expandir-se, a derramar-se por sôbre a Terra inteira, qual fluido magnético irresistível, arrastando os mais recalcitrantes à investigação do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que tão sublimes máximas nos ensina.

«Vão todos agrupar-se em tôrno de vós e, fazendo abstração do diploma do gênio, tornarem-se humildes e pequenos para aprender e para crer. Depois, mais tarde quando estiverem instruidos e convencidos, servir-se-ão da sua autoridade e notoriedade para levar mais longe ainda, aos seus últimos limites, o fim que vos propusestes — a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e profundo das passadas existências. Eis aí a minha opinião sincera sôbre o estado atual do Espiritismo».

(De O «Semeador») — Extraído de «O Céu e o Inferno» — Allan Kardec.

⁂

DESCOBERTA DE UM CADÁVER EM SONHO

De «La Revue Spirite»

«Clifford Senal, de seis anos, filho do Juiz Clifford, de Kenton, desapareceu. Procuraram o menino por tôda parte, sem resultado.

Dia seguinte ao desaparecimento, foi chamado um médico para socorrer a mãe do menino, que se achava muito mal devido a um sonho que tivera à noite. Ela contou ter sonhado várias vêzes que seu filho caira num tanque cheio de água. O menino deseperado agitava os braços pedindo socorro, mas como alí não havia pessoa para salvá-lo pereceu afogado. O pai pensou ter sido o sonho o resultado de uma superstição em que se achava referida senhora, mas ordenou que se procurasse o menino. Não se sabia mais onde procurá-lo, quando um soldado teve conhecimento do sonho, e também foi em busca da criança. Duas horas depois êle descobriu o cadáver do pequeno Clifford num tanque cheio de água por fortes chuvas que tinham caído. O menino fôra encontrado a dois metros de profundidade e perecera miseràvelmente».

Tôda imprensa inglêsa noticiou o fato.

⁂

Espiritismo no Brasil

MOVIMENTO ESPÍRITA DE DUQUE DE CAXIAS - (RJ)

Estiveram reunidos sob os auspícios do Grupo Espírita Joana Darc, entidade filiada à União Municipal Espírita de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, caravanas ou representantes das uniões municipais de Petrópolis, Magé, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu.

A solenidade teve por fim uma aproximação mais íntima da Federação Espírita do Estado com as uniões municipais e ocorreu no dia 19 de agôsto findo.

Na oportunidade, proferiu uma palestra sôbre a Doutrina o confrade dr. Floriano M. Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, que compareceu com os companheiros Norberto Boechat e José Medina dos Santos.

O encontro teve, igualmente, a finalidade de fundar a União Social Espírita do Estado, vinculando e deixando sob a direção da Federação estadual já existente, o trabalho uninista programado pelo admirado companheiro Newton G. de Barros, de Nova Iguaçu.

A solenidade foi aberta pelo Presidente da União de Caxias, sr. Antônio Emídio dos Santos, que passou a palavra ao companheiro Ademar Duarte Constant para recepcionar os visitantes e a êles explicar os objetivos da nobre tarefa.

Ao final dos trabalhos, fizeram recitativos acompanhados pelo violonista exímio que é Norberto Boechat, da UMENI DE NITERÓI.

Reagrupada a União Espírita de São João de Mereti

A União de São João de Mereti estava inativa desde a sua fundação. Estimulada por alguns dirigentes de Caxias, ressurgiu esperançosa de uma proveitosa reunião promovida no C. E. Amor e Verdade, assumindo sua presidência provisória o companheiro Francisco Gonçalves Santos. A nova diretoria foi completada pelo sr. Romeu de Oliveira Carvalho como Vice-Presidente; Ricardina de Souza Aracy como Secretária e Sebastião Chaves como Tesoureiro.

A diretoria foi empossada no ato da eleição, presentes vários presidentes de entidades kardecistas do município, substituindo antiga Liga ou Coligação Espírita, cuja existência fôra acéfala.

Na oportunidade, a nova união integrou-se à Aliança Regional de Uniões Espíritas da Baixada Fluminense.

Concentração Espírita em Caxias das Uniões de todo o Estado do Rio

Começando em novembro, com reuniões aos sábados, em Nova Iguaçu, para a apreciação dos livros básicos da Doutrina codificada por Kardec e também para a organização da União Social do Estado a ser dirigida pela Federação, o primeiro congresso espírita fluminense do Estado do Rio de Janeiro terminará em Caxias, no dia 9 de dezembro de 1962, data em que serão oficialmente inauguradas as sedes da ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL e a Escola primária gratuita ABRAHAM LINCOLN, fundada pela referida entidade espírita.

Será orador principal, no encerramento, o confrade ABEL MENDONÇA, de Salvador, Bahia, especialmente convidado. Deverão comparecer caravanas dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná etc., além dos confrades fluminenses e cariocas.

A nova casa de Cairbar uma vez concluida, representará um patrimônio de 6 milhões de cruzeiros. Foi construida graças à benemerência de todo o povo duquecaxiense e também carioca, levando precisamente 2 anos para ser realizada. Essa futurosa e dinâmica entidade vem dando gratuitamente ao povo, além das 300 matrículas escolares, também assistência médico-dentária.

Reeducação e Cultura

A convite do Presidente do núcleo espírita de Coelho da Rocha, da Cruzada Espírita Suburbana, esteve naquela casa kardecista o confrade Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias. Depois de proferir breve palestra, cedeu a palavra ao sr. Manoel Max das Dôres, Presidente da Mansão Divino Pastor, que o acompanhou, bem como o sr. Olimpio Corrêa, àquela visita de confraternização.

Os cruzados de Coelho da Rocha (São João de Mereti), se reunem à rua Belkins, 542.

A. Constant

agôsto, 24-62

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 4 de agôsto de 1962

À hora regimental e com a presença de Conselheiros em número legal, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior, passando-se ao expediente, em o qual são lidas comunicações de renovação de poderes das Federações de Santa Catarina, São Paulo e Pernambuco.

PARÁ — O Conselheiro Ramiro Gama, representante da União Espírita Paraense noticia a volta à circulação do órgão oficial da UNIÃO—«A REVELAÇÃO», e ainda a promissora atuação da Mocidade Espírita Legião do Bem e do LAR DE MARIA, no trabalho de difusão e propaganda da Doutrina, pela palavra escrita e falada, com notável assistência pública.

ESTADO DA GUANABARA — O Conselheiro Aurino Souto apresenta relatório das atividades da Liga Espírita da Guanabara, no período de 1961 a 1962.

Foram examinadas e discutidas uma por uma as Conclusões a que chegaram os confrades que se reuniram, em abril do corrente ano, no «Simpósio Centro-Sulino» realizado em Curitiba. As deliberações foram aprovadas por unanimidade e serão levadas ao conhecimento das Sociedades que tomaram parte no citado Simpósio, para o que foi fornecida ao Conselheiro Carlos Jordão da Silva cópia das referidas deliberações do Conselho, o qual, pela palavra do seu presidente, louvou o esfôrço e a abnegação dos companheiros que colaboraram para o bom êxito dos trabalhos daquêle Simpósio.

Feita a prece final pelo representante da Federação Espírita Catarinense, encerra o presidente a reunião, às dezesseis horas.

Editora Espírita criada na Capital

No dia 12 de agosto p. p., reuniu-se um grupo de abnegados irmãos, com a finalidade de fundar na cidade de São Paulo, uma *editora*, destinada a dar à luz da publicidade não apenas obras espiritas mas, também, obras que, por seu alto valor cultural, moral ou artistico, possam contribuir para o progresso espiritual dos homens.

Ainda em fase de organização deverá instalar-se neste mês, sob a forma de SOCIEDADE ANÔNIMA, com o capital inicial de Cr. $ 500.000,00, formado por (mil) ações de Cr.$ 500,00.

O principal aspecto desta emprêsa é o de ser seu lucro liquido total revertido em favor de sociedades espíritas beneficentes.

Quaisquer informações ou mesmo sugestões que alguns irmãos nos queiram dar ou pedir, poderão ser dirigidas para os seguintes endereços ;

Dr. Manoel Alide de Oliveira, rua Catumbi, 950 — Conj. 14 — Apto. 2. Belenzinho-Capital.

Dr, Milton Cardoso Arêa Leão, rua Brito Peixoto, 213 Brooklin Paulista-Capital.

Osvaldo Barroco, avenida Adolfo Pinheiro, 5.126 Brooklin Paulista-Capital.

Se pensas que tudo fica resolvido com a morte, enganas-te, pois que estamos sujeitos à lei da reencarnação, para o progresso do nosso Espírito.—José Brígido.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A’ venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

50 Anos depois
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$350,00
Semestre	— „ „	180,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 32,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo :

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

LIVRARIA EMMANUEL — Rua Quintino Bocaiuva, 161

8931CL PR 820 XL
02-06-07 32180

FOR LIBRARY USE ONLY

[illegible] by Library [illegible]

LIBRARY OF PRINCETON
FEB 11 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3911unse

Ano XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de fevereiro de 1963 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Teoria Espírita	*Redação*
A Última Palavra	*Carlos Imbassahy*
Espiritismo e Religioso	*Aureliano Alves Netto*
Sessões Mediúnicas à Luz do Espiritismo — Síntese Doutrinária	*Kitch Taves*
Terapêutica Mediúnica sob colaboração entre Espiritismo e Medicina	*V. O. Casella*
Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó	*Prof. J. Herculano Pires*
Confirmada pelos Cientistas Soviéticos a existência dos "Eflúvios Ódicos"	*Hernani Guimarães Andrade*
O Hebraico e a Expressão Personativa	*Bianor S. Medeiros*
Chico Xavier perante os grandes escritores	*Jorge Rizzini*
Serões Bíblicos — X	*Luiz Carameschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

AVISO
aos nossos prezados assinantes

Em virtude do novo aumento salarial, que veio elevar o custo da mão de obra e o aumento, mais ou menos de 90 %, que veio agravar rudemente sôbre tôdas as utilidades e, muito especialmente os materiais gráficos, somos forçados, mais uma vez, bem contra a nossa vontade, a elevar os preços das assinaturas de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», única solução adotável no momento, para que as nossas publicações não venham a perecer, o que causaria um grande desfalque na seara espírita.

Assim sendo, neste ano de 1963 os preços anuais das assinaturas de "O Clarim" e da "Revista Internacional do Espiritismo" passarão a ser os seguintes :

"O CLARIM"	cr.$ 250,00
"REVISTA" .	cr.$ 600,00

Esperando contar com a compreensão e benevolência dos nossos prezados confrades-assinantes e, na expectativa de melhores dias, a todos auguramos um próspero ano de 1963.

A REDAÇÃO.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1963 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Teoria Espírita

O Espiritismo veio, decididamente, projetar uma luz imensa sôbre todos êsses fatos chamados miraculosos que ensombravam as inteligências.

Criando a psicologia experimental, a nova doutrina estabeleceu um juizo são e um critério apurado para a distinção de todos êsses fenômenos que constiuiam o atroz pesadêlo de muitas gerações e se acham estritamente catalogados entre os fatos anímicos e espíritas.

O sonambulismo, a vista dupla, a clarividência, a transmissão do pensamento, a telepatia, a frenologia, as artes divinatórias, a exteriorização da sensibilidade e da motricidade, são hoje perfeitamente explicáveis pelo *animismo,* assim como os fenômenos de materializações, transportes, escrita direta, vozes, aparições, «assombrações», encontram a sua explicação racional no *espiritismo.*

Êstes fatos que têm permanecido em todos os tempos, no velho como no novo mundo, e cujos principais adversários têm sido o Espiritualismo tradicionalista e o materialismo, encontram no Espiritismo um explendido campo de cultura. É assim que, graças a essas importantes e transcendentes manifestações, a alma humana, cujo problema parecia insolúvel, tomou uma feição positiva, demonstrando a sua existência fora do tempo e do espaço e comprovando, a seu turno, que a vida não se limita ao círculo vicioso dos nossos parcos sentidos, mas estende-se a horizontes infinitos que serão outros tantos campos de ação para o nosso progresso futuro.

A *teoria espírita* aparecendo justamente na época em que as religiões moribundas não mais podiam satisfazer as inteligências, além de demonstrar a existência da alma e sua sobrevivência ao aniquilamento do corpo, resolveu o eterno e perturbador problema dos destinos humanos, que nenhuma filosofia, religião e ciência poude responder, devido, certamente, à falta duma sistematização positiva e completa de todos os dados psicológicos indispensáveis e dos estreitos limites que cerceavam e cerceiam até agora, a sua ação no campo franco da experimentação e do livre exame.

Todos êsses fatos extraordinários, êsses fenômenos miraculosos que embalaram gerações, constatados na história e nos livros sagrados, tôdas essas maravilhas que deprimiram para depois exaltarem Braid, Charcot, Mesmes, Puiseguir, La Fontaine e que foram praticadas por Hipocrates e Galeno, assim como pelos mais eminentes Apóstolos do Cristianismo, todo êsse aglomerado de fatos que, pode-se dizer, constitue a filosofia humana, aparecem hoje claramente explicados pelo Espiritismo, que projetando sôbre o seu conjunto uma nova luz, remodelou-os demonstrando as suas conseqüências lógicas e positivas.

O que tôdas as escolas, desde Aristóteles e S. Tomás, afirmavam, na ância de chegarem à realidade filosófica do ser humano, mas degladiando-se nos planos acidentados do materialismo e do misticismo, o Espiritismo veio provar sob uma evidência palpitante.

A *teoria espírita* não é opinião insulada resultante de concílios ou do dogmatismo religioso e científico, ela não se compõe de teoremas havidos como certos, é o coeficiente dos ensinos que os fatos nos têm proporcionado desdobrando as suas luzes numa seriação natural evolutiva.

É verdade que quase todos os que abordam pela primeira vez êste assunto ou dêle tem conhecimento, querem submeter os fatos a uma interpretação «animista-materialista», mas à medida que o estudo se aprofunda e a experiência se repete, essa disposição de espírito vai-se dissipando e com elas tôdas as divagações especulativas.

Nos fenômenos chamados espíritas, e são justamente os que concorrem com maior soma de conhecimentos para que a verdade se estabeleça, não se pode deixar de admitir uma *inteligência estranha* tanto ao médium como ao meio, sobrepujando tôdas as objeções e tentamens de explicações que tentam desviar os estudiosos do seu objetivo principal.

Mesmo nos casos que parecem se restringir ao *animismo,* surgem ainda perante o investigador numerosos fenômenos demonstrativos da insuficiência de tal explicação e que escapam de modo frisante a tôdas as outras teorias.

É bem conhecido o caso de Abraham Florentine, em que servia de médium o Rev. Stainton Moses, como relata numa das suas obras.

—Achando-se Stainton Moses com o Dr. Speer e a espôsa dêste numa sessão, em Shanklin, recebeu uma comunicação como sendo dada pelo espírito de Abraham Florentine, falecido em Brooklin a 5 do mesmo mês e acrescentando que tinha tomado parte na guerra de 1812. As palavras: «um mês e dezessete dias» foram também ditadas. Reconheceu-se depois que elas faziam referência à idade do comunicante, pois se verificou ter exatamente 83 anos, 1 mês e 17 dias.

Procedendo a inquérito perante as autoridades militares de New York, verificou-se que Abraham Florentine foi voluntário, tendo pertencido ao regimento de milícias de New York e que, de fato, tinha servido durante a guerra.

O Dr. Eugenio Crowell que se encarregou de pesquisas suplementares, descobriu nos registros o nome de Abraham Florentine; e procurando a viuva dêste, por ela soube que o marido havia falecido a 5 do mês em que se realizou a sessão e que eram exatos todos os mais pontos da comunicação mediúnica.

Stainton Moses faz sôbre êste caso a seguinte textual reflexão: «Nenhum de nós jamais tinha ouvido falar de Abraham Florentine e nem siquer tínhamos amigos na América que pudessem dar estas informações... Afirmo que tudo isto nos era perfeitamente desconhecido».

Os fenômenos desta natureza são inúmeros e não comportam outra explicação que a *teoria espírita*, única e verdadeira, é bom repetir, que demonstra com os seus fatos a verdade da Imortalidade.

A doutrina evolucionista aplicada por Darwin ao mundo físico, completada hoje pelo Espiritismo, que é o evolucionismo psíquico, é a única doutrina que está destinada a revolucionar o mundo sob o ponto de vista moral e social, combatendo triunfantemente as doutrinas neantistas e o indiferentismo filosófico que ainda hoje dominam na sociedade.

É também a doutrina que pode derruir o edifício milenário das velhas superstições, e unificar a espécie humana num abraço de paz e fraternidade.

Dr. Martins Velho

A ÚLTIMA PALAVRA

Carlos Imbassahy

Não é possível esquecer a figura proeminente de Angel Aguarod, que trouxe para o Congresso de 1926, na Federação Espìrita Brasileira, as luzes de sua experiência e de seu talento. E êle, falando daquela tribuna, dizia : — Aquêle que supuser haver dito a última palavra em Espiritismo marcou a sua falência.

Verdade é esta profunda, cujo falseamento tem arrastado à queda religiões e filosofias, assim como os filósofos e os religiosos. Estamos ainda aprendendo, e se já há verdades indiscutíveis em vários terrenos, o que resta, entretanto, por saber é incomensurável.

E' êste o primeiro ponto para o qual queríamos chamar a atenção, e daí para o segundo é um pulo. — E êste segundo é o de se evitarem as afirmativas ou negativas categóricas, onde não há base nem fundamento para fazê-las, sem esteio de qualquer espécie ; apenas afirmamos ou negamos peremptóriamente, porque é êsse o nosso modo de ver.

Certo, cada um poderá ter as suas idéias particulares, as suas convicções íntimas ; o que cumpre porém é nos resguardarmos, é evitar trazer para o campo doutrinário, como pontos indiscutíveis, as opiniões pessoais.

Lembra-me nesse particular que alguém asseverava que Satanás tinha cavanhaque, e como outros negassem ao Pai da Mentira êsse apêndice capilar, o indivíduo malquistou-se com a turma tôda, aliás formada por esforçados confrades seus.

Terceiro. Não saberíamos porque o Espiritismo haveria de ser essa religião triste e carrancuda, de sobrecenho franzido, como a querem ver muitos. Há quem entenda que uma fala religiosa deve ser sempre uma espécie de sermão de lágrimas. Havia certo presidente de sessão que não admitia que o orador dissesse algo que pudesse ser engraçado. O falador deveria ser sizudo e carrancudo como um cipreste. Caimos na tolice de contar um caso que provocou risos na assistência ; êle nos puxou imediatamente o paletó e entrou a vibrar a sineta, como o presidente da Câmara em sessão tumultuosa.

Xavier de Maistre dizia dos protestantes que êles eram homens de palavras graves e roupas prêtas. E' pois preciso que não vejam em nós o pretume das roupas e o pesadume das palavras.

Somos contra as tristezas, mesmo porque tristezas não pagam dívidas.

Quem gosta de literatura e já leu o Eça de Queiroz, conhece a história do Euzebiozinho. Era um sujeito triste, fechado, ciprestal, que infundia tristeza aos ambientes em que se achava. Chegou um dia com seu aspecto funerário a estragar um jantar. Que não sejamos os Euzébios doutrinários.

E' preciso rir, senão com o gargalhar decomposto dos lupercos, o que aliás não conviria, mas com aquela sobriedade com que, diz a Mitologia, sorriam os deuses, necessàriamente aparte os momentos em que cultuavam ou reverenciavam Baco.

Foram os costumes do passado que enlutaram tudo. Nós não temos lutos. E se não devemos andar com as bochechas sorridentes, como os anjinhos de louça, fiquemos com a alma alegre, que a alegria ainda nas duras provanças traz o confôrto e a paz.

O vezo hereditário de ensombrar o espírito faz que proibamos em nossas festividades tudo que concorra para embeleza-la, desde as flores, que é o sorriso da terra, até às altas manifestações da Arte, que são o sorriso divino.

Sob o pretexto e invocação de que não temos fórmulas, nem ritos, nem cultos, aplicamos arbitràriamente e inapropriadamente tais vocábulos a tudo aquilo contra que particularmente nos insurgimos.

E' êste um quarto ponto para o qual convém chamar a atenção. O espírito progride pelo exercício das virtudes : — E' a moral que lhe vem trazer a felicidade, com a paz da consciência. Progride pelo saber : é pela Ciência que êle se eleva na escala dos mundos. Ascende pela Arte : é com o desenvolvimento artístico que êle pode perceber as belezas que o rodeiam e apreciar as magnificências da natureza. Proscrever a Arte é cortar as asas do nosso ser espiritual. E' preciso que não tenhamos o senso crítico ou o gôsto artístico do nosso amigo Praxedes.

Praxedes foi convidado, na nossa terra, a um concerto em casa de um rico industrial da cidade, muito amigo de música. Na Bahia aparecera pela primeira vez o violinista Biloro e a fama o precedera. Não se sabe porque, Praxedes foi um dos convidados. Quando lhe perguntaram no dia seguinte, as suas impressões sôbre a festa, disse êle: — Ah, gostei muito; que bela sociedade! Comi e bebi à tripa fôrra. Mas quando começou o fim-fim-fim, desci apressadamente as escadas e vim-me embora. O fim-fim-fim era o violino do Biloro.

Se formos encarar a música como o fim-fim-fim do Praxedes, não resta dúvida que deveremos bani-la, mas o que a experiência nos diz é que a Arte está intimamente ligada à espiritualidade. Falando em Arte, estamos longe das batucadas que atordoam a Cidade Maravilhosa, nem nos referimos à sambaria onde os sons ferem a sensibibilidade e os ouvidos. A nossa Arte não é esta *selva oscura, selvaggia ed aspra forte,* impenetrável à harmonia, senão aquela de que nos fala Bozzano e a que se refere especialmente em «*Música transcendental*», música que envolve o moribundo e fa-lo entrar radiante na pátria dos Espíritos. Em outro trabalho pouco conhecido — «*A propósito das revelações transcendentais*» diz-nos: — «A Arte não morre. Ela se renova mais bela e mais sublime no meio espiritual. Não é sòmente beleza mas totalização de uma vida. Importaria que todos tivessem o culto da Arte.»

Também assim pensa Cassiopée: —«Um dos meios de elevar-nos é cultivar a beleza.» — E êle achava necessária uma relação mais íntima entre o Espiritismo e as Belas-Artes.

E' enorme a influência da Arte em nosso Espírito. As músicas marciais acordam-nos o entusiasmo e dela se utilizam infelizmente os chefes militares. Dispensávamos esta espécie de música, e estamos longe de aconselha-la em nossos tabernáculos. Temos, entretanto, as *berceuses* que embalam e as devocionais que preparam o ambiente para a prece e para a comunhão com os Espíritos Superiores. Isto não é invenção nossa; são fatos; constam dos anais do Psiquismo.

Dizia Gastão Penalva: — Amigo meu, representante da diplomacia indígena, que conheceu em Roma, Mussolini, que com êle privou, com êle comeu e bebeu em suntuosos ágapes internacionais, que mantinha pelo Duce elevada estima, afirmou-me que o que mais o comovia, em face do grande homem, era vê-lo transmudar aquela dura máscara de César, adulçorar as feições, impalidecer, derreter-se em puro gôso espiritual se ouvia música.

Declarava Gœthe: — Vale mais um trêcho musical do que o melhor dos discursos. Conta Osty que Pascal Forthuny comovia-se tanto com a música, a ponto de ajoelhar e chorar. Agnès Saville, numa obra célebre — *Música, Saúde e Caráter* — depois de reportar-se às lições dos antigos, apresenta experiências várias onde demonstra a influêcia da música na terapêutica psíquica.

Demoramo-nos no assunto para mostrar o êrro das negações sem estudo. Não vamos nós, que nos baseamos na revelação à luz dos fatos, ir de encontro aos fatos sem luz na revelação.

Isto diziamos há tempos, mas nunca é tarde para uma ressalva.

Há às vêzes em nossos Centros umas horas com o nome de «horas artísticas», que são verdadeiras horas fastientas, quando não são horas de tormento; talvez fôsse isto que levasse muita gente, dêste plano e do outro, a insurgir-se contra tais horas, ou pelo menos a chamar-nos a atenção para a falta de estética, se não a falta de linha que preside a elas; em outras ocasiões, fogem ao que delas se espera, ou se tornam prejudiciais ao fim que se tem em vista.

O meu amigo Alberto de Menezes foi a uma dessas festas artísticas, e no fim, quando todos se iam retirar, um fervoroso amante do canto pediu para entrar também com a sua colaboração. E como não se podia contrariar ninguém, deixaram-no colaborar. Pôs-se êle, então, em pé, rígido, marmóreo, só se lhe vendo mexer os lábios. Era a estátua masculina do sal em que a mulher de Loth se transformou. E, sem acompanhamento, entrou a cantar, ou melhor, a berrar uma qualquer coisa que não se percebia o que era, tal a desafinação, enquanto os assistentes não sabiam se deviam tapar os ouvidos ou sair de carreira.

Há os que recitam umas poesias enfadonhas, e o que é pior, intermináveis, onde há que admirar, de um lado, a memória do recitador, e do outro, a resistência dos ouvintes. E se antes já houve um orador, ou muitos, igualmente enfadonhos e intermináveis, a festividade toma então o aspecto de casa de suplícios. Cremos que não haverá melhor processo para tornar desertos os recintos onde há prédicas espíritas.

A arte a que nos referimos é a que prepara o espírito para aprender o Belo; que o exercita a fim de que, por sua elevação artística, possa compreender as belezas da natureza, o que é uma das fontes de felicidade do ser espiritual. Isto nunca poderíamos encontrar nas manifestações da vaidade, do desejo de saliência, de «semostração», ou de falta de gôsto artístico.

Também existe a arte moderna, quando não é possível arcar com as dificuldades da antiga. E vemos a poesia sem métrica, sem rima, sem idéia; a música sem harmonia, sem melodia, sem ritmo; a pintura sem significação nem beleza:—borrões indecifráveis, inclassificáveis; e a plástica, uns aleijões, espécie de abôrto espiritual, diante do qual muita gente se mostra admirada por não dar demonstração de falta de inteligência.

Se alguém, pelo que temos dito, tomar isto como Arte, é bom fazer de conta que não dissemos nada. Nosso intuito era apenas impedir que caissemos no exagêro das proibições sem justificativa.

Temos uma quinta advertência — a de que não impugnemos uma usança ou uma doutrina pelo abuso que dela se possa fazer. Lançariamos ao Espiritismo uma sentença de morte, porque em tudo há motivo para abusos.

Sexto. Que se estabeleça a liberdade de idéias, seguindo cada um o ensino de Paulo na escolha do que fôr bom. Ligados pelos princípios básicos, não apertemos o círculo das imposições sem cabimento. Convém recordar Osmar 11:—Tendo a verdade como contida no Alcorão, disse:—É preciso queimar isto.—Isto era a formidável bibliotéca de Alexandria. E queimou. Tais são os frutos da ignorância e do fanatismo. Que não sejamos nós a justificar aquela asserção de Jacolliot:—*On a fait de Dieu un instrument d'oppression.*

Que cada um proceda como julgar melhor, mas que êsse procedimento seja o resultado de muita ponderão, estudo, e que obedeça ao mais rigoroso critério.

O nome de Deus só deve inspirar tolerância e liberdade.

ESPIRITISMO RELIGIOSO

«O que despreza a religião, suprime os alicerces da sociedade humana».-PLATÃO

EM Espiritismo, Filosofia e Religião se confundem. Completam-se. Muito do que foi dito do Espiritismo Filosófico ajusta-se cabalmente ao aspecto religioso da Doutrina.

No pressuposto de que os princípios basilares do credo espírita já foram elucidados de maneira concludente, encaminhâmo-nos para algumas de suas atraentes facêtas, que o campo é vasto e o terreno fértil. Fujamos às repetições.

Ensina Kardec que «A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com seus semelhantes; é por isso que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade». Virtude que de tôdas é a maior, segundo Paulo (I COR., 13:1 a 13).

Há conceitos errôneos de Caridade. Uns supõem que ela é apenas beneficência material. Outros, que é moeda com que se compra um lugarzinho no Céu...

Quem do supérfluo dá, Caridade não faz. E quem a não pratica desinteressadamente revela-se egoísta ou mercenário. O óbulo da viúva, Caridade legítima. Perdoarmos aos nossos devedores, genuina Caridade.

Caridade é confortar os aflitos; sorrir às crianças e guiar-lhes os passos; venerar e amparar os velhos; tolerar os ignorantes e instruí-los; combater os êrros, curar as chagas, dar lenitivo a qualquer sofredor, aconselhar, ensinar, orientar, mostrar o bom caminho, exemplificando.

É essa a tarefa do Espiritismo religioso, sem casta sacerdotal nem hierarquias, sem misticismo nem ritualismo. Criando creches e abrigos. Erguendo maternidades e hospitais. Abrindo escolas e imprimindo livros. Pregando o Evangelho e iluminando as consciências (**Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda a criatura** - MARCOS, 16:15). Restabelecendo o límpido Cristianismo dos Apóstolos e dos mártires. Estimulando a fé, pura e raciocinada, num Criador que jamais estatuiu privilégios entre Seus filhos. Indicando, enfim, a trilha retilínea da Verdade — apanágio do Homem Livre. (**E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.** - JOÃO, 8:32).

À Humanidade descrente e desesperada, fratricida e materialista, o Espiritismo traz a mensagem do Amor e da Esperança, proclamando que o mal é passageiro; que a vida é eterna, sòmente perecível o corpo material; que, por maiores sofredores que sejamos, atingiremos a Felicidade, num futuro mais ou menos remoto; que não há penas eternas nem pagamos por culpas alheias, senão que, dotados de livre arbítrio, somos construtores do nosso próprio destino, sujeitos à repação do mal que cometermos e fazendo jus à recompensa pelo bem que praticarmos. E que ninguém, mesmo que o queira, pode fugir à Evolução, porque o livre arbítrio é relativo e será cerceado quando abusivamente exercido.

Admitindo a pluralidade de mundos habitados, o Espiritismo glorifica o Criador e O situa em Sua lídima Grandeza, pois seria rematada estultícia julgar-se que ùnicamente a Terra — grãozinho de areia no Cosmos — fosse povoada, tendo as estrêlas e os astros apenas como enfeites e luminárias. (**Na casa de meu Pai há muitas moradas.** – JOÃO, 14:2.) Glorifica-O também asseverando que fenômenos sísmicos, maremotos, epidemias, catástrofes têm sua causa natural, pois se assim não fosse a Lei Divina deixaria de ser justa e sábia.

Aconselhando o perdão, insurge-se contra o ódio e a vingança, na certeza de que aquêle que perdoa é o maior beneficiário, capitalizando méritos no Banco da Divina Providência. Quem recebe o perdão alivia-se da culpa, mas não se isenta do ressarcimento total da dívida, de vez que a Grande Justiça não pode transigir com o êrro.

Mostrando que o «pedi e recebereis» não é letra morta e que a verdadeira prece tem o poder de remover **montanhas,** porque é fôrça mental viva e atuante, todavia elucida : nem sempre recebemos conforme pedimos, mas da maneira que mais nos convém. O Pai não dá pedra ao que Lhe implora pão, porém, qual criança que choraminga por lhe não atenderem ao pedido de uma goloseima indigesta, nós, crianças grandes, às vêzes pedimos pão empedernidos que não podemos digerir . . . Preferimos a inócua mezinha dulçorosa ao medicamento amargo que produz a cura.

Os espíritas acreditam em fantasmas (aparições), por havê-los, inegàvelmente, mas rejeitamos duendes, abusões e entidades mitológicas. Acreditamos por convicção firmada em fatos positivos e cientìficamente demonstrados. Por isso não vacilamos em nossa fé e não perfilhamos a frase posta por Cervantes na bôca de Sancho Pança: «No creo en brujerias, pero que las hay, las hay...»

Êsse é o Espiritismo que abraçamos, a Terceira Revelação, o Consolador prometido por Jesus. Oportuno, lógico, grandioso!

Aureliano Alves Netto

Sessões Mediúnicas à Luz do Espiritismo

Sintese Doutrinária

> «Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei». — *JESUS—(Mateus, 18:20).*

1.— Para estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, é preciso que o estejam não apenas materialmente juntas, mas sim ESPIRITUALMENTE, isto é, em comunhão de intentos e de idéias visando o bem comum, o progresso e evolução de todos rumo à Perfeição Moral.

2. — Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, um mesmo desejo, uma única vontade, uma só aspiração.

3. — A união e a fraternidade entre os componentes de um grupo, a gerar os sentimentos de mútua benevolência e caridade, são condições imprescindíveis para a presença de Jesus ou dos Espíritos Puros que o representam, na reunião.

4. — Não havendo comunhão de pensamentos e idéias puras numa sessão mediúnica, com base no « Amor a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos », nem o Divino Mestre nem seus representantes aí estarão, pois que, mesmo em prece, várias pessoas orando cada uma para o seu lado, não se encontrarão unidas espiritualmente, embora tôdas dirigindo-se a Jesus.

5. — Se as pessoas reunidas se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúmes, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se Neste caso não estarão reunidas em nome de Jesus, que então não passa de mero pretexto para a reunião.

6. — Se numa assembléia numerosa, sòmente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto que outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Êle estará com as primeiras e não com as outras. O que O atrai não é o maior ou o menor número de pessoas, mas sim o sentimento de caridade que recìprocamente as anime.

7. — O que, verdadeiramente, constitui a reunião em nome de Jesus é a comunhão de pensamentos em concordância com o espírito de caridade que o Divino Mestre personifica, daí o caráter de que devem revestir-se as sessões mediúnicas, para que sejam realmente cristãs ou espíritas, isto é, aquelas em que se deseja sinceramente o concurso dos Bons Espíritos.

8. — Dizemos sessões mediúnicas

cristãs ou espíritas porque Cristianismo e Espiritismo são doutrinas afins, correlatas, que se conjugam harmoniosamente, e isso porque a Doutrina Espírita não trouxe moral nem criou moral própria, pois a sua moral é a do Cristo, ensinada e exemplificada por Jesus, a qual consideramos o vero Cristianismo.

9. — Não confundir a religião do Cristo, em Espírito e Verdade, com as práticas, cultos, dogmas ou interpretações outras que as várias igrejas que se denominam cristãs realizam, pregam e ensinam neste mundo de Deus.

10. — A mediunidade pode nascer em qualquer parte, não é patrimônio de um grupo nem privilégio de alguém. Sendo comum a qualquer criatura—espírita, católica, protestante, budista ou maometana —, não é ato privativo do Espiritismo. Os Espiritos se manifestam em todo e qualquer lugar, desde que disponham de médiuns.

11. — É um êrro grosseiro julgar-se que onde haja manifestação de Espíritos haja Espiritismo. Não é tão-sòmente o fenômeno mediúnico que caracteriza o fato espírita. É necessário para que isso aconteça que a Doutrina Espírita lhe clareie as manifestações e lhe gôverne os impulsos, de maneira que a mediunidade se converta em manancial de auxílio perene a serviço da sublimação espiritual das criaturas, através da revivescência simples e pura do Evangelho do Cristo de Deus, e istopor que, a Doutrina Espírita se preocupa, principalmente, com as CONSEQÜÊNCIAS do fenômeno, e não apenas com o fato em si, sendo que, dêsse modo, a simples prática mediúnica, apenas por curiosidade, sem objetivo sério, sem visar o progresso e evolução moral de todos rumo à Perfeição, não ter a mínima significação para o Espiritismo. A Doutrina Espírita encara o fenômeno mediúnico como um MEIO, não como um fim em si, razão pela qual o Espiritismo possue princípios fundamentais e normativos para lidar com o fenômeno.

12. — Assim sendo, podemos salientar que mediunismo não é Espiritismo, cujos ensinos corporificam uma doutrina filosófica de conseqûências religiosas, como também podemos diferenciar sessão espírita — organizada sob a orientação da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec —, de sessão mediúnica ou de mediunismo, sem outro objetivo que não a mera curiosidade como fonte de palpites e de baixos avisos, ou a satisfação pura e simples de pessoas fascinadas pelo sobrenatural.

13. — Considerar que tôda sessão onde se registrem fenômenos mediúnicos seja sessão espírita, equivale supor que o Espiritismo — doutrina vastíssima sôbre a qual não se disse ainda a última palavra —, seja exclusivamente evocação de espíritos, o que seria uma enormidade.

14. — Jesus nos diz (Mt. 5 : 17 e 18) que não veio destruir a Lei de Deus (Êxodo 20 : 4 e 5) nos ensina : «Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima no céu, nem em baixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não as adorareis e não lhes prestareis culto soberano.»

15. — Allan Kardec afirma : « O Espiritismo não tem culto, nem ritos, nem templos, e entre seus adeptos ou seguidores, nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou papa.»

16. — Dêsse modo é inadmissível — porque contrário à Lei de Deus, que Jesus veio cumprir, e à Doutrina Espírita, que é o Cristianismo redivivo em Espírito e Verdade —, a prática, nas sessões mediúnicas espíritas, isto é, verdadeiramente cristãs, de qualquer culto exterior ou idolatrias, e de tôda e qualquer forma de superstição simbolizando o falso sentimento religioso fundado no temor e na ignorância.

17. — Recordemos as palavras de Jesus (João, 4: 24): «Deus é Espírito ; e importa que seus adoradores o adorem em Espírito e Verdade.» Vale lembrar ainda, que para os Espíritos a forma nada vale e que o pensamento é tudo.

18. — Assim, não tem cabimento, nas sessões mediúnicas espíritas, isto é, que se realizam sob os princípios fundamentais da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, o uso de paramentos ou quaisquer roupagens especiais; vinho ou qualquer outra bebida alcoólica; fumo, incenso ou mirra; imagens, retratos, amuletos, pedras de sorte, talismãs, relíquias, medalhas, rosários, bentinhos ou escapulários; velórios, andores, procissões, ladaínhas, hinos ou cantos em línguas mortas ; encenação de espetácu-

los usando têrmos exóticos para designar homens, coisas ou animais; realizar casamentos ou batisados; tirar horóscopos ou quaisquer tipos de « buena dicha »; fazer promessas ou despachos, cruzes ou pontos, e ou quaisquer outros atos originários das práticas afro-católicas ou afro-brasileiras.

19. — Não confundir sincretismo religioso com o vero Cristianismo, ou seja, o Espiritismo, que é a Doutrina do Cristo, a Doutrina do Aperfeiçoamento Moral em todo o Universo.

20. — Nas sessões mediúnicas espíritas, lembrando Léon Denis, devemos ter:

Por Templo — O Universo
Por Altar — A Consciência
Por Imagem — Deus
Por Lei — A Caridade.

Kitch Taves

TERAPÊUTICA MEDIÚNICA SOB COLABORAÇÃO MÚTUA ENTRE ESPIRITISMO E MEDICINA

Conforme explicamos no nosso trabalho anterior, as doenças do ser humano dividem-se em dois grupos de naturezas distintas: o de ordem estrutural, de causa por lesão orgânica; e o funcional, de origem nas perturbações do espírito. E vimos que sómente os males dêste último são receptivos à terapêutica mediúnica, cuja prática passista formalizada nos grupos espíritas não obtem resultado quando empregada nas patologias causadas por lesão orgânica, onde até poderá ser prejudicial nos casos em que o paciente seja predisposto à sugestionabilidade.

Portanto, para se dedicar a curas mediúnicas não basta ter em mãos médiuns com o dom de curar. Antes de tudo é preciso certificar-se se o paciente, que solicita auxílio médiúnico, trata-se de uma vítima de lesão orgânica ou de um distúrbio espiritual, cuja distinção não é fácil, embora haja médium de elevado potencial intuitivo, capazes em diagnosticar com precisão surpreendente, dada a simplicidade como os obtêm. Mas, como já sabemos, êsses tipos mediúnicos de elevado potencial intuitivo são raros, e nós como já deixáramos esclarecido desde o início estamos cuidando apenas da prática mediúnica comum, a qual, considerando-se não ser difícil a obtenção de médiuns de ação curadora mais limitada, vem se expandindo entre novos núcleos, dirigidos por neófitos, ainda não bem integrados no rigor kardecista. Assim, num sentido geral, não sendo fácil em se conhecer quando a patologia do paciente é do espírito ou de lesão orgânica, urge tomar-se medidas que possibilitem essa distinção, antes de se empregar a terapêutica mediúnica, de hábito generalizado.

Vejamos o que podemos propor, em princípio, visando sanar êsse lapso:

De início diremos que os grupos espíritas, dedicados na tarefa em atender, pela pacientes, que buscam no mediunismo um lenitivo para seus padecimento, é boa norma não tomarem a responsabilidade de doentes, que não tenham ainda passado pelos cuidados da medicina oficial. Podendo-se curar por esta, que também é sagrada, considerando-se a nobreza da missão, não há motivos, para o doente, muitas vêzes por ignorância ou comodismo, buscar outros recursos, valendo-se da boa vontade de abnegados benfeitores, os quais, entretanto, de muito também se ocupam a outras tarefas, acudindo a necessitados de outra ordem. No entanto, quando o paciente não alcança resultados através da terapêutica oficial, cabe-lhe por justiça de humanidade o direito sagrado em procurar outros recursos, na esperança de aliviar-se do seu mal. Aí então se justifica a caridade em acolhê-lo, se nos bate à porta, não deixando-o à própria sorte, abandonado na sua dor.

Mas, contudo, ainda assim, o processo mediúnico concentrado na fôrça fluidica do médium não pode ser empregado na sua forma rudimentar. A sua ação, embora na aparência nada revele de concreto, intercambiando-se do agente ao paciente, se de um lado ela seja construtora, por outro pode ser destruidora, tal como acontece com certas radiações invisíveis, utilizadas na medicina, as quais para serem benéficas, e não destruidoras, é preciso empregá-las com limites de dosagem, para cada forma de patologia orgânica. Nestas condições, impondo-se a distinção entre os dois males, o recurso mais adequado para se conseguir essa separação, no nosso modesto entender, seria fazer com que os pacientes, interessados no trato pela terapêutica mediúnica, viessem assistidos pelo facultativo de sua confiança, atitude esta que não é novidade, pois há grupos espíritas que já têm realizado com sucesso essa experimentação preventiva. Mesmo se por qualquer razão o doente não obtenha a assistência direta de seu facultativo, valerá dêste uma declaração de que o seu paciente não é portador de lesão orgânica responsável pelo seu mal.

Com tal liberação, inferindo tratar-se de distúrbio funcional, não curável pela terapêutica médica oficial, a aplicação mediúnica estaria isenta de acidentes, a exemplo do que já citamos no trabalho anterior.

É possível, de princípio, não faltar obstáculos a essa modalidade, como no geral acontece com tôdas as atividades quando passam por modificações radicais. Uma das dificuldades de início seria a propaganda dos nossos tradicionais adversários, tentando incompatibilidades de ilustres facultativos para com os espíritas, alardeando entre aquêles a propalada idéia falsa de que Espiritismo é Umbanda, Macumba e outros sincretismos, visando expôr-nos ao ridículo no sêio da nobre classe médica. Outra oposição seria a de alguns pretensos cientificistas, mais interessados em fazer confusões, explorarem nossa tese, fazendo-se cegos de que estamos cuidando apenas da parte elementar do mediunismo, para concluirem desta restrição introdutiva para as amplitudes de outra ordem, onde a cura através do fenômeno mediúnico atinge extensões além das perturbações funcionais.

Mas não nos importemos com essas tocaias costumeiras, de certa classe de adversários, pois a falsidade venha de onde vier, jamais obstará o Espiritismo na sua marcha evolutiva em favor da verdade.

Entretanto, estejamos certos de que mesmo se concretizando essas reações sistemáticas, ainda assim não faltarão diligentes facultativos, mais atentos nas observações práticas, que nas denúncias duvidosas e sectárias, os quais não deixarão de reconhecer com seu apôio, de que sòmente o fato de expormos sem receio nossas atividades ao testemunho da ciência médica, já revela propósito dos mais honestos nessa nossa atitude. E tão logo, com as primeiras colaborações, ao se despontar os resultados iniciais positivos de curas mediúnicas, a verdade, desmascarando o jôgo dos adversários sectaristas e confusionistas, abrirá caminho cada vez mais dilatado para que a colaboração mútua entre Medicina e Espiritismo atinja proporção contínua e progressiva, culminando com a projeção da nossa causa no sêio da intelectualidade.

Poderão alguns confrades argumentar pela ineficiência dessa nossa proposição, pois teremos que contar com a participação de elementos de fora da doutrina. No entanto, seja como a julgarem, a tentativa é necessária. Se houver deficiência na nossa proposta, que se corrijam as falhas acaso surjam, ou mude-se o rumo para outra proposição melhor que apareça, mas o que não se pode é continuar na forma atual generalizada nos grupos espíritas, onde o mediunismo esteja sendo explorado na sua forma rudimentar.

E assim, aí fica nêsse primeiro passo a nossa proposta inicial, onde limitamos na maior simplicidade possível, sem entrarmos noutras complexidades, pois cuidamos apenas em deixar claro, em princípio, até qual ponto pode ir o mediunismo, quando usado na ação restrita do médium, sem necessidade de se recorrer a interferência direta de entidades espirituais, através do transe mediúnico.

Mesmo supondo-se possíveis senões na nossa tese, dada a delicadeza do assunto, fundamentalmente o sentido do tema não dá motivo para incompreensões, oferecendo desde já o suficiente para que a generalidade dos grupos espíritas, a se iniciar dos mais modestos de entendimento, habituais na terapêutica mediúnica passista, já compreendam a responsabilidade da tarefa.

E uma vez entendido o perigo da prática mediúnica curadora, quando utilizada no seu rudimentarismo, cabe a consciência de cada dirigente, em não permitir a seu grupo de trabalho ir além das possibilidades em alcance. A doutrina, que não recomenda o uso mediúnico no seu estado rudimentar, não pode assumir responsabilidade dos que não a seguem no sentido exato do bom senso de Kardec.

Finda esta primeira parte de três séries sucessivas, na próxima vez voltaremos com outras extensões das curas mediúnicas, cuja profundidade deixou de ser necessária para o objetivo inicial do presente tema que, nessa primeira fase, como já dissemos, já esclarece a base suficiente aos adeptos, que por qualquer motivo não continuem a seguir o que mais daremos nos capítulos seqüentes.

Ainda, repetimos, aos estudiosos da doutrina em desacôrdo com a nossa tese, que apresentem suas objeções, pois a tarefa é de estudo geral e não de imposição pessoal, não havendo intuito nosso em insistirmos na nossa proposta se alguém provar estarmos em êrro. E não vacilaremos em retroceder, se para isso fôr necessário, desde que seja para bem dos sadios princípios da nossa verdade espiritualista doutrinária.

V. O. Casella
Av. Barroso, 378 — Est. S. Paulo
Araraquara

ARIGÓ PERANTE A CIÊNCIA

Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó

Diagnósticos confirmados por exames — Depoimentos e críticas do médico Elias Boanain — Operação uterina em condições paranormais, no relato de um médico carioca

Prof. J. Herculano Pires

Os depoimentos médicos que temos publicado são suficientes para provar a existência das faculdades paranormais de Arigó. Não se trata de um embusteiro, de um mistificador, mas de um "sujet" parapsicológico, ou de um "indivíduo metergético", segundo o classificou a psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso. Mas as provas testemunhais são ainda reforçadas pela documentação fotográfica, pela filmagem, e pelas reportagens de casos autênticos de cura e intervenção cirúrgica eficaz: Os leitores que vêm seguindo esta série, qualquer que seja a interpretação que tenham dado ao caso, não poderão negar a evidência dos fatos.

Não nos foi possível ouvir todos os médicos de São Paulo que estiverem em Congonhas do Campo e assistiram a diversos fenômenos. Esta série de artigos e entrevistas surgiu de circunstâncias inesperadas. Foi planejada, e desenvolvemos o seu plano. Mas o assunto é de tal maneira complexo, que exigiria mais tempo, para um trabalho mais completo. Há especialistas desta capital, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de Salvador, de Porto Alegre, que não pudemos ouvir. Isso não importa, porque o nosso objetivo não era esgotar o assunto, mas apenas colocá-lo de maneira exata, perante os leitores. Esse objetivo foi atingido.

O documentário fotográfico dos "Diários Associados" é grande e variado. O reporter Moacir Jorge não conseguiu publicar numerosas fotografias, referentes a intervenções cirúrgicas realizadas, inclusive, em órgãos genitais. O documentário fotográfico, embora mais pobre, é também valioso. Coube ao escritor Jorge Rizzini realizar as primeiras filmagens sobre Arigó: um filme sôbre o médium e o seu pequeno mundo em Congonhas, e outro sôbre as operações, que foi largamente exibido nesta capital e cidades do Interior, projetado na televisão, e por fim levado ao Exterior. A convite do Colégio Argentino de Parapsicologia, presidido pelo engenheiro e parapsicólogo prof. José S. Fernandes, catedrático das Universidade de Buenos Aires e Mar Del

Prata, o filme foi exibido nas duas cidades mencionadas, despertando grande interêsse nos meios científicos. Jorge Rizzini recebeu convites, também, para exibir o filme na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Depois dessas filmagens de Rizzini, verificaram-se outras: a dos «Diários Associados», levada à televisão; um pequeno filme existente no Rio de Janeiro, e um filme de longa metragem, para duas horas de projeção ininterupta, realizado por um cidadão de Santa Catarina. Este último filme foi exibido em Congonhas do Campo, e Arigó desmaiou ao assisti-lo. Por ordem do "Dr. Fritz", foi guardado para posteriores projeções "na hora oportuna". Segundo informações que colhemos pessoalmente em Congonhas, trata-se de um filme impressionante, que focaliza delicadas e complicadas intervenções cirúrgicas.

E' simplesmente temerário, como já tivemos ocasião de acentuar, querer-se negar a existência dos fenômenos. E é anti-científico, pretender-se atribui-los a uma possível paranoia de Arigó, ou coisa semelhante. Amplamente testemunhados, por médicos-especialistas, por jornalistas, escritores, intelectuais diversos, políticos de nomeada, e pelos beneficiários de Arigó, ao longo de onze anos de atividades paranormais, os fenômenos de Congonhas do Campo não podem ser negados ou deturpados, como pretenderam fazê-lo, através de uma cadeia de jornais. Se não se realizou a verificação científica do caso, por comissões especializadas, existe, entretanto, a constatação individual efetuada por numerosos homens de ciência, os depoimentos de médicos no processo judicial movido contra o médium em 1958, os depoimentos que estamos publicando nesta série, os casos concretos de cura comprovada, que também registramos, e tôda a documentação fotográfica e cinematográfica. Negar as qualidades paranormais de Arigó, é ato de simples obstinação.

FATOS E CRÍTICAS

Pode-se criticar Arigó, fazer restrições às suas atividades, como o fizeram alguns médicos, em seus depoimentos. Mas não se podem negar as suas faculdades, nem atribuir-lhe segundas intenções. Um dos médicos paulista que esteve em Congonhas, privou com Arigó, em transe e no seu estado normal, passeou com êle pelas ruas e observou as suas atividades, o doutor Elias Boainain, do Instituto de Cardiologia do Estado, especialista em radioscopia e eletro-cardiografia, com consultório à rua Araujo, nesta capital. Quisemos ouvi-lo a respeito, e vamos sintetizar as suas declarações.

— "Estive em Congonhas no mês de fevereiro último, — declarou-nos o médico, — e como Arigó já havia deixado de operar, nada vi nesse sentido. Não obstante, assisti aos seus famosos «exames», bem como ao seu receituário. Um médico de Taubaté, cujo nome não guardei, estava ao meu lado. Arigó me pareceu de início, um caso de simples charlatanice. Confesso que eu estava prevenido, não acreditava no que se contava a seu respeito. Falando com sotaque alemão, o sensitivo realizou «exames» em várias pessoas. Numa delas, introduziu simultaneamente, num só olho, a faca e o bisturí, deixando-os pendurados entre o globo ocular e a palpebra. Fez-se segurar a lampada para clarear o rosto dos pacientes, mas como voltava o rosto de outro lado e continuava operando, larguei a lampada e êle não reclamou. Reconheci que não havia assepsia, que os doentes não acusavam dor, que não havia anestesia e Arigó não praticava a hipnose nem toques letárgicos, mas apesar disso, o meu espírito crítico não desfaleceu.»

— «Quando se iniciaram as consultas, presenciei alguns casos que me perturbaram. Um senhor, por exemplo, de cerca de cincoenta anos, disse que sofria de úlcera no estomago. Arigó o corrigiu, afirmando que se tratava de úlcera no duodeno. Ora, êste tipo de ulceração é mais comum nos jóvens. Mas acontece que o homem já havia tirado radiografias, e Arigó era quem estava com a razão. Outro senhor, de cêrca de sessenta anos, protestou quando Arigó lhe disse: «A sua doença é na próstata.» O sensitivo lhe respondeu, com sotaque alemão: «Vai, brasileiro burro, e toma o remédio.» O paciente afirmava que havia extraido a prostata. Arigó declarou-me que êle tinha cancer e pensava que haviam feito a extração. Vi, depois, as provas do caso, os resultados de exame. Arigó estava certo.»

— "Um rapaz de cerca de trinta anos foi levado pelos pais, em cadeira de rodas. Arigó me perguntou o que êle tinha. Respondi que o caso não era de minha especialidade. "Então pense o que acha que êle tem", me disse o sensitivo. Pensei: "Paralisia geral progressiva". Arigó confirmou em voz alta. Logo depois, verifiquei a exatidão do diagnóstico, pelas provas de exames do líquido cefalorraquiano. E outros casos como êsses ocorreram, demonstrando-me, de maneira inegável, as faculdades paranormais de Arigó".

—"Apesar disso — concluiu o médico — faço restrições às atividades de Arigó e à maneira por que êle vem sendo encarado. Considero o seu receituário absurdo, e acho que a porcentagem de curas produzidas por êsse receituário é diminuta. Entendo que Arigó não devia receitar, mas usar as suas faculdades paranormais em condições de maior contrôle, para a produção de fenômenos que pudessem ser observados com segurança. Acho também que os espiritistas fazem demasiado alarde do caso Arigó, complicando a situação conflitiva do sensitivo. Mas afirmo, sem medo de errar, e contrariando minhas impressões iniciais, que Arigó é realmente um indivíduo dotado de acentuadas faculdades paranormais".

OPERAÇÃO UTERINA

Depoimento dos mais valiosos é também o do médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, que esteve várias vêzes em Congonhas, no tempo em que Arigó operava livremente. Entre os vários casos por êle relatados, consta uma operação uterina, realizada com tesouras e bisturís. Arigó perguntou ao marido da paciente, diante do médico e de um seu amigo, se queria a intervenção por via baixa ou abdominal. Escolhida a primeira, introduziu por aquela via, sem auxílio de espéculo, de maneira brusca, três tesouras e dois bisturís, "sendo cada instrumento introduzido de um só golpe".

— "O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médium —afirma o médico—quando, com grande surprêsa nossa, o outro ramo, automàticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar, aproximando-se e afastando-se do primeiro, como ocorre no ato de seccionar um objeto. Procuramos verificar se o movimento que presenciavamos na tesoura estendia-se às outras peças do instrumental cirúrgico empregado na operação, e nada pudemos observar, ouvindo-se, no entanto, o barulho de entrechoques de metais e o ruido de seccionamento dos tecidos".

Continuando seu relato, escreve o médico que Arigó, falando como o "Dr. Fritz", retirou os instrumentos e fez cessar a hemorragia. Pensou o médico que se tratasse de histeroctomia (extração do útero), mas verificou, depois, tratar-se de neoplasia (operação de tumor uterino). Vejamos a própria descrição do médico:

—"Tomando então de uma pinça, Arigó recomendou-nos que prestassemos atenção, e introduzindo-a no local da intervenção, retirou um pedaço de tecido com cerca de oito centímetros de comprimento por quatro de largura, sendo êste mostrado a tôdas as pessoas presentes".

Êsse impressionante relato, bem como o de uma operação de catarata, com extração do cristalino, e outros fatos, foram relatados pelo médico num livro que publicou sob o pseudônimo de Cícero Valério, por editôra desta capital. ("Fenômenos Parapsicológicos e Espíritas", Cícero Valério, Editôra Piratininga, 1961). Posteriormente, o médico concedeu entrevista ao reporter Moacyr Jorge, que a publicou neste jornal.

Chegamos assim ao final da nossa série de depoimentos, e encerraremos amanhã, com o balanço geral dos fatos e das opiniões, a apreciação do caso Arigó, que pretendemos haver colocado de maneira objetiva diante do leitor. Os fatos existem, e estão ali mesmo em Congonhas do Campo, a duas horas de ônibus de Belo Horizonte, por estrada asfaltada. Trataremos também, no artigo de amanhã, das condições indispensáveis para que êles sejam examinados com proveito, sem o perigo habitual das distorções e deturpações.

Do "Diário de São Paulo", de 8 de agôsto de 1962.

CONFIRMADA PELOS CIENTISTAS SOVIÉTICOS A EXISTÊNCIA DOS «EFLÚVIOS ÓDICOS»

Por Hernani Guimarães Andrade

1 – Histórico

Desde muitos anos vem-se suspeitando da existência de certa emanação fluídica, invisível na maioria dos casos, que se desprenderia dos sêres animados e inanimados. Em particular, o fenômeno seria mais intenso e específico nos entes vivos.

O barão de Reichenbak batizou tal emanação, com o nome de O D. Daí a designação de «eflúvios ódicos». Inúmeros outros estudiosos, talvez impressionados com as pesquisas, dentro da área da electrônica, feitas por Masson (1853), Geissler e Hittorf (1869) e finalmente por Cröokes (1879) e Röntgen (1895), culminando com a espetacular descoberta dos Raios X, sugeriram a hipótese de tais eflúvios serem radiações da mesma natureza dos Raios X. Assim, Brondlot deu-lhes o nome de raios N; Charpentier chamou-os raios V (de vida); o Dr. Ochorowicz, certificando-se de sua realidade ao constatá-los com o auxílio da médium Stanislawa Tomczyk, batizou-os com o impressionante nome de raios X X (X elevado à potência X). (1)

2 – As efluviografias

Uma vez assinalada a existência do fenômeno e tendo em vista as naturais dificuldades em observá-lo à vista desarmada, surgiram as tentativas de registrar seus efeitos, por meios indiretos.

Parece-nos que o pioneiro neste campo de pesquisa foi o Comandante Darget, em 1882, o qual tentou as primeiras «efluviografias». A efluviografia consiste em obter-se a impressão direta dos pretensos eflúvios ou radiações em chapa fotográfica. Darget trabalhou nessas pesquisas durante cêrca de trinta anos.

Outros estudiosos do assunto, como Dr. Luys, Chaigneau, Colomès, Girord, Dardenne, Durville, Majewski e Delanne, desenvolveram acuradíssimas técnicas efluviográficas, onde tôdas as possibilidades de engano parecem ter sido eliminadas, obtendo sugestivas efluviografias.

Não obstante tôdas essas provas, surgiram alguns opositores que puseram em dúvida o valor das efluviografias. Foram êles Guillaume de Fontenay, Saint Albin, Warcollier e outros. Posteriormente, sobreveio a ridicularização e, finalmente, a conspiração do silêncio. Assim, caíu no olvido todo o trabalho dos dignos pesquisadores das efluviografias, daquela época. (2)

3 – A efluvioscópia de Kilner

Entre 1912 e 1920, o professor Walter J. Kilner, do Colégio Real dos Físicos de Londres, divulgou um processo destinado a tornar visível a «aura humana». O método, bem como os resultados das pesquisas, foi exposto no livro da autoria de Kilner: «The Human Atmosphere or The Aura Made Visible by Aid of Chemical Screens». (3)

É importante assinalar que o aparelho idealizado por Kilner consistia em um anteparo de vidro, plano e cheio de uma solução de *dicianina,* produto químico difícil de obter-se. Outros experimentadores lograram êxito, substituindo a dicianina pelo «azul de metileno» ou pela «violeta de genciana». A solução colorida é depositada em uma cuba feita por duplas placas de vidro plano transparente, separadas por um contôrno estanque e distanciadas entre si cêrca de 1 a 2 cm.

O paciente a ser observado fica de pé contra um fundo preto. O observador recebe a luz pelas costas enquanto mira o paciente através do anteparo de corante. Após alguns minutos de fixação passará a notar uma luminescência de forma oval, rodeando totalmente a pessoa observada. Segundo Kilner, podem observar-se certas particularidades na aura assim revelada. Ei-las:

1 — raios que vão de um ponto a outro do próprio corpo, ou que se projetam para fora, atingindo uma pessoa próxima;

2 — raios que saem perpendicu-

larmente à superfície do corpo, indo até os limites da aura exterior;

3 — manchas brilhantes e de pouca duração que surgem dentro da aura.

O método e os resultados aos quais teria chegado o Prof. Kilner sofreram contestações sérias. Como no caso das efluviografias, padeceu a efluvioscopia da mesma sorte de esquecimento. Comentamo-la em nossos dois trabalhos: «A Teoria Corpuscular do Espírito» e «Novos Rumos à Experimentação Espirítica». Naquela oportunidade, não demonstramos muito entusiasmo pelas conclusões deduzidas das experiências de Kilner, pelo fato de acharmos normalmente duvidosos os processos dependentes do critério puramente humano, no campo observacional. Sentiamos, todavia, que algo de importante poderia estar envolvido naquelas experiências ainda rudimentares. E não nos enganamos ao que parece, pois o processo de Kilner talvez ajude a elucidar o mistério dos «eflúvios ódicos» que voltam à baila novamente, mas, desta vez, lá do mundo do materialismo.

4 – Os cientistas soviéticos conseguem obter belas efluviografias de sêres animados e inanimados!

Em o número 145 da revista «Union Soviética», editada na U. R. S. S., em castelhano, publica-se um artigo da autoria de I. Leonidov, cujo título é o seguinte: *Sinais? De que?* Acompanham a reportagem belíssimas fotografias de impressionantes *efluviografias* obtidas pelos cientistas soviéticos. Êles próprios não sabem como explicar o fenômeno, nem a que atribuí-lo. Alguns dos clichês, três dêles, são coloridos, mostrando que a tonalidade ódica varia de acôrdo com as zonas do corpo de onde são captadas as impressões.

Mas, vejamos como se deu o início da história. Conta o referido artigo, que Semion Kirlián, morador próximo da cidade de Krasnodar, há muitos anos trabalha como modesto mecânico eletricista, reparando e aperfeiçoando aparelhos elétricos (não são mencionados quais os tipos dêsses aparelhos).

«Porém em certa ocasião notou que se se tocava com os dedos uma fôlha de papel fotográfico, no campo de ação de correntes de alta freqüência, nela apareciam débeis imagens de ziguezagues, manchinhas e linhas» (sic).

Percebendo a importância do fenômeno, Semion e sua espôsa Valentina, puzeram-se a fazer experiências sistemáticas. Do labor intenso do casal auxiliado por outros técnicos resultaram catorze patentes de invenção de aparelhos e métodos especiais de fotografia.

«Os inventores fizeram dispositivos para a fotografia de alta freqüência, para literalmente, todos os casos da vida. Agora a coisa resulta muito simples: ao objeto submetido à investigação (um dedo, u'a mão, um pé, uma fôlha de qualquer planta, u'a moeda) se superpõe papel fotográfico ou película, logo se conecta a corrente de alta freqüência (imperceptível para o homem) e a fotografia já está pronta». (sic)

Diz a reportagem que as primeiras fotografias deixaram pasmados os experimentadores, pelo quadro inédito que ofereciam à observação. O casal Kirlián prosseguiu no aperfeiçoamento dos métodos e conseguiu a «efluvioscopia microscópica.»

«Para isso os investigadores idealizaram um dispositivo para um microscópio, e no campo de ação das correntes de alta freqüencia descobriram um mundo que antes ninguem vira: sôbre o fundo escuro, acendiam-se em grande profusão chispas elétricas azuis, violáceas, amarelas e áureas. Umas cintilavam, outras ardiam com luz uniforme, outras se acendiam e apagavam periòdicamente. Algumas das chispas— pareciam pirilampos — permaneciam imóveis, enquanto outras se moviam por labirintos de luz. Sôbre as fantásticas constelações de espectrais pontos luminosos acendiam-se vivas e policromas tochas e surgiam minúsculas nuvens de um brilho mate... (sic).

5 – As chamas da vida

Fascinados pelo fantástico espetáculo os pesquizadores metiam tudo o que era possível sob o seu «microefluvioscópio». Descobriram que a natureza das luminescências variava de objeto para objeto. As diferenças entre os sêres vivos e os inanimados eram flagrantes.

«... Sob a lente do microscópio,

uma fôlha recém arrancada. Conecta-se a corrente de alta freqüência e aparece o quadro que antes descrevemos. Ao cabo de umas horas, as pequeninas luzes vão se apagando, como as de uma cidade que dorme ao chegar a noite. As chamas perdem vivacidade, as chispas e as *nuvenzinhas* apenas se movem. A fôlha morre, e o processo de sua agonia reflete-se no quadro dos impulsos elétricos.» (sic).

Desta forma os cientistas soviéticos assinalaram inúmeras peculiaridades das profundezas abissais dos fenômenos biológicos. Diagnósticos e prognósticos com relação às moléstias, bem como estados psíquicos refletem-se no comportamento dêsses eflúvios misteriosos.

«Sem embargo, os investigadores têm observado mais de uma vez que a coloração muda em dependência do estado de saúde ou de ânimo assim como de outras causas.» (sic).

O articulista conclui sua reportagem, com estas palavras:

«O estudo, a confrontação e a análise dos fatos nos dirão em que medida têm razão os prudentes e os impulsivos».

Quem seriam os impulsivos? Seriam aquêles que, mesmo lá na cortina de ferro, opinam por uma explicação menos materialista? O que é certo é que ainda não chegaram a uma conclusão. Daí o título do artigo de Leonidov:

«Sinais? De que?»

Rua Dr. Diogo de Faria, 239 —
(Vila Clementino) — São Paulo

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

(1) H. G. Andrade — Novos Rumos à Experimentação Espiritica — Ed. Batuira — 1960, pág. 32.

(2) Jean Rostand — Fanáticos e Sábios — Ed. Ibrasa — 1959, págs. 6/23.

(3) R. Montandon — Les Radiations Humaines — Ed. Félix Alcan 1927.

BIBLIOGRAFIA

J. Maxwell — Phénomènes Psychiques Ed. Félix — Paris, 1920.

Ludovico Armani — Chiromanzia e Astrologia — Ed. Europa — Verona, 1950.

Charles Richet — Traité de Métapsychique — Ed. Félix Alcan — Paris, 1923.

O Hebraico e a Expressão Personativa

Bianor S. Medeiros

I. — A língua hebraica, a língua sagrada é a usual e oficial do povo israelita em todos os tempos de sua longa história. Foi nessa língua que falaram e escreveram os patriarcas, as matriarcas, os profetas, os reis, José, Maria, Jesus, João Batista e os discípulos diretos do Divino Mestre. O Calendário Israelita lunar-solar é diferente do nosso, sólar. O ano novo começa às seis horas da tarde da Lua nova É o Rosh Hashanah, o começo do ano. Em 28/9/1962 teve início o ano 5.723 do Calendário Israelita. Essa língua, chamada em hebraico de «Ivrit», é claro, em tão longo período passou por diversas fases ou modalidades bem distintas, acompanhando a história acidentada do povo judeu: 1)— o hebraico pre-histórico ou de formação, que se perde na noite dos tempos, de 3.500 a 1.500 antes de Cristo; 2) — o hebraico clássico, escrito e literário, puro hebraico sem mescla de estrangeirismo, que vai de 1.500 a 500 antes de Cristo; 3) — o aramaico, o hebraico mesclado de vocábulos assirio-babilônios que vai de 500 antes de Cristo a 500 depois de Cristo; 4)— o Idisch, o hebraico mesclado de palavras alemãs, eslavas e dos países em que viveram, na Europa, de 500 depois de Cristo a 1948 da nossa éra, quando foi proclamado o 3.º Estado de Israel, o Eretz Israel, pelo grande sábio Chaim Weismann, seu primeiro Presidente; 5) — o hebraico moderno, língua oficial do Estado de Israel, de 1948 para cá, o Ivrit pròpriamente dito. Em tôdas as suas modalidades o hebraico foi sempre escrito em seu alfabeto próprio, e foi conservado puro pela elite intelectual de Israel. O que caracteriza o hebraico moderno e o distingue das outras modalidades de sua evolução histórica, é a grande variedade das chamadas «palavras de civilização», de grande uso atual e desconhecidas antigamente, como : aviron, aeroplano , darkon, passaporte ; monit, taxi, etc. Tal é a influência cultural do hebraico no mundo moderno que o grande Dr. Sylos Cintra, digno Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo, no exercício do cargo de Governador no nosso glorioso Estado, publicou no Diário Oficial de 19/9/1962, o Decreto n. 40.784, de 18/9/1962, criando a Seção de Estudos das Línguas Orientais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo :— o russo, o hebraico, o árabe, o armênio, o japonês, o sânscrito e o chinês.

II. — A parte da Linguística e da Gramática que estuda os nomes próprios das pessoas naturais chama-se Antroponímia. O conjunto das palavras que formam o nome completo de uma pessoa natural chama-se expressão personativa. Entre nós, de acordo com os nossos usos e de conformidade com a Lei de Registros Públicos das pessoas naturais, cuja existência começa do nascimento com vida e termina com a morte, a expressão personativa se decompõe em : 1) prenome, o primeiro nome do Registro Civil, que pode ser simples ou composto : José, Maria ; José Maria, Maria José ; 2)—o nome de famíla : Medeiros, Clemêncio, Bernardes, Carvalhais ; 3)—o cognome que é a designação que nos dá a sociedade onde vivemos, a História : Tiradentes, Águia de Aia, Apóstolo do Brasil, o Codificador do Espiritismo ; 4)—o axionome é a maneira peculiar com que nos distinguimos pelos estudos especializados ou pela profissão : Dr., Prof., Juiz, Desembargador, Pe., Freira, Barbeiro ; 5)—o hipocorístico é o apelido que nos dá a família, quasi sempre em diminutivo : Nônô, Lalá, Paschoalinho, etc. Por isto, no Brasil, em primeiro lugar, no registro de nascimento, põe-se o prenome, em seguida o nome de família da mãe e em terceiro e último, o nome de família do pai do registrando. Exemplo : Pedro, filho de Maria Antonieta Bernardes de Medeiros e de Bianor Medeiros, deve chamar-se Pedro Bernardes de Medeiros. (cfr. Silveira Bueno, Gramática Normativa da Língua Portuguêsa, 3.ª ed. págs. 117/120 ; Rebêlo Gonçalves, Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa, Lisboa, 1940, pág. XXII ; Lei de Registros Públicos do Brasil, das pessoas naturais, etc.).

III. — O acôrdo Ortográfico Brasil-Portugal, aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 29/1/1942, visando simplificar a ortografia das palavras, no capítulo XI, ns. 39/40, fixa a seguinte regra : «Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portuguêses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns». Isto quer dizer que, as expressões personativas de nomes estrangeiros devem ser escritas como se escrevem em sua língua de origem, embora a tendência generalizada seja para grafá-las pela ortografia simplificada.

IV. — Os mestres ainda nos ensinam que, por intermédio do grego e do latim passaram para o português muitos vocábulos hebraicos internacionalizados pelo Cristianismo e pela Bíblia : Amen, Hosanah, Halleluia, Messias, Satanás, Cherubim, Serafim, jubileu, sábado, páscoa, e os prenomes : Abraão, Aarão, Daniel, Samuel, Gabriel, Rafael, Miguel, Uriel, Jacob, Tiago, José, Maria, Mariana, Susana, Ruth, Estér, etc. (crf. Carolina Leite de Vasconcelos, Lições de Filologia, ed. Revista de Portugal, págs. 291/292). Entretanto, as expressões personativas em hebraico são diferentes das usadas no Brasil e em Portugal. Em hebraico, usa-se o prenome, depois a palavra filho, em seguida o nome do pai. Exemplo : José filho de Jacob — Iodsef bar Iacob (Mateus, 1/16), o justo, o glorioso marido de Maria e pai de Jesus.

Os israelitas também usam bastante o cognome : bem como o axionome em menor escala. Exemplo : O Cordeiro de Deus que tira os pecados do Mundo ; Mestre, o Filho do Homem ; o Bom Pastor, o enviado, o mensageiro, o atalaia.

V. — Diante do resumido, podemos estudar alguns nomes personativos hebraicos que foram profundamente desvirtuados na forma e no sentido ao passar para as línguas neolatinas através do grego e do latim.

1. — Jesus veio do grego Iesous, através do latim Iesus, dando o portu-

guês Jesus, o italiano Gesú, o francês Jésus, o espanhol Jesus, o inglês Jesus, o alemão Jesus, internacionalizando-se a palavra grega que helenizou as línguas ocidentais. O nome de Jesus em hebraico é Ioshua, que variou através dos tempos em Ieoshua e Ieshua, que sempre se traduziu por Josué, com a significação de «O Senhor é seu auxílio». Assim, o verdadeiro nome de Jesus é Josué filho de José ou Ioshua bar Iodsef. Logo, Jesus não é Deus, tanto assim que se qualifica de Mestre (Rabi) e chama Deus de Pai (Abba), sendo que os Israelitas chamam Deus de Iahveh, o Eterno, o Incriado, o que Foi, É e Será, ou El, o Senhor, ou Adonai, o Supremo, ou ainda Alef (A), o Uno, o Primeiro, o Maior. Ora, se Deus é o Senhor, e o Senhor é o auxílio do Divino Mestre, segue-se que o Divino Mestre não é o Senhor, que é o seu auxílio.

2. — O grande apóstolo que conhecemos por São Pedro, em hebraico o seu verdadeiro nome é Shim'on bar Ioahnah, que se traduz por Simeão filho de Jonas, significando Shim'on o ouvido, o escutado. Simon vem do grego com a significação de nariz chato. O grego Simon, deu o latim Simon e o português Simão.

3. — Outra vítima inocente é o glorioso São Paulo. Shaul em hebraico significa «obtido pela oração». Shaul passou para Saul, Saulus, Paulus, que significa «pequeno de estatura». Assim foi deturpada a forma e foi deturpado o sentido do vocábulo Shaul com a sua passagem do hebraico para o grego, do grego para o latim e do latim para as linguas neolatinas, o português, o francês, o espanhol, o italiano.

4. — Outro exemplo desorientador é o do historiador mais conhecido por Flavio Josefo, do ano 38 a 100 da nossa éra, cujo nome hebraico é Iosef ben Mattityahu, José filho de Mattityahu = Matatias.

5. — Por estes exemplos concretos, de desvirtuamento do fundo e da fórma dos vocábulos hebraicos, se infére o quanto se modificou o sentido dos textos primitivos com as nossas versões tão consagradas pelo uso e pelo abuso, em versões muito mal feitas, por desconhecimento do hebraico.

6/10/962.

CHICO XAVIER perante os grandes escritores

Pesquisa de JORGE RIZZINI

Quando Presidente da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos escreveu sôbre Chico Xavier — Uma frase célebre de Monteiro Lobato — Afonso Schmidt, o escritor mais premiado do Brasil, opina sôbre o famoso médium — Depoimentos de Edgard Cavalheiro, Agripino Grieco, Edmundo Lys e outros mestres da Literatura Nacional.

QUANDO lançou «Parnaso de Além Túmulo», obra gigantesca que reune poesias mediúnicas de Olavo Bilac, Castro Alves, Antonio Nobre, Guerra Junqueiro, Casimiro e outros poetas célebres, brasileiros e portuguêses, era Francisco Cândido Xavier um rapaz, iniciando-se no campo árido do mediunismo. Vivia êle, então, em uma pequenina cidade do interior de Minas Gerais, no mais completo anonimato. Essa obra, porém, de súbito transformou-se em glória nacional, principalmente devido ao destemor de Humberto de Campos, que em artigo (hoje famoso) convocou os escritores a examinarem o «Parnaso». Nessa época, ocupava Humberto de Campos a presidência da Academia Brasileira de Letras e era o escritor mais famoso em todo o Brasil.

Depois do «Parnaso», escreveu Chico Xavier, mediùnicamente, mais de setenta volumes, abrangendo todos os gêneros literários, na maior demonstração psicográfica de todos os tempos.

A OPINIÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS

O artigo de Humberto de Campos (representando, de certo modo, a opinião da própria Academia) foi estampado no «Diário Carioca», na sessão literária:

«Eu faltaria (diz Humberto de Campos) ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que êle é intérprete apresentem as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam nêste planêta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gôsto é o mesmo e o verso obedece, ordináriamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos». Etc..

Cumpre observar, aqui, que Humberto de Campos, em vida, não era espírita... Sua opinião, pois, é imparcial. Mas tarde, após a morte, também Humberto de Campos viria escrever através de Chico Xavier, promovendo nova celeuma nos meios literários, em particular na Academia...

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato, imortal criador de «Jeca Tatu», sempre se interessou pela fenomenologia espírita; desde ao tempo em que era Promotor público na cidadezinha de Areias. Sôbre o assunto, escreveu algumas páginas e deu entrevistas aos jornais do Rio e São Paulo. A respeito de Chico Xavier, dizia Lobato:

«Se o Chico produziu tudo aquilo, por conta própria, então êle pode ocupar quantas cadeiras quiser na Academia!»

E o Lobato tinha razão: em verdade, o médium vale por tôda uma academia...

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE AFONSO SCHMIDT

E' Afonso Schmidt o escritor mais laureado do Brasil e um dos mais lidos. Há dois anos, a editora Brasiliense lançou-lhe as «Obras Completas», com mais de vinte grossos volumes. Comentando as crônicas vindas através de Chico Xavier e assinadas pelo espírito de Humberto de Campos, escreveu Afonso Schmidt no jornal «O Estado de São Paulo»:

«Fui sempre leitor de Humberto de Campos. Há anos, atraido pelo rumor que se fazia, procurei ler, igualmente, umas crônicas a êle atribuidas por Francisco Cândido Xavier, êsse jovem, modesto e iletrado caixeiro de loja de uma cidadezinha de Minas. Observei o seguinte: a fantasia, a compreensão fraternal da vida e o bom gôsto na composição são os mesmos que caracterizam a obra do nosso ilustre patrício. Até aí, trata-se de faculdades inatas que, por um acaso qualquer, poderiam ser trazidas do berço por Francisco Xavier. O mesmo, porém, não poderia dar-se com a cultura, a correção, a clareza, a maneira de sentir, de escrever, de comunicar a sua impressão ao leitor. Enfim, a sua personalidade, a sua atitude perante a vida, os seus silêncios, elementos de êxito que Humberto de Campos conseguiu em quarenta anos de incessante prática da literatura. E o rapazinho de Minas Gerais, apresentando tais virtudes, não poderia improvisar aquilo que em tôdas as artes os artistas não trazem do berço e que é o mais difícil de conseguir.»

E ainda diz Afonso Schmidt, quando eu o entrevistei há alguns anos a respeito de Chico Xavier:

«Sou — e sempre fui — um sincero admirador da obra de Chico Xavier. Dizem-me que é um homem humilde e trabalhador, voltado únicamente para seus ideais. As campanhas que contra êle se desencadeiam são a prova mais segura do seu valor. Há anos, escrevi a seu respeito uma crônica no «O Estado de São Paulo». Hoje, se voltasse a escrever sôbre sua obra, sua personalidade, poderia dizer muito mais!»

Devo acrescentar, que Afonso Schmidt é um nome que já atravessou as fronteiras do Brasil; tendo recebido no estrangeiro alguns prêmios literários.

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE EDGARD CAVALHEIRO

Edgard Cavalheiro é justamente, considerado o maior biógrafo entre os autores desta geração. Escreveu a biografia de Fagundes Varela, Garcia Lorca, e dois enormes volumes sôbre a vida e a obra de Monteiro Lobato que o imortalizaram. E' ainda o responsável por inúmeras antologias de contos e poesias. E de centenas de artigos publicados nos principais jornais do Brasil. Na célebre entrevista que deu à «Folha da Noite», em São Paulo, sôbre Chico Xavier, disse êle:

«Não há dúvida, o homem simples e pobre de Pedro Leopoldo, que poderia tornar-se milionário só com os direitos autorais de seus livros, e que devolveu certa vez um cheque de trezentos contos a um consulente, é uma criatura rara e uma alma que explode entre as demais, num brilho de infinita bondade e pureza !»

A referida entrevista de Edgard Cavalheiro tem como título, «Chico Xavier, homem símbolo».

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE AGRIPINO GRIECO

Agripino Grieco, biógrafo de Machado de Assis, é o mais famoso crítico literário do Brasil; e de todos o mais mordaz. Foi amigo íntimo de Humberto de Campos, durante largos anos no Rio de Janeiro. Ao receber as crônicas mediúnicas, atribuidas a Humberto de Campos, quís conhecer de perto o médium Chico Xavier — para desmascará-lo, é evidente. E dirigiu-se a Belo Horizonte. Mas deixemos o próprio Agripino fazer a narração:

«Nisto (diz o crítico) o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte fôlhas de papel destinadas à escrita do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição de texto. Rubriquei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lápis com uma agilidade que não teria o mais desenvolto dos rasistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. À proporção que uma fôlha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que alí fixara o lápis do Chico».

E acrescenta Agripino Grieco que aquelas vinte folhas, ao fim da sessão, formavam um «autêntico» manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso. E conclue:

«Íntimos, num contato cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amizade intensa e mútua. Agora, anos após sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as idéias e o estílo, e da maneira extraordinária por que o foi !»

OUTROS DEPOIMENTOS SÔBRE CHICO XAVIER

Zeferino Brasil foi membro de diversas academias e suas poesias andam por todo o Brasil; inclusive, em antologias clássicas. É autor da obra-prima intitulada «Vovó Musa», cuja primeira edição saiu no Rio Grande do Sul, hoje disputadíssima pelos bibliófilos. Interrogado sôbre o «Parnaso de Além Túmulo», escreveu êste depoimento vigoroso:

«Por que ninguém, que conheça a arte poética e haja lido assìduamente Antero de Quental, Antonio Nobre, Guerra Junqueiro, João de Deus, Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro de Abreu e os demais poetas que enchem as 398 páginas do «Parnaso de Além Túmulo», deixará de os reconhecer integralmente nas poesias psicografadas. Em tôdas elas se encontram patentes as belezas, o estílo, os arrôjos, as imagens próprias, os defeitos, o «sêlo pessoal», enfim, dos nomes gloriosos que as assinam e vivem imortais na história literária do Brasil e Portugal».

Opinião imparcial. Como os demais, Zeferino Brasil não era espírita.

Também Edmundo Lys, comentarista literário do Rio de Janeiro e crítico perspicaz, escreveu sôbre o extraordinário médium de Minas:

«Se quisermos imitar Belmiro Braga, seria justo versejar na sua forma habitual. Ora, no «Parnaso de Além Túmulo», o poema de Belmiro Braga é em sextilhas e, entretanto, se identifica como inspiração, como estílo, até como forma !»

Por isso, o célebre João Ribeiro, historiador e crítico de literatura, dizia que Chico Xavier «não atraiçoara poeta algum»: todos, no «Parnaso», se revelaram como realmente o foram em vida.

«Em matéria de experiência humana (escreveu Antonio Olavo Pereira, detentor de prêmios da Academia e da União Brasileira de Escritores) Chico Xavier representa o maior conhecimento que já realizei na vida. Considero-o uma das criaturas mais evangelizadas, não só do nosso meio, como possìvelmente do nosso tempo, como expressão da tolerância, da renúncia, da compreensão, do respeito e do amor. Sua existência se desenvolve num plano de absoluta espiritualidade, infensa às solicitações de ordem material que constituem o ideal da vida moderna. Num mundo em que prevalecem a má fé, a mistificação, a fraude, o egoismo, a insinceridade, Chico Xavier avulta como um ponto de referência para aquêles que ainda crêem na dignidade do homem e na sua recuperação pelos caminhos do Evangelho».

Compreendendo e sentindo essas palavras, é que Paulo Dantas, o jovem romancista nordestino e já detentor de láureas acadêmicas, escreveu:

«Não conheço, mas admiro o espantoso Chico Xavier. Tenho mesmo a intenção de um dia ir a Pedro Leopoldo para ver o «homem-fenômeno» de perto, conversar com êle, sentir o profundo de sua natureza, tocar na mão de seu caráter. Não morrerei sem vê-lo de perto. Porque Chico Xavier, pela sua pureza, é um homem suspenso no infinito!»

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

Serões Bíblicos - X

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo X)

Lumbaio ficou parado um tempo, de olhos no chão, fitando o vazio, enquanto remoia os últimos argumentos de Chilon, depois do que sentenciou em tom peremptório:

— Adiante! Em Gên. 1, 2 a 5, está o relato de que Deus criou, no primeiro dia, a luz. Foi a luz que Deus criou, ou foi sua fonte, o Sol?

— Deus criou a luz, respondeu, Chilon, antes de o Sol, porque, sendo a matéria condensação de energia, primeiro houve esta, isto é, a luz, antes de existír o Sol, como sua condensação. Hoje o Sol é a fonte da luz que nos vem, porque tôda a energia está na fase evolutiva, dispersiva ou centrífuga; todavia aquela luz primeva era acantonante, convergente, centrípeta a um ponto, vinda da periferia; e nêsse ponto deu-se a transformação da energia na matéria. A respeito disto escreveu Vieira, antes do «Século das Luzes», e do advento das ciências: Santo Tomás, e com êle o sentir mais comum dos teólogos, resolve que a luz que Deus criou o primeiro dia, foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto. (...) No primeiro dia foi criado o sol informe, no quarto dia foi criado o sol formado» (Viera, Sermões, 1, 182 — Ed. das Américas). De minha parte acho muito, caro Lumbaio, que a inspiração de Moisés (ou daqueles nos quais se baseou) tivesse captado esta verdade essencial que só agora, note bem, a ciência descobriu, qual seja, a de que o Sol nasceu da sua luz, e a matéria, da energia!

E curvando os cantos da bôca para baixo, numa expressão de sarcasmo, continuou Chilon:

— Se o Gênese fôra escrito por algum Lumbaio, certamente êle teria errado fazendo Deus criar primeiro a matéria, depois a energia e finalmente o espírito. O espírito e a energia seriam produtos da matéria, porque, se para um Lumbaio houvera Deus, êste havia de ser material... Mas Deus é Espírito, pensava Moisés; logo o ato primeiro do seu poder criador foi gerar puros espíritos, a côrte angelical. Da queda de parte dêstes espíritos surgiu a energia, a luz, que se encurvou na matéria. No princípio era o Espírito, e o Espírito estava com Deus, e o Espírito era Deus. Depois veio a luz da qual a matéria se fêz. Por isso o «céu de Deus», para usar sua expressão, rodeia todo o Universo. Ir, pois, para o centro do Universo, que é aquêle ponto de onde tôdo êle agora se afasta, é involuir; avançar para sua periferia é evoluir. Encaminhar-se para qualquer centro, seja o da Terra, seja o do Universo, é, sempre, involuir; evadir-se para a periferia, para os espaços cada vez mais abertos, é evoluir. O Universo físico é um tumor no seio orgânico de Deus e pode haver outros tumores, outras bolsas de matéria, lá para além de onde a nossa luz se encurva e nos circuita; seriam outros Universos de nós ignorados...

— De onde você tirou isso? interrogou Lumbaio.

— Esta é a doutrina de Árago, o sábio daqui de Cananéia... E prosseguiu:

— Há um século os cientistas dogmatizavam empertigados nas suas cátedras: «Entre a matéria e a energia há um abismo intransponível; diante disto, portanto, a Bíblia estaria errada. Hoje a mesma ciência sentencia, enfàticamente: «Matéria e energia são uma e a mesma coisa»; e agora a Bíbla está certa. Numa aldeia de Gasconha, em 1800, em pleno dia, caiu do céu uma saraivada de pedras meteóricas. Enviado que foi um relatório da ocorrência, com 300 assinaturas para a Academia de Ciências de Paris, a resposta desta foi o seguinte: «A Academia lamenta verificar que nesta nossa época tão esclarecida (!) ainda existam pessoas tão supersticiosas que acreditam na possibilidade de caírem pedras da abóbada celeste». Quando em 1807 caiu uma pedra dessas em Connecticut e dois professores pediram permissão ao Govêrno para desenterrá-la, o Presidente Jefferson recusou, fazendo a seguinte observação: «E' mais provável que dois professôres ianques, estejam mentindo do que uma pedra cair do céu» (Fritz Kanh), O Livro da Natureza, I, 175. Também o grande Lavoisier decretara que do céu não caem pedras, simplesmente por que no ceu não há pedras. Diante destas sentenças inapeláveis, a Bíblia teria mentido, quando falou da chuva de aerólitos caída sôbre o exército dos amorreus (Josué, 10, 11). Hoje, entretanto, qualquer criança de escola primária sabe que dos céus caem pedras sim senhor, sendo muito de lastimar que sempre tivessem existido tais «academias», tais «sábios» e tais homens de «visão» a emperrar e marcha do progresso que vinha exatamente provar que a Bíblia era fiel em seus relatos.

Crônica Estrangeira

ENCONTRADO O CORPO DESAPARECIDO COMO PREDISSE O MÉDIUM

De «Two Worlds», 18-7-59.

Como foi predito por Nelson Palmer, médium de Durban, o corpo de um estudante desaparecido a 21 de abril, foi encontrado há poucos dias dentro da área que êle indicara, usando suas faculdades psíquicas.

O estudante, Peter Christensen, de 23 anos, estudante na Universidade de Johannesburg, não fôra visto depois de, atingido por uma avalanche, ao subir a cadeia de Drakonsberg.

Na semana passada, o jornal «Natal Mercury», noticiou o encontro do corpo, por alguns europeus. Êle estava conservado por densa camada de neve, cerca de 600 metros distante da cabana da montanha sôbre a escarpa, declarou o guia da expedição.

Diversas outras turmas de investigação, que deveriam ter passado próximo ao local, não tiveram sucesso.

Em 1956 Nelson Palmer (professor aposentado) localizou o corpo mutilado de uma jovem de 18 anos, depois de intensiva e abortiva procura, que durou oito dias, efetuada pela polícia Sul Africana. Palmer conduziu a polícia ao ponto exato, após uma sessão em que foi indicado o lugar em que seria encontrado o corpo num regato na estrada, cêrca de 60 quilómetros de Durban.

Quatro mêses depois, Palmer localizou o corpo de um doutor, após inútil procura, pela polícia, durante 11 dias.

UMA NOITE DE NUPCIAS DIFERENTE

PEGU (Baixa-Birmania) (AFP) — Uma noite de nupcias foi perturbada por um espírito invejoso e... feroz.

Os parentes e amigos que assistiram, em Pegu, ao casamento de Ko Hlaaung e de Ma Aye may tinham-se retirado para deixar os noivos a sós. Qual não foi, porém, a surprêsa de Ma Aye, ao ver seu espôso administrar-lhe, ao invés dos carinhos que ela esperava, uma sucessão de golpes, que a obrigou a refugiar-se, chorando, sob o leito.

Os vizinhos intervieram prontamente e, logo a seguir, encontraram a explicação para o estranho comportamento de Ko Hla. Êle achava-se possuído pelo espírito de sua primeira mulher, morta pouco tempo antes e descontente de vê-lo casar novamente.

Os vizinhos foram à procura do «homem santo» do quarteirão, para livrar Ko Hla do malicioso espírito. Para maior segurança da noiva, porém, parentes, amigos e vizinhos resolveram passar o resto da noite a montar guarda em tôrno do leito nupcial...

(Da «Fôlha de S. Paulo», de 15/9/60)

O ESPÍRITO DO AMIGO ESQUECIDO

(Transcrito de «Psychic News», e traduzido pelo Grupo «Emmanuel», de Araraqura).

O Dr. Herbert Meyer, presente a uma sessão espírita de Los Angeles, dirigida pelo médium Richard Zenor, foi, inesperadamente interpelado da seguinte forma:

— *Helle Herbert, Mensch, das ist ja wunderbar. Wie geht es dir?* (Olá Herbert, não é maravilhoso? Como vai você?

O interpelado respondeu em alemão:

— Oh! Eu vou bem. Feliz de encontrá-lo. É realmente terri...

O Dr. Meyer foi interrompido pelo médium que se levantou de repente e pôs-se a bater o pé direito com tôda a fôrça sôbre o assoalho, dizendo:

—Veja... veja... eu a posso usar de novo! Ela está nova outra vez!

Surprêso o Dr. Meyer esqueceu de perguntar a identidade do espírito. Mas no domingo seguinte a mesma entidade estava de retôrno declinando então o seu nome, nome alemão bastante difícil, e o Dr. Meyer reconheceu um colega e amigo do tempo em que fizera seus estudos de engenharia no Instituto de Tecnologia de Berlim, de 1921 a 1926.

O Dr. Herbert Meyer, que é um químico especializado em pesquisas, atualmente trabalhando em Hollywood, conta que êsse amigo perdera a perna direita na Primeira Grande Guerra Mundial, o que não o impediu, entretanto, de prosseguir seus estudos no Instituto berlinense. Êste fato espírita está narrado no jornal CHIMES.

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

FOTOGRAFADO O ESPÍRITO DA MORTA

LONDRES, 20 (UPI) — O tablóide dominical «Sunday Pictorial», disse ontem estar certo de que tem a fotografia de um fantasma. O jornal publica a foto de uma mulher sentada num carro. Essa mulher estava morta e sepultada quando a fotografia foi tirada. O flagrante mostra um rosto identificado como o de Mrs. Ellen Hammell, sentada no carro de seu genro. A filha de Mrs. Ellen, Mrs. Mabel Chinnery, de 48 anos, que colheu o flagrante, disse que ela e o marido tinham tirado várias fotos do jazigo da Sra. Hammell. «Decidi usar o resto do filme tirando fotos de meu marido e do carro», afirmou ela. Quando o filme foi revelado, apareceu sentada no fundo do carro sua finada mãe. Segundo o jornal, um perito em fotografias declarou que apostaria sua reputação como a foto é genuína.

«Reformador», (De «Última Hora», de 20/4/59).

Experimente a solidão, de quando em quando; Jesus esteve sózinho nos momentos cruciais de sua passagem pela Terra. — *(A. L.)*

Espiritismo no Brasil

30 DE JANEIRO

Esta data é sumamente grata para nós, os espíritas matonenses, pois ela assinala o transcorrer de mais um aniversário de passamento do nosso querido e jamais esquecido companheiro Cairbar Schutel.

Como vem acontecendo, já há alguns anos, no Salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», realizou-se uma reunião, com um elevado comparecimento de espíritas locais, afim de se prestar uma modesta mas sincera homenagem à memória daquele nosso grande companheiro, desencarnado há 25 anos.

Preliminarmente falou a nossa companheira Farmacêutica Zélia S. Perche, após o que, passou a palavra ao nosso companheiro Edo Mariani, para pronunciar a prece de abertura da sessão, a qual foi feita com verdadeiro sentimento, que sensibilizou a todos. A seguir, fez uso da palavra o nosso companheiro Watson Campêlo, que falou sôbre a personalidade de Cairbar Schutel e suas obras, as quais são conhecidas e apreciadas, não só no Brasil, mas, igualmente, em muitos paises da Europa. Falou também, algumas palavras sôbre Cairbar Schutel, a nossa companheira Antoninha S. P. Campêlo; A prof.ª d. Izabel Perches Camargo, declamou uns versos de sua autoria, dedicados a Cairbar Schutel. A srta. Eraide Gonçalves leu uma lição «Meu Filho», de Meimei. Em seguida a irmã Zélia pediu à d. Elvira S. Perche abrir, ao acaso, o livro «O Espírito do Cristianismo» de autoria de Cairbar Schutel, e ressaltou a Lição «Autoridade do Batismo». Lida referida lição, foi pedido que alguem, dos presentes, a comentasse, o que foi feito, muito bem e esclarecidamente, pelo companheiro Edo Mariani.

Encerrou esta reunião, que foi um verdadeiro banquete espiritual, o nosso companheiro José da Cunha, que pronunciou expressiva prece.

Alcir Orion Morato

Dar-se-á no dia 23 do mês em curso, no Teatro Pedro II de Ribeirão Preto, a solenidade de colação de Grau aos que terminam seu Curso de Odontologia, pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, turma de 1962.

Entre os diplomandos figura o jovem Alcir Orion Morato filho do nosso confrade Dr. Agnelo Morato, Redator-responsável da nossa colega «A Nova Era» de Franca, a quem agradecemos o convite que nos endereçou, com os nossos melhores votos de felicidade no desempenho da profissão que acaba de abraçar.

Convites

Dos doutorandos da 45.ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, adeptos da Doutrina Espírita, recebemos atencioso convite para assistirmos a palestra espírita, — parte das solenidades oficiais de formatura, — proferida pelo Dr. Ary Lex, no dia 3 de janeiro p. passado, às 20,30 h. na Federação Espírita do Estado de São Paulo, (rua Maria Paula, 158.)

—

Da AMEA, Associação Metropolitana Espírita de Assistência, recebemos, igualmente, atencioso convite para presenciarmos às solenidades de instalação oficial do Ginásio Secundário do Instituto Educacional Espírita Metropolitano, e Encerramento do ano letivo de 1962 do Externato Hilário Ribeiro, solenidades essas, marcadas para o dia 16 de dezembro último, às 20 horas, no salão nobre da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à rua Maria Paula, 158.

— Somos gratos por tão atenciosos convites que nos foram gentilmente endereçados.

Concentração de Mocidades no Vale do Paraíba

Esta marcada para o dia 17 de março próximo, a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba, a realizar-se na cidade de Taubaté.

Oportunamente será destribuido o programa de referida Concentração, com descriminação minuciosa dos diferentes pontos a serem debatidos em referido conclave.

A passividade, nos jovens, é indício de prematuro envelhecimento. — J. Ingenieros

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assuntò de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$600,00

Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3921unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de março de 1963 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Testemunhos da Sobrevivência .	*Redação*
Uma Sensibilidade Especial . . .	*Carlos Imbassahy*
Richet e Kardec	*Deolindo Amorim*
Omissão Deplorável	*Arnaldo S. Thiago*
Causas De Ordem Espiritual Responsáveis Por Lesões Orgânicas . .	*V. O. Casella*
Os Princípios Racionais do Kardecismo	*André Moreil*
Não Temos Condições Científicas Para Exame de Casos Paranormais	*Prof. J. Herculano Pires*
Serões Bíblicos — X	*Luiz Caramaschi*
Estudando Kardec	*Paulo Jacinto*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 500,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 100,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço: cr.$ 100,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço: Cr.$ 40,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

pelo Reembolso Postal

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 120,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr. $ 450,00 ; Brochura cr.$ 180,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1963 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Os Testemunhos da Sobrevivência

OS únicos testemunhos que podem ser dados do indivíduo são aqueles que caracterizam-no — física, intelectual e moralmente.

Todo o exame e pesquisas analíticas se acham subordinados a estas condições para o perfeito reconhecimento dos sêres com quem privamos: configuração física, capacidade intelectual, valor moral.

Ora, na soma dos fatos em todo o mundo ao que concerne à fenomenologia espírita, observadas como têm sido estas condições, no estado crítico das entidades psíquicas que se vêm manifestando, não se pode deixar de optar pela sobrevivência do homem ao transe que chamamos morte.

Não só os livros e revistas que tratam de tão interessante assunto, como também as obras de antigos agiólogos dispersas em todo o mundo, comprovam a realidade desta verdade, talvez a melhor caracterizada de tôdas as que são aceitas por todos.

Levando em conta a lata e complexa modalidade mediúnica que se tem patenteado aos olhos dos observadores em tôdas as classes sociais, desde a mais rudimentar fôrça que se presta a acionar uma «mesinha», até a aproveitada para as mais inteligentes manifestações, não há quem com boa lógica possa concluir que todos êsses efeitos tenham um caracter meramente casual e não sejam oriundos de entidades cujo poder, vontade e liberdade estão adstritos a leis naturais, embora desconhecidas ainda dos espíritos dotados de maior penetração.

As provas do valor pujante das comunicações espíritas não se encontram sòmente nas materializações, moldagens, fotografias, que constitue a parte física do fenômeno. Muitas outras capazes de resistir às mais sérias objeções têm sido constatadas em apoio da teoria espírita, que explica clara e lógicamente o porque da vida, a razão da morte e desdobra às nossas vistas os esplendores da Imortalidade, sôbre a qual se assenta êsse magnífico edifício da Religião e da Ciência.

Há, por exemplo, um romance de Charles Dickens, intitulado *Edwin Drood*, começado pelo autor, mas que só foi terminado depois de sua morte por um médium ainda novato, sem ilustração e sem a menor educação literária.

Êsse médium chamou-se James, era um operário mecânico, incapaz de produzir três linhas.

James não conhecia o princípio da obra de Dickens quanto mais o ponto de inserção para juntar a comunicação ulterior. Além disso escrevia em estado de completa inconsciência, de que, por vêzes, era preciso tirá-lo ao fim do exercício mediúnico.

Em 1873 a imprensa dos Estados Unidos relatou e comentou largamente êsse fato, apurando, por meio de testemunhas oculares, a verdade que sindicava.

A parte escrita por James é de 400 páginas. A caligrafia do médium tem semelhança completa com a de Dickens. A realização do pensamento, a coesão literária e a dedução da trama em todo o trabalho mediúnico prenderam tanto a atenção dos investigadores, que o correspondente do *Daily Onion* (Springfield), não relutou declarar, em sua crítica, que as personagens mantinham perfil exato, bem como a linha inconfundível do caráter que Dickens lhes déra.

Enfim, a parte mediúnica é uma integração homogênea da concepção do autor: a ortografia era mantida, as particularidades, a técnica e até os conhecimentos topográficos de Londres, que o médium não tinha.

O trabalho era perfeito e completo, não se podendo negar que fôsse de Dickens.

Falando dêsse trabalho o sr. Harrison, diz que o gênio e o sentido artístico que ele revela, não poderiam se conciliar com a explicação da fraude.

Inúmeros exemplos desta natureza se acham registado nos Anaes do Espiritismo.

E para citar mais um caso, lembramos as condições em que foi escrita a obra *Arcanos da Natureza,* cujo primeiro volume foi publicado na Alemanha (Erlangen) pelo Dr. Acker com o título *História e leis da Criação.* Foi tal o valor intrínseco que o célebre materialista Bücker encontrou em dito livro, que se valeu dêle várias vêzes, chegando até a fazer, em seus escritos, citações textuais. E qual não foi a decepção de Bücker, quando, em sua viagem á América do Norte teve uma entrevista com Tuttle, contra tôda a espectativa lhe aparece o «autor» dos *Arcanos* na sua rude ignorância!

Como poderia Hudson Tuttle, simples camponez, sem a menor instrução e educação científica, na idade de 18 anos produzir uma obra de tal valor! E' muito sabido que, como James, Hudson escreveu o «seu» livro em completa inconsciência.

Gabriel Delanne, referindo-se as experiências de Dusart e Broquet narra o fato de uma criança de três anos e meio de idade, chamada Celina, que escrevia automaticamente e produzia comunicações claras e definidas na forma e na intenção. Broquet diz que a criança tomava o lapis transformando a fisionomia, seguindo-se os movimentos rápidos e nervosos, até que dominada a crise, o lapis corria destramente sôbre o papel sem se levantar, d'um traço só ligado, mas formando tôdas as palavras e intervalos, saía a comunicação inteira.

Em nenhum destes casos, hipótese explicativa alguma pode prevalecer; nem a do automatismo anímico, nem a da subconsciência; a única que preenche as condições exigidas é a espírita, que explica os factos na sua simples e real expressão.

A sobrevivência se patenteia atualmente aos olhos de todos os que querem ver.

As diferentes formas de mediunidade explicam os diversos meios de comunicação que vêm demonstrar a imortalidade do espírito, que se afirma com todos os característicos que o distinguia na vida corpórea: físico, moral e intelectual.

Estudando-se atenciosamente a expressão fenomenal, não será difícil distinguir o frisante destaque das entidades produtoras de tais fenômenos, que não se podem confinar no âmbito estreito das interpretações materiais.

EVOLUÇÃO E FELICIDADE

O homem nesta única existência nem pode fazer méritos para se elevar até a sociedade de Deus; nem pode descer até desaparecer no nada. A doutrina que lhe dá a imortalidade e a perfectibilidade até a perfeição e grandeza de anjo, desenvolvendo-o e apurando em múltiplas vidas progressivas, fala à razão, fala à consciencia, engrandece o Criador, e, conseguintemente, tem o infalível critério da verdade. — BEZERRA DE MENEZES.

Uma sensibilidade especial

Carlos Imbassahy

O meu confrade Valmir admirava-se da facilidade com que sábios e ínscios arquitetavam explicações para os fenômenos psíquicos e metapsíquicos, sem a menor base, e comumente sem a menor lógica.

A admiração do Valmir é que me admira. A vitória da Psicanálise está naquela facilidade. Êles estenderam-na ao Espiritismo. Uma questão de amplitude. Vejamos um exemplo. Um escritor narra o seguinte:

«Uma noite tive um sonho excepcionalmente vivo e penoso: encontrava-me no cume de uma colina. O terreno era de curiosa composição branca. Aqui e ali pequenas fendas de onde saiam jatos de vapor. No sonho reconhecia êsse lugar como sendo uma ilha e que estava em iminente perigo de erupção vulcânica. E quando vi os vapores irromperem, exclamei — É bem a ilha. Tudo isto vai saltar!...

«Fui tomado do desejo irresistível de salvar os quatro mil habitantes desprevenidos. (Eu lhes sabia o número). Seguiu-se um pesadêlo dos mais angustiosos: eu me achava numa ilha visinha, procurando convencer as incrédulas autoridades francêsas de que deviam preparar embarcações para libertar os habitantes da ilha ameaçada. Ia de um funcionário a outro e acordei no momento em que me lançava à frente dos cavalos da equipagem de um maire, que ia a um jantar e me aconselhava a que voltasse no dia seguinte.

«Durante o sonho o número de pessoas em perigo obsidiava o meu espírito; eu o dizia a todos que encontrava, e no instante em que acordei ainda exclamei para o Maire:—Quatro mil pessoas vão morrer, se não...

«Não me lembro exatamente quando recebemos novo maço de jornais, mas quando êle chegou, achava-se incluso o Daily Telegraph, e a primeira coisa que me caiu sob os olhos foi a seguinte notícia:

«Um desastre vulcânico na Martinica. Uma ilha destruida. Uma avalanche de chamas. Perda provável de mais de quarenta mil vidas. Um navio inglês incendiado».

Essa era a epígrafe. Seguia-se o noticiário:

«Um dos mais terríveis desastres relatados nos anais do Mundo destruiu a próspera cidade de S. Pedro, capital comercial da ilha francêsa da Martinica, nas Índias Ocidentais. Às oito horas, na quinta feira, o vulcão Mont Pelée, que havia um século não se mostrava em atividade...» Etc.

Não é necessário rememorar a espantosa história do terrível cataclismo dos tempos modernos.

Mas, ao que eu queria chegar é a explicação. Ela não faltou. Li-a algures. Ao arguto olhar interno de um psicólogo o caso tornou-se de uma simplicidade evidente, que só não a percebiam ou percebem os que têm a cabeça cheia de Espíritos, Espiritismo ou coisas sobrenaturais. Vejam lá a clareza:

— O escritor era dotado de uma sensibilidade especial e por isto pode perceber que fendas submarinas faziam a agua do mar infiltrar-se, pressentiu o desastre, as lavas procurando uma abertura na superfície, a fumaça, o estrondo; a saída era o Mont Pelée, na Ilha...

Êle apanhou tudo aquilo como um sismógrafo. E, dada a sua sensibilidade, antecedeu-se ao vulcão. Claríssimo!

Faltou explicar a indiferença das autoridades francêsas. Mas, não me custa nada entrar com a minha colaboração: é que o escritor era viajado e andou por uns tantos países que nós conhecemos. Custa a crer que uma coisa destas, a entrar pelos olhos, seja motivo de perplexidades.

O aludido escritor deveria ter uma sensibilidade catastrófica, porque de outra feita assistiu em sonho a um incêndio numa usina: viu como o fogo irrompeu, os desastres que ocasionou, as vítimas que fêz, a extensão que tomou... Pois foi precisamente o que se deu numa usina de borracha em Paris. De onde se poderia verificar que a tal sensibilidade do «profeta» se estendia das fendas sub-oceânicas da Martinica à borracha manipulada e fabricada em Paris.

Isto me faz recordar a explicação dada no fenômeno Arigó e em fenômenos metapsíquicos por dois médicos, que além da Medicina são profundos em Psicologia e Psiquiatria, os Drs. Melo e Morey que, em artigos sucessivos, e em vários jornais do país, arrasaram, do mesmo passo, a cirurgia do Arigó e a fenomenologia dos Espíritos.

Andavam os espíritas nessa doce ilusão que a fortuna não deixa durar muito, como no episódio de Inês de Castro, a ilusão de que tais ou quais fenômenos são produzidos por Espíritos. Mas os doutos esculápios lança-lhes em cima a dupla lanterna da Psiquiatria e da Psicologia, sem já falar no holofote da Medicina, e apontam a causa dos fatos que parecem extraordinários, isto é, daquilo que vem atrapalhando a Ciência, embaraçando os doutos e embasbacando os espirítas: é que se trata de «percepção extrasensorial», e os indivíduos são apenas sujeitos capazes dessa percepção; são sêres que podem movimentar objetos à distância, saber o ignorado, prever o futuro, personalizar o morto e vestir-lhe a pele... Como se vê, nada de espantoso: pura questão de capacidade: são indivíduos «capazes.» Destarte, como o que pressentia os desastres telúricos, porque tinha uma sensibilidade especial, assim os supostos médiuns ou pacientes têm a capacidade especial de fazer o que se poderia chamar prodígio, nêles incluidos fenômenos e milagres, tudo porém reduzido a uma simples e banal capacidade.

«Êles são capazes» — dizem Melo e Morey. E por tôda a nação se difundiu êsse grande conhecimento. Pode ser que continuemos um país de analfabetos, mas é preciso que se saiba, e êsse consôlo nos alenta: — Não há médiuns, há apenas pessoas capazes. E' pena que o caso Arigó absorvesse quase tôda a literatura dos Drs. Melo e Morey, visto que perdemos a oportunidade de vê-los discorrer, em longa escala, sôbre os fenômenos metapsíquicos, cuja amostra nos deu em reduzido período. Como quer que seja, numa frase ficou elucidada tôda a matéria que até então vem enchendo bibliotecas e cabeças, aquelas de livros e estas de enigmas. Pois nem mais enigmas ou livros. Mágicos e médiuns não passam de personagens com percepções, e portanto com a capacidade, necessariamente anormal, de ver, ouvir, sentir, advinhar, plasmar o que não é visível, audível, sensível, previsível e plasmável.

Já não há razão para que alguém se admire com o fenômeno ou com o milagre. Se Josué voltar a fazer parar o sol e a lua, se a besta de Balaão continuar falando, se Jonas espirrar, de novo, de dentro de uma baleia, onde viveu confortavelmente durante três longos dias e três longas noites, estamos a ver que nada há de maravilhoso: Josué tinha o predicado de fazer parar os astros, a besta de dar à taramela, e Jonas e de alojar-se em qualquer ventre. Capacidade, ora o espanto!

Os dois ilustres escritores-médicos são católicos apostólicos romanos, e parece-nos que tiveram a missão apostólica de deslustrar os fenômenos espíritas em geral e os do Arigó em particular. Mas, para um católico, milagre é milagre mesmo. De maneira que não sabemos como vão êles encarar os milagres bíblicos, uns já expostos e outros que vou expôr.

Temos os de Moisés diante do faraó: É uma vara que se transforma em cobra e a cobra que se transforma em vara. Depois a vara começa a operar e disse o Senhor — «Estende a tua mão com tua vara sôbre as águas do Egito, sôbre suas correntes, sôbre os seus rios e sôbre os seus tanques e sôbre todo o ajuntamento de suas águas para que se tornem em sangue; e haja sangue em tôda a terra do Egito, assim nos vasos de madeira como nos de pedra...»

E assim se fêz e foi uma sangueira terrível. E depois vieram as rãs e os piolhos, sempre com o poder da vara. E os magos a fazerem o mesmo. E vieram as moscas...

Aí está um milagre que não temos que invejar, pois que ainda possuimos os mosquitos por acréscimo, e em tal quantidade que deixariam envergonhada a vara do Patriarca.

Mas voltemos aos prodígios: vieram mais a peste, a saraiva, os gafanhotos, as trevas... Tudo por obra da vara, e por picuinha ao testa coroada. E assim como Deus endureceu o coração do faraó, por não perder o hábito andou escurecendo alguns corações aqui pelo Estado do Rio, porque várias pragas não acabaram mais. Chega-se a ter inveja do Egito !

Os milagres bíblicos continuaram : e vemos o maná caído do Céu, a passagem do Mar Vermelho, a queda dos muros de Jericó, as façanhas de Elias. E Daniel que saiu ileso de um forno e das fauces de um leão. E diante da explicação apresentada pelos jornalistas médicos não terei dúvida em crer que o profeta era tão só um indivíduo capaz de resistir aos fornos e aos dentes das feras.

* * *

E já que falei em vara, cumpre notar que há um fenômeno chamado de rabdomancia ; os mais letrados chamam-lhe detetor psíquico, e o vulgo, onde me inscrevo, de vara mágica. Os portadores da célebre varinha, pelo modo por que a mesma se inclina, descobrem jazidas minerais, fontes de água, tesouros, ossadas...

Houve tempos em França em que os indivíduos viviam do produto da varinha. Parece que o dom se espalhara. Creio que o caso é fora de dúvida. Nos tempos modernos, na 1.ª guerra, os inglêses ocuparam Galípoli, porém não encontraram água suficiente. E estavam em sérias dificuldades, quando foram buscar um rabdomante, de nome Kelly, que desvendou com a vara um poço subterrâneo e salvou os britânicos de morreram à sêde.

Começaram a procurar as causas e surgiram as teorias : emanações dos objetos procurados, eflúvios, influências da terra, influências magnéticas... Mas, como há sempre uma pena para atrapalhar, viu-se que o pêndulo mágico podia localizar no mapa os objetos procurados. E descobrir no mapa a influência das jazidas já se tornava mais difícil.

E o valor da vara já vem de longe. Daí se originou trazerem os sacerdotes uma vara simbólica, a qual na hierarquia cristã tomou o nome de báculo e se estendeu ainda a altos militares e aos reis ; o bastão significava poder e mando.

Houve quem precedesse os médicos, tratando-se da vara ou pêndulo mágico, numa explicação parecida ; o fenômeno era devido a um **quid psíquico**. Por pouco, os Autores de **Milagre ou falsa — Caso Arigó** perdiam o mérito da prioridade.

Em **The Gate of Remembrance** relata-nos o escritor Bond que, em 1908, monges falecidos revelavam onde se achava uma capela que os vivos em vão procuravam. Segundo Bond e várias testemunhas a descoberta não se faria se não fôra a intervenção dos mortos, neste caso os monges.

Mas por que apelar para defuntos ? Pois não estão aí os doutores Melo e Morey para o esclarecimento do caso ? Pois a faculdade não está aí patente, a de que os descobridores tinham a percepção extrasensorial, que eram indivíduos capazes de descobrir capelas ?...

Um desentendido irá supôr que a explicação é apenas a apresentação do fenômeno e dirá com Haeckel, em **Les Merveilles de la Vie** — Nenhuma ciência consiste na descrição pura e simples dos fatos observados.

Pois para os médicos essa ciência não consiste na descrição pura e simples dos fatos, senão que a dá ainda como a explicação e justificação dos mesmos.

Dir-se-ia que a Ciência tomou o rumo e o desnorteamento do que vai pelo mundo afora.

* * *

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes : o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação dêsses princípios. Daí, três classes, ou antes três gráus de adeptos : 1.° os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las ; para êsses, o Espiritismo é uma ciência experimental ; 2.° os que lhe percebem as conseqüências morais ; 3.° os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

— **Allan Kardec**

Richet e Kardec

Deolindo Amorim

A obra de Charles Richet, tanto nos domínios da *metapsíquica*, que foi uma de suas trincheiras científicas, quanto na literatura espírita, apesar de suas restrições ou reservas, continua sendo, até hoje, uma das mais autorizadas fontes de consulta. Isto, aliás, é público e notório, como se costuma dizer. Os livros de Richet andam por aí, citados com muita freqüência, o que prova, pelo menos, que são conhecidos de um público não pequeno. Como todo homem notável pelo saber, o grande fisiologista francês não pôde fugir a uma regra inevitável na condição humana: o equívoco. E haverá, ou já teria havido, nêste mundo, algum homem ilustre sem uma contradição, sem determinados *altos e baixos* ou sem um momento de obscuridade em suas idéias?... A lanterna de Diógenes teria que ficar acêsa para sempre, à procura dêsse homem, que nunca seria encontrado, como nunca se descobriu «o homem mais feliz do mundo», segundo a fábula do rei e da camisa.

Seja como fôr, a despeito de tudo isto, que é simplesmente uma contingência da vida terrena, a obra de Richet se impõe pela sua solidez científica. Não compreendo, porém, o juizo de Richet sôbre Allan Kardec. É um juizo negativo e positivo ao mesmo tempo. Veja-se, por isso mesmo, o que está escrito no *Tratado de Metapsíquica*, livro clássico de Richet: *É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante a sua credulidade exagerada, tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apóia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênia, mas também um imponente repositório de fatos.* Muito bem! Eis, aí, no mesmo trecho, duas assertivas incompatíveis: em primeiro lugar, Allan Kardec era um homem de *CREDULIDADE EXAGERADA*; em segundo lugar, o mesmo Allan Kardec se apóia *SEMPRE NA EXPERIMENTAÇÃO*. Das duas uma: se era um homem que se apoiava sempre na experimentação, isto é, um homem que fazia questão dos fatos e das provas, não poderia ter uma *credulidade exagerada*... É difícil harmonizar duas características tão díspares dentro da mesma estrutura psicológica. Um homem de credulidade exagerada não tem condições psicológicas para a experimentação e o raciocínio frio. O juizo de Richet apresenta Kardec através de um flagrante contraste, como se fôssem dois tipos irreconciliáveis: um Kardec experimentador rigoroso, sempre voltado para os fatos, e outro Kardec, francamente oposto, porque levado por uma *credulidade exagerada*. Qual dos dois será o verdadeiro Allan Kardec?...

Afirma Richet, no mesmo passo, e sem cortar o fio do pensamento crítico, que a obra de Allan Kardec não é apenas uma teoria *grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos*. Conceito inteiramente justo e consistente. Entretanto o mesmo Richet, na mesma obra, também escreveu isto: *Os espíritas receberam o meu «Tratado de Metapsíquica» com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fôssem classificados, codificados, marcados, acompanhado-os das necessárias exigências do mètodo experimental.* Foi justamente como procedeu Allan Kardec. Está muito certo o pensamento de Richet, no que diz respeito à necessidade do método experimental. Não poderíamos esperar outra atitude intelectual de um homem de sua formação científica, sempre afeito ao trabalho de pesquisa. Nem por isso, infelizmente, se deixa de encontrar um antagonismo, aliás incompreensível ou injustificado, nas opiniões do próprio Richet: chama a «teoria» espírita de *ingênua e frágil*, mas declara, lá adiante, que é uma teoria *grandiosa e hemogênea, um imponente repositório de fatos.* Como se pode conciliar tudo isto no mesmo raciocínio critico? Como é que uma teoria *grandiosa e homogênea,* e homogeneidade pressupõe unidade e coerência, pode ser também *ingênua e frágil ?...* Se é frágil é porque não tem homogeneidade nem consistência ; se é homogênea, é coerente, tem fundamento lógico, não pode ser *ingênua e frágil.* Afinal, se uma teoria é *INGÊNUA E FRÁGIL* não pode ser, ao mesmo tempo, um imenso *REPOSITÓRIO DE FATOS.* Uma coisa ou outra. Não se pode sair desta dedução. (A idéia de «teoria» e «doutrina» será objeto de futuros comentários). Passemos a outro ponto.

Disse Richet, e com tôda a propriedade, que, pela circunstância de um fenômeno ser raro e inabitual, não se tem de forma alguma, *o direito de concluir que êle não existe.* No mesmo livro («O Sexto Sentido») o grande experimentador acrescenta que «a hipótese espírita é mais cômoda do que qualquer outra e «explica mais facilmente os fatos». Não nega e não afirma. Se assim procede, é natural que o faça por espírito de prudência, bem condizente, aliás, com a mentalidade do autêntico homem de ciência ; e êle o foi dos maiores de seu tempo. E' verdade que, depois, em documento que já foi muito divulgado, isto é, a carta que escreveu a Ernesto Bozzano, Richet como que se rende á própria fôrça da experiência : *E agora, abro-me a você, de um modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e «Sir» Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção.* Certamente havia algum motivo íntimo, que levou o cientista francês a dar um carater confidencial a essa correspondência, o que, não impediu que a confissão se transformasse em documento histórico. Embora não tenha própriamente o sentido de uma profissão de fé espírita, já significa uma revisão de opiniões, uma sensata mudança de posição.

Deixando de lado a parte doutrinária do Espiritismo, porque o Professor Charles Richet se ateve à observação dos fenômenos, preocupado com o aspecto experimental, tanto quanto o fizeram outros experimentadores do mesmo estalão cultural, como Crookes, Barrett, Gibier, para não ir mais longe, o certo é que o *Tratado de Metapsíquica* ainda hoje é uma obra de citação oportuna. Conquanto não possamos invocá-la em abono da Doutrina, justamente no âmago do problema causal com as suas conseqüências filosóficas, porque já se sabe que Richet não perfilhou a interpretação espírita em todos os seus princípios fundamentais, a sua opinião sôbre a chamada fenomenologia supranormal ou inabitual ainda tem pêso em qualquer discussão séria.

Acho, no entanto, que Richet não situou bem Allan Kardec no quadro da crítica. O retrato psicológico, que êle fêz do Codificador do Espiritismo, não é fácil de se entender, porque não corresponde aos traços marcantes do feitío de Kardec. Há um contraste muito contundente na tessitura da personalidade. Depois de dizer, por exemplo, que «é necessário admirar a energia intelectual de Allan Kardec», aponta-o, como já vimos, com uma *credulidade exagerada,* embora sempre apoiado na experimentação. Depois de classificar a Codificação de Kardec de *grandiosa e homogênea,* dois adjetivos inteiramente apropriados à Doutrina Espírita, Richet desfaz tudo isto, dizendo o seguinte : *Essa teoria tem, entretanto, um lado fraco, dolorosamente fraco. Tôda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais diz que os espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que se esteja influenciado por maus espíritos.* Diante disto, vai por água abaixo tudo quanto foi dito pelo próprio Richet sôbre a «energia intelectual» de Kardec, a «fé na experimentação» etc. Evidentemente, uma «teoria» que chega a admitir que os médiuns *NÃO SE ENGANAM NUNCA* não pode ser levada a sério, não tem o lastro de uma teoria *grandiosa e homogênea.* Vemos, portanto, dentro desta conceituação, que Richet traçou o perfil de Kardec através de um retrato psicológico muito contraditório.

Quem lê cuidadosamente a Codificação da Doutrina encontra um Kardec muito diferente, em tudo por tudo, um homem incapaz de se deixar dominar por «idéias preconcebidas». Allan Kardec era justamente o tipo contrário à figura ingênua que Richet nos apresenta. Justamente por não admitir espíritos nem médiuns infalíveis nem oniscientes, a Doutrina Espírita nos recomenda, com os maiores cuidados, que submetamos ao «crivo da razão» tôdas as comunicações recebidas, ainda que tragam nomes de santos ou de celebridades. Allan Kardec trabalhou com mais de dez médiuns, rejeitou muitas comunicações, como êle próprio nos diz, por não estarem de acôrdo com o raciocínio claro: comportou-se, perante os espíritos, com a mesma frieza e o mesmo rigor com que se comportava perante os homens em seus estudos. Jamais a Doutrina Espírita poderia prescrever a crença na infalibilidade dos médiuns. Pois bem, Richet viu a obra e a personalidade de Allan Kardec por um prisma completamente negativo, isto é, o prisma de uma hipótese em que os médinus não se enganam *NUNCA!* Jamais a Doutrina diria ou admitiria tal! Kardec foi o primeiro a reconhecer a necessidade do método experimental no Espiritismo. Veja-se *A Gênese,* cap. I, n.º 14. Kardec declarou textualmente, no *Livro dos Médiuns*: «Enganar-se-iam singularmente acêrca do nosso modo de pensar os que supusessem que aconselhamos a abandonar os fatos; é pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que foi preciso para isso trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações». Que poderíamos querer mais? Um homem que procede assim, com tôda a segurança do verdadeiro espírito científico, um homem que sempre fêz apêlo à razão e à crítica, não poderia enquadrar-se na contextura intelectual de quem se deixasse guiar por uma *credulidade exagerada.* Apesar de alguns elogios, que fêz a Kardec, sem favor, Richet não deu uma idéia real do tipo psicológico do Codificador do Espiritismo. Apesar do mérito de sua obra, apesar de sua grande autoridade científica, Richet não interpretou bem a personalidade de Allan Kardec.

Omissão Deplorável!

TENHO compulsado diversos tratados de Filosofia, recentemente trazidos à publicidade, nêles inexplicavelmente não encontrando referência alguma ao ESPIRITISMO, ao passo que os fenômenos (apenas os fenômenos) de cuja causa eficiente a doutrina sóe ocupar-se, considerados como elementos de análise e de estudo da PARAPSICOLOGIA ou da METAPSÍQUICA, são frequentemente, a êste título, citados e compulsados com rígidas características de uma nova ciência, cujas bases pretende-se nada terem de comum com os princípios religiosos do Evangelho, que constituem os alicerces do CRISTIANISMO.

Sem dificuldade, pode-se ver no fato clamoroso a ação subreptícia de duas correntes de opinião, que se conjugam perfeitamente bem no sentido de dar orientação às normas vigentes na sociedade humana, embora divirjam profundamente no que concerne ao conceito da vida, porquanto uma dessas correntes — a da igreja pseudo cristã — explora a seu favor as delícias de um édem, ao qual podem chegar, **post-mortem,** os que se disponham a comprar, pagando-as règiamente, indulgências e outras fórmulas místicas de fazer com que escapem, aos sorvedouros do inferno, míseros pecadores que jamais quiseram desprender-se dos seus gosos e interêsses terrenos, mesmo conquistados com as lágrimas de semelhantes seus, oprimidos pela devassidão dos potentados, e a outra — a da ciência materialista — esmera-se em novidades multiformes, adrede imaginadas para oferecer maiores comodidades aos que se limitam a pensar nas coisas fungíveis da vida contingente, mas que também satisfazem à maravilha a todos os que esperam a eterna delícia do paraíso . . .

E porque o ESPIRITISMO veio para oferecer à ciência uma orientação espiritualista e à igreja, um sério retôrno ao Cristianismo do Cristo, que prescinde de fórmulas sacramentais e considera como de origem satânica o comércio que alí, infelizmente, se faz com as coisas santas, essas duas potências orientadoras da opinião pública, pelos seus corifeus, omitem propositalmente e com acinte de malignidade inaudita, qualquer referência à Doutrina que desfralda o lábaro da Verdade, recomendando aos homens a liberdade de consciência e advertindo-os de que «FÓRA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO».

O que surpreende, contudo, e se torna inexplicável mesmo, é que escritores dispostos a escrever sôbre a «História da Civilização Ocidental», como Edward Mac Nall Burns, no livro que publicou com êsse título e sub títulos «Do Homem das cavernas até à Bomba Atômica» e «Drama da Raça Humana», esqueçam-se de que o fato realmente culminante, sob o ponto de vista histórico, do século XIX, foi o da Codificação Espírita, omitindo-o, para concluir melancolicamente: «Se ainda não pudemos resolver todos os nossos problemas, sabemos pelo menos o que deveríamos fazer para nos vermos livres de um bom número dêles. A expansão do conhecimento e a aplicação da inteligência nos fornecerão os meios de vencer o restante» — quando poderia gloriosamente concluir: «Estão sendo resolvidos todos os nossos problemas, graças à ação do Cristo de Deus, mediante a prática da caridade, fora da qual não há salvação, visto que o alicerce da caridade é o Amor — e sòmente o Amor edifica para a eternidade, pois que, em verdade, DEUS É AMOR.

Mas, para que Burns pudesse concluir com êsse cântico de vitória sôbre a morte no seu livro, necessário seria que em vez de omitir a nossa esclarecedora Doutrina, incluisse nêle o ESPIRITISMO, ilustrando algumas páginas da obra com a exposição dos princípios fundamentais da Nova Revelação e com a citação das inúmeras experiências realizadas por William Crookes, Aksakof, Myers, Charles Richet, e muitos outros sábios, experiências que provam à saciedade o que o Espiritismo afirma, elevando a consciência humana a um estágio superior de discernimento, que é o que importa para o esclarecimento dos espíritos, dando-lhes a convicção na imortalidade da alma e a crença raciocinada e sincera na existência de Deus, sem o que tôda a edificação religiosa é de base falha e vulnerável aos alviões da Ciência.

Arnaldo S. Thiago

Aviso — Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Causas De Ordem Espiritual Responsáveis Por Lesões Orgânicas

V. O. Casella

Nos nossos três trabalhos anteriores, como vimos, depois da primeira parte introdutiva entrámos na segunda, cuidando da terapêutica mediúnica através da prática passista. E vimos que êste processo se revela suscetível de cura apenas nas doenças de origem no espírito, como as de ordem funcional, sendo inócuo nas de causa de lesão orgânica, como seja, portanto, as de natureza estrutural. Daí a razão, antes de se empregar a terapêutica mediúnica, da necessidade de verificar-se qual a natureza originária da patologia do paciente. Assim, com esta precaução, na cura mediúnica, os grupos espíritas que estariam mediando entre o sucesso e insucesso nessa prática, ao se limitarem apenas nos casos de patologias de origem no espírito, a exemplo das doenças do grupo funcional, ficariam livres da lacuna negativa, evitando-se ainda de incidirem nos acidentes das falsas curas. Entretanto, como pudemos ver, não sendo acessível pela simples presença do paciente, em se saber qual a causa do seu mal, se de origem no espírito ou de lesão orgânica, para fazer-se a seleção, entramos ali na terceira parte, expondo a nossa proposta, numa voluntariosa tentativa para solucionar o importante problema. Foi então que no último trabalho pudemos argumentar da necessidade em não prescindirmos do concurso da distinta classe médica, para que os ilustres facultativos colaborem com a nossa terapêutica mediúnica, orientando-nos nobremente na seleção dos pacientes de patologia funcional, cujos sofredores por livre direito de humanidade apelem para o socorro espiritual, após se revelarem inatingíveis pelos recursos de cura da terapêutica oficial.

Se bem que ali nos nossos trabalhos, aqui relembrados nessa breve recapitulação, os interessados mais atingidos já teriam obtido o esclarecimento suficiente, da necessidade de não se poder empregar a terapêutica mediúnica indistintamente aos dois males, funcional e estrutural, vamos agora prosseguir mais além, aproveitando-se ainda sanar possíveis dúvidas, que talvez teriam assaltado alguns adeptos da doutrina. Êstes, quem sabe, estariam julgando-nos em falta, pois já teriam testemunhado doenças de ordem estrutural, com lesões orgânicas visíveis, curadas pela terapêutica mediúnica comum, enquanto que disseramos não ser essa classe de patologia curável pelo processo da mediunidade. Entretanto, agora com os nossos leitores mais a par do fundamento da nossa tese, já sem perigo de confusões, vamos esclarecer essa particularidade, relembrando esta ressalva, ali deixada no nosso tema do mês de janeiro passado, no que talvez nem todos a teriam observado, na importância do seu valor, quando disseramos: «... sendo nula entretanto, a mediunidade curadora, quando aplicada nas doenças de ordem *estrutural,* de lesão orgânica, cuja causa, bem entendido, também seja de natureza somática».

Ora, se dizemos—cuja causa também seja de natureza somática—, logo subentende-se que não seriam apenas as lesões orgânicas a causa de patologias de ordem estrutural, compreendendo-se que a origem, dos males dêste grupo, de lesões estruturais, também poderá ser psíquica, portanto espiritual. E dentre estas roturas orgânicas, de causa nas perturbações do espírito, encontram-se as visíveis, com eclosões na epiderme, das quais se teriam observado sucessos nas curas mediúnicas.

Portanto, agora estamos sabendo que há doenças de natureza estrutural, cuja causa tanto poderá ser de origem orgânica como espiritual. Aquela, da qual cuidamos até há pouco, na série antecedente, é a que dizemos não ser curável pela terapêutica mediúnica passista, tratando-se de patologia apenas acessível aos processos da medicina normal. Quanto a outra, embora também estrutural, mas de origem nas perturbações do espírito, da qual sòmente agora, no presente tema, estamos evocando, é a que se diz suscetível de cura pela prática mediúnica comum. E note-se que nesta classe de patologia, apesar de tratar-se de lesões orgânicas, em contraste, não são curáveis pela terapêutica oficial. E' que num caso a lesão tem função de causa, e no outro ela é efeito.

Daí a razão de certos sucessos, da terapêutica mediunica passista, na debelação de algumas patologias de roturas orgânicas, visívelmente comprovadas, as quais teriam resistido antes o tratamento médico normal. E' de se ver não ser de hoje que se conhece em medicina tais acidentes psíquicos, que seriam ocasionados devido a choques emocionais, produzindo rompimentos orgânicos.

De fato, como bem reconhece a própria ciência médica, se a causa do distúrbio é psíquica, a cura dar-se-á pelo mesmo processo da origem do mal, mas pelo sentido inverso, utilizando-se os próprios recursos do psiquismo, como terapêutica para anular a causa da perturbação. Daí, como já dissemos, a razão de sucessos mediúnicos na cura de certos males comprovadamente estruturais, se bem que ainda haja outros processos psíquicos, como recurso terapêutico, entre os quais se destaca a hipnose. Contudo, o processo mediúnico leva a vantagem sôbre a terapêutica hipnótica, por não ser preciso o paciente entrar em transe, bastando apenas a sua presença, isto sem falarmos em casos que se dariam até pela ausência, para receptar a ação curadora do médium.

Agora, sabendo-se que também as perturbações do espírito, podem ser causa de doenças de ordem estrutural, dizendo-se então das roturas visíveis, na epiderme, a nosso ver acreditamos de que não haveria necessidade, quando tais pacientes recorrerem à terapêutica mediúnica, exigir-se dêstes ficha médica sôbre a natureza da causa do seu mal, conforme propusemos no trabalho anterior, referindo-se aos doentes sem lesões expostas. Esta exceção que estamos propondo agora, justificaria-se pelo motivo de que em se tratando de patologia com roturas exteriorizadas, eczemas, impingens etc., cuja causa, orgânica ou espiritual, sòmente a investigação poderá revelar, mal algum haveria, como sondagem de princìpio, recepcionar-se o paciente, pelo recurso terapêutico passista. Aqui, se a causa da patologia fôr realmente perturbação do espírito, a cura mediúnica, quando não se dá a curto prazo, não deverá exceder-se além do período habitual, dos demais casos anteriores, semelhantes, tratados com sucesso. A demora fora do hábito, já seria uma inferência a favor de que a causa do mal estaria nos desarranjos da própria estrutura orgânica, reclamando portanto o retôrno do paciente no tratamento médico, do qual teria abandonado por desânimo.

Mas, neste caso, mesmo em se tratando de patologia causada por lesão orgânica, a aplicação mediúnica sendo-lhe negativa, mesmo assim não apresentaria perigo, porque se a lesão é visível não haveria o acidente de falsa cura, como nos casos de lesões internas, a exemplo das úlceras gástricas, conforme comentamos no segundo trabalho, da série passada, publicado em janeiro último. Assim, apesar da negatividade mediúnica, a lesão continuaria no seu processo visível, esclarecendo-se então ao paciente, a insistir na terapêutica médica oficial, não devendo o desânimo antecipar a morosidade, as vêzes necessária, do tempo para a cura. Contudo, antes da recepção mediúnica ao doente, evitando-se desapontos nos casos negativos, bem seria precaver-se, esclarecendo os responsáveis mais diretos do paciente, sôbre a possibilidade tanto do sucesso como do insucesso, na aplicação experimental da terapêutica mediúnica, tudo dependendo da causa da patologia, se espiritual ou orgânica.

Como vemos, podendo a causa de uma mesma doença tanto ser orgânica como espiritual, daí se compreende que dois pacientes, com a mesma lesão orgânica (um eczema por exemplo), submetidos à terapêutica mediúnica, poderá se dar o caso de um se restabelecer e outro não, o mesmo podendo dar-se nos consultórios médicos. Não há dúvida, tratando-se de dois pacientes com a mesma rotura estrutural, mas cada um com uma causa diferente, um a espiritual e outro a orgânica, enquanto que aquêle poderá se curar pelo processo mediúnico, o outro não obterá essa vantagem. E ao inverso, pela terapêutica médica, enquanto o de causa orgânica poderá sanar-se, o outro de causa espiritual a sua patologia resistirá aos recursos da ciência médica oficial. Logo, tem-se que os casos (espirituais) de sucessos mediúnicos seriam insucessos para a terapêutica médica, e os casos (orgânicos) de sucessos pela medicina seriam insucessos para a terapêutica mediúnica. Ainda é de ver-se que há patologias com as duas causas, num mesmo paciente, cuja cura sòmente se completaria com as duas terapêuticas simultâneas, psico-somática, ou seja, pela nossa consideração doutrinária, espiritual e médica.

Por aí, não será difícil compreender-se quantos benefícios trariam a essa classe de indivíduos, sujeitos a perturbações do espírito, se Espiritismo e Medicina se unissem numa colaboração mútua, no combate a êsses males.

Finalmente, se bem que poderíamos prosseguir mais além, para outras amplitudes mediúnicas, em que o médium, através o transe, poderá ser instrumento de entidades espirituais capacitadas para obter curas extraordinárias nas patologias de causa orgânica, cujos fenômenos de extensões até mesmo cirúrgicas são raros, aqui encerramos para não sairmos da tese a que nos propusemos, da terapêutica passista generalizada nas práticas espíritas.

E, como fêcho final, repetimos: se alguém da doutrina discordar ou tiver pontos a reparar na nossa proposta, colabore com a sua parte, apresentando sua objeção que, prevaleça ou não, sempre será aqui bem recebida. A tarefa é de todos que estejam empenhados nos progressos evolutivos da nossa gloriosa causa doutrinária.

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

N. do A. — Na nossa tese ao dizermos dos «médiuns passistas», tal denominação refere-se aos praticantes em geral da terapêutica passista, atuem em transe ou não, cada qual com a sua peculiaridade curadora, de acôrdo com o seu grupo espiritista. Mas a denominação de «médiuns», a rigor seria discutível para a classe dos curadores passistas que laboram no seu estado de consciência. Se o têrmo significa «intermediário», entre os chamados «vivos» e «mortos, os indivíduos com o dom de curar, sem o transe mediúnico, não se chamariam «médiuns». Entretanto, se consideramos o referido têrmo indistintamente para as duas classes de terapêuticas passistas, assim fazemos atendendo ao hábito geral como são conhecidos uns e outros nos nossos meios doutrinários. Assim, aí fica essa ressalva, abstendo-nos de qualquer discussão sôbre essa particularidade denominativa.

Os Princípios Racionais do Kardecismo

Por ANDRÉ MOREIL

(Tradução de La Revue Spirite 3/4/1961 p. 53 por CÍCERO PIMENTEL)

COMO afirmamos em nossa obra «A vida e a obra de Kardec» Paris, 1.960, o fundador do Espiritismo francês não admitia hipótese ou explicação do fenômeno espírita sem confrontar com a razão. A lógica da teoria como a evidência da experiência deviam mostrar um princípio racional que é a base do fenômeno tanto natural como sobrenatural. Kardec considerava o Espiritismo como uma ciência semelhante às ciências exatas, com a única diferença que aquela ainda constituía uma moral de alto valor social.

Ora, a ciência evolue; e pergunta-se agora: «O que era exato e racional no século 19, o é ainda atualmente? Enquanto a física, a geologia, a psicologia, a parapsicologia e a astronomia fizeram um enorme progresso, a ciência espírita pouco progrediu ou mesmo enfraqueceu? Para responder brevemente esses pontos, seja os seguintes exemplos das ciências exatas relacionados com princípios racionais do Kardecismo:

1) O Psiquismo como Fenômeno Eletromagnético

Com a sua pureza total, o espírito torna-se solidário com a organização da matéria. Uma vez encarnado, é uma alma que anima um corpo, que por sua vez, lhe oferece uma roupagem material necessária à sua manifestação. Ora, o corpo pertence à matéria em geral; quem diz matéria diz energia. De modo que o cérebro, por exemplo, enquanto é a séde da alma pensante, é o lugar dos fenômenos psíquicos que se manifestam como energia.

A ciência biológica e médica é levada assim a encontrar nos fenômenos psíquicos uma atividade eletromagnética facilmente comprovada pelo eletroencefalógrafo. Este aparelho que é um gavalnômetro de alta precisão mede a intensidade de uma corrente elétrica. A célula nervosa transforma o alimento levado pelo sangue e as reações vitais e de combustão são registradas pelo aparelho, sob a forma de energia elétrica. O aparelho registra então a energia libertada pelo cérebro. Após muitas experiências, sabe-se que o cérebro emite um influxo nervoso de carga negativa, enquanto que a sua superfície fica positiva.

Pode-se concluir que o pensamento é uma corrente elétrica; sua velocidade é de 50 (cincoenta) metros por segundo. Neste caso, o Espiritismo que desde Kardec sempre afirmou que as explicações dos fatos espíritas (fatos psíquicos por excelência) pode se achar no estudo da eletricidade e do magnetismo, o que é confirmado pela ciência. Que esta energia seja capaz de uma ação moral e de fundo religioso, vem comprovar a superioridade do Espiritismo, tornando-se além de uma ciência exata, uma ciência humanista.

2) Os Fenômenos Alucinatórios

Durante longo tempo pensou-se que o aparecimento de um fantasma no estado de vigília, que representasse o duplo da pessoa, fôsse devido a uma perturbação patológica dêsse indivíduo. O professor Lhermite porém escreveu: «muitas pessoas sadias acham-se em frente de seu duplo, e ainda a sua consciência parece transportada e incorporada nessa imagem alucinatória». Em psiquiatria tal fato leva o nome de Hoautocóspia. Cuny no livro «Cérebro e Doenças Mentais» (1960), ed. Del Luca, França, se exprime dizendo: «A consciência incorpora-se numa imagem virtual sob a forma de alucinação».

A doutrina espírita que sempre afirmou o estado normal, são, científico do desdobramento, encontra uma justificação de médicos psiquiatras, o que é um fator de seu progresso.

3) O Éter Perispiritual

O problema do éter, de enorme importância nas lições espíritas de Allan Kardec, sofreu muitos ataques por parte dos físicos. No século 19, onde tudo se explicava pelos fluidos, o éter enchia todo o universo porque era o fluido mais rarefeito. Era então normal para uma doutrina que postula a existência dos espíritos no espaço, que o éter fôsse o elemento material, explicando o movimento e a corporeidade que revestia os espíritos. Entretanto, desde o comêço dêste século, o éter dos físicos se mostrou contraditório. Para explicar as vibrações de freqüência muito alta da luz, o éter deveria ter uma densidade de 1 milhão de vêzes à do aço; de outro lado, afim de permitir o movimento dos astros e dos planêtas, sua densidade deveria ser a milionésima parte da do hidrogênio.

No nosso século o éter cede seu lugar à teoria dos corpúsculos; os fluidos de outrora e mesmo o éter seriam formados de corpúsculos. Há assim corpúsculos de luz, de calor, de eletricidade. O éter espacial é também uma partícula, o «espacion» (ver J. Bergior), «As Muralhas Invisíveis», 1.959. Ao mesmo tempo, os físicos verificaram que a experiência não pode situar com precisão a posição de tôdas essas partículas. Se o éter, como fluido que enche o espaço, não é mais admitido, como partícula, êle como todos os outros fluidos, acham-se aqui e acolá; acham-se ao nosso lado e no ponto mais afastado do universo. Aplicada ao homem (reunião de átomos) essa hipótese científica demonstra o fundamento do Espiritismo, ao afirmar a qualidade de ubiqüidade da alma (ver Livro dos Espíritos). O espaço jamais poderá ser vasio, pois o envoltório perispiritual do Espírito que pode ser definido de acôrdo com a explicação atual do éter (pouco importa o resto), acha-se sempre em algum ponto do espaço.

De outro lado, se o pensamento, como fluxo elétrico é formado de partículas que pode atingir qualquer lugar do espaço, o inverso, isto é a comunicação entre os Espíritos (pensamento puro) e nós é um fato normal, lógico e experimental. Mais do que nunca, o princípio racional do Kardecismo acaba de ser verificado pela ciência exata.

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

ARIGÓ PERANTE A CIÊNCIA

Não Temos Condições Científicas Para Exame de Casos Paranormais

Arigó sèriamente ameaçado — Atraso científico do Brasil no campo paranormal — Balanço dos depoimentos médicos desta série

Prof. J. Herculano Pires

Os depoimentos médicos publicados nesta série comprovaram, de maneira insofismável, a natureza paranormal dos fenômenos de Congonhas do Campo. Os médicos de São Paulo que lá estiveram, e presenciaram os fenômenos, foram unânimes em sustentar essa tese. Opusemos, assim, ao pretenso veredito científico de uma série de artigos publicados na imprensa local, por um médico psiquiatra e um professor de psicologia, o depoimento de tôda uma equipe de médicos, inclusive especialistas nos campos de maior incidência dos fenômenos. Nenhum dêles endossou a tese temerária da fraude, da mistificação, ou da possível paranoia de Arigó.

Acresce notar que os autores da série de artigos contra Arigó, embora unidos na acusação, não o estiveram na verificação dos fenômenos. O médico psiquiatra que assinou os artigos jamais tinha ido a Congonhas e jamais conhecera Arigó, como declarou em programa de televisão do Canal 4, respondendo a uma pergunta do escritor Jorge Rizzini. As observações foram feitas exclusivamente pelo professor de psicologia. Nesta série, partimos das nossas observações pessoais e só publicamos depoimentos de médicos que também as fizeram. Nenhum dos nomes que respondem pelos relatos que divulgamos e pelas opiniões aqui emitidas aparece gratuitamente. Pelo contrário, respondem todos por aquilo que viram, observaram e avaliaram.

Convém esclarecer, ainda, que os médicos por nós ouvidos não foram a Congonhas ao mesmo tempo, mas em ocasiões diferentes, e alguns dêles várias vêzes. A maioria dêles não eram nossos conhecidos. Esta série nos deu a oportunidade de encontrá-los. O critério de escolha baseou-se ùnicamente no fato de terem ido a Congonhas. Queriamos ouvir, e ouvimos, testemunhas oculares dos fenômenos, cientìficamente capacitados para se pronunciarem a respeito. Os relatos que nos fizeram são de uma clareza e uma coerência absolutas, confirmando as nossas próprias observações. Esta série, confirmada pelas fotografias e pelos filmes sôbre os fenômenos, não deixa margem a dúvidas e sofismas quanto à sua existência e à sua natureza paranormal.

Balanço dos Fenômenos

Fazendo um rápido balanço dos fenômenos relatados pelos médicos que ouvimos, chegámos a estas conclusões:

1) Arigó age em estado de transe, pronunciando frases em alemão e falando português com sotaque alemão. Condição verificada por nós e confirmada por todos os médicos que ouvimos, embora alguns não possam afirmar que as frases estranhas sejam

exatamente de alemão, por não conhecerem suficientemente essa língua.

2) Arigó age de maneira ríspida, não procurando agradar ninguém, nem mesmo os que declinam sua qualidade de médicos. Não procura clientela e nem mostra desejo de conservá-la.

3) As intervenções — tanto as operações quanto os chamados «exames a ponta de faca» — são feitas sem anestesia, sem assepsia, sem qualquer cuidado pré-operatório, sem ação hipnótica, aplicação de técnica letárgica, de acupuntura, de kuatsu, sem instrumentos ou ambiente adequados. Os pacientes não acusam dor e se mostram conscientes durante o ato, respondendo a perguntas.

4) Os diagnósticos são feitos por meio extrasensorial, inclusive à distância. Aos pacientes presentes Arigó geralmente pergunta o que sofrem, mas receita enquanto falam, e muitas vêzes corrige os doentes. De outras vêzes receita para uma moléstia corriqueira, de que o doente se queixa, mas acusa aos familiares e a outras pessoas a presença de cancer, realmente existente.

5) Os diagnósticos, as receitas e as operações são efetuados com extrema rapidez. O médico Ary Lex cronometrou a extração de um quisto sinovial, realizada em trinta segundos. Verificamos pessoalmente, no trabalho de consultas, a média de uma consulta por minuto.

6) Arigó deixa a faca ou o bisturí pendurados nos olhos do paciente, depois de enfiá-los entre o globo ocular e a palpebra, na direção da arcada superciliar. Move a faca ou o bisturí na região ocular, sem o menor cuidado, com violência, voltando o rosto para outro lado, e sem provocar ferimentos. Produz, com a faca, a protrusão do globo ocular. Na presença do médico Elias Boainain, deixou o bisturí e a faca pendurados, ao mesmo tempo, num único olho do paciente.

7) Arigó produz a hemostasia e a coagulação do sangue por meio de ordens verbais ou simples aplicação de pequenas mechas de algodão. Na presença da médica Maria de Lourdes Pedroso, fez o sangue parar na curva do maxilar do paciente, no momento exato em que devia escorrer pelo pescoço.

8) Arigó identifica pessoas entre o povo, inclusive médicos que pretendiam observar anônimamente os fenômenos, como ocorreu com a médica psiquiatra referida no item acima.

9) Arigó limpa a faca ou o bisturí nas mãos dos circunstantes ou em suas roupas, e depõe nas suas mãos as peças anatômicas extraídas. Na presença da psiquiatra acima referida, limpou o bisturí na blusa de uma moça, e a blusa não ficou suja, embora o bisturí ficasse limpo.

10) Arigó produziu, na presença do médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, a cicatrização imediata de uma incisão para extração de quisto sinovial, deixando no lugar «apenas uma leve cicatriz».

Todos esses fenômenos são de natureza evidentemente paranormal, testemunhados pelos médicos e por milhares de pessoas, de todos os graus de cultura, que têm ido à procura do sensitivo. Outros fenômenos, como o aparecimento de líquidos em mechas de algodão, nas mãos de Arigó ou de pessoas que o ajudam, inclusive médicos, e o movimento de instrumentos cirúrgicos sem contacto do médium, são relatados por centenas de pessoas.

Incluimos nesta série um relato de ação do médium à distância, feito pelo médico Osvaldo Lidger Conrado, e outro de operação uterina, em que instrumentos cirúrgicos se moviam sozinhos, constante de livro publicado pelo médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, e pelo mesmo médico confirmado, em entrevista escrita, concedida ao reporter Moacyr Jorge. São fenômenos de psicocinesia ou telecinesia, comprovados nas experiências científicas da parapsicologia, após as provas das experiências metapsíquicas. Produzidos pela ação da mente sôbre a matéria. O fenômeno de cicatrização imediata, relatado pelo médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, pertence a essa categoria.

Balanço das Operações

As operações relatadas pelos médicos que depuseram nesta série foram as seguintes :

1) Pterigio, nos depoimentos do oftalmologista e cirurgião ocular Sérgio Valle, que citou como testemunha o seu colega Peri Alves Campos; do especialista em cirurgia geral, Ary Lex; da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso.

2) Catarata, no depoimento do cardiologista José Hortencio de Medeiros Sobrinho, que mencionou uma técnica de raspagem. O médico Ladeira Marques, do Rio, na citação que fizemos, refere-se a extração do cristalino. Essa contradição aparece em numerosos relatos, parecendo que Arigó emprega duas técnicas diferentes, em ocasiões diversas. Ouvimos de uma oculista a acusação de que Arigó usa uma tecnica de raspagem, empurrando o cristalino de maneira perigosa, para dentro da órbita, segundo um velho processo chinês. Êste é um caso curioso, a ser esclarecido.

3) Sinusite, com perfuração do assoalho do seio frontal, no depoimento da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso, confirmando um dos episódios do relato de nossas observações pessoais.

4) Quisto sinovial, drenagem, sem fechamento do corte, no depoimento do cirurgião Ary Lex; extração com fechamento e cicatrização paranormal imediata, no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho.

5) Lipoma, duas extrações, no depoimento do cirurgião Ary Lex, que cronometrou uma delas, verificando que foi realizada em apenas trinta segundos.

6) Fundo de olho, com protrução ocular, restabelecendo a visão de um cego desde a infância, no depoimento do médico Hortencio de Medeiros, que não pode precisar a natureza exata dessa intervenção. Também o médico Ladeira Marques, no Rio, refere-se a uma operação semelhante.

7) Surdez, com introdução de uma pinça envolta em algodão nos ouvidos do paciente, sem extração de cera ou de qualquer outro elemento. O algodão saiu apenas manchado de serosidade amarelada, e o paciente ficou ouvindo. Depoimento do médico Hortencio de Medeiros Sobrinho.

Casos de Cura

Os casos de cura relatados pelos depoimentos médicos desta série são os seguintes:

1) Câncer, cura radical, por receituário, de uma paciente de 28 anos, casada, no depoimento do médico Hortencio Medeiros Sobrinho. Caso comprovado com exames e operações anteriores, exames e operações posteriores. Cura radical, numa paciente de 30 anos, casada, no depoimento do médico Osvaldo Lidger Conrado. Caso comprovado, como o anterior, mas não por operação posterior. Devemos juntar a êste ítem o importante caso de remissão do processo canceroso, num paciente médico, de 72 anos de idade, relatado pelo medico Osvaldo Conrado, e o caso de cura radical de câncer da laringe, que serviu de ilustração a um de nossos artigos, relatado pelo próprio paciente, o cirurgião-dentista Otto Teixeira de Abreu, à rua Riachuelo, nesta capital. Caso comprovado anteriormente, por quinze radiografias, uma laringoscopia e uma biopse.

2) Cura à distância (Arigó em Congonhas e o paciente em Salvador, na Bahia) de um caso de uremia, em estado de coma, no depoimento do médico Osvaldo Conrado. Êsse caso envolve também o fenômeno de precognição ou premonição, tendo o sensitivo anunciado a vinda futura do doente a São Paulo, que se confirmou.

Exame Científico do Caso

Esta série provou a inexistência, no Brasil, de condições para o exame científico de casos paranormais. Os médicos que nos prestaram o seu depoimento foram a Congonhas isoladamente, por motivos diversos, que apenas num caso ou outro eram de ordem científica. Há onze anos Arigó produz os seus estranhos fenômenos, a duas horas de Belo Horizonte, por rodovia asfaltada. Até o momento, apesar de todo alarde produzido no país, através da imprensa, do rádio e da televisão, nenhuma instituição científica, oficial ou particular, designou uma comissão, ou um investigador, para pelo menos informá-la a respeito das ocorrrências.

Essa situação decorre de uma condição de atraso do nosso meio científico, em relação às pesquisas parapsicológicas. Enquanto na Argentina, por exemplo, existem dois Institutos de Parapsicologia, um dirigido pelo prof. Ricardo Musso, autor do livro «En los limites de la Psicologia», em que relata experiências realizadas no país, e outro pelo prof. José S. Fernandez, catedrático das Universidades de Buenos Aires e Mar Del Prata, autor de «Parapsicologia Experimental», no Brasil existe apenas um projeto de lei no Congresso, para a criação de cadeiras da matéria em nossas Universidades.

Êsse atraso científico é tanto mais inexplicável, quanto é intenso o interêsse popular pela fenomenologia paranormal. A omissão dos cientistas implica a entrega do problema às mãos de charlatães ou de pesquisadores ingênuos. Um caso como o de Arigó é logo retirado do seu «ambiente apropriado», segundo a expressão do médico Sergio Valle, e transferido para o plano das disputas religiosas e do cambate ao curandeirismo. O sensitivo é prejudicado, a sua atividade se converte em objeto de controvérsias as mais absurdas. Caimos no terreno da charlatanisse intelectual, acobertada por títulos universitários.

Esta série deve encerrar-se com a advertência feita pelos médicos que nela depuseram, e que subscrevemos desde o princípio: Arigó está em perigo. Não o perigo do absurdo processo-crime que lhe movem na Justiça, pela segunda vez, mas um perigo muito mais grave: o do desvirtuamento das suas faculdades, com graves prejuizos para a sua própria saúde, o seu equilíbrio psíquico e mental, e para a saúde pública. Porque as campanhas de desmoralização do sensitivo, cada vez mais intensas, provocando defesas apaixonadas, e a ameaça de prisão e condenação que pesa sôbre êle, representam uma perigosa pressão para a sua sensibilidade. Há episódios históricos, que deviam servir-nos de advertência, como o das famosas Irmãs Fox, relatados minuciosamente por Conan Doyle.

Tratando Arigó com a leviandade de quem não entende do assunto, escreveu há tempos um cronista que, dentro de alguns anos, êle não produzirá «milagres» nem para o seu círculo familiar. Êsse é o fim normal de tôdas as atividades psíquicas e intelectuais demasiado intensas. Um sensitivo se exgota, como se exgota um pensador. Mas o fato mesmo de exgotar-se prova a existência anterior de suas faculdades. No caso Arigó, a advertência irônica do cronista serve para nos lembrar que o exgotamento poderá vir antes do tempo, através de complicações dolorosas.

De nossa parte, esperamos que Arigó seja salvo, do tremendo perigo que o ameaça, pela intervenção de algumas instituições particulares, capazes de entender o problema e agir em tempo. Mas Arigó não é o único sensitivo em ação no país. Podemos assegurar que o Brasil é um verdadeiro celeiro de sensitivos, produzindo a mais rica fenomenologia paranormal, inteiramente desbaratada ou perdida, sob a ameaça dos veriditos pseudo-científicos e a pressão dos interêsses religiosos e profissionais. Não se pode mais admitir, diante dos progressos atuais da ciência nesse campo, a indiferença por um caso natural, espontâneo, de fenômenologia paranormal como o de Arigó, entregando-se o sensitivo, inteiramente desamparado e desorientado, à voracidade dos interêsses contraditórios. Que esta série possa servir para levar o caso Arigó a sua necessária solução.

Do «Diário de S. Paulo», de 9 de agôsto de 1962.

* * *

A mediunidade não é uma arte, nem um privilégio de talento; não pode tornar-se profissão, por depender do concurso dos Espíritos; se êstes faltarem, deixará de haver mediunidade; a aptidão poderá subsistir, mas o seu exercício ficará nulificado. Assim, não há no mundo um só médium que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em determinado momento.

ALLAN KARDEC

Serões Bíblicos - X

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo X)

— Todavia, acrescentou Lumbaio, essa luz que o Gênese diz ter sido criada no princípio, já existia desde a eternidade, porque de acôrdo com a Bíblia, Deus habita em uma luz inacessível. Êle é a própria luz (I João 1,5).

— Luz é o nome genérico, retrucou Chilon, com entonação de enfado, que significa muita coisa. Se o que você afirma fôsse exato, sendo Deus a mesma luz, ao criá-la, criava-se a si mesmo. Se êle habita na luz, então não é a luz, porque o habitante não é a mesma habitação. Além disso você declarou ser inacessível aquela luz na qual Deus habita, por conseguinte não se trata desta luz acessível que nos penetra os olhos, que nos envolve, na qual habitamos e da qual nos nutrimos, visto que somos sêres lucifugos além de lucigênitos. Qualquer individuação é resultante do elemento do seu meio; a matéria é individuação do meio energético que a cerca, do mesmo modo que os anjos são concentrações daquela luz inacessível de Deus na qual habitam. A luz-energética, ao tornar-se em matéria, parodia a luz-divina-essencial que se tornou nos anjos. Por consequência, a luz referida por João é Jesus Cristo, dada como sendo a luz-dos-homens. Jesus é parte daquela luz-divina-essencial-nacessível que circunda o Universo físico, a qual se concentrou naqueles focos crísticos que são os anjos; trata-se, portanto, de luz moral, que não desta outra que se concentrou em matéria nos primórdios de nosso Universo. Deus está para além do espaço (matéria) e do tempo (energia) no reino do puro pensamento (espírito), sendo, logo, de natureza moral. Deus é da natureza de Lei de Princípio que a Ciência não inventa, mas, descobre.

Lumbaio, meio enleado pelo discurso acrológico de Chilon, saiu-se com mais esta sem-razão do seu mestre Shalders:

— Dizer então que Deus criou a luz, independente de haver primeiro criado sua fonte, o Sol, equivale a afirmar que êle deu ao éter a propriedade de vibrar com certa frequência, aquela que nossos olhos vêem como luz; mas para isto levaria Deus um dia inteiro que representa uma época de milhões de anos? Não bastaria só o exercício da sua vontade para efetivar êsse acontecimento?

Com ar chistoso, respondeu, Chilon, sem se perturbar:

— Você mesmo, Lumbaio, foi o que disse, não eu, que «Deus deu ao éter a propriedade de vibrar»; ora, para que o éter pudesse vibrar, preciso era criar o éter, ou seja, o espaço, para que, depois, a luz fôsse apenas vibração do éter, ou perturbação do espaço. Vê? como a coisa se complica, pelo que foi preciso nisto gastar um dia? Se nem a ciência apreende, ao certo, o conceito de espaço, como julga você fácil o ato criador de Deus?

—Está bem... está bem... redarguiu Lumbaio; dou que o seja assim. Todavia, por que acrescenta o texto que viu Deus que a luz era boa; Acaso faria Deus uma coisa que não fôsse boa?

— O conceito de bem e de mal, retorquiu Chilon, ainda não se tinha formado. E como as Escrituras se escreveram para uso dos homens, e não para o de Deus, precisava ficar explícito que o que Deus faz é bom, pois os primitivos não sabiam disto, como nós, hoje.

Lumbaio dava mostras de impaciência; mas não querendo dar-se por vencido, saía-se com qualquer coisa do seu Shalders, ùnicamente para não ficar quieto. É assim que vozeou irritado:

—Onde há luz pode haver trevas? Não são as trevas ausência da luz? Por que foi preciso a intervenção do Criador para separar a luz das trevas?

— Hoje, prezado Lumbaio, sabemos disso. Mas o primitivo dá realidade à sombra e às trevas. E Moisés falava a primitivos que não a nós. Contudo, agora, se você mo permitir, quero interrogá-lo um pouco!

— Seja como quiser, anuiu, Lumbaio, contrafeito.

— Você não me disse que a treva é ausência da luz?

—Fêz sim, com a cabeça, Lumbaio.

— E atrás você não afirmou que Deus é a luz?

— É o que se acha escrito em João, disse êle.

— Por conseguinte, as trevas são ausência de Deus?

— Concordo que o seja.

— Então, onde houver trevas, aí não há Deus?

— Isso é evidente; de acôrdo com a premissa aceita, a conseqüência, agora, me força a dizer que não há.

— Portanto, como a maior porção do Universo é treva, segue-se que nessa Deus não está, não é assim?

— É... com relutância o digo.

— Logo, essa parte está fora de Deus; e se Deus pode ter foras, tem limites; e se tem limites é finito; e se é finito não é Deus! Todavia Deus é infinito, você não acha?

— Acho; pelo menos para efeito desta nossa discussão, aceito que Deus existe pelo que lhe não posso negar o atributo de infinito.

— Conseguintemente Deus está em tôda a parte por onipresença? achando-se também nas zonas trevosas do Universo; está certo isto?

— Está.

— E se Deus disse que a luz é boa, então, o oposto, as trevas, é o mal; e como êle tanto está na luz como nas trevas, então tanto está no bem como no mal?...

— Perdi, agora, o pé, disse Lumbaio. Já não entendo mais nada...

Ante êste embaraço de Lumbaio, prosseguiu, Chilon, com gôsto, a sorrir:

— Pode continuar com o seu Shalders. Eu só estava dando um fio na espada da dialética, que o mestre Árago me está ensinando a usar!...

— No Gênese 1, de 6 a 8, está assim: «Disse também Deus. Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. Etc.» A linguagem aqui é meio obscura, não acha?

— Para nós, com nossa forma mental, sim; mas se-lo-ia para os primitivos? A linguagem duma criança é ininteligível para quem não conviva com ela; todavia sua mãe, quando lhe fala naquela mesma linguagem, faz-se entendida. Ora, Moisés (ou Deus por êle) não nos tinha a nós em conta ao escrever do Pentatêuco o Gênese. Separar umas águas doutras águas, significa formar os mares da grossa capa de vapores que obscureciam, por inteiro, a face do Sol. Imagine que chuvas torrenciais caíram, como que na chapa quente dum fogão, evaporando-se em seguida, e assim, por centenas de milhões de anos. Até que a Terra se resfriou mais, e as águas líquidas puderam ficar embaixo, formando os mares ferventes. Separar umas de outras águas significa isto: separar as águas gasosas das líquidas.

— Aqui, em Gên. 1, de 9 a 13, prosseguiu Lumbaio, «disse Deus: As águas que estão debaixo do céu ajuntem-se em um mesmo lugar, e o elemento árido apareça. E assim se fêz. E chamou Deus ao elemento árido Terra, e ao agregado de águas Mares». Além do descrito nesta parte, Deus criou, nêste dia terceiro, os vegetais. Conclui-se do texto, portanto, que o trabalho de Deus durante o terceiro dia da Criação consistiu em separar os continentes dos mares e criar o reino vegetal. Quanto à primeira parte, não obedeciam as águas à lei da gravidade desde o princípio? Necessitaria para ajuntamento das águas alguma determinação especial?

Para que as águas pudessem escoar para as depressões, replicou Chilon, preciso era que estas se formassem. E não há enrugamento nenhum que só forme reentrâncias e não também saliências. Por isso, falar em separação de águas e terras é referir-se ao que os geólogos classificam de era do levantamento dos continentes.

— Então até o terceiro dia, redarguiu Lumbaio, a superfície da Terra era destituída de rugosidade, completamente coberta de águas. Durante o terceiro dia, então, Deus fêz surgir as elevações, as depressões, as montanhas, os planaltos e os vales, obrigando-se as águas a correrem para as partes baixas, formando os mares; não é assim?

— Em tôdas as eras geológicas houve perturbações orogênicas que transformaram o relêvo, modificando o aspecto físico do globo; porém estas perturbações, a que os especialistas dão o nome de *cataclismos geológicos*, marcaram certas eras indelevelmente. A elevação do grande monobloco continente, que, posteriormente, se fragmentou nos continentes atuais, ocasionando a separação dos mares, deu-se na era Arqueana, depois do que, a vida vegetal, surgida nos mares, ganhou a terra enxuta. Quer dizer que a era Arqueana geológica corresponde ao terceiro dia da Criação; logo a Primária corresponde ao quarto dia; a Secundária, ao quinto; a Terciária, ao sexto; e a Quaternária, ao sétimo.

A estas observações de Chilon, Lumbaio depôs a Bíblia sôbre o peitoril da janela, a fim de acender um cigarro. E enquanto meditava sôbre o que dizer, puxou umas fumaçadas, falando, a seguir:

— Ainda tornaremos a êste ponto, porque o texto diz que Deus descansou ao dia sétimo, e não que executou as obras correspondentes à era Quaternária. Porém, para não nos perdermos em pormenores, toquemos por diante. No capítulo 1, versículos de 14 a 19 do Gênese, diz assim: «Disse também Deus: Façamos uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia da noite, etc.» Se o Sol foi criado aqui no dia quarto, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário até então?

Ao tempo em que Chilon se dispunha a deslindar mais esta questão, Lumbaio fêz-lhe sinal, com a mão, para que esperasse. É que êle estava atento a observar os movimentos de Tonhão Porcelo que atravessava a rua vindo no rumo da pensão a procura de Lumbaio, pelo que disse êste:

—Encerremos, aqui, nossa disputa, por hoje; aí vem Tonhão, o ricaço e tolo, solicitar os meus serviços mediúnicos. Preciso ir preparar-me a fim de recebê-lo. Para êle eu sou um grande médium, um missionário vindo de alta esfera espiritual, com autoridade sôbre os espíritos que me obedecem sejam quais forem minhas ordens. Eu sou profeta ou mago da estatura e fôrça de um Balaão, no conceito dêle, e por isso êle me tem fé... e preciso aproveitá-la bem...

Ao proferir, sorrindo, estas últimas palavras, Lumbaio sublinhou-as, como se fôra com um traço, ao tempo em que esfregava o polegar no indicador, para dizer que era de dinheiro que se tratava. A discussão de ambos ficou parada nisto, por culpa de Tonhão Porcelo que viera, espontâneamente, trazer a própria pele a seu escorchador.

Êste foi o assunto da discussão entre Lumbaio e Chilon nos três dias da ausência dêste na casa de Árago. Depois dêste relato de Chilon, disse-lhe o mestre que esteve o tempo todo a ouví-lo:

— Muito bem, Chilon! Gostei de ouvir sua dissertação. Houve momentos em que me senti falando por sua bôca, como se você me fôra porta-voz, dado que suas palavras eram como se foram minhas. Agora, se lhe apraz, vamos dar um passeio de canoa aí pelo Mar-de Dentro, visto que preciso chegar até meu telheiro, a fim de buscar o rifle que esqueci fora da capa, exposto, portanto, à umidade e à ferrugem.

Estudando Kardec

Kardec, há mais de cem anos, desempenhou uma árdua missão, codificando o Espiritismo e enfeixando seus ensinamentos numa série de livros.

Tais livros, tratando de todos os aspectos da religião espírita, constituem o que se chama codificação kardeciana. O codificador, ao coordenar as questões, evidencia ter agido com cuidado extremo. Como educador emérito que era, procurou executar a obra de maneira a possibilitar o seu estudo do modo mais simples possível.

Na atualidade, os oradores espíritas pregam incessantemente a necessidade do estudo das obras básicas do Espiritismo, como auxílio à evolução espiritual do homem. Isso, no entanto, vem sendo feito há mais de meio século. A coletividade espírita, porém, sendo constituida na sua maioria por pessoas desprovidas de grandes recursos financeiros, encontra dificuldades enormes para alcançar tais ensinamentos, dado não só o alto custo do livro como, também, a falta de uma orientação melhor de como aprofundar-se no estudo do Espiritismo.

Kardec não pode ser estudado à maneira como se lê um romance. As questões abordadas completam-se de maneira ordenada, pelas diversas partes dos livros da codificação.

Se há dez ou vinte anos atrás era profícuo o simples chamamento ao estudo por parte dos oradores espíritas, tal não acontece em nossos dias. Depois de uma exortação ao estudo, querem os espíritas saber como proceder para haurirem todos os ensinamentos contidos em Kardec, querem saber quais as relações entre os diversos livros. Querem, enfim, saber como estudar Kardec.

Com essas conclusões, tiradas do estudo profundo da situação do movimento espírita e da sua natureza, alguns confrades lançaram, em São Paulo, um movimento para formação de Grupos de Estudos. Sua finalidade é, primordialmente, a promoção do estudo metódico da doutrina, baseado na codìficação kardeciana.

As principais funções do Grupo Promotor, que coordena tal movimento, são duas: primeiro, conclamar os espíritas ao estudo e após isso, dar-lhes os elementos para tanto.

Assim é que o Grupo Promotor, baseado na sua experiência e na de outros grupos já formados, fornece a quem solicitar, um plano de estudos da doutrina espírita, bem como o respectivo temário, com tôdas as indicações necessárias ao seu bom entendimento. Com isso, os confrades componentes de um grupo de estudos podem chegar ao conhecimento das questões científicas, filosóficas e religiosas abordadas pelos espíritos encarregados de auxiliarem a codificação, da maneira mais completa e metódica possível. Com isso, poderão chegar ao final do temàrio com a certeza de terem aproveitado satisfatòriamente seu tempo.

Nota-se, ainda mais, que os que se dispuserem ao estudo, empregarão seus esforços próprios, de maneira total, eis que, no temário fornecido só encontrarão as indicações bibliográficas dos temas, sendo o estudo feito no texto de Kardec, exclusivamente. Dessa forma o estudioso chegará à conclusão necessária sem que lhe tenham oferecido quaisquer sugestões alheias ao Espiritismo.

Duplo objetivo será atingido: estudo metódico, completo e profundo e a extirpação das confusões doutrinárias que óra proliferam.

Os Grupos de Estudos poderão se formar em qualquer lugar, com o número máximo de dez a quinze pessoas. Suas normas de funcionamento, bem como o plano de estudos e o temário são fornecidos pelo Grupo Promotor de Estudos Espíritas, gratuitamente, mediante solicitação à Avenida Lins de Vasconcelos, 2752, Cambuci, Zona Postal 12, São Paulo.

Eis aí completado o chamamento dos espíritas: confrades, estudem Kardec, facilitando sua caminhada evolutiva. Façam-no com método e atenção. O Grupo Promotor de Estudos Espíritas fornece os meios necessários.

Paulo Jacinto

Crônica Estrangeira

UM CASO DE PREMONIÇÃO

BOGOTÁ, 26 (AFP) — Um dos passageiros colombianos do «Boeing» que caiu em Guadalupe, em rota entre Paris e América Latina, sabia que ia morrer antes de voltar a pisar terra colombiana e, segundo se revelou, havia comunicado seu pressentimento a alguns de seus familiares.

Êste foi o caso do jovem e já famoso poeta e ensaista Jorge Gaitan Duran, que pouco tempo antes de fazer a viagem para a Europa, em abril passado, expressara sua convicção, a qual não se baseava em nenhum fato fora de uma premonição, de que não regressaria vivo. No dia de sua saída de Bogotá, Gaitan havia chamado sua primeira espôsa, de quem vivia separado, pedindo-lhe que viesse despedir-se dele no aeroporto, com um filho que tiveram dêste matrimônio, «a que disse, queria ver mais uma vez».

Igualmente Gaitan deixou em dia todos seus negócios e, em seu apartamento, foram encontrados numerosos objetos pessoais enpacotados em malas providas de etiquetas com a indicação dos nomes dos amigos, aos quais as levava caso lhe acontecesse algo.

O último livro publicado há poucos mêses por Jorge Gaitan se intitulava: «Si Un Dia Despierto», e nele se expressa o mesmo pressentimento de uma morte próxima. Mas, neste livro de versos, o poeta, ao qual a vida sorria: havia acrescentado: «Yo no mer indo: quiero vivir cada dia en guera, como si fuera el ultimo».

De «Mundo Espírita»

Como se vê, trata-se de um telegrama expedido por uma agência da capital da Colômbia e publicado nos jornais profanos de diversos países.

O acúmulo formidável de tais notícias formam o acêrvo dos fatos que foram ou têm sido até hoje considerados como oriundos da superstição.

A CRIANÇA VOLTA

De «Two Worlds»

Existe na ilha de Zeeland, Dinamarca, uma estalagem à margem de uma estrada larga que corre através de uma região de densas florestas. A estalagem é visitada por «touristes» e veranistas atraídos pelas belas paisagens, sossego e clima agradável.

Os poucos e pequenos quartos estavam sempre ocupados nos mêses de estio, de modo que o proprietário muitas vêzes se via obrigado a alojar hóspedes num pequeno quarto das águas-furtadas. Sempre acontecia os hospedados dêsse quarto se queixarem de perturbações causada pelo aparecimento de um fantasma de criança, que ajoelhada no soalho arranhava, arranhava uma certa tábua, com as unhas. Êstes fatos sempre agitavam os hóspedes durante o resto da noite.

O estalajadeiro, homem por demais ocupado, no princípio não dava atenção às reclamações. Porém, como o soalho estava necessitando de reforma, veio o carpinteiro e retirava o soalho, quando debaixo de certa tábua solta, achou uma grande moeda de cobre, que êle mostrou ao proprietário e êste ficou perplexo. Porém logo a coisa ficou esclarecida e é esta história por êle contada: «Um dia chegou um músico ambulante e tocou em frente da casa. O estalajadeiro entregou uma grande moeda de cobre à sua filhinha para passá-la as mãos do músico. Pouco depois a menina morreu e o pai descobriu ter ela ficado com a moeda e tê-la escondido debaixo da tábua solta, pois era o quarto em que dormia. Depois de sua «passagem» (morte), ela aparecia com o fim de chamar atenção para a moeda. Descoberta a moeda e tudo esclarecido, o fantasma nunca mais voltou».

ESPÍRITOS MATERIALIZADOS DANÇAM COM OS ASSISTENTES

De «Estudos Psíquicos»

Frank Decker é um famoso médium norte-americano de voz direta e efeitos físicos que tem dado origem aos mais estranhos fenômenos. O *New York Spiritualist Leader* conta coisas extraordinárias, entre elas a de formas materializadas dançarem com assistentes a duas sessões de efeitos físicos, em que o médium citado exerceu as suas faculdades. Êste fato verificou-se uma vez, apesar de certas condições impostas antecipadamente. Doutra vez, os fenômenos foram variadíssimos: «apports, voz direta», etc., enquanto tapavam a bôca ao médium.

Alguns assistentes declaram que, ao mesmo tempo que tapavam a bôca e seguravam as mãos e as pernas de Frank Deck, sentiam as mãos do Espírito-guia *Patsy* e ouviam claramente uma voz cochichada.

Quanto ao episódio da dança, diz o mesmo jornal que, no momento em que um assistente segurava o joelho do médium, o espírito materializado cingiu um amigo em atitude de quem dança e deu alguns passos no aposento.

Ouviu-se também por várias vêzes o espírito de Bert Wells a conversar com *Patsy* e as vozes pareciam vir de lados opostos.

Outro fenômeno interessante foi o de duas trombetas de alumínio atravessarem a sala com rapidez atômica e movimentarem-se rìtimicamente do soalho para o teto.

Um médico presente disse que o pulso de Frank Deck ora parava, ora latejava, fenômeno êste que atribui à ação do Espírito-guia *Patsy.*

Nesta sessão manifestou-se o Espírito de Conan Doyle, além de pais, mães, tios e outras pessoas de família dos assistentes.

Um componente do grupo lembrou-se de dizer a *Patsy :*

— Traga-me uma cereja da cozinha.

— Traga-me um pouco de açucar — disse outro.

Patsy saiu e pouco depois voltava com os dois objetos pedidos. Seguidamente, tocou uma gaita de beiços que se encontrava no bolso de um assistente.

Noutra sessão o espírito de um pai, inteiramente materializado, dançou com sua filha, enquanto o médium estava manietado. Durante êste tempo, *Patsy* e o outro espírito falaram simultâneamente com a filha dêste último.

Coisas espantosas são estas, que muitos incrédulos renitentes são incapazes de analisar com lealdade, preferindo a comodidade de um «não acredito» ao trabalho de investigação que aproximaria os homens de verdades importantíssimas. Felizes dos que assistiram às sessões de Frank Deck e puderam verificar por si próprios a realidade de um mundo que se teima ou finge desconhecer !

* * *

Espiritismo no Brasil

CONCENTRAÇÕES DE MOCIDADES ESPÍRITAS

Está programada de 11 a 14 de abril próximo, a XVI Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de Uberlândia.

O Conselho Diretor agradece às Mocidades que vêm respondendo com assiduidade às suas circulares, bem como aquelas que compareceram à Primeira Prévia e enviaram sugestões para os Concursos e para o bom desenrolar da XVI Concentração.

Concentração em Taubaté

Está marcada a realização êste mês, em Taubaté, a título precário aprovado pelos Conselhos Regionais da 4.ª e 17.ª Regiões, a Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

DA ORGANIZAÇÃO

As Concentrações das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba serão promovidas pelos CRE das 4.ª e 17.ª Regiões da USE, semestralmente, de preferência na 1.ª quinzena de março e 2.ª quinzena de setembro

DAS FINALIDADES

Constituem as principais finalidades das Concentrações a CONFRATERNIZAÇÃO das Mocidades e o estímulo ao ESTUDO da Doutrina Espírita.

DISPOSIÇÕES GERAIS

— As Concentrações serão realizadas, alternadamente, em uma cidade da 4.ª e 17.ª Regiões, prèviamente escolhida no dia da Concentração anterior.

— Tomarão parte nas Concentrações tôdas as cidades do Vale do Paraíba em que existam UMES e que estejam compreendidas no âmbito das 4.ª e 17.ª Regiões da USE.

— Cada cidade participante organizará uma Caravana que será integrada por elementos das Mocidades existentes e outros confrades. Cada Caravana deverá ser credenciada pela UME da cidade a que pertencer.

— As UMES e, especialmente, as Mocidades só enviarão às Concentrações pessoas integradas na Doutrina, através do trabalho nas sociedades espíritas locais.

—

Concentração em Maringá (PR)

Recebemos os Boletins n.^{os} 1, 2 e 3, com o noticiário referente à Concentração de Mocidades Espíritas do Paraná, a realizar-se entre os dias 11 a 13 de abril próximo na cidade de Maringá.

Êste é o primeiro contacto da Mocidade Espírita de Maringá, responsável pela VI Concentração de Mocidades Espíritas do Paraná, com as demais Mocidades Espíritas do Estado.

Esperando repetir o êxito das Concentrações anteriores, os moços espíritas de Maringá, desde algum tempo, vêm trabalhando ativamente, esperando que o mesmo esteja ocorrendo com as demais Mocidades.

Ficou estabelecido, por ocasião da última Concentração, que os Trabalhos Doutrinários para a VI Concentração serão os seguintes:

— A Vida Social dos Espíritas em seus vários aspectos;

— O Jovem e a Unificação.

TELEGRAMA DE FELICITAÇÕES

Por motivo da passagem de mais um aniversário da «Revista Internacional do Espiritismo», transcorrido no dia 15 de fevereiro último, recebemos do Senador Dr. Lino de Mattos o seguinte telegrama:

«Apresento cumprimentos pela passagem aniversário brilhante revista dia 15 corrente.

SENADOR LINO DE MATTOS».

—

Agradecemos reconhecidamente, ao distinto Senador, a recepção de referido telegrama, o que muito nos encoraja para prosseguirmos na continuidade da publicação desta obra, bastante querida que foi, do nosso sempre lembrado companheiro Cairbar Schutel.

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

Tendo-se encerrado o período de férias, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil vai recomeçar as suas atividades hoje, com uma solenidade, às 20 horas, no *auditório* do Ministério da Educação e Cultura. A aula inaugural será proferida pelo nosso confrade Dr. Jorge Andréa, major médico da Aeronautica, e que atualmente está servindo na Bahia. O programa aprovado para êste ano prevê as seguintes matérias: *Características da Doutrina Espírita* (Continuação); *O fenômeno mediúnico nas Religiões; Teoria Geral do Animismo; História Geral; História da Educação;* (Continuação); *Metodologia; Elementos Fundamentais de Psicoterápia.* Os responsáveis pelas aulas serão os seguintes confrades: Cel. Delfino Ferreira, Dr. Túllio Chaves, Prof. Newton de Barros, Prof. José Jorge, Dr. Lauro São Tiago, Cel. Euclides Fleury e Deolindo Amorim.

Depois da solenidade da reabertura, no *auditório* do Ministério da Educação, as aulas normais serão reiniciadas no dia seguinte, sábado, 16 de março, na sede provisória do Instituto, rua dos Andradas 96 — 12.º andar, Rio de Janeiro, no horário de costume, isto é, das 16 às 18 horas, com entrada franca.

NOSSO VIAJANTE-REPRESENTANTE EM VIAGEM

A serviço da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», o nosso Viajante-Representante Sr. Dante Ferioli, percorrerá, êste mês, a zona Norte do Paraná, visitando os nossos prezados assinantes residentes nas seguintes localidades:

Jacarézinho, Cambará, Andirá, Bandeirantes, Cornélio Procópio, Jataizinho, Sertanópolis, Londrina, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Rolândia, Jaguapitã, São Martinho, Arapongas, Pitangueiras, Floraí, Apucarana, Jandaia do Sul, Mandaguarí, Itambé, Marialva, Maringá, Mandaguaçú, Nova Esperança, Paraíso do Norte, Atalaia, Porecatu e Ibaiti.

Esperando que o nosso representante-viajante seja bem recebido pelos nossos prezados assinantes residentes nas localidades acima citadas, o que muito contribuirá para o engrandecimento do ideal que nos irmana fraternalmente, a todos, externamos os nossos mais sinceros agradecimentos, com votos de um feliz transcorrer do ano de 1963, juntamente com suas exmas. famílias.

A Redação

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 150,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr $ 40,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campélo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$600,00

Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3934unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de abril-maio de 1963 – N. 3-

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Provas Positivas da Reencarnação .	*Redação*
Angelo Watson Campêlo	*Redação*
Vidas Sucessivas	*Carlos Imbassahy*
Teoria e Doutrina	*Deolindo Amorim*
Ideologia e Linguagem Cristã e Pagã	*Bianor S. Medeiros*
Transporte	*João Teixeira de Paula*
Arigó Operou a Cabeça do Marujo Epiléptico da Marinha de Guerra	*Moacyr Jorge*
Carta para o Além	*Januário Groppa*
Dinâmica e Fins das Mocidades Espíritas	*Natalio Ceccarini*
Serões Bíblicos — X	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1963 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Provas Positivas da Reencarnação

A doutrina das vidas sucessivas tem ocupado a atenção dos maiores filósofos de todos os tempos. Espíritos mais eminentes da antiguidade, alguns de modo velado, outros claramente, confessavam a sua crença na pluralidade das existências, teoria em que baseavam os seus argumentos filosóficos.

Pítagoras que introduziu na Grécia a doutrina das vidas sucessivas, diz que em suas viagens ao Egito e à Persia, se inteirou de que era esta a dourina dominante de todos os pensadores.

Platão adotava a idéia pitagórica da Palingenésia, (1) porque ela explica perfeitamente a reminiscência de vidas anteoriores.

Orígenes, no seu livro—«Dos Princípios»—1.º, passa em revista os numerosos argumentos que vêm em apôio da preexistência e da sobrevivência das almas em outros corpos para explicar a desigualdade das condições humanas, e pergunta a si mesmo, qual é o total das etapas alcançadas por sua alma em outras peregrinações através do infinito, quais são os progressos realizados em cada uma das estações, as circunstâncias dessa grande viagem e a natureza particular de suas residências.

Jamblico sintetiza assim referida doutrina: «A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define a justiça com relação à sua vida atual e seu presente. Deus a define relativamente a nossas existências sucessivas e a universalidade de nossas vidas».

Cícero, Virgilio e outros não são alheios a esta doutrina. S. Clemente de Alexandria se pronuncia a favor da transmigração das almas, assim como S. Jerônimo. S. Gregório de Nisa diz—que há necessidade que a alma imortal seja curada e purificada, e que se não foi durante a vida terrestre, a cura operar-se-á em vidas futuras e subseqüentes.

Enfim, não só na antiguidade, como também nas eras judaica e cristã, na idade média e nos nossos tempos, a doutrina reencarnacionista tem sido objeto de meditação para os grandes pensadores. Leibnitz um dos mais eminentes filósofos do século XVII, como Dupont de Nemours, do século XVIII, e Charles Bonnet, acham que as almas voltam à terra para se aperfeiçoar e adquirir moralidade no mais alto gráu.

Lessing escreve: «O que impede que cada homem tenha existido várias vêzes no mundo? Esta hipótese é ridicula por ser a mais antiga? Porque não terei eu dado no mundo todos os meus passos sucessivos para o meu aperfeiçoamento?»

Ballanche, Schegel, Saint Martin estão acordes com Dupont de Nemours.

---

(1) *Palingenésia,* do grego: *Palin,* de novo: gênesis, nascimento.

Enfim, a idéia Palingenética tem embalado os maiores gênios do nosso planêta. Sob o ponto de vista histórico, só a tem repudiado os que fundaram a sua crença nos dogmas do inferno e paraíso. Mas não é êste o nosso tema — A reencarnação embora abraçada pelos grandes pensadores não se funda em concepções pessoais, mas sim em provas positivas que os fatos nos oferecem.

* * *

Uma das provas predominantes da doutrina da pluralidade das existências é a lembrança do passado ou seja a reminiscência das vidas anteriores, verificada com certos indivíduos.

Estudado cientìficamente, êste fenômeno nos induz a crêr que a memória integral não é propriedade da substância cerebral, mas que ao contrário ela se acha localizada na parte indestrutível do nosso eu que Allan Kardec denominou *perispírito*. As aparições dos vivos demonstram claramente que existe em cada um de nós um segundo corpo, identicamente semelhante ao primeiro, que pode se exteriorizar e até agir à distância. A existência dêste corpo é que explica a preexistência e a sobrevivência individual e o estado dinâmico que preside e entretem a organização e a reparação do corpo carnal. O perispírito é, pois, o regularizador das funções, o arquiteto que vela e mantém o corpo físico durante essas mutações contínuas da matéria que o constituem. Além disso a existência do perispírito, como um instrumento de precisão, esclarece com absoluta fidelidade as menores variações da personalidade; tôdas as volições do pensamento, todos os atos da inteligência têm nêle sua repercussão. Alguns escritores chegaram a compará-lo a um cinematografo vivo sôbre o qual se fixam sucessivamente nossas aquisições e recordações.

Admitido, portanto, êste princípio espiritual, sem o qual tudo se torna obscuro, o estudo sôbre as vidas sucessivas se esclarece de um modo bem patente, alicerçado sôbre fatos positivos, que se manifestam expontâneamente ou provocados. Nêste caso há necessidade de apelar para o magnetismo, para que o espírito exteriorizando-se possa dar ao seu organismo psíquico uma vibração de acôrdo às suas modalidades anteriores que auxiliam a passagem das reminiscências guardadas no inconsciente para o consciente.

O Conde De Rochas, antigo diretor da Escola Politécnica ocupou-se muito dêsse gênero de experiências, chegando até a escrever uma obra que se acha traduzida em várias línguas, com o título—«As Vidas Sucessivas». Essa obra contém importantes relatos de sessões realizadas por êle com diversos indivíduos. É assim que o ilustre sábio se pronuncia sôbre o assunto: — «É certo que por meio de operações magnéticas, pode-se, progressivamente, levar a maior parte dos sensitivos a épocas anteriores à sua vida atual, com as particularidades intelectuais e fisiológicas, características dessas épocas, e isso até o momento do seu nascimento. Não são lembranças que se acordam, são estados sucessivos da personalidade que são evocados; essas evocações se produzem sempre na mesma ordem e através de uma sucessão de letargias e estados sonambúlicos. É certo que continuando essas operações magnéticas, além do nascimento, e sem haver necessidade de recorrer-se às sugestões, faz-se passar o *sujet* por estados análogos, correspondentes às encarnações precedentes e aos intervalos que separam essas encarnações».

As experiências de Rochas com a Srta. Mayo são muito conhecidas dos estudiosos e demonstram muito bem a doutrina das vidas múltiplas. Mas não é só êste caso que o ilustre sábio cita: no cap. «Regressão da Memória e Previsão» apresenta nada menos de dezenove *sujets*, com quem fêz experiências comprobatórias.

Outros sábios também de valor, e que não são espíritas, narram casos semelhantes aos verificados por De Rochas, fatos êsses que demonstram a existência de uma lei de correlação, digna de estudo e observação.

As provas, porém, ainda mais convincentes, a ponto de tornarem a teoria reencarnacionista temida pelos seus mais impiedosos adversários, são as de previsão, ou sejam — os anúncios antecipados de reencarnação, nos quais os espíritos, identificados, designam a época do seu renascimento na terra, o sexo, e ministram indicações sôbre suas aparências físicas e disposições morais, que permitem reconhecê-los em seu regresso a êste mundo, chegando êles a predizer particularidades de sua próxima existência, fatos êstes que se tem podido verificar.

O problema do destino humano está intimamente ligado à lei dos renascimentos, que além de dar aos homens a idéia de Deus como um Ser justo e bom, exalta a solidariedade como uma condição essencial do progresso social, e satisfaz as nossas mais altas aspirações facultando a cada um, um futuro de felicidade de acôrdo com os méritos conquistados pelo trabalho, pelo estudo e pela prática das virtudes ativas.

Angelo Watson Campêlo

Mais um grande pioneiro do Espiritismo no Brasil, acaba de deixar êste plano, em demanda do plano espiritual, — o plano da verdadeira vida.

Desencarnou dia 19 de março p.p., nesta cidade, o sr. Angelo Watson Campêlo, pessoa aqui geralmente estimada e competente Diretor de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», publicações estas fundadas pelo saudoso Cairbar Schutel.

Da «Revista Internacional do Espiritismo», foi êle Redator desde o desencarne de seu fundador, vindo mais tarde com o desencarne de José da Costa Filho a assumir o cargo de Diretor-Responsável de ambas as publicações, cargo que exerceu até o último dia de vida terrena, com reconhecida competência.

Na falta de outros companheiros, como José da Costa Filho e Italo Ferreira, Campêlo foi, como êle costumava dizer brincando, o testa-de-ferro dos órgãos de Propaganda Espírita em Matão. Agora com sua brusca passagem, parece-nos difícil de ser preenchida, a lacuna deixada pela sua libertação.

Que Jesus em sua misericórdia possa enviar novos trabalhadores dedicados e sinceros em lugar do culto, querido e inesquecível Campêlo e assim continuarem sua vida já longa «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Não obstante contar com idade um tanto avançada, possuia Watson Campêlo uma resistência física invejável mesmo, e daí, causar surpreza o seu inesperado passamento, não só entre os seus familiares, assim como à coletividade matonense, na qual, diga-se a verdade, todos eram seus amigos, pelos excepcionais dotes de que era possuidor.

Logo que se tornou conhecida, na cidade, a notícia do seu passamento, elevado número de pessoas, de tôdas as posições sociais acorreu à sua residência, levando o seu confôrto à família que vinha de sofrer a separação de seu ente querido. E com o correr do dia, e a noite tôda, de diferentes cidades, não só visinhas, e mesmo distantes, chegavam, mais e mais, parentes e amigos, a fim de velarem e trazerem o seu último adeus terreno ao desencarnado.

* * *

A' noite foi feita uma prece pelo Dr. José Pereira Brasil, Juiz de Direito de Patrocínio (MG), que numa magnífica oração exaltou os exemplos de amor e dedicação que o companheiro Campêlo dedicou às obras deixadas por Cairbar Schutel, representadas nas suas publicações. Logo mais, foi feita a leitura da obra «Boa Nova», pelo confrade Wallace R. Leal e pelo Dr. José Pereira Brasil.

À tarde, antes de sair o féretro, leu um trecho do Evangelho de São João o confrade Dr. Gil Perche de Menezes. A seguir, pronunciou sentida e expressiva oração a irmã Aparecida Minzoni, Instrutora da Escola de Enfermagem, de Ribeirão Preto, U S P.

Às 14 horas, deu-se o saimento fúnebre, tendo a acompanhá-lo incontável número de pessoas.

Ao baixar o corpo à sepultura, falou exaltando as qualidades e trabalho do confrade Watson Campêlo, com palavras repassadas de verdadeiro sentimento, o Dr. Flávio Pinheiro, representando a USE da Capital, a 7.ª Região da mesma e a UME da cidade de Ibitinga.

* * *

Angelo Watson Campêlo foi casado em primeiras núpcias com a exma. sra. d. Ana Guilhermina Viana Campêlo, tendo deixado desse consórcio, os seguintes filhos : Hugo Viana Campêlo, casado com d. Maria Ferrari Campêlo ; D. Elza Campêlo Hadad, já falecida, casada com Jorge Hadad ; Walter Viana Campêlo, casado com d. Maria da Anunciação Ferreira Campêlo ; Max Viana Campêlo, casado com d. Josefina Cazarsa Campêlo ; Angela Campêlo Nogueira, casada com Sebastião do Valle Nogueira ; Otto Viana Campêlo, já falecido ; Erwin Campêlo, casado com d. Maria da Gloria Marques Campêlo ; Rita Viana Campêlo, já falecida.

Deixa 13 netos e 24 bisnetos.

* * *

Mudando-se para Matão, em 1939, após o desencarne de Cairbar Schutel, veio prestar aqui seus valiosos préstimos às publicações por êle deixadas, «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», consorciando-se então em segundas núpcias, com d. Antonia Perche da Silveira Campêlo, atual e esforçada gerente das nossas publicações.

Dêsse consórcio deixa uma filha, srta. Elvira Perche Campêlo, Prof.ª Normalista e aluna do 4.º ano da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de S. Paulo.

* * *

Angelo Watson Campêlo nasceu em Campinas (SP), em 4 de abril de 1882. Formou-se em Odontologia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908, tendo exercido essa profissão até aos 77 anos de idade.

Tendo como exemplo o Apóstolo Paulo, Campêlo ao par das suas lides jornalísticas em prol do Espiritismo, sempre trabalhou honestamente pelo pão de cada dia dentro de sua profissão de dentista, com a admiração de seus colegas por sua tenacidade, resistência e amor ao trabalho, apesar da idade.

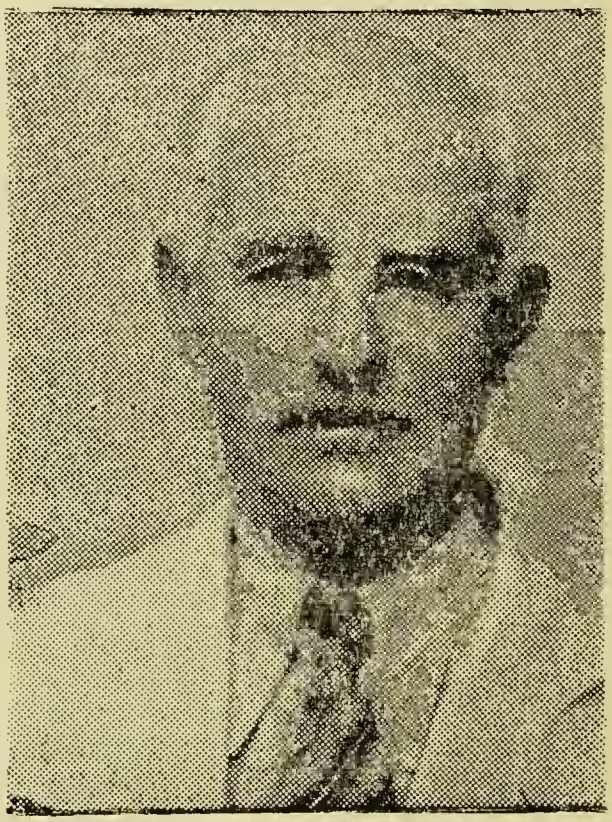

ANGELO WATSON CAMPÊLO

Desde 1928, Campêlo prestou seu concurso valioso a Cairbar Schutel, como tradutor, pois era poliglota, falando correntemente inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, além do seu conhecimento primoroso do latim e português. Apesar de sua vasta cultura, Campêlo foi humilde e cheio de nobreza, podendo-se dizer dêle ser um homem como disse Jesus, cujo falar era «sim-sim, não-não».

* * *

Conforme dissemos, linhas acima, após o desencarne do nosso querido amigo Campêlo, incalculável número de amigos da família, aqui residentes e fora daqui, vieram trazer os seus votos de solidariedade, no transe por que acabava de passar, entre os quais, salvo alguma falha de nossa parte, pudemos anotar :

Da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, U. S. P., representando o Corpo Docente da Escola, vieram as instrutoras d. Zélia Barbosa Machado e d. Maria Aparecida Minzoni, e representando o Corpo Discente, um grupo de alunas do 4.º ano da mesma Escola. E mais os srs. Roberto Silva, Rafael Incoronati,

B. de Abreu, José Cunha e sr. Anacleto.

De Araraquara — Srs.: Raphael Medina, Luiz Luca, D. Idalides de Araujo e filha, Pedro Cellis e senhora, Antonino Rodrigues Leal, Wallace Rodrigues Leal, Domingos Demarzo, José Cardoso, Orlando M. Perches e familia, Teófilo Perche da Silveira e família, Salvador Martins Perche e senhora, Olga Martins Perches, Maria e Luiza Emiliano da Silva, José R. Marques e família, Francisco B. Cano e filha.

De Jaboticabal — Srs.: Pedro Volpe, Francisco Volpe, Aparecido Campi e Aparecido Silva

De Araras — Sr.: Dr. Gil Perche de Menezes e família.

De Piracicaba — Sr.: José Perche de Menezes.

De Ibitinga — Sr.: Dr. Flávio Pinheiro, representando os espíritas de Ibitinga, a USE da Capital e a 7.ª Região da USE.

De Patrocinio, MG—Sr.: Dr. José Pereira Brasil, Juiz de Direito e sua exma. senhora.

De Getulina — Srs.: Décio Perche de Menezes e Oswaldo Perche de Menezes.

De São Paulo: — Angela Campêlo Nogueira, Sebastião do Vale Nogueira, José Campêlo Nogueira, Erwin Campêlo Nogueira, Glória Marques Campêlo, Mauricio Marques Campêlo, Hugo Viana Campêlo, Jorge Hadad, José Campêlo Hadad, Antonio Campêlo Hadad, Raul Antunes, Arlinda Perche Antunes, Jairo Perche de Menezes, Cleide Perche de Souza, Zilah Perche Ribeiro, João José Aguiar e Alfredo Pagliarini.

De Dobrada: — D. Jesuina Barbieri.

—

Por intermédio de telegramas, cartas, cartões e pessoalmente, a família de Watson Campêlo recebeu votos de solidariedade, na conjuntura por que acaba de passar, das seguintes pessoas:

sr. Arthur Araujo, de Monte Alto; d. Maria Felone, sr. Alexandre Barbosa, sra. e filho, e sr. Orlando Bertachini, de Araraquara; Dr. Carlos Imbassahy, de Niterói, RJ; D. Laura Santos Albuquerque, de Sorocaba; Prof.ª D.ª Glet de Alcântara, Diretora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, U S P, de Ribeirão Preto; sr. Miguel José Kfouri, Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., sr. Darcy Sola, todos de Matão; Valeria e Adelino Grillo, de Porto Feliz; Silvia, Helena e Pérsio Goulart de Faria, de Araraquara. Da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (U. S. P.): Do Corpo Docente: Srta. Orlis Gabarra, Sra. Celia Ferreira Santos, Srta. Victória Secaf, Srta. Geraldina Passeri, Sra. Nadir Sampaio, Srta. Emilia Saporiti; Do Corpo Discente: Centro Acadêmico da Escola de Enfermagem (U. S. P.); Do 1.º Ano da Escola de Enfermagem; Do 2.º Ano da Escola de Enfermagem; Do 3.º Ano da Escola de Enfermagem; de Emília e Guiomar, alunas do 1.º Ano da Escola de Enfermagem; dos Funcionários da Escola de Enfermagem; do Sr. Sebastião Nogueira e Senhora; da Srta. Sebastiana Almeida; Srta. Lara Brandani, da Escola de Enfermagem; Diretores e Func. do Sanatório Espírita «Vicente de Paulo», — todos de Ribeirão Preto. Dr. Bianor da Silva Medeiros, de Olimpia; Do Centro Espírita «Fóra da Caridade Não Há Salvação», de Olimpia; d. Genny Antunes, de Caçapava; do sr. Antonio Volpe e Família, de Jaboticabal; Srta. Helena Lian, de São Pedro; D. Helena Nogueira, D. Eugenia da Silva, Urubatão Pitta, D. Ozitha Oliveira Petrin e João Eudóxio da Silva, todos de Piracicaba; Max Viana Campêlo e Família, D. Judith G. Galembeck, J. Popolo Junior, Eduardo de Almeida Prado Filho, D. Maria Amalia e Jurandyr Marques, D. Zoraide Pitta V. da Silva, Olimpio Franco Suannes, D. Josefina e José B. Silveira, D. Eliza de Camargo, João Armando Mancuso, Vicente Lucá. D. Marina Goulart de Faria, D. Branca Goulart de Camargo, Eurico de Camargo, Francisco de Paula Cardoso, Antenor Ramos, O. A. de Oliveira, D. Tereza e Itagiba Borges, Irene Carvalho e Família, Flávio Fusco, Ary de Castro Freitas e D. Maria Helena C. Freitas, todos de S. Paulo; Ismael Gomes Braga, Deolindo Amorim, Newton Boechat, Arnaldo S. Thiago, Dr. Francisco Klörs Werneck, todos do Rio de Janeiro; Valdo Vieira e Francisco Cândido Xavier, de Uberaba; Agnelo Morato, de Franca; V. O. Casella, José Bocucci, D. Adelina e Othon Amaral, todos de Araraquara; Dr. Domério de Oliveira, de Catanduva; Brasilio A. de Matos, de São Carlos; D. Rosa Nobre Cardial, de S. Roque; D. Cyra de Oliveira Petrin, de Americana; D. Iracema e Leonardo Severino, de Monte Azul Paulista ; Antonio Torres, de Londrina; D. Juracy Silveira Perches, de Tanabí; Euclides Nogueira, de São Gonçalo do Sapucaí; Leonidia e Adelia Leite, Antonio Marques Serra, Pedro Ivo Fratini e família, Benedito G. Nascimento, todos de Campinas; Anunciata Brochieri, de Itapetininga ; D. Felisbina e Lindolfo J. Carvalho, de Porecatu; Antonio Martins Barbieri, de Fernandópolis ; Elias Caires Braz, de Palmeira D'Oeste ; Mario de Araujo Junior, de Tatuí; Dante Ferioli, de Marilia ; João Brandão Junior, de Itapira ; Antonio Fante, de Junqueirópolis ; Hugo Gonçalves, de Cambé ; Associação Espírita «Cairbar Schutel» e Ademar Duarte Constant, de Duque de Caxias.

— Com votos de Luz e Paz espiritual, sob as bençãos de Jesus, espôsa, filhos e demais familiares de Watson Campêlo, bem como os componentes da Redação de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» agradecem, sensibilizados, a todos quantos lhes enviaram votos de solidariedade por motivo do passamento do seu querido chefe e companheiro.

VIDAS SUCESSIVAS

Carlos Imbassahy

Sob o sono hipnótico e às vêzes sem sono nenhum, o indivíduo é transportado a determinada época da vida presente, ou ao espaço, ou a uma vida passada, que descreve com grande fidelidade.

O caso, como demonstração das vidas sucessivas, só parece interessar, no Ocidente, a espíritas. Os doutos têm os seus processos científicos para explicar o fenômeno, rindo discretamente os mais generosos da nossa ignorância, enquanto outros não podem suster uma ruidosa casquinada. E depois entram êles, sábia e gravemente, com as suas complicadas explicações, onde há pouco entendimento mas muita ciência.

Vejamos o que nos diz sôbre o assunto um dos mais modernos tratados sôbre Hipnotismo, da autoria de notáveis hipnólogos uruguaios. O capítulo refere-se à regresion de edad, que sintetizamos :

Êsses fenômenos—dizem os Autores—são descritos como regression de edad, una progression de edad y una transidentificacion, respectivamente.

E continuando:

— Um indivíduo sob estado hipnótico é como uma criança que quer agradar aos pais. Se o operador lhe pede que volva a um período da infância, que se sinta outra pessoa, e se o pedido não é contrário às convicções profundas do paciente, êle porá suas capacidades psíquicas na representação do papel a que se propõe.

Os que têm capacidade para a vivacidade da memória —, a hipermnésia —, mobilizam uma caudal de recordações, muitas vêzes remotas e semi-olvidadas, que revelam insuspeitados conhecimentos relativos a seu papel.

E lhes parece muito simples essa mobilização. Mas, continuando :

«Se o paciente tem capacidade para exaltar as fantasias, elas servem para preencher as lacunas. Se logram a perfeita diferenciação entre o próprio pensamento e a realidade, podem ver e ouvir o que provém das representações mentais que surgem das recordações ou das fantasias e desempenhar o papel com as reações corporais que poderiam corresponder às situações por êle criadas».

Tudo para êles fàcilmente compreensível. E lembram que na literatura referente ao hipnotismo figuram casos de pacientes que ao reviver a infância esquecem o seu idioma (1); acertam na data em que sucederam muitos acontecimentos (2); respondem a testes de inteligência como crianças dessa idade (3);

---

(1) *Smith G. M. Zawadski* — A case of stage fright originating of the age of seven, relieved with the aid of hipnotic recall.

(2) *True, R. M.* - Experimental Control.

(3) *Sarbin* — Mental ages changes ; *Kline* — Hipnotic age regression.

apresentam reações psicosomáticas que experimentaram no passado (4).

Diz Sarbin que o mecanismo dos fenômenos hipnóticos deriva do desempenho de um papel. Assim, o paciente representaria uma pessoa incansável, surda, que está comendo, que vê objetos inexistentes.

Como se nota ou já notaram cientistas, é que os pacientes, ao reviver a infância se portam como infantes, dizem a data dos acontecimentos, mostram o que sentiam e pensavam nessa idade. Bem, o ponto é não passar-se daí. O que não será lícito para êles é transpôr o limiar da vida presente.

Quando surge um caso de regressão da memória à vida anterior, passam por alto, ou fogem; será uma fantasia hipnótica; e quando as «fantasias» se tornam impressionantes, entram a descobrir o que as poderia ter produzido, os contos, histórias e lembranças que as teriam provocado. Outra vida é que não é possivel.

Temos exemplo nas experiências de Morey Bernstein com a senhorita Ruth Simmons, (5) que não foram mais que a reprodução de muitas outras conhecidas dos psiquistas que merecem êste nome, isto é, as já obtidas por vários outros hipnologistas.

Vejamos agora como êles, os entendidos, descrevem o caso:

Entusiasmada com o papel e capaz de ricas fantasias, passou a moça, Ruth Simmons, a descrever sua morte e sua vida numa encarnação anterior, na pessoa de Bridey Murphy, uma irlandêsa que viveu havia 150 anos; descreveu os funerais, deu pormenores sôbre a vida anterior, mencionando conhecidos, ruas, incidentes, o seu ambiente, da morte ao nascimento.

Mêses depois, porém,—aí é que fica revelado o mistério — o Rev. White, de Chicago, cotejou essas recordações com fatos da vida real da moça e escreveu uma série de artigos que esclareceram o caso da reencarnação: A menina havia passado a infância entre irlandêses em Chicago, dançara a giga típica nas ruas por uns cêntimos, recitara poemas com acentuação irlandêsa. Os nomes que recitou provinham da colônia de irlandêses. (6)

Essas hipóteses se tornaram verdades irrefragáveis.

Como se vê, tudo explicado, e os Autores passaram adiante. Da vasta literatura sôbre o assunto não boquejaram, e limitaram-se ao caso de Bridey Murphy porque houve o White, de Chicago, que descobriu uma colônia de irlandêses. Mais não foi preciso para dar todo o assunto da regressão da memória como iniludível e absolutamente liquidado.

Não sabemos se se verificou a autenticidade dos descobrimentos de White, visto como são suspeitas as declarações dos sectários, que deturpam, amoldam, ajeitam e até fraudam, tudo muito piedosamente, uma vez que têm em mira salvàr a fé, periclitante com tais revelações. A prova das vidas sucessivas fará desmoronar um edifício secular.

E às vêzes, sejamos justo, agem de boa fé, certos de estarem com a razão e a verdade, visto que é comum termos sinceramente como realidade aquilo em que acreditamos ou que anelamos.

Galina tira conclusões científicas de uma única obra, e não tem mais dúvida quanto às suas conclusões, uma vez que se descobre uma família irlandêsa em Chicago.

Bem sabemos como se chegam a certas conclusões. Houve testemunhas das danças da menina? Não nô-lo diz o relato. Se irlandêses dançam na rua, a menina deveria ter dançado. E é só. E White, sempre com as mais nobres intenções, para logo revelou que a menina dançara mediante alguns níqueis.

O ajeitamento continua com os Autores: A menina ficou entusiasmada e era rica em fantasias.

Não sabemos onde acharam isso. Que exame psicológico ou psicanalítico o revelaria? Mas era preciso justificar a «fabulação». Por que, sem mais nem menos, iria a moça encenar uma vida de cento e cincoenta anos passados? Intervém aí então o entusiasmo e a riqueza de fantasias. Sem esta riqueza e aquêle entusiasmo não havia como acertar o compasso.

---

(4) *Erikson* — Development of aparent unconsciousness during hypnotic.

(5) *Morey Bernstein* — Search of Bridey Murphy *(A procura de Bridey Murphy).*

(6) *Galina Solovey y Anatol Milechnin* — El hipnotismo del hoy — *Buenos Aires, 1957.*

* * *

Não se trata ùnicamente de Ruth Simmons. Há mais de uma dúzia de experiências idênticas, perfeitamente descritas. Em sono hipnótico os pacientes, ainda os mais acanhados mentalmente, revelam vidas anteriores ou fatos dessas vidas. Estariam todos êles, sem exceção, fartamente entusiasmados e nadando numa riqueza de fantasias?...

Na pressa de apanharem aquela tábua de salvação, a do entusiasmo e das fantasias, e mais o achado de White, que logo acolheram como indubitável, Galina e Anatol, desconhecendo as pesquisas de Bernstein, não deram tento de que muitos fatos descritos pela hipnotizada não se limitaram aos conhecimentos de uma família de Chicago, nem a nomes que poderiam provir de uma colônia.

Destarte, referia-se ela, memorando a vida de Bridey a um sogro, advogado; êsse sogro era natural do Colorado. Bridey vivia numa casa branca, de madeira, em Cork. Aos 17 anos, desposara o advogado Brian Mc. Carthy e foram habitar em Belfast. Descreveu a cidade de Antran, onde havia um mercieiro de nome Farr. O marido era jornalista, escrevìa no *News Letters*.

Tudo isto que se passara cento e cincoenta anos antes foi descoberto; encontraram-se os nomes, os incidentes, os pormenores.

O sogro, advogado católico, chamava-se John Mc. Carthy. Numa terra protestante parecia difícil topar-se um advogado filiado ao Catolicismo. Pelo registro de Kings verificou-se, entretanto, que houve em 1830 um advogado com aquêle nome e que se educara na Escola de Clongowes. Não constava mais ninguém com um nome idêntico.

Havia na época, por ocasião de casamentos, uma dança. Não se sabe se o costume perdurou com as características descritas. Não tiveram dúvida, porém, em afirmar que a moça devia conhecê-la. Havia também uma história irlandêsa que Bridey narrava. Para verificar-lhe a realidade foi preciso recorrer-se a «uma preeminente figura literária da Irlanda», que a confirmou.

Referia-se a paciente a uma cultura de fumo. O fato causou desmentidos, mas soube-se que houvera, de fato, naquele longinquo passado, ligeiras plantações de fumo. Falava ela de Brian, seu pai, como católico, professor na Uversidade de Queen. Contestou-se o fato, por ser a instituição protestante. As pesquisas, porém, demonstraram que lentes e estudantes, naquela Universidade, podiam ter a religião que quisessem.

Em transe, certa vez, ela espirrou e pediu, em vez de lenço, um pano de linho. Verificou-se que não havia lenços naqueles recuados tempos e que era costume assoarem-se as pessoas com panos de linho. Como a colônia saberia disso para meter o lance, sem o lenço, na cabeça da menina?

Bridey descrevia os lugares em que vivera, com os acidentes que então existiam e depois desapareceram, dava os nomes da época, hoje inteiramente diversos, com as minúcias só conhecidas dos que ali estiveram ou viveram. Foi preciso longa e penosa busca ao passado para a verificação de todos êsses informes.

Ao que parece tudo será uma ninharia e virá certamente ao raso das futilidades desde que houve uma família de irlandeses em Glasgow.

Ao lado de todos êsses fatos cuja realidade se verificou, narra ela pormenores de família, coisas íntimas, descrições de evidente realidade, que seria impossível estivesse no conhecimento de uma família irlandesa, cento e cincoenta anos depois. Alguns não se puderam verificar, pois só a família de Bridey os poderia saber. Assim, estabeleceu-se a seguinte salvadora explicação: os fatos expostos pela sonâmbula e que se conseguiu verificar, teriam sido fornecidos pela família irlandesa, por mais difícil que fôsse descobrir os canais por onde êles chegaram a essa família; os demais, os que não podiam ser fornecido por ninguém, os que falam em existência pretérita, êsses, não têm dúvida os mestres, dimanam do entusiasmo da vidente e da riqueza de suas fantasias.

Em suma, não há escapar: ou o que se passou há 150 anos veio gravar-se na memória da criança através da família irlandesa, para logo desaparecer e só surgir mais tarde no transe hipnótico, ou o que ela disse nesse transe, explodiu por efeito de fantasia e entusiasmo.

Uma vida anterior é que não pode ser. Foi decretada cientificamente a sua impossibilidade. Aos doutos, hipnólogos ou não, é como se trata-se da quadratura do círculo ou do movimento contínuo.

* * *

Nos Estados Unidos, em vista do êxito obtido pelo livro de Bernstein, apareceu uma obra em que colaboraram hipnólogos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas, adunados na demonstração de que a experiência era uma farsa e o seu autor um inepto.

Os conhecedores, porém, da matéria, ao lerem o trabalho dêsses profissionais, é que melhor perceberão onde se foi aninhar a farsa e a inépcia.

Para mostrar aquelas coisas ambas, diz por ex., um dos colaboradores, Bernard Ragunsky, que «é muito fácil regredir o sujeito à sua vida no planeta Marte ou à lua se preferir.»

Cenvém salientar que não houve ainda nenhum caso hipnótico de regressão à Lua ou a Marte ; mas se fôsse possível descobrir a veracidade dos relatos e a impossibilidade por parte do paciente de os conhecer, o caso não seria tão fácil aos falsificadores como supõe o presidente da sociedade de hipnose.

Pois é precisamente o que acontece nas experiências clássicas da regressão: a descrição de fatos passados que o *sujet* não podia conhecer. De onde se vê que a «turma» não sabe disto.

Um pequeno exemplo para mostrar o desconhecimento do douto escritor, até em matéria de curso primário.

Falou Bernard em um bilhão de pessoas que aceitam a doutrina da reencarnação. Êsse «bilhão» foi glosado por quase todos que compuseram o livro. E riram a bom rir. Provàvelmente, para êles, reencarnacionista é apenas o espírita. E o hipnologista comenta:

«*I doubt very much whether a financial statement made up as loosely as this would be acceptable anywhere*». Isto é, êle duvidaria que um balanço apresentado com essa desenvoltura fôsse aceito em algum lugar.

De onde se vê ignorarem êles que as religiões que possuem maiores adeptos são reencarnacionistas. Quase tôda a Ásia acredita na reencarnação. Juntem-se agora os reencarnacionista do Ocidente, os das tribos da África e da Oceânia, e veja-se a que alturas irão as cifras.

Lessem êles *L'Evolution Humaine* de Horlebeque, e notariam que muito maior motivo haveria para rir com o que não aprenderam do que com o bilhão orçado por Bernstein.

Iremos longe apontando os êrros daqueles entendidos, e por isso paramos por enquanto, forçado pelos limites do espaço.

Teoria e Doutrina

Deolindo Amorim

O Espiritismo, como se sabe, é uma doutrina, cujos princípios, pela sua seqüência e homogeneidade, formam um corpo, um *todo* integral. Não é, portanto, uma teoria hipotética, como tantas vêzes se lê por aí, em livros e jornais. Muita gente fala em «teoria espírita» indiferentemente, como se estivesse tratando de simples hipótese, pois o vocábulo *teoria* tem acepções diversas, de acôrdo com os casos a que se aplica. Diz-se, por exemplo, teoria por oposição ao chamado espírito prático. Teórico, no entendimento popular, é tudo quanto não é prático ou imediato. Quando se quer dizer que uma tese não está demonstrada ou não tem consistência, logo se objeta dêste modo: «tudo isso é pura teoria...» Os homens que têm muitos projetos mas não realizam coisa alguma são chamados de «teóricos». Não há, entretanto, incompatibilidade entre a teoria e a prática. Cada qual tem o seu momento: a teoria necessita da prática, mas a prática, por sua vez, não pode dispensar a teoria em tudo por tudo. É neste sentido apenas, isto é, o sentido de oposição às coisas práticas, que muita gente entende o conceito de teoria. Há, também, uma definição equivalente à de *doutrina,* dando a teoria como um sistema racional de princípios. Geralmente *doutrina* e *teoria* são empregadas como sinônimos, talvez até por uma questão de comodidade mental. Daí, o fato de alguns autôres dizerem apenas «a teoria espírita», quando se referem ao Espiritismo.

No sentido lato, como se diz, é sempre fácil dar amplitude à significação de certas palavras, mas no sentido específico, quando é preciso dar uma idéia mais clara do que se quer dizer, já não é mais possível tanta elasticidade. É o caso de *doutrina* e *teoria.* Para determinados autôres, que não adotam as teses espíritas, o Espiritismo é simplesmente uma «teoria», mas teoria, para êles, é uma opinião individual, uma hipótese qualquer. Nada mais do que isto... Para nós, entretanto, é muito mais do que isto: é uma *DOUTRINA.* Temos, então, que sair das generalidades ou das idéias correntes para as definições apropriadas, tendo em vista os casos em que nem sempre *doutrina* e *teoria* são a mesma coisa. Uma palavra tem uma acepção na linguagem técnica ou científica e pode ter, ao mesmo tempo, outra acepção, muito diferente, na linguagem vulgar. Como diz G. Gaston Granger, em *Lógica e Filosofia das Ciências* (Edições «Melhoramentos»), «Uma teoria científica é uma *TENTATIVA* para unificar conhecimentos esparsos». Ora, uma tentativa é um trabalho provisório, ainda sujeito a modificações. O mesmo Autor apresenta, para ilustração, várias *teorias,* que apareceram no campo da Física, como a «teoria ondulatória», a «teoria da emissão» e muitas outras, cujas previsões, mais tarde, foram alteradas por novas descobertas. Foi o que se deu com a teoria atômica de Dalton, apesar de grande influência nas concepções científicas de sua época. Uma teoria, a bem dizer, é uma hipótese de trabalho. É uma solução, que se propõe, para explicar determinados fenômenos, até que, de teoria em teoria, se possa chegar a uma solução definitiva. Segundo Claude Bernard, *a teoria é a hipótese verificada, depois que foi submetida ao contrôle do raciocínio lógico e da crítica experimental.* Conseqüentemente, as teorias têm que caminhar com as experiências, submetendo-se às modificações que se tornarem necessárias. Cada teoria tenta explicar as coisas dentro das possibilidades ou dos recursos daquele momento. Depois de algum tempo, desde que venham conhecimentos novos, as teorias vão sendo substituidas ou reformadas, quando não perdem a sua razão de ser. A teoria representa a fase de preparação, o esfôrço inicial da inteligência para encontrar o caminho certo; a doutrina representa a fase de consolidação, o amadurecimento das experiências. Uma doutrina tem o caráter de conjunto, ao passo que uma teoria tem um caráter mais casuístico, porque se restringe a um *caso,* um aspecto, um sentido, por exemplo, sem a complexidade do corpo de uma doutrina. Cada escritor ou investigador que estude um assunto pode formar provisòriamente a *sua* teoria, de cunho individual, como também uma teoria pode chegar a ser uma doutrina quando as suas proposições se confirmam com o tempo e pela fôrça dos fatos. Isto, porém, não é regra geral. Uma teoria é um trabalho pensado, partindo de certas premissas ou, pelo menos, de alguns «dados da experiência», podendo prevalecer durante algum tempo, enquanto não surja uma prova em contrário.

O emprêgo da expressão «teoria espírita», indeterminadamente, se levarmos em conta o sentido estrito e não o sentido amplo ou corrente, não corresponde ao verdadeiro caráter do Espiritismo. A doutrina espírita já está consolidada, não é mais uma tentativa e, muito menos, uma hipótese; já saiu, há muito, da fase da experiência, porque atravessou incólume o longo período de mais de um século sem sofrer desmentido em nenhum ponto de sua estrutura. Que é, afinal, uma *teoria* científica ou filosófica? É um sistema de proposições, sem caráter definitivo, com o objetivo de interpretar um fenômeno ou uma ordem de fenômenos. Que é uma *doutrina?* É um conjunto de princípios, uma construção racional, com o necessário encadeamento e suas conseqüências. Quando se constitui uma doutrina, que é uma espécie de coroamento de todos os esforços esparsos, naturalmente já foram «peneiradas», criticadas ou aproveitadas as teorias aceitáveis. O Espiritismo reúne tôdas as condições de uma *doutrina* em sua conceituação mais exata, justamente porque:

a) — não é uma opinião pessoal;
b) — já ultrapassou a necessária experiência histórica;
c) — não foi superada por nenhuma outra doutrina;
d) — mantém um sentido homogêneo em tôdas as suas partes;
e) — tem conseqüências lógicas, como decorrência de seus princípios.

Já se vê, portanto, que não lhe é adequada a designação pura e simples de «teoria», significando mera suposição, como se lê em determinadas obras. Não se pode comparar o Espiritismo, que é uma doutrina já formada, e que já passou pela prova do tempo e da crítica, com qualquer *teoria pessoal*, lançada como simples sugestão ou para atender a circunstâncias do momento. Por *teoria pessoal*, e são muitas dêste gênero, não se deve entender sòmente aquela que tenha origem humana ou terrena, mas também qualquer outra, que venha do mundo espiritual, e corresponda apenas a uma opinião particular, por mais bonita ou engenhosa que nos pareça. Pode haver alguma teoria no Espiritismo, mas uma teoria, de A ou B, não é a doutrina. Qualquer um de nós pode ter uma opinião especial sôbre êste ou aquele ponto da doutrina e formar uma teoria própria que é, na realidade, uma aspiração sincera. Conheço, por exemplo, a *teoria* de um confrade nosso, a respeito do perispírito. Tem êle um modo de ver todo *seu*, afastando-se um pouco de certos princípios doutrinários. Então, por causa disto, elaborou uma teoria pessoal, que é de sua exclusiva responsabilidade. Sei também de outra teoria, sôbre a reencarnação, mas em frontal desacôrdo com a doutrina espírita. Tudo isto são teorias particulares, simples hipóteses, sem a consagração das provas e sem um processo crítico. Há teorias aproveitáveis, como há teorias discrepantes e até incoerentes. O Espiritismo não se confunde com nenhuma teoria pessoal, seja da Terra, seja do além. Penso, por isso mesmo, que é imprópria a qualificação de «teoria» para o Espiritismo, porque êle está muito acima de qualquer hipótese ou teoria particular, uma vez que a sua organização é a de um corpo de doutrina, cujas afirmações fundamentais não estão mais na fase empírica e não se restringem às limitações de uma época ou de um ciclo histórico.

Ideologia e Linguagem Cristã e Pagã

BIANOR S. MEDEIROS

I. — A Bíblia não é um livro mas um conjunto de livros reunidos em um só volume. Cada um dêles se destaca dos demais não só pelo autor, como pelo tempo em que foi escrito, como ainda pelo objeto de que trata, como também pela linguagem que o caracteriza. Até 1500 da nossa era, quando surgiu a Imprensa, cada um dos livros que a compõe era um manuscrito, escrito em papiro ou pergaminho, todos soltos, destacados e independentes uns dos outros. As cópias eram feitas por escribas especializados na lingua hebraica e no assunto. No comêço eram poucas as cópias, mas elas foram se avolumando e se espalhando, à medida que o ensino se generalizou. De maneira que um livro qualquer foi sendo reeditado, passando de mão em mão de copistas diferentes, no tempo e no espaço. Qualquer livro é um todo harmonioso, lógico, refletindo fielmente o pensamento de quem o escreveu. Original é a primeira edição, a autêntica, a verdadeira, a fiel, a princeps, as demais podem ser fieis ou infieis, iguais ou diferentes da original. São os apócrifos. O êrro pode estar disseminado no livro todo, num só capítulo, num período, numa frase ou numa palavra. Qualquer alteração que desvirtue o pensamento do autor incrimina o texto. O hebraico é uma lingua que expressa a cultura e a civilização eminentemente espiritualista de Israel; enquanto o grego e o latim a cultura e a civilização pagã e idólatra do paganismo grego-romano. Cada língua é a expressão típica, própria, do pensamento, da idiologia, da cultura e da civilização do povo, da nação que a fala e escreve, que as cultiva. Tanto o Judaismo como o Cristianismo nasceram em Israel, se consolidaram em Israel, foram veiculados pelo hebraico, porque israelitas foram os construtores destas ideologias. Jesus era israelita e israelitas foram seus discípulos diretos, os primeiros, os elementos diretos de sua difusão. Targum é a tradução da Bíblia do hebraico para outra língua estrangeira. Quando a Bíblia se internacionalizou pela cristianização dos gentios, no primeiro século da éra cristã, surgiram os primeiros atritos, as primeiras controvérsias, as primeiras sérias divergências entre Israel e os gregos-romanos. Faltava ao grego e ao latim uma terminologia especifica, para uma boa tradução do hebraico, da ideologia judaico-cristã. A primeira Bíblia grega, mais conhecida por Bíblia de Alexandria, foi considerada apócrifa pelo ilustre massoreta Rabbi Simeão ben Gamaliel I. Foi ela então condenada, repudiada como tradução infiel do original. O Cristianismo se sintetiza em Jesus, no Evangelho, em sua obra, na formação cristã da personalidade humana. É o culto interior, a mudança de hábitos e costumes, de tendências e inclinações, a vida nova, o estílo de vida espiritualizante, cristianizante, evangelizante. Grécia e Roma cultivavam o culto exterior, pagão, idólatra, autoritário, imponente. Desde então as diferenças se acentuaram e cresceram, até que atingiu o seu climax, com a abolição da Revelação Espiritual que é o fundamento do Cristianismo, com o repúdio ao Monoteismo ensinado por Moisés e confirmado pelo Divino Mestre, com a criação de um Deus tripartido em três pessoas diferentes — o Pai, o Filho e o Espírito Santo, com o primado de Roma sôbre os demais núcleos cristãos, com a criação do cléro romano, dos dogmas, dos sacramentos, do Direito Canônico, introduzidos oficialmente pelo Concílio de Niceia, em 325, confirmado pelo de Constantinópola em 381 de nossa éra. Os Romanos chamam isto de progresso da religião enquanto os israelitas qualificam tal fenômeno de paganização do Cristianismo e do Judaismo, eis que chegaram a trocar o Evangelho pela Teologia, o ensino Divino pelo dos homens. Mas isto é subversão dos valores e da própria hierarquia espiritual, o endeusamento dos homens e a humanização da própria Divindade.

II. — O caso Flavio Josefo ainda comporta maiores observações, Iodsef Mathathiahú, José filho de Matatias, era Israelita culto e historiador emérito. Escreveu êle a História dos Hebreus e a História da Guerra entre os Hebreus e os Romanos, guerra esta que durou de 66 a 70 da nossa éra e que foi chefiada por Simeão bar Kosehbah contra Tito Flavio Vespasiano, imperador romano de 69 a 79, no começo general em chefe das Legiões Romanas do Oriente. Flavio Josefo é pseudónimo laudatório ao general que aprisionou e protegeu o israelita. Mathathiahú é corrupção de Mathathiah, palavra composta de dois elementos hebraicos — Mathath — presente e Iah, contração de Iahveh, o Senhor, o Eterno. Mathathiah significa, pois, presente do Eterno, presente do Senhor. Ninguém pode acreditar que Flavio Josefo ignorasse o hebraico e a significação do nome paterno. Assim, temos de admitir que foi um escriba estrangeiro, ignorante do hebraico e da significação do referido nome, quem estropiou a palavra Mathathiah. Mas não é só. Mathathiah se degenerou em Matheus e Mathias, conservando tais nomes a mesma significação daquele, o original. Matheus e Mathias são fórmas contratas, reduzidas de Mathathiah. E' o fenômeno conhecido em Linguística pela lei do menor esforço, em que as palavras mais compridas são reduzidas para fórmas mais curtas, guardando a significação das primeiras, de cunho eminentemente popular. Flavio é o nome latino, Flavius Loiro, enquanto Josefo é a latinização de Iodsef. Estas deturpações tanto são verificadas em nomes próprios como nos comuns, como se verifica nos seguintes casos: 1) — galuth, que significa exílio entre os hebreus, é traduzida por dispersão pelos gregos e romanos; 2) — sinagoga é o nome grego do templo israelita, enquanto em hebraico o seu nome é «Betel», a Casa do Senhor ou Betknesset, assembléia do povo israelita; 3) — o hebraico Bethashim, a casa dos vivos é traduzida por cemitério, com a significação de dormitório, onde os defuntos ficam dormindo até o julgamento do juizo final, de onde irão os defuntos para o céu, para o inferno ou para o purgatório. É por isto que os italianos criaram o provérbio popular: traduttore, traditore; tradutor, traidor.

Mais um exemplo para mudarmos de assunto. Kohen, que os romanos traduzem por sacerdote, os israelitas interpretam como sacrificador.

III. — A humanidade foi politeista, idólatra até Moisés, Mohsheh, em 1.500 antes de Cristo. Moisés, pela Revelação, introduziu o Monoteismo em Israel, a idéia de um Deus único, universal, o Deus Verdadeiro, o Deus dos deuses, o Pai dos deuses. Mas em Israel ninguém chama Deus de Deus, que é uma palavra latina e em grego Theos, mas de Iahveh, o Eterno, que estropiaram para Jeovah. Mas como Iahveh é é nome inefável, que não se pronuncia, por respeito os israelitas criaram a palavra El, Senhor, para substituí-lo, que também se degenerou em Eloi, Eloim, com a mesma significação. Jesus chama Deus de Abba, Pai, afirmando mais que Deus é espírito (João, 4/24). Paulo, Aos Romanos, afirma «Deus é um só» (Romanos, 3/30). Pedro afirma a Jesus: «Tu és o Messias, o filho de Deus vivo» (Matheus, 16/16) significando Mashiah, Messias, «o ungido do Senhor ou melhor, o ungido do Eterno»; no que não foi desmentido. Jesus afirma claramente: «Eu sou o Messias» (João, 4/26). Jesus ainda é chamado de Fiho de Deus (João, 9/37) e de Filho do Homem (João, 6/27). Mas o título missionário do Divino Embaixador é «Rabi», Méstre, meu Mestre e «Rabboni», nosso Mestre. É ainda chamado de Bom Pastor e Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Em verdade, em nenhuma passagem dos Evangelhos, Jesus se diz Deus nem é chamado de Deus. Uma única passagem exige interpretação, quando Jesus afirmou ser um com o Pai. Mas um com o Pai não é a confusão de duas pessoas diferentes em uma só, mas é um com o Pai em ideal, em pensamentos, em sentimentos, em obras, a graça Divina completa, a comunhão espiritual verdadeira e perfeita, a sintonia perfeita do inferior com o superior, o ideal maior de todo cristão. Assim, a promoção de Jesus a Divindade, é obra de cultura grego-romana, do Concílio de Nicéia, confirmado pelo de Constantinópla a paganização do Cristianismo, o desvirtuamento da ideologia do Divino Mestre, simples êrro por ignorância mas êrro grosseiro. Jesus, como disse a Divindade, pela Revelação no batismo de João e na Transfiguração do Monte Tabor é «o meu Filho muito amado; ouvi-o». Assim, Jesus não é Deus. E' o irmão mais velho, mais sábio, mais puro, mais perfeito, enviado do Pai aos irmãos menores, para espiritualiza-los, para cristianizar tôda a humanidade.

IV. — Espírito Santo é outra criação grego-romana, a terceira pessoa divina. Santo é um adjetivo que vem do latim sanctus, sancta, sanctum, puro, imaculado, sem manchas. Era a exigência dos sacerdotes do paganismo romano que nenhum animal manchado pudesse ser sacrificado aos deuses. A vítima do holocausto tinha que ser um animal de uma cor só, a branca, sem manchas. Santo é a tradução do hebraico Kadosh, que significa separado dos demais para o serviço do Senhor, escolhido entre os demais para o serviço do Senhor.

Temos diversos exemplos desta verdade, confirmando-a: «Muitos são os chamados mas poucos são os escolhidos»: «Não fostes vós quem me escolhestes mas fui eu quem vos escolhi a vós» (João, 15/16). São os enviados do Senhor, os mensageiros do Senhor. Assim, Espírito Santo não é um espírito, mas o conjunto dos espíritos superiores encarregados pelo Senhor para ajudar os homens encarnados e desencarnados. Temos ainda a palavra grega aportuguesada «paracleto», que significa espírito invocado, espírito chamado. E nem o grego, nesta passagem, socorre os romanos. Agios, grego, que traduz kadosh, tem o mesmo significado de Kadosh, de espírito escolhido para o serviço do Senhor. Com êste êrro, foi criado o Deus tripartido, politeista, pagão, endossado pelo clero romano. Obra de Atanásio contra Arios, de Roma contra Israel, do paganismo contra o Cristianismo, não pode prevalecer, tem que fracassar, tanto na Terra como no Espaço Interplanetário, para agora e para sempre, para a felicidade espiritual do gênero humano. — 22/11/1962

TRANSPORTE

(Do Dicionário de Têrmos Espíritas (Manuscrito) de João Teixeira de Paula)

Transporte (de *transportar*). Fenômeno de translação de pessoas e de coisas orgânicas e inorgânicas.

É comum o uso de **Transporte** no sentido de **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade.** Sem dúvida *transporta*-se o Espírito que se biloca, que, indo de um lugar para outro, se desdobra, que está em diversos lugares ao mesmo tempo. Há evidentemente o fenômeno de **Transporte.** Dada porém a existência de têrmos, não dizemos mais apropriados, mas sim com aparência mais técnica, julgamos conveniente a adoção de **Transporte** com a significação única de **Translação de Coisas** ou de **Pessoas** e não no de **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade.** Quando outra razão não houvesse para a preferência, haveria a da conveniência de uma uniformização de nomenclatura.

Ernesto Bozzano, no sentido de **Desdobramento,** usou de uma expressão que, não obstante ser inteteressante, não resolve a questão, porque tanto pode aplicar-se a fenômenos de **Desdobramento** como aos de **Transporte** de pessoas ou de coisas: **Traslazione Spirituale**: *translação espiritual.* (1)

A questão nomenclatória, e não a fenomênica, do **Transporte** material, é curiosa. O francês tem **Apport** já vernaculizado em **Aporte.** Em português, ao que nos parece, quem usou do têrmo **Transporte,** pela primeira vez, foi o Marechal Francisco Raimundo Éwerton Quadros, na página 320, edição de 1900, da tradução da obra de Robert Dale Owen: **The Debatable Land Tetwenn This Worl And The Nex** *(Região em letígio entre êste mundo e o outro)*, publicada em Nova Iorque, edição de 1874, de que temos conhecimento apenas por citação. O Marechal talvez estivesse traduzindo o próprio **Transport** inglês.

Transporte não é bem aceito por um ou por outro escritor. Luigi Barzini, referindo-se ao **Transporto** italiano, reputa-o mesmo bárbaro: *termine bárbaro.* (2)

O francês, e com êle outras línguas, têm, até certo ponto, uma vantagem que nós em língua portuguêsa não temos: **Apporteur,** que é o médium de **Transporte.** Dizermos médium **Transportador** é incorrer em riso. Pior seria se falássemos em médium **Aportador...** Aliás ficaríamos mais próximo do italiano: **Apportator.** Um escritor espírita brasileiro, do princípio dêste século, fêz uso da expressão: **Médium Transportativo.** (3)

Allan Kardec só usou de uma forma: **Apport.** O Espírito de Erasto empregou **Transport.** (4) **Apport** e **Transport** se empregam normalmente em francês.

O tradutor português de **O Livro dos Médiuns** (5) substituiu sistemática e inexplicàvelmente **Apport** por **Dádiva.** Tentou-se, com o beneplácito posterior de Guillon Ribeiro, o emprêgo de **Trazimento,** que Mário Braga (6), com muita razão, considera inadequado, uma vez que só serve para o fenômeno que se dá de fora para dentro e não de dentro para fora. Seria preciso então falar de **Trazimento** e **Levamento**, feiúra que não cai no gôto de ninguém.

O ideal seria pois a adoção dos italianismos **Apporto** e **Asporto. Apôrto** (forma vernaculizada) seria até melhor do que **Aporte** por causa da existência de **Asporto**, para cujo fenômeno o francês — e como êle o português e outras línguas — não tem correlato: **Apôrto** para o transporte que se realizasse de fora para dentro e **Asporto** para o que se realizasse de dentro para fora.

Aporte, conforme foi dito no respectivo verbete, conquanto seja boa forma vernácula, no sentido espirítico é galicismo. A **Aporte** preferimos **Apôrto** por causa do **Asporto**. Há assim não só uniformização na adoção de estrangeirismos, mas também ficamos melhor servidos, uma vez que o português, o espanhol, o francês, o inglês e o alemão — para só citarmos as línguas vivas com as quais temos um contacto mais ou menos maior — não possuem têrmo próprio para indicar o fenômeno de **Transporte** que se realizasse de dentro para fora ou de fora para dentro. **Apôrto e Asporto** resolveriam o caso.

Se tivéssemos autoridade doutrinária, proporíamos a seguinte divisão:

1. **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade:** fenômeno da saída, na expressão teosófica, em corpo astral.

2. **Transporte: Apôrto e Asporto.**

A. **Transporte:** para indicar o fenômeno da translação genérica (de dentro para fora ou de fora para dentro) de coisas ou de pessoas.

B. **Apôrto:** para particularizar o fenômeno da translação de fora para dentro.

C. **Asporto:** para particularizar o fenômeno da translação de dentro para fora.

Acabaríamos assim com uma confusão que não se justifica.

(SERVIÇO DE DIFUSÃO DO ESPIRITISMO)

---

(1) Ernesto Bozzano — DA MENTE A MENTE, pág. 99, ed. de 1946.

(2) Luigi Barzini — NEL MONDO DEI MISTERI, pág. 44, ed. de 1946.

(3) Dr. H. S. Figueira — Númer. Compêndio de moral religiosa, científica e social conforme o Epiritismo, pág. 75, ed. de 1904.

(4) Allan Kardec — LE LIVRE DÈS MÉDIUNS, pág. 155.

(5) Edição feita em Lisboa, em dois volumes, em 1882. No exemplar que possuimos vem a nótula, escrita à tinta e de mão naturalmente estudiosa, de que a tradução deve ter sido feita sôbre a primeira edição original, porque a segunda edição, datada de 1862, é mais desenvolvida.

(6) Mário Braga — na Revista METAPSÍQUICA, ano I, n.º 4, pág. 176, São Paulo.

TRIUNFO DA IMORTALIDADE

O triunfo da Imortalidade depende exclusivamente do triunfo do Espiritismo, porque é esta a única Doutrina que se bate pela Imortalidade, demonstrando-a com fatos exclusivamente espíritas, de aparições e manifestações dos pseudos-mortos, encarregados de provarem a continuidade da existência do Além.

E no dia em que a Imortalidade triunfar, a luz brilhará nos âmbitos da Terra, trazendo a Paz e a Fraternidade e estabelecendo nela o Reino de Deus.

L. B.

A VERDADE QUE ABALA O BRASIL

Arigó Operou a Cabeça do Marujo Epiléptico da Marinha de Guerra

Depoimento da neta do Barão de Queluz – Fazendeiro operado de cancer na vesicula – Tio do ex-primeiro ministro Tancredo Neves curado de asma – Delegado de polícia operado no rosto com canivete

CONGONHAS DO CAMPO, 6 (De Moacyr Jorge, enviado especial dos Diários Associados). Já fomos alertados do novo golpe que pretendem dar os perseguidores de Arigó. Na impossibilidade de destruirem a verdade — êles sabem que nós temos dois films de televisão e fotografias, cujos negativos podem ser submetidos a qualquer exame pericial — procuram, agora, tentar que um inimigo de Arigó venha fazer declarações desairosas contra o médium. A tentativa já foi feita e nós a denunciamos de público. Vamos aguardar os acontecimentos. Mas, desde já ficam avisados os perseguidores, já foram tomadas tôdas as providências para processar criminalmente todo aquêle que caluniar, ou apresenta provas de que disser ou é processado. A brincadeira tem um limite. Com essas calúnias não destruirão a verdade. Estamos bem preparados para enfrentar os caluniadores, Anselmo Meinders e Vieira de Araujo.

«Serei testemunha de «Arigó»

Iniciando a série de depoimentos idôneos, a reportagem «Associada» ouviu a sra. Maria Conceição Baeta Neves, de 70 anos de idade, residente em Congonhas há quarenta anos. E' neta do Barão de Queluz, e de família tradicional em Minas Gerais. Disse-nos:

— «Não sou espírita. Nem por isso deixarei de dizer a verdade. Arigó deveria ser respeitado não só por congonhenses, mas por todos os brasileiros. Se êle não é enviado de Deus, é um super-gênio. Conheço uma mulher de Itabirito (cidade localizada na estrada que vai a Ouro Preto) que foi operada de cancer no útero há vários anos atrás e está amplamente curada. Se fôr preciso irei buscá-la para depor em favor desse homem bom e piedoso que é José Arigó. Não se justifica a perseguição que movem contra êle. Não faz mal a ninguém. Ao contrário, da todos os seus momentos de folga para os doentes e necessitados, sem cobrar dez centavos, disso são testemunhas várias pessoas que eu conheço.»

Também assistiu a operação

João Coelho, de Congonhas do Campo, com 53 anos de idade, comerciante, não poderá negar que assistiu a uma operação. Consta o seu nome nos apontamentos do médico carioca Ladeira Marques. Nessa ocasião José Arigó estava em transe, recebendo o médico alemão Dr. Fritz, quando abriu a região abdominal com um bisturí para operar uma mulher residente em Belo Horizonte, que estava acometida de apendicite supurada. E João Coelho nesse dia disse ao médico Ladeira Marques:

— «Quando vi, a mulher com as tripas para fóra eu quis fugir, porque não aguentava assistir, mas a porta estava trancada a chave.»

Operado duas vêzes

João Carlos Pimenta, de 73 anos de idade, fazendeiro no município de Pitangui, declarou à reportagem o seguinte:

— «Em agosto de 1957 vim a casa de Arigó em companhia do vice-prefeito de Cambuquira, que é médico. Arigó me operou de cancer na vesícula e marcou uma segunda operação para ser feita dali trinta dias. Fui operado deitado no assoalho. Arigó salvou a minha vida. De 84 quilos que eu tinha normalmente já havia chegado a 60 quilos. Depois de operado voltei no mesmo dia para a minha casa e voltei 30 dias depois para a segunda operação, quando êle me retirou um segundo tumor. Estou completamente curado. Se fôr chamado a depor em favor de Arigó farei com o maior prazer. Abaixo de Deus devo a êle a minha vida».

O sr. Antonio Carlos das Neves, tio do ex-primeiro ministro da República e atual deputado federal por Minas Gerais, declarou à reportagem «associada»:

— «Eu sofria terrivelmente de asma. Passei por quase todos os médicos especialistas de Belo Horizonte. Tinha uma falta de ar insuportável. Sou farmacêutico formado pela Escola de Farmácia de Ouro Prêto e já havia experimentado de tudo. Um dia vim a negócios em Congonhas e falaram-me nas curas de Arigó. Entrei na casa onde havia muita gente. Fui tratar dos negócios e mais tarde fui consultá-lo. Deu-me uma receita e estou completamente curado. Prestarei depoimento a favor de José Arigó. Conheço muita gente curada por êle que não se negarão a defendê-lo nêsse processo injusto.»

Delegado de Polícia operado

Em companhia do reporter de «O Cruzeiro» José Franco, a reportagem foi à residência do advogado Aymoré de Souza, atual delegado titular de polícia da cidade de Sete Lagoas, que prestou o seguinte depoimento:

— «José Arigó é um caso muito sério que deveria ser estudado por cientistas. Eu estava com um tumor no rosto. Procurei a Santa Casa de Conselheiro Lafaiete para operar o tumor mas faltava anestésico. Disseram-me que Arigó operava com a maior facilidade e eu a princípio não acreditei. Mas, os meus amigos insistiram e eu fui a Congonhas. Lá chegando, Arigó sem anestesia alguma, apanhou um canivete e cortou o tumor. Não senti a mínima dor, nem houve infecção. Podem ver que nem cicatriz ficou. Estou disposto a depor em seu favor, nesse processo injusto que movem contra êle».

O médico João Ranulfo de Mello, que pertencia ao Departamento Médico da Companhia Siderúrgica Nacional e hoje presta seus serviços ao IAPETEC, declarou:

— «Certa noite José Arigó convidou-me para assistir aos trabalhos em sua casa. Meio descrente compareci. Qual não foi a minha surprêsa quando o dr. Fritz disse-me: «O senhor vai ajudar-me a operar esta mulher. Tome o bisturí. Eu sou médico, mas não sou cirurgião. Com o bisturí na mão e o dr. Fritz segurando meu pulso fizemos três aberturas na região abdominal, tendo o próprio dr. Fritz retirado o tumor, colocando-o num frasco para ser depois levado para biopsia. Confesso que fiquei maravilhado. A mulher não fez a mínima reação de dôr, nem os cortes provocaram hemorragia. Já prestei depoimento em favor de José Arigó no processo de 1958 e voltarei a fazê-lo tantas vezes quantas forem necessárias. A meu ver êle deveria ser motivo de estudos científicos e não perseguido e processado injustamente como se o cárcere pudesse solucionar e exterminar êsses fenômenos.»

Jornalista Goiano

Wilson da Paixão, secretário da Justiça de Goiás e o jornalista João Friedmann foram à residência de Arigó pedir uma receita para um sacerdote daquele Estado que estava gravemente enfêrmo. Arigó não deu receita dizendo que o «caso está liquidado». É tarde demais». Durante a visita o jornalista João Friedmann declarou:

—«Eu encontrava-me com cancer, fato que poderá ser comprovado com vários exames e atestados médicos. O cancer estava localizado no pâncreas. Já não tinha condições físicas para viajar. Arigó mandou-me uma receita e estou completamente curado. Comecei a tomar os remédios por êle indicados em 15 de novembro de 1961. Não tenho mais nada. Prestarei depoimento em favor de Arigó e juntarei provas.»

Operado do Estômago

Joaquim Gonçalves da Cruz, de 35 anos de idade, empregado da Mina Itacolomi S./A., residente em Conselheiro Lafaiete (Minas Gerais) declarou à reportagem «associada»:

— «Fiquei em tratamento no IAPETC durante muito tempo. Tinha úlcera no estômago e não havia remédio que me curasse. Um dia me falaram no Arigó. Sendo católico recebi a notícia com alguma descrença. Mas, como eu estivesse mal não custaria tentar. Foi o que fiz. Devo dizer que já não conseguia me alimentar. Falei com Arigó e êle me operou, sem que eu sentisse dor ou que me causasse hemorragia. Estou completamente curado. Posso mostrar com inúmeras radiografias que eu tinha úlcera e hoje nada sofro. Posso tirar chapa para provar no processo».

Chefe de Polícia operado

Rogerio Machado, ex-chefe de Polícia de Belo Horizonte estava mal, côm úlcera no estômago. Vários investigadores foram à sua casa alta noite e resolveram ir buscar Arigó em Congonhas. Arigó atendeu ao pedido e rumou para Belo Horizonte. O sr. Rogerio Machado foi operado e ficou completamente curado. Há testemunhas dêste fato. Êste foi o único que se recusou a prestar depoimento quando do primeiro processo em 1958, alegando :

— «A minha condição social não me permite o envolvimento nêsse processo».

Não era cancer

D. Yolanda Giordani Alonso, residente em Anápolis, Goiás, à rua Amazonas, 952, declarou o seguinte :

— «Minha filha Maria do Carmo Alonso estava com 14 anos. De repente adoeceu. Tinha fortes dores na cabeça. Dores horríveis que nem sequer a deixavam dormir. Procurei vários médicos sem nenhum resultado. Levei-a para a Capital do Estado, e lá em Goiânia um médico me disse que ela estava com cancer no cérebro. Adiantou ainda que eu deveria levar a menina para São Paulo para operar, mas que da operação poderia resultar paralisia, cegueira, debilidade mental e não sei mais quê. Desesperada já me aprontava para viajar para São Paulo e fazer a tentativa de operar. Quem sabe se tudo que o médico dissera não estava certo. Uma amiga, porém, aconselhou-me a trazer a menina a José Arigó. Essa amiga, Maria Cândida de Almeida, já havia estado em Congonhas e obtivera a cura. Foi o que fiz. Quando cheguei aqui na Casa de Arigó, êle me disse e eu confesso que fiquei surprêsa : «A menina não tem cancer coisa nenhuma. Ela teve suspensão de menstruação e vai ficar curada». De fato era isso mesmo e a menina está completamente boa, já faz quatro anos. Se preciso fôr irei depôr em favor de Arigó e juntar os documentos de prova. Se tivesse ido para São Paulo a menina hoje estaria inutilizada, por um cancer inexistente».

Operada de cancer na vesícula

Êste depoimento é do dentista Carlos Cruz, com consultório na avenida Afonso Pena, 952, em Belo Horizonte. Êle é um frequentador assíduo da casa de José Arigó :

— «Assisti a várias operações impressionantes em casa de José Arigó e tenho um testemunho na própria família. Minha cunhada adoeceu e foi levada a vários médicos. Alguns não sabiam o que era. Mas um deles acertou em cheio : era cancer na vesicula. Disse que minha cunhada não teria muito tempo de vida. Em face disso levei-a a Arigó. Êle operou o cancer e minha cunhada está completamente curada. Nem cicatriz ficou. Não sentiu dor nenhuma durante a operação. Também prestarei depoimento em favor de Arigó comprovando não só êste mas outros casos impressionantes de cura».

Desembargador curado

Aquí está o depoimento do jornalista «All Right», do Correio da Manhã do Rio, na edição de 6 de junho de 1958. Hoje o jornalista é também colaborador dos «Diários Associados».

— «José Arigó declara-se assistido por Frei Fabiano de Cristo e diz ter como seu operador, na hora da incorporação mediúnica um doutor Fritz, famoso cirurgião germânico falecido há mais de cem anos. O fato é que tem conseguido sucesso. Que digam os sábios da Escritura, que segredos são êsses da natura ? (Camões). Leio, agora, em o Município, de 31 de dezembro de 1957, jornal de Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, o depoimento de Justino Monteiro que foi a Congonhas ver tudo de perto. Viu e convenceu-se. Viu inclusive, dois ricos baianos que, com as espôsas curadas, entregaram a José Arigó dois cheques de 500 e 200 mil cruzeiros, respectivamente, havendo Arigó devolvido imediatamente a dádiva expressiva dos milionários. Tenho, também, a opinião do desembargador Alfredo de Castro Silveira, residente no Rio de Janeiro, na rua Djalma Urich, 274, que em carta declarou-me entre outras coisas o seguinte: «Fui atraído pela curiosidade a Congonhas do Campo. Vi José Arigó, católico, apostólico, romano, humilde funcionário público, simples e bom, a todos atendendo abnegadamente e desinteressadamente, fazer, em estado de transe (inconscientemente) em um dia, mais do que muitos médicos em um ano: operações na cabeça, no coração, no estômago, no figado, nos rins, nos olhos e na bexiga. Vários médicos assistiram e até se operaram, como também padres ali se têm operado. Um sacerdote de Roma, de passagem por Belo Horizonte, ouvindo falar em Arigó foi procurá-lo. Operado saiu bom em cinco minutos. Regressando a Roma enviou um autógrafo do Papa PIO XII e um rosário de prata dentro de uma «trousse» igualmente de prata».

Aí está o depoimento de um desembargador que escreveu ao jornalista «All Right». Outros jornalistas foram a Congonhas e viram de perto os fenômenos. Entre êles, Indalécio Wanderley e Ubiratan Lemos, da Revista «O Cruzeiro». Contou-nos o jornalista Flavio Porto, irmão do Sergio Porto conhecido por «Stanislau Ponte Preta, que também esteve em casa de Arigó em companhia do jornalista de «O Cruzeiro», Luiz Carlos Barreto. Viu e ficou maravilhado.

Marinheiro operado na cabeça

Newton Gomes Lopes, era marinheiro da Marinha de Guerra e reside atualmente à rua Esmaltina, 54, no bairro de Santa Thereza, em Belo Horizonte. Êle prestou o seguinte depoimento aos «Diarios Associados»:

— «Aos 18 anos fiz exame para ingressar na Marinha e dado como apto, na Capitania dos Portos de Santos. Aprovado, segui para o Rio de Janeiro, ficando alojado no quartel da ilha das Enxadas. Dali segui para o tender «Ceará», a fim de prestar curso de rádio-escuta em submarino. Começou aí o meu drama. Estávamos em guerra no ano de 1943. Sofri uma agressão quando estava em serviço num submarino que passava nas proximidades da Baía da Guanabara. Perdi os sentidos e a memória (amnesia) Passei a ter ataques de epilepsia segundo sei agora. Levaram-me para o Hospital Central da Marinha, ilha das Cobras. Aqui está o diagnóstico da Diretoria de Saude da Marinha: «Newton Gomes Lopes, ficha 622, de côr parda, procedente do tender «Ceará» com ataque epiletiforme. Ficou em seguida hemiplégico direito. A radiografia do encéfalo acusou tumor na frente parietal esquerda. Em 13 de setembro de 1944, foi operado no crânio (cranioctomia), resultando em seguida ataques epiléticos com mais frequência. «Eu tinha, segundo dizem os meus pais, em média 30 a 40 ataques por dia. Era quase um atrás do outro. Tinha que ficar preso na cama, para evitar acidentes. Em 1956, eu piorei e os meus pais me levaram ao Arigó que me operou na cabeça no mesmo lugar que os médicos da Marinha tinham operado. Dêsse dia em diante não tive mais ataques, recuperei a memória e hoje sou funcionário do SENAI aqui em Belo Horizonte. Já casei e tenho dois filhos».

Êste depoimento foi assistido pelos reporteres de «O Cruzeiro», José Franco e Luiz Alfredo, da Sucursal de Belo Horizonte.

N.R. — As pessoas curadas devem escrever com urgência a Arigó contando detalhes da cura. Escrevam dando o nome e endereço, cidade e Estado em que residem. Há muita gente curada em São Paulo, Minas, Paraná, Rio de Janeiro, Bahia, etc. José Arigó continua atendendo de segunda às sextas-feiras.

(Do «Diário de S. Paulo», de 8 de março de 1963).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endérêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endérêço: 3) o novo endérêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Carta para o Além

ANGELO WATSON CAMPÊLO

Amigo.

Sua partida para a outra existência, onde as plagas são diferentes da nossa planície pecadora, não me causou nenhuma surpresa, pois, há tempo sabia das suas malas prontas para a viagem sem fim.

Contudo, a Vontade Soberana do Eterno, podia te-lo feito demorar um pouquinho mais entre nós, aqui dêste lado da vida material, onde a chamada felicidade terrena, consiste na amargura, no sofrimento e na dor.

Embarcas-te sem mais responsabilidade do lado de cá, feito viajor de jornada perene, e com passagem sem retôrno, para êste vale de angústias, todo recalcado de ilusões, tristezas, penas, e de quando em vez, alguns resquícios de esperanças natimortas.

Sua diligência funérea, correndo com a celeridade das parcas inexoráveis, atravessou os ares e mares da zona sideral, para tomar o Caminho dos Justos, e aportar nos páramos da sua merecida Glória Espiritual.

Sua viagem infinita, sob a égide dos bons atos praticados na terra, não terá pela frente, estradas errantes, ou abrolhos capazes de tolher-te os passos, impedindo-te os direitos objetivos, conquistados na trilha do Bem terreno, com o testemunho da honra e da dignidade humana.

Ungido que foste pelos conselhos do tempo e da idade, soubeste assinalar com a marca do «HOMEM DE BEM» os teus feitos apreciáveis, quando em trânsito por êste pobre mundo dos vivos, inquieto e incurável na sua longa e cicatrizada enfermidade moral.

Seus cabelos poucos e brancos, como a neve dos invernos, que vieram cobrindo de primavera em primavera, todo o esplendor da juventude, e os sonhos da vida galharda, bem representaram, as esperançosas primícias de quem «não passou a vida em branca nuvem», atravessando de lado a lado tôda uma existência, trabalhando sem parar, com uma abnegação digna do Céu.

Seu espírito sempre jovem e sua marcante humildade, trazem em mente, a bondade e benevolência dos peregrinos, que nascem e morrem consumados pelo Bem.

Nem sempre o deletério da morte, consegue destruir a beleza da alma (ou do espírito), quando bem forjada na tenda do gênero humano, para as glórias da vida e bemaventuranças do eterno.

Angêlo Watson Campêlo, que não é um anônimo na agenda do Senhor, pertence à leva dos que muito fizeram, pela conquista dos triunfos espirituais e disputa dum lugar condigno diante da Divina Potestade de Deus.

Disseste um dia: — La vita non muore, perche é fatta di spirito!...

Não fui teu profitente, meu amigo, e creio na alma.

Mas é bem possível que «a vida não morra», mesmo com o «espírito» da sua crença, pois, a vida nunca morre porque, os bons, a fazem imortal perante Deus, e tu és testumunho dessa verdade.

Agora longe das vaidades da espécie humana que deixaste num prolongado adeus, e assentado no patamar do descanso e da paz dum melhor reino, que não pertence a ignomínia de um reino com «homens feitos a semelhança de Deus», certamente descantarás a verdadeira felicidade que, em regra geral, nasce com a Morte!

Como vê, não me esqueci do distinto amigo, e numa linguagem diferente, que vai da vida para a morte, procurei dizer-lhe numa distância do outro mundo, tudo o que lhe teria dito nêste lado da existência como preito de amizade e gratidão.

Paz!

Januário Groppa

Matão, Março de 1963

Transcrito de «A Comarca»

Os dias e as noites são como as nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. O sono e a morte transportam-nos alternadamente para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede à nossa identidade de se manter e persistir através dêsses estados variados. — LEON DENIS

Dinâmica e Fins das Mocidades Espíritas

Natalio Ceccarini

(Lomas del Palomar)

AINDA são muitos os que opinam, baseando-se na eloqüente lição da história, que o homem permanece sempre igual, moral e espiritualmente, que não avança, que é idêntico a aquêle outro primitivo que habitou as cavernas nos albôres da humanidade terrestre. Não se distingue do primeiro cujos vestígios são ainda encontráveis em certos lugares do planêta. Afirmam que, tão sòmente sob o império do mais forte e regido pela lei da selva, êle se movimenta. Entretanto, discordamos dos que assim pensam e julgam, e antes cremos que nasceram, viveram e envelheceram ignorando sempre que a Terra, como astro em idade cósmica e universal, recém abandona seu período de infância e ingressa no da juventude.

O homem, espírito que é, individualmente, não permanece estacionário pois que isso supôr é desconhecer a evolução de todo o existente, lei essa a que êle também está sujeito. A história parece repetir-se, mas os protagonistas mudam e, mercê de nosso aguçamento filosófico e espiritual, nos é dado saber que a cada estádio humano correspondem índices evolutivos e morais do homem, índices êsses que podem aparentemente oferecer em seu conjunto um estacionamento no processo de desenvolvimento e ascensão; mas, consideradas em particular, as grandes personalidades em diferentes âmbitos de atuação e de influência, são provas de que o avanço existe e que estas são as fôrças impulsoras e orientadoras na modificação moral e espiritual das sociedades planetárias. Esta certeza nos faz compreender que a Terra deixou a infância cósmica, e que, sôbre sua face, já não vemos homens como os que caracterizaram os das cavernas e, se bem existam ainda povos primitivos, em comunidades muito reduzidas, proporcionalmente à população do globo, são crianças espirituais que, ao entrar em relação com os demais povos, serão absorvidos por êles e entrarão na aspiral de sua ascensão anímica.

Por isso asseveramos que nossa humanidade, em correspondência com seu habitáculo terrestre, está na juventude, e corre após a essa madureza que possibilite sua realização espiritual em plenitude, a traduzir-se em um mundo melhor, mais harmônico, mais fraterno, altamente espiritualizado. Aquêles que assim não vêem, não compreendem, não intuem, vivem em decrepitude e evidenciam sua lentidão evolutiva pelo pessimismo que os distingue, no deprimido conceito de quanto existe e ocorre.

Tôda essa cultura senil que ainda impera e pressiona em nosso mundo, maleando condutas, mantendo estruturas de injustiças e de privilégios, de separatividade e egoismo, é, fora de dúvida, produto dêsse modo de pensar caduco, que resiste a todo o processo progressivo, afinado com o que é e deve ser o ritmo próprio do Espírito, tornando-o às avessas, arrastado, com o pêso da matéria que é o seu símbolo.

Aquêles que transcenderam êstes esquemas e estes limites, que se rebelaram contra êles, que conceberam formas e meios diferentes, impulsores de evolução e entendimento, são os que, a rigor, vivem em juventude de mente e espírito e nivelados com a idade do planeta, trabalhando para que se cumpra seu destino, qual seja o de ser um mundo de bem, de justiça e de amor.

Na hora que corre, um novo Saber vem elucidar o espírito do homem, iluminar-lhe o caminho e provê-lo de elementos para a sua ascese moral. Êsse saber, que é um Ideal de Vida, de Verdade, de Bem e de Amor, é o Espiritismo, um saber que não é produto da mente especulativa de nenhum homem, mas revelado pelos Espíritos através de uma multidão de fatos e tôda uma variedade de modos de manifestação. O homem descobriu nesses fatos a demonstração de uma verdade que permaneceu oculta por milênios ao largo de seu aprendizado evolutivo. Intuiu-a os profetas, os mestres, os reformadores, os filósofos e os visionários, mas apenas se concretizou objetiva e inquestionàvelmente no fenômeno espírita. O homem se descobriu a si mesmo como Espírito pela revelação dos Espíritos através do fenômeno mediúnico. E alcançando-a, êste saber, iluminado, assume para êle a categoria de um Ideal de luta e de libertação.

Assim é que o Espiritismo se edifica sôbre o verdadeiro conhecimento da vida, da vida eterna, única e verdadeira. A morte não existe mais, pertence ao ancestral anímico e histórico da humanidade em seu período de infância. E' porém, patrimônio dos que nasceram e viveram velhos, desconhecendo o tempo jovem do planeta e continuam a pensar que o mundo permanece igual e que o homem se repetirá sempre. Tal repetição implica em continuar incorrendo nos mesmos êrros, sustentando as mesmas estruturas, movendo-se pelos mesmos apetites, alentando os mesmos sentimentos egoístas.

* * *

Dentro dêste Ideal de Vida que é o Espiritismo e a cuja luz tantas almas se esclarecem e fortificam, encontrando segurança e capacidade para lutar e vencer, vemos surgir em nosso presente, por tôda a parte, um movimento claro, nítido, pujante, férvido, esperançoso, que são as juventudes espíritas.

Estas juventudes espíritas não são jovens apenas pela idade física que distingue os seus componentes, mas antes por que agrega almas em tom com o tempo planetário que é de juventude. Elas encarnam esta etapa terrenal e assim vivem, sentem, sonham e se movimentam. Seu alento vital é, sobretudo, querer servir e construir um novo homem e um novo mundo.

As juventudes espíritas se caracterizam por uma dinâmica arrancada do amor, da fé, da renúncia, da consagração, na fôrça do Ideal. Os fins que procuram e agitam todo o seu sêr anímico e que é o fogo de sua paixão e entrega, é promover uma sociedade melhor, moral e espiritualmente, onde reine a fraternidade, a justiça, a virtude e a verdade.

Não podem ser outros os motores que impulsionam estas juventudes quando elas se constituiram na espinha vertebral de um Ideal de Vida, de Amor e de Luz advindo das Alturas, trazido pelos Mensageiros Invisíveis a serviço dos desígnios de Deus, em função planetária, que são os de conduzir as humanidades da fase da infância que deixaram para atrás, à da juventude em que se encontram, e desta à fase adulta e de madureza implícitas à concretização de sua razão de existência: ascenção espiritual.

As juventudes espíritas crescem por tôda a parte. Os jovens chegam atraídos pela luz refulgente dos princípios espíritas e, tocados por êles, sentem a inspiração de um amanhã venturoso. E sabendo-se protagonistas e responsáveis pela sua construção, querem ser os obreiros da última hora. E se unem, estreitam vontades, reafirmam sua fé, tonificam suas energias, vivificam suas esperanças.

* * *

Vida, luta, serviço, entrega. Seu Ideal Superior é de justiça, de paz, de fraternidade e progresso. Tal é a dinâmica das juventudes espíritas. Superar formas, esquemas, estruturas; criar, edificar, levantar, fazer. E' inegável! Escorar é querer manter o que cai, o que deve desocupar um lugar, o que morre. Construir é dar forma a sonhos, concretização aos ideais, altitudes ao que teve bases mas não teve alturas.

Construir um mundo novo, erigido por homens novos, moral e espiritualmente, é o fim essencial das juventudes espíritas, efetuando a provisão de odres novos para o novo vinho, no sentido simbólico da parábola de Cristo, entender o significado espiritual do existente e captar o rítmo do tempo que vive o planêta, tempo de juventude, trânsito para a madureza que possibilita as grandes realizações das humanidades terrestres.

O jovem espírita por sê-lo assim, só pode movimentar-se, mover-se, impulsionar-se, resolver-se, decidir-se, atuar em função e em missão da luta edificante, da entrega total em favor da verdade, das métas de justiça e reencontro fraterno, despertar o Amor, alcançar a Luz, reconhecer a Deus, «élan» vital que traçará seu caminho e sustentará sua marcha.

* * *

As juventudes espíritas deram forma à esperança que sonham nesta hora planetária apesar dos cantos lúgubres dos que viveram velhos e sem amanhã, das declamações dos que se mantiveram escravos dos dogmas sociais, espirituais e culturais, de quantos serviram a esquemas que travaram o vôo ascensional do homem e se comprazeram em ampliar as sombras, mesmo sabendo que elas não têm existência real. Apesar de todos quantos querem sustentar que o mundo não avança, que o homem permanece igual, que a história se repete, apesar de todos êles, juventude espírita, o planêta é vosso e isto quer dizer que estais a trabalhar pelo nascimento de um mundo novo e que não haverá intenção nem poder que possam já deter-vos.

Se Colombo descobriu um continente ignorado, mas que existia desde sempre, hoje, na idade jovem da terra, as juventudes espíritas como Colombos do Espírito, haverão de descobrir diante dêsses que permanecem cegos e surdos, êsse novo mundo de paz, de amor, de bem, de espiritualidade.

Não outra é para mim a dinâmica, e não outros os fins que identifico nessas juventudes espíritas, pois que, nelas confio, se objetivarão os sonhos e as esperanças de quantos compreenderam os ensinamentos dos Espíritos e jamais deixaram de viver na juventude.

Sejam elas cumpridoras de tão alto destino !

Serões Bíblicos - XI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Do 4.º ao 6.º Dia da Criação

No outro dia, Lumbaio permaneceu na cama até tarde, visto ter-se deitado muito depois da meia noite, pois essa era a hora em que começavam seus «trabalhos» espíritas. Êle agia com extrema cautela, sem pressa, dando tempo a que seus crendeiros lhe assimilassem bem as sugestões. Arrancar o dinheiro aos tolos é fácil, porém, perigoso; era preciso afastar o perigo, e o jeito seria tornando-os ainda mais atoleimados. Esperava, portanto, que seus crentes se tornassem totalmente fanáticos, para não ter quem o denunciasse, de repente, à polícia. E quem trabalhara tanto, e até tão tarde, tinha o direito de refazer-se, ficando mais tempo na cama.

Chilon já tomara seu banho de mar, pela manhã, em companhia de Árago, e com êste andara jogando tarrafa nas praias. Mas quando Árago o convidou para ir conhecer como é feita a pesca em alto mar, êle pediu para adiar o passeio, dizendo precisar encontrar-se com Lumbaio, após o almôço, na pensão.

— Está bem, disse Árago. Vá ter com Lumbaio, e depois me conte como a discussão se desenvolveu.

E assim os dois amigos se despediram, tornando Chilon à pensão. Após o almôço, foram, Chilon e Lumbaio, para o quarto dêste, e aí reiniciaram o que ficara interrompido no dia anterior. Chegados ao quarto, e depois de sentados, Chilon na cama, e Lumbaio numa cadeira, falou êste por primeiro, tendo já a Bíblia aberta no Gênese :

— Ontem ficamos parados nêste ponto, onde eu dissera : Visto que o Sol só foi formado ao dia quarto da Criação, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário até então ?

— Diga-me, Lumbaio : você sabe o que seja uma galáxia ?

— Sim, sei ; é um turbilhão de estrêlas.

— Isso você respondeu bem , e em tôrno de que centro giram os turbilhões, os vórtices, os torvelinhos, que tudo são sistemas centrífugos-centrípetos, ou perturbações do meio, os quais se deslocam pelo espaço de um lugar para outro ? Você sabe que não é o ar que se desloca nos redemoinhos, mas apenas o efeito ; um ciclone formado sôbre o golfo do México pode varrer a California ; não é o ar do golfo que se desloca para a California, mas o efeito-ciclone. Nos remoinhos aéreos e aquáticos você tem um exemplo do que falo. Em tôrno, pois, de que centro giram os vórtices ?

Lumbaio embatucou, por um pouco, vendo que Chilon o forçava, pelo método socrático, a responder-se; porém, não teve outra saída senão dizer:

—Em tôrno de um eixo de fôrças, invisível, porém, que existe como energia.

—E um sistema planetário, retrucou Chilon, ao formar-se, não é, também, um turbilhão menor a girar dentro dum maior, que é o galáctico ?

—Sim, fêz, Lumbaio, com a cabeça.

—Logo, arguiu Chilon, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário na época da sua formação ?

— Acho que, então, replicou Lumbaio, em tôrno de um centro de fôrças, de um núcleo de energias radiantes que ainda não eram o Sol formado, mas, formando, ou seja, ainda, o Sol informe.

— Viu ? acudiu Chilon: você mesmo se respondeu... Considere ainda que grande parte das estrêlas são gasosas, isto é, em formação, e só por isso visíveis, e compreenderá que o sistema planetário solar se condensou em globos planetários antes de o Sol formar-se, e ainda hoje, nêle, não há nenhuma parte sólida.

Depois de fazer uma pausa para pegar um livro, concluiu Chilon :

— A mais recente teoria sôbre a formação dos sistemas planetários é a esboçada pelos matemáticos inglêses. Partem êles do princípio de que a metade das estrêlas formam sistemas duplos, onde corpos (às vêzes um frio e escuro) giram em tôrno de um centro de gravidade comum. O Sol teria sido um sistema duplo dêsses, em que, como é comum acontecer, a estrêla irmã, de material mais denso, explode. A estrêla rebentada forma um anel em tôrno da outra, o qual se fragmenta em pedaços, cada um dos quais se torna planêta. «Assim se explica que nos planêtas se encontrem elementos mais pesados do que no Sol; que os planêtas oriundos de um anel rodopiante girem mais ràpidamente do que a sua «estrêla materna», que nem é sua «mãe» e sim sua «tia», a irmã da mãe morta. O Sol não é nossa mãe e sim nossa nutriz. Nossa mãe morreu e nos deu à luz moribunda. Esta é a lei das estrêlas: a mãe moribunda desfaz-se em filhos e êstes giram em tôrno da irmã que fica». (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 146 e 147).

Fechou o livro, Chilon, mantendo ainda o dedo dentro dêle para marcar a página. E como estava em pé, pois se tinha levantado para pegar o livro de sôbre a mesa, andou até à janela a fim de espiar o mar distante, onde balançavam umas barcas de pesca. E sem se sair de onde estava continuou falando:

— Se esta teoria fôr verdadeira, a Bíblia está certa e o sistema planetário não só é mais velho, senão que contém material mais evoluído e pesado que o do Sol, no qual faltam os grandes átomos, sobretudo os radioativos. Ou Moisés era gênio ou era profeta : se era gênio sua mente alcançou esta verdade por intuição; todavia se era profeta, então a verdade lhe viera por inspiração das esferas mais altas. Em qualquer dos casos é admirável que a Bíblia tenha declarado que a Terra foi criada antes do Sol. E mesmo depois de o Sol criado, não era visível, por causa de tôda a água planetária estar suspensa no espaço como vapôres. Suponhamos que até o dia quarto a Terra fôsse, como hoje é Venus, totalmente coberta por nuvens espessíssimas ; os nossos dias chuvosos nos dão uma pálida idéia de como seria se tôda a água terrestre estivesse em suspensão na atmosfera. Esfriada a Terra, cairam as chuvas e os mares se formaram. Dissipadas que foram, totalmente, as nuvens, o Sol, e a Lua e as estrêlas, já criadas no princípio, puderam agora ser vistos.

—Vistos por quem ? atalhou Lumbaio.

— Ora essa! Visto por quem, como Moisés, se supusesse estar na superfície da Terra em tal época, pois é em função dos terrícolas futuros que a descrição é feita. Se nunca ninguém foi à Lua, como é que se imaginam quadros vistos da Lua ? Nós, com nossa imaginação, podemos estar em qualquer parte e em qualquer tempo, porquanto a consciência está para além dessas dimensões ; por isso Moisés se sentiu na superfície da Terra nessas prístinas eras ao descrever os acontecimentos.

Crônica Estrangeira

O «COFRE-FORTE» DO VATICANO

Do *«Diário de Lisboa»*, transcrevemos na íntegra, sem comentários:

«Segundo revela o escritor Jean-Jacques Thiesry, as finanças do Vaticano são geridas por uma administração especial dos bens da Santa Sé, estabelecida em 1929, para fazer render o milhão e meio dado por Mussolini. O capital entregue pelo Duce eleva-se agora a quinze milhões de contos. Está depositado na Itália, no Crédit Suiço, em Genebra, no Hambro's Bank de Londres e no Bank Morgan, de Nova York.

«Para as suas operações financeiras, o Vaticano dispõe de três bancos: Banco Comercial de Itália, Banco do Espírito Santo e Banco de Roma.

«O famoso *juro de S. Pedro* recebido todos os anos em 29 de junho equivale a uma média de 350 mil contos, destinados a fazer face às despesas correntes da Santa Sé».

◆ ◆ ◆

CONVERSANDO COM SEU PRÓPRIO FANTASMA

De «Reformador»

Eliza Orzeszko é uma das maiores glórias da literatura mundial. Viveu na Polônia, de 1843 a 1910.

Em seu excelente romance «Marta», que teve a honra de ser traduzido para o Esperanto pelo Dr. L. L. Zamenhof e que assim se tornou um dos clássicos da língua internacional, narra ela a dolorosa situação de uma pobre mulher nascida na melhor sociedade varsoviana, onde viveu feliz até aos 24 anos, mas ficou viúva pobre e sofreu horrores até à morte violenta, debaixo de um bonde.

Marta era de moral irrepreensível e de fina educação social: ficou viúva com uma filhinha de quatro anos e não se pôde adaptar a nenhuma profissão: tôdas as tentativas neste sentido lhe falharam, porque não tinha qualquer educação profissional. Todo o seu cabedal de conhecimentos era apenas para ornamentação de salões, e isso não basta como meio de vida.

Em plena miséria, numa água-furtada, está ela meditando junto à filhinha condenada à fome e discute consigo mesma. Leiamos na página 104:

> «Diante dela, flutuando no espaço vazio, achava-se uma figura de mulher com mortal angústia no rosto, com o rubor da vergonha na fronte, com as mãos entrelaçadas. Era a sua própria figura, refletida no espelho de sua imaginação.
>
> «Então és tu — dizia Marta mentalmente ao seu fantasma que nascera de seu próprio espírito—, então és tu aquela mesma mulher que tão heròicamente prometeu a si mesma e à sua filhinha trabalhar, por sua perseverança e energia varar caminho entre os homens e conquistar um lugar ao sol? Que fizeste, pois, desde o tempo em que tomaste essas resoluções? Como cumpriste a promessa que fizeste das profundezas de teu espírito à sombra querida do pai de tua filhinha?
>
> «A figura de mulher começou a oscilar no ar como um ramo flexivel sacudido pelos vendavais; em vez de qualquer resposta, ela bateu mais fortemente as mãos uma contra a outra e murmurou com lábios trêmulos: — Eu não tinha aptidões! Eu sou uma ignorante!
>
> «O' criatura inepta! — exclamou Marta de si para si — és assim digna do nome de ser humano, se tua cabeça é tão néscia que não sabe bem o que pensar de si mesma, se tuas mãos são tão fracas que não podem resguardar com seus desvelos nem a cabecinha minúscula de um pobre criança! Porque então te estimavam outróra? Poderias agora estimar-te a ti mesma?
>
> «A figura de mulher descruzou as mãos e com elas cobriu o rosto que se curvou profundamente.»

Há dêsses momentos em que o Espírito olha objetivamente e julga com severidade seu corpo, sua personalidade humana, tão diferente do seu ideal eterno.

Mais adiante, na página 220, a Autora descreve a cena tétrica da meninazinha exânime, sem tratamento, que num delírio, estendendo os bracinhos para o espaço vazio, para o pai que morrera um ano antes, exclama: «Papai! Papai!», gemendo, sorrindo e rogando socorro. Esta cena é realmente espírita e de fatos semelhantes tratou Bozzano em «Aparições no Leito de Moribundos».

Repitamos: «Marta», de Eliza Orzeszko, é uma das obras imortais da literatura universal, tendo-se, por felicidade, tornado obra clássica do Esperanto, estudada em todos os países.

Do ponto de vista social, a educação da mulher progrediu muito depois do tempo em que Eliza Orzeszko escreveu êsse livro de combate aos defeitos de nossa civilização contra o sexo feminino. A mulher hoje freqüenta escolas profissionais, aprende a trabalhar, a ser econômicamente livre, e não uma eterna criança indefesa ou escrava, como era há um século.

A autora de «Marta» foi uma das preparadoras da sociedade futura.

Lino Teles

Espiritismo no Brasil

ATIVIDADES ESPÍRITAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

50 Anos de Labor na Seara Espírita

O Centro Espírita HUMILDADE E CARIDADE, de Andrade Araújo, município de Nova Iguaçu, (RJ) comemorou seu cincoentenário de atividades espíritas no dia 14/4/1963.

Cêrca de 400 pessoas se concentraram, vindas de vários pontos do Estado, para as festividades do meio século de trabalho, de humildade e caridade e nessa oportunidade aplaudiram os atos de posse de nada menos que 7 diretorias de entidades espíritas iguaçuanas, que se coligaram para um só evento naquela data significativa. A aniversariante festejou, igualmente, o 38.º de fundação da escolinha de alfabetização que mantém.

Uma delegação vinda de Niterói, representou o Presidente da Federação Estadual, alí encontrando embaixadas de Caxias, Nilópolis e Magé, além de muitas delegações de entidades espíritas guanabarinas. A Federação Espírita Brasileira também se fêz representar pelos seus diretores Atlas de Castro e Antonio Paiva Melo, êste último encarregado da palestra da tarde. A embaixada caxiense foi a mais numerosa: 74 pessoas, das 9 entidades kardecistas do município.

O bravo lidador Antonio Almeida, muitas vêzes Presidente da Casa, não resistiu às comoventes e repetidas manifestações sentimentais que o envolveram e teve de afastar-se da cena por instantes. Como sói acontecer em festas espíritas, fizeram-se recitativos e cânticos, indo a solenidade findar-se às 19 horas.

VII Semana Espírita «Allan Kardec»

Por sugestão do confrade Antanas Alexandravicius, Presidente do Centro Espírita «Thiago Apóstolo» e liderada pelo infatigável Manoel Max das Dôres, dirigente da Mansão do Divino Pastor, realizou a União Municipal Espírita de Duque de Caxias a VII Semana Espírita «Allan Kardec», homenageando o 106.º aniversário do «Livro dos Espíritos».

Abriu o certame o confrade Ramiro Gama, na sede da União, a 7 de abril. No dia seguinte, na Casa de Cairbar, falou o jovem Gerson Bastos. Na Mansão Divino Pastor, a 9, Humberto Alexandrino de Aquino, para no dia imediato falar o confrade Flávio S. Pereira, no Centro Espírita «Caminheiros de Jesus». Genival Lima orou no Grupo da Fraternidade «Ana Prado» e Antonio da Costa Oliveira no Centro Espírita «Thiago Apóstolo». Por fim, falou o confrade Jaques Aboab, tendo por cena o Centro Espírita «Bezerra de Menezes».

A rigor, todos os oradores foram grandes. Souberam transmitir ensinamentos oportunos à grande família espírita caxiense, cuja sêde de cultura se acentúa a cada dia. Humberto de Aquino, para lembrarmos com saudade sua oração, esclareceu com descortino, a coincidência do certame com a chamada «Semana Santa», enquanto os jovens Antonio da Costa Oliveira e Genival Lima proporcionavam excelentes lições relacionadas aos problemas de ordem mediúnica e social.

7.º Aniversário da Ass. Esp. «Cairbar Schutel»

No dia 25/5/63, a Associação Espírita «Cairbar Schutel» completará 7 anos. Por sér sábado, a solenidade será no domingo, dia 26. Na ocasião usará da palavra o escritor e jornalista dr. Carlos Imbassahy, estando certa a vinda de numerosa caravana da Federação Espírita Fluminense, chefiada pelo seu Presidente, dr. Floriano M. Perez. O General Alfredo Molinaro, figura de enorme prestígio na sociedade espírita caxiense, acompanhará o dr. Carlos Imbassahy.

Mocidade Espírita de Duque de Caxias

Na ocasião em que os espíritas fluminenses festejarem o 7.º aniversário da Associação Espírita «Cairbar Schutel», a União Municipal Espírita daquela cidade estará fundando, como órgão subsidiário, a União das Mocidades Espíritas de Caxias.

Êsse importante órgão é o resuldo do trabalho persistente do confrade Manoel Max das Dôres, que contou com o apôio da juventude do município.

Fala em Niterói o Dr. Postiglioni

Convidado pela Federação Espírita Fluminense, esteve na sede daquela entidade, o dr. Cristóforo Postiglioni, Vice-Presidente da Confederação Espírita da República Argentina.

Falando a um auditório seleto e atento, o confrade argentino proferiu brilhante oração, esclarecendo as finalidades do próximo Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se em Buenos Aires no próximo mês de outubro.

Depois de informar os propósitos do «CEPA», afirmou que a Confederação Espírita Argentina está intensamente preocupada em fazer que a opinião pública do seu país conheça realmente o que é o Espiritismo e não em fazer prosélitos.

A convite do confrade Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel», (Caxias), o dr. Postiglioni prometeu que, na sua próxima viagem ao Brasil, após o encontro de Buenos Aires, falará aos caxienses, na sede da entidade acima mencionada.

Na hora de necessidade o Govêrno recorreu à Casa de Cairbar

A crise para o funcionamento, êste ano, do Instituto de Educação foi superada, em boa hora, com o empréstimo que a Associação Espírita «Cairbar Schutel» fêz das dependências da sua Escola «Abraham Lincoln», onde cêrca de 300 meninos vêm fazendo o curso primário.

Não tendo ficado concluído o edifício do Instituto iniciado na gestão passada, o Governador Badger Silveira estava em sérias dificuldades para dar comêço a pelo menos o curso ginásial, trampolim mais em evidência para a formação das séries dos cursos Normal e Científico, uma vez que o pré-primário e o primário têm suas fontes naturais nas vinte mil crianças sem escola que perambulam no rico município fluminense.

No convênio organizado entre a diretoria da Associação Espírita Cairbar Schutel e as autoridades do Estado, ficaram asseguradas, «ab-initio», as matrículas de todos os alunos da Escola «Abraahm Lincoln», os quais tiveram apenas de se deslocar ao Grupo Escolar do Estado, distante 300 metros do local.

Ficou assegurado, outrossim, o acesso natural aos cursos secundário (1.º e 2.º ciclos), ao Normal e ao Científico, que o Instituto irá abrir.

Oferecendo sua moderna e confortável escola ao Govêrno, a Casa de Cairbar comprovou a sua utilidade pública oficialmente proclamada pelos governos Estadual e Municipal há alguns anos.

—

A aula inaugural foi dada no dia 4 de março último, pela professôra representante do Secretário de Educação do Estado, estando presentes diversos deputados estaduais, o vereador Alayde Cunha, Presidente da Câmara Municipal, o sr. Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel», todo o corpo docente do Instituto, professôras do Grupo Escolar e algumas centenas de alunos do Ginásio e do Primário, beneficiados com o ensino gratuíto.

O prof. Álvaro Lopes, diretor do Instituto, abriu os trabalhos e convidou para tomarem assentos à Mesa os presidentes da Associação Espírita «Cairbar Schutel» e da Câmara Municipal. Depois de a representante do Estado proferir a aula inaugural, falaram os dois outros convidados, encerrando a solenidade o diretor do Instituto.

Ficou muito cêdo provado aquilo que o companheiro Ademar Constant sempre disse, de que, para retirar o Espiritismo da concha, os caxienses teriam de trabalhar e oferecer ao povo algo melhor do que êle tem recebido de outras fontes, visto que o dever dos bons espíritas é trabalhar por uma sociedade tranqüila, segura e melhor do que a existente.

Hoje, em Caxias, os espíritas são respeitados e considerados cidadãos atuantes de um grupamento sério, que labora com dignidade e altruísmo para fazer verdadeira e magnífica a consigna de Jesus: «Ama a teu próximo como a ti mesmo».

Empossado o Conselho Diretor da Aliança de Uniões Espíritas da Baixada Fluminense

Tendo por finalidade congregar para melhor orientar os trabalhos de todos os espíritas da Baixada Fluminense, realizou-se em Nova Iguaçu (RJ), importante convenção, tendo por sede o Centro Espírita Pioneiros da Verdade. Assim, na tarde do dia 31/3/63, empossaram-se nos cargos para os quais haviam sido eleitos em dezembro último, como Presidente, o Sr. Carlos Augusto (Nilópolis); Vice, Francisco Gonçalves Santos (S. João de Meriti); 1.º Secr., Ademar Duarte Constant (Duque de Caxias); 2.º Secr., Waldyr de Aguiar (Magé); Diretor de Divulgação, José Higino (Nova Iguaçu), e como suplentes dos postos acima, pela ordem, os Srs. João Martinez Armada, Manoel Max das Dôres, Luiz Porfírio de Souza Sobrinho e Newton Gonçalves de Barros. Fêz a palestra da tarde festiva o confrade Custódio Beiral, cuja oração a todos encantou. A nova entidade conta com o apôio das Uniões Municipais Espíritas dos 5 principais municípios da Baixada Fluminense, onde vivem mais de um milhão de habitantes.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária realizada em 2 de Fevereiro de 1963

Proferida a prece inicial pelo Presidente do Conselho e lida e aprovada a ATA anterior, o Presidente faz considerações minuciosas sôbre o progresso e contínuo desenvolvimento do Espiritismo em todo o nosso País e termina comunicando que na nova Capital do Brasil foi fundada a «UNIÃO ESPÍRITA DE BRASÍLIA», cujo representante deverá tomar parte nas reuniões do Conselho Federativo Nacional.

Constou o Expediente de comunicações da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, confirmando o mandato de seu representante no Conselho Federativo, e da Federação Espírita do Rio Grande do Sul sôbre a realização do II Seminário Espírita, em Janeiro último.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino anuncia a inauguração de uma Livraria Espírita, na Praça XV, de Florianópolis, com carinhoso apôio das Autoridades do Estado e da Imprensa, bem como de numeroso público.

SÃO PAULO — O Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros, representante da USE de São Paulo, propõe que o Conselho Federativo estude a possibilidade de uma futura concentração dos espíritas de vários Estados, em prosseguimento ao que feito pelo Simpósio Centro-Sulino. Deliberou o Conselho autorizar a USE a entrar em entendimentos diretos com vários Estados, para encaminhamento da proposta.

Feita pelo representante da Federação Piauiense a prece final, encerrou o Presidente a reunião, às dezesseis horas.

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e, todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 120,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr. $ 450,00 ; Brochura cr.$ 180,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAÙLO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$600,00
Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

P

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3961unse

o XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de julho de 1963 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Negativistas Temem a Verdade — *Redação*
William Crookes, o Logrado — Crônica e Ciência . . . . — *Carlos Imbassahy*
Lei Escrita e Lei Moral . . . . — *Deolindo Amorim*
IN MEMORIAM — Dr. Maurice Dellarrey . . . . — *"La Tribune Psychique"*
A Respeito de Críticas Publicadas pelo General Alfredo Molinaro no Jornal «Mundo Espírita» . . . — *V. O. Casella*
O Caso José Arigó na Câmara Federal . . . . — *Campos Vergal*
O Outro lado do Muro — Visões no Invisível . . . . — *Gabrielle-Camille Flammarion*
Serões Bíblicos — XI . . . . . . — *Luiz Carameschi*
Crônica Estrangeira . . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 150,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 150,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1963 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Os Negativistas Temem a Verdade

EMBORA a realidade da sobrevivência da alma sejam fatos revelados desde o início da humanidade, continuando até os dias de hoje, a maioria dos homens ainda permanecem fiéis ao materialismo negativista.

Dada a intransigência como os advogados dessa maioria defendem êsse negativismo, parece que o ideal seria o mais em se negar os fatos espiritualistas por um caprichoso preconceito mórbido, pelo receio da capitulação. Se falamos em Richet, Crookes, Lombroso e outros, alegam de que isso foi ontem, mas que a ciência de hoje não confirma essas provas do passado. Se apontamos os sábios de hoje, tais como Rhine na Norte América, Price na Inglaterra, Bjorkhem na Suécia, e outros mais, que vêm confirmando a sobrevivência da alma através das pesquisas parapsicológicas, também se desviam de que a questão aí ainda não foi definida, continuando as investigações, como se os estudos dos fenômenos da natureza pudessem ter um ponto final. Se apresentamos um Chico Xavier, apelam para o subconsciente. Se lembramos do concretismo de um Arigó, recuam para protestar à distância, pois a aproximação poderá ser uma ruina para o seu negativismo. Acuados por todos os lados, agarram-se na eterna tábua de salvação, a fraude, como se os homens de ciência seriam imbecis, deixando-se enganar tão fácil, apesar de tôda capacidade e aparelhagem de contrôle laboratorial disponíveis.

Diante de negativistas, que não querem enxergar os fatos que se desenrolam diante dos olhos, só o tempo poderá desofuscar essa rígida cegueira, inexplicável por outra forma, a não ser por um preconceito mórbido, numa intransigente teimosia, pelo temor a um encontro com a Verdade.

William Crookes, o Logrado

Crônica e Ciência

RUBENS SILVA é apreciado jornalista em Sorocaba, S. Paulo, e confesso que me tenho deleitado com suas crônicas no «Cruzeiro do Sul». Como, porém, não há belo sem senão, costuma dar umas bicadas no Espiritismo, creio que pela convivência do Padre Floro de um lado, e do escritor Dr. Silva Melo, do outro.

Assim, escrevia certa vez que os Espíritos não passavam das trivialidades, que os médiuns fraudavam, que há encenação nos fenômenos, que Crookes, Richet e Bozzano foram logrados... E por aí vai, ou por aí foi, sempre na prosa do Floro, na pena do Melo, ou talvez na de um outro, seus livros de cabeceira em matéria de tanta magnitude. E como eu estranhasse tais conceitos em tão brilhante cronista, reforça as suas teorias, dizendo-nos:

A — Que atacamos Silva Melo sem lhe dar resposta, que seria «comprovar que os fatos mencionados não existiram e se existiram não se passaram como foi referido.»

B — Reconhece em Crookes uma autoridade científica, mas que se não pode impor fora da Física e da Química. «Os mistérios da matéria levaram-no a um estudo favorável ao florescimento de mistérios e maravilhas. De tudo não nos dá a mínima prova a não ser a palavra de um crente...» Não inventou um espiritômetro; sua crença é pessoal.

C — Se há premissas negativas não pode haver conclusões positivas.

D — Exemplica: Ponho no porão uma barrica de bananas ; vai Silva Melo tira a 1.ª camada ; tôdas podres. E assim com as demais—a 2.ª, a 3.ª, a 4.ª... E vou eu e digo : — Tôdas as bananas que ficaram na barrica estão boas. Melo só examinou as podres, as restantes estão salvas...

E... F... G... Isto vai até a letra K. Paremos, pelo momento, nas primeiras, para não perder o fôlego.

A — Já fizemos ver ao amigo que nunca atacamos Silva Melo, sempre merecedor de nosso acatamento. E muito ao contrário do que pensa, escrevi um livro para responder-lhe.

B — Acredita Rubens nos inventos de Crookes, porém não em sua crença, pois Einstein acreditou na existência de Deus, o que não somos forçados a aceitar.

Mas, amigo Rubens, a crença não existe apenas pela fé. O indivíduo crê no que vê, no que ouve, no que sente, no que observa, no que experimenta. *Crer é ter como verdadeiro.* E tanto se pode ter por verdadeira a existência de Deus, baseado na *fé,* como a do fenômeno, baseado no *fato.* Tanto se pode crer na existência de Deus, como presumia Einstein, por misticismo ; como na existência de sêres invisíveis e inteligentes, como assegurava Crookes, por suas experiências. Ora, a crença de Einstein poderia provir da fé, mas a de Crookes «proveio da mediunidade de Mr. Corner». Isto escrevi eu com tôdas as letras. Parece que o amigo não pôs reparo nisso. Havia fatos, provas para a crença de Crookes, enquanto não sabemos a que existia para a crença de Einstein. Há que estremar a crença em Deus da crença em um fenômeno.

⁂

A autoridade de Crookes não se limitou à Física e à Química. Sempre o consideraram o mais eclético dos sábios inglêses. O que não se compreenderia é que, hábil e douto nos diversos ramos da Ciência, fôsse tomado de incrível inópia ou lamentável miopia quando se metesse no do Psiquismo. Pelo visto, o Psiquismo deverá ter um efeito neutralizante no que toca ao raciocínio. E se os mistérios da matéria o levassem para as maravilhas, teriamos que ver igualmente maravilhados todos os sábios, a menos que a matéria só devesse ter mistérios para o Crookes. Ou, por um mistério muito maior, só o Crookes devesse ficar impressionado pelo misterioso. Ou então — mistério ainda formidável — é o indivíduo meter-se em Psiquismo e logo ser tomado e empanado pelo florescimento de mistérios, qualquer que seja a sua capacidade mental. Porque o que se dá é isso : Entra o cidadão, quem quer que êle seja, a fazer experiências, sérias e prolongadas e logo se põe a declarar que o fenômeno existe. Extraordinário!

Se meu amigo Rubens dá para explorar essa tineta de sábios irá longe. Deve haver na cabeça dêles, ainda os mais refratários ao Espiritismo, alguma célula que se desiquilibra, apenas mete o pé no nefando campo. E' se imiscuirem no caso e a *crença* a abocanhá-los.

E agora a ausência de provas. Um psiquista que lesse aquela afirmação de que Crookes não deu a mínima prova, ficaria assombrado. Mas que provas requer o cronista ? Vamos ao exemplo elucidativo que me oferece :

C-D — Crookes encheria uma barrica de bananas : tudo pôdre. E eu a dizer — é que ficaram lá dentro as boas. E ninguem a vê-las. E então teriamos premissas negativas e premissas positivas. Necessàriamente, eu a afirmar o que não há. Vejamos, porém, a fidelidade da comparação :

Crookes durante três anos (três anos e não dez mêses) verifica no seu gabinete a existência de Katie King. Ora êle se acha com outros sábios, que testemunharam o fato, ora com a família, ora só com a médium. E o fantasma aparece sempre. Êle o vê à luz, a várias luzes. Forma-se e deformar-se à sua vista. Êle lhe corta as tranças e pedaços das vestes. Katie, o fantasma, era visível, audível e tangível. O sábio vê e compara a médium com êle, com a forma ectoplásmica; procede a diversos exames, inclusive o clínico; nota-lhes a respiração, o pulso, os batimentos do coração, a côr da pele, dos cabelos, os sinais : era tudo diferente ; uma tinha brincos, a outra não; mede-lhes a altura ; percebe-lhes a configuração do corpo, do rosto, as vestes : Katie tinha roupas brancas, Miss Cook usava-as comumente pretas. Corta pedaços das roupas de Katie e elas para logo se recompõem. Ambas eram psíquica, física, fisiològicamente diversas.

Serve-se o experimentador do termômetro, da balança, do metro, do galvanômetro, da máquina fotográfica e outros aparelhos. Só nas últimas sessões tomaram-se 44 fotografias, com 5 máquinas colocadas em diversos ângulos da sala. O próprio Crookes cuidava do preparo e revelação das chapas.

Para o nosso amigo, porém, só serviria o epiritômetro. Se a observação fôsse pastoril e tratassem de verificar cabeças de ovinos e suinos, teriam os verificadores de se armarem de carneirômetros e porcômetros. Fora daí, nada feito.

Varley, o grande eletricista, célebre por seus inventos e por ter lançado o cabo submarino transoceânico, fechava a médium num circuito que registrava todos os seus movimentos. Crookes passeava com o fantasma ao lado, enquanto a médium jazia inerte num divã. Certa vez o fantasma derreteu-se à vista de todos, como uma boneca de neve, e diante de três bicos de gaz, inteiramente abertos. Conta-nos Miss Marryat em **There is no Death** :

«Then three gas-burners were turned on to their full extent... The effect upon Katie was marvellous. She looked like herself for the epace of seconds ; than she began gradually to melt away».

«O efeito sôbre Katie foi maravilhoso ; apresentou-se como era durante segundos e começou a evanecer gradualmente.»

Florence Marryat conta ainda, no seu citado livro, que Katie a chamara em seu gabinete, despiu-se e perguntou-lhe : — *«Pode ver agora que sou uma mulher ?»*

E ela de fato o era — confessa a escritora — E que beleza de mulher era ela !...

—Freqüentemente—diz o sábio— levantei a cortina quando Katie estava ao pé da médium. As sete ou oito pessoas que assistiam à experiência viram nìtidamente e ao mesmo tempo Katie e a médium sob o jato brilhante da luz elétrica. *(Researches in the Phenomena of Spiritualism).*

Ela submetia-se a todos os exames e a tôdas as experiências. Mas onde estaria a farsa, a fraude, as bananas podres, se Crookes via a ambas, em plena luz; se as examinava; se o fantasma aparecia, estando êle apenas com a médium no aposento, fechado, cadeado; se nunca se descobriu, fora daí, a cara que aparecia nas fotografias?

Seriam então seus cumplices a mulher, ou os filhos menores, ou os demais experimentadores, colegas do sábio, ou o seu assistente, também químico, ou o Varley, ou o astrônomo William Higgins, ou o jurista Serjeant Cox...

Mas o fantasma surgia e se dissolvia à vista de todos. Derreteu-se como boneca de cera em plena luz. Terminada a sua missão, disse que iria retirar-se: há uma despedida comovente; as duas se abraçam, a viva e a morta, e por fim esta se some para não mais voltar. E essa mágica tôda, êsse inconcebível e indecifrável arranjo é maquinado por uma jovem de 15 primaveras, durante três anos consecutivos, sob a mais estreita vigilância, bloqueada de instrumentos reveladores da fraude, diante de espreitadores, de cépticos, de sábios e de luzes.

A crença de Crookes—afirma Rubens—é pessoal e subjetiva. Que crença? Crookes apresentou-se para desmascarar o embuste. Não cria em nada.

«*Crookes confess that he began his investigations into psychical phenomena believing that the whole mater might prove to be a trick*». E ainda: *His scientific brethren held the same view*. (Conan Doyle.—*The History of Spiritualism*, 1, 231).

Assim, êle entrou no gabinete de investigações acreditando que tôda a matéria não passasse de um truque. E seus colegas participavam das mesmas vistas.

Nem Crookes queria, antes de o levarem a tais investigações, saber de tais coisas: *Views or opinions I cannot be said to possess on a subject I do not pretend to undestand*.—«Não posso possuir vistas ou opiniões sôbre um assunto que não pretendo conhecer».

Onde a crença, meu caro Rubens?

Cercou-se de todos os processos científicos de indagação; de todos os métodos da Ciência em quaisquer estudos; outros observadores o acompanharam; seguiram-se milhares de experiências idênticas, por centenas de outros sábios, com outros processos, com maquinismos novos, com outras invenções, com aparelhagem especial, raios infra-vermelhos, células foto-elétricas, barragens...

Onde o personalismo, o subjetivismo, a crença pessoal?...

* * *

Entremos agora nas contra-provas, as bananas podres que Silva Melo foi extraindo da barrica do porão. Quais foram? Quais seriam? Não nô-lo elucida Rubens Silva. Capítulo em branco. Vejamos o Dr. Melo: Nas suas pesquisas o sujeito descobridor, o test, vem na forma de um pronome, ou nome oculto, ou nome desconhecido: descobriu-se um dia... informou-se que... um sujeito relatou...

Neste disseram, viram, relataram é que está o positivo, a prova de como foi o Crookes codilhado, a podridão da banana. Nessas vozes imprecisas, inseguras, indemonstráveis, ouvidas não se sabe por quem, ou ditas por um qualquer, sem nenhuma garantia de autenticidade, é que está a derrocada das experiências do maior sábio inglês daquêles tempos, com tôda a montagem de que se serviu, e o engenho de Cronwell Varley, e todo o testemunho de que se cercou, de tôda a sua afanosa e minuciosa observação por quase um lustro. Aqui as bananas podres de que me fio eu e sábios idiotas. Na inconsistência do anonimato, na perfídia das denúncias, na irresponsabilidade dos denunciantes, na ausência de qualquer documentação, na abstração dos pronomes é que está o plantio da *musa paradisíaca* do Dr. Melo.

Temos pois diante do bananal à vista, uma conclusão única: se Crookes diz que viu, ouviu, sentiu, apalpou e fotografou sem ter visto, ouvido, apalpado e fotografado; se inventou fotografias, se maquinou tôda aquela encenação, mentiu pela gorja. Todo o mundo científico está enganado com o homem: não houve provas, chapas, retratos, pedaços de vestes e de cabelos, reconstituição de vestes, testemunhas e colegas, fantasmas que se fazem e desfazem, compõem e decompõem, aparecem e desaparecem; nada de sinalizações, controle elétrico, medições, pesagens, sondagens, bonecas derretidas... Nada, senão uma colossal mendacidade em que o sábio foi na onda ou nela mergulhou como um desclassificado cúmplice de tôda a tramoia.

Ou há que deduzir que foi meter-se com fantasmas e logo se lhe transformou a inteligência e o caráter. E então verifica-se a ilusão em que estava a opinião universal: o cientista era um pacóvio ou um velhaco.

Em suma, o que há por concluir é que o honesto, reconhecido pela sua honestidade, o sábio, por seu saber — *the man of unswering intellectual honesty* — não passava de um triste banazola, de um reles impostor, ou de um mentiroso deslavado.

Acho que não há como os cépticos para apanharem bem o assunto.

Carlos Imbassahy

Lei Escrita e Lei Moral

MUITA gente confunde o ato legal com o ato moral. Nem sempre se equivalem. Um ato pode ser legal, porque decorre de uma lei, e não ter as legítimas características de moralidade. E não existem porventura tantas leis imorais? Há leis e decretos, hàbilmente preparados de encomenda para legitimar ou legalizar os maiores absurdos, as maiores injustiças. É o caso, por exemplo, das perseguições políticas com aparência de «defesa do Estado» ou «salvaguarda do interêsse público». Quando o Estado, em regimes de exceção, quer arrasar um adversário político, manda forjar leis especiais, com endereço certo, a fim de *enquadrar* o indivíduo em determinadas sanções adrede preparadas. Com a cobertura de uma lei, propòsitalmente bem arrumada, o Estado pode fazer tudo: aplica-lhe multas, cassa-lhe direitos, restringe-lhe a liberdade e, por fim, leva o indivíduo à miséria. Com a capa da legalidade, o Estado pode arruinar a vida econômica de uma vítima em poucos mêses. A História que o diga. Tudo isto se tem feito *em nome da lei,* não é verdade?... O aspecto de legalidade, aí, não destrói jamais o aspecto imoral da perseguição, venha do Estado, venha de quem vier. É *legal,* mas é *imoral,* porque a intenção é perversa.

O fato, portanto, de um indivíduo praticar certas ações permitidas em lei não quer dizer, em todos os casos, que êsse indivíduo esteja isento da sanção moral, isto é, a sanção da consciência, conforme seja o móvel oculto de seu procedimento. Nem tôda lei é honesta. Existem leis, que são cumpridas apenas porque são leis, mas foram feitas, de caso pensado, para ferir os interêsses de alguém ou para *legalizar* umas tantas práticas irregulares. Existem atos legais, cujas conseqüências, na realidade, são as mais deshumanas. A sociedade aprova certos costumes, durante algum tempo, mas a aprovação ou o consentimento social não é suficiente para conferir a tais costumes o valor da legitimidade moral.

A escravidão, por exemplo, era legal, o escravo era uma *propriedade legítima* perante a legislação da época. A compra de um escravo tinha tôdas as chancelas e todos os requisitos jurídicos. Era um ato perfeitamente legal, segundo o Direito então vigente, mas era um ato *IMORAL,* porque é uma indignidade vender-se um sêr humano como quem vende mercadoria ou animal doméstico. Nem sempre, portanto, o ato jurídico está de acôrdo com a Moral. O conflito, aliás velhíssimo, entre a Moral e o Direito, vem de tempos recuados. Juristas e filósofos sempre discutiram êste ponto. BENTHAM (sec. XVIII) tentou resolver o problema com os seus célebres círculos concêntricos: a Moral, ocupando um círculo maior, e o Direito, tendo ação mais reduzida, dentro de um círculo menor. Conseqüentemente, segundo os *círculos* de Bentham, a Moral terá sempre um campo mais vasto, enquanto o Direito terá que ficar subordinado à Moral, dentro de um círculo mais restrito. Entre os velhos juristas, também se pensou em separar Moral e Direito, porque êste é coercível e aquela não o é. Segundo o pensamento de TOMÁSIO, que fêz escola em sua época, «o Direito é incompetente para assuntos respeitantes ao pensamento, à consciência e à religião». Daí se segue, pela linha de Tomásio, que o Direito deve preocupar-se com os atos exteriores, enquanto a Moral interfere apenas nos atos interiores. Em suma, o Direito tem que ver com as ações, com aquilo que o indivíduo exterioriza, ao passo que a Moral se imiscui na consciência, no fôro íntimo, aplicando sanções subjetivas. Em poucas palavras, o velho debate jurídico-filosófico pode ser resumido em têrmos mais simples : enquanto o Direito tem ação por fora, a Moral tem ação por dentro. O Direito escrito tem meios materiais para obrigar o indivíduo fazer ou não fazer determinadas coisas, até mesmo pela fôrça, em último recurso, mas a Moral, que não tem meios práticos ou materiais, não pode realizar a coerção, não pode compelir fisicamente, porque se limita a fazer apêlo à consciência.

O fôro da moral é todo interno, porque as suas leis são subjetivas. Êste assunto sempre foi dos mais complicados em Filosofia do Direito, porque há, nêle, muito sutileza. Há, também, quem não aceite a separação completa entre Moral e Direito. O fundamento é de que o Direito também pode intervir nos atos íntimos, não é exclusivamente exterior. Então, se assim é, o Direito não fica adstrito aos atos visíveis, ao contrário do que pensa a escola divergente, que teve em KANT um de seus defensores. O Direito, como ensina G. DEL VECCHIO, *permite muitos atos que a Moral proibe.* Apesar disto, êste grande mestre, em suas «Lições de Filosofia do Direito», não subscreve inteiramente o pensamento de Tomásio quanto à distinção entre Moral e Direito. Diz êle : *Deve também rejeitar-se a idéia de que* o *Direito considera* o *homem apenas* como *um sêr físico e a Moral como sêr espiritual. A verdade é que ambas as categorias éticas abrangem o homem na sua integridade, simultaneamenie física e espiritual.* Dentro desta conceituação, há matéria para muita discussão, muito debate doutrinário, porque o assunto é bastante elástico. O jurista-filósofo (acima citado) parte de uma base muito interessante : acima da moral relativa e variável, que se modifica de povo para povo, de época para época, existe um *princípio moral absolutamente transcendente, uma Moral imutável e absoluta.* — Conclui, então, o tratadista : *teremos conseqüentemente de aceitar um Direito absoluto e invariável, que lhe é correlativo.* Aí entra forçosamente a divergência entre os *historicistas* e os defensores do Direito Natural, isto é, os que advogam a existência do Direito como fenômeno histórico, criação da sociedade, e os que, tomando posição contrária, admitem o Direito como fenômeno anterior ou preexistente à organização social, porque inerente à própria natureza humana. E' oportuno lembrar, aqui, a distinção entre dois tipos de moral : a moral social, que vigora segundo as idéias e os padrões desta ou daquela época, dêste ou daquele povo, e a moral da consciência, que rege os deveres íntimos e é sempre a mesma, em todos os povos, em tôdas as circunstâncias. O Professor Del Vecchio opina pela existência de um Direito *relativo* e um Direito *absoluto,* como também uma *moral relativa* e uma *moral absoluta.* Neste caso, a separação entre Direito e Moral não é tão acentuada, como se disse.

Como já foi dito, há muita sutileza em tudo isto. Os estudiosos dêste problema, divididos entre metafísicos, históricistas, positivistas, etc., não se entendem muito. Cada corrente parte de algumas premissas e concepções próprias, não sendo possível chegar à mesma conclusão. Seja lá como fôr, a tese da *moral absoluta* ou *moral imutável* é muito importante e tem certa afinidade com a Doutrina Espírita. Não é uma teoria metafísica. Existe, e não pode deixar de existir um domínio moral intocável, porque diz respeito às opções da consciência. Êsse domínio está fora e acima dos diversos conceitos de moral, dessa moral incerta ou variável, que aprova uma coisa, hoje, e vai desaprová-la amanhã ; dessa moral, que condena e absolve, segundo as contingências do momento ; dessa moral, finalmente, que prevalece no sul e não prevalece no oéste, porque se adapta às idéias e aos costumes de cada povo ou de cada grupo. Não se pode negar a existência de um conceito de moral instável, porque depende das circunstâncias, como de época e de lugar, pois as condições sociais também exercem influência na evolução das idéias e dos estílos de vida. Convém notar, entretanto, que, apesar de tudo isto, existe uma instância superior, onde a Moral (com *M* maiúsculo) não é maleável, não está sujeita à mudança de costumes ou de hábitos — É a consciência. É nêste sentido, embora usando outros modos de dizer, que o ilustre professor de Filosofia do Direito fala em *moral invariável e absoluta,* citando a seguinte advertência de PAULO : *Nem tudo o que é jurìdicamente lícito é conforme a Moral.* De fato. Uma coisa pode ser perfeitamente lícita ou legítima perante uma lei escrita, mas nem sempre está de acôrdo com a Moral. O Direito positivo ou Direito escrito se atém naturalmente aos atos exteriores, aos fatos concretos, e é com base nêles que a justiça humana firma as suas sentenças, mas a lei moral se preocupa, antes de tudo, com o aspecto intencional. É nisto, precisamente, que está o lado mais sensível do problema. Figuremos uma comparação vulgar. Uma ata falsa, lavrada com todo cuidado para ficar de acôrdo com a lei, mas inteiramente mentirosa, porque não exprime a verdade. Faz-se uma assembléia puramente fictícia, prepara-se uma ata, dizendo tais e tais coisas, registra-se a ata na forma da lei etc., mas tudo isto para acobertar certas irregularidades administrativas. Êsse documento é *legal,* tem todo o valor jurídico, porque atende às exigências da lei, mas é *imoral,* porque foi ditado por intenções inescrupulosas. Apesar de tôda a legalidade exterior, a responsabilidade moral persiste, pois os autores da falsidade não ficarão impunes perante a Lei Moral. É um problema de consciência, que ninguém pode apagar. A Lei Moral, que é subjetiva, pune o indivíduo pela intenção, ainda que os seus atos estejam acobertados por todos os requisitos legais. Daí, a tese da moral absoluta e invariável, com a qual a Doutrina Espírita concorda naturalmente. (LIVRO DOS ESPÍRITOS, III parte—«Das Leis Morais»). Então, voltemos à velha tecla, para terminar : um ato pode ser legal e pode ser imoral, ao mesmo tempo, segundo a intenção que o inspira. A Lei Moral, diz a Doutrina Espírita, está na consciência; logo, é universal, é invariável no tempo e no espaço, não precisa de documentos escritos nem selados. Tomemos, como hipótese, uma dívida. Se houver um incêndio, com a destruição total dos documentos (livros, letras promissórias etc.) desaparece a prova *material* da dívida. Jurìdicamente, o devedor está isento do pagamento, porque não há mais elementos concretos. Em face da lei escrita, a dívida desaparece, porque desapareceu a prova material, mas a verdade é que, perante a Lei Moral, a dívida continua na consciência, ainda que tenham sido queimados ou destruidos todos os papéis. O homem de bem, o homem verdadeiramente honesto, não se prevalece de um incêndio para não saldar os seus compromissos, porque *sabe* que é devedor. Vê-se, portanto, que a *prova moral* tem mais fôrça, no caso, do que a *prova material.* É a consciência, que fala mais alto, quando o indivíduo quer realmente cumprir o seu dever. O homem de bem salda as suas dívidas com ou sem documento. E por que o faz? Justamente pelo respeito à Lei Moral. O problema ainda se torna mais sério quando, saindo das discussões jurídico-filosóficas, encaramos o assunto em face da reencarnação. O princípio da responsabilidade moral, que é irreversível, é intransferível, porque é individual, não se modifica nem se atenúa pelo simples fato de se dar aspecto legal a êste ou aquêle ato. Se a intenção não fôr honesta, o indivíduo terá que responder pelo ato praticado, cedo ou tarde, embora tenha apresentado todos os documentos exigidos pela lei escrita. É inútil esconder ou encobrir as más ações com as formalidades legais, porque a responsabilidade continua na trajetória do espírito reencarnado, pois a Lei Moral está sempre vigilante no fôro oculto da consciência. A reencarnação, como se vê, abre uma perspectiva ainda muito mais ampla ao problema da responsabilidade moral.

Deolindo Amorim

Aperfeiçôe o seu proceder. Hoje melhorado, é amanhã mais feliz

IN MEMORIAM

Dr. Maurice Delarrey

O Espiritismo europeu acaba de assistir ao desencarne de um dos seus mais ilustres propagandistas. No dia 1.º de outubro partiu Maurice Delarrey, um dos homens que, em nosso tempo, mais eficientemente contribuiu para a demonstração científica da teoria da reencarnação. Estava com 86 anos e, como Molière, Claude Farrère e Allan Kardec, usava um pseudônimo. O desejo de não alterar estreitas relações de estima com uma família onde reinava, ou reina ainda, de maneira absoluta e estreita, os piedosos ensinos das Escrituras, constringira Delarrey a escrever sob um pseudônimo. O ilustre cirurgião Larrey foi, em sua mocidade, denominado a Providência do Soldado, e Napoleão, que tão bem conhecia os homens de virtude, já antes de torná-lo Barão chamava-o o virtuoso Larrey.

Colaborador assíduo da «Revue Spirite», Dr. Delarrey publicou também inúmeros artigos no «Spiritualisme Moderne», de Liège e na «Tribune Psychique», onde sustentou combate contra a teoria, a nosso ver errônea, do Retorno Eterno, de Nietzsche, teoria essa que admite, contra tôda a evidência, que o mundo é regido por uma série de períodos cíclicos idênticos, o que particularmente interditaria ao homem tôda a esperança de uma progressão e de uma perfectibilidade indefinidas do genêro humano.

A contribuição mais importante do Dr. Delarrey ao progresso do Espiritismo consiste na prova decisiva e pessoal que trouxe em apôio da teoria da reencarnação. Encontraremos essa prova no artigo que segue.

Se, como é permitido pensar, o futuro trouxer outras provas pessoais da mesma ordem, provenientes de sábios ou de médicos interessados na pesquisa psíquica, ou de personalidades conhecidas, ignorantes das experiências do Dr. Delarrey, será preciso considerar que a teoria da reencarnação possúe já em seu ativo, — ao lado de fenômenos fortemente difíceis de ser explicados sem ela—elementos de primeira ordem, capazes de elevar a questão reencarnatória da categoria de hipótese filosófica admissível, à de teoria científica incontestável.

DR. MAURICE DELARREY

Cremos que quase todo o progresso importante do espírito humano, no domínio das ciências, comporta no concurso do Lado de Lá, concurso análogo àquele que é exercido na poesia, na literatura, na música e em tôdas as artes, sob o título de inspiração.

Também é permitido esperar que do Outro Lado o Dr. Delarrey possa auxiliar a realização de experiências análogas àquelas que lhe devemos, em favor da reencarnação.

Esta homenagem é devida ao seu mérito, ao seu devotamento, à eficácia de seus esforços, e prova ao Dr. Delarrey tôda a estima que o mundo espírita lhe devota, e a lacuna que deixa a sua partida para o mundo do espírito.

—

Uma Reencarnação Anunciada e Verificada

Pelo Dr. Maurice Delarrey

No tempo em que eu conservava ainda um certo cepticismo a respeito da doutrina da reencarnação e das vidas sucessivas, minha espôsa e eu fazíamos uma experiência de comunicação com o Além por meio do Oui-Já, e eu cheguei, de pouco em pouco, à convicção da realidade verdadeiramente *objetiva* das comunicações.

Ora, um dia, a prancheta, sob a mão de minha senhora, apontou lenta e penosamente as letras de um nome: FELIX. Apesar de nossas perguntas, não pudemos nada obter a mais nessa sessão. Mas no dia seguinte o mesmo nome nos foi dado e seguido, dessa vez, de um nome de família: FR......

De minha parte não conhecera nunca alguém com êsse nome, mas minha mulher se recordou de que seu pai tivera, outrora, por muitos anos, um doméstico assim chamado. Perguntei então à entidade supostamente presente: — Foste tu que estiveste outrora a servico do Snr. X e sua família na cidade de B.? Resposta nìtidamente afirmativa.

Minha mulher recompõe suas lembranças distantes e lhe vem à memória que *êsse Felix tinha a orelha direita muito descolada*, com o pavilhão levado para a frente, como os morcegos. Foi só na quarta sessão que êsse espírito conseguiu se manifestar mais fàcilmente e que uma verdadeira conversação pôde se estabelecer entre nós. Supusemos que aquela era a primeira vez que, desencarnado há mais de 20 anos, encontrava uma oportunidade de se manifestar aos vivos. E talvez lhe faltasse uma espécie de aprendizagem para manifestar seu pensamento às faculdades inconscientes de um médium. Aqui cumpre lembrar que, como minha espôsa transmite pelo Oui-Já, ela não tem nenhuma consciência do que escreve embora não fique em estado de transe aparente, uma vez que, enquanto sua mão guia a prancheta, pode manter conversação com os que a cercam sôbre qualquer assunto. Entretanto, a cada nova sessão, as respostas do invisível se faziam mais e mais rápidas e mais nítidas.

Na segunda sessão, o diálogo seguinte se estabeleceu entre Felix e nós:

P. — Que desejas, pois?

R. — Dizer-vos que em breve deverei estar de volta entre vós.

P. — Como entre nós?

R. — Finalmente em vossa família.

P. — Mas nossa família é numerosa e disseminada por tôda a parte. Podes ao menos precisar o lugar em que vais nascer?

R. — Sim, em P... (deu aqui o nome do lugar e compreender-se-á porque não posso revelar êsse nome e os das pessoas envolvidas, ainda vivas):

P. — Será então na casa de nossa jovem parente Y.?

R. — Sim, ela já tem duas filhas.

P. — Sabes os seus nomes?

R. — Sim! (E êle indicou seus nomes e idades).

P. — E conheces o dia de teu próximo nascimento?

R. — Sim, 24 de Setembro de 1924, pela manhã.

P. — Muito bem. E se êsse nascimento se produzir na data precisa, será sinal de que pudeste fazer a previsão. Mas, como saberemos que és tu mesmo, Felix, que estarás nascendo ali?

R. — Mademoiselle J... me reconhecerá por causa de *minha orelha*.

J. é o prenome de minha senhora, e até o momento da morte de Felix não tinhamos ainda nos casado e nem nos conheciamos. Depois desta sessão não obtivemos mais notícias do espírito. Tomei, entretanto, anotações precisas. Estávamos então no mês de Maio e ignorávamos a gravidez de nossa jovem parente.

No dia 24 de Setembro de 1924, às 8 horas, um toque de telefone do jovem pai deu-nos a feliz notícia do nascimento de um menino. Não lhe disse o que sabia já há 4 mêses, pois conhecendo sua mentalidade êle teria crido que mantinhamos relações com o diabo. E eu não gosto de contrariar as sinceras convicções católicas.

Em breve, três mêses depois do nascimento, fomos convidados para uma festa de família na cidade e na casa em que teria nascido o «pseudo Felix», mas em outro estado civil.

Havia muita gente presente e nossa parente estava feliz de apresentar seu filhinho pois, tendo duas filhas, supunha que fosse ter uma terceira. Recebeu-nos dizendo:

— Venham ver nosso belo garoto. Não está habituado com tanta gente e hoje, contrariamente ao seu estado natural, não está de bom humor: a cada vez que se aproxima um estranho põe-se a gritar...

Entramos no quarto onde estava o bêbê. Quando minha senhora se aproximou do berço, o pequenino sorriu entre lágrimas e estendeu suas mãozinhas para ela, que o tomou nos braços. Em seguida poz-se a balbuciar alegremente e a isso exclamou a mãe:

— Mas é verdadeiramente extraordinário. Dizer-se-ia que êle vos conhece!

Sabiamos bem que nos conhecia há muito tempo, mas nada diziamos afim de não sermos obrigados a revelar *como* e *por quem* fôramos informados. Se o fizessemos, correriamos o risco de ser excomungados da casa e da família. Depois dos elogios de hábito, perguntei à jovem mãe :

— Mas, porque essa bandagem em torno da cabecinha dêle?

— Oh! O pobrezinho teve uma má posição em meu corpo: veio ao mundo com a *orelha direita quase de todo descolada.* Com essa faixa o doutor nos disse que voltará ao lugar e de fato está corrigindo progressivamente: com mais uns mêses não se notará mais nada.

Agora deixo ao leitor o direito de atribuir esta aventura, de começo ao fim, ao simples acaso e às puras coincidências fortuitas... ou de nela ver uma prova patente e indiscutível de uma reencarnação PREVISTA, ANUNCIADA E REALIZADA.

(Transcrito de «La Tribune Psychique»)

NOTA DA REDAÇÃO: — Êste artigo do saudoso Dr. Delarrey apareceu em 1949 na «Tribune Psychique» *e em 1948 na* «Revue Spirite».

◆◆◆

A Respeito de Criticas Publicadas pelo General Alfredo Molinaro no Jornal «Mundo Espírita»

II

Esclarecida na primeira parte nossa posição, em face da tese do conceituado confrade, Gal. Alfredo Molinaro, sôbre o caso Emmanuel e Humberto de Campos, e mais aquela crítica adicional, relativa às expressões — Espiritismo municipal... pátrio... brasileiro —, vejamos agora esta outra sua advertência, também ali adicionada, onde nos teria atingido.

Como introdução lembremos que o Espiritismo, tratando-se de doutrina evolutiva, sem dogmas para que padronizasse nossos conceitos doutrinários, cada adepto oferece livremente sua contribuição de trabalho, de acôrdo com o seu grau de entendimento. Assim, os que se dedicam às divulgações literárias gozam a liberdade de expor seu modo particular de pensar, desde que se respeitem os fundamentos da doutrina. Como geralmente, uns aprendendo outros ensinando, cada qual nos seus estudos mais se inclina a determinado gênero de aprendizagem, entre os diversos setores doutrinários, individualmente não se está na obrigação de a tudo saber, além da matéria em estudo a que mais se dedica, embora não se infira com isso que se deva ser estranho aos demais postulados da doutrina. Daí às vezes o adepto, no seu labor literário, ao estender-se por outros setores, poder incidir em algum deslise, motivando observações por parte de outros colaboradores, advertindo-o na sua falta acidental. E' assim que nós, militando nestas páginas, onde mais estamos para aprender, apesar de que vez ou outra proponhamos algo do nosso modesto conhecimento, jamais deixamos de acolher orientações dos mais abalisados na doutrina. E achamos elogiável quando os mais experimentados oferecem sua contribuição, ensinando e corrigindo, onde seja necessário orientar os que se enganam em alguma particularidade.

E' justamente o que agora nos acontece, com uma das advertências do esforçado elemento, Gal. Molinaro, que ao criticar uma frase, supostamente mal empregada por um outro colaborador, teria também nos atingido, dentro da sua severa reprimenda.

Embora lamentemos a impetuosidade da sua tese, elaborada mais com feitio de censura, ao invés de fraternidade e tolerância conforme recomenda nossos postulados doutrinários, ainda assim, não podemos deixar de admirá-lo, no seu predicado de meticulosa cultura analítica. Contudo, na particularidade do nosso caso, onde nos teria atingido com a sua lacônica crítica, parece-nos não ter sido muito feliz, embora reconhecemos e respeitamos a sua sinceridade expositiva.

Vejamos:

Ali, na sua advertência adicional, sob pretexto que o Espiritismo é doutrina dos Espíritos, e não de Kardec, criticou a expressão — doutrina de Kardec —, de um artigo intitulado — Doutrinar Sempre —, sem ter mencionado os nomes do autor e revista dessa publicação. Como apresentou simplesmente a frase isolada, não a teria considerado pelo sentido, de acôrdo com a sua função no tema de onde foi separada, ou se por ventura trataria-se de vulgar lapso. Entretanto, para contestá-la, insinuou o seu sentido pelo de um outro caso diferente, colhido em um dos livros de Kardec, dizendo: — «No entanto, refutando o articulista, há a palavra de Kardec no — O Que é o Espiritismo — ... com uma advertência singular, — ... diz-se a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz: mas nunca se poderá dizer Doutrina de Kardec.»

De fato, a expressão aí advertida pelo mestre Kardec, como lá está na pág. 81 do seu livro, justifica-se porque não se trata de um simples reparo à uma incorreção vocabular, como seria aquela do articulista, mas no de contestar a idéia mental objetivada na frase, como valor de tese locutiva, atribuindo à Kardec a autoria da origem doutrinária.

Ora, se entre nós espíritas não existe o propósito de atribuir a Kardec a origem da doutrina, em detrimento aos Espíritos realizadores da obra, a presença dessa frase, entre colaborações da nossa doutrina, não estaria construída com essa finalidade. Trataria-se de incidência, desencadeando-se por um fator de acomodação locutiva, onde a idéia não se entende ao rigor da letra objetivada na frase incidente, mas na subjetividade do seu conteudo mental que se reintegra no valor do tema predominante. Logo, se cuidamos de um tema, sem tratar da origem doutrinária, e incidirmos na expressão — doutrina de Kardec —, ou noutras equivalentes, — vossa doutrina — seu sistema —. dirigidas ao mestre, o propósito mental nessas locuções não é o de atribuir a Kardec como autor da doutrina, tal como se julgaria pela forma vocabular locutiva. Se nos atermos no rigor da letra então seria o caso de quando, pelo sentido recíproco, dizemos — nossa doutrina —, locução esta encontradiça na literatura espírita, alguém protestar de que a doutrina não é nossa, mas dos Espíritos.

Na verdade, incidissem essas locuções na importância que se pretendeu dar, já de há muito outros militantes da doutrina, tão honrosos como o Gal. Molinaro, teriam se preocupado com elas. Entretanto, embora não se trate de frases generalizadas, portanto não convencionadas, na literatura espírita, nota-se a incidência entre colaborações de alguns dos nossos autores ilustres, sem jamais ter sido por outros, adeptos da doutrina, causa de preocupação. E isso já vem desde Kardec, sem que o mestre também tivesse se preocupado com essa particularidade. Lá está naquela sua mesma obra, apontada na crítica do Gal. Molinaro, onde, na pág. 12, que teria escapado da observação do nosso crítico, um interlocutor, em diálogo, sem estar cuidando da origem da doutrina, acomoda-se no fim da locução, assim se dirigindo ao mestre: — «... caso ficasse convencido da realidade da VOSSA DOUTRINA» — e mais adiante, na pág. 36, o mesmo se dando com outro interlocutor que diz: —«... se ela (a ciência) estivesse do vosso lado, daria grande pêso ao VOSSO SISTEMA» (nossos os parêntesis e grifos).

No entanto, com estas, o mestre, na sua qualidade de pedagogo, nem se perturbou, apesar de serem formas locutivas equivalentes na aparência com aquela da pág. 81, advertida. Cuida-se em diferenciar os dois casos, semelhantes na forma mas não no sentido. Não se confunda frases incidentes com as de função como tese. Daí o cuidado, a exemplo de Kardec, em não se tomar umas pelas outras, para não se contradizer, como acontece na atual crítica do Gal. Molinaro. Cabe ao leitor, também responsável pela interpretação correta do que lê, buscar nos casos de dúvida esclarecimento no sentido predominante do tema, ao qual se prende a particularidade locutiva.

Pelo exposto conclue-se que tais expressões, incidindo por acomodações locutivas nas divulgações da doutrina, sem disvirtuar a origem doutrinária, estão imunes de criticas, tal como se fez.

como se fôssemos nós espíritas que iríamos contrariar os fundamentos básicos da própria doutrina pela qual perfilhamos.

Contudo, não se julgue estarmos insinuando convencionar a generalização dessas incidências nas divulgações da doutrina. O nosso objetivo é apontar o desajuste da crítica, a qual advertiu uma coisa quando se disse outra. Entretanto, tratando-se de frases incompletas, mesmo sem molestar conceitos doutrinários, não deixa de ser uma anormalidade locutiva, reconhecemos. Mas se por isso merece reparos, então que se faça no seu justo mérito.

Como incompletas estariam sujeitas a deturpações por parte de certos adversários da atualidade, hábeis na exploração de frases truncadas, nos seus ataques desleais ao Espiritismo, a exemplo do frei Boaventura, se bem que desprezível essa tática dos nossos atacantes. Mas considerando-se essas razões, então um alerta, precavendo-nos, da inconveniência dessas locuções incompletas, já seria justificável. Mas aí, cuidando-se de questão intra-doutrinária, o reparo de incidências, sem valor de real importância, comportaria-se à uma observação fraterna, por justiça extensivel ao geral dos incidentes, e não crítica radical, tal como se fez, ainda com impacto chocante, que veio também atingir apenas um elemento isolado, quando a suposta falta já vem se repetindo de outros, desde o início básico da nossa literatura doutrinária.

Assim, o nosso crítico, ao julgar por agora algo que já vem de uma distância secular, deduzimos que, no seu acúmulo de estudos, teria perdido algum contato a certos conceitos de Kardec. Sentimos a franqueza, mas tal também se mostra nesta outra sua falta de observação doutrinária, a que rogamos permita-nos relembrar algo lá da sua crítica, com o caso Humberto de Campos. Ali advertiu uma questão, na qual, o Gal. Molinaro, colide frontalmente com Kardec, e até com o próprio Cristo, como passaremos a ver.

Ora, assim como criticou a frase — doutrina de Kardec —, sob argumento que a doutrina é dos Espíritos, também lá com Humberto de Campos criticou, nesse mesmo nível, o conceito de doutrina do Cristo —, baseando-se em que o Cristianismo é doutrina de Deus, como afirmou o próprio Jesus. Diante disso, colocou a origem das duas revelações doutrinárias, — Cristianismo e Espiritismo —, no mesmo paralelo, quando uma e outra revelações não vieram pelo mesmo processo. O Espiritismo é doutrina mediúnica revelada pelos Espíritos, de cuja observação experimental Kardec codificou e editou essas mensagens, através de um corpo de obras literárias. Tratando-se portanto de doutrina dos Espíritos, o próprio codificador reprovou o conceito de — doutrina de Kardec —, no sentido de lhe atribuirem a origem doutrinária.

Mas o mesmo não se diz do Cristianismo, que, apesar de ser doutrina de Deus, a revelação, tendo sido pregada às multidões, diretamente através da palavra e exemplos de Jesus Cristo, o conceito de — doutrina do Cristo —, desde o início generalizou-se, até os dias de hoje, entre os povos cristãos. E, entre nós espíritas, a começar com Kardec, seja qual fôr o motivo, jamais cogitamos em contrariar a essa acomodação expressiva, que se convencionou ao ser acomodada pela palavra do próprio Cristo, quando afirmou: — «A MINHA DOUTRINA não é minha...» S. João, 7: 16. (nossos os grifos), cuja frase consta na própria tese do Gal. Molinaro.

Veja-se aí — A MINHA DOUTRINA ... —.

Logo, com o exemplo dessas palavras do próprio Cristo, não se pode dizer — doutrina do Cristo — com a idéia de tese de que o Cristianismo seja doutrina sua. Mas como *nominação convencional*, conforme o próprio exemplo do Cristo, justifica-se o conceito de — doutrina do Cristo —.

Como se vê, não será portanto de se *estranhar* hoje a presença de tal conceito na literatura Espiríta, quando a adaptação já vem desde a própria origem milenar.

Entretanto, o Gal. Molinaro, descuidando-se dessa observação, quando criticou essa mesma frase, — doutrina do Cristo —, lá em Humberto de Campos, contrariou não apenas o próprio Mestre de há dois mil anos, como também a generalidade dos espíritas estudiosos da Bíblia, e até o próprio Kardec, em nome do qual pretendeu formular sua tese. Pois lá está, contrariando o rigorismo da sua crítica, na obra de Kardec, com o qual aqui estamos para aprender, «A Gênese», no capítulo Caráter da Revelação Espírita, questão n.º 49, onde o mestre diz: — «A doutrina de Moisés era despótica... A de Jesus conselheira.»

Como vemos, Kardec referindo-se à — doutrina de Jesus —, conceituou aquilo mesmo que o distinto confrade condenou em Humberto de Campos. Portanto, é estranho que o Gal. Molinaro, estudioso do Espiritismo, deixasse de reparar êsses conceitos lá nas fontes básicas, para criticá-los na exposição das nossas atuais divulgações doutrinárias. Não deixa de ser um descuido lamentável, para o brilho analítico do digno crítico, pois, como vimos, se foi mal sucedido pela base, contrapondo-se inadvertidamente duas vezes a Kardec, e até ao próprio Cristo, como acabamos de ver, teria levado os leitores a dúvidas nas suas críticas, no que mais se disse de Emmanuel e Humberto de Campos.

E' uma pena, mas a conclusão aí não poderia ser outra: a negligência no exame pela base já seria um mau índice credencial de como teria andado pelo restante da sua tese.

E aqui, com êsse comentário, encerramos a nossa justificativa, da advertência com a qual nos atingiu o arrojado crítico que, apesar dessa nossa divergência, continua com muita dignidade e respeito na nossa sincera admiração.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

O Caso José Arigó na Câmara Federal

Discurso Proferido na Sessão Vespertina de 10/12/1962

(Conclusão)

Passo agora à leitura dum tópico do livro do Dr. Hernani Guimarães Andrade, dedicado investigador dos assuntos metafísicos, metapsíquicos e imortalistas, festejado autor do soberbo trabalho «A Teoria Corpuscular do Espírito». É do seu novo livro: «Novos Rumos à Experimentação Espirítica» que extraio o referido tópico:

«Novamente empregamos o têrmo biopsíquica, porque esta palavra condiz melhor com a natureza daquilo que hoje entendemos como experimentação espirítica geral. Não pretendemos discutir a propriedade do vocábulo. Apenas propômo-lo para significar uma disciplina de alcance mais amplo, englobando tanto o que é objeto do Espiritismo, como o que cabe exclusivamente no âmbito da Metapsíquica e da Parapsicologia.

Sugerimos, então, a criação de um Instituto de Pesquisas Biopsíquicas, que seja dotado de todos os recursos necessários para levar a cabo um extenso programa de investigações em todos os setores do Espiritismo, da Metapsíquica e da Parapsicologia.

Semelhante Instituição seria organizada nos moldes dos grandes centros de pesquisas mundiais. Sua manutenção far-se-ia à custa de contribuições de sócios, doações de particulares e subvenções do govêrno. Uma revista incumbir-se-ia da necessária divulgação dos resultados obtidos nas investigações.

Sem uma conjugação de esforços, pouco ou nada poderemos esperar neste sentido. Não lograremos grandes progressos se, em lugar de atacarmos o problema do espírito continuarmos a atacar o espírito do problema. Seja Parapsicologia. seja Metapsíquica, seja Espiritismo, seja lá o que fôr, não vemos grandes possibilidades de avanço enquanto perdurarem as discussões bizantinas, os pontos de vista extremados, as tomadas de posição definitivas, os prematuros e discriminatórios rigores de classificação e termonologia, etc.»

Por que mais citações? posso fazê-las em abundância. Mas, não é necessário.

Existe inegàvelmente a energia eterna ou matéria cósmica, astral, tetradimensional. Pois bem. Se cientistas, têm inclinações espiritualistas, razão maior para investigarem o fenômeno e depois nos contar o que, na realidade, existe em tôrno dêle. O que não está certo, positivamente é que alguns médicos de Belo Horizonte, de Campinas e alguns outros de São Paulo, não todos, insurjam-se, agridam a José Arigó, sem terem o cuidado de estudar o assunto, sem perderem horas ou dias em Congonhas do Campo, sem voltarem as páginas notáveis dêsse livro tentador e revolucionário, constituído pelas curas incontáveis e surpreendentes operações astrais dêsse homem que, muitas vêzes, realiza duas intervenções cirúrgicas simultâneamente sem olhar para nenhum dos pacientes, sem que os mesmos sofram dores, sem derramamento de sangue, sem as coagulantes, sem anestésico, sem as providências e exigências normais que envolvem uma operação comum.

Arigó não explora nada e a ninguém. Vive de seu trabalho modesto, digno e honrado, funcionário público que é. Mas, quem são os que o procuram? São os desiludidos, são os não atendidos, são os desesperados. Em quase tôdas as famílias há um doente desesperado. Eu o digo porque sou constantemente assediado por incontáveis pessoas que me pedem informações relativas a Arigó e a maneira mais fácil de chegarem a êle. Quando, onde, como pode êle atender. Se, possível, que eu dê um bilhete, um cartão, uma carta de apresentação para o notável, para o famoso médium. Há um interêsse geral. Mas o Ministério da Saúde continua mudo e quedo no seu preconceito, no seu mêdo, e não responde aos quesitos que formulei no meu requerimento de informações.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, eu não estou só, absolutamente. Atrás de mim há uma multidão de companheiros, de amigos, especialmente de espíritas que confiam em minha atuação, que sentem minha lealdade, que solicitam tome eu posição decidida neste assunto eloqüente, tão vibrante, tão expressivo que abala o país em seus quatro pontos cardeais.

Em bem menores proporções há casos semelhantes a que, no momento, não vou referir-me. Entre êles está um japonês pobre, bondoso, simples, que possui grandes facilidades para curar: Honorio Hasamoto. Está prêso na cadeia pública de Guararapes. Foi bem mais cômodo a vários médicos negocistas e a um juiz barato pô-lo no cárcere, do que estudá-lo à luz das ciências médicas e jurídicas. Eis por que estou nesta tribuna, sem receio, sem mêdo de enfrentar quem quer que seja, pois os homens podem dividir-se em duas categorias: os que conhecem o assunto e os que não o conhecem. Há um médico aqui na Câmara que esteve lá, assistiu às operações e voltou encantado com José Arigó. Não lhe digo o nome nem o partido a que pertence, porque me pediu não o fizesse, senão ficaria mal situado na cidade onde reside. Mas, se me autorizasse a fazê-lo, revelaria seu nome e os contatos que teve em Congonhas do Campo. Poderia, como disse, trazer uma lista de intelectuais, de cientistas, jornalistas, médicos, engenheiros, cirurgiões-dentistas, homens cultos, homens da classe média e das classes mais modestas que atestam, afirmam, garantem, os marvilhosos acontecimentos, as extraordinárias intervenções que êsse apóstolo do bem vem realizando em Congonhas do Campo.

Sr. Presidente, insisto em que o Ministério da Saúde responda como quiser, como puder, mesmo que seja injuriando, a começar pela minha própria pessoa, mas responda, pois que estamos pedindo, e eu sou representante do povo nesta Casa. Se não responder — e cinco mêses são passados desde que o requerimento chegou às mãos do Sr. Ministro da Saúde — então aquêle Ministério terá lavrado um atestado de imbecilidade, ou então de suprema covardia, fugindo de uma responsabilidade que lhe é inerente.

Ficam aqui, pois, estas minhas palavras. Voltarei ao assunto e reitero esta afirmativa: José Arigó e o grande médico, seu espírito protetor, Doutor Fritz, estão prontos a comparecer para o devido estudo, para as devidas análises, para a necessária observação, para as atitudes que os homens, professôres, médicos, titulares, dentro do quadro da ciência, exijam dêsses dois notáveis elementos conjugados na realização do seu programa. Programa de amor, de bondade prática, de encantadora renúncia, que vai abrir, mesmo com intraduzível sacrifício, os portais de um novo e empolgante panorama, qual seja a continuação da vida do espírito do homem após a morte de seu corpo físico. Saúdo desta tribuna a José Arigó, ao nobre e belo espírito que é o abnegado Dr. Fritz e aos companheiros que têm a magnífica coragem moral de virem a público afirmar suas convicções.

Senhores, embora perseguido, embora incompreendido, embora sem a menor proteção da Justiça, da Lei, dos poderes competentes, como os tiveram os ilustres sacerdotes a que me referi minutos atrás, embora debaixo dessa situação injusta, anti-humanitária e anti-científica, êle continua curando, continua libertando inúmeras criaturas de seus sofrimentos inenarráveis; continua fazendo suas intervenções, 95 % das quais com ótimos resultados. Se autoridades judiciárias, policiais, certos médicos e psicólogos temem comprometer sua reputação ilibada, por se ocuparem dos fenômenos citados (sosséguem, ó leões do mêdo e do preconceito!) que a Igreja, que vem sofrendo os influxos do progresso e da libertação do homem e que tem à frente o mais notável e respeitável de todos os Papas, não os molestará, não os condenará!

……

Sr. Presidente, para concluir, contemplando mais uma vez a face simpática e sorridente de V. Ex.ª.

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Guedes) — Muito obrigado a Vossa Ex.ª

O SR. CAMPOS VERGAL — ... quero apelar para V. Exª. no sentido de que insista junto ao Ministério da Saude a fim de que nos mande a resposta dos quesitos que formulamos e lhe enviamos cinco mêses atrás. *(Muito bem, muito bem).*

O OUTRO LADO DO MURO

Visões no Invisível

As homenagens que são prestadas a Mme. Gabrielle Fammarion, dão-nos ocasião de lembrar algumas páginas publicadas por ela na «Revue Spirite» *de junho de 1929 e através das quais,—e de numerosas outras—seguindo as pegadas de seu ilustre espôso, contribuia para dirigir o pensamento científico do seu tempo para as questões psíquicas*

A imperfeição de nossos sentidos materiais nos interdita a penetração do absoluto. Há um muro diante de nós. Os que puderam ver as muralhas do velho castelo de Coucy ou de outros ninhos de senhores feudais da Idade Média, medindo cinco e seis metros de espessura, ou mesmo aquêles do Observatório de Paris, cuja espessura é de dois metros, sabem o que seja um muro impenetrável. A fôrça brutal, cega, dos obuses pode estremecê-los, mas resistem aos embates do tempo como ao assalto de nossos olhares. Pois bem, imaginemos um muro através do qual ninguém poderia ver. Dizemos simplesmente: — «Há qualquer coisa por detrás dêsse muro». O que? O desconhecido, o invisível, o inconcebível por nós. É inútil procurar ver através dêsse muro.

Seguramente, o relativo não pode ter a pretensão de penetrar o absoluto. Convençamo-nos bem disto! Os teólogos estão, a êste ponto de vista, todos no êrro mais ingênuo.

Entretanto sentimos em nós mesmos que, embora sêres relativos, fazemos parte do absoluto e que fôrças desconhecidas podem nos permitir divisar certos mistérios através dêsse muro e isso à condição do estudo científico.

Através dêsse muro, a agulha imantada percebe a ação do magnetismo terrestre e a imponderável eletrecidade o atravessa. Outras radiações o percorrem de ponta a ponta, como os famosos raios cósmicos dos quais o prof. Millikan fez um estudo tão notável.

Em presença das manifestações psíquicas e dos fenômenos do *Lado-de-lá,* nós nos encontramos também diante de um muro de espessura considerável, incalculável, que começamos a penetrar por uma pequenina brecha. É necessário que os pesquisadores aprofundem essa brecha e avancem mais longe no conhecimento da verdade.

O pensamento salta ou atravessa o muro, e se transmite à imensas distâncias com uma rapidez prodigiosa. Numerosos casos de telepatia, cientìficamente estudados, testemunham isso. A telepatia se impõe a nós com tanta realidade quanto a radiotelegrafia, a radiofonia, a televisão e outros fenômenos físicos dantes desconhecidos e hoje incorporados à ciência.

As aparições de vivos são igualmente inegáveis. As dos mortos partilham a opinião de dois campos : de uma parte os negadores impenitentes, que nada convencerá jamais, mesmo a evidência ; de outra os crentes fervorosos, por vêzes cegamente crédulos, que fazem do Espiritismo e do psiquismo apenas uma religião. A verdade deve se intercalar entre êsses extremos, no grupo dos pesquisadores livres e imparciais.

Aqui, como em tôdas as ciências experimentais, os fatos da observação, entregues à meditação, à análise e à discussão de espíritos esclarecidos e independentes, serão por muito tempo ainda o Abre-te Sésamo do muro levantado entre nosso mundo e o Outro-Lado.

A Negação nunca conduziu a nada...

Do *dossier* precioso, formidável, constituido por meu querido e saudoso marido, extraio as observações seguintes. A primeira foi documentada no dia 23 de junho de 1924 por um conhecido pintor americano, Mac-Lure Hamilton, enquanto êste fazia o retrato de Camille Flammarion, no Observatório de Juvisy. Eis o relato textual :

«Estávamos um dia, minha mãe, minha espôsa e eu na casa de uns amigos em Goodwick, no país de Gales, durante o verão de 1904. Uma noite, por volta das 10 horas e meia,—estava bem escuro embora a noite não fôsse inteiramente negra — num grupo de cinco pessoas voltávamos de um passeio ao longo da estrada e entrávamos na casa. Detivemo-nos no portão do jardim que abria sôbre o caminho para, em nos separando, dizer boa noite. Erguendo os olhos para a casa vimos, todos, nìtidamente, à porta, andando sob o pórtico, uma mulher vestida de negro, sem chapéu, com uma candeia na mão. Iluminava com sua lampada como se procurando qualquer coisa no jardim. Depois, repentinamente voltou-se e, para nossa estupefação, entrou na casa passando através da janela fechada (era uma janela de tipo guilhotina, como há tantas na Inglaterra, que não se pode abrir sem um esfôrço especial, com as duas mãos).

Nós nos olhamos em silêncio, sem balbuciar uma palavra. Éramos quatro homens, (dos quais um era um jovem pastor) e uma jovem e bonita mulher. De um salto o pastor entrou na casa, por um respiradouro, querendo interceptar a aparição que não pôde, entretanto, alcançar. Eu entrei, fui ao quarto de minha mãe e vi que ela dormia tranqüilamente.

Foi impossível descobrir qualquer traço do fantasma. Parecia-se com uma filha de nosso hospedeiro, casada, que morrera recentemente. Sua mãe estava certa de que se tratava mesmo dela, pois que quando viva a moça tinha o hábito de agir daquela maneira, esperando, no jardim, o marido que sofria de desfalecimentos. A irmã (viva) do fantasma ficou de tal maneira assustada com a narrativa dessa aventura que não quis mais entrar na casa.

Nenhuma das cinco testemunhas conhecia êsse pormenor concernente à mulher morta que era inteiramente estranha a todos. Que concluir desta observação ? O narrador, Hamilton diz :— «Vi um fantasma e não creio em fantasmas». Numa circunstância análoga o general Thiébault lembra em suas *Memórias* um fato da mesma ordem (a voz de um irmão ouvida no momento da morte, dizendo adeus), e escreve : «Nunca pude acreditar nessas coisas e no entretanto eu não posso jamais duvidar do que se deu». Essa situação paradoxal de nosso espírito não é rara. William Crookes repetiu a propósito de suas constatações sôbre Katie King : «Não digo que é possível, digo isto se deu». E há, com efeito, todo um mundo de estudos além de nossa ordem normal de raciocínios. Há coisas que parecem impossíveis e que, entretanto, são belas e bem reais.

Êsse fantasma com uma candeia na mão, passando através de uma janela, não estava lá embora visto por cinco pessoas. Não havia candeia, nem mão a sustê-la, nem braço, nem corpo, mas apenas uma impressão à vista das testemunhas, isto é, *em seus espíritos.* Essa impressão foi produzida por uma causa determinante, e essa causa foi a morta que continuava, *em espírito,* um hábito adquirido há muito tempo, e isso muitos mêses depois de sua morte.

Poder-se-ia objetar que sua mãe, que conhecia êsse hábito, pôde sugerir a imagem aos que a perceberam. Mas a explicação de sua ressurreição temporária e fugitiva por uma transmissão de pensamento entre vivos, parece ser ainda mais complicada que a visão do fantasma suscitada pela própria morta.

Certamente seria muito mais simples negar êste fato do que procurar explicá-lo. Mas a negação nunca conduziu a nada, é um meio fácil de fugir às coisas difíceis de resolver. E após êste fato, seria preciso negar outros dez, cem, mil, milhares, pois que a história antiga e moderna está cheia de aparições e é pouco provável que as testemunhas e os narradores tenham todos tido alucinações. Além disso, o que conhecemos é relativamente bem pouco em comparação com o número de observações sem conta a que se referem, ao curso da conversação, pessoas dignas de tôda a fé. Em geral riem dêsses fatos, desprezam-nos, ocultam-nos. Temor da zombaria? E' possível. Mas aqueles que conhecemos, sobrenadam apesar de tudo, e provam a existência de um sem número de outros. Camille Flammarion reuniu milhares e eu mesma, pessoalmente, recolhi recentemente, um muito curioso, que julgo um dever submeter à análise dos leitores.

As Aparições da Castelã

No dia 9 de junho de 1924 recebemos em Juvisy a visita de sábios americanos para um estudo concernente à superfície de outros planetas e notadamente de Marte, e quando a conversação incidiu sôbre pesquisas psíquicas, uma pessoa do grupo fez a narrativa que se vai ler:

«Foi na Virginia. Eu era ainda criança de doze ou treze anos, por volta de 1883. Tinhamos ido, minha irmã mais velha e eu passar o verão com uma família amiga, os Carter, que eu visitava pela primeira vez. Os quartos estavam quase todos ocupados por amigos. O meu era muito espaçoso, no segundo andar, ao fim do corredor. Por causa do calor, as janelas e a porta permaneciam sempre abertas.

Muito fatigada pela viagem, não tardei a dormir. Tarde despertei ouvindo passos e o fru-fru de um vestido de seda no corredor, e vi se aproximar uma dama. Estava escuro, mas eu vi muito bem. Perguntei: — Quem é? Ela não respondeu e saiu tranquilamente. Tornei a adormecer.

Um pouco mais tarde, na mesma noite, fui outra vez despertada pela desconhecida. Ouvi seus passos, o fru-fru de seu vestido e a vi. Ela se aproximou de mim e outra vez perguntei: — Quem é? Como da primeira vez não me respondeu. Não sou nervosa, nunca senti mêdo, apenas curiosidade. O fanfasma foi-se e mais uma vez adormeci.

Mas não era o fim. Uma terceira vez êle voltou. Vi-o muito melhor de que nas vêzes anteriores, distingui perfeitamente o seu rosto, semelhante ao de alguém que eu conhecia. Outra vez perguntei quem era mas não me respondeu ainda. Irritada por êsse silêncio saltei do leito para deter a desconhecida e obrigá-la a falar. Mas silenciosamente ela desapareceu.

Eis minha observação, da qual estou tão certa quanto de todos os acontecimentos habituais da vida cotidiana.

No dia seguinte narrei essa aventura e não encontrei nenhuma surprêsa dos que me ouviam. Então compreendi que a casa, que datava de pelo menos dois séculos, era tida por assombrada e que uma velha dama da família, morta há cem anos, aparecia de tempos a tempos. Mostraram o seu retrato no salão. Tinha mudado de lugar muitas vêzes por causa da guerra com a Inglaterra, fôra escondido e depois reposto. Havia, disseram-me, qualquer relação entre as mudanças que o retrato sofria e as aparições da velha senhora.»

A narradora é Mrs. Bartlett, hoje viúva do célebre escultor americano, morto acidentalmente há dois ou três anos. Esta é uma narrativa de primeira mão.

Assim, eis uma dama morta há um século que volta a visitar sua moradia terrestre. Mas vinha efetivamente? Dava, pelo menos, o simulacro, visão fugitiva de um mundo invisível. E êsse mundo invisível se impõe a nós a cada dia com mais fôrça, em todos os domínios da ciência, nas manifestações mais simples da natureza como nas mais complexas.

O Mundo Invisível no qual estamos imersos...

Vemos o vento? Êle existe, não obstante, dotado de uma poderosa fôrça. Não vos aconselho, por experiência, a agarrardes às asas de um moinho de vento; nem a terminardes uma viagem aeronáutica no meio de uma depressão barométrica; nem a tomardes um barco na aproximação da tempestade. Essa coisa invisível, é uma das grandes fôrças em ação sôbre o nosso planêta. Ela arrebata navios, levanta o mar em montanhas, fragmenta falésias, desenraiza árvores, abate os edifícios, vira vagões, sopra, sibila, grita, geme, muge, esmaga e mata. E essa coisa, o vento, é invisível!

Negar o que não vemos ou aquilo cujos efeitos não vemos, é quase que uma heresia científica. A fotografia planetária nos oferece também, atualmente, um bem curioso exemplo da visão do invisível!

Há uma quinzena de anos um físico americano, R. W. Wood, teve a idéia de filtrar a luz branca do Sol (composta, como todos sabem, de côres visíveis na faixa *imaterial* e também aérea e translúcida do arco-iris) através de écrans coloridos afim de não deixar passar senão uma radiação escolhida: ultra-violeta, violeta, azul, verde, amarela, vermelha ou infra-vermelha, e de fotografar as paisagens em luz monocromática. Foi uma revelação. As imagens assim obtidas, metamorfoseiam os aspectos a um tal ponto que tem-se a impressão visual de um outro mundo.

Em realidade se nossos olhos fossem construídos de outra forma, veríamos a Natureza sob aspectos muito diferentes daqueles que ela nos oferece. Tôdas as nossas impressões visuais se estendem do vermelho ao violeta. Além não vemos mais nada, *mas sabemos que há ali alguma coisa.*

Além do vermelho, o termômetro nos revela raios caloríficos, invisíveis para nossos olhos: é o infra vermelho. Além do violeta, as placas fotográficas se impressionam. Há ali raios químicos, actínicos, igualmente invisíveis para nossos olhos: é o ultra-violeta.

Os resultados singulares obtidos sôbre a terra, sugeriram ao pensamento a aplicação dêsse processo à fotografia dos outros mundos. Ensaios menos amplos tinham sido tentados anteriormente em França pelos Snrs. de la Baume Plivinel e Baldet. Outros foram realizados recentemente, com um sucesso perturbador, pelo Snrs. W. H. Wrigtht e Frank E. Ross, na América.

Sob luz infra-vermelha, o planêta Marte mostra notáveis detalhes de sua superfície, enquanto que sob luz violeta êle se oculta completamente. Nosso outro visinho, o planêta Vênus, procede de forma diferente: vela-se sob o infravermelho e oferece detalhes apenas sob o ultra-violeta. Se nossos olhos fossem sensíveis apenas aos raios ultra-violetas, concluiríamos que não havia nada sôbre Marte e ignorariamos a existência de seus continentes e de seus mares. Vênus, pelo contrário, nos apareceria menos ávaro de detalhes. Mas se nossos olhos fossem apenas sensíveis ao infravermelho, nossas concepções sôbre o estado físico dêsses outros mundos seriam inversas.

A existência de fantasmas reais, objetivos, exteriores àqueles que os vêem, que os ouvem, que os tocam é inexplicável e incompreensível. Mas nossa impossibilidade de os explicar não tem o valor que lhe atribuimos. A ciência está atualmente, diante dos fantasmas dos vivos e dos mortos, como diante dos duplos num estado comparável àquele de quando se apresentaram os aerólitos, ao tempo dos dois eminentes sábios, Gassendi em 1627, Lavoisier, em 1768, grandes espíritos de primeira ordem mas que não puderam, como tantos dos seus contemporâneos, explicar essas pedras que caiam do céu e que tinham a imprudência de negar. Sirva-nos a lição!

Acumulamos fatos. Na história de tôdas as ciências, o que importa, em primeiro lugar, é reunir materiais de construção. Em astronomia temos Tycho-Brahé preparar para Képler as observações sôbre as quais a órbita de Marte pôde ser estabelecida, e Tycho-Brahé prestou mais serviços ao progresso com êsses materiais do que com suas teorias. Um Képler do psiquismo, descobrirá um dia as leis dos sistemas do mundo invisível se servindo, para isso, dos elementos trazidos pelos trabalhos anteriores.

O mundo invisível existe, mas permanece quase que inteiramente desconhecido. Estamos imersos no seu interior. Um grande número de observações parecem indicar que os sêres que amamos nos cercam e nos protegem.

Nosso mundo visível e o mundo invisível podem coexistir, se interpenetrar, sem que disso saibamos nada, em nossa condição atual. E poder-se-ia mesmo apostar que o invisível é consideràvelmente mais vasto do que o visível.

Gabrielle-Camille Flammarion

Serões Bíblicos - XI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo XI)

Chilon, despreocupadamente, pôs-se de pé, foi até à janela a fim de descansar os olhos nas coisas distantes. Urubus revoavam, em círculos, sôbre a praia, recortando-se sôbre o fundo claro e azul do céu. Lumbaio esperava, impaciente, e Chilon parecia gozar com sua impaciência; transcorrido que foi o tempo de uma pausa prolongada, tornou Chilon ao seu lugar na cama, ao tempo que dizia:

— Fale ainda Fritz Kahn, referindo-se a uma fórmula matemática: «*Esta fórmula não é para ser compreendida e sim para ser observada,*—a fim de que o leitor faça uma «idéia» do aspecto que assumem as fórmulas na física moderna. O mesmo acontece quando visitamos uma oficina de tecelagem ou a tipografia de um jornal; vamos observar apenas, contemplando, com admiração e respeito, as máquinas cuja estrutura e funcionamento não conhecemos. Isto não impede, porém, de nos sentirmos engrandecidos» (op. cit. I, 24). E prosseguiu:

— É mais para êste fim que foi descrita a Criação no Gênese; não tanto para causar entendimento como para produzir temor ao ser contemplada com místico respeito, pois, como escreveu Shakespeare, «o melhor da humanidade é o temor» (op. cit. I, 59)... Spinoza tem razão: «As Escrituras não explicam as coisas pelas suas causas secundárias; apenas as descrevem na ordem e no estilo mais próprios para impelir os homens, sobretudo os ineducados, à devoção... Seu objetivo não é convencer a razão, mas empolgar a imaginativa». (Will Durant, História da Filosofia, 175). Por que se há de exigir tanto de Moisés, se ainda, agora, não se sabe ao certo, como foi feita a Criação? Se você sabe, Lumbaio, diga-me, só isto: como feita a Lua?... «Podem-se ver as estrêlas, contá-las, medí-las, escrever sôbre elas, mas compreendê-las não, como também não compreendemos a molécula, o átomo ou menos ainda um elétron. Erguemo-nos do microcosmo dos átomos sem esperança e é sem ela que subimos para o macrocosmo das constelações» (op. cit. I, 83).

Fechando o livro, e fixando Lumbaio nos olhos, rematou Chilon:

— Se você olhasse com mais respeito as coisas sagradas, não estaria, como agora, atrás do Tonhão Porcelo para o confundir e lhe roubar o dinheiro...

Lumbaio, repuxando a bôca, num ar de zombaria, replicou:

— Não me fale assim, que de repente far-me-á doer a consciência... Vamos ao que interessa: Aqui no Gênese 1, de 20 a 23, está expresso que Deus criou os animais das águas e dos ares, mandando-os crescer e multiplicar e encher a Terra. Esta criação do quinto dia marca a época do aparecimento dos peixes até às aves. E como as aves são répteis voadores, segue-se que já havia répteis; e sendo êstes procedentes dos batráquios, então é que já havia os batráquios, filhos dos peixes, pai dos répteis e avô das aves. Logo esta fase foi a da criação dos peixes, dos batráquios, dos répteis e das aves. E visto não haver aqui nenhuma dificuldade, passemos adiante. No sexto dia, Gên. 1, 24 a 31, Deus cria os mamíferos todos, dentre os quais os animais domésticos e o homem. Diz que criou o homem à sua imagem, macho e fêmea, dizendo-lhes: «crescei e multiplicai-vos e enchei a terra, etc». Da mesma forma que a união sexual entre os animais nada tem de imoral, também não pode ser pecaminosa a união do homem com a mulher. No entanto, no Levítico, capítulo 12, encontra-se o seguinte: «Se uma mulher, tendo concebido do varão, parir macho, será imunda por sete dias... não tocará coisa alguma santa...; mas se parir fêmea será imunda por duas semanas...; completos que forem os dias da sua purificação, ou por filho, ou por filha, levará à porta do tabernáculo do testemunho para holocausto pelo pecado um cordeiro de um ano... que entregará ao sacerdote, o qual oferecerá então estas coisas diante do Senhor e rogará por ela». Pode haver linguagem mais clara?

— Confesso que não pode.

— A que fica reduzida, então, a inspiração divina que manda, no Gênese, que o homem e a mulher se juntem para a perpetuação da espécie, e encher a Terra, e no Levítico classifica de imunda a mulher porque teve um filho? Você me fêz, atrás, uma pergunta que não pude responder; responda-me agora, esta, se fôr capaz, e se o não fôr, corramos já para o seu mestre Árago, a fim de o metermos também no apêrto!

— Que ingenuidade, ora ... ora ... deixe de estar aí a esfregar u'a mão na outra, de contente! ... E' só sua ignorância crassa que o faz supor que me embaraça com essa proposição! Apresento-lhe a resposta em três fases correlatas, como se fôra três atos duma peça teatral:

1.ª Fase: Deus estabeleceu a união sexual como coisa natural e indispensável à perpetuação da espécie, do mesmo modo como é natural e necessário, ao indivíduo, o respirar, o comer, o beber, o dormir, o proteger-se contra as intempéries...

2.ª Fase: Quando os deuses cósmicos (Sol, Lua, estrêlas, fôrças naturais, etc) se antropomorfizaram, os homens, vendo no sexo a fôrça regeneradora da vida, começaram a cultuar a fecundidade como coisa divina, representada por um falus; a cópula, então, passou a ser ato religioso, chegando-se, por êste caminho, à prostituição sagrada que tinha lugar em todos os templos de tôdas as terras tais como: Caldéia, Fenícia, Chipre, Armênia, Cartago, Pérsia, Egito, Grécia, etc., e isto você poderá ler, por miúdo, na «História da Prostituição», escrita por vários autores célebres, editado pela Livraria Antônio de Carvalho, em São Paulo.

E depois de uma pausa, em que Chilon se muniu de livros para documentar suas afirmações, prosseguiu, na apresentação da 2.ª fase:

— As deusas-mães de Canaã, Astarté e Achira, espôsas de El, assim como Afrodite e Venus, eram de uma impudência e selvageria sem limites. Êste deus El cananeu pré-bíblico «ocupava o primeiro lugar sôbre os Baales de Canaã. Sua espôsa Achira é deusa também citada na Bíblia. El casou-se com suas três irmãs, uma das quais Astarté. Como *Astarot* (Juizes 2, 13; 10, 6) e outros nomes é mencionada, repetidamente, no Antigo Testamento. El não só matou seu irmão, mas também o próprio filho; cortou a cabeça da sua filha, castrou seu pai e a si próprio e obrigou seus companheiros a fazerem o mesmo» (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 232/233). E continuou Chilon:

—Seguindo o exemplo dêsses deuses, os mais exaltados, os fanáticos, os «loucos da fé», como lhes chama Oliveira Martins, se mutilavam na presença dos deuses, e quem quiser que leia, em «Sistema dos Mitos» dêste autor, páginas de 150 a 151, a descrição horrorosíssima de como faziam êsses «loucos da fé» seus auto-holocaustos. Prosseguindo ainda com a palavra, leu Chilon:

— «A *Epopéia de Baal* de Ugarit descreve assim a deusa Anath: «Com violência ceifava os habitantes das cidades, matava o povo das costas do mar, aniquilava os homens do Oriente». Arrastava os homens para seu templo e fechava as portas para que ninguém escapasse. «Arremessava cadeiras contra os jovens, mesas contra os gueirreiros, escabelos contra os poderosos». Vadeava em sangue, que lhe chegava aos joelhos, até mesmo ao pescoço. A seus pés jaziam cabeças de gente, em seu redor flutuavam mãos humanas como gafanhotos. Punha as cabeças de suas vítimas às costas como ornamentos e as mãos no cinturão. «Seu fígado inchava de tanto rir, seu coração enchia-se de alegria, o fígado de Anath era cheio de júbilo». «Quando ficava satisfeita» lavava as mãos em sangue humana coagulado e dedicava-se a outras coisas» (Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 234).

Crônica Estrangeira

MEDIUNIDADE OU MICRO-ONDAS?

Pela Agência ANSAS chega-nos o despacho: «O marido de uma senhora que afirma não ser dona de sua própria vontade apresentou uma denuncia contra «os desconhecidos autores dos impulsos» que a empolgam. O denunciante é o Snr. Ernesto Masera, de Milão. Em sua exposição afirma que sua espôsa, Clotilde Traversi, de 40 anos, vive num permanente estado de perturbação. Quando D. Clotilde—uma boa dona de casa até que começou a se manifestar o fenômeno — sente êsses «indefiníveis impulsos radioelétricos», escreve sôbre física e eletrônica numa linguagem totalmente alheia a uma pessoa comum, revelando ainda qualidades literárias até então desconhecidas e habilidades pictóricas ainda mais curiosas. A alucinante aventura fez com que a paz do lar se tenha perdido e o marido pede ao tribunal que faça algo por sua espôsa e êle mesmo.

A Snra. Traversi foi repetidas vêzes submetida a exames psiquiátricos mas os resultados são negativos: sua saúde mental é perfeita. O fenômeno se iniciou inesperadamente quando regressava à casa depois de compras habituais, por um golpe de calor e uma «fulguração». Mas, dos distúrbios, o mais grave parece ser as «revelações», quando fala, escreve, pinta, escreve poemas ou faz exposições sôbre física. Essas «revelações» tornam possível identificar seus «captores» como um grupo constituido por médicos, homens de ciência relacionados com os fenômenos da física eletrônica, escritores e artistas. Conforme as manifestações de seus distantes inspiradores, ela se encontra como que sob o contrôle de uma série de micro-ondas, para a realização de um experimento científico até então desconhecido.

(La Razon)

* * *

«OS MORTOS COMUNICAM-SE COM OS VIVOS»

MOELNDAL, Suécia, 12 (AFP) — O artista e autor suéco Friedrich Juergenson, de 60 anos, nascido na União Soviética, afirmou, hoje, que tem centenas de fitas gravadas que provam que os mortos podem comunicar-se com os vivos. Juergenson afirmou que gravou as mensagens utilizando receptor de rádio de sua casa. O técnico-chefe da Rádio do Estado Suéco, Kjell Stensson, disse à «UPI», após ouvir algumas das fitas, não acreditar que são preparadas. «Seria impossível fazer algo parecido, mesmo com todos os recursos técnicos da Rádio do Estado», disse Stensson. Juergenson afirmou que as gravações incluem mensagens de amigos pessoais e figuras públicas, inclusive Adolf Hitler e Caryl Chessmann. Algumas das vozes não permitem identificação. De Chessmann se ouve o seguinte: «Não estou morto, realmente. Estou voando». «Sou Adolf Hitler», diz a voz que se presume seja do chefe do nazismo.

Do «Diário de S. Paulo», de 13 de junho de 1963

Espiritismo no Brasil

II ENCONTRO DE MOCIDADES ESPÍRITAS NO ESTADO DA GUANABARA

Proclamação à Mocidade Espírita do Brasil

Considerando a necessidade de revitalização dos movimentos doutrinários integrados por moços na Seára Espírita, de modo que se restabeleça entusiasmo vibrante que imperou à época da realização do I CONGRESSO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL em 1948, no Rio de Janeiro;

Considerando que a falta de confraternização e de comunicações freqüentes entre os moços espíritas de todos os pontos do país, dificulta o trabalho que devem realizar em conjunto, pela divulgação dos princípios básicos do Espiritismo;

Considerando que os encontros periódicos, mas sistemáticos, em sessões de confraternização e principalmente em Congressos intermunicipais, interestaduais ou nacionais e até mesmo internacionais, são de inegável necessidade para a preservação da unidade doutrinária e para a formação intelectual dos moços espíritas:

A Comissão infra-assinada, resolve dirigir convite às Instituições Espíritas em geral e notadamente às que congregam a mocidade, para se fazerem representar no «II Encontro de Mocidades Espíritas no Estado da Guanabara», a realizar-se no Rio de Janeiro, de 4 a 8 de setembro vindouro, com programa constante de apresentação e discussão de teses doutrinárias e sessões de conferência a cargo de conceituados estudiosos do Espiritismo.

Ressaltando que o Encontro tem como objetivo contribuir para o estímulo vivificante das Mocidades Espíritas, sem a preocupação de criar ou substituir órgãos de direção do Movimento Espírita, concita todos os idealistas a que emprestem a sua colaboração, comparecendo e dêle participando.

«E' indispensável aceitar o benéfico desafio da luz, vencendo a fôrça terrível da inércia!»

Rio de Janeiro, junho de 1963.

Comisssão Patrocinadora do «II Encontro de Mocidades Espíritas no Estado da Guanabara»

Deolindo Amorim, Presidente; Amadeu Santos, Vice; Genival Lima Secretário Geral; Lauro Sales, 1.º Secretário; Flavio Pereira, 2.º Secretário; Américo Luz, Secret. Assuntos Doutrinários; Milton O'Reilly, Secret. Recepção e Hospedagem; Lindolfo Antônio, Secret. Finanças; Antonio Paiva Melo, Abstal da Silva Loureiro, Alfredo Molinaro, José Alberto Menezes, Augusto de Carvalho, Elicides Teixeira, Maria Cardoso, Djalma Pacheco, Ernani Trindade Sant'Ana, Walter Schaeffer, Humberto Alexandrino de Aquino, Enéas Dourado, A. Paranhos Gonçalves, Ademar Constant, Elmo Queirós e Ceslau Limeira e Silva.

Temário

I—Caráter universal do Espiritismo

II — Integração do Espiritismo no ensino universitário

III — O Espiritismo e o problema educacional
  a) da criança
  b) do jovem

IV — A influência da imprensa falada e escrita na divulgação das idéias espíritas

V — O Espiritismo e a Moral ensinada pelo Cristo

VI — O Espiritismo e os problemas sociais

VII — Da unidade do Espiritismo

VIII — Da necessidade do ensino regular e sistemático do Espiritismo

IX — A reencarnação como base do Espiritismo

X — A fenomenologia espírita e a Parapsicologia

Do Regulamento

As teses deverão ser entregues à Comissão Patrocinadora em sua sede — Soc. Medicina e Espiritismo — Av. Rio Branco, 4 — 15.º andar, Rio, Estado da Guanabara com antecedência de um mês, isto é, 4/8/63 e deverão vir datilografadas em espaço dois, com um máximo de cinco páginas, trazendo o nome e endereço do autor, e, em se tratando de representante, a Instituição que representa.

A hospedagem no Rio será feita nas residências dos confrades, ou em Instituições Espíritas.

Roteiro dos Trabalhos :

Dia 4 de setembro — Quarta-feira — Instalação solene

Dia 5 de setembro — Quinta-feira — Parte da tarde — Reunião para estudos e debates—Parte da noite—20h30m — Conferência

Dia 6 de setembro—Sexta-feira—Parte da tarde — Continuação de estudos e debates—Parte da noite—20h30m — Conferência

Dia 7 de setembro—sábado—Parte da manhã — Visita às Instituições — Parte da tarde — Passeio recreativo — Parte na noite— Reunião informal com a participação de tôdas as delegações

Dia 8 de setembro — domingo — às 10 horas—Reunião de encerramento

7.° ANIVERSÁRIO DE UMA INSTITUIÇÃO VITORIOSA

Apesar de se achar em estado febril e de ter que empreender demorada viagem, compareceu a Caxias, no dia 25 de maio último, o dr. Carlos Imbassahy, conhecido escritor e jornalista patrício.

Incumbido de fazer a palestra da solenidade do dia de fundação da Associação Espírita «Cairbar Schutel», quando a aludida entidade completou 7 anos, o dr. Imbassahy se fez acompanhar do dr. Floriano Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro ; dos companheiros A. Medina e N. Rêgo Barros, também da Federação do Estado. Representando o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, compareceu o General Alfredo Molinaro, que inclusive conduziu no seu carro a caravana de visitantes do Rio de Janeiro a Caxias. Representando a Mocidade Espírita Cristófilos, do Rio de Janeiro, o camarada Genival Lima. De Nova Iguaçú, veio o confrade Atlas de Castro.

* * *

A Casa aniversariante tem uma preocupação, um objetivo se quiserem, que é o de reeducar, ensinar e recuperar a criatura. Pode não apresentar resultados surpreendentes imediatos, todavia, o pouco que obtiver, no campo da instrução, valerá a pena como conquista imperecível.

Daí por que suas solenidades são marcadas de sobriedade, sem concessões ao lítero-musicalismo tão a gôsto das reuniões espíritas dos velhos tempos. Assim, o orador não teve que se cansar à espera do seu momento que, nem é preciso lembrar, estava sendo ansiosamente esperado por grande e atento auditório.

O dr. Carlos Imbassahy apresentou o lado negativo do homem com tôda a crueza que a brutalidade retrata e pintou o quadro sombrio dessa criatura sem Deus. Ressaltou o sentimento materialista que empolga à maior parte da humanidade e depois contrapôs a grandeza espiritual da Doutrina espírita, de onde a lei da reencarnação sobressai com as suas provas e missões, a grandeza e a misericórdia divina.

* * *

Ainda usaram da palavra o sr. Newton Rêgo Barros, pela Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro e o Presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel, agradecendo a cooperação do orador, dos visitantes e de todos os centros espíritas kardecistas de Caxias e das cidades vizinhas.

Aniversário do Centro Esp. «Thiago Apóstolo»

Também no mês de maio findo, no dia 29, o Centro Espírita «Thiago Apóstolo» completou seu 32.° ano de fundação, sendo na data empossada a nova diretoria liderada pelo grande trabalhador que é Antanas Alexsandravicius. Lituano de nascimento, há mais de 30 anos radicado no Brasil, Alex, como é chamado intimamente, abrasileirou-se, está tão identificado com a gente brasileira e com as coisas do Brasil que poucos patrícios o igualam em trabalho e bondade na prática do bem e do amor ao próximo. Sua Casa é vasta oficina de trabalho, onde o jovem se prepara para a luta pela vida. Desde a escola de corte e costura, passando pela escola de datilografia e pela instrução primária, a Casa de Thiago é uma afirmação da operosidade dos espíritas em pról da recuperação do homem na terra de Lima e Silva.

Foi orador o esforçado e dedicado confrade Genival Lima, que uma vez mais agradou pela simplicidade e fôrça de persuasão.

A «União Espírita Municipal» preside a instrução

Os terceiros domingos dos mêses são aproveitados pela «União Espírita Municipal» de Duque de Caxias para fomentar o intercâmbio cultural e a união entre os seus liderados. Coube à Fraternidade «Ana Prado» o 3.º domingo de junho, que aproveitou bem a oportunidade para levar a palestrar em Caxias, o companheiro Ramiro Nogueira da Gama, conhecido orador na seara espírita. A sede da União, que funciona provisòriamente na sede da Cruzada Espírita «Discípulos de Allan Kardec», esteve repleta de ouvintes, sendo digno de menção que grande parte dêles se compunha de convidados não espíritas, que se manifestaram agradàvelmente informados pelo que ouviram e sentiram na palestra da noite.

A. Constant

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE ANGELO WATSON CAMPÊLO

Segundo comunicado que recebemos do sr. Antonio Alonso Silvinho Suannes, 1.º Secretário da U D E da 9.ª Zona-União Distrital Espírita (Santana-Tucuruvi) São Paulo — em reunião realizada pelo Conselho Deliberativo da União Distrital daquela Nona Zona, em data de 2 do mês de junho último, por proposta do Presidente Filipe Jimenes Garcia, foi prestada uma homenagem em memória do nosso querido companheiro Angelo Watson Campêlo, recem-desencarnado, pelos relevantes serviços que, à frente das nossas publicações, prestou à causa da Terceira Revelação. Referida homenagem foi lavrada em ata, dessa reunião.

—Aos prezados confrades da U D E da 9.ª zona, os nossos reconhecidos agradecimentos por tão justa quão significativa homenagem prestada ao nosso tão caro e saudoso companheiro Watson Campêlo.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Junho de 1963

À hora legal, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos, sendo lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Comentando fatos vários, de interêsse da Doutrina, refere-se o Presidente a entrevistas por êle concedidas a alguns jornais da Guanabara, relativas à personalidade do Papa João XXIII, exemplo de humildade e de boa vontade. Estando presente o Dr. Ney da Silva Pinheiro, Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, é-lhe concedida a palavra a fim de apresentar algumas ponderações e ouvir a opinião do Conselho sôbre assuntos gerais em tôrno do movimento espiritista.

MINAS GERAIS — O conselheiro Dr. Miranda Ludolf, representante da União Espírita Mineira, comunica a realização da V Concentração de Juventudes, em Varginha, nos dias 10, 12 e 13 do mês de Maio, p. findo, com representações de várias cidades.

AMAZONAS —O conselheiro Luiz Montorfano dá notícias do notável progresso das obras sociais espíritas e do êxito da exposição de livros espíritas, em Manáus.

CEARÁ — O conselheiro Henrique Magalhães comunica que a imprensa de Fortaleza vem dando intensa cobertura às obras de Assistência Social Espírita e que estão em andamento as obras da Casa de Saúde «Antonio de Pádua» e iniciadas as do Instituto Cearense da Criança.

Às dezesseis horas, após a prece final proferida pelo representante de Pernambuco, encerra o Presidente a reunião.

Campanha de Agasalhos e Cobertores

O Departamento de Assistência Social do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», recebeu, até esta data, mais os seguintes donativos para a Campanha de Agasalhos e Cobertores, em 1963:

Celestino Soares, cr.$ 1.250,00; Getulio Soares, 2.000,00; Anônimo, 60,00; D. Isabel de Almeida, 100,00; José Antonio Pincelli . . 500,00; D. Cecilia de Carvalho, 750,00; Genésio Teruel, 1.000,00; Donativos angariados por D. Leopoldina G. Marinari, de Santos, 1.700.00; Idem por D. Maria de Lourdes Soares, de Santos, 3.000,00; Idem, por D. Djanira, de Santos, 2,000,00; Iria e Chiquinha Sampaio, 100,00; Anônimo, 60,00; Paulo Andrade Lopes, 1.000,00, Oswaldo Iório, 50,00; Waldemar Nogueira Carneiro, 50,00; Anônimo, 500,00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Pedro Carrara, 150,00; Euclides Nogueira, 150,00; Aparicio A. Teixeira, 150,00; Euclides Bonzanini, 75,00; José Pereira, 500.00; José A. Andrade Junior, 1.390,00; Anônimo de Mogi Mirim, 10.000,00; Araci de Almeida, 100,00; Orlando Braga, 600,00; Francisco Peres Maldonado, 450,00; João de Paula Carvalho, 450,00; Bento Matias Gomes, 200,00; Moacir dos Santos, 210,00; Nereu Pizzaia . . 500,00; Domingos Donadio, 150,00; Celso Fernandes, 225,00; Emilio Martins Barbeiro, 275,00; João Quareli, 200,00.

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$ 600,00
Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3971unse

no XXXIX - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de agôsto de 1963 - N. 7

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINC

SUMÁRIO

Saudemos Esta Data Com Mensagem Ao Campêlo . . . . *V. O. Casella*
A Sacrossantidade de Sessões e Fenômenos . . . . *Carlos Imbassahy*
«A Psiquiatria em Face da Reencarnação» . . . . *João Teixeira de Paula*
Um Precursor do Espiritismo . . . *Dr. Juan E. Corbella*
Importância da Aura Humana . . *Colette Tiret*
Serões Bíblicos — XI . . . . . . *Luiz Caramaschi*
Espiritismo e Mediunismo . . . . *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*
A Hora Difícil . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Peculiaridades do Hebraico . . . *Bianor S. Medeiros*
Carl G. Jung afirma em seu testamento: A vida continua depois da morte . . . . *De "Novedades", México*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 150,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 150,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agôsto de 1963 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Saudemos Esta Data Com Mensagem Ao Campêlo

HOJE, 15 de Agôsto, o jornal «O Clarim», irmão literário desta Revista, comemora mais um aniversário, completando 58 anos de existência, a cuja homenagem associamos nestas páginas. Ambos periódicos, numa vida paralela tôda de trabalho fecundo na divulgação do Espiritismo, sob uma única diretoria e redação, foram fundados pelo sempre inesquecível Cairbar Schutel, a quem nesta data solene reverenciam seus continuadores, dessa dupla obra de divulgação literária, da nossa excelsa doutrina codificada por Allan Kardec.

Entretanto, desta vez, nesta comemoração anual, está ausente em pessoa o nosso amigo Angelo Watson Campêlo, diretor até há pouco, dos dois periódicos literários, cuja falta se faz sentir no lar e no trabalho, onde era querido de todos. Contudo, conforta sentir a vibração de sua presença em espírito, nesta data comemorativa, entre aquêles com quem aqui conviveu, uma vida tôda de exemplo edificante, até o último dia de sua partida para o Além. Desta vez o nosso Campêlo acha-se entre os mentôres do Alto, da equipe de Cairbar, que todos os anos nessas ocasiões solenes vêm se confraternizar espiritualmente com os de cá, embalsamando de alegria cristã, o núcleo de trabalho dêstes dois mensageiros doutrinários, implantados na delicada cidade de Matão, no coração do interior paulista.

Dediquemos nesta feliz oportunidade, natalícia d'«O Clarim», algumas palavras, simples mas puras de sentimento, registrando nestas páginas, nossa singela mensagem rememorativa ao Campêlo, cuja ausência, sentida entre seus continuadores, é compensada pela alegria de que seu espírito, neste momento, já se acha livre do pesado jugo da matéria dêste educandário terrestre.

Iniciemos com uma breve rememoração, lembrando os períodos de atividade dos diretores, que passaram no govêrno d'«O Clarim» e, conseqüentemente, da Revista.

Êstes dois faróis literários, espargindo luminosidade espiritual até mesmo além fronteiras, dêste Brasil já tão grande pela sua extensão territorial, iniciaram-se primeiramente com o aniversariante de hoje, «O Clarim», fundado a 15 de Agôsto de 1905, e depois com êste mensário, «Revista Internacional do Espiritismo», a 15 de Fevereiro de 1925. Manteve-se na direção dos dois periódicos, o seu fundador Cairbar Schutel, até a 30 de Janeiro de 1938, quando então retorna, enriquecido de glórias espirituais, à Pátria dos Espíritos.

Sucede-o José da Costa Filho militando com a mesma nobreza do seu antecessor, durante 20 anos na direção dos dois órgãos, para deixá-los a 5 de fevereiro de 1958, ao passar também para a pátria espiritual.

Foi daí que o snr. Campêlo, que desde o tempo de Cairbar já vinha exercendo a função de redator, tendo sempre ao lado sua leal espôsa, d. Antoninha, como todos a conhecem, na gerência, onde continua até hoje, toma a direção dos dois ogãos literários. Embora, em relação aos dois antecessores, tivesse sido curta a sua passagem nessa responsabilidade, pois durou 6 anos, nesta sua vigência enfrentou situações delicadas, quando a Revista foi agitada por violenta polêmica, ocasião em que o snr. Campêlo manteve-se numa leal dignidade, sem qualquer precipitação que pudesse macular os sentimentos da sua nobreza jornalística.

Como inteletual, o snr. Campêlo, além de ostentar o honroso título de cirurgião dentista, tendo exercido essa sua profissão até quase aos 80 anos, era poliglota, o que muito ilustrou, como tradutor, as suas lides literárias na divulgação do Espiritismo. Amigo de todos, independente de credo, posição ou vida social, tornou-se sempre de todos respeitado e admirado, especialmente pelos seus dotes de elevada espiritualidade. Embora com idade avançada, ultrapassando os 80 anos, graças à sua resistência física e mental, manteve-se até seu último dia de vida terrena no seu posto de diretor quando, repentinamente, a 19 de março último, surpreende aos que lhe são caros, ao ingressar para o Além.

Agora, com a sua vaga inesperada, sucede-o, já entre nós, o digno confrade, snr. José da Cunha, a quem, neste ensejo, estendemos a nossa mensagem, com as boas vindas, desejando-lhe um período repleto de progresso e trabalho, numa feliz gestão, a exemplo dos seus antecessores. É de se registrar ainda que o sr. José da Cunha se inicia, como diretor dêste núcleo de trabalho de divulgação doutrinária, já muito honrosamente credenciado, pelos seus bons serviços que já vem prestando em outras atividades do Espiritismo.

Aliás, essas escolhas dêsses sucessores não são ao acaso. O novo diretor já surge sob inspiração dos mentores do Alto, onde de há muito já vem sendo registrada sua folha de serviço nos departamentos da Pátria Espiritual. Portanto, aí se conclue como é grande essa responsabilidade, motivo pelo qual sòmente os grandes em espiritualidade vêm desempenhando essa nobre missão doutrinária, ligada entre a Terra e o Céu.

E assim, neste dia inesquecível do nosso periódico «O Clarim», em que todos os anos é homenageada a memória do seu fundador, nos foi grata esta oportunidade para juntarmos nossa mensagem rememorativa ao saudoso Campêlo, como nossa modesta gratidão, pela sua fraterna acolhida com que sempre nos dispensou, nestas mesmas páginas, quando diretor desta obra de divulgação, da nossa confortadora doutrina, revelada pelos Mensageiros do Alto.

E aqui finalizamos, deixando no sentimento dessas nossas palavras, a nossa solidariedade com o núcleo desta casa doutrinária, rogando ao nosso Campêlo, para que lá da sua morada espiritual continue nos inspirando orientações, para prosseguirmos cada vez mais encorajados no bom desempenho desta nossa tarefa gloriosa, de amor, justiça e verdade.

V. O. Casella

A existência da alma se revela, conseguintemente, por fatos. O corpo não é uma condição indispensável de sua existência, e se a êle se acha ligada durante a passagem terrestre, êsse laço é apenas temporário. Depois de sua separação do organismo físico êle continua a se manifestar por fenômenos de ordem espírita, fatos êstes de que está cheio a história, e submetidos hoje ao estudo experimental, podem ser verificados por qualquer experimentador.

L. D.

A Sacrossantidade de Sessões e Fenômenos

Ciência e Crônica

Dizia Alexandre Herculano que o homem é um animal que disputa, e certo escritor céptico afirmava : — O homem é o animal que crê. Esqueceu-se de acrescentar : — e que não crê.

A descrença, mòrmente em matéria científica, sempre acompanhou o homem, haja vista Hervey, tendo contra si os cientistas, porque achou que o sangue circulava, ou Schemmelweis, que viu adunados contra si os colegas, os discípulos e até as parturientes, porque aconselhava que se lavassem as mãos no parto ; ou Pasteur, que se viu forçado a sustentar debates contra virulentos adversários, quando descobriu o mundo dos micróbios.

Conta-nos Richet em **L'Intelligence et l'homme** que Thiers achou impossível certo princípio de geometria elementar, sendo preciso que lhe fizessem a demonstração. E conclui :—Como nas demonstrações geométricas, a certeza não existe completa senão para os fatos accessíveis aos nossos sentidos.

Destarte, não estando familiarizado com os fatos psíquicos anormais, julgo naturais as dúvidas e objeções do acatado cronista de Sorocaba. E se ouso discordar de suas opiniões, pretendendo mostrar-lhe o equívoco em que se encontra, tenho a desculpar-me a boa intenção, e me escudo ainda num período do citado cientista ; acha êle que devemos distribuir aos nossos semelhantes aquilo que conseguimos saber. E certo filósofo aconselhava que quanto mais árduos fôssem os nossos trabalhos na pesquisa da verdade, mais nos deviamos empenhar por espalhá-los, poupando aos demais os trabalhos que tivemos. Pois é o que estou procurando fazer, na medida de minhas fôrças e na exiguidade de meus conhecimentos.

Muitas letras ficaram faltando aos itens do 1.º artigo, onde respondia ao prezado Rubens Silva. Vamos, por enquanto, à letra *d*. Dizia Rubens :

> «*Nem tudo que ocorre onde se realizam os fenômenos está aberto ao exame e crítica dos cépticos. Dá-se-lhe um caráter sagrado. E assim não se pode mexer, não se pode desconfiar ... O testador é acolhido como um desrespeitador. Seria pois mais natural lamentar a sacrossantidade dos fenômenos espíritas que achar lamentável a lógica sacrílega de Silva Melo. O Espiritismo devia estar, aberto ao processo polêmico*».

Mas quem contaria isso ao nosso Rubens Silva ? Provavelmente faz tudo parte da tralha de Silva Melo, e embora não possamos nem devamos achar lamentável «sua sacrílega lógica», iremos demonstrar como ela falha lamentavelmente em todos os pontos, e como se ilude o nosso amigo em seguir-lhe a rota.

Para que se note o espantoso absurdo das considerações de Rubens, basta que se diga que os experimentadores, em regra, dedicaram-se às experiências completamente descrentes de sua autenticidade. Ponhamos exemplos.

Já vimos o espírito de incredulidade com que Crookes se iniciou na matéria.

O Dr. Richard Hodgson foi um dos grandes pilares da célebre **Psychical Society**. Diz Nandor **(Enciclopédia) — his legal training and personal attainments made him specially qualified for the detection of fraud** — Isto é : — «Sua perícia e sua instrução tornaram-no apto para os descobrimentos da fraude.» E de fato, êle desmascarou vários embusteiros. Acreditava — diz o mesmo autor — que quase todos os médiuns profissionais formavam um bando de velhacos. Porém o velho caçador de fraudes acabou rendendo-se à evidência, e não só se convenceu da genuinidade do fenômeno como da volta do morto — **he was convinced not only of the genuineness of mediumship but also of spirit return.**

Temos James Hyslop. Professor da Universidode de Columbia, em Nova York, não duvidava que em Espiritismo era tudo fraude. Foi observar a

Piper, diz o historiador, in a sceptical frame of mind – em céptica disposição de espírito. O resultado hoje de suas investigações se acham em mais de dez volumes, que enriquecem de provas os anais do Psiquismo.

Tivemos John Edmonds, jurista, escritor, Vice Presidente do Senado, juiz da Suprema Corte. «He struggled against conviction and resorted to every expedient he could devise to detect imposture and to guard against delusion.»—«Debatia-se contra a convicção e recorria a todos os expedientes possíveis para desvendar a impostura e premunir-se da fraude.»

Êste adversário impenitente, após várias experiências e diante da maravilhosa mediunidade da filha, como Clovis, passou a defender o que atacara. Escreveu em vários jornais e revistas e deu a lume um famoso livro intitulado — Spiritualism.

Onde estaria o caráter sagrado dêsses fenômenos? Quando Laura Edmons, filha do juiz citado, entra inopinadamente a falar com um desconhecido no idioma dêle, por ela absolutamente ignorado, isto num salão, e entra a dizer-lhe que é o filho morto, onde estaria o que não se pode mexer ou não se pode desconfiar?...

Relatava o grande naturalista Russel Wallace, tão conhecido pelos seus trabalhos a par dos de Darwin:

> *«Era eu um materialista tão convicto, que não podia haver em meu cérebro lugar para a existência de Espíritos e outros agentes que não fôrça e matéria. Mas os fatos são bem teimosos!...»*

E Wallace descreve os fatos que teimaram e o submeteram. V. a importantíssima obra—On Miracles and Modern Spiritualism.

Como o nosso amigo segue as pegadas de Silva Melo transcrevo o que dizia numa obra em que respondia àquele distinto médico, que ainda acusava os sábios de vaidosos:

—A maioria dos sábios, quando se metia em experiências era precisamente para mostrar o êrro dos seus coevos e muitas vêzes demonstrar a idéia de que tudo em psiquismo era fraude. Notara-o Delanne quando dizia:

> *«O que cumpre observar nos testemunhos concedidos pelos sábios é que todos que empreenderam investigações sôbre o* modern spiritualism *fizeram-no com a firme convicção de que se tratava de uma fraude e com o desejo de salvarem seus contemporâneos dessa loucura contagiosa».*

Confessava o Professor Mapes, da Academia Nacional Americana:

> *«Eu tinha a princípio repelido essas coisas desdenhosamente, quando vi que alguns de meus amigos corriam vertiginosamente para um abismo».*

E aqui temos um cuja vaidade consistiu em ir também para o abismo.

Robert Hare, da Univ. da Pensilvania «julgou-se no dever, para com seus semelhantes, de empreender o que possuía de sua influência para embargar a carreira da onda crescente de demência popular que, a despeito da ciência e da razão, se pronunciava tão obstinadamente a favor dessa grosseira ilusão chamada Espiritismo».

Assim falava Hare, e acabou levado à ilusão grosseira, à onda crescente da demência, a despeito da ciência e da razão.

Dale Owen, estadista, parlamentar, conselheiro, ministro, dedicou-se ao Psiquismo para provar o êrro de seu pai, o que lhe causava grande pesar: — «Of his father attachment to spiritualism he heard with pain and regret» — diz o relator. Mas parece que, com o estudo, transferiu o êrro do pai para si, pois escreveu As Fronteiras do Outro Mundo e Entre êste Mundo e o Outro, obras Espíritas.

Declara o Juiz Edmonds:

«Fui investigar, convencido da impostura e tentando desmascará-la cheguei a conclusão diversa.» (Obra já citada).

Conan Doyle encarava os fenômenos psíquicos como a maior tolice da terra e admirava-se de que um homem em sua integridade mental pudesse acreditar em coisas tais. (v. New Revelation).

Richet aceitava o fenômeno pela fôrça imperiosa do fato.

Paul Gibier, médico, naturalista do Museu de H. N. de Paris, declarava:

> *«Eu tinha a convicção de que nos achávamos em face de colossal mistificação e que se tornava necessário desmacara-la ; foi preciso muito tempo para que nos desfizéssemos dessa idéia.»* **Analise des Choses.**

A Sociedade de Pesquisa Psíquicas de Londres enviou três de seus mais notáveis membros, hábeis prestidigitadores, desmascaradores de fraudes, para desmascararem também Eusápia. O seu relator dizia :

> *«A hipótese da existência de fôrça tão misteriosa é índice de desarranjo intelectual...»*

Acabaram inscrevendo-se no número de desarranjados, pois afirmaram a completa honestidade da médium, acrescentando que o fenômeno deveria modificar profundamente nossa filosofia sôbre o ser humano. V. **Proceedings** *and so on.*

Poderia ter acrescentado a opinião de Gustavo Geley, o afamado médico e psiquista :

«Não há exemplo de um único sábio que tenha negado a realidade do fenômeno, depois de aprofundado estudo. Ao contrário, numerosos são aquêles que, partindo de completo ceptismo, chegam à afirmação entusiástica.»

E Louis Figuier, que na **Histoire Contemporaine du Merveilleux** negava a realidade da fenomenologia supra normal. Dedica-se porém às experiências e proclama o seu erro no **Lendemain de la Mort.**

E ainda o Dr. Enrico Morselli, psiquiatra, Prof. da Universidade de Gênova, céptico, materialista, mas que, depois de suas observações com Eusápia, explicava : — **«Al piu, porto con me un piccolo corredo di convinzioni metapsichico guadagnatemi coll'esperienza.» (Psicologia e Spiritismo)** «Além disso, trago uma pequena bagagem de convicções metapsiquicas, adquiridas com a experiência.»

E mais o Professor e Psicólogo Ernesto Bozzano, materialista, positivista, discípulo apaixonado de Herbert Spencer, autor de obras onde sustentava as suas idéias, nessa época. Dedicou-se ao Psiquismo e legou à posteridade, com suas obras, fruto de trinta e seis anos de estudos, de observações, de experiências, um verdadeiro monumento, diante do qual os mais ferrenhos adversários passam com respeito.

Finalmente Richet :

> *«Provàvelmente, e disso me acuso, eu não estaria convencido pelas experiências inumeráveis que já eminentes sábios publicaram, se, para os quatro fenômenos fundamentais da Metapsíquica não tivesse sido testemunha, testemunha pouco entusiasta, testemunha severa, testemunha revoltada, testemunha desconfiada ao extremo, de fatos que se impunham. Pude verificar, em condições irreprocháveis, e apesar do meu desejo de negá-los, a realidade dos quatro fenômenos essenciais da Metapsíquica».* **(Traité,** 784).

Êsses quatro fenômenos essenciais eram : a criptestesia, a telecinesia, a ectoplasmia e a premonição.

É ainda interessante notar-se a conversão de indivíduos de tal maneira cépticos, que usavam dos mais violentos processos para apanhar a fraude. Foi o caso, entre outros, do Sr. de Montorgueil, que agarrou violentamente o fantasma, até que êle se desfez, o que causou à médium, Sra. d'Esperance, um abalo tal, que lhe prejudicou a saúde até o fim de seus dias. Vejamos como êle próprio descreve o acontecido :

> *«... O fantasma voltou para perto de mim e senti que êle me esfregava a cara. Acreditei num gracejo insolente, e furioso, segurei a mão que me passaram no rosto. Mandei que acendessem as luzes. Eu estava de pé. Tinha um braço sob o meu, que comprimia junto ao corpo. Segurava um pulso com todo o furor, como se fôsse um tôrno. Silêncio absoluto. A mão do fantasma fundia-se entre os meus dedos. Junto a mim mais ninguém.*
>
> *«Tinha em minhas mãos um pedaço de pano. No momento em que a luz apareceu e a mão se dissipou, a médium deu um grito estridente e ficou prostrada, aniquilada muito tempo». (Georges Montorgueil —* **Éclair,** 25-12-1905).

Há vários incidentes semelhantes e dêle foi vítima a própria médium de Crookes. Também o Presidente da S.P.P. de Reykiavik, num relatório, narra que um dos assistentes, de um salto, apanhou as vestes da aparição. Esta dissolveu-se, mas alguns ficaram muito abalados e o médium adoeceu gravemente. (Einar Kvaran — Rev. Met. 310, 1924.

* * *

Mas os experimentadores não se limitaram a examinar, a observar, a ver, a vir e contar. Houve o registro. Houve a aparelhagem. Houve a técnica, os gabinetes apropriados. Houve a perícia da prestidigitação. De Varley, com seu contrôle elétrico, até Osty com a «barragem», existiu uma série de máquinas e inventos. Tivemos a máquina fotográfica, a báscula, o galvanômetro Deprez, o selenoide...

Grunewald obteve a telequinesia numa balança fechada em caixa de vidro. Karl Krall constrói um laboratório e Notzing declara que o dispositivo por êle inventado apresenta, quanto à autenticidade, o mais alto grau possível de segurança. Notzing ampliou e melhorou as invenções de Krall. Atualmente, os processos são de tal ordem, diz Eugène Osty, que é impossível a fraude.

As experiências se realizam com a cortina invisível de emissão foto-elétrica. Ela tem uma placa receptora das emissões. Se um objeto, uma pessoa atravessam o feixe lumínoso da cortina, a placa acusa imediatamente a passagem. Nessas condições, ignorando ainda o médium o que se passa e de que se trata, falar em embuste é mostrar o mais profundo desconhecimento do que é a parte experimentar em Metapsíquica, e por isso previámos a deficiência do «grego» do nosso bom amigo Rubens.

Além da rigorosa fiscalização, os trabalhos mediúnicos prolongavam-se por um tempo tal, que seria inadimissível que em todo êsse tempo não se descobrisse a farsa. Crookes experimentou durante três anos ; o banqueiro Livermore presencia a materialização da defunta esposa por espaço de cinco anos ; Eusápia Paladino é examinada pelos maiores sábios do Continente durante 40 anos. Nem posso avaliar como poderiam avir-se aquêles sábios num ambiente de sacrossantidade. E aqui têm :

E' realmente de espantar que, em fenômenos fechados à critica dos cépticos, pudessem êsses cépticos vir dizer que os testemunharam e convenceram-se. E passar a defendê-los com o vigor com que os atacavam. E' incrível !

E' incrível ainda que, desrespeitadores, continuassem e persistissem, isto por muitos anos ; que não percebessem nunca o caráter sagrado daquilo, e profanassem aquilo com o seu cepticismo, e conseguissem mexer-se e remexer-se, e desconfiar à vontade...

Acha mais o nosso cronista que o Espiritismo deveria estar aberto à polêmica e à crítica. Dir-se-ia que nunca ouviu falar em Hartamann nem no formidável livro em que Aksakof lhe respondeu; nem em René Sudre e o conseqüente revide de Bozzano, nem as réplicas de Lodge, Edmonds, Wallace, Regnault e de outros, de vários outros...

Não há como uma «lógica sacrílega» para cauterizar a questão !

Carlos Imbassahy

PRECEITOS DE TÔDA HORA

Caminhe com firmeza. Quem se acomoda à precipitação tropeça a cada instante.

— Examine sempre a você mesmo. Na vigilância constante educará você os próprios impulsos.

— Higienize a própria mente, trabalhando no seu bem sem desânimo. O cérebro preguiçoso acumula resíduos indesejáveis.

— Escute seu irmão sem reproches.

— A Caridade real começa na atenção generosa e amiga.

"A Psiquiatria em Face da Reencarnação"

(Do Dr. Inácio Ferreira)

A Reencarnação sempre foi um princípio espiritual e filosófico dos mais recuados tempos. Os sábios e o homem do povo, de uma maneira ou de outra, se preocuparam com ela. Na atualidade, com o aparecimento do Espiritismo, e a sua larga difusão no mundo, com penetração em tôdas as camadas sociais, a Reencarnação perdeu muito da sua sobrenaturalidade, daquela sobrenaturalidade com que filosòficamente a enfeitavam ou fantasmagòricamente a enfeiavam — verbos corriqueiros, que dizem porém muito.

O princípio reencarnacionista, que os próprios espíritas inglêses, apesar do seu conservadorismo religioso, já estão aceitando em grande maioria, ainda mais perdeu do seu ar de mistério depois dos estudos e experimentações feitas, para citarmos apènas os nomes mais em evidência, por Frederic Myers, Gabriel Delanne, Oliver Lodge, Ed. Bertholet e sobretudo Albert de Rochas, cujas obras se tornaram clássicas, principalmente a relativa às vidas sucessivas. O **homo religiosus** vem pois da poeira dos séculos milenares.

* * *

A obra — A PSIQUIATRIA EM FACE DA REENCARNAÇÃO —, do Dr. Inácio Ferreira, médico e espírita de renome internacional, está há anos exgotada. Sai agora em segunda edição revista e melhorada pelo autor.

É obra que se impôs e mais ainda se impõe nos conturbados dias correntes. Nenhum espírita, e muito mais do que isto, nenhum médico, seja espírita ou não, devia desconhecê-la. A Psiquiatria presta grande serviço à humanidade, e muito maior o prestaria se desse o braço ao Espiritismo. Conforme o demonstrou muito bem o nosso autor, a quem devemos outras obras de mérito científico-espirítico inconteste, se há a HEREDITARIEDADE PATOLÓGICA, há também a HEREDITARIEDADE PSÍQUICA. Aí está a questão no seu clímax. Aliás não é de hoje que se consideram em Psiquiatria os casos sintomatológicos clínicos de neuroses diversas e se cuidam dos pacientes, favorável ou desfavoràvelmente, através dos postulados espiritistas.

Sim; fizeram-se estudos, observações e experimentações de longa data — para só citarmos os do passado —, com règistro em anais metapsíquicos e neurológicos. São muito conhecidos os trabalhos de Duhem, Lévy Valensi, A. Ceillier, Paul Schiff, Ch. Quartier, Marcel Viollet, Henri Desoille, e, por estarem mais achegados a nós, os de Eugène Osty e Gustave Gelley.

As neuroses, apontadas pelo médico mineiro — que a vaidade nos faz confessar ser afilhado dos nossos genitôres —, e que êle, como excelente psicoterapeuta, aprecia com senso de oportunidade, seriam catalogadas no rol das alucinações auditivas, visuais, mórbidas secundárias, obsessivas, paranóias crônicas e quantas mais modalidades de psicoses alucinatórias possam existir para azar dos infelizes psicopatas.

O dia em que os psiquiatras,

ou os médicos em geral, encararem com simpatia o Espiritismo, as psicoses, na sua variada concepção psicossomática, terão cura mais rápida e farão menos mal aos psicóticos. É preciso que os profissionais comecem a conhecer, na classificação do Dr. Inácio Ferreira, a MEMÓRIA RETENTIVA E REPRODUTIVA DO PERISPÍRITO.

Estão pois de parabéns, a EDITÔRA DIFUSORA CULTURAL e o próprio autor pela oportuna reedição de A PSIQUIATRIA EM FACE DA REENCARNAÇÃO, cuja leitura recomendamos prazerosamente a leigos, aos nossos confrades e em particular aos dignos esculápios de qualquer religião — ou sem religião nenhuma —, uma vez que pelas mãos dêles passam, em continuidade crescente, doentes avergados ao pêso de carmas dolorosos, quando não cruéis.

João Teixeira de Paula

Um Precursor do Espiritismo

Dr. Juan E. Corbella — Transcrito de La Idea

À medida que investigamos a história da humanidade nas seqüências da religião, da literatura, da arte e da ciência, e remontamos às origens da civilização do Oriente e do Ocidente, tropeçamos, mesmo sem querer, com manifestações de fenômenos e com documentações que nos demonstram que o cultivo do Espiritismo é tão antigo quanto essas civilizações. De todo o emaranhado que oferece o passado, rico em revelações supranormais, só nos interessa, porém, destacar o que pode oferecer o conhecimento que resulta dos estudos sistematizados dentro de um rigor científico e dos quais resultam fatos experimentais que apenas compreendem as três últimas centúrias. Dentro dêsse limite, são mais numerosos do que supomos os precursores que deixaram feitos bem documentados e que amplamente os canalizaram, (eliminando a escória das manifestações menos sérias) para o crisol de uma autêntica ciência Espírita, cristalizada pela magnífica emprêsa de Allan Kardec, há um século, pela Coodificação e fixação de princípios básicos, normas e métodos de desenvolvimento, assentados sob base irremovível.

Queremos destacar aqui a obra de um autêntico precursor do Espiritismo e do qual se tem pouco ou nenhuma referência na literatura desta disciplina. Referimo-nos ao alemão Justinus Kerner, personagem que nasceu nos últimos anos do século XVIII com a chama inata do misticismo e da poesia, aptidões que amalgamou com estudos de medicina. Em suas primeiras obras poéticas, já pulsa o supra sensível, o maravilhoso, e percebemos que o poeta se inspira no misterioso e no onírico. Em plena época romântica, estuda ciências naturais e isto lhe permite ver *o rosto sombrio da Natureza.* A atividade diagnóstica e terapêutica do médico Kerner é determinada pela preferência mostrada para com as fôrças e remédios magnéticos. Êle próprio desenha o seu retrato no seguinte quarteto :

Com pé ligeiro pela poesia perpassei
Do médico a arte apenas rocei
Mas com o espiritismo fiquei
Embora o que pensem, e as agruras que passei.

Justinus Kerner descreveu sua juventude num cálido e alegre «Caderno ilustrado de minha mocidade», uma das melhores autobiografias da literatura alemã, reeditada em 1957 por Erwin Ackerknecht.

Kerner nasceu a 18 de setembro de 1786 em Ludwisburg de Wurttemberg. Bem cedo surgiu sua tendência para o extraordinário e o supra sensível, o misterioso e o fantasmagórico. Não é, pois, de estranhar que a cura hipnótico magnética realizada nele quando menino, por um discípulo de Franz Anton Mesmer, produzisse profunda impressão no ânimo de Kerner. Êste primeiro encontro com o magnetismo animal de Mesmer foi decisivo na vida de Kerner. Ao estudar medicina em Tubing, se ocupou intensamente do *magnetismus animalis,* com cujos princípios se identificou totalmente, respondendo assim, em alto grau, à sua peculiar idiossincrasia. Mais tarde, médico conhecido em Weinsberg, colaborando com Neckar, sempre manifestou sua adesão à doutrina de Mesmer. Manteve contacto amistoso e constante intercâmbio com os médicos Kieser e Eschenmayer, os mais conspícuos representantes desta corrente médica então em moda. Se à obra literária e à vida de Justinus Kerner pusermos como telão de fundo o magnetismo animal, teremos a chave de muitos rasgos de seu caráter e de numerosas ações do escritor e médico espírita.

Mesmer manifestava suas opiniões já em sua dissertação médica «De ibfluxu planetarum», no ano de 1766. Segundo ela, o magnestismo animal é a manifestação na vida terrestre de todo um fenômeno universal. Há um fluido universal, que flue sôbre o sistema nervoso dos sêres vivos, assim como também sôbre as coisas inanimadas. Esta física se inspira, em parte, na doutrina das correspondências e da simpatia, e por outra na gravitação universal, ajustando-se à filosofia da época no sentido de que êste fluido é o princípio vital, uma espécie de espírito fortemente impregnado na matéria.

Desta teoria decorre uma doutrina médica a saber: A enfermidade é uma desarmonia resultante de um transtorno no funcionamento do fluido nervoso e se manifesta por crises. O descobridor do magnetismo animal chega, depois de largos estudos e experimentos sôbre os fenômenos físicos e metafísicos, por uma ação recíproca interplanetária e os três reinos da Terra, obra do fluido universal, à aplicação voluntária e inteligente do mesmo com uma finalidade prática : a cura das enfermidades por meio do imã. Nêste fato vê a prova da existência de fôrças poderosas que denomina magnéticas. Depois, a partir do momento em que reconhece que o imã não é indispensável, passa a ver no homem magnetizador o acumulador e o expendedor dessas fôrças magnéticas que é preciso regular para que reine a harmonia. A prática dêste método consistirá em exacerbar as crises no organismo desregulado, afim de ajudar o esfôrço da natureza até a cura. As crises diminuirão gradualmente de intensidade e por último não voltarão a reproduzir-se, o que equivale à cura. O magnetismo é a medicação única pois em realidade não existe senão uma só enfermidade. Nesta teoria nos encontramos de novo diante das influências já mencionadas : as correspondências misteriosas entre o Universo e o homem, a ação dos astros e da gravitação, a presença de fôrças sob a forma de fluidos, os pontos de analogia com a eletricidade recem-descoberta e a significação das crises nas enfermidades.

Tempos depois, Mesmer passou do tratamento individual às curas coletivas. A partir de uma banheira magnética o fluido era distribuido simultaneamente, mediante varinhas de ferro ou cadeias, a vários enfermos assentados em derredor. Já não era preciso que Mesmer tivesse contactos diretos com o sujeito do ensaio, pois bastava *concentrar sua vontade* para que o fluido magnético passasse ao enfermo e atuasse sôbre êle. Nossa mente aguçada pela psicoanálise não se surpreende com os grandes êxitos de Mesmer a cujo gabinete acorria a alta roda elegante de Paris. É velho, pois, o conhecimento e a eficácia do poder da sugestão e da hipnose. Em realidade, o aproveitamento médico destas técnicas deriva do campo do magnetismo.

Com suas tendências especulativas, suas reflexões magicomísticas e outras derivações, a doutrina de Mesmer tinha necessàriamente de despertar o entusiasmo de Justino Kerner. Êste viu a influência do magnetismo em todos os fenômenos individuais e coletivos, buscou explicar muitas de suas harmonias e desarmonias corporais, fê-lo gravitar em sua mente e incluiu-o em sua poesia à qual infundiu Kerner a fé na fôrça do magnetismo, por exemplo quando canta os metais que amadurecem nas entranhas da terra como o mistério oculto da Natureza. Nos metais, como nos cristais, se concentra a influência benéfica das fôrças subterrâneas. Como diz Kerner, a êles está ligado o *mistério magnético*.

Suas obras em prosa refletem, com maior claridade, estas convicções. Em suas *Silhuêtas de Viagem,* obra juvenil cheia de fantasias, livro verdadeiramente curioso da literatura alemã, Kerner se faz porta voz dos conceitos mesmerianos ao falar de uma simpatia que, como nova fôrça vital, estabelece relações mútuas entre dois sêres vivos de diferentes espécies. Kerner estava convencido de que, com ela, se podia *reanimar* sêres humanos já nos braços da morte. Por exemplo fala de um *espírito nervoso,* soma de *tôda a fôrça e forma espiritual sensitiva do corpo,* e de um *sono magnético* que não é outro senão um estado de vigília interior lucidíssimo. Como resultado da estranha reunião de conceitos místicos com teorias mesmerianas nasce, na descrição de Kerner, *um estado magnético puríssimo e máximo* que se manifesta pela desencarnação do espírito. Nessas condições, *já não há visão, audição nem tacto,* mas sim uma *sensação de certeza imediata, uma visão da vida e da Natureza em tôda a sua autenticidade.*

Em obras posteriores, o escritor romântico se converte mais em naturalista romântico. Se até então seus escritos continham escassos conceitos médicos, mais tarde se identificam o escritor e o facultativo. Os estudos de Kerner sôbre as manifestações ocultas, seus numerosos apontamentos sôbre o *rosto sombrio da Natureza* e sôbre *a introdução de um mundo de espíritos no nosso,* sua *história de duas sonâmbulas,* e sobretudo sua famosa obra *A Vidente de Prevorst,* demonstram a transição conseqüente que leva do magnetismo ao Espiritismo. As hostes literárias e médicas dos místicos, se agruparam em derredor de Kerner, já consagrado como um mestre. Para êles o racionalista e positivista que se negasse a crer em milagres e espíritos, era um cabeça de tarambola.

Em 1829 apareceu *A Vidente de Prevorst* que levantou de imediato, no mundo científico, uma explosão raiando pelo escândalo. Até a morte de Kerner, em 1862, esta discutida obra foi reeditada quatro vêzes. As aparições dos espíritos e os estados de transe da vidente, como era chamada Friedrike Hauffe, assim como suas fôrças magnético e curativas, descritos por Kerner nessa obra, tiveram por conseqüência exaltar o interêsse pelas obras espíritas. Weinsberg se converteu em local de peregrinações para os que acreditavam em milagres e Justinus Kerner passou a ser considerado uma autoridade no campo do magnetismo animal e do Espiritismo.

O próprio Kerner se entregou de corpo e alma às curas magnéticas e às práticas espíritas. Só com a vidente de Prevorst realizou mais de três mil sessões.

Ao morrer no dia 21 de fevereiro de 1862, em Weinsberg, a época do romantismo e da filosofia natural, que êle encarnou com tôda a sua pureza, havia sido absorvida há algum tempo pela época da medicina experimental e o científico natural. Esta medicina, nascida em França, havia se entronizado também na Alemanha nos meiados do século XIX. E eis uma singular coincidência: já aos fins da vida de Kerner e dos estudos do mesmo, surgia na França o gênio destinado a se definir como a figura máxima do Espiritismo, isto é Leon Hippolite Denizart Rivail, com o pseudônimo de Allan Kardec, publicou em 1857 sua obra consagradora «O Livro dos Espíritos». Ignoramos se houve contactos entre ambos ou mesmo se houve um conhecimento recíproco sôbre os estudos a que se consagraram intensamente. É muito possível que a diferença de métodos e a distância que cria dois idiomas tão distintos, não tenham permitido uma inteligência entre ambos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Importância da Aura Humana

Por Colette Tiret (1)

Os trabalhos de Leadbeater confirmaram a existência de uma camada ao redor do corpo humano, em constante vibração, multicolorida, variando o aspeto de um para outro indivíduo. Cada ser humano tem a sua aura característica, de cores delicadas e de intensidade variável, sendo geralmente idêntica a forma, para todos.

Nas almas dotadas de alta espiritualidade a luminosidade é forte e pode se irradiar. Em geral, a aura se apresenta em camadas paralelas de côres diferentes envolvendo o corpo, de tal modo que são espessas em volta da cabeça e ombros, e se afinam a medida que atinge os membros inferiores. Ela se manifesta durante tôda a vida e raramente aparece sòmente na velhice.

Os médiuns em atividade, em certas condições ótimas, podem observar a aura colorida em redor dos pacientes sob exame. A aura é visível de frente e enquanto a parte exterior é sempre ondulada, as côres interiores do contorno são bem separadas.

A aura mais comum é formada de 3 ou 4 camadas de radiações superpostas com côres verde, vermelha, creme, por exemplo. Êste fenômeno depende do campo eletromagnético humano, cujas fôrças bipolares se exteriorizam do corpo. Enquanto o influxo nervoso que ultrapassa o corpo é uma emanação do sistema nervoso, a aura é uma emanação da alma, ou melhor do perispírito.

ANÁLISE DA AURA HUMANA — Como perceber e analisar a aura? É graças a mediunidade que se pode abrir novos caminhos de análise. O médium possúe a faculdade de abster-se do concreto, de educar o fluxo magnético para orientá-lo, como uma antena muito sensível e receptiva, para o mundo abstrato que nos envolve.

O olho humano só percebe as vibrações (da radiação visível) que vibram entre 450 e 790 bilhões por segundo; fora dêsses limites não há normalmente mais sensação luminosa (no espectro eletromagnético, aquem de 450 inicia a radiação ultra-violetra, e além de 790 bilhões de vibrações por segundo aparece a radiação infra-vermelha, quente).

O médium por uma atitude mental passiva atinge um estado especial e pode emitir e captar radiações, enquanto que seu eu consciente se mantém em vigília. Seu influxo nervoso após ter oscilado ao redor dos seus polos, por uma volição aguda se projeta cada vez mais ao redor da cabeça, dando origem a um feixe fluidico ascendente. Êste feixe se assemelha então a uma antena humana, apta a captar as radiações que lhe são transmitidas.

O homem é uma máquina elétrica onde os fenômenos de imantação bipolares são acompanhados de correntes induzidas e de refluxos vibrando em circuíto fechado. A mediunidade é um estado que apresenta esta mesma máquina quando se liga sôbre uma corrente desconhecida Os órgãos do sentido tornam-se então sensibilizados por vibrações elétricas incomuns, que provocam sensações novas e não habituais. Neste estado psíquico especial o médium tem acesso ao conhecimento direto e sua alma por momentos vive em planos multidimensionais.

O TESTE DA AURA É INFALÍVEL — No estado especial o médium consegue ver nìtidamente as côres da aura do paciente. Chega mesmo a classificar os indivíduos conforme a côr das radiações emanadas. Se o paciente está raivoso emite raios vermelhos que traduzem seu potencial exáto de violência, se é espiritualizado, virtuoso, sua aura é azul pálida, se é um débil mental apresentará uma única mancha côr cinza escura.

Todos sêres revelam um ecran mais ou menos luminoso que espelha sua vida psíquica; de modo infalível. Tal fato constitúe um novo capítulo de grande importância da pesquisa psíquica.

O experimentador poderá compôr um quadro das côres formadas que exprimem os principais sentimentos, do qual deduzirá um diagnóstico psicológico. No livro «Psicanálise e Mediunidade» (2) aplicamos êste novo método de análise da alma humana à psicanálise. Defendemos a tese que todo exame psiquiátrico deveria ser acompanhado de um teste mediúnico da aura humana. Os médiuns educados neste sentido dariam ajuda preciosa ao diagnóstico do doente.

Eis outros significados das côres da aura humana, que podem ser observados — côr negra significa pessoa viciada, plúmbea (cinza escuro) — debilidade mental; azul escuro — frustração, azul claro — inteligência, rosa — egoismo, laranja vivo — orgulho, sexualidade, anormal; branco (muito raro) denota espiritualidade, creme — fidelidade, etc. Numa moléstia grave a aura se modifica. Com a morte do corpo o perispírito se desliga e a aura deixa o corpo.

Cada médium deva consagrar-se às suas próprias pesquisas e descobrir as explicações. Os trabalhos finais feitos por vários médiuns sôbre um mesmo paciente deve dar a mesma conclusão.

C. B. P.

S. André. 1/6/63

---

(1) — Extrato de «La Revue Spirite» n.º 3/4, 1963 p. 49 por C B P.

(2) — «Psychanalyse et Mediumnité» de C. e G. Tiret, ed. J. Meyer, C. Postal 1, Soual, Tarn, France, a 6, 65 NF.

Serões Bíblicos - XI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo XI)

— Esta história não está bem contada, retorquiu Lumbaio; como poderia u'a mulher, com nome de deusa, fazer tanto mal às gentes, agindo sózinha ?

— Mas quem é que disse que ela agia sózinha ? tornou Chilon. O texto só fala nela visto que só ela era a inspiradora e principal responsável pelas selvagerias que se praticavam em sua presença e a seu mando, pelos sacerdotes e soldados. O poder e a religião, por êsses tempos, estavam enfeixados numa só mão. E ainda pode ser que tudo isso se praticasse contra os inimigos, ou povos indefesos... Mas, continuemos com o que íamos dizendo :

— Se passarmos para a Índia, então teremos no Kama Sutra, um consumado cano-de-esgôto, apesar de tais livros (ha mais uma versão) serem sacros e teológicos (!)...

— Mas, obtemperou Lumbaio, Vatzyayana põe no frontispício desta sua obra (Edições «Júpiter» — São Paulo) o seguinte mote: «Se leres êste livro com impureza, os animais não te serão diferentes; porém, se souberes refrear o instinto, responderás à obra de Deus que te deu razão e critério».

— Será que a prática daquela libertinagem, descrita no capítulo V da obra, pág, 68, que trata da posse simultânea de u'a mesma mulher por três homens, sendo um dêles, ainda, seu marido, tem alguma coisa de puro? Sabe você, acaso, o que seja *«auparishtaka»*, descrito no capítulo VIII? Que vá para o diabo seu mote, juntamente com êsse nauseante «Kama Sutra» que na Índia passa por livro sagrado!...

E como visse, Chilon, que Lumbaio ficou aturdido com o bombardeio de seus argumentos irretorquíveis, prosseguiu:

3.ª Fase: Vendo Deus estas barbaridades e imundícies medonhas a desvirtuarem as leis naturais sábias e boas, de modo a comprometer até a segurança da espécie humana, legislou, com férrea mão, pela pena de Moisés pondo côbro de vez a tôdas as torpezas: a mulher que gera é imunda pelo que lhe cumpre limpar-se com o holocausto de um cordeiro...

A estas palavras de Chilon, Lumbaio, querendo ser mais justo que o mesmo Deus, replicou, exaltado:

— E a parte do homem nêsse negócio? Nada terá êle que oferecer em holocausto pelo pecado? que não pode ser só da mulher, mas dêle também?

— Não tem, porque a medida visava fazer extinguir-se a prostituição sagrada, e não era o homem, e sim, a mulher, que ficava no alcoice dos templos.

De pé, na frente de Chilon, Lumbaio gesticulava, irritado, ao gritar-lhe estas palavras:

— Esta medida é imoral por fazer impura a mulher que concebia do varão, e não a que só fornicava com êle sem conceber!...

— Calma, Lumbaio, disse Chilon. A prova material da fornicação era o filho; e se tê-lo a êle era coisa impura, como o não haveria de ser a fornicação mesma que o engendrava? Qualquer mulher faz praça de que teve um filho; mas qual delas seria capaz de assoalhar-se na hora mesma em que é coberta pelo varão?

Mais calmo, porem, teimoso como um asno, Lumbaio redarguiu:

— Seja lá como fôr, há contradição flagrante entre as duas partes do livro chamado «Palavra de Deus», entre o Gênese e o Levítico, e isso você não poderá negar.

— Não, não o nego. Esta oposição e contraste, resulta de que cada lei opera num plano diverso. A do Gênese situa o problema no plano biológico da animalidade, sentenciando: fornicai, crescei, multiplicai-vos e enchei a Terra. Desta ânsia está cheia tôda a natureza. Depois vem a lei moral que se opõe aos abusos da biologia, do mesmo modo como a matéria se opõe ao espírito, sendo aquela, contudo, útil a êste. E esta lei diz: é pecado e rebaixamento qualquer expressão de animalidade, que sòmente poderá ser tolerada, porém, não aplaudida, e menos ainda, santificada; e já que a aplaudem (diz Deus), e a santificam, contra o mesmo aplauso e santificação mando meu corretivo drástico, mas justo e necessário. As leis são feitas e revogadas, porque existem em função dos homens, e não os homens em função das leis. Moisés tinha um fim em vista, e o alcançou plenamente.

— Desta você se saiu bem, disse Lumbaio, depois de meditar longo tempo; mas tenho outra dificuldade da qual não se sairá. Todavia não posso propô-la agora. Voltarei à carga, prometo.. Todavia agora preciso sair. Nêste instante, enquanto você falava, vi passar Tonhão Porcelo em cujo encalço tenho de partir. Primeiro vou tomar-lhe o dinheiro, e depois continuaremos com nossos estudos bíblicos.

E assim dizendo, saiu Lumbaio nos rastros de Tonhão. À noite veio Chilon à casa de Árago, e na presença dos demais companheiros de estudo relatou pormenorizadamente a discussão que tivera com Lumbaio. Finda a dissertação, disse Chilon ao sábio:

— Eis, prezado Árago, como está êste seu discípulo! Que me diz?

— Digo-lhe, respondeu o filósofo, que muito honra você o mestre que tem.

Continue sua porfia com Lumbaio, e venha-nos sempre trazer os resultados. Agora, se concordarem todos, podemos ouvir umas músicas de Mozart gravadas num «long playring» que me mandaram de presente. Chamam-se elas «Les petits riens», isto é, «pequenos nadas». Mas são uns nadinhas agradáveis de se ouvir.

Todos concordaram com o mestre, e êle soltou o disco a girar, no prato, sob a agulha do tocador automático...

ESPIRITISMO E MEDIUNISMO

CARTA do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil,* dirigida ao responsável pelo programa «O Espiritismo Sem Retoques», a propósito de uma exibição, na TV-TUPI, em que apareceram, com o nome de *Espiritismo,* empregado impròpriamente, cenas e rituais em completo desacôrdo com a Doutrina Espírita.

Rio de Janeiro (GB), 26/3/63

Ilmo. Sr.
Alcino Diniz
TV-TUPI — *Nesta*

«Com os nossos cordiais cumprimentos, pedimos a atenção de V. S. para o objeto desta carta, cujo verdadeiro fim é esclarecer um assunto, que, pela sua natureza, envolve problemas de certa complexidade, porque inerentes à liberdade de cultos, assegurada pela nossa Constituição, e também responsabilidade de pessoas, que, sendo espíritas, têm o direito de zelar pela integridade e pureza da doutrina que professam. Esperando, pois, a sua compreensão, solicitamos e agradecemos a divulgação desta carta, a fim de que, quanto antes, se desfaçam as dúvidas causadas no espírito público em virtude da apresentação do programa impròpriamente chamado *Espiritismo Sem Retoques.*

Conquanto os próprios participantes do programa não se tivessem apresentado como espíritas nem qualquer um dêles houvesse feito referência direta ao Espiritismo, no que, aliás, se conduziram com indiscutível correção, a verdade é que o responsável pelo programa, naturalmente por estar mal informado, associou o nome do Espiritismo a uma série de práticas mediúnicas e ritualísticas, que não se enquadram, de forma alguma, nas características da prática espírita. Sabe V. S., tanto quanto nós, que grande parte do povo desconhece o que seja realmente *ESPIRITISMO,* doutrina de profundo conteúdo moral e filosófico, mas lamentàvelmente mal compreendida e mal situada, devido à palmar ignorância de sua literatura, o que ainda se nota, hoje, em tôdas as camadas sociais ; o que muita gente pensa a respeito do Espiritismo, por falta de conhecimento de suas obras fundamentais, é precisamente aquilo que constitui a mais flagrante e desoladora deturpação do verdadeiro caráter da doutrina.

Diante desta realidade, e com o intuito de evitar que aumente ainda mais a confusão, *O Instituto de Cultura Espírita do Brasil* vem a público para dizer que tudo aquilo, que se viu no programa «Espiritismo sem retoques», foi apenas mediunismo. Respeitamos, conscientemente, tôdas as formas de culto, sejam quais fôrem os seus rituais e seus objetos de adoração, tanto mais quanto já sabemos que o fenômeno do sincretismo religioso é inerente às condições históricas e sociológicas da formação brasileira.

Não pomos em dúvida, ainda mais, o sentimento de caridade e o fervor devocional de todos os crentes que sinceramente obedecem a determinadas regras do culto ou recorrem a meios especiais para a exteriorização da fé. Ainda que tais ou quais cerimônias nos pareçam exóticas ou antiquadas, o nosso dever é tratar com o devido respeito a tôdas as crenças ou concepções religiosas. Não negamos, conseqüentemente, a nenhum culto, o direito de praticar o mediunismo como entender ou interpretar os fenômenos mediúnicos segundo os seus princípios de fé. Temos, no entanto, o dever de estabelecer a indispensável distinção entre Espiritismo e mediunismo. O fenômeno mediúnico.

por si só, não é um elemento suficiente para caracterizar o Espiritismo, porque decorre de uma faculdade especial, que não depende nem de crença nem de doutrina, podendo ser observado indiferentemente em qualquer ambiente, dentro e fóra das sessões espíritas.

Fique pois, esclarecido que Espiritismo é a *DOUTRINA CODIFICADA POR ALLAN KARDEC,* não é o fenômeno puro e simples, embora a doutrise hája constituido em conseqüência do fenômeno. Allan Kardec, a maior autoridade neste domínio de conhecimento definiu muito bem o Espiritismo, dizendo que esta doutrina trata da *origem, natureza e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.* Dentro desta conceituação, aliás muito sintética, se configuram questões capitais de filosofia, porque atinentes ao princípio ou às causas gerais, como ponto de partida a tôda indagação séria. Já se vê, portanto, que o Espiritismo não se confunde com o primarismo mediúnico, destituido de cogitações doutrinárias. Então o que apareceu no programa «Espiritismo sem retoques» não foi Espiritismo, foi apenas mediunismo. Justamente por isso mesmo, fazemos questão de deixar bem claras as seguintes definições:

a) — o Espiritismo, não tem e não comporta ritual de qualquer espécie, não se amolda a nenhuma organização sacerdotal e não admite, em suas sessões o uso de bebidas alcoólicas, charutos, velas, «pontos» cantados, sinais ou símbolos cabalísticos, sacrifícios de animais ou de aves nem qualquer outras sobrevivências de cultos materiais ou cerimônias de origem fetichista.

b) — O Espiritismo não está vinculado, nem histórica nem doutrinàriamente, a qualquer seita ou culto de origem africana, como também não se filia a nenhuma corrente ou escola ocultista, embora existam princípios comuns, no campo das generalidades: imortalidade da alma, comunicação dos espíritos, reencarnação, existência de Deus como «causa primária» do Universo;

c) — O Espiritismo é uma doutrina de características próprias, formando uma estrutura homogênea, cujo prinpipal objetivo é a reforma íntima do sêr humano, com repercussão na reforma de costumes, de acôrdo com esta síntese, de Allan Kardec: *reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral.*

Reafirmando o nosso respeito aos adeptos de todos os cultos, cremos que, com êsse esclarecimento, fica bem ressalvada a nossa posição de espíritas. Reiteramos os nossos agradecimentos, subscrevendo-nos de V. S., com tôda a consideração e elevado apreço.»

A Hora Difícil

ARNALDO S. THIAGO

ESTA é uma hora cheia de dificuldades para a democracia. Não poderia o Brasil, intimamente vinculado, política, econômica e socialmente, como se acha, aos povos mais adiantados do atual ciclo histórico da humanidade terrena, subtrair-se à ação perturbadora do progresso normal dêsses povos, exercida por certos homens e por determinados grupos de homens, afastados, pelo seu orgulho e pelo seu desgovernado egoísmo, das fontes espirituais da Vida, que dimanam de Deus e assim esterilizados para o amor e para a prática das virtudes que só o amor alimenta, como sejam: a bondade, a caridade, o altruísmo, a abnegação, a paciência, enfim tôdas as que se podem chamar militantes e sem as quais a vida de relação se degrada e a civilização se desorienta, pelo excesso de sensualismo materialista.

Semelhante ação perturbadora pode ir ao extremo de sacrificar o regimem nìmiamente democrático em que vivemos e criar determinantes sociológicas que invalidem os esforços incontestáveis dos mais graduados representantes da autoridade, constantemente, iterativamente empregados para conter excessos demagógicos que até agora têm sido obstados em seus criminosos propósitos, sem que as garantias constitucionais do homem e do cidadão sofram derrogações insanáveis.

Acautelem-se, porém, os sinceros republicanos e os que possuem o bom senso necessário para reconhecer que a Democracia Brasileira é, de tôdas com que alguns povos se beneficiam, a que melhores frutos de liberdade proporciona aos seus nacionais e aos estrangeiros que em nossa pátria permanecem, encantados pelas garantiam que ao direito de todos os homens oferecem as leis e a prática das leis, num país em que ainda se desfruta existência relativamente tranqüila, como o Brasil.

Acautelem-se os sinceros republicanos !

Há sintômas alarmantes de futuras conturbações profundas da ordem pública, se desde já não servirem para levar aos maiores responsáveis pela manutenção do regime que nos felicita, uma orientação sociológica adrede adotada para restituir às instituições nacionais o verdadeiro cunho democrático que as deve garantir de desmantelamentos, cujos prognósticos se acham bem à vista dos que têm olhos para ver.

Permitam-me os jovens do Brasil que eu lhes fale com absoluta franqueza, sentindo-me com autoridade para esta grave determinação, por duas razões principais : primeira, por ser tronco de família numerosa, de tradição nìtidamente brasileira e republicana, segundo por ser jornalista militante na pequena e por vêzes também na grande imprensa do Brasil, há mais de cinqüenta anos, trabalhando sempre pelo cumprimento do dever cívico e moral, jamais visando a interêsses materiais, dada a minha condição de jornalista não profissional. Assim me externo, sem falsa modéstia nem ridícula vaidade, ùnicamente por sentir que é o tempo chegado em que tem de assumir cada um de nós, brasileiros, que participa, de qualquer forma, da vida social do país, a inteira responsabilidade de suas atitudes.

Estão hoje todos os Estados da Federação dotados de escolas dos diversos graus, possuindo mesmo suas universidades. Falar aos adolescentes dessas escolas, é falar a todos os jovens do Brasil, para dizer-lhes que a primeira condição de viabilidade das aspirações da juventude, tanto na família como na sociedade, é a submissão à disciplina, ao espírito de ordem e à autoridade constituida.

A mais alta expressão da autoridade é a dos pais, depois da qual vem a dos preceptores da mocidade, seguindo-se-lhes a dos que dispõem da fôrça para fazerem respeitar as suas determinações legais. Aquêle que não respeita, que não aceita integralmente a autoridade moral dos progenitores e dos mestres, sòmente respeitando, sob coacção, a autoridade que dispõe da fôrça, não pode ter idoneidade para merecer a dispensação democrática da cultura que só deve ser acessível aos que sabem assentá-la sôbre o alicerce da moral pura, estribada na livre determinação, dentro da disciplina e da ordem, que levam ao mais absoluto respeito pelos direitos dos semelhantes e preparam a consciência para o despertar do sentimento do amor.

Se realmente sagrado é o direito dos pais ao respeito e á consideração dos filhos, não menos respeitável é o dos mestres, dos preceptores da mocidade ao respeito e à consideração dos seus discípulos. Coarctar, por qualquer forma que seja, a autoridade dos que nos transmitem o ensino, é destituí-los da sua idoneidade moral. Se o educador se torna indigno dessa investidura, é certo que aos discípulos cabe o direito de se mostrarem desgostosos — e êsse desgôsto constituirá ação indireta para o afastamento de qualquer mau elemento do magistério. Mas intervir o corpo discente, ostensivamente, em atribuições hierarquicas indisfarçáveis, conquistadas em prélios de honra nos bancos escolares e perante congregações respeitáveis, é tumultuar demagógicamente o instituto da ensinança, determinando crises que podem levar à catástrofe uma civilização.

Ponderem os adolescentes sôbre o que lhes acabo de dizer — e tomem atitudes compatíveis com os objetivos, com os seus ideais de cultura e de atuação benéfica, quando chamados aos conselhos da Nação, no futuro brilhante que aguarda a todos os estudantes bem intencionados e probos.

Outro mal terrível contra a democracia é o ilimitado prestígio que autoridades e povo estão dando ao inconsequente profissionalismo nos esportes, os quais deviam ser reservados, mui especialmente, às classes estudantís, aos empregados no comércio, nas repartições públicas, etc., por isso que na vida sedentária que levam, necessitam dos exercícios que os esportes prodigalizam, para o seu revigoramento físico, cuja educação lhes pertence de direito, numa organização social democrática bem definida. O que se está passando no domínio dos esportes é, não sòmente contrário ao bem público, porque é também detestável, como exorbitante é o abuso, que não se coaduna com a nobre noção do trabalho livre, atualmente verificado, êsse abuso, quanto ao direito de greve e quanto ao direito, pelos comerciantes adquirido, de pedirem o que bem entendem pelas suas mercadorias.

Tudo tem jústos limites; ultrapassá-los, por excesso de ambição, de falta de probidade moral, é sintoma de dissolução social e faz correr à Nação grave risco, mui particularmente em ciclos históricos de violenta transição, como êste que a Humanidade atravessa, em que se procuram novas fórmulas de vida social, que nem todos sabem quais sejam, porque imensa é a multidão dos que sómente vivem por viver, sem procurarem aperceber-se dos delineamentos históricos a que os povos estão sujeitos e segundo os quais o progresso tem de operar-se — multidão imensa que ainda hoje, nesta maravilhosa civilização de que somos profitentes, constitui pêso morto para a boa orientação da sociedade, por isso que só trata de auferir resultados práticos, de ordem particularistas, de qualquer natureza que sejam, sem se dispôr a coadjuvar, pelas suas atitudes, pelos seus bons serviços, pelo seu espírito de abnegação e de caridade, os esforços educacionais que à mesma Humanidade têm prestado espíritos superiores, dentre os quais sobreleva destacar NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, cujos ensinamentos e cujos cxemplos bastam, só por si, para transformar o homem egoísta e sobremodo sensualista, que ainda predomina decisivamente no cômputo geral da espécie, pois que continua adstrito à velha ordem do *«homo, hominem, lupus»*, em homem consciente dos seus deveres para com o próximo — o que implicitamente pressupõe constituir-se êle num lídimo artífice da felicidade dos seus semelhantes

Alinhando êstes conceitos, no cumprimento do meu dever jornalístico, peço aos jovens que porventura se dignarem dar-me a honra de ler o despretencioso trabalho, de cunho jornalístico, que ora lhes ofereço, tenham como verdadeiro amigo um velho companheiro de jornada terrena, sem encargos oficiais, é certo, mas incoercívelmente dispôsto ao cumprimento do dever cívico e do dever moral, sobretudo, que nos induz a transmitir aos outros, aos que nos devem suceder na caravana que vai fazendo, desde tempos imemoriais, a jornada muito séria da vida terrena, a experiência adquirida ao longo de 77 anos de existência bastante trabalhosa e difícil.

Peculiaridades do Hebraico

I. — As denominações da língua hebraica variam com o tempo, os lugares e as situações porque passou o povo hebreu: 1) — Lashon Kanaan, a língua de Canaã, falada no território cananeu, quando os judeus chegaram do Egito; 2) — Lashon Acodesh, a Língua Sagrada, em que foi escrita a Bíblia de Israel; 3) Ieudith, a língua da Judéia, depois da volta da Babilônia; 4)—Aramish, o aramaico, a língua em que foi escrito o Talmud; 5) — Shomromith, a língua dos samaritanos após a ocupação persa; 6) — o idish, que se divide em dois grupos: a) — sefaradim, a língua usada pelos judeus espanhóis, herdeiros da cultura babilônica, o hebraico mesclado da língua latina, o latim usado na idade média; b)—ashkenasim, a língua falada pelos judeus da Europa central, o hebraico mesclado de palavras alemães e islavas; 7) — o ivri, o hebraico moderno. O grande Theodor Herzl, 1860/1904, foi quem iniciou a campanha do Estado Judeu e renascimento do hebraico, criando escolas e bibliotécas, tanto na Palestina como nos países onde habitavam judeus, renovando a alma do povo hebreu, colocando-a à altura de sua grande missão na Terra, na liderança da vida espiritual do planêta. Com a criação do Estado de Israel, Eretz Israel, em 1948, foi criado o Histadruth Hamorim, o Sindicato dos Professôres e o Wa'ad Halashon, o Conselho da Língua hebraica, que oficializaram o hebraico, o ivri, como língua do Estado, do ensino, da imprensa e do povo, unificando e simplificando a linguagem falada e escrita, a sua pronuncia, criando sempre novas palavras, eliminando os grupos dialetais existentes. Para que fôsse conseguido ràpidamente êsse objetivo, foi criado em Israel o Ulpam, ulpanim, cursos elementares intensivos da língua hebraica para crianças, moços e velhos, de ambos os sexos, que funcionam permanentemente preparando o povo para sua missão. E, nos grandes centros estrangeiros, foi criado o «Machon Ivri», Instituto de Cultura Hebraica, que em São Paulo, está situado à Alameda Eduardo Prado n.º 500, que até 1962 cobrava Cr. $ 2.000,00 por pessoa e por curso. E o hebraico ressurgiu vitalizado e triunfante vencendo o paganismo que sempre o combateu.

II. — A Bíblia grego-romana e das línguas neolatinas e anglo-germânicas é o reflexo da cultura e da civilização de Constantinópola ou Alexandria, heleno-romanizada, vale dizer, pagã. Ao invés de procurarmos as fontes diretas da vida espiritual — o hebraico-aramaico —, a revelação espiritual, copiamos fontes indiretas, irregulares, que não representam nem o pensamento, nem a fórma originária israelita, o clima espiritual do Judaismo e do Cristianismo, vale dizer Messiânico. Daí as tremendas contradições dos textos bíblicos neolatinos, que merecem sério expurgo, para o triunfo da verdade espiritual pura.

Soou a hora em que os professôres ocidentais vão aprender a Bíblia e o Hebraico com os lideres da espiritualidade da Terra. Passemos, pois, às contradições, pois a Bíblia é de Israel e não da Grécia ou de Roma.

III. — As expressões idiomáticas hebraicas são diferentes das grego-romanas, como passamos a enumerar.

1. — *Nós* dizemos — Deus é espírito — emquanto os hebreus dizem o Espírito do Senhor — Ruach Eloim ; ch som rr, gutural.

2. — *Nós* dizemos — A mensagem Divina e o israelita diz — A Palavra do Senhor — Dvar Eloim;

3. — *Nós* dizemos Cristo, do grego Cristos, enquanto o judeu diz, o Messias, Moshiach, o úngido do Senhor.

4. — *Nós* dizemos Céus, do grego Koilos, através do latim coelum, enquanto os israelitas dizem Shamaim, coberto de vapor;

5. — *Nós* dizemos Mar Morto, emquanto o israelita diz Mar Salgado, Iam Hamelach;

6. — *Nós* dizemos — Provérbios de Salomão, enquanto o israelita diz — inteligência de Salomão — Chachmat Shalomo;

7. — *Nós* dizemos Lago de Nazaré enquanto o israelita diz Iam Knereth, Mar do Violino;

8. — *Nós* dizemos Templo, o judeu diz Beth Hamikdash — Casa Sagrada ;

9. — *Nós* dizemos Sinagoga, palavra grega, enquanto êles dizem Beth Haknesseth, lugar onde se reune;

10. *Nós* dizemos inferno, êles dizem vale do gemido — Guehinon;

11. — *Nós* dizemos virtude, que significa fôrça, êles dizem massim tovim, boas ações;

12. — *Nós* dizemos à moda grega Evangelho e êles dizem Bessurá tová, — boa notícia ou no plural, boas notícias, bessurot tovot;

13. — *Nós* dizemos—Arca da Aliança — êles dizem — Aron Kaodesh, Armário Sagrado;

14. — *Nós* dizemos — No outro mundo — êles dizem olam habá, mundo futuro ;

15. — *Nós* dizemos — Paí nosso que está nos Céus, êles dizem — Nosso Pai do Céu — Avinu Shebashamaim;

16. — *Nós* dizemos João Batista enquanto êles dizem Iohanan ben Zekharyiah, João Filho de Zacarias;

17. — *Nós* dizemos Judas Iscariot, enquanto êles dizem Ieudah, ish Kerioth, — Ieudá, o homem da família ou do povoado Kerioth. Ishkerioth também significa sicário, palavra latina adotada pelos hebreus para indicar um grupo de terroristas dentro do movimento dos zelotes;

18. — Nós dizemos Bíblia com referência ao conjunto dos livros sagrados, enquanto os Israelitas usam a palavra T’nakh, composta das letras iniciais dos nomes que indicam as 3 partes da Bíblia hebraica: 1) — Torah, a lei, o ensino escrito, composto de 5 livros; 2) — Neviin, os profetas, composto de 8 livros; 3) — Ketuvim, as Escrituras, compostas de 11 livros, que serão objeto de estudo especial, dada a diferença entre a Bíblia de Alexandria, condenada como apócrifa pelos israelitas, desde o Rabino Gamaliel, no 1.º século da éra Cristã, como tirgum ou tradução do hebraico por demais viciada e as Bíblias Romanas e Protestantes, com diversidades de livros.

19. — Nós dizemos ama o teu próximo como a ti mesmo, os judeus dizem: «Wa’havtah l’reakhah kamokhah: trata bem o teu próximo que é igual a ti mesmo. Isto porque o verbo W’ahavtah, nesta frase, não significa um sentimento, como prova a sua regência, mas um procedimento, tratarás. Kamokhah se traduz no sentido da frase, como a ti mesmo, enquanto l’reakháh significa próximo.

20. — Nós dizemos João Batista, o que batiza, o batizador. O judeu judeu não conhece o batismo. Baptistes é grego, e significa banhador, o que banha. Diz a tradição Cristã que João era essênio, vivendo nas margens do rio Jordão. Como preparador do povo para o advento do Divino Mestre, usava o banho lustral, purificador, limpador do corpo como um símbolo, de limpeza do corpo e da alma, que se obtém pelo arrependimento dos pecados, que outra coisa não significa senão, não pecar mais para que não nos aconteça coisa pior. Banhar-se em hebraico é tovel. Banho é ambatiá. Banhador é hamatbil. Assim, em hebraico, João Batista é Iohanan hamatbil.

21. — Nós dizemos de cada dia (o pão nosso de cada dia) o judeu diz — Yom-Yom —, dia a dia. Assim as peculiaridades das linguas grega, latina e portuguêsa, não correspondem, em essência, aos hebraismos de expressão.

Bianor S. Medeiros

14/3/963

CARL G. JUNG AFIRMA EM SEU TESTAMENTO: A VIDA CONTINUA DEPOIS DA MORTE

A vida prossegue depois da morte! Isto afirma Carl Gustav Jung em seu testamento. Em todos os tempos a sobrevivência foi a obsessão dos filósofos, poetas e artistas. A morte, invariàvelmente, exerce sua fascinação mesmo sôbre os espíritos mais vivazes, e foi deificada pelas civilizações precolombianas e personificada nas sagas escandinavas. Sua presença, através do tempo e do espaço, cai dos baixos-relevos do antigo Egito aos afescos cristãos da Idade Média. Nos tempos modernos foram-lhe consagradas necrópoles imensas, os campos de concentração que não são outra coisa do que campos de morte.

Paralelamente com êste culto à morte, a esperança de sobreviver, de que haja outra existência depois da morte, teve influência determinante na história do pensamento humano. Em algumas ocasiões os filósofos, os racionalistas, os técnicos, pretenderam ridicularizar essa esperança, e isso a tal ponto que a vida extraterrena chegou a parecer algo assim como um remédio caseiro para os padecimentos da alma. O mito, pouco a pouco, se converteu numa caricatura de si mesmo. Metamorfoses, ressurreição, metempsicose, são idéias que chegaram a invadir os terrenos da magia, assim como as mesas girantes, as materializações e a reencarnação são do domínio do Espiritismo.

O Dr. Jung expõe uma multidão de aspectos discutíveis. Criador, junto de Freud, da psicologia moderna, em seu último livro em que aborda questões diversas (Memória, sonhos, reflexões) recolhidas por Aniel Jaffé, lança uma afirmação que talvez pareça decisiva mesmo aos mais céticos. Ao contrário de Freud «Jung é um homem que dá a face ao futuro». Suas principais obras se intitulam: «Problemas da Alma Moderna» e «O Espírito da Psicologia». Associado a Freud nos dias heróicos da Psicoanálise, preferiu seguir um caminho independente ao minimizar os problemas sexuais e insistir em explicar as neuroses pelos complexos do mundo atual, antes que pelas heranças da infância. Residente na Suiça, dirigiu até sua morte, ocorrida em 1961, o Instituto de Psicologia Analítica que leva o seu nome. Até então, a frase mais conhecida de sua obra era uma parafrase: «A alma é o eixo do mundo». No futuro Jung vai ser objeto de apaixonadas polêmicas por haver afirmado a guisa de testamento: A MORTE NÃO EXISTE. O fato desta ser uma declaração póstuma e de que a voz de Jung nos chega de ultratumba, contribue para a ironia sem diminuir o interêsse do fato.

Logo de início, em sua obra, Jung faz claro que, sem ter abordado diretamente o problema, procurou, antes de tudo encontrar uma resposta para o mistério da interpretação da vida e do Além. Insistiu mais—explica antes de entrar em suas confissões — no que possam ser. Mas é preciso entrar-se no umbral da morte para poder vislumbrar as perspectivas.

Os mais virulentos ataques são esperados dos defensores da razão: «Tôda a vida psíquica se paraliza e diminui pelos prejuizos. O racionalismo crítico, aparentemente, com outros muitos conceitos místicos eliminou a idéia de que existe vida depois da morte. Isto pode ocorrer porque em nossos dias todos tendem a identificar-se tão só com sua vida consciente e não imaginam ser mais que aquilo que sabem que são. E no entretanto, (não importa que não se possua mais do que noções vagas de psicologia) é possível comprovar as muitas limitações dêste conhecimento de si mesmos. O racionalismo e suas doutrinas são a grande enfermidade de nosso tempo, pois pretendem dar resposta a tudo».

Conforme êle mesmo o confessa, os filósofos se puseram am luta com os homens de ciência. Mas não têm, de modo algum direito de concluir por que isso é impossível que possuam uma visão clara do outro mundo regido por leis diferentes. Jung não vacila em opôr a Parapsicologia à crença. Não sem ironia concede que algumas pessoas não se atrevem a admitir a eternidade porque «tremem ante a idéia de sentar-se numa nuvem e tocar arpa durante dez mil anos». Não obstante não deixa de assinalar que tal idéia do eterno é inspirada pelo tédio da vida terrena ou pelos fracassos sofridos.

Pensa Jung que cada pessoa deveria poder dizer que fez todo o possível por adquirir uma concepção da vida depois da morte. Não haver feito êsse esfôrço é um êrro vital, pois de fato vivemos, um dia atrás do outro, muito além dos limites de nossa consciência. Sem que o saibamos, não penetramos a vida do subconsciente. Qualquer outra atitude conduziria a um empobrecimento e o que é mais, representaria um perigo. «A razão demasiado evoluida tem algo de comum com os absolutismos políticos quando resulta numa verdadeira depauperação do indivíduo.»

Também não se pode iniciar a busca do outro mundo guiados pelo subconsciente. Os demais elementos para essa busca seriam elementos sincrônicos, as premonições e os sonhos que se realizam. Depois de citar três sonhos realizados, Jung passa a expor seu sistema: «E' evidente que quando menos uma parte da vida psíquica escapa às leis do espaço e do tempo (as obras de J. B. Rhine Extra-sensory Perception e The Reach of Mind são citadas como exemplo). Isto demonstra que nossos conceitos de espaço e de tempo assim como de causalidade são incompletos. Uma representação completa do mundo exigiria a adição de outra dimensão. Nestas condições a possibilidade de que haja outra realidade se converte num problema que não podemos ignorar. Devemos afrontar o fato seguinte: Nosso universo, com seus conceitos de tempo, de espaço e de causalidade está em relação direta com outra ordem universal, situado por detrás ou acima dêle e no qual nem «aqui nem além», nem «diante ou atrás» tem importância. E chega a convicção de que ao menos uma parte de nossa existência psíquica se caracteriza pela relatividade de tempo e espaço».

Os velhos, pensa Jung, são seres

mais aptos para praticar essa experiência com êxito. Depois de citar a Bíblia: «Vós os velhos, interpretais os sonhos», recorda que é durante a velhice que se começa a deixar que a memória se desenrole ante os olhos do espírito: «Isto parece com a preparação para o mais Além, assim como, segundo Platão, a filosofia é uma preparação para a morte». O raciocínio se completa com esta observação: «Desde o ponto de vista psicológico, a vida no Além parece a continuação lógica da vida psíquica na velhice».

Transcrito de NOVEDADES, México

Crônica Estrangeira

UMA LOUCA ESPERANÇA

A morte trágica e inesperada de meu irmão Gérard, num acidente de carros em 1956 causou-nos, a meus pais e a mim, um choque imenso. A repulsa a uma separação definitiva e sem apêlo, nos incitou a procurar uma comunicação post-mortem com o querido ausente, pois que as doutrinas religiosas tinham sido impotentes e incapazes de nos oferecer elementos construtivos necessários à consolação. Voltamos para as ciências espíritas, mais positivas e mais ricas de ensinamentos.

De pouco em pouco a coragem nos voltava e uma louca esperança começou a nascer em nossos corações à leitura de obras que relatam os fenômenos de materializações observados através de alguns médiuns raros, dotados de excepcionais faculdades.

Rever meu irmão Gérard ressuscitado por alguns segundos, em tais condições, foi talvez a única razão de nossa vida e todos os nossos esforços convergiam para isso. Dizer das dificuldades que deparamos na procura de um tal sêr humano e as mil dificuldades que surgiram e às quais fizemos face, é impossível, e de resto pouco importa aqui.

REVEJO MEU IRMÃO

Uma graça excepcional permitiu-me ver meu irmão já na primeira sessão. Foi na noite de 10 de maio de 1958, o acontecimento inesquecível:

«... Após uma curta pausa, eis que uma outra aparição se forma vivamente e avança. Retenho a respiração... Não ouso crer, mas êle vem diretamente a meu pai, que se anima: —Gérard, és tú? A aparição silencia, mas com um gesto diz a meu pai que se levante. Estou atrás e faço esforços inauditos para não me atirar a ela. Sinto que é meu querido irmão! Meu coração dispara. Tôda a assistência que conhece a razão de nossa vinda, emociona-se feliz por nós.

Meu pai está de pé. O amor e a alegria não podem conter o seu chôro. A essa reação, responde a de mamãe, que reconhece Gérard por detrás do véu de ectoplasma que vela sua face. Ah! como desejaríamos que êsse instante maravilhoso durasse para sempre! Mas eis que Gérard, em se aproximando de papai, com um gracioso gesto lança-lhe a cágula branca também sôbre a cabeça, de sorte que por alguns instantes participam ambos da natureza dos fantasmas.

— Papai, diz a voz fraca de Gérard.

— Abraça-me, suplica-lhe papai, cujo rosto está apenas alguns centímetros do de seu filho querido. Êle avança, apesar das mãos vizinhas que procuram contê-lo, e Gérard recua docemente.

No Além, como na terra, há leis que é impossível ultrapassar, e tôda a tentativa sôbre os espíritos materializados, ultrapassando as possibilidades permitidas, são fatalmente pagas pelo médium.

Depois dêsse transtôrno, papai pedia ainda a Gérard que se aproximasse de mamãe. Então meu pobre irmão, que fazia sua primeira tentativa de manifestação, fez um esfôrço violento, voltou-se lentamente para mamãe e avançou dois passos. Mas não pode fazer mais e, regressando ao gabinete, teve um soluço que todos puderam ouvir, e desapareceu...»

Em outra sessão, a 12 de maio de 1958, pude revê-lo. E houve mais cinco vêzes, uma das quais assistimos ao transporte maravilhoso de miosotis.

SÔBRE O DESENCARNE DE MONSENHOR DUBUC

A imprensa espírita da Europa e Américas comenta o desencarne de Monsenhor Henri Marie Dubuc, ocorrido em Madri. Seus restos mortais foram transportados para a Venezuela e inhumados na Igreja de S. Francisco, em Barquisimeto, com todo o cerimonial litúrgico da hierarquia romana.

O ilustre prelado, filósofo perspicaz, de natureza afável, é autor de uma carta em favor do Espiritismo, na qual faz um reconhecimento histórico dos fatos e bases da Terceira Revelação e que alarmou o clero brasileiro a tal ponto que foi negada a existência de um prelado com o nome de Dubuc na Venezuela.

Em declarações à imprensa o Dr. Pedro A. Barboza de La Torre, presidente da Federação Espírita Venezuelana e professor da Universidade de Zulia, declarou o seguinte: — «Quando o formidável e autêntico escrito foi divulgado, a Igreja fez correr a versão falsa de que Dubuc estava louco, farsa a qual se prestou sua própria família. Assisti a uma sessão com êle, como convidado e amigo pessoal. Êle a dirigiu e o fez muito bem, demonstrando conhecimento e experiência. Contou-me que conhecia três de suas reencarnações anteriores. Na Idade Média também fôra Bispo, e nessa noite me disse: — «Mas esta será a última. Nunca mais cometerei a loucura de trazer sotaina, pois que agora quero lutar contra a mentira.» Dubuc era sincero e arrojado, chegou a ter problemas com o ditador Perez Jimenez, a quem criticou publicamente.»

E Barboza de La Torre prossegue: — «Dubuc desencarnou na Espanha, em circunstâncias muito suspeitas, que fazem pensar numa vingança. Talvez seu falecimento seja o epílogo de sua obra em favor do Espiritismo. Não estava em Espanha por sua vontade. Algum dia saberemos a verdade».

E hoje que seus funerais são publicados pela imprensa, fica de todo desmentido o clero brasileiro, pego em flagrante delito de falsidade.

(Transcrito de «La Idea» e «Revue Spirite).

OS FANTASMAS DE COPENHAGUE

Adolphe Bohm

«Desejo que continues a lutar pelo Espiritismo. E' uma Causa pela qual a vida é digna de ser vivida: Não nos tornaremos a ver mais na terra, mas nos reencontraremos no Além. Sinto-me contente de te haver conhecido».

Tais foram as palavras do Guia-Contrôle, Mica, pronunciadas através do ilustre médium dinamarquês de materializações, Einer Nielsen, no decorrer da última sessão a que assisti em Copenhague, no dia 10 de abril de 1963.

Era uma recomendação autoritária, porém desnecessária pois que, desde a primeira sessão de materialização de que fiz parte a 12 de maio de 1958, a sorte estava lançada. A primeira aparição que atravessou a cortina negra do pequeno gabinete histórico, tinha modificado totalmente minha vida.

Vêzes e vêzes sopesei a gravidade do espetáculo que se oferecia aos meus olhos e compreendera que essa verdadeira graça que me fôra outorgada não poderia permanecer estéril. As responsabilidades implícitas ao extraordinário privilégio é que me incitam hoje a transmitir a «grande mensagem de Copenhague».

Um Espetáculo Sobrenatural

No livro que consagrei a êsses fenômenos de Copenhague, e que vai ser lançado ainda êste ano pelas edições *Amour et Vie*, rue de Lancry, Paris, descrevo algumas sessões de maneira detalhada. Aqui quero dizer apenas umas poucas coisas. Por exemplo:

Quando a primeira Entidade espanta o vosso olhar, adivinhais imediatamente o sobrenatural e uma espécie de admirativo terror vos envolve. Êsse instante vos seguirá por tôda a vida, sempre revereis a aparição drapeada de branco, olímpica, elevando magestosamente os braços que o ectoplasma, escorrendo com um brilho espumoso, descobre brancos como a porcelana de Saxe. Acreditareis por um instante serdes joguete de uma alucinação, pois que o espectro *não pode* estar materializado. Entretanto êle o *está,* e isso comprovais. Êle se aproxima docemente e vos acarícia afetuosamente a face. Ficareis espantados por não recuardes de mêdo. A mão é quente. Êle adivinha que desejarieis que recomeçasse, porém não pode permanecer num plano que já não é o seu. Mas dá-vos a alegria de perpassar seu tule de ectoplasma pelo rosto, afim de que possais apreciá-lo em tôda a sua fineza.

— É maravilhoso! murmurareis com um nó na garganta, e então êle vos premiará com um acontecimento cuja lembrança também vos acompanhará sempre: desmaterializar-se-á diante de vossos olhos. Vós o vereis se evaporar lentamente embora imóvel, e em poucos minutos não haverá mais nada até que novo sêr venha vos falar.

Êsse espetáculo eletrizante, que pude observar inúmeras vezes, sempre me perturbou tremendamente. Foi o fenômeno mais impressionante a que assisti na casa de Nielsen. Houve também o fenômeno muito raro, mas que pude observar três vêzes: o aparecimento de duas Entidades ao mesmo tempo. Uma considerável massa de ectoplasma é necessária para isso, e as condições do médium devem ser excelentes. Aliás, a qualidade dos fenômenos depende em larga medida do estado físico e moral do médium. Uma crise cardiaca anterior aos trabalhos, resultou num pequeno número de aparições e num ectoplasma de côr acinzentada. Presenças negativas na assistência podem, igualmente, influir na qualidade da sessão.

Pessoalmente pude contar até vinte aparições numa mesma noite, mas algumas testemunhas oculares me disseram que algumas vêzes chegaram a trinta e seis.

Espiritismo no Brasil

EM MANHUAÇÚ - MG

Grande sucesso da Primeira Confraternização das Mocidades Espíritas

Realizou-se na cidade mineira de Manhuaçú, no período de 19 a 21 de julho, a «I Confraternização das Mocidades Espíritas de Minas Gerais — COMENG». Ao encontro juvenil de moços espíritas, que teve o apoio e o incentivo direto da União Espírita Mineira, por seu Departamento de Juventude, compareceram nada menos de 150 jovens das diversas regiões do Estado.

Durante o encontro foi elaborado e aprovado o regulamento que regerá o movimento e instituida uma comissão cuja atribuição será a elaboração de um plano de estudos (padrão) da doutrina que deverá ser apresentado na segunda confraternização. Prof. Rubens Romanelli e o escritor Martins Peralva foram os dois oradores do certame. No domingo, por ocasião da despedida, foi organizado pela família espírita manhuçuense um convescote que primou pela organização e pelo carinho dos responsáveis pelo movimento.

A capital mineira foi escolhida para séde da «II COMEMG» cuja realização ficou aprovada para a chamada Semana Santa de 1964.

(Do Departamento de Mocidades da Aliança Municipal Espírita de Uberlândia).

ANGELO WATSON CAMPÊLO

Ainda por motivo do passamento do nosso querido e saudoso companheiro Campêlo, ocorrido a 19 de março do ano em curso, recebemos mais as seguintes cartas, cartões e telegramas dos seguintes confrades, por meio dos quais enviaram-nos palavras de confôrto, encorajamento e solidariedade:

Joaquim Ferreira de Carvalho Sobrinho e espôsa, d. Cecilia Carvalho, de Copacabana—GB; Aureliano Alves Netto, de Caruaru, Pernambuco; Genaro

Pucci (La Conciência) de Buenos Aires, República Argentina; Atilio Pisa, de Santos; Ilodino Soares, de Livramento, Rio Grande do Sul; Mario, Adalgisa e família, de São Paulo; José De Giácomo e família, de Jaú; Irajá Severino Rodrigues, de Monte Azul Paulista; Manoel Justino de Araújo, de Campina Grande, PB; José Dias, de Rio Claro, em seu nome e em nome da «Casa dos Espíritas» e dos Centros Espíritas «Fé e Caridade», «Verdade e Luz» e «Consolador»; Argemiro Silveira, de S. Paulo.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da Reunião mensal ordinária, realizada em 6 de julho de 1963

À hora legal profere o Presidente do Conselho a prece inicial, declara aberta a reunião e dá posse, como representante das Federações Espíritas dos Estados do Maranhão e do Piauí, respectivamente, aos confrades Agadir Teixeira Torres e Getúlio Soares de Araújo. É lida e aprovada pelo Conselho a Ata da reunião anterior. O Presidente informa que a Diretoria da Federação prepara, com carinho, a comemoração do primeiro centenário de «O Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec. No expediente é comunicada, pela União Espírita Cearense, a renovação dos poderes, como seu representante, ao Conselheiro Henrique Magalhães.

SÃO PAULO—O Conselheiro Carlos Jordão da Silva relata os trabalhos da USE para a futura concentração Espírita Centro Norte a realizar-se na Bahia, já com a adesão de várias Federações participantes e apresenta projeto regulando as realizações de Concentrações Interestaduais de Mocidades. O Conselho, após estudar o assunto, decide que a Resolução aprovada será publicada em «Reformador» de agôsto próximo.

CEARÁ — O Conselheiro Henrique Magalhães, representante da União Espírita Cearense, anuncia a realização da VI Confraternização das Mocidades Espíritas do Estado, nos dias 7 a 14 de julho corrente.

Às catorze horas, feita a prece final pelo reprepresentante da Federação Espírita Sergipana, encerra o Presidente a reunião.

Necrologia

Manoel Dias de Lima

Desencarnou dia 29 p.p. em Porto Feliz, no hospital em que se achava em tratamento, o nosso prestante e muito estimado companheiro, Manoel Dias de Lima, filho do sr. José Dias de Lima, já desencarnado e grande amigo que foi de Cairbar Schutel, e de d. Maria da Glória Dias de Lima, residente nesta cidade.

Era o desencarnado casado com d. Maria José de Carvalho Lima, de cujo consórcio deixa os seguintes filhos: Dirceu, Deise, Darcy, Delcy e Délcio. Era irmão das srtas. Dimpina e Jucelina Dias de Lima e de d. Valéria Dias de Lima Grillo, casada com o sr. Adelino Grillo e residente em Porto Feliz.

O Manuelzinho, como o tratávamos, possuía grandes conhecimentos sôbre a arte teatral, bem como da técnica da montagem de cenários e daí o grande auxílio que por diversas vêzes prestou à Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» local, quando das representações levadas a efeito no palco do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

—Ao espírito do caro companheiro que acaba de ingressar no Reino Espiritual, muita paz e luz.

Todos os males da vida concorrem para o nosso aperfeiçoamento. Pela dor, pela humilhação, pelas enfermidades, pelos revêzes, lentamente, o melhor resulta do pior. Eis porque neste mundo há mais sofrimento que alegria. A provação retempera os caracteres, apura os sentimentos, doma as almas fogosas e altivas.—L. D.

Campanha de Agasalhos e Cobertores

O Departamento de Assistência Social do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», recebeu, até esta data, mais os seguintes donativos para a Campanha de Agasalhos e Cobertores, em 1963 :

Pedro Wenzel, 50,00 ; Antonio Ramos de Oliveira, 250,00 ; Nelson Perche de Menezes, 50,00; Alice Conversani Belinati, 200,00; Eponina Toledo Fonseca, 250,00 ; Manoel Alvares Lopes, 100,00 ; Amigos de Mogi Mirim, 4.000.00; José Francisco Ramos Rosa, 450,00; Ginés Rodrigues Borgonhoz, 500,00; Ewerton Ferreira Libório, 100,00; Um amigo, em homenagem ao Campêlo, 5.000.00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Manoel Alvares Lopes . . . 3.000,00 ; Roque Buono, donativo de material gráfico usado, no valor aproximado de 30.000,00 ; Benedito Estevam de Paula, 860,00 ; Em homenagem ao Campêlo, 5.000,00.

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$ 600,00
Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3981unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de setembro de 1963 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Pintores e Surdos no Espaço . . .	*Redação*
Uma Questão Agrícola	*Carlos Imbassahy*
Reformas	*Domério de Oliveira*
Atitude Comprometedora	*V. O. Casella*
Ainda o Caso Edgard Cayce . . .	*Francisco Klörs Werneck*
Suprema Violência	*Fernando C. F. da Cunha*
Um Só Rebanho e Um Só Pastor .	*Philemon*
A Vida como Compulsão Reencarnatória	*David Grossvater*
Sexto Congresso Espírita Pan Americano	*Traduzido pelo Grupo Emmanuel, de Araraquara*
Serões Bíblicos — XII	*Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1963 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

Pintores e Surdos no Espaço

Perguntava Fischner :

«E' indispensável que um pintor continue ocupando-se em pintar quadros no Além, que um médico se preocupe constantemente com os enfermos, que Beethoven sofra ainda sua surdez ?»

Pensam muitos da mesma forma que Fischner e fazem a mesma interrogação, o que demonstra o desconhecimento absoluto da matéria que vêm motejar. E o motejo substitue o estudo.

E' natural que os indivíduos não esqueçam as atividades a que se entregaram na Terra e continuem a cultivá-las, mormente se se trata de matéria científica, artística ou beneficente. Ciência e Arte progridem sempre, e o Espírito progride com elas e por elas. O cientista continua os seus trabalhos no Espaço ; nêles se aprimora e quando volta ao Mundo traz um cabedal maior, e tal seja êle, temos os grandes talentos, os gênios, os beneficiadores da humanidade, com sua aplicação, seus trabalhos, seus inventos. Tais homens causam grande admiração, sem que até hoje se soubesse explicar como lhes surgiu a extraordinária capacidade intelectual.

Da mesma forma com os artistas. Êstes contribuem para a Beleza, para o encanto espiritual. O progresso artístico da humanidade é um aperfeiçoamento ; os que amam a arte detestam a destruição. A arte em sua culminância extinguiria a guerra. O ser evolve em conhecimento, em moral e em arte ; o desenvolvimento artístico proporciona maior felicidade ao Espírito. O artista compreende melhor as belezas da Natureza e está por isto mais apto a admirar a criação e o Criador. A sua arte, desenvolvida, além de lhe proporcionar momentos de enlevo e felicidade, torna-o mais reverente e mais agradecido para com aquêle que arquitetou as maravilhas do Universo.

E' de notar ainda que os pintores ocupando-se de pintar, venham com sua pintura dar uma demonstração de identidade e portanto da imortalidade da alma. Têm portanto mais essas vantagens os pintores que ainda no Além se ocupam em pinturas.

Os médicos que tratam de enfêrmos prosseguem sua obra meritória e muitas vêzes resgatam, na sua operosidade no Espaço, nesse santo mister de aliviar o padecente, as omissões cometidas em vida ou mesmo a descaridade praticada.

Por maneira que aquilo que pareceu ao filosofo um chiste, ou o lança como tal, é fonte de merecimento, e aquela preocupação constante servirá para que êle suba aos páramos da espiritualidade, como sucede entre nós, viventes, aos que se dedicam ao amor do próximo.

O que é menos certo é que Bethoven continuasse sofrendo de surdez. Aí é que Fischner se engana de forma assustadora.

A surdez é um mal terreno, doença física como outros tantos males. E os Espíritos só os conservam no Espaço, como se ainda tivessem seus corpos somáticos, quando, por sua inferiodade, por suas ruins ações, dêles, dos males, não se podem libertar. A sua permanência é pois uma penalidade, a qual porém não se prolonga além de uma época necessária. Não é possível porém, nem seria curial, que o grande Maestro continuasse surdo. Ninguém mantém os seus defeitos, a não ser por prova. Não é de crer que a prova do genial compositor continuasse além-túmulo. Espírito devedor, tinha na terra, não só a surdez, senão que ainda experimentava dores físicas e morais. Beethoven era um sofredor, e êsse sofrimento era a remissão de dívidas anteriores.

Remiu-as. Expungiu-as numa vida de arte, de bem-fazer, de lutas e de sofrimentos profundos. Nada leva a crer que continuasse surdo. Espírito de escol, deve ouvir hoje, certamente, muito mais, do que aquêles cuja surdez mental lhes não permite compreender o que se passa na vida espiritual.

* * *

Uma Questão Agrícola

Ou Um Caso de Bananas

Como o meu distinto colega, o prezado jornalista Rubens Silva, trouxesse para exemplo da inexistência de Espíritos um caso negativo da coleção Silva Melo, apresentei eu o do viajante que declarou não havia chuvas na Argentina, porque passara alguns dias em Buenos Aires e vira o céu sempre claro.

Rubens contrapõe a êste, outro exemplo;

> «O amigo coloca no porão uma barrica de bananas para amadurecer. Passado certo tempo, Silva Melo vai examinar as bananas. Tira a primeira camada: tôdas podres. Tira a segunda: tôdas podres. Tira a terceira: tôdas podres. Enfia a mão e traz uma amostra das camadas mais profundas: tôdas igualmente podres.
>
> «Então aparece o amigo e proclama: Já agora tôdas as bananas que ficam na barrica estão boas, e Silva Melo não examinou essas outras. Só as que êle examinou é que estão podres. Portanto, as bananas restantes devem estar salvas».

Por uns tantos trechos do apreciado cronista, e esta engenhosa comparação é um dêles, verifiquei, confessando aliás que muito lhe admirava os escritos, ser o amigo profundo desconhecedor da matéria, que afrontava com tanta galhardia. E diz-nos êle em outro texto:

> «Afirmar que o Visconde desconhece grego pode ser verdadeiro, mas não deixa de ser uma temeridade... Então só foi aprioristicamente que o distinto amigo julgou ser o Visconde um ignorante».

O Visconde era êle.

Eu não julguei isso. Nem sei mesmo até onde vai o grego do meu nobre amigo. Fiquei na Metapsíquica. É esta o que o cronista desconhece. Mas vamos às bananas e ao grego.

O caso negativo foi o seguinte, conforme nos diz Rubens:

> «Há aquela história do corifeu do Espiritismo, que tendo deixado uma mensagem ao morrer e tendo depois baixado nos mais importantes centros espíritas do mundo para revelá-la, não foi capaz de dizer o que a mensagem continha verdadeiramente...»

Aqui temos a primeira camada de bananas. Vamos a ela, enquanto não aparecem as outras. Houve um Espírito que não pôde revelar as mensagens!

Lembremos desde logo que a reportagem deveria ter sido formidável. Existiu alguém, ou talvez mesmo uma equipe organizada, que andou percorrendo «os centros mais importantes do mundo». E foi em todos aquêles que baixou o corifeu para não dizer nada!

Muito para admirar é a vidência, não sabemos se do Dr. Melo, se do meu amigo Rubens ou dos sessionários, que logo verificaram tratar-se do corifeu em questão. E mais admirável ainda é o conhecimento que todos possuem do que anda pelo Espaço e de tôda a engrenagem comunicativa post-mortem.

Ninguém se admirará que o indivíduo que prometeu enviar cartas da África se embrenhe pelo interior africano e não possa dar notícias de si; ou que aquêle que víajou para o Polo fique interceptado por uma barreira de gêlo. Pois no Outro Mundo o caso deve ser simplíssimo. E muito diferente: É chegar lá, desarrumar as malas, sacar a carta e vir aos centros espíritas do Mundo declarar: — Cá está ela e cá estou eu; foi isto o que eu disse...

Nada de abalos, nem o trauma da morte, nem o «sono» de que falam os Espíritos, nem o tempo de ambientar-se, nem as dificuldades em que muitos se acham de comunicar-se. Nada disto! Passou o sujeito para lá, e começam as facilidades. Nem existem mistificadores no Além. Ou não devem existir, conforme sabem êsses nossos amigos, porque, desencarna o camarada, e logo se torna a encarnação de tôdas as virtudes. E' o que pensam ou admitem. Por maneira que só o corifeu poderia andar bordejando pelos centros espíritas importantes do mundo inteiro. E como não pôde pestanejar sôbre a mensagem, claro está que não há mensagens, não há comunicações, não há corifeus, não há Espíritos, não há nada! Todo o espiritualismo vem abaixo na falência daquela comunicação. Aquela ovelha desmoralizou o rebanho.

Todos os demais corifeus que se comunicaram fora do tal, tôdas as demais comunicações que enxameiam os arquivos do Psiquismo, tôdas as demais provas existentes desde os primórdios da vida humana até as exibidas nos laboratórios, passaram, dada a terrível experiência negativa, a fazer parte da infeliz barrica de onde emergiam as bananas podres que o Dr. Silva Melo ia retirando, para embasbacar os espíritas e desmoralizar os espíritos. Dir-se-ia que com aquela barrica fatal ficou empestado o mercado das experiências psíquicas.

* * *

E' impossível percorrer essa vertiginosa escala que vai do folclore, dos relatos populares, da vox populi, aos fatos históricos, desde os mais recuados tempos aos fatos modernos, devidamente registrados e comprovados.

Colhamos alguns para mostrar que nem todos os corifeus têm a mesma falta de sorte. E veremos, do mesmo passo, como foi infeliz a barricada armada pelo nosso amigo para defender, por trás dela, as provas negativas do distinto acadêmico, o Professor Silva Melo.

Conan Doyle, por exemplo, veio dizer onde se encontrava um cheque.

As comunicações com o Além não são tão simples e fáceis como poderiamos supor ou supõem por palpite os que acreditam estar senhores da mecânica astral. Se essas comunicações se tornam difíceis, senão impossíveis, em determinadas circunstâncias, no solo em que pisamos, imagine-se em se tratando de planos inteiramente diferentes e através de psiquismos diversos, tendo o Espìrito comunicante de servir-se de aparelho estranho, que muitas vêzes não sabe manejar.

Entretanto, existem inúmeras provas dessa comunicação, apesar de todos os óbices, as quais tornam inteiramente apagada a imagem frutiforme do nosso amigo. Senão vejamos, *à vol d'oiseau,* alguns casos em que o morto vem cumprir o que prometeu, ou dar esclarecimentos, o que o mal aventurado corifeu não pôde fazer. Assim, conta-nos Glanville, em *Sadducismus Triumphatus:*

Estipularam o Major Sydenham e o Capitão Dyke que aquêle que morresse primeiro se manifestaria ao outro na casa do Major, três dias após a morte.

Morre o Major e Dyke se transporta à casa do falecido no prazo recomendado. E o outro nada! Brilhou pela ausência. Não deu sinal de vida nem de morte. Estava já desiludido o Capitão, quando, seis semanas depois, lhe aparece no quarto, o espírito do Major, dizendo que não lhe fora possível cumprir o contrato conforme o ajuste, e por isso não comparecera na data aprazada, mas vinha assegurar-lhe que estava tão vivo como antes e que a vida continua.

Se não lhe fosse possível a manifestação, não tivesse êle a oportunidade que se lhe ensachou seis semanas depois, e haveria outro corifeu deslustrado.

Temos o caso de Lord Brougham. Êste redigira com um amigo um contrato solene pelo qual o que morresse viria dar um sinal ao sobrevivente. E o Lord já não se lembrava mais disto, nem tivera mais notícias do amigo, quando, ao sair de um banho, dá com êle a olhá-lo calmamente.

Isto foi na Suécia. Passemos pelo espanto e pelos sustos do Lord. O caso é que, ao chegar êle a Edimburgo, soube que o amigo havia falecido na Índia. A narrativa, com as suas minúcias, encontra-se na obra de Leadbeater — *The Other Side of Life.*

Conta-nos o Dr. F. G. Lee em *Lampejos no Crepúsculo,* um caso idêntico; o Rev. Theodoro Buckley, capelão da Igreja Cristã em Oxford, manifestara-se três dias após a morte a seu amigo Kenneth Mackenzie. Passo pelos pormenores do caso para referir-me a outro de maior vulto, o do Capitão Blomberg, falecido em Martinica. Tinha êle partido da caserna com importantes documentos e não dera mais notícias de si. Estavam em pesquisas, quando êle aparece aos camaradas, anuncia-lhes o seu trespasse, narra como êle se deu, informa sôbre os papeis que levava, dá o seu enderêço em Londres e fala ainda nuns direitos de herança sôbre certa propriedade, os quais poderiam ser estabelecidos por documentos que se achavam na gaveta de um móvel, que descreve. Tudo se verificou.

Transcrevo êste fato, embora sumàriamente, pela repercussão que teve; basta dizer que chegou a interessar a rainha Carlota. (Ingram. *Casas Assombradas e Tradições de Família na Grã Bretanha).*

Frederico Myers, o afamado psicólogo inglês, diz-nos em sua obra *Human Personality:*

«Veremos em capítulo seguinte que a promessa de um amigo ao outro de aparecerem, se possível, após a morte, está longe de ser um simples e inútil negócio de sentimento...

«Experiências dêsse gênero foram feitas, com efeito, e com grande êxito».

E segue-se o capítulo com as experiências no gênero. (1)

Edmond Gurney «*Whose work was one of the mainstays of the S. P. R.*», essa pedra angular da Sociedade Inglêsa de Pesquisas, dizia-se empolgado pelas informações que teve a respeito dêsses compromissos para o após a morte. Considerando-se—dizia êle—o pequeno número de pessoas que tomam tais compromissos e o seu resultado, é difícil resistir à conclusão de que o fato possui certa eficácia. (Myers, obra citada).

A obra *Phantasms of the Living,* de Gurney, Myers e Podmore, cita doze casos.

* * *

Quem conhece o que se chama em Psiquismo a *lucidez,* capítulo a que Richet deu o nome de criptestesia, sabe que é comum ler um «sensitivo» o que se acha em envelopes fechados, em livros numa estante, em cartas, em gavetas... Celebrizaram-se nêsse gênero, Stéphan Ossowiecki, Reese, Ludwig Kahn, e às suas experiências não foram estranhos vultos como Sarah Bernard, Edson e outros.

Devem ser fenômenos anímicos devidos à exteriorização do Espírito. O fato nada tem de espantoso; pode ser êle proveniente de vivos ou de mortos; a independência e os poderes da alma do encarnado são caminhos para compreender-se a ação do defunto. Se ao vivo, em dadas circuntâncias, é possível o fenômeno de desvendar o que está oculto, pela independência parcial do Espírito, muito maiores serão as faculdades dêsse Espírito quando êle se acha em independência completa ou completamente separado dos orgãos que o manietam.

Casos há, entretanto, em que é patente a ação do morto, e êsses se não podem confundir com os fenômenos anímicos, isto é, provenientes do vivo.

Um sr. John Harford prometeu a

---

(1) A Myers refere-se a **Enciclopédia** como «a leading mind in psichical research, founder of a cosmic philosophy which may yet revolutionise scientific thought, a profound scholar, a poet of distinction and a brilliant psychologist. — Um condutor nas pesquisas psíquicas, fundador de uma filosofia cósmica que pode revolucionar o pensamento científico, escolar profundo, poeta distinto, psicólogo brilhante».

seu amigo Happerfield que velaria por sua viúva, se êle viesse a falecer. O amigo morreu e êle transferiu o encargo a um sobrinho. Certa manhã, porém, apareceu-lhe o amigo defunto, que lhe diz : — Faltaste à tua promessa ; minha mulher é infeliz. — O prometedor descobre que, de fato, a viúva estava em grande penúria. (Richet. *Rev. Met.)*

O Reverendo Stainton Moses recebia psicograficamente mensagens assinadas por Espíritos, e como é de ver, muitas inteiramente contrárias às suas convicções religiosas. Um dêles, revelou, a pedido do psicógrafo, a frase que se achava em determinado livro de determinada estante, livro que êle jamais abrira. E a frase lhe foi transmitida *ipsis litteris.* Aqui é manifesta a intervenção do Espírito.

Vejamos mais alguns episódios colhidos aqui e acolá, a ver como êles se identificam com o barrilete das bananas deterioradas.

O Dr. Moutin assistira à senhora Joubert, que falecera de cólera ; antes de morrer pronunciara a palavra *glace* e mostrava um espelho.

O marido, maritimo, sabendo que a mulher guardava o dinheiro, algum tempo depois procurou-o por tôda a parte sem o encontrar. Passados mais quinze mêses, numa sessão espírita, a defunta declarou que os títulos da Cia. Fraissinet estavam ocultos num espelho ainda não investigado. Deram-se buscas no referido espelho e os títulos foram achados. *(Proc.* P. R. A., 1910, XX).

Efria Bathes vai a uma clarividente inteiramente desconhecida ; esta lhe declara que vê o seu falecido irmão e o descreve. O irmão informa que fôra à casa paterna e não vira mais sua coleção de fósseis, o que muito o entristecera. A Sra. Bathes, que ignorava o caso, veio a saber que sua mãe doara os fósseis ao Museu de Bristol. (Richet, *Traité,* 186).

O seguinte caso é do repertório de Myers :

Encontrou-se um homem morto em lugar muito afastado do domicílio ; suas vestes estavam cobertas de lama ; foram então substituidas por outras, sendo as antigas e sujas atiradas num páteo.

Quando chegou a notícia da morte, uma das filhas perdeu os sentidos. Voltando a si, disse que acabava de ver o pai, com vestes que não eram as suas, e de que deu uma descrição exata, acrescentando que êle lhe revelara também que havia cosido no casaco certa soma de dinheiro, e que essa peça do vestuário ficara com as outras num páteo. Feita a pesquisa, verificou-se a exatidão perfeita do que a moça descrevera, e o dinheiro foi encontrado no paletó.

Myers observa que o fantasma comunicara dois fatos de que um era desconhecido da moça e o outro só êle sabia. *(Human Personality).*

Como se vê, um exemplo de insofismável comunicação do morto.

Vejamos agora uma narrativa do Conselheiro Alexandre Aksakof, cujo valor principal consiste em fazer parte de suas experiências pessoais e ter-se passado com seu amigo e colega de Liceu, o Barão Constantino Korf, conselheiro íntimo de S. M. o Kzar da Rússia.

Falecera em Varsóvia o pai do Barão, o General Paulo Ivanovitch Korff, a 7/4/1867. Sabia-se que fizera um testamento, porém não foi possível encontrá-lo, a despeito da mais afanosa busca. Em julho, a irmã do Barão abre uma carta do Princípe Wittgenstein, dirigida à viúva, a Sra. Wrangel, onde declarava ter recebido do defunto a comunicação do lugar onde se achava o testamento.

A Sra. Wrangel, que sabia os dissabôres que a ausência do testamento causava ao irmão, José Korff, testamenteiro, dirigiu-se logo para onde êle estava. Lida a carta do Príncipe, verificou-se que o ponto indicado na mensagem mediúnica era precisamente o em que se achava o testamento—a gaveta secreta de um móvel.

Aksakof conseguiu a necessária documentação para a comprovação do fato. *(Animismus und Spiritismus).*

Mais um relato que vou sintetizar escandalosamente em vista dos parcos recursos espaciais a que devo cingir-me. E o escôlho pelas pessoas nele envolvidas, pelo ruido que provocou, pelas proporcões que tomou.

O caso foi publicado por Matthew Fidler, no *The Medium and Daybreak* e pela Sra. D'Esperance, em *Light,* 1905, p. 43. Consta da obra de Bozzano —

A propos de l Introduction à la Métapsychique Humaine, pgs. 194-201.

D'Esperance escrevia cartas, e numa, sem querer, grafou, em grandes caracteres, a palavra Svens Stromberg. Contrariada, inutilizou a folha e continou a correspondência.

Dois mêses depois, o Conselheiro Aksakof, o Professor Boutleroff, Fidler e outros, vieram a casa da Sra. D'Esperance para estudarem o melhor processo de fotografar as materializações. O «guia» Walter havia esclarecido que um Espírito, de nome Stromberg, queria informar os pais de que houvera falecido, parece que no Wisconsin ; nascera em Jutland, deixara esposa e filhos ; morrera na América.

O caso mereceu pouca atenção, mas, ao revelar-se uma da fotografias, nas experiências preparatórias, notou-se pessoa estranha ao grupo: era um homem de aspeto sereno, contrastando com o rosto da médium, contraido pela luz do magnésio. O guia explicou, em sessão, que a entidade extra era o falecido Stromberg, o qual declarava ter morrido em New Stockholm, — o que fizera o pedido.

Começou a luta para a averiguação. Novos informes do guia diziam que os pais do falecido comunicante moravam em Strom Stocking, em Jemtland.

Fidler escreve ao pastor de Strom pedindo informes: não se conhecia nada a respeito : esmiuçou nas cartas geográficas o New Stockholm e não achou êsse nome em parte alguma; andou por diversas agencias de informações e nada conseguiu. Escreveu a um amigo, o sr. Ohlen, Vice-Consul em Winnepeg, no Canadá, indagando da misteriosa localidade, e o resultado foi o mesmo.

O Pastor de Strom conseguiu informar que só constava dos registros um certo Svens Ersson, que partira para a América. E foi só.

Diante de todo esse insucesso, Fidler achou que tinha sido mistificado, e que o melhor a fazer era não mais voltar ao assunto. Eis, porém que num jornal canadense vê êle um artigo com referencia a New Stockholm. Escreveu imediatamente ao diretor do jornal pedindo esclarecimentos e êste transmitiu o pedido ao escritor do artigo.

Ohlen, que se interessou pela questão, transportou-se para a Suécia e entrou em indagações. Em resumo, e para encurtar vertiginosamente, o que se apurou foi o seguinte :

Svens Ersson, de Strom Stocken, em Jemtland, Suécia, casado com Sara, emigrara para o Canadá e lá tomara o nome de Stromberg, por motivos que foram explicados na narrativa. Comprou terrenos numa região que passou a denominar-se New Stockholm, e por isso não constava dos mapas. O lugar era muito distante de agências postais e por isso a viúva não comunicou o falecimento do marido, o que se apressou a fazer logo que o rumoroso caso, espalhado como ficou, chegou a seus ouvidos. Enfim, tôda a revelação mediúnica, com os pormenores que não pude apresentar, foi desvendada.

E aqui temos um episódio, cujas buscas se arrastaram por um ano, cuja veracidade se descobriu como por acaso, e quando os pesquisadores já estavam desanimados. Nêle foram envolvidos agentes, cônsules, pastores, redatores e diretores de periódicos, escritores, oficiais de registro e pessoas várias, além dos experimentadores já mencionados.

Difícil é imaginar como tudo isso, como todo êsse longo processo de investigação, coroado do maior êxito, entraria no rol dos frutos estragados que se apanham no fundo de uma pipa para mostrar aos impróvidos espíritas a sua má colheita.

O que apresentamos é uma simples amostra. A literatura sôbre o assunto é vastíssima. Nesse caso especial da volta do morto para fazer revelações, ou retificar atos seus, ou cumprir promessas, e fatos correlatos, encontraremos nos anais do Psiquismo um vasto manancial. Para não irmos muito longe limitar-nos-emos a alguns trabalhos de língua inglêsa :

Dr. Andrew Lang — *Dreams and Ghosts Glimpses ;* Glanville — *Saduscismus Triumphatus ;* Dr. F. G. Lee — *Glimpses of the Supernatural ; Glimpses in the Twilight ;* Mrs. Crowe — *The Seeress ; The Night Side of Nature ;* A. E. Whitehead — *Dealings with the Dead ;* Dr. Edward Binns — *Anatomy of Sleep ;* Lady Morgan — *Book of Boudoir ;* J. A. Ingrand — *The Hounted Homes and fa-*

mily traditions of Great Britain; Nathaniel Wraxall — *Historical Memories of my own time;* Major Moore — *The Hindu Pantheon;* Rev. Caleb C. Colton —*Narrative of the Sampfort Ghost, An authentic candid and circumstancial narrative of the astonishing transactions at Stockwell;* Lord Lytton — *A Strange History;* W. Stead — *Real Ghost Histories;* Elisabeth Smiths—*Invisible World;* Dr. Minot J. Savage — *World Amslées Magazine;* St. Martin — *Aides Invisibles;* Dale Owen — *Footfalls on the Boundary of Another World. And so on.*

Páro nesta listinha. Há por aí alguma coisa mais que as promessas e os contratos. Mas por ela já veremos a que ficará reduzido o caso negativo na frutuosa figura desenhada pelo nosso sempre apreciado patrício Rubens.

Que se console o escritor. Não está só. Se ele apresentou um caso como o do corifeu, Richet apresentou dois. Não importa que as duas mirradas frutinhas desapareçam na imensa floresta dos fatos positivos.

Quandoque bonus dormitat Homerus.

Carlos Imbassahy

Reformas

Domério de Oliveira

Da U. M. E. de Catanduva

O que mais se houve falar, nestes últimos tempos é em reformas... Reforma agrária, reforma urbana, reformas de base, enfim, nunca se apregoou tão veementemente o têrmo reforma.

Acorda, assim, o Homem, que vive divorciado dos ensinamentos de Cristo, de um sono cataléptico, engolfado que está no calabouço das azáfamas materiais.

A Reforma, a verdadeira Reforma, é tão velha quanto à própria humanidade. Há quase dois mil anos, o Meigo Nazareno, já proclamava:

> «Bemaventurados os limpos de coração, porque verão a Deus» — S. Mateus — Caps. 5, 6 e 7).

Estas palavras encerram a grande filosofia de vida que foi seguida de perto, pelos Luminares da Humanidade. Ser «limpo de coração», eis a mais bela Reforma preconizada por Jesus No bôjo desta, estão contidas as demais reformas alardeadas. Porque, se os Homens seguissem Aquêle Ensinamento de Cristo e tivessem imaculados os corações, por certo, viveríamos numa atmosfera de amor e fraternidade. A vero Reforma é a transformação subjetiva da criatura humana. Tudo o mais será acréscimo, corolário àquela primeira. Não valem os títulos pomposos, encimando manchetes retumbantes, quando o Homem, ainda, infelizmente, continua o mesmo — «o troglodita de colarinho branco». É preciso que as fôrças do Bem, de tôdas as alas religiosas, se congreguem, num trabalho dinâmico, para despertarem o Homem, que vive entorpecido, pelas coisas da matéria. Burilemos o Homem, encaminhando-o na alameda luminosa da espiritualidade e o mundo viverá dias melhores e mais felizes. Caso contrário, é trocar de «Continente», enquanto o «Conteúdo» continua sempre o mesmo, turvado pelos vícios do egocentrismo, pelas paixões rasteiras e mesquinhas. O ponto capital é ter o Homem — «o coração puro». Porque, quem chega a esta altura, por certo, já se libertou e quererá para si, apenas, o indispensável para a sua mantença e em vivendo, assim, abrirá mãos do que não precisa em benefício dos Irmãos menos afortunados.

O Homem é mero usuário dos bens que Deus lhe concede, para a romagem terrena. Por que tanto egoísmo, tanta ambição, se tudo que Deus lhe dá constitui um empréstimo e, mais cedo ou mais tarde, de regresso à Pátria de origem, tudo fica para trás?

Sentissem os Homens esta realidade e a vida, em todos os quadrantes do Mundo, seria mais arejada, mais humana e mais feliz e as Reformas sob o aspecto de encíclicas, estatutos ou códigos, nada mais seriam que a simples concretização dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não pode o Sêr Humano perder de vista as palavras cintilantes de Giovani Luzzi: —

> «A vida é para o dever, para a educação do caráter, para o nosso contínuo melhoramento moral, para a progressiva preparação do nosso eu, de nossa personalidade, para a existência mais pura, mais ampla, sempre ascendente rumo à perfeição que está em Deus. Compreendida, assim, a vida é bela, é digna de ser vivida, até mesmo à custa de muito sofrer».

Atitude Comprometedora

Atitude comprepmetedora para a mentalidade dos nossos opositores é quando nos interpelam de surpreza, julgando derrubar a nossa tese doutrinária, para que materializemos um espírito de improviso, como prova da fenomenologia espirítica. Mas, produzindo um efeito de fachada, aparentemente sensacional, essa atitude tem sido imitada entre outros desconhecedores do Espiritismo, embora êstes não atuassem com a malícia daqueles formuladores sistemáticos.

Repto dessa natureza teriam feito ao médium Arigó, no seu interrogatório perante a justiça.

No entanto primeiramente teremos que entre as atividades mediúnicas de Arigó não estaria incluza a ectoplasmia, da classificação de Richet, como seria o caso da materialização de espíritos. Mas, mesmo nesta hipótese, êsse fato mediúnico, tratando-se de um fenômeno não habitual de natureza «extra física», a concretização de um espírito não se daria assim de ordinário, quando bem desejasse o próprio médium, para satisfazer sob qualquer condição, essa exigência momentânea.

Se um fenômeno da natureza, tal seja a materialização de um espírito, deixasse de existir por não o termos de ordinário a qualquer instante nas mãos, conforme nos pedem, neste caso haveria uma série de conceitos científicos fundamentais, que também deixariam de existir para êsses nossos opositores. Um exemplo é o átomo. Hoje ninguém de bom senso contesta a sua realidade. Entretanto, se algém usar êsse mesmo raciocínio dos nossos interpelantes, desafiando os cientistas para lhe mostrarem um átomo, tal como os concebem na natureza, jamais seria atendido, porque nem os próprios pesquisadores até hoje conseguiram alguma vez tatear, visualizar ou fotografar um sistema atômico. A julgar pelos nossos interpeladores então seria o caso de se negar a existência do átomo, porque se o espírito não existiria por não podermos materializá-lo a qualquer instante, o mesmo se diria dessa partícula atômica, que não se mostra nem mesmo dentro dos laboratórios.

Logo, com tal raciocínio, — mostre-me um espírito neste momento como prova da fenômenologia espirítica —, nem mesmo os mais nobres sábios poderiam também, com relação às verdades básicas do Universo, fundamentadas nos laboratórios, satisfazer essa vontade precipitada dêsses interpeladores.

Sem dúvida, quem se aventura a um pedido dessa natureza, ainda as vêzes todo empolado como nos arremessam, poderá produzir efeito entre os leigos, mas não diante da classe distinta dos intelectuais. Como já dissemos, tal atitude, que teria repulsa dos nobres sábios, se a êles assim se dirigissem a interpelação, poderá por em dúvida o bom senso de quem assim procede.

Contudo, ainda que em relação ao átomo, embora se trate de uma realidade, jamais se poderia atender essa vontade dos nossos interpeladores, relativamente com o espírito, se bem que não seja de ordinário como nos pedem, essa exigência já de há muito tempo vem sendo atendida nos laboratórios.

É assim que depois de Allan Kardec ter codificado a doutrina revelada pelos Espíritos, em meados do século passado, grandes sábios, como Crookes, Richet, Delanne e tantos outros de capacidade e idoneidade irrefutáveis, logo a seguir obtiveram tal sucesso nos laboratórios, onde fantasmas de mortos foram vistos, tateados, fotografados e até examinados sob prova química. E não se julgue termos apenas pesquisadores do passado para apontar, conforme costumam bater nessa tecla alguns dos nossos adversários descuidados, acusando-nos de que apenas nos defendemos com gente não mais presentes na época atual. Embora a honrosa documentação dos grandes vultos da ciência, registrada cientificamente nos laboratórios, jamais se apague com a morte dos seus realizadores, ainda hoje, em plena atualidade, célebres cientistas continuam repetindo êsses mesmos sucessos sob rigor experimental, cujas observações agora vem se divulgando nas grandes Universidades dos países mais adiantados, sob a nova denominação de Parapsicologia.

Ali mesmo, na Universidade Duke, dos E E. U U., está um dos maiores pesquisadores atuais, o Prof. J. B. Rhine, lider máximo na divulgação dessa nova cátedra. Para se compreender, a que ponto já chegaram as suas investigações, no setor onde se estuda a tese da fenomenologia espirítica, basta conhecer, em certo trecho do seu livro — The Reach of the Mind —, apenas estas suas declarações : — «... a natureza do homem implica existência da alma. Existe algo de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da alma ficou demonstrada». Depois dêste livro, ainda publicou outro — The New World of Mente —, onde o abalisado sábio se define francamente favorável à tese espírita.

Na Inglaterra, o não menos famoso Prof. Pricce, da Universidade Oxford, baseado nas suas experimentações parapsicológicas, chegou a declarar, não faz muito tempo, aos principais jornais do nosso país, através da United Press, que «... nem tôdas as aparições são fantasmas de pessoas mortas, por isso prefiro evitar o têrmo —espírito—...» Nessas poucas palavras já não mais se pode negar a tese espírita nas pesquisas do ilustre sábio que, atualmente, a exemplo do seu colega Rhine, já se declarou favorável ao conceito da sobrevivência da alma.

Também, o Prof. Haraldur Nielson, da Universidade da Islândia, no seu livro—Minhas Experiências Pessoais Sôbre Espiritualismo —, em certo trêcho declara : — «A maioria dos investigadores psíquicos começou suas experiências como céticos, ou mesmo como adversários do Espiritismo. Entretanto, os que estudaram verdadeiramente o problema, não em algumas semanas ou alguns mêses, mas através de uma série de anos, convenceram-se todos da realidade dos fenômenos, e muitos dêles da possibilidade de entrarmos em comunicação com sêres inteligentes de um mundo para nós desconhecido, e particularmente com os nossos mortos queridos».

Veja-se aí, nessa advertência, a questão não é assim de momentos e onde bem se entende, como nos pedem nossos opositores.

Aqui no nosso país, embora não são poucos os testemunhos ilustres favoráveis à fenomenologia espirítica, se bem que ainda esteja lamentàvelmente faltando a cátedra da Parapsicologia nas nossas Universidades, citemos apenas êste depoimento do Dr. Lauro Neiva, ex-assistente do Prof. H. Roxo, quando catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Diz o Dr. Neiva, na literatura — Aconteceu No Outro Mundo — (Rio, 1959), págs. 94 e 105: — «Atualmente, depois de inúmeras observações demoro-me cheio do mais vivo entusiasmo científico nas demonstrações dos fenômenos de materializações. Acho-me atraído, irresistìvelmente, pelo trabalho dos mortos...»

Como se vê, apesar dos nossos opositores ideiar uma fórmula sistemática, supondo-a absoluta, para surpreender sem apêlo os espíritas, com a exagerada interpelação—mostre-me um espírito neste momento como prova da fenomenologia espirítica —, ainda assim, o rigor da exigência, embora descabido, relativamente se satisfaz com a aparição de fantasmas nos laboratórios. E não há de se negar o fato, porque se acreditamos nos homens de ciência, sôbre a realidade atômica, sem nos darem qualquer prova tátil, visual ou fotográfica, dessa partícula esguia até mesmo nos laboratórios, com mais razão haveremos de acreditar quando êsses mesmos homens nos afirmam sôbre a realidade do espírito, com todo êsse cortêjo de provas concretas. Que não se acredite nos espíritas passa, porque a isso ninguém é obrigado. Mas negar o testemunho dos sábios, tal atitude é comprometedora, sòmente concebível aos indivíduos carentes de cultura intelectiva.

Se bem que o tema aí exposto já terá sido o suficiente para demonstrar a inconsistência dessa astuta estratégia evocada pelos nossos opositores em geral, ainda assim poderemos ir mais longe, fazendo-os recuar para mais além, os da oposição materialista, se invertermos a interpelação. Pois gostariamos agora de saber se da parte dêles estão em condições de nos darem a prova concreta da materialidade, apontando-nos com fatos e não com perorações verbais, onde estaria na composição das células cerebrais a causa orgânica, da atividade mental, responsável pela nossa vida inteligente.

Disto cuidaremos tão logo nos surja oportunidade.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

Ainda o Caso Edgard Cayce

Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro

Sob o título de «Uma obra esperada», tive ocasião de ler no n.º de Janeiro-Fevereiro de 1962 de *La Revue Spirite*, de Paris, França, a seguinte notícia: «As Editions Adyar vão publicar brevemente um livro que descreve e analisa minuciosamente a extraordinária clarividência de Edgar Cayce, falecido a 3 de Janeiro de 1945. O título é um versículo do Evangelho: «Há muitas moradas na casa de meu Pai» e a autora Gina Cerminara, uma filósofa dos Estados Unidos da América. Na excelente e brilhante versão francêsa de Sasia Erlich, vê-se um fotógrafo aldeião, debaixo de sono hipnótico, tornar-se um médico de gênio, utilizando todos os conhecimentos médicos presentes, passados e mesmo ainda desconhecidos. E capaz, também, nas «leituras de vidas», de descrever as *vidas anteriores* daqueles que o consultavam. Conservam-se, em Virginia Beach, na Virginia, onde Cayce morava, dezenas de milhares de *dossiers* sôbre os casos tratados, com tôdas as palavras pronunciadas por Cayce durante os seus sonos, devidamente estenografadas. Existe uma Fundação Edgar Cayce onde médicos, filósoficos e psicólogos do mundo inteiro estudam ditos *dossiers,* sendo o caso Edgar Cayce considerado como o mais puro, o menos discutível, o mais espantoso de todos os casos de clarividência. Com base nas «leituras de vidas» de Cayce, a autora faz uma análise muito cerrada das retribuições cármicas e tira, da vasta pilha de documentos que esteve à sua disposição, uma série de linhas de conduta, que não são o menor interêsse da obra, ilustradas que foram por milhares de exemplos probatórios».

A obra em questão tem, no original americano, o título de *Many Mansions,* e foi editada em New York por William Sloane Associates. A versão francêsa, aparecida ainda no ano de 1962, leva o título de *De nombreuses demeures...* (Muitas moradas) e foi feita pela 10.ª edição em inglês, do ano de 1957. Trata-se de uma obra que traz valiosa contribuição em favor da reencarnação, como provam essas «leituras de vidas», leituras de vidas passadas em muitos casos.

Cayce só conhecia a Bíblia. Ficou estupefato quando soube que. nas suas «leituras», fizera referências às vidas anteriores dos seus consulentes, pois nada conhecia sôbre a reencarnação.

São de notável interêsse os seus seguintes capítulos : III — Resposta aos enigmas da vida ; IV—Alguns tipos de cárma físico ; VII — Cárma suspenso ; VIII—O cárma e os problemas da saúde ; XII—As anomalias mentais e suas origens nas vidas anteriores ; XVIII — Complicações familiais de ordem cármica e XIX — A habilidade profissional tem suas origens nas vidas passadas.

Que é Cárma ? A palavra Cárma, do sânscrito Karma, significa Ação. É a lei divina de justiça imanente, segundo a qual todo o homem deve suportar inevitàvelmente as conseqüências de suas próprias faltas, a ninguém podendo transferir sua responsabilidade.

Quem era Edgar Cayce e como ficou conhecido ? Nasceu em 1877 perto de Hopkinsville, no Kentucky, sendo seus pais lavradores sem instrução. Como a vida na fazenda não tivesse atrativos para êle, foi para a cidade e trabalhou primeiro para uma livraria e depois como agente de seguros. Na idade de 21 anos sua vida se modificou devido a uma laringite que lhe fez perder quase o uso da voz, e nenhum médico o curou. Fez-se então fotógrafo, que não precisava quase falar. Certo dia um hipnotizador ambulante de nome Hart deu uma representação no teatro local e, sabedor da enfermidade de Cayce, prontificou-se a tentar sua cura pelo hipnotismo. Hipnotizado, Cayce falava normalmente. Quando voltava a si, continuava no mesmo. Não obteve resultado satisfatório nem mesmo com a sugestão hipnótica de despertar curado.

Hart não pôde continuar suas experiências com êle e um certo Layne, morador da localidade, prosseguiu no caso com bastante interêsse. Layne havia estudado sugestão e osteopatia e possuía bons dotes de hipnotizador. Sugeriu a Cayce, sob hipnóse, que descrevesse a natureza de seu mal e êle, com a sua voz normal, declarou qual o estado de suas cordas vocais. Tratava-se de um estado psicológico produzindo um efeito físico. Para se libertar dêle, era preciso ativar, pela sugestão, a circulação das partes enfêrmas enquanto o paciente estivesse inconsciente. Assim se fêz e Cayce ficou curado.

Layne, que já algum tempo sofria do estômago, fez a experiência em si mesmo e obteve resultado satisfatório. Cayce ficou perplexo e Layne entusiasmado e já impaciente por aliviar ou curar outros doentes.

Layne começou desde então a estenografar o que Cayce dizia debaixo da hipnóse e deu a essas transcrições o nome de *readings* (leituras), que eram feitas tanto durante o dia como à noite.

Com o desenvolvimento das faculdades de Cayce, já não precisava êste da presença dos pacientes e também de hipnotização. Cayce se limitava a deitar-se em um leito qualquer e, por simples sugestão hipnótica, se punha a falar, fazendo diagnósticos médicos, prescrevendo remédios, alguns ainda não à venda e mesmo desconhecidos, e narrando existências preteritas dos consulentes, geralmente distantes e ignorados.

Foi em 1942 com a publicação da biografia de Cayce em *There is a river,* de Thomaz Sugrue, seguida de um artigo no n.º de Setembro de 1943 na revista *Coronet,* intitulado «O Homem milagre de Virginia Beach» que o fenômeno Edgar Cayce ficou conhecido da nação inteira, seguindo-se um verdadeiro dilúvio de cartas de todas as partes.

Ele desencarnou a 3 de Janeiro de 1945 mas o seu nome ficou na memória do povo pelos muitos benefícios que lhe fêz, como no exemplo que daremos abaixo.

O que mais surpreendia nos diagnósticos que Cayce fazia é que eram formulados em têrmos exatos de anatomia ou de fisiologia. Ora, Cayce, no estado normal, não conhecia nada de Medicina e nunca abrira um livro sôbre o assunto. E o que lhe surpreendia é que as pessoas se declaravam aliviadas pelo que êle lhes mandava fazer. O caso de Layne não o convencera. Achava que a imaginação de Layne é que o fazia sentir-se melhor. O seu próprio caso, êle achava que não fôra por imaginação, mas um feliz acaso. Todas essas dúvidas, que o assaltavam nos primeiros anos das «leituras», acabaram por se dissipar quando se deram curas de casos declarados incuráveis.

Certo dia êle foi chamado ao telefone pelo antigo inspetor escolar de Hopkinsville cuja filha de 5 anos estava doente há 3 anos. Tivera uma gripe aos 2 anos e ficara depois mentalmente retardada. Numerosos especialistas foram consultados e, como a enfêrma passara a ter convulsões, o último dêles afirmara que se tratava de uma afecção mental cujo resultado só poderia ser fatal.

Emocionado pela descrição que lhe fizeram, Cayce partiu para lá. Quando a criança anormal lhe foi apresentada, êle considerou a sua enorme presunção. Êle, o filho ignorante de um lavrador e que não sabia uma palavra de Medicina, ia tentar a cura de uma criança pela qual os grandes especialistas do país nada puderam fazer! Foi, tremendo, que se estendeu no divã da casa e adormeceu, não cessando de duvidar de si mesmo durante o sono hipnótico, mas Layne estava lá e lhe deu a sugestão necessária, transcrevendo a seguir o que Cayce dizia.

Com a mesma calma, a mesma segurança tranqüila de que fêz prova durante suas anteriores «leituras», passou a descrever o estado da criança. Declarou que, justamente antes da gripe, ela caira de uma carruagem e que o virus gripal se localizara na região machucada pelo acidente, que era o que provocava as convulsões, que uma intervenção osteopática apropriada diminuiria as pressões e a levaria ao seu estado normal. A mãe confirmou o fato da queda da carruagem, mas, como não notara nenhuma ferida, não lhe ocorrera que o acidente tivesse relação com o estado da filha.

Layne fez o tratamento de acôrdo com as indicações da «leitura» e, em três semanas, a menina deixou de ter convulsões, seu estado mental melhorou visìvelmente e, depois de três mêses, os pais reconhecidos foram anunciar que sua filhinha estava absolutamente normal e recuperava a grandes passos o tempo perdido nos sombrios anos precedentes.

Esta é uma pequena amostra das muitas curas feitas por Edgard Cayce.

Suprema Violência

Por FERNANDO CAMPOS FERREIRA DA CUNHA

CONFORME noticiou a imprensa espírita brasileira, acaba o govêrno português de dispôr, a seu bel-prazer, do valioso patrimônio da Federação Espírita Portuguêsa.

São êsses bens constituidos por um enorme e bem construido prédio na Avenida Almirante Reis, em Lisboa, e outro na Avenida Álvares Cabral, no Pôrto, além das respectivas bibliotécas e demais recheio, encontrando-se naquelas algumas raridades bibliográficas de grande valor intelectual e espiritual.

Apesar de se tratar de medida arbitrária, ilegal, e, portanto, a todos os títulos reprovável, não fomos por ela surpreendido, pois tudo é de esperar do regime que há tantos anos reprime a liberdade em Portugal. É sobejamente sabido que há mais de trinta anos não há no país liberdade de expressão de pensamento, e isto em todos os campos do conhecimento e atividades humanas, a menos tenha ela o beneplácito oficial, única forma de se poder expressar sem correr gravíssimos riscos.

Em matéria religiosa, não constitui novidade para ninguém a alta proteção do Estado à Igreja dominante, por vêzes com elevados prejuizos para os demais sistemas religiosos, que pela Constituição Política da Nação também deviam ter um lugar ao sol, pois embora lhes seja agradável dispensar os favores do regime, reclamam no entanto, devidamente verticalizados, os direitos que a Lei lhes confere, afim de não existirem por favor ou misericórdia fingida. Em compensação, é o Estado incondicionalmente apoiado pela Igreja, mesmo sabendo ela muitíssimo bem das repressões, por vezes desumanas, com que o regime mimoseia aquêles que reclamam ou fazem uso dos seus direitos mais sagrados, em contradição flagrante e muito lamentável com os princípios espirituais que diz esposar.

Tudo começou em 1951, quando a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto, após mais de 20 anos de atividades espirituais e científicas, teve seu Alvará de funcionamento cassado, simplesmente porque uma Comissão Técnica (que nada compreendia de Espiritismo), a pedido do Govêrno, deu Parecer que a Entidade não dispunha de condições científicas para fazer investigações metapsíquicas, e isto apesar da referida Comissão não ter procurado sequer saber em que condições trabalhava a mesma Sociedade. Se não procuraram saber os métodos ali aplicados para obtenção e observação da fenomenologia espiritoide, como pronunciar-se sôbre suas condições de trabalho? Das duas uma: ou imperou a ignorância ou a má fé, sendo de admitir que um pouco de cada uma destas qualidades negativas tenham originado o citado Parecer. Tanto assim, que apesar da Sociedade ter contestado o mesmo, em longa e bem fundamentada exposição dirigida ao Ministério da Educação Nacional, jamais obteve qualquer resposta. Verbalmente, apenas verbalmente, foi respondido extra oficialmente, que S. Ex.ª o Ministro não estava na disposição de revogar seu despacho.

Em face da manifesta intenção do Ministro em fazer cessar para sempre as atividades da S. P. I. P., entendeu sua diretoria ser conveniente proceder o mais ràpidamente possível à sua dissolução, passando todos os seus bens, graciosamente, para a Federação Espírita Portuguêsa, afim da mesma poder continuar a utilizá-los na divulgação do Espiritismo em Portugal, que tão valiosos frutos já tinha originado, atraindo para a Nobre Causa alguns grandes vultos da intelectualidade portuguêsa.

Mas não ficou por aqui, como era de esperar, a ação malfazeja do Govêrno, pois em fins de 1953, baseado no mesmo Parecer, mandou proceder ao encerramento de mais 4 centros espíritas e à lacração das portas da Federação Espírita Portuguêsa. Não se conformando esta última com tal arbitrariedade, recorreu a todos os Tribunais do país, mas sem encontrar um único que lhe fizesse JUSTIÇA, o que é muito natural, pois não há possibilidade de num regime ditatorial encontrar qualquer poder livre de injunções políticas ou de qualquer outra espécie, que convenham ao sistema vigente.

Como se tudo isto fôsse pouco, acaba o Ministério do Interior de decretar a entrega de todos os bens da Federação Espírita Portuguêsa, ao Estado, dispondo desta forma daquilo que não lhe pertence, cometendo a derradeira violência da farsa que arrastou durante cêrca de 10 anos, desprezando sempre todos os legítimos direitos que pertenciam à Federação.

É possível que não fique por aquí o abuso do Govêrno para com a F. E. P. e o Espiritismo, mas procedam a um auto de fé com o recheio de suas bibliotécas, numa demonstração de zêlo pelos princípios «cristãos», como sucedeu em Barcelona no século passado, quando para ali foi enviada literatura espírita.

Em que contrastre triste se encontra o querido Portugal. Enquanto nos países mais civilizados e democráticos estão instituindo cadeiras de Parapsicologia nas Universidades, o Govêrno de Salazar espolia as instituições congêneres, após proibição de seu funcionamento, obrigando o povo e o mundo inteiro a assistir a cenas que já há muito deviam pertencer ao passado, por representarem o império do fanatismo, da intolerância, da maldade, do abuso e da hipocrisia.

Mas como apesar de certos recuos, mais aparentes do que reais, a evolução é fato inconteste, esperamos que num futuro próximo venha a raiar em Portugal a JUSTIÇA, LIBERDADE, IGUALDADE, E RESPEITO PELOS DIREITOS ALHEIOS, voltando assim os bens agora subtraídos, ao seu legítimo dono, podendo desta forma a F. E. P. dar prosseguimento à missão que lhe foi confiada.

Até lá, fiquemos com o patrimônio espiritual, pois êste não poderá ser atingido pelo poderio efêmero dos homens miopes sôbre os direitos alheios e conscienciais, e dos quais nem Deus quer dispôr.

Um Só Rebanho e Um Só Pastor

Doloroso o silêncio que se forma
Entre as almas sensíveis, delicadas,
Quando opostas idéias adotadas,
De conduta lhes dão diversa norma !

Quanto a boa amisade se deforma
Com idéias assim desencontradas !
O que prova que às almas irmanadas
Idêntico ideal é que as conforma.

Quanta razão assiste ao Nazareno,
Ao prescrever, em seu dizer sereno,
Que a humanidade tenha um só Pastor

E como um só rebanho, obediente
Seja à voz guiadora que sòmente
Conduza-a ao Reino Eterno por Amor !

Arnaldo S. Thiago

À falta de humildade, querendo uns aos outros impôr orgulhosamente tôdas as suas convicções, por mais absurdas que sejam, vivem os homens degladiando-se no campo largo das idéias, quase sempre adotadas aprioristicamente, sem a experiência necessária, que só as vicissitudes da existência terrena, suportadas com resignação, podem trazer aos que se transviaram no caminho da vida ! E porque da luta das idéias é que nascem as agressões, como sàbiamente predicava o Mestre, ao dizer, conforme se vê em Mat. 15/19, «que do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicações, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias», sempre que tais lutas não sejam inspiradas por uma consciência altamente iluminada pelo amor, degeneram em dissenções e revoltas que separam os homens, cavando entre êles o fôsso das odiosidades que os tornam superlativamente degenerados e infelizes.

A falsa idéia que têm os homens de liberdade, é que os leva a todos os dispautérios e rivalidades. «Liberdade ! — disse muita propósito um sincero republicano — quantos crimes têm sido praticados em teu nome !»

Reconhecemos, contudo, que a tantos e tão graves excessos de dominação, por simples e detestável espírito de tirania, esteve durante séculos submetida a humanidade, que os povos mais desenvolvidos intelectualmente viram-se constrangidos a tomar o caminho das revoltas sangrentas, afim de poderem estabelecer uma organização social mais compatível com a dignidade humana ou menos atentatória dessa dignidade.

Conquistada, porém, essa gloriosa etapa da evolução social; vencido o doloroso estágio das reivindicações suscitadas pelo deflagrar dos ódios que a tirania despertara nas almas, é chegado o tempo de ser aplicada a nossa liberdade na suave conquista de um mundo melhor, no qual possamos viver tranqüilamente, usando dessa mesma liberdade para obedecer conscientemente aos elevados princípios da moral, sôbre os quais deve alicerçar-se a verdadeira Democracia Cristã.

Não discordar, portanto, uns dos outros, senão quando a consciência nos imponha essa discordância como condição de nosso próprio aperfeiçoamento espiritual, imperativo é indispensável à conquista daquêle estágio superior de sociabilidade, para o qual nos convoca, do alto da cruz a que foi cruelmente alçado pela insensatez e pelo orgulho dos seus contemporâneos, aquêle que veio, como bom Pastor, para congregar-nos num só rebanho, para cujo fim aconselhou-nos, iluminado pela Sabedoria Divina que o Pai lhe comunicou : «Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. Porém o maior dentre vós será o vosso servo». (Mat. 23/10 e 11).

Quanta mágua, por isso, se reflete

em suas palavras, ao perceber o descaso com que assistiam os homens ao desempenho da sua divina missão: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vêzes quís eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e vós não quisestes!» (Mat. 23/37); profetizando em seguida: «Eis que a vossa casa vai ficar deserta; porque eu vos digo que desde agora me não vereis *mais*, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!» (Idem, ibd. 38 e 39).

Que podem significar estas suas últimas palavras: «Não me vereis *mais*, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor?» Porventura bastará pronunciá-las, como fórmula mágica, uma espécie de «abre-te, Sésamo!», para que de novo tenhamos a possibilidade de ver o Mestre, na significação legítima de viver com Êle?

A qualquer espírito medianamente equilibrado e razoável, semelhante ilusão não ocorrerá. Que será então preciso para nos acolhermos sob a égide do Divino Mestre? Certamente adotar os seus princípios, despojar-nos do orgulho e das soberbas pretensões que nos movem às contendas irrefreáveis, restituindo-nos à humildade de que Êle foi constante exemplo, afim de nos identificarmos pela afinidade de sentimentos, pela identidade de aspirações e de objetivos, em nosso trabalho de aprimoramento espiritual, educando-nos uns aos outros pelos exemplos de uma vida honesta e não pela imposição de idéias pretensiosas que não tenham base nos Evangelhos.

PHILEMON

A Vida como Compulsão Reencarnatória

DAVID GROSSVATER

A reencarnação é lei universal em tôdas as coisas e em tôdas as formas e em todos os estratos, níveis e espécies, e é substancial na vida. A mesma Vida, sem seu movimento e mutação não seria Vida, e no Universo tudo é vida. Tudo é reencarnação e desencarnação: ida e retorno, sucessivamente em eterna espiral. A substância se sutiliza, e suas fases são constrangidas a unir-se, associar-se e desassociar-se tão cêdo completem o ciclo. Assim a energia atrai a matéria, aglutina-se e a organiza como forma.

O princípio vital impulsiona a substância em sua condensação e se desfaz dela tão logo caduque o lapso de sua polaridade, para voltar sôbre si em outra jornada. É um titânico e inexorável influxo da mesma vida que junta o grosseiro e o fluídico, vida que é movimento obrigado pelo cinetismo em expansão evolutiva. Ninguém pode evitar sua reencarnação, nem esquivar-se, nem prolongar sua própria polaridade para além do lapso, pois é tangido por sua própria tendência a cumprir com sua intimação; terra e cal, corpo e espírito. A reencarnação é renovação, rejuvenescimento.

Os instintos do sêr, sua natureza procursiva que fermenta seu retorno cinético, o impulsionam a anhelar a volta à tarefa corporal. Como um sitibundo sôbre a areia do deserto, o espírito busca seu encontro com o físico. Cada sêr, por seu lado, tem motivos próprios para voltar à matriz e reencarnar. É uma imposição universalista e inexorável.

No espaço, depois da transição funeral, os espíritos, em têrmo médio, vêem rejuvenescida e revitalizada sua psíque. E tôda a fúria instintiva se lhe reaviva, e todos os desejos que haviam sido calados pela impotência da velhice começam a se fazer sentir com vigor juvenil. As ambições e as lembranças excitam nêles as necessidades orgânicas até a desesperação, e sua satisfação não advém sem o complemento dos orgãos corporais materializados, que possam dar curso e descarregar êsse magnetismo lúbrico em cujo recesso se enquista, mentalizando, a lascívia psíquica que chega até mesmo à obsessão. Em tais extremos os espíritos medíocres e carecentes de reencarnações se encontram transidos de energia libidinosa em todos os seus interstícios dinâmicos, até que, finalmente, irremediavelmente, são atraidos à carne, para a inexorável reencarnação pois só dêste modo podem aplacar suas angústias e satisfazer seus inevitáveis impulsos naturais.

Mas se o fator é imperativo para a reencarnação dos espíritos em têrmo médio, os espíritos mais elevados cifram suas obrigações para reencarnar na base de missões de auxílio e de progresso, um dever que consideram, de dar a mão fraternal aos que lutam por sair do círculo de suas próprias limitações.

Os espíritos sublimados que já têm domínio sôbre o tempo, podem, com seu psíquico, moderar a violência das necessidades biológicas. Mas êsses espíritos superiores são compelidos a reencarnar por outras paixões talvez mais fortes e mais imperativas, paixões do Ideal que vibra nêles, da Ciência, cujas leis afanosamente procuram aplicar, a Fraternidade com a qual desejam abraçar a tôda humanidade, paixões de progresso em cuja aquisição desejam colaborar com os demais idealistas, e até para estar junto dos discípulos que deixaram no planêta. E essa paixão os leva aos laços da reencarnação corporal, onde podem dedicar-se em corpo e alma ao concurso de suas sublimes aspirações, de abnegação e sacrifício.

A esta altura é justo sublinhar que o instinto sempre é o mesmo: veemência que aperta como uma paixão flamígera, mas que se sublima com a eternidade, e ao perder sua grosseria e virulência, se deixa manejar, ao evolucionar com o sêr. Então, em lugar de ser escravizado pelo instinto que faz uso dêle, disfrutam dêle em oportuna satisfação, em acatamento da Lei Universal, que também reside nêle.

Entretanto, outros tossem sua tísica ou se afogam em asma no além-túmulo, e outros mais, com uma série infinita de males em seus espíritos, supuram virus na arquitetura de sua alma, em espera de novas reencarnações, onde, em novos corpos, se reequilibrem, sarem e rehavenham seu cinetismo.

Outros, os que odeiam, encontram em seu ódio para com determinados grupos, ou sêres, o motivo que os escravizam e os impulsionam a se reencarnarem.

Igualmente os que amam e desejam estar ao lado de seus amados, no regaço de seus sêres queridos, só podem lograr sua presença integral reencarnando. E êste é o estímulo que os leva a cooperar em seu renascimento.

Entretanto alguns, ao se verem sem as clássicas necessidades corporais, plasmam em sua mente os dias felizes ou mêses frustrados, disfrutados ou loucamente malversados, com desperdício de sua saúde e de sua juventude, que aspiram retomar em plena existência primaveril. Uma vez rememoradas tantas coisas cuja recapacitação lhes produz prolongadas saudades, buscam irremediàvelmente a Reencarnação, no tempo, vigente ainda, de seus sonhos... que ruminam desesperadamente.

Os avaros, os escravos de estupefacientes e do alcool, que ainda vogam com a mente desvairada em densa esfera, anseiam reencarnar para dispôr de maneiras de aplacar as torturas e opressões que seus morbidos lhes imprimem, em inextinguível sêde, cujo saciamento não pode ser proporcionado na vida do mais-além. Assim, cada caso apresenta sua peculiar condição, em cujo fundo, a Reencarnação sempre é a única solução.

E os vergastados por terríveis arrependimentos, só podem fugir de seus pesadêlos reencarnando para reabilitar-se e reconstruir o que destruiram, semear o que arrancaram.

Muitos espíritos que deixaram interrompidos grandes descobrimentos, ou em estado inconcluso seus extensos princípios filosóficos, ou que em sua precipitação se surpreendem em ver pontos errôneos em suas luminosas obras, voltam a subsanar.

Também aquêles grandes sábios que falharam ao entregar suas obras a mãos de sucessores ou a cargo de discípulos que, com a ausência do mestre interrompem ou tergiversam, ocultam ou malversam suas grandiosas e laboriosas investigações, falhando diante da confiança e a esperança. Que outro recurso lhes fica, senão o de reencarnar para entrar em posse outra vez, de seus engenhos? E, todos nós, a humanidade inteira, acaso não temos a eternidade por futuro e muito deslize por refazer? Apenas acabamos de sair da animalidade...

Assim como à entrada das chuvas tôda a natureza estremece e a terra se parte ao impulso das sementes que estalam em seu dinamismo, germinando e brotando em seu ciclo de retôrno em exuberância de côres, na quadra primaveril, assim mesmo os espíritos em tôda a escala e de tôdas as espécies são tocados imperiosamente por tôdas as necessidades e se vêem arrastados no torvelinho de novas ilusões, em sucessivos renascimentos.

Uns aparentemente por suas torvas intenções tomam essa via para poder cumprir com seus depravados propósitos. Outros, ao parecer por suas tendências sublimes, têm de renascer para materializar e pôr em obra seus esplendorosos intelectos. Mas no fundo, para uns e outros, existe uma só convocação em seus infinitos aspectos do estado evolutivo.

Assim como na terra, o trabalho prolongado, ao cansar a estrutura impõe o repouso, no espaço a prolongada estadia comprime a anatomia espiritual em alta tensão instintiva e a ascendente pressão, explosiva e incandescente, impõe a Reencarnação inexorável. O dinamismo divino inerente a tudo, é movimento e trepidação que arrasta e não dá oportunidade à inércia e ao acantonamento.

Monjas e padres, asceta ou celibatários destroçam seu automatismo genesícos pois que torcem as leis da natureza ao inverter e congestionar as cargas magnéticas de inevitável libidinosidade, e se desequilibram em sua psique cinético-espiritual. Suas consequências as vemos quando reencarnam nessa dolorosa condição de sêres tergiversados, com sensações desviados, em indecifrável angústia de fases indecisas e ambíguas, sem definições precisas, já que em seu plasma biológico trepidam, ao mesmo tempo, projeções de ambos os extremos.

Também em casos de plena neutralidade, de uma extrema insensibílidade sensual, na total ausência de estímulos na vida sexual, ainda quando as formas existem como um caso aparente, mas sem função, como um motor elétrico sem corrente, que mostra pateticamente o estado amodorrado e sêco como um atrofiamento e desequilíbrio em inércia, como uma enfermidade claramente catalogável do próprio espiritual. E' consequência de prolongadas vivência em monastérios, com suas glândulas supra-físicas lesadas nas reentrâncias do ego espiritual. Assim mesmo se manifesta como pessoa biológica radicalmente apática em seu envoltório físico, como castrado em espírito. Eis aqui uma coordenação destruída pelo fanatismo que responde por essas graves deficiências, mas que se reequilibrarão no decurso das Vidas Sucessívas.

(Transcrito de C.I.M.A., de Maracay, Venezuela)

SEXTO CONGRESSO ESPÍRITA PAN AMERICANO

A Realizar-se em Buenos Aires do Dia 5 a 12 de Outubro de 1963

TEMÁRIO

1.ª Sessão: Propaganda e Difusão

1 — Como introduzir a idéia espírita no seio do povo.

2 — Quais são os melhores métodos de propaganda espírita no momento atual.

3 — Contribuição do Espiritismo ao problema da educação.

4 — Contribuição do Espiritismo ao problema da juventude rebelde e da delinqüência juvenil.

2.ª Sessão: Organização e Desenvolvimento

5 — Organização dos centros espíritas em forma metódica de estudo.

6 — Relações com o mundo invisível.

7 — Existe atualmente contacto entre os espíritas organizados e o mundo espiritual?

8 — Que influências predominam nos centros espíritas: A de Espíritos de luz ou a de Espíritos em êrro?

3.ª Sessão: Ciência e Espiritismo Experimental

9 — Reencarnação e sua demonstração experimental, sua comprovação histórica e estatística.

10 — Contribuição do Espiritismo ao progresso da ciência.

11 — Posição do Espiritismo frente à hipnose médica e a nucleonística.

12 — O Espiritismo frente à mediunidade curadora e a cirurgia mediúnica.

4.ª Sessão: Filosofia e Doutrina Espíritas

13 — A filosofia espírita e a civilização contemporânea.

14 — Como conter os avanços do Materialismo na civilização atual?

15 — O Espiritismo e os Evangelhos.

16 — A vida de Jesus ditada por Êle mesmo e seu caráter de Evangelho mediúnico.

5.ª Sessão: A Moral Espírita e sua Metodologia

17 — As Leis Morais. Lei Divina ou Natural.

18 — Importância do estudo da Moral nos centros espíritas.

19 — Importância do ensino e disciplina morais nos lares.

20 — Pode estabelecer-se alguma forma de contrôle moral para assistentes e espíritos comunicantes nas sessões espíritas?

6.ª Sessão: Sociologia e Assistência Social

21 — As ciências sociais e o Espiritismo.

22 — Prepara o Espiritismo uma nova civilização?

23 — Deve o Espiritismo organizar-se para atuar no lar e na família?

24 — Importância e significado da assistência social praticada pelos espíritas.

7.ª Sessão: Organização da C. E. P. A.

25 — Sede fixa da C. E. P. A.: Necessidade de sua organização efetiva.

26 — Como obter melhor organização no panamericanismo e no âmbito mundial.

27 — Estado atual e possibilidades do Espiritismo kardeciano nos E E. U U. da América do Norte.

28 — Declaração e afirmação da C. E. P. A. em uma posição equidistante, tolerante e prescindindo de todo o teor religioso, político ou racial dentro do Espiritismo da América.

8.ª Sessão: Assuntos Vários.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Serões Bíblicos - XII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

SETIMO DIA DA CRIAÇÃO

No terceiro dia, após aquêle em que Lumbaio saiu atrás de Tonhão Porcelo, pela manhã, encontraram-se de novo, aquêle e Chilon, na sala da pensão. Ao se avistarem foi-lhe logo dizendo Chilon:

— Então, caro Lumbaio, vendeu alguma coisa a Tonhão?

Lumbaio fêz sinal com o dedo indicador atravessado sôbre os lábios, pedindo silêncio, e chegando-se para bem perto de Chilon, respondeu-lhe em voz baixa:

— Como, se vendi! Jamais vi asno igual! Imagine que o paspalhão, querendo enriquecer-se mais, e depressa não só me comprou um casal de pedras-de-cevar, como ainda me pediu lhe fizesse um horóscopo. Vendo que era crendeirão, propus-lhe executar um «trabalho» de desentêrro de «mal feito», e isto, com a ajuda de São Cosme e São Damião. Tonhão, meio «econômico», perguntou-me se a coisa não sairia muito cara. Depois de êle muito pechinchar e eu de encarecer as dificuldades do serviço concertamos que me pagaria êle cinqüenta mil cruzeiros por tudo, incluindo-se o casal de pedras-de-cevar, e cem pacotes de defumador «São Cosme-Damião» que eu mesmo fabrico, com pó de serradura de madeira, colorido de verde resina aromática e breu dissolvido em alcool. O «trabalho» consistia no desentêrro do «mal-feito» que se acha em sua propriedade; as pedras-de-cevar dar-lhe-iam sorte nos negócios; o defumador «São Cosme-Damião» afastar-lhe-ia tôdas as más influências dos maus espíritos, atraindo as boas, dos bons.

— E já conseguiu você de S. Cosme e S. Damião a feitura do «trabalho»?

— Como não? Isto consistiu no desentêrro, o que me foi muito fácil executar, pois da outra vez que estive aqui em Cananéia, por ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, deixei tudo preparado; enterrei, então, perto duma touça de bananeira, uma vassourinha de cabelos humanos amarrada com galão de mortalha. Além disto pus, junto uns tocos de vela com um pouco de terra bem vermelhinha, a imitar terra-de-cemitério, contida numa miniatura de sarcófago egípcio, feito de falso bronze, muito fácil de se encontrar, à venda, em São Paulo.

E assumindo Lumbaio, por fôrça do hábito, o aspecto misterioso, sinistro, impressionante, de quem se faz interprete das sombras do Além, prosseguiu em voz trêmula e cava:

— À meia noite, eu, Tonhão e mais alguns crentes estávamos no local; o «guia» se «incorporou» em mim, e eu fui tacteando, apalpa aqui, bate o pé ali, sapateia acolá, até que dei com o lugar, e mandei que cavassem. Foi o próprio Tonhão Porcelo quem, tremendo aterrado, pegou do feitiço para metê-lo na pele do gato prêto, para jogar tudo no mar...

Depois de longa pausa, em que Chilon ficara perdido em cismas profundas, olhando o mar pela janela, sem o enxergar, como acordando de um sonho, exclamou de súbito:

— E o horóscopo?

— Agora não lhe posso mais falar aqui, porque chegou gente: vamo-nos para meu ou seu quarto, e lá continuaremos.

Acomodados, Lumbaio e Chilon, no quarto dêste, prosseguiu Lumbaio:

— O horóscopo, fí-lo dêste modo: primeiro fui às repartições públicas colhêr informações sôbre o dia e o mês em que nasceu Porcelo. Feito isto, peguei dum dêsses almanaques de remédios e procurei nêle o horóscopo correspondente ao seu dia e mês. Finalmente transcrevi o horóscopo com tinta simpática, que se revela e se torna visível, quando exposta aos vapôres de amoníaco. Fiz naturalmente uns acrescentamentos por minha conta, baseado no que vejo em Tonhão. Sendo êle homem baixo, ventrudo e gordalhão, de rosto amorenado e ar de suíno, há de ser, por certo, além de muito burro, pacífico de gênio, dorminhoco e comilão como o Sancho Panço de Cervantes. Ameacei-o, portanto, com a pobreza, com o desconfôrto e com a fome, caso não quisesse atalhar o mal com um bom trabalho de limpeza de todos os espíritos que eram enviados contra êle, por causa da inveja que todos tinham de suas riquezas. Tudo isto estava escrito já, mas invisível ainda; entreguei, então, o papel a Porcelo, para que êle verificasse, com seus próprios olhos, que estava completamente em branco; depois disto, abrindo eu a arca de S. Cosme e S. Damião, mandei Tonhão colocar nela o papel. Passados cinco minutos persignei-me, agradeci aos «guias» pelo trabalho, e abri a urna para que Porcelo retirasse o horóscopo, já feito, com sua própria mão, para que não pairasse dúvida nenhuma sôbre a honestidade do serviço dos «guias», os quais executaram um perfeito trabalho de escrita direta. Foi assim que iniciei o negócio que me rendeu cinqüenta mil cruzeiros...

— E você não tem mêdo da polícia?

— Como hei de temer a polícia se Porcelo e Cia. têm mêdo de mim?

— Está certo... está certo... Mas vamos agora ao nosso tema bíblico interrompido há três dias.

— Como queira, disse Lumbaio. Nêste caso pego a Bíblia... Quer que eu me ajoelhe e a beije, como fazem alguns protestantes?

— Deixe-se de graçolas! Não sou nenhum fanático, mas respeito aquilo que outros reputam sagrado, seja a Bíblia ou seja Buda!

— Está bem... está bem... não precisa zangar-se... Aqui está o ponto em que paramos, e que considero apertoso... Aqui em Gên. 2 de 1 a 3, diz Deus que acabou ao dia sétimo a obra que tinha feito. Se acabou a obra no dia sétimo, como declara o texto que a terminou no dia sexto para descansar no sétimo?

Chilon, sentado na cama, dando uns socos num travesseiro a que se recostara, para fazê-lo acomodar-se com a forma das costas, respondeu, entrecortando as primeiras palavras no rítimo dos socos:

— Não... se lembra... de que já estudamos... êste ponto? Levantou você, já esta mesma questão com dizer que se Deus fêz a Criação do Universo em seis dias, e descansou no sétimo que é a era Quaternária que estamos vivendo, desde então está inativo. Lá eu dizia que Deus não se acha inativo, porquanto conservar sua obra, se bem que não seja Criação, é trabalho. E também eu dizia, então, que na inspiração de Moisés, Deus tinha em vista a Terra, e não, decerto, outros Universos que pode ter criado e esteja criando alhures, dos quais não podemos ter ciência, por estarem além da nossa curvatura da luz. Agora, cuidando você apertar-me, me dá um elemento precioso para fechar esta discussão, como se fôra com chave de ouro. Esta é a prova de que Deus não se encontra inativo nesta era geológica em que vivemos, de formação de consciência e de espiritualidade, e só por isso tida e havida como dia sétimo, reservado à santificação. Se diz expressamente o texto que Deus acabou sua obra no sétimo dia que é a era Quaternária atual, segue-se que está trabalhando ainda em acabá-la, pelo que estamos apenas nos albôres do dia sétimo. Acabar ou dar acabamento é retocar, corrigir, melhorar, aperfeiçoar, como fazem todos os artistas, quando se aplicam ao que chamam lavor ou artezanato. A obra está terminada no que concerne à biologia, mas é preciso darlhe acabamento no que diz respeito à psicologia. Onde houver demasias, ali estará aplicado o cinzel divino sob os golpes dolorosos do maço. Esta é a causa da dor a qual tem só em vista corrigir e melhorar a obra, e não fazer pagar culpas, como pensam muitos. Com ou sem culpas próximas, onde houver arestas por desbastar ali estará trabalhando o buril!... Por isso, esta é a era da formação de consciências, do desabrochar do espírito, do expandir da inteligência e do frutificar do amor, e está apenas começando!...

Lumbaio, fazendo beiço, para indicar incredulidade, retrucou, de pronto:

— Como poderá você provar-me isso?

— E' fácil, disse Chilon; e ao dizê-lo, pôs-se de pé, a fim de apanhar um livro sôbre a mesa. Ao tempo em que o folhava, andou maquinalmente até a janela em busca de maior claridade. Está aqui, exclamou finalmente, após longa pausa: Fritz Kahn, à página 200 da sua obra «O Livro da Natureza» Vol. I, mostra-nos um desenho de relógio em cujo mostrador está expresso, em cinco setores do círculo, o tempo gasto pela evolução da vida, depois do que, escreve: «Projetando-se a história terrestre, desde o aparecimento da vida, sôbre o relógio, reconhecem-se as leis da sua evolução. As épocas primitivas foram imensamente longas, e a evolução nelas muito lenta. As épocas posteriores tornam-se cada vez mais curtas e o desenvolvimento cada vez mais rápido. A existência do reino animal abrange 24 horas, a do homem 24 segundos».

Crônica Estrangeira

LEMBRANÇAS DE REENCARNAÇÕES PASSADAS

(La Revue Spirite)

O Professor Dr. Ian Stevenson, catedrático da secção de Neurologia e psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Virginia, USA, acaba de publicar um pequeno livro (M. C. Peto Editor, 16, Kingswood Road, Tadworth (Surrey), England) muito condensado, mas completo, enriquecido de documentos probatórios, relativamente aos estudos e pesquisas que empreendeu durante muitos anos, através do mundo, sôbre provas da sobrevivência do espírito e da reencarnação. Não figuram na obra senão os casos realmente controlados obtidos no local ou por pesquisas fidedignas. É impossível transcrever os casos registrados, alguns dêles já conhecidos no meio espírita. Êsse livro apresenta uma grande importância, primeiro pela escolha realmente séria das provas, depois pela personalidade de seu autor e também pelo fato de se destinar aos pesquisadores de língua inglêsa, dos quais muitos se mantém ainda refratários às teorias espíritas sôbre a reencarnação.

Em seguida a um prefácio em que o Prof. Stevenson apresenta o histórico da crença na reencarnação, dos Vedas da Índia antiga aos filósofos modernos, entre os quais cita Hume, Goethe, Lessing, Schopenhauer, passando pelos gregos Empédocles, Pitágoras, etc., explica que milhares de pessoas registram atração ou chamamentos por certos países, povos, nomes, alimentações ou objetos, outras vêzes temores e aversões, e tudo isso tem sua razão de ser como decorrências de acontecimentos em vidas passadas. Os pesquisadores psiquiátricos demonstram que, freqüentemente, tais reações aparecem às vêzes tardiamente, sem que se possa compreender porque se mantiveram recolhidas tão longo tempo em certas pessoas, nem porque desaparecem tão ràpidamente em outras. É possível que as pessoas que se alegram ou que sofrem por essas reminiscências, tenham esquecido completamente sua origem. Mas essa memória, em certos casos, pode ser reativada pela aplicação de certas técnicas (a hipnose, por exemplo), ou o emprêgo de certas drogas.

Debruçando-se sôbre as valiosas provas reunidas, em centenas de casos, o Prof. Stevenson concebeu uma *Tábua de classificação de variedades aparentes de Memórias evidentes de Reencarnação*, extremamente interessante, trabalho que, ao que imaginamos, não fôra ainda empreendido cientìficamente e que é de evidente interêsse para os pesquisadores sérios.

Seguem-se estudos particularizados e análises dos principais casos provados e uma parte sôbre os riscos de fraudes conscientes e inconscientes (pois bem sabemos que muitas fraudes são absolutamente inconscientes). Um dos capítulos da obra se intitula: «Derivações da Memória através de meios normais com esquecimento subsequente das fontes», outros estudam a Memória Racial já estudada pelo Prof. Jung que a denominava «inconsciente coletivo», os fenômenos de «retro e de post-cognição», as possessões, etc.

A terceira parte do livro é intitulada: «Proposições para futuras investigações» e oferece igualmente um grande interêsse. Finalmente em sua Conclusão o Prof. Stevenson sublinha a importância de tais pesquisas que justificam, pensa, um mais amplo e mais simpático estudo dessas «hipóteses». Nas comunicações mediúnicas, diz ainda, tocamos o problema da prova da sobrevivência, e nas memórias de encarnações passadas, a prova de que «qualquer pessoa realmente *viva* já foi considerada como morta».

Sabemos que o Prof. Stevenson continúa pesquisando com o mesmo escrúpulo, honestidade e o mesmo cuidado científico de verdade, e esta é uma notícia que faz sinceramente rejubilar o mundo espírita.

CURAS ESPIRITUAIS NA RODÉSIA

A história dramática de Mrs. Margareth Jackson Hillan, vem contada no *Bulawaio Sunday News,* da Rodésia do Sul. Durante 12 anos vários médicos e 11 especialistas da Inglaterra, África do Sul e Rodésia foram incapazes de apresentar um diagnóstico definitivo para o caso de Mrs. Hillan, provavelmente uma esclerose disseminada, a paralisia verde, para a qual não existe cura. Desesperada a enfêrma subtraiu pílulas soporíferas, com as quais pretendia por fim à vida. Foi quando lhe falaram acerca do grupo de curas de Luanshya onde médicos espirituais trabalham através de vários médiuns, tôdas as semanas. Coisas inacreditáveis sucederam então. Com seu marido a enfêrma assistiu a trabalhos equivalentes a operações, depois dos quais, ao longo de três mêses de tratamento, pôde usar as pernas. Mrs. Hillan se sente bem disposta e feliz. «Nossa vida, ao contacto com o Espiritismo, diz ela, mudou completamente... para melhor.»

O jornal informa ainda que muitos casos de artritismo e problemas cardíacos obtiveram curas embora — frisa — nenhum dos médiuns tenha qualquer conhecimento de medicina.

DOIS CASOS DE REENCARNAÇÃO?

O jornalista Howard Murphett, em *Today,* faz esta pergunta: «Ao reencarnarmos podemos escolher nosso corpo?» E conta os dois casos seguintes:

Alexandrina, filha do Dr. C. Samona, de Palermo, Sicília, teve meningite e morreu aos 5 anos. Em sonhos a mãe revê a garota e esta lhe diz que retornará ao lar antigo. O casal procura uma sessão espírita e nela é informado de que a menina retornaria como uma das gêmeas que deveriam nascer. Uma operação recente fazia quase improvável que a Snra. Samona pudesse ter outros filhos. Não obstante, nascem as gêmeas e àquela que mais se parece com a morta dão o nome de Alexandrina. Aos oito anos dizem à menina que irá passear na cidade de Monreale. «Oh! Eu já estive lá!» diz ela contente «Não, nunca estiveste.» «Sim, sim, vou contar como é.» «Alexandrina conta em detalhes o aspecto da cidade. Ora ela nunca esteve em Monreale, mas a outra Alexandrina, da qual é o retrato perfeito, esteve.

Peter Nilov nunca falou senão chinês e russo, pois nasceu no extremo leste. Desde sua infância tem um sonho que se repete em tôdas as circunstâncias e que o enche de terror. Está assentado numa mesa de banquete, num castelo medieval. Em torno os hóspedes são extremamente reais. Êle se envolve numa querela e é ferido num duelo, por um espadim. Nilov sente a agonia da lâmina em seu coração. Fala nos sonhos e houve os que lhe falam, porém não entende o sentido até que se muda para a Austrália e... .aprende o inglês. A coincidência maior é que Nilov nasceu com um sinal sôbre o coração, exatamente como a marca de um ferimento de espada.

UM ARCEBISPO FALA DE REENCARNAÇÃO

(L'Heure d'Être)

É de um valor singular o juizo que transcrevemos a respeito da reencarnação, pois que se trata do parecer do Arcebispo Louis Puacher Passaralli, da ordem dos capuchinhos, predicador apostólico junto à Santa Sé. A confissão que mostra o arcebispo partidário dessa idéia espírita, foi retirada de uma carta dirigida por D. Louis Puacher Passaralli ao senador francês Taurredi, cuja espôsa sustenta o mesmo critério. Diz assim :

«A vulgarização da idéia da pluralidade das existências seria um meio para realizar os desígnios de Deus, permitindo ao homem a certeza de que pode expiar suas faltas, purificar-se e esforçar-se para se tornar digno dÊle e da vida imortal do Céu. Constituiria um grande passo e resolveria os problemas inextricáveis e árduos de que é portadora a alma humana.

É minha opinião que o conhecimento dessa verdade seria fecunda em conseqüências práticas para a Religião e para a Sociedade.

(as.) *Louis Puacher,* Arcebispo».

Espiritismo no Brasil

O PRIMEIRO «ANAIS DO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL»

O ICEB, com sede no Rio, à rua dos Andradas 96, 12.º andar, acaba de lançar o seu primeiro volume, que abrange os anos 1958-59, e contém o resumo das aulas proferidas nêsse Instituto pelos mais credenciados professôres de Lógica, Psicologia, Filosofia, História das Religiões, Geologia, Didática e Espiritismo, que conta o meio espírita do Rio.

É formado de 3 partes : 1.ª parte —resumo das aulas das matérias acima expostas ; 2.ª parte—«Espiritismo e Metapsíquica», por Carlos Imbassahy ; «Como desenvolver a Ciência Psíquica», por Karl Müller, Presidente da Federação Espírita Internacional ; «A 3.ª Revelação no Processo Dialético e Palingenésico da História», por Humberto Mariotti, de Buenos Aires (Conf. Espírita Argentina) e «Doutrina Espírita e Sociologia», por Deolindo Amorim, Presidente do ICEB e organizador dos Anais ; 3.ª parte — Noticiário, Corpo de Professôres e Correspondentes (nacionais e estrangeiros) do ICEB.

A referida publicação merece a mais ampla propaganda pois o seu conteúdo é rico de informações doutrinárias de grande importância para o ensino da doutrina e de Parapsicologia nas escolas e Centros Espíritas. Parabens ao ICEB por tão nobre iniciativa.

Pedidos para o enderêço acima, para a Livraria da Federação Espírita do Paraná que a editou, e às principais Livrarias do país.

Cícero Pimentel — Membro do ICEB

S. André, 25/7/63

VI SEMANA CAIRBAR SCHUTEL EM DUQUE DE CAXIAS

Será levada a efeito a VI Semana Cairbar Schutel, de 16 a 22 de setembro do corrente, na cidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro.

A Semana Espírita Cairbar Schutel, dêste ano em Caxias, será em forma de debates, ressaltando os principais pontos da Doutrina, mormente aquêles sôbre os quais há tanta divergência.

Os oradores organizarão seus temas, abrangendo os pontos principais da Doutrina e serão refutados caso haja necessidade, se assim entenderem os assistentes mais capazes.

Será um acontecimento nos meios espíritas e muito virá contribuir para que melhor se possam fixar as bases da Doutrina, restabelecendo os seus verdadeiros postulados, elevando-a à categoria de uma doutrina estudada e compreendida, ao invés de uma crença que a rebaixa.

O nosso confrade Ademar Constant, valoroso e vigoroso batalhador, como pioneiro desta democrática e imparcialíssima forma de propaganda espírita, merece os nossos aplausos.

Futuramente, em Caxias, não se

falará sómente das conquistas materiais e políticas mas também dos debates doutrinários promovidos pelo ilustre confrade Ademar Constant.

No dia 16, ás 20 horas, na Ass. «Cairbar Schutel», Deolindo Amorim com o tema: E' o Espiritismo uma filosofia? Por que?

Dia 17, Humberto Alexandrino de Aquino: Como deve o espírita comportar-se em face das religiões ou credos religiosos? No C. E. Bezerra de Menezes.

Dia 18 na Cruzada Esp. Discípulos de Allan Kardec, Av. Paulista, 53, Arlindo Madeira: De que carece o Espiritismo para sua maior propagação? Por que?

Dia 19, no C. E. Caminheiros de Jesus, na rua Sete de Setembro, 986, o Gal. Alfredo Molinaro: O Espiritismo é uma conduta moral diante da vida? Por que?

Dia 20, no C. E. Tiago Apóstolo, Av. Duque de Caxias, 491, o Dr. Tulio Chaves: A Ciência médica confirma a reencarnação? Por que?

Dia 21, na Associação Comercial de Duque de Caxias: Cel. Euclides Fleury: E' o Espirítismo uma ciência? Por que?

Dia 22, encerramento: Abstal Loureiro, na Ass. Cairbar Schutel: São ou não são oportunos os congressos espíritas? Por que?

Em tôdas as reuniões haverá debates.

— Com excessão da reunião de encerramento, que terá início às 16 hs., as demais começarão às 20 hs.

LIVROS NOVOS

«Opinião Espírita»

Com o título acima acaba de ser lançado pelo Departamento Editorial da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, Minas Gerais, mais um livro mirim, constituido por 60 capítulos de páginas mediúnicas dos autores Emmanuel e André Luiz, psicografadas pelos médiuns, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

É o livro que deve ocupar um lugarzinho no bolso de todos estudiosos.

Com capa colorida e brilhante, primorosa apresentação gráfica, admirável trabalho com que os nossos mentôres espirituais procuram facilitar a divulgação dos princípios doutrinários.

Todos devem possuir êste maravilhoso livro.

É também um rico presente que se pode oferecer a um amigo.

Preço de 1 exemplar, Cr. $ 250,00.

—

«Antologia dos Imortais»

Pela Federação Espírita Brasileira, (Departamento Editorial), acaba de ser lançada a monumental obra mediúnica «ANTOLOGIA DOS IMORTAIS», psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, sendo a organização, prefácio e notas, de Elias Barbosa.

O livro é em formato 16 x 24 cm., primorosa apresentação gráfica, papel de primeira, tipo couchê; impressão in-16.°, capa em 3 côres e plastificada, composição em diferentes corpos, vários índices, mais de cem retratos a traço; síntese biográfica de cada um dos poetas identificados; estudos críticos; alguns dados sôbre a vida e a obra dos médiuns, juntamente com seus respectivos retratos.

— Agradecendo o exemplar que graciosamente nos ofertou a Federação Espírita Brasileira, não podemos deixar de recomendar a todos, espíritas e não espíritas, a leitura desta obra verdadeiramente monumental.

Preço de cada exemplar, Cr. $ 1.350,00.

DE SALVADOR -- BAHIA

Realizou-se em Salvador, Bahia, de 14 a 18 de agôsto p. passado, a Concentração Espírita do Nordeste Brasileiro, convocada pela Federação Espírita Brasileira, a qual delegou à U. S. E. do Estado de S. Paulo o trabalho de sua realização.

Referida Concentração, que congregou os representantes das entidades federativas do nordeste do país, constituiu, não só uma oportunidade de confraternização para os espíritas brasileiros, como também propiciou o ensejo para o exame e divulgação das conclusões finais do Simpósio Espírita Centro Sulino, realizado em abril de 1962 em Curitiba.

Campanha de Agasalhos e Cobertores

O Departamento de Assistência Social do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», recebeu, até esta data, mais os seguintes donativos para a Campanha de Agasalhos e Cobertores, em 1963 :

Pedro Pierini, 50,00 ; Anonima de Araraquara, 80,000 ; Anonimo . . 20,00 ; Jaime Matheus Sanches . . 250,00 ; Vitor Masi, 50,00 ; Waldemar Cardoso, 150,00 ; Dr. Bianor Medeiros, 500,00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Abilio do Couto Alves da Fonte, 4.800,00 ; Dr. Francisco Klörs Werneck, 300,00 ; Benedito Daniel, 300,00 ; Mario de Aguiar, 200,00 ; José Felix Bonfim, 500,00; Dr. Carlos Imbassahy, 500,00 ; E. Almeida Prado Filho, 500,00 ; Cesar Augusto Flores Marques, 150,00; Dr. Bianor Medeiros, . . . 1.000,00 ; João Bovino, 3.750,00 ; Elias Caires Braz, 150,00 ; José Jorge de Lima, 250,00.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 150,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 150,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples Cr.$	600,00
Semestre	— „ „	350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3991unse

XXIX - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de outubro de 1963 - N. 9

EVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 3
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Parapsicologia Confirma o Espiritismo . . . . *Redação*

O Movimento Espírita e a Reencarnação . . . . *Dr. Carl Müller*

José Arigó (e outros temas) . . . *Carlos Imbassahy*

Pelo Materialismo Não Há Prova Material Anti-Espiritualista . . *V. O. Casella*

Irmão, o Bom Trabalho Começou! *Psychic News*

Pretensão e Água Benta... . . . . *Arnaldo S. Thiago*

Cientista americano comprova a legitimidade do caso Arigó . . . *Irmão Saulo*

Bíblias . . . . *Bianor S. Medeiros*

O Fato Espírita e a Igreja . . . *Walthère Donnay*

A Importante Mediunidade de Nielsen *Adolph Bohm*

Serões Bíblicos — XII . . . . . . *Luiz Caramaschi*

Crônica Estrangeira . . . . *Redação*

Espiritismo no Brasil . . . . . . *Redação*

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 200,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 700,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 50,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 50,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal

Natal dos Pobres

PREZADO CONFRADE
PAZ EM JESUS

Estamos nos aproximando da mais significativa data que o nosso calendário assinala — 25 de Dezembro, — dia êsse que lembra o natalício de Jesus, — o nosso querido Mestre e Senhor.

Assim, como vem acontecendo desde há muitos anos, também neste, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, — d'Aquêle que «era o mais humilde dentre os humildes»; d'Aquêle que disse — «quem der a um dêstes pobresinhos é a mim a quem dá», — por intermédio da comissão abaixo, promoverá o «NATAL DOS POBRES» distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, dádivas essas que poderão ser em dinheiro, mantimentos, roupas e calçados, mesmo usados, pelo que, desde já agradece, pela atenção que lhe for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscreve-se,

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Lecticia M. Olson
Isabel Perche Camargo
Dirce Barbosa Mariani
Eliza Vanucci Machado
Luiza Pedro Gonçalves
Joana Pedro Damasio
Ana Alves Pedro
Manoela Torres Coelho
Urica Benassi da Cunha

Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Carmen Torres
Juraci Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barbosa
Silvia Lucia Urban
Evani Maria Damásio
Cândida Gonçalves
Alice Coelho

Matão — Outubro de 1963.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Outubro de 1963 — NUM. 9

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Parapsicologia Confirma o Espiritismo

SE bem que sob a moderna rotulagem — Parapsicologia —, o fenômeno mediúnico venha sendo confirmado satisfatòriamente, nas diversas Universidades da América do Norte e de países da Europa, ainda há os que pretendem se valer do nome da nova cátedra, para se opor à tese espírita. Êstes, os nossos opositores, julgam que a nova rúbrica surgira como bandeira de oposição aos conceitos do espírito, que se revela pelo mediunismo, quando nem o próprio lider dessa nova cátedra, o Prof. J. B. Rhine, jamais disso cogitou.

É fato que a Parapsicologia não investiga apenas o fenômeno mediúnico, tal como acontece no Espiritismo que, no campo da prática doutrinária, limita-se nessa fenomelogia. Ela invade outros setores paranormais, tais como a Telepatia, Hipnose e outros mais fenômenos dessa natureza extra sensorial. E dada esta amplitude, daí o julgar dos nossos opositores de que a nova cátedra estaria investigando e explicando o fenômeno mediúnico, através dessas outras fenomenologias, quando isso não é a verdade.

Conclue-se que êsses opositores da tese espírita, apenas conhecem a Parapsicologia pela rotulagem, mas nada sabem do seu conteúdo. Para tanto, bastaria que conhecessem apenas algumas poucas palavras de Rhine, no seu livro — The Reach of the Mind —, para se compreender que a nova cátedra, ao contrário do que julgam os opositores da tese espírita, vem confirmar êste nosso princípio doutrinário. Vejamos esta declaração do lider da Parapsicologia, em certo trecho dessa sua obra : — «O nosso problema fundamental, ou seja, a natureza do homem implica existência da alma como sistema não físico. Existe algo de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da alma ficou demonstrada.» — e logo mais adiante continua — «As nossas pesquisas oferecem um forte indício a favor da sobrevivência, bastariam essas pesquisas para que esta surgisse em nosso espírito».

Aí estão poucas palavras, mas grandes pelo seu sentido, valendo por uma tese da Parapsicologia em favor do Espiritismo.

Seria preciso mais?

* * *

O MOVIMENTO ESPÍRITA E A REENCARNAÇÃO

No último número de *Your Fraternally* encontramos a notícia lamentável de que o Dr. Karl Müller, presidente da Federação Espírita Internacional, estará ausente de suas duas colunas, a *«President's Column»* e a *«Research Corner»*, por motivo de seu estado de saúde.

Subscrevendo-as pela derradeira vez, entretanto, o Dr. Müller nos oferece um inesquecível trabalho sôbre a Reencarnação, assunto que foi encarregado de estudar no Congresso Internacional de Londres em 1960. Conforme sabemos, os princípios espíritas definidos pela Constituição da I. S. F. são apenas os seguintes:

«O Espiritismo é fundado no fato da sobrevivência pessoal do espírito depois da morte do corpo e na comunicação entre êste mundo e o Mundo Espiritual.»

No âmbito latino, o Espiritismo é mais amplo: Sobrevivência do espírito, comunicabilidade, reencarnação. O Dr. Müller, entre seus estudos, levou a efeito uma consulta entre as entidades filiadas à I. S. F. e o resultado foi que de 30, 15 responderam com um enfático *Sim* à pergunta: *É sua Sociedade ou Igreja de opinião que tôdas as Sociedades Espíritas devem ensinar a Reencarnação?* Das restantes, 9 deram um decidido *Não* e as 6 outras não comentaram. Os resultados gerais mostram que mais de 80 % das sociedades filiadas vêem na reencarnação ao mesmo tempo uma lei para a espécie humana e uma ocorrência excepcional. 73 % incluem a Reencarnação como parte da Filosofia Espírita. Todavia 90% julga que *Yours Fraternally* deve publicar os casos mais interessantes e discutir o assunto.

O Dr. Müller, de posse desses dados, divide os associados em três importantes grupos: a) Os seguidores dos ensinamentos de Allan Kardec, a partir de 1857, que aceitam a reencarnação; b) As sociedades ou igrejas seguidoras de um desenvolvimento histórico, nos moldes inglêses, que rejeitam ou são indiferentes à Reencarnação; c) Grupos concentrados apenas no aspecto científico do fenômeno mediúnico, com reduzido interesse pela reencarnação.

Eis o que é dito com respeito aos Estados Unidos: «Por não termos tido uma resposta direta dos EE. UU., fizemos a inclusão da *National Association of Churches* porque sabemos, por nosso Vice-Presidente, Rev. Melvin Smith, que seu *stand* corresponde ao da *English Spiritualist Association of Great Britain.* Esta última recentemente publicou três brochuras de Reg. Burwell sôbre o assunto: *Espíritas necessitam da verdade Reencarnatória*, onde são descritas experiências mediúnicas, sonhos, visões, e onde se encontra a pessoal convicção do autor sôbre o assunto.»

Não queremos furtar aos nossos leitores essa visão conjunta e é assim que vamos reproduzir as Tábuas do Dr. Karl Müller.

TÁBUA I — 12 perguntas

(R. — Reencarnação)

1. Ensina sua Igreja ou Sociedade que a Reencarnação *NÃO OCORRE?*
2. Condena a idéia da Reencarnação?
3. Discute a questão sem um ponto de vista definido favorável ou contrário?
4. Deixa a questão para ser resolvida por seus membros individualmente?

5. Aceita a Reencarnação como um fato mas apenas como rara exceção?

6. Aceita a Reencarnação como uma lei para a emancipação da humanidade?

7. Inclue a Reencarnação como parte da Filosofia Espírita?

8. (Se à questão 7 fôr respondida por um *Sim*). É a Reencarnação apresentada de modo diverso aos ensinamentos de Allan Kardec?

...... É de opinião que:

9. Tôdas as Sociedades espíritas devem ensinar a Reencarnação?

10. A Reencarnação deveria ser inteiramente desprezada pela I. S. F.?

11. A Reencarnação deveria apenas raramente ser referida por *Yours Fraternally*?

12. *Yours Fraternally* deve continuar a publicar casos, histórias, matérias científicas e outras discussões em tôrno da Reencarnação?

TÁBUA II — Respostas Recebidas

Países		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Argentina	Conf. Esp. Arg.	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N	S
«	Constancia	N	N	F	N	N	S	S	N	S	N	N	S
Bélgica	Un. Esp. Belga	N	--	F	--	--	S	S	N	--	--	--	S
Brasil	Inst. Cult. Esp.	N	N	F	N	--	S	S	N	S	N	N	S
«	Hospital Espírita	N	N	F	N	--	S	S	N	S	N	N	S
Canadá	Spir. Nat. Union	--	--	E	S	--	N	N	--	N	N	--	S
Dinamarca	D. Spir. Kirksamf	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N	S
«	Psykisk Infor.	N	N	N	--	--	S	S	N	S	N	N	S
Egito	Piramidis S. Ass.	N	N	S	--	S	N	N	--	N	S	S	A
Finlândia	Suomen Sp. Seura	N	--	F	--	--	S	S	--	--	--	--	S
França	U. Spir. Franc.	N	N	F	N	N	S	S	N	S	N	N	S
«	Maison d. Spir.	N	N	--	N	--	S	S	N	S	N	N	S
Inglaterra	S. Nat. Union	N	N	S	--	--	N	N	--	N	N	S	O
«	S. Ass. G. Bret.	--	--	S	--	--	--	--	--	N	N	O	S
Grécia	Metaps. Ass.	N	N	F	N	N	S	S	N	S	N	N	S
Índia	Indian Sp. Ass.	N	N	N	--	--	S	S	N	S	N	N	S
Itália	Aurora, Cam.	N	N	N	--	--	S	S	N	S	N	N	S
«	Ric. Biops. Padova	N	N	F	--	N	S	N	--	N	N	N	S
Israel	Seekers L. H. L.	--	--	--	--	--	S	S	--	--	--	--	S
Japão	Ps. Science Ass.	--	N	--	S	S	--	N	--	N	N	N	S
«	Oomoto	--	--	--	--	S	--	--	--	--	--	--	--
México	J. Asbaje	N	N	--	--	N	S	S	N	S	N	N	S
Holanda	Harmonia	N	N	S	--	--	--	N	--	N	N	S	N
«	Kerkgenotsk	N	N	F	--	N	S	S	N	S	N	N	S
N. Zelândia	Sp. Church.	N	N	N	S	N	N	N	--	N	--	S	--
Portugal	Fed. Esp. Port.	N	N	--	--	--	S	S	N	S	N	N	S
Suécia	Sv. S. Riksforb	N	N	F	--	N	S	S	N	N	N	N	S
Turquia	M. Tetkik	N	N	--	--	--	S	S	N	--	--	--	S
U. S. A.	Nat. S. As. o. Ch.	--	--	S	--	--	--	--	--	--	--	--	S
Venezuela	Fed. Esp. Ven.	--	--	F	--	--	S	S	N	S	N	N	S
África do Sul	S. U. S. A.	N	N	S	--	--	S	--	--	N	N	N	S

N — Não.
S — Sim.
A — Agora, não.
F — Favorável à Reencarnação.
E — Estudo recomendado.
O — Ocasionalmente.

Ao importante tópico 12, apenas a Holanda responde pela negativa. O Egito diz, *Agora não,* e uma das associações inglêsas opta por um *Ocasionalmente.*

Muito significativo nos parece o resultado da questão 8, em 18 entidades, isto é, tôdas que respondem revelam que aceitam a Reencarnação conforme é ensinada por Kardec.

Nossos leitores têm, aqui, uma visão bastante objetiva do que vai pelo movimento espírita mundial, no terreno da Reencarnação.

(A seguir: *ESTATÍSTICAS REENCARNATÓRIAS,* pelo Dr. Karl Müller).

José Arigó (e outros temas)

Rizzini editou em São Paulo o «O Caso Arigó». Para que saibamos quem é o autor e a sua responsabilidade no que nos apresenta, devemos dizer que se trata de um jornalista, apreciado escritor, membro de importantes instituições e acatado poeta, não só pela crítica, que aliás nem sempre é acatável, senão principalmente pelos que entendem do riscado, pelos que conhecem os segredos da arte.

Mas Rizzini não nos fala apenas como um literato; êle nos traz o testemunho do que viu e ouviu. Seu livro é o relato de experiências muito sérias.

Como em certos arranjos musicais — os bem formados — há no livro outros assuntos, alguns dos quais muito interessantes, que constam de uma 2.ª parte.

O autor teve a rara coragem de investir contra certos tabus, e um dêles é a veneração por Huberto Rohden e sua obra.

Que o antigo sacerdote mereça tôda a consideração e respeito, é natural e poder-se-á dizer de nosso dever respeitá-lo e considerá-lo. O que não se compreende, é a aceitação dos seus trabalhos no meio espírita, os quais, no que diz respeito ao espiritualismo, ou são nulos ou são errados. Rizzini demonstrou-o. Tem êle razão quando estranha os convites que lhe são feitos para falar em meio espírita, em sessões espíritas, quando os seus conceitos estão em formal oposição aos ensinos da Codificação.

Digno de relêvo é o capítulo referente à «Grande Síntese», pelo consciencioso estudo que fez. Lembra a frase de John Scott Haldane: «O materialismo, outrora teoria científica e agora credo fatalista de milhares, nada mais é do que superstição.»

Referindo-se à intuição, cita o prof. Louis de Broglie: «Sem dúvida, poderemos avançar apoiando-nos sôbre a fôrça do raciocínio e sôbre o poder eletrizante das fórmulas matemáticas, mas é preciso dizer-se que, numa exploração onde pouco a pouco o apôio da intuição deixasse inteiramente de fecundar as nossas teorias, acabaríamos por ficar completamente parados, desorientados por êsse mundo novo, o átomo, onde nenhum de nossos modos de representação teria aplicação.»

Declara o autor que não lembrou ao laureado professor que a intuição nasce em mente já purificada pelo sôpro do Evangelho.

E diremos nós que a ciência ainda não cuidou devidamente dêste ponto nem aquêles mesmos que lhe conhecem o valor, pois ainda não descobriram o que é a intuição, os seus fundamentos, a sua causa. Ora, a intuição não é mais do que a inspiração provinda de Espíritos prepostos ou superiores. Muitos, quando recebem o sôpro do Alto, acreditam no Acaso, outros julgam-se possuidos de uma faculdade especial. Raros entrevêem ali uma proteção divina.

No capítulo sôbre a literatura infantil refere-se o escritor paulista, com especialidade, às histórias em quadrinhos. Oportuno é o seu protesto, porque essa literatura, com seus heróis façanhudos, suas cenas espantosas, seus episódios inverossímeis, é o que há de menos próprio para crianças.

No fim da obra há um suscinto capítulo intitulado «Perfil de Allan Kardec».

A parte principal do livro, porém, é aquela que lhe deu o título: Caso Arigó. Rizzini aí já não é sòmente o o amante das letras e das musas, dos contos e do estro, mas o cavaleiro andante em busca da verdade, que aponta arrojada, destemerosamente, visto que para proclamá-la é necessário muitas vêzes possuir coragem e afrontar o preconceito, tão temível ainda quanto o era há alguns anos antes.

Refere-se às curas praticadas por Arigó, aos testemunhos, e vários fenômenos parapsíquicos, às receitas, à campanha que lhe moveram, sem esquecer a de dois médicos, menos médicos que sectários; êsses esculápios publicaram uma série de artigos, num jornal, que contra tôda a ética jornalística, não aceitava nenhuma réplica, nem como matéria paga. Mas os ditos não ficaram indultos, apesar de suporem garantida a retaguarda, visto que o nosso confrade os rebates agora com uma ironia muito fina e uma lógica muita segura.

Sôbre o médium de Congonhas estende-se ainda em vários comentários, deixando bem patente a lisura de homem, a habilidade do Espírito e o desinterêsse pecuniário do intermediário.

É pena faltar-nos o espaço para prolongar-nos na perlustração das páginas do livro. Rizzini deu-nos, em seu valoroso trabalho, um grande alento, por ver que ainda há quem não poupe esforços, embora com grande sacrifício de tempo e de pecúnia, para fazer justiça e trazer luz num grande acontecimento como o Caso Arigó.

Carlos Imbassahy

«Diário de São Paulo» de 24/9/63.

Pelo Materialismo Não Há Prova Material Anti-Espiritualista

V. O. Casella

Conforme comentamos, na Revista passada, é uma atitude comprometedora ao bom senso dos que julgam nos surpreender, com a interpelação, «para que materializemos um espírito de improviso», como prova da nossa fenomenologia espirítica.

No entanto, talvez êsses interpeladores, pela parte dos materialistas, ainda não acordaram para o fato de que se invertermos a interpelação (para nos darem êles a prova material do fator inteligente, pelos conceitos do Materialismo) êles mesmos nunca seriam capazes de nos atender, a exemplo da nossa tese cientìficamente em condições de satisfazer a essa proposta.

Não há dúvida, a nossa tese, embora acusada de imaterial, abstrata, revela-se concreta, objetiva, pela prova visual, palpável, fotografável e até sob exame químico do ser espiritual, causa da nossa atividade inteligente; enquanto a pretensa tese materialista, apesar de se dizer material, concreta, analìticamente se revela imaterial, abstrata, subjetiva, faltando-lhe a prova somática como causa da vida mental, conforme passaremos a ver.

De início, precisamos esclarecer que pelo fato de sermos espiritualistas, isto não implica em que estaríamos negando a função orgânica da matéria animal, conforme pretendem insinuar alguns dos nossos adversários mais precipitados. Para nós, cientìficamente falando, o estudo da materialidade planetária revela-se tão importante como o da espiritualidade. Jamais negamos a preciosa colaboração dos pesquisadores restritos aos estudos da fisiologia animal. Mas, a nossa concordância aqui se diz dos estudos da função físico-química dentro dos limites da vida animal vegetativa. Em relação à vida inteligente, como pretendem os materialistas admiti-la efeito da função físico-química da fisiologia animal, já com êles discordamos, uma vez que para nós a causa da nossa atividade mental está noutro elemento, materialmente espiritual, de outra natureza, além dos limites da matéria orgânica planetária, conforme tem sido comprovado nos laboratórios. Se a vida inteligente pudesse ser efeito da própria organização somática, conforme advogam os materialistas, então haveria de existir o elemento somático, como produtor da nossa atividade mental, cuja prova nunca os materialistas apresentaram, limitando-se a afirmativas verbais, sem nada demonstrar como prova do Materialismo.

Entremos na essência da questão e tentemos esclarecê-la, de uma forma mais simples possível, apesar da complexidade do assunto. Contudo, a verdade, com um pouco de atenção, não deixará de transparecer, mesmo aos leitores mais simples de entendimento.

Como sabemos, o corpo animal é uma máquina orgânica acionada pela energia da combustão resultante da própria materialidade alimentícia. Anàlogamente, os motores auto-mecânicos também funcionam alimentados pela própria energia extraida da matéria. Mas assim como o motor mecânico, para manter movimentos ordenados, não prescinde do motorista. também a máquina somática necessita de um condutor, o espírito, elemento coexistente com o corpo animal. Neste caso, a natureza do elemento de contrôle, seria de outra extensão, além dos limites da nossa habitual matéria planetária.

Entretanto, como o motor mecânico, sem movimentos ordenados, pode ainda trabalhar sem o seu condutor, também o corpo animal pode funcionar dentro dos limites de vida vegetativa, sem atividade inteligente, independente portanto do comando espiritual. O coração do morto, antes de se iniciar sua decomposição cadavérica, por si só, acionado por uma intervenção laboratorial, poderá ainda pulsar, revivendo assim por alguns instantes, como sucesso científico. Mesmo células isoladas do corpo animal podem, como microscópicos motores orgânicos, sobreviver vegetativamente, em meio ambiental onde haja energia para nutrir sua matéria orgânica de vida vegetativa.

Mas, nesses casos, como vimos explicando, em cada qual, sem o operador de comando, não há movimentos reveladores de ações inteligentes. Quanto à vida animal vegetativa, a cuja função os materialistas atribuem a causa da vida inteligente, os seus fenômenos vitais podem ser explicados pela energia das combinações afins, dos elementos da materialidade físico-química. O êrro dos materialistas está em deduzirem, da vida animal vegetativa, a causa da vida inteligente, como se êste predicado mental pudesse ser produto de reações químicas.

Mas, apesar dessa insistência, tal afirmativa dos materialistas não tem valor concreto, pois embora se digam positivos, jamais conseguiram êles mesmos ver, e muito menos apontar com fatos, na composicão físico química do organismo humano, como seja na função das células cerebrais nas quais se julgam apoiados, onde então se acharia localizado êsse pretenso elemento somático gerador da nossa vida mental.

Ainda, até que a ciência não havia devassado o átomo, partícula básica de tôda materialidade do Universo, os materialistas poderiam teorizar que ali, no seio indevassável da matéria atômica, existiria o fator postulado pela tese do Materialismo. Mas depois da célebre equação einsteniana, revelando-se nos laboratórios os segredos íntimos do átomo, pelo ciclo da matéria-energia e vice-versa, o Materialismo, como tese anti-espiritualista, deixou sua razão de existir, ao perder de todo sua pretensa base da materialidade da vida inteligente animal.

Tal se deu considerando-se não se ter achado no seio atômico qualquer propriedade, a não ser um sistema de sub-partículas, de natureza elétrica positiva, negativa e neutra, sem ali se revelar qualquer vestígio de natureza geradora de vida inteligente. Agora podemos ver, apenas pelo raciocínio, a que nulidade se reduziu a propalada tese da materialidade absoluta.

Examinemos a composição celular, em cujo seio das células cerebrais deveria encontrar-se, de acôrdo com o postulado materialista, o elemento material responsável pela produção inteligente.

A base atômica fundamental da estrutura físico-química das células do corpo animal, está nos quatro elementos : carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio, com a presença de alguns outros elementos, entre os quais o ferro, fósforo e enxofre. Das numerosas substâncias dos compostos químicos do carbono, com aquêles outros três elementos, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio, resultam certas moléculas, sob a rúbrica de amino-ácidos, moléculas estas conhecidas em número de 25, diferenciando-se umas das outras pelo número e arranjo dos seus componentes. Tem-se então os amino-ácidos, como grupos afins compostos dêsses quatro elementos.

Ora, se êsses elementos, quando separados, não trazem em si propriedade geradora de predicado inteligente, o mesmo se diz de quando unidos em compostos físico-químicos, considerando-se que a natureza de um todo não pode ir além das propriedades que lhe dão as suas partes. Logo, se aquêles quatro elementos não revelam propriedades inteligentes, o mesmo se diz dos amino-ácidos, já que êstes são uniões daquêles, cujos elementos atômicos não perdem sua individualidade, ao se agruparem em compostos físico-químicos.

Prosseguindo, os amino-ácidos, por sua vez, unem-se entre si, formando outras moléculas, as proteínas, maiores, mais complexas e numerosamente diferentes, de acôrdo também com o arranjo e número de seus componentes aminados. Agora, se os amino-ácidos, como vimos, não são dotados de propriedade inteligente, já que aquêles quatro elementos da sua composição não tinham êsse predicado para lhes transmitir, o raciocínio é o mesmo em relação às proteínas, considerando-se que estas agora são grupos afins de amino-ácidos, valendo-nos repetir que a natureza de um todo fundamenta-se nas propriedades das suas partes.

E assim continuando, unem-se as proteínas, dando formação às celulas do corpo animal que, também dada a origem dêstes corpúsculos celulares, não contém propriedades inteligentes.

Sem dúvida ; se dos átomos aos amino-ácidos, e dêstes às proteínas, nada se revela como causa da vida inteligente, a composição celular também não poderá apresentar essa qualidade mental, ali faltante nos seus componentes, as proteínas. E, conseqüentemente, nem a união de células, compondo o corpo animal, poderia dar a êste aquilo que também não herdaram de seus antecedentes. Dos átomos às células mudam-se os aspectos evolutivos, de um composto a outro, mas as propriedades básicas dêstes compostos, conservam-se sempre dentro dos limites da matéria e energia do seio atômico, elementos êstes que mantém sua individualidade, sejam quais forem os compostos da materialidade orgânica animal.

Logo, se na matéria da estrutura animal não há elementos para originar a vida mental, mas êste predicado manifesta-se no ser orgânico somático, a origem da causa da vida inteligente revela-se outra, de natureza extra, além dos fenômenos físico-químicos da matéria planetária do nosso hábito. De fato, as provas de laboratório têm sido a confirmação dessa verdade separativa entre as duas vidas coexistentes, orgânica e espiritual, ou seja, vegetativa inteligente.

Contudo, embora bastasse a prova científica do facto espírita, revelada pelos grandes mestres nos laboratórios, para liquidar de momento essa questão, ainda assim insistem ingênuamente os materialistas, apelando sempre para as células cerebrais, em que a sua função se revela nos órgãos intra-celulares, como sejam o citoplasma, núcleo etc. Não há dúvida, mas essa função mantém-se nos limites da matéria e energia, dos componentes básicos da sua estrutura físico-química, conforme já explicamos mais acima. Pois se a matéria e energia não revelam propriedade inteligente, o trabalho celular não vai criar, como um golpe de milagre, tal predicado que ali não se acha nos seus componentes. Se tal se desse, então, após a formação celular, haveria de aparecer êsse predicado extra, como elemento somático objetivo, na dissecação de células nos laboratórios. Entretanto, como já dissemos, os materialistas, que se dizem rigorosamente positivos, nunca nos apontaram, onde ali nas células cerebrais do corpo animal, se acharia o elemento somático responsável pela causa da nossa vida mental.

No entanto, de nossa parte, bastando-se considerar o devido respeito às documentações científicas, como é de se esperar das pessoas de bom senso intelectivo, o Espiritismo já de há muito vem atendendo àquela interpelação da materialização de espíritos, proposta pelos nossos adversários. Êstes, entretanto, invertendo-se a interpelação, até hoje, como acabamos de ver, nada, absolutamente nada nos deram, como prova do fator material da nossa vida inteligente, conforme se pretende pela tese materialista. Desgastam se em afirmativas verbais, julgando as coisas de longe, tomando efeitos como causas, sem se ater à base, fundamento essencial para se julgar, pelo juizo correto, os limites dos fenômenos da materialidade. Propagam a objetividade materialista, mas firmam-se em conceitos subjetivos. E acusam nos de subjetividade espiritualista, enquanto nos firmamos em provas objetivas.

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

Irmão, o Bom Trabalho Começou!

Psychic News traz-nos a notícia de uma curiosa coincidência observada nos primeiros dias da 3.a Revelação, e que vem provar a rêde de trabalho que se processava no Mundo Invisível no advento de uma nova era de ibertação espiritual para o homem terráqueo.

Há 115 anos, no dia 31 de março de 1848 se iniciaram em Hydesville, no Estado de New York, os fenômenos que culminaram com a primeira investigação em tôrno dos fenômenos supranormais. Ora, a milhas de distância, Andrew Jackson Davis, o grande iniciador do Espiritismo nos Estados Unidos, dotado de magníficas qualidades mediúnicas, sem nunca ter ouvido falar nas meninas Fox, grafava no seu diário que, naquela mesma manhã de 31 de março de 1848, uma voz lhe dissera ao ouvido :

— Irmão, o bom trabalho começou!

Só algum tempo depois Davis, conhecido como o Vidente de Poughkeepsie tomaria conhecimento dos fenômenos de raps na casa da família Fox.

Como todos os pioneiros, as jovens médiuns yankes seriam perseguidas, escarnecidas e envilecidas. Eram, porém, as escolhidas para dar instrumento à nova revelação. pois foram Kate e Leah as primeiras pessoas a imaginar um sistema de comunicação e entendimento com os espíritos ansiosos por se fazerem compreendidos, e que desesperadamente batiam nas mesas e paredes para se fazerem notados.

A despeito da formidável oposição, a verdade estava demonstrada, trazendo um revolucionário impacto à humanidade e um tremendo golpe ao materialismo. Não foi por acidente que as mensagens espirituais recebidas por raps, vindas de um obscuro mascate assassinado, fossem tornadas compreensíveis por meninas jovens demais para ter idéias preconcebidas em matéria de religião e em circunstâncias tão humildes. Elas e seus pais viviam numa modesta casa de madeira numa aldeia.

Percebe-se aqui, mais uma vez, a planificação do mundo espiritual, determinando que a ressurreição do cristianismo, como no próprio tempo de Jesus, surgisse no seio do povo comum cujo coração poderia se tornar no altar da verdadeira religião.

A história da religião revelada é uma constante de esforços no sentido de dotar a humanidade de verdades mais e mais profundas, repetidas e ampliadas sempre, muito embora o colapso representado pela teologia e o profissionalismo religioso. Hoje em dia, porém, não obstante as cortinas de fumaça lançadas pelo ecleseasticismo, a revelação se sedia em milhões de lares no mundo todo. A mensagem proclamada pelos simples raps e mais tarde confirmada milhares de vêzes, era simples mas profunda. Significava que cada alma humana ressurgia da morte. E isso, provado vêzes sôbre vêzes, fez-se uma verdade universal e parte da lei natural.

Entretanto o Espiritismo ensina que essa verdade não é privilégio de nenhuma religião em especial, mas pertence à Humanidade, sem depender de seitas, teologias, catedrais, igrejas, capelas, sinagogas, livros, vestes, paramentos, doutrinas, credos, rituais, dogmas ou cerimônias.

Seus inimigos, opondo-lhe fôrças e interêsses, não puderam ainda conter-lhe a grande mensagem. Ela triunfa porque é a divina verdade.

E é por isso que hoje nos enchemos de jubiloso orgulho ao relembrar os primeiros pioneiros. E os saudamos desejosos de que retornem a nós para o prosseguimento da sublime empreitada que iniciaram.

Pretensão e Água Benta...

Arnaldo S. Thiago

NÃO temos pretensão alguma, não podemos ter qualquer espécie de pretensão a propósito da eficiência jornalística de nossa modesta colaboração para êste prestigioso órgão de publicidade espírita.

Mas, água benta, sempre temos tido o cuidado de procurá-la nos mais límpidos mananciais da filosofia, da estética e da arte; sobretudo, da Religião. Ciência, no sentido da aplicação da nossa inteligência às coisas do mundo físico, realmente não temos podido cultivar: daí a nossa incapacidade ingênita de levar lenitivo às dôres físicas do nosso semelhante, de construir uma ponte ou uma rodovia, de embrenhar-nos nêsse complicadíssimo cipoal da economia política, da ciência das finanças, da jurisprudência dos tribunais... de todo êsse imenso estendal de convenções, rituais e artificialismos, de que a humanidade mais padece do que se beneficia. Somos apenas um sonhador, um ingênuo, talvez, para os «mestres em Israel», possìvelmente apenas um velho ranzinza para os que apenas nos conhecem através destas pobres letras... Mas êsse obscuro sonhador provinciano chega à beira da sepultura com a mesma crença em Deus, que lhe foi cimentada nalma pelos cuidadosos genitôres, com a mesma alegria dos verdes anos, com a mesma eufórica certeza na manutenção do que de mais nobre no coração do homem pode existir, que é a sensibilidade a tudo que é elevado e delicado: os afetos puros, o sentimento de justiça e lealdade, a sinceridade.

Esta sinceridade impele-nos a exprimir as emoções, as impressões que nos causam os sucessos políticos e sociais, os acontecimentos de que tomamos conhecimento, as diferentes manifestações da arte, da ciência, da técnica, do progresso, em suma.

Quanta aplicação desorientada, e por vêzes deshonesta mesmo, de admiráveis recursos com que a sabedoria de verdadeiros gênios da ciência têm, nêstes últimos anos, dotado o homem terreno! Como impressiona desagradàvelmente a inaudita facilidade com que se torna objeto apenas de comércio, para satisfação de grosseiros apetites e baixas paixões, série imensa de delicadíssimos instrumentos de divulgação, que deveriam prestar-se à educação e à cultura do povo e nunca à satisfação de tendências grosseiras que precisam, antes, ser reprimidas do que atendidas!

A indisciplina campeia em todos os departamentos da atividade humana! Em vez de liberdade, firmada no bom conceito da pureza de costumes, na excelente intenção de patrióticas e humanitárias iniciativas, o que se observa é uma estranha licenciosidade que a polícia nem a justiça se dispõem a prevenir e cujos efeitos impassìvelmente aguardam, para uma punição obnóxia, pois que, depois do mal feito...

Democracia! o que fizeram de ti os desbordamentos dessa indisciplina, disfarçada com as lentejoulas de plenos direitos, num pequeno mundículo em que o homem já não conhece mais o que sejam deveres!

Hão de vir dias melhores para a sociedade humana. Cremos em Deus e na vitória final dos seus santos desígnios! Hão de vir dias melhores para a humanidade. Mas deixar-se de pensar em terríveis amarguras, preparatórias dêsses dias felizes, não é possível, em face das lições da experiência, pela História postas em evidência.

Para que o Cristianismo se firmasse nas almas, foi preciso que o Divino Mestre se entregasse à sanha dos algozes que o pregaram na cruz, e o sangue dos mártires ensopasse o solo tenebroso dos circos romanos. Se os bons foram assim tratados, oferecendo-se como holocausto à regeneração dos culpados, em sacrifício agradável à divina Misericórdia, porque desconhecer-se a evidência de que a Divina Justiça há de pesar com mão de ferro sôbre os culpados irreverentes e astuciosos, que proliferam no mundo? Essa Justiça, absoluta e soberana, a Deus pertence. Ao homem, a previdência: prevenir para não punir, evitando o predomínio dos maus sôbre os bons.

Cientista americano comprova a legitimidade do caso Arigó

Operado pelo médium de Congonhas, o médico-eletrônico Henry Puharich prova as faculdades paranormais do sensitivo

No momento exáto em que se processava em São Paulo nova campanha de difamação de Arigó, com as mais absurdas declarações contra o médium, publicadas pela imprensa, aconteceu o impossivel. Podemos dizer que a resposta aos detratores caiu do céu. Dois cientistos norte-americanos, William Belk e Henry Puharich. O primeiro, é presidente da Belk Research Fundation, e o segundo, médico-eletrônico daquela instituição de pesquisas, consultor do Instituto de Aeronautica e Espaço dos Estados Unidos. Vieram ao Brasil no desempenho de suas funções de pesquisadores para «testar» o médium de Congonhas. E para lá se dirigiram acompanhados dos estudantes João Carlos de Sousa Alves e Osmar Ramos Filho, da Universidade do Brasil, que lhes serviam de intérpretes.

Jorge Rizzini conseguiu apanhar o flagrante do encontro dos cientistas com o médium, e fixá-lo em três dimensões primeiro, na reportagem que fez sôbre o assunto, devidamente ilustrada; depois, na filmagem, que já foi exibida, sexta-feira última, pelo Canal 4; e, por fim, na gravação das declarações dos cientistas. A visita foi, portanto, irremediavelmente fixada por Rizzini, em sua múltipla aparelhagem de captação material das coisas imateriais, para desespêro dos negadores e detratores de Arigó. Não fôsse o trabalho de Rizzini, e só muito mais tarde iriamos saber dêsse milagre moderno: dois anjos eletrônicos pousaram em Congonhas e verificaram a legitimidade das faculdades paranormais de Arigó.

O cientista Henry Puharich não se satisfez com informações, ou simplesmente em vêr o que se passava com o médium. Quís experimentar na própria carne as faculdades de Arigó. O médium envolvido pelo Dr. Fritz, não teve dúvida em atendê-lo. Servindo-se de um canivete, sem assepsia nem anestesia de espécie alguma, sem aplicação anterior ou posterior de antibióticos, sem fazer o paciente deitar ou sentar-se, sem usar «forceps» de espécie alguma, cortou-lhe a pele e extraiu-lhe, — em apenas vinte segundos, — um lipoma do braço direito. Tudo isto testemunhado pelo povo ali presente, fotografado e cinematografado. O cientista explicou que o lipoma se encontrava em lugar perigoso, motivo pelo qual jamais o quisera extrair nos Estados Unidos. Suas declarações foram gravadas por Rizzini.

Comprovam-se assim, mais uma vez, as reportagens sôbre o caso de Congonhas, divulgadas pelos «Diários Associados». Além dos numerosos depoimentos de médicos brasileiros, já publicados em jornais, revistas e livros, de depoimentos de investigadores argentinos, — como o ainda recente, do prof. Alexandro Eru, perante as câmaras do Canal 4, — temos agora essa comprovação inesperada, que veio por via aérea caindo do céu sôbre Congonhas do Campo. Prometeram os cientistas voltar ao Brasil com uma equipe de médicos e observadores especializados. Que o façam logo, uma vez que, por aqui, a incompreensão é enorme, e o que se pretende é condenar o médium e trancafiá-lo na cadeia, como reles criminoso.

Grande lição a que acaba de nos dar o doutor Puharich. Representante de um ramo recente das ciências médicas, ligado às pesquisas espaciais norte-americanas, bem informado de tudo quanto, de mais recente, se faz na América e na Europa, em matéria de pesquisas no campo de sua especialidade, não teve dúvidas em verificar de fato o caso Arigó, submetendo-se corajosamente à violência de suas intervenções cirúrgicas. A coragem de Puharich comprova a afirmação do médico oculista Sergio Valle, que muitos acharam exageradas : «Arigó pratica uma super-medicina.» Realizar intervenção cirúrgica como quem corta as unhas, sem nenhum cuidado preparatório, no meio da multidão, com faca ou tesoura, só pode ser, evidentemente, através de um processo de supercirurgia, desconhecido da nossa ciência.

Que dirão, diante disto, os que ainda continuam a afirmar que Arigó é um caso de misticismo em país subdesenvolvido ? Maravilhoso misticismo, extraordinário curandeirismo, que não se esconde de ninguém, que enfrenta naturalmente, com a naturalidade das coisas reais, os médicos e os cientistas, do Brasil ou do Exterior, e que até mesmo os opera, quando eles têm a coragem suficiente de suportar a prova ! Continuarão a chamá-lo de ladrão, explorador, assassino, charlatão, e outras coisas dêsse gênero ? Ou terão a humildade suficiente para aceitar que, afinal, não são os donos da ciência e do saber ? E' o que veremos daqui por diante.

Irmão Saulo

(«Diário de São Paulo», 8 de setembro, 1963).

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926 cr.$ 800,00	Ano de 1951 cr$. 700,00	Ano de 1957 cr$. 700,00
» » 1946 » 700,00	» » 1952 » 700,00	» » 1958 » 700,00
» » 1947 » 700,00	» » 1953 » 700,00	» » 1959 » 700,00
» » 1948 » 700,00	» » 1954 » 700,00	» » 1960 » 700,00
» » 1949 » 700,00	» » 1955 » 700,00	» » 1961 » 700,00
» » 1950 » 700,00	» » 1956 » 700,00	» » 1962 » 700,00

Bíblias

BIANOR S. MEDEIROS

I. — A Bíblia verdadeira é uma só, a hebraica de Israel, escrita em hebraico, a língua sagrada, a linguagem celestial. É a Tanak, composta de 3 partes distintas: Torah, Neviim, Ketuvim, vale dizer, A Lei, Os Profetas, As Escrituras. A Lei de Moisés está dividida em cinco livros: 1)—Bereshit, No Princípio; 2) — Shemot, Nomes; 3) — Vaiycrah, E Chamou; 4)—Bamidbar, No Deserto; 5)—Devarim, Palavras. A tradução católica apostólica romana traduz êstes nomes por Gênesis, Origem; Êxodo, a saida do Egito; Levítico em consideração a tribo de Levi; Aritmos, Números; Deuteronômio, a segunda lei. O israelita deu o nome do livro pela primeira palavra escrita do próprio livro enquanto a tradução grego-romana procura interpretar o conteúdo do livro. Os Neviim, os Profetas, compõe-se de oito livros. E as Ketuvim, Escrituras se compõem de 11 livros. Jesus, nos Evangelhos, emprega a divisão hebraica, referindo-se à Lei, aos Profetas e às Escrituras, aceitando e consagrando a divisão hebraica.

II. — No mundo atual aparecem três Bíblias diferentes: 1)— A hebraica, com 24 livros, escrita de 1.500 antes de Cristo ao nascimento de Cristo, em hebraico, por diversos autores, em tempos diferentes, tratando de assuntos diferentes, em linguagem própria da época em que foram escritos pelos próprios autores; 2) — A segunda Bíblia é a grego romana, traduzida do hebraico no terceiro século antes de Cristo para o grego, mais conhecida por versão dos 70, que Tertuliano dividiu em Velho e Novo Testamento, e que, segundo o Concílio ecumênico de Trento, 1.545/1.563, da era cristã, contém 46 livros, vale dizer com 22 livros mais que a hebraica; 3) — A terceira Bíblia é a do autor Onkelos, do primeiro século da era cristã, escrita em aramaico e mais estropiada e desvirtuada que a grego-romana. O alemão Martinho Lutero, de 1.483/1.546, rebelou-se contra os inúmeros êrros católicos e fundou o Protestantismo, a Reforma, a Igreja Evangélica, acabando com o culto exterior romano, eliminando o cléro, traduziu a Bíblia do latim para o alemão, para que fôsse lida e estudada pelo povo, em sua própria língua. Contribuiu êle em larga escala para a recondução do Cristianismo à sua pureza original, mas aceitou o Deus grego-romano tripartido, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, quando o Eterno é uno e não aceitou nem a Revelação Espiritual, nem a lei da reencarnação, dividindo a sua Bíblia em 39 livros, com 15 livros mais que a original hebraica. Aqui empregamos a palavra Bíblia para o Velho Testamento, que estudamos nêste artigo. Do estudo comparado do Velho Testamento no original hebraico, na versão Católica Apostólica Romana e na versão protestante, verificamos quanto o paganismo grego-romano devirtuou a obra de Israel, tanto no pensamento como na forma. Para o estudo comparado indicamos as três obras básicas ou fundamentais: 1)—A Tanak, de Nosheh David Kesunto, da Universidade Hebraica de Israel; 2)—A Bíblia do Padre Matos Soares; 3) — A Bíblia de João Ferreira de Almeida.

III. — Ao estudarmos os Atos dos Apóstolos verificamos quanto mal influenciou o Judaismo e o Cristianismo a cultura grego romana, verificando a ordem de formação dos núcleos cristãos dos primeiros tempos. Estando Roma colocada em 19.º lugar, assumiu a liderança em detrimento do povo escolhido, do povo eleito, da nação joia. de Israel, a fonte original dêste monumento de espiritualidade. Os primeiros núcleos pela sua formação: 1) — Jerusalém, Atos, 8/1; 2) — Samaria, Atos, 8/5; 3) — Damasco, Atos, 9/1; 4)— Lido, Atos, 9/32; 5)—Jope, Atos, 9/36; 6)—Cesaréia, Atos, 10; 7)—Antioquia, Atos, 11/19; 8)—Chipre, Atos, 11/14; 9)—Iconio, Atos, 14/1; 10)—Listra, Atos, 14/4; 11)—Derbe, Atos, 14/19; 12)—Filipo, Atos, 14/11; 13) —Tessalônica, Atos, 17/1; 14)— Bereia, Atos, 17/19 ; 15) — Atenas, Atos, 17/33 ; 16) — Corinto, Atos, 18/1 ; 17) — Éfeso, Atos, 19/1 ; 18) — Malta, Atos, 28/1 ; 19) — Roma, Atos, 28/14. Porque será que Roma quer ser maior do que Jerusalém e Samaria, os dois primeiros núcleos cristãos criados na Terra ? É porque os grego-romanos praticam o Evangelho às avessas, como fazem os profanos. Pelo menos as outras «religiões» não fazem assim.

IV. — Enquanto Israel liderava a difusão do Cristianismo pelo mundo antigo, tudo corria bem, os judeus eram sempre perseguidos e martirizados, mas o Judaismo e o Cristianismo eram conservados em sua pureza original, durante todo o primeiro século da era cristã. Mas Roma tinha o poderio, o Imperium político, militar e econômico do mundo antigo e tinha a liderança do mundo religioso do paganismo dominante, com o sacerdócio pagão e o imperador romano como seu Sumo Pontífice. O Cristianismo entrou em Roma pelas classes humildes até que atingiu o Imperador Romano Constantino I, o Grande, 274/327, da nossa era, que se converteu do Paganismo para o Cristianismo em 313. O Cristianismo até então era apolítico, mas agora se transforma em partido político dominante, oficial, e de perseguido se torna perseguidor, de vítima se faz algoz. Em vão o grande advogado romano, o cartagines Quintus Septimus Florens Tertulianus, 160/245, pregou o Cristianismo puro, original, fundado na Revelação Espiritual, então chamada Montanismo, dividindo êle a Bíblia tôda em Velho e Novo Testamento. Aurelio Agostinho, o africano, de 354/430, converteu-se do Paganismo ao Cristianismo em 381. Grande latinista, grande pensador para a sua época, filósofo e professor de retórica, iniciou a reforma do Cristianismo, vale dizer a paganização do Cristianismo, embora o combatesse, criando a Teologia, contra o Evangelho. Desde então o Cristianismo passa a chamar-se Igreja Católica Apostólica Romana, e os cristãos passam a chamar-se católicos, de discipulos passam a professôres ou padres, pais. Mas Jesus não foi padre, Maria não foi freira, João Batista não foi padre, João Evangelista não foi padre, nem Paulo e Pedro foram padres, nem padres foram os discípulos diretos do Divino Mestre. Então, Benito de Nurcia, funda a ordem dos Beneditinos em 529, em Monte Castelo, consagrando-se os beneditinos ao estudo clássico e trazendo até nós as obras pagãs por seus copistas, na Itália. A ordem dos Agostinianos foi fundada por Alexandre IV, na Itália, em 1.256, sendo seu primeiro mosteiro fundado em Veneza. Francisco de Assis, também na Itália, funda a Ordem dos Franciscanos, em 1.209, e Clara, a ordem feminina em 1.212, dedicando-se ao ensino e à caridade. Domingos de Gusmão, na França, em 1.215, funda a ordem Dominicana, os irmãos pregadores, consagra-se ao estudo da Teologia e dá ao mundo Alberto Magno e Thomaz de Aquino, e também a Inquisição e Torquemada. Os inquisidores na França eram chamados de jacobinos. O espanhól Ignácio de Loyola, funda a Companhia de Jesus, os Jesuitas, em 1.534, dedicando-se ao ensino e catolizando os índios brasileiros, com a colonização do Brasil.

V. — E assim desapareceu no mundo ocidental a Tanak, a emunah, a fidelidade ao Eterno e a Ioshua, mas nasceu a Igreja Católica Apostólica Romana sôbre os escombros do Paganismo romano semi-destruído, mas lutando desesperadamente para sobreviver. A palavra grega biblos, papiro, no singular, e Bíblia no plural, papiros, deu as nossas Bíblias, através do latim Bíblia. Só depois de São Jerônimo passou a Tanak a se chamar Bíblia, até então se chamava Vulgata, divulgação, publicação, em virtude do latim popular, o sermo vulgaris. A palavra grego-latina Bíblia, deu o português Bíblia, o espanhól Bíblia, o italiano Bíbia, o francês Bible, o inglês Bible, o alemão Bibel, internacionalizando-se. Bíblia, em tupi-guarani é Tupanêê, a palavra de Deus, nome que lhe deram os Jesuitas, com a colonização do Brasil, de 1.500 para cá.

VI. — Concluindo, perguntamos: Foram o Judaismo e o Cristianismo que converteram o Paganismo grego-romano ou foi o Paganismo grego-romano quem converteu o Judaismo e o Cristianismo ? A verdade é que o Judaismo e o Cristianismo que pregavam a confraternização dos homens e dos povos se transformou no ocidente em guerra de perseguição contra os mais fracos, de libertação se tornou escravização de consciências. E' o que se lê nas notícias pomposas da Imprensa sôbre a coroação do irmão romano Papa Paulo VI: «O Cardeal Primeiro Diacono põe a tiara no Papa dizendo: Receba a tiara de três corôas e saiba que tu serás o Santo Padre dos príncipes e dos reis e que sôbre a Terra tu serás dirigente do mundo, o vigário do Salvador a quem correspondem as honras e a glória pelos séculos dos séculos.» No entanto, há 1930 anos Jesus nos ensina através dos Evangelhos, segundo Mateus, 22/8-12: «Porém vós não vos façais chamar rabbi, porque um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos. Nem chameis pai a ninguém na Terra, porque um só é o vosso Pai que está nos Céus. O maior dentre vós seja vosso servidor, porque todo o que se exalta será humilhado e todo o que se humilha será exaltado.»

O Fato Espírita e a Igreja

Walthère Donnay

O Espiritismo repousa sôbre fatos controlados e o valor comprobatório de muitos dentre êles é tal que torna supérfluo qualquer comentário ou interpretação.

O fato espírita é um fato universal. É de todos os tempos, de todos os países e de todos os meios. Como um fato da natureza, êle se produz quando são reunidas condições necessárias à sua manifestação.

É a base de tôdas as religiões. A igreja Romana deve-lhe sua existência: ela nasceu da *ressurreição* de Cristo. Aliás, ela admite sua autenticidade; mas não o tem por um milagre.

Eis o que, a respeito, diz Max Marin, doutor em filosofia, em A ALMA HUMANA E A VIDA FUTURA, obra muito documentada, que recebeu o imprimatur em 28 de janeiro de 1929. O autor foi felicitado pelo Papa, como testemunha a carta do Cardeal Gasparri, datada de 28 de novembro de 1925.

«Embora o que digam os espíritas —escreve Max Marin —entre o mundo dos vivos e o dos mortos há um abismo infranqueável tanto para uns quanto para os outros. Mas, o que é impossível à alma separada do corpo não o é ao poder divino. O Criador pode, quando lhe apraz, levantar a barreira que separa os dois mundos; pode, quando julga útil, dar de novo à alma a possibilidade momentânea de agir sôbre a matéria, de formar um corpo para si e de o mover, e assim permite-lhe se manifestar e aparecer aos olhos dos homens.

«Mesmo se dando uma larga margem às ilusões, às alucinações, às falsas visões, às imposturas, resta, entretanto, um número de manifestações de mortos cuja rigorosa autenticidade se impõe e cuja negação sistemática equivaleria a negar a própria autoridade da história. Os testemunhos mais sérios e mais irrecusáveis, as provas materiais mais incontestáveis e por fim o sinete de milagre que muitas ostentam, tudo isso constitúe para êsses fatos a prova perfeita de sua realidade objetiva.» (págs. 236/237).

Em seguida o autor cita M. Benedetti, o arcebispo titular de Tiro,

«Sôbre essa questão, muito delicada, diz excelentemente êsse prelado, e pode-se dizer, também muito difícil, é preciso evitar-se dois obstáculos constituidos pela exageração de sentimentos e pelas opiniões contraditórias.

«Há os que, a priori, se contentam em dar de ombros, sorrir desdenhosamente diante das manifestações sensíveis do Além, e, negando, resolvem o caso... Êsses avançam muito na negação.

«Não, não é justo rejeitar sem exame o testemunho de pessoas respeitáveis, dignas de fé, cuja virtude, em alguns casos foi, publicamente, reconhecida pela Igreja. É preciso menos ainda negar a possibilidade da comunicação entre as almas da Igreja sofredora e nós que fazemos parte da Igreja militante; isso seria limitar o poder de Deus e estender os confins de nosso conhecimento, um pouco orgulhoso demais...

«Há outros, ao contrário, que são muito apressados; almas ávidas de encontrar o maravilhoso por tôda a parte e sempre, entregam-se a uma devoção um tanto doentia. Muito crédulas, querem ver em tôda a parte e em tudo, manifestações sobrenaturais, visões, revelações, etc... E isso é ainda um excesso que rebaixa a dignidade e a seriedade da sabedoria infinita, que equilibra e governa tudo com ordem, pêso e medida, e tudo dirige para o verdadeiro bem dos seus eleitos...

«Nem intemperança, nem fanatismo, nem frieza, porém respeito e circunspecção para com a gravidade de quem afirma e conta; diligência e verdade para quem estuda, pesquisa e relaciona.» (p. 238)

«Aparições de almas do Purgatório — diz M. Marin — aparições das almas danadas, tais são os dois gêneros de manifestações com que desejamos entreter nossos leitores, citando um certo número de fatos judiciosamente escolhidos, de cuja autenticidade não duvidamos pois que possuem evidência indiscutível. (p. 238)

Em seguida cita a opinião de um eminente teólogo:

«Essa espécie de aparições não é rara. Deus a permite para confôrto dessas almas que vêm excitar nossa compaixão e também para que compreendamos quão terríveis são os rigores da justiça contra faltas que reputamos leves...

«Os testemunhos, aliás, não são raros, mas super abundam na história dos Santos. Sempre a Igreja sofredora implorou sufrágios da Igreja da terra. Êsse comércio tristonho mas instrutivo é, para uma, fonte de consôlo, e, para a outra, poderosa excitação para a santidade.» (p. 238-239)

Propositalmente transcrevemos tanto da obra interessantíssima de Max Marin. Queremos demonstrar a grande analogia que existe em muitos aspectos entre as concepções da Igreja e as nossas.

Documentos comprobatórios da autenticidade de manifestações de ultratumba foram reunidos pelo R. P. Jouet, que fundou o Museu do Purgatório. Êsse museu se encontra em Roma, anexo à Igreja do Sagrado Coração, situada no Lungo Tevere Prati. Mgr. Benedetti é um velho cura dali.

Jouet fotografou os documentos que não pôde levar. Consistem, na maioria, em impressões de mãos de espíritos marcadas na madeira, em hábitos, livros e outros objetos. O autor de A ALMA HUMANA E SUA VIDA FUTURA informa que êsse museu tem produzido muitas conversões. Não duvidamos. Êle relata longamente comunicações de bem-aventurados e de almas sofredoras.

Umas e outras apresentam uma semelhança espantosa com as que recebemos ao curso das sessões. Espíritos sofredores que nos descrevem seus sofrimentos e nos pedem preces. Espíritos benfeitores que nos incitam a seguir os preceitos de Cristo, e que nos descrevem a grandeza e beleza da obra de Deus. São vivas e emocionantes lições de moral.

Eis o que pensa a respeito Leon Chevreuil, homem de Ciências francês, ardente, propagandista espírita e que tem uma de suas obras, NÃO SE MORRE, coroada pela Academia de Ciências:

«Critica-se ao Espiritismo a ausência de tôda a sanção moral. A sanção pelo contrário, é mais eficaz do que a crença ridícula do inferno; uma lei inflexível prende-nos às nossas afinidades; o egoista, não tendo contraído laços de simpatia, vive fora de tôda relação espiritual; pobre, miserável, êle erra na solidão e na obscuridade, *está fora da lei.*» (Revista Espírita, novembro-dezembro de 1962).

Mas, como seria de esperar, Max Marim se recusa a reconhecer tôda a autenticidade das comunicações espíritas. Faz sua, a tese metapsiquista.

«O pretenso espírito, diz, se comporta como o próprio médium, ou então parece refletir, exatamente, as idéias conscientes ou inconscientes das pessoas presentes.» (p. 357)

E cita R. Guenon: «As comunicações espíritas estão sempre em estreita relação com as idéias em curso no meio em que elas se elaboram; essa constatação apoia fortemente a tese que expusemos e segundo a qual a principal fonte real dessas «comunicações» se encontraria no subconsciente do médium ou dos assistentes.» (p. 357) O êrro espírita p. 136.

Cita também L. Roure: «Não há razão suficiente para fazer entrar em jogo um agente distinto do agente humano, para recorrer à intervenção dos espíritos». (p. 358, O Maravilhoso Espírita, p. 238.

Assim, não há espíritos nas sessões espíritas nem nos Laboratórios de Metapsíquica. A Igreja não o admite. É no seu seio, e apenas aí, que Deus permite às vezes que os espíritos se manifestem. Afirma que há uma barreira infranqueável entre o mundo das almas e o nosso; isto é, segundo ela, entre a Igreja sofredora e a Igreja militante, e só Deus pode levantar essa barreira.

Ora, como a Igreja Católica é a única ígreja de Deus, é evidente que só ela se beneficia dêsse favor.

Está bem aí o espírito de dominação de Roma, desejosa de governar os vivos e os mortos. Quanto a nós, que admitimos, com o Cristo, que «o espírito sopra para onde quer», pensamos que êle se manifesta mesmo onde quer, contanto que as condições necessárias sejam reunidas.

E isso pode se produzir tanto no curso das sessões espíritas quanto das pesquisas metapsíquicas, num templo, numa igreja ou num presbitério. E se «negar a possibilidade das comunicações entre as almas da Igreja sofredora e da Igreja militante seria opor limites ao poder de Deus» pensamos que limitar essas manifestações e êsse meio, é opôr limites à justiça e à misericórdia.

Ademais, essas manifestações já existiam bem antes da Igreja existir. A Bíblia está cheia delas. Tôdas as antigas religiões as mencionam. E a Igreja de Cristo, a verdadeira, a primitiva, a democrática e popular igreja dos apóstolos, aquêle onde o povo elegia os bispos, se comunicava abertamente com o invisível.

Os primeiros cristãos — diz Léon Denis — tinham no seu comércio com o mundo invisível uma fonte fecunda de inspiração. O Espiritismo nos reconduz às puras doutrinas cristãs, ao fundo mesmo do Evangelho. Êle torna mais compreensíveis, mais aceitáveis, os fenômenos de aparições e de materializações sôbre os quais o Cristianismo repousa todo inteiro.» (Cristianismo e Espiritismo).

Mas, de pouco em pouco, a Igreja rompeu todo o contacto permanente com o lado de lá, dando preferência àquele com os imperadores e reis. Não controla mais, agora, senão os fatos espontâneos. O bispo substituiu o profeta.

Ela desejaria impedir que êsse comércio continuasse por fora do seu círculo, porém nunca conseguiu isso, apesar dos seus julgamentos e condenações, anátemas e execuções em massa.

O espírito é inaprisionável.

Assim como o julgamento de Galileu não fez a terra parar de girar, ninguém impedirá os espíritas de se reunirem em centenas de milhares de grupos e os espíritos de aí se manifestarem, pois que ninguém pode prevalecer contra Deus e suas Leis.

(Transcrito de «Spiritualisme Moderne»)

A Importante Mediunidade de Nielsen

ADOLPH BOHM

OS médiuns podem fraudar? Eis aqui uma pergunta que todos aquêles que nunca assistiram a uma sessão costumam fazer. Tento responder a essa questão apelando simplesmente para o bom senso do leitor e me servindo do exemplo da mediunidade de Einer Nielsen.

Será possível enganar comissões inteiras, compostas de eminentes investigadores? De investigadores como, por exemplo, o grande psicólogo alemão Schrenck-Notzing, que testou o médium dinamarquês sem reservas, no ano de 1922? Entretanto êsse sábio confirmou a autenticidade dos fenômenos num processo-verbal que foi, além disso, assinado pela conhecida espiritualista francêsa Mme. Juliette Bisson.

E Schrenck-Notzing, que consagrou a Nielsen todo um capítulo de seu livro intitulado OS FENÔMENOS DA MEDIUNIDADE não foi o único investigador a se debruçar sôbre o caso dêsse médium. Mais tarde um outro estudioso alemão, o Dr. Hans Gerloff experimentou a Nielsen durante vários mêses e escreveu uma obra de 240 páginas, obra que foi amplamente lida em tôda a Alemanha federal.

Dez livros pelo menos, sem contar numerosos artigos, foram editados sôbre o médium. Um dêles, O CAMINHO ENTRE O CÉU E A TERRA, foi traduzido para cinco línguas. A eventualidade da fraude, pela cooperação de um companheiro foi inteiramente provada impossível. As portas eram aferrolhadas antes de cada sessão e a iluminação, embora modesta, apresentava uma visibilidade absoluta.

A possibilidade da instalação de aparelhos ou acessórios ocultos à vista dos espectadores é igualmente inadmissível pois que Nielsen fazia sessões de materialização em países estrangeiros tais como a Suécia, a Noruega, a Islândia e a Inglaterra.

Um investigador alemão, o Dr. Eric Petersen, de Flensburg, que acompanhou Nielsen no decorrer de 20 anos declarou: «A questão relativa à autenticidade dos fenômenos se torna supérflua.» Além disso, um médium poderia fraudar por meio século sem nunca ser desmascarado?

Documentos comprobatórios: Os negadores, à falta de melhor, dirão que as milhares de pessoas que assistiram às sessões de Nielsen ao curso de 50 anos foram simplesmente joguete de uma alucinação coletiva. Mas, o que dizer então das fotografias tomadas ao decorrer das sessões? A objetiva que fixou por duas vêzes Astrid, rainha dos belgas, era também auto-sugestionável?

Nielsen poderia ser rico: Há uma questão que muitos gostariam de ver passar em silêncio. É valiosa do ponto de vista humano e é determinante quando se trata de fazer uma opinião sôbre a integridade de um médium. Quero falar do preço cobrado aos espectadores para serem admitidos a uma sessão. Se disso se aproveitasse, Nielsen enriqueceria. Mas aquêle que se considera um benfeitor da humanidade não joga com ouro. Em seus últimos tempos Nielsen era obrigado a sub-locar uma peça de seu apartamento pois que a pequenina pensão destinada aos anciãos não o punha ao abrigo dos cuidados materiais.

A Igreja Católica se interessa por Nielsen: Dois pastôres e um padre católico defendem o Espiritismo. Não é um argumento novo e altamente significativo?

Êsses dois pastôres estão hoje no Mundo Espiritual. O padre católico, o professôr de Teologia Peter Hohenwarter é hoje um defensor da causa espírita. Conheço-o pssoalmeente. É um homem lúcido e franco que soube se libertar dos prejuizos hostis que a Igreja desde há muito opõe a uma ciência da qual poderia ser uma aliada.

O Professor Hohenwarter não hesita em pronunciar conferências diante do clero austríaco, sôbre os fenômenos magistrais que observou durante 8 anos junto de Nielsen. Era esperado com uma compreensível impaciência por seus confrades interessados, de cada vez que viajava para junto do médium, para tôda uma série de perguntas e questões. Hohenwarter viu meu irmão Gerard materializado na sessão de 10/4/61, quando o reencontramos, meus pais e eu, pela segunda vez. E relatou êsse episódio numa conferência pronunciada em Viena e que um periódico alemão VERBORGENE WELT (O Mundo Oculto) apresentou aos seus leitores em seu número de 15/7/61. Eis como, concernentemente a meu irmão Gerard, fala o eclesiástico:

— «Êle faz parte dos espíritos melhor materializados que já vi. Permaneceu além disso, um tempo relativamente longo entre nós. Andou para a esquerda e a direita, depois para a frente. Dirigia-se a seus pais e a seu irmão, e quando parou à minha direita foi-me possível ver seu rosto em condições quase tão distintas como se fôsse um sêr vivo. Não estava senão ligeiramente coberto por um véu particularmente fino. Vi-lhe o rosto a mais ou menos um metro; era um homem jovem com uma expressão pacífica e sorridente. Gerard mechia os olhos e balançava a cabeça. Eu via nitidamente sua boca, seu queixo, o nariz e os olhos. A parte superior da cabeça estava envolta por um véu branco. Mme. Bohm me declarou mais tarde que seu filho tinha de infcio, se dirigido a seu irmão e lhe tocara a fronte; então movera-se para o pai e depois para ela. Acariciara-lhe a face.

Caros irmãos, se me perguntardes como eu explico êsse acontecimento, confesso que me pegareis desprevenido. De onde vêm êsses fantasmas que não são absolutamente alucinações? Há duas teorias principais; a teoria animista e a teoria espírita... etc.»

A guisa de conclusão as palavras de Mme. Maja Pedersen, Catedrática da Escola Superior de Copenhague me parecem inteiramente indicadas. Refletem o pensamento de todos aquêles que tiveram o privilégio de assistir às sessões de Nielsen. Refletem também o pensamento de todos os espíritas do mundo. Eis o que disse, em seguida à última sessão de materializações dada pelo grande médium no dia 15 de maio de 1961:

— «Uma página acaba de ser virada... Muitos humanos encontraram, ao curso de meio século, alegria e consolação. Estas materializações representam, seguramente, a prova irrefutável de que a personalidade humana sobrevive à morte.

Desgraçadamente, a grande obra de Einer Nielsen não será tomado em consideração, em seu justo valor, pela Ciência, pois que, esta última, o que não deseja ver e conhecer, simplesmente evita.»

(Transcrito de «La Tribune Psychique»)

Serões Bíblicos - XII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo XII)

— Dêste modo (prosseguiu Chilon, fechando o livro) a evolução biológica do homem terminou às 24 horas da criação de todo o reino animal. Até aqui o homem ficou acabado como primata superior, o pré-homem macacóide. Depois destas 24 horas do dia sexto, entramos no sétimo dia geológico, estando nós dentro dêle *apenas 24 segundos*. Para que a evolução do reino animal chegasse aos vermes foram gastas 10 horas; já para a formação dos peixes bastou 5 horas; mais outras 5 foram transcorridas ao se criarem os batráquios, os répteis e as aves primitivas; em mais 3 horas os répteis se tornaram mamíferos placentários, e, transcorrida mais 1 hora geológica apenas, apareceu o pitecântropo. Fizeram-se completas, até aqui, as 24 horas do dia sexto. Agora vem o acabamento da obra biológica no dia sétimo, que abrange tôda a antropopaleontologia, pré-história e história, começando o homem com a descoberta do fogo e invenção do machado de silex, e terminando com os satélites artificiais e prenúncio de viagens interplanetárias... O quadrúpede equilibrou-se nas patas trazeiras libertando as mãos como instrumento de prender e segurar. A bôca, que tinha outrora esta função prênsil, atrofiou-se pela falta de uso, e arqueou-se a abóbada palatal como as curvas de um forno, possibilitando os movimentos da língua necessários à produção da fala. O cérebro, então, cresceu para a frente, avolumando-se na parte frontal, onde estão os comandos nervosos superiores responsáveis pelo pensamento abstrato e linguagem. E assim o homem se tornou místico, filósofo, artista, poeta, cientista e rei da vida em seu planêta. As mãos produziram o «homo faber» (Bergson), e a língua, o «homo loquens», e desde então o homem não parou de falar e de fabricar tudo... até a si mesmo, com guiar sua própria evolução! O «homo sapiens», pois, é um produto dos fatôres «homo loquens» e «homo faber». «A mão e a linguagem, eis a humanidade», escreveu Henri Berr (Fernando de Azevedo, Princípios de Sociologia, 63). E tudo isto aconteceu nos primeiros 24 segundos geológicos do dia sétimo!... O sétimo dia da Criação está apenas começando, relativamente à idade das eras anteriores, e Deus ainda está dando os últimos retoques à sua obra como diz o texto: E tendo Deus *acabado no dia sétimo* a obra que tinha feito, nêste mesmo dia descansou (Gên. 2, 2). Nós, por conseguinte, estamos vivendo a fração duma fase duma idade duma época dum período da era Quaternária.

Fazendo-se surprêso, interrogou Lumbaio :

— Como é essa divisão ? Não entendi bem...

— É que as eras se subdividem em períodos ; êstes, em épocas ; estas, em idades ; estas, em fases. A era Quaternária prossegue na atualidade, estando nós só no seu comêço com um tempo de apenas 500 mil anos, equivalentes aos 24 segundos do mostrador geológico. Nossa pré-história, conforme nô-lo mostra a arqueologia, não recúa alem de 20 mil anos no tempo ; e se 500 mil anos são 24 segundos. quantos segundos serão os 20 mil anos da pré-história até nossos dias ? A resposta dá apenas 96 centésimos de segundo para nossa história e pré-história. Quer dizer que a história da civilização não tem nem ao menos 1 segundo de existência, se o tempo se contar pelo relógio da geologia...

Sumamente admirado, redarguiu Lumbaio :

— Como pode ser isso ? tanto tempo e nenhum tempo ? Tanto tempo transcorrido e ainda é comêço ?

Chilon, no tempo que folhava outro livro, foi falando em tom peremptório :

— Não adianta velhaquear, meu caro ! Não conseguirá você escapar a êsse tronco ao qual o acorrentei. Meus argumentos são os resultados inexoráveis da ciência. Examine êste quadro inserto aqui no Vol. VI da «Enciclopédia Prática» Jackson, página 410. O depósito geológico correspondente à era Primária é de 30 mil metros de espessura, no passo que o da era Quaternária é de só 200 metros ; note bem : 30 mil e 200 ! Proporcionalmente, o tempo da era Primária é de *74 milhões e 500 mil anos*, enquanto que o da era Quaternária é de apenas *500 mil anos !* O tempo da civilização, em grosso, marcado no relógio da geologia, dá apenas um segundo. Durante êste segundo, o progresso, no que diz respeito à inteligência e à técnica, nos trouxe desde a descoberta do fogo e da invenção do machado de pedra, até à bomba atômica, foguetes teleguiados e satélites artificiais. Até aqui, nêste primeiro segundo do dia sétimo, foi o acabamento da obra divina ; agora Deus se descansará nêste dia sétimo, quando o homem fôr seu colaborador por trabalhar na sua própria santificação, auto-construindo-se como alma, burilando-se a si mesmo como espírito.

E levantando Chilon a cabeça, como a olhar o mar distante, prosseguiu, com a voz untada de emoção :

— Quando entrarmos no 25º segundo geológico, correspondente ao histórico 3.º milênio d. C., estaremos em nova fase, a do Espiritualismo. Os piores, então, serão alijados da Terra para orbes inferiores. Os bons ficarão nela, e ela passará de planêta de expiação que é, para planêta regenerador. Assim se cumprirá a profecia do Gênese, dada como coisa passada, por ter-se Moisés adiantado no tempo, em suas visões, pois para quem se adentra pelo futuro, o porvir fica passado !...

—Caramba !... disse Lumbaio. Até parece que estou aqui a ouvir um profeta bíblico ! Tem você na voz e no olhar aquela unção mística dos detentores da verdade ! Êsse tom emocional que eu sei fingir, parece-me que em você é verdadeiro ? ! Bobagem homem ! a mim não se convencerá... nem ao mundo ! Perdeu você todo o seu azeite ! Acorde homem ! eia ! enquanto é tempo ! Aproveite a mocidade... é gozar a vida !... Há muitas coisas proibidas por aí... vamos violá-las !... Veja que Tonhão Porcelo, aquêle feição de porco, perdeu seus cinqüenta mil cruzeiros por querer enriquecer-se mais ; mas foi só sua credulidade estulta que o impeliu para o laço que lhe armei. Assim é o mundo, desde os comêços, feito de espertos e de tolos ; e é da lei da natureza que as moscas vão parar nos palpos das aranhas !...

—Que ? Dir-me-ia então que a fé não vale nada ? retrucou Chilon.

—Digo-lhe que sim, vale... e muito ! você, Chilon, nem imagina o quanto me tem sido ela útil !...

—Deixe-se de ironia, Lumbaio ! Êsse risinho sardônico me faz sentir que você está zombando... Explique-se, logo, sem enígma !...

Lumbaio, bem humorado, acendendo um cigarro, continuou soltando fumaças com as palavras:

A fé é sugestão, e se opõe à persuasão que é ciência. Por isso, se alguém me cai no laço, e acredita piamente em meus poderes fictícios, já tudo o que lhe afirmo acontece. Se lhe digo que terá, na certa, dor de dentes, a dor vem logo; dou-lhe, então, um passe magnético, e a dor passa. Se lhe digo que há de ficar com as pernas emperradas, o tal já passa a caminhar como empalado; tanto que lhe digo, à moda do padre Gassner: — «cesset !», as pernas tornam-se normais. Se lhe digo que vai sarar de alguma dor, passa logo a dor. A fé dos outros me é utilíssima; não fosse ela, Tonhão não me cairia nas malhas. Cristo tinha sobejas razões para dizer que a fé transporta montanhas!... Eu que o diga... que tenho removido tantas delas na minha vida... com a fé alheia! Bendita sempre seja a santa ignorância e mais a fé dos parvos!... Cristo sabia disto, e por isto curava pela fé, os doentes da fé...

Crônica Estrangeira

CENTENÁRIO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS

Os espíritas podem agora começar, como reais pensadores e filantropos, a trabalhar nas verdadeiras raízes da sociedade.

Estas palavras foram pronunciadas há 100 anos, embora sua moderna aplicação, quando o movimento de jovens espíritas foi iniciado em New York, no dia 25 de janeiro de 1863. Pronunciou-as Andrew Jackson Davis, lider espírita americano nascido em 11 de agôsto de 1826, em Blooming Grove, Orange County, Estado de New York.

Propagandista e médium de extraordinárias faculdades, Davis fôra levado, em transporte, a um plano espiritual a que denominavam *Summerland* (País do Verão), onde vira, numa organização social maravilhosa, núcleos de jovens entregues ao labor espiritual.

Em confronto com o que viu, as escolas dominicais pareceram-lhe verdadeiras aberrações onde as crianças encarnadas aprendiam tôda uma série de idéias errôneas e perniciosas, capazes de torná-las limitadas e intolerantes, arruinando-lhes a vida. Numa palestra feita no Dodwarth's Hall, n.º 806, Broadway, New York, Davis narrou o que vira e estabeleceu comparações com o que existia na Terra. No mesmo dia foi iniciado o novo movimento, abrangendo os jovens de tôdas as idades, compreendendo o que, no Brasil, denominamos Cursos de Moral Evangélica e Mocidades Espíritas. O novo setor de trabalho foi denominado, em homenagem à antiga escola ateniense onde Aristóteles ensinava aos jovens, *Liceu,* e o movimento Liceumista. Daí para a frente a criança deveria aprender as verdades dêste mundo e do mundo espiritual mediante uma compreensão racional e não mais de conformidade com as rançosas prescrições da teologia. Davis dava, assim, um verdadeiro golpe de morte no dogma.

As reuniões continuariam sendo dominicais e nelas far-se-iam promoções em torno da verdade, do amor, da pureza, da beleza, da arte, da saúde, da ciência e da filosofia. Essa instrução, entretanto, deveria ser ministrada por quatro caminhos, fisicamente, por exercícios e diversões sadias; intelectualmente, pela leitura e o estudo; moralmente, pelo estudo da mente e o encorajamento ao aprofundamento de raciocínios; e, (êste o mais importante), espiritualmente. pelo exame das verdades centrais da vida.

Um dos lemas do movimento seria: *Vivemos para aprender e aprendemos para viver !* A Inglaterra foi o segundo país a acolher o movimento liceumista, levado por James Burns, editor de *Medium and Daybreak.* Êsse avanço nas ilhas foi feito pelas cidades de: Nothinghan, em junho de 1866 e Keiggley, em julho de 1870. Sowerby Bridge seguiu-as em outubro de 1884.

Andrew Jackson Davis foi uma espécie de João, o Batista, preparando os caminhos para a Terceira Revelação, já bem antes das Irmãs Fox e de Allan Kardec. Cabe-lhe, conforme nos informa a imprénsa espírita de língua inglêsa, o início do trabalho das Mocidades Espíritas no Mundo. Essa mesma imprensa adita entretanto, que o movimento entrou em declínio a partir de 1930, quando o número de núcleos foi diminuindo e os frequentadores se tornando mais e mais raros. Todavia, em YOURS FRATERNALLY e outras publicações, encontramos a jubilosa notícia de que os jovens espíritas na Inglaterra e U. S. A. se põem de pé. Em Londres foi mesmo fundado o Youg Spiritualists' Council, que tem quatro escôpos: a) Atrair os jovens para o movimento espírita; b) Responder às necessidades espirituais dos jovens; c) promover a filosofia do Espiritismo entre os jovens e d) Encorajar o mais possível o desenvolvimento da mediunidade. O novo movimento já tem um jornal, o *The youg spiritualist* por intermédio do qual os jovens espíritas inglêses, com Joan e Ray Collison à frente, fazem saber aos seus companheiros de ideal de todo mundo, que desejariam imensamente trocar correspondência com êles. O endereço é o seguinte: — YOUGS SPIRITUALISTS' COUNCIL, 99 Dollis Road, Finchley, London, N. 3, England.

* * *

ASTROS DO CINEMA RELATAM EXPERIÊNCIAS ESPÍRITAS

«*Voz Informativa*» é que obteve as seguintes narrativas:

JAMES CAGNEY: Minha espôsa e eu iamos de automóvel para São Francisco, há alguns anos. Tínhamos hora certa para chegar. Era tarde da noite e eu corria a 80 ou 85 por hora. Correndo a essa velocidade, sem nada mais em nossa mente a não ser o desejo de ser pontual e poder comer algo de quente, ouvi uma voz bem rente a meu ouvido, dizendo: — «Devagar, rapaz!» Tirei o pé do acelerador pensando, a princípio, que Billie, minha espôsa, estava imitando uma voz de homem e brincando comigo. Mas ao virar ela me perguntou: — «Ouviste também?» Cético respondi: — «Sim, ouvi, mas vou tornar a correr. Quando alcancei os 85, a voz se fez outra vez audível: «Vai devagar, rapaz!» Agora eu estava perplexo! Disse a Billie: — «Mas, essa voz é de papai!» Ela me respondeu: — «É o que também me parece!»

Diminuí a velocidade e um pouco adiante encontramos um *trailer* quebrado, atravessado no meio do caminho. Evidentemente acabara de se desprender de um carro. Vi-o a tempo e me detive. Mas se estivesse a 85, teria percorrido minha última milha para a Eternidade.

—

MARGARETH LINDSAY: Há alguns mêses fui para a casa e como não encontrei ninguém, decidi ir para a casa de umas amigas passar a noite. Sabia que, possìvelmente, também elas não estariam, porém estava segura de que as empregadas não teriam saído e, pelo menos, eu não ficaria a sós.

Puz minha roupa de dormir numa maleta e saí. Quando cheguei a meu destino, uma das empregadas me levou ao aposento dos hospedes e me deixou. Estava abrindo a maleta quando ouvi uma voz alta e clara que me dizia: — «Não fiques aqui esta noite!» Eu disse a mim mesma: — «Que bobagem!» Em tom mais alto a voz repetiu: — «Não fiques aqui esta noite!» Era demasiado. Fechei a maleta e, correndo escadas abaixo, abandonei a casa.

De volta a minha casa dormi profundamente até a manhã seguinte. Ao despertar ainda me ri dos meus temores. Mas quando abri o jornal foi para ler que a casa de minha amiga fôra roubada e que a empregada que dormira na cama de hóspedes fôra sèriamente golpeada e se encontrava às portas da morte!

—

OLÍVIA DE HAVILLAND: Há pouco mais de um ano me encontrava muito deprimida e resolvi caminhar a pé da casa de uma amiga, onde fôra para o chá, até minha casa. Conforme ia me aproximando da casa senti uma mão tomar-me o braço e ouvi uma voz que cantarolava uma marcha bem junto ao meu ouvido. Eu sabia quem era. E talvez porque me encontrasse tão cansada, aceitei sua presença sem olhar, sem perguntar, sem estranhar. Isso porque, embora êle estivesse no Norte, em nossa casa de Saratoga, freqüentemente vinha ver-me.

Devo ter pensado (se é que pensei alguma coisa!) que êle fôra a minha casa e que lhe tinham dito que eu saira. Vira-me chegar e viera ao meu encontro. Sem olhá-lo, sinceramente me alegrei porque estávamos juntos.

Caminhávamos e eu comecei a cantar com êle. Muitas vêzes tinhamos feito isso, pelos campos, cantando o *Pack up your troubles in your old kit bag*, (Empacote seus aborrecimentos no seu velho bornal). Quando cheguei à porta disse-lhe boa-noite e fui direitinho para a cama dormir.

Pela manhã, na mesa do café estava o jornal. Na página interior encontrei a notícia de que êle, aquêle bom companheiro, morrera na tarde anterior. Não posso explicar o que aconteceu. Apenas posso dizer que tenho a certeza de ter sentido sua mão em meu braço e que, juntos, cantamos aquela velha canção.

◆

ESPIRITISMO EM PORTO RICO

A título informativo e para dar uma idéia do clima de liberdade religiosa que impera nessa formosa ilha antilhana — Porto Rico — e o respeito que goza o Espiritismo por parte de sua população, vamos traduzir para nossos leitores, conforme se encontra transcrito em PROGRESSO ESPÍRITA, o Proclama exarado por um Alcaide no ensejo da Semana Espírita havida em Aguadilha em abril de 1961:

«Eu, José Acevedo Alvarez, Alcaide desta cidade de Aguadilha, Porto Rico, e de acôrdo com os poderes que me confere a Lei, proclamo a semana de 23 a 30 de abril de 1961, como a SEMANA ESPÍRITA e exorto todos os cidadãos desta cidade a unir-se ao esfôrço pelo melhoramento moral e espiritual que auspicia a Federação Espírita de Porto Rico, durante esta semana, em testemunho do que, firmo o presente proclama, assinando-o de meu punho e letra e estampando nêle o Sêlo dêste Departamento, hoje, dia 21 de abril de 1961.»

Êsse exemplo se repete em todos os Distritos, por ocasião dos atos de difusão e reafirmação espíritas aos quais as autoridades, dando um brilhante exemplo dos direitos extensivos a todos os credos, prestam reconhecimento e apôio.

◆

FAITH BALDWIN E A REENCARNAÇÃO

«*Two Worlds*» tece comentários em tôrno da célebre autora de romances mundialmente conhecidos e muitos transpostos para o cinema como: *Mavis of Green Hill, You cantt escape, Sleeping Beauty, The Juniper Tree,* entre outros. Pelos comentários, vê-se que a escritora, cujo nome em inglês quer dizer Fé, é de família metodista e queiquer. Ela, porém, era agnóstica. Assim, quando seu marido morreu em 1953, Mrs. Baldwin não pôde encontrar consôlo nas religiões ortodóxas e menos ainda em sua incredulidade. Foi nêsse tempo que ficou conhecendo e se fez grande amiga do famoso médium Raymond Burns, de Stanford, Connecticut, USA, que a orientou através do Espiritismo. A certa altura do artigo diz a escritora:

— Muitos dos espíritas inglêses e mesmo o redator de *Two Worlds* não creêm na reencarnação. Eu creio, e me parece que essa é a única explicação racional para muitos fatos que, de outra forma, seriam absurdos.

Vê-se pois, que, de pouco em pouco, a verdade reencarnatória triunfa e é afirmada categórica e desassombradamente mesmo em órgãos que lhe são infensos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Espiritismo no Brasil

II ENCONTRO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DA GUANABARA

Conforme noticiamos realizou-se no Estado da Guanabara, de 4 a 8 de setembro último o II Encontro das Mocidades Espíritas, contando com delegações do Pará, Recife, Salvador, Minas, Espírito Santo, São Paulo, Estado do Rio, Curitiba, Florianópolis e Rio G. do Sul.

Eis as conclusões finais do referido conclave das Mocidades Espíritas do Brasil :

Os Moços Espíritas presentes ao II Encontro de Mocidades Espíritas do Estado da Guanabara, aprovam os seguintes princípios que irão pôr em prática nas instituições a que pertencem nos seus respectivos Estados :

1.º — Intensificar e disseminar o estudo do Espiritismo, de acôrdo com os ensinamentos contidos nas obras básicas da Codificação de Allan Kardec, com a prevalência de O Livro dos Espíritos, de O Livro dos Médiuns, e dos demais, para se chegar ao supremo objetivo da reforma moral do homem ;

2.º — Trabalhar pela preservação da Unidade e Universalidade da Doutrina dos Espíritos, a fim de não permitir que ela seja confundida com outras formas de pensamento ;

3.º — Fundar, manter e aperfeiçoar Escolas de Espiritismo para a Infância, de conformidade com o método recomendado por departamentos infantís de entidades representativas, a exemplo da Liga Espírita do Estado da Guanabara ;

4.º — Difundir o pensamento espírita e as soluções que a Doutrina aponta para os problemas sociais, visando preservar os moços de atitudes extremadas, que levam aos excessos e às paixões ;

5.º—Esforçar-se para que os orientadores ou mentôres de Mocidades sejam sempre escolhidos dentre aquêles confrades que possuam maior tirocínio doutrinário, aliado a outros graus de cultura pedagógica ou geral ;

6.º — Iniciar o moço no conhecimento da Liberdade propiciada pela Doutrina Espírita, conduzindo-o ao encontro da sua vocação, orientando-o nos problemas reais da vida, sem preconceitos de qualquer natureza. Para o alcance dêsse objetivo, as Mocidades não devem prescindir das práticas desportivas e recreativas (excursões, desportos, piqueniques e outras diversões sadias próprias da idade) ;

7.º — Estimular os moços à observância de métodos renovadores na difusão da Doutrina Espírita, seja na prática mediúnica, seja na pregação doutrinária e na propaganda por todos os meios de divulgação, convindo, para tanto, dentro das possibilidades, frequentar cursos de oratória e de aprimoramento cultural nos diferentes campos vocacionais ;

8.º — Colaborar com os Centros em que funcionam, para que seja cada vez maior a assistência às reuniões de estudo do Espiritismo, evitando os conceitos generalizados que procuram justificar as deficiências de comparecimento e aproveitamento das lições ministradas. Para isto, as Mocidades deverão integrar-se mais e mais nas atividades dos Centros, planejando com os seus diretores programas atraentes de trabalho ;

9.º — Empenhar-se para que o estudo da Doutrina Espírita seja conduzido em alto nível, objetivando alcançar sua integração nos currículos universitários, tendo em vista os caminhos abertos pela moderna Parapsicologia ;

10.º — Dedicar parte de sua atividade á Assistsncia Social, sem contudo esquecer o objetivo capital do Espíritismo, que é o de erradicar a miséria da face da Terra, através da educação moral e intelectual das criaturas, humanizando-as e conduzindo-as à vivência solidária e fraternal, que emana dos ensinamentos do Cristo, interpretados à luz da Doutrina dos Espíritos.

Como Conclusão Especial, os integrantes dêste vitorioso II Encontro de Mocidades Espíritas recomendam a tôdas as delegações presentes trabalhar no sentido da realização, o mais breve possível, do Segundo Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, envidando todos os esforços para a concentração do maior número de adesões em todo o país. Para a consecução dêsse ideal, as Mocidades aqui representadas encarregam a Comissão Patrocinadora dêste II Encontro de elaborar os planos e promover os entendimentos necessários ao fim em vista. A exemplo de procedimentos anteriores, a referida Comissão consultará, desta vez por escrito, as entidades espíritas representativas sôbre se desejam patrocinar ou integrar-se no movimento. Na primeira hipótese, os membros da Comissão Patrocinadora do II Encontro apoiarão a iniciativa. Na segunda hipótese, a Comissão liderará o movimento e entrará imediatamente em contato com as Mocidades nos Estados, dado que a realização do Segundo Congresso é considerada uma necessidade premente, tendo em vista os superiores objetivos na difusão do Espiritismo.

Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, 7 de setembro de 1963.

Dois Aniversários

No dia 17 de setembro próximo passado, a Mocidade Espírita Cairbar Schutel completou mais um ano de profícua atividade; e, no dia 22 do mesmo mês, transcorreu mais um aniversário natalício do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel, patrono de referida Mocidade.

Lembrando essas duas datas, os diretores da Mocidade Espírita Cairbar Schutel levaram a efeito, dia 21, sábado, no salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» uma agradável reunião, com início às 20 horas.

A palestra doutrinária dessa noite esteve a cargo do nosso companheiro de Araraquara, snr. Orlando Bertachini, especialmente convidado para êsse fim, que, com grande felicidade discorreu pelo espaço de duas horas, esplanando, com clareza, diversos trechos do Evangelho, agradando, sobremaneira, a todos aquêles que lá compareceram para ouvi-lo.

No dia seguinte, 22, domingo, às 14 horas, deu-se a inauguração da Biblioteca no Lar Infantil Cairbar Schutel, tendo cortado a fita simbólica do ato inaugural, o nosso companheiro José da Cunha, diretor de O Clarim e da Revista I. do Espiritismo. Às 15 horas, no galpão do Lar, pronunciou substanciosa conferência o renomado orador espírita, sr. Romeu Grisi, da cidade de Votuporanga.

Assim, mais uma vez, os aniversários da Mocidade Espírita Cairbar Schutel e de seu patrono, Cairbar Schutel, transcorridos nos dias 17 e 22 de setembro, respectivamente, foram lembrados e comemorados.

História do Espiritismo em Itapeva

Na falta de um histórico do Espiritismo em terras paulistas, apresentamos sucintamente umas notas sôbre o aparecimento da doutrina em Itapeva, pois cremos ser um dos mais antigos do Estado.

Nesta cidade sulina, ex-Faxina, fundou-se em 25/5/1890 o Centro Espírita Progresso e Caridade, pelo dr. Antonio Fernandes de Freitas, e em 11/4/1898, na substituição daquêle, o Centro Espírita Allan Kardec, situado ainda hoje na Rua Rui Barbosa 274, sendo fundadores: Luiz de Camargo, Leocádia de Mello Pimentel, Ernesto de Camargo e outras pessoas da família itapevense. O referido Centro contou com o trabalho de denodados médiuns e propagandistas como Batuira, Pitta, prof. Eloi Lacerda. Em 1930, o confrade Achiles Amaral Camargo, fundou o tabloide «A Luz», que durou até 1939. Os últimos presidentes do Centro foram: Ernesto de Camargo (1905-1934), Leocádia M. Pimentel (1934 1938), Edith Piedade (1938-1943), Salvador B. de Mello (1943), os quais se caracterizaram pelo ensino da doutrina kardecista. Em 17/2/1952 fundou-se a Mocidade Espírita local, e em 9/4/1955, o Albergue Noturno, em prédio especial. Atualmente a cidade conta com outros núcleos, como o Centro Espírita Natal de Jesus, Amor e Caridade, o que motivou a formação da União Municipal Espírita local, com o apôio da USE. Malgrado a incompreensão de alguns espíritas para o ideal de unificação, a semente foi lá lançada, esperando terreno propício para o desenvolvimento, fato que sóe acontecer, no comêço, à maioria das cidades.

Agradecemos as informações dadas pelo companheiro Atila Bonilha Netto, da Mocidade local, e esperamos que em breve realizem, pelo menos uma Semana Espírita Regional, com o apôio das cidades vizinhas: Itararé, Buri, etc.

Cícero Pimentel

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 800,00

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 180,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr. $ 500,00 ; Brochura cr.$ 200,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 150,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.$ 150,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.$ 50,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos
pelo Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.° 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$ 600,00

Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3910unse

XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de novembro de 1963 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

LAP

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINC

SUMÁRIO

Não revelam cultura Moral e Intectual os que acusam o Espiritismo de fraude . . . . *Redação*
Observações de uma Crônica . . . *Carlos Imbassahy*
Tese Materialista Apoiada em Base Falsa . . . . *V. O. Casella*
Shalders atingiu cem anos como um espírita convicto . . . . . . *Irmão Saulo*
Ainda Escola Pública . . . . . *Major Mac Maynard*
Ainda o Caso Edgar Cayce (II) . *Francisco Klörs Werneck*
Reencarnação . . . . *Dr. Carl Müller*
Proposta de Pietro Ubaldi Ao Congresso Panamericano . . . . . *Irmão Saulo*
Recordar é Mesmo Viver . . . . *Domério de Oliveira*
Serões Bíblicos — XII . . . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Natal dos Pobres

PREZADO CONFRADE
PAZ EM JESUS

Estamos nos aproximando da mais significativa data que o nosso calendário assinala — 25 de Dezembro, — dia êsse que lembra o natalício de Jesus, — o nosso querido Mestre e Senhor.

Assim, como vem acontecendo desde há muitos anos, também neste, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, — d'Aquêle que «era o mais humilde dentre os humildes»; d'Aquêle que disse — «quem der a um dêstes pobresinhos é a mim a quem dá», — por intermédio da comissão abaixo, promoverá o «NATAL DOS POBRES» distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, dádivas essas que poderão ser em dinheiro, mantimentos, roupas e calçados, mesmo usados, pelo que, desde já agradece, pela atenção que lhe for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscreve-se,

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Lecticia M. Olson
Isabel Perche Camargo
Dirce Barbosa Mariani
Eliza Vanucci Machado
Luiza Pedro Gonçalves
Joana Pedro Damasio
Ana Alves Pedro
Manoela Torres Coelho
Urica Benassi da Cunha
Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Carmen Torres
Juraci Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barbosa
Silvia Lucia Urban
Evani Maria Damásio
Cândida Gonçalves
Alice Coelho

Matão — Outubro de 1963.

Nosso Representante em viagem

Comunicamos aos prezados assinantes da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim» que, a serviço dessas nossas publicações está percorrendo a Zona Noroeste, de Bauru a Três Lagôas, o nosso esforçado representante-viajante, sr. Dante Ferioli, que visitará os nossos assinantes residentes nas cidades compreendidas nessa zona, aos quais solicitamos dispensar boa acolhida ao nosso representante, facilitando assim o seu árduo trabalho a pról do engrandecimento, cada vez maior, da nossa Doutrina. — A REDAÇÃO.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1963 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

NÃO REVELAM CULTURAS MORAL E INTELECTUAL OS QUE ACUSAM O ESPIRITISMO DE FRAUDE

GERALMENTE, é comum entre opositores do Espiritismo, ao se verem impotentes para negar a nossa tese doutrinária, diante das nossas demolidoras provas de laboratório, atribuirem, como último recurso, aos fenômenos espíritas, como exclusivo fruto de fraudes.

Não há dúvida, se o propósito de fraudar é falsificar as verdades, para se obter ganhos por meios ilícitos, o Espiritismo como verdade que é, também não poderia deixar de ser vítima dessas explorações, por parte de indivíduos inescrupulosos; de cujos falsificadores nós da doutrina também nos queixamos.

Contudo, se a fraude objetiva lucros, não se concebendo outra sua finalidade a não ser essa, será insensato imputá-la ao Espiritismo, onde tudo é de graça, no que será fácil não se confundir as verdades dêste com as falsidades daquela, a exemplo das legítimas e falsas moedas, que só no tinir fàcilmente se reconhece quais as boas e as más. E a fraude, sendo de uso entre indivíduos sem idoneidade moral, é abuso de linguagem atribuí-la ao Espiritismo, onde se estuda uma doutrina moralmente cristã, entre cujos adeptos há uma nobre classe de intelectuais. E mais ridícula se torna a acusação de fraude, quando dirigida a célebres cientistas, pelo motivo de comprovarem nos laboratórios o fato espírita, como se homens honrados, como Flammarion, Crookes e outros, pudessem emparelhar-se com a classe deshonesta dos fraudadores.

Ora, se homens de ciência, cultuadores da verdade, mostram-se favoráveis à tese espírita, tais testemunhos, muito pelo contrário, já seria uma razão para não se acreditar em fraude. Atribuir a dignos sábios qualidade de fraudadores é um insulto à nobre ciência, cuja atitude ofensiva sòmente poderá vir por parte de opositôres, ainda não suficientemente compenetrados dos bons preceitos das culturas moral e intelectiva, no que lamentamos a franqueza, mas essa é a verdade, que depõe contra essa classe de opositôres do Espiritismo.

Observações de uma Crônica

Que me permita o Silva principiar por uma frase de Camilo Castelo Branco: — «E' nosso intento responder à incredulidade que argumenta. Há uma incredulidade irrespondível: é a que não contende.»

Aliás, não se trata de uma contenda: é uma palestra com ligeira pinta de catequese, embora me falte a mim a habilidade de catequista e ao Silva o jeito de catecúmeno.

Quando foi de uma resposta minha ao dr. Silva Melo, citei o valor que êle dava ao pronome como elemento probante. E escrevia:

«Quem quiser um vasto repositório de inverdades, baboseiras, frivolidades, invenções ridículas, confissões inverossímeis, auto-acusações, burlas imaginárias, é só pegar o livro do Doutor: há ali uns indivíduos que vieram dizer que os médiuns trapaceavam sem se saber que idoneidade tinham; outros relatam confissões de médiuns feitas a êles, ali ao ouvido, às vêzes quando o médium expirava e não podia desmenti-los; outros, não se sabe porque, substituiam-se ao sacerdote, nessas confissões; as confissões em regra só estouram depois da morte do mistificador; outros imitam o que os médiuns fizeram e dizem como a coisa foi feita. Outros... Nem sempre há outros. São umas acusações imprecisas, vagas, onde não aparece ninguém, onde não se vê o nome do acusador...»

Os nomes às vêzes aparecem. Mas quando se fala numa extensa plêiade de doutos e experimentadores, conhecidos em todos os ramos da ciência e das atividades, os negativistas apresentam-nos uns ilustres desconhecidos, muitos com pseudônimos, e outros inteiramente apagados na turba anônima: não se sabe quem são, que valor têm, que provas trazem, quem lhes assegura a probidade: pois são êstes que destroem aquêles.

Remeti ao meu colega soracabano o livro com que respondi ao céptico Dr. Melo. Espero que êle lhe diga o que não posso dizer nesta pequena coluna.

Daclarava o nosso bom amigo que os metapsiquistas são unânimes em reconhecer que foram constatadas fraudes nas experiências em médiuns de renome. Uma das provas contra as experiências do sábio britanico, que entremostram, foi a declaração de Home, em artigo de morte, a de que êle sempre fraudara, e «isto tem grande importância, sabendo-se que foi um médium no qual o grande Crookes nunca encontrou um minimum de mistificação.»

Não foi bem aquilo que disse o confessor do confitente, mas que êste declarara jamais ter lidado com Espíritos. Mas passemos.

Se todos os metapsiquistas reconhecem a existência de fraudes, o que êles nunca reconheceram foi a prova ou mesmo qualquer vislumbre de autenticidade, naquela «confissão» de Home.

Já tratei dessa «confissão» no livro em que respondia ao Dr. Silva Melo. O «confessor» era um cidadão useiro e vezeiro nessas tramas, que vivia a espreitar fraudes onde não existiam, que mudava de nomes conforme a situação, que tinha títulos falsos. Ora era Leo Taxil, ora o Dr. Felipe Davis. Descobrira certa vez que Home, numa sessão, em Paris, levou o pé à cara do Imperador ou da Imperatriz; e essa fraude, êsse desrespeito, êsse sacrilégio não lhe custou nada, e até mais tarde, a Imperatriz lhe envia um cartão amável, esquecida de que o pé do tratante andara pelos rostos imperiais.

Home tinha êspôsa; morreu com a consorte ao lado, rodeado de amigos, parentes e admiradores. Nunca dissera a ninguém que era patife. Como estaria Leo Taxil ou Felipe Davis, naquele instante, ao pé do leito mortuário, a recolher a confissão, de que ninguém foi testemunha, de que nunca se soube nada, fora de sua estupenda revelação? E que credenciais tinha Taxil para transformar-se em padre confessor?

Ora, tôda a vida de Home foi a mais completa contradita a semelhante confissão, essa misteriosa confissão *in extremis*. As experiências do sábio revestiram-se do rigor científico que os entendidos conhecem; descreveu êle o que se passou, com as respectivas pesagens, registros, técnicos, observadores, testemunhas e a maquinaria de que se serviu. Nisto surge um Taxil e declara-se o confidente, sem que ninguém o percebesse. E nessa confissão, de que ninguém soube, impraticável, impossível, é que assenta a convicção negativista.

Também com a Srta. Cook o mesmo fenômeno: empalidecem as experiências, desde que alguém, não importa a sua inidoneidade, alegue a existência de fraude. Já se sabe o que eram, e o valor que tinham: um tal agarrou o fantasma e declarou que agarrara a médium, embora o fantasma se lhe desfizesse nas mãos e se ouvisse o grito doloroso da vítima no seu gabinete; outro tal vem dizer que apanhara em fraude uma Sra. Corner, o que nunca se tirou a limpo, nem houve testemunhos, nem se veio a saber quem era esta Sra. Corner, entre as várias senhoras Corners que existiam na Inglaterra, uma das quais se dizia médium. Pois tôda essa nebulosidade é que destrói o granito das experiências do genial físico inglês.

* * *

Há uma observação digna de relêvo por parte do nosso patrício. a de que «seus amigos acreditavam na existência de Espíritos, mas nenhum dêles, exceção dos espíritas, já teve experiência especial de caso metapsíquico.»

É impossível qualquer ilação, circunscrito o pensador ao estreito limite de suas relações pessoais. A demonstração da existência do Espírito tem sido realizada inúmeras vêzes, por pessoas espíritas e não espíritas. Em regra, o que torna o indivíduo espírita é a prova que teve, é a sua experiência.

É êrro declarar-se: — Fulano viu Espíritos e nêles crê porque é espírita. Isto seria desconhecer que o indivíduo, porque viu Espíritos ou comprovou a sua existência, é que nêles crê, e que é espírita. Tout à fait au contraire.

Outra frase interessante:

«Se os desencarnados vivem por aí jogando buzo, não seria esperar muito que sua aparição através do chamado perispírito fôsse uma constante da vida dos povos.»

E é. A dificuldade está em que a aparição só pode ser percebida pelos médiuns, e êles não andam jogando buzo. De sorte que, por mais que os desencarnados joguem o dito, só aos médiuns é dado verificar o jôgo. Daí a impossibilidade da generalização. Como porém existem médiuns e sempre existiram, todos os povos têm e tiveram conhecimento dessas aparições, através ou não do perispírito. Leia-se Lombroso:

«O fato de que, em todos os tempos e em todos os povos tem estado sempre viva a crença de algo invisível que sobrevive à morte do corpo e que, sob a influência de condições especiais, pode manifestar-se aos nossos sentidos, inclina-nos a aceitar a hipótese espírita.» (Fenomeni Ipnotici e Spiritici).

Já também nos dizia José Lapponi, médico insuspeito, porque «archiatro della Santità di Leone XIII e di Pio X, professore di Antropologia Applicada nell Academia Romana»:

«L'Ipnotismo e lo Spiritismo fin dalla più remota antichità sono stati, sempre più o meno note quasi a tuti i popoli della terra.»

Se desde a mais remota antiguidade, o Espírito tem sido mais ou menos notado em quase todos os povos da Terra, não há dúvida que o buzo não tem passado despercebido. Pode ser que em Sorocaba os videntes se acautelem e não dêem à lingua, mas bastou que na Inglaterra, Gurney, Myers e Podmore levantassem um inquérito, para aparecerem centenas de pessoas que viram desencorporados e desencarnados jogando o buzo, e no de Flammarion os depoentes andaram por onze mil. Era buzo de tontear!

* * *

Como eu mandasse ao jornalista um trabalho meu, honrou-me êle com palavras generosas, mas «os casos» não o comoveram «porque houve um caso falso lá pelas bandas de Aracaju», em tempos idos, o qual muito reboou em Sorocaba. E se houve falsidade no caso aracajuense, não há mais acreditar em caso algum, por mais probante e provado que seja. Aracaju matou a fenomenologia. Falhou em Aracaju, está pois o mundo inteiro comprometido.

Não podemos voltar aos tempos de Crookes, pensa o amigo. Logo...

Não podemos também voltar a

Pasteur e a Galileu. Mas tôda a gente sabe que a Terra se move, que os micróbios andam aí. E assim como a Terra não parou, nem os micróbios morreram, os fantasmas não sumiram. Não é preciso voltar a Crookes para vê-los ou ouvi-los. E é pena que a notícia dêles não chegasse à bela paragem do interior paulista.

Outro equívoco, e o vemos muito repetido, é o de que «nada vale contar casos», «mas fazer prova atual e permanente que não dependa de testemunho, mas de verificação».

Pelo visto e lido de nada valerão aos médicos as comunicações dos seus casos clínicos levadas às Academias, às Sociedades, aos centros científicos, desde que êles não podem trazer doentes para a verificação, mormente se já morreram.

Não há como convencer da existência de estrêlas cadentes, auroras boreiais, meteoros, chuvas de gafanhotos, trombas dagua e quaisquer outros fenômenos, onde não seja possível agarrá-los e levá-los às multidões, bradando-lhes: — Tomem, olhem... Pegue-os, apalpe-os... — Não sendo possível conduzir a São Paulo os aerólitos, temos como inútil que milhares de pessoas os vissem.

A Ciência depende de verificação, declara o hábil opositor. Nunca, porém, nenhum douto apresentou fenômeno que não fôsse verificado e verificável. Quando apresentam os casos é para que se veja que os verificaram. Referir-se alguém a um fato de cunho científico que ninguém verificou seria um disparate.

Para finalizar, mais uma assertiva comum: a de que o sábio pode ser competente em sua especialidade, mas nem por isso deve merecer fé quando se trata de especialidade alheia.

Esquecem-se os doutos amigos que os sábios, os quais, por vários anos, estudaram as Ciências Psíquicas, especializaram-se nessas Ciências, tal como se haviam especializado em qualquer outra. É o estudo prolongado, a observação diuturna, a familiaridade com o fenômeno, constantemente sob as vistas; é o conhecimento em outras disciplinas que o habituam e habilitam a pronunciar-se com segurança naquela, que tantas relações e pontos de contacto têm com as demais. Além disso, êle traz para o novo campo, o hábito da pesquisa, o acurado da observação, e prática da experiência, o escrúpulo na investigação, o descortino científico, a calma, a imparcialidade, a honestidade. Socorre-se dos processos e métodos empregados em outras atividades, tem o espírito alerta, a suspicácia constante. Habituado aos insucessos e dificuldades, é um desconfiado; norteia-o o amor da verdade e jamais é tomado por paixão sectária. Pelo seu valor intelectual e moral, pela sua insuspeição, pelo nenhum lucro que aufere, nem vantagens que adquire, pela respeitabilidade do nome, pela responsabilidade das funções, pela garantia do passado, é natural que o invoquemos quando se trata de autenticar o fato.

Além disso, cumpre salientar que êle não se limita a fazer afirmativas, muitas vêzes desprovidas de provas e de senso, como os descobridores de fraudes e arrancadores de confissões, mas procede nêsse ramo do Psiquismo, como nos demais ramos da Ciência; êle nos traz a demonstração do que nos assegura, deixando claros os meios que usou, as precauções que alvitrou, os aparelhos que utilizou, os testemunhos de que se cercou, e enfim o resultado a que chegou. Antes têm como princípio o de que quanto menos de acreditar seja uma tese, tanto mais de preceito é que se imponha a sua demonstração.

É muito diferente, portanto, do quadro pintado pelos nossos irmãos descrentes. A justificativa de que um sábio não sabe, ou de que se deixa iludir, ou que é canhestro na empreitada, é uma sacadilha que só ilude o preopinante, certo ainda de que lida com a **docta ignoranti** da Idade Média.

Carlos Imbassahy

Todos os males tornam-se pequenos diante do supremo bem de se sentir digno de si mesmo. – *José Ingenieros*

Tese Materialista Apoiada Em Base Falsa

Se bem que as pesquisas das ondas elétricas do cérebro levaram os pesquisadores afirmá-las de natureza «cerebral», não faltaram falsas interpretações, julgando-as de natureza «mental».

Vulgarmente, não se perceberia diferenças entre êsses dois conceitos, mas cientìficamente a desigualdade revela-se, sendo um material e outro psíquico. E dêsse êrro de interpretação surgiram argumentos anti-espiritualistas, com tese apoiada nessa base falsa, como passaremos a ver.

O cérebro humano, conforme revela o aparelho ultra-sensível de Cazzamalli, o eletroencefalograma, irradia ondas elétricas, cujo ritmo, normalmente, mantém-se dentro de determinada frequência aproximada, entre uns e outros indivíduos. Se tais radiações fossem produtos do pensamento, como seria pela tese materialista, elas estariam na dependência do ato de pensar. Alterando-se êste refletiria-se naquelas, já que aquelas seriam atividades dêste. Entretanto, ao contrário disso, o pensamento pode variar quanto desejar um paciente, no momento de achar-se submetido ao exame do eletroencefalograma, que a frequência das suas ondulações elétricas do cérebro não se modifica, com essas variações do seu ato psíquico de pensar. No entanto, basta existir uma perturbação orgânica estrutural, desequilibrando o trabalho físico-químico das células do cérebro, para que a sua frequência ondulatória desvie-se fora do ritmo normal, independente de qual seja o modo de pensar do indivíduo sob observação.

Logo, uma causa psíquica, como seja o ato de pensar, não tendo influência na atividade das ondas elêtricas cerebrais, esta neutralidade vem desmentir essa pretendida tese materialista, de que tais radiações do cérebro seriam pensamentos materializados.

Contudo, vamos aos exemplos.

Um indivíduo, dentro da sua atividade mentalmente normal, poderá estar com o ritmo das suas ondulações elétricas do cérebro fora da normalidade do hábito. Para tanto, basta que haja uma causa de ordem estrutural no seu organismo, para surgir a perturbação. Assim, se houver um desequíbrio na circulação ou composição do sangue (um exemplo é a baíxa ou elevada presença de gás carbônico na corrente sanguínea), as células cerebrais ressentem-se na sua atividade normal, ativando para mais ou para menos a sua função celular, refletindo o desajuste na exterioridade das suas ondulacões elétricas, pelas oscilações da frequência registrada pelo eletroencefalograma. Diante disso, a causa desta perturbação revela-se na anormalidade orgânica do sangue. Neste caso, se a atividade elétrica cerebral fôsse produto do pensamento, como querem os materialistas, seria de se perguntar se o sangue também elabora pensamentos, para que influisse nas ondulações cerebrais.

Também, a presença de tumores no cérebro, fendendo ali as células, altera o ritmo das ondulações. O mesmo se diz de uma epilepsia orgânica latente, em que o indivíduo sòmente se daria pelo fato, antes da eclosão, quando submetido ao exame do eletroencefalograma. que vem revelar pelas alterações das ondulações elétricas do seu cérebro, a doença ali oculta, embora o pensamento do paciente se revelasse normal.

Como vemos, se na realidade essas ondulações cerebrais fôssem atos psíquicos, de pensamentos exteriorizando-se em materialidade, conforme a argumentação materialista, então as alterações dessas ondas elétricas seriam de acompanhar as variações das idéias do ato de pensar, e não as perturbações de outra ordem, a orgânica estrutural. Onde então está a lógica da tese materialista, acusando as duas coisas, pensamento e atividade elétrica do cérebro, dentro de um só conceito, quando as provas revelam a distinção entre os dois casos? Essa diferença é tão clara que sòmente êsses exemplos vulgares já seriam suficientes, para jogar por terra êsse propósito materialista. Entretanto, para anular essa pretensão do Materialismo, bastaria apenas o devido respeito, à palavra autorizada dos sábios, como seja a de Berger e Adrian, que mais se dedicaram nessas pesquisas, quando declararam que — as ondas observadas são na realidade ondas cerebrais, e não de pensamento. — (Mistérios da ciência, de A. W. Haslett, pág. 214).

Embora a fragilidade dêsse conceito materialista, aí abatido de uma forma tão simples, já não mais estaria exigindo-nos outras argumentações, vamos ainda prosseguir, passando para o terreno científico, dos limites intra-celular.

Iniciemos lembrando que os átomos, elementos básicos de tôda arquitetura material do Universo, são formados de um sistema de partículas, de natureza elétrica. A ordem dessas partículas no sistema atômico, faz com que os átomos, com certas posições instáveis dos seus elétrons que percorrem a órbita eletrônica exterior, apresentem afinidades para se atrair a outros átomos, de cuja união originam-se as moléculas, as quais constituem a base das substâncias dos três reinos planetários. Essa união de átomos, uns com os outros, dando-se por atrações eletrônicas, explica-se pela razão de ser de natureza elétrica, tôda a matéria do Universo. E assim como os átomos juntam-se entre si para formar as moléculas, também estas podem se juntar umas com as outras, originando outras moléculas maiores e complexas. Os estudos da Física atômica revelam (Noções Fundamentais da Física Atômica e Nuclear, pág. 76. Obra de C. Azevedo C. Braga) que no interior das moléculas complexas não há uma estabilidade rígida entre a união de átomos de suas intramoléculas, cujas oscilações caracterizam a molécula pela sua freqüência ondulatória.

Ora, se tal radiação é uma atividade natural das moléculas complexas, sem a presença do fator pensamento, então por aí se explica as radiações ondulantes do cérebro, em cujas células estão presentes grandes e complexas moléculas, as proteinas. Neste caso, as ondas elétricas do cérebro são radiações das moléculas de proteinas celulares, e não produtos do pensamento, uma vez que tais moléculas podem produzir essas mesmas radiações, quando isoladas noutras condições fora da composição viva cerebral.

A confirmação da propriedade elétrica da molécula isolada declarou-se numa reunião de seiscentos biologistas, em Paris (Diário de S. Paulo de 16/7/61, Crônica Científica). A declaração relata experimentações obtidas com moléculas complexas de proteinas do nucleolo celular, micro-dissecadas sob observação do microscópio eletrônico, cuja propriedade elétrica molecular revela-se variável, modificando-se ao contritar-se e vice-versa.

Com tal declaração vê-se que biologistas e físicos, por caminhos diferentes, encontram-se nas mesmas conclusões, cujas pesquisas vêm confirmar que as ondas elétricas do cérebro provêm das moléculas celulares, e não como originadas do pensamento. Se a causa dessas ondulações fôssem as atividades psíquicas, do ato de pensar, então cabe aos materialistas revelarem onde se acha o fator pensamento nas moléculas isoladas das células cerebrais, quando produzem, na dissecação dos laboratórios, a mesma atividade elétrica constatada no cérebro.

Diante disso, a tese materialista revela-se anti-científica, atribuindo ao pensamento como gerador de ondas elétricas, quando êste predicado de eletricidade é natureza da própria matéria do Universo. Basta surgir condições favoráveis, para que o fenômeno elétrico se manifeste, sem necessidade do fator pensamento.

E depois de tudo isso, agora explicado, a tese materialista ainda se torna curiosa. Sendo cada célula uma individualidade orgânica, de função própria, cada uma delas, de acôrdo com o Materialismo, elaborando seus pensamentos individuais, seria interessante em que entre êsses bilhões de indivíduos celulares num único cérebro tivessem sempre as mesmas vontades no querer e não querer. Tal harmonia seria algo maravilhoso, cujo segredo nunca os materialistas revelaram, como se daria êsse tão perfeito entendimento entre êsses bilhões de consciênciasinhas, considerando-se que entre os homens, embora também sejam constituidos dessas mesmas células, duas pessoas, nem mesmo entre gêmeos, não chegam a igualar seus pensamentos.

Sem dúvida, aí está mais um dos mistérios do Materialismo, para seus adeptos resolverem.

Encerrada essa parte, alguns leitores, possìvelmente, estariam agora nos perguntando: Se a origem da atividade elétrica cerebral não é psíquica, como então certas emoções (medo, tristeza, alegria, etc.), sendo atos psíquicos, modificam o ritmo normal das ondas eletricas do cerebro, conforme se constata através do eletroencefalograma?

De fato, em princípio, aparentemente, assim parece ser. Mas na essência a realidade é outra, conforme veremos na próxima oportunidade.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

Shalders atingiu cem anos como um espírita convicto

Irmão Saulo

Ex-diretor de Metapsíquica da Federação Espírita — A face oculta de um centenário

As notícias e os comentários publicados, por nossa imprensa, a respeito do transcurso do centenário do Prof. Shalders, deixaram de lado uma informação preciosa. O homem que atingiu cem anos de existência deve ter uma posição definida diante da vida e do mundo. Alguns jornais citaram o fato de ter sido o «Doutor Shalders», como é geralmente conhecido, fundador e sócio número um da Associação Cristã de Moços. Outros mencionaram as suas atividades assistenciais, e até mesmo alguns breves traços de sua filosofia de vida. Outro chegou a incluir o aniversariante extraordinário (que é sempre extraordinário fazer cem anos) entre os membros de determinada igreja evangélica. Nenhum, porém, lembrou-se de que o aniversariante é espírita e teve a sua posição bem marcada, por importantes atividades doutrinárias.

É assim que se continua a fazer com o Espiritismo, não obstante a sua irrefreável propagação mundial. O preconceito anti-espírita continua a dominar. Se um espírita se destaca em qualquer plano, é sempre conveniente ocultar as suas convicções. Ser espírita é ainda, para certos meios intelectuais, alguma coisa de criminoso ou de feio, que depõe contra o mais ilustre e o mais digno cidadão. Pratica-se, assim, a caridade de silenciar a respeito do fato aviltante. Chega a ser rídiculo o esfôrço de certas pessoas, e mais ainda o de certas publicações, para ocultarem a posição espírita de pessoas notáveis. Chega-se mesmo ao cúmulo de mutilar a biografia de escritores e as suas próprias obras, ocultando o que fizeram no plano das atividades espíritas. É a deformação dos fatos, a falsificação da realidade, a serviço do preconceito, da discriminação, dos interêsses ocultos.

Haveria alguma coisa demais em dizer-se que o Prof. Shalders é espírita? Que foi protestante, teve uma bela formação moral e espiritual no meio evangélico, mas há muitos anos tornou-se espírita convicto, a ponto de publicar um estudo bíblico à luz do Espiritismo? Isso diminuiria o aniversariante? Fez-se, porém, o possível e o impossível, para ocultar aquilo que o Prof. Shalders, na espontaneidade, na sua sinceridade, jamais ocultou. A unanimidade da conjuntura mostra a profundidade do preconceito, enraizado na mente de pessoas que se julgam suficientemente arejadas. A oportunidade é boa para denunciarmos a continuidade dessa forma de discriminação ideológica, praticada segundo a técnica da dissimulação e da mentira. Jornais há, aqui mesmo em São Paulo, que chegam ao ridículo de só registrar a palavra Espiritismo, em suas colunas, para acusar a doutrina e o movimento doutrinário, ou quando têm algum interêsse evidente em mira.

Registramos o fato e denunciamos a existência do preconceito, pelo simples dever de defender a verdade e os direitos do movimento espírita. O centenário do Prof. Shalders serviu para esta constatação pública. Os leitores que acompanharam o noticiário a respeito, muitos dêles nos telefonando sôbre a possibilidade de corrigir-se o «engano», já não devem ter, a esta altura, nenhuma ilusão quanto ao propósito deliberado de ocultar a posição e as atividades espíritas de Shalders. O professor centenário podia ser tudo, menos espírita, porque isso o diminuiria aos olhos do povo. Como se o povo, apesar dos sectarismos, ainda dominadoramente agressivos, já não houvesse superado essa fase de anti-espiritismo sistemático, para beber na Doutrina Espírita a consolação e o auxílio que ela lhe traz, nesta hora amarga do mundo.

O Prof. Carlos Gomes de Sousa Shalders, que completou cem anos exàtamente na data do nascimento de Allan Kardec — dia 3 de outubro - não foi apenas um dos fundadores da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e o ocupante da sua cadeira de algebra superior, trigonometria retilinea e geometria analítica. Não foi apenas o doutor «honoris causa» que o Conselho Universitário homenageou em 1949, e o «professor emérito» distinguido pela Congregação da Escola Politécnica, por ocasião do transcurso do seu jubileu no magistério. Foi também, com João Batista Pereira, Canuto de Abreu e Lameira de Andrade, o fundador da Sociedade de Metapsíquica de São Paulo. Foi ainda o diretor do Departamento de Metapsíquica da Federação Espírita do Estado, e um incansável pesquisador da fenomenologia espírita. Seus cem anos de vida foram coroados, nas ultimas décadas, por uma posição definida e uma constante atividade espírita. Ainda há alguns anos, todos os domingos de manha, o Prof. Shalders tomava o seu lugar, religiosamente, na primeira fila de cadeira do auditório da Federação, para ouvir as palestras evangélicas de Pedro de Camargo, o venerando pregador e escritor espírita conhecido por Vinicius, seu pseudônimo literário. Só deixou de fazê-lo quando Vinicius, também em idade avançada, afastou-se da tribuna.

A fidelidade espírita de Shalders nada tem a ver com as escamoteações do noticiário e dos comentários sôbre o seu centenário. Fazemos esta crônica para prestar-lhe, destas colunas, a nossa homenagem fraterna, dentro da Seara. E, ao mesmo tempo, para tranquilizar os confrades que se mostraram naturalmente inquietos, diante da sonegação ao público, desta notícia tão simples: a de que Shalders é espírita. Graças a Deus o é, como o foram William Crookes, Gustavo Geley, Victor Hugo, Conan Doyle, Victorien Sardou, Camille Flammarion e tantos outros. E como o serão, daqui por diante, muitos outros nomes ilustres, pois que os tempos avançam.

(Do «Diário de São Paulo», de 6/10/63)

Ainda Escola Pública

Major Mac Maynard

QUANDO do início da campanha contra a escola confecional e em pról da escola pública democrática, escrevemos para os jornais espíritas artigos defendendo a escola pública democrática e vaticinando o que vemos hoje: — auxílio nababesco a favor de escolas particulares, escolas confecionais e até para a formação de padres, a seminários!

Ora, isto é até um abuso! Contribuir o Estado para seminários! Tendo escolas, grupos escolares, ginásios e faculdades do Estado necessitando do comesinho, do apenas necessário, estritamente necessário para o seu normal funcionamento, está o Estado distribuindo dinheiro a rodo para os ginásios, para as faculdades particulares. Quem acompanha o Diário Oficial poderá constatar a verdade que estamos dando.

A escola pública democrática está sendo ameaçada pela parte mais reacionária do clero que estando no poder, com a volúpia insopitável do mando, e, por que não dizer, do ganho fácil, está abrindo os cordeis da bolsa pública às escolas confecionais, bem como facilitando o ensino religioso, tendencioso, com a capa de «dinamizar» o ensino religioso no nosso Estado.

Os espíritas não andam nos corredores das secretarias estaduais pedindo auxílios, os espíritas não andam solicitando favores dos poderes constituidos para vantagens pessoais ou doutrinários — mas os corredores das secretarias estão cheios de padres e freiras que vão pedir facilidades, solicitar verbas para suas obras religiosas.

O ensino público, o ensino laico no nosso Estado está ameaçado, nós espíritas que sempre nos batemos pelo ensino laico, que sempre nos batemos pela igreja separada do Estado, não nominalmente mas de fato, nós que nos batemos pela liberdade de ensino, vemo-nos, agora, nesta atual administração estadual, esbulhados nos nossos direitos de cidadãos democráticos, pois estamos assistindo, estarrecidos, a distribuição de dinheiro público para escolas religiosas, confecionais, até — pasmem! — Seminários!

Quem acompanha o Diário Oficial poderá constatar o que dizemos.

Quando a escola pública consegue uma migalha é em troco de uma vergonhosa troca de votos; quando o deputado da região consegue uns magros cruzeiros para uma simples caiação na escola, no prédio, uma banda de música precisa tocar para que todos saibam que o *«grande auxílio que o deputado fulano de tal conseguiu para a escolinha ou para o predio do ginásio local, seja conhecido de todos...»* É uma vergonha... mas é uma verdade dura! Ao passo que os auxílios às escolas confecionais ninguém toca música, ninguém faz comício, porque será? Não seria também a troco de votos?

A escola pública, os ginásios que não formarem um «clube» de pais e mestres, que não conseguir uma cantina para explorar, não tem nem giz para as aulas normais. Se não existe nem giz, que falar das outras necessidades?

As escolas públicas prestam um serviço de real valor para a comunidade, ao passo que a escola confecional, muitas delas, exigem, na matricula, até *atestado de pedigree*, do contrário não se matricula aluno. Se o pai de um determinado aluno ou aluna não é casado na igreja, lá não pode ser matriculado, se a mãe de sicrano não vai à missa, não deve ter sua filha matriculada na escola, e assim outras odiosas diferenciações.

Isso acontece, isto não é *fofoca*, mas é a realidade em nosso Estado.

Quando da campanha em pról da Escola Pública Democrática um indivíduo nos disse: «que tem o Espiritismo com isso?»

O Espiritismo é uma doutrina eclética, tem suas ligações com o povo, é ciência, é filosofia, o Espiritismo não é uma doutrina de alienados, de místicos, de anacoretas, mas é uma Doutrina que tem vivência na sociedade, e por êsse motivo, vive os fatos sociais, vive com os pés no chão.

Modernamente católicos, padres, bispos, cardeais e até papas, estão abrindo os seus olhos para as realidades que estamos vivendo, ninguém mais pode viver com a cabeça na lua, mas sim com os pés plantados no solo, na terra. Do contrário, não há mais razão de existir, não há mais razão de uma Doutrina que vive alienada dos problemas humanos querer pregar sôbre o sexo dos anjos ou quantos anjos poderão equilibrar-se na ponta de uma agulha... ou a Doutrina vive os problemas humanos, ou então, não há mais lugar para ela na terra.

Sentimo-nos muito à vontade para propugnar pela causa da escola pública, não pode o Espiritismo ficar à margem da luta, eu pergunto e honestamente quero que me respondam:— CAIRBAR SCHUTEL FICARIA CALADO COM A SITUAÇÃO HUMILHANTE QUE ESTAMOS VIVENDO? O DINHEIRO PÚBLICO É PARA O CARNAVAL DAS ESCOLAS CONFECIONAIS? CALARIA O INSIGNE LUTADOR ESPÍRITA PROF. LEOPOLDO MACHADO?

Lutando pelos ideais democráticos de nosso povo, estamos pondo em prática os postulados de nossa Doutrina, lutando pela defesa dos sagrados direitos humanos, estamos vivendo o Espiritismo.

Ainda o Caso Edgar Cayce (II)

Francisco Klörs Werneck

Vou citar mais alguns fatos maravilhosos, colhidos a proporção que faço a leitura da versão francêsa *De nombreuses demeures*.... do original norte-americano *Many mansions*, da Dra. Gina Cerminara. A respeito de Cayce, há ainda, fora talvez outros que não conheço, *There is a river*, de Thomas Sugrue e *Edgar Cayce: man of miracles*, de um Sr. Millard.

Já tive ocasião de dizer que Cayce nada sabia a respeito da reencarnação e ficou pasmo quando viu nas «leituras» algumas referências a vidas anteriores.

Em 20 anos de atividades humanitárias, a validade da clarividência de Cayce se afirmou em milhares de casos. Para melhor compreendê-la basta citar a seguinte parte de sua extranha carreira, embora haja muito a contar, o que farei talvez em outros artigos.

Os poderes de percepção de Cayce eram dirigidos para o interior, isto é, para as partes não visíveis do corpo humano. Não foi senão mais tarde que se certificou do fato de que tais poderes poderiam ser igualmente dirigidos para o exterior, para o próprio universo, para as relações do homem e do universo e para os problemas do destino humano.

Eis como tal aconteceu:

Arthur Lammers, próspero impressor de Dayton, no Ohio, ouvira falar de Cayce por um dos seus sócios e estava pronto a fazer uma viagem a Selma, no Alabama, onde Cayce então vivia. Não se tratava de sua saúde e, depois de ter observado durante vários dias tais «leituras», ficou convencido da autenticidade da clarividência de Cayce. Lammers era instruido, possuia viva inteligência e refletiu que, se um espírito era capaz de perceber realidades que escapam à vista normal, êle devia poder fazer a luz sôbre problemas de significação mais universal que o funcionamento do figado de um enfêrmo ou as complicações do seu tubo digestivo. Por exemplo: de todos os sistemas filosóficos, qual o que mais se aproxima da verdade? Qual o fim da existência humana? A doutrina da imortalidade é verdadeira? Em caso afirmativo, que acontece ao homem depois da morte? Poderia a clarividência de Cayce dar resposta a estas perguntas? Cayce não sabia nada disto. Questões abstratas visando problemas essenciais jamais passaram pelo seu espírito.

Êle aceitava sem discussão a religião que lhe tinha sido ensinada na igreja e tôda especulação sôbre a verdade comparada à filosofia, à ciência ou aos ensinos das outras religiões lhe era estranha. Êle continuava a se mergulhar nêsse sono tão pouco ortodoxo só com o fim de auxiliar os que sofrem. Lammers era a primeira pessoa que procurava servir-se de sua clarividência para outros fins e a imaginação de Cayce ficara excitada. As «leituras» tinham, com raras exceções, respondido às perguntas feitas, não havia, pois, motivo para que não fôssem igualmente respondidas as perguntas de Lammers. Como Lammers, chamado por seus negócios, não podia prolongar sua estada em Selma, pediu a Cayce que aceitasse sua hospitalidade por uma semana ou duas em Dayton. Cayce acedeu com o pensamento de que Deus talvez o chamasse a prestar novos serviços.

Lammers se interessára recentemente pela Astrologia. Êle pretendia que, se a Astrologia fôsse verdadeira, poderia haver aí uma forma de análise que religaria o homem ao universo, de modo inteligível. Pareceu então ter chegado a oportunidade de iniciar suas investigações pela clarividência. E, quando Cayce deitou, naquela tarde de outubro de 1923 num quarto do velho Hotel Philipps, de Dayton, foi-lhe sugerido não olhar o interior do corpo de Lammers mas fazer seu horóscopo. Obedecendo, como de hábito, à sugestão recebida, Cayce, adormecido, respondeu por um horóscopo em frases breves, telegráficas. E depois, quase no fim da leitura e sempre no mesmo modo descansado, impessoal, veio uma frase curiosa: «Outróra êle foi monje.»

Pequena frase, de poucas palavras, mas quanto daí resultou! Para Lammers, que era muito lido e estava familiarizado com as doutrinas mais importantes sôbre o destino humano, foram elas eletrizantes. Significariam que a visão supranormal de Cayce admitia como um fato a antiga doutrina da reencarnação?

Foi daí que começaram as novas experiências. Cayce concordou com elas depois que lhe foi explicado o que era reencarnação e que na Bíblia havia muitos ensinos velados do Cristo a seu respeito. Lammers fazia suas perguntas e as «leituras» as respondiam agora com mais precisão e detalhes, tanto no que dizia respeito às experiências de sua própria vida anterior como sôbre outras questões.

Tudo isto parecia muito bizarro a Cayce, mas a curiosidade o impelia a continuar as «leituras» que Lammers lhe pedia. Elas lhes fizeram compreender que as informações que poderiam ter sôbre as vidas anteriores seriam melhores se deixassem de pedir horóscopos e se Cayce recebesse uma sugestão hipnótica mais apropriada, bem como que lhe fôsse sugerida, durante seu sono, a fórmula necessária. Eis em que consistiu: «Ide estar na presença de (nome da pessoa), nascida a (data do nascimento), em (lugar do nascimento). Indicareis as relações entre essa pessoa e o universo e as fôrças universais, dando as tendências que são como personalidades latentes ou aparentes na presente vida. Dareis também as personalidades anteriores no plano terrestre, com a indicação de tempo, lugar e nome, e direis o que, em cada uma dessas existências, contribuiu para adiantar ou retardar o desenvolvimento dela.»

Como se poderia dizer que as indicações de Cayce sôbre tal ou qual vida anterior eram inverificáveis, vou narrar um caso para exemplo.

De ordinário, as «leituras» davam os nomes exatos levados pelas pessoas em suas vidas anteriores e, algumas vêzes, indicavam igualmente o lugar em que poderiam achar as provas ligadas ao caso: ora um livro, ora um antigo registro, ora uma pedra tumular. O melhor exemplo de tais casos talvez seja êste: foi dito a certo homem que, em uma das suas vidas anteriores, fôra soldado sulista da guerra de secessão. Soube ainda que vivera em Henrico County, na Virginia, e que, se êle desejasse, poderia achar traços oficiais dessa existência anterior. O homem aproveitou a primeira ocasião para ir a Henrico County, onde não achou os registros que procurava, mas o funcionário do registro civil lhe disse que os antigos registros haviam sido recentemente remetidos para a bibliotéca histórica do Estado da Virginia, departamento de arquívos. Efetivamente, nosso homem encontrou finalmente, nêsses arquívos, registros em nome de Barnett A. Seay, que se engajara em 1862, na idade de 21 anos, no exército do General Lee, como porta-bandeira.

Em outro caso disse que a pessoa em questão fôra, em precedente existência, um mergulhador de tamboreto. Cayce não sabia o que era isto, mas se achou numa enciclopédia que tal título se ligava ao antigo costume em uso na América do Norte de se amarrar os supostos feiticeiros num assento e os mergulhar em lagos de água fria.

Um outro exemplo ainda mais notável da exatidão histórica das «leituras», e inteiramente independente do que o consciente de Cayce ignorava, é uma referência a Jean Poquelin (Molière), cuja mãe faleceu quando êle era ainda rapazinho. Feita a verificação, viu-se que Cayce, adormecido, citára exàtamente o verdadeiro nome de Molière e a morte prematura de sua mãe.

E o nosso «homem dos milagres», quem fôra em precedentes existências? Qual a origem de sua notável clarividência e a facilidade de desligar seu espírito de seu corpo carnal? As «leituras» de suas vidas, feitas pelo próprio Cayce adormecido, revelaram que, há vários séculos, fôra grão-sacerdote no Egito e que possuira então consideráveis poderes ocultos, mas êle se perdeu por sua obstinação e sua sensualidade. Numa encarnação ulterior na Pérsia, fôra médico. Ferido, certa vez, no decurso de uma batalha no deserto e deixado na areia, para morrer, só, sem água, sem alimento, sem abrigo, sofrera tão cruelmente durante três dias e três noites que fizera supremo esfôrço para desligar seu espírito de seu corpo, e o conseguiu. Sua presente vida era uma espécie de teste para sua alma, ocasião que lhe era dada para servir o gênero humano com altruismo, para suprimir assim seu orgulho, seu materialismo e sua sensualidade do passado. E o conseguiu, a julgar pela história de sua presente vida.

E, ainda para ilustração dessa vida cheia de benefícios prestados aos seus semelhantes, extraio mais dois casos do belo livro da Dra. Gina Cerminara. O primeiro, a seguir, é formidável.

Uma moça de Selma, no Alabama, perdeu sùbitamente a razão e foi internada em um hospital psiquiátrico. Seu irmão, desorientado, procurou Cayce que se estendeu em um leito, fez algumas respirações profundas e adormeceu. Recebeu então uma sugestão hipnótica para que examinasse o corpo da jovem e fizesse um diagnóstico. Pouco depois começou a falar, da forma já conhecida quando alguém está sob hipnose. Diferindo um pouco de outros casos, Cayce começou a descrever o estado físico da enfêrma, como se os seus olhos fôssem raios X. Êle indicou que um dente do sizo estava de um jeito que comprimia o nervo cervical. Era preciso, acrescentou, extrair o dente para suprimir a pressão e reconduzir a moça ao seu estado normal. Examinou-se a bôca da doente, de acôrdo com a descrição de Cayce, e verificou-se a exatidão do seu diagnóstico. Depois da intervenção do dentista, a moça recuperou a razão.

Outro caso impressionante: uma jovem do Kentucky deu à luz a um prematuro. Aos quatro mêses, a criança, enfermiça desde o nascimento, teve um ataque de convulsões tão grave que os três médicos que a assistiam, entre os quais estava o próprio pai, acharam que não passaria daquêle dia. Desesperada, a mãe pediu a Cayce um diagnóstico. Sob hipnose, Cayce prescreveu a administração de uma dose de beladona seguida, em breve espaço, de um antídoto. Passando por cima das objeções dos médicos, a mãe insistiu em dar, ela própria, a dose do veneno. Quase imediatamente as convulsões pararam. Depois que o antídoto foi administrado, a criança afrouxou os membros, ficou calma e dormiu tranqüilamente. Estava salva!

Há mais coisas entre o Céu e a Terra, que jamais sonhou vã filosofia.—Shakespeare

Reencarnação

TRAZEMOS aos nossos leitores, conforme um editorial de «*Yours Fraternally*», a parte final do inquérito feito pelo Dr. Karl E. Müller, presidente da Federação Espírita Internacional, sôbre o problema reencarnatório.

Como ficou explícito em nossa anterior transcrição, essa questão, embora clara e tàcitamente aceita pelo Espiritismo no âmbito latino, é ainda controversa em núcleos como o egípcio, o holandês, e mesmo no campo de língua inglêsa onde, entretanto, a idéia já é exposta mesmo pela imprensa até recentemente mais contrária. A secção do Dr. Müller se intitula :

Research Officer's Corner

Como nossos leitores sabem, considero a Reencarnação como um fato. Uma imparcial avaliação de evidências leva a essa convicção. Todo um sem número de casos a respeito são, objetiva e subjetivamente, convincentes. Cobrem, além disso, um amplo e multifacetário campo, o que torna difícil manter outra alternativa de explanação. E suas provas científicas são tão características quanto as da sobrevivência.

Quero deixar claro, antes de mais nada, que aceitando a evidência da reencarnação deixo de aceitar, todavia, os diferentes ensinamentos propostos por várias sociedades como a *Indian Theosophy, Anthroposophy, Rosacrucian Philosophy,* etc., que não me parecem basear-se num real conhecimento, ou que, em detalhes, estão evidentemente erradas. Desde que aceitamos a idéia geral da Reencarnação, numerosas perguntas particulares se nos apresentam, e nem sempre é fácil respondê-las. Os mais antigos ensinamentos dos tempos modernos, são os de Allan Kardec, baseados na comunicação dos espíritos e publicados em 1857. Êstes estão em concordância com os casos históricos que pude coletar nêstes últimos cinco anos.

Minha conferência sôbre a Reencarnação, no Congresso Internacional de 1960, cujas idéias foram publicadas por «*Yours Fraternally*», n.º 45, apresenta êstes grupos de provas : 1 — Lembranças de crianças e faculdades supra-normais. 2 — Lembranças de adultos. 3 — Lembranças de médiuns e místicos, ou informações obtidas por uma terceira fonte. 4—Investigação experimental (hipnotismo e outros métodos). 5—Comunicações espirituais. 6 — Casos diversos.

Não concluí ainda o estudo de algumas centenas de casos coletados, mas aqui quero discutir uma das questões particulares : *A mudança de sexo baseada em casos ouvidos sob os dois primeiros tópicos: lembranças de crianças e de adultos.* Devo confessar que as conclusões se referem ao estudo que fiz até o ano passado. Depois disso o número de casos colecionados cresceu consideràvelmente.

Julgo entretanto, prudente, antes de mais nada, discutir esta questão preliminar : *Há alguma diferença entre os sexos no tocante à capacidade de recordar as reencarnações anteriores ?*

Meus casos de lembranças de crianças estão divididos geográficamente. Há 60 casos do Oriente e 66 do Ocidente. Quanto ao sexo registra-se uma diferença insignificante: 61 meninas, 65 meninos, o que pode pressupôr que as meninas têm a mesma possibilidade de recordação que os meninos. Entre os adultos, 106 casos concernem a homens e 73 a mulheres. Aqui pode parecer que os homens recordam mais freqüentemente do que as mulheres, porém não creio que isso seja verdade. No que diz respeito aos casos, individualmente, alguns nos chegam por biografias e livros, outros, os soldados e viajantes, por estímulos exteriores em paisagens estrangeiras. Entre as mulheres, que são minoria entre autores, e que, a não ser excepcionalmente, não são contadas entre militares e expedicionários, é evidente que estabelecer as fontes dessas recordações é mais difícil. Em resumo pode-se, porém, concluir que *ambos os sexos podem recordar uma reencarnação anterior igualmente bem,* e que não há nenhuma evidência de que um dêles pode recordar melhor.

Isto estabelecido, voltamo-nos para esta importante questão: *Se o espírito humano se reencarna muitas vêzes na Terra, com que probabilidade a mudança do sexo ocorre?*

De acôrdo com Allan Kardec, o espírito humano não tem sexo e pode se reencarnar tanto como homem quanto como mulher. A mudança de sexo ocorre quando isso trouxer uma vantagem ao progresso espiritual. Outros ensinos, porém errôneos, afirmam que o espírito tem sexo e que raramente reencarna em sexo oposto. Há ainda os que ensinam que a mudança de sexo ocorre em cada reencarnação. Para uma resposta baseada em fatos, analisamos o nosso material de uma maneira estatística. Primeiro excluimos os casos em que o sexo da encarnação anterior não era conhecido. Isso nos deixou com 92 casos de crianças e 119 de adultos. Dêsses, apenas uns poucos registram mudança de sexo e curiosamente são, do sexo masculino, apenas 4 pessôas, conforme se depreende desta tábua:

SEXO		CRIANÇAS
	Casos	Mudanças
Masc.	44	1 = 2%
Fem.	48	8 = 17%
Total	92	9 = 10%

SEXO		ADULTOS
	Casos	Mudanças
Masc.	73	3 = 4%
Fem.	46	11 = 24%
Total	119	14 = 12%

SEXO	CRIANÇAS E ADULTOS	
	Casos	Mudanças
Masc.	117	4 = 3%
Fem.	94	19 = 20%
Total	211	23 = 11%

Com um total de apenas 23 casos em que a mudança de sexo foi lembrada, não há confiança nas porcentagens computadas. Entretanto não pode haver dúvida de que os homens estão decididamente em minoria, uma vez que os casos de crianças mostram a mesma peculiaridade que os dos adultos. Esta peneira estatística, como a chamo, não encontra explicação mesmo olhada individualmente. Entretanto, as crianças, entre as meninas, registram mudança de sexo em 17% dos casos, isto é, uma vez em cada seis casos. Se entendermos que a vida anterior anotada *é a última existência precedente,* isso equivaleria a uma verificação média de *seis vidas no mesmo sexo.* Entre as crianças é provàvelmente seguro que suas memórias de uma anterior existência se referem à última vida anterior. É esta talvez a razão porque são usualmente do mais alto valor evidencial, já que essa precedente personalidade não está muito distante no tempo e pode ser provada a sua existência. Seis vidas num mesmo sexo pode ser um padrão médio, certamente, mas os casos individualmente tomados mostrarão tôda espécie de divergências.

Nos adultos do sexo feminino, a mudança de sexo é registrada em 24% dos casos. Esta alta cifra, presumo, seja devida ao fato de que a última existência talvez não seja relembrada. Quando uma criança relembra sua vida anterior e depois esquece, quando cresce, isso sucede como quando as criança têm experiênçias de clarividência e mais tarde perdem essa faculdade. A memória expontânea num adulto é diferente, e a lembrança é quase sempre registrada como uma pressão emocional. De fato, *morte em circunstâncias dramáticas,* numa prévia existência, é uma característica de muitos casos históricos. O conflito emocional é, provàvelmente, o responsável por memórias se erguerem do inconsciente para o campo do conhecimento consciente. Incidentes relacionados com fortes emoções, sepultos na memória subconsciente, sob pressão emocional podem emergir no consciente. Desde que a parte emocional seja importante, uma pessoa do sexo feminino, quando relembra uma vida masculina, pode facilmente emitir a vida precedente, se ela não foi emocional. Isso talvez explique a diferença entre 17 e 24%.

O argumento da pressão emocional pode também trazer alguma luz sôbre o quadro estatístico. No decorrer dos últimos séculos, uma vida como mulher dificilmente terminaria por uma violenta e dramática morte. Por outro lado seria difícil a um homem ativo relembrar a vida relativamente plácida como mulher. Que o mesmo se dê quanto às crianças não é de espantar. Primeiro: a precedente personalidade, que é recordada, usualmente revela um aduldulto ou um velho; o mesmo se dá no tocante aos adultos. Segundo: se não há um fator emocional, ou específicos acontecimentos sôbre os quais falar, os pais provavelmente não ouvirão a criança e nem se importarão de falar a respeito. Por exemplo, entre os oito casos de meninas que se recordam de mudança de sexo, três narram mortes violentas, três dramáticos incidentes e as duas restantes uma fala de pobreza e das más condições da existência transcursa. O resultado dessa análise pois, como se viu, aponta uma provável cifra de 17 % numa probabilidade de 6 vidas no mesmo sexo.

Para terminar eu gostaria de convidar os Espíritas a deixar de discutir a Reencarnação sem um estudo prévio do assunto. Os dois argumentos mais comuns, e também destituidos de valor, que tentam explicar o fato, um pela *Hereditariedade*, o outro pela *Influência espiritual*, são baldos. De fato, como aceitar a linha reencarnatória num esquema de ancestralidade? Há dezenas de casos excelentes em que as condições não colaboram para o argumento da hereditariedade. Essa é, pois, uma má explicação, baseada na ignorância.

O outro, e muito repetido argumento, o da «influência espiritual» pretende que apenas espúrias idéias e rápidas emoções devidas a essa influência, podem explicar o fenômeno de lembranças de vidas pregressas. Essa sugestão, entretanto, não tem produzido senão risos aos estudiosos do assunto. A influência espiritual da espécie requerida não serve, nêsse caso, como alternativa de explicação.

E' usualmente admitido que o Espiritismo tem fundamentos científicos e está baseado na observação e nas experimentações. Desafortunadamente isso é esquecido na prática, o que faz do Espiritismo apenas uma seita religiosa a mais e pode redundar numa estagnação. Um esfôrço real é absolutamente necessário para estabelecer novamente as bases da ciência psíquica e distribuir êsse conhecimento entre o público em geral e, especialmente, entre os espíritas.

Proposta de Pietro Ubaldi Ao Congresso Panamericano

A mensagem que Pietro Ubaldi enviou ao VI Congresso Espírita Panamericano, realizado nêste mês em Buenos Aires, vem causando estranheza nos meios doutrinários. Depois de discorrer sôbre a estagnação das religiões, o autor de «A Grande Síntese» chega às seguintes conclusões: 1) O Espiritismo estacionou na teoria da reencarnação e na prática mediúnica: 2) Não possuindo «um sistema conceptual completo», não pode êle ser levado a sério pela cultura atual; 3) A filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completa do Todo e «não abrange todos os momentos da lei de Deus»; 4) O Espiritismo não construiu uma «teologia espírito-científica, que explique o que a católica não explica»; 5) O Espiritismo corre o perigo de ficar parado no nível Allan Kardec, como o catolicismo ficou no nível São Tomaz e o protestanismo no nível Bíblia».

Diante dessa situação, propõe Ubaldi a adoção, pelo Espiritismo, dos livros de sua autoria, abrangendo a «série italiana» e a «série brasileira». E explica: «Trata-se de um produto realizado de uma forma que permite que êle caiba dentro do Espiritismo, porque atingido por inspiração, que é por êle julgada a mais alta forma de mediunidade, aquela consciente, controlada pela razão». E logo mais afirma: «Só assim o Espiritismo poderá avançar paralelo à ciência e exigir atenção de parte dos materialistas, porque usa a forma mental e os métodos racionais dele. Só assim o Espiritismo poderá sair do trilho dos costumeiros conceitos que se repetem nas sessões mediúnicas, e colocar-se no nível do mais adiantado pensamento moderno, penetrando no terreno da filosofia e da ciência e situando-se na sua altura.»

A redação e a tradução dessa mensagem de Ubaldi, como se vê, por êstes pequenos trechos, estão muito abaixo do texto de suas obras mais inspiradas, que pertencem à «série italiana». Por outro lado, verifica-se que faltou a Ubaldi a percepção necessária para captar o processo espírita em suas verdadeiras dimensões. O admirável médium de «A Grande Síntese» revela absoluta falta de acuidade e de compreensão da realidade espírita no mundo de hoje, onde o Espiritismo vem cumprindo serenamente a sua finalidade. A sua crítica ao Espiritismo, resumida nos cinco pontos acima, coincide com a dos adeptos menos instruidos na doutrina, e pode ser respondida, ponto por ponto, por qualque adepto de inteligência e cultura medianas, que conheça a Doutrina Espírita. Por outro lado, o oferecimento de suas obras ao Espiritismo revela desconhecimento da natureza da nossa doutrina e das exigências metodológicas para a aceitação da proposta, que não cobre essas exigências.

Ubaldi desenvolveu suas faculdades mediúnicas à margem do Espiritismo. Seu primeiro livro, «A Grande Síntese», apresenta curioso paralelismo com o Espiritísmo, o que lhe valeu a simpatia e a amizade dos espíritas brasileiros. Na Itália ou no Brasil, porém, Ubaldi recusou-se sempre a integrar-se no movimento espírita, filiando-se na península à corrente da Ultrafânia, do prof. Trespioli, que pretende haver superado a concepção espírita. Em seu livro «As Noures», Ubaldi nos oferece a concepção ultrafânica da mediunidade, na qual enquadra o seu caso pessoal. E' uma pretensiosa concepção de mediunidade cósmica, fugindo à naturalidade e simplicidade das comunicações espirituais entre espíritos desencarnados e médiuns. As pretensões de Ubaldi o transformaram, de simples médium, em autor messiânico, agora arvorado em refomador do Espiritismo.

Respondemos aos itens da sua crítica da seguinte maneira: 1) O Espiritismo é uma doutrina evolucionista, como o provam as suas obras fundamentais e o seu imenso desenvolvimento em apenas cem anos de existência; 2) O sistema conceptual espírita é completo, e sua síntese está em «O Livro dos Espíritos»; 3) A filosofia espírita não pode abranger o Todo e muito menos «todos os momentos da lei de Deus», porque isso não está ao alcance de nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena; 4) A teologia espírita é limitada às possibilidades atuais do conhecimento de Deus, segundo ensina Allan Kardec, e essas possibilidades não admitem ainda a criação na Terra de uma teologia-científica, nem dentro nem fora do Espiritismo; 5) O «nível Allan Kardec» não é o do Espiritismo, mas sim o «nível Espírito da Verdade», de quem Kardec, segundo dizia, foi um «simples secretário».

Encontrando-se, pois, nêsse plano de revelação constante e progressiva, que é o da manifestação do Espírito da Verdade, — segundo o próprio Kardec adverte, — o Espiritismo está livre dos perigos da estagnação dogmática. Se, pelo contrário, adotasse as obras de Ubaldi para completá-lo, o Espiritismo cairia imediatamente no dogmatismo. Para cumprir sua missão, em todos os campos da atividade humana, o Espiritismo tem de manter-se como Ciência do Espírito (que investiga o elemento inteligente do Universo, paralelamente com a Ciência da Matéria, que investiga o elemento material); como Filosofia Livre, «sem os prejuizos do espírito de sistema», segundo a expressão feliz de Kardec; e como Religião em Espírito e Verdade, de acôrdo com o anúncio do Cristo à Mulher Samaritana.

Não sabemos ainda como o Congresso de Buenos Aires recebeu a proposta de Ubaldi. De nossa parte, não obstante o respeito que votamos ao médium e sua obra, altamente inspirada, não poderíamos dar-lhe outra resposta, além da que apresentamos nestas linhas. Se Ubaldi tivesse lido «O Livro dos Espíritos», certamente jamais faria a proposta que fez. Mesmo porque a sua obra, como a de Flammarion, a de Delanne, a de Denis, a de Bozzano e tantas outras, longe de completar o Espiritismo, apenas procura desenvolver alguns dos grandes temas que o Espiritismo levantou e sustenta no mundo moderno.

IRMÃO SAULO

Outubro de 1963.

Recordar é Mesmo Viver

ÍAMOS por um atalho simples, no meio do pasto, que assinalava as pegadas dos transeuntes que demandavam uma acanhada e humilde construção, feita de terra batida e barrotes. Entrâmos, cautelosamente. No seu interior, poucos bancos, uma mesa, a um canto o pote dágua e no meio da parede a fotografia de um cidadão de fronte ampla, de basta cabeleira, de fisionomia séria e olhar penetrante. Nessa época recuada já soletrávamos alguma coisa e então pudemos ler sob a fotografia as palavras — Allan Kardec.

ALLAN KARDEC

Um homem gordo, com sotaque italianado, o nosso saudoso Giácomo De Bernardo, pela primeira vez, falou-nos sôbre Aquela Exponencial Figura. Falou-nos, também, com palavras simples e objetivas de uma Doutrina muito bonita, capaz mesmo de modificar tôda a nossa existência se a seguíssemos com amor e dedicação. E os dias rolaram calmos. Voltávamos sempre àquele modesto Centro. Éramos menino de calças curtas. Dentre os assistentes, lembramonos bem de nossos saudosos pais que de há muito já passaram para o plano espiritual e da bondosa família Vallim. Alí sentimos os primeiros albores da Terceira Revelação. Entretanto, o tempo, caminheiro incansável, estugou os passos... Passamos por várias metamorfoses, mas a figura do Codificador, impressa na nossa retina visual por aquela fotografia lá do Centro da inesquecível família Vallim, jamais se apagou da nossa lembrança. Depois, com o tempo, lemos os livros Daquêle Grande Homem. Compreendemos a sua missão, sentimos o vigor do seu ideal: —

> *«A fé inabalável é sòmente aquela que pode encarar a razão, face a face, em tôdas as épocas da humanidade.»*

Hoje, comovidos e saudosos, voltamos os olhos para o passado, e rendemos graças ao Criador, por nos ter colocado, ainda criança, nesta abençoada alameda de espiritualização.

Egressos das trevas da dúvida, o infinito recebe-nos neste mundo e vamos nos mergulhando no oceano das indagações. Vamos descobrindo, aquí e ali, tochas apagadas e acendendo-as com as chamas de nossos estudos, de nosso idealismo. Ainda menino, meus pais colocaramme nas mãos a tocha bendita da Doutrina Espírita. E, por termos caminhado à luz dêsse clarão magnífico, não acreditamos na limitação estreita da matéria. E, por termos caminhado à luz dêsse clarão magnífico, o nosso pensamento voltado — «ad aethereum» — procura nas alturas siderais o vulto exponencial do Espiritismo, Allan Kardec, que do alto da montanha do amor, como a figura da Hera mitológica, alevanta e sustenta o facho esplendente da sua Vitoriosa Doutrina que projeta luz sôbre a íngreme estrada da vida, na densa floresta escura da incompreensão humana.

3 de Outubro de 1.963 — é aniversário natalício de Kardec. Se ainda estivesse no nosso plano mais denso, estaria com 159 anos de idade. Entretanto, já há 95 anos, deixou a vida corpórea, para ingressar no mundo da quarta dimensão, na Pátria de Origem.

Kardec cumpriu a sua missão. Legou-nos a Terceira Revelação Codificada, uma doutrina maravilhosa que nos coloca na bitola estreita do progresso espiritual. Mostrou-nos que a vida física é relâmpago aos pés da eternidade e que a morte «é porta que fecha um cubículo mas que abre uma amplidão». Abriu para a humanidade novas perspectivas, ampliando horizontes, com a «Boa Nova» que ajuda o mundo a se reformar. Seus livros e seus adeptos têm sofrido a vergasta de seus opositores. Desde o «Auto de Fé de Barcelona» até nossos dias, não faltam os gratúitos detratores do Espiritismo. A crítica maldosa dos que «oculos habent et non videbunt» ainda persiste. No entanto, como as pirâmides de Queops, Quefren e Miquerinos, desafiando o Aquilão das inverdades, os livros e adeptos de Kardec multiplicam-se, cada vez mais, e, continuam inabaláveis, firmes e coesos, certos de que a VERDADE jamais poderá ser empanada pelas trevas dos materialistas, sectários e agnósticos.

No mundo de hoje, em que a cultura parece sucumbir sob o pêso da economia e as preocupações materiais pretendem suplantar os supremos valores das realidades espirituais; nos dias que correm, dominados pelo utilitarismo, corroídos pelo ceticismo e corrompidos pelo epicurismo, o exemplo da vida de Kardec, vida que se apresenta cheia de sadio idealismo e inspirada pelos mais acrisolados princípios da mais elevada moral, significam um estímulo para as novas gerações que seguem os seus passos, um confôrto para os seus simpatizantes, uma honra para os que professam a mesma fé evangélica e uma esperança para a preservação de nossas instituições.

A figura simpática de Kardec que se projeta no tempo e no espaço, sem dúvida alguma, é a Estrêla da manhã a brilhar, permanentemente, no cárcere das nossas imperfeições.

Salve 3 de Outubro de 1.963, aniversário natalício do Imortalíssimo Missionário, salve a nossa Doutrina — Espiritismo — um mar imenso de uma imensidade sem fim.

Domério de Oliveira — (da U.M.E. de Catanduva)

Serões Bíblicos - XII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo XII)

—Como é isso? não entendi bem... Explique-se melhor:

—Digo que Cristo, tornou Lumbaio, curava aquêles doentes que tal se achavam, por tal se acreditarem. Por isso Hipócrates já dizia ser necessário classificar os doentes, quanto às espécies, antes de pensar nas doenças que por ventura pudessem ter. Esta assertiva hipocrática levou Miguel Couto a afirmar que «não há doenças; há doentes.» É dêste jeito «que 85 % das doenças consideradas até hoje orgânicas, são na realidade de origem emocional (funcional)» (Karl Weissmann, O Hipnotismo, 7). Esta percentagem, por conseguinte, é suscetível de cura pela fé, donde vem que, conforme diz o texto, Cristo curava a muitos, mas não a todos. Êle dava vista a cegos, porém nunca deu olhos a ninguém. Fazia andar os coxos que tinham pernas, todavia nunca trocou, pelas naturais, as pernas de paus... Se um sujeito se cuida doente, se tem esta convicção firme, profunda, de fato fica doente. O homem crédulo, se não estiver amparado por alguma fé, acaba prisioneiro das psicoses, primeiro, e das neuroses, depois, por causa das más sugestões que a todo instante recebe. Logo, a fé, a crença firme na enfermidade, fá-la aparecer do nada. Se a doença veio de acreditar-se doente, de ter fé que se está doente, a cura poderá fazer-se também pela fé, porquanto, o que a sugestão faz, a mesma sugestão desfaz. Cristo, por conseguinte, curava as doenças neuróticas dos suscetíveis, sensíveis, sugestionáveis, crédulos, crendeirões, tolos, bobocas, que tudo vem a dar na mesma. A confiança cega ou fé se opõe, polarmente, à persuasão, filha da razão e da ciência, que não existe sem provas. Cristo nunca provou nada; nunca persuadiu ninguém; apenas sugestionava e fazia crer de fé. Por isso êle afirmava seus crentes em si, ameaçando os possíveis Lumbaios daquêles tempos com lhes dizer: «ai daquêle que puser uma pedra de tropêço no caminho dum dêstes pequeninos que crêem em mim» (Mat. 18, 6). E isto está certo, porque se algum doutor de Israel, usando da sua autoridade e prestígio, se chegasse para o ex-paralítico de Siloé, e lhe dissesse: «Você sarou?! Qual nada! Isso é provisório!... Sua cura é ilusória!... Que poderes pode ter um carapina que vive de carpintejar paus toscos?! Paralítico você era, e paralítico há de ser para sempre, porque êste Jesus provinciano não pode ter a autoridade de um Elias, e menos ainda a de um Moisés!... Se estas falas conseguissem mover o ex-paralítico à descrença, a paralisia voltaria a instalar-se.

— Você me fala de Cristo; logo, crê em Cristo?

—Qual nada! exclamou Lumbaio. Cristo é convergência de mitos solares! Ninguém me será capaz de citar um único documento arqueológico ou histórico que me prove ter passado Cristo pela Terra! Cristo faz parelha com Sansão, Hércules, Orfeu, Osiris, etc., não passando de convergência de muitos mitos solares. Depois que Shalders me abriu os olhos, e vi que a Bíblia é um repositório de baboseiras e asnices, arreneguei tudo, e passei a gozar a vida... êta vida!... ainda que tardiamente! Maldita a hora em que cri na eternidade, e passei a viver como santo, sendo animal! Às urtigas as virtudes tôdas, a caridade estulta, a fé burrona e as boas obras também! Agora sou feliz, porque me refocilo no charco, como todos, mas sem os pesos de consciência que êles têm! Ah! meus vinte anos perdidos... por acreditar nalguma coisa superior!... Ah! quanto vos suspiro hoje!...

A estas últimas palavras de Lumbaio, retorquiu Chilon, com energia:

— Alto lá, Lumbaio, com seus arrasamentos! Convenho em que haja verdade nalguma coisa que você diz; mas há a tese espírita, como escreveu Vitélio Biberão, que não pode ser desprezada.

— Que diabo de tese é essa?

— A falha histórica, prosseguiu Chilon, como bem o disse o mestre Vitélio, é suprida pela fala espírita. Os espíritos superiores são unânimes em afirmar que Cristo existiu como personagem histórica.

— Ora, veja só, exclamou Lumbaio! Vou ter de repetir o que há poucos dias disse a um espírita em São Paulo! Conheço bem, por isso, essa tal fala espírita, e a acho ingênua... O testemunho dos espíritos no caso, vale tanto como o dos homens, pois os espíritos, a crer no Espiritismo, são homens desencarnados, tão limitados relativamente ao saber, como os vivos. Diz sua doutrina que a morte não é transformação senão para o que buscou renovar-se. Logo, a sabedoria dos espíritos não supera a dos homens. Senão, diga-me: onde está alguma obra genial, como as que temos no mundo, vinda dos espíritos? Onde alguma «Divina Comédia»? onde um «Fausto»? onde uma tela de Rafael? onde uma sinfonia de Beethoven, como a «Nona»? Que é feito de Goethe? de Mozart? Porque Vieira, Bernardes e Rui, ou silenciaram suas grandes vozes, ou são fraquíssimas quando se manifestam através dos médiuns? Já tive a oportunidade de ler um livro impresso, um pastiche mediúnico em que um falso padre Vieira se repetia duas vêzes numa única página, e ainda copiando um trecho do seu nono «Sermão do Rosário»; não se era preciso ser nenhum vierófilo erudito prra constatar a fraude. Falando da paixão de possuir, diz o padre verdadeiro dos «Sermões»: «Com as quilhas e com as prôas o aram (ao mar), e com os remos nas galés o cavam. Deus condenou o homem a que lavrasse a terra, e a cobiça, com segunda maldição, o condenou a que lavrasse também o mar» (Sermões, 8, 434 — Ed. das Américas). E o padre que em vida jamais se repetiu, escrevendo trinta sermões do Rosário, doze de São Francisco Xavier, nove de Santo Antonio, seis do Mandato, etc., repetiu-se indigentemente duas vêzes numa única página, para que se evidenciasse a falcatrua. Vivo o padre era gigante e mestre da língua e de estílo: morto, apoucou-se tanto de estatura, que podia agora passar sem curvar-se pelo vão das pernas de um anão! Imitam-se os pretos velhos e caboclos, como aliás eu sei fazer, para engodar os parvos; porém, por que não se imita Vieira num «Sermão» como um dos quatro «do Pó»? Ou os grandes espíritos não podem comunicar-se, ou podem, mas não querem, ou podem e querem, porém não encontram médiuns apropriados. De mais a mais, se fizéssemos sessões (pois o espiritismo, dizem, é tão velho quanto a humanidade) no Egito antigo, para sabermos se Osiris existiu de fato, que diriam os espíritos superiores, senão que sim, existiu? Acaso, para os gregos da Hélade heróica, não era assunto pacífico a existência histórica de Hércules, de Orfeu, de Apolo? Se, em sessão, perguntássemos aos desencarnados bramânicos a respeito da existência histórica de Cristo, êles respoder-nos-iam, na certa, que, històricamente, existiu Visnu, e não Cristo. Para os budistas houve Buda, para os persas, Zoroastro, do mesmo modo que para os cristãos, Cristo. Veja lá, prezado Chilon, a que reduzo sua decantada tese espírita, ou seja a do testemunho dos espíritos... e testemunho dado através de médiuns embebidos até a medula dos ossos de cristianismo!...

— Mas eu falei, atalhou Chilon, de espíritos superiores que não da maioria dos ignorantes que movimentam as sessões.

— Suponhamos então que tais espíritos existam, que para mim tudo acaba no pó da sepultura... mas suponhamos que êles existam: qual espírito superior teria o topete de expor suas dúvidas relativas à existência do Cristo histórico? Acaso não sabem êles as conseqüências que isto acarretaria?

— E você, redarguiu Chilon, por que pratica tais demolições? sabedor, como é, das tais conseqüências?

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Crônica Estrangeira

HELENE OU ROSETTA ?

Um dos mais recentes casos de reencarnação vem contado em *Psychic News* através de seu representante de Lubeck-Moisling, K. C. Gottschalk.

Uma jovem, Helene Marquand era uma criança normal até que foi atropelada por um carro, poucos mêses atrás. Com ferimentos na cabeça foi levada ao hospital onde, por algum tempo, permaneceu inconsciente.

O médico que a atendeu julgou que havia poucas esperanças e aguardava sua morte. Uma manhã, entretanto, ela abriu os olhos azues e olhou com espanto em torno de si.

— Como vim parar aqui ? — perguntou. Porém, não falava em sua nativa lingua alemã, falava em italiano, lingua que nunca aprendera.

Não havia uma explicação óbvia para o fato. O diretor do hospital, Dr. Schroeder, julgando solver o mistério, chamou um interprete ao qual Helene contou uma estranha história. Dizia que era Roseta Castellani, e que vivia em Noventa, perto de Pádua, onde nascera no dia 9 de agosto de 1887.

— Tenho dois filhos, — acrescentava — Bruno e Franca. Devem estar esperando que eu volte para êles. Por favor, diga ao doutor que eu preciso voltar para Noventa.

Ora, sucedia que o Dr. Schroedor era também um especialista em cérebro. De princípio julgou que a batida do carro induzira a menina, que está com 12 anos de idade, a uma fantasia. Refletindo, entretanto, concluiu que uma simples batida não poderia levar uma pessoa a falar o italiano.

Consultou um colega, o Dr. Rohwedder, distinto psicólogo que, também julgou impossível que uma injúria cerebral pudesse ter um resultado tal. E, embora fôsse sugerida a hipótese de que a injúria levara Helene a assumir a personalidade de uma mulher italiana, o Dr. Schroeder decidiu investigar.

Com Helene e o reporter seguiu para Noventa, na Itália. Num velho registro paroquial encontraram anotado que, no dia 9 de agosto de 1887 nascera uma menina, Rosetta Teobaldi que, mais tarde, a 17 de outubro de 1908 se casara com Gino Castellani.

O registro trazia o endereço da casa onde Rosetta vivera até que em, no dia 5 de fevereiro de 1917, viera a falecer. Os investigadores souberam então que Franca, filha de Rosetta ainda vivia na casa.

Os três homens, acompanhados pela menina alemã seguiam ao longo de uma rua quando Helene de sùbito se deteve e, apontando uma casa disse :

— Eis a minha casa.

Entraram e quando Helene viu sua moradora acrescentou :

— Esta é minha filha Franca.

Poz-se, em seguida, a narrar acontecimentos da infância de Franca, como se tivesse conhecido em condições normais. Contudo Helene e Franca nunca se tinham visto antes.

* * *

O FENÔMENO ESPÍRITA EM DELLANE

Carlos Luis Chiesa

Se os espíritas tivessem o poder de inventar demonstrações para uso dos incrédulos, provàvelmente não imaginariam provas tão convincentes como as que os espíritos proporcionam, por si mesmos. Veja-se, com efeito, como o fenômeno responde à crítica imediata com fatos que derrubam as teorias laboriosamente construidas pelos sábios:

«Aos movimentos iniciais e inconscientes, a mesa opôs a levitação sem contacto. A transmissão de pensamento não pôde explicar a revelação de fatos desconhecidos de todos os assistentes, e cuja veracidade se comprova ulteriormente. À segunda personalidade dos histéricos, o fenômeno responde em língua estrangeira. Agora vamos assistir a uma variante da escrita automática mas, desta vez, será feita diretamente pelos Espíritos : daqui seu nome. Esta ausência de intervenção humana projeta longe, no campo das hipóteses mal fundadas, o lóbulo direito e as «múltiplas personalidades», de Myers, assim como as «personalidades histéricas» dos doutos Lanet e Binet.

Como se sabe, foi o Barão Guldenstuble (De la Realité des Esprits, págs. 66 e 67) o primeiro a obter, em França, a escrita direta. Veja-se como relata essas experiências, cujos fac-similes se encontram no final de sua obra :

«No dia 1.º de agôsto de 1856 ocorreu ao autor ensaiar se os Espíritos podiam escrever *diretamente e sem o concurso de um médium.* Conhecendo a escrita direta e misteriosa do Decálogo, segundo Moisés, e a escrita igualmente direta e misteriosa durante o festim do rei Baltazar, segundo Daniel, havendo, ademais, ouvido falar dos mistérios modernos de Straford, na América, onde se tinham encontrado certos caracteres ilegíveis e estranhos, traçados sôbre fôlhas de papel e que não pareciam proceder dos médiuns, desejava verificar a realidade de um fenômeno cujo alcance seria imenso se realmente fôsse real.

Colocou, pois, um papel em branco, de cartas, e um lápis apontado em uma caixinha fechada a chave, levando sempre esta chave consigo e sem dar conta desta experiência a ninguém. Esperou em vão durante 12 dias sem observar a menor marca de lápis sôbre o papel. Mas qual não foi o seu assombro quando encontrou, a 13 de agôsto, certos misteriosos caracteres traçados sôbre o papel. Nêsse dia, para sempre memorável, repetiu dez vêzes a mesma experiência pondo sempre, ao cabo de meia hora, uma nova fôlha de papel branco na mesma caixa. A experiência estava, pois, coroada de um êxito absoluto.

No dia seguinte, 14 de agôsto, o autor tornou a fazer cêrca de 20 experiências, deixando aberta a caixa e não a perdendo de vista. Então observou como palavras e frases em língua estoniana se formavam, ou eram grafadas sôbre o papel *sem que o lápis se movesse.* A partir dêsse momento o autor, sentindo a inutilidade do lápis, cessou de colocá-lo sôbre o papel. Colocava simplesmente uma fôlha sôbre a mesa, em sua casa, e obtinha as mensagens.

O Barão de Guldenstuble repetiu a experiência em presença do Conde de Ourches e êste obteve uma comunicação de sua mãe com sua assinatura. A nova escrita, comparada com os autógrafos que o Conde possuía, era autêntica.

Êstes primeiros ensaios foram seguidos por muitos outros, e o autor adquiriu a certeza de que não era êle mesmo quem escrevia em estado sonambúlico, como havia suposto por um instante.

Transcrito de «Constancia»

* * *

DECLARAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL ESPÍRITA DE CUBA

A Confederação Nacional Espírita de Cuba, reunida em La Habana, acaba de redigir um documento que distribue à imprensa espirita de todo o mundo em forma de uma declaração de princípios em que avança que o Espiritismo tem de ser considerado como Ciência e Filosofia, e nunca como uma religião e que, assim sendo, o Espiritismo cubano está tratando de promover o movimento, em Cuba e no estrangeiro, nêsse sentido científico e filosófico. Pollticamente inquebrantável em sua solidariedade à revolução, quer prestar apoio à libertação dos povos oprimidos afim de ajudar em escala internacional a erradicação definitiva da exploração do homem pelo homem.

Êsse documento, que não comentamos, deve ser examinado detidamente pelos espíritas em geral e merece, portanto, publicação em todos os orgãos doutrinários que o receberem afim de que, uma vez mais, não se confundam alhos com bugalhos.

* * *

Se a água que brota do seio da terra serve para mitigar a minha e a tua sêde, também pode aplacar a sêde dos que nos seguem. Isto quer dizer que podemos todos beber da mesma fonte. — **José Brígido.**

Espiritismo no Brasil

V SEMANA ESPÍRITA «CAIRBAR SCHUTEL»

Debates Doutrinarios a Céu Aberto

De maneira franca e altamente positiva, foi realizada, conforme anunciada, a V Semana Espírita Cairbar Schutel, na cidade de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, em homenagem ao grande carioca que se trasladando a São Paulo, fêz-se grande espírita na cidade de Matão.

Deolindo Amorim abriu o certame, que se iniciou a 16 e terminou com Abstal Loureiro, no dia 22, tudo de setembro findo. Desfilaram nas tribunas caxienses, os confrades Humberto Alexandrino de Aquino, Arlindo Madeira, general Alfredo Molinaro, dr. Túlio Chaves e o coronel Euclydes Fleury.

Com a magnífica aula oferecida pelo espírito privilegiado de Deolindo Amorim, aula que ficou na memória de quantos tiveram a ventura de presenciá-la, viu-se logo que, além do ciclo nôvo que se abria ao estudo sem mêdo da Doutrina dos espíritos no território brasileiro, enorme seria o aproveitamento dos que foram receber os esclacimentos contidos na Grande Revelação, uma vez que êles eram prestados com tôda a simplicidade e com a maior objetividade dos seus postulados.

Nada de tabus e pontos nevrálgicos que se não pudesse abordar. Nada de bisantinismos e mistérios, ao contrário, tudo claro, com didática lúcida e perfeita e, mais do que isso, honesta.

O sistema introduzido por Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel foi muito simples: abertura, breves considerações acêrca dos fins em vista e daí a exposição do orador pelo prazo de 50 minutos. Seguidamente, o debate franco diretamente com os assistentes.

Com exceção da sexta jornada a cargo do cel. Euclydes Fleury, cumprida na Associação Comercial da cidade, as demais foram realizadas nas casas espíritas mais centrais para facilitar o afluxo do público e o comparecimento das pessoas oriundas das cidades vizinhas, tendo-se em vista a extensão da cidade.

Empreendimento levado a bom termo, resulta de perseverante e difícil esfôrço, durante 5 anos, a prol do estudo intensivo da Doutrina espírita. Nêsse período, muitas dificuldades e sacrifícios foram vencidos para levar esclarecimentos aos espíritas e quebrar as resistências opostas pela suspeição e incompreensão de uns poucos ainda não afeitos ao estudo e à pesquisa arejados de uma doutrina tão simples quanto verdadeira.

Desta vez, além de receberem respostas esclarecedoras e honestas para todos os temas propostos, os espíritas caxienses perceberam que o principal caminho para alcançar a fonte da Verdade prescinde de atavios e de complicações interpretativas. O interêsse despertado foi grande, tanto assim que os debatedores não raras vêzes tentaram o prolongamento dos debates, entusiasmados com a experiência inédita alí introduzida para o aperfeiçoamento do aprendizado espírita.

Sem vaidade ou jactância, os espíritas de Caxias deram o primeiro passo para o estudo a céu aberto de uma doutrina perfeita, que algum dia há-de reger à sociedade humana sem grandes abalos ou atritos.

II SEMANA ESPÍRITA DO RAMAL DA LEOPOLDINA

Foi realizada, uma semana após o grande certame de Caxias, a II Semana Espírita do Ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, incorporando unidades espíritas de Bomsucesso, Higienópolis, Olaria, Penha e Caxias (RJ), esta pela primeira vez convidada a confraternizar com os espíritas da Guanabara. A abertura da Semana se fêz na sede da Associação Espírita «Cairbar Schutel» (Caxias) e o encerramento na Congregação Espírita «Oswaldo Cruz» (Bomsucesso), onde falou Newton Boechat. As jornadas foram disciplinadas por rigorosa e pontual pragmática, sendo a comissão organizadora composta pelo redador desta nota, Ademar Constant, Elicides Teixeira e Macario.

NOVA DIRETORIA DA CRUZADA ESPÍRITA DISCÍPULOS DE ALLAN KARDEC

Com a eleição efetuada no dia 23/9/63, foi reconduzido ao cargo de Presidente da Cruzada Espírita Discípulos de Allan Kardec, o confrade Antônio dos Santos, trabalhador dos mais esclarecidos de Caxias — RJ.

Antonio dos Santos e seus companheiros, foram empossados no dia 2 de outubro, em ato solene presidido pelo dr. Floriano Moinho Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, que compareceu a Caxias especialmente para tal fim. Parabens e votos de progresso à Cruzada.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 5 de outubro de 1963

À hora regimental profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara aberta a reunião, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada pelo Conselho, com retificações solicitadas pelo Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros, representante da USE, de S. Paulo, e pelo Presidente do Conselho.

SANTA CATARINA — Pelo representante, Conselheiro Manoel Bernardino, é comunicado que o trabalho de difusão e propaganda da Doutrina, realizado pela Federação Espírita Catarinense, prossegue animador em todo o Estado, pela tribuna, em sua sede e nos demais Centros e Sociedades adesas, pelo Rádio, e pela imprensa, através das colunas de «O Estado», órgão oficial de Santa Catarina. Noticia ainda animadora presença de jovens espíritas, como colaboradores da «Hora da Meditação», mantida pela Federação.

GUANABARA — O Conselheiro Aurino Souto, da Liga Espírita da Guanabara, comunica que será realizada hoje, 5, na sede da Liga, solenidade comemorativa da assinatura do «Pacto Áureo», convidando os Conselheiros para a mesma. Pelo Presidente são indicados os Conselheiros Agadyr Teixeira Torres, General Luiz de Oliveira Souza e Arérvulo Werneck Genofre.

SÃO PAULO — Representando a USE de São Paulo, o Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros faz longa exposição sôbre o trabalho de *Unificação do Espiritismo,* não só em São Paulo, como em outros Estados, salientando os promissôres resultados, e anuncia a partida do Conselheiro Carlos Jordão, para Buenos Aires, levando a incumbência que lhe conferiu a FEB, de homenagear os espiritistas reunidos no Congresso Espírita Pan-Americano.

Às dezesseis horas, após a prece final, feita pelo representante da Federação Baiana, é encerrada pelo Presidente do Conselho a reunião.

ENFÊRMO O DEPUTADO CAMPOS VERGAL

Embora um pouco tarde, fomos informados que o ilustre Deputado Campos Vergal, a 11 de Junho último, fôra acometido de duplo mal: derrame cerebral e edema pulmonar agudo.

É com pesar que recebêramos a notícia, dada a grande estima que goza aquêle nobre parlamentar entre espíritas e não espíritas. Como representante do povo, sempre dedicado na defesa das causas justas, sua ausência na Câmara Federal, entre os demais operosos deputados, considerando-se o motivo, estaria causando sentimento geral.

Nós, desta Redação, que sempre tivemos nêsse nobre parlamentar um devotado amigo e colaborador, deixamos aqui os nossos ardentes votos para que já esteja em vias de restabelecimento.

A dor dilacera. Mas aperfeiçoar-nos-á o coração, se buscarmos aproveitá-la. (A. L.)

Natal dos Pobres

Para o Natal dos Pobres patrocinado pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», em 1963, recebemos os seguintes donativos:

João Isau Nascimento, 200,00; José Manoel, 10,00; Ana Jacinto, 100,00; Eloi Marcelino, 50,000; Eugenio Manoel, 200,00; Walter Mello, 50,00; Adolfo Fava, 50,00; Anônimo de Japira, 200,00; Centro Espírita «Amantes da Pobreza», 15.000,00; Genêsio Teruel, 1.000,00; Evaristo Sedano, 200,00; Idalina Sedano Dalastro, 40,00; Eliza Dalastro, 200,00; Helena Candido Sedano, 50,00; Evaristo Candido Sedano, 50,00; Francisco Crovador, 100,00; Ernesta M. Crovador . . . 100.00; Emilia Engracia Bartsch, 765,00; Elvira Lucca Guaglini . . 200,00; Juvenal Mendes dos Santos, 125,00; Droga Sonia, 1.000,00; Antonio Lian, 200,00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Flavio Pittorri, 360,00; Benedito Batista Dias, 750,00; V. D. G. Puccinelli, 1.500,00; Prof. João Guimarães Filho, 200,00; Genésio Teruel, 500,00; Centro Espírita «Cairbar Schutel», 2.500,00; Centro Espírita «Ismael», 2.500,00; Evaristo Sedano, 150,00; Dr. Eusinio Lavigne, 225,00.

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memórias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: *José da Cunha*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$ 600,00
Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3911unse_0

io XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de dezembro de 1963 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINC
THEOLOGIC[illegible]ARY

SUMÁRIO

Pelos Médiuns de Cura	*"La Tribune Psychique"*
Cepticismo desculpável e indisculpável	*Carlos Imbassahy*
Anti-Científica a Tese Materialista das «Radiações Mentais» . . .	*V. O. Casella*
Para o bom entendimento da Verdade	*Arnaldo S. Thiago*
As Idéias Espíritas de Leon Tolstoi	*"Le Matin"*
O Espiritismo tem uma Missão . .	*Mac Maynard*
Psiquiatra Mundialmente Famoso Revela que era Médium	*"Sunday Times"*
Serões Bíblicos — XII	*Luiz Caramaschi*
Necrologia	*Redação*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis:

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

AVISO

Aos Nossos Prezados Assinantes

Conforme vem acontecendo, não só na imprensa da Capital mas na de todo o interior, também somos forçados, em virtude do aumento de tôdas as utilidades gráficas, a elevar os preços das nossas publicações, que passarão a ser os seguintes, a partir de 1.° de janeiro de 1964:

REVISTA	–	ASSINATURA ANUAL	CR.$ 1.000,00
O CLARIM	–	» »	CR.$ 400,00

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1963 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS
A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.
FUNDADOR : *Cairbar Schutel*
DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*
GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*
Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

PELOS MÉDIUNS DE CURA

A' margem do caso Arigó, cujo julgamento transcende as fronteiras nacionais, encontramos em «La Tribune Psychique» as linhas seguintes :

«Embora seja o país de Voltaire e da Revolução, a França, pelo menos a França representada por suas leis atuais permanece na retaguarda de nações vizinhas como a Bélgica, a Inglaterra, em sua atitude para com os médiuns de cura. Curar um doente sem ser médico é, na França, um delito.

Na Inglaterra desde 1960 (ver Science et Vie, outubro de 1960, págs. 40 a 48) os curadores têm legalmente o direito de exercer suas faculdades em 1700 hospitais quando são reclamados pelos doentes.

Na França, pelo contrário, são perseguidos em suas casas e punidos tanto mais severamente quanto tenham curado mais doentes. A perseguição que sofrem é proporcional ao número de casos de curas obtidas. Oficialmente é o exercício ilegal da medicina que é punido. E' lamentável verificar que em nossa época de liberdade, o cuidado mesquinho de interêsses pecuniários de uma corporação ademais indubitàvelmente honorável e de indiscutível utilidade, possa se opôr legalmente aos cuidados dos curadores, reclamados pelos doentes quando a terapêutica comum é impotente. Se é meritório punir os charlatães — e os há — é escandaloso ferir com pesados prejuizos os médiuns curadores que beneficiam os doentes abandonados à sua sorte por uma medicina oficial tornada impotente.

Essa legislação chega mesmo a punir os médicos que, em casos graves, julgam útil recorrer ao poder eficaz de certos médiuns. Há, pois, limitação para os meios de diminuir o sofrimento humano?

Muitos deputados recentemente cuidam de aprovar uma proposição de lei que tem por fim autorizar, sob garantias convenientes, o exercício das faculdades curadoras. E' preciso, evidentemente, eliminar os charlatães que, longe de curar podem agravar o estado do doente. Muitas garantias são necessárias.

Assinalamos essa generosa iniciativa parlamentar que honra aquêles que a conceberam. Vai, porém, de encontro ao interêsse pecuniário dos sindicatos médicos. Ora, um número importante de deputados são médicos. Terá pois, diante de si uma oposição organizada e, em medicina, vivemos ainda sob o regime ditatorial das corporações.

A despeito do intêresse primordial da saúde humana, que não é melhor em França do que nos países vizinhos, a generosa iniciativa parlamentar que acabamos de assinalar tem poucas oportunidades de ter êxito. E êsses bem intencionados talvez tivessem mais êxito se apresentassem um decreto-lei concedendo aos sindicatos médicos, nos processos de exercício ilegal de medicina, uma soma superior a um franco de interêsses-prejudicados.»

Essas linhas devem lembrar aos representantes eleitos, filiados ao Espiritismo, no Brasil, a necessidade de uma luta semelhante, afim de que, no futuro, a lamentável ocorrência com o médium Arigó não se venha a repetir.

Cepticismo desculpável e indisculpável

Não há dúvida que os que viram apenas umas sessões domiciliárias do «gênero espírita» fiquem desconfiando que aquêles médiuns ou são histéricos ou embusteiros. Podem notar a excessiva credulidade dos presentes na aceitação do que dizem os médiuns, e daí suporem que todo o Espiritismo é fruto dessa credulidade.

Ou porque lhes falte o tempo, ou lhes falte o gosto, ou lhes faltem os livros, nada conhecem do que se passa nas reuniões de estudo, nos gabinetes de Ciência. Tudo para êles é o que acontece nas sessões que frequentaram : — um médium em transe, que diz coisas que não se sabe se estão certas, ou faz coisas que não se sabe são corretas, ou faz gestos que não se sabe se são próprios. Diante de tantas dúvidas, sem prova nenhuma da autenticidade da manifestação, vendo ainda cenas que parecem absurdas ou ridículas, o néofito se torna céptico, e o céptico endurecido. Não achando nada que o convença, e notando que o convencimento dos demais firma-se no vasio, justo é o seu cepticismo, e mais justo é que lhe reconheçamos o direito de ser céptico.

Já o mesmo não poderemos dizer daqueles, mòrmente os cultos e estudiosos, que procuram ser cépticos, que acham elegante ser céptico, que é muito bonito e interessante o cepticismo, que é êle uma prova de alta elevação mental. E então recusam as provas que lhes oferecem, ou ficam espreitando umas nugas para com elas cimentarem a sua incredulidade. O cepticismo em tais casos não se justifica.

Há, por exemplo, experiências graníticas. Êles não reparam nisso. Mas vem alguém e diz: — Crookes taxou de inconvenientes os excessos de contrôle com que pretendiam melhorar os dispositivos garantidores da autenticidade da materialização de Katie King.

Ora, ninguém sabe quando Crookes «taxara» aquilo, quais os «contrôles» que êle achou exagerado, e porque os acharia ; quem quís ou quem pretendeu melhorar os dispositivos garantidores . . .

Nessa indecisão, nessa incerteza, na vacuidade dessa asserção acha o céptico um esteio formidável. Ei-lo pois a proclamá-lo com ênfase demolidora.

Sabe-se que Crookes se valeu de especialistas para certificar-se da autenticidade do fenômeno : como êle próprio, físico notável, os inventou. Sabe-se que um dos técnicos que assistiram às experiências e nelas colaborou com seus inventos, foi Varley, o maior eletricista de seu tempo, e êste, com carta branca, usou de tôda a sua perícia, de tôda a sua arte, para fiscalizar a médium, estabelecendo um «controle» especial para o caso. E tal era que se tornou impossível a menor tentativa de fraude.

Mas o céptico não conheceu Varley, nem os seus processos, nem a sua competência, nem a sua honestidade, nem a sua fiscalização, nem todo o rigor empregado por Crookes, nem a audiência de colegas igualmente sábios. *Nothing at all.* Afirma apenas que Crookes recusava a autentificação, conhecimento que lhe veio não se sabe por que canais.

Há melhor, e o nosso céptico declara que se Crookes merecesse fé, tôda a Ciência estaria a seu lado.

Nunca nenhum homem sério teve coragem de duvidar de Crookes. Mas não se trata de fé senão de fatos. Não se quer que haja fé em Crookes, mas que se examine o que êle fêz, as experiências que realizou e como as realizou, as provas que apresentou, a aparelhagem de que se serviu, os testemunhos dos que confirmaram a sua prodigiosa investigação.

Se a Ciência abandona tudo isso e declara que não tem fé, nós é que perdemos a fé nessa Ciência e nos que nela se estribam.

—Não vi nada—diz o céptico. E como não viu nada é mais do que certo que ninguém viu coisa nenhuma. Teria êle visto algum bólido ? Se não o viu é riscarmos êsse meteoro dos conhecimentos humanos.

E muitos nos dizem : — Mandem-me os médiuns, mandem-me a Katie King, mande-me algo que eu veja para que possa acreditar. — Convem porém que expliquemos o seguinte : E' o interessado que tem que deixar os seus ócios para aprender alguma coisa. Não é o Professor que procura o aluno, mormente quando o aluno é gratuito. Não são os espíritas que deverão fazer ingentes esforços e pesados sacrifícios para tirar aos que não querem ver a nevoa que têm nos olhos. Atualmente, a nevoa sêca, que é o que mais existe por estas bandas.

Os espíritas, apesar do desejo de que todos aprendam, não se acham assim tão ansiosos para que aceitem a doutrina a qualquer preço. Já passou o tempo em que os catequistas se imolavam para que os catecúmenos os deglutissem juntamente com a catequese.

E' preciso que se saiba que a nossa propaganda tem apenas por fim a melhoria, o progresso moral, a felicidade do indivíduo, o equilíbrio na sociedade. E' um interêsse humanitário, o desejo de servir, a possibilidade de ser útil.

Nenhum verdadeiro espírita está ganhando com o proselitismo. Antes, o Espiritismo é uma fonte de despesa, de trabalhos, de inquietações, cabendo ao idealista o apôdo, a pecha de feiticeiro, a designação de idiota, a capitulação de estúpido. E se cura, é premiado com a acusação, o processo e a cadeia. O seu lema é dar e não receber. De sorte que não seria curial, a não ser pelo sentimento altruístico, afadigar-nos por mostrar aos nossos coevos que não existe a morte, que teremos dias mais felizes, que reveremos as criaturas amadas, que não há a eternidade dos males e das penas, que há regiões muitíssimo superiores às nossas, que progrediremos sempre na senda do Bem e do Conhecimento.

E nós a matar-nos para tirar da cabeça do indivíduo o que êle tem como certo — que sairemos dêste mundo de opróbio para a desgraça ou para o nada ; que o nosso fim é o fim mesmo. Nós a encher-nos de canseiras para que aquêle que deixa a Terra não fique às tontas no Espaço, espantado por ver-se com um corpo como o que possuía, as vestes que vestia, os hábitos que contraira, enfim, com a mesma personalidade física, moral e mental, êle que supunha na morte o aniquilamento ou uma transformação radical.

E porque queremos instruir o înscio, encaminhar o desviado, consolar o aflito, esclarecer o perturbado, ei-los revoltados, a ver em nós um impertinente ou uma azêmola.

* * *

Outro êrro é supôr que, não existindo Crookes, não se pode saber mais nada. Há mesmo quem afirme: Depois de Crookes morreram as experiências.

Infelizmente só se conhece Crookes.

Entretanto, houve uma centena de grandes experimentadores e algumas experiências tão notáveis como as do célebre sábio britânico. Ora, os médiuns continuam. A raça não se extinguiu como nos ominosos tempos da Idade Média.

E dizia-me um amigo, muito tranqüila e sinceramente, que é absurdo acreditar em Espíritos, quando ninguém os viu até hoje.

Ninguém os viu!... *Obstupui!* Tôda a História é um relato de Espíritos, que se vêem, que se ouvem, que se tocam. E hoje aí estão os videntes, os audientes, as casas assombradas, as materializações, de maneira que não só o Espirito é visto pelo médium, em tôdas as épocas e em tôdas as regiões, como os vêem os não médiuns, desde que êle toma uma forma tangível. Há ainda os inquéritos, e êles constam dos anais, de obras várias, como as de Gurney, Myers, Podmore, Flammarion... O fato está universalmente registrado. E vai o amigo e declara com a máxima segurança: — *Nunca ninguém os viu!...*

E outro me dizia, batendo-me benevolàmente no ombro: — Espero que me prove o seu Espiritismo com fatos provados, cientìficamente provados, e não com seus autores A., B. e C.

Eu lhe poderia continuar apresentando D., E. e F., que êle continuaria na mesma, a pedir-me fatos cientìficamente provados. Necessàriamente, eu teria que fazer diante de meu amigo tudo o que fizeram A. B. e C., e trazer tôda a tralha que êles utilizaram, e arranjar os médiuns, e conseguir uma ambiência satisfatória, e pôr tudo ali, diante dêle, dizendo-lhe: — Aqui tem. Era o bolo preparado, temperado, mexido, cozido, com as fatias já cortadas. Tudo o que êsses sábios têm feito, experimentado e mostrado até agora não vale nada. Eu é que tenho que reproduzir, ali na frente do amigo, tôda a sua exaustiva trabalheira, dêles sábios.

Por maior, porém, que seja o meu interêsse no esclarecimento dêsse caso, não tenho dúvida que iria perder o meu tempo. Um céptico, com raras excessões, é tão fanático na sua descrença como o crente nos seus dogmas. E o amigo, provavelmente enfiado no seu pijama, numa rede ou *chaise longue* o cigarro a pender-lhe dos lábios, diria, irônico: — Truques.

Agora o filósofo: — «Quem pensa em Deus, percebe Deus, crê em Deus. Assim com os espíritas: crêm nos Espiritos e por isto julgam que há Espíritos.»

O filósofo não sabe que quanto mais progredimos em estudo e mais aprofundamos essa questão divina, menos a conhecemos, e como que mais nos distanciamos dela. Quanto mais refletimos sôbre Deus, menos o concebemos. O espírita sabe que há Deus, que dêle tudo promana, que está certo o que êle faz, embora não comprenda nada. E sabe-se disto não porque se pense em Deus, mas pelo que o Espìritos nos dizem, sem poderem adiantar muito ou adiantar mais.

Com o *Espírito* dá-se precisamente o contrário. Sabemos que êle existe, não porque pensemos nêle, mas pelos fatos, pelos fenômenos, pela observação secular, pela experimentação científica. E o Espírito se apresenta, muitas vêzes, quando menos o queremos. Há as vidências espontâneas, inesperadas, indesejadas. Vêem Espíritos os que nunca acreditaram em sua existência, e portanto nunca poderiam estar pensando nêles, ou nela.

Mas o nosso filósofo deve estar acreditando que não há como a Filosofia para dar-nos a chave dos grandes problemas. E êle aí está para desanuviá-los.

Bem dizia o velho Salomão: *Vanitas, vanitatum...*

Carlos Imbassahy

PUREZA

A verdadeira pureza não é fruto de uma inflexível observância de práticas e cultos exteriores e formais; é, acima de tudo, resultado fiel de uma gradativa, mas persistente transformação moral de todos os sentimentos e pensamentos. — JORGE ROCHA

Anti-Científica a Tese Materialista das «Radiações Mentais»

Assim como a atividade do ato de pensar, analìticamente, revela-se neutra, em relação às ondas elétricas do cérebro, conforme já comentamos em trabalho anterior, essa mesma neutralidade também se diz dos demais atos psíquicos, como sejam as emoções, a exemplo dos estados mentais de tristeza, medo, alegria, etc. Contudo, essas impressões emocionais, refletindo na mecânica somática, esta desencadeia outra sucessão de acontecimentos orgânicos, que culminam perturbando a freqüência normal das ondulações cerebrais.

De princípio, dada a instantâneidade entre a causa primária (a impressão emocional) e a última resultante (a alteração da freqüência das ondas cerebrais), pareceria haver uma relação direta entre os dois acontecimentos, no sentido de causa e efeito, como tem sido interpretado por alguns autores menos atentos na palavra dos sábios. Entretanto, os dois extremos, a emoção e as ondas cerebrais, estando separados por uma série de outros acontecimentos revelam, analìticamente, a incompatibilidade entre aquela fase inicial de natureza psíquica, e a outra final de natureza material.

Passemos os acontecimentos em câmara lenta, descrevendo a série de seqüência dos fatos, desmentindo a pretensa tese de que as ondas elétricas do cérebro seriam produtos da atividade mental.

Reconhece a ciência duas naturezas distintas do sêr humano : a psíquica e a somática, ou seja, espírito e matéria. Ao espírito, responsável pela atividade psíquica, ou mental, cabe-lhe o comando da máquina somática, a qual é estruturada por inúmeros diminutos motôres vivos, as células, alimentados pelo sangue, cujo combustível líquido é conduzido através de uma rêde de veias condutoras. Uma outra rêde, de fios nervosos, mantém os movimentos automáticos, dos reflexos de defesa do equilíbrio da mecânica do organismo somático.

Estando as duas naturezas viventes, a somática (vida vegetativa) e a do espírito (vida inteligente), unidas em coexistência no ser humano, ambos recìprocamente se influem. Assim, se o espírito sofre alguma ação de certa intensidade, como seria a de um choque emotivo, o ser espiritual sofre uma vibração com o abalo emocional. Em conseqüência, a mecânica somática, com a sua contraparte espiritual sensibilizada, ressente-se na sua normalidade orgânica, reagindo para não perder o equilíbrio da sua função. E' quando a reação pode desencadear fenômenos vasomotôres, em que as glândulas ativam sua função, o coração bate fora do ritmo normal, a respiração torna-se difícil, as veias pela tensão muscular desajustam-se a normalidade do seu diâmetro, perturbando a circulação sanguínea, como bem se vê a mudança de coloração das faces do indivíduo, pálidas ou coradas, em uma dessas ocasiões dramáticas, pela emoção. Em conseqüência, as células, dizendo-se das do cérebro, ao receberem carga de combustível sanguíneo fora da quota normal, ativam para mais ou para menos a sua função celular. Nestas condições, as junções eletrônicas da sua arquitetura molecular, ao sairem fora do seu ritmo normal de trabalho físico-químico intra-celular passam a irradiar suas ondas elétricas «cerebrais», com a freqüência alterada, de acôrdo com a perturbação desencadeada.

Mas note-se aí, agora, que houve uma distância entre o primeiro e o último acontecimentos, separados por outra seqüência de fatos orgânicos, revelando assim não ser aquêle efeito final, as ondas cerebrais, um produto da causa inicial, o ato psíquico. Primeiro : houve o choque emotivo, como acidente inicial, sensibilizando o ser psíquico. Segundo : a vibração psíquica desencadeia outro acontecimento seqüente, ao transmitir a impressão sensorial à outra sua contraparte, a mecânica somática. Terceiro : as células não recebendo a quota normal do combustível sanguíneo, devido a má circulação proveniente da anormalidade da mecânica somática, aceleram ou retardam sua função celular. Quarto : em conseqüência dessa perturbação do trabalho das células, as junções eletrônicas, da sua estrutura molecular, ressentem-se, perturbando o ritmo normal da sua função físico-química, cuja alteração reflete na freqüência radiante das suas ondas elétricas cerebrais.

De fato, essa mesma série de acontecimentos pode se desencadear por outros processos iniciais, estritamente somáticos, revelando não ser o fator psíquico, uma necessidade para alterar as ondas cerebrais, para que se digam ser elas um produto das atividades mentais, conforme propalam certas literaturas de alguns autores descuidados.

Vejamos então êsses mesmos desencadeamentos, provocados por outros processos, sem a presença do acidente de natureza psíquica.

A mecânica da somática, por si só, pode sofrer desarranjos, desencadeando fenômenos vasomotores, como reflexo de defesa. Tal se dá devido a causas mórbidas, ou medicamentosas, ou outros acidentes somáticos, de natureza estritamente estrutural orgânica. Assim, perturbações glandulares, carência ou excesso de sângue na irrigação celular devido acidentes hemorrágicos, ou por causa contrátil ou dilatação do diâmetro das veias com maior ou menor vasão sanguínea, enfim, qualquer anormalidade da mecânica somática, provocada por acidentes químicos ou físicos orgânicos, pode desencadear aquela mesma sequência de fenômenos vasomotores, até atingir a perturbação das ondas cerebrais, sem a presença do fator psíquico inicial.

Neste caso, se as ondas elétricas do cérebro seriam produtos mentais, pelo fato de se alterarem quando surge o fator psíquico emocional, como explicar agora êsse propósito materialista, se apenas com o fator somático obtem-se as mesmas alterações da freqüência das ondulações cerebrais? Se elas são produtos dos atos psíquicos não poderiam responder ao fator somático.

Argumentam ainda, em favor dessa tese materialista, o fato de que pela leitura das alterações das ondas cerebrais, pode-se saber qual a natureza do acidente psíquico.

Mas isso não é de se admirar lembrando-se que a frequência radiante acentua-se de acôrdo com a intensidade do abalo que veio atingir as junções eletrônicas das moléculas celulares. Se o choque de um susto é sempre um impacto mais intenso do que uma vibração emotiva de prazer, ou pela contraposição de um excesso de tranqüilidade, ou de outras atitudes emocionais, cada qual com a sua intensidade peculiar, é lógico que a radiação acentua-se correspondendo ao diferente abalo sensorial recebido pela seqüência dos acontecimentos. Daí se dizer, pela leitura do eletroencefalograma, de que o estado emocional do paciente seria de determinada natureza psíquica, isto é, agradável ou desagradável, de preocupação ou tranqüilidade, e assim sucessivamente. Mas o cálculo se diz pela intensidade do abalo inicial. Se as ondas cerebrais correspondem a uma frequência moderada, diria-se que a mecânica somática estaria trabalhando em ritmo de uma atitude de acentuado sossêgo, imposto pela tranqüilidade do espírito, despreocupado com as agitações cotidianas. Já, se a frequência revela-se com intensidade contrária a agitação ondulante, correspondendo a uma atividade agitada da função orgânica, diria-se que a transmissão do abalo psíquico para a mecânica somática seria de algum choque violento. Claro, que sendo de intensidade oposta à traquilidade, a agitação ondulante diria-se de uma atitude de cólera, desespero, medo, cada qual predito, de acôrdo com a sua peculiaridade do abalo, refletido nas ondas cerebrais. Mas pelo fato de se ler nas ondulações radiantes a natureza do estado emocional, não se diz da causa mental na sua particularidade psíquica, como se pudesse saber qual o motivo que teria dado causa a impressão sensorial. O abalo, por exemplo, pode corresponder a um susto repentino. Mas a perturbação das ondas cerebrais não dizem se o motivo do susto teria sido uma notícia de morte, ou de desastre, ou de outros motivos desagradáveis com algum parente íntimo, ou de algum insucesso profissional ou financeiro, ou mesmo por alguma brincadeira de mau gôsto, surpreendendo o indivíduo desprevenido. Essas particularidades, de ordem mental, pela percepção inteligente do motivo acidental da causa dando origem ao abalo sensorial, as ondas cerebrais não acusam, conforme insinuam alguns autores materialistas, com a pretensa tese anti-científica das «radiações mentais», como se os mestres da ciência tivessem alguma vez dito essa ingenuidade.

E aí fica, nossa exposição, rogando a que nos relevem os leitores, interessados no assunto, se não fôramos bem explícitos, para o alcance geral, dado a complexidade do assunto, quase inacessível a uma linguagem simplificada. Contudo, como já dissemos em outras ocasiões, e tornamos a repetir, bastaria acatar a palavra autorizada dos sábios, para se compreender que as ondas elétricas do cérebro não são produtos mentais, conforme julgam alguns observadores de gabinete. Portanto, o bom senso manda-nos atender, ao que dizem os observadores de laboratório, a exemplo de Berger e Adriam, quando afirmam: — as ondas observadas são cerebrais, e não de pensamento.

Seria preciso mais?

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

Para o bom entendimento da Verdade

Arnaldo S. Thiago

ENCONTRÁMOS em «Reformador», de agôsto do corrente ano, sob o título de «Uma Revolução», de autoria de Cristiano Agarido, informações interessantes sôbre a literatura mediúnica dos últimos tempos, especialmente a que procede do Espírito de André Luiz, informações a respeito das quais anotámos certas expressões cujo sentido particularista se ressente da falta de adjetivação adequada, para que não venham a ser tomadas em sentido mais amplo, que as tornariam evidentemente contrárias à noção superior que já podemos ter dos altos destinos da alma humana.

Entre essas expressões, a que mais carece da referida adjetivação é a seguinte: «Ficamos sabendo por essa nova literatura que os Espíritos se organizam em colônias, mais ou menos adiantadas, nas proximidades da crosta terrestre, para realizarem trabalhos coletivos em benefício de sua própria evolução e de socorro a sofredores encarnados e desencarnados, promovendo uma variedade imensa de serviços na obra de salvação.»

Que Espíritos são êsses? Certamente, ninguém que tenha uma pequena noção do universo, irá pensar que aí se trata de «todos» os Espíritos, dos Espíritos de qualquer ordem que seja. Mas sempre, por causa das dúvidas, é bom acrescentar à palavra, ao substantivo «Espíritos», o adjetivo adequado a essa categoria de sêres que vivem próximo à crosta terrestre: e êsse adjetivo é «Terrícolas.»

Em matéria de princípios tôda clareza é necessária, porque infelizmente ainda há muitos «mestres em Israel» que bem pouco querem entender das coisas espirituais, a lembrar-nos a advertência de Jesus a Nicodemus: «Se não me entendes quando te falo das coisas materiais, como poderias entender-me se te falasse das coisas espirituais?»

Assim é que tem procedido o nobre Espírito de Emmanuel, orientador das faculdades mediúnicas do não menos nobre Espírito encarnado, que é Francisco Cândido Xavier. No prefácio à obra «No Mundo Maior», de André Luiz, dado à estampa em 25 de março de 1947, assim se externa Emmanuel sob a epígrafe «Na jornada evolutiva»: «Vários companheiros de ideal estranham a cooperação de André Luiz, que nos tece *informações sôbre alguns setôres das esferas mais próximas ao comum dos mortais.*»

Então fique bem entendido que apenas André Luiz abrange em suas informações *alguns setôres das esferas mais próximas ao comum dos mortais,* sendo êsse modo de ver muito diferente do que prevalece na literatura espírita britânica que, se nos fala de um mundo espiritual muito semelhante ao nosso, é porque os escritores inglêses vivem ainda muito presos a preconceitos, tanto que com extrema dificuldade estão aceitando o princípio das reencarnações, não podendo ser tidos como paradigmas de boa mentalidade espírita. Que nos perdoem a franqueza os confrades dessa nacionalidade, mas há casos em que a franqueza é indispensável.

Nas próprias páginas de André Luiz o verdadeiro conceito a respeito da natureza dos espíritos de que êle trata, ressalta com evidência. Em seu livro «Libertação», a págs. 26 e 27, no capítulo II—A Palestra do Instrutor—, assim se exprime:

«Ao nos retirarmos do educandário, o Instrutor Gúbio, pousando sôbre Elói, o nosso companheiro, e sôbre mim, os olhos lúcidos, acentuou:

— Para muitas criaturas, é difícil compreender a arregimentação inteligente dos espíritos perversos. Entretanto, é lógica e natural. Se ainda nos situamos distantes da santidade, não obstante os propósitos superiores que já nos orientam, que dizer dos irmãos infelizes que se deixaram prender, sem resistência, às teias da ignorância e da maldade? Não conhecem região mais elevada que a esfera carnal, a que ainda se ajustam por laços vigorosos. Enleados em fôrças de baixo padrão vibratório, não apreendem a beleza da vida superior e, enquanto mentalidades frágeis e enfermiças se dobram humilhadas, os gênios da impiedade lhes traçam diretrizes, enfileirando-as em comunidades extensas e dirigindo-as em bases escusas de ódio aviltante e desespero silencioso. Organizam, assim, verdadeiras cidades, em que se refugiam falanges compactas de almas que fogem, envergonhadas de si mesmas, ante quaisquer manifestações da divina luz. Filhos da revolta e da treva aí se aglomeram, buscando preservar-se e escorando-se, aos milhares uns nos outros...

Auscultando-nos a surprêsa manifesta, o Instrutor prosseguiu, respondendo-nos às arguições íntimas:

— Tais colônias perturbadoras devem ter começado com as primeiras inteligências terrestres entregues à insubmissão e à indisciplina, ante os ditames da Paternidade Celestial. A alma caída em vibrações desarmônicas, pelo abuso da liberdade que lhe foi confiada, precisa tecer os fios do reajustamento próprio e milhões de irmãos nossos se recusam a semelhante esfôrço, ociosos e impenitentes, alongando o labirinto em que muitas vezes se perdem por séculos. Inabilitados para a jornada imediata, rumo ao Céu, em virtude das paixões devastadoras que os magnetizam arrebanham-se de conformidade com as tendências inferioros em que se afinam, ao redor da Crosta Terrestre, de cujas emanações e vidas inferiores ainda se nutrem, qual ocorre aos próprios homens encarnados. O objetivo essencial de tais exercítos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, afim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob o seu jugo tirânico». («Libertação», de André Luiz — Págs. 26 e 27, já acima citadas.)

Logo em seguida o autor informa: «Eu também havia passado pelos baixos círculos da vida, depois do transe corporal; entretanto não identificara a existência dessas condensações malignas».

E' patente a intenção de André Luiz. Como diz o esclarecido Espírito de Emmanuel no prefácio dêsse livro — «Libertação» — a que acabamos de nos referir, «o esfôrço de André Luiz, buscando acender lume nas trevas, é semelhante à missão do peixinho vermelho (de uma lenda egípcia, a que antes êle faz longa referência):

Encantado com as descobertas do caminho infinito, realizadas depois de muitos conflitos no sofrimento, volve aos recôncavos da Crosta Terrestre, anunciando aos antigos companheiros que, além dos cubículos em que se movimentam, resplandece outra vida, mais intensa e mais bela, exigindo, porém, acurado aprimoramento individual para a travessia da estreita passagem do acesso às claridades da sublimação. Fala, informa, prepara, esclarece...

Há, contudo, muitos peixes humanos que sorriem e passam, entre a mordacidade e a indiferença, procurando locas passageiras ou pleiteando larvas temporárias.

Esperam um paraíso gratuito com milagrosos deslumbramentos depois da morte do corpo. Mas, sem André Luiz e sem nós, humildes servidores de boa vontade, para todos os caminheiros da vida humana pronunciou o Pastor Divino as indeléveis palavras: «A cada um será dado de acôrdo com as suas obras». («Ante as portas livres», prefácio de Emmanuel ao livro «Libertação», de André Luiz, já citado.)

Entretanto, desde a publicação de «Nosso Lar», o primeiro dessa interessante série que André Luiz vem ditando a Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, como se vê do prefácio ao livro em referência, datado de 3 de outubro de 1943, esclarece perfeitamente o assunto. O próprio autor, contudo, é quem melhor elucida a matéria, quando descreve no capítulo I, intitulado «Nas zonas inferiores», a surpreza que êle, autor, distinto médico brasileiro, materialista, teve ao desencarnar: «Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos». E mais adiante: «Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor da Vida colocara em minhalma. Sufocara-os criminosamente, no desejo incontido de bem estar. Não adestrara órgãos para a vida nova. Era justo, pois, que aí despertasse à maneira de aleijado...» (Nosso Lar, pág. 15).

Percebe-se bem, percebe-se claramente, que é um Espírito comprometido com a sua consciência, na qual o amor começa a despertar para o exercício da caridade, que vem ansiosamente dizer aos seus irmãos da terra o perigo que os espera se insensíveis aos ensinamentos do Cristo, continuarem uma existência de dissipações perniciosas e de inúteis preocupações de grandeza terrena, ao lado da prática de atos infamantes, a que muitos infelizmente se entregam, comprometendo a sua futura situação no plano espiritual, como já a tem comprometida na terra.

E para terminar estas citações, com que fica definitivamente demonstrado o intuito de tôda essa magnífica literatura de além-túmulo, ditada por André Luiz, que é descrever o que se passa nas baixas camadas da espiritualidade, mais êste depoimento de Emmanuel:

«A 18 de abril de 1957, a Codificação Kardecista, sob a égide do Cristo de Deus celebrará o seu primeiro centenário de valiosos serviços à Humanidade terrestre.

Um século de trabalho, de renovação e de luz...

Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou André Luiz as páginas dêste livro. Escrevendo-o, nosso amigo desvelou uma nesga das regiões inferiores a que se projeta a consciência culpada, além do corpo físico, para definir a importância da existência carnal, como sendo verdadeiro favor da Divina Misericórdia, afim de que nos adaptemos ao mecanismo da Justiça Indefectível». (Ante o Centenário — prefácio de Emmanuel ao livro Ação e Reação, de André Luiz).

Para prevenir surprezas que aguardem aquêles que teimam em não ver nem ouvir, tendo olhos e ouvidos apenas voltados para as coisas materiais, todo o infinito mundo espiritual que nos veio o Cristo anunciar, envia André Luiz, *que se deixou seduzir pelas ilusões da carne,* as suas sucessivas mensagens de alerta aos transviados do caminho certo, praticando assim a mais nobre das caridades.

Para consolar os que se angustiam com a dureza dos corações humanos, inacessíveis em sua grande maioria às delicadezas e aos objetivos superiores da vida espírita, muito antes de André Luiz escreveu Léon Denis, em seu livro — o Problema do Sêr, do Destino e da Dôr — entre outras páginas eloquentes, a do capítulo XII, intitulado — As Missões, a Vida Superior — do qual citaremos a segunda parte:

«A alma vem de Deus e volve a Deus percorrendo o ciclo imenso dos seus destinos; mas, por mais baixo que tenha descido, cêdo ou tarde, pela atração, sóbe de novo para o Infinito. Que procura alí ela?

O conhecimento cada vez mais perfeito do Universo, a assimilação cada vez mais completa de seus atributos — Beleza, Verdade, Amor! E, ao mesmo tempo, uma libertação gradual das escravidões da matéria, uma colaboração crescente na obra de Deus. Cada espírito tem, no espaço, sua vocação e segue-a com facilidades desconhecidas na terra; cada um encontra seu lugar neste soberbo campo de ação, neste vasto laboratório universal. Por tôda a parte, na amplidão como nos mundos, objetos de estudo e de trabalho, meios de elevação de participação na obra eterna, se oferecem à alma laboriosa.

Já não é o céu frio e vazio dos materialista, nem mesmo o céu contemplativo e beato de certos crentes; é um universo vivo, animado, luminoso, cheio de sêres inteligentes em via constante de evolução. Quanto mais os sêres espirituais se elevam, tanto mais se acentua a sua tarefa, tanto mais aumentam de importância suas missões. Um dia, tomam lugar entre as almas mensageiras que vão levar aos confins do tempo e do espaço as fôrças e as vontades da Alma Infinita.

Para o espírito ínfimo como para o mais eminente não tem limites o domínio da vida. Qualquer que seja a altura a que tenhamos chegado, há sempre um plano superior a alcançar, uma nova perfeição a realizar.

Para tôda alma, ainda a mais baixa, um futuro grandioso se prepara. Cada pensamento generoso que começa a despontar, cada efusão de amor, cada esfôrço que tende para uma vida melhor, é como a vibração, o pressentimento, o apêlo de um mundo mais elevado que a atrai e que, cêdo ou tarde, a receberá. Todo ímpeto de entusiasmo, tôda palavra de justiça, todo ato de abnegação repercute em progressão crescente na escala dos seus destinos.

À medida que ela se vai distanciando das esferas inferiores, onde reinam as influências pesadas, onde se agitam as vidas grosseiras, banais ou culpadas, as existências de lenta e penosa educação, a alma vai percebendo as altas manifestações da inteligência, da justiça, da bondade, e sua vida torna-se cada vez mais bela e divina. Os murmúrios confusos, os rumores discordes dos centros humanos pouco a pouco vão enfraquecendo para ela até se extinguirem de todo; ao mesmo tempo começa a perceber os écos harmoniosos das sociedades celestes. E' o limiar das regiões felizes, onde reina uma atmosfera de benevolência, serenidade e paz, onde tôdas as coisas saem frescas e puras das mãos de Deus.

A diferença profunda que existe entre a vida terrestre e a vida do espaço está no sentido de libertação, de alívio, na liberdade absoluta que desfrutam os espíritos bons e purificados.

Desde que se rompem os laços materiais, a alma pura desfere o vôo para as altas regiões. Lá, vive uma vida livre, pacífica, intensa, ao pé da qual o passado terrestre lhe parece um sonho doloroso.

Na efusão das ternuras recíprocas, numa vida livre de males, de necessidades físicas, a alma sente multiplicarem-se as suas faculdades, adquirirem uma penetração e uma extensão de que os fenômenos do êxtase nos fazem entrever os velados esplendores.

A linguagem do mundo espiritual é a das imagens e dos símbolos, rápida como o pensamento; é por isso que os nossos guias invisíveis servem-se de preferência de representações simbólicas para nos prevenir, no sonho, de um perigo ou de uma desgraça. O éter, fluido brando e luminoso, toma com extrema facilidade as formas que a vontade lhe imprime. Os espíritos comunicam entre si e compreendem-se por processos ao pé dos quais a arte oratória mais consumada, tôda a magia da eloqüência humana pareceriam apenas um grosseiro balbuciar. As inteligências elevadas percebem e realizam sem esfôrço as mais maravilhosas concepções da arte e do gênio. Mas estas concepções não podem ser transmitidas integralmente aos homens. Mesmo nas manifestações medianímicas mais perfeitas, o espírito superior tem que se submeter às leis físicas do nosso mundo e só vagos reflexos ou écos enfraquecidos das esferas celestes, algumas notas perdidas da grande sinfonia eterna, é que êle pode fazer chegar até nós.

Tudo é graduado na vida espiritual. A cada grau de evolução do sêr para a sabedoria, para a luz, para a santidade, corresponde um estado mais perfeito de seus sentidos receptivos, de seus meios de percepção. O corpo fluídico, cada vez mais diáfano, mais transparente, deixa passagem livre às radiações da alma. Daquí uma aptidão maior para apreciar, para compreender os esplendores infintos; daquí uma recordação mais extensa do passado, uma familiarização cada vez maior com os sêres e as coisas dos planos superiores, até que a alma em sua marcha progressiva, tenha atingido as máximas altitudes.

Chegado a essas alturas, o espírito tem vencido tôda paixão, tôda tendência para o mal, tem-se libertado para sempre do jugo material e da lei dos renascimentos; é a entrada definitiva nos reinos divinos, donde só voluntàriamente descerá ao círculo das gerações para desempenhar missões sublimes.

Nestas eminências, a existência é uma festa perene da inteligência e do coração; é a comunhão íntima no amor com todos aquêles que nos foram caros e conosco percorreram o ciclo das transmigrações e das provas. Ajuntai a isto a visão constante da Eterna Beleza, uma penetração profunda dos mistérios e das leis do Universo, e tereis uma fraca idéia das alegrias reservadas a todos aquêles que, por seus méritos e esforços, alcançaram os céus superiores.»

Esta admirável página, inspirada a Léon Denis pelo seu acrisolado esfôrço de divulgação dos princípios espíritas, traz a solução almejada aos problemas da nossa evolução espiritual e da nossa destinação no infinito do tempo.

Se confrontarmos, com espírito de sincera estima pela verdade, adstritos às regras da exegética emancipada de preconceitos de escolas, as informações que André Luiz tem procurado trazer aos homens, a respeito do que lhe foi dado observar no que chama a Crosta Terrestre, com as concepções dantescas do Inferno e do Purgatório, chegaremos à conclusão de que se trata de um mesmo assunto, tratado à luz de idênticos propósitos, em épocas diversas, por inteligências voltadas para quadrantes também diversos do mundo das idéias: André Luiz anotando e escrevendo sob o influxo do seu temperamento de homem prático, habituado às vicissitudes da vida na carne, que tão descarnadamente se apresentam à observação de um médico; Dante, conduzido pelo seu guia espiritual Virgilio aos planos invisíveis da Crosta Terrestre, onde pôde bem observar os mesmos quadros horripilantes com que se defrontou André Luiz nos mais baixos setôres alí existentes, bem como nas regiões onde já se processam os trabalhos de recuperação das almas decaídas, ou sejam exatamente o que na Divina Comédia se chama Inferno e Purgatório.

A terceira parte do Poema, que é denominada Paraíso e de que André Luiz não pôde ou talvez não tenha querido tratar, tem semelhanças tocantes com o que Léon Denis deixou escrito nas páginas que acima transcrevemos e que certamente lhe foram inspiradas pelos gênios do céu, que lhe traziam o bálsamo às agruras da existência terrena, tôda dedicada à propagação das grandes idéias do Cristianismo, que êle pôde haurir nos princípios espíritas, à luz dos quais se ilumina e novamente refulge na terra, para que os homens por êle sejam conduzidos, o ideal do Cristo.

Também na Divina Comédia, não é a Virgilio que cabe mostrar as belezas do Paraíso a Dante, mas ao Espírito Superior de Beatriz, a quem o Poeta amou e não pôde, contudo, unir-se na Terra, certamente porque não se tornara ainda merecedor dessa divina graça.

Tudo é tão lógico e tão harmonioso nas obras de inspiração superior, advindas do plano espiritual, quando se procura a verdade sem *parti pris*, segundo o sábio conselho do apóstolo dos gentios: ler tudo, tudo procurar conhecer e só ficar com o melhor.

Todos os homens de boa vontade têm os seus guias espirituais. Como Léon Denis, devemos a êles recorrer, pois que, no dizer do mavioso burilador de tantas páginas excelsas, «nas horas de atribulações, é para êstes Espíritos, para meus guias bem-amados que voam meus pensamentos e meus apêlos; é dêles que sempre me tem vindo o amparo moral e as consolações supremas.»

Que esta pequena contribuição à boa interpretação de questões tão importantes para o nosso progresso espiritual, seja bem compreendida pelos nossos confrades, é o que sinceramente almejamos.

* * *

A Lei da Reencarnação nos coloca à par da enorme responsabilidade que assumimos na emissão de cada palavra, na criação de cada pensamento e na execução de cada obra, mostrando-nos, clara e firmemente, que nos defrontaremos sempre, na caminhada evolutiva que nos diz respeito, com os resultados, bons ou maus, das nossas próprias realizações. — JORGE ROCHA.

As Idéias Espíritas de Leon Tolstoi

ALÉM de ter sido um excelente escritor, cuja obra, por sua universalidade expandiu-se desbordando as fronteiras de sua Rússia natal, Leon Tolstoi foi também um homem de excepcional raciocínio e profundamente humano. Dolorosamente afligido pelas desigualdades sociais, consagrou-se a advogar e a servir com seu exemplo, a causa dos humildes, antecipando a revolução que deveria agitar o seu país com profundas transformações.

Para se consagrar aos camponêses e à sua obra de escritor moralista e cristão, Tolstoi renunciou aos seus bens materiais, chocando a opinião da sociedade e da classe a que pertencia. Embora incompreendido por estas, sua figura, entretanto, se irradiou pelo mundo, como um dos grandes pacifistas que a história humana registra.

Leon Tolstoi desencarnou em 1910. Pouco antes de sua libertação terrena, deu ao grande diário parisiense de então, **Le Matin**, — edição de abril de 1908 — uma entrevista de alto valor, na qual a generosa alma põe em destaque suas convicções sôbre a sobrevivência do espírito e as vidas sucessivas, conforme os ensinamentos da Reencarnação. Vejamos o que diz o autor de Guerra e Paz :

«O homem vive, nos sonhos, quase com a mesma intensidade com que vive a realidade. Creio que foi Pascal quem disse que, se pudessemos nos ver em sonhos, constantemente, e tão iguais quanto somos diferentes na vida real, consideraríamos o sonho como realidade e a realidade como sonho.

Isso não é, entretanto, inteiramente exato.

A realidade se distingue do sonho porque é mais verdadeira. Eu diria então de uma outra maneira : se não tivessemos conhecido uma vida mais real que a do sonho, considerariamos o sonho como a verdadeira vida e não teriamos duvidado nunca de que fôsse a verdadeira vida. E nossa vida, do nascimento à morte, não é, como todos os sonhos, igualmente um sonho que tomamos pela realidade ? Não estamos seguros dessa realidade ùnicamente por não conhecermos outra vida mais real ?

Não apenas penso assim, mas estou convencido de que há razão para êsse pensamento. Assim como os sonhos de nossa vida terrestre constituem um estado durante o qual vivemos de impressões, de sentimentos, de pensamentos pertencentes aos dias anteriores, e fazemos provisão de fôrças para o despertar, para os dias por chegar, tôda nossa vida atual constitue um estado pendente no qual vivemos em meio ao Carma de uma vida anterior real e fazemos provisão de fôrças para a vida futura, ainda mais real do que a de que saimos.

Da mesma forma como vivemos milhares de sonos durante nossa vida terrestre, nossa vida atual é uma das milhares de vidas para a qual entramos saindo de outra vida, mais real, e à qual voltamos depois da morte.

Nossa vida terrestre é um sonho da outra vida, mais real, e assim até o infinito, até a última vida que é a vida em Deus.

O nascimento e a aparição das

primeiras noções sôbre o mundo podem ser considerados como começo do sonho ; a vida terrestre como o sonho completo ; e a morte como o despertar.

A morte prematura é, no homem, como que o despertar antes de haver dormido o sonho inteiro. A morte na velhice é como o homem que dormiu bem e que despertou por si mesmo. O suicídio é um pesadelo que o faz despertar com a impressão de que dorme; esforça-se mas não desperta.

O homem absorvido inteiramente pela vida presente, que não tem o pressentimento da outra vida, é o que dorme profundamente. E o dormir profundamente, sem sonhos, é comparável ao estado de semi-bestialidade.

O dormente que sente durante o sono o que se passa em seu redor, que tem o sono leve, e que está pronto a despertar, é o que tem consciência, embora vaga, da vida da qual saiu e para a qual está a ponto de voltar.

Durante o sono, o homem, sempre egoista, vive solitário, sem participar da vida de seus semelhantes, sem nenhuma vinculação a êles. Na vida que consideramos como real, nosso vínculo com nossos semelhantes é já maior: existe uma aparência de amor ao próximo.

Na vida da qual saimos, e à qual retornamos, êsse laço é mais estreito e o amor ao próximo não é uma simples aspiração, mas uma realidade. É uma vida de preparação, os laços entre todos são mais estreitos e o amor maior. Nela sentimos, muitas vêzes, o que se realizará talvez, na vida nova. A forma corporal na qual nos surpreende aqui embaixo o sonho de nossa consciência da verdadeira vida, é como que o limite ao desenvolvimento de nosso espírito. A matéria é o limite do espírito. A verdadeira vida começa onde êsse limite é abolido.

Essa noção encerra todo o conhecimento da verdade e dá ao homem a consciência da vida eterna. Não me entretenho a imaginar uma teoria, creio com tôda minha alma no que digo. Sinto, sei com certeza que, morrendo, serei feliz, e que entrarei no mundo real.»

O Espiritismo tem uma Missão

A única doutrina que consola o indivíduo explicando a origem dos fatos, a única doutrina que não prega a conformação com a «sina» é o Espiritismo: não explica o sofrimento humano como um «castigo» de Deus, não se rebela contra o nascimento de um «monstro» em forma humana imputando a Deus a autoria da monstruosidade física e moral—mas perquire a razão de ser dêsse aparecimento e vê que o homem é o próprio autor do seu destino. O Espiritismo não prega a conformação com o fato como se fôsse a vontade de Deus e nada nossa, mas que o sofrimento humano é criação do próprio homem em evolução.

Pesquisando o fato, vamos até a sua origem, e, então, vemos que não houve o acaso, o tão decantado acaso, razão tão simples para eximirmo-nos da responsabilidade pessoal.

Aquilo que o homem semear, isso êle colherá indubitàvelmente, hoje, ou daqui a séculos...

A Doutrina Espírita ensina o homem raciocinar, ensina compreender a vida, dá um novo sentido à solidariedade humana pela compreensão dos fatos da vida.

A Doutrina Espírita é evolucionista, é reencarnacionista daí as duas armas poderosas, científicas, de compreensão.

A caridade tem sido o *leitmotive* da Doutrina Espírita, não há agrupamento espírita que não cuide da Caridade em qualquer das suas faces : albergues noturnos, sopas dos pobres, sanatórios, creches, assistência social necessária à completação da solidariedade humana tão apregoada pela doutrina de Kardec.

Inicialmente dissemos que a Doutrina Espírita explica a razão de ser das coisas, aí está a fôrça da sua dialética ; aí está a razão de se movimentar, também, à procura das razões sociais do sofrimento da sociedade.

Dialèticamente perquirindo a razão de ser do sofrimento humano encontramos o próprio homem como autor dêsse sofrimento, vemos que o sistema social em que vivemos é o autor dessa desgraça que joga criancinha a morrer de inanição pela falta de alimento, do leite !

O sistema social que vivemos já está superado, povos se rebelaram contra essa injustiça e hoje dão às crianças o direito de viver sem mêdo, sem fome.

A prática intensiva da caridade nos tem dificultado lutar pela justiça social.

Exemplifico : —

Numa cidade do interior paulista eu ia passando por um jardim ; acercou-se de mim um trabalhador da roça, e disse-me :—«Eu estou com fome, minha mulher e meus filhos também, eu não sou vagabundo, veja minha mão, veja a mão de meus filhos e de minha mulher» e mandou que mostrassem as mãos... aquelas duas crianças de 8 ou 9 anos com as mãos calejadas do trabalho rude da lavoura... Continuou o lavrador : — «eu estava na fazenda do «seu» Fulano de tal, êle não quer mais que eu trabalhe lá. me despejou, soltou o gado na minha rocinha, fiquei sem nada, estou com a roupa do corpo e com os «trens» na entrada da cidade, não pagou nosso trato.»

Mais um injustiçado, mais uma família jogada à fome e à mendicância por causa de um não cumprimento de um trato...

Dando dinheiro àquela família, dando-lhe uma esmola resolveria a sua situação ? Não. Absolutamente não !

Qual seria o papel do espírita ! Ir com aquêle injustiçado à procura de justiça, denunciar o cidadão à execração pública, ou tirar do bolso o dinheiro suficiente para matar-lhes a fome ?

Aí está um fato, fato que se repete diariamente por esse Brasil a fora... e que alimentando esse deslocado, esse injustiçado estariamos indiretamente ajudando a formar legiões de desempregados que perambulam com a família pelas nossas ruas...

O nosso papel é dar-lhe alimento, agasalho, mas ao mesmo tempo dar-lhe a mão para que procure a Justiça para apresentar queixa contra êsses «latifundiários» desalmados que exploram os nossos irmãos trabalhadores vampirizando-lhes o sangue no trabalho difícil do campo.

É mais facil praticar a «caridade», é mais facil e nada perigoso, até passa por homem caridoso, um homem bom, cria uma «aura» de bondade... mas acompanhar aquêle homem injustiçado, aquêle paria deslocado da terra, acompanha-lo até à Justiça é mais difìcil, perigoso, pode-se até ser acoimado de comunista, como é natural hoje, e ser posto à margem da sociedade como «elemento perigoso» ; o patrão injusto frequenta a missa das 10, é sócio dos melhores clubes da cidade, faz parte de uma sociedade religiosa em defesa da civilização cristã contra o comunismo, participa de tôdas as comissões de «caridade», a esposa frequenta a irmandade do sacratíssimo coração de Maria, êle contribue em tôdas as listas de assistência social da paroquia, candidato a vereador do partido situacionista, quanto aos que pregam contra o latifúndio improdutivo, que falam em reformas agrarias e de base, são tidos como subversivos, como elementos perigosos — como grande defensor da sociedade cristã, tem que repelir êsses indivíduos ateus e materialistas !

O Espiritismo pratica a caridade não para ganhar o céu, não para «salvar-se» que não é essa a índole da doutrina, mas que a prática da caridade é atributo inauferivel da doutrina porque é amor, no sentido original do texto bíblico, que o espírita pratica essa parte prática da doutrina que é a vivência entre os homens. Caridade não no sentido de esmola, como se confunde, mas caridade amor.

A JUSTIÇA SOCIAL deve ser a nova fase de luta do Espiritismo. A mentalidade latifundiária não compreende essa justiça, como a mentalidade americana não compreende o mal do racismo, ambos se dizem cristãos mas quando vão à igreja aos domingos, são tão contritos e religiosos ; na segunda feira, salve-se quem puder, a mesma intolerância, a mesma incompreensão ; oram no templo com fervor e devoção, mas não podem compreender que o negro tenha os mesmos direitos à vida e nem que o trabalhador braçal expulso da terra do patrão tenha que ver alguma coisa com a sua fé religiosa — essa classe de religiosos aceita como a mais natural das coisas expulsar da terra um trabalhador como recusar aceitar o negro como tendo os mesmos direitos do que os brancos.

O Espiritismo já superou a fase da caridade-esmola, assistência, ajuda, e tem que entrar na fase da JUSTIÇA SOCIAL, não que a caridade não seja mais praticada, longe disso, mas o amor no sentido mais profundo e extenso do termo. Para que se pratique a justiça social, nada pode ser feito de criador senão impulsionado pelo amor ao próximo.

Não se trata de cancer com água de rosa ; não se trata de tifo sem extirpar-lhe os focos de propagação, não se resolve a questão social dando casa, pão e alimento ao desherdado da fortuna, deixando os latifundiários soltos, criando, todos os anos, novas levas de deslocados, espoliados, atirados às grandes cidades para mendigar, para aumentar as malocas, os mocambos, os marginais produzindo novos marginais e nessa progressão crescente aumentando os problemas sociais do capitalismo.

Ora, o Espiritismo não deve continuar impassível neste particular, não é justo que os espíritas pela sua tendência caridosa vão alimentando, abrigando os deslocados dos patrões impiedosos — o foco, a origem dessa «doença» está neste regimen superado que teimam de chamar de cristão (êsse cristianismo da missa das 10 ou dos chás beneficientes de campanhas anti-comunistas), não daquele cristianismo primitivo, das catacumbas, dos circos romanos.

E' muito nobre essa atitude espírita de socorrer os necessitados, é inato no espírita, mas, convenhamos, o espírita será o eterno samaritano cujo trabalho aumenta diàriamente porque são falanges de trabalhadores que são jogados ao desemprego diàriamente por êste regimen impiedoso, por esta «fábrica» de desempregados, de maltrapilhos, de famintos, de marginais.

Quando se trata de um obsedado, quando o obsessor se comunica, vemos, atrás daquela comunicação, daquela «loucura», um romance do passado, em geral está numa reencarnação anterior ou anteriores a gênese da «loucura», da obsessão, da perseguição espiritual.

Para se curar uma obsessão é preciso compreensão de ambos : — obsessor e obsedado.

O deslocado, o pobre, o desempregado são vítimas da injustiça social, vítimas dêsse regimen deshumano que diàriamente está jogando na «corrente social», leva cada vez maiores de desempregados, de injustiçados.

Uma maioria gozadora dá o pomposo nome de regimen democrático cristão a êsse regimen imoral que aí está, e como essa maioria tem a máquina de publicidade nas mãos, solta, pela imprensa «falada» e escrita a distorção da verdade, condicionando nos ouvintes, nos leitores, nos tele-espectadores, uma noção deformada da vida e dos fatos sociais.

O espírita que adota uma filosofia espiritualista dialética, tem por obrigação doutrinária compreender êsses fatos e lutar pela sua modificação.

Para o espírita enfrentar essa maioria gozadora é muito fácil, pois tôda a vida o Espiritismo tem tido uma luta constante com os chamados «maiorias», tem lutado contra essa «elite» que, o mais carinhoso dos adjetivos para aplicar ao espírita é «louco» — essa gente superada não tem argumentos sérios para lutar contra a Doutrina Espírita, aliás, contra doutrina alguma, pois essa gente não tem doutrina alguma, como se vê, emocionalmente... emotivamente, age por «idiossincrasia» à classe operária, aos trabalhadores, mas nunca por uma doutrina.

Na conjuntura histórica que estamos vivendo, é necessário ouvir-se a voz do Espiritismo; se Cairbar Schutel estivesse entre nós encarnado, essa luta já estava de há muito iniciada, como no passado em defesa do Estado leigo, hoje êle, com todo o ardor doutrinário, estaria em campo terçando a pena que sempre esteve ao lado do povo, ao lado das causas justas e nobres, em defesa da Doutrina Espírita.

Nós espíritas temos que dar o exemplo de compreensão dos fatos sociais e humanos, a igreja está se despertando da modorra secular, já apareceram padres com mentalidade esclarecida, padres que estão percebendo o problema e pelo fato de não ter a mente distorcida e o coração insensível, êsses padres estão sacudindo, estão acordando o «monstro» que há milênio vem insensível aos apêlos dos injustiçados sociais—a pele dêsse paquiderme era tão dura, tão resistente que precisou gerar dentro de suas próprias entranhas, fecundado com o polem do pensamento atualizado, essa pleiade de padres jovens, sensíveis ao clamor dos injustiçados, dessa sociedade hipòcritamente chamada cristã, que está, com o vigor de sua fé, com a fôrça de suas convicções, está enfrentando face a face essa sociedade apelidada de cristã...

Êsses padres de mentalidade aberta à compreensão já estão sendo tachados de comunistas, subversivos, alguns já tem sido presos, mas a luta continua; no cristianismo nascente foi essa mesma reação dos gozadores da vida. Os primitivos cristãos amargaram nas prisões, nos circos, na escravidão o doloroso fato de serem cristãos.

Os espíritas não podem estar ao lado da injustiça social sem levantar a sua voz, o seu protesto—do contrário a Vida pediria contas dos talentos!

Os fatos estão à calva, ninguém pode esconder. Os focos de miséria estão funcionando a pleno vapor — a miséria, a fome, o desemprego, a sub-alimentação das populações, os desajustados, a prostituição são fenômenos crescentes nesta sociedade ímpia, impiedosa, insensível.

O Espiritismo tem uma missão nesta conjuntura histórica — missão contra a injustiça social. Se se acomodar à situação, se se tornar surdo ao clamor da injustiça, se se insensibilizar, tornar-se-á criminoso!

MAC MAYNARD

Psiquiatra Mundialmente Famoso Revela que era Médium

Um desconhecido doutor suisso, que escandalizara seus professores e colegas ao abraçar a ciência da psiquiatria, considerada um conto de fadas, assistia a uma festa de casamento.

Noiva e convidados eram-lhe estranhos porém cêdo êle se envolveu numa amigável discussão com um advogado de meia-idade. Para ilustrar um intrincado ponto de psicologia criminal, o jovem psiquiatra descreveu uma série de incidentes em torno de um caráter imaginário.

Com um profundo silêncio caiu sôbre a mesa — e uma estranha expressão se desenhou na face do advogado, desapontado e surpreso o jovem narrador também silenciou. Para seu aborrecimento e horror soube que tinha contado a história da vida do advogado «exatamente e com todos os detalhes.»

O autor dêsse fato psíquico foi o Dr. Carl Gustav Jung, destinado a alcançar mundial preeminência em seu campo preferido como um verdadeiro doutor do psíquico.

A história vem relatada no

Sunday Times e é um primeiro extrato do trabalho autobiográfico de Jung: **Memórias, Sonho, Reflexões,** a ser publicado na Grã Bretanha.

INTUIÇÃO MÍSTICA

Jung, que morreu há dois anos, era o último membro sobrevivente, e para muitos o maior, do Big Trio da psicologia. Crescendo no campo, filho de um obscuro pastor suisso, Jung, desde os primeiros anos não era estranho à mediunidade.

Dotado de uma mística intuição e amando os animais, aceitava o parentesco espiritual dêles com o homem. Cedo reconheceu que os homens, como os animais, era um só rebanho reunido num cosmos infinito, — «no mundo de Deus onde tudo já nasceu e tudo já morreu».

Nesta compreensão residem as raízes do seu gênio. Rejeitando firmemente o ponto de vista do Racionalismo puro de que os homens são meras impressões digitais, também repudiou o conceito primário de Freud de que o cérebro do homem é «um mero apêndice de suas glândulas genitais».

SUA MÃE ERA MÉDIUM

Neste primeiro extrato, Jung revela que sua mãe possuia dons psíquicos. Dizendo que nunca se tinha lembrado dêsse fato até o memorável casamento, comenta que sua mãe era dotada de similar capacidade. Sùbitamente, escreve, a «personalidade inconsciente» daquela gorda, generosa e bem humorada velha senhora que se manifestava.

«Eu estava certo de que ela fôsse um caso de dupla personalidade, uma, inócua e humana, a outra sobrenatural. Essa outra emergia apenas ocasionalmente, porém era inesperada e assustadora. Ela se punha então a falar consigo mesma, mas o que dizia era-me dirigido e usualmente atingia-me no cerne, de tal maneira, que eu ficava estarrecido e silencioso...»

Jung também possuia essa «personalidade n. 2», a qual êle chamava o «Outro» e ao qual deveu o senso de destino e eternidade ordenada de tôda sua vida.

E' uma marca de sua estatura que não tenha nunca rejeitado êsse sentido de eternidade no seu trabalho clínico. Aceitando a oculta vida do sub-consciente como a verdadeira primavera da realização própria, êle não apenas reconhecia o psíquico como sua expressão porém ainda honrava o seu supremo valor.

Fiel à ciência, nunca reconheceu a infalibilidade de seus limites.

ASSISTINDO A SESSÕES

Êsse primeiro extrato conta o muito conhecido incidente quando uma grande mesa de castanheiro rachou de um extremo a outro com um «ruido como o de um tiro de pistola». Isso foi seguido pelo misterioso comportamento de uma lâmina de faca de pão, que explodiu em muitos pedaços. Tudo quanto sua mãe, irmã e criada puderam dizer, foi que ouviram um ensurdecedor barulho na direção do armário oude estava guardada.

Um experimentado cutileiro, depois do exame, disse que tão excelente aço não podia explodir. Jung ficou tão impressionado que guardou aqueles fragmentos de faca durante toda a sua vida. Esse incidente levou-o a assistir regularmente às sessões realizadas por seus parentes. Obtinham sempre bons resultados através de batidas nas paredes e na mesa.

Não é exageração dizer que Jung, que mais tarde provou ser um liberador no campo da psiquiatria, deve sua libertação das atitudes convencionais a essas suas primeiras experiências psíquicas.

No próximo número : Jung revela que Freud tinha complexo anti-psíquico.

Serões Bíblicos - XII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo XII)

— Para mim, morreu acabou ; por isso não me pesam tais conseqüências, podendo eu falar com desembaraço como venho fazendo ; sigo o lema que diz : depois de mim o dilúvio !... Todavia, suponha que eu fôsse um espírito, e me visse vivo após a morte corporal ; acaso estaria eu a dizer aqui tais coisas ? Tenha, pois, ou não existido Cristo, a fala espírita está condicionada a afirmar que êle existiu... Tal fala, como vê, não vale nada, como prova... Se Cristo existiu, caro Chilon, fizeram-lhe isto de lamentável : fizeram-no confundir-se com os mitos solares e com as personagens (Buda, Zoroastro, Osiris, etc.) que o precederam.

Depois de uma longa pausa, aflitiva para Chilon, e gozada para Lumbaio, prosseguiu êste :

—Agora, com sua licença, vou-me para meu quarto a fim de fazer as malas, pois parto ainda hoje para S. Paulo. Tonhão Porcelo está no papo, e vou agora digerí-lo... nas boates da grande metrópole... Estou me pelando já por assistir a uns números de «strip-tease» e mais... et cetera e tal !...

E quando se afastava, foi dizendo para Chilon, e foram suas últimas palavras dignas de registro :

— Quase que você me reconverteu à causa do seu Cristo. Se convivesse mais com você, talvez isto acontecesse. Porém, agora vou reler, de novo, meu Shalders, para desanuviar a consciência, varrendo dela as dúvidas que você conseguiu plantar ; é preciso fazer esta limpeza cerebral para poder gozar a vida sem pesar nem temor...

* * *

À noite, vindo ter com Árago, Chilon relatou-lhe tudo por miudo, concluindo a seguir :

—Tal foi, mestre Árago, como terminamos a discussão dêste dia.

Árago e demais companheiros de estudo escutaram, atentos, todo o relato de Chilon, findo o qual lhe disse Árago :

— Muito bem Chilon ! isso é que é ser filósofo ! Não basta pensar com correção ; é preciso, mais do que isto, lançar-se a gente, como você o fêz, na conquista da Verdade empregando as fôrças da dialética e da lógica. Mas descance agora de Lumbaio, pois aquêle é um perdido... Shalders o fêz perder-se... Esta foi a obra boa que Shalders deixou plantada no mundo... Só os filósofos, Chilon, vivem de persuasões podendo conduzir-se, sem nenhum perigo, pelas luzes da razão ; a maioria, a imensa maioria, há de guiar-se pela fé... pela sugestão... pelo *magister dixt...* e ai de quem quebrar esta lira de Orfeu, que faz marchar as multidões...

E depois duma pausa, prosseguiu o mestre de Cananéia :

— E êsse é só um caso isolado e insignificante pelo qual se comprova o mal que fazem êsses semeadores de descrença. Por isso, já dizia Blaise Pascal : «Não basta dizer coisas verdadeiras, é preciso ainda não dizer tôdas as coisas verdadeiras, pois não se deve transmitir senão aquilo que é útil revelar e não o que poderia ferir sem frutificar. E assim como a primeira regra é falar com verdade, a segunda é falar com discrição» (Clássicos Jackson, XII, 139). Abalar, por conseguinte, os fundamentos da fé, é fazer oscilar a civilização em suas bases. Um homem sem fé (base natural da ética) é um monstro potencial, uma besta fera mais danosa que qualquer outra que se possa imaginar, e isso, por causa de êle possuir inteligência. A Revolução Francesa, fizeram-na, primeiro, Voltaire e os enciclopedistas, antes de Danton, Marat e Robespierre. Diderot pregava, então, que a «crença em Deus se associa com a submissão à autocracia; as duas conjuntamente se levantam ou caem»; e «os homens nunca serão livres enquanto o último rei não fôr enforcado nas tripas do último padre». «A terra só obterá o que lhe pertence quando for destruído o céu». Will Durant, História da Filosofia, 235). E daí? Daí a canalha parisiense, cuidando ser a inteligência tudo, passou a cultuar a «Deusa da Razão» personificada numa linda prostituta. E tendo guilhotinado Luiz XVI e Maria Antonieta para acabar de vez com os reis, não pôde impedir, contudo, que Napoleão se fizesse a si mesmo imperador!... Os franceses falavam de racionalidade (como os espíritas, hoje), mas eram homens só de fé; e tendo adorado a «Deusa da Razão», seguiram, de fé, como cegos, a Napoleão, até o matadouro russo, onde foi sacrificado o «grande exército», e humilhada a França. Ser racionalista não é o mesmo que crente da racionalidade, porque o racionalista é o que raciocina e sabe raciocinar, e o crente da racionalidade é o que segue, de fé, esta nova ideologia, cantando loas à razão e repetindo de cor as frases dos pensadores como se êstes fôssem profetas, e suas doutrinas, evangelhos. Os homens medíocres se guiam, como se vê, pela fé, ainda mesmo quando fazem apoteose da inteligência, e se prosternam, como religiosos fiéis, ante a «Deusa da Razão»... Nesta nova fé, os cientistas e filósofos materialistas são os sacerdotes naturais, e para o povoleu fica de pé o princípio do «magister dixit», da fé e da sugestão... A moral desta nova religião é a da fôrça, e aí sim é que se pode ver até que extremo de selvageria pode chegar o homem quando êle se torna bêsta fera. Tudo isto podemos demonstrar com fatos da história. Conforme a base teológica, assim será a ética. Se são deusas a Razão ou a Natureza, a moral será a da fôrça, e na Alemanha de Hitler tivemos um exemplo do que afirmo, quando mais de seis milhões de nossos semelhantes foram assassinados, uns pela fome, outros pelo gás, outros pela metralha e muitos esterilizados para se não reproduzirem... Em experimentos científicos, «in vivo», foram empregadas «cobaias» humanas, e as mulheres jovens, espôsas ou filhas de políticos executados, antes de assassinadas eram entregues à sanha da soldadesca de Hitler... Quando os Aliados invadiram a Alemanha, viu-se então, em Dachau, Auschwitz e outros lugares, a extensão de todo o horror mais que dantesco!... Os mortos, aos montes, nus, esquálidos e magros, eram empurrados, por meio de tratores com lâmina-de-testa, para dentro das valas feitas a bombas! .. Os fornos crematórios (e em Auschwitz havia quatro deles), ainda cheios de restos, atestavam o fim que tiveram mais de seis milhões de homens, mulheres e crianças!...

E depois de suspirar aflitivamente, prosseguiu o sábio:

— Conforme depoimento de uma testemunha alemã no tribunal de Nuremberg, fazia-se uma vala enorme para o sepultamento das vítimas que se dirigiam, nuas, para dentro dela, a fim de serem metralhadas pelo soldado que ficava displicentemente sentado numa de suas extremidades, balançando as pernas dentro, e com um fuzil-metralhadora apoiado sôbre as côxas. Dada a ordem de se despirem, todos o faziam, homens, mulheres e crianças, depois do que começavam a despedir-se entre si, os membros das famílias, com abraços e beijos. Após esta cena desciam no fôsso, por uma escada, e iam pisando por sôbre os cadáveres dos já executados, até ficarem no lugar em que tombariam no momento das rajadas. Nem bem êstes caiam mortos, já vinha outra leva para formar outra camada, e assim, até que a vala ficasse cheia!... Encontraram-se óculos, sapatos e demais pertences das vítimas, em quantidade tal que deu para fazer montes!... Tamanho horror me acometeu ao constatar a veracidade de tudo isso, estando eu na terra e vivo, e não, nalgum inferno e morto, que senti profunda vergonha de ser humano, pois até os leões, os tigres e os chacais pasmariam se pudessem entender que o bicho-homem chegou a fazer isso para com os da espécie dêle!... Essa é a maior nódoa da história que não se apagará jamais, perto da qual os feitos de Brutus e de Judas são nada... Eu me envergonhei de ser humano porque sei que sou substancialmente como qualquer alemão, ainda mesmo dos mais fanáticos e perversos, dependendo apenas da trilha que me proponho seguir, ou das idéias que me ponha a executar. Tanto que aceito por verdadeira uma filosofia, meu comportamento se muda, minha conduta se altera, visto que tudo isso são as últimas conseqüências da premissa filosófica aceita de começo. Ora, se a filosofia é materialista, o primeiro corolário é que a morte é o fim de tudo; logo a vida é só a dêste mundo onde a fôrça se sobrepõe à justiça e o mal, ao bem. Ser justo é ser forte, dizia Nietzche, pois tal é a lição da Natureza que dá a vitória incondicional aos fortes, fazendo-os sobreviver. Moral é costume, dizia êle, e costume são novos modos de comportamento que se podem cultivar e adquirir pela educação. Certo é tudo aquilo que se tornou habitual, ainda mesmo que seja a antropofagia...

Necrologia

Desencarnou a 24 de setembro p. p. o confrade Eurípedes Soares da Rocha, na avançada idade de 80 anos.

Nascido em Rezende, no Estado do Rio de Janeiro, transferiu-se para o Estado de S. Paulo, onde exerceu os cargos de Oficial do Registro Civil de Dourados e, finalmente, o de Oficial do Registro de Imóveis e Anexos da 2.ª Circunscrição de Marília. Casou-se com a prof.ª Carlota de Negreiros Rocha, havendo deixado, do seu consórcio, duas filhas: Prof.ª Lirys Negreiros Rocha e Luci de Negreiros Barbalho, esta última casada com o advogado Confúcio Barbalho e residente em Arapongas, Estado do Paraná. Deixou também três netos: Vera Marília, André Luiz e Ana Lúcia, além de uma irmã solteira, farm. d. Alzira Rocha.

Em Marília, onde residiu por mais de 30 anos, fundou, com Luiz de Souza Leão e João do Val, êste último espírita e já falecido, as cidades de Tupã e Parapuã. Ocupou os mais altos cargos Públicos da cidade: foi Prefeito Municipal, por ocasião da Revolução Constitucionalista, e Presidente da Câmara Municipal, até 10 de novembro de 1.937. Foi fundador do Banco de Marília, Cooperativa Regional de Crédito, a que presidiu por vários anos.

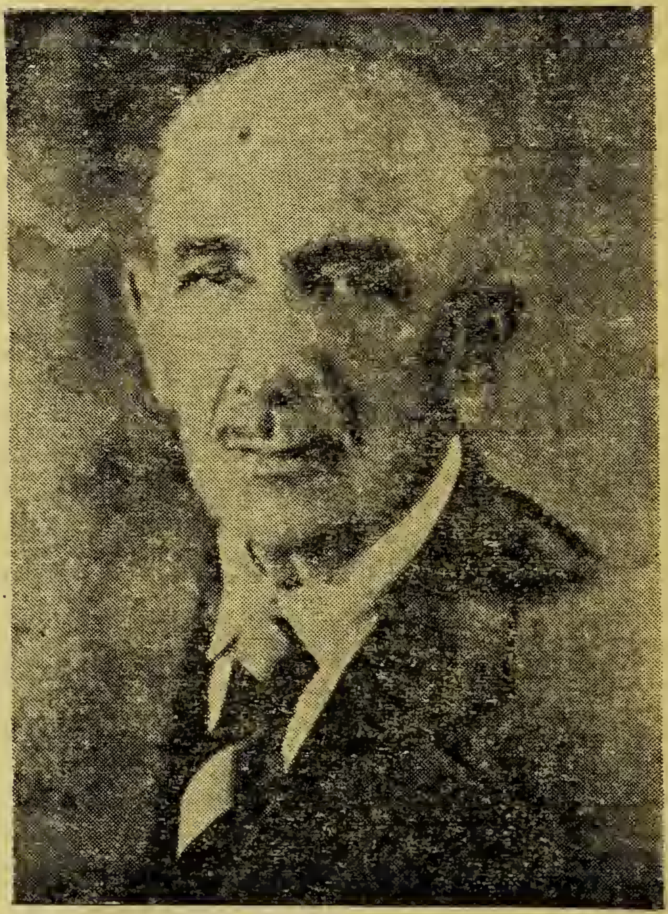
Euripedes Soares da Rocha

Dotado de grande espírito filantrópico e estudioso do Espiritismo, foi fundador e incentivador de várias obras assistenciais em Marília, especialmente de caráter espírita. Assim é que fundou, e se destacou como o seu maior benfeitor, o Hospital Espírita de Marília, o Educandário «Dr. Bezerra de Menezes», o Instituto Assistencial Espírita de Marília, que coordena as atividades das entidades assistenciais espíritas locais, além da Mansão de Ismael, fundação instituida por êle e a cuja frente, como provedor, se conservou, enquanto teve saúde, e a Associação Filantrópica de Marília, abrigo de menores do sexo masculino, cuja criação se deve a cidadãos de várias convicções, a que se associara o ilustre espírita. A Fundação Mansão de Ismael destina-se ao abrigo de velhos, que existem alí em número de 32 e recebem a mais completa assistência física e moral.

A Câmara Municipal de Marília, considerando as qualidades do grande cidadão e espírita, pelo muito que fêz não só no terreno assistencial local, outorgou-lhe antes do seu desencarne, o título de cidadão benemérito, que só deixou de receber na oportunidade porque já se achava doente e de cama, há aproximadamente um ano.

Espírito modestíssimo, sempre trabalhou discretamente, cooperando vivamente com as organizações assistenciais que o procuravam e jamais permitindo publicidade em tôrno do seu nome.

Conhecido pela cidade de Marília o desencarne de Eurípedes Soares da Rocha, a Prefeitura Municipal local, num gesto de reconhecimento à obra do ilustre espírita, decretou luto oficial por três dias. Grande, também, foi o número de pessoas das mais diversas classes sociais que procuraram a residência de Eurípedes Soares da Rocha, para uma visita aos seus restos mortais, destacando-se entre referidas pessoas elementos filiados aos vários credos e religiões, inclusive o Bispo da Diocese de Marília, d. Hugo Bressane de Araujo. Quando do sepultamento, no cemitério municipal, fizeram-se ouvir vários oradores, entre os quais o Presidente da Câmara Municipal da cidade e um Ministro da Igreja Evangélica local.

Crônica Estrangeira

VEEMENTE APÊLO EM FAVOR DAS POPULAÇÕES POBRES

CIDADE DO VATICANO, 28 (AFP) — Dois bispos sul-americanos fizeram hoje um vibrante e emocionado apêlo em favor dos pobres, durante a congregação geral. «Tôdas as riquezas são tesouro dos pobres — disse monsenhor Pineda Carvalo, do Chile. A justiça social pede que a igreja abandone seus bens materiais, que evite até mesmo as aparências de riqueza e de domínio : as cerimônias faustosas, os títulos e as insígnias dos prelados e que isto se faça imediatamente.»

Por seu lado, monsenhor Trindade, bispo capuchinho do Brasil, disse : «E' necessário não falar apenas da pobreza de espírito. Os católicos devem abandonar tudo por Cristo.»

Do «Diário de São Paulo», de 29/11/63

UMA FELIZ INOVAÇÃO

«Voz Informativa», do México, chama a atenção para a Organização Espírita LUZ E VERDADE, que funciona no presídio penal de Porto Rico, chamado Campamento Guavate. Seus numerosos membros se dedicam ao intensivo estudo da doutrina através de obras escolhidas e proporcionadas pela jornalista Elódía Castol.

O mais curioso é que os hospedes do presídio gozam da regalia de sair dois dias cada três mêses desde que, por seu comportamento, se façam credores do privilégio. E' esta uma conquista valiosa pois, desta maneira, o indivíduo em desgraça não rompe totalmente, durante o período de sua condenação, com os laços do lar, o que auxilia sua regeneração.

Oxalá o Centro e o método fossem amplamente reproduzidos em todos os presídios do mundo.

SALVOS DO POSTE DE EXECUÇÃO

A notícia veio estampada em *Mensch und Schicksal*: Jan Kuntschner, um oficial alemão acantonado no distrito de Faliatra, na Crécia, acordou uma noite de 1944 com um salto. Seu coração batia violentamente. O sonho tinha sido tão vivido, tão opressivo que o oficial estava banhado de um frio suor. No sonho estava assentado em sua escrivaninhn quando a porta se abriu. Um homem velho, de expressão amiga pousou-lhe paternalmente a mão sôbre o hombro e lhe disse: — «Filho não execute a ordem que recebeste. Prometo-te que tu e teus homens voltareis seguramente para casa.»

Kuntschner havia com efeito recebido, na véspera, a ordem de fusilar refens, originários da vila, em represália por um ataque a uma patrulha alemã, trabalho dos *partisans* e ao curso do qual quatro soldados alemães tinham sido mortos. Kuntshcner hesitava: de um lado a inexorabilidade da lei de guerra, do outro o sonho impressionante.

Na noite seguinte, ainda em sonhos, o velho tornou a surgir: — «Não o faça, filho. Não derrames mais sangue. Eu velarei por ti e teus soldados».

No dia seguinte. de manhã, Kuntschner mandou chamar quatro padres de Filiatra e visitou com êles as igrejas do distrito. Imaginava que o visitante noturno pudesse ser um santo local. Nêsse caso esperava reconhecê-lo por uma imagem. E entrando numa das igrejas parou espantado diante do ícone de S. Haralampos. Seus olhos se encheram de lágrimas e êle disse: «Eis o homem!» Caiu de joelhos e se pôs a orar. Profundamente impressionados também os padres se ajoelharam e se puzeram a agradecer ao santo pela intervenção.

Kuntschner voltou ao alojamento e destruiu a ordem do comando superior. Assim foram salvos vinte camponêses inocentes. Como fôra-lhe anunciado, Kuntschner e seus homens voltaram sãos e salvos aos seus países, alguns mêses mais tarde.

Nove anos mais tarde, um pouco antes de 10 de feverereiro, dia de S. Haralampos, o velho surgiu mais uma vez em sonhos a Kuntschner e disse: —«Deves regressar ao lugar onde provaste tua fé em Deus. Todos te receberão com amor.» Assim, êle partiu com sua mulher e chegou à cidade a 12 de fevereiro, dois dias após à festa do santo. A população recebeu o com grandes alegrias e, olhando alguns daqueles homens que teriam sido fuzilados, foi que Kuntschner percebeu que muitas vêzes os sonhos podem ser mais reais e verdadeiros do que a própria vida.

* * *

AVENTURAS ESPIRITUAIS NA EUROPA

Gilbert Holloway é um famoso autor e conferencista norte-americano. Êle e sua espôsa June, que é médium de curas, em Miami, fizeram uma viagem de cinco semanas pela Europa, das quais a metade, foi passada na Inglaterra.

O resultado foi um livro, *Aventuras Espirituais na Europa,* em que as impressões de Holloway são descritas com vivacidade e profundo senso de observação. O autor desembarcou na Inglaterra com a impressão corrente na América, de que os inglêses são frios, indiferentes e destituidos de senso de humor. A partir de seu primeiro *meeting* com os espíritas britânicos, entretanto, confessa que viu as mais receptivas e interessadas platéias que lhe foi dado conhecer em 25 anos de conferências. Vamos transcrever algumas impressões de Holloway afim de que os espíritas do Brasil possam fazer uma idéia de seus companheiros inglêses.

«Os espíritas britânicos sabem dar uma singular dignidade à causa e ao movimento de que fazem parte. O Espiritismo inglês é diferente do americano pois, ao que pude observar, na Inglaterra atinge as mais altas camadas sociais e seus aderentes são mais cultos. Seus líderes são corajosos e francos ao se apresentarem como espíritas.

«Lord Dowding, por exemplo. A mente americana teria dificuldades em imaginar um chefe aposentado da *US Air Force* a viajar por tôda a parte falando de comunicações de espíritos. Na Inglaterra muitas das «mais altas personalidades» falam francamente de sua adesão ao Espiritismo. Na América há, cartamente, muito interêsse, mas discutido apenas com as portas fechadas. Quando se fala pùblicamente é sempre sôbre a Parapsicologia ou a Percepção Extra-Sensorial.

«O jornalismo espírita inglês merece os maiores elogios. A maioria dos jornais espíritas da América parecem simples amadorismo em comparação. A imprensa dêles ataca e expõe os médiuns fraudulentos o que nunca se dá nos Estados Unidos, embora no maior curso do movimento psíquico haja prevalência de fraude.

«Mauricio Barbanell, de *Two Worlds* e *Psychic News* é talvez a mais conhecida personalidade da imprensa espírita inglêsa. E' um homem sensível, inteligente, bem dotado e um formidável antagonista nos debates. Harry Edwards, o conhecido médium de curas é um dos mais conhecidos e amados homens da Inglaterra de hoje. Qualquer chofer de taxi, sem mais perguntas, levará o interessado até êle apenas a citação de seu nome.

«A maneira como Edwards e E. G. Fricker trabalham é surpreendente. A mediunidade curadora é ilegal na América, mas as leis inglêsas são muito mais liberais. De uma vez em que um médium foi levado à côrte, 1.000 pessoas compareceram para testemunhar a evidência da cura.»

Entretanto, para terminar, o autor levanta uma curiosa crítica. Julga que os médiuns inglêses são «pobremente pagos.» Ficou surprêso quando lhe disseram que os dons espirituais, vindos de Deus, compreendidos nas tarefas mediúnicas, deveriam ser livres de qualquer pagamento.

— «Como — pergunta Gilbert Holloway — o médium pagaria suas contas ou compraria seus alimentos ?»

E nós, espíritas do Brasil, que pensamos como aquêles que falaram pela gratuidade do serviço mediúnico, talvez lhe possamos responder :

— Como Paulo, o Apóstolo, que tecia e vendia seus tapetes para não profissionalizar a tarefa contraída com Jesus.

Espiritismo no Brasil

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

Em seu último relatório, apresentado no dia do encerramento das aulas de 1963, a Diretoria do Instituto de Cultura Espírita do Brasil faz as seguintes referências aos professôres :

«Nunca será demais encarecer a dedicação dos Professôres. E' preciso notar, ainda mais, que nossos professôres lutam naturalmente com uma dificuldade, que nem todos poderão compreender, porque ainda é cedo. E' que, na maioria dos casos, os expositores, que são, na realidade, os professôres dêste Instituto, têm de *criar* alguma coisa, porque não existem compêndios nem livros de texto concernentes a certas matérias, quando ensinadas em função do Espiritismo. E' muito fácil a um professor da matéria dar uma aula ou dar um curso de biologia, por exemplo, com base nos compêndios e tratados que já existem ; não é fácil, porém, dar biologia em relação com o Espiritismo, tocando em teses espíritas das mais delicadas, quando não existe material a respeito. O professor ou expositor precisa, pois criar um sistema pelo qual possa conduzir as aulas para o terreno espírita, fazendo as necessárias aplicações. E' nisto precisamente que está a dificuldade, mas é também nisto que está o mérito. Peça-se a um professor de Física, por exemplo, para ministrar uma série de aulas sôbre desintegração da matéria, em qualquer curso, e êle não terá, hoje, tanta dificuldade, porque o que falta são compêndios com os textos e esquemas já organizados. O professor apenas desenvolve os textos, porque o material já está pronto. (Muitos dêles são apenas repetidores de compêndios). Aqui, no Instituto de Cultura Espírita do Brasil, o problema é diferente, porque não é tão simples explicar problemas de Física à luz do Espiritismo, se o professor não conhece as idéias espí-

Revista Internacional do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, assinantes, colaboradores e auxiliares, um ANO NOVO cheio de prosperidades espirituais, muita paz e saúde

15-12-63

ritas acêrca da *matéria*, nem sabe qual é o conceito espírita de evolução, propriedades fluídicas e outros conceitos da doutrina. Estamos dizendo isto para mostrar que o esfôrço dos nossos professôres é muito maior e muito mais meritório do que o daqueles que ensinam com espírito de rotina, encontrando tudo pronto: compêndios, textos, gráficos, etc.

E' verdade que a Diretoria do Instituto fornece um roteiro a cada professor, pois temos dois planos didáticos: um *plano de curso*, que é geral, e um *plano de unidade*, que é especial para cada matéria. Ainda assim, o professor tem que dar, a sua parte pessoal, a fim de corresponder aos objetivos do Instituto. E' bom lembrar que, há muito tempo, quando se fundou, no Rio de Janeiro, a Faculdade Brasileira de Estudos Psiquicos, a Liga Espírita do Brasil (hoje do Estado da Guanabara) indicou o cel. Delfino Ferreira para ministrar as aulas de doutrina espírita, que era uma das cadeiras básicas. Pois bem, o nosso confrade teve que fazer por si, criando um programa, porque não existia material apropriado, nada sôbre o assunto... Por aí, prezados amigos, é fácil avaliar o trabalho dos professôres dêste instituto, trabalho meritório, principalmente por dois motivos: em primeiro lugar, porque êles são obrigados a dar muito de si mesmos; em segundo lugar, porque não ganham, materialmente, coisa alguma. E' justo, pois, que lhes prestemos tôdas as homenagens nêste final de curso.» (Do relatório apresentado pela Diretoria do Instituto de Cultura Espírita do Brasil). Os professores do Instituto nada recebem, porque o objetivo do Instituto é difundir a doutrina espírita, dando cursos regulares, nos quais se incluem matérias de cultura geral e algumas disciplinas científicas, como elementos auxiliares no estudo geral da doutrina. O *Espiritismo* é, entretanto, a matéria principal, a razão de ser da existência do Instituto, Justamente por isso mesmo tudo é gratuito. O Instituto entrou em férias, a partir de 1.º de dezembro, de acôrdo com o estatuto, e voltará a funcionar na 2.ª quinzena de março de 64. Sede provisória: Rua dos Andradas 96 — 12.º andar. Rio de Janeiro — Guanabara.

LAR «ANÁLIA FRANCO», DE LONDRINA

Realizaram-se nos dias 15 e 17 de novembro p.p., as solenidades de inauguração oficial do Lar «Anália Franco», de Londrina.

Do convite que recebemos, destacamos o programa das solenidades, as quais foram as seguintes:

Dia 15 de novembro - sexta-feira — às 10 horas — Corte da fita simbólica por uma criança, a primeira recebida no Lar para internamento; — Palavra do Presidente do Conselho Deliberativo do Lar, sr. Nelson R. Forattini; — Oração oficial pelo Dr. Gentil Augusto Lino; — Visita às dependências do Lar; às 20 horas — Palestra por conferencista espírita, no auditório da Rádio Difusora Paraná.

Dia 16 de novembro - sábado — às 15 horas — Homenagem à criança de Londrina, no recinto do Lar, programada pela «Associação das Senhoras do Lar Anália Franco de Londrina»; — Na ocasião, além de divertimentos infantís, funcionará também um Bazar de utilidades, às 20 horas — Conferência espírita no auditório das Faculdades.

Dia 17 de novembro -- domingo -- às 12 horas — Almôço Beneficente, no recinto do Lar, promovido pela «Associação das Senhoras do Lar Anália Franco de Londrina», cuja renda reverterá em benefício da Instituição.

A Caridade não é uma voz que fala: é um poder que irradia. — Emmanuel

Natal dos Pobres

Para o Natal dos Pobres patrocinado pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», em 1963, recebemos mais os seguintes donativos:

Arrecadados pelo sr. José Capelli, entre os internados do Sanatório de Cocais, de Casa Branca, cr $ 800,00 ; Laura Pedro Trolezi, 250,00 ; João Mario Trolezi, 250,00 ; Anônimo, 500,00 ; Joaquim Braz, 100,00 ; Zélia S. Perche, . . . 2.000,00 ; Casa Balista, 100,00 ; Alberto Akiau Ching, 50,00 ; Jaime Mateus Sanches, 500,00 ; Augusto Matheus Granado, 100,00 ; Manoel Arantes, 400,00 ; Angelo Rinaldi, 200,00 ; Anônima, . . . 1.500,00 ; Carmem Perches, 5 ms. de tecidos ; Anônimo de Araraquara, 1.000,00 ; Anônimo, 100,00 ; Lindolfo J. Carvalho, 500,00 ; José Pedro de Morais, 1.050,00 ; Genésio Teruel, 1.000,00 ; Rivadavia de Brito, 250,00 ; dra. Laura Amazonas, . . 830,00 ; Elvira S. Perche, 70,00 ; Mariana S. Fagioni, 100,00 ; Leonor Malvesi Arão, 3 ks. e 400 grs. de retalhos de fazenda de primeira ; d. Cyra de Oliveira Petrin, 1.000,00 ; d. Blandina e d. Chiquita Fonseca, 30,00 ; d. Maria Eliza Morato Martins, 500,00 ; Gino de Biasi, 2.000,00; d. Judith G. Galembeck, 500,00; José S. Bastos, 150,00 ; dr. Domério de Oliveira, 500,00 ; Pedro E. Negrão, . . . 3.000,00 ; Francisco Brumatti, 150,00 ; . Alcides Lomba, 120,00 ; Balduino B. Pereira, 125,00; Elidio Moretti, 50,00 ; Guerino Luiz de Castro, 150,00 ; Antonino S. Almeida, 50,00 ; Anibal dos Santos, 420,00 ; Anônimo de Ribeirão Preto, . . 1.000,00 ; Anônima de Ribeirão Preto, . 980,00 ; Francisco F. Correa, 500,00 ; Geny e Carlos Xavier da Silva, 500,00 ; Alice da Silva Pontes, 100,00 ; Milton Toledo Fonseca, 3.000,00 ; Anônimo, 50,00 ; d. Sebastiana da Silva Lima, 500,00 ; dr. Gil Perche de Menezes, 1.000,00 ; Abel Gomes, 100,00 ; José Feijó Vasques, . . 1.000,00 ; Celestino Soares, 3.000,00 ; . . Tereza e Itagiba Borges, 3.000,00 ; José Angelo Pellegrino, 1.750,00 ; prof. Pompilio Lemes de Souza, 600,00 ; dr. Agnel Mendonça de Alvarenga Mafra, 300,00 ; Torquato Belardinelli, 1.000,00 ; Francisco Sanches Banhos, 50,00 ; José Ferreira Coelho, 250,00 ; Candida Gonçalves Coelho, 300,00 ; Alice Ferreira Coelho, 200,00 ; Otacilio David, 100,00; Segundo Gatti, 150,00; Olga Coelho Maria, 150,00; Guerino Maffei, 50,00 ; Jaime Ferreira Coelho, 500,00; Distribuidora de Aços Especiais Cidarpe Ltda., 3.000,00; dr. Francisco Klors Werneck, 300,00; José de Souza Lima, 400,00 ; João Esaú do Nascimento, 500,00 ; Ana Jacinta, 100,00 ; Donato, 100,00 ; Eloi Marcelino, 100,00 ; Eugenio Manoel, 100,00; Arthur Sino, 100,00; José Manoel, 50,00 ; Eloi M. do Nascimento, 500,00 ; José Marcelino de Campos, 100,00 ; José Francisco Ramos Rosa, 1.100,00; Maria José Wanderley, 250,00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Dr. Genaro de Menezes Povoa, 930,00 ; Mansão Bezerra de Menezes, 400,00 ; Bertoldo Oberg, 75,00 ; d. Leopoldina Gomes Cordeiro, 250,00 ; Anônimo de Curitiba, 50,00; Deolindo Amorim, 500,00; Raimundo Pfeifer, 50,00 ; Agenor Simões Coelho Filho, 950,00 ; Anônimo de Mogi Mirim, 3.500,00 ; Um amigo de Rio Preto, 150,00 ; Angelo Beloni, 2.550,00 ; Abel Gomes, 510,00 ; Maria José Wanderley, 250,00 ;

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 600,00
Semestre	— „ „	350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3912unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de janeiro de 1964 – N. 1

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

NATAL	*Redação*
E' Ingênua a Tese Materialista das «Materializações Mentais»	*V. O. Casella*
Artigos Escolhidos	*Carlos Imbassahy*
Profundamente Extranhável	*Arnaldo S. Thiago*
Espiritismo e Religião	*Deolindo Amorim*
Programa Mínimo e Imediato a ser Cumprido pela C. E. P. A.	*Natalio Ceccarini*
As Artes de Perder o Tempo	*Tito L. Bancescu*
A Obra de René Warcollier	*M. Lemoine*
Fenômenos de Materialização Estudados por Equipe Médica	*Irmão Saulo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Índice	*Redação*

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Sexo e Destino
Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova
Reportagem de Além Túmulo

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Antologia dos Imortais
Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

AVISO

Aos Nossos Prezados Assinantes

Conforme vem acontecendo, não só na imprensa da Capital mas na de todo o interior, também somos forçados, em virtude do aumento de tôdas as utilidades gráficas, a elevar os preços das nossas publicações, que passarão a ser os seguintes, a partir de 1.° de janeiro de 1964:

REVISTA	–	Assinatura	Anual	Cr.$ 1.000,00
		»	Semestral	» 550,00
O CLARIM	–	Assinatura	Anual	Cr.$ 400,00
		»	Semestral	» 220,00

* * *

Por mais de uma vez temos recebido, em devolução, números de «O CLARIM» e da «REVISTA», com o carimbo do Correio de destino: – MUDOU-SE – NÃO RECLAMADO.

Para evitar que tal aconteça, pedimos encarecidamente aos assinantes dessas nossas publicações para que, quando mudarem de residência, nos comunicarem o novo e o antigo endereço – CIDADE, RUA, NÚMERO e CAIXA POSTAL, se tiver, pelo que ficaremos sumamente gratos.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1964 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

NATAL

TÔDA a Cristandade festeja o nascimento daquele que veio ao Mundo trazer a palavra divina, e que a cimentou no coração humano pela prédica, pela doçura, pelo exemplo e pelo martírio.

Diz-se que êle veio salvar a humanidade. Bem diferente é o conceito que fazemos desta salvação. Bem diverso é o modo por que a encaramos.

Até então acreditou-se, ou ainda acreditam muitos, num processo mecânico: Cristo viria salvar-nos pelo derramamento de sangue. Foi o sangue derramado na Cruz que remiu a humanidade.

Êsse meio cruento é inconcebível para os que não abdicaram do direito de raciocinar. Nem êle faz parte de nossos ensinos doutrinários.

A imolação do Cristo para a nossa salvação deve ter a sua origem nas velhas crenças do sacrifício. Nas nações primitivas, nos povos atrasados, e comumente nas tribos selvagens, havia os sacrifícios de animais e até de sêres humanos. Para agradar à Divindade tirava-se a vida. Os Anais estão cheios com as descrições dos mais trágicos fatos. Não só os animais eram lançados ao fogo ou abatidos. Jovens, velhos, e sobretudo virgens e crianças eram sacrificados para aplacar as iras dos deuses ou fazer com que êles concedessem certos favores.

Tais idéias, provenientes de uma formidável mistura de maldade e ignorância, é que se teriam infiltrado nas mentes, e então as introduziram na fulgente epopéia messiânica, com os absurdos e as reminiscências de hábitos selvagens.

O Gólgota deixou apenas patente a grosseria dos sentimentos, da época, a impiedade das criaturas, o mêdo dos que se supunham fortes, e que se aproveitaram da situação para se livrarem daquele que supunham o inimigo. Mas o o sangue derramado do Justo veio apenas dizer-nos o que é o homem na sua ignorância.

Não foi aquêle sangue que nos salvou, senão o Código que êle trouxe à humanidade sofredora e à humanidade pecadora. Foram as leis morais que procurou insculpir nos corações. Foi o devotamento que demonstrou na sua peregrinação, parecendo insensível aos trabalhos, ao cansaço, ao exaurimento, aos motejos, aos apôdos. Foi, enfim, a serenidade com que encarou o madeiro, sem que aquêle tremendo suplício apagasse em seus lábios a palavra do perdão, que neles sempre se via na sua longa trajetoria, quando procurava consolar e regenerar.

Buscou salvar-nos pelo verbo, pela oratória, pela pregação. Buscou salvar-nos pelo exemplo, pela ação. Buscou salvar-nos mostrando a resignação diante da morte, e a ausência de rancores diante do inimigo. Buscou salvar-nos mostrando que a existência não se resume nos sofrimentos de uma vida, e que para além dessa vida, há as recompensas e a felicidade que o Pai reserva para aos que bem souberam cumprir a Lei.

Dia de festa é inegàvelmente o Natal. Não para que sacrifiquemos vários sêres em banquetes pantagruélicos. Não para que aproveitemos a data, dando expansão aos nossos imoderados apetites ; para que a transformemos em festa pagã, com muita comedoria, muito sarambeque e nenhuma religiosidade. E quase sempre também muita bebedoria, não sendo difícil que em tão solene momento, estoirem conflitos, e a desordem, a agressão, o ódio sejam o remate de uma reunião onde se comemora o advento da Fraternidade.

A verdadeira homenagem que se pode prestar ao Cristo, no dia de Natal, é dar demonstrações daquilo que Êle recomendava aos seus discípulos — Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.

É Ingênua a Tese Materialista das «Materializações Mentais»

Era nosso propósito, neste mês, entrarmos noutro assunto doutrinário. Mas, prossigamos ainda na seqüência do trabalho anterior, dissecando argumentos pretensamente científicos, dos nossos opositôres materialistas.

Como bem se tem visto, embora tais argumentações negativistas não tenham prevalecido diante das provas científicas dos fatos espíritas, nem por isso deixam de merecer nossa atenção, sempre que se revelam trabalhadas e de propósitos honestos. Mas, quando se trata de teses dogmatizadas, portanto não trabalhadas, dispensam nossos cuidados no setor da ciência, onde a discussão exige esclarecimento de trabalho analítico.

Entretanto, destas, há uma, a tese das materializações mentais, para a qual voltamos nossa atenção, dado o cientificismo aparente com que se pretendeu apresentá-la, a cujo motivo, um silêncio absoluto de nossa parte, poderia ser interpretado como se estivessemos com falta de elementos científicos, para contraditá-la. E' verdade que já cuidamos desta questão, na Revista de Agôsto de 1962. Mas naquela ocasião, como dispúnhamos apenas de algumas linhas para discorrê-la, pois num mesmo artigo deveríamos tratar de vários assuntos exigidos pelas condições do momento, ali deixamos a tese muito resumida, sem possibilidades de melhores esclarecimentos. Dái o nosso propósito em repetí-la, sem pretendermos molestar os seus formuladores, mas com o objetivo de favorecer, dentre os nossos leitores, aquêles a quem não pudemos dar com a necessária clareza, a nossa defesa exposta naquela oportunidade. Contudo, ainda assim, não temos a pretensão de livrar o tema de tôda sua complexidade científica, aos leitores estranhos às questões restritas no campo da ciência. Mas, com mais espaço agora ao dispôr, a razão, ou por uma ou por outra forma, não deixará dúvidas ao entendimento geral dos nossos leitores.

Comecemos com a questão, desde o seu início histórico.

Logo após Kardec, quando alguns célebres sábios passaram a investigar os fenômenos espíritas, sob o rigor dos laboratórios, de início, ao comprovarem os fatos, não faltaram as primeiras hipóteses introdutivas, para se esclarecer o mecanismo da novidade científica, com o objetivo de se apurar a origem do sêr intelectual materializado. As proposições sem resistência da ciência filosófica ou positiva laboratorial, ficavam relegados ao desprêzo. Entre estas, no caso das materializações espiríticas, houve uma conjetura, a qual se dizia da exteriorização do pensamento, plastificando formas ponderáveis, daquilo que estaria sendo imaginado pelo médium. Logo, um fantasma concretizado não seria um ser de outro plano de vida, o espírito, mas a plastificação de alguma substância mental, que teria saído do cérebro do médium, com forma e pensamento daquilo que êste estaria mentalizando, no momento da sua atividade mediúnica.

Tal hipótese, revelando-se arbitrária, não foi além de um nobre esfôrço teórico, para colaborar no descortinamento dos fatos. Pois, pela forma como se desenrolavam os acontecimentos mediúnicos, tal conjetura, logo de início, revelava-se visìvelmente incompatível com os postulados analíticos da ciência. Daí então, ao se verificar insustentável, não ter sido, entre outras, considerada pelos pesquisadores, e abandonada até por quem a teria imaginado, como colaboração de princípio. Seria um contra-senso prestigiar uma hipótese, que se desmentia diante dos maís leves contatos introdutivos da análise científica.

Não havia dúvida de que as entidades materializadas que se declaravam de outro plano de vida, para se tornarem visíveis aos nossos sentidos, utilizavam-se de uma substância, o ectoplasma, exteriorizada do corpo do médium, o qual, com essa perda, durante a sessão, acusava diminuição de seu pêso. Essas exteriorizações ectoplásmicas, mostrando-se tangíveis ao contato, e jorrando até pelas pontas dos dedos, conforme se fotografou, já contraditavam por si só, a tese das materializações mentais, pois, neste caso, a substância, se fôsse mental, deveria sair da região do cérebro, na cabeça do médium, e não dos dedos ou de outras partes corporais.

Mas nem tanto seria preciso, para se demonstrar a nulidade dessa hipótese das materializações mentais. Bastava o simples fato das entidades deixarem informes ou documentações escritas com outros gêneros intelectivos, desconhecidos do médium, e até dos assistentes, como seriam as produções em línguas estranhas, para se conceber tratarem-se de outras personalidades inteligentes, independentes dos pensamentos do médium.

Por certo, o agente mediúnico não poderia estar mentalizando questões fora do alcance do seu conhecimento.

E assim, a frágil hipótese, sem resistência ao mais leve sôpro da observação analítica, ficou sepultada, logo no seu nascedouro.

No entanto, apesar dos anos, últimamente, surgiram tentativas por parte de alguns opositores, interessados em recuperá-la, colorindo-a agora com aparência científica, talvez mais para dar descanso à velha tecla da fraude, argumento êste que já se tornou ridículo, diante do testemunho dos sábios, irrefutáveis pela sua capacidade e idoneidade. Contudo, o retoque, da falida conjetura, dando-lhe uma nova base, pretensamente científica, surge com discrição, revelando certo temor dos seus autores, desconfiantes da sua própria ousadia, ao valerem-se agora das radiações elétricas do cérebro, registradas pelo aparelho de Cazzamalli, insinuando que seriam, no caso mediúnico, os pensamentos irradiados do médium, plastificado-se em formas de fantasmas.

Entretanto, êsses novos formuladores, que sabem das ondas cerebrais de Cazzamalli, mas não desejam conhecer o ectoplasma de Richet, não estariam sabendo que a substância das materializações mediúnicas, nem sempre seria retirada do médium, mas de outra origem. Há fenômenos em que o médium, ao invés de ser a fonte emissôra, perdendo pêso nessa emissão, faz função inversa, o de receptor, aumentando-lhe pêso, pelo acúmulo no seu corpo de reservas ectoplásmicas, de outra origem, captada pelas próprias entidades mediunizadas.

Neste caso, se as materializações seriam plastificações mentais do médium, como então explicá-las, quando a substância plastificadora origina-se de outra fonte, que não seja a natureza humana ?

Ainda assim, deixemos êsses conceitos, e vamos ao encontro dêsses atuais remodeladores daquela antiga hipótese, colhendo-os pelo mesmo caminho, por onde pretenderam valorizar sua tese, ao atribuirem às ondas elétricas cerebrais, como fator básico de que aí estaria a prova da exteriorização da matéria mental, plastificadora das materializações ectoplásmicas. Quanto ao apresentarem com certas reservas essa proposta, haveria alguma razão nesse proceder, porque se tal argumento chegasse aos ouvidos dos homens de laboratório, estaria provocando dêstes, irresistíveis gargalhadas. De fato, julgar que as ondas cerebrais, dizendo-se de natureza eletromagnética, poderiam transformar-se de imediato, em matéria de substância plastificadora, como seria o ectoplasma, é contrariar a tudo quanto vem revelando a ciência, até os dias de hoje da era nuclear.

Vamos ao esclarecimento analítico, objetivando diretamente a questão, logo pela base.

Para tanto, por um momento, vamos deixar de lado o fato já definido pelos cientistas, ao comprovarem não serem as ondas elétricas do cérebro produtos mentais, assunto êste já exposto nos últimos temas, do que não vamos saturar os leitores, repetindo-o novamente. Portanto, sem discutirmos agora, se tais ondulações seriam ou não produtos mentais, o nosso objetivo, no momento, visa saber se essas radiações poderiam, ao sair da sua origem cerebral, deixar logo em seguida a sua forma de energia liberada, para se transformarem num brusco salto, imediato, condensando-se na forma da matéria das substâncias, modelando formas ectoplásmicas, conforme insinua-se pela tese materialista.

Lembremos que a célebre equação de Einstein, indicando os valores da conversão da matéria em energia e vice-versa, confirmou-se na prática, ao positivar-se nas experimentações de laboratório. Tal processo, revelou-se através de uma seqüência de acontecimentos, a partir desde a primeira fase, a da energia, até a última etapa, a da matéria das substâncias. Logo, a transformação da energia em matéria não se dá pelos processos ordinários, como a teriam julgado os formuladores da nova proposição materialista, ao conceituarem uma condensação vulgar, da energia irradiada do cérebro, em matéria ectoplásmica.

Com atenção, nas ondas elétricas cerebrais, vejamos como se processaria a série evolutiva, da sua conversão em matéria, pròpriamente dita.

Primeiro : temos as radiações, de natureza eletromagnética, na sua forma de energia, concentrada nas suas partículas fotônicas. Segundo : as partículas fotônicas, ao acharem condições favoráveis, como seriam os impactos cósmicos, materializar-se-iam em partículas primárias elementares do Universo, evoluindo para as formas de partículas secundárias, de natureza sub-atômica. Terceiro : das junções destas partículas secundárias, quando elas deixam sua condição de partículas livres, originam-se os átomos, desde o Hidrogênio, o mais simples, até os mais evoluídos, a exemplo do Urânio. Quarto : das uniões afins dos átomos entre si, quando se acham em campo propício, temos a matéria molecular, das substâncias, como seria o ectoplasma.

Como se vê, entre o primeiro fato, a energia, até o último, a matéria das substâncias, interpõe-se uma série de outros acontecimentos, exigindo condições outras, diferentes para cada etata evolutiva, antes que se complete a transformação da energia, na forma da matéria, tal qual a conhecemos.

Enfim, como julgam êsses nossos opositores, pelo conceito da passagem direta da energia para a matéria, não há essa transição compulsória, entre os dois extremos, para firmarem sua tese na falsa suposição de que as ondas elétricas do cérebro saltam para a forma da matéria, gerando o ectoplasma. Seria uma derrogação das leis evolutivas do Universo.

Portanto, mesmo que desejássemos, por um momento, contrariar a ciência, para satisfazermos essa proposição materialista, de que as ondas cerebrais seriam mentais, ainda assim, desde que se trate de energia eletromagnética, não se explicariam por elas, as materializações ectoplásmicas. Como já dissemos, de início, a estrutura ectoplásmica das materializações mediúnicas, tratando-se de substância tangível, evoluída, já teria saído do corpo do médium, com essa mesma propriedade, de materia molecular, conforme comprovou Richet, pelo exame tátil e fotográfico, do ectoplasma, fluindo pelos dedos do agente emissor, para modelar-se, preguiçosamente, na confinação de um aposento.

Já, como se diz das ondas cerebrais, nunca se explicaria a matéria ectoplásmica, pois tais radiações, escapariam do cérebro, na velocidade a . . . 300.000 kms., não indo de imediato, sem passar pelas diferentes etapas evolutivas, estacar numa ação brusca e compulsória, para saltar instantânea, na forma da matéria molecular. Admitir tal aberração seria contrariar em tudo, a célebre equação de Einstein, a qual tão gloriosamente marcou uma nova era, no descortinamento dos insondáveis mistérios do seio da matéria do Universo.

Concluindo diremos : tivessem sido mais prudentes os autores dessa proposição materialista, consultando antes pelo menos algum tratado elementar do assunto, talvez não teriam se arriscado nessa ingênua aventura, tão comprometedora para a intelectividade dos seus formuladores. Como tese dogmática, poderá confundir os mais simples de entendimento. Mas apreciada como valor científico, conforme pretenderam apresenta-la, estão se expondo ao ridículo, entre os estudiosos dêsse setor da ciência. Entre os sábios, teses assim formuladas, dão motivos a comentários risíveis.

E assim, para entendimento geral dos nossos leitores, aí fica a verdade, desmantelando mais essa investida materialista, desapontando os seus formuladores, que talvez julgariam ter embaraçado os espíritas, com tão ingênua tese das materializações mentais.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

ARTIGOS ESCOLHIDOS

É êste o título do «Boletim do Grupo Editorial Monismo Limitada», o qual, no n.º 7, de 1963, nos apresenta a mensagem de Pietro Ubaldi, ao 6.º Congresso Espírita, em Buenos Aires.

A contribuição de Ubaldi é para incluir-se nos seguintes textos do Temário : — «Contribuição do Espiritismo ao progresso da Ciência. — A Filosofia espírita e a civilização contemporânea. — Como conter o Materialismo. — Leis Morais. — As Ciências Sociais e o Espiritismo. — Prepara o Espiritismo uma nova civilização ?»

A resposta a êstes pontos acha-se contida em 20 volumes da autoria do mensageiro, e desenvolvida em 8.000 páginas, que representam 33 anos de árduos trabalhos ; e agora, na oportunidade do novo Congresso Pan Americano, êle oferece à apreciação dos congressistas, como um meio de reparar as deficiências doutrinárias do Espiritismo.

Aproveitamos, para maior esclacimento da questão, a síntese apresentada por Herculano Pires, no que toca às aludidas falhas, e que, por nosso turno ainda condensaremos:

«1 — O Espiritismo estacionou na reencarnação e no mediunismo. 2.—Não possui um sistema conceptual completo, e daí não ser levado a sério pela cultura. 3. — Sua filosofia é limitada, não dá a visão do Todo, nem abrange todos os momentos da lei de Deus. 4. — Não construiu uma ideologia científica que preenchesse as lacunas do Catolicismo. 5. — Corre o perigo de ficar parado em Allan Kardec.»

A nossa admiração por Pietro Ubaldi sempre foi grande. Admiração pelo seu valor intelectual, por sua perseverança, pelo seu idealismo, pelo seu indefesso esfôrço em tão magno problema, pelo seu prolongado e exaustivo trabalho.

Que se nos permitam, entretanto, algumas observações, no presente caso.

Dir-se-ia que o ilustre escritor, filho de uma terra que nos deu o inesquecível Ernesto Bozzano, não sabe ainda o que é o Espiritismo, ou como êle se forma.

Espiritismo é doutrina dos Espíritos. E' dos Espíritos que nos vem o ensino. Por maneira que a nossa função é colher o fruto que nos apresentam. Não é o lavrador que produz o vegetal. Êle apenas amaina a terra, prepara-a, rega-a, semeia, sega, aduba e recebe o produto como a natureza o dá. Quando muito seleciona.

O nosso papel humano é o da colheita, o da crítica, o da análise, para aceitar o que fôr bom; o da prova, para mostrar a autenticidade do fenômeno; o da propaganda, não por espírito sectário, senão por sentimento altruístico, a fim de que todos beneficiem da colheita.

Assim, não duvidamos que sejam magníficas as idéias de Pietro Ubaldi; mas, não emanando dos Espíritos, não pode ser doutrina espírita, e conseqüentemente não podem ser encorporadas ao nosso corpo doutrinário. Serão preciosos comentários, apenas.

«O fato — diz Ubaldi — é que o Espiritismo ficou mais ou menos estacionário na sua fase de origem, limitado a dois pontos principais: a teoria da reencarnação e o fenômeno mediúnico.»

Mas nem podia sair daí. Nem podia ser por outra forma. Porque isso é tudo. E êsse tudo é o todo, e êsse todo é a imensidade!

Sem o fenômeno mediúnico não há Espíritos e sem Espíritos não há Espiritismo. A própria reencarnação, como ensino espírita, origina-se do mediunismo.

Não cremos que o ensino tenha ficado estacionário. A tese ampliou-se. O que aí está é a estrutura, é o necessário para o nosso progresso espiritual. Bastava isto.

Qual a finalidade do Espiritismo? Encaminhar-nos, pelo Bem, para a felicidade. Se conseguissemos demonstrar ao Mundo que nada valem as paixões terrenas, os gozos efêmeros da Terra; que a verdadeira conquista é a da paz espiritual, e que esta só se adquire pelo aprimoramento do caráter, pela reforma de nós mesmos, já teriamos conseguido uma obra gigantesca, e para ela não são necessários elementos além dos que dispomos.

Imagine-se conseguissemos vencer as barreiras do preconceito, das idéias arraigadas, das prevenções religiosas e científicas, da presunção e da ignorância, do atraso racial e do orgulho intelectual, e pudessemos ainda convencer a tôda a gente que existem outros planos, outra vida; que a morte não é o fim; que as nossas falcatruas não se apagam; que iremos pagar caro os males que tivermos produzido; que a lei é inexorável para o delinqüente, que não há fugir-lhe, quaisquer que sejam as promessas que nos dêem; se pudessemos levar êsse ensino a tôda a parte e a tôda criatura, e com êle a reforma do ser, teriamos feito uma obra ciclópica, que talvez nem a pudessemos abarcar com a nossa imaginação.

Mas isto é trabalho para muitos séculos, e para êle já seria mais que suficiente o nível de Allan Kardec.

Fala-se hoje muito em ultrapassar Allan Kardec ou em Kardec ultrapassável, como se o Kardec que aí está não fôsse êsse monumento inderrocável, só por si, capaz de trazer ao nosso planêta a paz, a solidariedade, a fraternidade e a vida, tão ameaçadas na hora presente pela falta de descortino, para não dizer pela loucura que avassala tantos cérebros. E o pior é que são êsses cérebros que dirigem a humanidade.

*

Declara o escritor que «uma religião para se manter viva não pode permanecer cristalizada na repetição do que foi dito, estacionária no ponto de partida.»

Conforme. Já nos ensinava Kardec que teriamos que evolver acompanhando a Ciência. Logo, a evolução é princípio doutrinário. Não irá ela, porém, a galope, ou não seria evolução, e o próprio escritor o diz: «A verdade é um conhecimento relativo em evolução... a verdade é conquista contínua...»

Mas só se pode passar para uma segunda classe, completada a primeira; só se passa para o degrau seguinte, vencido o anterior. Ora, o Espiritismo ainda está abrindo caminho através de vicissitudes, de tropeços de tôda a ordem. Aqui esbarra com a incredulidade e lhe negam os fenômenos; ali vai se chocar com o velho edifício religioso, e se vê seteado de anátemas; mais adiante é a corporação científica que se ergue e o procura esmagar, sob a avalanche dos mais exdrúxulos e incompreensíveis nomes, e de teorias em correspondência.

Faz-se mister dominar tudo isso primeiro.

Portanto, antes do mais, é preciso firmar a verdade espírita, estabelecer-lhe a autenticidade, trazer-lhe a prova. Depois propagá-lo, espalhar as luzes da sua moral, deixando claras as bases em que ela se assenta.

Imagine-se o esfôrço, quase inacreditável, que será o de levar ao coração humano, o que a plêiade de Espìritos Superiores, por ordem do Cristo, trouxeram ao Codificador, afim de libertar-nós das vidas mergulhadas no crime e na desgraça!

Êsse desiderato já seria suficiente para causar vertigens.

Em suma, dos «limites dos dois assuntos» não poderemos sair, sob pena de fugir da nossa órbita. No mais, bracejamos num terrìvel pélago, e libertar-nos é o fim precìpuo a que nos dedicamos na hora atual.

E êste programa é imensurável!

Carlos Imbassahy

Profundamente Extranhável

Arnaldo S. Thiago

«Tudo tem o seu tempo determinado, e todo propósito debaixo do céu tem o seu tempo», adverte o mais célebre dos pregadores, no Livro do Eclesiastes, entre muitas outras considerações aduzindo a de que «há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...»

Assim ocorre **debaixo do céu,** isto é, no mundo material em que vivemos, porque em cima, isto é, no céu, na vida espiritual, tudo é permanente e eterno.

A História, grande mestra da vida, como a chamou alguém que muito versou tão empolgante disciplina, mais movido por alto senso filosófico do que por simples registro de acontecimentos, confirma admiràvelmente as advertências do Pregador: plantou a cupidez humana, por entre o bom trigo das leiras do Cristianismo, maldito joio cuja semente se originou do orgulho e de interêsses mesquinhos; a revolução das idéias, que se chamou **enciclopedismo,** foi encarregada de arrancar todo êsse condenável joio; mas, cumprida a sua missão, permaneceu indiferente às coisas do Espírito, pois sòmente lhe interessavam as da materialidade contingente, à qual todo o seu esfôrço cultural aplicou-se, por entre guerras e devastações periódicas.

Com o Espiritismo, os tempos chegaram da implantação dos elevados princípios do Cristianismo, que deixaram de ser militantes no mundo, sob o signo da civilização materialista, nesta admirável, não completa, porém, civilização a que acabamos de aludir. Afirmou-o, por isso, o Codificador, ao inscrever em «A Gênese», um dos livros básicos da Doutrina, aquela expressão lapidar : «O Espiritismo e a Ciência se completam recìprocamente ; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certes fenômenos só pelas leis da matéria ; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apôio e comprovação».

As perspectivas que se desdobram diante da inteligência tão desenvolvida do homem atual, mediante o influxo trazido pelo Espiritismo à hodierna cultura, são maravilhosas em sua amplitude, em sua luminosidade, em sua beleza : porque desprezar, portanto, o concurso dessa fôrça propulsora do progresso da humanidade, se a Ciência só por si não tem meios de resolver o problema da felicidade na terra ?

Não estarão os preceptores da juventude, ministrando-lhe apenas os ensinamentos da Ciência, desacompanhados do influxo do Espiritismo, incorrendo num dos graves delitos por omissão, que a lei moral especifica para os homens que dispõem de livre e esclarecida consciência ?

Cremos que sim, pois os transviamentos da juventude decorrem da sua incapacidade moral de dar boa e superior aplicação aos conhecimentos científicos ou técnicos que nas escolas adquire, ou que assimila, por infiltração natural das idéias em todos aquêles que freqüentam ambientes de adiantada cultura.

Se a Ciência tem contribuido poderosamente para o aperfeiçoamento intelectual da espécie humana, a verdade, contudo, obriga-nos a afirmar que todo êsse esfôrço de aperfeiçoamento induz ùnicamente os homens à procura extenuante do bem-estar, de uma fementida ventura que não raro se contamina de vícios e flagrante imoralidade. Decorre êsse estado de coisas do fato de ser materialista a Ciência.

Sob o influxo do Espiritismo, ascende a cultura a objetivos de eterna consecução, concitando-nos à delicadeza de sentimentos, à elevação moral, como fatôres de elevada estesia, de imarcescível alegria que sòmente pode ser obtida nos altiplanos da Espiritualidade — o que é do máximo interêsse para todos os homens.

Lembrei, por êsses motivos, ao Dr. Gilson Amado a introdução de um programa sôbre Espiritismo na sua Universidade do Ar. Vejamos o que êle resolve a respeito.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano	1926	cr.$	1.500,00	Ano	1951	cr$.	1.300,00	Ano	1957	cr.$	1 300,00
»	1946	»	1.300,00	»	1952	»	1,300,00	»	1958	»	1.300,00
»	1947	»	1.300,00	»	1953	»	1.300,00	»	1959	»	1.300,00
»	1948	»	1.300,00	»	1954	»	1.300,00	»	1960	»	1.300,00
»	1949	»	1.300,00	»	1955	»	1.300,00	»	1961	»	1.300,00
»	1950	»	1 300,00	»	1956	»	1.300,00	»	1962	»	1 300,00

Espiritismo e Religião

(Resposta ao Inquérito promovido por «FIAT LUX»)

Deolindo Amorim

Penso que o inquérito jornalístico deveria começar justamente por esta questão: «Espiritismo e Religião são conceitos incompatíveis ?». Desta pergunta inicial decorreriam naturalmente outras perguntas, como estas, por exemplo: «é o Espiritismo intrinsecamente contra a Religião ?»; «haverá, no corpo da doutrina espírita, alguma condenação a respeito ?»; «em que ponto, em que passagem ?» Em todo caso, vou dizer francamente como penso e sinto êste problema, de acôrdo com as perguntas formuladas por «*Fiat Lux*». Devo esclarecer, logo no comêço, que o faço apenas por dois motivos: em primeiro lugar, por delicadeza, para corresponder ao pedido de nosso distinto confrade Ruberval Deolindo Barreto Lima; em segundo lugar, para não me omitir, pois acho que o espírita não deve ocultar as suas idéias nem usar subterfúgios, sempre que lhe peçam um pronunciamento sôbre qualquer assunto inerente à doutrina. Certo ou errado, agradando ou desagradando, o espírita deve dizer o que pensa, para não «pecar por omissão.» Não nos esqueçamos do Evangelho: «Sim, sim; não, não.»

Quero, agora, dizer uma coisa, com tôda a lealdade. Se não me pedissem, eu jamais tocaria neste assunto. Porque ? Simplesmente porque já cheguei à conclusão, há muito tempo, de que quanto mais se discute, quanto mais se escreve para saber se o Espiritismo é ou não é religião, mais se complica o problema.

Tomei, comigo mesmo, o compromisso de não escrever nem fazer palestra neste sentido. Quando me perguntam o que penso, digo sinceramente a minha opinião. E não vou além disto. Pelo que já observei dentro das próprias fileiras espíritas, o assunto já está criando, em determinados casos, uma atmosfera um tanto apaixonada. Tudo isto me leva, cada vez mais, a não discutir sôbre a existência ou não de aspecto religioso do Espiritismo. Não se pense, porém, que a minha atitude de silêncio seja uma fuga ao estudo e à discussão desapaixonada. Nunca! Na hora em que é necessário falar, sempre falei e falarei com a maior sinceridade, acima de quaisquer injunções e também acima de tôdas as influências de amizades pessoais. Nada tem que ver uma coisa com a outra.

Tenho, para mim, pelo que já pude aprender nas próprias lições da História, que certos problemas só se resolvem com o tempo. E' necessário, muitas vêzes, que passem duas ou três gerações para que uma dúvida se esclareça satisfatòriamente. Discute-se, abrem-se algumas cisões inevitáveis, briga-se por causa de um princípio ou de uma tese controvertida e, por fim, é o tempo que se vai encarregar de pacificar os espíritos. Quantos e quantos problemas filosóficos já foram agitados através dos séculos e ficaram sem solução na inteligência humana ? Diversos. Isto faz lembrar, entre outras, a velha e interminável controvérsia entre *nominalismo* e *universalismo*, como ainda o acirrado debate, que separou teólogos e filósofos a respeito do *ocasionalismo*, *providencialismo* etc. Tôdas estas questões têm as suas sutilezas.

E' natural que também haja questões ainda controvertidas no campo espírita, fora das questões fundamentais, que já constituem terreno pacífico. O problema religioso, por exemplo, é de fôro íntimo, depende muito da estrutura psíquica de cada um de nós, como depende, em grande parte, do fundo emocional, da cultura, do desenvolvimento espiritual e de vários outros fatôres.

Agora, finalmente, depois de tudo isto, como introdução, passo a responder às perguntas que me foram entregues. Sei que a minha opinião não tem influência alguma na discussão, porque é uma opinião como qualquer outra.

Quer o confrade Ruberval que eu diga como penso. Está bem.

1.ª Questão : É o Espiritismo Religião ?

A palavra religião, aqui, está empregada em sentido indeterminado e, por isto mesmo, não dá margem para uma resposta objetiva. A pergunta está um tanto vaga. Se, porém, o intuito da pergunta é saber se o Espiritismo é *uma* religião, aí, sim, a questão muda de figura.

Respondo apenas assim :

O Espiritismo não é *uma* religião, porque a sua contextura doutrinária ultrapassa as religiões e, além disto, o Espiritismo não tem nenhuma característica de qualquer das religiões organizadas : corpo sacerdotal, livros sagrados, ritual etc. Está dito, na Introdução *d'O Evangelho Segundo o Espiritismo* que o Espiritismo «ESTÁ ACIMA DE TODOS OS CULTOS PARTICULARES». Logo, não poderia ser enquadrado nas limitações de *uma* religião. Entendo também que considerar o Espiritismo a Religião é dar-lhe uma elasticidade a bem dizer absoluta. Não me inclino nem para um lado nem para o outro.

Preciso e devo, entretanto, definir-me, para que não fique a menor dúvida a meu respeito: embora o Espiritismo não seja *UMA* religião, e êste ponto já está mais do que esclarecido, EU ACEITO O ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO. Penso, com isto, que o meu pensamento fica bem claro. Em que consiste, porém, êsse aspecto religioso do Espiritismo ? O aspecto religioso, no meu modo de ver, é o que concerne ao nosso comportamento perante Deus. Pela filosofia, a doutrina espírita nos leva à compreensão da existência de Deus e de sua suprema justiça. Tudo isto, no entanto, é ainda especulação ou racionalização pura. Quando, porém, começamos a tomar certas atitudes ou adotar certas normas íntimas, em função da crença em Deus, que passa a ser, para nós, uma convicção e não mais um ponto de fé, naturalmente nós assumimos uma posição de respeito, que se traduz em atos conscientes. Então, êste conjunto de atos é o que caracteriza o aspecto religioso do Espiritismo, segundo penso. A prece, porventura, não é um ato de louvor ou de reconhecimento ? Não é pela prece que procuramos entrar em relação mais forte com Deus ? E' nisto, portanto, que se manifesta, para mim, o aspecto religioso do Espiritismo. Se penso assim, é óbvio que aceito o Espiritismo com o seu tríplice aspecto : científico, filosófico, religioso.

Disse apenas o que penso, depois dos longos anos de estudos e meditações a que me dediquei.

Vamos à 2.ª pergunta: *Em que obra da codificação KARDEC teria afirmado que o Espiritismo é religião?* Não encontrei, até hoje, uma afirmação taxativa do Codificador neste sentido. Entretanto, Allan Kardec também não disse que o Espiritismo não tem uma faceta religiosa. Nem mesmo no célebre discurso de 1868, a que se refere a 3.ª pergunta, implìcitamente já respondida. O que êle disse noutra oportunidade, e que todos sabem, é que o Espiritismo tem conseqüências religiosas. Ter conseqüências religiosas não é a mesma coisa que ter um culto organizado ou ser uma religião formalizada.

Kardec não deu «foros de religião» ao Espiritismo, mas também NÃO DESPREZOU O ASPECTO RELIGIOSO.

Veja-se bem que *n'O Evangelho Segundo o Espiritismo* Allan Kardec valoriza a religião, dizendo que «A CIÊNCIA E A RELIGIÃO SÃO DUAS ALAVANCAS DA INTELIGÊNCIA HUMANA». Kardec previu a aliança da Ciência com a Religião, através de uma síntese que nenhuma escola filosófica jamais conseguiu realizar. Ora, se Kardec não tivesse dado importância ao lado religioso da vida ou se pretendesse condenar a religião, claro que não teria preconizado esta síntese, que será, na realidade, a maior síntese do conhecimento humano, quando tudo ficar suficientemente esclarecido. Quando ? Ainda não se sabe...

Se, conseqüentemente, a doutrina espírita não tivesse uma preocupação religiosa, sem prejuizo das outras preocupações capitais, não teria colocado a concepção de Deus no primeiro ponto de suas indagações. O aspecto religioso do Espiritismo nada mais é do que as aplicações desta concepção fundamental da doutrina. Além de tudo, é preciso não perder de vista que o Espiritismo não criou moral nova, porque esposou inteiramente a moral do Cristianismo. (Questões 625, 627, do *Livro dos Espí-*

ritos.) Se, portanto, o Espiritismo viesse à Terra para desprezar completamente a cogitação religiosa, teria, a seu turno, deixado de lado o Cristianismo. No entanto, a doutrina chega a dizer que «O Espiritismo vem realizar as promessas do Cristo» («Evangelho Seg. Espiritismo») cap. XXIII n.º 111. Todos nós sabemos que o Espiritismo não é nenhum apêndice, nenhum ramo do Cristianismo, porque é uma doutrina independente e universalista. Não há realmente vinculação hierárquica entre Espiritismo e Cristianismo. Note-se bem: vinculação hierárquica, pois o Espiritismo não é uma seita cristã, nem saiu de nenhuma dissidência religiosa. Entretanto — e êste ponto é importante — a doutrina espírita *ESTÁ NA MESMA LINHA IDEOLÓGICA DO CRISTIANISMO.* Não é questão de simples coincidência, é uma identificação conceitual, pois a moral espírita não é outra, senão a própria moral do Cristo.

O Cristianismo foi desfigurado pelos homens e pelos movimentos sectários. É um fato histórico. Mas ficou o espírito do Cristianismo, acima das religiões. O espírito do Cristianismo está em sua MENSAGEM, que é universal e permanente. Sem ser uma seita cristã, sem ser *uma* religião a mais, o Espiritismo procura restaurar o legítimo Cristianismo, interpretando o Evangelho segundo o espírito. E' o que está no corpo da doutrina codificada por Allan Kardec:

> *Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver os pontos obscuros do ensino cristão.* («A GÊNESE», de Allan Kardec, cap. I n.º 41.)

Creio que já disse o suficiente para esclarecer o meu pensamento. Devemos procurar viver a doutrina, evitando a cristalização de um Cristianismo mais devocional do que renovador, mais estático do que dinâmico. Que o Espiritismo não é nem poderia ser *mais uma religião*, está claro, e evidente; que o Espiritismo não pode nem poderia amoldar-se a uma igreja cristã ou a qualquer forma de culto convencional e exterior, é uma verdade tão notória, tão compreensível que já dispensa explicações. Daí, porém, não se pode chegar à negação absoluta do aspecto religioso. Existe uma preocupação religiosa no Espiritismo, desde que entendamos esta preocupação no sentido de nos ajustarmos cada vez mais às leis divinas pelo exame de consciência e pela modificação constante de nosso procedimento perante o supremo Autor do Universo: DEUS. Repito o que já disse no começo: só entrei neste assunto porque fui solicitado. Sei que ainda haverá muita discussão a êste respeito, mas também sei que um dia (não se sabe quando) a luz brilhará em tôdas as direções e, assim, não haverá mais razão para polêmicas.

Aqui está, meu confrade Ruberval, a resposta ao seu questionário.

Transcrito de «FIAT LUX», de Novembro de 1963—Rio—GB.

Programa Mínimo e Imediato a ser Cumprido pela C. E. P. A.

A presidência da Confederação Espírita Panamericana, considera um dever moral e doutrinário por-se em relação com todo o movimento espírita continental adeso ou não à CEPA, e informar quais são os princípios superiores que servirão de norma à existência da mesma e o plano de trabalho mínimo e imediato a ser desenvolvido durante o presente triênio, correspondente à sua sede na República Argentina.

Como o VI Congresso da CEPA, a atual presidência da Confederação Espírita Panamericana coloca sob a defesa do AMOR a existência e destino presentes do organismo Continental, prometendo que ùnicamente e sempre dentro dêsse govêrno maior, desenvolverá suas funções, cumprirá seus objetivos e traçará todo o novo esquema de realizações.

Por isso mesmo toma, como divisa de atuação, o luminoso pensamento de Allan Kardec, expresso em decisiva circunstância pelo Mestre e que regulou tôda a sua realização doutrinária, inquestionàvelmente fecundo e ainda não superado: TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA.

O TRABALHO será a tónica distintiva da atual CEPA : Sem tréguas, com persistente energia, plena consagração, trabalhará para dar cumprimento a todos os objetivos a que der nascimento. A presidência exigirá de si e de quantos irmãos constituem seus Conselhos Executivo e Federal, o trabalho permanente, sem desfalecimento, para possibilitar na América o advento da Nova Era, de base espiritual.

A SOLIDARIEDADE será procurada insistentemente pela CEPA entre todos quantos a compõem e ainda pelos que ainda permanecem fora dela. Fará compreender que a falta de solidariedade atenta permanentemente contra a unidade do movimento e se opõe à concretização dos altos postulados do Espiritismo. Além disso, a SOLIDARIEDADE fomentará o verdadeiro sentimento de fraternidade entre todos os países e seus povos, aproximando-os uns dos outros, fazendo surgir a compreensão de que a soma das partes dão a idéia real que constitue o Todo, e que, na consecução dêsse Todo cada parte necessita realizar em particular o seu esfôrço. A Unidade, base de tôda harmonia e fraternidade universal, será possível com a solidariedade como sentimento de ação e urgência viva e intíma de todo o ser humano.

A TOLERÂNCIA regerá todo o pensamento e tôda a conduta da CEPA em seu alto desempenho de promover a divulgação da idéia espírita no continente e a unidade entre todos os esforços tendentes a êste fim. Tolerância, real, efetiva, entre todos os espíritas. Reconhecimento das características regionais na interpretação e condução do movimento espírita. Unidade no básico, no fundamental doutrinário, respeitando idiosincracias, culturas, regionalismos, étnicas e antecedentes raciais e religiosos, etc. O mestre Kardec assinalou certeira e luminosamente a necessidade da tolerância, não só para com os que, de fora, por causas diversas, atacam ou negam o Espiritismo, mas também para com os que, estando de dentro, e admitindo ser espíritas, oferecem divergências em questões de doutrina, de conduta, de direção e método.

Trabalho, solidariedade e tolerância, serão a divisa orientadora da atual CEPA, e da qual não se apartará em nenhum momento, fiel ao pensamento do Codificador e de seus seguidores, dentro de um Ideal que tão magistralmente interpretara e do qual foi leal apóstolo.

O Espiritismo, o grande reformador da humanidade, educador e realizador do homem novo para uma sociedade nova, não pode alcançar uma tão alta aspiração, uma tão revolucionária modificação moral do planêta, senão através do AMOR em primeiro lugar, e pelos caminhos do Trabalho, da Solidariedade e da Tolerância, depois.

A CEPA inicia assim seu novo triênio na Argentina a serviço de tão supremos ideais.

Programa Mínimo e Imediato a Cumprir

Representação, direção e defesa do Espiritismo na América

A CEPA procurará, em todos os momentos, ser reconhecida como a representante oficial de todo o movimento espírita na América, e, sendo assim, assumir a direção do movimento doutrinário dentro da concepção kardeciana, tomando a defesa do Espiritismo em qualquer lugar do continente onde seja atacado, perseguido ou submetido a restrições ou escárnio (Art. 2.º dos Estatutos).

Promoção, organização e unificação

A CEPA promoverá o Espiritismo em todos os países em que seja ignorado ou se encontre em estado incipiente ou disperso, procurando sua organização de acôrdo com os modelos que oferecem as nações onde o Espiritismo tem alcançado forte desenvolvimento, em benefício espiritual dos seus habitantes. Igualmente, promoverá a unificação nos diversos países em que o movimento se enfraqueça por falta de unidade, ao mesmo tempo em que trabalhará pela unificação do Espiritismo no continente, dentro da CEPA (Art. 4.º, inc.a e c, dos Estatutos.)

Difusão

A CEPA realizará uma metódica e persistente tarefa de difusão do Espiritismo na América, usando das vias da palavra escrita e falada, como também pelo exemplo de suas grandes obras sociais.

Pela palavra escrita usará do livro, do jornal, do folheto, etc., pela palavra oral, usará das conferências e outros veículos de difusão falada, rádio, TV etc.; pelo exemplo, mostrando quanto se haja feito na América, socialmente, em nome do Espiritismo (Art. 4.º inc.a, dos Estatutos.)

Revisão

A CEPA será propensa à revisão dos pontos doutrinários que novos avanços do Saber, da investigação espírita, nos ensinos dos Espíritos, obriguem. Isto se fará nos momentos especiais fixados pela Carta Orgânica da Cepa (Art. 4.º, inc.b, dos Estatutos).

Intercâmbio

A CEPA, segundo acôrdos do VI Congresso e determinações de seus Estatutos, promoverá o intercâmbio de irmãos entre países diferentes, afim de suscitar a controlação e consolidação da doutrina nos aspectos da cultura, da investigação, das realizações sociais. Estas visitas serão financiadas pelo Tesouro da CEPA, quando disponha de recursos, ou com o auxílio das Federações filiadas, ou com donativos recebidos para êste fim.

A CEPA promoverá o intercâmbio de livros, publicações e todo material de interêsse doutrinário ou que atenda aos objetivos da unidade do movimento espírita na América.

Organismos americanos e internacionais

Coerente com seu caráter representativo do movimento espírita da América, a CEPA promoverá sua vinculação à Federação Espírita Internacional. Igualmente promoverá gestões próprias no sentido de conseguir seu reconhecimento pela OEA (Organização dos Estados Americanos), e pela UNESCO, como entidade ao serviço da cultura pertencente à ONU (Organização das Nações Unidas) (Art. 2.º dos Estatutos).

Destino Espiritual da América

A CEPA interpretará e realizará o destino espiritual da América, que é o do Amor, da Justiça, da Verdade e da Luz. Reconhecerá o mandato espiritual da raça, e segura de que a América é um continente reservado para um grande cometimento humano e espiritual, — e tal afirmação pertence a um elevado Espírito—está destinada a «receber o cetro da civilização e da cultura na orientação dos povos do porvir (*), e a CEPA será o instrumento desta sublime realização.

Acôrdos do VI Congresso

A CEPA levará para a prática, tôdas as decisões tomadas no VI Congresso Espírita Panamericano.

No âmbito argentino

A CEPA, além de sua ação mantenedora e metódica no âmbito continental, na ordem nacional trabalhará incansàvelmente para que todo o movimento espírita da Argentina saiba de sua existência, não apenas nominal mas, principalmente, viva e realizadora. Visitas, conferências, cursos, cátedras do livro, de jornalismo, de história e cultura americanas, serão demonstrações permanentes de uma ação idealista fundada nos objetivos da CEPA.

América Espírita

A CEPA procurará editar e manter, periòdicamente, seu órgão oficial «América Espírita», tal como foi sancionado no VI Congresso.

Tal é o PROGRAMA mínimo e

(*) *A Caminho da Luz,* por Emmanuel. Edição FEB, Rio de Janeiro, 1945.

imediato que elabora e promete levar a cabo a presidência da CEPA, com o concurso decidido, entusiasta e fraterno de quantos a compõem nos Conselhos Executivo e Federal, de forma a que o próximo VII Congresso Espírita Panamericano a celebrar-se na cidade de Caracas, 1966, receba um legado de realização espírita fundamentalmente ao serviço do cumprimento do destino espiritual reservado a nossa América, terra de Amor, de Luz, de Justiça, inspirada e nutrida pelo Espírito da Verdade.

Natalio Ceccarini
Presidente da CEPA.

Confederação Espírita Panamericana
C. E. P. A.

Conselho Executivo—Triênio 1963-1966

Presidente : Natalio Ceccarini ; Vice-presidente : Dante Culzoni Soriano ; 2.º Vice-presidente : Umberto Mariotti ; Secretário Administrativo : Luiz Di Cristóforo Postiglioni ; 1.º Secretário : Dra. Hebe Mariotti ; 2.º Secretário, Antonio Melo ; Secretário de Finanças : Romeo Molfino ; Sub-secretário de finanças : Cesar Bogo ; Secretário de Assuntos Legais : Carlos L. Chiesa.

Sede : Sanchez de Bustamante, 463
Buenos Aires. República Argentina.

As Artes de Perder o Tempo

«Todos os tempos tiveram ótimos sacerdotes ; todavia, êles foram raros e a maioria cedeu às tentações da malícia, da ambição e da concuspicência ; aliás, bom é o não dizer nunca que as religiões foram nocivas à sociedade, porquanto, em princípio, tôdas elas são boas ; tôdas encaminham o homem para a abstenção dos vícios todos ; que os seus ministros não lhes obedeçam os mandatos, já é bem outra coisa ; entretanto o divino preceito sempre é grande. Tomai o exemplo da vossa liberdade ; sempre dizeis que a vossa liberdade é a vida mesma, porque ela é ordem e harmonia. Porém ! quanto sangue e quantos crimes aconteceram no seu nome !! Quantos povos estiveram na escravidão ! Assim, do mesmo modo, as religiões foram tela incendiária, mesmo tendo sido criadas para pacificar e harmonizar as diversas raças. Os sacerdotes tiveram nas suas mãos a felicidade do mundo, todavia foram homens sujeitos a desejos e caprichos e deixaram-se seduzir CAINDO NA TENTAÇÃO e, raros, raríssimos, aquêles que souberam fazer jus a seu dever.»

(Do Livro «AS MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO», Edição Kier, Buenos Aires.)

Que possam servir essas frases, reproduzidas do livro referido e conferidas por Amália Domingo Soler, para os nossos escritores e publicistas refletirem. Fazem já alguns decênios que a nossa imprensa discute entusiàsticamente sôbre se o Espiritismo deve ou não deve, ser religião. Aquêles de nós que estudamos o mestre Kardec, Leon Denis e mais outros vultos espíritas, ficamos surprêsos perante as artes de perder o tempo, sem benefício para ninguém. Kardec plantou a premissa de que o Espiritismo é, A RELIGIÃO, uma vez que integra tôdas as religiões do mundo ; pelo exposto acima a doutrina tem derivações religiosas.

De nossa parte, acreditamos, com sinceridade, que essas lides anti-religiosas, essas polêmicas às vêzes ardorosas, não beneficiam nem honram a nossa causa. Ao contrário, a prejudicam, semeando tácitas antipatias, deixando o Espiritismo de ter um imã de atração, transformado assim em imã de repulsão. Terão esquecido êsses irmãos que se degladiam, válidos de palavras adocicadas à clara explicação de Kardec quando afirma que «O Espiritismo não combate crença nenhuma, mas é um convite para o estudo ?»

Não seria bem mais beneficioso começarmos a fazer o estudo comparativo das religiões sem perder o tempo estèrilmente e, sobretudo nos dedicarmos ao valioso assunto relativo a evolução da alma, às ciências morais, a transcendente importância que reveste o perispírito na caminhada da eternidade, à psicologia clássica e à psicologia supranormal, às diversas faculdades mediúnicas, os médiuns mais capacitados e às suas admiráveis funções, ao poder do pensamento e às artes de empregá-lo, o magnetismo, como co-ajudante do Espiritismo, à harmonia nos lares, os vícios do fumo do alcool e da carne, enquanto fatôres negativos para a evolução humana e o seu aperfeiçoamento, o melhor método para combater o egoísmo, as consequências da luxúria, as causas determinativas da teratologia, visando muitos outros conhecimentos realmente úteis para o nosso progresso?

Achamos que os adeptos do Espiritismo devem ter uma certa cultura geral ou, pelo menos, a noção rudimentar dela; é principalmente dever dêsses espíritas profundizar os livros cardecianos e os de seus seguidores, de se preocupar com os testemunhos que nos deixaram os sábios dedicados, que estudaram profundamente e experimentalmente as ciências do espírito. Não temos o número suficiente de médiuns instruídos, capacitados no auto-contrôle e também não temos suficientes diretores para as sessões experimentais, precisamos de muitos repórteres que esclareçam o público e bastantes oradores espiritualizados que possam na tribuna espalhar o conhecimento. Precisamos de organizadores identificados com a condução de centros e agrupamentos espíritas, precisamos da unificação da imprensa para que nas suas páginas seja propagada a doutrina da ciência e da filosofia espírita. Precisamos de tantas coisas, inclusive, de método e formas de fazer penetrar os princípios espíritas nos espíritos cheios de sêde, nos espíritos da juventude capacitada para os compreender.

Devemos defender a nossa doutrina quando ela é manchada, agredida, comercializada, porém, daí a desabar fúrias que não condizem com as normas cardecistas, com a convicção «de que as moscas não se pegam com vinagre», como dizia um irmão brasileiro, existe uma enorme distância. Os que se valem do agro sistema da luta, têm a absoluta certeza de que nas existências passadas não ocuparam cargos e elevadas hierarquias eclesiásticas?

E' dever nosso melhorar ao homem introspectivamente, para que, cada dia, seja menos mau, imitando ao sr. Cosme Marinho, entre outros, ilustre espírita didático que, na sua vida física, discutiu cultamente com representantes da Igreja Católica expondo o que é o Espiritismo em seus aspectos filosólicos, científicos, morais e religiosos, sem ofender ninguém. Seus livros, nos quais se fêz um intercâmbio de idéias com os oponentes, constituem admiráveis exemplos de propaganda e cultura espírita. Se nós temos a convicção de que todos somos irmãos e filhos do mesmo Deus, não temos nenhum direito de lastimar o amor próprio ou as convicções dos clérigos de tôdas as confissões, quando a sua evolução moral e psíquica não chegou ainda à madureza dos autênticos valores espíritas.

Não seria mais recomendável olhar ao nosso derredor, dentro do ambiente e clima espírita, para observar que nêle sobram motivos naqueles que na vida privada e pública são companheiros dos irmãos que se descristianizaram ao largo dos séculos?

Em nossas reuniões experimentais, observamos através das vidências e de respeitáveis expressões verbais, auras luminosas de modestas religiosas e também sacerdotes que tiveram o suficiente valor moral de emancipar-se estòicamente dentro de climas religiosos. Testemunhos bastantes são mencionados para não julgar nem condenar, como juízes pecadores, àquêles que se enganaram nas suas trajetórias palingenésicas. Procuremos, então, orientar a superação do homem para que êle aprenda a lutar contra as suas imperfeições e debilidades, sem desanimá-lo com negativas ou desdéns altaneiros, próprios dos materialistas, caracterizados pelo seu critério unilateral. Convidamos aos estudos das obras do Codificador, (especialmente «O Evangelho Segundo o Espiritismo») àquêles que ainda possuem um sentido rotineiro da vida, pois a tolerância nos levará à compreensão. Procuremos compreender aos nossos irmãos, seja qual fôr sua crença religiosa, ensinando-lhes que o fanatismo conduz ao extravio psicopatológico e enfêrma o corpo.

TITO L. BANCESCU

NOTA:
Traduziu, para A.P.P.E.E.M.
Adelita Laporte de Zapata

A Obra de René Warcollier

M. Lemoine

No dia 23 de maio de 1962 desencarnou com a idade de 82 anos, um dos homens de ciência que mais largamente estudaram os fenômenos espíritas ligados à telepatia e o que melhor contribuiu para fazer conhecida sua importância : René Warcollier, presidente do Instituto Metapsíquico Internacional.

Depois de estudos secundários brilhantes, Warcollier entrou para o Instituto de Química Aplicada, então dirigida pelo ilustre Moisan, que conseguira obter, artificialmente, cristais microscópicos de diamantes. Seus alunos deveriam, naturalmente, procurar estender a outras pedras preciosas a fabricação sintética susceptível de, em caso de sucesso, revolucionar a indústria correspondente. No seu segundo ano de escola Warcollier conseguiu preparar um rubi de síntese, depois se dedicou à reprodução de safiras e esmeraldas, e chegou a descobrir um processo para a fabricação de pérolas, criando, em 1924 um nacar artificial à base de acetato de celulose. Durante a guerra de 1914-1918 inventou um método eletrolítico de obtenção do permanganato de potássio e inventou um processo de preparação do *enxôfre dourado de antimônio,* então utilizado na vulcanização da borracha. A essas realizações espetaculares reuniu uma outra, mais importante ainda, obtendo resultados excelentes num problema capital e de solução difícil : a conservação de víveres para as tropas em plena operação militar.

Não obstante, a parte mais considerável da obra científica de Warcollier está noutro terreno, no estudo da telepatia experimental, na pesquisa de suas diversas modalidades.

Em 1912 já publicara, em colaboração com seu eminente amigo, E. Duchâtel, inspetor de finanças, *Os Milagres da Vontade,* de imediato traduzido para o italiano. Em 1921 publicava, pela editora Alcan, uma obra intitulada *A Telepatia,* livro basilar, consagrado a um ramo da metasíquica que o autor continuara a explorar ao correr de tôda a sua vida.

Nomeado para o Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico Internacional, em 1924, Warcollier desempenhou as funções de tesoureiro de 1929 a 1938. Em 1947 era vice presidente do mesmo, sendo presidente o Dr. F. Moutier. Demitindo-se êste em 1950, Warcolier foi eleito por unanimidade. Sua obra *A Telepatia,* consideràvelmente enriquecida por experiências conduzidas com o concurso de grupos de pesquisadores norte americanos, entre os quais o Dr. G. Murphy, resultou numa importante obra, *Telepatia Experimental* (N. York, Harpers, 1938). Uma sua conferência na Sorbonne foi publicada em inglês sob o título de *Mind to Mind* (De espírito a espírito).

Em 1934 havia aparecido a *Percepção extra-sensorial,* de J. B. Rhine. A idéia de Rhine era demonstrar, por experiências não mais qualitativas mas quantitativas, que a faculdade supranormal de telepatia é mais corriqueira entre os humanos do que se pensava então. Era uma idéia sedutora sob a qual Rhine, Warcollier e diversos outros pesquisadores puderam estabelecer uma base. Entretanto convém notar que os métodos empregados não deixam de oferecer desilusões quando as experiências utilizam, como percipientes, pessoas entre as quais a faculdade de detecção telepática não existe senão em estado embrionário, O resultado ultrapassava de muito pouco o que assinala o cálculo das probabilidades, isto é a simples lei de acesso.

A telepatia, transmissão de uma agitação psíquica emanada de um vivo A (o agente) a um outro sêr vivo P (o percipiente) cujo psiquismo põe em ação, é um fenômeno constatado há muito tempo. Pode-se citar casos indubitáveis em que um viajante A, ferindo-se gravemente numa queda na montanha, pensa irresistìvelmente num parente ou num amigo P, que viria em seu socorro se soubesse que sua vida corre perigo. Ora, acontece muito freqüentemente que a onda ou a partícula emitida por A é percebida por P bastante nìtidamente para que possa sair em socorro de A e salvá-lo. Um tal fenômeno é um caso de telepatia espontânea, e os exemplos assinalados são por demais numerosos para serem postos em dúvida. Não se trata de experiências, mas de constatações.

O mérito de Warcollier e de outros pesquisadores é ter feito o estudo da telepatia passar do domínio da observação ao da experimentação.

Não era coisa fácil, pois que a telepatia experimental corre o risco de ser confundida—e é confundida muitas vêzes — com o fenômeno da *visão paróptica.*

Que é a visão paróptica? E' o fenômeno supranormal da visão aparente ou real, por um sujeito sensível, de um objeto *real* existente fora do campo de visão normal desse sujeito. É, conforme A. Russel Wallace, o célebre antropologista espírita, que constatou êsse fenômeno há mais de 100 anos, um modo de percepção rudimentar pelo qual um percipiente não atinge a realidade senão de pouco em pouco. Se o objeto que êle detecta é uma medalha, não diz: é uma medalha, porém, é de metal, é redondo e chato, tem um escrito atrás, etc., A visão paróptica se aplica evidentemente também a um acontecimento que se realiza à distância, no momento mesmo da visão, e pode, excepcionalmente, ter a precisão da visão normal.

A visão paróptica, que não tem nada a ver com a telepatia, atraiu a atenção do acadêmico Jules Romains que verificou o fenômeno, experimentou-o e tem procurado explicá-lo.

Tôda a percepção supranormal de um objeto *real* pode pois, *a priori,* ser considerada como um caso de visão paróptica. Tôda a recepção por um percipiente P de um sentimento ou de um pensamento emitido por um agente A e não concretizado por um desenho que A esteja olhando, é um caso de telepatia experimental.

O ilustre físico espírita Oliver Lodge, que se entregou a numerosas experiências de telepatia de 1883 a 1884, em Liverpool, consagrou-lhes uma longa exposição em seu livro *A Sobrevivência Humana.* Desgraçadamente um número considerável delas têm por objeto a descrição ou a reprodução de desenhos, isto é, de objetos tendo uma existência *real,* ou à adivinhação de cartas de jogar, e, nestes dois casos, podem ser explicados como fenômenos de visão paróptica sem nenhuma relação com a telepatia. Para que esta seja tida como certa, é preciso estar assegurado, de início, que os percipientes não são sujeitos sensíveis exercendo a faculdade supranormal da visão paróptica.

Como Lodge, Warcollier se confundiu mais de uma vez em suas experiências de telepatia com êsses casos de visão paróptica. A prova disto está em seu notável artigo *A Transmissão do Pensamento e o Pensamento* (Revue Métapsychique, julho de 1958, pág. 28). Trata-se da transmissão de palavras *escritas,* que têm uma existência *real,* por conseguinte visível por todos os sêres vivos comuns providos de visão normal. Ora, a característica da visão paróptica é precisamente de se efetuar fora do campo da visão normal do percipiente, mas sôbre objetos *reais* como um desenho, uma palavra impressa ou escrita, e nunca sôbre um objeto *virtual* como um sentimento ou um pensamento, que nunca se concretizam, aos quais não se dá nenhuma representação concreta.

«Escreveu-se, conta-nos Warcollier, a palavra *limaces* (a fruta lima ou o molúsculo lesma) e o percipiente traduziu a princípio sua impressão por *limande* (linguado, sôlha, um peixe).» Essas duas palavras têm cinco letras em comum às quatro primeiras na mesma ordem. Mas representam idéias totalmente distintas, distantes uma da outra. Como, pois, não pensar que o paciente foi impressionado não pela idéia emitida mas pelo grafismo da palavra escrita?

A palavra *Não,* escrita por Warcollier (R. M. julho, 1958, p. 28) foi lida paranormalmente como um número de três cifras do qual o do meio era um zéro. Não há nenhuma similitude de idéias entre uma negação e um número, mas há uma similitude de grafismos. Trata-se, cremos, de dois casos de visão paróptica e não de telepatia.

O eminente autor parece aperceber-se disso quando escreve: «Com Ossowiecki, parece-me que os êrros cometidos constituem significativas provas de que a clarividência pode falsear as ex periências telepáticas quando a mensagem *estiver escrita.*»

A palavra *clarividência* que empregamos num sentido mais amplo, é aqui estritamente sinônimo de «visão paróptica», isto é, de visão supranormal de um objeto *real* colocado fora do campo de visão normal do percipiente. Nêsses casos, o papel do *agente* é nulo enquanto que na telepatia tem o seu valor.

Entre as experiências de Lodge em 1883 e 1884, lembradas aqui, e as análogas de Warcollier, há uma diferença essencial: reside em sua interpretação.

O grande físico inglês pensava ter-se entregue a experiências telepáticas enquanto que, dessas, as mais bem sucedidas, aquelas cujo sucesso não tem uma oportunidade sôbre dez milhões de serem devidas ao acaso, são, segundo tôda a verossimilhança, casos de visão paróptica.

Ao contrário, com Warcollier, o experimentador sabe e diz que a clarividência (com o sentido de visão paróptica) pode igualmente produzir o fenômeno, e êsse cuidado com duas hipóteses possíveis aparece ainda no artigo de 1960, *Telepatia ou Clarividência.*

Mas, ao lado dos fatos paranormais com dupla interpretação possíveis, há casos de detecção de frases apenas pensadas (R. M. julho, 1958, p. 29) e aí estamos diante de casos incontestáveis de telepatia.

A observação escrupulosa dos fatos conduziu Warcollier a uma concepção muito diferente da que havia corrido antes dêle:

«Se a telepatia existe, escreveu Crookes (Discurso pronunciado em 1898 na Associação Britânica pelo Progresso da Ciência) nós estamos diante de dois fatos físicos produzidos no cérebro de A, o sujeito sugestionador, e de uma mudança física análoga produzida no cérebro de B, o sujeito receptor da sugestão».

Pensava-se, antes de Warcollier, que bastava ao agente A uma grande fôrça de vontade para transmitir seu pensamento ao percipiente B e Warcollier constatou que não é assim.

«Não se trata de vontade, escreveu, mas de um acôrdo. Não se impõe um pensamento pela fôrça, mas pela simpatia. Não se entra em relação psíquica com um sêr porque queremos êsse sêr, mas porque o amamos. A indiferença afetiva é absolutamente inibidora... Em realidade não há uma compulsão telepática: dois sêres estão de acôrdo ou não estão.»

Como Osty, Warcollier notou que a transmissão do pensamento é *extremamente rara,* que é constatada mais do que verificada experimentalmente. E êle escreveu: «Há no pensamento um fator cerebral mais consciente que o subconsciente, que não é talvez transmissível e um outro fator, seu éco no mundo psíquico, onde reina a telepatia. O pequeno mundo cerebral é estritamente individual, o segundo, é comum a todos os sêres, como o ar que respiramos.»

Do ponto de vista prático, Warcollier formulou as regras seguintes que anotamos de um excelente artigo de R. Dufour sôbre a obra de René Warcollier e a telepatia experimental (R. M. ano 1962, pág. 27 a 34):

1 — Quando muitas pessoas percebem um mesmo objeto, elas podem estar em mútuo acôrdo telepático.

2 — Quando muitos percipientes pensam em conjunto no mesmo agente, podem estar em acôrdo telepático.

3 — Quando muitas pessoas percebem objetos diferentes mas semelhantes, podem estar em acôrdo telepático.

4 — Em geral, quando muitas pessoas recebem sensações idênticas, embora distintas, podem estar em acôrdo telepático.

5 — Quando muitas pessoas têm as mesmas preocupações, as mesmas aspirações, podem estar em acôrdo telepático.

Nestas cinco regras não se deve ver, evidentemente, nem condições necessárias nem condições suficientes para a produção de um fenômeno de telepatia. São anotações que podem ter uma grande utilidade prática, e por essa razão merecem ser conhecidas de todos os experimentadores de fenômenos psíquicos.

Convém, pois, não confundí-las com as duas leis seguintes, da visão paróptica, que enunciei em 1946 em minha brochura: *A visão através dos corpos opacos ou visão paróptica* (Livraria Leymarie.)

Para que um sujeito clarividente,

hipnotizado ou não, possa perceber um objeto (por exemplo um texto escrito ou um desenho) subtraido à vista normal, é preciso que uma das duas condições seguintes seja verificada:

1 — O objeto deve estar exposto à luz.

2 — Em caso contrário o objeto deve ser colocado num cofre, caixa ou pacote que o percipiente possa tocar durante um tempo suficiente.

Estão aí as condições necessárias, das quais uma deve ser obedecida para que a visão paróptica seja possível. E', pelo menos, a conclusão à qual cheguei através de vários percipientes cujas faculdades supranormais desapareciam desde que uma dessas condições não fôsse seguida.

Só na *Revista Metapsíquica* Warcollier publicou uns sessenta artigos extremamente importantes, quase todos consagrados ao estudo da telepatia. Em especial estudou a transmissão de desenhos e de côres.

E' preciso render a mais completa homenagem à vasta obra de René Warcollier sôbre a telepatia experimental, obra que permanecerá como uma base de tôdas as pesquisas que possam ser prosseguidas nêste domínio. Associamo-nos à conclusão de R. Dufour de que, sem dúvida «êle tinha o desejo de mostrar aos especialistas da ciência oficial que a telepatia, e mais geralmente a metagnomia, merecem ser estudados pelos mesmos métodos e com a mesma consideração que os fenômenos da psicologia banal. Se não conseguiu isso terá pelo menos feito mais próximo o momento em que, para as ciências metapsíquicas, o *dignus intrare* será pronunciado.»

E Dufour termina por estas palavras cujo valor pessoalmente apreendo: «Tôdas estas aquisições do espírito, associadas à sua incomparável erudição metapsíquica, fazem de René Warcollier, cuja bondade atingia um grau exemplar, um homem que se tem a honra de ter conhecido e de ter tido por amigo.»

Transcrito de «La Tribune Psychique»

Fenômenos de Materialização Estudados por Equipe Médica

Sentido das novas ocorrencias espíritas de Uberaba — Rumo ao arejamento de nossas posições científicas

Há vinte anos, levantava-se no Brasil uma onda de anti-espiritismo, que se fundamentava na falsa alegação do desinterêsse da ciência pelos «pseudo-fenômenos espíritas». Na crista dessa onda apareceu o livro do prof. Silva Mello, afirmando por escrito certas coisas que até então só se dizia em cochichos. E logo a seguir houve um derrame de artigos laudatórios em revistas e jornais, chegando-se mesmo a proclamar, além da morte-científica do Espiritismo, também a morte-natural da Metapsíquica. Isso, — exata, precisa, inelutàvelmente, — no momento em que a Parapsicologia entrava na sua fase aurea de desenvolvimento, nos Estados Unidos e na Europa.

Para a ciência brasileira, os fenômenos parapsíquicos não passavam de balela. E quando os espíritas, — como o fez o prof. Sergio Valle, corajosamente, em seu livro de refutação erudita e lúcida: «Silva Mello e os Seus Mistérios», — erguiam-se contra a onda, eram logo acusados de retrogrados. Não poderia haver melhor exemplo do nosso insulamento cultural. Já antes da guerra mundial de 39-45, o prof. Rhine, nos Estados Unidos, e o prof. Marchese, na Iugoslávia, com mais de oito mil milhas marítimas entre ambos, além das extensões de terra continental haviam realizado suas famosas experiências de telepatia à distância, com pleno êxito. Mas o prof. Mello e seus sequazes continuavam a dizer que a transmissão do pensamento era questão de simples habilidade na leitura de gestos e tiques fisionômicos!

Foi necessário que duas decadas rodassem sôbre a vastidão continental do Brasil, e que, derrepente, surgisse o caso Arigó, para que a ciência brasileira descobrisse o avanço universal da Parapsicologia. E assim mesmo, foi ainda necessário que dois investigadores norte-americanos viessem a Congonhas, e um deles se deixasse operar por Arigó, para que os nossos meios científicos começassem a suspeitar da possibilidade de alguma coisa incomum em Congonhas do Campo. Como diria o prof. Rhine: o império da Física, no seu mau sentido de materialismo grosseiro e superado, continuava asfixiando a inteligência brasileira.

Carrancismo igual, só o dos chinêses por trás das muralhas que os canhões ocidentais tiveram de arrombar: No nosso caso, a tática das fôrças do pregresso foi diferente. Elas agiram internamente, lançando sôbre a crosta física da nossa intelectualidade os impactos formidáveis de Chico Xavier e José Arigó.

Mas, como essas poderosas bombas ainda não fossem suficientes, temos agora Waldo Vieira e Otilia Diogo. O primeiro é um jovem médico mineiro, culto e extraordinàriamente lúcido, que faz psicografia ao lado de Chico, com a humildade do sábio de tipo socrático. D. Otilia, pelo contrário, é uma frágil e pobre mulher analfabeta, que sai da sua timidez caipira para abalar a nossa caturrice materialista, com os seus fenômenos de materialização. A fotografia da equipe de médicos que realiza experiências com ela, — como vemos na reportagem da revista «O Cruzeiro», — apresenta-nos uma série de fisionomias jovens. Isso nos mostra que os jovens médicos, saidos dos bancos acadêmicos, duramente materialistas, não quiseram carregar nos olhos a mesma venda dos mestres. Como queria Ingenieros, êstes jovens «arremetem para o futuro.»

Ao todo, são dezenove os médicos que participaram das experiências de materialização, realizadas em Uberaba, com d. Otilia e outros médiuns, Por que essa equipe de médicos, recrutados em São Paulo e Minas, e não uma comissão designada por uma de nossas instituições científicas? Porque a ciência institucional continua sentada nos bancos acadêmicos, e êsses jovens médicos estão de pé. Êles não se contentam com um horizonte fechado pela muralha da China. Querem alargar as perspectivas, olhar mais longe, vêr as coisas em mais amplas dimensões. O reporter José Franco falou em «juri de médicos», mas errou. Não é um juri que se reune em Uberaba: é um comitê revolucionário. Não são os Dezoito do Forte, mas os Dezenove do Descampado, que avançam em mangas de camisa para a Era do Espírito, arrancando o pensamento brasileiro da modorra tropical.

Irmão Saulo

Não há verdade que não haja sido perseguida ao nascer. — VOLTAIRE

Crônica Estrangeira

VIDAS ANTERIORES

De Psychica

Quando falamos das coisas do Lado-de-Lá, diz Léon Chevreuil, não pretendemos dogmatizar, mas apenas tirar dos fatos as deduções mais prováveis. Na ignorância em que nos encontramos, sôbre a organização psíquica, as objeções não têm nenhum valor: só a dedução é lógica. A objeção não existe senão relativamente à concepção pessoal daquele que a levanta. Se êsse começa por fazer uma idéia falsa do grande mistério, dar-se-á sempre razão, pois que seu raciocínio é justo, apenas seu ponto de vista é falso.

A dedução, pelo contrário, respeitará o método positivo e, se é lògica, não à certeza, mas a uma conclusão que se aproxima da probabilidade pois que é tirada dos fatos.

Não nos lembramos de haver vivido anteriormente, é um fato. Mas nós nascemos com aptidões inconciliáveis com a teoria de uma criação espontânea, eis um outro fato. Disso concluo que a hipótese de uma evolução anterior é a que se aproxima mais da verdade.

Ver uma inconseqüência no fato que nós admitidos uma excepção à regra geral que nos condena ao esquecimento, é puro ilogismo.

O Espiritismo não é senão o magnetismo do Lado-de-Lá; é pois nos estados profundos de hipnose que encontraremos certas analogias capazes de nos guiar nas pesquisas.

Ora, o esquecimento ao despertar é observação corrente nos estados de sonambulismo natural. Seria um grave êrro ver aí uma lei que não sofre excepções, pois o magnetisado ordena a a um paciente que se lembre e não há inconsequência a que o mesmo se dê no Além, isto é, durante o sono da morte.

Entretanto, para a criança que se lembra, não temos mesmo necessidade de fazer intervir o magnetisador do Outro Lado, uma vez que seu caso é excepcional. Vítima de uma morte prematura, truncou-se sua entrada na vida, e a esta se prende quando as condições possíveis lhe são oferecidas. Nesses casos não foi franqueado o rio do esquecimento, foi retomado o fio de uma vida que continúa.

A grande vantagem do esquecimento, é passar a esponja nas manchas de nossa vida passada. Uma vida nova seria impossível se fosse preciso recomeçá-la com as cargas de um processo judiciário. Com a lembrança, como imaginar que uma criança pudesse viver ao lado de uma mãe desgraçada que dantes a atirara às águas, antes de se suicidar, como tão frequentemente acontece!

Pois, em virtude de laços adrede criados, elas se reencarnarão juntas. E o que poderia ser a existência de todas essas vítimas de dramas conjugais que regressam para se tornar melhores?... Daqueles que abandonam a esposa depois de ter-lhes posto fóra a fortuna?...

Com a lembrança, a vida não seria senão um vasto campo de cultura para iras inextinguíveis.

Espanta-se que não se compreenda isso.

Todavia, a criança que retorna à vida junto de sua mãe, não tem necessidade de esquecimento. Ela reconhece sua familia, sua velha casa, mesmo depois que os pais já se mudaram dela, reclama seus brinquedos e reinvidica o nome que lhe fôra dado antigamente. Essas recordações inocentes de sua primeira infância não podem prejudicar sua vida presente, mas, no tocante a sua penúltima vida, o esquecimento já a encobriu e permanece completo.

E' realmente notável que os casos mais autênticos dessas reminiscências nunca foram constatados senão entre as crianças e entre famílias inteiramente estranhas à doutrina espírita à qual, pelo contrário, não depositavam nenhuma confiança.

◆

DEFINIÇÃO DE ÊXITO

Uma enquete realizada na cidade de Boston, conforme anota *Claridad Del Alma,* acaba de premiar a seguinte definição do êxito:

«Teve êxito no mundo aquêle que viveu dignamente; que riu a miúdo e que muito amou; que ganhou o respeito dos homens inteligentes assim como o carinho das crianças; que cumpriu sua missão na vida e terminou sua obra com dignidade; que deixou o mundo melhor do que o encontrou, por meio de uma árvore, uma poesia ou uma vida salva da ruina. Teve êxito aquêle a quem nunca faltou o sentido da beleza do mundo e que soube dar uma expressão harmoniosa ao que sentia em sua alma; o que buscou incessantemente o que havia de melhor nos demais e que deu à humanidade o melhor que possuia; aquêle cuja vida foi uma sadia inspiração para os outros e cuja memória é uma benção.»

◆

KACUGORO VOLTOU

O Omoto traz êste testemunho sôbre as vidas sucessivas: Na casa do agricultor Kjubei nasceu um menino em 1805, chamado Tozo. Tozo morreu de varíola aos cinco anos. Cinco anos depois, em 1815, em Nakano, na mesma província de Musali, nasceu na casa do agricultor Genzo um menino que recebeu o nome de Kacugoro. Genzo já tinha um filho, Otojiro, e uma filha Husa. Entre êles Kacugoro se desenvolvia cheio de fôrça e saúde. Um dia, quando tinha 7 anos o menino perguntou bruscamente aos irmãos se sabiam de quem tinham sido filhos antes. Responderam que de ninguém. «E' estranho disse Kacugoro, que vocês nada saibam de antes de seus nascimentos.» Está claro que Husa e Otojiro nada sabiam. Kacugoro disse-lhes: «Eu sei como eu nasci antes desta existência. Eu era Tozo, o filho de Kjubei, que morava em Hodokubo.» Cheios de espanto os irmãos narraram essas palavras aos pais. Êstes pediram ao menino que lhes contasse o que sabia. Kacugoro contou-lhes que seu antigo pai morrera, e que sua mãe se casara com Hansiro e que por isso não zelara por êle. Mesmo depois de doente ela não lhe dera os cuidados suficientes. Assim morrera aos 5 anos. Em seguida viera do túmulo para a casa dêles — em espírito — sem nada dizer a ninguém. Um homem velho, com uma branca cabeleira, vestido de preto, dissera-lhe que o seguisse. Depois de um curto trajeto o velhinho mandara-o entrar na casa ao lado. Era onde deveria renascer.

Tendo ouvido a estranha história de Kacugoro, o pai se apressou em tomar informes na casa de Hansiro, e o que Kacugoro dissera era perfeitamente verdadeiro.

◆

O DOM DE CURAR DE MICK MICHEYL

Também em França processam-se os médiuns curadores. *Le Soir Illustrè* escreve sôbre a compositora-autora-interprete Mick Micheyl, atriz de teatro e de cinema: As mãos miraculosas de Mick Micheyl dão origem a um processo por exercício de medicina ilegal. Em favor da estrêla irão depôr Michel Simon, espírita confesso, Roger Pierre e Jacqueline Joubert entre outros. Uma rosa revelou à arqui-célebre cantora os seus dons naturais. Nêsse tempo ela própria não acreditava em passes curadores. Um admirador deu-lhe rosas, e a mais bela, Mick manteve longamente fechada em suas mãos. Essa flôr demorou muito mais do que as outras para fenecer. Pouco depois, num acidente no gelo, em Val d'Isère a atriz sofreu graves ferimentos que a imobilizaram no leito até que, recorrendo a um passista, em 24 horas voltou às suas atividades. Êsse médium lhe teria dito: «Tu também tens o flúido e poderás curar.» Mick Micheyl, como todos sabem, tem um generoso coração. Ela pensou: Se tenho o flúido é preciso torná-lo útil e prestar serviços aos necessitados. De início murmurou-se, os céticos riram. Falou-se num truque publicitário. Hoje em dia, centenas de pessoas procuram o n.º 10 da Rua de Lancry.

— Morro de receio de que «êles» possam me impedir de exercer. Essa é a maior alegria de minha vida.

Os resultados obtidos por Mick são maravilhosos. Não apenas pessoas de sociedade e artistas se socorrem dela mas também os doentes das classes mais modestas.

— Não curo a todos, diz ela. Mas sete vêzes em dez pode-se constatar melhoras e duas vêzes em dez uma cura completa e definitiva.

E a melhor prova de sua sinceridade é que sempre se recusou a receber qualquer honorário.

— Tenho o dever de cuidar dos doentes. Pouco se me dá que isso possa prejudicar minha carreira. Prefiro curar. E assim, nas horas de folgas em que tôda a gente descansa, Mick Micheyl se encerra em seu gabinete, atrás da porta de S. Martim, atendendo a filas de doentes. E enquanto o momento de seu ajuste com a lei se aproxima, nós a louvamos por sua coragem e o claro exemplo de simpatia e interêsse pelas dôres humanas.

Espiritismo no Brasil

A PRESENÇA DE CAXIAS NA VIDA ESPÍRITA FLUMINENSE

(Ademar Constant)

Inegàvelmente, de uns 2 anos a esta parte, Caxias logrou enorme projeção na vida espírita fluminense, sendo palco, ela mesma, de notáveis acontecimentos denunciadores de progresso, ou influenciando os seus dirigentes simpáticos eventos nas cidades próximas e distantes. Segundo o testemunho do dr. Floriano Perez, Presidente da Federação Espírita do Estado, o órgão maior da Doutrina no território fluminense renasceu desde o dia em que o autor desta nota apresentou crítica construtiva contra a inércia remanescente naquêle órgão de direção. Sensível à verdade da crítica, o Presidente da Federação passou à prática idéias que já havia elaborado e hoje, graças a Deus, fervilha de entusiasmo a Seara fluminense.

Os tópicos abaixo mostrarão as principais ocorrências em dezembro findo.

Natal de alegria no C. E. Thiago Apóstolo

Sob a inspiração do sr. Antanas Alecsandràvicius, Presidente da Casa de Thiago (n.º 491, Av. Duque de Caxias — Caxias — RJ), estiveram reunidos representantes de tôdas as casas irmãs e muitas centenas de componentes da casa hospedeira. Cânticos, recitativos, alegria e muitos presentes para as crianças, tudo foi feito por longas horas no mais sadio clima de confraternização. O Centro, como de costume, esteve superlotado.

Homenagem da Federação a Caxias

E' de praxe, agora, que a Federação Espírita do Estado num domingo de cada mês (sempre o último), homenageie diferentes cidades fluminenses. Assim, convites são formulados com antecedência para estabelecer um calendário anual. As comunas então organizam caravanas que comparecem a Niterói com oradores próprios, tomam conta da Federação e peroram por tôda a tarde. Estabelece-se a confraternização e revelam-se tribunos. Em 1963, compareceram Macaé, Petrópolis, Magé, Nilópolis, Barra Mansa e outros mais que me escapam. Caxias, por motivos especiais, ficou para dezembro. Dessarte, no dia 29, lá compareceu a mais numerosa de tôdas as comitivas com o orador Títero Andrade Teles, que produziu, por sinal, atraente e bela palestra. Na oportunidade, o Presidente da Federação fêz questão de salientar uma vez mais a importância de Caxias, lembrando que o atual progresso no Espiritismo fluminense com a Federação novamente ocupando a liderança se deve exatamente ao brado de alerta do confrade Ademar Constant, proferido há 10 meses, quando tudo era brumoso e frio.

Nova Diretoria na Casa de Cairbar

Conforme fôra amplamente anunciada, realizou-se no dia 30/12/63, a Assembléia Geral Ordinária para a prestação de contas do ano de 1963 e as eleições da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal da Associação Espírita Cairbar Schutel (n.º 161, rua Flávia — Caxias, RJ).

A solenidade foi presidida pelo sr. Alayde S. da Cunha, que além de velho consócio-benemérito, é Presidente da Câmara Municipal de Caxias. Em virtude de não haver chapas concorrentes, o plenário concordou que a votação fôsse feita por aclamação, detalhe que se cumpriu com vibrante salva de palmas. A diretoria ficou assim organizada: Presidente, Ademar Duarte Constant (reeleito); Vice-Presidente, Fernando Figueiredo Tavares (reeleito; Secretário, Otacilio Brandão; Diretor do Patrimônio, Manoel Felipe Marins (reeleito); Tesoureiro, Moisés Pedro Müller; Bibliotecária, Amarylis Moreira de Souza; Zeladora, Nair Odete Basilio da Câmara; Conselho Fiscal: Arlindo Batista, Neuza Cerqueira, João Batista e Waldemar Tenório.

Do movimento financeiro, destacam-se estas notas: a renda anual da entidade (sem campanhas especiais) alcançou a Cr. $ 1.255.000,00, que deu renda mensal superior a Cr $ 100.000,00. A Associação, um ano depois de inaugurada, não mais deve um centavo a ninguém e conta com um patrimônio moderno e novo da ordem de 20 milhões de cruzeiros. Finalmente, dispõe em bancos de Cr. $ 381.000,00.

CONCENTRAÇÕES DE MOCIDADES ESPÍRITAS

Recebemos os Boletins n.ºs 1, 2 e 3, referente à IX Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste do Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de Lins, de 8 a 11 de fevereiro do ano em curso.

Reina grande entusiasmo entre os promotôres desta IX Concentração, esperando-se, por isso, o comparecimento do maior número possível de Mocidades Espíritas.

—

— Estava anunciada para os dias 4 e 5 dêste mês, em Piracicaba, a 4.ª e última prévia da II Concentração de Mocidades Espíritas do Centro Sul do Estado de São Paulo, a realizar-se em Jundiaí, nos dias 8 e 11 do próximo mês de fevereiro, e sob a orientação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE).

—

Sob os auspícios do C.R.E. das 4.ª e 17.ª Região da USE, e patrocinado pela U.M.E. de Jacareí, realizar-se-á, nesta próspera cidade do Vale do Paraíba, dia 15 de março do ano em curso, a XV Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

Brevemente será distribuido o programa referente ao desenvolvimento dêsse grandioso conclave.

COMUNICADO

Comunica-nos o Centro Espírita «Obreiros do Senhor», sito à rua Francisco Dias, 740 — Jardim da Saúde, S. Paulo,—que realiza tôdas as 2.ªs feiras, às 20 horas, a sua reunião de MORAL CRISTÃ, que visa sobretudo, dar esclarecimentos a respeito do FUMO e do ALCOOL, bem como de outros VÍCIOS, em geral, evidenciando as suas reais conseqüências.

Intercâmbio Espírita no Plano Internacional

Referindo-se às suas relações no plano exterior, a fim de incrementar o intercâmbio espírita no plano internacional, o relatório apresentado pela Diretoria do Instituto de Cultura Espírita do Brasil informa que o Instituto, atualmente, já tem membros Correspondentes em 22 paises (América, Europa, África e Ásia). Entraram, ainda há pouco, para o quadro de membros Correspondentes do Instituto mais três elementos, respectivamente, da Finlândia, da Itália e do Japão. Visitou o Instituto, em outubro último, o diplomata brasileiro Dr. Hélcio Pires, que é um dos membros Correspondentes.

A fortaleza moral não é produto de rogos alheios. Provém de nosso esfôrço na resistência para o bem. — A. L.

ÍNDICE

DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO 39.º ANO DA

Revista Internacional do Espiritismo

(FEVEREIRO DE 1963 A JANEIRO DE 1964)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1963

		Página
A Teoria Espírita	*Redação*	1
A Última Palavra	*Carlos Imbassahy*	3
Espiritismo Religioso	*Aureliano Alves Neto*	5
Sessões mediúnicas à luz do Espiritismo	*Kitch Taves*	7
Terapêutica mediúnica sob colaboração mútua entre Espiritismo e Medicina	*V. O. Casella*	9
Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó	*Prof. J. Herculano Pires*	11
Confirmada pelos cientistas soviéticos a existência dos «Eflúvios Ódicos»	*Hernani Guimarães Andrade*	14
O Hebraico e a Expressão Personativa	*Bianor S. Medeiros*	16
Chico Xavier perante os grandes escritores	*Jorge Rizzini*	18
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	21
Crônica Estrangeira	*Redação*	22
Espiritismo no Brasil	«	24

N.º 2 — MARÇO DE 1963

Os Testemunhos da Sobrevivência	*Redação*	25
Uma sensibilidade especial	*Carlos Imbassahy*	27
Richet e Kardec	*Deolindo Amorim*	30
Omissão Deplorável	*Arnaldo S. Thiago*	32
Causas de ordem espiritual responsáveis por lesões orgânicas	*V. O. Casella*	34
Os princípios racionais do kardecismo	*André Moreil*	36
Não temos condições científicas para exame de casos paranormais	*Prof. J. Herculano Pires*	38
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	42
Estudando Kardec	*Paulo Jacinto*	44
Crônica Estrangeira	*Redação*	45
Espiritismo no Brasil	«	47

N.ºs 3-4 — ABRIL-MAIO DE 1963

Provas positivas da reencarnação	*Redação*	49
Angelo Watson Campêlo	«	51
Vidas sucessivas	*Carlos Imbassahy*	54
Teoria e doutrina	*Deolindo Amorim*	57
Ideologia e linguagem cristã e pagã	*Bianor S. Medeiros*	59
Transporte	*João Teixeira de Paula*	62
Arigó operou a cabeça do marujo epiléptico da Marinha de Guerra	*Moacyr Jorge*	64
Angelo Watson Campêlo	*Januário Groppa*	68

Pág.
Dinâmica e fins das Mocidades Espíritas . *Natalio Ceccarini* 69
Serões Bíblicos . . . . . . *Luiz Caramaschi* 71
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 73
Espiritismo no Brasil . . . . . « 74

N.º 5 — JUNHO DE 1963

Mesmer . . . . *Carlos Imbassahy* 77
O caso Cayce . . . . *Réno-Bajolais* 80
O caso Arigó na Câmara Federal . . *Campos Vergal* 82
Aura humana fotografada na Rússia . . *CEBEPÊ* 85
Mme. Gabrielle Flammarion . . . . *«La Revue Spirite»* 86
A respeito de críticas publicadas pelo General Alfredo Molinaro no jornal «Mundo Espírita» . . . . *V. O. Casella* 88
Jackson — O Banqueiro . . . . *General Levino C. Wischral* 91
Posição espírita em face do ensino religioso nas escolas . . . . *Irmão Saulo* 94
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 96
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 98
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 99

N.º 6 — JULHO DE 1963

Os negativistas temem a Verdade . . *Redação* 101
William Crookes, o Logrado . . . . *Carlos Imbassahy* 102
Lei escrita e lei moral . . . . . . *Deolindo Amorim* 105
Dr. Maurice Delarrey . . . . . . *«La Tribune Psychique»* 108
A respeito de críticas publicadas pelo General Alfredo Molinaro no jornal «Mundo Espírita» . . . . *V. O. Casella* 110
O caso Arigó na Câmara Federal . . *Campos Vergal* 113
Visões no Invisível . . . . *Gabrielle C. Flammarion* 115
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 119
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 121
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 122

N.º 7 — AGÔSTO DE 1963

Saudemos esta data com mensagem ao Campêlo . . . . *V. O. Casella* 125
A sacrossantidade de sessões e fenômenos . *Carlos Imbassahy* 127
«A Psiquiatria em face da Reencarnação» . *João Teixeira de Paula* 131
Um Precursor do Espiritismo . . . *Dr. Juan E. Corbella* 132
Importância da Aura Celeste . . . *C. B. P.* 135
Serões Bíblicos . . . . *Luiz Caramaschi* 136
Espiritismo e Mediunismo . . . . *Inst. de Cul. Esp. do Brasil* 138
A Hora Difícil . . . . *Arnaldo S. Thiago* 139
Peculiaridades do Hebraico . . . . *Bianor S. Medeiros* 141
Carl G. Jung afirma em seu testamento: A Vida continua depois da morte . . . *De «Novedades»* 143
Crônica Estrangeira . . . . . . *Redação* 145
Espiritismo no Brasil . . . . . . « 147
Necrologia . . . . « 148

N.º 8 — SETEMBRO DE 1963

		Pág.
Pintores e surdos no espaço	*Redação*	149
Uma questão agrícola	*Carlos Imbassahy*	150
Reformas	*Domério de Oliveira*	155
Atitude Comprometedora	*V. O. Casella*	156
Ainda o caso Edgard Cayce	*Francisco Klörs Werneck*	158
Suprema Violência	*Fernando C. Ferreira Cunha*	160
Um só rebanho e um só pastor . . .	*Philemon*	162
A Vida como compulsão reencarnatória .	*David Grossvater*	163
Sexto Congresso Espírita Pan Americano .	*Redação*	165
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	167
Crônica Estrangeira	*Redação*	169
Espiritismo no Brasil	«	171

N.º 9 — OUTUBRO DE 1963

A Parapsicologia confirma o Espiritismo .	*Redação*	173
O Movimento Espírita e a Reencarnação .	*Dr. Karl Müller*	174
José Arigó (e outros temas)	*Carlos Imbassahy*	176
Pelo materialismo não há prova material anti-espiritualista	*V. O. Casella*	177
Irmão, o bom trabalho começou ! . . .	*«Psychic News»*	180
Pretensão e água benta...	*Arnaldo S. Thiago*	181
Cientista americano comprova a legitimidade do caso Arigó	*Irmão Saulo*	182
Bíblias	*Bianor S. Medeiros*	184
O fato espírita e a igreja	*Walthére Donnay*	186
A importante mediunidade de Nielsen . .	*Adolph Bohm*	188
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	190
Crônica Estrangeira	*Redação*	192
Espiritismo no Brasil	«	195

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1963

Não revelam culturas moral e intelectual os que acusam o Espiritismo de fraude . .	*Redação*	197
Observações de uma crônica . . .	*Carlos Imbassahy*	198
Tese materialista apoiada em base falsa .	*V. O. Casella*	201
Shalders atingiu cem anos como espírita convicto	*Irmão Saulo*	203
Ainda Escola Pública	*Major Mac Maynard*	205
Ainda o caso Edgard Cayce	*Francisco Klörs Werneck*	206
Reencarnação	*Dr. Karl E. Müller*	209
Proposta de Pietro Ubaldi ao Congresso Pan Americano	*Irmão Saulo*	211
Recordar é mesmo viver	*Domério de Oliveira*	213
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	215
Crônica Estrangeira	*Redação*	217
Espiritismo no Brasil	«	219

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1963

Pelos médiuns de cura	*«La Tribune Pychique»*	221
Cepticismo desculpável e indisculpável .	*Carlos Imbassahy*	222
Anti-científica a tese materialista das «Radiações Mentais»	*V. O. Casella*	225
Para o bom entendimento da Verdade .	*Arnaldo S. Thiago*	227

		Pág.
As idéias espíritas de Leon Tolstoi . .	*«Le Matin»*	232
O Espiritismo tem uma missão . . .	*Mac Maynard*	233
Psiquiatra mundialmente famoso revela que era médium	*«Sunday Times»*	236
Serões Bíblicos	*Luiz Caramaschi*	238
Necrologia	*Redação*	240
Crônica Estrangeira	«	241
Espiritismo no Brasil	«	243

N.º 12 — JANEIRO DE 1964

Natal	*Redação*	245
E' ingênua a tese materialista das «Materializações Mentais»	*V. O. Casella*	246
Artigos Escolhidos	*Carlos Imbassahy*	249
Profundamente Extranhável	*Arnaldo S. Thiago*	251
Espiritismo e Religião	*Deolindo Amorim*	253
Programa mínimo e imediato a ser cumprido pela C. E. P. A.	*Natalio Ceccarini*	255
As artes de perder o tempo	*Tito L. Bancescu*	258
A obra de René Warcollier	*M. Lemoine*	260
Fenômenos de materialização estudados por equipe médica	*Irmão Saulo*	263
Crônica Estrangeira	*Redação*	265
Espiritismo no Brasil	«	267

Natal dos Pobres

Para o Natal dos Pobres patrocinado pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», em 1963, recebemos mais os seguintes donativos:

D. Maria Preto Gandolfi, 1000,00; d. Olga Barbieri Perche, 3 ms. de tecidos; Luiz Parreira, 100,00; Antonio de Luca, 1.350,00; Angelo Boscaia, 1.000,00; João Antunes de Oliveira, 50,00; João C. Reis Poso, 50,00; Jacinto P. de Souza, 500,00; João Coleto, 500,00; Luiza de Mello, . . 2.000,00; Pedro Corrêa de Mello 3.000,00; Benedito Piza, 500,00; José Corrêa Carvalho, 5 quilos de açucar refinado; Eustaquio Pereira Rangel, 500,00; Nilo Barbosa, 1.000,00; Anônima de Sta. Rita do Sapucaí, 100,00; Lista angariada pelo sr. Mariano Forteza, 1.500,00; Alviro Malandrino, 600,00; José Zancanaro, 200,00; Valdina Zancanaro Laguna, 200,00; Servando Gonzales, 3.000,00; Silvio e Clementina, 200,00; José Goulart de Faria Neto, 200,00; Helena Goulart de Faria, 200,00; Nha Dona e Juquinha, 100,00; Octavio Eurico Goulart de Camargo, . . 1.000,00; Alberto Vasconcelos, 350,00; José Bocucci, 200,00; Gines Rodrigues Borgonhós, 300,00; Corinda S. A. Industria, Comércio e Administração, 3.000,00; José Pessoa Pires, 1.000,00; Irmãos Pauli, 30 ks. de farinha de mandioca; Massas Al. Semoleite Ltda., 1 saca de macarrão; Familia Gibim, 250,00; Irmãs Camargo, 5.000,00; Albertino J. Moraes, 2.500,00; Carlos M. Pereira, 500,00; d. Eugenia Silva, 300,00; d. Maria L. Fiorot, 200,00; Oleos Alimentícios Cambuy S. A., 3.000,00; Irene Carvalho, 250,00; Angélica Brochno Gaio, 650,00; Belarmino Caparelli, 200,00; Antonio Coracini, 50,00; Miguel Onofrio Netto, 400,00; d. Clara K. Simões, 1.000,00; Casas Pernambucanas, tecidos no valor de cr.$1.520,00; d. Mariquinhas Antunes, 100,00; D. Arlinda Perche Antunes, . . . 500,00; Dr. Gil Perche de Menezes, 1.000,00; Funcionários do Banco do Brasil S/A., 1.500,00; Fábrica de Meias «Sonia», 1.000,00; Américo Parisi, 500,00; Esualdo Machado, 500,00; Américo Marquese, 1.000,00; Fuad Kfouri, 500,00; Casa Guarani, Confecções Kfouri, 500,00; Anônimo, 500,00; Bidutti & Pirola, 500,00; Vitorio Tagliavini, 500,00; Sylvia Maria B. Mendes, 500,00; Walter Cicogna, 500,00; Irmãos Bottura, 100,00; Grimaldo Bonini, 100,00; Alaercio Bonini, 200,00; Isaias Simão, 200,00; Aristides Mazuchelli, 200,00; Angelo de Rizzo, 500,00; Loyde G. de Freitas, 100,00; José de Castro Freitas, 100,00; Belfort Monteiro, 100,00; Jayme Rodrigues Lopes, . . . 200,00; Cyro Modé, 100,00; Antonio Gandini, 50,00; Feres Lian, 100,00; Alvaro Amorim, 100,00; Anônimo, 200,00; Oswaldo Ferreira Beozzo, 200,00; Oreste Bozelli, 100,00; C. Pinheiro, 200,00; Adail Emiliano da Silva, 100,00; Ana Maria Monteiro, 100,00; Baldan Implementos Agrícolas S/A., 6.000,00; Cavicchiolli & Cia. Ltda., 1.000,00; Anônimo, 200,00; Raul E. Capparelli, 200,00; Anônimo, 200,00; D. Durva M. Maccagnan, 1.000,00; Aldo A. Bottura, 100,00; Anônimo, 500,00; Renê Biava, 200,00; Casa Bancária Irmãos Malzoni S/A., 500,000; Funcionários da Casa Bancária Irmãos Malzoni S/A., 500,00; Francisco Mastropietro, 500,00; Aldo Cadioli, 100,00; Antonio Natalino Artimonti, 500,00; Ferdinando Bambozzi, 1.000,00; Angelo Bettio & Filho, 1.000,00; Waldemar Capparelli, 200,00; Anônimo, 100,00; Anônima, 100,00; José Vicente, 20,00; João Guerreiro, 100,00; D. Maria Montanheira, 200,00; D. Conchita B. Ruocco, . . . 500,00; Juvenal dos Santos, 100,00; Anônima, 100,00; Alvaro Fonseca, 200,00; D. Urica Benassi Cunha, 500,00; Deborah Marques, 50,00; Julio José da Cunha, 50,00; Douglas Marques Junior, 50,00; Osmar Marques da Cunha, 50,00; Ney Marques da Cunha, 50,00; Maria Ap. Morelhão, 100,00; Celso da Cunha. . . . 200,00; Waldemar da Cunha, 200,00; Omar da Cunha, 200,00; Maria Zilda da Cunha Marques, 200,00; Yvone Alcauza da Cunha, 200,00; Em intenção de Martha Cunha, 150,00; Sonia Maria Morelhão, 50,00; Maria Augusta dos Santos, 50,00; Clotilde da Cunha, 100,00; Uma anônima de Araraquara, 100,00; Sergio, Silmar e Silvia Regina Fatori, 150,00; Adelina Rossi do Prado, 100,00; Arminio Arruda Camargo, 2.000,00; Bambozzi S/A., 2.000,00; Luiz Rosa Junior, 50,00; Tereza Cristina Ortiz, 200,00; Silvia do Rosário, 100,00; Paulo José Pavarini, 50,00; Tereza Berto, 100,00; Paulo M. Ciarlo, 500,00; Pedro Mendes de Barros, 500,00;

(continua)

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$1.000,00
Semestre	— „ „ „	550,00

NÚMERO AVULSO CR.$ 100,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espírita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

8931CL PR 824
02-06-07 32180 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only